Para se entender as causas da Grande Guerra é necessário compreender primeiramente os seus efeitos:

1. Fim das 4 últimas monarquias tradicionais do mundo
2. Revolução Russa e instalação do comunismo.
3. Criação da Liga das Nações, a entidade embrionária da ONU.
4. Início da colonização sionista na Palestina, devido ao acordo de Balfour.
5. Implantação mundial da social democracia liberal em quase todo o mundo.
6. Início da Dicotomia entre a social democracia e o comunismo como as duas únicas formas de sociedade, ambas anti-católicas.

O QUE FOI O ACORDO DE BALFOUR?

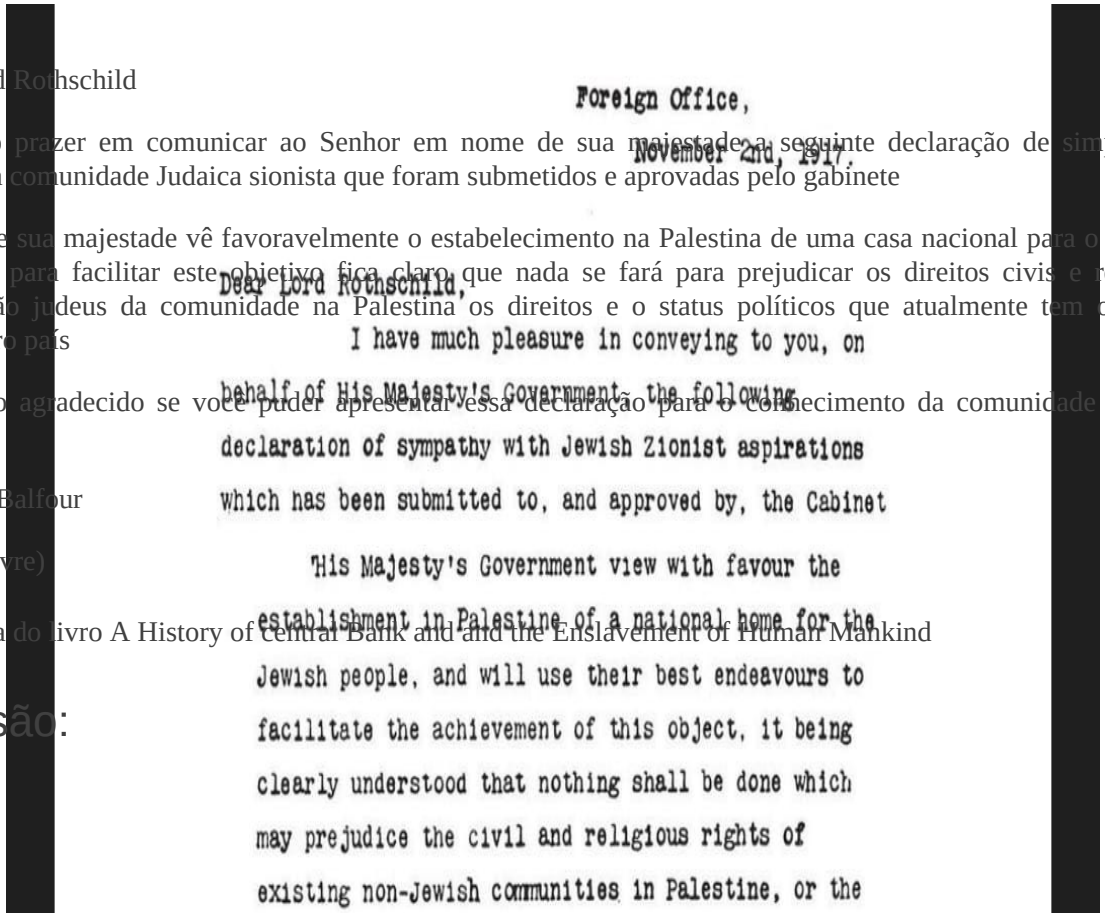
A Alemanha estava ganhando a guerra, o exército francês já havia se amotinado e os ingleses já negociavam sua rendição.

Receba meu artigos em primeira mão:

Foi então que articulou-se a entrada dos EUA na Grande Guerra. Quem articulou? A declaração de Balfour nos diz na primeira linha:

"Dear Lord Rothschild" (Estimado Lord Rothschild).

Qual foi o pagamento pela articulação? O governo britânico se comprometeu a ceder parte da Palestina para uma colônia sionista.



Foreign Office,
November 2nd, 1917.

Dear Lord Rothschild,

I have much pleasure in conveying to you, on behalf of His Majesty's Government, the following declaration of sympathy with Jewish Zionist aspirations which has been submitted to, and approved by, the Cabinet

His Majesty's Government view with favour the establishment in Palestine of a national home for the Jewish people, and will use their best endeavours to facilitate the achievement of this object, it being clearly understood that nothing shall be done which may prejudice the civil and religious rights of existing non-Jewish communities in Palestine, or the

Querido Lord Rothschild

Tenho muito prazer em comunicar ao Senhor em nome de sua majestade a seguinte declaração de simpatia com as aspirações da comunidade Judaica sionista que foram submetidos e aprovadas pelo gabinete

O governo de sua majestade vê favoravelmente o estabelecimento na Palestina de uma casa nacional para o povo judeu e fará de tudo para facilitar este objetivo fica claro que nada se fará para prejudicar os direitos civis e religiosos dos habitantes não judeus da comunidade na Palestina os direitos e o status políticos que atualmente tem os judeus em qualquer outro país

Ficarei muito agradecido se você puder apresentar essa declaração para o conhecimento da comunidade da federação sionista.

Lord Arthur Balfour

(Tradução Livre)

Carta retirada do livro A History of Central Bank and and the Enslavement of Human Mankind

Conclusão:

Os Grandes ganhadores da Primeira Grande Guerra foram a social democracia liberal, o comunismo e o grande capital internacional.

Os responsáveis pelo assassinato em Sarajevo do Arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, foram as sociedades secretas. (Pesquisar Mão Negra).

A senhora Gutle Schnaper Rothschild's (1753–1849), pouco antes de sua morte disse "Se meus filhos não quisessem as guerras não haveria nenhuma.

A intenção desse breve artigo não é exaurir o assunto, apenas introduzir uma nova perspectiva ao leitor. E o leitor perspicaz, interessado em investigar as fontes aqui sugeridas, naturalmente entenderá a questão e compreenderá o que aqui não foi dito de modo claro e explícito.

Deixo aqui algumas perguntas que ajudarão a guiar o leitor:

Quem eram os comunistas? Onde Lênin e Trótski estavam no período anterior a Revolução Russa? Quem os financiou? Quais eram as sociedades secretas que atuavam no cenário europeu no período pré-guerra? Por que a única monarquia maior sobrevivente a esta Grande Guerra foi a Inglesa?

Me acompanhe nas redes sociais! Deus Vult!

www.instagram.com/mateuslarsan/

twitter.com/MateusLarsan

www.youtube.com/@mateuslarsan

larsan.mateus@gmail.com

Bibliografia sugerida:

1. Complô Contra a Igreja – Maurice Pinay: archive.org/details/complocontraaigrejape.joaquinsaenzyarriaga1962

2. Benjamin H Freedman, convertido ao catolicismo relata sua participação nos bastidores diplomáticos durante a Primeira Guerra: youtu.be/jmM0wCpsUa4

3. Causas da I Guerra Mundial - Prof. Marcelo Andrade - Flos Carmeli: youtu.be/vNibJDSaQjQ

4. A History of central Bank and and the Enslavement of Human Mankind: https://archive.org/details/a-history-of-central-banking-and-the-enslavement-of-mankind-pdfdrive-com

Não há dúvida de que o homem é naturalmente constituído para o comércio pessoal com Deus. É este comércio interior que chamamos de místico, porque é oculto. A vida interior, segundo a expressão de São Francisco de Sales, é "uma **conversação**"; começamos a conversar com Deus assim que lhe dirigimos a menor oração. Nós somos dotados de um misticismo natural e, mais geralmente, de uma religiosidade natural que os teólogos não contestam. Eles até lhe dão o nome de "virtude natural da religião" quando é exercida em condições heroicas, mesmo por pagãos.

Esta religiosidade natural comporta faculdades místicas, portanto também naturais, e destinadas a tornar mais fácil a contemplação do verdadeiro Deus, uma vez que o homem tenha recebido a Revelação. Podemos dizer, sem exagero, que o homem é naturalmente feito para o **êxtase**. Manter-se de pé, que é prerrogativa deste "animal religioso", não seria o início da levitação! Estas faculdades religiosas espontâneas fazem com que o homem se assemelhe, por sua vez, a uma corola de flor, a um tabernáculo e a um lagar. Tomemos separadamente estas três comparações que nos ajudarão a compreender os complicados mecanismos da verdadeira e da falsa mística.

A alma religiosa, seja qual for a sua religião, comporta-se como uma **corola** que floresce para se deixar penetrar pelos raios do sol que, caindo de cima, aí operam a transformação dos sucos vegetais. Nesta comparação o sol representa Deus que penetra e transforma a alma com a sua luz e o seu calor. Mas se o sol estiver escondido e um grande inseto aparecer, encontrando a corola em plena floração, porá aí um germe mortal.

O seu misticismo natural também faz com que a alma se assemelhe a um **tabernáculo**. A alma busca apoderar-se da Divindade e para isso abre-Lhe a porta. Depois do que, tendo feito tudo o que está ao seu alcance, ela se torna passiva e espera que Deus entre. E pode realmente ser que Deus desça até lá. Mas os espíritos malignos também podem invadir o tabernáculo aberto e estabelecer-se lá como parasitas.

A alma humana assemelha-se ainda a um **lagar**. A prensa de um **lagar** é feita para esmagar boas uvas e produzir um vinho revigorante. No entanto, se nela forem derramadas frutas colhidas aleatoriamente, ela irá esmagá-las com a mesma facilidade, mas apenas extrairá um líquido amargo.

O aparato místico do homem é feito para **se abrir ao mundo divino**. Ele exerce a sua atividade própria disciplinando-se, elevando-se ao mundo espiritual e aí florescendo. Em seguida, tendo feito isso, ele torna-se passivo porque não consegue atravessar o abismo que o separa do Deus para o qual tende. Eis aqui a corola florescente, o tabernáculo aberto e o lagar escancarado.

Quem virá a desempenhar o papel de **ocupante**?

É de acordo com a qualidade do ocupante que a mística se tornará boa ou má, verdadeira ou falsa. O aparato místico permanece inalterado, é o inspirador que varia. E o inspirador pode ser Deus, o próprio homem, ou Lúcifer.

Sob que condições a mística será **divina ou luciferiana**?

É o que tentaremos determinar nos parágrafos que se seguem.

Uma conversação vai estabelecer-se entre dois interlocutores, um dos quais será sem dúvida o homem. Observemos então primeiro o comportamento do homem na condução desta "conversação mística".

1 – É preciso notar que a alma humana é criada especialmente para um determinado corpo. Pois só há lugar para criar uma alma quando há um corpo para animar. A Igreja sempre ensinou a criação especial da alma; nesta, como em muitas outras matérias, ela não seguiu Platão. Consequentemente, estão manchadas por um **erro inicial** todas as concepções da vida mística fundadas na **pré-existência da alma**.

a) É o caso das doutrinas platónicas segundo as quais o criador retira uma alma, para animar um corpo que vai nascer, de um imenso reservatório de almas criadas no princípio e de uma vez por todas. Esta doutrina não resistiu à análise dos Padres. É falso que o homem seja "um deus caído que se lembra do céu".

b) Este é também o caso das doutrinas que ensinam a transmigração das almas; segundo estes filósofos, dos quais o Oriente já não detém o monopólio, a nossa alma não seria específica do nosso corpo atual; ela seria a reencarnação de um antigo espírito errante, carregado de memórias anteriores, mais ou menos inconscientes.

Nestes dois tipos de doutrinas, a concepção da origem da alma é errónea; e este erro não deixará de ter consequências sobre o desenrolar do comércio com o mundo dos espíritos ou com o mundo divino.

2 – Vejamos agora o impacto, nos processos místicos, das concepções relativas à **natureza** da alma (e não apenas à sua origem). É doutrina constante da Igreja que a alma humana é constituída por uma única e mesma substância espiritual, assegurando duas funções, uma em relação ao corpo (e para a designar nesta função damos-lhe o nome de "*anima*"), outra em relação a Deus (e então chamamos-lhe "*spiritus*"). Mas os Doutores deixam claro que esta dualidade de funções não constitui uma dualidade de substância. Nenhuma fronteira precisa demarca a *anima* e o *spiritus*. Eles são conjuntamente afectados pelas mesmas emoções « *Magnificat* ***anima*** *mea Dominum et exultavit* ***spiritus*** *meus in deo salutari meo*».

Segundo a sã doutrina, uma pessoa humana é comparável a um **círio votivo**: o corpo é representado pelo pavio que se consome e a alma pela chama que ilumina; a própria chama comporta uma parte inferior, incorporada no pavio ao qual comunica a sua incandescência, como o "sopro de vida" comunica a vida ao corpo físico, e uma parte superior que se estende para cima no ar, como o espírito que acaba por participar da vida divina. Mas existe apenas uma e mesma chama. A verdadeira mística será nutrida por esta doutrina da alma única para duas operações.

Contudo, toda uma escola neo-gnóstica, que se diz cristã, ensina hoje a doutrina da **tripartição** segundo a qual o homem seria composto por três elementos: o *corpus*, o *spiritus* e o *animus*. O *corpus* faz evidentemente parte do mundo físico. O *spiritus* (ou *pneuma*) pertence ao mundo espiritual. Quanto ao *animus* (ou *psyché*), faria parte de um chamado "mundo intermediário" e garantiria a ligação entre o *corpus* e o *spiritus*. Eis então **a alma humana dividida em dois elementos que não pertencem ao mesmo mundo**.

O que seria, então, esse mundo intermediário do qual o *animus* faria parte?

Seria o lugar de génios neutros, nem bons nem maus, mas inferiores por natureza, e formando, em torno da matéria inerte, uma espécie de auréola semi-espiritual. É bastante evidente que estas concepções neo-gnósticas têm uma influência sobre a conduta da vida interior. Com efeito, o *animus*, tal como aqui é definido, é assimilado a um génio neutro do hipotético mundo intermediário. É bastante evidente que uma tal assimilação vai **facilitar a intrusão de demónios na vida mística**.

3 – Estamos a enumerar as grandes realidades sobrenaturais que condicionam o comportamento do interlocutor humano no diálogo místico com Deus, e a examinar as perturbações que os erros de doutrina trazem a este diálogo. Ora, há um **facto essencial** que vai pesar fortemente no comportamento do homem, mesmo na sua vida interior, é a **criação ex nihilo**. A Igreja sempre ensinou que Deus fez o universo aparecer onde não havia nada. É **uma das verdades mais importantes da fé. A criação ex nihilo é um dos elementos do Mistério da Encarnação, pois que Deus criou o mundo com vista à Encarnação. Existe, portanto, entre o Criador e a criatura, um abismo intransponível para o homem, mas que não o é para Deus. Em consequência, na verdadeira mística, o contacto real da alma com Deus não depende da alma, mas de Deus. A alma é ativa em si mesma no que se refere a preparar-se e a exercer a sua vigilância, mas no que toca a provocar a visita de Deus, ela fica reduzida à espera e à passividade.**

As religiões que não admitem a criação ex nihilo fazem viver os seus contemplativos em **condições** eminentemente **artificiais**. Quando permanecemos distantes desta verdade revelada, somos repelidos para a **hipótese emanatista**. Para os emanatistas, o universo e, portanto, as almas humanas que dele fazem parte,

provêm de um fluxo exterior e progressivo da substância divina. Não há, portanto, solução de **continuidade** entre Deus e o universo. Existem apenas **graus** no processo emanatório que se realiza através de uma série de **degradações**. Mas estas degradações não fazem desaparecer a essência divina original. É assim que, nas doutrinas emanatistas, o homem possui, no fundo de si mesmo, mergulhado entre escórias corporais, o famoso "Eu" interior que é de natureza propriamente divina.

A vida do místico emanatista consistirá, portanto, em **libertar o eu divino** do invólucro material para o fazer reaparecer. Pois "nós somos deuses", por natureza, como o dizia tão bem a serpente. Trata-se, portanto, de uma **vida mística essencialmente ativa**, já que não existe abismo intransponível entre a alma e a divindade; importa apenas **recuar numa série de degradações** que permanecem na ordem da natureza. Embora activa, esta mística é **vã e artificial** e não conduz a Deus, pois é fundada num processo emanatista que não é real.

4 – A conversação mística entre o homem e Deus está ainda condicionada por uma outra **grande realidade**, que é **a ressurreição da carne**. Se o nosso corpo deve renascer no estado de glória, é porque a nossa pessoa deve ser reconstituída. E se é reconstituída, é para subsistir no eterno presente. A dualidade entre os dois interlocutores, um divino, o outro humano, subsistirá. A participação na vida divina é muitas vezes chamada de **"fusão"** porque a vida divina, pela sua sobre-eminência, transforma e transfigura a vida humana. Mas esta participação não é uma "confusão". A personalidade humana não é dissolvida nem aniquilada. **No céu há fusão sem confusão**.

O cristão continuará no céu a "conversação" que terá começado na terra. Continuará o mesmo diálogo com a Trindade divina, da qual haurirá sem a esgotar.

As religiões orientais, que se propagam entre nós, não conhecem **nem a Glória, nem o Reino** (a "Boa Nova do Reino" anunciada aos Gentios). Para elas existe apenas o eterno recomeço, isto é, a roda das coisas. Para adquirir o repouso, é preciso sair dessa rotação sem fim. E para sair dela é preciso identificar-se com o princípio imóvel. Mas identificar-se com o princípio equivale a abandonar a individualidade: a personalidade humana cessa, tal como cessa a gota de água quando imerge no oceano. Isto é o **Nirvana**. Isto foi tudo o que Lúcifer encontrou para consolar estas pobres almas.

Nessas religiões, a vida mística consiste, portanto, em adquirir o **gosto pela aniquilação**. Isto alcança-se, diz-se, cultivando a **"comunhão cósmica"**. E é preciso reconhecer que, neste domínio, estas religiões gastaram tesouros de psicologia.

Depois de termos considerado o que, na conversação mística, diz respeito ao interlocutor humano, procuremos agora examinar, na medida em que estiver ao nosso alcance, o que diz respeito **ao interlocutor divino**. O Deus com o qual a alma conversa é-lhe ao mesmo tempo exterior e interior.

1 – Ele é antes de tudo um **Deus transcendente**. Ele estabeleceu, já o lembrámos, um abismo entre Si e a criatura. É um Deus que "habita numa **luz inacessível**; o qual não foi nem pode ser visto por nenhum homem" (I Tm VI, 16). Nesta luz inacessível, Ele mesmo é uma **fornalha incandescente**. E esta incandescência é, para o homem da terra, radicalmente mortífera: "Não poderás ver a minha face, diz Ele a Moisés, porque o homem não pode ver-me e viver". (Êxodo xXXIII, 20). A mera visão de Deus face a face traria a morte a qualquer homem terreno.

Por isso, Deus vai **esconder-Se** atrás de uma nuvem para encobrir o Seu brilho: "Brevemente virei a ti na escuridão duma nuvem" (Êxodo XIX, 9). No sétimo dia, Deus chamou Moisés do meio da escuridão. E Moisés aproximou-se da escuridão na qual Deus estava (Êxodo XX, 21). Não porque haja a menor treva em Deus, mas porque Ele coloca diante Si uma tela escura para que o seu brilho não seja mortal. Tal é o interlocutor divino da conversação mística.

2 – Contudo o Deus da verdadeira Religião é **um Deus que Se aproxima**: "*Deus appropinquans ego*". Ele é **condescendente**. Também a teologia mística está repleta de marcas da **infinita delicadeza** do Deus que Se aproxima. Ele vem **morar em nós**. Ele **enche os corações dos Seus fiéis**: "*Reple cordis intima tuorum*

fidelium". Ele é o **doce hóspede da alma**: "*Dulcis hospes animæ*". (Sequência de Pentecostes). Se ele encontrar o tabernáculo místico **devidamente adornado**, Deus entrará nele. O reino de Deus está dentro de nós. Toda a clareza da vida interior está **resumida** nesta fórmula evangélica:

"Se alguém me ama guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a ele, e faremos nele morada". (João XIV, 23).

Existem três livros nos quais podemos aprender sobre Deus: as Escrituras, o Universo e nós mesmos. O livro interior é aquele que nunca se fecha para ninguém. Não porque o nosso interior seja divino por natureza, mas porque serve de morada ao hóspede trinitário. Tal é o Deus, ao mesmo tempo transcendente e imanente, que é o interlocutor da alma mística.

Quais serão as **modalidades do diálogo místico** entre parceiros tão desiguais?

Será **um debate cada vez mais animado que culminará com a tomada de posse da alma por Deus**. Os mestres da vida espiritual concordam em ensinar que este processo apresenta **três fases principais**: a via purgativa, a via iluminativa e a via unitiva.

A via purgativa começa na idade da razão. Como o nome indica, é um período de **purificação**. Trata-se, para o homem, de limpar o seu tabernáculo interior a fim de **o tornar atraente para Deus**. Ora, atraímos o infinitamente grande **através da pequenez**. É, portanto, uma **fase de aniquilação**. Os gregos deram-lhe o nome de Katarsis. Ela é necessária em todas as religiões e em todos as místicas, mesmo nas religiões e nas místicas luciferianas. Porque as faculdades contemplativas naturais só poderão florescer, de seguida, mediante esta condição prévia. O mecanismo místico do homem necessita, por conseguinte, de uma fase preparatória de **ascese**.

Na religião do verdadeiro Deus, esta fase de via purgativa é universalmente experimentada nas ordens contemplativas. Ela foi objeto de observações psicológicas muito aprofundadas. O "Doutor místico" que é autoridade na matéria é, incontestavelmente, **São João da Cruz**, em particular no seu tratado *A Noite Escura*. Ele mostra que a alma, abandonada a si mesma, é, no entanto, vigiada por Deus que a educa através de **humilhações**, **securas** e **aridez**, destinadas a fazê-la sentir a realidade profunda do seu **nada original**. Tudo isso com vista a suscitar nela o desejo de **estar ligada à essência divina fora da qual nada existe**.

A mesma necessidade de purificação é sentida nos falsos místicos para não travar o mecanismo contemplativo. O maçom aprendiz antes de passar pela iniciação deve "deixar cair os seus metais", ou seja, livrar-se das suas escórias. Toda uma parte da **alquimia espiritual** é consagrada à Katarsis. As macerações orientais têm um papel semelhante. Se esta fase de purificação fosse escamoteada, seria o fim de toda a mística. A corola murcharia.

A via iluminativa. À via purgativa, se conduzida com perseverança, deverá normalmente suceder a via iluminativa. Mas esta nova fase não começa de uma maneira brusca. Ela começa por episódios efémeros ao longo da via purgativa que anunciam o fim. É no decurso desta fase iluminativa que vai produzir-se a **bifurcação entre a verdadeira e a falsa mística**. Este é o momento em que a alma vai **selar a sua pertença**. Pois a natureza da luz pela qual a alma vai ser **iluminada** depende do espírito ao qual ela adere de acordo com a sua formação doutrinária. Autores tão opostos como São João da Cruz e René Guénon concordam absolutamente sobre **a importância determinante da formação doutrinal prévia**. Para São João da Cruz não pode haver contacto autêntico da alma com o Deus verdadeiro sem a **fé no Deus verdadeiro**. **Não há verdadeira mística sem fé VERDADEIRA**. Compreendemos muito bem porquê: Deus é atraído para uma alma na proporção em que Ele encontra a fé pela qual Ele já praticamente lá reina. É a fé que orienta a corola em direcção aos raios do verdadeiro sol.

Se esta fase é denominada "iluminativa" pelos grandes doutores é porque ela se vai traduzir em **iluminações**. A entrada da Trindade na alma, não mais de forma sobrenatural e virtual, mas de uma maneira experimental, produzirá antes de tudo **intensos júbilos interiores com sentimento de presença**. Essas manifestações

variam muito de uma pessoa para outra, mas todas possuem dois traços comuns qualquer que seja o indivíduo:

a) Consistem numa **luz espiritual**, na maioria das vezes mental, por vezes sensível.

b) São de ordem **pneumática**, ou seja, localizam-se, quando são sensíveis, acima do diafragma e mais especialmente nas regiões cardíaca e cerebral.

A via iluminativa daqueles que não têm a fé tomará uma direcção completamente diferente e em toda a parte se manifestará através de fenómenos psicológicos semelhantes. Após a fase purificadora da Katarsis que a aliviou, a corola mística floresceu em direcção ao mundo espiritual, pois o seu mecanismo natural a empurra irresistivelmente para lá. Mas a bagagem racional que ela carrega dentro de si não a orienta para o verdadeiro Deus. E Deus, não encontrando aí a Sua marca, não penetra nela. A corola permanece **à espera**.

Quem saciará a sua sede de luz?

Dois tipos de espíritos desempenharão esse papel:

a) o **próprio metapsiquismo** da alma, ela mesma.

b) os demónios que esperam o momento propício. Consideremos estes dois casos separadamente.

1 – O metapsiquismo dos sujeitos. **Incluímos** a sua fé religiosa, ou melhor, a **sua anti-fé**. A meditação intensiva da alma ávida de luz é capaz de desencadear o processo iluminativo: "Segundo certos filósofos (antigos), esta ascensão do espírito acima e mesmo fora da alma desembocava numa intuição fugaz e por vezes deslumbrante de sabedoria infinita. (DTC. Vacant e Mangenot, artigo "*Mystique*"). Por sua vez, São Francisco de Sales escreve no mesmo sentido: "Os próprios filósofos (antigos) reconheciam certas espécies **de êxtases naturais**, provocados pela veemente aplicação do espírito na consideração das coisas relevantes (elevadas)".

É a este fenómeno da psicologia natural que os Padres da Igreja, seguindo neste ponto os filósofos da Antiguidade, deram o nome de *Momentum Intelligentiæ,* ou seja, **instante de compreensão**. Hoje em dia chama-se vulgarmente de **iluminação**. Alguns autores, mais raramente, dão-lhe o nome de "êxtase dialético" ou de "intuição preternatural". Este episódio paroxístico da mediação filosófica e religiosa é por vezes acompanhado de um desfalecimento corporal e de um deslumbramento, o que justifica o seu nome de iluminação.

2 – Os **demónios** esperam **o momento propício** para **penetrar** nesta alma sem Deus e **aí se fazerem passar por Deus**. Mas nem todos se comportarão da mesma maneira pois sabemos que os anjos caídos são muito diferentes quanto aos seus poderes. Uns, os mais elevados na hierarquia, agirão sobre **a imaginação**, sempre tão vulnerável, e para isso serão "disfarçados de anjos de luz".

Eles poderão até excitar a inteligência através de intuições ditas "metafísicas". Como psicólogos experientes, eles desencadearão o **espasmo de iluminação** para o qual a alma do paciente está preparada. Outros demónios, inferiores e mais grosseiros, apoderar-se-ão do **Hipocôndrio** (partes laterais do abdómen situadas logo abaixo das costelas falsas) e porão em marcha um misticismo do tipo yoga, pelo qual farão elevar, até às regiões cerebrais, o poderoso factor de excitação psíquica que é a kundalini lombar.

Assim o paralelismo das duas místicas prossegue. A falsa mística possui, tal como a verdadeira, a sua via iluminativa. Mas a iluminação à qual ela conduz é, na realidade, um **obscurecimento**. Porém, a alma, que é a vítima, nunca o reconhecerá. A sua **inteligência** é **obscurecida** e ela **confunde as trevas com a luz**.

A via unitiva segue-se normalmente à via iluminativa. A sensação da **presença divina** torna-se cada vez mais permanente e perceptível. A alma adquire **intimidade constante com Deus**. Eis como São João da Cruz define a via unitiva: "É um conhecimento **muito elevado e muito saboroso de Deus e das Suas perfeições**;

ela ilumina o entendimento como resultado do contacto dessas perfeições com a substância da alma... Este **conhecimento bastante subtil e delicado** penetra no mais íntimo da substância da alma, acompanhado de um **sabor** e um **deleite** aos quais nada pode ser comparado." (*Cântico Espiritual*).

É a fase em que a alma, aliviada e já virtualmente desligada do seu corpo, tendo-se tornado passiva nas mãos de Deus, vai ser tomada pelo **êxtase**. Ela vai experimentar então **as primícias da visão beatífica**; mas apenas as primícias já que o seu estado, ainda terreno, não lhe permitiria resistir à proximidade da incandescência divina. Todavia, a seiva divina vai começar a circular no rebento, aí produzindo uma impressão indescritível. Todos os místicos estão de acordo em dizer que esta experiência não pode ser descrita por palavras da linguagem humana.

Voltando a si, o extático dirá que teve a impressão de ter sido **divinizado**, porque a vida divina é infinitamente mais intensa do que a vida humana; ela invade a alma com tanta generosidade que a submerge e parece fazê-la desaparecer. Mas esta divinização só é aparente pois que o extático volta a si.

O que se passou?

Deus ocupou o tabernáculo místico e de repente revelou uma **incandescência** tão prodigiosa que ela é comunicada à própria parede do tabernáculo que se tornou incandescente, daí esta sensação de divinização.

Mas a personalidade do interlocutor humano permaneceu a mesma; se houve fusão da alma no calor divino, não houve confusão das duas substâncias.

Quando semelhantes transformações efémeras da alma se repetem e a via de união com Deus se torna habitual, a alma sofre o que é chamado de **união transformante**. Ouçamos o que nos diz São João da Cruz: "A alma adquire um sentido divino tão diferente de qualquer concepção natural, que se imagina caminhando fora de si mesma. Outras vezes ela pergunta-se se o que sucede com ela não é fruto de encantamento ou de um torpor do espírito, pois o que ela vê e o que ela ouve a **maravilham**. Tudo lhe parece novo e desconhecido, embora essas coisas sejam as mesmas de que ela dantes se ocupava." (*A Noite Escura*).

A falsa mística também admite a sua "via unitiva"?

Certamente, o paralelismo entre as duas místicas, a verdadeira e a falsa, prossegue até à via unitiva, inclusivamente.

Mas então a que entidade está a alma unida?

Ela está unida às entidades para as quais a sua fé, ou antes, a sua anti-fé, a orientou, a saber:

a) as **entidades do seu próprio psiquismo inconsciente**,

b) os **demónios** que ocuparam o vazio místico que Deus não preencheu.

A via unitiva das falsas místicas vai, portanto, alimentar-se de duas fontes de inspiração, uma humana e outra diabólica. É muito importante lembrar que a falsa mística **nunca é inteiramente diabólica**. Ela resulta de uma **simbiose** cujas proporções podem ser extremamente variáveis: ora é o anjo mau que domina, ora é a componente da imaginação humana.

Quando é o anjo mau que é preponderante, podemos esperar impressões da mesma ordem das manifestações divinas, e será difícil de as distinguir. Serão visões onde predominarão **a euforia** e **a elucidação** dos mistérios celestes. O tipo perfeito deste falso misticismo é o de Swedenborg. **Nos nossos dias, é infinitamente mais difundido do que se poderia suspeitar**.

Quando a componente imaginativa humana é a mais forte, a alma encontra no seu inconsciente (psíquico ou cerebral) de que alimentar a sua sede de conhecimento. Mas então já não se trata mais de um êxtase

propriamente dito, pois a alma já não tende para um objeto exterior, nem é por ele impressionada. É **voltando-se sobre si mesma** que ela encontra as bagas para fornecer à sua "prensa mística". Mircea Eliade, que certamente não é suspeito de hostilidade para com a mística naturalista e pagã, mas que é um observador penetrante, deu a este voltar-se da alma sobre o seu próprio âmago, o nome de **enstase**, para o distinguir do êxtase e até para se lhe opor. O enstase nada mais é do que o "*momentum intelligentiæ*" dos filósofos antigos. Ele **jamais se encontra isento de uma colaboração demoníaca**. É um **transe do espírito** que, não conseguindo encontrar um alimento divino, procura dentro de si um **substituto**.

Para permanecermos o melhor possível dentro dos nossos limites espaciais, tivemos que simplificar enormemente esta complexa questão da verdadeira e da falsa mística. Ainda restariam muitos aspectos importantes a expor.

Créditos da tradução: Tiago Cabral

?Una, santa, católica e apostólica: esta é a Igreja que devemos crer e professar já que é isso o que a ensina a fé. Nesta Igreja cremos com firmeza e com simplicidade testemunhamos. Fora dela não há salvação, nem remissão dos pecados, como declara o esposo no Cântico: "Uma só é minha pomba sem defeito. Uma só a preferida pela mãe que a gerou" (Ct 6,9). Ela representa o único corpo místico, cuja cabeça é Cristo e Deus é a cabeça de Cristo. Nela existe "um só Senhor, uma só fé e um só batismo" (Ef 4,5). De fato, apenas uma foi a arca de Noé na época do dilúvio; ela foi a figura antecipada da única Igreja; encerrada com "um côvado" (Gn 6,16), teve um único piloto e um único chefe: Noé. Como lemos, tudo o que existia fora dela, sobre a terra, foi destruído.

A esta única Igreja, nós a veneramos, como diz o Senhor pelo profeta: "Salva minha vida da espada, meu único ser, da pata do cão" (Sl 21,21). Ao mesmo tempo que Ele pediu pela alma - ou seja, pela cabeça - também pediu pelo corpo, porque chamou o seu corpo como único, isto é, a Igreja, por causa da unidade da Igreja no seu esposo, na fé, nos sacramentos e na caridade. Ela é a veste sem costura (Jo 19,23) do Salvador, que não foi dividida, mas tirada à sorte. Por isso, esta Igreja, una e única, tem um só corpo e uma só cabeça, e não duas como um monstro: é Cristo e Pedro, vigário de Cristo, e o sucessor de Pedro, conforme o que disse o Senhor ao próprio Pedro: "Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21,17). Disse "minhas" em geral e não "esta" ou "aquela" em particular, de forma que se subentende que todas lhe foram confiadas. Assim, se os gregos ou outros dizem que não foram confiados a Pedro e aos seus sucessores, é necessário que reconheçam que não fazem parte das ovelhas de Cristo pois o Senhor disse no evangelho de São João: "Há um só rebanho e um só Pastor" (Jo 10,16).

As palavras do Evangenho nos ensinam: esta potência comporta duas espadas, todas as duas estão em poder da Igreja: a espada espiritual e a espada temporal. Mas esta última deve ser usada para a Igreja enquanto que a primeira deve ser usada pela Igreja. O espiritual deve ser manuseado pela mão do padre; o temporal, pela mão dos reis e cavaleiros, com o consenso e segundo a vontade do padre. Uma espada deve estar subordinada à outra espada; a autoridade temporal deve ser submissa à autoridade espiritual.

O poder espiritual deve superar em dignidade e nobreza toda espécie de poder terrestre. Devemos reconhecer isso quando mais nitidamente percebemos que as coisas espirituais sobrepujam as temporais. A verdade o atesta: o poder espiritual pode estabelecer o poder terrestre e julgá-lo se este não for bom. Ora, se o poder terrestre se desvia, será julgado pelo poder espiritual. Se o poder espiritual inferior se desvia, será julgado pelo poder superior. Mas, se o poder superior se desvia, somente Deus poderá julgá-lo e não o homem. Assim testemunha o apóstolo: "O homem espiritual julga a respeito de tudo e por ninguém é julgado" (1Cor 2,15).

Esta autoridade, ainda que tenha sido dada a um homem e por ele seja exercida, não é humana, mas de Deus. Foi dada a Pedro pela boca de Deus e fundada para ele e seus sucessores Naquele que ele, a rocha, confessou, quando o Senhor disse a Pedro: "Tudo o que ligares..." (Mt 16,19). Assim, quem resiste a este poder determinado por Deus "resiste à ordem de Deus" (Rm 13,2), a menos que não esteja imaginando dois princípios, como fez Manes, opinião que julgamos falsa e herética, já que, conforme Moisés, não é "nos princípios", mas "no princípio Deus criou o céu e a terra" (Gn 1,1).

Por isso, declaramos, dizemos, definimos e pronunciamos que é absolutamente necessário à salvação de toda criatura humana estar sujeita ao romano pontífice.

Dada no Vaticano, no oitavo ano de nosso pontificado

18 de novembro de 1302.

CARTA APOSTÓLICA

A nossos amados filhos Pedro-Heitor Coullié, Cardeal Presbítero da Santa Igreja Romana, Arcebispo de Lyon; Luís-Henrique Luçon, Cardeal Presbítero da Santa Igreja Romana, Arcebispo de Reims; Paulino-Pedro Andrieu, Cardeal Presbítero da Santa Igreja Romana, Arcebispo de Bordéus, e a todos os outros nossos Veneráveis Irmãos Arcebispos e Bispos da França: Sobre o Sillon.

PIO X, Papa

Veneráveis Irmãos, Saudação e Benção Apostólica.

Introdução

1. Nosso encargo apostólico Nos impõe o dever de vigiar sobre a pureza da fé e a integridade da disciplina católica, de preservar os fiéis dos perigos do erro e do mal, sobretudo quando o erro e o mal lhes são apresentados numa linguagem atraente, que, encobrindo o vago das idéias e o equívoco das expressões sob o ardor do sentimento e a sonoridade das palavras, pode inflamar os corações por causas sedutoras mas funestas. Tais foram, outrora, as doutrinas dos pretensos filósofos do século XVIII, as da Revolução e as do Liberalismo, tantas vezes condenadas; tais são ainda hoje as teorias do Sillon, que, sob aparências brilhantes e generosas, muitas vezes carecem de clareza, de lógica e de verdade, e, por este aspecto, não exprimem o gênio católico e francês.

Ao "Sillon" não faltavam relevantes qualidades.

2. Durante muito tempo hesitamos, Veneráveis Irmãos, em dizer pública e solenemente Nosso pensamento sobre o Sillon. Foi necessário que vossas preocupações se viessem somar às Nossas para que Nos decidíssemos a fazê-lo. Porque amamos a valente juventude alistada sob a bandeira do Sillon, e a julgamos digna, por muitos aspectos, de elogio e de admiração. Amamos seus chefes, em que Nos é grato reconhecer almas elevadas, superiores às paixões vulgares e animadas do mais nobre entusiasmo pelo bem. Vós os vistes, Veneráveis Irmãos, penetrados de um sentimento muito vivo de fraternidade humana, ir ao encontro daqueles que trabalham e sofrem para os levantar, animados no seu devotamento pelo amor a Jesus Cristo e pela prática exemplar da religião.

3. Foi nos dias seguintes à memorável Encíclica de Nosso predecessor, de feliz memória, Leão XIII, sobre a condição dos operários. A Igreja, pela boca de seu Chefe supremo, havia derramado sobre os humildes e os pequenos todas as ternuras do seu coração materno, e parecia convocar, por seus anelos, campeões sempre mais numerosos da restauração da ordem e da justiça em nossa sociedade perturbada. Os fundadores do Sillon não vinham, no momento oportuno, colocar a seu serviço esquadrões jovens e crentes para a realização de seus desejos e de suas esperanças? E, de fato, o Sillon levantou, entre as classes operárias, o estandarte de Jesus Cristo, o sinal da salvação para os indivíduos e as nações, alimentando sua atividade social nas fontes da graça, impondo o respeito da religião nos ambientes menos favoráveis, habituando os ignorantes e os ímpios a ouvir falar de Deus, e, muitas vezes, em conferências contraditórias, em face de um auditório hostil, levantando-se, espiaçados por uma questão ou por um sarcasmo, para proclamar alta e briosamente a sua fé. Eram os bons tempos do Sillon; era o seu lado bom, que explica os encorajamentos e as aprovações que não lhe regatearam o episcopado e a Santa Sé, enquanto este fervor religioso pode encobrir o verdadeiro caráter do movimento sillonista.

Mas era ainda maior a gravidade de seus defeitos

4. Porque, é necessário dizê-lo, Veneráveis Irmãos, nossas esperanças, em grande parte, foram ludibriadas. Houve um dia em que o Sillon começou a manifestar, para olhares clarividentes, tendências inquietantes. O Sillon se desorientava. Podia ser de outra forma? Seus fundadores, jovens, entusiastas e cheios de confiança em si mesmos, não estavam suficientemente armados de ciência histórica, de sã filosofia e de forte teologia para afrontar, sem perigo, os difíceis problemas sociais, para os quais tinham sido arrastados por sua

atividade e por seu coração, e para se premunir, no terreno da doutrina e da obediência, contra as infiltrações liberais e protestantes.

Que forçaram o Papa a condená-lo

5. Os conselhos não lhes faltaram, e, após os conselhos, vieram as admoestações. Mas tivemos a dor de ver que tanto uns como outras deslizavam sobre suas almas fugitivas, e ficavam sem resultado. As coisas vieram assim a tal ponto que Nós trairíamos Nosso dever, se, por mais tempo, guardássemos silêncio. Devemos a verdade a nossos caros filhos do Sillon, que um ardor generoso arrebatou para um caminho tão falso quanto perigoso. Devemo-la a um grande número de seminaristas e de padres que o Sillon subtraiu, senão à autoridade, pelo menos à direção e à influência de seus Bispos. Devemo-la, enfim, à Igreja, onde o Sillon semeia a divisão, e cujos interesses compromete.

I. Erros do "Sillon"

O "Sillon" procura furtar-se à Autoridade da Igreja

6. Em primeiro lugar, convém censurar severamente a pretensão do Sillon de escapar à direção da Autoridade Eclesiástica. Os chefes do Sillon, com efeito, alegam que se movem num terreno que não é o da Igreja; que só têm em vista interesses de ordem temporal e não de ordem espiritual; que o sillonista é simplesmente um católico dedicado à causa das classes trabalhadoras, às obras democráticas, e que haure nas práticas de sua fé a energia de seu devotamento; que nem mais nem menos que os artífices, os trabalhadores, os economistas e os políticos católicos, ele se acha submetido às regras de moral comuns a todos, sem estar subordinado, nem mais nem menos do que aqueles, de uma forma especial à autoridade eclesiástica.

7. A resposta a estes subterfúgios não é senão demasiado fácil. A quem se fará crer, com efeito, que os sillonistas católico, que os padres e os seminaristas alistados em suas fileiras só têm em vista, em sua atividade social, o interesse temporal das classes trabalhadoras? Sustentar tal coisa, pensamos, seria fazer-lhes injúria. A verdade é que os chefes do Sillon se proclamam idealistas irredutíveis, que pretendem reerguer as classes operárias, reerguendo, antes de mais nada, a consciência humana; que têm uma doutrina social e princípios filosóficos e religiosos para reconstruir a sociedade sobre um novo plano; que têm uma concepção especial sobre a dignidade humana, a liberdade, a justiça e a fraternidade, e que, para justificar seus sonhos sociais, apelam para o Evangelho, interpretando à sua maneira, e, o que é ainda mais grave, para um Cristo desfigurado e diminuído. Além disso, estas idéias eles as ensinam em seus círculos de estudo, eles as inculcam a seus companheiros, eles as fazem penetrar em suas obras. São, pois, verdadeiramente, professores de moral social, cívica e religiosa, e, quaisquer que sejam as modificações que possam introduzir na organização do movimento sillonista, temos o direito de dizer que a finalidade do Sillon, seu caráter, sua ação pertencem ao domínio moral, que é o domínio próprio da Igreja, e que, em conseqüência, os sillonistas se iludem quando crêem mover-se num terreno em cujos confins expiram os direitos do poder doutrinário e diretivo da Autoridade Eclesiástica.

8. Se suas doutrinas fossem isentas de erro, já teria sido uma falta muito grave à disciplina católica o subtrair-se obstinadamente à direção daqueles que receberam do céu a missão de guiar os indivíduos e as sociedades no reto caminho da verdade e do bem. Mas o mal é mais profundo, já o dissemos: o Sillon, arrastado por um mal compreendido amor dos fracos, descambou para o erro.

As tendências igualitárias do "Sillon"

9. Com efeito, o Sillon se propõe o reerguimento e a regeneração das classes operárias. Ora, sobre esta matéria os princípios da doutrina católica são fixos, e a história da civilização cristã aí está para atestar sua fecundidade benfazeja. Nosso Predecessor, de feliz memória, recordou-os em páginas magistrais, que os católicos ocupados em questões sociais devem estudar e ter sempre sob os olhos. Ensinou, de modo especial, que a democracia cristã deve "manter a diversidade das classes, que é seguramente o próprio da cidade bem constituída, e querer para a sociedade humana a forma e o caráter de Deus, seu autor, lhe imprimiu".

Censurou "uma certa democracia que vai até aquele grau de perversidade de atribuir, na sociedade, a soberania ao povo e de pretender a supressão e o nivelamento das classes". Ao mesmo tempo, Leão XIII impunha aos católicos um programa de ação, o único programa capaz de recolocar e de manter a sociedade sobre suas bases cristãs seculares. Ora, que fizeram os chefes do Sillon? Não somente adotaram um programa e um ensinamento diferentes dos de Leão XIII (o que já seria singularmente audacioso da parte de leigos, que se colocam, assim, em concorrência com o Soberano Pontífice, como diretores da atividade social da Igreja); mas rejeitaram abertamente o programa traçado por Leão XIII, e adotaram um outro, que lhe é diametralmente oposto; além disso, rejeitam a doutrina relembrada por Leão XIII sobre os princípios essenciais da sociedade, colocam a autoridade no povo ou quase a suprimem, e toma, como ideal por realizar, o nivelamento das classes. Caminham, pois, ao revés da doutrina católica, para um ideal condenado.

10. Bem sabemos que se gabam de reerguer a dignidade humana e a condição demasiado desprezada das classes trabalhadoras, de tornar justas e perfeitas as leis do trabalho e as relações entre capital e os assalariados, enfim, de fazer reinar sobre a terra uma justiça melhor, e mais caridade, e de, por movimentos sociais profundos e fecundos, promover na humanidade um progresso inesperado. E, certamente, não condenamos estes esforços, que seriam excelentes, sob todos os aspectos, se os sillonistas não esquecessem que o progresso de um ser consiste em fortificar suas faculdades naturais por novas energias e facilitar o jogo de sua atividade no quadro e de acordo com as leis de sua constituição; e que, pelo contrário, ferindo seus órgãos essenciais, quebrando o quadro de suas atividades, impele-se o ser não para o progresso, mas para a morte. Entretanto, é isto que eles querem fazer com a sociedade humana; seu sonho consiste em trocar-lhe as bases naturais e tradicionais e prometer uma cidade futura edificada sobre outros princípios, que ousam declarar mais fecundos, mais benfazejos do que os princípios sobre os quais repousa a atual cidade cristã.

11. Não, Veneráveis Irmãos – e é preciso lembrá-lo energicamente nestes tempos de anarquia social e intelectual, - a cidade não será contruída de outra forma senão aquela pela qual Deus a construiu; a sociedade não será edificada se a Igreja não lhe lançar as bases e não dirigir os trabalhos; não, a civilização não mais está para ser inventada nem a cidade nova para ser construída nas nuvens. Ela existiu, ela existe; é a civilização cristã, é a cidade católica. Trata-se apenas de instaurá-la e restaurá-la sem cessar sobre seus fundamentos naturais e divinos contra os ataques sempre renascentes da utopia malsã, da revolta e da impiedade: omnia instaurare in Christo. E para que não Nos acusem de julgar muito sumariamente e com rigor não justificado as teorias sociais do Sillon, queremos rememorar-lhe os pontos essenciais.

As doutrinas subversivas e revolucionárias do "Sillon"

12. O Sillon tem a nobre preocupação da dignidade humana. Mas esta dignidade é compreendida ao modo de certos filósofos, que a Igreja está longe de poder aprovar. O primeiro elemento desta dignidade é a liberdade, entendida neste sentido que, salvo em matéria de religião, cada homem é autônomo. Deste princípio fundamental tira as seguintes conclusões: Hoje em dia, o povo está sob tutela, debaixo de uma autoridade que é distinta dele, e da qual se deve libertar: emancipação política. Está sob a dependência de patrões que, detendo seus instrumentos de trabalho, o exploram, o oprimem e o rebaixam; deve sacudir seu jugo: emancipação econômica. Enfim, é dominado por uma casta chamada dirigente, à qual o desenvolvimento intelectual assegura uma preponderância indevida na direção dos negócios; deve subtrair-se à sua dominação: emancipação intelectual. O nivelamento das condições, deste tríplice ponto de vista, estabelecerá entre os homens a igualdade, e esta igualdade é a verdadeira justiça humana. Uma organização política e social fundada sobre esta dupla base, liberdade e igualdade (às quais logo virá acrescentar-se a fraternidade), eis o que eles chamam Democracia.

13. No entanto, a liberdade e a igualdade não constituem senão o lado, por assim dizer, negativo. O que faz, própria e positivamente, a Democracia é a participação maior possível de cada um no governo da coisa pública. E isto compreende um tríplice elemento, político, econômico e moral.

14. Em primeiro lugar, em política, o Sillon não abole a autoridade; pelo contrário, considera-a necessária; mas a quer partilhar, ou para melhor dizer, a quer multiplicar de tal modo que cada cidadão se tornará uma espécie de rei. A autoridade, é certo, emana de Deus, mas reside primordialmente no povo e daí deriva por

via de eleição ou, melhor, ainda, de seleção, sem por isto deixar o povo e se tornar independente dele; ela será exterior, mas somente na aparência; na realidade, ela será interior, porque será uma autoridade consentida.

15. Guardadas as proporções, acontecerá o mesmo na ordemeconômica. Subtraído a uma classe particular, o patronato será multiplicado de tal modo que cada operário se tornará uma espécie de patrão. A forma invocada para realizar este ideal econômico não é, afirma-se, a do socialismo, é um sistema de cooperativa suficientemente multiplicadas para provocar uma concorrência fecunda e para salvaguardar a independência dos operários, que não ficariam adstritos a nenhuma delas.

16. Eis agora o elemento capital, o elemento moral. Como a autoridade, já se viu, é muito reduzida, é necessária uma outra força para completá-la e opor uma reação permanente ao egoísmo individual. Este novo princípio, esta força, é o amor do interesse profissional e do interesse público, quer dizer, da finalidade mesma da profissão e da sociedade. Imaginai uma sociedade onde, na alma de cada um, com o amor inato do bem individual e do bem familiar, reinasse o amor do bem profissional e do bem público, onde, na consciência de cada um, estes amores, se subordinassem de tal modo, que o bem superior dominasse sempre o bem inferior; uma sociedade não poderia quase dispensar a autoridade e não ofereceria o ideal da dignidade humana, cada cidadão tendo uma alma de rei, cada operário uma alma de patrão? Arrancado à estreiteza de seus interesses privados e elevado até os interesses de sua profissão e, mais alto, até os da nação inteira e, mais alto, até os da humanidade (porque o horizonte do Sillon não se detém nas fronteiras da pátria, mas se estende a todos os homens até os confins do mundo), o coração humano, alargado pelo amor do bem comum, abraçaria todos os companheiros da mesma profissão, todos os compatriotas, todos os homens. E eis aí a grandeza e a nobreza humana ideal, realizada pela célebre trilogia: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

17. Ora, estes três elementos, político, econômico e moral, estão subordinados um a outro, e é o elemento moral, como dissemos, que é o principal. Com efeito, nenhuma democracia política é viável se não tem profundos pontos de contato com a democracia econômica. Por sua vez, nem uma nem outra são possíveis se não se radicam num estado de espírito em que a consciência se acha investida de responsabilidades e de energias morais proporcionadas. Mas, supondo este estado de espírito, assim feito de responsabilidade consciente e de forças morais, a democracia econômica daí decorrerá naturalmente por tradução em atos, desta consciência e destas energias; e, igualmente, e pela mesma via, do regime corporativo sairá a democracia política e econômica, esta trazendo aquela, se acharão fixadas na própria consciência do povo sobre bases inabaláveis.

18. Tal é, em resumo, a teoria, poder-se-ia dizer o sonho, do Sillon, e é para isto que tende seu ensinamento e aquilo que chama a educação democrática do povo, quer dizer, levar ao máximo a consciência e a responsabilidade cívicas de cada qual, donde decorrerá a democracia econômica e política, e o reino da justiça, da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

19. Esta rápida exposição, Veneráveis Irmãos, já vos mostra claramente quanto tínhamos razão em dizer que o Sillon opõe doutrina a doutrina, que edifica sua cidade sobre uma teoria contrária à verdade católica e que falseia as noções essenciais e fundamentais que regulam as relações sociais em toda a sociedade humana. Esta oposição aparecerá com maior clareza ainda nas seguintes considerações.

II. Refutação dos Erros

Sobre a autoridade, a liberdade e a obediência

20. O Sillon coloca a autoridade pública primordialmente no povo, do qual deriva em seguida aos governantes, de tal modo, entretanto, que continua a residir nele. Ora, Leão XIII condenou formalmente esta doutrina em sua encíclica Diuturnum Illud (DP 12) sobre o Principado Político, onde diz: "Grande número de modernos seguindo as pegadas daqueles que, no século passado, se deram o nome de filósofos, declaram que todo o poder vem do povo; que em conseqüência aqueles que exercem o poder na sociedade não a exercem como sua própria autoridade, mas como uma autoridade a eles delegada pelo povo e sob a condição de poder

ser revogada pela vontade do povo, de quem eles a têm. Inteiramente contrário é o pensamento dos católicos, que fazem derivar de Deus o direito de mandar, como de seu princípio natural e necessário". Sem dúvida, o Sillon faz descer de Deus esta autoridade, que coloca em primeiro lugar no povo, mas de tal forma que "sobe de baixo para ir ao alto, enquanto na organização da Igreja, o poder desce do alto para ir até em baixo" (Marc Sangnier, discurso de Rouen, 1907). Mas, além de ser anormal que a delegação suba, pois é próprio à sua natureza descer, Leão XIII refutou de antemão esta tentativa de conciliação entre a doutrina católica e o erro do filosofismo. Pois prossegue: "É necessário observá-lo daqui: aqueles que presidem ao governo da coisa pública podem bem, em certos casos, ser eleitos pela vontade e o julgamento da multidão, sem repugnância nem oposição com a doutrina católica. Mas, se esta escolha designa o governante, não lhe confere a autoridade de governar, não lhe delega o poder, apenas designa a pessoa que dele será investido".

21. De resto, se o povo continua a ser o detentor do poder, que vem a ser da autoridade? Uma sombra, um mito; não há mais lei propriamente dita, não há mais obediência. O Sillon o reconheceu; desde que, com efeito, reclama, em nome da dignidade humana, a tríplice emancipação política, econômica e intelectual, a cidade futura, para a qual trabalha, não mais terá mestres nem servidores; os cidadãos aí serão todos livres, todos camaradas, todos reis. Uma ordem, um preceito, seria um atentado à liberdade; a subordinação a uma qualquer superioridade seria uma diminuição do homem, a obediência, uma degradação. É assim, Veneráveis Irmãos, que a doutrina tradicional da Igreja nos representa as relações sociais, mesmo na cidade mais perfeita possível? Não é verdade que toda sociedade de criaturas dependentes e desiguais por natureza tem necessidade de uma autoridade que dirija sua atividade para o bem comum e imponha sua lei? E se, na sociedade, se encontram seres perversos (e sempre os haverá), a autoridade não deverá ser tanto mais forte quanto o egoísmo dos maus for mais ameaçador? Além disso, pode-se dizer, com uma aparência de razão sequer, que haja incompatibilidade entre a autoridade e a liberdade, sem que se cometa um erro grosseiro sobre o conceito da liberdade? Pode-se ensinar que a obediência é contrária à dignidade humana e o ideal seria substituí-la pela "autoridade consentida"? Será que o apóstolo S. Paulo não tinha em vista a sociedade humana, em todas as suas etapas possíveis, quando prescrevia aos fiéis a submissão a toda autoridade? Será verdade que a obediência aos homens, enquanto representantes legítimos de Deus, quer dizer afinal de contas a obediência a Deus, rebaixa o homem e o avilta abaixo de si mesmo? Será que o estado religioso, fundado sobre a obediência, é contrário ao ideal da natureza humana? Será que os santos, que foram os mais obedientes dos homens, foram escravos e degenerados? Enfim, poder-se-ia imaginar um estado em que Jesus Cristo, de novo sobre a terra, não mais desse o exemplo de obediência e não mais dissesse: Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus?

Sobre a justiça e a igualdade

22. O Sillon, que ensina semelhantes doutrinas e as põe em prática em sua vida interna, semeia portanto entre a vossa juventude católica noções erradas e funestas sobre a autoridade, a liberdade e a obediência. Outra coisa não acontece quanto à justiça e à igualdade. Trabalha, como afirma, para realizar uma era de melhor justiça. Assim, para ele, toda desigualdade de condição é uma injustiça ou, pelo menos, uma justiça menor! Princípio soberanamente contrário à natureza das coisas, gerador de inveja e de injustiça, subversivo de toda a ordem social. Assim, só na democracia inaugurará o reino da perfeita justiça! Não é isto uma injúria às outras formas de governo que são rebaixadas, por este modo, à categoria de governos impotentes, apenas toleráveis! De resto o Sillon, ainda sobre este ponto, vai de encontro ao ensinamento de Leão XIII. Poderia Ter lido na Encíclica já citada sobre o Principado Político que, "salvaguardada a justiça, aos povos não é interdito escolher o governo que melhor responda a seu caráter ou às instituições e costumes que receberam dos antepassados", e a Encíclica faz alusão à tríplice forma de governo bem conhecida. Supõe, portanto, que a justiça é comparável com cada uma delas. E a Encíclica sobre a condição dos operários não afirma claramente a possibilidade de restaurar-se a justiça nas organizações atuais da sociedade, pois que indica os meios para isso? Ora, sem dúvida alguma, Leão XIII queria falar não de uma justiça qualquer, mas da justiça perfeita. Ensinando, pois, que a justiça é compatível com as três formas de governo em questão, ensinava que, sob este aspecto, a Democracia não goza de um privilégio especial. Os "sillonistas", que pretendem o contrário, ou recusam ouvir a Igreja ou têm da justiça e da igualdade um conceito que não é católico.

Sobre a fraternidade

23. O mesmo acontece com a noção da fraternidade, cuja base colocam no amor dos interesses comuns, ou, além de todas as filosofias e de todas as religiões, na simples noção de humanidade, englobando assim no mesmo amor e numa igual tolerância todos os homens com todas as suas misérias, tanto as intelectuais e morais como as físicas e temporais. Ora, a doutrina católica nos ensina que o primeiro dever da caridade não está na tolerância das convicções errôneas, por sinceras que sejam , nem da indiferença teórica e prática pelo erro ou o vício, em que vemos mergulhados nossos irmãos, mas no zelo pela sua restauração intelectual e moral, não menos que por seu bem-estar material. Esta mesma doutrina católica nos ensina também que a fonte do amor do próximo se acha no amor de Deus, Pai comum e fim comum de toda a família humana, no amor de Jesus Cristo, do qual somos membros a tal ponto que consolar um infeliz é fazer o bem ao próprio Jesus Cristo. Qualquer outro amor é ilusão ou sentimento estéril e passageiro. Certamente, a experiência humana aí está, nas sociedades pagãs iy leigas de todos os tempos, para provar que, em certos momentos, a consideração dos interesses comuns ou da semelhança de natureza pesa muito pouco diante das paixões e concupiscências do coração. Não, Veneráveis Irmãos, não existe verdadeira fraternidade fora da caridade cristã, que, pelo amor de Deus e de seu Filho Jesus Cristo nosso Salvador, abrange todos os homens, para consolar todos, e para os conduzir todos à mesma fé e à mesma felicidade do céu. Separando a fraternidade da caridade cristã assim entendida, a democracia, longe de ser um progresso, constituiria um desastroso recuo para a civilização. Porque, se se chegar, e Nós o desejamos de toda a nossa alma, à maior soma possível de bem-estar para a sociedade e para cada um de seus membros pela fraternidade, ou, como se diz ainda, pela soliedaridade universal, é necessária a união dos espíritos na verdade, a união das vontades na moral, a união dos corações no amor de Deus e de seu filho Jesus Cristo. Ora, esta união só poderá ser realizada pela caridade católica, que é a única, por conseqüência, que pode conduzir os povos no caminho do progresso, para o ideal da civilização.

Sobre a dignidade humana

24. Enfim, na base de todas as falsificações das noções sociais fundamentais, o Sillon coloca uma falsa idéia da dignidade humana. Segundo ele, o homem só será verdadeiramente homem, digno desse nome, no dia em que adquirir uma consciência esclarecida, forte, independente, autônoma, podendo dispensar os mestres, só obedecendo a si própria, e capaz de assumir e desempenhar, sem falhas, as mais graves responsabilidades. Eis algumas destas grandes palavras com as quais se exalta o sentimento do orgulho humano; tal como um sonho, que arrasta o homem, sem luz, sem guia e sem auxílio, pelo caminho da ilusão, em que, esperando o grande dia da plena consciência, será devorado pelo erro e pelas paixões. E este grande dia, quando virá? A menos que se mude a natureza humana (o que não está no poder do Sillon), virá ele alguma vez? Será que os santos, que levaram ao apogeu a dignidade humana, tiveram esta dignidade? E os humildes da terra, que não podem subir tão alto e se contentam com traçar modestamente seu sulco (tracer modestement son sillon) na classe social que lhes designou a Providência, cumprindo energicamente seus deveres na humildade, na obediência e na paciência cristãs, não seriam eles dignos do nome de homens, aos quais o Senhor há de tirar um dia de sua condição obscura para colocar no céu, entre os príncipes de seu povo?

Suspendemos aqui nossas reflexões sobre os erros do Sillon. Não pretendemos esgotar o assunto, pois que ainda poderíamos chamar vossa atenção sobre outros pontos igualmente falsos e perigosos, por exemplo, sobre a maneira de compreender o poder coercitivo da Igreja. Importa, contudo, examinar agora a influência destes erros sobre a conduta prática do Sillon e sobre a sua ação social.

III. Conduta Prática do "Sillon"e sua ação social

A estrutura igualitária da organização do "Sillon"

25. As doutrinas do Sillon não ficam apenas nos domínios da abstração filosófica. Elas são ensinadas à juventude católica, e, bem mais do que isso, procurasse vivê-las. O Sillon se considera como o núcleo da cidade futura; reflete-a, pois, tão fielmente quanto possível. Com efeito, não existe hierarquia no Sillon. A elite que o dirige separa-se da massa por seleção, quer dizer, impondo-se por sua autoridade moral e por suas virtudes. Nele se entra livremente, como livremente dele se sai. Os estudos aí se fazem sem mestre, quando muito com um conselheiro. Os círculos de estudos são verdadeiras cooperativas intelectuais, onde cada um é

ao mesmo tempo aluno e mestre. A camaradagem mais absoluta reina entre os membros, e põe em total contato suas almas: daí a alma comum do Sillon. Definiram-na "uma amizade". Mesmo o padre, quando nele ingressa, abaixa a eminente dignidade de seu sacerdócio e, pela mais estranha inversão de papéis, se faz aluno, se põe no nível de seus jovens amigos e não é mais do que um camarada.

O espírito anárquico que incute

26. Nestes hábitos democráticos, e nas doutrinas sobre a cidade ideal que os inspiram, reconhecereis, Veneráveis Irmãos, a causa secreta das faltas disciplinares que, tantas vezes, tiverdes de recriminar ao Sillon. Não é de espantar que não tenhais encontrado nos chefes e nos seus companheiros assim formados, fossem seminaristas ou padres, o respeito, a docilidade e a obediência que são devidos às vossas pessoas e à vossa autoridade; que tenhais experimentado da parte deles uma surda oposição, e que tenhais tido o pesar de os ver subtrair-se totalmente, ou, quando a isto forçados pela obediência, entregar-se com desgosto às obras não sillonistas. Vós sois o passado, eles são os pioneiros da civilização futura. Vós representais a hierarquia, as desigualdades sociais, a autoridade e a obediência: instituições envelhecidas, ante as quais suas almas, embevecidas por um outro ideal, não mais se podem dobrar. Temos sobre este estado de espírito o testemunho de fatos dolorosos, capazes de arrancar lágrimas, e não podemos, apesar de nossa longanimidade, reprimir um justo sentimento de indignação. Pois há quem inspire à vossa juventude católica a desconfiança para com a Igreja sua mãe; ensina-se-lhe que, decorridos 19 séculos, ela ainda não conseguiu no mundo constituir a sociedade sobre suas verdadeiras bases; que ela não compreendeu as noções sociais da autoridade, da liberdade, da igualdade, da fraternidade e da dignidade humana; que os grandes bispos e os grandes monarcas, que criaram e tão gloriosamente governaram a França, não souberam dar ao seu povo nem a verdadeira justiça, nem a verdadeira felicidade, porque eles não tinham o ideal do Sillon!

O sopro da Revolução passou por aí, e podemos concluir que, se as doutrinas sociais do Sillon são erradas, seu espírito é perigoso e sua educação funesta.

O "Sillon" é de uma intolerância odiosa

27. Mas então, que devemos pensar de sua ação na Igreja, se seu catolicismo é tão melindroso que, por mais um pouco, quem não abraçasse a sua causa seria a seus olhos um inimigo interior do catolicismo, e nada teria compreendido do Evangelho e de Jesus Cristo? Julgamos conveniente insistir sobre esta questão, porque foi precisamente seu ardor católico que valeu ao Sillon, até estes últimos tempos, preciosos encorajamentos e ilustres sufrágios. Pois bem! Perante as palavras e os fatos, somos obrigados a dizer que, em sua ação como em sua doutrina, o Sillon não dá satisfação à Igreja.

28. Em primeiro lugar, seu catolicismo só se acomoda com a forma democrática de governo, que julga ser a mais favorável à Igreja, e como que se confundindo com ela; portanto, entenda sua religião a um partido político, Não precisamos demonstrar que o advento da democracia universal não tem importância para a ação da Igreja no mundo; já temos lembrado que a Igreja sempre deixou às nações o cuidado de se dar o governo que consideram mais vantajoso para seus interesses. O que Nós queremos afirmar ainda uma vez após nosso predecessor, é que há erro e perigo em enfeudar, por princípio, o catolicismo a uma forma de governo; erro e perigo que são tanto maiores quando se sintetiza a religião com um gênero de democracia cujas doutrinas são erradas. Ora, é o caso do Sillon, o qual, de fato, e em favor de uma forma política especial, comprometendo a Igreja, divide os católicos, arranca a juventude e mesmo padres e seminaristas à ação simplesmente católica, e esbanja, em pura perda, as forças vivas de uma parte da nação.

Exceto quando se trata dos princípios da Igreja.

29. E reparai, Veneráveis Irmãos, numa estranha contradição. É precisamente porque a religião deve dominar todos os partidos, é invocando este princípio que o Sillon se abstém de defender a Igreja atacada. Certamente não foi a Igreja que desceu à arena política; arrastaram-na para aí, e para a mutilar, e para a despojar. O dever de todo o católico não consiste, então, em usar das armas políticas, que tem à mão, para defendê-la e também para forçar a política a ficar em seu domínio e a não se ocupar da Igreja, a não ser para lhe dar o que é

devido? Pois bem! Em face da Igreja assim violentada, muitas vezes se tem a dor de ver os sillonistas cruzar os braços, a não ser que eles achem vantajoso defendê-la; vemo-los ditar ou sustentar um programa que em nenhum lugar nem no menor grau revela o espírito católico. O que não impede que estes mesmos homens, em plena luta política, sob o golpe de uma provocação, façam pública ostentação de sua fé. Isto que quer dizer senão que há dois homens nos sillonistas: o indivíduo que é católico; o sillonista, homem de ação, que é neutro.

Um dos graves erros do "Sillon" é o interconfessionalismo.

30. Houve um tempo em que o Sillon, como tal, era formalmente católico. Em matéria de força moral, só conhecia uma, a força católica, e ia proclamando que a democracia havia de ser católica, ou não seria democracia. Em dado momento, entretanto, mudou de parecer. Deixou a cada um em sua religião ou sua filosofia. Ele próprio deixou de se qualificar de "católico", e a fórmula "A democracia há de ser católica" substitui-a por esta "A democracia não há de ser anticatólica", tanto quanto, aliás, antijudaica ou antibudista. Foi a época do "maior Sillon". Todos os operários de todas as religiões e de todas as seitas foram convocados para a construção da cidade futura. Outra coisa não se lhes pediu a não ser que abraçassem o mesmo ideal social, que respeitassem todas as crenças e que trouxessem um saldo das forças morais. Certamente, proclamava-se, "os chefes do Sillon põem sua fé religiosa acima de tudo. Mas podem recusar aos outros o direito de hauri-la na fé católica. Pedem, pois, a todos aqueles que querem transformar a sociedade presente no sentido da democracia, que não se repilam mutuamente por causa de convicções filosóficas ou religiosas que os possam separar mas que marchem de mãos dadas, não renunciando a suas convicções, mas experimentando fazer, sobre o terreno das realidades práticas, a prova da excelência de suas convicções pessoais. Talvez que neste terreno de emulação entre almas ligadas a diferentes convicções religiosas ou filosóficas a união se possa realizar" (Marc Sangnier, Discurso de Rouen, 1907). E ao mesmo tempo se declarou (de que modo isto se poderia realizar?) que o pequeno Sillon católico seria a alma do grande Sillon cosmopolita.

31. Recentemente, desapareceu o nome do grande "maior Sillon", e houve a intervenção de uma nova organização que em nada modificou, bem pelo contrário, o espírito e o fundo das coisas "para por ordem no trabalho, e organizar as diversas formas de atividade. O Sillon continua sempre a ser uma alma, um espírito, que se misturará aos grupos e inspirará sua atividade". E a todos os novos agrupamentos, tornados autônomos na aparência: católicos, protestantes, livres-pensadores, se pede que se ponham a trabalhar. "Os camaradas católicos se esforçarão entre si próprios, numa organização especial, por se instruir e se educar. Os democratas protestantes e livres-pensadores farão o mesmo de seu lado. Todos, católicos, protestantes e livres-pensadores terão em mira armar a juventude não para uma luta fratricida, mas para uma generosa emulação no terreno das virtudes sociais e cívicas" (Marc Sangnier, Paris, Maio de 1910).

32. Estas declarações e esta nova organização da ação sillonista provocam bem graves reflexões. Eis uma associação interconfessional, fundada por católicos, para trabalhar na reforma da civilização moral sem a verdadeira religião: é uma verdade demonstrada, é um fato histórico. E os novos sillonistas não poderão pretextar que só trabalharão "no terreno das realidades práticas" onde a diversidade das crenças não importa. Seu chefe tão bem percebe esta influência das convicções do espírito sobre o resultado da ação, que os convida, qualquer que seja a religião a que pertençam, a "fazer no terreno das realidades práticas a prova da excelência de suas convicções pessoais". E com razão, porque as realizações práticas revestem o caráter das convicções religiosas, como os membros de um corpo, até as últimas extremidades, recebem sua forma do princípio vital que o anima.

33. Isto posto, que se deve pensar da promiscuidade em que se acharão agrupados os jovens católicos com heterodoxos e incrédulos de todas as espécies, numa obra desta natureza? Esta não será mil vezes mais perigosa para eles do que uma associação neutra? Que se deve pensar deste apelo a todos os heterodoxos e a todos os incrédulos para virem provar a excelência de suas convicções no terreno social, numa espécie de concurso apologético, como se este concurso já não durasse há 19 séculos, em condições menos perigosas para a fé dos fiéis e sempre favorável à Igreja Católica? Que se deve pensar deste respeito a todos os erros e deste estranho convite, feito por um católico a todos os dissidentes, fortificarem suas convicções pelo estudo

e delas fazer as fontes sempre mais abundantes de novas forças? Que se deve pensar de uma associação em que todas as religiões, e mesmo o livre-pensamento, podem manifestar-se altamente à vontade? Porque os sillonistas que, nas conferências públicas e em outras ocasiões proclamam altivamente sua fé individual, não pretendem certamente fechar a boca aos outros e impedir que o protestante afirme seu protestantismo e o cético, seu ceticismo. Que pensar, enfim, de um católico que, ao entrar em seu círculo de estudos, deixa na porta seu catolicismo, para não assustar seus camaradas que, "sonhando com uma ação social desinteressada, têm repugnância de a fazer servir ao triunfo de interesses, de facções, ou mesmo de convicções, quaisquer que sejam"? Tal é a profissão de fé na nova Comissão Democrática de Ação Social, que herdou a maior tarefa da antiga organização, e que, assim afirma, "desfazendo o equívoco em torno do maior Sillon, tanto nos meios reacionários como nos meios anticlericais", está aberta a todos os homens "respeitadores das forças morais e religiosas e convencidos de que nenhuma emancipação social verdadeira será possível sem o fermento de um generoso idealismo".

34. Ah, sim! O equívoco está desfeito; a ação social do Sillon não é mais católica; o sillonista, como tal não trabalha para uma facção, e "a Igreja, ele o diz, não deveriam por nenhum título, ser a beneficiária das simpatias que sua ação possa suscitar". Insinuação estranha, em verdade! Teme-se que a Igreja se aproveite, com objetivo egoísta e interesseiro, da ação social do Sillon, como se tudo o que aproveita à Igreja não aproveitasse à humanidade! Estranha inversão de idéias: a Igreja é que seria beneficiária da ação social, como se os maiores economistas já não houvessem reconhecido e demonstrado que a ação social é que, para ser real e fecunda, deve beneficiar-se da Igreja. Porém, mais estranhas ainda, ao mesmo tempo inquietantes e acabrunhadoras, são a audácia e a ligeireza de espírito de homens que se dizem católicos, e que sonham refundir a sociedade em tais condições, e estabelecer sobre a terra, por cima da Igreja Católica, "o reino da justiça e do amor", com operários vindos de toda parte, de todas as religiões ou sem religião, com ou sem crenças, contando que se esqueçam do que os divide: suas convicções religiosas e filosóficas, e ponham em comum aquilo que os une: um generoso idealismo e forças morais adquiridas "onde possam", Quando se pensa em tudo que foi preciso de forças, de ciência, de virtudes sobrenaturais para estabelecer a cidade cristã, e nos sofrimentos de milhões de mártires, e nas luzes dos Padres e Doutores da Igreja, e no devotamento de todos os heróis da caridade, e numa poderosa Hierarquia nascida no céu, e nas torrentes da graça divina, e tudo isto edificado, travado, compenetrado pela Vida e pelo Espírito de Jesus Cristo, a Sabedoria de Deus, o Verbo feito homem; quando se pensa, dizíamos, em tudo isto edificado, fica-se atemorizado ao ver novos apóstolos se encarniçarem por fazer melhor, através da atuação dum vago idealismo e de virtudes cívicas. Que é que sairá desta colaboração? Uma construção puramente verbal e quimérica, em que se verão coruscar promiscuamente, e numa confusão sedutora, as palavras liberdade, justiça, fraternidade e amor, igualdade e exaltação humana, e tudo baseado numa dignidade humana mal compreendida. Será uma agitação tumultuosa, estéril para o fim proposto, e que aproveitará aos agitadores de massas, menos utopistas. Sim, na realidade, pode-se dizer que o Sillon escolta o socialismo, o olhar fixo numa quimera.

35. Tememos que ainda haja pior. O resultado desta promiscuidade em trabalho, o beneficiário desta ação social cosmopolita só poderá ser uma democracia, que não será nem católica, nem protestante, nem judaica; uma religião (porque o sillonismo, os chefes o afirmaram, é uma religião) mais universal do que a Igreja Católica, reunindo todos os homens tornados enfim irmãos e camaradas "no reino de Deus". – "Não se trabalha pela Igreja, trabalha-se pela humanidade".

E por isto o "Sillon" deixou de ser católico.

36. E agora, penetrado da mais viva tristeza, perguntamo-Nos, Veneráveis Irmãos, aonde foi parar o catolicismo do Sillon. Ah! Ele, que dava outrora tão belas esperanças esta torrente límpida e impetuosa foi captada em sua marcha pelos inimigos modernos da Igreja, e agora já não é mais do que um miserável afluente do grande movimento de apostasia organizada, em todos os países, para o estabelecimento de uma Igreja universal que não terá nem dogmas, nem hierarquia, nem regra para o espírito, nem freio para as paixões, e que sob o pretexto de liberdade e de dignidade humana, restauraria no mundo, se pudesse triunfar, o reino legal da fraude e da violência, e a opressão dos fracos, daqueles que sofrem e que trabalham.

O "Sillon" e as tramas dos inimigos da Igreja

37. Conhecemos demasiado bem os sombrios laboratórios, em que se elaboram estas doutrinas deletérias, que não deveriam seduzir espíritos clarividentes. Os chefes do Sillon nãou souberam evitá-las: a exaltação de seus sentimentos, a cega bondade de seu coração, seu misticismo filosófico misturado com um tanto de iluminismo os impeliram para um novo Evangelho do Salvador, a tal ponto que ousam tratar Nosso Senhor Jesus Cristo com uma familiaridade soberanamente desresepitosa, e que, sendo o seu ideal aparentado com o da Revolução, não temem fazer entre o Evangelho e a Revolução aproximações blasfematórias, que não têm a escusa de haverem escapado a alguma improvisação tumultuosa.

O "Sillon" dá uma idéia desfigurada do divino Redentor.

38. Queremos chamar vossa atenção, Veneráveis Irmãos, sobre esta deformação do Evangelho e do caráter sagrado de Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus e Homem, praticada no Sillon e algures. Desde que se aborda a questão social, está na moda, em certos meios, afastar primeiro a divindade de Jesus Cristo, e depois só falar de sua soberana mansidão, de sua compaixão por todas as misérias humanas, de suas instantes exortações ao amor do próximo e fraternidade. Certamente, Jesus nos amou com um amor imenso, infinito, e veio à terra sofrer e morrer, a fim de que, reunidos em redor dele na justiça e no amor, animados dos mesmos sentimentos de mútua caridade, todos os homens vivam na paz e na felicidade. Mas para a realização desta felicidade temporal e eterna, Ele impôs, com autoridade soberana, a condição de se fazer parte de seu rebanho, de se aceitar sua doutrina, de se praticar a virtude e de se deixar ensinar e guiar por Pedro e seus sucessores. Ademais se Jesus foi bom para os transviados e os pecadores, não respeitou suas convicções errôneas por sinceras que parecessem; amou-os a todos para os instruir, converter e salvar. Se chamou junto de si, para os consolar, os aflitos e os sofredores, não foi para lhes pregar o anseio de uma igualdade quimérica. Se levantou os humildes, não foi para lhes inspirar o sentimento de uma dignidade independente e rebelde à obediência. Se seu coração transbordava de mansidão pelas almas de boa vontade, soube igualmente armar-se de uma santa indignação contra os miseráveis que escandalizam os pequenos, contra as autoridades que acabrunham o povo sob a carga de pesados fardos, sem aliviá-la sequer com o dedo. Foi tão forte quão doce; repreendeu, ameaçou, castigou, sabendo e nos ensinando que, muitas vezes, o temor é o começo da sabedoria, e que, às vezes, convém cortar um membro para salvar o corpo. Enfim, não anunciou para a sociedade futura o reinado de uma felicidade ideal, de onde o sofrimento fosse banido; mas, por lições e exemplos, traçou o caminho da felicidade possível na terra e da felicidade perfeita no céu: a estrada real da cruz. Estes são ensinamentos eminentemente sociais, e nos mostram em Nosso Senhor Jesus Cristo outra coisa que não um humanitarismo sem consciência e sem autoridade.

Conclusão

Exortação ao Episcopado

39. No que se refere a vós, Veneráveis Irmãos, continuai ativamente a obra do Salvador dos homens pela imitação de sua doçura e de sua força. Inclinai-vos para todas as misérias; que nenhuma dor escape à vossa solicitude pastoral; que nenhum gemido vos encontre indiferentes. Mas, também, pregai ousadamente os deveres aos grandes e aos pequenos; a vós compete formar a consciência do povo e dos poderes públicos. A questão social está bem perto de ser resolvida quando uns e outros, menos exigentes a respeito de seus direitos recíprocos, cumprirem mais exatamente seus deveres. Além disso, como no conflito dos interesses, e principalmente na luta com as forças pouco honestas, a virtude de um homem, e mesmo sua santidade, não é sempre suficiente para lhe assegurar o pão cotidiano, e como as engrenagens sociais deveriam estar organizadas de tal forma que, por seu jogo natural, paralisassem os esforços dos maus e tornassem acessível a toda boa vontade sua parte legítima de felicidade temporal, desejamos vivamente que tomeis uma parte ativa na organização da sociedade, neste sentido. E, para isto, enquanto vossos padres se entregarem com ardor ao trabalho da santificação das almas, da defesa da Igreja, e às obras de caridade propriamente ditas, escolhereis alguns dentre eles, ativos e de espírito ponderado, munidos dos graus de doutor em filosofia e teologia, e dominando perfeitamente a história da civilização antiga e moderna, e os aplicareis aos estudos menos elevados e mais práticos da ciência social, para, no tempo oportuno, colocá-los à testa de vossas obras de ação católica. Contudo, que estes padres não se deixem transviar no dédalo das opiniões contemporâneas, pela miragem de uma falsa democracia; que não emprestem à retórica dos piores inimigos da Igreja e do

povo uma linguagem enfática, cheia de promessas tão sonoras quanto irrealizáveis. Estejam eles persuadidos de que a questão social e a ciência social não nasceram ontem; que, de todos os tempos, a Igreja e o Estado, em feliz acordo, suscitaram para isto organizações fecundas; que a Igreja, que jamais traiu a felicidade do povo em alianças comprometedoras, não precisa livrar-se do passado, bastando-lhe retomar, com o auxílio de verdadeiros operários da restauração social, os organismos quebrados pela Revolução, adaptando-os, com o mesmo espírito cristão que os inspirou, ao novo ambiente criado pela evolução material da sociedade contemporânea; porque os verdadeiros amigos do povo não são revolucionários, nem inovadores, mas tradicionalistas.

Os membros do "Sillon" devem submeter-se.

40. A esta obra, eminentemente digna de vosso zelo pastoral, desejamos que, longe de a embaraçar, a juventude do Sillon, purificada de seus erros, traga, na ordem e na submissão convenientes, um concurso leal e eficaz.

41. Voltando-nos, pois, para os chefes do Sillon, com a confiança de um pai que fala a seus filhos, pedimo-lhes para o seu bem, para o bem da Igreja e da França, vos cedam o lugar. Medimos, certamente, a extensão do sacrifício que lhes solicitamos, mas os sabemos assaz generosos para o realizar, e, antecipadamente, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, de quem somos o indigno representante, os abençoamos . Quanto aos membros do Sillon, queremos que se agrupem por dioceses para trabalhar, sob a direção de seus bispos respectivos, pela regeneração cristã e católica do povo, ao mesmo tempo pela melhoria de sua sorte. Estes grupos diocesanos serão, por ora, independentes uns dos outros; e, a fim de tornar bem claro que romperam com os erros do passado, tomarão o nome de Sillons Católicos, e cada um de seus membros acrescentará a seu título de sillonista o mesmo qualificativo de católico. Não será preciso dizer que todo sillonista católico ficará livre, aliás, de guardar suas preferências políticas, depuradas de tudo o que não esteja inteiramente conforme, nesta matéria, com a doutrina da Igreja. E assim, Veneráveis Irmãos, se houver grupos que se recusem a submeter-se a estas condições, devereis considerá-los por isso mesmo como se recusassem a submeter-se à vossa direção; e, então, dever-se-á examinar se eles se confinam na política ou na economia pura, ou se perseveram nos antigos erros. No primeiro caso, está claro que já não vos devereis ocupar mais deles do que do comum dos fiéis; no segundo, devereis agir em conseqüência, com prudência mas com firmeza. Os padres deverão manter-se totalmente alheios aos grupos dissidentes e se contentarão com prestar o socorro do santo ministério individualmente a seus membros, aplicando-lhes, no tribunal da Penitência, as regras comuns de moral relativamente à doutrina e à conduta. Quanto aos grupos católicos, os padres e os seminaristas, sempre favorecendo-os e os secundando, abster-se-ão de se inscreverem como membros, porque é conveniente que a milícia sacerdotal fique acima das associações leigas, mesmo as mais úteis e animadas do melhor espírito.

42. Tais são as medidas práticas pelas quais julgamos necessário sancionar esta carta sobre o Sillon e os sillonistas. Que o Senhor haja por bem, nós o rogamos no fundo da alma, fazer com que estes homens e estes jovens compreendam as graves razões que a ditaram, e lhes dê a docilidade de coração, com a coragem de provar, em face da Igreja, a sinceridade de seu fervor católico; e a vós, Veneráveis Irmãos, que vos inspire para com eles, pois que eles são doravante vossos, os sentimentos de uma afeição toda paternal.

É com esta esperança, e para obter estes resultados tão desejáveis, que vos concedemos, de todo o coração, assim como a vosso clero e a vosso povo, a Benção Apostólica.

Dado em Roma, junto a S. Pedro, em 25 de Agosto de 1910, oitavo ano de Nosso Pontificado.

Aos Veneráveis Irmãos Patriarcas, Primazes, Arcebispos, e todos os Bispos do Orbe Católico em comunhão com a Sé Apostólica: Sobre a liberdade humana.

Veneráveis Irmãos: Saudação e Benção Apostólica.

Exórdio: Excelência e conceito da liberdade.

1. A liberdade, excelente bem da natureza e exclusivo apanágio dos seres dotados de inteligência ou de razão, confere ao homem uma dignidade em virtude da qual ele é colocado entre as mãos do seu conselho e se torna senhor de seus atos. E o que, todavia, é principalmente importante nesta prerrogativa é a maneira como ela se exerce, porque do uso da liberdade nascem os maiores males, assim como os maiores bens. Sem dúvida, está no poder do homem obedecer à razão, praticar o bem, caminhar direito ao seu fim supremo. Mas pode também seguir outra direção diferente, e, seguindo espectros de bens falazes, destruir a ordem legítima e correr para uma perdição voluntária.

O libertador do gênero humano, Jesus Cristo, tendo restaurado e aumentado a antiga dignidade da nossa natureza, fez sentir sua influência principalmente sobre a vontade mesma do homem; e, pela sua graça, que lhe prodigalizou os socorros, pela felicidade eterna, de que lhe abriu a perspectiva no Céu, elevou-o a um estado melhor. E, por um motivo semelhante a Igreja bem mereceu sempre deste dom excelente da nossa natureza, e não cessará de bem merecer dele, pois que é a ela que pertence assegurar aos benefícios, que nós devemos a Jesus Cristo, a sua propagação em toda a consecução dos séculos. ? E, contudo, há um grande número de homens que crêem que a Igreja é adversária da liberdade humana. A causa disto está na idéia defeituosa, e como ao avesso, que se faz da liberdade; porque, com esta mesma alteração da sua noção, ou com a exagerada extensão que se lhe dá, chega-se a aplica-la a muitas coisas, nas quais o homem, a julgar segundo a reta razão, não pode ser livre.

Erros sobre a liberdade.

2. Já falamos algures, e principalmente na Encíclica Immortale Dei (sobre a Constituição Cristã dos Estados. DP 14), daquilo a que chamam as liberdades modernas; e, distinguindo nelas o bem daquilo que lhe é oposto, Nós estabelecemos ao mesmo tempo que tudo o que essas liberdades contêm de bom é tão antigo como a verdade, como um elemento corrompido, produzido pela perturbação dos tempos e pelo desordenado amor da inovação. Mas, visto que muitos se obstinam em ver nestas liberdades, mesmo no que elas contêm de vicioso, a mais bela glória da nossa época e o necessário fundamento das constituições políticas, como se sem elas se não pusesse imaginar o governo perfeito, pareceu-Nos necessário para o interesse público, em face do qual Nós Nos colocamos, tratar expressamente esta questão.

A) A LIBERDADE MORAL NO INDIVÍDUO.

3. O que diretamente Nós temos em vista é a liberdade moral, considerada quer nos indivíduos, quer na sociedade. É bom, entretanto, dizer em primeiro lugar algumas palavras sobre a liberdade natural, a qual, apesar de ser completamente distinta da liberdade moral, é contudo a fonte e o princípio donde toda a espécie de liberdade dimana por si mesma e como espontaneamente.

A liberdade natural é própria dos seres racionais.

4. Esta liberdade, que certamente é para nós a voz da natureza, o juízo e senso comum de todos os homens não a reconhecem senão aos seres que têm o uso da inteligência ou da razão, e é nela que consiste manifestamente a causa que nos faz considerar o homem responsável pelos seus atos. E não podia ser doutra maneira; porque, ao passo que os animais não obedecem senão aos sentidos e não são impelidos senão pelo instinto natural a procurar o que lhes é útil ou a evitar o que lhes seria prejudicial, o homem tem, em cada uma das ações de sua vida, a razão para o guiar. Ora, a razão, relativamente aos bens deste mundo, diz-nos de todos e de cada um que eles podem indiferentemente ser ou não ser; donde se conclui que, não lhes parecendo nenhum deles absolutamente necessário, ele dá à vontade o poder de opção para escolher o que lhe

apraz. Mas se o homem pode julgar da contingência, como se diz, dos bens de que Nós falamos, é porque ele tem uma alma simples de sua natureza, espiritual e capaz de pensar; uma alma que, sendo tal, não tira sua origem das coisas corpóreas, visto que delas não depende na sua conservação; mas que, criada imediatamente por Deus e ultrapassando com uma imensa distância a condição comum dos corpos, tem o seu modo próprio e particular de vida e de ação: donde resulta que, compreendendo pelo seu pensamento as razões imutáveis e necessárias da verdade e do bem, vê que estes bens particulares não são de modo algum bens necessários. Assim provar que a alma humana está desligada de todo o elemento mortal e é dotada da faculdade de pensar, é estabelecer ao mesmo tempo a liberdade natural sobre o seu mais sólido fundamento.

A Igreja Defensora da Liberdade.

5. Ora, esta doutrina da liberdade como a da simplicidade, espiritualidade e imortalidade da alma humana, ninguém a prega mais algo e a afirma com mais constância do que a Igreja Católica; ela tem-na ensinado em todos os tempos e a defende como um dogma. Mais ainda: perante os ataques dos heréticos e dos fautores de novas opiniões, a Igreja tem tomado a liberdade sob a sua proteção e tem salvado da ruína este grande bem do homem. A este respeito, os monumentos da história testemunham a energia com repeliu os esforços insanos dos Maniqueus e outros; e, em tempos mais recentes, ninguém ignora com que zelo e força, quer no Concílio de Trento, quer mais tarde contra os sectários de Jansênio, ela combateu pela liberdade do homem, não deixando, em nenhum tempo e lugar, tomar incremento ao Fatalismo.

Noção de liberdade.

6. A liberdade, portanto, é, como temos dito, herança daqueles que receberam a razão ou a inteligência em partilha; e esta liberdade, examinando-se a sua natureza, outra coisa não é senão a faculdade de escolher entre os meios que conduzem a um fim determinado. É neste sentido que aquele que tem a faculdade de escolher uma coisa entre alguma outra, é senhor de seus atos. Ora, toda a coisa aceita com o fim de obter por ela uma outra, pertence ao gênero do bem que se chama útil; e tendo o bem como característica operar propriamente sobre o apetite, é mister concluir daí que o livre arbítrio é a característica da vontade, ou antes é vontade mesma, enquanto nos seus atos ela tem a faculdade de escolher. Mas é impossível à vontade mover-se, se o conhecimento da inteligência, como uma luz, não a esclarece primeiramente: isto é, que o bem desejado pela vontade é necessariamente o bem quanto conhecido pela razão. E isto tanto mais que, em toda a volição, a escolha é sempre precedida dum juízo sobre a verdade dos bens e sobre a preferência que devemos conceder a um deles sobre os outros. Ora, julgar é da razão, não da vontade; não se pode razoavelmente duvidar disto. Admitido, pois, que a liberdade reside na vontade, que por sua natureza é um apetite obediente à razão, segue-se que ela, como a vontade, tem por um bem conforme à razão.

Perfeição e imperfeição da liberdade.

7. Todavia, não possuindo cada uma destas faculdades a perfeição absoluta, pode suceder, e sucede freqüentemente, que a inteligência proponha à vontade um objeto que, em lugar duma bondade real, não tem senão a aparência, uma sombra de bem, e que a vontade contudo se aplique. Mas assim como o poder enganar-se, e enganar-se realmente, é uma falta que acusa a ausência da perfeição integral na inteligência, assim também aderir a um bem falso e enganador, ainda que seja um indício de livre arbítrio, constitui contudo um defeito da liberdade, como a doença o é da vida. Igualmente a vontade, só pelo fato de que depende da razão, cai num vício radical que não é senão a corrupção e o abuso da liberdade. Eis por que Deus, a perfeição infinita, que, sendo soberanamente inteligente e a bondade por essência, é também soberanamente livre, não pode de nenhuma forma querer o mal moral. E o mesmo sucede com os bem-aventurados do céu, graças à intuição que têm do soberano bem. É esta a justíssima observação que Santo Agostinho e outros faziam contra os Pelagianos: ?Se a possibilidade de enganar-se no bem fosse da essência e da perfeição da liberdade, então Deus, Jesus Cristo, os Anjos, os Bem-aventurados, entre os quais este poder não existe, ou não seriam livres, ou, pelo menos, o não seriam tão perfeitamente como o homem em seu estado de prova e imperfeição? ? O Doutor Angélico ocupou-se freqüente e longamente desta questão; e da sua doutrina resulta que a faculdade de pecar não é uma liberdade, mas uma escravidão. Muito sutil é a sua argumentação sobre as palavras do Senhor Jesus: Aquele que comete o pecado é escravo do pecado (Jo 8,

34). ?Todo ser é o que lhe convém segundo a natureza. Logo, quando se move por um agente exterior, não age por si mesmo, mas pelo impulso de outrem, o que é próprio de escravo. Ora, segundo a natureza, o homem é racional. Por isso quando se move segundo a razão, é por um movimento próprio que ele se move, e opera por si mesmo, o que é essência da liberdade; mas, quando peca, procede contra a razão, e então é como se fosse posto em movimento por um outro e sujeito a uma dominação estranha. É por isto que ?aquele que comete o pecado é escravo do pecado?. ? Era isto o que havia visto claramente a filosofia antiga, aquela principalmente cuja doutrina era que ninguém é livre como o sábio, e que reservava, como é sabido, o nome de sábio àquele que se tivesse acostumado a viver constantemente segundo a natureza, isto é, na honestidade e na virtude.

Proteção e auxílios da liberdade. A lei.

8. Sendo tal a condição da liberdade humana, era necessário ministrar-lhe auxílios e socorros capazes de dirigir todos os seus movimentos para o bem e de desvia-los do mal. Sem isto, a liberdade teria sido para o homem uma coisa muito prejudicial. E primeiramente era-lhe necessária uma lei, isto é, uma norma do que era preciso fazer e omitir. Falando com propriedade, não pode dar-se isto entre os animais que operam por necessidade, porque todos os seus atos os realizam sob o impulso da natureza, sendo-lhes impossível adotar por si mesmos outro modo de ação. Mas os seres que gozam de liberdade têm por si mesmos o poder de operar ou não, proceder de tal ou qual forma, visto que o objeto da sua vontade não o escolhem senão quando intervenha o juízo da razão, de que Nós falamos. Este juízo diz-nos não somente o que é bem em si ou o que é o mal, mas também o que é bom e por conseguinte se deve realizar, ou o que é mau e por conseguinte se deve evitar. É, com efeito, a razão que prescreve à vontade o que ela deve procurar ou de que deve fugir para que o homem possa um dia atingir esse fim supremo, para o qual deve dirigir todos os seus atos. Ora, esta ordenação da razão é o que se chama lei. Se, pois, a lei é necessária ao homem, é no seu mesmo livre arbítrio, isto é, na necessidade que tem de não se pôr em desacordo com a reta razão, que é preciso procurar, como na sua raiz, a causa primeira. E nada se pode dizer ou imaginar de mais absurdo e mais contrário ao bom senso do que esta asserção: o homem sendo livre por natureza, deve estar isento de toda lei. Se assim fosse, resultaria que é necessário, para a liberdade, não estar de acordo com a razão, quando a verdade é inteiramente o contrário, isto é, o homem deve estar sujeito à lei precisamente por que é livre por natureza. Assim, pois, é a lei que guia o homem nas suas ações e é ela também que, pela sanção das recompensas e das penas, o leva a praticar o bem e o afasta do pecado.

Tal é, acima de todas, a lei natural que está escrito e gravada no coração de cada homem, porque é a razão mesma do homem que lhe ordena a prática do bem e lhe interdiz o pecado. Mas esta prescrição da razão humana não poderia ter força de lei, se ela não fosse órgão e intérprete duma razão mais alta à qual o nosso espírito e a nossa liberdade devem obediência. Sendo, na verdade, a missão da lei impor deveres e atribuir direitos, a lei assenta completamente sobre a autoridade, isto é, sobre um poder verdadeiramente capaz de estabelecer esses deveres e definir esses direitos, capaz também de sancionar as suas ordens por castigos e recompensas; coisas todas que não poderiam evidentemente existir no homem, se ele desse a si próprio, como legislador supremo, a regra dos seus próprios atos. Disto se conclui, pois, que a lei natural outra coisa não é senão a lei eterna gravada nos seres dotados de razão, inclinando-os para o ato e o fim que lhes convenha; e este não é senão a razão eterna de Deus, Criador e Governador do mundo.

A graça de Deus.

9. A esta regra de nossos atos, a estes freios ao pecado, a bondade de Deus quis ajuntar certos auxílios, singularmente próprios para defender e guiar a vontade do homem. Sobressai, no primeiro lugar destes auxílios, o poder da graça divina, a qual esclarecendo a inteligência e inclinando incessantemente para o bem moral a vontade salutarmente reforçada e fortificada, torna ao mesmo tempo mais fácil e mais seguro o exercício da nossa liberdade natural. E seria afastar-se completamente da verdade imaginar que, por meio desta intervenção de Deus, os movimentos da vontade perdem a sua liberdade; porque a influência da graça divina alcança o íntimo do homem e se harmoniza com a sua propensão natural, pois que tem sua fonte n?Aquele que é o autor da nossa alma e da nossa vontade e move todos os seres duma maneira conforme à natureza deles. Pode mesmo dizer-se que a graça divina, como observa o Doutor Angélico, por isso mesmo

que dimana do autor da natureza é maravilhosa e naturalmente apta para proteger todas as naturezas individuais e para conservar a cada uma o seu caráter, a sua ação, a sua energia.

B) A LIBERDADE MORAL NA SOCIEDADE.

A lei humana.

10. O que acaba de ser dito da liberdade dos indivíduos, é fácil aplica-los aos homens que a sociedade civil une entre si; porque o que a razão e a lei natural fazem para os indivíduos, a lei humana, promulgada para o bem comum dos cidadãos, o realiza para os homens que vivem em sociedade. ? Mas, entre as leis humanas, há as que têm por objeto o que é bem ou mal naturalmente, acrescentando à prescrição de praticar um e evitar o outro uma sanção conveniente. Tais leis não têm de modo algum sua origem na sociedade dos homens; porque, assim como não foi a sociedade que criou a natureza humana, também não foi ela que fez com que o bem esteja em harmonia e o mal em desacordo com essa natureza; mas tudo isto é anterior à própria sociedade humana, e deve absolutamente estar ligado à lei natural e portanto à lei eterna. Como se vê, os preceitos de direito natural compreendidos nas leis dos homens não têm somente o valor da lei humana, mas supõem primeiro que tudo essa autoridade muito mais elevada e muito mais augusta que brota da lei natural e da lei eterna. Neste gênero de leis, a missão de legislador civil reduz-se a obter, por meio duma disciplina comum, a obediência dos cidadãos, punindo os maus e os viciosos, com o fim de os afastar do mal e de os chamar ao bem, ou ao menos de os impedir de ferir a sociedade e de lhe ser prejudicial.

11. Quanto às outras prescrições do poder civil, não procedem imediata ou diretamente do direito natural; são dele conseqüências mais afastadas e indiretas, e têm por fim precisar os pontos diversos sobre os quais a natureza não se tinha pronunciado senão duma maneira vaga e geral. Assim, a natureza ordena aos cidadãos que contribuam com o seu trabalho para a tranqüilidade e prosperidade pública: em que medida, em que condições, sobre que objetos, estabelece-o a sabedoria dos homens e não a natureza. Ora estas regras particulares de proceder, criadas por uma razão prudente e intimadas por um poder legítimo, constituem o que propriamente se chama lei humana. Visando o fim próprio da comunidade, esta lei ordena a todos os cidadãos que concorram para ele, e proíbe-lhes que dele se afastem; e enquanto segue a natureza e se harmoniza com as suas prescrições, ela conduz-nos ao que é bem e afasta-nos do oposto. Por onde se vê que é absolutamente na lei eterna de Deus que é mister buscar a regra e a lei da liberdade, não somente para os indivíduos, mas também para as sociedades humanas.

A lei eterna, norma e regra da liberdade.

12. Numa sociedade de homens, portanto, a liberdade digna deste nome não consiste em fazer tudo o que nos apraz: isso seria uma confusão extrema no Estado, uma perturbação que conduziria à opressão. A liberdade consiste em que, com o auxílio das leis civis, possamos mais facilmente viver segundo as prescrições da lei eterna. E para aqueles que governam, a liberdade não é o poder de mandarem ao acaso e segundo seu bel-prazer: isso seria uma desordem não menos grave e extremamente perigosa para o Estado; mas a força das leis humanas consiste em que elas sejam olhadas como uma derivação da lei eterna e que não há nenhuma das suas prescrições que não seja contida nela como no princípio de todo direito. Santo Agostinho disse com muita sabedoria (De lib. Arb., lib. I, c. 4, n. 15): ?Eu penso, e vós bem vedes também, que, nesta lei temporal, nada há de justo e de legítimo que os homens não tenham ido haurir na lei eterna?. Suponhamos, pois, uma prescrição dum poder qualquer que esteja em desacordo com os princípios da reta razão e com os interesses do bem público: não teria força alguma de lei, porque não seria uma regra de justiça e afastaria os homens do bem, para o qual a sociedade foi formada.

13. Por sua natureza, pois, e sob qualquer aspecto que seja considerada, quer nos indivíduos, quer nas sociedades, e entre os superiores não menos que entre os subordinados, a liberdade humana supõe a necessidade de obedecer a uma regra suprema e eterna; e esta regra não é outra senão a autoridade de Deus impondo-nos as suas ordenações ou as suas proibições, autoridade soberanamente justa que, longe de destruir ou de diminuir, de qualquer modo, a liberdade dos homens, a protege e a leva à sua perfeição; porque a verdadeira perfeição de todo o ser é tender e atingir o seu fim: ora, o fim supremo, para o qual deve tender a

liberdade humana, é Deus.

A ação da Igreja.

14. São estas máximas de doutrina, muito verdadeira e muito elevada, conhecidas mesmo pela luz da razão, que a Igreja, instruída pelos exemplos e pela doutrina do seu Divino Autor, tem propagado e afirmado por toda a parte, e segundo os quais ela jamais tem cessado de regrar a sua missão e de informar as nações cristãs. Pelo que toca aos costumes, as leis evangélicas não somente se avantajam muito a toda a sabedoria pagã, mas elas chamam o homem e o formam verdadeiramente numa santidade desconhecida dos antigos; e, aproximando-o de Deus, levam-no à posse duma liberdade mais perfeita.

É assim que sempre se tem evidenciado o maravilhoso poder da Igreja para a proteção da liberdade civil e política dos povos. Não há necessidade de enumerar os seus benefícios deste gênero. Basta lembrar a escravidão, essa velha vergonha das nações pagãs, que os seus esforços e principalmente a sua feliz intervenção fizeram desaparecer. O equilíbrio dos direitos, como a verdadeira fraternidade entre os homens, foi Jesus Cristo quem primeiro a proclamou; e à sua voz respondeu a dos seus Apóstolos, declarando que não há nem Judeu, nem Grego, nem Bárbaro, nem Cita, mas que todos são irmãos em Cristo. Sobre este ponto o ascendente da Igreja é tão grande e tão reconhecido que, aonde quer que chega a sua influência ? tem-se a experiência disso ? a grosseria dos costumes não pode subsistir por muito tempo. À brutalidade sucede em breve a doçura, às trevas da barbárie a luz da verdade. E a Igreja não tem cessado jamais de fazer sentir mesmo aos povos, educados pela civilização, seus benefícios, resistindo aos caprichos da iniqüidade, afastando a injustiça da cabeça dos inocentes ou dos fracos, e empregando-se, enfim, em estabelecer as coisas públicas uma organização que possa, pela sua equidade, tornar-se amada dos cidadãos, ou fazer-se temer dos estrangeiros pelo seu poder.

A Igreja, defensora da autoridade.

15. É, além disso, um dever real respeitar o poder e submeter-se a leis justas; donde deriva que a autoridade vigilante das leis preserva os cidadãos das empresas criminosas dos maus. O poder legítimo vem de Deus, e aquele que resiste ao poder, resiste à ordem estabelecida por Deus; assim é que a obediência adquire uma nobreza maravilhosa, pois que se não inclina senão da mais justa e mais alta das autoridades. Mas, desde que falta o direito de mandar, ou o mandato é contrário à razão, à autoridade de Deus, então é legítimo desobedecer aos homens a fim de obedecer a Deus. Deste modo, achando-se as vias da tirania fechadas, o poder não chamará tudo a si; estão salvaguardados os direitos de cada cidadão, os da sociedade doméstica, os de todos os membros da nação; e todos enfim participam da verdadeira liberdade, aquela que consiste, como demonstramos, em que cada um possa viver segundo as leis e segundo a reta razão.

A falsa liberdade.

16. Se, nas discussões que travam sobre a liberdade, se entendesse esta liberdade legítima e honesta, tal como a razão e a Nossa palavra a acabam de descrever, ninguém ousaria lançar à Igreja a censura que se lhe lança com uma soberana injustiça, a saber: que ela é inimiga da liberdade dos indivíduos ou da liberdade dos Estados. Mas há um grande número de homens que, a exemplo de Lúcifer, ? de quem são estas palavras criminosas: Não obedecerei, ? entendem pelo nome de liberdade o que não é senão pura e absurda licença. Tais são aqueles que pertencem à escola tão espalhada e tão poderosa desses homens que foram tirar o seu nome à palavra liberdade, querendo ser chamados Liberais.

O Liberalismo radical.

17. E, com efeito, o que são os partidários do Naturalismo e do Racionalismo em filosofia, os fautores do Liberalismo o são na ordem moral e civil, pois que introduzem nos costumes e na prática da vida os princípios postos pelos partidários do Naturalismo. ? Ora, o princípio de todo o racionalismo é a supremacia da razão humana, que, recusando a obediência devida à razão divina e eterna e pretendendo não depender senão de si mesma, se arvora em princípio supremo, fonte e juiz da verdade. Tal é a pretensão dos sectários

do Liberalismo, de que Nós falamos: não há, na vida prática, nenhum poder divino ao qual se tenha de obedecer, mas cada um é para si sua própria lei. Daí procede essa moral que se chama independente, e que, sob a aparência da liberdade, afastando a vontade da observância dos preceitos divinos, conduz o homem a uma licença ilimitada.

É o que, finalmente, resulta disto, principalmente nas sociedades humanas, é fácil de ver; porque uma vez fixada essa convicção no espírito de que ninguém tem autoridade sobre o homem, a conseqüência é que a causa eficiente da comunidade civil e da sociedade deve ser procurada, não num princípio exterior ou superior ao homem, mas na livre vontade de cada um, e que o poder público dimana da multidão como sendo a sua primeira fonte; além disso, tal como a razão individual é para o indivíduo a única lei que regula a vida particular, a razão coletiva deve sê-lo para a coletividade na ordem dos negócios públicos; daí o poder pertence ao número, e as maiorias criam o direito e o dever.

18. Mas a oposição de tudo isto com a razão resulta suficientemente do que dissemos. Efetivamente, pretender que não há nenhum laço ente o homem ou a sociedade civil e Deus criador e, por conseguinte, supremo legislador de todas as coisas, repugna absolutamente à natureza, e não somente à natureza do homem, mas à de todo o ser criado; pois todo o efeito está necessariamente unido por algum laço à causa de que procede; e convém a toda a natureza e pertence à perfeição de cada uma que permaneça no lugar e no plano que lhe é marcado pela ordem natural, isto é, que o ser inferior se submeta e obedeça àquele que lhe é superior.

19. Mas, ainda, tal doutrina traz o maior dano, tanto ao indivíduo como à sociedade. Realmente, se o homem faz depender só e unicamente do juízo da razão humana o bem e o mal, suprime a diferença essencial entre o bem e o mal; o honesto e o desonesto já não diferem na realidade, mas somente na opinião e no juízo de cada um: o que agrada será permitido. Desde que se admita semelhante doutrina moral, que não basta para reprimir ou pacificar os movimentos desordenados da alma, dá-se acesso a todas as corrupções da vida. Nos negócios públicos, o poder de governar separa-se do princípio verdadeiro e natural que lhe dá toda a sua força para procurar o bem comum; a lei que determina o que se deve fazer e o que é necessário evitar é abandonada aos caprichos da maioria, que é o mesmo que preparar o caminho à dominação tirânica. Quando se repudia o poder de Deus sobre o homem e sobre a sociedade humana, é natural que a sociedade deixe de ter religião, e tudo o que toca à religião torna-se desde então objeto da mais completa indiferença. Armada, pois, da idéia da soberania, a multidão facilmente entrará no caminho da sedição e das desordens, e, não existindo já o freio do dever e da consciência, nada mais resta do que a força, que é bem fraca, por si só, para conter as paixões populares. Temos a prova disto nessas lutas quase diárias empenhadas contra os Socialistas e outras seitas sediciosas que trabalham há tanto tempo para arrasar o Estado até aos seus alicerces. Julguem, pois, e digam os que possuem a justa inteligência das coisas, se tais indivíduos aproveitam à liberdade e dignidade do homem, ou se não são antes dela a destruição completa.

O Liberalismo mitigado.

20. Sem dúvida, tais opiniões, espantosas pela sua mesma enormidade e sua oposição manifesta com a verdade, bem como a imensidade dos males, de que vimos elas serem causa, impedem os partidários do Liberalismo de aderirem todos a elas. Constrangidos mesmo pela força da verdade, muitos deles não hesitam em reconhecer, confessam-no até espontaneamente, que, entregando-se a tais excessos, com desprezo da verdade e da justiça, a liberdade se vicia e degenera abertamente em licença, sendo necessário, portanto, que ela seja dirigida e governada pela reta razão, e, por conseqüência, que se submeta ao direito natural e à lei divina e eterna. Mas julgam dever parar aqui, e não admitem que o homem livre deva submeter-se às leis que a Deus apraz impor-nos por uma outra via que não a razão natural.

21. Mas nisto estão absolutamente em desacordo consigo mesmos. Pois se é necessário, como eles próprios convêm (e quem poderá razoavelmente deixar de convir nisto?), se é necessário obedecer à vontade de Deus legislador, ? pois o homem todo inteiro depende de Deus e deve tender para Deus, ? daqui se segue que ninguém pode pôr limites ou condições à sua autoridade legislativa, sem, com isso mesmo, se colocar em oposição com a obediência devida a Deus. Ainda mais: se a razão humana se arroga a pretensão de querer

determinar quais os direitos de Deus e os seus deveres para com Ele, o respeito pelas leis divinas terá nela mais aparência que realidade; e o seu juízo valerá mais que a autoridade e a providência divinas.

É, pois, necessário que a regra da nossa vida seja por nós constante e religiosamente pedida não somente à lei eterna, mas também a todas e a cada uma das leis que Deus, na sua infinita sabedoria, no seu infinito poder e pelos meios que lhe aprouveram, quis transmitir-nos e que nós podemos conhecer com segurança por sinais evidentes e não deixam nenhum lugar à dúvida. E isto tanto melhor que essas espécies de leis, tendo o mesmo princípio, o mesmo autor que a lei eterna, harmonizam-se perfeitamente com a razão e aperfeiçoam o direito natural: além de que, aí encontramos incluído o magistério do próprio Deus que, para impedir que a nossa inteligência e a nossa vontade caiam no erro, as conduz e guia a ambas com a mais benévola direção. Deixemos, pois, santa e inviolavelmente reunido aquilo que não pode nem deve ser separado, e que Deus nos encontre, em todas as coisas, segundo o ordena a própria razão natural, submissos e obedientes às suas leis.

Liberalismo do Estado.

22. Outros são um pouco mais moderados, mas sem serem mais conseqüentes consigo mesmos. Segundo estes, as leis divinas devem regular a vida e o modo de proceder dos particulares, mas não o dos Estados; é permitido, nas coisas públicas, desviar-se das ordens de Deus e legislador sem as ter em conta alguma. Donde nasce esta perniciosa conseqüência da separação da Igreja e do Estado. Mas o absurdo destas opiniões facilmente se compreende. É necessário, ? a própria natureza o proclama ? é necessário que a sociedade dê aos cidadãos os meios e as facilidades de passarem a sua vida segundo a honestidade, isto é, segundo as leis de Deus, pois que Deus é o princípio de toda a honestidade e de toda a justiça. Repugnaria, pois, absolutamente que o Estado pudesse desinteressar-se destas mesmas leis ou ir mesmo contra elas, fosse no que fosse.

23. Demais, aqueles que governam os povos devem certamente procurar à causa pública, pela sabedoria das suas leis, não somente as vantagens e os bens exteriores, mas também e principalmente os bens da alma. Ora, para conseguir estes bens, nada mais eficaz pode imaginar-se do que essas leis de que Deus é o autor; e, por isso, aqueles que não querem, no governo dos Estados, ter em conta alguma as leis divinas, desviam realmente o poder político da sua instituição, e da ordem prescrita pela natureza.

Mas há uma observação ainda mais importante e que Nós mesmos temos recordado mais de uma vez em outras ocasiões: e é que o poder civil e o poder sagrado, conquanto não tenham o mesmo fim e não marchem pelos mesmos caminhos, devem contudo encontrar-se algumas vezes, no desempenho das suas funções. Ambos, com efeito, exercem a sua autoridade sobre os mesmos súditos e, mais duma vez, sobre as mesmas matérias, embora sob pontos de vista diferentes. O conflito, nesta ocorrência, seria absurdo e repugnaria inteiramente à infinita sabedoria dos conselhos divinos. Deve, portanto, necessariamente haver um meio, um processo para fazer desaparecer as causas de conflitos e lutas, e estabelecer o acordo na prática. E este acordo não é sem razão que foi comparado à união que existe entre a alma e o corpo, e isto para maior vantagem de ambos, pois a separação é particularmente funesta ao corpo, porque o priva da vida.

C) CONSEQÜÊNCIAS DO LIBERALISMO.

Liberdade de culto nos particulares.

24. Mas, para evidenciar melhor estas verdades, é mister consideremos separadamente as diversas espécies de liberdades que se dão como conquistas da nossa época. ? E primeiramente, a propósito dos indivíduos, examinemos esta liberdade tão contrária à virtude da religião, a liberdade de culto, como lhe chamam, liberdade que se baseia no princípio de que é lícito a cada qual professar a religião que mais lhe agrade, ou mesmo não professar nenhuma. ? Mas, precisamente ao contrário, sem dúvida alguma, entre todos os deveres do homem, o maior e o mais santo é aquele que ordena ao homem que renda a Deus um culto de piedade e de religião. E este dever não é senão uma conseqüência do fato de nós estarmos pela vontade e providencia de Deus, e de que, saídos d?Ele, devemos voltar a Ele.

25. Deve-se acrescentar que nenhuma virtude digna deste nome pode existir sem a religião, pois a virtude moral é aquela cujos atos têm por objeto tudo o que conduz a Deus considerado como supremo e soberano bem do homem; e por isso é que a religião, que ?pratica os atos tendo por fim direto e imediato a honra divina? (S. Th. 2-2, q. 81, a 6), é a rainha e ao mesmo tempo a regra de todas as virtudes. E se se pergunta qual, entre todas essas religiões opostas que têm curso, se deve seguir com exclusão das outras, a razão e a natureza unem-se para nos responder: a que Deus prescreveu e que é fácil de distinguir, graças a certos sinais exteriores pelos quais a divina Providência a quis tornar reconhecível, pois que em coisa de tanta importância o erro acarretaria conseqüências muito desastrosas. É por isso que oferecer ao homem a liberdade de que falamos, é dar-lhe o poder de desvirtuar ou abandonar impunemente o mais santo dos deveres, afastando-se do bem imutável, a fim de se voltar para o mal. Isto, já o dissemos, não é liberdade, mas uma depravação da liberdade, e uma escravidão da alma na abjeção do pecado.

Liberdade de culto no Estado.

26. Encarada sob o ponto de vista social, esta mesma liberdade quer que o Estado não renda culto algum a Deus, ou que não autorize nenhum culto público; que nenhuma religião seja preferida a outra, que todas sejam consideradas como tendo as mesmos direitos, sem mesmo ter atenção para com o povo, até quando esse mesmo povo faz profissão de catolicismo. Mas, para que assim fosse justo, seria necessário que realmente a comunidade civil não tivesse nenhum dever para com Deus, ou que, tendo-o, pudesse impunemente afastar-se dele: duas coisas manifestamente falsas. Com efeito, não se pode pôr em dúvida que a reunião dos homens em sociedade seja obra da vontade de Deus; e isto quer se considere em seus membros, na sua forma que é autoridade, na sua causa, ou em número e importância das vantagens que ela procura ao homem. Foi Deus quem fez o homem para a sociedade e o uniu aos seus semelhantes, a fim de que as necessidades da sua natureza, às quais os seus esforços isolados não poderiam dar satisfação, a possam encontrar na comunidade. Eis aí por que a sociedade civil como sociedade deve necessariamente reconhecer Deus como seu princípio e seu autor, e, por conseguinte, render ao seu poder e à sua autoridade a homenagem do seu culto. Veda-o a justiça, e veda-o a razão que o Estado seja ateu, ou, o que viria a dar no ateísmo, esteja animado a respeito de todas as religiões, como se diz, das mesmas disposições e conceder-lhes indistintamente os mesmos direitos.

27. Visto, pois, que é necessário professar uma religião na sociedade, deve-se professar a única que é verdadeira e que se reconhece, sem dificuldade, pelo menos nos países católicos, pelos sinais de verdade que com tão vivo fulgor ostenta em si mesma. Esta religião, os chefes de Estado a devem pois conservar e proteger, se querem, como é obrigação sua, prover prudente e utilmente aos interesses da comunidade. Pois o poder público foi estabelecido para utilidade daqueles que são governados, e conquanto ele não tenha por fim próximo senão conduzir os cidadãos à prosperidade desta vida terrestre é, contudo, para ele um dever não diminuir, mas pelo contrário aumentar, para o homem, a faculdade de atingir esse bem supremo e soberano, no qual consiste a eterna felicidade dos homens: o que se torna impossível sem a religião.

28. Mas tudo isso já Nós o dissemos detalhadamente em outra parte. A única observação, que agora queremos fazer, é que uma liberdade deste gênero é muito prejudicial à liberdade verdadeira, quer dos governantes quer dos governados. A religião, pelo contrário, é-lhe maravilhosamente útil, porque faz remontar ao próprio Deus a origem primária do poder; porque impõe com gravíssima autoridade aos príncipes a obrigação de não esquecerem os seus deveres, e de conduzirem os povos com bondade e quase com um amor paternal.

Por outro lado, ela recomenda aos cidadãos a submissão do poder legítimo como aos representantes de Deus; une-os ao Chefe do Estado pelos laços, não somente de obediência, mas do respeito e do amor, proibindo-lhes a revolta e todas as empresas que possam perturbar a ordem e a tranqüilidade do Estado, e que, em resumo, dão ocasião de reprimir com restrições mais fortes a liberdade dos cidadãos. Nada dizemos dos serviços prestados pela religião aos bons costumes, e pelos bons costumes à própria liberdade. Pois a razão o prova e a história o confirma: a liberdade, a prosperidade e o poder duma nação aumentam em proporção da sua moralidade.

Liberdade da palavra e da imprensa.

29. E agora continuemos estas considerações a respeito da liberdade de exprimir pela palavra ou pela imprensa tudo o que se quiser. Se esta liberdade não for justamente temperada, se ultrapassar os devidos limites e medidas, desnecessário é dizer que tal liberdade não é seguramente um direito. Pois o direito é uma faculdade moral, e, como dissemos e como se não pode deixar de repetir, seria absurdo crer que esta faculdade cabe naturalmente, e sem distinção nem discernimento à verdade e à mentira, ao bem e ao mal. A verdade e o bem há o direito de os propagar no Estado com liberdade prudente, a fim de que possam aproveitar o maior número; mas as doutrinas mentirosas, que são para o espírito a peste mais fatal, assim como os vícios que corrompem o coração e os costumes, é justo que a autoridade pública empregue toda a sua solicitude para os reprimir, a fim de impedir que o mal alastre para ruína da sociedade.

30. Os extravios dum espírito licencioso que, para a multidão ignorante, se convertem facilmente em verdadeira opressão, devem justamente ser punidos pela autoridade das leis, não menos que os atentados da violência cometidos contra os fracos. E esta repressão é tanto mais necessária, quanto é impossível ou dificílimo à parte, sem dúvida, mais numerosa da população precaver-se contra os artifícios de estilo e as sutilezas de dialética, principalmente quando tudo isso lisonjeia as paixões. Concedei a todos a liberdade de falar e escrever, e nada será poupado, nem mesmo as verdades primárias, esses grandes princípios naturais que se devem considerar como um nobre patrimônio comum a toda a humanidade. Assim, a verdade é, pouco e pouco, invadida pelas trevas e, o que muitas vezes sucede, estabelece-se com facilidade a dominação dos erros mais perniciosos e mais diversos. Tudo o que a licença então ganha perde a liberdade; pois ver-se-á sempre a liberdade crescer e consolidar-se à medida que a licença seja mais refreada.

31. Mas se se trata de matérias livres, que Deus deixou entregues às discussões dos homens, a todos é permitido emitir sobre elas a sua opinião e exprimi-la livremente. A natureza não se opõe a isto, porque com esta liberdade os homens não são levados a oprimir a verdade, antes é ela muitas vezes ocasião de a procurar e faze-la conhecer.

Falsa liberdade de ensino.

32. Quanto ao que chamam liberdade de ensino, também não é preciso julga-la por modo diverso. Só a verdade deve penetrar nas almas, pois que é só nela que as naturezas inteligentes encontram o seu bem, o seu fim, a sua perfeição. Por isso, o ensino só deve ter por objeto coisas verdadeiras, e isto quer se dirija aos ignorantes quer aos sábios, a fim de que leve a uns o conhecimento da verdade, e aos outros a fortaleça. Por este motivo, o dever de todo aquele que se dedica ao ensino é, sem contradição, extirpar o erro dos espíritos e opor fortes barreiras à invasão das falsas opiniões. É, pois, evidente que a liberdade de que estamos tratando, arrogando-se o direito de tudo ensinar a seu modo, está em contradição flagrante com a razão e nasceu para produzir um transtorno completo nos espíritos. O poder público não pode consentir tal licença na sociedade senão com desprezo do seu dever. Tanto mais verdade é isto, que todos sabem de quanto peso é para os ouvintes a autoridade do professor, e quão raro é que um discípulo possa julgar pó si mesmo da verdade do ensino do mestre.

Conceito da verdadeira liberdade de ensino.

33. Eis aí, por que também esta liberdade, para que seja honesta, tem necessidade de ser restringida em determinados limites. É, pois, necessário que a arte do ensino não possa impunemente converter-se num instrumento de corrupção. Ora, a verdade, que deve ser o único objeto de ensino, é de duas espécies: a verdade natural e a sobrenatural. As verdades naturais, às quais pertencem os princípios da natureza e as conclusões próximas que deles deduz a razão, constituem como que o patrimônio comum do gênero humano; são como que o sólido fundamento sobre que assentam os costumes, a justiça, a religião e a própria existência da sociedade humana; e seria desde logo a maior das impiedades, a mais desumana das loucuras, deixa-las violar e destruir impunemente. Mas é necessário pôr não menos escrúpulo em conservar o magno e sagrado tesouro das verdades que o próprio Deus nos fez conhecer. Por um grande número de argumentos luminosos, muitas vezes repetidos pelos apologistas, foram estabelecidos certos pontos principais de doutrina, por

exemplo: há uma revelação divina; o Filho único de Deus fez-se homem para dar testemunho da verdade; por Ele foi fundada uma sociedade perfeita, isto é, a Igreja, de que Ele mesmo é o Chefe e com a qual prometeu estar até a consumação dos séculos.

34. A esta sociedade quis Ele confiar todas as verdades que ensinara, com a missão de as guardar, de as desenvolver com autoridade legítima; e, ao mesmo temo, ordenou a todas as nações que obedecessem aos ensinamentos da sua Igreja como a Ele mesmo, sob pena de perda eterna para aqueles que isto transgredissem. Daqui ressalta claramente que o melhor e mais seguro mestre, para o homem, é Deus, fonte e principio de toda a verdade; é o Filho único que vive no seio do Pai, caminho, verdade, vida e luz verdadeira que esclarece todos os homens; e cujos ensinamentos devem ter por discípulos todos os homens: E eles serão todos ensinados por Deus (Jo 6, 45). Mas para a fé e regra dos costumes Deus fez a Igreja partícipe do seu divino privilegio de infalibilidade. Eis ai por que ela é grande e segura mestra dos homens e tem em si um direito inviolável à liberdade de ensinar. E, de fato, a Igreja, que nos ensinamentos recebidos do Céu encontra o seu próprio sustentáculo, nada tem tido tanto a peito como desempenhar, religiosamente a missão que Deus lhe confiou, e, sem se deixar intimidar pelas dificuldades que, por toda parte, a cercam, não tem cessado em tempo algum de combater pela liberdade do seu magistério. Foi por este meio que todo o mundo, liberto da miséria das suas superstições, encontrou na sabedoria cristã a sua regeneração.

35. Mas como a própria razão o ensina claramente: entre as verdades divinamente reveladas e as verdades naturais não pode haver real oposição, de sorte que toda a doutrina que contradiga àquelas será necessariamente falsa, segue-se que o divino magistério da Igreja, longe de pôr obstáculos ao amor do saber e ao desenvolvimento das ciências, ou de retardar por qualquer modo o progresso da civilização, é, pelo contrário, para estas coisas, uma vivíssima luz e uma segura proteção. E, por esta mesma razão, o próprio aperfeiçoamento da liberdade humana aproveita não pouco com a sua influência, segundo a máxima de Jesus Cristo Salvador, que o homem se torna livre pela verdade: Conhecereis a verdade, e a verdade vos fará livres (Jo 8, 32).

Não há, pois, motivo para que a genuína liberdade se indigne e a ciência verdadeira se irrite contra as leis justas e necessárias, que devem regular os ensinamentos humanos, como o reclamam acordes a Igreja e a razão. Há mais: e é, que a Igreja, dirigindo principal e especialmente a sua atividade para a defesa da fé cristã, aplica-se também em favorecer o gosto de bons estudos em si mesmos têm alguma coisa de bom, de louvável, de desejável; e, demais, toda a ciência, que é fruto da reta razão e corresponde à realidade das coisas, é duma utilidade não medíocre até para esclarecer as verdades reveladas por Deus. E de fato, que imensos serviços a Igreja não prestou com o admirável cuidado com que conservou os monumentos da ciência antiga, com os asilos que abriu, por toda parte, às ciências, com o estímulo que sempre deu a todos os progressos, favorecendo dum modo particular as próprias artes que são a glória da civilização da nossa época.

36. Enfim, é necessário não esquecer que ainda há imenso campo aberto em que a atividade humana pode dilatar-se e exercer-se livremente a razão: referimo-Nos às matérias que não têm uma conexão necessária com a doutrina da fé e dos costumes cristãos, ou sobre as quais a Igreja, não usando da sua autoridade, deixa aos sábios toda a liberdade de suas opiniões. Por estas considerações se vê de que espécie e de que qualidade e, neste particular, a verdade que os partidários do liberalismo reclamam e proclamam com igual ardor. Por um lado, atribuem a si mesmos, assim como ao Estado, uma licença tal que não há opinião, por mais perversa que seja, à qual não abram a porta e não dêem livre passagem; por outro, suscitam à Igreja obstáculos sobre obstáculos, encerrando a liberdade dela nos limites mais estreitos que podem, quando aliás nenhum inconveniente há a recear dos ensinamentos da Igreja, e antes se devem esperar deles as maiores vantagens.

Liberdade de consciência.

37. Uma outra liberdade que também muito alto se proclama, é aquela a que dão o nome de liberdade de consciência. Se por isso se entende que cada qual pode indiferentemente, a seu bel-prazer, prestar ou deixar de prestar culto a Deus, os argumentos acima apresentados bastam para a sua refutação. Mas pode-se tomar no sentido de que o homem, no Estado tem o direito de seguir, segundo a consciência do seu dever, a vontade de Deus, e de cumprir os seus preceitos, sem que ninguém possa impedi-lo. Esta liberdade verdadeira, esta

liberdade digna dos filhos de Deus, que protege tão gloriosamente a dignidade da pessoa humana, está acima de toda a opressão e de toda a violência, e foi sempre o objeto dos votos da Igreja e do seu particular afeto. Foi esta liberdade que os apóstolos reivindicaram com tanta constância, que os apologistas têm defendido nos seus escritos, que uma multidão inumerável de mártires consagrou com o seu sangue. E eles tiveram razão: o grande e justíssimo poder de Deus sobre os homens, e, por outro lado, o grande e supremo dever dos homens para com Deus encontram ambos nesta liberdade cristã um brilhante testemunho.

38. Ela nada tem de comum com disposições facciosas e rebeldes, e de nenhum modo se poderá apresenta-lo como refratária à obediência devida ao poder público; pois ordenar e exigir obediência às leis é um direito do poder humano somente enquanto este não está em desacordo com o poder divino, e se contém dentro dos limites que Deus lhe marcou. Ora, quando se dá uma ordem que está em aberta contradição com a vontade divina, então se afasta muito desses limites, e põe-se em conflito com a autoridade divina: portanto, é então justo não obedecer.

39. Mas os partidários do Liberalismo, que atribuem ao Estado um poder despótico e sem limites e proclamam que não é preciso ter Deus em conta alguma no modo de nos conduzirmos na vida, desconhecem absolutamente esta liberdade de que falamos tão intimamente unida à honestidade e à religião; e tudo quanto se faz para a conservar, eles o consideram como feito em detrimento e contra o Estado. Se o que dizem fosse verdade, não haveria dominação, por tirânica que fosse, que se não devesse aceitar e sofrer.

D) A TOLERÂNCIA DA IGREJA.

40. O mais vivo desejo da Igreja seria, sem dúvida, ver penetrarem, de fato e em prática, em todas as ordens do Estado estes princípios cristãos que acabamos de expor sumariamente. Pois eles possuem uma eficácia maravilhosa para curar os males do tempo presente, esses males cujo número e gravidade se não podem dissimular, nascidos em grande parte dessas liberdades tão decantadas, e nas quais se havia querido ver encerrar os germes da salvação e da glória. Esta esperança foi desmentida pelos fatos. Em lugar de frutos doces e salutares vieram frutos amargos e envenenados. Se se procura o remédio, busque-se restabelecimento de sãs doutrinas, únicas de que se pode esperar confiadamente a conservação da ordem e, por isso mesmo, a garantia da verdadeira liberdade.

41. Todavia, em sua apreciação maternal, a Igreja tem em conta o peso acabrunhador da fraqueza humana e não ignora o movimento que na nossa época arrasta os espíritos e as coisas. Por estes motivos, não concedendo direitos senão àquilo que se é verdadeiro e honesto, a Igreja ainda assim não se opõe à tolerância do que os poderes públicos crêem poder usar a respeito de certas coisas contrárias à verdade e à justiça, em face dum mal maior a evitar, ou dum maior bem a obter ou conservar. O próprio Deus em sua providência, conquanto infinitamente bom e onipotente, permite não obstante a existência de certos males no mundo, ou seja para não impedir bens maiores ou seja para evitar maiores males. Convém, quanto ao governo dos Estados, imitar Aquele que governa o mundo. Mais ainda: reconhecendo-se impotente para impedir todos os males particulares, a autoridade dos homens deve permitir e deixar impunes muitas coisas que não obstante atraem com justo motivo a vindica da Providencia divina (S. Agost. De lib. arb., lib. I, c. 6, n. 14).

42. Todavia, se nestas conjunturas, com a mira no bem comum e só por este motivo, a lei dos homens pode e mesmo deve tolerar o mal, contudo nunca ela pode nem deve aprova-lo nem quere-lo em si mesmo, pois que o mal, sendo de si mesmo a privação do bem, é oposto ao bem comum que o legislador deve querer e defender do melhor modo que possa. E ainda nisto a lei humana deve propor-se imitar a Deus que, deixando existir o mal no mundo, não quer nem que o mal suceda, nem que o mal não suceda, mas quer permitir que o mal suceda. E isto é bom (S. Th. p. I, q. 19, ª 9, ad 3). Esta sentença do Doutor Angélico contém, numa fórmula breve, toda a doutrina sobre a tolerância do mal. Mas é necessário reconhecer, para que o nosso juízo seja exato, que quanto mais preciso for tolerar o mal em um Estado, mais longe estão da perfeição as condições desse Estado; e, além disto, que a tolerância do mal, pertencendo aos princípios da prudência política, deve ser rigorosamente circunscrita aos limites exigidos pela sua razão de ser, isto é, pela salvação pública. E por isso, se ela é nociva à salvação pública ou se é para o Estado causa dum mal maior, a conseqüência é que deixa de ser lícita, porque nestas condições falta a razão do bem. Mas se, em vista duma

condição particular do Estado, a Igreja condescende com certas liberdades modernas, não é porque as prefira em si mesmas,mas porque julga conveniente permiti-las; melhorada a situação, usará evidentemente da sua liberdade, empregando todos os meios, persuasões, exortações e rogos, para desempenhar, como é seu dever, a missão que recebeu de Deus: proporcionar aos homens a salvação eterna. Em todo o caso fica sempre de pé uma verdade, e é que essa liberdade concedida indiferentemente a todos e para tudo, não é desejável por si mesma, como muitas vezes o termo repetido, pois repugna a razão que o falso e o verdadeiro tenham os mesmos direitos.

Intolerância do Liberalismo.

43. E no que toca à tolerância, é estranho ver quanto se distanciam da equidade e da prudência da Igreja aqueles que professam o Liberalismo. Com efeito, concedendo aos cidadãos, em todos os pontos de que acabamos de falar, uma liberdade sem limites, ultrapassam dum salto a medida, e chegam ao ponto em que parece não haver mais atenções com a virtude e a verdade do que com o erro e o vício. E quando a Igreja, coluna e sustentáculo da verdade, mestra incorruptível dos costumes, crê contra uma tolerância tão cheia de desordens e de excessos, e impedir o criminoso uso dela, acusam-na de faltar à paciência e à delicadeza. Procedendo assim, nem sequer advertem que fazem um crime daquilo precisamente que é mérito. De resto muitas vezes sucede que estes grandes defensores da tolerância são duros e intransigentes na prática, quando se trata do Catolicismo: pródigos de liberdades para todos, recusam a cada passo deixar à Igreja a sua liberdade.

E) RECAPITULANDO.

Origens do Liberalismo. Suas formas.

44. Mas para recapitular com brevidade, e para maior clareza, todo este discurso com suas conseqüências, Nós dizemos, em resumo, que o homem deve necessariamente permanecer todo inteiro em uma dependência real e incessante a respeito de Deus, e que, por conseqüência, é absolutamente impossível compreender a liberdade do homem sem a submissão a Deus e a sujeição à sua vontade. Negar esta soberania de Deus ou recusar a submissão a ela, não é modo de agir de homem livre, mas de quem abusa da liberdade com a revolta; e é precisamente duma tal disposição da alma que se constitui e nasce o vício do Liberalismo. De resto podem-se distinguir muitas espécies de liberalismo, porque existem para a vontade mais duma forma e mais dum grau na recusa da obediência devida a Deus ou àqueles que participam da sua autoridade divina.

45. A insurreição completa contra o império supremo de Deus e recusar-lhe absolutamente toda a obediência, quer seja na vida pública, quer na vida particular e doméstica, é a um tempo, sem dúvida alguma, a maior depravação da liberdade e a pior espécie de liberalismo. É sobre ela que devem cair, sem restrição, todas as censuras que até aqui temos formulado.

46. Imediatamente depois vem o sistema daqueles que, concedendo que se deve depender de Deus, autor e senhor do universo, pois que toda a natureza é regida pela sua Providência, ousam repudiar as regras da fé e da moral que, ultrapassando a ordem da natureza, nos vêm da própria autoridade de Deus; ou pretendem, pelo menos, que não é preciso tê-las em conta, principalmente nos negócios públicos do Estado. Qual a gravidade do seu erro e quão pouco de acordo estão consigo mesmos, também o vimos acima. É esta doutrina que deriva, como da sua fonte e princípio, o pernicioso erro da separação da Igreja e do Estado; quando, pelo contrário, é manifesto que estes dois poderes, embora diferentes na sua missão e na sua dignidade, devem todavia entender-se na concórdia da sua ação e na reciprocidade dos seus bons ofícios.

47. A este erro, como a um gênero, se liga uma dupla opinião. ? Muitos, com efeito, querem uma separação radical e total entre a Igreja e o Estado: consideram estes que, em tudo o que diz respeito ao governo da sociedade humana, nas instituições, nos costumes, nas leis, nas funções públicas, na instrução da juventude, se não deve fazer caso da Igreja como se ela não existisse; apenas deixam aos membros individuais da sociedade a faculdade de cumprirem particularmente, se quiserem, os deveres da religião. Contra estes conservam toda a sua força os argumentos pelos quais refutamos a opinião da separação da Igreja e do

Estado, com a agravante de que é completamente absurdo que a Igreja seja, ao mesmo tempo, respeitada pelo cidadão e desprezada pelo Estado.

48. Os outros não põem em dúvida a existência da Igreja, o que lhes seria impossível, mas tiram-lhe o caráter e os direitos próprios duma sociedade perfeita, e querem que o seu poder, privado de toda a autoridade legislativa, judicial e coercitiva, se limite a dirigir pela exortação e pela persuasão aqueles que de bom grado e por sua própria vontade se submetem a ela. E assim, nesta teoria, o caráter desta divina sociedade é completamente desvirtuado, a sua autoridade, o seu magistério, toda a sua ação é diminuída e restringida, ao mesmo temo que a ação e a autoridade do poder civil é por eles exagerada até ao ponto de quererem que a Igreja de Deus, como qualquer outra associação voluntária, seja colocada sob a dependência e dominação do Estado. ? Para os convencer de erro, os apologistas têm empregado poderosos argumentos que Nós mesmo não deixamos no olvido, deles se conclui que, pela vontade de Deus, a Igreja possui todas as qualidades e todos os direitos que caracterizam uma sociedade legítima, soberana e, em todos os pontos, perfeita.

49. Muitos, finalmente, não aprovam esta separação da Igreja e do Estado, mas julgam que é necessário induzir a Igreja a ceder às circunstancias, fazer com que ela se acomode e se preste ao que reclama a prudência destes tempos no governo das sociedades. Esta opinião é boa quando entendida dum certo modo eqüitativo de proceder, conforme com a verdade e com a justiça, a saber: que a Igreja, na expectativa certa dum grande bem, se mostre indulgente e conceda às circunstâncias do tempo o que pode conceder sem violar a santidade da sua missão. Mas sucede o contrário com as práticas e doutrinas que a relaxação dos costumes e os erros correntes introduziram contra o direito. Não pode haver época alguma sem religião, verdade e justiça; e como estas grandes e santas coisas Deus as colocou sob a guarda da Igreja, nada há tão estranho como pretender que deixe passar sem reparo o que é falso ou injusto, ou que se torne conivente com o que prejudicar a religião.

Conclusões da doutrina católica.

50. Destas considerações segue-se, portanto, que de nenhum modo é permitido pedir, defender ou conceder sem discernimento a liberdade de pensamento, de imprensa, de ensino, de religião, como se fossem outros tantos direitos que a natureza conferisse ao homem. Se em verdade a natureza os houvesse conferido, haveria o direito de nos subtrairmos à soberania de Deus, e nenhuma lei poderia moderar a liberdade humana. ? Segue-se também que estas diversas espécies de liberdade podem, por justas causas, ser toleradas, contanto que uma justa moderação as impeça de degenerarem até à licença e à desordem. ? Finalmente, nos países em que os usos puseram estas liberdades em vigor, os cidadãos devem servir-se delas para fazer o bem e ter a respeito delas os mesmos sentimentos que a Igreja tem; porque uma liberdade não se deve reputar legítima senão quando aumenta a nossa faculdade de fazer o bem. Fora disto, nunca.

51. Quando se está sob o domínio ou a ameaça dum governo que tem a sociedade debaixo da pressão duma violência injusta ou que priva a Igreja da liberdade legítima, é permitido buscar outra organização política sob a qual se possa proceder com liberdade. Com efeito, neste caso o que se reivindica não é essa liberdade sem medida e sem regra, mas sim um certo alívio para bem de todos; e o que se procura unicamente é chegar a que, onde toda a licença é dada ao mal, não se ponham obstáculos à prática do bem.

52. Além disto, preferir para o Estado uma constituição temperada pelo elemento democrático não é em si contrária ao dever, com a condição todavia de que se respeite a doutrina católica sobre a origem e o exercício do poder público. Das diversas formas de governo, contanto que sejam em si mesmas aptas para proporcionar o bem aos cidadãos, a Igreja não rejeita nenhuma, mas quer, e a natureza põe-se de acordo com ela para o exigir, que seja constituída de tal modo que não viole o direito de ninguém e respeite particularmente os direitos da Igreja.

53. É louvável tomar parte na administração dos negócios públicos, a menos que em certos lugares, por circunstâncias particulares de coisas e de tempo, se não imponha outro modo de proceder. A Igreja mesma aprova que todos unam os seus esforços para o bem comum, e que cada um, segundo a sua possibilidade, trabalhe para a defesa, conservação e aumento da coisa pública.

54. A Igreja também não condena que se queira libertar o país do poder estrangeiro ou dum déspota, contanto que isto se possa fazer sem violar a justiça. Finalmente, muito menos ela censura aqueles que trabalham para dar aos municípios o beneficio de se regerem pelas suas próprias leis, e aos cidadãos todas as facilidades para o aumento do seu bem-estar. Para todas as liberdades civis isentas de excesso, a Igreja teve sempre o costume de ser uma fidelíssima protetora, o que é atestado principalmente pelas cidades italianas, que encontraram sob o regime municipal a prosperidade, o poder e a glória, quando a influência salutar da Igreja, sem encontrar oposição alguma, penetrava todas as partes do corpo social.

Exortação final.

55. Estes ensinamentos, que, inspirados pela fé e pela razão, o dever do Nosso cargo apostólico Nos levou a transmitir-vos, Veneráveis Irmãos, serão úteis a um grande número, temos nisto confiança, graças principalmente à união dos vossos esforços com os Nossos. Pela Nossa parte, na humildade do Nosso coração, elevamos para Deus as Nossas vistas suplicantes, rogando-lhe instantemente que se digne espalhar entre os homens a luz da sua sabedoria e do seu conselho, a fim de que, pela virtude destas graças, eles possam ver a verdade em pontos duma tal importância, e, conseqüentes, com uma inquebrantável constância saibam conformar, em todos os tempos, a sua vida particular e pública com a mesma verdade.

Como penhor dos favores celestiais e em prova da Nossa benevolência, Nós vos concedemos, com um terno afeto, a Vós, Veneráveis Irmãos, assim como ao clero e ao povo de que cada um de vós tem a direção, a Bênção Apostólica no Senhor.

Dada em Roma, junto de S. Pedro, a 20 de junho o ano de 1888, undécimo do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

Carta Encíclica a todos os Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos do Orbe Católico: sobre os principais erros de seu tempo.

Veneráveis irmãos,

Saúde e Bênção Apostólica.

A Rebelião dos ímpios, causa de seu silêncio

1. Creio-vos admirados, porque desde que sobre Nós pesa o cuidado da Igreja universal, ainda não vos dirigimos Nossas cartas, como o costume arraigado da Igreja e Nossa benevolência para convosco o reclamam. Mui veemente era, em verdade, o desejo de abrir-vos Nosso coração e, ao comunicar-vos Nossa palavra, fazer-vos ouvir aquela mesma voz, pela qual Nos foi ordenado, na pessoa de Pedro, confirmar nossos irmãos (Lc 22,23). Mas bem sabeis que a procela de males e aflições que nos combateu desde os primeiros momentos de Nosso pontificado, ergueu-se, subitamente, qual vagalhão tão impetuoso que, se não Nos deplorais qual náufrago da terrível conspiração dos ímpios é mercê de um esforço da onipotência divina. Com o coração alanceado pela tristíssima consideração de tantos males, não se tem ânimo para relembrar tamanha amargura; preferimos, pois, bendizer ao Pai de toda consolação que, humilhando os perversos, Nos livro do presente perigo e, acalmando a turbulenta tempestade, Nos permitiu respirar. Então Nos propusemos a dar-vos conselhos para pensar as chagas de Israel, mas o grande número de cuidados que pesou sobre Nós, enquanto conciliávamos o restabelecimento da ordem pública, foi causa de mais tardança. A insolência dos ímpios que tentaram, de novo, arvorar a bandeira da rebelião, foi novo motivo de Nosso silêncio. E Nós, ainda que com tristeza indizível, vimo-Nos obrigado a reprimir, com pulso firme, (1 Cor 4,21), a contumácia daqueles homens, cujo furor se exaltava de mais a mais, longe de se abrandar pela constante impunidade e pela Nossa clemência. E desde então podeis muito bem deduzir que Nossos cuidados se tornaram mais constantes.

Mas, havendo já tomado posse do pontificado na Basílica de Latrão, consoante costume estabelecido por Nossos maiores, e que fora retardada pelas causas supraditas, sem dar azo a mais delongas, damo-Nos pressa em dirigir-vos a presente carta, testemunho de Nosso afeto para convosco, neste dia gratíssimo, em que celebramos a solene festa da gloriosa Assunção da Santíssima Virgem, a fim de que aquela que Nos foi protetora e salvadora em gravíssimas calamidades, Nos seja propícia, iluminando-Nos o intelecto com celeste inspiração, para dar-vos os conselhos mais conducentes à santificação da grei cristã.

Lamentação dos males atuais

2. Em verdade, triste e com o coração dolorido, dirigimo-Nos a vós, a quem vemos cheios de angústia, ao considerar a crueldade dos tempos que fluem para com a religião que tanto estremeceis. Na verdade, poderíamos dizer que esta é a hora do poder das trevas para joeirar como o trigo, os filhos de escol (Lc 22,53); 'a terra ficou infeccionada pelos seus habitantes, porque transgrediram as leis, mudaram o direito, romperam a aliança eterna' (Is 24,5). Referimo-Nos, Veneráveis Irmãos, aos fatos que vedes com vossos próprios olhos e todos choramos com as mesmas lágrimas. A maldade rejubila alegre, a ciência se levanta atrevida, a dissolução é infrene. Menospreza-se a santidade das coisas sagradas, e o culto divino, que tanta necessidade encerra, não é somente desprezado, mas também vilipendiado e escarnecido. Por esses meios é que se corrompe a santa doutrina e se disseminam, com audácia, erros de todo gênero. Nem as leis divinas, nem os direitos, nem as instituições, nem os mais santos ensinamentos estão ao abrigo dos mestres da impiedade.

Combate-se tenazmente a Sé de Pedro, na qual pôs Cristo o fundamento de sua Igreja; forçam-se e rompem-se, momentaneamente, os vínculos da unidade. Impugna-se a autoridade divina da Igreja e, espezinhados os seus direitos, é submetida a razões terrenas; com suma injúria, fazem-na objeto do ódio dos povos, reduzindo-a a torpe servidão. O clamoroso estrondo de opiniões novas ressoa nas academias e liceus, que contestam abertamente a fé católica, não já ocultamente e por circunlóquios, mas com guerra cura e nefária; e, corrompidos os corações dos jovens pelos ensinamentos e exemplo dos mestres, cresceram

desproporcionadamente o prejuízo da religião e a depravação dos costumes. Por isso, rompido o freio da religião santíssima, somente em virtude da qual subsistem os reinos e se confirma o vigor de toda potestade, vemos campear a ruína da ordem pública, a desonra dos governantes e a perversão de toda autoridade legítima; e a origem de tantas calamidades devemos buscá-la na ação simultânea daquelas sociedades, nas quais se depositou, como em sentina imensa, quanto de sacrilégio, subversivo e blasfemo acumularam a heresia e a impiedade em todos os tempos.

Para corrigi-los, os Bispos devem trabalhar unidos à Cátedra de Pedro

3. Estas coisas, Veneráveis Irmãos, e outras muitas, talvez de maior gravidade, que seria prolixo referi-las e que vós conheceis perfeitamente, Nos obrigam a experimentar dor amarga e constante, pois, constituído na Cátedra do Príncipe do Apóstolos, é mister que o zelo pela casa de Deus Nos consuma. E sabedores, em razão de Nosso múnus, de que não é suficiente deplorarem-se tantos males, mas que se faz necessário remediá-los com todas as nossas forças, recorremos à vossa fé e imploramos a vossa solicitude pela grei católica, Veneráveis Irmãos, porque a vós cabe a virtude e a religião, a singular prudência e constância, que Nos encorajam e consolam em meio a tantas desgraças.

A Nós toca o dever de levantar a voz e envidar todos os esforços, para que o javali não destrua a vinha e o lobo não destroce o rebanho; devemos dar-lhes pábulo tão salutar, que nem de leve sequer sejam suspeitos. Longe de Nós, e mui longe, que os pastores faltem ao seu dever, abandonando covardemente as ovelhas, quando tantos males nos afligem e tantos perigos nos cercam, e que, sem cuidar da grei, se manchem com o ócio e a negligência. Façamos, pois, causa comum, digo melhor, a de Deus e, de espírito uno, porfiemos contra o inimigo comum, com uma só intenção com um só esforço.

4. Tudo isto cumprireis plenamente, se, segundo vosso dever, cuidardes de vós mesmos e da doutrina, tendo sempre presente que a Igreja universal repele toda novidade (S. Caelest. PP., ep. 21 ad episc. Galliar.) e que, conforme conselho do Pontífice Santo Agatão, nada se deve tirar daquelas coisas que hão sido definidas, nada mudar, nada acrescentar, mas que se devem conservar puras, quanto à palavra e quanto ao sentido (Ep. ad imp. apud Labb. Tomo II, p. 235, Ed. Mansi). Daqui surgirá a firmeza da unidade, que se radica, em seu fundamento, na Cátedra de Pedro, a fim de que todos encontrem baluarte, segurança, porto bonançoso e tesouro de inumeráveis bens, justamente onde as Igrejas possuem a fonte de seus direitos (S. Innocent. Papa, ep. II, apud Constat.). Para reprimir, portanto, a audácia dos que ora intentam infringir os direitos desta Sé, somente na qual se apoiam e recebem vigor, preciso é incular um profundo sentimento de fidelidade e veneração para com ela, clamando, a exemplo de São Cipriano, que em vão protesta estar na Igreja o que abandonou a Cátedra de Pedro, sobre a qual está fundada (S. Cypr., De unitate eccles.).

5. Deveis, pois, trabalhar e vigiar assiduamente, para guardar o depósito da fé, apesar das tentativas dos ímpios, que se esforçam por dissimulá-lo e desvirtuá-lo. Tenham todos presente que o julgar da sã doutrina, que os povos têm de crer, e o regime e o governo da Igreja universal é da alçada do Romano Pontífice, a quem foi dado por Cristo pleno poder, para apascentar, reger e governar a Igreja universal, segundo os ensinamentos legados pelos Padres do Concílio de Florença (Sess. 25, in definit. apud Labb., tom. 18, col. 527. Edit. Venet.). Portanto, todo Bispo deve aderir fielmente à Cátedra de Pedro, guardar o depósito da fé santa e apascentar religiosamente o rebanho de Deus que lhe foi confiado. Os presbíteros estejam sujeitos aos Bispos, considerando-os, segundo aconselha São Jerônimo, como pais da alma (Ep. 2 ad Nepot., a. 1, 24); e jamais esqueçam que os cânones mais antigos lhes vedam o desempenho de qualquer ministério, o ensino e a pregação sem licença do Bispo, a cujo cuidado foi condiado o povo e de quem se hão de pedir contas das almas (Ex can., app 33 apud Labb., tomo I, p. 38, edt. Mansi.). Por fim, tenha-se por certo e estável que, quantos intentarem contra esta ordem estabelecida, enquanto depender de sua parte, perturbam o estado da Igreja.

Imutabilidade da doutrina e disciplina da Igreja

6. Reprovável seria, na verdade, e muito alheio à veneração com que se devem acolher as leis da Igreja, condenar, somente por néscio capricho de opinião, a doutrina que foi por ela sancionado, na qual estão

contidas a administração das coisas sagradas, a regra dos costumes e dos direitos da Igreja, a ordem e a razão dos seus ministros, ou então acoimá-la de oposicionista a certos princípios de direito natural, julgando-a deficiente e imperfeita, ou ainda sujeitando-a à autoridade civil.

Constando, com efeito, como reza o testemunho dos Padres do Concílio de Trento (Sess. 13, dec. de Eucharistia in proœm.), que a Igreja recebeu sua doutrina de Jesus Cristo e dos seus Apóstolos, e que o Espírito Santo a está continuamente assistindo, ensinando-lhe toda a verdade, é por demais absurdo e altamente injurioso dizer que se faz necessária uma certa restauração ou regeneração, para fazê-la voltar à sua primitiva incolumidade, dando-lhe novo vigor, como se fosse de crer que a Igreja é passível de defeito, ignorância ou outra qualquer das imperfeições humanas; com tudo isto pretendem os ímpios que, constituída de novo a Igreja sobre fundamentos de instituição humana, venha a dar-se o que São Cipriano tanto detestou: que a Igreja, coisa divina, se torne coisa humana (Ep. 52, edit. Baluz.). Pensem, pois, os que tal supõem, que somente ao Romano Pontífice como atesta São Leão, tem sido confiada a constituição dos cânones; e que somente a ele, que não a outro, compete julgar dos antigos decretos dos cânones, medir os preceitos dos seus antecessores para moderar, após diligente consideração, aquelas coisas, cuja modificação é exigida pela necessidade dos tempos (Ep. ad. episc. Lucaniae).

Defesa do celibato clerical

7. Reclamamos, aqui, também a vossa invicta constância para combater a torpíssima conspiração que se tem tramado contra o celibato clerical, a qual, como sabeis, cresce de momento para outro, porque com os falsos filósofos do nosso século fazem coro alguns eclesiásticos que, esquecidos da sua dignidade e estado, e aliciados pela voluptuosidade, chegaram a licenciosidade tal, a ponto de em alguns lugares se atreverem a pedir publicamente faculdade aos príncipes para infringir tão santa disciplina. Mas causa-nos rubor falar extensamente de intentos tão torpes e, confiado em vossa piedade, pedimo-vos que, com todas as forças e apoiados nas prescrições dos sagrados cânones, custodieis, defendais, e vindiqueis, em toda sua integridade, aquela lei de tamanha gravidade, contra a qual os inimigos assestam seus dardos.

Caracteres do matrimônio cristão

8. Reclama também nosso especial cuidado aquela união santa dos cristãos, chamada pelo Apóstolo sacramento grande em Cristo e na Igreja (Ef 5,33; Heb 13,4), para que não se diga e nem se tente dizer algo quer contra a santidade quer contra a força indissolúvel deste vínculo. O mesmo Nos recordara Nosso antecessor Pio VIII, de santa memória, com não pouca insistência; mão obstante, seus esforços não foram bastantes para sustar todo o mal. Devemos, pois, ensinar aos povos que o matrimônio, legitimamente contraído, já não pode ser dissolvido, e que os unidos pelo matrimônio forma, por vontade de Deus, sociedade perpétua com vínculos tão íntimos que só a morte os pode dissolver. Tenham presente que o matrimônio pertence às coisas sagradas, e está sujeito à Igreja; tenham-se presentes as leis que sobre ele há ditado a Igreja; obedeçam-lhe santa e escrupulosamente, pois dela dependem a eficácia, força e justiça da união. Não admitam, de forma alguma, algo que esteja em oposição aos sagrados cânones ou aos decretos dos concílios, pois não desconhecem o mau resultado que necessariamente hão de acarretar as uniões que se fazem contra a disciplina da Igreja, sem implorar a proteção de Deus, somente por leviandade, sem pensar no sacramento e nem nos mistérios que nele são significados.

Condenação do indiferentismo religioso

9. Outra causa que tem acarretado muitos dos males que afligem a Igreja é o indiferentismo, ou seja, aquela perversa teoria espalhada por toda parte, graças aos enganos dos ímpios, e que ensina poder-se conseguir a vida eterna em qualquer religião, contanto que se amolde à norma do reto e honesto. Podeis, com facilidade, patentear à vossa grei esse erro tão execrável, dizendo o Apóstolo que há um só Deus, uma só fé e um só batismo (Ef 4, 5): entendam, portanto, os que pensam poder-se ir de todas as partes ao porto da Salvação que, segundo a sentença do Salvador, eles estão contra Cristo, já que não estão com Cristo (Lc 11,23), e os que não colhem com Cristo dispersam miseramente, pelo que perecerão infalivelmente os que não tiverem a fé católica e não a guardarem íntegra e sem mancha (Simbol. Sancti Athanasii); ouçam S. Jerônimo, do qual se

diz que quanto alguém tentara atraí-lo para a sua causa, dizia sempre com firmeza: O que está unido à Cátedra de Pedro é o meu (S. Hier., ep. 57). E nem alimentem ilusões porque estão batizados; a isto calha a resposta de Santo Agostinho que diz não perder o sarmento sua forma quando está amputado da vide; porém, de que lhe serve, se não tira sua vida da raiz? (In Ps. contra part. Donat.).

Delírio da liberdade de consciência

10. Dessa fonte lodosa do indiferentismo promana aquela sentença absurda e errônea, digo melhor disparate, que afirma e defende a liberdade de consciência. Este erro corrupto abre alas, escudado na imoderada liberdade de opiniões que, para confusão das coisas sagradas e civis, se estendo por toda parte, chegando a imprudência de alguém se asseverar que dela resulta grande proveito para a causa da religião. Que morte pior há para a alma, do que a liberdade do erro! dizia Santo Agostinho (Ep. 166). Certamente, roto o freio que mantém os homens nos caminhos da verdade, e inclinando-se precipitadamente ao mal pela natureza corrompida, consideramos já escancarado aquele abismo (Apoc 9,3) do qual, segundo foi dado ver a São João, subia fumaça que entenebrecia o sol e arrojava gafanhotos que devastavam a terra. Daqui provém a efervescência de ânimo, a corrupção da juventude, o desprezo das coisas sagradas e profanas no meio do povo; em uma palavra, a maior e mais poderosa peste da república, porque, segundo a experiência que remonta aos tempos primitivos, as cidade que mais floresceram por sua opulência, extensão e poderio sucumbiram, somente pelo mal da desbragada liberdade de opiniões, liberdade de ensino e ânsia de inovações.

Monstruosidade da liberdade de imprensa

11. Devemos tratar também neste lugar da liberdade de imprensa, nunca condenada suficientemente, se por ela se entende o direito de trazer-se à baila toda espécie de escritos, liberdade que é por muitos desejada e promovida. Horroriza-Nos, Veneráveis Irmãos, o considerar que doutrinas monstruosas, digo melhor, que um sem-número de erros nos assediam, disseminando-se por todas as partes, em inumeráveis livros, folhetos e artigos que, se insignificantes pela sua extensão, não o são certamente pela malícia que encerram, e de todos eles provém a maldição que com profundo pesar vemos espalhar-se por toda a terra. Há, entretanto, oh que dor! quem leve a ousadia a tal requinte, a ponto de afirmar intrepidamente que essa aluvião de erros que se está espalhando por toda parte é compensada por um ou outro livro que, entre tantos erros, se publica para defender a causa da religião. É por toda forma ilícito e condenado por todo direito fazer um mal certo e maior, com pleno conhecimento, só porque há esperança de um pequeno bem que daí resulte. Porventura dirá alguém que se podem e devem espalhar livremente venenos ativos, vendê-los publicamente e dá-los a tomar, porque pode acontecer que, quem os use, não seja arrebatado pela morte?

12. Foi sempre inteiramente distinta a disciplina da Igreja em perseguir a publicação de livros maus, desde o tempo dos Apóstolos, dos quais sabemos terem queimado publicamente muitos deles. Basta ler as leis que a respeito deu o V. Concílio de Latrão e a constituição que ao depois foi dada a público por Leão X, de feliz recordação, para que o que foi inventado para o progresso da fé e a propagação das belas artes não sirva de entrave e obstáculo aos Fiéis em Cristo (Act. Concílio Lateran. V, ses. 10; e Constituição Alexand. VI 'Inter multiplices').O mesmo procuraram os Padres de Trento que, para trazer remédio a tanto mal, publicaram um salubérrimo decreto para compor um índice de todos aqueles livros que, por sua má doutrina, deviam ser proibidos (Conc. Trid. sess. 18 e 25). Há que se lutar valentemente, disse Nosso predecessor Clemente XIII, de piedosa memória; há que se lutar com todas as nossas forças, segundo o exige a gravidade do assunto, para exterminar a mortífera praga de tais livros, pois o erro sempre procurará onde se fomentar, enquanto não perecerem no fogo esses instrumentos de maldade (Encíclica 'Christianae', 25 nov. 1776, sobre livros proibidos). Da constante solicitude que esta Sé Apostólica sempre revelou em condenar os livros suspeitos e daninhos, arrancando-os às suas mãos, deduzam, portanto, quão falsa, temerária e injuriosa à Santa Sé e fecunda em males gravíssimos para o povo cristão é aquela doutrina que, não contente com rechaçar tal censura de livros como demasiado grave e onerosa, chega até ao cúmulo de afirmar que se opõe aos princípios da reta justiça e que não está na alçada da Igreja decretá-la.

Condenação da rebeldia contra as legítimas autoridades

13. Mas, tendo sido divulgadas, em escritos que correm por todas as partes, certas doutrinas que lançam por terra a fidelidade e submissão que se devem aos príncipes, com o que se alenta o fogo da rebelião, deve-se vigiar atentamente para que os povos, enganados, não se afastem do caminho do bem. Saibam todos que, como disse o apóstolo, toda autoridade vem de Deus e todas as que existem foram ordenadas por Deus. Aquele, pois, que resiste à autoridade, resiste à ordem de Deus e se condena a si mesmo (Rom 13, 2). Portanto, os que com torpes maquinações de rebelião se subtraem à fidelidade que devem aos príncipes, querendo tirar-lhes a autoridade que possuem, ouçam como contra eles clamam todos os direitos divinos e humanos.

14. Não era este, certamente, o proceder dos primeiros cristãos, os quais, para obviar a tão grave falta, mesmo que em meio das terríveis perseguições suscitadas contra eles, se distinguiram por seu zelo em obedecer aos imperadores e em lutar pela integridade do império, como provaram, quer no pronto cumprimento de quanto lhes era ordenado (sempre que não se opusesse à sua fé de cristãos), quer vertendo seu sangue nas batalhas, pelejando contra os inimigos do império. Os soldados cristãos, diz Santo Agostinho, serviram fielmente aos imperadores infiéis, mas quando se tratava da causa de Cristo, outro imperador não reconheceram que o dos céus. Distinguiam o Senhor eterno do senhor temporal; e não obstante, pelo primeiro obedeciam ao segundo (In Ps. 124. n. 7.). Assim o entendia certamente o glorioso mártir S. Maurício, invicto chefe da legião Tebana, quando, segundo refere Euquério, disse ao seu imperador: Somos, ó imperador, teus soldados, mas também servos que com liberdade confessamos a Deus; vamos morrer, e não nos rebelamos; nas mãos temos nossas armas, e não resistimos porque antes de nos rebelarmos preferimos morrer (S. Eucher. apud Ruinart, Act. ss. mm. de Ss Maurit. et Soc., n. 4). E esta conduta dos primeiros cristão brilha com esplêndidos fulgores; pois é de se notar que, além da razão, não faltava aos cristãos, nem a força do número nem o esforço da valentia, se quisessem lutar contra seus inimigos. Somos de ontem, diz Tertuliano, e já ocupamos todas as vossas casas, cidades, ilhas, municípios, os mesmos acampamentos com suas tribos e decúrias, os palácios, o senado, o fórum... De que luta não seremos capazes, mesmo com forças inferiores, os que morremos tão alegremente, só porque em nossa disciplina é mais lícito morrer do que matar? Se, negando-vos a cooperação de nossas forças, nos retirássemos a um lugar distante da terra, a perda de tantos e tais cidadãos teria enfraquecido vosso domínio, digo melhor, quiçá o houvésseis perdido; não há duvidar que vos espantareis com vossa própria solidão... não encontrareis a quem comandar, teríeis mais inimigos que cidadãos; mas agora, ao contrário, deveis ao grande número dos cristãos o terdes menos inimigos (In apologet., cap. 37).

15. Estes exemplos preclaros de inquebrantável sujeição aos príncipes, baseados nos santíssimos preceitos da religião cristã, condenam a insolência e a gravidade dos que, instigados por torpe desejo de liberdade sem freios, outra coisa não se propõem do que calcar os direitos dos príncipes e reduzir os povos a mísera escravidão, enganando-os com aparências de liberdade. Este foi o objetivo dos valdenses, dos begardos, dos wiclefitas e de outros filhos de Belial que foram a desonra do gênero humano, tantas vezes anatematizados pela Sé Apostólica. Sem outro motivo senão o de se congratularem com Lutero por haver rompido todo vínculo de dependência, esses inovadores se esforçam audazmente por perpetrar as maiores maldades.

Males da separação da Igreja e do Estado

16. Mais grato não é também à religião e ao principado civil o que se pode esperar do desejo dos que procuram separar a Igreja e o Estado, e romper a mútua concórdia do sacerdócio e do império. Sabe-se, com efeito, que os amadores da falsa liberdade temeram ante a concórdia, que sempre produziu resultados magníficos, nas coisas sagradas e civis.

Liberdade do mal que certas associações apregoam

17. A muitas outras coisas de não pouca importância, que Nos trazem preocupado e enchem de dor, devem-se acrescer certas associações ou assembléias, as quais, confederando-se com sectários de qualquer religião, simulando sentimentos de piedade e afeto para com a religião, mas na verdade possuídas inteiramente do desejo de novidades e de promover sedições em toda parte, pregam liberdades de tal jaez, suscitam perturbações nas coisas sagradas e civis, desprezando qualquer autoridade, por mais santa que seja.

O remédio desses males está na palavra de Deus

18. Com o coração, pois, transido de tristeza, mas confiante inteiramente n'Aquele que manda aos ventos e acalma as tempestades, escrevemos estas coisas, Veneráveis Irmãos, para que, armados da couraça da fé, combatais galhardamente os combates do Senhor. É dever vosso manter dentro dos limites todo aquele que se levanta contra a ciência do Senhor. Pregai a palavra de Deus, para que tenham pasto saudável os que desejam a justiça; pois fostes eleitos para serdes cultivadores diligentes da vinha do Senhor; trabalhai, todos unidos, com empenho, para arrancar as más raízes do campo que vos foi confiado e para que, reprimido todo germe de vício, ali mesmo floresça copiosa a messe das virtudes. Abraçai, de modo especial, e com afeto paternal, aos que se dedicam à ciência sagrada e à filosofia, exortando-os e guiando-os a fim de que não aconteça que, estribando-se imprudentemente em suas forças, se afastem do caminho da verdade, para seguir as sendas dos ímpios. Entendam que Deus é Senhor da sabedoria e emendador dos sábios (Sab. 7, 15) e que é impossível compreender a Deus sem Deus (S. Irineu, lib. 14, cap. 10); Deus, que pelo Verbo ensina aos homens a conhecer Deus. É próprio de homens soberbos ou antes néscios querer sujeitar ao critério humano os mistérios da fé, que ultrapassam a capacidade humana, confiando unicamente em nossa razão, que por natureza é débil e fraca.

Os governantes devem auxiliar a Igreja

19. Finalmente, secundem os príncipes estes nossos santos desejos de feliz êxito das coisas sagradas e profanas com seu poder e autoridade, pois não a receberam somente para o governo temporal, mas também para a defesa e guarda da Igreja. Saibam que, quanto se faz em favor da Igreja, destina-se, ao mesmo tempo, ao bem-estar e à paz do império; convençam-se sempre mais que devem maior estima à causa da fé que à do reino, e que serão maiores se, segundo S. Leão, à sua coroa de reis se ajuntar a da fé. Já que tem sido constituídos como pais e tutores dos povos, proporcionar-lhes-ão verdadeira felicidade e tranqüilidade, se dirigirem seus cuidados especialmente para conservar incólume a religião daquele Senhor, cujo poder está expressado naquela passagem do salmo: Rei dos reis e Senhor dos que dominam.

Esperança em Maria

20. E para que todos estes desejos se realizem propícia e felizmente, elevemos nossos olhares e mãos à Santíssima Virgem Maria, a única que destruiu todas as heresias e constitui a nossa maior esperança (S. Bernardo, sem. De nativitate B. M. V., 57). Peça Ela mesma, com sua intercessão poderosa, para que nossos desejos, conselhos e ações sejam coroados do êxito mais feliz, nesta grande necessidade do povo cristão. Peçamos humildemente aos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo o dom de permanecermos firmes e constantes em não permitir e nem querer outro fundamento que aquele sobre o qual estamos cimentados. Apoiado nesta doce esperança, esperamos que o autor e consumador da fé, Cristo Jesus, nos consolará nestas grandes tribulações, e, em penhor do divino auxílio, damo-vos, Veneráveis Irmãos, e às ovelhas que vos foram confiadas, a Benção Apostólica.

Dada em Roma, em Santa Maria Maior, dia da Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria, 14 de Agosto do ano do Senhor de 1832, segundo de Nosso Pontificado.

Gregório XVI, PAPA.

Carta encíclica do Papa Pio IX

promulgada em 8 de dezembro de 1864

Com quanto cuidado e pastoral vigilância cumpriram em todo tempo os Romanos Pontífices, Nossos Predecessores, a missão a eles confiada pelo próprio Cristo Nosso Senhor, na pessoa de São Pedro, Príncipe dos Apóstolos - com o encargo de apascentar as ovelhas e os cordeiros, já nutrindo a toda a grei do Senhor com os ensinamentos da fé, já imbuindo-a com doutrinas sadias e apartando-a dos pastos envenenados -, de todos, mas muito especialmente de vós, Veneráveis Irmãos, é perfeitamente conhecido e sabido. Porque, na verdade, Nossos Predecessores, defensores e vindicadores da sacrossanta religião católica, da verdade e da justiça, plenos de solicitude pelo bem das almas de modo extraordinário, nada cuidaram tanto como descobrir e condenar com suas Cartas e Constituições, plenas de sabedoria, todas as heresias e erros que, contrários a nossa fé divina, a doutrina da Igreja católica, a honestidade dos costumes e a eterna salvação dos homens, levantaram com freqüência graves tormentas, e trouxeram lamentáveis ruínas sobre a Igreja como também sobre a própria sociedade civil. Por isso, Nossos Predecessores, com apostólica fortaleza resistiram sem cessar às iníquas maquinações dos malvados que, lançando como as ondas do feroz mar a espuma de suas conclusões, e prometendo liberdade, quando na realidade eram escravos do mal, trataram com suas enganosas opiniões e com seus escritos perniciosos de destruir os fundamentos da ordem religiosa e da ordem social, de retirar do meio toda virtude e justiça, de perverter todas as almas, de separar os incautos - e, sobre tudo, a inexperiente juventude - da reta norma dos costumes sadios, corrompendo-a miseravelmente, para enredá-la nas armadilhas do erro e, por último, arrancá-la do seio da Igreja católica.

2. Por isso, como bem o sabeis, Veneráveis Irmãos, apenas Nós, por um secreto desígnio da Divina Providência, mas sem mérito nenhum Nosso, fomos elevados a esta Cátedra de Pedro; ao ver, com profunda dor de Nosso coração, a horrorosa tormenta levantada por tantas opiniões perversas, assim como ao examinar os danos tão graves como dignos de lamentar com que tais erros afligiam o povo cristão; por dever de Nosso apostólico ministério, e seguindo os passos ilustres de Nossos Predecessores, levantamos Nossa voz, e por meio de várias Cartas encíclicas divulgadas pela imprensa e com as Alocuções contidas no Consistório, assim como por outros Documentos apostólicos, condenamos os erros principais de nossa época tão desgraçada, excitamos vossa exímia vigilância episcopal, e com todo Nosso poder avisamos e exortamos a Nossos caríssimos filhos para que abominassem tão horrendas doutrinas e não se contagiassem delas. E especialmente em Nossa primeira Encíclica, de 9 de novembro de 1846 a vós dirigida, e nas Alocuções consistoriais, de 9 de dezembro de 1854 e de 9 de junho de 1862, condenamos as monstruosas opiniões que, com grande dano das almas e detrimento da própria sociedade civil, hoje em dia imperam; erros que não só tratam de arruinar a Igreja católica, com sua saudável doutrina e seus direitos sacrossantos, mas também a própria eterna lei natural gravada por Deus em todos os corações e ainda a reta razão. São esses os erros, dos quais se derivam quase todos os demais.

3. Mas, embora não temos deixado Nós de proscrever e condenar estes tão importantes erros, sem embargo, a causa da Igreja católica e a salvação das almas de Deus Nos há confiado, e até o próprio bem comum exigem imperiosos que de novo excitemos vossa pastoral solicitude para combater outras depravadas opiniões que também se derivam daqueles erros como de sua fonte. Opiniões falsas e perversas, que tanto mais se hão de detestar quanto que tendem a impedir e ainda suprimir o poder saudável que até o final dos séculos deve exercer livremente a Igreja católica por instituição e mandato de seu divino Fundador, sobre os homens em particular e também sobre as nações, povos e governantes supremos; erros que tratam, igualmente, de destruir a união e a mútua concórdia entre o Sacerdócio e o Império, que sempre foi tão proveitosa para a Igreja, como para o próprio Estado [1].

Sabeis muito bem, Veneráveis Irmãos, que em nosso tempo há não poucos que, aplicando à sociedade civil o ímpio e absurdo princípio chamado de naturalismo, atrevem-se a ensinar "que a perfeição dos governos e o progresso civil exigem imperiosamente que a sociedade humana se constitua e se governe sem preocupar-se em nada com a religião, como se esta não existisse, ou, pelo menos, sem fazer distinção nenhuma entre a verdadeira religião e as falsas". E, contra a doutrina da Sagrada Escritura, da Igreja e dos Santos Padres, não

duvidam em afirmar que "a melhor forma de governo é aquela em que não se reconheça ao poder civil a obrigação de castigar, mediante determinadas penas, os violadores da religião católica, senão quando a paz pública o exija". E com esta idéia do governo social, absolutamente falsa, não hesitam em consagrar aquela opinião errônea, em extremo perniciosa à Igreja católica e à saúde das almas, chamada por Gregório XVI, Nosso Predecessor, de feliz memória., loucura [2], isto é, que "a liberdade de consciências e de cultos é um direito próprio de cada homem, que todo Estado bem constituído deve proclamar e garantir como lei fundamental, e que os cidadãos têm direito à plena liberdade de manifestar suas idéias com a máxima publicidade - seja de palavra, seja por escrito, seja de outro modo qualquer -, sem que autoridade civil nem eclesiástica alguma possam reprimir em nenhuma forma". Ao sustentar afirmação tão temerária, não pensam nem consideram que com isso pregam a liberdade de perdição [3], e que, se se dá plena liberdade para a disputa dos homens, nunca faltará quem se atreva a resistir à Verdade, confiado na loquacidade da sabedoria humana mas Nosso Senhor Jesus Cristo mesmo ensina como a fé e a prudência cristã hão de evitar esta vaidade tão danosa [4].

4. E, quando na sociedade civil é desterrada a religião e ainda repudiada a doutrina e autoridade da mesma revelação, também se obscurece e até se perde a verdadeira idéia da justiça e do direito, em qual lugar triunfam a força e a violência, claramente se vê por que certos homens, depreciando em absoluto e desejando a um lado os princípios mais firmes da sã razão, se atrevem a proclamar que "a vontade do povo manifestada pela chamada opinião pública ou de outro modo, constitui uma suprema lei, livre de todo direito divino ou humano; e que na ordem política os fatos consumados, pelo mesmo que são consumados, têm já valor de direito". Mas, quem não vê e não sente claramente que uma sociedade, subtraída as leis da religião e da verdadeira justiça, não pode ter outro ideal que acumular riquezas, nem seguir mais lei, em todos seus atos, que um insaciável desejo de satisfazer a concupiscência indomável do espírito servindo tão somente a seus próprios prazeres e interesses? Por isso, esses homens, com ódio verdadeiramente cruel, perseguem as Ordens religiosas, tão beneméritas da sociedade cristã, civil e até literária, e gritam blasfêmias que aquelas não têm razão alguma de existir, fazendo assim eco dos erros dos hereges. Como sabiamente ensinou Nosso Predecessor de feliz e recente memória Pio VI, "a abolição das religiões prejudica o estado de pública profissão dos conselhos evangélicos, tão recomendada na vida da Igreja, em consonância com a doutrina apostólica, e condena os próprios fundadores que veneramos nos altares, os quais, inspirados por Deus, formaram suas próprias religiões" [5]. Levam sua impiedade a proclamar que se deve retirar à Igreja e aos fiéis a faculdade de "distribuir caritativamente esmola em público", e que deve "abolir-se a lei proibitiva, em determinados dias, das obras servis, para dar culto a Deus": com suma falácia pretendem que aquela faculdade e esta lei "estão em oposição aos postulados de uma verdadeira economia política". E, não contentes com que a religião seja afastada da sociedade, querem também arrancá-la da própria vida familiar.

5. Apoiando-se no funestíssimo erro do comunismo e socialismo, asseguram que "a sociedade doméstica deve toda sua razão de ser somente ao direito civil e que, por tanto, somente da lei civil se derivam e dependem todos os direitos dos pais sobre os filhos e, sobretudo, do direito da instrução e da educação". Com essas máximas tão ímpias como suas tentativas, não intentam esses homens tão falazes senão subtrair, por completo, a saudável doutrina e influência da Igreja à instrução e educação da juventude, para assim infeccionar e depravar miseravelmente as ternas e inconstantes almas dos jovens com os erros mais perniciosos e com toda sorte de vícios. Com efeito; todos quantos maquinavam perturbar a Igreja ou o Estado, destruir a reta ordem da sociedade, e assim suprimir todos os direitos divinos e humanos, dirigiram seu empenho e esforços no intuito e enganar e depravar, como já fizemos anotar, a juventude, em cuja corrupção depuseram toda a sua esperança. Esta é a razão por que o clero - secular e regular - apesar dos encendidos elogios que um e outro tem merecido em todos os tempos, como o testemunham os mais antigos documentos históricos, assim na ordem religiosa como no civil e literário, é objeto de suas mais nefandas perseguições; e andam dizendo que esse Clero "por ser inimigo da verdade, da ciência e do progresso deve ser apartado de toda ingerência na instrução da juventude".

6. Por outro lado, renovando os erros, tantas vezes condenados, dos protestantes, atrevem-se a dizer, sem vergonha nenhuma, que a suprema autoridade da Igreja e desta Sé Apostólica, que outorgou Nosso Senhor Jesus Cristo, depende em absoluto da autoridade civil; negam à própria Sé Apostólica e à Igreja todos os

direitos que tem nas coisas que se referem à ordem exterior. Nem se pejam de afirmar que "as leis da Igreja não obrigam a consciência, senão se promulgada pela autoridade civil; que os documentos e os decretos dos Romanos Pontífices, até os tocantes à Igreja, necessitam da sanção e aprovação - ou pelo menos do assentimento- do poder civil; que as Constituições apostólicas [6] - pelos que se condenam as sociedades clandestinas ou aquelas em que se exige o juramento de manter o secreto, e que se excomungam seus adeptos e fautores- não têm força nenhuma naqueles países onde vivem toleradas pela autoridade civil; que a excomunhão lançada pelo Concílio de Trento e pelos Romanos Pontífices contra os invasores e usurpadores dos direitos e bens da Igreja, apoia-se numa confusão da ordem espiritual com o civil e político, e que não tem outra finalidade que promover interesses mundanos; que a Igreja nada deve mandar que obrigue a as consciências dos fiéis na ordem ao uso das coisas temporais; que a Igreja não tem direito de castigar com penas temporais os que violam suas leis; que é conforme a Sagrada Teologia e aos princípios do Direito público que a propriedade dos bens possuídos pelas Igrejas, Ordens religiosas e outros lugares piedosos, há de atribuir-se e vindicar-se para a autoridade civil". Não se pejam de confessar aberta e publicamente o herético princípio, de que nascem tão perversos erros e opiniões, isto é, "que o poder da Igreja não é por direito divino distinta e independente do poder civil, e que tal distinção e independência não se podem guardar sem que sejam invadidos e usurpados pela Igreja os direitos essenciais do poder civil". Nem podemos passar em silêncio a audácia de quem, não podendo tolerar os princípios da sã doutrina, pretendem "que aos juízos e decretos da Sé Apostólica, que têm por objeto o bem geral da Igreja, e seus direitos e sua disciplina, enquanto não toquem os dogmas da fé e dos costumes, se pode negar assentimento e obediência, sem pecado e sem nenhuma violação da fé católica". Esta pretensão é tão contrária ao dogma católico do pleno poder divinamente dado pelo próprio Cristo Nosso Senhor ao Romano Pontífice para apascentar, reger e governar a Igreja, que não há quem não o veja e entenda clara e abertamente.

7. Em meio de esta tão grande perversidade de opiniões depravadas, Nós, com plena consciência de Nossa missão apostólica, e com grande solicitude pela religião, pela sã doutrina e pela saúde das almas a Nos divinamente confiadas, assim como até pelo próprio bem da sociedade humana, temos julgado necessário levantar de novo Nossa voz apostólica. Portanto, todas e cada uma das perversas opiniões e doutrinas determinadamente especificadas nesta Carta, com Nossa autoridade apostólica as reprovamos, proscrevemos e condenamos; e queremos e mandamos que todas elas sejam tidas pelos filhos da Igreja como reprovadas, proscritas e condenadas.

8. A par disso, bem sabeis, Veneráveis Irmãos, como hoje esses inimigos de toda verdade e de toda justiça, adversários encarniçados de nossa santíssima Religião, por meio de venenosos livros, libelos e periódicos, espalhados por todo o mundo, enganam os povos, mentem maliciosamente e propagam outras doutrinas ímpias, das mais variadas espécies.

9. Não ignorais que também se encontram em nosso tempo aqueles que, movidos pelo espírito de Satanás e incitados por ele, chegam a tal impiedade que não temem atacar o próprio Rei Senhor Nosso Jesus Cristo, negando sua divindade com frases insolentes e criminosas. E aqui não podemos deixar de louvar, Veneráveis Irmãos, vosso zelo, pois contínua e esforçadamente haveis alçado vossa voz contra tanta impiedade.

10. Assim, pois, com esta Nossa carta de novo falamos a vós que, chamados a participar de Nossa solicitude pastoral, Nos servis - em meio de Nossas grandes dores- de consolo, alegria e ânimo, pela excelsa religiosidade e piedade que os distinguem, assim como pelo admirável amor, fidelidade e devoção com que, em união íntima e cordial conosco e com esta Sé Apostólica, os consagrais a levar a pesada carga de vosso gravíssimo ministério episcopal. Na verdade que de vosso excelente zelo pastoral esperamos que, empunhando a espada do espírito - a palavra de Deus - e confortados com a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, redobrais vossos esforços e cada dia trabalheis mais ainda para que todos os fiéis confiados a vosso cuidado se abstenham das más ervas, que Jesus Cristo não cultiva porque não são plantação do Pai [7]. E não deixeis de inculcar sempre aos próprios fiéis que toda a verdadeira felicidade humana provém de Nossa augusta religião e de sua doutrina e exercício; que é feliz aquele povo, cujo Senhor é seu Deus [8]. Ensinai que os reinos subsistem [9] apoiados no fundamento da fé católica, e que nada há tão mortífero e tão perto do precipício, tão exposto a todos os perigos, como pensar que, podendo bastar-nos a nós mesmos pelo livre arbítrio recebido ao nascer, por isso, nada mais temos de pedir a Deus: isto é, esquecemos de Nosso Criador e

abjurar seu poderio, para assim mostrarmos plenamente livres [10]. Tampouco omitais o ensinamento que a potestade real não se deu somente para governo do mundo, senão também e sobretudo para a defesa da Igreja [11]; e que nada há o que possa dar maior proveito e glória aos reis e príncipes como deixar que a Igreja católica ponha em prática suas próprias leis e não permitir que nada se oponha a sua liberdade, segundo ensinava outro sapientíssimo e fortíssimo Predecessor Nosso, São Félix quando inculcava ao imperador Zenão. Pois certo é que, ao se tratar das causas de Deus, é bom que em tudo isso a vontade régia se esforce em submeter-se aos sacerdotes de Cristo e não antepor-se aos mesmos, segundo o que o próprio Deus há determinado [12].

11. Mas, se sempre foi necessário, Veneráveis Irmãos, agora de modo especial, no meio de tão grandes calamidades para a Igreja e para a sociedade civil, no meio de tão grande conspiração de inimigos contra o catolicismo e esta Sé Apostólica, entre acúmulo tão grande de erros, é absolutamente indispensável que recorramos confiados ao Trono da graça para conseguir misericórdia e encontrar a graça com o oportuno auxílio.

Pelo qual queremos excitar a devoção de todos os fiéis, para que, junto com Nós e com Vós, no fervor e humildade das orações, roguem e supliquem incessantemente ao clementíssimo Pai das luzes e da misericórdia; e com plena fé recorram sempre a Nosso Senhor Jesus Cristo, que para Deus nos redimiu com seu Sangue; e com fervor peçam continuamente a seu Coração dulcíssimo, vítima de sua ardente caridade conosco, para que com os motivos de seu amor todo nos atraia até si, de sorte que inflamados todos os homens em seu amor santíssimo caminhem retamente segundo seu Coração, agradando a Deus em todo e frutificando em toda boa obra. E sendo, indubitavelmente, mais gratas a Deus as orações dos homens, quando esses recorrem a Ele com alma limpa de toda impureza, temos determinado abrir com Apostólica liberalidade aos fiéis cristãos os celestiais tesouros da Igreja confiados ao Nosso cuidado, a fim de que os próprios fiéis, mais fervorosamente abrasados na verdadeira piedade e purificados pelo sacramento da Penitência das manchas de seus pecados, com maior confiança dirijam a Deus suas orações e consigam sua graça e sua misericórdia.

12. Por meio, pois, destas Letras, com Nossa Autoridade Apostólica, a todos e a cada um dos fiéis do mundo católico, de um e de outro sexo, concedemos a Indulgência Plenária em forma de Jubileu, tão somente por espaço de um mês, até terminar o próximo ano de 1865, e não mais, na forma que determineis vós Veneráveis Irmãos, e os demais legítimos Ordinários, segundo o modo e maneira com que no começo de Nosso Pontificado o concedemos por Nossas Letras apostólicas em forma de Breve, dadas no dia 20 de novembro do ano de 1846, enviadas a todos os Bispos, Arcano Divinae Providentiae consilio, e com todas as faculdades que Nós por meio daquelas Letras concedíamos. E queremos que se guardem todas as prescrições dessas ditas Letras, e se excetue o que declaramos excetuado. O qual concedemos, não obstante qualquer coisa em contrário, até as dignas de especial e individual menção e derrogação. E a fim de que desapareça toda dúvida e dificuldade, temos ordenado que se os mandem cópias de ditas letras. Roguemos - Veneráveis Irmãos- do fundo de nosso coração e com toda a alma a misericórdia de Deus, porque Ele mesmo disse: "Não afastarei deles a minha misericórdia". Peçamos e receberemos; e se o auxílio se fizer esperar, pensemos que temos pecado gravemente; chamemos, porque a porta será aberta ao que chamar, contanto que se bata a porta com orações, com gemidos e com lágrimas, insistindo nós e perseverando; e que seja unânime Nossa oração. Cada um rogue a Deus não somente por si mesmo, mas também por todos os Irmãos, como o Senhor nos ensinou a rezar [13]. E para que o Senhor conceda mais facilmente as nossas orações e as vossas e as de todos os fiéis, ponhamos por intercessora junto a Ele, com toda confiança, a Imaculada e Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, que aniquilou todas as heresias no mundo, e que, Mãe amantíssima de todos nós, é toda doce... e plena de misericórdia..., a todos se oferece propicia e a todos clementíssima; e com singular amor amplíssimo tem compaixão das necessidades de todos [14], e como Reina que está a direita de seu Unigênito Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, com manto de ouro e adornada com todas as graças, nada há que Ela não possa obter Dele Peçamos também o auxilio do beatíssimo Pedro, Príncipe dos Apóstolos e de seu co-apóstolo Paulo e de todos os Santos que, amigos de Deus, já chegaram ao reino celestial e coroados possam a palma, e que, seguros de sua imortalidade, estão solícitos por Nossa salvação.

Finalmente, pedindo a Deus de todo coração para Vós a abundância de suas graças celestiais, como prenda de Nossa singular benevolência, com todo amor os damos do íntimo de Nosso coração Nossa Apostólica Benção, a vós mesmos, Veneráveis Irmãos, e a todos os clérigos e fiéis confiados a vossos cuidados.

Dado em Roma, junto a São Pedro, em 8 de dezembro de 1864, dez anos depois da definição dogmática da Imaculada Conceição da Virgem Mãe de Deus, décimo nono ano de Nosso Pontificado.

Papa Pio IX

Notas

[1] Gregor. XVI, enc. Mirari 15 ag. 1852.

[2] Ibid.

[3] S. Aug., Ep. 105 (al. 166).

[4] S. Leo M., Ep. 14 (al 133) **** 2, edit. Ball.

[5] Ep. ad Card. De a Rochefoucault, 10 mart. 1791.

[6] Clenent. XII In eninenti; Bened. XIV Providas Romanorum; Pii VII

Ecclesiam; Leon XII Qua graviora.

[7] S. Ignatius M. ad Phiadoph., 3.

[8] Ps. 143.

[9] S. Caelest., Ep. 22 ad Sen. Ephes. apud Coust., 1200.

[10] S. Innocent. I, Ep. 29 ad episc. comc. Carthag. apud Coust., 891.

[11] S. Leo, Ep. 156 (al. 125).

[12] Pii VII enc. Diu satis 15 maii 1800.

[13] S. Ceprian., Ep. 11.

[14] S. Bernard. Sermo de duodecim praerogativis B.M.V. ex verbis Apocalep.

Carta Encíclica aos Rev.mos Senhores Padres Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinários dos lugares em paz e união com a Sé Apostólica:

Veneráveis irmãos,

Saúde e Bênção Apostólica.

1. Ânsia universal de paz e fraternidade

Talvez jamais em uma outra época os espíritos dos mortais foram tomados por um tão grande desejo daquela fraterna amizade, pela qual em razão da unidade e identidade de natureza – somos estreitados e unidos entre nós, amizade esta que deve ser robustecida e orientada para o bem comum da sociedade humana, quanto vemos ter acontecido nestes nossos tempos.

Pois, embora as nações ainda não usufruam plenamente dos benefícios da paz, antes, pelo contrário, em alguns lugares, antigas e novas discórdias vão explodindo em sedições e em conflitos civis; como não é possível, entretanto, que as muitas controvérsias sobre a tranquilidade e a prosperidade dos povos sejam resolvidas sem que exista a concórdia quanto à ação e às obras dos que governam as Cidades e administram os seus negócios; compreende-se facilmente (tanto mais que já ninguém discorda da unidade do gênero humano) porque, estimulados por esta irmandade universal, também muitos desejam que os vários povos cada dia se unam mais estreitamente.

2. A Fraternidade na religião. Congressos ecumênicos

Entretanto, alguns lutam por realizar coisa não dissemelhante quanto à ordenação da Lei Nova trazida por Cristo, Nosso Senhor.

Pois, tendo como certo que rarissimamente se encontram homens privados de todo sentimento religioso, por isto, parece, passaram a Ter a esperança de que, sem dificuldade, ocorrerá que os povos, embora cada um sustente sentença diferente sobre as coisas divinas, concordarão fraternalmente na profissão de algumas doutrinas como que em um fundamento comum da vida espiritual.

Por isto costumam realizar por si mesmos convenções, assembléias e pregações, com não medíocre frequência de ouvintes e para elas convocam, para debates, promiscuamente, a todos: pagãos de todas as espécies, fiéis de Cristo, os que infelizmente se afastaram de Cristo e os que obstinada e pertinazmente contradizem à sua natureza divina e à sua missão.

3. Os Católicos não podem aprová-lo

Sem dúvida, estes esforços não podem, de nenhum modo, ser aprovados pelos católicos, pois eles se fundamentam na falsa opinião dos que juogam que quaisquer religiões são, mais ou menos, boas e louváveis, pois, embora não de uma única maneira, elas alargam e significam de modo igual aquele sentido ingênito e nativo em nós, pelo qual somos levados para Deus e reconhecemos obsequiosamente o seu império.

Erram e estão enganados, portanto, os que possuem esta opinião: pervertendo o conceito da verdadeira religião, eles repudiam-na e gradualmente inclinam-se para o chamado Naturalismo e para o Ateísmo. Daí segue-se claramente que quem concorda com os que pensam e empreendem tais coisas afasta-se inteiramente da religião divinamente revelada.

4. Outro erro. A união de todos os cristãos. Argumentos falazes

Entretanto, quando se trata de promover a unidade entre todos os cristãos, alguns são enganados mais facilmente por uma disfarçada aparência do que seja reto.

Acaso não é justo e de acordo com o dever – costumam repetir amiúde – que todos os que invocam o nome de Cristo se abstenham de recriminações mútuas e sejam finalmente unidos por mútua caradade?

Acaso alguém ousaria afirmar que ama a Cristo se, na medida de suas forças, não procura realizar as coisas que Ele desejou, ele que rogou ao Pai para que seus discípulos fossem "UM" (Jo 17,21)?

Acaso não quis o mesmo Cristo que seus discípulos fossem identificados por este como que sinal e fossem por ele distinguidos dos demais, a saber, se mutuamente se amassem: "Todos conhecerão que sois meus discípulos nisto: se tiverdes amor um pelo outro?" (Jo 13,35).

Oxalá todos os cristão fossem "UM", acrescentam: eles poderiam repelir muito melhor a peste da impiedade que, cada dia mais, se alastra e se expande, e se ordena ao enfraquecimento do Evangelho.

5. Debaixo desses argumentos se oculta um erro gravíssimo

Os chamados "pancristãos" espalham e insuflam estas e outras coisas da mesma espécie. E eles estão tão longe de serem poucos e raros mas, ao contrário, cresceram em fileiras compactas e uniram-se em sociedades largamente difundidas, as quais, embora sobre coisas de fé cada um esteja imbuído de uma doutrina diferente, são, as mais das vezes, dirigidas por acatólicos.

Esta iniciativa é promovida de modo tão ativo que, de muitos modos, consegue para si a adesão dos cidadão e arrebata e alicia os espíritos, mesmo de muitos católicos, pela esperança de realizar uma união que parecia de acordo com os desejos da Santa Mãe, a Igreja, para Quem, realmente, nada é tão antigo quanto o reconvocar e o reconduzir os filhos desviados para o seu grêmio.

Na verdade, sob os atrativos e os afagos destas palavras oculta-se um gravíssimo erro pelo qual são totalmente destruídos os fundamentos da fé.

6. A verdadeira norma nesta matéria

Advertidos, pois, pela consciência do dever apostólico, para que não permitamos que o rebanho do Senhor seja envolvido pela nocividade destas falácias, apelamos, veneráveis irmãos, para o vosso empenho na precaução contra este mal. Confiamos que, pelas palavras e escritos de cada um de vós, poderemos atingir mais facilmente o povo, e que os princípios e argumentos, que a seguir proporemos, sejam entendidos por ele pois, por meio deles, os católicos devem saber o que devem pensar e praticar, dado que se trata de iniciativas que dizem respeitos a eles, para unir de qualquer maneira em um só corpo os que se denominam cristãos.

7. Só uma Religião pode ser verdadeira: a revelada por Deus

Fomos criados por Deus, Criador de todas as coisas, para este fim: conhecê-lO e serví-lO. O nosso Criador possui, portanto, pleno direito de ser servido.

Por certo, poderia Deus Ter estabelecido apenas uma lei da natureza para o governo do homem. Ele, ao criá-lo, gravou-a em seu espírito e poderia portanto, a partir daí, governar os seus novos atos pela providência ordinária dessa mesma lei. Mas, preferiu dar preceitos aos quais nós obedecêssemos e, no decurso dos tempos, desde os começos do gênero humano até a vinda e a pregação de Jesus Cristo, Ele próprio ensinou ao homem, naturalmente dotado de razão, os deveres que dele seriam exigidos para com o Criador: "Em muitos lugares e de muitos modos, antigamente, falou Deus aos nossos pais pelos profetas; ultimamente, nestes dias, falou-nos por seu Filho" (Heb 1,1 Seg).

Está, portanto, claro que a religião verdadeira não pode ser outra senão a que se funda na palavra revelada de Deus; começando a ser feita desde o princípio, essa revelação prosseguiu sob a Lei Antiga e o próprio crisot completou-a sob a Nova Lei.

Portanto, se Deus falou – e comprova-se pela fé histórica Ter ele realmente falado – não há quem não veja ser dever do homem acreditas, de modo absoluto, em deus que se revela e obedecer integralmente a Deus que impera. Mas, para a glória de Deus e para a nossa salvação, em relação a uma coisa e outra, o Filho Unigênito de Deus instituiu na terra a sua Igreja.

8. A única religião revelada é a Igreja Católica

Acreditamos, pois, que os que afirma serem cristão, não possam fazê-lo sem crer que uma Igreja, e uma só, foi fundada por Cristo. Mas, se se indaga, além disso, qual deva ser ela pela vontade do seu Autor, já não estão todos em consenso.

Assim, por exemplo, muitíssimos destes negam a necessidade da Igreja de Cristo ser visível e perceptível, pelo menos na medida em que deva aparecer como um corpo único de fiéis, concordes em uma só e mesma doutrina, sob um só magistério e um só regime. Mas, pelo contrário, julgam que a Igreja perceptível e visível é uma Federação de várias comunidades cristãs, embora aderentes, cada uma delas, a doutrinas opostas entre si.

Entretanto, cristo Senhor instituiu a sua Igreja como uma sociedade perfeita de natureza externa e perceptível pelos sentidos, a qual, nos tempos futuros, prosseguiria a obra da reparação do gênero humano pela regência de uma só cabeça (Mt 16,18 seg.; Lc 22,32; Jo 21,15-17), pelo magistério de uma voz viva (Mc 16,15) e pela dispensação dos sacramentos, fontes da graça celeste (Jo 3,5; 6,48-50; 20,22 seg.; cf. Mt 18,18; etc.). Por esse motivo, por comparações afirmou-a semelhante a um reino (Mt, 13), a uma casa (Mt 16,18), a um redil de ovelhas (Jo 10,16) e a um rebanho (Jo 21,15-17).

Esta Igreja, fundada de modo tão admirável, ao Lhe serem retirados o seu Fundador e os Apóstolos que por primeiro a propagaram, em razão da morte deles, não poderia cessar de existir e ser extinta, uma vez que Ela era aquela a quem, sem nenhuma discriminação quanto a lugares e a tempos, fora dado o preceito de conduzir todos os homens à salvação eterna: "Ide, pois, ensinai a todos os povos" (Mt 28,19).

Acaso faltaria à Igreja algo quanto à virtude e eficácia no cumprimento perene desse múnus, quando o próprio Cristo solenemente prometeu estar sempre presente a ela: "Eis que Eu estou convosco, todos os dias, até a consumação dos séculos?" (Mt 28,20).

Deste modo, não pode ocorrer que a Igreja de Cristo não exista hoje e em todo o tempo, e também que Ela não exista hoje e em todo o tempo, e também que Ela não exista como inteiramente a mesma que existiu à época dos Apóstolos. A não ser que desejemos afirmar que: Cristo Senhor ou não cumpriu o que propôs ou que errou ao afirmar que as portas do inferno jamais prevaleceriam contra Ela (Mt 16,18).

9. Um erro capital do movimento ecumênico na pretendida união das igrejas cristãs

Ocorre-nos dever esclarecer e afastar aqui certa opinião falsa, da qual parece depender toda esta questão e proceder essa múltipla ação e conspiração dos acatólicos que, como dissemos, trabalham pela união das igrejas cristãs.

Os autores desta opinião acostumaram-se a citar, quase que indefinidamente, a Cristo dizendo: "Para que todos sejam um"... "Haverá um só rebanho e um só Pastos"(Jo 27,21; 10,16). Fazem-no todavia de modo que, por essas palavras, queriam significar um desejo e uma prece de cristo ainda carente de seu efeito.

Pois opinam: a unidade de fé e de regime, distintivo da verdadeira e única Igreja de Cristo, quase nunca existiu até hoje e nem hoje existe; que ela pode, sem dúvida, ser desejada e talvez realizar-se alguma vez, por uma inclinação comum das vontades; mas que, entrementes, deve existir apenas uma fictícia unidade.

Acrescentam que a Igreja é, por si mesma, por natureza, dividida em partes, isto é, que ela consta de muitas igreja ou comunidades particulares, as quais, ainda separadas, embora possuam alguns capítulos comuns de doutrina, discordam todavia nos demais. Que cada uma delas possui os mesmos direitos, Que, no máximo, a

Igreja foi única e una, da época apostólica até os primeiros concílios ecumênicos.

Assim, dizem, é necessários colocar de lado e afastar as controvérsias e as antiquíssimas variedade de sentenças que até hoje impedem a unidade do nome cristão e, quanto às outras doutrinas, elaborar e propor uma certa lei comum de crer, em cuja profissão de fé todos se conhecam e se sintam como irmãos, pois, se as múltiplas igrejas e comunidades forem unidas por um certo pacto, existiria já a condição para que os progessos da impiedade fossem futuramente impedidos de modo sólido e frutuoso.

Estas são, Veneráveis Irmãos, as afirmações comuns.

Existem, contudo, os que estabelecem e concedem que o chamado Protestantismo, de modo bastante inconsiderado, deixou de lado certos capítulos da fé e alguns ritos do culto exterior, sem dúvida gratos e úteis, que, pelo contrário, a Igreja Romana ainda conserva.

Mas, de imediato, acrescentam que esta mesma Igreja também agiu mal, corrompendo a religião primitiva por algumas doutrinas alheias e repugnantes ao Evangelho, propondo acréscimos para serem cridos: enumeram como o principal entre estes o que versa sobre o Primado de Jurisdição atribuído a Pedro e a seus Sucessores na Sé Romana.

Entre os que assim pensam, embora não sejam muitos, estão os que indulgentemente atribuem ao Pontífice Romano um primado de honra ou uma certa jurisdição e poder que, entretanto, julgam procedente não do direito divino, mas de certo consenso dos fiéis. Chegam outros ao ponto de, por seus conselhos, que diríeis serem furta-cores, quererem presidir o próprio Pontífice.

E se é possível encontrar muitos acatólicos pregando à boca cheia a união fraterna em Jesus Cristo, entretanto não encontrareis a nenhum deles em cujos pensamentos esteja a submissão e a obediência ao Vigário de Jesus Cristo enquanto docente ou enquanto governante.

Afirmam eles que tratariam de bom grado com a Igreja Romana, mas com igualdade de direitos, isto é, iguais com um igual. Mas, se pudessem fazê-lo, não parece existir dúvida de que agiriam com a intenção de que, por um pacto que talvez se ajustasse, não fossem coagidos a afastarem-se daquelas opiniões que são a causa pela qual ainda vagueiem e errem fora do único aprisco de Cristo.

10. A Igreja Católica não pode participar de semelhantes reuniões

Assim sendo, é manifestamente claro que a Santa Sé, não pode, de modo algum, participar de suas assembléias e que, aos católicos, de nenhum modo é lícito aprovar ou contribuir para estas iniciativas: se o fizerem concederão autoridade a uma falsa religião cristã, sobremaneira alheia à única Igreja de Cristo.

11. A verdade revelada não admite transações

Acaso poderemos tolera – o que seria bastante iníquo - , que a verdade e , em especial a revelada, seja diminuída através de pactuações?

No caso presente, trata-se da verdade revelada que deve ser defendida.

Se Jesus Cristo enviou os Apóstolos a todo o mundo, a todos os povos que deviam ser instruídos na fé evangélica e, para que não errassem em nada, quis que, anteriormente, lhes fosse ensinada toda a verdade pelo Espírito Santo, acaso esta doutrina dos Apóstolos faltou inteiramente ou foi alguma vez perturbada na Igreja em que o próprio Deus está presente como regente e guardião?

Se o nosso Redentor promulgou claramente o seu Evangelho não apenas para os tempos apostólicos, mas também para pertencer às futuras épocas, o objeto da fé pode tornar-se de tal modo obscuro e incerto que hoje seja necessários tolerar opiniões pelo menos contrárias entre si?

Se isto fosse verdade, dever-se-ia igualmente dizer que o Espírito Santo que desceu sobre os Apóstolos, que a perpétua permanência dele na Igreja e também que a própria pregação de Cristo já perderam, desde muitos séculos, toda a eficácia e utilidade: afirmar isto é, sem dúvida, blasfemo.

12. A Igreja Católica, depositária infalível da verdade

Quando o Filho /unigênito de Deus ordenou a seus enviados que ensinassem a todos os povos, vinculou então todos os homens pelo dever de crer nas coisas que lhes fossem anunciadas pela "testemunha pré-ordenadas por Deus" (At. 10,41). Entretanto, um e outro preceito de Cristo, o de ensinar e o de crer na consecução da salvação eterna, que não podem deixar de ser cumpridos, não poderiam ser entendidos a não ser que a Igreja proponha de modo íntegro e claro a doutrina evangélica e que, ao propô-la, seja imune a qualquer perigo de errar.

Afastam-se igualmente do caminho os que julgam que o depósito da verdade existe realmente na terra, mas que é necessário um trabalho difícil, com tão longos estudos e disputas para encontrá-lo e possuí-lo que a vida dos homens seja apenas suficiente para isso, com se Deus benigníssimo tivesse falado pelos profetas e pelo seu Unigênito para que apenas uns poucos, e estes mesmos já avançados em idade, aprendessem perfeitamente as coisas que por eles revelou, e não para que preceituasse uma doutrina de fé e de costumes pela qual, em todo o decurso de sua vida mortal, o homem fosse regido.

13. Sem fé, não há verdadeira caridade

Estes pancristãos, que empenham o seu espírito na união das igrejas, pareceriam seguir, por certo, o nobilíssimo conselho da caridade que deve ser promovida entre os cristãos. Mas, dado que a caridade se desvia em detrimento da fé, o que pode ser feito?

Ninguém ignora por certo que o próprio João, o Apóstolo da Caridade, que em seu Evangelho parece ter manifestado os segredos do Coração Sacratíssimo de Jesus e que permanentemente costumavas inculcar à memória dos seus o mandamento novo: "Amai-vos uns aos outros", vetou inteiramente até mesmo manter relações com os que professavam de forma não íntegra e incorrupta a doutrina de Cristo: "Se alguém vem a vós e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem digais a ele uma saudação" (2 Jo. 10).

Pelo que, como a caridade se apóia na fé íntegra e sincera como que em um fundamento, então é necessário unir os discípulos de Cristo pela unidade de fé como no vínculo principal.

14. União irracional

Assim, de que vale excogitar no espírito uma certa Federação cristã, na qual ao ingressar ou então quando se tratar do objeto da fé, cada qual retenha a sua maneira de pensar e de sentir, embora ela seja repugnante às opiniões dos outros?

E de que modo pedirmos que participem de um só e mesmo Conselho homens que se distanciam por sentenças contrárias como, por exemplo, os que afirmam e os que negam ser a sagrada Tradição uma fonte genuína da Revelação Divina?

Como os que adoram a Cristo realmente presente na Santíssima Eucaristia, por aquela admirável conversão do pão e do vinho que se chama transubstanciação e os que afirmam que, somente pela fé ou por sinal e em virtude do Sacramento, aí está presente o Corpo de Cristo?

Como os que reconhecem nela a natureza do Sacrifício e a do Sacramento e os que dizem que ela não é senão a memória ou comemoração da Ceia do Senhor?

Como os que crêem ser bom e útil invocar súplice os Santos que reinam junto de Cristo - Maria, Mãe de Deus, em primeiro lugar - e tributar veneração às suas imagens e os que contestam que não pode ser admitido semelhante culto, por ser contrário à honra de Jesus Cristo, "único mediador de Deus e dos homens"? (1 Tim.

2,5).

15. Princípio até o indiferentismo e o modernismo

Não sabemos, pois, como por essa grande divergência de opiniões seja defendida o caminho para a realização da unidade da Igreja: ela não pode resultar senão de um só magistério, de uma só lei de crer, de uma só fé entre os cristãos. Sabemos, entretanto, gerar-se facilmente daí um degrau para a negligência com a religião ou o Indiferentismo e para o denominado Modernismo. os que foram miseravelmente infeccionados por ele defendem que não é absoluta, mas relativa a verdade revelada, isto é, de acordo com as múltiplas necessidades dos tempos e dos lugares e com as várias inclinações dos espíritos, uma vez que ela não estaria limitada por uma revelação imutável, mas seria tal que se adaptaria à vida dos homens.

Além disso, com relação às coisas que devem ser cridas, não é lícito utilizar-se, de modo algum, daquela discriminação que houveram por bem introduzir entre o que denominam capítulos fundamentais e capítulos não fundamentais da fé, como se uns devessem ser recebidos por todos, e, com relação aos outros, pudesse ser permitido o assentimento livre dos fiéis: a Virtude sobrenatural da fé possui como causa formal a autoridade de Deus revelante e não pode sofrer nenhuma distinção como esta.

Por isto, todos os que são verdadeiramente de Cristo consagram, por exemplo, ao mistério da Augusta Trindade a mesma fé que possuem em relação dogma da Mãe de Deus concebida sem a mancha original e não possuem igualmente uma fé diferente com relação à Encarnação do Senhor e ao magistério infalível do Pontífice romano, no sentido definido pelo Concílio Ecumênico Vaticano.

Nem se pode admitir que as verdade que a Igreja, através de solenes decretos, sancionou e definiu em outras épocas, pelo menos as proximamente superiores, não sejam, por este motivo, igualmente certas e nem devam ser igualmente acreditadas: acaso não foram todas elas reveladas por Deus?

Pois, o Magistério da Igreja, por decisão divina, foi constituído na terra para que as doutrinas reveladas não só permanecessem incólumes perpetuamente, mas também para que fossem levadas ao conhecimento dos homens de um modo mais fácil e seguro. E, embora seja ele diariamente exercido pelo Pontífice Romano e pelos Bispos em união com ele, todavia ele se completa pela tarefa de agir, no momento oportuno, definindo algo por meio de solenes ritos e decretos, se alguma vez for necessário opor-se aos erros ou impugnações dos hereges de um modo mais eficiente ou imprimir nas mentes dos fiéis capítulos da doutrina sagrada expostos de modo mais claro e pormenorizado.

Por este uso extraordinário do Magistério nenhuma invenção é introduzida e nenhuma coisa nova é acrescentada à soma de verdades que estando contidas, pelo menos implicitamente, no depósito da revelação, foram divinamente entregues à Igreja, mas são declaradas coisas que, para muitos talvez, ainda poderiam parecer obscuras, ou são estabelecidas coisas que devem ser mantidas sobre a fé e que antes eram por alguns colocados sob controvérsia.

16. A única maneira de unir todos os cristãos

Assim, Veneráveis Irmãos, é clara a razão pela qual esta Sé Apostólica nunca permitiu aos seus estarem presentes às reuniões de acatólicos por quanto não é lícito promover a união dos cristãos de outro modo senão promovendo o retorno dos dissidentes à única verdadeira Igreja de Cristo, dado que outrora, infelizmente, eles se apartaram dela.

Dizemos à única verdadeira Igreja de Cristo: sem dúvida ela é a todos manifesta e, pela vontade de seu Autor, Ela perpetuamente permanecerá tal qual Ele próprio A instituiu para a salvação de todos.

Pois, a mística Esposa de Cristo jamais se contaminou com o decurso dos séculos nem, em época alguma, poderá ser contaminada, como Cipriano o atesta: "A Esposa de Cristo não pode ser adulterada: ela é incorrupta e pudica. Ela conhece uma só casa e guarda com casto pudor a santidade de um só cubículo" (De Cath. Ecclessiae unitate, 6).

E o mesmo santo Mártir, com direito e com razão, grandemente se admirava de que pudesse alguém acreditar que "esta unidade que procede da firmeza de Deus pudesse cindir-se e ser quebrada na Igreja pelo divórcio de vontades em conflito" (ibidem).

Portanto, dado que o Corpo Místico de Cristo, isto é, a Igreja, é um só (1 Cor. 12,12), compacto e conexo (Ef. 4,15), à semelhança do seu corpo físico, seria inépcia e estultície afirmar alguém que ele pode constar de membros desunidos e separados: quem pois não estiver unido com ele, não é membro seu, nem está unido à cabeça, Cristo (Cfr. Ef. 5,30; 1,22).

17. A Obediência ao Romano Pontífice

Mas, ninguém está nesta única Igreja de Cristo e ninguém nela permanece a não ser que, obedecendo, reconheça e acate o poder de Pedro e de seus sucessores legítimos.

Por acaso os antepassados dos enredados pelos erros de Fócio e dos reformadores não estiveram unidos ao Bispo de Roma, ao Pastor supremo das almas?

Ai! Os filhos afastaram-se da casa paterna; todavia ela não foi feita em pedaços e nem foi destruída por isso, uma vez que estava arrimada na perene proteção de Deus. Retornem, pois, eles ao Pai comum que, esquecido das injúrias antes gravadas a fogo contra a Sé Apostólica, recebê-los-á com máximo amor.

Pois se, como repetem freqüentemente, desejam unir-se Conosco e com os nossos, por que não se apressam em entrar na Igreja, "Mãe e Mestra de todos os fiéis de Cristo" (Conc. Later 4, c.5)?

Escutem a Lactâncio chamado amiúde: "Só... a Igreja Católica é a que retém o verdadeiro culto. Aqui está a fonte da verdade, este é o domicílio da Fé, este é o templo de Deus: se alguém não entrar por ele ou se alguém dele sair, está fora da esperança da vida e salvação. é necessário que ninguém se afague a si mesmo com a pertinácia nas disputas, pois trata-se da vida e da salvação que, a não ser que seja provida de um modo cauteloso e diligente, estará perdida e extinta" (Divin. Inst. 4,30, 11-12).

18. Apelo às seitas dissidentes

Aproximem-se, portanto, os filhos dissidentes da Sé Apostólica, estabelecida nesta cidade que os Príncipes dos Apóstolos Pedro e Paulo consagraram com o seu sangue; daquela Sede, dizemos, que é "raiz e matriz da Igreja Católica" (S. Cypr., ep. 48 ad Cornelium, 3), não com o objetivo e a esperança de que "a Igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade" (1 Tim 3,15) renuncie à integridade da fé e tolere os próprios erros deles, mas, pelo contrário, para que se entreguem a seu magistério e regime.

Oxalá auspiciosamente ocorra para Nós isto que não ocorreu ainda para tantos dos nossos muitos Predecessores, a fim de que possamos abraçar com espírito fraterno os filhos que nos é doloroso estejam de Nós separados por uma perniciosa dissensão.

Prece a Nosso Senhor e a Nossa Senhora

Oxalá Deus, Senhor nosso, que "quer salvar todos os homens e que eles venham ao conhecimento da verdade"(1 Tim. 2,4) nos ouça suplicando fortemente para que Ele se digne chamar à unidade da Igreja a todos os errantes.

Nesta questão que é, sem dúvida, gravíssima, utilizamos e queremos que seja utilizada como intercessora a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da graça divina, vencedora de todas as heresias e auxílio dos cristãos, para que Ela peça, para o quanto antes, a chegada daquele dia tão desejado por nós, em que todos os homens escutem a voz do seu Filho divino, "conservando a unidade de espírito em um vínculo de paz" (Ef. 4,3).

19. Conclusão e Bênção Apostólica

Compreendeis, Veneráveis Irmãos, o quanto desejamos isto e queremos que o saibam os nossos filhos, não só todos os do mundo católico, mas também os que de Nós dissentem. Estes, se implorarem em prece humilde as luzes do céu, por certo reconhecerão a única verdadeira Igreja de Jesus Cristo e, por fim, nEla tendo entrado, estarão unidos conosco em perfeita caridade.

No aguardo deste fato, como auspício dos dons de Deus e como testemunho de nossa paterna benevolência, concedemos muito cordialmente a vós, Veneráveis Irmãos, e a vosso clero e povo, a bênção apostólica.

Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia seis de janeiro, no ano de 1928, festa da Epifania de Jesus Cristo, Nosso Senhor, sexto de nosso Pontificado.

Pio, Papa XI.

(TODAS AS PROPOSIÇÕES A SEGUIR ESTÃO CONDENADAS)

§ I. Panteísmo, Naturalismo e Racionalismo Absoluto.

1º Não existe Divindade alguma suprema e sapientíssima e providentíssima, distinta desta universalidade das coisas, e Deus é o mesmo que a natureza das coisas, sujeito, portanto, a mudanças, e Deus, na realidade, se forma no homem e no mundo, e todas as coisas são Deus e tem a mesma substância de Deus; Deus é uma e a mesma coisa que o mundo, e, portanto, o espirito é o mesmo que a matéria, a necessidade que a liberdade, a verdade que a falsidade o bem que o mal, e a justiça que a injustiça.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

2º Deve negar-se toda a ação de Deus sobre os homens e sobre o mundo.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

3º A razão humana, considerada sem relação alguma a Deus, é o único árbitro do verdadeiro e do falso, do bem e do mal, é a sua própria lei e suficiente, nelas suas forças naturais, para alcançar o bem dos homens e dos povos.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

4º Todas as verdades da religião derivam da força natural da razão humana, e por isso a mesma razão é a principal norma pela qual o homem pode e deve chegar ao conhecimento de todas as verdades de qualquer gênero que sejam.

Enc. "Qui pluribus", de 9 de Novembro de 1846. Enc. "Singulari quidem" de 17 de Março de 1856. Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

5º A revelação divina é imperfeita e. portanto, sujeita ao progresso contínuo e indefinido que corresponde ao progresso da razão humana.

Enc. "Qui pluribus", de 9 de Novembro de 1846. Aloc. "Maxima quidem", de 9 de Junho de 1862.

6º A Fé de Cristo repugna a razão humana, e a revelação divina não só não é útil, mas é contrária à perfeição do homem.

Enc. "Qui pluribus", de 9 de Novembro de 1846. Aloc. "Maxima quidem", de 9 de Junho de 1862.

7º As profecias e milagres expostos e narrados nas Sagradas Letras são comentários de poetas; os mistérios da Fé Cristã, uma recompilação de investigações filosóficas; tanto o Velho como o Novo Testamento contêm invenções fabulosas, e o mesmo Jesus Cristo é uma ficção mítica.

Enc. "Qui pluribus", de 9 de Novembro de 1846. Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

§ II. Racionalismo Moderado

8º Corno a razão humana se equiparar à mesma religião, por isso as disciplinas teológicas se devem tratar do mesmo modo que as filosóficas.

Aloc. "Singulari quadam perfusi", de 9 de dezembro de 1854.

9º Todos os dogmas da religião cristã, indiscriminadamente, são objeto da ciência natural ou filosófica; e a razão humana, com o estudo, unicamente, da história, pode, pelos seus princípios e forças naturais, chegar ao

verdadeiro conhecimento de todos os dogmas, mesmo os mais recônditos, com tanto que estes dogmas sejam propostos como objeto à mesma razão.

Epist. Ao Arceb. De Frising "Gravissimas", de 11 de Dez. de 1862. Epist. Ao mesmo "Tuas libenter", de 21 de Dez. de 1863.

10º Como o filósofo é diverso da filosofia, aquele tem direito de se submeter à autoridade que ele mesmo prova que é a verdadeira; mas a filosofia não pode nem deve sujeita-se a autoridade alguma.

Epist. Ao Arceb. De Frising "Gravissimas", de 11 de Dez. de 1862. Epist. Ao mesmo "Tuas libenter", de 21 de Dez. de 1863.

11º A Igreja não só não deve repreender em coisa alguma a filosofia, mas tolerar os erros da mesma e deixar que ela se corrija dos mesmos.

Epist. Ao Arceb. De Frising "Gravissimas", de 11 de Dez. de 1862.

12º Os decretos da Sé Apostólica e das Congregações Romanas impedem o progresso livre da ciência.

Epist. Ao Arceb. De Frising "Tuas libenter", de 21 de Dez. de 1863.

13º O método e os princípios por que os antigos Doutores escolásticos ensinaram a Teologia não convêm às necessidades da nossa época e ao progresso das ciências.

Epist. Ao Arceb. De Frising "Tuas libenter", de 21 de Dez. de 1863.

14º A Filosofia deve ser tratada sem nenhuma a relação com a revelação sobrenatural.

Epist. Ao Arceb. De Frising "Tuas libenter", de 21 de Dez. de 1863.

N. B. Ao sistema nacionalista se referem a maior parte dos erros de Antônio Günther, condenados na Epístola ao Cardeal Arcebispo de Colônia "Eximiam Tuam", de 15 de Junho de 1847, e na Epístolas ao Bispo de Breslau "Dolore haud mediocri", de 30 de Abril de 1860.

§ III. Indiferentismo, Latitudinarismo

15º É livre a qualquer um abraçar e professar aquela religião que ele, guiado pela luz da razão, julgar verdadeira.

Letras Apostólicas "Multiplices inter", de 10 de Junho de 1851. Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

16º No culto de qualquer religião podem os homens achar o caminho da salvação eterna e alcançar a mesma eterna salvação.

Enc. "Qui pluribus", de 9 de Novembro de 1846. Aloc. "Ubi primum", de 17 de Dezembro de 1847. Enc. "Singulari quidem" de 17 de Março de 1856.

17º Pela menos deve-se esperar bem da salvação eterna daqueles todos que não vivem na verdadeira Igreja de Cristo.

Aloc. "Singulari quadam", de 19 de Dezembro de 1854. Enc. "Quanto conficiamur", de 17 de Agosto de 1863.

18º O protestantismo não é senão outra forma da verdadeira religião cristã, na qual se pode agradar a Deus do mesmo modo que na Igreja Católica.

Enc. "Noscitis et Nobiscum", de 8 de Dezembro de 1849.

§ IV. Socialismo, Comunismo, Sociedades Secretas, Sociedades Bíblicas, Sociedades Clérico-Liberais

Estas pestes, muitas vezes, e com palavras gravíssimas, foram reprovadas na encíclica "Qui Pluribus", de 9 de Novembro de 1846; na alocução "Quibus quantisque", de 20 de Abril de 1849; na encíclica "Noscitis et Nobiscum", de 8 de Dezembro de 1849; na alocução "Singulari quadam", de 9 de Dezembro de 1854; na encíclica "Quanto conficiamur moerore", de 10 de Agosto de 1863.

§ V. Erros Sobre a Igreja e os Seus Direitos

19º A igreja não é uma sociedade verdadeira e perfeita, inteiramente livre, nem goza de direitos próprios e constantes, dados a ela pelo seu divino Fundador, mas pertence ao poder civil definir quais sejam os direitos da Igreja e os limites dentro dos quais pode exercer os mesmos.

Aloc. "Singulari quadam", de 19 de Dezembro de 1854. Aloc. "Multis gravibusque", de 17 de Dezembro de 1860. Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

20º O poder eclesiástico não deve exercer a sua autoridade sem licença e consentimento do governo civil.

Aloc. "Meminit unusquisque", de 30 de Setembro de 1861.

21º A Igreja não tem o poder de definir dogmaticamente que a religião da Igreja Católica é a única verdadeira.

Letras Apostólicas "Multiplices inter", de 10 de Junho de 1851.

22º A obrigação a que estão sujeitos os mestres e escritores católicos refere-se tão somente àquelas coisas que o juízo infalível da Igreja propõe como dogmas de fé para todos crerem.

Epist. Ao Arceb. De Frising "Tuas libenter", de 21 de Dez. de 1863.

23º Os Pontífices Romanos e os Concílios ecumênicos ultrapassaram os limites do seu poder, usurparam os direitos dos Príncipes, e erraram, mesmo nas definições de fé e de moral.

Letras Apostólicas "Multiplices inter", de 10 de Junho de 1851.

24º A Igreja não tem poder de empregar a força nem poder algum temporal, direto ou indireto.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

25º Além do poder inerente ao Episcopado, é-lhe atribuído outro poder temporal, concedido expressa ou tacitamente pelo império civil, que o mesmo império civil pode revogar quando lhe aprouver.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

26º A Igreja não tem poder natural e legítimo de adquirir nem de possuir.

Aloc. "Nunquam fore", de 15 de Dezembro de 1856. Enc. "Incredibili", de 17 de Setembro de 1863.

27º Os ministros sagrados da Igreja e o Pontífice Romano devem ser completamente excluídos de todo o cuidado e domínio das coisas temporais.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

28º Não é lícito aos Bispos, sem licença do governo, publicar nem as próprias letras apostólicas.

Aloc. "Nunquam fore", de 15 de Dezembro de 1856.

29º As graças concedidas pelo Pontífice Romano devem-se julgar de nenhum efeito, não sendo imploradas pelo governo.

Aloc. "Nunquam fore", de 15 de Dezembro de 1856.

30º A imunidade da Igreja e das pessoas eclesiásticas nasce do direito civil.

Letras Apostólicas "Multiplices inter", de 10 de Junho de 1851.

31º O foro eclesiástico para as coisas temporais dos clérigos, quer civis quer criminais, deve ser de todo suprimido, mesmo sem consultar-se a Sé Apostólica, e não obstante as suas reclamações.

Aloc. "Acerbissimum", de 27 de Setembro de 1852. Aloc. "Nunquam fore", de 15 de Dezembro de 1856.

32º Pode-se derrogar, sem violação alguma de equidade e de direito natural, a imunidade pessoal, pela qual os clérigos são isentos do serviço militar, e esta derrogação é reclamada pelo progresso civil, especialmente na sociedade constituída debaixo da forma de regime mais livre.

Epist. Ao Bispo de Montreal "Singularis Nobisque", de 29 de Set. de 1864.

33º Não pertence unicamente ao poder da jurisdição dirigir, pelo seu direito próprio e natural, a doutrina das matérias teológicas.

Epist. Ao Arceb. De Frising "Tuas libenter", de 21 de Dez. de 1863.

34º A doutrina dos que compararam o Pontífice Romano a um Príncipe livre, e que exerce o seu poder sobre toda a Igreja, é doutrina que prevaleceu na Idade Média.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

35º Não impede que, por sentença de um Concílio Geral ou por decisão de todos os povos, seja Sumo Pontificado transferido do Bispo Romano e de Roma para outro Bispo e para outra cidade.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

36º A definição de um Concílio nacional não admite discussões subsequentes, e o poder civil pôde exigir que as questões não progridam.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

37º Podem ser instituídas Igreja nacionais isentas da autoridade do Pontífice Romano, e separadas dele.

Aloc. "Multis gravibusque", de 17 de Dezembro de 1860. Aloc. "Jamdudum", de 18 de Março de 1861.

38º Os atos em demasia arbitrários dos Pontífices Romanos produziram a separação da Igreja em Oriental e Ocidental.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

§VI. Erros de Sociedade Civil, tanto Considerada em Si, Como nas Suas Relações com a Igreja

39º O Estado, sendo a origem e fonte de todos os direitos, goza de um direito que não é circunscrito por limite algum.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

40 A doutrina da igreja Católica é oposta ao bem e aos interesses da sociedade humana.

Enc. "Qui pluribus", de 9 de Novembro de 1846. Aloc. "Quibus quantisque", de 20 de Abril de 1849.

41º Ao poder civil, mesmo exercido por um príncipe infiel, pertence um poder indireto e negativo sobre as coisas sagradas; pertence-lhe não só o direito que se chama "exsequatur", mas ainda o da apelação que se chama "ab abusu".

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

42º Em conflito entre os dois poderes, deve prevalecer o poder civil.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

43º O poder secular tem autoridade de rescindir, de declarar e tornar nulos os convênios solenes, ou Concordatas celebradas com a Sé Apostólica, relativos ao uso dos direitos pertencentes à imunidade eclesiástica sem consentimento da mesma Sé Apostólica, e mesmo se ela reclamar.

Aloc. "In consistoriali", de 1º de Novembro de 1850. Aloc. "Multis gravibusque", de 17 de dezembro de 1860.

44º A autoridade civil pode envolver-se nas coisas relativas à religião, aos costumes e ao governo espiritual; donde se segue que tem competência sobre as instruções que os pastores da Igreja publicam em harmonia com a sua missão, para a direção das consciências. Ainda mais, tem poder para decretar a respeito da administração dos divinos Sacramentos e das disposições necessárias para os receber.

Aloc. "In consistoriali", de 1º de Novembro de 1850. Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

45º A completa direção das escolas públicas, nas quais se educa a mocidade de algum Estado cristão, excetuando, por alguma razão, os Seminários Episcopais tão somente, pode e deve ser atribuída à autoridade civil, e atribuída de tal modo, que a nenhuma autoridade seja reconhecido o direito de intrometer-se na disciplina das escolas, no regime dos estudos, na escolha e aprovação dos professores.

Aloc. "In consistoriali", de 1º de Novembro de 1850. Aloc. "Quibus luctuosissimis", de 5 de Setembro de 1851.

46º Ainda mais, nos próprios Seminários dos clérigos o método dos estudos se deve sujeitar à autoridade civil.

Aloc. "Nunquam fore", de 15 de Dezembro de 1856.

47º A melhor condição da sociedade civil exige que as escolas populares, abertas sem distinção aos meninos de todas as classes do povo, e os estabelecimentos públicos, destinados a educar e a ensinar aos jovens as letras e os estudos superiores estejam fora da ação de qualquer autoridade eclesiástica, e de qualquer influxo moderador e de qualquer ingerência dessa autoridade, e estejam completamente sujeitos ao poder civil e político, conforme o beneplácito dos imperantes e as opiniões comuns da época.

Carta ao Arceb. De Frib. "Quum non sine", de 14 de Julho de 1864.

48º Aquele modo de instruir a mocidade que se separa da Fé Católica e do poder da Igreja e atende somente aos conhecimentos dos objetos naturais e aos fins da vida social terrena, única ou ao menos principalmente, pode ser aprovado pelos católicos.

Carta ao Arceb. De Frib. "Quum non sine", de 14 de Julho de 1864.

49º A autoridade civil pode impedir que os prelados e os fiéis comuniquem livremente entre si e com o Pontífice Romano.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

50º Autoridade secular tem por sua natureza o direito de apresentar os Bispos, e pode exigir deles que tomem posse de suas dioceses, antes de terem recebido as Santa Sé a instituição canônica e as Letras Apostólicas.

Aloc. "Nunquam fore", de 15 de Dezembro de 1856.

51º Ainda mais a autoridade secular tem direito de demitir os Bispos das suas funções pastorais, e não é obrigada a obedecer ao Pontífice Romano naquelas coisas que dizem respeito ao Episcopado e à instituição dos Bispos.

Letras Apostólicas "Multiplices inter", de 10 de Junho de 1851. Aloc. "Acerbissimum", de 27 de Setembro de 1852.

52º O governo tem direito de mudar a idade prescrita pela lgreja para a profissão religiosa, tanto dos homens como das mulheres, e de proibir a todas as Ordens religiosas que admitam alguém à profissão solene sem licença do mesmo governo.

Aloc. "Nunquam fore", de 15 de Dezembro de 1856.

53º Devem-se revogar as leis que dizem respeito à proteção das Ordens religiosas, aos seus direitos e obrigações; além disso o poder civil pode prestar o seu apoio a todos os que quiserem deixar a vida religiosa e quebrar os votos solenes; pode igualmente suprimir as Ordens religiosas, as colegiadas e os benefícios simples, ainda que sejam de padroado, e submeter os seus bens à alçada e administração da autoridade civil.

Aloc. "Acerbissimum", de 27 de Setembro de 1852. Aloc. "Probe memineritis", de 22 de Janeiro de 1855. Aloc. "Cum saepe", de 26 de Julho de 1855.

54º Os Reis e os Príncipes não só estão isentos ela jurisdição da Igreja, mas também em resolver as questões de jurisdição são superiores à Igreja.

Letras Apostólicas "Multiplices inter", de 10 de Junho de 1851.

55º A Igreja deve estar separada do Estado e o Estado da Igreja.

Aloc. "Acerbissimum", de 27 de Setembro de 1852.

§VII. Erros acerca da Moral Natural e a Moral Cristã

56º As leis morais não carecem da sanção divina, e não é necessário que as leis humanas sejam conformes ao direito natural ou recebam de Deus o poder obrigatório.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

57º A ciência das coisas filosóficas e morais e as leis civis podem e devem ser livres da autoridade divina e eclesiástica.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

58º Não é preciso reconhecer outras forças senão as que residem na matéria, e o sistema moral e a honestidade dos costumes devem consistir em acumular ou aumentar riquezas por qualquer meio e na satisfação de todos os gozos.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862. Enc. "Quanto conficiamur", de 10 de Agosto de 1863.

59º O direito firma-se no fato material; todos os deveres do homem são palavras vãs, e todas as ações humanas têm força de direito.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

60º A autoridade não é mais do que a soma do número e das forças materiais.

Aloc. "Maxima quidem, de 9 de Junho de 1862.

61º Uma injustiça de fato, coroada de bom êxito, em nada prejudica a santidade do direito.

Aloc. "Jamdudum", de 18 de Março de 1861.

62º É preciso proclamar e observar o princípio da não intervenção.

Aloc. "Novus et ante", de 27 de Setembro de 1860.

63º É lícito negar a obediência aos Príncipes legítimos e mesmo revoltar-se contra eles.

Enc. "Qui pluribus", de 9 de Novembro de 1846. Aloc. "Quisque vestrum", de 4 de Outubro de 1847 Enc. "Noscitis et Nobiscum", de 8 de Dezembro de 1849. Letras Apostólicas "Cum Catholica", de 26 de Março de 1860.

64º Tanto a violação de qualquer juramento santíssimo, como qualquer ação infame e perversa contrária à Lei sempiterna, não só não é censurável, mas também até completamente lícita e digna de grandes elogios, quando for feita por amor da Pátria.

Aloc. "Quibus quantisque", de 20 de Abril de 1849.

§ VIII. Erros Acerca do Matrimônio Cristão

65º Não há razão alguma para julgar que Cristo elevasse o matrimonio à dignidade de Sacramento.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

66º O Sacramento do matrimônio é apenas um acessório do contrato de que se pode separar, e o mesmo Sacramento consiste tão somente na Bênção nupcial.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

67º Pelo direito natural o vínculo matrimonial não é indissolúvel, e em muitos casos pode a autoridade sancionar o divórcio propriamente dito

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851. Aloc. "Acerbissimum", de 27 de Setembro de 1852.

68º A Igreja não tem poder de estabelecer impedimentos dirimentes ao casamento; pertence isso à autoridade civil, pela quaI os impedimentos existentes têm de ser tirados.

Letras Apostólicas "Multiplices inter", de 10 de Junho de 1851.

69º A Igreja, no decurso dos séculos, começou a introduzir os impedimentos dirimentes, usando, não de um direito seu próprio, mas de um direito concedido pelo poder civil.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

70º Os Cânones do Concilio de Trento, que pronunciam anátema contra os que negam à Igreja a faculdade de estabelecer os impedimentos dirimentes, ou não são dogmáticos, ou devem ser considerados em relação ao poder concedido pela autoridade civil.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

71º A forma prescrita pelo mesmo Concílio não obriga debaixo de pena de nulidade, quando a lei civil estabelecer outra forma e quiser que, em virtude disto, seja válido o matrimônio.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

72º Foi Bonifácio VIII o primeiro que declarou que o voto de castidade, pronunciado no ato da ordenação, tornava nulo o matrimônio.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

73º Um contrato meramente civil pode, entre os cristãos, tornar-se um verdadeiro matrimônio; e é falso ou que o contrato matrimonial entre os cristãos sempre seja Sacramento, ou que esse contrato seja nulo, se não houver Sacramento.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851. Carta ao Rei da Sardenha, de 9 de Setembro de 1852 Aloc. "Acerbissimum", de 27 de Setembro de 1852. Aloc. "Multis gravibusque", de 17 de Dezembro de 1860.

74º As causas matrimoniais e esponsalícias pertencem, por sua natureza, à jurisdição civil.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851. Aloc. "Acerbissimum", de 27 de Setembro de 1852.

N. B. : Há ainda dois erros a respeito da abolição do celibato dos Clérigos e acerca da preferência do estado do matrimônio sobre o da virgindade. Estão reprovados, o primeiro na encíclica "Qui Pluribus", de 9 de Novembro de 1846, e o segundo nas Letras Apostólicas "Multiplices inter", de 10 Junho de 1851.

§ IX. Erros acerca do Principado Civil do Pontífice Romano

75º Os filhos da Igreja cristã e católica discutem entre si acerca da compatibilidade da realeza temporal com o poder espiritual.

Letras Apostólicas "Ad Apostolicae", de 22 de Agosto de 1851.

76º A ab-rogação do poder temporal que possui a Sé Apostólica contribuiria muito para a felicidade e liberdade da Igreja.

Aloc. "Quibus quantisque", de 20 de Abril de 1849.

N. B. : Além desses erros, explicitamente apontados, há muitos outros que implicitamente são reprovados pela doutrina já proposta e estabelecida a respeito do Principado do Pontífice Romano; a qual todos os católicos firmissimamente devem professar. Esta doutrina se acha exposta com clareza nas Alocuções "Quibus quantisque", de 20 de Abril de 1849; "Si semper antea", de 20 de maio de 1850 nas Letras Apostólicas "Cum Catholica Ecclesia", de 26 de Março de 1860; nas Alocuções "Novas", de 28 de Setembro de 1860, "Jamdudum" de 18 de Março de 1861, e "Maxima quidem", de 9 de Junho de 1862.

77º Na nossa época já não é útil que a Religião Católica seja tida como a única Religião do Estado, com exclusão de quaisquer outros cultos.

Aloc. "Nemo Vestrum", de 26 de Julho de 1855.

78º Por isso louvavelmente determinaram as leis, em alguns países católicos, que aos que para aí emigram seja lícito o exercício público de qualquer culto próprio.

Aloc. "Acerbissimum", de 27 de Setembro de 1852.

79º É falso que a liberdade civil de todos os cultos e o pleno poder concedido a todos de manisfestarem clara e publicamente as suas opiniões e pensamentos produza corrupção dos costumes e dos espíritos dos povos, como contribua para a propagação da peste do Indiferentismo.

Aloc. "Nunquam fore", de 15 de Dezembro de 1856.

80º O Pontífice Romano pode e deve conciliar-se e transigir com o progresso, com o Liberalismo e com a Civilização moderna.

Aloc. "Jamdudum cernimus", de 18 de Março de 1861.

Eu, N.N., tendo diante de meus olhos os Santos Evangelhos, os quais eu toco com minha mão direita, e sabendo que ninguém pode se salvar sem a fé que a Santa Igreja Católica Apostólica Romana admite, crê e ensina, contra a qual eu lamento ter errado imensamente, visto que eu admiti e cri em doutrinas contrárias a seu ensinamento.

Eu, agora, com pesar e contrição por meus erros passados, professo que creio que a Santa Igreja Católica Apostólica Romana é a única e verdadeira Igreja estabelecida na Terra por Jesus Cristo, a qual eu me submeto de todo o meu coração. Eu acredito em todos os artigos que ela propõe à minha crença, rejeito e condeno todos os pontos que ela rejeita e condena, e estou pronto para cumprir tudo o que ela me manda. E especialmente eu professo que creio:

- Em um só Deus em três divinas pessoas, distintas e iguais entre si, quer dizer, o Pai, o Filho e o Espírito Santo;
- Na doutrina católica sobre a Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo; e na união hipostática das duas naturezas, divina e humana; na maternidade divina da Santíssima Virgem Maria, junto com sua intocada virgindade;
- Na presença verdadeira, real e substancial do Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento da Eucaristia;
- Nos sete Sacramentos instituídos por Jesus Cristo para salvação do gênero humano, quer dizer, no Batismo, na Confirmação, na Eucaristia, na Penitência, na Extrema-Unção, na Ordem e no Matrimônio;
- No Purgatório, na ressurreição dos mortos, na vida eterna;
- No Primado, não somente de honra, mas também de jurisdição do Romano Pontífice, sucessor de São Pedro, Príncipe dos Apóstolos, Vigário de Jesus Cristo;
- Na veneração dos santos e de suas imagens;
- Na autoridade das tradições apostólicas e eclesiásticas, e das Santas Escrituras, às quais devemos interpretar e entender somente no sentido que nossa santa mãe, a Igreja Católica, admitiu e admite;

E em tudo o que foi definido e declarado pelos Santos Cânones e pelos Concílios Gerais, particularmente pelo Santo Concílio de Trento; e pelo que foi definido, promulgado e declarado pelo Concílio do Vaticano, especialmente no que concerne ao Primado do Romano Pontífice a sua infalível autoridade de ensino.

É com coração e fé sinceros, pois, que eu detesto e abjuro todo erro, heresia e seita oposta a mesma Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Que Deus me ajude, e também os Seus Evangelhos, os quais eu toco com minha mão.

Nome e Rúbrica: _____

Sacerdote: _____

Testemunha: _____

CARTA ENCÍCLICA DE SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII

SOBRE A CONDIÇÃO DOS OPERÁRIOS

15 de maio de 1891

Introdução

1. A sede de inovações que há muito tempo se apoderou das sociedades e as e as têm numa agitação febril, devia, tarde ou cedo, passar das regiões políticas para a esfera vizinha da economia social. Efetivamente, os progressos incessantes da indústria, os novos caminhos em que entraram as artes, a alteração das relações entre os operários e os patrões, a influência da riqueza nas mãos dum pequeno número ao lado da indigência da multidão, a opinião enfim mais avantajada que os operários formam de sí mesmos, e a sua união mais compacta, tudo isso, sem falar na corrupção dos costumes, deu em resultado final um temível conflito.

Por toda parte, os espíritos estão apreensivos e numa ansiedade expectante, o que por sí só basta para mostrar quantos e quão graves interesses estão em jogo. Essa situação preocupa e põe ao mesmo tempo em exercício o gênio dos doutos, a prudência dos sábios, as deliberações das reuniões populares, a perspicácia dos legisladores e os conselhos dos governantes, e não há, presentemente, outra causa que impressione com tanta veemência o espírito humano.

É por isso que, Veneráveis Irmãos, o que em outras ocasiões temos feito, para bem da Igreja e da salvação comum dos homens, em Nossas Encíclicas sobre a soberania política, a liberdade humana, a constituição cristã dos Estados (aluda-se aqui às Encíclicas 'Diuturnum' 1831, 'Immortale Dei' 1885, 'Libertas' 1888) e outros assuntos análogos, refutando, segundo Nos pareceu oportuno, as opiniões errôneas e falazes, o julgamos dever repetir hoje e pelos mesmos motivos, falando-vos da Condição dos Operários. Já temos tocado essa matéria muitas vêzes, quando se Nos tem proporcionado o ensejo; mas a consciência de Nosso cargo Apostólico impõe-nos como um dever tratar nessa Encíclica mais explicitamente e com maior desenvolvimento, a fim de pôr em evidência os princípios duma solução, conforme à justiça e à eqüidade. O problema nem é fácil de resolver, nem isento de perigos. É difícil, efetivamente, precisar com exatidão os direitos e os deveres que devem, ao mesmos tempo, reger a riqueza e o proletariado, o capital e o trabalho. Por outro lado o problema não é sem perigos, porque não poucas vêzes homens turbulentos e astuciosos procuram desvirtuar-lhe e aproveitam-no para excitar as multidões e fomentar desordem.

Causas do conflito

1. Em todo caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida. O século passado destruiu, sem as substituir por alguma coisa, as corporações antigas, que eram para êles uma proteção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça de uma concorrência desenfreada. A usura voraz veio condenar ainda mais o mal. Condenada muitas vêzes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens, ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isso deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornaram um quinhão de um pequeno número de ricos e de opulentos, que impõe assim um julgo quase servil à imensa multidão dos operariados.

A solução socialista

2. Os socialistas, para curar êste mal, instigam nos pobres o ódio contra os que possuem, e pretendem que tôda a propriedade de bens particulares deve ser suprimida, que os bens de um indivíduo qualquer dever ser comuns a todos, e que a sua administração deve voltar para os Municípios ou para o Estado. Mediante esta

transladação das propriedades e esta igual repartição das riquezas e das comodidades que elas proporciona entre os cidadãos, lisonjeiam-se de aplicar um remédio eficaz aos males presentes. Mas semelhante teoria, longe de ser capaz de por têrmo ao conflito, prejudicaria ao operário se fosse posto em prática. Outrossim, é sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa completa do edifício social.

A propriedade particular

3. De fato, como é fácil perceber, a razão intrínseca do trabalho, o fim imediato visado pelo trabalhador, é conquistar um bem que possuirá como próprio e como pertencendo-lhe; porque, se põe à disposição de outrem as suas fôrças e à sua indústria, não é evidentemente, por outro motivo senão para conseguir com que possa prover à sua sustentação e às necessidades da vida, e espera do seu trabalho não só o direito ao salário, mas ainda um direito estrito, e rigoroso para usar dele como entender. Portanto, se, reduzindo as suas despesas, chegou a fazer algumas economias, e se, para assegurar a sua conservação, as emprega, por exemplo, num campo, torna-se evidente que êsse campo não é outra coisa senão o salário transformado: o terreno assim adquirido torna-se propriedade do artista com o mesmo título que a remuneração do seu trabalho. Mas, quem não vê que é precisamente nisso que consiste o direito de propriedade mobiliária? Assim, essa conversão em propriedade particular em propriedade coletiva, tão preconizada pelo socialismo, não teria outro efeito senão tornar a situação dos operários mais precária, retirando-lhes a livre disposição de seu salário e roubando-lhes, por isso mesmo, toda a esperança e toda possibilidade de engrandecerem o seu patrimônio e melhorarem a sua situação.

4. Mas, e isso parece ainda mais grave, o remédio proposto está em oposição flagrante com a justiça, porque a propriedade particular e pessoal é, para o homem, de direito natural. Há, efetivamente, sobre esse ponto de vista, uma grandíssima diferença entre o homem e os animais destituídos de razão. Estes não se governam a si mesmos; são dirigidos e governados pela natureza, mediante um duplo instinto, que, por um lado, conserva a sua atividade sempre viva e lhes devolve as forças, por outro, provoca e circunscreve ao mesmo tempo cada um dos seus movimentos. O primeiro instinto leva-os à conservação e à defesa da sua própria vida; o segundo, à propagação da espécie; e este duplo resultado obtêm-no fàcilmente pelo uso das coisas presentes e postas ao seu alcance. Por outro lado seriam incapazes de transpor esses limites, porque são movidos pelos sentidos e por cada objeto particular que os sentidos percebem. Muito diferente é a natureza humana. Primeiramente, no homem reside, em sua perfeição, toda virtude da natureza sensitiva, e desde logo lhe pertence, não menos que a esta, gozar dos objetos físicos e corpóreos. Mas a vida sensitiva ainda mesmo possuída em toda a sua plenitude, não só não abraça toda a natureza humana, mas é - lhe muito inferior e própria para lhe obedecer e ser-lhe sujeita. O que em nós se avantaja, o que nos faz homens, nos distingue essencialmente do animal, é a razão ou a inteligência, e em virtude desta prerrogativa deve reconhecer-se ao homem não só a faculdade geral de usar das coisas exteriores, mas ainda o direito estável e perpétuo de as possuir, tanto as que se consomem pelo uso, como as que permanecem depois de nos terem servido.

Uso comum dos bens criados e propriedade particular deles

6. Uma consideração mais profunda da natureza humana vai sobressair melhor ainda essa verdade. O homem abrange pela sua inteligência uma infinidade de objetos, e às coisas presentes acrescenta e prende as coisas futuras; além disso é, senhor das suas ações; também sob a direção da lei eterna e sob o govêrno universal da Providência divina, êle é, de algum modo para si a sua lei e a sua providência. É por isso que tem o direito de escolher as coisas que julgar mais aptas, não só para prover o presente, mas ainda o futuro. De onde se segue que deve ter sob seu domínio não só os produtos da terra, mas também a própria terra, que, pela sua fecundidade, êle vê estar destinada a ser sua fornecedora no futuro. As necessidades do homem repetem-se perpètuamente: satisfeitas hoje, renascem amanhã com novas exigências. Foi preciso, portanto, para que êle pudesse realizar o seu direito em todo o tempo, que a natureza pusesse à sua disposição um elemento estável e permanente, capaz de lhe fornecer perpetuamente os meios. Ora êsse elemento só podia ser a terra, com os seus recursos sempre fecundos. E não se apele para a providência do Estado, porque o Estado é posterior ao homem, e antes que êle pudesse formar-se já o homem já havia recebido da natureza o direito de viver e

proteger a sua existência. Não se opunha também à legitimidade da propriedade particular o fato de que Deus concedeu a terra a todo o gênero humano para o gozar, porque Deus não a concedeu aos homens para que a dominasses confusamente todos juntos. Tal não é o sentido dessa verdade. Ela significa, ùnicamente, que Deus não assinou uma parte a nenhum homem em particular, mas quis deixar a limitação das propriedades à indústria humana e às instituições dos povos. Aliás, pôsto que dividida em propriedades particulares, a terra não deixa de servir à utilidade comum de todos, atendendo a que ninguém há entre os mortais que não se alimente do produto dos campos. Quem os não tem, supre-os pelo trabalho, de maneira que se pode afirmar, com tôda a verdade, que o trabalho é o meio universal de prover às necessidades da vida, quer êle se exerça num terreno próprio, quer em alguma arte lucrativa cuja a remuneração, apenas, sai dos produtos múltiplos da terra, com os quais ela se comuta. De tudo isso resulta, mais uma vez, é plenamente conforme à natureza. A terra, sem dúvida, fornece ao homem com abundância as coisas necessárias para a conservação da sua vida e ainda para o seu aperfeiçoamento, mas não poderia fornecê-las sem a cultura e sem os cuidados do homem. Ora, que faz o homem consumindo os recursos do seu espírito e as fôrças dos seu corpo em procurar esses bens da natureza? Aplica, para assim dizer, a si mesmo a porção da natureza corpórea que cultiva e deixa nela como que um certo cunho da sua pessoa, a ponto que, com tôda a justiça, esse bem será possuído de futuro como seu, e não será lícito a ninguém violar o seu direito de qualquer forma que seja.

7. A fôrça destes raciocínios é de uma evidência tal, que chegamos a admirar como certos partidários de velhas opiniões podem ainda contradizê-los, concedendo sem dúvida ao homem particular o uso do solo e os frutos dos campos, mas recusando o direito de possuir, na qualidade de proprietário, êsse solo em que edificou, a porção da terra que edificou. Não vêem que despojam assim êsse homem dos fruto dos seu trabalho; porque, afinal, êsse campo amanhado com arte pela mão do cultivador, mudou completamente de natureza: era selvagem, ei-lo arroteado; de infecundo, tornou-se fértil; o que o tornou melhor, está inerente ao solo e confundi-se de tal forma com êle, que em grande parte seria impossível separá-lo. Suportaria a justiça que um estranho viesse atribuir-se esta terra banhada pelo suor de que a cultiva. Do mesmo modo que o efeito segue a causa, assim é justo que o fruto do trabalho pertença ao trabalhador.

É, pois, com razão, que a universalidade do gênero humano, sem se deixar mover pelas opiniões contrárias dum pequeno grupo, reconhece, considerando atentamente a natureza, que nas suas leis reside o primeiro fundamento da repartição dos bens e das propriedades particulares; foi com razão que que o costume de todos os séculos sancionou uma situação tão conforme à natureza do homem e à vida tranqüila e pacífica das sociedades. Por seu lado, as leis civis, que tiram o seu valor (veja-se Santo Tomás, Sum. Teo. I-II, q.95, a. 4), quando são justas, da lei natural, confirmam êsse mesmo direito e protegem-no pela força.

Finalmente, a autoridade das leis divinas vem pôr-lhe o seu sêlo, proibindo, sob pena gravíssima, até mesmo o desejo do que pertence aos outros: 'Não desejarás a mulher do teu próximo, nem o seu boi, nem a sua serva, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença' (Dt 5, 21).

A família e o Estado

8. Entretanto, êsses direitos, que são inatos a cada homem considerado isoladamente, apresentam-se mais rigorosos ainda, quando se consideram nas suas relações e na sua conexão com os deveres da vida doméstica. Ninguém põe em dúvida que, na escolha de um gênero de vida, seja lícito cada um seguir o conselho de Jesus Cristo sôbre a virgindade, ou contrair um laço conjugal. Nenhuma lei humana poderia apagar de qualquer forma o direito natural e primordial de todo homem ao casamento, nem circunscrever o fim principal para que êle foi estabelecido desde a origem: 'Crescei e multiplicai-vos'(Gen 1,28). Eis, pois, a família, isto é, a sociedade doméstica, sociedade muito pequena certamente, mas real e anterior a tôda sociedade civil, à qual, desde logo, será forçosamente necessário atribuir certos direitos certos deveres absolutamente independentes do Estado. Assim, êste direito de propriedade que Nós, em nome da natureza, reivindicamos para o indivíduo, é preciso agora transferi-lo para o homem constituído chefe de família. Isto não basta: passando para a sociedade doméstica, êste direito adquiri aí tanto maior força quanto mais extensão lá recebe a pessoa humana. A natureza não impõe somente ao pai família o dever sagrado de alimentar e sustentar os seus filhos; vai mais longe. Como os filhos refletem a fisionomia de seus pais e são uma espécie de

prolongamento da sua pessoa, a natureza inspira-lhe o cuidado do seu futuro e a criação dum patrimônio que os ajude a defender-se, na perigosa jornada da vida, contra tôdas as surprêsas da má fortuna. Mas, êsse patrimônio poderá êle criá-lo sem a aquisição e a posse de bens permanentes e produtivos que possa transmitir-lhes por via da herança? Assim como a sociedade civil, a família, conforme atrás dissemos, é uma sociedade pròpriamente dita, com a sua autoridade e o seu govêrno paterno, é por isso que sempre indubitavelmente na esfera que determina o seu fim imediato, ela goza, para a escolha e uso de tudo o que exige a sua conservação e o exercício duma justa independência, de direitos pelo menos iguais aos da sociedade civil. Pelo menos iguais dizemos Nós, porque a sociedade doméstica tem sôbre a sociedade civil uma prioridade lógica e uma prioridade real, de que participam necessàriamente os seus direitos e os seus deveres. E se os indivíduos e as famílias, entrando na sociedade, nela achassem em, vez de apoio, um obstáculo, em vez de proteção uma diminuição de seus direitos, dentro em pouco a sociedade seria mais para evitar do que para procurar.

Querer, pois, que o poder civil invada arbitràriamente o santuário da família, é um êrro grave e funesto. Certamente, se existe algures uma família que se encontre numa situação desesperada e que faça esforços vãos para sair dela, é justo que, em tais extremos, o poder público venha em seu auxílio, porque cada família é um membro da sociedade. Da mesmo forma, se existe um lar doméstico que seja teatro de graves violações dos direitos mútuos, que o poder público intervenha para restituir a cada um os seus direitos. Não é isto usurpar, as atribuições dos cidadãos, mas fortalecer os seus direitos, protegê-los e defendê-los como convém. Todavia, a ação daqueles que presidem o poder público não deve ir mais além; a natureza proíbe-lhes ultrapassar esses limites. A autoridade paterna não podia ser abolida, nem absorvida pelo Estado, porque ela tem uma origem comum com a vida humana. 'Os filhos são alguma coisa de seu pai'; são de certa forma uma extensão de sua pessoa, e, para falar com justiça não é imediatamente por si que eles se agregam e se incorporam na sociedade civil, mas por intermédio da sociedade doméstica em que nasceram. Porque os 'filhos são naturalmente alguma coisa de seu pai ... devem ficar sob a tutela dos pais até que tenham adquirido o livre arbítrio' (Santo Tomás Sum. Teol. II – II, q. 10, a. 12). Assim, substituindo a providência paterna pela providência do Estado, os socialistas vão contra a justiça natural e quebram os laços de família. O comunismo, princípio de empobrecimento.

9. Mas, além da injustiça de seu sistema, vêem-se bem tôdas as suas funestas conseqüências, a perturbação em todas as classes da sociedade, uma odiosa e insuportável servidão para todos os cidadãos, porta aberta a todas as invejas, a todos os descontentamentos, a todas as discórdias; o talento e a habilidade privados dos seus estímulos, e, como conseqüência necessária, as riquezas estancadas na sua fonte; enfim, no lugar dessa igualdade tão sonhada, a igualdade na nudez, na indigência e na miséria. Por tudo o que Nós acabamos de dizer, se compreende que a teoria socialista da propriedade coletiva deve absolutamente repudiar-se como prejudicial àqueles mesmos a que se quer socorrer, contrária aos direitos naturais dos indivíduos, como desnaturando as funções do Estado, e perturbando a tranqüilidade pública. Fique, pois, bem assente que o princípio fundamental a estabelecer para aqueles que querem sinceramente o bem do povo, é a inviolabilidade da propriedade particular. Expliquemos agora onde convém procurar o remédio tão desejado.

A Igreja e a questão social

10. É com tôda a confiança que Nós abordamos êste assunto, e em tôda a plenitude de Nosso direito; porque a questão de que se trata é de tal natureza, que, a não se apelar para a religião e para a Igreja, e impossível encontrar-lhe uma solução eficaz. Ora, como é principalmente a Nós que estão confiadas a salvaguarda da religião e a dispensão do que é de domínio da Igreja, calarmo-nos seria aos olhos de todos trair o Nosso dever. Certamente uma questão desta gravidade demanda ainda de outros a sua parte de atividade e de esforços: isto é, dos governantes, dos senhores e dos ricos, e dos próprios operários, de cuja sorte se trata. Mas, o que nós afirmamos sem hesitação, é a inanidade da sua ação fora da Igreja. É a Igreja, efetivamente, que haure no Evangelho doutrinas capazes ou de pôr termo ao conflito ou ao menos de o suavizar, expurgando-o de tudo o que ele tenha de severo e áspero; a Igreja, que não se contenta em esclarecer o espírito de seus ensinos, mas também se esforça em regular, de harmonia com eles a vida e os costumes de cada um; a Igreja, que, por uma multidão de instituições eminentemente benéficas, tende a melhorar a sorte

das classes pobres; a Igreja, que quer e deseja ardentemente que todas as classes empreguem em comum as suas luzes e as suas forças para dar à questão operária a melhor solução possível; a Igreja, enfim, que julga que as leis e a autoridade pública devem levar a esta solução, sem dúvida com medida e com prudência, a sua parte do concurso. Não luta, mas concórdia das classes.

11. O primeiro princípio é que o homem deve aceitar com paciência a sua condição: é impossível que na sociedade civil todos sejam elevados ao mesmo nível. É, sem dúvida, isto o que desejam os socialistas; mas contra a natureza, todos os esforços são vãos. Foi ela, realmente, que estabeleceu entre os homens diferenças tão múltiplas como profundas; diferenças de inteligência, de talento, de habilidade, de saúde, de força; diferenças necessárias, de onde nasce espontaneamente a desigualdade das condições. Esta desigualdade, por outro lado, reverte em proveito de todos, tanto da sociedade como dos indivíduos; porque a vida social requer um organismo muito variado e funções muito diversas, e o que leva precisamente os homens a partilharem estas funções é, principalmente, a diferença de suas respectivas condições. Pelo que diz respeito ao trabalho em particular, o homem, mesmo no estado de inocência, não era destinado a viver na ociosidade, mas, ao que a vontade teria abraçado livremente como exercício agradável, a necessidade lhe acrescentou, depois do pecado, o sentimento da dor e o impôs como uma expiação: 'A terra será maldita por tua causa; é pelo trabalho que tirarás com que alimentar-te todos os dias da vida' (Gen 3, 17). O mesmo se dá com todas as outras calamidades que caíram sobre o homem: neste mundo as calamidades não terão fim nem tréguas, porque os funestos frutos do pecado são amargos, acres, acerbos, e acompanham necessariamente o homem até o derradeiro suspiro. Sim, a dor e o suspiro são o apanágio da humanidade, e os homens poderão ensaiar tudo, tudo tentar para os banir; mas não o conseguirão nunca, por mais recursos que empreguem, e por maiores forças que para isso desenvolvam. Se há quem, atribuindo-se o poder fazê-lo, prometa ao pobre uma vida isenta de sofrimentos e de trabalhos, toda de repouso e de perpétuos gozos, certamente engana o povo e lhe prepara laços, onde se ocultam, para o futuro, calamidades mais terríveis que as do presente. O melhor partido consiste em ver as coisas tais quais são, e, como dissemos, em procurar um remédio que possa aliviar os nossos males. O erro capital na questão presente é crêr que as duas classes são inimigas natas uma da outra, como se a natureza tivesse armado os ricos e os pobres para se combaterem mutuamente num duelo obstinado. Isto é uma aberração tal, que é necessário colocar a verdade numa doutrina contrariamente oposta, porque assim como no corpo humano os membros, apesar da sua diversidade, se adaptam maravilhosamente uns aos outros, de modo que formam um todo exatamente proporcionado e que se poderá chamar simétrico, assim também, na sociedade, as duas classes estão destinadas pela natureza a unirem-se harmoniosamente e a conservarem-se mutuamente em perfeito equilíbrio. Elas tem imperiosa necessidade uma da outra: não pode haver capital sem trabalho, nem trabalho sem capital. A concórdia traz consigo a ordem e a beleza; ao contrário, dum conflito perpétuo só podem resultar confusão e lutas selvagens. Ora, para dirimir este conflito e cortar o mal na sua raiz, as Instituições possuem uma virtude admirável e múltipla.

E, primeiramente, toda a economia das verdades religiosas, de que a Igreja é guarda e intérprete, é de natureza a aproximar e reconciliar os ricos e os pobres, lembrando às duas classes os seus deveres mútuos e, primeiro que todos os outros, os que derivam da justiça.

Obrigações dos operários e dos patrões

12. Entre estes deveres, eis aqueles que dizem respeito ao pobre e ao operário: deve fornecer integralmente e fielmente todo o trabalho a que se comprometeu por contrato livre e conforme à equidade; não deve lesar o seu patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reivindicações devem ser isentas de violências, e nunca revestirem a forma de sedições; deve fugir dos homens perversos que, nos seus discursos artificiosos, lhes sugerem esperanças exageradas e lhes fazem grandes promessas, as quais só conduzem a estéreis pesares e à ruína das fortunas.

Quanto aos ricos e aos patrões, não devem tratar o operário como escravo, mas respeitar nele a dignidade do homem, realçada ainda pela do cristão. O trabalho do corpo, pelo testemunho comum da razão e da filosofia cristã, longe de ser um objeto de vergonha, faz honra ao homem, porque lhe fornece um nobre meio de sustentar a sua vida. O que é vergonhoso e desumano e usar dos homens como de vis instrumentos de lucro, e

não os estimar senão na proporção do vigor dos seus braços. O cristianismo, além disso, prescreve que se tenham em consideração os interesses espirituais do operário e o bem da sua alma. Aos patrões compete velar para que a isto seja dada plena satisfação, que o operário, não seja entregue à sedução e às solicitações corruptoras, que nada venha enfraquecer o espírito de família, nem os hábitos de economia. Proíbe também aos patrões que imponham aos seus subordinados um trabalho superior às suas forças ou em desarmonia com a sua idade ou o seu sexo.

Mas entre os deveres principais do patrão, é necessário colocar, em primeiro lugar, o de dar a cada um o salário que convém. Certamente, para fixar a justa medida do salário, há numerosos pontos de vista a considerar. Duma maneira geral, recordem-se o rico e o patrão de que explorar a pobreza e a miséria, e especular com a indigência, são coisas igualmente reprovadas pelas leis divinas e humanas; que cometeria um crime de clamar vingança ao céu quem defraudasse a qualquer pessoa no preço dos seus labores: 'Eis que o salário, que tendes extorquido por fraude aos vossos operários, clama contra vós; e o seu clamor subiu até os ouvidos dos Deus dos Exércitos' (Tg 5, 4). Enfim os ricos devem precaver-se religiosamente de todo o ato violento, toda a fraude, toda a manobra usurária que seja de natureza a atentar contra a economia do pobre, e isto mais ainda, este é menos apto para defender-se, e porque os seus haveres, por serem de mínima importância, revestem um caráter mais sagrado. A obediência a estas leis, - perguntamos Nós, - não bastaria só, de per si, para fazer cessar todo o antagonismo e suprimir-lhe as causas? 13. Todavia a Igreja, instruída e dirigida por Jesus Cristo, eleva as suas vistas ainda mais alto; propões um corpo de preceitos mais completos, porque ambiciona estreitar a união das duas classes até as unir uma à outra por laços de verdadeira amizade. Ninguém pode Ter verdadeira inteligência da vida mortal, nem estimá-la no seu justo valor, se não se eleva à consideração da outra vida que é imortal. Suprimi esta, e imediatamente toda a forma e toda verdadeira noção de honestidade desaparecerá; mais ainda: todo o universo se tornará um impenetrável mistério. Quando estivermos abandonado esta vida, então somente começaremos a viver; esta verdade que a mesma natureza ensina, é um dogma cristão sobre o qual assenta, como sobre o seu primeiro fundamento, toda a economia de religião. Não, Deus não nos fez para essas coisas frágeis e caducas, mas para as coisas celestes e eternas; não nos deu esta terra como nossa morada fixa, mas como lugar de exílio. Que abundeis em riquezas e outros bens, chamados bens de fortuna, ou que estejais privados deles, isto nada importa à eterna beatitude: o uso que fizerdes deles é o que interessa. Pela sua superabundante redenção, Jesus Cristo não suprimiu as aflições que formam quase toda a trama da vida mortal: fez delas estímulos de virtude e fontes de mérito, de sorte que não há homem que possa pretender as recompensas eternas se não caminhar sobre os traços sangüinolentos de Jesus Cristo: 'Se sofremos com ele, com ele reinaremos' (2 Tim 2, 12). Por outra parte, escolhendo ele mesmo a cruz e os tormentos, minorou-lhes singularmente o peso e as amarguras, e , a fim de nos tornar mais suportável o sofrimento, ao exemplo acrescentou a sua graça e a promessa de uma recompensa sem fim: 'Porque o momento tão curto e tão ligeiro das aflições, que sofremos nesta vida, produz em nós o peso eterno de uma glória soberana incomparável' (2 Cor 4, 17). Assim, os afortunados deste mundo são advertidos que as riquezas não os isentam da dor; que elas não são de nenhuma utilidade para a vida eterna, mas antes um obstáculo (Mt 19, 32-24); que eles devem tremer diante das ameaças severas que Jesus Cristo profere contra os ricos (Lc 6, 24-25); que, enfim virá o dia em que deverão prestar a Deus, seu juiz, rigorosíssimas contas do uso que hajam feito de sua fortuna.

Posse e uso das riquezas

14. Sobre o uso das riquezas, já a pura filosofia pôde delinear alguns ensinamentos de suma excelência e suma importância; mas só a Igreja no-los pode dar na sua perfeição e fazê-los descer do conhecimento `a prática. O fundamento dessa doutrina está na distinção da justa posse das riquezas e o seu legítimo uso.

A propriedade particular, já o dissemos mais acima, é de direito natural para o homem: o exercício deste direito é coisa não só permitida, sobretudo a quem vive em sociedade, mas ainda absolutamente necessária (Santo Tomás, Sum. Teo., II – II, q. 66 a. 2). Agora, se se pergunta em que é necessário fazer consistir o uso dos bens, a Igreja responderá sem hesitação: 'A esse respeito o homem não deve ter as coisas exteriores por particulares, mas sim por comuns, de tal sorte que facilmente dê parte delas aos outros nas suas necessidades. É por isso que o Apóstolo disse: 'Ordena aos ricos do século ... dar facilmente, comunicar as suas riquezas'

(Santo Tomás, Sum. Teo., q. 65 a. 2). Ninguém certamente é obrigado a aliviar o próximo privando-se do necessário, nem do de sua família; nem mesmo a nada suprimir do que as conveniências ou a descendência impõe à sua pessoa: 'Ninguém com efeito deve viver contrariamente às conveniências'(Santo Tomás, Sum. Teo., II-II, q. 32 a.6). Mas desde que haja suficientemente satisfeito à necessidade e ao decoro, é um dever lançar o supérfluo no seio dois pobres: 'Do supérfluo dai esmolas' (Lc 11, 41). Ë um dever, não de estrita justiça, exceto nos casos de extrema necessidade, mas de caridade cristã, um dever, por conseqüência, cujo cumprimento se não pode conseguir pelas vias da justiça humana. Mas, acima dos juízos do homem e das leis, há a lei e o juízo de Jesus Cristo, que nos persuade de todas as maneiras a dar habitualmente esmolas: 'É mais feliz', diz ele, 'aquele que dá do que aquele que recebe' (At 20,35), é o Senhor terá como dada ou recusada, a si mesmo a esmola que se haja dada ou recusada aos pobres: 'Todas as vezes que tenhais dado a esmola a um de meus irmão é a mim que haveis dado' (Mt 25, 40). Eis, aliás, em algumas palavras, resumo desta doutrina: Quem quer que tenha recebido da Divina bondade maior abundância, quer de bens externos e do corpo, quer de bens da alma, recebeu-os com o fim de os haver servir ao seu próprio aperfeiçoamento, e, ao mesmo tempo, como ministro da Providência, ao alívio dos outros. 'É por isso, que quem tiver o talento da palavra, tome o cuidado em se não calar; quem possuir superabundância de bens, não deixe a misericórdia entumecer-se no fundo do seu coração; quem tiver a arte de governar, aplique-se com cuidado a partilhar dela com seu irmão o exercício e os frutos' (São Gregório Magno, in Evang. Hom. IX, n. 7).

Dignidade do trabalho

15. Quanto aos deserdados da fortuna, aprendam da Igreja que, segundo o juízo do próprio Deus, a pobreza não é um opróbrio, e que não se deve corar por ter que ganhar o seu pão do suor do seu rosto. Ele, que de muito rico que era, se fez indigente' (2 Cor 8, 9) para a salvação dos homens; que, filho de Deus e Deus ele mesmo, quis passar aos olhos do mundo por filho de um artífice; que chegou até a consumir grande parte de sua vida em trabalho mercenário: 'Não é ele o carpinteiro, filho de Maria' (Mt 6, 3). Quem tiver em sua frente o modelo divino, compreenderá mais facilmente o que Nós vamos dizer: que a verdadeira dignidade do homem e a sua excelência reside em seus costumes, isto é, na sua virtude; que a virtude é o patrimônio comum dos mortais, ao alcance de todos, dos pequenos e dos grandes, dos pobres e dos ricos; só a virtude e os méritos, seja qual for a pessoa em quem se encontrem, obterão a recompensa da eterna felicidade. Mais ainda: é para as classes desafortunadas que o coração de Deus parece inclinar-se mais. Jesus Cristo chama aos pobres de bem-aventurados (Mt 5, 3): convida com amor a virem a ele, a fim de consolar a todos os que sofrem e que choram (Mt 11, 18); abraça com caridade mais terna os pequenos e os oprimidos. Estas doutrinas foram, sem dúvida alguma, feitas para humilhar a alma altiva do rico e torná-lo mais condescente, para reanimar a coragem daqueles que sofrem e inspirar-lhes resignação. Com elas se acharia diminuído um abismo procurado pelo orgulho, e se obteria sem dificuldades que as duas classes se desses as mãos e as vontades se unissem na mesma amizade.

Comunhão de bens de natureza e de graça

16. Mas ainda é demasiado pouco a simples amizade: se se obedecer os preceitos do cristianismo, será no amor fraterno que a união se operará. De uma parte e doutra, se saberá e compreenderá que os homens são todos absolutamente nascidos de Deus, seu Pai comum; que Deus é o seu único e comum fim, que ele só é capaz de comunicar aos anjos e aos homens uma felicidade perfeita e absoluta; que todos eles foram igualmente resgatados por Jesus Cristo e restabelecidos por ele na sua dignidade de filhos de Deus, e que assim um verdadeiro laço de fraternidade os une, quer entre si, quer a Cristo, seu Senhor que é 'o primogênito de muitos irmãos' (Rom 8, 29). Eles saberão, enfim, que todos os bens da natureza, todos os tesouros da graça, pertencem em comum e indistintamente a todos do gênero humano, e que só os indignos são deserdados dos bens celestes: 'Se vós sois filhos, sois também herdeiros, herdeiros de Deus, co-herdeiros de Jesus Cristo' (Rom 8, 17).

Tal é a economia dos direitos e dos deveres que ensina a filosofia cristã. Não se veria em breve prazo restabelecer-se a pacificação, se estes ensinamentos pudessem vir a prevalecer nas sociedades?

Exemplo e magistério da Igreja

17. Entretanto, a Igreja não se contenta com indicar o caminho que leva à salvação; ela conduz a esta e aplica por sua própria mão ao mão o conveniente remédio. Ela dedica-se toda a ensinar e a educar os homens segundo os seus princípios e a sua doutrina, cujas águas vivificantes ela tem o cuidado de espalhar, tão longe e tão largamente quanto lhe é possível, pelo ministério dos Bispos e do Clero. Depois, esforça-se por penetrar nas almas e por obter das vontades que se deixam conduzir e governar pela regra dos preceitos divinos. Este ponto é capital e de grandíssima importância, porque encerra como que o resumo de todos os interesses que estão em litígio, e aqui a ação da Igreja é soberana. Os instrumentos de que ela dispões para tocar as almas, recebeu-os para este fim, de Jesus Cristo, e trazem em si a eficácia duma virtude divina. São os únicos aptos a penetrar até às profundezas do coração humano, que são capazes de levar o homem a obedecer às imposições do dever, a dominar suas paixões, amar a Deus e a seus próximo com uma caridade sem limites, a esmagar corajosamente todos os obstáculos que dificultam o seu caminho na estrada da virtude.

Neste ponto, basta passar ligeiramente em revista pelo pensamento os exemplos da antigüidade. As coisas e fatos que vamos lembrar estão isentos de controvérsia. Assim não é duvidoso que a sociedade civil foi essencialmente renovada pelas instituições cristãs, que esta renovação teve por efeito elevar o nível do gênero humano, ou, para melhor dizer, chamá-lo da morte à vida, e guindá-lo a um alto grau de perfeição, como se não viu semelhante nem antes nem depois, e não se verá jamais em todo o decurso dos séculos. Que, enfim, destes benefícios foi Jesus Cristo o princípio, e deve ser o seu fim: porque assim como tudo partiu dele, assim também tudo lhe deve ser referido. Quando, pois, o Evangelho raiou no mundo, quando os povos tiveram conhecimento do grande mistério da encarnação do Verbo e da redenção dos homens, a vida de Jesus Cristo, Deus e homem, invadiu as sociedades e impregnou-as inteiramente com a sua fé, com as suas máximas e as suas leis. É por isso que se a sociedade humana deve ser curada, não o será senão pelo regresso à vida e às instituições do cristianismo. A quem quer regenerar uma sociedade qualquer em decadência, se prescreve com razão que a conduza às suas origens (também Maquiavel, Discursi, III, 1, afirma este princípio). Porque a perfeição de toda a sociedade consiste em prosseguir e atingir o fim para o qual foi fundada, de modo que todos os movimentos e todos os atos da vida social, nasçam do mesmo princípio de onde nasceu a sociedade. Por isso, afastar-se do fim é caminhar para a morte e voltar a ele é readquirir a vida. E o que Nós dizemos de todo o corpo social aplica-se igualmente a essa classes de cidadãos que vivem de seu trabalho e que formam a grandíssima maioria.

Nem se pensa que a Igreja se deixa absorver de tal modo pelo cuidado das almas, que põe de parte o que se relaciona com a vida terrena e mortal. Pelo que em particular diz respeito à classe dos trabalhadores, ela faz todos os esforços para os arrancar à miséria e procurar-lhes uma sorte melhor. E, certamente não é um fraco apoio que ele dá a esta obra só pelo fato de trabalhar, por palavras e atos, para reconduzir os homens à virtude. Os costumes cristãos, desde que entram em ação, exercem naturalmente sobre a prosperidade temporal a sua parte de benéfica influência; porque eles atraem o favor de Deus, princípio e fonte de todo o bem; comprimem o desejo excessivo das riquezas e a sede dos prazeres, esses dois flagelos que freqüentes vezes lançam a amargura e o desgosto no seio da opulência (1 Tim 6, 10); contentam-se enfim com uma vida e uma alimentação frugal, e suprem pela economia a modicidade do rendimento, longe desses vícios que consomem não só as pequenas, mas as grandes fortunas, e dissipam os maiores patrimônios.

A Igreja e a caridade durante os séculos

18. A Igreja, além disso, provê também diretamente à felicidade das classes deserdadas, pela fundação e sustentação das instituições que ele julga próprias para aliviar a sua miséria; e, mesmo neste gênero de benefícios, ela tem sobressaído de tal modo, que os seus próprios inimigos lhe fizeram o seu elogio. Assim entre os primeiros cristãos, era tal a virtude da caridade mútua, que não raro via-se os ricos despojarem-se de seu patrimônio em favor dos pobres. Por isso a indigência não era conhecida entre eles (At 4, 34); os Apóstolos tinham confiado aos Diáconos, cuja ordem fora especialmente instituída para esse fim, a distribuição cotidiana das esmolas, e o próprio São Paulo apesar de absorvido por uma solicitude que abraçava todas as Igrejas, não hesitava em empreender penosas viagens para ir em pessoa levar socorros aos

cristãos indigentes. Socorros do mesmo gênero eram oferecidos espontaneamente oferecido pelos fiéis em cada uma das suas assembléias: o que Tertuliano chama os 'depósitos da piedade', porque eram empregados 'em sustentar e inumar as pessoas indigentes, os órfãos pobres de ambos os sexos, os domésticos velhos, as vítimas de naufrágio' (Apol., II, 39).

Eis como pouco a pouco se formou esse patrimônio, que a Igreja sempre guardou com religioso cuidado como um bem próprio da família dos pobres. Ela chegou até a assegurar socorros aos infelizes, poupando-lhes a humilhação de estender a mão; porque esta mãe comum dos ricos e dos pobres, aproveitando maravilhosamente rasgos de caridade que ela havia provocado por toda a parte, fundou sociedades religiosas e uma multidão de outras instituições úteis, que, pouco tempo depois, não deviam deixar sem alívio nenhum gênero de miséria.

Há hoje, sem dúvida, um certo número de homens que, fiéis ecos dos pagãos de outrora, chegam a fazer, mesmo dessa caridade tão maravilhosa, uma arma para atacar a Igreja; e viu-se uma beneficência estabelecida pelas leis civis substituir-se à caridade cristã; mas esta caridade, que se dedica toda e sem pensamento reservado à utilidade do próximo, não pode ser suprida por nenhuma invenção humana. Só a Igreja possui essa virtude, porque não se pode haurir senão no Sagrado Coração de Jesus Cristo, e é errar longe de Jesus Cristo estar afastado da sua Igreja.

O concurso do Estado

19. Todavia não há dúvida de que, para obter o resultado desejado, não é demais recorrer aos meios humanos. Assim, todos aqueles a quem a questão dizem respeito, devem visar ao mesmo fim e trabalhar de harmonia cada um na sua esfera. Nisto há como uma imagem da Providência governando o mundo: porque nós vemos de ordinário que os fatos e os acontecimentos que dependem de causas diversas são a resultante da sua ação comum. Ora, que parte de ação e de remédio temos nós o direito de esperar do Estado? Diremos, primeiro, que por Estado entendemos aqui, não tal governo estabelecido entre tal povo em particular, mas todo governo que corresponde aos preceitos da razão natural e dos ensinamentos divinos, ensinamentos que Nós mesmos expusemos, especialmente na Nossa Carta Encíclica sobre a constituição cristã das sociedades (trata-se da Encíclica Immortale Dei).

Origem da prosperidade nacional

20. O que se pede aos governantes é um curso de ordem geral, que consiste em toda a economia das leis e das instituições; queremos dizer que devem fazer de modo que da mesma organização e do governo da sociedade brote espontaneamente e sem esforço a prosperidade, tanto pública como particular. Tal é, com efeito, o ofício da prudência civil e dever próprio de todos aqueles que governam. Ora, o que torna uma nação próspera, são os costumes puros, as famílias fundadas sobre bases de ordem e de moralidade, a prática da religião e o respeito da justiça, uma imposição moderada e uma repartição eqüitativa dos encargos públicos, o progresso da indústria e do comércio, uma agricultura florescente e outros elementos, se os há, do mesmo gênero; todas as coisas que se não podem aperfeiçoar, sem fazer subir outro tanto a vida e a felicidade dos cidadãos. Assim como, pois, por todos esses meios, o Estado pode tornar-se útil às outras classes, assim também pode melhorar muitíssimo a sorte da classes operária, e isso em todo o rigor do seu direito, e sem ter a censura de ingerência; porque em virtude mesmo de seu ofício, o Estado deve servir o interesse comum. E é evidente que, quanto mais se multiplicarem as vantagens resultantes desta ação de ordem geral, tanto menos necessidade haverá de recorrer a outros expedientes para remediar a condição dos trabalhadores. Más há outra consideração que atinge mais profundamente ainda o nosso assunto. A razão formal de toda sociedade é uma e comum a todos os seus membros, grandes e pequenos. Os pobres, com o mesmo título que os ricos, são, por direito natural, cidadãos; isto é, do número das partes vivas de que se compõe, por intermédio das famílias, o corpo inteiro da nação, para não dizer que em todas as cidades são o grande número. Como, pois, seria desrazoável prover a uma classe de cidadãos e negligenciar outra, torna-se evidente que a autoridade pública deve também tornar as medidas necessárias para salvaguardar a salvação e os interesses da classe operária. Se ela faltar a isto, viola a estrita justiça que quer que seja dado a cada um seja dado o que lhe é

devido. A esse respeito Santo Tomás de Aquino diz muito sabiamente: 'Assim como a parte e o todo são em certo modo uma mesma coisa, assim o que pertence ao todo pertence de alguma sorte a cada parte' (Santo Tomás Sum. Teo., II – II, q. 61 a. 1 ad 2). É por isso que entre os graves e numerosos deveres dos governantes que querem prover, como convém, ao público, o principal dever, que domina todos os outros, consiste em cuidar igualmente de todas as classes de cidadãos, observando rigorosamente as leis da justiça, chamada distributiva. Mas, ainda que todos os cidadãos, sem exceção, devam contribuir para a massa dos bens comuns, os quais, aliás por um giro natural, se repartem de novo entre os indivíduos, todavia, as constituições respectivas não podem ser nem as mesmas, nem de igual medida.Quaisquer que sejam as vicissitudes pelas quais as formas do governo são chamadas as passar, haverá sempre entre os cidadãos essas desigualdades de condições, sem as quais uma sociedade não pode existir nem conceber-se. Sem dúvida são necessários homens que governem, que façam as leis, que administrem justiça, que, enfim, por seus conselhos ou por via da autoridade, administrem os negócios da paz, e as coisas da guerra. Que estes homens devem ter a preeminência em toda a sociedade e ocupar nela o primeiro lugar, ninguém o pode duvidar, pois eles trabalham diretamente para o bem comum e duma maneira tão excelente. Os homens que, pelo contrário, se aplicam às coisas da indústria, não podem concorrer para este bem comum nem na mesma medida, nem pelas mesmas vias; mas entretanto, também eles, ainda que de maneira menos direta, servem muitíssimo os interesses da sociedade. Sem dúvida alguma, o bem comum, cuja aquisição deve Ter por efeito aperfeiçoar os homens, é principalmente um bem moral. Mas numa sociedade regularmente constituída deve encontrar-se ainda uma certa abundância de bens exteriores 'cujo uso é reclamado para o exercício da virtude' (Santo Tomas, De regimine princ. I, 15). Ora, a fonte fecunda e necessária de todos estes bens é principalmente o trabalho do operário, o trabalho dos campos ou da oficina. Mais ainda, nesta ordem de coisas, o trabalho tem uma tal fecundidade e tal eficácia que se pode afirmar, sem receio de engano, que ele é a fonte única de onde procede a riqueza das nações. A equidade manda, pois, que o Estado se preocupe com os trabalhadores, e proceda de modo que, de todos os bens que eles proporcionam à sociedade, lhe seja dada uma parte razoável, como habitação e vestuário, e que possam viver à custa de menos trabalho e privações (veja-se o no . 12 desta encíclica: Posse e uso das riquezas). De onde resulta que o Estado deve favorecer tudo o que, de perto ou de longe, pareça de natureza a melhorar-lhes a sorte. Esta solicitude, longe de prejudicar alguém, tornar-se-á, ao contrário, proveito de todos, porque importa soberanamente à nação que homens, que são para ela o princípio de bens tão indispensáveis, não se encontrem continuamente a braços com os horrores da miséria.

O governo é para os governados e não vice-versa

21. Dissemos que não é justo que a família ou os indivíduos sejam absorvidos pelo Estado, mas é justo, pelo contrário, que aquele e esta tenham a faculdade de proceder com liberdade, contanto que não atentem contra o bem geral e não prejudiquem ninguém. Entretanto, aos governantes, pertencem proteger a comunidade e as suas partes: a comunidade, porque a natureza confiou a sua conservação ao poder soberano, de modo que a slavação pública não é só aqui a lei suprema, mas a causa mesma e a razão de ser do principado; as partes, porque, de direito natural, o governo não deve visar Os aos interesses daqueles que têm o poder nas mãos, mas ainda o bem dos que lhe estão submetidos. Tal é o ensino da filosofia, não menos que da fé cristã. Por outra parte, a autoridade vem de Deus e é uma participação da sua autoridade suprema; desde então, aqueles que são os depositários dela devem exercê-la à imitação de Deus, cuja paternal solicitude se não estende menos a cada uma das criaturas em particular do que a todo o seu conjunto. Se, pois, os interesses gerais, ou o interesse de uma classe em particular, se encontram ou lesados ou simplesmente ameaçados, e se não for possível remediar ou obviar a isso de outro modo, é de toda a necessidade recorrer à autoridade pública.

Obrigações e limites da intervenção de Estado

22. Ora, importa à salvação comum e particular que a ordem e a paz reinem por toda a parte; que toda a economia da via doméstica seja regulada segundo os mandamentos de Deus e os princípios da leis natural; que a religião seja honrada e observada; que se vejam florescer os costumes públicos e particulares; que a justiça seja religiosamente guardada, e que nunca uma classe possa oprimir impunemente a outra; que crescem robustas gerações, capazes de ser o sustentáculo, e, se necessário for, o baluarte da Pátria. É por isso que os operários, abandonando o trabalho ou suspendendo-o por greves ameaçam a tranqüilidade pública;

que os laços naturais da família afrouxam entre os trabalhadores; que se calca aos pés a religião dos operários, não lhes facilitando o comprimento dos deveres para com Deus; que a promiscuidade dos sexos e outras excitações ao vício constituem nas oficinas um perigo para a moralidade; que os patrões esmagam os trabalhadores sob o peso de ônus iníquos, ou desonram neles a pessoa humana por condições indignas e degradantes; que atentam contra a sua saúde por um trabalho excessivo e desproporcionado com a sua idade e sexo: com todos esses casos é absolutamente necessário aplicar em certos limites a força e a autoridade das leis. Estes limites serão pelo mesmo fim que reclama o socorro das leis, isto é, que eles não devem avançar nem empreender nada além do que for necessário para reprimir os abusos e afastar os perigos.

Os direitos em que eles se encontram, devem ser religiosamente respeitados e o Estado deve assegurá-los a todos os cidadãos, prevenindo ou vingando a sua violação. Todavia, na proteção dos direitos particulares, deve preocupar-se, de maneira especial, dos fracos e dos indigentes. A classe rica faz da sua riqueza uma espécie de baluarte e tem menos necessidade da tutela pública. A classe indigente, ao contrário, sem riquezas que a ponham a coberto das injustiças, conta principalmente com a proteção do Estado. Que o Estado se faça, pois, sob um particularíssimo título, a providência dos trabalhadores, que em geral pertencem à classe pobre (veja o nO e segs. desta encíclica).

O Estado deve proteger a propriedade particular

23. Mas, é conveniente descer expressamente a algumas particularidades. É dever principalíssimo dos governos o assegurar a propriedade particular por meio de leis sábias. Hoje especialmente, no meio de tamanho ardor de cobiças desenfreadas, é preciso que o povo se conserve no seu dever; porque, se a justiça lhe concede a o direito de empregar os meios de melhorar a sua sorte, nem a justiça nem o bem público consentem que danifiquem alguém na sua fazenda nem que se invadam os direitos alheios sob pretexto de não sei que igualdade. Por certo que a máxima parte dos operários quereria melhorar de condição por meios honestos sem prejudicar a ninguém; todavia, não poucos há que, embebidos de máximas falsas e desejosos de novidade, procuram a todo o custo excitar e impelir os outros a violências. Intervenha, portanto, a autoridade do Estado, e, reprimindo os agitadores, preserve os bons operários do perigo da sedução e os legítimos patrões de serem despojados do que é seu.

Impeça as greves

24. O trabalho muito prolongado e pesado e uma retribuição mesquinha dão, poucas vezes, aos operários ocasião de greves. É preciso que o Estado ponha cobro a esta desordem grave e freqüente, porque estas greves causam dano não só aos patrões e aos mesmos operários, mas também ao comércio e aos interesses comuns; e em razão das violências e tumultos, a que de ordinário dão ocasião, põem muitas vezes em risco a tranqüilidade pública. O remédio, portanto, nesta parte, mais eficaz e salutar é prevenir o mal com a autoridade das leis, e impedir a explosão, removendo a tempo as causas de que se prevê que hão de nascer os conflitos entre os operários e patrões.

Proteja os bens da alma

25. Muitas outras coisas deve igualmente o Estado proteger ao operário, e em primeiro lugar os bens da alma. A vida temporal, posto que boa e desejável, não é o fim para que fomos criados; mas é a via e o meio para aperfeiçoar, com o conhecimento da verdade e com a prática do bem, a vida do espírito. O espírito é o que tem em si impressa a semelhança divina, e no qual reside aquele principado em virtude do qual foi dado ao homem o direito de dominar as criaturas inferiores e de fazer servir à sua utilidade toda a terra e todo o mar: 'Enchei a terra e tornai-vo-la sujeita, dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem sobre a terra' (Gên 1, 28). Nisto todos os homens são iguais, e não há diferença alguma entre ricos e pobres, patrões e criados, monarcas e súditos, 'porque é o mesmo o Senhor de todos' (Rom 10, 12). A ninguém é lícito violar impunemente a dignidade do homem, do qual Deus mesmo dispõe com grande reverência, nem pôr-lhe impedimentos, para que ele siga o caminha daquele aperfeiçoamento que é ordenado para o conseguimento da vida eterna; pois, nem ainda por eleição livre, o homem pode renunciar

a ser tratado segundo a sua natureza e aceitar a escravidão do espírito; porque não se trata de direitos cujo exercício seja livre, mas de deveres para com Deus que são absolutamente invioláveis.

26. Daqui vem, como conseqüência, a necessidade do repouso festivo. Isto, porém, não quer dizer que se deve estar em ócio por mais largo espaço de tempo, e muito menos significa uma inação total, como muitos desejam, e que é fonte de vícios e ocasião de dissipação; mas um repouso consagrado à religião. Unido à religião, o repouso tira o homem dos trabalhos e das ocupações da vida ordinária para o chamar ao pensamento dos bens celestes e ao culto devido à Majestade Divina. Eis aqui a principal natureza e fim do repouso festivo que Deus, com lei especial, prescreveu ao homem no Antigo Testamento, dizendo-lhe: 'Recorda-te de santificar o sábado' (Ex 20, 8); e que ensinou com o seu exemplo, quando no sétimo dia, depois de criado o homem, repousou: 'Repousou no dia sétimo de todas as suas obras que tinha feito' (Gên 2, 2).

Proteção do trabalho dos operários, das mulheres e das crianças

No que diz respeito aos bens naturais e exteriores, primeiro que tudo é um dever da autoridade pública subtrair o pobre operário à desumanidade de ávidos especuladores, que abusam sem nenhuma discrição, das pessoas como das coisas. Não é justo nem humano exigir do homem tanto trabalho a ponto de fazer pelo excesso de fadiga embrutecer o espírito e enfraquecer o corpo. A atividade do homem, restrita como a sua natureza, tem limites que se não podem ultrapassar. O exercício e o uso aperfeiçoam-na, mas é preciso de que quando em quando se suspenda para dar lugar ao repouso. Não deve, portanto, o trabalho prolongar-se por mais tempo do que o as forças permitem. Assim, o números de horas do trabalho diário não deve exceder a força dos trabalhadores, e a quantidade do repouso deve ser proporcionada à qualidade do trabalho, às circunstâncias do tempo e do lugar, à compleição e saúde dos operários. O trabalho, por exemplo, de extrair pedra, ferro, chumbo, e outros materiais escondidos, debaixo da terra, sendo mais pesado e nocivo à saúde deve ser compensado, com uma duração mais curta. Deve-se também às estações, porque não poucas vezes um trabalho, que facilmente se suportaria numa estação, noutra é de fato insuportável ou somente se vence com dificuldade.

28. Enfim, o que um homem válido e na força da idade pode fazer, não será eqüitativo exigi-lo duma mulher ou duma criança. Especialmente a infância, - e isto deve ser estritamente observado, - não deve entrar na oficina senão quando a sua idade tenha suficientemente desenvolvido nela as forças físicas, intelectuais e morais; do contrário, como uma planta ainda tenra, ver-se-á murchar com demasiado precoce, e dar-se-á cabo da sua educação. Trabalhos há também que não se adaptam tanto ã mulher, a qual a natureza destina de preferência aos arranjos domésticos, que, por outro lado salvaguardam admiravelmente a honestidade do sexo, e correspondem melhor, pela sua natureza, ao que pede a boa educação dos filhos e a prosperidade da família. Em geral, a duração do descanso deve medir-se pelo dispêndio das forças que ele deve restituir. O direito ao descanso de cada dia assim como à cessação do trabalho no dia do Senhor, deve ser a condição expressa ou tácita de todo contrato feito entre patrões e operários. Onde esta condição não entrar, o contrato não será probo, pois ninguém pode exigir ou prometer a violação dos deveres do homem para com Deus e para consigo mesmo.

O quantitativo dos salários dos operários

29. Passemos agora a outro ponta da questão e de não menor importância, que, para evitar os extremos, demanda uma definição precisa. Referimo-nos à fixação do salário. Uma vez livremente aceiro o salário por uma e outra parte, assim se raciocina, o patrão cumpre todos os seus compromissos desde que o pague e não é obrigado a mais nada. Em tal hipótese, a justiça só será lesada, se ele se recusasse a saldar a dívida ou o operário a concluir todo o seu trabalho, e a satisfazer as suas condições; e neste caso, com exclusão de qualquer outro, é que o poder público teria que intervir para fazer valer o direito de qualquer deles.

Semelhante raciocínio não encontrará um juiz eqüitativo que consinta em o abraçar sem reserva, pois não abrange todos os lados da questão e omite um, deveras importante. Trabalhar é exercer a atividade com o fim

de procurar o que requerem as diversas necessidades do homem, mas principalmente a sustentação da própria vida. 'Comerás o teu pão com o suor do teu rosto' (Gên 3,19). Eis a razão por que o trabalho recebeu da natureza como um duplo cunho: é pessoal, porque a força ativa é inerente à pessoa, e porque é propriedade daquele que a exerce e a recebeu para sua utilidade; e é necessário, porque o homem precisa da sua existência, e porque a deve conservar para obedecer às ordens irrevogáveis da natureza. Ora, se não se encarar o trabalho senão pelo seu lado pessoal, não há dúvida de que o operário pode a seu talante restringir a taxa do salário. A mesma vontade que dá o trabalho, pode contentar-se com uma pequena remuneração ou mesmo não exigir nenhuma. Mas já é outra coisa, se ao caráter de personalidade se juntar o de necessidade, que o pensamento pode abstrair, mas que na realidade não se pode separar. Efetivamente, conservar a existência é um dever imposto a todos os homens e ao qual se não podem subtrair sem crime. Deste dever nasce necessariamente o direito de procurar as coisas necessárias à subsistência, e que o pobre as não procure senão mediante o salário do seu trabalho.

Façam, pois, o patrão e o operário todas as convenções que lhes aprouver, cheguem inclusive a acordar na cifra do salário; acima da sua livre vontade está uma lei de justiça natural, mais elevada e mais antiga, a saber, que o salário não deve ser insuficiente para assegurar a subsistência do operário sóbrio e honrado. Mas se, constrangido pela necessidade ou forçado pelo receio dum mal maior, aceita condições duras que por outro lado lhe não seria permitido recusar, porque lhe são impostas pelo patrão ou por quem faz oferta do trabalho, então é isto sofrer uma violência contra a qual a justiça protesta.

Mas, sendo de temer que nestes casos e em outros análogos, como no que diz respeito às horas diárias de trabalho e à saúde dos operários, a intervenção dos poderes públicos seja importuna, sobretudo por causa da variedade das circunstâncias, dos tempos e dos lugares, será preferível que a solução seja confiada às corporações ou sindicatos de que falaremos mais adiante ou que se recorra a outros meios de defender os interesses dos operários, mesmo com o auxílio e apoio do Estado, se a questão reclamar (veja-se o n.o 29 e segs.).

A economia como meio de conciliação das classes

30. O operário que receber um salário suficiente para ocorrer como desafogo às suas necessidades e as da sua família, se for avisado, seguirá o conselho que parece dar-lhe a própria natureza: aplicar-se-á a ser parcimonioso e obrará de forma que, com prudentes economias, vá juntando um pequeno pecúlio que lhe permita chegar um dia a adquirir um modesto patrimônio. Já vimos que a presente questão não podia receber solução realmente eficaz, se se não começasse por estabelecer com o princípio fundamental a inviolabilidade da propriedade particular. Importa pois que as leis favoreçam o espírito da propriedade, o reanimem e desenvolvam, tanto quanto possível, entre as massas populares.

Uma vez obtido este resultado, seria ele a fonte dos mais preciosos benefícios, e em primeiro lugar duma repartição dos bens certamente mais eqüitativa. A violência das revoluções políticas dividiu o corpo social em duas classes e cavou entre um imenso abismo. Dum lado a onipotência na opulência: uma facção que, senhora absoluta da indústria e do comércio, torce o curso das riquezas e faz correr para o seu lado todos os mananciais; facção que aliás têm na sua mão mais dum motor da administração pública. Do outro, a fraqueza na indigência: uma multidão com a alma dilacerada, sempre pronta para a desordem. Ah, estimula-se a industriosa atividade do povo com a perspectiva da sua participação na propriedade do solo, e ver-se-á nivelar pouco a pouco o abismo que separa a opulência da miséria, e operar-se a aproximação entre as duas classes. Demais, a terra produzirá tudo em maior abundância, pois o homem é assim feito: o pensamento de que trabalha em terreno que é seu redobra o seu ardor e a sua aplicação. Chega a por todo o seu amor numa terra que ele mesmo cultivou, que lhe promete a si e aos seus não só o estritamente necessário, mas ainda uma certa abastança. Não há quem descubra sem esforço essa duplicação da atividade sobre a fecundidade sobre a terra e sobre a riqueza das nações. A terceira atividade será a suspensão do movimento de emigração: ninguém, com efeito, quereria trocar por uma região estrangeira a sua pátria e a sua terra natal, se nesta encontrasse os meios de levar uma vida mais tolerável.

Mais uma condição indispensável para que todas estas vantagens se convertam em realidades, é que a propriedade particular não seja esgotada por um excesso de encargos e de impostos. Não é das leis humanas, mas da natureza, que emana o direito da propriedade individual; a autoridade pública não o pode, pois; abolir, o que ela pode é regular-lhe e conciliá-lo com o bem comum. É por isso que ela obra contra a justiça e contra a humanidade quando, sobre o nome de impostos, sobrecarrega desmedidamente os bens dos particulares.

Benefícios das corporações

31. Em último lugar, que os próprios patrões e operários podem singularmente auxiliar a solução por meio de todas as obras próprias a aliviar eficazmente a indigência e a operar uma aproximação entre as duas classes. Deste número são as associações de socorres mútuos; as diversas instituições, devido à iniciativa particular, que tem por fim socorrer os operários, bem como as suas viúvas e órfãos, em caso de morte, de acidentes ou de enfermidades; os patronatos que exercem uma proteção benéfica para com as crianças dos dois sexos, os adolescentes e os homens feitos. Mas o primeiro lugar pertence às corporações operárias, que abrangem quase todas as outras. Os nossos antepassados experimentaram por muito tempo a benéfica influência destas associações. Ao mesmo tempo que os artistas encontravam nelas apreciáveis vantagens, as artes receberam delas novo lustre e nova vida, como o proclama grande quantidades de monumentos. Sendo hoje mais cultas as gerações, mais polidos os costumes, mais numerosas as exigências da vida cotidiana, e fora de dúvida que se não podia deixar de adaptar as associações às essas novas condições. Assim, com prazer vemos Nós irem-se formando por toda parte sociedades deste gênero, quer compostas só de operários, quer mistas, reunindo ao mesmo tempo operários e patrões: é para desejar que aumentem a sua ação. Conquanto nos tenhamos ocupado delas mais uma vez (veja-se a Encíclica Libertas), queremos expor aqui a sua oportunidade e o seu direito de existência e indicar como devem organizar-se e qual deve ser o seu programa de ação.

As associações particulares e o Estado

32.A experiência que os homens adquirem todos os dias da exiguidade de suas forças, obriga-o e impele-o a agregar-se a uma cooperação estranha.

É nas Sagradas Letras que se lê esta máxima: 'Mais valem dois juntos que um só, pois tiram vantagens da suas associação. Se um cai, o outro sustenta-o Desgraçado do homem só, pois quando cair, não terá ninguém que o levante'(Ecl 4, 9-12). E esta outra: 'O irmão que é ajudado por seu irmão, é como uma cidade forte'(Prov 18, 19). Desta propensão natural, como dum único germe, nasce, primeiro a sociedade civil; depois no próprio seio desta, outras sociedades que, por serem restritas e imperfeitas, não deixam de ser sociedades verdadeiras.

Entre as pequenas sociedades e a grande, existem profundas diferenças, que resultam de seu fim próximo. O fim da sociedade civil abrange universalmente todos os cidadãos, pois este fim está no bem comum, isto é, num bem do qual todos e cada um têm o direito de participar em medida proporcional. Por isso se chama público, porque 'reúne os homens para formarem uma nação' (Santo Tomás, Contra Impug. Dei cultum et relig., II, 8). Ao contrário, as sociedades que se constituem no seu seio, são frágeis, porque são particulares, e o são com efeito, pois a sua razão de ser imediata, é a utilidade particular e exclusiva dos seus membros: 'A sociedade particular é aquela que se forma com um fim particular, como quando dois ou três indivíduos para exercerem em comum o comércio' (Ibidem). Ora pelo fato de as sociedades particulares não terem existência senão no seio da sociedade civil, da qual são como outras tantas partes, não se segue, falando em geral e considerando apenas a sua natureza, que o Estado possa negar-lhe a existência. O direito de existência foi-lhes outorgado pela própria natureza; e a sociedade civil foi instituída para proteger o direito natural, não para o aniquilar. Por esta razão, uma sociedade civil que proibisse as sociedades públicas e particulares, atacar-se-ia a si mesa, pois todas as sociedades públicas e particulares tiram a sua origem dum mesmo princípio: a natural sociabilidade do homem. Certamente se dão conjunturas que as leis a opor-se à fundação duma sociedade deste gênero. Se uma sociedade, em virtude mesmo de seus estatutos orgânicos, trabalhasse para um fim em oposição flagrante com a probidade, com a justiça, com a segurança do Estado, os poderes públicos teriam o direto de lhe impedir a formação, ou de a dissolver, se já estivesse formada. Mas deviam

em tudo isso proceder com grande circunspecção para evitar a usurpação dos direitos dos cidadãos, e para não estatuir, sobre a cor de utilidade pública, alguma coisa que a razão houvesse de desaprovar. Pois uma lei não merece obediência senão enquanto é conforme com a reta razão e a leia eterna de Deus (Santo Tomás, Sum. Teo., I-II, q. 93, a. 3 ad 2).

33. Aqui, apresentam –se ao nosso espírito as confrarias, as congregações e as ordem religiosas de todo o gênero, nascidas da autoridade da Igreja e da piedade dos fiéis. Quais foram os seus frutos de salvação para o gênero humano até aos nossos dias, a história o diz suficientemente. Considerando simplesmente o ponto de vista da razão, estas sociedades aparecem como fundadas com um fim honesto, e, consequentemente, sob os auspícios do direito natural: no que elas têm de relativo à religião, não dependem senão da Igreja. Os poderes públicos não podem, pois, legitimamente, arrogar-se nenhum direto sobre elas, atribuir-se a sua administração, a sua obrigação é antes respeitá-las, protegê-las, e em caso de necessidade, defendê-las. Justamente o contrário é que Nós temos sido condenado a ver, principalmente nesses últimos tempos. Em não poucos países, o Estado tem posto mão nestas sociedades, e tem acumulado a este respeito injustiça: sujeição às leis civis, privação do direito legítimo de personalidade, espoliação dos bens. Sobre estes bens, a Igreja tinha todavia os seus direitos: cada um dos membros tinha os seus; os doadores que lhe haviam dado uma aplicação, e aqueles, enfim, que delas auferiam socorros e alívio, tinham os seus. Assim não podemos deixar de deplorar amargamente espoliações tão iníquas e tão funestas; tanto mais que se terem de proscrição as sociedades católicas na mesma ocasião em que se afirma a legalidade das sociedades particulares, e que aquilo que se recusa a homens pacíficos e que não tem em vista senão a utilidade pública, se concede, e por certo muito amplamente, a homens que meditam planos funestos para a religião e também para o Estado.

As associações operárias católicas

34. Certamente em nenhuma outra época se viu tão grande multiplicidade de associações de todo o gênero, principalmente de associações operárias. Não é, porém, lugar para se investigar qual a origem de muitas delas, qual o fim e quais os meios que tendem para esse fim. Mas é uma opinião, confirmada por numerosos indícios, que elas são ordinariamente governadas por chefes ocultos, e que obedecem a uma palavra de ordem igualmente hostil ao nome cristão e à segurança das nações; que, depois de terem açambarcado todas as empresas, se há operários que recusam a entrar no seu seio, ela fazem-lhe expiar a sua recusa pela miséria. Nesse estado de coisas, os operários cristão não têm remédio senão escolher entre esses dois partidos: ou darem os seus nomes de que a religião tem tudo a temer, ou organizarem-se eles próprios e unirem as forças para poderem sacudir denodadamente um jugo tão injusto e tão intolerável. Haverá homens verdadeiramente empenhados em arrancar o supremo bem da humanidade a um perigo iminente, que possam ter a menor dúvida de que é necessário obter por esse último partido?

É altamente louvável o zelo de grande número dos nossos que, conhecendo perfeitamente as necessidades da hora presente, sondam cuidadosamente o terreno, para aí descobrirem uma vereda honesta que conduz à reabilitação da classe operária. Constituindo-se protetores das pessoas dedicadas ao trabalho, esforcem-se por aumentar a sua prosperidade, tanto doméstica quanto individual, e regular com equidade as relações recíprocas dos patrões e dos operários; por manter e enraizar nuns e noutros a lembrança dos seus deveres e a observação dos preceitos que, conduzindo o homem à moderação e condenando todos os excessos, mantém nas nações, e entre elementos tão diversos de pessoas e de coisas, a concórdia e a harmonia mais perfeita. Sob a inspiração dos mesmos pensamentos, homens de grande mérito se reúnem freqüentemente em congresso, para comunicarem mutualmente as idéias, unirem as suas forças, ordenarem programas de ação. Outros ocupam-se de formar corporações adequadas às diversas profissões e em fazer entrar nelas os artífices; coadjuvam estes com os seus conselhos, e a sua fortuna, e providenciam para que lhes não falte nunca um trabalho honrado e proveitoso. Os Bispos, por seu lado, animam estes esforços e os colocam sob a sua proteção; por sua autoridade e sob seus auspícios, membros do clero, tanto secular como regular, se dedicam, em grande número, aos interesses espirituais das corporações. Finalmente, não faltam católicos que, possuidores de abundantes riquezas, convertidos de algumas sorte em companheiros voluntários dos trabalhadores, não olham as despesas para fundar e propagar sociedades, onde estes possam encontrar, a par com certa abastança para o presente, a promessa de honroso descanso para o futuro. Tanto zelo, tantos e tão

engenhosos esforços têm já feito entre os povos um bem muito considerável, e demasiado conhecido para que seja necessário falar deles mais detidamente. É a nossos olhos feliz prognóstico para o futuro, e esperamos destas corporações os mais benéficos frutos, contanto que continuem a desenvolver-se e que a prudência presida à sua organização. Proteja o Estado essas estas sociedades fundadas segundo o direito; mas não se intrometa no seu governo interior e não toque nas molas íntimas que lhes dão vida; pois o movimento vital procede essencialmente de um princípio interno, e extingue-se facilmente sob a ação de uma causa externa.

Disciplina e fim destas associações

35. Precisam evidentemente estas corporações, para que nelas haja unidade de ação e acordo de vontades, duma sábia e prudente disciplina. Se, pois, como é certo, os cidadãos são livre para se associarem, devem sê-lo igualmente para se dotarem com os estatutos e regulamentos que lhe pareçam mais apropriados ao fim a que visam. Quais devem ser estes estatutos e regulamentos? Não cremos que se possam dar regras certas e precisas para lhes determinar os pormenores; tudo depende do gênero de cada nação, das tentativas feitas e da experiência adquirida, do gênero de trabalho, da expansão do comércio, e de outras circunstâncias de coisas e de tempos que se devem pesar com ponderação. Tudo quanto se pode dizer em geral é que se deve tomar como regra universal e constante o organizar e governar por tal forma as corporações que proporcionem a cada um dos seus membros os meios mais aptos para lhe fazerem atingir, pelo caminho mais cômodo e mais curto, o fim que eles se propõem, e que consiste no maior aumento possível dos bens do corpo, do espírito e da fortuna.

Mas é evidente que se deve visar antes de tudo ao objeto principal, que é o aperfeiçoamento moral e religioso. É principalmente este fim que deve regular toda a economia destas sociedades; de outro modo, elas degenerariam bem depressa e cairiam, por pouco que fosse, na linha das sociedades em que não tem lugar a religião. Ora, de que serviria ao artista ter encontrado no seio da corporação a abundância material, se a falta de alimentos espirituais pusesse em perigo a salvação de sua alma? 'Que vale ao homem possuir o universo inteiro, se vier a perder a sua alma?'(Mt 16, 26). Eis o caráter com que Nosso Senhor Jesus Cristo quis com que se distinguisse o cristão do pagão: 'Os pagãos procuram todas estas coisas... procurai primeiro o Reino de Deus, e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo' (Mt 6, 32-33). Assim, pois, tomando Deus como ponto de partida, dê-se amplo lugar à instrução religiosa a fim de que todos conheçam os seus deveres para com ele; o que é necessário crer, o que é necessário esperar, o que é necessário fazer para obter a salvação eterna, tudo isso lhes deve ser cuidadosamente recomendado; premunam-se com particular solicitude contra as opiniões errôneas contra todas as variedades do vício. Guie-se o operário ao culto de Deus, incite-se nele o espírito de piedade, faça-se principalmente fiel à observância dos domingos e dias festivos. Aprenda ela a amar e respeitar a Igreja, mão comum de todos os cristãos, a aquiescer aos seus preceitos, a freqüentar os seus sacramentos, que são fontes de vida onde a alma se purifica das manchas e bebe a santidade.

Constituída assim a religião fundamento de todas as leis sociais, não é difícil determinar as relações mútuas a estabelecer entre os membros para obter a paz e a prosperidade da sociedade. As diversas funções devem ser distribuídas da maneira mais proveitosa aos interesses comuns, e de tal modo, que a desigualdade não prejudique a concórdia. Importa grandemente que os encargos sejam distribuídos com inteligência e claramente definidos, a fim de que ninguém sofra injustiça. Que a massa comum seja administrada com integridade, e que se determine previamente, pelo grau de indigência de cada um dos membros, a quantidade de socorro que deve ser concedido; que os direitos e os deveres dos patrões seja perfeitamente conciliados com os direitos e deveres dos operários. A fim de se atender às reclamações eventuais que se levantem numa ou noutra classe a respeito dos direitos lesados, seria muito para desejar que os próprios estatutos encarregam homens prudentes e íntegros, tirados do seu seio, para regularem o litígio na qualidade de árbitros.

Convite para os operários católicos se associarem

36. É necessário ainda prover de modo especial a que em nenhum tempo falte trabalho ao operário; e que haja um fundo de reserva destinado a fazer face, não somente aos acidentes súbitos e fortuitos inseparáveis

do trabalho industrial, mas ainda à doença, à velhice e aos reveses da fortuna.

Estas leis, contando que sejam aceitas de boa vontade, bastam para assegurar aos fracos a subsistência e um certo bem-estar; mas as corporações católicas ainda são chamadas a prestar os seus bons serviços à prosperidade geral. Pelo passado podemos sem temeridade julgar o futuro. Uma época cede o lugar à outra. Mas o curso das coisas apresentam maravilhosas semelhanças, preparadas por essa Providência que tudo dirige e faz convergir para o fim que Deus se propôs ao criar a humanidade. Sabemos que nas primeiras idades da Igreja lhe imputavam como crime a indigência dos seus membros, condenado a viver de esmolas ou do trabalho. Mas despidos como estavam de riquezas e de poder, souberam conciliar o favor dos ricos e a proteção dos poderosos. Viam-nos diligentes e laboriosos, modelos de justiça e principalmente de caridade. Com o espetáculo de uma vida tão perfeita e de costumes tão puros, todos os preconceitos se dissiparam, o sarcasmo caiu e as ficções de uma superstição inveterada desvaneceram-se pouco a pouco ante a verdade cristã.

A sorte da classe operária, tal é a questão de que hoje se trata, será resolvida pela razão ou sem ela e não pode ser indiferente às nações quer o seja de um modo ou de outro. Os operários cristãos resolvê-la-ão facilmente pela razão, se, unidos em sociedades e obedecendo a uma direção prudente, encontrarem no caminho em que seus antepassados encontraram o seu bem e o dos povos. Qualquer que seja nos homens a força dos preconceitos e das paixões, se uma vontade pervertida não afogou ainda inteiramente o sentido do justo e do honesto, será indispensável que, cedo ou tarde, a benevolência pública se volte para esses operários, que se hajam visto ativos e modestos, pondo a equidade acima da ganância, e preferindo a tudo a religião do dever. Daqui, resultará esta outra vantagem: que a esperança de salvação e grandes facilidades para a atingir, serão oferecidas a esses operários que vivem no desprezo da fé cristã ou nos hábitos que ela reprova. Compreendem, geralmente, esses operários que tem sido joguete de esperanças enganosas e de aparências mentirosas. Pois sentem, pelo tratamento desumano que recebem dos seus patrões, que quase não são avaliados senão pelo peso do ouro produzido pelo seu trabalho; quanto às sociedades que os aliciaram; bem vêem eles que, em lugar da caridade e do amor, não encontram nelas senão discórdias intestinas, companheiras inseparáveis da pobreza insolente e incrédula. A alma embotada, o corpo extenuado, quanto não desejariam sacudir um jugo tão humilhante! Mas, ou por causa dos respeitos humanos, ou pelo receio da indigência, não ousam fazê-lo. Ah, para todos esses operários podem as sociedades católicas ser de maravilhosa utilidade, se convidarem os hesitantes a vir procurar no seu seio um remédio para todos os males, e acolherem pressurosas os arrependidos e lhes assegurarem defesa e proteção.

Solução definitiva: a caridade

Vede, Veneráveis Irmãos, por quem e por que meios esta questão tão difícil demanda ser tratada e resolvida. Tome cada um a tarefa que lhe pertence, e isto sem demora, para que não suceda que, diferindo o remédio, se torne incurável o mal, já de sí tão grave. Façam os governantes uso da autoridade protetora das leis e das instituições; lembrem-se os ricos e os patrões dos seus deveres; tratem os operário, cuja sorte está em jogo, dos seus interesses pelas vias legítimas; e, visto que só a religião, como dissemos a princípio, é capaz de arrancar o mal pela raiz, lembrem-se todos que a primeira coisa a fazer é a restauração dos costumes cristãos, sem os quais os meios mais eficazes sugeridos pela prudência humana serão pouco aptos para produzir salutares resultados. Quanto à Igreja, a sua ação jamais faltara por qualquer modo, e será tanto mais fecunda, quanto mais livremente se possa resolver. Nós desejamos que compreendam isto sobretudo aqueles cuja missão é velar pelo bem público. Empreguem neste ponto todos os Ministros do Santuário toda a energia da sua alma e generosidade do seu zelo, e guiados pela vossa autoridade e pelo vosso exemplo, Veneráveis Irmãos, não se cansem de inculcar a todas as classes da sociedade as máximas do Evangelho; façamos tudo quanto estiver ao nosso alcance para salvação dos povos, e, sobretudo, alimentem em si e acendam nos outros, nos grandes e nos pequenos a caridade, senhora e rainha de todas as virtudes. Portanto, a salvação desejada deve ser principalmente o fruto de uma grande efusão da caridade, queremos dizer, daquela caridade que compendia em si todo o Evangelho, e que, sempre pronta a sacrificar-se pelo próximo, é o antídoto mais seguro contra o orgulho e o egoísmo do século. Desta virtude, descreveu São Paulo as feições características com as seguintes palavras: 'A caridade é paciente, é benigna, não cuida do seu interesse; tudo sofre; a tudo se

resigna' (1Cor 13, 4-7).

Como sinal dos favores celestes e penhor de Nossa benevolência, a cada um de vós, Veneráveis Irmãos, ao vosso clero e ao vosso povo, com grande afeto no Senhor, concedemos a Benção Apostólica.

Dado em Roma, junto de São Pedro, aos 15 de maio de 1891, no décimo quarto ano de Nosso Pontificado.

LEÃO PP. XIII

CARTA ENCÍCLICA
PASCENDI DOMINICI GREGIS
DO SUMO PONTÍFICE
PIO X
AOS PATRIARCAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS, BISPOS
E OUTROS ORDINÁRIOS EM PAZ
E COMUNHÃO COM A SÉ APOSTÓLICA
SOBRE AS DOUTRINAS MODERNISTAS

INTRODUÇÃO

Veneráveis Irmãos, saúde e bênção apostólica

A missão, que nos foi divinamente confiada, de apascentar o rebanho do Senhor, entre os principais deveres impostos por Cristo, conta o de guardar com todo o desvelo o depósito da fé transmitida aos Santos, repudiando as profanas novidades de palavras e as oposições de uma ciência enganadora. E, na verdade, esta providência do Supremo Pastor foi em todo o tempo necessária à Igreja Católica; porquanto, devido ao inimigo do gênero humano nunca faltaram homens de perverso dizer (At 20,30), vaníloquos e sedutores (Tit 1,10), que caídos eles em erro arrastam os mais ao erro (2 Tim 3,13). Contudo, há mister confessar que nestes últimos tempos cresceu sobremaneira o número dos inimigos da Cruz de Cristo, os quais, com artifícios de todo ardilosos, se esforçam por baldar a virtude vivificante da Igreja e solapar pelos alicerces, se dado lhes fosse, o mesmo reino de Jesus Cristo. Por isto já não Nos é lícito calar para não parecer faltarmos ao Nosso santíssimo dever, e para que se Nos não acuse de descuido de nossa obrigação, a benignidade de que, na esperança de melhores disposições, até agora usamos.

E o que exige que sem demora falemos, é antes de tudo que os fautores do erro já não devem ser procurados entre inimigos declarados; mas, o que é muito para sentir e recear, se ocultam no próprio seio da Igreja, tornando-se destarte tanto mais nocivos quanto menos percebidos.

Aludimos, Veneráveis Irmãos, a muitos membros do laicato católico e também, coisa ainda mais para lastimar, a não poucos do clero que, fingindo amor à Igreja e sem nenhum sólido conhecimento de filosofia e teologia, mas, embebidos antes das teorias envenenadas dos inimigos da Igreja, blasonam, postergando todo o comedimento, de reformadores da mesma Igreja; e cerrando ousadamente fileiras se atiram sobre tudo o que há de mais santo na obra de Cristo, sem pouparem sequer a mesma pessoa do divino Redentor que, com audácia sacrílega, rebaixam à craveira de um puro e simples homem.

Pasmem, embora homens de tal casta, que Nós os ponhamos no número dos inimigos da Igreja; não poderá porém, pasmar com razão quem quer que, postas de lado as intenções de que só Deus é juiz, se aplique a examinar as doutrinas e o modo de falar e de agir de que lançam eles mão. Não se afastará, portanto, da verdade quem os tiver como os mais perigosos inimigos da Igreja. Estes, em verdade, como dissemos, não já fora, mas dentro da Igreja, tramam seus perniciosos conselhos; e por isto, é por assim dizer nas próprias veias e entranhas dela que se acha o perigo, tanto mais ruinoso quanto mais intimamente eles a conhecem. Além de que, não sobre as ramagens e os brotos, mas sobre as mesmas raízes que são a Fé e suas fibras mais vitais, é que meneiam eles o machado.

Batida pois esta raiz da imortalidade, continuam a derramar o vírus por toda a árvore, de sorte que coisa alguma poupam da verdade católica, nenhuma verdade há que não intentem contaminar. E ainda vão mais longe; pois pondo em obra o sem número de seus maléficos ardis, não há quem os vença em manhas e astúcias: porquanto, fazem promiscuamente o papel ora de racionalistas, ora de católicos, e isto com tal dissimulação que arrastam sem dificuldade ao erro qualquer incauto; e sendo ousados como os que mais o são, não há conseqüências de que se amedrontem e que não aceitem com obstinação e sem escrúpulos. Acrescente-se-lhes ainda, coisa aptíssima para enganar o ânimo alheio, uma operosidade incansável, uma assídua e vigorosa aplicação a todo o ramo de estudos e, o mais das vezes, a fama de uma vida austera. Finalmente, e é isto o que faz desvanecer toda esperança de cura, pelas suas mesmas doutrinas são formadas numa escola de desprezo a toda autoridade e a todo freio; e, confiados em uma consciência falsa, persuadem-se de que é amor de verdade o que não passa de soberba e obstinação. Na verdade, por algum tempo esperamos reconduzi-los a melhores sentimentos e, para este fim, a princípio os tratamos com brandura, em seguida com severidade e, finalmente, bem a contragosto, servimo-nos de penas públicas.

Mas vós bem sabeis, Veneráveis Irmãos, como tudo foi debalde; pareceram por momento curvar a fronte, para depois reerguê-la com maior altivez. Poderíamos talvez ainda deixar isto desapercebido se tratasse somente deles; trata-se porém das garantias do nome católico.

Há, pois, mister quebrar o silêncio, que ora seria culpável, para tornar bem conhecidas à Igreja esses homens tão mal disfarçados.

E visto que os modernistas (tal é o nome com que vulgarmente e com razão são chamados) com astuciosíssimo engano costumam apresentar suas doutrinas não coordenadas e juntas como um todo, mas dispersas e como separadas umas das outras, afim de serem tidos por duvidosos e incertos, ao passo que de fato estão firmes e constantes, convém, Veneráveis Irmãos, primeiro exibirmos aqui as mesmas doutrinas em um só quadro, e mostrar-lhes o nexo com que formam entre si um só corpo, para depois indagarmos as causas dos erros e prescrevermos os remédios para debelar-lhes os efeitos perniciosos.

Iª PARTE - EXPOSIÇÃO DO SISTEMA E SUA DIVISÃO

E para procedermos com ordem em tão abstrusa matéria, convém notar que cada modernista representa e quase compendia em si muitos personagens, isto é, o de filósofo, o de crente, o de teólogo, o de historiador, o de crítico, o de apologista, o de reformador; os quais personagens todos, um por um, cumpre bem os distinga todo aquele que quiser devidamente conhecer o seu sistema e penetrar nos princípios e nas conseqüências das suas doutrinas.

O modernista filósofo

Começando pelo filósofo, cumpre saber que todo o fundamento da filosofia religiosa dos modernistas assenta sobre a doutrina, que chamamos agnosticismo. Por força desta doutrina, a razão humana fica inteiramente reduzida à consideração dos fenômenos, isto é, só das coisas perceptíveis e pelo modo como são perceptíveis; nem tem ela direito nem aptidão para transpor estes limites. E daí segue que não é dado à razão elevar-se a Deus, nem conceder-lhe a existência, nem mesmo por intermédio dos seres visíveis. Segue-se, portanto, que Deus não pode ser de maneira alguma objeto direto da ciência; e também com relação à história, não pode servir de assunto histórico. Postas estas premissas, todos percebem com clareza qual não deve ser a sorte da teologia natural, dos motivos de credibilidade, da revelação externa. Tudo isto os modernistas rejeitam e atribuem ao intelectualismo, que chamam ridículo sistema, morto já há muito tempo. Nem os abala ter a Igreja condenado formalmente erros tão monstruosos. Pois que, de fato, o Concílio Vaticano I assim definiu;

Se alguém disser que o Deus, único e verdadeiro, criador e Senhor nosso, por meio das coisas criadas não pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, seja anátema (De Revel. Cân. 1); e também:

Se alguém disser que não é possível ou não convém que, por divina revelação, seja o homem instruído acerca de Deus e do culto que lhe é devido, seja anátema (Ibid. Cân. 2); e, finalmente:

Se alguém disser que a divina revelação não pode tornar-se crível por manifestações externas, e que por isto os homens não devem ser movidos à fé senão exclusivamente pela interna experiência ou inspiração privada, seja anátema (De Fide, Cân. 3).

De que modo porém os modernistas passam do agnosticismo, que é puro estado de ignorância, para o ateísmo científico e histórico que, ao contrário, é estado de positiva negação, e por isso, com que lógica, do não saber se Deus interveio ou não na história do gênero humano, passam a tudo explicar na mesma história, pondo Deus de parte, como se na realidade não tivesse intervindo, quem o souber que o explique.

Há entretanto para eles uma coisa fixa e determinada, que é o dever ser atéia a ciência a par da história, em cujas raias não haja lugar senão para os fenômenos, repelido de uma vez, Deus e tudo o que é divino. E dessa absurdíssima doutrina ver-se-á, dentro em pouco, que coisas seremos obrigados a deduzir a respeito da augusta Pessoa de Cristo, dos mistérios e da sua vida e morte, da sua ressurreição e ascensão ao céu.

Este agnosticismo, porém, na doutrina dos modernistas, não constitui senão a parte negativa; a positiva acha-se toda na imanência vital.

Eis aqui o modo como eles passam de uma parte a outra. A religião, quer a natural quer a sobrenatural, é mister seja explicada como qualquer outro fato. Ora, destruída a teologia natural, impedido o acesso à revelação ao rejeitar os motivos de credibilidade, é claro que se não pode procurar fora do homem essa explicação. Deve-se, pois, procurar no mesmo homem; e visto que a religião não é de fato senão uma forma da vida, a sua explicação se deve achar mesmo na vida do homem. Daqui procede o princípio da imanência religiosa. Demais, a primeira moção, por assim dizer, de todo fenômeno vital, deve sempre ser atribuída a uma necessidade; os primórdios, porém, falando mais especialmente da vida, devem ser atribuídos a um movimento do coração, que se chama sentimento. Por conseguinte, como o objeto da religião é Deus, devemos concluir que a fé, princípio e base de toda a religião, se deve fundar em um sentimento, nascido da necessidade da divindade.

Esta necessidade das causas divinas não se fazendo sentir no homem senão em certas e especiais circunstâncias, não pode de per si pertencer ao âmbito da consciência; oculta-se (porém), primeiro abaixo da consciência, ou, como dizem com vocábulo tirado da filosofia moderna, na subconsciência, onde a sua raiz fica também oculta e incompreensível. Se alguém, contudo lhes perguntar de que modo essa necessidade da divindade, que o homem sente em si mesmo, torna-se religião, será esta a resposta dos modernistas: a ciência e a história, dizem eles, acham-se fechadas entre dois termos: um externo, que é o mundo visível; outro interno, que é a consciência. Chegados a um ou outro destes dois termos, não se pode ir mais adiante; além destes dois limites acha-se o incognoscível. Diante deste incognoscível, seja que ele se ache fora do homem e fora de todas as coisas visíveis, seja que ele se ache oculto na subconsciência do homem, a necessidade de um quê divino, sem nenhum ato prévio da inteligência, como o quer o fideísmo, gera no ânimo já inclinado um certo sentimento particular, e este, seja como objeto seja como causa interna, tem envolvida em si a mesma realidade divina e assim, de certa maneira, une o homem com Deus. É precisamente a este sentimento que os modernistas dão o nome de fé e tem-no como princípio de religião.

Nem acaba aí o filosofar, ou melhor, o desatinar desses homens. Pois, nesse mesmo sentimento eles não encontram unicamente a fé; mas, com a fé e na mesma fé, do modo como a entendem, sustentam que também se acha a revelação. E que é o que mais se pode exigir para a revelação? Já não será talvez revelação, ou pelo menos princípio de revelação, aquele sentimento religioso, que se manifesta na consciência? Ou também o mesmo Deus a manifestar-se às almas, embora um tanto confusamente, no mesmo sentimento religioso? eles ainda acrescentam mais, dizendo que, sendo Deus ao mesmo tempo objeto e causa da fé, essa revelação é de Deus como objeto e também provém de Deus como causa; isto é, tem a Deus ao mesmo tempo como revelante e revelado. Segue-se daqui, Veneráveis Irmãos, a absurda afirmação dos modernistas, segundo a qual toda a religião, sob diverso aspecto, é igualmente natural e sobrenatural. Segue-se daqui a promíscua significação que dão aos termos consciência e revelação. Daqui a lei que dá a consciência religiosa, a par com a revelação, como regra universal, à qual todos se devem sujeitar, inclusive a própria autoridade da Igreja, seja quando ensina seja quando legisla em matéria de culto ou disciplina.

Entretanto, em todo este processo donde, segundo os modernistas, resultam a fé e a revelação, deve atender-se principalmente a uma coisa de não pequena importância, pelas conseqüências histórico-críticas, que daí fazem derivar. Aquele Incognoscível, de que falam, não se apresenta à fé como que nu e isolado; mas, ao contrário, intimamente unido a algum fenômeno que, embora pertença ao campo da ciência ou da história, assim mesmo, de certo modo, transpõe os seus limites.

Este fenômeno poderá ser um fato qualquer da natureza, contendo em si algum quê de misterioso, ou poderá também ser um homem, cujo talento, cujos atos, cujas palavras parecem nada ter de comum com as leis ordinárias da história. A fé, pois, atraída pelo Incognoscível unido ao fenômeno, apodera-se de todo o mesmo fenômeno e de certo modo o penetra da sua vida. Donde se seguem duas coisas.

A primeira é uma certa transfiguração do fenômeno, por uma espécie de elevação das suas próprias condições, que o torna mais apto, qual matéria, para receber o divino.

A segunda é uma certa desfiguração, resultante de que, tendo a fé subtraído ao fenômeno os seus adjuntos de tempo e de lugar, facilmente lhe atribui aquilo que em realidade não tem; o que particularmente se dá em se tratando de fenômenos de antigas datas, e isto tanto mais quanto mais remotas são elas. Destes dois pressupostos, os modernistas deduzem outros tantos cânones que unidos a um terceiro já deduzido de agnosticismos, constituem a base da crítica histórica. Esclareçamos o fato com um exemplo tirado da pessoa de Jesus Cristo. Na pessoa de Cristo, dizem, a ciência e a história não acham mais do que um homem. Portanto, em virtude do primeiro cânon deduzido do agnosticismo, da história dessa pessoa se deve riscar tudo o que sabe de divino. Ainda mais, por força do segundo cânon, a pessoa histórica de Jesus Cristo foi transfigurado pela fé; logo, convém despojá-la de tudo o que a eleva acima das condições históricas.

Finalmente, a mesma foi desfigurada pela fé, em virtude do terceiro cânon; logo, se devem remover dela as falas, as ações, tudo enfim que não corresponde ao seu caráter, condição e educação, lugar e tempo em que viveu. É em verdade estranho tal modo de raciocinar; contudo é esta a crítica dos modernistas.

O sentimento religioso, que por imanência vital surge dos esconderijos da subconsciência, é pois o gérmen de toda a religião e a razão de tudo o que tem havido e haverá ainda em qualquer religião.

Este mesmo sentimento rudimentar e quase informe a princípio, pouco a pouco, sob o influxo do misterioso princípio que lhe deu origem, tem-se ido aperfeiçoando, a par com o progresso da vida humana, da qual, como já ficou dito, é uma forma.

Temos, pois, assim a origem de toda a religião, até mesmo da sobrenatural; e estas não passam de meras explicações do sentimento religioso. Nem se pense que a católica é excetuada; está no mesmo nível das outras, pois não nasceu senão pelo processo de imanência vital na consciência de Cristo, homem de natureza extremamente privilegiada, como outro não houve nem haverá. Fica-se pasmo em se ouvindo afirmações tão audaciosas e sacrílegas! Entretanto, Veneráveis Irmãos, não é esta linguagem usada temerariamente só pelos incrédulos. Homens católicos, até muitos sacerdotes, afirmaram estas coisas

publicamente, e com delírios tais se vangloriam de reformar a Igreja.

Já não se trata aqui do velho erro, que à natureza humana atribuía um quase direito à ordem sobrenatural.

Vai-se muito mais longe ainda; chega-se até a afirmar que a nossa santíssima religião, no homem Jesus Cristo assim como em nós, é fruto inteiramente espontâneo da natureza. Nada pode vir mais a propósito para dar cabo de toda a ordem sobrenatural. Por isto com suma razão o Concílio Vaticano I definiu: Se alguém disser que o homem não pode ser por Deus elevado a conhecimento e perfeição, que supere as forças da natureza, mas por si mesmo pode e deve, com incessante progresso, chegar finalmente a possuir toda a verdade e todo o bem, seja anátema (De Revel Cân. 3).

Até agora porém, Veneráveis Irmãos, não lhes vimos dar nenhum lugar à ação da inteligência. Contudo, segundo as doutrinas dos modernistas, tem ela também a sua parte no ato de fé. Vejamos como.

Naquele sentimento, dizem, de que tantas vezes já se tem falado, precisamente porque é sentimento e não é conhecimento, Deus de fato se apresenta ao homem, mas de modo tão confuso que em nada ou mal se distingue desse mesmo crente. Faz-se, pois, mister lançar algum raio de luz sobre aquele sentimento, de maneira que Deus se apresente fora e distinto do crente. Ora, isto é obra da inteligência, à qual somente cabe o pensar e o analisar, e por meio da qual o homem a princípio traduz em representações mentais os fenômenos de vida, que nele aparecem, e depois os manifesta com expressões verbais.

Segue-se daí esta vulgar expressão dos modernistas: o homem religioso deve pensar à sua fé. – Sobrevindo, pois, a inteligência ao sentimento, inclina-se sobre este, elabora-o todo, a modo de um pintor que ilumina e reanima os traços de um quadro estragado pelo tempo. O paralelo é de um dos mestres do modernismo. Neste trabalho a inteligência procede de dois modos: primeiro, por um ato natural e espontâneo, exprimindo a sua noção por uma proposição simples e vulgar; depois, com reflexão e penetração mais íntima, ou, como dizem, elaborando o seu pensamento, exprime o que pensou com proposições secundárias, se forem finalmente sancionadas pelo supremo magistério da Igreja, constituirão o dogma.

Assim pois, na doutrina dos modernistas, chegamos a um dos pontos mais importantes, que é a origem e mesmo a natureza do dogma. A origem do dogma põem-na eles, pois, naquelas primitivas fórmulas simples que, debaixo de certo aspecto, devem considerar-se como essenciais à fé, pois que a revelação, para ser verdadeiramente tal, requer uma clara aparição de Deus na consciência. O mesmo dogma porém, ao que parece, é propriamente constituído pelas fórmulas secundárias. Mas, para bem se conhecer a natureza do dogma, é preciso primeiro indagar que relações há entre as fórmulas religiosas e o sentimento religioso.

Não haverá dificuldade em o compreender para quem já tiver como certo que estas fórmulas não têm outro fim, senão o de facilitarem ao crente um modo de dar razão da própria fé. De sorte que essas fórmulas são como que umas intermediárias entre o crente e a sua fé; com relação à fé, são expressões inadequadas do seu objeto e pelos modernistas se denominam símbolos; com relação ao crente, reduzem-se a meros instrumentos.

Não é portanto de nenhum modo lícito afirmar que elas exprimem uma verdade absoluta; portanto, como símbolos, são meras imagens de verdade, e portanto devem adaptar-se ao sentimento religioso, enquanto este se refere ao homem; como instrumentos, são veículos de verdade e assim, por sua vez, devem adaptar-se ao homem, enquanto se refere ao sentimento religioso. E, pois que este sentimento, tem por objeto o absoluto, apresenta infinitos aspectos, dos quais pode aparecer, hoje um, amanhã outro e da mesma sorte como aquele que crê pode passar por essas e aquelas condições, segue-se que também as fórmulas, que chamamos dogmas, devem estar sujeitas a iguais vicissitudes, e por isso também a variarem.

Assim pois, temos o caminho aberto à íntima evolução do dogma. Eis aí um acervo de sofismas, que subvertem e destroem toda a religião!

Ousadamente afirmam os modernistas, e isto mesmo se conclui das suas doutrinas, que os dogmas não somente podem, mas positivamente devem evoluir e mudar-se. De fato, entre os pontos principais da sua doutrina, contam também este, que deduzem da imanência vital: as fórmulas religiosas, para que realmente sejam tais e não só meras especulações da inteligência, precisam ser vitais e viver da mesma vida do sentimento religioso. Daí porém não se deve concluir que essas fórmulas, particularmente se forem só imaginárias, sejam formadas a bem desse mesmo sentimento religioso; porquanto nada importa a sua origem, nem o seu número, nem a sua qualidade; segue-se, porém, que o sentimento religioso, embora modificando-as, se houver mister, as torna vitais e fá-las viver de sua própria vida. Em outros termos, é preciso a fórmula primitiva seja aceita e confirmada pelo coração, e que a subseqüente elaboração das fórmulas secundárias seja feita sob a direção do coração. Procede daí que tais fórmulas para serem vitais, hão de ser e ficar adaptadas tanto à fé quanto ao crente. Pelo que, se por qualquer motivo cessar essa adaptação, perdem sua primitiva significação e devem ser mudadas. Ora, sendo assim mutável o valor e a sorte das fórmulas dogmáticas, não é de admirar que os modernistas tanto as escarneçam e desprezem, e que por conseguinte só reconheçam e exaltem o sentimento e a vida religiosa. Por isto, com o maior atrevimento criticam a Igreja acusando-a de caminhar fora da

estrada, e de não saber distinguir entre o sentido material das fórmulas e sua significação religiosa e moral, e ainda mais, agarrando-se obstinadamente, mas em vão, a fórmulas falhas de sentido, de deixar a própria religião rolar no abismo. Cegos, na verdade, a conduzirem outros cegos, são esses homens que inchados de orgulhosa ciência, deliram a ponto de perverter o conceito de verdade e o genuíno conceito religioso, divulgando um novo sistema, com o qual, arrastados por desenfreada mania de novidades, não procuram a verdade onde certamente se acha; e, desprezando as santas e apostólicas tradições, apegam-se a doutrinas ocas, fúteis, incertas, reprovadas pela Igreja, com as quais homens estultíssimos julgam fortalecer e sustentar a verdade (Gregório XVI, Encíclica "Singulari Nos" 7 Jul. 1834).

Assim, Veneráveis Irmãos, pensa o modernista como filósofo.

O modernista crente

Agora, passando a considerá-lo como crente, se quisermos conhecer de que modo, no modernismo, o crente difere do filósofo, convém observar que, embora o filósofo reconheça por objeto da fé a realidade divina, contudo esta realidade não se acha noutra parte senão na alma do crente, como objeto de sentimento e afirmação; porém, se ela em si mesma existe ou não fora daquele sentimento e daquela afirmação, isto não importa ao filósofo. Se, porém, procurarmos saber que fundamento tem esta asserção do crente, respondem os modernistas: é a experiência individual. Com esta afirmação, enquanto na verdade discordam dos racionalistas, caem na opinião dos protestantes e dos pseudo-místicos.

Eis como eles o declaram: no sentimento religioso deve reconhecer-se uma espécie de intuição do coração, que pôs o homem em contato imediato com a própria realidade de Deus e lhe infunde tal persuasão da existência dele e da sua ação, tanto dentro como fora do homem, que excede a força de qualquer persuasão, que a ciência possa adquirir. Afirmam, portanto, uma verdadeira experiência, capaz de vencer qualquer experiência racional; e se esta for negada por alguém, como pelos racionalistas, dizem que isto sucede porque estes não querem pôr-se nas condições morais que são necessárias para consegui-la. Ora, tal experiência é a que faz própria e verdadeiramente crente a todo aquele que a conseguir. Quanto vai dessa à doutrina católica! Já vimos essas idéias condenadas pelo Concílio Vaticano I. Veremos ainda como, com semelhantes teorias, unidos a outros erros já mencionados, se abre caminho para o ateísmo. Cumpre, entretanto, desde já, notar que, posta esta doutrina da experiência unida à outra do simbolismo, toda religião, não executada sequer a dos idólatras, deve ser tida por verdadeira. E na verdade, porque não fora possível o se acharem tais experiências em qualquer religião? E não poucos presumem que de fato já se as tenha encontrado. Com que direito, pois, os modernistas negarão a verdade a uma experiência afirmada, por exemplo, por um maometano? Com que direito reivindicarão experiências verdadeiras só para os católicos? E os modernistas de fato não negam, ao contrário, concedem, uns confusa e outros manifestamente, que todas as religiões são verdadeiras. É claro, porém, que eles não poderiam pensar de outro modo.

Em verdade, postos os seus princípios, em que se poderiam porventura fundar para atribuir falsidade a uma religião qualquer? Sem dúvida seria por algum destes dois princípios: ou por falsidade do sentimento religioso, ou por falsidade da fórmula proferida pela inteligência. Ora, o sentimento religioso, ainda que às vezes menos perfeito, é sempre o mesmo; e a fórmula intelectual para ser verdadeira basta que corresponda ao sentimento religioso e ao crente, seja qual for a força do engenho deste. Quando muito, no conflito entre as diversas religiões, os modernistas poderão sustentar que a católica tem mais verdade, porque é mais viva, e merece mais o título de cristã, porque mais completamente corresponde às origens do cristianismo. A ninguém pode parecer absurdo que estas conseqüências todas dimanem daquelas premissas. Absurdíssimo é, porém, que católicos e sacerdotes que, como preferimos crer, têm horror a tão monstruosas afirmações, se ponham quase em condição de admiti-las. Pois, tais são os louvores que tributam aos mestres desses erros, tais as homenagens que publicamente lhes prestam, que facilmente dão a entender que as suas honras não atingem as pessoas, que talvez de todo não desmereçam, antes, porém, aos erros, que elas professam às claras, e entre o povo procuram com todos os esforços propagar.

Há ainda outra face, além da que já vimos, nesta doutrina da experiência, de todo contrária à verdade católica. Pois, ela se estende e se aplica à tradição que a Igreja tem sustentado até hoje, e a destrói. E com efeito, os modernistas concebem a tradição como uma comunicação da experiência original, feita a outrem pela pregação, mediante a fórmula intelectual.

Por isto a esta fórmula, além do valor representativo, atribuem certa eficácia de sugestão, tanto naquele que crê, para despertar o sentimento religioso quiçá entorpecido, e restaurar a experiência de há muito adquirida, como naqueles que ainda não crêem, para despertar neles, pela primeira vez, o sentimento religioso e produzir a experiência. Por esta maneira a experiência religiosa abundantemente se propaga entre os povos: não só entre os existentes, pela pregação, mas também entre os vindouros, quer pelo livro, quer pela transmissão oral de uns a outros. Esta comunicação da experiência às vezes lança raízes e vinga; outras vezes se esteriliza logo e morre. O viver para os modernistas é prova de verdade; e a razão disto é que verdade e vida para eles são uma e a mesma coisa. E daqui, mais uma vez, se infere que todas as religiões existentes são verdadeiras, do contrário já não existiriam.

Levadas as coisas até este ponto, Veneráveis Irmãos, já temos muito para bem conhecermos a ordem que os modernistas estabelecem entre a fé e a ciência; notando-se que neste nome de ciência incluem também a história. Antes de tudo se deve ter por

certo que o objeto de uma é de todo estranho e separado do objeto de outra. Porquanto a fé unicamente se ocupa de uma coisa, que a ciência declara ser para si incognoscível. Segue-se, pois, que é diversa a tarefa de cada uma; a ciência acha-se toda na realidade dos fenômenos, onde a fé por maneira alguma penetra; a fé, pelo contrário, ocupa-se da realidade divina, que de todo é desconhecido à ciência. Conclui-se, portanto, que nunca poderá haver conflito entre a fé e a ciência; porque, se cada uma se restringir a seu campo, nunca poderão encontrar-se, nem portanto contradizer-se. Se, entretanto, alguém objetar que no mundo visível há coisas que também pertencem à fé, como a vida humana de Cristo, responderão os modernistas negando. E a razão é que, conquanto tais coisas estejam no número dos fenômenos, todavia, enquanto viveram pela fé e, no modo já indicado, foram pela mesma transfiguradas e desfiguradas, foram subtraídas ao mundo sensível e passaram a ser matéria do divino. Por este motivo, se ainda se quisesse saber se Cristo fez verdadeiros milagres e profecias, se verdadeiramente ressuscitou e subiu ao céu, a ciência agnóstica o negará e a fé o afirmará; e nem assim haverá luta entre as duas. Nega-o o filósofo como filósofo, falando a filósofos e considerando Cristo na sua realidade histórica; afirma-o o crente, como crente, falando a crentes e considerando a vida de Cristo a reviver pela fé e na fé.

De muito se enganaria quem, postas estas teorias, se julgasse autorizado a crer que a ciência e a fé são independentes uma da outra. Por parte da ciência, essa independência está fora de dúvida; mas, já não é assim por parte da fé, que não por um só, mas por três motivos, se deve submeter à ciência. Efetivamente é de notar, em primeiro lugar, que em todo fato religioso, tirada a realidade divina e a experiência que o crente tem da mesma, tudo o mais, e principalmente as fórmulas religiosas, não sai do campo dos fenômenos; cai portanto sob o domínio da ciência. Afaste-se embora do mundo o crente, se lhe aprouver; mas, enquanto se achar no mundo, nunca poderá se furtar, queira-o ou não, às leis, às vistas, ao juízo da ciência e da história. Ainda mais, embora se tenha dito que Deus só é objeto da fé, isto entretanto não se deve entender senão da realidade divina e não da idéia de Deus.

Esta é dependente da ciência; a qual, enquanto se deleita na ordem lógica, também se eleva até o absoluto e o ideal. É, pois, direito da filosofia ou da ciência indagar da idéia de Deus, dirigi-la na sua evolução, corrigi-la quando se lhe misturar qualquer elemento estranho. Fundados nisto é que os modernistas sustentam que a evolução religiosa deve ser coordenada com a evolução moral e intelectual; isto é, como ensina um dos seus mestres, deve ser-lhes subordinada. Deve-se enfim observar que o homem, em si, não suporta um dualismo, por conseguinte o crente experimenta em si mesmo uma íntima necessidade de harmonizar de tal sorte a fé com a ciência, que aquela não se oponha à idéia geral que a ciência forma do universo. Conclui-se, pois, que a ciência é de todo independente da fé; esta, ao contrário, embora se declame que é estranha à ciência, deve-lhe submissão. Todas estas coisas, Veneráveis Irmãos, são diametralmente contrárias ao que o Nosso antecessor Pio IX ensinava, dizendo (Brev. ad Ep. Wratislaw. 15 jun. 1857): Em matéria de religião, é dever da filosofia não dominar, mas servir, não prescrever o que se deve crer, mas aceitá-lo com razoável respeito, não perscrutar os profundos dos mistérios de Deus, mas piedosa e humildemente venerá-los. Os modernistas entendem isto às avessas: há, pois, sobeja razão de aplicar-se-lhes o que outro nosso predecessor, Gregório IX, escrevia de alguns teólogos do seu tempo: Alguns dentre vós, excessivamente cheios de espírito de vaidade, com profanas novidades se esforçam por transpor os limites traçados pelos Santos Padres, curvando à doutrina filosófica dos racionalistas a interpretação das páginas celestes, não proveito dos ouvintes, mas para dar mostras do saber...E estes, arrastados por doutrinas diversas, transformam em cauda a cabeça e obrigam a rainha a servir à escrava (Ep. ad Magistros theol., Paris, julho de 1223).

Estas coisas tornar-se-ão ainda mais claras, tendo-se em vista o procedimento dos modernistas, de todo conforme com o que ensinam. Nos seus escritos e discursos parecem, não raro, sustentar ora uma ora outra doutrina, de modo a facilmente parecerem vagos e incertos. Fazem-no, porém, de caso pensado; isto é, baseados na opinião que sustentam, da mútua separação entre a fé e a ciência. É por isto que nos seus livros muitas coisas se encontram das aceitas pelo católicos; mas, ao virar a página, outras se vêem que pareceriam ditadas por um racionalista. Escrevendo, pois, história, nenhuma menção fazem da divindade de Cristo; ao passo que, pregando nas igrejas, com firmeza a professam. Da mesma sorte, na história não fazem o menor caso dos Padres nem dos Concílios; nas instruções catequéticas, porém, citam-nos com respeito. Distinguem, portanto, outrossim a exegese teológica e pastoral da exegese científica histórica. Mais ainda: fundados no princípio que a ciência em nada depende da fé, quando tratam de filosofia, de história, de crítica, não sentindo horror de pisar nas pegadas de Lutero (cf. Prop. 29 conden. por Leão X, Bulla "Exurge Domine" de 16 de maio de 1520): Temos aberta a estrada para enfrentar a autoridade dos Concílios e para contradizer à vontade as suas deliberações, e julgar os seus decretos e manifestar às claras tudo o que nos parece verdade, seja embora aprovado ou condenado por qualquer Concílio, ostentam certo desprezo das doutrinas católicas, dos Santos Padres, dos concílios ecumênicos, dos magistérios eclesiásticos; e se forem por isto repreendidos, queixam-se de que se lhes tolhe a liberdade. Finalmente, professando que a fé há de sujeitar-se à ciência, continuamente e às claras criticam a Igreja, porque irredutivelmente se recusa a acomodar os seus dogmas às opiniões da filosofia, e eles, por sua vez, posta de parte a velha teologia, empenham-se por divulgar uma nova, toda amoldada aos desvarios dos filósofos.

O modernista teólogo

Já é tempo, Veneráveis Irmãos, de passarmos a considerar os modernistas no campo teológico. Empenho árduo este, mas em poucas palavras diremos tudo. O fim a alcançar é a conciliação da fé com a ciência, ficando porém sempre incólume a primazia da ciência sobre a fé. Neste assunto o teólogo modernista se utiliza dos mesmos princípios da imanência e do simbolismo. Eis com que rapidez ele executa a sua tarefa: diz o filósofo que o princípio da fé é imanente; acrescenta o crente que esse princípio é

Deus; conclui pois o teólogo: logo Deus é imanente no homem. Disto se conclui a imanência teológica. Outra adaptação: o filósofo tem por certo de que as representações da fé são puramente simbólicas; o crente afirma que o objeto da fé é Deus em si mesmo; conclui pois o teólogo: logo as representações da realidade divina são simbólicas. Segue-se daqui o simbolismo teológico. São erros enormes deveras; e quanto sejam perniciosos vamos ver de um modo luminoso, observando-lhes as conseqüências. E para falarmos desde já do simbolismo, como os símbolos são: símbolos com relação ao objeto, e instrumentos com relação ao crente, dizem os modernistas que o crente, antes de tudo, não deve apegar-se demais à fórmula, que deve servir-lhe só no intuito de unir-se com a verdade absoluta, que a fórmula ao mesmo tempo revela e esconde; isto é, esforça-se por exprimi-la, sem jamais o conseguir. Querem, em segundo lugar, que o crente use de tais fórmulas tanto quanto lhe forem úteis, porquanto elas são dadas para auxílio e não para embaraço; salvo porém o respeito que, por motivos sociais, se deve às fórmulas pelo público magistério julgadas aptas para exprimir a consciência comum, e enquanto o mesmo magistério não julgar de outro modo.

Quanto à imanência, é na verdade difícil indicar o que pensam os modernistas, pois há entre eles diversas opiniões. Uns fazem-na consistir em que Deus, operando no homem, está mais intimamente no homem do que o próprio homem em si mesmo; e esta afirmação sendo bem entendida, não merece censura. Pretendem outros que a ação divina é uma e a mesma com a ação da natureza, como a causa primeira com a causa segunda; e isto já destruiria a ordem sobrenatural. Outros explicam-na, enfim, em um sentido que tem ressaibos de panteísmo; e estes, a falar a verdade, são mais coerentes com o restante das sua doutrinas.

A este postulado da imanência ainda outro se acrescenta, que pode ser chamado da permanência divina; estes entre si diferem do mesmo modo como a experiência privada difere da experiência transmitida por tradição. Esclareçamos isto com um exemplo, e seja ele tirado da Igreja e dos Sacramentos. Não se pode crer, dizem, que a Igreja e os Sacramentos foram instituídos pelo próprio Cristo. Isto não é permitido pelo agnosticismo, que em Cristo não vê mais do que um homem, cuja consciência religiosa, como a de qualquer outro homem, pouco a pouco se formou; não o permite a lei da imanência, que não admite, como eles se exprimem, externas aplicações; proíbe-o também a lei da evolução, que para o desenvolvimento dos germens requer tempo e uma certa série de circunstâncias; proíbe-o enfim a história, que mostra que tal foi realmente o curso dos acontecimentos. Todavia deve admitir-se que a Igreja e os Sacramentos foram mediatamente instituídos por Cristo. Mas de que modo? Todas as consciências cristãs, é assim que eles o explicam, estavam virtualmente incluídas na consciência de Cristo, como a planta na semente. Ora, como os rebentos vivem a vida da semente, assim também afirmar-se deve que todos os cristãos vivem a vida de Cristo. Mas a vida de Cristo, segundo a fé, é divina; logo também a vida dos cristãos. Se pois esta vida, no correr dos séculos, deu origem à Igreja e aos Sacramentos, com toda a razão se poderá dizer que tal origem procede de Cristo e é divina. Pelo mesmo processo provam que as Escrituras e os dogmas são divinos. E com isto se conclui toda a teologia dos modernistas. É bem pouco, em verdade; porém, mais que abundante para quem professa que sempre e em tudo se devem respeitar as conclusões da ciência. Cada um entretanto poderá ir por si mesmo fazendo a aplicação destas teorias aos outros pontos, que vamos expor.

Falamos até agora da origem e natureza da fé. Mas, como são muito os frutos da mesma, sendo os principais a Igreja, o dogma, o culto, os livros sagrados, também a respeito destes devemos saber o que dizem os modernistas. Começando pelo dogma, já sabemos, pelo que ficou dito, qual seja a sua origem e natureza. O dogma nasce da necessidade que o crente experimenta de elaborar o seu pensamento religioso, a fim de tornar sempre mais clara a sua consciência e a de outrem. Consiste todo esse trabalho em esquadrinhar e polir a fórmula primitiva, não por certo em si mesma e racionalmente, mas segundo as circunstâncias ou, como de modo pouco inteligível dizem, vitalmente. O resultado disto é que, como já dissemos, ao redor da mesma se vão formando fórmulas secundárias, que mais tarde sintetizadas e reunidas em um único todo doutrinal, quando forem ratificadas pelo magistério público como correspondentes a consciência comum, são chamados dogmas. Destas devem cuidadosamente distinguir-se as investigações teológicas; as quais porém, posto que não vivem da vida do dogma, contudo não são inúteis, seja para harmonizar a religião com a ciência e dissipar qualquer contraste entre elas, seja para iluminar a religião e defendê-la; e talvez ainda tenham a utilidade de preparar um futuro dogma. Do culto não haveria muito que dizer, se debaixo deste nome não se achassem também os Sacramentos, a respeito dos quais muito erram os modernistas. Pretendem que o culto resulta de um duplo impulso; pois que, como vimos, pelo seu sistema, tudo se deve atribuir a íntimos impulsos. O primeiro é dar à religião, alguma coisa de sensível; o segundo é a necessidade de propagá-la, coisa esta que se não poderia realizar sem uma certa forma sensível e sem atos santificantes, que se chamam Sacramentos. Os modernistas, porém, consideram os Sacramentos como meros símbolos ou sinais, bem que não destituídos de eficácia. E para indicar essa eficácia, servem-lhes de exemplo certas palavras que facilmente vingam, por terem conseguido a força de divulgar certas idéias de grande eficácia, que muito impressionam os ânimos. E assim como aquelas palavras são destinadas a despertar as referidas idéias, assim também o são os Sacramentos com relação ao sentimento religioso; nada mais do que isto. Falariam mais claro afirmando logo que os Sacramentos foram só instituídos para nutrirem a fé. Mas esta proposição é condenada pelo Concílio de Trento (Sess. VII, de Sacramentis in genere, cân.5): "Se alguém disser que estes Sacramentos foram só instituídos para nutrirem a fé, seja anátema".

Já alguma coisa ficou dito sobre a natureza e origem dos livros sagrados. Segundo a mente dos modernistas, bem se pode definí-los uma coleção de experiências, não por certo das que de ordinário qualquer pessoa adquire, mas das extraordinárias e das mais elevadas que se têm dado em uma qualquer religião. É precisamente isto que os modernistas ensinam dos nossos livros do Antigo e Novo Testamento.

Todavia, a estas suas opiniões mui astutamente acrescentam que, embora a experiência deva ser do tempo presente, pode assim mesmo receber matéria do passado e do futuro, enquanto o crente pela lembrança revive o passado como se fora o presente, ou já vive do futuro por antecipação. Deste modo se explica porque os livros históricos e apocalípticos são computados entre os livros sagrados. Assim pois, nestes livros, Deus fala por meio do crente; mas, como diz a teologia modernista, só por imanência e permanência vital. Perguntar-lhes-emos, pois, que é feito da inspiração?

Respondem-nos que ela, a não ser talvez por uma certa veemência, não se distingue da necessidade que o crente experimenta de manifestar vocalmente ou por escrito a própria fé. Nota-se aqui certa semelhança com a inspiração poética; e neste sentido um deles dizia: Deus está entre nós, e agitados por ele nós nos inflamamos. Deste modo é que se deve explicar a origem da inspiração dos livros sagrados. Sustentam ainda os modernistas que a nenhuma passagem desses livros falta essa inspiração.

Neste ponto alguém poderia julgá-los mais ortodoxos do que certos exegetas recentes, que em parte restringem a inspiração como, por exemplo, nas tais citações tácitas. Mas isto não passa de aparências e palavras.

De fato, se segundo as leis do agnosticismo, consideramos a Bíblia um trabalho humano, feito por homens para utilidade de outros homens, seja embora lícito ao teólogo apelidá-la de divina por imanência, de que modo poderia restringir-se nela a inspiração?

Tal inspiração, de fato, admitem-na os modernistas; não, porém, no sentido católico.

Maior extensão de matéria nos oferece o que os modernistas afirmam da Igreja. Pressupõem que ela é fruto de uma dupla necessidade, uma no crente, principalmente naquele que, tendo tido alguma experiência original e singular, precisa comunicar a outrem a própria fé; outra na coletividade, depois que a fé se tornou comum a muitos, para se reunir em sociedade, e conservar, dilatar e propagar o bem comum. Que é, pois, a Igreja? É um parto da consciência coletiva, isto é, da coletividade das consciências individuais que, por virtude da permanência vital, estão todas pendentes do primeiro crente, que para os católicos foi Cristo. Ora, toda sociedade precisa de uma autoridade que a reja, e cujo mister seja dirigir os membros para o fim comum e conservar com prudência os elementos de coesão, que em uma sociedade religiosa são a doutrina e o culto. Há, por isso, na Igreja Católica uma tríplice autoridade: disciplinar, dogmática e cultural. A natureza desta autoridade deve ser deduzida da sua origem; e da natureza, por sua vez, devem coligir-se os direitos e os deveres. Foi erro das eras passadas pensar-se que a autoridade da Igreja emanou de um princípio estranho, isto é, imediatamente de Deus; e por isto, com razão era ela considerada autocrática. Estas teorias, porém, já não são para os tempos que correm.

Assim como a Igreja emanou da coletividade das consciências, a autoridade emana virtualmente da mesma Igreja. A autoridade, portanto, da mesma sorte que a Igreja, nasce da consciência religiosa, e por esta razão fica dependente da mesma; e se faltar a essa dependência, torna-se tirânica. Nos tempos que correm o sentimento de liberdade atingiu o seu pleno desenvolvimento. No estado civil a consciência pública quis um regime popular. Mas a consciência do homem, assim como a vida, é uma só. Se, pois, a autoridade da Igreja não quer suscitar e manter uma intestina guerra nas consciências humanas, há também mister curvar-se a formas democráticas; tanto mais que, se o não quiser, a hecatombe será iminente. Loucura seria crer que o vivo sentimento de liberdade, ora dominante, retroceda.

Reprimindo e enclausurando com violência, transbordará mais impetuoso, destruindo conjuntamente a religião e a Igreja. São estes os raciocínios dos modernistas que, por isto, estão todos empenhados em achar o modo de conciliar a autoridade da Igreja com a liberdade dos crentes.

Acresce ainda que não é só dentro do seu recinto que a Igreja tem com quem entender-se amigavelmente, mas também fora. Não se acha ela só no mundo a ocupá-lo; ocupam-no também outras sociedades, com as quais não pode deixar de tratar e de relacionar-se. Convém, pois, determinar quais sejam os direitos e os deveres da Igreja para com as sociedades civis; e bem se vê que tal determinação deve ser tirada da natureza da mesma Igreja, tal qual os modernistas no-la descreveram.

As regras que hão de servir para este fim são as mesmas, que acima serviram para a ciência e a fé. Tratava-se então de objetos, aqui de fins. Assim pois, como por causa do objeto se disse que a fé e a ciência são mutuamente estranhas, também o Estado e a Igreja são estranhos um à outra, por causa do fim a que tendem, temporal para o Estado, espiritual para a Igreja. Falava-se outrora do temporal sujeito ao espiritual, de questões mistas, em que a Igreja intervinha qual senhora e rainha, porque então se tinha a Igreja como instituída imediatamente por Deus, enquanto autor da ordem sobrenatural. Mas estas crenças já não são admitidas pela filosofia, nem pela história. Deve, portanto, a Igreja separar-se do Estado, e assim também o católico do cidadão. E é por este motivo que o católico, não se importando com a autoridade, com os desejos, com os conselhos e com as ordens da Igreja, e até mesmo desprezando as suas repreensões, tem direito e dever de fazer o que julgar o mais oportuno ao bem da pátria.

Querer, sob qualquer pretexto, impor ao cidadão uma norma de proceder, é por por parte do poder eclesiástico verdadeiro abuso,

que se deve repelir com toda a energia. - Veneráveis Irmãos, as teorias de que dimanam todos estes erros são as mesmas que o Nosso Predecessor Pio VI condenou solenemente na Constituição apostólica Auctorem fidei (Prop. 2. A proposição que afirma que o poder foi dado por Deus à Igreja, para que fosse comunicado aos Pastores, que são os seus ministros, para a salvação das almas, entendida no sentido de que o poder do ministério e regime eclesiástico passa da comunidade dos fiéis para os pastores: é heresia. Prop. 3. Também aquele que afirma que o Romano Pontífice é chefe ministerial, entendida no sentido de que, não de Cristo na pessoa do bem-aventurado Pedro, mas da Igreja recebeu como sucessor de Pedro, verdadeiro Vigário de Cristo e chefe de toda a Igreja: é herética).

No entanto, à escola dos modernistas não basta que o Estado seja separado da Igreja. Assim como a fé deve subordinar-se à ciência, quanto aos elementos fenomênicos, assim também nas coisas temporais a Igreja tem que sujeitar-se ao Estado. Isto não afirmam talvez muito abertamente; mas por força de raciocínio são obrigados a admiti-lo. Em verdade, admitido que o Estado tenha absoluta soberania em tudo o que é temporal, se suceder que o crente, não satisfeito com a religião do espírito, se manifeste em atos exteriores, como, por exemplo, em administrar ou receber os Sacramentos, isto já deve necessariamente cair sob o domínio do Estado. Postas as coisas neste pé, para que servirá a autoridade eclesiástica? Visto que esta não tem razão de ser sem os atos externos, estará em tudo e por tudo sujeita ao poder civil. É esta inelutável conseqüência que leva muitos dentre os protestantes liberais a desembaraçar-se de todo o culto externo e até de toda a sociedade religiosa externa, procurando pôr em voga uma religião, que chamam individual. E se os modernistas, desde já, não se atiram francamente a esses extremos, insistem pelo menos em que a Igreja se deixe espontaneamente conduzir por eles até onde pretendem levá-la e se amolde às formas civis. Isto quanto à autoridade disciplinar.

Mais grave e perniciosos são suas afirmações relativamente à autoridade doutrinal e dogmática. Assim pensam eles acerca do magistério eclesiástico: a sociedade religiosa não pode ser uma, sem unidade de consciência nos seus membros e unidade de fórmula. Mas esta dupla unidade requer por assim dizer um entendimento comum, a que compete achar e determinar a fórmula que melhor corresponda à consciência comum; e a esse entendimento convém ainda atribuir a autoridade conveniente, para poder impor à comunidade a fórmula estabelecida. Nesta união e quase fusão da mente designadora de fórmula e da autoridade que a impõe, acham os modernistas o conceito de magistério eclesiástico. Visto pois que o magistério, afinal de contas, não é mais do que um produto das consciências individuais, e só para cômodo das mesmas consciências lhe é atribuído ofício público, resulta necessariamente que ele depende dessas consciências, e por conseguinte deve inclinar-se a formas democráticas. Proibir, portanto, que as consciências dos indivíduos manifestem publicamente as suas necessidades, e impedir à crítica o caminho que leva o dogma a necessárias evoluções, não é fazer uso de um poder dado para o bem público, mas abusar dele. - Da mesma sorte , no próprio uso do poder deve haver modo e medida. É quase tirania condenar um livro sem que o autor o saiba, e sem admitir nenhuma explicação nem discussões. Ainda aqui, portanto, deve adotar-se um meio termo, que ao mesmo tempo salve a autoridade e a liberdade. E nesse ínterim o católico poderá agir de tal sorte que, protestando o seu profundo respeito à autoridade, continue sempre a trabalhar à sua vontade. Em geral admoestam a Igreja de que, sendo o fim do poder eclesiástico todo espiritual, não lhe assentam bem essas exibições de aparato exterior e de magnificência, com que sói comparecer às vistas da multidão. E quando assim o dizem, procuram esquecer que a religião, conquanto essencialmente espiritual, não pode restringir-se exclusivamente às coisas do espírito, e que as honras prestadas à autoridade espiritual se referem à pessoa de Cristo que a instituiu.

Para concluir toda esta matéria da fé e seus diversos frutos, resta-nos por fim, Veneráveis Irmãos, ouvir as teorias dos modernistas acerca do desenvolvimento dos mesmos. Têm eles por princípio geral que numa religião viva, tudo deve ser mutável e mudar-se de fato. Por aqui abrem caminho para uma das suas principais doutrinas, que é a evolução. O dogma, pois, a Igreja, o culto, os livros sagrados e até mesmo a fé, se não forem coisas mortas, devem sujeitar-se às leis da evolução. Quem se lembrar de tudo o que os modernistas ensinam sobre cada um desses assuntos, já não ouvirá com pasmo a afirmação deste princípio. Posta a lei da evolução, os próprios modernistas passam a descrever-nos o modo como ela se efetua. E começam pela fé. Dizem que a forma primitiva da fé foi rudimentar e indistintamente comum a todos os homens; porque se originava da própria natureza e vida do homem. Progrediu por evolução vital; quer dizer, não pelo acréscimo de novas formas, vindas de fora, mas por uma crescente penetração do sentimento religioso na consciência. Esse mesmo progresso se realizou de duas maneiras: primeiro negativamente, eliminando todo o elemento estranho, como seja o sentimento de família ou de nacionalidade; em seguida positivamente, com o aperfeiçoamento intelectual e moral do homem, donde resultou maior clareza para a idéia divina e excelência para o sentimento religioso. As mesmas causas que serviram para explicar a origem da fé, explicam também o seu progresso. A estas, porém, devem acrescentar-se aqueles gênios religiosos, a que chamamos profetas, dos quais o mais iminente foi Cristo; seja porque eles na sua vida ou nas suas palavras tinham algo de misterioso, que a fé atribuía à divindade, seja porque alcançaram novas e desconhecidas experiências em plena harmonia com as exigências do seu tempo.

O progresso do dogma nasce principalmente da necessidade de vencer os obstáculos da fé, derrotar os adversários, repelir as dificuldades. Deve-se ainda acrescentar um contínuo esforço, para se penetrar cada vez mais nos arcanos da fé. Deixando de parte outros exemplos, assim sucedeu com Cristo: aquilo de divino que a fé a princípio lhe atribuía, foi-se gradualmente aumentando, até que definitivamente foi tido por Deus.

O principal estímulo de evolução para o culto, é a necessidade de se adaptar aos costumes e tradições dos povos e bem assim de

gozar da eficácia de certos atos, já admitidos pelo uso. A Igreja acha finalmente a razão do seu evoluir na necessidade de se acomodar às condições históricas e às formas do governo publicamente adotadas. Isto dizem os modernistas de cada um daqueles princípios. E aqui, antes de passarmos adiante, queremos insistir em que se atente nessa doutrina das necessidades, porque ela, além do que já vimos, é como que a base e o fundamento desse famoso método que chamam histórico.

Detendo-nos ainda na doutrina da evolução, observamos que, embora as necessidades sirvam de estímulo para a evolução, se ela não tivesse outros estímulos senão esses, facilmente transporia os limites da tradição, e assim desligada do primitivo princípio vital, já não levaria ao progresso, mas à ruína. Estudando, pois, mais a fundo o pensar dos modernistas, deve-se dizer que a evolução é como o resultado de duas forças que se combatem, sendo uma delas progressiva e outra conservadora. A força conservadora está na Igreja e é a tradição. O exercício desta é próprio da autoridade religiosa, quer de direito, pois que é de natureza de toda autoridade adstringir-se o mais possível à tradição; quer de fato, pois que, retraída das contingências da vida, pouco ou talvez nada sente dos estímulos que impelem ao progresso. Ao contrário, a força que, correspondendo às necessidades, arrasta ao progresso, oculta-se e trabalha nas consciências individuais, principalmente naquelas que, como eles dizem, se acham mais em contato com vida. Neste ponto, Veneráveis Irmãos, já se percebe o despontar daquela perniciosíssima doutrina que introduz na Igreja o laicato como fator de progresso.

De uma espécie de convenção entre as forças de conservação e de progresso, isto é, entre a autoridade e as consciências individuais, nascem as transformações e os progressos. As consciências individuais, ou pelo menos algumas delas, fazem pressão sobre a consciência coletiva; e esta, por sua vez, sobre a autoridade, obrigando-a a capitular e pactuar. Admitido isto, não é de admirar ver-se como os modernistas pasmam por serem admoestados ou punidos. O que se lhes imputou como culpa, consideram um dever sagrado. Ninguém melhor do que eles conhece as necessidades das consciências, porque são eles e não a autoridade eclesiástica, os que se acham mais em contato com elas. Julgam quase ter em si encarnadas todas essas necessidades; daí a persuasão que têm de falar e escrever sem medo. Nada se lhes dá das censuras da autoridade; porque se sentem fortes com a consciência do dever, e por íntima experiência sabem que merecem aplausos e não censuras. Nem tão pouco ignoram que os progressos não se alcançam sem combates, nem há combates sem vítimas, como o foram os profetas e Cristo. Ainda que a autoridade os maltrate, não a odeiam; sabem que assim está cumprindo o seu dever. Lamentam apenas que se lhes não prestem ouvidos, porque isto será causa de atraso ao progresso dos espíritos; mas, há de vir a hora de se romperem as barreiras, porque as leis da evolução poderão ser refreadas; quebradas, porém, nunca. Traçado este caminho, eles continuam; continuam, com desprezo das repreensões e condenações, ocultando audácia inaudita com o véu de aparente humildade. Simulam finalmente curvar a cabeça; mas, no entanto a mão e o pensamento prosseguem o seu trabalho com ousadia ainda maior. E assim avançam com toda a reflexão e prudência, tanto porque estão persuadidos de que a autoridade deve ser estimulada e não destruída, como também porque precisam de permanecer no seio da Igreja, para conseguirem pouco a pouco assenhorear-se da consciência coletiva, transformando-a; mal percebem porém, quando assim se exprimem, que estão confessando que a consciência coletiva diverge dos seus sentimentos, e que portanto não têm direito de declarar-se intérpretes da mesma.

Nada, portanto, Veneráveis Irmãos, se pode dizer estável ou imutável na Igreja, segundo o modo de agir e de pensar dos modernistas. Para o que também não lhes faltaram precursores, esses de quem o nosso predecessor Pio IX escreveu: estes inimigos da revelação divina, que exaltam com os maiores louvores o progresso humano, desejariam com temerário e sacrílego atrevimento introduzi-lo na religião católica, como se a mesma não fosse obra de Deus, mas obra dos homens, ou algum sistema filosófico, que se possa aperfeiçoar por meios humanos (Enc. "Qui pluribus", 9 de nov. de 1846). acerca da revelação particularmente, e do dogma, os modernistas nada acharam de novo; pois, a sua mesma doutrina, antes deles, já fora condenada no Silabo de Pio IX nestes termos: A divina revelação é imperfeita e por isto está sujeita a contínuo e indefinido progresso, correspondente ao da razão humana (Syllabo, proposição condenada 5); e mais solenemente ainda a proscreve o Concílio Vaticano I por estas palavras: A doutrina da fé por Deus revelada, não é proposta à inteligência humana para ser aperfeiçoada, como uma doutrina filosófica, mas é um depósito confiado à esposa de Cristo, para ser guardado com fidelidade e declarado com infalibilidade. Segue-se pois que também se deve conservar sempre aquele mesmo sentido dos sagrados dogmas, já uma vez declarado pela Santa Mãe Igreja, nem se deve jamais afastar daquele sentido sob pretexto e em nome de mais elevada compreensão (Const. "Dei Fillius", cap. IV). De maneira alguma poderá seguir-se daí que fique impedida a explicação dos nossos conhecimentos, mesmo relativamente à fé; ao contrário, isto a auxilia e promove. Neste sentido é que o Concílio prossegue dizendo: Cresça, pois, e com ardor progrida a compreensão, a ciência, a sapiência tanto de cada um como de todos, tanto de um só homem como de toda a Igreja com o passar das idades e dos séculos; mas no seu gênero somente, isto é, no mesmo dogma, no mesmo sentido, no mesmo parecer (Lugar citado).

O modernista historiador e crítico

Já entre os sequazes do modernismo consideramos o filósofo, o crente e o teólogo; resta agora examinarmos também o historiador, o crítico e o apologista.

Há certos modernistas que se atiram a escrever história, que parecem muito preocupados em não passar por filósofos e chegam até a declarar-se totalmente alheios aos conhecimentos filosóficos. É isto um rasgo de finíssima astúcia; para que ninguém os julgue embebidos de preconceitos filosóficos e assim pareçam, como eles dizem, completamente objetivos. Em verdade, porém, a

sua história ou crítica não fala senão filosofia e as suas deduções procedem por bom raciocínio dos seus princípios filosóficos. Isto se faz manifesto a quem refletir com ponderação. Os três primeiros cânones desses tais historiadores ou críticos são aqueles mesmos princípios que acima deduzimos dos filósofos, isto é, o agnosticismo, o teorema da transfiguração das coisas pela fé, e o outro que Nos pareceu poder denominar da desfiguração. Vamos examinar-lhes já, em separado, as conseqüências. Segundo o agnosticismo, a história, bem como a ciência, só trata de fenômenos. Por conseguinte, tanto Deus como qualquer intervenção divina nas causas humanas deve ser relegado para a fé, como de sua exclusiva competência. Se tratar, pois, de uma causa em que intervier duplo elemento, isto é, o divino e o humano, como Cristo, a Igreja, os Sacramentos e coisas semelhantes, devem separar-se e discriminar-se tais elementos, de tal modo que o que é humano passe para a história, o que é divino para a fé. É este o motivo da distinção que soem fazer os modernistas entre um Cristo da história e um Cristo da fé, e uma Igreja da história e uma Igreja da fé, entre Sacramentos da história e Sacramentos da fé, e assim por diante. Em seguida, esse mesmo elemento humano que vemos o historiador tomar para si, tal qual se manifesta nos monumentos, deve ser tido como elevado pela fé, por transfiguração, acima das condições históricas. Convém, portanto, subtrair-lhe de novo os acréscimos feitos pela fé, e restituí-los à mesma fé e à história da fé.

Assim se deve proceder, tratando-se de Jesus Cristo, em tudo o que excede as condições de homem, seja natural, como a psicologia no-la apresenta, seja conforme as condições do lugar e tempo em que viveu. Demais, em virtude do terceiro princípio filosófico, também as coisas que não saem fora das condições da história, fazem-nas eles como que passar pela joeira, e eliminam, relegando à fé, tudo o que, a juízo seu não entrar na lógica dos fatos nem for conforme à índole das pessoas. Assim, querem que Cristo não tenha dito aquelas coisas que parecem não estar ao alcance do vulgo.

Por isto eliminam da sua história real e transportam para a fé todas as alegorias que se encontram nos seus discursos. E com que critério, perguntamos, se guiam eles nesta escolha? Pela consideração do caráter do homem, das condições em que se achou a sociedade, da educação, das circunstâncias de cada fato; em uma palavra, por uma norma que, se bem a entendemos, se resume em mero subjetivismo. Isto é, procuram apoderar-se da pessoa de Jesus Cristo e como que revestir-se dela, e assim lhe atribuem, nem mais nem menos, tudo o que eles mesmos fariam em circunstâncias idênticas. Assim pois, para concluirmos, a priori, e partindo de certos princípios que admitem, embora afirmem que os ignoram, na história real afirmam que Cristo nem foi Deus, nem fez coisa alguma de divino; e como homem, que ele fez e disse apenas aquilo que eles, referindo-se ao tempo em que viveu, acham que podia ter feito e dito.

Assim pois, como a história recebe da filosofia as suas conclusões, assim também a crítica, por sua vez, as recebe da história. O crítico, seguindo a pista do historiador, divide todos os documentos em duas partes. Depois de fazer o tríplice corte acima referido, passa todo o restante para a história real, e entrega a outra parte à história da fé, ou noutros termos, à história interna. Os modernistas põem grande empenho em distinguir estas duas histórias; e, note-se bem, contrapõem à história da fé a história real, enquanto real. Daí resulta, como já vimos, um duplo Cristo; um real, e outro que, de fato, nunca existiu, mas pertence à fé; um que viveu em determinado lugar e tempo, outro que se encontra nas piedosas meditações da fé; tal, por exemplo, é o Cristo descrito no Evangelho de São João, o qual Evangelho, pretendem-no os modernistas, do princípio ao fim é mera meditação.

Mas o domínio da filosofia na história ainda vai além. Feita, como dissemos, a divisão dos documentos em duas partes, apresenta-se de novo o filósofo com o seu princípio de imanência vital, e prescreve que tudo o que se acha na história da Igreja deve ser aplicado por emanação vital. E visto como a causa ou condição de qualquer emanação vital procede de alguma necessidade, todo acontecimento deve ser a conseqüência de uma necessidade, e deve considerar-se historicamente posterior a ela.

Que faz então o historiador? Entregue de novo ao estudo dos documentos, tanto nos livros sacros quanto nos demais, vai formando um catálogo de cada uma das necessidades que por sua vez se apresentaram à Igreja, quer relativos ao dogma, quer ao culto ou a outras matérias. Feito este catálogo, passa-o ao crítico. Este, pois, manuseia os documentos destinados à história da fé e os distribui de idade em idade, de maneira que correspondam ao elenco que lhe foi dado; e tudo isto faz tendo sempre em vista o preceito de que o fato é precedido da necessidade, e a narração, do fato.

Bem poderia ser que certas partes da Escritura Sagrada, como as Epístolas, também fossem um fato criado pela necessidade. Seja como for, o certo porém é que não se pode determinar a idade de nenhum documento, senão pela época em que cada necessidade se manifestou na Igreja. Convém ainda distinguir entre o começo de um fato e o seu desenrolar; porquanto, o que pode nascer em um dia, não cresce senão com o tempo. Esta é a razão pela qual o crítico ainda deve bipartir os documentos, já dispostos segundo as idades, segregando os que se referem às origens de um fato dos que pertencem ao seu desenvolvimento, e dispondo de novo estes últimos em ordem cronológica.

Feito isto, reaparece o filósofo e obriga o historiador a conformar os seus estudos com os preceitos e as leis da evolução. E o historiador, conformando-se, torna a esquadrinhar os documentos; a procurar com cuidado as circunstâncias em que se achou a Igreja, no correr dos tempos, as necessidades internas e externas que a impeliram ao progresso, os obstáculos que se levantaram, numa palavra, tudo o que puder servir para determinar o modo pelo qual se realizaram as leis da evolução. Concluído este

trabalho, ele esboça em suas linhas principais a história do desenvolvimento dos fatos. Segue-se-lhe o crítico, que a este esqueleto histórico adapta os demais documentos.

Escreve-se então a narração; está completa a história; - mas agora perguntamos, essa história a quem se deve atribuir? Ao historiador ou ao crítico? A nenhum dos dois, por certo; mas ao filósofo. Tudo foi exarado por apriorismo, e certamente por um apriorismo abundante em heresias. São na verdade para lastimar esses homens, dos quais o Apóstolo disse: Desvairaram em seus pensamentos... gabando-se de sábios, estultos é que se tornaram (Rom 1,21-22); mas ao mesmo tempo provocam a indignação, quando acusam a Igreja de corromper os documentos para fazê-los servir aos próprios interesses. Isto é, atiram sobre a Igreja aquilo de que a própria consciência manifestamente os acusa.

Dessa desagregação e da disseminação dos documentos pelo decurso do tempo, segue-se naturalmente que os livros sagrados não podem absolutamente ser atribuídos aos autores de quem trazem o nome. E esta é a razão porque os modernistas não hesitam em afirmar a miúdo que esses livros, especialmente o Pentateuco e os três primeiros Evangelhos, de uma breve narração primitiva, foram pouco a pouco se avolumando por acréscimos e interpolações, seja a modo de interpretações teológicas ou alegóricas, seja a modo de transições para ligarem entre si as diversas partes.

Noutros termos mais breves e mais claros, querem que se deva admitir a evolução vital dos livros sacros, nascida da evolução da fé e correspondente à mesma. Acrescentam ainda que os sinais de tal evolução aparecem tão manifestos, que se poderia escrever a história dos mesmos. E chegam mesmo a escrever essa história, e com tanta persuasão que parecem eles mesmos ter visto com seus próprios olhos cada um dos escritores, que nos diversos séculos estenderam a mão sobre a Escritura para ampliá-la. Para confirmá-lo, recorrem à crítica que chamam textual, e se esforçam em persuadir que este ou aquele fato, estes ou aqueles dizeres não se acham no seu lugar, e aduzem ainda outras razões deste mesmo quilate. Dir-se-ia, na verdade, que se preestabeleceram certos tipos de narrações ou alocuções que servem de critério certíssimo para julgar se uma coisa está no seu lugar ou fora dele. Com semelhante método, julgue quem puder fazê-lo, se eles podem ser capazes de discernir. E no entanto, quem os ouvir discorrer a respeito dos seus estudos relativos à Escritura, na qual lograram descobrir tantas incongruências, é levado a crer que antes deles ninguém manuseou aqueles livros, e que não houve uma infinita multidão de Doutores, em talento, em sabedoria, e na santidade da vida muito superiores a eles, que os esquadrinharam em todos os sentidos.

E para esses sapientíssimos doutores tão longe estavam as Sagradas Escrituras de ter alguma coisa de repreensível que, ao contrário, quanto mais eles as aprofundavam, tanto mais agradeciam a Deus ter-se dignado de assim falar aos homens.

Mas é que os nossos doutores não se entregaram ao estudo da Escrituras com os meios de que se proviram os modernistas! Isto é, não se deixaram amestrar nem guiar por uma filosofia que tem a negação de Deus por ponto de partida, e nem se arvoraram a si mesmos em norma de bem julgar. Parece-nos, pois, já estar bem declarado o método histórico dos modernistas. O filósofo abre o caminho; segue-o o historiador; logo após, por seu turno, a crítica interna e textual. E como é próprio da primeira causa comunicar sua virtude às segundas, claro está que tal crítica não é uma qualquer crítica, mas por direito deve chamar-se agnóstica, imanentista, evolucionista; e por isso quem a professa ou dela se utiliza, professa os erros que se contém nela e se põe em oposição com a doutrina católica. Por esta razão é muito de admirar que tal gênero de crítica possa hoje ter tão grande aceitação entre católicos. Isto assim sucede por dois motivos: primeiro é a aliança íntima que há entre os historiadores e críticos desse gênero, não obstante qualquer diversidade de nacionalidade ou de crenças; o outro é a incrível audácia com que, qualquer parvoíce que algum deles diga, é pelos outros sublimada e decantada como progresso da ciência; se alguém o negar leva a pecha de ignorante; se, porém, o aceitar e defender, será coberto de louvores. Disto se segue que não poucos ficam enganados; entretanto, se melhor considerassem as coisas, ficariam, ao contrário, horrorizados. Desta prepotente imposição dos extraviados, deste incauto assentimento dos pusilânimes produz-se uma certa corrupção de atmosfera, que penetra em toda a parte e difunde o contágio. Mas passemos ao apologista.

O modernista apologeta

Entre os modernistas também este depende duplamente do filósofo. Primeiro indiretamente, tomando para matéria a história escrita sob a direção do filósofo, como vimos; depois diretamente, aceitando do filósofo os princípios e os juízos. Vem daqui o preceito comum da escola modernista, que a nova apologética deve dirimir as controvérsias religiosas por meio de indagações históricas e psicológicas.

Por isso, esses apologetas começam o seu trabalho advertindo os racionalistas de que não defendem a religião com os livros sacros, nem com as histórias vulgarmente usadas na Igreja e escritas à moda antiga; fazem-no, porém, com a história real, composta segundo os preceitos modernos e com método moderno. Assim o dizem, não como se argumentassem ad hominem, mas porque de fato acreditam que só em tal história se acha a verdade. Quando escrevem também não se preocupam de insistir na própria sinceridade; já são bastante conhecidos entre os racionalistas, já foram louvados como combatentes sob um mesmo estandarte; e desses louvores, que um verdadeiro católico deverá rechaçar, eles muito se lisonjeiam e se servem como de escudo contra as censuras da Igreja. Vejamos como qualquer um deles faz praticamente semelhante apologética. O fim que se propõe é

de conduzir o homem que ainda não crê, a sentir em si aquela experiência da religião católica que, para os modernistas, é base da fé. Há dois caminhos a seguir: um objetivo e o outro subjetivo. O primeiro parte do agnosticismo, e tende a demonstrar que na religião, especialmente na católica, há tal energia vital, que obriga todo sábio psicólogo e historiador a admitir que na sua história se esconde alguma coisa incógnita. Para este fim é mister provar que a religião católica, qual hoje existe, é a mesma fundada por Cristo, ou melhor, é o progressivo desenvolvimento da semente a que Cristo deu origem. Convém, por conseguinte, antes de tudo, determinar qual seja essa semente.

Pretendem eles fazê-lo pela seguinte fórmula: Cristo anunciou a vida do reino de Deus, a realizar-se em breve, sendo ele o seu Messias, isto é, o executor e o organizador mandado por Deus. Depois disto convirá demonstrar como essa semente, sempre imanente na religião católica e permanente, devagar e a passo com a história se foi desenvolvendo e adaptando às sucessivas circunstâncias, assimilando vitalmente tudo o que nas mesmas lhe apresentavam de útil às formas doutrinais, cultuais, eclesiásticas; superando ao mesmo tempo os obstáculos, desbaratando os inimigos, e sobrevindo a toda sorte de contradições e lutas. Depois que todas estas coisas, a saber, os obstáculos, os inimigos, as perseguições, os combates, bem como a vitalidade e fecundidade da Igreja, se tiverem mostrado tais que, conquanto na história da mesma se vejam observadas as leis da evolução, todavia não são bastantes ainda para uma explicação cabal, virá pela frente o incógnito, que se apresentará por si mesmo. Assim dizem eles. Contudo, em todo este raciocinar há uma coisa que não percebem; que aquela determinação da semente primitiva é fruto exclusivo do apriorismo do filósofo agnóstico e evolucionista, e que a própria semente é por ele tão gratuitamente definida, que deveras parece convir à sua causa.

Mas esses apologetas, ao passo que com os referidos argumentos procuram asseverar e persuadir a religião católica, também por outra parte concedem que ela contém muitas coisas que desagradam. E também, com um prazer mal disfarçado, publicamente propalam que também em matéria dogmática encontram erros e contradições; não obstante acrescentarem que tais erros e contradições só merecem desculpas, mas, e é o que mais se admira, devem ser legitimados e justificados. Assim também nas Sagradas Escrituras, afirmam-no, ocorrem muitos erros em matéria científica e histórica. Mas aqueles livros, acrescentam, não tratam de ciência ou história, e sim de religião e de moral. A ciência e a história ali são meros invólucros, que contornam as experiências religiosas e morais, para mais facilmente se divulgarem no povo; e como este povo não poderia entender de outro modo, não lhe seria vantajoso, porém nocivo, estar de posse de uma ciência ou de uma história mais perfeita. Demais, continuam a dizer, os livros sagrados, porque religiosos por natureza, têm necessariamente a sua vida; a vida também por sua vez tem a sua verdade e a sua lógica, certamente diversa da verdade e da lógica racional, e até mesmo de ordem assaz diversa, a saber: é verdade de comparação e proporção, quer com o ambiente em que se vive, quer com o fim para que se vive. Chegam enfim a tal extremo, que se abalançam a afirmar, sem a menor restrição, que tudo o que se explica pela vida é verdadeiro e legítimo. – Nós, Veneráveis Irmãos, para quem a verdade é uma e única, e consideramos os livros sacros como escritos por inspiração do Espírito Santo e tendo Deus por autor (Conc. Vat. I De Ver. C.2), afirmamos que isto equivale a atribuir a Deus a mentira de utilidade ou oficiosa; e com as palavras de Santo Agostinho protestamos que, uma vez admitida em excelsa autoridade qualquer mentira oficiosa, não haverá nem uma pequena parte daqueles livros que, parecendo a alguém difícil de praticar ou incrível de crer, com a mesma perniciosíssima regra não seja atribuída a conselho ou utilidade do mendaz autor (Epíst. 28). E daí resultará o que o Santo Doutor acrescenta: Neles, isto é, nos livros sacros, cada um dará crédito ao que quiser, e rejeitará o que não lhe agradar. Mas esses apologetas não se preocupam com isto. Concedem ainda que nos livros sacros para sustentar uma doutrina qualquer, se acham por vezes razões que não se apóiam em nenhum razoável fundamento; a estes gêneros pertencem as que se fundam nas profecias. Contudo eles também como artifício de pregação, que são legitimados pela vida. Que mais? Concedem, pior ainda, sustentam que o próprio Jesus Cristo errou manifestamente, indicando o tempo da vinda do reino de Deus; e nem é para admirar, dizem, pois então ele ainda se achava sujeito às leis da vida! – Posto isto, que será dos dogmas da Igreja? Também estes estão cheios de evidentes contradições; mas, além de serem aceitos pela lógica da vida, não se acham em oposição com a verdade simbólica; pois, neles se trata do infinito, que tem infinitos aspectos. Enfim, tanto eles aprovam e defendem essas teorias, que não põem em dúvida em declarar que se não pode render ao Infinito maior preito de homenagens, do que afirmando acerca do mesmo coisas contraditórias! E admitindo-se a contradição, que é o que não se admitirá?

Além dos argumentos objetivos, o crente pode também ser disposto à fé pelos subjetivos. Para este fim os apologetas voltam-se de novo para a doutrina da imanência. Empenham-se em convencer o homem de que nele mesmo e nos íntimos recantos de sua natureza e de sua vida, se oculta o desejo e a necessidade de uma religião, não já de uma religião qualquer, mas da católica; porquanto esta, dizem, é rigorosamente requerida (postulata) pelo perfeito desenvolvimento da vida. E sobre este ponto nos vemos de novo obrigados a lamentar que não faltem católicos que, conquanto rejeitem a doutrina da imanência como doutrina, todavia se utilizam dela na apologética; e fazem-no tão incautamente, que parecem admitir não somente certa capacidade ou conveniência na natureza humana para a ordem sobrenatural, (o que os apologetas católicos com as devidas restrições sempre demonstram), mas também uma estrita e verdadeira exigência. Para sermos mais exatos, dizemos ainda que esta exigência da religião católica é sustentada pelos modernistas mais moderados. Pois, aqueles que podem ser denominados integralistas, pretendem que se deve mostrar ao homem que ainda não crê, como se acha latente dentro dele mesmo o gérmen que esteve na consciência de Cristo, e que Cristo transmitiu aos homens. Eis aqui, Veneráveis Irmãos, sumariamente descrito o método apologético dos modernistas, em tudo conforme com as doutrinas; e tanto o método como as doutrinas estão cheios de erros, capazes só de destruir e não de edificar, não de formar católicos, mas de arrastar os católicos à heresia, mais ainda, à completa destruição de toda religião!

O modernista reformador

Pouco resta-nos finalmente dizer a respeito das pretensões do modernista como reformador. Já pelo que está exposto fica mais que patente a mania de inovação que move estes homens; mania esta que não poupa absolutamente nada ao catolicismo. Querem a inovação da filosofia, particularmente nos seminários; de tal sorte que, desterrada a filosofia dos escolásticos para a história da filosofia, entre os sistemas já obsoletos, seja ensinada aos moços a moderna filosofia, que é a única verdadeira correspondente aos nossos tempos. Para a reforma da teologia, querem que aquela teologia que chamamos racional, seja fundamentada na filosofia moderna. Desejam, além disto, que a teologia positiva se baseie na história dos dogmas. Querem também que a história seja escrita e ensinada pelos seus métodos e com preceitos novos. Dizem que os dogmas e a sua evolução devem entrar em acordo com a ciência e a história. Para o catecismo, exigem que nos livros de catequese se introduzam só aqueles dogmas, que tiverem sido reformados e estiverem ao alcance da inteligência do vulgo. Acerca do culto, clamam que se devem diminuir as devoções externas e proibir que aumentem, embora, a bem da verdade, outros mais favoráveis ao simbolismo, se mostrem nisto mais indulgentes. Gritam a altas vozes que o regime eclesiástico deve ser renovado em todos os sentidos, mas especialmente na disciplina e no dogma. Por isto, dizem que por dentro e por fora se deve entrar em acordo com a consciência moderna, que se acha de todo inclinada para a democracia; e assim também dizem que o clero inferior e o laicato devem tomar parte no governo, que deve ser descentralizado. Também devem ser transformadas as Congregações romanas, e antes de todas, as do Santo Ofício e do Índice. Deve mudar-se a atitude da autoridade eclesiástica nas questões políticas e sociais, de tal sorte que não se intrometa nas disposições civis, mas procure amoldar-se a elas, para penetrá-las no seu espírito. Em moral estão pelo Americanismo, dizendo que as virtudes ativas devem antepor-se às passivas, e que convém promover o exercício daquelas de preferência a estas. Desejam que o clero volte à antiga humildade e pobreza e querem-no também de acordo no pensamento e na ação com os preceitos do modernismo. Finalmente não falta entre eles quem, obedecendo muito de boa mente aos acenos dos seus mestres protestantes, até deseje ver suprimido do sacerdócio o sacro celibato. Que restará, pois, de intacto na Igreja, que não deva por eles ou segundo os seus princípios ser reformado?

Crítica geral de todo o sistema

Talvez que na exposição da doutrina dos modernistas tenhamos parecido a alguém, Veneráveis Irmãos, demasiadamente prolixos. Isso, porém, foi de todo necessário, tanto para que não continuem a acusar-nos, como costumam, de ignorar as suas teorias, como também, para que se veja que quando se fala de modernismo, não se trata de doutrinas vagas e desconexas, mas de um corpo uno e compacto de doutrinas em que, admitida uma, todas as demais também o deverão ser. Por isso, também quisemos servir-nos de uma forma quase didática, e nem recusamos os vocábulos bárbaros, que os modernistas adotam. Se, pois, de uma só vista de olhos atentarmos para todo o sistema, a ninguém causará pasmo ouvir-Nos defini-lo, afirmando ser ele a síntese de todas as heresias. Certo é que se alguém se propusesse juntar, por assim dizer, o destilado de todos os erros, que a respeito da fé têm sido até hoje levantados, nunca poderia chegar a resultado mais completo do que alcançaram os modernistas. Tão longe se adiantaram eles, como já o notamos, que destruíram não só o catolicismo, mas qualquer outra religião. Com isto se explicam os aplausos do racionalistas; por isto aqueles dentre os racionalistas que falam mais clara e abertamente, se vangloriam de não ter aliados mais efetivos que os modernistas. E de fato, voltemos um pouco, Veneráveis Irmãos, à prejudicialíssima doutrina do agnosticismo. Com esta, por parte da inteligência está fechado ao homem todo o caminho para chegar a Deus, ao passo que se torna mais aberto por parte de um certo sentimento e da ação. Quem não percebe, porém, que isto se afirma em vão?

O sentimento corresponde sempre à ação de um objeto, que é proposto pela inteligência ou pelos sentidos. Excluí a inteligência, e o homem seguirá mais arrebatadamente os sentidos pelos quais é já arrastado. Além de que, quaisquer que sejam as fantasias de um sentimento religioso, não podem elas vencer o senso comum; ora, o senso comum nos ensina que toda a perturbação ou preocupação do espírito, longe de ajudar, impede a investigação da verdade (queremos dizer da verdade em si mesma); ao passo que aquela outra verdade subjetiva, fruto do sentimento íntimo e da ação, quando muito serviria para um jogo de palavras, sem nada aproveitar ao homem, que antes de tudo quer saber se, fora de si, existe ou não um Deus, em cujas mãos há de cair um dia. Recorrem outrossim e com afinco à experiência. Mas, que pode ela acrescentar ao sentimento? Nada, por certo; poderá apenas torná-lo mais intenso; e esta intensidade tornará proporcionalmente mais firme a persuasão da verdade do objeto. Estas duas coisas, porém, não farão que o sentimento deixe de ser sentimento, nem lhe mudarão a natureza, sempre sujeita a engano, se não for auxiliada pela inteligência; pelo contrário, confirmarão e reforçarão o sentimento, pois que este, quanto mais intenso for, tanto mais direito terá a ser sentimento. Como porém tratamos aqui do sentimento religioso e da experiência, que nele se contém, sabeis por certo, Veneráveis Irmãos, com quanta prudência convém tratar esta matéria, e quanta ciência se requer para regular esta mesma prudência. Vós o sabeis, pelo contacto que tendes com as almas, especialmente aquelas em que domina o sentimento; Vós o sabeis pelo estudo dos tratados de ascética que, não obstante serem menosprezados pelos modernistas, contém doutrina mais sólida e mais fina observação do que aquela de que se vangloriam os modernistas.

E a Nós, na verdade, parece-Nos ser só de um demente ou pelo menos de um rematado imprudente o admitir, sem mais exame, por verdadeiras, as tais experiências íntimas apregoadas pelos modernistas. Por que será então, dizemo-lo aqui de passagem, que tendo essas experiências tão grande força e certeza, não o possa também ter a experiência de milhares de católicos, quando afirmam que os modernistas vagueiam por um caminho errado? A maior parte dos homens sustenta e há de sempre sustentar com firmeza que, só com o sentimento e a experiência, sem a guia e a luz da inteligência, nunca se chegará ao conhecimento de Deus.

Resta, portanto, ainda uma vez, ou o ateísmo ou a absoluta falta de religião. Não esperem os modernistas melhores resultados da sua doutrina do simbolismo. De fato, se todos os elementos, que chamam intelectuais, não passam de meros símbolos de Deus, por que motivo não será também um símbolo o mesmo nome de Deus ou de personalidade divina? E se assim for, bem se poderia duvidar da mesma personalidade divina, e teremos aberta a estrada para o panteísmo. Do mesmo modo, a um puro e simples panteísmo leva a outra doutrina da imanência divina. Pois, se perguntarmos: essa imanência distingue ou não distingue Deus do homem? Se distingue, que divergência então pode haver entre essa doutrina e a católica? Ou então, por que rejeitam os modernistas a doutrina da revelação externa? Se, pelo contrário, não se distingue, temos de novo o panteísmo.

Mas, de fato, a imanência dos modernistas quer e admite que todo o fenômeno de consciência proceda do homem enquanto homem. Com legítimo raciocínio deduzimos portanto que Deus e o homem são uma e a mesma coisa; e daqui o panteísmo. Também a distinção que fazem entre as ciência e a fé, não leva a outro resultado. Põem o objeto da ciência na realidade do cognoscível, e o da fé na realidade do incognoscível. Ora, o incognoscível é produzido pela completa desproporção entre o objeto e a inteligência. E esta desproporção, acrescentam, nunca poderá cessar. Logo, o incognoscível ficará sempre incognoscível, tanto para o crente quanto para o filósofo. Se, pois, alguma religião houver, o seu objeto será sempre a realidade do incognoscível; e não sabemos por que motivo essa realidade não poderá ser a alma universal do mundo, como querem certos racionalistas. Isto já é bastante para bem nos certificarmos de que muitos são os caminhos, pelos quais a doutrina modernista vai acabar no ateísmo e na destruição de toda religião. Neste caminho os protestantes deram o primeiro passo; os modernistas o segundo; pouco falta para o completo ateísmo.

II ª PARTE - AS CAUSAS DO MODERNISMO

Para mais a fundo conhecermos o modernismo e o mais apropriado remédio acharmos para tão grande mal, cumpre agora, Veneráveis Irmãos, indagar algum tanto das causas donde se originou e porque se tem desenvolvido. Não há duvidar que a causa próxima e imediata é a aberração do entendimento. As remotas, reconhecemo-las duas: o amor de novidades e o orgulho. O amor de novidades basta por si só para explicar toda a sorte de erros. Por esta razão o Nosso sábio predecessor Gregório XVI, com toda a verdade escreveu (Encicl. "Singulari Nos" 7/07/1834): «Muito lamentável é ver até onde se atiram os delírios da razão humana, quando o homem corre após as novidades e, contra as admoestações de São Paulo, se empenha em saber mais do que convém e, confiando demasiado em si, pensa que deve procurar a verdade fora da Igreja Católica, onde ela se acha sem a menor sombra de erro». Contudo, o orgulho tem muito maior força para arrastar ao erro os entendimentos; e é o orgulho que, estando na doutrina modernista como em sua própria casa, aí acha à larga de que se cevar e com que ostentar as suas manifestações.

Efetivamente, o orgulho fá-los confiar tanto em si que se julgam e dão a si mesmos como regra dos outros. Por orgulho loucamente se gloriam de ser os únicos que possuem o saber, e dizem desvanecidos e inchados: Nós cá não somos como os outros homens. E, de fato, para o não serem, abraçam e devaneiam toda a sorte de novidades, até das mais absurdas. Por orgulho repelem toda a sujeição, e afirmam que a autoridade deve aliar-se com a liberdade.

Por orgulho, esquecidos de si mesmos, pensam unicamente em reformar os outros, sem respeitarem nisto qualquer posição, nem mesmo a suprema autoridade. Para se chegar ao modernismo não há, com efeito, caminho mais direto do que o orgulho. Se algum leigo ou também algum sacerdote católico esquecer o preceito da vida cristã, que nos manda negarmos a nós mesmos para podermos seguir a Cristo, e se não afastar de seu coração o orgulho, ninguém mais do ele se acha naturalmente disposto a abraçar o modernismo! – Seja portanto, Veneráveis Irmãos, o vosso primeiro dever resistir a esses homens soberbos, ocupá-los nos misteres mais humildes e obscuros, a fim de serem tanto mais deprimidos quanto mais se enaltecem, e, postos na ínfima plana, tenham menor campo a prejudicar. Além disto, por vós mesmos ou pelos reitores dos seminários, procurai com cuidado conhecer os jovens que se apresentam candidatos às fileiras do clero; e se algum deles for de natural orgulhoso, riscai-o resolutamente do número dos ordinandos. Neste ponto, quisera Deus que se tivesse sempre agido com a vigilância e fortaleza que era mister!

Passando das causas morais às que se relacionam com a inteligência, surge sempre a ignorância. Todos os modernistas que pretendem ser ou parecer doutores na Igreja, exaltando em voz clamorosa a moderna filosofia e desdenhando a Escolástica, abraçaram a primeira, iludidos pelo seu falso brilho, porque, ao ignorarem completamente a segunda, careceram dos meios convenientes para reconhecerem a confusão das idéias e refutar os sofismas. É, pois, da aliança da falsa filosofia com a fé que surgiu o seu sistema, formado de tantos e tamanhos erros.

Quem dera que eles fossem no entanto menos zelosos e sagazes na propaganda destes erros! Mas, em vez disto, é tal a sua esperteza, é tão indefeso o seu trabalho, que deveras causa pesar ver consumirem-se em prejuízo da Igreja tantas forças, que bem empregadas lhe seriam muito vantajosas. Para conduzirem os espíritos ao erro, usam de dois meios: removem primeiro os obstáculos, e em seguida procuram com máxima cautela os ardis que lhes poderão servir, e põem-nos em prática, incessante e pacientemente. Dentre os obstáculos, três principalmente se opõem aos seus esforços: o método escolástico de raciocinar, a autoridade dos Padres com a Tradição, o Magistério eclesiástico. Tudo isto é para eles objeto de uma luta encarniçada. Por isso, continuamente escarnecem e desprezam a filosofia e a teologia escolástica. Quer o façam por ignorância, quer por temor, quer mais provavelmente por um e outra, o certo é que a mania da novidade neles se acha aliada com ódio à escolástica; e não há sinal

mais manifesto de que começa alguém a volver-se para o modernismo do que começar a aborrecer a escolástica. Lembrem-se os modernistas os seus fautores da condenação que Pio IX infligiu a esta proposição (Syll. prop. 13):

«O método e os princípios com que os antigos doutores escolásticos trataram a teologia, não condizem mais com as necessidades dos nossos tempos e com os progressos da ciência». São também muito astuciosos em desvirtuar a natureza e a eficácia da Tradição, a fim de privá-la de todo o peso e autoridade. Porém, nós, os católicos, teremos sempre do nosso lado a autoridade do segundo Concílio de Nicéia, que condenou «aqueles que ousam..., à maneira de perversos hereges, desprezar as tradições eclesiásticas e imaginar qualquer novidade... ou pensar maliciosa e astutamente em destruir o que quer que seja das legítimas tradições da Igreja católica». Teremos sempre a profissão do quarto Concílio de Constantinopla: «Professamos, portanto, conservar e defender as regras que, tanto pelos santos e célebres Apóstolos quanto pelos Concílios universais e locais, ortodoxos, mesmo por qualquer deíloquo Padre e Mestre da Igreja, foram dadas à Santa Igreja Católica e apostólica. Por esta razão os Pontífices Romanos Pio IV e Pio IX quiseram que se acrescentassem estas palavras à profissão de fé: Creio firmemente e professo as tradições apostólicas e eclesiásticas e todas as demais determinações e constituições da mesma Igreja. O mesmo juízo que fazem da Tradição, estendem-no os modernistas também aos santos Padres da Igreja. Com a maior temeridade, tendo-os embora como muito dignos de toda a veneração, fazem-nos passar por muito ignorantes da crítica e da história, no que seriam indesculpáveis, se outros houveram sido os tempos em que viveram. Põem, finalmente, todo o empenho em diminuir e enfraquecer o magistério eclesiástico, ora deturpando-lhe sacrilegamente a origem, a natureza, os direitos, ora repetindo livremente contra ele as calúnias dos inimigos. À grei dos modernistas quadram estas palavras que muito a contragosto escreveu Nosso Predecessor: «Para atirarem sobre a mística Esposa de Jesus Cristo, que é verdadeira luz, o desprezo e o ódio, os filhos das trevas tomaram o costume de deprimi-la em público com uma insensata calúnia e, trocando a noção das coisas e das palavras, de chamá-la amiga do obscurantismo, sustentáculo da ignorância, inimiga da luz, da ciência e do progresso (Motu proprio. "Ut mysticam",14/03/1891). Em vista disto, Veneráveis Irmãos, não é para admirar que os católicos, denodados defensores da Igreja, sejam alvo do ódio mais desapoderado dos modernistas. Não há injúria que lhes não atirem em rosto; mas de preferência os chamam ignorantes e obstinados. Se a erudição e o acerto de quem os refuta os atemoriza, procuram descartá-lo, recorrendo ao silêncio. Este modo de proceder com os católicos torna-se ainda mais odioso, porque eles ao mesmo tempo exaltam descompassadamente com incessantes louvores os que seguem o seu partido; acolhem e batem palmas aos seus livros, eriçados de novidades; e quanto mais alguém mostra ousadia em destruir as coisas antigas, em rejeitar as tradições e o magistério eclesiástico, tanto mais encarecem a sua sabedoria; e por fim, o que a todo espírito reto causa horror, não só elogiam pública e encarecidamente, mas veneram como mártir quem quer por acaso for condenado pela Igreja. Movidos e abalados por toda essa celeuma de louvores e impropérios, com o fito, ou de não passarem por ignorantes, ou de serem tidos por sábios, os ânimos juvenis, instigados interiormente pelo orgulho e pelo amor das novidades dão-se por vencidos e desertam para o modernismo.

Com isto já chegamos aos artifícios com que os modernistas passam as suas mercadorias. Que recursos deixam eles de empregar para angariar sectários? Procuram conseguir cátedras nos seminários e nas Universidades, para tornarem-se insensivelmente cadeiras de pestilência. Inculcam as suas doutrinas, talvez disfarçadamente, pregando nas igrejas; expõem-nas mais claramente nos congressos; introduzem e exaltam-nas nos institutos sociais sob o próprio nome ou sob o de outrem; publicam livros, jornais, periódicos.

Às vezes um mesmo escritor se serve de diversos nomes, para enganar os incautos, simulando grande número de autores. Numa palavra, pela ação, pela palavra, pela imprensa, tudo experimentam, de modo as parecerem agitados por uma violenta febre. Que resultado terão eles alcançado? Infelizmente lamentamos a perda de grande número de moços, que davam ótimas esperanças de poderem um dia prestar relevantes serviços à Igreja, atualmente fora do bom caminho.

Lamentamos esses muitos que, embora não se tenham adiantado tanto, tendo contudo respirado esse ar infeccionado, já pensam, falam e escrevem com tal liberdade, que em católicos não assenta bem.

Vemo-los entre os leigos; vemo-los entre os sacerdotes; e, quem o diria? Vemo-los até no seio das famílias religiosas. Tratam a Escritura à maneira dos modernistas. Escrevendo sobre a história tudo o que pode desdourar a Igreja divulgam cuidadosamente e com disfarçado prazer. Guiados por um certo apriorismo, procuram sempre desfazer as piedosas tradições populares. Mostram desdenhar as sagradas relíquias, respeitáveis pela sua antigüidade. Enfim, vivem preocupados em fazer o mundo falar de suas pessoas; e sabem que isto não será possível, se disserem as mesmas coisas que sempre se disseram.

Podem estar eles na persuasão de fazerem coisa agradável a Deus e à Igreja; na realidade, porém, ofendem gravemente a Deus e à Igreja, se não com suas obras, de certo com o espírito que os anima e com o auxílio que prestam ao atrevimento dos modernistas.

III ª PARTE - REMÉDIOS

A esta torrente de gravíssimos erros, que às claras e às ocultas se vai avolumando, o Nosso Predecessor Leão XIII, de feliz memória, procurou energicamente levantar um dique, principalmente no que se refere às Sagradas Escrituras. Já vimos, porém, que os modernistas não se deixam facilmente intimidar; eis porque, aparentando o maior acatamento e a mais apurada humildade,

inverteram as palavras do Pontífice do modo que lhes convinha, e propalaram que os atos do mesmo eram dirigidos a outros. Destarte o mal, dia a dia, foi tomando maiores proporções.
É por isto, Veneráveis Irmãos, que decidimos lançar mãos, sem demora, de medidas mais enérgicas. Nós, porém, vos pedimos e suplicamos que em negócio de tal monta nada, de modo algum, se deixe a desejar em vossa vigilância, desvelo e fortaleza. E isto mesmo que vos pedimos e de vós esperamos, pedimo-lo também e esperamo-lo dos demais pastores das almas, dos educadores e mestres do jovem clero, e particularmente dos Superiores gerais das Ordens religiosas.

I. No que se refere aos estudos, queremos em primeiro lugar e mandamos terminantemente, que a filosofia escolástica seja tomada por base dos estudos sacros. Bem se compreende que «se os doutores escolásticos trataram certas questões com excessiva argúcia, ou foram omissas noutras; se disseram coisas que mal se acomodam com as doutrinas apuradas nos séculos posteriores, ou mesmo alguma coisa inadmissível, mui longe está de nossa intenção querer que tudo isto deva servir de exemplo a imitar nos nossos dias (Leão XIII, Enc. Aeterni Patris).

O que importa saber, antes de tudo, é que a filosofia escolástica, que mandamos adotar, é principalmente a de Santo Tomás de Aquino; a cujo respeito queremos fique em pleno vigor tudo o que foi determinado pelo Nosso Predecessor e, se há mister, renovamos, confirmamos e mandamos severamente sejam por todos observadas aquelas disposições. Se isto tiver sido descuidado nos seminários, insistam e exijam os Bispos que para o futuro se observe. Tornamos extensiva a mesma ordem aos Superiores das Ordens religiosas. E todos aqueles que ensinam fiquem cientes de que não será sem graves prejuízos que especialmente em matérias metafísicas, se afastarão de Santo Tomás.

Fundamentada assim a filosofia, sobre ela se erga com a maior diligência o edifício teológico. Veneráveis Irmãos, promovei com toda a solicitude o estudo da teologia, de tal sorte que ao saírem dos seminários os clérigos lhe tenham alta consideração e profundo amor, e sempre o conservem carinhosamente. Porquanto é de todos sabido que na quase infinitude das disciplinas que se apresentam às inteligências ávidas do saber, é tão certo que à teologia cabe o primeiro lugar, que os antigos diziam que era dever das outras ciências e artes servirem-na e auxiliarem-na como escravas (Leão XIII, carta ap. In magna, 10 de dezembro de1889). Aproveitamos esta ocasião para dizer que Nos parecem dignos de louvor aqueles que, salvando o respeito devido à Tradição, aos Santos Padres, ao magistério eclesiástico, procuram esclarecer a teologia positiva com prudente critério e normas católicas (coisa que nem sempre se observa), tirando luzes da verdadeira história. Certo é que na atualidade, à teologia positiva se deve dar maior extensão que outrora; entretanto, isto se deve fazer de tal sorte que não seja de nenhum modo em detrimento da teologia escolástica, e sejam censurados como fautores do modernismo, aqueles que de tal modo elevam a teologia positiva que parece quase desprezarem a escolástica.

Quanto às disciplinas profanas, basta lembrar o que sabiamente disse o Nosso Predecessor (Alloc. de 7 de março de1880): «Aplicai-vos diligentemente ao estudo das coisas naturais; pois, assim como em nossos dias as engenhosas descobertas e os úteis empreendimentos com sobeja razão são admirados pelos contemporâneos, da mesma sorte serão alvo de perenes louvores e encarecimentos dos vindouros». Seja isto feito sem prejuízo dos estudos sacros; assim também o advertiu o mesmo Nosso Predecessor, pela seguintes palavras (lugar citado): «A causa de tais erros, se a investigarmos cuidadosamente, provém principalmente de que hoje, quanto maior intensidade se dá aos estudos das ciências naturais, tanto mais se descuram as disciplinas mais severas e mais elevadas; algumas destas são, de fato, quase atiradas ao esquecimento; outras são tratadas com pouca vontade e de leve, e, coisa indigna, perdido o esplendor de sua primitiva dignidade, são deturpadas por opiniões inverossímeis e por enormes erros. É esta a lei à qual mandamos que se conformem os estudos das ciências naturais nos seminários.

II. Em vista tanto destas Nossas disposições como da do Nosso Antecessor, convém prestar muita atenção toda vez que se tratar da escolha dos diretores e professores tanto dos seminários quanto das Universidades católicas. Todo aquele que tiver tendências modernistas, seja ele quem for, deve ser afastado quer dos cargos quer do magistério; e se já tiver de posse, cumpre ser removido.

Faça-se o mesmo com aqueles que, às ocultas ou às claras, favorecerem o modernismo, louvando os modernistas, ou atenuando-lhes a culpa, ou criticando a escolástica, os Santos Padres, o magistério eclesiástico, ou negando obediência a quem quer que se ache em exercício do poder eclesiástico; bem assim como aqueles que se mostrarem amigos da novidade em matéria histórica, arqueológica e bíblica; e finalmente com aqueles que se descuidarem dos estudos sacros ou parecerem dar preferência aos profanos. Neste ponto, Veneráveis Irmãos, e particularmente na escolha dos lentes, nunca será demasiada a vossa solicitude e constância; porquanto, é o mais das vezes ao exemplo dos mestres que se formam os discípulos. Firmados, portanto, no dever da consciência, procedei nesta matéria com prudência, mas também com energia.

Não deve ser menor a vossa vigilância e severidade na escolha daqueles que devem ser admitidos ao Sacerdócio. Longe, muito longe do clero esteja o amor às novidades; Deus não vê com bons olhos os ânimos soberbos e rebeldes! A ninguém doravante se conceda a láurea da teologia ou direito canônico, se primeiro não tiver feito todo o curso de filosofia escolástica. Se, não obstante isto, ela for concedida, será nula. Tornem-se doravante extensivas a todas as nações as disposições emanadas da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares no ano 1896, acerca da freqüência dos clérigos regulares e seculares da Itália às

Universidades. Os clérigos e sacerdotes inscritos a um Instituto ou a uma Universidade católica, não poderão freqüentar nas Universidades civis cursos também existentes nos Institutos católicos a que se inscreveram. Se, em tempos passados, isto tiver sido concedido em algum lugar, mandamos que de ora em diante não mais se permita. Ponham os Bispos que formam o conselho diretivo de tais Institutos católicos ou Universidades católicas, o maior empenho em fazer observar estas nossas determinações.

III. Compete, outrossim, aos Bispos providenciar para que os livros dos modernistas já publicados não sejam lidos, e as novas publicações sejam proibidas. Qualquer livro, jornal ou periódico desse gênero não poderá ser permitido aos alunos dos seminários ou das Universidades católicas, pois daí não lhes proviria menor mal do que o que produzem as más leituras; antes, seria ainda pior, porque ficaria contaminada a mesma raiz da vida cristã. Nem diversamente se há de julgar dos escritos de certos católicos, homens aliás de não más intenções, porém faltos de estudos teológicos e embebidos de filosofia moderna, que procuram conciliar com a fé, e fazê-la servir, como eles dizem, em proveito da mesma fé. O nome e a boa reputação dos autores faz com que tais livros sejam lidos sem o menor escrúpulo, e por isto mesmo se tornam assaz perigosos para pouco e pouco encaminharem ao modernismo.

Querendo, Veneráveis Irmãos, dar-vos normas gerais em tão grave assunto, se em vossas dioceses circularem livros perniciosos, procurai energicamente proscrevê-los, condenando-os mesmo solenemente, se o julgardes oportuno. Conquanto esta Sede Apostólica procure por todos os meios proscrever tais publicações, tornou-se hoje tão avultado o seu número que não lhe bastariam forças para condená-las todas. Disto resulta às vezes que o remédio já chega tarde, porque a demora já facilitou a infiltração do mal. Queremos, por conseguinte, que os Bispos, pondo de parte todo o receio, repelindo a prudência da carne, desdenhando a grita dos maus, com suavidade perseverante cumpram todos o que lhes cabe, lembrando-se do que na Constituição Apostólica Officiorum, Leão XIII escreveu: «Empenhem-se os Ordinários, mesmo como Delegados da Sede Apostólica, em proscrever e tirar das mãos dos fiéis os livros ou quaisquer escritos nocivos publicados ou divulgados nas suas dioceses». Com estas palavras, é verdade, concede-se um direito; mas, ao mesmo tempo, também se impõe um dever. Ninguém, contudo, julgue ter cumprido tal dever pelo fato de Nos remeter um ou outro livro, deixando entretanto muitíssimos outros serem publicados e divulgados. Nem se julguem desobrigados disto por terem ciência de que certo livro alcançou de outrem o Imprimatur, porquanto tal concessão pode ser falsa, como também pode ter sido por descuido, por excesso de benignidade, ou por demasiada fé no autor; e este último caso pode muito facilmente dar-se nas Ordens religiosas. Acresce também saber que, assim como todo e qualquer alimento não serve igualmente para todos, da mesma sorte um livro que pode ser inocente num lugar, já noutro, por certas circunstâncias, pode tornar-se nocivo. Se, por conseguinte, o Bispo, depois de ouvir o parecer de pessoas prudentes, julgar que em sua diocese deve ser condenado algum desses livros, damos-lhe para isto ampla faculdade, e até o oneramos com este dever. Desejamos entretanto se conservem as devidas atenções, e talvez baste num ou noutro caso restringir ao clero essa proibição; e ainda mesmo neste caso os livreiros católicos estão obrigados a não dar à venda as publicações proibidas pelo Bispo. E já que nos caiu sob a pena este assunto, atendam os Bispos a que os livreiros, por avidez de lucro, não vendam livros perniciosos; o certo é que nos catálogos de alguns deles não poucas vezes se vêem anunciados, e com bastante louvores, os livros dos modernistas. Se eles a isto se recusarem, não ponham dúvida os Bispos em privá-los do título de livreiros católicos; da mesma sorte, e por mais forte razão, se gozarem do título de episcopais; mas, se tiverem o título de pontifícios, seja o caso deferido à Santa Sé. A todos finalmente lembramos o artigo XXVI da citada Constituição apostólica Officiorum: «Todas as pessoas que tiverem obtido faculdade apostólica de ler e conservar livros proibidos, não se acham por esse mesmo fato autorizadas a ler livros ou jornais proscritos pelos Ordinários locais, salvo se no indulto apostólico se achar expressamente declarada a licença de ler e conservar livros condenados por quem quer seja».

IV. No entanto não basta impedir a leitura ou a venda de livros maus; cumpre, outrossim, impedir-lhes a impressão. Usem pois, os Bispos a maior severidade em conceder licença para impressão. E visto como é grande o número de livros que, segundo a Constituição Officiorum, hão mister da autorização do Ordinário, é costume em certas dioceses designar, em número conveniente, Censores, por ofício, para o exame dos manuscritos. Louvamos com efusão de ânimo essa instituição de censura; e não só exortamos, mas mandamos que se estenda a todas as dioceses. Haja, portanto, em todas as Cúrias episcopais censores para a revisão dos escritos em via de publicação. Sejam estes escolhidos no clero secular e regular, homens idosos, sábios e prudentes, que ao aprovar ou reprovar uma doutrina tomem um meio termo seguro. Terão eles o encargo de examinar tudo o que, segundo os artigos XLI e XLII da referida Constituição, precisar de licença para ser publicado. O Censor dará o seu parecer por escrito. Se for favorável, o Bispo permitirá a impressão com a palavra Imprimatur, que deverá ser precedida do Nihil obstat e do nome do Censor. Também na Cúria romana, como nas outras, serão estabelecidos Censores de Ofício. Serão estes designados pelo Mestre do Sagrado Palácio Apostólico, depois de consultar o Cardeal Vigário de Roma e obtido também o consentimento e aprovação do Sumo Pontífice. O mesmo determinará qual dos Censores deverá examinar cada escrito. A licença de impressão será concedida pelo referido Mestre juntamente com o Cardeal Vigário ou o seu Vice-gerente, antepondo-se, porém, como acima se disse, o Nihil obstat e o nome do Censor. Somente em circunstâncias extraordinárias e raríssimas, a prudente juízo do Bispo, poderá omitir-se a menção do Censor. Nunca se dará a conhecer ao autor o nome do Censor, antes que este tenha dado seu juízo favorável, afim de que o Censor não venha sofrer vexames, enquanto examinar os escritos ou depois que os tiver desaprovado. Nunca se escolham Censores entre as Ordens religiosas, sem primeiro pedir secretamente o parecer ao Superior provincial, ou, se se tratar de Roma, ao Geral; estes deverão em consciência dar atestado dos costumes, do saber, da integridade e das doutrinas do escolhido. Avisamos aos Superiores religiosos do gravíssimo dever que têm de nunca permitir que algum de seus súditos publique alguma coisa, sem a prévia autorização juntamente com a do Ordinário. Declaramos em último lugar, que o título de Censor, com que alguém for honrado, nenhuma eficácia terá nem jamais poderá ser aduzido para corroborar as suas opiniões

particulares.

Ditas estas coisas em geral, particularmente mandamos a mais rigorosa observância do que se prescreve no artigo XLII da citada Constituição Officiorum, a saber: «É proibido aos sacerdotes seculares tomarem a direção de jornais ou periódicos, sem prévia autorização do Ordinário». Será privado desta licença quem, depois de ter recebido advertência, continuar a fazer mau uso dela. Como há certos sacerdotes, que, com o nome de correspondentes, ou colaboradores, escrevem nos jornais ou periódicos, artigos infectos de modernismo, tomem providências os Bispos para que tal não aconteça; e, acontecendo, advirtam-nos e proíbam-nos de escrever. Com toda a autoridade mandamos que os Superiores das Ordens religiosas façam o mesmo; e se estes se mostrarem descuidados neste ponto, façam-no os Bispos com autoridade delegada do Sumo Pontífice. Sempre que for possível tenham os jornais e periódicos publicados pelos católicos um determinado Censor. Será este obrigado à revisão de todas as folhas ou fascículos já impressos; e se encontrar alguma coisa perigosa, fará corrigi-la quanto antes. E se o Censor tiver deixado passar alguma coisa, o Bispo tem o direito de fazê-la corrigir.

V. Já nos referimos acima aos congressos, reuniões públicas, em que os modernistas se aplicam à pública defesa e propaganda das suas opiniões. Salvo raríssimas exceções, de ora em diante os Bispos não permitirão mais os congressos de sacerdotes. Se nalgum caso o permitirem, será sob condição de não tratarem de assuntos de competência dos Bispos ou da Santa Sé, de não fazerem propostas nem petições que envolvam usurpação de jurisdição, nem se faça menção alguma de tudo o que pareça modernismo, presbiterianismo ou laicismo. A essas reuniões que devem ser autorizadas, cada uma em particular e por escrito, e na época oportuna, não poderá comparecer sacerdote algum de outra diocese, sem as cartas de recomendação do próprio Bispo. Lembrem-se todos os sacerdotes do que por estas gravíssimas palavras, Leão XIII recomendou (Carta Enc. Nobilissima Gallorum 10 de fevereiro de1884): «Seja intangível para os sacerdotes a autoridade dos próprios Bispos; persuadem-se de que se o ministério sacerdotal não se exercer debaixo da direção do Bispo, não será santo, nem proveitoso nem merecedor de respeito».

VI. Mas que aproveitariam, Veneráveis Irmãos, as Nossas ordens e as Nossas prescrições, se não fossem observadas como se deve com firmeza? Para o alcançarmos, pareceu-Nos bem estender a todas as dioceses o que desde muito anos os Bispos da Úmbria, com tanta sabedoria, resolveram entre si (Atas do Congresso dos Bispos de Úmbria, nov.1849, Tit. II art.6). «Para extirpar, diziam eles, os erros já espalhados e impedir que se continue a sua difusão, ou que haja mestres de impiedade que perpetuam os perniciosos efeitos produzidos por essa mesma difusão, seguindo o exemplo de São Carlos Borromeu, este sacro Congresso determina que em cada diocese se institua um conselho de homens eméritos dos dois cleros, com a incumbência de ver se, e de que modo, os novos erros se dilatam e se propagam, e dar aviso disto ao Bispo, para que de comum acordo se providencie para a extinção do mal logo que desponte e não tenha tempo de espalhar-se com detrimento das almas, nem, o que ainda seria pior, de se avigorar e crescer. Determinamos, pois, que em cada diocese se institua um semelhante Conselho, que se denominará Conselho de Vigilância. Os membros do Conselho serão escolhidos pela normas já prescritas para os Censores dos livros. Reunir-se-ão de dois em dois meses, em dia determinado, em presença do Bispo; e as coisas tratadas ou resolvidas guardem-nas os Conselheiros com segredo inviolável.

Serão estes os deveres dos membros do Conselho: investiguem com cuidado os vestígios do modernismo, tanto nos livros como no magistério, e com prudência, rapidez e eficácia providenciem quando houver mister pela preservação do clero e da mocidade. – Combatam as novidades de palavras, e lembrem-se dos avisos de Leão XIII (Instr. S.C. NN. EE. EE. 27/01/1902): «Nas publicações católicas não se poderia aprovar uma linguagem que, inspirando-se em perniciosas novidades, parecesse escarnecer da piedade dos fiéis e falasse de nova orientação da vida cristã, de novas direções da Igreja, de novas aspirações da alma moderna, de nova vocação do clero, de nova civilização cristã». Não se tolerem tais dislates nem nos livros nem nas cátedras. – Não se descuidem dos livros em que se tratar das piedosas tradições de cada lugar, ou das sagradas Relíquias. Não permitam que se ventilem tais questões em jornais ou em periódicos destinados a nutrir a piedade, nem com expressões que tenham ares de zombaria ou de desdém, nem com afirmações decisivas, particularmente, como quase sempre sucede, quando o que se afirma não passa as raias da probabilidade ou quando se baseia em opiniões e preconceitos. – Acerca das sagradas Relíquias tomem-se as seguintes normas: se os Bispos, que são os únicos juízes nesta matéria, reconhecerem com certeza que uma relíquia é falsa, sem demora a subtrairão ao culto dos fiéis. Se, por ocasião de perturbações civis ou por outro motivo, se tiverem extraviado os documentos de autenticidade de uma Relíquia qualquer, não seja exposta à veneração do povo, sem que primeiro tenha sido reconhecida pelo Bispo. Só terá valor o argumento de prescrição ou de presunção fundada, quando o culto for recomendável pela sua antigüidade, conforme o Decreto da Congregação das Indulgências e das sagradas Relíquias, do ano de 1896, expresso nestes termos: «As antigas Relíquias devem ser conservadas na veneração que tiverem até agora, salvo se em casos particulares se tiverem provas certas de que são falsas ou supositícias. – Nos juízos a emitir acerca das pias tradições, tenha-se sempre diante dos olhos a suma prudência de que usa a Igreja nesta matéria, de não permitir que essas tradições sejam relatadas nos livros sem as determinadas precauções, e com a prévia declaração prescrita por Urbano VIII; e apesar disto, ainda não se segue que a Igreja tenha o fato por verdadeiro, mas apenas não proíbe que se lhe dê crédito, uma vez que para isto não faltem argumentos humanos. Foi isto precisamente o que, há trinta anos, a Sagrada Congregação dos Ritos declarou (Decr. 2 de maio de 1877): «Essas aparições ou revelações não foram aprovadas nem condenadas pela Santa Sé, foram apenas aceitas como merecedores de piedosa crença, com fé puramente humana, em vista da tradição de que gozam, também confirmadas por testemunhas e documentos idôneos». Quem se apegar a esta regra, nada tem que temer. Com efeito, o culto de qualquer aparição, enquanto se baseia num fato e por isto se chama relativo, inclui sempre implicitamente a condição de veracidade do fato; o absoluto, porém, sempre se

funda na verdade, porquanto se dirige às mesmas pessoas dos Santos, a quem se honra. Dá-se o mesmo com as Relíquias. –Recomendamos por fim ao Conselho de Vigilância, lance assídua e cuidadosamente as suas vistas sobre os institutos sociais e bem assim sobre os escritos relativos a questões sociais, afim de que nem sequer aí se dê agasalho a livros de modernismo, mas se acatem as prescrições dos Pontífices Romanos.

VII. A fim de que as coisas aqui determinadas não fiquem esquecidas, queremos e mandamos que, passado um ano da publicação das presentes Letras, e em seguida, depois de cada triênio, com exposição diligente e juramentada os Bispos informem a Santa Sé a respeito do que nestas mesmas Letras se prescreve e das doutrinas que circulam no clero e particularmente nos seminários e outros Institutos católicos, não excetuando nem sequer aqueles que estão isentos da autoridade do Ordinário. Ordenamos a mesma coisa aos Superiores gerais das Ordens religiosas, com relação aos seus súditos.

CONCLUSÃO

Julgamos oportuno escrever-vos estas coisas, Veneráveis Irmãos, a bem da salvação de todos os fiéis. Por certo os inimigos da Igreja hão de valer-se disto, para de novo repisarem a velha acusação, com que procuram fazer-Nos passar por inimigos da ciência e dos progressos da civilização. A fim de opormos um novo desmentido a tais acusações, que são desfeitas a cada página da história da Igreja, é Nosso propósito conceder todo o auxílio e proteção a uma nova Instituição, pela qual sob o influxo da verdade católica, será promovida toda a sorte de ciências e erudições, com o concurso dos católicos mais insignes no saber. Queira Deus secundar os Nossos desígnios, e auxiliarem-nos todos quantos têm verdadeiro amor à Igreja de Jesus Cristo. Entretanto, Veneráveis Irmãos, para vós, em cuja obra e zelo tanto confiamos, pedimos de coração a plenitude das luzes celestiais, afim de que, nesta época de tão grande perigo para as almas, devido aos erros que de toda parte se infiltram, descortineis o que deveis fazer e o executeis com todo o ardor e fortaleza. Que vos assista com seu poder Jesus Cristo, autor e consumidor da fé; que vos assista com o seu socorro a Virgem Imaculada, destruidora de todas as heresias. E Nós, como penhor da Nossa afeição e como arras das divinas consolações no meio de vossos trabalhos, de coração vos damos a vós, ao vosso clero, e ao vosso povo a Bênção Apostólica.

Dado em Roma, junto a São Pedro, no dia 8 de setembro de 1907, no quinto ano do Nosso Pontificado.

PIO PP. X

Humani Generis
Sobre algumas doutrinas errôneas
Carta encíclica do Papa Pio XII 12 de agosto de 1950.

Aos Veneráveis Irmãos Patriarcas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros Ordinários Locais em paz e comunhão com a Sé Apostólica: Sobre algumas falsas opiniões que ameaçam destruir os fundamentos da Doutrina Católica.

Veneráveis Irmãos:
Saudação e Benção Apostólica.

Introdução

1. As discórdias e os erros do gênero humano, em matéria de religião e de moral, foram sempre para todos os bons, e principalmente os fiéis e sinceros filhos da Igreja, causa de profundo pesar, mas são-no hoje de modo especial, quando vemos atacados por todas as partes os princípios mesmos da civilização cristã.

2. Não é de estranhar que fora do redil de Jesus Cristo tenham sempre existido tais dissensões e erros. Pois, embora a razão humana, absolutamente falando, possa chegar com suas forças e lume naturais ao conhecimento verdadeiro e certo de um Deus pessoal, que governa e protege o mundo com sua Providência, bem como chegar ao conhecimento da lei natural impressa pelo Criador em nossas almas, contudo, de fato, muitos são os obstáculos que impedem a mesma razão de usar eficazmente e com resultado desta sua natural capacidade. As verdades que se referem a Deus e às relações entre os homens e Deus são verdades que transcendem completamente a ordem das coisas sensíveis e quando estas verdades atingem a vida prática e a regem, requerem sacrifício e abnegação. A inteligência humana, na aquisição dessas verdades, encontra dificuldades tanto por parte dos sentidos e da imaginação como por parte das más inclinações provenientes do pecado original. Donde vemos que os homens em tais questões facilmente procuram persuadir-se de que seja falso ou ao menos duvidoso aquilo que não desejam que seja verdadeiro.

3. Por tais motivos se deve dizer que a Revelação divina é moralmente necessária para que aquelas verdades que em matéria de religião e moral, mesmo na presente condição do gênero humano, não são de sua natureza inacessíveis à razão, possam ser por todos conhecidas com facilidade, com firme certeza, sem mistura alguma de erro. (Conc. Vaticano I, Const. De fide catholica, c.2, De revelatione).

4. Mais ainda, a mente humana pode até, às vezes, encontrar dificuldade em formar um juízo certo sobre a "credibilidade" da fé católica, apesar de serem tantos e tão admiráveis os sinais e argumentos externos, concedidos por Deus em seu favor, a tal ponto que ainda somente com o lume da razão natural se pode provar com certeza a origem divina da religião cristã. É que o homem, movido por preconceitos ou instigado pelas paixões e pela vontade pervertida, não só pode rejeitar a evidência dos sinais e argumentos externos que se lhe apresentam, como também resistir às celestes inspirações que Deus lhe infunde na alma.

5. Quem quer que lance os olhos sobre aqueles que vivem fora do redil de Cristo, facilmente poderá distinguir os principais caminhos por onde enveredaram muitos dos homens que se dizem cultos e doutos. Há-os que, sem a devida prudência e discernimento, admitem e propugnam como extensivo à origem de todos os seres o sistema evolucionista, que nem mesmo no campo das ciências naturais está indiscutivelmente demonstrado, e com ousadia temerária se entregam à hipótese monista e panteísta de um universo sujeito às leis de uma contínua evolução. Desta hipótese logo se aproveitam os fautores do comunismo para propugnar e exaltar com mais eficácia o seu "materialismo dialético" e arrancar das mentes toda a idéia de Deus.

6. As falsas afirmações de tal evolucionismo, no qual se repudia tudo o que é absoluto, firme e imutável, prepararam o caminho às aberrações de uma nova filosofia, que, fazendo concorrência ao idealismo, ao imanentismo e ao pragmatismo, tomou o nome de existencialismo, porque, rejeitando as essências imutáveis das coisas, só se preocupa com a existência de cada indivíduo.

7. A essas correntes se vem juntar um falso historicismo que se atém somente aos acontecimentos da vida humana e subverte os fundamentos de toda e qualquer verdade ou lei absoluta, seja no campo da filosofia, seja no dos dogmas do cristianismo.

8. Em meio de tão grande confusão de idéias algum conforto nos traz ver o bom número daqueles que, imbuídos outrora dos postulados do racionalismo, desejam agora voltar às fontes da verdade revelada por Deus e proclamam a palavra de Deus conservada na Sagrada Escritura como fundamento da ciência sagrada. Mas é ao mesmo tempo doloroso verificar que não poucos dentre esses mesmos, quanto mais firmemente aderem à palavra de Deus, tanto mais deprimem a capacidade da razão humana, e quanto mais de boa vontade exaltam a autoridade de Deus Revelador, com tanto maior acrimônia desprezam o Magistério da Igreja, instituído por Cristo Nosso Senhor para guardar e interpretar as verdades reveladas. Tal desprezo não só está em

contradição aberta com as Sagradas Letras, mas até mesmo pela experiência se tem mostrado errado. Quanta vez os próprios dissidentes, que se separaram da verdadeira Igreja, são os primeiros a lamentar publicamente a confusão e discórdia que entre eles reina no campo dogmático, reconhecendo assim, embora a seu pesar, a necessidade de um Magistério vivo!

I - A Igreja Católica face aos erros modernos

1- O papel dos teólogos e dos filósofos

9. Pois bem, essas tendências que mais ou menos se desviam do reto caminho da verdade, não podem ser ignoradas ou deixadas de lado pelos teólogos e filósofos católicos, aos quais incumbe a grave missão de defender as verdades divinas e humanas e difundi-las entre os homens. Mas ainda, é preciso que conheçam bem tais sistemas, já pela razão de que as doenças não se podem curar se não forem primeiro bem conhecidas, já porque nessas falsas teorias muitas vezes está latente alguma parcela de verdade, já finalmente porque esses mesmos erros incitam a inteligência a perscrutar e a examinar certas verdades filosóficas e religiosas com maior atenção e agudeza.

10. Se os nossos filósofos e teólogos procurassem somente colher de tais doutrinas, cautelosamente assim estudadas, esses frutos que acabamos de mencionar, não haveria suficiente motivo para uma intervenção do Magistério da Igreja. Mas, embora estejamos cientes que em geral os professores e estudiosos católicos se guardam de tais erros, consta-Nos outrossim que não falta também hoje, como nos tempos apostólicos, quem, aliciado mais do que convém pela novidades, ou temendo por ventura ser tido por ignorante das descobertas da ciência nesta época de progresso, procure subtrair-se à submissão devida ao Sagrado Magistério da Igreja, correndo o perigo de se afastar insensivelmente da mesma verdade revelada por Deus e arrastar consigo outros ao erro.

11. Há, além disso, outro perigo ainda maior, porquanto vai mais encoberto sob a aparência de virtude. São muitos os que, deplorando a discórdia a que chegou o gênero humano e a confusão de idéias que hoje reina, levados de um zelo imprudente, se sentem impelidos vigorosamente por um desejo ardente de destruir as barreiras que separam entre si a tantos homens retos e honestos. E abraçam, em conseqüência, um gênero de irenismo, que, pondo de lado as questões que dividem os homens, pretendem não só obter uma união de forças para repelir a avalanche avassaladora de ateísmo, mas chegam a querer conciliar as oposições que existem no próprio campo dogmático. E assim como em tempos passados houve quem perguntasse se a apologética tradicional da Igreja não era um obstáculo, mais que um auxílio, para ganhar almas a Cristo, assim hoje não falta quem chegue ao ponto de levantar a questão: se a teologia e os métodos que se usam com aprovação da autoridade eclesiástica no ensino hodierno, não devem ser, não já aperfeiçoados, mas completamente reformados, para que o reino de Cristo possa ser propagado com mais eficácia no mundo inteiro, entre os homens de qualquer cultura e de qualquer opinião religiosa.

12. Se esses tais não tivessem em mira senão introduzir algumas inovações para adaptar com mais acerto o ensinamento eclesiástico e os seus métodos às condições e necessidades hodiernas, quase não haveria razão para temer; mas arrebatados desse imprudente irenismo, alguns chegam a julgar como óbices, para se restaurar a união fraterna, aquelas mesmas instituições que se baseiam nas leis e princípios promulgados pelo próprio Jesus Cristo, bem como quanto constitui a defesa e o sustentáculo da integridade da fé. Se isto se abate, tudo será unificado, sim, mas nos escombros de uma ruína geral.

13. Essas novas opiniões, nascidas quer de uma deplorável ânsia de novidades quer mesmo de louváveis intenções, nem sempre são propostas com a mesma intensidade, com a mesma clareza, ou com os mesmos termos. Nem sempre os seus propugnadores estão em perfeito acordo entre si. O que hoje está sendo ensinado veladamente por alguns, com cautelas e distinções, amanhã será proposto publicamente e sem rebuços por outros mais audazes, com escândalo de muitos, especialmente de jovens sacerdotes, e com detrimento da autoridade eclesiástica. E se geralmente se usa mais cautela nos livros que se publicam, o mesmo assunto é tratado com mais liberdade em folhetos distribuídos em particular, em lições datilografadas, em reuniões. E não só entre os membros do clero secular e regular, nos seminários e institutos religiosos vão sendo divulgadas tais opiniões, mas até entre os leigos, especialmente entre os que se dedicam à educação e instrução da juventude.

2. Os perigos do relativismo dogmático

14. No que se refere à teologia, alguns pretendem reduzir, quanto podem, o significado do dogma e libertar este do modo de exprimir-se, já desde muito usado na Igreja, e dos conceitos filosóficos em vigor entre os doutores católicos, para voltar, na exposição da doutrina católica, às expressões da Sagrada Escritura e dos Santos Padres. Assim esperam eles que o dogma, despojado dos elementos que dizem extrínsecos à revelação divina, possa ser proveitosamente comparado com as opiniões dogmáticas daqueles que se separam da Igreja e deste modo se possa chegar pouco a pouco à assimilação mútua do dogma católico e das opiniões dos dissidentes. Além disso, reduzida a estes termos a doutrina católica, pensam eles que desembaraçam o caminho para, com a satisfação dada às necessidades do mundo hodierno, poder exprimir o dogma com as categorias da filosofia de nosso tempo, quer sejam do imanentismo, quer sejam do idealismo, quer sejam do existencialismo ou de qualquer outro sistema. E alguns mais audazes sustentam que isso se pode fazer e se deve fazer, porque os mistérios da fé, afirmam os tais, não se podem exprimir por meio de conceitos adequadamente verdadeiros, mas somente por meio de conceitos aproximativos e

sempre mutáveis, através dos quais a verdade se manifesta, sim, mas ao mesmo tempo necessariamente se deforma. Daí que não crêem absurdo mas absolutamente necessário que a teologia, segundo as várias filosofias de que se sirva como de instrumentos no decurso dos tempos, substitua as noções antigas por outras novas e assim, de maneiras diversas, e até sob certos aspectos contrários, mas – como dizem – equivalentes, traduza em linguagem humana as mesmas verdades divinas. Acrescentam que a história dos dogmas consiste em apresentar as várias formas sucessivas de que se revestiu a verdade revelada, segundo as diversas doutrinas e opiniões que no volver dos séculos foram aparecendo.

15. É claro, do que dissemos, que essas tendências não somente levam ao relativismo dogmático, mas de fato já o contém. Relativismo esse que é por demais favorecido pelo desprezo que mostram para com a doutrina tradicional e para com os termos em que ele se exprime. Todos sabem que as expressões desses conceitos, usadas tanto no ensino das aulas como no mesmo Magistério da Igreja, podem ser melhoradas e aperfeiçoadas; é por outra parte bem sabido que a Igreja nem sempre usou constantemente determinadas expressões; é evidente também que a Igreja não pode estar ligada a um qualquer efêmero sistema filosófico; mas tais noções e tais expressões que com geral consenso foram através dos séculos encontrados e formuladas pelos doutores católicos para chegar a algum maior conhecimento e inteligência do dogma, sem dúvida que não se apóiam em um fundamento tão caduco. Apóiam-se, sim, em princípios e noções deduzidas de um verdadeiro conhecimento das coisas criadas; e na dedução de tais noções, a verdade, revelada como estrela, iluminou por meio da Igreja a inteligência humana. Portanto não é de maravilhar que algumas dessas noções tenham sido usadas em Concílios Ecumênicos, e que deles tenham recebido tal sanção que a ninguém é lícito afastar-se delas.

16. Por esses motivos, ter em pouco caso ou rejeitar ou privar do seu justo valor conceitos e expressões que foram encontradas e aperfeiçoadas para exprimir com exatidão as verdades da fé, por pessoas de inteligência e santidade nada vulgares, num trabalho muita vez plurissecular, sob a vigilância do Magistério da Igreja, e não sem uma ilustração e direção do Espírito Santo, e querer agora substituí-las por noções hipotéticas e por certas expressões flutuantes e vagas da nova filosofia, que à semelhança da flor dos campos hoje verdeja e amanhã já secou, é por certo uma grandíssima imprudência. Seria reduzir o dogma à condição da cana agitada pelo vento. O desprezo dos termos e das noções usadas pelos teólogos escolásticos por si mesmo conduz ao enfraquecimento da teologia denominada especulativa, que tais inovadores julgam, por se apoiar em razões teológicas, desprovidas de verdadeira certeza.

3. O papel do Magistério da Igreja

17. Infelizmente esses amantes de novidades passam facilmente do desprezo da teologia escolástica ao pouco caso e até ao desprezo do próprio Magistério da Igreja, que dá com sua autoridade tão notável aprovação a essa teologia. O Magistério Eclesiástico é apresentado por eles como um empecilho ao progresso e um estorvo para a ciência; ao mesmo tempo que é considerado por certos acatólicos como um freio já injusto para alguns teólogos mais cultos que procuram renovar a sua ciência. E embora este Sagrado Magistério deva ser para qualquer teólogo a norma próxima e universal de verdade em matéria de fé e de moral (pois Cristo Senhor Nosso lhe confiou todo o depósito da fé - Sagrada Escritura e tradição divina - para guardá-lo, defendê-lo, interpretá-lo), contudo por vezes é ignorado como se não existisse o dever que têm os fiéis de fugir também daqueles erros que em maior ou menor medida se aproximam da heresia, dever portanto de "observar as constituições e decretos com os quais essas falsas opiniões foram proscritas e proibidas pela Santa Sé" (Código de Direito Can., cân. 1324; cf. Conc. Vaticano I, Const. De fide catholica, c.4, De fide et ratione, depois dos cânones). O que as Encíclicas dos Sumos Pontífices expõem sobre o caráter e a constituição da Igreja é por alguns intencional e habitualmente deixado de parte com o intuito de fazer prevalecer um conceito vago, que eles dizem terem tomado dos antigos Padres, especialmente Gregos. Os Sumos Pontífices, dizem tais propugnadores, não tencionam dirimir as questões disputadas entre teólogos; é portanto necessário voltar às fontes primitivas e com os escritos dos antigos se devem explicar as posteriores constituições e decretos do Magistério Eclesiástico.

18. Tais afirmações, feitas muito embora com elegância de estilo, estão cheias de falácia. É verdade que geralmente os Sumos Pontífices deixam livres os teólogos naquelas questões em que os melhores doutores se acham divididos entre várias posições, mas a história mostra como muitas questões que em certa época eram objeto de livre discussão, posteriormente já não o puderam ser.

19. Nem se deve crer que os ensinamentos das Encíclicas não exijam per se o assentimento, sob o pretexto de que os Pontífices não exercem nelas o poder de seu Supremo Magistério. Tais ensinamentos fazem parte do magistério ordinário, para o qual também valem as palavras: "Quem vos ouve, a mim ouve" (Lc 10,16), além do que, quanto vem proposto e inculcado nas Encíclicas pertence já, o mais das vezes, por outros títulos, ao patrimônio da doutrina católica. Ademais, se os Sumos Pontífices no exercício do seu magistério emitem de caso pensado uma decisão em matéria até então controvertida, é evidente que tal questão, segundo a mente e a vontade dos mesmos Pontífices, não pode já constituir objeto de livre discussão entre os teólogos.

20. Também é verdade que os teólogos devem voltar sempre às fontes da revelação divina do Magistério vivo "se encontrem já explícita ou implicitamente" (Pius IX, Inter gravissimas, 28 Oct. 1870, Acta, vol. I, p. 260) na Sagrada Escritura ou na divina Tradição. Acresce que ambas as fontes da Revelação contém tais e tantos tesouros de verdade que se não poderão jamais, de fato,

exaurir: As ciências sagradas com o estudo das fontes da revelação sempre rejuvenescem; enquanto, pelo contrário, a especulação que negligencia um estudo mais profundo no depósito sagrado, consta pela experiência que se torna estéril. Mas por isso mesmo a teologia, mesmo a chamada positiva, não pode ser equiparada a uma ciência meramente histórica. Juntamente com as sagradas fontes, Deus deu à sua Igreja um magistério vivo para iluminar e pôr em relevo aquilo que no depósito da fé não se acha senão obscuramente e como que implícito. Este depósito, não foi a cada fiel nem mesmo aos teólogos, que o Divino Redentor o entregou para que o interpretassem autenticamente, - mas somente ao Magistério da Igreja. Se a Igreja desempenha este seu múnus, como o fez inúmeras vezes no decurso dos séculos, já com o extraordinário, é claro que é completamente falso o método de explicar as coisas claras pela obscuras: muito ao invés, o contrário é o que se impõe a todos. Pelo que o Nosso Predecessor de imortal memória, Pio IX, ao ensinar que é nobilíssima incumbência da teologia mostrar como a doutrina definida pela Igreja esteja contida nas sagradas fontes, acrescentou estas palavras "naquele mesmo sentido no qual foi definida pela Igreja".

4. A autoridade da Sagrada Escritura

21. Voltando, pois, às novas teorias, a que acima aludimos, por alguns vão sendo proferidas e ensinadas certas doutrinas que põem em perigo a autoridade da Sagrada Escritura. Alguns permitem-se a ousadia de deturpar o sentido da definição do Concílio Vaticano, a respeito do doutrina que diz ser Deus o autor da Sagrada Escritura e renovam a opinião, já várias vezes condenada, de que a imunidade de erro que compete às Sagradas Letras se estende somente ao que se refere a Deus e aos assuntos religiosos e morais. Mais; falam com pouco acerto de um sentido humano dos Livros Sagrados, sob a qual estaria latente um sentido divino, único que têm como infalível. Na interpretação da Sagrada Escritura não querem ter em conta a analogia da fé e a tradição da Igreja e sustentam que a doutrina dos Santos Padres e do Sagrado Magistério se deve regular pela Sagrada Escritura explicada pelos exegetas sob aspecto meramente humano, em vez de ser a Sagrada Escritura que deva ser exposta segundo a mente da Igreja constituída por Cristo Nosso Senhor guarda e intérprete de todo o depósito da verdade revelada.

22. Além disso, o sentido literal da Sagrada Escritura e sua exposição, elaborada, sob a vigilância da Igreja, por tantos e tão grandes exegetas, deve ceder o passo, segundo caprichosamente afirmam, à nova exegese, que chamam espiritual e simbólica, e pela qual a Sagrada Bíblia do Antigo Testamento, que, segundo eles, hoje na Igreja está como fonte selada, será finalmente aberta a todos. Desta forma, asseveram, desvanecer-se-ão todas as dificuldades, que não podem causar embaraço senão àqueles que se atêm ao sentido literal da Escritura.

23. Todos vêem como todas estas doutrinas se afastam dos princípios e das normas hermenêuticas justamente estabelecidas pelos Nossos Predecessores de feliz memória, Leão XIII na Encíclica Providentissimus e Bento XV na Encíclica Spiritus Paraclitus, como também por Nós na Encíclica Divino Afflante Spiritu.

II - Penetração dos erros modernos

1. No terreno da teologia

24. Não deve causar maravilha que tais inovações tenham produzido seus frutos envenenados em quase todas as partes da teologia. Põe-se em dúvida que a razão humana sem a ajuda da Revelação divina e da graça possa demonstrar, com argumentos tirados das criaturas, a existência de um Deus pessoal: nega-se que o mundo tenha tido início e afirma-se que a criação do mundo é necessária, porque procede da necessária liberalidade do amor divino; como também se afirma que Deus não têm presciência eterna e infalível das ações livres do homem; opiniões todas contrárias às declarações do Concílio Vaticano (Cf. Conc. Vaticano I, Const. De fide catholica, c. I, De Deo rerum omnium creatore)

25. É posto em discussão por alguns se os anjos são pessoas e se existe uma diferença essencial entre matéria e espírito. Outros desnaturam o conceito da gratuidade da ordem sobrenatural, sustentando que Deus não pode criar seres inteligentes sem ordená-los e chamá-los à visão beatífica. Nem basta ainda, pois deixando de lado as definições do Concílio de Trento, chegam a destruir o verdadeiro conceito de pecado original e juntamente o de pecado, em geral, como ofensa de Deus, bem assim o conceito da satisfação que Jesus Cristo deu por nós. Nem falta quem sustente que a doutrina da transubstanciação, porquanto fundada num conceito de substância já antiquado, deva ser corrigida, de modo que se reduza a presença real de Cristo na Eucaristia a um simbolismo, pelo qual as espécies consagradas não seriam outra coisa senão sinais eficazes de uma presença espiritual de Cristo e da sua íntima união, no Corpo místico, com os membros fiéis.

26. Alguns não se julgam obrigados a professar a doutrina que expusemos numa das Nossas Encíclicas, fundada nas fontes da Revelação, segundo a qual o Corpo Místico de Cristo e a Igreja Católica Apostólica Romana são uma só e mesma coisa (Cf. Enc. Mystici Corporis Christi, A.A. S. vol. XXXV, p. 193 s.). Alguns reduzem a uma fórmula vã a necessidade de pertencer à verdadeira Igreja para obter a salvação eterna! Outros, finalmente, não admitem o caráter racional dos sinais de credibilidade da fé cristã.

27. É sabido que esses erros e outros semelhantes se andam espalhando entre alguns de Nossos filhos, levados a engano por um zelo imprudente ou por uma ciência de falso cunho, e a esses filhos somos obrigados a repetir, com o coração dolorido, verdades conhecidíssimas e erros patentes, indicando-lhes com preocupação os perigos de tais erros.

2. No terreno da filosofia

28. Todos sabem quanto apreço dá a Igreja à razão humana no que concerne à sua capacidade de demonstrar com certeza a existência de um Deus pessoal, de provar iniludìvelmente pelos sinais divinos os fundamentos da própria fé cristã, de exprimir com justeza a lei natural que o Criador imprimiu na alma humana, de conseguir por fim uma inteligência limitada mas utilíssima dos mistérios (Cf.Conc. Vaticano I). Esta atribuição podê-la-á a razão desempenhar convenientemente e com segurança, se estiver nutrida daquela sã filosofia que constitui como que um patrimônio de família, herdado das precedentes gerações cristãs e que reveste uma autoridade superior, pois que o mesmo Magistério da Igreja confrontou com a própria verdade revelada os seus princípios e as suas principais asserções, precisadas e fixadas lentamente através dos séculos por homens de inegável talento. Esta mesma filosofia, confirmada e comumente admitida pela Igreja, defende o genuíno valor do conhecimento humano, os indestrutíveis princípios da metafísica - a saber: de razão suficiente, de causalidade, de finalidade - e propugna a capacidade da inteligência de atingir a verdade certa e imutável.

Devem-se respeitar as aquisições definitivas da filosofia

29. Nesta filosofia há certamente muitas coisas que não dizem respeito à fé e à moral, nem direta nem indiretamente e por isso a Igreja as deixa à livre discussão dos competentes na matéria; mas não existe a mesma liberdade com respeito a muitas outras questões, especialmente com respeito aos princípios e principais asserções de que acima falamos. Pode-se dar à filosofia, também nessas questões essenciais, uma veste mais conveniente e mais rica; poder-se-á reforçar a mesma filosofia com expressões mais eficazes, despojá-la de certos meios escolásticos menos adequados, enriquecê-la ainda - com prudência porém - de certos elementos que são frutos do progressivo trabalho da inteligência humana. Não se deverá, porém, jamais subvertê-la com falsos princípios, nem estimá-la só como um grandioso monumento de valor puramente arqueológico. Pois a verdade e toda a sua manifestação filosófica não pode estar sujeita a mudanças cotidianas, especialmente tratando-se dos princípios evidentemente e diretamente conhecidos como tais pela razão humana ou daquelas asserções, referenciadas já pela sabedoria dos séculos, já pela harmonia com os dados da Revelação divina. Qualquer verdade que a razão humana por meio de uma pesquisa sincera for capaz de descobrir, não poderá jamais estar em contraste com uma verdade já anteriormente demonstrada; porque Deus, suma Verdade, criou e rege o intelecto humano, não para que às verdades já adquiridas ele contraponha cada dia outras novas, mas para que, removendo os erros que eventualmente se forem introduzindo, acrescente verdade a verdade, na mesma ordem e com a mesma harmonia, onde a inteligência humana vai haurir a verdade. Por isso o cristão, seja filósofo ou teólogo, não abraça sem mais, com precipitação e leviandade, todas as novidades que aparecem, mas as deve examinar com a máxima diligência e as deve ponderar no seu justo peso, para não perder a verdade já adquirida ou corrompê-la, certamente com perigo e dano para a sua fé.

Devem-se respeitar o método e a doutrina de São Tomás de Aquino

30. Se se considera bem quanto acima está exposto, facilmente aparecerá claro o motivo por que a Igreja exige que os futuros sacerdotes sejam instruídos nas ciências filosóficas "segundo o método, a doutrina e os princípios do Doutor Angélico (Direito Canônico, cân. 1366, 2) já que, como o sabemos pela experiência de vários séculos, o método do grande Aquino se distingue por singular superioridade tanto no ensino como na investigação; a sua doutrina harmoniza-se esplendidamente com a Revelação divina e é eficasíssima tanto para pôr a salvo os fundamentos da fé, como para colher com utilidade e segurança os frutos de um sadio progresso (A. A. S. vol. XXXVIII, 1946, p. 387).

31. É deveras para deplorar que hoje a filosofia, confirmada e admitida pela Igreja, seja objeto de desprezo da parte de alguns, a ponto de, com imprudência, declará-la antiquada na forma racionalista pelo processo de pensamento. Vão espalhando que esta nossa filosofia defende erroneamente a opinião de que possa existir uma metafísica verdadeira de modo absoluto; quando pelo contrário eles sustentam que as verdades, especialmente as verdades transcendentes, não podem ser expressadas mais convenientemente que por meio de doutrinas divergentes que se completem entre si, ainda em certo modo entre si opostas. Daí que a filosofia escolástica com a sua clara exposição e solução das questões, com a sua exata determinação dos conceitos e suas claras distinções, pode ser útil - concedem os tais - como preparação para o estudo da teoria escolástica muito bem condizente com a mentalidade dos homens medievais; mas não pode dar-nos - acrescentam - um método e uma orientação filosófica que corresponda às necessidades da cultura moderna. Objetam demais que a filosofia perene não é senão a filosofia das essências imutáveis ao passo que uma mentalidade moderna se deve interessar pela existência de cada indivíduo e da vida sempre em devir. E enquanto de uma parte desprezam esta filosofia, de outra parte exaltam os demais sistemas, antigos e recentes, de povos orientais e de povos ocidentais, de modo que parece quererem insinuar que todas as filosofias ou teorias, com o retoque - se necessário - de alguma correção ou de algum complemento, se podem conciliar com o dogma católico. Mas nenhum católico pode pôr em dúvida quanto isto seja falso, especialmente tratando-se de sistemas como o imanentismo, o idealismo, o materialismo, seja histórico seja dialético, ou ainda como o existencialismo, quando professa o ateísmo ou quando nega o valor

do raciocínio no campo da metafísica.

3. No terreno didático

32. Finalmente, à filosofia de nossas aulas levantam esta acusação: que ela no processo do conhecimento se ocupa somente da inteligência e faz caso omisso da função da vontade e do sentimento. Isto não corresponde à verdade: a filosofia cristã não negou nunca a utilidade e eficácia que provém das boas disposições da alma toda, para conhecer e abraçar as verdades religiosas e morais; pelo contrário, ela sempre ensinou que a falta de tais disposições pode ser a causa pela qual a inteligência, sob o influxo das paixões e da vontade transviada, se obscureça a tal ponto que já não consiga ver a verdade. Mais ainda, o Doutor Comum é de parecer que a inteligência pode em algum modo perceber os bens superiores da ordem moral, seja natural, seja sobrenatural, enquanto experimenta no seu íntimo uma certa co-naturalidade, seja na ordem natural seja como fruto da graça, com os ditos bens (Cf. S. Tomás, Summa Theol. II-II, q. I, a. 4, ad 3; e q. 45, a. 2, in c.); e é manifesto quanto este conhecimento, embora subconsciente, ajude a razão nas suas investigações. Mas uma coisa é reconhecer o poder que têm a vontade e as disposições da alma para ajudar a razão a atingir um conhecimento mais certo e mais firme das verdades morais, outra coisa é quanto vão espalhando esses inovadores, a saber: que a vontade e o sentimento têm um certo poder intuitivo e que, não podendo o homem discernir com certeza aquilo que deve abraçar como verdadeiro, se serve da vontade, determinando por ela a sua livre escolha entre duas opiniões opostas, confundindo assim indevidamente conhecimento e ato de vontade.

33. Não é de admirar que com essas novas teorias corram perigo as duas ciências filosóficas, por sua mesma natureza intimamente relacionadas com os ensinamentos da fé: a teodicéia e a ética. Pretendem as novas teorias que o papel de ambas não é o de demonstrar certas verdades sobre Deus ou outro ser transcendente, mas o de mostrar como sejam coerentes com a necessidade da vida as verdades que a fé ensina sobre Deus, Ente pessoal, e sobre os seus mandamentos, e que devem ser admitidas por todos, para evitarem o desespero e alcançarem a salvação eterna. Todas essas opiniões e teorias estão em franca oposição com os documentos emanados pelos Nossos Predecessores Leão XIII e Pio X, e com os decretos do Concílio Vaticano I. Seria supérfluo deplorar essas várias aberrações, se todos, ainda mesmo no campo das doutrinas filosóficas, se mostrassem dóceis e reverentes, como de dever, para com o Magistério da Igreja, a qual por instituição divina recebeu a missão não só de guardar e interpretar o depósito da fé, mas ainda de vigiar o campo das disciplinas filosóficas, a fim de que o dogma católico não receba de opiniões menos sensatas nenhum dano.

III - A Fé e as ciências positivas

34. Resta agora falar daquelas questões, que, ainda que pertençam às ciências positivas, são mais ou menos relacionadas com as verdades reveladas da fé cristã. Não poucos são os que pedem insistentemente que a religião católica tenha em máxima conta estas ciências, o que é sem dúvida coisa louvável, quando se trata da fatos realmente demonstrados. Mas é preciso ser muito cauto quando se trata de puras hipóteses, embora de algum modo fundadas cientificamente, e nas quais se toca a doutrina contida na S. Escritura ou na tradição. E se tais hipóteses vão direta ou indiretamente contra a doutrina revelada, então de modo nenhum se podem admitir.

1. Biologia e Antropologia

35. Por essas razões o Magistério da Igreja não proíbe que, em conformidade com a atual estado das ciências e da teologia, sejam objeto de pesquisas e de discussões, por parte dos competentes em ambos os campos, a doutrina do evolucionismo, enquanto ela investiga a origem do corpo humano, que proviria de matéria orgânica preexistente (a fé católica nos obriga a professar que as almas são criadas imediatamente por Deus). Isto, porém, deve ser feito de tal maneira, que as razões das duas opiniões, isto é, da que é favorável e da que é contrária ao evolucionismo, sejam ponderadas e julgadas com a necessária seriedade, moderação, justa medida, e contanto que todos estejam dispostos a se sujeitares ao juízo da Igreja, à qual Cristo confiou o oficio de interpretar autenticamente a S. Escritura e de defender os dogmas da fé (Cf. Alocução Pontifícia aos membros da Academia das Ciências. 30 nov. 1941 A. A. S. vol. XXXIII p. 506). Mas alguns ultrapassam temerariamente esta liberdade de discussão procedendo como se estivesse já demonstrado com certeza plena que o corpo humano se tenha originado de matéria orgânica preexistente, argumentando com certos indícios achados até agora e com raciocínios baseados sobre tais indícios; e isto como se nas fontes da revelação não existisse nada que exija neste assunto a maior moderação e cautela.

36. Quanto, porém, à outra hipótese, isto é, ao poligenismo, os filhos da Igreja não gozam, de modo nenhum, da mesma liberdade, pois os fiéis não podem abraçar uma opinião cujos fautores ensinam que depois de Adão existiriam nesta terra verdadeiros homens que não tiveram origem, por via de geração natural, do mesmo Adão, progenitor de todos os homens, ou então que Adão representa um conjunto de muitos progenitores. Ora, não se vê de modo algum como estas afirmações se possam conciliar com os que as fontes da revelação e os atos do Magistério da Igreja nos ensinam acerca do pecado original, que provém de um pecado verdadeiro cometido individualmente por Adão e que, transmitido a todos por geração, é inerente a cada um como próprio (Cf. Rom 5, 12-19; Conc. Triden., sess. V, cân. 1-4).

2. Ciências Históricas

37. Como nas ciências biológicas e antropológicas, também nas históricas há quem ousadamente ultrapasse os limites e as cautelas estabelecidas pela Igreja. De modo particular se deve deplorar certo sistema de interpretação demasiado livre dos livros históricos do Antigo Testamento; e os fautores desse sistema, para defender suas razões, apelam infundadamente para a carta não há muito enviada ao Arcebispo de Paris pela Pontifícia Comissão Bíblica (16 de janeiro de 1948: A. A S., vol. 40 pp. 45-48). Esta carta com efeito, faz notar que os 11 primeiros capítulos do Gênese, ainda que propriamente falando não concordem com o método histórico usado pelos melhores autores gregos e latinos e pelos bons historiadores do nosso tempo, pertencem contudo ao gênero histórico em verdadeiro sentido, mas que deve ser ainda mais estudado e determinado pelos exegetas: os mesmos capítulos, nota ainda a citada carta, com um modo de falar simples e figurado, adaptado à mentalidade de um povo de cultura elementar, ensinam as principais verdades que são fundamentais para a salvação eterna e contém além disso uma narração popular sobre a origem do gênero humano e do povo eleito.

38. Se alguma coisa os antigos hagiógrafos tomaram de outras narrações populares (o que pode ser concedido), é preciso não esquecer que eles o fizeram com o auxílio da inspiração divina, que na escolha e na valorização dos documentos os premunia contra todo e qualquer erro. Portanto as narrações populares inseridas na S. Escritura não podem de maneira alguma ser postas no mesmo plano das mitologias ou gêneros semelhantes, as quais são fruto mais de uma fantasia exaltada do que amor à verdade e à simplicidade. Este amor à verdade e esta nativa simplicidade ressalta de tal modo nos Livros Inspirados, inclusive nos do Antigo Testamento, que colocam os nossos hagiógrafos indiscutivelmente acima dos antigos escritores profanos.

Conclusão: Missão dos superiores eclesiásticos e dos professores das ciências religiosas

39. Sabemos em verdade que a maioria dos doutores católicos, de cujos valiosos estudos os Ateneus, Seminários, Colégios dos religiosos, tanto proveito recebem, estão longe de tais erros que aberta ou disfarçadamente vão sendo hoje divulgados, seja por mania de novidade, seja por desacertado zelo apostólico. Mas sabemos também que essas falsas opiniões poderão ilaquear os menos cautos. Preferimos por isso atalhar esses males logo de início, a ter que subministrar o remédio quando a doença já estiver adiantada.

40. Depois de madura reflexão e consideração, para não faltar ao Nosso sagrado dever, ordenamos aos Bispos e aos Superiores das Ordens e Congregações religiosas, impondo-lhes gravíssima obrigação de consciência, que cuidem diligentissimamente de que nem nas aulas nem em reuniões e conferências, nem em escritos, de qualquer gênero, sejam propaladas as falsas opiniões de qualquer maneira ensinadas aos seminaristas ou aos fiéis.

41. Os Professores dos Estabelecimentos Eclesiásticos saibam que não poderão exercer, com consciência tranqüila, o ofício de ensinar que lhes foi confiado, se não aceitarem religiosamente as normas que aqui estabelecemos e se as não observarem exatamente no ensino de suas matérias. Este acatamento e obediência que nos seu assíduo trabalho devem professar para com o Magistério da Igreja instilem-no também na mente e na alma dos seus alunos.

42. Procurem com todo o empenho e entusiasmo concorrer para o progresso das ciências que ensinam; mas abstenham-se também de ultrapassar os limites que, para a defesa da fé e da doutrina católica, lhes demarcamos. Às novas questões que o progresso moderno suscitou dêem a contribuição de suas diligentíssimas pesquisas, mas com conveniente prudência e cautela. Finalmente não julguem, levados por um falso irenismo, que se possa obter o suspirado retorno dos dissidentes e dos errantes ao seio da Igreja se não lhes ensina, sinceramente, sem nenhuma corrupção nem nenhuma diminuição, toda a verdade professada pela Igreja.

43. Fundados nesta esperança, que será aumentada pela vossa solicitude pastoral, como auspício dos celestes dons e sinal da Nossa paterna Benevolência damos de todo o coração e cada um de Vós, bem como ao vosso clero e aos vossos fiéis, a Bênção Apostólica.

Dado em Roma, junto à Basílica de S. Pedro, aos 12 do mês de agosto do ano de 1950, duodécimo do Nosso Pontificado.

PIO PAPA XII

Immortale Dei

Sobre a Constituição Cristã dos Estados Carta Encíclica de Sua Santidade

promulgada em 1º de novembro de 1885

CARTA ENCÍCLICA a todos os Nossos Veneráveis Irmãos, os Patriarcas, Primazes,

Arcebispos e Bispos do orbe católico, em graça e comunhão com a Sé Apostólica:

sobre a constituição cristã dos Estados.

Veneráveis Irmãos, Saudação e Benção Apostólica.

INTRODUÇÃO

A Igreja, benfeitora dos povos, acusada de estar em desacordo com os Estados

1. A obra imortal do Deus de misericórdia, a Igreja, se bem que em si e por sua natureza tenha por fim a salvação das almas e a felicidade eterna, é entretanto, na própria esfera das coisas humanas, a fonte de tantas e tais vantagens, que as não poderia proporcionar mais numerosas e maiores mesmo quando tivesse sido fundada sobretudo e diretamente em mira a assegurar a felicidade desta vida. Com efeito, onde quer que a Igreja tenha penetrado, imediatamente tem mudado a face das coisas e impregnado os costumes públicos não somente de virtudes até então desconhecidas, mas ainda de uma civilização toda nova. Todos os povos que a têm acolhido se distinguiram pela doçura, pela equidade e pela glória dos empreendimentos.

2. E, todavia, acusação já bem antiga é que a Igreja, dizem, é contrária aos interesses da sociedade civil e incapaz de assegurar as condições de bem-estar e de glória que, com inteira razão e por uma aspiração natural, toda sociedade bem constituída reclama. Desde os primeiros dias da Igreja, como sabemos, os cristãos foram inquietados em conseqüência de injustos preconceitos dessa espécie, e expostos ao ódio e ao ressentimento, a pretexto de serem inimigos do Império. Naquela época, a opinião pública imputava de bom grado ao nome cristão os males que assaltavam a sociedade, ao passo que era Deus, o vingador dos crimes, quem infligia justas penas aos culpados. Essa odiosa calúnia indignou com toda razão o gênio de Santo Agostinho e lhe acusou o estilo. Foi principalmente no seu livro da “Cidade de Deus” que ele pôs em luz a virtude da sabedoria cristã em suas relações com a coisa pública, de tal sorte que ele parece haver menos advogado a causa dos cristãos de seu tempo do que alcançado um triunfo perpétuo sobre tão falsas acusações.

3. Todavia, o pendor funesto para essas queixas e para esses agravos não cessou, e muitos se comprouveram em buscar a regra da vida social fora das doutrinas da Igreja Católica. E, mesmo de então por diante, o “direito novo”, como lhe chamam, e que pretende ser o fruto de uma idade adulta e o produto de uma liberdade progressista, começa a prevalecer e a dominar por toda parte. – Mas, a despeito de tantos ensaios, é fato que, para constituir e reger o Estado, nunca se achou sistema preferível àquele que é a florescência espontânea da doutrina evangélica.

Matéria da Encíclica

Julgamos, pois, ser de suma importância e conforme ao Nosso múnus Apostólico confrontar as novas teorias sociais com a doutrina cristã. Destarte, temos a confiança de que a verdade dissipará, por um só brilho, toda causa de erro e de dúvida, de tal sorte que cada um facilmente poderá ver essas supremas regras de conduta que deve seguir e observar.

I. DOUTRINA CRISTÃ, SOBRE A CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS. A SOCIEDADE CIVIL

O poder público vem de Deus

4. Não é muito difícil estabelecer que aspecto e que forma terá a sociedade se a filosofia cristã governa a coisa pública. – O

homem nasceu para viver em sociedade, portanto, não podendo no isolamento nem se proporcionar o que é necessário e útil à vida, nem adquirir a perfeição do espírito e do coração, a Providência o fez para se unir aos seus semelhantes, numa sociedade tanto doméstica quanto civil, única capaz de fornecer o que é preciso à perfeição da existência. Mas, como nenhuma sociedade pode existir sem um chefe supremo e sem que a cada um imprima um mesmo impulso eficaz para um fim comum, daí resulta ser necessária aos homens constituídos em sociedade uma autoridade para rege-los; autoridade que, tanto como a sociedade, procede da natureza e, por conseqüência, tem a Deus por autor.

5. Daí resulta ainda que o poder público só pode vir de Deus. Só Deus, com efeito, é o verdadeiro e soberano Senhor das coisas; todas, quaisquer que sejam, devem necessariamente ser-lhes sujeitas e obedecer-lhe; de tal sorte que todo aquele que tem o direito de mandar não recebe esse direito senão de Deus, Chefe supremo de todos. “Todo poder vem de Deus” (Rom 13,1).
6. Aliás, em si mesma a soberania não está ligada a nenhuma forma política; pode muito bem adaptar-se a esta ou àquela, contanto que seja de fato apta à utilidade e ao bem comum.

Obrigação dos governantes

7. Mas, seja qual for a forma de governo, todos os chefes de Estado devem absolutamente ter o olhar fito em Deus, soberano Moderador do mundo, e, no cumprimento do seu mandato, a Ele tomar por modelo e regra. Com efeito, assim como na ordem das coisas visíveis Deus criou causas segundas, nas quais se refletem de algum modo a natureza e a ação divina, e que concorrem para conduzir ao fim para que tende este universo, assim também quis Ele que, na sociedade civil, houvesse uma autoridade cujos depositários fossem como que uma imagem do poder que Ele tem sobre o gênero humano, ao mesmo tempo que da sua Providência. Deve, pois, o mando ser justo; é menos o governo de um Senhor do que de um Pai, pois é justíssima a autoridade de Deus sobre os homens e se acha unida a uma bondade paternal. Deve ele, aliás, exercer-se para as vantagens dos cidadãos, pois os que tem autoridade sobre os outros são dela investidos exclusivamente para assegurar o bem público. Sob pretexto algum deve a autoridade civil servir à vantagem de um só ou de alguns, visto haver sido constituída para o bem comum.

8. Se os chefes de Estado se deixarem arrastar a uma dominação injusta, se pecarem por abuso de poder ou por orgulho, se não proverem ao bem do povo, saibam que um dia terão de dar contas a Deus, e essas contas serão tanto mais severas quanto mais santa for a função que eles exercerem e mais elevado o grau da dignidade de que estiverem investidos. “Os poderosos serão poderosamente punidos” (Sab 6, 7).

Deveres dos súditos

9. Desta maneira, a supremacia do mando arrastará a homenagem voluntária do respeito dos súditos. De feito, se estes estiverem uma vez bem convencidos de que a autoridade dos soberanos vem de Deus, sentir-se-ão obrigados em justiça a acolher docilmente as ordens dos príncipes e a lhes prestar obediência e fidelidade, por um sentimento semelhante à piedade que os filhos tem para com seus pais. “Seja toda alma sujeita aos poderes mais elevados” (Rom 13,1).

10. Porquanto não é lícito desprezar o poder legítimo, seja qual for a pessoa em que ele resida, mais do que resistir à vontade de Deus; ora, os que lhe resistem correm por si mesmos para sua perda. “Quem resiste ao poder resiste à ordem estabelecida por Deus, e os que lhe resistem atraem a si mesmos a condenação” (Rom 5, 2). Assim, pois, sacudir a obediência e revolucionar a sociedade por meio da sedição é um crime de lesa-majestade, não só humana, mas divina.

Obrigação da Sociedade para com Deus

11. Sendo a sociedade política fundada sobre estes princípios, evidente é que ela deve, sem falhar, cumprir por um culto público os numerosos e importantes deveres que a unem a Deus. – Se a natureza e a razão impõem a cada um a obrigação de honrar a Deus com um culto santo e sagrado, porque nós dependemos do poder dele e porque, saídos dele, a Ele devemos tornar, à mesma lei adstringem a sociedade civil. Realmente, unidos pelos laços de uma sociedade comum, os homens não dependem menos de Deus do que tomados isoladamente; tanto, pelo menos, quanto o indivíduo, deve a sociedade dar graças a Deus, de quem recebe a existência, a conservação e a multidão incontável dos seus bens. É por isso que, do mesmo modo que a ninguém é lícito descurar seus deveres para com Deus, e que o maior de todos os deveres é abraçar de espírito e de coração a religião, não aquela que cada um prefere, mas aquela que Deus prescreveu e que provas certas e indubitáveis estabelecem como a única verdadeira entre todas,

assim também as sociedades não podem sem crime comportar-se como se Deus absolutamente não existisse, ou prescindir da religião como estranha e inútil, ou admitir uma indiferentemente, segundo seu beneplácito. Honrando a Divindade, devem elas seguir estritamente as regras e o modo segundo os quais o próprio Deus declarou querer ser honrado.

12. Devem, pois, os chefes de Estado ter por santo o nome de Deus e colocar no número dos seus principais deveres favorecer a religião, protegê-la com a sua benevolência, cobri-la com a autoridade tutelar das leis, e nada estatuírem ou decidirem que seja contrário à integridade dela. E isso devem-no eles aos cidadãos de que são chefes. Todos nós, com efeito, enquanto existimos, somos nascidos e educados em vista de um bem supremo e final ao qual é preciso referir tudo, colocado que está nos céus, além desta frágil e curta existência. Já que disso é que depende a completa e perfeita felicidade dos homens, é do interesse supremo de cada um alcançar esse fim. Como, pois, a sociedade civil foi estabelecida para a utilidade de todos, deve, favorecendo a prosperidade pública, prover ao bem dos cidadãos de modo não somente a não opor qualquer obstáculo, mas a assegurar todas as facilidades possíveis à procura e à aquisição desse bem supremo e imutável ao qual eles próprios aspiram. A primeira de todas consiste em fazer respeitar a santa e inviolável observância da religião, cujos deveres unem o homem a Deus.

II. A SOCIEDADE RELIGIOSA

A Religião de Cristo é a verdadeira

13. Quanto a decidir qual religião é a verdadeira, isso não é difícil a quem quiser julgar disso com prudência e sinceridade. Efetivamente, provas numerosíssimas e evidentes, a verdade das profecias, a multidão dos milagres, a prodigiosa celeridade da propagação da fé, mesmo entre os seus inimigos e a despeito dos maiores obstáculos, o testemunho dos mártires e outros argumentos semelhantes, provam claramente que a única religião verdadeira é a que o próprio Jesus Cristo instituiu e deu à sua Igreja a missão de guardar e propagar.

A Igreja recebeu a própria missão de Cristo

14. Porquanto o Filho único de Deus estabeleceu na terra uma sociedade a que chamamos a Igreja, e encarregou-a de continuar através de todas as idades a missão sublime e divina que Ele mesmo recebera de seu Pai. “Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio” (Jo 20, 21). “E eis que eu estou convosco até a consumação dos séculos” (Mt 28, 20). Do mesmo modo, pois, que Jesus Cristo veio à terra a fim de que os homens “tivessem a vida e a tivessem mais abundantemente” (Jo 10, 10), assim também a Igreja propõe-se como fim a salvação eterna das almas; e, nesse intuito, é tal a sua constituição que ela abrange na sua extensão a humanidade inteira e não é circunscrita por limite algum nem de temo, nem de lugar. “Pregai o Evangelho a toda criatura” (Mt 16, 15).

15. A essa imensa multidão de homens o próprio Deus deu chefes com o poder de governa-los. À testa deles propôs um só de quem quis fazer o maior e o maior seguro mestre da verdade, e a quem confiou as chaves do reino dos céus. “Dar-te-ei as chaves do reino dos céus” (Mt 16, 19). – “Apascenta meus cordeiros... apascenta minhas ovelhas” (Jo 21, 16-17). – “Roguei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça” (Lc 22, 32).

Não pode estar sujeita à sociedade civil

16. Se bem que composta de homens como a sociedade civil, essa sociedade da Igreja, quer pelo fim que lhe foi designado, quer pelos meios que lhe servem para atingi-lo, é sobrenatural e espiritual. Distingue-se, pois, e difere da sociedade civil. Além disso, e isto é da maior importância, constitui ela uma sociedade juridicamente perfeita no seu gênero, porque, pela expressa vontade e pela graça do seu Fundador, possui em si e de per si todos os recursos necessários à sua existência e ação. Como o fim a que a Igreja tende é de muito o mais nobre de todos, assim também o seu poder prevalece sobre todos os outros poderes, e de modo algum pode ser inferior ou sujeita ao poder civil. – Efetivamente, Jesus Cristo deu plenos poderes aos seus apóstolos na esfera das coisas sagradas, juntando-lhes tanto a faculdade de fazer verdadeiras leis como o duplo poder que dela decorre, de julgar e de punir., “Todo poder me foi dado no céu e na terra; ide pois, ensinai todas as nações...ensinando-as a observar tudo o que eu vos prescrevi” (Mt 28, 18-20). E ainda: “Tende cuidado de punir toda desobediência” (2 Cor 10, 6). Demais: “Serei mais severo em virtude do poder que o Senhor me deu para a edificação e não para a ruína” (2 Cor 13, 10). À Igreja, pois, e não ao Estado, é que pertence guiar os homens para as coisas celestes, e a ela é que Deus deu o mandato de conhecer e de decidir de tudo o que concerne à religião; de ensinar todas as nações, de estender a tão longe quanto possível as fronteiras do nome cristão; em suma, de administrar livremente e a seu inteiro talante os interesses cristãos.

Sempre reivindicou sua autoridade absoluta

17. Essa autoridade perfeita em si e só de si mesma dependente, de há muito tempo atacada por uma filosofia aduladora dos príncipes, a Igreja nunca cessou de reivindica-la, nem de exerce-la publicamente. Os primeiros de todos os seus paladinos foram os Apóstolos, que, impedidos pelos príncipes da Sinagoga de difundirem o Evangelho, respondiam com firmeza: “Devemos obedecer a Deus antes que aos homens” (At 5, 29). Foi ela que os Padres da Igreja se aplicaram a defender por sólidas razões quando tiveram ensejo, e que os Pontífices romanos nunca deixaram de reivindicar com uma constância invencível contra os seus agressores.

Os governantes lha reconheceram

18. Bem mais, tem ela tido por si, em princípio e de fato, o assentimento dos príncipes e dos chefes de Estados, que, nas suas negociações e transações, enviando e recebendo embaixadas e permutando outros bons ofícios, têm constantemente agido com a Igreja como com uma potência soberana e legítima. – Por isto, não é sem uma disposição particular da Providência de Deus que essa autoridade foi munida de um principado civil, como da melhor salvaguarda da sua independência.

III. RELAÇÕES ENTRE OS PODERES ECLESIÁSTICO E CIVIL

19. Deus dividiu, pois, o governo do gênero humano entre dois poderes: o poder eclesiástico e o poder civil; àquele preposto às coisas divinas, este às coisas humanas. Cada uma delas no seu gênero é soberana; cada uma está encerrada em limites perfeitamente determinados, e traçados em conformidade com a sua natureza e com o seu fim especial. Há, pois, como que uma esfera circunscrita em que cada uma exerce a sua ação “iure próprio”. Todavia, exercendo-se a autoridade delas sobre os mesmos súditos, pode suceder que uma só e mesma coisa, posto que a título diferente, mas no entanto uma só e mesma coisa, incida na jurisdição e no juízo de um e de outro poder. Era, pois, digno da Sábia Providência de Deus, que as estabeleceu ambas, traçar-lhes a sua trilha e a sua relação entre si. “OS poderes que existem foram dispostos por Deus” (Rom 13, 1). Se assim não fora, muitas vezes nasceriam causas de funestas contenções e conflitos e muitas vezes o homem deveria hesitar, perplexo, como em face de um duplo caminho, sem saber o que fazer, em conseqüência das ordens contrárias de dois poderes cujo jugo em consciência ele não pode sacudir. Sumamente repugnaria responsabilizar por essa desordem a sabedoria e a bondade de Deus, que, no governo do mundo físico, todavia de ordem bem inferior, temperou tão bem umas pelas outras as forças e as causas naturais, e as fez harmonizar-se de maneira tão admirável, que nenhuma delas molesta as outras, e todas, num conjunto perfeito, conspiram para a finalidade a que tende o universo. – Necessário é, pois, que haja entre os dois poderes um sistema de relações bem ordenado, não sem analogia com aquele que, no homem, constitui a união da alma com o corpo. Não se pode fazer uma justa idéia da natureza e da força dessas relações senão considerando, como dissemos, a natureza de cada um dos dois poderes, e levando em conta a excelência e a nobreza dos seus fins, visto que um tem por fim próximo e especial ocupar-se dos interesses terrenos, e o outro proporcionar os bens celestes e eternos.

Competência respectiva de cada um. Concordatas

20. Assim, tudo o que, nas coisas humanas, é sagrado por uma razão qualquer, tudo o que é pertinente à salvação das alas e ao culto de Deus, seja por sua natureza, seja em relação ao seu fim, tudo isso é da alçada da autoridade da Igreja. Quanto às outras coisas que a ordem civil e política abrange, é justo que sejam submetidas à autoridade civil, já que Jesus Cristo mandou dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. – Tempos ocorrem às vezes, em que prevalece outros modo de assegurar a concórdia e de garantir a paz e a liberdade; é quando os chefes de Estado e os Sumos Pontífices se põem de acordo por um tratado sobre algum ponto particular. Em tais circunstâncias, dá a Igreja provas evidentes da sua caridade materna, levando tão longe quanto possível a indulgência e a condescendência.

IV. DOS DIREITOS E DEVERES

21. Tal é, consoante o esboço sumário que havemos traçado, a organização cristã da sociedade civil, e essa teoria não é nem temerária nem arbitrária, mas se deduz dos princípios mais elevados e mais certos, confirmados pela própria razão natural. Essa constituição da sociedade política não tem nada que possa parecer pouco digno ou inconveniente para a dignidade dos príncipes. Longe de tirar o que quer que seja aos direitos da majestade, pelo contrário, torna-os mais estáveis e mais augustos. Muito mais: se olharmos isso mais de perto, reconheceremos nessa constituição uma grande perfeição que falta nos outros sistemas políticos; e ela produziria certamente frutos excelentes e variados se ao menos cada poder ficasse nas suas atribuições e pusesse todos os seus desvelos em cumprir o ofício e a tarefa que lhes foram determinados.

Para os cidadãos

22. Com efeito, na constituição do Estado, tal como a acabamos de expor, o divino e o humano são delimitados numa ordem conveniente; os direitos dos cidadãos são assegurados e colocados sob a proteção das mesmas leis divinas, naturais e humanas; os deveres de cada um são tão sabiamente traçados quão prudentemente salvaguardada lhes é a observância. Todos os homens, nesse encaminhamento incerto e penoso para a cidade eterna, sabem que tem a seu serviço guias seguros para conduzi-los à meta, e auxiliares para atingi-la. Sabem, do mesmo modo, que outros chefes lhes foram dados para obter e conservar a segurança, os bens e as outras vantagens dessa vida.

Para as famílias

23. A sociedade doméstica acha a sua solidez necessária na santidade do vínculo conjugal, uno e indissolúvel; os direitos e os deveres dos esposos são regulados com toda a justiça e equidade; a honra devida à mulher é salvaguardada; a autoridade do marido modela-se pela autoridade de Deus, o pátrio poder é temperado pelas atenções devidas à esposa e aos filhos; enfim, está perfeitamente provido para a proteção, para o bem estar e para a educação desses últimos.

Para a sociedade política

24. Na ordem política e civil, as leis têm por fim as bem comuns, ditadas não pela vontade e pelo juízo enganador da multidão, mas pela verdade e pela justiça. A autoridade dos príncipes reveste uma espécie de caráter mais sagrado do que humano, e é contida de maneira a não se afastar da justiça, nem exceder o seu poder. A obediência dos súditos corre parelhas com a honra e a dignidade, porque não é uma sujeição de homem a homem, mas uma submissão à vontade de Deus, que reina por meio de homens. Uma vez reconhecido e aceito isso, daí resulta claramente ser um dever de justiça respeitar a majestade dos príncipes, ser submisso com fidelidade constante ao poder político, evitar as sedições e observar religiosamente a constituição do Estado.

25. Semelhantemente, nessa espécie dos deveres se colocam a caridade mútua, a bondade, a liberalidade. O homem, que é ao mesmo tempo cidadão e cristão, não mais rasgado em dois por obrigações contraditórias. Enfim, os bens consideráveis com que a religião cristã enriquece espontaneamente a própria vida terrena dos indivíduos são adquiridos para a comunidade e para a sociedade civil: donde ressalta a evidência destas palavras: “A sorte do Estado depende do culto que se tributa a Deus: e há entre ambos numerosos laços de parentesco e de estrita amizade” (Sacr. Imp. Ad Cyllirium Alexandr. Et Episcopos metrop. – Cfr. Labbeum, Collect. Conc. T. III).

Testemunho de S. Agostinho

26. Em várias passagens Santo Agostinho, segundo o seu costume, salientou o valor desses bens, mormente quando interpela a Igreja Católica nestes termos: “Tu conduzes e instruis as crianças com ternura, os jovens com força, os velhos com calma, como o comporta a idade não somente do corpo, mas ainda da alma. Sujeitas as mulheres aos maridos por uma casta e fiel obediência, não para cevar a paixão, mas para propagar a espécie e constituir a sociedade da família. Dás autoridade aos maridos sobre as mulheres, não para zombarem do sexo, mas para seguirem as leis de um sincero amor. Subordinas os filhos aos pais por uma espécie de servidão livre e prepões os pais aos filhos por uma espécie de terna autoridade. Unes não só em sociedade, mas numa espécie de fraternidade, os cidadãos aos cidadãos, as nações às nações e os homens entre si pela lembrança dos primeiros pais. Ensinas os reis a velarem sobre os povos, e prescreves aos povos submeter-se aos reis. Ensinas com cuidado a quem é que é devida a honra, a quem a afeição, a quem o respeito, a quem o temor, a quem a consolação, a quem a advertência, a quem o incentivo, a quem a correção, a quem a reprimenda, a quem o castigo; e fazes saber como, se nem todas essas coisas são devidas a todos, a todos é devida a caridade, e a ninguém a injustiça” (De moribus Eccl., cap. XXX, n. 63).

27. Noutro lugar, o mesmo Doutor repreende nestes termos a falsa sabedoria dos políticos filósofos: “Os que dizem que a doutrina de Cristo é contrária ao bem do Estado dêem-nos um exército de soldados tais como os faz a doutrina de Cristo, dêem-nos tais governadores de províncias, tais maridos, tais esposas, tais pais, tais filhos, tais mestres, tais servos, tais reis, tais juízes, tais contribuintes, enfim, e agentes do fisco tais como os quer a doutrina cristã! E então ousem ainda dizer que ela é contrária ao

Estado! Muito antes, porém, não hesitem em confessar que ela é uma grande salvaguarda para o Estado quando é seguida" (Epist. 138 (al. 5) ad Marcellinum, cap. II, n. 15).

Confirmação da História

28. Tempo houve em que a filosofia do Evangelho governava os Estados. Nessa época, a influência da sabedoria cristã e a sua virtude divina penetravam as leis, as instituições, os costumes dos povos, todas as categorias e todas as relações da sociedade civil. Então a religião instituída por Jesus Cristo, solidamente estabelecida no grau de dignidade que lhe é devido, em toda parte era florescente, graças ao favor dos príncipes e à proteção legítima dos magistrados. Então o sacerdócio e o império estavam ligados em si por uma feliz concórdia e pela permuta amistosa de bons ofícios. Organizada assim, a sociedade civil deu frutos superiores a toda expectativa, frutos cuja memória subsiste e subsistirá, consignada como está em inúmeros documentos que artifício algum dos adversários poderá corromper ou obscurecer.

29. Se a Europa cristã domou as nações bárbaras e as fez passar da ferocidade para a mansidão, da superstição para a verdade; se repeliu vitoriosamente as invasões muçulmanas, se guardou a supremacia da civilização, e se, em tudo que faz honra à humanidade, constantemente e em toda parte se mostrou guia e mestra; se brindou os povos com a verdadeira liberdade sob essas diversas formas, se sapientissimamente fundou uma multidão de obras para o alívio das misérias; é fora de toda dúvida que, assim, ela é grandemente devedora à religião, sob cuja inspiração e com cujo auxílio empreendeu e realizou tão grandes coisas.

30. Todos esses bens durariam ainda se o acordo dos dois poderes houvesse perseverado, e havia razão para esperar outros ainda maiores, se a autoridade, se o ensino, se os conselhos da Igreja tivesses encontrado uma docilidade mais fiel e mais constante. Por quanto dever-se-ia ter como lei imprescritível aquilo que Yves de Chartres escreveu ao Papa Pascoal II: "Quando o mundo é bem governado, a Igreja é florescente e fecunda. Mas, quando a discórdia se interpõe entre eles, não somente as pequenas coisas não crescem, mas as próprias grandes deperecem miseravelmente" (Epist. 238).

V. PRINCÍPIOS DO DIREITO NOVO

31. Mas esse pernicioso e deplorável gosto de novidades que o século XVI viu nascer, depois de primeiro haver transtornado a religião cristã, em breve, por um declive natural, passou à filosofia, e da filosofia a todos os graus da sociedade civil. É a essa fonte que cumpre fazer remontar esses princípios modernos de liberdade desenfreada sonhados e promulgados por entre as grandes perturbações do século último, como os princípios e fundamentos de um "direito novo", até então desconhecidos e sobre mais de um ponto em desacordo não somente com o direito cristão, mas com o direito natural. – Eis aqui o primeiro de todos esses princípios: todos os homens, já que são da mesma raça e da mesma natureza, são semelhantes, e, "ipso facto", iguais entre si na prática da vida; cada um depende tão bem só de si, que de modo algum está sujeito à autoridade de outrem: pode com toda liberdade pensar sobre qualquer coisa o que quiser, fazer o que lhe aprouver; ninguém tem o direito de mandar aos outros. Numa sociedade fundada sobre estes princípios, a autoridade pública é apenas a vontade do povo, o qual, só de si mesmo dependendo, é também o único a mandar a si. Escolhe os seus mandatários, mas de tal sorte que lhes delega menos o direito do que a função do poder, para exerce-la em seu nome. A soberania de Deus é passada em silencia, exatamente como se Deus não existisse, ou não se ocupasse em nada com a sociedade do gênero humano; ou então como se os homens, quer em particular, quer em sociedade, não devessem nada a Deus, ou como se pudesse imaginar-se um poder qualquer cuja causa, força, autoridade não residisse inteira no próprio Deus.

Dele se deriva a moderna concepção do Estado

32. Destarte, como se vê, o Estado não outra coisa mais senão a multidão soberana e que se governa por si mesma e desde que o povo é considerado a fonte de todo o direito e de todo o poder, segue-se que o Estado não se julga jungido a nenhuma obrigação para com Deus, não professa oficialmente nenhuma religião, não é obrigado a perquirir qual é a única verdadeira entre todas, nem a preferir uma às outras, nem a favorecer uma principalmente; mas a todas deve atribuir a igualdade em direito, com este fim apenas, de impedi-las de perturbarem a ordem pública. Por conseguinte, cada um será livre de se fazer juiz de qualquer questão religiosa, cada um será livre de abraçar a religião que prefere ou de não seguir nenhuma se nenhuma lhe agradar. Daí decorrem necessariamente a liberdade sem freio de toda consciência, a liberdade absoluta de adorar ou de não adorar a Deus, a licença sem limites de pensar e de publicar os próprios pensamentos.

Situação deplorável da Igreja

33. Dado que o Estado repousa sobre esses princípios, hoje em grande favor, fácil é ver a que lugar se relega injustamente a Igreja. – Com efeito, onde quer que a prática está de acordo com tais doutrinas, a religião católica é posta, no Estado, em pé de igualdade, ou mesmo de inferioridade, com sociedades que lhes são estranhas. Não se tem em nenhuma conta as leis eclesiásticas; a Igreja, que recebeu de Jesus Cristo ordem e missão de ensinar todas as nações, vê-se interdizer toda ingerência na instrução pública. – Nas matérias que são de direito misto, os chefes de Estado expedem por si mesmos decretos arbitrários, e sobre esses pontos ostentam um soberbo desprezo pelas santas leis da Igreja.

34. Assim, fazem depender da sua jurisdição os casamentos dos cristãos; decretam leis sobre o vínculo conjugal, sua unidade, sua estabilidade; deitam mão aos bens dos clérigos e negam à Igreja o direito de possuir. Em suma, tratam a Igreja como se ela não tivesse nem o caráter nem os direitos de uma sociedade perfeita, e fosse uma mera associação semelhante às outras que existem no Estado. Por isso, tudo o que ela tem de direitos, de poder legítimo de ação, fazem-no eles depender da concessão e do favor dos governantes.

35. Nos Estados em que a legislação civil deixa à Igreja a sua autonomia, e onde uma concordata pública interveio entre os dois poderes, a princípio grita-se que é preciso separar os negócios da Igreja dos negócios do Estado, e isso no intuito de poder agir impunemente contra a fé jurada e fazer-se árbitro de tudo afastando todos os obstáculos. – Mas, como a Igreja não pode sofrê-lo pacientemente, pois seria para ela desertar os maiores e os mais sagrados dos deveres, e como reclama absolutamente o cumprimento religioso da fé que lhe foi jurada, muitas vezes nascem entre o poder espiritual e o poder civil conflitos, cujo desfecho quase inevitável é sujeitar aquele que é menos provido de meios humanos ao que é mais provido. – Assim, nessa situação política que muitos favorecem hoje em dia, há uma tendência das idéias e das vontades para expulsar inteiramente a Igreja da sociedade, ou para mantê-la sujeita e acorrentada ao Estado. A maior parte das medidas tomadas pelos governos inspiram-se nesse desígnio. Asa leis, a administração pública, a educação sem religião, a espoliação e a destruição das Ordens religiosas, a supressão do poder temporal dos Pontífices romanos, tudo tende a este fim: ferir no coração as instituições cristãos, reduzir a nada a liberdade da Igreja Católica, e ao nada os seus demais direitos.

VI. REFUTAÇÃO DE TAIS ERROS

A soberania do povo

36. A simples razão natural demonstra o quanto se afasta da verdade esta maneira de entender o governo civil. – O testemunho dela, com efeito, basta para estabelecer que tudo o que há de autoridade entre os homens procede de Deus, como de uma fonte augusta e suprema. Quanto à soberania do povo, que, sem levar em nenhuma conta a Deus, se diz residir por direito natural no povo, se ela é eminentemente própria para lisonjear e inflamar uma multidão de paixões, não assenta em nenhum fundamento sólido e não pode ter força bastante para garantir a segurança pública e a manutenção tranqüila da ordem. De feito, sob o império dessas doutrinas, os princípios cederam a ponto de, para muitos, ser uma lei imprescritível em direito político poder legitimamente levantar sedições. Porquanto prevalece a opinião de que os chefes do governo são meros delegados encarregados de executar a vontade do povo: donde esta conseqüência necessária: que tudo pode igualmente mudar ao sabor do povo, e que sempre há a temer distúrbios.

A indiferença religiosa

37. Relativamente à religião, pensar que é indiferente tenha ela formas disparatadas e contrárias equivale simplesmente a não querer nem escolher nem seguir qualquer delas. É o ateísmo menos o nome. Efetivamente, quem quer que creia em Deus, se for conseqüentemente e não quer cair no absurdo, deve necessariamente admitir diferença, disparidade e oposição, mesmo sobre os pontos mais importantes, não podem ser todos igualmente bons, igualmente agradáveis a Deus.

38. Assim, também, a liberdade de pensar e publicar os próprios pensamentos, subtraída a toda regra, não é por si um bem de que a sociedade tenha que se felicitar; mas é antes a fonte e a origem de muitos males. – A liberdade, esse elemento de perfeição para o homem, deve aplicar-se ao que é verdadeiro e ao que é bom. Ora, a essência do bem e da verdade não pode mudar ao sabor do homem, mas persiste sempre a mesma, e, não menos do que a natureza das coisas, é imutável. Se a inteligência adere as opiniões falsas, se a vontade escolhe o mal e a ele se apega, nem uma nem outra atinge a sua perfeição, ambas decaem da sua dignidade

nativa e se corrompem. Não é, pois, permitido dar a lume e expor aos olhos dos homens o que é contrário à virtude e à verdade, e muito menos ainda colocar essa licença sob a tutela e a proteção das leis. Não há senão um caminho para chegar ao céu, para o qual todos nós tendemos: é uma boa vida. O Estado afasta-se, pois, das regras e prescrições da natureza se favorece a licença das opiniões e das ações culposas ao ponto de se poderem impunemente desviar os espíritos da verdade e as almas da virtude.

A exclusão da Igreja e sua opressão pelo Estado

39. Quanto à Igreja, que o próprio Deus estabeleceu, excluí-la da vida pública, das leis, da educação da juventude, da sociedade doméstica, é m grande e pernicioso erro. – Uma sociedade sem religião não pode ser bem regulada; e, mais talvez do que fora mister, já se vê o que vale em si e em suas conseqüências essa pretensa moral civil.

40. A verdadeira mestra da juventude e a guardiã dos costumes é a Igreja de Cristo. É ela quem conserva na sua integridade os princípios de onde emanam os deveres, e quem sugerindo os mais nobres motivos de vem viver, ordena não somente fugir às más ações, mas domar os movimentos da alma contrários à razão, ainda quando não se traduzem em ato.

41. Pretender sujeitar a Igreja ao poder civil no exercício do seu ministério é a um tempo uma grande injustiça e uma grande temeridade. Por essa mesma razão, perturba-se a ordem, pois se dá o passo às coisas naturais sobre as coisas sobrenaturais; estanca-se, ou, certamente, se diminui muito o afluxo dos bens com que, se estivesse sem peias, a Igreja cumularia a sociedade; e, demais, abre-se a voz a ódios e a lutas cuja grande e funesta influência sobre ambas as sociedades tem sido demonstrado por experiências mais do que freqüentes.

Anátemas dos Pontífices

42. Essas doutrinas, que a razão humana reprova e têm uma influência tão considerável sobre a marcha das coisas públicas, os Pontífices romanos, Nossos predecessores, na plena consciência daquilo que deles reclamava o múnus apostólico, jamais sofreram fossem impunemente emitidas. Assim foi que, na sua Carta Encíclica “Mirari vos”, de 15 de agosto de 1832, Gregório XVI, com grande autoridade doutrinal, repeliu o que se avançava desde então, insto é, que em matéria de religião não há escolha a fazer: que cada um depende apenas da própria consciência e pode, além disso, publicar o que pensa e tramar revoluções no Estado. A respeito da separação da Igreja do Estado, exprime-se nestes termos esse Pontífice: “Não podemos esperar para a Igreja e para o Estado resultados melhores das tendências dos que pretendem separar a Igreja do Estado e romper a concórdia mútua entre o sacerdócio e o império. É que, com efeito, os fautores de uma liberdade desenfreada temem essa concórdia, que sempre foi tão propícia e salutar aos interesses religiosos e civis”. – Da mesma maneira, Pio IX, cada vez que se apresentou ensejo, condenou as falsas opiniões mais em voga, e que, em tal dilúvio de erros, os católicos tivessem uma direção segura.

VII. PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA DOUTRINA CATÓLICA

Sobre o poder e os Estados

43. Dessas decisões dos Sumos Pontífices, cumpre absolutamente admitir que a origem do poder público deve atribuir-se a Deus, e não à multidão; que o direito à rebelião repugna a razão; que não fazer nenhum caso dos deveres da religião, ou tratar da mesma maneira as diferentes religiões, não é permitido nem aos indivíduos nem às sociedades; que a liberdade ilimitada de pensar e d emitir em público os próprios pensamentos de modo algum deve ser colocada entre os direitos dos cidadãos, nem entre as coisas dignas de favor e de proteção.

Sobre a autoridade da Igreja

44. Do mesmo modo, cumpre admitir que, não menos que o Estado, a Igreja, por sua natureza e de pleno direito, é uma sociedade perfeita; que os depositários do poder não devem pretender escravizar e subjugar a Igreja, nem lhe diminuir a liberdade de ação na sua esfera, nem lhe tirar seja qual for dos direitos que lhe foram conferidos por Jesus Cristo. – Nas questões do direito misto, é plenamente conforme à natureza, bem como aos desígnios de Deus, não separar um poder do outros, e ainda menos pô-los em luta, mas sim estabelecer entre eles essa concórdia que está em harmonia com os atributos especiais por cada sociedade recebidos da sua natureza.

Sobre as formas de governo

45. Tais são as regras traçadas pela Igreja Católica relativamente à constituição e ao governo dos Estados. – Esses princípios e esses decretos, se se quiser julgar sãmente deles, não reprovam em si nenhuma das diferentes formas de governo, visto que estas nada têm que repugne à doutrina católica, e, se forem aplicadas com sabedoria e justiça, todos podem garantir a prosperidade pública. Bem mais, não se reprova em si que o povo tenha sua parte maior ou menor no governo; isto até, em certos tempos e sob certas leis, pode tornar-se não somente uma vantagem, mas um dever para os cidadãos. – Demais, não há para ninguém justo motivo de acusar a Igreja de ser inimiga quer de uma justa tolerância, quer de uma são e legítima liberdade.

Sobre a tolerância

46. Efetivamente, se a Igreja julga não ser lícito por os diversos cultos no mesmo pé legal que a verdadeira religião, nem por isso condena os chefes de Estado que, em vista de um bem a alcançar ou de um mal a impedir, toleram na prática que esses diversos cultos tenham cada um seu lugar no Estado.

47. É, aliás, costume da Igreja velar com o maior cuidado por que ninguém seja forçado a abraçar a fé católica contra sua vontade, porquanto, como observa sabiamente Santo Agostinho, “o homem não pode crer senão querendo” (tract. XXVI in Ioan., n. 2).

Sobre a obediência às leis

48. Pela mesma razão, não pode a Igreja aprovar uma liberdade que gera o desgosto das mais santas leis de Deus e sacode a obediência devida à autoridade legítima. Isso é mais uma licença do que uma liberdade, e Santo Agostinho lhe chama mui justamente “uma liberdade de perdição” (Epist. CV, ad Donatistas, cap. II, n. 9) e o Apóstolo S. Pedro “um véu de maldade” (1 Ped 2, 16). Muito mais: sendo oposta à razão, essa pretensa liberdade é uma verdadeira escravidão. “Aquele que comete o pecado é escravo do pecado” (Jo 8, 34).

Sobre a liberdade

49. Pelo contrário, liberdade verdadeira e desejável é a que, na ordem individual, não deixa o homem escravo nem dos erros, nem das paixões, que são os seus piores tiranos; e na ordem pública traça regras sábias aos cidadãos, facilita largamente o incremento do bem-estar e preserva do arbítrio de outrem a coisa pública. – Essa liberdade honesta e digna do homem, a Igreja a aprova ao mais alto ponto, e, para garantir aos povos o firme e integral gozo dela, nunca cessou de lutar e de combater.

Sobre o gozo material

50. Sim, na verdade, tudo o que pode haver de salutar para o bem geral no Estado; tudo o que é útil para proteger o povo contra a licença dos príncipes que lhe não provêem ao bem; tudo o que impede as usurpações injustas do Estado sobre a comuna ou sobre a família; tudo o que interessa à honra, à personalidade humana e à salvaguarda dos direitos iguais de cada um; de tudo isso a Igreja Católica sempre tomou quer a iniciativa, quer o patrocínio, quer a proteção, como atestam os monumentos das idades precedentes. Sempre coerente consigo mesma, se, de uma parte, dela repele uma liberdade imoderada que, para os indivíduos e para os povos, degenera em licença ou em escravidão, de outra parte abraça com todo o gosto os progressos que todo dia nascem, se verdadeiramente contribuem para a prosperidade desta vida, que é como um encaminhamento para a vida futura e para sempre duradoura. – Assim, pois, dizer que a Igreja vê com maus olhos as formas mais modernas dos sistemas políticos e repele em bloco todas as descobertas do gênio contemporâneo, é uma calúnia vã e sem fundamento. Sem dúvida, ela repudia as opiniões malsãs, reprova a inclinação perniciosa para a revolta, e mui particularmente essas predisposições dos espíritos em que já reponta a vontade de se afastar de Deus; mas, como tudo o que é verdadeiro não pode proceder senão de Deus, em tudo o que as investigações do espírito humano descobrem de verdade, a Igreja reconhece como que um vestígio da inteligência divina; e como não há nenhuma verdade natural que infirme a fé nas verdades divinamente reveladas, como há muitas que a confirmam, e como

todo descobrimento da verdade pode levar a conhecer e a louvar ao próprio Deus, a Igreja acolherá sempre de bom grado e com alegria tudo o que contribuir para alargar a esfera das ciências; e, assim como sempre o fez para com as outras ciências, favorecerá e incentivará aquelas que tem por objeto o estudo da natureza. Nesse gênero de estudos, a Igreja não se opõe a nenhuma descoberta do espírito; vê sem desprezar tantas investigações que tem por fim o prazer e o bem-estar; e, mesmo, inimiga nata da inércia e da preguiça, deseja grandemente que o exercício e a cultura façam o gênio do homem dar frutos abundantes. Ela tem incentivos para toda espécie de artes e indústrias, e, dirigindo por sua virtude todas essas investigações para um fim honesto e salutar, aplica-se a impedir que a inteligência e a indústria do homem não o desviem de Deus e dos bens celestes.

O Papa deve ensinar a doutrina verdadeira

51. Esta maneira de agir, todavia tão racional e tão sábia, é que é desacreditada nestes tempos em que os Estados não somente recusam conformar-se aos princípios da filosofia cristã, mas parecem querer afastar-se dela cada dia mais. Não obstante, sendo próprio da luz irradiar por si mesma ao longe e penetrar aos poucos os espíritos dos homens, movidos como somos pela consciência das altíssimas e santíssimas obrigações da missão apostólica de que estamos investidos para com todos os povos, livremente proclamamos, consoante o Nosso dever, a verdade, não porque não levemos em nenhuma conta os tempos, ou julgamos dever proscrever os honestos e úteis progressos da Nossa idade; mas porque quereríamos ver os negócios públicos seguirem caminhos menos perigosos e repousarem em fundamentos mais sólidos, e isso deixando intacta a liberdade legítima dos povos; essa liberdade de que a verdade é entre os homens a fonte e a melhor salvaguarda: “A verdade vos libertará” (Jo 7, 32).

Os católicos devem aceitá-la e praticá-la

52. Se, pois, nessas conjunturas difíceis os católicos Nos escutarem, como é seu dever, saberão exatamente quais são os deveres de cada um na “teoria” como na “prática”. – Na teoria, primeiro, é necessário ater-se com decisão inabalável a tudo o que os Pontífices romanos têm ensinado ou ensinarem, e, todas as vezes que as circunstâncias o exigirem, fazer disso profissão pública. Particularmente no que diz respeito às “liberdades modernas”, como lhes chamam, deve cada um ater-se ao julgamento da Sé Apostólica e conformar-se com suas decisões. Cumpre resguardar-se de se deixar enganar pela honestidade especiosa dessas liberdades, e lembrar-se de que fontes elas emanam e por que espírito se propagam e se sustentam. A experiência já tem feito suficientemente conhecer os resultados que elas têm tido para a sociedade, e o quanto os frutos que elas têm dado inspiram com toda razão pesares aos homens funestos e prudentes. – Se existe algures, ou pelo pensamento se imaginar um Estado que persiga desfaçada e tiranicamente o nome cristão, e se o confrontarmos com o gênero do governo moderno de que falamos, este último poderá parecer mais tolerável. Certamente, os princípios em que este último se baseia são de tal natureza, como dissemos, que em si mesmo por ninguém devem ser aprovados.

VIII. CONSEQÜÊNCIAS PRÁTICAS DESTAS DOUTRINAS

53. Na prática, a ação pode exercer-se já nos negócios privados e domésticos, já nos negócios públicos. – Na ordem privada, o primeiro dever de cada um é de conformar exatamente a própria vida e os próprios costumes aos preceitos do Evangelho, e de não recuar ante o que a virtude cristã impõe de um pouco difícil de sofrer e aturar. Todos devem, além disso, amar a Igreja como sua Mãe comum, obedecer às suas leis, prover à sua honra, salvaguardar-lhe os direitos, e tomar cuidado de que aqueles sobre os quais exercem alguma autoridade a respeitem e a amem com a mesma piedade filial.

Na vida pública

54. À salvação pública importa ainda que os católicos emprestem sensatamente o seu concurso à administração dos negócios municipais e se apliquem sobretudo a fazer com que a autoridade pública atenda à educação religiosa e moral da juventude, como convém a cristãos: daí depende sobretudo a salvação da sociedade. – Será geralmente útil e louvável que os católicos estendam a sua ação além dos limites desse campo demasiado restrito, e se cheguem aos grandes cargos do Estado. “Geralmente”, dizemos, porque aqui os Nossos conselhos se dirigem a todas as nações. Aliás, pode suceder algures que, por motivos os mais graves e os mais justos, absolutamente não seja conveniente participar dos negócios públicos seria tão repreensível como não trazer à utilidade comum nem desvelo nem concurso: tanto mais quanto, em virtude mesmo da doutrina que professam, os católicos são obrigados a cumprir esse dever com toda integridade e consciência. Aliás. Abstendo-se eles, as rédeas do governo passarão sem contestação às mãos daqueles cujas opiniões certamente não oferecem grande esperança de salvação para o Estado.

Exemplo dos primeiros cristãos

55. Seria isso, ademais, pernicioso aos interesses cristãos, porque os inimigos da Igreja teriam todo o poder e os defensores dela, nenhum. Evidentemente é, pois, que os católicos têm justos motivos para participar da vida política; porquanto o fazem e o devem fazer não para aprovar aquilo que pode haver de censurável presentemente nas instituições políticas; porquanto o fazem e o devem fazer não para aprovar aquilo que pode haver de censurável presentemente nas instituições políticas, mas para tirar dessas próprias instituições, tanto quanto possível, o bem público sincero e verdadeiro, propondo-se infundir em todas as veias do Estado, como uma seiva e um sangue reparador, a virtude e a influência da religião católica.

56. Assim foi nas primeiras idades da Igreja. Nada estava mais distanciado das máximas e costumes do Evangelho do que as máximas e costumes dos pagãos; viam-se, todavia, os cristãos, incorruptíveis em plena superstição e sempre semelhantes a si mesmos, entrarem corajosamente em toda parte onde se abria um acesso. De uma fidelidade exemplar para com os príncipes e de uma obediência às leis do Estado tão perfeita como lhes era lícito, eles lançavam de toda parte um maravilhoso brilho de santidade, esforçavam-se por ser úteis a seus irmãos e por atrair os outros a seguirem Nosso Senhor, dispostos entretanto a ceder o lugar e a morrer corajosamente se não pudessem, sem vulnerara sua consciência, conservar as honras as magistraturas e os cargos militares. Dessarte, introduziram eles rapidamente as instituições cristãs não somente nos lares domésticos, mas nos acampamentos, na cúria, e até no palácio imperial. “Somos apenas de ontem, e já enchemos tudo o que é vosso, vossas cidades, vossas ilhas, vossas fortalezas, vossos municípios, vossos conciliábulos, vossos próprios acampamentos, as tribos, as decúrias, o palácio, o senado, o fórum” (Tertull., Apol., n. 37). Por isso, quando foi permitido professar publicamente o Evangelho, a fé cristã apareceu em grande número de cidades não em vagidos ainda, porém forte e já cheia de vigor.

Hoje devemos imitá-los

57. Nos tempos em que estamos, há toda razão para renovar esses exemplos de nossos pais. – Antes de tudo, é necessário que todos os católicos dignos deste nome se determinem a ser e mostrar-se filhos dedicados da Igreja; que repilam sem hesitar tudo o que seja incompatível com essa profissão; que se sirvam das instituições públicas, tanto quanto o puderem fazer em consciência, em proveito da verdade e da justiça; que trabalhem para que a liberdade não exceda o limite traçado pela lei natural e divina; que tomem a peito reconduzir toda constituição pública a essa forma cristã que havemos proposto para modelo.

Concórdia e obediência ao Papa e aos Bispos

58. Não é coisa fácil determinar um modo único e certo para realizar esses dados, visto dever ele convir a lugares e a tempos mui dispares entre si. Não obstante, cumpre antes de tudo conservar a concórdia das vontades e tender à uniformidade da ação. Obter-se-á seguramente esse duplo resultado se cada um tomar como regra de conduta as prescrições da Sé Apostólica e a obediência aos bispos, que “o Espírito Santo estabeleceu para reger a Igreja de Deus” (At 20, 28). A defesa do nome cristão reclama imperiosamente que o assentimento às doutrinas ensinadas pela Igreja seja da parte de todos unânime e constante, e, por este lado, cumpre resguardar-se ou de estar, no que quer que seja, de conivência com as falsas opiniões, ou de combatê-las mais molemente do que comporta a verdade. Quanto às coisas sobre que se pode discutir livremente, será lícito discutir com moderação e no intuito de procurar a verdade, mas pondo de lado as suspeitas injustas e as acusações recíprocas.

Limites da liberdade de opinião

59. Para este fim, no medo de que a união dos espíritos seja destruída por acusações temerárias, eis aqui o que todos devem admitir: a profissão íntegra da fé católica absolutamente incompatível com as opiniões que se aproximam do “racionalismo” e do “naturalismo”, e cujo capital é destruir completamente as instituições cristãs e estabelecer na sociedade a autoridade do homem em lugar da de Deus. – Não é, tão pouco, permitido ter duas maneira de proceder: uma em particular e outra em público, de modo a respeitar a autoridade da Igreja ma vida privada e a rejeita-la na vida pública; isso seria aliar juntos o bem e o mal e pôr o homem em luta consigo mesmo, quando, ao contrário, deve ele sempre ser coerente, e em nenhum gênero de vida ou de negócios afastar-se da virtude cristã. Mas se se tratar de questões puramente políticas, do melhor gênero de governo, de tal ou tal sistema de administração civil, divergências honestas são lícitas. A justiça não sobre, pois, que se criminem homens cuja piedade é aliás conhecida, e cuja mente é inteiramente disposta a aceitar docilmente as decisões da Santa Sé, por serem de opinião diferente

sobre os pontos em questão. Injustiça muito maior ainda seria suspeitar-lhes a fé ou acusá-los de traí-la, como mais de uma vez o havemos lamentado. – Seja esta lei uma imprescritível para os escritores e sobretudo para os jornalistas.

Esquecimentos de discórdias e contendas

60. Numa luta em que os maiores interesses estão em jogo, não se deve deixar lugar algum às dissensões intestinas ou ao espírito de partido; mas, num acordo unânime dos espíritos e dos corações, todos devem perseguir o escopo comum, que é salvar os grandes interesses da religião e da sociedade. Se, pois, no passado, tiveram lugar alguns dissentimentos, cumpre sepulta-los num sincero esquecimento; se alguma temeridade, se alguma injustiça foi cometida, seja qual for o culpado, cumpre tudo reparar por uma caridade recíproca tudo redimir por um comum assalto de deferências para com a Santa Sé. – Deste modo, obterão os católicos duas vantagens importantíssimas: a de ajudarem a Igreja a conservar e a propagar a doutrina cristã, e a de prestarem o serviço mais assinalado à sociedade, cuja salvação está fortemente comprometida pelas más doutrinas e pelas más paixões.

CONCLUSÃO

61. É isso, Veneráveis Irmãos, o que julgamos dever ensinar a todas as nações do orbe católico sobre a constituição cristã dos Estados e os deveres privados dos súditos. Resta-Nos implorar por ardentes preces o socorro celeste, e suplicar a Deus fazer Ele próprio atingirem o termo desejado todos os Nossos desejos e todos os Nossos esforços para a sua glória e para a salvação do gênero humano, Ele que é só quem pode iluminar os espíritos e tocar os corações dos homens. Como penhor das bênçãos divinas e em testemunho da Nossa paternal benevolência, damo-Vos na caridade do Senhor, Veneráveis Irmãos, a Vós bem como ao clero e ao povo inteiro confiado à Vossa guarda e à Vossa vigilância, a Benção Apostólica.
Dado em Roma, em S. Pedro, a 1o. de novembro de 1885, oitavo ano do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

(1844) Pe. Jaime BALMES Tomo II.—Cap 55.

As questões até aqui abordadas sobre a obediência devida ao Poder são muito graves, mas ainda mais grave é a questão da resistência.

Em nenhum caso, em nenhuma suposição, é permitido resistir fisicamente ao Poder? Não se pode encontrar em nenhum lugar o direito de destituí-lo? Até que ponto as doutrinas católicas vão nesse assunto? São esses os extremos que vamos examinar.

Primeiro, é importante estabelecer que é falsa a doutrina daqueles que afirmam que a um governo, apenas por ser um governo, considerando apenas o fato, e mesmo supondo que seja ilegítimo, deve-se obediência. Isso é contrário à razão saudável e nunca foi ensinado pelo Catolicismo. A Igreja, ao pregar a obediência às autoridades, fala das legítimas; e no dogma católico não cabe o absurdo de que o mero fato crie o direito. Se fosse verdade que se deve obediência a todo governo estabelecido, mesmo que seja ilegítimo, e se fosse verdade que não é permitido resistir a ele, então também seria verdade que o governo ilegítimo teria o direito de governar; porque a obrigação de obedecer é correlata ao direito de comandar. Assim, o governo ilegítimo se tornaria legítimo apenas pelo fato de sua existência. Todas as usurpações seriam então legitimadas, as resistências mais heroicas dos povos seriam condenadas e o mundo seria entregue ao puro império da força. Não, essa doutrina degradante não é verdadeira, essa doutrina que decide a legitimidade com base no resultado da usurpação; essa doutrina que diz a um povo derrotado e subjugado por qualquer usurpador: «Obedeça ao seu tirano, seus direitos se baseiam em sua força, sua obrigação em sua fraqueza». Não, essa doutrina não é verdadeira, pois apagaria uma das páginas mais belas de nossa história, quando se levantou contra as autoridades invasoras do usurpador e lutou por seis anos em prol da independência, finalmente vencendo o vencedor da Europa. Se o poder de Napoleão tivesse se estabelecido entre nós, o povo espanhol teria tido o mesmo direito de se revoltar posteriormente, como teve em 1808; a vitória não teria legitimado a usurpação. As vítimas de 2 de maio não legitimaram o comando de Murat; e mesmo que as horrendas cenas do Prado tivessem se desenrolado em todos os cantos da Península, o sangue dos mártires da pátria manchando de ignomínia indelével o usurpador e seus seguidores, teria consagrado ainda mais o sagrado direito do levante em defesa do trono legítimo e da independência da nação.

É necessário repetir: o mero fato não cria direito, nem no domínio privado nem no público; e o dia em que esse princípio fosse reconhecido, nesse dia as ideias de razão e justiça desapareceriam do mundo. Aqueles que, por meio dessa perniciosa doutrina, talvez tenham pretendido agradar aos governos, não perceberam que estavam minando suas bases e espalhando o germe mais fértil de usurpações e insurreições. O que permanece seguro, se estabelecermos o princípio de que o sucesso determina a justiça, que o vencedor é sempre o governante legítimo? Não se abre uma ampla porta para todas as ambições, para todos os crimes? Não se instiga os homens a esquecerem todas as noções de direito, razão e justiça, e a não reconhecerem outra norma senão a força bruta? Certamente, todos os governos que foram defendidos por essa peculiar doutrina não deveriam estar muito gratos aos seus imprudentes defensores: essa defesa não é defesa, mas sim um insulto, e mais do que uma apologia, deveria ser visto como um sarcasmo cruel. Na verdade: vocês sabem a que isso se reduz? Vocês sabem como isso pode ser formulado? Eis aqui: «Povo, obedeça àquele que vos comanda; vocês afirmam que sua autoridade foi usurpada, não negamos, mas o usurpador, pelo simples fato de ter alcançado seu objetivo, também adquiriu um direito. Ele é um ladrão que vos atacou no meio do caminho, roubou vosso dinheiro, é verdade; mas pelo simples fato de que vocês não conseguiram resistir a ele e tiveram que entregá-lo, agora que ele já está em posse, devem respeitar esse dinheiro como propriedade sagrada: é um roubo, mas sendo o roubo um fato consumado, não é permitido olhar para trás».

Apresentada sob esse ponto de vista, a doutrina do fato se mostra tão repugnante às noções mais amplamente aceitas que é impossível que qualquer pessoa sensata a adote seriamente. Não negarei que existem casos em que, mesmo sob um governo ilegítimo, é aconselhável recomendar ao povo a obediência; como nos casos em que se prevê que a resistência será inútil e só levará a distúrbios e derramamento de sangue; mas ao aconselhar o povo à prudência, é necessário não mascarar isso com doutrinas prejudiciais, é preciso evitar atenuar a exasperação da adversidade, propagando erros subversivos contra qualquer governo, contra toda sociedade.

É importante notar que todos os poderes, mesmo os mais ilegítimos, têm um instinto mais apurado do que o manifestado pelos defensores de tal doutrina. Todo poder, no momento inicial de sua existência, antes de agir, antes de exercer qualquer ato, a primeira coisa que faz é proclamar sua legitimidade. Busca-a no direito divino ou humano, alicerça-a no nascimento ou na eleição, faz surgir de títulos históricos ou do desenvolvimento repentino de eventos extraordinários; mas sempre acaba chegando ao mesmo ponto: à pretensão de legitimidade; a palavra "fato" não sai de seus lábios; o instinto de sua própria preservação está lhe dizendo que não pode usá-la, e que seria suficiente fazê-lo para desacreditar sua autoridade, diminuir seu prestígio, mostrar ao povo o caminho da insurreição, e assim se autodestruir. Aqui se vê a condenação mais explícita da doutrina que estamos questionando: até os usurpadores mais imprudentes respeitam melhor o bom senso e a consciência pública do que ela.

Às vezes, as doutrinas mais equivocadas são ocultadas sob o véu da mansidão e caridade cristãs; por esse motivo, é necessário levar em consideração os argumentos que os defensores de uma submissão cega a todo poder constituído poderiam apresentar. A Sagrada Escritura, dirão eles, nos ordena a obediência às autoridades, sem fazer distinção; portanto, o cristianismo também não deveria fazê- la, mas sim submeter-se resignadamente às que encontra estabelecidas. A esta dificuldade podem ser dadas as seguintes soluções, todas completas: primeiro, a autoridade ilegítima não é autoridade; a ideia de autoridade envolve a ideia de direito; caso contrário, é apenas autoridade física, ou seja, força. Portanto, quando a Sagrada Escritura prescreve obediência às autoridades, fala das legítimas. Segundo, o Texto Sagrado, explicando a razão pela qual devemos nos submeter à autoridade civil, nos diz que esta é ordenada pelo próprio Deus, que é um ministro de Deus; e é claro que tal alto caráter não reveste a usurpação. O usurpador poderá ser, se quiserem, um instrumento da Providência, um flagelo de Deus, como era chamado Átila, mas não é seu ministro. Terceiro, assim como a Sagrada Escritura prescreve obediência aos súditos com relação à autoridade civil, também ordena isso aos escravos em relação a seus senhores. Agora, a qual senhor se refere? É evidente que aqueles que adquiriam uma dominação legítima, como então era entendido, de acordo com a legislação e os costumes vigentes; de outra forma, seria necessário afirmar que o Texto Sagrado encarrega uma submissão dos escravos que estavam nesse estado estavam lá apenas por um abuso flagrante de poder [da força]. Portanto, assim como a obediência aos senhores ordenada nas Escrituras Sagradas não priva o escravo do seu direito quando injustamente retido em escravidão, também a obediência às autoridades constituídas não deve ser entendida, exceto quando estas forem legítimas, ou quando a prudência assim o ditar para evitar perturbações e escândalos.

Às vezes, a conduta dos primeiros cristãos é citada como confirmação da doutrina do fato. "Diz-se que eles obedeceram às autoridades constituídas, sem se importar se eram legítimas ou não. Naquela época, as usurpações eram frequentes; o próprio trono do império foi estabelecido pela força; aqueles que o ocupavam sucessivamente frequentemente deviam sua ascensão a insurreições militares e ao assassinato do predecessor. No entanto, não se viu os cristãos entrarem nunca na questão da legitimidade; eles respeitavam o poder estabelecido e, quando este caía, submetiam-se sem murmurar ao novo tirano que tomava o império." Não se pode negar que esse argumento seja um tanto enganador e que à primeira vista apresente uma dificuldade considerável; no entanto, algumas reflexões serão suficientes para convencer de sua extrema futilidade. Se a insurreição contra um poder ilegítimo deve ser legítima e prudente, é necessário que aqueles que empreendem a tarefa de derrubá-lo estejam certos de sua ilegitimidade, tenham a intenção de substituí-lo por um poder legítimo e também contem com uma probabilidade razoável de sucesso. Na ausência dessas condições, a revolta não

tem propósito, é um desabafo estéril, uma vingança impotente que, longe de trazer benefícios à sociedade, resulta apenas em derramamento de sangue, enfraquecimento do poder atacado e, consequentemente, maior opressão e tirania. Na época a que nos referimos, geralmente nenhuma dessas condições estava presente, e assim, a única opção para pessoas de bem era aceitar as circunstâncias calamitosas do seu tempo com resignação e elevar suas preces ao céu, na esperança de que a Terra encontrasse compaixão. Quem decidia se este ou aquele imperador havia ascendido legitimamente quando as armas ditavam o rumo? Que regras existiam para a sucessão imperial? Onde estava a legitimidade que deveria substituir a ilegitimidade? Estava no povo romano, nesse povo degradado e aviltado, que humildemente beijava as correntes do primeiro tirano que lhe oferecesse pão e jogos? Estava na desprezível descendência daqueles nobres patrícios que outrora ditaram leis ao mundo? Estava nos filhos ou parentes deste ou daquele imperador assassinado, quando as leis não haviam estabelecido uma sucessão hereditária, quando o cetro do império flutuava à mercê das legiões, quando frequentemente ocorria que o imperador, vítima da usurpação, havia sido ele próprio um usurpador, que havia escalado o trono sobre o cadáver de seu rival? Estava nos antigos direitos dos povos conquistados, que reduzidos a meras províncias do império, haviam perdido a memória do que foram um dia, e sem um senso de nacionalidade, sem uma direção para orientá-los, e desprovidos de meios para resistir às colossais forças de seus dominadores? Diga sinceramente: qual era o objetivo daquele que, nessas circunstâncias, se envolvia em tentativas contra o governo estabelecido? Quando as legiões determinavam o destino do mundo, elevando e assassinando repetidamente seus mestres, o que um cristão podia ou deveria fazer? Como discípulo de um Deus de paz e amor, não lhe era permitido participar de cenas criminosas de tumulto e derramamento de sangue. Com a autoridade incerta e oscilante, ele não era quem deveria decidir sobre a legitimidade ou ilegitimidade; seu único recurso era submeter-se à autoridade geralmente reconhecida. Se ocorresse uma das mudanças tão frequentes naquela época, ele deveria se resignar a prestar a mesma obediência aos novos governantes. Se os cristãos se envolvessem em distúrbios políticos, apenas desacreditariam a divina religião que professavam, dariam munição aos falsos filósofos e idólatras para aumentar as negras calúnias com as quais tentavam manchar a religião, forneceriam pretexto para espalhar e reforçar a alegação de que o cristianismo era subversivo dos Estados, provocariam o ódio dos governantes contra eles e intensificariam as cruéis perseguições que assolavam implacavelmente todos os discípulos do Crucificado. Esta situação, é semelhante a muitas outras que foram vistas em tempos antigos e modernos? A conduta dos primeiros cristãos poderia ser, por exemplo, como alguns pretendiam, a norma de conduta dos espanhóis quando se tratou de resistir à usurpação de Bonaparte? Pode ser a norma de conduta de outro povo em circunstâncias semelhantes? Pode ser um argumento para manter no poder toda linhagem de usurpadores? Não: o homem, por ser cristão, não deixa de ser cidadão, de ser humano, de ter seus direitos, e age muito bem quando, dentro dos limites da razão e da justiça, se lança a defendê-los com coragem intrépida.

O Ilustre Senhor D. Félix Amat, Arcebispo de Palmira, em sua obra póstuma intitulada Diseño de la Iglesia militante, expressa estas palavras notáveis: “O simples fato de um governo ter sido constituído é suficiente para convencer da legitimidade da obrigação que os súditos têm de obedecer, como Jesus Cristo declarou de forma clara e enérgica na resposta: Dai a César o que é de César." Uma vez que o que foi dito acima parece suficiente para refutar tal afirmação, e como também pretendo voltar a este

assunto examinando mais detalhadamente a opinião do escritor mencionado e os argumentos em que ela se baseia, não vou me alongar agora na impugnação dela. Farei uma observação que me ocorreu ao ler os trechos em que ele desenvolve o argumento. A obra mencionada foi proibida em Roma: independentemente dos motivos para a proibição, pode-se afirmar que, tratando-se de um livro que ensina tal doutrina, todos os povos que valorizam seus direitos poderiam subscrever o decreto da Congregação. Já que a oportunidade se apresenta, vamos dizer algumas palavras sobre os fatos consumados, que estão intimamente ligados com a doutrina em questão. Consumado significa algo perfeito em sua natureza: assim será um ato, quando tiver sido levado à conclusão. Quando essa palavra é aplicada a crimes, ela é contraposta à tentativa, dizendo que houve tentativa de roubo, de homicídio, de incêndio, quando algum ato mostra a intenção de cometê-los, como arrombar uma porta, atacar com arma letal ou começar a incendiar um material inflamável; porém, o crime não é chamado de consumado até que o roubo seja efetivamente perpetrado, a morte seja causada ou o incêndio seja concretizado. Da mesma forma, no âmbito social e político, serão chamados de fatos consumados uma usurpação em que o poder legítimo tenha sido completamente derrubado, com o usurpador já ocupando seu lugar; uma medida que tenha sido executada em todas as suas partes, como a supressão dos religiosos na Espanha e a incorporação de seus bens ao erário; uma revolução que tenha triunfado e que controle o destino do país sem oposição, como a das nossas colônias na América. Com esta explicação, fica claro que ser um fato consumado não altera sua natureza; é um fato concluído, mas não passa de um simples fato; sua justiça ou injustiça, sua legitimidade ou ilegitimidade, não são expressas por esse adjetivo. Atos horrendos que nunca prescrevem, que nunca deixam de merecer ignomínia e punição, também são chamados de fatos consumados.

O que significam, então, as seguintes expressões que frequentemente se ouvem da boca de certos homens? "Respeitem-se os fatos consumados." "Nós sempre aceitamos os fatos consumados." "É discordância lutar contra fatos consumados." "Uma política sábia se adapta e se submete aos fatos consumados." Longe de mim afirmar que todos aqueles que estabelecem tais regras professam a doutrina funesta que elas supõem. Muitas vezes acontece que aceitamos princípios cujas consequências rejeitamos e seguimos uma linha de conduta sem perceber as máximas imorais das quais ela parte. Nas coisas humanas, o mal está tão próximo do bem, e o erro da verdade, a prudência está tão perto da covardia culpável, a condescendência indulgente está tão próxima da injustiça, que tanto na teoria quanto na prática nem sempre é fácil manter-se nos limites estabelecidos pela razão e pelos princípios eternos da sã moral. Quando se fala sobre o respeito aos fatos consumados, não faltam homens perversos que entendem como uma sanção para crimes, segurança para a presa capturada nas revoltas, nenhuma esperança de reparação para as vítimas, uma forma de silenciar suas queixas. Mas outros não têm tais intenções; eles apenas sofrem de uma confusão de ideias que surge por não distinguirem entre os princípios morais e a conveniência pública. Portanto, o que interessa neste ponto é esclarecer e definir. Aqui está isso em poucas palavras:

Um fato consumado, por ser apenas isso, não é legítimo e, portanto, não é digno de respeito. O ladrão que roubou não adquire direito sobre o que roubou; o incendiário que reduziu uma casa a cinzas não é menos merecedor de punição e obrigação de indenização do que se tivesse parado na tentativa; tudo isso é tão claro, tão evidente que não admite réplica. Aquele que o contradizer é inimigo de toda moral, de toda justiça, de todo direito; ele estabelece o domínio exclusivo da astúcia e da força. Por pertencerem os fatos consumados à ordem social e política, eles não mudam de natureza: o usurpador que privou o legítimo possuidor de uma coroa, o conquistador que, sem mais título do que a força de suas armas, subjugou uma nação, não adquirem com a vitória qualquer direito; um governo que cometeu grandes abusos despojando classes inteiras, exigindo contribuições indevidas, abolindo privilégios legítimos, não justifica seus atos apenas por ter força suficiente para realizá-los. Isso também é igualmente evidente; e se houver diferença, está, sem dúvida, no fato de que o delito é tanto mais grave quanto mais extensos e graves forem os danos causados e quanto mais escândalo público ocorrer. Estes são os princípios da sã moral; a moral do indivíduo, a moral da sociedade, a moral da humanidade, uma moral imutável e eterna.

Agora, vejamos a conveniência pública. Existem casos em que um fato consumado, apesar de toda sua injustiça, imoralidade e obscuridade, adquire tal força que não querer reconhecê-lo e empenhar-se em destruí-lo acarreta uma série de distúrbios e tumultos, e talvez sem nenhum resultado. Todo governo é obrigado a respeitar a justiça e a fazer com que seus súditos também a respeitem; mas não deve se empenhar em ordenar o que não seria obedecido, se não tiver meios para impor sua vontade. Nessa situação, se ele não ataca os interesses ilegítimos, se não procura reparar as vítimas, não comete nenhuma injustiça, pois é semelhante àquele que observa os ladrões que acabaram de cometer o crime e não tem meios de forçá-los a devolver o que roubaram. Suposta a impossibilidade, não faz diferença afirmar que o governo não é um simples particular, mas um defensor natural de todos os interesses legítimos; pois ninguém está obrigado ao impossível.

E é preciso advertir que a impossibilidade neste caso não precisa ser física; basta que seja moral. Assim, mesmo que o governo tenha meios materiais suficientes para realizar a reparação, se previr que o uso desses meios resultaria em sérios compromissos para o Estado, colocando em perigo a tranquilidade pública ou plantando sementes de tumulto para o futuro, haveria uma impossibilidade moral; pois a ordem e os interesses públicos são objetos que requerem preferência, pois são fundamentais para qualquer governo; portanto, o que não pode ser feito sem colocar esses interesses em perigo deve ser considerado impossível. A aplicação dessas doutrinas será sempre uma questão de prudência, sobre a qual nada pode ser estabelecido de forma geral; sendo dependente de mil circunstâncias, deve ser decidida não por princípios abstratos, mas com base em dados presentes, ponderados e avaliados pelo discernimento político. Eis o caso do respeito aos fatos consumados: conhecendo bem a sua injustiça, é conveniente não ignorar a sua força; não atacá-los não é sancioná-los. A obrigação do legislador é minimizar o dano tanto quanto

possível, mas não se expor a agravá-lo ao empenhar-se em uma reparação impossível. E, como é extremamente prejudicial para a sociedade que grandes interesses permaneçam inseguros, incertos sobre seu futuro, é apropriado conceber meios justos que, sem envolver cumplicidade no mal, previnam os danos que poderiam resultar da situação incerta criada pela própria injustiça.

Uma política justa não sanciona o injusto; mas uma política sensata nunca ignora a força dos fatos. Não os reconhece aprovando, não os aceita tornando-se cúmplice; mas se existem, se são indestrutíveis, eles são tolerados; transigindo com dignidade, tira-se o melhor proveito possível das situações difíceis e busca-se harmonizar os princípios da justiça eterna com as considerações de conveniência pública. Não será difícil ilustrar esse ponto com um exemplo que vale por muitos.

Após os grandes males, as enormes injustiças da Revolução Francesa, como seria possível uma reparação completa? Em 1814, seria possível retornar a 1789? Com o trono derrubado, as classes niveladas, a propriedade deslocada, quem seria capaz de reconstruir o edifício antigo? Ninguém.

Assim, concebo o respeito aos fatos consumados, que deveriam ser mais bem chamados de indestrutíveis. E para tornar meu pensamento mais claro, apresentá-lo-ei de forma bem simples. Um proprietário que acabou de ser expulso de suas propriedades por um vizinho poderoso e não tem meios de recuperá-las. Ele não possui ouro nem influência, enquanto o seu expropriador tem abundância de ambos. Se ele apelar para a força, será rejeitado; se ele recorrer aos tribunais, perderá a causa; que recurso lhe resta? Negociar para transigir, conseguir o que puder e resignar-se ao seu azar. Com isso, tudo está dito: é notável que tais princípios se apliquem aos governos. A história e a experiência nos mostram que os fatos consumados são respeitados quando são indestrutíveis; ou seja, quando possuem força suficiente para se fazerem respeitar; caso contrário, não. Nada mais natural: o que não se baseia em direito só pode se apoiar na força.

Tradução: Arthur Godoy

Revisão: Gabriel Hideki

Coroinha de Nossa Senhora

?. Concedei-me que Vos louve, Virgem Sagrada.

?. Dai-me valor contra os vossos inimigos.
Credo ...

I - Coroa de Excelência

Pai Nosso ...
Ave Maria ...
Sois Bem-aventurada, Virgem Maria, que levastes em vosso seio o Senhor, Criador do mundo; destes à luz a Quem Vos formou, e Sois Virgem perpétua.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

?. Alegrai-Vos mil vezes.
Ave Maria
Ó Santa e imaculada virgindade, não sei com que louvores Vos possa exaltar; pois quem os céus não puderam conter, Vós O levastes em vosso seio.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

?. Alegrai-Vos mil vezes.
Ave Maria Sois toda formosa, Virgem Maria, e não há mancha original em vós.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

?. Alegrai-Vos mil vezes.
Ave Maria
Possuís, ó Virgem Maria, tantos privilégios, quantas são as estrelas no céu.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

? . Alegrai-Vos mil vezes.
Glória ao Pai...

II - Coroa de Poder

Pai Nosso...
Ave Maria...
Glória a Vós, imperatriz do céu, conduzi-nos convosco aos gozos do paraíso.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria

? . Alegrai-Vos mil vezes.
Ave Maria
Glória a Vós, tesoureira das graças do Senhor, dai-nos parte no vosso tesouro.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

? . Alegrai-Vos mil vezes.
Ave Maria
Glória a Vós, medianeira entre Deus e os homens, tornai-nos propício o Todo-poderoso.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

? . Alegrai-Vos mil vezes.

Ave Maria
Glória a Vós, que esmagais as heresias e o demônio: sede nossa guia piedosa.
V. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

? . Alegrai-Vos mil vezes.
Glória ao Pai...

III - Coroa de Bondade

Pai Nosso...
Ave Maria... Glória a Vós, refúgio dos pecadores; intercedei por nós junto do Senhor.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

?. Alegrai-Vos mil vezes.
Ave Maria Glória a Vós, Mãe dos órfãos; fazei que nos seja propício o Pai Todo-Poderoso.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

?. Alegrai-Vos mil vezes.
Ave Maria Glória a Vós, alegria dos justos; conduzi-nos convosco às alegrias do céu.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

? . Alegrai-Vos mil vezes.
Ave Maria
Glória a Vós, nossa auxiliadora mui prestimosa na vida e na morte; conduzi-nos convosco para o reino do céu.
?. Alegrai-Vos, Virgem Maria.

?. Alegrai-Vos mil vezes.
Glória ao Pai...

Oremos: Ave, Maria, Filha de Deus Pai; Ave, Maria, Mãe de Deus Filho; Ave, Maria, Esposa do Espírito Santo; Ave, Maria, templo da Santíssima Trindade; Ave, Maria, Senhora minha, meu bem, meu amor, Rainha do meu coração, Mãe, vida, doçura e esperança minha mui querida, meu coração e minha alma. Sou todo vosso, e tudo o que possuo é vosso, ó Virgem sobre todos bendita. Esteja, pois, a mim a vossa alma para engrandecer o Senhor; esteja em mim vosso espírito para rejubilar em Deus. Colocai-Vos, ó Virgem fiel, como selo sobre o meu coração, para que, em Vós e por Vós, seja eu achado fiel a Deus. Concedei, ó Mãe de misericórdia, que me encontre no número daqueles que amais, ensinais, guiais, sustentais e protegeis como filhos. Fazei que, por vosso amor, despreze todas as consolações da terra e aspire só as celestes; até que, para glória do Pai, Jesus Cristo, Vosso Filho, seja formado em mim, pelo Espírito Santo, vosso Esposo fidelíssimo, e por Vós, sua Esposa mui fiel. Assim seja.

SUB TUUM

À vossa proteção recorremos, santa Mãe de Deus; não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades; mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita.

O Anjo do Senhor anunciou a Maria.

?: e ela concebeu do Espírito Santo.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém

Eis aqui a serva do Senhor.
?: Faça-se em mim segundo a vossa palavra.

Ave Maria...

E o Verbo se fez carne.
?: E habitou entre nós.

Ave Maria...

Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.
?: Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos: Derramai, ó Deus, a vossa graça em nossos corações, para que, conhecendo, pela mensagem do Anjo, a encarnação do Cristo, vosso Filho, cheguemos, por sua paixão e cruz, à glória da ressurreição pela intercessão da Virgem Maria.Pelo mesmo Cristo, Senhor Nosso. Amém

Senhor, tende piedade de nós. **?. (idem)**
Jesus Cristo, piedade de nós. **?. (idem)**
Senhor, tende piedade de nós. **?. (idem)**

Jesus Cristo, ouvi-nos. **?. (idem)**
Jesus Cristo, escutai-nos. **?. (idem)**

Deus Padre celestial, **tende piedade de nós.**
Deus Filho, Redentor do mundo, **tende piedade de nós.**
Deus Espirito Santo, **tende piedade de nós.**
Santíssima Trindade, **que sois um só Deus, tende piedade de nós.**

Santa Maria, **rogai por nós.**
Santa Mãe de Deus, **rogai por nós.**
Santa Virgem das virgens, **rogai por nós.**
Mãe de Jesus-Cristo, **rogai por nós.**
Mãe da divina graça, **rogai por nós.**
Mãe puríssima, **rogai por nós.**
Mãe castíssima, **rogai por nós.**
Mãe imaculada, **rogai por nós.**
Mãe intacta, **rogai por nós.**
Mãe amável, **rogai por nós.**
Mãe admirável, **rogai por nós.**
Mãe do bom conselho, **rogai por nós.**
Mãe do Criador, **rogai por nós.**
Mãe do Salvador, **rogai por nós.**
Virgem prudentíssima, **rogai por nós.**
Virgem venerável, **rogai por nós.**
Virgem louvável, **rogai por nós.**
Virgem poderosa, **rogai por nós.**
Virgem benigna, **rogai por nós.**
Virgem fiel, **rogai por nós.**
Espelho de justiça, **rogai por nós.**
Assento de sabedoria, **rogai por nós.**
Causa da nossa alegria, **rogai por nós.**
Vaso espiritual, **rogai por nós.**
Vaso honorifico, **rogai por nós.**
Vaso de insigne devoção, **rogai por nós.**
Rosa mística, **rogai por nós.**
Torre de David, **rogai por nós.**
Torre de marfim, **rogai por nós.**
Casa de ouro, **rogai por nós.**
Arca da aliança, **rogai por nós.**
Porta do Céu, **rogai por nós.**
Estrela da manhã, **rogai por nós.**
Saúde dos enfermos, **rogai por nós.**
Refúgio dos pecadores, **rogai por nós.**
Consoladora dos aflitos, **rogai por nós.**
Auxilio dos cristãos, **rogai por nós.**
Rainha dos Anjos, **rogai por nós.**
Rainha dos Patriarcas, **rogai por nós.**
Rainha dos Profetas, **rogai por nós.**

Rainha dos Apóstolos, **rogai por nós.**
Rainha dos Mártires, **rogai por nós.**
Rainha dos Confessores, **rogai por nós.**
Rainha das Virgens, **rogai por nós.**
Rainha de todos os Santos, **rogai por nós.**
Rainha concebida sem pecado original, **rogai por nós.**
Rainha elevada ao Céu, **rogai por nós.**
Rainha do sacratíssimo Rosário, **rogai por nós.**
Rainha da paz, **rogai por nós.**

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, **perdoai-nos Senhor.**
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, **ouvi-nos Senhor.**
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, **tende Misericórdia de nós.**

Á vossa Proteção recorremos, Santa Mãe de Deus. Não desprezeis nossos rogos; mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem Gloriosa e bendita.

?. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,
?. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Senhor, ***tende piedade de nós.***
Jesus Cristo, ***tende piedade de nós.***
Senhor, *tende piedade de nós.*

Jesus Cristo, ***ouvi-nos.***
Jesus Cristo, ***atendei-nos.***

Deus, Pai dos Céus, ***tende piedade de nós.***
Deus Filho, Redentor do mundo, ***tende piedade de nós.***
Deus Espírito Santo, ***tende piedade de nós.***
Santíssima Trindade, que sois um só Deus, ***tende piedade de nós.***

Santa Maria, ***rogai por nós.***
São José, ***rogai por nós.***
Ilustre filho de Davi, ***rogai por nós.***
Luz dos Patriarcas, ***rogai por nós.***
Esposo da Mãe de Deus, ***rogai por nós.***
Casto guarda da Virgem, ***rogai por nós.***
Sustentador do Filho de Deus, ***rogai por nós.***
Zeloso defensor de Jesus Cristo, ***rogai por nós.***
Chefe da Sagrada Família, ***rogai por nós.***
José justíssimo, ***rogai por nós.***
José castíssimo, ***rogai por nós.***
José prudentíssimo, ***rogai por nós.***
José fortíssimo, ***rogai por nós.***
José obedientíssimo, ***rogai por nós.***
José fidelíssimo, ***rogai por nós.***
Espelho de paciência, ***rogai por nós.***
Amante da pobreza, ***rogai por nós.***
Modelo dos trabalhadores, ***rogai por nós.***
Honra da vida de família, ***rogai por nós.***
Guarda das virgens, ***rogai por nós.***
Sustentáculo das famílias, ***rogai por nós.***
Alívio dos miseráveis, ***rogai por nós.***
Esperança dos doentes, ***rogai por nós.***
Patrono dos moribundos, ***rogai por nós.***
Terror dos demônios, ***rogai por nós.***
Protetor da Santa Igreja, ***rogai por nós.***

Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, ***perdoai-nos, Senhor.***
Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, ***ouvi-nos, Senhor.***
Cordeiro de Deus que tirais os pecados do mundo, ***tende piedade de nós.***

?. Ele constituiu-o senhor de sua casa.
? . *E fê-lo príncipe de todos os seus bens.*

Oremos. Ó Deus, que por inefável providência vos dignastes escolher a São José por esposo de vossa Mãe Santíssima; concedei-nos, vo-lo pedimos, que mereçamos ter por intercessor no céu, aquele que veneramos na terra como protetor. Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amém.

Tirania e Tiranicídio

Por Padre Olivier Rioult

retirado de: lasapiniere.info

Tradução: Ação Restauracionista

***

O que quer significar e quem é um tirano? Temos o direito de lhe desobedecer? Para responder estas questões, precisamos, primeiro, entender algumas distinções históricas.

O termo "tirano" não gozava, na Grécia antiga, do mesmo significado negativo que tem hoje. À época não fazia-se distinção entre tirano e rei. Isto surge no século IV a.C., aí o substantivo tirano torna-se um adjetivo pejorativo, passa a significar um rei mau, que busca e preza pelos próprios interesses, invés de buscar o bem geral de seus súditos.

Tirano, para os Padres da Igreja, corresponde a alguém que exerce seu poder contra a justiça, quando à frente da sociedade, e oprime os seus súditos e os trata como escravos. O Papa São Gregório Magno definiu tirano como alguém que governa sem lei, ou então contra ela.

Como fim último, o governo precisa ordenar a sociedade civil tendo como fim a salvação das almas. Se falha nisso, perde não apenas o direito de comandar, mas também a razão de existir. Por isso temos que, mesmo que legal, o governo que trabalha com outro fim que não este, não é legítimo.

1. A LEGITIMIDADE DO PODER

Como, então, podemos, de forma concreta, atestar que um governo é ilegítimo?

"Todo poder vem de Deus" (Rm XIII, I). Sobre o poder, quando dizemos que Deus o dá, como observa Suarez, não é no sentido de uma intervenção especial, distinta da criação. O poder vem de Deus, pois é ele o criador da natureza e sustentáculo da realidade, e a necessidade do poder é uma das consequências da natureza humana. Ou seja, o governo não é a fonte da autoridade, mas apenas o seu depositário, e este depósito deve vir do povo, que transmite ao governante, a quem ele escolhe ou aceita. O governante manterá, então, seu poder, dado por Deus, através do povo. Este é o ensinamento comum da Igreja Católica, através de diversos santos e doutores.

A soberania, portanto, pertence, de forma concreta, àquele que é o mais capaz. E, neste caso, "o governante bom e legítimo é aquele que faz o que é preciso, tendo em vista o bem comum, que é a salvação das almas" – Charles Maurras, Enquête sur la monarchie. Em última instância, se um poder cumpre sua missão, visando o bem comum, não importa se este é fruto de golpe.

O critério "máximo", segundo o Papa Leão XIII, para que se pudesse julgar a legitimidade de um governo deve sempre ser "o bem comum e a paz pública". Assim, se um usurpador cumpre esta função, chegará o momento em que seu governo se tornará legítimo, pois nada do que é humano é eterno, e a vacância da autoridade não pode durar para sempre.

Quanto tempo se leva para conseguir essa legitimação do poder? Neste ponto, que é puramente prático, a Igreja abstém-se de pronunciar-se em seu ensinamento oficial, pois seu papel não é transformar governos de fato em governos de jure, mas satisfaz-se com a observância da legitimação efetuada.

2. A PERDA DA LEGITIMIDADE

Se um governo, inicialmente ilegítimo, pode, posteriormente, tornar-se legítimo, o inverso também é possível; um governo que, inicialmente é legítimo, corrompe-se, devido ao mal que faz, e torna-se ilegítimo.

Somente quem governa tendo em vista o verdadeiro bem comum é que tem o verdadeiro e absoluto direito de governar, deste modo, implicando aos súditos e cidadãos o dever da obediência ao governante. É isto o que Nosso Senhor nos ensina, com suas palavras "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". A mesma doutrina ensina São Paulo aos Apóstolos: "Toda alma esteja sujeita à autoridades superiores; pois não há autoridade que não venha de Deus. E as que existem foram instituídas por Ele. Portanto, quem resiste à autoridade, resiste à ordem que Deus estabeleceu (...)." (Rm XIII, I-V). E é também o ensinamento do Papa Pio IX, no Syllabus: "É permitido recusar obediência aos príncipes legítimos e até revoltar-se contra eles" (Prop. 63) e o Papa Leão XIII, por sua vez, declarou que "Não é permitido desprezar o poder legítimo" (Immortale Dei)

Todas estas autoridades, porém, tratam exclusivamente do poder legítimo. Um governo, contudo, pode ser legal, segundo uma constituição, mas sem ser legítimo, por ser injusto e/ou tirânico.

O poder tirânico perde, portanto, a sua legitimidade, pois abusa do poder e governa em favor de um número pequeno ou em benefício próprio, invés do bem comum.; na verdade, este governante tirânico até contradiz a autoridade que Deus lhe deu, e que o povo lhe confiou. A nação tem, portanto, o direito de se opor, depor e expulsar o poder ilegítimo. Mas, para chegar a este ponto, o abuso não deve apenar ser grave, mas deve também ser permanente e universal. Um excesso ou má lei apenas isentam os súditos da obediência nestes pontos específicos, mas não tiram a legitimidade do governante, se, de modo geral, este continuou a cumprir sua missão.

3. DIREITO DE RESISTIR AO PODER ILEGÍTIMO

O que fazer então, de forma concreta, contra um poder ilegítimo?

O direito à revolta, na Idade Média, estava assegurado: se o príncipe não cumprisse as obrigações a que estava comprometido por juramento, os súditos tinham o direito de se levantarem, mesmo que em armas. O Doutor Angélico, numa passagem do "De regimine politiae", afirma que, no caso de se poder ter outro governante, a multidão pode, sem injustiça, afastar o governante atual ou restringir seu poder, caso ele abuse tiranicamente do seu poder

A soberania no poder não é ilimitada. Quando, então, a autoridade governante abdica do seu papel de "ministra de Deus para o bem", então a obediência cessa de ser um dever dos cidadãos. Por conseguinte, os súditos têm o direito de resistir-lhes.

Mas até onde vai esta resistência?

A. RESISTÊNCIA PASSIVA

Consiste em negar-se a obedecer às tirânicas ordens do governante, ou as prescrições de uma lei que é injusta. Se as ordens dadas pelas leis humanas vão contra as leis divinas, então este governo atua contra o direito, tanto natural, quanto sobrenatural de Deus, e a sagrada escritura nos lembra que "É melhor obedecer a Deus que os homens" (At. IV, 20). Esta atitude é sempre permitida e, em alguns casos, é obrigatória, se a lei humana vai contra as prescrições de Deus1.

B. RESISTÊNCIA ATIVA LEGAL

Consiste em buscar a revogação dos decretos injustos ou exercer reformas essenciais, e, se necessário, até mesmo uma mudança do governante, por qualquer motivo que seja.

C. RESISTÊNCIA ATIVA ILEGAL

Consiste em usar, contra os governantes, todos os meios de oposição, ainda que seja por armas, para trazê-los de volta do erro ou para se oporem a execução das ordens injustas – greve, sonegar impostos, sabotagem, emigração, desobediência civil, etc. A tradição escolástica reconhece, quase que de forma unânime, que esse direito de resistência pode se tornar direito de revolta. O Cardeal Zigliara escreveu: "É certo que tem-se o direito de resistir passivamente, isto é, de não obedecer a leis tirânicas (...) O próprio direito que os súditos possuem de não obedecer ao poder legislativo tirânico lhes permite resistir à violência do poder do governo (...)" Summa philosophica t. III. 3a éd., Lyon, 1882m p.266-267.

D. INSURREIÇÃO

Consiste no direito de autodefesa dos súditos contra o governante tirano no poder. Por isto, o conselho provincial de Mechelan, em 1937, declarou que "É somente num caso extraordinário, quando o governante infringe direta e abertamente os direitos, seja dos cidadãos ou da Igreja, que os cidadãos possam se recusar a obedecer a leis injustas; é, então permitido resistir ativamente, e com violência, se necessário e proporcional à gravidade dos direitos atacados". (Actes et décretes, Louvain, 1938, n. 22, p. 17)

Os limites entre a sedição injusta e a insurreição justa são difíceis de definir em teoria, porque estas situações dependem de mil fatores práticos, Especialmente quando se tratar de uma revolta armada. Historicamente, podemos citar várias insurreições justas: a união do Liga Santa do Mediterrâneo, que foi um magnífico movimento nacional de indignação contra a traição dos políticos favoráveis aos Huguenotes, protestantes franceses, que estavam em processo de desmantelamento e espoliação da França católica para o benefício de suas ambições heréticas. A revolta da Vendéia, em 1793, contra o A Convenção foi uma insurreição armada legítima contra a usurpação e agressão injustas. Também a insurreição dos Cristeros contra o poder maçônico no México, em 1926. Os irlandeses também se rebelaram contra a poderosa Inglaterra, em 1920. Assim como os generais espanhóis, em 1936, contra o poder dos republicanos revolucionários, ou do general Denikin e do Exércitos brancos (1918-1920) contra o poder judaico-bolchevique.

Quando, portanto, a tirania é habitual, e não transitória; ameaça seriamente os fundamentos da nação e confrontados com a impossibilidade de recorrer a outros meios, com uma séria probabilidade de sucesso, o levante armado não é mais sedição. (Magnin, O Létar, conception païenne, conception chrétienne, Paris, 1931, p. 127) Mas "muitas vezes, esta maneira de fazer as coisas tem como resultado males piores que a própria tirania...". É por isso que muitos os autores acreditam que é "melhor suportar a opressão e voltar-se para Deus". » (Biluart, OP (1685- 1757), Summa sancti Thomæ, dissert. X, a. 2, Paris, 1877, t. IV, pág. 212 e segs.)

4. O TIRANO

Nesta questão, distinguimos entre o "usurpador tirano" que é apenas um agressor injusto do poder legítimo e o "governante tirano", que, embora soberano legítimo, abusa de sua autoridade oprimindo os súditos, seja para seu próprio benefício ou para o benefício de um círculo, sem levar em conta o bem comum, pelo qual ele é responsável.

A. O USURPADOR TIRANO

O "usurpador tirano" ocupa o lugar do líder, mas na realidade é apenas a sombra. Neste caso a nação pode resistir, mesmo pela violência, a este governo; alguns chegam ao ponto de dizer que o usurpador poderia, em certas circunstâncias, ser legitimamente expulso ou morto, como um agressor injusto. Diz Suarez: "Se for um tirano usurpando o poder, toda nação e qualquer um dos seus membros têm direitos contra ele. A razão é que este tirano é um agressor que empreende guerra injustamente contra a nação e cada um dos seus membros. É por isso que todos, ao fazerem isso, estão em estado de legítima defesa." (Disp. XIII, De bello, sec. VIII, § 2e)

Tem-se, portanto, que o usurpador não goza de direitos, e pode receber a pena capital.

Contudo, como vimos, pode haver casos em que, após um certo período de tempo, a nação de fato abandona o soberano legítimo. Mas como não podemos manter a sociedade eternamente em suspense, a tranquilidade pública às vezes exige que admitamos uma espécie de prescrição em matéria de direito político... A Igreja, diante desses poderes estabelecidos e ainda não legitimados, prega a subordinação em tudo o que não seja contrário à consciência e seja exigido pelo interesse geral. Quanto a súditos, embora observando fielmente a obediência, devem abster-se de atos que envolvam reconhecimento do usurpador como autoridade legítima. Foi assim que Gregório XVI, na sua carta apostólica, publicada em 7 de agosto de 1831, um dia após a Revolução de Julho, referindo-se a uma constituição de Clemente V, ratificada por João XXII, Pio II, Sisto IV e Clemente XI, recordava que, no pensamento da Igreja, "um reconhecimento daqueles que governam o meio público por seus próprios meios" não implica a atribuição, aprovação ou aquisição de quaisquer direitos a seu favor, e "que nenhum prejuízo pode ou deve ser considerado aos direitos, privilégios e patrocínios de outros."

B. O GOVERNADOR TIRANO

O caso do "governante tirano" é muito mais frequente do que o do usurpador. E os teólogos e doutores, sobre este caso, são mais divididos.

Todos concordam na resistência às leis injustas de tal tirano, uma vez que as prescrições em em desacordo com os princípios da razão correta e os interesses do bem público "não têm força de direito", diz Leão XIII. E se as prescrições do tirano violassem "os deveres impostos pela religião, existe a obrigação de resistir, e de obedecer seria crime." (Leão XIII, Sapientiæ christianæ, 10 Janeiro de 1890) Mas as opiniões divergem quando se trata de resistência à autoridade tirânica e sobre a destino que pode ser reservado para ele.

Dizem alguns que devemos suportar com paciência; outros, que devemos reagir com violência.

Na verdade, estas duas tendências são muitas vezes explicadas pelas circunstâncias em que escreveram os teólogos. Alguns, especialmente na Idade Média, tinham como principal preocupação colocar um freio ao absolutismo real e aos abusos das tiranias locais, que oprimiam as cidades desde então. Enquanto os modernos se propuseram a tarefa de combater a subversão e tendências revolucionárias da época, estabelecendo limites aos caprichos populares e aos abusos de liberdade. Estas preocupações encontram-se nos atos do magistério, muitas vezes escritos ocasionais. Assim, por um lado, a preocupação de colocar limites aos direitos da autoridade, restringindo absolutismo; por outro, a preocupação em não dar rédea solta aos caprichos populares.

É por isso que Bossuet, favorecido por Luís XIV, se opôs à doutrina de João de Salisbury (1110-1180), que se manifestou contra o despotismo dos príncipes, e que era amigo de São Tomás da Cantuária. É por isso que Santo Afonso de Ligório, no século XVIII (época em que reinava o liberalismo e o ceticismo dos filósofos que desencadeariam a iníqua Revolução Francesa) se opôs ao Chanceler Jean Gerson, um teólogo do século XV, período de fé católica entre as elites e a nobreza.

Notemos também que, quanto mais a fé católica desaparecia entre as elites e a nobreza, mais o corpo social era vítima de abuso. Muitas vezes, apenas o poder da Igreja era capaz de conter o poder ilimitado do Estado, lembrando ao líder a sua função social e os seus deveres para com Deus e o povo. Mas desde que a fé morreu, desde que os Estados rejeitaram a fé católica, o absolutismo do Estado foi prontamente transformado em totalitarismo estatal...

É por isso que, face ao absolutismo cada vez mais monstruoso e totalitário dos Estados materialistas, teólogos e Papas retomaram a doutrina dos escolásticos da Idade Média. Pio XI, em 1937, será o primeiro Papa a não excluir a hipótese de uma justa rebelião contra um poder legitimamente constituído. Pio XII, na sua encíclica Summi Pontificatus, de 20 de Outubro de 1939, sublinha os perigos da deificação do Estado e "a independência da autoridade civil em relação ao Ser Supremo", e que, conceder ao Estado direitos ilimitados sobre indivíduos e cidadãos, normalmente resultava em absolutismo.

Em regra geral, a Igreja tenta salvaguardar a ordem pública e evitar males maiores; Ela também tem horror a sangue; é por isso que mesmo em casos de opressão extrema, recomenda paciência, penitência e oração. Contudo, ela não chega ao ponto de fazer a passividade é uma regra absoluta em todos os casos e em todas as hipóteses. Em circunstâncias extremas, como sublinhou Pio XI, não proíbe a defesa, nem mesmo pela força.

Esta defesa ela poderia ir tão longe a ponto de assassinar o tirano? Esta é a última questão que nos resta examinar.

5. O TIRANICÍDIO

Apesar da oposição das circunstancial, podemos extrair da teologia católica alguns princípios. Os autores modernos têm ressoado ao ensinamento da antiga tradição escolástica, que é unânime em reconhecer, ao menos na teoria, o direito à nação de resistência, direito esse que, em casos mais extremos, leva a revolta e deposição do tirano. O grande Santo Tomás, na Suma Teológica, explica isso: “O governo tirânico é injusto, pois não é ordenado ao bem público, mas aos interesses privados e particulares do governante (...) Além disso, derrubar este regime não se trata de sedição, tirando casos onde essa derrubada ocorra com uma desordem a ponto de causar mais danos ao povo e ao país que a própria tirania do tirano. Mas é antes o tirano o sedicioso, aquele que é quem mantém sedições e discórdias às pessoas que a ele estão sujeitas, a fim de dominá-las com mais segurança.” (Suma Teológica, IIa-IIæ, q. 42, a. 2, ad 3um)

Quem é sedicioso, segundo o doutor angélico, é o tirano, ou seja, o agressor é o governante, o povo apenas usa o direito de legítima defesa, direito esse que pertence tanto aos indivíduos quanto à sociedade. Mas pode a iniciativa da sedição partir da própria sociedade? Santo Tomás completa seu pensamento, numa passagem na qual trata de remédios para a tirania, em de De regimine principum: “É melhor, se não há excesso insuportável, tolerar a tirania por certo tempo invés de opor-se ao tirano e envolver-se em vários perigos e problemas mais sérios que a tirania. Pode acontecer, na verdade, que os opositores não consigam obter certa vantagem e que, por consequência, a partir disto o tirano os reprima com mais violência. Do contrário, se alguém consegue prevalecer contra o tirano, surgem, quase sempre, dissensões seríssimas entre o povo. Após expulsar o tirano surge, quase sempre, a divisão da população em partidos, segundo a constituição do novo regime” (I. I, c. VI)

A doutrina tomista pode ser resumida da seguinte maneira: 1. um indivíduo sozinho não pode arrogar-se para si o direito de matar o tirano que tenha o poder legítimo, pois o sucessor pode ser pior que o próprio tirano; 2. caso haja uma autoridade superior, a ela cabe providenciar uma solução; 3. caso não haja tal autoridade, cabe, então, ao povo, isto é, aos que tem a confiança do povo. E teriam o direito de aplicar ao tirano a pena capital, segundo as normas gerais que regem a execução dos criminosos. (Cf. Somme Théol., ed. da Revue des Jeunes, La Justice, trad. Spicq, t. II, pág. 226-227)

São Roberto Belarmino diz que “a multidão, quando existe motivo legítimo, pode transformar a realeza em democracia ou aristocracia, como foi visto em Roma” (Disputationes de controv. Christianae fidei, I, III, C. VI §4)

Catherin, um teólogo suíço, disse: “A um tirano, que injustamente procura causar danos muito graves aos cidadãos, é permitido resistir ativamente (...). Que seja permitido a cada cidadão resistir ativamente e pela força, ao menos se isso envolver a defesa da sua vida e da integridade dos seus corpo, a um príncipe que procura causar-lhe danos obviamente injustos e graves, e impedi-lo de realizar a sua vontade, esta é a opinião quase comum dos teólogos... os cidadãos podem, portanto, ajudar uns aos outros contra a agressão injusta do rei ou seus agentes, e se unem para esse fim por meio de um tratado. Para isso, de fato, não há necessidade de poder soberano: os súditos não julgam nem depõem o soberano, mas apenas defendem a si mesmos e a seus bens. Na prática, por acidente, muitas vezes acontecerá que tal defesa resultaria em mais grandes males, e que devemos abster-nos deles.” (Philosophia moralis, ed., 1900, no. 616)

“Não há necessidade de qualquer jurisdição neste caso”, escreve um teólogo italiano. É o suficiente, ao que parece, do direito à legítima defesa, inerente tanto à sociedade como aos indivíduos. “ (S. Schiffini,

Disputationes philosophiæ moralis, 1891, t. II, pág. 452)

Portanto, é falso reduzir a doutrina católica à paciência, ao recurso a Deus através da oração como única atitude possível diante de um tirano, e limitar-se à decisão do Concílio de Constança, que condenou uma proposição errada relativa ao tiranicídio2. As circunstâncias da época não permitiam uma avaliação tão precisa e motivada como gostaríamos. Além disso, a condenação conciliar não faz distinção entre o usurpador tirano e o governador tirano.

Significa, portanto, que estamos enganados quando, sem distinção, afirmamos que nunca é permitido matar um tirano. Pois, segundo a doutrina católica, um cidadão tem o direito de matar o agressor, caso isso se faça necessário para a sua proteção. Sendo assim, caso a segurança dos cidadãos e o bem comum exigisse a pena de morte do tirano, essa medida poderia ser legitimamente considerada, ainda mais quando o governo vai contra as leis da justiça e da verdade, e derruba os próprios fundamentos que constituem a autoridade. O tirano não é mais um poder legítimo, por mais que, exteriormente, ostente os sinais da legalidade de seu governo. Isto escapou a muitos teólogos, que opunham-se ao tiranicídio, cegos por este princípio de que o inferior não teria a capacidade de julgar, tampouco de condenar uma falsa autoridade superior à morte.

Merkelbach, no século XX, é quase o único a aderir fielmente a esta tradição escolástica. Eis sua resposta sobre o tiranicídio: “Não é permitido matar um príncipe que é legítimo, mas que governa tiranicamente e oprime seus súditos.” (Summa theol. moralis, 3a ed., Paris, 1939, vol. II, n°364, 5a) A razão apresentada é clássica: ninguém tem o direito, a menos que esteja investido de autoridade pública, de matar um criminoso, qualquer que seja o seu estatuto. Mas a esta proibição o nosso autor reconhece duas exceções, que toma emprestadas do passado e que legitimaria o tiranicídio: “a menos que o povo, ao estabelecer o rei, tenha reservado para si este poder de punir, ou a menos que atue em uma defesa necessária contra uma situação injusta .” Já o usurpador, que ainda não tenha legitimidade, pode ser condenado à morte. ((Merkelbach, Summa theol. moralis, 3a ed., Paris, 1939, t. II, n°364, pág. 367)

6. CONCLUSÃO

Agora imagine um homem que chegou ao poder graças à propaganda mediática nas mãos de de uma máfia supranacional com o objectivo de servir os interesses criminosos desta máfia. E que, apesar desta manipulação em massa, só consegue obter o consentimento de 1/6 da população. Que este mesmo homem, para destruir as liberdades religiosas e cívicas mais básicas, prepara um sistema de vigilância generalizada da população, e controlando todos os dados sobre a vida dos cidadãos, dados centralizados num simples chip graças ao qual o poder poderá, de forma arbitrária, excluir da vida social qualquer oponente da Nova Ordem Mundial.

Imaginemos sempre que este mesmo homem, para favorecer a máfia que o colocou no poder, defenda interesses privados e estrangeiros. Que este mesmo homem também autoriza e organiza o saque das poupanças e da aposentadoria do povo em benefício de fundos de investimento privados especializados em especulação e usura. Que este mesmo homem deixa entrar voluntária, massiva e perigosamente estrangeiros em solo nacional, a fim de substituir um povo por uma massa de indivíduos desenraizados. Que para isso favorece uma justiça frouxa para criminosos estrangeiros e brutal para criminosos nativos.

Que este mesmo homem, sob as ordens de uma minoria apátrida e cosmopolita, depois de ter usado informações falsas, baseadas em números falsificados e manipulados, decide sobre o sequestro de todo o povo, colocando-os em prisão domiciliar, impondo assim a tortura psicológica de massas comparáveis ao tratamento infligido no sistema prisional à maioria dos criminosos perigosos, levando a danos irreversíveis ao cérebro, depressão e suicídio, também mergulhando na ruína e na falência, e isto para maior benefício das multinacionais, com centenas de milhares de pessoas privadas do seu direito de trabalhar.

Imaginemos que este mesmo homem ataca não só a nação, mas também cada um dos seus membros em sua integridade corporal pela imposição de vacinas inúteis e perigosas. Que por isso, tendo declarado falsamente uma emergência sanitária, proíbe medicamentos baratos que se provaram bons ao longo de muitos anos,

classificando-os indevidamente na categoria de substâncias venenosas.

Imaginemos que este mesmo homem, além de saquear as riquezas nacionais, ataca indivíduos sobrecarregando-os com encargos e impostos que podem representar até mais da metade do fruto de sua trabalho, obtido através do suor e do sangue. Que este mesmo homem favorece o roubo das gangues organizadas em grande escala no sistema social e fiscal, permitindo aos grandes banqueiros, com a ajuda de uma acordo contábil opaco, roubar discretamente bilhões de depósitos bancários e contribuições sociais.

Imaginemos que este mesmo homem ataca os cidadãos, não só nos seus corpos e nos seus bens, mas ainda em suas almas, promovendo oficial e legalmente as piores perversões tais como: mercantilização dos seres humanos, assassinato do nascituro, legalização de eutanásia, perversão de todos os tipos, união antinatural, secularismo maçônico e ideologias contrárias ao bem comum, que destroem toda a justiça e toda a verdade, e cujas práticas imorais e anti-religiosas plantam nos corações das pessoas a semente da mais radical apostasia de Deus.

Tal homem seria um tirano. E, de acordo com a doutrina católica, tal tirano não poderia ser apenas derrubado pela multidão, mas também suprimido por qualquer cidadão em estado de legítima defesa, porque a tirania seria grave, permanente e universal.

Contudo, acrescentemos como palavra final esta observação de São Tomás de Aquino: “Que se não conseguirmos encontrar qualquer ajuda humana contra o tirano, devemos recorrer ao rei de tudo, a Deus [que pode converter o coração cruel do tirano ou reduzi-lo a um estado miserável…] Mas para que o povo mereça obter este benefício de Deus, ele deve libertar-se do pecado, porque é para a punição dos pecados que os ímpios, por permissão divina, recebam poder, [já que] é dito no livro de Jó que Deus ‘faz reinar o homem hipócrita por causa dos pecados das pessoas’ (34, 30). Devemos, portanto, remover a culpa para que a praga da tirania cesse.” (De Regno, I, 6)

7. REFERÊNCIAS

Dictionnaire de Théologie Catholique, Tome Xve , 2e partie, Paris, Librairie Letouzey et Ane, 1950, art. Tyran, col. 1948-1988 et art. Tyrannicide, col. 1988-2016.

Abbé O. Rioult, Jean Bastien-Thiry, De Gaulle et le tyrannicide. Aspect moral d’un acte politique, Éditions des Cimes, 2013. 62 pages.

Senhor, tende piedade de nós. (2x)
Cristo, tende piedade de nós. (2x)
Senhor, tende piedade de nós. (2x)
Jesus manso e humilde de coração: **ouvi-nos.**
Jesus manso e humilde de coração: **atendei-nos.**
Jesus manso e humilde de coração: **fazei o nosso coração semelhante ao Vosso.**
Do desejo de ser estimado, **livrai-me, Jesus!**
Do desejo de ser amado, **livrai-me, Jesus!**
Do desejo de ser procurado, **livrai-me, Jesus!**
Do desejo de ser louvado, **livrai-me, Jesus!**
Do desejo de ser honrado, **livrai-me, Jesus!**
Do desejo de ser preferido, **livrai-me, Jesus!**
Do desejo de ser consultado, **livrai-me, Jesus!**
Do desejo de ser aprovado, **livrai-me, Jesus!**
Do desejo de ser adulado, **livrai-me, Jesus!**
Do temor de ser humilhado, **livrai-me, Jesus!**
Do temor de ser desprezado, **livrai-me, Jesus!**
Do temor de ser rejeitado, **livrai-me, Jesus!**
Do temor de ser caluniado, **livrai-me, Jesus!**
Do temor de ser esquecido, **livrai-me, Jesus!**
Do temor de ser ridicularizado, **livrai-me, Jesus!**
Do temor de ser escarnecido, **livrai-me, Jesus!**
Do temor de ser injuriado, **livrai-me, Jesus!**
Que os outros sejam mais amados do que eu, **Ó Jesus, concedei-me a graça de desejá-lo!**
Que os outros sejam mais estimados do que eu, **Ó Jesus, concedei-me a graça de desejá-lo!**
Que os outros possam crescer na opinião do mundo e que eu possa diminuir, **Ó Jesus, concedei-me a graça de desejá-lo!**
Que aos outros seja concedida mais confiança no seu trabalho e que eu seja deixado de lado, **Ó Jesus, concedei-me a graça de desejá-lo!**
Que os outros sejam louvados e eu esquecido, **Ó Jesus, concedei-me a graça de desejá-lo!**
Que os outros possam ser preferidos a mim em tudo, **Ó Jesus, concedei-me a graça de desejá-lo!**
Que os outros possam ser mais santos do que eu, contanto que eu pelo menos me torne santo como puder, **Ó Jesus, concedei-me a graça de desejá-lo!**

Ó Maria, Mãe dos humildes, rogai por nós!
São José, protetor das almas humildes,
São Miguel, que fostes o primeiro a lutar contra o orgulho e o primeiro a abatê-lo,
Ó justos todos, santificados a partir do espírito de humildade,

Oremos.
Ó Deus, que, por meio do ensinamento e do exemplo do Vosso Filho Jesus, apresentastes a humildade como chave que abre os tesouros da graça (cf. Tg 4,6) e como início de todas as outras virtudes – caminho certo para o Céu – concedei-nos, por intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, a mais humilde e mais santa de todas as criaturas, aceitar agradecendo todas as humilhações que a Vossa Divina Providência nos oferecer. Por N. S. J. C. que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, como um só Deus, por todos os séculos dos séculos. Amém.

Ato de Fé:

Eu creio firmemente que ha um só Deus, em três pessoas realmente distintas, Pai e Filho e Espirito Santo, que dá o céu aos bons e o inferno aos maus para sempre. Creio que o Filho de Deus se fez homem, padeceu e morreu na cruz para nos salvar, e que ao terceiro dia ressuscitou. Creio em tudo o mais que crê e ensina a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, porque Deus, Verdade infalível, o revelou; e nesta crença quero viver e morrer.

Ato de Esperança:

Eu espero, meu Deus, com firme confiança, que, pelos merecimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, me darei a salvação eterna e as graças necessárias para consegui-la, porque Vós, sumamente bom e poderoso, o haveis prometido a quem observar fielmente os vossos mandamentos, como eu me proponho a fazer com vosso auxílio. Amém.

Ato de Caridade:

Eu vos amo, meu Deus, de todo 0 meu coração e sobre todas as coisas, porque Vós sois infinitamente bom e amável, e antes quero perder tudo do que vos ofender, e morrer do que pecar. Por amor de vós amo ao meu próximo como a mim mesmo.

Ato de Contrição

Senhor meu Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro, Criador e Redentor meu, por serdes vós quem sois, sumamente bom e digno de ser amado sobre todas as coisas, e porque vos amo e vos estimo, pesa-me, Senhor, de vos ter ofendido; e proponho firmemente, ajudado com os auxílios de vossa divina graça, emendar-me e nunca mais tornar a vos ofender; espero alcançar de vossa infinita misericórdia o perdão de minhas culpas. Amém

Martinho Lutero pertencia à congregação alemã dos eremitas agostinianos. Johann von Staupitz, “patrono e apoiador de Lutero” (Dietrich Emme, Martin Luther. Seine Jugend und Studentenzeit 1483-1505, Regensburg 1986, p. 178) em 1503 assumiu o cargo de professor em Wittenberg e se tornou vigário geral desta ordem. O LThK (Lexicon for Theology and Church - Léxico para Teologia e Igreja) (“Staupitz, Johann von”) fala sobre ele, entre outros:

> “Em Wittenberg ele entrou em estreita associação com Lutero de 1508 a 1509 e novamente em 1512, a quem ajudou especialmente em seus temores de predestinação. Em 1512 foi sucedido por Lutero no cargo de professor de Teologia da Universade e desde então viveu principalmente no sul da Alemanha. Ele saudou com alegria a participação de Lutero na disputa da Indulgência. Porém, a partir de 1519 ficou mais alarmado e em 1520 renunciou ao cargo de Vigário Geral, especialmente para não ter que agir contra Lutero. Mudou-se para junto do cardeal M. Lang em Salzburg, onde se converteu à ordem beneditina em 1522 com dispensa papal e tornou-se abade de São Pedro. Isso levou a um afastamento de Lutero. Staupitz não compartilhou seus ensinamentos não-católicos, defendeu em 1523 a condenação dos luteranos como incrédulos e não se conteve (será?) em sua última carta a Lutero em 1524 (ano de sua morte)."

Portanto, esta é a imagem oficial de Staupitz na história “mainstream” da Igreja e, em poucas palavras, lembra a imagem oficial de Reuchlin. Reuchlin e Staupitz inicialmente apoiaram Lutero e sua Reforma, que eles também, cada um à sua maneira, desafiaram Roma fortemente. Então, no momento certo, eles se retiraram, permaneceram leais à igreja e morreram como seus filhos piedosos! É claro que deve ser deixado em aberto em qual religião eles realmente morreram, porque ainda é possível converter-se no leito de morte. Em poucas palavras: Staupitz não apenas pertencia a uma loja Rosacruz, ele era líder de uma. Essa também poderia ser a razão pela qual ele esteve principalmente no sul da Alemanha a partir de 1512, já que a sede desta loja era em Nuremberg.

> “Lutero era escravo do líder da loja de Nuremberg”, observa corretamente Norbert Homuth, e apresenta a seguinte passagem da carta de Lutero de 3 de outubro de 1511 a von Staupitz como uma das muitas evidências disso: “– Você quase nunca está comigo, por sua causa me senti como uma criança sendo desmamada por sua mãe. Sonhei com você ontem à noite, senti como se você estivesse se separando de mim, chorei muito. Então você acenou com a mão, pude ficar calmo, você voltaria. “(Homuth, Die Verschwörung des Antichristus, p. 77 (com referência a Ludwig Keller, Die Reformation, Leipzig 1885, p 326).

Homuth explica ainda: A Loja Maçônica de Nuremberg, que trabalhava no espírito do humanismo, que também era chamada de “Sodalitas Staupitzana” por causa da liderança do Sr. Staupitz, foi o principal motor da fase Inicial da Reforma e do jovem Lutero. Por que? De acordo com as próprias palavras de Lutero, foram Staupitz e os seus irmãos da loja em Nuremberg que o incitaram contra o Papa. Uma fonte atesta essas próprias palavras de Lutero mas Homuth, infelizmente, não a cita. Entretanto pode-se encontrar uma no pesquisador de Lutero, Dietrich Emme, que apenas menciona de passagem o trecho extraordinariamente importante:

> “Em um discurso à mesa registrado por Anton Lauterbach, Lutero escreveu (sic) em 16 de julho de 1539 sobre suas últimas horas antes de entrar no mosteiro: ‘Mais tarde me arrependi de ter feito o voto e muitos me desaconselharam. Mas eu insisti... Eu estava alheio ao mundo até que Deus considerou o momento certo, e os senhores Tetzel e Doutor Staupitz me impeliram (sic!) contra o Papa.”
>
> Parece estranho que este testemunho instrutivo sempre tenha sido esquecido pela historiografia o?ficial da I?greja [1]; esperamos que isto se deva unicamente à enorme abundância de literatura

dei?xada diretamente por Lutero (obras, cartas) ou indiretamente (ex: discursos à mesa).

É igualmente estranho que nenhum dos historiadores da Igreja Católica pareça ter alguma vez encontrado por acaso informações acerca das atividades da Loja de Nuremberg de von Staupitz. Fernand Mourret notou pelo menos a “falta de firmeza” de Staupitz: “Alguém o verá alternadamente apoiar Lutero e abandoná-lo, curvar-se a Tetzel e rir secretamente dele, corresponder-se com o Cardeal Caetano em termos amigáveis e combatê-lo.” [2]

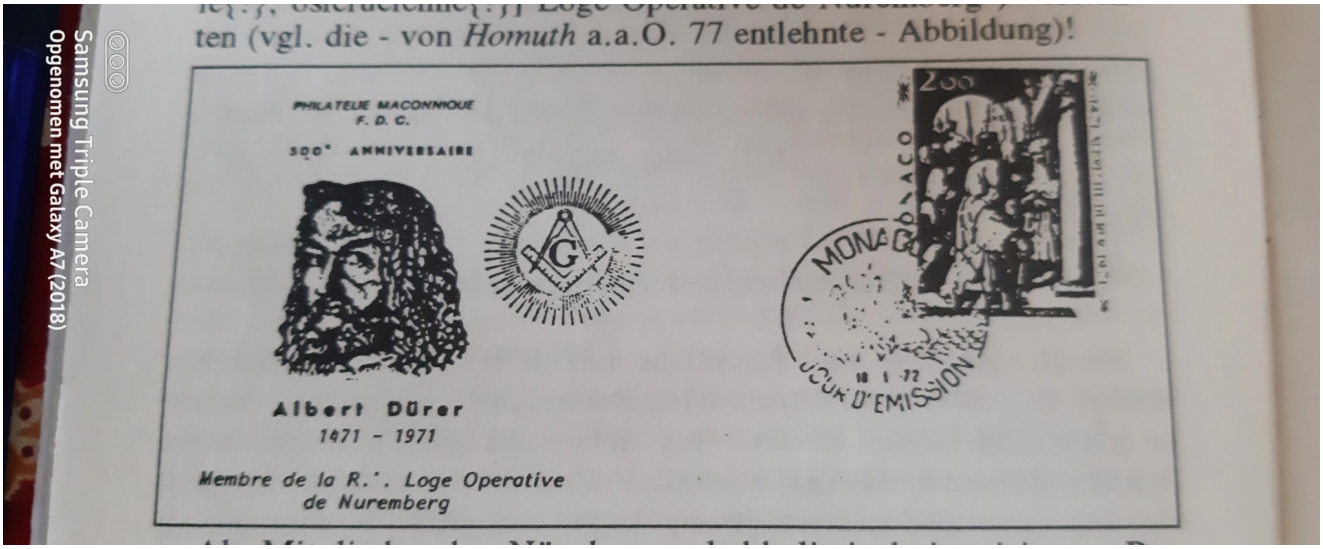
Mourret na verdade atribui a apostasia de Lutero contra o papado à influência de von Staupitz (!), mas considera as suas provocações contra o mais alto Magistério eclesiástico como meras e tristes “burrices”.

Quando em Augsburg, em outubro de 1518, o legado papal, o Cardeal Caetano, ameaçou prender tanto o obstinado Martinho Lutero quanto von Staupitz, que? ainda o apoiava, Staupitz aconselhou Lutero a fugir e, finalmente, ajudou-o a fugir também![3]

Embora o LThK (Lexicon for Theology and Church - Léxico para Teologia e Igreja) afirme vagamente que Von Staupitz não conteve “seu descontentamento contra o movimento luterano em sua última carta a Lutero”, o biógrafo judeu de Lutero Richard Friedenthal, não apenas dá mais detalhes com também mostra uma perspectiva um tanto diferente: “O abade responde ao seu querido Martinho e assegura-lhe que ainda o ama constantemente... Staupitz cita outro exemplo das Escrituras, a parábola do filho pródigo. Lutero conduziu o povo das vagens vazias dos grãos, que o filho pródigo comia em sua pobreza com os porcos, de volta ao reino da vida. O povo lhe devia muito. Mas ele alerta: Lutero não deveria perturbar o coração das pessoas comuns! Staupitz pede, ao seu querido amigo, que pense nos pequenos e não preocupe as suas consciências. Ele reza pelos neutros, que persistem na crença honesta – e Lutero não deveria condená-los! Quantos abusam do evangelho por causa da liberdade da carne. Talvez, pensa Lutero resignadamente, a sua mente seja demasiadamente hesitante ou tímida, e é por isso que Lutero deve compreender quando ele [Staupitz] se curva em silêncio. Esta amizade termina em silêncio, sem um rompimento; pouco depois, Staupitz falece.’[4]

A Loja Rosacruz de Nuremberg

Para a historiografia profana e eclesiástica (“da Corte”), a dita loja parece – como a Maçonaria em geral!! – não ter existido. No entanto, é tudo menos um fantasma. Porque Norbert Homuth, aliás ele próprio morando em Nuremberg, obteve seu conhecimento desta loja humanística e sua influência decisiva sobre Martinho Lutero e a Reforma a partir de um livro publicado em 1885 em Leipzig: A Reforma de um certo Dr. Ludwig Keller.[5]



Os membros da Loja Rosacruz de inspiração cabalística de Nuremberg, que, como já mencionado, era presidida por **Johann von Staupitz**, eram, segundo Homuth/Keller: Lazarus Spengler, **Albrecht Dürer**, C. Celtis, Holzschuher, Georg Beheim, Anton, Andreas e Martin Tucher e Kaspar Nützel, Jakob Welser, **Chr. Scheurl, W. Pirckheimer**, Hieronimus Ebner, et al.[8] Pelo menos os quatro membros da loja que destaquei em negrito destacaram-se como apoiantes ativos da reforma luterana (Celtis morreu demasiado cedo para poder cooperar). A historiografia comum da Igreja captou o fato de que Nuremberg foi o verdadeiro foco da divisão religiosa, mas não conhece a verdadeira razão para isso: o concentrado trabalho subterrâneo (e nem um pouco aleatório) de uma comunidade judaico-Cabalista governou a Loja Rosacruz (e não apenas alguns humanistas isolados ou poucos amigos).

O artigo Nürnberg da LThK (*Lexicon for Theology and Church - Léxico para Teologia e Igreja*) afirma de forma significativa: "Os ensinamentos de Lutero encontraram simpatia desde o início no mosteiro agostiniano, que estava intrinsecamente ligado a **von Staupitz**, frequentado por conselheiros e cidadãos respeitados; foi pregado por **W. Link** e pelo eloquente A. Osiander,… defendido por **Laz. Spengler** no conselho municipal. Este estado de espírito também influenciou as Dietas de Nuremberg (**NT. Dieta significa aqui uma assembléia para decidir questões de império. E o termo"Dietas de Nuremberg" é o termo oficialmente empregado**) em 1522/23 e 1524. … A vitória do Luteranismo em Nuremberg já estava decidida antes da discussão religiosa liderada por **Scheurl** (março de 1525). A atitude de Nuremberg tornou-se da maior importância para o protestantismo como um todo". Enfatizei novamente em negrito os nomes dos Irmãos da Loja Rosacruz que determinaram a atitude de "Nuremberg"! Logo mais falaremos sobre Wenceslaus Link, que também foi destacado.

O completamente não-espiritual Ulrich von Hutten, não entendia quase nada das preocupações teológicas de Lutero; estranhamente, porém, ele sabia exatamente a quem recorrer quando, em 1520, teve de desabafar sua alegria irreprimível diante da nova liberdade espiritual supostamente trazida por Lutero: "Hutten aplaudiu esperançosamente e descuidadamente em uma famosa carta ao patrício de Nuremberg, **Willibald Pirckheimer**, amigo de **Albrecht Dürer** e chefe do Círculo Humanista de Nuremberg: 'Ó século! Ó ciências! Que alegria viver agora e não se aposentar, meu caro Willibald! Os estudos florescem, os espíritos se agitam! Mas você, Barbárie (espírito incivilizado), pode pegar a corda e ir para o exílio…"'[9]

Ouçamos como terceira testemunha insuspeita Joseph Lortz, que não tem ideia sobre a Loja Rosacruz de Nuremberg, e ainda assim lista seus expoentes mais importantes, um após o outro: "Acompanhamos de perto como a atmosfera para a inovação foi preparada em Nuremberg por vários círculos, e como isso é explorado pela Câmara Municipal (e pelas Dietas de 1522/23 e 1524). Em 1521, o humanista **Pirkheimer** travou guerra contra o portador da bula papal em 'Der Gehobelte Eck'; desde 1522 o humanista Osiander prega sobre o Anticristo em Roma; o mosteiro agostiniano abre-se ao novo ensinamento; **Spengler**, um escrivão municipal, escreve já em 1521 um panfleto em defesa de Lutero e influencia da mesma forma o conselho municipal, onde se lê os livros de Lutero apesar das proibições (como em todos os lugares); **Dürer** aguarda o renascimento cristão que Lutero deveria trazer… Está comprovado que a passagem oficial da cidade, isto é, do conselho municipal, do catolicismo ao luteranismo **foi extraordinariamente bem preparada**: o destino dos primeiros fracassos é revelado. O conselho da cidade está agora a expandir a sua soberania medieval tardia sobre a Igreja (em parte através de negociações diretas com Roma) de tal forma que, após as conversações religiosas de 1525, lideradas por **Scheurl**, o conselho está no controle da situação.

Todos os Irmãos Rosacruzes relevantes estão listados aqui novamente (o próprio von Staupitz estava por trás do mosteiro agostiniano). Finalmente, vamos dar uma breve olhada no que a LTHK (*Lexicon for Theology and Church - Léxico para Teologia e Igreja*) – precisamente por causa da sua ignorância – tem a dizer sobre estes "iniciados", autores da revolução Judaico-Cabalista:

1. 'Dürer, Albrecht': 'Na primeira emoção, ele acolheu Lutero como um lutador contra os abusos. Diante do desenvolvimento posterior, especialmente da iconoclastia, retirou-se do movimento, concordante com seu amigo Willibald Pirkheimer; mas, assim como ele, mantinha bom relacionamento com Melanchthon, que era valorizado como mediador – um irmão maçom (!), como se mostrará mais adiante

2. Pir(c)kheimer, de uma família patrícia de Nuremberg… Willibald: ‘Ele defendeu Reuchlin e atacou o oponente mais poderoso de Lutero, que, para ele, não era Nik. Gerbel de Estrasburgo, mas Eccius dedolatus. [Der gehobelte Eck, Glib Eck]…. e numa uma segunda comédia não impressa... com sátira amarga. Porém, embora a princípio ‘bom luterano’, ele não queria romper com a Igreja. Em 1521 ele pediu, portanto, a absolvição da punição que o atingira como seguidor de Lutero... Pirckheimer era apenas amigo do suposto reformador Lutero; para o falso mestre (Melanchthon) ele era um “firme inimigo”, tão decidido que continuaria a manter “um bom relacionamento” com o falso mestre Melanchthon (veja acima!)!’
3. Scheurl, Christophs: “Inicialmente entusiasmado com Lutero e ainda líder da Discussão Religiosa de Nuremberg em 1525, ele, amigo de Eck, não ficou satisfeito com o desenvolvimento da Reforma e, pelo menos desde 1530 [?], manteve-se firme a velha Igreja”. Manteve-se assim possivelmente apenas para encobrir vestígios, como seus outros irmãos da loja.
4. Spengler, Lazarus: ‘Amigo de W. Pirckheimer, compositor, defendeu os ensinamentos de Lutero com vários escritos… e contribuiu muito para a sua vitória em Nuremberg. Por instigação de Eck, ele foi excomungado da Igreja, da qual ele, como Pirckheimer, foi posteriormente readmitido. Mas presumivelmente no mesmo espírito que este amigo de Melanchthon! (**NT. Um provável falso arrependimento**)

Martinho Lutero

O superior e amigo paternal de Lutero, von Staupitz, colocou-o em contato próximo com a Loja Rosacruz de Nuremberg, que ele dirigia. “Já em 1516, isto é, 1 ano antes da publicação das teses de Lutero,[10] Lutero mandou fazer para ele o brasão de sua família, claro que em Nuremberg, e especificamente uma rosa cruz, o símbolo dos Rosacruzes... Com este brasão Lutero confessou abertamente sua simpatia pelas idéias da Loja de Nuremberg, que ele visitou mais de uma vez, por exemplo, em 23 de outubro de 1518, na viagem de volta de Augsburg e em outubro de 1510 [sic]. Lazarus Spengler cuidou da produção do brasão rosa-cruciano e depois perguntou a Lutero ‘se ele gostou’”.[11] E mais:

“Staupitz tornou-se cada vez mais um líder espiritual, que iniciou Lutero cada vez mais profundamente ... no conhecimento iluminado das irmandades secretas, que naquela época tinham todas uma coisa em comum: esperavam o consolo de Israel, aguardavam por um homem que iria libertar a Igreja do seu ‘cativeiro babilônico’. Assim, Lutero, a quem já havia sido oferecida a liderança da Loja de Nuremberg, viu-se empurrado para o papel de libertador, o que aceitou de bom grado. Ele agora se autodenominou Eleutheros (Libertador). Numerosas cartas de Lutero assinadas como Eleutheros sobreviveram. Ele também mudou seu nome original de Martin Luder para Martin Lutherus, aludindo a Eleutheros, e seu panfleto de campanha *Do Cativeiro Babilônico da Igreja* tem como plano de fundo esta sua autoconfiança.[12]

O amigo de Lutero[13], Wenzel Wenzeslaus Lin(c)k, que seguiu sua heresia, era ao mesmo tempo confidente de Staupitz e depois seu sucessor como Vigário Geral[14]; “como confidente de seu superior e ao mesmo tempo presidente da loja de von Staupitz, ele também poderia ser um 'iniciado' nos segredos dos Rosacruzes.” Juntamente com von Staupitz, ele fugiu em outubro de 1518 do legado papal, cardeal Caetano, de Augsburg. O LThK escreve sobre sua conexão com von Staupitz e sua influência sobre Lutero (*op. cit., art. Link (Linck [h]), Wenzeslaus*), quando ele se tornou decano da faculdade de Wittenberg quando Lutero conseguiu seu doutorado e começou a dar aulas de teologia nessa faculdade. Ao mesmo tempo, Linck foi prior do mosteiro agostiniano por um tempo, acompanhou seu patrono Staupitz em viagens de visitação ao sul da Alemanha, Reno e Holanda... 1517-19 foi pregador em Nuremberg, em 1520 sucedeu Staupitz como Vigário Geral da Ordem da Província Alemã. Era um amigo de confiança de Lutero, cuja posição também foi discutida nas resoluções do capítulo de Wittenberg da Ordem (janeiro de 1522) quando cada vez mais membros da ordem o apoiavam.

Levando em consideração que Dietrich Emme[15] «provou, através de um estudo profundo das fontes primárias, que Martinho Lutero não se limitou a aderir à ordem agostiniana», mas procurou refúgio ali em dois aspectos, tanto da justiça secular, como também por causa da sua angústia de consciência. Depois de

Lutero ter esfaqueado um comissário em Erfurt em um duelo, deve ser considerado provável que seus superiores da ordem Rosacruz, von Staupitz e Link, usaram a angústia da consciência de Lutero, sobre a qual Staupitz, que tinha sido o confessor regular e guia da alma de Lutero[16] desde 1508, conhecia da melhor maneira possível! E essa consciência atribulada não foi tratada, mas habilmente usada para os objetivos subversivos deles próprios e daqueles que os encomendaram. Lutero pessoalmente, ao estabelecer sua heresia da Reforma, estava principalmente preocupado com a superação teológica subjetiva de seus escrúpulos atormentadores. Isto é apoiado pela sua notável reviravolta, que Homuth descreve e avalia apropriadamente da seguinte forma:

“Embora Lutero tenha rompido com o sistema de lojas em 1525 porque ele reconheceu corretamente o fundamento judaico-cabalista das mesmas como o movimento de emancipação do Judaísmo (veja seus discursos de ódio contra os judeus), isso não teve mais qualquer influência no curso posterior dos acontecimentos; já era tarde demais; o trabalho de divisão da igreja já havia sido concluído com sucesso.’ [17]

Notas e fontes:

1. Compare-se, por exemplo, o julgamento mais que benevolente de Loriz, op. cit., pág. 236: “Staupitz, superior de Lutero, estava ligado de maneira especial ao destino de Lutero. Ele dera ao jovem monge em dificuldades algum cuidado pastoral. Ele o trouxe para a cátedra bíblica em Wittenberg. Ele compreendia a oposição de Lutero à escolástica e a muita revolta contra a Igreja. Mas ele era católico. Ele sofreu com o desenrolar dos acontecimentos.”
2. Mourret, op. cit., pág. 290. 34 Ibidem. P. 293. Como exemplo, Mourret descreve o seguinte incidente: “Lutero um dia encontra as obras de Johannes Hus na biblioteca da Convenção de Erfurt. Ao ler, ele não consegue deixar de sentir profunda simpatia por esse espírito corajoso. Claro, Roma o condenou! Esse pensamento o preocupa. Mas um dia Staupitz mostrou-lhe o retrato de um de seus antecessores na galeria dos superiores da Ordem de Santo Agostinho, Zacarias, e disse-lhe: 'Você vê este monge: ele deve estar no inferno se não se arrependeu ; pois ele é um daqueles que condenou João Hus no Concílio de Constança por falsificar a Bíblia. Slogans semelhantes ajudaram a diminuir a reputação aos olhos de Lutero, que até então gozava da autoridade de um concílio que condenou um herege.”
3. Ver ibid. pág. 311f. De acordo com Richard Friedenthal, Lutero. Sein Leben und seine Zeit, 8ª edição Munique – Zurique 1982, p. 223f, von Staupitz teria deixado a cidade de Augsburg antes de Lutero para evitar a ameaça de prisão.
4. 36 Friedenthal ibid. p. 401.
5. Cf. Homuth, Die Verschwörung des Antichristus, op. cit., p. 77 and 81
6. Cf. Karl Heue, Entente-Freimaurerei und WWII, 2ª edição (reimpressão da 3ª edição, 1920) Struckum 1991, p. 59 ou pág. 119 nota 1.
7. See Johannes Rothkranz, Freimaurersignale in der Presse. Wie man sie erkennt und was sie bedeuten. Durach (Verlag Anton A Schmid) 1997
8. Homuth, Die Verschwörung des Antichristus, p. 77 (Keller, Die Reformation, op. cit. p. 326), grifo nosso.
9. Friedenthal loc. cit. pág. 278f, grifo nosso.
10. O que, de acordo com os resultados irrefutáveis da pesquisa de Erwin Iserloh, nunca aconteceu, mas é pura lenda.
11. Homuth, Die Verschwörung des Antichristus, op. cit. pág. 78 (referindo-se a Junghans loc. cit.).
12. Ibidem. pág. 79. Segundo Mourret, loc. cit. pág. 281 nota 5 'Lutero assinou com o nome de seu pai Luder até 1517 [!], altura em que abandonou este nome, que significa 'carniça', em favor de 'Lutero' que – disse ele – vem de Lothar ou Lauter .'
13. Tão consistentemente Friedenthal loc. cit. pág. 216 e Mourret loc. cit. pág..308
14. Lortz loc. cit. pág. 356f.
15. Emme loc. cit. passim.
16. Cf. Mourret op. cit. pág. 290 nota 2.

17. Homuth, Die Verschwörung des Antichristus, op.cit. pág. 80.

Autor: G. Makakaya

1. Introdução Quando alguém somente quer vencer o adversário em um debate, ele não se preocupa tanto com a verdade, mas sim em como convencer um público. E para isso, usa-se da sutiliza filológica, ou seja, da escrita astuta, onde a verdade é submetida a condições inovadoras para ter concretude em um dado objeto de pesquisa. John Salza (JS) e Robert Siscoe (RS) não estão distantes disso. Em suas argumentações, principalmente no que tange a tentativa de refutar os argumentos favoráveis à queda do pontificado de um Papa ipso facto por heresia, eles utilizam essa estratégia. Os termos inovadores são: "juízo privado", "afirmar que tal seja não quer dizer que necessariamente seja", ou já iniciar o argumento entrando em contradição, ou seja, tecendo juízos privados contra pessoas que eles não têm autoridade para tal, como você, leitor, em breve entenderá.

2. O que afirma São Roberto Bellarmino? De início, RS e JS citam a "segunda opinião" acerca da questão do "papa herético", opinião esta que é de Juan de Torquemada, e afirmam que essa é a opinião que os sedevacantistas seguem, e que o próprio S. Roberto Bellarmino refuta. Tal sofisma só passa "despercebido" por pessoas que não sabem o básico de nossa argumentação. A princípio, nunca dissemos que somos Torquemadianos, e sim Bellarminianos. Não temos analfabetismo funcional, e portanto não afirmamos assumir uma opinião de São Roberto que na verdade é de um outro teólogo. Para piorar a situação deles, afirmam que nós colocamos um "adicional" na segunda opinião, ou seja, a de Torquemada, afirmando que colocamos a seguinte condição para perda ipso facto do pontificado: ser um herege manifesto, quando, na verdade, essa é a quinta opinião exposta por São Roberto, e a que ele afirma ser a verdadeira:

> "Portanto, a quinta opinião é a verdadeira, a saber, que um papa manifestamente herético por si próprio deixa de ser papa e cabeça, assim como por si próprio também deixa de ser cristão e membro do corpo da Igreja; razão pela qual ele pode ser julgado e punido pela Igreja. Esta é a sentença de todos os antigos Padres, os quais ensinam que os hereges manifestos logo perdem toda a jurisdição."

Então, será que é um juízo privado dos sedevacantistas ou é uma sentença comum de todos os antigos Padres? Poderão objetar: "mas quem é que pode julgar se é herege manifesto?". Ora, pergunto-vos: como podem nos julgar hereges manifestos? Se vocês nos julgam, sem serem nossos superiores, como hereges manifestos, por conta da nossa posição e argumentação, mesmo mentindo, mesmo citando de forma desonesta São Roberto Bellarmino, atribuindo uma argumentação que NÃO É NOSSA, com muito mais razão nós podemos, sim, ao ver as heresias manifestas de Roncálli, Montini, Woytjla, Ratzinger e Bergoglio, afirmar que estes ou caíram do pontificado, como no caso de Roncálli, Montini e Woytjla, que o próprio Pe. Dr. Joaquim Saenz y Arriaga considera ser possível, ou então sequer chegaram a ser papas devido a falta de Ordenação Episcopal e heresia notória antes do conclave, como no caso do Padre Joseph Ratzinger, ou ainda sequer são papas porque já eram hereges manifestos, e sequer eram padres! Como no caso do Diácono Jorge Mario Bergoglio.

Que mais afirma o Doutor das Controvérsias? Ele afirma que São Cipriano de Cartago ensina, ao falar sobre Novaciano, que foi Papa em cisma com Cornélio: "Ele não poderia deter o episcopado, ainda que, uma vez feito Bispo, se afastasse do corpo dos seus coepíscopos e da unidade da Igreja". E São Roberto diz sobre isso que "Aí Cipriano diz que Novaciano, ainda que houvesse sido um papa verdadeiro e legítimo, contudo cairia do pontificado ipso facto, caso se separasse da Igreja", então, será mesmo, JS e RS que interpretamos errado o ipso facto? Na verdade, provavelmente todos os Padres da Igreja e Doutores da Igreja! E só vossas excelências do laicato galicano é quem são os detentores da luz sapiencial teológica!

Continua São Roberto, afirmando que “João Driedo, o qual ensina que se separam da Igreja somente aqueles que ou são expulsos pela excomunhão, ou por si mesmos se afastam e se opõem à Igreja, como os heréticos e cismáticos”. Ou pela excomunhão (sentença condenatória) ou pelo pecado de heresia e cisma. Isso ficou claro para os senhores? E não é esse juízo que os senhores fazem de nós sedevacantistas que nunca fomos condenados por quem vocês chamam de “Papa Francisco”? Se fomos, digam-nos: qual cânon? Qual concílio? Qual anátema? Não há! O argumento de vocês faz com que seja necessária uma coexistência entre o erro e a verdade para que não se caia em hipocrisia. Ou diálogo ou morte! Não percebem?

Mas e o poder espiritual? Diz São Roberto que “a sétima sentença diz que, naqueles que se afastaram da Igreja, não permanece absolutamente nenhum poder espiritual sobre aqueles que são da Igreja”, ah! Leram direito? Nenhum poder espiritual, então eles não têm nem o poder positivo (jurisdicional) e nem poder espiritual. Em outras palavras: não possuem nada.

Mas seria possível um herege continuar ser membro da Igreja? Após lermos que os hereges se afastam por si só da Igreja – por favor! Freiem o sofisma aqui, pois “se afastam por si só” não é a mesma coisa que “são afastados pela autoridade legítima”, não vamos colocar palavrinhas novas no texto – e dirá Melquior Cano, citado por São Roberto, que “os hereges não são partes nem membros da Igreja”, e diz que “não é possível sequer imaginar em pensamento que alguém que não é membro nem parte seja cabeça e papa”. Ah, se Melquior Cano contemplasse os intelectos rebuscados e tomistas da atualidade... Afirmam justamente que um herege pode ser membro e cabeça da Igreja! Ainda diz Melquior Cano, citado por São Roberto Bellarmino que “os hereges ocultos ainda são da Igreja, e são partes e membros seus, e que até mesmo o papa enquanto herege oculto pode continuar sendo papa”.

Em 19 de setembro de 1846, nas montanhas desta pequena aldeia perto de Grenoble, às 6 da manhã, a Santíssima Virgem apareceu a dois pastozinhos, Mélanie Calvat e Maximino Giraud. Por instruções da própria Virgem Maria, o segredo que ela lhes confiou naquele momento deveria permanecer oculto até 1858.

Esta é uma das aparições mais transcendentais de todos os tempos, especialmente porque a Virgem nos fala – com muita antecedência – da apostasia na Sé Romana, do Anticristo e da nossa época, que é a atual.

SINAIS DO CÉU (Fonte das declarações dos bispos: "**La Salette diante da razão e do dever de um Católico"**, por Dr. Amadeo Nicolás, Tradução da 2ª edição francesa. Barcelona, Livraria Católica de Pons y Cía., 1861) "Mellon Joli, Arcebispo de Sens, Bispo de Auxerre, Primaz das Gálias e da Germânia:

> "Visto o relatório da Comissão nomeada por Nós em 24 de janeiro de 1848 para uma investigação jurídica sobre uma cura extraordinária ocorrida em Avallon em 12 de novembro de 1847 na pessoa de Antoinette Bollenat após uma novena à Santíssima Virgem; invocada sob o nome de Nossa Senhora de La Salette; vistos os interrogatórios às testemunhas e médicos… tendo solicitado a opinião de meu Conselho, invocado o santo nome de Deus, declaramos para a glória de Deus, a glorificação da Santíssima Virgem e a edificação dos fiéis, que tal cura apresenta todas as condições e características de ser miraculosa" (4 de março de 1849)

Luis Rossat, Bispo de Verdun:

> “Declaramos como certo e incontestável o fato da cura instantânea e mantida desde 1º de abril de 1849 até o presente dia, na pessoa de Martin, aluno de nosso Seminário Maior, conforme o relatório que ordenamos fazer, muito difícil de explicar apenas pelas forças naturais; e nos surpreende que os alunos de nosso Seminário unanimemente tenham atribuído isso à intervenção sobrenatural da Santíssima Virgem”.

A relação mencionada, assinada pelo superior do Seminário, o ecônomo e três professores, afirma que M. Martin é um clérigo menor edificante, de total confiança. Durante o curso, até 1º de abril, ele mal conseguia apoiar-se na perna esquerda, com dores contínuas, que o impediam de participar nas atividades da comunidade. O Bispo decidiu que ele não seria admitido às ordens menores até estar totalmente curado. Em 1º de abril, uma novena à Nossa Senhora de La Salette foi iniciada, e seu diretor espiritual, às 18h, deu-lhe um frasco de água de La Salette. Às sete horas, ele estava andando, subindo e descendo as escadas correndo. A cura causou uma forte impressão em todo o Seminário." - 1º de agosto de 1849

Clemente Villecourt, Bispo de La Rochelle e de Saintes:

> “Ouvindo o testemunho de muitas pessoas sobre a cura repentina da Senhora Bonnet de uma doença incurável, como resultado de uma novena que ela fez à Nossa Senhora de La Salette; examinado cuidadosamente o relatório solicitado ao Dr. M. Kemmerer, que testemunhou a impossibilidade absoluta dessa cura com remédios humanos; consultado nosso Conselho e invocadas as luzes do Espírito Santo, pronunciamos que não pode ser atribuída nada mais do que a uma intervenção sobrenatural”. - 12 de janeiro de 1855

Em 19 de setembro de 1851, Mons. Filiberto de Bruillard, Bispo de Grenoble, finalmente publica sua "carta pastoral". Aqui está o parágrafo essencial:

> "**Julgamos que a aparição da Santíssima Virgem a dois pastores, em 19 de setembro de 1846, numa montanha da cadeia dos Alpes, localizada na paróquia de La Salette, no arquipresbítero de Corps, contém em si todas as características da verdade, e que os fiéis têm fundamento para crerem nisso indubitável e certamente.** A certeza aumenta com a imensa e espontânea afluência ao local da aparição, bem como a multiplicidade de prodígios, muitos dos quais é impossível duvidar sem contrariar as regras do testemunho humano. Portanto, **proibimos aos fiéis e sacerdotes de nossa diocese falar publicamente ou escrever contra o fato que hoje proclamamos. Finalmente, como o principal objetivo da aparição foi lembrar aos cristãos o cumprimento de seus deveres religiosos, exortamos, queridos irmãos, que sejam dóceis à voz de Maria que os chama ao arrependimento e em nome de seu Filho os ameaça com desgraças espirituais e temporais se permanecerem insensíveis aos seus avisos maternais**".

Mons. Filiberto de Bruillard

A ressonância desta carta pastoral é considerável. Numerosos bispos a fazem ler nas paróquias de suas dioceses. A imprensa ecoa a favor ou contra. Ela é traduzida para várias línguas e aparece notavelmente no "L'Osservatore Romano" de 4 de junho de 1852. Cartas de felicitação chegam ao Bispo de Grenoble. A experiência e o senso pastoral de Filiberto de Bruillard não param por aí. Em 1º de maio de 1852, ele publica uma nova carta pastoral anunciando a construção de um santuário na montanha de La Salette e a criação de um corpo de missionários diocesanos que ele denomina "os Missionários de Nossa Senhora de La Salette". E acrescenta: "A Santa Virgem apareceu em La Salette para o universo inteiro, quem pode duvidar disso?". O futuro confirmaria e superaria essas expectativas, o relevo estava garantido, podemos dizer que Maximino e Mélanie cumpriram sua missão.

Depois de cinco anos de um cuidadoso exame dos fatos, a Igreja autorizou o Culto de Nossa Senhora de La Salette em 1851. Uma imponente e magnífica Basílica Menor foi construída no local.

O Santo Padre Pio IX aprovou a devoção a Nossa Senhora de La Salette. Ele pediu que os jovens enviassem a ele por escrito o relato dos segredos. Mais tarde, o Santo Padre disse: "Estes são os segredos de La Salette, se o mundo não se arrepender, perecerá". Em 24 de agosto de 1852, ele concedeu que o altar-mor do novo templo de La Salette fosse "privilegiado". Em 7 de setembro do mesmo ano, ele erigiu a associação de Nossa Senhora Reconciliadora de La Salette.

Leão XIII elevou o santuário ao status de Basílica e decretou a coroação canônica de "Nossa Senhora de La Salette", realizada pelo Cardeal de Paris em 21 de agosto de 1879. Por fim, em 1946, no centenário da aparição, foi realizado em La Salette o quinto Congresso Mariano Nacional francês.

O segredo arrancado pelo Cardeal Bonald

Apesar da aprovação da aparição de La Salette por parte de Monsenhor Filiberto de Bruillard, bispo de Grenoble e detentor da autoridade canônica para determinar o evento, o Cardeal Louis-Jacques-Maurice de Bonald, Arcebispo de Lyon, mostrava-se opositor e não o ocultava (em 1848, foi um dos primeiros a saudar a Revolução de 1848, cujo lema, Liberdade, Igualdade e Fraternidade, lhe parecia "favorável aos interesses da Igreja"; e depois tornou-se Senador do Império).

Bonald, com enganos, exigiu que as crianças lhe confiassem seu segredo, usando o falso argumento de que tinha um mandato oficial do Papa. As crianças concordaram com suas pretensões, mas Mélanie, alarmada, lembrou das exigências da Virgem Maria e insistiu firmemente que seu texto, uma vez escrito, deveria ser colocado em um envelope selado e entregue diretamente ao Papa. Sob essa condição, o bispo de Grenoble enviou dois representantes a Roma, e o texto dos dois segredos privados foi entregue ao Papa Pio IX em 18 de julho de 1851.

Maximino Giraud escreveu seu Segredo no palácio do bispo de Bruillard em Grenoble, na tarde de 3 de julho. O Bispo de Bruillard selou o Segredo e o enviou ao Papa Pio IX. O envelope selado foi assinado por dois testemunhas às 19h00.

Doc. B. Enveloppe du secret de Maximin Giraud, adressé par lui au Pape Pie IX, contresignée par C. de Taxis et B. Dussin, à l'évêché de Grenoble, le 3 juillet 1851 à 7 h du soir. SOLS fasc. 27 (ACDP).

Escrito de Maximino, datado em 3 de julho de 1851:

No dia 19 de setembro de 1846, vimos uma bela Senhora. Nunca dissemos que esta Senhora era a Virgem, mas sempre afirmamos que era uma bela Senhora.

Não sei se é a Virgem Maria ou outra pessoa. Agora acredito que era a Santíssima Virgem.

Isto é o que está Senhora me disse:

“Se o meu povo continuar, o que vou dizer chegará mais cedo; se mudar um pouco, chegará um pouco mais tarde. **A França corrompeu o universo**, um dia ela será castigada.

A Fé se extinguirá na França: três partes da França não praticarão mais a religião, ou quase não a praticarão; a outra parte a praticará, sem praticá-la bem.

Pouco depois disso, as nações se converterão, a fé será reavivada por toda parte. Um grande país do norte da Europa, agora protestante, se converterá: com o apoio deste país, todos os outros países do mundo se converterão.

Antes que tudo isso aconteça, grandes distúrbios virão, na Igreja e em todos os lugares. Pouco depois disso, nosso Santo Padre, o Papa, será perseguido. Seu sucessor será um pontífice que ninguém esperará.

Pouco depois disso, virá uma grande paz, mas não durará muito tempo. **Um monstro virá para perturbá-la.**

Tudo o que digo acontecerá no século seguinte ou, no máximo, em dois mil anos.”

Maximino Giraud
(Ela me disse para dizer isso pouco tempo antes).
Santo Padre, sua bênção a uma de suas ovelhas,
Grenoble, 3 de julho de 1851.

Da mesma forma que Maximino fala do castigo que as nações sofrerão, Mélanie fala da PERSEGUIÇÃO CONTRA O PAPADO e acrescenta o NASCIMENTO DO ANTICRISTO, FILHO DE UMA FREIRA.

JMJ

O Segredo que a Santíssima Virgem me deu na Montanha de La Salette em 19 de setembro de 1846.

“Mélanie, vou te dizer algo que não dirás a ninguém:

O tempo da ira de Deus chegou!

Se, depois de contares às pessoas o que te disse e o que ainda te direi, se, depois disso, não se converterem (se não fizerem penitência, se continuarem trabalhando no domingo, se continuarem blasfemando o Santo Nome de Deus), em uma palavra, se a face da terra não mudar, Deus se vingará do povo ingrato e escravo do demônio.

Meu Filho manifestará Seu poder! Paris, esta cidade manchada com todos os tipos de crimes, perecerá infalivelmente. Marselha será destruída em pouco tempo. Quando essas coisas acontecerem, a desordem reinara sobre a terra. O mundo se abandonará às suas paixões ímpias.

O Papa será perseguido de todas as partes, atirarão nele, tentarão matá-lo, mas não poderão nada contra ele; o Vigário de Deus triunfará ainda mais uma vez.

Os sacerdotes, as religiosas e **os verdadeiros seguidores de meu Filho serão perseguidos**, e muitos morrerão pela fé em Jesus Cristo.

Uma fome reinará simultaneamente.

Depois que todas essas coisas acontecerem, muitas pessoas reconhecerão a mão de Deus sobre elas, se converterão e farão penitência de seus pecados.

Um grande rei ascenderá ao trono, e reinará por alguns anos. A religião florescerá e se espalhará por toda a Terra, e a fertilidade será grande; o mundo, contente por não carecer de nada, recomeçará suas desordens,

abandonará a Deus e se entregará às suas paixões criminosas.

Entre os ministros de Deus e as Esposas de Jesus Cristo, haverá aqueles que se entregarão à desordem, e isso será o mais terrível.

Finalmente, um inferno reinará sobre a Terra. **Será então quando o Anticristo nascerá de uma religiosa: Ai dela! Muitas pessoas acreditarão nele, porque se dirá que veio do céu; ai daqueles que acreditarem nele!**

O tempo não está longe, não passarão dois períodos de 50 anos.

Minha filha, não dirás o que acabo de te dizer (não dirás a ninguém, não dirás que deves dizê-lo um dia, não dirás nada que concerne a isso), finalmente, não dirás nada até que Eu te diga que o faças!"

Rogo a nosso Santo Padre, o Papa, que me dê sua santa bênção.

Mélanie Mathieu, pastora de La Salette.
Grenoble, 6 de julho de 1851.
JMJ +

O Segredo completo

Na verdade, embora soe suspeito (curiosamente, as versões de 1851 foram encontradas no Arquivo Secreto do Vaticano em 1999), o texto contendo o Segredo de Mélanie (o mais conhecido, com as queixas da Virgem sobre a má conduta do clero e os males e castigos que virão), que contém linhas que foram omitidas na edição de Marselha de 1860 (a qual, apesar de ter sido queimada pelo bispo Eugenio de Mazenod com a declaração "Assim publicarei seu segredo!", uma cópia sobreviveu e foi publicada em Nápoles em 1873 pelo padre Felicien Bliard, com o imprimátur da Cúria do Arcebispo de Nápoles, Cardeal Sixto Riario Sforza, datado de 30 de abril) diz o seguinte (o texto sublinhado não aparece na versão de Marselha):

"Mélanie: O que vou te dizer agora não será sempre um segredo; você pode publicá-lo em 1858.

Os padres, ministros do meu Filho, os padres, por suas más vidas, por suas irreverências e impiedade ao celebrar os santos mistérios, por seu amor ao dinheiro, aos honores e aos prazeres, tornaram-se cloacas de impureza. Sim, os padres clamam por vingança, e a vingança pende sobre suas cabeças. Ai dos padres e pessoas consagradas a Deus, que por suas infidelidades e má vida crucificam de novo o meu Filho! **Os pecados das pessoas consagradas a Deus clamam ao céu e pedem vingança, e eis que a vingança está às portas, pois já não se encontra ninguém que implore misericórdia e perdão para o povo; já não há almas generosas nem pessoa digna de oferecer a Vítima sem mancha ao Eterno em favor do mundo.**

Deus vai punir de uma maneira sem precedentes. Ai dos habitantes da terra! Deus derramará sua ira e ninguém poderá escapar de tantos males juntos.

Os líderes, os condutores do povo de Deus, têm negligenciado a oração e a penitência, e o demônio obscureceu suas inteligências, tornaram-se estrelas errantes que o velho diabo arrastará com sua cauda para fazê-los perecer. **Deus permitirá que a antiga serpente coloque divisões entre os soberanos, em todas as sociedades e em todas as famílias. Sofrerão penalidades físicas e morais.** Deus abandonará os homens a si mesmos e enviará castigos que se sucederão por mais de trinta e cinco anos.

A sociedade está às vésperas das mais terríveis calamidades e dos maiores acontecimentos. Será forçada a ser governada por uma vara de ferro e a beber o cálice da ira de Deus.

Que o Vigário de meu Filho, o Soberano Pontífice Pio IX, não saia mais de Roma após o ano de 1859; mas que seja firme e generoso; que combata com as armas da fé e do amor. Eu estarei com ele.

Desconfie de Napoleão, seu coração é dúbio; e quando quiser ser ao mesmo tempo Papa e Imperador, muito em breve Deus se retirará dele. É aquela águia que, querendo sempre elevar-se, cairá sobre a espada da qual queria servir-se para obrigar os povos a exaltá-lo.

A Itália será punida por sua ambição de querer sacudir o jugo do Senhor dos senhores; também será entregue à guerra. O sangue correrá por toda parte. As igrejas serão fechadas ou profanadas. Os padres e religiosos serão perseguidos; eles serão feitos morrer, e morrerão uma morte cruel.

Muitos abandonarão a fé e o número de padres e religiosos será grande; entre essas pessoas estarão até mesmo bispos.

Que o Papa se ponha em guarda contra os operadores de milagres, pois chegou o tempo em que os prodígios mais surpreendentes ocorrerão na terra e nos ares.

No ano de 1864, **Lúcifer, com um grande número de demônios, será solto do inferno. Abolirão a fé pouco a pouco, até mesmo entre as pessoas consagradas a Deus, as cegarão de tal maneira que, a menos que haja uma graça particular, essas pessoas tomarão o espírito desses maus anjos: muitas casas religiosas perderão completamente a fé e perderão muitíssimas almas.**

Os livros ruins abundarão na terra e os espíritos das trevas espalharão por toda parte um relaxamento universal em tudo o que se refere ao serviço de Deus e obterão um poder extraordinário sobre a natureza: haverá igrejas para servir a esses espíritos. Algumas pessoas serão transportadas de um lugar para outro por esses espíritos malignos, até mesmo padres, por não seguirem o bom espírito do Evangelho, que é o espírito de humildade, caridade e zelo pela glória de Deus. Alguns mortos e justos ressuscitarão [ou seja, esses mortos tomarão a forma de almas justas, que viveram na terra, para melhor seduzir os homens; estes, ao se dizerem mortos ressuscitados, não serão nada além do demônio sob suas figuras, pregando outro Evangelho contrário ao verdadeiro de Cristo Jesus, negando a existência do céu e também as almas dos condenados. Todas essas almas aparecerão como unidas a seus corpos].

Haverá prodígios extraordinários por toda parte, porque a verdadeira fé se extinguiu e a falsa luz ilumina o mundo. Ai dos príncipes da Igreja que se dedicaram apenas a acumular riquezas sobre riquezas, a salvaguardar sua autoridade e a dominar com orgulho!

O Vigário de meu Filho terá muito que sofrer, porque **por um tempo a Igreja será entregue a grandes perseguições. Esta será a hora das trevas. A Igreja terá uma crise terrível.**

Dado o esquecimento da santa fé de Deus, cada indivíduo quererá guiar-se a si mesmo e ser superior aos seus semelhantes. Os poderes civis e eclesiásticos serão abolidos; toda ordem e toda justiça serão pisoteadas; não se verá mais do que homicídios, ódio, inveja, mentira e discórdia, sem amor pela pátria ou pela família.

O Santo Padre sofrerá muito. Eu estarei com ele até o fim para receber seu sacrifício. Os malvados tentarão muitas vezes contra sua vida, sem poder pôr fim aos seus dias; mas nem ele nem seu sucessor [que não reinará por muito tempo] verão o triunfo da Igreja de Deus.

Os governantes civis terão todos um mesmo plano, que será abolir e fazer desaparecer todo princípio religioso, para dar lugar ao materialismo, ao ateísmo, ao espiritismo e a toda espécie de vícios.

No ano de 1865, ver-se-á a abominação nos lugares santos; nos conventos, *as flores da Igreja estarão corrompidas* e o demônio se fará como o rei dos corações. Que aqueles que estão à frente das comunidades religiosas vigiem as pessoas que devem receber, pois o demônio usará de toda sua malícia para introduzir nas ordens religiosas pessoas entregues ao pecado, pois as desordens e o amor pelos prazeres carnais se estenderão por toda a terra.

França, Itália, Espanha e Inglaterra estarão em guerra; o sangue correrá pelas ruas; o francês lutará contra o francês, o italiano contra o italiano; em seguida, haverá uma guerra universal que será terrível. Por algum tempo, Deus não se lembrará da França nem da Itália, porque o Evangelho de Jesus Cristo já não é conhecido. Os malvados desdobrarão toda a sua maldade; matar-se-á, assassinar-se-á mutuamente até dentro das casas.

Ao primeiro golpe de sua espada fulminante, as montanhas e a natureza inteira tremerão de espanto, porque as desordens **e os crimes dos homens ultrapassam a abóbada dos céus. Paris será queimada e Marselha engolida**. Várias grandes cidades serão sacudidas e engolidas por terremotos. Acreditar-se-á que tudo está perdido. **Não se verão mais do que homicídios, não se ouvirá mais do que o barulho de armas e blasfêmias**.

Os justos sofrerão muito; suas orações, sua penitência e suas lágrimas subirão até o céu e todo o povo de Deus pedirá perdão e misericórdia e implorará minha ajuda e intercessão. Então Jesus Cristo, por um ato de sua justiça e de sua grande misericórdia com os justos, ordenará a seus anjos que matem todos os seus inimigos. De repente, os perseguidores da Igreja de Jesus Cristo e todos os homens dados ao pecado perecerão e a terra ficará como um deserto. Então se fará a paz, a reconciliação de Deus com os homens; Jesus Cristo será servido, adorado e glorificado; a caridade florescerá por toda parte. Os novos reis serão o braço direito da Santa Igreja, que será forte, humilde, piedosa, pobre, zelosa e imitadora das virtudes de Jesus Cristo. **O Evangelho será pregado por toda parte e os homens farão grandes progressos na fé, porque haverá unidade entre os trabalhadores de Jesus Cristo, e os homens viverão com temor a Deus.**

Essa paz entre os homens não será duradoura; vinte e cinco anos de colheitas abundantes farão com que esqueçam que os pecados dos homens são a causa de todos os castigos que ocorrem na Terra.

Um precursor do Anticristo, com suas tropas de muitas nações, lutará contra o verdadeiro Cristo, o único Salvador do mundo; derramará muito sangue e pretenderá aniquilar o culto a Deus para ser tido como um deus.

A terra será castigada com todo tipo de pragas [além da peste e da fome, que serão gerais]; **haverá guerras, até a última que os dez reis do Anticristo farão, os quais terão todos um mesmo plano e serão os únicos que governarão o mundo. Antes que isso aconteça, haverá uma espécie de falsa paz no mundo; só se pensará em divertir-se; os malvados se entregarão a toda espécie de pecados; mas os filhos da santa Igreja, os filhos da fé, meus verdadeiros imitadores, crescerão no amor de Deus e nas virtudes que me são mais queridas. Bem-aventuradas as almas humildes guiadas pelo Espírito Santo! Eu lutarei com elas até que cheguem à plenitude da idade.**

A natureza clama por vingança contra os homens e treme de espanto esperando o que deve acontecer na terra encharcada de crimes. **Tremei, terra, e vós, que professais servir a Jesus Cristo e que interiormente vos adorais a vós mesmos, tremei; pois Deus vos entregará ao seu inimigo, porque os lugares santos estão na corrupção; muitos conventos já não são casa de Deus, mas pastos de Asmodeus e dos seus. Durante esse tempo nascerá o Anticristo de uma religiosa hebraica, uma falsa virgem que terá comunicação com a antiga serpente e o mestre da impureza; seu pai será um bispo.** Ao nascer, vomitará blasfêmias e terá dentes. Em uma palavra, será o diabo encarnado. Dará gritos aterrorizantes, fará prodígios, alimentar-se-á apenas de impurezas. Terá irmãos que, embora não sejam outros demônios encarnados como ele, serão filhos do mal. Aos doze anos, eles se destacarão pelas extraordinárias vitórias que obterão. Depois, cada um estará à frente de exércitos, assistidos por legiões do Inferno.

As estações mudarão. A terra só produzirá maus frutos. Os astros perderão seus movimentos regulares. A lua não refletirá mais do que uma luz vermelha fraca. A água e o fogo causarão movimentos convulsivos e terremotos horríveis no globo terrestre que engolirão montanhas, cidades etc.

ROMA PERDERÁ A FÉ E SE CONVERTERÁ NA SEDE DO ANTICRISTO

Os demônios do ar, com o Anticristo, farão grandes prodígios na terra e nos ares, e os homens se corromperão cada vez mais. Deus cuidará de seus fiéis seguidores e dos homens de boa vontade. O Evangelho será pregado por toda parte, todos os povos e todas as nações conhecerão a verdade.

Dirijo um apelo urgente à terra; chamo os verdadeiros discípulos de Deus que vive e reina nos céus; chamo os verdadeiros imitadores de Cristo feito homem, o único e verdadeiro Salvador dos homens; chamo meus filhos, meus verdadeiros devotos que se consagraram a mim para que os conduza a meu divino Filho, aqueles que levo, por assim dizer, em meus braços, aqueles que viveram do meu espírito; enfim, chamo os apóstolos dos últimos tempos, os fiéis discípulos de Jesus Cristo que viveram no desprezo do mundo e de si mesmos, na pobreza e na humildade, no desprezo e no silêncio, na oração e na mortificação, na castidade e na união com Deus, no sofrimento e desconhecidos do mundo. Já é hora de sair e vir iluminar a terra. Ide e mostrai-vos como meus filhos queridos. Eu estou convosco e em vós, contanto que vossa fé seja a luz que vos ilumine nestes dias de infortúnio. **Que vosso zelo vos faça famintos pela glória de Deus e pela honra de Jesus Cristo. Combatei, filhos da luz, vós, pequeno número que aí vedes; pois eis o tempo dos tempos, o fim dos fins.**

A Igreja será eclipsada, o mundo ficará consternado. Mas eis Enoc e Elias, cheios do Espírito de Deus, e os homens de boa vontade crerão em Deus, e muitas almas serão consoladas; farão grandes prodígios pela virtude do Espírito Santo e condenarão os erros diabólicos do Anticristo.

Ai dos habitantes da terra! Haverá guerras sangrentas e fomes, pestes e doenças contagiosas; haverá chuvas de uma mortalidade espantosa de animais; haverá trovões que arrastarão consigo cidades inteiras; terremotos que engolirão países inteiros. Ouvir-se-ão vozes do alto dos céus. Os homens baterão cabeça contra as paredes, chamarão a morte e, por outro lado, a morte será o único remédio para os sobreviventes. O sangue correrá por toda parte. Quem poderá estar a salvo *se Deus não diminuir o tempo da provação*? Enoque e Elias serão mortos. **Roma pagã desaparecerá; fogo do céu cairá e consumirá três cidades; o universo inteiro será preso no terror, e muitos serão seduzidos por não terem adorado o verdadeiro Cristo, que vivia entre eles. Chegou o momento: o sol se escurece; somente a fé sobreviverá.**

Eis o tempo: o abismo se abre. **Eis o rei dos reis das trevas. Eis a besta dos súditos, chamando-se o salvador do mundo. Ele se elevará com orgulho pelos ares para subir até o céu; será sufocado pelo sopro de São Miguel Arcanjo. Cairá e a terra, que passará três dias em contínuas convulsões, abrirá seu seio cheio de fogo: será afundada para sempre, com todos os seus, nos abismos eternos do inferno. Então a água e o fogo purificarão e consumirão todas as obras do orgulho dos homens e tudo será renovado: Deus será servido e glorificado.**

Esta versão do Segredo (a mais conhecida e completa) também foi publicada por Mélanie, com imprimátur da Diocese de Lecce, na Itália.

Nihil obstat: imprimátur.
Datum Lýciii, ex Curia Episcopáli, die 15 Nov. 1879.
Vicárius Generális,
CARMÉLUS Archid. COSMA.

O Papa Leão XIII recebeu Mélanie em 3 de dezembro de 1878, pois queria que ela retornasse à França e estabelecesse a Regra da Ordem da Mãe de Deus em La Salette. Mélanie disse: "Santo Padre, o Bispo [Amand-Joseph Fava] de Grenoble não me permitirá estabelecer sua própria regra". Diante disso, o Papa pediu a ela que escrevesse algumas Constituições, que poderiam servir como a Regra (que é parte integrante do Segredo). A partir de janeiro de 1879, Mélanie escreveu as Constituições, que foram entregues à Congregação para os Religiosos, que as aprovou em maio.

O Papa balançou tristemente a cabeça ao considerar que não podia exercer sua vontade na França. Os bispos franceses não eram obedientes; parecia que estavam à beira do cisma.

Quando Mélanie saiu dos aposentos papais, um dos cardeais presentes na entrevista lhe disse: “Espero que você tenha ombros largos, porque quando o Segredo for publicado, toda a França cairá sobre eles.” Mélanie respondeu: “Prefiro desagradar aos franceses do que a Deus Todo-Poderoso.” A partir de janeiro de 1879, ela escreveu as Constituições, que foram entregues à Congregação para os Religiosos e aprovadas em maio. Essa solicitação do Papa (e aprovação das Constituições) é um verdadeiro reconhecimento da autenticidade do Segredo.

Em 1922, o TEXTO COMPLETO mencionado acima foi divulgado novamente, com Licença do Reverendo Padre Alberto Lepidi O.P., Mestre do Sagrado Palácio e Assistente Perpétuo da Congregação do Santo Ofício (o re-imprimátur foi concedido em Roma porque na França os bispos rejeitavam sequer tomar conhecimento da Profecia).

Padre Alberto Lepidi OP

OS ATAQUES DE CONDENAÇÃO CONTRA O SEGREDO

O jornal “L'Osservatore Romano” de 25 de dezembro de 1904, comenta que “Mélanie revelou seu Segredo no momento em que lhe foi indicado, embora ela soubesse que tal ação atrairia sobre ela a ira daqueles que, tendo perdido todo senso de moralidade, estavam ligados ao carro da seita Maçônica”.

A primeira condenação foi realizada em 1880 pelo Mons. Pierre-Louis-Marie Cortet, bispo de Troyes, que afirmou que o folheto de Amadeo Nicolás “causa problemas na França” e exigiu sua condenação pela Congregação do Índex. Em junho, a Congregação se declarou incompetente, pois “É uma questão de fé [e não de doutrina] saber se o clero e as ordens religiosas estão tão corrompidos ou não”, remetendo o caso à Inquisição (é importante observar que naquela época eram duas congregações diferentes: a Congregação do Índex lidava com a avaliação de livros ou escritos denunciados a Roma ou proibidos pelas outras congregações romanas – e o Papa deveria aprovar as atualizações do Índice de Livros Proibidos –, enquanto a Inquisição – São Pio X mudou o nome para Santo Ofício em 1908 – tratava dos desvios de fé. Em 1917, Bento XV suprimiu a Congregação do Índex e transferiu suas funções para o Santo Ofício).

Além disso, a Congregação do Índex aprovou o folheto de 1879 alguns meses antes de sua impressão, e a Congregação de Ritos aprovou as Constituições que Mélanie redigiu a partir da Regra da Ordem da Mãe de Deus.

Diante de tal rejeição, Monsenhor Cortet ameaçou o cardeal Prospero Caterini (secretário da Suprema e Sagrada Congregação da Inquisição Romana e Universal, e tio-bisavô de Eugenio Pacelli – o futuro Pio XII -) de retirar o Óbolo de São Pedro "se não fizesse algo em seu favor". Para apaziguar a situação, o cardeal respondeu em 14 de agosto:

> Reverendíssimo senhor,
> A Sagrada Congregação da Inquisição recebeu da Congregação do Índice a carta que vossa eminência enviou em 23 de julho passado, relativa ao opúsculo intitulado "A Aparição da Santíssima Virgem na montanha de La Salette". Os Eminentes Cardeais, juntamente comigo, Inquisidores Gerais da Fé, julgamos digno dos maiores elogios o zelo que demonstrastes ao denunciar este opúsculo. Queremos que saibais que o Santo Ofício está insatisfeito com a publicação deste livro. Seu desejo expresso é que cada cópia que tenha sido colocada em circulação seja, na medida do possível, retirada das mãos dos fiéis, mas mantida entre as mãos do clero para seu aproveitamento.
> Prospero Card. Caterini, Roma, 14 de agosto de 1880.

Ao receber esta carta em 14 de agosto, Monsenhor Cortet ficou muito desapontado, pois embora o cardeal tenha pedido que retirasse o opúsculo das mãos dos fiéis, ele disse para "mantê-lo nas mãos do clero para seu aproveitamento". Esta última frase prova que o Vaticano não apenas não condena o opúsculo, mas valida de certa forma a origem divina do Segredo (o que não aconteceria se fosse algo nascido da imaginação de uma vidente).

Apesar de ser uma carta privada não vinculativa (foi escrita em papel sem cabeçalho da Congregação, sem número de registro, sem selo oficial, apenas com a assinatura do cardeal Caterini. Não menciona a data da reunião da Congregação - o que é obrigatório para casos semelhantes), dirigida EXCLUSIVAMENTE AO BISPO CORTET, este a publica e a envia ao bispo de Nîmes, Mons. François-Nicolas-Xavier-Louis Besson, que a faz publicar na Semana Religiosa de Nîmes de 5 de setembro de 1880, mas de forma truncada (a frase "mas mantenham-no entre as mãos do clero para seu proveito" foi substituída por reticências), conforme o comunicado a seguir:

Monsenhor, o Bispo de Nîmes, assim como vários de seus colegas, denunciou à Sagrada Congregação da Inquisição um opúsculo recentemente publicado sob o título: "A Aparição da Santíssima Virgem na Montanha de La Salette", que supostamente conteria o segredo de Mélanie. A Sagrada Congregação da Inquisição expressou seu julgamento sobre este opúsculo em uma carta dirigida a Monsenhor, o Bispo de Troyes, por Sua Eminência, o Cardeal Caterini, Prefeito da referida Congregação. A importância desta decisão nos obriga a divulgá-la sem demora.

> Reverendíssimo senhor,
> A Sagrada Congregação da Inquisição recebeu da Congregação do Índice a carta que vossa grandeza enviou em 23 de julho passado referente ao opúsculo intitulado: "A Aparição da Santíssima Virgem na montanha de La Salette". Os Eminentes Cardeais e eu, Inquisidores Gerais da Fé, julgamos digno dos maiores elogios o zelo que demonstrastes ao denunciar este opúsculo. Queremos que saibais que o Santo Ofício está insatisfeito com a publicação deste livro. Seu desejo expresso é que cada cópia que foi colocada em circulação seja, na medida do possível, retirada das mãos dos fiéis…
> Roma, 14 de Agosto.
> P. Card. Caterini

Não apenas o bispo de Nîmes usou essa estratégia para tentar fazer crer que o Segredo foi condenado. Uma semana antes, o cardeal Caterini escreveu uma carta muito similar ao padre Pierre Archier, primeiro Superior Geral dos Missionários de La Salette. O texto dessa carta foi publicado no jornal L'Ami du clergé em 26 de agosto de 1897, e também terminava em vários pontos suspensivos, deixando entender que não passava de um extrato da carta. Os padres de La Salette jamais quiseram publicar a carta em sua integralidade.

Voltando ao comunicado do bispo de Nîmes, este contém um erro: o cardeal Caterini não era o prefeito da Congregação da Inquisição, mas sim seu secretário. O prefeito na época era o Papa.

Além dos defeitos apontados acima, a expressão “os eminentes cardeais e eu” indica que era uma carta pessoal que expressava o aviso do cardeal Caterini e de alguns membros da Congregação, e a expressão “insatisfeito” não é uma fórmula de condenação. O desagrado não é uma condenação formal da Santa Sé: para isso, seria necessário emitir um documento oficial da Congregação do Índex, com a assinatura obrigatória do Papa. A carta do cardeal Caterini não poderia comprometer nem a Congregação do índex nem a Santa Sé, muito menos uma condenação oficial de ambos. Mélanie e seu diretor espiritual, Monsenhor Salvatore Luigi Zola CRL, consultaram várias personalidades do Vaticano, principalmente o cardeal [Inocêncio] Ferrieri e Monsenhor Giuseppe Pennacchi, consultor do Índex, que afirmaram desconhecer a carta acusada. Mais tarde, o secretário do cardeal Caterini, que redigiu a carta, apresentou desculpas formais a Monsenhor Zola, acrescentando que a redigiu sob pressão.

Mons. Salvatore Luigi Zola CRL

Alguns anos mais tarde, em uma carta datada de 5 de março de 1896, Monsenhor Zola revela os detalhes deste assunto, especificando as circunstâncias da carta do cardeal Caterini e os prelados que reconheciam a autenticidade do Segredo:

(…) Entretanto, houve uma forte pressão junto à Santa Sé para que o opúsculo de Mélanie fosse incluído no Índice. Alguns afirmaram que, nesta circunstância, vários cardeais se reuniram para julgá-lo; quanto foi feito é completamente desconhecido; mas posso afirmar com certeza, até mesmo oficialmente, que todos os esforços para obter a proibição formal do opúsculo foram em vão.

Apenas no final, para acalmar um pouco os prelados franceses que continuaram a guerra contra o Segredo, o cardeal Caterini, secretário do Santo Ofício, escreveu uma carta na qual afirmava que o Santo Ofício via com desagrado a publicação do Segredo (referindo-se principalmente à parte relacionada ao clero) e não considerava apropriado deixá-lo nas mãos dos fiéis.

Esta carta dizia que fossem retirados, se possível, esses exemplares das mãos dos fiéis. Isso é o que conseguimos obter de Roma.

Mas os jornais, mentirosos como de costume, publicaram que o Santo Ofício acabara de emitir uma proibição absoluta do opúsculo, o que logo gerou dúvidas nas almas fracas sobre a própria realidade da aparição de Nossa Senhora de La Salette.

Na realidade, o opúsculo de Mélanie nunca foi incluído no Índex: apenas expressa-se a vontade de não vê-lo nas mãos dos fiéis, precisamente devido à parte relacionada ao clero; mas nesta carta não há uma única palavra que possa enfraquecer a autenticidade deste mesmo segredo, nem o valor das profecias que ele inclui.

Todos os prelados e outros dignitários eclesiásticos que conheço e que tiveram conhecimento do Segredo, todos sem exceção, emitiram um julgamento completamente favorável a este mesmo Segredo, seja em relação à sua autenticidade, seja do ponto de vista divino, aprovado através da peneira das Sagradas Escrituras, o que confere ao Segredo um caráter de verdade que atualmente é inseparável. Entre esses prelados, basta mencionar o cardeal [Domenico] Consolini, o cardeal [Filippo Maria] Guidi, o cardeal [Sisto] Riario Sforza, arcebispo de Nápoles, Monsenhor [Mariano] Ricciardi, arcebispo de Sorrento, Monsenhor [Francesco Saverio] Petagna, bispo de Castellammare, e outros ilustres prelados cujos nomes não me vêm à memória no momento.

As supostas condenações ao segredo de La Salette (ou melhor, contra os livros publicados pelo padre Gilbert-Joseph-Émile Combe, padre diocesano de Moulins em 1901 e 1907) foram instigadas por prelados inimigos de La Salette: os bispos de Moulins, Auguste Dubourg – para agradar ao cardeal Adolphe Louis Albert Perraud CO, inimigo de La Salette e liberal – e Émile Lobbedey, o bispo de Dijon, Pierre Dadolle, e o cardeal Louis Henri Joseph Luçon, arcebispo de Reims – condenação negada pelo padre Lepidi em 16 de dezembro de 1912. Em punição, Deus permitiu que a catedral de Reims fosse bombardeada às 15h do dia 19 de setembro de 1914 (a mesma data e hora em que a Virgem apareceu em La Salette), como relatado pelo próprio Padre Combe em seu Diário.

No boletim da diocese de Reims de 25 de maio de 1912, o cônego Aimable Frézet afirmou o seguinte:

> “Dizemos, de fato, que o conjunto de grosseiras e tolices publicadas sob o título de Segredo de La Salette etc… ou de Segredo de Mélanie etc… foi colocado no Índex em 7 de junho de 1901 e 12 de abril de 1907”.

Sabendo que essas afirmações eram pelo menos parcialmente errôneas, Henri Prévost de Sanzac, marquês de la Vauzelle, escreveu em 6 de novembro de 1912 ao Cardeal Louis Henri Joseph Luçon, Arcebispo de Reims. Em sua carta de 27 de novembro, Sua Eminência responde: “…Os artigos do Boletim refletem bem meu próprio sentimento”, acrescentando que transmitiria ao Padre Lepidi, Mestre do Sacro Palácio, Membro do Santo Ofício e do Índice, as três perguntas feitas pelo Marquês de la Vauzelle, para saber se as obras mencionadas no Índice, cujas datas foram fornecidas pelo Boletim de Reims, referiam-se ao opúsculo de Mélanie ou apenas às obras em que ele era citado e comentado, e que “Assim que tiver a resposta do Padre Lepidi, se ele tiver a gentileza de me responder, eu lhe informarei”.

Em 19 de dezembro de 1912, o cardeal Luçon escreveu ao Marquês de la Vauzelle:

"Senhor Marquês,

Aqui está a resposta que recebi do Rev. Padre Lepidi às três perguntas levantadas em suas cartas de 6 e 25 de novembro e 13 de dezembro:

Recebi informações seguras sobre o assunto do Segredo de La Salette perante as Congregações Romanas do Índice e do Santo Ofício:

1. O Segredo de La Salette nunca foi condenado de maneira direta e formal pelas Sagradas Congregações de Roma.
2. Dois livros do sr. Gilbert-Joseph-Émile Combe foram condenados pelo Índice:

- Um em 1901: Le Grand Coup avec sa Date Probable, étude sur le Secret de La Salette, augmenté de la brochure de Mélanie et autres pièces justificatives.
- O outro livro em 1907: Le Secret de Mélanie et la Crise Actuelle.

3 - Essas condenações se referem diretamente e formalmente aos dois livros escritos pelo sr. Combe e não ao Segredo."

Peço a Vossa Excelência aprovação, etc…
Vaticano, 16 de Diciembre de 1912.
Alberto Lepidi, O. P.”

Transmitindo-lhe esta resposta, peço-lhe, senhor Marquês, que aprove a expressão dos meus respeitosos sentimentos.
J. Card. Luçon, Arzobispo de Reims».

Durante uma visita a Roma, o cardeal de Cabrières, Arcebispo de Nîmes, em 1915, solicitou novamente a condenação do livro de 1879. No número de 31 de dezembro de 1915 das "Acta Apostolicae Sedis", vol. VII, pág. 594, apareceu um "Decreto" que não traz a assinatura de nenhum dos Cardeais dignitários ou membros da Sagrada Congregação (pelo menos deveria ser assinado pelo Secretário do Santo Ofício, o Cardeal Rafael Merry del Val, e um Bispo avaliador), mas apenas a do seu notário, Luis Castellano, e, além disso, sem nenhuma menção à data, nem à votação do “Decreto” na reunião da Congregação do Santo Ofício (a "Feria", que ocorre às quartas-feiras), nem sua apresentação para aprovação do Papa Bento XV... O referido “Decreto” diz:

SUPREMA E SAGRADA CONGREGAÇÃO DO SANTO OFÍCIO

DECRETO SOBRE O QUE AS PESSOAS CHAMAM DE “Segredo de La Salette”

Chegou ao conhecimento desta Suprema Congregação que alguns, mesmo entre o clero, desconsiderando as respostas e decisões desta Sagrada Congregação, procedem a discutir e analisar através de livros, pequenas obras e artigos publicados em periódicos, seja assinado ou anônimo, em relação ao chamado segredo de La Salette, sobre suas várias formas e sua adequação aos tempos presentes e futuros, e não apenas sem a permissão dos ordinários, mas também contra sua proibição.

Para que esses abusos que se opõem à verdadeira piedade e ferem grandemente a autoridade eclesiástica possam ser contidos, a mesma Sagrada Congregação ordena a todos os fiéis de qualquer região que não discutam nem investiguem sob nenhum pretexto, nem através de livros, pequenas obras ou artigos, seja assinado ou não assinado, ou de qualquer outra forma, sobre o tema mencionado. Quem quer que viole este preceito do Santo Ofício, se forem sacerdotes, serão privados de toda dignidade e suspensos pelo Ordinário do lugar de ouvir confissões e celebrar a Missa; e, se forem leigos, não lhes será permitido acessar os sacramentos até que se arrependam.

Além disso, que as pessoas se sujeitem às sanções estabelecidas tanto pelo Papa Leão XIII na Constituição “Officiorum ac munerum” contra aqueles que publicam livros que tratam de assuntos religiosos sem a autorização legítima dos superiores, quanto por Urbano VIII, por meio do decreto “Dominus Noster Sanctissimus” dado em 13 de março de 1625, contra aqueles que divulgam afirmações reveladas sem a permissão dos ordinários. No entanto, este decreto não proíbe a devoção à Santíssima Virgem sob o título de “Reconciliadora”, comumente conhecida como “de La Salette”.

Feito em Roma, na Sede do Santo Ofício, no dia 21 de dezembro de 1915.
Luis Castellano, Notário da Sagrada Romana e Universal Inquisição.

Agora, é verdade que este “Decreto Ad Supremæ” (feito por instigação do cardeal De Cabrières) proíbe “discutir e analisar em relação ao chamado segredo de La Salette”, ou seja, “adicionar qualquer explicação ou comentário ao próprio texto” (Henri Dion, em La Salette, dans Mélanie Calvat, bergère de La Salette: étapes humaines et mystiques). Mas ele não impõe absolutamente nenhuma censura, nem sobre o opúsculo de Mélanie, nem sobre o Segredo em particular, nem qualquer proibição de possuí-los, lê-los e distribuí-los. O mérito reside em que se trata de acabar com os abusos de alguns autores de livros e comentários sobre o Segredo, deixando aos católicos a alegria das altas autorizações conferidas ao opúsculo de Mélanie pelos

Imprimátur do Cardeal Riario Sforza, Arcebispo de Nápoles, e de Mons. Zola, Bispo de Lecce; sem mencionar as aprovações dos Cardeais FERRIERI e GUIDI, e até mesmo do Papa Leão XIII, que não apenas aprovou duas vezes o opúsculo de Mélanie oferecido pelo autor, mas também encarregou o Sr. Amadeo Nicolás, advogado em Marselha, de "preparar um folheto explicativo do Segredo em sua totalidade para que o público o compreenda bem". Além disso, o professor Jacques Maritain, do Institut Catholique de Paris, escreveu um artigo sobre o espírito e o alcance do decreto, o qual foi entregue ao Papa Bento XV em 2 de abril de 1918, em uma audiência privada, após o que o Pontífice lhe disse "O Segredo é de origem divina em sua substância".

Sobre uma condenação aparecida no Decreto publicado nas Acta Apostolicae Sedis vol XV (ano 1923), páginas 287 e 288, que estabelece o seguinte:

SUPREMA E SAGRADA CONGREGAÇÃO DO SANTO OFÍCIO
DECRETO CONDENATÓRIO DO OPÚSCULO "L'apparition de la Très Sainte Vierge de La Salette"

Quarta-feira, 9 de maio de 1923

Na Sessão Geral da Suprema e Sagrada Congregação do Santo Ofício, os Eminentes e Reverendíssimos Senhores Cardeais encarregados da tutela da Fé e dos Costumes proscritaram e condenaram o opúsculo "L'apparition de la Très Sainte Vierge sur la sainte montagne de la Salette le samedi 19 septembre 1845 - Simple réimpression du texte intégral publié par Mélanie, etc. Société Saint-Augustin, Paris-Rome-Bruges, 1922", ordenando, a quem tenha direito, que proceda de forma a retirar os exemplares do opúsculo condenado das mãos dos fiéis.

E no mesmo dia, o Nosso Santíssimo Padre Pio, pela Divina Providência Papa XI, na audiência ordinária concedida ao Reverendo Padre Assessor do Santo Ofício, aprovou, conforme o relatório que lhe foi apresentado, a resolução dos Eminentes Padres.

Feito em Roma, no Palácio do Santo Ofício, no dia 10 de maio de 1923.
Luis Castellano, Notario de la Sagrada Romana y Universal Inquisición

---

Curiosamente, o decreto, além de apresentar um título truncado (o título original era "L'apparition de la Très Sainte Vierge sur la sainte montagne de la Salette le samedi 19 septembre 1846 - Simple réimpression du texte intégral publié par Mélanie, avec l'imprimatur du Sa Grandeur, Monseigneur Sauveur-Louis, comte Zola, Évêque de Lecce, en 1879, suivi de quelques pièces justificatives – Le tout publié avec l'imprimatur de R.P. A. Lépidi, O.P., Maître du Sacré-Palais, assistant perpétuel de la Congrégation de l'Index, délivré à Rome le 6 juin 1922. Société Saint-Augustin, Paris-Rome-Bruges, 1922") e omitir o Imprimatur concedido em 6 de junho de 1922, incorre em um erro: as aparições de La Salette ocorreram em 1846, não em 1845.

A condenação anterior (que ocorreu na ausência do padre Lepidi, que estava doente; uma vez recuperado, ele manteve o Imprimatur em sua obra de 1922) foi por uma falsificação publicada por um comandante de artilharia chamado Henri Grémillon, também conhecido como "Mariavé" (ele inseriu em mil exemplares, que imprimiu no mesmo formato do livro legítimo, cerca de doze páginas com afirmações delirantes e caluniosas sobre a Igreja, datadas de 2 de fevereiro de 1923 e enviadas a vários clérigos franceses), e foi ordenada a recolha dos exemplares dessa edição específica (os canonistas afirmam que se uma edição de um livro é especificada no decreto do Índex, a proibição não afeta as edições anteriores). O pseudônimo "Mariavé" remete à seita polonesa dos Mariavitas, fundada em 1906 pelo padre excomungado Jan Maria Micha? Kowalski e pela falsa mística e ex-freira Feliksa Magdalena (em religião Maria Francisca) Koz?owska CSSF, discípulos do padre laicizado e ocultista Joseph-Antoine Boullan (que protegia uma falsa mística).

Uma última tentativa de condenação ocorreu em uma data tão recente quanto 8 de janeiro de 1957, quando o Cardeal Giuseppe Pizzardo, Secretário do Santo Ofício, utilizando-se do decreto de 10 de maio de 1923,

escreve ao Padre Francesco Molinari, procurador-geral da Congregação dos Missionários de La Salette, dizendo: "Devo informar-vos que esta Suprema Congregação examinou e condenou, pelo decreto citado, o opúsculo 'L'Apparition de la Très Sainte Vierge sur la montagne de La Salette', incluindo a versão do Segredo de 1879 editada e difundida pela Sociedade São Agostinho, embora sem a carta do Dr. Mariavé". Além de ser uma carta privada sem qualquer força vinculativa (não houve reunião para redigir o Decreto, que segundo o Direito deveria ser publicado nas Acta Apostolicae Sedis), o cardeal não apresenta qualquer prova em apoio à sua afirmação, nem explica por que o texto havia recebido um Imprimatur que não foi revogado.

A Oposição Sistemática da FSSPX e o IMBC

Apesar das repetidas aprovações da mensagem de La Salette, da aprovação papal do culto à Aparição e da construção de uma basílica em sua honra, as serpentes da Fraternidade São Pio X sempre tentaram desacreditar essa revelação com palavras como as seguintes do cabalista Jean-Michel Gleize, cujo sobrenome é ilustre na Sinagoga, que conclui após afirmar que cada um tem liberdade para julgar o Grande Segredo de La Salette da maneira que entender:

> "A aparição de La Salette, ocorrida em 1846, foi reconhecida pelo Monsenhor Bruillard, Bispo de Grenoble, em 19 de setembro de 1851. A aparição foi acompanhada por uma mensagem que foi publicada imediatamente e na qual eram denunciados os pecados cometidos contra a santificação do domingo e a abstinência quaresmal.

Por outro lado, a vidente Mélanie Calvat colocou por escrito as mensagens que afirmava ter recebido da Santíssima Virgem, em duas redações curtas e três mais completas. O que é chamado de "Grande Segredo" corresponde à última das redações completas (21 de novembro de 1878).

A este respeito, é preciso começar reconhecendo que nenhum ato canônico autorizou ou proibiu a publicação deste texto.

O grande protetor da vidente, Monsenhor Zola, Bispo de Lecce (Itália), dedicou-se a divulgar a mensagem do Grande Segredo a partir de 1879 e concedeu-lhe o seu "Imprimatur". No entanto, o Bispo de Lecce não possuía o poder jurisdicional necessário para conceder a autorização da Igreja. Esta autorização deveria provir do Bispo de Grenoble, ordinário do local das aparições, ou da Santa Sé.

Às vezes, afirma-se que Pio IX e Leão XIII teriam dado verbalmente seu consentimento ao texto. No entanto, é evidente que esses comentários não oficiais (cuja autenticidade ainda não foi comprovada) não podem substituir um texto canônico promulgado de forma adequada.

Até o momento, o Grande Segredo de La Salette não foi nem aprovado nem reprovado pela Igreja por meio de um julgamento propriamente canônico que seja vinculativo para a adesão dos fiéis.

Diante da falta de reconhecimento oficial por parte da Igreja, cada pessoa tem a liberdade para julgar o Grande Segredo de La Salette da maneira que entender, contanto que esteja em conformidade com as regras da prudência sobrenatural.

Na verdade, teólogos respeitáveis expressaram reservas fundamentadas.

No seu tratado de teologia mística, o Padre [Augustin] Poulain o apresenta assim: "Algumas pessoas consideram que o Segredo de Mélanie de La Salette sofreu modificações por parte da imaginação da vidente. Uma das razões invocadas é que o texto contém acusações muito duras e sem nenhum corretivo sobre os costumes do clero e das comunidades religiosas de 1846 a 1865. A história nos ensina algo completamente diferente, já que mostra um período de fervor e zelo apostólico. Era a época de Pio IX, de Dom Bosco, do Santo Cura d'Ars e da difusão do ensino cristão na França".

Cardeal [Louis] Billot também expressava as mesmas reservas prudentes.

Não há dúvida de que haveria razões para relativizar essas reservas, levando em consideração que esses teólogos escreviam em momentos em que o eventual significado profético da mensagem ainda estava longe de ser evidente.

No entanto, é inegável que, junto com declarações enérgicas de grande teor apocalíptico, o texto contém aqui e ali algumas ingenuidades desconcertantes.

Outra passagem continua sendo motivo, até hoje, de muita discussão e debate: “Roma perderá a fé e se tornará a sede do Anticristo”. Quem poderia negar que, tomada em todo o rigor de seus termos, esta frase é surpreendente e perturbadora para um católico, por mais que esteja ciente da magnitude da crise que afeta a Igreja após o Concílio Vaticano II?

É claro que os eventos do final do século XX legitimam, até certo ponto, o uso da analogia de expressão.

No entanto, algumas analogias contêm sutilezas que podem escapar ao comum dos mortais. Portanto, parece-nos que, à luz da teologia sólida e das regras de discernimento dos espíritos, os católicos devem esperar que as advertências vindas do Céu estejam isentas de qualquer ambiguidade, apresentando-se assim com todas as garantias de autenticidade.

Tudo isso pode nos esclarecer sobre por que Roma até agora não quis autorizar a publicação deste texto, concedendo-lhe o sinal verde de um "nihil obstat" canônico.

A frase de Fátima "O Santo Padre terá muito que sofrer" escapa a essas ambiguidades, pois o uso de um circunlóquio evita prejudicar a instituição divina e não há nada que choque nosso espírito de fé: aqui podemos respirar tranquilamente, em um ambiente perfeitamente católico.

A frase de La Salette é talvez mais forte, embora se possa lamentar a falta de devida suavidade.

Claro que não é exatamente como Lutero falava, que identificava o Papa com o Anticristo.

Entretanto, diante da ausência de uma declaração autorizada do magistério, não se poderia reprovar a um católico as dúvidas que ele tivesse sobre a origem divina dessas revelações.

No sermão das consagrações em 30 de junho de 1988, Monsenhor Lefebvre cita essa profecia de La Salette, mas evita reproduzir a expressão atribuída por Mélanie à Santíssima Virgem. Ele se contenta em dizer que "a Santíssima Virgem anunciou que haverá como um eclipse em Roma, um eclipse da fé".

Talvez nos respondam que ninguém pode pretender ser mais sábio que a Virgem Maria...

Mas toda a questão reside precisamente em saber se o Grande Segredo de La Salette tem origem divina.

Enquanto o magistério não se pronunciar, cada um tem liberdade para se orientar de acordo com sua própria sabedoria. E parece-nos que, pelo menos no estado atual das coisas, a sabedoria de Monsenhor Lefebvre representa uma garantia suficiente.

O Grande Segredo de La Salette não possui nenhuma aprovação, nem mesmo uma desaprovação. Alguém poderia se recusar a dar crédito a ele por falta de aprovação. Ou poderia conceder-lhe alguma credibilidade. São palavras que, seja qual for sua origem e veracidade, devem sempre ser avaliadas à luz da Revelação pública e da prudência cristã. Ninguém deveria fazer dessa suposta profecia mariana uma espécie de segunda revelação ou um lugar teológico. Deve-se rejeitar categoricamente a frequente manipulação e abuso dessas palavras”. (“As Revelações Privadas e o Segredo de La Salette”, na revista Iesus Christus, da FSSPX - Distrito da América do Sul, nº 136, julho-setembro de 2011, págs. 15-22)

Jean-Michel Gleize

Há um site lefebvrista que se autodenomina "tradicionalista" e tentou desacreditar o texto completo do Segredo de La Salette, argumentando que o texto verdadeiro é aquele que "milagrosamente" apareceu nas mãos de um neo-sacerdote em 1999!

Eis o texto a seguir:

> "Na verdade, graças a uma descoberta recente e inesperada, feita em Roma em 2 de outubro de 1999, os "segredos" revelados pela Virgem Maria em La Salette aos pastores, que foram enviados ao Papa Pio IX em 18 de julho de 1851, acreditando-se perdidos, foram milagrosamente encontrados nos arquivos do antigo Santo Ofício pelo Padre Michel Corteville..." (O segredo autêntico de La Salette, Blog LA QUESTION, 19 de fevereiro de 2012 - Tradução de Antonio Moiño Munitiz para AMOR DE LA VERDADE, 19 de fevereiro de 2012)

Anteriormente, em um site afiliado chamado STAT VERITAS, foi publicado o artigo O SEGREDO DE LA SALETTE (Aparição reconhecida e oficialmente aprovada pela Igreja), mutilando várias seções importantes do mesmo, a saber (Os trechos mutilados estão em negrito):

- OS CASTIGOS QUE OCORRERÃO DURANTE 35 ANOS POR ABANDONO A DEUS: "Os líderes, os condutores do povo de Deus, negligenciaram a oração e a penitência, e o demônio obscureceu suas inteligências, tornando-se estrelas errantes que o velho diabo arrastará com sua cauda para fazê-los perecer. Deus permitirá que a antiga serpente semeie divisões entre os soberanos, em todas as sociedades e em todas as famílias. **Sofrer-se-ão penas físicas e morais. Deus abandonará os homens a si mesmos e enviará castigos que se sucederão durante mais de trinta e cinco anos**".
- ADVERTÊNCIA A PÍO IX SOBRE NAPOLEÃO III: "**Que desconfie de Napoleão, seu coração é dúbio; e quando quiser ser ao mesmo tempo Papa e Imperador, muito em breve Deus se afastará dele. É como aquela águia que, querendo sempre elevar-se, cairá sobre as costas da qual queria servir-se para obrigar os povos a exaltá-lo**".
- O NASCIMENTO DO ANTICRISTO COMO FILHO CARNAL DE UMA FREIRA HEBRAICA E DE UM BISPO: "Durante esse tempo, o Anticristo nascerá **de uma religiosa hebraica, uma falsa virgem que terá comunicação com a antiga serpente e o mestre da impureza; seu pai será bispo. Ao**

nascer, vomitará blasfêmias e terá dentes. Em uma palavra, será o diabo encarnado. Dará gritos aterrorizantes, fará prodígios e só se alimentará de impurezas. Terá irmãos que, embora não sejam demônios encarnados como ele, serão filhos do mal. Aos doze anos, eles se destacarão pelas extraordinárias vitórias que obterão. Depois, cada um estará à frente de exércitos, assistidos por legiões do inferno!"

- O DEMÔNIO FOI DESATADO EM 1864 E ATACA ESPECIALMENTE OS CONSAGRADOS: "**No ano de 1864, Lúcifer, com grande número de demônios, será solto do Inferno. Eles abolirão a fé gradualmente, até mesmo entre as pessoas consagradas a Deus; eles as cegarão de tal forma que, a menos que recebam uma graça particular, essas pessoas adotarão o espírito de seus anjos maus**".
- A EXTINÇÃO DA FÉ CAUSARÁ FALSOS PRODIGIOS: "**Haverá por toda parte prodígios extraordinários, porque a verdadeira fé se extinguiu e a falsa luz ilumina o mundo**".
- As instituições e os valores tradicionais desaparecerão: "**Os poderes civis e eclesiásticos serão abolidos; toda ordem e toda justiça serão pisoteadas**; ver-se-ão apenas homicídios, ódio, inveja, mentira e discórdia sem amor pela pátria e pela família".
- A ABOMINAÇÃO NO SANTUÁRIO: "**No ano de 1865, a abominação será vista em lugares sagrados, nos conventos, as flores da Igreja estarão corrompidas e o demônio será como o rei dos corações**". (Está profecia se cumprirá cem anos depois).
- VIOLÊNCIA E HOMICÍDIOS ATÉ MESMO NAS CASAS: "**Os perversos desdobrarão** toda a sua malícia, matar-se-ão, assassinar-se-ão mutuamente até dentro das casas".
- A FALSA PAZ FARÁ ESQUECER OS PECADOS: "**Essa paz entre os homens não será duradoura: 25 anos de colheitas abundantes farão esquecer que os pecados dos homens são a causa de todos os males que acontecem na Terra**".
- UM LÍDER QUE TENTARÁ ABOLIR A RELIGIÃO: "Um precursor do anticristo, com suas tropas de muitas nações, lutará contra o verdadeiro Cristo, o único salvador do mundo; ele derramará muito sangue e tentará aniquilar o culto a Deus para ser considerado como um Deus".
- Revoluções na natureza: "A Terra produzirá apenas maus frutos. Os astros perderão seus movimentos regulares. A lua não refletirá mais do que uma luz vermelha fraca. A água e o fogo causarão movimentos convulsivos e terremotos horríveis no globo terrestre, engolindo montanhas, cidades, etc..."
- O DEVER DE RESISTIR: "Lutem, filhos da luz, vós, pequeno número que aqui estais; **pois eis que é o tempo dos tempos, o fim dos fins**".

Mas não é apenas o padre Gleize (ou pelo menos, ele não é o primeiro a se opor) ao Segredo de La Salette: Em 1999, traindo Monsenhor Guérard des Lauriers, que era um grande devoto de Nossa Senhora de La Salette (um fato que obrigou as Irmãs de Maria Mãe Compassiva Imaculada em Crézan, grandes devotas da Virgem de La Salette, a preferir não receber os Sacramentos a apoiar os inimigos de La Salette), o padre Francesco Ricossa (Revista Sodalitium, n. 48 - Abril de 1999 - e 52 - Janeiro de 2002 -, edição francesa, págs. 59 e 96 respectivamente), extrapola a condenação do Segredo de uma carta escrita em 1975 pelo Cardeal Pizzardo. Ricossa pretende que este cardeal não era "nem modernista, nem liberal", quando na verdade:

Ele era conhecido por ter sido um dos primeiros patronos e mentores de Giovanni Battista Montini, o futuro Paulo VI, de quem se diz que votou no cardeal Pizzardo no conclave de 1963. Embora seus relacionamentos tenham se tornado mais distantes depois que Montini ascendeu ao trono de São Pedro, a última viagem de Paulo VI fora de sua residência de verão antes de morrer em agosto de 1978 foi para uma missa comemorativa pelo aniversário do falecido cardeal.

Em sua carta, o referido cardeal afirma que o opúsculo contendo o Segredo "foi condenado" em 1923 "embora sem a carta do Doutor Mariavé". Esta carta não prova senão que o referido cardeal Pizzardo estava sob a influência da oposição ao Segredo e que ele próprio poderia ter sido um opositor declarado, ignorando os Imprimáturs concedidos pelo cardeal Sforza, Monsenhor Zola e o Padre Lepidi, e as aprovações e encorajamentos dos papas Pio IX e Leão XIII. Seria concebível e apropriado que a Igreja revertesse seu julgamento dessa forma?

Francesco Ricossa

O Padre Ricossa se esforça para fazer crer (e acreditar ele mesmo) que a carta privada do Cardeal Pizzardo é resultado de um julgamento canônico sobre o Segredo e reflete o pensamento oficial da Igreja... e que:

1. O segredo foi condenado pelo decreto de 1923. Agora, o decreto, citado pelo próprio Ricossa em seu artigo do Sodalitium, "proíbe a posse e a leitura"... do opúsculo pelos fiéis, então o conteúdo não é condenado!
2. Sim, o decreto do Santo Ofício de 1923 trata do Segredo e não das adições inoportunas do Dr. Grémillon (Mariavé). Essa não é a implicação da expressão "aunque sin" na carta do Cardeal Pizzardo?

Estranhamente, o Padre Ricossa não reproduz o Decreto de 1915 no número 52 de sua revista Sodalitium, como fez com o de 1923. Você acha que o caráter duvidoso e anônimo do texto escaparia até mesmo aos olhos do leitor desavisado? O que evidencia ainda mais sua falta de critério é apoiar-se em "numerosas cartas do cardeal Caterini –secretário do Santo Ofício– durante o ano de 1880", o que é uma inverdade que denota ignorância ou má-fé sobre o assunto: houve apenas duas cartas do Cardeal Caterini (uma para o Padre Archier, Superior Geral dos Missionários de La Salette, e outra para o Bispo Cortet, datadas de 8 e 14 de agosto de 1880, respectivamente). Mesmo que houvesse "numerosas cartas", elas não têm valor canônico ou legal algum, e o simples fato de usá-las deixa muito a desejar. Além disso, desde quando a correspondência privada de um cardeal tem força de lei em um assunto reservado ao Papa?

Isso mostra que, assim como a FSSPX retoma todos os argumentos dos inimigos da infalibilidade papal (Centuriadores de Magdeburgo...) para justificar suas posições heterodoxas de "reconhecer e resistir", o Padre Ricossa e o IMBC retomam os argumentos dos opositores mais obstinados de La Salette com a mesma má fé..., destacando que a FSSPX evita cuidadosamente qualquer referência ao Segredo de Mélanie (o cuidado com o qual a Fraternidade ainda proíbe o “Segredo”). Um silêncio excessivamente oportuno, pois, de outra forma, como explicariam aos "seus" fiéis que estão negociando um acordo com a mesma Roma que “perdeu a fé e se tornou a Sede do Anticristo”, como reconheceu o próprio Monsenhor Lefebvre? E que, como evidencia o Padre Francesco Maria Paladino, a mudança de posição do Padre Ricossa (que era sedevacantista em 1986 e acreditava no Segredo) se deve precisamente ao fato de sua adoção da tese de Cassiciacum em 1999 entrar em conflito com a profecia?

Em relação ao padre Hervé Belmont (que rejeita os bispos consagrados sem mandato pontifício - lefebvristas e thucistas -), ele adota a mesma posição que o padre Ricossa e o IMBC. A revista Sodalitium nº 52 diz: "Nos regozijamos por não ser os únicos em nossa posição - que é a da Igreja - após os números 134 e 135 do boletim Notre-Dame de la Sainte-Espérance, onde o padre Belmont mais uma vez demonstra sua submissão ao ensinamento da Igreja e seu equilíbrio habitual ao tomar uma posição sobre a questão que compartilhamos inteiramente".

A posição do Padre Belmont é que os decretos de 1915 e 1923 (ou melhor, a interpretação de que estes condenam o Segredo), além da carta do Cardeal Pizzardo, são vinculativos e uma garantia do reconhecimento da Aparição!

> "Não se submeter às interdições é destruir o reconhecimento [da Aparição]. Se a Igreja foi mal aconselhada e enganada neste caso, por que não o seria em outro?" (Boletim Notre Dame de la Sainte Espérance, Nº 156, Saint-Maixant 33).

Isso implica que se a Igreja pode ser subornada por bispos sem mandato que conseguiram gerar decretos falsos, então também poderia ter sido enganada em 1851, ao reconhecer canonicamente a Aparição, na pessoa do bispo de Grenoble apoiado por Pio IX! Em outras palavras, ele usa chantagem para fazer com que os fiéis rejeitem o Segredo e alegam que a Igreja não é assistida pelo Espírito Santo.

Hervé Belmont

Padre Belmont, Padre Ricossa, Padre Gleize, a mesma batalha!

O TRISTE FIM DOS PRELADOS QUE SE OPUSERAM A LA SALETTE

Como mencionado anteriormente, muitos prelados na França, corrompidos pela riqueza e pelo poder secular, rejeitavam a mensagem da Virgem para Mélanie e Maximino, buscando maneiras de fazê-la desaparecer da Terra. Porém, entre eles, houve aqueles que tiveram que prestar contas de sua oposição frontal à Santíssima Virgem. Por exemplo:

1. **Mons. Jacques Marie Achille Ginoulhiac**, bispo de Grenoble e sucessor de Mons. De Bruillard, foi o primeiro perseguidor de Mélanie e Maximino em relação aos seus segredos. Ele esperava o favor do poder político e um arcebispado com o chapéu cardinalício, e para agradar ao imperador Napoleão III e ao cardeal De Bonald, declarou em 19 de setembro de 1855, em uma homilia em La Salette, que "A missão dos pastores terminou, começa a da Igreja". Infelizmente, suas palavras foram fruto do racionalismo e do ódio aos videntes, e ele tratava Mélanie como louca (um dia, Mélanie falou com algumas mulheres de La Salette, e elas disseram que o bispo Ginoulhiac chamava a vidente de La Salette de louca. Assim que Mélanie se retirou, ele se aproximou das senhoras e disse: "Aquela é a louca com quem estavam conversando"). Além disso, ele era liberal (no Concílio Vaticano, defendeu a liberdade da ciência e rejeitou a infalibilidade papal, saindo antes da votação). Como punição, Ginoulhiac, após receber o chapéu cardinalício anexado ao Arcebispado de Lyon, morreu louco em 17 de novembro de 1875, brincando com bonecas e com seus próprios excrementos...
2. **Mons. Amand-Joseph Fava**, bispo de Grenoble e sucessor de Mons. Ginoulhiac, parece não ter sofrido de excesso de humildade ao tentar impor sua regra, dando preferência àquela que foi dada pela Santíssima Virgem Maria a Mélanie. Ao inaugurar as instalações do jornal La Croix de L'Isère, ele colocou a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, ignorando novamente, dadas as circunstâncias, o favor que a Santíssima Virgem havia concedido à sua diocese (chegou-se até a dizer que os milagres que ocorreriam em La Salette foram transferidos para Lourdes como consequência do desprezo pela primeira invocação). A noite foi feliz nas instalações e ele saiu tarde. Na manhã seguinte, 17 de outubro de 1899, ele foi encontrado morto no chão, desvestido, com os braços torcidos, os punhos cerrados, os olhos e o rosto expressavam o horror de uma visão terrível.
3. **O cardeal Adolphe Louis Albert Perraud**, bispo de Autun, desejava apropriar-se da capela da Imaculada Conceição na Cidadela de Chalon (legado do padre Ronjon para Mélanie), levando o caso à justiça civil, após retirá-lo do tribunal eclesiástico ao perceber que não ganharia lá. Ele viu que o governo, de acordo com a Lei de Separação de 9 de dezembro de 1905, tomou posse de todos os bens de sua casa, e morreu alguns dias depois, em 10 de fevereiro de 1906. Nem mesmo o túmulo que ele fez para si em Paray-le-Monial lhe restou. Por ordem do prefeito, o cortejo, ao chegar, foi levado ao cemitério. Ele é o único bispo na França que não foi enterrado em uma igreja imediatamente após sua morte.
4. **Mons. Aimé-Victor-François Guilbert**, bispo de Amiens e opositor a La Salette, dizia que depois de ser arcebispo de Bordeaux, seria feito cardeal. Ele já tinha promessas feitas para quando recebesse o chapéu cardinalício. Em 9 de agosto de 1889, em Gap, ele foi encontrado um pouco indisposto... Em 15 de agosto, ele foi deixado sozinho por um instante. Quando retornaram, pelas marcas, viu-se que ele se agarrou desesperadamente ao tapete e aos móveis. Ele havia falecido. Durante os funerais pomposos, o pesado caixão caiu de cima do estrado com um estrondo, ecoando sob as altas abóbadas da catedral. A multidão se afastou, assustada, e não compareceu ao enterro que ocorreu à noite.
5. **O cardeal Guillaume René Meignan**, arcebispo de Tours, inimigo declarado de La Salette, faleceu subitamente durante a noite de 19 de janeiro de 1896, após estar em perfeita saúde no dia anterior. Três anos antes, ele havia recebido o chapéu cardinalício e o título presbiteral da Santíssima Trindade no Monte Píncio.
6. **Mons. Georges Darbois**, arcebispo de Paris e um dos últimos galicanistas (portanto, nunca recebeu o chapéu cardinalício), não acreditava em La Salette. E durante duas horas, em 4 de dezembro de 1868, ele fez de tudo para ameaçar Maximino a fim de declarar a falsidade da aparição... Mons. Darbois teve um acesso de riso, dizendo: “Afinal, que discurso é esse da vossa suposta Bela Senhora? Não é mais francês do que sensato... É estúpido o seu discurso! E o Segredo não pode ser senão uma estupidez... Não, eu não posso, eu, o arcebispo de Paris, autorizar tal devoção!”. Maximino respondeu-lhe: “Monsenhor, é tão verdadeiro que a Santíssima Virgem me apareceu em La Salette e que ela me falou, como é verdade que em 1871, Vossa Excelência será fuzilado pela canalha”, e saiu do Arcebispado. Em 19 de setembro de 1870 (aniversário da aparição de Nossa Senhora), as tropas prussianas puseram Paris sob cerco, e em 4 de abril de 1871, Darbois foi encarcerado na prisão Roquette pela Comuna de Paris (que assumiu o poder após a fuga do presidente Adolphe Thiers). Em 24 de maio, ele caiu sob as balas por ordens do líder comunal Théophile Charles Gilles Ferré... depois de fazer uma reparação de honra a Nossa Senhora

de La Salette, quando os prisioneiros tentavam salvá-lo, ele exclamou: “É inútil, Maximino me disse que serei fuzilado”.

7. **O padre Henri Berthier**, missionário de La Salette, cúmplice de Mons. Fava, rotulou a regra da Santíssima Virgem (que o Papa queria impor-lhe) como uma regra impraticável, que exige que os missionários sejam desprovidos de ambição mesmo em relação às coisas mais passageiras. Enviado à Noruega para uma fundação em 1880, achou conveniente colocar ao redor de sua cintura os relógios de ouro que possuía. Acabou caindo na água e afundou sob o peso do ouro.
8. **Mons. Paul-Émile Henry**, bispo de Grenoble, ao pregar aos peregrinos em 14 de julho de 1907, ousou parabenizá-los por terem vindo na festa de Nossa Senhora do Carmo. Ele os alertou sobre o suposto “segredo de Mélanie” e, alegando obter a aprovação de Roma para um ofício em honra de Nossa Senhora de La Salette, mas principalmente com o objetivo de obter o encobrimento do segredo, enviou o cônego Grespellier. Um ano depois, em 14 de julho de 1908, o cônego foi encontrado morto no momento em que ia pegar seu chapéu para se dirigir à Sagrada Congregação. Em 14 de julho de 1911, quatro anos depois, Mons. Henry, em seu velório, assistiu ao seu enterro (ele havia falecido em 8 de julho).
9. **Mons. Hector Irénée Sevin**, arcebispo de Lyon, foi um feroz opositor do Segredo, mas seus esforços foram em vão para colocá-lo no Índice. Ele foi atingido por uma morte súbita em 4 de maio de 1916, e a decomposição se acentuou, apesar da embalsamação, a um ponto aterrorizante durante toda a exposição sob o catafalco. O interior do corpo, relatou o Dr. Leclerc, que assistiu à autópsia, já estava sendo devorado por vermes.
10. **O cardeal Léon Adolphe Amette**, arcebispo de Paris (que anteriormente, como bispo de Bayeux, havia feito de tudo para desacreditar as aparições da Rainha do Santíssimo Rosário em Tilly-sur-Seulles, e confrontou a vidente Marie Martel), a quem um dia a princesa de La Tour du Pin perguntou por que, enquanto o Papa aceitava o Segredo de La Salette, ele o rejeitava em sua diocese... Também suprimiu Le Pèlerin de Marie, uma pequena revista dedicada à defesa de La Salette. Ele também foi atingido por uma morte súbita em 29 de agosto de 1920. Seu rosto foi imediatamente arruinado pela decomposição, a ponto de a exposição ser impossível. Segundo o jornal La Croix, ninguém foi autorizado a entrar na câmara mortuária: o príncipe da Igreja ficou negro como carvão. Quando estavam prestes a lavar seu corpo, sua própria irmã foi pressionada a se retirar, sem tê-lo visto.
11. **Mons. Louis Déchelette**, bispo de Évreux, outro inimigo de La Salette, teve o mesmo fim que o cardeal Amette, em 11 de abril de 1920. Nessa época, vários bispos e cardeais franceses se distinguiram por esse escurecimento e putrefação imediatos após suas mortes.
12. **Mons. Guillaume-Marie Frédéric Bouange**, bispo de Langres, inimigo de La Salette, morreu subitamente em 5 de maio de 1884.
13. **Mons. Hector-Albert Chaulet d'Oultremont**, bispo de Le Mans, que em duas ocasiões, durante a Semana Religiosa de sua diocese, protestou contra o Segredo de La Salette, morreu subitamente em 14 de setembro de 1884 e foi sepultado no mesmo aniversário da aparição.
14. **Mons. Émile-Louis-Cornil Lobbedey**, bispo de Moulins em 1906 e bispo de Arrás em 1911, disse ao padre Combe que jamais daria o imprimátur a uma Vida da Pastora de La Salette. Morreu subitamente em 24 de dezembro de 1916. No dia anterior, ele tinha realizado uma ordenação.
15. **O cônego Aimable Frézet**, no Boletim da diocese de Reims, em 7 de outubro de 1911 e em 25 de maio de 1912, proclamou francamente que o Segredo confiado por Mélanie a Pio IX nunca saiu do Vaticano, que “o conjunto de tolices e bobagens publicadas sob o título de Segredo de La Salette ou Segredo de Mélanie foi colocado no Índex”, e constituía um ultraje ao bom senso... Um leigo, Henri Prévost de Sanzac, marquês de la Vauzelle, escreveu em 6 de novembro de 1912 ao Cardeal Louis Henri Joseph Luçon, arcebispo de Reims, exigindo uma resposta. O cardeal respondeu em 27 de novembro: “... Os artigos do Boletim reproduzem bem meu próprio sentimento”. Em 16 de dezembro, o padre Alberto Lepidi, em uma carta ao cardeal Luçon, declarou que o Segredo de La Salette nunca foi condenado pelo Índex nem pelo Santo Ofício. A resposta foi transmitida ao Marquês de la Vauzelle, mas não houve retratação no Boletim de Reims nem nas Semanas Religiosas que o reproduziram. Em 1914, após a III República Francesa anunciar a mobilização geral na "guerra universal espantosa" em 1º de agosto (sábado da VIII semana após Pentecostes), em 19 de setembro, às 15:00 (hora em que ocorreram as aparições em La Salette), começou o bombardeio sistemático à catedral de Reims. O cardeal Luçon

simplesmente exclamou: “São apenas algumas coincidências, entre outras”.

Conclusão

O Segredo (e mais amplamente, todas as profecias de Nossa Senhora de La Salette), embora não faça parte da Revelação Pública, É INTEIRAMENTE DIGNO DE CRÉDITO. Prova disso é que Mons. Bruillard, o cardeal Sisto Riario Sforza, o servo de Deus Luigi Salvatore Zola CRL, e os Sumos Pontífices Pio IX, Leão XIII, São Pio X - que em 1910, ao ler os documentos, exclamou “Ah! É a nossa Santa!” e ordenou a Mons. Carlo Guseppe Cecchini OP iniciar o exame da heroicidade das virtudes de Mélanie Calvat - e Bento XV se manifestaram a favor da credibilidade dessas profecias e as abençoaram de diversas formas (não sem tristeza e espanto). E o fato de existir a versão de 1851 foi devido à pressão e ao engano do cardeal Bonald, que sempre se mostrou inimigo das aparições. Naturalmente, Mélanie e Maximino escreveram a versão resumida, temendo desobedecer à Bela Senhora, mas condicionando a entrega à pessoa do Papa Pio IX em cartas seladas (condição que foi concedida graças ao bispo Bruillard).

Já em 1873, autorizada pela Virgem, Mélanie - ou na religião Sor María de la Cruz - transcreveu o segredo COMPLETO, que foi publicado com a autorização do bispo de Lecce (onde Mélanie residia na época) seis anos depois no livro A Aparição da Santíssima Virgem na montanha de La Salette, com o consentimento do Papa Pio IX.

Uma leitura detalhada confirma a harmonia com as primeiras versões (que aparentemente foram arquivadas na Biblioteca Vaticana e reapareceram em 1999), com a realidade factual imediata, as Sagradas Escrituras (particularmente a profecia de São Daniel e o Apocalipse de São João), e com várias outras profecias dadas pela Virgem em diferentes aparições (El Pilar, Guadalupe, Buen Suceso, Lourdes e Fátima). Algumas das previsões contidas na mensagem de Nossa Senhora de La Salette já se cumpriram (Pio IX se declara prisioneiro no Vaticano recusando-se a fugir diante da invasão garibaldi-saboyana, a queda de Napoleão III e do segundo Império francês nas mãos da Prússia luterana que arrancou da Áustria católica a influência sobre os estados alemães, a Comuna de Paris, as guerras na França, Alemanha, Espanha e Inglaterra, a Guerra Mundial, a Apostasia por parte do Vaticano e a corrupção moral no estado religioso), e as outras estão a caminho de se cumprir, assim como tudo o que o Apóstolo São João escreveu sobre os últimos tempos no Apocalipse (o Segredo, assim como o Apocalipse, repete eventos descritos). Segredo que NUNCA FOI CONDENADO PELA IGREJA, ao contrário de algumas más interpretações feitas por alguns.

A atual Fraternidade São Pio X, indo contra seu fundador, o Arcebispo Marcel Lefebvre, rejeita o Segredo de Nossa Senhora de La Salette porque nele se adverte que a Roma Modernista é a sede do Anticristo (e tal crença não lhes convém, já que estão negociando a Prelatura Pessoal com ela), como consequência necessária da adulteração que fizeram para salvar Ratzinger e Wojtyla (o qual, em uma audiência privada em 1982, onde recebeu documentação sobre La Salette, reconheceu: “Estamos no coração das profecias de La Salette”) da apostasia que tomou conta de TODO O VATICANO. O Instituto Mater Boni Consílii, que segue a tese do Papado Materiáliter, procede de forma idêntica, traindo seu fundador, Mons. Guérard des Lauriers, ao rejeitar o Segredo, pois também não lhes convém que seus fiéis questionem o absurdo teológico de sua tese.

Assim como os bispos franceses, contaminados, entre outras coisas, pelo jansenismo, galicanismo e maçonaria, perseguiram os videntes e buscaram enterrar no esquecimento o aviso e o julgamento que a Virgem lhes fazia por causa de suas más condutas, e que os responsáveis pela Apostasia geral são os clérigos.

Aqueles que rejeitam o Segredo de Nossa Senhora de La Salette (muitas vezes interpretando erroneamente os dois decretos inquisitoriais de 1915 e 1923, que condenavam as más interpretações - NUNCA O PRÓPRIO SEGREDO), esperamos que se arrependam, pois Deus não deixa impunes aqueles que ultrajam Sua Mãe. NEMO ILLAM IMPÚNE LACÉSSIT! (Ninguém a ofende impunemente!)

VIVA NOSSA SENHORA DE LA SALETTE, VIVA SEU SEGREDO!

JORGE RONDÓN SANTOS
19 de setembro de 2019
Aparição de Nossa Senhora de La Salette, Reconciliadora dos pecadores. Festa de São Januário, Bispo e Mártir.

Tradução: Augusto

A fumaça de Satanás: Documentos sobre o Cônego Paul Roca

Tradução do artigo publicado por Eugène Cortade na revista Société Agricole, Scientifique et Littéraire des Pyrénées-Orientales, vol. 90 (ano 1982), páginas 62-100.

A fumaça de Satanás: Documentos sobre o Cônego Roca e Seus Emuladores

Um padre da diocese de Perpignan, o padre Paul Roca (1), fez barulho na década de 1880, não apenas em seu país de origem, mas também em alguns círculos filosóficos e religiosos da capital. Primeiro professor público e privado, fundador e primeiro diretor do grande colégio católico Saint-Louis-de-Gonzague de Perpignan, propagador do cristianismo esotérico e social, foi condenado pelo Santo Ofício e finalmente mergulhou em um violento anticlericalismo. Alguns até quiseram vê-lo como um modernista fervoroso e um precursor do desenvolvimento da Igreja desde o Vaticano II (2).

Ao antigo clero diocesano, esse colega agitado e pouco convencional não agradava, e provavelmente por isso um discreto silêncio foi rapidamente feito sobre ele. Tanto é assim que, diante da falta de documentos, historiadores e pesquisadores enfrentam problemas para localizar esse personagem surpreendente. Assim, tentamos reunir uma série de marcos biográficos contentando-nos com uma análise resumida das ideias que ele desarticulava em livros ou revistas. Outros, talvez, aprofundarão nos detalhes e medirão o impacto real em seu tempo e na atualidade. Trata-se basicamente de um olhar histórico simples que desejamos focar em Roca, e portanto sem preconceitos ou polêmicas (3).

FAMÍLIA E FORMAÇÃO

Paul-Antoine-Étienne Roca nasceu em 26 de abril de 1830, na pequena aldeia de Fourques, nos Pirineus Orientais, no município de Thuir, filho de Antoine Roca, operador agrícola, e de Elisabeth Surjus. Ele foi batizado três dias depois (4). Mas parece que sua família já estava estabelecida não muito longe em Kelvedon, perto de Perpignan, e tinha cerca de 280 habitantes na época. Aqui, ele passou sua infância na companhia de outros irmãos e irmãs (5).

"Os Roca representavam tipicamente a família rural do Rossilhão, tradicional, ligada às suas terras e vinhedos, e gozando de uma aisance [mordomia] quase burguesa. Ignoramos tudo sobre a primeira infância e juventude de Paul Roca, no meio familiar que parecia ser profundamente cristão. Ele lembrará um dia este traço que deve o ter impressionado fortemente:

> "Criança - oh! permita-me evocar este saudoso lembrete! - Criança, eu vi, em um canto do Rossilhão, um idoso que foi meu avô e meu padrinho, celebrar na lareira abençoada de sua santa casa, o que restava em pé, ainda então, desses rituais augustos (do culto familiar). Ele presidia à oração em comum, cercado por seus filhos, netos, agricultores e domésticos... De cabeça descoberta, ajoelhado, no meio deste grupo que o venerava como um sacerdote, ele edificava toda a gente, e então se levantando sob a majestade de sua idade avançada e sob a auréola de seus cabelos brancos, ele oferecia sua mão para beijar a cada um dos presentes que vinham em seguida inclinar-se perante ele, começando pelo seu filho mais velho até o rabadà (6) de seus rebanhos. Cada um recebia então uma palavra de encorajamento, felicitações ou reprimenda se necessário."

> "Eu me desatei a chorar, escrevendo estas linhas, porque tudo isso não existe mais, mesmo na minha família! ... E estou inconsolável... Um suspiro ardente, mais ardente que o simoun [tempestade de areia] do deserto, passou por aqui. Ele secou tudo, destruiu tudo! Os altares do lar não existem mais! As igrejas nacionais não existem mais! As liturgias particulares não existem mais! As tradições locais, próprias ao gênio de cada diocese, não existem mais! Levou-se o nível da uniformidade para todo lugar, e em todo lugar se secaram as antigas fontes de piedade." (MN, 443).

Devemos dizer que, se ele lamenta aqui a desaparição dos cultos familiares, focos de esoterismo em sua opinião, ele não deixa de criticar na passagem a uniformidade romana que imporia seus rituais em todos os dioceses desde o Concílio de Trento, e especialmente o Rituale Romanum que se substituía gradualmente às tradições locais. A unidade dos rituais tinha secado nas fontes de piedade da cristandade? Podemos duvidar. Notemos também que o último Rituale para uso da diocese de Perpignan foi publicado e impresso em Perpignan em 1845, por ordem de Mons. de Saunhac-Belcastel.

Onde o jovem Roca recebeu sua educação primária e depois uma instrução secundária, as humanités [literaturas clássicas greco-latinas], como se dizia na época? Talvez no colégio de Perpignan, ou no Petit Séminaire de Prades? De qualquer forma, ele recebeu uma boa formação literária e uma certa cultura greco-latina que aparecem claramente em seus escritos. Será que ele era bacharel ou tinha obtido algum outro diploma? Não sabemos.

> "Aos vinte anos, afirma Taxil, ele entrou como professor a serviço da Universidade da França". Isso é um exagero, pois ele foi professor primário em sua vila de Pollestres durante os anos letivos de 1849-1851 e depois em Thuir em 1851-1852, sem ter passado pela Escola Normal, mas simplesmente contratado, como era comum na época, pelo prefeito e pelas autoridades acadêmicas "com base nas boas informações fornecidas sobre seu comportamento e moralidade". Um relatório do Inspetor Primário, feito em Thuir em 24 de junho de 1852, indica que ele foi muito bem avaliado nas diferentes disciplinas ensinadas: "Este professor primário administra a escola comunitária de Thuir durante a licença que, por motivo de doença, foi concedida ao senhor Moret. Ele se sai muito bem nessa tarefa, que não deixa de ser penosa e difícil devido ao número de alunos, que é de 120, sendo 70 pagantes e 50 gratuitos. As autoridades locais que acompanharam o Inspetor na inspeção que ele fez na escola, expressaram sua satisfação com o comportamento e zelo do senhor Roca". Por outro lado, a opinião do pároco de sua paróquia era mais reservada. Em uma carta ao Reitor da Academia, ele reclama de sua arrogância, de sua tibieza religiosa e, entre outros defeitos do jovem professor de vinte anos, destaca "um fundo de leveza e inconstância que lhe valeu insultos pessoais e muitos inimigos na comunidade"

No entanto, Roca sentia-se atraído pelo sacerdócio, e após uma breve estadia no Grande Seminário de Perpignan, provavelmente em 1853, ele partiu para Paris para continuar sua formação clerical na Escola de Altos Estudos dos Carmelitas, fundada em 1845, onde teve como colegas, entre outros, o futuro cardeal Lavigerie. Ele sempre se orgulhou de sua estadia nos Carmelitas, embora lamentasse que seus bons mestres não lhe ensinassem "o catolicismo científico e social", ou melhor dizendo, as doutrinas esotéricas.

> "Não posso dizer que aprendi algo sobre isso nos bancos dos seminários e até mesmo na chamada Escola de Altos Estudos Eclesiásticos, em Paris. Nossos mestres primários de teologia cristã são sempre silenciosos sobre esse assunto. E eu, que sentia essa novidade ideal brotar em minha mente, me guardava bem de mencioná-la; ninguém me entenderia." (MN, 122.)

Já a boa teologia tradicional, aquela que permite aos padres lidar com as situações mais delicadas, não o satisfazia.

Mas que teologia ensinavam então? Devemos admitir, mesmo contra a vontade de Roca, que por várias razões históricas particulares ao nosso país [França], o nível intelectual era bastante baixo em todos os grandes seminários. Os padres e seus professores, "a partir da reorganização concordatária, exemplares no que diz respeito ao zelo e à moral, deviam permanecer muito inferiores a seus antecessores" do século XVIII. Seus conhecimentos em diversas matérias, especialmente em filosofia, história, exegese e ciências, apresentavam graves deficiências. E o próprio bispado de Perpignan não escapava disso. Aliás, foi para remediar "a mediocridade do ensino eclesiástico" que padres e leigos tomaram várias iniciativas, sendo a mais importante a fundação dos Institutos Católicos.

Ao término de seus estudos nos Carmelitas, o abade Roca foi ordenado padre em Paris para o bispado de Perpignan, em 29 de maio de 1858, na igreja de Saint-Sulpice, pelo cardeal Morlot, arcebispo de Paris. Curiosamente, mas isso se explica pelos eventos posteriores, o registro oficial dos padres do bispado de Perpignan nem mesmo o menciona e, portanto, não fornece seu currículo. No entanto, sua incardinação não deixa dúvidas.

NO ENSINO

Não parece que o padre Roca tenha exercido algum ministério paroquial. Logo após sua ordenação sacerdotal, o ilustre Monsenhor Gerbet o nomeou professor no Petit Séminaire de Prades, onde ele permaneceu por sete anos, de 1858 a 1865. Nesta instituição que formou tantos candidatos ao sacerdócio, ele foi encarregado da classe do segundo ano, e depois da cátedra de retórica em 1862. Neste cargo, aliás, ele sucedeu o padre Tolra de Bordas, erudito e bom escritor que mais tarde se tornaria prelado de Sua Santidade.

Monsenhor Ramadié, que havia chegado recentemente ao bispado há alguns meses, aproveitando as possibilidades da lei Falloux, decidiu criar um grande colégio católico. Ele fundou a Instituição Saint-Louis-de-Gonzague, destinada a um futuro brilhante, e que, desde então, não cessou de cumprir sua função educacional. Foi ao padre Roca que ele confiou a difícil missão de abrir esta instituição, organizá-la e fazer com que desse seus primeiros passos. Uma certa simpatia deveria existir entre o brilhante professor de trinta e cinco anos e o bispo anti-infalibilista [posição teológica que nega a infalibilidade papal], amigo e discípulo de Dupanloup. Mas havia uma ressalva. Pois, enquanto Roca assinava o prospecto anunciando a abertura da instituição e estabelecendo as condições de admissão como "superior", na realidade o bispo havia reservado para si esse título e nomeado apenas Roca como "diretor", como indicado no Ordo diocesano. De qualquer forma, Roca pode ser considerado o verdadeiro fundador de Saint-Louis.

Quatro anos depois, ele adicionou ao seu papel de diretor o ensino de filosofia e o cargo de diretor de estudos. Isso lhe valeu a honra de ser nomeado cônego honorário em 1869. Mas ao mesmo tempo surge um padre estrangeiro ao bispado, que lá permaneceria apenas dois anos, o abade de Chauliac, sem dúvida um homem de confiança do bispo, chamado expressamente para a ocasião e nomeado como superior. Essa nomeação, cujos motivos podemos imaginar, certamente foi sentida por Roca como uma injustiça ou desaprovação pública; isso causou ressentimento e pouco tempo depois a ruptura definitiva com a autoridade diocesana. Na tradição de sua família, persiste a ideia de que ele foi injustiçado.

O ano de 1870 marcou uma virada decisiva em sua vida. Os eventos de setembro causaram tumultos e distúrbios em Perpignan, assim como em outros lugares. O colégio Saint-Louis foi requisitado por decisão da prefeitura e transformado em hospital; temporariamente, os alunos foram realocados para outro lugar. Monsenhor Ramadié também se afastou de seu bispado, embora por um curto período de tempo, dizendo "que com tal governo as pessoas de bem não podiam mais se sentir seguras". Além disso, a explosão repentina de um certo anticlericalismo e, ao mesmo tempo, a definição da infalibilidade papal pelo Concílio Vaticano, acabaram mergulhando Roca em profunda angústia. Aproveitando essas circunstâncias, ele deixou a Instituição Saint-Louis-de-Gonzague e também o bispado no qual já não se sentia confortável há muito

tempo. Sua mente inquieta buscava novos horizontes. Ele escreveria, em 1884, em seu primeiro livro: "Tenho revirado essas questões em minha mente há mais de trinta anos, e com angústia há catorze anos". E em outro lugar: "Eu tremia de perder a fé". 1870 havia causado a ruptura fatal, e a partir desse momento nem mesmo seria mais mencionado no Ordo diocesano.

ESTADIA NA ESPANHA

Sem autorização de seu bispo, o padre Roca partiu para a Espanha e viveu por cerca de dez anos em Barcelona, atuando como preceptor dos filhos de um rico industrial francês, Sr. Jean-Hachon-Meuron, que residia lá com sua família. Como eles se conheceram e qual era a natureza de suas relações? Não sabemos. Este senhor devia estar satisfeito com os serviços do padre, pois se comprometeu por meio de escritura notarial a pagar-lhe uma pensão vitalícia de três mil pesetas.

Mas o que aconteceu durante a longa estadia em Barcelona? A presença do padre nessa família foi considerada inadequada? Ou suas ideias liberais, socialistas e anti-romanas causaram escândalo neste país profundamente tradicionalista? Ele foi proibido pelo bispo de Barcelona e pelo de Perpignan. Ao retornar à França algum tempo depois, ele pediu ao Monsenhor Caraguel para ser liberado da sanção que o atingia. Isso lhe foi concedido em 1882, sob a condição de que ele fizesse um retiro em Roma. A administração diocesana talvez pensasse que uma estadia na Cidade Eterna lhe traria algum equilíbrio e, principalmente, permitiria adquirir uma reflexão teológica mais ortodoxa. Infelizmente, parece que exatamente o oposto aconteceu.

ESTADIA EM ROMA

Ele realmente fez um retiro em Roma? Onde ele morava lá? De qualquer forma, ele permaneceu lá por quase dois anos, até o outono de 1883. Durante toda a sua estadia, teve a oportunidade de visitar a cidade, encontrar outros padres, prelados, teólogos, e expor as ideias que fervilhavam em sua mente. Em particular, ele conheceu o Padre Curci, um jesuíta e diretor da Civiltà Catolica, "um sábio que venero como um santo", com quem ele manteria correspondência até o fim de sua vida. Nessa época, o Padre Curci lançava ataques veementes contra a Igreja Romana ao publicar dois livros que causaram grande repercussão: "Vaticano Real" e "O Socialismo Cristão", o que certamente agradava ao cônego de Perpignan. Pio IX não teve coragem de repreender o Padre Curci, considerando seus serviços passados; no entanto, sua obra foi colocada no Índice [de Livros Proibidos] sob o papado de Leão XIII, e o jesuíta se submeteu. Roca afirma: "O fato é que este nobre ancião não reteve nada de seu honesto e franco libelo. Tenho provas irrefutáveis disso em cartas dele que guardo preciosamente". No entanto, Curci não entendia muito bem as teses de Roca, como ele próprio admite: "Nesse evangelho social do qual você me fala incessantemente, vejo algo, mas por alguma razão, não distingo muito bem".

Nesse momento, Roca estava escrevendo o livro "O Cristo, o Papa e a Democracia", cuja primeira parte ele simbolicamente terminou em Roma em 4 de setembro de 1883, "no dia do funeral de Goritz", ou seja, de Henrique V, Conde de Chambord.

Deve-se dizer que ele detestava tanto a realeza quanto a papalidade. Ele queria entregar pessoalmente seu manuscrito a Leão XIII e expor diretamente suas ideias a ele. Ele solicitou uma audiência privada, mas não a obteve. No entanto, ele conseguiu chegar até o secretário particular do Papa e até mesmo até o Secretário de Estado. Ele mesmo diz: "Tive naquele dia, não com Leão XIII, que se mantém, por boas razões, no mais impenetrável mistério, mas com seu secretário particular, Monsenhor Boccali, uma longa conversa onde pude expressar todo o meu pensamento, graças à amabilidade deste inteligente e digno prelado.

O secretário do Papa concordou em encarregar-se de comunicar ao Sumo Pontífice este manuscrito, tal como o publico hoje. Quinze dias após esta visita, quando eu estava prestes a partir para a América, o caderno foi devolvido para mim em Paris, com uma carta de Monsenhor Boccali. A carta é sóbria, discreta, de uma rara circunspecção. Não contém nem crítica, nem elogio, nem desaprovação, nem encorajamento. Estou claramente entregue às inspirações da minha consciência, como já tinha acontecido seis meses antes com o

cardeal Jacobini, secretário de Estado de Sua Santidade."

Talvez tenha sido ao voltar da Itália que ele parou em Genebra, onde encontrou filósofos iluminados e teólogos protestantes ou marginais como ele. Em Lyon, onde sempre existiram cultos esotéricos, ele é recebido em um "santuário privado". Não é o de Nossa Senhora de Fourvière, tradicional e popular, que o atrai para uma piedosa peregrinação.

> "Lyon - escreve ele - a cidade de Maria, é a cidade da França onde o culto à Virgem Maria foi melhor preservado e onde se alia facilmente com os progressos da civilização presente e da democracia cristã. Lá, vi a jovem, a Cimodocea [nereida da mitologia grega] evangélica, pontificar no altar da Virgem Maria, vestida com os emblemas de seu angélico sacerdócio, coroada de flores, em vestido branco, em manto verde, e foi muito tocante! Sem dúvida, como padre católico, eu não teria desejado me associar a essa liturgia, pois, embora ela careça de ligações canônicas com a ortodoxia do culto oficialmente consagrado, não posso deixar de mencionar, em um livro como este, esses fenômenos de aurora, esses suaves prelúdios do futuro. No dia em que essa maravilha se manifestar em nossas catedrais, em todas as nossas igrejas, os santuários se encherão novamente como por encanto, e haverá na terra mil vezes mais religião do que se viu nos últimos 6.000 anos". (M.N., 508.).

No entanto, é bastante duvidoso que tais aberrações produzam um efeito tão belo!

AMÉRICA

Grande viajante, Roca percorre nestes anos a Espanha, Portugal, Itália e Suíça. "Eu percorri a Terra", como ele diz em um de seus livros, com um pouco de exagero. Aliás, podemos nos perguntar como um padre, sem cargo oficial e sem grandes rendimentos pessoais, poderia se dar ao luxo de fazer peregrinações tão longas.

Em outubro de 1883, ele retorna a Paris e, quase imediatamente, embarca para a América do Norte, onde viajará até a primavera do ano seguinte.

> "A orgulhosa e cristã América" o atrai e o seduz, porque nela florescem a liberdade, o progresso, o feminismo e o protestantismo. "País feliz! onde o Evangelho floresce e frutifica sem restrições, em uma terra nova que nunca foi infectada pelo antigo espírito do império romano. Não me surpreendo com as colheitas de ciência e virtude que ele produz abundantemente. Feridas repugnantes nos corroem, que são desconhecidas na América do Norte, mas não no Sul, onde o ultramontanismo prevaleceu como entre nós... Os outros povos, os da velha e farisaica Europa, serão obrigados a seguir os passos de sua jovem irmã, a orgulhosa e cristã América."

Infelizmente, sim! Isso é o que aconteceu. Mas ele ficaria desiludido se pudesse perceber hoje as consequências imprevisíveis de um materialismo cuja base é o capital. Roca percorreu os Estados Unidos e até mesmo mantinha um diário de viagem que seria interessante encontrar. Ele estava em Washington em 12 de novembro de 1883, em Nova Orléans em 18 de fevereiro de 1884 e em Chicago em 1º de março.

Em Washington, ele fica três semanas no Hotel Ebblitt, onde uma mão generosa paga os 525 dólares da conta. "Acabo de descobrir que essa mão é a do reverendo doutor William Paret, reitor da Igreja da Epifania, ministro protestante, de origem francesa, que teria gostado de me receber em sua casa como compatriota, mas que preferiu me oferecer, sem que eu soubesse, uma hospitalidade brilhante em um hotel, para não me constranger em meus contatos com o clero católico. Um gesto extremamente delicado que só posso reconhecer tornando-o público".

Uma parte da viagem foi realizada na companhia daquele que já fora o Padre Hyacinthe Loyson, um religioso carmelita, brilhante conferencista de Notre-Dame, que, após a proclamação do dogma da Infalibilidade Papal, abandonou a batina e levava uma vida errante em diversos países. Casado e um conferencista fervoroso contra a Igreja, ele acabaria sua vida como pároco "galicano" em Neuilly. Sua amizade com o ex-Padre Hyacinthe lhe causou um contratempo em Nova Orléans por parte do bispo eleito, Dom Leray.

> "Eu estava em Nova Orléans há doze dias, celebrando missa na catedral, com a permissão de Monsenhor, que havia assinado meus documentos eclesiásticos, quando, numa manhã de domingo, fui informado pelo porteiro-sacristão, em linguagem típica de porteiro, que eu não podia mais celebrar. E qual foi o motivo? O que havia acontecido? Uma palavra do vigário-geral me deu uma pista: 'Parece que você é o adestrador do Padre Hyacinthe!'"

Admirem este trecho enquanto passamos.

> Devo confessar tudo aqui: conheço o Padre Hyacinthe, respeito-o, admiro seu talento, suas virtudes, sua vida de lutas e sofrimentos, mas não pertenço à sua igreja. Acho que já há divisões suficientes, até demais, entre nós. Nossa relação é pessoal, de forma alguma confessional; não difere em nada daquelas que muitos outros padres e até bispos mantêm com ele. Mas o Padre Hyacinthe não estava em Nova Orléans naquela época. Ele estava, eu acredito, na Flórida. Tão longe de seu elefante, o que o adestrador poderia ter feito para desagradar tanto a Sua Eminência?
>
> Aqui está: eu havia publicado no jornal L'Abeille, que está sob a influência do bispado, um artigo onde eu dizia do famoso conferencista que ele tinha o coração dilacerado pelo espetáculo das divisões que a Igreja oferece em todo o mundo, e que todos os esforços de sua pregação visavam a reconstituir essa unidade católica, que nós despedaçamos em mil pedaços. Não foi preciso mais nada para fechar sobre mim essas portas da Igreja, que, segundo o arcebispo, estavam tão amplamente abertas!... Nova Orléans é a única cidade dos Estados Unidos onde encontrei o fanatismo em plena floração, com resultados mais ou menos iguais aos nossos. Deve-se dizer que esta diocese é ultramontana. Isso só é visto, infelizmente!, com muita frequência."

Ademais, por fim, Roca manteria relações e certa amizade com Loyson; ele até mesmo escreveria uma página surpreendente sobre ele.

> "O Padre Hyacinthe colocava todo o seu coração nisso. Conheço profundamente o homem, e o respeito; conheço o orador, e o admiro; mas também conheço o reformador, e o compadeço. Impregnado, por um lado, com os gostos e as antigas ideias do monge, cujo hábito ele ainda veste em busca de relíquias, e, por outro lado, com os pensamentos e aspirações da jovem França, ele personifica em si dois tempos e duas tendências, que não podendo mais se conciliar, dilaceram sua alma de ponta a ponta, e transformam sua existência em um martírio contínuo."
>
> "Falo sem amargura, mas não sem dor, pois é sempre lamentável ver um homem se lançar na água e se afogar. Havia tanta força em sua palavra, e ele poderia ter servido tão bem à causa do Cristo social! Mas para isso, ele deveria ter concebido de outra forma sua missão de apóstolo. Acompanhei de perto essa experiência, desde Genebra; ela me serviu: não é trazendo a Igreja de volta às formas galicanas; não é mesmo fazendo-a remontar ao curso dos séculos até Constantino, como inicialmente eu havia pensado, que se trará de volta a ela os povos emancipados de sua tutela. É

fazendo o Cristianismo evoluir em seu eixo divino, de modo que apresente ao mundo suas duas faces ao mesmo tempo, sua face divina e sua face social, que esta Religião, se fundindo então plenamente com a Ciência e a Civilização, alcançará seu objetivo supremo, a inauguração do Reino dos Céus na terra! Esse é o objetivo final da Promessa Dominicana: Venha o Teu Reino. Que o Padre Hyacinthe me perdoe pela franqueza de minha linguagem, em público, assim como ele me perdoou tantas vezes, a portas fechadas. Gostaria de fazer com que sua derrota servisse ao triunfo de Jesus Cristo, assim como gostaria de fazer com que esse mesmo triunfo servisse para corrigir todos os erros dos sacerdotes clericais.(A.M., 349.)"

Período literário

Após a viagem pelos Estados Unidos, Roca retorna a Paris e se estabelece em Neuilly. É de lá que ele vai organizar a divulgação de suas ideias, especialmente publicando cinco obras, das quais forneceremos as características e uma breve análise.

1. O livro "O Cristo, o Papa e a Democracia" tem 304 páginas, publicado pela Garnier Frères, Paris, em 1884, com pelo menos duas edições. A primeira parte foi escrita em Roma em 1883 e a segunda foi concluída na América no ano seguinte.

Roca observa que a situação da religião é lamentável em todo o mundo, e culpa o Vaticano e o Ultramontanismo, considerados como a causa de todos os males. Segundo ele, o catolicismo vivido de acordo com as doutrinas romanas sufoca a liberdade, a ciência, a democracia e impede os princípios sagrados de 1789, os Direitos do Homem, de prosperarem. Para salvar o mundo, é necessário retornar ao Cristo Salvador e Redentor, apoiando-se nas ciências. É preciso voltar à religião pura, aquela do Evangelho e dos tempos primitivos, e livrar o cristianismo de tudo o que os séculos acumularam sobre ele. O Credo do Padre Gabriel, adicionado como apêndice, é apresentado como uma síntese doutrinária.

Roca foi proibido uma segunda vez em 6 de junho de 1884, provavelmente por Mons. Caraguel, bispo de Perpignan, muito provavelmente devido a essa primeira publicação. No entanto, não encontramos no bispado um documento que confirme esse ponto.

1. "L'abbé Gabriel et Henriette sa fiancée" - Romance, anunciado desde 1884 como estando sob pressa e prestes a ser lançado pela editora Garnier. No entanto, parece que nunca viu a luz do dia em forma de livro. Roca o publicou como folhetim na revista L'Etoile, e depois no L'Anticlérical roussillonnais. É um romance água com açúcar e um tanto melancólico, mostrando o amor puro e impossível dos dois protagonistas; uma aventura dolorosa que leva à morte. Seu autor pretende mostrar os desastres causados pela "fatal disciplina imposta aos padres pela rigorosa rigidez do celibato forçado. Diante desses golpes, imagine o valor dessa instituição antinatural e os estragos que ela causou na humanidade!".

2. "La crise fatale et le salut de l'Europe" - Estudo crítico sobre as missões de M. de Saint-Yves, publicado pela Garnier Frères, editores, Paris, 1885. Opúsculo de 124 páginas. Pelo menos cinco edições. Roca descobre os trabalhos de um certo Saint-Yves d'Alveydre intitulados "Missões dos Soberanos" (1882), "Missões dos Trabalhadores" (1882) e "Missões dos Judeus" (1884), recentemente publicados. Ele fica entusiasmado: "O gênio das Missões me fez tomar consciência de mim mesmo, ele revelou o fundo dos meus próprios pensamentos, rasgando o véu através do qual eu via confusamente a estrela, cujos brilhos vivos estão agora brilhando plenamente diante dos meus olhos".

O opúsculo inteiro é uma propaganda para as obras desse autor. Para resolver a crise moral, política e religiosa que corrói o corpo social e a Igreja, é necessário um governo geral, mundial, que dirija todos os

Estados e no qual todos os corpos da sociedade sejam representados. Partindo do pressuposto de que todas as religiões têm o mesmo valor e que o Papa terá apenas uma primazia moral. Trata-se da famosa Sinarquia, que compreenderia três câmaras: a da Instrução Pública e dos Cultos; a da Justiça e a da Economia. Uma Sociedade das Nações antes de sua época, que traria a salvação pela gloriosa Tríade da Ciência, da Justiça e da Economia. Tudo isso explicado a partir de considerações esotéricas sobre todas as religiões, especialmente as do Oriente.

1. "O Fim do Antigo Mundo" - Subtítulo: "Os Novos Céus e a Nova Terra". Editora: Lévy, Paris, 1886, VI + 415 páginas.

Este trabalho é o primeiro volume de um díptico dedicado às mesmas teorias. Aqui, o autor anuncia a derrota geral do Velho Mundo, a destruição da "velha terra política", que é apenas "o resquício da Idade Média". O antigo céu político-religioso desaparecerá e será o colapso da estrutura clerical, de toda a Cristandade. Os últimos dias do ultramontanismo e de sua logomaquia [debate vazio] chegaram. No entanto, já estão surgindo alvoradas de esperança e presságios de renovação, que serão expostos no próximo livro.

Depois da publicação dessas extravagâncias teológicas, a autoridade religiosa deve ter ficado preocupada; eles certamente tentaram, através da Nunciatura em Paris, trazê-lo de volta ao caminho certo, uma tentativa que foi mal interpretada.

> "O Monsenhor di Rende teve a gentileza recentemente (10 de janeiro de 1886) de me chamar ao Palácio da Nunciatura em Paris. A graciosa e discreta recepção que recebi não difere em nada daquela que recebi do Cardeal Secretário de Estado, Monsenhor Jacobini, durante minha visita ao Vaticano, nem daquela que me é oferecida na Arquidiocese de Paris, sempre que lá vou. Sinal dos tempos, sinal dos tempos! A hora do triunfo se aproxima."
>
> "Ilustrando outro ponto: 'Posso dizer, sem metáforas, que meu trabalho em 'O Fim do Antigo Mundo' custou-me os olhos da cara. Eu os perdi logo após publicar este livro, que era a primeira parte de uma obra da qual este volume, impedido por esse acidente de aparecer a tempo, teria apresentado a segunda parte, sob uma forma diferente da que está sendo lida.'"
>
> "Um místico, exaltado até à alucinação, logo me escreveu: 'Fique tranquilo! Olhos novos serão dados a você, exatamente como você precisa, para compor os Novos Céus e a Nova Terra que você se propõe a anunciar ao mundo'."
>
> "Bizarra coincidência! Como para dar razão a esse extravagante, minha visão foi restaurada, conforme ele disse, progressivamente, à medida que as linhas radiantes da nova ordem de coisas, previstas por todos os oráculos e que se organizam nos dias de hoje, se fixavam melhor em minha mente, modificando-se. Eu não teria mencionado esse fato estranho se não tivesse que explicar o longo atraso na publicação."
>
> "Descobri por meio de experiências pessoais, às quais devo ter recuperado a visão, que através do influxo do Espírito de Cristo em nosso coração e cérebro, esse coração e cérebro podem se tornar geradores de uma força cósmica da mais alta e pura qualidade."

Quanto a que experiência poderia ser essa que ele acreditava ter-lhe devolvido a visão?

1. "Mundo Novo" - Com a citação "Glorioso Centenário 1889" e como subtítulo "Novos Céus, Nova Terra, pelo autor de O Fim do Mundo Antigo". Publicado por Auguste Ghio, editora, Paris, 1889. VII + 575

páginas.

> Os sinais de renovação surgem, que transformarão o homem, a terra, o mundo, a religião, através das ciências aplicadas ou ocultas. O Cristianismo terá uma nova exegese, novos dogmas, especialmente os da criação, da queda original e da Redenção. Ele terá um aspecto social que provocará uma nova ordem política, sindical, federativa, associativa. Um novo sacerdócio e um novo pontificado surgirão, e a mulher ela mesma, transfigurada, será "como um agente de renovação social". No topo da estrutura, estará o Cristo esotérico, cujo influxo se espalhará no cérebro do homem e na sociedade como "um gerador de uma força cósmica totalmente divina".

Reviews e Artigos de Jornais

Paralelamente aos livros que acabamos de listar brevemente, Roca escreveu diversos artigos em jornais ou revistas, todos naturalmente à margem da Igreja, de teor esotérico ou anticlerical. Nestes anos em que o anticlericalismo se manifestava com virulência, o polemista só poderia encontrar apoio interessado em certos meios políticos. Estabelecemos uma pequena lista de artigos escritos por ele, que sem dúvida está longe de ser exaustiva e poderia ser complementada e especificada:

1. Lotus, n° 11, 1888.
2. A Nova Roma, 1880?
3. Tribune Livre do Clero, n° do 21 de julho de 1888.
4. Ami de l'humanité, n° do 4 de março de 1888.
5. Tribune Populaire (sem outra especificação).
6. Voltaire, 7 de junho de 1882.
7. Boletim da Sociedade de Estudos Filosóficos e Morais. Sessão de 8 de abril de 1886. Discurso sobre a "Nova solução da questão social" (publicação separada).
8. L'Aurore (revista esotérica de Lady Caithness).
9. L'Ecole Messianique (Roca afirmava ser o editor-chefe).

Enquanto isso, Roca fez algumas tentativas de fundar periódicos, que foram bastante efêmeros:

1. L'Anticlérical roussillonnais, um jornal-revista semanal, de 9 de novembro de 1890 a 15 de março de 1891 (19 números), fundado pelo abade Roca, impresso e publicado em Perpignan (Bibliothèque Nationale, 4°, Lc 9, 123 6).
2. Le Socialiste chrétien, órgão do socialismo de Jesus e dos apóstolos. Substituiu o anterior de 3 de julho de 1891 a 28 de fevereiro de 1892. Editor-chefe: abade Roca. Impresso por H. Arbault em Tours. (Bibliothèque Nationale, 8°, Z 16505; microfichas D 11384).

Devemos também mencionar L'Etoile, uma revista mensal fundada em 1889, com o subtítulo: Kabbale messiânica, Socialismo cristão, Espiritualismo experimental, Literatura e Arte. O fundador foi Alber Jhouney, mas o abade Roca foi por algum tempo o editor-chefe e publicou vários artigos lá. Parece que era o órgão de todo um grupo, La Fraternité de l'Etoile, que se reunia na casa da Sra. Piou de Saint-Gilles, que também subsidiava a revista. La Fraternité de l'Etoile incluía "quatro graus de admissão gradual", indicados na capa de cada número.

Os meios esotéricos

Buscando uma resposta para seus problemas filosóficos e teológicos, Roca acabou se envolvendo com o esoterismo e a cabala. Durante a década de sua estadia em Paris, ele frequentou diversos círculos intelectuais onde o esoterismo, a cabala e as ciências ocultas eram cultivadas com convicção, em uma atmosfera de

messianismo, especialmente nos salões de Lady Caithness e Madame Piou de Saint-Gilles, entre outros grupos como os de Saint-Yves d'Alveydre ou Stanislas de Guaita. Alguns nomes parecem se destacar mais particularmente.

- Chamuel: editor do "Traité méthodique des Sciences Occultes" de Papus, de "Eglise et fin de siècle" de l'abbé Jeanin, e cuja livraria, na rua de Trévise, abriga um santuário gnóstico onde se celebra de acordo com o culto valentiniano ou messiânico.
- Augustin Chabosseau: para quem ele faz propaganda da revista Psyché.
- Barlet: "para quem ele recomenda as obras". Segundo Virion, esses três "fazem parte dos doze da Câmara da Ordem Cabalística da Rosa-Cruz".
- Papus: O mago fundador da Ordem Martinista, por trás da qual a Ordem Cabalística está entrincheirada. Roca divulga as revistas fundadas pelo mago, o Véu de Ísis e a Iniciação; ele se orgulha de conhecer os quarenta editores. Considera que existe “a verdadeira iniciação, aquela que Cristo deu aos doze e depois aos setenta e dois”. Papus escreveu: “O trabalho do Abade Roca deu origem a controvérsias significativas. Este autor é o primeiro que ousou pregar ao Papa a razão oculta dos dogmas, cuja explicação o Santo Padre ignora.
- Oswald Wirth: Ele o conhecia bem, pois foi Roca quem o apresentou a Stanislas de Guaita, tornando-se seu secretário. Eis o retrato que ele faz dele: "Este padre havia viajado muito pelo Velho e pelo Novo Mundo e sonhava em ampliar o ensino do catolicismo. Segundo ele, os dogmas estreitos já haviam passado. Da letra morta que eles formulam, um espírito revitalizante deve emergir em benefício da humanidade que saiu da infância e foi cientificamente emancipada. A doutrina proposta girava em torno do Cristo social, o animador divino da coletividade humana. Esse Deus-Homem pairava sobre as individualidades humanas enquanto as penetrava: ele representava o grande arcano do cristianismo esotérico. A concepção que iluminava o teólogo foi bem recebida nos círculos místico-teológicos" (15). Enquanto Wirth parabeniza Roca pela fundação de seu jornal, este responde: "Meu caro irmão em Cristo, não preciso dizer que o Socialista Cristão não tem outro objetivo senão promover a iniciação de padres e católicos ao conhecimento desse esoterismo que é a ciência oculta e transcendente não mais da letra, cujo reinado acabou, mas do Espírito, cujo reinado começa" (23 de outubro de 1891).
- Stanislas de Guaita: Deve ter caído muito baixo na desesperança, pois conhecemos dele um hino em forma de sonetos, blasfemo para Deus e contendo uma invocação luciferiana. E ainda assim, Roca lhe escrevia: "Meu amado irmão em Jesus Cristo... Não renego nenhum dos princípios do seu ensinamento, que é também o meu. Estamos de acordo, meu querido irmão, em todos os pontos da doutrina esotérica..."
- Saint-Yves d'Alveydre (1842-1909): Os escritos deste curioso personagem tiveram grande influência sobre Roca e inspiraram nele a visão da sociedade sinárquica. Ele foi seu verdadeiro mestre. Roca o descobre, entusiasma-se com suas ideias sociais e políticas, não poupa elogios e sugere a ele uma ordem de padres sinárquicos.
- Joseph Paladan: Aparentemente, figura já em 1888 entre os membros do Primeiro Conselho da Ordem Cabalística da Rosa-Cruz. Roca faz publicidade em janeiro de 1892 para o seu livro "Como se Tornar um Mago", e também teria frequentado esse círculo de iniciados.
- Alber Jhouney (na verdade Albert Jouney): Eis como o Dr. Bataille o apresentava na época: "Diretor da Estrela, poeta do messianismo, jovem de vinte e sete anos, que já tem nove anos de magia. Ele é o rico herdeiro de um grande fabricante, mora normalmente em uma villa em Saint-Raphaël, e aparece de vez em quando em Paris para realizar conferências de ocultismo; sua bela cabeça loira inspirada tem grande sucesso no mundo gnóstico". Jouney e Roca mantêm relações próximas. O primeiro lhe escreve: "É a penetração de seus esperanças até mesmo no clero que você está buscando agora". E o outro responde: "Vindo de um cabalista de sua força, este encorajamento é precioso para mim". Na biblioteca de Roca estão os livros que Jouney lhe ofereceu como homenagem.
- Lady Caithness, duquesa de Pomer: uma pessoa estranha que havia fundado uma "Sociedade Teosófica do Oriente e do Ocidente" e publicava a revista "Aurore du jour nouveau", órgão do cristianismo esotérico. Ela anunciava uma nova vinda do Espírito Santo, criando uma era nova, que sucederia o cristianismo e o substituiria. Era uma grande amiga de Roca, a quem enviava dinheiro e livros

dedicados.

Entre esses nomes que parecem surgir entre as relações intelectuais de Roca, sem dúvida poderíamos adicionar outros. Vamos destacar, mas em uma direção um pouco diferente, um personagem que causou grande alvoroço em sua época. Trata-se de Pierre-Michel Vintras (1807-1875), esse iluminado fundador de uma seita, condenado pela autoridade episcopal e pontifical, que ficou famoso através do romance de Barrès, "La colline inspirée". Roca admirava seus escritos, comparando-os aos de Joachim de Flore, e elogiava "esse movimento prodigioso",

> "a empreitada dos Carmelitas, liderada por um homem extraordinário. Pierre-Michel Vintras, cuja missão é ainda mais maravilhosa do que sua pessoa, não me cabe definir. Seus escritos permanecem. Ele lançou suas ideias no mundo: como sabemos, as sementes nunca se perdem. 'Semen est verbum!' Muitos falam sobre isso sem nunca terem lido a primeira palavra." (MN, 341.)

Será que ele teve uma relação pessoal com Vintras? De qualquer forma, ele era assinante de La Voix de la septaine, uma revista que Vintras publicava (16).

É certo que Roca frequentou por vários anos os esotéricos de várias tendências e compartilhava suas ideias. Ele próprio afirmava ter sido curado de uma má visão por meio de experiências cuja natureza desconhecemos. Em 1889, ele participou do Congresso Espiritualista Internacional e fez um discurso lá. Em sua biblioteca estavam escritos espíritas, como os de Allan Kardec. E vimos que ele havia participado em Lyon de um culto esotérico, embora com certa relutância. Ele se contentou em espalhar ideias, permanecendo no vestíbulo dos templos secretos, sem ousar participar? Em outras palavras, e para ser claro, ele participava de cultos heterodoxos ou cerimônias espíritas? De qualquer forma, ele devia conhecê-los, já que foi consultado sobre o assunto. Ele conta isso em uma página muito surpreendente:

> "No momento em que escrevo, jovens cheios de futuro, muito instruídos, portadores de belos nomes, sentem-se irresistivelmente atraídos para os altares de Cristo, para celebrar os divinos mistérios. Eles são leigos, mas iniciados, habilmente iniciados no esoterismo de nosso dogma, de nosso culto, versados, profundamente versados nos segredos inefáveis da Santa Cabala, como eram os Essênios, os terapeutas hebreus e os herméticos egípcios, nos quais Moisés recolheu todos os tesouros da antiga ciência."
>
> Entre eles, esses jovens se chamam os novos Magos; eles se consideram sacerdotes e se sentem assim, afirmam eles, pela virtude das unções sagradas que receberam da Igreja no dia do seu batismo; e eles celebram a missa, de acordo com o próprio rito da Igreja Católica Romana, não em público, eles não reconhecem o direito para isso, mas a portas fechadas, em suas próprias casas.
>
> Eu fui consultado sobre isso. Sem tomar uma posição definitiva, respondi citando os textos dos antigos Padres... que destacam a analogia entre as unções batismais e as unções sacerdotais...". No entanto, ele condiciona a validade da ordenação sacerdotal à "delegação jurídica... absolutamente necessária para celebrar publicamente os augustos mistérios". "Portanto, não me surpreende que um venerável cônego, mais autorizado do que eu por sua idade avançada, sua santidade e sua erudição, tenha resolvido a questão a favor desses jovens com mais firmeza do que eu ousara fazer; aqui está a sua resposta: Licet privatim, é permitido em particular; non licet in publico, não é permitido em público.

> Esses cristãos têm, eu sei, um senso religioso muito desperto, desenvolvido a um ponto extraordinário. Os mistérios do Cristianismo tornaram-se familiares para eles; eles sabem muito bem que nossa liturgia é uma teurgia, e que nosso Ritual sacramental é um compêndio de fórmulas de Magia branca ou divina, de um poder não menos formidável do que o que Moisés possuía, quando golpeava o Egito diante dos olhos de Faraó, ou quando fazia todo um povo estremecer ao pé do Sinai, que se coroava, à sua voz, de trovões e relâmpagos.
>
> É tremendo que esses novos sacerdotes pronunciem as palavras sacramentais e toquem nas coisas sagradas. Será que se treme assim em outros lugares, onde a rotina e a inconsciência mutilam os sinais cabalísticos e balbuciam o poderoso verbo, o amém, o fiat, o hoc est, etc.? (MN, 441-442.)

É importante ressaltar que, de acordo com a teologia tradicional, um leigo batizado não tem o poder de celebrar a missa, e que o sacramento da ordem não depende de uma delegação jurídica, mas da imposição das mãos do bispo. Além disso, deve-se considerar, seguindo o Dr. Bataille, que essas missas podem ser missas negras? É possível. Por fim, o cônego ao qual Roca se refere seria um padre parisiense que frequentava os ocultistas sob o nome de padre Alta. Parece também ser o mesmo personagem que Huysmans retratou em seu romance "Là-bas" sob o pseudônimo de cônego Docre. A menos que seja Roca ele mesmo?

O Dr. Bataille, que não era gentil com Roca, afirmou: "Aliado à maçonaria, ele foi até o gnosticismo valentiniano". E ele cita as próprias palavras de Roca: "O Evangelho é o ritual maçônico das ideias racionais, cujas sementes jazem ocultas em nossa própria compreensão... A maçonaria é, portanto, chamada a realizar na terra as ideias evangélicas; elas resplandecem nos escritos de Findel, de Craüze, de Baüer, de Lessing e de Ragon".

E em apoio a sua afirmação, ele cita este trecho de Findel: "Mergulhemos nas entranhas da humanidade e de nossa alma, para encontrar lá as fontes profundas e sagradas da Religião, escondidas hoje sob as ruínas dos altares e sob os escombros dos velhos dogmas". Enquanto o Vaticano condenava a maçonaria e excomungava seus membros, Roca tinha a extrema audácia de elogiar seus méritos. E, como diz Saunier, "passando da teoria para a prática, o cônego não hesitou em se dirigir, em 1885, por meio de uma longa carta, às mais altas instâncias do Grande Oriente da França...".

IDEIAS PRINCIPAIS

Parece ser bastante difícil resumir em algumas linhas as ideias ou teorias expostas ao longo de extensos volumes e em numerosos artigos de revistas. Isso se deve ao fato de que Roca não se deixa aprisionar em nenhuma escola, mas elabora sua própria síntese, muito eclética, aliás. Ele adota ideias de várias fontes e de todos os tipos de escritores, admitindo ser apenas um "fonógrafo". E isso é evidente em uma incrível quantidade de citações que constituem a maior parte de seus livros.

Insatisfeito com a exposição tradicional dos dogmas feitos pela Igreja Católica, ele busca em outros lugares uma explicação que lhe convém. Assim, ele contrasta a doutrina exotérica, conhecida por todos, com a doutrina esotérica, oculta mas reservada a alguns iniciados. "O esoterismo - ele diz - é a parte velada e até agora desconhecida da verdade religiosa e social que se esconde sob a letra das Sagradas Escrituras, dos dogmas, dos mistérios e dos sacramentos de todos os cultos".

Ao mesmo tempo, como vimos, preocupado com o que ele acredita ser uma ruína do cristianismo, observando os distúrbios políticos, sociais e morais que prevalecem em todo o mundo, ele culpa o Papa, como Soberano temporal, e o ultramontanismo. Portanto, ele vai buscar em todas as fontes que encontrar: o cabalismo e as religiões orientais; Saint-Yves d'Alveydre e todo um grupo de esotéricos que ele considera os pensadores mais profundos do mundo; também no positivismo de Auguste Comte, no liberalismo, no cientificismo, no socialismo e nos princípios de 1789; no evolucionismo de Darwin; ainda no platonismo, na escola de Alexandria, etc.

Saunier destaca, com razão, "a exaltação mística que transparece em cada um dos seus trabalhos, do cônego Roca, profetizando com ardor e não sem erudição, mas como se estivesse em um delírio sagrado: Fourier, Saint-Simon, Ballanche, e a Cabala, Buchez, Chateaubriand, os Mahatmas, Auguste Comte e Quinet, e muitos outros desfilam para anunciar a renovação da sociedade por meio de um cristianismo rejuvenescido. Rejuvenescido pela sinarquia".

E com todos esses elementos coletados de várias fontes, ele constrói um sistema global que renovará completamente o mundo, do ponto de vista religioso, político e social, sendo esses três aspectos intimamente ligados. Aqui está uma pequena antologia, extremamente breve, pois Roca tem opiniões sobre tudo.

Do ponto de vista religioso, todos os dogmas fundamentais são preservados pelo menos nominalmente, mas explicados esotericamente.

Deus é "o não-ser no sentido esotérico do Zohar, ou seja, a Essência não-criada, eterna e ainda mais inacessível, pela qual o ser é em todos os seres, o espírito em todos os espíritos, a alma em todas as almas e a vida em todas as vidas". (MN, 213,)

> "E é porque Deus não tem corpo que Ele está presente em todos os lugares no infinito do tempo e do espaço, sob os véus da luz cósmica e do éter astral, que lhe servem de vestimentas, e pela difusão dos fluidos elétricos, magnéticos, inter-atômicos, inter-planetários, inter-estelares e sonoros, que lhe servem de veículos e de agentes providenciais".

Para ele, "o universo é um ser vivo, constituído como nós de um espírito, de uma alma e de um corpo".

O pecado original: "O cataclismo que precipitou nosso mundo e nossa humanidade na matéria foi o castigo por um crime horrendo, uma revolta audaciosa mencionada nas tradições de todos os Templos e que a Igreja Cristã chama de pecado original. Nós, os sacerdotes, até agora havíamos carecido de luz para explicar esse fenômeno biológico, que é um fato certo de fisiologia e sociologia, como vou tentar explicar". (MN, 231.)

A Redenção: "Já vimos, no capítulo anterior, que o dogma da queda original responde à lei física da gravidade, e que a queda das essências espirituais é explicada da mesma forma que a dos corpos pesados. Resta-nos ver, neste capítulo, como o dogma da Redenção responde por sua vez à lei física da atração, e como a elevação das sociedades humanas ocorre da mesma maneira que a ascensão e o balanço das esferas materiais no espaço infinito". (MN, 283.)

O Cristo: "É de fé, ainda hoje, enquanto aguardamos que seja de ciência amanhã, que o novo Adão, ou Jesus Cristo, é a segunda edição do Adam Kadmon, reintegrado na plenitude dos atributos que perdeu durante a catástrofe social conhecida como pecado original. Também é de fé que tal foi o Cristo em sua humanidade gloriosa, tornada visível no Monte Tabor, como será o homem no dia de sua completa restauração, amanhã". (MN, 67).

> "Há o Cristo solar do Zohar, e há os Cristos planetários que o encarnam nos mundos. Há o Cristo-Espírito celestial e há os Cristos terrestres que o manifestaram durante o ciclo antigo e muito longo da iniciação primitiva." (MN, 516.)

O Espírito Santo: "Os naturalistas chamaram essa força de essência vital, os Mahatmas de Akas, Akas ou Prakrit, os espíritas de fluido mediúnico, os hipnotizadores de fluido magnético, os físicos de fluido elétrico, Moisés de Ruach Elohim, os gregos de Éter Divino, os romanos de Mens ou Spiritus: é tudo isso ao mesmo tempo, e algo mais ainda. Cristo lhe deu seu verdadeiro nome quando a chamou de Espírito Santo, o sopro

vivo de Deus..."

E ele adiciona: "Com qualquer nome que se batize a força cósmica colocada pelo Criador à disposição do homem, é certo que a ciência acabará por usá-la em sua totalidade, assim como utiliza o vapor desde Papin, o gás desde Lebon, o fluido elétrico desde Franklin e o fluido magnético desde Mesmer". "Em toda a verdade, os Cristãos que repetem de joelhos esta magnífica oração de nossa liturgia: Emitte Spiritum tuum et creabuntur et renovabis faciem terrae não fazem outra coisa senão solicitar En-Soph, o eterno princípio masculino, a derramar seu fluido gerador no seio de Ochmach, o princípio feminino vivo. O mistério da fecundação universal opera-se em toda parte na criação, assim como ocorria tipicamente nas entranhas imaculadas da Virgem de Nazaré." Para ele ainda: "O Espírito atravessa de baixo para cima toda a região material, e sai do reino da animalidade para atingir sua plena eclosão no cérebro do homem, em sua inteligência e seu gênio, de onde ele se lança, radiante, na esfera angélica". (MN, 228.)

O milagre: "Nenhum mistério que deva sempre permanecer misterioso! Nenhum milagre do qual não se chegue cedo ou tarde a descobrir a lei e a reproduzir os efeitos por vias metodológicas e seguras. Portanto, nenhuma tradição sagrada que não se possa justificar racionalmente no momento certo." (MN, 242.)

Os sacramentos: "Em todos os casos, seria magia branca, como a dos nossos sacramentos, dos nossos ritos e dos prodígios realizados tanto por Cristo quanto pelos taumaturgos. Estamos entrando em um caminho científico que nos levará longe e muito alto." (MN, 249.)

O Papado: É apenas uma etapa que evoluirá. "Até agora, só tivemos desta Instituição apenas a sombra, uma sombra que permanece como um vestígio do passado, como um prelúdio do futuro. O papado romano é ao mesmo tempo um resquício do que foi e um esboço do que será, uma lembrança e uma esperança." (MN, 449.)

A Força de Cristo: "Descobri por experiências pessoais, das quais devo minha recuperação da visão, que, graças ao influxo do Espírito de Cristo em nosso coração e em nosso cérebro, esse coração e esse cérebro podem se tornar geradores de uma força cósmica da mais alta e mais pura qualidade, mais do que isso, laboratórios onde não é apenas o homem que opera, mas onde trabalha conosco o próprio Cristo, como São Paulo ensina claramente: Vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim. Todos os cristãos sabem disso, mas o sabem como o carvoeiro, pela fé morta! Ah! é muito diferente saber disso pela ciência viva, pela ciência experimental, racional e positiva." (MN, 554).

A partir deste corpo doutrinário, Roca aborda o que era então chamada de **questão social**. Visto que a Redenção é a salvação do cosmos inteiro, material e espiritual, ela será realizada pelo "Cristo social" ou pelo "cristianismo social". Nos últimos anos de sua vida, quando caiu no mais completo anticlericalismo, ele até usa as palavras "proletariado", "massas populares", com uma violência que lembra a de certos líderes políticos contemporâneos. Ele se autodenomina socialista, mas à sua maneira, que é a do século XIX. Ele prevê a formação de associações sindicais, novos grupos, federações de povos, e até mesmo, o que é mais surpreendente, a formação dos Estados Unidos da Europa (MN, ch. XII, p. 406).

Na **política**, enquanto todo o clero de sua diocese, e poderíamos dizer da França, é monarquista, ele é republicano. Será que isso vem de suas origens familiares ou do antigo fundo tradicionalmente democrata dos catalães?

> "Eu acredito que a democracia hoje em dia é a legítima filha da Igreja Católica, nascida da união de Jesus Cristo com esta Igreja... Eu acredito que esta redenção é realizada na nova sociedade pelo advento da democracia". "A sociedade moderna é filha de [17]89... Mas também é filha de Cristo e da Igreja... E por quê? Por causa do Espírito de Cristo que se tornou o espírito público de todos os povos civilizados..."

Tudo isso encontrará sua aplicação prática no que ele chama de "a divina sinarquia", de acordo com uma constituição que reunirá todos os povos, com parlamentos, câmaras, onde todos os corpos da sociedade, todas as religiões serão representadas. Neste conglomerado, o Papa terá apenas uma primazia espiritual e a Igreja Católica será completamente diluída. Depois de tudo isso, o que resta da especificidade da Igreja Católica? Praticamente nada. Certamente isso contribuiu, entre outras coisas, para sua condenação por Roma.

Através de tantos desenvolvimentos, raciocínios obscuros, estatísticas mais ou menos corretas, utopias generosas, encontramos algumas previsões surpreendentes, quase proféticas.

O progresso: "Quando se pensa que há menos de meio século, um dos nossos mais famosos estadistas dizia seriamente, do púlpito parlamentar, que jamais os trens substituiriam as diligências, pois o país da França era muito acidentado!!!"

E o que teria respondido o Sr. Thiers a alguém que lhe afirmasse isso: antes de morrer, terá o privilégio de tomar café da manhã em Paris e jantar em Marselha, no mesmo dia; cinquenta anos depois, daremos a volta ao mundo de trem, e ouviremos este chamado na estação do Leste: Senhores passageiros para a Rússia, China, Kamchatka, Canadá, Estados Unidos, México, Panamá, Rio Amazonas, Terra do Fogo, em frente!... O momento se aproxima em que a distância se tornará negligenciável pela telefonia, como já o é para a telegrafia; telefonar-se-á de Paris não apenas para Le Havre ou Marselha, como hoje, mas para Argel, Yokohama, Melbourne, São Francisco...» Ele até prevê os cabos submarinos e a telefonia no trem. «A intrincada rede de cabos elétricos da voz humana envolverá o mundo em suas malhas apertadas e intermináveis». (MN, 86.)

Os Estados Unidos da Europa: "Assim se explicam as tendências que surgem entre as nações modernas, esse instinto que as impele irresistivelmente a se federarem na Europa; como se federaram nos Estados Unidos da América, sob o impulso do mesmo Espírito, o Espírito Santo do Evangelho". Ele vê em uma confederação Renano-Alpina "o primeiro núcleo dos Estados Unidos da Europa" (MN, 406).

O feminismo: "Eu anuncio a próxima vinda da mulher e de seu ministério religioso e social..." É hora de os homens "cederem algo de sua supremacia e arrogância, de emancipar a mulher e de admiti-la desde hoje nos Conselhos do Governo, na participação dos direitos civis e dos cargos públicos, dos quais eles haviam brutalmente se arrogado o monopólio até agora." "A ascensão da mulher ao altar, sua ordenação, sua consagração para a oferta pública do sacrifício, tudo isso faz parte da gnose sagrada e é uma parte essencial do grande depósito da tradição" (MN, cap. XV, passim).

No âmbito religioso católico propriamente dito, ele advoga e anuncia uma mudança completa no papado, nos sacramentos e na liturgia, o abandono da batina, o casamento dos padres, a secularização, etc.

> "**Somente um concílio pode resolver esses problemas e as questões relacionadas a eles, reproduzindo na ordem eclesiástica o espetáculo que os Estados Gerais da França ofereceram na ordem política em 1789**" (CP, 273).
>
> "**Eu acredito que o culto divino, conforme regulado pela liturgia, cerimonial, ritual e preceitos da Igreja romana, sofrerá em breve, em um concílio ecumênico, uma transformação que, ao mesmo tempo que lhe devolve a venerável simplicidade da era apostólica, o colocará em harmonia com o novo estado da consciência e da civilização cristãs...**" (Id. 300).
>
> Os padres também assumirão funções civis, nacionais, municipais e familiares, tanto no município quanto no lar. A horrenda ferida do celibato, fonte de corrupção e esterilidade em todos os povos que sofreram com esse flagelo, desaparecerá, até mesmo dos quartéis, no dia em que tiver desaparecido das sacristias." (MN, 472.)

Isso é, entre outras coisas, o que será o Mundo Novo, segundo Roca.

Um retrato

Ele tinha uma personalidade forte, impulsiva e teimosa, nunca recuando quando formava uma opinião ou decidia uma ação a ser empreendida. Ele sempre seguia em frente. Além disso, era inteligente, dotado de uma vasta cultura filosófica e literária, e uma memória prodigiosa. Ele lia muito, tanto livros antigos quanto modernos, jornais, revistas, lembrando tudo perfeitamente em sua mente. De fato, seus livros são praticamente um tecido de citações. Às vezes, ele parecia ingênuo ao ponto de surpreender. Ele também não carecia de generosidade para lutar contra as injustiças, defender os oprimidos e distribuir generosamente grandes esmolas aos pobres.

Dotado de uma sólida formação literária, o escritor manuseia a pena com facilidade e elegância, sem nunca transgredir as regras que lhe foram ensinadas. Seu estilo é rico, mas pode se tornar cansativo com o tempo; é semelhante ao dos oradores sagrados de sua época, repleto de apostrofes, exclamações e interrogações. Polemista, ele não é covarde, mas gosta de uma boa discussão; não esconde suas opiniões, mas tenta disseminá-las, até mesmo ao Papa, se fosse possível. Naturalmente convencido de possuir a verdade, ele se afunda em seu orgulho, obscurecido, não encontrando mais o caminho certo e se perdendo em um labirinto impossível. Como muitos de seus semelhantes, ele carecia de uma certa humildade cristã, de bom senso e, acima de tudo, de verdadeiros princípios teológicos.

Sobre seus gostos? Ele apreciava todos os escritores vanguardistas, independentemente de suas inclinações, especialmente aqueles do século XIX, os heterodoxos, seus amigos no esoterismo. Ele gostava das ciências e do progresso, da Revolução de 1789, mas não daquela persecutória e fanática de 1793. Ele tinha grande apreço pela América, que contrastava com "a velha e farisaica Europa".

Ele também nutria ódios irredutíveis e bem definidos. Os Jesuítas, a Inquisição, todos os reis que julgava através dos boatos do ensino primário, os dois Napoleões, Monsenhor Gerbet, porque estava à frente do Syllabus. Mas seu grande inimigo era Hildebrand (o Papa Gregório), a quem acusava de todas as misérias e males, a tempo e fora de tempo. Lutero, cuja "doutrina é ímpia, abominável, verdadeiramente satânica", e por causa dele, os Teutões:

> "Você vai ouvir isso, e então entenderá por que a consciência teutônica se tornou o que é hoje: enquanto dilaceravam as nações, enquanto esmagavam os povos, enquanto oprimiam o corpo social de Cristo, o teutão exclamava do púlpito do Reichstag: 'Nós, alemães, tememos a Deus! Mas nada mais neste mundo!' Senhor! Senhor! Ó Jesus! Eles te temem, essas pessoas, dizem eles!... Sim, sim, do jeito que Lutero os ensinou..." (MN, 320.)

Após o desastre de Sedan, essa animosidade se torna mais compreensível. Até mesmo o bom Padre Exupère de Prats de Mollo, um capuchinho, é criticado por causa de seus livros e opiniões sobre o espírito de pobreza. Quanto a Monsenhor Soubirane, seu compatriota, e especialmente o Cardeal Lavigerie, após o famoso brinde de Argel, eles são alvo de duras críticas no jornal de Roca: "Monsenhor Lavigerie é uma raposa astuta, um velhaco esperto, um habilidoso dissimulado. Eu o conheço, e me perguntava se não teria que desmascarar, perante o povo, esse patife vermelho, para mostrar como ele é, como já se mostrava quando era meu colega na Escola de Altos Estudos de Paris. Desde então, não o perdi de vista, e sei muito bem quem ele é..." Mas nesse momento, Roca tinha caído no mais virulento anticlericalismo e sua paixão acabou por desorientá-lo completamente.

A condenação e a inclusão no Index

Até cerca de 1889, o abade Roca residia habitualmente em Neuilly, no 49 da Avenue du Roule, no beco des Sablons. Na capital, ele tinha a oportunidade de frequentar certos círculos, salões, encontrar amigos, especialmente os da L'Etoile. Ele até afirmava que suas relações poderiam tê-lo levado a ser elegível para o episcopado, em uma época em que o Concordato praticamente permitia ao governo fazer sozinho as nomeações episcopais.

"Assim ela vai, minha consciência, porque eu não quis que ela fosse a Monsenhor, com mitra na cabeça e báculo na mão. Teria sido fácil, muito fácil, tingir minha batina de violeta. Bastaria aceitar um convite para jantar na casa de um dos meus amigos, onde me encontraria à mesa com o Ministro dos Cultos. 'Venha, deixe-me cuidar disso, e você será bispo'. Ah! É assim que os Bispos são feitos na França? Obrigado, caro senhor, funcionário do Estado, eu nunca serei. 'Todo assalariado é um escravo. Quem é pago, depende de quem paga', dizem juntos Lacordaire e Montalembert... Que perguntem ao atual Ministro dos Cultos, Sr. René Goblet, se eu sou da madeira que se fazem as flautas episcopais nos dias de hoje. Eis o que tenho a responder àqueles que me acusaram de cortejar o Governo por motivos de ambição." (AM, 366.)

No entanto, as ideias que ele difundia em seus livros e revistas certamente deveriam preocupar os teólogos ortodoxos e também a hierarquia. Como ele não percebia isso? Ele escreveu em seu último livro:

> "Tenho a ideia de que Roma me compreende e me abençoa in petto! Pude falar no Vaticano, diante de cardeais. Pude falar em outros lugares diante de núncios e arcebispos. Se eles não me encorajaram abertamente, também não me fecharam a boca. O cardeal ministro de Estado de Sua Santidade Leão XIII, Monsenhor Jacobini, a quem um dia ofereci quebrar minha pena, se ele consentisse em assumir diante de Deus a responsabilidade por esse ato, respondeu-me: 'Eu me guardaria disso!' E o Cardeal Guibert, arcebispo de Paris, me disse, abençoando-me: 'Você pode estar certo; o futuro dirá'. Eu citaria outros testemunhos, se não temesse ser indiscreto. Diante dessa atitude expectante da Igreja romana, começo a esperar tudo de sua fidelidade ao Santo Evangelho de Jesus Cristo. Não fui nem condenado, nem censurado: isso diz tudo." (MN, 148.)

Sim, parece que ele esqueceu da prudência da Igreja e da lentidão romana!

Sim, parece que ele estava tentando se precaver antecipadamente ao fazer esse comentário curioso:

> "O Index não é o que se imagina no mundo; não é a condenação de todas as ideias expressas em um livro. Como o nome indica, é um aviso para ter cuidado, às vezes até uma distinção, como seria a inscrição em um quadro de honra. Isso significa: este ensinamento não é para todos. As ideias são tão novas, tão elevadas, que, se você não prestar atenção, podem desorientá-lo, perdê-lo. Você está avisado. Abra os olhos.
>
> Em nosso tempo, o Index da mão do Papa se levanta e marca cada vez menos. Por impotência, dirão alguns. Por obsolescência, então? Um pouco sim, mas muito mais devido ao progresso e ao desenvolvimento do Espírito de Cristo na mente do homem. O papel do Index está praticamente encerrado."
>
> Em qualquer caso, certamente não será ao meu livro que isso se aplicará. A razão é bastante simples; sou o primeiro a me colocar no Index, dizendo aos meus leitores: "Se lhe parece que meu ensinamento difere do ensinamento tradicional esotérico da Igreja de Jesus Cristo, santa, católica e apostólica, é porque você não entende. Você está enganado, releia-me com mais atenção. Dito isso de uma vez por todas, continuemos..." (MN, 32.)

Uma tal inconsciência desconcerta. Todos sabem que o Índice tomava, naquela época, uma aparência desatualizada e anacrônica. Considerá-lo como um quadro de honra e uma distinção!

> "Se Roma não me condenou - dizia ele em outro lugar - não foi por falta de sugestões vindas de várias direções, asseguram-me."
>
> Não sei oficialmente. Mas Roma não pode violar a justiça! Roma nunca me condenará, pois o que ensino é a pura e santa verdade do divino Evangelho.

Há muito tempo, ele sabia disso, seus escritos estavam sendo estudados em Roma e o processo pronto para uma condenação solene. Assim, o Semanário Religioso da diocese de Perpignan publicou, em sua edição de 26 de janeiro de 1889, o decreto de condenação e inclusão no Índice dos três primeiros livros: O Cristo, O Papa e a Democracia; A Crise Fatal e a Salvação da Europa; O Fim do Velho Mundo. O quarto trabalho, O Mundo Novo, que parecia ser o mais heterodoxo, não estava incluído neste decreto, pois ainda não havia sido publicado.

Foi a própria Congregação do Santo Ofício que os condenou em 19 de setembro de 1888; e então os cardeais encarregados de supervisionar "livros de má doutrina, corrigi-los e condená-los", ordenaram que fossem incluídos no Índice dos Livros Proibidos em 14 de dezembro seguinte. Três dias depois, o decreto pontifical foi publicado.

Após essa decisão romana, o bispado de Perpignan publicou a seguinte nota:

> "Em conformidade com as instruções recebidas da Santa Sé, o Bispo de Perpignan convocou o Abade Paul Roca para notificá-lo do referido decreto. Sua Excelência então o exortou a se submeter à condenação de seus escritos e retratar as doutrinas errôneas; como o Abade Paul Roca recusou, foi declarado, em cumprimento das mesmas ordens, que ele estava suspenso".

A tradição oral afirma que a discussão entre o Bispo Gaussail e o Abade Roca foi tão acalorada que este último se deixou levar e deu um tapa no bispo. Assim, de padre marginal que era até então, Roca tornou-se suspenso a divinis, com todas as consequências práticas que isso acarretava.

Em 12 de novembro de 1890, o Bispo Noël Gaussail, de Perpignan, publicou uma Ordem impressa, numerada como 14, "Proibindo o Sr. Paul Roca de usar o hábito eclesiástico, de assumir o título de cônego honorário e condenando o jornal O Anticlerical Roussillonnais". Apresentamos aqui o que é essencial desse documento.

"Considerando que o Sr. Paul Roca, padre, deixou, no final do ano de 1870, a diocese de Perpignan à qual pertencia e passou dez anos em Barcelona sob o peso de uma dupla interdição pronunciada pela autoridade diocesana de Barcelona e de Perpignan;

Considerando que, tendo sido reabilitado em 1882 pela indulgência de Mons. Caraguel, nosso venerado antecessor, ele publicou pouco tempo depois diversos escritos repreensíveis e manifestamente opostos em vários pontos à doutrina católica, e que, após essa publicação, Mons. Caraguel lhe comunicou uma nova sentença de interdição, datada de 6 de junho de 1884;

Considerando que esses mesmos escritos foram condenados por um decreto da Sagrada Congregação do Santo Ofício, datado de 14 de dezembro de 1888, publicado por ordem de nosso Santo Padre o Papa em 17 de dezembro seguinte, e inscritos no Índice dos Livros Proibidos, por decreto do mesmo dia;

Considerando que, tendo esses decretos sido notificados por Nós ao Sr. Paul Roca em 19 de janeiro de 1889, ele se recusou a se submeter;

Considerando que, além das censuras incorridas por ele, nessa ocasião, em virtude das leis gerais da Igreja, Nós mesmos lhe comunicamos uma nova sentença de interdição;

Considerando que, desde essa época, o Sr. Paul Roca persistiu em sua rebelião e agravou-a por novos escritos injuriosos contra a Igreja e a Doutrina Católica, e que atualmente ele publica um jornal intitulado "O Anticlerical Roussillonnais" do qual ele se declara o editor-chefe, assumindo o título de cônego honorário e padre da Igreja Católica;

Considerando que o próprio título deste jornal revela seu caráter hostil à Igreja Católica e sua hierarquia, e constitui, por parte de seu autor, a repúdio do clero com o qual ele foi honrado e o desprezo pelos compromissos que ele assumiu;

Considerando que, em decorrência das censuras que ele incorreu, o Sr. Paul Roca foi destituído do título de cônego honorário, e que além disso ele não consta mais, há cerca de vinte anos, na lista de cônegos honorários, nem mesmo nas estatísticas do clero diocesano;

Considerando que o traje eclesiástico do qual ele se tornou indigno, e que ele faz questão de usar, ainda poderia lhe dar uma certa credibilidade aos olhos da população;

Considerando que é nosso dever proteger nossos diocesanos contra as influências prejudiciais de tal escândalo e pôr-lhe fim, tanto quanto estiver em nosso poder. Ordenamos e ordenamos o seguinte:

1. As sentenças e censuras proferidas contra o Sr. Paul Roca são mantidas, renovadas e publicadas.
2. O título de cônego honorário não deve mais ser atribuído a ele e é proibido que o tome.
3. O uso do traje eclesiástico também lhe é proibido.
4. O jornal "O Anticlerical" é condenado, sendo proibido aos fiéis sujeitos à nossa jurisdição assiná-lo, comprá-lo e lê-lo.

Essa decisão ocorreu três dias após a publicação do primeiro número do jornal "O Anticlerical Roussillonnais". Profundamente revoltado, Roca mergulhou então em um anticlericalismo ainda mais hostil e veemente, que encontrava eco no ambiente político da época. Apoiado por alguns políticos de esquerda, "O Anticlerical" tornou-se uma tribuna onde a triste disputa ganhou livre curso e se espalhou pela via pública. Lá, como por exemplo no jornal diário "O Independente" e em outros lugares, ele atacou a Igreja Romana, Mons. Gaussail, e padres com grande virulência. Por outro lado, o jornal tradicionalista "Le Roussillon" replicou e apoiou o bispo. Outros jornais ou revistas parisienses ou provinciais ecoaram essas polêmicas, e naturalmente "L'Etoile" também se envolveu.

Ainda mais porque a revista do ex-padre também se entrega ao socialismo. Defendendo a classe trabalhadora, Roca chega a se dirigir ao Procurador da República para denunciar alguns fatos sociais. Tanto é assim que o Prefeito dos Pirineus Orientais deve fazer um relatório ao Ministro dos Cultos. Falando das cartas muito violentas publicadas na imprensa local, este alto funcionário escreve:

> "Essas cartas não produziram nenhuma impressão no departamento, onde a população vê com total indiferença a disputa entre padres."

Sabemos, no entanto, que os bons cristãos sofreram muito com isso e que todo o clero foi profundamente afetado, por muito tempo. Nesse momento, Roca havia praticamente se retirado para Pollestres, em uma pequena casa proveniente da herança paterna, que ele chamava de castelo porque estava incluída em

construções medievais. O pároco dessa paróquia escreveu ao Bispo em 17 de abril de 1891:

> "Ao retornar à minha paróquia, há dois anos, encontrei também um homem que por muito tempo foi para mim um grande motivo de tristeza; esse homem eu suportei, em silêncio, eu o amei porque orei muito por ele; eu suportei esse homem, digo, enquanto sua conduta me pareceu correta mesmo na adversidade; mas quando esse homem se manifestou abertamente, mostrou todo seu ódio, toda sua raiva, todo seu ressentimento, se mostrou completamente desnudado; então, Monsenhor, eu acreditei que era hora de falar. Foi quando esse homem espalhou em minha paróquia e em um único dia cinquenta exemplares de seu jornal amaldiçoado, que eu achei meu dever de pastor proteger contra esse veneno mortal as almas confiadas pela Sua Grandeza à minha guarda, à minha vigilância. É o homem, que não é outro senão o Sr. Roca, eu estou atônito porque ele não é mais nada aqui..."

Últimos anos

Por outro lado, Roca enfrentava graves problemas de saúde e passava por algumas dificuldades financeiras. Provavelmente ainda recebia a pensão vitalícia de três mil pesetas que o Sr. Hachon se comprometera a pagar. Também recebia duas pequenas pensões de algumas centenas de francos do Ministério dos Cultos e do Ministério da Instrução Pública. Mas não devia ter mais nenhuma outra fonte de renda.

Suas economias tinham se esgotado com suas publicações e, aparentemente, com doações aos pobres. Segundo seu testamento, na sua morte não possuía mais nada. Ele até mesmo escreveu solicitando auxílio ao Ministro dos Cultos e à esposa do Presidente da República, Sra. Sadi Carnot. Já em janeiro de 1893, a revista L'Etoile lançou uma subscrição nacional em seu favor, indicando que ele estava quase cego e sem recursos.

Há alguns meses, ele se retirara para a casa de uma de suas sobrinhas na pequena vila de Néfiach, onde passou os últimos dias de sua vida. A casa em que morava fica na rua Camille-Pelletan e hoje pertence a sobrinhos-netos, Sr. e Sra. Surjus. Eles, assim como a Sra. Danjou-Domergue, outra sobrinha-neta, nos receberam muito gentilmente e nos mostraram as lembranças que a família conserva com cuidado há quase noventa anos. É realmente algo surpreendente e emocionante. Talvez o meio rural seja o único a ter tal espírito de preservação.

Nós vimos lá uma medalha de bronze com a inscrição "Escritório de beneficência de Neuilly-sur-Seine. 1885-1886. Coleta para os pobres. Padre Roca, comissário". Uma foto amarelada o mostra sentado ao lado de sua sobrinha Marie Domergue, que está em pé. Ele está vestido com trajes civis, usando colete e sobretudo preto; rosto redondo, sério, testa larga e uma barba branca bem cuidada. Um pouco barrigudo e rechonchudo, ele devia ser de estatura pequena.

No térreo desta modesta casa de agricultores, na pequena sala de estar, há um aparador transformado em altar e vestiário, onde ele celebrava a missa. Uma tábua cortada em forma de frontal de altar, envernizada e decorada com anjos e flores esculpidas, indica isso claramente. Desde a morte do padre Roca, este móvel não mudou de lugar. Mais extraordinário ainda, há sempre na pequena prateleira um cálice ou copo de prata, marcado com as iniciais P R, que ele usava como cálice.

No primeiro andar, em um quarto cujos tetos tiveram que ser elevados para acomodá-lo, a grande biblioteca ainda está lá, ao lado de uma mesa de trabalho em madeira branca. A biblioteca é um grande móvel de nogueira esculpida, com dois corpos sobrepostos e quatro portas de vidro; no topo, em uma cartela, as iniciais P R. Deve conter cerca de trezentos livros, a maioria encadernados, além de cadernos e alguns maços de manuscritos. Ainda está, aparentemente, quase completa. Nós catalogamos apenas parte dos volumes, os que nos pareceram os mais característicos, e os apresentamos seguindo uma classificação fictícia.

Cultura geral

Nós vemos lá, primeiro, os volumes que poderiam constituir a biblioteca de qualquer padre culto do século XIX:

- Dicionário da Academia;
- Dicionário latim-grego;
- Dicionário de biografias;
- Uma Concordância da Bíblia;
- Uma Coleção de obras latinas e gregas;
- Gratry, A Lógica e outras obras;
- Maistre (J. de), Obras;
- Carrière, A Sagrada Bíblia, 6 volumes;
- Ladoue, Mons. Gerbet, 3 volumes;
- Chaignon, Meditações sacerdotais;
- Bluteau, O Catecismo segundo São Tomás de Aquino;
- Scavini, Teologia Moral;
- Laharpe, Obras (Ano VII da República);
- Ozanam, Obras;
- Dupanloup, Obras;
- O Concílio de Trento;
- Bouillerie (Mgr de la), O Simbolismo da Natureza;
- Nettement, A Verdade do Evangelho;
- Milton, Paraíso Perdido;
- De Bonald, Obras Completas;
- Bossuet, Obras;
- Rohrbacher, História Universal da Igreja;
- Joly, Ensaio sobre os costumes da Alemanha;
- Achon (abbé), Sermões (vários volumes);
- Exupère (Père), A Pobreza;
- Planos de Sermões;
- Bernardin de Saint-Pierre, Estudos sobre a natureza, 1786;
- Balmès, Obras;
- Dom Guéranger, O Ano Litúrgico;

Livros de oposição

- O padre *, Os Odores ultramontanos, Paris 1867, 6 vol.
- X..., A espada sobre Roma e seus cúmplices. A vinda e ensinamentos de Elias sobre a gloriosa vinda de Jesus Cristo, Londres, 1855;
- Dollinger, Paganismo e Judaísmo;
- Curci, Vaticano Real, Florença-Roma, 1883; e outras obras;
- O padre *, O Jesuíta, Paris, 1865;
- Loyson, A reforma católica e a Igreja Anglicana, Paris, 1879.
- Loyson, A Igreja Católica na Suíça, Genebra, 1875.
- Pierre-Michel (Vintras), A religião cristã, Londres, 1860.

Livros de esoterismo e outros

- Petavel-Oliff, O perigo supremo, 1892 (homenagem do autor);

- F. Fabre, Lúcifer, Paris, 1884;
- Alber Jhouney, O Reino de Deus, Paris, 1887 (homenagem do autor);
- Alber Jhouney, Os lírios negros, 1888 (homenagem);
- Alber Jhouney, O livro do Juízo, Ed. de l'Etoile, 1889 (dedicatória: Para o meu venerado amigo e irmão em... (letras hebraicas?), o cônego Roca, seu devotado, Alber Jhouney);
- Putsages, Estudos de Ciência Real, Paris, Alcan, 1888 (homenagem do autor);
- Lady Caithness, A teosofia cristã, Paris, 1886;
- Lady Caithness, Visita noturna a Holyrood, Paris, 1884 (dedicatória: Com a afetuosa simpatia da autora);
- Lady Caithness, Os verdadeiros Israelitas, Paris, 1889 (com dedicatória: Lembrança de respeito e amizade ao padre * Roca, Duquesa de Pomar);
- Peladan, Como se tornar um Mago, Paris, 1892;
- Stanislas de Guaita, Ensaios de Ciências Malditas, Paris, 1886 (dedicatória: Ao Sr. Padre Roca, homenagem respeitosa e fraternal em... (mesmas letras hebraicas que acima), S. de Guaita).

Livros em castelhano

- Torres de Castillo, História das Perseguições, 1863, Barcelona, 6 vol., 1863;
- Maria-Nin, Segredos da Inquisição, Barcelona, 1855;
- Llorente, Anais da Inquisição na Espanha, Madrid, 1812;

Revistas

(Nenhuma coleção completa, números esparsos)

- Revue des Questions Historiques;
- Revue Spirite, Allan Kardec;
- L'Aurore, órgão do cristianismo esotérico (Paris, na casa de Lady Caithness);
- Revue Théosophique (diretora: condessa d'Adhémar);
- L'Initiation, Paris, 29, rue de Trévise;
- Le Lotus;
- Revue Socialiste, Paris;
- La Fraternité, Genebra;
- La Voix de la Septaine, Tilly-sur-Seules (órgão da seita dos Vintras).

Assim, foi em Néfiach que Paul Roca faleceu de "um ataque de apoplexia" em 10 de setembro de 1893, às 23 horas; ele tinha sessenta e três anos de idade. Diz-se que Jules Doinel, patriarca da Igreja neo-gnóstica, chamada de gnóstica, redigiu imediatamente após a morte do padre um "mandamento" no qual convocava seu clero a se reunir em pensamento em um momento específico que ele determinava, e a pronunciar as palavras do consolamentum reconstituído por ele, e isso "pela libertação de seu invólucro astral". (21)

Já em 12 de junho de 1890, talvez sentindo a morte se aproximar, ele fez publicar na revista L'Etoile uma "carta aberta" ao seu pároco, onde dizia: "À minha morte, meu caro amigo, você terá que tomar uma decisão cuja gravidade entenderá, quando eu lhe disser que pretendo morrer como um fiel cristão, não apenas como membro do corpo social vivo do Cristo-Espírito, ou, o que vem a ser o mesmo, da sua Igreja una, santa, católica e apostólica, mas também como padre, ou seja, como ministro ou servo dedicado desse mesmo corpo, dessa mesma Igreja".

"Por conseguinte, solicito humildemente ao meu pároco, pelo menos na hora da minha morte, a administração dos últimos sacramentos, e após a minha morte, as honras do sepultamento eclesiástico. Se esses grandes favores me forem negados, lamento informar que medidas estão sendo tomadas para que essa recusa seja divulgada a todos, pela publicação que será feita primeiro em minha sepultura, no momento do

meu enterro, e depois nas revistas e jornais onde escrevo, e todos se comprometem a inserir ao mesmo tempo minha profissão de fé católica e o texto desta carta". (22)

Para que tivesse um funeral religioso, ele teria que se retratar previamente de seus erros e a autoridade episcopal teria que reconciliá-lo com a Igreja. Infelizmente, ele persistiu até o fim em suas teorias, como prova seu testamento holográfico que pudemos consultar. Embora reitere o mesmo desejo quanto às suas exéquias, ele declara continuar a morrer na fé católica "esotérica". (23)

Nessas circunstâncias, a Igreja naturalmente recusou a sepultura eclesiástica. Seu enterro foi, portanto, civil. No entanto, seus amigos fizeram uma grande cruz de madeira que precedia o cortejo fúnebre; este passou em frente à igreja e parou por alguns momentos, antes de retomar o caminho para o cemitério. As revistas L'Initiation e L'Etoile abriram uma subscrição para seu túmulo, e com o produto, os gnósticos parisienses ergueram uma pedra memorial para ele com a seguinte inscrição:

> Ao padre Paul Roca
> Apóstolo e mártir do Cristo-Espírito-Humanidade
> Seus irmãos e admiradores

Mas há muito tempo a cruz de pedra com a epígrafe desapareceu do pequeno cemitério de Néfiach e, portanto, a sepultura não está mais marcada.

Com Roca desaparecido, apenas sua obra escrita sobrevivia, aliás, muito pouco conhecida além de um pequeno número de especialistas. É certo que ele fica muito aquém dos grandes escritores em teologia ou filosofia do século XIX, fossem eles liberais ou ultramontanos. Ele não teve o alcance, a influência ou a fama de um Renan, de um Loisy, de um Veuillot ou de um Cardeal Pie, por exemplo. Além disso, parece que não foi levado a sério fora de um círculo restrito de iniciados, como ele mesmo constatou:

> "Permitam-me surpreender-me com as críticas às minhas esperanças, qualificadas como ilusórias e ingênuas, nos resumos que a imprensa fez do meu livro: O Cristo, o Papa e a Democracia. Tenho diante de mim dezesseis jornais ou revistas onde a mesma apreciação se repete em formas variadas. Como se tivessem combinado, todos esses autores concordam em rir da minha fé, da minha boa fé, como eles dizem".

Léo Taxil ele próprio, que escreveu um ano após a morte de Roca, observou que seus apelos ao clero

> "não parecem ter encontrado muito eco, embora ele tenha se vangloriado de ter recebido muitas adesões e até mesmo de ter formado um grupo de padres católicos que secretamente adotaram o gnosticismo. É verdade? É fanfarronice? Se esse grupo realmente existe, soube guardar muito bem seu segredo; pois ainda não encontrei nenhuma pista dele em nenhum lugar".

Portanto, ele não criou escola. Algumas de suas ideias envelheceram bem; outras pertencem a certas correntes que atravessaram a história da Igreja desde Joaquim de Fiori até o liberalismo e o modernismo, e ressurgem em nossa época em diversos movimentos contestatórios. Saunier escreve sobre as teorias de Roca:

> "Tudo isso, desde então, caiu no esquecimento e apenas alguns integristas ainda denunciam nas obras do cônego Roca as fontes ocultas e satânicas do movimento ecumênico e da reforma

conciliar".

Notas

1. Quatro padres pelo menos da diocese de Perpignan tinham o mesmo sobrenome no século XIX: Rigobert Roca (1805-1883); Bonaventure Roca (1847-1910); François Roca (1837-1908), vigário-geral por muito tempo; e Peul, aquele do qual estamos tratando aqui. É importante não confundi-los, pois esse equívoco já ocorreu.

2. Assim, por exemplo, Pierre Virion, Mystère d'iniquité, Ed. Saint-Michel, 1967. O Dr. Rudolf Graber, bispo de Ratisbona, cita-o em uma carta pastoral intitulada Athanase et l'Eglise de son temps, Ed. du Cèdre, Paris, 1973; ele também se refere ao livro anterior. Já no final do século passado, Léo Taxil classificou Roca entre os satanistas, com certa veemência de linguagem, em um trabalho publicado sob o pseudônimo de Docteur Bataille, Le Diable au XIXe siècle, Delhomme et Briguet, editores, Paris e Lyon, 1892-1895, Volume 2, p.701-707.

3. Fontes:

    - Archives Nationales: Ministério dos Cultos, F. 19.5845, pasta contendo um relatório préfectoral "Caso Roca".
    - Arquivos dos P.O.: Muito poucos elementos nas séries V e T. (A.D.P.-O.).
    - Na Diocese de Perpignan: coleção do Ordo diocesano e da Semaine Religieuse; o arquivo pessoal de Roca, não encontrado, aparenta ter sido destruído.
    - Impressos: Revistas: L'Anticlérical roussillonnais, Le Socialiste Chrétien, L'Etoile.
    - As obras escritas por Roca também fornecem um certo número de detalhes biográficos. Usamos as seguintes abreviações: CP: O Cristo, o Papa e a Democracia. - CF: A crise fatal e a salvação da Europa. - AM: O fim do Antigo Mundo. - MN: Mundo Novo.

Certamente poderíamos complementar esta nota com os arquivos da Nunciatura de Paris, do Santo Ofício e da Arquidiocese de Paris. Acrescentamos que, até onde sabemos, nenhuma biografia parece ter sido publicada até o momento.

4. Registro civil da cidade de Fourques: nascimento de Paul Roca, em 26 de abril de 1830, às 8 horas da manhã, filho de Antoine, 31 anos, agricultor, residente nesta cidade, e de Elisabeth Surjus, sua esposa, 24 anos. Registros de catolicidade de Fourques, no bispado de Perpignan: "No ano de 1830 e em 29 de abril, nós abaixo-assinados, pároco de Fourques, batizamos de acordo com o rito e forma de nossa Santa Mãe a Igreja Católica, Apostólica e Romana, Paul, Etienne, Antoine, filho, nascido no dia 26 do corrente, filho legítimo e natural de Antoine Roca e Elisabeth Surjus. Os padrinhos foram Paul Rocs e Marie-Thérèse Estève, que solicitaram assinar, o pai e o padrinho assinaram conosco. A madrinha declarou não saber. Laffon, pároco, Antoine Roca-Trescases, Paul Roca".

5. Várias famílias descendem do casamento Roca-Surjus: as famílias Parayre (Pollestres-Nyls), Victor Cabanat (Ille-sur-Têt), Janicot (Canet), Domergue, Surjus, Danjon (Néfiach), Martre (Torreilles).

6. Rabadà: palavra catalã que significa um jovem ajudante de pastor.

7. A.D.P.-O.: I T 85 et 441. Carta do Prefeito ao Reitor da Academia, 10 de agosto de 1849: "Tenho a honra de informar que, em sua sessão de 2 de agosto corrente, o comitê superior nomeou o Sr. Roca Paul para as funções de professor municipal em Pollestres, com base nas boas informações fornecidas sobre sua conduta e moralidade. Por vários anos, a comunidade de Pollestres estava sem professor. Aquele que se apresentou é filho de um proprietário que ali reside, e é provável que, sem essa circunstância, essa localidade teria ficado sem escola por muito tempo, dado os poucos recursos que pode oferecer".

Carta do padre Mourat ao Reitor da Academia, 11 de outubro de 1851:

> "É lamentável que você tenha sido induzido ao erro pelas declarações falsas ou exageradas do Sr. Professor da comunidade de Pollestres, e que ele tenha intervindo para obter mais sucesso, usando a autoridade dos delegados ou de outras pessoas oficiosas, que, sem conhecê-lo de perto, o acolheram favoravelmente. Soube no último domingo, por via indireta e mais particularmente pelo Senhor Secretário da Academia, que o Sr. Roca estava sendo chamado para exercer provisoriamente na comunidade de Thuir. Eu me alegro por ele, e me congratulo com sua partida; pois, se dependesse de mim, teria solicitado sua substituição mais cedo. O Sr. professor carece de muitas qualidades das quais gosta de fazer alarde; além disso, tem uma tendência à leveza e inconstância que lhe renderam insultos pessoais e muitos inimigos na comunidade. Sem consideração pelas amigáveis advertências que lhe dirigi tantas vezes, ele quase se envergonha de parecer cristão, e só com dificuldade leva seus alunos à missa nos dias de festa, e somente este ano ele cumpriu em outro lugar, com minha autorização, seu dever pascal para que este certificado lhe valesse, penso eu, um grau a mais de progresso. ...O Sr. professor sempre se mostrou superior a todos os eventos, pois para ter sucesso, diz ele, é preciso falar muito..."

8. Arquivos nacionais: F 19.2560, Carta do Prefeito ao Ministro dos Cultos: "O clero da Cerdanha e do Rossilhão mantém relações mais frequentes, mais íntimas principalmente, com os padres espanhóis do que com o clero francês. Daí resulta que os eclesiásticos da diocese de Perpignan, que, como seus vizinhos além dos Pirineus, têm o catalão como idioma materno, são, por ideias e tendências, muito menos franceses do que espanhóis; isto é, atrasados, legitimistas, hostis à civilização, por vezes fanáticos e, salvo raras exceções, ignorantes além de qualquer descrição no que diz respeito aos princípios políticos, às bases do direito e às ideias que regem a sociedade há sessenta anos. Eles transmitem às populações não apenas sua incapacidade, mas também seus erros mais lamentáveis; de tal forma que o espírito público nas áreas rurais e até mesmo nas cidades é notavelmente ruim.

Por uma feliz anomalia, este clero, mergulhado nas trevas, tem como bispo um dos prelados mais esclarecidos, um dos espíritos mais ativos da França, Monsenhor Gerbet, escritor, publicista religioso eminente e célebre. Este prelado se esforça para difundir a luz entre seu rebanho, para civilizar as almas rústicas, despertar o patriotismo nelas, a fim de semear nelas a instrução que falta absolutamente. Seria necessário uma publicação que tivesse curso obrigatório entre os párocos da diocese, e que substituísse aos poucos os preconceitos e superstições grosseiras pelas lições da história e pela verdadeira moral do Evangelho" (1º de dezembro de 1857).

> O prefeito solicitava uma subvenção governamental de 1.500 ou 1.800 francos para publicar uma revista diocesana. É evidente que esta carta, à qual o próprio Monsenhor Gerbet não teria assinado, suscita sérias reservas.

Em primeiro lugar, ela provém de um prefeito do Segundo Império, que julga exclusivamente sob uma ótica política. Daí um julgamento injusto, pois sabemos que o clero de Perpignan, nesta época, incluía um certo

número de padres eminentes por seu conhecimento e qualidades sacerdotais: Monsenhor Naudo, arcebispo de Avignon, Monsenhor Soubiranne, bispo de Belley, o santo cônego Metge, o erudito Tolra de Bordas, o cônego Philip, autor de obras de teologia, e...

9. Nova História da Igreja, Volume 4, 419, 438. Ed. du Seuil, Paris.

10. Arquivos Históricos do Arcebispado de Paris.

11. A.D.P.-O.: 1 T 398, Declaração de Abertura: O Inspetor da Academia ao Prefeito de Perpignan, 23 de agosto de 1865: "De acordo com o artigo 60, § 5, da lei de 15 de março de 1850, tenho a honra de informar que recebi a declaração regular do Sr. Abbé Roca, professor do Petit Séminaire de Prades, que pretende abrir um estabelecimento secundário livre em Perpignan, na rue du Bastion Saint-Dominique...".

12. Promessa de renda por Don Jean Achon-Meuron, Barcelona, 28 de julho de 1875, Gonzaga-Pallos, notário. Consignação ao Abbé Roca de uma renda anual de 3.000 pesetas, quando ele se aposentar, 2 de julho de 1881, Farrès y Vives, notário em Barcelona (Documentos de família, em Néfiach).

13. Segundo uma tradição transmitida pelo Abbé Germa, antigo arcipreste de Prades, Roca teria convidado Loyson para fazer uma turnê de conferências no bispado.

14. Os dados deste parágrafo foram extraídos dos seguintes três livros: Dr. Bataille, O Diabo no Século XIX, II, 701, segs. ; Jean Saunier, A Sinarquia, Paris, Grasset, 1971 ; Pierre Virion, Mistério da Iniquidade, em vários trechos.

15. Saunier, op. cit., p. 143.

16. Dicionário de Teologia Católica, fascículo 146-147, col. 3055.

17. Dicionário de Teologia Católica, fascículo 13, col. 1271.

18. Arquivos Nacionais, E 19.5845. Jornais: L'Indépendant de 8-11-89 ; La Civilisation de 14-11-89 ; Le Monde de 8-11-90.

19. A.D.P.O.: 1 V 83.

20. Informação gentilmente fornecida por M. Jean Amadou, a quem agradeço.

21. Citado pelo Dr. Bataille, op. cit., p. 706.

22. Testamento hológrafo, conservado pela família Surjus, em Néfiach.

Artigo Original em Espanhol: Clique aqui

Original em Francês: Clique aqui

Alguns documentos de Roca: Clique aqui

Tradução para o Português: Cleber Silva

Revisão: William Gomes Ishida

VIX PERVENIT

Papa Bento XIV, 1 de novembro de 1745 Sobre a usura e outros ganhos desonestos

Observação: aos recalcitrantes que afirmem que a encíclica de S.S. Bento XIV não é ex cathedra, por ter sido dirigida apenas ao clero italiano, responde-se que o objeto em questão se trata de um PECADO MORTAL, portanto o sétimo mandamento deve ser observado.

Aos Veneráveis Irmãos, Patriarcas, Arcebispos, Bispos e Clero Ordinário de Itália.

Veneráveis Irmãos, saudação e bênção apostólica.

Mal tinha chegado ao nosso conhecimento a nova controvérsia (a saber, se certos contratos devem ser considerados válidos), quando começaram a difundir-se em Itália várias opiniões que não pareciam estar de acordo com a sã doutrina; decidimos que devíamos remediar isto. Se não o fizéssemos imediatamente, tal mal poderia adquirir nova força pela demora e pelo silêncio. Se negligenciássemos o nosso dever, poderia ainda espalhar-se mais, abalando as cidades de Itália até agora não afetadas.

1. Por isso, decidimos consultar um certo número de Cardeais da Santa Igreja Romana, que são conhecidos pelo seu conhecimento e competência em teologia e direito canônico. Também recorremos a muitos membros do clero regular que se destacavam tanto na faculdade de teologia como na de direito canônico. Escolhemos alguns monges, alguns mendicantes, e finalmente alguns do clero regular. Como presidente, nomeamos um licenciado em direito canônico e civil, com uma longa experiência judicial. Escolhemos o passado dia 4 de julho para a reunião em que explicamos a natureza de todo o assunto. Ficamos a saber que todos já o sabiam e consideravam.

2. Ordenamos-lhes então que considerassem cuidadosamente todos os aspectos do assunto, procurando entretanto uma solução; após esta consideração, deveriam escrever as suas conclusões. Não lhes pedimos que se pronunciassem sobre o contrato que deu origem à controvérsia, uma vez que não estavam disponíveis os numerosos documentos de que necessitariam. Pedimos-lhes antes que estabelecessem um ensinamento fixo sobre a usura, uma vez que as opiniões recentemente difundidas no estrangeiro pareciam contradizer a doutrina da Igreja. Todos cumpriram estas ordens. Deram os seus pareceres publicamente em duas convocações, a primeira das quais teve lugar na nossa presença no passado dia 18 de julho e a outra no passado dia 1 de agosto; depois apresentaram os seus pareceres por escrito ao secretário da convocação.

3. De fato, mostraram ser unânimes nas suas opiniões

I. A natureza do pecado chamado usura tem o seu lugar próprio e origem num contrato de empréstimo. Este contrato financeiro entre partes concordantes exige, por sua própria natureza, que um devolva ao outro apenas o quanto recebeu. O pecado assenta no fato de, por vezes, o credor desejar mais do que aquilo que deu. Por isso, afirma que lhe é devido algum ganho para além do que emprestou, mas qualquer ganho que exceda o montante que deu é ilícito e usurário.

II. Não se pode perdoar o pecado da usura argumentando que o ganho não é grande ou excessivo, mas sim moderado ou pequeno; nem pode ser perdoado argumentando que o mutuário é rico; nem mesmo argumentando que o dinheiro emprestado não é deixado ocioso, mas é gasto de forma útil, seja para aumentar a fortuna de alguém, para comprar novas propriedades, ou para se envolver em transações comerciais. A lei que rege os empréstimos consiste necessariamente na igualdade entre o que é dado e o que é devolvido; uma vez estabelecida a igualdade, quem exigir mais do que isso viola os termos do empréstimo. Portanto, se

alguém recebe juros, deve restituir segundo o vínculo comutativo da justiça; sua função nos contratos humanos é assegurar a igualdade de cada um. Esta lei deve ser observada de maneira santa. Se não for observada com exatidão, deve ser reparada.

III. Com estas observações, porém, não negamos que, por vezes, juntamente com o contrato de mútuo, outros títulos – que não são de todo intrínsecos ao contrato – possam correr paralelamente a ele. A partir destes outros títulos, surgem razões inteiramente justas e legítimas para exigir algo para além do montante devido pelo contrato. Também não se nega que, muitas vezes, é possível a alguém, através de contratos totalmente diferentes dos empréstimos, gastar e investir dinheiro legitimamente, quer para se proporcionar um rendimento anual, quer para se dedicar a atividades comerciais e empresariais legítimas. Estes tipos de contratos podem dar origem a um lucro honesto.

IV. Existem muitos contratos diferentes deste gênero. Nestes contratos, se a igualdade não for mantida, o que for recebido para além do que é justo constitui uma verdadeira injustiça. Mesmo que não se enquadre exatamente no conceito de usura (uma vez que não existe qualquer reciprocidade, aberta ou escondida), a restituição é obrigatória. Assim, se tudo for feito corretamente e pesado na balança da justiça, estes mesmos contratos legítimos bastam para fornecer uma norma e um princípio para o exercício do comércio e de negócios frutuosos para o bem comum. As mentes cristãs não devem pensar que o comércio lucrativo pode florescer com usuras ou outras injustiças semelhantes. Pelo contrário, aprendemos da Revelação divina que a justiça eleva as nações; o pecado, porém, torna as nações miseráveis.

V. Mas deveis considerar diligentemente isto, que alguns se persuadirão falsa e precipitadamente – e tais pessoas podem ser encontradas em qualquer lugar – que, juntamente com os contratos de empréstimo, existem outros títulos legítimos ou, excetuando os contratos de empréstimo, eles podem convencer-se de que existem outros contratos justos, pelos quais é permitido receber uma quantia moderada de juros. Se alguém pensar assim, opor-se-á não só ao juízo da Igreja Católica sobre a usura, mas também ao bom senso humano e à razão natural. Toda a gente sabe que o homem é obrigado, em muitos casos, a ajudar os seus semelhantes com um simples empréstimo. É o próprio Cristo que o ensina: “Não recuseis emprestar a quem vos pede”. Em muitas circunstâncias, nenhum outro contrato verdadeiro e justo pode ser possível senão o empréstimo. Quem, portanto, quiser seguir a sua consciência, deve primeiro indagar diligentemente se, juntamente com o empréstimo, existe outra categoria por meio da qual o ganho que ele procura pode ser legitimamente alcançado.

4. Foi assim que os cardeais, os teólogos e os homens mais conhecedores dos cânones, a quem pedimos conselho neste assunto tão sério, expuseram as suas opiniões. Também dedicamos o nosso estudo privado a este assunto antes das congregações serem convocadas, enquanto estavam em sessão, e novamente depois de terem sido realizadas; pois lemos as opiniões destes homens notáveis com muita diligência. Por isso, aprovamos e confirmamos tudo o que está contido nos pareceres acima, uma vez que os professores de Direito Canônico e Teologia, a evidência bíblica, os decretos dos papas anteriores e a autoridade dos concílios da Igreja e dos Padres parecem ordenar isso. Além disso, conhecemos certamente os autores que têm opiniões contrárias e também aqueles que apoiam e defendem esses autores ou, pelo menos, que parecem considerá-los. Sabemos também que os teólogos das regiões vizinhas àquelas em que a controvérsia teve a sua origem empreenderam a defesa da verdade com sabedoria e seriedade.

5. Por isso, dirigimos estas cartas encíclicas a todos os arcebispos, bispos e sacerdotes italianos, para vos dar a conhecer estas questões. Sempre que se realizem Sínodos ou se preguem sermões ou se dêem instruções sobre a doutrina sagrada, as opiniões acima referidas devem ser rigorosamente respeitadas. Tenham muito cuidado para que ninguém nas vossas dioceses se atreva a escrever ou a pregar o contrário; no entanto, se alguém se recusar a obedecer, deve ser sujeito às penas impostas pelos cânones sagrados àqueles que violam os mandatos apostólicos.

6. Sobre o contrato específico que causou estas novas controvérsias, nada decidimos por agora; também não decidiremos agora sobre os outros contratos em que os teólogos e canonistas não estão de acordo. Reavivai o vosso zelo pela piedade e a vossa consciência, para que possais executar o que Nós demos.

7. Em primeiro lugar, mostrai ao vosso povo, com palavras persuasivas, que o pecado e o vício da usura são enfaticamente condenados nas Sagradas Escrituras; que ele assume várias formas e aparências, a fim de que os fiéis, restaurados à liberdade e à graça pelo sangue de Cristo, possam ser novamente levados à ruína. Por isso, se quiserem investir o seu dinheiro, tenham diligente cuidado para que não sejam arrebatados pela cupidez, fonte de todos os males; para isso, deixem-se guiar por aqueles que primam pela doutrina e pela glória da virtude.

8. Em segundo lugar, alguns confiam na sua própria força e conhecimento a tal ponto que não hesitam em dar respostas às questões que exigem um conhecimento considerável da sagrada teologia e dos cânones. Mas é essencial para estas pessoas, também, evitar os extremos, que são sempre maus. Por exemplo, há alguns que julgam estas questões com tal severidade que consideram ilegal e usurário qualquer lucro derivado do dinheiro; em contraste com eles, há alguns tão indulgentes e tão negligentes que consideram livre de usura qualquer ganho. Que não se apeguem demasiado às suas opiniões particulares. Antes de responderem, consultem vários escritores eminentes; depois, aceitem os pontos de vista que entendem ser confirmados pelo conhecimento e pela autoridade. E se surgir uma disputa, quando algum contrato for discutido, que não sejam lançados insultos àqueles que têm a opinião contrária; nem se afirme que ela deve ser severamente censurada, especialmente se não carece do apoio da razão e de homens de reputação. De fato, os gritos e as acusações clamorosas quebram a cadeia do amor cristão e ofendem e escandalizam o povo.

9. Em terceiro lugar, aqueles que desejam manter-se livres e intocados pela contaminação da usura e dar o seu dinheiro a outrem de tal forma que possam receber apenas um ganho legítimo, devem ser admoestados a fazer um contrato de antemão. No contrato, devem explicar as condições e o ganho que esperam do seu dinheiro. Isto não só ajudará muito a evitar preocupações e ansiedade, como também confirmará o contrato no domínio dos negócios públicos. Esta abordagem também fecha a porta a controvérsias – que já surgiram mais do que uma vez – uma vez que esclarece se o dinheiro, que foi emprestado sem juros aparentes, pode de fato conter usura oculta.

10. Em quarto lugar, exortamo-vos a não dar ouvidos àqueles que dizem que hoje a questão da usura está presente apenas no nome, uma vez que o ganho é quase sempre obtido a partir do dinheiro dado a outro. Quão falsa é essa opinião e quão distante da verdade! Compreendemo-lo facilmente se considerarmos que a natureza de um contrato é diferente da natureza de outro. Da mesma forma, as coisas que resultam desses contratos serão diferentes, de acordo com a natureza variável dos contratos. Existe, de fato, uma diferença evidente entre o ganho que provém do dinheiro legalmente, e que, por isso, pode ser defendido nos tribunais do direito civil e do direito canônico, e o ganho que é obtido ilicitamente, e que, por isso, deve ser devolvido de acordo com os julgamentos de ambos os tribunais. Assim, é claramente inválido sugerir, com base no fato de que algum ganho é normalmente recebido do dinheiro emprestado, que a questão da usura é irrelevante nos nossos tempos. 11. Estas são as principais coisas que vos queríamos dizer. Esperamos que ordeneis aos vossos fiéis que observem o que estas cartas prescrevem; e que possais empreender remédios eficazes, caso se levantem perturbações entre o vosso povo por causa desta nova controvérsia sobre a usura ou se a simplicidade e a pureza da doutrina se corromperem em Itália. Finalmente, a vós e ao rebanho confiado aos vossos cuidados, damos a Bênção Apostólica.

Dado em Roma, em Santa Maria Maior, a 1 de novembro de 1745, sexto ano do Nosso Pontificado.

Tradução: Wladimir Caetano

O acordo da Igreja com à República sob o pontificado de Leão XIII

Ou como o papa salvou a República anticristã

Por François Boivin / 15 de junho de 2019

Um argumento frequentemente contraposto aos católicos favoráveis à restauração de uma monarquia cristã e legítima na França diz respeito ao Ralliement à República que a Igreja teria realizado há mais de um século, por vontade do papa Leão XIII. É útil aprofundar essa questão, e para isso recomendamos a excelente obra "Le Ralliement de Léon XIII, l'échec d'un projet pastoral" (tradução francesa publicada pelas éditions du Cerf, Paris, 2016). A essência deste artigo baseia-se neste livro do professor Roberto de Mattéi, renomado acadêmico italiano que se apoiou, notadamente, para seu estudo nas Memórias, não publicadas até o momento, do cardeal Aloisi Masella, núncio e depois membro eminente da Cúria Romana e testemunha privilegiada desses eventos. Como observa Roberto de Mattéi:

> de um simples evento histórico, o Ralliement tornou-se (...) um paradigma pastoral e um modo de governo eclesiástico com profundas consequências (1).

Ainda sofremos os efeitos deletérios dessa "pastoral". [A Redação]

A Igreja à morte de Pio IX

O papa Pio IX, chamado a Deus em 7 de fevereiro de 1878, havia sido um grande pontífice durante seu longo reinado de trinta e dois anos.

Suas escolhas políticas sempre foram "*subordinadas à defesa primordial do bem sobrenatural da Igreja e das almas*", e ele jamais deixou de combater a Revolução anticristã que se estendia pelo século XIX, especialmente por meio de sociedades secretas (como a maçonaria).

A invasão de Roma pelo exército italiano, em 20 de setembro de 1870, e a ocupação do palácio pontifício do Quirinale por Vítor Emanuel II, pareciam selar o triunfo das ideias revolucionárias contra as quais o papa advertia seus fiéis a se resguardarem, bem como das "*perniciosas e devastadoras doutrinas católicas liberais* (3)."

O conclave foi aberto muito rapidamente. É sabido que o Concílio Vaticano I, recém-concluído, havia definido como verdade de fé a Primazia do pontífice romano. Certamente, o dogma da infalibilidade não dizia respeito à política da Igreja. No entanto, toda a Europa estava com os olhos voltados para Roma.

Os cardeais não desejavam um papa santo, continuador da obra de Pio IX, mas um político com cabeça fria que restabelecesse boas relações com os Estados (exceto a Itália). O cardeal Luigi Bilio, redator principal do *Syllabus* e homem de fé e piedade foi, assim, preterido.

Com o apoio dos católicos liberais, e o suporte da diplomacia francesa, foi então eleito por larga maioria Gioacchino Pecci. Perspicaz, na França, o republicano e anticlerical Léon Gambetta saudou este "*grande dia* ", promessa de "*um casamento de razão com a Igreja*. (4)"

O papa Leão XIII

Um Papa na Esteira dos "Politicanti*"

*um termo pejorativo italiano que pode ser traduzido como "políticos oportunistas"

Com 68 anos de idade, o cardeal Pecci havia iniciado uma brilhante carreira diplomática, até a nunciatura na Bélgica, de onde foi retirado por ter se oposto à política do rei Leopoldo I. Ele foi então afastado da diplomacia pontifícia e nomeado para a sé arquiepiscopal de Perugia, onde permaneceu por trinta e dois anos:

> Em Roma, eles nunca puderam me ver, e é por isso que fui relegado para lá, em Perugia," dirá ele um dia a seu secretário (5).

Seja como for, as tendências liberais de Monsenhor Pecci eram manifestas, mesmo que ele permanecesse discreto e prudente como membro do "terceiro partido" entre os infaillibilistas e os anti-infaillibilistas. O *Syllabus* e a encíclica *Quanta cura* de Pio IX não o entusiasmaram.

Léon XIII uniu-se à Secretaria de Estado ao muito "moderado" e "pacificador" Lorenzo Nina, e cercou-se de antigos colaboradores de seu arcebispado de Perugia, que então foram denominados os "Peruginos". Segundo Henri des Houx, biógrafo do papa, a política perugina baseava-se na convicção

> que entre a Igreja e o mundo moderno, isto é, revolucionário, não existe uma contradição de princípios, mas sim um simples mal-entendido. (...) Um concordato universal onde os princípios de 1789 seriam acomodados com os princípios fundamentais da Igreja, tal é o seu sonho (6).

A Culpa dos Legitimistas

Léon XIII mostrou-se tão intransigente quanto seu predecessor em relação à questão romana. No entanto, ele criticava Pio IX por sua suposta ingenuidade, que teria provocado a perda dos Estados Papais.

Para quebrar seu isolamento, estava bem decidido a reconciliar-se com todos os governos, especialmente aqueles que estavam em conflito com a Igreja. Sua atitude relativamente benevolente em relação ao catolicismo liberal, e até mesmo ao modernismo, tão combatidos pelo pontífice anterior, facilitou essa reconciliação anunciada. Para o papa Pecci:

> a principal falha de seu predecessor havia sido vincular a Santa Sé aos legitimistas europeus, apoiadores do conde de Chambord na França, carlistas na Espanha, miguelistas em Portugal, relegando-a assim a uma situação de isolamento.

Pio IX, para significar o luto e o sofrimento causados pela perda de seus Estados, havia praticamente abolido as cerimônias solenes no Vaticano. Tomando também uma posição contrária à deste último, Leão XIII restaurou a esplendor da liturgia, e até mesmo a magnificência da pompa pontifical.

O antiliberalismo doutrinário do Corpus Leoninum

Seria, contudo, um erro reduzir esse papa à sua abertura para com as ideias liberais e a uma oposição quase pessoal ao legado de Pio IX. Seus escritos, o *Corpus Leoninum* — oitenta e seis encíclicas em vinte e cinco anos —, demonstram de fato seu compromisso com o ensino tradicional da Igreja e destacam o caráter circunstancial do Ralliement. Alguns pontos a serem destacados incluem:

- Encíclica *Inscrutabili Dei consilio* (1878): um relato aflito dos males da sociedade contemporânea, causados principalmente pela recusa da santa autoridade da Igreja.

- Encíclica *Quod apostolici numeris* (1878): condenação do comunismo, do socialismo, do niilismo, defesa da família, da propriedade, da religião.
- Encíclica *Aeterni Patris* (1879): encíclica importante sobre a restauração do tomismo no ensino, a filosofia de São Tomás de Aquino tornando-se o substrato filosófico dos estudos dos futuros padres.
- Encíclica *Arcanum Divinæ Sapientiæ* (1880): um lembrete sobre a santidade e a indissolubilidade do casamento católico.

Sobre o poder político, o papa também promulgou encíclicas com uma tonalidade contrária a qualquer tentação liberal, ou mesmo modernista: *Diuturnum illud* (1881), *Immortale Dei* (1885), *Libertas* (1888), *Humanum genus* (1884), esta última sendo disseminada entre os bispos do mundo por uma nota do Santo Ofício que chama à luta contra a maçonaria.

O caráter inacabado da encíclica Rerum Novarum

Por fim, a *Rerum Novarum* aborda a questão operária. Embora este texto permaneça uma referência na doutrina social da Igreja (à qual Pio XI e depois João Paulo II prestariam homenagem por meio de suas próprias encíclicas *Quadragesimo anno* (1931) e *Centesimus annus* (1991)), ele foi de certa forma instrumentalizado pelos promotores da democracia-cristã, que reduzem a contribuição dos textos leoninos a este, embora ele apenas faça parte do amplo desenvolvimento do pensamento do papa.

Essa linha de pensamento pode ser resumida pela sua carta apostólica *Annum Ingressi* (1902), que denuncia os erros e os desvios da revolução anti-cristã, desde a Reforma do século XVI até as doutrinas e teorias revolucionárias dos séculos XVIII e XIX.

Embora ele advogue um retorno à ordem moral e social cristã, ele não menciona especificamente uma escolha institucional particular.

Ortodoxia doutrinária e política liberal: um paradoxo enigmático

O tropismo liberal do cardeal Pecci, talvez influenciado por uma certa hostilidade em relação a um Pio IX intransigente, é, portanto, contradito pelos escritos de Leão XIII, que estão em conformidade com uma sólida defesa do ensino da Igreja. Veremos, contudo, que seu senso político vai prevalecer sobre qualquer outra consideração e levar este homem culto, erudito e poeta — ele poderia recitar a *Divina Comédia* de memória — a tomar uma decisão com profundas consequências.

A Igreja e a França no século XIX

Reconhecimento naturalista da religião católica como aquela "*da maioria dos franceses*"

A França — modelo consumado dos governos de direito divino antes da Revolução —, esteve nesse século no coração do confronto entre a Igreja e o mundo moderno. Desde 1789, ela se separou violentamente de suas raízes católicas para adotar e difundir uma concepção de mundo e de ordem social resolutamente contrária à natureza, e, portanto, anticristã.

A fratura revolucionária se manifesta na França por uma instabilidade constitucional crônica: após o Consulado e o Primeiro Império, vêm a Restauração, a monarquia liberal de Louis-Philippe, a Segunda República, depois o Segundo Império, e finalmente a Terceira República. Com exceção da Restauração e, em certa medida, do Segundo Império, esses regimes foram hostis à influência da Igreja, embora em graus diversos.

Os sete papas que se sucederam no Trono de Pedro souberam conjugar intransigência dos princípios e flexibilidade diplomática.

O fundamento da relação entre os dois Estados foi estabelecido pelo concordato de 15 de julho de 1801 entre Pio VII e o primeiro cônsul Napoleão Bonaparte.

Este último, e seus sucessores, nomeariam os bispos aos quais o papa daria posteriormente a investidura canônica. Quanto à religião católica, ela seria apenas reconhecida como aquela "*da maioria dos franceses* (8)".

Um catolicismo francês conquistador

No entanto, um século após a tormenta revolucionária, que visava erradicar qualquer vestígio de civilização cristã por meio da perseguição e do iconoclasmo, no momento em que Leão XIII é eleito, o catolicismo na França havia recuperado força e vigor:

- Contabilizavam-se então trinta e cinco milhões de batizados católicos (quase a totalidade da população, com exceção de seiscentos mil protestantes e cinquenta mil judeus), duzentos e dezesseis mil sacerdotes e uma proporção de religiosos de um para cada duzentos e cinquenta habitantes.
- Além disso, sabe-se que dos seis mil e cem missionários católicos pelo mundo, quatro mil e quinhentos eram franceses (pensemos na obra pela "Propagação da Fé" fundada em Lyon por Pauline Jaricot).
- A partir da Restauração, as ordens antigas suprimidas pela Revolução haviam se reconstituído, enquanto novas congregações eram fundadas.
- O número de católicos aumentava no exército, na magistratura, na Universidade.

Como escreve Mattéi, "*a atmosfera na França estava impregnada de devoção e piedade*" (piedade mariana, eucarística, peregrinações, culto do Sagrado Coração).

Lembra-se que a bandeira bordada com o Sagrado Coração pelas Visitandinas de Paray-le-Monial foi erguida pelo coronel de Charette, comandante dos Zouaves pontificais, na batalha de Patay (2 de dezembro de 1870) contra os prussianos ao grito de "*Viva Pio IX! Viva a França!*".

Mesmo que uma parte da população estivesse descrente desde o século XVIII, notavelmente na bacia parisiense, o catolicismo, portanto, não havia desaparecido na tempestade sob o ataque revolucionário, e renascia, pelo contrário, mais forte e ainda mais apegado à Monarquia legítima.

O muito minoritário movimento liberal mennaista

Um movimento minoritário dentro do catolicismo francês havia, no entanto, se formado, buscando conciliar a Igreja e o mundo moderno. Félicité de Lamennais, seu iniciador, queria de certa forma "catolicizar a Revolução" (Cf. sua obra que marca o nascimento do "catolicismo liberal": *Du progrès de la Révolution et de la guerre contre l'Église.* (9))

A encíclica *Mirari vos* (1832) de Gregório XVI condenou a doutrina de Lamennais, que ressurgiu mais virulenta durante os eventos de 1848. Por ocasião da lei Falloux sobre o ensino (1850), dois partidos se formaram e se opuseram:

- os ultramontanos, liderados pelo jornalista Louis Veuillot (diretor do universo, lido e seguido pelo clero) e Mgr Pie, bispo de Poitiers, defensores intransigentes dos direitos da Igreja, por um lado,
- os liberais, que subordinavam a liberdade da Igreja à lei comum, agrupados em torno de Mgr Dupanloup, bispo de Orléans, e do conde de Montalembert, por outro lado, que declara:

> O catolicismo não tem nada a temer da democracia liberal. Tem tudo a esperar do desenvolvimento das liberdades que ela comporta (...) Todas as extensões da liberdade política e civil são favoráveis à Igreja; todas as restrições se voltarão contra eles (10).

Em reação, o papa Pio IX (que concedia sua viva simpatia a Veuillot) condenou severamente essas teses liberais, pela encíclica *Quanta cura*, e especialmente pelo *Syllabus*, que se tornou o manifesto dos "ultramontanos" (ou "integristas").

Um "catolicismo social" essencialmente legitimista

Após a queda do Segundo Império e da Comuna de Paris, do tronco do catolicismo ultramontano nasceu um novo movimento conhecido como catolicismo social. Este foi inspirado pela famosa "Carta sobre os Operários" (1865) do sucessor legítimo ao trono da França (Henri V, Conde de Chambord). A doutrina natural de justiça social exposta nesta carta encontrou eco em leigos católicos como Le Prévost, Myonnet e o legitimista Maignen, fundadores do Instituto dos Irmãos de São Vicente de Paulo. Maurice Maignen, que depois criou o Círculo dos Jovens Operários, encontrou-se em 1871 com dois oficiais franceses legitimistas, René de la Tour du Pin e Albert de Mun.

Estes últimos, aprisionados pelos prussianos após Sedan, haviam-se conhecido em cativeiro e lá descoberto o livro do deputado alsaciano Émile Keller intitulado A Encíclica de 8 de dezembro e os princípios de 1789, que demonstrava a incompatibilidade entre a ordem social cristã e a sociedade francesa filha da Revolução.

Com alguns companheiros, durante a Missa de Natal de 1871, eles fundaram a Obra, destinada a moralizar e pacificar a sociedade pela ação caridosa das classes dirigentes, sob a forma de uma “paternidade social cristã”. Maignen defendia o retorno à ordem corporativa do Antigo Regime, inserido numa restauração católica e monárquica mais ampla.

Em 1875, a Obra contava com 130 comitês, 150 círculos e 18.000 membros, dos quais 15.000 eram operários.

Uma III República nascente… monarquista

Assim o historiador (democrata-cristão) René Rémond qualifica a Assembleia Nacional eleita em 8 de fevereiro de 1871.

Os monarquistas a constituíam em dois terços. Eles elegeram à cabeça do poder executivo o marechal de Mac-Mahon de sensibilidade legitimista, com mandato implícito de restaurar a monarquia na França.

Os bonapartistas estavam desacreditados após Sedan. Diante dos republicanos muito minoritários permaneciam sozinhos legitimistas e orleanistas:

- Os legitimistas contavam com cento e oitenta e dois deputados (apelidados de “Cavalos-leves” do nome da rua que abrigava em Versalhes o hotel onde se reuniam). Eles reivindicavam a monarquia tradicional, fundada sobre corpos intermediários e comunidades naturais. Esta concepção encarnava-se na pessoa do conde de Chambord, tornado Henri V com a morte de seu tio Louis XIX, exilado em Frohsdorf perto de Viena.
- Em frente, os orleanistas, de poucos princípios, viam na monarquia apenas uma forma de governo que dava espaço ao parlamentarismo e assegurava a perpetuação da burguesia que havia triunfado em 1789.

A disputa política decisiva jogou-se, portanto, entre legitimistas e ultramontanos de um lado, orleanistas e conservadores liberais de outro, durante os anos 1872-1873.

Não voltaremos à polêmica tristemente célebre da "bandeira branca”. Roberto de Mattéi traz, contudo, uma perspectiva interessante sobre a questão. Ele explica e justifica a recusa do conde de Chambord em negar sua honra e suas convicções ao adotar a bandeira tricolor exigida pelos orleanistas:

> Um homem que aspira a usar a coroa da França e que ainda mantém o brilho em sua testa não começa com uma apostasia (Veuillot) (11).

Roberto de Mattéi, entretanto, questiona essa intransigência, à luz dos comentários feitos por Pio IX, notável apoiante do pretendente legítimo. Para o papa, em caso de aceitação, seria a bandeira tricolor, e não Chambord, que teria renegado suas origens.

Este ponto de vista é compreensível, mesmo julgando que Henri não tinha, segundo suas próprias palavras, que "*tornar-se o rei legítimo da Revolução*" (12). Isso é ainda mais verdadeiro dado que os orleanistas, bem como um republicano conservador — e notoriamente oportunista — como Thiers, observavam sua sucessão para empurrar o ramo cadete para o Trono e garantir o triunfo de suas ideias liberais.

As abordagens dos orleanistas (Mgr Dupanloup e o próprio conde de Paris (13)) e a visita (5 de agosto) do conde de Paris a Frohsdorf, finalmente a missão do deputado legitimista "moderado" — isto é, já liberal — Charles Chesnelong perante a comissão representando todos os grupos monarquistas serão em vão. O príncipe, com suas exigências frustradas, chegou incógnito a Versalhes em 9 de novembro na esperança de se apresentar perante a assembleia ao lado de Mac-Mahon e ser aclamado soberano. O marechal recusou recebê-lo (14), Henri V chegou a Paris na esperança que o marechal Mac-Mahon lhe cedesse o poder.

A recusa deste último, o voto da Assembleia que prorrogou seus poderes, obrigaram o rei a um exílio definitivo.

Triunfo da República e dos inimigos da Igreja

Deputados orleanistas que asseguram o triunfo da República

Contudo, após o fracasso de uma restauração, e então a morte do conde de Chambord (1883), os monarquistas, de todas as tendências, permaneciam majoritários na Assembleia Nacional.

No entanto, progressivamente, uma fração dos orleanistas se aproximava da "República conservadora", impulsionada pelas dinastias burguesas que haviam apoiado a Monarquia de Julho e colocavam seus interesses acima da forma do regime.

As eleições de 1876, e depois de 1877 — que seguiram a dissolução decidida por Mac-Mahon em conflito com os republicanos anticlericais — viram o sucesso definitivo dos republicanos e da "livre pensamento" (a famosa República dos "Jules", Simon, Ferry, Grévy...)

A ascensão de Leão XIII em pleno pensamento laicista

Leão XIII ascendeu ao Trono Pontifício em plena conquista do poder na França pelos republicanos, defensores do livre pensamento que viam na religião católica seu principal inimigo.

A Revolução havia começado a destruir o antigo sistema de ensino, baseado na *Ratio Studiorum* dos jesuítas e no aprendizado das humanidades.

O positivismo, fruto da "*hybris* scientiste" - conforme a expressão do economista Hayek - foi a filosofia desse livre pensamento que reduzia todo conhecimento à abordagem científica, ou mesmo materialista: substituíram-se as antigas instituições acadêmicas pelas novas escolas centrais, como a escola politécnica.

- Para Claude-Henry de Saint-Simon ou para Auguste Comte, a sociedade deveria se organizar como uma grande empresa, uma transformação favorecida pela religião puramente humanitária do "Novo

Cristianismo".

- Ao cientificismo filosófico de Comte soma-se o cientificismo filológico de Renan.

- Edgar Quinet, historiador autor do "Ensino do Povo" ("este é meu breviário", diria Jules Ferry), lamentava que a Revolução tivesse terminado antes de consumar a transformação religiosa radical da sociedade.

- Ferdinand Buisson, discípulo de Quinet, atribuiu à escola republicana a tarefa de estabelecer essa "moral laica", encarregada de aniquilar qualquer vestígio de catolicismo.

Finalmente, para Charles Renouvier:

> Os republicanos deveriam seguir Kant em filosofia e Calvino em religião.

A Maçonaria, ponta de lança do laicismo

O laicismo tinha um instrumento, a Maçonaria. Fundada no século XVIII, esta desempenhou um grande papel no desencadeamento da Revolução e na disseminação de suas ideias (vale a pena ler sobre isso os trabalhos do grande historiador Augustin Cochin, que morreu no front em 1916, especialmente "As sociedades de pensamento e a democracia moderna").

O Grande Oriente, sua principal obediência, realizava seu encontro uma vez por ano em Paris.

Jules Ferry e Émile Littré, o famoso lexicógrafo, foram iniciados em 8 de julho de 1875 diante de dois mil membros.

Do positivismo de Comte, que dava lugar a uma "*religião da humanidade*", republicanos e maçons rapidamente evoluíram para um ateísmo científico, abraçando as teorias darwinianas que estavam se tornando conhecidas na França.

Alec Mellor, autor de "*A vida cotidiana da maçonaria francesa do século XVIII aos nossos dias*", pode escrever:

> Durante quase quarenta anos, o "Grande Oriente" foi o verdadeiro governo da França, sob a máscara do governo oficial do país. (...) Dois termos-chave caracterizam este verdadeiro domínio.
>
> - O primeiro é "República" (...) Ele é a Contra-Igreja. (...)
> - O segundo termo é o da "laicidade", cujo significado aparente é sem dúvida o de neutralidade, até mesmo de tolerância, mas cujo significado profundo é o da eliminação de toda influência religiosa, incluindo o anticlericalismo, e, em um segundo estágio, a guerra não apenas contra qualquer igreja, mas contra a ideia religiosa em si (16).

Primeiro presidente maçom da Câmara, Gambetta pôde assim proferir sua famosa:

> O clericalismo? Eis o inimigo (17)!

O professor laico substituiria o padre, as congregações seriam dispersas e a Igreja submetida ao direito comum.

Mesmo que os republicanos se dividissem entre oportunistas (Gambetta, Ferry) e radicais (Clémenceau), sua orientação ideológica era idêntica.

Jaurès conta que um dia questionou Ferry, pressionando-o para confessar a finalidade última de seu envolvimento político.

> Meu objetivo, disse Ferry, é organizar a humanidade sem Deus e sem rei (18).

Ferry cercou-se de colaboradores maçons determinados a acabar com o catolicismo, substituindo-o por uma religião republicana, como Ferdinand Buisson, diretor do ensino primário de 1879 a 1896 (19), ou Jean Macé, fundador da "Liga do Ensino".

> É verdadeiramente um novo nascimento, uma transubstanciação que opera na escola e através dela, esta nova Igreja, com seu novo clero, sua nova liturgia, suas novas tábuas da Lei.

Ferry apresentou dois projetos de lei que visavam excluir o clero e as congregações religiosas do ensino, especialmente a Companhia de Jesus, que os maçons haviam tornado seu inimigo prioritário.

Paul Bert, que foi ministro da Instrução Pública e dos Cultos (1881-1882), comparou o catolicismo ao filoxera. O Bispo Pie de Poitiers protestou solenemente em Roma durante a tomada de posse de seu título cardinalício. Ao mesmo tempo, um novo núncio papal, Monsenhor Wladimir Czacki, chegava a Paris.

As primeiras reações da Igreja

O núncio apostólico busca o compromisso

Monsenhor Czacki se apresentava como legitimista e contra-revolucionário. Ele havia servido Pio IX e exercido grande influência na defesa da papado.

No entanto, seus detratores viam sua adesão ao serviço de Leão XIII como uma manifestação de oportunismo e ambição, chegando a qualificá-lo como o "*mau gênio da Santa Sé* (21)".

Czacki encontrou os principais representantes do poder republicano, especialmente aqueles da esquerda anticlerical, que o ouviram com uma cortesia hipócrita, mas não modificaram suas posições. Ele permanecia convencido de que a República poderia ser "amável (22)" e que seus dignitários aceitariam uma "*entente cordiale* (23)".

Os legitimistas são dissuadidos

No entanto, aos legitimistas, especialmente ao marquês de Dreux-Brézé, que representava o conde de Chambord, ele comunicou que, em sua opinião, o movimento republicano havia definitivamente triunfado e que qualquer luta pela restauração estava agora fadada ao fracasso.

Como Leão XIII, o núncio acreditava estar lidando com estadistas comuns e não havia compreendido que estava lidando com representantes das lojas maçônicas determinados a descristianizar a França (este mesmo erro de julgamento seria repetido cinquenta anos depois, durante as primeiras relações da Igreja com o regime nacional-socialista).

Uma resistência católica se organiza diante das perseguições

Uma resistência, no entanto, estava se organizando entre os católicos, em torno de Louis Veuillot e também do padre Emmanuel d'Alzon, superior geral dos Assuncionistas, que editavam o jornal La Croix (que se

tornou diário em 1883, sob a liderança de seu diretor, o combativo padre Vincent de Paul Bailly).

No entanto, em uma audiência com o papa em 23 de janeiro de 1880, o padre Monnot, Provincial dos Jesuítas de Lyon, foi aconselhado a obedecer "no foro externo" à lei civil, enquanto o Pontífice confiava a Mgr Lavigerie que

> os jesuítas estavam irremediavelmente condenados (25).

Finalmente, os dois decretos hostis às congregações foram promulgados (29 de março de 1880).

Quatrocentos magistrados renunciaram para não colaborar com tal injustiça, sacrificando suas carreiras por suas convicções.

Contra o parecer do núncio, Mgr Freppel, bispo de Angers, apresentou-se para uma eleição parcial e foi eleito deputado de Brest com uma grande maioria.

A ilusão mantida por Mgr Czsacki dissipava-se um pouco. Foi então que o cardeal Lavigerie entrou em cena. Lavigerie era uma figura imponente e forte. Reformador, partidário de um entendimento da Igreja com o mundo moderno por meio de uma coalizão conservadora, o cardeal tinha como ambição a obra de pacificação religiosa universal e a reconciliação da sociedade moderna (26).

Opondo-se aos ultramontanos e mais próximo dos republicanos anticlericais do que dos monarquistas católicos, ele era apreciado por Leão XIII. Para Lavigerie, os católicos intransigentes - liderados por Mgr Freppel - eram "*sectários*":

> "Verá, Senhor Presidente, que eu aconselhei abertamente ao meu clero e aos católicos a aderirem abertamente ao governo da República, a fim de levar o país a uma era de apaziguamento religioso tão desejável e também para finalmente poder defender constitucionalmente a Religião e suas obras contra os ataques dos sectários. (27)"

A política dos compromissos.

Perseguições e compromissos pontificais

Em 29 de junho de 1880, os jesuítas foram violentamente expulsos de sua Casa Mãe na rua de Sèvres, em Paris, por iniciativa do prefeito de polícia, o maçom Louis Andrieux. De 30 de junho a 2 de julho, foi a vez das casas provinciais, onde os gendarmes arrombaram as portas e lançaram os religiosos às ruas.

O comitê religioso rejeitou a proposta de submissão sugerida por Lavigerie, que consistia em sacrificar os jesuítas no altar de um compromisso. O cardeal se referiu diretamente ao papa:

> Eu gostaria que a Igreja declarasse claramente sua neutralidade política e que demonstrasse deferência em relação às autoridades públicas. (28)

Leão XIII deu razão a este último e pediu que um acordo fosse feito com o governo, deixando a maioria dos membros do clero francês desesperados e atônitos.

Apesar disso, a esquerda republicana recusou esta primeira proposta de Ralliement, e a maioria dos outros religiosos foi expulsa.

A descristianização recomeça com ainda mais vigor

Após esse fracasso, o Monsenhor Czacki pediu que sua nunciatura fosse abreviada e foi substituído pelo Monsenhor Camillo di Rende. Enquanto isso, a política de laicização e secularização seguia seu curso na França.

- A lei de 28 de março de 1882 impôs a obrigação de instrução primária para crianças de seis a treze anos, sendo o catecismo substituído por aulas de "instrução moral e cívica".
- O ensino foi impregnado de anticlericalismo, principalmente pela seleção e formação dos professores.
- O repouso dominical foi abolido em 1880, os símbolos religiosos proibidos em lugares públicos, as capelanias militares suprimidas. A jurisprudência era favorável aos laicistas, devido às numerosas demissões de magistrados católicos.
- Em 24 de junho de 1884, o divórcio (suprimido em 1816) foi restabelecido.
- As medidas fiscais contra as congregações foram aumentadas.
- *A Marselhesa* e o 14 de julho tornaram-se o hino e a festa nacionais.
- O funeral de Victor Hugo, em 1885, foi uma apostasia laica, com a república confiscando a igreja de Sainte Geneviève para torná-la seu templo.

O tempo das renúncias se avizinha

Nesses anos, também desapareceram duas figuras da contra-revolução católica, Louis Veuillot e, especialmente, o conde de Chambord (1883, leia "*As Últimas Horas da Bandeira Branca*", de Albert de Mun).

O conde Albert de Mun sempre havia — como mencionado — defendido a fé católica e a ideia monarquista mais tradicional. No entanto, gradualmente, sob a influência da política do Santo Padre e após a morte de Henrique V, o deputado de Mun se aliou à república.

Antes das eleições de 1885, ele anunciou a intenção de organizar um partido católico no modelo alemão (o famoso *Zentrum*) ou belga.

Leão XIII próprio pediu firmemente a de Mun que desistisse disso, o que este último aceitou.

As eleições permitiram que a direita, ainda minoritária (200 deputados contra 383 republicanos), se fortalecesse e se unisse na *União Conservadora*, misturando legitimistas, orleanistas e bonapartistas e não propondo mudanças institucionais.

Por fim, pode-se relatar, para dar conta da luta surda que se intensificava na Igreja, o caso do cardeal Jean-Baptiste Pitra, eminente patrólogo beneditino do "partido piano" (partido de Pio IX), que em uma correspondência defendia o jornal *Le Journal de Rome*, com uma linha "intransigente", e elogiava Pio IX sem mencionar seu sucessor. Todos os católicos liberais, com Lavigerie e cinco bispos franceses, juntamente com a imprensa laicista, pediram a "punição" de Pitra, repreendido pelo próprio Leão XIII. Em 1887, Monsenhor Luigi Rotelli foi nomeado núncio em Paris. Sadi Carnot tornou-se presidente da República e pediu a Pierre Tirard para formar o governo: ambos eram maçons.

O cardeal Rampolla

Desde que assumiu o pontificado, Leão XIII "usou" três secretários de Estado sucessivos, os cardeais Franchi, Nina e Jacobini. Todos eram de tendência "moderada" e pró-germânica.

O Monsenhor Galimberti, secretário dos Assuntos Eclesiásticos Extraordinários (a política externa da Santa Sé), liderava informalmente o "grupo alemão" da Cúria. Ele advogava pela associação do Santo Padre com a nova Tríplice Aliança (estabelecida em 1882) entre a Itália e os Impérios Centrais: Alemanha e Áustria-Hungria.

Galimberti esperava suceder o cardeal Jacobini, mas foi o núncio na Espanha, Mariano Rampolla del Tindaro, que Leão XIII chamou como secretário de Estado (3 de junho de 1887).

Com quarenta e quatro anos na época, de pequena nobreza siciliana, Rampolla havia se destacado na nunciatura de Madrid ao apoiar o rei Afonso XII contra os carlistas e os católicos intransigentes.

O ano de 1888, jubileu dos cinquenta anos de sacerdócio do papa, foi um verdadeiro ponto de virada. Vários autores veem nele o início da decadência do pontificado.

A substituição de Jacobini por Rampolla marcou, de qualquer forma, uma mudança de rumo diplomático, que passou de pró-germânico para pró-francês.

É importante entender que os prelados de um ou outro lado não trabalhavam para uma ou outra potência europeia, mas buscavam meios de preservar os interesses da Santa Sé, prioritariamente em relação à "questão romana" surgida da invasão e ocupação pela Itália dos Estados Pontifícios em 1870.

Os "germânicos" acreditavam que uma aproximação com a Tríplice Aliança permitiria obter concessões territoriais da Itália a um custo menor.

Inicialmente, uma "*conciliação*" parecia estar em curso, mas uma visita do novo imperador Guilherme II ao governo italiano, durante a qual o Kaiser fez um brinde a "*Roma, capital intangível da Itália*", desagradou o pontífice.

Além disso, Francesco Crispi, presidente do conselho italiano — ex-garibaldino e maçom —, estava implementando uma série de medidas tingidas do mesmo anticatolicismo presente na França.

A nomeação de Rampolla correspondia ao desejo de Leão XIII por uma mudança de rumo diplomático. O papa queria recuperar, por todos os meios diplomáticos, sua soberania sobre os Estados Pontifícios, por meio da aliança com as potências católicas (Espanha, França, Áustria-Hungria) em uma direção hostil ao governo italiano.

Rampolla considerava que a guerra européia era iminente, com consequências como o colapso da monarquia da Casa de Saboia na Itália e a desagregação da unidade italiana, o que permitiria à Igreja recuperar seus Estados.

A República pede ao clero que renuncie à Monarquia

Na França, após a queda do governo Ferry, iniciou-se um período de instabilidade.

Sete ministérios se sucederam até 1889. O famoso "Escândalo das Decorações" obrigou o presidente Grévy a renunciar (lembramos do verso satírico "*Ah, que desgraça ter um genro!*"). Em seguida, ocorreu o episódio boulangista: o general Boulanger, ex-ministro da Defesa, com diversos apoios (católicos, monarquistas, mas também radicais), eleito deputado, pediu a dissolução da Câmara e a instauração de uma república autoritária. Acusado de comportamento faccioso, ele fugiu para a Bélgica e se suicidou (1891) em Bruxelas sobre o túmulo de sua amante.

Esse movimento composto, que pode ser qualificado de bonapartista, até mesmo de "populista", mostrava, no entanto, um certo cansaço da Terceira República, que as festividades do centenário da Revolução e a Exposição Universal de 1889, que viu a construção da Torre Eiffel, símbolo da ciência e do progresso, dificilmente conseguiam mascarar.

O governo pedia que o clero se separasse da direita monarquista e conservadora, em troca de apoio ao poder temporal do papa.

No final de 1889, Monsenhor Ferrata, secretário da Congregação dos Assuntos Eclesiásticos, foi encarregado de redigir um relatório sobre a situação na França.

Este documento fortaleceu a convicção do papa e do cardeal Rampolla de que

> a causa do anticlericalismo da Terceira República era a hostilidade dos partidos monárquicos em relação a ela. Se essa hostilidade cessasse, o anticristianismo cessaria e os católicos entrariam no Parlamento. (29)

Leão XIII reuniu durante seis audiências, ao redor do cardeal Rampolla, vários prelados franceses.

Monsenhor Place, bispo de Rennes, conhecido como liberal, sugeriu fazer um apelo a Monsenhor Lavigerie.

O cardeal Lavigerie tinha, devido ao seu papel na África, onde era Primaz, uma influência sobre o pessoal político republicano que ele encontrou.

Em 16 de outubro de 1890, durante uma última audiência, Leão XIII pediu ao cardeal que tomasse uma iniciativa que fosse um ato de adesão dos católicos à República sem envolver diretamente a Santa Sé.

O brinde de Argel, prenúncio do Ralliement

O brinde à República do cardeal Lavigerie

No início de novembro de 1890, a frota de guerra francesa no Mediterrâneo, comandada pelo almirante Duperré, ancorou no porto de Argel. Na ausência do governador-geral Louis Tirnon, foi ao cardeal Lavigerie receber, na residência episcopal, o Estado-Maior e os principais líderes da administração civil e militar de Argel.

Após a sobremesa, Lavigerie levantou-se e leu o texto que havia preparado, e que concluía:

> quando a vontade de um povo se afirmou claramente; quando a forma de governo não é, em si mesma, contrária, como recentemente proclamado por Leão XIII, aos princípios que, apenas, podem fazer viver as nações cristãs e civilizadas; quando é necessário, para finalmente resgatar o país dos abismos que o ameaçam, a adesão, sem segundas intenções, à forma de governo, chega o momento de declarar a prova feita e, para pôr fim às nossas divisões, de sacrificar tudo o que a consciência e a honra permitem, ordenando a cada um de nós sacrificar pelo salvamento da Pátria.

No final do brinde, um coro musical dos Padres Brancos entoou o hino revolucionário "La Marseillaise". Os convidados, em sua maioria oficiais monarquistas, ficaram petrificados, mantiveram-se em silêncio e se abstiveram de aplaudir. Convidado a responder pelo cardeal, o Almirante Duperré falou de maneira fria e lacônica.

Consequências do brinde de Argel

Na França, a opinião pública católica ficou desconcertada pelo discurso de Lavigerie.

Para dissipar a indecisão, até mesmo a hostilidade do clero francês, Monsenhor Rampolla respondeu a um pedido formulado por Monsenhor Baduel, bispo de Saint-Flour. Sua resposta, que parecia ter sido ditada pelo próprio Pontífice, sugeria reconhecer todos os governos estabelecidos para melhor defender a autoridade religiosa, mas o fazia com uma ambiguidade que desagradou Lavigerie. De qualquer forma, Leão XIII nunca desautorizou o cardeal, que agiu de acordo com a missão que lhe foi confiada. Lavigerie retomou seu projeto de União Católica, um partido conservador que reuniria católicos, monarquistas e republicanos moderados.

Ele pediu ao deputado Émile Keller (ver acima) que assumisse a presidência dessa União.

Keller, firmemente, recusou a proposta com este aviso:

> Obrigar em consciência os católicos a aderirem à República era, na prática, não uni-los, mas desuni-los, pois era impor às suas convicções uma violência que não admitiam; era transformar essa união religiosa existente em um partido político que inevitavelmente teria dissidentes. (30)

Revitalizado por Lavigerie, Émile Keller respondeu com uma recusa enfática, tocando em pontos visionários, evocando:

> "a hostilidade sistemática e implacável da maioria dos republicanos contra a religião católica (...) mesmo que mudemos de atitude, eles estão decididos a nos combater sempre como inimigos que não apenas devem ser afastados do poder, mas oprimidos, destruídos e eliminados." (31)

E concluiu denunciando a "fraqueza" dos católicos "*muito dispostos a curvar a cabeça diante da tempestade*" (23).

Nascimento de um partido conservador composto por aderentes

Assim, a ruptura entre Keller e Lavigerie foi consumada. Este último pediu a um líder católico mais "flexível", Jacques Piou, para liderar os "ralliés".

Piou foi recebido por Leão XIII, que o encorajou a formar um partido conservador não oficialmente católico... para não suscitar o anticlericalismo!

A resistência monarquista

Uma resistência se manifestava, no entanto. Monsenhor Freppel tentou explicar ao Papa a natureza intrinsecamente maçônica da República e a quase inexistência de católicos republicanos. Por um tempo aturdidos, os monarquistas emitiram críticas vigorosas a essa mudança, até mesmo o conde de Paris, que, é claro, advogava pelas ideias liberais dos orleanistas, mas se opunha à iniciativa papal do ponto de vista galicano.

No entanto, foi em relação ao conde de Chambord que Leão XIII expressou verdadeiro ódio. Embora seu relato não seja corroborado por terceiros, o historiador e jornalista Paul Pradel de Lamase - que foi recebido em audiência pelo Papa em 8 de setembro de 1891 - relata que:

> O nome do conde de Chambord sendo mencionado, Leão XIII se levantou como se movido por uma mola, o rosto inflamado de raiva, e proferiu esta terrível sentença: "*seu conde de Chambord era um canalha... um terrível canalha*".

O cardeal arcebispo de Paris, François Richard de La Vergne, aprovado por muitos bispos, anunciou a criação da União da França Cristã, cujo propósito seria a defesa dos interesses religiosos fora de qualquer consideração institucional.

No entanto, foi uma maioria de monarquistas que assumiu o controle dessa associação, começando pelo próprio Émile Keller, para grande desgosto de Lavigerie, que também estava descontente com o núncio Rotelli.

O engajamento republicano de uma parte do clero

Monsenhor Rotelli foi precisamente substituído por um novo núncio, Monsenhor Dominique Ferrata, que chegou a Paris em 7 de julho de 1891. Ele estava firmemente decidido a aplicar as orientações favoráveis ao Ralliement.

Em janeiro de 1892, cinco cardeais arcebispos da França publicaram um manifesto repudiando qualquer hostilidade em relação à forma republicana do Estado, mas acusando o governo republicano de ser, há doze anos, "a personificação de uma doutrina e de um programa em oposição absoluta à fé católica".

Setenta e cinco bispos aderiram a este texto, que desagradou tanto ao núncio quanto a Roma, pois foi considerado por eles excessivamente hostil aos governos republicanos.

Pouco depois, o Papa concedeu uma entrevista a um repórter do Petit Journal, na qual declarou: "a república é uma forma de governo tão legítima quanto as outras", citando os Estados Unidos da América como exemplo (embora não desejasse para a França nem a ruptura do concordato, nem a separação entre Igreja e Estado!). Ele recebeu como resposta as seguintes palavras de Clémenceau, proferidas na Câmara:

> "A luta está travada entre os Direitos do Homem e o que se chama os direitos de Deus. (...) A aliança não está feita. De qualquer forma, a luta está travada, deve continuar."

A encíclica do Ralliement: "*Au milieu des sollicitudes*"

A obsessão de Leão XIII: acabar com as perseguições contra a Igreja

Publicada em 16 de fevereiro de 1892, em francês, pois dirigida ao clero e aos católicos da França, a bula "*Inter sollicitudines*" oficializava o Ralliement. Com lucidez, Leão XIII constatava "*a vasta conspiração que certos homens formaram para aniquilar o cristianismo na França*", mas afirmava que todas as formas de governo eram boas, desde que visassem ao bem comum.

Os católicos deveriam aceitar a República (cada regime é contingente, não se deve "*tentar nada para derrubá-lo ou para mudar sua forma*"), mesmo que pudessem contestar suas leis.

O papa elogiava o Concordato e rejeitava o princípio da separação entre Igreja e Estado.

O papa seguiu a encíclica com uma carta dirigida a seis cardeais arcebispos franceses, "*Nossa consolação foi grande*" (3 de maio de 1892), que teve um impacto ainda maior. Leão XIII mais uma vez chamava os católicos à unidade e insistia:

> "Aceitem a República, ou seja, o poder constituído e existente entre vocês; respeitem-na; estejam submissos a ela como representante do poder vindo de Deus." (34)

Um século após a Revolução Francesa, a Igreja se desvinculava da Monarquia, com a esperança de uma pacificação religiosa bastante ilusória.

A Igreja e as formas de governo

Vale a pena citar extensamente Roberto Mattéi quando ele comenta a escolha de Leão XIII de não expressar nenhuma preferência entre as formas legítimas de governo - monarquia, aristocracia, democracia, de acordo com a classificação de Aristóteles:

> desde que ela realmente busque o interesse público e o bem comum. (35)

Mas Roberto de Mattéi também observa que:

> Mas Roberto de Mattéi observa também que a posição de Leão XIII é, no entanto, incompleta. É verdade que nenhuma forma constitucional, monárquica, aristocrática, democrática, em si mesma, é contrária à lei divina; mas isso não significa que um católico possa equiparar as três instituições. A doutrina da Igreja não ensina a equivalência das formas institucionais, mas a licitude de cada uma delas, sob condições determinadas. Nenhum regime é, em si mesmo, inaceitável, se respeitar a lei natural e divina, mas o fato de a Igreja Católica admitir toda forma de governo não significa que ela as coloque no mesmo nível (...) A forma mais excelente é a monarquia, que, mesmo que nem sempre possa ser aplicada concretamente, deve ser ainda assim amada e desejada como a melhor. (36)

São Tomás de Aquino, em "De Regimine Principum", também argumenta que a monarquia é preferível (37) e lembra disso na "*Summa Theologica*".

Pio VI, em um discurso de 17 de junho de 1793, também declarou que a Revolução Francesa havia abolido "*a forma de governo monárquico, que é a melhor*".

Além disso, como o padre Maignen destacará, aceitar as "*formas saudáveis e regulares de poder (monarquia, aristocracia, democracia)*" não significa, o que seria uma ofensa, que a Igreja esteja disposta a "*abençoar as formas pervertidas de poder: tirania, oligarquia, demagogia* (38)".

Os miragens republicanos de Leão XIII

Leão XIII, negligenciando esses princípios, acreditava que ao aceitar a República, os católicos desativariam seu laicismo e seu anticlericalismo. Roberto de Mattéi lembra que

> Na realidade, a República tinha atacado a Igreja antes que os monarquistas atacassem a República, e muitos católicos haviam se tornado monarquistas precisamente porque a ideologia republicana entrara em conflito com sua fé católica. (39)

como (Veuillot, Keller para citar apenas alguns). Inversamente

> Os republicanos eram assim porque eram anticatólicos: na monarquia, era a Igreja que odiavam, da mesma forma que os católicos eram antirrepublicanos porque católicos, e através da monarquia, era a Igreja que amavam. (40)

O papa confirmou mais uma vez o alcance de sua ação em uma carta ao presidente Émile Loubet (23 de março de 1900) para lamentar o projeto do ministro Waldeck-Rousseau contra a liberdade de ensino:

> "Nós cuidadosamente incutimos nos católicos da França, por meio de atos públicos e repetidos, não apenas para não combater a forma de governo estabelecida em seu país, mas também para prestar-lhe franca e leal adesão." (41)

Léon XIII respondia às objeções distinguindo entre os homens e as instituições. Para ele, uma monarquia poderia ser antieclesiástica e uma república submissa aos preceitos da Igreja.

Paul de Cassagnac não teve dificuldade em responder-lhe que:

> A constituição, as leis e as instituições ateias estão tão entrelaçadas que a mais afiada casuística não pode passar a lâmina entre elas de modo a dividi-las. E quer se queira quer não, aderir à forma é aderir ao conteúdo; aceitar o poder legal é aceitar suas leis.

Historicamente, a República na França permanecia marcada pelo selo de suas origens: jacobina, centralizada, seu ato fundador foi o assassinato do rei Luís XVI, pelo qual se pretendia atingir o representante da realeza católica.

E Roberto de Mattéi insiste nessa evidência retrospectiva, reconhecida pelos próprios republicanos.

> A monarquia representava a concepção cristã do poder, na qual o rei era o tenente, o vigário do verdadeiro rei da França que está nos Céus; a República era a elevação da vontade do povo ao critério supremo da vida política e social. De um lado, havia a França de São Luís e de Santa Joana d'Arc, do outro, a de Rousseau e de Robespierre.

A máxima evangélica "*Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*", lembrada por Leão XIII em sua encíclica, não significa que a Igreja deva abandonar as questões políticas, sociais ou morais do espaço público. Ela é, de fato, guardiã da lei natural e divina que o Estado deve respeitar.

> A razão humana tem o poder de descobrir em si mesma e de compreender por suas próprias forças as verdades da lei natural e, entre essas verdades, elevar-se a um verdadeiro conhecimento de um Deus pessoal. No entanto, o Concílio Vaticano I definiu que, mesmo para essas verdades da razão, a Revelação era moralmente necessária... assim como o ensinamento autêntico pela Igreja. A Revelação confirma a lei natural. Ela também a transcende, ampliando-a e aprofundando-a. (44)

"*É necessário obedecer a Deus antes que aos homens*" (Atos 5, 29), e a resistência às leis injustas é legítima, como ensinava São Tomás de Aquino. A própria lei positiva deve respeitar a lei natural, sob pena de iniquidade.

Os monarquistas tornam-se maus cristãos

"A convocação do papa aos católicos franceses poderia ter sido interpretada apenas como um convite para respeitar as leis da República, mas os monarquistas já estavam fazendo isso.

Não, Leão XIII, e suas diretrizes aos núncios e bispos o provaram, realmente pediam uma aceitação plena e total do novo regime.

O cardeal Ferrata, comentando a carta "*Nossa Consolação*" enviada em 3 de maio de 1892 por Leão XIII aos cardeais franceses, resumiu a injunção papal que"

> "excluía agora qualquer ambiguidade: era necessário aceitá-lo ou declarar-se rebelde à palavra do papa (45)."

Os católicos se dividiram em dois grupos, os "ralliés" e os "réfractaires" (termo que o próprio Leão XIII usaria), como na época da Constituição Civil do Clero.

- Os católicos liberais que haviam condenado a doutrina da infalibilidade papal de Pio IX vinte anos antes agora se tornavam os ultramontanos mais fervorosos.

- Ao contrário, os católicos que se recusavam a aderir à República deveriam ser considerados rebeldes à Igreja.

A etiqueta "realista" significava um ostracismo. Alguns fiéis foram recusados na absolvição por "*pecado de monarquia* (46)".

O cardeal Masella não pôde deixar de lamentar em suas Memórias esse Ralliement a"

> "a Maçonaria dominante com todo o seu ódio contra a religião e contra Deus* (47)."

Na sua *História da França religiosa*, os historiadores Jean Pie Lapierre e Philippe Levillain (48) mencionam essa exasperação:

> Um Rampolla, entre os opositores ao Ralliement, passou a designar um canalha. Um jovem casal, ao ver o cardeal oficiar em São Pedro, exclamou: "*Vamos embora, é esse maçom!*"

A esquerda republicana, no entanto, rejeitou a encíclica, não tolerando a expressão de nenhuma das reservas ali expressas ("*Aqui está a gratidão desses sectários*", escreveu o cardeal Masella (23)).

O clero, exceto por alguns prelados entusiastas, a acolheu com profunda reticência.

Os republicanos hostis, os católicos divididos, esse foi o resultado do Ralliement, e começaram a exigir a separação entre Igreja e Estado.

As consequências imediatas do Ralliement

Auto dissolução da União da França Cristã

No dia 10 de maio de 1891, abriu-se o 21º congresso da *União da França Cristã* (cf. supra), cuja maioria dos responsáveis era composta por monarquistas. Na sua abertura, a leitura da mensagem de bênção do papa, através do Secretário de Estado cardeal Rampolla, dissipou qualquer ambiguidade: era necessário submeter-se às indicações de Leão XIII. Diante da escolha entre renegar ou rebelar-se, a União preferiu auto-dissolver-se.

Desintegração do jornal 'L'Univers' de Louis Veuillot

Pouco depois, o jornal *L'Univers*, fundado por Louis Veuillot, tornou-se excessivamente complacente com a política do Vaticano e se desintegrou. Um grupo de redatores reservados em relação ao Ralliement saiu para fundar *La Vérité*. O cardeal Rampolla expressou sua desaprovação ao novo jornal...

Rompimento do legitimismo

O meio monarquista também começou a se desintegrar.

- Albert de Mun, Armand de Mackau (outro deputado legitimista influente) aderiram à República e ao grupo de Piou.
- Chesnelong, Keller, se retiraram da luta.
- "Ilhas realistas", como René Rémond escreveu, resistem no Oeste e na Provence, e ressurgiram aspirações galicanas que, trinta anos depois, prepariam o combate da Action française contra a condenação romana.

Divisão dos católicos

A política dos "ralliés" só poderia ser minimalista, tecida com o máximo de concessões.

Jacques Piou era o verdadeiro líder político do Ralliement, cujo programa se resumia em "República aberta, tolerante e honesta".

O diagnóstico de falência formulado por Roberto de Mattéi, embora severo, não deixa de ser realista:

> Enquanto concebido com o objetivo de alcançar a unidade dos católicos, o ralliement levou à sua divisão radical.

Recorda-se do futuro marechal Lyautey, católico legitimista, que saiu de uma audiência pontifical tão desorientado que abandonou suas convicções monarquistas e perdeu a fé.

O cardeal Lavigerie faleceu em 26 de novembro de 1892.

Desastres eleitorais

Na primavera de 1893, as eleições foram desastrosas para os católicos.

As consequências práticas do Ralliement criaram uma situação inédita e paradoxal, com um aroma de escândalo, como observado por Roberto de Mattéi:

> Notáveis candidatos católicos foram excluídos do apoio dos bispos por serem monarquistas, enquanto o apoio foi dado a deputados não apenas republicanos, mas ligados à Maçonaria por ideologia e interesses pessoais. (52)

No entanto, o Papa não desejava a formação de um partido católico, o que complicaria suas relações com o governo francês.

Nas eleições, a oposição católica, incluindo os ralliés, diminuiu de 200 deputados para menos de 100: líderes do Ralliement como Albert de Mun e Jacques Piou nem sequer foram eleitos.

Esse claro desagrado se manifestou principalmente por uma abstenção muito alta (28,8%), como se muitos eleitores católicos se retirassem para o seu Aventino.

A porta aberta ao modernismo

Uma ingenuidade culposa que impulsiona um clero modernista

Ameaçado por um descrédito duradouro devido ao escândalo do caso Panama, que revelou uma corrupção em larga escala do pessoal político republicano, o governo de Jean Casimir-Périer adotou a tática da aparente conciliação. Em 3 de março de 1894, o novo ministro dos Cultos, o maçom Eugène Spüller, anunciou "um espírito novo baseado no princípio da tolerância" em um discurso tranquilizador:

> "É hora de fazer prevalecer nas questões religiosas um verdadeiro espírito de tolerância esclarecida, humanitária, superior, a tolerância que tem seu princípio não apenas na liberdade de espírito, mas também na caridade do coração. [...] É hora de lutar contra todos os fanatismos, não importa quais sejam: contra todos os sectários [a fim de]... reconciliar todos os cidadãos."

Em contrapartida, a Igreja deveria abandonar sua "forma antiga para se adaptar aos 'tempos novos'", ou seja, à "democracia... a forma agora definitiva da sociedade e que a Igreja... faria sua". (55)

Reassumido por essas disposições conciliadoras, o Vaticano aceitou que o governo lhe propusesse seus candidatos ao episcopado, escolhidos entre os mais "abertos" à ideologia republicana do "progresso" pelo diretor do Ministério dos Cultos, Charles Dumay, "maçom muito notório". (56)

Assim, vimos a elevação de prelados indignos, "dos quais alguns nem mesmo mereciam ser padres (57)", à dignidade episcopal.

Naturalmente, o novo rumo do tempo entusiasmou uma parte do catolicismo, que, junto com o padre Pierre Dabry, designava o ano do Ralliement como "um ano de aurora". Seguindo os passos deste clérigo democrata, o padre Félix Klein profetizava um "novo Pentecostes" sobre a Igreja da França, com tons milenaristas prenunciadores de uma atualização latente que ele desejava:

> "Tudo parece indicar, para o século que já desponta, a reconciliação entre a Igreja e o mundo moderno, entre a democracia e a papado." (58)

A encíclica do Ralliement encoraja e parece aprovar antecipadamente o surgimento de uma florada de jornais democrata-cristãos: enquanto *La France Libre* é publicado em Lyon, o padre Naudet lança *La Justice sociale* em Bordeaux e o padre Garnier cria *Le Peuple français*. Se esses padres democrata-cristãos atribuíam de forma exagerada a Leão XIII a intenção de realizar o projeto de Lamennais, o papa lhes dava razão na prática, era:

> simplesmente o cristianismo social de 1848, uma renovação das teses da Ère Nouvelle do padre Maret, que por sua vez se ligavam, através das de Buchez, às teorias de Lamennais e às utopias do saint-simonismo: a aliança natural da Igreja com a democracia... a Revolução filha do cristianismo e da Igreja. (59)

observava com pertinência o padre Barbier.

Em 1893, o padre Jules Lemire, ex-partidário do Conde de Chambord, foi eleito deputado do Norte, o primeiro padre "democrata cristão" ou "*democrata cristão*", "*encarnando o percurso de vários representantes do clero e do laicato católico que, após o ralliement, abandonaram a contra-revolução católica para aderir ao 'neocristianismo'*". (60)

Esses padres democratas, que buscavam reformar o velho clero, encontraram no cardeal Rampolla um defensor constante.

Para evitar o clericalismo, a democracia cristã deveria reunir além do catolicismo e permanecer laica e não confessional, segundo o suposto desejo de Leão XIII.

> Os católicos, maçons e socialistas poderiam se encontrar, de acordo com os padres democratas, em um terreno político e social comum, e para que isso acontecesse, era necessário colocar de lado qualquer referência à fé católica.

conclui Roberto de Mattéi. (61)

O papa acabou por reagir, embora tardiamente, por meio da encíclica *Graves de communi*, datada de 18 de janeiro de 1901, para recentrar a "*democracia cristã*" apenas no âmbito das obras sociais, excluindo qualquer sentido político.

O americanismo

Por uma coincidência que certamente não deve nada ao acaso, foi em 18 de junho de 1892 que Monsenhor John Ireland, arcebispo católico de São Paulo (Minnesota, Estados Unidos), proferiu uma palestra em Paris para fazer a apologia da democracia americana e propô-la como modelo, pois este grande país "*é a razão pela qual a República foi canonizada por Leão XIII*". (62)

O padre republicano Félix Klein apressou-se em publicar na França seus principais discursos, convocando para o casamento não de razão, mas de convicção entre a Igreja e o século, conforme o título da coleção.

O doutrinador deste ralliement geral conhecido posteriormente como "americanismo" era o padre Isaac Thomas Hecker. Este protestante convertido de Nova York, ordenado redentorista e depois expulso pela congregação, fundaria a Sociedade dos Padres Missionários de São Paulo (os "Paulistas"), "*com a missão de propor uma nova concepção da Igreja*". A Igreja deveria estar amplamente aberta a todos, mas para isso "moderar seu ensinamento tradicional" e renunciar à "*mortificação, obediência e humildade*" em favor das virtudes naturais tipicamente americanas: "*honestidade, espírito empreendedor, amor ao próximo*". O ex-redentorista explicava a "*decadência da raça latina*" pelo "*primado que a Europa havia dado às 'virtudes passivas', que formavam almas fracas e vis, e não fortes e viris como nos Estados Unidos*".

A efusão do Espírito Santo deveria constituir a regra suprema; em caso de conflito com o magistério da Igreja, é a liberdade de consciência do fiel que deveria prevalecer. Esta é, brevemente exposta por Roberto de Mattéi, a doutrina "americanista". (63)

Foi novamente o padre Klein quem promoveu as ideias americanistas na França, dando um prefácio à Vida do padre Hecker escrita por seu discípulo, o padre Walter Elliot, traduzida para o francês em 1897, onde seu herói é chamado de "*o maior místico do século XIX*" ou "*grande e pioneiro universal da Igreja*". (64)

> "O 'Parlamento das Religiões', que ocorreu em 1893 por ocasião da Grande Exposição de Chicago, foi a expressão mais brilhante e significativa do 'americanismo'". "Padres católicos, pastores protestantes, popes ortodoxos, muftis islâmicos, bonzos budistas se reuniram para celebrar o papel da colaboração inter-religiosa na sociedade moderna"

resume Roberto de Mattéi. (65)

Seguindo o exemplo de seus homólogos americanos, os "padres democratas" discípulos do padre Hecker consideraram organizar um congresso semelhante em Paris, por ocasião da Exposição Universal de 1900. O Cardeal Masella comenta em suas Memórias:

> Um mal ainda mais grave do que a democracia, embora esteja relacionado a ela, tinha invadido a França: trata-se do Americanismo. (66)

Rapidamente, o Papa reagiu a essa "*religião sem dogmas em um mundo sem fronteiras*". Por meio da encíclica Testem benevolentiae, datada de 22 de janeiro de 1899, ele condenou o americanismo, que, segundo ele, não apenas buscava adaptar a disciplina ao mundo moderno, desejo que ele considerava legítimo, mas também estender esse princípio à própria doutrina, o que ele não podia aceitar.

Nascimento do modernismo

Embora o termo "modernismo" tenha sido usado por Pio X, que condenou essa coleção de erros, a origem do movimento remonta à década de 1890-1900, durante o pontificado de Leão XIII.

Embora o Ralliement não esteja diretamente ligado ao americanismo e ao modernismo, estes últimos resultam de uma tentativa de parte do catolicismo de interpretar a política eclesiástica de Leão XIII como

uma "abertura" ao mundo moderno.

Henri Béranger, um desses "neo-cristãos", afirma que por sua ação

> Leão XIII, ao falar ao século na linguagem do século, afastou-se dos reis para voltar-se às repúblicas [...] Mas principalmente por meio de suas encíclicas à nação francesa, quando ele ordenou a adesão eficaz do clero à república e à democracia, ele modificou profundamente o estado das consciências em nossa geração. (67)

"*Foi neste solo que o modernismo fermentou*", observa Roberto de Mattéi (68). Às disciplinas tradicionais das universidades católicas (filosofia, teologia e direito canônico),

> Os liberais pediam que se acrescentasse um lugar para a ciência, para o novo método crítico, em que a história e a exegese deveriam superar uma teologia imobilista e "fixista" (...)

> Os inovadores ampliaram o conceito de "progresso" do domínio científico e social para o domínio religioso e moral. Sonhavam com um novo cristianismo fundamentado na "caridade" que aboliria as fronteiras e unificaria as diferentes religiões. (69)

O Instituto Católico de Paris se revelou, sob o pontificado de Leão XIII, um laboratório das novas tendências. Foi lá que se formou, sob a liderança de Monsenhor Louis Duchesne (ambos protegidos pelo reitor, Monsenhor d'Hulst), Alfred Loisy, professor de exegese. Duchesne aplicava o método "histórico-crítico", enquanto o padre Marcel Hébert traduzia suas ideias para o campo filosófico.

O método histórico aplicado ao domínio da fé, seguindo as aspirações de Ernest Renan, cuja Vida de Jesus (1863) causara grande impacto, levou à dissolução das principais verdades da fé. Monsenhor Duchesne confessou em uma carta a Friedrich von Hügel:

> hesitar diante de Deus pessoal e criador. (70)

Loisy, com um espírito mordaz, odiava a Igreja tradicional, e sua crítica bíblica dessacralizava o *Antigo e o Novo Testamento*. Loisy só seria condenado e colocado no índex pela Roma durante o pontificado de Pio X (o cardeal Rampolla defendeu Loisy, que, excluído do Instituto Católico, foi eleito para o Collège de France sob os aplausos do mundo laicista).

Tanto ele quanto Hébert apostataram, enquanto muitos jovens padres que eles haviam formado no Instituto Católico, imbuídos de liberalismo religioso, perderam a fé.

Esse "neo-cristianismo" se espalhou para fora do Instituto, por exemplo, na Sorbonne, graças ao trabalho de um jovem acadêmico, Maurice Blondel, e sua "filosofia da imanência da ação".

Essas teses se alinhavam com o americanismo, bem como com os trabalhos de vários teólogos protestantes.

No entanto, Leão XIII compreendeu o perigo e publicou várias advertências - como a encíclica *Providentissimus Deus*, de 18 de novembro de 1894 - pedindo que se voltasse à teologia tomista e à obediência ao Magistério da Igreja.

A política republicana após o Ralliement

Uma política maçônica

Um primeiro gabinete republicano completamente radical foi formado por Léon Bourgeois (1895-1896). Dos dez membros, oito eram maçons, incluindo o ministro dos Cultos, Émile Combes, que afirmava sem rodeios:

> Na época em que as antigas crenças, mais ou menos absurdas e de qualquer forma errôneas, tendem a desaparecer, é nas lojas maçônicas que se refugiam os princípios da vida moral. (71)

O Grande Oriente transformou-se em um "laboratório legislativo". Os diversos "círculos", "sociedades" ou "federações" republicanos estavam todos ligados à maçonaria, assim como a "Liga dos Direitos do Homem" criada durante o caso de Alfred Dreyfus. O presidente desta última, o protestante liberal Ferdinand Buisson, afirmava assim:

> Após ter deixado passar, no século XVI, a oportunidade de se separar violentamente de Roma, a França, dois séculos e meio depois, empreendeu fazer mais e melhor do que a Reforma. A Revolução não é protestante, ela é laica. (72)

O Papa opta pela submissão ao Governo

Após a aprovação da imposição dos bens das congregações (16 de abril de 1895), a questão da resistência ou submissão surgiu e dividiu os católicos.

Leão XIII, que tendia para a submissão, deixou a seus superiores religiosos a liberdade de condução. Estes dividiram-se em dois grupos, conforme adotassem uma posição de recusa ou uma escolha de colaboração. Quanto ao núncio, Monsenhor Ferrata, ele defendia a obediência à lei, temendo tanto uma revisão do Concordato quanto do Ralliement.

O Padre Ange Le Doré, superior dos Eudistas e alma da resistência, escreveu:

> É a liberdade, os direitos da Igreja nossa mãe, que querem nos tirar. E nós nos ajoelharíamos diante de um César em nossas próprias pessoas para recebê-los dele! Não faremos isso! (73)

Em 21 de julho de 1896, o Papa nomeou Monsenhor Eugenio Clari como núncio em Paris, substituindo Monsenhor Ferrata.

Com a morte de Monsenhor d'Hulst, deputado monarquista de Brest, a eleição de um abade republicano (Gayraud) nessa circunscrição criou uma nova polêmica. Leão XIII aproveitou a oportunidade para reafirmar (através de um artigo no *Osservatore Romano*) sua proibição de combater o governo.

O abade Emmanuel Barbier, lamentando essa nova temporização, observa com razão que:

> Essa nova capitulação só poderia ser um estímulo para novas agressões por parte de inimigos irreconciliáveis. (74)

Uma resistência à República desaprovada

Os superiores "resistentes" encontravam-se desaprovados, e o Padre Doré reclamava amargamente ao Cardeal Rampolla sobre as consequências funestas dessa reviravolta:

> Modificar nossa atitude neste momento é assumir nossa ruína [...] é lançar a desordem e o desânimo mais profundo no coração de todos os católicos franceses; é nos cobrir de ridículo; é paralisar para o futuro qualquer ação católica e até nos tirar a esperança de tentar [...] Ainda poderemos orar e

> chorar, mas agir e lutar daqui para frente será impossível. (75)

Em Roma...

> continuava-se a esperar tornar este governo maçônico menos hostil à Igreja, o que equivalia a querer reconciliar o diabo com a bênção. (76)

Dom Sébastien Wyart, superior geral dos cistercienses hostis à submissão, foi convocado pelo papa e, em nome da obediência, enviado por este último juntamente com o padre Picard, dos Assuncionistas, para visitar secretamente os dioceses e lá divulgar as intenções do pontífice.

O programa dessa missão pontifícia não oficial é sintetizado pelo abade Barbier:

> Lealdade às instituições políticas levada ao ponto de renegar os católicos que não as professam, formação de um partido que se posiciona no terreno comum a todas as pessoas honestas, ou seja, em última instância, de um partido liberal.

O resultado dessa política não tardou a aparecer. Nas eleições de 1898, os ralliés sofreram uma derrota significativa (32 eleitos, contra 44 monarquistas, 432 deputados de esquerda e 5 socialistas).

A lei de supressão das congregações

Após a morte, em circunstâncias sombrias, do presidente Félix Faure (18 de fevereiro de 1899), Émile Loubet foi eleito para sucedê-lo.

Pierre Waldeck-Rousseau - protestante de Nantes - foi encarregado de formar o governo, determinado a seguir as diretrizes do Grande Oriente.

Em 14 de novembro de 1899, ele apresentou um projeto de lei para suprimir as congregações "*culpadas, em sua opinião, de incutir na juventude francesa um espírito contrarrevolucionário*". (78)

Por meio do novo núncio, Monsenhor Lorenzelli (Monsenhor Clari, seu antecessor, havia morrido em 8 de março), Rampolla protestou contra o projeto de lei, informando que, em troca de sua retirada, o Papa estava disposto a punir os "refratários" (79). O diretor de La Croix foi chamado a Roma e repreendido pelo tom de seu jornal. (23)

Apesar disso, o governo atacou primeiro os Assuncionistas, cuja Casa-Mãe foi revistada em janeiro de 1900. Pouco depois, nos cumprimentos do Corpo Diplomático ao Presidente Loubet, o núncio ocultou suas indignações e enfatizou que a França ainda liderava as nações cristãs, como observou com consternação o cardeal Masella.

> Sim, concordo. Parece completamente desconectado da realidade, especialmente considerando os ataques recentes e iminentes contra a Igreja de Cristo. (80)

Sim, certamente. Se o Cardeal Richard fez uma visita de consolo aos Assunção, isso não deveria ser interpretado como um sinal de apoio à dissolução deles. Parece que Lorenzelli deveria ter levado a sério o aviso do padre Picard.

> Se nos permitir atacar todas as congregações, todas elas passarão após nós. Quando tivermos desaparecido, Waldeck-Rousseau... apresentará a lei de associação, que será para todos os religiosos uma lei de proscrição, e essa lei será votada e executada. (81)

A República é fundamentada nos princípios da Revolução

O Papa Leão XIII escreveu ao presidente Loubet em 23 de março de 1900 para protestar contra o projeto de lei sobre associações, orgulhando-se de ter instruído os católicos franceses a aderirem à República e aguardando a moderação do governo para tal.

Loubet respondeu ao papa, tardiamente, com uma resposta quase cínica, afirmando que:

> "com a ação do episcopado, logo poderemos observar o mais completo respeito pelas leis da República e do Governo." (82)

"Na festa gigante organizada para celebrar o aniversário da fundação da República (12 de setembro de 1900, durante a Exposição Universal), diante de 22.000 prefeitos, Émile Loubet reafirmou que a República era fundada nos princípios da Revolução e que os faria respeitar firmemente.

Logo depois, Waldeck-Rousseau prometeu recuperar o famoso 'bilhão das Congregações'.

Em sua carta ao Cardeal Richard, intitulada *No Meio das Consolações*, o papa lamentou novamente as ameaças que pairavam sobre as congregações, o que reconfortou um pouco os católicos, mas desagradou aos bispos republicanos como o Bispo Armand em Luçon ou o Bispo Le Nordez em Dijon."

Uma lei sobre as associações destinada a exterminar as associações religiosas

Uma lei sobre as associações, votada por amplas maiorias na Câmara e no Senado, foi promulgada em 1 de julho de 1901. Segundo Ferdinand Buisson:

> o primeiro ato público comprometendo profundamente a República nessa luta com a Igreja, até então marcada por tantos armistícios, tratados de paz e compromissos tácitos. (83)

Liberal para as associações laicas, ela submetia as congregações religiosas a um regime tirânico destinado a suprimi-las pura e simplesmente.

Os 158.000 religiosos da França, homens e mulheres, tiveram apenas duas opções: a secularização ou o exílio.

Pouco instruída pelo encadeamento de derrotas eleitorais, a nunciatura de Paris confiou a Jacques Piou a tarefa de formar um novo partido. *A Ação Liberal*, "*expressão máxima do ralliement*" (84), mais uma vez levou os católicos à derrota nas eleições da primavera de 1902: apenas 35 deputados ralliés foram impotentes para conjurar a agressividade ideológica dos 330 deputados governamentais.

Dissolução das congregações e fechamento das escolas livres

Foi necessário beber o cálice até o fim. As eleições de 1902 deram a presidência do Conselho a Émile Combes, ex-seminarista, que tinha sido tonsurado e recebera as ordens menores antes de ter seu acesso ao subdiaconato recusado, casar-se e entrar na política nas fileiras republicanas.

Obviamente afiliado ao Grande Oriente, ele queria a "*descatolização*" total da França (85). Ele confessou ter assumido o poder apenas com esse objetivo.

Sem uma reação significativa do papa, Combes ordenou o fechamento de 135 congregações e de 2800 escolas livres (em oito dias!).

Os incidentes mais graves ocorreram na Grande Chartreuse (o coronel encarregado da expulsão renunciou para não executar a ordem recebida), onde os cartuxos, encontrados cantando o ofício na capela, foram arrastados para fora um por um enquanto a tropa continha os milhares de camponeses armados de paus que vieram defender os monges.

O Grande Oriente parabenizou Combes, o apóstata.

> Sua guerra contra os monges foi de extermínio. (86)

A maçonaria estava aplicando seu plano de ação:

> substituir à autoridade espiritual da Igreja, tradicional educadora da França, o magistério da França revolucionária. (87)

O fracasso consumado do Ralliement

O fim do pontificado de Leão XIII

Chegando ao fim de sua vida, tendo comemorado seus 90 anos em 1900 mas ainda lúcido, Leão XIII fez um balanço de seu pontificado na encíclica *Annum Ingressi* (19 de março de 1900). Ele lamentou a influência maligna da seita maçônica, ecoando *Humanum Genus*, bem como a perda de seus Estados Pontifícios. Ele teve que admitir que o ralliement, destinado a recuperar esses últimos, foi um fracasso retumbante:

"*Me enganaram*", repetia o papa para seu círculo íntimo (88). No entanto, em nenhum momento Leão XIII duvidou da validade de sua política; ele confiou, em junho de 1903, durante uma audiência ao ex-presidente do Conselho, Jules Méline.

> Eu me uni sinceramente à República.

O papa continuava também a apoiar os padres democratas. O abade Naudet, recebido no Vaticano, pôde relatar essas palavras de aprovação de Leão XIII:

> Está bem, meu filho, continue, estou contente contigo.

Após uma breve doença, o papa faleceu em 20 de julho de 1903. O embaixador austro-húngaro junto à Santa Sé recebeu quase imediatamente do seu governo a ordem de vetar a possível eleição do cardeal Rampolla para o cargo de São Pedro.

Fracasso da política de atrair as graças da República

Um ano após a morte de Leão XIII, a França rompeu suas relações diplomáticas com a Santa Sé. Na Sexta-feira Santa de 1904, os crucifixos foram retirados das escolas e dos tribunais. A *Lei sobre a Separação das Igrejas e do Estado* de 9 de dezembro de 1905, conhecida como 'lei Combes', selou o Ralliement. O Concordato de 1801 foi abolido.

Fracassos e compromissos internacionais

No plano internacional, o Ralliement também foi um fracasso. O Vaticano, que se afastara da Tríplice Aliança germânica, fora rejeitado pela França e acabara isolado. Os católicos italianos não compreendiam que o que fora preconizado na França não poderia ser aplicado em seu país e pediam uma abertura em

relação ao regime de Umberto I, igualmente laico como seu vizinho transalpino.

A crítica mais contundente veio de um artigo anônimo intitulado "*A política do Papa*", publicado na "*Contemporary Review*": Leão XIII havia se comprometido com Bismarck, com a maçonaria francesa e com a Rússia cismática, sacrificando o *Zentrum* alemão, os monarquistas franceses e a Polônia católica.

De Leão XIII a São Pio X

Reviravolta na política do Vaticano

Eleito papa em 4 de agosto de 1903 com o nome de Pio X, Giuseppe Sarto escolheu o jovem Rafael Merry del Val como seu Secretário de Estado. Pio X imediatamente adotou uma posição oposta à do seu antecessor:

> A Maçonaria não teme uma oposição republicana, teme apenas uma oposição monárquica. (91)

Ele substituiu o Ralliement pela resistência, como evidenciado pela encíclica *Vehementer nos* de 11 de fevereiro de 1906, encorajando os católicos a se oporem por todos os meios legais às leis laicistas.

Diante da desapropriação da Igreja na França - que perdeu um patrimônio de 450 milhões de francos e toda cobertura jurídica - Pio X não cedeu:

> Se a paz das consciências está rompida na França, isso não é devido à Igreja, mas sim aos seus inimigos. (92)

… escreveu na encíclica "*Une fois encore*" (1907).

Em 1908, ele consagrou na Basílica de São Pedro 14 bispos "nascidos para a guerra" (93), os primeiros nomeados sem o acordo do poder civil.

Após a cerimônia, ele proferiu um discurso emocionante em particular, chamando-os ao martírio enquanto invejava seu destino.

Diante dessa firmeza, a Terceira República não ousou implementar completamente a perseguição, para evitar criar mártires, e desistiu de fechar igrejas e prender padres.

> A política sem concessões de Pio X, considerada arriscada por muitos moderados, revelou-se visionária. (94)

Roberto de Mattei escreve. Até Aristide Briand reconhecerá isso.

> O papa? (ou seja, Pio X) Ele é o único que viu claramente! (95)

Da Adesão à "Ação Francesa"

Após a morte do duque de Chambord, "o partido realista, liderado pelo duque de Orléans, caminhou rapidamente para a extinção. Seus comitês, no entanto, acabaram por existir apenas no nome", observa Roberto de Mattéi. (96) "*O galicanismo... ressurgiu na França, não tanto como uma corrente ideológica, mas como uma atitude psicológica de desconfiança em relação à 'interferência' do papa nas questões políticas francesas.*" (97)

Essa disposição mental foi suscitada pelo ralliement e teve consequências graves no futuro. No entanto, há outra consequência ainda mais séria destacada por Roberto de Mattéi.

> Os realistas abandonaram o fundamento religioso de suas convicções para basear seus sentimentos em razões políticas, econômicas e sociais. (97)

A política leonina provocou a secularização do movimento realista, que encontrará sua justificação fora de sua própria tradição.

Em 1899, nasceu a *Action française*, que baseava sua escolha monárquica não na visão metafísica da sociedade, mas no método positivista, chamado "empirismo organizador".

Nenhum dos fundadores da *Action française*, Henri Vaugeois, Charles Maurras, vinha das fileiras católicas e monarquistas. Os contra-revolucionários passaram a considerar Maurras como um aliado, em vez de um mestre.

A alternativa, lamentável, entre o "monarquismo positivista" da Action française e o "cristianismo social" do *Sillon* de Marc Sangnier (ver abaixo), foi uma consequência do Ralliement.

Do Ralliement ao "Sillon"

Existe uma continuidade entre a *Ação Liberal Popular*, liderada pelo "rallié" Jacques Piou, e o *Sillon* de Marc Sangnier, formas da Democracia Cristã. Jacques Piou escreveu assim na *Revue des Deux Mondes* um artigo intitulado "Os conservadores e a democracia", onde expressou não apenas seu apoio à forma institucional, mas também à própria ideologia republicana, que ele apresentou como eminentemente católica:

> As ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, que as revoluções chamam de sua conquista, não foram trazidas por elas para o mundo. [...] Nenhuma sociedade civil realizará melhor o ideal democrático do que a sociedade religiosa fundada por Cristo. (98)

Marc Sangnier não diz outra coisa quando afirma que:

> Ele sozinho mantém o princípio democrático; portanto, não pode haver democracia contra o cristianismo. (99)

Léon XIII e o cardeal Rampolla haviam encorajado Sangnier. Este último havia escrito ao fundador do Sillon após o primeiro congresso do movimento em dezembro de 1902 que:

> O objetivo e as tendências do Sillon agradaram muito a Sua Santidade. (100)

No entanto, o Cardeal Merry del Val convidou a associação a conformar-se ao ensinamento da Igreja já no Congresso do Sillon de 1905.

O padre Emmanuel Barbier mostrou-se particularmente perspicaz sobre o Sillon:

> Devido à afinidade entre o modernismo e a democracia, a imanência vital, que é o cerne da tese modernista, passa da ordem religiosa para a ordem social e, em seguida, da ordem social para a ordem religiosa. (101)

Finalement, o Papa Pio X condenou o movimento (na carta "*Notre Charge Apostolique*" de 25 de agosto de 1910). Ele destacou a afinidade entre modernismo e democracia:

Não se trabalha para a Igreja, trabalha-se para a humanidade. (102)

As críticas ao Ralliement

Soladitium pianum

O Ralliement teve consequências desastrosas para a causa monárquica em toda a Europa e favoreceu o modernismo, que transpôs suas orientações do domínio político para o teológico e filosófico.

Por outro lado, ele promoveu o desenvolvimento de uma escola contra-revolucionária, qualificada de 'integralista' por seus adversários. Esta escola alcançou seu pleno desenvolvimento sob o pontificado de Pio X, que a apoiava.

Um exemplo especialmente conhecido é o famoso "*Soladitium Pianum*" (a "Pinheiral") de Monsenhor Umberto Benigni, do qual faziam parte o padre Emmanuel Barbier, o bispo Henri Delassus e o padre Charles Maignen.

O padre Barbier

O padre Barbier — que havia deixado a Companhia de Jesus para combater melhor o Ralliement —, inicialmente publicou dois trabalhos para denunciar os erros do *Sillon (Les idées du Sillon. Étude critique (1905), Les erreurs du Sillon (1906), depois criticou diretamente o Ralliement: Cas de conscience: les catholiques français et la République (1906)*).

Mesmo que seu trabalho seguinte, *Le progrès du libéralisme catholique en France sous le pape Léon XIII: étude documentaire* (1907), tenha sido colocado no índex devido a passagens um pouco duras contra o antigo pontífice, o Papa Pio X sempre encorajou o padre Barbier em sua luta.

O professor De Mattéi, cujo trabalho serve de base para este artigo, que é um resumo, admite ter se baseado amplamente na principal obra de Barbier, sua *Histoire du catholicisme libéral et social en France du Concile du Vatican à l'avènement de SS. Benoît XV* (1870-1914)."

Dom Besse

Dom Jean-Martial Besse, beneditino de Solesmes, padre, pesquisador, escritor e conferencista, publicou sobre o Ralliement sob o pseudônimo de Léon de Chayssac, numa linha contra-revolucionária e penetrante (cita-se *Le ralliement, Église et monarchie, L'Église et les libertés modernes, Les religions laïques*).

Monsenhor Delassus

Monsenhor Henri Delassus, padre em Lille e depois diretor e proprietário da Semaine religieuse du diocèse de Cambrai (que se tornaria do diocèse de Lille), transformou-a em um bastião contra o liberalismo e o modernismo.

Apesar dos ataques dos padres democratas, Monsenhor Delassus foi apoiado pelo Papa Pio X, chegando a receber dele uma carta de elogios por ocasião de seu jubileu sacerdotal em 1912.

Seus escritos publicados sob o título de *La conjuration antichrétienne*, renderam-lhe, segundo seu biógrafo Louis Medler, o reconhecimento como:

o legatário universal, no início do século XX, da herança contra-revolucionária do século XIX.

O padre Charles Maignen

Podemos também mencionar, entre os pensadores que se opuseram ao Ralliement político à República e às ideias do século, a figura do padre Charles Maignen, sobrinho de Maurice Maignen, o católico social cofundador do Instituto dos Irmãos de São Vicente de Paulo em 1845. Charles Maignen participou, com um espírito "intransigente", da fundação da ACJF (Associação Católica da Juventude Francesa). Em 1894, no *La libre Parole*, o jornal de Édouard Drumont, ele publicou um artigo retumbante que defendia os "refratários" contra os "ralliés", e atacava a mudança de Albert de Mun. Ele foi imediatamente sancionado por seu superior. No entanto, ele continuou sua luta, especialmente contra o padre Hecker e o americanismo (ver supra), uma questão que na época agitava tanto o mundo religioso quanto o caso Dreyfus apaixonava o mundo político e militar. Foi graças a ele que Leão XIII condenou o americanismo (encíclica *Testem benevolentiae* de 22 de janeiro de 1899, já mencionada).

Sob o pontificado de Pio X, o padre Maignen, por meio do cardeal Merry del Val, entrou em contato com Monsenhor Benigni e tornou-se uma das peças-chave do *Sodalitium pianum*. A Associação Notre-Dame de Nazareth, um grupo de religiosos e leigos "integristas", reuniu-se de 1891 a 1894. Seu objetivo era principalmente

> agir sobre o próximo conclave e garantir que não seja dado ao atual papa um sucessor que continue seus erros liberais e políticos, tão funestos para a Igreja. (104)

Em 26 de julho de 1892, Maignen leu para seus pares um texto no qual desqualificava as instruções do papa sobre a postura dos católicos franceses em relação à República:

> A autoridade do Papa existe para edificar e não para destruir, e as ordens de Leão XIII destruiriam a Igreja de Deus, se a Igreja pudesse ser destruída. Portanto, não nos é permitido aceitar sem reservas a República Francesa e tratar com indulgência os inimigos da Igreja que querem nos impor. Não poderíamos fazer isso sem sobrecarregar nossas consciências com um crime pelo qual Deus nos puniria. (105)

Entre os estudos críticos do padre Maignen em relação a Leão XIII, nunca publicados, destaca-se o texto intitulado "*Um papa legítimo pode deixar de ser papa?*", no qual ele aborda o problema do papa herege. No entanto, posteriormente, o padre Maignen iria atenuar suas declarações e considerar que o liberalismo de Leão XIII tinha sido prático e não doutrinário.

Charles Périn, da Universidade Católica de Louvain

Entre os nomes a serem lembrados desse movimento antiliberal, pode-se mencionar Charles Périn, falecido em 1905. Jurista e economista, professor na Universidade Católica de Louvain, ele se opôs à concepção liberal do Estado com uma concepção "integral" do papel da Igreja na sociedade. A ordem material é subordinada à ordem moral, baseada no princípio evangélico da renúncia (Les lois de la Société chrétienne, 1875).

Conclusão

O professor Mattéi faz uma distinção clara entre o liberalismo, condenado por Leão XIII como por seus predecessores, e "o espírito liberal", que o papa adotou:

- Os liberais aceitavam os princípios da Revolução Francesa,
- os católicos liberais procuravam deixar de lado sua oposição aos precedentes para se situarem no plano dos fatos. Esses católicos liberais privilegiavam a "hipótese", em detrimento da "tese", um estado ideal

para o cristão, mas que, segundo eles, se tornara quimérico.

Assim, compreende-se melhor a contradição entre os grandes textos de Leão XIII que citamos, os quais condenam o caráter antirreligioso das sociedades modernas, e sua política de aliança com um Estado apóstata que é como que a figura emblemática disso.

É forçoso considerar o Ralliement como um fracasso. Não apenas o anticlericalismo não cessou, mas também se intensificou ainda mais. O Ralliement desferiu um golpe fatal na aliança entre o Trono e o Altar, que por um século constituiu uma barreira contra o processo revolucionário cujo objetivo é arrancar as raízes cristãs da sociedade.

Sobre as ruínas do movimento monarquista, surgirá uma direita nacionalista e positivista, a *Action française* - embora tenha contado com muitos católicos em suas fileiras - e um partido cristão-democrata aconfessional.

Estes dois movimentos negavam ambos a Realeza social de Jesus Cristo e aceitavam a secularização como um processo irreversível da história (106). No vazio assim criado, se infiltraram sistemas infames, como o comunismo, fascismo, nazismo, todos estranhos e hostis à Cidade Católica. A dessacralização da sociedade gerada pelo Ralliement, a perda da metafísica social, favoreceram a penetração do espírito do mundo dentro da Igreja. Na morte de Leão XIII, a Igreja na França havia perdido todos os seus bens e privilégios.

No entanto, em "*A Igreja e o Ralliement: História de uma Crise* (1892-2000)", Philippe Prévost observa:

> O pior era o desaparecimento da coragem e o amolecimento das consciências, mesmo entre os bispos. (107)

A ideia era triunfar através do compromisso, escapando das lutas e sofrimentos que acompanham a vida da Igreja na terra. O Ralliement encorajou os católicos mornos e moderados, justificou entre os teólogos, filósofos e exegetas do "terceiro partido" que não queriam ser vistos como "retrógrados" as concessões a teses cada vez mais heterodoxas. Vimos quais efeitos funestos o Ralliement provocou no estrito plano diplomático, enquanto a recuperação de seus Estados italianos foi uma das motivações primordiais de Leão XIII.

À morte de Bento XV, em 1922, duas linhas se confrontaram, uma representando os herdeiros de Pio IX e Pio X, liderados pelo cardeal Merry del Val, e a outra representando os "rampollianos", liderados pelo cardeal Gasparri. Monsenhor Gasparri, impedido pelos antiliberais de ser eleito ele próprio, promoveu a eleição do cardeal Achille Ratti, que se tornou Pio XI, o qual retomou a política leonina em relação aos Estados modernos. Assim, ele pouco apoiou os Cristeros do México, apoiou os republicanos na Espanha, praticou uma "*Ostpolitik*" do Vaticano antes da carta com a Rússia, retirou seu apoio ao Partido Popular Italiano e ao *Zentrum* alemão, e excomungou a *Ação Francesa*. Somente em 1937, provavelmente tarde demais, ele condenou o comunismo e o nazismo. A "*reconciliação da Igreja com o mundo moderno*", projeto pastoral de Leão XIII, foi plenamente realizada pelo Concílio Vaticano II. Isso é "outra" história, mas é, afinal, a mesma história.

1. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 8.
2. Le Ralliement, op.cit., p. 11.
3. cité par le card. Masella. Memorie inedite, II, p. 1084.
4. Gambetta par Gambetta, Lettres intimes et souvenirs de famille, publiés par P.B Ghevsi, Paul Ollendorff, Paris 1909, p. VII-VIII.
5. PII IX SP, Positio Super Introductione Causæ, vol.1 : Tabella testium et summarium, Tip. Guerra e Belli, Roma, 1954, p. 731.
6. H. des Houx, Souvenirs d’un journaliste français à Rome, Paul Ollendorff éditeur, Paris 1866, p. 72-73.
7. R. de Mattéi, op.cit., p. 28.
8. Selon les termes des chartes de Louis XVIII de 1814 et de Louis-Philippe de 1830, qui reprennent l’expression de « religion de la majorité des citoyens » suggérée par Talleyrand pour la rédaction du

concordat de 1801.

9. Librairie De Belin-Mandar et Devaux, Paris 1829.
10. C. de Montalembert, « L'Église libre dans l'État libre », discours prononcé au Congrès catholique de Malines, Douniol et Didier, Paris 1863, p. 75-80.
11. Daniel de Montplaisir, Le Comte de Chambord, dernier roi de France, Perrin, 2008, p. 432.
12. Manifeste du 25 janvier 1872, cité par Jean-Paul Garnier, Le drapeau blanc, Perrin, Paris, 1971, p. 451-452.
13. Allusion à la longue lettre de MgrDupanloup au comte de Chambord (23 juillet 1873)
14. Cf. Mattéi, Le Ralliement, p. 63-65.
15. Roberto de Mattéi, Le Ralliement de Léon XIII. Echec d'un projet pastoral, Le Cerf, 2016, p. 71.
16. A. Mellor, La vie quotidienne de la franc-maçonnerie française du XVIIIe siècle à nos jours, Hachette, Paris, 1973, p. 143-144.
17. Discours du 4 mai 1877 devant la Chambre des députés.
18. Chanoine Louis Capéran, Histoire contemporaine de la laïcité, Paris, Rivière, 1957, p. 12.
19. Ferdinand Buisson reste toujours le maître à penser de nombre de républicains à l'instar de Vincent Peillon, ministre socialiste de l'Éducation nationale dans le gouvernement Ayrauit (2012-2014).
20. V. Peillon, La révolution française n'est pas terminée, Le Seuil, Paris, 2008, p. 18.
21. Cardinal Masella, Mémoires inédites, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 86.
22. Ives Marchasson, La diplomatie romaine et la république française, Brauschesne, Paris, 1974, p. 90.
23. Ibid.
24. Joseph Burnichon, s.j., La Compagnie de Jésus en France. Histoire d'un siècle. 1814-1914, Beauchesne, Paris, 1922, IV, p. 654-655.
25. Édouard Lecanuet, L'Église en France sous la troisième République, Librairie Félix Alcan, Paris, 1930-1932, II, p. 66, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 92.
26. Xavier de Montclos, Le toast d'Alger, Éditions E. de Boccard, Paris, 1966, p. 37, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 95.
27. Lettre de Lavigerie à Sadi Carnot du 18 novembre 1889 dans François Renault, Le cardinal Lavigerie,1825-1892. L'Église, l'Afrique et la France, Fayard, Paris, 1992, p. 386, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 96.
28. Marchasson, La diplomatie romaine, op.cit., p. 465, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 98.
29. R. Mattéi, op.cit., p. 125.
30. Gustave Gautherot, Emile Keller, Plon, 1922, p. 314, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 134.
31. Ibid, p. 319-321, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 135.
32. Propos rapportés par Paul Pradel de Lamase (1849-1936), ancien zouave pontifical ayant combattu les Prussiens en 1870, historien et journaliste. On lui doit Légitimisme et papauté. La dernière presse légitimiste. Le ralliement, Mercure de France, Paris, 1942, dont est extrait ce témoignage (p. 195).
33. Cité dans Alec Mellor, Histoire de l'anticléricalisme français, in Revue d'histoire de l'Église de France, tome 53, n°151, 1967, p. 325.
34. Notre consolation, dans ASS, 24, p. 1154, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 153.
35. Encyclique Immortale Dei, 1885, dans EE Enchiridion delle Encicliche, édition bilingue, EDB, Bologna, 1995-1999, p. 334-335.
36. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 154-155.
37. « Communément, le gouvernement naturel est celui d'un seul »
38. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 155.
39. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 157.
40. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 158, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 158.
41. E. Barbier, Cas de conscience. Les catholiques français et la République, Lethieulleux, Paris, 1906, II, p. 341, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 158.
42. Mémoires du cardinal Domenico Ferrata, Rome, 1920, II, p. 215, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 159.
43. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 160.
44. MgrGuerry, La doctrine sociale de l'Église, p. 12.
45. Cité par Roberto de Matéi, Le Ralliement, p. 170.

46. Léon de Cheyssac, en religion Dom Martial Besse, Le ralliement, Librairie des Saints-Pères, Paris, 1906, p. 72.
47. Aloisi Masella, Memorie inedite, VI, p. 3233-3240, cité par Roberto de Matéi, Le Ralliement, p. 169.
48. Seuil, 1992.
49. La droite en France de 1815 à nos jours. Continuité et diversité d'une tradition politique, Aubier, Paris 1954, p. 162.
50. E.Barbier, op.cit., p. 398, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 179.
51. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 179.
52. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 180.
53. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 182.
54. Eugène Spüller, L'évolution politique et sociale de l'Église, Alcan, Paris, 1896.
55. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 182-183.
56. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 183.
57. cardinal Masella, Memorie inedite, VII, p. 3534, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 183.
58. Abbé Félix Klein, Nouvelles tendances en religion et littérature, Librairie Victor Lecoffre, Paris, 1892, p. 77 et 110, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 184.
59. E. Barbier, op.cit., p. 78, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 185.
60. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 186.
61. Le Ralliement, p. 187.
62. Cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 189.
63. Le Ralliement, p. 191.
64. cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 191.
65. Le Ralliement, p. 192.
66. Cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 196.
67. Cité par E. Barbier, III, op.cit., p. 224, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 198.
68. Le Ralliement, p. 198.
69. R. de Mattéi, op.cit., p. 198-199.
70. cité par Émile Poulat, Modernistica. Horizons, Physionomies, Débats, Nouvelles Éditions Latines, Paris 1982, p. 143-144.
71. Adrien Dansette, Histoire religieuse de la France contemporaine, Flammarion, Paris, 1965, p. 435, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 203.
72. P. Cabanel, « Le débat sur la liberté dans la France du combisme », in 1901, Les congrégations hors la loi ? , p. 148, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 204.
73. Cité dans J.B Rovolt, Vie du Très Révérend Père Doré, Imprimerie Jacques § Demontrond, Besançon, 1925, p. 94.
74. Cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 209.
75. J.B. Rovolt, op.cit., p. 122-123, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 209.
76. A.Masella, Memorie inedite, VIII, p. 4436-4437.
77. E. Barbier, op.cit., II, p. 466-467, qui reprend le témoignage de Dom Wyart, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 210.
78. Le Ralliement, p. 211.
79. Edoardo Soderini, Il pontificato di Leone XIII, Mondadori, Milano, 1933, II, p. 505-507.
80. Aloisi Masella, Memorie inedite, IX, p. 5043, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 213.
81. Rovolt, Vie du T.R.P. Le Doré, p. 139-140, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 212.
82. Cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 215.
83. Capéran, L'invasion laïque. De l'avènement de Combes au vote de la séparation, Desclée de Brouwer p. 14, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 216.
84. Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 218.
85. E. Barbier, op.cit., III, p. 84.
86. Capéran, L'invasion laïque, op.cit., p. 444.
87. Capéran, L'invasion laïque. De l'avènement de Combes au vote de la séparation, Desclée de Brouwer p. 452, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 220.
88. T'sarclaès, Le pape Léon XIII, p. 676, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 223.

89. Lecanuet, op. cit., p. 486, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 223.
90. Barbier, op. cit., t.III, p. 443, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 223.
91. Voir Charles Maurras, Le bienheureux Pie X, Sauveur de la France, Plon, Paris 1953, p. 6-7, qui rapporte le compte-rendu de l'audience accordée au journaliste monarchiste Louis Dimier paru dans L'Action Française du 1er mai 1904, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 231.
92. S. Pie X, Enc. Une fois encore sur l'Église catholique de France, du 6 janvier 1907, dans Pii P.X Acta, IV, p. 7-17, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 232.
93. Dansette, Histoire religieuse, op.cit., p. 43, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 233.
94. Le Ralliement, op.cit., p. 234.
95. Cité par Jean Sévillia, Quand les catholiques étaient hors la loi, Perrin, Paris, 2005, p. 265, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 234.
96. in Le Ralliement, p. 235.
97. Ibid.
98. Barbier, op.cit., III, p. 81, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 237.
99. Barbier, op.cit., III, p. 84, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 237.
100. Cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 237.
101. Barbier, Les démocrates chrétiens, p. 367, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 238.
102. Pie X, Lettre Notre Charge Apostolique, du 25 août 1910, dans AAS, 2 (1910), p. 607-633, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 238.
103. Louis Medler, MgrDelassus (1836-1921), Éditions Le Sel de la Terre, 2005, p. 6.
104. Archivio dei Religiosi di San Vincenzo de Paoli (ARSV), dossier Louise Lateau, Procès-Verbal de la séance du 20 février 1894, cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 24.
105. ARSV, op.cit., cité par Roberto de Mattéi, Le Ralliement, p. 248-249.
106. R.de Mattéi, Le Ralliement, p. 261.
107. in L'Église et le Ralliement. Histoire d'une crise (1892-2000), Paris, Centre d'études contemporaines, 2001.
108. Cf. Antoine Wenger, Católicos na Rússia de acordo com os arquivos do KGB, 1921-1960, Desclée de Brouwer, Paris, 1988.
109. Cf. o volume editado por Massimo de Leonardis, Fé e diplomacia. As relações internacionais da Santa Sé na era contemporânea, EDUCatt, Milão, 2014, bem como a comunicação de R. de Mattéi "A solidão eclesial de Pio XI. À luz das novas fontes arquivísticas do Vaticano". Atas da Conferência Internacional de Estudos, 26-28 de fevereiro de 2009, editado por Cosimo Semeraro, Libreria Editrice Vaticana, Cidade do Vaticano, 2010, p. 437-440.

Tradução: Cleber Silva
Revisão: *
Artigo Original: Clique aqui

¿Rechazar las Reformas Litúrgicas de Pío XII es ilícito?

Por el Reverendo Padre Anthony Cekada (Traditional Mass, 27 de abril de 2006)

¿Cómo puedes justificar el uso de las rúbricas más antiguas y del Misal de San Pío X?

PREGUNTA:

Estaba pensando en cómo se puede justificar el rechazo de las “reformas” de Pío XII respecto a la Semana Santa. Si se invoca el principio de "*epikeia*", parecería no aplicarse en este caso, debido a la validez del Pontificado de Pío XII y de su autoridad para realizar tales cambios. Tenía la impresión de que la "*epikeia*" sólo se aplicaría cuando una determinada ley comenzara a ir en contra del bien común y fuera necesario ignorarla. Agradecería su visión.

PREGUNTA:

Respecto a los cambios de 1955 relacionados con la Semana Santa: leyendo los argumentos de 1955 a favor de los cambios, los “innovadores” hablaron de “volver a las antiguas tradiciones” y también sobre “simplificación de las ceremonias”, etc.: los mismos argumentos hechos posteriormente a favor del *Novus Ordo*. Es cierto que todo esto huele a Bugnini. Annibale admitió en sus escritos que tales modificaciones fueron un escalón importante hacia la anarquía litúrgica que el creó posteriormente con Pablo VI y todos sus amigos y obispos protestantes. No tengo ninguna duda de que las reformas de 1955 deberían ser descartadas (así como el resto de las “innovaciones” de Bugnini).

Sin embargo, tengo dos cuestiones principales: ¿qué nos dice esto de que Pío XII, en esos últimos años, haya permitido y utilizado esta nueva ceremonia y, también, dado que tenemos un interregno desde 1958, qué justificaciones podemos utilizar para celebrar ceremonias anteriores a 1958 sin aparentar ser un acto de “seleccionar y elegir” cuáles queremos utilizar? ¿Fue por la creencia de que el Papa Pío XII nunca aceptaría las innovaciones si supiera lo que ocurrió posteriormente, como sabemos? ¿Será porque él nunca promulgó tales modificaciones (como algunos creen)? ¿O fue simplemente porque Bugnini estaba detrás de todo esto? Apreciaría mucho su análisis sobre este tópico que me ha perturbado hace algún tiempo.

RESPUESTA

Con el paso de los años, hemos sido cuestionados repetidamente sobre esta cuestión. La respuesta es bastante simple y se basa en los principios de sentido común que constituyen la base de toda la legislación de la Iglesia.

Las leyes que promulgaron las reformas litúrgicas de Pío XII fueron normas eclesiásticas humanas, sujetas a los principios generales de interpretación utilizados en todas las leyes de la Iglesia. Por lo tanto, dejan de ser obligatorias por dos motivos:

Falta de Estabilidad o Perpetuidad

La estabilidad es una cualidad esencial de una ley verdadera. Las reformas de 1955 fueron meras regulaciones transitorias; esto es autoevidente por la legislación subsecuente y por los comentarios contemporáneos realizados por los responsables por crearlas.

En su libro de 1955 sobre los cambios, *La simplificación de las rúbricas*, el propio Bugnini deja esto muy claro en los siguientes pasajes:

> El presente decreto tiene carácter contingente. Es esencialmente un puente entre lo viejo y lo nuevo y, si se prefiere, una flecha que indica la dirección tomada por la restauración actual…
>
> La simplificación no cubre todas las áreas que merecen ser reformadas, sino, por ahora, sólo aquellos aspectos que son más fáciles y más obvios, y con un efecto nítido e inmediato... En simplificación, siendo un 'puente' entre el estado presente y la reforma general, la transigencia es inevitable…
>
> Esta reforma es sólo el primer paso hacia medidas de alcance más amplio, y no es posible juzgar con precisión una parte, a no ser cuando ella es colocada en el todo.

En un comentario de 1956 sobre el nuevo rito de la Semana Santa (Bibliotheca Ephemerides Lit. 25, p.1), Bugnini dice:

> El decreto Maxima redemptionis nostrae mysteria, promulgado por la Sagrada Congregación de Ritos el 16 de noviembre de 1955 [introduciendo la nueva Semana Santa] es el tercer paso hacia una reforma litúrgica general.

Por lo tanto, tales normas (como ahora nos percatamos) carecían de una de las cualidades esenciales de la ley –estabilidad o perpetuidad– y ya no son más obligatorias.

Cese de la Ley

Una ley eclesiástica humana que era obligatoria cuando fue promulgada puede volverse dañina (nociva) por el cambio de circunstancias después del paso del tiempo. Cuando esto ocurre, dichas leyes dejan de ser obligatorias.

Los tradicionalistas aplican este principio (al menos implícitamente) a un gran número de leyes eclesiásticas, y ellas se aplican igualmente a las reformas de 1955.

Los grandes paralelos en principios y prácticas entre el Misal de Pablo VI y las reformas de 1955 hacen ahora que el uso de estas últimas sea algo perjudicial, porque este uso promueve (al menos implícitamente) el peligroso error de que la “reforma” de Pablo VI constituyó simplemente un paso a más en el desarrollo orgánico de la liturgia católica.

De hecho, esta es la propria mentira que Pablo VI proclamó en los dos primeros párrafos del *Missale Romanum*, su Constitución Apostólica de 1969 que promulga el *Novus Ordo*. No tiene sentido apoyar este engaño insistiendo en que la legislación de 1955 sigue siendo obligatoria, especialmente cuando sabemos que todo esto fue parte de una conspiración de larga data por parte de la camarilla modernista de Annibale Bugnini para destruir la Misa. A continuación, en su libro de 1955, *La simplificación de las rúbricas*, Bugnini está anunciando los objetivos a largo plazo de estos cambios:

> Estamos preocupados en 'restaurar' [la liturgia]... [haciéndola] una nueva ciudad, en la cual el hombre de nuestro tiempo pueda vivir y sentirse a gusto.

> Sin duda, todavía es muy temprano para comprender toda la dimensión de este documento, que marca un importante punto de cambio en la historia de los ritos de la Liturgia Romana…
>
> Aquellos que están ansiosos por una renovación litúrgica más fuerte y realista están nuevamente – debo decir – prácticamente invitados, tácitamente, a mantener sus ojos abiertos y a hacer una investigación cuidadosa de los principios aquí presentados, para ver sus posibles aplicaciones…
>
> Más que en cualquier otro campo, una reforma en la liturgia debe ser el resultado de una colaboración inteligente, iluminada por todas las fuerzas activas.

Y aquí está Bugnini describiendo cómo su comisión de "reforma" logró tener sus cambios litúrgicos aprobados por Pío XII:

> La comisión gozaba de la completa confianza del Papa, a quien mantenía al corriente de su trabajo Monseñor Montini [Pablo VI, el modernista que promulgaría el Novus Ordo] y, más aún, semanalmente por el Padre Bea [medio judío, modernista y jefe ecumenista en el Vaticano II], confesor de Pío XII. Gracias a ellos, fue posible que la comisión lograra resultados importantes, incluso en períodos en los que la enfermedad del Papa impedía que los demás se acercaran a él. (La Reforma Litúrgica, p. 9)

Por lo tanto, las creaciones litúrgicas del masón fueron presentadas al Papa enfermo para su aprobación por los dos conspiradores modernistas que serían grandes participantes en la destrucción de la Iglesia durante el Vaticano II. Bugnini en sus Memoirs, intitula el capítulo referente a su implicación con los cambios anteriores al Vaticano II "La clave de la reforma litúrgica". Esto preparó el terreno para lo que se seguiría.

Los tradicionalistas juzgan correctamente como inaplicables varias otras leyes eclesiásticas. A *fortiori*, ellos deberían ignorar leyes litúrgicas que fueron el trabajo sucio del hombre que destruyó la Misa.

Sacerdotes Tradicionales, Sacramentos Legítimos

R.P. Anthony Cekada

El derecho divino antes nos obliga a conferir los sacramentos que prohibírnoslo.

CADA TANTO el católico tradicional oirá a alguien afirmar que los sacramentos que él recibe son “ilícitos”.

A veces los integrantes del organismo *Novus Ordo* —el obispo diocesano o el párroco local, digamos— esgrimirán este cargo, refiriéndose a una disposición del derecho canónico u otra.

También puede pasar que un católico tradicional encuentre un folleto escrito por un tipo de tradicionalista popularmente llamado “solo en casa”. Éste es alguien que rechaza el Vaticano II y la Misa Nueva, pero al mismo tiempo denuncia la administración sacramental de todos (o la mayoría) de los sacerdotes católicos tradicionales como ilegal, pecaminosa, punible con la excomunión, contraria al derecho canónico o, en el caso de la confesión, inválida. Así, en lugar de recibir sacramentos, él recomienda que Ud. se quede “solo en casa”.

A principios de la década del 90 escribí dos artículos que trataban de estos asuntos: “El derecho canónico y el sentido común” y “Solo en casa”, los cuales gozaron ambos de amplia difusión en medios tradicionalistas.

Decidí volver al tema porque en los últimos años aparecieron varios nuevos folletos de “solos en casa”, de los cuales los más recientes aseguraban que el clero tradicionalista violaba no sólo el derecho *canónico* sino el derecho *divino*.

Ahora bien, formular argumentos creíbles a base de tales conceptos requiere un nivel bastante alto de conocimiento especializado de teología moral, derecho canónico, derecho sacramental y teología dogmática. Ordinariamente esto sólo puede adquirirse tomando cursos formales de estas disciplinas en un seminario o una universidad católica, y después aumentando estos conocimientos básicos con un estudio comparativo de las principales obras canónicas y teológicas, todas las cuales están en latín (se citan algunas en la bibliografía de abajo).

Ningunos de los “solos en casa” que conozco tienen estos antecedentes y ni siquiera *sospechan* cuán extensa es realmente su ignorancia de estas disciplinas. Por lo tanto no es sorprendente encontrar en sus escritos más recientes dos errores fundamentales.

En primer lugar, estos escritores asumen que *la* pregunta más importante que un sacerdote católico siempre debe formularse acerca de un sacramento es si le está “permitido” o “prohibido” conferirlo.

Esto invierte todo en su mente. El sacerdocio no es simplemente un privilegio que apenas *permite* algo; es un *munus* u *officium* (deber) de hacer algo: ofrecer el sacrificio y dispensar los sacramentos. Así, pues, la *verdadera* pregunta que debe hacerse el sacerdote es siempre: ¿Qué sacramentos estoy **obligado** a conferir ahora?

En segundo lugar, probablemente porque obras menos especializadas a veces usan los términos indiscriminadamente, los escritores confunden dos conceptos distintos del derecho canónico según se relacionan con la administración de los sacramentos: (1) la **delegación** (facultad legítima o permiso de la Iglesia para administrar los sacramentos) y (2) la **jurisdicción** (poder de gobierno sobre otros en las cosas espirituales).

Un sacerdote u obispo debe tener delegación legítima para todos los sacramentos que confiere porque su “confección y administración está divinamente encomendada al ministerio de la Iglesia” (Cappello, *de Sacramentis* 1, 49.) En cambio, la *jurisdicción* sólo se requiere para la confesión.

Los presuntos canonistas laicos, sin embargo, parecen pensar que el derecho requiere que un sacerdote tenga *jurisdicción* cada vez que confiere un sacramento, y basan la mayor parte de su crítica en esta suposición oculta. Pero como la *delegación* basta, tales argumentos no vienen al caso.

Abajo desarrollaré brevemente ambos temas. La mayor parte de lo que sigue sirve igualmente bien para contestar a los "solos en casa" y a los integrantes del organismo del Vaticano II.

I. Derecho divino

LOS MANDATOS de Nuestro Señor de bautizar (Mt. 28, 19), perdonar los pecados (Jn. 20, 22), ofrecer la Misa (Lc. 22, 19), etc., constituyen una **ley divina** que obliga a todos los sacerdotes y obispos católicos hasta el fin de los tiempos.

Algunos sacerdotes están obligados en *justicia* a administrar los sacramentos; los demás están obligados por otras causas: por *caridad* o en *virtud de su ordenación*. Estos son los principios:

A. Obligación en justicia (*ex justitia*)

Esta categoría comprende a todos los sacerdotes con cura animarum (cuidado de almas).

Este término técnico del derecho canónico se refiere a los sacerdotes que, en razón de su oficio o de un título especial de jurisdicción, ya sea ordinaria (un obispo diocesano, un superior general, un párroco o sus equivalentes) o delegada (un vicario coadjutor o asistente del párroco), están obligados a "apacentar una parte en particular del rebaño de Cristo" (Merkelbach, *Summa Theologiae Moralis* 3, 86).

Su obligación de administrar los sacramentos proviene de "el derecho divino [varias citas] que ordena a los pastores apacentar a sus ovejas y ciertamente procurar su bien espiritual y su salvación" (Hervé, Manuale Theologiae Dogmaticae 4, 491).

Los sacerdotes con *cura animarum* estaban gravemente obligados por el derecho divino a proveer de los sacramentos a los fieles católicos capacitados para recibirlos.

B. Obligación por caridad (*ex caritate*)

Otros sacerdotes que carecen de este tipo de jurisdicción ordinaria o delegada —p. ej., profesores de seminarios, administradores, maestros, no asignados, retirados, etc.— *también* están obligados, con todo, a proveer de los sacramentos a los fieles, según cuán grave sea la necesidad de un individuo o una comunidad.

Algunos autores dicen que su obligación se basa en la virtud de caridad: "**Cuando faltan los sacerdotes con cura animarum, otros sacerdotes están obligados por caridad** a administrar los sacramentos… en **caso de grave necesidad de una comunidad**, [tales sacerdotes] están obligados a administrar los sacramentos, aun con riesgo de sus vidas, con tal de que haya esperanza razonable de asistir y no haya nadie más que asista". Esta obligación rige bajo pena de pecado mortal (Merkelbach 3, 87; el énfasis es mío).

C. Obligación en virtud de la ordenación

Otros autores dicen que tales sacerdotes están obligados a proveer de los sacramentos no sólo por caridad, sino en virtud de su ordenación sacramental misma. He aquí una explicación:

"**Están obligados por una cierta obligación general que proviene del orden sagrado que recibieron**. Pues Cristo Nuestro Señor los hizo sacerdotes para que se dedicaran a salvar almas. Por este fin, su deber especial es administrar los sacramentos. Esto es obvio por el rito de ordenación, que les da el poder de ofrecer el sacrificio y absolver los pecados, y que especifica administrar los restantes sacramentos entre sus

otros deberes… Esta obligación vincula más gravemente según la gravedad de la necesidad espiritual de los fieles de la diócesis donde se supone que realice su ministerio el sacerdote, o del lugar donde vive. **Cuando una tal comunidad está obviamente en necesidad grave** —cuando, por ejemplo, debido a la escasez de sacerdotes o confesores, las personas no tienen forma conveniente de asistir a misa los domingos y fiestas de guardar y recibir la Eucaristía, o donde es inconveniente para las personas frecuentar el sacramento de la penitencia, de manera que muchos permanezcan en pecado— un sacerdote tiene una **obligación grave** de administrar estos sacramentos y de prepararse apropiadamente para el deber de confesor" (Aertnys-Damen, *Theologia Moralis* 2, 26: "*Generali quadam obligatione tenentur ex ordine suscepto* … in *necessitate simpliciter gravi talis communitatis… gravis est obligatio*…" El énfasis es del original).

Estos principios se aplican de la siguiente manera: Tras el Vaticano II casi todos los obispos y sacerdotes con cura animarum desertaron para la nueva religión. Los pocos sacerdotes que resistieron, por otra parte, eran profesores, parias en sus órdenes religiosas o diócesis, retirados, etc.

Estos sacerdotes estuvieron entonces obligados por derecho divino a proveer de los sacramentos a los católicos, quienes, como sus pastores habían apostatado, en este punto estaban "obviamente en necesidad grave". Los sacerdotes no estaban obligados a "buscar un permiso". Más bien estuvieron **obligados**, tanto por caridad como en virtud de su ordenación, a bautizar, absolver, celebrar la misa, etc.

Es más, entre ellos los obispos —los arzobispos Lefebvre y Thuc— estuvieron **obligados** a conferir las sagradas órdenes a candidatos dignos que entonces continuarían proveyendo de los sacramentos a los fieles católicos en todo el mundo.

Su obligación provenía de la sagrada orden del episcopado que ambos habían recibido. La exhortación —contenida en una sola frase— dirigida al candidato en el rito de consagración episcopal expresa esta obligación sucintamente: "Es **deber del obispo** juzgar, interpretar, **consagrar, ordenar**, ofrecer el sacrificio, bautizar y confirmar".

Además, aquellos de nosotros que derivamos nuestras órdenes de los arzobispos Lefebvre o Thuc, obviamente no tenemos ningún título para la *cura animarum*. Pero, como todos los demás sacerdotes, estamos igualmente **obligados** por derecho divino, por caridad y en virtud de la ordenación, a proveer de los sacramentos a los fieles que permanecen en grave necesidad común.

II. Delegación legítima y misión

ADICIONALMENTE, "con respecto a la legitimidad… toda autoridad para dispensar los sacramentos se origina en la misión dada a los apóstoles" por medio de los mismos mandatos divinos arriba citados: bautizar, absolver, celebrar la misa, etc. (Billot, *De Ecclesiae Sacramentis* 1, 179). Esto es así porque:

> Nadie dispensa legítimamente la propiedad de otro a menos que lo haga basado en una orden de aquel. Ahora bien, los sacramentos son la propiedad de Cristo. Por consiguiente, solo quienes tienen una misión de parte de Cristo —a saber, aquellos hacia quienes se deriva la misión apostólica— los dispensan legítimamente (Billot, *ibid*.).

Aquellos a quienes Nuestro Señor ha obligado por derecho divino a *conferir* los sacramentos, reciben entonces simultáneamente de Él la *delegación legítima* y la *misión apostólica* para conferirlos.

III. Derecho humano eclesiástico

AUNQUE CIERTOS cánones del Código expresamente recuerdan principios de la ley positiva divina (por ejemplos, véase Michels, *Normae Generales Juris Canonici* 1, 210 ss.), los cánones que prescriben *cómo* se

confiere u obtiene la delegación legítima para bautizar, absolver, ofrecer la misa, etc., no son ellos mismos ley divina, sino sólo **ley humana**.

Según los principios generales del derecho, una ley humana:

A. Cesa automática y positivamente cuando su observación se vuelve perjudicial (*nociva*). Para este punto, ver las obras de los teólogos morales y canonistas Abbo-Hannon, Aertnys-Damen, Badii, Beste, Cappello, Cicognani, Cocchi, Coronata, Maroto, McHugh-Callan, Merkelbach, Michels, Noldin, Regatillo-Zalba, Vermeersch, Wernz-Vidal, etc., en la bibliografía de abajo.

B. Cesa en "necesidad común", aun si la ley de otra manera invalidara un sacramento. Así, por ejemplo, un impedimento dirimente para el matrimonio que normalmente requeriría una dispensa por un funcionario de la Iglesia con jurisdicción ordinaria, dejaría de obligar "por necesidad común", cuando es imposible el acceso a alguien con la autoridad requerida (Merkelbach 1, 353).

Una tal necesidad común también se daría, por ejemplo, "durante una época de persecución o de agitación en un país particular". En este caso, "si el fin de la ley cesara por una situación contraria para la comunidad —es decir, si de ella resultara un común perjuicio— la ley no obligaría, ya que se consideraría justamente suspendida, debido a la interpretación benigna de la intención del legislador" (Cappello 5, 199).

C. No obliga cuando está en conflicto con la ley divina. "En un conflicto de obligaciones, la más alta tiene prioridad… La ley divina positiva tiene prioridad sobre la legislación humana" (Jone, **Moral Theology**, 70). "La regla suprema en la materia es ésta: la obligación que prevalece es la que proviene de la ley que, considerando su naturaleza y finalidad, es de mayor importancia… Los preceptos de la ley divina positiva deben prevalecer sobre los preceptos de la ley humana positiva" (Noldin, **Summa Theologiae Moralis** 1, 207).

IV. Aplicación

CON RESPECTO a las leyes humanas eclesiásticas citadas que prohíben a los sacerdotes católicos tradicionales administrar los sacramentos en la situación presente:

A. El bien común. Aplicar estas leyes privaría a los católicos de los sacramentos y así impediría directamente el bien común (*bonum commune*) que la Iglesia persigue en *todas* sus leyes. El bien común, dice el teólogo Merkelbach, es "el culto de Dios y la santificación sobrenatural del hombre" (*Summa Theol. Mor.* 1, 325: "Dei cultus et sanctificatio supernaturalis hominum…").

B. Cesación. Tales leyes eclesiásticas humanas por consiguiente se volverían perjudiciales (*nocivae*), y como tales, según los principios generales del derecho establecidos por teólogos morales y canonistas, cesarían automáticamente (véase III. A).

Esto incluye los cánones 953 y 2370, los cuales en otro caso prohibirían la consagración de un obispo sin un mandato apostólico (el documento papal que autoriza la consagración), porque observarlos terminaría privando a los fieles de los sacramentos cuya atribución requiere un ministro con órdenes sagradas.

Esto también incluye el canon 879.1, que rige la jurisdicción para la absolución: "Para oír confesiones válidamente la jurisdicción debe ser concedida expresamente, ya sea oralmente o por escrito". El teólogo moral y canonista Prümmer caracteriza específicamente este canon como "derecho eclesiástico" (*Manuale Theologiae Moralis* 3, 407: "*A jure ecclesiastico* statuitur, ut jurisdictionis concessio a) sit *expressa* sive verbis sive scripto…" El énfasis es del original).

Dado que el canon es *derecho humano eclesiástico* y no derecho divino, el requisito para una concesión expresa de jurisdicción podría por consiguiente cesar en razón de "necesidad común" (véase III.B), porque los católicos que están en pecado mortal necesitan la absolución y porque los sacerdotes tenemos la

obligación de darla.

Nuestra obligación surgiría, como explica San Alfonso, "**de la propia naturaleza del mismo oficio sacerdotal**, al cual la institución de Cristo ha asociado este deber, y porque un sacerdote **está obligado** a cumplir con él cuando la necesidad del pueblo lo exige" (Aertnys-Damen 2, 26n. "…*ex proprio Sacerdotis officio*… quod Sacerdos exercere *tenetur*…" El énfasis es del original).

C. La obligación que prevalece. En todo caso, la obligación grave de dispensar los sacramentos que el derecho *divino* impone a los sacerdotes católicos tradicionales por caridad y en virtud de su ordenación, tiene prioridad sobre las leyes humanas eclesiásticas citadas en su contra (véase III.C).

D. Delegación legítima y misión. Simultáneamente, el mismo derecho divino necesariamente dota a los obispos y sacerdotes católicos tradicionales de la delegación legítima o de una misión apostólica para dispensar los sacramentos (véase II). Además, si fuera de otra manera, Dios impondría una obligación grave mientras retendría cualquier medio moralmente lícito para cumplir con ella —*quod impossibile*.

V. La jurisdicción para la absolución

EN EL CASO de la delegación legítima para la confesión, el derecho divino requiere que para la absolución válida de los penitentes, un sacerdote también debe poseer el poder de *jurisdicción* además del poder del orden sagrado. Ningún sacerdote católico tradicional que conozca discute esto.

La jurisdicción es "un poder moral de gobernar a los súbditos en las cosas que pertenecen a su fin sobrenatural" (Merkelbach 3, 569). Como se notó arriba, la jurisdicción es o bien *ordinaria* (adjunta a un oficio) o *delegada* (concedida a una persona, ya sea por el derecho o por un superior). Se ejerce en el foro *externo* (la Iglesia como sociedad) o en el foro *interno* (el individuo ante Dios —lo cual generalmente se refiere a la confesión).

La jurisdicción que los sacerdotes católicos tradicionales poseemos nos es *delegada* por Cristo mismo en virtud del derecho divino y se ejerce en el foro *interno*, ya que:

A. El canon 879 cesa. La ley humana eclesiástica (canon 879) que requiere que la jurisdicción para las confesiones se conceda expresamente por escrito u oralmente, ha cesado (véase IV.B).

B. El derecho divino provee de jurisdicción. La ley divina por la cual Cristo concede la *jurisdicción* a quienes ordena perdonar los pecados (en cuanto distinta de la *potestad sacramental* para hacerlo) se basa en Juan 20, 21: "Como el Padre me envió, así yo os envío" (Merkelbach 3, 574).

Esta ley divina siempre permanece, conjuntamente con la jurisdicción de Cristo necesaria para cumplirla. Es obvio, dice el teólogo Herrmann, "que **este poder de las llaves durará para siempre** en la Iglesia. Porque dado que Cristo quiso que la Iglesia durara hasta el fin del mundo, Él también le prodigó los medios sin los cuales ella no podría alcanzar su finalidad, la salvación de las almas" (*Institutiones Theologiae Dogmaticae* 2, 1743; el énfasis es mío).

Ciertamente, la Iglesia de Cristo *debe* suplir la jurisdicción para la absolución en circunstancias extraordinarias: "La Iglesia, por su finalidad especial, debe proveer a la salvación de las almas, y así es que **ella está consiguientemente obligada a proveer a todo lo que dependa de su poder**" (Cappello 2, 349; el énfasis es mío).

Pues, como dice el cardenal Billot, aunque la ley eclesiástica está más dirigida a atar que a desatar, y la ley divina más dirigida a desatar que a atar, en última instancia, "la jurisdicción instrumental de la Iglesia *está* dirigida a desatar —de hecho, a desatar los vínculos que no dependen de la ley eclesiástica, sino de la *ley divina*" (*Tractatus de Ecclesia Christi* 1, 476; el énfasis es mío).

C. Dios ejerce la autoridad. Nuestra jurisdicción delegada para el foro interno "no es un poder eclesiástico, sino un poder divino concedido por la propia autoridad de Dios mismo (único que puede directamente tocar la conciencia y el vínculo del pecado). Sin embargo opera a través del Papa como ministro e instrumento de la divinidad, y por consiguiente no por la autoridad propia de la Iglesia, **sino más bien por Dios que ejerce su propia autoridad**" (Merkelbach 3, 569; el énfasis es mío).

Resumiendo lo anterior:

- El derecho divino obliga a los sacerdotes y obispos católicos tradicionales a administrar los sacramentos a los fieles (cfr. I).
- El mismo derecho divino también les provee de la delegación legítima y de la misión apostólica para su apostolado (cfr. II).
- Las leyes humanas eclesiásticas (canónicas) cuya aplicación impide cumplir con la ley divina han cesado por ser ahora perjudiciales (*nocivae*) (cfr. III y IV).
- Esto incluye el canon 879 que requiere una concesión expresa de jurisdicción para la validez de la absolución (cfr. III.B y IV.B).
- En lugar de eso, el derecho divino delega directamente la jurisdicción en el foro interno a los sacerdotes católicos tradicionales para la absolución que imparten (cfr. V).

Me apresuro a añadir que nada de esto justifica pasar por alto las muchas otras disposiciones del derecho eclesiástico que regulan la administración y recepción de los sacramentos, especialmente las que prohíben la administración de las sagradas órdenes al ignorante y al inepto.

Cristo mismo ordena a sus sacerdotes que dispensen sus sacramentos a su rebaño. Dado que los pastores facultados con jurisdicción para la *cura animarum* han desertado todos para la religión modernista, su obligación ahora recae en nosotros, los pocos sacerdotes fieles que quedan.

Conferimos los sacramentos de Cristo porque Él hizo de ello nuestro deber.

Julio de 2003.

BIBLIOGRAFÍA

ABBO, J & J. Hannon. *The Sacred Canons*. St. Louis, Herder 1957. 2 vols.

AERTNYS, I. & C. Damen. *Theologia Moralis*. 17a ed. Roma, Marietti 1958.

BADII, C. *Institutiones Iuris Canonici*. 3a ed. Florencia, Fiorentina 1921.

BESTE, U. *Introductio In Codicem*. CollegevilleMN, St. John's 1946.

BILLOT, L. (Cardinal). *De Ecclesiae Sacramentis*. Roma, 1931. 2 vols.

__. *Tractatus de Ecclesia Christi*. 5a ed. Roma, Gregoriana 1927. 2 vols.

CAPPELLO, F. *Institutiones Iuris Canonici*. 5a ed. Santander, Sal Terrae, 1956. 2 vols.

__. *Tractatus Canonico-Moralis de Sacramentis*. Roma, Marietti 1951. 5 vols.

CICOGNANI, A. *Canon Law*. 2nd ed. Westminster MD, Newman 1934.

COCCHI, G. *Commentarium in Codicem Iuris Canonici*. 6a ed. Roma, Marietti 1938. 8 vols.

CÓDIGO DE DERECHO CANÓNICO, 1917.

CORONATA, M. *De Sacramentis. Tractatus Canonicus*. Turín, Marietti 1943. 3 vols.

__. *Institutiones Juris Canonici*. 4a ed. Turín, Marietti 1950. 3 vols.

HERRMANN, P. *Institutiones Theologiae Dogmaticae*. Roma, Della Pace 1908. 2 vol.

HERVÉ. J. *Manuale Theologiae Dogmaticae*. París, Berche 1932. 4 vols

JONE, H. *Moral Theology*. Westminster MD, Newman 1955.

MAROTO, P. *Institutiones Iuris Canonici*. Roma, 1921. 4 vols.

MCHUGH, J. & C. Callan. *Moral Theology*. New York, Wagner 1929.

MERKELBACH B. *Summa Theologiae Moralis*. 8a ed. Montreal, Desclée 1949. 3 vols.

MICHIELS, G. *Normae Generales Juris Canonici*, 2a ed. París, Desclée 1949. 2 vols.

NOLDIN, H. & A. Schmitt. *Summa Theologiae Moralis*. Innsbruck, Rauch 1940. 3 vols.

PRÜMMER, D. *Manuale Theologiae Moralis*. 10a ed. Barcelona, Herder 1946. 3 vols.

REGATILLO, E. & M. Zalba. *Theologiae Moralis Summa*. Madrid, BAC 1954. 3 vols.

VERMEERSCH, A & I. Creusen. *Epitome Iuris Canonci*. 7a ed. Roma, Dessain 1949. 3 vols.

WERNZ, F. & P. Vidal. *Ius Canonicum*. Roma, Gregoriana 1934. 8 vols.

La Trampa de la Misa del Motu

R.P. Anthony Cekada - www.traditionalmass.org

Ratzinger “libera” el Misal del 62. Bienvenido a su arco iris…

> Un “rasgo de identidad”… una forma de encuentro… especialmente adecuada para ellos”. Una “sacralidad que atrae a mucha gente”. **Benedicto XVI**, sobre sus razones para instituir la Misa del Motu
>
> "Diversidad legítima y diferentes sensibilidades, dignas de respeto… Estimuladas por el Espíritu, que hace que todos los carismas se reúnan en la unidad." - **Juan Pablo II**, acerca de la Misa tradicional, a la Fraternidad San Pedro
>
> “Todo en su sistema se explica por impulsos o necesidades internas”. - **Papa San Pío X**, sobre los modernistas y los sacramentos, Pascendi

EL 7 DE JULIO de 2007, Benedicto XVI emitió el *Summorum Pontificum*, su largamente esperado Motu Proprio permitiendo un uso más amplio de la versión de 1962 de la Misa Latina Tradicional. Su acción no fue una sorpresa para nadie. Como Cardenal, Joseph Ratzinger ya había hablado favorablemente muchas veces sobre la Misa antigua.

He aquí algunas disposiciones destacadas de su Motu Proprio y de la carta que lo acompaña:

- La Nueva Misa de Pablo VI es la expresión “ordinaria” de la “ley de la oración”(lex orandi), mientras que la versión de Juan XXIII de la Misa antigua es la expresión “extraordinaria”. Ellas son “dos usos del único Rito Romano”. (Motu Proprio, ¶1)
- Cualquier sacerdote puede celebrar la Misa del “Beato Juan XXIII” privadamente. (¶2)
- En las parroquias donde haya un grupo estable de fieles “apegados a la tradición litúrgica anterior”, el párroco deberá acceder a sus peticiones para la celebración de la Misa del 62. (¶5.1)
- Dichas celebraciones se pueden realizar en días de semana, “en tanto que en los domingos y días festivos puede haber una de estas celebraciones”. (¶5.2)
- Las lecturas de la Escritura pueden ser proclamadas en lengua vernácula. (¶6)
- El rito antiguo puede ser usado, cuando sea pedido, para bodas y funerales (¶5.3), y el párroco puede permitir usar los ritos antiguos para administrar también otros sacramentos. (¶9.1)
- El Obispo diocesano puede establecer una “parroquia personal” para dichas celebraciones. (¶10)
- La Nueva Misa y la antigua no son “dos Ritos”, sino un uso doble de “un único y mismo Rito”. (Carta a los Obispos)
- El Misal antiguo “nunca fue jurídicamente abrogado, y por consiguiente, en principio, estuvo siempre permitido”.
- Los dos ritos “se enriquecen mutuamente”.
- Nuevos santos y nuevos prefacios del Nuevo Misal “pueden y deberían ser incluidos en el antiguo”.
- “No hay contradicción” entre los dos ritos.
- Sacerdotes de comunidades que se adhieren al uso antiguo “no pueden, como principio, excluir celebrar según los nuevos libros”.

Entonces, ahora que la “Misa del Motu” ha llegado finalmente, ¿qué deberíamos hacer al respecto? He aquí algunas consideraciones preliminares.

I. Aspectos Positivos

1. Admisión de un Fracaso

Como seminarista en la década de 1960, viví la revolución litúrgica desde dentro, y a partir de entonces he leído comentarios sobre la reforma formulados por los mismos que la dirigieron: Bugnini, Jungmann, Braga, Wagner, Patino, Botte, Vaggagini, Brandolini, y muchos otros.

En aquellos días y para estos hombres, no había lugar a *ninguna* cuestión acerca de permitir la supervivencia de la Misa anterior al Vaticano II, ni siquiera sobre bases restringidas. El nuevo rito de la Misa en el Misal de 1970 de Pablo VI se convertiría en la Misa del Rito Romano, y punto, y sería un gran paso hacia adelante para la Iglesia.

Esta era la intención del mismo Pablo VI. En noviembre de 1969, poco antes de que su Misa Nueva fuera introducida en las iglesias del mundo entero, él desarrolló este tema en dos Audiencias Generales:

> "[La reforma litúrgica] es un paso adelante de genuina tradición [de la Iglesia]. Es un signo evidente de fidelidad y vitalidad… No es una moda, ni un experimento fugaz u optativo, la invención de unos diletantes… Esta reforma pone fin a incertidumbres, discusiones y abusos arbitrarios. Nos llama de regreso a aquella uniformidad de ritos y actitudes que es propia de la Iglesia Católica…
>
> "El lineamiento fundamental de la Misa es todavía el tradicional, no solo teológica, sino también espiritualmente. Ciertamente, si el rito es llevado a cabo como debiera, se hallará que el aspecto espiritual tiene mayor riqueza"…
>
> "No hablemos, pues, de una „nueva Misa?, sino de una „nueva era? en la vida de la Iglesia".

La nueva era ahora se acabó. Durante cuatro décadas de "mayor riqueza", las ordenaciones en E.E.U.U. declinaron en un 72%, la matrícula para seminarios en un 90%, seminarios 66%, hermanas educadoras 94%, matrícula a escuelas católicas 55%, y asistencia a Misa alrededor de 60%.

En la década de 1990 una nueva generación de clérigos comenzaron a alejarse del rito de Pablo VI y a mirar con anhelo al Misal Tridentino. Graduados de diversos seminarios diocesanos buscaron ornamentos de la vieja usanza, tomaron cursos sobre las rúbricas anteriores al Vaticano II, celebraron la Misa tradicional a escondidas, y generalmente esperaban algo más Católico que lo que se hallaba en el nuevo rito.

Si la Nueva Misa hubiera sido un éxito, esto nunca hubiera pasado. La Misa del Motu es una admisión del fracaso del Novus Ordo.

2. Quitar el Estigma

Desde 1964 hasta 1984, la jerarquía modernista trató a aquellos que querían la Misa antigua como parias, chiflados y trogloditas.

Sin embargo, el Indulto de 1984 y después la constitución de la Comisión *Ecclesia Dei* en 1988 quitaron algo del estigma de promover la "Misa Latina".

Para muchos, la Misa del Motu de Ratzinger legitima aún más las prácticas litúrgicas anteriores al Vaticano II.

3. Una Causa de División en el Campo Enemigo

A pesar de las elaboradas garantías que Ratzinger trató de establecer, la Misa del Motu causará conflicto inevitablemente entre los adherentes al Vaticano II.

No se que pasa en otras partes del mundo, pero probablemente puedo predecir la forma en que esto se desarrollará en las zonas suburbanas de los Estados Unidos, donde reside actualmente la mayoría de los católicos del Novus Ordo. Allí, en iglesias arquitectónicamente indistinguibles de cadenas de restaurantes y filiales bancarias, comités de laicas "autorizadas" y agresivas, tanto asalariadas como voluntarias, junto con las ocasionales y liberadas "religiosas", ahora dictan las políticas y prácticas parroquiales. A ellas y a sus conciudadanos les gusta la Misa y la religión fácil del Vaticano II tal como es.

Si un neo-coadjutor (el típico "Padre Pepe", de más de 30 años, con sobrepeso y en su segunda profesión) anunciara que, gracias al Motu Proprio, él estará exhibiendo todo el arsenal litúrgico antiguo que compró en "eBay" y empezara a celebrar la Misa antigua en latín los domingos a las 10 de la mañana, una insurrección de proporción parroquial, a la que no le faltarían las protestas al obispo y una masiva campaña mediática, sería organizada por el soviet de mujeres.

Multipliquen esto en unas cuantas parroquias por diócesis, y podrán ver los conflictos que la Misa del Motu podría causar en el enemigo. Una casa dividida no puede mantenerse en pie, y las divisiones que profundicen la descomposición de la nueva religión solo pueden acelerar la restauración de la antigua, *¡quod Deus det!*

4. Bengalas de Advertencia para los Tradicionalistas Comprometidos

La mayoría de los viejos tradicionalistas detestan *cualquier* modificación de la Misa. Ratzinger, no obstante, dio a entender que hay algunos cambios que podrían estarles esperando en su Misa del Motu local: fiestas de nuevos santos, prefacios nuevos y lecturas en vernáculo; ni siquiera ha quedado claro si no habrá que usar incluso el leccionario de Bugnini.

¡Qué bien! Bromear así con la Misa antigua hará que los viejos estén *muy* inquietos, les alertará sobre el juego de Ratzinger (eso espera uno), e incluso quizá los inicie en el camino de pensar que modernistas como Ratzinger son el problema, no la solución, para los verdaderos Católicos.

5. Refregando por las Narices de los Sacerdotes la Nueva Misa

Desde 1988 Juan Pablo II y Ratzinger han aprobado un gran número de comunidades religiosas semitradicionalistas (Fraternidad San Pedro, Instituto Cristo Rey, Instituto del Buen Pastor, etc.), a las que les está permitido usar el Misal del 62 y otros ritos anteriores al Vaticano II. Estos grupos han resguardado a muchos clérigos que detestaban la Nueva Misa de ser forzados a celebrarla.

Ya no más. Ratzinger les arroja un misil: "No hace falta decir que, a fin de experimentar la comunión plena, **los sacerdotes de las comunidades que adhieren al uso antiguo no pueden, por principio, excluir celebrar de acuerdo a los nuevos libros**. La exclusión total del nuevo rito no sería, de hecho, coherente con el reconocimiento de su valor y santidad".

Otra vez, ¡qué bien! Cuanto más los sacerdotes de estos institutos se vean personalmente enfrentados con el mal de la Nueva Misa, más pronto se darán cuenta de las irreconciliables contradicciones de su propia posición.

6. Introducción a las Verdaderas Cuestiones

Aunque la Misa de Juan XXIII que Ratzinger autoriza es una versión mutilada de la íntegra liturgia tradicional, todavía conserva bastante de la antigua como para demostrar que, en comparación, la Nueva Misa de Pablo VI representaría una religión enteramente nueva, "centrada en el hombre", como orgullosamente proclamara uno de sus creadores, el P. Martín Patino.

Para muchos católicos, el camino para hacerse tradicionalistas comenzó cuando encontraron una Misa Latina tradicional por primera vez y la compararon con el rito neo-protestante celebrado en sus parroquias. Con la

Misa del Motu, la posibilidad de dichos encuentros se multiplica exponencialmente.

Esto sin duda llevará a muchas almas sinceras y reflexivas a mirar más allá de la cuestión litúrgica al problema mayor, el *doctrinal* - las herejías del Vaticano II y los papas posconciliares - y eventualmente abrazarán la única posición lógica para un fiel católico: el sedevacantismo.

II. Aspectos Negativos

1. Captados por el Subjetivismo Modernista

Porque todavía piensan en antiguas categorías religiosas católicas, los tradicionalistas que promovieron la Misa del Motu considerarán su aprobación como una clamorosa derrota para el modernismo.

En realidad, ha ocurrido otra cosa: con la Misa del Motu, **los modernistas ahora captarán a los tradicionalistas confiados** para su *propio* programa subjetivista.

El Papa San Pío X condenó el modernismo porque (entre otras cosas) rechazaba el dogma y exaltaba el "sentido religioso" del creyente. Y todos los pronunciamientos vaticanos que autorizan el uso de la Misa tradicional - desde el Indulto de 1984 en adelante - lo hacen sobre la base de categorías modernistas escurridizas y subjetivas como "diferente sensibilidad", "sentimientos", "legítima diversidad", "gusto", distintos "carismas", "expresiones culturales", "apego", etc.[1]

Ratzinger toca ahora repetidamente este tema: "apego", "afección", "cultura", "familiaridad", "rasgo de identidad", "querido a ellos", "atracción", "forma de encuentro", y "sacralidad que atrae".

Todo se reduce a lo subjetivo.

Dejen que los tradicionalistas que lo promovieron digan lo que quieran. Para Ratzinger, la Misa del Motu los convierte simplemente en un color más de su arco iris del Vaticano II.

2. Una Capilla Lateral en una Iglesia Ecuménica

Como hemos señalado repetidamente en otras ocasiones, la contribución personal de Joseph Ratzinger a la larga lista de errores del Vaticano II, es su herejía de la "Frankenchurch". Para él, la Iglesia es una "comunión": un tipo de iglesia ecuménica, una única iglesia mundial, a la cual pertenecen por igual católicos, cismáticos y herejes, cada uno de los cuales posee "elementos" de la Iglesia de Cristo, sea "plena" o "parcialmente". Según su *Catecismo*, todos forman parte de un grande y feliz "pueblo de Dios".

Bajo este techo, algunos gustan de coros luteranos, misas con guitarra, canto gregoriano, comunión en la mano, monaguillas, ministros eucarísticos laicos, liturgias "inculturadas" hindúes y africanas, y música mariachi. Otros (en "comunión parcial" con Ratzinger) gustan sombríos cantos ortodoxos, música rock, sacerdotisas, aromas y campanas anglicanos, cánones en los que faltan las palabras de la consagración, llamados desde el altar del tipo "acepta a Jesús como tu salvador perrrzonal", y credos sin *Filioque*.

Por lo tanto, difícilmente sorprenda que Ratzinger ofrezca a los tradicionalistas la Misa del Motu, y junto con ella, una amplia y cómoda capilla lateral en su iglesia ecuménica. Simplemente una opción más… Y de hecho, el P. Nicola Bux, un funcionario del Vaticano que estuvo involucrado en la redacción del borrador del Motu Proprio, lo llamó justamente eso: un "aumento de las opciones".

Y, por supuesto, hay un precio que pagar.

De acuerdo al Motu Proprio de Ratzinger y a su carta adjunta, el *Novus Ordo* - el sacrilegio ecuménico, protestante, modernista, que destruyó la fe católica en todo el mundo - es la "expresión **ordinaria** de la ley de oración de la Iglesia Católica". La Misa del Motu de ustedes - la Misa verdadera, podrían preferir llamarla -

es meramente “extraordinaria”. La nueva y la antigua son simplemente dos usos del **mismo Rito Romano**.

Si aceptas la Misa del Motu, la compras con todo esto, y te conviertes en un socio efectivo de la Iglesia ecuménica mundialista de Ratzinger.

3. Rituales Católicos, Doctrinas Modernistas

Durante décadas los tradicionalistas marchaban al grito de “¡Es la Misa lo que importa!”.

Pero últimamente esto es simplemente un eslogan. Te puedes ir al Cielo sin tener la Misa Católica, pero no puedes ir al Cielo sin tener la Fe Católica.

Ahora Ratzinger les dará la Misa, ¿pero les dará la Fe? Aquellos que acepten su generosa oferta, ¿serán libres de condenar el *Novus Ordo*, los errores del Vaticano II y las falsas enseñanzas de los papas posconciliares?

Para averiguarlo, uno solo necesita mirar a la Fraternidad San Pedro, al Instituto Cristo Rey, y a las demás organizaciones que ya celebran la Misa antigua bajo los auspicios de la Comisión vaticana *Ecclesia Dei*. Sus clérigos se atreven, a lo sumo, a hacer alguna crítica ocasional y amable sobre “deficiencias” o “ambigüedades” de la nueva religión. Y hoy son hombres vendidos.

Su principal preocupación será ahora similar a la del ala de la “Hight Church”, mantener lo *externo* del catolicismo, especialmente su culto. Pero el *corazón* del catolicismo - la fe - ha desaparecido.

Así, mientras un sacerdote neo-conservador que ofrece una Misa del Motu podría ahora sentirse encantado cantando las antiguas colectas con su lenguaje “negativo” sobre el infierno, la retribución divina, los judíos, los paganos, los herejes y demás, debería recordar que el Vaticano II abolió los presupuestos *doctrinales* sobre los cuales estaba basado este lenguaje.[2]

Para el buen Padre y su congregación, la *lex orandi* que ellos observan (la Misa tradicional) no tiene conexión alguna de ningún tipo con su *lex credendi* oficial (la religión del Vaticano II).

Desde sus inicios en el siglo XIX, el modernismo buscó crear una religión que estuviera divorciada del dogma, pero que, no obstante, satisficiera el “sentido religioso” del hombre. Es irónico que esta religión autocontradictoria y libre de dogmas esté ahora plenamente realizada en el Motu de la Misa de Ratzinger.

4. Sacerdotes que No son Sacerdotes Ofrecen Misas Inválidas

“Una vez que no haya más sacerdotes válidos, ellos permitirán la Misa Latina”.

Esta fue la predicción que hizo a mediados de la década de 1970 el Padre capuchino Carl Pulvermacher, un viejo sacerdote tradicionalista que trabajaba con la FSSPX y era un editor de su publicación estadounidense *The Angelus*.

Fue además profético. En 1968 los modernistas formularon un nuevo Rito de Consagración Episcopal que es inválido: no puede crear un verdadero obispo.[3] Alguien que no es un verdadero obispo, por supuesto, no puede ordenar un verdadero sacerdote, y todas las misas - latinas tradicionales o del Novus Ordo - ofrecidas por un sacerdote inválidamente ordenado son asimismo inválidas.

De modo que cerca de cuarenta años más tarde, cuando quedan pocos sacerdotes válidamente ordenados gracias al Rito de Consagración Episcopal posconciliar, el modernista Ratzinger (él mismo inválidamente consagrado en el nuevo rito) autoriza la Misa tradicional.

En consecuencia, como resultado del Motu Proprio, las Misas latinas tradicionales empezarán a ser ampliamente celebradas en todo el mundo; los cánticos y la música de Palestrina resonarán magníficamente en iglesias engalanadas, deslumbrarán los ornamentos de telas doradas, nubes de incienso llenarán los ábsides

barrocos, predicadores con puntillas proclamarán el retorno de lo sagrado, clérigos con rostro solemne oficiarán con toda la perfección de las rúbricas que permitan los mutilados ritos de Juan XXIII.

Pero la Misa del Motu será un espectáculo vacío. Sin obispos verdaderos, no habrá sacerdotes verdaderos; sin sacerdotes verdaderos, no habrá Presencia Real; sin la Presencia Real, no habrá Dios que recibir y adorar - solo pan…

III. Digan No al Motu…

A LA LARGA, la Misa del Motu contribuirá a la decadencia sostenida de la religión posconciliar y eventualmente a la muerte del Vaticano II - el "bebé demonio" de Ratzinger, para el que el Limbo nunca fue una opción. Ante todo esto, solo podemos alegrarnos.

En el corto plazo, sin embargo, muchos tradicionalistas ingenuos se verán atraídos por la Misa del Motu por conveniencia, o ante la perspectiva de "pertenecer a algo más grande".

Pero los aspectos negativos de asistir realmente al Motu son puro veneno. He aquí dos puntos clave para recordar:

1) En la mayoría de los casos, tu Misa del Motu local será **inválida**, porque el sacerdote que la ofrece ha sido ordenado por un obispo inválidamente consagrado. Incluso algunos parroquianos del Indulto ya evitan las misas de los sacerdotes de la FSSP por esta razón. 2) La Misa del Motu **forma parte de una religión falsa**. Seguramente, tienes tu misa latina "aprobada" y tal vez incluso tu *Catecismo de Baltimore*. Pero tus correligionarios en la iglesia conciliar también tienen su misa y *su* catecismo, todos también "aprobados".

Al asistir a la Misa del Motu, te conviertes en parte de todo esto y afirmas que las diferencias entre ti y los que siguen el camino a San Teilhard son meramente cosméticas: "legítima diversidad y sensibilidades diferentes, dignas de respeto… estimuladas por el Espíritu", como decía Juan Pablo II a la Fraternidad San Pedro acerca de su apostolado de ofrecer la Misa antigua.

Pero si como fiel católico, te disgusta el pensamiento del compromiso con la herejía y de convertirte en un color más en el arco iris litúrgico y doctrinal de los modernistas, solo tienes una opción:

¡Decir no al Motu!

7 de Julio de 2007

---

[1] Indulto de 1984: para los católicos que están "apegados" a la Misa Tridentina. Carta Ecclesia Dei (1988) de Juan Pablo II: La Misa antigua forma parte de una "riqueza para la Iglesia de una diversidad de carismas, tradiciones de espiritualidad y apostolado, que también constituyen la belleza de la unidad en la diversidad; de esa „armonía? combinada que la Iglesia terrena eleva al Cielo bajo el impulso del Espíritu Santo… Debe mostrarse respeto por los sentimientos de todos aquellos que están apegados a la tradición litúrgica latina". Juan Pablo II se dirige en 1990 a los benedictinos de Le Barroux: La Misa tradicional está permitida porque la Iglesia "respeta y estimula las cualidades y talentos de las diversas razas y naciones… Esta concesión tiene por objeto facilitar la unión eclesial de las personas que sienten apego por estas formas litúrgicas". Carta del Cardenal Mayer de 1991 a los Obispos de Estados Unidos: "diversidad" y respeto por los "sentimientos". Alocución del Cardenal Ratzinger de 1988, en Roma, a los tradicionalistas: "Diferente énfasis espiritual y teológico… esa riqueza que pertenece a la misma y única fe católica". Cardenal Castrillón-Hoyos, mayo de 2007: "expresión ritual que gusta a algunos… esta sensibilidad". Ver también la alocución de Juan Pablo II a la Fraternidad San Pedro en octubre de 1998.

[2] Por cierto, cuando la noticia del Motu Proprio comenzó a circular, los judíos presentaron protestas contra la restauración de las antiguas oraciones por su conversión. ¿Y por qué no? ¿Acaso el Vaticano II no les

había asegurado su victoria?

[3] Ver “Absolutamente Nulo y Totalmente vano”, “Por qué los Nuevos Obispos no son Verdaderos Obispos”, y “Siempre Nulo y Siempre Vano”, en www.traditionalmass.org. Los reformadores cambiaron completamente la forma sacramental esencial: la frase del rito que contiene todo lo necesario y suficiente para consagrar verdaderamente a un obispo. En el proceso, eliminaron una idea fundamental: el poder para conferir Órdenes Sagradas que recibe el obispo. Si se modifica una forma sacramental de tal manera que se elimine una idea esencial, la forma se vuelve inválida.

El Rito de Consagración episcopal de 1968: Siempre Nulo y Siempre Vano

R.P. Anthony Cekada - www.traditionalmass.org

Respuesta a las objeciones del P. Ansgar Santogrossi O.S.B., del P. Pierre-Marie de Kergorlay O.P. y del P. Álvaro Calderón

EN MARZO DE 2006 publiqué[*] "Absolutamente Nulo y Totalmente Vano"[1], un estudio de 14.000 palabras que examina la validez del nuevo Rito de la Consagración episcopal promulgado en 1968 por Pablo VI [esperamos poder traducirlo también, n.d.t.]. Como lo anunciaba en el título del artículo, concluía en la invalidez del nuevo rito.

Varias razones me llevaron a redactar este artículo: Un número considerable de Misas latinas tradicionales "aprobadas" son al presente celebradas bajo los auspicios de diócesis u organizaciones tales como la Fraternidad San Pedro o el Instituto Cristo Rey, por sacerdotes que deben sus ordenaciones a obispos consagrados en el nuevo rito. Si estos obispos no eran verdaderamente obispos, los sacerdotes que ellos han ordenado no son sacerdotes, y los fieles que asisten a las misas de estos últimos no adoran ni reciben más que pan.

Por otra parte, después de la elección de Benedicto XVI en el cónclave de abril de 2005, la Fraternidad Sacerdotal San Pío X (FSSPX) ha entrado en negociaciones con el Vaticano en vistas de su reintegración en el seno de la Iglesia Conciliar. En razón de las dudas de muchos tradicionalistas sobre la validez de los ritos sacramentales post-Vaticano II, y, por supuesto, porque el mismo Benedicto XVI ha sido consagrado obispo en el nuevo rito, los superiores de la FSSPX han urgido e impulsado al fraile dominico Pierre-Marie de Kergorlay O.P. a realizar un artículo para demostrar que el nuevo rito de consagración episcopal es válido.

El estudio del P. Pierre-Marie fue primero publicado en el otoño de 2005 en la revista trimestral de los dominicos tradicionalistas, Le Sel de la Terre. La FSSPX lo hizo traducir prontamente e imprimir en su revista de lengua inglesa, The Angelus, bajo el título "Porqué el nuevo rito de consagración episcopal es válido"[2].

Mi propio artículo repasaba los principales argumentos del P. Pierre-Marie. Traducido luego al francés, fue ampliamente difundido en Francia, gracias a Rore Sanctifica, un grupo de tradicionalistas europeos que se han consagrado a serias investigaciones teológicas sobre el nuevo rito de consagración episcopal, y que ya habían publicado una vasta suma de estudios y documentos inéditos que demostraban su invalidez[3].

Después preparé un resumen de mi artículo en dos páginas para los fieles (igualmente traducido y difundido en Francia) con el título "Porqué los nuevos obispos no son verdaderos obispos"[4]. También acepté conceder dos entrevistas sobre el tema a una radio francesa, y personalmente envié copias de mi artículo a los miembros francófonos de la FSSPX designados para participar en el Capítulo general de julio de 2006.

Algunas críticas han aparecido en respuesta a mi artículo. Sin embargo, a la fecha en que escribo (diciembre de 2006), solo tres autores han planteado objeciones que creo necesario refutar aquí:

- P. Ansgar Santogrossi O.S.B. El P. Ansgar, un monje benedictino de la Abadía de Mount Angel en Oregon, diplomado por el Institut Catolique (París), profesor de filosofía y teología en el seminario diocesano de Cuernavaca, México. Su comentario fue primero publicado en Objections[5], una revista francesa publicada por el Padre Guillaume de Tanoüarn, un antiguo miembro de la FSSPX que oficia actualmente en el seno de un grupo del Indulto en Francia. Una segunda versión apareció luego en la revista tradicionalista de EE.UU., The Remnant[6].

- P. Pierre-Marie O.P. La respuesta del P. Pierre-Marie ha aparecido bajo la forma de una corta “Nota” publicada en Le Sel de la Terre[7]. Esta ha sido después anexada (con otras dos breves “Notas”) en una reimpresión de su artículo original[8].
- Padre Álvaro Calderón. El Padre Calderón enseña la teología en el seminario de la FSSPX de Argentina. Su respuesta también ha sido publicada en Le Sel de la Terre[9], luego en The Angelus[10].

El debate sobre la validez del nuevo rito de la Consagración episcopal está centrado en su forma sacramental esencial - las palabras, en el seno de un rito sacramental, necesarias y suficientes para producir los efectos del sacramento.

Antes de ir a las objeciones del P. Ansgar, P. Pierre-Marie y Padre Calderón, quisiera señalar algunos puntos decisivos de mi demostración.

I. Mi Demostración Resumida

A. Principios que rigen la Validez

A la inversa de muchos otros dominios de la teología, los principios que la teología moral aplica para determinar la validez de las formas sacramentales son muy simples y fáciles de comprender. Estos son los únicos que nos conciernen aquí:

1) En todo rito sacramental existe una forma sacramental esencial que produce los efectos del sacramento. Cuando se introduce un cambio de significación sustancial en la forma sacramental esencial por la corrupción o la omisión de palabras esenciales, el sacramento se vuelve inválido (= no “funciona” más: no produce más los efectos sacramentales). 2) Las formas sacramentales aprobadas para uso de los Ritos Orientales de la Iglesia Católica difieren a veces en sus formulaciones de las formas del Rito Latino. Sin embargo, permanecen las mismas en sustancia, y son válidas. 3) En 1947 Pío XII declaró que la forma para las Sagradas Órdenes (i.e., para el diaconado, el sacerdocio y el episcopado) debía significar de manera unívoca (= no ambigua) los efectos sacramentales - el poder de Orden y la gracia del Espíritu Santo. 4) Para conferir el episcopado, Pío XII designó como forma sacramental esencial una frase que, en el seno del Rito tradicional de la Consagración Episcopal, expresa de manera unívoca (a) el poder de Orden que recibe un obispo y (b) la gracia del Espíritu Santo.

B. Aplicación al nuevo Rito

En 1968 Pablo VI reemplazó en totalidad a la vez el Prefacio consecratorio y la forma sacramental esencial designada por Pío XII. En el nuevo Prefacio (en adelante llamada “Oración Consecratoria”) Pablo VI designó las siguientes palabras como constitutivos de la forma sacramental esencial[11], y por consiguiente requeridas para la validez del sacramento:

> “Y ahora derrama sobre este elegido aquella fuerza que está en Ti, el Espíritu que hace los jefes, que has dado a Tu Hijo amado, Jesucristo, el Espíritu que Él mismo dio a los santos apóstoles, que han fundado la Iglesia en todo lugar para constituir Tu templo a la gloria incesante y a la alabanza de Tu nombre”.

En “Absolutamente Nulo y Totalmente Vano” también apliqué a lo que antecede los principios de la sección A, planteando cinco simples cuestiones y respondiéndolas. Recordaré aquí las dos cuestiones que aparecen más directamente en las respuestas del P. Ansgar, P. Pierre-Marie y P. Calderón:

1. ¿Un Rito Oriental?

¿La nueva forma ha sido utilizada en un Rito Católico Oriental como forma sacramental para conferir el episcopado?

Planteo esta cuestión porque, a lo largo de todo su artículo, el P. Pierre-Marie invocaba de manera repetida -he contado una docena de veces, por lo menos- las oraciones de Ritos orientales como prueba irrefutable de la validez de la forma de Pablo VI.

Y, al referirse a los Ritos Copto y Maronita en particular, el P. Pierre-Marie escribía: "La utilización de esta forma que está en uso en dos ritos orientales ciertamente válidos, garantiza su validez"[12].

Era relativamente simple refutar esta pretensión. Todo lo que me quedaba por hacer era consultar las obras que identificaran las formas sacramentales de los Ritos Orientales (tales como de Sacramentis de Cappello, o el primer tomo de Ritus Orientalium de Denzinger), para obtener los textos que los autores presentaran como las formas Copta y Maronita de la consagración episcopal, y comparar estas con la forma de Pablo VI.

Esto es lo que he descubierto:

a) Extensión: Las formas Copta y Maronita consisten en largos Prefacios (entre 340 y 370 palabras respectivamente); a diferencia del Rito Romano, tanto en uno como en el otro, ninguna frase particular es designada como su forma sacramental esencial.

La nueva Oración Consecratoria de Pablo VI consta de 212 palabras en su totalidad; el pasaje que Pablo VI designó como su forma sacramental esencial consta de 42 palabras.

Por lo tanto, la simple comparación de la extensión de estos textos orientales con el texto de Pablo VI demostraría ya por sí misma que la afirmación del P. Pierre-Marie es falsa.

b) La Forma Copta: La Oración Consecratoria de Pablo VI contiene muchas frases que se hallan en la forma Copta. Sin embargo, omite tres frases de la forma Copta que enumeran tres poderes sacramentales específicos considerados como propios solo del orden episcopal: "constituir un clero según Su mandato para el sacerdocio… establecer nuevos templos de oración, y consagrar los altares"[13].

Esta omisión es significativa, ya que el debate sobre la validez de la forma sacramental esencial de Pablo VI gira alrededor de la cuestión de saber si esta expresa como conviene el poder de orden que debe conferir -i.e., el episcopado.

c) La Forma Maronita: La Oración Consecratoria de Pablo VI no tiene nada en común con la oración que Denzinger presenta como la forma Maronita de la consagración episcopal[14]. Esta tiene algunas raras frases en común con una oración que sigue -pero sin hacer parte- la forma Maronita[15].

Por el contrario, la Oración Consecratoria de Pablo VI se asemeja estrechamente a otra oración Maronita -una oración que se halla en el Rito de Consagración del Patriarca Maronita[16]. Por supuesto, el P. Pierre-Marie reproduce extensamente este texto en apoyo de sus argumentos en favor de la validez del nuevo rito.

Sin embargo, esta oración no es de ninguna manera una forma sacramental destinada a conferir el episcopado. Ella es únicamente una oración de entronización, puesto que el Patriarca Maronita es ya obispo cuando es puesto en funciones.

d) Resumen: Habiendo refutado la afirmación factual principal del P. Pierre-Marie y su conclusión -"la utilización de esta forma que está en uso en dos ritos orientales ciertamente válidos, garantiza su validez"-, examiné entonces el nuevo rito utilizando los otros principios que la teología moral aplica para establecer la validez de las formas sacramentales.

2. Los Efectos Sacramentales:

¿La nueva forma sacramental significa de manera unívoca los efectos sacramentales - el poder de Orden (el episcopado) y la gracia del Espíritu Santo?

Estos dos elementos mencionados son los que especifica Pío XII (ver arriba, I.A.3), y la forma debe significarlos a ambos.

Es aquí que la discusión concierne a la significación de Espíritu que hace los jefes (Spiritus principalis en latín, o su equivalente griego, hegemonikon pneuma) en la nueva forma sacramental esencial. ¿Qué significa esta expresión?

a) ¿El Espíritu Santo? A partir del contexto, Spiritus principalis parece significar, simplemente, el Espíritu Santo. Spiritum lleva mayúscula en el texto original latino, indicando la Tercera Persona de la Santísima Trinidad, y el pronombre relativo quem (que significa aquí una persona) es utilizado en lugar de quam (que remitiría a otro antecedente en la forma: virtus, i.e. fuerza).

Sin embargo, la gracia del Espíritu Santo representa solo uno de los elementos requeridos.

b) ¿El Poder de Orden? Para ser válida, la forma esencial debe también significar de manera unívoca (no ambigua) el poder de Orden (potestas Ordinis) - en este caso, el episcopado.

El único término de la forma que sería susceptible eventualmente de significarlo es también Spiritus principalis. ¿Este término significa de manera unívoca el poder de Orden conferido a un obispo durante su Consagración?

- Los diccionarios latinos y griegos explicitan el adjetivo principalis / hegemonikon así, respectivamente: “Que existe desde el origen, fundamental, primordial… primero en importancia o en consideración, jefe… que conviene a los guías y a los príncipes”17, igualmente, “que pertenece a un jefe, dirigente, gobernante” o “referente a la dirección”18.
- Hay un sustantivo conexo, hegemonia, que significa generalmente “autoridad, mandato”, y que remite como sentido secundario a “reino, cargo de un superior: episcopal… del dominio de un superior de convento… y, participa, del dominio de la autoridad del obispo, diócesis”[19]. Pero, incluso tomado en este sentido, este término no connota de ninguna manera el poder de Orden (potestas Ordinis, i.e. poder “sacramental”) que posee un obispo, sino simplemente su jurisdicción (potestas jurisdictionis, i.e. poder de establecer “reglas”), especialmente porque una de las definiciones concierne al superior de un monasterio.
- He realizado una breve investigación a partir de otras fuentes, y he descubierto así una docena de sentidos posibles para Spiritus principalis: espíritu que existe desde el principio, espíritu que dirige / guía, un espíritu perfecto semejante al del Rey David, espíritu generoso o noble, Dios Padre, Dios Espíritu Santo, un efecto externo divino, un espíritu sobrenatural de rectitud / moderación, buena disposición, cualidades poseídas por un Abad Copto (dulzura, amor, paciencia, amabilidad), virtudes propias a un Metropolita Copto (conocimiento divino recibido de la Iglesia).
- La expresión Spiritus principalis, entonces, no es de ninguna manera unívoca, expresión que no tendría más que un solo sentido, tal como Pío XII requirió. Sino que, más bien, esta expresión es ambigua - capaz de significar cosas, cualidades y personas diferentes.
- Además, entre todos estos sentidos no encontramos el poder de orden (potestas Ordinis). La expresión Spiritus principalis no connota, ni siquiera de manera ambigua, el Sacramento de las Sagradas Órdenes, en ninguno de sus sentidos, y menos todavía en el sentido de la plenitud del sacerdocio que constituye el Orden episcopal.

c) ¿Cual es éste? Así, aunque la forma sacramental destinada a conferir las Sagradas Órdenes se suponga significar dos efectos sacramentales, Spiritus principalis no significa más que uno solo - según el contexto del nuevo rito, el Espíritu Santo probablemente.

Pero Spiritus principalis no significa tampoco de manera ambigua el otro efecto, el poder de Orden.

Si, no obstante, se quisiera pretender que tal sería el sentido de Spiritus principalis, entonces el otro elemento requerido, el Espíritu Santo, estaría ausente de la forma.

En ambos casos, las consecuencias son las mismas: la forma no significa uno de los dos efectos que se supone significar.

d) Conclusiones: El análisis que antecede del término Spiritus principalis me lleva a las siguientes conclusiones:

- Debido al hecho que uno de los elementos requeridos no está presente, la forma de Pablo VI constituye un cambio sustancial en la forma sacramental esencial destinada a conferir el Orden del episcopado.
- Según los principios generales enunciados (I.a), un cambio sustancial en una forma sacramental esencial hace inválido un sacramento.
- Una consagración episcopal conferida con la forma sacramental esencial promulgada por Pablo VI, es inválida. Estos son mis principales argumentos y conclusiones. Pasemos ahora a las objeciones.

II. P. Ansgar Santogrossi OSB

EL PADRE ANSGAR presenta a los lectores un corto resumen de mis argumentos, afirmando querer recoger “de una manera algo poco directa varios aspectos de la cuestión descuidados por el Padre Cekada”. Después de lo cual, añade, “el error fundamental del Padre Cekada -y la validez de la fórmula de ordenación episcopal de Pablo VI- se volverán evidentes”[20].

La argumentación del P. Ansgar se articula en dos partes:

Primero, intenta neutralizar el principio general (ver más arriba, I.A.3) según el cual la forma esencial destinada a conferir una Orden Sagrada debe, de manera unívoca, expresar el poder de la Orden conferida.

Después, habiendo así reducido la norma requerida para la validez a lo que él llama “un campo de significaciones implícitas”[21], el P. Ansgar sostiene que Spiritus principalis en el nuevo Rito de Consagración Episcopal significaría, “implícita, pero realmente y sin ambigüedad, el poder del Orden episcopal”[22].

A. Las Fórmulas “Ambiguas” de Pío XII

El P. Ansgar trata de demostrar que las formas sacramentales esenciales prescriptas en Sacramentum Ordinis por Pío XII -sí, Pío XIIserían ambiguas, y entonces inválidas según la norma que he aplicado a la forma de Pablo VI.

1 - Trento: De entrada, el P. Ansgar se esfuerza en apelar al Concilio de Trento en apoyo de una pretendida equivalencia entre episcopado y Espíritu que hace los jefes - Spiritus principalis en latín.

“La primera cosa que el Concilio de Trento enseña respecto de los obispos (Decreto sobre el Sacramento del Orden, capítulo IV)”, dice el P. Ansgar, “es que ellos son principalmente miembros de la jerarquía establecida por el Espíritu Santo para reinar en la Iglesia”[23].

A partir de aquí, se esperaría naturalmente una cita del Decreto para encontrar allí la palabra latina principalis, como en Spiritus principalis.

Pero no, el P. Ansgar utiliza una traducción inglesa; allí donde su traducción emplea “principalmente”, el original latino usa el término praecipue - similar en algunos de sus sentidos[24] a principalis, pero no es el mismo término sobre el cual discutimos.

Tampoco es verdad que “la primera cosa” que el Decreto enseña respecto de los obispos sea que ellos son “establecidos por el Espíritu Santo para reinar”. El Decreto comienza por enseñar en el Capítulo I que ellos son sucesores de los Apóstoles en el sacerdocio con el poder de administrar los sacramentos[25].

2 - Diaconado: La palabra “ministerio”, afirma el P. Ansgar, es utilizada en las formas de Pío XII a la vez para el diaconado y para el episcopado. ¿Cómo sabe, pregunta el P. Ansgar, el Padre Cekada que la fórmula de la consagración episcopal “constituye a un obispo y no a un archidiácono”?

Y bien, el Padre Cekada lo sabe porque el Padre Francis Hürth S.J., uno de los teólogos que redactaron Sacramentum Ordinis para Pío XII, ha explicado lo que significa exactamente la palabra “ministerio” en la forma destinada a la ordenación diaconal:

“Nadie puede dudar que la palabra “ministerio” es utilizada en esta frase según el sentido pleno y técnico correspondiente al término griego diaconia (‘diaconii’), del cual toda esta Orden toma su nombre de ‘diaconado’ ”[26].

3 - Sacerdocio: Pasando a la fórmula tradicional utilizada para la ordenación al sacerdocio, el P. Ansgar pretende: “La palabra griega ‘presbyter’, raíz de su derivado presbyteratus empleada en la forma esencial de la ordenación, significa ‘anciano’ y no ‘alguien que sacrifica’ (sacerdos)”. Esto también, según las normas del Padre Cekada, sería ambiguo[27].

Existen dos problemas contra esta afirmación:

a) Las palabras griegas originales no son pertinentes. La forma sacramental está redactada en latín eclesiástico, para el cual el término presbyter remite exclusivamente a alguien que posee el orden sacerdotal inferior al del obispo. b) Y en todo caso, el P. Ansgar ha dejado pasar otra expresión en la forma de Pío XII - una expresión que el Padre Hürth afirma expresar de manera unívoca (no ambigua) el orden recibido:

“Por estas palabras el poder de Orden del sacerdocio está expresado de manera unívoca [univoce], al mismo tiempo que la gracia correspondiente del Espíritu Santo. Pues lo que es conferido especialmente es la dignidad sacerdotal, el oficio de segundo grado (por oposición al oficio de primer grado, el cual es el episcopado)”[28].

4 - Episcopado: Y para terminar, aplicando el mismo método a la forma que Pío XII ha prescripto para la consagración episcopal, el P. Ansgar pretende: “Pero aquí también, ‘plenitud de tu ministerio’ no indica en sí que esa plenitud ministerial sería específicamente distinta de ministerio que no pertenece al sacerdocio que el ordenando recibió antes cuando fue ordenado diácono”[29].

Ahora bien, el Padre Hürth proporciona la explicación de estos términos empleados por los teólogos que han confirmado como forma esencial el pasaje que Pío XII adoptó finalmente como tal:

“Las palabras que bastan plenamente para que el poder y la gracia sean significados se hallan en el Prefacio consecratorio, cuyas palabras esenciales son aquellas por las cuales se expresan la ‘plenitud o totalidad’ del ministerio sacerdotal y el ‘ornato de toda su gloria’ ”[30].

Así, a menos que se sostenga la extraña teoría crítica en boga que niega al autor toda comprensión “privilegiada” sobre la significación de sus propios escritos, las explicaciones del Padre Hürth sobre el cómo y el porqué los términos utilizados en las formas de Pío XII son unívocos, deberían bastar para destruir la teoría del “campo de las significaciones implícitas” del P. Ansgar, que sostiene que no lo serían de hecho.

B. “Significaciones Implícitas No equívocas”

En la segunda parte de su artículo, el P. Ansgar se aplica a demostrar que Spiritus principalis en el nuevo Rito de Consagración episcopal, “implícita, pero realmente y de manera no equívoca, significaría el poder de orden episcopal”[31].

Estas son algunas de las pruebas que el P. Ansgar aporta en apoyo de esta pretensión[32]:

- Cualquiera que hubiera recibido “un carácter espiritual de primer orden, o carácter que es principalis, se convertiría en la fuente principal del Espíritu en la Iglesia. En otros términos, sería el episkopos”.
- La expresión Spiritus principalis bastaría para que ella fuera “propia del episcopado”.
- No debiera haber “ninguna razón para dudar de la validez desde que un prelado tuviera la intención manifiesta ‘de ordenar un obispo’ - utiliza un libro que denomina el rito ‘ordenación de un obispo’ - y utiliza las expresiones […] Spiritum principalem”.
- Spiritus principalis bastaría para que “el poder episcopal de santificación no tuviera ninguna necesidad de ser significado separadamente”, ya que sería “principal”.
- “Obispo se emparienta en primer lugar con la significación en uso de ‘Spiritum principalem”, puesto que todos los otros cargos en la Iglesia “están bajo la supervisión del obispo”.

En respuesta:

1 - Al leer de cerca lo que antecede, se notará que el P. Ansgar no hace nada más que retomar el mismo razonamiento circular bajo diferentes modos: Espíritu que hace los jefes / Spiritus principalis basta para expresar el episcopado, puesto que basta para expresar el episcopado.

2 - En particular, el P. Ansgar no cita ninguna autoridad en apoyo de su noción según la cual una forma sacramental cuya significación no sería más que “implícita”, bastaría para administrar válidamente un sacramento. En realidad, la teología sacramental tradicional enseña lo contrario. Si alguien administra un bautismo diciendo “Yo te bautizo en el nombre de Dios”, sus palabras implican al Padre, al Hijo y al Espíritu Santo, pero la forma es considerada inválida.

3 - Los argumentos del P. Ansgar constituyen un ejemplo clásico de la manera modernista post-Vaticano II de “teologizar”. No define los términos ni enuncia claramente sus principios, y su lenguaje permanece extraño y huidizo. Su pretensión según la cual Spiritus principalis significaría, de manera no ambigua, implícitamente el poder de orden conferido al obispo, es fácil de refutar, pero al precio de definir simplemente sus términos en su lugar.

a) “Unívoco” significa “que tiene un solo sentido”[33]. En mi artículo original demostré que la expresión Spiritus principalis no tenía un solo sentido, sino por lo menos una docena. No se la puede entonces calificar de “no ambigua”. b) “Implícito” significa “todo lo que está contenido en alguna cosa, de otra”[34], de manera que si la afirmación del P. Ansgar fuese verdadera, se hallaría entre los sentidos de Spiritus principalis algo como “el poder de orden del episcopado”. Pero también demostré en “Absolutamente Nulo” que eso no estaba de ninguna manera contenido entre estas significaciones, por lo tanto no se puede tampoco calificarlo de “implícito”.

4 - La teología dogmática, como la teología moral y el Derecho canónico consideran el poder de Orden (de administrar los sacramentos) y el poder de jurisdicción (de gobernar) como separables y distintos. El uno no acompaña automáticamente, ni implica, al otro.

Los razonamientos del P. Ansgar hacen a un lado esta distinción, implicando que el poder sacramental que recibe el obispo estaría de alguna manera contenido en su poder de “gobierno”.

Debería entonces ser evidente que el P. Ansgar ha sido incapaz de presentar una defensa de Spiritus principalis basada en cualquier principio distinguible que pertenezca a la teología católica tradicional.

III. P. Pierre-Marie OP

Las objeciones del P. PIERRE-MARIE a “Absolutamente Nulo” se limitan a dos cortas páginas. Con una excepción, estas no conciernen a la sustancia de mi argumentación contra la validez del nuevo rito. Comenzaré por responder a sus objeciones menos importantes.

A. Objeciones Periféricas

1 - Disputa sobre un Texto: El P. Pierre-Marie pretende que yo habría desnaturalizado la crítica de Dom Emmanuel Lanne de un texto en el cual se apoya el P. Pierre-Marie[35].

Más que argumentar sobre el tema (la cita aparece en apéndice), simplemente haré notar que en la misma frase que he citado, hubo otro especialista que, él también, advirtió que el texto en cuestión "debía ser manejado con prudencia"[36].

2 - El Poder de Ordenar: El P. Pierre-Marie deja entender que yo sostendría que la forma destinada a la consagración episcopal debe mencionar explícitamente el poder de ordenar sacerdotes, para ser válida.

Es falso. Yo no sostengo eso, ni lo digo en ninguna parte de mi artículo.

3 - ¿Fundar Iglesias = Ordenar? El P. Pierre-Marie pretende que la frase en la forma de Pablo VI que menciona el "poder dado a los Apóstoles de establecer iglesias… implica necesariamente el de ordenar sacerdotes"[37].

Es falso, al menos por dos razones:

a) Los Apóstoles fundaron iglesias por el solo hecho de que estaban investidos de una jurisdicción extraordinaria para obrar así38. El teólogo Dorsch precisa específicamente que este poder no es comunicado a los obispos: "todas las funciones que son propias de los Apóstoles no son igualmente propias de los obispos - por ejemplo, el poder de establecer nuevas iglesias"[39]. b) Establecer "iglesias" (diócesis, en la terminología moderna) es un ejercicio del poder de jurisdicción, y no del poder de orden, como ordenar sacerdotes. Este poder jurisdiccional es propio solo del Romano Pontífice[40].

4 - Número de Palabras: El P. Pierre-Marie deja entender también que yo habría tomado el número de palabras de una forma sacramental como una especie de indicador de validez.

Es falso. He comparado la cantidad de palabras de las formas de Ritos Orientales con la de la forma de Pablo VI, puesto que el P. PierreMarie pretendía que esta última estaría "en uso en dos Ritos Orientales ciertamente válidos". ¿Cómo podría ser verdadera su afirmación si hasta el número de palabras es diferente?

5 - ¿Incorrecto con respecto a Dom Botte? El P. Pierre-Marie sostiene que yo no habría referido correctamente la afirmación de Dom Bernard Botte (autor de la nueva Oración Consecratoria para la Consagración episcopal), según la cual se podría omitir Spiritus principalis sin afectar la validez del nuevo rito.

Es falso. El punto discutido al respecto en mi artículo concernía a la significación de Spiritus principalis en la forma sacramental esencial. El hecho de que Dom Botte negara su importancia en 1969 (antes de que hubiera debate sobre el tema) prueba que su defensa ulterior y la "explicación" que dio en 1974[41] (después de la apertura del debate), no era más que un cínico paquete de mentiras.

6 - Indefectibilidad de la Iglesia: El P. PierreMarie sostiene que yo habría eludido esta cuestión.

Es falso. La he tratado en la sección X.B de mi artículo[42].

7 - Aprobada por Ottaviani: El P. Pierre-Marie afirma que yo habría "evitado" la cuestión de la supuesta aprobación de la forma de Pablo VI por el Cardenal Alfredo Ottaviani.

Y bien, esta no me vino nunca a la mente, ya que desde 1968 el Cardenal Ottaviani dejó pasar muchas cosas.

Pero, ya que el P. Pierre-Marie cree que este punto es importante: Ottaviani estaba ciego en la época, su secretario ha sido sospechado de haber deformado el contenido de por lo menos un documento que el

Cardenal firmó[43], y en todo caso, Ottaviani fue después a la televisión italiana para hacer el elogio de las reformas litúrgicas, cuya aprobación (presumo) el P. PierreMarie rechazaría.

B. La Consagración del Patriarca Maronita

El P. Pierre-Marie se esfuerza por refutar solo un punto esencial de mi argumentación. En su artículo original, había presentado la oración de Consagración del Patriarca Maronita como prueba de la validez del nuevo rito. Hice notar que no se trataba aquí sino de una pura oración de investidura, y no de una oración sacramental para consagrar un obispo.

En réplica, el P. Pierre-Marie remite a los lectores a una "Nota" más antigua con el siguiente comentario: "El Padre Cekada afirma sin pruebas la no-sacramentalidad de la Oración de Ordenación del Patriarca Maronita. En nuestra precedente 'Nota' hemos explicado nuestra posición sobre el punto"[44].

El lector atento se detendrá para notar la hipótesis aquí oculta: Aunque el P. Pierre-Marie haya puesto delante la oración de Consagración del Patriarca Maronita como cuerpo del delito A por la validez del nuevo rito, él mismo no estaría obligado de ninguna manera a probar que se trate aquí de una oración sacramental para conferir la consagración episcopal. Por el contrario, sería en el Padre Cekada y en los otros que vendría la obligación de probar que no se trata de una oración sacramental.

Con fines útiles, recordamos aquí esta Nota precedente, en la que el P. Pierre-Marie argumenta como sigue su posición[45]:

- La elección del Patriarca entre clérigos que ya son obispos sería "relativamente reciente", puesto que "se admitía que había que evitar hacer desplazar a un obispo de su sede episcopal, aún para crear un patriarca". Antes se elegía un clérigo de la ciudad patriarcal que no era obispo.
- Se habría creado una ceremonia especial "para consagrar al Patriarca… como obispo de su cuidad patriarcal y para investirlo de su oficio". Más tarde, cuando se eligieron solo clérigos que ya eran obispos para convertirse en patriarcas, "esta ceremonia se habría perdido, o por lo menos habría perdido su poder consecratorio".
- La oración para la Consagración del Patriarca Maronita es "prácticamente la misma" que aquella para consagrar un obispo. La diferencia principal reside en la oración consecratoria. En el caso del Patriarca, la oración habitual de la consagración episcopal es reemplazada por "la oración de Clemente".
- Esta oración "no tiene más hoy poder consecratorio cuando se recita por un candidato que ya es obispo". Pero esta oración "antiguamente poseía [este poder], cuando se recitaba por un candidato que no era obispo".

A primera vista, este argumento podría parecer plausible. Pero se derrumba instantáneamente desde que se examina en detalle.

1 - Vagas Especulaciones: Cada articulación factual en la argumentación de arriba no es nada más que una generalización global. El P. Pierre-Marie no ofrece en modo alguno (y de hecho, no lo podría probablemente) informaciones específicas respecto de sus afirmaciones factuales - la cronología, la identidad de los clérigos implicados, cuales son los textos que han "perdido su poder consecratorio", qué determinó que eso se produjera, dónde se hallan las pruebas de que una "ceremonia se ha perdido", etc.

2 - Ninguna Cita: El P. Pierre-Marie no cita fuente alguna de ninguna clase -teólogos, historiadores, liturgistas, etc.- en apoyo de sus afirmaciones amplias e indeterminadas. Nosotros podemos desde ese momento presumir que las presenta sin otra autoridad que la suya propia, para luego rechazarlas como gratuitas.

3 - Problemas con los Manuscritos: Permanece en todo caso altamente improbable que el P. Pierre-Marie esté nunca en capacidad de identificar con certeza el texto exacto que sostiene haber "perdido su poder consecratorio". Un experto de la historia del Pontifical Maronita afirma:

“Desgraciadamente, nos faltan documentos que pudieran proporcionar informaciones sobre el Pontifical Maronita durante épocas más antiguas. No es sino a partir del siglo XIII que comenzamos a hallar informaciones que sean fiables y auténticas”[46].

Las fuentes subsiguientes datan de 1296, 1311, 1495 y 1683 (una reconstitución), y su historia e interrelaciones son extremadamente complejas.

4 - Testimonio en sentido contrario: El testimonio de Irmia Al-Amchiti, Patriarca Maronita del siglo XIII que está asociado a la primer edición del Pontifical Maronita (1215), además, parece demoler la pretensión del P. Pierre-Marie, según la cual la práctica de la elección del Patriarca entre clérigos que ya eran obispos sería “relativamente reciente”. Este Patriarca escribió de propia mano que él había sido consagrado obispo, y que había servido como metropolita durante cuatro años, antes de convertirse en Patriarca en 1209[47]. A menos que debamos entender que 1209 fuera “relativamente reciente”?

5 - Rito Sirio: El Rito Sirio, que está ligado al Rito Maronita y viene de la misma fuente, emplea igualmente la Oración de Clemente que el P. Pierre-Marie menciona. Pero también esta vez, la oración no es utilizada para consagrar un obispo, sino exclusivamente para la entronización del Patriarca. La lengua original (Siríaco) emplea incluso dos términos separados para distinguir el rito sacramental destinado a la consagración de un obispo, del rito no sacramental destinado a la consagración de un patriarca. El primer rito es llamado una “imposición de manos”, mientras que el segundo es designado con un término que significa “confiar un cargo o investir a alguien de un cargo”[48]. Un liturgista Sirio explica: “En el primer caso [consagración episcopal], el ordenando recibe un carisma distinto del que ya posee… En el segundo, el Patriarca no recibe un carisma distinto del que ha recibido en el momento de ser creado obispo”[49].

6 - Un Argumento que se auto-destruye: En el último punto de su argumentación, el P. PierreMarie deja entender que el mismo texto Maronita podría servir hoy a dos fines - sea como oración no sacramental en el Rito Maronita para entronizar Patriarca a un obispo, sea como oración sacramental en el Rito Latino para consagrar obispo a un sacerdote.

Quizás no le ha venido a la mente al P. Pierre-Marie que, en el momento, una tal oración no podría ser considerada como unívoca (no ambigua), en cuanto que forma sacramental destinada a conferir las Sagradas Órdenes, esta debe por consiguiente ser tenida por inválida (ver más arriba: I.A.3, 4).

En suma, el P. Pierre-Marie no ha presentado ninguna prueba para demostrar que la oración Maronita para la consagración de un patriarca fuera sacramental. No podría entonces invocar esta como prueba de la validez del nuevo rito de consagración episcopal.

IV. P. Álvaro Calderón FSSPX

EN SU ARTÍCULO ORIGINAL, el P. Pierre-Marie había presentado otro texto de Rito Oriental, el Rito Copto de la Consagración Episcopal, como prueba de la validez del rito post-Vaticano II. En “Absolutamente Nulo” señalé que la frase que Pablo VI designó como forma sacramental esencial no era idéntica a la forma real Copta. Las objeciones del Padre Calderón a mi artículo apuntan a esta cuestión en particular.

A. Forma Copta vs. Forma de Pablo VI

1. ¿Una Comparación Falaz?

El Padre Calderón sostiene que mi comparación entre el Prefacio Copto completo y lo que él llama la frase “formal-efectiva” del rito de Pablo VI, sería falaz e incorrecta.

Para que la comparación sea correcta, dice, sería necesario, sea (a) identificar la frase “formal-efectiva” del Prefacio Copto y compararla con la frase “formal-efectiva” designada por Pablo VI, sea (b) comparar el

conjunto del Prefacio Copto con el conjunto de la Oración Consecratoria de Pablo VI que contiene su frase "formal-efectiva"[50].

En respuesta:

- En cuanto al Rito Copto: El Sínodo Copto de 1898 identificó la forma de la consagración episcopal: "La forma es la oración misma que el obispo consagrante recita al imponer las manos sobre el ordenando"[51], y el Papa León XIII aprobó las actas de este Sínodo[52]. Se habría esforzado en mirar más allá de lo que el mismo Papa León XIII aprobó como frase "formal-efectiva".
- En cuanto al nuevo rito: Fue el mismo Pablo VI quien identificó las palabras "formales-efectivas" que "pertenecen a la esencia del rito"[53].

Como estas palabras deben contener necesariamente todo lo que se requiere -por definición son a la vez necesarias y suficientesaquí tampoco hay ninguna necesidad de consultar el conjunto de la Oración Consecratoria de Pablo VI antes de establecer una comparación[54].

2. ¿Una Estadística Omitida? El Padre Calderón

afirma que yo no habría señalado que la mayoría de las 340 palabras del prefacio Copto aparecen en el resto de la nueva Oración Consecratoria[55].

El Padre Calderón está simplemente equivocado. He afirmado explícitamente que "en el Prefacio de Pablo VI que contiene la nueva forma, hay varias frases que se encuentran en la forma Copta"[56].

3. Una Concesión y un Error:

El Padre Calderón enuncia la siguiente sentencia: "La frase probablemente 'formal-efectiva' del rito Copto (la cual corresponde a la frase tenida por tal en el nuevo rito) es más corta que la del nuevo rito; y por consiguiente, esta es igualmente, sino más, ambigua"[57].

Más adelante en el artículo, el Padre Calderón afirma que las "palabras formales del prefacio son, en general, más bien ambiguas y generales, incluso en el rito Romano tradicional", y que los "Romanos" habrían sido "concientes de la ambigüedad de las fórmulas"[58].

Dos cosas son sorprendentes en estas declaraciones:

- El Padre Calderón declara explícitamente que la nueva forma sacramental esencial es "ambigua". Concede entonces que esta nueva forma no es de ninguna manera unívoca -no ambigua- tal como requiere Pío XII.
- Pero al hacerlo, el Padre Calderón postula así el equivalente teológico de un círculo cuadrado. Ninguna forma sacramental, por definición, podría ser "ambigua", ya que desde ese momento no significaría.

B. Contexto de la Nueva Forma

El Padre Calderón querría llevarnos a buscar en el contexto de la nueva forma la certeza de su validez. Él afirma:

"Este contexto es muy amplio, ya que no podría ser reducido al solo Prefacio; es el rito completo que debe tomarse en consideración".

Partiendo de una cita de León XIII que denuncia el retiro de los ritos de ordenaciones Anglicanas de toda idea de consagración y sacrificio, el Padre Calderón extrapola el principio siguiente: si en el resto del rito "consagración y sacrificio hubieran sido implicados", el rito habría tenido "coherencia"[59].

En respuesta:

- El Padre Calderón no cita ninguna autoridad en apoyo de su principio respecto de una “implicación” que produciría “coherencia” - cualquiera sea el sentido de estos términos confusos.
- Pero El Padre Calderón no ha llegado tampoco al punto de poder extraer del contexto un argumento. No ha demostrado en modo alguno que la nueva forma -aún de manera equívocacontuviera los dos elementos que Pío XII requiere en las formas sacramentales de las Sagradas Órdenes: el poder de Orden y la gracia del Espíritu Santo.

LA INCAPACIDAD que el P. Pierre-Marie y el Padre Calderón han mostrado para establecer que la nueva forma “está en uso en dos ritos Orientales ciertamente válidos”, nos hace volver directamente a la expresión Espíritu que hace los jefes (Spiritus principalis). ¿Qué significa esta realmente?

El P. Ansgar fue incapaz de construir una respuesta basada en algún principio reconocible que pertenezca a la teología católica tradicional. El P. Pierre-Marie y el Padre Calderón no han ni siquiera buscado hacerlo.

Pero la respuesta a esta cuestión, tal como demostré en “Absolutamente Nulo”, es que Spiritus principalis no tiene, de hecho, significación precisa. Esta expresión puede significar una al menos entre una docena de cosas diferentes.

Entre estas se halla el Espíritu Santo, y es probablemente lo que significa en el contexto de la nueva forma. Y, de hecho, antes de que la controversia sobre el tema se iniciara, el autor principal del nuevo rito, Dom Botte, hacía referencia simplemente al pasaje que contiene Spiritus principalis con la expresión “la invocación al Espíritu Santo”[60].

Pero entre los muchos sentidos de la expresión, no se halla el poder de orden (potestas Ordinis). Spiritus principalis no connota ni siquiera de manera ambigua el Sacramento de las Sagradas Órdenes en ningún sentido, todavía menos en el sentido de la plenitud del sacerdocio que constituye al Orden episcopal.

Privado de este sentido, la forma sacramental esencial del Rito Pablo VI es inválida por el hecho mismo, ya que falta uno de los dos elementos necesarios prescriptos por Pío XII. Un “Contexto”, cualquiera sea su “amplitud”, no podría “especificar” un término que está totalmente ausente.

Para resumir una vez más el problema: El debate sobre la validez del nuevo rito de consagración episcopal está centrado en su forma sacramental esencial - las palabras necesarias y suficientes en un rito sacramental para producir los efectos del sacramento.

En el nuevo rito de consagración episcopal la forma no expresa de manera unívoca el poder de orden. Según los principios generales de la teología moral sacramental, faltan entonces los elementos esenciales requeridos por una forma de las Sagradas Órdenes, y por consiguiente este rito es inválido - no puede conferir el episcopado.

Por lo tanto, los obispos consagrados con el nuevo rito están desprovistos de los poderes sacramentales de verdaderos obispos, los sacerdotes ordenados por tales obispos están también ellos desprovistos de los poderes sacramentales de verdaderos sacerdotes, los sacramentos que ellos administran, y que dependen de su carácter sacerdotal, son inválidos, y los fieles que asisten a sus misas no adoran ni reciben más que pan.

Pan… solamente…

9 de enero de 2007

---

[*] El Padre ANTHONY CEKADA enseña teología moral sacramental, Derecho canónico y Liturgia en el Seminario de la Santísima Trinidad, en Brooksville, Florida. Fue ordenado en 1977 por Mons. Marcel Lefebvre; ha redactado numerosos artículos y estudios exponiendo la causa del tradicionalismo. Reside cerca

de Cincinnati, donde celebra la Misa según el rito latino tradicional.

[1] www.traditionalmass.org. Quienes no dispongan de acceso a internet pueden obtener una copia gratuita de este artículo contactándose con St. Gertrude the Great Church, 4900 Rialto Road, West Chester OH 45069, 513.645.4212.

[2] Diciembre 2005 - enero 2006.

[3] www.rore-sanctifica.org. El nombre latino de este grupo significa “santificado con el rocío”, expresión tomada de la forma sacramental esencial latina de la consagración episcopal, tal como fue confirmada por el Papa Pío XII en 1947. El artículo del P. PierreMarie fue escrito en respuesta a la publicación el 2 de agosto de 2005 del primer tomo de los trabajos de Rore sobre la invalidez del nuevo rito episcopal.

[4] St. Gertrude the Great Newsletter, octubre de 2006; ver igualmente www.traditionalmass.org.

[5] “Respuesta al Padre Cekada sobre la validez del nuevo rito de ordenación episcopal”, Objections 6 (junio de 2006), 36-41.

[6] “Una refutación de la ‘Prueba’ sedevacantista de la invalidez de los nuevos ritos de ordenación”, Remnant, 15 de septiembre de 2006, 11-12.

[7] 57 (verano de 2006).

[8] ¿Son obispos? ¿El nuevo ritual de consagración episcopal es válido? (Avrillé, Francia, Editions du Sel 2006), 75–6.

[9] “La Validez del rito de consagración episcopal”, 58 (otoño de 2006) 213-6.

[10] “La Validez del rito de consagración episcopal: Respuesta a las Objeciones”, Angelus (noviembre de 2006), 42-4.

[11] Pontificalis Romani Recognitio, 18 de junio de 1968, AAS 60 (1968), 372, 373: “declarare quaenam in ritu ad naturam rei pertinere dicenda sunt”, “quorum haec ad naturam rei pertinent, atque adeo ut actus valeat exiguntur”.

[12] “Why the New Rite…” (enero de 2005), 10.

[13] Traducción en O.H.E. KHS-Burmester, Ordination Rites of the Coptic Church (El Cairo, 1985), 110-1.

[14] H. Denzinger, Ritus Orientalium, Coptorum, Syrorum et Armenorum (Würzburg, Stahel 1863), en adelante “RO,” identifica estos textos en RO 1:141. Ver RO 2:23-24 para los textos en sí mismos. Están divididos en dos secciones. Según la rúbrica que figura en nota a pie de página, el obispo consagrante mantiene su imposición de manos a lo largo de la parte que sigue a la interjección del Archidiácono.

[15] RO 2:198. “Spiritum… Sanctum, illum principalem” “expellat omnia ligamina”.

[16] RO 2:220.

[17] P. Glare, Oxford Latin Dictionary (Oxford, Clarendon 1994). También: A. Forcellini, Lexicon Totius Latinitatis (Padua, 1940); A. Souter, Glossary of Later Latin to 600 AD (Oxford, Clarendon 1949); C. Lewis & C. Short, A New Latin Dictionary (New York, 1907).

[18] G. Lampe, A Patristic Greek Lexicon (Oxford, Clarendon 2000). F. Gingrich & F. Danker, A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature (Chicago, University Press 1957).

[19] Lampe, 599.

[20] “Refutación”, 11.

[21] Siendo la teoría, se lo supone: “Si lo desarrollamos, aparecerán…”

[22] “Refutación”, 12.

[23] “Refutación”, 11.

[24] Por ejemplo, de manera especial en el caso particular, particularmente, más que en cualquier otro ejemplo, en un grado superior a los demás.

[25] De Sacramento Ordinis 1, DZ 957: “atque apostolis eorumque sucessoribus in sacerdotio potestatem traditam consecrandi, offerendi et ministrandi corpus et sanguinem ejus, necnon et peccata dimmitendi et retinendi”.

[26] F. Hürth, “Commentarius ad Cons. Apostolicam Sacramentum Ordinis”, Periodica 37 (1948), 26.

[27] “Refutación”, 11.

[28] “Commentarius”, 20. Énfasis del autor.

[29] “Refutación”, 12.

[30] “Commentarius”, 30: “ ‘summa seu totalitas’ ministerii sacerdotalis”.

[31] “Refutación”, 12.

[32] Estas, se hallan todas en “Refutación”, 12.

[33] Elwis & Short, univocus.

[34] A. Michel, “Explícito e Implícito”, DTC 5:1868. “Es explícito todo lo que es admitido o propuesto expresamente; es implícito todo lo que está contenido en otra cosa”.

[35] Este texto es la traducción latina de RO propuesta para el Rito Copto de Consagración Episcopal.

[36] Paul Bradshaw, Ordination Rites of the Ancient Churches of East and West (New York, Pueblo 1990), 8.

[37] ¿Son obispos? 75: “En efecto, se afirma que el poder recibido es el del sumo sacerdocio, que es el poder dado a los Apóstoles para fundar iglesias (lo que implica necesariamente el de ordenar sacerdotes), etc.”

[38] Ver J. Abbo & J. Hannon, The Sacred Canons 2da. ed. rev. (St. Louis, Herder 1960), 1:354-5.

[39] A. Dorsch, De Ecclesia Christi (Innsbrück, Rauch 1928), 290. “Non omnes ii actus conveniunt episcopis, qui apostolis, e.g., fundare novas ecclesias etc.”

[40] Ver Canon 215, 1: “Unius supremae ecclesiasticae potestatis est… dioceses… erigere”.

[41] B. Botte, “ ‘Spiritus Principalis’ Formule de l’Ordination Épiscopale”, Notitiae 10 (1974), 410-1.

[42] Si, según las normas establecidas por Pío XII, el nuevo rito es inválido, la conclusión que debe sacarse no es que la Iglesia haya defeccionado, sino que más bien Pablo VI de alguna manera habría defeccionado en la Fe y perdido su autoridad. Mientras que la Fe nos dice que es imposible que la Iglesia defeccione, la teología dogmática, el Derecho canónico, así como las declaraciones de por lo menos dos Papas (Inocencio

III en sus Sermones de Coronación y Pablo IV en su Bula Cum ex Apostolatus) nos enseñan que es posible que un papa defeccione y pierda su autoridad. Para las citas, ver A. Cekada, Traditionalists, Infallibility and the Pope (West Chester OH : 1995-2006).

[43] Su secretario, Mons. Gilberto Agustoni, era un liturgista modernista colaborador de Bugnini. Para los detalles, ver A. Cekada, "Contexto de la Intervención", The Ottaviani Intervention (Rockford IL : TAN 1992), 8-10.

[44] ¿Son obispos? 75.

[45] ¿Son obispos? 70-1.

[46] Michael Rajji, citado en Joseph Merhej, Jalons pour l'Histoire du Pontificale Maronite, tesis de doctorado (París, Institut Catholique 1975), 13.

[47] Citado en Merhej. "Mar Boutros, patriarca de los Maronitas… me ordenó con sus sagradas manos y me constituyó Metropolita.… Los cuatro años anteriores… hicieron un sorteo del cual yo fui elegido". Para un amplio estudio que explora en el tema y es particularmente esclarecedor sobre cuestiones pertinentes de la historia y los manuscritos, ver Rore Sanctifica, "Notitia III, De Ordinatione Patriarchae", 12 de junio de 2006.

[48] G. Khouris-Sarkis, "Le Sacre des Evêques en l'Église Syrienne : Introduction", L'Orient Syrien 8 (1963), 140-1, 156-7. "Pero el pontifical… hace una distinción entre la consagración conferida a los obispos y la conferida al patriarca… y es por eso que el pontifical llama a esta consagración 'syom'îdo d-Episqûfé', imposición de manos a los obispos. El término utilizado en el título de la ceremonia para el Patriarca, " 'Mettasºrhonûto', es la acción de confiar un cargo alguien, de investirlo".

[49] Khouris-Sarkis, 140-1.

[50] "Validez", 213-4; "Validez… Respuestas", 42-3.

[51] Citado por F. Cappello, De Sacramentis (Roma, Marietti 1951) 4:732. "In collatione trium ordinum majorum… forma est ipsa oratio quam ordinans recitat, dum manus ordinando imponit."

[52] Epístola Synodales Vestrae Litterae, 25 de abril de 1899, Leonis XIII P.M. Acta 18 (1899), 43-4.

[53] Pontificalis Romani Recognitio, 372, 373: "quaenam in ritu ad naturam rei pertinere dicenda sunt", "ad naturam rei pertinent, atque adeo ut actus valeat exiguntur".

[54] Las rúbricas del nuevo rito, por otra parte, prescriben que los obispos que "co-consagran" -y que entonces en teoría confieren también ellos el sacramento- no reciten simplemente más que la fórmula esencial sola, en lugar del conjunto de la Oración Consecratoria. Ver Pablo VI, De Ordinatione Episcopi, Presbyterorum et Diaconorum, ed. typ. alt. (Rome, Polyglot 1990), nros. 16, 25. 55) "Validez", 214; "Validez… Respuestas", 43.

[56] "Absolutamente Nulo", 5.

[57] "Validez", 214; "Validez… Respuestas", 43.

[58] "Validez", 215; "Validez… Respuestas", 44.

[59] "Validez", 215: "si en el resto del rito se hablara de consagración y sacrificio….": "Validez… Respuestas", 44.

[60] “L’Ordination de l’Évêque”, La Maison-Dieu 97 (1969), 122, 123, “L’invocation du Saint-Esprit”; “se ha designado una parte de la fórmula, la que contiene la invocación al Espíritu Santo, como parte esencial”.

Bibliografía

ABBO, J. & J. HANNON. The Sacred Canons 2da. ed. rev. St. Louis, Herder 1960.

Acta Apostolicae Sedis. Periódico, Roma 1909 (“AAS”).

BOTTE, BERNARD, O.S.B. “La Formule d’Ordination ‘la Grâce Divine’ dans les Rites Orientaux”, L’Orient Syrien 2 (1957), 283-96.

-----. “L’Ordination de l’Évêque”, La MaisonDieu 97 (1969), 111–126.

-----. “ ‘Spiritus Principalis’: Formule de l’Ordination Épiscopale”, Notitiae 10 (1974), 410-1.

BRADSHAW, PAUL F. Ordination Rites of the Ancient Churches of East and West. New York, Pueblo 1987.

BURMESTER, O.H.E. The Egyptian or Coptic Church: A Detailed Description of Her Liturgical Servicess. El Cairo, Soc. d’Arch. Copte 1967.

-----. trads. Ordination Rites of the Coptic Church. El Cairo, 1985.

CALDERÓN, ÁLVARO. “La Validité du rite de consécration épiscopale”, Le Sel de la Terre 58 (otoño de 2006), 213-6.

-----. “The Validity of the Rite of Episcopal Consecration: Replies to the Objections”, Ángelus (noviembre de 2006), 42-4.

CAPELLO, FELIX. Tractatus Canonico-Moralis de Sacramentis. Roma, Marietti 1951, 5 vols.

CEKADA, ANTHONY. “Absolutely Null and Utterly Void: The 1968 Rite of Episcopal Consecration”. Internet: www.traditionalmass.org (25 de marzo de 2006).

-----. “Absolutament Nul et Entièrement Vain: Le Rite de Consécration épiscopale de 1968”. Internet: www.rore-sanctifica.org, www.traditionalmass.org (26 de abril de 2006).

-----. “The Background to the Intervention”, en The Ottaviani Intervention. Rockford IL : TAN 1992.

-----. Traditionalists, Infallibility and the Pope. West Chester OH: 1995, 2006.

DENZINGER, H. editor. Enchiridion Símbolorum. 31ma. ed. Barcelona, Herder 1957. (“DZ.”).

-----. Ritus Orientalium. Wurzburg, 1863-4 (“RO”).

DESMET, B., O.S.B. “Le Sacre des Évêques dans l’Église Syrienne: Traduction”, L’Orient Syrien 8 (1963), 163-212.

Dictionnaire de Théologie Catholique. París, Letouzey 1913 (“DTC”).

DORSCH, A. De Ecclesia Christi. Innsbrück, Rauch 1928.

FORCELLINI, A. Lexicon Totius Latinitatis. Padua, 194, 6 vols.

GINGRICH, F. & F. Danker, A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature. Chicago, University Press 1957.

GLARE, P. Oxford Latin Dictionary. Oxford, Clarendon 1994.

HÜRTH, F., S.J. “Commentarius ad Cons. Apostolicam Sacramentum Ordinis”, Periodica 37 (1948), 9-56.

KHOURIS- SARKIS, G. “Le Rituel du Sacre des Évêques et des Patriarches dans l’Église Syrienne d’Antioche: Introduction”, L’Orient Syrien 8 (1963), 137-164.

LAMPE, G. A Patristic Greek Lexicon. Oxford, Clarendon 2000.

LEÓN XIII. Epístola Synodales Vestrae Litterae, 25 de abril de 1899. Leonis XIII P.M. Acta 18 (1899), 43-4.

LEWIS & SHORT. A New Latin Dictionary, 2da. ed. New York, 1907.

MERHEJ, JOSEPH. Jalons pour l’Histoire du Pontificale Maronite, tesis de doctorado. París, Institut Catholique 1975.

MICHEL, A. “Explicite et Implicite”, DTC 5, 1868-73.

PABLO VI. De Ordinatione Episcopi, Presbyterorum et Diaconorum, ed. typ. alt. Rome, Polyglotte 1990.

-----. Constitución Apostólica Pontificalis Romani, 18 de junio de 1968. AAS 60 (1968), 369- 73.

PIERRE-MARIE O.P., FR. Sont-ils évêques? Le nouveau rituel de consécration épiscopale est-il valide? Avrillé, Francia, Editions du Sel, junio de 2006.

-----. “Why the New Rite of Episcopal Consecration is Valid”, The Angelus, diciembre de 2005, 2-16; enero de 2006, 2–22.

PÍO XII. Constitución Apostólica Sacramentum Ordinis, 30 de noviembre de 1947. DZ 2301.

RORE SANCTIFICA. www.rore-sanctifica.org, “Notitia III, De Ordinatione Patriarchae”, 12 de junio de 2006.

-----. “Notitia IV, De Spiritu Principali”, 5 de agosto de 2006.

-----. “Refutación del «implicitismo sacramental», sofisma inventado por el P. Ansgar Santogrossi O.S.B.”, 20 de agosto de 2006.

SANTOGROSSI, ANSGAR, O.S.B. “A Refutation of the Sedevacantist ‘Proof’ of the Invalidity of the New Ordination Rites”, Remnant, 15 de septiembre de 2006, 11-12.

-----. “Respuesta al Padre Cekada sobre la validez del nuevo rito de ordenación episcopal”, Objections 6 (junio de 2006), 36-41.

TRENTO, CONCILIO DE. Doctrina de Sacramento Ordinis, Sesión XXIII, 15 de julio de 1563, DZ 956-968.

El grano de incienso a la «misa» una cum

R.P. Anthony Cekada — www.traditionalmass.org

¿Debemos asistir a Misas tradicionales ofrecidas "juntamente con Tu siervo, nuestro Papa Francisco"?

> «No suceda que tu lengua pronuncie lo que tu conciencia sabe que no es verdadero… Decir Amen es suscribir que es verdad». — San Agustín, sobre el Canon
>
> «Por no ser severa, nuestra caridad deja de ser veraz, y por no ser veraz deja de convencer… Donde no hay odio de la herejía, no hay santidad». — Padre Faber, La Preciosa Sangre

En nuestras vidas de católicos hacemos muchos juicios que llevan a inevitables consecuencias lógicas en nuestra práctica religiosa real. El primero que recuerdo haber hecho fue a mis catorce años [*1965, previo al cambio de la Misa], cuando razoné que eran irreverentes las canciones con guitarra en Misa. En mis siguientes ocho años enteros pasados en el seminario diocesano, ni una vez musité una de ellas.

Para algunas cuestiones se evidencia por sí solo el curso práctico de acción consiguiente a un juicio evidente: si el "rito" de Paulo VI para crear "sacerdotes y obispos" es inválido [2], hay que evitar las misas que ofrecen tales sacerdotes y obispos.

Para otras cuestiones, el modo como se deba actuar puede ser menos obvio — o ser dictado por instinto donde falta la capacidad de explicar todos los principios subyacentes.

Para algunos cae en la segunda categoría un tema en particular: una Misa ofrecida por un sacerdote válidamente ordenado que en el Canon pronuncia una frase referente a: "Nuestro Papa Francisco". Esta práctica es seguida sacerdotes que ofrecen las Misas del Motu Proprio [*El 2022 abolido y cambiado, para ellos.], así como también por la sociedad de sacerdotes (SSPX), sus organizaciones afiliadas, y la mayor parte de los sacerdotes tradicionalistas «independientes».

Estas Misas a veces también son llamadas «Misas una cum», por la frase latina del Canon en la cual se inserta el nombre del papa reinante: una cum famulo tuo Papa nostro N. (juntamente con Tu siervo, nuestro Papa N.)

Ahora bien, dado que el que ha concluido que Francisco I es hereje y no verdadero papa, su primer instinto es salir a buscar Misa ofrecida por un sacerdote católico, y evitar las que el "sacerdote" se refiere a Francisco I como a "papa". Actuar de otra manera parece contradictorio, o en cierta forma da una «sensación» de ir a un culto incorrecto, aun cuando la persona eventualmente no atine a articular razones o argumentos teológicos de lo que hace.

Él quizá leyó u oyó las historias de incontables mártires antiguos que prefirieron muertes horribles a ofrecer un solo grano de incienso en tributo a la religión falsa y ecumenista del emperador romano. Así, pues, más vale evitar enteramente las Misas de "sacerdotes" que con el una cum ofrecen un grano de incienso al heresiarca J. Bergoglio y a su falsa religión ecumenista.

En muchas partes del mundo, sin embargo, la única Misa disponible es la que ofrece algún "sacerdote" que pone el nombre del falso papa en el Canon. Entonces, ante la alternativa de escoger esto o nada, a veces esta la persona tentada de asistir a la "Misa" de todos modos.

En algunos lugares, los sacerdotes más viejos válidamente ordenados han salido de su retiro para celebrar Misa según el misal de 1962 [*debido al "motu proprio" en aquel entonces]. Además, un número sustancial de sacerdotes válidamente ordenados en la SSPX ha desertado para ir a organizaciones como la Fraternidad

de S.P. Tales misas serán válidas. ¿Por qué simplemente no darle importancia a que se mencione a Francisco en el Canon, e «ir sólo por la Misa»? Es solo un grano de incienso después de todo; dirían a la ligera.

Aunque se han presentado diversos “argumentos” para justificar la asistencia a Misas una cum, ninguno de ellos parece realmente sonar verdadero.

Los sacerdotes que ofrecen estas Misas afirman en el Canon que Bergoglio es verdadero papa, mientras que el católico afirma lo contrario. Asistiendo activamente a una tal Misa, el participante condona la afirmación que públicamente hace el celebrante en nombre de todos los presentes — “Nuestro Papa Francisco” — afirmación que el católico sabe y cree ser falsa.

La incoherencia — desconexión completa entre creencia y culto — debería ser obvia a los diez segundos de reflexión. Se deja sentir que la conclusión teórica (Bergoglio no es verdadero papa), debería dictar la conclusión práctica (no asistir a Misas cuyas oraciones dicen lo contrario). ¿Pero cuáles son los principios básicos que deben dictar nuestro curso de acción aquí? ¿Por qué está mal que un católico asista activamente a una Misa en que el sacerdote emplea la frase N. P. F. en el Canon?

Me he planteado a menudo esta pregunta por lo mucho que durante los años escribí sobre la doctrina, derecho canónico y sagrada liturgia. En este artículo la responderé en alguna extensión, porque considero el asunto crucial para el futuro del movimiento verdaderamente católico.

Además, hay una gran cantidad de material en escritos de papas, teólogos dogmáticos, canonistas, teólogos morales, decretos vaticanos y liturgistas que, en conjunto, nos suministran una respuesta muy clara a esta pregunta.

No todo el mundo tendrá la paciencia para seguir de cerca un artículo extenso. Prometo a los lectores interesados ofrecer prontamente un breve resumen de lo que sigue, tal como ofreciera un breve resumen de mi estudio sobre el Rito de Consagración Episcopal de 1968.

En ambas versiones la estructura de nuestra indagación será relativamente sencilla y examinaremos los siguientes puntos:

(I) El significado de la frase una cum en el Canon, tanto lingüística como teológicamente, y cómo ha de aplicarse ese significado a Bergoglio.

(II) Si el católico que participa activamente en una Misa una cum participa igualmente en la oración que contiene esa frase.

(III) Por qué un católico no debe participar activamente en una Misa una cum.

En esta versión larga del artículo también presentaremos diversos argumentos elaborados para justificar la asistencia a Misas en que se ofrece a Bergoglio su grano de incienso, y demostraremos que éstos no son un simple grano de sal. Concluiremos con un resumen.

I. El Significado de la Oración.

La frase en discusión (una cum famulo tuo Papa nostro N.) aparece en la oración de apertura del Canon (Te Igitur) que encomienda el Sacrificio a Dios. Está indicada abajo en negrita:

«… Te ofrecemos primeramente por Tu Santa Iglesia Católica, para que Te dignes pacificarla, protegerla, mantenerla unida y gobernarla por toda la redondez de la tierra, juntamente con Tu siervo nuestro Papa N., nuestro Obispo N., y todos los ortodoxos, que profesan la Fe Católica y Apostólica».

¿Qué quiere decir realmente la cláusula en negrita? Y más específicamente, ¿qué significado resulta de introducir el nombre del sujeto en la frase?

Para contestar estas preguntas atenderemos primero al significado lingüístico de la frase, y después a su significado teológico más amplio en el contexto del Canon de la Misa.

A. Significado Lingüístico

1 - Gramática. En un artículo escrito en 1992, el P. Donald Sanborn observó que las reglas de gramática latina permitían al menos tres antecedentes posibles a la frase una cum (juntamente con), cada uno de los cuales daba un significado ligeramente diferente [3]. Posteriormente otros escritores sugirieron lecturas y significados adicionales.

Para no agobiar demasiado pronto a mis lectores con elementos de gramática latina, «traduciré» estas diferencias gramaticales a los significados que presenta la frase una cum si se le introduce el nombre Francisco (Jorge Bergoglio):

(1) Adjetivo modificador de Iglesia = uno con, o unido con: «Bergoglio está unido a la Iglesia Católica y viceversa».

(2) Adverbio modificador de ofrecemos = ofrecemos juntamente con: «Bergoglio ofrece el Santo Sacrificio de la Misa conjuntamente con el sacerdote y la Iglesia».

(3) Nexo apositivo con Iglesia = por tu Iglesia, que incluye. «Bergoglio está entre los miembros de la Iglesia por quienes el sacerdote y la Iglesia interceden a través del ofrecimiento de la Misa».

(4) Conjunción coordinada con Iglesia, obispo, todos los ortodoxos = y por Tu siervo, el papa: «El sacerdote y la Iglesia ofrecen la Misa por el siervo de Dios y Bergoglio».

Algunos sostienen que el cuarto es el único significado posible de la frase una cum. Alegan a continuación que la petición no pasa de una oración de intercesión ofrecida por — y enfatizan mucho el por — el bien de diversos miembros de la Iglesia, en vez de expresar de alguna manera la unión con un falso papa. Así, el mero hecho del sacerdote de rezar por Francisco por su nombre en el Canon no debería impedir [*-dicen ellos-] a un católico asistir a su Misa. Es bueno rezar por la gente, después de todo… [dicen como si nada]

Pero este cuarto significado de una cum no «traduce» mejor que los primeros tres, porque también coloca a Bergoglio (como sus proponentes lo admiten) en una oración ofrecida por los miembros de la Iglesia. Y el católico debe rechazar esta cuarta proposición no menos que las otras tres, porque la herejía de Bergoglio no solamente lo saca del “papado”, sino también de la misma Iglesia. [*Sin embargo, la posición mayoritaria es que Jorge Bergoglio nunca fue papa, porque era hereje público y pertinaz.]

Los canonistas y teólogos [4] citados para sustentar el principio clave exponen que es la pérdida de participación como miembro de la Iglesia lo que produce la pérdida del pontificado. Así, el teólogo dogmático Iragui dice:

«Los teólogos conceden comúnmente que el Romano Pontífice, si cayera en herejía manifiesta, ya no sería miembro de la Iglesia, y por consiguiente tampoco podría llamarse su cabeza visible».[5]

Así pues, de cualquier manera que se la construya gramaticalmente, la frase juntamente con Tu siervo, nuestro Papa… sigue produciendo la afirmación de que el hereje Bergoglio es no sólo verdadero papa, sino también miembro de la verdadera Iglesia.

Y esta proposición es firmemente incoherente y blasfema.

2 - Terminología. Obviamente, el católico omite aplicar la expresión nuestro “Papa” a Bergoglio.

Pero otra expresión, Tu siervo, plantea un problema similar.

La palabra latina que el Canon utiliza es famulus. La misma no connota meramente a una persona empleada para desempeñar tareas ocasionales — mucama, mozo, jardinero o entrenador personal.

Más bien, en latín eclesiástico su sentido es siervo de Dios; cristiano [6]. En las oraciones litúrgicas se aplica exclusivamente a miembros de la Iglesia [7]. Ningún hereje puede ser famulus, porque ha abandonado el servicio de Dios en el hogar de la fe.

Empleada en el Canon con el nombre Francisco, la expresión famulus tuus, como una cum, produce otra afirmación de que el hereje Bergoglio es miembro de la Iglesia.

Una vez más, ésta es una proposición que el católico rechaza.

3 - Contexto. En el contexto de la frase hay dos términos más que plantean problemas.

(a) La designación de Bergoglio como “nuestro Papa” ocurre en una frase que lo vincula—incluso lo coloca antes de — todos los ortodoxos, que profesan la Fe Católica y Apostólica (la palabra latina es orthodoxis).

Mientras algunos liturgistas sostuvieron que la frase se refiere a todos los católicos, laicos y clérigos, la mayoría dice que se refiere a los obispos católicos. Estos son orthodoxis por definición y, en virtud de su oficio, lo que el latín denomina cultores (cultivadores, protectores, promotores) de la Fe católica y apostólica.

El católico sabe que Bergoglio es cualquier cosa menos eso.

(b) San Roberto Belarmino dice que las tres oraciones que comienzan nuestro Canon (Te Igitur, el Memento de los vivos, y el Communicantes que contiene los nombres de los santos) son una sola oración. La tercera, Communicantes (en comunión con) junta «los mortales que están en la Iglesia militante» con «los santos que reinan con Cristo en el Cielo» [8].

Y de nuevo, esto plantea el mismo problema: Si Bergoglio es hereje, no puede estar en comunión con la Iglesia militante ni con la Iglesia triunfante.

B. Significado Teológico en la Liturgia

Hasta aquí las consideraciones lingüísticas. ¿Pero qué decir del significado teológico mucho más importante adjunto a la mención del papa por su nombre en la oración más solemne de la liturgia católica?

He aquí cómo han explicado su significado diversos papas y liturgistas.

1 - Reconocimiento de la Cabeza de la Iglesia. En una Bula dirigida a católicos de rito oriental, uno de los significados que el Papa Benedicto XIV (1740-1758) asignó a la mención del nombre del Papa en la sagrada liturgia es el siguiente:

> «Nos basta poder declarar que la conmemoración del Sumo Pontífice y las preces ofrecidas por [el papa] durante el Sacrificio de la Misa, se consideran, y realmente son, una manifestación afirmativa por la cual se lo reconoce como cabeza de la Iglesia, vicario de Cristo, y sucesor del Bienaventurado Pedro…» [9]

2 - Reconocimiento del Principio de Unidad. En su extenso libro sobre el Canon de la Misa, el Padre Gassner observó sobre la primera oración del Canon:

> «La unidad por la que se reza está especificada con el agregado de los nombres del Papa y del Obispo como principio de esa unidad» [10].

Además, según un comentario del Padre Thalhofer:

> «La oración es ofrecida por aquellos instrumentos por los que Dios guía y gobierna la Iglesia: en primer lugar, por el Papa como cabeza de la Iglesia entera y portador supremo de la unidad eclesiástica» [11].

Una de las observaciones del Cardenal Schuster otorga apoyo adicional a este punto. Él dice que los manuscritos más antiguos del Canon incluyen sólo la petición que menciona al Papa, y no las peticiones referentes al obispo diocesano y a todos los ortodoxos. Así, la expresión una cum (juntamente con) remite más claramente a la palabra Ecclesia (Iglesia) [12].

Vemos esto en un Misal del siglo IX del tiempo de Carlomagno. Aquí el sentido de la frase es claro:

> «por Tu Santa Iglesia Católica, para que Te dignes pacificarla, protegerla, mantenerla unida y gobernarla por toda la redondez de la tierra, unida con Tu siervo nuestro Papa N.» [13].

3 - Profesión de Comunión con el Papa. He aquí otro significado más que el Papa Benedicto XIV adjuntó a la práctica de mencionar el nombre del Papa en la Misa.

> «[Esta conmemoración del papa es, además] la profesión de un ánimo y una voluntad que adhieren firmemente a la unidad católica. También lo advierte con acierto Christianus Lupus en su obra sobre los Concilios: ‘Esta conmemoración es la forma suprema y más honrosa de comunión’.» [14]

Hemos mencionado la afirmación de San Roberto Belarmino respecto a que lo que hoy consideramos como las primeras tres oraciones del Canon (Te Igitur, Memento y Communicantes) debe considerarse como una oración que expresa la idea de comunión entre los miembros de la Iglesia.

El Cardenal Schuster ofreció una reconstrucción de una versión anterior del texto del Canon que refleja esto. Él sostenía que la palabra que comienza lo que hoy es la tercera oración del Canon (communicantes, que significa en comunión con) estaba directamente unida, sin oración intermedia, a la petición de la primera oración que mencionaba el nombre del papa.

El sentido del texto que resulta es el siguiente:

> «que nosotros Te ofrecemos por tu Iglesia. — nosotros que estamos en comunión con, y somos uno con, Tu siervo, nuestro papa, y venerando ante todo a la gloriosa y bienaventurada siempre virgen.» [15]

4 - Profesión de Comunión con la Verdadera Iglesia. Ésta es la conclusión a sacarse de la enseñanza del Papa Pelagio I (556-561) en una carta de reproche a cismáticos:

> «¿Cómo es posible que no os creáis separados de la comunión de la iglesia universal, si no hacéis mención de mi nombre durante los sagrados misterios, según la costumbre?» [16]

Y además, según el comentario de la Misa del canónigo Croegaert:

> «Rezar por el Papa es dar testimonio de vivir en comunión con la Cabeza de la verdadera Iglesia». [17]

5 - Un Signo de Ortodoxia. En una extensa disertación sobre la primera oración del Canon, el Cardenal Schuster también dice:

> «La mención del nombre del Papa en el Canon es una prueba de la ortodoxia del oferente». [18]

6 - Intermediario Autorizado ante Dios. Dom de Puniet ofrece esto como otra explicación teológica más:

> «El primer nombre después de la Iglesia universal para encomendar a Dios es el del Pontífice reinante, el pastor visible y el intermediario autorizado ante Dios todopoderoso por los diversos miembros de su grey». [19]

C. Aplicación a Bergoglio

El problema fundamental de aplicar los significados lingüísticos de la frase una cum a Bergoglio, como hemos notado en (A), es que todos lo colocan dentro de la Iglesia, donde como hereje no puede estar.

Pero hay más, cuando aplicamos los significados teológicos arriba enumerados (1-6) a la frase: juntamente con Tu siervo nuestro Papa…, en el Canon, estos son los resultados:

- El hereje Bergoglio es «la cabeza de la Iglesia, el vicario de Cristo, y el sucesor del Bienaventurado Pedro».
- El reconocimiento del hereje Bergoglio en el Canon es «la forma suprema y más honrosa de comunión» con él, «la profesión de un ánimo y una voluntad que adhieren firmemente a la unidad católica».
- La inclusión del nombre del hereje Bergoglio en el Canon lo especifica como «el principio de unidad».
- Mencionar el nombre del hereje Bergoglio en el Canon es signo de que uno «no está separado de la comunión con la iglesia universal».
- La mención del nombre del hereje Bergoglio en el Canon «es una prueba de la ortodoxia del oferente».
- El hereje/falso papa Francisco es el «Pontífice reinante, el pastor visible y el intermediario autorizado ante Dios todopoderoso por los diversos miembros de su grey».

Un católico consideraría cada una de estas proposiciones un horror teológico o un absurdo. Pero son las que resultan de que un sacerdote en el Canon profese ofrecer la Misa tradicional una cum — juntamente con Tu siervo, nuestro “Papa” Francisco.

II. La Participación y Asentimiento

Hasta aquí hemos discutido el significado de lo que el sacerdote dice en el altar.

¿Pero qué efecto, si es que hay alguno, tiene toda la información anterior sobre el hombre común — en este caso, un sujeto que, por una u otra razón, trata de sacar en claro si debe o no debe asistir a una Misa una cum ofrecida en el rito tradicional por un sacerdote válidamente ordenado?

La inclinación humana innata a actuar de modo coherente con convicciones firmemente sostenidas dice al católico que no debe asistir a una tal Misa. Su presencia implica consentimiento.

Por otra parte, es el sacerdote quien pronuncia el nombre del hereje. Una persona objeta la práctica: ¿Puede el sacerdote retener su consentimiento a la frase juntamente con Tu siervo nuestro Papa…?

Algunos han argumentado — y con bastante insistencia — que eso es posible [20].

Pero no lo es, y la noción es completamente ridícula.

Esta teoría cae en la categoría de lo que llamo «error teológico laico», porque parte de premisas que virtualmente cualquier sacerdote, por muy regular o pobre que sea su formación, instintivamente percibiría equivocadas por completo. Otros ejemplos de errores laicos son el Feeneyismo, Dimondismo, Siriopapismo y anti-PFN [Planificación Familiar Natural, la correcta] [21].

He aquí por qué el sacerdote católico inmediatamente percibirá que hay un problema con la teoría de la «retención del consentimiento». Él pasa alrededor de una hora y tres cuartos cada día recitando las oraciones públicas oficiales de la Iglesia — el Oficio Divino y la Misa. Todas estas oraciones, virtualmente sin excepción, están compuestas en primera persona del plural: Oramos, ofrecemos, suplicamos, etc.

El sacerdote sabe que estas oraciones oficiales están redactadas de esta manera por una razón: Él, el sacerdote, las reza en nombre y en unión con Nuestro Señor y Su Iglesia, incluyendo todos sus miembros laicos — y además en el caso de la Misa, unido con los fieles presentes.

Ésta es la naturaleza de la oración litúrgica de la Iglesia. Para laicos que tengan el atrevimiento de «disentir» con peticiones que hace el sacerdote en las diversas oraciones prescriptas para la Misa, no hay «platos alternativos». Es todo de una sola pieza. Como dice nuestra cocinera sobre su menú: Tienes dos opciones: tómalo o déjalo.

Para comprender por qué la misma idea de una alternativa una cum es una imposibilidad litúrgica teológica, nos dirigimos ahora a algunos puntos específicos sobre cómo asistimos a Misa, qué connota nuestra participación, cómo el laicado presente coopera con el sacerdote al ofrecimiento del Sacrificio, y específicamente, cómo y por qué el laicado da su asentimiento a las oraciones del Canon en particular.

A. Cómo se Participa Activamente en Misa

Los católicos tienden a ver un sacramento principalmente como algo que el sacerdote da y el laico recibe. El sacerdote es activo; el laico pasivo. El sacerdote confiere el sacramento; el receptor laico coopera y consiente a recibirlo.

Este paradigma no se sostiene, sin embargo, para la asistencia a Misa. No se significa meramente consentir y recibir algo pasivamente (la gracia, la Sagrada Comunión, el «crédito» por cumplir con el precepto dominical, etc.), sino también participar y dar algo. ¿Qué se significa dar? Culto activo de Dios, porque como resultado del bautismo, se tiene a la vez el privilegio y la obligación de participar, según el estado, en el ofrecimiento del Santo Sacrificio.

Por favor, nótese el verbo: participar. Desafortunadamente, [*antes de manera oculta,] durante el Conc. Vaticano II y después, los modernistas se apropiaron este lenguaje, corrompieron su significado auténtico, y lo usaron para transformar la Misa en un motor para la revolución “doctrinal” en todo el mundo. Así, convirtieron al sacerdote en presidente, la «asamblea» en el agente primario de culto, y reglamentaron las «respuestas» como único indicador permisible de participación, con todos los asistentes sometidos por

micrófonos y oradores que proyectan los amplificadores.

Los tradicionalistas, por eso, se ponen comprensiblemente nerviosos ante cualquier referencia a cómo se supone que asistan o participen activamente en el ofrecimiento del Santo Sacrificio. No obstante, la asistencia y participación activa en la Misa, entendida en el sentido correcto, es requerida a todo católico.

En la Misa, ¿cómo manifiestan los miembros del laicado su asistencia o participación activa en ella? Hay varias maneras, y esta lista no es para nada exhaustiva.

(1) Recibiendo la Sagrada Comunión durante la Misa.

(2) Ayudando al sacerdote en el altar [*ya sea como monaguillos o acólitos]

(3) Cantando en el coro.

(4) Cantando respuestas como miembro de la congregación en la Misa mayor, o cantando himnos durante la Misa rezada, donde sea costumbre alguna de estas prácticas.

(5) Usando un Misal para seguir y rezar privadamente las oraciones de la Misa mientras el sacerdote las recita en el altar.

(6) Usando un libro de meditaciones u oraciones que siguen las acciones de la Misa.

(7) Recitando el Rosario y mientras mirando a las acciones sagradas que se llevan a cabo en el altar.

(8) Siguiendo atentamente las acciones del sacerdote en el altar y por mientras haciendo los acostumbrados signos externos de devoción propios para cada parte de la Misa (haciendo genuflexión, parándose, sentándose, arrodillándose, golpeándose el pecho, haciendo la Señal de la Cruz, persignándose, contemplando la Sagrada Hostia, juntando las manos, etc.).

(9) Por la presencia física, acompañada de la intención de asistir a Misa y cumplir con el precepto dominical, juntamente con un cierto grado de atención durante el rito.

En uno o más de los anteriores, por supuesto, el lector católico reconocerá el método que utiliza cada domingo cuando va a Misa. Pero cualquiera de estos métodos que el laico escoja constituye de hecho una participación verdadera y activa en la Misa.

B. Participación Activa = Una Aprobación

Aparte de una manifestación exterior de la piedad interna, ¿qué connota en general la participación activa en el culto común?

Los tratados más amplios de derecho canónico y teología moral explican que la participación activa en un rito religioso constituye una aprobación implícita del rito y un signo de unidad en la religión.

La participación conjunta (communicatio), dice el canonista y teólogo español Regatillo, consiste en «realizar un acto simultáneamente con otra persona de tal manera que ambas personas participan moralmente en la misma acción». En el culto esto se da a través de «gestos, movimientos, o signos ceremoniales» que están en cierta forma determinados por convención [22]. Éstos, dice el canonista benedictino Beste, connotan «cooperación o acción común con otro en las oraciones y funciones del culto» [23].

El teólogo moral dominico Merkelbach dice que la participación religiosa activa «se considera acertadamente un signo de unidad religiosa». Constituye «aprobación implícita de un ejercicio de culto» [24].

De manera que aun según los principios generales de teología moral y derecho canónico, el que asiste activamente a una Misa en la que el sacerdote emplea la frase juntamente con Tu siervo nuestro “papa” Francisco en el Canon, se presume que da su cooperación y aprobación a lo que se lleva a cabo.

C. Unirse a la Acción del Celebrante

Además de esto, de todos modos, los laicos que asisten activamente a la Misa mediante uno de los métodos arriba descriptos, no sólo aprueban lo que el sacerdote hace en el altar; realmente se unen con él en ofrecerlo.

Diversos papas y teólogos anteriores a 1965 han explicado cómo y por qué:

- El Papa Inocencio III (1198-1216): «No sólo los sacerdotes ofrecen el sacrificio, sino también todos los fieles: porque lo que el sacerdote hace personalmente en virtud de su ministerio, los fieles lo hacen colectivamente en virtud de su intención.» [25]

- Maurice de la Taille S.J. (1920): «La Congregación que asiste a Misa, como Oferente… Los asistentes ejercen, en mayor grado que los ausentes, su poder nativo de ofrecer como miembros del cuerpo eclesiástico, en cuanto que están más íntimamente unidos con el sacrificio por esta expresión exterior de devoción actual. Por su presencia indican ratificar, en cuanto depende de ellos, el ofrecimiento hecho en su nombre, y por ende por un título especial hacerlo suyo propio y ofrecerlo.» [26]

- Henry Noldin S.J. (1920): «Los oferentes especiales y accesorios son aquellos fieles que se unen de algún modo por sus acciones al sacerdote que ofrece la Misa. En segundo lugar están aquellos que están actualmente presentes en la Misa, que así participan por su voluntad y su presencia.” [27]

- El Papa Pío XII (1947): «Los fieles unen sus corazones en alabanza, impetración, expiación y acción de gracias a las oraciones o intención del sacerdote ante el mismo Sumo Sacerdote, a fin de que en una misma y única oblación de la víctima, y según el rito sacerdotal visible, sean presentadas a Dios Padre.» [28]

- Felix Cappello S.J. (1954): «El oferente especial (que muchos llaman secundario y accesorio) es todo miembro de los fieles que (como hemos indicado arriba) se une al ofrecimiento del sacrificio por cierto asentimiento externo [que Suárez describe correctamente como] «asistir consintiendo y cooperando moralmente».» [29]

Por eso, el participante ciertamente manifiesta consentimiento y cooperación moral con la acción del sacerdote cuando éste ofrece el sacrificio juntamente con Tu siervo nuestro “papa” Francisco.

D. La Participación y Ratificación al Canon.

Hay algo que viene aún más al caso: los fieles que asisten activamente a la Misa ratifican, asienten y participan en las oraciones del Canon que recita el sacerdote, aun cuando ellos mismos no recitan estas oraciones vocalmente.

Para este punto, tomamos nuestras pruebas de dos fuentes: los Padres de la Iglesia y Pío XII:

1 - Los Padres de la Iglesia. Los teólogos citados para demostrar que el pueblo se une al sacerdote en ofrecer el sacrificio, apuntan a los escritos de los Padres de la Iglesia, que dicen explícitamente que los fieles ratifican y afirman la verdad de la «oración de acción de gracias» que el celebrante recita, es decir, el Canon:

- San Juan Crisóstomo: «Asimismo la oración de acción de gracias [el Canon] es común a ambos [es decir, al sacerdote y al pueblo]; no es el sacerdote solo, sino el pueblo entero quien da gracias a Dios. Pues es sólo después de tomarles él [el sacerdote] su palabra y ellos convenir en que así se hace digna y justamente, que él empieza la acción de gracias o Eucaristía.» [30]

- San Agustín: «Habiendo oído al sacerdote decir Levantad vuestros corazones, respondéis Los tenemos levantados al Señor. Esforzáos por responder la verdad, porque estáis respondiendo en presencia de la acción de Dios. Sea según decís y no suceda que tu lengua pronuncie lo que tu conciencia sabe que no es verdadero… Decir Amen es suscribir que es verdad. Amen en latín significa es verdad.» [31] .

- San Remigio de Auxerre: «El Amen, que es respondido por la iglesia entera, significa es verdadero. Los fieles, pues, dan esta respuesta a este gran misterio, como la dan en toda oración legítima, y en cierto modo suscriben a la verdad respondiendo así.» [32]

Aunque ahora en la Misa estas respuestas las da vocalmente el coro (en la Misa cantada) o el monaguillo (en la Misa rezada), lo hacen no sólo como representantes de la Iglesia Católica entera, sino también como representantes de los fieles que están presentes asistiendo devotamente a Misa.

2 - El Papa Pío XII. En Mediator Dei, su gran encíclica sobre Sagrada Liturgia, Pío XII trata extensamente del papel que el laicado desempeña en el ofrecimiento del Santo Sacrificio.

> «Además, los ritos y las oraciones del Sacrificio Eucarístico significan y demuestran con no menor claridad que la oblación de la Víctima es hecha por los sacerdotes en unión del pueblo. En efecto, no sólo el ministro sagrado, después del ofrecimiento del pan y del vino cuando se vuelve al pueblo, dice la significativa oración: «Orad, hermanos, para que este sacrificio mío y vuestro sea aceptable a Dios Padre Omnipotente», sino que las oraciones con que la Víctima divina es ofrecida a Dios son dichas generalmente en plural, y en ellas se indica repetidas veces que el pueblo también participa como oferente en este augusto sacrificio.» [33]

Él cita varios pasajes en el Canon para demostrar esta verdad:

- «Por los cuales Te ofrecemos, o ellos mismos Te ofrecen… Rogámoste, pues, Señor, recibas propicio esta ofrenda de nuestra servidumbre y también de toda tu familia».

- «Nosotros, siervos tuyos, y también todo tu pueblo».

- «Ofrecemos a tu excelsa Majestad de tus propios dones y dádivas, la Hostia pura, la Hostia santa, la Hostia inmaculada».

El lenguaje de la primera oración del Canon que el sacerdote usa en una Misa una cum para hacer la ofrenda común — «que Te ofrecemos… juntamente con Tu siervo nuestro ‘papa’ Francisco» — no permite, entonces, que el católico pueda «retenerle su consentimiento». Juntamente con el sacerdote en el altar, él se une a ofrecerle el grano de incienso al [*ídolo [34]] Bergoglio.

III. Por qué No se debe Participar

En las dos secciones previas hemos establecido que: (1) Los diversos significados lingüísticos y teológicos de la frase juntamente con Tu siervo, nuestro Papa… , coinciden todos en colocar a Bergoglio dentro de la Iglesia y lo reconocen explícitamente como verdadero papa, y (2) un laico que asiste o participa activamente en una Misa en la que el sacerdote emplea esa frase en el Canon, igualmente participa y ratifica la afirmación del sacerdote, de que Bergoglio es verdadero "papa".

Que un católico haga eso, obviamente sería incoherente y contradictorio. ¿Pero estaría realmente mal?

La respuesta breve es sí — y por todo un cúmulo de razones. En la mayoría de los casos, de todos modos, son simples consecuencias lógicas de la idea básica ya identificada en la sección II. B: que la participación activa en un rito religioso constituye una implícita aprobación del rito y un signo de unidad en la religión.

Positivamente, la idea está resumida en el famoso adagio latino lex orandi, lex credendi (la ley del orar es la ley del creer). Los teólogos y los liturgistas han pasado un buen tiempo explorando esta interrelación.

Por el lado negativo, la misma idea también está detrás de la legislación de la Iglesia que prohíbe la communicatio in sacris — la participación activa en el culto común con herejes y cismáticos. Estas leyes y pronunciamientos explican los principios doctrinales y morales que deciden que esté mal que un católico participe en un rito que de alguna manera comprometa su fe — «para no perder ni poner en peligro la fe», como explica un Decreto del Santo Oficio de 1859.

> «Por esta razón, San Juan manda estrictamente: «Si viene alguno a vosotros, y no trae esta doctrina, no lo recibáis en casa, ni le saludéis. Porque quien le saluda, comunica con sus acciones perversas». Por estas palabras se infiere evidentemente estar prohibido todo lo que expresa o equivale al saludo, como son las acciones litúrgicas que fueron instituidas para significar la unidad eclesiástica. Es por eso que leemos que los Padres del Concilio de Cartago decretaron la prohibición de rezar o cantar con herejes.» [35]

Volveremos a estos principios aquí en orden a explicar por qué está mal que el católico asista activamente a una Misa una cum.

A. Una mentira Perniciosa

Es mejor comenzar con algo obvio: la virtud moral de la sinceridad, también llamada verdad o veracidad. Por esta virtud exhibimos signos externos (palabras o hechos) que manifiestan al otro lo que está en nuestra mente [36].

A esto se opone, obviamente, el pecado de mentir. Tendemos a pensar que las mentiras sólo consisten en afirmaciones falsas que hacemos a sabiendas, en palabras habladas o escritas. Pero cualquier signo externo, incluidos nuestros hechos o acciones, puede ser una afirmación falsa y por consiguiente una mentira también [37].

En nuestro caso, el católico cree que Bergoglio no es verdadero papa. Pero si es que participaría activamente en una Misa una cum, por ese mismo hecho afirmaría lo opuesto de lo que hay en su mente. Si hace esto, miente, porque sabe que lo que afirma a través de sus acciones —su participación — es falso [38].

A la afirmación en el Canon de que el hereje/usurpador Bergoglio es «nuestro papa», el participante dice de antemano que Esta es digna y justa, y después dice Amén, así es, es verdad. Como dice San Agustín, su lengua pronuncia lo que su conciencia sabe que no es verdadero. Y eso es una mentira — y mentir [39], está mal.

Y aquí no tenemos solamente la llamada «mentira piadosa» sobre algo trivial, sino una mentira perniciosa, llamada así por el daño particular que causa. El teólogo dominico Merkelbach explica:

> «La más grave de todas las mentiras es la que daña a Dios en materia de religión… La mentira perniciosa es pecado mortal por su misma naturaleza debido al mal adjunto, ya sea por su materia, si concierne la doctrina religiosa, o por su fin, si es dicha en injuria de Dios o daño notable del prójimo» [40].

Y bien, a este principio — «la más grave de todas las mentiras es la que daña a Dios en materia de religión» — el participante debe contar todas las mentiras sobre Bergoglio que afirma participando en una Misa una cum, mentiras como que: el hereje/falso papa Bergoglio es miembro de la Iglesia, cabeza de la Iglesia, sucesor de San Pedro, principio de unidad en la Iglesia, signo de comunión con la Iglesia de Cristo, piedra de toque de la ortodoxia, intermediario autorizado ante Dios, etc.

Participar en esto es ignorar la advertencia solemne de San Agustín a los católicos acerca del Canon: «Esforzáos por responder la verdad, porque estáis respondiendo en presencia de la acción de Dios. Sea según decís».

B. Una Profesión de Comunión con Herejes

El teólogo Merkelbach dice: «El Sacrificio de la Misa se ofrece directamente sólo por miembros de la Iglesia» [41].

Por esta razón, la Iglesia no ofrece oraciones de intercesión por herejes y cismáticos durante la Misa, ni puede un hereje o cismático ser mencionado por su nombre en una oración litúrgica [42]. Están fuera de la comunión de la Iglesia.

Este principio fue observado estrictamente desde los primeros días de la Iglesia. Comenzando en el siglo tercero, los nombres de los católicos por quienes se rezaba (ejemplo: el papa, obispos, ilustres personas laicas, benefactores) estaban escritos en pares de tablillas llamadas «dípticos», y las listas eran leídas en la Misa. Estas listas jugaron un papel importante en la liturgia y en la vida de la Iglesia:

> «El propósito y el uso principal de los dípticos fue retener la comunión católica tanto de los vivos entre sí, como de los vivos con los muertos.» [43]

> «Leer el nombre de un obispo vivo en los dípticos siempre fue signo reconocido de comunión con él.» [44]

Por el contrario, la omisión del nombre de alguien de los dípticos declaraba a la persona fuera de la comunión de la Iglesia:

> «Los dípticos litúrgicos admitían sólo los nombres de personas en comunión con la Iglesia; nunca estuvieron insertos los nombres de herejes ni de miembros excomulgados.» [45]

En un excelente artículo sobre el problema del una cum escrito en 2002, Patrick Henry Omlor, una de las luces principales de los albores del movimiento tradicionalista de Estados Unidos, explica en detalle cómo el Papa San Hormisdas (514-523) no sólo rehusó admitir a herejes en su comunión, sino que también rompió la comunión con otros eclesiásticos de Oriente que se limitaban a recitar los nombres de herejes en sus dípticos. El pontífice exigió a los obispos del mundo firmar un formulario llamado «La Regla de Fe».

> «El objeto principal de la Regla de Fe del Papa San Hormisdas fue condenar el nombramiento de herejes en los dípticos… según informes, 2500 obispos firmaron la Regla de Fe para poder ser restituidos a la comunión con la Iglesia. Hasta que firmaron se les negó la comunión única y específicamente porque habían persistido en nombrar herejes en sus dípticos.» [46]

Por consiguiente, el que participa activamente en una Misa en la que se nombra al hereje Bergoglio en el Canon, actúa en contra de la Tradición de la Iglesia y se pone en comunión con alguien que él sabe que es hereje.

C. Reconocimiento de la "Iglesia Ecumenista Universal"

Además de este problema general relativo a la comunión con herejes, las enseñanzas después del conciliábulo 1962-65 sobre la Iglesia plantean un peligro más específico para la fe.

Crear una superiglesia libre de dogmas y ecumenista como ésta ha sido la meta constante de los masones, liberales y modernistas desde comienzos del siglo XIX. Como lo hemos señalado reiteradas veces, la contribución personal de Joseph Ratzinger a la larga lista de errores después de los 60s es su herejía de la «Frankenchurch». Para él, la Iglesia es una «comunión» a la cual pertenecen todos, católicos, cismáticos y herejes, poseyendo cada cual «elementos» de la Iglesia de Cristo ya sea «plenamente» o «parcialmente», según su Catecismo, todos estos pertenecen a un mismo Pueblo de Dios.

Como nombrar a Bergoglio es verdaderamente profesar comunión con él [47], también es profesar comunión con la "Iglesia Ecumenista Universal" de la cual él profesa ser la cabeza — institución que el católico obviamente rechaza.

Esto, a su vez, plantea otro problema…

D. Profesión Implícita de una Falsa Religión

Todo católico está obligado a hacer una profesión de fe — una manifestación externa de fe a través de algún signo apropiado [48].

Negativamente, este precepto prohíbe al católico «negar la fe exteriormente — ya sea expresa o tácitamente, ya sea de palabra, signo u obra (ejemplo: el silencio) — o profesar o simular una fe falsa». Esto puede ocurrir:

«… indirecta e implícitamente sí, sin intención de negar la fe, uno realiza una acción que es entendida por otros como una negación de la fe… por acciones,… quienes realizan una acción que en sí misma o por las circunstancias significa la profesión de una falsa religión.» [49]

Y efectivamente es por esto que los mártires prefirieron la muerte, en vez de poner el grano de incienso en el fuego ante la imagen de un falso dios.

Hubo un tiempo en que todos los llamados tradicionalistas [50] —no sólo católicos— consideraban la religión del Vaticano II como nada menos que una religión falsa en oposición a la Iglesia Católica.

Francisco I, por supuesto, es ahora la cabeza de esta religión falsa. Si una persona participa activamente en una Misa ofrecida «juntamente con Tu siervo, nuestro Papa…», afirma que la entidad de la cual Bergoglio es la cabeza, es ante Dios, la Iglesia Católica. Así, aún sin intención de negar la fe directamente, por sus acciones el participante la niega «indirecta e implícitamente.» [51]

E. Violación de la Ley de la Iglesia

Los decretos de la Santa Sede han prohibido repetidamente nombrar a clérigos heréticos o cismáticos en oraciones litúrgicas.

Así, un decreto de 1669 prohibió a un diácono cantar los nombres de herejes en la liturgia [52], y un decreto de 1673 prohibió a un sacerdote nombrar al Patriarca de los armenios (hereje y cismático) en las oraciones de la Misa [53].

La prohibición general de nombrar a herejes y cismáticos se repite en la Bula de 1756 del Papa Benedicto XIV ya citado:

> «Por consiguiente, donde por costumbre se hacen conmemoraciones en la sagrada liturgia, primero debe conmemorarse al Romano Pontífice, luego al propio Obispo y Patriarca, siempre que sean católicos. Pero si cualquiera de ellos o ambos son cismáticos o herejes, de ninguna manera deben conmemorarse.» [54]

Personalmente, mi dato favorito sobre asuntos "ecumenistas" es un decreto de 1636 de la Sagrada Congregación para la Propagación de la Fe. La Congregación no solamente prohibió cantar una aclamación por el Patriarca cismático de Constantinopla, sino que añadió que siendo los Patriarcas también herejes, merecían ser maldecidos en cambio:

> "La Sagrada Congregación instruyó al obispo rechazar de su iglesia a los griegos que cantaban estas aclamaciones, si podía hacerlo efectivamente así, porque los Patriarcas de Constantinopla no sólo eran cismáticos, sino también heréticos, y en consecuencia más bien merecedores de imprecación." [55]

En cualquier caso, autores posteriores como el teólogo de la Taille también hablan de la prohibición general:

> «Por lo tanto, si alguien mencionara por su nombre a un infiel, hereje, cismático, o excomulgado (sea rey, obispo, o cualquier otro) en la oración Te Igitur o en nuestra conmmemoratio pro vivis, ciertamente violaría la ley de la Iglesia.» [56]

Nótese que de la Taille explícitamente dice que nombrar a un hereje en la primera oración del Canon — la oración que estamos discutiendo — es una violación de la ley de la Iglesia. En una Misa una cum, el participante ve con buenos ojos esta violación de la ley de la Iglesia.

F. Participación en un Pecado

Aparte de esto, de la Taille sostiene que mencionar a un hereje por su nombre en cualquier oración litúrgica también es pecado:

> «Además, dado que hoy la Iglesia ni en la commemoratio pro vivis ni en ninguna otra parte de la Misa recomienda por su nombre a alguien vivo a menos de considerarlo en comunión con ella, hoy también parecería pecado mencionar por su nombre, en cualquier oración litúrgica, a un infiel, hereje, cismático, o excomulgado. Esta privación de los sufragios comunes de la Iglesia de ninguna manera se limita solo a los excommunicati vitandi, como puede verse en el Código de Derecho Canónico (can. 2262, § 1. [57]).» [58]

Tampoco sería moralmente permisible asistir a un rito donde se hiciera tal cosa. En 1729 la Sagrada Congregación Vaticana para la Propagación de la Fe decretó:

> "… Apenas hay rito alguno entre los heterodoxos que no esté manchado con algún error en la fe… especialmente donde se hace conmemoración de Patriarcas y Obispos vivos — cismáticos y herejes — que son proclamados predicadores de la Fe católica. Por esta razón, los católicos que se congreguen bajo circunstancias como ésta para celebrar un rito de oración y culto no pueden excusarse del pecado de culto común perverso, o al menos del pecado de escándalo pernicioso." [59]

Asistiendo activamente a una Misa una cum, la persona participa en este pecado — agravado por cometerse segundos antes de que la Víctima Inmaculada sea bajada al altar.

G. Ofrecimiento de Misa con Bergoglio

Cuando hablamos de los diversos significados gramaticales posibles de la frase una cum [60], señalábamos que el segundo significado era el de un adverbio modificador de la frase ofrecemos —ofrecemos el sacrificio junto a o en unión con nuestro Papa.

Esta es la interpretación que de la Taille hace de la frase; la presenta como otra parte de su explicación de por qué se excluyen de la oración los nombres de herejes y cismáticos:

> «… los sacerdotes se fueron acostumbrando gradualmente a no encomendar a vivos en estos sufragios públicos de la Iglesia, excepto quienes pudieran ser contados entre aquellos con quienes se los consideraba ofrecer el sacrificio, nótese también el dicho de San Isidoro: «La tercera oración [que viene después del anuncio de los nombres en los dípticos] se dice por los oferentes». Lo mismo también resulta claro de la fórmula actual que se encuentra en nuestro propio Canon Romano al final de la oración Te Igitur, la primera oración del Canon, donde el celebrante dice: «Ofrecemos… juntamente con nuestro Papa N., y nuestro Obispo N. (y nuestro Rey N. y todos los cultores ortodoxos de la fe católica y apostólica». La costumbre era no mencionar nombres en la lista de los vivos, excepto el de quienes estuvieran explícitamente unidos con el sacerdote en el ofrecimiento del sacrificio.» [61]

En consecuencia, si usted participa activamente en una Misa en la cual se nombra a Bergoglio en el Canon, usted está unido a él por participar en el Sacrificio. Es como si el mismo astuto hereje inesperadamente emergiera de la sacristía de vuestra capilla tradicionalista local para oficiar Misa para usted y darle la Sagrada Comunión.

H. Reconocimiento de un Usurpador

Al prohibir la Iglesia el culto común con herejes y cismáticos, uno de sus motivos fue negar reconocimiento a usurpadores e intrusos en oficios de la Iglesia.

Así en 1791, cuando el gobierno revolucionario de Francia hubo establecido una “Iglesia” Constitucional cismática y asignó a sedes diocesanas y parroquias, obispos y sacerdotes de su elección, el Papa Pío VI prohibió a los católicos asistir a ceremonias dirigidas por estos intrusos:

> «Mantened lo más lejos posible de vosotros toda intrusión y cisma… Ante todo, evitad y reprobad a los intrusos sacrílegos… Manteneos lejos de todos los intrusos… no tengáis comunión con ellos, especialmente en el culto divino.» [62]

En 1753, cuando el Santo Oficio publicó una prohibición en contra del culto común con herejes y cismáticos griegos, la primera razón dada fue «especialmente porque ellos conmemoran al Patriarca de Constantinopla» [63].

Además de los otros peligros para la fe planteados por el culto común con herejes y cismáticos, Monseñor Francis Kenrick (Arzobispo de Baltimore, 1851-1863) señaló también como razón para evitar tales ceremonias el reconocimiento de un usurpador:

> «No está permitido comunicar in divinis con herejes o cismáticos: …todos admiten que está mal cada vez que conlleve… el reconocimiento de un oficio usurpado.» [64]

Por el hecho de asistir a una Misa una cum, el participante reconoce como papa a quien en otras circunstancias llamaría usurpador.

I. Pecado de Escándalo

El escándalo es «cualquier conducta que tiene al menos la apariencia de mal y que da al prójimo ocasión de ruina espiritual» [65]. El escándalo puede ser directo o indirecto. El escándalo indirecto ocurre cuando alguien «realiza una acción aparentemente mala que es sólo ocasión probable de pecado para el prójimo, como lo es el mal ejemplo» [66].

La legislación de la Iglesia que prohibió a los católicos participar activamente en el culto con herejes y cismáticos, invariablemente mencionaba el escándalo como una de las razones de la prohibición. Los herejes y cismáticos concluirían que un católico en culto común con ellos aprobaría sus errores o su rebelión.

Así, la Congregación para la Propagación de la Fe advirtió en 1729:

> «Cuándo ven a los católicos ir a sus iglesias, asistir a sus ritos y participar en sus sacramentos, ¿no deberá creerse (o al menos temerse) que por este solo hecho se sentirán más fuertemente confirmados en sus errores, y también persuadidos por este ejemplo de que marchan por el recto camino de la salvación?
>
> «De esto se sigue que es más difícil evitar el peligro de escándalo pernicioso para los mismos herejes y cismáticos. Por esa razón, un católico no puede estar seguro de conciencia si practica esta clase de culto junto con ellos.» [67]

Cuando una persona asiste activamente a una Misa una cum, los presentes asumirán que consiente en nombrar a Francisco I como verdadero “papa”, o que considera esa práctica moralmente indiferente. Entonces pueden sacar la conclusión general de que la identidad del Romano Pontífice (podrían pensar: ¿Es Bergoglio verdadero papa o no?) o la sujeción real a él, es asunto sin ninguna consecuencia práctica para, según ellos, un “católico”. O pensarían que: ¡los actos no significan nada ni siquiera para un sujeto que afirme que Francisco no es papa como él!

Tal cosa, obviamente, es una ocasión de «ruina espiritual».

J. El Clero de la “Resistencia”

Las anteriores nueve secciones se aplican a todas las Misas una cum, no importa bajo qué auspicios se ofrezcan.

Sin embargo, las Misas una cum ofrecidas por sacerdotes de la SSPX, sus afiliados, y muchos sacerdotes independientes, plantean un problema adicional. Por un lado, estos sacerdotes afirman en el Canon y en declaraciones públicas que reconocen a Bergoglio como verdadero “papa”; por otro lado, realizan su ministerio sacramental independientemente y sin ninguna sujeción ni a Francisco I ni a los “obispos” diocesanos en unión con él. Hablan de su «resistencia al papa” — y por esta razón, aquí nos referiremos a ellos como al clero de la «resistencia».

A simple vista, por supuesto, la posición de la resistencia es incoherente. Pero además contradice una de las mismas razones por las cuales la Iglesia insertó la cláusula del una cum en el Canon en primer lugar: expresar la relación que debe existir entre el Sumo Pontífice y quienes ejercen el ministerio sacramental de la Iglesia. Como explicó el Cardenal Bona en su comentario sobre el una cum: «La unidad del ministerio sacerdotal desciende del trono de Pedro.» [68]

Para ser parte de este ministerio, un sacerdote u obispo debe tener delegación legítima (autorización apropiada) para todos los sacramentos que él confiere, porque los sacramentos pertenecen a la Iglesia. Al principio de su tratado en cinco volúmenes sobre los sacramentos, Cappello explica:

> «Dado que la confección y administración de los sacramentos está divinamente encomendada al ministerio de la Iglesia, es en sí es evidente que los sacramentos sólo pueden ser conferidos por alguien legítimamente delegado por esa misma Iglesia.» [69]

Por otra parte, los sacerdotes y obispos a quienes falta esta delegación cometen pecado cuando confieren los sacramentos. En el caso de la Misa, además, sus oraciones no tienen eficacia, porque no la ofrecen en la persona de la Iglesia.

Santo Tomás de Aquino dice que, aunque los sacerdotes separados de la unidad de la Iglesia consagran válidamente la Eucaristía:

> «sin embargo, no consagran lícitamente, sino que pecan consagrando así. Por consiguiente, no reciben el fruto del sacrificio, que es el sacrificio espiritual…
>
> «… fuera de la Iglesia no se ofrece el sacrificio lícitamente. Por lo que fuera de la Iglesia no puede haber sacrificio espiritual, que es el verdadero sacrificio en lo que se refiere al fruto…
>
> «En las oraciones de la Misa el sacerdote habla en nombre de la Iglesia, a la que está unido. Por lo tanto, si el sacerdote separado de la unidad de la Iglesia celebra la Misa, puesto que no pierde la potestad del orden, consagra el verdadero cuerpo y sangre de Cristo, pero, por estar separado de la unidad de la Iglesia, sus oraciones no tienen eficacia.» [70]

Por favor nótese la última declaración: porque un sacerdote está separado de la unidad de la Iglesia: «sus oraciones no tienen eficacia».

Cappello resume el punto referente a la Misa:

> «Los sacerdotes separados de la Iglesia, aunque sacrifiquen válidamente en nombre de Cristo, sin embargo no ofrecen el sacrificio como ministros de la Iglesia ni en la persona de la Iglesia. Porque el sacerdote tiene el poder de rezar, interceder y ofrecer en nombre de la Iglesia en virtud de la comisión de la Iglesia, y a este respecto, la Iglesia puede privar al sacerdote separado de sacrificar en su nombre.» [71]

Aparte de la ordenación válida se requiere entonces alguna comisión de la Iglesia si el sacerdote ha de ofrecer Misa in persona Ecclesiae — en la persona no sólo de Cristo, sino también en la persona de Su Iglesia.

He explicado en otra parte con alguna extensión por qué el clero católico tiene una delegación y misión legítima para los sacramentos que confiere [72]. [*O acá]

Pero a la luz de todo lo dicho, ¿puede igualmente un sacerdote de la corriente de la resistencia (SSPX, sus afiliados, y diversos independientes) alegar ejercer su ministerio sacerdotal «en la persona de la Iglesia» si no está de hecho sujeto al hombre que considera como Romano Pontífice?

Pues no — porque basta juntar el reconocimiento de alguien como papa a los principios normativos de la teología moral, la teología dogmática y el derecho canónico, para que las Misas una cum de los sacerdotes de la resistencia resulten todas ser gravemente ilícitas, si no cismáticas.

1 - Misas Gravemente Ilícitas. Los resistentes a través de los años se han reconocido obligados a dar alguna respuesta al cargo de que no actúan in persona Ecclesiae en su ministerio sacramental y que sus actos

ministeriales son ilícitos respecto de la ley eclesiástica. Para resolver el problema de la delegación legítima, los resistentes apelaron entonces a muchos de los mismos principios canónicos generales empleados por los católicos: epikeia, cesación intrínseca de la ley, obligación derivada de la recepción de las Sagradas Órdenes, y necesidad (necesidad común).

El intento más notable de exponer estos principios y aplicarlos al caso de la SSPX y otros resistentes, fue un largo estudio canónico de «Hirpinus». Primero fue publicado en la revista de la SSPX Courier de Rome [Sí sí, no no], y más tarde reimpreso en The Remnant bajo el título «On the Doctrine of Necessity: Does the 'State of Emergency' Really Exist?» («Sobre la Doctrina de la Necesidad: ¿Existe Realmente el 'Estado de Emergencia?'") [73].

Sin embargo, tales argumentos, por impresionantes y bien documentados que parezcan, son completamente fútiles por una razón obvia. En derecho canónico, los principios de epikeia, cesación, obligación de Órdenes, y necesidad común sólo pueden invocarse en ausencia de legislador y de clero al cual el legislador haya encomendado la cura de almas (cura animarum). Y dado que todo el clero de la resistencia reconoce a Bergoglio como "papa", necesariamente lo reconocen como Supremo Legislador también.

Luego, si se pregunta sobre la interpretación de la «intención del legislador» (para que los resistentes invoquen la epikeia), la continuación de la fuerza vinculante de una ley (para invocar cesación), un deber sacerdotal o episcopal (para interpretar las obligaciones de las Órdenes) o la necesidad de suplir al abandono del deber por parte del clero con la cura animarum (para invocar estado de necesidad, necesidad común o «emergencia»), todo lo que el sacerdote resistente necesita hacer es contactar a Francisco I, su "Supremo Legislador". Bergoglio entonces interpretará la ley, determinará si todavía vincula, averiguará la obligación del resistente, y dará órdenes para ocuparse de la emergencia. [*Está claro que no les dará el pase libre a todo lo que hacen]

La apelación a los principios canónicos generales de delegación legítima para conferir sacramentos, entonces, está impedida al sacerdote de «resistencia». Sin tal delegación, su Misa es gravemente ilícita — él no la ofrece in persona Ecclesiae — y por esa razón, el católico no debe participar activamente en ella.

2 - Pecado de Cisma. El segundo problema principal para el clero de la resistencia es que reconocer que alguien sea papa y al mismo tiempo negarse obstinadamente a obedecerlo es virtualmente la definición de los manuales del pecado de cisma.

Los teólogos morales colocan el cisma entre los «pecados contra la paz pública», específicamente, contra la paz de la Iglesia. Son cismáticos:

> «quienes se rehúsan a someterse al Sumo Pontífice (con rebelión, de tal manera que se nieguen obstinadamente a obedecer sus mandatos) y 2) quienes se rehúsan a estar en comunión con quienes le están sometidos (en doctrina, culto, sacramentos). Por lo cual, es obvio que el cisma es pecado gravísimo y mortal ex toto genere." [74]

Que Bergoglio en realidad no sea verdadero papa no excusa de cisma a los resistentes. Ellos profesan que él es verdadero "papa" y lo resisten como tal. Es en la mentira que está la malicia del acto — lo mismo que un hombre que deliberadamente pisara una hostia sin consagrar pensándola consagrada, sería formalmente culpable del pecado de sacrilegio.

Los canonistas tales como Szal y Wernz-Vidal [75] desarrollan un poco más la enseñanza de la teología moral sobre el cisma cuando establecen cuatro requisitos para el delito eclesiástico de cisma. Aunque muchos sacerdotes independientes una cum satisfacen los criterios en grados variables, la SSPX lo hace exactamente y casi punto por punto. Es como si los canonistas de los años 20s y 40s hubieran tenido visiones proféticas de todo el "apostolado" de la SSPX, y luego escribieran a ese propósito una guía Cisma para Principiantes.

Esto puede verse citando los criterios de Szal e intercalando a continuación algunas de las acciones de la SSPX:

Szal: «1) La persona debe apartarse directamente (expresamente) o indirectamente (por medio de acciones) de la obediencia al Romano Pontífice, y separarse de la comunión eclesiástica con el resto de los fieles, aun cuando la persona no adhiera a una secta separada cismática;» [76]

SSPX: Mediante la palabra y la acción, se apartó de toda semejanza de obediencia a Paulo VI y sus sucesores, y se separó de la comunión con los obispos diocesanos que los representaban.

Szal: «2) La persona debe apartarse obstinadamente y con rebelión;»

SSPX: Década tras década, empecinadamente ignoró órdenes de cesar de violar la ley eclesiástica, y abiertamente desafió a superiores putativos, eventualmente caracterizándolos como «Anticristos».

Szal: «3) el apartamiento debe estar en relación a las cosas por las cuales se constituye la unidad de la Iglesia;»

SSPX: Establece un "apostolado" mundial, gobernado por sus propios superiores, leyes y tribunales — un "apostolado" que es paralelo a e independiente de la jerarquía que reconocen por el "Romano Pontífice", y que confiere sacramentos sin referencia a la autorización de sus representantes debidamente designados.

Szal: «4) no obstante su desobediencia formal, el cismático debe reconocer al Romano Pontífice como el verdadero pastor de la Iglesia universal, y profesar como artículo de fe que se ha de prestar obediencia al Romano Pontífice».

SSPX: Al mismo tiempo, ha pretendido repetidamente —de hecho, insistido— que reconoce a Paulo VI y sus sucesores como papas legítimos y verdaderos pastores de la Iglesia.

En el 2002 Mons. Donald Sanborn resumió concisamente el dilema planteado por las Misas ofrecidas por la SSPX y el resto del clero de la resistencia:

> «Así, la Misa una cum resulta ser una Misa objetivamente cismática de cualquier aspecto que se la tome:
>
> «(a) Si, a los fines del argumento, Francisco I fuera Papa, la Misa no autorizada [que no sea del "Motu", de la FSSP, etc.] es cismática, por no ser dicha en la persona de la Iglesia.
>
> «(b) Si Francisco I no es Papa, entonces la Misa una cum es cismática por ser dicha en unión con, bajo los auspicios de, un falso papa y una falsa iglesia.
>
> «En ningún caso el sacerdote tiene por qué decirla." [77]

Las consecuencias para el que participa activamente en Misas una cum ofrecidas por sacerdotes de la corriente de la «resistencia» deberían entonces ser bastante claras: él no sólo reconoce a un falso papa, sino que también consiente implícitamente a la noción de que sea permisible negar sumisión a un verdadero papa — la esencia del pecado de cisma. Y por estas razones el católico no debe asistir.

IV. Objeciones y Respuestas

En la sección anterior hemos presentado al menos diez razones por las que el católico no debe participar activamente en una Misa una cum — porque constituye una mentira perniciosa, profesión de comunión con herejes, reconocimiento de la "iglesia" ecuménica, profesión implícita de una falsa religión, violación de la ley de la Iglesia, participación en un pecado, ofrecimiento de Misa con un hereje, reconocimiento de un

usurpador, pecado de escándalo, (donde está implicado el clero de la «resistencia») participación en Misas gravemente ilícitas y pecado de cisma.

Algunos de estos argumentos ya se han presentado en otra parte y provocaron varias objeciones, que ahora contestaremos.

A. El Papa Martín V y el Cardenal de Lugo

Objeción: La Constitución "Ad Evitanda» del Papa Martín V y la enseñanza del teólogo de Lugo permiten a los católicos en casos de necesidad asistir a Misa con, y recibir los sacramentos de, herejes y cismáticos no declarados cuando se usa un rito católico. Los sacerdotes que ofrecen Misas "una cum» no han sido declarados herejes ni cismáticos por la Iglesia, y usan un rito católico. Por lo cual, está permitido asistir a sus Misas.

El pasaje de Ad Evitanda (1415) que se cita en apoyo de la objeción dice lo siguiente:

«… nadie de ahora en adelante estará obligado a abstenerse de la comunión con otros en la administración o recepción de los sacramentos ni en cualquier otro acto religioso o no religioso… bajo pretexto de cualquier sentencia o censura eclesiástica promulgada en general, ya sea por el derecho o por un individuo; a menos que la sentencia o censura en cuestión haya sido específica y expresamente publicada o proclamada por un juez acerca o en contra de una determinada persona, colegio, universidad, iglesia, comunidad o lugar…» [78]

Pero ni este pasaje ni el comentario que le hace de Lugo rebaten uno solo de los argumentos contra las Misas una cum presentados en la sección III.

1 - Un Principio Irrelevante. Nótense las palabras de la cita que hemos destacado en negrita: «sentencia o censura eclesiástica.» Se refieren o bien a juicios pronunciados por un tribunal eclesiástico, o a censuras tales como la excomunión.

Ninguno de nuestros argumentos contra la asistencia a Misas una cum se basa en los efectos de sentencias o censuras eclesiásticas tales como la excomunión. Frente a esto, Ad Evitanda es, entonces, irrelevante a nuestra actual discusión.

Esto resulta aún más evidente por el contexto histórico en el cual fue publicado el documento.

Martin V promulgó Ad Evitanda en el Concilio de Constanza (1414-1418) que acabó con el Gran Cisma de Occidente (1378-1417), período turbulento en la historia de la Iglesia con múltiples pretendientes al papado.

Antes de Ad Evitanda, el derecho canónico prohibía al católico comunicar de cualquier manera — en asuntos religiosos o seculares — con alguien que estuviera excomulgado. Quienes violaban esta prohibición incurrían ellos mismos en una censura, la excomunión menor, que los privaba de los sacramentos. Desde que los diversos pretendientes papales excomulgaron cada uno a los seguidores del otro, la perspectiva de incurrir en excomunión menor causó gran preocupación al laicado por todos lados. Ad Evitanda suprimió esta segunda censura, a menos que la persona con quien uno comunicara hubiera sido oficialmente declarada excomulgada por un juez eclesiástico [79].

Con respecto a si Ad Evitanda todavía pudiera aplicarse, el Código de 1917 no la cita como fuente para la prohibición del culto común con herejes y cismáticos (canon 1258) [80], sino sólo como fuente para la prohibición de recibir sacramentos de un clérigo excomulgado vitandus [81] (canon 2261 §3) [82]. Esta es la legislación eclesiástica sobre la primera cuestión (culto común con herejes y cismáticos), no sobre la segunda (recepción de sacramentos de un clérigo excomulgado), que hemos empleado para basar algunos de nuestros argumentos de la sección III.

2 - Los Requisitos de Lugo. Sea como fuere, el teólogo jesuita de Lugo (1583-1660), entre otros, efectivamente enseñó que la Constitución de Martín V permitió a los católicos recibir sacramentos de herejes

que no hubieran sido declarados excomulgados.

De Lugo añadió dos condiciones, sin embargo:

(1) que el rito usado por los herejes fuera un rito católico y (2) que la participación del católico no fuera ilícita por alguna otra razón, como escándalo o negación implícita de la fe [83].

El escándalo y la negación implícita de la Fe son, por supuesto, algunas de las razones explícitamente aducidas en la sección III contra la participación activa en Misas una cum. Citar a de Lugo, entonces, rebate la objeción en vez de apoyarla.

3 - Rechazo del Santo Oficio. En todo caso, más tarde la Santa Sede desechó la interpretación liberal que de Lugo y otros habían dado a Ad Evitanda en relación al culto común con no católicos.

En un pronunciamiento de 1753 que citaba al Papa Benedicto XIV, el Santo Oficio declaró que Ad Evitanda permitía a los católicos comunicar «en materias meramente civiles y seculares» con herejes que no hubieran sido expresamente declarados tales por su nombre. Sin embargo:

> «Los católicos no deben pensar por eso que sea también permisible participar juntamente con estos mismos herejes en actos de culto divino«.

El decreto continuaba nombrando a varios teólogos que habían enseñado lo opuesto, incluido de Lugo, y afirmó finalmente:

> «En esta materia es casi imposible de aceptar que los católicos que se asocian en culto sagrado con herejes y cismáticos estén excusados de pecado. Por esta razón, las Sagradas Congregaciones Romanas del Santo Oficio y de la Propagación de la Fe siempre juzgaron ilícita una tal comunión.» [84]

Nótese el fuerte lenguaje: es «casi imposible… estar excusado de pecado«, y la Santa Sede «siempre juzgó ilícita una tal comunión».

Para futuras apelaciones a Ad Evitanda o a de Lugo sobre la cuestión de las Misas una cum, el decreto de 1753 es, entonces, el golpe de gracia.

B. Ausencia de Declaración Oficial

Objeción: Alguien que no ha sido oficialmente declarado hereje o cismático puede ser mencionado por su nombre en el Canon de la Misa. Pero Francisco I no ha sido oficialmente declarado hereje o cismático. Por lo cual, Francisco I puede ser mencionado por su nombre en el Canon de la Misa. Por lo cual, está permitido asistir a una Misa donde se mencione su nombre.

(1) La suposición oculta en la premisa mayor es falsa. Como hemos visto más arriba, de la Taille dice:

> «Esta privación de los sufragios comunes de la Iglesia de ninguna manera se limita a los excommunicati vitandi, como puede verse en el Código de Derecho Canónico (can. 2262, § 1 [85]).» [86]

Por lo demás, los diversos pronunciamientos del Vaticano citados arriba no hicieron distinción entre herejes «declarados» y «no declarados». El decreto de 1729 decía que los católicos que participaran en ritos en que se conmemorara a herejes y cismáticos «no pueden excusarse del pecado de culto común perverso» [87]. No añadió que no hubiese ningún pecado si se conmemoraba a herejes y cismáticos «no declarados». Tampoco

cuando en 1756 el Papa Benedicto XIV prohibió conmemorar a cismáticos y herejes en la sagrada liturgia, limitó la prohibición a herejes y cismáticos «declarados». [88]

(2) Análogamente, la premisa mayor tampoco se sostiene a la luz de las reglas generales de derecho canónico y teología pastoral. Estas normas prohíben ofrecer Misa públicamente por un hereje o cismático, punto [89]. No limitan la prohibición al hereje «declarado».

C. Oración por un "papa" Material solamente

Objeción: Según la "tesis" Cassiciacum, Francisco I, por ser hereje, no es papa «formalmente» (= él carece de la autoridad papal), pero es papa «materialmente» (= él tiene sólo la designación legal para ocupar la Sede). Se puede entonces entender la oración ofrecida por él en el Canon de una Misa una cum como hecha por Francisco I como papa material solamente. Por lo cual, está permitido asistir a una Misa donde se mencione su nombre.

Decir (como los adherentes a la "Tesis" de Cassiciacum) que Francisco I es «papa material solamente» significa que él es de hecho un falso papa y que carece de autoridad papal (la «forma» del oficio papal).

Los diversos significados lingüísticos y teológicos del una cum en el Canon, sin embargo, sólo pueden ser aplicados a un verdadero papa que posea autoridad papal —ejemplo: cabeza de la Iglesia, Vicario de Cristo, Sucesor de Pedro, principio de unidad, pastor visible, etc.

Ninguno de estos puede ser atribuido a alguien que carece de dicha autoridad, como lo es Bergoglio según su "Tesis". Así, la oración una cum no se puede entender como referida a un "papa material" solamente.

D. Can. 2261: Sacramentos de Excomulgados

Objeción: A los fines del argumento, permítasenos asumir lo peor sobre los sacerdotes que ofrecen Misas «una cum» — que el clero del Motu es herético, que el clero de la «resistencia» es cismático, y que ambos grupos están excomulgados. Pero según el canon 2261 §2 los fieles pueden, por cualquier justa razón, pedir los sacramentos a un clérigo excomulgado (siempre y cuando no sea un «vitandus»), especialmente si faltan otros ministros, y el clérigo excomulgado puede administrarles los sacramentos. Por lo cual, está permitido participar activamente en una Misa una cum.

(1) La apelación al canon 2261 es de hecho un argumento que mezcla manzanas con naranjas.

Ninguno de los argumentos que he aducido en contra de la asistencia a una Misa una cum se basa en la noción que el clero que la ofrece haya incurrido en la censura eclesiástica de excomunión.

(2) El canon 2261, en todo caso, trata exclusivamente de la recepción de un sacramento. Es verdad que a veces es permisible recibir un sacramento (ejemplo: la penitencia) no sólo de un sacerdote excomulgado, sino también, bajo ciertas condiciones restringidas, de un hereje o un cismático.

(3) El tema de la recepción de un sacramento, sin embargo, es distinto de uno que he abordado arriba: la participación activa en el culto público común, específicamente en la Misa.

En este caso, como lo hemos notado en la sección II, el laico no se limita a recibir algo (la absolución, un carácter sacramental, etc.), sino que participa activamente según su estado en el ofrecimiento del Santo Sacrificio.

Y es en la mentira que está el problema para el católico que asistiera a una Misa una cum, pues actuando así participaría en una mentira perniciosa, en la comunión con herejes, en la profesión de una falsa religión, etc.

E. El Precepto Dominical

Objeción: Los católicos deben asistir a Misa los domingos y días de precepto, a menos de estar excusados por alguna razón legítima. Que se nombre a un falso papa en el Canon de la Misa no es una razón legítima. Por lo cual, se debe asistir a Misa en domingo o día de precepto aunque se nombre a un falso papa en el Canon.

Como todo el mundo sabe, la ley de la Iglesia y la teología moral admiten diversas causas que excusan del precepto dominical.

Ya hemos demostrado que está mal participar activamente en ritos cuyas circunstancias connoten la profesión de una falsa religión [90], en los que se proclame a herejes o cismáticos (declarados o no) como maestros de la Fe católica [91], o en los que se reconozca a usurpadores la posesión de autoridad legítima [92], y que estas condiciones están presentes en una Misa una cum.

Éstas (obviamente) caerían entre las razones al menos moderadamente serias que implican «daño espiritual notable», y según los principios generales de teología moral excusan de la obligación de asistir a Misa [93].

F. Tolerancia del Mal por un Bien Mayor

Objeción: A veces puede tolerarse un mal por un bien mayor. Mencionar el nombre de Francisco I en el Canon es un mal, pero la asistencia a Misa es un bien mayor. Por lo cual, se puede tolerar el mal de mencionar el nombre de Francisco I por asistir a Misa.

Sólo puede tolerarse un mal si eso no implica realizar un acto intrínsecamente malo.

En este caso, sin embargo, ya hemos demostrado que la persona que participa activamente en una Misa una cum se compromete en una acción que es una mentira perniciosa — que «daña a Dios en materia de religión… [un] pecado mortal por su misma naturaleza, debido al mal adjunto» [94], — que «significa la profesión de una falsa religión» [95], que participa en un pecado [96], etc.

Éstos son actos intrínsecamente malos. Por lo tanto, no podrían ser tolerados por un bien percibido como mayor — tampoco el de asistir a Misa.

G. El sacerdote tiene Buenas Intenciones

Objeción: El sacerdote del “Motu» válidamente ordenado, el sacerdote de la SSPX o independiente que pone el nombre de Francisco I en el Canon suele actuar en buena conciencia y con buena intención. Con respecto a la cuestión del papa, él no sabe. Por lo cual, está permitido asistir a sus Misas.

(1) La objeción de que el sacerdote «tiene buenas intenciones» —el sacerdote no advierte la importancia objetiva de lo que hace— es el argumento de ignorancia.

Tal argumento es una admisión implícita de que el acto que el sacerdote realiza es malo en sí mismo: «El Padre [hace algo malo pero debemos excusar este mal porque] tiene buenas intenciones.»

(2) En las secciones anteriores hemos demostrado lo que significa la frase una cum y por qué está mal que el católico participe activamente en una Misa una cum. Todo esto se ha fundamentado en principios objetivos que pueden encontrarse en libros de teología.

El estado mental del celebrante —si él está en buena conciencia, si tiene buena intención, si no sabe, etc.— es irrelevante. Eso no cambia lo que una cum significa litúrgica y teológicamente, ni puede negar los principios que deciden que esté mal que el católico asista a una tal Misa.

El tema no es si el sacerdote sabe. Puede dejar de examinar el cerebro del sacerdote — porque usted sí sabe.

H. Sedevacantistas en secreto en la SSPX

Objeción: Algunos sacerdotes que ofrecen la Misa bajo los auspicios de la SSPX son de hecho sedevacantistas secretos y no ponen el nombre del falso papa en el Canon. Tales Misas no son “una cum» el falso papa. Por lo cual, se es libre de asistir a esa Misa.

Aquí vienen a la mente los libellatici — los cristianos que durante la persecución deciana (alrededor de 250) no ofrecían en realidad el grano de incienso a los dioses, pero que, para evitar la persecución, daban la impresión de hacerlo obteniendo certificados de conformidad (libelli) [97].

La SSPX reconoce públicamente a Francisco I como verdadero papa y exige oficialmente a sus miembros rezar por él como tal en el Canon. Sus “capillas” ofrecen folletos que enuncian claramente esta posición, y en la mayoría de los casos exhiben destacadamente una foto de Francisco I en el vestíbulo.

Esto crea una presunción pública de que un sacerdote de allí adhiere a la posición de la organización a la que pertenece, y que de acuerdo con ello, pone el nombre del falso papa en el Canon.

En mi opinión, la única manera de que un sacerdote de la SSPX elimine dicha presunción es sacando la foto de Bergoglio del vestíbulo de su capilla y anunciando al principio de cada Misa que él no pone el nombre de Francisco I en el Canon. [*Y claro está, que esa “sociedad” no le dará tal permiso]

I. Conflicto de opiniones entre Sacerdotes

Objeción: Algunos sacerdotes, siendo ellos mismos sedevacantistas, creen que es permisible participar activamente en Misas “una cum» si no hay ninguna otra Misa disponible. Habiendo desacuerdo aun entre sacerdotes sobre el tema, hay una “duda», y en materias dudosas, dice San Agustín, hay libertad. Por lo cual, se es libre de asistir a una Misa “una cum».

Las conclusiones de estos sacerdotes no son mejores que sus razones. Los argumentos típicos que suelen presentarse son algo como esto: (1) el laicado no tiene ningún otro lugar para ir a Misa, (2) el sacerdote que ofrece la Misa una cum tiene buenas intenciones, o (3) los presentes no saben que la Misa es una cum.

Mi impresión es que éstos son argumentos espontáneos, en vez del resultado de una investigación extensiva. Y todos los sacerdotes, Dios lo sabe, tenemos mucho que hacer, y la investigación consume gran cantidad de tiempo.

Pero dado que el tema necesariamente implica cuestiones muy serias —la identidad del Romano Pontífice, la participación en el mal, la comunión con herejes, y la potencial violación de leyes eclesiásticas, por mencionar algunas— los argumentos espontáneos simplemente no bastan.

Si un sacerdote sedevacantista no encontrara convincentes las pruebas y conclusiones presentadas aquí, que investigue los temas litúrgicos, históricos, canónicos y teológicos, y entonces presente sistemáticamente sus propios argumentos.

J. Ningún lugar para ir a Misa

Objeción: El número de sacerdotes católicos que dicen la Misa es relativamente pequeño comparado con el gran número de Misas “una cum» (Motu, SSPX e independientes). El argumento de ustedes es lógico, pero si fuera estrictamente aplicado en la práctica, muchos sólo podrían asistir a Misa ocasionalmente con gran dificultad, o no tendrían absolutamente ningún lugar para ir a Misa. Se privarían a sí mismos y a sus hijos de las gracias de la Misa, y eventualmente perderían la fe.

“El número de sacerdotes católicos es relativamente pequeño” — pero es mucho mayor que hace apenas una década y va en aumento. Se espera que estos sacerdotes puedan extender su apostolado poco a poco, tal como lo hicieron los sacerdotes ordenados en mi generación, cuando no había casi nadie que ofreciera la Misa lícita.

Con respecto a privarse de las gracias de la Misa, seré tajante: no hay ni una sola gracia recibida para quien participa activa y conscientemente en una mentira sacrílega. [*«Por consiguiente, no reciben el fruto del sacrificio, que es el sacrificio espiritual» [98]]

Y con respecto a los hijos, la experiencia me dice que sucederán una de estas dos cosas: o se les corromperá la fe (ya sea por criptomodernismo del Motu o por los errores de la SSPX sobre el papado) o se les socavará el respeto por el Sacerdocio Católico (por los intentos de corregir los errores que el clero criptomodernista les trató de inculcar).

He sido sacerdote por más de tres décadas, y he visto a muchas familias que eran sólidamente tradicionalistas rendirse paso a paso a la nueva religión por una decisión de ir a una Misa una cum «conveniente». La constante exposición a quienes enseñan el error —ya sea el anciano Mons. Estrafaláriez en la Misa una cum del Motu, o el Abbé du Fromage Legrand en la capilla de la SSPX en Kalamazoo— lentamente corroe la fe y todas las buenas resoluciones. Es solo un error el que ellos enseñan, se piensa, o es solo una frase en la Misa que dicen la que es mala — pero eso dispone a la persona a infringir muchísimo más.

Y es precisamente por esta razón que la Iglesia —con su comprensión extensa de la naturaleza humana caída— repetidamente prohibió a los católicos participar en un rito que comprometería su fe.

Pero aun cuando tal peligro no estuviera presente, el participante continuaría enfrentándose a la conclusión inevitable producida por el peso de todas las pruebas ya presentadas: la participación activa en una Misa una cum es intrínsecamente mala.

V. Resumen y Conclusión

NUESTRA PREGUNTA inicial fue simple: Si debemos asistir activamente a una Misa una cum —ofrecida por un sacerdote válidamente ordenado que en la primera oración del Canon recita la frase: juntamente con Tu siervo, nuestro “papa” Francisco.

Aunque nuestra pregunta era simple, hemos cubierto bastante terreno para contestarla, he aquí entonces un resumen.

(I) El Significado de la Oración. ¿Qué es lo que significa esa oración, para empezar?

Desde la perspectiva del significado lingüístico, poner el nombre de Bergoglio en el una cum del Canon no sólo afirma que él es verdadero papa, sino también que es un miembro de la verdadera Iglesia.

El católico rechaza firmemente ambas proposiciones, especialmente porque los canonistas y teólogos citados para sustentar el sedevacantismo afirman que la pérdida del pontificado por parte de un sujeto que consideran “papa” y que es herético, es producida por su pérdida de participación como miembro de la Iglesia. [*O que nunca hubiese sido papa, debido a que previo a la usurpación no era católico]

Los significados teológicos habituales adjuntos al una cum crean aún más problemas para el participante.

Estos afirman que el hereje/falso papa Bergoglio es cabeza de la Iglesia, Vicario de Cristo, Sucesor de Pedro, principio de unidad, y nuestro intermediario autorizado ante Dios Todopoderoso. La mención del nombre del hereje es «prueba de la ortodoxia» de quienes ofrecen la Misa, y signo de que «no están separados de la comunión con la Iglesia universal». Y el católico considera todas y cada una de esas proposiciones como un horror teológico, son blasfemias.

(II) La Participación y Consentimiento. El que asiste a una Misa una cum no puede sostener creíblemente que él «retenga su consentimiento» a la frase no aplicable a un heresiarca.

Hemos enumerado al menos nueve modos en que el católico participa activamente cuando se celebra una Misa. Cada uno de estos constituye una verdadera forma de participación activa, lo cual a su vez (según los teólogos citados) constituye «cooperación o acción común con otro en las oraciones y funciones del culto».

Diversos papas y teólogos anteriores al conciliábulo enseñaron además que el laicado que asiste activamente a Misa, haciéndolo, manifiesta su consentimiento y su cooperación moral con el sacerdote que ofrece el sacrificio.

Finalmente, en esa sección hemos demostrado que los Padres de la Iglesia, y el mismo Papa Pío XII en la Encíclica Mediator Dei, enseñan específicamente que los fieles que asisten activamente a Misa ratifican, asienten y participan en las oraciones del Canon que recita el sacerdote, aun cuando ellos mismos no recitan estas oraciones vocalmente.

De aquí resulta claro y más allá de toda duda que la persona que asiste activamente a una Misa una cum consiente y coopera moralmente con la acción del sacerdote que proclama ofrecer el sacrificio juntamente con Tu siervo, nuestro “papa” Francisco — el archihereje y falso papa Bergoglio.

(III) Por qué No se debe Participar. Establecido lo que significa una cum, y cómo los presentes participan en su uso, hemos explicado por qué el participante activo en una Misa una cum:

(1) Dice una mentira perniciosa.

(2) Profesa comunión con herejes.

(3) Reconoce como legítima a la “Iglesia Ecumenista Universal”.

(4) Profesa implícitamente una falsa religión.

(5) Condona una violación de la ley de la Iglesia.

(6) Participa en un pecado.

(7) Ofrece Misa en unión con el hereje/falso papa Bergoglio.

(8) Reconoce al usurpador de un oficio eclesiástico.

(9) Da ocasión para el pecado de escándalo.

(10) En el caso de las misas ofrecidas por el clero de la «resistencia» (SSPX, sus afiliados y muchos sacerdotes independientes), participa en misas gravemente ilícitas y condona el pecado de cisma.

LA RESPUESTA a nuestra simple pregunta, entonces, es un No— el católico no debe participar en una Misa una cum.

A la luz de las enseñanzas de papas, teólogos, canonistas, moralistas y liturgistas en los temas que hemos examinado, la conclusión anterior, en mi opinión, es la única posible.

El tema de cómo, a falta de acceso regular a Misa, los católicos pueden mantener mejor su fe, práctica religiosa y vida espiritual; será objeto de otro artículo. La tarea no es imposible. [99]

Naturalmente, los católicos fieles aman entrañablemente la Misa y la aprecian como el medio principal por el cual Dios quiere conducirlos a la santidad. Pero el Santo Sacrificio nunca dará frutos para nosotros si lo compramos al precio de la misma verdad, fe, y santidad — al precio de un grano de incienso ofrecido a un hereje, un falso papa y su falsa religión. Porque como el Padre Faber advertía:

«El colmo de la deslealtad a Dios es la herejía. Es el pecado de los pecados, la cosa más abominable que haya a los ojos de Dios en este mundo maligno. ¡Pero qué poco comprendemos su odiosidad excesiva!…

«La miramos, y estamos tranquilos. La tocamos y no nos estremecemos. Nos mezclamos con ella, y no tenemos miedo. La vemos tocar cosas sagradas, y no tenemos sentido de sacrilegio…

«Por no ser severa, nuestra caridad deja de ser veraz, y por no ser veraz deja de convencer. Donde no hay odio de la herejía, no hay santidad» [100].

Noviembre del 2007

BIBLIOGRAFÍA DE ESTE ESCRITO

AGUSTÍN, Santo de Hipona. Homilía de Sacramento Altaris ad infantes 3. PL 46:834-6.

BANCROFT, J. Communication in Religious Worship with Non-Catholics, CUA Studies in Sacred Theology 75. Washington, CUA 1943.

BELARMINO, San Roberto. De Controversiis, Opera Omnia. Nápoles, Giuliano 1836.

BENEDICTO XIV, Papa. Bula Ex Quo, 1º de marzo de 1756. S. D. N. Benedicti Papae XIV Bullarium. Malinas, Hanicq 1827. 4:288-362.

BENEDICTO XIV (P. Lambertini). De Sacrosancto Missae Sacrificio. Prato, Aldina 1843, 3 vols.

BESTE, U. Introductio In Codicem. Collegeville MN, St. John's 1946.

BONA, G. CARD. Le Saint Sacrifice de la Messe. París, Vivès, 1855.

BRIDGE, J. "Libellatici, Libelli", en Catholic Encyclopedia. New York, 1913. 211-2.

BRUYLANTS, P. Les Oraisons du Missel Romain. Lovaina, CDIL 1952. 2 vols.

CAPPELLO, F. Tractatus Canonico Moralis de Sacramentis. Roma, Marietti, 1951. 5 vols.

CEKADA, A. "Canon Law and Common Sense", 1992.

_ "Traditional Priests, Legitimate Sacraments", 2003.

_ "Traditionalists, Infallibility and the Pope", 2ª edición West Chester OH, S.G.G., 2006.

CÓDIGO DE DERECHO CANÓNICO, 1917.

CODICIS IURIS CANONICI FONTES. Roma, Políglota, 1923-1939. 9 vols. ("Fontes").

COLLECTANEA S. C. de Propaganda Fide, 1602-1906. Roma, Políglota, 1907. 2 vols.

CROEGAERT, A. Les Rites et les Priéres du Saint Sacrifice de la Messe. París, Casterman n. d.

DE LA TAILLE, M. The Mystery of Faith. Londres, Sheed & Ward, 1950. 2 vols.

DE LUGO, J. Disputationes Scholasticae et Morales. París, Vivès, 1868.

DE PUNIET, J. OSB. The Mass: Its Origin and History. New York, Longmans, 1930.

ELLEBRACHT, M. Remarks on the Vocabulary of the Ancient Orations in the Missale Romanum. Nijmegen, Dekker, 1963.

FABER, F. The Precious Blood. Baltimore, Murphy, 1868.

FORTESCUE, A. The Formula of Hormisdas, CTS 102. Londres, Catholic Truth Society, 1913.

GASSNER, T. The Canon of the Mass: Its History, Theology, and Art. St. Louis, Herder, 1950.

HALLIGAN, N. The Administration of the Sacraments. New York, Alba House, 1962.

HIRPINUS. "On the Doctrine of Necessity: Does the ?State of Emergency Really Exist?", Remnant. Junio-julio de 2004.

INOCENCIO III, Papa. De Sacro Altaris Mysterio, PL 227:773-916.

IRAGUI, S. Manuale Theologiae Dogmaticae. Madrid, Ed. Studium, 1959.

JUAN CRISÓSTOMO, SAN. Homilia in II Cor., 18. PG 61:523-530.

KENRICK, F. Theologia Moralis. Malinas, Dessain, 1861. 2 vols.

MAERE, R. "Diptych" en la Catholic Encyclopedia. New York, 1913. 5:22-4.

MARTÍN V, Papa. Constitución Ad Evitanda, 1415. Fontes 1:45.

MCHUGH J. y C. Callan. Moral Theology. New York, Wagner, 1929. 2 vols.

MISSALE MIXTUM dictum Mozarabes Sec. Regulam B. Isidori. PL 85:109-1036.

MERKELBACH B. Summa Theologiae Moralis. 8ª ed. Montréal, Desclée, 1949. 3 vols.

OMLOR, PATRICK HENRY. Sedevacantists and the "Una Cum" Problem. Verdale WA, Catholic Research Institute, 2002.

PATROLOGIA GRAECA. Migne ("PG").

PATROLOGIA LATINA. Migne ("PL").

PELAGIO I, Papa. Epistola 5. PL 69:397-9

PÍO VI, Papa. Encíclica Charitas, 13 de abril de 1791. Fontes 2:474.

PÍO XII, Papa. Encíclica Mediator Dei. 20 de noviembre de 1947. Acta Apostolicae Sedis 39 (1947). 521-600.

REGATILLO, E. Institutiones Juris Canonici. 5ª ed. Santander, Sal Terrae, 1956. 2 vols.

REMIGIO DE AUXERRE. De Celebratione Missae et Ejus Significatione. PL 101:1173-1286.

SANBORN, D. "Vatican II, the Pope and SSPX: Questions and Answers", Boletín de la S.S.T. (2002).

_ "Una Cum: Mass 'in Union with our Pope'?", Sacerdotium n° 6 (Invierno 1993), 39-75.

SCHUSTER, I. Card. The Sacramentary (Liber Sacramentorum). Londres, Burns Oates, 1924. 5 vols.

S.C. DE PROP. FIDE. Instrucción Pro Mission. Orient. 1729. Fontes 7:4505.

SANTO OFICIO. Instrucción Communicatio. 22 de junio de 1859. Collectanea S. Cong. de Prop. Fide 1:1176.

_ Decreto Mesopotamia. 28 de agosto de 1669. Fontes 4:740.

_ Decreto Mission. Tenos in Peloponneseo. 10 de mayo de 1753. Fontes 4:804.

SUMMA THEOLOGICA.

SZAL, I. Communication of Catholics with Schismatics, CUA Canon Law Studies 264. Washington, CUA, 1948.

THALHOFER, V. Handbuch der Catholischen Liturgie. Friburgo, Herder n. d.

WERNZ, F. & P. Vidal. Ius Canonicum. Roma, Gregoriana, 1934. 8 vols.

WILSON ed., H.A. The Gregorian Sacramentary under Charles the Great, Edited from Three Mss. of the Ninth Century. Londres, 1915.

Notas de pie de página del autor. Con la excepción de las que en un inicio tengan un *, añadidas por este blog. Fueron agregados en el contenido hipervínculos y textos entre corchetes y asterisco [* …]*.* Se adaptó el escrito al caso Francisco, originalmente a Benedicto 16; y para que todo católico lo lea como para los que dicen que lo son:

[1] * El autor de este escrito sólo se referirá a la Misa tradicional, llamada también tridentina, de San Pío V, en latín, o simplemente Misa.

[2] * Sobre el nuevo “sacerdocio” seleccionar acá. Sobre el nuevo “episcopado” aquí.

[3] D. Sanborn, “Una Cum: Mass ‘in Union with our Pope’?”, Sacerdotium nº 6 (Invierno 1993), 40–1.

[4] * – Doctor de la Iglesia, San Roberto Belarmino (1621): «Un papa manifiestamente hereje, dejaría de ser papa y cabeza de la Iglesia, pues automáticamente deja de ser cristiano y miembro de la Iglesia; por lo cual podría ser juzgado y castigado. Esto es según la sentencia de los antiguos Padres que enseñan que los herejes manifiestos inmediatamente pierden toda jurisdicción.» (Opera omnia, T. I, Pág. 608, Vives, París, 1870)

– Canon 188. «Por renuncia tácita admitida por el mismo derecho, vacan ipso facto y sin ninguna declaración cualesquiera oficios, si el clérigo: … 4: públicamente abandona la fe católica.»

– R.P. FX Wernz, P. Vidal (Canonista, 1943): «A través de la herejía notoria y abiertamente divulgada, el Romano Pontífice, en caso de que caiga en la herejía, por ese mismo hecho [ipso facto] se considera que puede ser privado del poder de la competencia, incluso antes de cualquier sentencia declarativa de la Iglesia…. Un Papa que cae en la herejía pública dejaría ipso facto de ser miembro de la Iglesia, por lo tanto, él también dejaría de ser la cabeza de la Iglesia.» [Ius Canonicum.. Roma: Gregoriano 1943. 2:453] – R.P. César Badii (Canonista, 1921): «La cesación del poder pontificio. Este poder cesa: … (d) A través de la herejía notoria y abiertamente divulgada. Un papa públicamente hereje dejaría de ser miembro de la Iglesia, por esta razón, ya no podía ser su cabeza» [Institutiones Iuris Canonici Florencia: Fiorentina 1921. 160, 165.] – R.P. J. Wilhelm (Canonista, 1913): «El papa mismo, si es claramente culpable de herejía, dejaría de ser Papa, porque dejaría de ser miembro de la Iglesia.» [Enciclopedia Católica. Nueva York: Enciclopedia de Prensa 1913. 7:261.]

– R.P. Eduardus F. Regatillo (Canonista, 1956): «El Romano Pontífice cesa en el cargo: … (4) ¿A través de la herejía notoria pública? Cinco respuestas se han dado: 1 - “El Papa no puede ser un hereje, incluso como

un doctor privado.” Esto es piadoso, pero hay poco fundamento para ello. [Sin embargo no hay pruebas de Papa alguno manifestando herejía como doctor privado] 2 - “El Papa pierde el oficio incluso a través de una herejía secreta.” Falso, porque un hereje secreto puede ser miembro de la Iglesia. 3 - “El Papa no pierde su cargo por la herejía pública”. Improbable. 4 - “El Papa pierde su cargo por una sentencia judicial, debido a la herejía pública.” Pero, ¿quién emitiría la sentencia? La primera sede no es juzgada por nadie (Canon 1556). 5 - “El Papa pierde ipso facto el cargo, debido a la herejía pública.” Esta es la enseñanza más común, porque no sería un miembro de la Iglesia, y por lo tanto mucho menos podría ser su cabeza.» (Institutiones Iuris Canonici. 5 ª ed. Santander: Sal Terrae, 1956. 1:396)

- Herejías de Francisco: seleccione aquí, más extenso acá pero en inglés. Jorge Bergoglio era hereje público, basta saber que creía en las herejías y errores del conc. Vaticano “II”, como si fuesen verdaderas; ac á rezando con los herejes en acción; por todo ello es que estaba impedido de ocupar el cargo eclesiástico de derecho Divino del Papado. Si con esto no te convences, ¿podrías leer en voz alta el documento final que acá se menciona en público?

[5] S. Iragui, Manuale Theologiae Dogmaticae (Madrid, Ediciones Studium, 1959), 371. Véanse también las citas de Wernz-Vidal, Coronata, San Antonino, San Roberto Belarmino, Badii, Beste y Regatillo en Traditionalists, Infallibility and the Pope, A. Cekada.

[6] M. Ellebracht, Remarks on the Vocabulary of the Ancient Orations in the Missale Romanum (Nijmegen, Dekker, 1963), 30.

[7] Para ejemplos, véase al P. Bruylants, Les Oraisons du Missel Romain (Lovaina, CDIL, 1952) 1:236.

[8] De Missa, 6.21, en De Controversiis Christianae Fidei (Nápoles, Guiliano, 1858) 3:565. “Prima igitur oratio Canonis, quae incipit: Te igitur clementissime Pater, extenditur usque ad illud: Hanc igitur oblationem… [Las oraciones intermedias] non sunt diversae orationes, sed partes sunt primae orationis… Communicantes non haberet ullum sensum, nisi continuaretur cum praecedentibus verbis… [Esta oración continua] continet nomina eorum, pro quibus offertur et in quorum honorem offertur sacrificium, id est, mortalium qui sunt in Ecclesia militanti, et etiam sanctorum, qui cum Christo regnant in coelis”.

[9] Bula Ex Quo (1º de marzo de 1756), ¶12 en S.D.N. Benedicti Papae XIV Bullarium (Malinas, Hanicq, 1827) 4:299. “Nobis satis est affirmare posse, commemorationem Romani Pontificis in Missa, fusasque pro eodem in Sacrificio preces, censeri, et esse, declarativum quoddam signum, quo idem Pontifex tanquam Ecclesiae Caput, Vicarius Christi, et B. Petri Apostoli Successor agnoscitur”.

[10] J. Gassner, The Canon of the Mass: Its History, Theology, and Art (St. Louis, Herder, 1950), 2256.

[11] V. Thalhofer, Handbuch der Catholischen Liturgie (Freiburg, Herderische Verlagshandlung), 164. «Die sichtbaren Organe, durch welche Gott die Kirche leitet und regiert und für welche daher zuerst gebeten wird, sind der Papst als Oberhaupt der ganzen Kirche und oberster Träger der kirchlichen Einheit».

[12] I. Schuster, The Sacramentary (Liber Sacramentorum) (Londres, Burns Oates, 1924), 1:273.

[13] H. A. Wilson ed., The Gregorian Sacramentary under Charles the Great, Edited from Three Mss. of the Ninth Century, (Londres, 1915), 2. «pro ecclesia tua sancta catholica quam pacificare custodire adunare et regere digneris toto orbe terrarum una cum famulo tuo papa nostro illo. Memento domine…» Una nota al pie de página señala que uno de los manuscritos añade la frase «et antistite nostro illo et omnibus orthodoxis atque catholicae et apostolicae fidei cultoribus», que aparece en el Canon del Misal de Pío V.

[14] Bula Ex Quo, ¶12, Bullarium 4:299. «… ac professio fit animi et voluntatis Catholicae unitati firmiter adhaerentis; ut etiam recte advertit Christanus Lupus, super Conciliis scribens [cita omitida] Haec commemoratio est suprema et honoratissima Communionis species«.

[15] Sacramentary, 1:275, 276–7. “tibi offerimus pro Ecclesia tua… una cum famulo tuo Papa nostro communicantes sed et memoriam venerantes in primis gloriosae”.

[16] Epistola 5, PL 69:398. “Quomodo vos ab universi orbis com-munione separatos esse non creditis, si mei inter sacra mysteria, secundum consuetudinem, nominis memoria reticetis?”

[17] A. Croegaert, Les Rites et les Prières du Saint Sacrifice de la Messe (París, Casterman n.d.) 2:106. “Prier pour le Pape c’est témoigner qu’on vit en communion avec le Chef de la vraie Eglise”.

[18] Sacramentary 1:276.

[19] The Mass: Its Origin and History (New York, Longmans, 1930), 137.

[20] No solo eso, sino que algunos igualmente recomiendan asistir a Misas una cum como un camino directo a una camaradería para darse palmadas en la espalda entre “compañeros tradicionalistas”.

[21] * Para saber más al respecto de un caso que acapara en parte todas las mencionadas, seleccionar acá. PFN está con el nombre de continencia periódica.

[22] E. F. Regatillo, Institutiones Iuris Canonici (Santander: Sal Terrae, 1956) 2:103. “Communicatio in aliqua actione est positio illius cum alio, ita ut actio moraliter eadem ab utroque participetur… Edere gestus, motus, signa ceremoniarum, quae ex conventione determinata…”

[23] U. Beste, Introductio in Codicem (Collegeville, St. Johns 1946), c. 1258. “cooperationem seu communem actionem cum alio in orationibus et functionibus cultus”.

[24] B. Merkelbach, Summa Theologiae Moralis (Montréal, Desclée, 1949) 1:753-54. “recte existimaretur ut signum religiosae unitatis”. “implicita approbatio exercitii cultus”.

[25] Inocencio III, De Sacro Altaris Mysterio, 3.6. “Non solum offerunt sacerdotes, sed et universi fideles: nam quod specialiter adimpletur ministerio sacerdotum, hoc universaliter agitur voto fidelium”.

[26] M. de la Taille, The Mystery of Faith (Londres, Sheed & Ward, 1950) 2:260.

[27] H. Noldin, Summa Theologiae Moralis (Innsbruck, Rauch, 1920) 3:166. “Offerentes speciales et accessorii sunt fideles, qui sacerdoti offerenti aliquo modo actu se adiungunt… secundum locum obtinent, qui missae reipsa intersunt, qui ergo voluntate et praesentia sua participant”.

[28] Pío XII, Encíclica Mediator Dei (20 de noviembre de 1947), ¶93.

[29] F. Cappello, Tractatus Canonico Moralis de Sacramentis (Roma, Marietti, 1954) 1:494. “Offerens specialis — quem nonnulli vocant secundarium et accesorium — est omnis et solus fidelis, qui, ut supra innimus, sacrificio offerendo cooperatur per quendam concursum externum… «denique assistere consentiendo, ac moraliter cooperando…».”

[30] San Juan Crisóstomo, Homilía In II Cor., 18.3, PG 61:527. “Rursus ea oratio, qua Deo gratiae aguntur, utriusque communis est: neque enim ipse solus gratias agit, sed etiam plebs universa. Nam cum prius illorum vocem sumpsit, atque illi assenserunt id digne ac juste fieri, tum demum gratiarum actionem auspicatur”.

[31] San Agustín, Homilía de Sacramento Altaris ad Infantes, 3, PL 46:836. “… cum audieritis a Sacerdote: Sursum cor! Respondetis: Habemus ad Dominum. Laborate, ut verum respondeatis. Quia apud acta Dei respondetis, sic sit, quomodo dicitis. Non lingua sonet, et conscientia neget… Ad hoc dicitis: Amen. Amen dicere suscribere est. Amen latine interpretatur Verum”.

[32] Remigio de Auxerre, De celebratione Missae et Ejus Signifi-catione, PL 101: 1265. “Amen autem, quod ab omni Ecclesia respondetur, interpretaur, verum. Hoc ergo ad tanti mysterii consummationem, sicut et in

omni legitima oratione, et quasi subscribunt respondendo".

[33] Mediator Dei, ¶84.

[34] * «Honra a tu padre y a tu madre… El papa legítimo es padre universal de los cristianos, y la Iglesia es la madre. Además, prestando obediencia a uno que no es papa y tributándole honores papales, se quebranta el primer precepto de la primera tabla, en el cual se ordena: No adores a dios extranjero, ni ídolo, ni estatua, ni semejanza alguna del cielo. ¿Qué otra cosa es el falso papa sino un dios extranjero en este mundo, un ídolo, una estatua, una imagen ficticia de Cristo? Es evidente, pues, que es muy peligroso para cualquier alma cristiana quebrantar, aunque sea por ignorancia, los dos preceptos divinos señalados.» Tratado del cisma moderno, San Vicente Ferrer, apodado: El ángel del Apocalipsis.

[35] Santo Oficio, Instrucción Communicatio, 22 de junio de 1859, en Collectanea S. Cong. de Prop. Fide 1:1176. "Unde S. Ioannes severe praecepit: Si quis venit ad vos et hanc doctrinam non affert, nolite recipere eum in domum, nec ave dixeritis ei, qui enim dicit illi ave communicat operibus eius malignis (Ioan. 2. 10). Evidentissime ex his verbis prohibitum iri infertur quidquid huiusmodi ave exprimit, prout sunt actiones liturgicae quae ad ecclesiasticam unitatem significandum institutae fuere. Quapropter a PP. Concilii Carthaginensi sancitum legimus cum haereticis nec orandum nec psa-llendum…"

[36] Merkelbach 2:849. "signa externa (verba aut facta) quibus mentem nostram manifestamus próximo".

[37] Merkelbach 2:857. "quocumque signo externo, sive verbo, sive scripto, sive gestu, sive facto;… mendacium stricte dictum quod fit verbis vel signis aequivalentibus…"

[38] Para cometer el pecado de mentir no es necesario tener la intención explícita de engañar a otro. Es suficiente con saber que algo es falso y querer decirlo, porque el efecto propio de una afirmación falsa es engañar. Merkelbach 2:857. "Contra mentem, scil. quae procedit ex intentione falsum enuntiandi… In hac intentione implicite includitur intentio fallendi, quia effectus proprius falsae enuntiationis est ut alius fallatur; quod autem aliquis explicite intendat falsitatem in opinione alterius constitutere, non pertinet ad speciem seu essentiam mendacii, sed ad quamdam perfectionem ejus".

[39] * "4. La mentira no sólo es pecado por el daño que causa al prójimo, sino por lo que tiene de desorden, como acabamos de decir (en la solución). Pero no se debe usar de un medio desordenado e ilícito para impedir el daño y faltas de los demás; lo mismo que no es lícito robar para dar limosna (a no ser en caso de necesidad, en que todo es común). Por tanto, no es lícito mentir para librar de cualquier peligro a otro. Se puede, no obstante, ocultar prudentemente la verdad con cierto disimulo, como dice San Agustín en Contra mendacium." (Suma teológica, Santo Tomás de Aquino)

[40] Merkelbach 2:859. "specialis nocumenti inferendi; … omnium autem gravissimum est mendacium quod nocet Deo in re religionis… mendacium autem perniciosum est mortale ex genere suo propter malum adiunctum, sive ex parte materiae, si fiat in doctrina religionis,… sive ex parte finis, si dicatur in iniuriam Dei aut in notabile detrimentum proximi".

[41] Merkelbach 2:696. "Sacrificium missae directe offertur tantum pro membris Ecclesiae".

[42] Una vez al año (en Viernes Santo) la Iglesia ofrece una oración litúrgica sólo por su conversión, y se recita fuera de Misa. Véase Bruylants, 2:227.

[43] Missale Mixtum, PL 85:541, nota. "Finis est usus praecipuus diptychorum erat ut retineretur catholica communio tum vivorum inter se, tum vivorum et mortuorum"

[44] A. Fortescue, The Formula of Hormisdas, CTS 102 (Londres, Catholic Truth Society, 1913), 12.

[45] R. Maere, "Diptych", Catholic Encyclopedia (Nueva York, 1913) 5:23.

[46] Sedevacantists and the “Una Cum” Problem (Verdale WA: Catholic Research Institute, 2002), 8–9.

[47] Véase arriba, sección III. B.

[48] Merkelbach 1:711. “Confessio fidei est externa eius manifestatio per aliquod signum ad hoc idoneum”.

[49] Merkelbach 1:712. “… confitendi fidem prohibet, ullo unquam caso vel periculo etiam mortis, expresse vel tacite, verbo vel signo vel facto (silentio v.g.), fidem exterius negare vel falsam profiteri aut simulari… Quod fieri potest… indirecte et implicite, si absque intentione negandi actionem ponit quae ab aliis ut negatio fidei habetur,… factis… qui ponunt actionem quae ex se vel ex circumstantiis significat professionem falsae religionis”.

[50] “Esta Iglesia Conciliar es una Iglesia cismática, porque rompe con la Iglesia Católica de siempre. Tiene sus nuevos dogmas, su nuevo sacerdocio, sus nuevas instituciones, su nuevo culto, todo ya condenado por la Iglesia en muchos documentos oficiales y definitivos […] La Iglesia que afirma tales errores es por completo cismática y herética. Esta Iglesia Conciliar, por lo tanto, no es católica” (Reflexiones sobre la suspensión a divinis, 29 de julio de 1976, M. Lefebvre; quien luego seguiría la herejía del hereticismo y su obra llena de ello.)

[51] Véase Merkelbach 1:712. “indirecte et implicite”.

[52] Santo Oficio, Decreto Mesopotamia, 28 de agosto de 1669, Fontes 4:740. “Se possa permettersi ai diaconi di proferire ad alta voce nell’Officio divino in chiesa i nomi di Dioscoro, Nestorio, Barsuma ed altri eresiarchi… R. Negative, facto verbo cum SSmo. Et Sanctitas Sua approbavit”.

[53] I. Szal, Communication of Catholics with Schismatics, CUA Canon Law Studies 264, (Washington, CUA, 1948), 182–3.

[54] Ex Quo, ¶9, Bullarium 11:296. Cita la primera admonición del Euchologum anterior: “…«Cum igitur in sacra Liturgia commemorationes fieri soleant, oportet primum quidem Romani Pontificis commemorationem agi, deinde proprii Episcopi, et Patriarchae, dummodo Catholici sint. Quod si alter eorum, vel ambo sint schismatici, sive haeretici, eorum commemoratio nequaquam fiat».”

[55] B. I. Szal, 182.

[56] De la Taille 2:317. Añade en una nota de pie de página: “Aunque no haya pocos maestros que piensen de otra manera por no prestar suficiente atención a la fuerza y el significado de nuestra oración litúrgica”. De la Taille no indica quiénes sean estos autores, ni precisamente qué permitirían respecto de nombrar a cismáticos o herejes. Por lo que dice Szal (183), sin embargo, parece que lo más que la Santa Sede ocasionalmente toleró fue una oración por un laico herético o cismático en su cualidad de jefe de estado (Rey, Presidente, etc.) — pero nunca por un clérigo herético o cismático.

[57] * Canon 2262 §1. Los excomulgados no participan de las indulgencias, de los sufragios y de las preces públicas de la Iglesia.

[58] De la Taille 2:318.

[59] S.C. de Prop. Fide, Instrucción (Pro Mission. Orient.), 1729, Fontes 7:4505. “Id ex eo etiam confirmatur magis quod vix ullus sit ritus apud heterodoxos qui aliquo errore in materia fidei non maculetur:… vel denique commemoratio fit viventium Patriarcharum, et Episcoporum, schismaticorum, et haereticorum, qui ut fidei catholicae praedicatores commendantur. Qua de re, qui in ea ritus et orationis et cultus celebratione conveniunt in his facti circumstansiis catholici quique, reatu perversae communicationis, aut saltem perniciosi scandali purgari non possunt”.

[60] Véase arriba, sección I. A. 1.

[61] De la Taille 2:316-7.

[62] Pío VI, Encíclica Charitas (13 de abril de 1791), ¶¶29, 31, 32, en Fontes 2:474. “Omnis a vobis invasionem, et schisma, quam longissime potestis, arcete… sacrilegos invasores vitetis, ac reprobetis… invasores omnes… ita devitate, ut nihil cum illis sit vobis commune, praesertim in divinis…”

[63] Santo Oficio, Decreto Mission. Tenos in Peloponneseo (10 de mayo de 1753), Fontes 4:804. “Non licere: maxime cum Patriarchae Constantinopolitani commemorationem faciant”.

[64] F. Kenrick, Theologia Moralis (Malinas, Dessain, 1861) 2:366. “Haud tamen licet in divinis cum haereticis vel schismaticis communicare… fatentur omnes nefas esse, quandocumque falsi dogmatis professionem, vel muneris usurpati agnitionem secum fert: quod plerumque contingit”.

[65] McHugh y Callan, Moral Theology (New York, Wagner, 1929) 1:1447.

[66] Merkelbach 2:960 “Indirectum, quando quis actionem ponit minus rectam quae est solum probabilis occasio peccandi pro proximo, uti est pravum exemplum”.

[67] S.C. de Prop. Fide, Instrucción (Pro Mission. Orient.), 1729, Fontes 7:4505. “Cum vero videant ad eorum ecclesias accedere, eorum ritibus interesse, de eorum Sacramentis participare catholicos, an non credendum, aut saltem timendum erit, ne ex hoc ipso magis in suis erroribus confirmentur, ac se in recto salutis tramite ambulare sibi etiam hoc exemplo persuadeant? Ex quo sequitur difficillime vitari posse periculum scandali perniciosi schismaticis, et haereticis ipsis: ac proinde catholicum tutum in conscientia non esse, si cum iis in divinis in hac facti specie communicet”.

[68] G. Card. Bona, Le Saint Sacrifice de la Messe (París, Vivès, 1855) 2:261. “c’est là en effet le pivot, le sceau de l’unité de l’Église… C’est là un signe d’union entre les members et leur chef; car… celuilà communie avec l’Église catholique qui communie avec le pape, et de la chaire de Pierre découle l’unité du ministère sacerdotal”. Véase también: Benedicto XIV (P. Lambertini), De Sacrosancta Missae Sacrificio (Prato, Aldina, 1843) 3:79. “Postquam oravit Sacerdos pro Ecclesia Catholica, orat pro summo Pontifice: Unitas enim sacerdotalis, ut ait s. Cyprianus, a Petri Cathedra exorta est”.

[69] De Sacramentis 1:49. “Cum sacramentorum confectio et administratio Ecclesiae ministerio sit divinitus commissa, sequitur manifeste, sacramenta conferri non posse nisi ab eo qui sit legitime deputatus ab ipsa Ecclesia”.

[70] Summa III.82.7, corpus, ad 1, et 3. “non tamen recte hoc faciunt, sed peccant facientes. Et ideo fructum sacrificii non percipiunt, quod est sacrificium spirituale… quod non recte extra Ecclesiam sacrificium offertur. Unde extra Ecclesiam non potest esse spirituale sacrificium, quod est verum veritate fructus,… sacerdos in Missa in orationibus quidem loquitur in persona Ecclesiae, in cuius unitate consistit… Et ideo, si sacerdos ab unitate Ecclesiae praecisus Missam celebret, quia potestatem ordinis non amittit, consecrat verum corpus et sanguinem Christi, sed quia est ab Ecclesiae unitate separatus, orationes eius efficaciam non habent.

[71] De Sacramentis, 1:547. “Sacerdotes praecisi, quamvis valide sacrificent nomine Christi tamen non offerunt sacrificium, ut Ecclesiae ministri et in persona ipsius Ecclesiae. Sacerdos enim habet ex commissione Ecclesiae, ut nomine eius oret, intercedat ac offerat, et, quoad hoc, potest Ecclesia privare sacerdotem praecisum, ne suo nomine sacrificet”.

[72] Véase A. Cekada, “Canon Law and Common Sense”, (1992) y “Traditional Priests, Legitimate Sacraments”, (2003).

[73] The Remnant, junio-julio 2004.

[74] Merkelbach 1:955. “Peccata contra pacem publicam… Paci ecclesiae, schisma… Et ideo schismatici dicuntur 1) (perfecte) qui subesse renuunt summo Pontifici (cum rebellione, ita ut obedire praeceptis pertinaciter recusent), et 2) qui membris Ecclesiae ei subjectis communicare recusant (in doctrina, cultu, sacramentis); ex quo patet esse peccatum gravissimum et mortale ex toto genere”.

[75] F. Wernz & P. Vidal, Ius Canonicum (Roma, Gregoriana, 1937) 7:398. “Ad constituendum delictum puri schismatis requiritur: I: ut quis aut directe sive expresse aut indirecte sive factis concludentibus ab obedientia Romani Pontificis recedat et a communione ecclesiastica ceterorum fidelium sese separet, licet separatae sectae schismaticae sese non adiungat; — II. ut recessus coniunctus sit cum pertinancia sive rebellione; — III. ut recessus fiat quoad illa, quibus unitas Ecclesiae constituitur; — IV. ut non obstante formali inobedientia et denegatione subordinationis schismaticus agnoscat illum Romanum Pontificem verum esse pastorem universalis Ecclesiae et ex doctrina fidei ipsi obedientiam esse praestandum:…”

[76] Szal, 2. Sólo una, no ambas, de las condiciones mencionadas — apartamiento de la obediencia al papa o separación de la comunión con el resto de los fieles — es requerida para el delito. Véase canon 1325.2: “subesse renuit… aut… communicare recusat”.

[77] “Vatican II, the Pope and SSPX: Questions and Answers”, boletín del Seminario de la S. T. (2002), 8.

[78] Martin V, Constitución Ad Evitanda (1415), Fontes 1:45. “… quod nemo deinceps a communione alicuius in sacramentorum administratione, vel receptione, aut aliis quibuscumque divinis, vel extra; praetextu cuiuscumque sententiae aut censurae ecclesiasticae, a iure vel ab homine generaliter promulgatae, teneatur abstinere,… Nisi sententia vel censura huiusmodi fuerit in vel contra personam, collegium, universitatem, ecclesiam, communitatem aut locum certum, vel certa, a iudice publicata vel denunciata specialiter et expresse”.

[79] J. Bancroft, Communication in Religious Worship with Non-Catholics, CUA Studies in Sacred Theology 75 (Washington, CUA, 1943), 27–9.

[80] * Canon 1258: §1. En modo alguno es lícito a los fieles asistir activamente o tomar parte en las funciones sagradas de los no católicos.

§2. Por razón de un cargo civil o por tributar un honor, habiendo causa grave que en caso de duda debe ser aprobada por el Ordinario, se puede tolerar la presencia pasiva o puramente material en los funerales de los no católicos, en las bodas u otras solemnidades por el estilo, con tal que no haya peligro de perversión ni de escándalo.

Nota de pie de página: 1.º La asistencia activa o formal que el canon prohíbe (§ 1) consiste en tomar parte en las funciones sagradas de los no católicos, verbigracia, alternando con ellos en el rezo, o recibiendo los sacramentos de ellos.

2.º La presencia pasiva o material (§ 2) consiste en acudir a dichas solemnidades o actos de culto, pero sólo con el cuerpo, de forma que por la actitud aparezca de una manera clara que ninguna parte se toma en ellos. Esta se tolera a quienes por razón del oficio civil, verbigracia el alcalde, la policía, los criados, se ven en la precisión de asistir; o por motivo de tributar un honor, por ejemplo, los parientes del que se casa para asistir a su boda, o los del difunto para ir al funeral; pero siempre se requiere causa grave, y además que se evite el peligro de perversión para los que asisten, y el de escándalo para los demás.

[81] Vitandus = “que debe ser evitado”, por católicos. Éste es el grado más severo de excomunión, y sólo se impone a un ofensor mediante un decreto especial de la Santa Sede.

[82] * Canon 2261: §1. El excomulgado no puede lícitamente hacer ni administrar Sacramentos o sacramentales, pero con las excepciones que siguen.

§2. Pueden los fieles, sin perjuicio de lo que se prescribe en el §3, pedir por una causa justa cualesquiera sacramentos o sacramentales a un excomulgado, sobre todo si no hay otros ministros, y en ese caso el excomulgado así requerido puede administrarlos, sin que tenga obligación de preguntar a quien le requiere la causa de la petición.

§3. Pero a los excomulgados vitandos y a otros excomulgados, cuando ha mediado sentencia condenatoria o declaratoria, sólo en peligro de muerte pueden los fieles pedirles tanto la absolución sacramental, a tenor de los cánones 882 y 2252, como también, si no hay otros ministros, los demás sacramentos y sacramentales.

Nota: Los excomulgados administran válidamente los Sacramentos; pues la excomunión no les priva de la potestad de orden, que es indeleble. Se exceptúa el Sacramento de la penitencia—que es también acto de jurisdicción—cuando ha mediado sentencia condenatoria o declaratoria de la excomunión (c. 2264). [Canon 2264: Los actos de jurisdicción, tanto del fuero interno como del externo, realizados por un excomulgado, son ilícitos; y si se ha pronunciado sentencia condenatoria o declaratoria, son también inválidos, salvo lo que se prescribe en el canon 2261, §3.; antes de la sentencia son válidos, y aun lícitos, si los solicitaron los fieles a tenor del mencionado canon 2261, § 2./// Nota: Sería inválido el Sacramento de la penitencia administrado por un excomulgado después de la sentencia condenatoria o declaratoria.]

Canon 882: En peligro de muerte, todos los sacerdotes, aunque no estén aprobados para oír confesiones, absuelven válida y lícitamente a cualesquiera penitentes de toda clase de pecados y censuras, por muy reservados y notorios que sean, aunque se halle presente un sacerdote aprobado, quedando a salvo lo que se prescribe en los cánones 884 y 2252.

[83] J. de Lugo, Disputationes Scholasticae et Morales (París, Vivès, 1868) 2:86. “sed quaestio est de rebus sacris nullum errorem continentibus… vel ipsi ritu catholico celebranti adesse,… nisi aliunde sit scandalum vel irreverentia contra fidem, aut aliquid aliud… et constat ex dicta extravaganti,… cum ergo ii haeretici non sint excommunicati denuntiati, nec notorii clerici percussores, non est cur ratione excommunicationis perhibeamur ab iis sacramenta suscipere; quamvis id aliunde possit saepe illicitum ese…”

[84] Decreto Tenos, Fontes 4:804. “Verum quamvis iuxta praesentem disciplinam inductam a Martino V in celebri Extravagant. Ad evitanda, de qua nonnulla inferius, liceat catholici cum haereticis, modo non sint expresse et nominatim denunciati libere conversari, et cum iisdem communicare in rebus mere profanis et civilibus; non idcirco tamen arbitrari debent catholici, fas quoque sibi esse cum iisdem haereticis consortium habere etiam in rebus sacris et divinis… idcirco fere impossibile est usuvenire, ut a flagitio excusari valeant catholici sese in rebus sacris cum haereticis et schimaticis admiscentes. Quamobrem Sacrae Urbis Congregationes, Sancti Officii videlicet et de Propaganda Fide, illicitam semper reputarunt communionem, de qua est sermo”.

[85] * Canon 2262: §1. Los excomulgados no participan de las indulgencias, de los sufragios y de las preces públicas de la Iglesia.

Nota: Los excomulgados no participan de las indulgencias, porque la Iglesia, que es su administradora, no quiere aplicárselas. Tampoco participan de los sufragios comunes, que se hacen en nombre de la Iglesia

[86] De la Taille 2:318.

[87] Véase arriba, III. F.

[88] Véase arriba, III. E.

[89] Véase N. Halligan, The Administration of the Sacraments (New York, Alba, 1962), 134.

[90] Véase arriba, III. D.

[91] Véase arriba, III. F.

[92] Véase arriba, III. H.

[93] Véase Merkelbach 2:703. “quaecumque causa mediocriter gravis involvens notabile incommodum aut damnum, spirituale vel corporale, proprium vel alienum”.

[94] Véase arriba, III. A.

[95] Véase arriba, III. D.

[96] Véase arriba, III. F.

[97] Véase J. Bridge, “Libellatici, Libelli”, en Catholic Encyclopedia, 9:211–2.

[98] * Santo Tomás de Aquino. Summa III.82.7: «Pues bien, los que, perteneciendo a la Iglesia, recibieron la potestad de consagrar en la ordenación sacerdotal, tienen la potestad lícitamente, pero no la utilizan correctamente si se separan después de la Iglesia por la herejía, el cisma o la excomunión. Pero quienes se ordenan estando ya separados, no han adquirido lícitamente la potestad ni lícitamente la utilizan. Pero que tanto unos como otros tienen esta potestad consta por el hecho, indicado ya por San Agustín, de que cuando retornan a la unidad de la Iglesia no son nuevamente ordenados, sino que se les recibe con las órdenes que tienen. Y puesto que la consagración de la eucaristía es un acto dependiente de la ordenación sacerdotal, los que se han separado de la Iglesia por herejía, cisma o excomunión, pueden, efectivamente, consagrar la eucaristía, la cual, aunque haya sido consagrada por ellos, contiene el verdadero cuerpo y la sangre de Cristo. Sin embargo, no consagran lícitamente, sino que pecan consagrando así. Por consiguiente, no reciben el fruto del sacrificio, que es el sacrificio espiritual. «1. Esos textos y otros semejantes han de ser entendidos en el sentido de que fuera de la Iglesia no se ofrece el sacrificio lícitamente. Por lo que fuera de la Iglesia no puede haber sacrificio espiritual, que es el verdadero sacrificio en lo que se refiere al fruto, aunque sea verdadero en lo que se refiere al sacramento, del mismo modo que anteriormente (q.80 a.3) decíamos que el pecador recibe el cuerpo de Cristo sacramentalmente, pero no espiritualmente. «2. A los herejes y a los cismáticos solamente se les reconoce el bautismo, porque en caso de necesidad pueden bautizar lícitamente. Pero en ningún caso pueden consagrar la eucaristía o conferir otro sacramento. «3. En las oraciones de la misa el sacerdote habla en nombre de la Iglesia, a la que está unido. Pero en la consagración del sacramento habla en nombre del mismo Cristo, de quien es vicario por la potestad del orden. Por tanto, si el sacerdote separado de la unidad de la Iglesia, celebra la misa, puesto que no pierde la potestad del orden, consagra el verdadero cuerpo y sangre de Cristo, pero, por estar separado de la unidad de la Iglesia, sus oraciones no tienen eficacia.» Fuente, seleccionar acá.

[99] * «Es necesario que aquellos que no puedan asistir a la Santa Misa santifiquen los Domingos y fiestas de precepto. Puede santificar el día de varias maneras aquí vamos a enumerar algunas:» para continuar leyendo acá.

[100] F. Faber, The Precious Blood (Baltimore, Murphy, 1868), 352–3.

La Validez De Las Consagraciones De Mons. Ngo-Dinh-Thuc

R.P. Anthony Cekada

Introducción

Durante una conversación con Monseñor Marcel Lefebvre, en 1980, di a entender que me preocupaba encontrar algún obispo luego de su muerte que pudiera ordenar sacerdotes católicos tradicionalistas y confirmar a nuestros niños.

El Arzobispo -que hasta entonces no había dado indicios de que consagraría obispos algún día- me respondió, con tacto, que ese problema también a él le preocupaba y que «Deus providebit» (Dios proveería). Y agregó -con una de sus típicas humoradas francesasque cada vez que se resfriaba o estornudaba en el interior de la capilla del Seminario de Ecône, casi le parecía oír a los 80 seminaristas que dejaban de rezar para hacer en silencio una sola petición ferviente: «Señor, ¡que viva, al menos, hasta mi ordenación!».

Esta anécdota graciosa pone de relieve un tema grave. Para nosotros, católicos tradicionalistas, los sacramentos constituyen el centro de nuestra vida espiritual y la clave de nuestra salvación. Sabemos que si deseamos oír Misa, recibir la Santa Comunión, recibir la absolución de nuestros pecados y ser fortalecidos con la Extremaunción, necesitamos sacerdotes, y es bien sabido que solo los obispos pueden ordenar sacerdotes.

Pues bien, ¿dónde podemos ir a buscar un obispo que ordene sacerdotes católicos tradicionalistas, y garantizar así que la Misa latina tradicional siga celebrándose en nuestros altares?

El laicado y el clero ligados a la Fraternidad San Pío X (especialmente los seminaristas ansiosos) ya no tienen de qué preocuparse. El 30 de junio de 1988, Mons. Lefebvre y el Obispo emérito de Campos, Brasil, Antonio de Castro Mayer, consagraron cuatro obispos para la Fraternidad San Pío X; desde entonces, estos obispos han ordenado nuevos sacerdotes para la Sociedad y hace poco [en 1991, año de este trabajo, n.d.r.] consagraron un obispo para suceder a Mons. de Castro Mayer en Campos.

Los obispos de Lefebvre restringen sus deberes ministeriales meramente a las capillas y el clero que admiten todas las opiniones teológicas de la Fraternidad sin cuestionarlas, y que le rinden el control legal de sus bienes. Asimismo, estos obispos ordenarán sacerdotes solo a los seminaristas que juren fidelidad a las posturas de la Fraternidad.

Muchos sacerdotes tradicionalistas están en desacuerdo con las posturas y las políticas de la Fraternidad. Así que difícilmente podamos pensar en un obispo de Lefebvre si queremos que los niños de nuestras capillas reciban el Sacramento de la Confirmación. Menos todavía podremos hallar un seminario donde formar al clero que nos sucederá algún día, y suponer tan luego que los obispos de Lefebvre fuesen a ordenar sacerdotes a los seminaristas que formáramos.

Pero los obispos de Lefebvre no son la única opción. En los EE.UU. existen actualmente seis clérigos católicos tradicionalistas comúnmente conocidos como obispos «Thuc», que a diferencia de los obispos de Lefebvre, no pertenecen a una única organización. Trabajan con total independencia unos de otros (como la mayoría de los sacerdotes tradicionalistas), aunque algunos de ellos se ayudan mutuamente para realizar determinadas tareas apostólicas.

A semejanza de los sacerdotes católicos tradicionalistas, estos seis obispos Thuc también son un grupo aparte. Cinco de ellos son hombres de más edad, formados y ordenados sacerdotes antes que los desastrosos cambios posconciliares hicieran sentir su impacto; uno (más joven) recibió una formación tradicional y fue ordenado según el antiguo rito bastante después de concluido el Concilio Vaticano II. Tres, eran sacerdotes diocesanos; tres, pertenecían a diferentes órdenes religiosas. Cuatro de los obispos colaboran gentilmente con distintas capillas y clero católicos fuera de su propio entorno particular; dos de los obispos están completamente fuera, en órbitas distintas. De estos seis obispos, uno de ellos tiene fama de buscapleitos notorio, otro no es demasiado conocido en ningún sentido, y los otros cuatro (dos de ellos consagrados hace poco) están muy bien considerados en los ámbitos donde desempeñan su apostolado, ya sea por vía de sus escritos o de su ministerio sacerdotal.

Los obispos Thuc norteamericanos pueden remontar sus consagraciones episcopales hasta uno de estos dos hombres:

- Monseñor M.L. Guérard des Lauriers O.P., ex profesor de la Pontificia Universidad Lateranense de Roma y del Seminario de la Fraternidad San Pío X en Ecône, Suiza (él fue uno de mis profesores) y autor de la famosa Intervención Ottaviani [El Breve Examen Crítico del Novus Ordo Missae, n.d.r.].
- Monseñor Moisés Carmona Rivera, sacerdote diocesano procedente de Acapulco, que durante años dijo la Misa tradicional para numerosos grupos de fieles de distintas partes de México.

En 1981 Mons. Guérard y Mons. Carmona fueron consagrados obispos por una misma persona: Monseñor Pierre Martin Ngodinh-Thuc (†1984), Arzobispo emérito de Hué, Vietnam.

Mons. Thuc -nombrado por Pío XI y consagrado obispo en 1938- fundó la Diócesis de Vinh-long y fue nombrado Arzobispo de Hué en 1960. En 1963, mientras estaba en Roma para asistir al Concilio Vaticano II, su hermano, Ngo-dinh-Diem, Presidente de Vietnam del Sur, fue derrocado y asesinado durante un golpe de estado. Al no poder volver a Vietnam y ser marginado por el Vaticano, Mons. Thuc sobrevivió a duras penas como sacerdote asistente en distintas parroquias de los alrededores de Roma.

Aparentemente, su interés por el movimiento tradicionalista habría comenzado a principios de 1975, cuando visitó el Seminario de Mons. Lefebvre en Ecône, Suiza. El episodio resultó ser una bendición y no serlo, pues es allí donde Mons. Thuc entabla amistad con el Padre M. Revaz, antiguo canciller de la Diócesis suiza de Sión y profesor de derecho canónico en el Seminario de Ecône. Más tarde, en 1975, el Padre Revaz convenció a Mons. Thuc de que la solución de los problemas de la Iglesia se hallaba en unas supuestas «apariciones marianas» en el Palmar de Troya, España, e insistió al Arzobispo para que consagrara obispos destinados a los seguidores del Palmar que deseaban conservar la Misa tradicional. Mons. Thuc aceptó y realizó las consagraciones en diciembre, pero al año siguiente repudió su vinculación con el grupo del Palmar (1).

Los católicos tradicionalistas que arguyen sobre las acciones posteriores de Mons. Thuc dentro del movimiento tradicionalista pertenecerían a dos campos contrarios. El primer grupo lo canoniza, retratándolo como un valeroso héroe que invariablemente rechazó todos los errores de la Iglesia Conciliar. El segundo grupo lo injuria, pintándolo como un pobre viejo tonto que carecía del estado mental necesario para conferir válidamente un sacramento.

Ambos grupos están equivocados. Por un lado, si bien Mons. Thuc decía la Misa tradicional, difícilmente era otro Atanasio. Sus acciones y sus declaraciones sobre la situación de la Iglesia a menudo eran, como las de Mons. Lefebvre, contradictorias y mistificadoras. Y también a semejanza de Mons. Lefebvre, aparentemente aceptó un acuerdo con el Vaticano para luego cambiar de opinión. Por otro lado, los vaivenes teológicos y los errores de juicio práctico simplemente demuestran que determinado arzobispo (cada uno elija el que desee) es humano y falible. Eso no prueba que haya perdido la capacidad mental mínima que la Iglesia requiere para administrar un sacramento válidamente.

Bueno, hemos hecho alguna digresión. Nuestro propósito aquí no es repasar las idas y venidas de la trayectoria de Mons. Thuc sino determinar si los seis obispos Thuc de los EE.UU. fueron válidamente consagrados; es decir, si tienen o no el poder sacramental que todos los obispos católicos poseen para administrar el Sacramento de la Confirmación, ordenar sacerdotes que sean realmente sacerdotes, y consagrar a otros obispos que sean realmente obispos.

Este poder sacramental, denominado Sucesión Apostólica, es transmitido por un obispo católico a todos los obispos que él consagra. A su vez, ellos [los obispos] transmitirán este poder sacramental a todos los obispos que ellos consagren, y así sucesivamente.

Por lo tanto, para realizar nuestra averiguación debemos examinar las consagraciones episcopales de los dos prelados hasta los cuales se remontan los seis obispos de los EE.UU., y que son Mons. Guérard y Mons. Carmona. Si las consagraciones episcopales de los dos últimos pueden considerarse válidas, entonces toda la línea de órdenes que proceden de ellas es asimismo válida.

Como demostraremos a continuación, todos los hechos importantes, los pronunciamientos de los Papas, los canonistas (expertos en derecho canónico) y los teólogos moralistas católicos llevan a una sola e inevitable conclusión: estamos obligados a considerar como válidas las consagraciones episcopales conferidas por Mons. P.M. Ngo-dinh-Thuc a M.L. Guérard des Lauriers y a Moisés Carmona Rivera.

Dado que las consagraciones de los Obispos Guérard y Carmona fueron válidas, estamos asimismo obligados a considerar como válida toda la línea de órdenes que procede de ellos, y entonces, también a sostener que los sacerdotes ordenados en esta línea son verdaderamente sacerdotes y que los obispos consagrados en esta línea son verdaderamente obispos.

I. ALGUNAS ACLARACIONES SOBRE LA INVESTIGACIÓN

En 1982 dos norteamericanos hicieron su presentación en los EE.UU. como obispos Thuc. Las circunstancias que rodearon su aparición, dicho suavemente, no fueron de buen augurio.

Uno de ellos era un sacerdote relativamente nuevo dentro del movimiento tradicionalista, y nunca se conocieron del todo bien los detalles de cómo o por qué se lo eligió para consagrarlo obispo. El otro vino saltando obstáculos para lograr su mitra. Como sacerdote, en febrero de 1982, se ufanó de apoyar a Juan Pablo II. Poco después, el discurso de los obispos Thuc y su línea dura contra Juan Pablo II comenzó a difundirse. En junio abrazó la posición sedevacantista y en agosto, el otro norteamericano lo consagró obispo.

De allí en más, los dos obispos se lanzaron denuncias, dividieron capillas, pronunciaron «excomuniones», pretendieron crear diócesis, y por otro lado, iniciaron una campaña de «sígueme o muérete», de ésas tan endémicas dentro del clero tradicionalista.

En enero de 1983 publiqué un extenso artículo en el que exponía estos entretelones, junto con una semblanza de Mons. Thuc, con defectos y todo. Allí no examinaba si las consagraciones eran válidas, pero comenté que «haría falta investigar un poco a fin de averiguar lo que los teólogos y canonistas consideran prueba suficiente de la validez en tal caso» (2).

Ante la falta de tal investigación, yo mismo me incliné a ver a las consagraciones como dudosas. Así también pensaron mis compañeros sacerdotes del Noreste. Incluso después que nos expulsaran de la Fraternidad San Pío X en abril de 1983, las actividades de los dos obispos Thuc norteamericanos nos dejaron ver que la idea de cooperar con ellos era moralmente imposible. Y el asunto durmió durante dos años.

En 1985 uno de mis colegas, el Padre Donald J. Sanborn, sugirió que nuestro grupo tomara contacto con Dom Antonio de Castro Mayer, el Obispo emérito de Campos, Brasil, para ver si estaría dispuesto a ordenar sacerdotes para nosotros, o al menos a darnos algún consejo. Este prelado había adoptado una postura fuerte contra la Nueva Misa y se decía que su posición respecto de Juan Pablo II era mucho más dura que la de

Mons. Lefebvre.

El Padre Sanborn visitó Campos en abril de 1985 y conversó largamente con Mons. de Castro Mayer. Quedó claro que el obispo limitaba su apostolado exclusivamente a Brasil.

Cuando el Padre Sanborn mencionó el tema de quien ordenaría a nuestros sacerdotes, Monseñor de Castro Mayer dijo: «¡Recurran a Guérard!».

El Padre Sanborn le respondió que dudaba de la validez de la consagración episcopal de Mons. Guérard. Monseñor le respondió: «Si es válida para Guérard, es válida para mí». El Padre Sanborn le explicó algunas de sus dudas, pero Mons. de Castro Mayer le respondió: «Guérard es la persona más calificada del mundo para determinar si la consagración fue válida».

A su regreso, el Padre Sanborn propuso que algunos de nosotros investigáramos los principios que aplican los teólogos moralistas para determinar si una consagración episcopal es válida. Dado que yo era escéptico sobre las consagraciones, me ofrecí para hacer el trabajo con él.

La investigación resultó ser una labor formidable. Con el Padre Sanborn pasamos, a partir de 1985, por lo menos unas mil horas en bibliotecas de universidades y seminarios católicos de todo EE.UU., estudiando principalmente teología y secciones completas de derecho canónico (3).

La conclusión que comenzó a surgir fue - debo admitirlo- contraria a mis expectativas de un principio. No existen pruebas «especiales» o «extra» que a uno le permitan decir que determinada consagración episcopal es válida. Los canonistas y los teólogos consideran una consagración como harían respecto de cualquier otro sacramento. Una vez que se realizó, se la considera válida y el «peso de la prueba» (si correspondiera) es responsabilidad de quienes cuestionan su validez.

En septiembre de 1988 el Padre Sanborn distribuyó un breve informe interno, en un encuentro sacerdotal, sobre los principios teológicos que deben aplicarse. El Padre concluyó que tenemos que considerar a las consagraciones como válidas.

En general, el informe me pareció convincente. En particular, los comentarios hechos por el Padre coincidían con lo que había develado de la Bula Apostolicae Curae de León XIII.

Hubo una discusión acalorada. Más tarde, ese mismo día, conversé con el Padre Clarence Kelly, que estaba al frente de nuestro grupo. Mencioné que el pronunciamiento de León XIII parecía echar por tierra mis objeciones en contra de la validez de las consagraciones (incluida la suya propia). Él me respondió: «Nosotros no podemos decir que las consagraciones [de los obispos Thuc] son válidas, o algunos de nuestros sacerdotes querrán asociarse a ellos».

En ese punto llegué a la conclusión de que los argumentos contra la validez de las consagraciones podrían basarse en alguna otra cosa que no fueran las normas objetivas de la teología sacramental.

Después que dejé la Sociedad San Pío V en julio de 1989, el Padre Sanborn y yo seguimos comparando los apuntes de nuestras investigaciones. Lo que sigue es el resultado de nuestros esfuerzos compartidos, pero la mayor parte del crédito le corresponde al Padre Sanborn, que rastreó las fuentes teológicas y los decretos papales con tenaz determinación.

II. EL HECHO DE LAS CONSAGRACIONES

Comenzamos nuestra investigación planteándonos estas dos simples preguntas:

- El 7 de mayo de 1981 en Toulon, Francia, ¿realizó Monseñor Thuc el rito de consagración episcopal de Guérard des Lauriers siguiendo el rito católico tradicional?

- El 17 de octubre de 1981 en Toulon, Francia, ¿realizó Monseñor Thuc el rito de consagración episcopal de Moisés Carmona siguiendo el rito católico tradicional?

La respuesta a ambas preguntas es afirmativa.

Pero hay que observar que empleamos una frase torpe. Preguntamos si Mons. Thuc realizó el rito de consagración episcopal para dos personas, en vez de preguntar si las consagró. ¿Porqué?

Para dirigir la atención hacia una distinción importante entre dos cosas:

- El hecho de un sacramento, i.e., ¿hubo una ceremonia? y
- La validez de un sacramento, i.e., ¿sirvió la ceremonia?

Los canonistas y moralistas, como los Padres Cappello (4), Davis (5), Noldin (6), Wanenmacher (7) y Ayrinhac (8) dan por descontada esta distinción. De igual modo, los tribunales de la Iglesia convinieron en legislar sobre la validez de un matrimonio (9) o de una ordenación (10). Primero los hechos, después la validez.

En este capítulo, por lo tanto, no trataremos el tema de la validez (¿Sirvieron las consagraciones?), sino tan solo la cuestión del hecho (¿Hubo una ceremonia?; ¿realizó el rito Mons. Thuc?).

No hay duda de que las consagraciones Thuc se realizaron. Pero como algunos sacerdotes tradicionalistas han protestado por el hecho de que las consagraciones no han sido «probadas» o «seguras», o que no pueden ser «reconocidas», nos detendremos unos momentos para probar lo que es obvio.

A. Un Limbo jurídico

Cuando las cosas eran normales en la Iglesia, era sencillo comprobar el hecho de si una consagración episcopal se había realizado. Uno se dirigía a alguna autoridad que miraba el detalle en un registro oficial. Si un funcionario eclesiástico autorizado había asentado la consagración en el registro correctamente, el derecho eclesiástico la consideraba un hecho «probado» a los ojos del derecho canónico. Lo mismo se aplica a los bautismos, las confirmaciones y las ordenaciones sacerdotales.

Si los registros oficiales se extraviaban o se destruían accidentalmente, se podía tomar otra vía. Se llevaban las pruebas a alguien con autoridad -un obispo diocesano o un juez de un tribunal del Vaticano-, que examinaba la evidencia y emitía un decreto declarando que fulano de tal había recibido el sacramento.

Estos funcionarios gozaban de un poder legal denominado jurisdicción ordinaria, una autoridad que en última instancia provenía del Papa, a los fines de ordenar, legislar, castigar y juzgar. Parte de esa autoridad consistía en el poder de establecer a los ojos del derecho eclesiástico que un determinado acto sacramental había sido realizado, para funcionar como contrapartida sacramental en el Registro de actos.

En ambos casos -se trate de los registros oficiales o de los decretos de la jerarquía- alguien con jurisdicción ordinaria estaba ejerciendo su poder. Juzgaba que tenía las evidencias legales suficientes de que una ordenación en particular, por ejemplo, se había realizado. La ingresaba en el registro oficial o emitía un decreto. El hecho de la ordenación quedaba, así, establecido ante la ley.

A diferencia de esto, consideremos mi propia ordenación. Es un hecho que Monseñor Lefebvre me ordenó sacerdote en Ecône, Suiza, el 29 de junio de 1977. Pero el hecho no ha sido establecido legalmente. No está asentado en el registro de ordenaciones de la Diócesis de Sión, como exigiría el derecho eclesiástico. Si durante mi vida la Iglesia retornara a la normalidad, tendría que ver a alguien con jurisdicción ordinaria que entonces se expediría sobre la evidencia, y emitiría un decreto que establecería legalmente el hecho de mi ordenación.

¿Esto, en donde coloca el hecho de las consagraciones Thuc? En el mismo plano en que quedan mi ordenación, las consagraciones de Lefebvre y todos los sacramentos que el clero tradicionalista confiere: en una especie de limbo jurídico. Dado que nadie dentro del movimiento tradicionalista tiene jurisdicción ordinaria, nadie tiene poder para expedirse sobre la prueba legal de que determinado sacramento fue realizado, y entonces establecerlo como un hecho ante el derecho eclesiástico. Esa es una prerrogativa de los funcionarios eclesiásticos que recibieron su autoridad de un Papa.

No obstante, los católicos tradicionalistas podemos y efectivamente establecemos el hecho de que hemos conferido o recibido sacramentos. Nos valemos de la certeza moral, un concepto sencillo que aplicaremos a las consagraciones Thuc y también a los demás sacramentos.

B. Documentos B. Documentos

A diferencia de las consagraciones de Mons. Lefebvre de 1988, las efectuadas por Mons. Thuc tuvieron una difusión pública escasa o nula en los EE.UU. Sin embargo, es fácil documentar el hecho que las ceremonias se realizaron. Estas son algunas fuentes:

- Fotografías publicadas de la consagración de Mons. Guérard, el 7 de mayo de 1981 (11).
- Fotografías publicadas de la consagración de Mons. Carmona y de Mons. Adolfo Zamora, el 17 octubre de 1981 (12).
- Las leyendas que acompañan a estas fotos y afirman que Mons. Thuc efectuó las consagraciones según el Pontifical Romano (edición de 1908) (13).
- Una entrevista de febrero de 1988, efectuada bajo juramento, al Dr. Kurt Hiller, que estuvo presente en ambas consagraciones y que sostuvo el libro del ritual (el Pontifical Romano) para Mons. Thuc mientras éste realizaba el rito de consagración (14).
- Una declaración jurada del Dr. Eberhard Heller, que también estuvo presente en ambas consagraciones y en la que atestigua que los Monss. Guérard, Carmona y Zamora fueron consagrados obispos por Mons. Thuc y que «Las consagraciones se hicieron según el Pontifical Romano (Roma, 1908)» (15).
- Una carta de Joseph Cardenal Ratzinger dirigida a Mons. Thuc, que habla de una «indagación bien sustentada» hecha por el Vaticano sobre las consagraciones y en la cual aclara específicamente que Mons. Thuc consagró a Guérard, Carmona y Zamora (16).
- Una declaración del Vaticano de 1983 que menciona por el nombre a los que fueron consagrados, y además -como es previsible- denuncia las consagraciones (17).
- La publicación de una carta de Mons. Thuc, fechada el 11 de julio de 1984, en la que reconoce que en 1981 confirió el episcopado a «varios sacerdotes, a saber, a los Padres M.L. Guérard des Lauriers O.P., Moisés Carmona y Adolfo Zamora» (18).
- La publicación de una entrevista a Mons. Guérard en la que él atestigua que Mons. Thuc lo consagró el 7 de mayo de 1981, que «la consagración fue válida», que «se siguió íntegramente el rito tradicional (exceptuando la lectura del mandato romano)», y que «Mons. Thuc y yo tuvimos la intención de hacer lo que hace la Iglesia» (19).
- Una entrevista a Mons. Guérard en la que nuevamente afirma haber sido consagrado el 7 de mayo de 1981, y que se siguió el rito íntegramente (20).
- Una entrevista al RP. Noel Barbara, hecha bajo juramento, en la que el Padre Barbara declara que visitó a Mons. Thuc en 1982, y que Mons. Thuc reconoció que, de hecho, consagró a Mons. Guérard y a Mons. Carmona (21).

Todas estas fuentes, por supuesto, coinciden en la cuestión fundamental: el hecho de que Mons. Thuc realizó el rito de consagración episcopal para M.L. Guérard des Lauriers el 7 de mayo de 1981, y nuevamente para Moisés Carmona y Adolfo Zamora el 17 de octubre de 1981.

Las declaraciones de los doctores Heller y Hiller, y de Mons. Guérard, y las leyendas de las fotografías (escritas por el Dr. Heller), además, concuerdan en otra cuestión fundamental: el hecho de que Mons. Thuc utilizó el rito tradicional para realizar las consagraciones.

C. Un hecho establecido

Ante esta documentación, el lector razonablemente concluye que es un hecho que Mons. Thuc realizó estas consagraciones y que es un hecho que usó el rito católico tradicional. ¿Porqué? Todos los documentos apuntan a los mismos hechos fundamentales. Las partes involucradas nunca cambiaron su relato de los hechos. «Suena cierto».

Ese «suena cierto» que pensamos al considerar todos los hechos sobre esta cuestión o cualquier otra, es resultado de la certeza moral, una norma de sentido común que aplicamos permanentemente.

Los teólogos moralistas católicos dicen que la certeza moral se produce cuando nos damos cuenta que es imposible que estemos equivocados sobre un hecho particular, ya que lo opuesto a este hecho es tan improbable que sabemos que creerlo sería imprudente (22). Esto implica, por lo tanto, considerar el opuesto de algo para ver su grado de probabilidad.

Un ejemplo (*) puede servir: Yo no vi morir a Elvis Presley. Pero su esposa, el médico, el comisario y el enterrador afirman que murió. Entonces pienso lo opuesto: que Elvis vive y anda acechando entre las góndolas del supermercado de mi barrio. Pero eso significaría que las cuatro personas que vieron su cadáver y que dicen que está muerto son todos unos mentirosos y forman parte de una conspiración en masa. Esto es tan improbable que no podría creerlo. Por lo tanto, he llegado a tener certeza moral sobre un hecho: Elvis -«El Rey»- está verdaderamente muerto.

En consecuencia, para llegar a tener certeza moral sobre las consagraciones Thuc, tenemos que considerar si lo opuesto a las pruebas que poseemos es suficientemente probable como para ser creíble: i.e., que Mons. Thuc no realizó la consagración de Mons. Guérard ni de Mons. Carmona, o que si lo hizo no siguió el rito tradicional.

Esto presupone las siguientes situaciones:

1 - Que Mons. Thuc, Mons. Guérard, Mons. Carmona, Mons. Zamora (ya fallecidos) y dos laicos archisedevacantistas mintieron, falsificaron fotografías dos veces, incurrieron en perjurio en dos ocasiones y se involucraron en una conspiración complicadísima y muy bien orquestada. 2 - Que las seis personas más directamente involucradas estaban completamente equivocadas al creer que habían ocurrido dos consagraciones episcopales. 3 - Que Guérard, Carmona y Zamora después confirieron ordenaciones y consagraciones episcopales que ellos sabían que eran nulas e inválidas. 4 - Que Guérard, Carmona y Zamora, ayudados e instigados por los doctores Hiller y Heller, permitieron que Mons. Thuc los consagrara obispos con un rito distinto del rito católico tradicional. 5- Que las personas que intervinieron en las consagraciones también engañaron a los funcionarios del Vaticano sobre los acontecimientos, o bien hicieron que el Vaticano participara de la conspiración.

Estas situaciones indudablemente son ridículas y absurdas, y no hay pruebas en absoluto para sustentarlas. Pero son la única clase de teorías que alguien podría postular si quisiera decir que no tenemos certeza moral alguna sobre el hecho de las consagraciones Thuc. Y si acaso alguien piensa que estas alternativas son creíbles o probables, lo único que puedo decirle es: Mantén tus ojos bien abiertos cuando estés en el supermercado... Esto nos deja con la certeza moral sobre el hecho de las consagraciones Thuc; certeza «que excluye todo temor de error y toda duda seria o prudente» (23). Esto es todo lo que los teólogos exigen para cualquier sacramento. Ya que no tenemos ningún fundamento serio ni prudente como para poner en duda la realización de las consagraciones, o que se empleó el antiguo rito, debemos tomar a ambos acontecimientos como hechos establecidos.

III. LA VALIDEZ DE LAS CONSAGRACIONES

Ahora, retomemos la cuestión que diera lugar a este estudio:

- ¿Estamos obligados a considerar que las consagraciones Thuc son válidas, i.e., que sirvieron? Fundándonos en principios de derecho eclesiástico y teología moral aplicables a todos los sacramentos, estamos obligados a responder afirmativamente.

Para entender porqué, simplemente tenemos que repasar los requisitos mínimos exigidos para que una consagración se realice válidamente, y de qué manera el derecho eclesiástico y los moralistas consideran que tales requisitos se han satisfecho en un caso dado, a menos que exista evidencia positiva en contrario.

A. Una receta para la validez

Dentro de las numerosas ceremonias bellísimas de la Iglesia Católica, el Rito de Consagración Episcopal es sin duda la más espléndida y compleja. Se lleva a cabo en la festividad de un Apóstol, generalmente ante una gran concurrencia de fieles. En su forma más solemne, el obispo consagrante es asistido por otros dos obispos (denominados «co-consa-grantes»), 11 sacerdotes, 20 acólitos y 3 ceremonieros (24). Realizar una consagración episcopal tal como lo prescriben todas las elaboradas directivas del ceremonial demanda aproximadamente cuatro horas.

Por otro lado, realizar una consagración episcopal válidamente demanda aproximadamente 15 segundos. O sea, más o menos el tiempo que le toma a un obispo imponer sus manos sobre la cabeza del sacerdote y recitar las 16 palabras de la fórmula que exige la Iglesia para la validez.

Lo que acabamos de decir podría dejar pasmado al lector lego, pero este caso es semejante a algo que todos hemos aprendido en el catecismo. Todo lo que se necesita para bautizar válidamente a alguien es agua común y la fórmula breve (Yo te bautizo, etc.). Es tan simple que hasta un musulmán o un judío podrían hacerlo bien, en caso de que alguien necesitara ser bautizado verdaderamente. Y una vez que el agua fue derramada y se recitó la fórmula breve, estará tan válidamente bautizado y será tan cristiano como si el Papa en persona lo hubiera hecho en la Basílica de San Pedro.

La receta que la Iglesia da para que una consagración episcopal sea válida es también así de simple. Además del obispo válidamente consagrado que realice el rito y un sacerdote válidamente ordenado que tenga la intención de recibir la consagración, hay solo tres ingredientes esenciales para la validez:

1) La imposición de manos por el obispo consagrante (denominada técnicamente materia del sacramento). 2) La fórmula esencial de 16 palabras recitada por el obispo consagrante (denominada técnicamente forma del sacramento) (25). 3) Una intención mínima de parte del obispo consagrante «de hacer lo que hace la Iglesia» (denominada intención ministerial).

Aunque se deben observar todas las ceremonias que prescribe el rito, los tres elementos precedentes son todo lo que se requiere para que una consagración episcopal sea válida.

B. El peso de la prueba

Luego de asegurarse del hecho que un verdadero obispo realizó una consagración empleando un rito católico, ¿es necesario probar en forma positiva que el obispo no omitió alguno de estos elementos esenciales durante la ceremonia?

No. El mero hecho de que un obispo emplee un rito católico es por sí prueba suficiente de la validez, y a partir de entonces no se requiere ninguna evidencia extra. La validez se «da por sentada», y solo puede ser refutada. Y esto solo puede lograrse si se demuestra que uno de los elementos esenciales para la validez faltó (o probablemente faltó) cuando se realizó la ceremonia.

Esto se aplica a todos los sacramentos y se manifiesta por:

1 - La práctica pastoral ordinaria: El registro diario de los sacramentos da por supuesto que el ministro del sacramento cumplió con los requisitos esenciales para la validez. Las actas oficiales de bautismo y ordenación no mencionan en absoluto términos técnicos como «materia», «forma» o «intención ministerial». Además, los certificados de los sacramentos simplemente declaran que fulano recibió un sacramento «con todas las ceremonias y solemnidades necesarias y oportunas», o sencillamente «según el rito de la Santa Iglesia Romana». No dicen nada más, porque la ley de la Iglesia no requiere nada más. Dichos sacramentos se consideran válidos sin necesidad de pruebas adicionales.

2 - Los canonistas: Los canonistas hablan de «la reina de las presunciones, que tiene por válido el acto o el contrato mientras no se pruebe su invalidez» (26). Y se aplica a los sacramentos de la siguiente forma: si alguien se presenta ante un tribunal eclesiástico para cuestionar la validez de un bautismo católico (27), un matrimonio (28) o una ordenación (29), la responsabilidad de probarlo [el peso de la prueba] le compete a él. Él debe demostrar que faltó un elemento esencial cuando se confirió el sacramento.

3 - El Derecho Canónico y la Teologia Moral: Estas fuentes prohíben volver a administrar un sacramento en forma condicional, a menos que exista una duda «positiva» o «prudente» sobre la validez (véase el punto IV.A más adelante). Como ejemplo de una duda que no caería en esta categoría, el teólogo moralista dominico Fanfani habla de un sacerdote que no recuerda si recitó la fórmula sacramental esencial. «No debería repetir nada», dice Fanfani. «Sin duda pecaría si lo hace -puesto que todo lo que se hace se presupone hecho correctamente, a menos que se demuestre positivamente lo contrario» (30). Que las partes esenciales del rito fueron realizadas es otra vez simplemente tomado por garantizado.

El canonista Gasparri (que luego fuera Cardenal y compilador del Código de Derecho Canónico de 1917) proporciona un principio general: «...un acto, en particular uno tan solemne como una ordenación, debe considerarse válido mientras no se demuestre claramente su invalidez» (31).

4 - Incluso en los casos raros: en los casos raros: Los canonistas y los moralistas incluso amplían la aplicación de estos principios a los casos donde alguien que no es el ministro católico normal emplea un rito católico para conferir un sacramento. Si una partera que afirma haber hecho un bautismo de urgencia es una persona seria, confiable e instruida en la manera de realizar el bautismo -dice el teólogo Merkelbach-, «no hay razón para dudar seriamente de la validez de un bautismo» (32).

Por último, la Iglesia sostiene tan firmemente la validez de un sacramento administrado según un rito católico que extiende el principio no solamente a los clérigos católicos, sino que incluso lo aplica a los cismáticos. Así, las ordenaciones y las consagraciones episcopales recibidas de obispos ortodoxos, de obispos viejo-católicos de Holanda, Alemania o Suiza «deben considerarse válidas, a menos que en un caso particular deba reconocerse un defecto esencial» (33).

Lo que antecede refleja ciertamente la sabiduría de la Iglesia. Ella no nos pide que refutemos acusaciones negativas intrincadas: «Pruébame positivamente que no omitiste lo que se suponía que tenías que hacer para que el sacramento fuera válido». De lo contrario, habría que capacitar a hordas de testigos especialmente calificados para que comprobaran en forma independiente la validez cada vez que un sacerdote confiere un sacramento.

Por lo tanto, es fácil ver porqué un sacramento administrado según un rito católico debe considerarse válido mientras no se demuestre positivamente lo contrario.

C. Validez

Los requisitos para que una consagración episcopal sea válida son, entonces, mínimos. Y cuando se emplea un rito católico para este o para cualquier otro sacramento, la práctica pastoral ordinaria, los canonistas, el derecho eclesiástico y los moralistas no requieren ninguna prueba adicional para la validez del sacramento, incluso cuando lo administre una partera o un cismático. La validez más bien debe ser refutada.

Cuando volvemos a considerar las consagraciones de Mons. Guérard y de Mons. Carmona, tres hechos clave son absolutamente ciertos:

1) Mons. Thuc era un obispo válidamente consagrado. 2) Mons. Thuc realizó el rito de consagración episcopal para Mons. Guérard el 7 de mayo de 1981 y para Mons. Carmona el 17 de octubre de 1981. 3) Mons. Thuc empleó el rito católico en ambas consagraciones.

Tenemos un obispo válidamente consagrado, que realiza el rito de consagración episcopal y que utilizó el rito católico. No hacen falta más pruebas.

Por consiguiente, estamos obligados a considerar que las consagraciones episcopales que Mons. P.M. Ngo-dinh-Thuc confirió a M.L. Guérard des Lauriers y a Moisés Carmona Rivera son válidas.

IV. OBJECIONES DUDOSAS

Como señaláramos antes, Monseñor Antonio de Castro Mayer admitió la validez de la consagración de Mons. Guérard, y el Nuncio Apostólico en Estados Unidos, Mons. Pío Laghi, también lo consideró así, pues al condenar la consagración de Guérard como «ilícita», también reconocía que era «valida» (34). Podemos suponer que si se planteara a cualquiera de los dos prelados una cuestión sobre la consagración de Mons. Carmona, habrían dado respuestas similares a aquellas.

Aunque eclesiásticos tan distantes teológicamente como el prelado tradicionalista de Campos y el representante oficial de Juan Pablo II en los EE.UU. puedan coincidir al admitir la validez de las consagraciones, algunos sacerdotes católicos tradicionalistas se han mantenido cautelosos al respecto. Algunos de ellos hallaron honestamente ciertas cuestiones que les resultaban desconcertantes. Otros denunciaron agresivamente como «dudosa» la validez de las consagraciones.

Aquí nos ocuparemos del último grupo. Cada una de sus objeciones se ha basado en una de estas dos cosas: A) Una aseveración gratuita que los teólogos definirían como «duda negativa», que como tal no puede utilizarse para impugnar la validez de un sacramento. B) Un supuesto «requisito» del derecho eclesiástico o de la teología moral que resultó ser un invento de los objetores.

A. Dudas «negativas»

La única manera de decir verdaderamente que un sacramento es dudoso es presentar una duda positiva (o prudente) sobre su validez. La duda es positiva cuando tiene un fundamento claramente objetivo y firmemente basado en la realidad. En el caso de un sacramento, debe fundarse en pruebas sólidas de que probablemente se omitió un elemento esencial para la validez.

Por lo tanto, para plantear una duda positiva sobre la validez de las consagraciones Thuc debe demostrarse que cuando se realizó la ceremonia hubo, o probablemente hubo, un defecto sustancial en alguno de los siguientes elementos esenciales:

- La imposición de manos.
- La fórmula esencial de 16 palabras.
- La intención mínima del obispo de «hacer lo que hace la Iglesia».

Ahora bien, nadie entre los presentes en las consagraciones de Mons. Thuc afirmó jamás que hubieran ocurrido alguno de estos defectos.

Al no haber ningún tipo de prueba sobre defecto semejante, los objetores promueven especulaciones, cavilaciones, conjeturas, teorías personales y -un recurso favorito- cuestiones retóricas acerca de lo que puede haber o no puede haber, o de lo que posiblemente podría o no podría haber ocurrido durante los «15 segundos esenciales» de la consagración.

Pero la característica principal de tales objeciones es que son subjetivas, i.e., que no se sustentan en un conocimiento de lo que ocurrió durante el rito, sino de la falta de conocimiento personal en el objetor de lo que ocurrió. Estas objeciones son lo que los teólogos moralistas denominan dudas negativas (o imprudentes). Y las dudas negativas no hacen que un sacramento se vuelva «dudoso».

Nos limitaremos a algunas de las dudas negativas más repetidas:

1ª Objeción: *¿Qué pasaría si se hubiera omitido un elemento esencial y no lo sabemos? ¿No sería terrible? ¿No debemos acaso querer estar bien seguros? ¿No es prudente desear saber? ¿No es prudente dudar? ¿No necesitamos mayores pruebas? etc.*

Tenemos aquí toda una manada de dudas negativas atronando a todo galope. Observen cómo funciona el procedimiento: Montones de dudas. Montones y montones de rastros oscuros. Pero ningún hecho pertinente y verificable. Y ningún principio tomado del derecho canónico o la teología moral.

La respuesta es simple: Los canonistas católicos, los teólogos moralistas y los Papas nos han dicho qué es lo que da la certeza moral de la validez de un sacramento. Estas son las reglas que debemos seguir. Si nos ponemos a inventar nuestra propia religión cuando queramos podemos exigir más y más.

2ª Objeción: *Me pregunto si Mons. Thuc «quiso hacer lo que hace la Iglesia», así que las consagraciones deben considerarse dudosas.*

- Un sacerdote o un obispo que confiere un sacramento no tiene que «probar» que quiere hacer lo que hace la Iglesia. Se presume automáticamente que tiene la intención implícita en el rito. Esta es doctrina teológica cierta enseñada por la Iglesia. Y negarla es «teológicamente erróneo» (35). León XIII confirmó específicamente el principio con respecto a las Órdenes Sagradas cuando dijo que alguien que aplica seria y correctamente la materia y la forma, «debe juzgarse por esa misma razón que tuvo la intención de hacer lo que hace la Iglesia» (36).

Antes citamos la declaración del canonista Gasparri afirmando que una ordenación debe considerarse válida mientras no se demuestre su invalidez. También dice que nunca debe presumirse que un obispo que confiere Órdenes Sagradas no tiene la intención de ordenar a alguien, mientras no se demuestre lo contrario. Porque no debe presumirse que alguien es malo -agrega- a menos que se pruebe que lo es (37).

Por lo tanto, es inadmisible atacar la intención ministerial de Mons. Thuc.

- Además, el solo intento de hacerlo, deja traslucir un aguerrido espíritu de presunción. La investigación y prueba en casos en los que se impugnan ordenaciones por falta de intención, era tarea de un tribunal del Vaticano llamado Santo Oficio. Entonces, el Papa mismo confirmaba específicamente la decisión del tribunal.

Un clero tradicionalista «flotante» no tiene, por lo tanto, ni el derecho ni la autoridad de atacar la intención ministerial de un arzobispo católico válidamente consagrado. La sola idea es una necedad.

3ª Objeción: *Creo que Mons. Thuc estaba demente o senil, de modo que las consagraciones deben considerarse dudosas.*

Esta es una variante de la 2ª Objeción, ya que ataca la intención ministerial de Mons. Thuc. Como ya mencionamos, esto es igualmente inadmisible.

Rogamos a los objetores que se den cuenta que, del mismo modo, no han presentado ningún testigo o documento que apoye el cargo de que Mons. Thuc estaba «demente» o «senil» cuando realizó las consagraciones. Ellos suponen que por el simple hecho de plantear esta cuestión, ella tendría un fundamento real: Pruebe que él no estaba demente o senil. Es como decir: Pruebe que usted no le pega a su mujer.

- El «nivel» mínimo de intención requerido para conferir un sacramento válidamente es la intención virtual. No podemos extendernos aquí en la exposición de este concepto técnico. Todo lo que necesitamos saber es que la intención virtual garantiza la validez de un sacramento, incluso si el sacerdote o el obispo están interiormente distraídos antes o durante todo el rito sacramental.

La intención virtual, dice el teólogo Coronata, «ciertamente está presente en alguien que realiza habitualmente acciones sacramentales» (38). El solo hecho de revestirse con los ornamentos e ir al altar se considera prueba suficiente de intención virtual.

Mons. Thuc celebró la Misa tradicional regularmente antes y después de las consagraciones, y muy devotamente, dijo uno de mis amigos laicos que una vez dio testimonio de que así lo hacía. Es ridículo pretender que cuando se revestía y celebraba consagraciones episcopales de tres horas de duración, Mons. Thuc repentinamente no podía siquiera lograr el mínimo de intención virtual.

- Por otra parte, quienes lo conocieron realmente descartan esas acusaciones. El Dr. Eberhard Heller, que estuvo presente en las dos consagraciones, atestiguó bajo juramento que Mons. Thuc «confirió las consagraciones en completa posesión de sus facultades mentales» (39). Mons. Guérard declaró asimismo que Mons. Thuc era de «buen juicio», estaba «perfectamente lúcido» (40), y que «tenía la intención de hacer lo que hace la Iglesia» (41). El R.P. Thomas Fouhy, un sacerdote tradicionalista de Nueva Zelanda que pasó dos días con Mons. Thuc en 1983, en Toulon, Francia, relata que el arzobispo «no tenía un pelo de tonto» y que discutió con competencia distintas cuestiones teológicas y canónicas. Incluso obsequió al Padre Fouhy con detalles de su viaje a Nueva Zelanda en 1963. El Padre Fouhy agregó que no quedaba ninguna duda de que Mons. Thuc era competente (42).

Así también, incluso los enemigos que tenía el arzobispo dentro del movimiento tradicionalista. Los RR.PP. Noel Barbara y Gustave Dalmasure visitaron a Mons. Thuc por separado en enero de 1982. Ambos se oponían a las consagraciones y todavía son críticos de Mons. Thuc, pero ambos también atestiguan que estaba en perfecta posesión de sus facultades.

El Padre Barbara dice que la validez de las consagraciones está fuera de toda duda. Él cree que la Iglesia Conciliar fue la que inició el rumor contra el discernimiento de Mons. Thuc (43).

- He recibido fotocopias de cuatro documentos escritos por Mons. Thuc, de puño y letra. Todos ellos fueron escritos después de las consagraciones. Su caligrafía es clara, firme y más legible que la mía. Los documentos son indudablemente la obra de un hombre coherente, cuya capacidad para conferir sacramentos válidos es inatacable.

Uno de los documentos es una carta del 30 de julio de 1982 a Mons. Guérard para enviarle cierta correspondencia. Dos son declaraciones; una de ellas, de que rompe relaciones con el grupo del Palmar de Troya (44); en la otra, declara su posición sobre la vacancia de la Santa Sede (45).

El último documento es una carta de 1982 (en latín) en respuesta a una pregunta de Mons. Guérard. Varios meses después de su consagración, Mons. Guérard escuchó que Mons. Thuc había concelebrado previamente una vez el Novus Ordo, el Jueves Santo de 1981, con el obispo de Toulon. El arzobispo admite que era verdad, pero cierra con esta conmovedora frase: «Tengo la esperanza de que Dios no me juzgue con tal crueldad, pues erré de buena fe» (46).

Es indudable que un hombre que puede escribir semejante declaración es totalmente dueño de su mente.

- Por consiguiente, extraemos la conclusión correcta: La enseñanza católica prohíbe atacar la intención sacramental de Mons. Thuc y, a la luz de las declaraciones del arzobispo y de quienes lo conocieron, los principios de la moral católica dictaminan que se deje de repetir la calumnia infundada de que él era incapaz de conferir un sacramento válido.

B. «Requisitos» inexistentes

Muchas veces mientras realizábamos nuestra investigación, quienes objetaban las consagraciones Thuc nos decían al Padre Sanborn y a mi que «la Iglesia exige» esto o aquello para considerar válida una consagración episcopal, que en las consagraciones no se hallaba el requisito y que entonces eran «dudosas».

La mayoría de estas objeciones estaba de algún modo ligada al hecho de que, además de Mons. Thuc y los futuros obispos, solo estaban presentes dos laicos en las ceremonias.

Casualmente, descubríamos en cada caso que el supuesto «requisito» no provenía de la Iglesia sino únicamente de los objetores. Citamos aquí ejemplos:

1ª Objeción: *Si no existe un certificado firmado, la consagración episcopal es dudosa.*

- No existe ninguna ley eclesiástica que diga que no emitir un certificado vuelve dudosa automáticamente una consagración episcopal.

La certeza moral sobre el hecho de que un sacramento tuvo lugar es todo lo que se requiere para considerarlo válido (véase más arriba II.A, C).

- De todos modos, es el registro diocesano de ordenaciones, y no el certificado del obispo consagrante, el acta oficial de una consagración episcopal.

2ª Objeción: *Las consagraciones fueron un hecho «secreto», más que un hecho «notorio». La responsabilidad de probar un hecho secreto corresponde a quienes lo sostienen, y dado que no se han presentado pruebas, las consagraciones son dudosas.*

Esta objeción es puro cuento chino.

- El derecho eclesiástico no dice en ninguna parte que una consagración episcopal realizada con solo dos laicos presentes es un hecho «secreto», o que tal consagración sea dudosa. Esta norma la inventaron los objetores.
- De todos modos, para el derecho eclesiástico son suficientes dos testigos para que un acto se convierta legalmente en «público». El Matrimonio, por su propia naturaleza, por ejemplo, siempre se considera un sacramento público. Pero puede ser contraído a puertas cerradas (para no escandalizar, por ejemplo), frente a dos testigos. La presencia de los cuales lo convierte legalmente en «público», aunque el hecho de que el sacramento tuvo lugar no se difunda por aquí y por allá.
- Las referencias sobre actos «secretos» y «notorios» se toman de las normas de evidencia que el derecho canónico aplica solamente cuando dos partes adversarias litigan, al estilo «Perry Mason», ante un juez eclesiástico en un juicio eclesiástico.

Obviamente, el tribunal no está sesionando. Y no estará sesionando hasta que la jerarquía de la Iglesia sea restaurada. Mientras tanto, el poder judicial para dictaminar sobre la evidencia no ha pasado, por defecto, a los objetores.

E incluso si el tribunal estuviera sesionando, los objetores serían arrojados fuera del recinto del juzgado, pues según el derecho canónico solo tres clases de personas pueden cuestionar la validez de una ordenación o consagración (47). Ninguna otra persona -dice el canonista Cappello- tiene derecho a formular acusaciones (48).

3ª Objeción: *Una consagración episcopal sin «testigos calificados» es dudosa.*

- No existe ninguna ley eclesiástica que prescriba que los testigos -sean calificados o no- deben estar presentes en una consagración episcopal, y menos todavía que una consagración es dudosa sin ellos. Nuevamente, los objetores inventaron un requisito de la nada.

4ª Objeción: *Sin la presencia de al menos dos sacerdotes para atestiguar que una consagración episcopal se realizó válidamente, la consagración es dudosa.*

Este «requisito» no existe, y lo contradicen directamente las actas autorizadas por la Santa Sede.

- La función de los sacerdotes asistentes no es -como parecen creer los objetores- atestiguar la validez de una consagración. El Papa Benedicto XIV dice claramente que la razón de los sacerdotes asistentes es la de agregar solemnidad al acto litúrgico y llevar a cabo las prescripciones de los ritos (49).
- En los países de misión, las consagraciones episcopales a menudo se efectuaban sin sacerdotes asistentes (50). La práctica fue sancionada por los Papas Alejandro VII (51), Clemente X (52) y Pío VI (53). De hecho, el breve de Pío VI estaba dirigido a los obispos de lo que era entonces llamado Tonkin y Cochinchina, la parte de Vietnam donde estaba ubicada la diócesis de Mons. Thuc.
- La Iglesia no solamente permite que se realicen consagraciones episcopales sin dos sacerdotes asistentes, sino que en algunos casos específicamente lo ha ordenado así. En un caso, Roma ordenó que una consagración episcopal no solamente se efectuara en secreto y sin asistentes, sino incluso bajo sigilo sacramental (54).

En un caso más reciente, el Papa Pío XI ordenó en 1926 que el Nuncio Apostólico de Alemania efectuara una consagración episcopal secreta sin que hubiera nadie presente. El Nuncio era el Cardenal Eugenio Pacelli, más tarde, por supuesto, el Papa Pío XII. Pacelli solicitó a Roma que se permitiera la presencia de al menos un sacerdote. Por favor, tómese en cuenta que no fue para servir de «testigo», sino que simplemente así el Cardenal podría tener alguien que sostuviera el Misal sobre los hombros del nuevo obispo, como está prescripto efectuar mientras se recita el Prefacio (55).

- Pío XI envió al obispo que Pacelli había consagrado, Mons. d'Herbigny, a Rusia, para que consagrase obispos en secreto. Realizó la primera de estas consagraciones el 21 de abril de 1926 para un cierto Padre Neveu. La consagración tuvo lugar sin sacerdotes asistentes y con la presencia de dos laicos; circunstancias idénticas a las de las consagraciones Thuc. Mons. d'Herbigny no expidió ningún certificado (56).

Obviamente, la Iglesia no permitiría -y menos aún ordenaría- que un obispo realizase una consagración episcopal sin sacerdotes asistentes, si esta fuera «dudosa». Por consiguiente, es imposible sostener que las consagraciones Thuc son «dudosas» fundándose en semejante cosa.

5ª Objeción: *Sin dispensa papal, una consagración episcopal realizada sin dos sacerdotes asistentes es dudosa.*

- Una vez más, ninguna ley ni canonista sustenta esta afirmación.
- Las enseñanzas de los canonistas contradicen esto directamente. Bouix dice llanamente: «Incluso si hubiera una consagración sin ningún asistente y sin una dispensa pontificia, aún sería válida» (57). Regatillo, escribiendo en un trabajo del año 1953, va incluso más allá. Dice que una consagración realizada sin una dispensa sería válida incluso si el obispo «es la única persona presente en la consagración» (58).
- Los Papas Alejandro VII (59), Clemente XI y Benedicto XIV declararon que las consagraciones realizadas sin tal dispensa son válidas (60).

CONCLUSIONES

Los católicos tradicionalistas, acostumbrados desde hace mucho a las controversias donde la virtud o la malicia de las personas u organizaciones ocupa el lugar central, pueden hallar todo lo que antecede seco y blando.

No perdimos tiempo en discutir sobre las cualidades personales de las partes involucradas, si Thuc, Guérard o Carmona eran o no virtuosos, sabios, prudentes, lógicos, coherentes o teológicamente perspicaces.

Tales discusiones no tienen asidero de ninguna manera sobre el tema de si un sacramento es válido o no. Conciernen a lo que los teólogos llaman probidad del ministro. Y es una verdad de Fe Católica que la válida administración de un sacramento no depende de la probidad del sacerdote o del obispo (61).

Por consiguiente, la cuestión de si las consagraciones Thuc eran válidas hierve hasta quedar unos principios secos y un puñado de hechos:

1) Todo lo que se requiere para realizar una consagración episcopal válidamente es la imposición de manos, la fórmula de 16 palabras y la intención mínima de «hacer lo que hace la Iglesia». 2) Una vez establecido el hecho de que un obispo válidamente consagrado realizó una consagración episcopal siguiendo un rito católico, los elementos esenciales se dan por descontados. La validez de la consagración no requiere pruebas adicionales, sino que más bien solo puede ser refutada y el peso de la prueba corresponde al acusador. Esto es evidente por la práctica pastoral ordinaria, los canonistas, el derecho canónico y la teología moral. El principio se extiende incluso a las consagraciones episcopales efectuadas por cismáticos. 3) Existen tres hechos esenciales que están fuera de toda discusión: a) Mons. Thuc era un obispo válidamente consagrado. b) Él realizó el rito de consagración episcopal para Mons. Guérard el 7 de mayo de 1981 y para Mons. Carmona el 17 de octubre de 1981. c) Mons. Thuc utilizó un rito católico en ambas consagraciones.

Tenemos un obispo válidamente consagrado, que realizó consagraciones episcopales y que empleó un rito católico. En consecuencia, estamos obligados a considerar que las consagraciones episcopales que Mons. P.M. Ngodinh-Thuc confirió a M.L. Guérard des Lauriers y a Moisés Carmona Rivera son válidas [**].

Puesto que estas consagraciones fueron válidas, estamos del mismo modo obligados a considerar a los obispos Thuc de los EE.UU. como obispos válidamente consagrados, que poseen el poder sacramental para confirmar, ordenar y consagrar obispos.

7 de diciembre de 1991 (Sacerdotium nº 3, primavera 1992).

---

1) Einsicht nº 11 (marzo, 1982), pág. 12: «Je n'ai plus de relations avec Palmar depuis leur chef se proclame Pape. Je désapprouve tout ce qu'ils font» («No tengo más relaciones con el Palmar desde que su jefe se proclamó Papa. Desapruebo todo lo que hacen»).

2) The Roman Catholic nº 5 (enero, 1983), nº 8.

3) Entre ellas: Catholic University, St. John's, Fordham, Xavier, Marquette, Detroit, Dunwoodie, Douglaston, St. Francis y el Josephinum.

4) F. CAPPELLO, Tractatus Canonico-Moralis De Sacramentis (Roma, Marietti 1961), 1, 21: «Quoties rationabile seu prudens adest dubium de collato sacramento necne aut de collati sacramenti valore». El énfasis es mío.

5) H. DAVIS, Moral and Pastoral Theology (New York, Sheed and Ward 1943), 3, 25: La «validez de un sacramento se da por sentada». El énfasis es mío.

6) H. NOLDIN Y A. SCHMITT, Summa Theologiæ Moralis (Innsbruck, Rauch 1940), 3, 27: «In sacramentis... dubium facti habetur, si dubitatur, an sacramentum reipsa collatum sit vel quomodo collatum sit, nempe cum debita materia, forma et intentione». El énfasis es del autor.

7) F. WANENMACHER, Canonical Evidence in Marriage Cases (Filadelfia, Dolphin 1935), 500: «...cuando el hecho del bautismo se ha establecido, pero la validez permanece dudosa...». El énfasis es mío.

8) H. AYRINHAC, Legislation on the Sacraments (New York, Longmans 1928), 6: «Si existiera una duda prudente sobre el hecho de su administración o de su validez...». El énfasis es mío.

9) Código de Derecho Canónico, canon 1014: «In dubio standum est pro valore matrimonii, donec contrarium probetur...».

10) Véase S.C. de Sacramentos, Decreto del 9 de junio de 1931, Acta Apostolicae Sedis 23 (1931), 457ff.

11) Einsicht nº 12 (mayo, 1982), págs. 4-6.

12) Einsicht nº 11 (marzo, 1982), págs. 14-19.

13) Einsicht nº 11 (marzo, 1982), pág. 14: «Bischofsweihe S.E. Mgr. M.L. Guérard des Lauriers, o.p.: in Toulon am 7.Mai 1981; Konsekrator: S.E. Mgr. Pierre Martin Ngo-dinh-Thuc: nach dem 'Pontificale Romanum summorum pontificum jussu editum a Benedicto XIV et Leone XIII. Pont. Max.' (Ratisbonae, Romae, etc. 1908)». «Bischofsweihe S.E. Mgr. Moises Carmona und S.E. Mgr. Adolfo Zamora in Toulon am 17 Oktober 1981; Konsekrator: S.E. Mgr. Pierre Martin Ngo-dinh-Thuc: nach dem 'Pontificale Romanum' (Ratisbonae, Romae, etc. 1908, S. 520 ff).

14) CLARENCE KELLY, ET AL., Entrevista al Dr. Kurt Hiller, Munich, febrero de 1988, passim.

15) EBERHARD HELLER: «Eidesstattliche Erklärung zu den Bischofsweihen von I.E. Mgr. M.L. Guérard des Lauriers, Mgr. Moises Carmona und Mgr. Adolfo Zamora», Einsicht nº 21 (julio, 1991), pág. 47. «Um noch bestehende Zweifel an den von S.E. Mgr. Pierre Martin Ngo-dinh-Thuc gespendeten Bischofsweihen. die z.B. von bestimmten Personen und Gruppen in den U.S.A. geäußert werden, und weil seine Excellenz inzwischen verstorben ist, er sich also dazu selbst nicht mehr äußern kann, erkläre ich an Eides statt, da ich den betreffenden Konsekrationen durch Mgr. Ngo-dinh-Thuc persönlich beiwohnte: Ich bezeuge, daß S.E. Mgr. M.L. Guérard des Lauriers O.P. am 7.Mai 1981, I.E. Mgr. Moises Carmona und Mgr. Adolfo Zamora am 17 Oktober 1981 in Toulon/ Frankreich von S.E. Mgr. Pierre Martin Ngo-dinh-Thuc zu Bischöfen der hl. katholischen Kirche geweiht wurden. Die Konsekrationen erfolgten nach dem 'Pontificale Romanum' (Rom 1908). Mgr. Ngo-dinh-Thuc spendete die Weihen im Vollbesitz seiner geistigen Kräfte und in der Absicht, der Kirche aus ihrer Notsituation herauszuhelfen, die er in seiner 'Declaratio' über die Sedisvakanz vom 25. Februar 1982 präzisierte. München, den 10. Juli 1991. E. Heller».

16) Ratzinger a Thuc, Carta del 1º de febrero de 1983: «Après le délai nécessaire à une enquête fondée, la S. Congrégation pour la Doctrine de la Foi a pu s'assurer qu'au moins depuis 1981... vous avez également conféré... l'ordination épiscopale au religieux français M.L. Guérard des Lauriers, OP, ainsi qu'aux prêtres mexicains Moises Carmona et Adolfo Zamora» («Luego de un plazo necesario para hacer una investigación fundada, la S. Congregación para la Doctrina de la Fe pudo asegurarse de que al menos desde 1981... usted ha conferido igualmente... la ordenación episcopal al religioso francés M.L. Guérard des Lauriers OP, así como a los sacerdotes mexicanos Moisés Carmona y Adolfo Zamora»).

17) S.C. Pro Doctrina Fidei, Notificatio, 12 de marzo de 1983, Acta Apostolicae Sedis (abril, 1983).

18) L'Osservatore Romano, edición inglesa, 24 de diciembre de 1984.

19) Sodalitium nº 4 (mayo, 1987), pág. 24: «Affermo che questa Consecrazione è valida... Atteso che: 1) il rito tradizionale è stato integralmente osservato (fatto eccezione della lettura del 'mandato romano'!): 2) Mons. Thuc ed io avevamo l'intenzione di fare ciò che fa la Chiesa». Énfasis del autor.

20) JOSEPH F. COLLINS, Notas sobre la entrevista a Guérard, La Charité (Francia), agosto de 1987.

21) CLARENCE KELLY, ET AL., Entrevista a Noël Barbara, Greenwich CT, mayo de 1990.

22) Véase J. MCHUGH & C. CALLAN, Moral Theology, New York, Wagner 1929, 1, 643: «Los juicios son moralmente ciertos, cuando el error es imposible según lo que es habitual entre los hombres, lo opuesto de lo que sostiene la inteligencia es tan improbable que sería imprudente moverse a ello».

(*) Adnotatio editoris: Ne quid a devotis etiam rudis lectoribus celeretur, auctor reverendus planum facit se dicere fabulam, latius in Statibus Foederatis Americae ab ephemeridibus aliis sordidis diffusam, quod E. Presley, citharoedum ac divum populo gratissimum (qui «Rex» appellabatur et obiit circa idibus Augusti, anno MCMLXXVII), non vero obiisse, sed vivit jam, quasi in occulto, interdum tamen se videndum praestans, praesertim uxoribus tabernas aromatarias frequentibus - exemplum immo vividum, etiamsi nimirum ab auctoribus probatis haud hucusque citatum [Sacerdotium].

23) McHugh & Callan, 1, 645.

24) J. NABUCO, Pontificalis Romani Expositio JuridicoPractica (New York, Benziger 1945), 1, 218.

25) Para la validez ni siquiera se requiere que el obispo pronuncie todas las palabras en perfecta exactitud, siempre que no cambie el significado sustancialmente. Véase E. Regatillo, Jus Sacramentarium (Santander, Sal Terræ 1949), 873.

26) Wanenmacher, 408.

27) Wanenmacher, 500: «De modo semejante, cuando se ha establecido el hecho del bautismo, pero la validez permanece dudosa, hay una presunción general en favor de la validez. Esto es verdadero sobre todo para el bautismo católico y la presunción es anulada solamente por una prueba rigurosa en contrario».

28) Wanenmacher, 411: «Para el código el matrimonio tiene el favor del derecho: de aquí que cuando hay una duda, debemos sostener la validez del matrimonio hasta que se pruebe lo contrario» (c. 1014).

29) S. WOYWOOD, Practical Commentary on the Code of Canon Law (New York, Wagner 1952), 1905: «Se presume la validez de una orden sagrada mientras no se establezca su invalidez por prueba al efecto de que se la recibió con falta de intención por parte del peticionante».

30) L. FANFANI, Manuale Theorico-practicum Theologiæ Moralis (Roma, Ferrari 1949), 4, 50: «E contra minister qui leviter tantum aut negative tantum, dubitat, de bona administratione alicuius sacramenti, e.g. non recordatur se verba formae pronuntiasse, nil repetere debet, quinimmo peccat si facit: omne enim factum, supponendum est rite factum, nisi positive constet contrarium». El énfasis es mío.

31) P. GASPARRI, Tractatus de Sacra Ordinatione (París, Delhomme 1893), 1, 970: «...tum quia actus, praesertim adeo solemnis qualis est ordinatio, habendus est ut validus, donec invaliditas non evincatur».

32) B. MERKELBACH, Summa Theologiae Moralis (Brujas, Desclée 1962) 3, 165: «Ubi ergo persona omnino seria, etiam mera obstetrix, quae sit fide digna, circumspecta, et in ritu baptizandi instructa, assereret infantem a se rite baptizatum esse, non esset cur de valore Baptismi serio dubitaretur;.....»

33) U. BESTE, Introductio In Codicem (Collegeville MN: St. John’s 1946), 951: «Hinc ordines collati ab episcopis schismaticis ecclesiae orientalis, iansenistis in Batavia (Hollandia), veterum catholicorum in Germania et Helvetia, validi habendi sunt, nisi in casu particulari vitium essentiale admissum fuerit».

34) P. Laghi [dirigida a E. Berry], Carta del 28 de septiembre de 1988: «En respuesta a su consulta del 23 de septiembre de 1988, la ordenación episcopal de Guérard des Lauriers, si bien es válida, fue gravemente ilícita».

35) B. LEEMING, Principles of Sacramental Theology (Westminster md: Newman 1956), 482: «Este principio se afirma como doctrina teológicamente cierta enseñada por la Iglesia, negarla sería teológicamente erróneo... se presume que el ministro tiene la intención implícita en el rito...». Énfasis del autor.

36) Bula Apostolicae Curae, del 13 de septiembre de 1896: «Iamvero quum quis ad sacramentum conficiendum et conferendum materiam formamque debitam serio ac rite adhibuit, eo ipso censetur id nimirum facere intendisse quod facit Ecclesia».

37) Tractatus de Sacra Ordinatione, 1, 970: «Proinde numquam praesumitur ministrum talem intentionem non ordinandi habuisse in ordinatione peragenda, donec contrarium non probetur; tum quia nemo praesumitur malus, nisi probetur...». Énfasis del autor. Los principios anteriores igualmente rebaten los argumentos de quienes creen que el consagrante de Lefebvre, Liénart, era masón (una acusación engañosa) y entonces que las ordenaciones de Lefebvre son «dudosas».

38) M. CONTE A CORONATA, De Sacramentis: Tractatus Canonicus (Turín, Marietti 1943) 1, 56: «Virtualis enim intentio, ut iam vidimus, est intentio ipsa actualis quae cum distractione operatur. Talis intentio certe habetur in eo qui de more ponit actiones sacramentales».

39) «Eidesstattliche Erklärung...,» loc. cit., «Mgr. Ngo-dinh-Thuc spendete die Weihen im Vollbesitz seiner geistigen Kräfte».

40) Collins, Notas sobre la entrevista a Guérard.

41) Sodalitium nº 4 (mayo, 1987), pág. 24: «Atteso che... Mons. Thuc ed io avevamo l'intenzione di fare ciò che fa la Chiesa».

42) Conferencia, Cincinnati, 13 de diciembre de 1991.

43) JOSEPH COLLINS, Notas sobre la entrevista a Noël Barbara, noviembre de 1989.

44) Declaración del 19 de diciembre de 1981, reimpresa en Einsicht (marzo de 1982).

45) Declaración del 25 de febrero de 1982. El texto fue transcripto y reimpreso en Einsicht (marzo de 1982).

46) Thuc a Guérard, carta no fechada [a comienzos de 1982]: «Excellentissime Domine: Recepi litteras tuas tantum his diebus, quia non sum in urbe Toulon jam ab uno mense. In illa epistola, voluisti cognoscere utrum concelebravi, anno praeterito, in die quinta Sanctae hebdomadae cum Episcopo hujus diocesis. Utique, cum illo Episcopo celebravi, quia illa die non potui celebravi in meo domo secundum legem Ecclesiae. Tu dixisti quod ego commisi peccatum, quia secundum te, Missa illius episcopi erat invalida. Spero quod Deus non me judicavit ita crudeliter, quia erravi in bona fide. † P.M. Ngo-dinh-Thuc».

47) El que recibe el sacramento, su ordinario diocesano y el ordinario de la diócesis donde se confirió el sacramento. Véase el Canon 1994, 1: «Validitatem sacrae ordinationis accusare valet clericus peraeque ac Ordinarius cui clericus subsit vel in cuius diocesi ordinatus sit».

48) Véase Cappello 4, 683: «Aliae personae extraneae procul dubio jure accusandi carent».

49) De Synodo Diocesana 13, 13, 7: «Et utroque casu aliquid desideratur, quod ad ejusdem actus solemnitatem, et praescriptorum rituum observantiam pertinet; quandoquidem in prima facti specie deest duorum Antistitum praesentia a sacris canonibus statuta; in altera vero desideratur praesentia duorum Sacerdotum, quos Pontifex adhibendos voluit».

50) Z. ZITELLI, Apparatus Juris Ecclesiastici (Roma, 1888), 23: «Siquando necessitas postulet vel impossibilitas adsit tres habendi Episcopos, Romani Pontificis erit indulgere ut consecratio ab uno fiat Episcopo cum assistentia duorum Sacerdotum, qui in dignitate ecclesiastica constituti sint, vel etiam a solo Episcopo absque ulla assistentia, ut saepe usuvenit in locis sacrarum missionum».

51) S. MANY, Praelectiones de Sacra Ordinatione (París, Letouzey 1905), 519: «Alexander VII, brevi Onerosa, 4 Feb. 1664, concessit ut aliqua episcopalis ordinatio, apud Sinas, fieret ab uno tantum episcopo, cum assistentia duorum presbyterorum, et etiam, si opus esset, sine illorum assistentia».

52) Breve Decet Romanum, del 23 de diciembre de 1673, 3. El Pontífice confirmaba específicamente los privilegios concedidos por Alejandro VII, entre ellos, realizar la «...munus consecrationis cum assistentia

aliorum duorum presbyterorum, etiamsi non essent episcopi, nec in ecclesiastica dignitate constituti, si adessent, sin minus, etiam sine illorum assistentia...».

53) Breve Exigit Pastoralis, del 22 de julio de 1798: «...munus consecrationis cum adsistentia aliorum duorum presbyterorum, etiamsi non sint Episcopi, nec in ecclesiastica dignitate constituti, si adfuerint, sin minus etiam sine illorum assistentia...».

54) J. MCHUGH, The Casuist (New York, Wagner 1917), 5, 24l.

55) P. LESOURDE, Le Jésuite Clandestine: Mgr. Michel d'Herbigny (París, Lethielleux), 70. En la relación sobre su consagración en secreto, Mons. d'Herbigny escribe: «Le Nonce expliqua que Rome lui avait d'abord prescrit d'être seul avec le Père d'Herbigny. Il avait fait valoir que, sans la présence d'au moins un assistant, la céremonie lui semblait irréalisable, ne serait-ce que pour maintenir le Missel sur les épaules du consacré».

56) Véase Lesourde, 76ff.

57) D. BOUIX, Tractatus de Episcopo (París, Ruffet 1873), 1, 243: «Sed etiamsi fiat consecratio absque ullis assistentibus, et absque obtenta Pontificia dispensatione, adhuc valida erit».

58) E. REGATILLO, Interpretatio et Jurisprudentia Codicis J.C. (Santander, Sal Terrae 1953), 465: «Unus episcopus sufficit ad validitatem consecrationis, dummodo ritum essentialem cum debita intentione ponat. Idque etsi sine pontificia dispensatione unicus sit qui consecrationi intersit». El énfasis es mío.

59) Breve Alias, del 27 de febrero de 1660: «Quantum spectat ad sacramentum et impressionem characteris fuisse validam».

60) De Synodo Diocesana 13, 13, 9-10: «...consecrationem hujusmodi validam, licet illicitam, esse censuerunt... ratam firmamque, sed illicitam Consecrationem pronuntiavit». El énfasis es de Benedicto, citando el decreto de Clemente del 26 de noviembre de 1718.

61) Cappello, 1, 36: «In ministro non requiritur nec status gratiae, nec vitae probitas, imo nec ipsa fides, ad validam sacramentorum confectionem vel administrationem. Haec est veritas catholica de fide». Énfasis del autor.

[**] Nos ha parecido conveniente agregar aquí las notas 90 y 91 de un trabajo del Padre Francesco Ricossa del año 2003 (Sodalitium nº 56, edición italiana; nº 55, edición francesa) en respuesta a objeciones que planteara la Fraternidad San Pío X el mismo año (La Tradizione Cattolica -TC- nº 52) en un «Dossier sobre el Sedevacantismo» (n.d.r.): Nota 90: «Aunque me salga del tema, me parece oportuno responder de alguna manera, al menos en una nota, a cuanto escribe la TC a propósito de las consagraciones sin mandato romano realizadas por Mons. Thuc. La TC publica en páginas 40-45 una lista no exhaustiva de las consagraciones que tienen origen (en ocasiones bien lejano) en Mons. Thuc, lista que incluye casi 43 mencionados, atribuyendo a Mons. Thuc la consagración directa de 10 obispos. Creo, al respecto, que las consagraciones atribuibles a Mons. Thuc corresponden solo a tres actos efectuados por él: la consagración del 12 de enero de 1976 en el Palmar de Troya (5 obispos), la de Toulon del 7 de mayo de 1981 (Mons. Guérard des Lauriers), y la de Toulon del 17 de octubre de 1981 (Monss. Zamora y Carmona). En cambio, hay que excluir las supuestas y para nada demostradas de Laborie y de Datassen (no obstante, aviesamente señalado por la TC en la pág. 47, como jefe de la Unión de las Petites Eglises); Mons. Thuc jamás habría reconocido oficialmente dichas consagraciones, las que, en todo caso, habrían sido solamente consagraciones «sub conditione» de personas ya consagradas, y por lo tanto, que no han recibido verdaderamente el episcopado de él. Si así son las cosas, de la lista publicada por la TC hay que quitar 21 «obispos» que en realidad nunca tuvieron nada que ver con Mons. Thuc. Ulteriormente, hay que quitar los cinco obispos del Palmar con su dudosa descendencia, ya que nada tienen que ver con el sedevacantismo: en el Palmar, como en Ecône, se creía en la legitimidad de Pablo VI (y quien convenció a Mons. Thuc de trasladarse al Palmar fue un profesor de Ecône, el canónigo Rivaz). Las consagraciones de Guérard des Lauriers, Zamora y Carmona, en cambio, se efectuaron fundadas en la vacancia (por lo menos formal) de la Sede Apostólica, como se declaró

públicamente en 1982, y como lo entendieron perfectamente Juan Pablo II y el card. Ratzinger, uniendo en actos oficiales dichas consagraciones y la declaración sobre la Sede vacante».

Nota 91: «Sodalitium no niega los defectos de Mons. Thuc y en parte puede compartir el juicio sostenido acerca de él por la TC. No obstante, recordamos a quienes nos refutan la palabra evangélica sobre la paja y la viga. La TC reprocha a Mons. Thuc, entre otras cosas: a) las consagraciones del Palmar de Troya; b) la consagración de dos «viejo-católicos»; c) el hecho de que entre los descendientes de dichos obispos haya incluso gnósticos; d) «la variabilidad de las posturas de Thuc»; e) la «heterogeneidad de los consagrados»; f) las dudas de algunos sobre la validez de sus consagraciones. Respondemos: medice, cura te ipsum (médico, cúrate a ti mismo). Examinemos brevemente los puntos señalados: A) La consagración episcopal en el Palmar de Troya (con el rito tradicional y para la Misa tradicional) acontece, por ejemplo, en un contexto «aparicionista», que no puede sino desacreditar la persona de Mons. Thuc: ¿cómo es posible que haya creído en falsos videntes? Sin embargo, esto también le pasó a Mons. Lefebvre, e incluso a Mons. de Castro Mayer. No quiero ciertamente negar la fe y la seriedad de estos dos magníficos prelados, pero también ellos han tenido sus debilidades. Mons. de Castro Mayer, por ejemplo, siguió por muchísimos años al Prof. Plinio Corrêa de Oliveira, fundador de la T.F.P., hombre de vasta cultura y una profunda preparación doctrinal, pero también idolatrado «gurú» de sus seguidores, en un clima de verdadera «secta», como el mismo prelado más tarde denunció. Mons. Lefebvre, si bien escéptico respecto de las «apariciones», no dejó de confiar en los videntes, incluso para decisiones importantísimas; sobre la influencia de Claire Ferchaud, Marthe Robin y de las «apariciones» de San Damiano, escribe incluso su biógrafo Tissier (B. Tissier de Mallerais, Marcel Lefebvre, une vie, Clovis, Etampes 2002, págs. 455, 433, 479). El grupo de los valesanos propietarios de Ecône, sumamente fieles, seguía las apariciones de San Damiano y a la vidente de Friburgo, Eliane Gaille (recientemente, el distrito italiano percibía entre otros, los fondos provenientes de San Damiano). En Italia, la TC y el autor del artículo deberían estar perfectamente enterados de cuanto ocurre con Rímini, donde el priorato de la Fraternidad fue fundado en arreglo con los fieles de la «Mamma Elvira», una falsa vidente a la que, no obstante, Mons. Lefebvre le concedió pleno apoyo. En este caso, ¿podría afirmarse que el bien llevado a cabo por el priorato de Rímini (incluidas varias vocaciones sacerdotales), no puede venir de Dios porque la mamma Elvira no era una «Mujer de la Providencia»? El aparicionismo en la Fraternidad no pertenece solo a los orígenes: Mons. Fellay, superior general de la Fraternidad San Pío X, ha reconocido en la obra de una vidente, una tal Germaine Rossinière (pseudónimo), «un don del Cielo» y «un tesoro de gracia», que ha presentado oficialmente en el boletín interno de la Fraternidad, Cor Unum (suplemento del nº 60, de junio de 1998). Son algunos de los ejemplos, entre los muchos que podrían citarse…

B) Se acusa a Mons. Thuc de contactos con los «viejocatólicos»; yo mismo he visto en Ecône a un obispo «viejocatólico» reaceptado en la Iglesia por Mons. Lefebvre (como a su vez hiciera Mons. Thuc); a un sacerdote y religioso que había abandonado el ministerio (a causa de la Action Française), que estaba casado y se había vuelto sacerdote griego cismático, para volver al estado laical, que enseñó en Ecône, etc.

C) Mons. Thuc no es ciertamente responsable de las consagraciones de algunos guenonianos, que han recibido el episcopado (?) de los obispos (?) que pretenden haber recibido el episcopado de él. Mons. Lefebvre, en cambio, es ciertamente responsable de la ordenación de más de un sacerdote guenoniano (por lo tanto, gnóstico), ordenados directamente por él, después de haber sido puesto en guardia, antes de la ordenación, precisamente sobre el hecho. Estoy convencido de que Mons. Lefebvre nunca tuvo nada que ver con estas doctrinas, pero ciertamente fue imprudente con estas ordenaciones.

D) En cuanto a la «variabilidad de las posturas de Thuc (oscilantes entre el sedevacantismo y la reconciliación con el Vaticano)» (TC, pág. 47), se pasan por alto las de Mons. Lefebvre entre un posible sedevacantismo, el tradicionalismo y la reconciliación con el Vaticano: hasta el punto que firmó y se retractó del protocolo de acuerdo.

E) Pasemos a la «heterogeneidad de los consagrados» (TC, pág. 47). Mons. Lefebvre ordenó magníficos sacerdotes, pero desdichadamente también sacerdotes escandalosos; estando al tanto en algunos casos, desgraciadamente, de defectos morales decisivos como para no ordenar a semejantes candidatos. No se podía prever, en cambio, el triste caso de un sacerdote que primero atentó contra la vida de Juan Pablo II y después

abandonó el sacerdocio (para otros detalles tristes, véase su autobiografía). Si este pobre sacerdote hubiera sido ordenado por Mons. Thuc, ¿qué no habrían escrito (o todavía peor, dicho) los sacerdotes de la Fraternidad? ¿No habría constituido la prueba de la insania de Mons. Thuc? Desdichadamente, el Obispo que ordenó a ese pobre desgraciado fue Mons. Lefebvre (y no le hago un cargo porque no podía prever el futuro).

F) En fin, la TC insinúa la duda acerca de la salud mental de Mons. Thuc y sobre la validez de sus consagraciones. La «duda fundada» (pág. 47) se basa en las oscilaciones de Mons. Thuc, en la «heterogeneidad» de sus consagraciones, en dudas presentadas por terceras personas… Hemos visto que las mismas acusaciones (si bien, en forma distinta) podrían haberse promovido también contra Mons. Lefebvre, y de hecho hay quien ha negado la validez de sus ordenaciones y consagraciones. Desde Sodalitium he negado rotundamente esta tesis insostenible. La TC debería negar del mismo modo la tesis insostenible que pretende dudar de la validez de las consagraciones y ordenaciones de Mons. Thuc, al menos por coherencia con lo que la propia Fraternidad ha hecho al aceptar la validez del sacerdocio del abbé Schaeffer, ordenado por Mons. Thuc en 1981. Cuando se trata de tener un sacerdote más, las órdenes de Mons. Thuc son válidas; cuando se trata de disuadir a los fieles de recibir la confirmación de parte de un Obispo que ha recibido el episcopado de Mons. Thuc, entonces esas órdenes son inválidas o dudosas… ¿Dónde está la coherencia y la buena fe?

Para terminar. No pretendo ciertamente ser mejor que los demás ni que nuestro Instituto esté inmune de culpas o reproches. Ni siquiera pretendo hacer un parangón entre Mons. Lefebvre y Mons. Thuc; es evidente el rol preponderante, la mayor importancia del prelado francés. Sin embargo, la Fraternidad no puede sacar a relucir solo lo que honra a su fundador y esconder sistemáticamente cuanto puede ser de menor dignidad y que podría perjudicar su figura de «Hombre de la Providencia». Invitamos a la TC a una mayor sinceridad, o bien a renunciar a fundar sus argumentaciones sobre la presunta santidad de sus miembros y la presunta o cierta indignidad de sus adversarios».

Bibliografía

ACTA APOSTOLICAE SEDIS. Publicación periódica, Roma.

ALEJANDRO VII, PAPA. Breve Alias, 27 de febrero de 1660.

ALEJANDRO VII, PAPA. Breve Onerosa, 4 de febrero de 1663.

AYRINHAC, H.A. Legislation on the Sacraments in the New Code of Canon Law, New York, Longmans 1928.

BENEDICTO XIV, PAPA. De Synodo Diocesana, in Operum Editio Novissima, Prado, Aldina 1844, Volumen 10.

BESTE, UDALRICUS OSB. Introductio In Codicem, Collegeville, St. John’s 1946.

BOUIX, D. Tractatus de Episcopo, París, Ruffet 1873.

CAPPELLO, FELIX M. SJ. Tractatus Canonico-Moralis De Sacramentis. Roma, Marietti 1961.

CLEMENTE X, PAPA. Breve Decet Romanum, 23 de diciembre de 1673.

CÓDIGO DE DERECHO CANÓNICO. Vaticano, 1917.

COLLECTANEA DE PROPAGANDA FIDE. Publicación periódica, Roma.

CONTE A CORONATA, MATHAEUS OMC. De Sacramentis: Tractatus Canonicus, Turín, Marietti 1943.

DAVIS, HENRY SJ. Moral and Pastoral Theology, New York, Sheed and Ward 1943.

EINSICHT. Revista, Munich. FANFANI, LUDOVICUS OP. Manuale Theorico-practicum Theologiae Moralis, Roma, Ferrari 1949.

FORTES DANS LA FOI. Revista, Tours (Francia). GASPARRI, PETRO. Tractatus de Sacra Ordinatione, París, Delhomme 1893.

LEEMING, BERNARD SJ. Principles of Sacramental Theology, Westminster md, Newman 1956.

LEÓN XIII, PAPA. Bula Apostolicae Curae, 13 de septiembre de 1896.

LESOURDE, PAUL. Le Jésuite Clandestine: Mgr. Michel d'Herbigny, París, Lethielleux 1981.

MANY, S. Praelectiones de Sacra Ordinatione, París, Letouzey 1905.

MCHUGH, J.A. The Casuist, New York, Wagner 1917.

MCHUGH, JOHN A. OP & CHARLES J. CALLAN OP, Moral Theology, New York, Wagner 1929.

MERKELBACH, BENEDICTUS H. OP. Summa Theologiae Moralis, Bruges, Desclée 1962.

NABUCO, JOACHIM. Pontificalis Romani Expositio Juridico-Practica, New York, Benziger 1945.

NOLDIN, H. Y A. SCHMITT SJ. Summa Theologiae Moralis, Innsbruck, Rauch 1940.

PÍO VI, PAPA. Breve Exigit Pastoralis, 22 de julio de 1798.

REGATILLO, EDUARDUS F. SJ. Interpretatio et Jurisprudentia Codicis Juris Canonici, 3ra. edición, Santander, Sal Terrae 1953.

REGATILLO, EDUARDUS F. SJ. Jus Sacramentarium, 2da. edición, Santander, Sal Terrae 1949.

SODALITIUM. Revista, Verrua Savoia (Italia).

THE ROMAN CATHOLIC. Revista, Oyster Bay NY.

WANENMACHER, FRANCIS. Canonical Evidence in Marriage Cases, Filadelfia, Dolphin 1935.

WOYWOOD, STANISLAUS OFM. A Practical Commentary on the Code of Canon Law, New York, Wagner 1952.

ZITELLI, ZEPHYRINO. Apparatus Juris Ecclesiastici, Roma, 1888.

De lo que deben pensar los católicos serios sobre la CMRI

Por STEPHEN HEINER - 21, JANEIRO DE 2022

Parte 1 Parte 2 Parte 3

No hay Wikipedia para el catolicismo tradicional. Uno tiene que aprender cosas con el tiempo haciéndose de varias fuentes e incluso entonces, uno debe luchar contra la malformación generalizada de las mentes humanas en todo el mundo, contra el desprecio, también generalizado, del clero, y con la frecuente falta de reconocimiento del papel apropiado de los laicos en su subordinación a ese mismo clero. Llegar a una manera de pensar y obrar que sea propiamente y en todo momento cristiana, es algo que exige un proceso largo y que muchos de nosotros nunca podremos alcanzar plenamente en esta vida.

No llegué de inmediato a mi posición sobre la Misa una cum. Mi recorrido de diez años en la posición de la Fraternidad San Pío X ("reconocer y resistir") al sedevacantismo tomó aproximadamente dos años, pero pasarían otros dos antes de que dejara de asistir a la Misa de la FSSPX en Kansas City, donde yo vivía.

Esto se debió en parte a mi apego emocional a los sacramentos, pero también porque había voces clericales que me decían que la asistencia a estas misas era permisible. Una de esas voces fue Monseñor Mark Pivarunas de la CMRI.

En 2011, al regresar de una ordenación de la CMRI en Spokane a la que había asistido, me encontré con el Señor obispo en el aeropuerto y en el curso de una breve discusión revelé, algo vergonzosamente, que estaba asistiendo a la Misa de la FSSPX. En lugar de reprender esta posición, el obispo simplemente dijo algo en el sentido de "¿qué más puedes hacer?" y dijo que me entendía.

Para que mi anécdota no sea marginada como permisiva en mi caso particular, pero todavía contraria a la regla general, también hay un documento disponible públicamente en el que Monseñor Pivarunas defiende la asistencia a misas una cum como algo legítimo y permisible en sí mismo.

La asistencia a una misa una cum es una participación objetiva en el Novus Ordo modernista. Y no hay cómo evitar esta conclusión.

La CMRI reconoce que Bergoglio y varios de sus predecesores claramente no son vicarios de Cristo, sino enemigos de Dios y de Su Iglesia. Sin embargo, la CMRI permite, y en algunos casos, alienta a las personas a asistir a misas que lo nombran en el Canon.

Creciendo como católico conservador en el Novus Ordo, todavía recuerdo a mi padre ocasionalmente diciéndonos, con dolor, que "lo que dijo el Padre hoy no estuvo bien". ¿Acaso quieren - las personas que asisten a misas una cum - socavar la autoridad clerical en las mentes y los corazones de sus hijos cuando también ellos tienen que "corregir" las palabras del Cura en el viaje a casa desde la misa? Puedo imaginar la conversación: "Papá, ¿qué quiso decir el Padre en el sermón cuando dijo que tenemos el deber de resistir a 'Roma' y al Papa? Pensé que no había Papa". De la boca de los bebés…

La laxitud de la CMRI en este tema sólo es más preocupante cuando se ve agravada por su permisividad en la creación de tribunales de anulación matrimonial. La FSSPX se ha involucrado en esta farsa durante años, pero se sabe desde hace algún tiempo que algunos de los sacerdotes de la CMRI se toman el derecho de juzgar casos de matrimonio. Pero esto es algo que cae directamente bajo las funciones legales de la Iglesia y no bajo el principio de epiqueya. En la situación presente no hay nadie que posea autoridad para emitir juicios en estos casos de matrimonio y, por lo tanto, lo mejor que nuestro clero puede hacer es investigar para

darle a las personas algún sentido de probabilidad, pero no más que eso.

En cualquier caso, el hecho de que incluso allá por 1968 sólo se dieran 338 anulaciones para todo Estados Unidos ese año debería darnos el contexto adecuado al respecto.

Hay posiciones que el CMRI sostiene que son desacuerdos legítimos con otros católicos. Por ejemplo, observan la nueva Semana Santa, que se asemeja mucho a la Semana Santa utilizada por el Novus Ordo (porque Bugnini y sus secuaces usaron la Semana Santa como prueba para el resto del Misal). Cuando Pío XII emitió los cambios, era parte de algo transitorio, no destinado a ser permanente.

La CMRI argumenta que fue un acto válido de un legislador válido y en ese caso tienen razón. La Nueva Semana Santa es un rito católico y se puede asistir a ella en buena conciencia.

Sin embargo, aquellos de nosotros que hemos investigado el asunto o que hemos leído el trabajo magistral del P. Anthony Cekada sobre el Novus Ordo Missae, no podemos ignorar lo que ahora sabemos en retrospectiva: esta Semana Santa fue el principio del fin de la fe católica para millones y, por lo tanto, se puede argumentar razonablemente que dadas las intenciones y el resultado de esas reformas, la opción más segura de un católico está en una liturgia sin cambios. Dado que los mismos principios litúrgicos y doctrinales incorrectos están en acción tanto en la Semana Santa reformada como en la Misa Nueva, ¿por qué aceptar los comienzos mientras se rechaza el final?

Dicho esto, el asunto sigue siendo susceptible de disputa. Tanto la CMRI como el clero del otro lado del debate tienen argumentos razonables y coherentes sobre el tema de la Semana Santa. Esta cuestión será resuelta por la Iglesia, si es que sucede la restauración que tanto esperamos pero que somos indignos de presenciar.

Sin embargo, ¿está la asistencia a la misa en la que se nombra a un hereje en el Canon en el mismo nivel que el asunto de la Semana Santa? ¿Es esta una cuestión susceptible de disputa? Podríamos traer a la memoria el ejemplo de la iglesia francesa durante la Revolución. El Papa Pío VI dijo que las hostias consagradas por sacerdotes juramentados (aquellos que prestaron juramento a la Iglesia Constitucional Francesa) debían dejarse en sus tabernáculos para descomponerse, ya que ningún cristiano debería asociarse con estas hostias bajadas de lo Alto en oposición a Dios y Su Iglesia. ¡Y esas hostias se habían convertido en Nuestro Señor durante una Misa en la que se nombraba a un Santo Padre válido y gloriosamente reinante!

Ese mismo Padre gloriosamente reinante dijo lo siguiente en su encíclica condenando la Constitución Civil sobre el Clero: "Manteneos alejados de todos los intrusos, ya sean llamados arzobispos, obispos o párrocos; no tengáis comunión con ellos, especialmente en el culto divino". (Énfasis mío).

¿Cómo creemos que reaccionarían las autoridades de la Iglesia ante "bueno, no había otras misas válidas en nuestra área" como la razón para asistir a misas una cum? Si simplemente "quieres asistir a una misa válida", ¿por qué no ir a los llamados ortodoxos? Muchos de ellos poseen órdenes válidas. La respuesta es simple: porque los llamados ortodoxos están llevando a cabo una liturgia en oposición a Dios y a su Iglesia. Lo mismo ocurre con las misas una cum.

En la carta de fecha 2002 que mencionamos, Monseñor Pivarunas, defendiendo elípticamente el caso de asistir a misas una cum (al afirmar que la asistencia a tales misas no puede prohibirse, lo cual no es el punto), concluye sus comentarios diciendo que si el asunto del una cum es un problema tan importante, ¿por qué entonces no surgió antes?

La respuesta no es inmediatamente obvia. Cuando ocurrió el Vaticano II, estalló una especie de bomba y los clérigos y laicos quedaron luchando desorientados en medio de los escombros. Una vez que trataron a los heridos y restablecieron una ofrenda intachable del Hijo al Padre, recién allí fueron libres de volver sus mentes a otras cosas.

Monseñor Donald Sanborn, que durante un tiempo fue opinionista, escribió contra el opinionismo. El Padre Anthony Cekada, que durante un tiempo fue una cum, escribió contra la Misa una cum. El mismo Padre Cekada escribió en defensa de Monseñor Thuc y de la CMRI.

Los cristianos se equivocan y es magnífico cuando admiten sus errores y reconocen cuán verdaderamente insensato es que el polvo y las cenizas estén orgullosos. El clero mencionado admitió sus errores en ciertos temas, repudió públicamente sus posiciones anteriores y cambió. Esa misma puerta está abierta a la CMRI, si desean pasar por ella y dejar de juzgar los casos de matrimonio por su propia autoridad y dejar de decirle a la gente que pueden y deben ir a misas una cum. Hasta que llegue ese momento, sin embargo, los católicos serios no pueden considerar el CMRI un lugar seguro para formarse adecuadamente en la fe católica. Los errores en el modo de pensar que hemos enumerado, y otros desaciertos no mencionados aquí, conducen inevitablemente a yerros en otras áreas, y creemos que tenemos la responsabilidad como compañía de contenido católico tradicional de exponer nuestras preocupaciones y las razones detrás de ellas.

Hay algunos que en privado no están de acuerdo con las posiciones de la CMRI sobre los temas que hemos mencionado si bien asisten a las misas ofrecidas por uno de sus sacerdotes. Tales reservas no cambian el hecho de que el sacerdote está asociado con una organización que es laxa respecto a la Misa una cum y es permisiva en la "concesión" de anulaciones. Quien asiste a las misas de un sacerdote de este tipo se asocia con esa organización y sus posiciones públicas.

Basado en lo que conozco, creo que la mejor opción es no asociarse con la CMRI y, en su lugar, he buscado mejores alternativas. Aunque querría desear lo mismo para el resto, así como recomendarlo donde fuere posible, entiendo que tales alternativas no son opción para muchos. Hasta que la CMRI no cambie sus posiciones en estos importantes asuntos, creemos que los católicos deben ser cautelosos al buscar un consejo moral o teológico de clérigos suyos que andan con estas cosas; y los seglares que asisten a sus capillas habrían de pedir a sus sacerdotes hacer lo posible para garantizar la rectificación de dichos problemas lo más pronto posible, dada su seriedad y gravedad. No debe malinterpretarse que hayamos planteado estas serias preocupaciones para también implicar una falta de reconocimiento o de consciencia de todo el buen trabajo que el clero de esta organización ha hecho y continúa haciendo

CMRI parte 2: Correcciones y respuestas a las objeciones

Por STEPHEN HEINER - 21, JANEIRO DE 2022

Parte 1 Parte 2 Parte 3

Algunas personas han leído el artículo publicado el mes pasado sobre la CMRI sin saber nada sobre quién soy o sobre qué he escrito. No conocían que no soy de los que inventan rumores o de los que buscan titulares sensacionalistas. Somos, en cierto modo, muy aburridos en lo que ofrecemos: emisiones de radio sobre el Catecismo, la Sagrada Escritura, el Año Litúrgico, Nuestra Señora… nombrando sólo algunas. Por mucho tiempo hemos permanecido alejados de los temas candentes, aunque hemos gravado un episodio sobre vacunas en enero del 2020, antes de que fuera un tema de real controversia, en el que un sacerdote explicó las vacunas en sí como neutrales y expuso el principio de participación remota como mal detallado por los principios de la teología moral. Esto es lo más cercano a un asunto «controvertido» que hayamos ofrecido en los años recientes.

Tiempo atrás hicimos una serie de Controversias Tradicionalistas con el Padre Cekada en las que su historia y experiencias abarcaron varias controversias. Algunos de esos episodios lidiaron con la FSSPV y, al menos, unos cuantos subscriptores cancelaron sus subscripciones con nosotros, llamando a los episodios «amarillistas».

Lo que me resultó curioso en aquel momento, y lo sigue siendo, es la incapacidad de uno que mira las alegaciones y pregunta: «¿es esto cierto?». En cambio, lo que vimos fue partidismo: «esta es mi gente, no pueden hacer mal, ¿cómo te atreves?». Mas nadie está exento del examen, ni la Fraternidad Sacerdotal de San Pío V (FSSPV), ni la Congregación de María Reina Inmaculada (CMRI), ni el Instituto Católico Romano (RCI), ni el Instituto Madre del Buen Consejo (IMBC), ni el clero de Santa Gertrudis la Magna (SGG), ni nadie, no sólo ahora, sino en circunstancias «normales» en la Iglesia.

Lo que presencié como respuestas al artículo en la red social y como correspondencia privada por correo electrónico fue frecuentemente pura emoción:

> «¿Quién ha muerto y ha hecho Papa a Henier (sic)?»
>
> «¿Dónde está la prueba?»
>
> «Mi cura nunca ha dicho esto»

Estas acusaciones pueden haber surgido de la tendencia en nuestra sociedad de leer el titular en lugar del artículo, y, en ese aspecto, probablemente fracasé.

Cuando intitulé el artículo como «Por qué la CMRI no es una opción para los católicos serios», le di a la gente una razón entendible para reaccionar emocionalmente y les conducí a una conclusión que aún no había probado. Por ello, desde entonces, modifiqué el título del artículo a «De lo que deben pensar los católicos serios sobre la CMRI». Esto enmarca el artículo en el formato que tenía previsto originalmente, que era abrir una discusión y avanzar con una transformación en la política de la CMRI, si fuera eso posible. Cometí un error en este sentido y discúlpome por ello.

He asistido a Misas celebradas por la CMRI en tres continentes y he escuchado de muchas personas que sus clérigos de la CMRI les dicen que es correcto ir a las Misas una cum. No creo que esto se trate de una enorme conjura de seglares mintiendo sobre la CMRI. El testimonio que he escuchado de estas gentes también se

correlaciona con mi experiencia personal con el Señor Obispo Pivarunas, quien contradice directa y concretamente esta parte, pero no la conclusión principal del documento oficial, ahora en un sitio de la red de la CMRI, que afirma que ellos condenan la concurrencia a las Misas una cum, a pesar de que en el mismo documento todavía se halle lo siguiente: «Por otro lado, si por cualquier razón sintieren la necesidad de comulgar, pueden asistir y comulgar en tales Misas, habida cuenta de que otras Misas no están disponibles para ellos» (énfasis en el original).

No escuché «condena» alguna del Señor Obispo Pivarunas cuando le pregunté sobre estas materias, y, por esto, algunos leales de la CMRI me acusan de invención (que estoy mintiendo) o de texto de prueba (saqué de contexto lo que dijo el Obispo). Únicamente puedo aducir a mi experiencia personal en respuesta a la primera objeción, así como reírme de la segunda, en el contexto del citado documento: por aquel tiempo estaba buscando directamente respuestas sobre si atender o no a Misas una cum y luchaba sobre la moralidad de ello. El Obispo tuvo una oportunidad idónea para advertirme que no lo hiciera, sin embargo, optó por alentarme en mi comportamiento equivocado.

Mantengo mi testimonio personal con respecto al Señor Obispo Pivarunas y además alego los testimonios de otros que han asistido con la CMRI y personalmente han sido testigos de las actitudes laxas por parte del clero en lo referido a la asistencia a las Misas una cum.

En cuanto a la cuestión de moralidad en la asistencia a las Misas una cum, salió a relucir el argumento de hace dos décadas sobre que «no es pecado mortal», lo cual ha sido abordado por el clero de ambas posiciones. No es el trabajo de un laico hablar sobre lo que es o no pecado mortal, o polemizar con sus sacerdotes (somos ovejas, no pastores), y ciertamente nunca tocamos tal cosa en nuestro artículo original. No obstante, con el fin de continuar el tema, conviene dejar el argumento de «es pecado mortal» y preguntar «¿es acaso del todo prudente?». La respuesta es claramente negativa.

Por analogía, puedo hablar sobre conversaciones que he tenido con sacerdotes de la FSSPX sobre el nuevo rito de consagración episcopal, lo cual guarda implicaciones sobre la validez de la ordenación sacerdotal. Después de andar con rodeos y rodeos durante un cuarto de hora, decidí cortar por lo sano: «Reverendo, ¿confesaría Vd. con uno de estos sacerdotes (ordenados por obispos consagrados en el nuevo rito)?»; un precipitado «no» sobrevino casi involuntariamente. Por lo que después de discutir sobre la validez de estos sacerdotes, el presbítero me confió que, efectivamente, en el foro interno no cree en su validez.

Así pues, siendo débil la naturaleza humana, cuando el lego escucha «no es pecado mortal» suele asumir (erróneamente) que «está bien», y los testimonios que he escuchado de fieles de la CMRI indician que eso es lo que exactamente ha ocurrido. Nada importa que quienes leyeron mi artículo contestaran indignados: «Yo nunca he escuchado eso antes». ¿De veras van a asumir la responsabilidad de las palabras de cualquier sacerdote de la CMRI en el mundo? ¿Están realmente dispuestos a llamar a todo aquel que ha dicho oír que la asistencia a las Misas una cum está permitida por algunos clérigos mendaces de la CMRI? ¿Verdaderamente están prontos a descreer a una persona apta para anunciar públicamente lo que el Señor Obispo Pivarunas le ha dicho en persona, cuando probablemente reciba críticas por ello (que es justamente lo que sucedió)?

Por tanto, en vez de proporcionar numerosas citas de los eclesiásticos sobre cómo algo «no es pecado mortal», ¿por qué los sacerdotes de la CMRI no hacen lo que pienso que todos ellos son capaces de hacer: **proveer de una declaración subrayando que nunca participarían activamente en una Misa una cum y enumerando las razones que lo justifiquen?** Esto removería toda duda sobre la política de la CMRI y se cerraría la puerta para la asistencia a las Misas una cum so pretexto de que «el sacerdote dijo que no era pecado mortal». El cálculo moral para tal decisión cambiaría considerablemente si el marco fuese: «el sacerdote me explicó por qué no deberíamos nunca ir una Misa una cum».

Tal aseveración por parte de la CMRI, aparentemente el grupo católico tradicional sedevacantista más extendido alrededor del orbe, cambiaría las reglas del juego, sería bien venida y vindicada en este sitio red.

En relación al segundo tema, Don Carlos Borja escribió una respuesta vía Twitter (no siendo éste un lugar conveniente para cargos tan serios debido a la limitación de caracteres) confirmando elípticamente que de hecho la CMRI estuvo envuelta en cuestiones matrimoniales, implicando que esto fue llevado a cabo en un pretérito distante como algo opuesto a lo que se está efectuando en el presente. Desafortunadamente, ello contradice las declaraciones de Don Gabriel Lavery y de Don Francisco Radecki, quienes fueron cuestionados categóricamente sobre estos temas con ocasión del funeral de Padre Cekada el pasado 2020, a lo que respondieron afirmativamente, que ciertamente la CMRI se está ocupando de anulaciones hic et nunc, no en un vago pasado tradicionalista. Más aún, Don Gabriel Lavery admitió comunicar a sus fieles que no estando disponible para darles la Misa, puede mismamente acudir a las Misas una cum, como las ofrecidas por la FSSPX. No creo que el Padre Radecki o el Padre Gabriel nieguen haberse pronunciado de este modo, por lo que ahora toca a los apologistas de la CMRI cuadrar sus estridentes acusaciones contra mi persona dentro de la realidad de estos comentarios.

Dicho sea, el Padre Borja dio a entender además, al referirse a la participación del Señor Obispo McKenna en estas «decisiones morales» (léase «anulaciones»), que el Señor Obispo Sanborn, consagrado por el citado Obispo McKenna, aprobó tales acciones. Éste no es el caso, pues el Señor Obispo Sanborn me ha confirmado explícitamente que nunca ha tomado parte en tales «decisiones morales».

El canon 1960 establece que «las causas matrimoniales entre bautizados pertenecen por derecho propio y exclusivo al juez eclesiástico» (énfasis mío) y el canon 1572 enuncia que el obispo diocesano es el que debe constituir un tribunal ordinario. Como dije en el artículo original, la epiqueya no permite en estos casos adjudicar ninguna otra autoridad, mucho menos por la CMRI, calificando el proceso como decisiones morales cuando son, en efecto, anulaciones. De nuevo, esto es, cuanto menos, problemático.

El Padre Cekada y el Señor Obispo Sanborn ambos me han contado por separado que en la mayoría abrumadora de las casos que han visto en sus decenios de experiencia sacerdotal, a menudo hubieron de decir a los cónyuges que acudieron a ellos que, por lo menos, uno ha contraído Matrimonio válido y que, como tal, la única solución es que la pareja viva junta como hermano y hermana. El 99% de los casos se entristecen con esto, pues ya han contraído muchos matrimonios.

Si no hice explícita mi intención original en el artículo, pido perdón por no haber sido claro. No volveré a cometer el error.

Escribí el artículo para sacar a la luz dos cosas muy problemáticas que no son teorías conspirativas, sino que trátanse de problemas reales. En supuesto de ser corregidos por la CMRI, nos esforzaremos en ser los primeros en anunciar (y aplaudir) esos cambios.

Finalmente, he corregido el párrafo final de nuestro artículo original para ser leído como tal, ya que se comunica mejor la intención primigenia del artículo:

«Basado en lo que conozco, creo que la mejor opción es no asociarse con la CMRI y, en su lugar, he buscado mejores alternativas. Aunque querría desear lo mismo para el resto, así como recomendarlo donde fuere posible, entiendo que tales alternativas no son opción para muchos. Hasta que la CMRI no cambie sus posiciones en estos importantes asuntos, creemos que los católicos deben ser cautelosos al buscar un consejo moral o teológico de clérigos suyos que andan con estas cosas; y los seglares que asisten a sus capillas habrían de pedir a sus sacerdotes hacer lo posible para garantizar la rectificación de dichos problemas lo más pronto posible, dada su seriedad y gravedad. No debe malinterpretarse que hayamos planteado estas serias preocupaciones para también implicar una falta de reconocimiento o de consciencia de todo el buen trabajo que el clero de esta organización ha hecho y continúa haciendo».

La corrección del título del artículo, la mención de lo sacerdotes y la ocasión de sus declaraciones directamente relativas a las alegaciones que hice en el artículo anterior, así como este nuevo párrafo final, deben eliminar toda conjetura sobre nuestro interés en mentir y el lanzar bombas sin propósito; en contraste,

indicamos que estamos muy perturbados y nos gustaría ver un cambio serio en la dirección de la CMRI, un cambio que nosotros, como seglares, tenemos la competencia de pedir a nuestro clero en estos tiempos confusos y desafiantes.

CMRI parte 3: la respuesta del clero y consideraciones finales

Por STEPHEN HEINER - 26, MARÇO DE 2022

Parte 1 Parte 2 Parte 3

> «Es más útil permitir nacer el escándalo que renunciar a la verdad» — San Gregorio Magno.

Si bien no necesariamente esperé que varios clérigos de la CMRI respondieran a mis artículos, me alegro que esas respuestas hayan subrayado los puntos originales de mis artículos, los cuales primigeniamente fueron considerados por algunos como «teorías de conspiración», pero que nunca más pueden ser tenidos como tales al haber sido confirmadas las premisas por la propia CMRI.

El primer artículo al que me estoy refiriendo puede encontrarse aquí, y el segundo puede hallarse aquí.

Aunque me dirigiré por separado a los clérigos que han contestado a las acusaciones que formulé en los primeros meses del presente año, me gustaría recapitular tales aseveraciones y las respuestas de la CMRI.

Las acusaciones en mi artículo original resúmense a continuación:

- Algunos sacerdotes de la CMRI sí les dicen a sus fieles que pueden, en buena conciencia, asistir a las Misas una cum. Como indiqué en mis artículos anteriores, la asistencia a las Misas una cum está plagada de problemas prácticos y el hecho de que una congregación de sacerdotes católicos tradicionales en cierto modo la apruebe, es lamentable y escandaloso. En efecto, decir a los fieles que los sacerdotes están «indecisos» al respecto, o dejarlo al «discernimiento prudencial» de cada cual, ha demostrado ser, en el orden práctico, un visto bueno para asistir a dichas Misas.
- La CMRI adjudica casos matrimoniales, cosa de la que no tiene derecho en la ley de la Iglesia. La CMRI ha inventado el término de «juicios morales», para categorizar sus juicios en casos matrimoniales. La CMRI ha tratado de decir que tales «juicios morales» ocurrieron en el pasado y no realmente en el presente, mas hemos constatado que en varias parroquias de la CMRI, a las personas con anulaciones del Novus Ordo «se les ha dado el permiso» por el clero de la CMRI a través de estos «juicios morales» para contraer matrimonios católicos (por consiguiente, dichos «juicios morales» son efectivamente anulaciones) y que, en algunos casos, a la capilla acuden hijos de matrimonios previos, confundiendo y escandalizando así a los fieles. Que esto sea objeto de negación es irrelevante, ya que esos ejemplos existen y continúan existiendo.

El Señor Obispo Don Marcos Pivarunas responde

La respuesta de Su Ilustrísima está ahora prominentemente enlazada en el sitio web de la CMRI. Si bien me complace que considere que vale la pena contestar a las acusaciones, me ha decepcionado en su respuesta en varios frentes.

Contrariamente a la creencia de Su Ilustrísima de que soy un laico «relativamente nuevo en el movimiento católico tradicional», cuando el Obispo Pivarunas me presentó a su padre en 2013 en el salón social de la iglesia de la CMRI en Omaha, ya había asistido a la Misa tradicional en latín por más de quince años. Comencé a la edad de 17 años, traje a toda mi familia de nuestro ambiente conservador Novus Ordo y principié un viaje de formular preguntas que finalmente conducirían al sedevacantismo non una cum. No nací en la Fe Católica tradicional, pero la he estado observando durante más de la mitad de mi vida. Catorce de

esos años fueron en colaboración activa con Don Antonio Cekada, produciendo libros, artículos y vídeos. Mas la imprecisión aquí es menor; si hubiera sido exacta, podría haber sido de cierta utilidad como recurso retórico para cuestionar mi legitimidad.

En un intento de justificar la posición del CMRI sobre la asistencia a Misas una cum, Su Ilustrísima menciona una serie de desacuerdos en la historia de la Iglesia, ignorando que yo había anticipado esto en mi primerísimo artículo, llegando incluso a articular lo que considero un legítimo desacuerdo reciente y relevante en la observancia de la Semana Santa de Pío XII. Mis artículos nunca fueron sobre un discrepancia legítima - de la cual cualquier persona con el más mínimo conocimiento de historia eclesiástica podría sacar numerosos ejemplos -, sino de una línea de base mínima que los católicos serios pueden y deben esperar de su clero. Mi primer artículo detalló esa línea fundamental de partida:

- no decirles a la gente que pueden ir a Misas una cum.
- no adjudicar casos matrimoniales.

Su Ilustrísima también enlazó un artículo de agosto de 2002 en el que «condena» la asistencia a Misas una cum, y luego cita numerosos ejemplos de por qué está bien «si siente la necesidad».

¿Cuál ha sido el efecto en los seglares de la CMRI que han escuchado esta posición confusa y contradictoria durante los últimos veinte años? Una reacción a las actitudes de esos legos se puede ver en una de las condiciones que el Padre Cekada añadió al anual Encuentro de Jóvenes Adultos, recientemente reiniciado (con gran éxito) después de su apogeo en la década de 1980:

Al registrarse para esta actividad, Vd. afirma que:

2 - *No participará en Misas que se ofrezcan «a una con» Francisco o donde su nombre esté insertado en el Canon de la Misa.*

El Padre Cekada sabía que sedevacantistas de otras capillas vendrían al encuentro (porque la condición número 1 es que se debe ser sedevacantista) y, por lo tanto, quería establecer una base para matrimonios exitosos que incluyese principios sanos y coherentes sobre la cuestión del una cum.

Tal condición no hubiera sido necesaria si el encuentro sólo se hubiera limitado a las capillas de Santa Gertrudis la Magna (SGG), el Seminario de la Santísima Trinidad (MHT), el Instituto Católico Romano (RCI) o del Instituto Madre del Buen Consejo (IMBC), ninguna de los cuales tiene sacerdotes que muestren ambigüedad alguna en lo que respecta a la asistencia a Misas una cum. Dicho principio tuvo que ser enunciado debido a la posición, ambigua en el mejor de los casos, de la CMRI, que ha llevado a una praxis de asistencia a Misas una cum y una actitud de encogimiento de hombros entre sus fieles.

Con respecto a este tema, Su Ilustrísima simplemente cita de manera extensa su propia carta de 2002, agregando sólo la siguiente oración a modo de actualización, veinte años después:

Para ser claro, no exijo que las personas participen a Misas «una cum» ni prohíbo la asistencia a tales Misas. Déjase a la prudente discreción de los seglares.

¿Es éste el lenguaje de la Iglesia Católica Apostólica Romana? ¿O el de Amoris Laetitia, la cual nos exhorta a «evitar juicios que no tengan en cuenta la complejidad de las diversas situaciones»? De hecho, «¿Quién soy yo para juzgar?» haría un buen florecimiento retórico a la declaración del Obispo Pivarunas.

Tales escandalosas declaraciones subrayan otro gran problema del CMRI: el poder del laicado. Una forma en que los laicos gobiernan es en sus juntas laicas, un concepto inestable, protestante y revolucionario en el que las ovejas le dicen al pastor qué hacer. Estas comisiones seglares (de CMRI y de otras) dictaminan la expulsión de sacerdotes de las parroquias porque se han atrevido a hablar con vigor sobre la modestia, o en algunos casos increíbles, en los que esos valientes sacerdotes cuestionaron las acciones morales y legales de algunos de los que dirigían las sobredichas juntas laicales.

Se puede tolerar un consejo lego durante cierto tiempo debido a la historia de una misión dada, pero luego se debe hacer una transición en un tiempo razonable a una forma católica de dirigir una parroquia, una forma en la que la palabra «junta laica» únicamente existe como anacronismo histórico, algo que existía en los viejos tiempos cuando las Misas se rezaban en los garajes y «sedevacantismo» ni siquiera era una palabra que la mayoría del vulgo conocía.

En cuanto a la segunda parte de la carta, el Obispo Pivarunas cita un tuit de un tercero que dijo que yo «ignoré convenientemente». Como el mensaje no procedía de una cuenta de Su Ilustrísima, esperaba una declaración más completa del propio Obispo, que se ha hecho pública y es la respuesta que estoy comentando. Su Ilustrísima escribió:

> «Cuando el Obispo McKenna auxilió a la CMRI en tales decisiones morales, nunca afirmó poseer jurisdicción ordinaria como lo hace un obispo diocesano, lo que sería una anulación en el verdadero sentido de la palabra. Sin embargo, el Obispo McKenna, siguiendo la posición teológica del Obispo Gerard de Laurier (sic), sostuvo que los obispos tradicionales, a pesar de su falta de jurisdicción ordinaria, llevan a cabo la "missio" de la Iglesia Católica. La "missio" es la misión de la Iglesia Católica para la salvación de las almas.
>
> Basado en esa posición, el Obispo McKenna ayudó a la CMRI en esas decisiones de Matrimonio. Este problema de la falta de jurisdicción ordinaria no se limita a los casos de Matrimonio y suscita cuestiones en muchos otros ámbitos como la absolución de las excomuniones reservadas a la Santa Sede, la dispensa de los votos religiosos y los impedimentos para la ordenación sacerdotal, etc.».

Desafortunadamente, Su Ilustrísima confunde aquí la potestad de santificar y la potestad de regir de la Iglesia.

Dicho de manera más simple, la única misión que el clero católico tradicional puede reclamar es aquella que está permitida por epiqueya y se ocupa de la jurisdicción suplida transitoria, la cual se ocupa de la Misa y los Sacramentos.

Las nulidades matrimoniales no pertenecen a la potestad de santificar sino a la potestad de regir la Iglesia. El clero católico tradicional no puede usurpar la potestad de la Iglesia para regir de ninguna modo.

El Matrimonio, por su propia naturaleza, se relaciona con un estado legal. Una vez constituido el Matrimonio por un hecho legal, sólo puede ser disuelto por una acción legal. Este sería el caso incluso si los miembros de la Rota Romana supieran en privado una situación de que un matrimonio en particular no era válido.

Puede ser útil revelar también que un caso en el que hay pruebas documentales (por ejemplo, un certificado matrimonial que demuestre que alguien todavía está casado con otra persona) no se presenta ante un tribunal diocesano, ya que estas pruebas documentales revelan que no se puede contraer ningún matrimonio. Cualquier sacerdote puede simplemente «reconocer» esa evidencia. Este tipo de situación rara vez se presenta ante nuestro clero tradicional.

Lo que se presenta con mucha más frecuencia son los casos complejos, verbigracia, cuando alguien alega que la otra parte «nunca quiso tener hijos». Dichos casos tienen que ser adjudicados, y la CMRI no tiene autoridad para juzgar estos supuestos, y cualquier juicio que haga en esos casos, a los que llama «juicios morales», no tiene en absoluto autoridad legal o moral.

Sigue otra extraña declaración del Obispo Pivarunas:

> «El quid de la cuestión es que célebres obispos y sacerdotes tradicionales han sostenido la misma posición que la CMRI en estos asuntos y que no hay razón para que un mero lego y bloguero, el Sr. Heiner, exhorte a los fieles católicos a evitar "la organización católica tradicional sedevacantista

más grande del mundo”».

Aparte del hecho de que Su Ilustrísima omite oportunamente el adverbio intencional «aparentemente» que usé en mi cita original, pregunto, ¿cuáles «célebres obispos y sacerdotes tradicionales», Su Ilustrísima? He conocido a muchos en mi vida en varios continentes y ninguno con los que me asocio tiene la «misma posición» que la CMRI en casi nada más que celebrar la Misa tradicional en latín y estar de acuerdo en que Jorge Bergoglio no es el Papa. Cualquiera que alguna vez sostuvo «las mismas» posiciones la abandonado públicamente. Tanto es así que la congregación más similar a la CMRI es la Fraternidad Sacerdotal de San Pío X, que tiene obispos y sacerdotes que también brindan «juicios morales» a través de sus propios tribunales matrimoniales formales y ofrecen Misas a las que asisten los fieles de la CMRI.

Para ilustrar que el contenido de mi artículo es respaldado, incluso anónimamente, por clérigos católicos tradicionales, aquí hay un mensaje que recibí de un sacerdote tradicional después de que se publicara el primer artículo:

> «Gracias por escribir este artículo. Será Vd. criticado, mas, como dice Vd., el pueblo tiene derecho a saber la verdad sobre la CMRI. Además, es molesto para aquéllos de nosotros que estamos tratando de hacer un trabajo serio cuando la gente piensa que la CMRI, el RCI, el IMBC, etc. son todos iguales. NO somos lo mismo».

La CMRI mantiene posiciones singulares y lamentables: laxa permisividad respecto a la Misa una cum y autoproclamada autoridad para adjudicar casos matrimoniales. Éste era el punto de mi artículo original y la misiva reciente de Su Ilustrísima confirma esas acusaciones.

Además, Su Ilustrísima concluye su respuesta refiriéndose a mí como un «mero lego». No obstante, antes, en la misma respuesta, delega la decisión moral de asistir a Misas una cum a la «prudente discreción de los seglares». ¿Soy un «mero lego» o soy alguien que tiene la capacidad y el mandato de decidir por sí mismo, en lugar de consultar al clero para obtener una dirección definitiva sobre las principales decisiones morales? El espíritu confuso, contradictorio y acatólico de «tener las cosas en ambos sentidos» se revela una vez más.

Digno de ser notado es la caracterización que Su Ilustrísima hace de la tesis material/formal no ni seria («Francisco I es un Papa material, es decir, era lo suficientemente católico para ser elegido válidamente pero no lo suficientemente católico para recibir la autoridad del papado»), pero dado que nosotros en True Restoration no tenemos una posición sobre cómo Nuestro Señor al fin restaurará la Iglesia, puesto que trabajamos con clérigos tanto totalistas como de la tesis, simplemente constatamos que el error de la caracterización del Obispo Pivarunas se hará evidente para cualquiera que vea la nueva entrevista de Kevin Davis al Obispo Sanborn o la propia explicación reciente del Obispo Sanborn al respecto.

Nadie sabe qué hacer con el párrafo final del Obispo Pivarunas, en el que se me acusa de violar el derecho canónico. Cuando un feligrés le preguntó, un sacerdote de CMRI respondió que era «un intento de humor de Su Ilustrísima». El párrafo final es el siguiente:

> «Quisiera concluir esta respuesta al Sr. Heiner con el recordatorio de que está violando el derecho canónico. La Iglesia tiene el derecho de prohibir la publicación de libros por parte de los fieles a menos que los haya examinado oficialmente con anterioridad. Las disposiciones de los cánones 1384-1405 inclusive, sobre los libros, se aplicarán también a las publicaciones diarias y periódicas, y a cualquiera otros escritos (Canon 1384). El Sr. Heiner necesita declarar públicamente qué obispo diocesano y qué censor diocesano han aprobado sus escritos o debe admitir que está violando el derecho canónico. Si hubiera tenido en cuenta estos cánones del código, ¡no habría cometido los graves errores contenidos en su blog!».

Cada vez que se tiene que explicar un chiste, pierde su humor y muchos se han confundido con este párrafo final.

El Obispo Pivarunas, si es serio en su párrafo final, está bajo el mismo cargo que yo. ¿Qué obispo diocesano y/o censor aprobó sus escritos? ¿Será clausurado el Reino de María a corto plazo?

En cualquier caso, esto no es serio. Es o una mala broma o una mala argumentación.

Responde el Presbítero Don Gabriel Lavery, CMRI

Recientemente hablé con un seglar que está activo en Twitter y conoce a Don Gabriel Lavery y quien, cuando vio por primera vez las respuestas de Twitter del sacerdote a mi artículo, se preguntó si no sería un alborotador en los foros digitales haciéndose pasar por Don Gabriel. Para aquéllos que no están en Twitter, estos son algunos de los mensajes publicados por esta cuenta de Twitter (énfasis mío):

El Cielo está cerrado para Heiner a no ser que se retracte de esta grave materia antes de morir.

Ya te he dicho varias veces que lo que dijiste de mí en el artículo es completamente falso. El hecho de que no lo quietes muestra lo malvado que eres. Tú claramente no entiendes la Moral Católica.

Antes de poner lo que estoy a punto de escribir, quiero dejar en claro que mi intención es únicamente proporcionar un comentario objetivo sobre las contestaciones de Don Gabriel Lavery.

Pregunto: «¿Cualquier lector casual de estos comentarios sospecharía por un momento que fueron pronunciados por un sacerdote de Jesucristo, hablando de un hombre que nunca había conocido y con el que se negó a hablar?». La teología moral básica dicta que uno no debe juzgar las intenciones de otra persona o el estado del alma de otra persona, y mucho menos pronunciar públicamente a alguien en estado de pecado mortal (implicado en las palabras «El cielo está cerrado para Heiner»).

Me preocuparía buscar el consejo espiritual de un sacerdote que se dedica a tal actividad pública, ya que cuestionaría la precisión del consejo que recibiría. Simplemente menciono esto como otra preocupación para agregar a las numerosas preocupaciones que he mencionado con respecto a la CMRI, sin embargo, reconozco que este es sólo el comportamiento de un sacerdote asociado a la CMRI.

Como hice en mis artículos anteriores, no juzgo las intenciones o conciencias de ningún individuo, brindo, empero, información y comentarios que validan las preocupaciones que he presentado e indican que existen preocupaciones válidas con respecto al consejo moral que el clero de la CMRI puede dar.

Esta misma cuenta tuiteó hace poco:

Después de escribir esta respetuosa carta a un oponente y estudiar los argumentos que le envió, San Alfonso abandonó una posición que antes consideraba bien fundada y, a partir de entonces, escribió muchas veces en contra de su opinión anterior. Ojalá prevaleciera esa voluntad de entender a los opositores.

Tomé en serio la vehemencia de las impugnaciones de Don Gabriel y conseguí su número de teléfono a través de un sacerdote mutuo amigo suyo. Le llamé siete veces a lo largo de cuatro días, en diferentes momentos del día, dejándole mensajes de voz en tres ocasiones diferentes y aseverando que el amigo sacerdote en común que me había dado su número podía responder por mi persona, que Don Gabriel había aniquilado en todas las redes sociales. También le facilité un número de Estados Unidos con el que podría comunicarse conmigo, ya que estaba llamando desde mi teléfono francés.

Don Gabriel rehusó responder.

Igualmente, me puse en contacto con el presbítero que había conversado con Don Gabriel en el funeral del Padre Cekada, a la vista de otros clérigos y legos. Esta persona afirmó lo que yo había alegado en mi artículo e incluso se ofreció a hablar directamente con Don Gabriel. En mis mensajes de voz dije a Don Gabriel que estaría feliz de simpatizar con él y al testigo de modo que pudiera ver que quizás él (Don Gabriel) no recordaba bien lo que dijo o no dijo, pero en cualquier caso, le dije la verdad como la conocía y como la sigo conociendo.

Don Gabriel rehusó responder.

Dejaré que otros saquen sus propias conclusiones sobre el comportamiento de Don Gabriel en las redes sociales. No me retracto de lo que se dijo y, de hecho, como dije en las redes sociales una y otra vez, el propio conjunto de respuestas del sacerdote confirmó indirectamente las acusaciones (aparte de lo que le expresó a mi testigo, va diciendo que manifestó a los fieles que estaba «indeciso», lo cual en el orden práctico deja la puerta abierta a los fieles para ir a Misas una cum, y mentó que los casos matrimoniales los lleva la CMRI, pero que no fue tan «sensacionalista» como yo lo hice pasar).

Posiblemente, lo más importante, es que Don Gabriel no dio ningún motivo convincente de por qué, después de escribir públicamente bajo mi propio nombre desde 2006, mentiría intencionalmente en 2022 sobre un sacerdote que nunca he conocido en mi vida. Sé de docenas de miembros del clero que responderían personalmente por mi carácter y se sorprenderían al saber que alguna vez haya sido acusado de tal cosa.

Responde el Presbítero Don Domingo Radecki, CMRI

Don Domingo Radecki pronunció un sermón la semana después de que apareciera el primer artículo, desde el mismo púlpito en el que personalmente lo escuché decir varios años ha que durante la Cuaresma alguien podría «ver menos televisión» o «jugar menos videojuegos». El sacerdote representó la posición de la CMRI como si de equilibrada se tratase, lo que implica que cualquier otra cosa era demasiado «rigurosa», término que el clero y los fieles de CMRI han aplicado en ocasiones a los sacerdotes y fieles que adoptan una postura intransigente sobre la cuestión del una cum.

Comenzó la homilía relatando una anécdota sobre un difunto, el gran Patricio Enrique Omlor (un notable y vehemente oponente de la asistencia a Misas una cum), en la que Omlor le contó sobre un «teólogo seglar» que no respondió correctamente a la simple pregunta que le planteó el mismo Omlor: «¿Qué es un Sacramento?», pasando por alto la ironía señalada por los comentarios anteriores del Obispo Pivarunas, en los que el Obispo convierte a todos en «teólogos seglares» al delegar la decisión de asistir a Misas una cum a nuestra «prudencial discreción».

Don Domingo también tergiversó mi posición. En el minuto 6:18 de la prédica, afirmó que yo dije que era un pecado mortal asistir a Misas una cum y que a las personas que lo hicieran se les debería negar la Comunión, lo que llevó al Obispo Daniel Dolan a responder en un boletín a las llamadas telefónicas provocadas por este bruta (y descuidada) argucia. En ninguno de mis artículos precedentes sobre la CMRI expresé jamás tal cosa, pero la pregunta aún podría plantearse, con toda esta insistencia de que «no es un pecado mortal» ¿es venial, entonces? O, lo que es más relevante, ¿la asistencia a una Misa una cum es objetivamente agradable a Dios o es objetivamente desagradable a Dios?

Adicionalmente, el pobre Padre Fray Martín Stepanich es nuevamente arrastrado fuera de su tumba para apoyar la asistencia a Misas una cum, cuando todo lo que realmente dijo fue que no tenía la autoridad para prohibir a nadie asistir a Misas una cum.

La cita del Padre Martín en la respuesta del Obispo Pivarunas es la siguiente (énfasis del Obispo Pivarunas):

> «Si tratamos de usar las palabras del Papa y de los teólogos anteriores al Vaticano II, como ya se han citado previamente, y hacerles decir que la asistencia a Misas una cum Benedicto siempre está absolutamente prohibidas bajo cualquier circunstancia, somos nosotros los que realmente estamos haciendo ese tipo de prohibición, no los Papas y teólogos anteriores al Vaticano II. Tan sólo trate Vd. de encontrar algo en los Papas y teólogos anteriores al Vaticano II que prohíba total y tajantemente cualquier asistencia a Misas una cum Benedicto (sic) para los católicos tradicionales sedevacantistas. Sencillamente no hay nada».

Cabe señalar que el hecho de que algo «no esté prohibido», un punto que el Padre Stepanich resaltó sin cesar en su artículo original, no significa que deba «fomentarse». A la CMRI le gusta enfatizar las valiosas calificaciones teológicas del Padre Martín, pero éstas no me convencen cuando se trata de la praxis para aquéllos de nosotros que aún estamos vivos en este terrible período. Muchos clérigos más eruditos que el Padre Martín estuvieron de acuerdo con los cambios del Conciliábulo. Las calificaciones en suspenso no son una prueba y, ciertamente, no un argumento.

Don Domingo incluso se aparta completamente del asunto al hablar de «excomuniones», un tema que nunca he planteado. Por supuesto, la Iglesia permite, en grave necesidad, por ejemplo, estando en estado de pecado mortal, buscar los sacramentos del clero excomulgado. Pero el sólo cumplir con la obligación dominical es una verdadera extensión del término «grave necesidad».

Más aún, el canon, Don Domingo, no dice nada sobre la participación activa en la Misa. La comunión de los fieles es un rito que se inserta en la Misa, no es algo que figure en las rúbricas o que se requiera para la licitud. Cosa distinta es «recibir un sacramento» en «grave necesidad» de un clérigo excomulgado. En este supuesto, la Iglesia claramente prevé un bautizo o un casamiento, en lugar de una asistencia regular y continua a Misa.

Otra táctica lamentable es argüir «¿por qué ninguno de los clérigos en las décadas de 1960 o 1970 mencionó esto?», parte destacada del «argumento» de Don Domingo. Esto no es un argumento.

Como ya he aludido en artículos anteriores, el clero ha cambiado públicamente de opinión sobre algunos temas. Tener al clero de las décadas de 1960 y 1970 con algún tipo de aura sagrada es cometer el mismo error que la FSSPX en su heurística de «qué haría el Arzobispo». El clero de los años sesenta o setenta no es infalible. Pero esta técnica de la CMRI, como se ve arriba en la mención del nombre del Obispo McKenna por parte del Obispo Pivarunas para justificar los «juicios morales» de la CMRI es ahora una parte esperable (y fatigosa) de su «argumentación».

Finalmente, en su sermón, Don Domingo cita el canon 2261 como justificación para la asistencia a Misas una cum, como si la asistencia a una simple Misa dominical calificara como una «causa justa». Una vez más me refiero al lenguaje de Pío VI con respecto al clero constitucional francés, todos los cuales decían Misas válidas: el Santo Padre no le dijo a la grey que «no era un pecado mortal» ir a una Misa válida en tiempos confusos. De hecho, el Papa Pío VI dijo que las hostias consagradas por los sacerdotes juramentados (aquéllos que prestaron juramento a la iglesia constitucionalista francesa) debían dejarse descomponer, no distribuirse entre los fieles, ya que ningún cristiano debería asociarse con estas hostias traídas contra Dios y Su Iglesia.

Para ampliar más este punto, he aquí una cita de la instrucción Laudabilem majorum, fechada el 26 de septiembre de 1791, dirigida a los obispos franceses por el mismo Santo Padre:

> «Ha declarado Su Santidad no ser lícito recibir el Bautismo de los párrocos intrusos, exceptuando el caso de una absoluta necesidad en que no hubiera otro que pudiera bautizar, y que así el Bautismo debe ser conferido por los párrocos legítimos u otros que tengan su licencia o autoridad.

> Porque siendo el párroco intruso manifiestamente cismático, y constando con toda evidencia su cisma, resulta, que la acción del católico se dirige a un intruso con motivo del Bautismo, es bajo todo respecto viciosa, mala y prohibida. Sería esto comulgar con los cismáticos en las cosas divinas y en el mismo crimen del cisma, lo que positivamente es malo por su naturaleza, y de consiguiente prohibido así por la ley divina como por la natural […] ¿Y qué otra cosa hace el católico que recibe el Bautismo de manos del intruso, sino cometer el crimen del cisma con él, siendo su cómplice, supuesto que administrando uno el Bautismo, y recibiéndolo otro, consuman un crimen premeditado, que ninguno de los dos podría ejecutarlo por sí solo, y sin el auxilio de otro? Por consiguiente, cuando un católico coopera de este modo al cisma, es claro, que en el mismo hecho aprueba el crimen del cisma, y que reconoce y respeta al intruso como a párroco legítimo».

Tengo la intención de que este sea el artículo final que publicaré sobre este tema, ya que creo que los artículos han dad como resultado la publicación de suficiente información, tanto de la CMRI como mía, sobre cuestiones significativas para que las personas estén adecuadamente informadas. Sus decisiones, basadas en la información disponible, son entre ellas y Dios.

Me gustaría recalcar que no hay ganancia material o social por escribir lo que escribí. El grupo propietario de True Restoration anticipó la respuesta que obtendríamos del público en general, e incluso de algunos de nuestros propios miembros, de que impactaría financieramente a True Restoration.

Sin embargo, existimos para difundir la verdad, no para obtener ganancias. El dinero que recibimos de los miembros constituye el medio para divulgar la verdad, y estamos dispuestos a asumir las consecuencias materiales por mantenernos enfocados en la misión que ha animado este sitio web desde 2006: la restauración de todas las cosas en Cristo. Permitir que los laicos sean engañados acerca de la CMRI (y permitir que el clero de la CMRI proporcione caracterizaciones engañosas de nosotros y nuestras posiciones), sin proporcionar información importante, cuando True Restoration tiene el conocimiento, la reputación y el alcance para difundir la verdad, no contribuye a la restauración.

Agradecemos a los cientos de miembros abonados que continúan apoyándonos. Gracias por su apoyo. Pedimos sus oraciones continuas mientras intentamos servir a la Iglesia en estos tiempos desafiantes.

Totalismo vs. Tesis de Cassiciacum

Por el Padre Vili Lehtoranta

N. del T.: Este artículo fue publicado inicialmente en el sitio oficial del reverendo[1] el 31 de octubre de 2022, Vigilia de Todos los Santos, en inglés. Poco menos de un año después de su ordenación presbiteral en noviembre de 2011 por el fallecido Dom Daniel Dolan, el Padre Lehtoranta comenzó a ejercer su ministerio en la Capilla de Santa Gertrudes, la Grande[2], en West Chester, Ohio, EE. UU., bajo la dirección de Dom Charles McGuire, donde permanece hasta el momento presente.

Fiesta de los Santos Apóstoles Pedro y Pablo, 29 de junio de 2023.

Preámbulo

A finales de octubre de 2022, fui invitado a una entrevista en el programa llamado "El Podcast de la Familia Católica"[3], presentado por el Sr. Kevin Davis. El Sr. Davis previamente había invitado a Dom Donald Sanborn para hablar sobre la Tesis de Cassiciacum, también conocida como la Tesis de Dom Guérard des Lauriers. Dom Sanborn, Rector del Seminario de la Santísima Trinidad[4] en Reading, Pensilvania, es uno de los más célebres defensores de la Tesis, junto con el Padre Francesco Ricossa, director del Instituto Madre del Buen Consejo (IMBC)[5] en Turín, Italia.

Dado que desde mi ordenación en 2011 había trabajado de cerca con Dom Daniel Dolan y el Padre Anthony Cekada, ambos de los cuales rechazaron la Tesis, y también había aprendido con ellos algunos problemas relacionados con ella, acepté la invitación del Sr. Davis para responder a la entrevista de Dom Sanborn. Estas objeciones, y la posición mantenida por el Padre Cekada, son generalmente llamadas Totalismo, lo que significa la total vacancia de la Santa Sede y el total rechazo de la falsa iglesia de Jorge Mario Bergoglio. El Sr. Davis y yo originalmente habíamos planeado hacer la entrevista en mayo, pero debido a la muerte inesperada de Dom Dolan en abril y al traslado del Seminario de la Santísima Trinidad de Florida a Pensilvania, mi entrevista fue pospuesta para octubre[6]. En este artículo haré una comparación entre la Tesis y el Totalismo y presentaré mis objeciones de manera más completa de lo que pude hacer en la entrevista de una hora.

1. ¿Es la Tesis Sedevacantismo?

El sedevacantismo proviene de las palabras latinas sede vacante, que significa "la sede está vacante". La razón por la cual la Iglesia puede quedarse sin Papa durante mucho tiempo, incluso décadas, es que el Papa es la llamada cabeza visible de la Iglesia [7], mientras que Cristo es la llamada Cabeza invisible [8]. Así, la Iglesia nunca es un Cuerpo sin cabeza o imperfecto, sino que siempre tiene a Cristo como su Cabeza, incluso cuando ocasionalmente está desprovista de su cabeza visible, el Papa.

¿Cuándo se encuentra la Iglesia, entonces, en un estado de sede vacante? Según el Padre Umberto Benigni, profesor de historia eclesiástica y fundador del *Sodalitium Pianum* [9], la sede vacante papal es el período "entre la muerte del papa y la elección de su sucesor" [10]. Esta es la posición de los Totalistas, quienes sostienen que la Santa Sede está vacante desde la muerte del Papa Pío XII en 1958, porque Angelo Roncalli era un modernista, estaba fuera de la Iglesia Católica y, por lo tanto, no era en absoluto apto para recibir el papado, y también aquellos que fueron elegidos para sucederlo no cumplieron con las condiciones necesarias para ser un verdadero y legítimo Papa.[11]

Por otro lado, el argumento de la Tesis es que la elección de 2013, que eligió a Jorge Mario Bergoglio, alias "Papa Francisco", fue una verdadera elección papal, de la misma manera que la elección de 1903, que eligió

a San Pío X, fue una verdadera elección papal. Según el Padre Damien Dutertre, uno de los defensores de la Tesis, Bergoglio y sus predecesores (y sucesores) "pueden ser elegidos válidamente y ser válidamente elegidos en la Iglesia", y no son papas solo porque "no aceptaron correctamente su elección al papado".[12] De esto se sigue que nuestra situación en estos tiempos de Bergoglio "no es, por lo tanto, una de pura vacancia de la Sede Romana". [13] El Padre Ricossa lo afirma de manera aún más clara: "La Sede está ocupada por él, y no puede ser ocupada por otra persona mientras la elección no sea declarada nula por la Iglesia".[14]

Por lo tanto, nosotros, los Totalistas, no consideramos a los adeptos de la Tesis como auténticos y verdaderos Sedevacantistas. Si hay un legítimo pretendiente que se sienta en el trono de San Pedro, y su elección fue válida, entonces no nos encontramos en un estado de sede vacante tal como fue definido por el Padre Benigni.

2. ¿Dónde está la Jerarquía hoy?

La gran cosa que los adeptos de la Tesis dicen que la hace superior al Totalismo es que salva la continuidad de la jerarquía apostólica. Afirman que en el sistema Totalista esto se pierde.

En primer lugar, veamos qué significa apostolicidad. La definición es dada por el Padre Jean-Vincent Bainvel (1858-1937), decano de la facultad de teología del Instituto Católico de París de 1913 a 1925:

Es, de hecho, algo obvio: siendo la Iglesia un cuerpo social jerárquico, es necesario pertenecer a este cuerpo social para participar en la autoridad de su jerarquía. Sin la sucesión apostólica, la jerarquía ya no es la que Cristo instituyó: es una obra humana; y aunque los sacramentos permanezcan, lo mismo no ocurre con la autoridad; porque el poder de orden no lleva consigo el poder de jurisdicción: este último está vinculado a la misión, a la sucesión legítima. Confesar a Cristo no es suficiente, ni siquiera tener los sacramentos. Somos su pueblo, pertenecemos a su Iglesia (externamente) cuando obedecemos a los pastores establecidos por él, enviados por él. Es, por lo tanto, una cuestión crucial para una Iglesia, la de la sucesión legítima.[15]

Entonces, desde el principio, Bergoglio está descalificado para cualquier cosa que involucre la continuidad de la jerarquía, porque es un hereje y un apóstata, lo que, como veremos más adelante, automáticamente lo excluye de ser miembro de la Iglesia. En otras palabras, ni siquiera tiene lo mínimo necesario para ser un legítimo detentor de la continuidad de la jerarquía en la Iglesia de Cristo. Los monaguillos que sirven en mi Misa escolar diaria son más sucesores de los Apóstoles que Bergoglio, porque al menos son católicos, mientras que Bergoglio no lo es. Como dice el Obispo, al ordenar a un Subdiácono, en las instrucciones al ordenando: "Todo lo que no es de la fe es pecado, y cisma, y está fuera de la unidad de la Iglesia".[16]

Según también vemos en la definición, todo aquel que afirma ser un Obispo Católico necesita poseer dos cosas: 1) órdenes válidas y 2) legalidad, o poder de jurisdicción.

El Padre Cekada ha presentado extensamente sus argumentos que demuestran que Bergoglio y su iglesia no poseen órdenes válidas [17]. Por lo tanto, Bergoglio y sus obispos ya están descalificados para tener cualquier participación en la apostolicidad de la Iglesia por dos razones:

1. no son católicos y
2. no poseen órdenes válidas.

Entonces, ¿los Obispos Sedevacantistas, que tienen la fe católica y órdenes válidas, tienen jurisdicción? Según la Tesis, no. El Padre Nicolás Despósito, uno de los profesores del Seminario de la Santísima Trinidad, escribió:

> "Los obispos sedevacantistas no disfrutan de ningún título de jurisdicción. La jurisdicción de suplencia sacramental en el foro interno ejercida per modum actus en la Confesión no debe

> confundirse con la jurisdicción ordinaria para gobernar la Iglesia, que pertenece al foro externo, es habitual y solo puede ser otorgada por un Papa. Dado que los obispos sedevacantistas no forman parte de la jerarquía legal-material de la Iglesia, que es la base para el estatus jurídico, y no poseen título (ya sea verdadero, aparente o presunto) de jurisdicción sobre ningún territorio, **no tienen el derecho de representar a toda la Iglesia en un Concilio General**. El único poder que tienen los obispos sedevacantistas es el poder de las órdenes, que les permite ordenar sacerdotes válidamente y conferir la confirmación." [18]

Por otro lado, la posición Totalista sostiene que, sin legalidad, ningún obispo, ya sea Sedevacantista o no, puede ser un verdadero sucesor de los Apóstoles. En este caso, no sería un verdadero obispo, sino un ladrón, como lo dice Nuestro Señor: "El que no entra por la puerta al redil de las ovejas, sino que sube por otra parte, ese es ladrón y salteador. El que entra por la puerta es el pastor de las ovejas". [19]

Pero, como define el Código de Derecho Canónico (CDC) de 1917, además de la jurisdicción ordinaria que el Papa y los obispos diocesanos tienen, existe lo que se llama jurisdicción delegada (que no es lo mismo que la jurisdicción de suplencia): El poder ordinario de jurisdicción está vinculado al cargo por ley; delegada [es aquel poder que] es confiado a una persona. [20]

En los tiempos en que la Iglesia tenía Papas, la legitimidad de los obispos se demostraba a través del mandato, que era un documento papal que otorgaba permiso para la consagración de un obispo, que serviría como obispo en cualquier capacidad, ya sea como obispo titular o auxiliar. A los obispos diocesanos se les otorgaba la nominación canónica, que designaba al obispo como un obispo ordinario o residencial. [21]

Dado que la misión de la Iglesia de salvar almas es ley divina, y la manera en que esta misión se delega a lo largo del tiempo y los lugares es meramente ley humana, los obispos católicos tradicionales no están obligados a "buscar permiso" de ninguna institución modernista o de ninguna "jerarquía legal-material". Por el contrario, ya que Cristo sigue siendo la Cabeza invisible de Su Iglesia en tiempos en que no hay una cabeza visible, Él otorga legitimidad y la obligación a cada obispo para juzgar, interpretar, consagrar, ordenar, ofrecer sacrificio, bautizar y confirmar, tal como se dice en el rito de la consagración episcopal. Como señaló el Padre Cekada: "Esta ley divina siempre perdura, junto con la jurisdicción de Cristo necesaria para cumplirla". [22]

Personalmente, no sé por qué algún católico tradicional tendría algún problema con esto. No hay Papa. No hay obispos con jurisdicción ordinaria. ¿Se puede suponer que una ley eclesiástica humana está por encima de la ley divina de Cristo de hacer lo que los obispos y sacerdotes tradicionales han estado haciendo durante décadas, es decir, establecer iglesias y misiones, donde administran los sacramentos e instruyen a los fieles? Entonces, la respuesta a la pregunta "¿dónde está la jerarquía?" es que se encuentra en los obispos católicos tradicionales, que han sido consagrados válida y legalmente.

Pero incluso si algunos tuvieran un problema con esto, la Tesis no se volvería de alguna manera verdadera como consecuencia. Porque, según la Tesis, la jerarquía de Bergoglio, como afirma el Padre Despósito, "goza de un estatus legal que solo puede ser removido mediante un proceso legal" [23]. Pero esto conduce a un dilema mucho peor que cualquier problema que se pueda tener con la posición de los obispos tradicionales como la verdadera jerarquía. Si solo la jerarquía de Bergoglio es legal, entonces la única conclusión lógica es que los obispos y sacerdotes sedevacantistas son ilegales. No hay forma de que la Tesis pueda evitar esto. Si Bergoglio tiene el poder de determinar dónde continúa legalmente la sucesión, también debe tener el poder de determinar dónde no continúa. Y su iglesia ya lo ha hecho al declarar ilegales a esos clérigos tradicionales que derivan sus órdenes del Arzobispo Pierre Martin Nho Dinh Thuc:

> Finalmente, en lo que respecta a aquellos que han recibido la ordenación de esta manera ilícita, o que tal vez la reciban de ellos, sea cual sea la validez de las órdenes, la Iglesia no reconoce ni reconocerá su ordenación, y en cuanto a todos los efectos jurídicos, los considera en el estado en que cada uno se encontraba anteriormente, y las sanciones penales mencionadas anteriormente

permanecen en vigor hasta que haya arrepentimiento. [24]

Es evidente que ningún seguidor de la Tesis diría que sus órdenes o su misión son ilegales. Pero esta es la única conclusión lógica si aceptamos la teoría de la "jerarquía legal-material". Si este sistema no puede aplicarse de manera lógica, no debería aplicarse en absoluto.

3. ¿Dónde está la Iglesia Católica?

Como hemos visto anteriormente, los seguidores de la Tesis ven la jerarquía de Bergoglio como legal. Además, argumentan que la iglesia de Bergoglio "no es una Iglesia separada, sino que describe el fenómeno de prelados modernistas tratando de imponer su religión venenosa sobre la Iglesia Católica". [25]

El Padre Despósito lo expresa de la siguiente manera: El término "Iglesia oficial" debe entenderse aquí como la jerarquía material de la Iglesia Católica, que permanece la misma antes y después del Concilio Vaticano II. Sería teológicamente erróneo, incluso herético, designar formalmente a la jerarquía del momento presente como la Iglesia Católica. Técnicamente, el Concilio Vaticano II fue el comienzo de una nueva religión, pero no de una nueva Iglesia. [26]

Aquí vemos cómo la Tesis intenta construir su propia realidad alternativa. Un poco como en el nominalismo, una idea "describe" un concepto que no necesariamente coincide con la realidad. Las cosas no son como aparentan. También se asemeja al kantianismo, donde el "fenómeno" como idea de nuestra mente es realmente distinto de la cosa en sí, que nuestra mente no puede comprender. [27]

Entonces, en este mundo inventado por la Tesis, puede parecer que esta organización eclesial de Jorge Mario Bergoglio no es la Iglesia Católica, pero, contradiciendo la información proveniente de todos los sentidos, la verdadera Iglesia de Cristo permanece intacta en ella. [28]

Este es un concepto que los Totalistas rechazan completamente. Decimos que la elección de Juan XXIII en 1958 fue el comienzo tanto de una nueva religión como de una nueva iglesia. De manera completamente independiente de la opinión de cualquier persona, la organización eclesial de Jorge Mario Bergoglio, una entidad notoriamente visible, o es el Cuerpo Místico de Cristo, es decir, la Iglesia Católica, o no lo es. No hay tercera alternativa. Es por eso que los opositores de la Tesis son llamados Totalistas, porque rechazamos totalmente la idea de que esta secta herética de Bergoglio tenga algo que ver con la verdadera Iglesia de Cristo, ya sea legalmente o en la realidad. Patrick Henry Omlor etiquetó esta secta como la "Iglesia Ladrona" [29] y escribió:

> ¿Porque exactamente cuánto "cambio" puede soportar la Iglesia Católica y seguir siendo la Iglesia? Son manifiestos para todos ver los esfuerzos frenéticos de los ladrones por destruir todos los lazos y conexiones con el pasado, por erradicar de la memoria todos los vestigios de la antigua Iglesia, verdadera y tradicional. ¿Pensar que la nueva Iglesia Ladrona es propiamente la misma Iglesia Católica, la que intenta borrar de la memoria tan deliberada y laboriosamente? ¡Absurdo de los absurdos! [30]

¡Y el Sr. Omlor escribió estas palabras en 1971! ¿Ver la Iglesia del Concilio Vaticano II como la misma cosa que la Iglesia Católica? ¡Absurdo de los absurdos! A menos que se adopte la mentalidad de uno de nuestros ex presidentes, que tenía dificultades para comprender el significado del verbo "es" [31], todos deben admitir que la organización eclesiástica de Jorge Mario Bergoglio o es la verdadera Iglesia o no lo es. Después de su supuesta excomunión de la Iglesia en 1983, Dom Moisés Carmona (1912-1991), uno de los obispos consagrados por Mons. Thuc, escribió al Arzobispo de Chihuahua, Adalbert Almeida, replicando:

> ¿De cuál Iglesia, Mons. Almeida, de la de siempre o de la nueva? ¿Ustedes, apóstatas, representantes eminentes de la Iglesia del Concilio Vaticano II, tienen el poder de excomulgar a

> aquellos que permanecen en la Iglesia de siempre?... Es una gloria para nosotros ser excomulgados por nuestra lealtad a la Iglesia Una, Santa, Católica y Apostólica; deseamos que lleguen más excomuniones y que tengamos la buena fortuna de morir excomulgados de esta [otra] Iglesia, que no es la Iglesia de Cristo asistida por el Espíritu Santo [32].

Y, verdaderamente, la posición de Dom Carmona, la posición Totalista y Sedevacantista, es la única que está completamente de acuerdo con las Escrituras y la Tradición. San Pablo escribió a los Efesios:

> "Las mujeres sean sumisas a sus maridos, como al Señor; porque el marido es cabeza de la mujer, así como Cristo es cabeza de la iglesia, siendo él mismo el salvador del cuerpo. Así que, como la iglesia está sujeta a Cristo, así también las casadas lo estén a sus maridos en todo. Maridos, amad a vuestras mujeres, así como Cristo amó a la iglesia y se entregó por ella, para santificarla, habiéndola purificado en el lavamiento del agua por la palabra, a fin de presentársela a sí mismo, una iglesia gloriosa, que no tuviese mancha ni arruga ni cosa semejante, sino que fuese santa y sin mancha.[33]"

El Papa Bonifacio VIII comenzó su famosa bula *Unam Sanctam* (1302) con estas palabras:

"Impelidos pela fé, somos obrigados a crer e defender a una e santa Igreja Católica, e ademais, apostólica, e com firmeza cremos e confessamos (esta Igreja), fora da qual não há salvação nem remissão dos pecados, conforme o proclama o Esposo no Cântico: “Porém uma só é a minha pomba, a minha perfeita: ela é a única para sua mãe, a predileta da que lhe deu o ser” (Cant. 6:8).[34]

Nosotros, los Totalistas, declaramos, junto con Dom Carmona y el Sr. Omlor, que esta "Iglesia" del Concilio Vaticano II no tiene absolutamente nada que ver con la verdadera Iglesia de Cristo. No podemos identificar la organización eclesial de Jorge Mario Bergoglio con la Iglesia "sin mancha ni arruga", que es "santa e inmaculada", y "la perfecta".

Pero si alguien aún tiene dudas sobre si la organización eclesial de Jorge Mario Bergoglio es lo mismo que la Iglesia Católica, no necesita creer en los Totalistas para aclararlo. Todo lo que necesita hacer es tomar su Catecismo de Baltimore [35], ver las cuatro notas características de la Iglesia e intentar encontrarlas en la iglesia de Bergoglio. Estas cuatro notas características son [36]:

> ¿Por qué la Iglesia Católica es una?
>
> La Iglesia Católica es una porque todos sus miembros, según la voluntad de Cristo, profesan la misma fe, celebran el mismo sacrificio y los mismos sacramentos, y están unidos bajo la misma y única cabeza visible, el Papa.
>
> ¿Por qué la Iglesia Católica es santa?
>
> La Iglesia Católica es santa porque fue fundada por Jesucristo, quien es completamente santo, y porque enseña, según la voluntad de Cristo, doctrinas santas, y provee los medios para vivir santamente, otorgando miembros santos en todas las épocas.
>
> ¿Por qué la Iglesia Católica es católica o universal?
>
> La Iglesia Católica es católica o universal porque, destinada a perdurar para siempre, nunca falla en cumplir el mandato divino de enseñar a todas las naciones todas las verdades reveladas por Dios.
>
> ¿Por qué la Iglesia Católica es apostólica?

> La Iglesia Católica es apostólica porque fue fundada por Cristo sobre los apóstoles y, según Su divina voluntad, siempre fue gobernada por sus legítimos sucesores.

Obviamente, la pregunta de si la organización eclesial de Bergoglio es la verdadera Iglesia de Cristo o no es algo en lo que ningún católico puede permanecer en duda. Pero la verdadera Iglesia siempre tiene respuestas y ofrece a sus miembros los medios para resolver cualquier duda relacionada con la fe y la moral. Para muchos, el mensaje de los Totalistas de que la iglesia de Bergoglio es una secta herética puede ser "una afirmación dura" [37]. Pero, como dijo una vez Sherlock Holmes: "Cualquier verdad es mejor que una duda indefinida". [38]

4. ¿Bergoglio es elegible para el papado?

Otra gran diferencia entre la Tesis y el Totalismo es la cuestión de si Bergoglio fue elegido para recibir el papado. O como lo expresa el Padre Dutertre:

> "La Tesis difiere del totalismo en la explicación de cómo estos candidatos al papado no fueron verdaderos papas" [39].

Esta es otra gran dificultad con el universo de la Tesis, porque una mente humana normal no funciona de esa manera. Sería como si le pidiera a uno de mis alumnos que explicara de qué manera no soy el Presidente de los Estados Unidos. Un estudiante promedio probablemente encontraría esa pregunta muy confusa, ya que una mente normal comprende que una persona es el Presidente o no lo es.

Sin embargo, en su entrevista con el Podcast de la Familia Católica, el Padre Sanborn dice que sí, un Papa que caiga en herejía dejaría *ipso facto* de ser miembro de la Iglesia. Pero para que su exclusión de la Iglesia tenga un efecto legal, el culpable necesitaría ser condenado por ella. Él da una larga lista de teólogos, como Caetano, Billuart, San Roberto Belarmino, todos los cuales dirían lo mismo que la Tesis, es decir, para que Bergoglio no sea legalmente el Papa electo, se necesita una declaración de la Iglesia, de lo contrario, retiene la designación al papado, de la misma manera que ocurre con el Presidente electo de los Estados Unidos. Un cuerpo legal necesita anular la elección, y si no se anula, y Bergoglio se convierte, se convertiría en Papa. [40]

Pero esta posición es completamente falsa. Según observó el Padre Cekada, es por ley divina que una persona que no profesa la fe católica es incapaz de ser válidamente elegida para recibir el papado. [41] El Papa Pío XII enseña en *Mystici Corporis* (1943):

> En realidad, solo pueden ser enumerados como miembros de la Iglesia aquellos que han recibido el bautismo de regeneración y profesan la verdadera fe, y que desafortunadamente no se han separado de la estructura del Cuerpo, o no han sido excluidos por pecados graves por la autoridad legítima. Tampoco se puede pensar que el Cuerpo de la Iglesia está formado, en sus días de peregrinación terrenal, únicamente por miembros notablemente santos, o que consiste solo en aquellos a quienes Dios ha predestinado para la bienaventuranza eterna. Porque no todo pecado, sea cual sea su gravedad, es de aquellos que por su propia naturaleza separan a un miembro del Cuerpo de la Iglesia, como el cisma, la herejía o la apostasía [42].

Vemos, por lo tanto, que Pío XII, con palabras nada ambiguas, enseña que la separación de la Iglesia Católica puede ocurrir ya sea por excomunión pronunciada por la propia Iglesia, o por separarse voluntariamente de ella al cometer un pecado de cisma, herejía o apostasía.

Además, aunque el colegio electoral tiene el poder de elegir al Presidente [43], **ni los electores papales ni los presidenciales tienen el poder de elegir a quien quieran**. El colegio electoral de los Estados Unidos está sujeto a restricciones estrictas, prescritas en la Constitución, en cuanto a quién es elegible para la Presidencia.

Y estas calificaciones constitucionales establecen que el Presidente electo debe:

1. Tener ciudadanía natural;
2. Tener al menos 35 años; y
3. Haber residido en los Estados Unidos durante al menos 14 años. [44]

Ilhan Omar, congresista federal del estado de Minnesota por el Partido Demócrata, nació en Somalia en 1982 y es ciudadana naturalizada de los Estados Unidos. Por lo tanto, es constitucionalmente inelegible para la Presidencia. Incluso si ella compitiera, ganara en los 50 estados y fuera elegida por unanimidad por el Colegio Electoral, ninguna elección legal puede otorgarle algo de lo que está imposibilitada de recibir, es decir, la Presidencia de los Estados Unidos.

De manera similar, es falso lo que alega el Padre Dutertre, que "herejes no declarados pueden ser elegidos y válidamente elegidos en la Iglesia" [45]. Como destaca el Padre Filippo Maroto, consultor del Santo Oficio que trabajó en la preparación del Código de 1917, la validez de la elección papal depende **exclusivamente de la ley divina**; y los impedimentos dados por la ley divina hacen **inválida** la elección del Romano Pontífice. Y las calificaciones del elegido son:

1. Esteja com o uso da razão;
2. Seja do sexo masculino;
3. Seja um membro da Igreja, razão pela qual infiéis, hereges, cismáticos e apóstatas não podem ser validamente eleitos. [46]

Pero, en cuanto a si Bergoglio es o no un verdadero Papa elegido, es completamente irrelevante lo que tenga que decir Dom Sanborn, lo que tenga que decir el Padre Dutertre, lo que tenga que decir el Padre Cekada, o lo que yo tenga que decir. En el mundo real, Jorge Mario Bergoglio, bautizado el 25 de diciembre de 1936 en la Basílica María Auxiliadora y San Carlos en Buenos Aires, o:

1. es un miembro de la Iglesia Católica; o
2. no es un miembro de la Iglesia Católica.

Y nada más. Estas son las dos únicas alternativas existentes. Y si él es un miembro de la Iglesia, él es capaz, no solo de *ser elegido* para el papado, sino también de *recibir* efectivamente el papado. [47]

Sin embargo, si aún se sostiene que la Tesis es verdadera y que un apóstata público puede ser válidamente elegido para el papado, también se puede afirmar que Ilhan Omar puede ser elegida para el papado. Si el papa elegido puede ser dispensado de profesar la fe católica y de ser un miembro de la Iglesia, de la misma manera puede ser dispensado de ser bautizado o de ser del sexo masculino. Esta es una conclusión lógica cuando se considera que una ley humana puede superponerse a la ley divina.

5. ¿De dónde vendrá entonces el Papa?

Sobre la pregunta de cómo la Iglesia podría tener un verdadero Papa nuevamente, se han sugerido tres teorías:

1. Intervención divina directa;
2. Un Concilio General imperfecto;
3. La Tesis, es decir, la conversión de Bergoglio a la verdadera Fe. [48]

Nosotros, Totalistas, a menudo somos criticados por no tomar en serio el problema de la sucesión apostólica y simplemente decir "Dios resolverá la crisis". Nunca entendí por qué confiar y esperar en Dios sería un pecado tan terrible. El obispo Dolan siempre ha visto esta crisis como un castigo de Dios por el cual los católicos deben hacer reparación, en lugar de un problema enorme que los hombres deben resolver. La impaciencia por resolver este "problema" me recuerda a la pregunta de los apóstoles a Jesús: "Señor, ¿es este

el tiempo en que restaurarás el reino de Israel?" Y él respondió: "No les corresponde a ustedes saber los tiempos ni los momentos que el Padre ha fijado con su propia autoridad". [49]

La revelación privada más citada para la restauración del papado fue recibida por la Venerable Elisabetta Canori Mora (1774 - 1825), miembro profeso de la Orden Tercera de los Trinitarios. Una vez tuvo una visión en la que San Pedro descendía del Cielo, vestido con los paramentos pontificios y rodeado de ángeles, y protegía a los fieles de los actos de violencia. Para celebrar la victoria sobre los perseguidores y los demonios, los fieles eran llevados a los pies de San Pedro para rendirle homenaje. El propio San Pedro elegía a un nuevo papa que reorganizaría la Iglesia y restablecería las órdenes religiosas, y este nuevo papa era reconocido en todos los países del mundo como el Vicario de Cristo. [50]

Entonces, en caso de intervención divina, San Pedro simplemente elige y señala quién será el nuevo Papa. Y este muy bien podría ser alguien que ya sea un obispo consagrado tanto válida como legalmente, y no hay necesidad de establecer ninguna "nueva" jerarquía.

La idea de un Concilio General Imperfecto fue desarrollada por el Cardenal Tomás de Vio, conocido como Cayetano (1469 - 1534), quien afirma que, en caso de que el Colegio de Cardenales se extinguiera, el derecho de elegir a un Papa recaería sobre el clero de Roma, y luego sobre la Iglesia universal. [51] Personalmente, no apoyo esta solución, porque todo el concepto de "Concilio General imperfecto" es una contradicción en términos; "Concilio General" es "perfecto" por definición, y, en cualquier caso, convocar a un Concilio General es un acto reservado al Papa, lo que presenta ciertos problemas en nuestros tiempos.

Pero incluso esta idea es mejor que la solución propuesta por la Tesis, porque al menos pone la solución a la crisis en manos de los católicos, mientras que la Tesis la coloca en manos de Bergoglio y sus falsos obispos, herejes y apóstatas. Si nosotros, los Totalistas, somos acusados y criticados por depositar nuestra fe y esperanza en Dios en lugar de en los hombres [52], con gusto nos declaramos culpables de estas acusaciones.

Conclusión

Dom Guérard des Lauriers elaboró su Tesis en la década de 1970, cuando Paulo VI aún era el supuesto papa. Probablemente, en ese momento, cuando las parroquias y el propio Vaticano aún estaban libres de la idolatría y la aceptación pública de la inmoralidad, la Tesis aún era una explicación aceptable para la crisis en la Iglesia. Y tal vez en los cónclaves de 1978, donde aún quedaban Cardenales válidos y el Cardenal Giuseppe Siri era un fuerte candidato para ser elegido papa, la estructura Novus Ordo podría haber sido salvada. Pero en nuestros días, la organización eclesial de Jorge Mario Bergoglio ya no se parece en absoluto a la Iglesia Católica. Es por eso que la Tesis está desesperadamente obsoleta en nuestros días. Si la iglesia de Bergoglio es la Iglesia Católica, entonces la verdadera Iglesia puede designar a un falso papa. Y si no es la verdadera Iglesia, entonces una falsa iglesia puede designar a un verdadero Papa.

Padre Vili Lehtoranta West Chester, OH, Fiesta de Todos los Santos, 1 de noviembre de 2022

Bibliografía

Bainvel, Jean-Vincent

1909 Apostolicité – Dictionnaire de Théologie Catholique. Tome I. Deuxième partie. Paris: Letouzey et Ané.

BC

2018 The New Confraternity Edition Revised Baltimore Cate- chism No. 3. Elkhorn, WI: St. Jerome Library.

Benigni, Umberto

1913 Carmelengo. – The Catholic Encyclopedia. Volume III. New York, NY: The Encyclopedia Press.

Biskupek, Aloysius

1935 Ordinations. A Translation and Explanation of the Rite of Ordination. Techny, IL: Mission Press, S.V.D.

Cekada, Anthony

2021a Don’t Get Me Started! Vol. I. Road to Sedevacantism. West Chester, OH: St. Gertrude the Great Church.

2021b Don’t Get Me Started! Vol. II. The Controversialist. West Chester, OH: St. Gertrude the Great Church.

2021c Don’t Get Me Started! Vol. III. Whatever. West Chester, OH: St. Gertrude the Great Church.

CCL

2001 The 1917 or Pio-Benedictine Code of Canon Law. Edward N. Peters (ed.) San Francisco, CA: Ignatius Press.

Despósito, Nicolás E.

2019 The Cassiciacum Thesis. A Brief Exposition

DS

1963 Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum.Ed.32.Freiburg im Breisgau: Herder

Dutertre, Damien

2022a On the Lack of Intention to Accept the Papacy

2022b On the Canonical Crime of Heresy in Relation to the Thesis

DZ

2009 The Sources of Catholic Dogma. Boonville, NY: Preserving Christian Publications.

Herbert, Mary Elizabeth (ed.)

1878 Life Of The Venerable Elizabeth Canori Mora. London: R. Washbourne.

Iribarren, Isabel

2005 Durandus of Saint-Pourçain. A Dominican Theologian in the Shadow of Aquinas. Oxford: Oxford University Press.

Maroto, Philippo

1919 Institutiones Iuris Canonici ad Normam Novi Codicis. Tomus II. Madrid: Editorial del Corazon de Maria.

Omlor, Patrick Henry

1998 The Robber Church. Stouffville, Canada: Studio Graziano.

Parente, Pietro et al.

1952 Dictionary of Dogmatic Theology. Milwaukee, WI: The Bruce Publishing Company.

Ricossa, Francesco

2016 Pope, Papacy and the Vacant See

Short Explanation of the Thesis

2021 Short Explanation Why We Reject the Thesis of Guerard des Lauriers. – Link. Disponível em português em: Link

---

Notas

[1] N.T.: Link

[2] N.T.: Iglesia Católica Romana de Santa Gertrudis la Grande. Link

[3] N.T.: El Podcast de la Familia Católica. Link.

[4] N.T.: Seminario Most Holy Trinity. Link

[5] N.T.: Link

[6] N.T.: La entrevista completa y subtitulada en portugués por el Seminario de São José se puede ver en: Link

[7] DS 1823.

[8] BC 144.

[9] "Fraternidade de Pio"; esta es una red no oficial de información y denuncias antimodernista organizada por Monseñor bajo el pontificado de S. Pío X (1903 – 1914) para garantizar el cumplimiento de las condenas del modernismo prescritas en la Encíclica Pascendi Dominici Gregis y en el Decreto Lamentabili Sane Exitu, ambos publicados en 1907. No confundir con el Instituto Mãe do Bom Conselho (IMBC), que también utiliza este nombre. N. del T.

[10] Benigni 1913, 217.

[11] Cf. Declaración de Mons. Thuc et al., 26 de mayo de 1983.

[12] Dutertre 2022a, 2.

[13] Dutertre 2022a, 8.

[14] Ricossa 2016, 18.

[15] Bainvel 1909, 1625.

[16] Omne quod non est ex fide, peccatum est, schismaticum est, et extra unitatem Ecclesiæ est. Biskupek 1935, 50.

[17] “Absolutamente Nulo y Completamente Vacío” (2006), disponible en portugués en: Link. Cekada 2021b, 278 – 325. “Todavía Nulo y Todavía Vacío”. Cekada 2021b, 356 – 381.

[18] Despósito 2019, 8. Énfasis del autor.

[19] Juan 10:1-2.

[20] CCL 197 §1.

[21] Cekada 2021b, 63-64.

[22] “Sacerdotes Tradicionales, Sacramentos Legítimos” (2003). Cekada 2021b, 129-139.

[23] Despósito 2019, 6.

[24] L’Osservatore Romano, Edición en Inglés, 18 de abril de 1983, p. 12.

[25] Dutertre 2022b, 38.

[26] Despósito 2019, 5.

[27] Parente 1952, 160, 200.

[28] Los Dominicos, en la tradición de S. Tomás de Aquino, atacaron ferozmente al nominalismo, del cual uno de los principales exponentes fue Durandus de Saint-Pourçain. Durandus (f. 1334), cuyo nombre significa "endurecido" o "duradero", fue el asesor teológico del Papa Juan XXII en Aviñón, y luego Obispo de la diócesis de Meaux de 1326 a 1334. Tuvo constantes problemas con su orden debido a su oposición a las enseñanzas de S. Tomás de Aquino en varias cuestiones teológicas y filosóficas. Existe un rumor extendido de que los Dominicos escribieron como epitafio en su tumba en Meaux estos versos: Durus Durandus jacet hic sub marmore duro. An sit salvandus, ego nescio nec quoque curo. Que pueden traducirse como: "El obstinado Durandus yace aquí bajo el mármol duro. Si fue salvado, no lo sé, ni me importa". Dado que no se ha preservado el lugar de entierro de Durandus, no podemos confirmar ni negar este rumor. Iribarren 2005, 9.

[29] "Iglesia Ladrón", en el texto original en inglés. N. del T.

[30] Omlor 1998, 164.

[31] El autor se refiere a las explicaciones disparatadas del ex presidente estadounidense Bill Clinton ante el gran jurado sobre sus relaciones extramatrimoniales con la becaria de la Casa Blanca Monica Lewinsky entre 1995 y 1997 y eventos relacionados. En ese momento, el presidente demó

crata afirmó que no mintió cuando negó a sus principales asesores la pregunta hecha en el presente del indicativo sobre si las acusaciones eran verdaderas, ya que en ese momento específico, es decir, ese día, de hecho no había tenido dichas relaciones. El caso tuvo repercusiones en todo el mundo y se conoció como el "escándalo Clinton-Lewinsky". N. del T.

[32] Carta al Arzobispo de Chihuahua, Adalbert Almeida, mayo de 1985.

[33] Efesios 5:22-27.

[34] DS 3802-3803.

[35] N.T.: Catecismo de Baltimore. Es un catecismo tradicional muy difundido en los países de habla inglesa.

[36] BC, qq. 156-159.

[37] Cf. Juan 6:60.

[38] Arthur Conan Doyle: La Aventura del Rostro Pálido (1893).

[39] Dutertre 2022a, 1. Énfasis del autor.

[40] Link.

[41] “Bergoglio No Tiene Nada que Perder” (2014). Cekada 2021c, 244-255.

[42] DS 3802-3803.

[43] N.T.: En el sistema electoral estadounidense, la población elige a los delegados que componen el colegio electoral; estos, a su vez, eligen al Presidente de la República.

[44] Artículo II, Sección 1, Cláusula 5.

[45] Dutertre 2022a, 2.

[46] Maroto 1919, 171-172, #784; Cekada 2021c, 248.

[47] Explicación Breve de la Tesis.

[48] Cekada 2021a, 383.

[49] Hechos 1:6-7.

[50] Herbert 1878, 137-139.

[51] Cekada 2021a, 383.

[52] Cf. Salmo 145:2-3.

Breve explicación de por qué rechazamos la Tesis de Guérard Des Lauriers

Por Santa Gertrudis la Grande (SGG)

La posición de los sacerdotes y seminaristas de Santa Gertrudis la Grande, de la Iglesia Católica Romana, es que Juan XXIII y sus sucesores en el falso papado son herejes y apóstatas públicos. Por lo tanto, no son miembros de la Iglesia Católica y por esa razón no pueden ser legal o válidamente elegidos para ningún cargo en la Iglesia, ni ser designados para recibir ningún cargo en la Iglesia.

Es la enseñanza de la Iglesia que en el Bautismo una persona se convierte en miembro del Cuerpo Místico de Cristo (la Iglesia) mediante la adhesión a la Fe Católica [1]. También se une al Alma de la Iglesia, que es el Espíritu Santo, al recibir la gracia santificante [2]. Es posible ser miembro de uno sin ser miembro del otro. Una persona en estado de pecado mortal pierde la gracia santificante y está separada del alma de la Iglesia; pero sigue siendo miembro de la Iglesia externamente siempre y cuando mantenga la fe Católica [3]. También los herejes y cismáticos de buena fe (es decir, en estado de ignorancia invencible) son miembros del alma de la Iglesia siempre que no cometan un pecado mortal; pero no son miembros del cuerpo de la Iglesia [4].

Llamamos al Tesis del Obispo Guérard des Lauriers un error teológico [5]. Decimos esto porque afirma que un hereje y apóstata -Bergoglio, en nuestro tiempo- puede ser elegido válidamente para el papado [6]. Esto va en contra de la enseñanza del derecho divino y del derecho canónico de que los herejes y apóstatas públicos no son miembros de la Iglesia externamente [7]. La Tesis sostiene que Juan XXIII y sus sucesores, incluido Bergoglio, son miembros de la Iglesia externamente (o al menos debemos tratarlos así sin la declaración de la Iglesia), mientras que, de hecho, solo los católicos en estado de pecado mortal retienen la pertenencia a la Iglesia externamente, pero no internamente. Cuando un católico comete pecados de herejía, cisma o apostasía, no solo pierde la gracia santificante en su alma, sino que también es excluido de la pertenencia externa a la Iglesia; y esto sucede automáticamente, sin necesidad de ninguna declaración por parte de la Iglesia [8].

También llamamos a la Tesis un error teológico, porque inventó la idea de un obstáculo que supuestamente Juan XXIII y sus sucesores pusieron, de modo que fueron elegidos legítima y válidamente, pero no recibieron autoridad. De hecho, el Derecho Canónico de 1917 y todos sus comentaristas enseñan unánimemente que, si una persona es capaz de ser elegida Papa, también es capaz de convertirse en Papa [9]. Esto se debe a que la Iglesia no toma, y de hecho no podría tomar, decisiones sobre el estado interno o las intenciones de una persona; lo que analiza es si sus miembros son católicos o no, es decir, si tienen la fe católica y pertenecen al Cuerpo Místico de Cristo externamente [10].

También consideramos la Tesis de Guérard des Lauriers ilógica y errónea, porque enseña que, a través de la sucesión apostólica material, Bergoglio designa y sostiene legalmente la apostolicidad de la Iglesia. Pero la noción misma de sucesión apostólica material es que es válida, pero ilegal. No es posible tener una sucesión apostólica que sea meramente material, pero aún legal. Y esto se debe a que la misma cosa que hace material la sucesión es la ilegalidad; y lo que la hace formal es la legalidad [11]. Además, es absolutamente absurdo pensar que una persona que no tiene la fe transmitida por los Apóstoles podría ser un sucesor de los Apóstoles.

Dado que también sostenemos que las ordenaciones y consagraciones del *Novus Ordo* son inválidas, decimos verdaderamente que, cuando se trata de defender la apostolicidad de la verdadera Iglesia de Cristo, Bergoglio no tiene nada que dar y nada que perder [12].

Además, como la Tesis sostiene que Bergoglio y sus obispos reciben designación legal para mantener la apostolicidad por parte de la Iglesia, entonces la única conclusión lógica sería que nosotros, obispos y sacerdotes tradicionales, no recibimos designación legal. Así como es imposible que haya dos jefes en una familia, dos presidentes en un estado, o dos dioses en el cielo, es intrínsecamente imposible que, si Bergoglio y sus obispos hubieran sido enviados legalmente, pudiera existir alguna otra línea legal de sucesión aparte de ellos. Además, la iglesia del Novus Ordo excomulgó al Arzobispo Thuc, al Obispo Guérard y al Obispo Carmona, y declaró sus órdenes ilegales [13]. Si la Iglesia posconciliar tiene poder para designar, también debe tener poder para no designar. Al defender la legalidad de Bergoglio, la única conclusión lógica sería que el clero tradicional es ilegal, es decir, está fuera de la verdadera Iglesia y de la verdadera apostolicidad. Y de hecho, esta es una posición defendida por el *Novus Ordo* y la posición R&R; pero debe ser rechazada por los Sedevacantistas.

Por último, no se pueden considerar estas diferencias dentro del clero tradicional como algo sobre lo cual solo se puede expresar una opinión, como un debate sobre la obra de la gracia de Dios en un alma. Estas cuestiones tienen que ver con dónde está la verdadera Iglesia de Cristo, lo cual obviamente afecta la salvación de las almas [14]. Es hacia esta verdadera Iglesia que los obispos y sacerdotes tradicionales están obligados a guiar al verdadero rebaño de Cristo. Aunque es cierto que uno puede errar de buena fe en cuanto a dónde está la verdadera Iglesia, nadie puede permanecer en un estado de duda sobre ello. Bergoglio o es un miembro de la Iglesia de Cristo o no lo es. Si es católico, entonces puede, de acuerdo con la ley divina y canónica, no solo ser elegido Papa, sino también convertirse en Papa. Pero si no es miembro, entonces no solo su papado, sino también su supuesta elección para el cargo es, de acuerdo tanto con la ley canónica como con la ley divina, inválida. Y la organización de Bergoglio (la iglesia *Novus Ordo*) o tiene al Espíritu Santo como su alma, o no lo tiene. Si lo tiene, es la verdadera Iglesia de Cristo; y es tratada como tal por el *Novus Ordo* y R&R. Pero, si no lo tiene, es una falsa secta, y debe ser completamente y totalmente rechazada por los Católicos.

Notas

[1] "Así como en la verdadera comunidad de los fieles de Cristo hay un solo Cuerpo, un Espíritu, un Señor y un Bautismo, así también solo puede haber una fe (cf. Ef. 4,5); y por eso aquel que se niega a escuchar a la Iglesia, como el Señor ordena: 'dejadlo ser como los paganos y publicanos' (cf. Mt. 18,17)" (Pío XII, Mystici Corporis, 1943, DZ 2286).

[2] "Y después de que Cristo fue glorificado en la Cruz, Su Espíritu se comunica a la Iglesia en la más rica efusión, para que ella y sus miembros individuales puedan volverse cada vez más como nuestro Salvador. Fue el Espíritu de Cristo el que nos hizo hijos adoptivos de Dios" (Pío XII, Mystici Corporis, 1943, DZ 2288).

[3] "La Iglesia Militante está compuesta por dos tipos de personas, los buenos y los malos. Ambos profesan la misma fe y participan de los mismos sacramentos; pero difieren en su modo de vida y moralidad" (Catecismo Romano, El Noveno Artículo, #7, p. 101).

[4] "Lo mismo debe decirse, en su propia manera, de la Iglesia, en la medida en que es la ayuda general para la salvación. Por lo tanto, para que pueda obtenerse la salvación eterna, no siempre es necesario que esté incorporado a la Iglesia realmente como miembro, pero es necesario que esté unido a ella al menos por deseo y anhelo. Pero este deseo no siempre necesita ser explícito, como sucede con los catecúmenos, sino que cuando una persona está bajo una ignorancia invencible, Dios también acepta un deseo implícito, así llamado porque está incluido en esa buena disposición del alma, por la cual una persona desea que su voluntad sea conforme a la voluntad de Dios" (Carta del Santo Oficio al Arzobispo de Boston, 1949, DS 3870)."

[5] Un error teológico es la negación de una doctrina teológica que es moralmente cierta y que la Iglesia considera como perteneciente a la integridad de la Fe, o que está lógicamente vinculada a una verdad

revelada (Wilhelm & Scannell 1906, 90).

[6] El Padre Filippo Maroto, profesor de Derecho Canónico en el Pontificio Colegio de Santo Atanasio, consultor del Santo Oficio, que trabajó en la preparación del Código de 1917, escribió: “A) La validez de la elección, en lo que respecta a la persona elegida, depende únicamente de la ley divina - en otras palabras, ningún otro impedimento, excepto los previstos por la ley divina, invalida la elección de un Romano Pontífice [...] Por lo tanto, para una elección válida de un Romano Pontífice ahora es necesario y suficiente que la persona elegida sea: [...] c) Un miembro de la Iglesia, ya que aquel que no pertenece a la Iglesia se considera incapaz de poseer jurisdicción, especialmente jurisdicción ordinaria, y no puede ser efectivamente el jefe de la Iglesia. Por esta razón, los infieles y los no bautizados no pueden ser válidamente elegidos de ninguna manera. Del mismo modo, la propia ley divina prohíbe a los herejes y cismáticos del Sumo Pontificado” (Maroto 1919, 171-172, #784; Cekada 2021, 248).

[7] El Padre Conte a Coronata escribió: “Ya no existen restricciones sobre quién puede ser elegido para el cargo de Pontífice Romano por parte de la ley humana. [...] Precaución del oficio del primado: lo que se decreta respecto a esta precaución por la ley divina. [...] Del mismo modo, para la validez, es necesario que los elegidos sean miembros de la Iglesia; por lo tanto, los herejes y apóstatas, al menos los públicos, están excluidos” (Conte a Coronata 1950, 366; 370). Monseñor Gerard van Noort escribió: “Con el término herejes públicos en este punto nos referimos a todos aquellos que niegan externamente una verdad (por ejemplo, la Maternidad Divina de María), o varias verdades de la fe divina y católica, independientemente de si quien lo niega lo hace ignorante e inocentemente (un hereje meramente material), o de forma voluntaria y culpable (un hereje formal)” (Van Noort 1959, 241).

[8] En cuanto al Papa que se convierte en hereje, Santo Antonino, Doctor de la Iglesia, escribe en su *Summæ Sacræ Theologiæ*, pars III, titulus XXII, caput IV, § 3: “Cuando cae en herejía, entonces por ese hecho es separado de la Iglesia y deja de ser su cabeza, y es depuesto de facto, no de jure, porque 'el que no cree ya está condenado' (Juan 3, 18) y esto de jure; pero esto es antes del juicio, porque el que es hereje está separado de la Iglesia; y la cabeza no puede ser separada del cuerpo, siendo la cabeza de aquel cuerpo del cual está separada. Por lo tanto, el Papa por esta razón deja de ser la cabeza del cuerpo de la Iglesia; y así un hereje no puede ser o permanecer como Papa, porque las llaves de la Iglesia no pueden ser obtenidas fuera de la Iglesia” (Antoninus 1740, 1208).

Otro santo y doctor, San Roberto Belarmino, escribe: “La opinión de los hombres eruditos más recientes es la misma, como John Driedonus, que en el libro 4 de su obra sobre las Escrituras y los dogmas de la Iglesia (en el capítulo 2, parte 2, sentencia 2) enseña que solo aquellos que están separados de la Iglesia, o son expulsados, como los excomulgados, o por sí mismos se apartan y se oponen a la Iglesia, como los herejes y cismáticos. Y en la séptima frase él dice que, en aquellos que se han alejado de la Iglesia, no queda absolutamente ningún poder espiritual sobre aquellos que están en la Iglesia. Melchior Cano en el libro 4, capítulo 2 sobre situaciones teológicas, enseña que los herejes no son parte de la Iglesia, ni miembros, y, en el último capítulo del argumento 12, dice que ni siquiera se puede pensar que alguien, que no es ni miembro ni parte de la Iglesia, pueda ser el Jefe y el Papa. Y en el mismo lugar enseña con palabras claras que los herejes ocultos todavía son parte y miembros de la Iglesia, y así un Papa, que es hereje oculto, todavía es Papa. Otros tienen la misma opinión y los citamos en el libro 1 sobre la Iglesia. El fundamento de esta opinión es que un hereje manifiesto de ninguna manera es miembro de la Iglesia, es decir, ni en mente ni en cuerpo, ni con una unión interna ni externa. Pues los malos católicos también están unidos y son miembros, en mente a través de la fe, y en cuerpo a través de la confesión de fe, y a través de la participación en los sacramentos visibles. Los herejes ocultos están unidos y son miembros, pero solo con una unión externa, como, por otro lado, los buenos catecúmenos pertenecen a la Iglesia solo con una unión interna, pero no externa; pero los herejes manifiestos no pertenecen de ninguna manera, como ya se ha probado” (Bellarmine 2016, 839-840).

Mons. van Noort escribe: “Es cierto que los herejes públicos y formales están separados de los miembros de la Iglesia. Es la opinión más común que los herejes públicos y materiales también están excluidos de la pertenencia a la Iglesia. El razonamiento teológico para esta opinión es bastante fuerte: si los herejes

materiales públicos permanecieran como miembros de la Iglesia, la visibilidad y unidad de la Iglesia de Cristo perecerían. Si estos herejes meramente materiales se consideraran miembros de la Iglesia Católica en el sentido estricto del término, ¿dónde estaría alguna vez la 'Iglesia Católica'? ¿Cómo sería la Iglesia un solo cuerpo? ¿Cómo profesaría una sola fe? ¿Dónde estaría su visibilidad? ¿Dónde estaría su unidad? Por estas y otras razones, tenemos dificultades para ver alguna probabilidad intrínseca en la opinión que permita a los herejes públicos, de buena fe, permanecer como miembros de la Iglesia" (Van Noort 1959, 241-242).

El Catecismo Romano enseña: "Se sigue que solo hay tres categorías de personas excluidas de su seno: primero, los infieles; segundo, los herejes y cismáticos; y tercero, las personas excomulgadas. [...] Herejes y cismáticos, porque se han separado de la Iglesia y le pertenecen solo como desertores pertenecen al ejército del cual desertaron. Sin embargo, no se puede negar que aún están sujetos a la jurisdicción de la Iglesia, en la medida en que son pasibles de juicio sobre sus opiniones, de sufrir castigos espirituales, y de ser denunciados con anatema. Finalmente, las personas excomulgadas, pues excluidas por su sentencia del número de sus hijos, no pertenecen a su comunión hasta que sean restauradas por el arrepentimiento" (Catecismo Romano 1984, 103).

Por último, el Papa Pío XII enseña en la *Mystici Corporis*: "Tampoco se debe pensar que el Cuerpo de la Iglesia [...] está compuesto, durante los días de su peregrinación terrenal, solo por miembros conspicuos por su santidad, o que está compuesto solo por aquellos que Dios predestinó para la felicidad eterna. [...] Pues no todos los pecados, por graves que sean, son de tal naturaleza como para separar a un hombre del Cuerpo de la Iglesia, como el cisma o la herejía o la apostasía" (DS 3803). También dice: "En verdad, solo aquellos que deben ser contados entre los miembros de la Iglesia son los que han recibido en la pila del bautismo y profesan la verdadera fe, y no se han separado, para su desgracia, de la estructura del Cuerpo, o por pecados muy graves no han sido excluidos por autoridad legal" (DZ 2286; DS 3802). Nótese que a partir de estas citas vemos que la Iglesia, en palabras claras, enseña que la separación de la Iglesia Católica puede ocurrir o por excomunión de parte de la Iglesia o porque alguien se separa de ella cometiendo un pecado de cisma, herejía o apostasía.

[9] El Código de Derecho Canónico (CDC), canon 219: "El Romano Pontífice, legítimamente elegido, inmediatamente después de aceptar la elección, obtiene por ley divina el pleno poder de la jurisdicción suprema". Pío XII también enseñó en su *Vacantis Apostolicæ Sedis* 1945, #101: "Habiendo obtenido este consentimiento dentro del plazo, en la medida necesaria, determinado por el juicio prudente de los cardenales, aquel que es elegido mediante el mayor número de votos, es inmediatamente el verdadero Papa, y de hecho adquiere y puede ejercer plena y absoluta jurisdicción sobre todo el mundo" (AAS 3/1946, p. 97). Además, el Padre John Berthram O'Connell escribe en su The Celebration of Mass, que el sacerdote debe mencionar el nombre del Papa en el Cánon "tan pronto como su elección sea anunciada" (O'Connell 1940, 87).

[10] Santo Tomás de Aquino escribe en la *Summa Theologiæ* (Segunda Parte de la Segunda Parte, Pregunta 60, artículo 2, respuesta a la Objeción 1): "Con estas palabras nuestro Señor prohíbe el juicio precipitado que es sobre la intención interior, u otras cosas inciertas, como afirma Agustín". Mons. van Noort también declara: "Una vez más, no importa si una persona que rompe los lazos de la Comunión Católica lo hace de buena fe o de mala fe; en cualquiera de los casos, deja de ser miembro de la Iglesia. La inocencia o culpa de las partes involucradas es puramente una cuestión interna, puramente una cuestión de conciencia; no tiene relación directa con la cuestión de uno de los lazos externos y sociales necesarios para ser miembro" (Van Noort 1959, 244).

[11] La apostolicidad material significa que un obispo posee órdenes válidas, pero desde que se separó de la unidad de la Iglesia, su misión es ilegal. Para la legalidad, es decir, para hacer de un obispo un obispo católico y sucesor de los Apóstoles, la apostolicidad material no es suficiente. Lo necesario para una verdadera sucesión apostólica es que sea válida (material) y legal (formal). Para que una iglesia sea la verdadera Iglesia, se necesita la marca de la verdad, es decir, la apostolicidad válida y legal (Dorsch 1928, 608-609). Por lo tanto, la idea de que pueda haber lo que la Tesis llama "sucesión material legal" es imposible; es un tipo de oxímoron como "un círculo cuadrado" o "un cadáver vivo".

[12] Ver Fr. Anthony Cekada, "Bergoglio’s Got Nothing to Lose..." (Cekada 244-255).

[13] "1) Los obispos que ordenaron a otros obispos, así como los obispos ordenados, además de las sanciones mencionadas en los cánones 2370 y 2373, 1 y 3, del Código de Derecho Canónico, incurrieron también, *ipso facto*, en excomunión reservada muy especialmente a la Sede Apostólica, según consta del Decreto de la Sagrada Congregación del Santo Oficio del 9 de abril de 1951 (AAS XLIII, 1951, p. 217 y ss.). La pena contenida en el canon 2370 también se aplica a los padres asistentes, en caso de que alguno de ellos estuviera presente. 2) De acuerdo con el canon 2374, los padres ordenados ilícitamente de esta manera están *ipso facto* suspendidos del orden recibido, y también son irregulares si ejercen el orden (código 985, 7). 3) Finalmente, en cuanto a aquellos que ya han recibido la ordenación de esta manera ilícita, o que tal vez vayan a recibir la ordenación de parte de ellos, sea cual sea la validez de las órdenes, la Iglesia no reconoce ni debe reconocer su ordenación, y en cuanto a todos los efectos jurídicos, los considera en el estado que tenían anteriormente, y las sanciones penales mencionadas anteriormente permanecen en vigor hasta el arrepentimiento” (L'Osservatore Romano, edición en inglés, 18 de abril de 1983, p. 12).

[14] “Por lo tanto, aquellos que están divididos unos de otros en la fe o en el gobierno no pueden vivir en la unidad de tal cuerpo, y en su único espíritu divino” (Pío XII, Mystici Corporis, 1943, DZ 2286; DS 3802). “Fue a este Cuerpo Místico, la Iglesia, a la que Cristo ordenó la entrada de todas las naciones; y Él decretó que fuera un medio de salvación sin el cual nadie puede entrar en el cielo, y que quien se niegue a someterse a esta Iglesia divinamente establecida, no será salvo” (Carta del Santo Oficio al Arzobispo de Boston, 1949, DS 3867-3868).

Bibliografía

Antoninus of Florence, St. 1740 Summa Theologica. Pars tertia. Verona: Ex Typographia Seminarii, Apud Augustinum Carattonium.

Bellarmine, St. Robert 2016 Controversies of the Christian Faith. Translated from Latin by Kenneth Baker, S.J. Keep the Faith, Inc.

CCL 2001 The 1917 or Pio-Benedictine Code of Canon Law in English Translation. Dr. Edward N. Peters, Curator. San Francisco, CA: Ignatius Press.

Cekada, Anthony 2021 Don’t Get Me Started! Collected Writings 1979. Vol. III. Whatever (2007-2019). West Chester, OH: St. Gertrude the Great Roman Catholic Church.

Conte a Coronata, Matthæus 1950 Institutiones Iuris Canonici ad usum utriusque cleri et scholarum. Volumen I. Editio quarta aucta et emendata. Marietti Editori Ltd.

Dorsch, Emil 1928 Institutiones theologiæ fundamentalis. Vol. II. De ecclesia Christi. Editio altera retractata et aucta. Innsbruck: Feliciani Rauch.

DS 1963 Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum. Editio XXXII. Adolf Sch nmetzer (ed.). Freiburg im Breisgau: Herder

DZ 2009 The Sources of Catholic Dogma. Translated by Roy J. Deferrari from the Thirtieth Edition of Henry Denzinger’s Enchiridion Symbolorum. Boonville, NY: Preserving Christian Publications.

Maroto, Philippo 1919 Institutiones Iuris Canonici ad Normam Novi Codicis. Tomus II. Madrid: Editorial del Corazon de Maria.

O’Connell, J. 1940 The Celebration of Mass. A Study of the Rubrics of the Roman Missal. Volume II: The Rite of the Celebration of Low Mass. Milwaukee, WI: The Bruce Publishing Company.

Roman Catechism 1984 The Roman Catechism. Boston, MA: St. Paul Editions.

Van Noort, G. 1959 Dogmatic Theology. Volume II: Christ's Church. Westminster, MD: The Newman Press. Wilhelm, Joseph & Scannell, Thomas 1906 A Manual of Catholic Theology Based on Scheeben's "Dogmatik". With a Preface by Cardinal Manning. Vol. I. The Sources of Theological Knowledge, God, Creation and the Supernatural Order. Third Edition, Revised. London: Kegan Paul,Trench, Trübner Co., L td.

¿Un error teológico o sabor de herejía?

Por el Padre Valerii Kudriavtsev

Gostaria de compartir aquí algunos pensamientos sobre el vídeo grabado el 15 de noviembre de 2021 por el Rector del Seminario de la Santísima Trinidad, Obispo Donald Sanborn. Él alegó que el Obispo Daniel Dolan lo acusó junto con todos los clérigos del Seminario y del Instituto Católico Romano de ser adeptos del *Novus Ordo* y de estar verdaderamente realizando el trabajo del *Novus Ordo*.

Creo que este es uno de los mejores comentarios que he encontrado en la página de Facebook de la Sociedad Sedevacantista.

> "R&R y (Tesis de) Cassiciacum están de acuerdo: la institución del *Novus Ordo* es la estructura legal de la Iglesia Católica. Esto es insostenible."

Después de tal comentario, poco se puede decir. Sin embargo, intentaré decir algo.

Al comentar, no mencionaré los nombres de ciertas personas. Usaré la frase 'alguien me dijo', como el Obispo Sanborn dijo en su vídeo.

Además, quiero enfatizar que mis comentarios no están dirigidos de ninguna manera contra los seguidores de la 'Tesis', sino contra la propia 'Tesis'.

También necesito aclarar que la tesis del Obispo Guérard des Lauriers o 'La Tesis de Cassiciacum' no es un enseñamiento infalible de fe propuesto por la Iglesia, sino una opinión teológica privada y controvertida, y los católicos no están obligados a creer en ella. Por lo tanto, no es en absoluto pecaminoso discrepar de la 'Tesis' diciendo que es un 'error teológico' o incluso que tiene 'sabor de herejías'.

Tampoco se trata de 'una acusación severa', como dice el Obispo Sanborn en su vídeo, sino una seria expresión de preocupación sobre los riesgos de la 'Tesis'. Y esto no es 'guerra', como algunas personas dicen. Es simplemente un intercambio de opiniones, creo yo.

Bajo el Pontificado de Pío XII, el Padre Guérard des Lauriers sirvió como profesor en la Pontificia Universidad Lateranense en Roma, y por algún tiempo antes de 1950, fue consejero del Papa sobre el Dogma de la Asunción de Nuestra Señora proclamado por la Constitución Apostólica 'Munificentissimus Deus' el 1 de noviembre de 1950. Sin embargo, esto no significa que cualquier opinión privada del Obispo Guérard des Lauriers sea infalible y deba ser aceptada bajo pena de excomunión.

En su vídeo, el Obispo Sanborn se refirió a esta parte del Boletín Dominical publicado por el Obispo Dolan en su sección "The Bishop's Corner" del 14 de noviembre de 2021:

> “San Martín I sufrió un exilio y una muerte miserable en lugar de aceptar la herejía de que en Cristo hay solo una voluntad. Puede sonar oscuro para la mayoría, sin duda, pero debemos aferrarnos a toda la fe católica sin excepciones. Hoy, incluso los mejores quieren hacernos creer que, por muy mal que sea, Bergoglio es el papa legítimamente elegido, y el *Novus Ordo*, es decir, la Iglesia Mundial, y la Iglesia Católica son una sola. Esto es un error teológico y tiene sabor a herejía”.

El Obispo Dolan no mencionó el nombre del Obispo Sanborn ni los nombres de los clérigos del Seminario de la Santísima Trinidad o del "Instituto Católico Romano". Sin embargo, al día siguiente, el Obispo Sanborn grabó un video "para decir algo relacionado con las críticas lanzadas contra" él y todos los clérigos del Seminario y del "Instituto Católico Romano".

Sin embargo, ¿si se refirió a la 'Tesis', estaría prohibido tener una opinión diferente sobre ella?

Obispo Sanborn:

> "Antes que nada, permítanme corregir lo que él dice. La Tesis de Guérard des Lauriers no dice que Bergoglio es un papa válidamente elegido. Eso es falso. Es una acusación falsa. Nosotros decimos, la tesis dice que él es elegido válidamente y, por lo tanto, es un papa elegido, pero no es el papa. Él no es un papa válidamente elegido. Nunca puede ser llamado papa mientras esté promulgando herejía."

Mi comentario:

Según el *Novus Ordo*, Bergoglio es un papa válidamente elegido y posee toda la jurisdicción sobre la Iglesia Católica.

Según el Obispo Sanborn, Bergoglio es un papa válidamente elegido, que tiene el poder de designar cardenales que tienen el poder de elegir un nuevo papa después de la muerte de Bergoglio en un nuevo cónclave.

Además, veamos lo que el Obispo Sanborn escribió en su artículo del 29 de junio de 2002. Si lees cuidadosamente, puedes ver que en realidad está atacando la Doctrina Católica y el Clero Tradicional católico (a quienes llama "totalistas") que discrepan de la "Tesis".

EXPLICACIÓN DE LA TESIS DEL OBISPO GUÉRARD DES LAURIERS:

"**P: Pero ¿cómo podrían los cardenales herejes tener la jurisdicción para elegir a un papa, dado que también son culpables de la apostasía de la fe?**

R: No tienen jurisdicción. El derecho al voto (el poder de designación) no es el poder de gobernar (jurisdicción). Además, su defección de la fe es un obstáculo para la jurisdicción, pero no para la elección de un papa".

Esto no es cierto, porque **el poder de designación ES el poder de gobernar (jurisdicción)**. Dado que los herejes no tienen el poder de gobernar (jurisdicción), no tienen el poder de elegir a un papa.

El Rev. Padre Peter A. Baart explica que, en la creación de cardenales, **toda la sustancia del Cardenalato consiste en el poder de jurisdicción y en sus prerrogativas consiguientes:**

> "46. Todo lo que se requiere para la creación de un cardenal es la voluntad del Soberano Pontífice expresada adecuadamente. Ni siquiera una cierta forma o cualquier tipo de ceremonia especial es esencial, porque toda la sustancia del cardinalato consiste en el poder de jurisdicción y en sus prerrogativas consiguientes, que dependen simplemente de la voluntad del superior. El cardinalato no es, como el sacerdocio, un sacramento que imprime carácter y que requiere materia y forma sacramentales divinamente instituidas; y de ahí que la enseñanza unánime sea que la forma de la promoción al cardinalato depende enteramente de la voluntad y palabra del Soberano Pontífice" (El Tribunal Romano, O UN Tratado sobre los Cardenales, Congregaciones Romanas y Tribunales, Legados, Vicarios Apostólicos, Protonotarios y Otros Prelados de la Santa Iglesia Romana, POR EL Reverendo Peter A. Baart, S. T. L., Autor de "Huérfanos y Asilos de Huérfanos," y "Reclamaciones Episcopales Refutadas", FR. PUSTET, Imprenta de la Santa Sede y la S. Congregación de Ritos, FR. PUSTET & CO., NUEVA YORK Y CINCINNATI. Nihil Obstat: Carolus O'Reilly, S. T. D., Censor Deputatus, Imprimatur: Joannes S. Foley, Obispo de Detroit, el día 25 de septiembre de

1895, Imprenta de The Statesman, Marshall, Mich. p. 42)."

¿En qué lugar se mencionó algo sobre "cardenales herejes"?

Obispo Sanborn continúa:

"P: ¿Cómo podemos tener cardenales verdaderos de cualquier forma si Ratzinger no es Papa? ¿No serían entonces cardenales falsos?

R: Tal vez sean cardenales falsos, pero no son electores falsos. Ratzinger tiene autoridad para nombrar electores para el papado por la misma razón por la que los propios cardenales tienen el poder de elegir. Todo esto pertenece al orden de designación, y no al orden de jurisdicción. Pero es el poder de jurisdicción (poder de gobernar) lo que hace que un papa sea papa, y no el poder de designación. La tesis sostiene que el *Novus Ordo* retiene el poder de designar personas para recibir el poder de jurisdicción en la Iglesia".

Esto tampoco es cierto. "Cardenales falsos" o "Cardenales herejes" no son términos católicos.

Además, Ratzinger, y todo falso papa del Vaticano II, no tiene autoridad para designar electores para el papado.

La Iglesia enseña que **el Papa tiene el poder exclusivo** y libre de designación al cardenalato:

> "El Soberano Pontífice tiene el poder exclusivo y libre de designación al cardinalato" (ELEMENTS OF ECCLESIASTICAL LAW, COMPILADO CON REFERENCIA AL SÍLABO, LA "CONST. APOSTOLICAE SEDIS" DEL PAPA PIO IX, EL CONCILIO DEL VATICANO Y LAS ÚLTIMAS DECISIONES DE LAS CONGREGACIONES ROMANAS, POR REV. S. B. SMITH. D.D., BENZIGER BROTHERS, 1881, Nihil Obstat: Rev. S. G. MESSMER, S.T.P., Censor Deputatus, Imprimatur: JOANNES CARD. McCLOSKEY, Arzobispo de Nueva York, Dado en Nueva York, el 25 de marzo de 1877, p. 234)".

La Iglesia también enseña que al elegir un nuevo papa, los Cardenales (no "cardenales falsos o herejes") ejercen el poder de jurisdicción:

> "493. – I. Dignidad y Poder de los Cardenales. – El cardinalato es, después del Papa, la mayor dignidad en la Iglesia. Siendo los electores del Soberano Pontífice durante la sede vacante y sus consejeros durante la sede plena, los cardenales tienen precedencia incluso sobre patriarcas, metropolitanos y primados. La razón es que la prioridad en la jerarquía está regulada no por el ordo (orden), sino por el oficio y la jurisdictio (jurisdicción). Ahora bien, los cardenales tienen una mayor jurisdictio que los obispos; pues, junto con el Papa, tienen poder no sobre una diócesis, como otros obispos, sino sobre todas las diócesis del mundo católico. Los cardenales son, además, príncipes romanos - no príncipes de sangre" (ELEMENTS OF ECCLESIASTICAL LAW, COMPILADO CON REFERENCIA AL SÍLABO, LA "CONST. APOSTOLICAE SEDIS" DEL PAPA PIO IX, EL CONCILIO DEL VATICANO Y LAS ÚLTIMAS DECISIONES DE LAS CONGREGACIONES ROMANAS, POR REV. S. B. SMITH. D.D., BENZIGER BROTHERS, 1881, Nihil Obstat: Rev. S. G. MESSMER, S.T.P., Censor Deputatus, Imprimatur: JOANNES CARD. McCLOSKEY, Arzobispo de Nueva York, Dado en Nueva York, el 25 de marzo de 1877, pp.236-237)."

Asimismo, todas las Constituciones Pontificias sobre la elección enfatizan que durante la elección de un Papa en el Cónclave, los Cardenales ejercen **jurisdicción**.

Por lo tanto, Bergoglio **no es un papa válidamente elegido**, porque es un hereje público. Bergoglio **no es un papa válidamente elegido**, porque siendo un hereje público está impedido por la Ley Divina de ser

válidamente elegido, y los "cardenales falsos y herejes" no tienen poder para elegir a un legítimo elegido para el papado.

Cuando el Obispo Sanborn dice "él nunca puede ser llamado papa mientras esté promulgando herejía", quiere decir que Bergoglio puede convertirse en un papa válido incluso después de varios años de un cónclave finalizado. Lo único que se le requiere es dejar de predicar herejías y comenzar a predicar la Fe Católica. Pero la Iglesia Católica nunca enseñó eso.

La Iglesia enseña que **tan pronto el Papa es elegido canónicamente, se convierte inmediatamente, después de dar su consentimiento a la elección, en el Vicario de Cristo en la tierra (Código de Derecho Canónico 219, consulte al final del artículo)**:

"En el momento en que el Papa es elegido canónicamente, es decir, de acuerdo con las reglas establecidas, y en cuanto da su consentimiento a la elección, él, sin necesidad de confirmación alguna, tiene autoridad sobre la Iglesia Universal, incluso si previamente no ha sido ni obispo, ni sacerdote, ni diácono, ni subdiácono, sino solo un simple laico. Desde el momento de su elección, está investido con todas las prerrogativas de su jurisdicción, como otorgar dispensas, canonizar, promulgar censuras, conceder indulgencias, instituir obispos, instituir cardenales y decidir controversias en relación con la fe y la moral" (pág. 400).

> "La persona elegida, incluso si no tiene las órdenes sagradas, se convierte inmediatamente, tras dar su consentimiento a la elección, en el Vicario de Cristo en la tierra" (pág. 566-567).

(Ecclesiastical Dictionary, por el RE V. JOHN THEIN, Sacerdote de la Diócesis de Cleveland, Nueva York, Cincinnati, Chicago, BENZIGER BROTHERS, Imprenta de la Santa Sede Apostólica, 1900, Imprimatur: +MICHAEL AUGUSTINE, Arzobispo de Nueva York, Nueva York, 21 de marzo de 1900, Nihil Obstat: +IGN. F. HORSTMANN, Obispo de Cleveland, Cleveland, Ohio, 9 de marzo de 1900, p. 400, p. 566-567).

No puedes decir, después del final del cónclave, que Bergoglio no es un papa elegido válidamente, ya que el cónclave se finaliza solo si se elige a UN PAPA.

Pero si dices que Bergoglio no es un papa válidamente elegido, debes estar de acuerdo en que el cónclave aún no ha finalizado y debe continuar hasta que se elija un papa válido.

Además, ¿podría el Obispo Sanborn aclarar en qué cónclave fue elegido Bergoglio como "papa-electo"? ¿Quién convocó este cónclave, quién anunció "*Habemus Papam*", etc.?

Obispo Sanborn:

> "Entonces él dice que nosotros decimos que el *Novus Ordo*, la Iglesia Mundial, es idéntica a la Iglesia Católica. Nosotros no decimos eso. Eso es falso, es una acusación falsa. Nosotros no decimos eso. Porque estamos diciendo que estos herejes están en la jerarquía, desafortunadamente, en posesión de lo que llamamos el aspecto material de la Iglesia, que es el aspecto institucional. Se asemejan a ladrones que robaron su auto o secuestradores que secuestraron un avión. Están usando la propia estructura de la Iglesia para promover la herejía.
>
> Por lo tanto, no estamos diciendo que la Iglesia *Novus Ordo* sea la misma que la Iglesia Católica. Es un hecho. No admitimos el término "Iglesia *Novus Ordo*", porque ellos, los herejes del *Novus Ordo*, no fundaron su propia iglesia; están tratando de usar la estructura de la Iglesia para sus propios propósitos, es decir, destruirla."

Mi comentario:

El propietario de un automóvil podría prestarlo a alguien para que lo conduzca. Ese conductor poseería **legalmente** el automóvil. Sin embargo, el propietario del automóvil no se priva de la posesión simplemente por prestar el automóvil a otro.

A pesar de que los herejes posean el lado material de la Iglesia, por ejemplo, los edificios de la iglesia, tierras, etc., sin embargo, **lo poseen ilegalmente**. La Iglesia no prestó el aspecto material de la Iglesia a los herejes, **sino que lo robaron y, por lo tanto, son culpables de posesión criminal por robo de propiedad. No tienen poder para usarlo (conducirlo)**.

El hecho de tener posesión criminal por robo de propiedad no convierte a un ladrón en un "poseedor legal".

El Instituto Católico Romano del Obispo Sanborn dice que "los miembros de la jerarquía *Novus Ordo* constituyen la jerarquía Católica solo materialmente" (ver más abajo).

Pero esta tesis es falsa, ya que para constituir materialmente la jerarquía Católica, se requiere actuar de manera legal, y no de manera ilegal.

Por lo tanto, los herejes no pueden constituir materialmente la jerarquía Católica, ya que su acto es ilegal y criminal.

Como los ladrones no pueden constituirse propietarios del automóvil materialmente, los miembros de la jerarquía *Novus Ordo* no pueden constituir materialmente la jerarquía Católica.

También es incorrecto decir que "los herejes están en posesión del aspecto material de la Iglesia, que es el aspecto organizacional".

Sí, los herejes pueden poseer el aspecto material de la Iglesia, como por ejemplo los edificios de la iglesia, la tierra, etc. Pero NO están en posesión del aspecto institucional de la Iglesia, como por ejemplo los cargos, que no son materiales, sino que son un aspecto espiritual de la Iglesia.

Ecclesia, ????????, es un edificio espiritual, el término con el cual los sagrados escritores del Nuevo Testamento denotan la Sociedad fundada por Nuestro Señor Jesucristo.

A pesar de que los herejes puedan poseer el aspecto material de la Iglesia, como por ejemplo los edificios de la iglesia, la tierra, etc., no pueden poseer el aspecto organizacional (cargos) de la Iglesia, porque están excluidos ipso facto de la Sociedad fundada por Nuestro Señor Jesucristo.

SU EXCELENCIA REVERENDÍSIMA DR. MacEVILLY, ARZOBISPO DE TUAM, explica que la Iglesia es **un edificio espiritual, una construcción espiritual, un Reino fundado por Cristo:**

> "*Edificaré mi Iglesia*", el edificio espiritual, que debe resistir incólume a todo ataque hostil y subsistirá hasta el fin de los tiempos... "Edificaré". Aquí está la cuestión, por supuesto, de un edificio espiritual.
>
> "*Y las puertas del infierno no prevalecerán*", las palabras significarían, en esta interpretación, que todos los poderes del infierno, toda la fuerza de persecución de los tiranos, con todas las lisonjas y placeres, todos los errores de los herejes o cualquier otro medio que Satanás pueda emplear, no serán capaces de resistir la fuerza y los ataques de la Iglesia, es decir, el reino fundado por Cristo.

(AN EXPOSITION THE GOSPELS, CONSISITING OF AN ANALYSIS OF EACH CHAPTER AND OF A COMMENTARY CRITICAL, EXEGETICAL, DOCTRINAL, AND MORAL, BY HIS GRACE THE MOST REV. DR. MacEVILLY ARCHBISHOP OF TUAM, FOURTH EDITION, REVISED AND CORRECTED, DUBLIN: M. H. GILL & SON, 50 UPPER O'CONNELL STREET, NEW YORK: BENZIGER BROTHERS, 113 BROADWAY, 1808, pp. 293, 294).

Además, un comentario sobre San Mateo 16,18:

> "Las puertas del infierno, etc.". Por esta promesa estamos totalmente asegurados de que ni la idolatría, la herejía, ni ningún error pernicioso prevalecerá en ningún momento contra la Iglesia de Cristo (SANTA BIBLIA, Versión Douay del Antiguo Testamento de 1609 y con la Versión Rhemish del Nuevo Testamento de 1582, Publicada por JAMES DUFFY, 7, Wellington-quay, Dublín, MDCCCLVII. PUBLICADA CON LA APROBACIÓN DE LOS ARZOBISPOS Y OBISPOS CATÓLICOS DE IRLANDA. Aprobación dada en Dublín, este 4 de mayo de 1857).

Por lo tanto, es contrario a las Sagradas Escrituras decir que "los herejes en la jerarquía en posesión están en el aspecto organizacional de la Iglesia".

Obispo Sanborn:

> "Por cierto, ¿sabías que Nestorio era un hereje público y que en el día de Navidad del año 428 era Patriarca de Constantinopla? Cuando fue juzgado en 431, en el Concilio de Éfeso, recibió todos los honores del cargo de Patriarca de Constantinopla, el Arzobispo de Constantinopla. No fue hasta que fue juzgado y sentenciado que fue privado de ese honor. Este es un ejemplo de la diferencia entre estar separado de la Iglesia a los ojos de Dios en un sentido espiritual —cualquiera que sea un hereje público está separado de la Iglesia en este sentido— y estar separado de la Iglesia de manera legal. Y estas dos cosas son distintas, porque estás separado de la Iglesia interiormente y a los ojos de Dios por tu herejía y porque has arruinado los efectos del Bautismo por la herejía, ¿significaría acaso que automáticamente estás excluido del aspecto organizacional de la Iglesia? ¿Por qué fue necesario, por ejemplo, que el Papa Pío V excomulgara a Isabel I? Porque ella era organizacionalmente una Católica, todavía era considerada una católica bautizada, nunca había sido expulsada, y necesitaba ser expulsada. Y él lo hizo bajo las objeciones de muchos clérigos, porque era un escándalo que ella pudiera seguir siendo católica durante tanto tiempo en un sentido legal, al mismo tiempo que repudiaba la fe católica. Pero, a pesar de eso, lo hizo porque era necesario hacerlo. Estos son ejemplos de la Tesis.
>
> Y lo mismo es cierto si el *Novus Ordo* es una Iglesia diferente, como tú dices, y la iglesia *N*ovus Ordo* es lo mismo que la iglesia Luterana y la iglesia Episcopal, entonces necesitas hacer estas abjuraciones. Pero no puedes hacerlas, porque también estás excomulgado".

Mi comentario:

A partir de lo que se ha expuesto anteriormente, está claro que el Obispo Sanborn no considera al *Novus Ordo* como una iglesia diferente, ya que, según él, ni los obispos del *Novus Ordo*, ni los sacerdotes, ni los fieles han sido excomulgados legalmente y, por lo tanto, no deben hacer la abjuración de la herejía.

Sin embargo, les pido que lean el párrafo 8 del DIRECTORIO PASTORAL DEL INSTITUTO CATÓLICO ROMANO y verán que requieren que las personas que vienen del *Novus Ordo* manifiesten su resolución de repudiar vehementemente el Concilio Vaticano II y sus reformas:

> “8. Aquellos que están retornando del *Novus Ordo* a las creencias y prácticas del Catecismo Romano no pueden recibir los Sacramentos hasta (1) que manifiesten su resolución de repudiar vehementemente el Concilio Vaticano II y sus reformas, (2) hasta que se determine que están suficientemente instruidos en la fe católica, y (3) que están libres de cualquier impedimento para recibir los Sacramentos, en particular matrimonios inválidos y convivencia, o cualquier otro pecado público”.

Los párrafos 24-28 también son interesantes.

> "VIII. Sacramentos a serem conferidos novamente absolutamente ou Sub Conditione
>
> 24 - Como regla general, ningún Sacramento debe ser repetido Sub Conditione, excepto aquellos sobre los cuales haya una duda positiva respecto a su validez.
>
> 25 - Las ordenaciones al sacerdocio conferidas en inglés o latín de acuerdo con el rito reformado en uso en el *Novus Ordo* durante o después de 1968, se consideran dudosas.
>
> 26 - Las consagraciones episcopales conferidas de acuerdo con el rito reformado de consagración durante o después de 1968 se consideran inválidas.
>
> 27 - Las confirmaciones conferidas en inglés o latín de acuerdo con el rito reformado durante o después de 1971 se consideran dudosas.
>
> 28 - Los bautismos conferidos por el clero del *Novus Ordo* durante o después de 1990 necesitan confirmación sobre si se llevaron a cabo correctamente. Si hay pruebas positivas de que se omitió el rito correcto, entonces el Bautismo debe ser conferido nuevamente sub conditione."

También en el THEOLOGICAL DIRECTORY OF THE ROMAN CATHOLIC INSTITUTE hay una profesión que los clérigos que se adhieren al ICR deben firmar.

Todos los miembros del ICR están obligados a creer que el Vaticano II es "una religión completamente nueva, una religión humanista sin dogma, que difiere esencialmente del Catolicismo Romano":

> "Afirmo que el Concilio Vaticano Segundo y sus reformas constituyen una religión completamente nueva, una religión humanista sin dogma, que difiere esencialmente del Catolicismo Romano".

Pero al comienzo de ese DIRECTORIO TEOLOGICO, todo miembro del ICR está obligado a creer esto:

> "Además, creo que los miembros de la jerarquía del *Novus Ordo* constituyen la jerarquía Católica solo materialmente".

Me pregunto, ¿cómo podrían los miembros de "una religión completamente nueva, una religión humanista sin dogma, que difiere esencialmente del Catolicismo Romano"... "constituir la jerarquía Católica materialmente"?

Según el DIRECTORIO PASTORAL DEL INSTITUTO CATÓLICO ROMANO, los sacerdotes del Instituto deben solicitar que las personas que vienen del *Novus Ordo* "manifiesten su resolución de repudiar vehementemente el Vaticano II y sus reformas". Pero en el video respuesta al Obispo Dolan, el Obispo Sanborn dice que los miembros de esta religión completamente nueva no deberían hacer una abjuración de la herejía.

Francamente, tais declarações autocontraditórias são inaceitáveis para pastores Católicos. O Clero do Instituto Católico Romano precisa decidir por si de uma vez por todas: o *Novus Ordo* é uma nova religião inteiramente nova que precisa ser repudiada veementemente; ou é parte da Igreja Católica e, destarte, membros da Igreja Católica que estão um pouquinho errados que não deveriam “repudiar veementemente o Vaticano II e suas reformas”?

Obispo Sanborn:

> "Por cierto, ¿sabías que Nestorio era un hereje público y que en el día de Navidad del año 428 era Patriarca de Constantinopla? Cuando fue juzgado en 431 en el Concilio de Éfeso, recibió todas las honras del cargo de Patriarca de Constantinopla, el Arzobispo de Constantinopla. No fue hasta que fue juzgado y sentenciado que fue privado de ese honor. Este es un ejemplo de la diferencia entre estar separado de la Iglesia a los ojos de Dios en un sentido espiritual, cualquier hereje público está separado de la Iglesia en este sentido, y estar separado de la Iglesia de manera legal".

Mi comentario:

Néstor recibió todos los honores, hasta ser juzgado y sentenciado, porque era un obispo válido y arzobispo de Constantinopla. Sin embargo, no tenemos el derecho de otorgar todos los honores a Bergoglio, porque no es ni siquiera un obispo válido ni el Papa.

Por lo tanto, el ejemplo de Néstor no es apropiado.

Pero también está separado de la Iglesia de manera legal, según el Código de Derecho Canónico (ley humana) de 1917, Can. 2314, Párrafo 1, 1: "Todos los apóstatas de la fe cristiana y todos los herejes y cismáticos incurren en excomunión ipso facto".

"La censura aplicada es la excomunión incurrida ipso facto, que por sí sola no requiere ni siquiera una sentencia declaratoria. El bien público ciertamente lo exige en el caso de los clérigos" (Un comentario sobre el nuevo Código de Derecho Canónico por el reverendo P. Chas. Augustine, O.S.B., D.D. Profesor de Derecho Canónico, VOLUMEN VIII, LIBRO V, p. 278).

Dado que Bergoglio no es un clérigo, no se requiere ni siquiera una sentencia declaratoria y, por lo tanto, está separado de la Iglesia tanto por la Ley Divina, a los ojos de Dios en un sentido espiritual, como ipso facto, en un sentido legal, por la Ley Eclesiástica/humana.

Algumas palabras sobre las preguntas del Obispo Sanborn dirigidas al Obispo Dolan sobre la recepción de conversos del *Novus Ordo* a la Iglesia.

Durante la Vacancia de la Santa Sede, los obispos y sacerdotes católicos tradicionales pueden actuar según los **Cánones 2250 y 2251**.

La fórmula de absolución de excomunión, aunque distinta en relación a los dos foros (sacramento, en el foro interno y no sacramental, en el foro externo), no afecta a los efectos de la absolución en ninguno de los casos.

Según el **Cánon 2250**, si la absolución se da para la excomunión, se debe emplear, por regla general, la fórmula prescrita en el Ritual Romano (o Pontifical). Regularmente, entonces, se admite el abandono de la regla general y **en casos urgentes en el confesionario se puede** usar incluso la fórmula abreviada.

También hay en el Ritual Romano una fórmula para la absolución de una persona que estuvo bajo excomunión, pero que mostró signos de arrepentimiento antes de morir. El propósito de esta absolución, como es evidente en el mismo ritual, es permitir un entierro católico. La absolución de censuras puede considerarse válida en cualquier forma, escrita u oral, y no se requiere que la parte esté presente en persona; e incluso personas ausentes o no deseadas pueden ser absueltas.

Según el **Cánon 2251**, si la absolución se ha dado en el foro interno, la persona así absuelta puede comportarse como alguien absuelto o liberado de la censura también en lo que respecta a actos del foro externo, siempre que el escándalo haya sido removido. Además, si la absolución se da solo de manera privada, los superiores en el foro externo, ante quienes la persona censurada está obligada a comparecer, pueden insistir en la censura hasta que la absolución se dé en el foro externo, a menos que haya evidencia de que dicha absolución se haya concedido, o pueda ser legalmente presumida para el foro externo.

Durante la Vacancia de la Santa Sede, obispos y sacerdotes católicos tradicionales, utilizando la epiqueya, pueden absolver a los penitentes de censuras en el foro interno sacramental.

Además, según el **Cánon 882, en peligro de muerte, cualquier sacerdote**, incluso si no ha sido aprobado de otra manera para escuchar confesiones, **puede, válida y lícitamente, absolver a cualquier penitente de cualquier pecado y censura, incluso aquellos que están reservados y son notorios**.

El **Cánon 882** dice: “Cuando hay peligro de muerte, cualquier sacerdote, incluso si no ha sido aprobado de otra manera para escuchar confesiones, puede, válida y lícitamente, absolver a cualquier penitente de cualquier pecado y censura, incluyendo aquellos que están reservados y son notorios, incluso si hay un sacerdote aprobado presente. Pero las reglas establecidas en los cánones 884 y 2252 deben ser observadas”.

El **Cánon 884** trata sobre la absolución de un cómplice. El **Cánon 2252** se refiere a los deberes de un penitente que, en peligro de muerte, ha sido absuelto de ciertas censuras y luego permanece vivo. Este Cánon "funciona" en Sede Plena.

Creo que el clero del ICR también utiliza estos Cánones.

Bispo Sanborn:

> "He conocido al Obispo Dolan durante mucho tiempo. Lo conozco desde enero de 1973, en enero se cumplirán 49 años desde que nos conocemos... Más tarde, en 1995, después de su consagración, él y el Padre Cekada me propusieron y me pidieron que formara un Seminario, aunque había escrito un artículo sobre la tesis poco antes, y los publiqué en una pequeña revista que llamamos 'Sacerdotium'. Ya estaba profesando esta teoría y esta explicación de la situación de la Iglesia que comúnmente se llama 'La Tesis del Obispo Guérard des Lauriers'".

Mi comentario:

Según lo que sé, la "Tesis" no había sido oficialmente estudiada en el Seminario durante 25 años. Pero "alguien me contó" que después de la muerte del Padre Cekada, la "Tesis" comenzó a ser estudiada oficialmente y es parte del plan de estudios. Cada seminarista debe realizar el curso de Ecclesia, donde aprende la "Tesis" como parte de su formación integral.

¿Por qué esta "Tesis" no fue estudiada oficialmente en el Seminario mientras el Padre Cekada era uno de los profesores? ¿Y por qué esta "Tesis" se convirtió en parte del curso del Seminario después de la muerte del Padre Cekada?

Si esta "Tesis" de hecho está incluida en el curso del Seminario, ¿por qué no hay un anuncio en el sitio web del Seminario? ¿Los candidatos no deberían estar informados al respecto? Antes de ingresar al Seminario, los candidatos deberían saber en qué cree el Seminario.

Bispo Sanborn:

> "Así que, le pediría al Obispo Dolan que deje de causar problemas, que deje de estallar contra sus colegas sacerdotes. Tuvimos paz durante 25 años desde que abrí el Seminario. Venías aquí para retiros todo el tiempo. Y el Padre Cekada venía aquí una vez al mes. Estábamos todos en paz. Y los laicos estaban tan felices de vernos en paz. Y tú causas todo tipo de problemas, y quiero que te detengas".

Mi comentario:

Parece que todos aquellos que discrepan de la "Tesis" solo tienen una opción: "dejar de causar problemas".

Me pregunto, ¿por qué cualquier desacuerdo serio con una opinión teológica privada, que nunca ha sido aprobada por la Iglesia, se considera un ataque al dogma o "estallar contra sus colegas sacerdotes"?

Si es cierto que el cuerpo docente del Seminario de la Santísima Trinidad enseña oficialmente a los seminaristas que "los papas herejes elegidos son sucesores de verdaderos Papas" y que "el propósito de estos papas herejes elegidos es destruir la Iglesia", y que "los cardenales falsos y herejes tienen el poder para elegir legítimamente papas herejes elegidos en un Cónclave Católico", ¿no sería ese el problema real?

En el artículo "EXPLICACIÓN DE LA TESIS DEL OBISPO GUÉRARD DES LAURIERS" del 29 de julio de 2002, el Obispo Sanborn escribió esto:

> "En el sistema totalitario, una revelación privada revelaría la identidad del papa. Es innecesario decir que tal solución destruye la visibilidad de la Iglesia Católica, así como su legalidad, y hace que la existencia de la Iglesia Católica dependa de videntes. También es innecesario decir que abre el papado al mundo lunático de los apariciónistas".
>
> "La teoría totalitaria arruina la apostolicidad de la Iglesia".

Al usar los términos "teoría totalitaria" y "sistema totalitario", el Obispo Sanborn se refiere al clero Católico Tradicional que discrepa de la "Tesis".

Não serían acusaciones severas? "Destrozan la visibilidad de la Iglesia Católica, así como su legalidad", "hacen que la existencia de la Iglesia Católica dependa de videntes", "abren el papado al mundo lunático de los apariciónistas".

Sin embargo, nadie, de aquellos a quienes Su Excelencia llama "totalistas", reaccionó ni se ofendió, ya que ningún nombre específico fue mencionado.

Según tengo entendido, ni el Obispo Dolan ni el Padre Cekada dijeron que la designación de un nuevo Papa tendría lugar en nombre de algún "vidente".

Tampoco he oído al clero de la CMRI decir que "una revelación privada revelaría la identidad del papa".

La posibilidad de una intervención directa de la Divina Providencia (que no es una revelación privada) no es un dogma, sino solo una meditación. Escribí sobre un ejemplo de intervención directa de la Divina Providencia en mi artículo "Comentarios sobre la Tesis del Papa Material. Primera Parte" (ver el comentario 12).

Por lo tanto, no es cierto lo que el Obispo Sanborn atribuye a los Obispos y sacerdotes que discrepan de la "Tesis de Cassiciacum".

Entonces, ¿qué es realmente la "Tesis"? ¿Es un "Error Teológico" o tiene "Sabores de Herejía"?

La tesis del Obispo Guérard des Lauriers es una teoría nueva, privada, no aprobada por la Iglesia y, por lo tanto, no puede imponerse a los católicos.

La "Tesis" pretende lograr un buen fin (la restauración del Papado) mediante un acto malo (la elección de un hereje público por parte de herejes públicos).

Por lo tanto, no importa cómo se llame a la "Tesis": un "error teológico" o con "sabores de herejía", la "Tesis" es falsa, ya que según el Principio Católico Invariable, el fin no justifica los medios.

P. Valerii Kudriavtsev

PD.: El Código de Derecho Canónico, **Canon 219**:

> “Romanus Pontifex, legitime electus, statim ab acceptata electione, obtinet, iure divino, plenam supremae iurisdictionis potestatem”.
>
> "El Romano Pontífice, elegido legítimamente, inmediatamente después de aceptar su elección, obtiene, por derecho divino, el completo poder de su jurisdicción suprema".

UNA HISTORIA GENERAL DE LA IGLESIA CATÓLICA

Por M. L'ABBE J. E. DARRAS:

Lo Oriente parecía estar marcado como el lugar de nacimiento común de los grandes herejes del siglo IV y V; su gran Sede, Constantinopla, estaba ahora ocupada por un Obispo que pronto daría su nombre a un nuevo error contra la fe católica. Este era Nestorio, quien había sido consagrado Obispo en el año 427 d.C. El hereje era orgulloso, superficial, con grandes pretensiones de profundidad y más dado a la grandilocuencia que a la elocuencia. Dividió a Jesucristo en dos personas: una, la persona del hombre, Jesucristo; la otra, la persona de Dios, el Verbo. De ahí se seguía que Jesús no era Dios, sino un hombre unido a Dios de manera más especial e íntima que cualquier otro. Por lo tanto, lógicamente, la Santísima Virgen no era la Madre de Dios, sino solo la madre de un hombre, llamado Cristo, a quien el Verbo se había unido. Esta doctrina entonces destruyó el Misterio de la Encarnación, la Divinidad de Jesucristo y la Divina Maternidad de la Santísima Virgen. La herejía apareció por primera vez en un sermón que fue predicado en el día de Navidad (428 d.C.), en el cual Nestorio dijo: 'llamar a la Virgen Madre de Dios, ????????, justificaría la locura pagana de dar a luz a sus dioses', estas blasfemias impactaron a las mentes católicas de Constantinopla; pero el Patriarca no dio crédito al sentimiento público, y alentó a sus Padres a difundir tal doctrina. Doroteo, Obispo de Marcianópolis, que se adhirió a su error, predicando un día antes que Nestorio en la Iglesia de Santa Sofía, llevó su impiedad blasfema tan lejos que pronunció las palabras: 'si alguien dice que María es la madre de Dios, sea anatema'. Al escuchar estas palabras, la gente, con un grito alto de indignación, salió de la Iglesia. Todo el Oriente se conmovió al enterarse de este escándalo. Cuando llegó a oídos de San Cirilo, Patriarca de Alejandría, él inmediatamente instó a los ermitaños, quienes compusieron un tratado completo contra el Nestorianismo. El caso fue llevado ante San Celestino por San Cirilo, e incluso por el propio Nestorio. El Sumo Pontífice se alarmó ante la proliferación de tan impía doctrina, y llamó a Casiano para que se opusiera a ella; la absolución de la acusación fue el Tratado sobre la Encarnación, en el cual la fe católica es noblemente vindicada. Sin embargo, Nestorio nunca dejó de predicar este error bajo el favor y protección de la Cúria de Constantinopla. San Cirilo de Alejandría, digno sucesor del gran Santo Atanasio, redobló su celo y energía en defensa de la verdad. Escribió al emperador y a sus hermanas de la manera más elocuente, mostrando la doctrina de la Iglesia sobre la Encarnación y apoyándola con las Escrituras y la Tradición; al mismo tiempo, envió al Papa un resumen del estado de la cuestión. San Celestino, inmediatamente, convocó un concilio en Roma, en el cual Nestorio fue anatematizado. El Papa comunicó su decisión a San Cirilo y le ordenó que excomulgara al hereje si se negaba a someterse. Las palabras del Pontífice en esa ocasión son dignas de notar: “Por la autoridad de la Santa Sede y actuando en nuestro nombre, por el poder dado a nosotros, ejecutarás la sentencia con severidad ejemplar”. En obediencia a las instrucciones del Papa, San Cirilo convocó un concilio de los Obispos Egipcios y estableció doce anatemas sobre cada error de Nestorio; los cuales envió al hereje, con la orden, de acuerdo con la carta de San Celestino, de que los firmara (430 d.C.). "Nestorio se negó y propuso cambiar la palabra ???????? (madre de Dios) por ??????????? (madre de Cristo). La discusión se prolongó en amargura. Andrés de Samosata y Teodoreto de Cirro escribieron un tratado

contra los doce anatemas, mientras que Mario Mercator los defendió en un trabajo muy erudito e inflamado. Mientras tanto, el propio San Cirilo no estuvo ocioso; publicó exitosamente su respuesta a Andrés de Samosata, la Apología contra Teodoreto y la Refutación de los sermones de Nestorio. Nestorio adoptó el artificio común a los herejes de todos los tiempos: apeló al Papa a un concilio ecuménico. Su patrocinador, Teodosio el Joven, quiso concederle tal satisfacción. El tercer concilio ecuménico fue entonces fijado para el mes de junio, 431 d.C., para reunirse en Éfeso. San Cirilo presidió como legado papal. La sesión fue abierta con gran solemnidad. Doscientos obispos estaban presentes en la gran Iglesia de Éfeso; con un gran trono dorado colocado en medio de ellos, sobre el cual pusieron el libro de los Evangelios, para representar la asistencia de Jesucristo, quien prometió estar con los pastores reunidos juntos en su Nombre. Nestorio fue escoltado a Éfeso por una escolta armada; pero se negó a comparecer ante el Concilio. Los Padres lo convocaron tres veces para que participara en las reuniones; sus mensajeros fueron rechazados en todas las ocasiones por la guardia que estaba en la casa, en la cual el hereje se mantuvo encerrado. El Concilio se vio obligado a proceder, en ausencia del Patriarca de Constantinopla, para el examen de sus escritos. Tan pronto como fueron leídos, la Asamblea de Obispos exclamó a una voz: “¡Anatema para tan impía enseñanza! ¡Anatema para quienes defiendan tales opiniones! ¡Son contrarias a la Sagrada Escritura y a la Tradición de los Santos Padres!”. La carta del Papa San Celestino fue entonces leída, e insertada íntegramente en las actas del Concilio. Finalmente, se pronunció la sentencia solemne en estas palabras: “Nestorio, al negarse a atender nuestras convocatorias y a recibir a los obispos enviados a él, nos vimos obligados a examinar sus impiedades. Está condenado, habiendo como evidencia sus cartas, sus escritos y sus discursos, a sostener y difundir opiniones escandalosas y heréticas. Obligados por los cánones sagrados, y por la carta de nuestro Santo Padre Celestino, Obispo de Roma, nos vemos reducidos, no sin lágrimas de verdadero dolor, a la cruel necesidad de pronunciar esta sentencia contra él: “Nuestro Señor Jesucristo, contra quien blasfemó, ha decidido, a través de este Santísimo Concilio, que está privado de la dignidad episcopal y separado de todo cuerpo eclesiástico” (**A GENERAL HISTORY OF THE CATHOLIC CHURCH**, por M. L'ABBE J. E. DARRAS, PRIMERA EDICIÓN AMERICANA DE LA ÚLTIMA EDICIÓN FRANCESA, CON UNA INTRODUCCIÓN Y NOTAS DEL MUY REV. M. J. SPALDING, D. D., ARZOBISPO DE BALTIMORE, VOL. 1, NUEVA YORK: P. O'SHEA, EDITOR, 37 BARCLAY STREET, Registrado según la Ley de Derechos de Autor, en el año 1865, pp. 571-574)".

Respuesta a las objeciones de aquellos que niegan que la elección al papado de un hereje público sea inválida por ley divina.

Prueba de la vacancia de la Sede desde 1958:

Premisa Mayor: La elección al papado de un hereje público es inválida por ley divina.

Premisa Menor: Los supuestos cardenales elegidos para el papado desde la muerte del Papa Pío XII en 1958, desde Ángelo Roncalli (Juan XXIII) hasta Jorge Mario Bergoglio (Francisco), eran herejes públicos.

Conclusión: Por lo tanto, desde la muerte del Papa Pío XII, las elecciones papales han sido inválidas, por lo que la Sede ha estado vacante desde 1958.

En este artículo, responderemos a las objeciones de aquellos que niegan la premisa mayor. En cuanto a las objeciones a la premisa menor, responderemos en otro artículo y, por lo tanto, se entenderá -en este artículo- que no se objeta ni se pone en duda por las objeciones expuestas a continuación.

Sin embargo, antes de exponer las objeciones y las soluciones a los problemas planteados por tales objeciones, conviene exponer una breve explicación de la premisa mayor.

Explicación de la Premisa Mayor: Que la elección de un hereje público sea inválida por ley divina es un enseñamiento unánime de los teólogos de la Santa Iglesia, como hemos expuesto en otro artículo con citas de varios teólogos. Este enseñamiento tan cierto se fundamenta, al menos, en estos cuatro motivos: 1º) por lo que podríamos llamar la cláusula de catolicidad [1]; 2º) por la naturaleza del oficio papal [2]; 3º) por lo que ha establecido la Santa Iglesia respecto a la elección papal de un hereje [3]; 4º) por los casos históricos en los que herejes fueron elegidos para el papado [4].

Índice de las Objeciones

1. El Papa Pío XII levanta todas las excomuniones para el cónclave
2. El Papa Pío XII habría legislado entonces en contra de una ley divina
3. Los teólogos se refieren a un hereje sentenciado, como lo hizo el Papa Pablo IV
4. Los canonistas se refieren a un hereje sentenciado
5. El hereje no sentenciado no es verdaderamente hereje
6. No se menciona en el Derecho Canónico que exista tal ley divina
7. La herejía como impedimento de ley divina es una cuestión discutible
8. El Espíritu Santo habría errado al elegir al Papa

PRIMERA OBJECIÓN: EL PAPA PIO XII LEVANTA TODAS LAS EXCOMUNIONES PARA EL CÓNCLAVE

Objeción: El Papa Pío XII estableció: "Ningún Cardenal, bajo pretexto o razón de cualquier excomunión, suspensión, interdicto u otro impedimento eclesiástico, puede ser excluido de ninguna manera de la elección activa y pasiva del Sumo Pontífice. Además, suspendemos tales censuras únicamente para efectos de la elección papal, aunque para otros efectos se mantengan" [5]. Por lo tanto, contrariamente a lo que sostiene el sedevacantismo, un hereje podría ser elegido Papa en virtud de la Constitución del Papa Pío XII.

Solución: El Padre Anthony Cekada, quien fue profesor de Derecho Canónico, resolvió esta objeción: "El párrafo 34 de la Vacantis Apostolicae Sedis suspende los efectos de las censuras (excomunión, suspensión, interdicción) y otros impedimentos eclesiásticos (por ejemplo, infamia legal) para los cardenales que están eligiendo al papa y para el cardenal que resulte elegido. Por lo tanto, un cardenal que haya incurrido en una excomunión antes de su elección como papa sería, aún así, elegido válidamente. Sin embargo, esta ley solo concierne a los impedimentos de la ley eclesiástica. Como tal, no puede ser invocada como argumento contra el sedevacantismo, que se basa en las enseñanzas de los canonistas pre-Vaticano II de que la herejía es un impedimento de la ley divina para recibir el papado" [6].

TRÉPLICA A LA SOLUCIÓN DE LA PRIMERA OBJECIÓN: EL PAPA PIO XII HABRÍA LEGISLADO EN CONTRA DE UNA LEY DIVINA

Tréplica: Si existe una ley divina que impide que un hereje se convierta en Papa, entonces el Papa Pío XII legisló en contra de tal ley divina al suspender todas las excomuniones.

Solución a la Tréplica: En primer lugar, hay que tener en cuenta que se puede incurrir en excomunión por muchas causas. Antiguamente, las excomuniones se distinguían en menores y mayores [7]. A diferencia de una mayor, una excomunión menor no separaba al excomulgado de la Iglesia, sino que prohibía su participación en la vida sacramental de la Iglesia, lo que ocurriría si se violara un secreto de la Santa Inquisición, se falsificaran reliquias, se violara un claustro, etc. Aunque esta distinción ya no se hace [8], debemos creer que el Papa Pío XII no tenía en mente una excomunión como la herejía, sino simplemente excomuniones más leves que, aunque tienen su gravedad, no justificarían un posible cisma o una grave división entre los Cardenales, que el Papa Pío XII quiso evitar. La suspensión de todas las excomuniones eclesiásticas para la elección papal, debido a tal preocupación, no es una decisión nueva, ya fue realizada por los Papas Clemente V [9], Pío IV [10] y Gregorio XV [11], pero, como mencionó Mons. Henrico Pezzani al comentar la invalidez de la elección de un hereje según la ley eclesiástica vigente en su época, el propio Papa Pío IV había aclarado que estas Constituciones, emitidas con el objetivo de evitar la posibilidad de un cisma, deben entenderse de tal manera que se excluya el caso de herejía o desviación de la fe católica [12].

SEGUNDA OBJECIÓN: LOS TEOLOGOS SE REFIEREN A UN HEREJE SENTENCIADO, TAL COMO LO HIZO EL PAPA PABLO IV.

Objeción: En la *Bula Cum Ex Apostolatus Officio*, el Papa Pablo IV, al decretar que la elección de un hereje es inválida en sí misma, tenía en mente a un hereje sentenciado, de donde se infiere que los teólogos se refieren al mismo tipo de hereje, por lo que no es correcto afirmar que un hereje público, por ser tal, no puede ser elegido válidamente, ya que podría tratarse de un hereje público no sentenciado [13].

Solución: El contexto histórico de la promulgación de la mencionada Bula demuestra que Pablo IV quería precaver a la Santa Iglesia impidiendo -por el derecho eclesiástico- la elección de un Cardenal infiel, como casi ocurrió en el cónclave en el que él fue elegido papa [14], en el cual el Cardenal Moroni -sospechoso de herejía y sin sentencia eclesiástica- podría haber sido elegido si no hubiera sido denunciado enérgicamente junto con otros Cardenales sospechosos por el prefecto del Santo Oficio de la Inquisición, el Cardenal Carafa, quien fue elegido papa bajo el nombre de Pablo IV, de modo que luego se desarrolló un proceso canónico contra el Cardenal Moroni para investigarlo y castigarlo legalmente [15]. Por lo tanto, no hay fundamento para afirmar que la *Bula Cum Ex* se refiere a un hereje sentenciado, ya que un Papa no podría en su sano juicio colocar a un hereje sentenciado como tal. De la misma manera que la Bula excluye la posibilidad de que un hereje sea válidamente elegido papa, también excluye la de un sospechoso de herejía [16], que es sospechoso precisamente porque no ha sido investigado, probado y sentenciado como hereje.

TERCERA OBJECIÓN: LOS CANONISTAS SE REFIEREN A UN HEREJE SENTENCIADO.

Objeción: Los canonistas, que constituyen la mayoría de los teólogos que afirman que la elección de un hereje público es inválida por ley divina, hablan exactamente como lo que son, canonistas, y, por lo tanto, discurren sobre aquellos que son legalmente declarados herejes, en lugar de herejes no declarados que son miembros legales de la Iglesia Católica [17].

Solución: El Padre Anthony Cekada también resolvió esta objeción: "Este argumento confunde la distinción que hacen los canonistas entre dos aspectos de la herejía: 1) Moral: Herejía como un pecado (*peccatum*) contra la ley divina. 2) Canónico: Herejía como un delito (*delictum*) contra la ley canónica. Esta distinción es fácil de entender cuando se aplica al caso del aborto. Podemos considerar el aborto bajo dos aspectos: 1) Moral: Pecado contra el quinto mandamiento que resulta en la pérdida de la gracia santificante. 2) Canónico: Delito contra el canon 2350, § 1º, del Código de Derecho Canónico, que resulta en excomunión automática. En el caso de la herejía, las advertencias solo entran en juego para el delito canónico de herejía. Estas advertencias no son obligatorias para cometer el pecado de herejía contra la ley divina. El canonista Michel nos da una clara distinción: 'La pertinacia no incluye necesariamente una larga obstinación del hereje y advertencias de la Iglesia. Una cosa es la condición para el pecado de herejía; otra es la condición para el delito canónico de herejía, punible por la ley canónica' (Michel, 'Hérésie', in DTC 6:2222). Es el pecado público de herejía el que despoja al papa de la autoridad de Cristo. 'Si una situación así ocurriera', dijo el canonista Coronata, 'él (el Romano Pontífice) caería, por ley divina, de su oficio sin ninguna declaración' [18][19]. Por lo tanto, queda claro que los canonistas, cuando dicen que la elección al papado de un hereje público es inválida por ley divina, se refieren al hereje en la realidad factual, o de facto, y no en la jurídica, de *iure*, de lo contrario enseñarían que tal elección sería inválida por - o en virtud de - la ley eclesiástica."

TRÉPLICA A LA SOLUCIÓN DE LA TERCERA OBJECIÓN: EL HEREJE NO SENTENCIADO NO ES VERDADERAMENTE HEREJE.

Tréplica: Bien, se distingue entre el hereje formal, que sería aquel que ha sido sentenciado, y el hereje material, que sería aquel que no ha sido sentenciado. Como afirman los teólogos, el hereje material no es propiamente un hereje, sino alguien que está en el error, un errante; por lo tanto, nadie es verdaderamente hereje sin haber sido previamente sentenciado como tal por la Iglesia.

Solución a la tréplica: Esta objeción confunde diferentes sentidos que se pueden aplicar a esta distinción entre hereje formal y material. Además del sentido expuesto en la objeción, en el cual el formal es el hereje de *iure* y el material es el hereje de facto, es más común el sentido en el que el hereje formal sería aquel que tiene conocimiento de alguna verdad de fe que la Iglesia propone y aún así elige con pertinacia o terquedad no adherirse a esa verdad de fe [20], y el hereje material sería aquel que contradice sin pertinacia o terquedad alguna verdad de fe propuesta por la Iglesia, por lo que el hereje material no puede ser definido como hereje, razón por la cual se le considera errante y no propiamente hereje [21]. Son dos formas diferentes de usar esta analogía de materia y forma aplicada a un hereje que no pueden ser confundidas, como a veces sucede en internet por parte de personas que no son capaces de distinguir bien las cosas y por lo tanto se confunden en los principios más básicos. Además, como se demostró en la solución a la tercera objeción, es posible ser verdaderamente hereje e incurrir en excomunión sin una sentencia individual de la Iglesia, ya que basta con ser hereje para incurrir en las excomuniones "*ipso facto*" [22], cuyo efecto real y automático se da en virtud del propio hecho, y la Iglesia ya ha condenado la proposición que afirma que, para que la sentencia "*ipso facto*" tenga efecto real, es necesario un examen personal o individual previo: "Del mismo modo, la proposición que enseña que es necesario, según las leyes natural y divina, tanto para la excomunión como para la suspensión, que se deba realizar un examen personal previo, y que, por lo tanto, las sentencias

llamadas '*ipso facto*' no tienen ninguna otra fuerza que la de una seria amenaza sin ningún efecto real, - es falsa, precipitada, perniciosa, injuriosa para el poder de la Iglesia, errónea" [23].

CUARTA OBJECIÓN: NO SE DICE EN EL DERECHO CANÓNICO QUE EXISTA TAL LEY DIVINA.

Objeción: En el Código de Derecho Canónico no se reconoce la existencia de una ley divina que impediría que un hereje sea elegido papa, por lo tanto, esta supuesta ley divina no tiene fuerza de ley. [24]

Solución: En el Código de Derecho Canónico se establece que incluso si una ley divina no está expresada en él, ya sea de manera explícita o implícita, sigue manteniendo su vigor: "Entre las otras leyes disciplinarias actualmente en vigor, en caso de que no estén contenidas de manera explícita o implícita en el Código, se debe decir que han perdido su fuerza, a menos que sean repetidas en libros litúrgicos, o a menos que la ley sea de ley divina, ya sea positiva o natural" [25].

QUINTA OBJECIÓN: LA HEREJÍA COMO IMPEDIMENTO DE LEY DIVINA ES UNA CUESTIÓN LIBRE.

Objeción: El Padre Passerini, O.P., afirmó: "La elección de un hereje no es -según la ley divina- inválida por ese mismo hecho, pero puede ser invalidada si el elegido no está dispuesto a ser corregido. Por lo tanto, para invalidar tal elección, es necesaria la decisión de la Iglesia" [26]. Dado que hay teólogos que discrepan en que la herejía sea en sí misma un impedimento de ley divina y el Magisterio de la Iglesia no ha establecido nada al respecto, entonces se trata de una cuestión libre.

Solución: El Padre Passerini, O.P., argumenta de esta manera al extender ciertos argumentos del Cardenal Caetano, y por lo tanto, sostiene que la Iglesia debería sentenciar al elegido para el papado para que este sea privado de su oficio papal [27], de modo que el hereje público, elegido válidamente según las leyes eclesiásticas, seguiría siendo papa hasta que fuera juzgado por la Iglesia. Estos son argumentos para dos situaciones distintas: la del papa que, mientras doctor privado, incurrió públicamente en herejía, y la del hereje público que fue elegido para el papado. Aunque defiende que, para la pérdida del pontificado, sea necesaria una sentencia contra el papa que, mientras doctor privado, incurrió públicamente en herejía, el Cardenal Caetano, por otro lado, admite junto con otros teólogos la imposibilidad de que un hereje público sea elegido válidamente como papa [28]. La argumentación que sostiene la necesidad de una decisión de la Iglesia contra aquel que ocupa de *iure* la Sede Apostólica fue refutada completamente por San Roberto Belarmino, Doctor de la Iglesia, al demostrar por qué un hereje público no puede ser papa en absoluto [29], lo que excluye -a *fortiori*- la posibilidad de que un hereje público sea elegido válidamente como papa. Aunque se concediera, con fines argumentativos, que la opinión del Padre Passerini pudiera ser verdadera, sería insostenible mantenerla en la situación en cuestión, ya que los herejes públicos elegidos después de la muerte de Pío XII no fueron simplemente herejes públicos mientras eran doctores privados, es decir, mientras ejercían su magisterio privado [30], sino como doctores de todos los cristianos, es decir, mientras ejercían su magisterio papal, como cuando enseñaron alguna herejía en una Encíclica dirigida a la Iglesia universal [31]. La defensa - de una posición similar a la del Padre Passerini de que la elección de un hereje público puede no ser inválida por sí misma por ley divina - solo puede hacerse según lo explicado por el célebre canonista Cappello al responder a la cuestión de si los herejes, cismáticos o excomulgados pueden ser elegidos como papa: "Los herejes y cismáticos no pueden ser elegidos válidamente [32], ya que no son -propia y estrictamente hablando- miembros de la Iglesia. De hecho, están sujetos a la Iglesia por el hecho mismo de haber sido lavados por el agua del bautismo, pero están fuera del cuerpo místico de Cristo debido a la culpa de la herejía o el cisma. Sin embargo, esta doctrina debe entenderse de tal manera que el elegido permanezca en la herejía incluso después de la elección; porque si, después de ella, la herejía o el cisma desaparecen, sin duda pensamos que la elección será válida" [33], de modo que una supuesta declaración por parte de la Iglesia contra el elegido no sea necesaria para invalidar su elección, bastando con que el elegido permanezca

en la herejía para que la elección sea considerada inválida. Así, si se aplica esta doctrina sostenida por el Padre Cappello, y en el sentido en que él la expone, se sigue que aún así debemos considerar inválidas las pretendidas elecciones papales posteriores a la muerte del Papa Pío XII. Además, el Magisterio de la Iglesia estableció que cuando hay dudas sobre una determinada ley, se debe seguir, entre otras cosas, lo que se estableció en un caso similar y el juicio común y constante de los teólogos [34], así que debemos tener en cuenta la *Bula Cum Ex Apostolatus Officio* del Papa Paulo IV, que determina la invalidez de la elección de un hereje, y el juicio común y constante de los canonistas, que, tomando la herejía pública como causa de impedimento por ley divina, es contrario al juicio del Padre Passerini.

SEXTA OBJEÇÃO: EL ESPÍRITU SANTO SE HABRÍA EQUIVOCADO AL ELEGIR AL PAPA.

Objeción: Si el elegido para el papado pudiera ser hereje, se seguiría que el propio Espíritu Santo se habría equivocado, ya que es el Espíritu Santo quien elige al Papa. Por lo tanto, cuestionar al elegido para el papado es lo mismo que cuestionar a Dios que lo eligió, lo cual es absurdo.

Solución: Con todo lo discutido anteriormente, es evidente que los escritores católicos, aprobados por la Iglesia, siempre consideraron posible que la elección papal fuera defectuosa debido a un defecto del elegido, incluso por herejía, y esta posibilidad es confirmada por varios Papas, como se demuestra, por ejemplo, por lo dicho por el Papa Pío IV o por el Papa San Pío V, quien ratificó la mencionada Bula de Paulo IV, Cum Ex Apostolatus Officio, que declara nula la elección de un hereje para el papado, incluso si fuera aceptado por todos los Cardenales y gobernara por un tiempo indeterminado. Por lo tanto, están gravemente equivocados aquellos que piensan o afirman que el Espíritu Santo elige al Papa.

Notas

1 - La cláusula de catolicidad [N.T.: la condición de ser católico o tener la fe católica] que regula los cónclaves es una ley de derecho divino. Nuestro Señor dio el ejemplo: antes de poner a San Pedro al frente de la Iglesia, primero le pidió que hiciera su profesión de fe. Solo después de verificar la ortodoxia del 'papable' es que Cristo lo designa como la piedra angular de la Iglesia. 'Jesús les dijo: Y vosotros, ¿quién decís que soy yo? Respondiendo Simón Pedro, dijo: Tú eres el Cristo, el Hijo del Dios vivo. Y Jesús respondió, diciéndole: Bienaventurado eres, Simón, hijo de Jonás, porque no te lo reveló la carne ni la sangre, sino mi Padre que está en los cielos. Y yo también te digo que tú eres Pedro, y sobre esta roca edificaré mi Iglesia, y las puertas del Hades no prevalecerán contra ella' (Mateo XVI, 15-18). Que la cláusula de catolicidad para los candidatos a la tiara papal sea una ley de derecho divino, fue enfatizado por el jesuita español Francisco Suárez (1548-1617). Suárez fue célebre como filósofo, teólogo y jurista. Habiendo mostrado, basándose en pasajes de la Escritura, que la fe es el fundamento de la Iglesia, Suárez escribe: 'Por lo tanto, si la fe es el fundamento de la Iglesia, también es el fundamento del pontificado y del orden jerárquico de la Iglesia. Esto se confirma por el hecho de que esta es la razón dada para explicar por qué Cristo exigió una profesión de fe de San Pedro antes de prometerle el papado (Mateo XVI, 13-20)' (Francisco Suárez: De fide, disputatio X, sección VI, n.º 2, en: Opera omnia, París, 1858, t. XII, pág. 316)" (en *Misterio de la Iniquidad*, disponible en: Link.

2 - "Pues el Pontífice, en virtud de su oficio, es la cabeza y el centro eclesiástico de toda la Iglesia, cuya jurisdicción solo pueden compartir aquellos que ya están unidos al Cuerpo de Cristo. Por lo tanto, los infieles o no bautizados no son válidamente elegidos [N.T.: para el papado] de ninguna manera" (Felix M. Cappello, S.J., De Curia Romana, vol. II, 1912, pág. 434).

3 - Ver lo que se dijo en respuesta a la quinta objeción.

4 - "A veces, nuestros padres en la fe impugnaron la elección de uno u otro papa falso. ¡La historia eclesiástica está tan llena de enseñanzas! En la época del cristianismo primitivo, los Padres de la Iglesia son unánimes en cuanto a la incompatibilidad radical entre la herejía y el pontificado soberano. Por ejemplo, el Antipapa Novaciano, que era cismático y herético, fue declarado depuesto del clero por San Cipriano. 'No puede tener el episcopado, y, si primero fue obispo, se separó (por su herejía) del cuerpo episcopal de sus hermanos y de la unidad de la Iglesia' (San Cipriano: libro IV, epístola 2). En la Edad Media, el modo seguido por los católicos fue el siguiente: no deponer a un papa, sino impugnar la validez de la elección de un antipapa intruso. El historiador alemán Zimmermann, habiendo analizado uno por uno los testimonios de los sucesivos antipapas, resume así los principios del proceso: 'Parecía perfectamente legítimo apartar a tal hereje de su posición usurpada e ignorar, en este caso, el principio jurídico 'la primera Sede no es juzgada por nadie'. Lo que se quitaba de tal papa, solo se le quitaba en apariencia, pues en realidad nunca lo poseyó; por eso su pontificado fue ilegítimo desde el principio y él mismo era considerado un invasor de la Santa Sede. En las fuentes sobre las deposiciones de los papas, se puede leer, aún más frecuentemente que la sospecha de simonía, y sin duda no por casualidad, la acusación de usurpación (*invasio*), lo que ponía en duda un pontificado en su raíz, ya que se expresaba así que el acusado nunca había sido legítimamente ocupante de la 'primera Sede' o nunca habría tenido derecho a considerarse como tal. Por eso, la palabra '*invasio*' reaparece regularmente en las fuentes, como término técnico para un pontificado que debe considerarse ilegítimo' (Harald Zimmermann: *Papstabsetzungen des Mittelalters*, Graz, Viena y Colonia 1968, p. 175). La misma observación se hace en el Diccionario de teología católica (ítem 'deposición'): cuando privaban a los antipapas cismáticos de sus cargos, no eran depuestos del pontificado, sino, un matiz importante, se les retiraba un pontificado que nunca habían poseído desde el principio. 'De hecho, los papas cismáticos fueron tratados simplemente como usurpadores y desposeídos de una sede que no poseían legítimamente (cf. El decreto contra las simonías del Concilio de Roma de 1059, Hardouin, t. VI, col. 1064; Gratien, dist. LXXIX, c. 9; Gregorio XV: Constitución Aeterni Patris (1621), sect. XIX, Bullarium romanum, t. III, p. 446). Los concilios que los infligieron no hicieron más que examinar su derecho a la tiara. No juzgaron a los papas, sino la elección y el acto de los electores" (en *Mistério da Iniqüidade*, disponible en: Link.

5 - Constitución Apostólica *Vacantis Apostolicae Sedis*, § 34.

6 - Cf. "*¿Puede ser elegido al papado un cardenal excomulgado?*", por el Padre Anthony Cekada. Disponible en: Link

7 - Por ejemplo, se lee en la Encíclica *Ex quo primum* del Papa Benedicto XIV: "Además, los herejes y cismáticos están sujetos a la censura de la excomunión mayor según la ley del Can. de Ligu. 23, quest. 5, y del Can. Nulli, 5, dist. 19" (The Papal Encyclicals, vol. 1, 1740-1878, p. 84).

8 - Al menos desde la Constitución *Apostolicae Sedis Moderationi* del Papa Pío IX (cf. The Constitution "Apostolicae Sedis Moderationi" explained by the Rev. Thomas J. Carr, 1879).

9 - Concilio de Vienne en 1311 (cap. *Ne Romani*, 2, de elect. Ex Clement).

10 - Constitución *In eligendis* de 1562.

11 - Constitución *Aeterni Patris* de 1621.

12 - Cf. D. Henrici Mariae Pezzani, *Codex Sanctae Catholicae Romanae Ecclesiae cum notis*, Romae – Mediolani, MDCCCXCIII (1893), pp. 66-68. Extracto disponible en: Link

13 - La próxima objeción llega a la misma conclusión que esta, pero a través de fundamentos más sólidos, por lo que también dejaremos de responder a la conclusión de ambas en la solución de la próxima objeción. Contra esta objeción en cuestión realizada en otro lugar, aquí conviene simplemente demostrar la falsedad de la afirmación de que el Papa Paulo IV se refería a un hereje sentenciado, ya que, como se verá en la solución a la última objeción, la definición de la *Bula Cum Ex* es útil para el debate precisamente porque converge con esa misma sentencia unánime y constante de los teólogos, en la que se fundamenta teológicamente la

posición católica, denominada sedevacantista.

14 - El propio Papa Paulo IV así lo confesó a uno de sus allegados: "Para deciros la verdad, quisimos oponernos a los peligros que amenazaban al **último cónclave** y adoptar, durante nuestra vida, las precauciones para que el diablo, en el futuro, no ponga uno de los suyos en la Sede de San Pedro" (Louis Pastor, *Histoire des papes depuis la fin du Moyen Âge*, París, 1932, t. XIV, p. 234).

15 - Cf. Massimo Firpo, *Inquisizione romana e Controriforma*. Estudios sobre el cardenal Giovanni Morone y su proceso de herejía, Bolonia, 1992.

16 - Cf. *Bula Cum Ex Apostolatus Officio* del 15 de febrero de 1559, § 6.

17 - Esta es una objeción extraída, no ipsis litteris, del artículo "*A Refutation of the Arguments of the Clergy of St. Gertrude the Great*", escrito por el laico Frankie Logue y publicado en el sitio web del "Most Holy Trinity Seminary" de Dom Sanborn.

18 - *Instituitiones Iuris Canonici*, Roma: Marietti 1950, 1:316.

19 - Cf. "*Tradicionales, Infallibilidad y el Papa*", por el Padre Anthony Cekada. Disponible en: Link

20 - Por lo tanto, se trata propiamente de un hereje, cuya definición se confunde con la de "hereje", que se encuentra en el Derecho Canónico de 1917: "Si alguien, después de recibir el Bautismo, reteniendo el nombre de cristiano, niega con pertinacia una de las verdades de fe divina y católica o la pone en duda, es hereje" (Canon 1325, § 2). Otras definiciones con respecto al hereje se expondrán en otro artículo.

21 - "…si no es pertinaz, sino que está dispuesto a corregir su juicio según lo que determina la Iglesia, y si así yerra no por malicia, sino por ignorancia, no es hereje" (Santo Tomás de Aquino, al comentar la Epístola de San Pablo a Tito, 3, 10-11). Por eso, el Cardenal Billot rechaza que se les llame "herejes materiales" y defiende que deben ser considerados simplemente como quienes cometen un error de hecho en relación con lo que enseña la regla de la fe, es decir, el Magisterio de la Iglesia (cf. *Tractatus De Ecclesia Christi*, t. I, 3a edición, páginas 292-293).

22 - "Todos los apóstatas de la fe cristiana, todos los herejes o cismáticos y cada uno de ellos: 1° incurren, por el mismo hecho [*ipso facto*], en excomunión" (Código de Derecho Canónico de 1917, canon 2314, § 1).

23 - *Denzinger*, n. 1547.

24 - Esta fue una objeción hecha por un Padre partidario de la Tesis de Cassiciacum.

25 - Código de Derecho Canónico de 1917, canon 6, 6.

26 - Passerini O.P., *Tractatus de Electione Summi Ponticis*, Cap. XXXII n. 6.

27 - "Unde ad talem electionem irritandam necessaria est Ecclesia sententia" [Por lo tanto, para invalidar tal elección, es necesaria una sentencia de la Iglesia] (Passerini O.P., ibídem).

28 - Cf. *De auctoritate…*, cap. 26, n. 382, p. 167-168.

29 - Cf. *De Romano Pontifice*, lib. II, cap. XXX.

30 - Es solo en este caso, hablando como doctor privado o persona particular, que los teólogos discutieron sobre lo que sucedería si el papa se desviara en la fe, lo que no es el caso de los falsos papas modernistas que usurparon la Cátedra de San Pedro después de la muerte del Papa Pío XII, como pretendo explicar más detalladamente en otro artículo.

31 - A partir de esa concesión, que solo puede otorgarse con fines argumentativos, se intentaría sostener tanto la posición del sedeprivacionismo, basada en la "Tesis de Cassiciacum" del Obispo Guérard des Lauriers, como la posición del Padre Álvaro Calderón, quien, a pesar de ser sacerdote de la Fraternidad de San Pío X (FSSPX), no sigue la misma línea que la FSSPX, ni en teoría ni en práctica, y tampoco es seguida por la llamada Resistencia de Dom Williamson. Ambas posiciones, la del sedeprivacionismo y la del Padre Calderón, reducen el Magisterio conciliar, iniciado al menos a partir del Concilio Vaticano II, a un magisterio de carácter doctrinal completamente nulo, es decir, todo lo que enseñan carece de legitimidad y valor magisterial, aunque ambas posiciones conceden cierta legitimidad al Magisterio conciliar, al menos en su poder de gobierno. En resumen, los problemas de estas dos posiciones se abordarán de manera más adecuada en otros artículos.

32 - Observemos que el Padre Cappello, en su respuesta, se refiere únicamente a los cismáticos y herejes, que están excomulgados *ipso facto*, ya que no podría decir lo mismo de los "excomulgados" que también fueron objeto de la cuestión, pues, como se ha mencionado anteriormente, hay otras causas de excomunión eclesiástica que por su naturaleza son tolerables incluso en un elegido al papado, razón por la cual los Papas suelen levantarlas para una elección papal, para evitar un mal mayor, como se expuso en la solución a la réplica de la primera objeción.

33 - "3. Ninguún hereje, cismático o excomulgado puede ser elegido. Los herejes y cismáticos no pueden ser válidamente elegidos en absoluto, ya que no son miembros de la Iglesia en un sentido propio. Son sujetos de la Iglesia porque han sido lavados con el agua del bautismo, pero sin embargo están fuera del cuerpo místico de Cristo debido a la culpa de la herejía o el cisma. Sin embargo, esta doctrina debe entenderse de tal manera que el elegido permanezca en la herejía incluso después de su nominación; porque si, después de eso, renuncia a la herejía o al cisma, sin duda creemos que la elección será válida" (Felix M. Cappello, S.J., *De Curia Romana*, vol. II, 1912, pág. 436).

34 - "Salvo que se trate de aplicar una sanción, si sobre determinada materia falta la prescripción expresa de la ley, general o particular, se supone la norma de leyes establecidas en casos análogos, de los principios generales del derecho observados con equidad canónica, del estilo y práctica de la Curia Romana, y de las opiniones [o sentencias] comunes y constantes de los doctores" (Código de Derecho Canónico, canon 20).

35 - Esta famosa y infundada objeción generalmente es hecha por modernistas, progresistas y conservadores, y en su contra incluso el entonces pretenso Cardenal Ratzinger y futuro "Papa Benedicto XVI", como prefecto para la "Doctrina de la Fe" en 1997, negó que fuera así.

36 - "De nuestra propia voluntad, con conocimiento cierto y en plenitud de nuestro poder apostólico [...], respecto a la Constitución de Paulo IV, [...] dada el 15 de febrero de 1559, renovamos su contenido en este momento, y una vez más lo confirmamos. Y queremos y ordenamos que se observe inviolablemente y con el mayor cuidado, según su secuencia y contenido" (Papa San Pío V, Motu Proprio *Inter multiplices curas*, 21 de diciembre de 1566).

Refutación a la *Tesis de Cassiciacum*, también conocida como sedeprivacionismo o Tesis del papa *materialiter-formaliter* — Parte I

División del artículo

1 - En este artículo, se llevará a cabo la primera parte de una refutación detallada de la llamada "*Tesis de Cassiciacum*" (en adelante "Tesis" [1]), analizándola de manera crítica y demostrando sus diversos errores. Sin embargo, dado que los seguidores de la Tesis difieren entre sí en varios aspectos de la misma, me pareció mejor dividir la refutación en tres partes y, por lo tanto, en tres artículos. En esta primera parte, haré una exposición resumida del origen de la Tesis y de su doctrina, más acorde con la visión de su creador, Dom Guérard des Lauriers, O.P., así como un análisis crítico de dicha visión sobre cierto punto de la Tesis, seguido posiblemente de objeciones y soluciones a los problemas suscitados por las objeciones generalmente planteadas por sus seguidores. En la segunda parte, procederé como en la primera, pero teniendo en cuenta en la exposición los puntos de la Tesis modificados por algunos de sus seguidores, especialmente por el *Roman Catholic Institute* [2]. Por último, en la tercera parte, concluiré con algunas consideraciones generales sobre la Tesis y propondré soluciones a las mayores dificultades con respecto al sedevacantismo que los seguidores de la Tesis tienden a plantear cuando ya no tienen más argumentos para defenderla.

2 - Además, siguiendo lo que suelen hacer los teólogos católicos en sus libros de teología, este artículo, al igual que los otros dos, también está numerado para facilitar la referencia a algo dicho en alguna parte de este mismo artículo, indicando que se debe consultar la parte referenciada por su respectivo número; por ejemplo, una referencia a la parte donde se habla sobre la división del artículo sería: "(ver n. 1)".

Origen de la Tesis

3 - La Tesis fue creada por el entonces Padre Guérard des Lauriers [3], cuando hace casi tres años trabajaba como profesor en la Fraternidad San Pío X (en adelante "FSSPX") en Friburgo y Écône, Suiza. El objetivo de la Tesis era intentar explicar teológicamente cómo alguien que se supone que es el Papa, como fue el caso de Pablo VI y Juan Pablo II, pudo aprobar las herejías y errores del Concilio Vaticano II y del Magisterio posconciliar, y justificar la resistencia del movimiento tradicionalista liderado por Monseñor Lefebvre, del cual el entonces Padre Guérard fue expulsado en 1977. La Tesis fue posteriormente expuesta y defendida públicamente entre 1979 y 1981 con la colaboración del Padre Bernard Lucien [4] en los *Cahiers de Cassiciacum*, de ahí el nombre "*Tesis de Cassiciacum*".

Resumen de la Tesis según Dom Guérard

4 - A partir al menos del 7 de diciembre de 1965, fecha de la promulgación de la Declaración "*Dignitatis humanæ personæ*" del Concilio Vaticano II, que contenía "una proposición herética, cuando debería ser una verdad infaliblemente revelada" [5], el ocupante de la Sede Apostólica, Pablo VI, dejó de ser Papa *formaliter*, ya que con esto hubo una manifestación pública de que el ocupante de la Sede Apostólica no tenía la intención de realizar el bien común de la Iglesia, razón por la cual en algún momento fue privado de la "autoridad papal", que constituiría el aspecto formal del papado, pero continuó siendo Papa solo *materialiter*, en virtud de la validez de su elección papal, que constituiría el aspecto material del papado.

La causa por la cual el ocupante de la Sede Apostólica es privado de su poder de gobierno

5 - Según la Tesis, la causa por la cual el ocupante de la Sede Apostólica habría sido privado de su poder de jurisdicción o de gobierno [6] no es la herejía, como algunos se equivocan en creer, sino que es, en realidad, la intención manifiesta de no ordenar la Iglesia al bien común que le es propio.

Diferencia entre poder y autoridad

6 - En filosofía política, esta ordenación al bien común de la sociedad es lo que constituye la autoridad propiamente dicha. Aunque comúnmente se utilizan como sinónimos, hay una distinción entre "poder" y "autoridad", pero que en la modernidad no se suele hacer, lo que puede llevar a una confusión indebida entre "poder" y "autoridad". Posee poder aquel que tiene la capacidad efectiva, los medios reales, para gobernar la sociedad. Posee autoridad aquel que posee la sabiduría teórica y práctica para ordenar la sociedad hacia su bien común [7]. Se puede tener autoridad sin poseer el poder, así como se puede poseer el poder sin autoridad, y, en este último caso, el ejercicio de un poder sin autoridad es lo que constituye la tiranía de un mal gobernante.

Cómo entender el uso del término "autoridad"

7 - Por lo tanto, cuando los adeptos de la Tesis afirman que el papa *materialiter* no tiene "autoridad", en realidad se están refiriendo al "poder", la jurisdicción o potestad de gobernar, y cuando afirman que la razón por la cual el papa *materialiter* no tiene su potestad papal es porque no busca el bien común de la Iglesia, en realidad se están refiriendo a la autoridad personal del papa *materialiter*, ya que, como se ha dicho, la autoridad propiamente dicha consiste en un saber teórico y práctico para ordenar una sociedad hacia su fin propio. **Es fundamental entender esta distinción, que es ignorada y confundida incluso por los propios adeptos de la Tesis, ya que así quedará claro cómo la Tesis contradice la filosofía política de Aristóteles y Santo Tomás** [8].

Si la persona del Papa puede carecer de autoridad

8 - Todos los teólogos católicos han admitido la posibilidad de que un papa carezca de autoridad, **actuando manifiestamente contra el bien común de la Iglesia**, como lo ejemplificó San Roberto Belarmino al sostener que es lícito resistir al Soberano Pontífice que intentara destruir la Iglesia: "(...) así como es lícito resistir al Pontífice que ataca el cuerpo, así también es lícito resistir al que ataca las almas, o que perturba el orden civil, o, sobre todo, al que intentara destruir la Iglesia. Digo que es lícito resistirle no haciendo lo que ordena e impidiendo la ejecución de su voluntad; no es lícito, sin embargo, juzgarlo, castigarlo o deponerlo, porque estos actos son propios de un superior" [9]. Pero ninguno de estos teólogos afirmó que este posible "papa malo" estaría desprovisto de su poder de gobernar, excepto Juan Wycliffe y Juan Hus, quienes propusieron, de manera similar a la Tesis, que un papa malo, es decir, un papa sin autoridad, no tendría poder de gobierno sobre los fieles, pero esta proposición fue condenada por la Iglesia [10]. **La falta de autoridad personal del Papa no implica la pérdida de su potestad pontificia. Por lo tanto, la Tesis, al postular que los papas conciliares carecen de autoridad por no querer buscar el bien común de la Iglesia, se apoya en un principio condenado por la Iglesia y, filosófica y teológicamente, erróneo.** Un Papa puede tener intenciones perversas en su ministerio, incluso exteriorizándolas, pero si define una doctrina y la impone a la fe de la Iglesia, esa doctrina será dogma infalible; de manera análoga al sacerdote que consagra las Sagradas Especies para profanarlas en una Misa negra: aunque la intención última del acto sea perversa, si tiene la intención de consagrar, el sacerdote consagra, incluso si la intención última con la consagración en la Misa fuera objetivamente manifestada. **Si, por un lado, propuso de manera innovadora y sin fundamento que la falta de autoridad personal del Papa implicaría la pérdida de su potestad papal, Dom Guérard, por otro lado, no descartó la posibilidad de que un "papa material" pueda hacer una declaración ex cathedra e imponer una doctrina infaliblemente para que la Iglesia crea** [11].

Primera objeción: Juan Wycliffe se refería a un ocupante de la Sede Apostólica solo moralmente escandaloso

9 - **Objeción:** La Tesis no incurre en el mismo error condenado que Juan Wycliffe, ya que al postular que los hombres que ocupan la Sede Apostólica están privados de la "autoridad" debido a la falta de intención de buscar el bien común, la Tesis no se refiere a un ocupante simplemente moralmente escandaloso, como lo hizo Juan Wycliffe, sino a uno que deliberadamente profiere herejías e impone una nueva religión a la Iglesia [12]. Por lo tanto, es diferente la idea que ambos tienen de un ocupante de la Sede Apostólica que carecería de autoridad.

10 - **Solución:** Aunque se refiere a tipos diferentes de ocupantes de la Sede Apostólica, la Tesis se basa en el mismo principio condenado por Juan Wycliffe, **ya que lo que hace que un Papa sea malo es precisamente el hecho de que no busca el bien común de la Iglesia y atenta contra él con sus escándalos, ya sean doctrinales o morales, y estas son las causas, según la Tesis, por las cuales el ocupante de la Sede Apostólica está privado de su potestad papal. En cuanto a las consecuencias del hecho de que no busque el bien común de la Iglesia, como las herejías y la imposición de una falsa religión, son irrelevantes, ya que el error de Juan Wycliffe y de la Tesis radica en el principio de que el ocupante de la Sede Apostólica, al no buscar el bien común de la Iglesia atentando contra él, queda privado de su poder papal. En resumen, los adeptos de la Tesis, al propagar este principio condenado por Juan Wycliffe, contradicen el Concilio de Constanza que condena toda y cualquier proposición de Juan Wycliffe y prohíbe bajo pena de anatema que se profese cualquiera de sus proposiciones** [13].

Segunda objeción: la Tesis no sostiene que la falta de intención conlleve a la pérdida de la potestad papal

11 - **Objeción:** La Tesis no sostiene que la falta de intención sea la causa de la pérdida de la potestad papal, sino como un impedimento interno para recibir la forma del papado, ya que el elegido para el papado debe ser consciente de las obligaciones que contrae al aceptar la elección. Por lo tanto, aunque el principio de la Tesis y el de Juan Wycliffe sean similares, la Tesis toma su principio como condición para que el elegido esté apto para recibir la forma del papado, mientras que Juan Wycliffe toma su principio para sostener la pérdida del papado y por eso fue condenado.

12 - **Solución:** Por el contrario, dijo Dom Guérard que, con la promulgación de la Declaración Dignitatis Humanae el 7 de diciembre de 1965, "hay que concluir entonces, según León XIII, que, al realizar este acto, el Cardenal Montini no tuvo la intención de recibir la Comunicación ejercida por Jesucristo, y entonces ya no era más Papa *formaliter*" [14]. Así, según Dom Guérard, este principio de la Tesis no solo es aplicable al impedimento para recibir la forma del papado durante la elección papal, sino que también es aplicable como causa de pérdida del papado, es decir, aplicable a cualquier Papa. Por lo tanto, como se concluyó en la solución anterior (ver n. 10), los principios de ambos acaban sustentando la idea de que la falta de autoridad personal del ocupante de la Sede Apostólica es la causa de que quede privado de la potestad papal, idea que es rechazada por el Concilio de Constanza y por los teólogos católicos al admitir la posibilidad de un Papa malo que intentara destruir la Iglesia.

Tercera objeción: nadie tiene autoridad para afirmar que la Tesis incurre en la condenación de Juan Wycliffe

13 - **Objeción:** Aunque los principios de la Tesis y de Juan Wycliffe convergen hacia un mismo fin, nadie actualmente tiene autoridad para afirmar que la Tesis se basa en una proposición formalmente condenada por el Concilio de Constanza, por lo tanto, ningún adepto de la Tesis está sujeto a las palabras de ese Concilio que "prohíbe de ahora en adelante a todos y a cada uno de los católicos, bajo pena de anatema, predicar, enseñar o profesar fe en las proposiciones aquí descritas o en cualquiera de ellas" [15].

14 - **Solución:** Aunque nadie tenga actualmente autoridad para juzgar esto, la Tesis, al apoyarse en un principio innovador y erróneo que converge hacia la misma proposición condenada por Juan Wycliffe, debe ser evitada por todo católico, porque, como ordena la Santa Iglesia en su Derecho Canónico, "no es suficiente evitar la depravación herética, sino que también es necesario abandonar con prontitud los errores que se le

acercan, ya sea más o menos" [16].

Materia y forma aplicadas a la elección papal

15 - San Roberto Belarmino, Doctor de la Iglesia, explica que "los Cardenales, cuando eligen a un pontífice, no ejercen su autoridad sobre el pontífice, pues él aún no lo es, sino sobre la materia, es decir, sobre la persona a quien se dispone de algún modo mediante la elección, para que reciba de Dios la forma del pontificado" [17]. El canonista Padre Charles Augustine, O.S.B., poco antes de aplicar análogamente el concepto de materia y forma a la elección papal, diciendo que, para que haya el pontificado, es necesario que haya el instrumento apropiado [18], se expresa en el mismo sentido que el Santo Doctor, quien compara al hombre elegido en un cónclave con una materia capaz de recibir la forma que el divino Artista le impondrá, por ley divina [19]. Esta forma, la autoridad o potestad pontificia, es el elemento determinante que constituye al Papa como tal.

Sobre cómo aplica la Tesis el concepto de materia y forma

16 - Se podría utilizar la analogía con materia y forma al papado de varias maneras. La forma en que la Tesis aplica tal analogía a la actual situación de la Sede Apostólica, que es una situación posterior al cónclave, será discutida más adelante. Es conveniente primero analizar cómo se aplica tal analogía al contexto de una elección papal.

17 - En cuanto a la definición de la **forma del papado**, no parece haber controversia con la aplicación que hace la Tesis de esa analogía, pero lo mismo no se puede decir de la manera en que la Tesis aplica esa analogía a la **materia del papado**.

Si la forma requiere una materia adecuada

18 - Una materia no está apta para recibir cualquier forma [20]. Por lo tanto, por ejemplo, para un material líquido, un escultor no puede esculpirlo en la forma de una estatua; se requiere una materia adecuada [21]. Santo Agustín escribió: "Si una materia no puede recibir la forma impuesta por el artesano, no podríamos darle el nombre de materia" [22].

La materia adecuada para el papado

19 - En el contexto de un cónclave, la materia adecuada para el papado es alguien que sea "papable", es decir, que sea elegible para el papado, que cumpla con las condiciones de elegibilidad del Pontífice Romano, y de esta manera sea capaz de recibir la forma del papado, es decir, la suprema jurisdicción que el elegido para el papado recibe por derecho divino al aceptar la elección. El Código de Derecho Canónico de 1917 (en adelante "CDC") y todos sus comentaristas enseñan unánimemente que si una persona es capaz de ser elegida Papa, "papable", también es capaz de convertirse en Papa [23]. **Sin embargo, la Tesis cae en el absurdo de considerar como materia, "papable", a alguien que no es capaz de recibir la forma, la potestad papal**.

Las condiciones para que alguien sea "papable"

20 - El célebre Padre Filippo Maroto, profesor de Derecho Canónico en el Pontificio Colegio de Santo Atanasio, consultor del Santo Oficio, quien trabajó en la preparación del Código de 1917, dijo: "**La validez de la elección, en lo que respecta a la persona elegida, depende únicamente de la ley divina - en otras palabras, ningún otro impedimento, excepto los previstos por la ley divina, invalida la elección de un Romano Pontífice [...]** Por lo tanto, para una elección válida de un Romano Pontífice ahora es necesario y suficiente que la persona elegida sea: [...] c) Un miembro de la Iglesia, **porque aquel que no pertenece a la Iglesia se considera incapaz de poseer jurisdicción**, especialmente jurisdicción ordinaria, **y no puede ser efectivamente el jefe de la Iglesia**. Por esta razón, los infieles y los no bautizados **no pueden ser**

válidamente elegidos en modo alguno. De la misma manera, la misma ley divina prohíbe a los herejes y cismáticos el Pontificado supremo, deben ser ciertamente considerados como excluidos de ocupar el trono de la Sede Apostólica, que es la maestra infalible de la verdad de la fe y el centro de la unidad eclesiástica" (Institutiones Iuris Canonici, 2:784, 1917). Este es el enseñamiento unánime de los teólogos, como se demuestra en otro artículo [24].

Primera objeción: Una elección papal, aunque sea inválida, aún debe ser juzgada por la Iglesia

21 - **Objeción:** Como dijo Dom Guérard, aunque sean inválidas, las elecciones de los papas *materialiter* deben ser juzgadas por la Iglesia [25], por lo tanto, no tenemos autoridad para considerarlas inválidas antes de eso.

22 - **Solución:** Esta objeción cae en el mismo error que la objeción respondida en otro artículo: la ley divina, como aquella que impide la elección papal de un hereje, solo tiene valor cuando es expresada por la ley eclesiástica, ya sea en el Derecho Canónico, ya sea por una autoridad competente. De hecho, los teólogos, al afirmar la invalidez de la elección papal de un hereje debido a un impedimento de ley divina, lo hacen en virtud del propio hecho y, por lo tanto, no admiten ningún valor legal o jurídico a dicha elección, ya que, como ha determinado la Santa Iglesia, una ley divina tiene su poder de ley por sí misma, aunque no esté expresada en el Derecho Canónico: "Entre las demás leyes disciplinarias actualmente en vigor, si no están contenidas explícita o implícitamente en el Código, debe decirse que han perdido su fuerza, a menos que sean repetidas en libros litúrgicos, **o a menos que la ley sea de ley divina, ya sea positiva o natural**" (Código de Derecho Canónico de 1917, canon 6, 6).

Segunda objeción: nadie es privado de un cargo sin juicio canónico

23 - **Objeción:** La Tesis no aborda la cuestión de la herejía ni tampoco las consecuencias de esta que han sido objeto de discusión entre los teólogos, simplemente sostiene que el designado legalmente no debe ser considerado privado de su cargo, ya que el Código de Derecho Canónico afirma que un clérigo hereje puede, aunque ilícitamente, ejercer jurisdicción si no ha sido sentenciado.

24 - **Solución:** Dom Guérard sostenía que debería haber un proceso canónico contra el papa *materialiter*, que consistía en un concilio, realizado por obispos residenciales, intimándolo a convertirse y, si persistía en su error, dejaría ipso facto de pertenecer a la Iglesia y de ser papa *materialiter*. Por lo tanto, aunque la Tesis no aborda la cuestión de la herejía, el papa *materialiter* se encontraría en la misma situación que el Cardenal Caetano sostuvo para el caso de un Papa que, como doctor privado, sería un hereje notorio. Pero tal situación es absurda y ya ha sido refutada por los teólogos y Doctores de la Iglesia, pues no hay nada legal que se pueda hacer contra un Papa, y la Tesis sostiene que el papa *materialiter* es Papa por derecho o de acuerdo con la ley, entonces, de acuerdo con la Tesis, solo quedaría la renuncia y la muerte del papa *materialiter* para que la Sede quede vacante. Así, parece quedar claro uno de los motivos por los cuales Dom Guérard conjetura un impedimento jamás sostenido por los teólogos católicos: para no entrar en la cuestión del Papa hereje que parece separar a los sedevacantistas y los lefebvristas, pues, por una cuestión de fe, él debería adoptar la posición sedevacantista constatando la vacancia de la Sede según enseñan unánimemente los teólogos católicos, y si el papa *materialiter* se encuentra en esa misma situación, que fue objeto de discusión de los teólogos, sigamos la única respuesta posible para nuestro caso, que es perfectamente expuesta por el Canónigo Raoul Naz, canonista: "Resumamos, a título de conclusión, la explicación que los mejores teólogos y canonistas dieron a esta dificultad [28]. No se trata de un juicio y de una deposición de un Papa en el sentido estricto de las palabras. El Vicario de Jesucristo no está sujeto a ninguna jurisdicción humana. Su juez directo e inmediato es solo Dios. Por lo tanto, si los antiguos textos conciliares o doctrinales parecen admitir que el Papa pueda ser depuesto, están sujetos a la distinción y a la ratificación. En la hipótesis, por otra parte inverosímil, en que el Papa incurriera en herejía pública y formal, no sería privado de su cargo por un juicio de los hombres, sino por su propio hecho, ya que la adhesión formal a una herejía lo excluía del seno de la Iglesia" [29].

El reglamento de la elección papal

25 - Según el Código de Derecho Canónico, la elección papal está regulada únicamente por la Constitución del Papa San Pío X, Vacante Sede Apostolica, del 25 de diciembre de 1904 [30]. A partir de un nuevo reglamento promulgado legítimamente por el Papa Pío XII el 8 de diciembre de 1945, dicha elección pasó a estar regulada únicamente por la Constitución Vacantis Apostolicæ Sedis del Papa Pío XII.

El reglamento de la elección papal cambiado por los "papas materiales"

26 - El reglamento de la elección papal ha sido modificado algunas veces por los "papas materiales" [31], que, según la Tesis, carecen de jurisdicción (o poder de gobierno) para legislar legítimamente. Por lo tanto, queda claro que una elección como, por ejemplo, la de Bergoglio, no podría ser válida ni de acuerdo con la ley eclesiástica, ya que dicha elección no se realizó conforme a la Constitución de Pío XII, que fue el último Papa con poder para promulgar leyes.

La elección papal requeriría Cardenales válidos

27 - Una de las razones por las cuales Dom Guérard creía que la elección de Wojtyla podría ser válida era el hecho de que había Cardenales nombrados por un Papa verdadero, como él confesó más de una vez [32]. Por lo tanto, juzgando solo por este aspecto, dado que actualmente no hay más Cardenales válidos, la Tesis ya no es una opción válida.

Primera objeción: El papa posee poder de orden natural en virtud de la elección válida

28 - **Objeción:** Como explicaron el Padre Lucien [33] y Dom Sanborn [34], hay un doble propósito de la Iglesia: uno en el orden sobrenatural, en el cual se ejerce el poder de jurisdicción que Cristo confiere a los sucesores de los Apóstoles, y otro en el orden natural, en el cual se ejerce el poder de designación proveniente de los hombres para perpetuar los oficios, y estos poderes son esencialmente distintos y pueden existir separadamente [35], por lo tanto, podemos creer que, aunque sus actos magisteriales sean inválidos por falta del poder de jurisdicción, el papa *materialiter* posee el poder de designar, si no Cardenales, al menos electores válidos para perpetuar los oficios.

29 - **Solución:** Esta explicación de la Tesis no parece ser compartida por Dom Guérard, quien, como se dijo, sostenía que todo acto de los papas *materialiter* era nulo y que las elecciones papales eran válidas no debido a un presunto poder de designar válidamente ajeno a la jurisdicción, sino debido a la existencia de Cardenales válidos creados por el Papa Pío XII que aceptaron tales elecciones o al menos no impugnaron la validez de tales elecciones. Sin embargo, esta distinción entre el poder de jurisdicción y de delegación, abandonada también por Dom Sanborn y el RCI que pasaron a defender que el poder administrativo de los papas *materialiter* se da por una jurisdicción de suplencia, es errónea, porque supone que el ejercicio del poder administrativo puede hacerse sin suponer alguna jurisdicción, que los adeptos de la Tesis no conceden al papa *materialiter*, y tal suposición es falsa, ya que todo ejercicio del poder administrativo implica jurisdicción en foro externo, que por definición tiene por objeto la administración y el gobierno externo de la Iglesia.

Segunda objeción: Nuestro Señor provee la jurisdicción para que el papa *materialiter* pueda cambiar dicho reglamento

30 - **Objeción:** En vista de la necesidad absoluta de perpetuar la sucesión *materialiter* tal como postula la Tesis, se debe creer que Nuestro Señor provee la jurisdicción al papa *materialiter* para cambiar el reglamento de la elección papal.

31 - **Solución:** Se concediera a tal objeción, que otorga demasiado a un líder de una religión que intenta destruir de manera manifiesta y deliberada la Santa Iglesia Católica, si fuera posible probar que la Tesis no contiene ningún error y fuera la única solución posible para mantener de alguna manera la marca de la apostolicidad. Sin embargo, ni una cosa ni la otra pueden ser demostradas, ya que, como ha sido demostrado en este artículo en sus diferentes partes, la Tesis contiene errores, y tampoco es la única solución posible para mantener de alguna manera la apostolicidad en la Iglesia Católica, porque, como se demostrará más adelante en este artículo, **los adeptos de la Tesis, a diferencia de Dom Guérard, comenzaron a sostener una falsa noción de apostolicidad con el Padre Joseph Ratzinger usurpando el papado**, y porque existe otra solución posible, como mostraré en otro artículo. **Por lo tanto, no existe tal necesidad absoluta de perpetuar la sucesión *materialiter* tal como postula la Tesis**. Además, me parece razonable argumentar que Joseph Ratzinger y Bergoglio no podrían ser elegidos papas ni de acuerdo con la supuesta ley eclesiástica vigente promulgada por un papa *materialiter*, ya que el reglamento de la elección papal cambiado por Wojtyla no parece ser diferente al de Montini, que, de manera más explícita, exigía que el elegido para el papado fuera consagrado obispo, en caso de que aún no lo fuera, para que el cónclave tuviera término, y los adeptos de la Tesis admiten que el rito de consagración episcopal es inválido. Por lo tanto, en este aspecto, lo que impediría a Ratzinger y Bergoglio ser "papas materiales" no sería el hecho en sí de no ser obispos, sino el hecho de que, legalmente hablando, para que la elección papal sea efectivamente consumada, es necesario que aquel que aceptó la elección esté apto y quiera ser consagrado obispo.

Se una elección papal válida puede no resultar en un Papa

32 - La Tesis sostiene que el papa *materialiter* fue elegido válidamente, pero no es verdaderamente Papa. En otras palabras, es posible que la elección papal se realice válidamente y al mismo tiempo no tengamos un Papa. Este absurdo es, como mínimo, un error teológico. De hecho, el Derecho Canónico de 1917 y todos sus comentaristas enseñan unánimemente que si una persona es capaz de ser elegida Papa, también es capaz de convertirse en Papa. Esto se debe a que la Iglesia no toma, ni podría tomar, decisiones sobre el estado interno o las intenciones de una persona; lo que analiza es si sus miembros son católicos o no, es decir, si tienen la fe católica y pertenecen al Cuerpo Místico de Cristo externamente [36]. Por eso es que los teólogos comúnmente confunden ser elegido con tener jurisdicción papal o ser papa, como vemos cuando João de Santo Tomás afirma: No hay diferencia real entre la proposición: Este hombre está legítimamente elegido y Este hombre es papa, porque ser aceptado como Sumo Pontífice y ser Sumo Pontífice son la misma cosa; así como es lo mismo que algo sea definido y que la definición sea legítima [37], o como cuando el Padre Cappello define la elección: La elección propiamente dicha es aquella en la que el candidato adquiere efectivamente el derecho, es decir, el ejercicio de la jurisdicción [38].

Objeção: Ser elegido válidamente y asumir el pontificado son cosas distintas.

33 - **Objeción:** Esta distinción entre ser elegido y ser papa debe entenderse según el ejemplo expuesto por Dom Sanborn al explicar la Tesis de Dom Guérard: Así, en el primer martes del mes de noviembre, el nuevo presidente de los Estados Unidos es legal y legítimamente elegido, pero no tiene el poder, no es presidente. El día 20 de enero comienza a serlo, pues en ese día recibe el poder. Desde noviembre hasta enero es presidente materialmente, ya que fue oficialmente designado. En enero, es presidente formalmente.

34 - **Solución:** La elección papal y la elección presidencial son distintas incluso en cuanto a la posesión del poder de gobierno, pues la elección presidencial y la posesión del poder de gobierno ocurren en diferentes momentos establecidos por la ley, pero en la elección papal, la posesión del poder de gobierno, llamado jurisdicción, ocurre inmediatamente después del fin de la elección papal, según lo especificado por la ley eclesiástica, en el Código de Derecho Canónico, canon 219: "El Romano Pontífice, legítimamente elegido, inmediatamente después de aceptar la elección, obtiene por ley divina el pleno poder de la jurisdicción suprema".

La sucesión apostólica

35 - "La sucesión apostólica puede definirse como: la sustitución (suffectio) pública, legítima, solemne y nunca interrumpida de personas en lugar de los Apóstoles para gobernar y alimentar la Iglesia (Cercia, I, p. 223)". Los teólogos la distinguen en varios sentidos. En el sentido de ministerio, la sucesión apostólica se distingue entre legítima (o formal) e ilegítima (o material). "Un sucesor formal, o legítimo, no solo reemplaza el lugar de su predecesor, sino que también recibe la autoridad debida para ejercer las funciones de su cargo con fuerza vinculante en la sociedad" [39]. Así, un sucesor material, o ilegítimo, es aquel que no tiene "la autoridad debida para ejercer las funciones de su cargo con fuerza vinculante en la sociedad" [40], porque "asume la posición oficial de otro contrario a las leyes" [41], o porque, aunque tenga la Orden Episcopal, no ocupa una posición oficial, como es el caso de los Obispos titulares [42] o los Obispos tradicionalistas actuales [43]. Por lo tanto, "aunque exista orden válida, no hay verdadera apostolicidad donde falta jurisdicción" [44].

Si la Sucesión Apostólica material depende de la Orden Episcopal

36 - Como dijo Dom Guérard, la sucesión apostólica material depende al menos de una Orden Episcopal válida, así que, en este sentido, el sucesor de Wojtyla, el Padre Joseph Ratzinger, que fue "consagrado" a través de un rito episcopal inválido [45], no puede perpetuar la sucesión apostólica material, siendo, según Dom Guérard, simplemente un mero actor: "La misma observación se aplica a los 'ocupantes' de la Sede Apostólica que sucedieron al Cardenal Montini, es decir, solo en la medida en que una 'jerarquía' solo *materialiter* puede perpetuarse. Tal perpetuación no es en sí misma imposible. **Pero requiere expresamente consagraciones episcopales que sean ciertamente válidas. Y dado que el nuevo rito es dudoso, los 'ocupantes' (de la Sede Apostólica) pronto no serán más que 'figurantes'. Monseñor Wojtyla es, en este sentido, al menos un eminente precursor**" [46]. Por lo tanto, según su propio autor, la Tesis se volvió obsoleta desde el momento en que el Padre Joseph Ratzinger fue elegido papa.

Primera objeción: Dom Guérard no dijo que un figurante no es un papa *materialiter*

37 - Objección: El Padre Ricossa dijo: "Notamos que Dom Guérard no escribe que tal elegido dejaría de ser 'papa material', sino que sería 'figurante', lo cual no es lo mismo".

38 - **Solución:** Con todo respeto al Padre Ricossa, esta objeción es un sofisma sin igual. Dom Guérard afirmó que tal perpetuación requiere expresamente Consagraciones Episcopales, y que, en caso de que el sucesor de Wojtyla no tuviera una consagración ciertamente válida, no podría perpetuar la sucesión *materialiter*, y es precisamente porque un tal sucesor no es papa *materialiter* que, dicho sucesor, sería un figurante.

Segunda objeción: el Papa Pío XII dijo que incluso un laico puede ser papa

39 - Objección: El Papa Pío XII dijo: "Si un laico fuera elegido Papa, solo podría aceptar la elección con la condición de estar apto para recibir la ordenación y dispuesto a ser ordenado; el poder de enseñar y gobernar, así como el carisma de la infalibilidad, le serían concedidos instantáneamente, incluso antes de la ordenación" [47]. Por lo tanto, es posible ser Papa sin ser Obispo, de manera que la sucesión apostólica material se mantiene al menos por el derecho legal que el elegido válidamente para el papado adquirió.

40 - **Solución:** Se concede que alguien que no es Obispo pueda ser Papa, pero solo en la medida en que el elegido esté apto para recibir la ordenación episcopal y dispuesto a ser ordenado, según lo dijo el Papa Pío XII, de modo que aquellos que están impedidos por ley divina aceptarían en vano una elección inválida en sí misma (ver n. 22), y si el elegido tiene un impedimento invalidante, entonces no adquiere ningún derecho legal, ya que la elección fue inválida.

Es una verdad de fe que la Iglesia sea una sociedad perfecta

41 - En su Manual de Teología Dogmática, el célebre teólogo Mons. Hervé demostró que es una verdad de fe divina que la Iglesia sea una sociedad perfecta: "Afirmación: 'La Iglesia es una sociedad perfecta' (De fe

divina). A. La tesis se demuestra por las Escrituras. Desde la misma institución de Cristo, la Iglesia posee todos los elementos de una sociedad perfecta. Por lo tanto: 1) No depende de nada más: Si la Iglesia dependiera de otra 'sociedad', estaría subordinada a esa sociedad, ya sea como inferior a la superior o como parte del todo. Ninguna parte puede ser admitida, porque el fin de la Iglesia es el más universal, ya que es tarea propia de Dios llevar santidad a todos en el único redil de la Iglesia' (Ita De Groot, p. 134, b). 2) Es suficiente por sí misma para alcanzar su fin: a) Para lo que sea necesario para alcanzar su propio fin, Cristo contribuyó a ello: él mismo dio el fin, por lo tanto, proporcionó todos los medios necesarios para el fin; b) Como lo atestiguan las Escrituras (Mt 28, 19; 16, 18 seg.; Jn. 20, 22-23; 21, 17 seq.), Cristo entregó directamente a sí mismo y solo a la Iglesia todos los instrumentos necesarios para la salvación eterna, es decir, el poder más universal, más eficaz y absolutamente independiente de cualquier voluntad que no sea la de Dios, para enseñar, gobernar y santificar a todos los hombres hasta el fin del mundo" [48]. No es de extrañar que la Santa Iglesia haya condenado la proposición que afirma que la Iglesia no es una sociedad perfecta (cf. DS. 2919).

La Tesis termina por negar que la Iglesia sea una sociedad perfecta

42 - La Tesis finalmente llega a la misma conclusión a la que llegan los lefebvristas sobre la causa por la cual la Iglesia puede ser restaurada: la conversión de los modernistas. De esta manera, distorsionan la doctrina católica y crean más suposiciones absurdas, como la idea de que hay dos iglesias, que es lo que muchos lefebvristas hacen, o la noción de que hay dos religiones dentro de la Iglesia Católica, que es lo que hacen los seguidores de la Tesis. Todas estas son absurdas doctrinas contrarias a la fe católica. El católico debe afirmar la doctrina católica: la Iglesia es una y es una sociedad perfecta, su existencia no puede depender de una sociedad ajena a ella y la falsa iglesia o la religión de los modernistas no pertenecen a la Iglesia Católica. Por lo tanto, sostener que la restauración de la Iglesia Católica depende de la secta acatólica, como la secta del *Novus Ordo*, es una herejía, ya que esto niega la doctrina de fe de que la Santa Iglesia Católica Apostólica Romana es una sociedad perfecta.

Primera objeción: el *Novus Ordo* no es una secta acatólica

43 - **Objeción:** Los propios sedevacantistas reconocen en la práctica que lo que llaman la iglesia *Novus Ordo* no es una secta acatólica, ya que no exigen la abjuración, que es obligatoria para los conversos de una secta acatólica, para aquellos que se convierten del *Novus Ordo* a la tradición. Por lo tanto, no hay razón para considerarlo una secta acatólica.

44 - **Solución:** En un artículo sobre el estado actual de la Iglesia de Cristo, el Padre John Okerulu responde a esto de la siguiente manera: Toda la jerarquía del *Novus Ordo* ha incurrido en herejía pública debido a su adhesión pública, manifiesta y pertinaz a las herejías del Concilio Vaticano II. Al haber realizado este acto externo, es decir, al adherirse conscientemente a una secta o a sus doctrinas falsas, hay una violación externa de la ley y se presume el dolo en el foro exterior [49]. Esto proporciona una base sólida para el argumento sedevacantista. Por esta razón, la mayoría de los obispos y sacerdotes católicos tradicionalistas ciertamente exigirán una abjuración, por ejemplo, a Ratzinger si se convierte. He escuchado de primera mano a los defensores más ardientes de la Tesis admitir esto. Sin embargo, no exigen esta abjuración para los laicos católicos, y la sólida base para esta práctica es según la explicación a continuación. No todos los que pertenecen a sectas acatólicas deben ser considerados como acatólicos. Es comúnmente aceptado por todos los teólogos y canonistas que todos los niños que son bautizados válidamente en sectas acatólicas antes de alcanzar el uso de la razón son miembros de la Iglesia [50]. Antes del Código (de 1917), se debatía si los niños que alcanzaban la edad de la razón incurrían o no en excomunión automática, pero el Código resolvió el debate al insistir en que quedaran libres de contraer cualquier censura hasta que alcanzaran la pubertad (14 años). Por lo tanto, contrario a lo que algunos aún sostienen, los niños bautizados válidamente en sectas acatólicas que han alcanzado el uso de la razón no necesitan realizar ninguna abjuración si regresan a la Iglesia. No necesitan ser absueltos de ninguna excomunión, pero deben hacer una simple profesión de fe [51]. El canonista Augustine explica la razón con este principio general de la ley: "La ignorancia de los hechos y no de la ley, excusa" (para más detalles, ver el apéndice 1). Por lo tanto, aunque el canon 2200, § 2,

dice que "habiéndose producido la violación externa de la ley, se presume el dolo en el foro externo", añade: "hasta que se demuestre lo contrario" [52]. Es fácil ver cómo un niño, aunque haya alcanzado la edad de la razón, puede ignorar el hecho de que está en una iglesia que no es católica. Este mismo principio adoptado por el Código en el caso de niños que han alcanzado la edad de la razón y han sido bautizados en sectas acatólicas puede, y de hecho se aplica, al clero católico tradicionalista y a los miembros de la secta *Novus Ordo* que, sinceramente, creen que la secta *Novus Ordo* es la Iglesia Católica, por las siguientes razones: 1) la secta *Novus Ordo* conserva el nombre de católica; 2) la jerarquía de la secta *Novus Ordo* presenta una falsa reclamación de las Sedes y oficios de la Iglesia Católica. La mayoría de los fieles simples de la secta del *Novus Ordo* desconocen los hechos relacionados con los cambios realizados por el *Novus Ordo*, en la doctrina, el culto y la disciplina, que, como hemos visto, constituyen la institución del *Novus Ordo* como una nueva secta. ¡Muchos leen cómodamente las vidas de los santos y la historia de la Iglesia, manteniendo la confianza de que pertenecen a la misma Iglesia! Con lo expuesto anteriormente, los fieles laicos de la secta *Novus Ordo* son justamente presumidos como engañados, en lugar de ser pertinaces en adherirse a las herejías del Vaticano II. Sin embargo, la Iglesia ordena a su clero que solicite una profesión de fe, como condición para el regreso a la Iglesia Católica [53].

Segunda objeción: la jerarquía del *Novus Ordo* forma parte de la Iglesia

45 - Objección: Aunque no sean miembros de facto (*de facto*) de la Iglesia, que es la sociedad de aquellos que profesan la misma fe, el clero del *Novus Ordo* sigue siendo miembro de derecho (*de iure*) de la Iglesia, y es en este sentido que, como miembro de derecho, dicho clero perpetúa la jerarquía material de la Iglesia, por lo que es falso afirmar que la Tesis sostiene que la perpetuación de la jerarquía de la Iglesia depende de no miembros de ella, como sucedería si el clero del *Novus Ordo* no perteneciera a la Iglesia de ninguna manera, ni de facto ni de derecho.

46 - **Solución:** Como se demostró anteriormente, si en realidad no existe el derecho al ejercicio de la jurisdicción papal, que es un derecho conferido para aquel que fue elegido válidamente para el papado, entonces no hubo elección papal (ver n. 32), y por lo tanto, el elegido no adquiere ninguna característica jurídica de miembro de la Iglesia. Por lo tanto, si salimos de este bucle de petición de principio en el que la Tesis intenta mantenerse y juzgamos la realidad de las cosas, concluimos inmediatamente que la Tesis de hecho incurre en herejía al negar la verdad de fe de que la Iglesia Católica es una sociedad perfecta, ya que la Tesis termina sosteniendo que la perpetuación de la jerarquía católica reside en un conjunto de no católicos que constituyen una secta acatólica y que de ninguna manera son miembros de la Iglesia Católica.

La Tesis niega la doctrina católica de que las cuatro marcas de la Iglesia van juntas

47 - Sin embargo, al igual que todas las posiciones que no son ni sedevacantistas ni la errónea de los llamados conclavistas, al sostener que la religión *Novus Ordo*, que evidentemente es una sociedad esencialmente distinta de la Iglesia Católica, perpetúa la sucesión apostólica, que es una marca esencial de la Iglesia de Cristo, la Tesis incurre no solo en herejía al negar la verdad de fe de que la Iglesia Católica es una sociedad perfecta, como ya hemos demostrado anteriormente, sino que también niega otro punto que es absolutamente cierto en la teología católica: las 4 marcas de la Iglesia de Cristo van todas juntas. Donde está la apostolicidad, también está la catolicidad, la unidad y la santidad, según enseñan los teólogos. Tomemos como ejemplo lo que dijo Monseñor Charles Journet [54], que, después de explicar el concepto de estas 4 notas de la Iglesia de Cristo, señaló esta verdad de manera más explícita: "Ciertamente, las propiedades esenciales no pueden separarse de la esencia (de la Iglesia); son distintas de la esencia de manera conceptual, pero idénticas a ella en realidad. Donde hay apostolicidad, también hay unidad, catolicidad y santidad, y viceversa. Esto también se aplica a las notas, que son simplemente las propiedades 'en la medida en que estas son externamente aparentes y conocidas'. Una nota es suficiente para indicar la verdadera Iglesia, pero donde está una sola nota, están todas las demás. Sin embargo, es posible considerarlas por separado, porque, aunque son idénticas en realidad, difieren conceptualmente. Son múltiples aspectos de una misma realidad demasiado rica para ser aprehendidos en un solo concepto". Por lo tanto, si para los adeptos de la Tesis la religión *Novus Ordo* mantiene la apostolicidad de la Iglesia, entonces deben demostrar que la religión *Novus*

Ordo también mantiene la catolicidad, la unidad y la santidad de la Iglesia Católica [55].

Notas

1 - Aunque no sea propiamente una tesis, sino más bien una mera hipótesis.

2 - Instituto Católico Romano, cuyo actual superior general es el Obispo Donald J. Sanborn.

3 - Consagrado como obispo el 7 de marzo de 1981 por Monseñor Pierre Martin Ngo-Dinh-Thuc, Arzobispo emérito de Hué.

4 - Quien luego aceptó el Concilio Vaticano II y se convirtió en un ferviente defensor del "Magisterio" conciliar.

5 - *Cahiers de Cassiciacum*, n.º 1, pág. 16.

6 - Como se expuso en el primer *Cahiers de Cassiciacum*, se podría dividir la jurisdicción en partes, que no se limitan a la *potestas regendi*, pero las otras partes son de algún modo un tipo de gobierno y, por lo tanto, la jurisdicción y el gobierno pueden ser confundidos, como de hecho lo son en el Código de Derecho Canónico de 1917.

7 - Juan Antonio Widow, profesor de "Metafísica y Filosofía Política" en la Universidad Católica de Valparaíso, en su libro "El hombre: animal político – El orden social: principios e ideologías" (p. 42), demuestra que "poder" y "autoridad" no son lo mismo, e ilustra la distinción con este ejemplo: "La relación entre la autoridad, como sabiduría práctica, y el gobierno es análoga, ya que es como la que hay entre el arte de la navegación y la acción de dirigir el barco. El navegante, por oficio, es aquel que tiene la capacidad de dirigir el barco -de ahí viene, específicamente, el término "gobierno"- y, por lo tanto, la capacidad de enseñar a otros este arte y de dar consejos al respecto: él tiene la autoridad, ya que en él reside el conocimiento propio del oficio. Pero no es porque tenga autoridad que también tenga el poder de gobernar ese barco: solo lo tiene si ese poder en particular ha sido reconocido por aquellos que tienen el poder de hacerlo (por ejemplo, los propietarios del barco). Es claro, por lo tanto, que aunque el ejercicio de un poder suponga -o recomiende- un cierto grado de autoridad en quien lo ejerce, la posesión de uno y otro no es lo mismo".

8 - Lo cual es bastante irónico, teniendo en cuenta que hoy en día los seguidores de la Tesis, especialmente los clérigos vinculados a Dom Sanborn, acusan a quienes no aceptan dicha Tesis, como lo hicieron contra los fallecidos Padre Anthony Cekada y Dom Daniel L. Dolan, de no poseer suficiente conocimiento de filosofía escolástica.

9 - *De Romano Pontifice*, lib. II, cap. XXIX. Los padres jesuitas Wernz y Vidal (Ius Canonicum, vol. II, p. 520), citando a Suarez (*Defensio Fidei Catholicae*, lib. IV, cap. 6, n.º 17-18), admiten que es lícito resistir a un Papa malvado.

10 - "Ex Concilio Constantiensi manifesto patet quinam fuerint errores loannis Wiclefi et loannis Huss. Etenim in Sess. VIII dannatur sequens Wiclefi articulus qui est octavus: «Si Papa sit praescitus et malus, non habet potestatem super fideles»" [**Del Concilio de Constanza es manifiesto cuáles fueron los errores de Juan Wiclef y Juan Hus. En la Sesión VIII se condena el siguiente artículo de Wiclef, que es el octavo: 'Si el Papa es conocido de antemano como malvado, no tiene poder sobre los fieles**]" (en: Cappello, De Curia Romana iuxta reformat, II, Errores de Juan Wiclef y Juan Hus).

11 - "Paulo VI, que fue Papa realmente, aunque 'materialmente', tendría en sí mismo el acto del carisma de infalibilidad, si hubiera realizado un acto del Magisterio extraordinario; pero eligió no hacerlo. En otras palabras, el carisma de la infalibilidad pertenece a la persona singular del Papa; y el ejercicio está asegurado, si se cumplen las condiciones especificadas por el Pastor Aeternus. El Papa que es solo *materialiter* es, en

este sentido, verdaderamente Papa. Goza del carisma, si lo ejerce en las condiciones exigidas, sea cual sea la intención o la ausencia de intención que no se refiera a ese ejercicio" (*Cahiers de Cassiciacum*, nº 1, página 11).

12 - Este es uno de los argumentos utilizados por el Dom Sanborn: "los papas conciliares imponen una nueva religión a la Iglesia, por lo tanto, no pueden ser verdaderos papas". Así, los seguidores de la Tesis que siguen a Dom Sanborn llegan a postular que actualmente hay dos religiones en la Iglesia Católica, de manera similar a los lefebvristas que postulan que actualmente hay dos iglesias que no se excluyen absolutamente. Volveré a este punto en la segunda parte.

13 - Papa Martín V, Concilio de Constanza, sesión 15, 6 de julio de 1415: "Los libros y folletos de Juan Wycliffe, de maldita memoria, fueron cuidadosamente examinados por los doctores y maestros de la Universidad de Oxford. [...] Este Santo Sínodo, por consiguiente, en Nombre de Nuestro Señor Jesucristo, repudia y condena, por este decreto perpetuo, todas y cada una en particular de las proposiciones anteriormente mencionadas; y prohíbe de aquí en adelante a todos y a cada uno de los católicos, bajo pena de anatema, predicar, enseñar, o profesar fe en las proposiciones aquí descritas o en cualquier otra de ellas" (*Decrees of the Ecumenical Councils*, vol. 1, pp. 421-422).

14 - "El 7 de diciembre de 1965, el Cardenal Montini promulgó, comprometiendo al menos (cf. 3) el Magisterio ordinario universal, una proposición respecto a la 'libertad religiosa' que supone oposición de contradicción con la doctrina infaliblemente definida por Pío IX en la Encíclica '*Quanta Cura*' ligada al ' *Syllabus*' (8/12/1864). Hay que concluir entonces, según León XIII, que, al realizar este acto, el Cardenal Montini no tuvo la intención de recibir la Comunicación ejercida por Jesucristo, y que entonces ya no era más Papa *formaliter*" (Dom Guérard des Lauriers, en entrevista al *Instituto Mater Boni Consilii*, en la Revista *Sodalitium*, nº 13).

15 - *Decrees of the Ecumenical Councils*, vol. 1, pp. 421-422. "Algunos herejes han errado al decir que un verdadero Papa no puede ser elegido a menos que sea honesto; y confirman la afirmación del hecho de Cristo, que primero cuestionó a Pedro sobre su amor; Juan Wycliffe y Juan Hus, cuya doctrina absurda fue proscrita en el Concilio de Const. Sess. 8 y 15. Y merecidamente; porque el poder de jurisdicción y orden no presupone necesariamente gracia e inocencia en el sujeto" (Cappello, *De Curia Romana iuxta reformat*, vol. II, 1912, p. 545).

16 - Cánones 1324.

17 - *De Romano Pontifice*, lib. II, cap. XXX.

18 - Cf. *A Commentary on the New Code of Canon Law* por el Rev. Chas. Augustine, O.S.B., 1919, vol. V, p. 15-16.

19 - "El Romano Pontífice, legítimamente elegido, inmediatamente después de aceptar la elección, obtiene por ley divina el pleno poder de la suprema jurisdicción" (Código de Derecho Canónico, Cánon 219).

20 - Cf. Aristóteles, *Physique*, II, 2, 194 b 9.

21 - Aristóteles, *De anima*, II, 2, 414 a 25.

22 - San Agustín, *De natura boni*, XVIII, 18.

23 - Código de Derecho Canónico, canon 219: "El Romano Pontífice, legítimamente elegido, inmediatamente después de aceptar la elección, obtiene por ley divina el pleno poder de la jurisdicción suprema". Pío XII también enseñó en su *Vacantis Apostolicæ Sedis* 1945, § 101: "Habiendo obtenido este consentimiento dentro del plazo, en la medida de lo necesario, determinado por el juicio prudente de los cardenales, aquel que es elegido por el mayor número de votos, es inmediatamente el verdadero Papa, y de hecho adquiere y puede ejercer plena y absoluta jurisdicción sobre todo el mundo" (AAS 3/1946, p. 97).

Además, el Padre John Berthram O'Connell escribe en su obra La The *Celebration of Mass*, que el sacerdote debe mencionar el nombre del Papa en el Canon "tan pronto como se anuncie su elección" (O'Connell 1940, 87).

24 - Consulte nuestro artículo titulado "La elección al papado de un hereje público es inválida por ley divina", disponible en Link. Respecto a las objeciones que los seguidores de la Tesis podrían plantear contra esta doctrina común de los teólogos, que contradicen, consulte nuestro artículo titulado "Respuesta a las objeciones de los que niegan que la elección al papado de un hereje público sea inválida por ley divina", disponible en Link

25 - “Ahora bien, la existencia de un eventual obstáculo, descubierto a posteriori, ya sea en el ‘Cónclave’ que eligió, o en la persona así elegida, no es suficiente para negar que esta sea, al menos provisionalmente, ‘papa’ *materialiter*. Pues un dato cierto, pero que no es de orden ontológica, no puede ser inmanente a las mismas normas divinas. Un dato así no puede tener valor y fuerza en la Iglesia sino en virtud de una ordenación y promulgación hecha por la auténtica Autoridad de la Iglesia” (Dom Guérard des Lauriers, en una entrevista al *Instituto Mater Boni Consilii*, en la Revista *Sodalitium*, nº 13).

26 - “Los actos de jurisdicción, ya sea para el foro externo o interno, realizados por un excomulgado son ilícitos; y si se ha establecido una sentencia condenatoria o declaratoria, también son inválidos con la debida consideración a lo prescrito en el canon 2261, § 3; de lo contrario, son válidos e incluso lícitos si son solicitados por un miembro de los fieles, de acuerdo con la norma del mencionado canon 2261, § 2” (Código de Derecho Canónico de 1917, canon 2264).

27 - Respuesta de Dom Guérard a la pregunta sobre cómo cesaría la vacancia formal de la Sede Apostólica: “El proceso normal, canónico, es conocido. Lo que queda de Autoridad en la Iglesia militante, si el Papa cae en herejía o cisma, es la persona moral (en adelante designada como M) constituida por el conjunto jerárquico de los Obispos residenciales que profesan (¡entonces!) íntegramente la Fe Católica. Esta persona moral M debe enviar al ‘papa’ (ex Papa) una intimación y debe convocar al Cónclave, lo que asegura al menos potencialmente la Sucesión apostólica, considerándola *formaliter* (esto sucede cuando muere un Papa, en particular si el Cónclave debidamente convocado debe ser diferido por causas extrínsecas). Si el ‘papa’ persiste en su error, está ipso facto fuera de la Iglesia y ya no es papa en absoluto, ni siquiera *materialiter*” (Dom Guérard des Lauriers, en una entrevista al *Instituto Mater Boni Consilii*, en la Revista *Sodalitium*, nº 13).

28 - Bellarmino, *De Romano Pontifice*, lib. II, c. XXX; Bouix, De papa, t. II, París, 1869, p. 653; Wernz-Vidal, *Jus Decretalium*, l. VI, *Jus poenale ecclesiae catholicae*, Prati, 1913, p. 129.

29 - Tratado de Derecho Canónico, 1946, t. IV, col. 1159.

30 - Cánon 160, C.D.C.

31 - Fue modificada por Paulo VI el 1 de octubre de 1975, mediante la Constitución *Romano Pontifici eligendo*; fue modificada por Juan Pablo II el 22 de febrero de 1996, mediante la Constitución *Universi Dominici gregis*; fue modificada dos veces por Benedicto XVI, la primera vez el 11 de junio de 2007, mediante el Motu Proprio *De electione romani pontificis*, y la segunda el 22 de febrero de 2013, mediante el Motu Proprio *Normas Nonnulas*.

32 - “No es imposible que el Cónclave, en el cual el Cardenal WOJTYLA fue elegido, haya sido válido. Algunos canonistas piensan así, y su argumento es serio. El Cónclave incluyó a una docena de Cardenales que seguramente poseían ese título desde que lo recibieron antes de que el Cardenal MONTINI ocupara la Sede Apostólica. Estos auténticos Cardenales constituyeron, dentro de la Asamblea, un verdadero Cónclave. Pero ellos ‘reconocieron’ la elección. Esto puede interpretarse de dos maneras. O esos Cardenales, al menos dos tercios de ellos, dieron sus votos al Cardenal WOJTYLA, o no. En el primer caso, es probable que el Cónclave sea válido. En el segundo, esos Cardenales simplemente ‘reconocieron’ el resultado de una

elección en la cual no participaron, pero no vemos que esto sea suficiente para validar esa elección. El hecho de estar reunidos en un Cónclave para elegir a un Papa y, por lo tanto, sin ser uno con el Papa, no autoriza a los Cardenales que son miembros del Cónclave a validar la nominación de falsos Cardenales" (Dom Guérard des Lauriers, *Cahiers de Cassiciacum* 3-4, p. 144, publicado en 1980). "Por ahora, la Iglesia está 'ocupada' y en estado de privación (mise en état de privation). W. [Monseñor Wojtyla] fue debidamente elegido (lo considero válido a menos que se pueda probar lo contrario) por un cónclave que consistía en diez verdaderos cardenales (al menos no protestaron contra la elección), entonces él ocupó la posesión de la Sede papal. De esta manera, él es el Papa *materialiter* (según las circunstancias jurídicas externas). Sin embargo, hay otras infracciones para obtener el cargo, W. ha mantenido continuamente la herejía. Es evidente que W. inflige una herida al 'bien común' en la Iglesia que ahora sostiene estos mismos errores. Como tal, basado en el derecho natural, metafísico y jurídico, W. es incapaz de ejercer autoridad. Concedido a la ley natural, que en última instancia viene directamente de Dios mismo, W. no tiene autoridad factual. No puede ser Papa *formaliter* (en el verdadero sentido). No puede ser obedecido porque sus seudo-decretos son nulos" (Dom Guérard des Lauriers, publicado en enero de 1984 en la revista sedevacantista SAKA-Informationen).

33 - Cf. "*La situación actual de la autoridad en la Iglesia: la tesis de Cassiciacum*", por el Padre Bernard Lucien.

34 - Cf. "*Explanation of the Thesis of Bishop Guérard des Lauriers*", por Dom Donald J. Sanborn.

35 - "Por ejemplo, los electores tienen el poder de designar, pero no tienen el poder de gobernar" (Dom Donald J. Sanborn, ibídem).

36 - Este párrafo es una de las razones que se encuentran en el artículo de *Saint Gertrude the Great* (SGG) para explicar por qué llaman a la Tesis un error teológico. Citan las siguientes referencias:

El Código de Derecho Canónico (CDC), canon 219: "El Romano Pontífice, legítimamente elegido, inmediatamente después de aceptar la elección, obtiene por ley divina el pleno poder de jurisdicción suprema". Pío XII también enseñó en su Vacantis Apostolicæ Sedis 1945, #101: "Habiendo obtenido este consentimiento dentro del plazo, en la medida necesaria, determinado por el juicio prudente de los cardenales, aquel que es elegido mediante el mayor número de votos, es inmediatamente el verdadero Papa, y de hecho adquiere y puede ejercer plena y absoluta jurisdicción sobre todo el mundo" (AAS 3/1946, p. 97). Además, el Padre John Berthram O'Connell escribe en su obra The Celebration of Mass que el sacerdote debe mencionar el nombre del Papa en el Cánon "tan pronto como su elección sea anunciada" (O'Connell 1940, 87).

Santo Tomás de Aquino escribe en la *Summa Theologiæ* (IIa IIæ, Pregunta 60, artículo 2, respuesta a la Objeción 1): "Con estas palabras, nuestro Señor prohíbe el juicio precipitado que se refiere a la intención interior, u otras cosas inciertas, como afirma Agustín". Mons. van Noort también declara: "Una vez más, no hace diferencia si una persona que rompe los lazos de la Comunión Católica lo hace de buena fe o de mala fe; en ambos casos, deja de ser miembro de la Iglesia. La inocencia o culpa de las partes involucradas es puramente una cuestión interna, puramente una cuestión de conciencia; no tiene relación directa con la cuestión de uno de los lazos externos y sociales necesarios para ser miembro" (Van Noort 1959, 244).

El artículo mencionado de *Saint Gertrude the Great*(SGG) está disponible traducido al portugués en: Link

37 - *Cursus Theologicus*, t. VI, q. 1-7, disp. VIII, art. II.

38 - *De Curia Romana iuxta reformat*, vol. II, 1912, pág. 169.

39 - Rev. Sylvester Berry, *The Church of Christ: An Apologetic and Dogmatic Treatise*. St. Louis: Herder, 1927. Disponible en: Link

40 - *Ibidem*.

41 - *Ibidem*.

42 - Son Obispos que, a diferencia de los Obispos residenciales, no ocupan una posición oficial y tampoco tienen jurisdicción en la Iglesia.

43 - En este artículo no entraré en el porqué los Obispos tradicionalistas son legítimos, a pesar de no ser consagrados conforme a las leyes previstas en el Derecho Canónico y de no ocupar posiciones oficiales. El Padre Anthony Cekada explicó suficiente y cabalmente por qué los Sacerdotes y Obispos tradicionalistas son legítimos y administran los Sacramentos de manera lícita en su artículo "*Traditional Priests, Legitimate Sacraments*". Disponible en: Link

44 - Rev. Thomas Cox, *The Pillar and Ground of the Truth*. Chicago: Hyland, 1900.

45 - Prácticamente todos los seguidores de la Tesis admiten que el rito de consagración episcopal impuesto en 1968 por Montini es, como mínimo, dudoso, y por lo tanto, debe considerarse inválido, según la teología sacramental: un sacramento dudoso debe ser considerado como un sacramento inválido. Además, para un estudio completo sobre la invalidez de dicho rito, consultar los artículos del Padre Anthony Cekada. El principal está disponible en: https://www.seminariosaojose.org/artigos/a-invalidade-do-rito-de-sagracao-episcopal-de-1968

46 - Dom Guérard des Lauriers, en una entrevista con el *Instituto Mater Boni Consilii*, en la Revista Sodalitium, nº 13.

47 - Congreso Mundial para el Apostolado de los Laicos, celebrado en Roma el 5 de octubre de 1957.

48 - *Manuale theologiae dogmaticae*, 1949, vol. I, *De Revelatione Christiana – De Ecclesia Christi – De fontibus Revelationis*.

49 - Cánon 2200, n. 2.

50 - Berry, Church of Christ, página 223.

51 - Santo Oficio, 8 de marzo de 1882 (collect de P.F II, n.1566) como citado por Stanislaus Woywood, O.F.M. en A Practical Commentary on the Code of Canon Law, vol. II, n. 2156, página 466; Bento XIV "Singulari nos", 9 de febrero de 1749. "Tenemos la certeza de que los bautizados por los herejes están separados de la Iglesia y privados de todas las bendiciones disfrutadas por sus miembros, si han llegado a la edad de la discreción Y HAN ADHERIDO A LOS ERRORES DE SU SECTA". "Los convertidos con menos de 14 años de edad no hacen una abjuración formal y no están sujetos a censura. Si han alcanzado la edad de la razón, hacen una simple profesión de fe, por ejemplo, recitando el Símbolo de los Apóstoles" (Fortescue & O'Connell, *The Ceremonies of the Roman Rite Described*, Londres, Burns & Oates, 1962, página 413).

52 - Agustín, *Commentary*, vol. VIII, página 23.

53 - *A Defense of the Theological Sedevacantist Position* por el Rev. John Okerulu, disponible en: https://www.strcnigeria.org/wp-content/uploads/2022/12/A-Defense-of-the-Theological-Sedevacantist-Position.pdf

54 - *The Church of the Word Incarnate*, páginas 530-531.

55 - Y lo mismo ocurre con los demás R&R, los lefebvristas. De hecho, especialmente para los lefebvristas que intentan atacar la posición sedevacantista alegando que va en contra de la sucesión apostólica y la visibilidad de la Iglesia, que se manifiesta a través de las 4 marcas de la Iglesia, recordemos lo que explicaba Dom Lefebvre a sus seminaristas: "¿Dónde está la Iglesia visible? La Iglesia visible se reconoce por las señales que siempre han dado para su visibilidad, que son: UNA, SANTA, CATÓLICA Y APOSTÓLICA.

Les pregunto: ¿dónde están las verdaderas marcas de la Iglesia? Están en la Iglesia oficial (no se trata de la Iglesia visible, es la Iglesia oficial) o en nosotros, en lo que representamos, en lo que somos? Claramente, somos nosotros los que mantenemos la UNIDAD de la fe, que ha desaparecido de la Iglesia oficial. Un obispo cree en esto, otro no lo cree, la fe es diferente, sus abominables catecismos contienen herejías. ¿Dónde está la unidad de la fe en Roma? ¿Dónde está la unidad de la fe en el mundo? Nosotros somos los que la hemos conservado. La unidad de la fe realizada en todo el mundo es la CATOLICIDAD. Ahora bien, esta unidad de la fe en todo el mundo ya no existe, por lo tanto, prácticamente ya no existe la catolicidad. Pronto habrá tantas iglesias católicas como obispos y diócesis. Cada uno tiene su propia forma de ver, de pensar, de predicar, de hacer su catecismo. Ya no hay catolicidad. ¿Y la APOSTOLICIDAD? Ellos rompieron con el pasado. Si hicieron algo, fue eso. Ya no quieren lo que sucedió antes del Concilio Vaticano II. [...] Apostolicidad: estamos unidos a los apóstoles por la autoridad. Mi sacerdocio viene de los Apóstoles; su sacerdocio viene de los Apóstoles. Somos hijos de aquellos que nos dieron el episcopado. Nuestro episcopado desciende del Santo Papa Pío V y a través de él remontamos a los Apóstoles. En cuanto a la apostolicidad de la fe, creemos la misma fe que los apóstoles. No hemos cambiado nada y no queremos cambiar nada. Y luego, la SANTIDAD. No vamos a elogiarnos ni a alabarnos a nosotros mismos. [...] Todo esto muestra que somos nosotros quienes tenemos las notas de la Iglesia visible. Si hoy aún hay visibilidad de la Iglesia, es gracias a ustedes. ESTAS MARCAS YA NO SE ENCUENTRAN EN LOS OTROS. En ellos ya no hay unidad de la fe, sino la fe que es la base de toda la visibilidad de la Iglesia. La catolicidad es la fe en el espacio. La apostolicidad es la fe única en el tiempo y la santidad es el fruto de la fe, que se realiza en las almas con la gracia de Dios, con la gracia de los sacramentos. Es completamente falso considerarnos como si no hiciéramos parte de la Iglesia visible. [...] No somos nosotros, sino los modernistas, los que han salido de la Iglesia. En cuanto a decir "salir de la Iglesia visible", ES EQUIVOCADO EQUIPARAR LA IGLESIA OFICIAL CON LA IGLESIA VISIBLE" (Fragmentos de su conferencia titulada "La visibilidad de la Iglesia y la situación actual", pronunciada ante los ex-seminaristas de Écône, el 09/09/1988, en Bolettin official du district de France de la Fraternité Sacerdotale Saint Pie X, nº 29, septiembre de 1988). En fin, incluso Dom Lefebvre reconocía que la secta conciliar, que él correctamente decía que es una iglesia cismática, no es la Iglesia Católica y tampoco la manifiesta ella, pero nosotros los católicos no podemos estar de acuerdo con Dom Lefebvre en decir que la Fraternidad manifiesta la Iglesia Católica, porque, queramos o no, la Fraternidad siempre ha permanecido en comunión con esa iglesia cismática y siempre ha actuado de manera cismática frente a aquellos a los que considera como "autoridades legítimas", aún más bajo el gobierno de Dom Fellay, y sobre esto recomiendo la lectura del artículo titulado "Los Montes de Gelboé", del Obispo Dom Donald J. Sanborn, que fue un Sacerdote formado en la Fraternidad.

¿Sabor de herejía o herejía?

Me gustaría compartir con los lectores algunas observaciones y conclusiones sobre las declaraciones públicas hechas por el obispo Donald Sanborn y el padre Desposito, y enfatizo desde ya que esto no es una calumnia ni una mentira contra el obispo o cualquiera de los promotores o defensores de la "*Tesis de Cassiciacum*" (pues ellos adjetivan exactamente así a todos los que tengan otra visión diferente a la suya sobre la "Tesis"). Esto es mera análisis con conclusiones basadas en hechos y documentos verídicos, como artículos, videos, entrevistas, sermones, etc. Así como los promotores de la "Tesis" predican a través de artículos, charlas, sermones, conferencias, videos, entrevistas, Internet y medios de televisión, etc., también aquellos que discrepan de la "Tesis" tienen el derecho de manifestar similarmente su desacuerdo con la "Tesis" o su rechazo. Y sé que no soy el único consciente de estas cosas.

Además, en relación al uso de algunos de los nombres de los promotores de la "Tesis", no es un "insulto vergonzoso", ni algo como "atacarlos" o cualquier cosa por el estilo. Al ser los autores de artículos, videos, sermones, etc., es práctica normal en todo el mundo nombrar a los autores y sus materiales para que los lectores puedan consultar las fuentes o realizar investigaciones adicionales.

El 6 de julio de 2023, en una entrevista con America One News, al responder a la pregunta de un periodista sobre qué consejo podría dar al obispo Strickland, quien enfrenta su destitución de la catedral por rechazar el "programa del Papa Francisco para socavar el depósito de la fe", el obispo Sanborn dijo que simplemente las palabras no serían suficientes para salvar a la Iglesia Católica "*que se hunde como el Titanic*".

Noté que la primera versión de esta entrevista tenía algunas de las palabras del obispo Sanborn eliminadas, y luego fue reemplazada por una versión en la que estas palabras estaban presentes, y creo, a solicitud del propio obispo.

Corresponsal político nacional Neil W. McCabe:

> "Hablo con el obispo Donald Sanborn. Es un prelado católico previo al Concilio Vaticano II y rector del Seminario *Most Holy Trinity en Pensilvania*".
>
> "Desde su punto de vista, ¿cuál es su opinión sobre esta controversia, dado que Strickland está bajo amenaza de investigación?"

Obispo Sanborn:

> "Creo que no tiene nada que ver con Los Ángeles. Creo que tiene algo que ver con la crítica a la dirección actual de la Iglesia Católica. Y porque si lo haces... inmediatamente tendrás problemas. Todo el humo del preconcilio Vaticano II está saliendo. Esto sucede para cualquiera que critique de alguna manera la dirección de la Iglesia Católica posconcilio Vaticano II, y son implacables al respecto. Y no me sorprende en lo más mínimo el comentario relativamente suave que hizo y que actualmente está bajo investigación".

Neil W. McCabe:

> "¿Tiene algún consejo para el obispo Strickland?"

Obispo Sanborn:

"Es edificante que diga algo sobre los cambios del Concilio Vaticano II y lo que está sucediendo. Pero, por otro lado, no basta con quejarse. Debemos hacer algo al respecto. La iglesia se está hundiendo como el Titanic y todo, todos los signos de su vida son malos. Y los prelados tienen que hacer algo al respecto, sería una entrevista completamente diferente sobre qué hacer al respecto. Pero tienen que hacerlo, necesitan acción, no solo palabras."

Neil W. McCabe:

"Y finalmente, Excelencia, ¿podría describir su misión en el seminario y su dedicada tarea en general para restaurar la Iglesia Católica a sus verdades pre-vaticanas?"

Obispo Sanborn:

"Sí. La cuestión fundamental es: ¿las reformas del Concilio Vaticano II son una continuación del pasado o no? En otras palabras: ¿la religión que deriva del Concilio Vaticano II es la fe católica o es otra religión? Esta pregunta debe ser formulada primero y respondida antes de que realmente puedas organizar en tu mente qué hacer sobre el Vaticano II. Por supuesto, todos podemos ver que se han producido cambios muy significativos desde el Concilio Vaticano II. Si miras la historia de la iglesia, es difícil reconocer la continuidad. Esa es la cuestión. Si no hay continuidad, y si es una nueva religión, debe ser tratada como protestantismo, arrianismo o cualquier otra herejía que haya afligido a la Iglesia Católica en el pasado. Esto es muy fácil. Si está dentro del catolicismo, no hay razón para resistir, no hay razón para buscar la misa en latín o lo que sea. No hay un área gris entre estos dos puntos. Eso es lo que decimos, y estamos de la opinión de que es una nueva religión y, por lo tanto, debe ser rechazada de inmediato."

No creo que el obispo Sanborn, quien afirma ser el rector mejor capacitado del mejor seminario católico tradicional pre-vaticano, no se haya dado cuenta de que el término "prelados", usado ante millones de televidentes, tiene su propio significado canónico y no tiene ningún otro sentido más que ese.

Según el Derecho Canónico, los prelados son obispos o sacerdotes que ejercen autoridad sobre el clero y el pueblo, y tienen derechos y deberes episcopales, aunque si son sacerdotes y aún no han sido ordenados obispos.

Cánon 320:

1. Los abades y prelados *nullius* son nombrados e investidos por el Romano Pontífice, con derecho de elección o presentación, legítimamente ajenos; en este último caso, son confirmados o investidos por el Romano Pontífice.

2. Los elegidos para gobernar una abadía *nullius* o prelatura deben poseer las mismas cualificaciones que la ley exige de los obispos.

Por lo tanto, el Obispo Sanborn, al usar el término "prelados", debe ser consciente de que este término conlleva una responsabilidad muy grave, porque al usar este término canónico, está afirmando que reconoce a algunos como verdaderos papas y otros como verdaderos pastores católicos. Al utilizar el término "prelados", debe saber que se refiere a obispos o sacerdotes en el sentido sacramental y jurisdiccional, nombrados e investidos por el Papa. Y al usar este término, reconoce que hay un Papa en la actualidad que ejerce su jurisdicción suprema. Si este no es Francisco, entonces, ¿quién, según el obispo Sanborn, es este papa?

Tampoco parece menos (si no más) extraño que el Obispo Sanborn no haya aclarado ni corregido cuando un corresponsal lo llamó "un prelado católico preconciliar y rector del Seminario de la Santísima Trinidad". Estaba absolutamente obligado a explicar, sobre esta presentación por dos títulos canónicos frente a millones de personas viendo televisión. Y como solo guardó silencio sobre este momento, se puede interpretar con razón que está de acuerdo con esos títulos que le fueron atribuidos. Entonces, tiene el deber de explicar públicamente qué papa lo nombró e invistió como prelado y quién lo nombró como rector de un seminario, o por qué no aclaró esta ambigüedad durante la entrevista.

Además, describir a la Iglesia Católica como el Titanic hundiéndose es absolutamente inconsistente con la imagen evangélica de la Iglesia como la BARCA SEGURA (Mateo 14:22-33).

También decir que "todos los signos de su vida son malos" es rechazar la enseñanza infalible de San Pablo que enseña que la Iglesia es la ESPOSA DE CRISTO SIN MANCHA NI ARRUGA (Efesios 5:26-27).

Diciendo también que la nueva religión fue introducida por los Obispos Católicos (Iglesia Docente) y ha sido predicada por la Iglesia Católica desde el Concilio Vaticano II hasta ahora, y que la Iglesia es Católica, pero su religión es nueva y no Católica, esto es un rechazo completo a la enseñanza de San Pablo, quien enseña infaliblemente que la Iglesia es "la casa de Dios, que es la iglesia del Dios vivo, columna y fundamento de la verdad" (1 Timoteo 3:15).

La imagen del Titanic hundiéndose es, ante todo, completamente contraria a las palabras de Jesucristo dirigidas a Pedro: "Y yo también te digo, que tú eres Pedro, y sobre esta roca edificaré mi iglesia; y las puertas del Hades no prevalecerán contra ella" (Mateo 16:18).

Pero tal vez la "Tesis" podría ser explicada en el contexto de la enseñanza misma de Cristo, cuando comparó el Reino de los Cielos en la tierra -que, por supuesto, es la Iglesia- a un campo donde crece la cizaña junto con el trigo (San Mateo 13:24-43)?

No creo que la "Tesis" pueda adaptarse a estas imágenes, porque hay una diferencia muy importante. Nuestro Señor Jesucristo indicó claramente que, aunque la cizaña estuviera en la Iglesia y se beneficiara de sus bienes, no era parte integrante de ella y no tenía nada que ver con la continuidad del Reino de los Cielos. Estaba disfrutando del Reino, pero no como un súbdito, no como un siervo del Señor, sino como un agente del enemigo cuyo papel era impedir el progreso del Reino.

La Tesis, por otro lado, enseña que la "jerarquía material" que impone herejías y malas disciplinas a la Iglesia es parte integrante de la Iglesia, siendo ellos los siervos del Señor que realizan todas las actividades necesarias para asegurar la continuidad y desarrollo de la Iglesia.

También estas imágenes no pueden aplicarse a la "Tesis", porque si lo fueran, significaría que el Reino de los Cielos depende únicamente de la jerarquía herética. Se podría preguntar, ¿por qué únicamente? Porque los promotores de la "Tesis" afirman que este es el único camino para la continuidad y desarrollo de la Iglesia.

Diez días después, el 16 de julio en Cracovia, durante un sermón en un oratorio privado en la calle Sarego, los mismos prelados que, según el Obispo Sanborn, deberían salvar a la Iglesia, son modernistas que deben hacer las maletas y "dejar nuestras instituciones católicas para siempre." Y para que los lectores puedan entender el problema de la *Tesis de Cassiciacum* de manera más amplia, también agregaré más material sobre este tema.

Algunos defensores de la "*Tesis de Cassiciacum*" en Polonia expresan insatisfacción porque el Obispo Micha? Stobnicki, recientemente ordenado por el Obispo Richard Williamson, dice cosas diferentes en lugares o circunstancias diferentes, por ejemplo, en un lugar no está "*una cum*" con Francisco, y en otro sí lo está. Pero después de la entrevista del obispo Sanborn en la televisión estadounidense el 6 de julio y su sermón en Cracovia el 16 de julio, esta insatisfacción parece como mínimo ilógica. Parece ser solo hipocresía porque el "Instituto Católico Romano" del Obispo Sanborn realmente comparte la misma visión sobre el papado con algunas pequeñas diferencias de visión del nuevo obispo que representa el "Movimiento de

Resistencia" del Obispo Richard Williamson.

Es bien sabido que el obispo Sanborn ha enseñado continuamente durante décadas que los miembros de la jerarquía modernista son legalmente católicos y jerarcas legítimos de la Iglesia Católica porque ellos; A) afirman ser católicos y jerarcas y B) nunca han sido excomulgados.

También se sabe que el Obispo Sanborn afirma que todos los "papas substantivo-formales" elegidos por los cardenales *Novus Ordo* son elegidos de acuerdo con la ley de la Iglesia y tienen jurisdicción vicaria conferida por Cristo para todos los actos relevantes para el bien de la Iglesia, y pueden adquirir jurisdicción ordinaria; dependiendo de si predican herejías e imponen malas disciplinas al clero y a los fieles (es decir, si se convierten en "papas materiales"), o enseñan la doctrina católica, lo cual a veces se escucha de ellos (es decir, si se convierten en "papas formales").

El Padre Nicholas Desposito, quien es el vicerrector del Seminario de la Santísima Trinidad y un ferviente defensor de la Tesis, dice lo mismo en sus videos, en particular, en su "Catecismo sobre la *Tesis de Cassiciacum*".

Vamos ver como o próprio Bispo Sanborn explica a "Tese"

El 15 de noviembre de 2021, el Obispo Sanborn dijo lo siguiente:

> "La tesis de Gerard de Lauriers no dice que Bergoglio es un papa válidamente elegido. No es verdad. Es una acusación falsa. Decimos que la tesis dice que él está válidamente elegido y, por lo tanto, es papa elegido, pero no es papa. No es un papa válidamente elegido. Nunca podría ser considerado papa mientras predique herejía".

Pero esta explicación suena más como herejía porque es una clara auto refutación y una refutación de la enseñanza clara e inequívoca revelada por Dios y propuesta por la Iglesia Católica de que cuando un hombre es válidamente elegido por un cónclave se convierte en papa electo, y en el momento en que acepta la elección, se convierte inmediatamente en papa, Pedro, Vicario de Cristo y cabeza de toda la Iglesia visible, y nadie puede entonces decir de él que "es papa electo, pero no es papa" o "no es papa válidamente elegido".

También en su artículo "SOBRE SER PAPA MATERIALMENTE, SEGUNDA PARTE: EXPLICACIÓN DE LA TESIS", el Obispo Sanborn escribió sobre Paulo VI y Juan Pablo II de tal manera que afirmaba que tuvieron y desempeñaron roles muy importantes con actos jurisdiccionales que están reservados exclusivamente al Papa como supremo pastor y legislador de toda la Iglesia: [mira]

- "En este artículo, pretendo demostrar la tesis de que los "papas" durante y después del Concilio Vaticano II no son papas formalmente, sino solo materialmente." pág. 1
- "Pero los electores papales, incluso aquellos que cumplen con el Vaticano II, pretenden nombrar legalmente a alguien para recibir el papado. De la misma manera, Paulo VI y Juan Pablo II, aunque son papas solo materialmente, pretenden nombrar súbditos para que tengan el poder o el derecho de elegir un papa al nombrar, por lo tanto, para los cónclaves, incluso los posteriores al Vaticano II, haciendo objetivamente el bien para la sucesión de la sede papal, y los elegidos para esa sede objetivamente nombran papas electores. Esto dura indefinidamente, mientras los cónclaves pretendan elegir un papa, y los elegidos pretendan nombrar electores." pág. 10
- "Por lo tanto, aquel que es ordenado al oficio de papa, incluso si no recibe la autoridad por impedimento, ya sea por herejía, rechazo de la consagración episcopal, o por cualquier otro motivo, puede, sin embargo, nombrar a otros para recibir la autoridad (por ejemplo, obispos) e incluso electores papales" pág. 11
- "Igualmente, los electores que son nombrados por los papas puramente materiales hacen una designación jurídica cuando eligen a alguien para recibir el papado, porque en este acto no se establece ninguna ley, por lo tanto, los electores no necesitan jurisdicción, es decir, el derecho de aprobar leyes, solo les compete la ley del voto para nombrar de manera válida y legal." p. 11

- "Es evidente: cuando muere un papa, el derecho de designar a un sucesor no muere con él. El legítimo titular de ese derecho de designación es la asamblea de electores o el cónclave. Por lo tanto, un cónclave o cuerpo de electores es capaz de transferir el derecho de designación incluso a un papa sustancial, es decir, aquel que está ordenado al papado, pero sin poder papal, de modo que este papa material pueda nombrar legítimamente a otros y así mantener constantemente un cuerpo legal de electores." pp. 12-13
- "Este derecho de designación, que se encuentra en Pablo VI o Juan Pablo II, no los constituye como papas, porque les falta la autoridad o el derecho de emitir leyes. Por lo tanto, no son papas, excepto materialmente. Sin embargo, pueden nombrar electores e incluso obispos en las capitales del poder, e incluso cambiar de manera importante las reglas de las elecciones, especialmente si estos cambios son aprobados por el cónclave." pág. 13
- "Cómo puede entonces aquel que consintió permanecer papa solo materialmente? La eliminación de todos los impedimentos. Por lo tanto, aquel que fue legalmente elegido papa recibe toda la autoridad de la que es capaz, es decir, aquella que no se impide. Por lo tanto, es posible que alguien reciba el derecho de designación que concierne a la sucesión legítima y a la permanencia de la vida corporal de la Iglesia." Pag. 13-14
- "Por qué razones la tesis que mostraré a continuación es una excelente explicación del problema actual y una posición verdaderamente católica, porque por un lado preserva la indefectibilidad de la Iglesia y la infalibilidad de su Magisterio al rechazar reconocer la autoridad de Cristo en aquellos que profesan el error, pero, por otro lado, protege la apostolicidad y la unidad de la Iglesia como cuerpo moral unido y unificado, reconociendo en aquellos que son legalmente nombrados para oficios eclesiásticos una designación jurídica hasta que les sea retirada por la autoridad competente." pág. 18
- "TESIS. QUIEN HA SIDO ELEGIDO PAPA POR UN CÓNCLAVE LEGAL Y LEGALMENTE CONVOCADO, PERO QUE PRETENDE ENSEÑAR ERRORES O ANUNCIAR DISCIPLINAS DAÑINAS, NO PUEDE RECIBIR LA AUTORIDAD PAPAL HASTA QUE RETIRE Y RECHACE LOS ERRORES O DAÑOS QUE CAUSÓ, O EN OTRAS PALABRAS, FORMALMENTE NO, PERO ES EL PAPA; ÉL PERMANECE, PERO VÁLIDAMENTE DESIGNADO AL PAPADO, EN OTRAS PALABRAS, ES PAPA MATERIALMENTE, HASTA QUE UN CÓNCLAVE LEGAL U OTRA AUTORIDAD VERIFIQUE QUE LA SEDE ESTÁ VACANTE." pág. 18
- "Menor: Pero aquel que fue elegido por un cónclave debidamente y legalmente convocado, sin embargo, que pretende enseñar el error o promulgar disciplinas nocivas (a saber, Juan Pablo II), no ha muerto, ni ha rechazado o renunciado voluntariamente a esa nominación; Por lo tanto, aquel que fue elegido por un cónclave debidamente y legalmente convocado, pero que tiene la intención de enseñar el error o promulgar disciplinas nocivas (a saber, Juan Pablo II), no ha perdido su derecho de designación al papado.
  Evidencia menor: De los hechos. Juan Pablo II (1) está vivo, (2) aceptó la designación del Cónclave y nunca renunció, y (3) no fue removido por la autoridad competente." pág. 19
- "Pero el autor del Magisterio es aquel que enseña. Por lo tanto, Juan Pablo II es el intérprete auténtico del Magisterio del Concilio Vaticano II". pág. 21
- "Es solo la capacidad moral para designar legalmente quién debe recibir el poder supremo. Nada, por lo tanto, se requiere para la posesión y ejercicio de este derecho, excepto la designación legal por parte de aquel que tiene el derecho de nombrar a los electores del papa. La posesión del poder, es decir, el derecho de promulgar leyes, requiere que el titular pretenda dirigir la Iglesia para sus fines apropiados, pero tener el derecho de designación requiere que el titular tenga en mente solo la continuidad de la jerarquía de la Iglesia, sin embargo, los actuales electores, aunque estén a favor del Vaticano II y del *Novus Ordo* en general, piensan objetivamente en el bien de la continuidad jerárquica de la Iglesia. Por lo tanto, tienen válida y legalmente el derecho de designación, y el legalmente elegido fue elegido y tiene derecho legal al papado". pág.22-24
- "Pero aquel que es elegido papa recibe el poder inmediatamente después de aceptar la elección, a menos que ponga un obstáculo al recibir el poder, como mencioné anteriormente. Por lo tanto, es posible que aquel que es elegido papa reciba el derecho de designación, que concierne a la continuidad del cuerpo de la Iglesia, pero no recibirá el poder de emitir leyes. En ese caso, el papa elegido (el papa solo materialmente) designaría legal y válidamente a los electores de los papas, pero no puede emitir leyes legal y válidamente. Y así es con los papas conciliares que, por lo tanto, designan legal y válidamente a

los electores de los papas, incluso siendo los "papas" del *Novus Ordo*". pag.25"

- "La tesis no tiene base en el derecho canónico.
  Respondo. Niego eso. Si investigas los temas de las vacantes de cargos eclesiásticos, encontrarás una distinción entre cargos vacantes (1) de jure y de facto; (2) de jure pero no de facto; (3) de facto pero no de jure. La tesis es que el cargo papal está vacante de facto, pero no de jure en este sentido: Juan Pablo II de facto no ocupa el cargo papal, pero posee el derecho al papado, ya que no ha habido una declaración contraria de una autoridad competente. En otras palabras, él es el titular legal del papado, pero no tiene posesión porque está impedido de recibir el poder." pp. 26-27

"Por lo tanto, a partir de las explicaciones anteriores del Obispo Sanborn, parece que en lugar de claridad doctrinal católica, su artículo es un ejemplo de abuso de términos canónicos mezclados con términos nuevos e inventados, engañando así a los lectores. Todos los términos están mezclados de tal manera que cada uno puede interpretarlos a su manera, como mejor le parezca."

"El artículo "SOBRE SER PAPA MATERIALMENTE, SEGUNDA PARTE: EXPLICACIÓN DE LA TESIS" es un "laberinto de sofismas". Por ejemplo, el obispo Sanborn enseña falsamente que durante la Sede Vacante, los cardenales designan a un papa masculino y que no ejercen jurisdicción durante el cónclave. Sin embargo, la Iglesia Católica, con la enseñanza de muchos papas, enseña que durante la Sede Vacante los cardenales eligen, no designan, y ejercen jurisdicción durante el cónclave."

De hecho, el mensaje del obispo Sanborn es muy claro: en el caso de un papa, elegido legal y válidamente, que predique herejía, seguirá siendo, sin embargo, un "papa sustancial" que tiene el poder de 1) crear cardenales, 2) nombrar obispos para sedes apostólicas, 3) tiene el poder de cambiar la forma en que se elige a un papa, 4) es un "auténtico intérprete del Magisterio del Concilio Vaticano II", 5) "piensa objetivamente en el bien de la continuidad jerárquica de la Iglesia".

En otras palabras, se desprende lógicamente de la enseñanza del obispo Sanborn que el llamado "papa material", aunque predique herejías o promulgue disciplinas nocivas, tiene plena jurisdicción ordinaria necesaria para la vida normal de la Iglesia Católica y su continuación indefinida. Este es precisamente el enseñamiento del obispo Sanborn.

Pero, en ese caso, él está obligado a estar unido a su "papa material". Sin embargo, si él dice que no es "una cum", entonces está; 1) MINTIENDO o 2) ES CISMÁTICO, porque es un acto de cisma no estar "una cum" con alguien que es católico y es legítimamente elegido para ejercer el oficio papal. Dice que ES PAPA y (como el propio obispo Sanborn enseña) hace todo lo NECESARIO para el bien de la Iglesia Católica, y que nunca fue excomulgado o declarado por un cónclave u otra autoridad eclesiástica competente como habiendo cometido un acto de autoexcomunión.

Puedes intentar interpretarlo de cualquier otra manera, o simplemente fingir que tienes dificultades para escuchar o ver. Pero si alguien tiene buena audición y suficiente visión, y, lo más importante, sentido común, y conoce la fe católica, entonces no se puede llegar a otra conclusión que no sea que el obispo Sanborn los considera papas DE FACTO y DE JURE, porque los actos muy significativos realizados por los "papas materiales" a los que se refiere el obispo Sanborn, SON LOS ACTOS JURISDICCIONALES EXCLUSIVOS DE UN PAPA.

También es lógico concluir que todo lo que dice el obispo Sanborn sobre Pablo VI o Juan Pablo II también se aplica a Francisco.

Veamos lo que el Padre Despósito escribe en su "PEQUEÑO CATECISMO SOBRE LA TESE". (Y es muy importante notar aquí que al publicar este Catecismo -imposible sin la aprobación del Obispo Sanborn- el Padre Despósito quiere que todos estudien y crean en la "Tese" como si fuera un artículo de fe infalible aprobado por la Iglesia y obligatorio para todos los católicos. Y esta es un intento muy presumido de introducir una doctrina completamente nueva):

"Como un defecto de intención impide a los 'papas del Vaticano II' recibir el poder supremo ordinario, el único poder que los 'papas del Vaticano II' pueden recibir es el poder vicario, que Cristo les concede directamente para aquellos actos que son absolutamente necesarios para que la Iglesia continúe existiendo y funcionando." EL PEQUEÑO CATECISMO SOBRE LA TESE, Rev. Nicolas E. Despósito, pág. 5"

"Además, algunos tweets publicados por el Padre Desposito Rev. Nicholas E. Desposito @FrDesposito"

"La ÚNICA razón por la que Francisco recibe el poder alternativo de nombrar cardenales es porque el bien de la Iglesia lo requiere (el papado no puede ser restaurado sin electores papales)...

4h17 - 11 de febrero de 2022

Y otra declaración muy clara del Padre Desposito de que Francisco "es legalmente papa en el sentido de que no ha sido legalmente depuesto por la Iglesia": Rev. Nicholas E. Desposito @FrDesposito;"

"Mi posición es que Francisco es papa materialmente, pero no formalmente, es decir, es un papa electo que puede convertirse en papa si elimina un obstáculo al poder. Y sí, es legítimamente papa en el sentido de que no ha sido legalmente removido por la Iglesia".

"E también el Padre Desposito comenta un tweet en la cuenta oficial de Twitter del Papa Francisco @Pontifex: Rev. Nicholas E. Desposito @FrDesposito"

"Un tweet con un sonido católico. Algo raro":

Papa Francisco @Pontifex 21 de junio

Hoy recordamos a San Luis Gonzaga, patrono de la juventud católica, joven lleno de amor a Dios y al prójimo, que murió muy joven aquí en Roma, mientras cuidaba de las víctimas de la peste. Confío a su intercesión a los jóvenes de todo el mundo."

"No se puede sacar ninguna conclusión más allá de que el padre Desposito publicó esta cita con un comentario positivo: 'Tweet con sonido católico', lo que solo puede significar que, de acuerdo con La Tesis, en ese momento Francisco era formalmente papa porque enseñaba la fe católica. Eso es exactamente de lo que trata la 'Tesis'."

Y este es un excelente ejemplo de cómo, según la *Tesis de Cassiciacum*, un 'papa material' se convierte en un 'papa formal'. Funciona como un interruptor eléctrico, APAGADO - sin electricidad, ENCENDIDO - hay electricidad. Si enseña herejía - es un 'papa material', si enseña la doctrina católica - es un 'papa formal'. Y este es el único criterio por el cual un papa legítimamente elegido se convierte en un papa 'substancial' o 'formal': simplemente si alguien que se dice católico ha sido elegido legalmente por los cardenales y ha enseñado herejía o doctrina católica, y no se necesita nada más, porque de cualquier manera la continuación de la Iglesia está garantizada indefinidamente, para siempre.

También en este video, hablando sobre la jerarquía herética, el Padre Despósito dice:

"Un hereje público es capaz de mantener la jurisdicción porque aún puede llevar a los fieles al cielo si no pretende imponer su herejía a los fieles".

Me pregunto si el Padre Despósito puede compartir con nosotros el nombre de algún hombre al que llama "hereje público" y "papa material" que alguna vez haya dicho que pretendía imponer su herejía a los fieles y no quería llevarlos al cielo.

Por lo tanto, no se puede sacar ninguna otra conclusión lógica de que desea que los defensores de la "Tesis" acepten la idea de que no solo existe un "papa material" herético con jurisdicción vicaria, sino que la misma persona es un "papa formal", con jurisdicción ordinaria que "no pretende imponer su herejía a los fieles" y, por lo tanto, "aún puede llevar a los fieles al cielo".

Así, con el llamado "Catecismo" del Padre Despósito y todos los artículos y explicaciones escritas y habladas por todos los promotores de la "*Tesis de Cassiciacum*", es bastante claro que la "Tesis" no explica cómo el hereje "papa material" NO ES, sino cómo es un "papa formal" que no guía a los fieles al cielo. Y precisamente para justificar esta falsa imagen del papado, y también para dar la impresión de alguna tradicionalidad del "papado material/formal", se han explotado abundantes autores católicos por los propagadores de la "Tesis".

Sin embargo, todos estos teólogos católicos están hablando sobre una persona que ya es 100% papa y, si siendo papa, está predicando herejía, deja, por lo tanto, *ipso facto* de ser papa y se separa de la Iglesia; sin embargo, hasta el anuncio de la vacante del trono de San Pedro, se necesita una declaración de los cardenales o obispos que tienen el derecho de elegir un papa.

Sin embargo, a pesar de la evidente claridad del asunto, los promotores de la "Tesis" intentan relacionar las conclusiones de los autores católicos con una persona que, según la "Tesis", aunque fue elegida legal y válidamente como Papa y luego se convirtió en un "papa material", no es un "papa formalmente" porque al predicar la herejía, esta persona está colocándose en el camino de la aceptación formal del oficio de papa.

Por lo tanto, en mi opinión, sobre estos propagadores de la "Tesis";

1. Hay un malentendido increíble de estos libros, o
2. nos están utilizando intencionalmente para justificar la "Tesis" que han estado promoviendo como su "tarjeta de presentación" durante décadas. Y dado que todos los promotores de la "Tesis" son obispos y sacerdotes bastante educados, me parece que la segunda opción es la más probable, y se trata simplemente del "honor del uniforme", no de la teología. O realmente están tratando de popularizar una doctrina falsa a toda costa y quieren que todos los católicos la acepten como un nuevo dogma, o tenemos derecho a considerar la siguiente opción;
3. Según la cual, los defensores de la "Tesis" reconocen a todos los papas y obispos posconciliares como papas y obispos válidos tanto sacramental como jurisdiccionalmente. De lo contrario, no aplicarían las normas descritas por los teólogos a aquellos a

Una cum

Según la Tesis, cuando un papa elegido válidamente proclama la doctrina católica, se convierte en el "papa formal", lo que significa que el obispo Sanborn y todos sus sacerdotes automáticamente están en comunión con el "papa formal". Pero cuando un papa enseña herejía, se convierte en un "papa material" y el obispo Sanborn y todos sus sacerdotes automáticamente pierden la comunión con el "papa material". Y tales transformaciones pueden ocurrir automáticamente muchas veces al día porque ningún cardenal u otra persona de autoridad eclesiástica, a quien el obispo Sanborn cree que ha sido válidamente elegido o designado, ha declarado al papa elegido como hereje.

Ahora, algunas palabras sobre el sermón del Obispo Sanborn en el oratorio de Cracovia en la Calle Sarego el 16 de julio de 2023.

Algunas citas del sermón:

> "La naturaleza de la jerarquía del *Novus Ordo* se ajusta como un guante a la descripción del falso profeta. No surgió de la nada, sino que entró en la Iglesia por la puerta de las normas legales que rigen la designación de jerarcas. En este sentido, los jerarcas del *Novus Ordo* no fueron llevados al poder precipitadamente como Lutero, sino que su autoridad se caracteriza por una especie de legalidad y legitimidad. Conservan un título legal para esa autoridad si renuncian a las herejías que predican. En este sentido, su poder se caracteriza por una especie de legalidad [...] por lo tanto, según la injunción apostólica, los fieles deben examinar la ortodoxia de las enseñanzas de aquellos que fueron elegidos como mensajeros de la Iglesia, al menos indirectamente: tienen el derecho de rechazarlos y excomulgarlos si predican falsas enseñanzas. Este es un argumento indiscutible y estrictamente teológico que aplicamos basándonos en la autoridad de San Pablo: la ortodoxia en la fe es anterior a la autoridad apostólica, y los propios fieles, no necesariamente los obispos, pueden y deben discernir la fidelidad o infidelidad de la ortodoxia católica. Sin embargo, la decisión autoritaria de excomulgar a alguien debe provenir de las autoridades de la Iglesia. Es por esta posibilidad de una declaración oficial de anatema que oramos y esperamos".

El obispo Sanborn no dijo nada nuevo en este sermón, pero reiteró su nueva "constitución dogmática" sobre la Jerarquía de la Iglesia, que afirma que, aunque la jerarquía del *Novus Ordo* produce malos frutos a través de falsas enseñanzas, aún así, disfruta de legitimidad y Apostolicidad de la Iglesia Católica de acuerdo con las normas canónicas que rigen la designación de las jerarquías. Aunque son "falsos profetas", ellos "tienen la misión legal de la Iglesia de enseñar, gobernar y santificar", "fueron elegidos como mensajeros de la Iglesia" y "han llegado hasta nosotros con todas las pruebas posibles para demostrar que fueron enviados por la Iglesia".

Él elogió a Lutero por su honestidad y por alejar genuinamente a la gente de la Iglesia Católica:

> "Tal falso profeta es peor que Lutero, al menos Lutero fue lo suficientemente sincero como para distanciarse de la Iglesia que predicaba las enseñanzas que rechazaba. Al menos en ese sentido, no estaba engañando a la gente. Si seguías a Lutero, sabías que lo estabas siguiendo directamente a su secta; Pues Lutero no fue enviado por la Iglesia para predicar en su nombre".

Pero al hablar de la jerarquía del *Novus Ordo*, utilizó la misma analogía de "malos padres" usada por la Sociedad de San Pío X y la Sociedad de San Pío X/Movimiento de Resistencia, e incluso usada por muchos modernistas:

> "Aunque los padres sean malos, son padres, y sus hijos, ya sea que obedezcan o se resistan, acepten o no, están unidos a su familia".

Y en un mensaje bastante claro, dice que los seguidores de la "Tesis" son una familia con la jerarquía del *Novus Ordo*, ya que este es el principio de la obediencia y sumisión católica:

> "Pero la Jerarquía del *Novus Ordo* se aprovecha del sentido de obediencia de los fieles católicos para alimentarlos con falsas enseñanzas. El catolicismo se basa en la obediencia y sumisión a la jerarquía. La jerarquía católica, encabezada por el papa, es la voz de Dios para los fieles laicos. Es un crimen monstruoso abusar de esta importante función, de este poder que ejerce la jerarquía en la mente y en el corazón de los fieles. Se asemeja al crimen de los padres que abusan de sus hijos, pero es mucho peor. Estos padres usan la confianza y el afecto de sus hijos para lograr sus propios

objetivos egoístas. De la misma manera, la falsa jerarquía modernista se beneficia de la confianza y subordinación que es la actitud normal de los católicos hacia el papa y los obispos".

También dice:

> “Bergoglio es, por lo tanto, un falso profeta; los obispos del *Novus Ordo* son, por lo tanto, falsos obispos" y "predican una falsa doctrina", y por esta razón están excomulgados por San Pablo, sin embargo, “la decisión autoritaria de excomulgar a alguien debe venir de las autoridades de la Iglesia".

Pero como la jerarquía que critica legalmente ostenta todos los cargos en la Iglesia Católica y nunca se excomulgará, el obispo Sanborn una vez más propone correr sin parar en un círculo cerrado, rezando y esperando que algún día esa jerarquía se excomulgue.

> "Es por esa posibilidad de una declaración autoritaria de anatema que oramos y esperamos."

También se utilizó la analogía de los lobos con piel de cordero:

> "Es por eso que los miembros de la jerarquía del *Novus Ordo* son verdaderos lobos con piel de cordero. Usan esta piel porque tienen la misión legal de la Iglesia de enseñar, gobernar y santificar. Pero son lobos porque predican doctrinas falsas, introducen leyes erróneas y, así, se vuelven incapaces de santificación. Porque no hay santificación sin verdad. De manera precisa, se puede decir que son lobos disfrazados de pastores".

Sí, Nuestro Señor habla de los lobos que vinieron al redil para matar las ovejas, pero vinieron de fuera del redil y no son parte de él. (San Juan 10:10-13)

También, San Pablo dice que incluso algunos de sus discípulos, a quienes "el Espíritu Santo constituyó obispos para gobernar la Iglesia de Dios", se convertirán en lobos devoradores, "hablando cosas perversas para atraer a los discípulos hacia sí". (Hechos 20:28-30)

Pero según la descripción de los lobos por parte de Nuestro Señor y Su Apóstol, los lobos que entraron en el redil desde afuera no son del redil, y aquellos que se convirtieron en lobos desde dentro del redil ya no son parte de él.

La enseñanza de San Pablo sobre el segundo grupo de lobos dentro del rebaño es que se excomulgaron de la Iglesia por su propia voluntad, incluso sin un juicio adicional de la Iglesia. La excomunión de los herejes se llama "*ipso facto*" en el Derecho Canónico, simplemente porque no se necesita ningún juicio adicional. Y no es cierto que los herejes públicos sean considerados por la Ley como católicos de buena reputación hasta que sean condenados por las autoridades eclesiásticas o por un tribunal; y aunque puedan presumir que son buenos católicos, el hecho de no recibir una sentencia declarativa o condenatoria no significa que no estén excomulgados *ipso facto*. De lo contrario, la excomunión *ipso facto* estaría ausente del Derecho Canónico, o el Derecho sería autocontradictorio. La excomunión *ipso facto* ES UN JUICIO impuesto por la propia Ley por el poder de la propia Ley. Y es por eso que San Pablo dice en Tito 3:11, que un hereje "después de la primera y segunda advertencia, evítalo", y "es perverso y peca, condenándose a sí mismo".

Por lo tanto, desde la perspectiva católica, basándose en la enseñanza del Nuevo Testamento, la única respuesta a esta falsa concepción de la Iglesia, en la cual los lobos continúan asegurando la Apostolicidad de la Iglesia y dando vida a las ovejas, es rechazar completamente esa falsa doctrina.

Y concluyó su sermón sofístico con estas palabras:

> "Para mí, la única cuestión que discutiría con un modernista es cuándo hará las maletas y saldrá de nuestras instituciones católicas de una vez por todas".

Sin embargo, resulta muy extraño que el 6 de julio, en los Estados Unidos, en una entrevista con America One News, los llamara "prelados" (obispos o sacerdotes con jurisdicción en la Iglesia Católica nombrados e investidos por el Papa) y recurriera a ellos para salvar la Iglesia Católica "hundiéndose como el Titanic", y ahora el 16 de julio en Polonia, sin embargo, los llamara "modernistas" y quisiera que "salieran de nuestras instituciones católicas de una vez por todas". Parece que solo diez días fueron suficientes para que cambiara de opinión sobre un asunto muy importante que concierne directamente a la salvación de las almas.

Y también parece muy extraño que no haya explicado lo que quiso decir diez días antes, cuando llamó a los prelados para salvar a la Iglesia y ¿quiénes son estos misteriosos prelados? ¿Y no mencionó ni una palabra sobre el origen del título "prelado" con el que el corresponsal de televisión estadounidense presentó al Obispo Sanborn, y por qué no lo explicó ni en la entrevista ni después?

Por lo tanto, este sermón no era más que un deseo de que los partidarios de la "Tesis" reunidos en el oratorio de Cracovia renovaran su fe en la "Tesis".

Así, observando todas las explicaciones sofísticas del obispo Sanborn, vemos que no da una respuesta CLARA y ÚNICA que no varíe según el lugar y la fecha; ¿Qué exactamente, en su opinión, debería hacerse con los "hierarcas materiales legítimos" que predican los decretos del Concilio Vaticano II: hablar para salvar a la Iglesia o hacer las maletas?

Entonces, sinceramente creo que la "*Tesis de Cassiciacum*" es una versión modificada y algo disfrazada del "Reconocer y Resistir" proclamado por la FSSPX y por la FSSPX/Movimiento de Resistencia.

La única diferencia es la siguiente:

La Fraternidad Sacerdotal de San Pío X y la Fraternidad Sacerdotal de San Pío X/Movimiento de Resistencia reconocen formalmente a cada papa del Vaticano II y le obedecen cuando enseña doctrina católica, pero se oponen y realizan sus apostolados desafiándolos cuando predica herejías, es decir, es un "una cum" incondicional, pero con "obediencia condicional".

Mientras que el Obispo Sanborn y su Instituto Católico Romano reconocen a cada Papa del Vaticano II "substantivamente" o "formalmente" dependiendo de la situación, pero en cada situación le desobedecen y realizan sus apostolados desafiándolos, es un "una cum" condicional, con "desobediencia incondicional".

Y básicamente las posiciones de ambos grupos son las mismas: hay un papa incondicional o condicional, y nos resistimos a él de una forma u otra.

Publicidad subliminal

¿Por qué la "Tesis" ha arraigado en la mente de muchas personas? Porque los promotores utilizan el método conocido como propaganda subliminal para influir en la conciencia con eslóganes repetidos con frecuencia que luego quedan grabados en la memoria.

La publicidad subliminal es una forma de marketing que utiliza mensajes muy dirigidos para impactar a las personas que ven el anuncio. El objetivo de la publicidad subliminal es que las personas que visualizan el anuncio salgan con un mensaje específico en mente que no pretendían recibir conscientemente del anuncio.

Por un lado, los propagadores afirman que aunque alguien no sea un "papa formal", por otro lado es un "papa material", y la palabra principal aquí es "papa". Lo mismo ocurre con las jerarquías: "son falsos jerarcas, pero

son jerarcas legales", donde la palabra clave es "jerarcas".

Basándonos en todas las evidencias dadas anteriormente, el propósito de la *Tesis de Cassiciacum*, en mi comprensión, es hacer que sus defensores crean que una persona en particular es el PAPA y que otras personas son JERARCAS.

Y es claro que la "*Tesis de Cassiciacum*" tiene todas las características no solo de un error teológico, ni simplemente el sabor de la herejía, sino que tiene todas las características de la herejía manifiesta.

Heresía

Primero, se debe enfatizar que, basándonos en las Escrituras, por ejemplo, 1 Corintios 11:19; Tito 3:10-11, y el Derecho Canónico, por ejemplo, cánones 1325, 2314 y 2315, es perfectamente normal decir que algunas doctrinas son herejías y aquellos que las predican son herejes. La Teología Moral también llama a la herejía un error de juicio. Así, un error teológico, al ser un error de juicio, también puede ser llamado herejía. Por lo tanto, no es una ofensa presentar pruebas mostrando que una doctrina es una herejía y que las personas que predican esta herejía son herejes. Presentar evidencia en una discusión teológica no es un ataque, sino una manifestación de un punto de vista particular. El hecho de que a los herejes no les gusten las pruebas que refuten sus argumentos es una reacción normal por su parte, pero esto no significa que las pruebas deban ser ocultadas en una caja.

¿Por qué creo que la "*Tesis de Cassiciacum*" es una herejía?

1. Rechaza obstinadamente la Verdad revelada por Dios y por Nuestro Señor Jesucristo, quien estableció el papado, diciendo a Pedro: "Y yo te digo que tú eres Pedro, y sobre esta roca edificaré mi iglesia, y las puertas del Hades no prevalecerán contra ella" (Mateo 16:18), y dio a Pedro jurisdicción suprema sobre la Iglesia cuando le dijo: "Apacienta mis corderos" y "apacienta mis ovejas" (Juan 21:15-17). Y la Iglesia, desde sus inicios hasta ahora, durante más de dos mil años, ha propuesto este enseñanza como obligatoria para todos los cristianos. Jesucristo no dijo que Pedro sería "Pedro material" o "Pedro formal" dependiendo de lo que dijera en diferentes circunstancias, sino que siempre sería Pedro, la Roca y el Pastor en todas las circunstancias.
2. La describe a la Iglesia Católica como el Titanic hundiéndose, y esto es una rechazo de la imagen evangélica de la Iglesia como el BARCO SEGURO (Mateo 14:22-33).
3. Afirma que la nueva religión ha sido predicada por la Iglesia desde el Concilio Vaticano II hasta ahora por más de sesenta años, lo cual es una rechazo completo de la enseñanza y mandato del mismo Nuestro Señor Jesucristo "Id, pues, y haced discípulos a todas las naciones, etc." (Mateo 28:19-20) y también de San Pablo, quien enseña infaliblemente que la Iglesia es "la casa de Dios, que es la iglesia del Dios vivo, columna y baluarte de la verdad" (1 Timoteo 3:15). Y la Iglesia, desde sus inicios hasta ahora, durante más de dos mil años, ha propuesto este enseñanza como obligatoria para todos los cristianos.

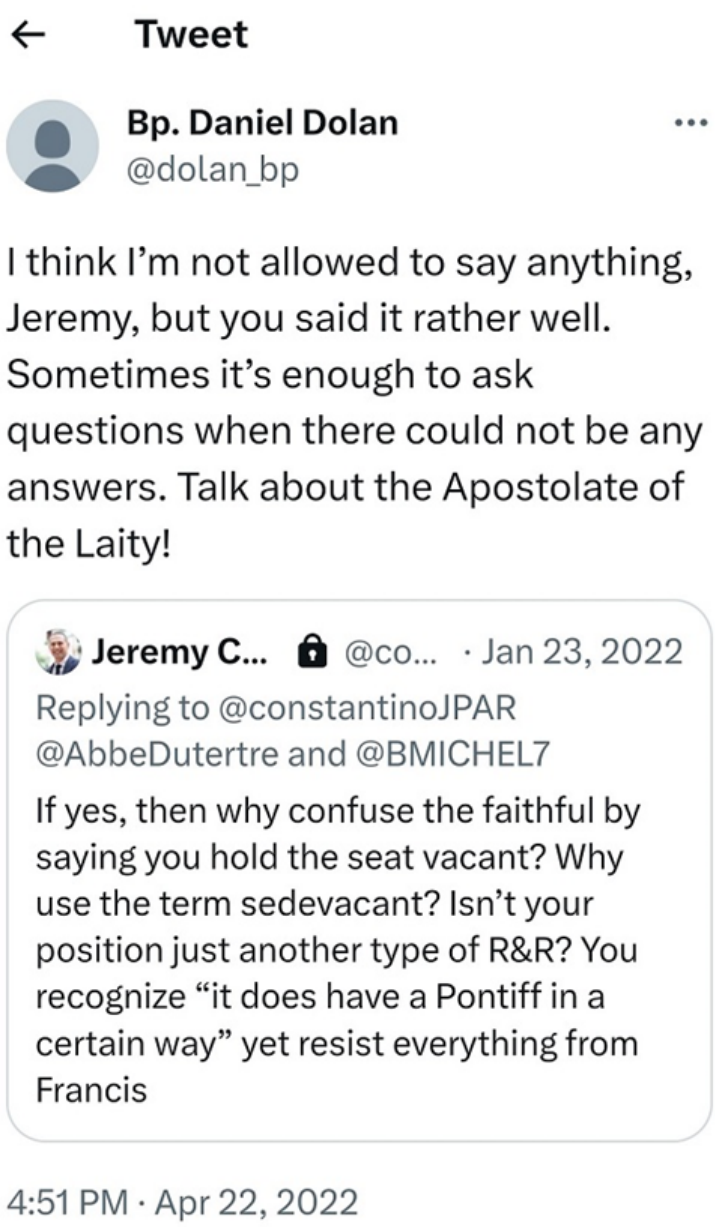
En mi opinión, estos ejemplos del Evangelio y la enseñanza de San Pablo, así como todas las pruebas proporcionadas en este artículo, son suficientes para concluir que la "Tesis" es una doctrina herética y debe ser totalmente rechazada por los católicos.

El problema es que los defensores de la "*Tesis de Cassiciacum*" proponen "la única opinión teológica correcta" que no tiene base católica y no puede actuar en asuntos de fe y moral católicas: "Los herejes 'hierarcas materiales' que, a pesar de ser 'lobos con piel de oveja', 'objetivamente consideran el bien de la continuidad jerárquica de la Iglesia' y 'tienen la misión legal de enseñar, gobernar y santificar'".

Y este es realmente un problema enorme, porque el concepto completamente imaginario de la Iglesia Católica como "lobos dando vida a las ovejas" parece implantar en la mente de los católicos la imagen de la anti-iglesia junto con una nueva religión.

Y volviendo a hablar de los promotores de la "Tesis", mi posición permanece inalterada en el sentido de que todos pueden desearles la mayor felicidad; pero si alguien, entendiendo claramente que la "Tesis" es una herejía, está obligado en conciencia a rechazarla. Sin embargo, si surge la oportunidad de comentar sobre la "Tesis" o discutir este tema, la actitud hacia los promotores de la "Tesis" debe ser respetuosa, de acuerdo con las normas de la moral católica.

¿Son herejes o no? Creo que tanto yo, que soy tratado como basura por ellos, como muchos sacerdotes y laicos a los que consideran de alta clase, ya les hemos dado pruebas suficientes de la falsedad de la "Tesis". Estudien la doctrina católica sobre la elección de un papa, y entonces deben darse cuenta de que la "Tesis" es contraria a la doctrina católica. Pero sobre todo, deben hacer un acto de voluntad para admitir que incluso "los profesores más ilustres" pueden estar equivocados.



"Concordo en discrepar"

"Según la comprensión del Obispo Sanborn, solo él y aquellos que aceptan la '*Tesis de Cassiciacum*' tienen derecho a expresar su consentimiento proclamándolo públicamente por cualquier medio, mientras que todos aquellos que no están de acuerdo con la 'Tesis' tienen solo dos opciones: discrepar sin decir una sola palabra, o susurrar, con suavidad, amabilidad, con toda la piedad y profundo respeto."

"Sin embargo, tal interpretación es totalmente injusta. Quien discrepe de la 'Tesis' no está obligado a mantener un 'contrato' de esa manera, sino que tiene el mismo derecho de expresar su desacuerdo por todos los medios posibles, siempre que se respeten las normas de la moral católica, como se escribió algunas líneas arriba. Espero haber mantenido esos estándares al expresar mi desacuerdo con la 'Tesis'. No obstante, estoy abierto a críticas, y si se me muestra que he mentido a los promotores de la 'Tesis', podré corregirlo e intentaré no repetirlo en el futuro.

Con todo respeto en Cristo,

Padre Valerii."

Artículo en portugués: Link

"Mi tesis contiene enormes errores"

A continuación se presenta la traducción, realizada por el señor Jorge Meri, del artículo del doctor Alfred Denoyelle, que en esa ocasión nos revela una carta del Monseñor Guerárd en la que afirma que su tesis sobre el cassinianismo contiene enormes errores teológicos. Dicha carta fue examinada por un experto del Ministerio de Justicia brasileño, lo que confirma categóricamente su autenticidad.

Libério: ¿Nunca ha caído?
[crítica sobre el nivel de incompetencia de algunos]

Para el registro: el autor de este artículo fue promovido a Doctor en Historia con mérito después de completar estudios greco-latinos y obtener la licenciatura con gran distinción en la Facultad de Filosofía y Letras de la "Katholieke Universiteit Leuven".

La cuestión parece haber vuelto a ser relevante. De hecho, según uno u otro autor contemporáneo, más bien copistas que autores, el Papa Liberio (352-366) nunca habría respaldado una herejía, ¡ni siquiera habría excomulgado a Santo Atanasio!

Sin embargo, si queremos elevar nuestra alma al sincero amor por la verdad, aceptaremos examinar cuidadosamente, preferiblemente y de una vez por todas, sin pasiones ni prejuicios, si estas afirmaciones tienen o no fundamento.

Hace mucho tiempo, con el fin de facilitar un enfoque honesto de la realidad histórica, ya había revelado los prejuicios sesgados sobre esta cuestión, mostrando que algunos habían tratado el asunto desde la perspectiva de una "tesis preestablecida", en particular la de la infalibilidad papal que tomaron como una impecabilidad completamente imaginaria, haciéndolos rechazar de antemano como impensable cualquier vínculo de un pontífice romano con alguna herejía. También se confundió a la persona [del pontífice romano] y su magisterio, aunque el Concilio Vaticano I dejó claro que su definición no se refería a una infalibilidad que estuviera ligada a la persona del papa (de infallibilitate papae), sino a aquella que está ligada a su magisterio (de Romani Pontificis infallibili magisterio). **¡La diferencia es significativa y dogmática!**

Un boletín de eclesiásticos disidentes de la disidencia de Econe ("Sodalitium" N°17, octubre de 1988, pp.19-21) evocaba en apoyo a su "tesis" la cuestión del Papa Liberio "el juicio unánime de los autores" (sic), pero fue una unanimidad muy pobre (de hecho, de ninguna manera establecida) referirse solo a algunos moralistas y teólogos, que precisamente no son historiadores, a saber, Tanquerey, Zubizzareta y Salaverri, cuyas opiniones ciertamente no están todas unificadas con la doctrina católica dogmáticamente definida, pero lectores ignorantes evidentemente podrían haber sido llevados a pensar así. Este boletín "Sodalitium" reportó, de hecho, en conexión con la historicidad del hecho de la caída de Liberio, la siguiente "sentencia" del teólogo Salaverri: "*Factum historice probabilius est fabulosum, vel saltem de eo minime certo constat.*" ["Históricamente, es más probable que el hecho sea legendario, o al menos no hay certeza sobre eso"] --- ¡Un teólogo que dejó su campo para involucrarse con la historia, con el fin de "doblarla" a sus ideas! Esta afirmación pasó fácilmente como una "sentencia" de la Iglesia en el contexto del artículo en cuestión, que además sostenía dos párrafos antes, con una confusión mantenida abusivamente entre la doctrina católica y las palabras de un teólogo incompetente en materia histórica: "La Iglesia parece aprobar la hipótesis de falsificación, que exoneraría totalmente a Liberio, si nos referimos a los escritos del Papa Atanasio I".

Las fechas del pontificado, indicadas entre paréntesis junto a ese nombre fantástico, revelan que se trataba del *Papa Anastasio I.*

La prisa que las personas de la "tesis" tienen en querer brillar y triunfar en la opinión pública las engaña tanto en la veracidad de sus referencias como en el fundamento de su "tesis".

Este fue el caso aquí, no solo del nombre del papa citado, sino también de sus supuestos "escritos" a los que el boletín en cuestión invitaba a referirse. Todo falaz, ya que los lectores (en su mayoría ignorantes de la historia real) imaginarían que este pontífice romano habría publicado volúmenes enteros o al menos varios documentos "exonerando completamente a Liberio" sobre su respaldo a la herejía y sobre la excomunión de Santo Atanasio, Patriarca de Alejandría.

De hecho, entre numerosos "escritos", solo hay una carta: dirigida por el Papa Anastasio I (399-402) a Venerio, obispo de Milán, que ni siquiera trata sobre la inocencia de Liberio, sino sobre el resurgimiento de la herejía de Orígenes ya condenada. Haciendo un paralelo con el fenómeno del arrianismo, anteriormente condenado en el concilio ecuménico de Nicea (en 325) y posteriormente revivido hasta abarcar todo el universo entonces conocido, el supuesto pontífice romano mencionó, en la pasaje, a aquellos que habían sido enviados al exilio en esa época, es decir, "Liberio, obispo de la Iglesia Romana, Eusebio de Vercelli, Hilario de los Galos, por no mencionar a los demás, que podrían haber sido llevados voluntariamente a ser crucificados en lugar de blasfemar contra Cristo Dios, como proponía la herejía arriana, o diciendo que el Hijo de Dios, Cristo Dios, sería una criatura del Señor." - aquí está claro; respecto ***al Papa Liberio y los demás***, así, esta carta de Anastasio I solo afirmaba que habían sido enviados al exilio y que su estado de ánimo era tal que habrían preferido la muerte a la blasfemia y la herejía arriana.

Sin embargo, esta carta absolutamente no dice si todos ellos perseveraron en ese estado de ánimo durante el exilio, ni por qué solo uno entre ellos, es decir, el Papa Liberio, pudo regresar del exilio... con el permiso del emperador arriano Constancio II (337-361) que, después de haber administrado por primera vez la parte oriental del Imperio Romano, se convirtió en su único señor desde 353. El exilio del papa Liberio (que duró de 355 a 358) solo terminó con una firma (en 357) que comprometió la ortodoxia religiosa.

Además, en cuanto a la naturaleza de la mencionada fórmula de Sirmio firmada por Liberio (confirmada por el contenido de sus cuatro cartas encíclicas dirigidas a los obispos herejes orientales, con los que declaró estar en perfecta comunión, mientras que San Atanasio fue considerado explícitamente excomulgado), esto es lo que opinó un contemporáneo de los hechos, es decir, San Hilario de Poitiers: "Perfidiam quam dicit Liberius catholicam, hi sunt qui subscripserunt" (la perfidia que Liberio llama católica, aquí están los que la suscribieron) [y él menciona a los firmantes, obispos herejes arrianos y semiarrianos].

Sin embargo, habiendo escrito al equipo editorial de esta publicación para señalar al autor del artículo que había cometido un error, uno de sus colegas me escribió: "Dígame, señor, ¿no tiene vergüenza de ser tan insultante con un sacerdote?...". Aparentemente, no se aceptó ninguna observación (por más justificada que fuera), ¡ya que automáticamente se pasó por "insulto"! ¿Qué guantes aislantes se deben poner para abordar a ciertos eclesiásticos sin recibir inmediatamente una descarga eléctrica? - Entonces, dos laicos, particularmente fanáticos en mi contra, me llenaron de insultos (de bajo nivel). - Un tercer laico, más educado pero algo venenoso, afirmó con una condescendencia particularmente despectiva (registrada por escrito) que probablemente no entendía el latín del Papa "Atanasio I" y, queriendo darme una lección, subrayó la frase "totalmente exonerando a Liberio" en la fotocopia de una página del artículo en cuestión -- como si fuera una frase de este papa, que claramente no verificó el texto original en el que el nombre era inexistente, luego agregó con altivez "Entre los católicos, nos ayudamos mutuamente, es normal."

Con esa mentalidad, se mueven en un mundo mental separado de la realidad del pasado (quizás incluso del presente). De esta manera, no se llega a la verdad de los hechos establecidos. Por el contrario: con un discurso "histórico" elaborado artificialmente a partir de una "tesis" teológica, se termina cayendo en la esquizofrenia (un estado de ánimo desconectado de la realidad).

Llegamos a la misma conclusión con el discurso escandaloso de estos eclesiásticos sobre sus colegas no alineados en otros puntos de su "tesis". De hecho, no se trata de una tesis académica, sino de un conjunto de posiciones a las que han dado este título grandilocuente y generalmente abusivo, probablemente para

impresionar al distinguirse de manera tan publicitaria. Así, según ellos, al mencionar en el Cánon de la Misa a un obispo o papa liberal e indigno, hostil o poco favorable a la Tradición Católica, el sacerdote celebrante adoptaría una actitud "herético-cismática" (la mención hecha se equipara a abrazar al mismo tiempo los errores denunciados). En cuanto a los asistentes (fieles o no), se convertirían en cómplices por este mismo hecho, incurriendo así en una excomunión automática por haber ensuciado su conciencia en el transcurso de la liturgia y, sobre todo, junto con el sacerdote celebrante, por deshonrar la "oblación pura".

También aquí nos vemos llevados a observar una arrogancia pedante por parte de los eclesiásticos, en este caso no solo en cuestiones históricas, sino también en cuestiones teológicas e incluso estrictamente dogmáticas, pues según la enseñanza constante de la Iglesia Católica, la Santa Misa es la renovación (no cruenta, sino sacramental) del Sacrificio del Calvario "y esta oblación pura es ciertamente aquella que no puede ser manchada por ninguna indignidad o malicia de quien ofrece", como se especifica en el Concilio Ecuménico de Trento (sessio XXII, 17 de septiembre de 1562, Enchiridion Symbolorum, N° 1742 (939), Doctrina de sacrosanto sacrificio Missae, Cap. 1: “Et haec quidem illa munda oblation est quae nulla indignitate aut malitia offerentium inquinari potest”). En lugar de predicar a los demás con la nariz en alto, ¡estos sacerdotes buscadores de herejía harían bien en barrer primero frente a su puerta!

En cuanto a la acusación de haber contaminado su conciencia, equiparan indebidamente a los celebrantes en cuestión con herejes y cismáticos, lo cual solo es posible en caso de hechos públicos probados o constatados por la autoridad eclesiástica competente, pero nunca según una interpretación privada que se arrogue un poder judicial e implique, así, en su conjetura, un juicio de dolo y una presunción de culpa (una falta grave e innegable, cometida con pleno conocimiento de causa y con pleno consentimiento). Esta evaluación sumaria los lleva a identificar erróneamente a los participantes de una Misa "una cum" con aquellos que participan en el culto de otra religión, excepto en casos de presencia pasiva en bodas y funerales (cf. *Codex Iuris Canonici* [1917], canon 1258, §§ 1 y 2).

Esta fusión, que procede ora de la ignorancia crasa, ora de la mala fe de la supina ignorancia, les permite prever únicamente, entre todas las cosas posibles, una única pena supuestamente adecuada para este "crimen" imaginario; la excomunión (cf. Código de Derecho Canónico [1917], cán. 2257, § 1) y esta, a su vez, se reduce a solo una de sus especies, a saber, la excomunión automática o ipso facto, denominada excomunión "latae sentiae" (cf. Código de Derecho Canónico [1917], cán. 2217, § 1-2° y § 2).

Admitamos por un momento, por puro razonamiento hipotético, que el sacerdote comete una falta en el Cánon de la Misa al citar a alguien que no debería ser mencionado allí. Esto ciertamente no implicaría ninguna falta por parte de los presentes, como escribe San Agustín: "Quien ofrece sacrificio en cualquier lugar con el corazón o con actos que merezcan ser confesados, causa su pérdida a sí mismo, pero no a los buenos que reciben de él los sacramentos, aquellos que, según el profeta Ezequiel, se arrepienten y lamentan los pecados cometidos en medio de ellos (Ez. IX, 4), aunque no se separen de allí corporalmente. En efecto, a cada uno Dios recompensa según su corazón." (San Agustín, Padre y Doctor de la Iglesia, *Contra epistolam Parmeniani*, Lib. II, cap. V, § 10: "*Quilibet ubilibet offer sacrificium tali corde vel factis, haec ut audire mereatur, perniciem sibi infert, non illis bonis qui accipiunt ab eo sacramenta eadem, qui secundum profetam Ezechielem gemunt et moerent peccata quae fiunt in medio eorum (Ezech. IX, 4), quamvis non se inde corporalit separent. Unicuique enim Deus tribuit secundum cor suum.*")

Más tarde en la misma obra, San Agustín vuelve a esto nuevamente: “Los sacrificios de los impíos perjudicarán, por lo tanto, a aquellos que ofrecen de manera impía. Pues el sacrificio, único e igual por el nombre del Señor invocado en él, es siempre santo y lo es también para aquel que se acercó a recibirlo con corazón a la altura. De hecho, quien come y bebe indignamente, come y bebe juicio para sí mismo (1 Cor. XVIII, 29). No decimos para los otros, sino para sí mismo. Por lo tanto, quien come y bebe dignamente, come y bebe gracia para sí mismo." (San Agustín, Padre y Doctor de la Iglesia, Contra epistolam Parmeniani, Lib. II, cap. VI, § 11: "*Sacrificia ergo impiorum eis ipsis oberunt qui offerunt impie. Nam unum atque idem sacrificium propter nomen Domini quod ibi invocatur, et semper sanctum est, et tale cuique fit, quali corde ad accipiendum accesserit. Qui enim manducat et bibit indigne, judicium sibi manducat et bibit (1 Cor. XVIII, 29). Non ait "aliis", sed "sibi". Qui ergo manducat digno e bibit, gratiam sibi manducat e bibit.*")

Otro punto que causa escándalo entre intelectuales informados en todo el mundo es el crimen de falsificación cometido por estos y otros sacerdotes al citar selectivamente un documento histórico; la bula *Cum ex apostolatus officio* del Papa Paulo IV (15 de febrero de 1559). Este pontífice romano había enseñado que cualquier eclesiástico, prelado, obispo, cardenal o incluso papa, que hubiera demostrado ser cismático o hereje antes de su elección, por ese mismo hecho, invalidaría esta última, y que por lo tanto, no se debería dejar de reconocer su autoridad, que no tiene realidad, en el cristianismo, excepto en términos de la doctrina de la fe que es normativa. El Papa Paulo IV también enseñó que un clérigo, prelado, obispo, cardenal o incluso papa, una vez elegido legítimamente y perfectamente ortodoxo en el momento de su elección, aún así retiene su libertad y puede, por lo tanto, eventualmente también desviarse de la fe o apoyar el pecado y el error (incluso cisma y herejía).

Los falsificadores en cuestión ciertamente se refieren pomposamente a este documento, pero omitiendo significativamente el final de su § 6, aquí está su traducción: “liceatque omnibus et singulis sic promotis et assumptis, si a fide antea non deviassent nec haeretici fuja, neque schisma incurrissent aut excitassent vel commissent” (= y esto se aplica a todos y cada uno de los así promovidos y elevados, incluso si anteriormente no se han desviado de la fe ni han sido herejes, ni incurrido o excitado o cometido un cisma). --- La omisión de este final del § 6 de la bula Cum ex apostolatus officio del Papa Paulo IV (15 de febrero de 1559) no es una distracción por parte de los redactores, sino el resultado de un firme deseo de hacerlo mutilando una bula papal para un aspecto a favor de su "tesis": de hecho, según ellos y por su mala comprensión del dogma de la infalibilidad del magisterio papal, que confunden con el comportamiento supuestamente "infalible" de la persona investida del pontificado, desde el momento en que consintió en su elección, ningún papa jamás podría haber enseñado un pecado o error en el pasado, y como esto sucede en los días actuales, concluyen que ningún papa podría ser legítimamente elegido desde el Concilio Vaticano II o incluso mucho antes, según las numerosas herejías formales que creen descubrir aquí y allá.

Recuerde que los falsificadores de documentos eclesiásticos, en este caso documentos pontificios, están sujetos a la excomunión u otra pena justa según la gravedad de la infracción (Código de Derecho Canónico [1917], cán. 2360; [1983], cán. 1391).

Aparentemente, estos sacerdotes supuestamente "bona fide" (?) son tan ignorantes en derecho canónico, teología y patrística como en historia!

¿Pero en qué seminario "estudiaron"?

Después de leer lo que acabo de escribir, uno de estos clérigos (o un laico fanático entre sus seguidores) tal vez reaccione nuevamente refutando con enojo, en lugar de proporcionar la refutación de la cual es radicalmente incapaz e imposible de proporcionar: "Diga, señor, ¿no tiene vergüenza de ser tan insultante con un sacerdote?...".

En conjeturas y en otras ocasiones en que se apoyan sus esporas, pasan de objeto a sujeto para escapar del problema. Para ellos y sus similares, todo gira en torno a su persona, ante la cual debemos quedarnos boquiabiertos de admiración, como un pavo real abriendo la cola en abanico. No aceptan ninguna propuesta de corrección para sus errores comprobados.

Sin embargo, el Papa San Pío X enseñó:

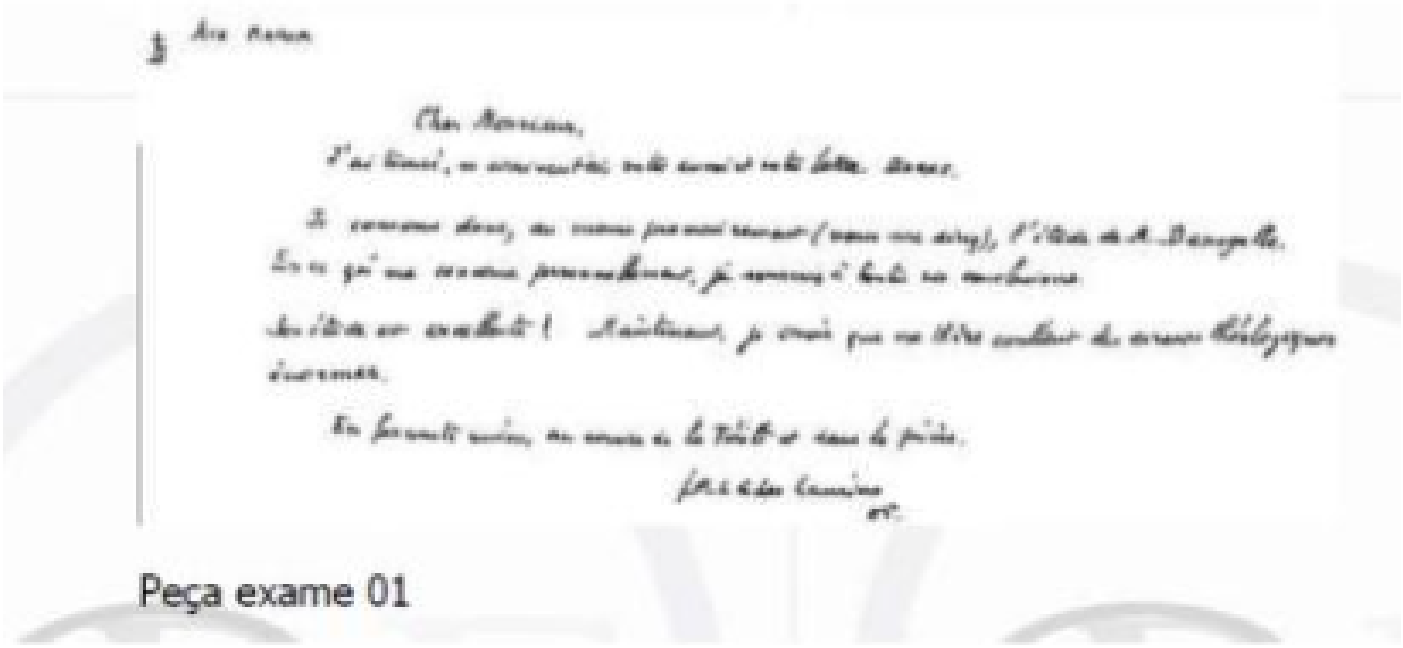
> "El primer deber de la caridad no está en la tolerancia con las convicciones erróneas, por más sinceras que sean, ni en la indiferencia teórica o práctica al error o vicio donde vemos a nuestros hermanos inmersos, sino en el celo por su perfeccionamiento intelectual y moral, no menos que para su bienestar material. (Carta Apostólica de 25 de agosto de 1910, § 24)."

Si alguien quiere tomarse en serio este deber, no es raro que parezca estar deseando el mal. Además, no es frecuente que un clérigo reconozca sus faltas, excluyéndose durante la liturgia, por supuesto. Sin embargo, hay excepciones. Tal es el caso del dominico Michel Louis Guérard des Lauriers, quien había sido

consagrado obispo. Previamente, él había elaborado toda una tesis que incluía, además de los errores mencionados anteriormente sobre la oblatio munda, una distinción materialiter/formaliter arrancada de la comprensión escolástica de estos términos para convertirlos en una designación relativa a la persona de los papas y a la realidad de su jurisdicción.

Algunos meses antes de su muerte (ocurrida el 27 de febrero de 1988), habiendo recibido de mí (a través de un amigo suizo) un estudio detallado demostrando sus aberraciones [en realidad, un "memorando" que contenía referencias a publicaciones que debían consultarse y que fueron - a su vez - excavadas, como el opúsculo De Ente et Essentia de Santo Tomás de Aquino y la obra Matière et forme de Mons. Albert Forges], el interesado reconoció expresamente a este corresponsal:

> "Estimado señor,
> Al llegar aquí, encontré su despacho y su carta. GRACIAS.
> Por lo tanto, conservo, al menos temporalmente (usted me dirá), el estudio de A. Denoyelle.
> Personalmente, estoy de acuerdo con todas sus conclusiones. ¡Su estudio es excelente!
> Ahora, creo que mi tesis contiene enormes errores teológicos.
> En ferviente unión, al servicio de la Verdad y en oración.
> M.L.G. des Lauriers, O.P."


Peça exame 01

Falleció sin haber tenido (o aprovechado) tiempo para retractarse públicamente (y, si por casualidad lo hizo, no lo sabemos).

Adjuntamos la carta original. [También dejaremos enlaces al informe del peritaje y al video del canal de YouTube Apostolado São Lucas]

Sin embargo, los seguidores de su "tesis" no la toman en consideración, porque aquellos que se atreven a hacer comentarios son considerados "insultantes", ya sea por su gurú o por su "dignidad" sacerdotal, en la que se envuelven melodramáticamente. Así que, terriblemente enfadados por ser contradichos en sus ideas aberrantes, organizan su pequeña venganza conspirando con el silencio o ocasionalmente golpeando a su "contradictor" con el ostracismo, incluso incitando gustosamente a personas ignorantes en su contra, informándoles confidencialmente sobre su "falta de educación" con un sabor distintivamente "herético-cismático". En el mejor de los casos, estas personas se interponen con arrogancia en la conversación privada

que tienes con otros, levantan la barbilla, te miran con un aire que recuerda a un camello soberbio y desdeñoso, y luego, con un gesto provocativo, te dan la espalda abiertamente en público para mostrarte desprecio. — ¡Este no es un argumento filosófico o teológico!

por Alfred Denoyelle, doctor en historia.

Links

1. Informe pericial
2. El canal Apostolado São Lucas comenta sobre la mentira del Padre Ricossa
3. Artículo original
4. Artículo en portugués

Cuestión Rampolla

El Señor vela por la vida de los íntegros, y su herencia será eterna. No serán avergonzados en tiempos de desgracia, y en días de hambre serán saciados." Salmo 37, versículos 18 y 19.

Los católicos deberían estar asombrados por el delicadísimo tratamiento con el que los señores Takaki y Paulo Cavalcante abordan las cuestiones sobre la infiltración masónica y sobre devociones marianas destructivas para la tesis de Cassiciacum, ¿están trabajando para alguien con cuernos? ¿Por qué este interés desesperado en trivializar la cuestión de Rampolla masón como una fábula? ¿O menospreciar los mensajes marianos como los de La Salette o Fátima? Claro que toda esta propaganda en los medios sedevacantistas tiene una fuente: Padre Ricossa, el resucitador de la tesis del papa materialiter y el más interesado en mantener el status quo de la crisis de la Iglesia que se contenta con la espera eterna (así como los de posición reconocen y resisten) de la conversión a la Fe Católica del antipapa herético, cismático y apóstata del *Novus Ordo*, para que de ahí, y no de los católicos de Fe integral, salga la verdadera restauración católica.

Los sedevacantistas totalitas (perdón por el pleonasmo, pero todo sedevacantista es totalita. El sedeprivacionista no es sedevacantista y fueron ellos quienes crearon esta clasificación con la intención de también declararse sedevacantistas para engañar a los incautos) deben acostumbrarse a la tendencia tesista de menospreciar todos los mensajes, profecías y doctores católicos que van diametralmente opuestos a su preciosa tesis. Hay fama entre los tesistas de adulterar textos de teólogos para favorecer su querida tesis y también un ardiente deseo de buscar algún teólogo que ya haya hablado sobre el tema, pero nunca lo encontrarán, la tesis es una novedad teológica, y los católicos que adhieren a novedades no aprobadas por el magisterio van en contra del principio católico de, especialmente en tiempos de herejías, no adherirse a novedades.

La cuestión Rampolla no está cerrada. El señor Paulo y el señor Takaki, al traducir el artículo del Padre Ricossa sobre este asunto, solo demuestran ser lobos o ignorantes (no lo creo) en el tema. Dado que realizaron esa traducción, para mantener una buena lucha, debo traducir la respuesta de los acusados por Ricossa y Felipe Coelho de "terrible calumnia contra el cardenal".

En el libro del Sr. Henri, en este pequeño fragmento traducido a continuación, nos revela muchas cosas sospechosas sobre el cardenal Rampolla.

Padre Ricossa quiere creer que la asociación de Rampolla con la masonería es una fábula, sin embargo, su artículo ya fue respondido por el Rore-Santifica, un comité de sedevacantistas franceses muy respetados y, para nuestra sorpresa, no hubo respuesta por parte de Ricossa.

Aquí traigo un fragmento del señor Marc Wickler, la respuesta del Rore-Santifica y una parte del artículo del Padre Cekada (incluso traducido por el Sr. Takaki).

En el libro de Henri Barbier, "*La Red Rampolla y el Eclipse de la Iglesia Católica o las Infiltraciones de la Masonería Eclesiástica en la Iglesia*", se encuentra un testimonio de Marc Winckler. Cuando sus primeros relatos surgieron y fueron alentados por monseñor Guérard des Lauriers, aparecieron por primera vez en un periódico que hoy ya no existe, "Los Cuadernos de Cassiciacum", fundado entonces para dar a conocer la "Tesis del Papa *Materialiter-Formaliter*", de la cual los italianos de Savoia se convirtieron en feroces propagandistas, bajo la dirección del padre Ricossa. Sin embargo, desde 1979 han pasado muchas cosas, la tesis ya no se sostiene, sea lo que sea que piense el padre Ricossa y sus seguidores, simplemente estamos tratando con Antipapas y no con una idea abstracta inventada de papa (que incluso fue retratada por su propio inventor, declarada por su propia mano como "fulthese" -tesis idiota- y que estaba llena de errores teológicos).

Muchos tradicionalistas resistentes a la Revolución Conciliar, estupefactos con el colapso de la Iglesia y con la Subversión del Clero (de arriba hacia abajo), habían estimado que tal catástrofe, nunca antes vista en la historia eclesiástica, no podría haber ocurrido sin un largo proceso de demolición interior. Las subversiones modernistas y progresistas, aunque minuciosamente analizadas por grandes especialistas, no explicaban todo. Algunos sacerdotes antiliberales a principios del siglo XX sonaron la alarma, como el Obispo Jouin y el Padre Barbier.

El señor Henri en su libro menciona que Monseñor Jouin (en ese entonces sacerdote) estuvo involucrado en la elección del "traidor Cardenal Rampolla" y en el veto austriaco que permitió la expulsión del traidor y la elección de un futuro santo: el Cardenal Giuseppe Sarto, quien tomará el nombre de Pío X.

Es también a partir de 1910 que Monseñor Henri Delassus había alertado sobre una conspiración anticristiana emanada de la Contra-Iglesia Luciferina, que pretendía aniquilar a la Iglesia Católica subvirtiéndola desde dentro.

El libro luego entra en la parte interesante sobre la correspondencia entre Marc Winckler y Guérard des Lauriers.

La primera carta decía:

Mi reverendo padre, usted me pidió que escribiera el relato de algunas de mis memorias romanas de hace treinta años. Los avatares de la guerra me llevaron a Italia después de varias aventuras y desventuras, incluyendo varias detenciones por parte de los alemanes, especialmente después de un artículo de

periódico publicado en 1942 que me señalaba como judío. Y aquí está un católico que primero estuvo a la distancia, luego recibió todo tipo de caricias y honores cuando finalmente la rueda giró. En lo que a mí respecta, empezó a transformarse en alegría espiritual, hasta el día en que se volvió mala. Aprovechando el inmenso privilegio de la época del correo de los veteranos, que permitía enviar correspondencia de ida y vuelta entre Francia e Italia para muchos monseñores, reverendos y sacerdotes de todos los colores de hábito residentes en Roma, me relacioné con mucha gente y aprendí muchas cosas, porque el Tribunal Pontificio aún era un tribunal. A medio camino entre Oriente y Occidente, entre el ayer y el mañana, estaba lleno de supervivencias y sabores que ya no conocemos, porque los Jefes de Estado son personas cubiertas con diez tipos de policías armadas y transportadas a una velocidad vertiginosa en especies de trenes blindados como oficial intérprete de italiano, me dediqué a las tareas habituales en los Estados Mayores. Tenía tiempo de sobra. Probablemente por todo esto, fui invitado a la primera reunión de posguerra de las principales personalidades de la comunidad judía en Roma. Conversamos allí en particular sobre las formas de acabar con el antisemitismo. Esto se hizo conocido entre los católicos de origen judío que trabajaban en la Secretaría Especial del Vaticano (una especie de departamento financiero). Querían conocerme.

En la segunda carta de 1982, entonces, continúa;

Atenderé con gusto a su solicitud. La mayoría de los sacerdotes a quienes ofrecí mi testimonio gentilmente respondieron que no me creyeron. Muy mal para ellos. Yo era intérprete en el Estado Mayor de junio en Italia (1944-1945) y había sido invitado a formar parte del "grupo de amistad del patriarcado romano", cuyo capellán, el Obispo Sergio Pignedoli (hecho cardenal por Pablo VI y por un momento en equilibrio con Luciani, después de la muerte del mencionado Pablo VI), trabajó para preparar las mentes de los príncipes para un cambio de orientación. De hecho, algunos se convirtieron en masones, como Giulio Sacchi, actual Gobernador de la Ciudad del Vaticano. Dado que mi nombre me hizo pasar por judío (pues varias familias judías lo adoptaron para pasar desapercibido), fui invitado a participar en el primer encuentro de la "alta judería" romana después del fascismo. Después de eso, los marranos del Vaticano me presentaron a Montini, judío por parte de madre (convertida en ocasión del matrimonio) y también por parte de la familia paterna (cf. "Libro de Oro" de la nobleza italiana). Pignedoli, íntimo de Montini (se convirtió en su coadjutor en Milán), fue encargado por él de sondarme y prepararme para ser su corresponsal en París. Fue el 2 de enero del 45, en ocasión de una recepción, cuando Pignedoli me presentó al Príncipe de Napoli-Rampolla, sobrino-nieto del Cardenal y venerable de la Logia Masónica Rampolla, rama de la Logia de Zurich de la "Ordo Templi Orientis" a la que pertenecieron muchos, tanto el Cardenal Rampolla como su sucesor Gasparri. Montini dice que todo está predisuesto en manos de la masonería, no solo sobre su familia, sino sobre sus modales especiales (muchos escándalos tapados), ingresó en la Secretaría de Estado bajo Gasparri. Su afiliación a la logia Rampolla me fue claramente comunicada por Pignedoli, quien era miembro y me quería allí.

En la tercera carta;

Mis nuevos amigos me dieron una descripción entusiasta de ello, añadiendo: Él es uno de los nuestros. Entiéndase quien pueda. Guardo un recuerdo deslumbrante de estas misas y de estas homilías, en la extraordinaria capilla barroca de La Sapienza, una capilla de cuentos de hadas, donde la cálida asamblea creaba una especie de atmósfera y como una gracia sensible, sin saber qué atribuir. Me culpo por no haber conservado ningún recuerdo preciso de ningún pasaje de esas homilías; estaban brillando, había palabras jugando como luz en un alto vitral. Estábamos felices y él también. Además, la moda era la elocuencia. El Soberano Pontífice reinante había impuesto involuntariamente su estilo y todos intentaban ser esbeltos, ascéticos, místicos, tener manos largas (no sé si llegamos a dormir en el suelo). En su oficio, el Obispo MONTINI era activo, directo y preciso. Le gustaría que yo animara, en París, la creación de una asociación similar a la suya. Los graduados parisinos no necesitaban de mí; en cuanto a los estudiantes, supieron mostrar, en 1968, de lo que son capaces, una vez bien impregnados y calentados. El lobby que había creído al principio del siglo en realizar su golpe con el Cardenal RAMPOLLA, es decir,

elevar a uno de sus miembros a la cima de la Iglesia para reformularla a su propia imagen, este grupo de presión no se desarmó. Y la esperanza de victoria era aún más viva, la impaciencia tanto mayor, porque las circunstancias habían trabajado a su favor desde la muerte de SS PÍO X. La revolución basó su poder en un prodigioso sistema financiero, en la "victoria de las democracias", en un imperio soviético fortificado, en nuevos medios mundiales de propaganda y presión y en el descrédito, debido al colapso de Hitler, de cualquier cosa semejante al anticomunismo; y en la Iglesia, sobre el temor, para muchos obispos, religiosos y seculares, de ser considerados derrotados o atrasados. Aún recuerdo las distinciones hechas por Pío XII en su discurso de Navidad de 1944 sobre la palabra "democracia". Eso, como dicen, no pasó de la marca. Y recuerdo la triste confianza del Cardenal SUHARD, que siguió el consejo del Nuncio de unirse al Gobierno de Vichy, cuya "legitimidad" no fue reconocida por la Francia "libre". El buen cardenal no pudo recuperarse del apretón de manos perdido. En cuanto al cardenal TISSERANT, reflexionó sobre lo que se convirtió, durante el Concilio, en el punto de partida del decreto sobre la libertad religiosa. En cuanto a él, era el líder indiscutible del "partido galo de sotana" y estaba de ojo -por así decirlo- en todos los obispos de Francia. ¿Quién me contradecirá si digo que a eso RONCALLI y MONTINI le deben sus elecciones? Pero ¿quién, por otro lado, preparó durante mucho tiempo la posibilidad de estas elecciones, una de las cuales se hizo posible la siguiente? Es fácil responder, pero por favor, anoten que es peligroso aventurarse en este campo. Entiendo perfectamente la actitud cautelosa de aquellos que prefieren creer que es el propio Espíritu Santo quien manifestó su elección. Quizás Él lo haya expresado de otra manera, quizás no se haya tenido en cuenta, solo el Buen Dios podría decírnoslo, ya que los Cardenales, al parecer, están comprometidos con el secreto... De cualquier manera, desde la llegada de Jacques MARITAIN como embajador ante la Santa Sede, un regalo tonto y desagradable de Georges BIDAULT, dejé de servir la misa al obispo MONTINI. Porque en esta situación, los miembros de la asociación ya no dudan en afirmar su progresismo. Mis amigos, digamos la palabra, eran francamente modernistas. MARITAIN había invadido el grupo de MONTINI, y ya no había nada más que el humanismo integral. Yo me había alejado. Pero como es un testimonio que usted me pide, afirmo que había en Roma exactamente lo que usted busca saber, y que me permitirá llamar al salón montiniano, o al grupo Rampolla, y que un Mons. activo, con muchos contactos personales, a quien vi muchas veces y de quien tenía una amistad sincera, sabiendo que había sido presentado al obispo MONTINI, a quien admiraba y parecía seguir, sin duda me encontró lo suficientemente maduro para dar un paso decisivo en el camino de la eficiencia. Recuerdo el tono misterioso que asumió - Mons.PIGNEDOLI, se trata de él - para hablar conmigo sobre la gran venganza que estábamos preparando. Me contó toda la historia del veto de Austria, cuyo resultado, para él, fue sumergir a la Iglesia medio siglo en la oscuridad y el aislamiento de la Edad Media; insistió en la necesidad de apertura y adaptación de la Iglesia; finalmente me hizo vislumbrar una nueva era, y muy pronto, y con cierto éxito, gracias a quien tendría éxito allí donde el Cardenal RAMPOLLA tuvo la desgracia de fallar. Lo miré con los ojos bien abiertos. Él pensó que eso significaba: "Pero ¿quién es él?"; él respondió sin rodeos: "Usted sirve la misa para él todos los jueves." Admito que debo haber parecido estúpido; y lo estaba, porque estaba a cien millas de sospechar lo que se esperaba de mí para el éxito de MONTINI, el nuevo deseado de las colinas temporales y de las naciones (unidas). Sin embargo, tuve que volver en mí. Era algo muy serio. El simpático Obispo PICNEDOLI estaba muy cerca de MONTINI, desde que lo siguió en su "honrosa" remoción de Milán; actualmente es cardenal encargado de misiones delicadas (como involucrar a los católicos de Vietnam para acoger por honor a Dios y por la paz a las tropas comunistas del Vietcong). Era el 2 de enero de 1945, caía la noche; había una recepción en el venerable príncipe de NÁPOLES RAMPOLLA, y mi querido monseñor me había invitado. Fue en un lujoso palacio de estilo 1880; los salones estaban brillantes, los candelabros resplandecían, los anfitriones, los invitados exhalaban facilidad; los perfumes de las chicas y las mujeres, el olor del alcohol, de los cigarrillos rubios, toda esa atmósfera suntuosa y mundana, el cambio de los papalini, esos patricios que, desde la captura de Roma, condenaron la puerta principal de su palacio como una señal de protesta y, por lo tanto, no se beneficiaron de los favores de la Casa de Saboya. Ya sabes, mi querido padre, que no respondí a los avances del "venerable" príncipe... Estaba pensando, al salir de esta recepción, en el título de un librito italiano que leí en mi infancia: "Le cose più grandi di lui" (Las cosas que están más allá de él); y pensé aún más en el famoso "Santo" de Fogazzaro... Sin duda ha habido, y habrá todavía personajes de temperamento particular, capaces, desafiando las lágrimas y la sangre, de decir: "Voy a lograrlo..." y "Voy a hacerlo...", pero llevar el

engaño al grado de perfección en el que lo vemos hoy es mysterium iniquitatis, un misterio tan poderoso que llega a hacer incluso a los mejores ciegos y sordos, sin olvidar a los "santos" padres que son discípulos de San Timorense... Ellos, por ejemplo, nunca han oído hablar de enfermedades y de la muerte extraña de Pío XII; y cuando reciben pruebas, se apresuran a desafiarlas o a permanecer en silencio. Son los callados de la Iglesia, buenos perritos tontos. ¡Por suerte, todavía quedan algunos "báculos del Señor"! Le ruego que acepte" 11 de febrero de 1977. -Marc WINCKLER.

En ese interés por rehabilitar a Rampolla hay algo muy extraño, dado que hay más hechos a favor que en contra; aún es un debate abierto, pero el movimiento del Padre Ricossa es muy sospechoso.

En ocasión de la defensa de Rampolla, un fiel escribió al padre Ricossa para cuestionarlo sobre su acción sorprendente, comentando que, a pedido del propio obispo Guérard des Lauriers, Marc Winckler produjo testimonios precisos y contundentes de primera mano en los Cadernos de Cassiciacum, testimonios que fueron omitidos en un silencio ensordecedor por parte del padre Ricossa.

Aquí hay un fragmento de la carta de Marc Winckler del 11 de febrero de 1977, que el propio Monsenhor Guérard quiso publicar en el primer número de su cuaderno de Cassiciacum:

> Recuerdo el tono misterioso que asumió - Mons. PIGNEDOLI, es sobre él - al hablarme sobre la gran venganza que estábamos preparando. Me contó toda la historia del veto de Austria, cuyo resultado, para él, fue sumergir a la Iglesia en la oscuridad y el aislamiento de la Edad Media durante medio siglo; insistió en la necesidad de apertura y adaptación de la Iglesia; finalmente me dio un vislumbre de una nueva era, y muy pronto, y con cierto éxito, y un éxito donde el Cardenal RAMPOLLA tuvo la desgracia de fallar. Lo miré con los ojos bien abiertos. Él pensó que eso significaba: "Pero ¿quién es él?"; él respondió sin rodeos: "Usted sirve la misa para él todos los jueves." Admito que quedé estupefacto; y lo estaba, porque estaba a cien millas de sospechar quién sería el sucesor de MONTINI, el nuevo deseado de las colinas temporales y de las naciones (unidas) [Cardenal Roncalli].

Ahora dejo aquí otra respuesta de los sedevacantistas anti-tesistas de Francia dada al Padre Ricossa, que hasta el día de hoy permanece en silencio:

> Nuestros lectores tuvieron la oportunidad de descubrir, durante más de 20 meses, la muy perturbadora acción del obispo Williamson al servicio objetivo de los proyectos fabianos británicos, así como el simbolismo rosacruz de su escudo episcopal. Ya conocíamos a la FSSPX así infiltrada por un agente del enemigo, de hecho un aliado de Ratzinger-Benedicto XVI para seducir y subvertir, dividiendo y desorganizando, la resistencia católica contra la revolución conciliar y contra

los enemigos de la Iglesia.
En junio de 2009, descubrimos con asombro que estos círculos rosacruces que han estado comprometidos en destruir la Iglesia durante más de un siglo y que casi lograron tener un Papa para ellos en la persona del cardenal Rampolla, acababan de encontrar un nuevo aliado objetivo en la persona del padre Ricossa, director del instituto de los sacerdotes de Verrua, que intentaba rehabilitar a Rampolla.

¿Verrua Savoia fue infiltrada en su cúspide? El Padre Ricossa no lo considera un tema secundario.

Al intentar negar la infiltración rosacruz en la conquista de la cima de la Iglesia, en la persona de Rampolla, miembro de la Ordo Templi Orientis, el Padre Ricossa aborda un asunto crucial, que toca la llave misma de la comprensión de la subversión de la Iglesia Católica durante un siglo, en el punto crítico de la ofensiva enemiga que penetró en su jerarquía para derribarla. Además, el caso de la infiltración de Rampolla está íntimamente ligado al intento anglicano de 1895 de tratar de hacer que las órdenes anglicanas, aunque inválidas, fueran reconocidas como válidas y, así, destruir el sacerdocio sacrificial católico de la Nueva y Eterna Alianza fundada en la Sangre de Nuestro Señor Jesucristo.

Si estos clérigos se comportan, a través de sus escritos, como aliados objetivos de los círculos iluministas de la Rosacruz que así se ven encubiertos por estas publicaciones clericales contemporáneas, ¿qué debemos pensar entonces del Instituto Mater Boni Consilii y la realidad de su control por parte del enemigo? En diciembre de 1985, sabemos que algunos sacerdotes italianos de la Sociedad Sacerdotal de San Pío X, sociedad religiosa fundada por el Arzobispo Lefebvre, salieron de dicha Fraternidad para fundar en Turín el Instituto Mater Boni Consilii. ¿Es un 'segundo toque' bajo control? ¿por parte del Padre Ricossa? ¿Podría ser un falso bastión de resistencia ya colocado bajo control oculto? ¿Y neutralizado como en el convento de Avrillé realizado por la dupla de los padres Innocent-Marie y Pierre-Marie?

Avrillé también se destaca como Verrua, por ocultar trabajos sobre la invalidez del nuevo rito de consagración episcopal de 1968 y por la ausencia de estudios durante más de 18 años sobre la penetración anglicana en la estructura de la Iglesia Católica. ¿Y la lucha de la misa 'Una cum' presentada como un imperativo categórico para los fieles? ¿Un instrumento presentado con benevolencia por el Padre Ricossa a los fieles, para dialogar y dividir la resistencia de la Tradición y atomizar aún más las fuerzas que se opusieron al Vaticano II durante cuarenta años? Si de hecho es un 'segundo toque', la acción del padre Ricossa debe ser releída y examinada con una lupa.

En este caso, la situación de la FSSPX, por dramática que parezca, aún estaría menos comprometida, ya que si esta última fue infiltrada por el Obispo Williamson y el Padre Schmidberger, así como a través de la red que crearon, por otro lado aún sabemos de estudios y conferencias por parte de Dom Fellay que buscan favorecer positivamente objetivamente a las redes Rosacruces (Rampolla). Es cierto que si esta fuera realmente la realidad de la infiltración en Verrua y en la Tradición Católica, comprenderíamos aún mejor la importancia de los medios y las redes, incluidos los medios de comunicación, que el Vaticano modernista usa para lograr la movilización y la destrucción de la FSSPX, un vehículo aún no totalmente controlado en su totalidad, mientras que al mismo tiempo el apóstata Ratzinger-Benedicto XVI hizo una verdadera paz en Verrua, como si ya supiera que no tenía nada que temer de ese lado.

Estamos maravillados, pero continuamos nuestras investigaciones y nuestras denuncias de infiltraciones y redes subversivas, donde quiera que estén. A partir de ahora, pretendemos observar las iniciativas del Padre Ricossa con la mayor vigilancia.

1. Luego del estudio heterodoxo sobre el Apocalipsis de San Juan que se atrevió a publicar en el sodalicio, con el objetivo de confiscar la lucha de la Fe contra la Bestia conciliar, la brújula que la Sagrada Escritura le proporcionó,
2. luego del registro histórico truncado que publicó en el sodalicio invocando pseudo-'convicciones' del Secreto de La Salette por parte del Santo Oficio (sin correcciones posteriores después de la publicación de la monumental tesis del Padre Corteville sobre el asunto), destinado a rechazar a los combatientes de

la Fe contra el Anticristo Conciliar, la ayuda de las apariciones marianas,

3. luego de la ocultación sistemática de obras teológicas recientes que demuestran la nulidad y la cierta invalidez sacramental INTRÍNSECA, ante las normas infalibles e irreformables del Magisterio Católico, de la forma esencial de la pseudo "consagración" episcopal ecuménica conciliar impuesta el 18 de junio de 1968 por la Constitución Apostólica triplemente falsa *Pontificalis Romani* del obispo apóstata Montini-Pablo VI, y su persistente silencio sobre cuarenta años de la desaparición del sacerdocio ontológico sacrificial católico, ocultando este CRIMEN ECLESIÁSTICO NO ANUNCIADO, y todas sus consecuencias en la situación actual de la Santa Iglesia.
4. mientras que la revisión en el sodalicio, que por cierto ya ha logrado publicar estudios históricos muy interesantes y bien elaborados, hasta ahora se ha negado a abrir seriamente el archivo histórico del anglicanismo y sus relaciones con la Santa Sede y la Curia, lo que le habría permitido hacer la conexión con la acción del Cardenal Rampolla y sus protegidos en la cuestión de la lucha contra la entrada en la Santa Iglesia Católica de órdenes anglicanas falsas y la constitución épica e infalible de León XIII *Apostolicae Curae* (1896), un verdadero Lepanto del Sacerdocio Sacrificial Católico. Decididamente, la publicación de dicho archivo histórico, constituido de manera parcial y tendenciosa por el Padre Ricossa, con el objetivo de rehabilitar a Rampolla, hoy excede todas las medidas... al analizar, como cualquier persona prudente, la continuidad de su acción, hoy deja ver de manera deslumbrante —incluso para las mentes más obtusas— la abrumadora finalidad perseguida por su autor con tanta tenacidad. Si la facción masónica R+C, que finalmente triunfó durante 50 años en Roma desde el Vaticano II, necesita protección efectiva capaz de desarmar y neutralizar a sus enemigos católicos más combativos, es de un Padre Ricossa que ellos mismos tendrían que inventar, si es que ya no existiera...

¡Sigamos luchando con firmeza!

Por lo que observamos aquí, nos parece que el Padre Ricossa no es tan justo e inocente como pensábamos, y parece que debemos tener extrema precaución, especialmente porque aquel que se omite ante un error, lo aprueba (Torquemada).

El Padre Cekada también estaba a favor de la posición de la infiltración de Rampolla, lo vemos, por ejemplo, en el artículo INTENCIÓN SACERDOTAL Y OBISPOS MASÓNICOS (paradójicamente, fue traducido por Takaki).

Las consagraciones episcopales en Estados Unidos se derivan del Cardenal Mariano Rampolla del Tindaro (1843-1913), Secretario de Estado del Papa León XIII. Después de la muerte de Rampolla, se dice que entre sus pertenencias personales se encontró evidencia de que pertenecía a una secta masónica luciferina llamada Ordo Templo Orientalis (asociada al satanista Alistair Crowley) y frecuentaba una logia masónica en Einsiedeln, Suiza, donde pasaba sus vacaciones. Cuarenta obispos estadounidenses consagrados entre 1896 y 1944 derivaron sus consagraciones de Rampolla, a través de Mons. Martinelli (el Delegado Apostólico) o del Cardenal Rafael Merry del Val, ambos consagrados obispos por Rampolla. (Ver Jesse W. Lonsway, The Episcopal Lineage of the Hierarchy in the United States: 1790–1948, placa E.)

La Providencia quiso proteger a la Iglesia en 1903 de la usurpación de la Sede de Pedro por un enemigo de la Iglesia, y así concedió la inmensa gracia de la inesperada elección al trono papal de un San Pío X. Casi 120 años después, la Iglesia está en gran parte destruida, quedando solo un pequeño rebaño. Providencialmente, el Arzobispo Lefebvre, al fundar una Fraternidad Sacerdotal con el nombre del Santo Papa, donde también estuvo Monseñor Thuc, esta fundación permitió así la transmisión y salvaguarda del verdadero episcopado católico Latino y del verdadero Sacerdocio de Melquisedec, hasta su reciente toma por los infiltrados *Novus Ordo*. Es de hecho un verdadero milagro que hoy las líneas latinas estén salvaguardadas en manos de los obispos sedevacantistas de la línea Thuc y Lefebvre, y los enemigos lo saben y desean la infiltración, la subversión y la destrucción de la auténtica posición católica en estos tiempos nuestros, el sedevacantismo totalista, que tiene conciencia del ardil y la malicia del enemigo.

Como hemos visto, existe una sospecha de infiltración en el Padre Ricossa, así como en sus satélites tupiniquins, ya sea que estén conscientes o no. Analicemos cuidadosamente todos los movimientos de estos señores, para evitar la corrupción de las generaciones futuras con estas gotas envenenadas de segundas intenciones pro-tesistas. **La cuestión de Rampolla no está resuelta.**

Por Yuri María, el 25 de mayo de 2023, en ocasión de la Octava de la Ascensión de Nuestro Señor Jesucristo.

Artículo en portugués: Link

Expediente Guérard des Lauriers: ¡El Padre Ricossa Mintió!

INFORME PERICIAL GRAFODOCUMENTOSCÓPICO N.° 29701/2022

"El día veinticinco (25) del mes de agosto del año dos mil veintidós (2022), en la ciudad de Maceió, Estado de Alagoas, el perito especializado en Grafotécnica Bruno Francisco Siqueira Silva, titular de la cédula de identidad No 3009101-2 SSP/AL, Perito Grafotécnico del Tribunal Regional del Trabajo de la 19a Región, Perito Judicial del Tribunal de Justicia del Estado de Alagoas, con registro en el Cadastro Nacional de Peritos Particulares No. 1964, conforme a la legislación y disposiciones reglamentarias vigentes, por solicitud expresa del cliente Sr. Yuri Maria Timotheo Guimarães de Almeida Baranhuk, fue encargado de realizar los exámenes periciales para atender su solicitud.

Agotadas todas las posibilidades para una mejor conducción y elaboración del trabajo pericial grafotécnico / Documentoscópico, procedo a presentar los resultados obtenidos.

PIEZA DE EXAMEN

Se trata de 04 (cuatro) cartas, que contienen contenido gráfico escrito en idioma extranjero, siendo los textos escritos con bolígrafo.

OBJETIVO DE LA PERICIA

Consiste en analizar y pronunciarse sobre las escrituras contenidas en las "piezas de examen" para determinar si las mismas tienen origen, o no, de la misma mano caligráfica.

CONSIDERACIONES INICIALES

Antes que nada, es importante señalar que la grafotecnia es una ciencia amplia y para su correcto desarrollo, el Perito necesita formarse en cursos que generalmente duran cientos de horas, además de tener muchos otros cientos de estudios adicionales, antes de realizar un solo informe pericial, a esto se suman la compra de libros especializados, la participación en congresos y seminarios, y la dedicación total a la profesión elegida.

Todos estos factores llevan al especialista a tener plenas condiciones para certificar la autoría de un puño caligráfico, basándose en el uso de la técnica y la ciencia, con total probabilidad y certeza de su resultado final.

Cabe aclarar que para la constatación de la autenticidad de un puño caligráfico, es necesario realizar varios exámenes grafotécnicos y analizar las características derivadas de cada tipo de escritura.

También existen otras decenas de características y exámenes que pueden realizarse fácilmente en reproducciones, que siempre dejan elementos favorablemente en sus trabajos y obras publicadas, entre los cuales podemos mencionar:

"Los exámenes grafotécnicos de copias pueden realizarse normalmente, siempre que se limiten al origen de las propias copias." (Tito Lívio Ferreira Gomide y Lívio Gomide, Manual de Grafoscopia, Editora Leud)

"La resistencia y negativa sumaria para periciar cualquier tipo de reproducciones comenzó pocos años después del surgimiento de las fotocopias. Esta corriente fue predominantemente dominante. Hoy, en Brasil, está restringida a muy pocos y retrógrados defensores." (José Del Picchia Filho, Celso M. R. Del Picchia y Ana Maura G. Del Picchia, Tratado de Documentoscopia, Editora Pillares)

"Si se solicita un examen pericial por la autoridad competente sobre la reproducción xerográfica de un documento, con la declaración expresa de que no es posible realizar dicho examen en el original, el Perito tiene derecho a proceder con la realización del examen solicitado en la mencionada fotocopia." (Profesor y Perito Ernesto Parello - IV Congreso Nacional de Criminalística - Brasilia/DF - 1977.)

"... al rechazar el examen, el Perito dejará de aclarar a la Justicia. En muchos casos, colaborará decisivamente con los falsificadores y criminales." (Ascendino Cavalcanti y Evson Lira, Grafoscopia Esencial, Editora Sagra-Luzzatto)

Afirmar la autenticidad o falsedad de impresos gráficos cuestionados no es tarea fácil, ya que al hacerlo, el Perito debe estar absolutamente seguro del resultado pericial, ya que su informe será una herramienta importante que proporcionará a las autoridades la claridad sobre la verdad.

ACLARACIONES

La grafoscopía tiene como objetivo detectar la autenticidad o no y/o el verdadero autor de un escrito, ya sea en un texto completo o en solo una rúbrica.

Las firmas y los textos suelen presentar diversas diferencias y similitudes, y es a través de estas diferencias y similitudes que encontramos, mediante la comparación, al verdadero autor del escrito.

Para comprender mejor la grafoscopía, es necesario mencionar algunos estudios del famoso Perito Solange Pellat, quien nos presenta cuatro conceptos básicos sobre el grafocinestismo:

1. El gesto gráfico está bajo la influencia directa del cerebro. Su forma no es modificada por el órgano escritor, si este funciona normalmente y está suficientemente adaptado a su función.
2. Cuando alguien escribe, el Yo está en acción, pero el sentimiento casi inconsciente de que el Yo actúa pasa por alternativas de intensidad y debilitamiento. Está en su máximo de intensidad donde hay un esfuerzo por hacer, es decir, en los inicios; y en su mínimo, donde el movimiento de escritura es secundado por el impulso adquirido, es decir, en las extremidades.
3. El grafismo natural no puede ser modificado voluntariamente, excepto por la introducción en el trazado de características del esfuerzo realizado.
4. El escritor que actúa en circunstancias en las que el acto de escribir es particularmente difícil traza instintivamente las formas de letras que le son más habituales, o las más simples, de esquema fácil de ser construido.

Otra cuestión a mencionar, que se refiere a una de las principales acciones a tomar para la correcta conducción y establecimiento de la conclusión pericial, es la realización de la recolección de muestras con las técnicas adecuadas.

La importancia de esta cuestión se debe al hecho de que todo el trabajo pericial se fundamenta en la calidad de las muestras recogidas por el perito, ya que todas las circunstancias que rodean una recolección de muestras exitosa serán evidenciadas, dada la importancia de dicho tema en el contexto pericial.

Y aquí, el factor psicológico adquiere una importancia esencial, ya que en ciertas ocasiones, el sentimiento de culpa y miedo pueden interferir en la ejecución del trazado gráfico, tendiendo a enmascarar las características personales. En este caso, puede ocurrir el abandono del gesto gráfico, comprometiendo la calidad de las muestras paradigmáticas, especialmente si el individuo escritor tiene conocimiento de las muestras que serán analizadas.

El expediente fraudulento del disfraz gráfico se evidencia por el artificialismo, comúnmente representado por variaciones en los elementos genéricos, principalmente en la inclinación y el calibre, así como en la genética, con alternancias en la intensidad de la presión y la progresión.

Considerando la 3ª. Ley de Solange Pellat, citada anteriormente, es evidente que el simulador se delatará a través de paradas repentinas, desviaciones, cambios de dirección, variaciones gráficas y otros artificialismos durante la recolección de patrones. Por lo tanto, sería conveniente también examinar el final de los trazados, donde los manierismos gráficos ocurren con más frecuencia, lo que permite una verdadera identificación gráfica, aplicando aquí la 2ª. Ley de Solange Pellat.

APARATOS UTILIZADOS

Durante los exámenes se utilizaron: un escáner, un ampliador óptico digital, reglas milimetradas y varios otros instrumentos de medición disponibles, incluyendo en el ámbito digital.

ANÁLISIS SI EL CONTENIDO GRÁFICO DE LAS PIEZAS DE EXAMEN PROVIENE DEL MISMO PUÑO.

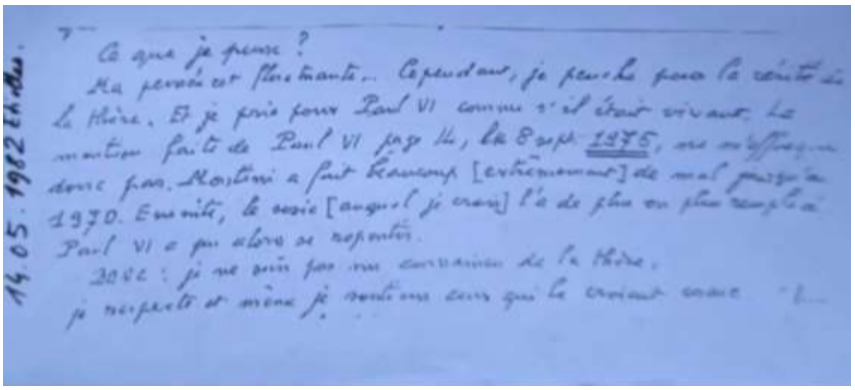
El Perito Grafotécnico, al analizar los documentos en cuestión en su totalidad, llegó a la conclusión de que las grafías presentes en las "Piezas de Examen" PROVENÍAN del mismo puntero caligráfico. Entre los elementos convergentes, podemos mencionar:

- Dinamismo del puño
- Grado de habilidad
- Ritmo de escritura
- Velocidad
- Espontaneidad
- Ataques
- Remates
- Presión
- Evolución
- Calibre
- Tipo de escritura
- Espaciados
- Alineamiento
- Conexiones laterales
- Conexiones ascendentes
- Inclinación axial
- Mínimos gráficos
- Valores angulares y curvilíneos

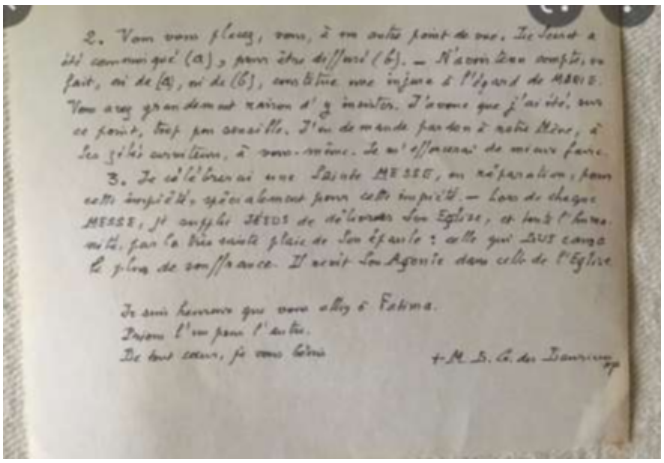
Así, procedo en las siguientes páginas a fundamentar las convergencias señaladas en este informe, siendo las imágenes a continuación las piezas examinadas.

Pieza de examen 01

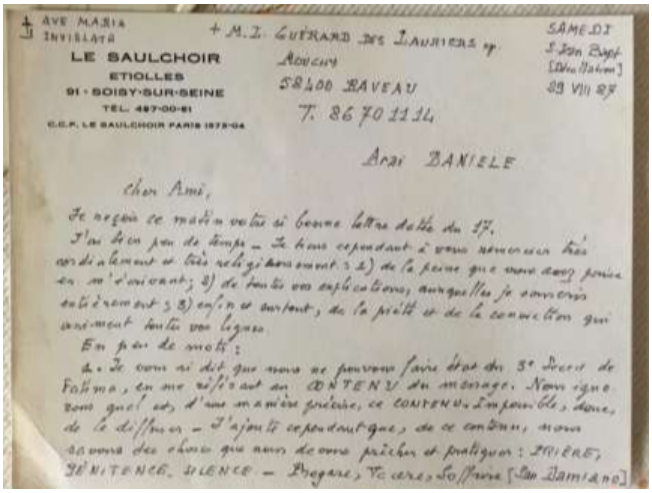
Pieza de examen 02



Pieza de examen 03



Pieza de examen 04



1. Grado de habilidad, espontaneidad, dinamismo del puño, ritmo de escritura y velocidad.

El primer punto a investigar son las características subjetivas analizadas en la pericia, es decir, aquellas características extraídas por el conocimiento y la experiencia del perito, y que no pueden ser demostradas en las ilustraciones. En esta situación, se encontraron las primeras convergencias, ya que todas las firmas tienen **una escritura espontánea, con un grado de habilidad muy alto, un trazo dinámico, una escritura rítmica y rápida**. ** Después de la parte de las características subjetivas, pasamos a analizar las características objetivas, que son aquellas que pueden observarse en las imágenes siguientes.

2. Ataques, Remates, Presión y Evolución.

El objetivo del análisis de los ataques es entender cómo el individuo comienza su escritura. Por otro lado, el remate sería la finalización gráfica. La presión se refiere a la fuerza ejercida por el escritor sobre la superficie del papel. La evolución consistiría en entender cómo se comporta el trazo desde el principio hasta el final.

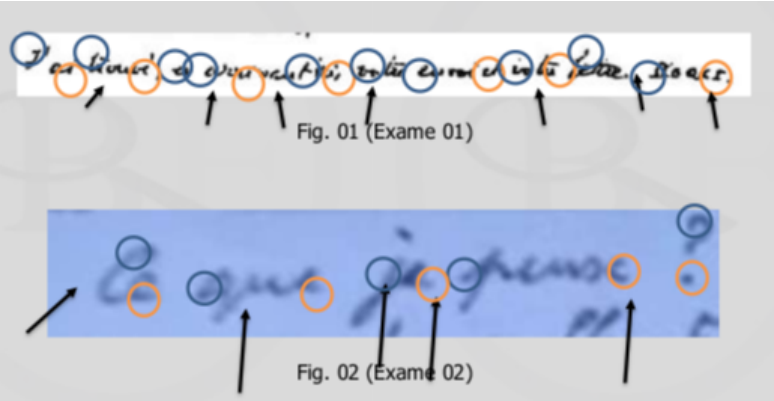


Fig. 01 (Exame 01)

Fig. 02 (Exame 02)

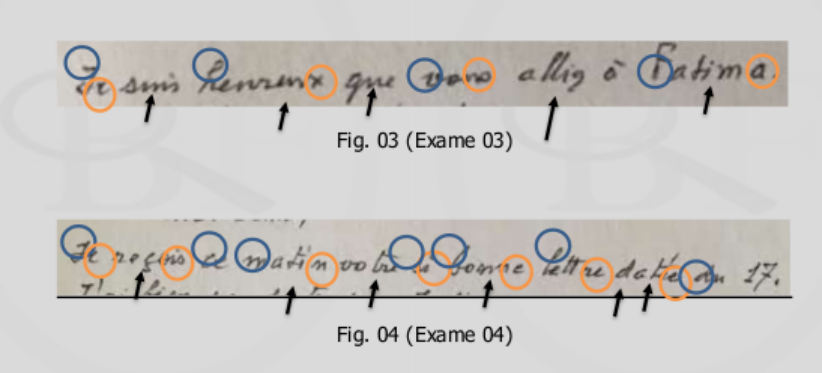


Fig. 03 (Exame 03)

Fig. 04 (Exame 04)

Comentario Técnico:

Observamos que las piezas de examen tienen las mismas características, a saber, tienen los ataques, como se señala con círculos azules, predominantemente sin apoyo, lo que indica que la pluma tocó el papel en el momento en que comenzó la escritura. En cuanto a los remates, como se indica con círculos naranjas, también son predominantemente sin apoyo, lo que indica que la pluma deja la superficie del papel al finalizar la escritura.

En cuanto a la presión y la evolución, ambas piezas tienen una presión media, con una evolución de un grado de tinta oscuro, sin puntos temblorosos ni negativos, como indican las flechas negras.

3. Calibre, Tipo de Escrita y Espaciados.

El calibre se refiere al tamaño de la escritura y al tipo de escritura. El tipo de escritura es autoexplicativo. Los espaciados son los espacios dejados por el escritor durante la producción del trazado.

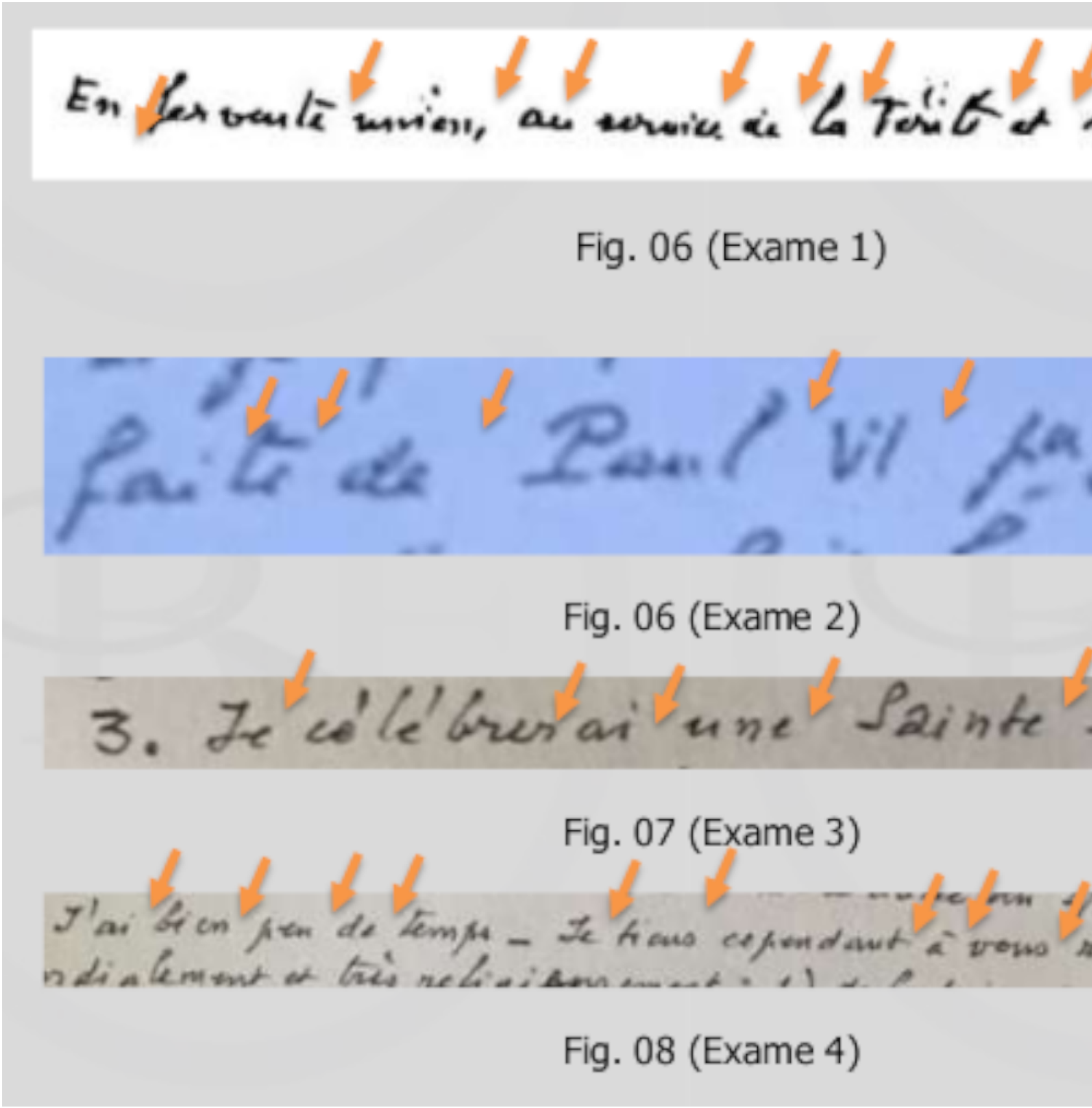


Fig. 06 (Exame 1)

Fig. 06 (Exame 2)

Fig. 07 (Exame 3)

Fig. 08 (Exame 4)

Comentario Técnico:

Al analizar las imágenes arriba, notamos más puntos de convergencia, dado que todas las piezas tienen un calibre medio menor a 3mm, es decir, un calibre pequeño, como señala la flecha roja vertical, mostrando una escritura con trazos aglutinados.

Según las mediciones y flechas naranjas, podemos identificar que los espacios dejados por el escritor en ambas piezas son bastante cercanos y regulares, por lo tanto, son convergentes.

4. Alineación, Mínimos Gráficos e Inclinación Axial

Cuando estudiamos la Inclinación axial, como su nombre lo indica, buscamos identificar hacia qué dirección está inclinada la escritura. En cuanto al alineamiento, queremos identificar cómo se comporta el trazo en relación a la línea de la pauta. En cuanto a los mínimos gráficos, sería el análisis de las costumbres del escritor aplicadas a la escritura.

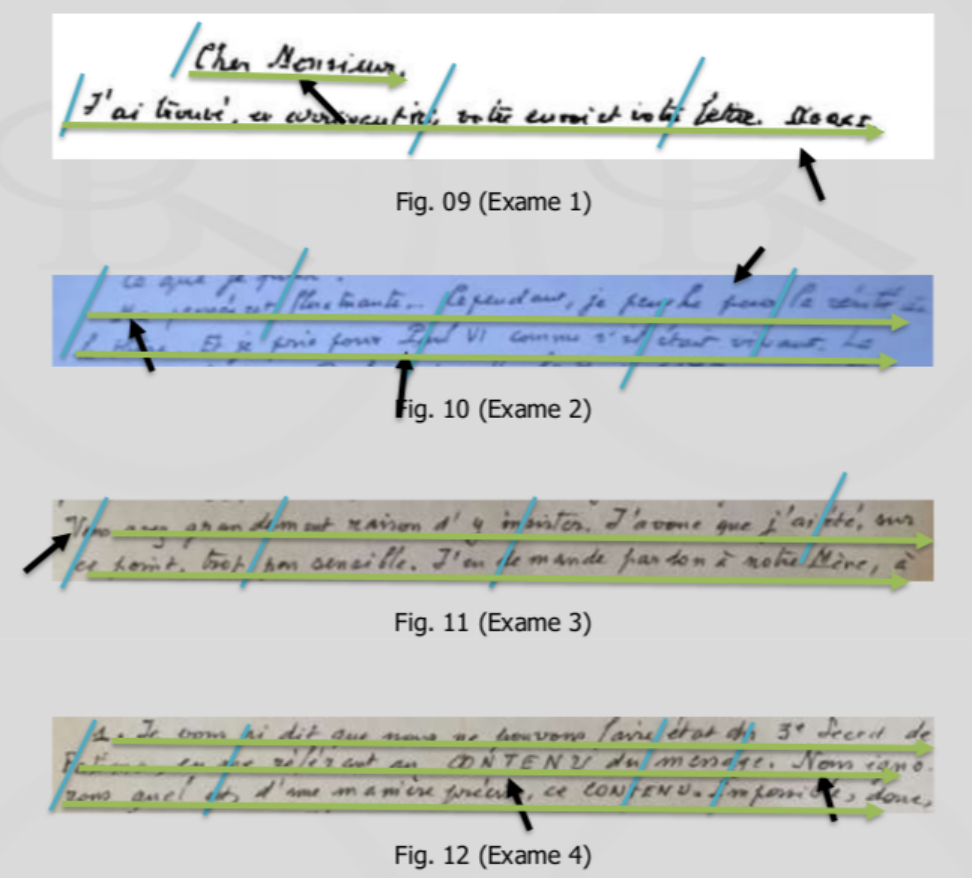


Fig. 09 (Exame 1)

Fig. 10 (Exame 2)

Fig. 11 (Exame 3)

Fig. 12 (Exame 4)

Comentario Técnico

Al analizar las imágenes arriba, notamos más puntos de convergencia, dado que todas las piezas tienen una inclinación axial hacia la derecha, como indican las flechas azules.

En cuanto a los mínimos gráficos, se identificó en todas las piezas el hábito gráfico de colocar en medio del texto palabras con letras de imprenta; así como el hábito de, de forma aleatoria, escribir algunas letras mayúsculas de manera más sinuosa o elegante; por último, se observó el hábito de poner los puntos de los alógrafos "I" y "J" dirigidos hacia la derecha, y también la barra horizontal del alógrafo "T" minúsculo inclinada hacia la derecha, lo que indica prisa al escribir. Como indican las flechas negras en las imágenes.

En cuanto al alineamiento, se notó que los textos están alineados con la línea de base, excepto en algunos puntos donde, quizás debido al cansancio, tienden a inclinarse hacia abajo. Se debe tener en cuenta la pieza examen 2 (fig. 10), que en la ilustración parece estar desalineada, pero esta impresión se debe a la curvatura del papel, situación en la que la imagen no fue capturada con el papel apoyado en una superficie plana."

5. Valores Angulares y Curvilíneos, Conexiones Laterales y Conexiones Ascendentes.

Cuando estudiamos los valores de la escritura, queremos entender si predominan trazos puntiagudos o redondeados. En cuanto a las conexiones ascendentes, se refiere a cómo se unen los trazos para formar una letra o palabra, muy perceptible en letras como R, U, V, W, M, N, etc. Por último, la conexión lateral implica observar cómo se conjugan los trazos, es decir, cómo se unen las letras y palabras para formar escrituras y textos respectivamente.

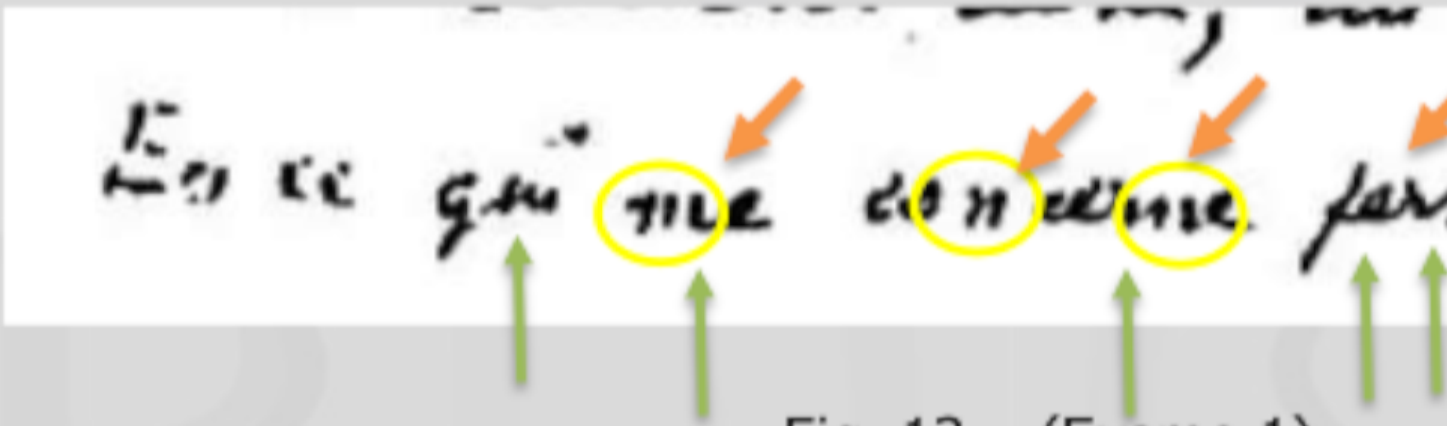


Fig. 13 – (Exame 1)

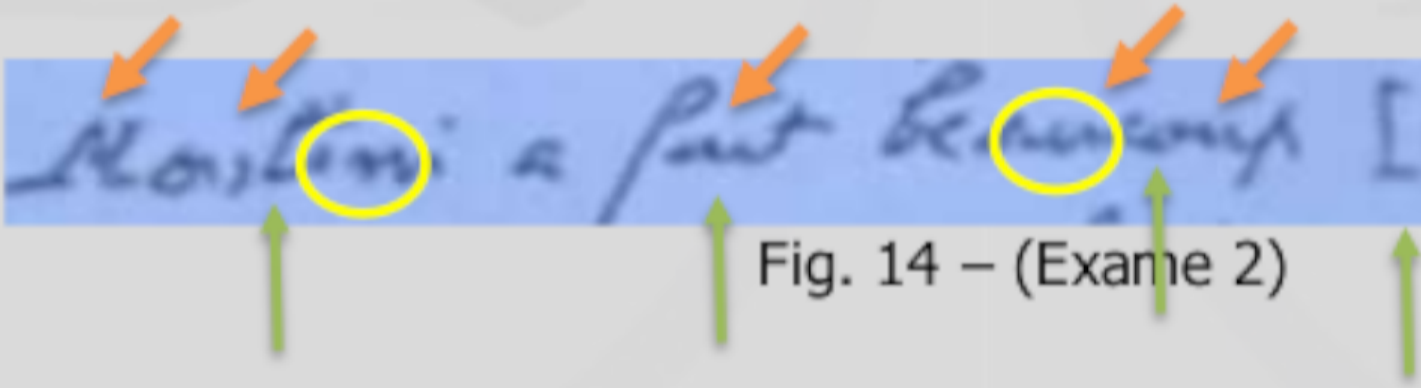


Fig. 14 – (Exame 2)

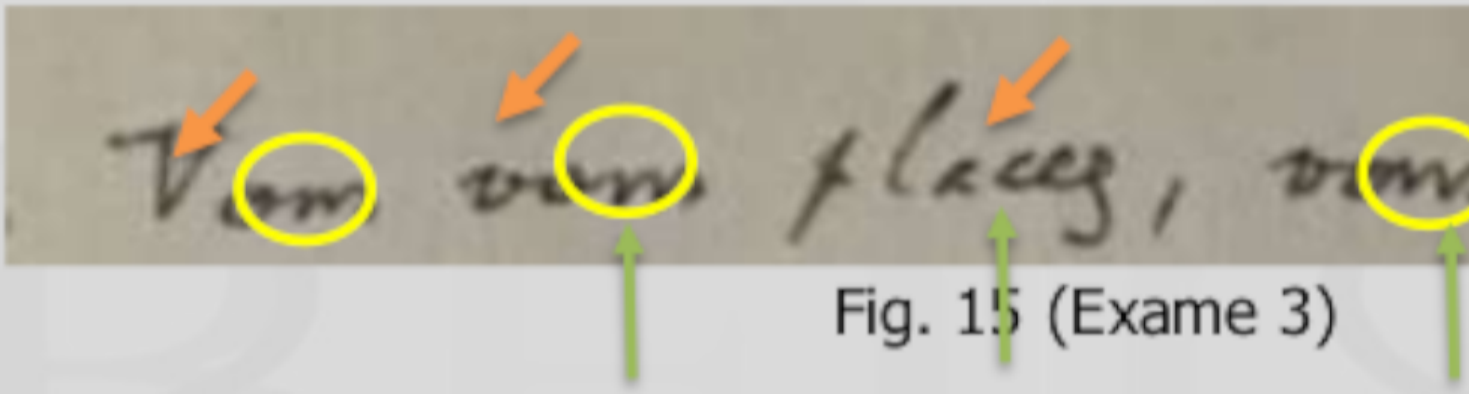


Fig. 15 (Exame 3)

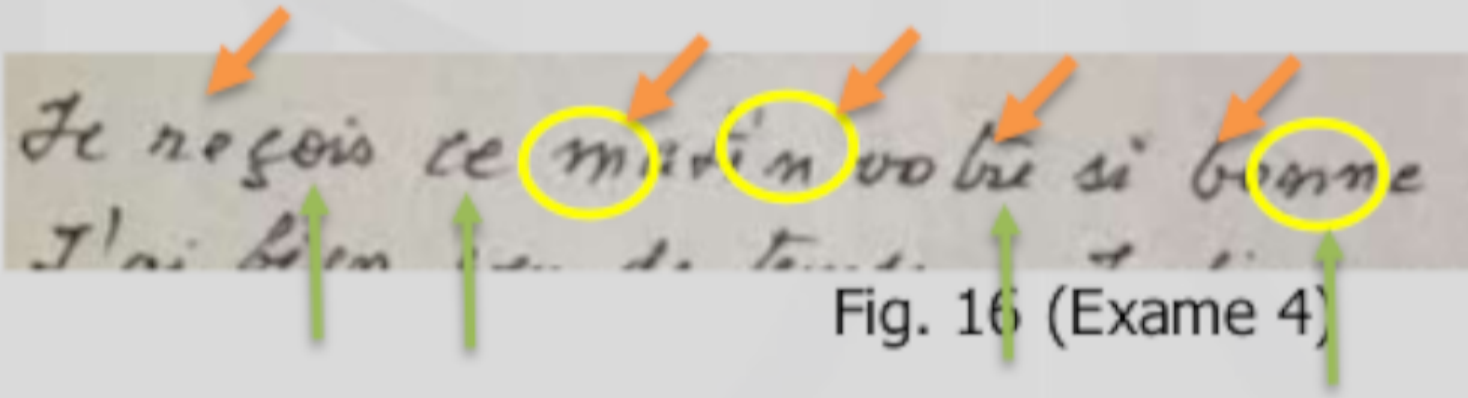


Fig. 16 (Exame 4)

Comentario Técnico:

Según los círculos amarillos dibujados en las imágenes, podemos observar la predominancia de conexiones ascendentes en forma de arco.

Así como todas las piezas tienen predominantemente, en lugares específicos, conexiones laterales en la base, con excepción de los alógrafos que siguen a los alógrafos "B", "J" y "V", que tienen conexiones laterales en la parte superior, según las flechas verdes.

En cuanto a los valores, según las flechas naranjas, se percibió la predominancia de valores angulares, es decir, los trazos tienen características puntiagudas.

VII. CONCLUSIÓN

De esta manera, concluyo, a raíz de los exámenes grafotécnicos realizados en la Pieza de Examen, en comparación con la pieza estándar proporcionada, utilizando el método comparativo, que las firmas contenidas en las piezas de examen **SON ORIGINARIAS** de la misma mano caligráfica.

Esto es todo lo que hay que informar.

No habiendo más que ofrecer, se da por concluido el presente Informe de Examen Pericial Grafotécnico/Documentoscópico, compuesto por 13 (trece) páginas, digitadas e impresas por el sistema de procesamiento de datos únicamente en el anverso, todas rubricadas, y firmadas al final para los fines correspondientes.

BRUNO FRANCISCO SIQUEIRA SILVA
PERITO GRAFOTÉCNICO

ANEXOS

PEÇAS EXAME

ANEXO I

Ave Maria

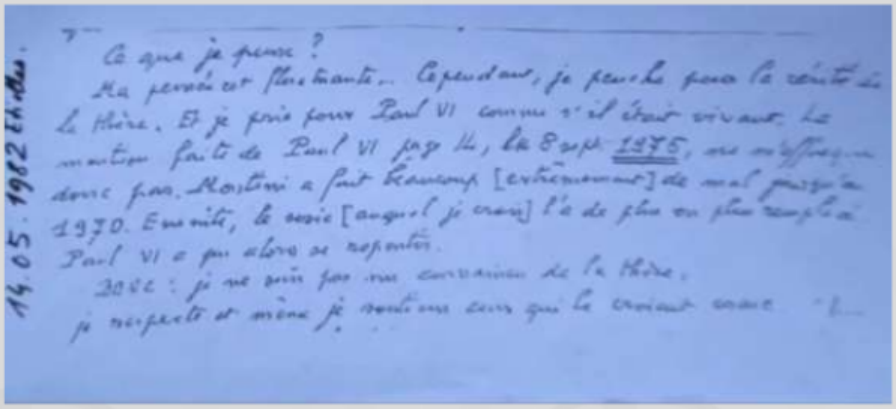
Cher Monsieur,

J'ai trouvé, en arrivant ici, votre envoi et votre lettre. Merci.

Je consacre donc, au moins provisoirement (vous me direz), l'étude de M. Denogelle. En ce qui me concerne personnellement, je souscris à toutes ses conclusions.

Son étude est excellente ! Maintenant, je crois que ma thèse contient des erreurs théologiques énormes.

En fervente union, au service de la Vérité et dans la prière.



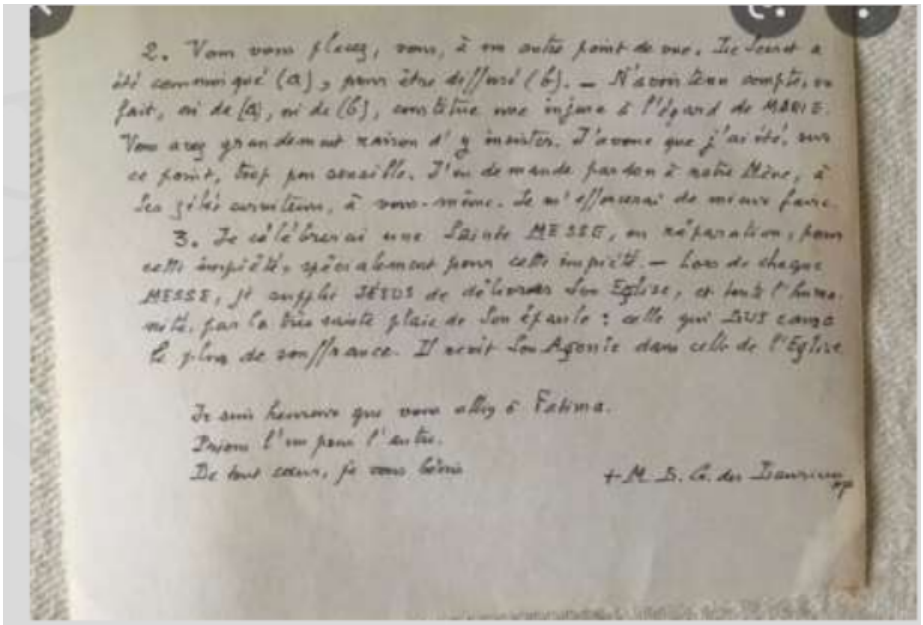
J.M.L. de Lauriere
OP.

14.05.1982 Ehrlich.

Ce que je pense ?

Ma pensée est fluctuante... Cependant, je penche pour la vérité de la thèse. Et je prie pour Paul VI comme s'il était vivant. La mention faite de Paul VI page 14, le 8 sept. 1975, ne m'effraye donc pas. Montini a fait beaucoup [extrêmement] de mal jusqu'en 1970. Ensuite, le sosie [auquel je crois] l'a de plus en plus remplacé. Paul VI a pu alors se repentir.

Donc : je ne suis pas un convaincu de la thèse, je respecte et même je soutiens ceux qui la croient vraie...

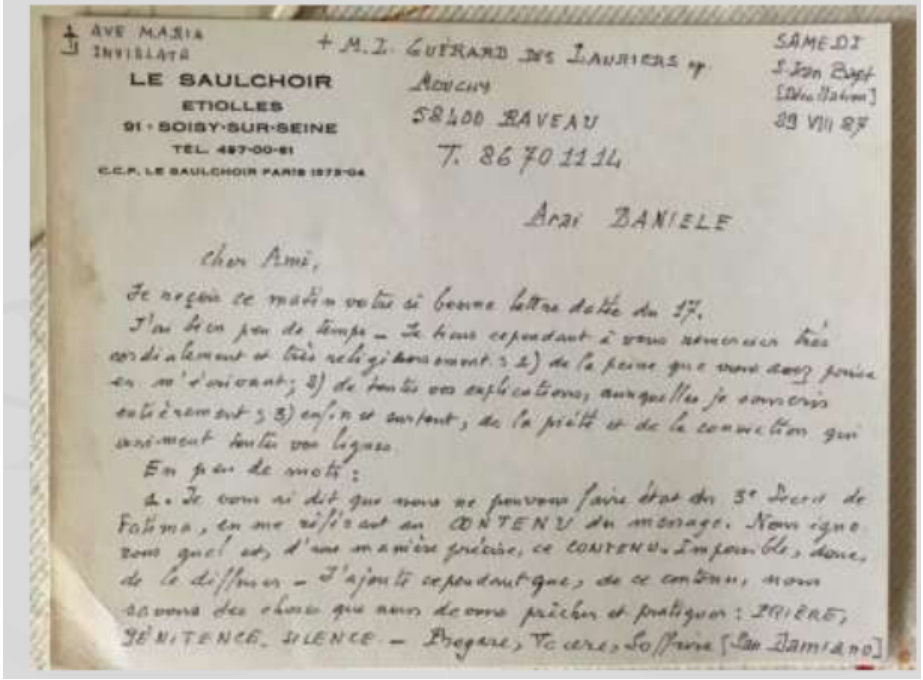


2. Vous vous placez, vous, à un autre point de vue. Le Secret a été communiqué (a), pour être diffusé (b). — N'avoir tenu compte, en fait, ni de (a), ni de (b), constitue une injure à l'égard de MARIE. Vous avez grandement raison d'y insister. J'avoue que j'ai été, sur ce point, trop peu sensible. J'en demande pardon à notre Mère, à ses zélés serviteurs, à vous-même. Je m'efforcerai de mieux faire.

3. Je célébrerai une Sainte MESSE, en réparation, pour cette impiété, spécialement pour cette impiété. — Lors de chaque MESSE, je supplie JÉSUS de délivrer Son Eglise, et toute l'humanité, par la très sainte plaie de Son épaule : celle qui DUT causer le plus de souffrance. Il revit Son Agonie dans celle de l'Eglise.

Je suis heureux que vous alliez à Fatima.
Prions l'un pour l'autre.
De tout cœur, je vous bénis

+ M. D. G. des Lauriers op



AVE MARIA INVIOLATA

LE SAULCHOIR
ETIOLLES
91 - SOISY-SUR-SEINE
TEL. 487-00-61
C.C.P. LE SAULCHOIR PARIS 1373-04

+ M. I. GUÉRARD DES LAURIERS op
MOUCHY
58400 RAVEAU
T. 86 70 11 14

SAMEDI
S. Jean Bapt
[Décollation]
29 VIII 87

Arai DANIELE

Cher Ami,

Je reçois ce matin votre si bonne lettre datée du 17.

J'ai bien peu de temps — Je tiens cependant à vous remercier très cordialement et très religieusement : 1) de la peine que vous avez prise en m'écrivant ; 2) de toutes vos explications, auxquelles je souscris entièrement ; 3) enfin et surtout, de la piété et de la conviction qui animent toutes vos lignes.

En peu de mots :

1. Je vous ai dit que nous ne pouvons faire état du 3e Secret de Fatima, en me référant au CONTENU du message. Nous ignorons quel est, d'une manière précise, ce CONTENU. Impossible, donc, de le diffuser — J'ajoute cependant que, de ce contenu, nous savons des choses que nous devons prêcher et pratiquer : PRIÈRE, PÉNITENCE, SILENCE — Progare, Vacare, Soffrire [San Damiano]

Laudo Original disponible en: Link

Cartas ao Monsenhor Pivarunas em Inglês, Francês e Espanhol:
Lettres à Monseigneur Pivarunas en Anglais, Français et espagnol :
Cartas a Monseñor Pivarunas en Español, Francés e inglés:
Letters to Monsignor Pivarunas in English, French and Spanish:

https://drive.google.com/drive/u/6/folders/1oRNuxhqnQi-8fxv4mKE83WxdeLi7FlTj

René Guénon e a Crise do Mundo Moderno - Introdução

Antigo Venerável Mestre da *Grande Triade*, Karl van der Eyken expõe algumas contradições aos dissidentes que atacam a maçonaria e são entusiastas do guenonismo.

O Caos Social

René Guénon criticou com razão o mundo moderno, um mundo sem princípios, doente de individualismo, racionalismo e materialismo; portanto, um mundo que inevitavelmente se encaminha para um cataclismo. Logicamente, a democracia é irrealizável, pois *"é contraditório admitir que os mesmos homens possam ser tanto governantes quanto governados, porque, para usar a linguagem aristotélica, um mesmo ser não pode estar 'em ato' e 'em potência' ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto"*.

As críticas de Guénon seduziram tanto leitores conscientes do caos social quanto aqueles sedentos por espiritualidade. Seu uso da linguagem aristotélica não deve fazer crer que Guénon adere à metafísica de *Aristóteles*; muito pelo contrário! Ele considera que essa metafísica é incompleta e que a ontologia que prova a existência do Ser (Deus, Atualidade pura) não o transcende! Deus não é suficiente para Guénon, pois, segundo ele, além do Ser, há o Infinito do Não-Ser.

O Homem, Ser Social

A decadência social resulta da ignorância dos *"princípios metafísicos"*, que, normalmente, devem inspirar as aplicações da ordem social, uma ordem que para ele é apenas uma *"realidade contingente"*. Os seres que formam essa realidade contingente não podem esperar nada mais do que a Salvação - finalidade exotérica da Igreja Católica - infinitamente inferior à Libertação dos adeptos da iniciação esotérica.

Para René Guénon, a moral não apresenta muito interesse, devido ao seu aspecto sentimental que ele associa ao moralismo. No entanto, de acordo com a doutrina católica que Guénon desconhecia (Frithjof Schuon era seu conselheiro), a moral define nossa conduta para com Deus, para com os outros e para conosco mesmos. A moral não tem nada de sentimental, ela apela para a inteligência e para a vontade. E, acima de tudo, é de ordem natural, pois está inscrita no coração do homem desde a Criação, e depois se tornou latente devido ao Pecado. O Decálogo de Moisés é um lembrete divino dessas prescrições naturais; esta Lei incontornável e perpétua faz parte integrante da doutrina católica.

Aristóteles, filósofo pagão que não conheceu a Revelação, tratou da questão da moral. Ele conclui que o homem é um *"animal político"*, ou seja, um ser social desde o nascimento. Todo recém-nascido depende necessariamente de seus pais, contrastando assim com alguns animais que são autônomos desde o nascimento. Os pais necessariamente fazem parte de uma comunidade e são responsáveis pela educação de seus filhos de acordo com as regras morais em vigor na sociedade. Reconhecemos uma árvore pelos seus frutos. O mesmo acontece com toda sociedade que, ao respeitar essas prescrições, governa visando ao bem comum e à felicidade de todos, suporte de toda vida espiritual.

A razão para o desprezo pela ordem social ou pela naturalidade decorre do monismo metafísico de Guénon, para quem tudo é relativo e/ou ilusório fora do "Princípio".

Criação e Manifestação

Segundo Guénon, a origem do caos decorre de um afastamento da manifestação *"cada vez maior do princípio do qual ela procede"*. Não se trata aqui da Criação, mas sim da manifestação que emana e/ou *"procede"* do princípio, implicando uma continuidade entre um e outro, conceito que se opõe à Criação *ex nihilo*. Estamos lidando aqui com o emanacionismo, que inevitavelmente leva ao panteísmo, encontrado em

todas as doutrinas gnósticas. A queda é causada pelo desenvolvimento da manifestação, que parte do ponto mais alto para o ponto mais baixo. Esse desenvolvimento gera ciclos cósmicos, que constituem uma doutrina que não podemos compreender: *"difícil fazer dessas leis uma exposição completa sob uma forma facilmente acessível às mentes ocidentais", "apenas a história é acessível aos leigos"*.

Mas se os ciclos cósmicos inevitavelmente selam nossos destinos, então somos vítimas de uma predestinação radical, o que pode gerar complexos nos calvinistas. Nesse caso, o homem não pode ter cometido Pecado, pois são as leis cósmicas que o causam; portanto, o homem não é um ser responsável com inteligência e vontade livre. Implicitamente, estamos lidando com a doutrina gnóstica do demiurgo mau criador que encerra as almas não criadas; é o Demiurgo, o "Artífice" do qual só podemos nos libertar pelo conhecimento iniciático do Infinito do Não-Ser, o *Ein-Soph* da *Kabbalah*.

Uma Super religião iniciática

Quais são os remédios que Guénon propõe para esta crise? Ele prescreve a intervenção de uma elite (os Eleitos), que deve restaurar a única organização no Ocidente "*que possui um caráter tradicional e que conserva uma doutrina capaz de fornecer ao trabalho em questão uma base apropriada: é a Igreja Católica.* " "*Seria suficiente restituir à doutrina desta, sem alterar nada na forma religiosa sob a qual se apresenta externamente, o profundo significado que realmente possui em si mesma, mas do qual seus representantes atuais parecem não ter mais consciência*".

No entanto, essa "restituição doutrinária", que é uma submissão da Igreja, não é um novo projeto proposto por Guénon, mas um antigo projeto dos Rosa-Cruzes. Em seu manifesto *Fama Fraternitatis* em 1614, estes já pregavam a reforma universal da Igreja e dos Estados, a fim de submetê-los a uma Super-religião esotérica. Aqui está uma breve visão desta Supra-religião iniciática que René Guénon nos reserva.

O Éden visto pelos Rosa-Cruzes!

Image not found or type unknown

O martinista e cabalista Saint Yves d'Alveydre (1842-1909) detalhou este projeto dos Rosa-Cruzes, que ele intitulou "*o governo sinárquico*". Em seu livro *Missão da Índia*, Saint Yves descreve um centro iniciático misterioso, o Centro primordial das Tradições, designado pelo nome de *Agartha* com seu líder, o "*Rei do Mundo*". Guénon escreveu um livro sobre o "*Rei do Mundo*", e sustenta que ele é idêntico ao Manu, o " *legislador primordial*". Este é o intermediário entre o céu e a terra e tem desde sempre o Poder espiritual absoluto sobre todas as coisas.

Saint Yves afirma que os verdadeiros Rosa-Cruzes deixaram a Europa em 1648 para se retirar para a Ásia, o que foi confirmado em 1714 por Samuel Richter, fundador da Rosa-Cruz de Ouro; e René Guénon deseja o seu retorno... Mas eles realmente partiram, já que ainda restam algumas evidências no Ocidente no século XVIII?

A Rosa-Cruz e a Ordem dos Irmãos da Ásia

O martinista Papus cometeu um "lapsus" eloquente ao dizer que a Ordem dos "*Irmãos iniciados da Ásia*" designava uma organização realmente oriental e que se tratava dos "*Mahâtmâs*", assessores do Rei do Mundo de *Agartha*!

É na Alemanha, no século XVIII, que dirigem nos bastidores esses "*Superiores Desconhecidos*". Esta Maçonaria templária da "Estrita Observância" se divide em 1782 em duas partes: uma para fundar o *Rito Escocês Retificado*, a outra para se juntar aos Illuminati da Baviera. Ora, 1782 é também o ano da criação da *Ordem dos Irmãos da Ásia*, o que nos leva, de forma mais explícita, ao lado dos sabatistas e dos frankistas, que eram todos Rosa-Cruzes segundo o excelente historiador Jacob Katz. Gershom Scholem indica que passagens inteiras dos rituais e dos catecismos eram traduzidas palavra por palavra do Zohar e do Talmud.

Os sabatistas e frankistas pregam a Redenção pelo pecado segundo a Kabbalah de Louria. De acordo com esta doutrina do *Ordo ab Chao*, a destruição global é necessária para que não haja mais obstáculos à vinda do *seu* Messias, o Anticristo para os católicos. Jacob Frank afirmava ser o novo Messias, sucessor e reincarnação de Sabbataï Tsevi, que se proclamava o Messias em 1648, ano da retirada dos Rosa-Cruzes para a Ásia segundo Guénon!

Karl VAN DER EYKEN

Artigo Original: Link

René Guénon: do Anjo do Graal à Maçonaria - Parte 1

Antigo Venerável Mestre da *Grande Triade*, Karl van der Eyken expõe algumas contradições aos dissidentes que atacam a maçonaria, entusiastas do guenonismo.

fb2
Image not found or type unknown

> Célebre ilustração do Graal e dos Cavaleiros da Távola Redonda encontrada na Capela do Graal perto de Brocéliande. Quantos cristãos veneraram o que esta "Trompe l'Oeil" representa?

As Tradições primordiais

Vamos entrar no assunto com algumas citações de René Guénon:

> "Não nos parece duvidoso que as origens da lenda do Graal devem ser atribuídas à transmissão de elementos tradicionais, de ordem iniciática"1; "o Santo Graal é o cálice que contém o precioso sangue de Cristo"2; "há símbolos que são comuns às formas tradicionais mais diversas e distantes umas das outras, não por causa de 'empréstimos' que, em muitos casos, seriam totalmente impossíveis, mas porque pertencem realmente à Tradição primordial da qual essas formas derivam direta ou indiretamente"3; "Este cálice substitui de certa forma o Coração de Cristo como receptáculo de seu sangue, torna-se como um equivalente simbólico; e não é ainda mais notável, nessas condições, que o vaso tenha sido antigamente um emblema do coração? Além disso, o cálice, de uma forma ou de outra, desempenha, assim como o próprio coração, um papel muito importante em muitas tradições antigas; e sem dúvida era assim especialmente entre os celtas, pois foi deles que veio o que constituiu o fundo ou pelo menos a trama da lenda do Santo Graal."4

Para Guénon, a Verdade não veio ao mundo com Cristo. Ela existe desde os tempos primordiais e constitui o "depósito" do Centro supremo, onde é integralmente preservada. É deste Centro que emanam adaptações da verdade, de acordo com a predisposição intelectual dos povos, determinada pelo aspecto qualitativo das eras segundo a lei dos ciclos cósmicos. Aqui está resumida a doutrina de Guénon, alimentada pelas influências rosacruzes e ampliada pelo predestinacionismo hindu.

Portanto, Cristo não é mais do que um porta-voz do Centro supremo, um avatara, um "descido do céu", como Vishnu, que está em sua décima, misturando-se com Buda de fonte exógena. Guénon diz: "não dizemos 'encarnações', como é habitual no Ocidente"5, e esclarece o cerne de seu pensamento doutrinário: "Digamos muito claramente, se Cristo fosse considerado apenas como uma figura histórica, isso seria de pouquíssimo interesse; a consideração do Cristo-princípio tem uma importância completamente diferente"6.

Image not found or type unknown
Anfisbena registrado por Louis Charbonneau-Lassay

Sem a Encarnação, não há mais Cristo, não há mais cristianismo! De onde ele tira essa enormidade? Ela vem diretamente do "Messias-princípio" da Cabala, princípio que ele desenvolveu em seu *Roi du Monde*. Segundo essa doutrina "imaginária", o princípio da "luz do Messias" seria a *Shekinah*, síntese da árvore sefirotal. A *Shekinah* tem um parêntese chamado *Metatron*, o "Trono divino", pois este é numericamente (*sic*) equivalente a *Shaddai*, o "Todo-Poderoso". *Metatron* também é chamado de "Anjo da Face", e ele tem até duas Faces: uma "tenebrosa", a outra "luminosa"; respectivamente relacionadas ao *Anti-Messias*, e a outra ao *Messias*. Segundo Guénon: "estão reunidos no 'anfisbena', a serpente de duas cabeças, uma representando Cristo e a outra Satanás", como mostra esta ilustração. E ele esclarece: "que a confusão entre o aspecto luminoso e o aspecto tenebroso constitui propriamente o 'satanismo'". Isso é maniqueísmo puro! E sem confusão possível, vemos explicitamente a linhagem doutrinária serpentina de Guénon, que encontramos em toda a sua obra, entre outros, sobre os dois

rostos de Jano, do *Rebis* hermético e do andrógino...

Eu voltarei *in fine* sobre essa "confusão" entre luz e trevas, que não constitui o satanismo, mas cuja origem é de ordem satânica. Não é necessário enfatizar que essas teorias vão contra a Revelação.

Já Filon, o Judeu, havia feito do Logos um anjo, e os gnósticos perpetuaram esse conceito. Não é tudo, os gnósticos até fizeram de Yahweh bíblico um deus mau que havia incorporado, aprisionado, as almas "pré-existentes". Subsequentemente, Deus (Yahweh) da Revelação será relegado ao lugar de um "demiurgo" platônico, sobre o qual voltarei com a Maçonaria.

O fato de Guénon rebaixar assim Cristo ao nível de um anjo ou de um Cristo-princípio é de ordem satânica. Ele havia recebido uma educação católica e se casado na igreja, então ele pelo menos conhecia o Credo. Deixar é uma coisa, mas posicionar-se como um porta-voz de uma doutrina herética é outra! Com sua "intuição intelectual" (Gnose), Guénon tinha tamanha certeza da verdade, a sua, que nem mesmo Deus poderia lhe ensinar algo que ele já não conhecesse. Essa disposição intelectual, dada a seu imenso talento como escritor, apoiado em uma lógica (matemática), o destinava a se tornar um porta-voz da Tradição primordial, cuja doutrina ele expôs de forma inigualável. Foi assim que ele se tornou incontestavelmente o representante, a cabeça, do neognosticismo contemporâneo, em perfeito acordo com a Gnose da Maçonaria, como veremos.

Guénon ignorava que existem duas Tradições primordiais, e não apenas uma; ou isso é uma consequência lógica do emanatismo? O "emanatismo" logicamente engendra o monismo metafísico implicando uma única tradição, da qual derivam as tradições secundárias, como os ramos de um mesmo tronco. Emanatismo também implica uma continuidade entre o "princípio" e sua manifestação. Essa continuidade ocorre em graus, que encontramos, entre outras coisas, nas *sephirot* da árvore cabalística, também de origem gnóstica. Portanto, é o "princípio" que se manifesta: é o panteísmo! Essa doutrina não apenas nega a Criação *ex nihilo*, mas se opõe a ela, e logicamente segue que ela considera a Revelação de uma outra maneira.

Segundo a Revelação, há duas Tradições, surgidas com as duas descendências diretamente provenientes do Pecado. Em resposta à Tentação da serpente "Sereis como deuses" (*Eritis sicut Dii*), Deus disse: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela, e esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar."[7] A Tradição, surgida da Revolta, seguirá até o fim de sua lógica sem o menor escrúpulo, enquanto a outra Tradição permanecerá fiel à Revelação. Elas geram dois caminhos: um alega poder libertar o homem pela ciência (da Árvore), o outro a Salvação pela Fé. Essas duas tradições são inconciliáveis, mas a da Ciência (da Gnose dos iniciados) não se desenvolverá independentemente da outra. Sua natureza pérfida consiste em desviar o sentido da Revelação ao se misturar com ela sob um subterfúgio, a fim de distorcê-la, gerando não apenas desvios, mas também contraverdades. A lenda do Graal testemunha isso.

A Lenda do Graal

A lenda do Graal surgiu no final do século XII com o Perceval de Chrétien de Troyes, seguido por outros autores, dos quais destaco aqui apenas o Parzival de Wolfram von Eschenbach (1205), que se distingue dos outros relatos por seu caráter esotérico. Apenas mencionarei alguns aspectos marcantes deste relato rico em detalhes, que testemunham a infiltração do pensamento árabe e talmudista na cristandade.

A origem dessa lenda não é cristã, como é o caso, por exemplo, das Canções de Gesta. Aliás, este relato nos leva a Bagdá, passando por Toledo, e sua origem seria até iraniana. Assim, o Graal corresponderia ao "Cálice Maravilhoso" de Djmeshid, no qual o "Rei Místico" vê todo o universo. Eis a razão pela qual a Igreja Católica nunca se interessou pelo Graal, como faz com outras relíquias, como o Santo Sudário, por exemplo. Antes de tudo, essa lenda também se inspirou nos apócrifos, como o "Protoevangelho de Tiago", o "Pseudo-Evangelho de Nicodemos" e alguns outros escritos duvidosos. Fiel à ortodoxia da Tradição única, Guénon diz:

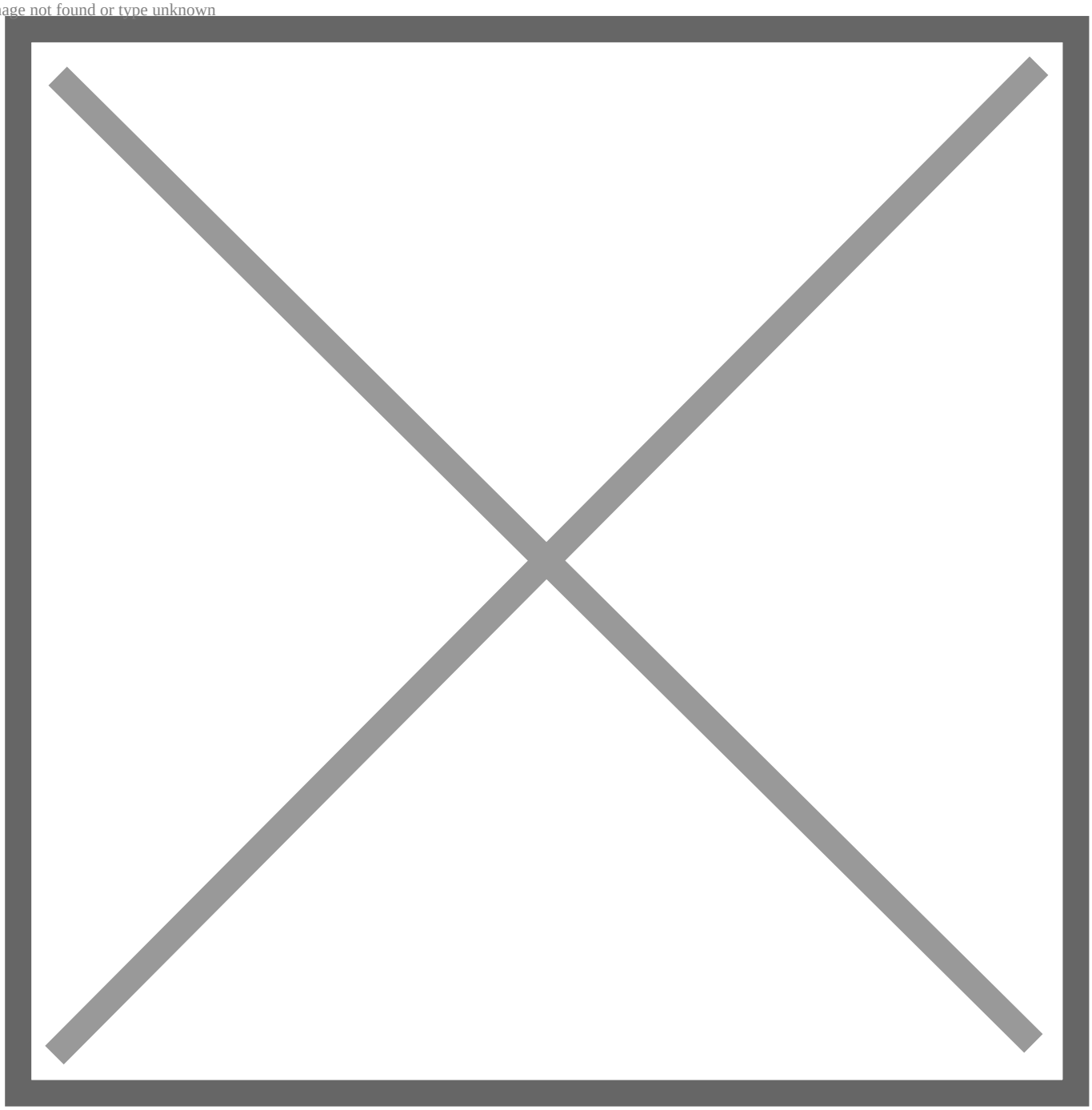
> "Após a morte de Cristo, o Santo Graal foi, segundo a lenda, transportado para a Grã-Bretanha por José de Arimatéia e Nicodemos." 8

A miniatura mostra assim o cavaleiro Wolfram von Eschenbach com um capacete de duas machadinhas que evocam indubitavelmente o maniqueísmo, como veremos com a Pérola de Mani. Além disso, as duas machadinhas heraldricas lembram certas antigas divindades cornudas sinistras. Com von Eschenbach, o relato muda de história: o sobrinho de Parzival torna-se o padre João, o famoso e misterioso rei-sacerdote da Índia. Isso geograficamente é o protótipo do Centro Supremo, posteriormente chamado Agartha, com o "Rei do Mundo" à sua frente. E Guénon confirma:

> "há uma relação muito estreita entre o simbolismo do Graal e o 'centro comum' [...] o que é simbolizado, na mesma ordem de ideias, pela designação do Sacerdote João e de seu reino misterioso." 9

Segundo von Eschenbach, os cavaleiros do castelo de Montzalvage guardam o Graal e se alimentam de uma pedra preciosa chamada *Lapsit Exillis*, a "pedra caída do céu". Parzival diz: "É pela virtude desta pedra que o fênix se consome e se torna cinzas. Mas dessas cinzas renasce a vida, é graças a esta pedra que o fênix realiza sua muda para reaparecer depois em todo o seu esplendor, tão belo quanto nunca".

Image not found or type unknown



A fênix é um símbolo da ressurreição, tema central dos "mistérios maçônicos da 'Câmara do Meio', onde também se trata de morte e ressurreição"10, confirma Guénon. Onde, com palavras semelhantes no *Parzival*, é dito após a "ressurreição": "o mestre é encontrado, ele reaparece mais radiante do que nunca!". Isso ilustra a natureza herética e parasitária da Gnose; somente Cristo ressuscitou dos mortos!

Com Wolfram von Eschenbach, o Graal não é mais o "Santo Veyssel" de Chrétien de Troyes, mas é uma esmeralda esculpida em forma de Cálice e caída da testa de Lúcifer quando ele foi precipitado do céu. Guénon sobre o *Parzival*:

> "este cálice teria sido esculpido pelos anjos em uma esmeralda caída da testa de Lúcifer durante sua queda. Esta esmeralda lembra de forma marcante a urnâ, a pérola frontal que, na iconografia hindu, muitas vezes ocupa o lugar do terceiro olho de Shiva, representando o que pode ser chamado de 'sentido da eternidade'." 11

Esta pérola de Shiva seria de fato de origem budista. O Brahmanismo também pegou emprestado algumas coisas dos gregos e do Cristianismo12. Isso é claramente o caso com "Krishna", que, de acordo com os *Purânas* da Idade Média, foi criado no colo de sua mãe, em uma cabana de pastores, cercado por pastores. Ou, ainda de acordo com os *Purânas*, a aparição tardia do *Trimûrti*, o panteão hindu trinitário, no qual Vishnu, Shiva e Brahma foram reunidos. Vishnu, o "conservador" dos seres, com Shiva "destruindo" a manifestação do ser, para que ele se "liberte". Procure pela coerência!

A pérola frontal de Shiva está diretamente relacionada às origens do Budismo, que, ao contrário do que a "história oficial" quer nos fazer acreditar, é posterior ao Cristianismo. A descoberta de milhares de manuscritos antigos na "Cidade dos mil Budas" (Touen-Houang) revelou muitos manuscritos maniqueístas. Além disso, na região de Turfan, em Karakhoja, existem estátuas de Budas com seus nomes, sendo o maior Buda Mani, o profeta supremo! Através das expedições de Alexandre, o Grande, o reino da Báctria dos Escitas foi helenizado. E, em sânscrito, os Escitas são chamados de "Çakias", daí o "Çakia Mouni", o "Buda iluminado"!

Foi um Escita, chamado Scythianos, que pregava uma Gnose cristã, portanto, herética. Seu discípulo Térébinthe foi a Babilônia, alegando ter nascido de uma virgem e se autodenominou "Buda". Este nome foi dado a esta "igreja" por Mani (216-277), que ensinava a Gnose de Marcião e Basílides. Mani, grande organizador, construiu estas "igrejas" em todo o Oriente e Ásia Central. Mani era o "filho de uma viúva", encontramos isso na maçonaria onde os maçons são "filhos da viúva". Mani significa em sânscrito "gema, pedra preciosa", que encontramos no famoso cântico do "Jóia no lótus" (*Mani padmê*) do budismo mahayana. Outro cântico famoso é este hino maniqueísta, o "Cântico da Pérola", que é retirado dos "Atos de Tomé", outro apócrifo! Eis aqui a fonte factual e não apenas lendária do Olho central de Lúcifer.

Este cálice, esculpido pelos anjos em uma esmeralda caída da testa de Lúcifer durante sua queda, teria se tornado um suporte simbólico para a realização espiritual dos iniciados gnósticos. Esta pedra preciosa, *Lapsit Exillis*, caída até o centro da terra, também é o local da Pedra filosofal dos hermetistas, que encontramos na Maçonaria (*Visita interiora terrae rectificando invenies occultum lapidem veram medicinam*). Seu acrônimo "VITRIOLUM" aparece na "Câmara de Reflexão", a "antesala" da iniciação maçônica.

Lucifer se opôs a Deus por sua recusa (*non serviam*) em servir o Filho de Deus, assim como à Santíssima Trindade! Esta Tradição é perpetuada pela Maçonaria, historicamente confirmada e retomada por Guénon:

> Existiu, por volta do século XIV, senão antes, uma Maçonaria do Santo Graal, pela qual as confrarias de construtores estavam ligadas aos seus inspiradores hermetistas, [...] uma das origens reais da Maçonaria." 13 Esta filiação era secretamente mantida "de forma oculta, através de organizações como a Fede Santa ou os 'Fidèles d'Amour', como a 'Maçonaria do Santo Graal' e sem dúvida muitas outras ainda 14.

1 – *Vislumbres sobre o Esoterismo cristão*, cap. VIII.

2 – *Idem*, cap. IX.

3 – *Idem*, cap. VIII.

4 – *Idem*, cap. IX.

5 – *O Simbolismo do Peixe, Regnabit*, fevereiro de 1927.

6 – *Estudos sobre a Maçonaria e o Companheirismo*, volume I, "Um novo livro sobre os Eleitos Coens".

7 – Gênesis, III, 3 e 15.

8 – *Vislumbres sobre o Esoterismo cristão*, cap. IX.

9 – *O Esoterismo de Dante*, cap. IV.

10 – *Ibidem*.

11 – *Idem*, cap. IX.

12 – *Cf.* Étienne Couvert, *A Gnose Universal*, cap. I, Edições de Chiré 1993 (Gnose e Budismo: nas fontes do Budismo).

13 – *Estudos sobre a Maçonaria e o Companheirismo*, volume II, "Sobre os Sinais corporativos e seu significado original".

14 – *Vislumbres sobre o Esoterismo cristão*, cap. II.

Artigo Original: Link

Bonifácio, bispo, servo dos servos de Deus, aos nossos veneráveis irmãos, a todos os arcebispos e bispos, isentos e não isentos, estabelecidos por todo o reino da França, saudações e bênção apostólica. Glória, louvor e honra ao pai das luzes (de quem provém todo dom bom e perfeito) sejam concedidos por todos os seguidores da fé ortodoxa, cuja esperança está posta no alto, com os mais elevados e diligentes esforços de devoção e reverência; pois Ele, abundante em misericórdia, generoso com graças e magnífico em recompensa, vira os olhos de Sua majestade dos altos céus para as partes mais baixas da terra, examinando com benigna consideração, o abençoado Luís, outrora o ilustre rei dos Franceses, e seu mais glorioso reino.

Os grandes méritos do confessor e suas obras miraculosas, pelas quais ele próprio, estabelecido no mundo como uma lâmpada luminosa, brilhou: e como um juiz justo e recompensador louvável, visou dignamente recompensar com presentes apropriados, ele, como alguém que tinha mérito e era mais digno de recompensa, após a prisão desta vida presente e as lutas laboriosas do mundo (que ele fervorosamente e pacientemente empreendeu em serviços divinos): colocou-o nos assentos celestiais, para sentar-se com príncipes e segurar um trono de glória, para desfrutar a doçura da felicidade eterna. Portanto, deixe a igreja mãe exultar e celebrar as solenes festividades de alegria, que ela gerou um filho tão grande e tal, trouxe à luz uma criança, criou um aluno, agora entre as fileiras gloriosas dos reis celestiais se regozijando. Deixe-a se regozijar e exultar, e nos louvores do Altíssimo eleve sua voz, porque tal descendência transcendente, tão ilustre, iluminada por esplendores, distinguida e decorada, é observada: o que, para ser elevado com louvores ressoantes e honrado com a mais alta exibição de veneração, revela mais claramente, explica mais evidentemente; aqueles às alegrias da felicidade perpétua e participação na herança eterna a serem admitidos: que professam a referida igreja, a mãe dos fiéis, a noiva de Cristo com **testemunhos claros de fé e obras**, e ninguém para entrar na glória do pai supremo, exceto através dela como a porteira dos céus, por um ministério virtuoso as portas desbloqueadas do Altíssimo. Deixe as multidões de habitantes celestiais se **regozijarem com a chegada de um morador tão sublime, tão luminoso**, que para eles um agricultor experiente, provado na fé cristã, e um cultivador proeminente é agregado. Deixe um jubilo de alegria ressoar, a nobreza gloriosa dos cidadãos dos céus, porque tal grande, tal concidadão é reconhecido por ter sido recebido, e deixe a venerável assembleia dos santos florescer com alegria e exultação na nova nomeação de um companheiro mais digno. Levantem-se, então, a numerosa congregação dos fiéis, levantem-se, zeladores da fé, e juntamente com a mesma Igreja, cantem um hino de abundante louvor. Deixe seus corações serem banhados com um copioso orvalho de alegria, e os segredos de seu peito serem preenchidos com o orvalho fértil de doçura da elevação de um príncipe da terra tão grande, tão **poderoso e excelente**, com a mais plena esperança concebida, que para nós de um compatriota nativo da terra, agora feito dos céus, um patrono eficaz aumentou no filho do Pai Eterno, que agora colocado em sua presença, exerce diligentemente o ofício de um orador. Além disso, quem poderia com fama ampla, por mais poderoso, quem quer que seja articulado, ou brilhando com o brilho da eloquência expressar suficientemente exaltadas insígnias da santidade, e a multiplicidade da excelência dos méritos, com **os quais o abençoado Luís mencionado acima brilhou estabelecido na terra? já que muitos são os atos louváveis dele que se apresentam para serem falados, quanto mais a pena expressa, os lábios revelam, a língua matiza.** Mas para que a clareza desses atos não permaneça escondida sob uma nuvem, ofuscada pela escuridão; consideramos digno, que nosso discurso deveria abrir sobre alguns destes e trazê-los à atenção pública. De fato, este mais ilustre por nascimento, sublime em poder, rico em recursos, exaltado em virtudes, elegante em maneiras; foi notável por integridade, tendo relegado completamente para longe de si mesmo coisas desonrosas e vis. Pois ele aderiu às obras de castidade de tal forma, esforçou-se para evitar os contágios da carne; que, como detém a crença certa de muitos, se não tivesse abordado a associação prejudicial com uma esposa, ele teria brilhado com brilho virginal. Por um longo período de tempo, ele presidiu a governança do reino mencionado e dirigiu seu leme com plena atenção e circunspecção prudente: **prejudicial a ninguém, não injurioso a ninguém; violento a ninguém. Ele observou e cultivou grandemente os limites da justiça, não deixando o caminho da equidade: as tentativas nefastas dos ímpios ele devidamente coibiu com a espada da punição, esmagando os esquemas do mal, restringindo a ousadia ilícita dos depravados, um fervoroso zelador da paz, ávido amante da harmonia, um promotor solícito da unidade, evitando discórdias, evitando escândalos, abominando dissensões. Por causa do qual, no tempo de seu feliz reinado, com as ondas por toda parte acalmadas, (((redemoinhos))) prejudiciais expulsos,** Os habitantes de seu reino

testemunharam o amanhecer fluentemente doce da tranquilidade e a serenidade alegre da prosperidade desejada sorriu para eles (assim conclui o breve relato de sua vida).

Mas, tendo concluído o curso desta vida, verdadeiramente vivendo mais do que ele havia vivido, o filho do altíssimo, a quem o mesmo [luís] tinha amado com toda a afeição de sua mente, não quis que a santidade de **tão devotado príncipe e tal defensor da fé ortodoxa** fosse suprimida do mundo, de modo que, assim como ele tinha brilhado com **uma multidão de méritos**, assim também ele poderia ser iluminado por uma variedade de milagres, e ele que o tinha venerado com **PLENÍSSIMA** devoção, agora colocado com ele no palácio celestial, poderia ser santamente venerado; pois aos contraídos, ele proporcionou extensão de membros; aos encurvados, quase tocando o chão com seu rosto, ele restaurou a forma, seus rostos levantados, ele restaurou a saúde; aos escrofulosos, ele distribuiu o benefício da libertação; uma certa mulher, cujo braço estava mirrado e completamente impotente, ele libertou de tal enfermidade; também, um homem, cujo braço pendia como se morto, obteve a graça da cura através da virtude deste santo; a muitos abatidos pela doença paralítica e outros, que foram mantidos por várias doenças, a saúde plena foi restaurada, e aos cegos a visão, aos surdos a audição, aos aleijados a caminhada, ao invocar seu nome, foram restaurados, por estes e muitos outros milagres o **santo brilhou gloriosamente**, a série dos quais não julgamos inserir aqui.

Portanto, deixe a ilustre casa da França se alegrar, que gerou tal e **tão grande príncipe**, através de cujos méritos o povo mais devoto da França é sublimemente iluminado, que mereceram obter tal eleito, tal senhor virtuoso. Deixe os corações dos prelados e clérigos exultarem, porque o reino mencionado é particularmente adornado com as claras insígnias de milagres de seu rei. Deixe também os corações dos nobres, magnatas e soldados se alegrarem, porque através das obras mais santas do dito rei, o status do mesmo reino é elevado pela prerrogativa de honra multiplicada e brilha como se iluminado pelos raios do sol.

Além disso, porque aqueles a quem a clemência do Rei Celestial magnifica com uma coroa de glória nos céus são apropriadamente venerados pelos fiéis nesta pátria terrestre, nós, após uma investigação cuidadosa e solene da **santidade de sua vida** e da verdade de seus milagres, tendo obtido plena certeza através de um exame diligente e rigoroso, julgamos apropriado inscrevê-lo no catálogo dos santos com o conselho e assentimento de nossos irmãos e todos os prelados então presentes na sé apostólica, no dia do Senhor, no terceiro das Idos de Agosto; e, portanto, notificamos e instamos seriamente toda a vossa comunidade, mandando através de escritos apostólicos, que **celebrem devota e solenemente sua festa** e assegurem que seja celebrada pelos fiéis cristãos com **veneração adequada** em suas cidades e dioceses no dia seguinte ao Apóstolo São Bartolomeu, quando sua abençoada alma, então liberta das correntes da carne, buscando as estrelas, entrou no tribunal celeste para possuir alegrias eternas, para que através de suas intervenientes orações aqui possam ser libertados de perigos iminentes, e no futuro obter a recompensa perpétua da salvação.

Para que uma multidão mais fervorosa e abundante dos fiéis possa congregar em direção a seu venerável sepúlcro, e que a solenidade do mesmo possa ser mais famosamente realizada, concedemos misericordiosamente um ano e quarenta dias [de indulgência] a todos verdadeiramente penitentes e confessados, que respeitosamente fizerem seu caminho anualmente lá na mesma festa buscando sua intercessão, confiando na misericórdia do Deus Todo-Poderoso, e na autoridade de seus apóstolos Pedro e Paulo, e para aqueles que de fato vierem ao referido túmulo dentro da oitava da mesma festa nos anos subsequentes, quarenta dias das penitências impostas a eles são misericordiosamente relaxados.

Dado na cidade de Orvieto, no terceiro das Idos de Agosto, no terceiro ano de nosso pontificado.

Tradução: Mateus Larsan

René Guénon: do Anjo do Graal à Maçonaria - Parte 2

O antigo Venerável Mestre da *Grande Triade*, Karl van der Eyken, expõe algumas contradições aos dissidentes detratores da maçonaria, ávidos por guénonismo.

ícone Image not found or type unknown

> *O Arvore de Ouro, inaugurado em 1991 no coração de Brocéliande, e erguido no meio de bosques calcinados, perpetua as lendas do Anjo do Graal, enfrentando a do Deus Cornudo.*

Lúcifer e a Maçonaria

180px-US-GreatSeal-Reverse Image not found or type unknown O critério que valida a "regularidade maçônica" é baseado na continuidade de uma "tradição não interrompida". Assim, a Maçonaria perpetua a doutrina de Lúcifer, cujo símbolo mais conhecido é o seu Olho, o "Olho que tudo vê". Este Olho está presente no Selo dos Estados Unidos desde 1776 e se espalha por toda parte com o "progresso" da Nova Ordem Mundial. O *Novus Ordo Seclorum*, a "Era da Nova Ordem", está escrito em todas as letras. Política e doutrina, uma é uma aplicação da outra; mística e política estão sempre intimamente ligadas. O "Olho que tudo vê" está no centro de todos os templos maçônicos e representa o "sentido da eternidade" ou a Autoridade maçônica, se preferir...

A natureza luciferiana da Maçonaria já foi afirmada por altos dignitários maçônicos. A alegação de Albert Pike é muito conhecida, sem mencionar Jean-Marie Ragon e Oswald Wirth, para citar apenas alguns. Wirth até afirma que os "Mestres do Sublime Segredo conhecem bem o seu nome: a Serpente"! Wirth também estava em contato com sabbatistas através do kemalista Fethy Bey, embaixador da Turquia. Provavelmente, o que é menos conhecido é que Guénon também atesta, mas de forma muito "sutil", a "presença luciferiana" na Maçonaria.

A presença de Lúcifer na Loja não se limita ao seu "Olho que tudo vê". Avançamos para um estágio superior com Lúcifer quando ele é "ativado" ritualmente. Um ritual é composto por um conjunto de símbolos postos em ação, a fim de transmitir essa "influência espiritual" da Maçonaria ao aspirante. Na elevação à Maestria, o aspirante vai "viver" pela identificação com Hiram, o arquiteto assassinado, o drama da "Câmara do Meio". E é aí que Lúcifer gera a "essência" dos mestres maçons. Ele recebeu outro nome, é claro; os mistérios devem ser perpetuados mantendo seu segredo. Além disso, isso também é indispensável para uma fidelização duradoura. Este drama ocorre, portanto, na "Câmara do Meio", um local iluminado apenas por dentro, e fora da qual só há "trevas exteriores".

Este lugar, no centro da terra, não é apenas o ponto mais baixo do inferno, mas também, por uma "notável e lógica semelhança", está relacionado com o conceito de *Tikkun*, "a libertação das centelhas divinas", do cabalista Isaac Louria. De fato, a "Câmara do Meio", iluminada por dentro e cercada pelas "trevas exteriores", lembra a doutrina da "redenção". De acordo com a teoria extraordinária de Louria, a luz primordial está aprisionada nos *qlippoth*, as "cascas" ou "conchas". É preciso quebrar os *qlippoth* para que a luz possa se libertar. Esta doutrina "iluminada" em relação ao ser, o liberta de tudo, inclusive de Deus! Este ser é agora, como Guénon diz com lirismo: "*aquele que é sua própria lei*"1. Este antinomismo gnóstico e radical inspirou Sabbataï Tsevi e Jacob Frank, que levam esta "lógica" até o extremo com a aniquilação total de qualquer obstáculo à vinda de seu *Messias*. A implementação do *Tikkun Olam* causará guerras de destruição dos povos. E é melhor quando isso acontece na dor, porque é para o feliz nascimento de seu *Messias*, o Anticristo para os outros. Destruir para construir, morrer para renascer, *Ordo ab Chao*!

A identificação com Lúcifer ocorre de forma astuciosa, pois agora ele é chamado de Hiram. E Guénon confirma isso: "*Dante percorreu todos os círculos infernais em vinte e quatro horas, e alcançou então o centro da Terra, que ele atravessou contornando o corpo de Lúcifer. Não haveria alguma relação entre este*

corpo de Lúcifer, colocado no centro da Terra, ou seja, no próprio centro da gravidade, 'simbolizando a atração inversa da natureza', e o de Hiram, colocado da mesma forma no centro da 'Câmara do Meio', e que também deve ser atravessado para alcançar a Maestria? O conhecimento desta relação misteriosa não poderia ajudar a descobrir o verdadeiro significado da letra G.:.?"2. Portanto, é esta "relação misteriosa" de Lúcifer-Hiram que "poderia ajudar a descobrir" a Gnose!

O candidato à elevação à maestria não apenas passa "do pé à cabeça" sobre o cadáver de Lúcifer-Hiram (concretizado por um maçom deitado no chão), mas depois é ele mesmo quem vai ocupar o lugar de Lúcifer-Hiram, para sofrer o mesmo destino. Deitado, o candidato se identifica totalmente com Lúcifer-Hiram com quem ele será elevado à maestria. Isso é praticado com o toque dos "cinco pontos" e a "palavra sagrada", palavra hebraica, fórmula da pergunta; "quem é o arquiteto?", resposta: "Ah Senhor meu Deus!".

Etoile Flamboyante

O nome do arquiteto está escrito no caixão, é o tetragrama hebraico "IHVH". Com a elevação do novo mestre, é dito: "o mestre é encontrado, ele reaparece mais radiante do que nunca!". Mais radiante do que nunca, porque o mestre é uma nova "Estrela Flamejante"; é o astro da aurora! Um mestre maçom sempre se encontra entre o esquadro e o compasso onde se inscreve a Estrela Flamejante. A continuidade é assegurada com os Altos Graus no grau de "Mestre Secreto", onde os trabalhos começam ao "brilho do dia", ou seja, quando o astro da aurora, Lúcifer, se levanta...

A palavra-chave do grau de Mestre é "Tubalcaïn", filho de Lameque, descendente de Caim que se opõe à "Tradição de Abel, o Justo". Esta é a linhagem da Maçonaria! Este ferreiro está em *"relação direta com o 'fogo subterrâneo', cuja ideia se associa sob muitos aspectos àquela do 'mundo infernal'"*3, como tão bem coloca Guénon. Apenas o nome Hiram é usado, Lúcifer nunca é mencionado (reservado para os adeptos dos grandes mistérios, se "sabem ler"...). No entanto, os maçons pouco sensatos poderiam pelo menos se perguntar: por que essa estrela de cinco pontas também se tornou o símbolo do comunismo, o adversário jurado da Igreja?

O tetragrama "IHVH" não deve ser confundido com o verdadeiro Deus, Yahweh da Bíblia. Desde os primeiros séculos, os gnósticos relegaram Yahweh ao status de um deus secundário que aprisiona as almas. Yahweh é apenas uma emanação do *Ein-Soph*: o Não-Ser. É a divindade suprema, o *Ein-Soph*, que liberta totalmente o ser com seu *"terceiro nascimento"* pela *"saída do cosmos"* (*sic*). Guénon: "*todo o 'cosmos' é de certa forma o 'sepulcro' do qual o ser deve agora sair; o 'terceiro nascimento' é necessariamente precedido pela 'segunda morte', que não é mais a morte para o mundo profano, mas verdadeiramente a 'morte para o cosmos' (e também 'no cosmos'), e é por isso que o nascimento 'extra-cósmico' é sempre assimilado a uma 'ressurreição'* "4; e *"isso se relaciona mais especificamente com o simbolismo da maçonaria de Royal Arch"* 5.

maconnerie_symbolique

Para os gnósticos, o ser emana do "Princípio", e sua "alma espiritual" não foi criada. Esta é uma "centelha divina", portanto eterna (serão como Deus!), e que desceu para se encarnar e aprisionar. Esta é também obviamente a doutrina de Guénon. Ele diz sobre Lúcifer que ele simboliza o *"atração inversa da natureza", ou seja, a tendência à individualização"* 6. Portanto, a elevação à maestria dá simbolicamente acesso aos estados *"supra-individuais"* (*sic*). E ele afirma essa "encarnação" da alma: "*Não é como homem que o homem pode alcançá-lo; mas é como este ser, que é humano em um de seus estados, é ao mesmo tempo algo mais e mais do que um ser humano*" 7. O ser que é "humano em um de seus estados" é a doutrina da transmigração das almas; é a Gnose em todo seu esplendor!

Sobre Lúcifer, está escrito: "Como você caiu dos céus, estrela da manhã, filho da aurora? Como você foi derrubado por terra, você que derrubava as nações? Você disse em seu coração: Subirei ao céu [...], serei semelhante ao Altíssimo! E agora você foi derrubado ao abismo, às profundezas do abismo!" 8.

Aristóteles já havia demonstrado que a alma e o corpo formam uma composição inseparável. Isso também é doutrina da Igreja, para quem Deus cria simultaneamente alma e corpo durante a concepção. Uma alma é

criada apenas para animar um corpo, e é somente pelos sentidos corporais que a alma aprende a conhecer as coisas. O indivíduo é "indivisível" (*individuum*) até a morte, onde há separação da alma e do corpo, o que não significa o fim da alma. A Gnose ensina que o homem é composto de corpo, alma e espírito. É o espírito que corresponde ao "eu" não criado, portanto imortal; ele apenas transmigra, pois é emanado...

Em 1312, a Igreja condenou formalmente o tripartismo gnóstico, espírito, alma e corpo, que se tornou necessário com a crescente influência do pensamento neo-aristotélico de Averróis. Quando a Escritura fala da alma e do espírito, sempre se trata da alma. Em relação ao corpo, é chamada alma, em relação a Deus, é chamada espírito.

Para a escolástica, a "razão é feita para a verdade", segundo São Tomás: a Verdade é definida como a "adequação da inteligência ao real" (*Veritas est adaequatio intellectus et rei*). Mas quando nos afastamos da Revelação, perdemos *ipso facto* também o sentido do real. É assim que o homem acaba por fazer Deus à imagem e semelhança do homem. Daí o erro heterodoxo de que a alma, esta "centelha divina", possui em si mesma a Verdade que faz jorrar de seu próprio fundo. A Revelação diz o contrário: o Reino de Deus não é deste mundo, portanto transcendente, mas o ser pode participar pelo dom da Graça. Há uma grande diferença entre participação e identificação, o homem não é Deus!

Karl VAN DER EYKEN

---

1 – *Autoridade Espiritual e Poder Temporal*, capítulo I.

2 – *A França Antimaçônica*, outubro de 1913 ; "Um lado pouco conhecido da Obra de Dante" ; *Cf. O Esoterismo de Dante*, capítulo VII.

3 — *O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos*, capítulo XXII.

4 – *Símbolos da Ciência Sagrada*, XXXIII.

5 – *Idem*, XXXIV.

6 – *O Esoterismo de Dante*, capítulo VII.

7 – *A Metafísica Oriental*, *Edições Tradicionais*, Paris 1976, p. 11.

8 – *Isaías*, XIV, 12-13.

Artigo Original: Link

René Guénon: do Anjo do Graal à Maçonaria - Parte 3

O antigo Venerável Mestre da *Grande Triade*, Karl van der Eyken, expõe algumas contradições aos dissidentes detratores da maçonaria, ávidos por guénonismo.

Luciferianismo e Satanismo

Artigo 4 - Capa

Afresco da Capela do Graal, representando Cristo como um cervo branco em vez de um cordeiro (para o deus Cornudo, Cernunnos, Pan...).

Seriam todos os maçons conscientemente luciferianos? Inconscientes por serem ignorantes, diz Guénon em um tom cheio de desprezo pelos incultos: *"basta dar uma olhada nos vestígios de iniciação que ainda subsistem no Ocidente para ver o que alguns, por falta de 'qualificação' intelectual, fazem dos símbolos que lhes são propostos para meditação, e para ter certeza de que aqueles, independentemente dos títulos que possuam e dos graus iniciáticos que tenham recebido 'virtualmente', nunca conseguirão penetrar o verdadeiro significado do menor fragmento da geometria misteriosa dos 'Grandes Arquitetos do Oriente e do Ocidente'."*[1]. Ele se refere aqui àqueles *"que 'encarnam', por assim dizer, esse Espírito em relação às diferentes formas tradicionais"*[2]. Em outras palavras, aqueles que aderem ao postulado de um Centro primordial preservado do Pecado!

ob_7a6a0c_masoneria

Na verdade, toda sociedade precisa de seus idiotas úteis, e os "enganados" não apenas ignoram a questão doutrinal, mas também o fato de estarem servindo a propósitos políticos. Por exemplo, 28 Obediências maçônicas recentemente incentivaram a migração em massa. Os irmãos souberam disso pela imprensa, mesmo aqueles que pertencem aos graus superiores. Inegavelmente, há também uma categoria que prefere não ver...

Um blog maçônico que defende essa "nobre" causa, orgulhosamente adiciona esta eloquente ilustração luciferiana representada aqui[3]. Neste contexto, note-se a visita de honra em 2014 da GLF por Christiane Taubira, que implicitamente confirma a cumplicidade existente entre a Maçonaria e o globalismo. Ou ainda o "planejamento familiar e o aborto" que estavam no centro das discussões nos anos 70, tanto na GLFF com a GM Edwige Prud'homme, quanto na GLF com o GM Pierre-Félix Simon. Para este último, indiscutivelmente inspirado no Talmude: "a contracepção libertadora derrubou o muro das fatalidades tradicionais. Sua desaparição abre um campo livre onde será necessário instalar a nova moral, aquela em que, assim como na busca iniciática, em busca de sua unidade original, [...] o homem retorna às suas fontes.". A Maçonaria, portanto, está em sintonia com o "planejamento eugênico e globalista" da UNESCO! A imensa maioria dos maçons nunca é consultada e descobre, posteriormente, por comunicado oficial, o "pensamento profundo" de sua Obediência. Como explicar de outra forma que este "elitismo" maçônico seja fundamentado no princípio das sociedades paralelas, seguindo o modelo de Weishaupt, conforme descrito nos arquivos dos "Illuminati da Baviera". Seja como for, o Mal é sempre o privilégio de uma minoria, assim como o Bem.

No entanto, a luta místico-política não é nova, ela é explicitamente mencionada desde 1738 no frontão do Templo maçônico na forma do primeiro artigo: "Um Maçom é obrigado, por sua Tenure, a observar a Lei moral, como verdadeiro Noaquita". Seria pura coincidência que 1738 seja também o ano da condenação - "válida perpetuamente" - da Maçonaria com a Bula papal *In eminenti apostolatus specula*? A ignorância dos maçons chegou a tal ponto que a maioria não sabe a que se refere este "verdadeiro Noaquita"[4]. O Noaquismo seria assim a "religião universal" liderada por sacerdotes judeus à qual toda a humanidade deve se submeter. O "reconhecimento que a humanidade deve fazer da verdade da doutrina de Israel" segundo o rabino Élie Benamozegh[5]. Ele também define essa "religião universal" como o "catolicismo de Israel". É ainda

necessário acrescentar que esta "religião" é a inimiga jurada da Santíssima Trindade?

Além das sociedades paralelas, também poderíamos conceber a existência de sociedades sobrepostas. A pirâmide, cujo topo com o Olho está truncado, ilustra isso de certa forma. Houve maçons - e sem dúvida ainda existem - que eram verdadeiros satanistas, como reconheceu Guénon. Por exemplo, Benjamin Franklin 6, membro proeminente do *Hell Fire Club* (Clube das Chamas do Inferno), sem diplomas, que veio para a França como embaixador! Ele dirigia nos Estados Unidos a gráfica familiar que difundia o "pensamento" do *Hell Fire Club*7. Com a ajuda de seus irmãos maçons, ele controlava a imprensa colonial americana, assim como a imprensa francesa. Foi assim que ele espalhou seu veneno por todo lado através da rede maçônica. Outro exemplo: Savalette de Langes, o tesoureiro do rei Luís XVI, que fazia parte da "loja traseira" dos "Amigos Reunidos", e que fundou o rito dos *Philalèthes*, uma extensão dos *Élus Coëns* de origem frankista. Para citar apenas mais um exemplo - a lista é muito longa -, Aleister Crowley, que praticava a via tântrica da "Mão Esquerda", membro proeminente da *Golden Dawn* (Aurora Dourada), assim como da O.T.O. *Ordo Templi Orientis* com a lei telemista de Rabelais: "Faze o que tu queres", então tudo é permitido, mas realmente tudo!

Guénon atesta uma estrutura de "plano de fundo" satânica, que ele chama de "contra-iniciação", e que: *"trabalhou constantemente nas sombras para inspirar e dirigir invisivelmente todos os 'movimentos'"*.8; *"a contra-iniciação se apresenta como uma iniciação e pode dar a ilusão disso, mas vai contra a verdadeira iniciação."* 9. Não, ela não vai "contra", porque elas compartilham a mesma natureza! Esta "contra-iniciação" simplesmente vai mais longe, mais baixo. Apenas a Revelação se opõe tanto a uma quanto à outra devido à sua fonte comum, que não é outra senão a Serpente! Além disso, Guénon confirma explicitamente que tudo isso se baseia na mesma natureza - monismo metafísico obrigado -, que a contra-iniciação: *"procede da fonte única à qual toda iniciação está ligada"*10; *"ela procede disso por uma degeneração [...] que pode ser propriamente chamada de 'satanismo'"*.11.

Os satanistas, como os Franklin, tinham afiliações duplas, triplas, múltiplas, mas também eram todos maçons! Não há incompatibilidade entre a Maçonaria e as organizações de caráter satânico. É o mesmo tipo de iniciação, mas com duas "orientações": uma para os egocêntricos, outra para os prazeres de baixo instinto. Este prazer pode até levar ao assassinato ritual, como foi o caso de Benjamin Franklin, que queimou vivo o jovem candidato Daniel Reeves, que morreu alguns dias depois, em 16 de junho de 173712.

O adágio thelêmico: "faze o que tu queres" constitui por similitude o fundamento do libertinismo ritual do Frankismo: "Louvado seja o Senhor que permite o que é proibido", acompanhado por máximas talmúdicas como "Grande é o pecado cometido por si mesmo, maior do que a boa ação que não é feita por si mesma", ou "A reversão da Lei é seu cumprimento"13. Os Khlystis, vizinhos geográficos dos Frankistas, praticam um rito semelhante às danças do tipo "dervixes": "desça em si mesmo como em uma tumba e seja como Cristo que se fez carne para destruir o pecado com o pecado!". Este túmulo no mais profundo de nós mesmos lembra a Câmara do Meio no centro da terra, onde reside a "faísca divina" do ser aguardando sua libertação... No sentido literal, há um "fundo" comum entre todas essas práticas, e é a aplicação que gera a diversidade. Mas a diversidade inicial também pode se dissipar em uma convergência posterior.

Por exemplo, na Câmara do Meio maçônica, não há transgressão afirmada (exceto para aquele que tem o olho). O maçom, se compreender bem a arte, deve superar-se para se tornar um grande iniciado que seguirá "sua própria lei". De fato, é no 33º e último grau do Rito Escocês que o maçom pode finalmente se considerar igual a Deus com o Lema do Supremo Conselho: *Deus meumque Jus* (Deus e Meu Direito). Isso confirma o antinomismo: Deus é rebaixado ao nível de um Grande Irmão - *Non serviam*! Esta reivindicação orgulhosa de "Meu Direito" também é a origem dos Direitos Humanos; é sempre a mesma fonte, a da Revolta primordial.

Abro um parêntese que mostra que todos os caminhos obscuros levam a Agartha. Rasputin também era Khlyst, e ele era muito amigo do buriate, xamã e terapeuta, Dr. Badmaïev. Foi ele quem "preparou" psicologicamente H.P. Blavatsky para sua missão. Ela é a fundadora da *Sociedade Teosófica* e a promotora da "Grande Loja Branca" conhecida como "Fraternidade do Tibete" - sinônimos de Agartha. Mas Badmaïev também era um agente de inteligência envolvido com o agente Ossendowski, "agente de ligação"14, como

detalhadamente explicado por Guénon, que conhecia bem esse pequeno mundo. A narrativa de Ossendowski serve de pretexto para Guénon escrever *O Rei do Mundo*. Além disso, Ossendowski refere-se ao "Rei do Mundo" como *Wielki Nieznany*, o "Grande Desconhecido"15, o "Superior Desconhecido", já mencionado na *Estrita Observância* e na *Ordem dos Irmãos da Ásia* do artigo anterior.

Iniciação virtual e Iniciação efetiva

A iniciação é uma "entrada", é *"o ponto de partida necessário para tudo o mais; depois de entrar em um caminho, é necessário se esforçar para segui-lo"* 16. Esta questão está diretamente relacionada com a iniciação virtual e a iniciação efetiva. Guénon: *"a filiação a uma organização tradicional regular* [a Maçonaria] *é suficiente para a iniciação virtual, enquanto o trabalho interior que vem depois diz respeito propriamente à iniciação efetiva, que é essencialmente, em todos os seus graus, o desenvolvimento "em ato" das possibilidades às quais a iniciação virtual dá acesso"* 17.

A iniciação efetiva ou a "realização efetiva" está naturalmente relacionada a um fenômeno de "iluminação" psicológica, que filósofos da Antiguidade, bem como Padres da Igreja, chamaram de *Momentum Intelligentiæ* , "instante de intelecção - compreensão". Esta "iluminação" da alma é determinada por uma "evidência" ontológica, uma "certeza" acompanhada de uma "consciência" do ser como ser, como destaca Aristóteles. Esta evidência pertence à metafísica do "real" acessível a qualquer mente "natural", e não a uma falsa metafísica baseada nos "possíveis" matemáticos, como Guénon explicou em *Os Princípios do Cálculo Infinitesimal*.

A teoria doutrinária dotada da predisposição psicológica do ser determinará o curso subsequente. Um falso começo inevitavelmente leva a um revés. Para um fiel da Revelação, será a abertura à transcendência da Santa Trindade. Ela virá a ele: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada" 18. É a conjunção da razão natural com a Fé sobrenatural; a Fé inspirará a razão e elevará a alma. Para o gnóstico, o curso será inevitavelmente diferente, pois ele deseja possuir a verdade, a sua verdade, convencido de que ela lhe pertence por direito! Ele nunca conhecerá o verdadeiro Deus, mas será alcançado pelo anjo da luz ou até mesmo pior, se ele se tornar presa dos demônios inferiores. Se for o anjo da luz, é provável que o metapsiquismo da alma se torne tanto o inspirado quanto o inspirador, causando "intuições metafísicas".

Se, por outro lado, o ser for capturado pelos demônios inferiores das *qlippoth* do *Sitra Ahra*, o "Outro Lado", ele se encontrará, assim, do lado "infra-humano". Como alternativa aqui, há excitações psicofísicas em harmonia com a via da "Mão Esquerda" do *Kundalinî yoga* tântrico - o "poder da serpente"! A *Kundalini* reside na base da coluna vertebral, portanto, no mais profundo do ser, também simbolizado pela Câmara do Meio no centro da terra. A *Kundalini* é representada como uma serpente em repouso, enrolada sobre si mesma, que deve ser despertada. O *yoga* que leva este nome constitui uma via de dissolução do ser manifesto; é uma libertação progressiva através dos *chakras* até a "extinção", o *Nirvana*; o *El-fanâ* dos sufis. É a rejeição da vida, implicitamente da Criação; em resumo, do "dom" da vida!

Lembre-se de que, para as doutrinas gnósticas ou pagãs, o ser é apenas humano em um de seus (múltiplos) estados, e sua "essência" não é distinta do Princípio supremo do qual ele emana. Daí estas palavras muito líricas de Guénon quando Deus pergunta ao ser: *"quem és tu?"*, ele pode responder verdadeiramente: "Eu sou Você." 19. Tradicionalmente, é difícil ser mais fiel, pois são as próprias palavras da Serpente: "Sereis como deuses." (*Eritis sicut Dii*)!

Não há verdadeira mística sem verdadeira fé. Com a verdadeira mística, o ser nasce na Luz; com a falsa, pelo contrário, ele se obscurece. O ser que experimentou o *Momentum Intelligentiæ* e que só vê as trevas, está convencido de que a luz desceu ao fundo dele em uma escuridão sombria. A doutrina das "trevas divinas", bem como a de *Deus absconditus* (Deus escondido), indubitavelmente carrega a marca gnóstica. Os Apóstolos não falam sobre isso, e por uma boa razão! Cristo disse: "Eu sou a Luz do mundo; quem me segue não andará em trevas." 20.

Luz e Trevas

Vamos agora revisitar a afirmação de Guénon que mencionamos na primeira parte: *"que a confusão entre o aspecto luminoso e o aspecto tenebroso constitui propriamente o 'satanismo'"* 21. Os Gnósticos sempre enfrentaram o problema do Bem e do Mal; uma dificuldade que eles não conseguem resolver. Para a psicanálise, nem mesmo há uma diferença verdadeira entre um e outro; o Mal poderia até ser a perfeição do Bem. A origem satânica da psicanálise não deixa dúvidas para Guénon 22. Mas ele não especifica que a psicanálise satânica e a iniciação luciferiana têm em comum a viagem ao mais "profundo" do ser até os *qlippoth*, com ou sem "quebra" ... Gershom Scholem também aponta que a psicologia cabalística constitui uma prefiguração de algumas ideias psicanalíticas modernas [23](#note23].

Todas essas doutrinas se baseiam na mesma lógica gnóstica subjacente, segundo a qual a manifestação emana completamente do Princípio, portanto, o Mal também! Isso gera incoerências para as quais alguns doutores gnósticos encontraram a evasão adicionando um deus intermediário, o Demiurgo. Os gnósticos são incapazes de conceber a Criação *ex nihilo*. O mesmo acontece com Guénon, um Criador que se basta a si mesmo e que não precisa recorrer a uma substância fora dele, é absolutamente *"inconcebível"* 24! Ele também afirma que as duas Tradições primordiais são absolutamente inconciliáveis. Pela Revolta, o homem se afastou de Deus, implicando *ipso facto* uma inversão intelectual, daí essa inconcebibilidade de Deus Todo-Poderoso. A Bíblia, por outro lado, revela que após a conclusão da Criação, "Deus viu tudo o que havia feito, e eis que era muito bom." 25. Não havia, portanto, Mal; o Mal surge depois, por culpa do homem!

Como então entender o pensamento de Guenon sobre o satanismo, cuja origem não é outra senão uma confusão entre a luz e as trevas? Ele dá a resposta: *"A unidade principial exige de fato que não haja oposições irreconciliáveis"* 26. Tudo está na unidade ou mais precisamente em uma "bi-unidade". Esta é também a doutrina *advaita* do hinduísmo. E Guénon faz uma mescla desta doutrina gnóstica com a Revelação, segundo a qual o homem é "feito à imagem de Deus" (macho e fêmea); portanto, o homem é um andrógino 27. O que encontramos com o *Rebis* hermético, que não é senão uma forma andrógina de Janus. Um vasto assunto que merece uma investigação mais aprofundada.

Para justificar suas alegações tradicionais, Guénon se baseia em um dos paganismo mais significativos - mostrando assim o acordo doutrinário subjacente entre essas poucas tradições pagãs. Seu acordo doutrinário é explicado por sua origem comum, que não é outra senão a Torre de Babel com a dispersão dos povos. Guénon se refere aqui ao Mazdeísmo de Zoroastro sobre o Bem e o Mal: os dois princípios, Ormuzd (a luz) e Ahriman (as trevas) devem *"ser reconciliados na unidade do Princípio supremo, chamado Akarana, palavra que significa ao mesmo tempo 'sem causa' e 'sem ação', o que o torna exatamente equivalente ao 'não-agir' da metafísica extremo-oriental, bem como ao Brahma neutro e 'não qualificado' da doutrina hindu."*28.

Em conclusão, Lúcifer não quis servir o Filho do Homem, ele foi precipitado ao inferno no centro da terra. Para Guénon, o homem tem a escolha: ou ele se levanta com Lúcifer e segue o caminho da realização iniciática, ou sucumbe a Satanás com a degeneração da contra-iniciação. Aqui está, em resumo, o esquema que Guénon afirma aqui com toda sua certeza: *"Lúcifer se tornou Satanás após sua queda"* 29. Esta é a Tradição primordial de René Guénon que se opõe à Revelação. De fato, São Paulo declara com a força da Verdade: "Estes homens são falsos apóstolos, operários fraudulentos, que se disfarçam em apóstolos de Cristo. E não é de admirar, pois até Satanás se disfarça de anjo de luz." 30.

Karl VAN DER EYKEN

---

1 – *O Domínio da Quantidade e os Sinais dos Tempos*, Prefácio.

2 – *Ibidem*.

3 – Ver http://www.souslavouteetoilee.org/2015/09/declaration-des-obediences-europeennes-sur-la-situation-des-migrants.html e http://blogs.lexpress.fr/lumiere-franc-macon/2015/09/09/migrants-les-francs-macons-en-

appellent-aux-gouvernements/.

4 – Ver https://noaches.org/bienvenue/ e http://www.bvoltaire.fr/pierrehillard/connaissez-vous-le-noachisme,14292.

5 – Elie Benamozegh, *Israel e a Humanidade*, pp. 364-365, Edições Albin Michel 1961.

6 – René Guénon, *Estudos sobre a Maçonaria e a Companhia dos Companheiros*, volume I, Relatório de Artigos, set. 1937: "o estranho papel de Franklin, que, apesar de ser Maçom [...], muito provavelmente também era algo mais, e que parece ter sido principalmente, na Maçonaria e além dela, o agente de certas influências extremamente suspeitas".

7 – Mestre Dominique Godbout, *Benjamin Franklin – O Grande "Iluminado"*, p. 8, Edições Saint-Remi 2001.

8 – *O Domínio da Quantidade e os Sinais dos Tempos*, cap. XXXVIII.

9 – *Artigos e Relatórios*, Volume I, "Iniciação e Contra-iniciação".

10 – *Ibidem*.

11 – *Ibidem*.

12 – Mestre Dominique Godbout, *Ibid.* p. 15. Ver *http://mentalfloss.com/article/30448/time-they-found-those-bodies-ben-franklins-basement*.

13 – Arthur Mandel, *O Messias Militante ou A Fuga do Gueto*, cap. IX, Edições Archè-Milano 1989; ver Charles Novak, *Jacob Frank – o Falso Messias*, Edições L'Harmatan 2012.

14 – Carta de 16 de novembro de 1924 a Arturo Reghini.

15 – Ver *Dans les coulisses de l'Agartha – L'extraordinaire mission de Ferdinand Anton Ossendowski en Mongolie*, Louis de Maistre, Edições Archè-Milano 2010. Na página 146, o autor acrescenta: "esse *Wielki Nieznany* não teria por acaso alguma relação com o *Wielki Brat*, o 'Grande Irmão' dos frankistas poloneses? O fato de Ossendowski ter incluído essa adição na edição polonesa de seu livro, na edição publicada na terra prometida de Jakob Frank?".

16 – *Vislumbres sobre a Iniciação*, cap. XXX.

17 – *Ibidem*.

18 – João, XIV, 23.

19 – *Símbolos da Ciência Sagrada*, cap. LIX, "Kâla-mukha".

20 – João, VIII, 12.

21 – *O Rei do Mundo*, cap. III.

22 – *O Domínio da Quantidade e os Sinais dos Tempos*, cap. XXXIV.

23 – *Sabbataï Tsevi*, Edições Verdier, 1983, p. 78.

24 – *Vislumbres sobre o Esoterismo Islâmico e o Taoísmo*, cap. IX.

25 – Gênesis, I, 31.

26 – *O Simbolismo da Cruz*, cap. VII.

27 – *A Grande Tríade*, cap. IX.

28 – *As Dualidades Cósmicas, Estudos Tradicionais*, números 429-431, Janeiro-Junho 1972. Artigo escrito em 1921 para *La Revue de Philosophie*.

29 – *Autoridade Espiritual e Poder Temporal*, cap. III.

30 – II Coríntios, XI, 13-14.

Artigo Original: Link

A Impostura da Maçonaria "Cristã e Tradicionalista"

O Antigo Venerável Mestre da *Grande Tríade*, Karl van der Eyken, expõe algumas contradições aos dissidentes atacantes da maçonaria enamorados do guenonismo.

108944131_o
Image not found or type unknown

> *A Rosa sobre a Cruz (e não o contrário), o Pelicano (prefiguração do Fênix) que se mata para dar vida (outras figuras o mostram alimentando seus filhotes com seu sangue) assim como a Hóstia e o Graal encerrados pelo Ouroboros estão no lugar deles... sob o Delta.*

Apresentação

Como ou por que alguém se torna maçom? Pode haver múltiplas razões, mas vou me limitar à minha própria experiência. Interessado há anos em história e filosofia, sem conhecer nada sobre a Maçonaria, estava curioso para aprender mais. Uma Enciclopédia me ensinou, em termos gerais, que essa instituição se define como "uma ordem iniciática tradicional, não religiosa, não política e universal, fundada na Fraternidade". Com uma definição tão simplista, era impossível enxergar qualquer mal nisso.

Para aprender mais, comprei dois livros que me confirmaram que a maçonaria poderia me fornecer algumas respostas. Coincidência? Duas semanas depois, conheci um maçom que me falou sobre René Guénon. Imediatamente, comprei seu livro "A crise do mundo moderno". Esse ensaio me impressionou muito pela síntese coerente entre história e espiritualidade. Guénon era e ainda é a "cabeça" do neognosticismo contemporâneo. Devorei sua obra, assim como centenas de páginas de sua correspondência. Sua obra também incitou alguns altos dignitários maçônicos a fundarem uma loja "tradicional" de inspiração guenoniana. Era onde eu queria entrar, e assim fiz em 1980.

Um breve comentário sobre Guénon. Ele escrevia com o plural majestático "nós sabemos" e denunciava, com esse tom persuasivo, erros como, por exemplo, o panteísmo de Spinoza. Mas, somente depois de deixar a maçonaria e revisitar completamente sua doutrina e a da maçonaria, cheguei a conclusões diametralmente opostas às suas.

Segundo o monismo metafísico de Guénon, toda a manifestação emana do Princípio, implicando uma continuidade entre ambos, conceito que se opõe à Criação *ex nihilo*. A continuidade entre o Princípio e sua manifestação implica indubitavelmente no panteísmo, doutrina tipicamente gnóstica. Mas, devido ao seu panteísmo, ele inevitavelmente também era transmigracionista, como atesta formalmente sua adesão à doutrina dos estados pré-humanos e pós-humanos com o *Âtmâ*, o "Eu", que sozinho transmigra 2. Essa doutrina também está presente na Cabala de Lúria; seu discípulo Hayyim Vital dedicou a ele um livro, o "Tratado das Revoluções das Almas". Com uma leitura superficial de Guénon, corre-se o risco de perder muitas coisas, especialmente porque ele sempre refutou a reencarnação, mas quando se olha mais de perto, sua crítica não visava nada além das teorias infantis dos espíritas e teosofistas. Além disso, seu primeiro pseudônimo foi "Palingenius" (regeneração cíclica dos seres), então eu poderia ter percebido isso muito antes. Não consigo explicar essa falha minha de outra forma senão por uma distorção da mente que impede de ver as coisas como elas são...

Não estou procurando desculpas, mas a confusa declaração *Nostra Ætate* (1965) – a relação da Igreja com as outras religiões –, ia na mesma direção que a afirmação de Guénon de que todas as religiões tinham uma única e mesma origem, daí sua "unidade transcendente". Portanto, nem mesmo podia supor que se tratava de uma impostura monumental.

gt
Image not found or type unknown

Assim como o "Meio Invariável", a tartaruga pode se retirar do mundo (cf. tradição escondida em sua concha etc.) é mais discreta, senão invisível. E essa figura hermética é principalmente muito menos repulsiva do que os outros répteis.

A loja guenoniana e elitista "A Grande Triade" tinha, entre seus fundadores (1947), o GM Michel Dumesnil de Gramont, já várias vezes Grão-Mestre e membro do Supremo Conselho (33º) antes da guerra. Foi ele quem conseguiu em Argel, em 1943, do General de Gaulle, o cancelamento das leis antimaçônicas do Marechal Pétain. Mais tarde, soube que Dumesnil de Gramont havia dito: "A civilização católica não compreendia a liberdade como a civilização maçônica... Não há possibilidade de conciliação entre princípios tão opostos, uma ou outra civilização terá que desaparecer" 3!

No entanto, eu não tinha conhecimento de anticlericalismo. Como é possível? É simplesmente um caso de "Olhos Bem Fechados". Eu não prestava atenção aos comunicados da Obediência. Eu considerava a Obediência como uma Maçonaria degenerada, cujos membros não compreendiam mais o verdadeiro objetivo. Foi Guénon quem introduziu essa enormidade, que não era uma enormidade inocente porque Guénon sabia melhor do que ninguém... Ele fez parecer que os maçons "operativos" antes de 1717 eram grandes iniciados. Ainda hoje, muitas pessoas acreditam firmemente na validade do que Guénon "avança" aqui. Espero demonstrar de maneira convincente a insensatez de tais afirmações.

Acrescentaria ainda que cada sociedade atual precisa de seus idiotas úteis, e os "enganados" ignoram não apenas a questão doutrinária, mas também que estão servindo à construção da República Universal conforme o projeto anunciado pelo Cavaleiro de Ramsay em 1737. É a mesma categoria de Irmãos que recentemente soube pela imprensa que 28 Obediências maçônicas encorajaram a migração em massa, e entre esses Irmãos havia também aqueles nos graus superiores, até mesmo muito superiores. A maçonaria segue de acordo com o globalismo da UNESCO, como o exemplo do "Planejamento familiar e eugenia" nos anos 70 atesta formalmente. A imensa maioria dos maçons nunca é consultada e fica sabendo, *posteriormente*, pela imprensa, o "pensamento profundo" de sua Obediência. Como explicar de outra forma que esse "elitismo" maçônico é baseado no princípio de sociedades paralelas, compartimentadas segundo o modelo de Weishaupt 4.

Enfim, por que deixei a maçonaria? Um aprendiz naturalmente espera aprender mais, já que os "mistérios" são revelados grau por grau; o mesmo ocorre no segundo grau. É no 3º grau que o maçom se torna mestre e descobre o "segredo" iniciático, sob a condição de entendê-lo, o que raramente acontece. A mestria constitui a "essência" da maçonaria; mesmo que os Graus Superiores adicionem outros elementos, isso não aumenta o essencial do 3º grau, que é encontrado em uma outra "embalagem" ritualística como as bonecas russas. Mas quando um maçom finalmente alcança o 3º grau, ele terá esperado alguns anos, tempo para desenvolver relações pessoais e se enraizar... E mesmo quando se percebe, após alguns anos - como foi o meu caso -, que a maçonaria não correspondia às expectativas, há outras razões que surgem, relacionadas a uma chantagem moral, porque a loja contava com você para... Ou, sem você, o número de membros não será suficiente para garantir a continuidade da loja. O que dizer além disso senão que é uma chantagem moral com um simples dilema: ceder ou resistir... Enfim, após 22 anos, tive a oportunidade de bater a porta, o que fiz imediatamente. Que alívio!

image025 Image not found or type unknown

"A sabotagem de qualquer tentativa de fusão entre a Grande Loja e o Grande Oriente" (Synarchie de Geoffroy de Charnay, p. 129)

Agora, vou falar sobre a impostura de uma Maçonaria dita "cristã e tradicionalista" que se opõe à maçonaria dita "laica e progressista". É uma pseudo-oposição que esconde uma finalidade que é a mesma para todos. Não apenas as Obediências praticam os mesmos ritos (com algumas variações), mas, mais importante ainda, todas as obediências trabalham para a realização do Templo da República Universal. Esse projeto é chamado Noachismo e está explícito nas Constituições desde 1738! Isso é globalismo!

A Maçonaria moderna foi fundada em 1717, mas não tem absolutamente nada a ver com os construtores dos quais falsamente pretende descender. Quanto à sua doutrina, ela vem do paganismo, do gnosticismo e principalmente da Cabala. E, finalmente, o mais importante para a adesão a essa doutrina é que o candidato passe previamente por uma iluminação de origem luciferiana.

História da Maçonaria

Eu disse que a maçonaria não tinha nada a ver com os construtores dos quais falsamente pretende descender; vamos ver isso. Todas as corporações eram regulamentadas no século XIII, o que não significa que não houvesse regulamentação antes. *O Livro dos Ofícios* do prefeito Etienne Boileau (por volta de 1260) nos ensina, entre outras coisas, que "o título de mestre não era um grau na profissão; o mestre era aquele que possuía uma oficina onde ele comandava. Portanto, um mestre que por qualquer motivo abandonasse sua oficina, voltava a ser um aprendiz, ou seja, um operário".

Portanto, havia apenas aprendizes e companheiros, chamados aqui de "operários", mas não havia mestre no sentido maçônico 5! As corporações tinham seus segredos, mas eram segredos profissionais, como por exemplo um segredo de liga metálica etc... Esses segredos não tinham nada a ver com os segredos mistificadores da Maçonaria. Que a Maçonaria não tinha nenhuma relação ou afinidade com as corporações fica claramente evidente com a lei de 1791 do Irmão Le Chapelier, lei que leva seu nome, e que aniquilou as corporações de ofício e proibiu qualquer tipo de reunião, mesmo camponesa! Essa lei foi promulgada para favorecer o desaparecimento das verdadeiras profissões em benefício da indústria da classe burguesa e maçônica que havia assumido o poder...

Há dois manuscritos ingleses que são referência na maçonaria: o *Regius* (1390) e o *Cooke* (1410). O manuscrito Cooke lista a geometria de Euclides, Pitágoras, as artes liberais, David, Salomão e o Templo, mas curiosamente... não menciona o NT - um século antes da Reforma! Esses manuscritos explicitam que o Renascimento com o neoplatonismo, acompanhado do neopaganismo, já estavam enraizados na Inglaterra. Pode-se questionar se o autor era católico ou gnóstico, apesar da afirmação no texto de que o "maçom deve amar a Deus e a Santa Igreja". Com relação à dúvida, observo que o Dr. André Crépin, que estudou e traduziu o *Cooke*, acrescenta em uma nota sobre uma correção feita no manuscrito: "Aqui é onde o Templo de Salomão, ignorado pelo *Regius* e pelo *Cooke* I, aparece pela primeira vez!" O que não impede os maçons de se orgulharem desses textos como suas "Antigas Obrigações".

Com a Reforma, a revolução chegou a todos os domínios. As corporações se dividiram entre católicos e protestantes, e há Guildas visivelmente influenciadas pelo hermetismo 6). Houve condenações com registros escritos. O registro de 1665 resultou em uma condenação pela Sorbonne, o que nos permite constatar que era uma heresia cristã. Eu insisto em "cristã" porque não havia nada judaico, ao contrário do que acontece com a maçonaria. Na verdade, todas as corporações tinham suas cerimônias, eu diria no estilo "brincadeira", que, se não beiravam a heresia, se aproximavam perigosamente dela.

Um exemplo característico são os Bons Primos, que eram florestais, lenhadores e transformavam madeira em carvão no forno, daí "carbonari". Suas reuniões eram chamadas de Vendas. Para suas cerimônias, eles usavam tecido branco, sal, um crucifixo, fogo, água, uma coroa de espinhos, folhas, fitas e um forno - cristão e ingênuo! O que importa neste exemplo é a perfeita semelhança com as origens da maçonaria. Esta corporação de ofício, também composta por dois graus com suas próprias cerimônias, foi apropriada para fins políticos e globalistas. O Carbonarismo foi condenado em 1821 pelo Papa Pio VII, e contava entre seus membros com Mazzini, Garibaldi, Blavatsky e outras figuras ilustres, que também eram todos maçons, martinistas etc. Um dos satélites criados pelos Carbonari, a sociedade secreta "Jovem Itália", é a origem da República Italiana. Observemos que "jovem" e "primavera" são quase sinônimos, então poderíamos muito bem falar de uma "primavera italiana", assim como de uma "primavera turca" para os Jovens Turcos sabatistas. Há uma correspondência com o que está acontecendo hoje em dia... As cerimônias dos Bons Primos, depois dos Carbonari e dos Compagnonnages, foram maçonizadas no século XIX, e desde então prevalece entre eles também o Templo de Salomão.

Depois de revisar as características das corporações de ofício, examinemos agora as origens da maçonaria. Elas são múltiplas: Rosa-Cruz, Hermetismo, Graal, Cavalaria, Cabala... Mas, o que importa, todas essas organizações ou "correntes de pensamento" tinham um denominador comum: a Gnose.

A maçonaria ou a Grande Loja de Londres foi fundada em 24 de junho de 1717, no dia do solstício de verão. No solstício de verão, costumava ocorrer a festa solar pagã, e no solstício de inverno as Saturnais, onde tudo era permitido... O "tudo é permitido", esse antinomismo, é encontrado em Rabelais com a lei telemítica "faze o que tu quiseres", lei perpetuada, entre outros, pela ordem paramaçônica *Ordo Templi Orientis* (O.T.O.) de Aleister Crowley. Os gnósticos são mistificadores, que atribuem qualidades às coisas que elas não têm. Plutarco já dizia "o segredo acrescenta valor...". E Guénon diz sobre o solstício de inverno, que corresponde à "porta dos deuses" hindus 7: "não é sem razão que a festa de Natal coincide com o solstício de inverno" 8. Isso é falso e espantoso! A verdade é que o dia do Nascimento foi oficialmente fixado pela Igreja em 25 de dezembro pelo Papa Libério, no ano de 354 - apenas! E esta data foi escolhida intencionalmente para se sobrepor à festa pagã do solstício de inverno - *Natalis Invicti* (nascimento do sol invencível) -, pois apenas Cristo é a verdadeira luz do mundo. Aqui está um exemplo de mistificação; além disso, e principalmente, o cristianismo não tem absolutamente nada a ver com a ordem cósmica.

Image not found or type unknown

Artigo 6 - Capa

La Caccia di Diana - Domenichino (1617, Gallerie Borghese) - Qualquer associação em linguagem de pássaros com o Acácia, símbolo do Renascimento e onde o Conhecimento repousa em sua sombra, seria puramente fortuita. Quanto à meia-lua sobre a caçadora da aurora, René Guénon lembra seu significado, em Symbolisme de la Science Sacrée (capítulo III - Rapprochements Maçonnique et Hermétiques): "De fato, a Lua é ao mesmo tempo Janua Cœli e Janua Inferni, Diana e Hécate1 ; os antigos sabiam muito bem disso, e Dante também não poderia se enganar, nem conceder aos profanos uma morada celestial, mesmo que fosse a mais inferior de todas. [1] Esses dois aspectos correspondem também às duas portas solsticiais; há muito a dizer sobre esse simbolismo, que os antigos latinos resumiram na figura de Janus. - Por outro lado, haveria algumas distinções a serem feitas entre o Inferno, os Limbos e as "trevas exteriores" mencionadas no Evangelho; mas isso nos levaria muito longe, e não mudaria nada do que dizemos aqui, onde se trata apenas de separar, de uma forma geral, o mundo profano da hierarquia iniciática."

Os Rosa-Cruzes, em seu manifesto *Fama Fraternitatis* em 1614, pregavam a reforma universal da Igreja e dos Estados, para subjugá-los a uma Superreligião esotérica que também incluía todo o conhecimento humano.

Com Francis Bacon (1561-1626) em "A Nova Atlântida", surge o Templo de Salomão, o protótipo ideal da maçonaria. Resumindo, em uma ilha há uma República exemplar - uma Comunidade das Nações -, com a "casa da ciência", conceito inspirado no ismaelismo dos Fatímidas 9. E... esta Casa é chamada de "Casa e/ou Templo de Salomão", e os habitantes da ilha são chamados de "os insulares de Ben-Salem" - que surpresa! É assim que o Templo de Salomão chegou à Inglaterra, onde alguns "invisíveis", os Rosa-Cruzes, acrescentaram certos mistérios... Os fundadores da maçonaria conseguiram fazer esquecer a Nova Aliança e ressuscitaram a Antiga Aliança, embora seriamente desfigurada pela Cabala gnóstica. Desde que Cristo disse: "Está consumado!", o antigo Pacto está morto, ele vive no Novo. Morreu ostensivamente desde então, o véu do Templo rasgou-se de cima a baixo. Portanto, o Templo de Salomão também está morto há 2000 anos - além de sua destruição que é anterior. Posso ainda observar que na maçonaria a Bíblia é chamada de Volume da Lei Sagrada. Mas aqui novamente, a Lei é característica do Antigo Testamento, como está escrito: "A lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo." 10. Deixando de lado a estranha denominação "volume", fica claro que os fundadores preferiam a Lei à Graça e à Verdade de Cristo. Aliás, a era maçônica, para datar seu "Ano da Verdadeira Luz", começa 4000 anos antes de Cristo, que portanto não é a Verdadeira Luz! Por que 4000 anos antes? Porque, de acordo com a cronologia bíblica, os construtores estavam construindo a Torre de Babel!

Quem foram os fundadores?

No início do século XVII, as reuniões públicas eram proibidas na Inglaterra, daí a astúcia de se fazerem "aceitos" (daí o termo "maçons aceitos"). "Com as revoluções na Inglaterra, os Rosa-Cruzes, estudiosos e nobres tinham penetrado nas lojas da Maçonaria operativa, a fim de desfrutar do direito de reunião, que apenas os corpos de ofício então desfrutavam. O mesmo fenômeno ocorreu na Escócia.

A primeira referência conhecida à palavra "maçônica" aparece em um poema Rosa-Cruz publicado em Edimburgo em 1638:

> "O que nós pressentimos não deve ser negligenciado,
>
> Porque somos irmãos da rosa-cruz,
>
> Temos a palavra 'maçônica' e a visão clara
>
> E podemos prever antecipadamente as coisas por vir." 11

O Templo de Salomão encontrou um lugar central na Royal Society, fundada em 1660, entre cujos membros estava o pastor anglicano Desaguliers, co-fundador da maçonaria moderna junto com o pastor calvinista Anderson. Eles eram os fundadores "visíveis", mas atrás ou acima deles havia os "invisíveis", comparáveis aos "Superiores Desconhecidos" e também comparáveis aos "Mahatmas" da Sociedade Teosófica; nesses três casos, havia o mesmo modus operandi...

Existe um panfleto maçônico, datado de 1676, que contém esta declaração: "Avisamos que a cabala moderna com fita verde, juntamente com a antiga fraternidade rosa-cruz, os adeptos herméticos e a companhia dos maçons aceitos pretendem jantar juntos no próximo 31 de novembro". Em seguida, vem a descrição de um menu cômico, e aqueles que pensam em comparecer são solicitados a trazer óculos, "pois do contrário as referidas sociedades tornarão (como de costume) sua aparência invisível" 12.

Ser invisível é o "Larvatos prodeo", o lema da Serpente: eu avanço mascarado.

A *Fama Fraternitatis* de 1614 relata as viagens para o Oriente de Christian Rosenkreutz, "do qual ele retornou com um novo tipo de 'Magia e Cabala, que ele incorporou em sua própria atitude cristã' - pode-se ter uma ideia da epidemia. É confirmado 13, esta nova Cabala é a de Isaac Luria, sobre a qual voltarei porque está no cerne da maçonaria.

Torre de Babel, Arca de Noé e escadas levando à Estrela Prateada, um bom resumo dos Antigos Deveres."

Quem foram os fundadores?

Nomeado Grão-Mestre da Grande Loja de Londres em 1719, Desaguliers procurou os "Antigos Deveres" (os antigos deveres mencionados anteriormente) das guildas medievais, a partir dos quais concebeu os regulamentos gerais da Ordem, cuja redação confiou ao seu lacraio Anderson, conhecidos como "Constituições de Anderson". Nessa época, houve o incêndio dos arquivos da Loja de São Paulo. Isso pode acontecer, mas aqui, o que era comprometedor queimou, e o que não queimou não existia antes. Os historiadores concordam, e até Guénon concordava, mas... por outras razões. Ele confirmou o incêndio intencional: "os inovadores eles mesmos, que precisamente haviam reunido esses antigos documentos apenas para fazê-los desaparecer depois de usarem o que lhes convinha, para que não se pudesse provar as mudanças que haviam introduzido neles." 14. Guénon aproveita para fazer crer e admitir que o grau de mestre sempre existiu. Polêmico como era, ele respondeu a um historiador que negava esse fato: "mas sem dúvida não se pode exigir de um puro historiador uma competência muito grande para tudo que diz respeito diretamente ao ritual e ao simbolismo." 15. Com Guénon, não se deve se deixar intimidar e, acima de tudo, verificar tudo! O raciocínio de Guénon queria que os três graus correspondessem à constituição tripartida do ser: corpo, alma e

espírito (Atmâ, a "Centelha divina").

Já Aristóteles havia demonstrado que o ser é composto de um corpo e de uma alma, e isso de maneira indivisível (individuum, indivíduo). Em 1312, a Igreja havia condenado formalmente o tripartismo gnóstico, espírito, alma e corpo, por causa da crescente influência do pensamento neo-aristotélico de Averróis. Quando a Escritura fala da alma e do espírito, sempre se trata da alma. Em relação ao corpo, é chamada de alma, em relação a Deus, é chamada de espírito ou razão.

Na sua fundação, a maçonaria, portanto, não conhecia o grau de Mestre, o que não é surpreendente porque esse grau, como vimos, não existia nas corporações. Não houve aparição do grau de mestre antes de 1723, segundo historiadores, como também atesta o Dicionário da Maçonaria de Ligou. Portanto, foi necessário "justificar" essa aparição. É interessante ver como a maçonaria se saiu. Criar um conflito, uma falsa oposição, pode permitir alcançar um objetivo dissimulado. Foi com a disputa entre os "Antigos" irlandeses e os "Modernos" londrinos que eles puderam "justificar" o grau de mestre. Os Antigos alegavam praticar a verdadeira maçonaria. Seu porta-voz Laurence Dermott zombava deles, dizendo que eles conheciam apenas dois graus! Mas quem era Dermott?

Em 1756, Dermott introduziu novos textos irlandeses, *Ahiman Rezon*. Não é em latim, mas em hebraico, daí as orações hebraicas ou mais precisamente talmúdicas16. Ele relata que 4 homens lhe apareceram à noite. Eles vieram de Jerusalém, falavam inglês, mas ele não sabe de onde vieram. Eles se chamavam: Shallum, Ahiman, Akkub e Talmon... Toda a história bíblica está lá, exceto Cristo. Mas também há elogios ao Corão! Ele cita pessoas conhecidas, Virgílio, Sócrates... e diz que todos eles descendiam de pais modestos, como os pedreiros. A origem "modesta" ou "simples" é o argumento aqui para fazer aceitar seu sofisma. E Dermott adiciona que "a maçonaria existe desde a Criação, embora sob outro nome." Está ganho, ele conquistou os maçons iluminados!

O que é a Gnose?

A heresia gnóstica começou desde os primeiros tempos do cristianismo com Simão, o Mago, que "sempre teve desde então sua sequência funesta". Essa heresia é a única a ter sido predita na Escritura com suas características particulares, ela constitui o "verdadeiro mistério da iniqüidade" sobre o qual fala São Paulo e será a heresia dos últimos tempos.

Cito uma bela definição de Etienne Couvert:

> "A Gnose (gnosticismo) é essencialmente uma vegetação religiosa parasitária, alimentando-se do Cristianismo para extrair um certo número de elementos que ela vai desviar de seu sentido natural para lhes dar um significado completamente oposto ao ensinamento da Igreja. A Gnose é uma seita de iniciados, pretendendo ter recebido uma revelação mais perfeita do que a de Jesus, reservada para espíritos de elite que serão desviados do ensinamento ordinário da Igreja e constituirão como um cancro roedor dentro da comunidade cristã" 17.

A Tradição cristã foi recebida oralmente pelos apóstolos, por eles somente! Eles imediatamente pregaram, e algumas décadas depois apareceram os Evangelhos e os Atos. Os apóstolos, com São Pedro como chefe, tinham, portanto, toda a autoridade, inclusive sobre a Escritura, e é o Magistério da Igreja que perpetua essa tradição. Não havia dogmas; eles vieram mais tarde, para definir por escrito a Fé contra os hereges, que muitas vezes vinham até mesmo do interior da Igreja.

Não há esoterismo no cristianismo, tudo foi revelado como o "papa" Bento XVI lembrou recentemente sobre o Pseudo-Dionísio, o Areopagita 18. É uma falsificação (a Gnose) calculada, pela qual, ao antedatarem suas obras ao século I, na época de São Paulo, ele queria dar à sua produção literária uma autoridade quase apostólica, muito influenciada pelos escritos neoplatônicos de Proclo, cujo objetivo consistia em uma grande apologia politeísta porque as verdadeiras forças estavam operando no cosmos. Consequentemente, o

politeísmo deveria ser considerado como mais verdadeiro do que o monoteísmo, com seu único Deus criador" e Dionísio "distinguia as vias destinadas aos simples, aqueles que não eram capazes de elevar-se aos cumes da verdade e para quem certos ritos poderiam ser suficientes, das vias destinadas aos sábios, que deveriam, eles, purificar-se para chegar à pura luz." Bento XVI conclui: Vê-se que esse pensamento é profundamente anticristão."! Portanto, é oficial, não há cristianismo esotérico.

Em que a Gnose difere do ensinamento da Igreja?

Como eu já disse anteriormente sobre Guénon, os gnósticos são metafísicos monistas para quem a manifestação emana do princípio, implicando uma continuidade entre um e outro. O emanacionismo leva inevitavelmente ao panteísmo, conceito que se opõe à Criação *ex nihilo*. Os gnósticos sempre enfrentaram o problema do bem e do mal; uma dificuldade que não conseguem resolver. Essa dificuldade decorre do seu monismo metafísico, pois toda a manifestação emana inteiramente do Princípio, portanto, também o mal. A Bíblia, por outro lado, revela que após a conclusão da Criação, "Deus viu tudo o que havia feito, e eis que era muito bom." 19. Portanto, não havia mal; o mal vem depois, por culpa do homem!

Aqui está uma amostra dos pensamentos gnósticos dos primeiros séculos, dos quais a maçonaria também herdou...

- **Saturnino** tinha uma teoria de que o Deus dos judeus, o Yahweh da Bíblia, não passa de o anjo mais poderoso que criou desajeitadamente o homem como o vemos, infeliz e ignorante; e Jesus Cristo vem precisamente combater o Deus dos judeus e salvar o homem, trazendo-lhe a centelha divina que seus criadores não lhe deram.
- **Basílides** introduziu o conceito dos três mundos. Um mundo hiper-cósmico ou divino, um mundo intermediário ou supra-lunar, e um mundo sublunar que é o do homem.
- **Carpócrates** rejeita o Deus de Moisés e a lei, e é adepto de orgias. É o frankismo antes do seu tempo!
- **Valentino** é um neoplatônico que inclui as doutrinas de seus predecessores, guiado pela intuição intelectual, tão cara a Guénon. Ele desenvolveu a teoria da década de éons, dos "princípios eternos". São esses éons que estão na origem dos dez *sephiroth* da Cabala, a Gnose judaica.
- **Plotino**, **Porfírio**, **Jâmblico**: "No início de Tudo está o UNO ou Monada; em seguida, vem a inteligência ou díade: finalmente aparece o demiurgo ou tríade. É o demiurgo que formou o mundo, como dizem todos os gnósticos".
- **Próclo**, que queria abraçar todas as religiões, o "Hierofante Universal (a unidade transcendente)". Ele é ao mesmo tempo sincrético, emanatista, panteísta e místico, como Porfírio e Jâmblico.
- **Manes** (ou **Mani**), o fundador do funesto maniqueísmo, era gnóstico de formação. Ele ensinava que o universo é a obra de dois princípios opostos, um bom, o outro mau, ambos eternos e independentes. Esse dualismo, renovado do mazdeísmo de Zoroastro, não passa igualmente da radicalização dos temas gnósticos sobre a desajeitada do demiurgo e a nocividade essencial da matéria, e, consequentemente, do corpo humano, aprisionando a alma; doutrina que também encontramos nos Cátaros. É o desprezo pela vida, a rejeição da Criação!

Em toda objetividade, pode-se constatar a incompatibilidade entre a Revelação e a Gnose. Além disso, uma oferece a Salvação pela Fé, enquanto a outra pretende libertar o homem pela Ciência (da Árvore). Para os gnósticos - é óbvio -, a Salvação ou a finalidade da Igreja é infinitamente inferior à iniciação esotérica.

screenshot-noaches.wordpress.com-2017-05-01-20-56-06

A polêmica sobre a conversão de René Guénon ao Islã é vã. Para falar de conversão, ele teria que ser realmente católico. Os vernizes mudam, a mão invisível permanece.

Gnose e Pecado

Negar o pecado é negar a Redenção, é também retirar a razão de ser da Igreja. O catolicismo, fiel à primeira Revelação, ensina a hereditariedade do pecado. É bíblico, é a Torá para os judeus. Mas seus descendentes,

influenciados pelo Talmude e pela Cabala, agora consideram que a alma existe antes do nascimento, e que a vida começa no nascimento sem pecado original.

A Gnose Judaica. *O Sepher Ha-Zohar*: "Com esta árvore (a da ciência), Deus criou o Mundo; então coma deste fruto e serás semelhante a Deus, conhecendo o Bem e o Mal; pois é por este conhecimento que o homem é Deus. Coma então e serás criador dos mundos. Deus sabe tudo isso e é por isso que Ele te proibiu de comer deste fruto, pois Deus é um Artesão [um Demiurgo! o Grande Arquiteto?] e um Artesão sempre ciumentamente odeia os companheiros que exercem a mesma profissão que ele".

A Gnose Rosacruz. A Tradição primordial do rosacrucianismo implica obrigatoriamente a negação do Pecado, porque para ela, essa Tradição é ainda integralmente preservada no Centro Supremo, Agartha, Shambhala ou Grande Loja Branca.

A Maçonaria. No 28º grau do Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA), chamado de "Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto", os maçons são supostamente no jardim do Éden, e o Mestre representa Adão! Aceitar Adão é negar o Pecado, é implicitamente negar a Redenção! É um anátema para um católico, mas não importa quando já se está excomungado devido à filiação à maçonaria.

Sobre a Tradição primordial rosacruz, observo que segundo a Revelação há duas Tradições ou mais precisamente duas posteridades derivadas do Pecado. Em resposta à Tentação da serpente "Sereis como Deus." (*Eritis sicut Dii*), Deus disse: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela, e a descendência dela esmagará a tua cabeça."[20].

Assim, há duas linhagens, uma que tem fé e espera o cumprimento da promessa, outra que pretende libertar o homem pela ciência (da Árvore). Essas duas tradições são inconciliáveis, mas a da Ciência (da Gnose dos iniciados) não se desenvolverá independentemente da outra. Sua natureza pérfida consiste em desviar o sentido da Revelação ao se misturar sob um subterfúgio, a fim de deturpá-la, gerando não apenas desvios, mas também falsidades. Essas duas Tradições nem mesmo são primordiais no sentido estrito da palavra, porque pelo pecado, o homem perdeu, entre outras coisas, a graça e a ciência infusa (agora até o homem íntegro pode se enganar). Portanto, nem mesmo é possível falar de uma tradição adâmica, pois não havia nada a transmitir, já que tudo tinha sido dado diretamente. No máximo, podemos admitir a transmissão da linguagem falada, mas de forma alguma a transmissão da amizade com Deus pela Graça, que foi perdida. Foi necessário esperar pelo Redentor para poder aspirar à Graça.

A Maçonaria vista pela Igreja

A maçonaria sofreu múltiplas condenações com lembretes.

A primeira condenação pontifícia em 1738, por Clemente XII, válida perpetuamente!

Eu contei 8, pode ser que eu tenha esquecido algumas. Em 1751, 1821, 1825, 1829, 1832, 1846 e 1884.

Cito apenas alguns trechos explícitos.

Em 1892, Leão XIII reafirmou: "Que se lembre que cristianismo e maçonaria são essencialmente inconciliáveis, de modo que agregar-se a esta última é divorciar-se daquele."

Em 1985, o *Osservatore romano* faz um lembrete puramente doutrinário, no plano da Fé e de suas exigências morais", dos quais extraio os seguintes pontos:

- Que o relativismo [cada um com *sua* verdade] caracteriza fundamentalmente a maçonaria; que é reforçado pela prática essencialmente simbólica e ritualística desta última;
- Que isso tem como consequência levar o católico maçom a "viver sua relação com Deus de forma dupla, ou seja, compartilhando-a em duas modalidades: uma humanitária, que seria supra-confessional, e outra,

pessoal e interior, que seria cristã"; que "o clima de segredo envolve [...] o risco para os inscritos de se tornarem instrumentos de uma estratégia que ignoram";
- Que a distinção entre iniciado e profano não é sustentável dentro da comunhão cristã;
- Que, finalmente, como esses princípios são comuns a todas as maçonarias, não há motivo para distinguir entre as obediências "apesar da diversidade que pode persistir [...] especialmente em sua atitude declarada em relação à Igreja" 21.

A Igreja vista pela Maçonaria

Em nome da tolerância, a Maçonaria sempre se defendeu de ser anticatólica, no entanto, ela se declara antidogmática, e apenas a Igreja Católica é dogmática... A revista *L'Acacia* em 1908: "Em vez da luta por meio de legislação repressiva de privilégios ... nós teremos que usar a propaganda ... Muitas pessoas... ainda consideram certas cerimônias religiosas: casamento, batismo, primeira comunhão, enterro, como um ritual social obrigatório... Dessa realização do rito pode resultar a manutenção ou o retorno à crença. Isso é o que precisa ser combatido...". E essa luta continua, ouça por exemplo o Irmão Vincent Peillon. A mesma revista em 1903 orgulhosamente chamou a maçonaria de "contra-Igreja". Não poderia ser mais claro e conciso!

Após a guerra, o Irmão Riandey, então Grande Comandante do Supremo Conselho da França, expressou o desejo de que a unidade da cristandade se realizasse, "ele deu um 'assentimento sem reservas... a esses esforços em direção ao ecumenismo cristão', mas acrescentando: 'é importante, no entanto, que o leitor saiba que para nós esses esforços representam apenas passos no caminho de um ecumenismo mais amplo.' 22. O ecumenismo mais amplo é o Noachismo!"

Os rituais

O Rito Escocês Antigo e Aceito é composto por 33 graus. A iniciação no primeiro grau ocorre por meio de uma descida aos infernos, seguida por três purificações pela água, ar e fogo, e então o recipiendário recebe a luz. É no 3º grau que o maçom se identifica com a luz, o mestre se torna a estrela flamígera, que o companheiro no 2º grau apenas "viu". Eu já disse que o 3º grau constitui a "medula" do Sistema, e que Christian Rosenkreutz retornou de suas viagens com a nova Cabala de Luria, doutrina perpetuada pelos Rosa-Cruzes, os fundadores "invisíveis" da maçonaria. Isso explica o caráter luriano do 3º grau, a "elevação à maestria".

recepção-de-um-mestre

Cerimônia de Elevação à Mestria, frequentemente identificada ao assassinato de Hiram ou ao assassinato de Osíris por Set.

Quem é Isaac Louria? Ele propõe uma releitura do Gênesis e do homem e sua relação com Deus, e desenvolve uma doutrina de redenção, *Tikkun Olam*, a "reparação do mundo". Segundo ele, o Deus supremo (*Ein-Soph*) se duplica e se contrai em si mesmo 23, diante de uma luz aprisionada em "vasos", como ele diz, e deixa espaço para algo mais existir. Isso é emanacionismo apresentado de uma maneira "nova". Portanto, agora é necessário liberar Deus; assim o homem completa a manifestação inacabada! Segundo essa teoria "imaginal", a luz primordial se tornou prisioneira dos *qlippoth*, das "cascas" ou "conchas". É necessário quebrar os *qlippoth* para que a luz possa se libertar. Aqui nasce a violência!

Por analogia, essa doutrina "iluminada" em relação ao ser, o liberta de tudo, inclusive dos proibidos por Deus! Esse gnosticismo radical e antinomiano inspirou Sabbataï Tsevi e Jacob Frank, que levaram essa "lógica" ao extremo com a aniquilação total de qualquer obstáculo à vinda de seu *Messias*. A implementação do *Tikkun Olam* causará guerras de destruição dos povos. E melhor ainda quando isso acontece na dor, porque é para o feliz nascimento de seu *Messias*, o Anticristo para os outros. Destruir para construir, morrer para renascer. Da ordem renasce o caos, é o lema do Supremo Conselho: *Ordo ab Chao*!

A luz primordial está aprisionada

No âmago, no mais profundo do ser reside a "faísca divina" aguardando sua libertação. A "liberação das faíscas divinas" é o *Tikkun* do cabalista Isaac Luria. Analogicamente, a Câmara do Meio está localizada no centro da terra, onde ocorre a "elevação à mestria".

Que luz é essa no centro da terra? É Lúcifer: "Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do norte. Serás elevado acima das nuvens, e te tornarás semelhante ao Altíssimo! Contudo, serás precipitado no reino dos mortos, no mais profundo do abismo!" 24.

Um ritual é composto por um conjunto de símbolos postos em ação, a fim de transmitir o "segredo" da Maçonaria ao aspirante. Na elevação à Mestria, o aspirante vai "viver" por identificação com Hiram, o arquiteto assassinado, o drama da "Câmara do Meio". E é aí que Lúcifer gera a "medula" dos mestres maçons. Ele recebeu outro nome, é claro. Este drama ocorre, portanto, na "Câmara do Meio", local apenas iluminado por dentro, e do lado de fora reina apenas as "trevas exteriores".

A identificação com Lúcifer é feita pela astúcia, porque agora ele se chama Hiram. Isso é sutilmente confirmado por Guénon: *"Dante percorreu todos os círculos infernais em vinte e quatro horas, e alcançou então o centro da Terra, que atravessou contornando o corpo de Lúcifer.* ***Não haveria alguma relação entre este corpo de Lúcifer, localizado no centro da Terra, ou seja, no centro mesmo da gravidade, "simbolizando o atrativo inverso da natureza", e o de Hiram****, colocado igualmente no centro da "Câmara do Meio", e que também deve ser atravessado para alcançar a Mestria? O conhecimento dessa relação misteriosa não poderia ajudar a descobrir o verdadeiro significado da letra G*?"_ 25.

Portanto, é essa "relação misteriosa" entre Lúcifer-Hiram, que "poderia ajudar a descobrir" a Gnose!
O candidato à elevação à mestria não apenas atravessa "da cabeça aos pés" o cadáver de Lúcifer-Hiram (concretizado por um maçom deitado no chão), mas depois é ele mesmo quem ocupará o lugar de Lúcifer-Hiram, para sofrer o mesmo destino. Deitado, o candidato se identifica totalmente com Lúcifer-Hiram com quem será elevado à mestria. Aqui é onde a violência, querida por Luria, entra em cena. O candidato deve morrer para renascer, e recebe um golpe de maça na testa que, simbolicamente, esmaga o crânio para que *sua* luz interior se liberte...

Posteriormente, com a elevação do novo mestre, é dito: "o mestre foi encontrado, ele reaparece mais radiante do que nunca!". Mais radiante do que nunca, porque o mestre é uma nova "Estrela flamígera". Essa doutrina continua nos Graus Superiores no 4º grau, chamado "Mestre Secreto", onde os trabalhos começam ao "clarão do dia", quando o astro da alvorada, Lúcifer, se ergue. É o "Amanhecer Dourado", *the Golden Dawn*...

O Rito Escocês Retificado

Há uma maçonaria que reivindica uma doutrina cristã esotérica - obviamente! -; é o Rito Escocês Retificado.

fenix21 Image not found or type unknown

"Morrendo para Viver", o lema do RER não está na linha direta do Ordo Ab Chao?

Na Alemanha, no século XVIII, a Maçonaria templária da "Estrita Observância" era dirigida nos bastidores pelos "Superiores Desconhecidos", os "invisíveis, se preferir". Em 1782, a "Estrita Observância" se divide em dois grupos: um para fundar o Rito Escocês Retificado, o outro para se juntar aos Iluminados da Baviera. O ano de 1782 também é o ano da criação da Ordem dos Irmãos da Ásia, essencialmente composta por sabatistas e frankistas, e todos eram Rosacruzes segundo o historiador Jacob Katz. Isso não deve ser entendido no sentido de que eles não existiam antes dessa dissociação; pelo contrário!

O Rito Escocês Retificado (RER) foi fundado em 1782 por Willermoz, e alega ser cristão e antidogmático... Willermoz praticava o magnetismo e era discípulo de Martinez de Pasqually e de Louis-Claude de Saint-Martin. Martinez havia fundado em 1767 a Ordem dos Eleitos Coën. Ele era de mãe marana e seu conhecimento em cabala era proveniente de judeus e de judeus recentemente convertidos ao Catolicismo, que tinham os laços mais estreitos com o círculo frankista de Brno (Brünn). Louis-Claude de Saint-Martin foi admitido na Ordem dos Eleitos Coën, assim como Willermoz, que se tornou seu discípulo. Gershom Scholem observa que as práticas teúrgicas dos Eleitos Coën "lembram estranhamente as operações mágicas do Baal-Shem de Londres, o famoso Dr. Samuel Falk" [26].

Para Saint-Martin e seus mestres, Deus, antes do tempo, produziu por emissão seres espirituais. Parte desses anjos caiu no pecado de insubordinação. Então Deus criou um universo para conter o mal assim introduzido e para servir de prisão aos anjos caídos. Ao mesmo tempo, ele emitiu o Homem primordial, o Adam Qadmon, andrógino com um corpo glorioso, vice-rei do universo, para servir de carcereiro a esses demônios, trazê-los ao arrependimento... E segundo ele, todo homem é um Cristo em potencial. E aqui está um exemplo eloquente do delírio irracional deste iluminado, Saint Martin diz: "Cada homem desde a vinda de Cristo, pode, em seu dom particular, ir além de Cristo. Ouso dizer que em meu próprio gênero, o do desenvolvimento da inteligência, fui mais longe do que Cristo". Aqui estão palavras blasfemas do "mestre" de Willermoz, o pai da "Maçonaria cristã".

Espero ter respondido à pergunta, e direi que não importa a pseudo-oposição interna, onde tudo é impostura!

Karl VAN DER EYKEN

1 - Guénon, *cf.* entre outros, *Os Estados Múltiplos do Ser*, cap. XI "Princípios de Distinção entre os Estados de Ser".

21 - Guénon, *Estudos sobre o Hinduísmo*, resenha do artigo "On the One and Only Transmigrant".

3 - Citado por Léon de Poncins, *Cristianismo e Maçonaria*, p. 44.

4 - *Cf.* Mgr Delassus, *A Conspiração Anticristã*; veja também Alain Pascal, *A Traição dos Iniciados*.

5 - *Cf. Civitas* Nº 28, junho de 2008, baseado nos trabalhos de Henri Charlier.

6 - *Cf.* Wenzel Jamnitzer, *Perspectiva Corporum Regularium*, Nuremberg 1568.

7 - Guénon, Símbolos Fundamentais da Ciência Sagrada, "As Portas Solsticiais".

8 - Guénon, *Formas Tradicionais e Ciclos Cósmicos*, "A Cabala Judaica".

9 - Jean Lombard Cœurderoy, *A Face Oculta da História Moderna*.

10 - Jn. 1, 17.

11 - Citado por Frances Yates, *A Luz dos Rosacruzes*, Edições Retz 1978.

12 - *Idem.*

13 - "Christian Rosencreutz descreve, na *Fama*, viagens para o Oriente, das quais retornou com um novo tipo de 'magia e cabala' que incorporou em sua própria atitude cristã." Frances A. Yates, *Idem*, p. 259.

14 - C-R julho de 1936 *Os Arquivos de Trans-en-Provence*, *ECfranc-maçonnerie* 1.

15 - "Se o autor foi mais perspicaz do que muitos outros sobre essa questão da falsificação andersoniana, é lamentável que não tenha sido tão competente no que diz respeito à origem do grau de Mestre, que ele acredita, seguindo a opinião comumente difundida, ter sido introduzido entre 1723 e 1738; mas sem dúvida

não se pode exigir de um puro historiador uma competência tão grande para tudo que diz respeito diretamente ao ritual e ao simbolismo." C-R livros setembro de 1950, *Efranc-maçonnerieC* II

16 - *Ahiman Rezon*, p. 43-44: "Quem entregou o ensinamento? Moisés o recebeu de Deus. Depois, chegou Aarão e Moisés lhe entregou o seu". Este é um trecho do Talmude da Babilônia (Eurvin 54b) e este trecho é citado em uma nota explicativa das orações (cf. Jacob Katz, Judeus e Maçons p. 33.

17 - Sociedade Augustin Barruel Nº 3, 1976, "*A Gnose, Tumor no seio da Igreja*". Reproduzido em *Da Gnose ao Ecumenismo*, Ed. de Chiré 1983. Artigo em PDF: http://www.a-c-r-f.com/aujourlejour/archives/2007/11/entry_11.html

18 - Em 14 de maio de 2008. Um pseudoepígrafo, provavelmente de origem sabeana do século VI. http://www.patristique.org/Benoit-XVI-Le-Pseudo-Denys-l.html

19 - Gênesis, I, 31.

20 - *Gênesis*, III, 3 e 15.

21 - Sobre a animosidade em relação à Igreja, recomendo, entre outros, Mgr Delassus, *A Conspiração Anticristã*, Ed. Kontre Kulture; Alain Pascal, *A Traição dos Iniciados*, Ed. des Cimes 2013.

22 - Pierre Virion, *Em Breve um Governo Mundial?* ESR 2012, p. 253.

23 - Doutrina encontrada em Guénon. *Cf.* entre outros em *O Simbolismo da Cruz*, cap. XVII "A Ontologia da Sarça Ardente".

24 - Isaías, XIV, 12-13.

25 - *A França Antimaçônica*, outubro de 1913; "Um lado pouco conhecido da Obra de Dante"; Cf. *O Esoterismo de Dante*, cap. VIII, "Os Ciclos Cósmicos".

26 - Gershom Scholem (artigo sobre Hirschfeld) p. 255. As "operações" de Samuel Falk são descritas em Adler, *O Baal Shem de Londres, em Transações da Sociedade Histórica Judaica da Inglaterra*, vol. V (1908).

Artigo Original: Link

Gnose Cristã e Gnose Anti-Cristã

Por Jean Vaquié, 1989

Na obra "*Vu de Haut*" (Visto do Alto), publicada originalmente pelas Edições *Fideliter*, o professor Jean Borella escreveu um capítulo chamado "Gnose cristã e Gnose anti-cristã". O Cristianismo, diz ele, "(…) *é uma religião gnóstica*". Apesar de reconhecer que o vocábulo nunca aparecera na tradição teológica, Borella esforçou-se em tentar inseri-lo no vocabulário católico. E fez desse termo uso bem generalizado, como podemos ver nos exemplos a seguir:

> "*Cristo se fez pecado, concretizando a verdadeira gnose da criação.*"
>
> "(…) *a verdadeira gnose do Pai é o Cristo.*"
>
> "(...) *a Sexta-Feira Santa que é a verdadeira gnose."*
>
> "(…) *a Ressurreição do Cristo é a gnose operacional e salvífica do mundo.*"

Como, então, Jean Borella define o que é "gnose cristã"?

Em algumas passagens mais explícitas, ele a usa como sinônimo de "teologia mística". Segundo ele, a gnose cristã não é nada mais do que o conhecimento intuitivo de Deus, isto é, um conhecimento pessoal que se obtém através de oração, meditação e contemplação; portanto, um conhecimento que deixa o livresco e se concretiza na experiência. Ora, são inegáveis a realidade e autenticidade de um tal conhecimento experimental e individual. Mas o intuito do Professor Borella era que esse conhecimento fosse, desde então, chamado de "gnose", o que permitiria, segundo ele, devolver sua verdadeira importância ao misticismo. Desse modo, a teologia despojar-se-ia do racionalismo que a dominava e escaparia das "armadilhas de suas formulações".

E para onde, afinal, isto nos leva?

Ter como "armadilhas" dogmas imemoriais é uma ideia comum entre os inimigos da ortodoxia, mas nada frequente entre os católicos normais. É claro que se as "formulações" dos dogmas são armadilhas, elas devem ser mudadas para encontrar outras mais seguras, ou então ser abandonadas por completo a fim de não cair nessas armadilhas. Eis, portanto, o fim da noção de ortodoxia dogmática. Esta é a primeira crítica que não se pode deixar de apontar à gnose mística do professor Borella.

Para tranquilizar os católicos, professor Borella estabeleceu uma distinção muito clara entre esta "boa gnose", que deveria ser cultivada, e o gnosticismo, movimento anticristão que infestou a Igreja primitiva dos séculos II a IV. Infelizmente, segundo Borella, ainda chamamos esse gnosticismo de "gnose", o que gera uma confusão lastimável.

Este gnosticismo antigo, hostil à Igreja, chega aos dias de hoje revestido de um gnosticismo moderno, com diferenças e semelhanças a sua versão mais velha, as quais Borella expõe, aliás, com toda objetividade. Esses dois gnosticismos, tanto o moderno quanto o antigo, não devem ser confundidos com a boa e verdadeira gnose mística.

Esta distinção entre gnose e gnosticismo já fora endossada por René Guénon e por especialistas do Colóquio de Messina, em 1968. Ao manter-se fiel a ela, Borella esperava apaziguar os católicos tradicionais, preocupados por ver surgir na terminologia religiosa esta palavra "gnose", repleta de antecedentes heréticos.

Esta precaução foi suficiente? Para que assim fosse, teria que ser respeitada por todos. Os inimigos da ortodoxia, contudo, tiveram o cuidado de não respeitar o vocabulário exigido supostamente em proveito da ortodoxia. O professor Borella, noutras passagens, declara que esta “gnose interior e salvífica”, este “conhecimento intuitivo de Deus”, nunca passa sem um certo esoterismo. Ele crê que a verdadeira gnose sempre existiu, mesmo antes do Cristianismo.

A gnose pré-cristã foi, primeiramente, encontrada entre os judeus. Ela seria representada “pelo esoterismo da religião mosaica, isto é, por aquilo que há de mais secreto nela”. Mas a gnose pré-cristã também tem suas raízes no paganismo, pois, diz ele, “os sacramentos tomam emprestado o que há de autenticamente religioso nos mistérios pagãos”.

Isso de modo algum apazigua nossa inquietude. Certamente todo católico sabe, desde os Padres da Igreja, que “no Antigo Testamento, era necessário saber descobrir as maravilhas da graça escondidas à sombra da Lei”. Mas conhecemos também as repetidas críticas de Nosso Senhor a esta tradição dos escribas. Não há dúvida de que Deus quis submeter os gentios aos Evangelhos. Sabemos também, como diz o Salmo, que “todos os deuses das gentes são demônios”.

Que tipo de misticismo a palavra gnose provocará e recuperará na Igreja? Qual imaginário ela fornecerá?

O tempo dirá em breve. Professor Borella não parece muito tranquilo quanto ao sucesso de sua manobra, visto que, na conclusão de seu artigo escreveu: “Os próprios teólogos católicos, no entanto, hesitarão em ratificar este termo aplicado ao Cristianismo”. Veremos.

Tradução João Pedro Coimbra e Revisão Luiz Alberti

Mitos e Realidades Maçônicas

O antigo Venerável Mestre da *Grande Triade*, Karl van der Eyken, expõe algumas contradições aos dissidentes detratores da maçonaria, ávidos por guénonismo.

O gnosticismo se caracteriza por uma mistura de verdadeiro e falso, e essa mistura é ainda mais perniciosa do que apenas o falso. Essa mistura gnóstica compõe o tecido maçônico. Por isso, o mito está em toda parte, está lá para dar uma dimensão "mítica" a esse tecido a fim de torná-lo uma aspiração ideal. Comecemos pelo mito ou mentira histórica da maçonaria reivindicando uma tradição ininterrupta entre ela e as Corporações dos construtores do passado.

csm_Lempertz-1067-1222-Old-Masters-and-19th-Century-Arts-Hendrick-van-Cleve-circle-of-King-Nimrod-before-t

As corporações

O Livro dos Ofícios do prefeito Etienne Boileau (por volta de 1260) nos ensina que o título de mestre não era um grau na profissão; o mestre era aquele que possuía uma oficina de onde comandava os aprendizes e os servos (companheiros). Portanto, um mestre que, por qualquer motivo, abandonasse sua oficina, voltava a ser servo.

Com a Reforma, a revolução invadiu todos os domínios. As corporações se dividiram entre católicos e protestantes, e havia Guildas visivelmente influenciadas pelo hermetismo. Houve condenações com registros. O registro de 1665 resultou em uma condenação pela Sorbonne, o que nos permite constatar que se tratava realmente de uma heresia cristã. Destaco "cristã" porque não havia nada de judaico, ao contrário da maçonaria. Na verdade, todas as corporações tinham suas cerimônias de estilo "bon enfant" que frequentemente flertavam com a heresia. Como os Bons Primos, que eram florestais, lenhadores e transformavam as mercadorias em carvão no forno, daí "carbonari". Suas reuniões eram chamadas de Vendas. Para suas cerimônias, eles usavam linho branco, sal, um crucifixo, fogo, água, uma coroa de espinhos, folhas, fitas e um forno - cristão e ingênuo!

O que importa neste exemplo é a perfeita semelhança com as origens da maçonaria. Essa corporação de ofício, também constituída em dois graus com suas próprias cerimônias, também foi utilizada para fins políticos e globalistas. O Carbonarismo contava, entre outros, com membros como Mazzini, Garibaldi, Blavatsky (Sociedade Teosófica), que também eram todos maçons, martinistas...

Especifiquemos com Bernard Lazare o que é o martinismo maçônico:

> As lojas martinistas eram místicas, enquanto as outras ordens da maçonaria eram mais racionalistas; o que permite dizer que as sociedades secretas representavam os dois lados do espírito judaico: o racionalismo prático e o panteísmo.

A realidade histórica da maçonaria

A maçonaria especulativa foi fundada em Londres em 1717 com uma iniciação hermético-alquímica de origem rosacruz. Essa "inovação" explicaria o incêndio dos arquivos da Loja de São Paulo (corporativa) onde coisas comprometedoras haviam queimado, exceto o que nunca existiu...

Inicialmente, a maçonaria moderna também conhecia apenas dois graus, aprendiz e companheiro, mas agora esses graus eram baseados na construção do Templo de Salomão 1000 anos antes de Jesus Cristo. Essa recuperação arqueológica não apenas deveria eclipsar a Nova Aliança, mas também substituí-la por uma nova Superreligião globalista como os Rosa-Cruzes já haviam anunciado em 1614.

A origem dos Rosa-Cruzes é baseada no conto fabuloso das "Núpcias Alquímicas" de Christian Rosenkreutz, um personagem mítico, por trás do qual se escondia uma "entidade coletiva", que já existia bem antes da publicação de seus manifestos a partir de 1614.

O manifesto Fama Fraternitatis de 1614 relata as viagens para o Oriente de Christian Rosenkreutz, de onde ele teria retornado com um novo tipo de "magia e Cabala, que ele incorporou em sua própria atitude cristã". Aqui está, portanto, um vírus de mistura de verdade e mentira, do qual a maçonaria se tornou o principal vetor junto com a filosofia moderna. Foram eles que propagaram esse vírus em epidemia. Essa Gnose vem do Oriente. Observemos nos templos maçônicos que os veneráveis mestres maçons sempre se sentam no Oriente, e cada loja também está sempre no Oriente da cidade onde está localizada.

Não é possível, dentro do escopo desta conferência, estender-se sobre essa filiação rosacruz. Entre os elos desta corrente encontramos, por exemplo, Robert Fludd (1574-1616), Elias Ashmole (1617-1692) ... Além disso, existem escritos que atestam formalmente a ligação entre o rosacrucianismo e a maçonaria. Um poema publicado em Edimburgo em 1638 diz: "Nós somos irmãos da rosa-cruz, temos a palavra 'maçônica' e a visão segunda e podemos predizer antecipadamente as coisas vindouras". Há ainda um panfleto maçônico de 1676, que diz: "Avisamos que a cabala moderna de fita verde, junto com a antiga fraternidade da rosa-cruz, os adeptos herméticos e a companhia dos maçons aceitos planejam jantar juntos no próximo dia 31 de novembro.". E vocês são convidados a trazer óculos, "pois de outra forma as ditas sociedades tornarão (como de costume) sua aparência invisível".

Com este texto, também sabemos com quem estamos lidando, porque ser invisível ou mascarado é especificamente satânico!"

O Templo de Salomão ou o reciclagem da Antiga Aliança

Antes da Reforma, todos os construtores eram católicos. O Templo de Salomão ressurgiu na época da Reforma com Francis Bacon (1561-1626) em seu romance utópico e rosacruciano "A Nova Atlântida". Bacon também apresenta o Templo como uma "Casa da Ciência", conceito que inspiraria a criação da Royal Society em 1660, na qual alguns "invisíveis" destinariam esse Templo a um futuro planetário...

Os Companheirismos agora também têm seu Templo de Salomão, mas é importante saber que este foi introduzido no século XIX sob a influência da maçonaria.

Acima de tudo, é impensável que o catolicismo tenha continuado a honrar o Templo de Salomão, pois a antiga aliança morreu desde que o véu do Templo se rasgou de cima a baixo.

A Maçonaria moderna e as *Old Charges*

A partir de 1723, através da rede marítima inglesa, a maçonaria se espalhou por todos os continentes. Ela foi recebida em todos os lugares como uma doutrina de liberdade contrária a todo dogma; em outras palavras, é anticatólica! **Com as Constituições de 1723, a maçonaria vai se apropriar dos "Antigos Deveres" (*Old Charges*). São textos antigos de origem corporativa, o *Regius* (1390) e o *Cook* (1410). Esses manuscritos também nos ensinam que alguns construtores elogiavam nessa época o neoplatonismo misturado com neopaganismo. Não é excluído que essa inclinação intelectual tenha desempenhado um papel na aceitação de não-maçons, como os Rosa-Cruzes, de onde aliás vem o termo "maçons aceitos".**

A maçonaria precisava de "provas" que confirmassem a continuidade de sua tradição "esotérica" com os construtores corporativos. Como tudo era falso desde o início, era necessário fabricar provas dessa tradição fantástica. Então, eles falsificaram o *Regius* e o *Cook* adicionando ao texto o "Templo de Salomão". É um fato. O Prof. André Crépin, tendo estudado e traduzido esses manuscritos, atesta explicitamente essa fraude, confirmando que o Templo de Salomão não aparece nas primeiras versões

desses manuscritos!

O terceiro grau, o mestre maçom, não existia antes das Constituições de 1723, e sua origem ainda é inexplicada para os historiadores. A introdução desse novo grau era atribuída ao "Escocismo" ligado à dinastia Stuart, chamada de "católica". Essa "promoção" dos Stuarts (ou jacobitas por James II) tinha como único objetivo atrair os católicos franceses para a maçonaria.

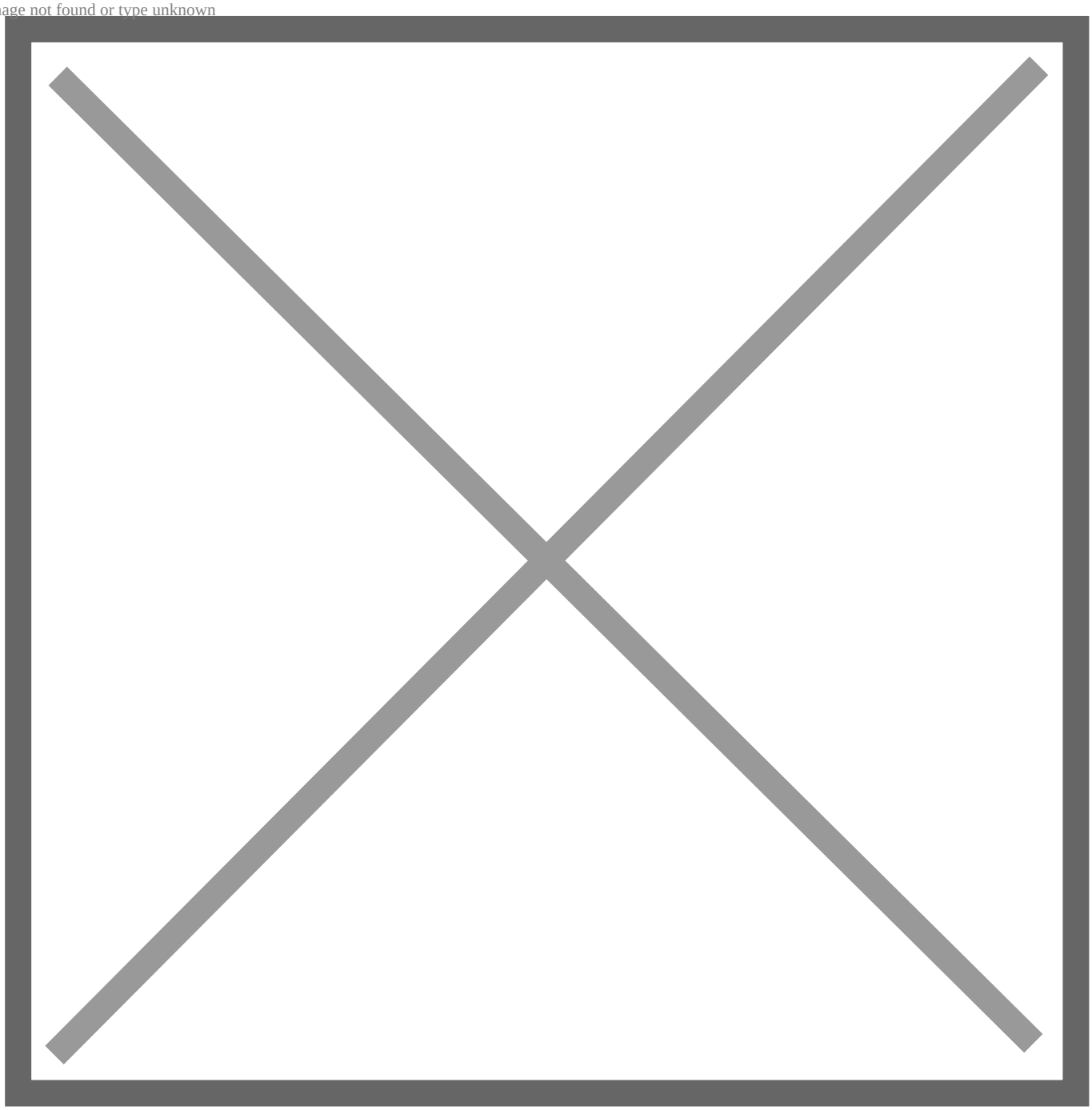
Na série de truques, foi na França que o terceiro grau (chamado escocês) apareceu, e não na Inglaterra, o país "mãe" da maçonaria.

O terceiro grau chegou algumas décadas depois na Inglaterra. Para "legitimar" a existência do terceiro grau, os ingleses criaram um conflito falso, mais uma vez uma pseudo-oposição, desta vez entre os "Antigos" irlandeses e os "Modernos" londrinos. Os Antigos afirmavam praticar a verdadeira maçonaria com base em um texto intitulado Ahiman Rezon, repleto de orações talmúdicas... Deixemos isso de lado!

De maneira mais geral, ou seja, mesmo além da pseudodivisão stuartista e hanoveriana, todas as obediências têm não apenas em comum a mesma origem, a de 1717, mas também perseguem a mesma finalidade, apesar de suas pretensões distintas.

A Casa dos Stuarts usada como cobertura...

Image not found or type unknown



Os Stuarts governaram a Escócia entre 1371 e 1714 e a Inglaterra de 1603 a 1688 (com o intervalo revolucionário de Cromwell de 1649 a 1660). Eles foram definitivamente afastados do trono em 1688 por Guilherme de Orange, é o triunfo do capitalismo. Após Cromwell em 1660, os Stuarts retornaram com Carlos II. Este rei trabalhava pela reabilitação do catolicismo, mas curiosamente deu sua filha Maria ao protestante Guilherme de Orange! O mínimo que se pode dizer é que esse ato não era católico, então em que medida os Stuarts o eram?

Quando Guilherme de Orange chegou ao poder, os Stuarts, chamados de "católicos", prometiam tudo aos protestantes para reconquistar o trono, e, ao mesmo tempo, os protestantes hanoverianos prometiam tudo aos não conformistas.

Assim, essas duas Casas reais se tornaram protetoras e propagadoras do idealismo maçônico.

No entanto, o Escocismo maçônico atribuído aos Stuarts seria apenas um pretexto usado, como "cobertura", por indivíduos que permaneceram nas sombras. O Ligou, dicionário de referência, diz: "Muitos historiadores consideram que nenhum dos Stuarts pertenceu à Fraternidade, mas o papel lendário desta família é

importante. De maneira geral, tudo relacionado ao Escocismo encontra, em algum momento, a família Stuart ou seus partidários.".

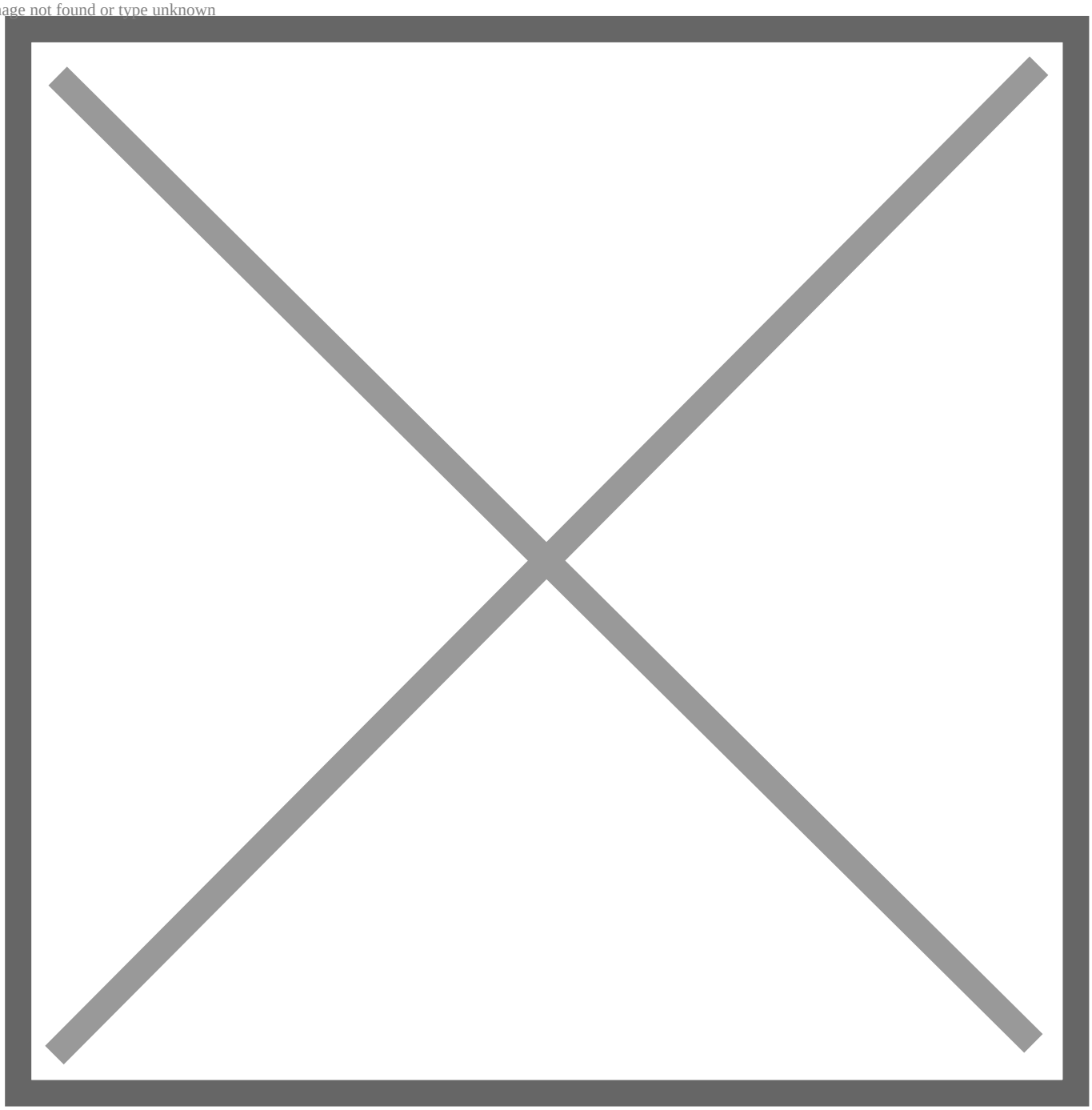
A cobertura por pretexto mostra a cumplicidade entre as lojas chamadas "Stuartistas" e as lojas orangistas, porque aqueles que puxavam os cordões não eram partidários de uma Casa, mas a usavam como meio antes de passar para a "próxima etapa". Mais evidentes são as visitas de Desaguliers (fundador) e outros líderes da maçonaria orangista à França. Eles vinham frequentar as oficinas (escocesas) cujos Grão-Mestres estavam a serviço dos Stuarts... A pseudo-oposição é uma tática comprovada que continua até hoje...

O cavaleiro Ramsay, mito e mistério

Nascido na Escócia em 1686, falecido em 1743 em Saint-Germain-en-Laye. Seu pai era calvinista, sua mãe anglicana, filho de um padeiro segundo alguns, de uma grande família nobre segundo outros. Ele estudou teologia na Inglaterra, mas depois passou anos com Fénelon e Mme Guyon praticando o quietismo, que dispensa expressamente a teologia e a razão; aliás, o quietismo foi condenado pela Igreja.

Em 1723, Ramsay foi feito cavaleiro de São Lázaro pelo Grão-Mestre da Ordem, o duque de Orléans. Depois tornou-se doutor honorário em direito civil em Oxford. Ele era quacre, anabatista, presbiteriano, "católico-quietista", maçom e outras coisas... Especialmente essa outra coisa, senão como explicar que com sua carreira maçônica particularmente breve de 1736 a 1737, ele tinha mais autoridade do que todos os Grão-Mestres juntos? Durante esses dois anos, ele proferiu dois discursos determinantes para o futuro da maçonaria escocesa. Ramsay disse que a maçonaria estava historicamente ligada às Ordens cavaleirescas das cruzadas, e é este discurso que constitui a referência sobre o assunto para a maçonaria. **Foi também Ramsay quem explicou a verdadeira missão da maçonaria. Essa intenção tinha permanecido um tanto superficial com as Constituições de 1723. Na verdade, não se tratava de uma crença definida, mas de um "saber ser de homens bons e verdadeiros, homens de honra e probidade". Isso não passava de um idealismo vago baseado em um moralismo trivial.**

Image not found or type unknown



Faço uma pequena digressão sobre o duque de Wharton, que tinha pelo menos em comum com Ramsay a prática de um "jogo duplo". O duque de Wharton foi inicialmente o Grão-Mestre da Grande Loja orangista de Londres antes de assumir a direção das lojas stuartistas na França. Ele era tão "duplo" quanto Ramsay em relação aos Stuarts e aos Hanoverianos, e é óbvio que não eram fiéis a nenhum dos dois.

Em 1718, o duque de Wharton fundou em Londres o *Hell Fire Club* (Clube do Fogo do Inferno), conhecido por suas cerimônias satanistas e orgiásticas. O Clube foi oficialmente fechado em 1721, o que certamente não exclui uma continuação mais discreta ou sob outro nome... De qualquer forma, a continuidade foi assegurada com sir Francis Dashwood, que, em 1751, deu uma segunda vida notória ao Clube do Fogo do Inferno.

Quanto à denominação "Clube dos Fogos do Inferno", ela remete diretamente à luz luciferina no centro da terra, tema encontrado por Dante na Divina Comédia. É mais precisamente a doutrina rosacruciana segundo a qual a luz deste anjo caído está aprisionada nos abismos abaixo. Por uma transposição analógica, esse aprisionamento corresponderia à contenção da "faísca", a luz divina no "interior" de cada ser. Esta doutrina não é estranha ao catarismo, do qual Dante estava muito

próximo...

A "Luz nas Trevas" (*Lux in Tenebris*) também é o título de uma obra de Comenius (1592-1670), um Rosa-Cruz que desempenhou um papel fundamental na elaboração da *Royal Society*. Esta filiação rosacruciana continua até hoje, especialmente sem nomeá-la. Ela é encontrada como uma recompensa honorífica com a "medalha Comenius", uma distinção concedida pela UNESCO para estimular pesquisas educacionais globalistas. E essa filiação esotérica rosacruciana continua com a iniciação maçônica, que começa com a "descida aos infernos"!

A eventual pertença de Ramsay ao Clube do Inferno não está confirmada. No entanto, o que é certo é que Ramsay e Wharton faziam parte de outra sociedade secreta, os "Gormogons". Esta sociedade era considerada uma farsa, como a própria caricatura da maçonaria!

Como explicar que dois altos dignitários da maçonaria frequentassem, apenas por diversão, esta sociedade intencionalmente absurda e extravagante? Eu responderia: quanto mais exagerado, mais passa despercebido! Esta fachada caricatural desviava qualquer curiosidade séria, dando lugar a especulações delirantes e inofensivas.

No entanto, esta sociedade dos "Gormogons" foi fundada na Inglaterra pelo "stuartista" duque de Wharton, Grão-Mestre da Grande Loja orangista de Londres! Os Gormogons também tinham uma sede em Roma, e provavelmente dirigida por Ramsay. Ramsay ainda tinha muito interesse na mística judaica; aliás, ele estava em contato em Roma com o sabatista Dr. Joseph Attias. Seu famoso Discurso testemunha abundantemente essa afinidade veterotestamentária.

O que é o sabatianismo? Um assunto vasto; em poucas palavras: Sabbataï Tsevi (Smyrne) se proclamou Messias em 1648. Esta "boa nova", esperada há milênios, se espalhou imediatamente por todos os judeus da Europa, embora sem consentimento unânime. O sabatianismo desempenhou um papel importante na influência maçônica. Havia sabatianos na Royal Society desde sua fundação em 1660. E esta instituição era, de certa forma, o "laboratório" da maçonaria. Por volta de 1750, este mesmo movimento, tornando-se "sabatiano-frankista" (devido a Jacob Frank), também desempenhou um papel muito importante na formação dos altos graus maçônicos, especialmente a "maçonaria egípcia". Não me estendo mais sobre este assunto, mas vamos lembrar seu aspecto messiânico que encontraremos no Discurso de Ramsay.

Voltando aos Gormogons. Esta sociedade afirmava ter uma origem chinesa, descendendo de um imperador da "Sociedade do Céu e da Terra" (Tien-ti-houei). Esta reivindicação incrível não tinha outra razão senão desviar a curiosidade pelo ridículo. E foi bem-sucedida. Os historiadores maçônicos ainda a consideram uma paródia da maçonaria.

Eu lanço uma peça ao processo que talvez possa contribuir para elucidar a origem; esta ficção de um "imperador chinês", que poderia muito bem ser um "código".

Na linhagem ou corrente sabato-frankista, há o "elo" Martinez de Pasqually, o fundador da Ordem dos Eleitos Coëns. Agora, Martinez de Pasqually estabeleceu, por assimilação fonética, um anagrama entre "noaquitas" e "chineses". E o noaquismo, como veremos, está no cerne do Discurso de Ramsay, eu diria até que estava no centro de sua missão messiânica.

O Discurso de Ramsay

Aqui estão alguns trechos deste famoso Discurso globalista: "O mundo inteiro é apenas uma grande república, onde cada nação é uma família, e cada indivíduo uma criança. É, senhores, para reviver e disseminar essas antigas máximas tiradas da natureza humana que nossa sociedade foi estabelecida".

As "antigas máximas tiradas da natureza humana" são do naturalismo, do paganismo, tão característico da cosmologia dos Rosa-Cruzes. Esta doutrina rosacruciana é aqui subjacente, mas o naturalismo é explícito no

grau de "Príncipe Soberano ou Cavaleiro Rosa-Cruz". Este grau foi por muito tempo o topo da hierarquia e estava diretamente ligado às suas origens!

Deixo de lado todos os aspectos blasfemos que compõem este grau, é para mostrar a doutrina naturalista dos Rosa-Cruzes. Incidentalmente, é impossível evitá-la, até mesmo meu exemplo é blasfemo. A inscrição de Pôncio Pilatos INRI "Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus" obviamente não tem lugar em um universo do Antigo Testamento. Fazê-la desaparecer é menos eficaz para os gnósticos do que distorcê-la. Assim, INRI aqui se torna: "Igne Natura Renovatur Integra" (Pela Natureza o Fogo se Renova Integralmente).

Voltando ao Discurso. Sobre a arca de Noé, Ramsay diz:

> "Noé […] deve ser considerado como o autor e inventor da arquitetura naval, bem como o primeiro grande mestre da nossa Ordem. […] A ciência arcano foi transmitida por tradição oral desde então até Abraão e aos patriarcas, o último dos quais levou nosso sublime arte ao Egito. […] É por esta tradição patriarcal que nossas leis e máximas foram disseminadas na Ásia, no Egito, na Grécia e em toda a Gentilidade, mas nossos mistérios foram logo alterados, degradados, corrompidos e misturados com superstições, a ciência secreta só foi mantida pura entre o povo de Deus. […] A Maçonaria é de fato a ressurreição da religião noaica, a do Patriarca. Noé, esta religião anterior a todo dogma e que permite superar as diferenças e oposições de credos".

No ano seguinte, em 1738, um novo e primeiro artigo foi adicionado às Constituições de 1723. Esta é a única modificação. Este artigo nos ensina que "um maçom é obrigado por sua posse a observar a Lei Moral como um verdadeiro Noaquita...". Mas o que é o Noaquismo? O Noaquismo é nada menos que a "religião universal" talmúdica liderada por sacerdotes judeus à qual toda a humanidade deve se submeter. Cito o rabino Élie Benamozegh:

> [O Noaquismo] é o reconhecimento que a humanidade deve fazer da verdade doutrinal de Israel, enquanto mantém em prática sua autonomia e liberdade.

Ser simultaneamente submisso e livre não é possível; no entanto, as intenções rabínicas não são menos claras... O Noaquismo não é um mito, mas uma realidade maçônica, que é desconhecida pela vasta maioria dos maçons.

Karl VAN DER EYKEN, 8 de janeiro de 2018

Artigo Original: Link

DENÚNCIA DO PADRE VERGARA (PORTUGUÊS)

La Paz, Baixa Califórnia Sul, México, 1º de março de 2024.

> *"Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temei antes aquele que pode precipitar a alma e o corpo no inferno."*
> Mt 10, 28.

SENHOR BISPO, MONSENHOR MARK ANTONY PIVARUNAS, SUPERIOR GERAL DA CONGREGAÇÃO MARIA RAINHA IMACULADA. PRESENTE.

SOBRE O QUE TRATA ESTE DOCUMENTO

A Sociedade Sacerdotal Trento é planejada, fundada e dirigida pelo falecido Manuel López, chefe na região do noroeste da República Mexicana da organização juramentada coloquialmente chamada de "los tecos" na zona de Hermosillo, Sonora; O objetivo principal é ter sacerdotes sob a autoridade da organização que possui dupla linguagem, por um lado, deter a conspiração judaico-maçônica-comunista, mas na prática, de maneira perversa, dominar, controlar, dirigir a Igreja Católica no México, começando por colocar-se no lugar de Deus, ordenaram jovens juramentados para que se tornassem sacerdotes pelo bem da organização, que os sacerdotes estiveram sob a obediência ou proteção de chefes locais, incutindo nas mentes jovens que é um serviço que prestam a Deus Nosso Senhor, manifestado na sua dialética, nos chefes da organização que não obedecem à Igreja, mas que se servem da Igreja, e tem sido até os nossos dias tão eficaz essa preparação ou perversão da inteligência, que os sacerdotes e bispo da Sociedade Sacerdotal Trento negam a existência dessa organização, sem temor de mentir; provocando essa ferida espiritual por falta de reta intenção no fundador da Sociedade Sacerdotal Trento, que os homens da Igreja têm se infectado de um naturalismo, de um espírito farisaico, evitando o trato e a conversa com os sacerdotes que não pertencem à Sociedade Trento. Justificam pelo menos com seu silêncio as calúnias ou graves afirmações que não são sustentáveis em um tribunal, as quais vêm do padre Daniel Pérez Gómez e das declarações da organização quando define quem é judeu, baseando-se em argumentos fracos e em si mesmos não probatórios, porque simplesmente carecem de fundamento sólido, e é este o motivo pelo qual o segredo os obriga a revelar a fonte. E a este sistema anticristão, chamam de Exército de Deus, tão anticristão, que cito textualmente seu regulamento no título terceiro: dos sócios, capítulo segundo: obrigações dos sócios ativos, artigo 34, seção IV: "FICA ESTRITAMENTE PROIBIDO AOS MEMBROS DESTE MOVIMENTO, REVELAR ASSUNTOS RELACIONADOS COM O MESMO OU CONSULTAR DÚVIDAS DE CONSCIÊNCIA, COM QUALQUER OUTRO CLÉRIGO, SEJA EM CONFISSÃO OU FORA DELA; JÁ QUE É LÓGICO QUE NENHUM CLÉRIGO QUE DESCONHEÇA ESTE MOVIMENTO, PODERÁ DAR OPINIÃO POR NÃO TER A CAPACIDADE DE COMPREENDER A MISSÃO QUE DEUS NOS ENCOMENDOU". Se meditarem, esta sentença atenta diretamente contra a Igreja Católica, é totalmente perniciosa para a saúde espiritual, e sem poder falar sobre o tema porque têm um juramento. Este é um exemplo da perversidade desta organização que se coloca no lugar de Deus e age contra Deus, à maneira de um Anticristo.

Em honra à verdade, devo esclarecer: uma coisa é o desenho estrutural desta organização com seu estandarte maçônico, com um poder sem rosto que rende culto ao bezerro de ouro, que apostatou de sua fé, as origens muito provavelmente hebraicas de seu fundador, que fez crer que tinha a informação para dizer quem era judeu com base em argumentos frágeis; e outra coisa são muitíssimas pessoas que de coração pretenderam buscar a Deus, que se entregaram e se sacrificaram verdadeiramente, que acreditaram no ideal que pregavam, a muitos dos quais, guardo estima e reconhecimento.

> *"E prostraram-se diante do Dragão, porque dera seu prestígio à Fera".*
> Ap 13, 4.

PREÂMBULO

1. O presente documento é realizado a pedido do senhor Bispo, Monsenhor Mark Antony Pivarunas, por indicação do padre Carlos Borja.

2. Pela gravidade do tema, solicito que este assunto seja tratado com absoluta discrição, rogando ao senhor Bispo resguardar o documento para que não seja roubado e difundido, causando grave dano à saúde espiritual das almas.

3. Neste documento, é escrita apenas uma pequena parte, mas estou disposto a expor ou aprofundar o assunto em honra à verdade, à saúde espiritual da Sociedade Sacerdotal Trento, deixando tudo ao critério da Igreja Católica.

4. Além da minha pessoa, há quatro sacerdotes que desejam testemunhar sob juramento e fornecer outros elementos à informação contida neste documento; da mesma forma, dez fiéis de comprovada confiança e piedade cristã, localizados em diferentes partes da nação mexicana, desejam ser ouvidos sob juramento.

5. Por minha parte, desejo fazer juramento perante Deus, especificando que, se eu mentir, que um raio me parta; esclarecendo que uma parte da informação sou testemunha, outra tenho respaldo em documentos, e outra há sacerdotes que presenciaram os fatos.

6. É preocupante e escandaloso para aqueles que conhecem a realidade desta organização anticristã em seus juramentos, estandarte maçônico, e sobretudo na forma como controlam e dividem a Igreja no México; observar como o senhor bispo, Monsenhor Dávila Gándara, tem uma relação estreita com alguns chefes da organização anticristã, uma reverência de maneira servil a tal ponto que tem impedido que se pronuncie por escrito conforme à doutrina da Igreja Católica a perversidade dos juramentos que durante muitos anos têm feito jovens e meninos pensarem fazer um grande serviço a Deus mentindo de maneira sistemática para guardar o segredo da organização, e obedecendo incondicionalmente a pessoas que se colocaram no lugar de Deus, alguns deles maquinam contra a Igreja e apostataram da sua fé, que desde a cúpula, ou poder sem rosto, mostram devoção ao homem que destrói a Igreja Católica, colocado espuriamente na sede de Pedro.

7. Esta organização, através da sua chefia em Sonora, determinou que Monsenhor Dávila Gándara se tornasse sacerdote e bispo, organização que é pai e mãe da Sociedade Sacerdotal Trento. Menciono dois casos: o senhor bispo recordará que, diante do conflito na cidade de Tijuana, Baixa Califórnia, onde a organização local expulsou a Sociedade Sacerdotal Trento, ele foi em companhia do padre Daniel Pérez Gómez pedir respeitosamente ao chefe nacional da organização, L.do Antonio Leaño Reyes, que intervisse na humilhação que haviam sofrido, e foi nesse escritório que receberam a instrução de se retirarem da igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Tijuana, B.C., uma indicação que até hoje obedeceram. É a esse escritório que muitas vezes recorreram, sabendo perfeitamente que o que prevalece nesse lugar é o interesse econômico, o interesse político e o domínio unido à fragmentação da Igreja no México; outro caso é que um dia antes de vir a La Paz, ele me telefonou para dizer que estavam pressionando-o para que duas pessoas não me visitassem: L.do Luis Martínez, de pseudônimo “Fasico”, e o Padre Daniel Pérez; e são precisamente seu antigo chefe de grupo e seu chefe de seção da organização em Ciudad Juárez, Chihuahua; e quando falei com o chefe nacional de assuntos religiosos, Vossa Mercê me respondeu de imediato.

8. O epicentro da infecção espiritual, psicológica e de imprecisão doutrinária na Sociedade Sacerdotal Trento é a pessoa do padre Daniel Pérez Gómez, líder de facto da congregação desde sua fundação; sou testemunha sob juramento que ele é caluniador, não hesita em mentir contra homens da Igreja, assim como difamar a quem que não se submete às suas ordens sem razão, culpa a outros por seus erros, como a perda ou entrega de igrejas que ele, por suas decisões, consumou e falou de seis igrejas com seus fiéis, a mais recente sendo a do Senhor da Expiração em Cocoyoc, Morelos, onde ele manifestou uma malícia própria dos hebreus ou de seus servos, ou de uma pessoa extremamente inepta; é difícil para mim acreditar que seja inepto, pois o mesmo profere insultos contra o senhor bispo, ao qual diz obedecer, mas na verdade é um desobediente; e alguns de nós, sacerdotes, chegamos a pensar antes sobre seus frutos, ou a nos perguntar se, por alguma razão indesejada, habitara nele um espírito imundo, o qual lhe permite mostrar-se como manso e humilde, ao mesmo tempo que faz calúnias extremamente graves, espalhando-as entre seus sacerdotes, e combatendo aqueles que mostram a falsidade de suas palavras, que se tornam motivos de ódio para terceiros, submetendo-se, por outro lado, ao poder sem rosto da organização que controla e divide a igreja no México.

9. No entanto, é preciso entender o padre Daniel Pérez Gómez, de origens muito humildes, redimiu-se um tanto na organização sob as ordens de Luis Martínez, absorveu desde sua juventude o discurso ou lavagem cerebral dos líderes da organização, que pouco a pouco lhe revelaram os segredos que o mundo desconhece segundo pregam, infundiram em sua mente que era um entre dez mil, que pertencia ao exército de Deus, pelo qual devia ceder sua vontade aos interesses de Deus, manifestados no poder sem rosto; mais tarde, Manuel López o recebeu em uma espécie de projeto Frankenstein porque não se sabia realmente o que era, mas era o lugar onde se preparavam os soldados de Cristo, ordenaram-lhe que recebesse o sacerdócio, sonhou em ser bispo, mas o poder sem rosto tinha para ele outro caminho: ser o líder do último reduto da cristandade no México, e isso, unido ao ensinamento da Igreja, juntamente com sua preponderância ao messianismo ao estilo napoleônico, lhe dá em seu pensamento poder para caluniar, lançar maldições, escolher quem é o candidato a ser bispo, dividir o mundo entre bons e maus; os santos são aqueles que estão sob sua obediência, pois é aí o único lugar onde se reúne a igreja católica no sacerdócio e o melhor da organização juramentada; os maus são aqueles que lhe dão mostras de seus pensamentos erráticos ou se afastam de sua doutrina pestilenta.

10. Testemunho que esta exposição de motivos foi expressamente proibida pelo senhor Bispo Martín Dávila Gándara, pedindo-me para mentir e negar qualquer relação da Sociedade Sacerdotal Trento com a Organização, argumentando finalmente que já não existe, que desapareceu, os que apenas algumas semanas atrás lhe deram uma ordem, ou melhor dizendo, o pressionaram.

11. Esta carta que agora entrego e um vídeo que publiquei provocaram ódio e inveja, nunca foram desmentidos em seu conteúdo, nem discutidos, pois versavam sobre as calúnias do padre Daniel Pérez Gómez; a resposta foi muito clara: a calúnia, a difamação, a manipulação de um uso indevido da autoridade do senhor Bispo; tudo isso espalhado entre seus seguidores e até proibindo ler meus escritos ou ver meus vídeos, ficando admirado de que monsenhor Dávila mostre mais coragem do que o "temido" chefe do último reduto da tradição no México.

12. Uso esta carta para manifestar a estranheza ao perceber que parte das calúnias são acusações que até agora espero que sejam comprovadas, de pecados contra o sexto e nono mandamento; nesta ocasião não quero escrever e não quero me ver obrigado a revelar um detalhe do senhor Bispo testemunhado por um falecido e por um envolvido; nem quero falar de detalhes do padre Daniel Pérez Gómez, nem dos padres Carlos Muñoz, nem de Ángel Iñiguez, cada um com testemunhas que podem prestar juramento.

13. Após a proibição expressa do senhor bispo, Dávila Gándara, para que não escrevesse a verdade contida neste documento, recebi ameaças contra a integridade da minha pessoa e da minha paróquia, é claro que estamos no sistema onde ninguém é culpado; por isso me vi na necessidade de recorrer ao Procurador Geral do Estado de Baixa Califórnia Sul, para solicitar sua ajuda, orientação diante das difamações e ameaças originadas do senhor Bispo Dávila Gándara e do padre Daniel Pérez. Se continuarem nesse caminho e não se retratarem por escrito, vou continuar nas instituições nacionais que a nação me proporciona.

14. Diante do ataque implacável e da franca sentença sem fundamento do senhor Bispo, Martín Dávila Gándara, e do padre Daniel Pérez Gómez, tomei a decisão de me afastar do bispo que me calunia, que prejudica as almas sob meus cuidados, que está juramentado a uma organização do tipo maçônica, a cujas lideranças mostra externamente respeito e submissão, que muito provavelmente está nos limites da excomunhão por esse único fato.

"E os inimigos do homem serão as pessoas de sua própria casa."
Mt 10, 36.

ORIGENS DA ORGANIZAÇÃO

1. A organização juramentada é coloquialmente chamada "los tecos", mas o título interno é: "Legión de juventudes anticomunistas de México.", seu lema é: "Por Deus e pela pátria", expondo externamente que promovem os valores, a fé católica, a vida em torno de Deus; na prática, a vontade de Deus é a resolução do poder supremo sem rosto, para o qual pouco ou nada interessa a lei de Deus.

2. O homem que aparece como fundador desta organização se chama: Carlos Cuesta Gallardo, nascido na cidade de Guadalajara, Jalisco, em 22 de agosto de 1911, filho de Francisco Luis Cuesta Gallardo e de María Elena Gallardo Rojas, de uma família extremamente rica, com familiares próximos aos altos postos do governo, tendo costumes hebraicos nessa família, da qual há um absoluto silêncio, nunca apresentaram sua árvore genealógica onde mudam sobrenomes, onde se casam entre famílias, sua relação com os Rockefeller, entre muitos fatos e dados que podem induzir que esta organização tem como fundadores o judaísmo para controlar a parte católica do México, e particularmente em nossos dias, a Sociedade Sacerdotal Trento.

3. Por volta de 1934, a organização foi fundada, sendo um dos ideólogos e líderes o padre Manuel Figueroa Luna S.J., tendo como métodos catalogados e obrigatórios para sua existência: o juramento, a obediência cega, a lealdade e o segredo; o juramento em nome de Deus e para Deus de manter absoluto silêncio sobre sua existência, nomes, acordos, endereços, estrutura, programas; e, é claro, a obediência ao "exército de Deus", que se manifesta no líder desconhecido para praticamente todos; o motivo ou objetivo dessa organização, como explicam seus principais expoentes, era deter a conspiração judeu-maçônica-comunista; para isso, eram designados por pseudônimos, de modo que, se os documentos internos fossem confiscados pela polícia, não pudessem ser identificados.

4. Um dos principais centros de reunião foi uma propriedade na rua 8 de Julho, na cidade de Guadalajara; casa dos irmãos Leaño, Ángel e Antonio; escritório do segundo chefe nacional da organização, Raymundo Guerrero, local onde a revista Replica era impressa; agora emprestada à Sociedade Sacerdotal Trento.

5. O próprio padre Manuel Figueroa Luna S.J. formou Ramón Plata Moreno, que pertenciam ao mesmo tronco comum. É necessário observar que o padre Saénz y Arriaga escreve coisas estranhas sobre o padre Manuel Figueroa e assegura a origem judaica de Ramón Plata Moreno.

“Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus...”
Mt 7, 21.

ESTRUTURA OU FORMA INTERNA DE TRABALHAR.

1. A organização é monárquica, o comando supremo ou nacional é vitalício. Não necessariamente hereditário, mas sim de sucessão. Eles asseguram que a superioridade nunca erra, então julgar as decisões ou ordens é catalogado como um ato de deslealdade, de quebra do juramento prestado diante de Deus.

2. O comando e centro de governo estão na Universidade Autônoma de Guadalajara, em cada estado onde existe há um comando, até chegar aos grupos base, onde jovens são recrutados regularmente a partir dos doze anos, treinados para pensar com a organização, com base em seu proselitismo podem se tornar chefes de grupo.

3. Esses jovens são recrutados por grupos externos aparentemente inofensivos e benéficos para os iniciados, são admitidos em um grupo preliminar e, após preparação de provas, ascendem ao grupo base.

4. *"Este movimento tem como fim primeiro: Formar uma legião de homens dispostos a colocar suas vidas a serviço de Deus e da causa do bem, de acordo com os princípios básicos da doutrina católica, promovendo neles o espírito de sacrifício pela nobre causa que esta associação defende"*. Estatutos do Movimento, título primeiro, bases gerais do movimento, capítulo primeiro, de seus fins.

5. A pureza de sangue é algo que eles asseguram consistir em afastar elementos judeus, maçons ou contra Cristo; eles afirmam ter listas onde detectam elementos contrários, no entanto, essas listas nunca são divulgadas, as que tive em minhas mãos são totalmente obsoletas e imprecisas, e estabelecem normas gerais para sobrenomes. Quando afirmam que uma pessoa é judia, o argumento principal é o que a organização diz, mas em 90% dos casos não têm absolutamente nenhuma prova.

6. Com os chefes da organização com quem tive contato, quase todos demonstram certa superioridade exterior, acima do sacerdote, regularmente não se confessam nem comungam, e os que comungam frequentemente, é muito estranho que não haja pecados em suas vidas, quando são muito evidentes a falta de caridade ou dureza de julgamento não com base em argumentos, mas em seus próprios critérios. Desprezam ou simplesmente veem o sacerdote como um empregado, aproximam-se de pessoas liberais e maçons, constantemente aconselham a não confiar no sacerdote, totalmente de acordo com o regulamento da organização: "FICA ESTRITAMENTE PROIBIDO AOS MEMBROS DESTE MOVIMENTO, REVELAR ASSUNTOS RELACIONADOS COM O MESMO OU CONSULTAR DÚVIDAS DE CONSCIÊNCIA, COM QUALQUER OUTRO CLÉRIGO, SEJA EM CONFISSÃO OU FORA DELA; JÁ QUE É LÓGICO QUE NENHUM CLÉRIGO QUE DESCONHEÇA ESTE MOVIMENTO, PODERÁ DAR OPINIÃO POR NÃO TER A CAPACIDADE DE COMPREENDER A MISSÃO QUE DEUS NOS ENCOMENDOU". Regulamento no título terceiro: dos sócios, capítulo segundo: obrigações dos sócios ativos, artigo 34, seção IV.

7. São esses chefes da organização que lideram a construção da igreja, mas na prática a impedem, dando ordens contrárias para que se dividam, pessoalmente, são mesquinhos com a Igreja, extremamente intrometidos na vida do sacerdote e dos fiéis, pretendem, embriagados em sua perversidade, definir qual sacerdote pode atendê-los e qual não, ordenam a alguns de seus juramentados que se aproximem dos sacerdotes para vigiá-los, afastam outros que se apegam a eles, e até mesmo nas famílias dos chefes de estado ou de cidade, respira-se certo desprezo pela piedade cristã, um hermetismo, em poucas palavras, um certo ambiente hebreu; e curiosamente, esses cargos são nomeados diretamente pelo chefe nacional ou pelo menos autorizados com seu silêncio. Casualidade, coincidência ou resultado de um judeu que está no comando? E a parte mais dedicada à igreja são os que não têm familiaridade com o chefe de zona, os que fazem o trabalho pesado, os que cooperam, os que sofrem, em uma palavra, os goyim; Sendo o círculo íntimo do chefe composto por liberais, políticos, pessoas influentes e, se há um juramentado com solvência econômica ou cargo de governo importante próximo ao sacerdote, ele é afastado da igreja e dos sacramentos com uma linguagem praticamente maçônica. Por essa razão, para aqueles que ainda têm inteligência e razão, poderão observar que o principal inimigo do chefe local da organização é o sacerdote, mas não se mostram abertamente, mas à maneira dos fariseus do evangelho, e em suas reuniões mais privadas com o círculo dos liberais, reunião após reunião há uma dose aparentemente não planejada, mas que vai diretamente contra o altar e o sacerdote; a única maneira de o sacerdote ter um bom relacionamento com o chefe de zona é estar a seu serviço e perder sua liberdade e dignidade. E é uma verdadeira traição à Igreja Católica que o senhor Bispo Martín Dávila Gándara e o padre Daniel Pérez Gómez lhes deem mais valor, dez vezes mais ao chefe do movimento na zona, que regularmente é anticristão, do que ao sacerdote do local, recomendando ou ordenando ao sacerdote que se submeta a um homem que não se interessa pela igreja. Essa é a obra de um pastor de sacerdotes, de um mercenário... ou de um judeu de batina?

8. São esses mesmos líderes que, em alguns casos, fornecem mulheres juramentadas para que tenham trato carnal com os sacerdotes, em outros, sugerem meretrizes, e em outros, expõem-nos a cometer esses pecados, e depois aparecem como "anjos de luz" para consolar e estrangular a fé do homem da Igreja. Conheço o caso de Luis Martínez, chefe da praça de Ciudad Juárez, onde ele destinava mulheres para esse fim, do qual uma mulher pode dar testemunho; o caso de Manuel López, que com seu silêncio autorizava Ignacio Ruiz a fazer isso; o caso de Gustavo Haro Veyna, inclusive lhe dando os recursos para visitar as meretrizes fornecendo dados precisos, bem como o fato de que, sob o sistema de não saber como as coisas acontecem, para realizar um convívio no seminário menor "San Luis Gonzaga" da zona de Florido, onde, enquanto os seminaristas estavam dentro, um grupo de jovens liderados por seu filho deu uma festa escandalosa, deixando no dia seguinte preservativos usados, revistas pornográficas e certas roupas femininas. Casualidade... estranhezas... ou a mão de um hebreu? E o que dizer de Raúl Haro Veyna em La Paz, o "santo" que tem uma filha fora do casamento e não a conheceu nem a sustenta, que não paga a previdência social a seus trabalhadores, que empresta com usura, que fraudulentamente privou seus próprios juramentados de um bem comum, do qual o interior de sua casa é própria de um hebreu, daquele que prestou testemunhos totalmente falsos contra o sacerdote nos tribunais de justiça que a mesma mulher que ele usou para processar o sacerdote por assédio sexual declarou que isso não era verdade e que Raíl Haro tinha inveja e ódio do padre; e o que dizer do falecido Vico, chefe de Chihuahua, que na mesma sexta-feira santa convocou os juramentados para outro lugar na mesma hora da liturgia, e me poupo de dizer o nome de uma mulher que recebeu ordens expressas; e o que dizer do chefe nacional de de assuntos religiosos Juan José Leaño Espinoza, que tem uma dispensa totalmente inválida de João Paulo II para um matrimônio em segundas núpcias, que é um verdadeiro adultério, que estava ajoelhado na praça do Vaticano quando Jorge Mario Bergoglio foi empossado como anticristo, que pertenceu a um instituto e o mesmo se dedicou a levar sacerdotes de missa em latim para obedecer ao anticristo, que duas testemunhas podem depor sob juramento sobre tais atos luciferianos; e o que podemos dizer sobre o chefe nacional atual Antonio Leaño Reyes, que por muitos anos teve como secretário Ruben Quiroz, que promovia cargos internos na organização em troca de comércio carnal, que combateu abertamente a fé católica, e que dizia que a Sociedade Sacerdotal de

Trento eram os gatos indizíveis da universidade, e do franco desprezo de Antonio Leaño, que que se cansou até a exaustão de demonstrar que não está interessado na organização... Esses são os chefes da organização à qual prestam respeito e obediência o senhor bispo Martín Dávila Gándara, o padre Daniel Pérez Gómez, cujo orgulho é estar sob a sombra da Universidade Autônoma de Guadalajara, que o despreza?; e quem foi Carlos Cuesta Gallardo, o personagem que esteve envolto em mistério celestial, cercado sempre por um ambiente hebraico e cabalístico, sua relação com os Rockefeller, ou devemos acreditar que eles apoiaram e não sabiam que financiaram uma organização que pregava a luta antijudaica para o mundo exterior, mas que, na realidade perguntou a uma pessoa com inteligência: o que fez? Quais são os frutos? O homem que projetam como supercatólico, que nunca construiu uma igreja, simplesmente fornecia as migalhas da rua 8 de Julho, mesmo tendo a opulenta riqueza à sua disposição, uma verdadeira cusparada, e o que podemos dizer sobre seu Partenon maçônico, onde estão seus restos mortais, no panteão, que fez com a família do chefe da região da Baixa Califórnia, a quem ele dizia mostrar apreço, e Julián Bravo, que negligenciou sua família pela organização e deixou-os na pobreza quando morreu. O que o milionário Cuesta Gallardo fez por esse soldado? Virou as costas para a família que perdeu ao pai e ao filho mais velho pela organização, agiu Cuesta Gallardo como em toda a sua vida e trabalho: *não poupemos esforços para fazer o maior mal aos cristãos.*

9. Atrevo-me a dizer, pelos mais de vinte anos que estive próximo a esta organização, desde a militância até o topo, que é uma besta com pele de cordeiro que age como um dragão, e todo esse hipnotismo de seus juramentados, e ainda hoje testemunho pessoas que defendem essa obra anticristã, que maquina contra a Igreja, defendem-na mais do que os modernistas ao judeu e traidor de Ratzinger ou a Jorge Mario Bergoglio, carentes de argumentos, têm apenas posturas; e sei perfeitamente que por isso sua raiva aumenta e pode me custar a vida, mas não me importa, porque não sou traidor a Jesus Cristo nosso Senhor, e não me importa perder a “amizade” ou ganhar o desprezo dos servos de Lúcifer.

10. E se o Senhor Bispo Martín Dávila Gándara e o padre Daniel Pérez Gómez desejam continuar negando tudo, saibam que há um Deus que há de vir para julgar os vivos e os mortos, e eles dois têm muitíssimas contas a prestar ao nosso Divino Redentor, e por esses fatos que narrei, práticas e costumes que se fazem na organização, não duvido que o padre Daniel Pérez esteja infestado de demônios.

11. E deixo por escrito, que se não se defende a Igreja Católica, se abjura dessa organização anticristã, e se condena pelo menos em união com o santo ofício a maldade desses juramentos, da minha parte vou continuar e tenho a obrigação de dar a conhecer à Igreja espalhada pela redondeza da terra.

12. MINHA PROPOSTA É QUE A SOCIEDADE SACERDOTAL TRENTO DEVE DESAPARECER POR TER NASCIDO EM UMA ORGANIZAÇÃO ANTICRISTÃ, CUJO CHEFE DE ZONA ARRUINOU VÁRIAS VIDAS FAZENDO-OS ORDENAR COMO SACERDOTES, QUE NUNCA TIVERAM VOCAÇÃO E HOJE ABANDONARAM O SACERDÓCIO, POR TEREM ROUBADO A IGREJA DE MONSENHOR CARMONA EM ACAPULCO E CONVERTIDO-A EM IMUNDÍCIE, E SE UM DOS HOMENS DA IGREJA ESTÁ INICIADO NO ESCURO DA ORGANIZAÇÃO DEVEM ABJURAR DESSE FATO, E UMA VEZ DESINTEGRADA ESTA CONGREGAÇÃO, COM OS ELEMENTOS QUE TÊM O ESPÍRITO DE DEUS, FAZER UMA CONGREGAÇÃO CATÓLICA, NA MINHA PERSPECTIVA PARTICULAR, CONSAGRADA E SOB A ÉGIDE DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE.

13. O estandarte ou emblema da organização tem no centro uma águia bicéfala, semelhante ao símbolo do grau 33 da maçonaria. Não é evidência suficiente do que é esta organização? Assim como as duas colunas maçônicas que se encontram no presbitério da igreja de Santo Agostinho, na colina de Guadalajara, igreja emblemática da organização.

14. Há vários juramentos, escrevo apenas um consignado na liturgia tradicional: “Eu (nome do juramentado) juro por Deus Padre, Filho e Espírito Santo, criador do universo e de tudo o que existe, jurando sem reservas mentais de nenhum tipo, ser leal a Deus e à Legião de Juventudes Anticomunistas do México, jamais traí-la ou combatê-la e guardar absoluto segredo com estranhos a esse movimento sobre sua existência, sobre os nomes dos componentes e dirigentes, sobre os assuntos tratados em suas reuniões e sobre tudo o que a ela se relacione. Assim como jamais atuar dentro dessa ordem aceitando consignas, ordens ou simples sugestões de pessoas ou organizações estranhas a esta organização. Juro igualmente por Deus, considerar a Legião de Juventudes Anticomunistas do México como a organização primordial na ordem temporal, subordinando todas as minhas atividades políticas ou sociais à direção suprema deste movimento, seja qual for o lugar onde eu realize minhas atividades, se não o fizer, que a Legião de Juventudes Anticomunistas do México me castigue com a morte dos traidores.”

15. "GUARDAR ABSOLUTO SEGREDO COM OS ESTRANHOS A ESTA ASSOCIAÇÃO, DE SUA EXISTÊNCIA, DA IDENTIDADE DE SEUS CHEFES E DE SEUS MEMBROS, DOS ASSUNTOS QUE SE TRATAM EM SUAS REUNIÕES E EM GERAL DE TUDO O QUE SE RELACIONA COM ELA. SÓ PODERÁ REVELAR A ESTRANHOS, AQUELAS QUE RECEBAM ORDENS DE REVELAR, EMITIDAS PELA SUPERIORIDADE POR INTERMÉDIO DO ORGANIZADOR-INSPETOR." Regulamento da organização, título terceiro, capítulo segundo, artigo 34, seção III.

16. "Para que não haja erro quando for necessário determinar quais dessas seitas perniciosas estão sujeitas a censuras, e quais apenas a proibição, é certo em primeiro lugar que estão punidas com excomunhão *latae sententiae*, a maçonaria e outras seitas do mesmo tipo..." Instrução do Santo Ofício de 10 de maio de 1884. Dz 1860.

17. "AQUELES QUE DÃO SEU NOME À SEITA MAÇÔNICA OU A OUTRAS ASSOCIAÇÕES DO MESMO GÊNERO QUE CONSPIRAM CONTRA A IGREJA OU CONTRA OS PODERES CIVIS LEGÍTIMOS, INCORREM IPSO FACTO EM EXCOMUNHÃO SIMPLESMENTE RESERVADA À SÉ APOSTÓLICA." Código de Direito Canônico, cânon 2335.

18. Comentário ao cânon 2335: "Segundo uma instrução do Santo Ofício de 10 de maio de 1884, são associações proibidas todas aquelas que exigem de seus afiliados juramento de guardar segredo absoluto e de obedecer cegamente em tudo aos chefes."

19. "OS CLÉRIGOS E OS RELIGIOSOS QUE DEREM SEU NOME À SEITA MAÇÔNICA OU A OUTRAS ASSOCIAÇÕES SEMELHANTES, DEVEM ALÉM DISSO SER DENUNCIADOS À S. CONGREGAÇÃO DO SANTO OFÍCIO." Cânon 2337. 2.

20. Educam e formam sistematicamente uma postura de ódio contra os judeus por serem judeus, aos maçons por serem maçons; Nesse sentido, deve-se pregar a verdade sobre o povo judeu, instruindo na verdade que não é incitar ódio ou rancor, mas sim o conhecimento que nos previne da influência de um povo educado na perversidade da Sinagoga de Satanás: o grave desse sistema de ódio irracional é o seguinte: Quem pode ou define quem é judeu? Pois a organização, a qual não apresenta provas, apenas a definição à maneira do Santo Ofício, dessa maneira, a organização pode enfurecer seus adeptos com apenas uma ordem. Finalmente, é mais um meio de manipulação.

21. Esse estilo de decretar quem é bom e quem é mau, Trento herdou, os que estão lá são bons e santos, os sacerdotes externos são os impuros, os maus, os demônios.

22. A organização que opera desde a Universidade Autônoma de Guadalajara, suas chefias e donos, não explicaram a licitude da riqueza que possuem, além de que, em 1962, a Fundação Rockefeller entregou uma quantia milionária.

23. Esta organização aglomera ou é integrada por elementos totalmente opostos, mas perfeitamente projetados para obter o perfil que desejam, a saber: o controle da parte conservadora desde a consciência e desde o cérebro preparado por manipulação de ideias, ao ponto de estarem convencidos de que a organização é obra de Deus, embora na prática ajam contra Deus; estar convencidos de que são o exército de Deus, isto é, com temeridade seguindo os passos de Lúcifer pretendendo se colocar no lugar de Deus. O sistema é tão forte, que estão convencidos de que Deus assiste de maneira especial às chefias e que pertencer a esta organização é se aproximar do reino dos céus, pertencer ao exército de Deus mesmo que se denigra o sacerdote católico, se o calunie, são sacrifícios que a luta exige ou se tornou judeu, ou está louco, ou nos traiu.

24. É assombroso que os mesmos sacerdotes tenham maior apreço pelo chefe nacional que não tem a fé católica, apreço que manifestam ao aceitar suas ordens, ao não pregar contra eles, ao dar a comunhão a um chefe de assuntos religiosos que está em adultério e todos devem guardar silêncio. Reitero: maior reverência ou respeito se tem à imagem do chefe nacional do que ao próprio bispo da Sociedade Sacerdotal Trento, do que ao próprio chefe *de facto*, padre Daniel Pérez Gómez, sobretudo sendo manifesto e evidente que essas duas pessoas respeitam e acatam as ordens, mesmo que privadamente assegurem que estão em desacordo. Ao ponto de se vangloriarem se tiverem um simples cumprimento com o homem que age contra Cristo ou Anticristo sentado na reitoria da Universidade Autônoma de Guadalajara.

25. Em suas fábulas, dizem buscar instaurar o reino de Deus, ao mesmo tempo que os chefes de cada cidade, nas Igrejas do norte do país onde a Sociedade Sacerdotal Trento presta os serviços de unir os juramentados, literalmente o chefe da organização tem maior autoridade que o pároco. Embora atualmente tenham morrido os principais chefes, eles ainda têm bastante influência, pois têm a concepção de que os sacerdotes devem obediência à organização.

26. Costumam iniciar suas reuniões na liturgia antiga, diante de um crucifixo e duas velas acesas, junto com algumas orações, solicitando auxílio sobrenatural para assegurar as vitórias do exército de Deus e a assistência para o general e chefe da ordem.

27. A mística que pregam é o enamoramento às leis e "verdades" dadas pela superioridade e a ascética: o oferecimento íntegro de suas vidas, o sacrificar suas famílias, por amor ao Criador, o qual se manifesta através das ordens da superioridade.

"Porquanto não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor".
Rm 8, 15

ORIGEM DA SOCIEDADE SACERDOTAL TRENTO

1. A cidade de Hermosillo, Sonora, possui a segunda sede em importância da organização no país, na qual o chefe regional era Manuel López com o pseudônimo “Jiménez”.

2. Em uma primeira etapa, Manuel López em sua esquizofrenia mental pretendia “revestir-se da autoridade de Deus”, pelo que chamou ou designou os jovens juramentados: Eduardo Mariscal, Enrique López Vázquez, José Isabel Robles Badilla, Martín Dávila Gándara, David Contreras e Daniel Armando Pérez Gómez, para fazer os fundamentos do que na realidade não se sabia o que seria, o que era claro é ter sacerdotes juramentados ou escravos de Manuel.

3. Sob juramento, um sacerdote pode testemunhar: Que Manuel López educou durante dois anos a José Isabel Robles Badilla, consentindo a preparação em dois dias por semana, na leitura basicamente da organização, e ordenou-lhe ou melhor dizendo: persuadiu-o a se ordenar sacerdote, argumentando que tinha que se sacrificar pela organização. E essa ordem foi dada por esse senhor em nome de Deus, da organização, sem reparar que Manuel López não tem o direito de usurpar o lugar de Deus para decidir quem tem ou não vocação.

4. É assim que esse jovem a quem havia sido feita uma lavagem cerebral é transferido para Acapulco, Guerrero, e é ordenado por Monseñor Carmona. Os nomes anteriormente mencionados foram “placidamente” levados a uma “lavagem cerebral” para, em pouco tempo e com uma preparação *sui generis* ou frankenstein, serem levados às ordens sagradas com a tranquilidade de ter o respaldo da organização.

5. E não se importaram que muitos desses jovens abandonaram o sacerdócio, porque não tinham vocação, e quando Manuel López se preocupou com o padre José Isabel Robles Badilla? Nunca! Não foi para agradecê-lo e oferecer-lhe um apoio econômico, Manuel López agiu como os hebreus: *fazer todo o dano possível aos cristãos*.

6. Manuel López ordenou que aqueles jovens juramentados, que o obedeciam cegamente por ser o chefe da organização, formando uma verdadeira confusão entre a organização e a Igreja Católica, colocando a organização como mãe da igreja naquele momento de orfandade, de modo que, com pouca ou nenhuma preparação eclesiástica, eram fortalecidos com um idealismo de serem verdadeiramente quem salvaria a igreja das mãos judias infiltradas. E todos aqueles que o dedo flamejante de Manuel López determinasse que eram judeus, assim eram, sem apresentar provas.

7. MANUEL LÓPEZ DEU A ORDEM DE RODEAR MONSENHOR CARMONA ATÉ SUA MORTE E LITERALMENTE ROUBAR OU APROPRIAR-SE DA IGREJA DA DIVINA PROVIDÊNCIA EM ACAPULCO, GUERRERO. CLARO, ISSO ERA PARA SALVÁ-LA DAS MÃOS JUDAICAS; É ASSIM QUE A SOCIEDADE SACERDOTAL TRENTO ATUALMENTE TEM A IGREJA MENCIONADA, E FEZ CRER QUE O AUTOR OU FUNDADOR DE TRENTO É MONSENHOR CARMONA, PARA OCULTAR A FIGURA DE MANUEL LÓPEZ E DA ORGANIZAÇÃO; SENDO A IGREJA DE ACAPULCO UMA SIMPLES PEÇA DECORATIVA, E MOSTRA DISSO É A DECADÊNCIA EM TODOS OS ASPECTOS EM QUE SE ENCONTRA ATÉ NOSSOS DIAS.

8. Manuel López dirigia, convocava e dava as ordens precisas em Trento. Finalmente, esses jovens sacerdotes eram praticamente seus filhos, e ao chegar sua morte quem ocupou seu lugar foi o padre Daniel Pérez Gómez, em quem se desenvolveu uma mistura interessante: a formação da organização que

faz acreditar que são seres especiais conhecedores dos segredos herdados do exército de Deus, seu sentimento de inferioridade que se manifesta em um desejo de dominar tudo e um certo ar previamente aprendido de messianismo napoleônico.

9. Manuel López viu a necessidade de ter um bispo para não depender de ninguém, focou em Martín Dávila Gándara por seu temperamento fácil de manejar e em Daniel Pérez Gómez por seu perfil de amor próprio exacerbado.

10. Foi assim que na casa de um juramentado em Hermosillo, Sonora, de nome Julio Flores, se reuniram 9 sacerdotes da organização, fizeram uma eleição e Dávila Gándara foi eleito por um voto. No dia seguinte, se reuniram novamente e depois disso se apresentaram à casa de Manuel López para receber sua aprovação, que ele autorizou dando sua bênção.

11. Meses depois, houve uma reunião em Guadalajara com os sacerdotes que não pertenciam à organização, legitimando o resultado.

12. Manuel López autorizou pelo menos com seu silêncio, uma divisão de origem em Trento. Um bispo que não pode exercer a autoridade e um sacerdote, Daniel Pérez, que está acima de todos, exceto pela mão do chefe da organização.

13. Cabe mencionar que o braço direito de Manuel López, em um ambiente de que ninguém sabe nada e ninguém é culpado, providenciava a alguns sacerdotes comércio carnal com duas mulheres casadas e juramentadas; disso, há um sacerdote que deseja testemunhar sob juramento. (Omito os nomes dos envolvidos por razões óbvias).

14. As missões e igrejas que se constituíram com os padres de Manuel López ou da sociedade sacerdotal Trento, são precisamente lugares onde a organização opera, tendo os demais lugares, sobretudo no sul do país, como de segundo nível.

15. Um sacerdote deseja testemunhar, de como antes de ordená-lo o senhor bispo Pivarunas, ele foi levado perante Manuel López para fazer uma cerimônia com juramento de obedecer a Deus na pessoa deste senhor, requisito indispensável para ser ordenado.

16. Cabe destacar que o segundo chefe nacional da organização, Raymundo Guerrero, impedia que os sacerdotes de Manuel López assistissem a Guadalajara, porque os considerava espiões, foi só até sua morte que o chefe nacional de assuntos religiosos autorizou a entrada no oratório da rua 8 de Julho.

17. Manuel López acreditava se confessar e comungar ou diretamente um anjo lhe proporcionava os sacramentos, porque simplesmente "não precisava" deles, tudo em um ambiente de mistério; ele morreu tragicamente na estrada, alguns asseguram que ele vinha de visitar médicos alternativos, outros dizem que ele vinha de ver bruxos, mas tudo mantido como um mistério.

"Quem não está comigo, está contra mim".
Mt 12, 30.

O SEMINÁRIO DA SOCIEDADE SACERDOTAL TRENTO

1. Manuel López fundou o seminário dos Sagrados Corações aproximadamente em 1992, sendo durante muitos anos um requisito para ingressar neste seminário ser juramentado.

2. Foi construído e mantido pela parte nobre da organização, eles davam aulas e ordenavam a organização, sendo necessário pertencer à organização para ingressar.

3. Todos os seminaristas eram enviados por um mês para uma preparação na organização, que na verdade era uma lavagem cerebral.

4. Confundia-se a fortaleza com o desprezo, a lealdade com a servidão, a obediência ao homem com a desobediência a Deus, a humildade com pessoas sem capacidade de pensar de maneira contrária à tripla autoridade.

5. Conheci dois casos de seminaristas que foram expulsos piedosamente por atos de homossexualidade, mas foram encobertos por muito tempo. Casualidade, inadvertência, estratégia?

6. Em alguns casos, exaltavam-se as qualidades humanas, o culto ao homem, com o desprezo ou pouco caso de Deus.

7. Recentemente, o padre Daniel Pérez Gómez me disse: "Prefiro sacerdotes tolinhos, mas obedientes, do que inteligentes que não obedeçam."

8. Monsenhor Dávila afirmou sobre a formação: "Estamos colocando um empenho particular na humildade e na obediência."

"Se Satanás expele Satanás, está dividido contra si mesmo. Como, pois, subsistirá o seu reino?"
Mt 12, 26.

A SOCIEDADE SACERDOTAL TRENTO

1. A congregação em geral é fruto de Manuel López e de Daniel Pérez, claro, eles são quem recebem o reconhecimento das boas obras e, nos erros, não há culpados, não se sabe como ocorreu. Eles carregam o espírito de uma organização anticristã.

2. O padre Daniel Pérez herdou certas crenças ou princípios da organização, erigindo-se como porta-voz da verdade, com a capacidade de determinar quem é bom e quem é mau, desprezando a autoridade do bispo, ou seja, usurpando o lugar de Deus.

3. Há um espírito disseminado de superioridade, de ser a parte mais pura da tradição, e os sacerdotes que decidem se afastar de Trento, ou os que são expulsos, constituem na mente de Daniel Pérez uma espécie

de impuros que devem ser evitados para não se contaminarem.

4. O padre Daniel Pérez tem frases e sentenças estranhas, comento algumas das quais sou testemunha: "Monsenhor não é ninguém, tire a venda dos olhos, ele faz o que nós queremos"; "Deixo de me chamar Daniel Pérez se monsenhor Dolan pisar no México, vamos dar-lhe uma 'quentadinha'"; "sou o chefe do último reduto da tradição no México."

5. Sou testemunha de que ele é um sacerdote que calunia, amaldiçoa, mente, desfigura a história, tudo isso como meios de controle e o mais grave, é que seus seguidores acreditam em todas essas sentenças.

6. Daniel Pérez entregou literalmente várias igrejas, mas depois diz que foram roubadas, que é uma conspiração; como exemplo: ele é responsável por terem perdido a igreja de Tijuana, originando o conflito entre ele e o chefe da organização naquela área; mesmo após a expulsão de Trento, a organização no comando nacional formou uma comissão investigadora composta por Arturo López, o Doutor Aguas, e o chefe do centro de investigações da organização; Daniel Pérez e Dávila Gándara foram ao reitor da Universidade Autónoma de Guadalajara para pedir sua intervenção como chefe da organização, e nessa reunião foi tomada a decisão.

7. O mesmo Daniel Pérez quem, em sua primeira fase, entregou a igreja de Cocoyoc, Morelos; e é o responsável pela segunda fratura estrategicamente planejada por uma mente torpe ou traidora. Ele entregou a igreja de Atlatlahucan, Morelos; a de Dos Ríos, Veracruz; a que ele alega que foi roubada em Dos Caminos, Guerrero; e a de La Paz, Baixa Califórnia Sul.

8. O bispo entregou a igreja de Tulimán, Guerrero, ao modernismo, e impediu que fosse defendida.

9. Daniel Pérez declarou categoricamente em uma ocasião diante de um padre que não queria se submeter à vontade de Deus, ou seja, à dele: "Deixemos que ele cometa um escândalo e então vamos sujeitá-lo"; do qual há um sacerdote que testemunha sob juramento.

10. Recentemente, um seminarista, antes de ser ordenado, soube do escândalo moral de um sacerdote, ao que Daniel Pérez disse: "Esta é sua prova de fogo, se você ficar calado, será ordenado."

11. Infelizmente, ele infectou gravemente dois sacerdotes: o padre Carlos Muñoz Caselín e o padre Ángel Iñiguez González. Ambos, se professam amor à igreja e têm capacidade intelectual, deveriam constatar os elementos com base nos quais Daniel Pérez declara imundas certas pessoas, e me refiro a argumentos ou provas que não saíram de seus lábios ou de seus seguidores.

12. Todo aquele que se opõe a ele com a verdade é alvo de todos os seus ataques, condenações e maldições.

13. De um tempo para cá, é preocupante sua imprecisão teológica, sua ambiguidade, como foi o caso de seu artigo "A verdade deve nos unir" na revista Trento de março de 2022, onde ele escreve: "Este pastor (papa) é verdadeiro pastor, ou é um impostor, é papa ou não é papa."; "Seja ou não seja Papa, este que atualmente diz ocupar a cadeira de Pedro"; "Porque é evidente que, seja ou não seja, este não é um santo, porque escandaliza com seus atos."

14. O mais escandaloso é que Monsenhor Dávila, quando lhe expomos as calúnias que ele profere, sistematicamente o defende, justifica, simplesmente diz: "não quero falar sobre esse assunto."

15. Daniel Pérez é um desobediente, ou não sei a quem ele obedece, porque ele chama seu próprio bispo de "tonto", "incapaz de governar"; ele pretendeu que se fizesse um voto de obediência à sua pessoa.

16. O problema das alegações da sociedade Trento sobre a definição de judeus é que se baseia nas afirmações da organização, sem provas sustentáveis, apenas enigmas intelectuais. Um caso simples que menciono: o padre Ruíz Vallejo é acusado de ser judeu, as provas são o comentário de um juramentado que diz ter tudo perfeitamente claro, mas a verdade exige que uma acusação dessa natureza seja sustentada por escrito em um expediente que seja público, mas tudo é mistério.

17. A Sociedade Sacerdotal Trento assegura que o padre Daniel Pérez já não é o superior, mas quem é o superior? É um mistério porque argumentam que ele será atacado imediatamente, Trento age novamente ao estilo da organização.

"Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus".
Mt 6, 33.

A ORGANIZAÇÃO EM LA PAZ E TIJUANA.

1. Pediram-me para estar na comunidade de La Paz, durante o tempo em que estive às suas ordens, recebia a quantia de dez mil pesos mensais, no entanto, eles tinham o controle total da igreja.

2. Integraram-me a um grupo secreto da mesma organização, onde o chefe da zona determinou a expulsão da sociedade Trento.

3. Tornei-me inimigo da organização quando expulsei uma família da organização porque um de seus membros expelia o santíssimo sacramento e afirmava que a comunidade era a "cachorrada nojenta", juntamente com o controle da igreja, não permitindo que no edifício paroquial celebrassem seus rituais, assim como tornar conhecidos os graves erros, como o fato de um de seus membros aprovar, na qualidade de deputado, uma lei em favor dos homossexuais, que ingressar na maçonaria são estratégias, argumentam, necessárias em nossa luta, assim como a usura, o estelionato financeiro de alguns juramentados, impedindo que se confessassem de todos os seus pecados.

4. Este grupo me levou à cadeia, entraram para me agredir durante a santa missa, apresentaram ações judiciais baseadas em declarações falsas, além de todo tipo de calúnias, fundamentadas no segredo da organização.

5. A organização me disse que, se eu permanecesse na igreja, minha vida estaria em perigo.

6. Obviamente, eles têm um sistema em que nunca são culpados; as coisas acontecem aparentemente de maneira casual.

“E, se lhe pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente?”
Mt 7, 10.

MONSENHOR MARTÍN DÁVILA GÁNDARA, SUA VISITA A LA PAZ E A ORGANIZAÇÃO

1. Em fevereiro de 2003, o senhor Bispo me deu a ordem: “proíbo que fale da organização, ela não existe mais, é uma associação civil.”

2. O senhor bispo, Monsenhor Dávila, com três meses de antecedência, programou sua visita para sábado e domingo, 4 e 5 de novembro de 2003, à comunidade de La Paz. Previamente, o padre Daniel Pérez Gómez, em meio a sentenças sem fundamento de graves calúnias sem apresentar provas, declarou que não concordava com a visita de Monsenhor Dávila.

3. Na sexta-feira, 3 de novembro, o senhor Bispo me ligou e me instruiu: “Não vou a La Paz, estou sendo pressionado pelo padre Daniel e pela organização, dizem que você incendiou três casas.” Depois de exortá-lo, ele disse que viria, mas celebraria a missa em uma casa, não na igreja; depois que seria na igreja, mas com poucas pessoas, a portas fechadas, e que ficaria na igreja apenas uma hora e 20 minutos.

4. Em uma reunião privada com Monsenhor Dávila e quatro fiéis de absoluta confiança, ele instruiu que deveríamos entregar o edifício material ou uma quantia em dinheiro à organização. Comentou que o L.do Luis Martínez, de pseudônimo “fasico”, chefe da organização em Ciudad Juárez, fazia graves acusações contra mim. Cabe mencionar que há um testemunho que assegura que Monsenhor Dávila permaneceu no grupo dos tecos, onde o chefe era o padre Daniel Pérez, e o chefe da zona era Luis Martínez.

5. Três dias depois, me encontrei com o chefe nacional de assuntos religiosos para expressar minha preocupação com a organização e os homens da igreja.

6. No dia seguinte, Monsenhor me chama e diz para não falar com o chefe de assuntos religiosos, para não fazer nenhum escrito, que tudo foi um mal-entendido.

7. Quando o senhor bispo soube que eu me encontraria com o senhor Bispo Pivarunas, ele me ordenou: “Não fale da organização,” “diga que ficou enojado,” “não faça isso.”

8. Monsenhor Dávila iniciou uma série de mensagens para diferentes pessoas do país, fazendo graves acusações contra mim, solicitando que forneçam argumentos que sustentem o que até agora são calúnias. O mais grave foi descobrir que escreveram ao senhor Bispo Pivarunas contra mim, e até o padre Daniel Pérez fez graves acusações sem apresentar provas, que até agora são calúnias.

“Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto”.
Mt 7, 7.

CONCLUSÕES

1. A SOCIEDADE SACERDOTAL TRENTO DEVE DESAPARECER POR TER NASCIDO EM UMA ORGANIZAÇÃO ANTICRISTÃ, CUJO CHEFE DE ZONA ARRUINOU VÁRIAS VIDAS ORDENANDO SACERDOTES QUE NUNCA TIVERAM VOCAÇÃO E HOJE ABANDONARAM O SACERDÓCIO, POR ROUBAR A IGREJA DE MONSENHOR CARMONA EM ACAPULCO E A TRANSFORMAR EM IMUNDÍCIE. SE ALGUM DOS HOMENS DA IGREJA ESTÁ INICIADO NO OBSCURO DA ORGANIZAÇÃO, DEVEM ABJURAR DESSE FEITO E, UMA VEZ DESINTEGRADA ESTA CONGREGAÇÃO, COM OS ELEMENTOS QUE TENHAM O ESPÍRITO DE DEUS, DEVE-SE FORMAR UMA CONGREGAÇÃO CATÓLICA, EM MINHA OPINIÃO PARTICULAR, CONSAGRADA E SOB A ÉGIDE DE NOSSA SENHORA DE GUADALUPE.

2. Chegar a esta conclusão tem sido doloroso diante de uma realidade evidente. Por muito tempo mantive silêncio, mas testemunhei que é lamentável que o Bispo Martín Dávila Gándara, que se mostra simples, humilde, condescendente, não hesita em levantar calúnias desde sua investidura, quebra o sigilo sacramental, favorece com seu silêncio e falta de definição a propagação da heresia, e encobre um padre que tem causado muito dano à Sociedade Sacerdotal Trento, centro e raiz de onde se expande o espírito pestilento que dia a dia humaniza ainda mais o trabalho dessa congregação, tudo girando em torno de uma pessoa: o Padre Daniel Pérez Gómez.

3. É doloroso para mim testemunhar a maneira tão livre com que ele maldiz em nome de Deus aqueles que o Padre Daniel Pérez Gómez considera dignos de sentença; como difama e calunia sem hesitação, causando grave injúria a Deus nosso Senhor; como dá instruções e ordena, impregnando as mentes e corações dos sacerdotes sobre quem é bom e quem é mau.

4. A organização que originou a existência da Sociedade Trento na parte humana, tem cerimônias, juramentos e métodos próprios das sociedades condenadas pela Igreja, que incorrem em pena de excomunhão, além do pecado grave de apropriar-se do nome de Deus e fazer com que emitam juramentos diante de Deus para obedecê-los, manipular consciências e fazer sacerdotes que lhes sirvam.

5. Por tal motivo, acredito que os sacerdotes da Sociedade Sacerdotal Trento devem abjurar sua filiação no presente ou no passado, pelo bem espiritual da Igreja deve-se separar, ainda e quando humanamente tenha tido sua origem nela; inclusive, creio ser conveniente que a autoridade eclesiástica tem a obrigação perante Deus de expor publicamente a verdade, condenar o erro, particularmente desta organização, principalmente quando seus fiéis em algumas regiões compõem mais de 40% da laicato, e em suas outras edificações eclesiásticas e financiamentos estão intimamente ligados aos juramentados.

6. “Ninguém pense que é lícito, por qualquer causa, dar seu nome à seita maçônica, se tem a profissão de católico e a salvação de sua alma em tão alta estima quanto deve.” - Papa Leão XIII, encíclica Humanum Genus, Dz 1859.

7. “A fim de que não haja lugar para o erro quando se determina quais dessas seitas perniciosas estão submetidas a censuras e quais apenas a proibição, é certo que em primeiro lugar estão castigados com excomunhão latae sententiae, a maçônica e outras seitas da mesma espécie...” - Instrução do Santo Ofício de 10 de maio de 1884, Dz 1860.

8. “Além destas, há outras seitas proibidas e que devem ser evitadas sob pena de grave culpa, entre as quais se deve contar principalmente todas aquelas que exigem de seus seguidores, por juramento, não revelar a

ninguém o segredo...” - Instrução do Santo Ofício de 10 de maio de 1884, Dz 1861.

9. O Senhor Bispo, Monsenhor Dávila Gándara, conhecedor perfeito desta organização, peca ao guardar silêncio? Causa dano à Igreja de Deus ao permitir, com seu silêncio, que a organização esteja acima da igreja? Que instrução ele dá aos fiéis que pertencem a essa organização?

10. Estamos cinco sacerdotes e dez fiéis de sólida piedade de diferentes partes da República Mexicana, em boa vontade, se nos permitirem testemunhar sob juramento.

11. "São curiosos esses superiores, que não têm escrúpulos em difamar seus subordinados, em chegar a extremos indevidos quando querem destruir um de seus inimigos, reais ou imaginários, e não estão cientes de que ninguém deve dizer algo que possa dissipar essa aura, verdadeira ou falsa, com a qual envolveram sua obra apostólica. É pecado quando um subordinado diz a verdade, se esta ofende a reputação de sua atividade, de seus juízos contraditórios..." - Pe. Joaquín Sáenz y Arriaga, Sede Vacante, página 337.

12. Faço um apelo ao senhor bispo, Monsenhor Dávila Gándara, e ao padre Daniel Pérez Gómez para que, por caridade, cessem de prejudicar as almas confiadas a mim com sentenças graves sem nenhum fundamento; até o momento, são claras calúnias. Pois também a caridade me obriga a proteger com a verdade as almas sob meu cuidado, e se não se resolver nesta instância, recorrerei a outros espaços buscando em todos a saúde espiritual das almas.

Se queres a paz, prepara-te para a guerra.

Atenciosamente,

Presb.º Hernán Arturo Vergara Monroy.

La Iglesia Ecuménica y Unificada de Benedicto XVI

Rev. Anthony Cekada

¿Qué debemos pensar de Ratzinger? Consideraciones preliminares.

Benedicto XVI está siendo retratado por los medios de comunicación y aclamado por los conservadores del *Novus Ordo* (e incluso algunos tradicionalistas) como un defensor doctrinal, opuesto al relativismo moral, que va a tomar medidas enérgicas contra los abusos y llevar a la Iglesia a un camino más tradicional.

Es intelectualmente brillante, un orador convincente y muy culto, e incluso parece favorecer ciertas prácticas litúrgicas tradicionales.

Estas impresiones generan falsas esperanzas y llevan al tipo de pensamiento confuso que bien puede atraer a algunos católicos tradicionalistas desprevenidos a las garras de la Iglesia Ecuménica y Unificada de los modernistas.

Las palabras de Benedicto XVI el 20 de abril de 2005, su primer día en el cargo, deberían disipar cualquier ilusión. En su primer discurso oficial, Benedicto declaró su firme y cierta voluntad de continuar implementando el Vaticano II, especialmente el ecumenismo, al que llamó una causa fundamental que hará todo lo posible por promover. Más tarde ese día, envió una carta al Gran Rabino de Roma, prometiendo continuar el diálogo y fortalecer la colaboración con los judíos. En su Misa de inauguración el 24 de abril - antiguamente los papas eran coronados con una triple corona - los herejes protestantes y los cismáticos ortodoxos tuvieron lugares de honor junto a los obispos (nominalmente) católicos.

¿Se supone que los católicos tradicionalistas deben esperar y ver qué representa este hombre? ¿Deben contener la respiración y esperar que permita más Misas Latinas tradicionales, incluso mientras él vende nuestra fe católica a herejes, cismáticos y judíos?

Aquí hay algunos puntos esenciales, ofrecidos para aclarar estos temas:

1. Ratzinger el Modernista

El Joseph Ratzinger, vestido de traje y corbata, fue uno de los teólogos modernistas clave en el Vaticano II, parte de la camarilla herética que incluía a Rahner, Küng, Schillebeeckx y Baum. Ratzinger y compañía fueron responsables de secuestrar el Concilio y convertirlo en el motor de la revolución doctrinal, moral y litúrgica que destruiría la Iglesia.

Más tarde, como cardenal y jefe de la Congregación para la Doctrina de la Fe del Vaticano bajo Juan Pablo II, Ratzinger produjo o aprobó numerosas declaraciones y documentos doctrinales oficiales que contenían errores doctrinales o incluso herejías reales.

Su Declaración Conjunta con los luteranos traicionó la enseñanza del Concilio de Trento sobre la justificación al protestantismo. En otro caso, Ratzinger aprobó como válido un rito de Misa que ni siquiera contenía las palabras de la Consagración.

2. La Herejía de la Iglesia Unificada de Ratzinger

La mayor categoría de las herejías de Ratzinger/JP2, sin embargo, repudió la unicidad de la Iglesia Católica que profesamos cada domingo en el Credo - *Credo in unam ecclesiam*.

La enseñanza católica es esta: La Iglesia de Cristo es la Iglesia Católica Romana, que es el medio único de salvación en el mundo. Cualquier religión fuera de la Iglesia Católica Romana, ya sea Ortodoxa Griega, Protestantes, Judíos, etc., a pesar de las verdades que puedan poseer, o incluso sacramentos válidos, son

religiones falsas y no son medios de salvación.

Las declaraciones de Ratzinger/JP2 visualizan en cambio una Iglesia como comunión, un tipo de iglesia ecuménica y unificada a la que pertenecen católicos, cismáticos y herejes, cada uno poseyendo elementos de la Iglesia de Cristo, ya sea totalmente (católicos) o parcialmente (herejes y cismáticos). Tener todos los elementos es lo mejor, pero tener solo unos pocos también está bastante bien.

La membresía en la Iglesia de Cristo entonces se convierte en algo parecido al Happy Meal para niños en McDonald's: El Happy Meal está presente en su plenitud para un niño que tiene la comida, bebida y juguete en la caja de Ronald McDonald. Pero también puedes pedir la misma hamburguesa, papas pequeñas y bebida para darle a tu hijo un Happy Meal parcial. Sigue siendo comida y los elementos de la comida son igual de nutritivos, aunque tu hijo no obtenga la plenitud de tener el juguete y la caja.

Las principales herejías que Ratzinger ha enseñado sobre la Iglesia incluyen las siguientes:

1. Las iglesias cismáticas y/o heréticas son parte de la Iglesia de Cristo.

2. Es posible ser parte de la Iglesia de Cristo sin estar sujeto al Romano Pontífice.

3. En cada celebración válida de la Eucaristía, incluso por cismáticos, la una, santa, católica y apostólica Iglesia se hace presente.

4. El Espíritu Santo utiliza sectas cismáticas y/o heréticas como medios de salvación.

El Obispo Donald Sanborn (del Seminario de la Santísima Trinidad) y Don Francesco Ricossa (del Instituto Mater Boni Consilli), casi solos entre los escritores tradicionalistas, han captado y expuesto en gran detalle las herejías de Ratzinger sobre la Iglesia de Cristo.

Le instamos a estudiar sus artículos que están publicados en: www.traditionalmass.org

Ratzinger ha profesado y desarrollado otras herejías también: que la naturaleza de la Iglesia evoluciona, que los católicos no tienen toda la verdad sobre Dios y deben dialogar con otros para encontrarla, etc. etc. Estamos planeando estudios sobre estos temas también.

3. La Herejía Pone a un Católico Fuera de la Iglesia

Joseph Ratzinger puede, de hecho, al igual que Juan Pablo II, adoptar una línea católica en muchos temas doctrinales o disciplinarios (anticoncepción, aborto, devoción mariana, sacerdotes mujeres, la Eucaristía, o incluso permitir más Misas Latinas tradicionales).

Pero para nosotros, nada de esto debería importar en última instancia, porque estamos en esta lucha no solo por la Misa, sino por la fe.

Y la fe católica es una proposición de todo o nada. Así como un pecado mortal destruye la vida de gracia en el alma, una herejía te pone fuera de la Iglesia.

Joseph Ratzinger es un hereje, elegido por herejes que fueron ellos mismos nombrados por un hereje.

Todos estos hombres adherían a las herejías del establecimiento post-Vaticano II. Mételos en una bolsa, agítalos, y todos salen iguales.

Así que no importa que junto con sus herejías Benedicto XVI y compañía también promuevan algunas doctrinas católicas o toleren algunas formas de culto católico.

4. Un Hereje No Puede Ser un Verdadero Papa

Finalmente, un hereje no puede ser válidamente elegido papa. Canonistas y teólogos pre-Vaticano II enseñaron que esto era una cuestión de ley divina.

Un papa incluso hizo disposiciones legales para tratar con tal situación. En 1559, el Papa Pablo IV promulgó una ley (*Cum ex Apostolatus Officio*) declarando que la elección de un hereje al cargo papal es nula, legalmente inválida y sin efecto. La posibilidad de que un hereje sea elegido al Trono de Pedro, entonces, difícilmente puede ser llamada descabellada; los papas no hacen leyes sin razón.

El razonamiento en ambos casos es este: Debido a que la herejía pública pone a un católico fuera de la Iglesia, él se vuelve incapaz de comandar a los católicos dentro de la Iglesia. En el caso de un papa, no puede convertirse en la cabeza del Cuerpo Místico en la tierra si, debido a la herejía, él mismo ha dejado de ser miembro de él.

Hemos publicado citas de los canonistas, teólogos y papas que tratan este tema en: http://traditionalmass.org/issues/#e Léelas y estúdialas.

Benedicto XVI, en resumen, es más de lo mismo: Más Vaticano II, más ecumenismo, más modernismo, más herejía, más años de un falso papa intruso en el Trono de Pedro.

Así que no te dejes engañar si, al mismo tiempo que está vendiendo la fe católica a herejes y cismáticos, Benedicto XVI te ofrece una agradable y reverente Misa tradicional en latín para asistir junto a ellos en su Iglesia ecuménica y Unificada.

Nuestra única respuesta debe ser la frase del Credo: *credo in unam ecclesiam* - Creo en *una* Iglesia de Cristo - no ecuménica, sino Católica.

Eso, y el Salmo recitado en la Reconciliación de una Iglesia Violada: *Exsurgat Deus et dissp̄éantur inimici ejus* - que Dios se levante y que sus enemigos sean dispersados.

(Sermón, Cincinnati, 24 de abril de 2005)

Artículo original: Link

Fraternidad Sacerdotal de San Pedro: Algunos Problemas Relevantes

Rev. Anthony Cekada

P. Recientemente, la Fraternidad de San Pedro ha comenzado a operar cerca de donde ofrezco la Misa Tradicional Latina todas las semanas. Los sacerdotes de la Fraternidad dicen a la gente que no reciba los sacramentos en mi centro de Misa porque no tengo facultades del obispo local, quien es, por supuesto, un modernista completo.

Las críticas de la Fraternidad hacia mí aparte, su operación me deja muy inquieto. Sospecho que debería decirles a mi gente que se mantenga alejada, pero no logro encontrar cómo explicar exactamente las razones.

No soy un sedevacantista. ¿Tiene usted alguna reflexión sobre los problemas con la Fraternidad de San Pedro aparte de la cuestión papal?

R. Aparte de la cuestión de la legitimidad de Juan Pablo II, trabajar con o apoyar a la Fraternidad Sacerdotal de San Pedro (FSSP) plantea una serie de problemas eclesiológicos, doctrinales y morales. Ya sea que un partidario de la FSSP esté dispuesto a admitirlo o no, implícitamente acepta la ortodoxia, legitimidad y/o bondad intrínseca del *Novus Ordo*, el ecumenismo, la libertad religiosa, la comunión en la mano, la danza litúrgica, las servidoras del altar, las nulidades evidentemente falsas, el nuevo catecismo, la sumisión a obispos herejes, la intercomunión legalmente sancionada con los cismáticos orientales, etc., etc.

Los sacerdotes de la FSSP no pueden condenar ninguna de estas cosas; los miembros de la Fraternidad compran "aprobación oficial" con la moneda de su silencio. Ni, lógicamente hablando, *podrían* condenar tales cosas —pues mientras su organización está disfrutando de la aprobación oficial en *su* capilla lateral de la Iglesia Conciliar, Juan Pablo está en el altar principal con los bailarines para la Misa del Sínodo Africano, una mujer oficialmente aprobada en otra capilla está repartiendo hostias de la manera oficialmente aprobada en las manos de la gente, y alguien más en otra capilla aún está dirigiendo Misas infantiles según el Directorio Infantil oficialmente aprobado.

La Misa tradicional y la fe tradicional se reducen así a nada más que un plato entre los muchos oficialmente aprobados para el bufé post-Vaticano II. La adoración y la creencia se convierten en nada más que una cuestión de "preferencia" —yo prefiero la forma antigua, tú prefieres la forma nueva, y todos somos una gran y feliz familia post-Vaticano II.

A veces, los laicos son ajenos a este panorama más amplio. Ven una Misa tradicional y presumen que todo está bien. No lo está. En realidad, la Fraternidad de San Pedro está llevando a sus adherentes laicos poco a poco hacia el ala nostálgica de alta iglesia de la religión ecuménica y post-Vaticana.

Tal objetivo, sin duda, puede estar lejos de las mentes de sacerdotes y seminaristas en la FSSP. Pero es difícil discernir qué razón podrían dar para adherirse a la Misa antigua, aparte de una pura "preferencia" sentimental. Todos los miembros de la FSSP deben aceptar la legitimidad y "rectitud doctrinal" del *Novus Ordo*. ¿Por qué abstenerse de celebrar un rito de Misa válido, lícito y doctrinalmente sólido si el propio papa lo celebra? Sería interesante escuchar a la FSSP explicar la teoría detrás de su práctica.

(Sacerdotium 14, Primavera 1995)

Derecho Canónico y Sentido Común

Rev. Anthony Cekada

Por qué los Católicos Tradicionales no son Forajidos

Las diócesis típicas en estos días son escenarios de todo tipo de locuras peligrosas. Sacerdotes atacan enseñanzas católicas definidas sobre la fe y la moral. Monjas promueven la ordenación de mujeres. Se celebran Misas con títeres, globos, payasos y danzas. El seminario casi vacío y la universidad nominalmente católica son caldos de cultivo de subversión religiosa.

De vez en cuando, sin embargo, los hombres responsables de esta situación se toman un tiempo. El obispo o algún funcionario diocesano asume un semblante serio y emite una advertencia solemne: Hay una capilla en nuestra diócesis, dice, donde un sacerdote ofrece la Misa tradicional en latín. Esto es ilícito y viola el derecho canónico, ¡así que tengan cuidado!

Por otro lado, siempre ha habido algunas personas en el movimiento tradicional que se oponen vehementemente a la Nueva Misa y al Vaticano II, pero que, sin embargo, condenan a todos (o a la mayoría) de los sacerdotes o capillas católicas tradicionales como "ilícitos" o "contrarios al derecho canónico".

Típicamente, algún laico con un hueso que roer obtendrá una paráfrasis en inglés del Código de Derecho Canónico (el texto oficial solo existe en latín) y, como un protestante manejando las escrituras, tratará su descubrimiento como una útil fuente de "textos de prueba" que puede usar para desechar a todos los demás en el movimiento tradicional como "no católicos". No tiene idea de que, al igual que con las Escrituras, hay principios y reglas autoritativas que deben seguirse para aplicar los detalles del Código. Y mientras el presunto canonista laico circula sus artículos condenando a todos los demás por no adherirse literalmente a los cánones, nunca se le ocurre que su propio proyecto es igualmente "ilícito", porque sus escritos no llevan el Imprimátur oficial requerido por el Canon 1385.

En cualquiera de los casos, ya sean declaraciones del establishment modernista o polémicas de autodenominados canonistas laicos, los católicos que van a una Misa tradicional a veces encuentran tales acusaciones preocupantes. Los buenos católicos, sabemos, deberían tratar de obedecer la ley. ¿Lo que hacemos realmente está en contra del derecho canónico, o de alguna manera ilícito, y por lo tanto incorrecto?

El sentido común nos dice que la respuesta es no. El sacrilegio y el error doctrinal abundan. Apenas parece razonable que los miles de reglas destinadas a tiempos ordinarios en la Iglesia aún se apliquen frente a una situación tan extraordinaria.

La mayoría de los laicos en el movimiento tradicional adoptan instintivamente este enfoque de sentido común. Sin darse cuenta, han puesto en práctica un principio muy común que los canonistas católicos (expertos en derecho canónico) siempre han usado para aplicar el derecho canónico: el principio de equidad.

La equidad (también se le podría llamar "justicia") reconoce que seguir al pie de la letra una ley de la iglesia puede, en ciertas situaciones extraordinarias, ser tanto perjudicial como incorrecto. Los católicos tradicionales que entienden cómo se aplica la equidad estarán bien preparados para explicar por qué su curso de acción es adecuado.

Aquí consideraremos:

(1) El propósito del derecho eclesiástico y el principio de equidad.

(2) Cómo se aplica la equidad a la situación de los sacerdotes y capillas católicas tradicionales.

I. Propósito y Principios

Para aplicar las leyes de la iglesia de manera inteligente, primero se debe entender los principios fundamentales. Aquí hay algunas consideraciones importantes.

A. El Bien Común

Los manuales de derecho canónico suelen comenzar con la clásica definición general de la ley de Santo Tomás de Aquino: "una ordenanza de la razón para el bien común promulgada por la persona que tiene el cuidado de la comunidad".

Los teólogos dividen la ley en dos categorías amplias:

(1) Ley divina. Esta a su vez se divide en la ley eterna (la razón y la voluntad de Dios), la ley natural (el conocimiento del bien y el mal escrito en el corazón de cada hombre) y la ley divina-positiva (el Antiguo y Nuevo Testamento).

(2) Ley humana, que se divide en ley eclesiástica y ley civil.

Por lo tanto, el derecho canónico cae bajo el encabezado de ley humana.

Por definición, toda ley está dirigida hacia el bien común. En el caso de la ley eclesiástica, dice el teólogo Merkelbach, el "bien común" específico que la Iglesia pretende es "el culto a Dios y la santificación sobrenatural de los hombres". Este es el objetivo general de todas las leyes de la Iglesia.

Cuando se discuten los principios generales del derecho eclesiástico, además, todos los grandes teólogos morales católicos y canonistas enfatizan que las leyes específicas deben promover la justicia, no solo la justicia legal (conformidad estricta con la letra de la ley), sino también la justicia natural (lo que realmente tenemos un derecho moral).

El gran canonista Cicognani (más tarde cardenal) dice que aplicar la ley es "el arte de todo lo que es bueno y equitativo". Este arte, dice, "debería consistir en una corrección de la estricta letra de la ley que causa un perjuicio, o cuando una ley humana positiva no está en armonía con los principios de la justicia natural, o nuevamente cuando es tan deficiente en sí misma que lo que es legalmente correcto se convierte en moralmente incorrecto".

Como otros autores, Cicognani señala un problema: "Un legislador humano nunca puede prever todos los casos individuales a los que se aplicará una ley. En consecuencia, una ley, aunque sea justa en general, puede, tomada literalmente, llevar en algunos casos imprevistos a resultados que no concuerdan ni con la intención del legislador ni con la justicia natural, sino que más bien las contravienen. En tales casos, la ley debe ser interpretada no según su redacción, sino según la intención del legislador y según los principios de la justicia natural."

B. Equidad: Su Necesidad

Esto nos lleva a un principio de singular importancia para aplicar el derecho canónico en la actualidad: la equidad.

La equidad (a veces también llamada epikeia o epikía) se define típicamente de la siguiente manera: "La aplicación benigna de la ley de acuerdo con lo que es bueno y equitativo, que decide que el legislador no pretende que, debido a circunstancias excepcionales, algún caso particular esté incluido bajo su ley general". Otros, como el canonista dominico y teólogo moral Prümmer, agregan que la equidad es una interpretación de la mente del legislador, "quien se presume que no desea obligar a sus súbditos en casos extraordinarios donde la observancia de su ley causaría daño o impondría una carga demasiado severa".

La razón por la cual los teólogos permiten el uso de la equidad se remonta a nuestra definición de ley: una ordenanza de la razón para el bien común. De hecho, los teólogos dicen que descuidar aplicar la equidad cuando está en juego el bien común es moralmente incorrecto. Una persona sujeta a la ley puede, en ciertos casos, dice Merkelbach, "actuar fuera de la letra de la ley, a saber, cuando la letra de la ley sería perjudicial para el bien común.… Por lo tanto, en un caso donde la observancia de la ley sería perjudicial para el bien común, no debe ser obedecida". Esta es también la enseñanza de Santo Tomás, quien dice: "En ciertos casos, seguir [una ley] es contrario a la igualdad de justicia y al bien común que la ley pretende.… En tales casos es malo seguir la ley; es bueno dejar de lado su letra y seguir los dictados de la justicia y el bien común".

Tampoco aquel que aplica la equidad viola la ley. Por el contrario, él "actúa lícitamente". Tal aplicación de la ley "es legal, es decir, lícita, aunque esté en desacuerdo con la estricta letra de la ley".

Cicognani observa: "Si la equidad entre los paganos no era insignificante… mucho más debería obtener la equidad en la disciplina eclesiástica, en el derecho canónico y en la Iglesia. Porque la Iglesia, aparte de ser madre, misericordiosa, santa e indulgente, tiene como fin la salvación de las almas, la ley suprema, que frecuentemente requiere la corrección de ciertas otras leyes".

Cicognani aquí ha aludido a un viejo adagio en el derecho canónico: *Salus animarum suprema lex*: la salvación de las almas es la ley suprema. Es la ley divina, la voluntad de Dios y su objetivo para nosotros, que las almas sean salvadas.

¿Qué pasa si un tipo inferior de ley a veces entra en conflicto con una ley divina? "La mayor obligación prevalece", dicen los moralistas McHugh y Callan, "y la obligación menor desaparece".

Finalmente, la equidad no es licencia para dejar de lado todas las leyes de la iglesia. Si bien busca servir a la justicia, también está relacionada con la prudencia: seleccionar y poner en práctica medios apropiados para lograr algún fin bueno, o evitar algún mal. Específicamente está relacionada con una parte potencial de la prudencia llamada sentido de la excepción (o gnomé), que controla nuestra aplicación adecuada de reglas y nuestra apelación a principios superiores, en caso de que sea necesario dejar de lado una regla.

C. Resumen de los Principios

Resumiremos los principios discutidos hasta ahora:

• El objetivo de toda ley es promover el bien común.

• El derecho canónico cae bajo el encabezado de ley humana.

• El bien común que la Iglesia pretende para el derecho canónico es "el culto a Dios y la santificación sobrenatural de los hombres".

• Una ley humana específica puede ser justa en general, pero tomada literalmente en circunstancias no previstas por el legislador, puede contravenir la justicia natural o lo que el legislador pretendía.

• En tal caso, se puede aplicar la equidad, decidiendo que, debido al daño que resultaría, el legislador no pretendía que un caso particular estuviera incluido bajo su ley general.

• En ciertas circunstancias donde resultaría daño al bien común por la aplicación literal de una ley, es malo seguir la ley.

• Aplicar equidad es lícito o legal.

• La salvación de las almas es la ley suprema.

• Cuando una ley inferior entra en conflicto con la ley divina, la obligación de observar la ley inferior desaparece.

• La aplicación de la equidad a una ley debe ser controlada por la prudencia.

II. Aplicación Práctica

Ahora pasamos a aplicar estos principios al estatus de los católicos tradicionales frente al Código de Derecho Canónico.

Nuestro Señor quiere que seamos salvados, y Él instituyó los siete sacramentos como los medios principales para santificarnos y obtener la salvación. En virtud de la ley divina, por lo tanto, los católicos tienen derecho a los sacramentos.

El derecho humano de la Iglesia (el derecho canónico) protege ese derecho fundamental y, al mismo tiempo, coloca ciertas restricciones sobre cómo puede ejercerse. (Para conferir sacramentos legalmente en una diócesis, por ejemplo, el Código requiere que un sacerdote obtenga facultades del obispo). El legislador promulgó todas estas restricciones, e incluso todo el Código, bajo el supuesto de que una situación normal prevalecía en toda la Iglesia.

La situación de los católicos desde el Concilio Vaticano II difícilmente puede ser calificada de normal. Por decreto del Vaticano, una nueva Misa, protestantizada y despojada de su sacralidad, ha sido introducida en nuestras iglesias parroquiales, junto con la práctica oficialmente sancionada y completamente sacrílega de la Comunión en la mano. Obispos y párrocos —los hombres que según el Código habrían tenido el poder de otorgar a otros sacerdotes facultades para conferir sacramentos— tácita o explícitamente aprueban o promueven doctrinas que contradicen la fe católica.

Si ante este desastre insistes en que la equidad no se aplica y que todas las disposiciones del Código sobre facultades sacramentales siguen vigentes, llegas a una de dos alternativas prácticas:

(A) Los católicos tradicionales deben acercarse al establecimiento del *Novus Ordo* para obtener facultades para los sacramentos; o

(B) Debido a que los católicos tradicionales no pueden obtener las facultades y permisos requeridos por el derecho canónico, deben renunciar a recibir cualquier sacramento en adelante, aparte del bautismo conferido en peligro próximo de muerte.

A. Facultades de los Modernistas

En cuanto a la primera alternativa, apenas es razonable imaginar que nosotros, los católicos que tenemos un derecho por ley divina a los sacramentos católicos y la enseñanza católica, tendríamos la obligación por el derecho canónico de solicitar permiso para estas cosas de los mismos hombres que las quitaron en primer lugar.

El mismo Código de Derecho Canónico que establece requisitos para otorgar facultades también protege a los católicos de estos lobos con piel de oveja. Los funcionarios de la Iglesia que han defeccionado manifiestamente de la fe católica pierden no solo toda jurisdicción en la Iglesia católica (c. 188.4), sino incluso su membresía en ella.

Estos puntos han sido ampliamente discutidos en otros artículos y no es necesario detenernos aquí. Sin embargo, otro viejo adagio es pertinente: *Nemo dat quod non habet* — Nadie da lo que él mismo no posee.

B. Ningún Sacramento en Absoluto

Por otro lado, los autoproclamados canonistas laicos proponen el principio general de que conferir sacramentos sin las condiciones y facultades requeridas previstas por el Código es "ilícito" y siempre impermisible. Pero quien aplica este principio con total consistencia termina sin ningún sacramento en absoluto.

Los escritores laicos no se dan cuenta de esto, por supuesto, porque no saben lo suficiente sobre los detalles de los cánones que tratan sobre los sacramentos. Creen que el Bautismo, y (tal vez) el Matrimonio de alguna manera seguirían siendo "lícitos" bajo su interpretación del Código. Están equivocados.

Toma el Bautismo, por ejemplo. Para administrarlo válidamente (es decir, para que "funcione"), todo lo que necesitas es que alguien vierta el agua y recite la forma esencial. Pero si insistes en cumplir con cada requisito legal del Código para un sacramento, aquí tienes lo que te enfrentas:

• El Código prescribe que, excepto en peligro de muerte, el bautismo siempre debe ser conferido solemnemente (es decir, con las unciones y otros ritos prescritos).

• El Código reserva el derecho de realizar el bautismo solemne al párroco canónico, su delegado o el Ordinario (c. 738.1), aunque en caso de necesidad, se puede presumir el permiso del Ordinario.

• El sacerdote, en cualquier caso, debe usar agua bautismal solemnemente bendecida (que contiene los óleos bendecidos el Jueves Santo por el Ordinario) para un bautismo solemne (c. 757.1).

• Se "permite" conferir el bautismo privado (es decir, usando solo el agua y la forma esencial), pero solo en peligro de muerte (c. 759.1).

• Excepto en el caso de conversos adultos que son bautizados condicionalmente, al Ordinario se le prohíbe permitir el bautismo privado fuera del peligro de muerte (c. 759.2).

Ahora, en términos de lo anterior, apliquemos el principio que los "expertos" laicos quieren que sigamos en nuestra situación actual ("¡nada ilícito!"), y veamos cómo el sacramento del Bautismo desaparece:

• Sería ilícito conferir un bautismo solemne, ya que no hay un párroco canónico para conferirlo, y ningún Ordinario cuyo permiso un sacerdote itinerante pudiera presumir —incluso suponiendo que se pudiera encontrar un sacerdote que no estuviera suspendido de realizar ritos sagrados por alguna otra disposición del Código.

• El agua bautismal sería ilícita a menos que hubiera sido previamente consagrada usando óleos sagrados —los cuales tampoco podrían obtenerse, ya que no habría ningún Ordinario capaz de bendecirlos lícitamente.

• Por supuesto, se podría bautizar a alguien en privado —pero eso también sería ilícito, a menos que la persona estuviera en peligro de muerte.

Insiste en la aplicación literal de cada artículo del Código, por lo tanto, y tus hijos pasarán por la vida sin recibir el Bautismo. Y ni siquiera pienses en darles escapularios o rosarios y esperar lo mejor —porque según el texto de la ley, solo un sacerdote con facultades especiales del Ordinario podría bendecir estos objetos lícitamente. Todo lo que puedes hacer es rezar para que cuando tus hijos sean mayores y estén listos para morir, alguien recuerde bautizarlos —pero solo si se puede hacer "lícitamente", por supuesto, según tu estricta interpretación del Canon 759.

C. Equidad y Prudencia

Aplicar la equidad permite a los católicos evitar los males positivos y las absurdidades farisaicas de las dos posiciones mencionadas anteriormente, una de las cuales nos obligaría a tratar con los modernistas, y la otra de las cuales lógicamente nos obligaría a prescindir de los sacramentos. En casos excepcionales, dicen los moralistas McHugh y Callan, "el legalismo insiste en la obediencia ciega a los libros de leyes, pero la justicia

superior de la epikeia o la equidad exige la obediencia al propio legislador, que pretende el bien común y el trato justo de los derechos de cada persona."

Como hemos visto anteriormente, el bien común que la Iglesia pretende para el derecho canónico es "el culto a Dios y la santificación sobrenatural de los hombres." Los sacramentos son el principal medio que la Iglesia posee para lograr este fin. Por lo tanto, es totalmente apropiado aplicar la equidad a aquellas disposiciones del Código que, si se aplicaran a nuestras circunstancias extraordinarias, frustrarían la intención del legislador al evitar que los católicos reciban los sacramentos cuando tienen derecho a ellos.

Esto no significa que todas las disposiciones del Código sean negociables. La equidad, enfatizan los canonistas y moralistas, debe ser controlada por la prudencia y un sentido adecuado de la excepción. Nos permite hacer lo esencial, pero también nos impide inventar nuestras propias reglas sobre la marcha. Aquí hay algunos ejemplos.

• **Bautismo.** Una aplicación adecuada de la equidad permite a un sacerdote tradicional conferir el bautismo solemne, aunque normalmente se requeriría una delegación. Sin embargo, la equidad dictaría que observara las demás reglas sobre el bautismo que el Código establece en cuestiones como el registro, los padrinos y los requisitos rituales.

• **Penitencia.** La equidad (además de otras disposiciones más específicas en el Código) permite a un sacerdote tradicional otorgar la absolución a un penitente, aunque en circunstancias normales se requerirían facultades del Ordinario para la validez. El sacerdote podría hacerlo bajo el título de jurisdicción suministrada (en lugar de ordinaria), en vista del principio del canonista Cappello de que "la Iglesia, por razón de su propio propósito, siempre debe tener en cuenta la salvación de las almas, y por lo tanto está obligada a proveer todo lo que depende de su poder." Otras disposiciones del Código (respecto al secreto de confesión, el lugar adecuado, etc.) deben seguir observándose.

• **La Misa.** La equidad permite abrir una capilla pública donde los católicos puedan tener acceso a la Misa, aunque la ley requiera el permiso del Ordinario. Una comprensión correcta de la equidad insistiría en que se sigan los requisitos del Código sobre los objetos físicos necesarios para celebrar la Misa.

• **Órdenes Sagradas.** Los católicos necesitan sacramentos para salvar sus almas, y los sacerdotes proporcionan los sacramentos. Por lo tanto, la equidad permite a un obispo católico tradicional ordenar sacerdotes sin cartas dimisorias (permiso canónico de un Ordinario), y considerar que la suspensión técnica que de otro modo resultaría sea nula y sin efecto. Por otro lado, sería sumamente imprudente y totalmente contrario a la equidad que un obispo ordene a alguien que no haya recibido la larga formación escolástica y espiritual que el Código de Derecho Canónico establece.

La equidad, entonces, no es licencia. Mantiene un ojo en el bien común que pretende el derecho canónico: "el culto a Dios y la santificación sobrenatural de los hombres", y el otro ojo en los detalles de las leyes individuales elaboradas por la sabiduría de la Iglesia. La equidad busca seguir prudentemente la mayor parte del derecho canónico posible, mientras asegura que se cumpla el propósito de la ley.

"Escudriñad las Escrituras; porque a vosotros os parece que en ellas tenéis la vida eterna; y ellas son las que dan testimonio de mí." Escudriñad las Escrituras no para buscar "textos de prueba", por supuesto, sino para buscar al Salvador. Surge una imagen clara de Nuestro Señor, llena de misericordia y sentido común, y ardiendo de celo por el bien de las almas.

Qué extraño que algunos católicos distorsionen tanto a Cristo, o a Su Cuerpo Místico, como para hacer de Él un fariseo, "que atan cargas pesadas y las ponen sobre los hombros de los hombres". Pero no, este es el Salvador que sanaba en sábado, hablaba con la mujer samaritana y permitía a sus discípulos recoger espigas en el día de descanso, "porque el sábado fue hecho por causa del hombre, y no el hombre por causa del sábado".

Así como un estudio de las Escrituras mostrará el verdadero y adorable rostro de Cristo, así también lo hará un estudio de la ley de la Iglesia Católica que sea fiel a los comentarios y fuentes auténticos. El mismo Cristo razonable, sabio y misericordioso emerge de cualquier texto.

La equidad, la justicia en la aplicación de la ley, permite al católico no perder de vista nunca a Nuestro Señor, sin rendirse ni a los legalistas de la izquierda ni a los fariseos de la derecha. Nuestro Señor es Jesucristo, el mismo "ayer, y hoy, y por los siglos" - en las páginas de la Escritura o en la letra de la ley, en los labios del sacerdote o en tu lengua en la Sagrada Comunión, el "más hermoso de los hijos de los hombres" (San Cirilo de Alejandría).

(*Sacerdotium* 7, Primavera de 1993).

Notas

1. B. Merkelbach, *Summa Theologiae Moralis* (Paris: Desclée 1946), 1:325.
2. A. Cicognani, *Canon Law* (Westminster Md.: Newman 1934), 13.
3. *Canon Law,* 15.
4. Cicognani, 15.
5. D. Prümmer, *Manuale Theologiae Moralis* (Barcelona: Herder 1949) 1:231.
6. *Summa Theol. Mor.,* 1:296. My emphasis.
7. *Summa Theol.* II–II.120.1.
8. Merkelbach, 1:296.
9. Cicognani, 15.
10. *Canon Law,* 17.
11. J. McHugh & C. Callan, *Moral Theology* (New York: Wagner 1929), 1:140–1.
12. See P. Palazzini, ed., *Dictionary of Moral Theology* (Westminster MD: Newman 1962), 981–83.
13. McHugh & Callan, 1:411.
14. E.g., Canon 209 (supplied jurisdiction in cases of common error, or positive and probable doubts of law or fact).

15. F. Cappello, *Tract. de Sacramentis* (Rome: Marietti 1944), 2:349.

Bautismo de Deseo: Un Intercambio

Rev. Anthony Cekada

El error fundamental de los seguidores de Feeney:

Rechazo de las reglas de creencia establecidas por el Vaticano I y Pío IX

Nota introductoria: *Las notas de mi conferencia "Bautismo de Deseo y Principios Teológicos" fueron publicadas en nuestro sitio web a principios de 2001 y generaron una animada discusión en la Lista del Sagrado Corazón, un grupo de discusión por correo electrónico para los seguidores del Centro de San Benito, quienes siguen las enseñanzas del difunto Rev. Leonard Feeney SJ. Lo siguiente es un intercambio de correos electrónicos entre yo y un seguidor del Centro de San Benito. — AC*

¿Existe verdadera unanimidad entre los teólogos?

Estimado Padre Cekada:

Parece que los comentarios que hice en nuestra Lista del Sagrado Corazón llegaron a ti, al igual que tu propuesta llegó a la lista. Está bien. Sin recurrir a las otras partes, pensé en contactarte directamente y enviaré una copia de mi respuesta a nuestra lista. Y, si decides responder a su vez, también publicaré tu respuesta. Ciertamente, no soy muy competente en estas cosas, pero haré lo mejor que pueda.

Respecto al asunto: en primer lugar, estaba comentando sobre tu publicación como un simple laico y no reclamo ninguna experiencia. Dicho esto, tomé el tiempo para responder a tu publicación inicial porque no tenía sentido para mí, no puedo hacer que funcione en la realidad. Por lo tanto, permíteme intentar ser claro, y luego, si lo deseas, puedes aclarar tu posición.

Es tu afirmación (según entiendo, y estoy más que dispuesto a aceptar correcciones si es necesario) que sostienes que aquellos que no creen en el "Bautismo de Sangre" y el "Bautismo de Deseo" pecan en esa incredulidad. Entonces, llamemos a ese punto número 1.

1) ¿Afirmas que las personas que no creen en el "Bautismo de Sangre" y el "Bautismo de Deseo" pecan en esa incredulidad?

Como prueba de que el Bautismo de Sangre/Bautismo de Deseo era un asunto "dogmático", ofreciste una cita de un texto de un teólogo dominico que dice:

IV. Tesis: *La enseñanza unánime de los teólogos en asuntos de fe y moral establece certeza para la prueba de un dogma.*

A. Primera Prueba: La conexión de los teólogos con la Iglesia.

1. Como hombres que estudian la ciencia teológica, los teólogos tienen solo una autoridad científica e histórica. Pero como servidores, órganos y testigos de la Iglesia, poseen una autoridad que es tanto dogmática como cierta.

Luego proporcionaste una lista de 25 teólogos (ya no tengo la publicación original, aunque no importa) que aceptan el Bautismo de Sangre/Bautismo de Deseo en algún grado de certeza u otro, pero no todos son unánimes en la "forma" en que sostienen el Bautismo de Sangre/Bautismo de Deseo, pero, según tu cuenta, todos son "creyentes" en el Bautismo de Sangre/Bautismo de Deseo. Oro por haber expresado todo correctamente, para evitar malentendidos.

Por lo tanto, te preguntaría:

2) Si todos estos teólogos sostienen el Bautismo de Sangre/Bautismo de Deseo como una certeza doctrinal (o, como la tesis anterior, que has adoptado citándola, llama "dogma") — ¿por qué debería haber alguna desviación en su "nivel" de aceptación? ¿Los dogmas deben ser aceptados por el "nivel" de creencia según la mente del teólogo en particular, o por algún "grado" de certeza? ¿Cómo puede ser así con un asunto ("dogma"), que por definición — debe ser creído?

3) Porque esta tesis se basa en la frase "la enseñanza unánime de los teólogos de la fe y la moral", ¿es un grupo de 25 el número que se debe usar para determinar "dogma" según la tesis que has proporcionado?

4) Si, como ejemplo, incluimos dentro de tu número de teólogos a San Francisco Javier, quien no aceptó el Bautismo de Sangre/Bautismo de Deseo, ¿es 25 de 26 "unánime"?

5) De hecho, el Padre Leonard Feeney era un teólogo con credencial. Si lo agregamos a tu grupo, y el número ahora es de 25 a 2, ¿la enseñanza sigue siendo "unánime"?

6) ¿Cuál es el número? ¿Cuántos teólogos deben estar en desacuerdo antes de que ya no haya una "enseñanza unánime de teólogos"? Si el número es más de uno, ¿cuál es la definición de "unánime" que tienes (la mía, que significa "a cada hombre — todos, sin excepción," debe ser defectuosa)?

7) ¿Qué hay de los teólogos en el Concilio de Trento —aquellos que definieron los cánones sobre el Sacramento del Bautismo: cuentan o no cuentan? Eran teólogos; están muertos —pero ¿no están de acuerdo con tu teoría, verdad? Porque no están de acuerdo, ¿deben ser eliminados? Si no son eliminados, ¿cómo puedes afirmar alguna vez una enseñanza "unánime" a menos que selecciones a los teólogos y solo consideres las opiniones de tu grupo seleccionado a mano? Y si seleccionas a los teólogos solo porque creen en lo que estás tratando de promover, ¿de qué valor es eso?

Propusiste que gastara $15 para descubrir cómo se definen el Bautismo de Sangre/Bautismo de Deseo.[\[1\]](#_ftn1) Si crees que el Bautismo de Sangre/Bautismo de Deseo son dogmáticos (y si no propones que sean dogmáticos, ¿por qué usar la cita anterior que trata sobre "certeza para la prueba de un dogma") que requiere asentimiento del intelecto y la voluntad por parte de los fieles, ¿son tan complicados que requieren un ensayo de $15 para definirlos? ¿Qué podría ser tan difícil? Quizás, en su lugar (y puedes ahorrarme el dinero), podrías proporcionar todas las pronunciaciones oficiales de la Iglesia, documentos conciliares, encíclicas, constituciones apostólicas, instrucciones, etc., que: 6) a. definen los términos "Bautismo de Deseo" y "Bautismo de Sangre". b. declaren, definan y pronuncien que "Bautismo de Deseo" y "Bautismo de Sangre" son suficientes para la salvación sin la necesidad del Sacramento del Bautismo.

Esos elementos deberían aclarar el asunto para que todos nosotros en la Lista del Sagrado Corazón podamos enderezar nuestro pensamiento.

Rezo para no haber confundido "doctrinal" con cuestiones de hecho o derecho eclesiástico como lo hice anteriormente —esa es la dificultad con las personas laicas, lo sé.

Estoy seguro de que nuestra lista le gustaría que se investigara este asunto. Yo (y ellos) esperamos tu respuesta a estas simples de ahí.

Sinceramente,

— N.N.

Obligaciones de un Católico, Unanimidad y Pecado Mortal

Querido N.N.:

Gracias por tu correo electrónico.

Algunos corresponsales aún no han entendido mi punto, así que antes de abordar tus preguntas, lo repetiré lo más claramente posible.

(Los lectores que estén recibiendo este material por primera vez deberían consultar mi artículo "Bautismo de Deseo y Principios Teológicos" [www.traditionalmass.org], donde encontrarán mi argumento completo, junto con citas y referencias para respaldar mis afirmaciones en la Sección I a continuación.)

I. Tus Obligaciones como Católico

A. El Concilio Vaticano I (Dz 1792) te obliga a **creer por fe divina y católica aquellas cosas:**

1. Contenidas en la Escritura o la Tradición, Y

2. Propuestas para ser creídas como reveladas divinamente por la autoridad de la Iglesia, ya sea a través de:

   (a) **Pronunciamientos solemnes** (por concilios ecuménicos, o papas *ex cathedra*) O

   (b) **Magisterio ordinario universal** (enseñanza de los obispos junto con el papa, ya sea en concilio o difundida por todo el mundo.)

B. Pío IX especificó además (*Tuas Libenter* [1863], Dz 1683) que debes creer aquellas enseñanzas del magisterio ordinario universal **que los teólogos consideran pertenecientes a la fe.**

C. Pío IX especificó aún más (*ibid.* Dz 1684) que también debes adherirte a:

1. Decisiones doctrinales de las Congregaciones Vaticanas (por ejemplo, la Sagrada Congregación del Santo Oficio)

2. Formas de doctrina consideradas como:

   (a) **Verdades teológicas** y **conclusiones,**

   (b) Tan ciertas **que la oposición merece algún censura teológica** corta de "herejía."

D. Conclusiones a extraer de lo anterior:

- Los puntos A-C son los criterios que el Concilio Vaticano I y el Romano Pontífice han establecido para juzgar un asunto teológico.

- En consecuencia, ningún católico está libre de rechazarlos.

- Además, son principios fundamentales en la ciencia de la teología.

- La enseñanza de los teólogos sobre el bautismo de deseo y el bautismo de sangre encaja perfectamente en las categorías A-C.

- Por lo tanto, debes adherirte a esta enseñanza.

II. Preguntas y Objeciones Varias

1. ¿Es el Rechazo un Pecado? Como demostré en mi artículo original, la enseñanza sobre el bautismo de deseo/sangre se encuentra en las categorías mencionadas anteriormente.

Según Cartechini (*De Valore Notarum Theologicarum*, [Roma: Universidad Gregoriana 1951], 134-5), rechazar una enseñanza categorizada de esta manera es un pecado mortal contra la fe.

Por lo tanto, aquellos que rechazan el bautismo de sangre o el bautismo de deseo cometen pecado mortal.

2. ¿Diferentes categorías asignadas por los teólogos? Algunos correspondientes creen que TODOS los teólogos asignarían las mismas "categorías" teológicas ("notas", "calificaciones", etc.) al bautismo de deseo y al bautismo de sangre si un católico estuviera verdaderamente obligado a aceptar las enseñanzas.

Esto es falso.

Colectivamente, *todos* los teólogos citados están de acuerdo en que el bautismo de deseo y el bautismo de sangre están "en conformidad con la verdad presentada en las Fuentes de la Revelación y el Magisterio Universal" — de lo contrario, no enseñarían las doctrinas.

Individualmente, los teólogos pueden asignar diferentes categorías a las doctrinas —teológicamente ciertas, doctrina católica, *de fide*, etc. Pero *cualquiera* de estas categorías aún sitúa la enseñanza sobre el bautismo de deseo y el bautismo de sangre entre aquellas enseñanzas que los católicos deben creer y adherirse. (Ver I.A-C.)

La categoría específica asignada es importante por otra razón. Cada una tiene una *censura teológica* correspondiente que indica tu grado de error si niegas las doctrinas — ya sea que tu negación constituya error teológico, error en la doctrina católica o herejía.

3. ¿Destruye un teólogo disidente la unanimidad? Supongo que este es el punto detrás de las preguntas sobre números y unanimidad.

La respuesta es no. Salaverri explica que solo es necesario que el consenso de los teólogos sea "*moralmente* unánime," (*Tractatus de Ecclesia*, 3.a ed. [BAC, 1955], 858), en contraposición a *físicamente* unánime.

Pero creo que la pregunta es irrelevante. Los teólogos generalmente citan adversarios a una doctrina que están defendiendo. En el caso del bautismo de deseo y el bautismo de sangre, los adversarios parecen ser

pocos y de mala reputación.

Lo siguiente es de la discusión de Solé sobre el bautismo de deseo y el bautismo de sangre: "*Adversarios: Ciertos herejes han afirmado* que 'ningún adulto puede ser salvo sin recibir el bautismo antes de morir, por mucho que desee ardientemente recibirlo, y que no le serviría de nada a menos que fuera lavado con agua.' Baius [en una proposición condenada por el Papa San Pío V] también enseñó que la caridad no siempre estaba unida a la remisión de los pecados.

"Contra la segunda parte [bautismo de sangre] apenas hay adversarios, salvo algunos teólogos que discrepan sobre la forma en que el martirio logra su efecto." (*De Sacramentis*, [BAC 1954], 69. Su énfasis.)

Los herejes que negaron el bautismo de deseo fueron opuestos por el Doctor y Padre de la Iglesia, San Bernardo de Clarivaux (ob. 1153), a quien Solé también cita.

4. ¿San Francisco Javier, el P. Feeney: Teólogos? Como expliqué en la Sección II de mi artículo original, el término "teólogo" denota un trabajo de investigación extenso, una distinguida carrera docente en una Universidad Pontificia, publicación de tratados teológicos en varios volúmenes, etc.

Según tengo entendido, San Francisco Javier no cumpliría con estos criterios. Sus escritos, según recuerdo, se limitaban a cartas.

Tampoco lo haría el P. Feeney. Sus escritos anteriores eran obras religiosas populares. Y sus obras posteriores no cumplirían con el cuarto criterio que Salaverri establece: “ortodoxia en la doctrina reconocida por la Iglesia, al menos en la medida en que los escritos sean utilizados por los fieles y los estudiantes conscientemente y sin reproche por parte del Magisterio de la Iglesia” (*de Ecclesia*, 857).

5. Trento, Definiciones, Pronunciamientos “Oficiales”. El bautismo de deseo y el bautismo de sangre están definidos de manera esencialmente igual en las obras que cité.

A. Deseo. San Alfonso María de Ligorio define el bautismo de deseo (*flaminis*) como: “La conversión perfecta a Dios a través de la contrición o el amor a Dios sobre todas las cosas, con el deseo explícito o implícito [*voto*] del verdadero Bautismo de agua, en cuyo lugar puede suplirlo, según el Concilio de Trento.” Cita la Sesión 14, sobre la Penitencia, cap. 4.

San Alfonso también afirma: “Es *de fide* que los hombres también pueden ser salvados por el bautismo de deseo — del capítulo *Apostolicam*, *de presb. non bapt.* y del Concilio de Trento, donde se dice que nadie puede ser salvo ‘*sin la regeneración por el lavado o el deseo de ella*’.” (*Theologia Moralis*, ed. nova. [Roma: Vaticano 1909] 3:96-7.)

La primera cita es de una Epístola del Papa Inocencio II (1130–43), quien afirmó que un sacerdote “que había muerto sin el agua del bautismo, porque había perseverado en la fe de la Santa Madre Iglesia y en la confesión del nombre de Cristo, fue liberado del pecado original y alcanzó la alegría de la patria celestial.” (Dz 388)[2]

Otros teólogos también citan a Trento e Inocencio II para estas definiciones. También citan el decreto del Papa Inocencio III en 1206 concerniente a un judío que deseaba el bautismo pero no podía ser bautizado válidamente: “Sin embargo, si tal hombre hubiera muerto inmediatamente, habría volado a su hogar celestial de inmediato, por la fe del sacramento, aunque no por el sacramento de la fe.” (Dz 413)[3]

Algunos añaden la condena del Papa San Pío V de la siguiente proposición de Bayo: “La caridad perfecta y sincera… puede existir tanto en los catecúmenos como en los penitentes sin la remisión de los pecados.” Esto se cita porque: “El contradictorio de esta proposición es verdadero. Por lo tanto, la caridad no puede existir en los catecúmenos no bautizados sin la remisión de sus pecados.” (McAuliffe, *Teología Sacramental*, 84.)

B. Sangre. San Alfonso María de Ligorio define el bautismo de sangre como: “El derramamiento de sangre, o muerte tolerada, por la fe o por otra virtud cristiana.” Como fuentes, cita, entre otros, a Santo Tomás, San Roberto Belarmino, Suárez y Cajetano. (*ibid.*)

Como señaló Solé (ver arriba), la oposición a esta doctrina era prácticamente inexistente. El Magisterio no suele intervenir para emitir una definición solemne de una enseñanza común a menos que sea ampliamente atacada por herejes.

III. Recapitulación

Una vez más, antes de que un católico pueda resolver un problema teológico *específico*, primero debe comprender y aceptar los principios teológicos *generales* que la Iglesia establece como criterios para determinar lo que se debe creer.

Vaticano I y el Romano Pontífice han especificado de manera inequívoca el tipo de enseñanza que debe creerse y adherirse:

- Pronunciamientos solemnes del Magisterio extraordinario.
- Enseñanzas del Magisterio ordinario universal.
- Enseñanzas consideradas por los teólogos como pertenecientes a la fe.
- Decisiones doctrinales de las congregaciones vaticanas.
- Verdades teológicas y conclusiones tan ciertas que la oposición a ellas merece algún tipo de censura teológica sin llegar a la "herejía".

Las enseñanzas estándar sobre el bautismo de deseo y el bautismo de sangre (como se documentó ampliamente en mi artículo original) entran en estas categorías.

Por lo tanto, debes adherirte a estas enseñanzas.

Además, no importa en qué categoría hayan sido asignadas estas enseñanzas por los teólogos, ya sea teológicamente ciertas, doctrina católica o *de fide*, rechazarlas tiene las mismas consecuencias en el orden moral: cometes un **pecado mortal** contra la fe.

Y finalmente, debes rechazar la noción promovida en los círculos pro-Feeney de que tales enseñanzas pueden ser ignoradas porque la obligación de un católico "se restringe solo a aquellos asuntos que el juicio infalible de la Iglesia ha propuesto para ser creídos por todos como dogmas de la fe", porque ese es un principio que la Iglesia condenó en el *Syllabus de errores* (Dz 1722).

Tuyo en Cristo,

— El Rev. Anthony Cekada

¿Bautismo de Deseo: ¿Contradicho por Trento?

Estimado Padre Cekada:

Gracias por su respuesta.

A medida que avanzamos, y reiterando el hecho de que no soy teólogo, me gustaría tomar aquí un enfoque un poco diferente al que normalmente se podría ver en un intercambio como este. Permítame decir primero, que aunque creo que soy una persona de mente abierta, estoy más que dispuesto, y seguramente este es un resultado de la gracia de Dios, a someterme a todo lo que la Iglesia ha definido solemnemente y declarado que debo creer. Sin embargo, como mencioné en mi publicación anterior, lo que usted propone, es decir, que el BOB/BOD (espero que no le importe el acrónimo) es "de fide", es algo sobre lo que tendrá que convencerme. Con suerte, podré hacer que mi enfoque simple sea comprensible. Y, si no le importa, Padre, tal vez podríamos abordar este asunto punto por punto. Soy un aprendiz lento y tengo una capacidad de atención corta. Por lo tanto, comencemos desde arriba y avancemos hacia abajo.

I. Tus Obligaciones como Católico.

A. El Concilio Vaticano I (Dz 1792) te obliga a creer por fe divina y católica aquellas cosas:

1. Contenidas en la Escritura o la Tradición, Y

2. Propuestas para ser creídas como reveladas divinamente por la autoridad de la Iglesia, ya sea a través de:

   (a) Pronunciamientos solemnes (por concilios ecuménicos, o papas *ex cathedra*) O

   (b) Magisterio ordinario universal (enseñanza de los obispos junto con el papa, ya sea en concilio o difundida por todo el mundo.)

El Concilio de Trento establece: (Dz 858, 861)

Can. 2. **Si alguno** dijere que **el agua real y natural no es necesaria para el bautismo**, y en razón de eso, aquellas palabras de nuestro Señor Jesucristo: "Si alguno no renaciere del agua y del Espíritu Santo" (Juan 3:5), son torcidas en algún tipo de metáfora: que sea anatema.

Can. 5. Si alguno dijere que el bautismo es opcional, es decir, no necesario para la salvación: que sea anatema.

Por lo tanto, Padre, tengo seis preguntas elementales que te plantearía:

1) ¿Incluye tu ítem "2(a) Pronunciamientos solemnes" por parte de concilios ecuménicos los pronunciamientos solemnes del Concilio Ecuménico de Trento?

2) La respuesta, por supuesto, es "sí". Por lo tanto, basándonos en tu declaración inicial "A", que establece la obligación de uno como católico de creer por fe divina y católica aquellas cosas que son... "(a) Pronunciamientos solemnes (por concilios ecuménicos...)", ¿no se aplica a los cánones sobre el Sacramento del Bautismo citados aquí?

3) En otras palabras, ¿cómo puede uno aceptar con fe divina y católica lo que Trento ha definido solemnemente en el canon sobre la necesidad del Sacramento del Bautismo para la salvación (canon 5 arriba), y luego negar el mismo canon proponiendo que el Sacramento del Bautismo no es necesario para la salvación (lo que llevaría a un anatema según el canon) — sin incurrir en el anatema?

4) ¿Cómo puede uno aceptar con fe divina y católica lo que

Trento ha definido solemnemente en el canon sobre la necesidad de "agua pura y natural" para el Sacramento del Bautismo (canon 2 arriba) y luego negar que "agua real y natural" sea necesaria para el bautismo (lo que , igualmente, conlleva un anatema según el canon)?

5) Si has afirmado que uno está obligado a creer estos cánones por "fe divina y católica" (porque son pronunciamientos solemnes de un concilio ecuménico) — ¿propones ahora que uno _no_ tiene que creer estos cánones?

6) Si uno acepta estos cánones tal como están escritos (lo que Dei Filius del Vaticano I, capítulo 4 declara que debemos hacer), y, de hecho, la totalidad de los pronunciamientos del Concilio de Trento, tal como están escritos, ¿caería uno, de alguna manera, en error ?

¡Eso debería ponernos en marcha de manera espectacular, ¿no crees?!

En unión con Su Santidad,

Papa Juan Pablo II

— N.N.

Tu Error Fundamental: Una Negativa de Sumisión**

Estimado N.N:

Gracias por tu correo electrónico del 10 de marzo. Estaba esperándome cuando regresé del seminario.

La discusión siempre debe volver a los principios o los criterios que determinan lo que un católico está obligado a creer.

Me haces una serie de preguntas, por ejemplo, con el objetivo de demostrar que (1) la creencia en el bautismo de deseo o de sangre contradice los cánones 2 y 5 de Trento sobre el sacramento del bautismo, y que (2) esta supuesta contradicción anula las obligaciones que impuso el Concilio Vaticano I y Pío IX a los católicos de someterse a las enseñanzas del magisterio ordinario universal.

Podríamos, por supuesto, intercambiar citas sobre el tema específico en el punto (1). Otros sacerdotes, al parecer, han pasado mucho tiempo haciendo esto.

Yo mismo comenzaría con pasajes de la *Theologia Moralis* de San Alfonso que afirman explícitamente tanto el canon 2 **como** el bautismo de deseo como *de fide*. Luego seguiría con una serie de materiales de otros teólogos post-tridentinos, y luego quizás agregaría algo del *Diccionario de Teología Católica* sobre las herejías específicas (la enseñanza de Lutero de que la cerveza o la leche podrían usarse para conferir el sacramento del bautismo; la de Calvino, que el "agua" en Juan 3:5 era solo una metáfora del Espíritu Santo) que el canon 2 fue formulado para condenar.

Pero sería una pérdida de tiempo. Ninguno de estos argumentos ni siquiera se registraría. ¿Por qué?

El verdadero problema sigue reduciéndose al punto (2): **Tú y yo no seguimos los mismos *criterios* para determinar lo que un católico está obligado a creer.**

Yo me someto a los criterios que establecieron el Concilio Vaticano I y Pío IX para las enseñanzas que los católicos deben creer y adherir:

1. Pronunciamientos solemnes del Magisterio extraordinario.

2. Enseñanzas del Magisterio ordinario universal.

3. Enseñanzas del Magisterio ordinario universal sostenidas por el consenso universal y común de los teólogos como pertenecientes a la fe.

4. Decisiones doctrinales de las congregaciones vaticanas.

5. Verdades teológicas y conclusiones tan ciertas que la oposición a ellas merece algún censura teológica corta de "herejía".

Ninguno de estos principios debería sorprender a nadie; todos eran principios estándar en los manuales de teología anteriores al Vaticano II. En mi artículo original, reproduje los pasajes del Vaticano I, *Tuas Libenter* y el *Syllabus of Errors* que impusieron estas obligaciones.

Sin embargo, el tono de tus preguntas deja claro que tú *no* te sometes a estas obligaciones.

Más bien, deseas debatirlas de alguna manera, al insinuar que el bautismo de deseo o de sangre contradice los cánones 2 y 5, y que aquellos que rechazan tu posición ahora deben defender o justificar los criterios de Vaticano I y Pío IX.

Pero estos criterios *no* están abiertos a debate, al menos no entre católicos.

En la práctica, tus criterios (y los de los adherentes típicos de Feeney) parecen ser estos:

1. Sin anatema, sin creencia. La obligación de un católico de adherirse a la enseñanza de la Iglesia se limita solo a aquellos asuntos que el juicio infalible de la Iglesia ha propuesto solemnemente para ser creídos como dogmas de la fe.

2. Libre interpretación de textos magisteriales. El católico laico individual es libre de determinar por sí mismo el "significado literal" de estos (pocos) pronunciamientos infalibles solemnes, y contradecir lo que los papas, obispos y manuales teológicos aprobados han enseñado sobre ellos durante siglos.

El primer principio fue condenado por Pío IX en el *Syllabus of Errors* (Dz 1722).

El segundo es el principio protestante de interpretación libre no mediada, pero en lugar de una Biblia, cada creyente laico examina un Denzinger en vernáculo.

Entonces, cuando me preguntas: "Si uno acepta estos cánones [sobre el bautismo] como están escritos... ¿caerá de alguna manera en error?", mi respuesta es: Si alguien los acepta como *tú* piensas que están escritos, cae de *todas* formas en error.

Porque te acercas a estos cánones, y de hecho a todos los pronunciamientos del magisterio, sin haber primero aceptado *todas las obligaciones* para creer o adherirse que impuso el Vaticano I y Pío IX.

Esta negativa a la sumisión, y no el asunto particular de *extra Ecclesiam*, es el error fundamental del que fluyen todos los demás errores del Feeneyismo.

Los requisitos de la Iglesia son un paquete. Los aceptas y te sometes a *todos*, o no puedes llamarte honestamente católico.

Y no importa en qué categoría los teólogos puedan colocar al bautismo de deseo o al bautismo de sangre — *de fide*, doctrina católica o simplemente "teológicamente cierto" —, negarse a adherirse a una enseñanza en *cualquiera* de estas categorías sigue siendo un **pecado mortal** contra la fe.

Los seguidores del P. Feeney gastan ríos de tinta respondiendo a la pregunta "quién ascenderá". Sería mejor que primero aceptaran la respuesta de Vaticano I y Pío IX a la pregunta "¿qué debo creer?"

En lugar de eso, proclaman que el magisterio ordinario universal enseñó errores durante siglos, y que los católicos no tienen ningún deber de someterse a él.

Esto es herejía pura y simple, colocándolos firmemente *extra Ecclesiam* — donde, como sabemos, *nulla salus.*

En Cristo,

— Rev. Anthony Cekada

Março 22, 2001

(E-mail exchange, Fev-Mar 2001).

---

1. Esto se refiere a un dossier de 125 páginas de fotocopias de las obras de los 25 teólogos que cité. Está disponible en nuestra oficina por $15, que cubre el costo de la copia y el encuadernado.

2. Esta cita fue omitida accidentalmente de mi correo electrónico original.

3. Los seguidores de Feeney a veces afirman que esta decisión y la de Inocencio II no tienen fuerza obligatoria para los católicos porque son "meras cartas privadas". Esto es falso. Los documentos son *Epistolae*, que en el Derecho Canónico están clasificados entre los Actos Pontificios oficiales. Ambos documentos fueron incluidos en el *Corpus Juris Canonici*, la colección oficial de leyes de la iglesia que precedió al Código de Derecho Canónico de 1917. Vale la pena señalar que el decreto de 1206 es obra de Inocencio III, quien también aprobó el decreto de 1215 del Lateranense IV que contiene la frase: "Una es la Iglesia universal de los fieles, fuera de la cual nadie es salvado" —el axioma que los seguidores de Feeney intentan citar *contra* el bautismo de deseo. Inocencio III, al parecer, no vio contradicción entre una enseñanza y la otra. Pasarían 700 años hasta que su error finalmente fuera descubierto y corregido en Boston.

Artículo original: Link

La Apostasía de Juan Pablo II: Una Respuesta Católica

Reverendísimo Daniel L. Dolan

Texto de un discurso dado en St-Maurice, Bretaña (Francia) el 13 de agosto de 2000

Es mi singular alegría venir a Francia en este gran día de fiesta de la Asunción de la Santísima Virgen María, por invitación del Padre Guépin. La Asunción es la mayor de todas las fiestas de la Santísima Virgen, y es en Francia donde este espléndido triunfo de Nuestra Señora se celebra con mayor solemnidad. Como saben, su Rey, Luis XIII, hizo de este día la fiesta nacional de Francia y llamó a una dedicación anual de Francia a Nuestra Señora. La piedad y devoción de los franceses hacia la Santísima Virgen María son bien conocidas en todo el mundo.

Pero como todos ustedes saben muy bien, nuestra alegría está atemperada por la tristeza que debemos soportar cada día debido a la crisis en la Iglesia Católica. Hemos soportado esta tristeza durante treinta y cinco años, y preguntamos, "Domine, usquequo?" "Señor, ¿por cuánto tiempo más?"

Lo que añade inmensurablemente a nuestra tristeza durante estos tiempos es el fracaso de los católicos fieles para presentar un frente unido y consistente contra el enemigo. Cuando miramos alrededor en el campo de la resistencia católica, qué preocupados estamos al ver su falta de unidad. Lo que es aún más inquietante es que la mayoría de los que resisten no reconocen al enemigo como el enemigo, sino más bien como la misma autoridad de Cristo. Percibiendo así a los modernistas como la verdadera autoridad de Cristo y de Su Iglesia, se han colocado bajo la obediencia de los modernistas, como en el caso de la Fraternidad de San Pedro, o desean estar en comunión con los modernistas, estar sujetos a ellos y trabajar con ellos, como es el caso de la Sociedad de San Pío X.

Por lo tanto, percibo que mi misión como obispo es la tarea de alertar a los católicos sobre la verdadera respuesta católica a la presente crisis en la Iglesia. Además, espero ordenar a jóvenes al sacerdocio que hayan sido formados de manera completamente católica y que no respondan a la apostasía de Juan Pablo II con un espíritu de cisma.

Estos son los dos temas que abordaré hoy: primero, la apostasía de Juan Pablo II y sus consecuencias teológicas; y segundo, la verdadera respuesta católica a esta apostasía.

La Apostasía de Juan Pablo II

Nótese que no he elegido la palabra herejía, sino apostasía. Los errores de Juan Pablo realmente constituyen una apostasía, y no meramente una herejía.

Heresía es dudar o negar una verdad particular de la fe, o quizás algunas verdades de la fe, por ejemplo, la divinidad de Cristo, la presencia real de Cristo en la Santa Eucaristía, el nacimiento virginal, etc. Probablemente estés familiarizado con algunos de los herejes conocidos de la historia: Arrio, Lutero, Calvino.

La apostasía, por otro lado, es rechazar completamente la fe cristiana. Por ejemplo, el emperador en el siglo IV, Juliano, repudió completamente la fe y se convirtió en un apóstata, abrazando el culto a los antiguos dioses romanos. Es conocido como Juliano el Apóstata.

Entonces, ¿por qué uso esta palabra tan fuerte con Juan Pablo II, quien profesa ser católico, y quien incluso de vez en cuando dice cosas edificantes y piadosas?

Es porque él no se adhiere a ninguno de los artículos de fe que profesa creer. No se adhiere a ellos porque para él estas verdades sagradas no excluyen lo que se les opone. Lo que contradice estas verdades no son,

para él, falsos.

¿Por qué no los considera falsos? Porque primero y ante todo, **Juan Pablo II es un ecumenista, y no un católico.** Un ecumenista es alguien que cree que todas las religiones contienen cierta medida de verdad, algunas más, otras menos, y que todas por lo tanto tienen cierto valor. Todas las religiones, para el ecumenista, son verdaderas religiones. Algunas son simplemente mejores que otras.

Lo más que dan a la Iglesia Católica es que tiene la "plenitud de la verdad", mientras que las demás tienen solo "verdad parcial". Pero cuando hablan de la Iglesia Católica, ¿están hablando de la Iglesia Católica que tú y yo conocemos? No, se refieren a este catolicismo reformado, esta nueva religión del Concilio Vaticano II, una fe falsa y fea de la verdadera fe.

También distinguen entre "La Iglesia" y la "Iglesia Católica". "La Iglesia" para ellos es toda la humanidad, ya que, como dijo el Concilio Vaticano II en Gaudium et Spes, Cristo se unió de alguna manera con cada hombre debido a su Encarnación:

La naturaleza humana, por el simple hecho de haber sido asumida, no absorbida, en Él [Cristo], ha sido elevada en nosotros a una dignidad sin comparación. Porque, por su encarnación, Él, el Hijo de Dios, se ha unido de cierta manera con cada hombre. (Gaudium et Spes, n. 22)

Juan Pablo II repitió esto en su primera encíclica, e incluso lo ha convertido en el tema central de su doctrina. Escuchemos algunos otros textos de Juan Pablo. Habla sobre el día ecuménico pan-cristiano de Asís (27 de octubre de 1986) y dice que:

Un día así parecía expresar, de manera visible, la unidad oculta pero radical que la Palabra ha establecido entre hombres y mujeres de este mundo... **el hecho de haberse reunido en Asís es como un signo de la profunda unidad de aquellos que buscan valores espirituales en la religión...** El Concilio ha establecido una conexión entre la **identidad de la Iglesia y la unidad de la raza humana.** (Lumen Gentium 1 y 9; Gaudium et Spes, 42)

Por lo tanto, cada hombre, en la medida en que está unido a la Palabra por virtud de su Encarnación solamente, es miembro de la Iglesia de Cristo. **La Iglesia de Cristo no es otra cosa que la humanidad entera sin ninguna excepción.** En el mismo discurso, continúa este tema explicando que el orden divino de las cosas es la unidad de todos los hombres que buscan valores religiosos. Las diferencias de fe y moral que existen entre las diversas religiones son el efecto de los seres humanos que han corrompido el orden divino. Así que el objetivo, para Juan Pablo, es hacer que las diferencias religiosas desaparezcan y que prevalezca el orden divino, es decir, el orden panteísta. Citamos su discurso:

Las diferencias religiosas se revelan como pertenecientes a otro orden. Si el orden de la unidad es divino, las diferencias religiosas son obra del hombre y deben ser superadas en el proceso hacia la realización del grandioso diseño de unidad que preside sobre la creación. Es posible que los hombres no sean conscientes de su unidad radical de origen y de su inserción en el mismo plan divino. Pero a pesar de tales divisiones, están incluidos en el grandioso y único diseño de Dios en Jesucristo, **quien se unió de cierta manera con cada hombre** (Gaudium et Spes, 22) **incluso si no es consciente de ello.**

A partir de estas palabras percibimos la apostasía de Juan Pablo: **todos los hombres pertenecen a un Cristo panteísta que está unido a cada hombre, ya sea que lo sepa o no, por virtud de su Encarnación.** Escuchemos nuevamente a Juan Pablo II:

A esta unidad católica del pueblo de Dios todos los hombres están llamados, **a esta unidad pertenecen**, en formas diversas, los fieles católicos y **aquellos que miran con fe hacia Cristo y finalmente todos los hombres sin excepción.**

Estas palabras de Juan Pablo nos dan la clave para entender el enigma de este hombre: por un lado, profesar las verdades de la Fe Católica, recitar el Credo Católico, pero por otro lado, profesar al mismo tiempo un

completo repudio de la Fe mediante actos abominables contra el Primer Mandamiento.

John Paul II ve el valor y la utilidad de la Fe Católica y de la Iglesia Católica como instrumento para unir a la humanidad, no necesariamente llevándolos al verdadero Salvador, sino más bien a este Cristo panteísta que abarca a todos los hombres a pesar de sus diferencias religiosas. En resumen, ha creado una Iglesia sin dogmas que busca unir a la humanidad bajo un Cristo sin dogmas. Debido a que la Iglesia Católica es tan útil para este fin, transformada como está por el Vaticano II, Juan Pablo II profesa muchas doctrinas católicas. ¿Pero se adhiere a estas doctrinas con la certeza y firmeza de la fe divina? ¡De ninguna manera! Porque cualquier persona que verdaderamente tenga la Fe Católica no podría:

- besar el Corán, la "Biblia" musulmana.
- decir que todos los hombres están unidos a Cristo únicamente por virtud de la Encarnación.
- decir que todos los hombres están salvados.
- decir que la única, santa, católica y apostólica Iglesia del Credo está presente, en todos sus elementos esenciales, en las sectas no católicas.
- decir que la Iglesia Católica está en comunión con sectas no católicas.
- decir que la Iglesia Católica es incapaz de dar credibilidad al Evangelio, a menos que haya una "reunión de cristianos".
- decir que la Iglesia Católica comparte una fe apostólica común con las sectas no católicas.
- decir que las sectas no católicas tienen una misión apostólica.
- decir que el Espíritu Santo utiliza a las sectas no católicas como medio de salvación.
- decir que está divinamente revelado que los hombres tienen derecho a la libertad religiosa y a la libertad de conciencia.
- decir que una sociedad debidamente ordenada es aquella en la que todas las religiones tienen vía libre para practicar, hacer proselitismo y propagarse.
- decir que la bajada de Nuestro Señor al infierno simplemente significa que fue enterrado.
- participar en todas las formas de adoración no católica, incluyendo la de los luteranos, los judíos, los hindúes, los indios americanos, los polinesios, por mencionar solo algunos;
- alabar la religión vudú;
- permitir la abominación de Asís, en la que se colocó una estatua dorada de Buda sobre un altar e incensada por un sacerdote budista;
- permitir las abominaciones ecuménicas contenidas en el Directorio Ecuménico.
- aprobar el sacrilegio al Santísimo Sacramento al permitir que los no católicos lo reciban.
- sostener y enseñar la noción blasfema y herética de la Iglesia, que la Iglesia de Cristo no es exactamente lo mismo que la Iglesia Católica, sino que simplemente subsiste en ella. Esta doctrina herética fue enseñada por el Vaticano II en Lumen Gentium, y su significado herético ha sido respaldado por Juan Pablo muchas veces, particularmente en el Directorio Ecuménico.
- decir que musulmanes y católicos adoran al mismo Dios.
- Dar aprobación pública a la Declaración Conjunta sobre la Doctrina de la Justificación, que contiene muchas herejías explícitas, y contradice totalmente la enseñanza solemne del Concilio de Trento sobre la justificación.

Estas son solo algunas de las herejías de Juan Pablo II. Nunca debemos olvidar que alguien puede manifestar una adhesión a la herejía no solo con palabras, sino también con hechos. Por lo tanto, muchos de sus actos ecuménicos que son un ultraje al único y verdadero Dios son manifestaciones de una adhesión interior a la herejía.

Todos estos errores y herejías son sostenidos y enseñados por Juan Pablo II en nombre del ecumenismo. **Es este ecumenismo el que constituye la apostasía de Juan Pablo II.** El ecumenismo es apostasía, porque reduce todos los dogmas de la Fe Católica a la relatividad. **En el sistema ecuménico, se considera que todas las religiones tienen una cierta parte de la verdad, y por lo tanto todas las religiones tienen un cierto valor.** Por esta razón, Juan Pablo II ha repetido frecuentemente la herejía del Concilio Vaticano II: que el Espíritu Santo no ha dudado en utilizar religiones no católicas como medios de salvación.

Pero tratar los dogmas de la Iglesia Católica de esta manera es despojarlos de todo su valor. El ecumenista abandona todos los dogmas de la Iglesia Católica, ya que no da asentimiento de fe a ninguno de ellos.

La fe es una adhesión a un dogma basado en la autoridad de Dios revelando. Por lo tanto, lo que creemos por virtud de la fe es absoluto e inmutable. Los mártires profesan su adhesión a estos dogmas inmutables al dar sus vidas, a veces después de haber soportado torturas atroces. Por lo tanto, la virtud de la fe no puede tolerar el ecumenismo. El ecumenismo es directamente contrario al asentimiento de la fe y, por lo tanto, es una grave violación del Primer Mandamiento de Dios: Yo soy el Señor tu Dios: no tendrás dioses ajenos delante de mí.

El ecumenista, cabe recordar, está construyendo la gran religión ecuménica, un gran templo ecuménico, en el que todas las religiones podrán coexistir, no importa cuáles sean sus creencias internas, siempre y cuando ninguna de ellas sostenga que sus creencias son absolutamente verdaderas y exclusivas de las creencias que se le oponen.

Este hecho explica por qué Juan Pablo II ocasionalmente habla sobre la doctrina católica: para él es hablar sobre nuestros asuntos internos, nuestra experiencia religiosa, nuestros dogmas. **Pero para él, estos dogmas se sostienen y enseñan en el contexto del ecumenismo, es decir, donde se despojan de cualquier significado absoluto.**

Se podría comparar con la cocina local de las diversas regiones de Francia: cada región tiene sus propios platos, sus propios vinos, sus propios quesos. Todos son buenos en sí mismos, y la cocina de una región no excluye las especialidades de otra región.

Juan Pablo ve la religión de manera similar. Todas las religiones son el efecto del trabajo de Dios en el alma; todas las religiones tienen una cierta verdad. Es misión de la Iglesia borrar las divisiones entre las diversas religiones y llevar a todos los hombres a una gran religión mundial, sin embargo, sin eliminar la legítima diversidad de dogmas.

Esto es una apostasía. Sabemos esto no por nuestro propio juicio, sino por la enseñanza de la Iglesia Católica. El Papa Pío XI en su encíclica Mortalium Animos, refiriéndose a los congresos ecuménicos, dijo:

Claramente, los católicos no pueden aprobar de ninguna manera estos emprendimientos, ya que se basan en esa falsa opinión de aquellos que piensan que todas las religiones son más o menos buenas y dignas de elogio, todas las cuales, aunque no de la misma manera, manifiestan y atestiguan igualmente ese sentido innato que está implantado en nosotros, por el cual somos atraídos hacia Dios y hacia el reconocimiento devoto de Su soberanía. Aquellos que sostienen esta opinión no solo erran y son engañados, sino que también, al repudiar la verdadera religión al distorsionar su noción, gradualmente se dirigen hacia el naturalismo y el ateísmo. Por esta razón, claramente se sigue que **quien se adhiere a tales cosas, o participa en sus emprendimientos, abandona completamente la religión revelada por Dios.**

Las Consecuencias de la Apostasía de Juan Pablo II

Es obvio que la apostasía, que es el peor pecado contra la fe, tiene terribles consecuencias en la Iglesia, que es una organización fundada en la fe.

Nuestro "boleto" para ingresar a la Iglesia Católica es la profesión de la verdadera Fe. En el bautismo, antes incluso de entrar al edificio de la iglesia, el sacerdote pregunta: "¿Qué pides a la Iglesia de Dios?" La respuesta es "fe". Sin esta profesión de fe, el sacerdote no consentiría en admitirnos a la Iglesia.

Entonces, la pérdida de la fe, ya sea a través de **herejía o apostasía, tiene la consecuencia inmediata y automática de separarnos de la Iglesia Católica.** Sin embargo, para que esto suceda, nuestra herejía o apostasía debe ser pertinaz. Nuestra herejía o apostasía es pertinaz si estamos oponiéndonos consciente y voluntariamente a la enseñanza de la Iglesia Católica. **El único factor que excusa al hereje de la pertinacia**

es la ignorancia del hecho de que la doctrina que está profesando es contraria a la enseñanza de la Iglesia Católica.

¿Podemos excusar a Juan Pablo II por ignorancia? Por supuesto que no. Sería absurdo decir que un hombre con tanta educación en la Fe preconciliar podría ser ignorante de la enseñanza de la Iglesia Católica. Mientras podríamos concebir la ignorancia en una persona laica simple, **es imposible concebir la ignorancia en un exprofesor de seminario como Juan Pablo II, que tiene un doctorado de la Pontificia Universidad Angelicum**. Si la ignorancia fuera posible en tal hombre, entonces ¿quién podría ser culpable de herejía o apostasía?

Estamos seguros de la pertinacia de Juan Pablo II cuando consideramos que durante su ocupación del Vaticano por más de veinte años, ha habido un reinado de destrucción de la fe en todas las instituciones de la Iglesia. Si él no fuera pertinaz, al menos se horrorizaría por esta pérdida de fe y tomaría medidas al respecto. Sin embargo, las únicas medidas que ha tomado son contra la preservación de la Fe tradicional, y estas las ha tomado con mucha energía y con particular severidad.

I. Separación de la Iglesia y Pérdida de Autoridad.

Así, la primera consecuencia de la apostasía de Juan Pablo es **su separación de la Iglesia Católica.**

La conclusión obvia, que surge directamente de la naturaleza de la Fe Católica y de la Iglesia Católica, es que **Juan Pablo II no es, de hecho, no puede ser, un verdadero Pontífice Romano.** Porque es obvio que **uno no puede ser el líder de algo del cual ni siquiera es miembro.**

El problema que enfrentamos es que su separación de la Iglesia Católica, y por lo tanto, su no papado, no ha sido declarada legalmente. Si un concilio general o un cónclave declararan su apostasía y sus consecuencias, la crisis en la Iglesia cesaría de inmediato. La confusión terminaría. Estaría en la misma posición que Martín Lutero. Pero el problema angustioso al que nos enfrentamos es que esta declaración legal está ausente, y por lo tanto, él tiene la apariencia de ser un verdadero papa, mientras adhiere y promulga una religión falsa. No hay nada que vaya más naturalmente con el papado que la verdadera Fe, y no hay nada que esté más en contra del papado que la profesión y promulgación de una religión falsa. La autoridad del papado fue dada por Cristo a la Iglesia para confirmarnos en la verdad revelada. Por lo tanto, no hay una mayor perversión de esta autoridad que confirmarnos en la apostasía.

II. Promulgación de la Apostasía como Regla de Fe y Disciplina.

La segunda consecuencia de la apostasía de Juan Pablo es aún más importante. Debemos señalar que Juan Pablo no ha caído simplemente en el pecado personal de herejía y apostasía, sino que lo que es infinitamente más pernicioso, **está promulgando esta apostasía como la regla de creencia y disciplina de la Iglesia Católica Romana.**

Juan Pablo, en una palabra, está exigiendo que todos los católicos se conviertan en apóstatas ecuménicos con él.

Esto es más importante, porque este intento de alterar la creencia y disciplina de la Iglesia Católica toca la indefectibilidad de la Iglesia y su constante asistencia por Cristo a lo largo de los siglos. "Estoy con vosotros todos los días, hasta el fin del mundo".

Así, Pablo VI y sus sucesores han promulgado las falsas doctrinas del Concilio Vaticano II, y su subsiguiente liturgia falsa y disciplinas falsas.

¿Podemos decir que estas falsas doctrinas, esta falsa liturgia y estas falsas disciplinas nos son dadas por la autoridad de Cristo?

¿Podemos admitir que la Iglesia Católica ha autorizado la promulgación y uso universal de tales cosas?

Absolutamente no. Porque si asociamos toda esta defección con la Iglesia Católica y, en consecuencia, con la autoridad de Cristo, ¿cómo podemos decir que la Iglesia es indefectible? ¿Cómo es asistida por Cristo?

Dado que estamos obligados por la santa fe a no afirmar tales blasfemias sobre Cristo y Su Iglesia, estamos obligados a concluir que de alguna manera las personas que han promulgado estas cosas no tienen la autoridad de Cristo o de la Iglesia. La conclusión es obvia: la fe que tenemos en la asistencia divina a la Iglesia nos obliga a decir que **es imposible que Pablo VI, Juan Pablo I o Juan Pablo II sean verdaderos Papas Católicos.**

La Respuesta Católica

En resumen, por lo tanto, la respuesta católica a la apostasía de Juan Pablo II es clara: **él no puede ser el verdadero Papa**. Es claro por dos razones, y mediante dos argumentos distintos:

(1) **por su caída personal y pública de la verdadera fe,** que lo coloca fuera de la Iglesia, y

(2) **por su promulgación de doctrinas, liturgia y disciplinas falsas,** lo que demuestra que carece de la asistencia de Cristo que se promete a la verdadera autoridad de la Iglesia.

Respuestas no católicas

I. La Fraternidad de San Pedro y Seguidores del Indulto

La Fraternidad de San Pedro y aquellos que siguen el Indulto aceptan la jerarquía del Novus Ordo como la jerarquía católica, y aceptan el Concilio Vaticano II y todas las reformas oficiales realizadas como consecuencia del Concilio Vaticano II. Se les ha concedido el derecho por parte de los modernistas de retener la Misa de Juan XXIII, y de operar un seminario e instituto según líneas más o menos pre-Concilio Vaticano II. Su solución, entonces, es **adherirse a la tradición bajo los auspicios y en obediencia a la jerarquía del Novus Ordo.** Por lo tanto, su adhesión a la tradición no se ve como una defensa de la Fe contra los modernistas, sino más bien como una preferencia, algo similar a la Alta Iglesia en la comunión anglicana.

Desde lo que hemos dicho anteriormente, vemos que esto no es en absoluto una solución. Dado que han aceptado el Novus Ordo como católico, han reducido su adhesión a la tradición a mera nostalgia. Se han convertido en una Alta Iglesia dentro de la religión ecuménica de Juan Pablo II, una religión que incluso admite el Vudú, el culto a Shiva, al Gran Pulgar y a Buda, elogia a herejes como Martín Lutero.

Pero una cosa debe decirse a favor de aquellos que siguen la Fraternidad de San Pedro, y es que al menos son coherentes y lógicos en su pensamiento, en la medida en que ven que no se puede aceptar a Juan Pablo II como papa y al mismo tiempo ignorar su doctrina y autoridad disciplinaria. Pero es absolutamente deplorable que estas personas puedan permitirse ser tan ciegos como para estar en comunión, es decir, ser co-religiosos con los modernistas, a quienes San Pío X dijo que "deberían ser golpeados con puños".

II. La Fraternidad de San Pío X y Otros

La respuesta de la Fraternidad de San Pío X ha sido oponerse a la apostasía de Juan Pablo II con el espíritu del cisma. Muchos otros siguen un curso similar.

La solución lefebvrista, simplemente declarada, es esta: **reconocer la autoridad de Juan Pablo II, pero no seguirlo en sus errores.** El Arzobispo Lefebvre insistió en que todos dentro de la Fraternidad de San Pío X consideraran a Juan Pablo II como papa, y purgó de la Sociedad a todos los que sostenían públicamente que no lo era. Siempre trató con los modernistas romanos como si tuvieran autoridad, buscando de ellos la aprobación para su Sociedad. Vio como solución para la crisis modernista un movimiento tradicional popular que, en cada diócesis del mundo, clamara por sacerdotes tradicionales y rechazara a los modernistas. Supuso que la solución sedevacantista arruinaría dicho movimiento popular, ya que pensaba que decir que Juan Pablo

II no era el papa era demasiado para que lo soportara la persona promedio.

Al problema evidente de obediencia que planteaba su posición, el Arzobispo Lefebvre respondió que ninguna autoridad, incluida la del papa, tiene derecho a decirnos que hagamos algo incorrecto. Pero el Novus Ordo es incorrecto. Por lo tanto, el papa no puede obligarnos a aceptar el Novus Ordo. Este razonamiento llevó a la necesidad de **cribar el Novus Ordo en busca de catolicismo.** Como el hombre que tamiza los granos de oro ocultos en el barro, así el católico tenía que tamizar el magisterio y los decretos de Pablo VI y Juan Pablo II en busca de granos de verdadera fe. Todo lo que resultara tradicional sería aceptado, todo lo modernista, rechazado. Y dado que el Arzobispo Lefebvre era el más prominente de los que se adherían a la tradición, su palabra se convirtió en la norma próxima de creencia y obediencia para cientos de sacerdotes y decenas de miles de católicos. Así, la supuesta autoridad de Juan Pablo II no fue suficiente para mover las mentes y voluntades de los católicos fieles a la tradición, sino que tuvo que ser aumentada por la aprobación del Arzobispo Lefebvre. Este papel de cribador que adquirió la Sociedad fue celosamente guardado, y cualquiera que se atreviera a ignorarlo fue considerado un subversivo y finalmente expulsado.

La Sociedad a menudo utiliza la analogía de un padre de familia que le dice a sus hijos que hagan algo incorrecto. Los niños en tal caso deben desobedecer al padre para ser obedientes a la ley superior de Dios. Pero al mismo tiempo, el padre siempre sigue siendo el padre. De manera similar, argumentan, el Papa es nuestro padre y nos está diciendo que hagamos algo incorrecto, es decir, el Concilio Vaticano II y sus reformas. Debemos desobedecer, argumentan, ya que estas son contrarias a la ley divina. Pero no obstante, Juan Pablo II sigue siendo el Papa.

Desafortunadamente, esta analogía no se puede aplicar. En primer lugar, ser el padre natural de alguien nunca puede cambiar porque se basa en la generación física. Pero ser el padre espiritual de alguien puede cambiar porque se basa en una generación espiritual. Por lo tanto, un papa podría renunciar y dejar de ser el padre espiritual de los católicos.

Pero hay una razón más importante por la cual este argumento es falso. Si un papa diera a una persona en particular un mandato particular que fuera malvado (por ejemplo, profanar un crucifijo), el argumento sería aplicable. Porque en tal caso el papa no estaría participando en toda la práctica de la Iglesia, y por lo tanto no implicaría la indefectibilidad de la Iglesia. Pero si hiciera una ley general que todos los católicos deberían profanar crucifijos, entonces la indefectibilidad misma de la Iglesia estaría en juego. ¿Cómo podría la Iglesia de Cristo promulgar tal ley? ¿No llevaría entonces todas las almas al infierno? El hecho de que Juan Pablo II haya promulgado leyes generales que prescriben o incluso permiten el mal es una violación de la indefectibilidad de la Iglesia.

Por lo tanto, el argumento de la Sociedad no puede aplicarse a la crisis actual en la Iglesia.

Si Juan Pablo II es el papa, debemos obedecerlo. **Incluso admitir la posibilidad de que un papa pueda promulgar doctrinas falsas y decretos universales que sean malvados es en sí mismo una herejía contra la enseñanza de que la Iglesia Católica es infalible en estos asuntos.** Es inconcebible que, al seguir las enseñanzas universales de la Iglesia o sus disciplinas universales, se pueda ser desviado y ir al infierno. Si esto fuera posible, uno tendría que concluir que la Iglesia Católica Romana no es la verdadera Iglesia, sino una institución humana como cualquier otra iglesia falsa.

Además, **cribar las enseñanzas de la Iglesia es colocarse a sí mismo como el papa,** porque tu adhesión a estas enseñanzas no se basaría en la autoridad de la Iglesia, sino más bien en tu propio "cribado" de estas enseñanzas.

Uno de sus Superiores de Distrito escribió en una carta denunciando las reformas del Concilio Vaticano II: "Por eso insistimos en reconocer el Papado y la jerarquía a pesar de que no nos sentimos para nada uno con ellos". Esta frase describe mejor su posición, que **combina dos cosas que son intrínsecamente incompatibles, es decir, reconocer a Juan Pablo II como papa, pero no ser uno con él.**

Es evidente de inmediato que su posición implica contradicciones laberínticas desde el punto de vista de la eclesiología católica. En primer lugar, de alguna manera ven al Concilio Vaticano II y sus reformas como tanto católicos como no católicos, y por esta razón "criban" las enseñanzas y disciplinas del Novus Ordo para obtener de la masa podrida lo que sea católico en ella. Por lo tanto, asocian el Novus Ordo con la Iglesia Católica. Consideran que la jerarquía del Novus Ordo es la jerarquía católica, como teniendo la autoridad de Cristo para enseñar, gobernar y santificar a los fieles. Sin embargo, al mismo tiempo, son excomulgados por esta misma autoridad, ya que actúan como si no existiera, llegando incluso a consagrar obispos desafiando una orden "papal" directa.

La posición lefebvrista es una posición completamente inconsistente, y hace papilla la indefectibilidad de la Iglesia Católica, ya que identifica con la Iglesia Católica la defección doctrinal y disciplinaria del Concilio Vaticano II y sus reformas posteriores. Nuestra posición es que el Concilio Vaticano II y sus reformas no son católicos, y que por lo tanto quienes las han promulgado no pueden ser portadores de autoridad católica. Si fueran verdadera autoridad católica, tendrían la asistencia de Cristo, y serían incapaces de promulgar doctrina y disciplina defectuosas para la Iglesia Católica.

Sin embargo, los lefebvristas están en la posición imposible de resistir la autoridad de la Iglesia Católica en asuntos de doctrina, disciplina y culto, que son los efectos de las tres funciones esenciales de la jerarquía católica, es decir, la función de enseñar, gobernar y santificar, y que son la base de la triple unidad de la Iglesia Católica, la unidad de fe, la unidad de gobierno y la unidad de comunión. Resistir a la Iglesia Católica en estos asuntos es un suicidio espiritual, ya que la adhesión a la Iglesia Católica es necesaria para la salvación. Si se permite resistir a la Iglesia en doctrina, disciplina y culto, entonces ¿en qué debe obedecerse a la Iglesia? **¿Cuál es la autoridad de San Pedro, si se puede ignorar en estos asuntos?**

En resumen, **la Sociedad de San Pío X reconoce la autoridad de Juan Pablo II, pero al mismo tiempo rechaza las prerrogativas de su autoridad.** En este último asunto, lamentablemente se asemejan a galicanos, jansenistas y otras sectas de rito oriental que hicieron exactamente lo mismo, es decir, "filtraron" las doctrinas y decretos de los Romanos Pontífices según su gusto.

Según estas sectas, el magisterio no era vinculante a menos que se encontrara en conformidad con la Tradición. Por lo tanto, las enseñanzas y decretos de los Romanos Pontífices estaban sujetos a revisión por parte de estas sectas, es decir, "cribaban" los actos de los Papas. Los jansenistas en particular decían que para determinar si una doctrina era tradicional o no, se debía hacer un estudio histórico. Esto es exactamente lo que dice la Sociedad: que los actos del magisterio deben ser rechazados, si históricamente los católicos nunca creyeron tales cosas.

¿Pero quién es el árbitro de la Tradición? ¿No es el magisterio? ¿No es la autoridad de Cristo confiada en el Papa? Por supuesto que lo es. Por lo tanto, la doctrina jansenista del cribado era simplemente un pobre disfraz del juicio privado protestante. La única diferencia entre los protestantes y los jansenistas era que los primeros aplicaban su juicio privado a las Sagradas Escrituras, mientras que los últimos aplicaban su juicio privado a la Tradición. La posición de la Sociedad de San Pío X con respecto al magisterio y la tradición no difiere en absoluto de la de los jansenistas. Mientras que los protestantes sostienen el libre examen de las Escrituras, la Sociedad sostiene el libre examen del Denzinger.

Así, **la Sociedad ha opuesto la apostasía de Juan Pablo II no con una respuesta verdaderamente católica, sino con la respuesta del juicio privado,** mediante la cual las doctrinas, decretos y disciplinas universales de lo que perciben como la Iglesia son sometidas a su escrutinio privado.

¡Qué opuesto es el juicio privado al espíritu del catolicismo! "El que a vosotros oye, a mí me oye", dijo Nuestro Señor. "Todo lo que ates en la tierra, quedará atado en el cielo; y todo lo que desates en la tierra, quedará desatado en el cielo", dijo a San Pedro. La autoridad de Dios confiada a San Pedro por Nuestro Señor Jesucristo es lo que hace que la Iglesia Católica sea lo que es.

La actitud de la Sociedad de San Pío X reduce la misión apostólica de la Iglesia, confiada a San Pedro, a algo apenas más que accidental. Pero es esta misma autoridad, y la legítima posesión y transmisión de la misma, lo que hace que la Iglesia Católica sea católica. Es la forma, el espíritu, de la Iglesia Católica, es decir, lo que la hace ser lo que es. Nada podría ser más sustancial para la Iglesia Católica que esta autoridad.

Cabe señalar además que ejercer el poder de las órdenes sin la aprobación de la jerarquía de la Iglesia Católica es un pecado mortal muy grave, y es cismático cuando se hace de manera sistemática y permanente. Justificamos nuestro apostolado citando el principio de epiqueya. Según este principio, presumimos que la autoridad de la Iglesia, un verdadero papa, si estuviera presente, desearía que celebráramos la Misa y distribuyéramos los sacramentos. Sabemos que nuestra presunción es razonable, ya que los fieles no tendrían una verdadera Misa y sacramentos de otro modo. Solo se puede reclamar el principio de epiqueya cuando el legislador está ausente. Utilizar este principio contra un papa reinante, que posee jurisdicción sobre los sacramentos, convierte en un desastre toda la Iglesia Católica. Es hundirse en el protestantismo, donde cada ministro recibe su poder "directamente de Dios". **¿Por qué tener una jerarquía, por qué tener jurisdicción, si cualquiera puede decidir que tiene derecho a ejercer sus órdenes basándose en la suposición de que la Iglesia se las suministra directamente?** En tal caso, la jerarquía sería puramente accidental, y cada sacerdote individual, como los ministros protestantes, podría llevar a cabo su propio apostolado.

El espíritu de cisma en la Sociedad de San Pío X es evidente en su ofrecimiento de la Misa *una cum*. Porque o Juan Pablo II es el Papa o no lo es. **Si Juan Pablo es papa, entonces la Misa *una cum* de la Sociedad es cismática, ya que se celebra fuera y en contra de su autoridad**. Es altar contra altar, porque sus Misas no están autorizadas por el Pontífice Romano. Pero si él no es el papa, entonces su Misa *una cum* también es cismática, ya que se ofrece fuera de la Iglesia, en unión con un falso papa.

En otras palabras, o el altar del sacerdote tradicional es el verdadero altar de Dios, o el altar de Juan Pablo II es el verdadero altar de Dios. Porque el sacerdote tradicional erige su altar y lleva a cabo su apostolado en contra del apostolado del Novus Ordo —que es el de Juan Pablo II—, es obvio que ambos altares no pueden ser legítimos al mismo tiempo, y que ambos apostolados no pueden ser verdaderos apostolados católicos al mismo tiempo. Cristo no podría autorizar tanto el altar del Novus Ordo como el altar tradicional. Uno es legítimo y el otro es ilegítimo.

Porque decimos que nuestro altar es legítimo, estamos lógicamente obligados a decir que el altar del Novus Ordo, y por lo tanto su sacerdocio y apostolado, son ilegítimos.

Pero si el sacerdote se une al altar, sacerdocio y apostolado ilegítimos de Juan Pablo II y el Novus Ordo, convierte su propio altar, sacerdocio y apostolado en ilegítimos, y por lo tanto cismáticos.

Así, aunque creo que aquellos que están involucrados en el grupo de Lefebvre tienen buenas intenciones y desean sinceramente el bien de la Iglesia, sin embargo, están trabajando bajo el **espíritu de cisma.** Su política de cribar el magisterio es en realidad herética.

Si han caído en estos errores es por falta de una buena formación. Como seminaristas se presentaron a la Sociedad y, sin saber nada más, se impregnaron de estos errores durante sus años en el seminario. Estoy seguro de que si hubieran sido formados correctamente, no adherirían a estos errores. Estoy señalando sus errores, graves como son, no para atacarlos personalmente, o para poner en duda sus motivos, sino por respeto a la verdad. Estoy seguro de que también aman la verdad, y es mi sincera esperanza que escuchen estas críticas en el espíritu de caridad en el que se ofrecen.

Conclusion

Como obispo, estoy profundamente preocupado por la mala influencia de la Sociedad de San Pío X. En lugar de presentar una respuesta católica a la apostasía de Juan Pablo II, han sembrado las semillas del espíritu de cisma en muchas almas. **Los jóvenes criados en la Sociedad tendrán una idea completamente**

distorsionada de lo que realmente es la autoridad católica, la autoridad del Romano Pontífice. Quizás nunca conozcan la santa y profunda reverencia que los católicos siempre han tenido por esta autoridad tan augusta confiada a los hombres. Es nuestra fe católica en esta autoridad la que nos obliga a decir que los autores del Novus Ordo no podrían tenerla.

¡Qué maravilloso sería también si los católicos pudieran unir fuerzas contra los modernistas! ¡Si todos dijéramos con una sola voz que la defección del Vaticano II no proviene de la autoridad de Cristo! Esta sería una maravillosa profesión de fe entre los verdaderos católicos. En cambio, la mayoría de los católicos han respondido o como los anglicanos de la Alta Iglesia —la Fraternidad de San Pedro— o como los cismáticos galicanos y jansenistas —la Sociedad de San Pío X. De hecho, cuánto deben divertirse los enemigos de la Iglesia, que después de dos mil años de profesión de fe, y después de tantos gloriosos martirios, esto es todo lo que los católicos pueden reunir frente al peor de todos los enemigos de la Iglesia Católica.

Por lo tanto, les insto a no permanecer indiferentes ante estos problemas. La necesidad de una respuesta católica es muy importante. Es muy importante que **evitemos reemplazar la apostasía de Juan Pablo II con el espíritu de cisma, el juicio privado y el desprecio por la autoridad papal** que es evidente en la posición de la Sociedad de San Pío X.

También les insto a rezar por los miembros de esta Sociedad, que, como ya he dicho, tienen buenas intenciones y desean ser buenos católicos. Están siendo engañados por su temor de que decir la verdad sobre Juan Pablo II vaciará sus iglesias. Es de conocimiento común que muchos de sus sacerdotes están privadamente de nuestra posición. Pero temen lo que les sucederá si se van. Pero deberían ser alentados a irse, y se les debería decir que su posición no está en conformidad con la Fe Católica.

Nuestra experiencia en América es que los fieles apoyan mucho a los sacerdotes que han tomado una posición pública contra el papado de Juan Pablo II. Cuando escuchan estas explicaciones, como las que he dado aquí, ven que están en conformidad con los principios católicos y abrazan nuestra posición de todo corazón. Pero incluso si no lo hicieran, incluso si el sacerdote se viera reducido a la adversidad, cada sacerdote debe saber que debe amar la verdad católica más que a sí mismo.

Ante nosotros está el maravilloso ejemplo del Padre Guépin, quien en 1980 defendió valientemente los principios que he expuesto aquí, y fue, como resultado, bruscamente expulsado de la Sociedad. Aunque había entregado su vida al sacerdocio, fue sumariamente expulsado a la calle. Pero permaneció imperturbable ante esta cruz, y la llevó generosamente, sabiendo por su firme fe y ardiente amor a Dios, que sería mejor morir que comprometer la Fe Católica. Que otros sacerdotes de la Sociedad aprendan de su valiente ejemplo, y entiendan que Dios bendecirá el apostolado del sacerdote que ama Su verdad más que las comodidades de su cuerpo.

Recordemos también el alma del Arzobispo Lefebvre en nuestras oraciones, quien, a pesar de la inconsistencia de sus posiciones, hizo tanto por la preservación de la verdadera Misa.

Finalmente, no dejemos de rezar a Nuestra Santísima Madre, quien sola aplasta todas las herejías, como dice la sagrada liturgia, y a San José, el patrón de la Iglesia universal.

(*Boletín de Santa Gertrudis la Grande* 52, Suplemento, Otoño de 2000)

---

[1] *Redemptor Hominis*, 13.3

[2] Homilía en Santa María in Trastevere, 27 de abril de 1980

[3] *Carta a los Obispos de la Iglesia Católica sobre Algunos Aspectos de la Iglesia Entendida como Comunión*., (1992)

[4] ibíd.

[5] *Osservatore Romano*, 20 de mayo de 1980

[6] ibíd.

[7] *Osservatore Romano*, 10 de junio de 1980

[8] *Catechesi Tradende*, 16 de octubre de 1979

[9] *Redemptor Hominis*, 12.2 y *Dives in Misericordia*, y su discurso ante las Naciones Unidas el 2 de octubre de 1979 y en muchos otros lugares.

[10] Concilio Vaticano II, *Dignitatis Humanæ*, un documento que Juan Pablo II dice que tiene una fuerza vinculante particular.

[11] Audiencia General, 11 de enero de 1989

[12] 31 de mayo de 1980 en un discurso a los musulmanes en París.

[13] El *Denzinger* es el libro que contiene las enseñanzas de los papas y concilios generales.

Artículo original: Link

Los Misales de Pío X y Juan XXIII Comparados

Monseñor Daniel L. Dolan

Missal de São Pio X	Missal de João XXIII
1. Promulgado por un santo canonizado que condenó el Modernismo, y compuesto con la colaboración de sacerdotes absolutamente ortodoxos, tanto eruditos como piadosos.	**1.** Promulgado por un papa que admitió que era sospechoso de Modernismo, el mismo papa que convocó el Vaticano II para "consagrar el ecumenismo" y abrir las ventanas de la Iglesia a la "renovación". Compuesto bajo la dirección de Ferdinando Antonelli, quien firmó el documento que promulgaba la Nueva Misa, y bajo la dirección de Annibale Bugnini, el "Gran Arquitecto" de la Nueva Misa, modernista notorio y sospechoso de ser masón.
2. Basado en sólidos principios católicos tradicionales que fueron empleados muchas veces por los papas en el pasado. Este misal fue utilizado por la Iglesia desde 1914 hasta el ascenso del "Movimiento Litúrgico" Modernista en los años 50.	**2.** Basado en los principios del "Movimiento Litúrgico" modernista, a menudo condenados en el pasado por los Pontífices Romanos, este misal fue una obra transicional. Según el Padre Bugnini, fue un "compromiso" hasta que la liturgia pudiera convertirse en "una nueva ciudad en la que el hombre de nuestra época pueda vivir y sentirse a gusto". Fue usado solo por cuatro años.
3. "No innovar nada; permanecer contento con la tradición." (Papa Benedicto XIV)	**3.** "es un puente que abre el camino a un futuro prometedor." (Annibale Bugnini)
Oraciones al Pie del Altar **4.** Siempre dichas.	**Oraciones al Pie del Altar** **4.** Omitidas en (1) La Purificación después de la Procesión, (2) Miércoles de Ceniza después de la distribución de cenizas, (3) Sábado Santo, (4) Domingo de Ramos después de la Procesión, (5) los cuatro Días de Rogativas después de la Procesión, y (6) ciertas otras Misas según las nuevas rúbricas del Pontifical Romano.
La Colecta **5.** En los días de menor rango, además de la colecta del día, se recitan las colectas de Nuestra Señora, Nuestra Señora y Todos los Santos, Contra los Perseguidores de la Iglesia, Por el Papa, o Por los Fieles Difuntos, etc.	**La Colecta** 5.Todas estas colectas son abolidas.
6. Las conmemoraciones de una fiesta de un santo de menor rango o de un domingo se hacen de acuerdo con las rúbricas.	**6.** Las conmemoraciones de una fiesta de un santo de menor rango o de un domingo son abolidas o estrictamente restringidas, de modo que en un domingo ordinario la mayoría de las fiestas de santos desaparecen por completo.
Las Lecturas en los Días de Témporas **7.** Siempre recitadas.	**Las Lecturas en los Días de Témporas** **7.** La mayoría de las lecturas son opcionales.
La Epístola **8.** Siempre leída por el celebrante en la Misa Solemne, como específicamente ordenado por el Papa San Pío V.	**La Epístola** **8.** El celebrante en la Misa Solemne se sienta a un lado y escucha en su lugar, tal como lo hace en la Nueva Misa.
El Secuencia **9.** El Dies Irae siempre debe ser cantado en una Misa Solemne de Réquiem.	**El Secuencia** **9.** El Dies Irae en una Misa Solemne de Réquiem diaria es opcional.

Missal de São Pio X	Missal de João XXIII
El Evangelio **10.** Siempre leído por el celebrante en la Misa Solemne, como específicamente ordenado por el Papa San Pío V.	**El Evangelio** **10.** El celebrante en la Misa Solemne escucha en su lugar.
El Credo **11.** Recitado en muchas fiestas según las rúbricas.	**El Credo** **11.** Suprimido en muchas fiestas (Doctores de la Iglesia, Santa María Magdalena, los Ángeles, etc.)
El Canon de la Misa **12.** Sin cambios desde la época del Papa San Gregorio Magno.	**El Canon de la Misa** **12.** Se inserta el nombre de San José; por lo tanto, el Canon ya no es la "regla inmutable" del culto.
La Comunión del Pueblo **13.** El Confiteor, Misereatur e Indulgentiam siempre se dicen antes de la Sagrada Comunión.	**La Comunión del Pueblo** **13.** Abolido.
El Benedicamus Domino **14.** Recitado en lugar del Ite Missa Est los domingos y días laborables de Adviento y Cuaresma, vigilias, Misas votivas, etc.	**El Benedicamus Domino** **14.** Abolido, excepto cuando hay una procesión después de la Misa.
El Último Evangelio **15.** Al final de cada Misa se recita o bien el comienzo del Evangelio de San Juan o el Último Evangelio propio de una fiesta que ocurra.	**El Último Evangelio** **15.** El Último Evangelio propio es abolido con una excepción. No se recita ningún Último Evangelio para: (1) la Tercera Misa de Navidad, (2) Domingo de Ramos, (3) Jueves Santo, (4) Sábado Santo, (5) cualquier Misa seguida de una procesión, (6) Misas de Réquiem seguidas de la Absolución, y (7) ciertas otras Misas según las nuevas rúbricas del Pontifical Romano.

Missal de São Pio X	Missal de João XXIII
Cambios en las Festividades	
16.	**Cambios en las Festividades**
a. Cátedra de San Pedro en Roma	**16.**
b. Hallazgo de la Santa Cruz	a. Abolido
c. San Juan Ante Portam Latinam	b. Abolido
d. Aparición de San Miguel	c. Abolido
e. San León II	d. Abolido
f. San Anacleto	e. Abolido
g. San Pedro en Cadenas	f.Abolido
h. Hallazgo de San Esteban	g. Abolido
i. Conmemoración de San Vital	h. Abolido
j. Santa Filomena (por indulto)	i. Abolido
k. San José, Patrón de la Iglesia Universal	j. Abolido
l. Circuncisión del Señor	k. Cambiado a San José Obrero
m. Cátedra de San Pedro en Antioquía	l. Cambiado al Octava de Navidad
n. Santísimo Rosario de la Bienaventurada Virgen María	m. Cambiado a Cátedra de San Pedro
	n. Cambiado a Nuestra Señora del Rosario
o. San Jorge	o. Degradado
p. Nuestra Señora del Carmen	p. Degradado
q. San Alejo	q. Degradado
r. Santos Ciríaco, Largo y Esmeraldo	r. Degradado
s. Impresión de las Estigmas de San Francisco	s. Degradado
	t. Degradado
t. Santos Eustaquio y Compañeros	u. Degradado
u. Nuestra Señora de la Merced	v. Degradado
v. Santo Tomás Becket	x. Degradado
x. San Silvestre	y. Degradado
y. Siete Dolores de Nuestra Señora	
Octavas de las Festividades	**Octavas de las Festividades**
17. a. Epifanía (siglo VII)	**17.** a. Abolidas
b. Corpus Christi (1294)	b. Abolidas
c. Ascensión (siglo VIII)	c. Abolidas
d. Sagrado Corazón (1928)	d. Abolidas
e. Inmaculada Concepción (1693)	e. Abolidas
f. Asunción (ca. 850)	f. Abolidas
g. San Juan Bautista (siglo VIII)	g. Abolidas
h. Santos Pedro y Pablo (siglo VII)	h. Abolidas
i. Todos los Santos (ca. 1480)	i. Abolidas
j. Natividad de Nuestra Señora (1245)	j. Abolidas
k. San Esteban (siglo VIII)	k. Abolidas
l. San Juan Evangelista (siglo VIII)	l. Abolidas
m. Santos Inocentes (siglo VIII)	m. Abolidas
n. Dedicación de una Iglesia (siglo VIII)	n. Abolidas

Missal de São Pio X	Missal de João XXIII
Vísperas de las Festividades	**Vísperas de las Festividades**
18.	**18.**
a. Epifanía	a. Abolidas
b. San Matías	b. Abolidas
c. Santiago Apóstol	c. Abolidas
d. San Bartolomé	d. Abolidas
e. San Mateo	e. Abolidas
f. Todos los Santos	f. Abolidas
g. San Andrés	g. Abolidas
h. Inmaculada	h. Abolidas
i. Concepción	i. Abolidas
j. Santo Tomás	j. Abolidas
Rúbricas Varias	
19. El celebrante utiliza tres tonos de voz: audible, secreto y audible solo para aquellos en el altar.	**Rúbricas Varias** **19.** Se abole el tercer tono de voz.
20. Cuando el celebrante está en el lado de la Epístola o el Evangelio del altar, siempre se inclina hacia la cruz en el centro del altar cada vez que menciona el Santo Nombre.	**20.** Abolido.
Los Ritos de la Semana Santa	**Los Ritos de la Semana Santa**
21. Contiene los ritos de la Semana Santa ordenados por el Papa San Pío V.	**21.** Alterados radicalmente hasta tal punto que ya no son los ritos de la Semana Santa del Misal Tridentino. De hecho, estos ritos solo necesitaban cambios cosméticos para adaptarse al patrón de la Nueva Misa en 1969.

NOTAS FINALES:

(1) La Comunión del Pueblo: Algunos sacerdotes, que afirman adherirse a los cambios de Juan XXIII con el argumento de "autoridad papal", sin embargo, se niegan a suprimir el Confiteor, Misereatur e Indulgentiam antes de la Comunión del pueblo, como prescribe Juan XXIII.

(2) El Último Evangelio: El Padre Bugnini expresó el deseo "de muchos" de que la práctica de recitar el Último Evangelio se redujera severamente o se suprimiera por completo. Solo tuvo que esperar unos pocos años.

(3) Cambios en las Festividades: Tenga en cuenta el prejuicio modernista contra el culto de los santos y contra las fiestas que se refieren a prerrogativas papales o apariciones aprobadas por la Iglesia. Durante la Cuaresma, el Misal de Juan XXIII suprime la mayoría de las Misas de los santos.

El Obispo Williamson sobre la validez de la consagración del Obispo Dolan

Monseñor Richard Williamson

Saint Thomas Aquinas Seminary
Rural Route 1, Box 97 A-1
Winona, Minnesota 55987

10-21-93

Dear Mr. Padula,

Thankyou for this letter, as for the booklet by M. Cekada on the Three Consecrations which I had seen.

I think that M. Cekada's arguments are good such that I agree with him and not with M Kelly or M. Jenkins as to the VALIDITY of the up-coming consecration.

However, one must distinguish validity from licenty, or lawfulness. A consecration can be valid, but unlawful like eating a stolen apple. The eating is valid. it satisfies my hunger, but if the apple was stolen then the eating is unlawful.

Is the up-coming consecration lawful? Answer if (a) the Cincinnati operation of these priests is lawful and if (b) they need a bishop imperatively, then the consecration would be lawful.

But as to (a), these Cincinnati priests are not ordinary Traditional priests, they were Society of St. Pius X priests who broke with Society of St. Pius X positions to take up harsh and uncatholic positions out of line at any rate with Archbishop Lefebvre's thinking. Yet the future bishop on the flyer advertising his consecration leads one to think there was no such split with the Archbishop Conclusion: the Cincinnati priests' operation is doubtfully lawful

As to (b), if their operation is doubtfully lawful,

Transcripción de la carta del Obispo Williamson:

21-10-93

Estimado Sr. Padula,

Gracias por esta carta, así como por el folleto del P. Cekada sobre las Consagraciones de Thuc, que ya había visto.

Creo que los argumentos del P. Cekada son buenos, de tal manera que estoy de acuerdo con él y no con el P. Kelly o el P. Jenkins en cuanto a la validez de la próxima consagración.

Sin embargo, uno debe distinguir la validez de la licitud o legalidad. Una consagración puede ser válida, pero ilegal, como comer una manzana robada. El comer es válido; satisface mi hambre, pero si la manzana fue robada, entonces comerla es ilegal.

¿Es legal la próxima consagración? Respuesta: si (a) la operación de estos sacerdotes en Cincinnati es legal, y si (b) necesitan imperativamente un obispo, entonces la consagración sería legal.

Pero en cuanto a (a), estos sacerdotes de Cincinnati no son sacerdotes tradicionales ordinarios; eran sacerdotes de la Sociedad de San Pío X que rompieron con las posiciones de la Sociedad de San Pío X para adoptar posturas duras y no católicas, en cualquier caso, fuera de línea con el pensamiento del Arzobispo Lefebvre. Sin embargo, el futuro obispo en el folleto que anuncia su consagración lleva a uno a pensar que no hubo tal ruptura con el Arzobispo. Conclusión: la operación de los sacerdotes de Cincinnati es dudablemente legal.

En cuanto a (b), si su operación es dudablemente legal, entonces una consagración es, en el mejor de los casos, dudablemente necesaria.

Conclusión: por mucho que le interese asistir a una consagración, lo mejor sería alejarse de una ocasión dudablemente católica.

Espero que esto responda a su pregunta.

Sinceramente suyo en Cristo,

+ Richard Williamson

Artículo original: Link

Certificado de consagración escrito de puño y letra por el Arzobispo Thuc

Arzobispo Thuc

L'Archevêque Pierre Martin NGO-DINH-THUC
22, rue Garibaldi
83000 TOULON (France)
Tél. (94) 93.16.75

Nos, Petrus Martinus Ngô-dinh-Thuc, archiepiscopus titularis Bullae Regiae, notum facimus omnibus: die 17a mensis octobris anni 1981, nos contulisse Domino Noisi Carmona Rivera dignitatem episcopalem ecclesiae catholicae cum omnibus juribus ad hanc dignitatem pertinentibus.

Datum die 18a mensis Octobris anni Dni 1981.

† Petrus Martinus Ngô-dinh-Thuc

Testes oculares erant

Domini Doctori Kurt Hiller
et Doctori Eberhard Heller

Traducción del certificado escrito a mano emitido por el Arzobispo Thuc

"Nosotros, Peter Martin Ngô-?ình-Th?c, Arzobispo Titular de Bulla Regia, damos aviso de lo siguiente a todos: el día 17 del mes de octubre, en el año 1981, conferimos el rango episcopal de la Iglesia Católica al Padre Moisés Carmona Rivera, con todos los derechos que pertenecen a dicho rango.

"Dado el día 18 del mes de octubre, en el año de Nuestro Señor 1981.

"[firma] **+Peter Martin Ngô-?ình-Th?c**

"Los testigos presenciales fueron:

"Doctor Kurt Hiller y Doctor Eberhard Heller

"[firma] **Dr. Kurt Hiller**

"[firma] **Dr. E. Heller.**"

Artículo original: Link

Canon 188.4 o ¿Dónde está la Iglesia?

Monseñor Daniel L. Dolan, B.F. Dryden

Deserción de la fe y pérdida del cargo.

Prefacio

Fue como una ayuda a mi propia predicación que se escribieron tres ensayos en la primavera de 1979, explicando, respectivamente, la pérdida del cargo bajo el Canon 188.4, la historia y el significado actual del término *anatema*, y el *Novus Ordo* como anti-Misa.

El autor, Benjamin Frederick Dryden, trabajó en estrecha consulta conmigo y utilizó, en gran medida, materiales proporcionados por mí o por otros a mi solicitud. Las opiniones que expresa en estos ensayos son mías tanto como suyas. Están en todos los aspectos conformadas a las doctrinas de la Santa Iglesia Católica.

— Daniel L. Dolan

Sacerdote católico romano

y misionero

22 de enero de 1980

El Ensayo

Han llevado a mi Señor, y no sé dónde lo han puesto. — Juan 20:13

El primer domingo de Pascua, Santa María Magdalena "se quedó afuera junto al sepulcro llorando" porque estaba vacío del Cuerpo de su Maestro. E incluso cuando sus ojos se posaron sobre Él, resucitado y vivo, pensó, en su tristeza, que era el jardinero, y lo reconoció solo cuando Él pronunció su nombre "¡María!"

Así hoy, muchos católicos, habiendo encontrado los edificios de la iglesia vacíos de la gracia y la verdad de Cristo, buscan Su Cuerpo Místico, la única, santa, católica y apostólica Iglesia, en tristeza y desconcierto. Esperando encontrarla en los mismos edificios que en tiempos pasados, y en las personas que se llaman a sí mismos Papa, Obispos y sacerdotes, tales católicos están cegados por su propia tristeza ante un hecho sin precedentes pero evidente: Estos cargos están vacantes, no uno a la vez por la muerte del titular, sino todos juntos por el incumplimiento del titular, porque los usurpadores aparentemente los ocupan y porque nadie en alta posición, reverenciado por los fieles católicos de todo el mundo, ha señalado que estos cargos están en verdad vacantes y necesitan urgentemente ser llenados.

De hecho, encontramos defensores declarados de la Fe y la moral católicas tradicionales que protestan en voz alta y en vano contra el abuso de autoridad por parte de los papas, obispos y sacerdotes parroquiales usurpadores mientras aceptan sin cuestionar la pretensión de que Pablo VI, sus dos sucesores Juan Pablo, y sus subordinados tienen alguna autoridad que abusar. Pocos y humildes, sin embargo, son los defensores que cortan de raíz, la pretendida autoridad misma, leyendo a los fieles el propio Derecho Canónico de la Iglesia Católica, notablemente el Canon 188, n. 4.

I. El Texto del Canon 188.4

A. Traducción y Texto en Latín:

“Mediante renuncia tácita, aceptada por la propia ley, todos los cargos quedan vacantes ipso facto y sin ninguna declaración si un clérigo: ...n.4. Ha abandonado públicamente la Fe Católica.”

(*Ob tacitam renuntiationem ab ipso iure admissam quaelibet officia vacant ipso facto et sine ulla declaratione, si clericus: ...*4 *A fide catholica publice defecerit*.)

B. Paráfrasis:

Nadie, a menos que profese la Fe Católica, puede ocupar ningún cargo, es decir, reclamar válidamente autoridad en la Iglesia Católica. Para que los fieles conozcan este hecho y rechacen la obediencia, no se requiere ninguna formalidad: ni sentencia dictada por un tribunal ni ningún otro pronunciamiento oficial, ni una renuncia expresada formalmente aceptada por algún oficial. La propia defección de la Fe Católica constituye la renuncia.

C. Explicación de Términos:

1. Mediante renuncia tácita.

La renuncia es una de las formas mencionadas en el Canon 183 por las cuales se pierden los cargos eclesiásticos, a saber: renuncia, privación, remoción, transferencia, finalización de un término para el cual se confirió el cargo. El Canon 184 permite que cualquier persona en su sano juicio renuncie a su cargo eclesiástico, a menos que haya alguna prohibición especial. El Canon 186 requiere que la renuncia sea por escrito o ante dos testigos; pero el adjetivo *tácita*, en el Canon 188, exime este requisito en ocho casos que hacen que el titular sea obviamente incapaz de cumplir con los deberes de su cargo. Las propias condiciones constituyen una renuncia.

2. Aceptada por la propia ley.

Esta frase exime el requisito del Canon 187, de que la renuncia se haga ante quien esté facultado para aceptarla, o ante la persona que confirió el cargo, etc.

3. Todos los cargos.

El Canon 155 establece que el término cargo (*officium*) debe tomarse en su sentido estricto: "una posición establecida permanentemente, ya sea por ordenanza divina o eclesiástica, conferida de acuerdo con las regulaciones de los sagrados Cánones, y que implica alguna participación, al menos, del poder eclesiástico, ya sea de órdenes o de jurisdicción." El adjetivo todos, por supuesto, ya sea del Papa, del Ordinario (es decir, el obispo local o su sustituto), o del pastorado de una parroquia.

4. Quedan vacantes.

Es decir, en lo que respecta a la ley y a los fieles católicos. Independientemente de si el titular continúa usurpando el cargo, ha perdido toda la autoridad relacionada con él.

5. Ipso facto.

Esto es latín para "por el mismo hecho". Estos "hechos" (casos, circunstancias), según se enumeran en el Canon 188, son brevemente: 1) Profesión religiosa; 2) negligencia en asumir el cargo dentro del tiempo requerido; 3) aceptación y posesión de algún otro cargo incompatible con el cargo anterior; 4) defección de la Fe Católica; 5) contracción de "matrimonio", incluso si solo es una unión civil; 6) alistamiento militar, contrario al Canon 151; 7) dejar de usar el atuendo eclesiástico; 8) no residir en el lugar requerido.

Observamos que sería difícil clasificar estos ocho casos bajo cualquier encabezado común que no sea la incompatibilidad obvia con el desempeño del deber en un cargo particular. Algunos son ofensas, pero otros no. El Canon, por lo tanto, no es penal, dirigido a corregir infractores, sino más bien protector, dirigido a

eliminar objeciones, para que los cargos puedan ser ocupados y las necesidades espirituales de los fieles sean adecuadamente atendidas.

6. Sin ninguna declaración.

Esta frase (*sine ulla declaratione*) significa sin ningún pronunciamiento de un juez, tribunal o Superior, de hecho, sin ninguna formalidad legal. Esta informalidad es una excepción a los Cánones 150 y 151.

El Canon 150 invalida la concesión de un cargo no vacante legalmente por renuncia, privación, remoción, transferencia o expiración del término del cargo. El Canon 151 dice que "un cargo vacante por ley pero quizás ocupado ilegalmente por alguien, puede ser conferido, siempre y cuando, de conformidad con los sagrados Cánones, tal ocupación del cargo sea debidamente declarada ilegal y que se haga mención de esta declaración en la carta de concesión." Sin embargo, según el Canon 188, para los ocho casos enumerados en él, no se necesita tal declaración; incluso sin ella, el cargo está legalmente vacante "por renuncia tácita". Ninguna formalidad debe obstaculizar la concesión del cargo a un nuevo titular, o permitir que el titular anterior ejerza la autoridad del cargo.

Observamos, también, que la frase sin ninguna declaración hace obsoleta el procedimiento habitual en los tiempos de San Agustín y Santo Tomás de Aquino (*Summa Theologiae* 3, q. 82, a. 9c), por el cual se requería al menos una sentencia declaratoria, incluso en el caso de un hereje autoconvencido, y bajo el anatema de San Pablo y San Juan. Ya no mantiene la Iglesia, mientras espera tal declaración, la jurisdicción de un Papa, Cardenal, Obispo local o párroco hereje. (Ver nuestro artículo sobre *anatema*.)

7. Si un clérigo...

Compare el Canon 118: "Solo los clérigos pueden obtener el poder de las Órdenes o de la jurisdicción eclesiástica y los beneficios eclesiásticos y pensiones." El Canon 188 se refiere solo a los clérigos porque solo ellos pueden ocupar un cargo en la Iglesia. Los laicos, sin embargo, guiados por este mismo Canon 188, n. 5, deben retener el reconocimiento y la obediencia a los clérigos que ocupan ilegalmente un cargo; por ejemplo, de Pablo VI y sus Cardenales, Obispos y sacerdotes después de que hayan renunciado tácitamente al profesar públicamente las herejías enumeradas a continuación bajo Fe Católica.

También notamos la falta de cualquier modificador para el sustantivo *clericus* (traducido como "un clérigo" o "el clérigo"). Sin embargo, una frase modificadora es implícita en el contexto, sugerida por el sujeto de la oración, *quaelibet officia* (cualquier cargo): Si el clérigo ocupa cualquier cargo, desde la Cátedra de Pedro hasta el pastorado más humilde de una parroquia rural.

8. Ha abandonado públicamente la Fe Católica.

El adverbio públicamente requiere algo más que sospecha, más incluso que un conocimiento privado que podría justificar a un superior en destituir a un inferior del cargo, por ejemplo, según el Canon 192, párrafo 3. La renuncia tácita, *ipso facto*, debe ser clara a partir de hechos notorios, hechos en el dominio público, asuntos de registro u otros generalmente conocidos.

La Fe Católica se resume para los laicos en catecismos y otros libros religiosos que llevan un Imprimatur firmado por un obispo católico y fechado en 1958 o antes. Fue después de la muerte del Papa Pío XII, en 1958, que una serie de errores y proposiciones sospechosas comenzaron a ser impresas con un Imprimatur, ya sea anónimo o firmado por algún obispo que de este modo "abandonó la Fe Católica". La comparación con libros anteriores muestra claramente que Pablo VI y sus subordinados y sucesores son impostores; pues contradijeron públicamente artículos de Fe — y así renunciaron tácitamente al cargo — cuando prohibieron la Misa instituida por Cristo (ver nuestro ensayo sobre el *Novus Ordo*), o enseñaron que las religiones no católicas son “medios de salvación” (ver Decreto sobre el Ecumenismo del Vaticano II, n. 3) o que el culto común con no católicos es bueno y permisible. (*ibid* n. 8).

II. Las Consecuencias del Canon 188.4

La Iglesia Católica da voz en la elección de un Papa solo a sus propios Cardenales, "Cardenales de la Santa Iglesia Romana" (Pío XII, *Vacantis Apostolicae Sedis*, 8 de diciembre de 1945, párrafo 32). Pero los participantes en los Conclaves de 1978 habían, todos y cada uno, por el Canon 188, n. 4, perdido todo cargo, no eran "Cardenales de la Santa Iglesia Romana", y por lo tanto no pudieron ni eligieron un papa.

Los usurpadores que, en nombre de la autoridad dada por Cristo, atacan la doctrina de Cristo, la Misa de Cristo, los Sacramentos de Cristo y la Iglesia de Cristo, están, por el Canon 188, n. 4, privados de su arma principal, despojados de su supuesta autoridad, colocados entre la heterogénea multitud de herejes y sometidos, junto con Arrio, Lutero, Calvino y todos sus semejantes, a las restricciones inspiradas divinamente de los santos Apóstoles Pablo y Juan: "Al hombre que es hereje... evita" (Tito 3:10-11). Aunque fuera él mismo un Apóstol o un ángel del cielo, "sea anatema" (Gal. 1:6-8). "No lo recibáis en la casa ni le digáis: Que te vaya bien", no sea que "comuniquéis con sus malas obras" (II Juan 10-11). No digamos, por tanto, "el Papa" o "Papa Juan Pablo", para no devolverle su arma de supuesta autoridad y compartir el mal uso que hace de ella; digamos más bien "el Antipapa" o "Antipapa Juan Pablo", como requiere la simple veracidad. No debemos quejarnos de los males "dentro de la Iglesia" o de la "autodestrucción de la Iglesia"; más bien debemos señalar que estos males están dentro de la Anti-Iglesia Conciliar, que no es católica y existe con el único propósito de destruir la Santa Iglesia Católica.

Tampoco debemos dejarnos engañar por algún giro hacia lo mejor, alguna aparente reforma que no incluya una clara abjuración de las herejías anteriormente profesadas y una repudiación de la Iglesia Conciliar, su supuesta autoridad y todas sus obras. Juan Pablo II ha proclamado su intención de usar este estratagema de hacer cumplir los decretos del Vaticano II mientras pretende que esto es lo mismo que preservar el depósito de la Fe. (Discurso del 17 de octubre de 1978, publicado en *The Wanderer,* 26 de octubre de 1978, p. 5).

Recordemos que un mentiroso tiene poca esperanza de ser creído a menos que primero diga suficiente verdad para establecer una reputación de veracidad. Así, el astuto hereje establece una reputación de piedad y ortodoxia proclamando, en voz alta y con frecuencia, algunas de las doctrinas de Cristo para negar más eficazmente otras. Recordemos, en asuntos de Fe tanto como de moral, el dicho del Apóstol Santiago (2:10): "Cualquiera que guardare toda la ley, pero ofendiere en un punto, se hace culpable de todos." Cuando el hereje se arrepienta verdaderamente, abjurará de todos sus errores, de todos los de sus cómplices; aceptará de todo corazón todas las enseñanzas y toda la disciplina de la Iglesia Católica, como lo hacen los católicos, simplemente porque estas se basan en la autoridad del propio Dios, que no puede engañar ni ser engañado. Hasta entonces, "evita al hereje".

Pero si no tenemos Papa en el Vaticano, ni Obispo en su catedral, ni párroco en su iglesia parroquial, ¿dónde está la Iglesia Católica? ¿Acaso Cristo no ha cumplido su promesa de estar con ella todos los días? En efecto, Él la ha cumplido; y su Iglesia continúa con su labor, que es la suya, durante esta vacante de sus oficios, tal como siempre ha continuado entre la muerte de un Papa y la elección de su sucesor, el fallecimiento de cualquier titular de un cargo y el nombramiento de un nuevo incumbente. Los católicos fieles, tanto clérigos como laicos, continúan obedeciendo las directivas de sus pastores fallecidos en la medida de lo posible; o bien, donde eso es imposible, el Canon 20:

‘Si respecto a una determinada materia no hay una disposición expresa de la ley, ya sea general o particular, la regla se tomará, excepto en la aplicación de penas, de las leyes establecidas en materias similares; de los principios generales del derecho, de acuerdo con la equidad propia del Derecho Canónico; del lenguaje y práctica de la Curia Romana; de la opinión común y constante de los doctores.”

En la actualidad, por lo tanto, aunque los oficios vacantes hacen letra muerta de cualquier Canon que implique la acción de un Papa, Ordinario o párroco, sin embargo, los sacerdotes fieles cumplen la comisión de Cristo de enseñar a todas las naciones Su doctrina y de dispensar los Sacramentos que Él instituyó. Los laicos otorgan a estos hombres la reverencia debida al carácter sacerdotal que se les da en el Sacramento del Orden Sagrado, la gratitud y el apoyo leal que merecen por sus labores. La jurisdicción de emergencia se otorga a estos sacerdotes directamente por la Iglesia, en virtud de su propio principio fundamental: *Salus animarum suprema lex* — La salvación de las almas es la ley suprema.

Entonces, ¿dónde está la Iglesia? Aquí, en estos sacerdotes y en estos laicos, está la verdadera Iglesia.

— B.F. Dryden

Artículo original: Link

¿Condenó Bellarmino al Sedevacantismo?

Rev. Anthony Cekada

En los debates entre católicos tradicionales sobre la legitimidad de los papas postconciliares, se ha reciclado repetidamente la siguiente cita de San Roberto Belarmino:

> Así como es lícito resistir al Pontífice que ataca el cuerpo, también es lícito resistir a quien ataca las almas o destruye el orden civil o, sobre todo, intenta destruir la Iglesia. Digo que es lícito resistirle no haciendo lo que ordena e impidiendo la ejecución de su voluntad. No es lícito, sin embargo, juzgarlo, castigarlo o deponerlo, pues estos son actos propios de un superior. (*De Romano Pontifice*, II.29.)

Algunos utilizan esta cita, tomada del extenso tratado de Bellarmino defendiendo el poder del papa, para condenar el "sedevacantismo" —la tesis que sostiene que la jerarquía postconciliar, incluidos los papas postconciliares, perdieron su cargo *ipso facto* por herejía. He visto que se emplea de esta manera no menos de tres veces en los últimos cuatro meses —una vez en *The Remnant* (Edwin Faust, “Signa Temporum,” 15 de abril de 1994, 8), una vez en *The Catholic* (Michael Farrell, Carta al Editor, “Respuesta Sencilla a los Sedevacantistas,” abril de 1994, 10), y una vez por un sacerdote de la Sociedad de San Pío X.

Los católicos tradicionales que rechazan la Nueva Misa y los cambios post-Vaticano II pero aún mantienen que los papas postconciliares tienen legítimamente el cargo —un grupo que incluye a la Sociedad, Michael Davies y muchos otros— también ven en este pasaje algún tipo de justificación para reconocer a alguien como papa pero rechazar sus mandatos.

La cita se ha citado una y otra vez para apoyar estas posiciones, sin duda alguna, de buena fe. Sin embargo, ha sido sacada de contexto y aplicada completamente de manera incorrecta. En su contexto original, la afirmación de Bellarmino ni condena el principio detrás de la posición sedevacantista, ni justifica resistir las leyes promulgadas por un papa válidamente elegido.

Además, en el capítulo inmediatamente posterior a la declaración citada, Bellarmino defiende la tesis de que un papa hereje pierde automáticamente su cargo.

De pasada, primero debemos notar cómo es una calumnia estúpida citar este pasaje y sugerir que los sedevacantistas “juzgan”, “castigan” o “deponen” al papa. No hacen nada de eso. Simplemente aplican a las palabras y actos de los papas postconciliares un principio enunciado por muchos grandes canonistas y teólogos, incluido (como veremos) San Roberto Bellarmino: un papa hereje "se deponga" a sí mismo.

I. El significado del pasaje ha sido distorsionado al sacarlo de su contexto adecuado.

El pasaje citado proviene de un extenso capítulo que Bellarmino dedica a refutar nueve argumentos que defienden la posición de que el papa está sujeto al poder secular (emperador, rey, etc.) y a un concilio ecuménico (la herejía del conciliarismo).

El contexto general, por lo tanto, es una discusión sobre el poder del estado vis-à-vis del papa. Obviamente, esto no tiene absolutamente nada que ver con los problemas que han planteado los sedevacantistas.

En su contexto particular, la cita frecuentemente citada es parte de la refutación de Bellarmino del siguiente argumento:

Argumento 7. Cualquier persona tiene permiso para matar al papa si es injustamente atacado por él. Por lo tanto, aún más está permitido para reyes o un concilio deponer al papa si perturba al estado, o si intenta matar

almas con su mal ejemplo.

Bellarmino responde:

Respondo negando la segunda parte del argumento. Porque para resistir a un atacante y defenderse a sí mismo, no se necesita autoridad, ni es necesario que quien es atacado sea el juez y superior de quien ataca. Sin embargo, se requiere autoridad para juzgar y castigar.

Solo entonces Bellarmino afirma:

Así como es lícito resistir al Pontífice que ataca el cuerpo, también es lícito resistir a quien ataca las almas o destruye el orden civil o, sobre todo, intenta destruir la Iglesia. Digo que es lícito resistirle no haciendo lo que ordena e impidiendo la ejecución de su voluntad. No es lícito, sin embargo, juzgarlo, castigarlo o deponerlo, pues estos son actos propios de un superior. (*De Romano Pontifice*. II.29.)

La cita, entonces, *no* es una condena del "sedevacantismo". Bellarmino, más bien, está discutiendo la acción que legítimamente se puede tomar contra un papa que perturba el orden político o "mata almas con su mal ejemplo". Un rey o un concilio no pueden *deponer* a dicho papa, argumenta Bellarmino, porque no son sus superiores, pero pueden *resistirlo*.

Tampoco esta cita respalda a aquellos católicos tradicionales que reconocerían a Juan Pablo II como papa pero rechazarían su Misa e ignorarían sus leyes.

Primero, el pasaje justifica la resistencia por parte de *reyes* y *concilios*. No dice que los obispos, sacerdotes y laicos individualmente posean este derecho de resistir al papa e ignorar sus mandatos, mucho menos que puedan establecer lugares de culto en oposición a los obispos diocesanos que un papa ha designado legalmente.

Segundo, observe las *causas* precisas de la resistencia en el caso que Bellarmino está discutiendo: perturbar el estado o dar mal ejemplo. Estos, obviamente, no son lo mismo que la legislación litúrgica papal, las leyes disciplinarias o las pronunciaciones doctrinales que un individuo podría considerar de alguna manera perjudiciales. Bellarmino difícilmente aprobaría el desacato *incondicional*, durante 30 años, a las directivas de hombres que uno afirma reconocer como ocupantes legítimos del cargo papal y los vicarios de Cristo en la tierra.

En resumen, el pasaje ni condena el sedevacantismo ni respalda a los tradicionalistas como los seguidores de la Sociedad de San Pío X.

II. Bellarmino enseña que un papa herético pierde automáticamente su cargo.

En el capítulo que sigue inmediatamente a la cita mencionada, San Roberto Bellarmino trata la siguiente pregunta: "¿Puede ser depuesto un papa herético?" Observemos primero, por cierto, que su pregunta asume que un papa *puede* de hecho convertirse en hereje.

Tras una larga discusión de diversas opiniones que los teólogos han dado sobre este tema, Bellarmino dice:

Por lo tanto, la quinta opinión es la verdadera. Un papa que es un hereje manifiesto cesa automáticamente (*per se*) de ser papa y cabeza, así como automáticamente cesa de ser cristiano y miembro de la Iglesia. Por lo tanto, puede ser juzgado y castigado por la Iglesia. *Esta es la enseñanza de todos los antiguos Padres* que enseñan que los herejes manifiestos pierden inmediatamente toda jurisdicción. (*De Romano Pontifice*. II.30. Mi énfasis).

Luego, Bellarmino cita pasajes de Cipriano, Driedón y Melchor Cano en apoyo de su posición. La base de esta enseñanza, dice finalmente, es que un hereje manifiesto no es *de ninguna manera* miembro de la Iglesia, ni de su alma ni de su cuerpo, ni por una unión interna ni externa.

Así, los escritos de Bellarmino, lejos de condenar la posición sedevacantista, proporcionan el principio central en el que se basa: que un papa que se convierte en hereje manifiesto pierde automáticamente su cargo y jurisdicción.

Tampoco la enseñanza de Bellarmino es una opinión aislada. Es la enseñanza de todos los Padres antiguos, nos asegura. Y el principio que enunció ha sido reiterado por teólogos y canonistas hasta el siglo XX, incluidos los comentaristas del Código de Derecho Canónico de 1983 promulgado por el propio Juan Pablo II.

Quienes reconocen a Juan Pablo II como papa mientras ignoran todos sus mandatos, por lo tanto, no pueden encontrar consuelo alguno en el pasaje de Bellarmino.

Es la posición sedevacantista, más bien, la que es respaldada por la enseñanza del gran Roberto Bellarmino: un papa legítimo debe ser obedecido; un papa herético pierde su cargo.

(*Sacerdotium* 12, Verano de 1994).

Artículo original: Link

Otros Formatos
PDF MD

¿He rechazado al Papa?

Rev. Anthony Cekada

Nota: *En su columna de abril de 1992 en* Remnant*, Michael Davies reimprimió una reseña favorable de mi reciente estudio,* The Problems with the Prayers of the Modern Mass *(Rockford IL: TAN Books 1991). El editor de* The Remnant*, Walter Matt, añadió su propio comentario a la reseña y afirmó que yo "aparentemente he rechazado la autoridad del Papa". En una edición posterior, el Sr. Matt publicó una carta al editor atacándome por las mismas razones.*

El cargo es totalmente falso y me retrata injustamente como un cismático. La siguiente es una carta que envié a The Remnant *poco después de que apareciera el primer artículo. Después de dos cartas y una llamada telefónica mías preguntando por qué esta carta nunca apareció,* The Remnant *finalmente la publicó a finales de 1992.*

25 de mayo de 1992

Editor, *The Remnant:*

Felicito a Walter Matt y Michael Davies por su objetividad al imprimir una reseña de mi estudio, *The Problems with the Prayers of the Modern Mass*. (The Remnant, 31 de abril de 1992.) De hecho, a menudo hemos discrepado sobre la fuente del problema en la Iglesia post-Conciliar y sobre las soluciones a aplicar. Algunos de mis escritos anteriores que trataban con el Sr. Matt y el Sr. Davies, además, se desviaron hacia ataques personales en lugar de ceñirse fríamente a los temas. La edad hace a uno un poco más sabio, y me disculpo por cualquier ofensa.

Debo escribir, sin embargo, para corregir la desafortunada afirmación del Sr. Matt de que los "sedevacantistas" — él me incluye entre ellos — han "aparentemente rechazado la autoridad del Papa". Temo que el Sr. Matt haya malinterpretado algo.

Todos los católicos tradicionales conocen los efectos desastrosos que produjeron los cambios. Resistimos esos cambios como perjudiciales para las almas, aunque fueron aprobados con lo que pretendía ser la autoridad de la Iglesia. Todos nosotros hemos lidiado con el problema de cómo reconciliar la doctrina de la indefectibilidad de la única y verdadera Iglesia de Cristo y su autoridad por un lado, con el estado de la Iglesia post-Vaticano II por el otro.

Los católicos tradicionales han ofrecido varias soluciones. Algunos (incluyendo a *The Remnant* y al Sr. Davies, supongo) basan su resistencia a los cambios en la noción de que los miembros individuales de la jerarquía post-conciliar están abusando de su autoridad. Otros (sedevacantistas) sostienen que hombres que han desertado de la fe ahora ocupan la Santa Sede y todas (o la mayoría) de las sedes episcopales, y que todas esas sedes están actualmente vacantes jurídicamente, o al menos hay una duda presente sobre si los ocupantes actuales de estas sedes obtuvieron o retienen autoridad jurídica.

La posición sedevacantista — arriesgándome a simplificar un tema complejo — se basa en dos consideraciones: una de hecho y otra de derecho.

1. Hecho. Ciertos pronunciamientos del Vaticano II y de los papas post-conciliares sobre la libertad religiosa, el ecumenismo y varios otros asuntos doctrinales parecen contradecir, a veces palabra por palabra, enseñanzas anteriores de la Iglesia, o parecen proponer como verdaderas ciertas enseñanzas que la Iglesia ha condenado en el pasado. Quienes adhieren a la posición sedevacantista sostendrían que tales pronunciamientos representan una defección pública de la fe católica.

2. Derecho. Según el derecho eclesiástico, la defección pública de la fe católica priva automáticamente a una persona de todos los cargos eclesiásticos que pueda ocupar. Teólogos y canonistas como San Roberto Belarmino, Cayetano, Suárez, Torquemada y Wernz y Vidal mantienen, sin comprometer la doctrina de la infalibilidad papal, que incluso un papa puede convertirse en hereje y, por lo tanto, perder el pontificado. (Algunos de estos autores también sostienen que un papa puede convertirse en *cismático*). Esta posibilidad es reconocida incluso por un comentario autorizado sobre el Código de Derecho Canónico de 1983:

"Los canonistas clásicos discutieron la cuestión de si un papa, en sus opiniones privadas o personales, podría caer en herejía, apostasía o cisma. Si lo hiciera de manera notoria y ampliamente publicitada, rompería la comunión y, según una opinión aceptada, perdería su cargo *ipso facto*. (c. 194 §1, 2º). Dado que nadie puede juzgar al papa (c.1404), nadie podría deponer a un papa por tales delitos, y los autores están divididos sobre cómo se declararía su pérdida de cargo de manera que una vacante pudiera ser llenada por una nueva elección." (James A. Corridan et al., editores, *The Code of Canon Law: A Text and Commentary*, encargado por la Canon Law Society of America [Nueva York: Paulist 1985], c. 333.)

Ahora bien, quien se opone a la posición sedevacantista puede argumentar que los miembros de la jerarquía moderna no son culpables de herejía, o que (con el debido respeto a Roberto Belarmino y a los comentaristas del Código de 1983) un papa no puede caer de su cargo por herejía.

Sin embargo, es injusto e irrazonable afirmar que el sedevacantista — que simplemente junta dos proposiciones completamente defendibles y saca una conclusión lógica de ellas — ha “rechazado la autoridad del Papa”. Tal afirmación equivale a llamar cismático al sedevacantista. Pero no lo es, como es evidente a partir de un comentario muy respetado sobre el Código:

"Finalmente, no se puede considerar como cismáticos a aquellos que se niegan a obedecer al Romano Pontífice porque sospechan de su persona o, debido a rumores generalizados,

dudan de su elección (como sucedió después de la elección de Urbano VI), o que lo resistirían como una autoridad civil y no como pastor de la Iglesia." (Wernz-Vidal, *Ius Canonicum* [Roma: Gregoriana 1937], 7:398, énfasis mío.)

Concedo (con pesar) que los miembros del campo sedevacantista frecuentemente han adoptado un tono rabioso contra otros en el movimiento tradicional. Pero los sedevacantistas no son los únicos culpables de esto. Sus contrapartes en el movimiento — partidarios de posiciones similares a las del Sr. Davies o *The Remnant* o la Sociedad de San Pío X — han intentado consistentemente demonizar a los sedevacantistas.

Todo esto envenena el ambiente y hace imposible cualquier discusión racional de un tema serio y complejo.

No tiene por qué ser así. Recientemente, el Rev. Donald J. Sanborn (*Catholic Restoration*, 2850 Parent, Warren MI 48092, diciembre de 1991 y mayo de 1992) y el Monseñor Richard Williamson ("Carta a Amigos y Benefactores", Seminario Santo Tomás de Aquino, RR1 Box 97 A-1, Winona MN 55987, abril de 1992) cruzaron espadas (plumas, en realidad) sobre la tesis *sede vacante*. Aunque cada uno criticó fuertemente la posición del otro, ambos lograron hacerlo sin recurrir a las polémicas desagradables e irracionales que usualmente caracterizan tales intercambios. El resultado fue un debate esclarecedor.

Por lo tanto, anuncio la fundación de una nueva escuela de pensamiento para los católicos tradicionales que deseen debatir el tema del papa: "sedevacacionismo".

La primera parte es de *sede* — como en “Siéntate”. La segunda parte es de *vacación* — como en “…y tómate unas vacaciones de expulsar de la Iglesia a aquellos con quienes debates”.

¿Alguien quiere unirse?

En Cristo,

— **El Rev. Anthony Cekada**

Artículo original: Link

¿Es el Sedevacantismo una "Selección de Papas"?

Rev. Anthony Cekada

A principios de 1995 publiqué *Traditionalists, Infallibility and the Pope*, un pequeño folleto no polémico que expone el caso del sedevacantismo.[1]

Una explicación del término “sedevacantismo” puede ser necesaria. Los católicos tradicionalistas han intentado explicar de varias maneras cómo los errores y males de los cambios sancionados oficialmente por el Vaticano II podrían provenir de lo que parece ser la autoridad de una Iglesia infalible. La posición sedevacantista sostiene que la única explicación coherente para este estado de cosas es concluir que, dado que el error y el mal **no pueden** provenir de la autoridad de una Iglesia indefectible e infalible, los eclesiásticos que promulgaron estos cambios — desde el papa hacia abajo — en algún momento **perdieron** su cargo y autoridad por herejía personal.[2]

Este último punto puede sorprender a muchos católicos. Pero una lista impresionante de teólogos y canonistas anteriores al Vaticano II, así como al menos dos papas (Inocencio III y Pablo IV) admiten el principio detrás de esto: Que un papa, en su capacidad personal, **puede** apartarse de la fe o convertirse en un hereje. Cuando el hecho de su defección se vuelve manifiesto, dicho papa pierde automáticamente (*ipso facto*) su cargo y autoridad.

Cité numerosos pasajes sobre este punto en *Traditionalists, Infallibility and the Pope*. Para mi sorpresa, el folleto resultó extremadamente popular y sigue recibiendo una amplia distribución en todo el mundo.

En octubre de 1995, la publicación oficial de la Sociedad de San Pío X en EE.UU., *The Angelus*, imprimió un artículo de Lazlo Szijarto titulado "Pope-Sifting: Difficulties with Sedevacantism."

El Sr. Szijarto escribió “Pope-Sifting”[3] en respuesta a mi folleto. Dado que la Sociedad ha estado promoviendo el artículo del Sr. Szijarto como una especie de refutación definitiva de mi estudio, y dado que el propio Sr. Szijarto me pidió que comentara, es pertinente una respuesta pública.

El laico promedio que lea el artículo del Sr. Szijarto puede encontrarlo impresionante, o al menos intimidante. El texto principal está salpicado de citas en latín — ¿y quién es un simple laico para discutir con citas en latín? Se afirman con confianza grandes principios generales. Las notas al pie, las oraciones complejas, las palabras de tono elevado (“criteriológicamente”, “ontológicamente”) y las disputas aparentemente eruditas (por ejemplo, angustiarse sobre cómo traducir “*quoad nos*”) crean una atmósfera que el hombre en el banco asocia con un discurso intelectual erudito.

Pero el laico no debe dejarse intimidar por todo esto. Las citas en latín, las notas al pie y el argot de tono elevado son a veces solo un camuflaje para lo que, tras un examen minucioso, resulta ser no simplemente un mal argumento, sino un sinsentido monumental.

Las ofensas del Sr. Szijarto son numerosas: tergiversa las posiciones de los oponentes, acumula afirmaciones completamente gratuitas sobre varios puntos del derecho canónico y la eclesiología, traduce e interpreta erróneamente las declaraciones de sus fuentes, proporciona citas inexactas e inverificables,[4] lanza ataques personales santurrones, intenta desacreditar a todos los sedevacantistas con opiniones ridículas sostenidas solo por unos pocos, y exagera la autoridad de una opinión sostenida por el teólogo Juan de Santo Tomás.

El pecado capital del Sr. Szijarto es una serie de principios que enuncia al comienzo de su artículo y que toma como base para todo su argumento. El Sr. Szijarto no solo ha dirigido estos principios a un hombre de paja sedevacantista de su propia invención, sino que también los ha creado a partir de una cita fuera de contexto que ha malinterpretado y traducido incorrectamente. Esto, por sí solo, es totalmente fatal para el resto del argumento del Sr. Szijarto.

Dado que su artículo contiene, sin embargo, una serie de otros errores importantes, abordaremos aquí cuatro puntos: (1) Los falsos primeros principios que el Sr. Szijarto establece sobre la "determinación" de que un papa ha caído de su cargo. (2) Su mala aplicación de las enseñanzas de los teólogos sobre los "hechos dogmáticos". (3) Su fabricación de un conflicto inexistente entre el sedevacantismo y la doctrina de la indefectibilidad de la Iglesia. (4) Su exageración de Juan de Santo Tomás.

I. Falsos Primeros Principios

En el primer párrafo de su artículo, el Sr. Szijarto concede que es una enseñanza común entre los teólogos que un papa que defecciona de la fe o se convierte en hereje, una vez que el hecho se hace manifiesto, pierde automáticamente su cargo.[5] Luego añade:

Sin embargo, los católicos no tienen el derecho de hacer una *determinación* por sí mismos *en cuanto al hecho* de si una deposición realmente ha tenido lugar de esta manera.

Aunque la herejía manifiesta ontológicamente efectuaría la deposición *ipso facto*, la Iglesia Universal tendría que hacer una determinación sobre ese mismo hecho incorporado en la expresión *ipso facto* — muy probablemente a través de la declaración de un Concilio General — antes de que los católicos individuales *pudieran llegar a tal conclusión* criteriológicamente.

[La Iglesia] tendría que hacerlo antes de que los católicos pudieran hacer esa determinación por sí mismos. [Su énfasis]

Estas afirmaciones, tan confiadas, son una tontería.

A. El Hombre de Paja de la "Determinación"

En primer lugar, el Sr. Szijarto ha creado un hombre de paja al aplicar un término equívoco — "determinación" — a dos cosas completamente diferentes, que luego falsamente equipara: (1) la **conclusión** de un sedevacantista individual de que la Santa Sede está vacante, y (2) la **declaración legal** formal de un Concilio General de que la Santa Sede está vacante.

Es un truco ingenioso, pero un argumento fundamentalmente deshonesto, especialmente dado el cuidado que tomé al final de mi artículo para asegurar a los lectores que una firme conclusión personal sobre la vacancia de la Santa Sede **no** era, y no podía ser, lo mismo que una declaración autoritativa de la Iglesia.

B. Afirmaciones Gratuitas

Las dos primeras afirmaciones del Sr. Szijarto citadas anteriormente son gratuitas. ¿Dónde está, por ejemplo, la lista de autoridades que apoyan su declaración universal de que los católicos "no tienen derecho" a "determinar" (es decir, concluir) que ha tenido lugar una deposición? ¿Dónde están todos los canonistas que han dicho, junto con el Sr. Szijarto, que una "determinación" de la Iglesia Universal tendría que llegar antes de que un católico individual pudiera llegar a la conclusión "criteriológicamente"? — cualquiera que sea el significado de *eso*.

C. Una Traducción Errónea Mal Aplicada

Para la tercera afirmación citada anteriormente, el Sr. Szijarto cita al teólogo Hervé en una nota al pie, proporcionando el original en latín y una traducción al inglés.

Incluso a primera vista, la cita de Hervé en la nota al pie parece irrelevante para la afirmación en el texto principal del Sr. Szijarto. El Sr. Szijarto está hablando sobre quién supuestamente hace "determinaciones". Hervé, por otro lado, parece estar abordando la tecnicidad canónica de cómo un cargo ocupado ilegítimamente debe primero ser declarado oficialmente vacante antes de proceder a una elección — en otras palabras, estamos hablando de cosas distintas.

Esto ya es suficientemente malo. Sin embargo, comparar la traducción del Sr. Szijarto con el latín y ubicarla en la obra original revela que el Sr. Szijarto ha sacado la cita de contexto, la ha mal aplicado y luego la ha traducido incorrectamente.

El pasaje de Hervé no es, como implica el artículo del Sr. Szijarto, parte de una discusión sobre quién tiene el derecho de "determinar" que un papa ha perdido su cargo. Más bien, es parte de la larga refutación del teólogo a los argumentos a favor del conciliarismo, la herejía que sostiene que un Concilio General de la Iglesia es superior a un papa.

El contexto en la obra de Hervé es el siguiente:[6] (I) Refutación de la afirmación general de los herejes sobre la superioridad conciliar. (II) Refutación de su tergiversación del Concilio de Constanza. (III) Si un Concilio, independiente de un papa, puede determinar *cualquier cosa* sobre la persona de un papa en cuanto a: (1) su elección, o (2) su deposición.

En cuanto a la deposición, Hervé enuncia el principio general de que un Concilio General de ninguna manera y por ninguna razón puede deponer a un papa. Con cierto detalle, Hervé explica específicamente por qué un Concilio no puede hacer esto por motivos de (a) depravación moral de un papa, (b) herejía o (c) elección dudosa.

En cuanto a la herejía, Hervé resume la enseñanza estándar de los teólogos citados en tantos tratados sedevacantistas — por la herejía un papa se pone a sí mismo fuera de la Iglesia y *ipso facto* pierde su cargo. Hervé luego vuelve a explicar el papel de un Concilio General en todo esto:

En ese caso, un Concilio (la Iglesia) **solo tendría el derecho** de declarar su sede vacante para que los electores habituales pudieran proceder con seguridad a una elección.

En otras palabras, un Concilio General **no puede hacer más** en relación a un papa hereje que declarar su sede vacante. En contexto, Hervé ofrece esta afirmación como parte de una refutación del conciliarismo.

El Sr. Szijarto, sin embargo, traduce mal el latín y coloca el "solo" con la palabra incorrecta,[7] cambiando así completamente el significado del pasaje a lo siguiente:

En ese caso, **solo un Concilio** (la Iglesia) tendría el derecho de declarar su sede vacante para que los electores habituales pudieran proceder con seguridad a una elección.

Obviamente, hay una gran diferencia entre decir que "solo un Concilio" tiene el derecho de declarar la sede vacante y decir que un Concilio "solo tendría el derecho" de declararla vacante.

El punto de partida para todo el argumento del Sr. Szijarto - "hacer determinaciones" - se basa así en una mala traducción.

II. Hechos dogmáticos

El segundo principio que el Sr. Szijarto invoca contra el sedevacantismo concierne a los “hechos dogmáticos”.

En términos generales, un hecho dogmático es algún hecho tan estrechamente relacionado con un dogma que es necesario para establecer o explicar correctamente ese dogma.[8]

Los teólogos clasifican la legitimidad de un papa o de un Concilio General entre los hechos dogmáticos, porque solo un papa o concilio **legítimo** puede establecer un dogma.

Los teólogos también enseñan que la Iglesia es **infalible** cuando ha determinado que un papa o Concilio General en particular son legítimos. Si fuera de otra manera, los dogmas estarían en peligro.

Cuestionar, por ejemplo, la legitimidad de Pío IX pondría en peligro el dogma de la Inmaculada Concepción, que él definió solemnemente. De manera similar, impugnar la legitimidad del Concilio de Trento socavaría los dogmas que definió sobre el Sacrificio de la Misa.

El Sr. Szijarto pinta al sedevacantismo como que va en contra de esto. La infalibilidad sobre los hechos dogmáticos, dice, garantiza de antemano la legitimidad de un papa. Los sedevacantistas razonan hacia atrás desde una "falsa" enseñanza percibida hasta la no legitimidad de un papa, haciendo posible que se impugne la legitimidad de **cualquier** papa, ya sea posterior o anterior al Vaticano II. Esto hace imposible cualquier noción de infalibilidad.

A. Peras y manzanas

El Sr. Szijarto aquí es culpable de lo que los lógicos llaman la falacia de *ignorantia elenchi*: argumentar contra manzanas cuando todos los demás están hablando de peras.

Su argumento asume que los sedevacantistas basan su posición en impugnar retroactivamente la legitimidad de la **elección** de Pablo VI. Esto no es realmente el caso.

Montini puede haber sido legítimamente elegido papa; yo mismo no he visto argumentos verdaderamente convincentes en contrario. Para mí, como para la mayoría de los sedevacantistas, los problemas con la legitimidad de Pablo VI no se refieren tanto a su **elección** como a su pérdida de oficio **después** de la elección.

Este asunto no tiene absolutamente nada que ver con la infalibilidad y los hechos dogmáticos.

B. Un Ingrediente Faltante

El Sr. Szijarto cita el siguiente pasaje de Herv? en un intento de subrayar su punto sobre los hechos dogmáticos:

¿De qué serviría profesar la autoridad infalible de los Concilios Ecuménicos o de los Pontífices Romanos en abstracto si se permitiera albergar dudas sobre la legitimidad de cualquier Concilio o Pontífice dado?[9]

Nuevamente, el Sr. Szijarto está sacando algo de contexto. Dos oraciones antes del pasaje anterior, Herv? señala que un hecho dogmático sobre la legitimidad de un concilio o un papa es "principalmente **histórico**." [10] La infalibilidad de la Iglesia a este respecto excluye desafiar la legitimidad de los Concilios Generales o pontificados **pasados** que la Iglesia siempre ha aceptado como legítimos.

En 1965, por ejemplo, ningún católico podría haber afirmado que Pío IX había sido elegido ilegítimamente o que el Concilio de Trento había sido convocado ilegítimamente, y que por lo tanto los pronunciamientos de ambos eran de alguna manera nulos. La infalibilidad de la Iglesia respecto a estos hechos históricos, conectados como están con sus dogmas, prevenía cualquier error sobre la legitimidad.

Pero la historia en 1965 para Pablo VI era diferente. Aunque un papa muerto no puede "perder" la legitimidad (es decir, perder su oficio), un papa vivo ciertamente puede. Lo hace si se desvía de la fe católica y esa desviación se vuelve manifiesta. Esto es lo que los sedevacantistas sostienen que le sucedió a Pablo VI.

El principio es, como el mismo Sr. Szijarto admitió, la enseñanza común de los teólogos. Sin embargo, se queja de que los sedevacantistas lo aplican *a posteriori* (después del hecho). Por *supuesto* que lo hacemos, así es como todas las autoridades dicen que debe funcionar.

Si el Sr. Szijarto cree que el principio de la pérdida automática del oficio por herejía de alguna manera socava la infalibilidad de la Iglesia respecto a los hechos dogmáticos, su disputa no es con los sedevacantistas, sino con los grandes canonistas y teólogos como San Antonino, San Roberto Belarmino, San Alfonso, Wilhelm, Badii, Pr?mmer, Wernz-Vidal, Beste, Vermeersch-Creusen, Maroto, Coronata y Regatillo.[11] Todo lo que hacemos los sedevacantistas es aplicar sus enseñanzas a Pablo VI.

C. Papas Tachados

Basándose en su entendimiento erróneo de la naturaleza de un hecho dogmático, el Sr. Szijarto argumenta que el sedevacantismo hace posible impugnar la legitimidad de **cualquier** papa en la historia (por ejemplo, Pío XII, Pío XI, Benedicto XV, Pío IX, incluso San Pedro), no solo los de después del Vaticano II.

Pero dado que el hecho dogmático de la legitimidad es (como hemos visto) principalmente histórico, la posición de Pío XII y sus predecesores es inatacable. Al mismo tiempo, la infalibilidad de la Iglesia respecto a la legitimidad de los papas pasados no impide mantener que un papa vivo ha perdido su cargo, como lo hicieron los sedevacantistas durante el tiempo de Pablo VI.

En el lado positivo, el error del Sr. Szijarto al menos generó algunos gráficos divertidos[12] en el terminantemente sombrío *Angelus*, donde la mayor parte del humor tiende a ser involuntario.

D. ¿Qué Dogma Está en Peligro?

Una razón por la cual la Iglesia es infalible con los hechos dogmáticos relacionados con la legitimidad es, como hemos dicho, que los dogmas católicos estarían en peligro de lo contrario.

¿Qué "dogmas católicos" proclamados por Pablo VI y Juan Pablo II están en peligro al impugnar su legitimidad? ¿Que las sectas no católicas son medios de salvación? ¿Que todos los hombres son salvos? ¿Que la libertad de conciencia es divinamente revelada?

Sería interesante escuchar la respuesta. ¿Señor Szijarto?

III. Indefectibilidad

El tercer principio al que apela el Sr. Szijarto es la indefectibilidad de la Iglesia.

Su argumento es el siguiente: Solo la Iglesia universal puede hacer juicios infalibles sobre la legitimidad de un papa. Un papa dudoso no sería ningún papa solo si *toda* la Iglesia se separara de él. El sedevacantismo plantea serias dificultades para la indefectibilidad de la Iglesia, que impide que toda la Iglesia se adhiera a un falso o rechace a un verdadero. La Iglesia goza de infalibilidad con respecto a la legitimidad de un papa. Esto deja dos alternativas: o los papas del Concilio Vaticano II son legítimos o la Iglesia Católica reside solo en grupos sedevacantistas.

A. Dos Principios Contradictorios

El argumento del Sr. Szijarto contiene dos proposiciones que implícitamente se contradicen:

1. Solo si *toda* la Iglesia se separa de un papa, él es un falso papa. (= Todos deben rechazarlo).

2. La *toda* la Iglesia no puede adherirse a un falso papa. (= Parte puede rechazarlo, parte puede aceptarlo).

La primera proposición implica que *parte* de la Iglesia **no** puede seguir adhiriéndose a alguien que es un falso papa; la segunda implica que parte de la Iglesia **puede**.

Ambas proposiciones obviamente no pueden ser verdaderas. El origen de esta contradicción en el argumento del Sr. Szijarto se puede rastrear a...

B. Más Citas Mal Aplicadas

El núcleo de cualquier discusión sobre el sedevacantismo es el tema de un papa **hereje**: ¿Es posible tal cosa? Si es así, ¿qué principios se aplican? ¿Podrían Pablo VI o Juan Pablo ser clasificados como tal? etc.

Pero el Sr. Szijarto, una vez más, ofrece citas sobre manzanas para refutar argumentos sobre naranjas.

Buscando el contexto de las primeras dos citas del Sr. Szijarto (de Franzelin y Hervé) revela que los autores no están tratando el tema de un papa **hereje** (*papa haereticus*), sino más bien el de un papa **dudoso** (*papa dubius*) - temas que los libros de eclesiología tratan por separado.

En ambos casos, los autores están discutiendo el cisma, específicamente el Gran Cisma de Occidente (ca. 1378-1417), cuando varios papas rivales, cada uno apoyado por su propia facción, intentaron reclamar el trono de Pedro. La "duda" no concernía a la ortodoxia personal de los reclamantes, sino al problema canónico de quién era en realidad el sucesor de Pedro.

En el párrafo inmediatamente anterior al pasaje que el Sr. Szijarto cita, tanto Franzelin como Hervé discuten la cuestión de un papa **hereje**. Ambos admiten que un papa hereje pierde su cargo.

La tercera cita del Sr. Szijarto no se puede verificar (la segunda instancia de esto) porque proporciona una cita inexacta. De todos modos, dado que la cita parece estar tratando de hechos dogmáticos, también es irrelevante para la discusión, según lo que hemos dicho en la sección II.

C. Falsas Alternativas

Al final de su sección sobre la indefectibilidad, el Sr. Szijarto presenta dos alternativas como su conclusión: o los papas del Vaticano II son legítimos o la Iglesia Católica reside solo en grupos sedevacantistas.

Dado que el Sr. Szijarto ha basado estas alternativas en principios contradictorios y citas irrelevantes, la elección que ha construido es completamente falsa.

IV. Juan de Santo Tomás

La cuarta sección principal del artículo del Sr. Szijarto está dedicada a reproducir pasajes del teólogo dominico español Juan de Santo Tomás (1589-1644).

Los extractos que cita el Sr. Szijarto proponen en esencia que un papa hereje permanece jurídicamente como cabeza de la Iglesia hasta que un Concilio General declare el hecho de su herejía. Hasta entonces, todos los actos de tal papa son válidos.

El Sr. Szijarto elogia esto hasta el cielo. Juan de Santo Tomás ha abordado el tema "brillantemente" e "ingeniosamente". Así, dice el Sr. Szijarto, la realidad "ontológicamente manifiesta" se reconcilia con la realidad "jurídicamente visible", es decir, "manifestada criteriológicamente" - manifestada en el verdadero sentido del término. (?)

A. Una Posición Abandonada

En el Apéndice 1 de *Traditionalists, Infallibility and the Pope,* reproduje citas de doce canonistas y teólogos que enseñaban que un papa manifiestamente hereje automáticamente pierde su cargo. Seis de ellos especificaron además que esta pérdida de cargo se produce sin necesidad de ninguna declaración o sentencia. Estos autores lo caracterizan como "la opinión común" o incluso "la opinión más común".

En su tratamiento de Juan de Santo Tomás, el Sr. Szijarto simplemente promueve una opinión minoritaria que posteriormente los escritores abandonaron. Es absurdo que lo retrate como un golpe maestro que destruye la posición sedevacantista. Si los canonistas rechazaron, abandonaron o ignoraron la posición, debe haber habido una razón.

Es posible que se encuentre una explicación para esto en los dos puntos siguientes.

B. Una Ley Papal Contradicha

En 1559, para prevenir la posibilidad de que un hereje usurpara el trono de Pedro, el Papa Pablo IV emitió la Bula *Cum ex Apostolatus Officio*. Pablo IV decretó que si alguien elegido papa había desviado previamente de la fe católica o caído en alguna herejía, entre otras cosas, su elección sería inválida, sus nombramientos serían inválidos, y perdería automáticamente su cargo **sin necesidad de hacer ninguna declaración adicional.** (Reproduje los pasajes pertinentes en mi folleto.)

La opinión de Juan de Santo Tomás de que se **necesita** una declaración antes de que un papa pierda su cargo, obviamente, no puede ser defendida frente a una ley papal que decretó enfáticamente y repetidamente que tal declaración **no** es requerida.

C. Un Absurdo Jurídico

Si bien pudo haber sido justificable para Juan de Santo Tomás proponer su solución bajo alguna disposición del derecho canónico vigente en el siglo XVII, no sería ni razonable ni posible proponerla ahora.

Tanto el Código de Derecho Canónico de 1917 como el Código de 1983 de Juan Pablo II (que supongo que acepta el Sr. Szijarto) especifican que **solo el Papa puede convocar un Concilio General (Ecuménico)**. Bajo ambos códigos, además, el papa establece la agenda, puede disolver el Concilio y **debe confirmar y promulgar sus decretos** para que tengan fuerza vinculante.

Si uno insistiera (como lo hace el Sr. Szijarto) en que un papa hereje pierde su cargo solo **después** de que un Concilio General lo declare como tal, la ley requeriría, para efectuar su deposición, que el papa hereje convocara un Concilio en su contra, colocara el tema de su propia deposición en la agenda, y luego confirmara y promulgara los decretos del Concilio declarando su propia deposición.

Este tipo de cooperación probablemente sería demasiado esperar, incluso en la era del ecumenismo.

La aplicación del principio que Mr. Szijarto propone resulta así en un absurdo jurídico.

Mr. Szijarto, al igual que muchos apologistas de la posición actual de la Sociedad de San Pío X, aborda el sedevacantismo distorsionándolo y luego intentando refutar la distorsión. Hemos identificado cuatro problemas principales en su crítica particular:

1. El principio subyacente del argumento del Sr. Szijarto (con respecto a la "determinación") está dirigido a un hombre de paja, y se basa en un pasaje que el Sr. Szijarto ha malinterpretado y maltraducido.

2. El Sr. Szijarto tergiversa la naturaleza del "hecho dogmático" de legitimidad.

3. El Sr. Szijarto basa sus argumentos sobre la indefectibilidad en citas que en su contexto original se refieren a un papa *dudoso*, un tema irrelevante para una discusión sobre el sedevacantismo, que principalmente concierne la posibilidad de un papa *herético*.

4. La opinión de Juan de Santo Tomás, tan elogiada por el Sr. Szijarto, es una posición abandonada o (en el mejor de los casos) minoritaria, que contradice la legislación solemnemente promulgada en una bula papal, y que produciría el absurdo jurídico de un papa hereje convocando un concilio en su contra.

Cuando era seminarista en Ecône, escuché al Arzobispo Lefebvre decir muchas veces que la Nueva Misa de Pablo VI era un "veneno espiritual que destruye la fe católica", una proposición que prácticamente todos los católicos tradicionales aceptarían. Pero la autoridad de la Iglesia de Cristo, infalible en la promulgación de leyes disciplinarias universales, **no puede** dar un rito que destruya la fe. La única manera de conciliar la infalibilidad con tal mal destructor del alma es concluir que aquellos que lo perpetraron en algún momento se apartaron de la fe, perdieron su autoridad ante Dios y, por lo tanto, no fueron papas en absoluto.

(*Sacerdotium* 16, Primavera de 1996).

---

1 Ejemplares individuales están disponibles gratuitamente en la Iglesia de San Gertrudis la Grande, 11144 Reading Rd., Cincinnati OH 45241.

2 El término "sedevacantista" proviene de la frase latina *sede vacante*, el término técnico para el interregno entre papas cuando la sede papal está vacante. En inglés, generalmente se pronuncia: say-day-va-CAHN-tist.

3 El curioso título es una crítica a los sedevacantistas, quienes se opusieron a la política declarada de la Sociedad de San Pío X de "cribar" todas las palabras y acciones de Pablo VI y sus sucesores, y luego obedecer solo lo que los superiores de la Sociedad decidieran que estaba "de acuerdo con la tradición".

4 Por ejemplo, la nota al pie 10 cita a Hervé, *Manuale Theologiae Dogmaticae* (1943) I.514, donde el pasaje citado por el Sr. Szijarto no se encuentra en ninguna parte.

5 Los editores de *The Angelus*, cabe destacar, eliminaron esta concesión cuando imprimieron el artículo del Sr. Szijarto, probablemente porque socava la línea del partido de la Sociedad. Su original comienza: "**Los teólogos comúnmente** sostienen...". La versión editada comienza: "**Algunos** teólogos sostienen...".

6 Ver Hervé, I.498-501.

7 El latín, Hervé I.501, dice lo siguiente: "Tunc Concilium [Ecclesia] ius tantum haberet sedem vacantem declarandi, ut ad electionem tuto procedere possent consueti electores." El *tantum* (solo, meramente) modifica el verbo *haberet* (tendría). Si el pasaje significara lo que afirma el Sr. Szijarto, el *tantum* estaría junto a *Concilium* (un Concilio), y comenzaría: "Tunc *Concilium tantum* [Ecclesia] jus haberet...".

8 Varios teólogos dan definiciones ligeramente diferentes para el término.

9 Citando a Hervé, I.514.

10 Hervé I.514: "Factum autem istud *triplex* distingui potest: 1) principaliter *historicum*, quo agnoscitur regula fidei, v.g., legitimitas concilii alicujus oecumenici aut Pontificis :... De duobus ultimis tantum loquimur in praesenti, cum infallibilitas Ecclesiae circa primum sponte defluat ex supradictis de concilio, de Pontifice et de ipsa Ecclesiae indefectibilitate." Su énfasis.

11 Para más detalles, ver mi artículo original.

12 Un gráfico con imágenes de los papas con algunos tachados.

13 J.B. Franzelin, *De Ecclesia Christi* (1907), 231: "?vel spontanea defectione ab Ecclesia per manifestam et contumacem haeresim?". Franzelin añade que dudar si, debido a las promesas de Cristo, esto podría realmente suceder "no está sin razón". El Sr. Szijarto reprodujo la cita de Hervé I.501 en el pasaje que tradujo erróneamente.

14 La nota al pie 13 cita a A. Tanquerey *Synopsis Theologiae Dogmaticae* (1921) I.84, donde el pasaje citado no se encuentra en ninguna parte.

15 Algunos, aunque pensaban que era poco probable que Dios permitiera tal cosa.

16 Ver Código de Derecho Canónico 222 y siguientes.

17 Ver Código de Derecho Canónico de Juan Pablo II 338 y siguientes.

Artículo original: Link

Una Objeción al Sedevacantismo: Pablo VI como 'Patriarca del Occidente'

Rev. Anthony Cekada

P. He visto que sostiene en un artículo que el mal evidente del *Novus Ordo* por un lado, y la Iglesia's infalibilidad en sus leyes disciplinarias universales por el otro, vistos juntos, apuntan hacia una pérdida jurídica de cargo por parte de Pablo VI y sus sucesores. Esto, usted dice, demuestra la corrección de la posición *sede vacante*.

Sin embargo, ¿no emitió Pablo VI el *Novus Ordo* solo en su capacidad como Patriarca del Occidente (en lugar de como Sumo Pontífice), y luego solo para el Rito Latino? ¿Podría decirse, entonces, que el *Novus Ordo* no sería una ley verdaderamente universal, y por lo tanto no estaría protegido por la infalibilidad?

A. Aunque su pregunta es intrigante, la afirmación de que un papa que promulga legislación litúrgica para el Rito Latino actúa únicamente en su calidad de Patriarca del Occidente (en lugar de como Sumo Pontífice) parece ser completamente gratuita. No pude encontrar ningún tratado dogmático o comentario sobre el Código, en cualquier caso, que respaldara o mencionara tal noción.

Además, el término "universal", aplicado a una ley eclesiástica, no se refiere al "rito" donde una ley tiene fuerza, sino al territorio donde tiene fuerza. Un comentario estándar previo al Vaticano II sobre el Código da la siguiente división para la ley:

III. Por razón de su extensión [*ambitus*] en: a) *universal*, que se aplica en todo el mundo católico; b) *particular*, que tiene fuerza solo en un territorio limitado. (Wernz-Vidal, *Ius Canonicum* 1:50.)

El mismo comentario habla de leyes disciplinarias que denomina "universales", aunque los ritos orientales están automáticamente exentos de observarlas:

Aunque los católicos griegos están obligados por definiciones de doctrina católica sobre la fe y la moral, no están obligados por leyes disciplinarias, *incluso universales*, a menos que se establezca algo para ellos [los griegos], o se haga mención expresa de ellos, o a menos que la ley para el asunto regulado se extienda implícitamente también a ellos. (1:148. Mi énfasis.)

Además, al discutir el objeto secundario de la infalibilidad de la Iglesia, los autores tratan las leyes litúrgicas para el Rito Latino como protegidas por la infalibilidad, sin ninguna otra calificación adicional.

Por lo tanto, parece que no se podría "salvar" a Pablo VI desestimando los errores y males de su *Novus Ordo* como algún tipo de aberración local aprobada por él en su capacidad como Patriarca del Occidente.

El argumento del "Patriarca del Occidente", además —como otros argumentos que los tradicionalistas usan en un intento de defender a Pablo VI como un papa legítimo mientras denuncian su Misa— se enfrenta al anatema decretado por el Concilio de Trento:

Si alguno dijere que las ceremonias, vestiduras y signos exteriores, que la Iglesia Católica usa en la celebración de las Misas, son incentivos a la impiedad más que los servicios de piedad: sea anatema. (Denzinger 954.)

Quien mantenga que Pablo VI y sus sucesores fueron realmente verdaderos papas no debería *atreverse* a criticar el *Novus Ordo* —porque la Iglesia Católica, a través de su cabeza en la tierra, no instituye ceremonias y signos exteriores para celebrar la Misa que sean "incentivos a la impiedad". De hecho, la Iglesia anatematiza solemnemente a aquellos que dicen lo contrario.

Pero como todos los católicos tradicionales saben, el *Novus Ordo* es *ni* católico *ni* santo. Una vez que alguien llega a este punto y reconoce lo obvio —que el *Novus Ordo* es un incentivo a la impiedad a gran escala—, la lógica, e incluso el anatema de Trento, lo obligan a negar que quienes promulgaron los cambios litúrgicos poseían la autoridad de la Iglesia Católica.

(*Sacerdotium* 14, Primavera de 1995).

Artículo original: Link

El Error Mentevacantista del Obispo Williamson

Rev. Anthony Cekada

¿Ratzinger hereje? No, solo una mente enferma.

El Muy Reverendo Richard N. Williamson, Rector del seminario de la Sociedad de San Pío X en La Reja, Argentina, es, por acuerdo general, un personaje colorido.

En una entrevista de agosto de 2006 con Stephen Heiner, luego publicada en la publicación de la SSPX *The Angelus*, Su Excelencia respondió preguntas sobre una amplia gama de temas, y no decepcionó en cumplir con su reputación.

Un tema que el Obispo Williamson discutió con cierta extensión fue el sedevacantismo. Ahora, en 1980, cuando yo todavía era miembro de la Sociedad de San Pío X y él era simplemente un sacerdote, tuvimos varias discusiones muy animadas sobre esto.

El P. Williamson me explicó su teoría sobre por qué Juan Pablo II *no* podía ser un verdadero hereje, y por lo tanto *no* podía perder automáticamente el cargo papal, como los sedevacantistas como yo sostienen. "La mitad del cerebro de Juan Pablo II es liberal, y la mitad es católica", me dijo, "¡Así que él realmente *no sabe* que lo que dice no es católico!"

Me pareció una idea completamente descabellada en ese entonces: ¿un modernista *no es responsable* de la herejía *porque* es un modernista? La bauticé como "mentevacantismo", de las palabras latinas para "mente vacía".

En su entrevista reciente, el Obispo Williamson sigue promoviendo el mentevacantismo como respuesta al sedevacantismo. Su explicación actual de la teoría es algo así:

Benedicto XVI tiene una mente moderna "enferma". Por esta razón, Benedicto *no es consciente* de su herejía. Dado que no hay autoridad eclesiástica para *hacerlo consciente* de ello, Benedicto no puede tomar una elección *verdadera* entre el dogma y la herejía. Sin esta elección verdadera, Benedicto no es un verdadero hereje, y por lo tanto permanece como un verdadero papa.

A continuación, presentaré la tesis mentevacantista del Obispo Williamson y luego ofreceré mi propio análisis de la misma.

I. Mente Enferma, Sin Herejía

El argumento que el Obispo Williamson busca refutar es el de los sedevacantistas como yo. El principio teológico general detrás del sedevacantismo se encuentra en muchos manuales estándar de teología dogmática y derecho canónico. Se puede expresar de la siguiente manera:

La ley divina excluye a un hereje público de ser válidamente elegido papa y obtener autoridad papal. Un papa que se convirtiera en hereje, además, por **ley divina** caería automáticamente del cargo sin necesidad de ninguna sentencia declarativa. Y en ambos casos, es el **pecado** de la herejía lo que hace que un hereje sea incapaz de convertirse o permanecer como papa.

El Obispo Williamson comprende este principio y de hecho lo articuló muy claramente en la entrevista con el Sr. Heiner:

> "Para ser un hereje de tal manera que uno se excluya de la Iglesia Católica de tal manera que ya no pueda ser su cabeza, es decir, Papa, uno debe saber que está negando lo que sabe que es un dogma definido de la Fe Católica, porque tal negación equivale a apostasía deliberada. Convertirse, o seguir siendo, católico, es una elección. Si sé lo que un católico debe creer para ser católico, y si me niego a creerlo, entonces estoy eligiendo ser hereje en lugar de católico, y me pongo fuera de la Iglesia".

Sin embargo, el Obispo Williamson busca refutar el argumento sedevacantista al demostrar que este principio no se puede aplicar a Benedicto XVI, porque:

> "Las mentes modernas están muy enfermas, como mentes, y Benedicto XVI tiene una mente moderna... La enfermedad consiste en creer que no hay una verdad fija y objetiva que excluya absolutamente el error... La "verdad" es lo que mi mente la hace. Pero la mente está hecha para la verdad objetiva como los pulmones están hechos para el oxígeno externo, por lo que al igual que los pulmones sin oxígeno externo están enfermos hasta la muerte, así una mente sin verdad externa está enferma hasta la muerte... Benedicto XVI cree que la "verdad" católica puede evolucionar. Por ejemplo, declaraciones muy serias de verdad católica que no pueden cambiar, como el *Syllabus* o *Pascendi*,... No puede ver que esta doctrina católica anti-moderna de sus predecesores es de tal naturaleza que no puede cambiar, y ni siquiera como Papa puede cambiarla. Su pobre mente, sin embargo dotada, está enferma con esa filosofía moderna, especialmente alemana... ¿Cómo podría no pensar que estaba siendo "normal"?

La filosofía moderna, en otras palabras, vacía la mente de la capacidad de reconocer la verdad, y absuelve al individuo de la responsabilidad.

A partir de estas declaraciones, el Obispo Williamson pretende que los lectores concluyan que una "enfermedad generalizada de la mente moderna" elimina completamente la culpabilidad por la herejía y borra sus efectos para un papa hereje. ¡Bienvenidos al mentevacantismo!

La Mente Enferma, Sin Herejía

El argumento que el Obispo Williamson busca refutar es el de los sedevacantistas como yo. El principio teológico general detrás del sedevacantismo se encuentra en muchos manuales estándar de teología dogmática y derecho canónico. Se puede expresar de la siguiente manera:

La ley divina excluye a un hereje público de ser elegido válidamente como papa y de obtener autoridad papal. Un papa que se convirtiera en hereje, además, automáticamente perdería su cargo por **ley divina** sin necesidad de una sentencia declarativa. Y en ambos casos, es el **pecado** de la herejía lo que hace que un hereje sea incapaz de convertirse o permanecer como papa.

El Obispo Williamson entiende este principio y de hecho lo articuló muy claramente en la entrevista con el Sr. Heiner:

> "Para ser un hereje de tal manera que uno se excluya de la Iglesia Católica de modo que ya no pueda ser su cabeza, es decir, Papa, uno debe saber que está negando lo que sabe que es un dogma definido de la Fe Católica, porque tal negación equivale a una apostasía deliberada. Convertirse o continuar siendo católico es una elección. Si sé lo que un católico debe creer para ser católico, y si me niego a creerlo, entonces estoy eligiendo ser hereje en lugar de católico, y me coloco fuera de la Iglesia."

Sin embargo, el Obispo Williamson intenta derrotar el argumento sedevacantista demostrando que este principio no se puede aplicar a Benedicto XVI, porque:

> "Las mentes modernas están muy enfermas, como mentes, y Benedicto XVI tiene una mente moderna... La enfermedad consiste en creer que no hay una verdad fija y objetiva que excluya absolutamente el error... La 'verdad' es lo que mi mente lo hace. Pero la mente está hecha para la verdad objetiva como los pulmones están hechos para el oxígeno externo, por lo que al igual que los pulmones sin oxígeno externo están enfermos de muerte, así también una mente sin verdad externa está enferma de muerte... Benedicto XVI cree que la 'verdad' católica puede evolucionar. Por ejemplo, declaraciones muy serias de la verdad católica que no pueden cambiar, como el *Syllabus* o *Pascendi*,... Él no puede ver que esta doctrina católica anti-moderna de sus predecesores es de tal naturaleza que no puede cambiar, y ni siquiera como Papa puede cambiarla. Su pobre mente, por más talentosa que sea, está enferma con esa filosofía moderna, especialmente alemana... ¿Cómo no iba a pensar que estaba siendo 'normal'?"

La filosofía moderna, en otras palabras, vacía la mente de la capacidad de reconocer la verdad y absuelve al individuo de la responsabilidad.

A partir de estas afirmaciones, el Obispo Williamson pretende que los lectores concluyan que una "enfermedad generalizada de la mente moderna" elimina completamente la culpabilidad por la herejía y borra sus efectos para un papa hereje. ¡Bienvenido al mentevacantismo!

Así es la exposición del Obispo Williamson de la tesis mentevacantista: Un hereje (Ratzinger) sigue siendo papa porque una mente enferma (resultado de una mala filosofía moderna) le impidió darse cuenta de su herejía, y nadie estuvo cerca para advertirle.

Ratzinger no es un *hereje*. Simplemente sufre de trastorno por déficit de atención teológica...

Es el estilo clásico del Obispo Williamson: Ingenioso, seguro de sí mismo, con un tono equilibrado, ligeramente popular, entregado (sin duda) con un acento inglés refinado, y repleto de falsos principios contradichos por los manuales preconciliares de teología dogmática y derecho canónico.

II. Refutación del Mentevacantismo

A. La "Enfermedad" Prueba que Ratzinger es un Hereje.

El Obispo Williamson describe los síntomas de la "enfermedad" de Ratzinger con expresiones como las siguientes:

> "La enfermedad consiste en creer que no hay una verdad fija y objetiva que excluya absolutamente el error." Benedicto XVI cree que la "verdad" católica puede evolucionar." No puede ver que esta doctrina católica antimoderna de sus predecesores es de tal naturaleza que no puede cambiar."

Sin embargo, este lenguaje, lejos de *exculpar* a Ratzinger, realmente *prueba* que ha perdido la fe, y por lo tanto no es un verdadero papa.

Esto es claro simplemente por la naturaleza misma de la fe. Es una virtud sobrenatural que te da una certeza absoluta sobre lo que crees: Cristo es Dios, la Iglesia Católica es la única Iglesia verdadera, los sacramentos dan gracia, etc.

La "enfermedad" que el Obispo Williamson atribuye a Ratzinger, por otro lado, **excluye** tal certeza: "no hay una verdad fija y objetiva" en la que creer, porque la verdad evoluciona. Así que en el sistema de Ratzinger, uno de los elementos necesarios ("propiedades") de la fe está **ausente**. Sacar "certeza" de la fe es como quitar el hidrógeno del agua: el agua deja de ser agua.

(Y en honor al Obispo Williamson, agregaremos aquí el axioma escolástico apropiado: *Negatio proprietatum est deletio naturae* - Negar las propiedades de algo es destruir su naturaleza).

Entonces, la virtud de la fe (verdad inmutable = certeza) y la enfermedad de Ratzinger (verdad evolutiva = no certeza) son un signo seguro de que Ratzinger carece de fe.

¿Y cuáles son las consecuencias para un papa? "Perdería automáticamente el poder pontificio", explica el Cardenal Billot, "porque, al convertirse en incrédulo [*factus infidelis*], se puso fuera de la Iglesia por su propia voluntad." (*De Ecclesia Christi* [Roma: Gregoriana 1927] 1:632)

Así que la misma "enfermedad" que el Obispo Williamson usaría para *exculpar* a Ratzinger de la herejía en cambio *lo convierte* en ella, y lo despoja del papado. En resumen:

- Sin certeza = sin fe.
- Sin fe = no católico.
- No católico = no papa.

B. Ratzinger Condenado por su Juramento.

El Obispo Williamson argumenta que Ratzinger tampoco es culpable de su herejía porque:

> "Benedicto XVI cree que la 'verdad' católica puede evolucionar. Por ejemplo, declaraciones muy serias de verdad católica que no pueden cambiar, como el *Syllabus* o *Pascendi*, él las llama simplemente 'anclajes sustanciales' en la doctrina de la Iglesia, lo que significa que la Iglesia podría anclarse allí, y útilmente anclada allí por un tiempo, pero en tiempos modernos la Iglesia necesita nuevos 'anclajes sustanciales' en la doctrina."

Aquí, al atribuir a Ratzinger una creencia explícita en la evolución dogmática, el Obispo Williamson sin darse cuenta clava otro clavo en el ataúd del hereje.

El *Pascendi* y el *Syllabus* del Papa San Pío X **condenan** la evolución del dogma como una **herejía** modernista. Y Ratzinger, antes de ser ordenado subdiácono, juró sobre los Evangelios el Juramento Antimodernista para rechazar y condenar este error.

Al tomar este juramento, el seminarista Ratzinger afirmó públicamente que conocía la regla de fe. Por lo tanto, se volvió culpable del pecado de herejía cometido contra ella:

> "Desde el momento en que uno sabe suficientemente la existencia de la regla de fe en la Iglesia y que, en cualquier punto que sea, por cualquier motivo y en cualquier forma, uno se niega a someterse a ella", dice el canonista Michel, "**la herejía formal está completa**." (?Heresía, Hereje,? *Diccionario de Teología Católica* [París: Letouzey 1909-] 6:2222)

Así que Ratzinger poseía conocimiento suficiente.

Una vez más, la "enfermedad" de Ratzinger ?la creencia en la evolución del dogma? lo *condena* como hereje en lugar de *exculparlo*.

C. Un Papa Loco Pierde el Cargo

La absurda ecuación del Obispo Williamson entre la mala filosofía y una especie de enfermedad mental pinta un cuadro de Ratzinger completamente divorciado de la realidad:

> "Su pobre mente, por muy talentosa que sea, está enferma con esa filosofía moderna, especialmente la alemana, que desvincula la mente de su objeto, como si cortaran los pulmones del oxígeno".

Pero este intento particular de exculpar a Ratzinger por herejía lleva a *otro* problema que el Obispo Williamson no previó: "loco" corta en ambas direcciones.

> "Los excluidos como incapaces de ser válidamente elegidos [papa] son aquellos afectados por la locura habitual". Al caer en una locura cierta y perpetua, el Romano Pontífice perdería automáticamente su jurisdicción pontificia... Porque la locura cierta y perpetua del Romano Pontífice (no dudosa o temporal) es equivalente a la muerte, y a través de la muerte el Romano Pontífice ciertamente pierde su jurisdicción." (Wernz-Vidal, *Jus Canonicum* [Roma: Gregoriana 1938] 2:415, 2:452)

Entonces, si Ratzinger está demasiado loco para ser un hereje, también está demasiado loco para ser un verdadero papa.

D. Confundiendo Pecado con Crimen

Bp. Williamson insinúa que profesar herejía no tiene consecuencias para un hereje, y particularmente para un papa hereje, a menos que de alguna manera sea *advertido*.

En los buenos tiempos, dice el Obispo Williamson, un Papa Católico colocaba teólogos muy inteligentes y ortodoxos en la Santa Oficina, antes conocida como la Inquisición, y estos interrogaban a un neo-modernista así: Usted ha escrito que *Pascendi* es solo un anclaje sustancial. Esto equivale a herejía. O se retracta, o el Papa tiene autoridad para excomulgarlo. Elija amablemente.

Sin embargo, esta afirmación demuestra que el Obispo Williamson ha confundido la distinción que hacen los canonistas entre dos aspectos de la herejía:

(1) **Moral -** herejía como un **pecado** (*peccatum*) contra la ley **divina**.

(2) **Canónica -** herejía como un **crimen** (*delictum*) contra la ley **canónica**.

La distinción moral/canónica es fácil de comprender aplicándola a algo con lo que todos estamos un poco más familiarizados, el aborto. Hay dos aspectos bajo los cuales podemos considerar el aborto:

(1) *Moral*: Pecado contra el 5º Mandamiento que resulta en la pérdida de la gracia santificante.

(2) *Canónico*: Crimen contra el canon 2350.1 del Código de Derecho Canónico que resulta en excomunión automática.

En el caso de la herejía, las advertencias solo entran en juego para el *crimen canónico* de herejía. Estas no son necesarias como condición para cometer el *pecado* de herejía contra la ley divina.

El canonista Michel hace la distinción clara para nosotros: **La pertinacia no incluye necesariamente** una obstinación prolongada por parte del hereje y **advertencias de la Iglesia**. Una condición para **el pecado** de herejía es una cosa; una condición para **el crimen canónico** de herejía, punible por leyes canónicas, es otra. (Heresie, en DTC 6:2222)

Es el *pecado* público de herejía de un papa en este sentido, la ofensa contra la ley de *Dios*, lo que lo despoja de la autoridad de Cristo.

Entonces, las advertencias que imagina el Obispo Williamson no son condiciones necesarias para concluir que Ratzinger es un verdadero hereje y, por lo tanto, no un verdadero papa.

En este punto, surge naturalmente una pregunta: ¿Por qué en el mundo *nadie* en la Sociedad, especialmente una mente reputada como el Obispo Williamson, parece reconocer tales errores aparentemente fundamentales y corregirlos?

La razón es la mentalidad de línea de partido de la Sociedad de San Pío X. Cuando te unes a la organización, se espera que honres las nociones recibidas formuladas durante la Era del Arzobispo.

Entonces, como he señalado en otro lugar, un miembro de la Sociedad debe repetir reverentemente las posiciones de la Sociedad sobre su naturaleza (sociedad de vida común sin votos), su supresión (inválida), la Nueva Misa (mal, pero promulgada ilegalmente), el Concilio Vaticano II (no vinculante), resistir a un verdadero papa (justificado por teólogos, el papa es como un mal padre), el sedevacantismo (cismático, no católico), la excomunión del Arzobispo Lefebvre (¡Roma dice No!), etc.

Toda investigación y escritura teológica son útiles y alentadas solo en la medida en que confirman la línea del partido en cada uno de estos puntos. El pensamiento independiente, o la lealtad a algún principio por encima de la Sociedad (en dogma, derecho canónico, etc.) es prueba de un mauvais esprit (un mal espíritu) y motivo para el pasaje a Mumbai.

Entonces, como señaló un colega y exmiembro de la SSPX en 1984, las únicas personas que sobreviven a largo plazo en la SSPX son aquellas que no piensan.

Lo que la Sociedad trata como *particularmente* tóxico es la eclesiología estándar: esas áreas de la teología dogmática católica que explican la naturaleza de la Iglesia, la autoridad del papa y la necesidad de estar visiblemente unidos a ambos. A los seminaristas de la SSPX se les enseña sobre estos temas, según me han dicho miembros de la SSPX, a partir de apuntes formulados por profesores de seminarios de la SSPX en Europa, en lugar de los manuales pre-Vaticano II de teología dogmática. Demasiado peligroso de manejar, sin duda.

Visto bajo esta luz, el argumento absurdo que el Obispo Williamson propone para excusar la herejía de Ratzinger y así evitar las consecuencias inevitables de ello una mente enferma encaja perfectamente. ¡Lealtad a la línea del partido por encima de todo!

Entonces, cuando el Obispo Williamson concluyó su entrevista cantando unas líneas del musical *Oklahoma* ¡Hay sabiduría en la ópera e incluso en los musicales!, dice otra canción vino a la mente, esta vez de *HMS Pinafore* de Gilbert y Sullivan. Quizás cuando esté de humor para cantar, Su Excelencia debería probar unas cuantas estrofas de la canción cantada por Sir Joseph Porter, Primer Lord del Almirantazgo:

- Siempre votaba según la llamada de mi partido,
- Y nunca pensé en pensar por mí mismo en absoluto.
- (¡No, nunca pensó en pensar por sí mismo en absoluto!)
- Y pensé tan poco, me recompensaron,
- ¡Haciéndome gobernador de la Marina de la Reina!

¡Mentevacantismo, a la vista!

Artículo original: Link

Abp. Thuc: Una breve defensa

Monseñor Daniel L. Dolan

NOTA: Los siguientes comentarios son extractos de una conferencia que el obispo Dolan pronunció originalmente en francés en la École Saint-Joseph, Serre-Nerpol, Isère (Francia), el 17 de octubre de 1999.

El obispo abordó varias acusaciones falsas que la Sociedad de San Pío X había difundido contra él en Francia, incluida la acusación de que su consagración episcopal era "inválida", ya que derivaba del Arzobispo P.M. Ngô-?ình-Th?c, ex Arzobispo de Hu?, Vietnam.

El segundo punto: **La acusación de que mis órdenes no son válidas proviene de aquellos que nunca conocieron al Arzobispo Thuc**, pero que, sin embargo, se toman la libertad de juzgar su estado mental. Se imaginan que, porque hizo algunas cosas imprudentes, no podía estar en su sano juicio. Pero esto no es cierto.

La respuesta adecuada a esto es probar mediante *testimonios presenciales* que el Arzobispo Thuc estaba en su sano juicio en el momento de las consagraciones del Obispo Guérard des Lauriers y, un poco después, del Obispo Zamora y del Obispo Carmona, de quienes deriva mi consagración episcopal.

Hay evidencia abrumadora tanto de testigos presenciales que lo conocieron en ese momento, como de las acciones que él mismo realizó, de que el Arzobispo Thuc estaba perfectamente lúcido cuando hizo las consagraciones del Obispo Guérard des Lauriers en mayo de 1981, y de los Obispos Zamora y Carmona en octubre de 1981.

Es cierto que el Arzobispo Thuc ordenó y consagró a algunas personas indignas. Es cierto que ejerció un mal juicio con respecto a su selección de candidatos sacerdotales y episcopales. Este hecho, sin embargo, no prueba ni sugiere falta de lucidez; solo muestra un mal juicio.

También podríamos señalar que el Arzobispo Lefebvre hizo algunos juicios muy pobres sobre a quién ordenar.

Además, no se sigue que, porque alguien actúe de manera inconsistente o errática, sea senil o incapaz de realizar sacramentos válidos.

El Arzobispo Lefebvre actuó de manera muy errática en 1987 y 1988. En agosto de 1987, se refirió a Juan Pablo II como un anticristo, pero en mayo de 1988 firmó el protocolo en el que se sometía a él como Vicario de Cristo. Al día siguiente, volvió atrás en el protocolo que acababa de firmar. Una de las razones que ofreció al Vaticano para proceder con las consagraciones sin su permiso fue que "las carpas habían sido alquiladas". El 15 de junio de 1988, el Arzobispo Lefebvre dio una conferencia de prensa en la que dijo que Juan Pablo II no era católico, estaba excomulgado, estaba fuera de la Iglesia, pero era el jefe de la Iglesia. El 16 de junio, le dijo a un reportero que cambiaría de opinión si Juan Pablo II, quien el día anterior no era ni siquiera católico, aprobaba a sus cuatro obispos. Sin embargo, estaba completamente en su sano juicio.

Afirmar que la inconsistencia o el comportamiento errático invalidan un sacramento es manifestar una profunda ignorancia de los principios fundamentales de la teología sacramental.

El único tipo de estado mental que invalida es aquel en el que el ministro no sabe lo que está haciendo. Por ejemplo, si, debido a la senilidad, un sacerdote no sabe dónde está o qué sacramento está realizando, sería inválido.

Ese no es el caso del Arzobispo Thuc, ya que hay tanto testigos presenciales como hechos que atestiguan indudablemente su lucidez.

A. Evidencia de los Testigos Presenciales

¿Cuál es la evidencia de los testigos presenciales que conocieron al Arzobispo Thuc?

1. Dr. Hiller y Dr. Heller.** Estos son los dos testigos presenciales alemanes de ambas consagraciones. Conocían íntimamente al Arzobispo Thuc, ya que lo habían visto regularmente cuando el Arzobispo residió en Múnich durante varios meses. Ambos han testificado *bajo juramento, uno por escrito y el otro oralmente, con Dios como testigo,* que el Arzobispo Thuc estaba en pleno uso de sus facultades cuando realizó las mencionadas consagraciones. Estos laicos son bien educados, inteligentes y alertas; no hay absolutamente ninguna razón para dudar de su veracidad o de su capacidad para juzgar el estado mental del Arzobispo.

2. P. Noël Barbara.** El P. Barbara fue a ver al Arzobispo Thuc en la primavera de 1981 y luego nuevamente en enero de 1982. Así lo vio tanto antes como después de las consagraciones. El P. Barbara ha *jurado por escrito, con Dios como testigo,* que en ambas ocasiones encontró al Arzobispo Thuc en pleno uso de sus facultades mentales, y que respondió claramente a las preguntas que se le hicieron sobre las consagraciones. El P. Barbara también escribió, inmediatamente después de la visita de enero, notas sobre su conversación con el Arzobispo Thuc. Estas notas reflejan la mente clara del Arzobispo, ya que respondió a las preguntas con claridad y memoria distinta.

3. P. Gustave Delmasure.** Este sacerdote, que fue un sacerdote tradicional bien respetado en Francia, ex párroco de una parroquia en Cannes, fue a ver al Arzobispo Thuc en marzo de 1982. Ha dado testimonio bajo juramento, *con Dios como testigo,* de que encontró al Arzobispo Thuc en su sano juicio y que respondió a sus preguntas con rapidez y claridad.

4. Obispo Guérard des Lauriers.** En una entrevista personal con el P. Joseph Collins, el Obispo Guérard des Lauriers, quien él mismo había sido consagrado en mayo de 1981 por el Arzobispo Thuc, afirmó que el Arzobispo estaba en su sano juicio. Dijo que el rito de consagración fue seguido íntegramente por el Arzobispo Thuc, y que él (Thuc) estaba de mente sana durante toda la ceremonia. (El Obispo Guérard des Lauriers era un conocido teólogo dominico que enseñó en la Universidad Lateranense de Roma y asesoró al Papa Pío XII sobre la definición del dogma de la Asunción en 1950).

5. P. Philippe Guépin.** El P. Guépin es un sacerdote tradicional que dice Misa para un gran grupo en Nantes. Fue ordenado por el Arzobispo Lefebvre en 1977, y se le pidió que abandonara la Sociedad de San Pío X en 1980 porque se negó a reconocer a Juan Pablo II como papa. Conoció al Arzobispo Thuc en Ecône y tuvo prolongadas conversaciones con él. Ha atestiguado que el Arzobispo Thuc estaba en su sano juicio.

6. P. Bruno Schaeffer, quien fue ordenado por el Arzobispo Thuc en 1982 (*después* de las consagraciones episcopales), le dijo al P. Guépin que el Arzobispo Thuc estaba completamente en su sano juicio y que observó el rito de ordenación perfectamente.

7. Testigos presenciales que lo vieron y conocieron en Rochester, Nueva York, donde el Arzobispo Thuc se quedó en 1983 y 1984, también atestiguaron el hecho de que incluso en ese momento, poco antes de su muerte en 1984, el Arzobispo Thuc estaba en su sano juicio y ofrecía la Misa diaria.

Ahora debemos preguntarnos: *¿son todos estos testigos mentirosos?* Todos estos testigos presenciales dicen lo mismo, aunque conocieron al Arzobispo Thuc en diferentes momentos y en diferentes circunstancias. *¿Están todos mintiendo?* Sería ridículo decir tal cosa.

Aquellos que nos quieren hacer creer, por cualquier motivo, que el Arzobispo Thuc no estaba lúcido, nos están pidiendo que concluyamos que todos los testigos presenciales mencionados anteriormente son mentirosos descarados.

Eso significaría que sacerdotes católicos romanos fieles, algunos de ellos ordenados por más de cincuenta años y que han trabajado por la salvación de las almas toda su vida, son mentirosos, invocando la autoridad de Dios para testificar sus malvadas mentiras. Esto lo harían poco antes de ir a Dios para ser juzgados, y en un asunto tan importante como una consagración episcopal.

Esta suposición es absurda y muy poco caritativa. No hay mejor testimonio que el de testigos presenciales bajo juramento. Nadie puede razonablemente culpar a alguien por aceptar la palabra de testigos presenciales confiables bajo juramento.

Les recuerdo que la manera clásica, probada por el tiempo y universal de establecer un hecho es el *testimonio presencial bajo juramento* de testigos confiables. Es la forma en que todos los tribunales de justicia determinan el hecho del crimen o la inocencia. Basados en tal testimonio, los seres humanos son exonerados o condenados, a veces a muerte.

Los tribunales de la Iglesia Católica operan sobre el testimonio jurado de testigos confiables.

Lo más importante, nuestro Bendito Señor sancionó la práctica con aprobación divina: *Y si no te oyere, toma aún contigo uno o dos, para que en boca de dos o tres testigos conste toda palabra.* (Mateo 18:16) Y en el Evangelio de San Marcos, Nuestro Señor reprocha a los discípulos por no haber creído a los testigos de su resurrección. (Marcos 16:14).

B. Evidencia de los Hechos.

¿Cuál es la evidencia de los hechos que atestiguan la lucidez del Arzobispo Thuc?

1. El hecho de que el Arzobispo Thuc funcionaba públicamente en su sano juicio en el momento de las consagraciones.** Esto está atestiguado por los testigos alemanes, el Dr. Hiller y el Dr. Heller. El Arzobispo pasó unos meses en Múnich donde dijo misas dominicales y pudo ser observado por todos. Ellos notaron que celebraba la Misa tradicional con mucho cuidado y atención a las rúbricas. También dio conferencias públicas en México después de la consagración de los obispos mexicanos.

2. El hecho de que el Arzobispo Thuc escribió de su puño y letra, con una caligrafía fuerte y firme, un certificado de consagración, cartas y otras declaraciones tanto en latín como en francés.** Una persona que no está en su sano juicio no podría sentarse y escribir de manera coherente, particularmente en latín.

3. El hecho de que el Arzobispo Thuc tenía una memoria clara y vívida de las consagraciones** en sus conversaciones con el P. Barbara. Una de estas conversaciones está relacionada en las notas que el P. Barbara tomó justo después de la entrevista. En ella, el Arzobispo recordó no solo haber consagrado a los dos sacerdotes mexicanos, los PP. Zamora y Carmona, sino que incluso comentó que el P. Carmona hablaba mucho mejor latín que el P. Zamora. También testificó haber consagrado al P. Guérard des Lauriers e incluyó detalles sobre él. Tal memoria clara sobre eventos y nombres específicos es prueba de que el Arzobispo estaba en su sano juicio en el momento de las consagraciones y en el momento de hablar con el P. Barbara.

4. El hecho de que el Vaticano excomulgó al Arzobispo Thuc.** Todo el mundo sabe que si alguien no está en su sano juicio, es incapaz de cometer un crimen y, por lo tanto, incapaz de ser censurado. El hecho de que el Vaticano, después de una investigación exhaustiva, excomulgara al Arzobispo Thuc por haber realizado estas consagraciones es una señal de que lo consideraban en su sano juicio. Si hubieran encontrado que estaba en un estado mental deteriorado, habrían hecho público este hecho y repudiado las consagraciones como inválidas. De hecho, el mero hecho de que lo excomulgaran es una admisión, legalmente, de que las consagraciones eran válidas. Pues es un principio de derecho que las censuras no se incurren si el acto es inválido. "Además," dice el canonista Augustine, "se sostiene generalmente que la orden debe haber sido recibida *válidamente*, y por lo tanto la pena no seguiría si, por ejemplo, un obispo protestante conferirá una orden." [*A Commentary on the New Code of Canon Law*, Volume VIII, p. 449].

El Vaticano claramente concede la validez de las consagraciones en el mismo documento de excomunión. Al declarar que no dará a los obispos consagrados por el Arzobispo Thuc el estatus legal de obispos, añade "quidquid est de ordinum validitate," que traducido correctamente significa, "cualesquiera que sean las órdenes válidas." La frase concede la validez, ya que en latín se utiliza el modo indicativo, que siempre indica una declaración de hecho, y no de duda.

Este reconocimiento de validez se atestigua además por el hecho de que dos Delegados Apostólicos, uno en México en 1983 y otro en los Estados Unidos en 1988, calificaron las consagraciones del Arzobispo Thuc como "válidas pero ilícitas." Nunca habrían dicho tal cosa si el Vaticano no tuviera esa posición.

Incluso el obispo Richard Williamson, el rector del seminario de la Sociedad de San Pío X en los Estados Unidos, ha dicho a miembros de los laicos que considera mi consagración episcopal como válida. (Carta 10/21/93.)

C. Algunas objeciones

1. Escándalo. Pero algunos han objetado que, incluso si estas consagraciones son válidas, deberíamos evitarlas debido a los escándalos del Arzobispo Thuc. Pero esto no es cierto.

En primer lugar, el Arzobispo Thuc está muerto, y sus pecados han muerto con él. Sus pecados, sean cuales sean, no se transfieren a aquellos a quienes consagró. Cada obispo debe ser juzgado por sus propios méritos, y no por las virtudes o vicios de quien lo consagró. El santo Cardenal Merry del Val, el Secretario de Estado de San Pío X, fue consagrado por el Cardenal Rampolla, quien era un masón. ¿Significa eso que el Cardenal Merry del Val era escandaloso? Por supuesto que no.

En cualquier caso, el Derecho Canónico permite a los fieles acercarse incluso al clero *excomulgado*, en caso de necesidad, para recibir los sacramentos. (Canon 2261 § 2). Lo que nos interesa del Arzobispo Thuc, entonces, no son sus pecados o su mal juicio, sino (1) el hecho de que realizó estas consagraciones, (2) el hecho de que utilizó el rito tradicional, (3) el hecho de que estaba en su sano juicio. Pero todos estos hechos están atestiguados por documentos y testimonios fiables e incluso jurados de testigos presenciales.

2. Malos obispos. Pero además objetan que los frutos del Arzobispo Thuc son malos, alegando que dio lugar a un conjunto de malos obispos.

Respondo que el mero hecho de trazar tus órdenes hasta el Arzobispo Thuc no significa que participes en sus pecados o defectos. No es como si pertenecieras a alguna organización de "Obispos Thuc." Cualquiera que trace sus órdenes hasta el Arzobispo Thuc no está automáticamente asociado con todos aquellos a quienes el Arzobispo Thuc ordenó o consagró, al igual que un obispo consagrado por el Arzobispo Lefebvre no participaría en los pecados del Cardenal Liénart, quien consagró al Arzobispo Lefebvre, pero que fue uno de los peores modernistas en el Vaticano II.

Lo único que importa aquí es que el Arzobispo Thuc realizó consagraciones episcopales que son válidas. A partir de estas consagraciones válidas, tenemos obispos católicos válidos y responsables disponibles para darnos sacerdotes.

D. ¿Por qué recurrir al Arzobispo Thuc?

Me gustaría añadir que el Arzobispo Thuc tenía muchas virtudes que no deben ser ignoradas. Fue el único obispo que tuvo el valor de denunciar públicamente a Juan Pablo II como un falso papa. Además, celebraba la Misa con mucha devoción y era conocido por escuchar confesiones durante muchas horas seguidas, incluso en su avanzada edad.

Pero la única razón por la que hemos tenido que recurrir a Thuc en cualquier caso fue que él estaba dispuesto a consagrar obispos que preservarían la verdadera posición católica respecto al Vaticano II y a los "papas" modernistas. Si la Sociedad de San Pío X se hubiera mantenido en el camino correcto, mi consagración no habría sido necesaria y estaríamos trabajando codo a codo con ellos.

Pero, lamentablemente, ha sido necesario romper con la Sociedad de San Pío X, porque sus posiciones son inconsistentes y, por lo tanto, erróneas. Además, defienden doctrinas y actitudes hacia la autoridad de la Iglesia y el magisterio que no son compatibles con la fe católica.

Artículo original: Link

Pío XII, Excomunión y Obispos Católicos Tradicionales

Rev. Anthony Cekada

A veces, los controversistas han invocado un decreto de 1951 y una encíclica de 1958 de Pío XII contra varios obispos católicos tradicionales, incluidos aquellos consagrados por el Arzobispo P.M. Ngo-dinh-Thuc.

Los dos documentos excomulgaron a ciertos obispos chinos cuyas consagraciones el gobierno chino comunista había organizado para establecer una jerarquía títere en China bajo control comunista.

El Decreto del 9 de abril de 1951, que establece la pena automática de excomunión por la consagración de un obispo, dice lo siguiente:

"Decreto sobre la Consagración

de un Obispo sin Nombramiento Canónico.

"La Suprema Sagrada Congregación del Santo Oficio, en virtud de una facultad especial establecida para ella por el Sumo Pontífice, publica el siguiente Decreto:

"Un Obispo, de cualquier rito o dignidad, que consagra como Obispo a alguien que no está nominado por la Santa Sede ni expresamente confirmado por esa misma Sede, y el que recibe la consagración, incluso si es coaccionado por un miedo grave (c.229, ?3, 3), incurre *ipso facto* [automáticamente] en excomunión reservada especialmente a la Sede Apostólica.

Este Decreto entra en vigor a partir de la fecha de su promulgación.

Aquellos que han intentado invocar este decreto en nuestras circunstancias parecen haber confundido dos cosas:

1. El **mandatum:** el documento papal que **otorga permiso para la consagración** de un obispo que servirá como obispo en **cualquier capacidad**, incluyendo como obispo auxiliar o titular, y

2. El **nombramiento canónico:** un decreto papal que **designa a un obispo como Ordinario** (o "obispo residencial") de una **diócesis debidamente constituida**, que los obispos auxiliares y titulares **no** recibieron.

El canonista Fr. Eduardo Regatillo, en sus *Institutiones Juris Canonici* (Santander: Sal Terrae 1956), 2:600, afirma que el decreto de 1951 afecta solo a los obispos consagrados sin nombramiento papal para ser **cabezas de diócesis.**

"Todo aquel que vaya a ser promovido al episcopado necesita el nombramiento canónico por el cual es constituido Obispo de una tal diócesis vacante.

"En la práctica, puede dudarse si solo están afectados aquellos que van a ser consagrados Obispo *residencial* - es decir, aquellos que son consagrados para una diócesis ya existente - o también los obispos *titulares* (que son creados para una sede o diócesis extinta), o los obispos que son consagrados para ninguna diócesis.

"Por el propósito previsto por la Sagrada Congregación, el decreto parece cubrir solo a aquellos que son consagrados como **obispos residenciales**, ya que este es el caso real que la Santa Sede pretende condenar.

"Este nuevo tipo [de ofensa] difiere del mencionado en el canon 2370, donde el canon se refiere a consagraciones realizadas **sin mandato apostólico** (descrito en el canon 953). El nuevo decreto, por otro lado, castiga las consagraciones realizadas **sin nombramiento pontificio**.

"Un **nombramiento** designa a la persona y otorga el título [a un cargo]. Un **mandato** otorga el permiso para conferir la consagración."

La interpretación de Regatillo es confirmada por la lectura de la encíclica de Pío XII (reproducida a continuación), especialmente los párrafos 45-48.

Ningún obispo católico tradicional - al menos ninguno de los que conocemos - ha sido consagrado al episcopado y luego recibió una designación ilegal y un título para una diócesis establecida por el Sumo Pontífice.

Los obispos católicos tradicionales son consagrados para *ninguna* diócesis. Por lo tanto, no se puede afirmar que el Decreto de 1951 les aplique.

Ad Apostolorum Principis

Su Santidad el Papa Pío XII

Encíclica sobre el Comunismo y la Iglesia en China

29 de junio de 1958

A Nuestros Venerables Hermanos y Amados Hijos, los Arzobispos, Obispos, otros Ordinarios Locales, y Clero y Pueblo de China en Paz y Comunión con la Sede Apostólica.

Venerables Hermanos y Amados Hijos, Saludos y Bendición Apostólica.

En la tumba del Príncipe de los Apóstoles, en la majestuosa Basílica Vaticana, Nuestro inmediato Predecesor de memoria imperecedera, Pío XI, debidamente consagrado y elevado a la plenitud del sacerdocio, como bien saben ustedes, "las flores y ... últimos brotes del episcopado chino."[1]

1. En esa solemne ocasión, añadió estas palabras: "Han venido, Venerables Hermanos, a visitar a Pedro, y han recibido de él el báculo del pastor, con el que emprenderán sus viajes apostólicos y reunirán a sus ovejas. Es Pedro quien con gran amor ha abrazado a ustedes que son en gran parte Nuestra esperanza para la difusión de la verdad del Evangelio entre su pueblo."[2]

2. El recuerdo de esa alocución viene a nuestra mente hoy, Venerables Hermanos y queridos hijos, mientras la Iglesia Católica en su patria está experimentando grandes sufrimientos y pérdidas. Pero la esperanza de nuestro gran Predecesor no fue en vano, ni resultó sin efecto, pues nuevas bandas de pastores y heraldo del Evangelio se unieron al primer grupo de obispos a quienes Pedro, viviendo en su Sucesor, envió a pastorear esos rebaños elegidos del Señor.

3. Nuevas obras y emprendimientos religiosos prosperaron entre ustedes a pesar de muchos obstáculos. Nosotros también compartimos esa esperanza cuando más tarde tuvimos el placer de establecer la

jerarquía en China y vimos abrirse caminos más amplios para la difusión del Reino de Jesucristo.

4. Pero, ay, después de unos años el cielo se cubrió de nubes de tormenta. Sobre sus comunidades cristianas, muchas de las cuales habían florecido desde tiempos antiguos, cayeron tiempos tristes y dolorosos. Misioneros, entre los cuales había muchos arzobispos y obispos destacados por su celo apostólico, y nuestro propio Nuncio Apostólico, fueron expulsados de China, mientras que obispos, sacerdotes, religiosos y religiosas, junto con muchos fieles, fueron arrojados a prisión o incurrieron en todo tipo de restricciones y sufrimientos.

5. En esa ocasión alzamos nuestra voz con pesar y, en nuestra Encíclica del 18 de enero de 1952, _Cupimus imprimis,[_3] reprendimos el injusto ataque. En esa carta, por amor a la verdad y conscientes de nuestro deber, declaramos que la Iglesia Católica es una extraña para ningún pueblo en la tierra, y mucho menos hostil a alguno. Con ansiedad de madre, abraza a todos los pueblos en caridad imparcial. No busca ningún provecho terrenal, sino que emplea los poderes que posee para atraer las almas de todos los hombres a buscar lo eterno. También afirmamos que los misioneros no promueven el interés de ninguna nación en particular; provienen de todos los rincones de la tierra y están unidos por un solo amor, Dios, y así no buscan ni esperan nada más que la difusión del reino de Dios. Por lo tanto, está claro que su trabajo no es ni sin propósito ni perjudicial, sino beneficioso y necesario, ya que ayuda a los sacerdotes chinos en su apostolado cristiano.

6. Y algunos dos años más tarde, el 7 de octubre de 1954, otra Carta Encíclica se les dirigió, comenzando con *Ad Sinarum gentem*,[4] en la cual refutamos las acusaciones hechas contra los católicos en China. Declaramos abiertamente que los católicos no cedían ante nadie (ni podían hacerlo) en su verdadera lealtad y amor por su país natal. Viendo también que se estaba difundiendo entre ustedes la doctrina de las llamadas "tres autonomías", advertimos, por virtud de esa autoridad de enseñanza universal que ejercemos por mandato divino, que esta misma doctrina, tal como la entendían sus autores, ya sea en teoría o en sus consecuencias, no puede recibir la aprobación de un católico, ya que desvía las mentes de la unidad esencial de la Iglesia.

7. Sin embargo, en estos días, debemos llamar la atención sobre el hecho de que la Iglesia en sus tierras en los últimos años ha sido llevada a situaciones aún peores. En medio de tantos grandes dolores, nos reconforta mucho observar que en los ataques diarios que han sufrido, ni la fe inquebrantable ni el amor más ardiente al Divino Redentor y a su Iglesia han faltado. Han dado testimonio de esta fe y amor de innumerables maneras, de las cuales solo una pequeña parte es conocida por los hombres, pero por todas las cuales algún día recibirán una recompensa eterna de Dios.

8. Sin embargo, consideramos nuestro deber declarar abiertamente, con un corazón lleno hasta sus profundidades de dolor y ansiedad, que los asuntos en China, mediante el engaño y el empeño astuto, están cambiando tanto para peor que la falsa doctrina ya condenada por nosotros parece estar acercándose a sus etapas finales y causando su daño más grave.

9. Porque, mediante una actividad particularmente sutil, se ha creado una asociación entre ustedes a la que se le ha atribuido el título de "patriótica", y se está obligando a los católicos a participar en ella por todos los medios.

Esta asociación, como se ha proclamado en repetidas ocasiones, fue formada ostensiblemente para unir al clero y a los fieles en el amor a su religión y a su país, con estos objetivos en mente: que pudieran fomentar sentimientos patrióticos; que pudieran avanzar en la causa de la paz internacional; que pudieran aceptar esa

especie de socialismo que ha sido introducido entre ustedes y, habiéndolo aceptado, apoyarlo y difundirlo; que, finalmente, pudieran cooperar activamente con las autoridades civiles en la defensa de lo que ellos describen como libertad política y religiosa. Y sin embargo, a pesar de estas generalizaciones amplias sobre la defensa de la paz y la patria, que ciertamente pueden engañar al desprevenido, está perfectamente claro que esta asociación es simplemente un intento de ejecutar ciertas políticas bien definidas y ruinosa.

1. Porque bajo una apariencia de patriotismo, que en realidad es solo un fraude, esta asociación tiene como objetivo principal hacer que los católicos abracen gradualmente los principios del materialismo ateo, mediante los cuales Dios mismo es negado y se rechazan los principios religiosos.

2. Bajo el disfraz de defender la paz, la misma asociación recibe y difunde rumores y acusaciones falsas mediante los cuales se afirma que muchos del clero, incluidos obispos venerables e incluso la Santa Sede misma, admiten y promueven planes de dominación terrenal o dan su consentimiento listo y dispuesto a la explotación del pueblo, como si ellos, con opiniones preconcebidas, estuvieran actuando con intención hostil contra la nación china.

3. Mientras declaran que es esencial que exista todo tipo de libertad en asuntos religiosos y que esto facilita las relaciones mutuas entre los poderes eclesiásticos y civiles, esta asociación en realidad tiene como objetivo dejar de lado y descuidar los derechos de la Iglesia y someterla completamente a las autoridades civiles.

4. Por lo tanto, todos sus miembros se ven obligados a aprobar esas prescripciones injustas por las cuales los misioneros son desterrados y por las cuales obispos, sacerdotes, religiosos, monjas y los fieles en considerable número son arrojados a la cárcel; a consentir esas medidas por las cuales se obstaculiza persistentemente la jurisdicción de muchos pastores legítimos; a defender principios perversos totalmente opuestos a la unidad, universalidad y constitución jerárquica de la Iglesia; a admitir esos primeros pasos por los cuales el clero y los fieles son minados en la obediencia debida a los obispos legítimos; y a separar a las comunidades católicas de la Sede Apostólica.

5. Para difundir estos principios perversos de manera más eficiente y fijarlos en la mente de todos, esta asociación, que como hemos dicho se jacta de su patriotismo, utiliza una variedad de medios, incluida la violencia y la opresión, numerosas publicaciones extensas, y reuniones y congresos de grupo.

6. En estas reuniones, a los reacios se les obliga a participar mediante incitación, amenazas y engaños. Si algún espíritu audaz se esfuerza por defender la verdad, su voz se sofoca y se silencia fácilmente y se le marca con un sello de infamia como enemigo de su patria y de la nueva sociedad.

7. También deben notarse esos cursos de instrucción mediante los cuales se obliga a los alumnos a impregnarse y abrazar esta falsa doctrina. Sacerdotes, religiosos, estudiantes eclesiásticos y fieles de todas las edades son obligados a asistir a estos cursos. Una serie casi interminable de conferencias y debates, que duran semanas y meses, debilitan y adormecen la fuerza de la mente y la voluntad de tal manera que, mediante una especie de coerción psíquica, se extrae un asentimiento que contiene casi ningún elemento humano, un asentimiento que no se solicita libremente como debería ser.

8. Además de estos, están los métodos por los cuales se perturban las mentes, por medio de todo tipo de artimañas, en privado y en público, con trampas, engaños, grave temor, con llamadas confesiones forzadas, con custodia en lugares donde los ciudadanos son "reeducados" por la fuerza, y esos

"tribunales populares" a los cuales incluso venerables obispos son arrastrados ignominiosamente para ser juzgados.

9. Contra métodos de actuación como estos, que violan los derechos principales de la persona humana y pisotean la sagrada libertad de los hijos de Dios, todos los cristianos de todas partes del mundo, de hecho todos los hombres de buen sentido, no pueden dejar de elevar sus voces con Nosotros en verdadero horror y de emitir una protesta lamentando la conciencia trastornada de sus semejantes.

10. Y puesto que estos crímenes se están cometiendo bajo el pretexto del patriotismo, consideramos nuestro deber recordar una vez más la enseñanza de la Iglesia sobre este tema.

11. Porque la Iglesia exhorta y anima a los católicos a amar a su país con amor sincero y fuerte, a dar la debida obediencia de acuerdo con la ley natural y divina positiva a aquellos que ocupan cargos públicos, a darles asistencia activa y dispuesta para la promoción de aquellas empresas por las cuales su patria puede lograr en paz y orden un mayor prosperidad y un verdadero desarrollo.

12. La Iglesia siempre ha impresionado en la mente de sus hijos esa declaración del Divino Redentor: "Dad al César lo que es del César y a Dios lo que es de Dios". Consideramos que es una declaración porque estas palabras hacen cierto e incontrovertible el principio de que el cristianismo nunca se opone o obstaculiza lo que es verdaderamente útil o ventajoso para un país.

13. Sin embargo, si los cristianos están obligados en conciencia a dar al César (es decir, a la autoridad humana) lo que pertenece al César, entonces también el César, o aquellos que controlan el estado, no pueden exigir obediencia cuando estarían usurpando los derechos de Dios o forzando a los cristianos a actuar en contra de sus deberes religiosos o a separarse de la unidad de la Iglesia y su legítima jerarquía.

14. Bajo tales circunstancias, cada cristiano debería desechar toda duda y repetir con calma y firmeza las palabras con las que Pedro y los otros Apóstoles respondieron a los primeros perseguidores de la Iglesia: "Es necesario obedecer a Dios antes que a los hombres".

15. Con énfasis insistente, aquellos que promueven los intereses de esta asociación que reclama el monopolio del patriotismo, hablan una y otra vez de paz y amonestan a los católicos con seriedad a que pongan todos sus esfuerzos para establecerla. En la superficie, estas palabras son excelentes y justas, porque ¿quién merece mayor elogio que el hombre que prepara el camino para introducir y establecer la paz?

16. Pero la paz - como bien saben, Venerables Hermanos y amados hijos - no consiste solo en palabras y no se basa en fórmulas cambiantes que son adecuadas para el momento pero contradicen los planes y prácticas reales, que no se ajustan al significado y la forma de la verdadera paz sino al odio, la discordia y el engaño.

17. La paz digna de ese nombre debe fundamentarse en los principios de la caridad y la justicia que enseñó Aquel que es el "Príncipe de la Paz" y que adoptó este título como una especie de estandarte real para Sí mismo. La verdadera paz es la que la Iglesia desea establecer: una que sea estable, justa, equitativa y fundada en el orden correcto; una que una a todos - ciudadanos, familias y pueblos - mediante los firmes lazos de los derechos del Legislador Supremo y por los vínculos del amor fraterno y la cooperación

mutua.

18. Mientras espera y anhela esta convivencia pacífica entre las naciones, la Iglesia espera que cada nación preserve ese grado de dignidad que le corresponde. Para la Iglesia, que siempre ha mantenido una actitud amistosa hacia los diversos acontecimientos en su país, habló hace mucho tiempo a través de Nuestro difunto Predecesor de feliz memoria y expresó el deseo de que "se dé pleno reconocimiento a las aspiraciones legítimas y los derechos de la nación, que es más poblada que cualquier otra, cuya civilización y cultura se remontan a los tiempos más antiguos, que ha tenido en épocas pasadas, con el desarrollo de sus recursos, periodos de gran prosperidad, y que - razonablemente se puede conjeturar - será aún mayor en los tiempos futuros, siempre y cuando persiga la justicia y el honor".

19. Por otro lado, como se ha dado a conocer por radio y por la prensa, hay algunos, incluso entre las filas del clero, que no dudan en arrojar sospechas sobre la Sede Apostólica e insinúan que tiene malas intenciones hacia su país.

20. Asumiendo premisas falsas e injustas, no temen adoptar una posición que limitaría en un ámbito estrecho la autoridad suprema de enseñanza de la Iglesia, afirmando que hay ciertas cuestiones -como aquellas que conciernen a asuntos sociales y económicos- en las que los católicos pueden ignorar las enseñanzas y las directrices de esta Sede Apostólica.

21. Esta opinión, parece completamente innecesario demostrar su existencia, es completamente falsa y llena de errores porque, como declaramos hace algunos años a una reunión especial de Nuestros Venerables Hermanos en el episcopado:

22. "El poder de la Iglesia no se limita en absoluto a los llamados 'asuntos estrictamente religiosos'; sino que todo el asunto de la ley natural, su institución, interpretación y aplicación, en lo que respecta al aspecto moral, están dentro de su poder.

23. "Por el nombramiento de Dios, la observancia de la ley natural concierne al camino por el cual el hombre debe esforzarse hacia su fin sobrenatural. La Iglesia muestra el camino y es la guía y guardiana de los hombres con respecto a su fin sobrenatural".

24. Esta verdad ya había sido sabiamente explicada por Nuestro Predecesor San Pío X en su Carta Encíclica *Singulari quadam* del 24 de septiembre de 1912, en la que hizo esta declaración: "Todas las acciones de un hombre cristiano, en la medida en que son moralmente buenas o malas, es decir, en la medida en que están de acuerdo o son contrarias a la ley natural y divina, caen bajo el juicio y la jurisdicción de la Iglesia".

25. Además, incluso cuando aquellos que arbitrariamente establecen y defienden estos límites estrechos profesan un deseo de obedecer al Romano Pontífice en lo que respecta a las verdades que deben creerse y de observar lo que llaman directivas eclesiásticas, proceden con tal audacia que se niegan a obedecer las prescripciones precisas y definidas de la Santa Sede. Protestan que estas se refieren a asuntos políticos debido a un significado oculto por parte del autor, como si estas prescripciones tuvieran su origen en alguna conspiración secreta contra su propia nación.

26. Aquí debemos mencionar un síntoma de esta apostasía de la Iglesia. Es un asunto muy serio y llena Nuestro corazón -el corazón de un Padre y Pastor universal de los fieles- con un dolor que desafía la descripción. Porque aquellos que se profesan más interesados en el bienestar de su país han estado esforzándose durante un tiempo considerable en difundir entre la gente la posición, desprovista de toda verdad, de que los católicos tienen el poder de elegir directamente a sus obispos. Para excusar este tipo de elección, alegan la necesidad de cuidar de las almas buenas con toda la rapidez posible y de confiar la administración de las diócesis a aquellos pastores que, por no oponerse a los deseos comunistas y los métodos políticos, son aceptables para el poder civil.

27. Hemos oído que se han celebrado muchas de esas elecciones en contra de todo derecho y ley y que, además, ciertos eclesiásticos se han atrevido imprudentemente a recibir la consagración episcopal, a pesar de la advertencia pública y severa que esta Sede Apostólica dio a los involucrados.

Dado que, por lo tanto, se están cometiendo tales ofensas graves contra la disciplina y la unidad de la Iglesia, debemos, en conciencia, advertir a todos que esto está completamente en contradicción con las enseñanzas y principios sobre los que descansa el orden correcto de la sociedad divinamente instituida por Jesucristo nuestro Señor.

1. Porque se ha establecido claramente y de manera expresa en los cánones que corresponde a la única Sede Apostólica juzgar si una persona es apta para la dignidad y la carga del episcopado, y que la completa libertad en la nominación de obispos es el derecho del Romano Pontífice. Pero si, como sucede a veces, se permite que algunas personas o grupos participen en la selección de un candidato episcopal, esto es lícito solo si la Sede Apostólica lo ha permitido en términos explícitos y en cada caso particular para personas o grupos claramente definidos, con condiciones y circunstancias muy claramente determinadas.

2. Concedida esta excepción, se deduce que los obispos que no han sido nombrados ni confirmados por la Sede Apostólica, sino que, por el contrario, han sido elegidos y consagrados desafiando sus órdenes expresas, no gozan de poderes de enseñanza o de jurisdicción, ya que la jurisdicción pasa a los obispos solo a través del Romano Pontífice, como lo advertimos en la Carta Encíclica *Mystici Corporis* en las siguientes palabras: "... En cuanto a su propia diócesis, cada (obispo) alimenta el rebaño confiado a él como un verdadero pastor y lo gobierna en nombre de Cristo. Sin embargo, al ejercer este cargo, no son del todo independientes, sino que están subordinados a la autoridad legítima del Romano Pontífice, aunque gozan del poder ordinario de jurisdicción que reciben directamente del mismo Sumo Pontífice".

3. Y cuando posteriormente les dirigimos la carta *Ad Sinarum gentem*, volvimos a referirnos a esta enseñanza en estas palabras: "El poder de jurisdicción, que es conferido directamente por derecho divino al Sumo Pontífice, llega a los obispos por el mismo derecho, pero solo a través del sucesor de Pedro, a quien no solo los fieles sino también todos los obispos están obligados a estar constantemente sujetos y a adherirse tanto por la reverencia de la obediencia como por el vínculo de la unidad".

4. Los actos que requieren el poder de las Sagradas Órdenes y que son realizados por eclesiásticos de este tipo, aunque sean válidos siempre y cuando la consagración conferida a ellos haya sido válida, son gravemente ilícitos, es decir, criminales y sacrílegos.

5. A tales conductas se aplican adecuadamente las palabras de advertencia del Divino Maestro: "El que no entra por la puerta en el redil de las ovejas, sino que sube por otra parte, ése es ladrón y salteador." Las ovejas, en efecto, conocen la voz del verdadero pastor. "Pero a un extraño no seguirán, sino que huirán de él, porque no conocen la voz de los extraños".

6. Somos conscientes de que aquellos que menosprecian la obediencia para justificarse con respecto a aquellas funciones que han asumido injustamente, defienden su posición recordando un uso que prevaleció en épocas pasadas. Sin embargo, todos ven que toda disciplina eclesiástica se derrumba si de alguna manera es lícito restaurar disposiciones que ya no son válidas porque la suprema autoridad de la Iglesia decretó hace mucho tiempo lo contrario. De ninguna manera excusan su forma de actuar apelando a otra costumbre, e indiscutiblemente demuestran que siguen esta línea deliberadamente para escapar de la disciplina que ahora prevalece y a la que deberían obedecer.

7. Nos referimos a esa disciplina que se ha establecido no solo para China y las regiones iluminadas recientemente por la luz del Evangelio, sino para toda la Iglesia, una disciplina que encuentra su sanción en ese poder universal y supremo de cuidar, gobernar y dirigir que nuestro Señor otorgó a los sucesores en el oficio de San Pedro Apóstol.

8. Son bien conocidos los términos de la definición solemne del Concilio Vaticano: "Basándonos en el testimonio claro de las Escrituras y cumpliendo con los sabios y claros decretos tanto de nuestros predecesores, los Romanos Pontífices, como de los Concilios generales, renovamos la definición del Concilio Ecuménico de Florencia, por virtud de la cual todos los fieles deben creer que 'la Santa Sede Apostólica y el Romano Pontífice tienen primacía sobre todo el mundo, y el mismo Romano Pontífice es el Sucesor del bienaventurado Pedro y sigue siendo el verdadero Vicario de Cristo y cabeza de toda la Iglesia, el padre y maestro de todos los cristianos, y a él el bienaventurado Pedro, nuestro Señor Jesucristo, le encomendó todo el poder de cuidar, gobernar y dirigir la Iglesia Universal...'".

9. "Enseñamos, ... declaramos que la Iglesia Romana por la Providencia de Dios tiene la primacía del poder ordinario sobre todos los demás, y que este poder de jurisdicción del Romano Pontífice, que es verdaderamente episcopal, es inmediato. Hacia él, los pastores y los fieles de cualquier rito y dignidad, tanto individualmente como colectivamente, están obligados por el deber de subordinación jerárquica y verdadera obediencia, no solo en asuntos que conciernen a la fe y moral, sino también en aquellos que conciernen a la disciplina y gobierno de la Iglesia extendida por todo el mundo, de tal manera que una vez que se ha preservado la unidad de comunión y la profesión de la misma Fe con el Romano Pontífice, hay un solo rebaño de la Iglesia de Cristo bajo un solo pastor supremo. Esta es la enseñanza de la verdad católica de la cual nadie puede apartarse sin pérdida de fe y salvación".

10. De lo que hemos dicho, se sigue que ninguna autoridad, excepto la que es propia del Pastor Supremo, puede anular el nombramiento canónico otorgado a cualquier obispo; que ninguna persona o grupo, ya sea de sacerdotes o de laicos, puede reclamar el derecho de nombrar obispos; que nadie puede conferir la consagración episcopal lícitamente a menos que haya recibido el mandato de la Sede Apostólica.

11. En consecuencia, si se está llevando a cabo una consagración de este tipo contraria a todo derecho y ley, y por este crimen se está atacando seriamente la unidad de la Iglesia, se ha establecido una excomunión reservada de modo especialísimo a la Sede Apostólica que es automáticamente incurrida por el consagrante y por cualquiera que haya recibido una consagración conferida de manera irresponsable.

12. ¿Cuál debe ser entonces la opinión sobre la excusa añadida por los miembros de la asociación que promueve el falso patriotismo, que tuvieron que actuar según alegaban debido a la necesidad de atender a las almas en esas diócesis que entonces estaban sin obispo?

13. Es obvio que no se está pensando en el bien espiritual de los fieles si se están violando las leyes de la Iglesia, y además, no se trata de sedes vacantes, como desean argumentar en defensa, sino de sedes episcopales cuyos legítimos gobernantes han sido expulsados o ahora languidecen en prisión o están siendo obstruidos de diversas maneras para el libre ejercicio de su poder de jurisdicción. También debe agregarse que aquellos clérigos han sido encarcelados, exiliados o removidos por otros medios, a quienes los superiores eclesiásticos legítimos habían designado de acuerdo con el derecho canónico y los poderes especiales recibidos de la Sede Apostólica para actuar en su lugar en el gobierno de las diócesis.

14. Es seguramente motivo de pesar que mientras santos obispos destacados por su celo por las almas están soportando tantas pruebas, se aproveche de sus dificultades para establecer falsos pastores en su lugar para que se derribe el orden jerárquico de la Iglesia y se resista traicioneramente a la autoridad del Romano Pontífice.

15. E incluso algunos se han vuelto tan arrogantes que culpan a la Sede Apostólica por estos eventos terribles y trágicos (que ciertamente han sido logros deliberados de los perseguidores de la Iglesia) a pesar de que todos saben que la Iglesia ha sido incapaz, en el pasado y en el presente, cuando se ha necesitado tal información, de obtener los datos necesarios sobre candidatos calificados para el episcopado simplemente porque se le ha impedido comunicarse libre y seguramente con las diócesis de China.

16. Venerables hermanos y queridos hijos, hasta ahora les hemos hablado de la ansiedad que nos mueve ante los errores que ciertos hombres intentan sembrar entre ustedes, y por las disensiones que se están generando. Nuestra intención es que, iluminados y fortalecidos por el estímulo de su padre común, permanezcan firmes y sin mancha en esa fe con la que estamos unidos y por la que solo obtendremos la salvación.

17. Pero ahora, siguiendo los dictados ardientes de nuestro corazón, debemos contarles los sentimientos de cercanía y particular intimidad que nos unen a ustedes. A nuestra mente vienen esos tormentos que desgarran sus cuerpos o sus mentes, especialmente aquellos que están soportando los testigos más valientes de Cristo, entre cuyos números se encuentran varios de nuestros Venerables Hermanos en el episcopado. A diario en el altar ofrecemos al Divino Redentor las pruebas de todos ellos, junto con las oraciones y sufrimientos de toda la Iglesia.

18. Permanezcan constantes y depositen su confianza en Él según las palabras: "Echad toda vuestra ansiedad sobre Él, porque Él tiene cuidado de vosotros".

19. Él ve claramente su angustia y sus tormentos. Acepta especialmente la aflicción del alma y las lágrimas que muchos de ustedes, obispos y sacerdotes, religiosos y laicos, derraman en secreto al contemplar los esfuerzos de quienes intentan subvertir a los cristianos entre ustedes. Estas lágrimas, estos dolores corporales y torturas, la sangre de los mártires del pasado y del presente, todo hará que, a través de la poderosa intervención de María, la Virgen Madre de Dios, Reina de China, la Iglesia en su tierra natal recupere finalmente su fuerza y en una época más tranquila, días más felices brillarán sobre ella.

20. Confiando en esta esperanza, les otorgamos con gran amor en el Señor, como un signo de los dones divinos y un signo de Nuestro especial buen deseo, nuestra Bendición Apostólica a ustedes y a las ovejas confiadas a su cuidado.

21. Dado en San Pedro, en Roma, el 29 de junio, fiesta de los Santos Apóstoles Pedro y Pablo, en el año 1958, el vigésimo de Nuestro Pontificado.

REFERENCIAS

1. "Acta Apostolicae Sedis" 18 (1926) 432.

2. Ibíd.

3. AAS 44 (1952) 153 y ss.

4. AAS 47 (1955) 5 y ss.

5. Lucas 20:25.

6. Hechos 5:29.

7. Isaías 9:6.

8. Cfr. mensaje de Pío XI al Delegado Apostólico en China, 1 de agosto de 1928: "Acta Apostolicae Sedis" 20 (1928) 245.

9. Discurso a Cardenales y Obispos, 2 de noviembre de 1954: AAS 46 (1954) 671-672. [Trad. al inglés: TPS v. 1, no. 4, pp. 375 y ss. - Ed.]

10. AAS 4(1912) 658.

11. Código de Derecho Canónico 331, sect. 3.

12. Código de Derecho Canónico 329, sect. 2.

13. Carta encíclica "Mystici Corporis," 29 de junio de 1943: AAS 35 (1943) 211-212.

14. Carta encíclica "Ad Sinarum gentem," 7 de octubre de 1954: AAS 47 (1955) 9.

15. Juan 10:1.

16. Juan 10:4-5.

17. Concilio Vaticano, sesión IV, cap. 3; Coll. Lac., Vll, p.484.

18. Código de Derecho Canónico 953.

19. Decreto de la Sagrada Congregación del Santo Oficio, 9 de abril de 1951: AAS 43 (1951) pp. 217-18.

20. 1 Pedro 5:7.

Disponible en la Red por Paul Halsall

Artículo original: Link

¿Solo en Casa?

Rev. Anthony Cekada

En mi reciente panfleto, *Lei Canônica e Senso Comum*, mencioné un cierto tipo de persona que uno encuentra ocasionalmente en el movimiento tradicionalista: el laico que trata la ley canónica como una fuente práctica de "textos de prueba" que puede usar para descartar a todos los demás como no católicos. El consejo práctico que da siempre es el mismo: Todas las capillas y sacerdotes tradicionales son ilícitos y, por lo tanto, malvados; quédate en casa este domingo para adorar en la habitación de tu elección. Tu vida religiosa termina así siendo algo así como una repetición perpetua de *Solo en Casa*, sin un final feliz.

Recientemente, los adeptos de esta posición también han estado afirmando que sus condenas se basan en la doctrina católica infaliblemente proclamada por el Concilio de Trento. Son dados a fotocopiar secciones del Decreto del Concilio sobre las Órdenes Sagradas, y subrayar los siguientes pasajes:

> El santo Sínodo enseña, además, ... que aquellos que por su propia temeridad asumen estos cargos, no son ministros de la Iglesia, sino que deben ser considerados como "ladrones y salteadores, que no han entrado por la puerta".
>
> Can. 7. Si alguien dice... que aquellos que no han sido ordenados correctamente ni enviados por autoridad eclesiástica y canónica, sino que vienen de una fuente diferente, son ministros legítimos de la palabra y de los sacramentos: sea anatema.

Estos pasajes suelen ir acompañados de notas marginales escritas a mano, obra de algún canónigo anónimo solitario. Él argumenta así: Los sacerdotes tradicionales funcionan sin las debidas autorizaciones canónicas. Por lo tanto, "asumen estos cargos" y no son ministros de la Iglesia, sino *ladrones y salteadores*. (Siempre subrayado doble.) No han sido ordenados "correctamente" conforme a la ley canónica, ni han sido "enviados por autoridad eclesiástica y canónica". Más bien, los sacerdotes tradicionales "vienen de una fuente diferente" y por lo tanto no son "ministros legítimos de la palabra y de los sacramentos". Si dices lo contrario, *niegas el dogma católico* (subrayado doble), y estás *anatema — ¡fuera de la Iglesia!* (¡Subrayado doble, si no triple!) No puedes asistir a las misas de estos sacerdotes y seguir siendo católico, así que *quédate en casa!*

Cuando la Iglesia condenaba una proposición doctrinal falsa, le adjuntaba una censura que expresaba precisamente el grado del error: por ejemplo, "herética", "favorecedora de la herejía", "temeraria", "ofensiva para los oídos piadosos", etc. Sin embargo, para el argumento anterior, la Iglesia necesitaría crear una nueva categoría —una titulada "*realmente* estúpida". ¿Un poco duro, Padre? Bueno, considera:

(1) Nuestro canonista solitario cree que Trento estaba condenando una cosa, cuando de hecho estaba condenando otra.

(2) Ha basado su argumento en una traducción defectuosa, pero no se da cuenta de esto ya que ignora el latín.

1. Trento Condena la Ordenación Laica. El propósito del decreto de Trento sobre las Órdenes Sagradas fue reafirmar la doctrina católica sobre el sacramento y condenar todo un montón de herejías protestantes al respecto, como por ejemplo, que las Órdenes Sagradas no son un sacramento sino una invención humana, que las Órdenes Menores no existen, que todos los cristianos son sacerdotes por igual, que no hay una jerarquía de Órdenes, etc.

Entre las herejías protestantes que el Concilio condenó estaba una que afirmaba que el asentimiento del pueblo o del magistrado civil es todo lo que necesitas para hacer que alguien sea ministro de la palabra y los sacramentos. Esta herejía niega el carácter sacramental de las Órdenes Sagradas. Reduce el sacerdocio a un cargo político desprovisto de cualquier poder sacramental objetivo.

El solitario en casa encontró el lenguaje del decreto condenando la herejía de la ordenación laica y lo interpretó erróneamente como una condena de sacerdotes ordenados sin cartas dimisorias de un obispo diocesano, o algo por el estilo. Podría haber descubierto este error si hubiera leído la primera parte de la oración (resaltada en **negrita**), en lugar de simplemente la frase que subrayó al final:

El santo Sínodo enseña, además, **que en la ordenación de obispos, sacerdotes y de otros órdenes, no se requiere el consentimiento, llamado o autoridad del pueblo, o de cualquier poder secular o magistrado para la validez de la ordenación; sino que más bien decreta que aquellos que son llamados e instituidos *solamente* por el pueblo [**énfasis original en la traducción de 1954**], o por el poder civil o magistrado y proceden a ejercer estos cargos, y** que aquellos que por su propia temeridad asumen estos cargos, no son ministros de la Iglesia, sino que deben ser considerados como "ladrones y salteadores, que no han entrado por la puerta." (Dz 960)

A partir de la primera parte de la oración, es absolutamente claro a quiénes está denunciando el Concilio como "ladrones y salteadores": aquellos que reciben solo una especie de ordenación laica del pueblo o del Estado (en lugar de una verdadera ordenación sacramental de un obispo), y que luego realizan funciones sacramentales y ministeriales propias de un sacerdote ordenado solamente.

El solitario en casa también cita el Canon 7 que sigue al decreto doctrinal sobre las Órdenes Sagradas. El canon, dice, condena de manera infalible a aquellos que operan sin "autoridad oficialmente delegada".

Esto también es completamente falso. El pasaje en el Canon 7 corresponde al pasaje en el decreto doctrinal, y (como el decreto) no dice absolutamente nada sobre "autoridad oficialmente delegada". Simplemente condena de manera más solemne lo que el decreto doctrinal condena: la posición protestante de que una especie de "ordenación laica" es suficiente para conferir sacramentos.

2. Una Traducción Defectuosa. Los solitarios en casa señalan dos frases del canon, señaladas abajo en **negrita**, que creen que condenan a los clérigos que no han recibido los diversos permisos que la ley canónica requiere antes de la ordenación:

> Si alguien dice... que aquellos que no han sido **correctamente** ordenados ni enviados **por autoridad eclesiástica y canónica,** sino que vienen de una fuente diferente, son ministros legítimos de la palabra y de los sacramentos: sea anatema.

Aquí, lo que comenzó como tragedia termina como farsa. Resulta que la traducción que utilizaron los solitarios en casa para las frases en negrita resulta ser defectuosa. Los solitarios en casa, ignorantes del latín, basaron todo su argumento en estas frases mal traducidas. Aquí está el texto latino del Canon 7 y una traducción correcta.

> Si quis dixerit… ordines ab ipsis [episcopis] collatos sine populi vel potestatis saecularis consensu aut vocatione irritos esse; aut eos, qui nec ab ecclesiastica et canonica potestate rite ordinati nec missi sunt, sed aliunde veniunt, legitimos esse verbi et sacramentorum minstros: A.S. (Dz 967)

> Si alguien dice... que las órdenes conferidas por ellos mismos [obispos] sin el consentimiento o llamado del pueblo o del poder secular son inválidas; o, que aquellos que no han sido ni **ordenados por autoridad eclesiástica y canónica con las debidas ceremonias** ni enviados, sino que vienen de otro lugar, son legítimos ministros de la palabra y de los sacramentos: sea anatema.

La frase en **negrita** presenta una imagen bastante diferente. Los solitarios en casa han escrito páginas y páginas de polémicas contra los sacerdotes tradicionales, todo basado en la suposición de que la frase "ordenados correctamente" tiene algo que ver con observar al pie de la letra la ley canónica sobre la

obtención de permisos para realizar ordenaciones. Pero la expresión latina *rite ordinati* no significa algo como "correctamente ordenado según la ley canónica". *Rite* (pronunciado ree-tay), significa más bien que alguien fue ordenado "*con todas las ceremonias litúrgicas adecuadas*" —y todos los sacerdotes tradicionales que conozco ciertamente lo fueron.[1]

Otra frase favorita de los solitarios en casa en el canon, "enviados por autoridad eclesiástica y canónica", es igualmente una traducción errónea. Para empezar, la parte de la frase que comienza con "por" ha sido colocada incorrectamente en la traducción. En latín, modifica "ordenados", no "enviados".[2] "Autoridad", además, es una traducción incorrecta aquí para *potestas*, que significa "poder". El tipo específico de poder es el *poder sacramental* de la Iglesia, aquí referido como "autoridad eclesiástica y canónica" (*ecclesiastica et canonica potestate*), para distinguirlo del poder puramente secular (*potestatis saecularis*) considerado suficiente por los protestantes para hacer a un ministro sacramental, y que es objeto de condena en la frase precedente del canon.

En resumen, el Canon 7 en latín no dice lo que los solitarios en casa pensaban que decía. Más bien, el canon condena el ministerio sacramental sin una verdadera ordenación sacramental.

Por lo tanto, los pasajes del Concilio de Trento que nuestro canonista solitario ha abrazado con tanto entusiasmo no pueden aplicarse de ninguna manera a los sacerdotes católicos tradicionales. Los pasajes condenan una herejía protestante específica: que el consentimiento del pueblo o del gobierno civil es suficiente (o necesario) para autorizar a los hombres como "ministros legítimos de la palabra y de los sacramentos". Ningún sacerdote católico tradicional enseña eso.

Nuestro canonista solitario ha logrado así malinterpretar absolutamente todo. Ha malinterpretado un decreto del Concilio de Trento, ha inventado cargos falsos contra los sacerdotes católicos tradicionales y ha emitido un anatema sobre la base de una traducción defectuosa —lo suficiente, seguramente, para merecer la nueva censura teológica de "*realmente* estúpido".

Los errores en dogma, teología moral y derecho canónico son la especialidad de los teóricos solitarios en casa. Refutar su tontería cada vez que intentan echar *más* católicos tradicionales fuera de la Iglesia es, en última instancia, una pérdida de tiempo. Simplemente pasan la página en sus paráfrasis de un solo volumen del derecho canónico o en sus traducciones vernáculas falsas de Denziger, y tratan de inventar aún otra razón para condenar a todos los demás.

A dónde ha llevado esto a los solitarios en casa es evidente para todos —a un amargo exilio sin sacramentos, un castigo poético, quizás, por su orgullo al haber presumido enfrentarse a cuestiones a años luz de sus propias capacidades.

El mejor antídoto contra tal locura es el sentido común. La Iglesia con su ministerio sacramental y su jerarquía visible continuará hasta el fin de los tiempos,[3] y los católicos seguirán obedeciendo el Tercer Mandamiento, más o menos como lo hicieron sus antepasados. Todo es tan simple que hasta un niño podría entenderlo. Inténtalo con un niño de ocho años en la hora de la Misa el próximo domingo: incluso *él* sabe que no deberías quedarte solo en casa.

(27 de febrero de 1993)

Adición: ¿Los Solitarios en Casa Excomulgados?

Unas semanas después de que circulara *¿Solo en Casa?* como un panfleto, alguien me envió el siguiente pasaje de la Bula del Papa Pío IV *Benedictus Deus* (26 de enero de 1564). La Bula, que confirma los decretos del Concilio de Trento, impone una excomunión *latae sententiae* (automática) a cualquiera que, sin la aprobación de la Santa Sede, presuma "publicar en cualquier forma cualquier comentario, glosa, anotación, scholia o cualquier tipo de interpretación de los decretos de este concilio". La razón de esta prohibición, declaraba la Bula, era evitar la "perversion y confusión" que surgía de los comentarios privados e

interpretaciones de los decretos tridentinos.

Esto, señaló mi corresponsal, es exactamente lo que han hecho los solitarios en casa. Los principios peculiares que emplean para interpretar Trento, añadió, entonces lógicamente dictarían que los solitarios en casa se consideren a sí mismos excomulgados por el simple hecho de haber publicado comentarios no autorizados sobre los decretos tridentinos.

Esto, innecesario decirlo, pone al solitario en casa en un aprieto: por un lado, la lógica dicta que se considere a sí mismo excomulgado; por otro lado, niega que alguien todavía tenga la autoridad para levantar una excomunión. Será interesante ver las explicaciones que ofrecen los solitarios en casa para lidiar con estas inconveniencias.

---

[1] Los solitarios en casa han intentado utilizar otros dos términos para respaldar sus condenas: (1) " *Regularmente* ordenado." Resulta que los solitarios en casa tomaron esto fuera de contexto de la Profesión de Fe prescrita para los herejes valdenses (Dz 424). El punto del pasaje era hacer que los valdenses renunciaran a su herejía de que alguien que no fuera un sacerdote ordenado pudiera confectar la Eucaristía. Aquí, *regulariter* simplemente significa "ordenado de manera usual", en contraste con los valdenses "no ordenados en absoluto". (2) La denuncia del Concilio de Letrán contra las "ordenaciones *vacuas* desconocidas por la regla eclesiástica" (Dz 274). Esto es simplemente parte de una excomunión impuesta contra aquellos que se atrevieran a ordenar herejes monotelitas. La ignorancia de latín de los solitarios en casa y su tendencia a sacar frases de contexto también los ha perjudicado aquí. *Ordinationes vacuas ecclesiasticae regulae incognitas* es la frase original. Una ordenación que es *vacua* no es simplemente "vaina"; es inválida. Una traducción más precisa es: "Ordenaciones inválidas no reconocidas por la ley eclesiástica" —un asunto canónico completamente diferente, obviamente, ya que la *validez* en lugar de la *licitud* es el tema. Finalmente, es difícil ver cómo cualquiera de las dos restricciones se aplicaría a los sacerdotes tradicionales, ya que muy pocos de nosotros (sospecho) somos valdenses o monotelitas.

[2] Los sacerdotes tradicionales están "enviados" en cualquier caso —por el legislador que (como señalamos en *Lei Canônica e Senso Comum*) quiere sobre todo la salvación de las almas, y también en virtud del texto del rito de ordenación en sí mismo.

[3] "Así como [Cristo] *envió* a los Apóstoles que Él mismo había elegido del mundo (*como Él mismo fue enviado por el Padre*), así también quiso que hubiera pastores y maestros en la Iglesia *hasta el fin de los tiempos*." Vaticano I, Dz 1821.

Artículo original: Link

Dos Comentarios sobre la Entrevista Reciente de Mons. Tissier

Rev. Anthony Cekada

Dos puntos en la entrevista de Mons. Bernard Tissier de Mallerais con Stephen Heiner (*The Remnant*, 30 de abril de 2006) merecen algún comentario adicional.

1. Mons. Lefebvre y el Nuevo Rito de Consagración Episcopal. Mons. Tissier niega enfáticamente que Mons. Lefebvre haya estudiado, negado, dudado o incluso discutido la validez del nuevo rito de consagración episcopal.

Todo lo que puedo decir es que Mons. Tissier no estaba presente cuando Mons. Lefebvre personalmente me dijo que la forma del nuevo rito había sido completamente cambiada y que él lo consideraba inválido.

Tal vez a Mons. Tissier no le preocupaban tales cuestiones, por lo que no preguntó. Pero sí me preocupaban a mí.

Mantengo el relato de mi conversación con Mons. Lefebvre que di en mi artículo "Absolutamente Nulo y Completamente Vacío". El Arzobispo me dijo que el rito era inválido.

Pero de todos modos, este es un espectáculo secundario. La validez del rito no se determina por las opiniones de un Arzobispo fallecido, sino aplicando los principios de la teología sacramental católica.

2. Herejías de Benedicto XVI. El lenguaje fuerte de Mons. Tissier sobre Ratzinger sorprenderá a muchos tradicionalistas como algún tipo de cambio fundamental de posición.

Esto, temo, no es el caso.

La insistencia de Mons. Tissier en que las herejías de Ratzinger no tienen efecto sobre si él es un verdadero papa es, en sí misma, notablemente similar a las propias herejías de Ratzinger sobre la Iglesia: que (1) la negación de la enseñanza católica a través de la herejía no pone realmente a uno fuera de la Iglesia de Cristo, y que (2) uno puede ser miembro de la Iglesia de Cristo sin estar sujeto al Pontífice Romano.

En cuanto a (1), según el Obispo Tissier, Ratzinger ha profesado herejías en el pasado, nunca ha retractado sus errores y publicó un libro lleno de herejías.

Pero nada de esto, parece, afecta la membresía de Ratzinger en la Iglesia o su capacidad para convertirse y permanecer como el Vicario de Cristo: No, no, no. Él es el Papa. La herejía, en el sistema del Obispo Tissier, simplemente no tiene consecuencias para el individuo que la profesa.

En cuanto a (2), aunque el Obispo Tissier dice de Ratzinger que es el Papa, ahora, sí, él es el Papa, la FSSPX se niega a estar sujeta al Papa al mismo tiempo que se considera parte de la Iglesia. La sumisión al Pontífice Romano, tanto en el sistema del Obispo Tissier como en el de Ratzinger, ya no es necesaria para la membresía en la Iglesia de Cristo.

Es irónico que al denunciar las herejías de Ratzinger mientras insiste en que esto no tiene efecto alguno ni en la membresía de Ratzinger en la Iglesia ni en su capacidad para ser un verdadero papa, el Obispo Tissier abrace inadvertidamente la gran herejía de la "iglesia como comunión" de Ratzinger.

Obviamente, esta no es la intención del Obispo Tissier.

Siempre se puede rezar, sin embargo, para que, habiendo reconocido que Ratzinger enseñó herejía, el Obispo Tissier y otros miembros de la FSSPX apliquen pronto a ese hecho los principios teológicos apropiados y luego reconozcan sin vacilar las consecuencias lógicas: el hereje Ratzinger no puede ser un verdadero papa.

Mientras tanto, denunciar las herejías de Ratzinger mientras se insiste en que es un papa simplemente cristaliza la incoherencia de la eclesiología de reconocer-y-resistir de la FSSPX.

(30 de abril de 2006)

Artículo original: Link

Obispo Méndez y las ordenaciones SSPV de 1990

Rev. Anthony Cekada

Los relatos contradictorios de los participantes llevan a una conclusión inquietante.

En septiembre de 1990, el exobispo de Arecibo, Puerto Rico, el Reverendísimo Alfred F. Méndez CSC, ordenó al sacerdocio a dos miembros de la Sociedad de San Pío V (SSPV).

Dado que el Obispo Méndez no deseaba ser vinculado públicamente con la causa tradicionalista, la ordenación se llevó a cabo en secreto en la capilla de una escuela en Cincinnati, Ohio. Para proteger aún más la identidad del prelado cuando los dos sacerdotes recién ordenados aparecieron repentinamente en la escena tradicionalista, la SSPV dio el nombre de su obispo ordenante como "Francis González".

En una carta a un sacerdote de la Sociedad de San Pío X al mes siguiente, además, el Obispo Méndez mismo negó su participación, desestimando la historia de que había realizado la ordenación como un "feo rumor".

A lo largo de los años, los sacerdotes de la SSPV que participaron en la ceremonia de ordenación han dado varios relatos conflictivos sobre cómo se llevó a cabo realmente este rito. En particular, estos tocan la cuestión de cómo el Obispo Méndez recitó la forma sacramental esencial, la única oración en el rito absolutamente requerida para la validez de la ordenación.

Ningún tradicionalista, por supuesto, quiere otra controversia, especialmente sobre un tema tan candente como la validez de una ordenación.

El caso de la ordenación de 1990, sin embargo, es muy perturbador. El intento de reconciliar todos los relatos sucesivos de **cómo** el Obispo Méndez recitó la forma sacramental, con qué **frecuencia** lo hizo durante la ceremonia, qué **texto** recitó y qué **libro** utilizó no ha resultado más que en confusión y contradicción.

Y las consecuencias que tendría si *hubiera* habido un defecto sustancial, que dos sacerdotes que han estado en el circuito de misión de la SSPV desde 1990 estén inválidamente ordenados, son terribles de contemplar. Porque aunque los sacerdotes de la SSPV, como cuestión de política, se niegan a administrar sacramentos a varias categorías amplias de católicos tradicionales (entre ellos, mis feligreses actuales), muchos católicos tradicionales (incluidos los que anteriormente serví) confían exclusivamente en la SSPV para los sacramentos, particularmente en el Este y Medio Oeste donde los dos sacerdotes trabajan ahora.

Cuando este asunto llegó a mi atención por primera vez a finales de 2000, intenté sin éxito resolverlo discretamente. Poco después, también me encontré en un avión junto a uno de los sacerdotes ordenados en la ceremonia de 1990, un exalumno mío. Le expliqué los principios involucrados e insté a que se solucionara el problema. Escuchó educadamente, pero no pude determinar si realmente comprendió. Y según tengo entendido, nunca se hizo nada al respecto.

Dado que esto parece seguir siendo así, expondré aquí algunos principios básicos sobre los sacramentos y luego estableceré en orden cronológico los diversos relatos conflictivos que los participantes en las ordenaciones de 1990 han proporcionado a lo largo de los años. Al final de este artículo, ofreceré un resumen, seguido de algunas conclusiones prácticas.

Sin embargo, en ese punto, sospecho que la mayoría de los lectores ya habrán llegado a las mismas conclusiones perturbadoras que yo.

I. Principios Generales

Comenzamos recordando algunos principios sobre los sacramentos:

- Como he demostrado en otro lugar en mi artículo sobre las consagraciones episcopales de 1981 conferidas por el Arzobispo P.M. Ngo-dinh-Thuc, cuando un ministro católico confiere un sacramento usando un rito católico, la práctica pastoral ordinaria, el derecho canónico y los principios de la teología moral tratan automáticamente el sacramento que él confiere como válido.[1]

En cuanto a las Órdenes Sagradas en particular, el Cardenal Gasparri, compilador del Código de Derecho Canónico, dijo: "... un acto, especialmente uno tan solemne como una ordenación, debe ser considerado válido, siempre que la invalidez no sea claramente demostrada".[2]

En consecuencia, cuando el Obispo Méndez confirió Órdenes Sagradas en 1990 utilizando los ritos de ordenación tradicionales de la Iglesia, el sacramento que confirió disfrutó automáticamente de la presunción de validez, sin importar *qué* se pensara de él de otra manera.

- A pesar de esta presunción, sin embargo, un sacramento que un ministro católico confiere usando un rito católico debe tratarse como inválido si, cuando se realizó el rito, ocurrió (o incluso probablemente ocurrió) un defecto *sustancial* en uno de los tres elementos esenciales del sacramento: materia, forma o intención.

El segundo elemento mencionado, la *forma*, se refiere a la fórmula corta y esencial en el rito que la Iglesia (ya sea a través de algún pronunciamiento papal o a través de la enseñanza común de teólogos aprobados) designa como necesaria para la validez.[3]

Un defecto sustancial en la forma sacramental ocurre cuando se omite completamente, o cuando su *significado* se cambia *sustancialmente* — "cuando el significado de la forma misma está corrompido... si las palabras tendrían un significado diferente al que la Iglesia pretendía".[4]

De los diversos relatos dados por los participantes presentes en las ordenaciones de 1990, hay buenas razones para temer que el Obispo Méndez pronunció de manera incorrecta la forma sacramental esencial de tal manera que su significado fue corrompido. Ahora pasamos a esos relatos.

II. Relatos Iniciales: Dos Pronunciaciones

Las primeras indicaciones de que ocurrió un defecto en la forma sacramental esencial provinieron de dos sacerdotes de la SSPV que estuvieron presentes en la ceremonia, el Reverendo Thomas Zapp y el Reverendo Clarence Kelly.

A. Relato del Padre Zapp. El Padre Kelly había designado tanto al Padre Zapp como a él mismo como "testigos calificados" de la ordenación para atestiguar que el Obispo Méndez la realizó válidamente, usando la materia y la forma correctas. Estaban uno al lado del otro en el lado del Evangelio del santuario, a seis pies de distancia del Obispo Méndez, compartiendo el mismo *Pontifical* (el libro ritual con los ritos de ordenación) y siguiendo el texto.

(Ni el derecho canónico, la teología moral ni las rubricas mismas prescriben tal papel en un rito sacramental, por cierto. El Padre Kelly lo había inventado para impugnar la validez de las consagraciones de Thuc).[5]

Antes de la recitación de las palabras esenciales, el Padre Kelly alertó al Padre Zapp susurrando "aquí viene la forma".

Después de que el Obispo Méndez recitó la forma, recordó el Padre Zapp, "Nos miramos y dijimos '*¿Qué?*'" El Padre Kelly hizo que el Padre Jenkins detuviera al obispo y le pidiera que lo repitiera. El Obispo Méndez estaba visiblemente molesto por la solicitud.

Sin embargo, el Obispo Méndez recitó la forma una segunda vez. Nuevamente, los Padres Kelly y Zapp siguieron las palabras juntos.

El Padre Kelly le preguntó al Padre Zapp, "¿Lo hizo bien esta vez?" El Padre Zapp, confiando en que el Padre Jenkins lo había escuchado pronunciar correctamente la segunda vez, dijo "Creo que sí." Aparentemente, el Padre Kelly quedó satisfecho con el "Creo que sí", porque no hubo intento de que el Padre Jenkins detuviera nuevamente al obispo.

En ese momento, el Padre Zapp no tenía preocupaciones sobre la validez del sacramento. Fue solo unos años más tarde, cuando comenzó a salir a la luz otra información sobre la ordenación, que se dio cuenta de la gravedad del problema.

El Padre Zapp agregó: "No hubo absolutamente ninguna mención nuevamente de este fiasco — en mi presencia de todos modos — excepto, al regresar a la sacristía (después del desastre de una ceremonia), el Padre Kelly y yo nos miramos, sacudiendo la cabeza, y él me dijo, '¡Nunca volveré a hacer esto!'"

B. Relato del Padre Kelly. Después de la muerte del Obispo Méndez en 1995, la SSPV anunció que el Obispo Méndez no solo había realizado las ordenaciones de 1990, sino que en octubre de 1993, también había consagrado secretamente al episcopado al Padre Kelly, el Superior de la SSPV.

Las circunstancias que rodearon la consagración de Bp. Kelly en 1993, se notó de inmediato, tenían mucho en común con las circunstancias que rodearon las consagraciones episcopales de 1981 conferidas por el Arzobispo Thuc — consagraciones que el entonces Padre Kelly había estado denunciando durante años como inválidas. Por lo tanto, en 1997, Bp. Kelly publicó *The Sacred and the Profane*, un libro de 300 páginas dedicado en su totalidad a tratar de distinguir las dos — justificando a Bp. Méndez y a sí mismo ("Lo Sagrado"), y condenando al Arzobispo Thuc y a otros ("Lo Profano").[6]

En la página 210 y siguientes, Bp. Kelly dio su propia versión extensa de lo que sucedió en las ordenaciones sacerdotales de 1990. Confirmó que Bp. Méndez de hecho pronunció la forma esencial dos veces. Al mismo tiempo, sin embargo, Bp. Kelly intentó calmar las preocupaciones causadas por el testimonio ocular del Padre Zapp sobre Bp. Méndez tergiversando la forma sacramental.

Pero la narración de Bp. Kelly de la historia no tendría finalmente el efecto tranquilizador que él pretendía.

III. Cambio en el Significado: "Quae Sumus"

En 2000, tres años después, me estaba preparando para enseñar mi curso sobre los sacramentos en el Seminario de la Santísima Trinidad (entonces ubicado en Warren, Michigan). El curso comienza con una visión general de los principios generales que la teología moral y el derecho canónico establecen para la conferencia de los sacramentos.

Por alguna razón, el relato de Bp. Kelly sobre las ordenaciones de 1990 en *The Sacred and the Profane* vino a mi mente mientras revisaba mis notas de enseñanza sobre defectos en una forma sacramental — es decir, qué tipos de cambios en las palabras hacen que un sacramento sea dudoso o inválido.

Poner mis notas junto al pasaje en el libro de Bp. Kelly me llevó a hacer un poco más de investigación en otros comentarios sobre los sacramentos. Luego envié la siguiente carta al sacerdote local de la SSPV en Cincinnati, el Reverendo William Jenkins. (Las citas en latín han sido traducidas).

---

4 de noviembre de 2000

Estimado Padre Jenkins,

En preparación para mi curso *Jus Sacramentarium* en Warren, recordé algo perturbador sobre el relato escrito del Bp. Kelly sobre las ordenaciones de septiembre de 1990.[7]

Buscando desacreditar los recuerdos del Padre Zapp de que el Bp. Méndez de alguna manera había tergiversado la forma sacramental esencial, el Bp. Kelly escribió que la confusión surgió por la palabra *quaesumus*, que, en el *Pontifical* que usaba el Bp. Méndez, estaba dividida en sílabas en el medio, de modo que *quae* aparecía en una línea en el Pontifical y *sumus* en la siguiente. Según Bp. Kelly:

"Cuando el Obispo Méndez leyó las palabras de la forma, colocó su dedo índice derecho en el libro al principio de la forma que había sido marcada. Luego pronunció cada palabra cuidadosa, deliberada y lentamente. Cuando llegó a la palabra '*quaesumus*', que estaba dividida en sílabas, pronunció '_qua_e-' y luego movió su dedo al principio de la siguiente línea y pronunció '*sumus*.' Cuando escuché las sílabas pronunciadas por separado, me sorprendí y pensé que el Obispo Méndez había cometido un error." (*The Sacred and the Profane*, 210 y siguientes).

Bp. Kelly relató que luego te informó a ti, y que el Bp. Méndez repitió la forma:

"Nuevamente, pronunció la palabra '*quaesumus*' como lo había hecho antes. Y nuevamente pensé que había cometido un error. Era claramente un caso de ser demasiado cuidadoso. Nuevamente le dije al Padre Jenkins, quien habló con el Obispo Méndez. Pero el Obispo Méndez sabía que no había cometido un error y nos lo hizo saber. Pero aún así pensé que había cometido un error." (*Ibid*.)

A partir de estos pasajes parece claro que el Bp. Méndez pronunció incorrectamente el comienzo de la forma sacramental esencial como "*Da quae sumus*", en lugar de "*Da, quaesumus*".

Cuando leí por primera vez este relato, no pensé más en ello — quizás solo un ejemplo divertido de una pronunciación descuidada por parte de un típico obispo estadounidense con latín oxidado.

Sin embargo, el mes pasado, me encontré con el siguiente pasaje en *The Administration of the Sacraments* de Halligan (se adjunta fotocopia):

"Con respecto a la corrupción o cambio en la forma sacramental... La separación de palabras individuales o de sílabas no constituye una alteración sustancial, **a menos que el intervalo sea lo suficientemente largo como para alterar el significado de la oración (más fácilmente admisible cuando las sílabas están separadas)**. En tal caso, la unidad moral de la forma como una oración completa se destruye por la interrupción, y **también por cambios gramaticales o errores que podrían cambiar realmente el significado de la forma**. La alteración sustancial también puede ser arriesgada por una articulación defectuosa o por recortar palabras por prisa. En la práctica, **donde una palabra completa es de facto interrumpida a través de una pausa entre sílabas, es aconsejable repetir la palabra**, a menos que la interrupción sea extremadamente leve."[8]

La enseñanza de otros autores (también se adjuntan fotocopias) es similar:

"Separar sílabas cambia el significado [de una forma sacramental] mucho más fácilmente que separar las palabras, de modo que **incluso una separación moderada haría que el sacramento fuera inválido o al menos dudoso**." (Cappello)[9]

"Los errores gramaticales generalmente no cambian la forma sustancialmente, **a menos que resulte en un significado claramente diferente, o las palabras se vuelvan completamente diferentes**." (Regatillo)[10]

"A través de la corrupción o la velocidad o el tartamudeo [un cambio en la forma sacramental es meramente] accidental. Pero es sustancial [*secus*] **si el significado desaparece completamente**, por ejemplo, al decir 'Hic (como un adverbio) est corpus meum...'" (Aertnys-Damen)[11]

A la luz de estos principios, el relato de Bp. Kelly sobre cómo el Bp. Méndez recitó la forma esencial en la ordenación de septiembre de 1990 es muy, muy preocupante:

(1) El cambio implicó una **interrupción de sílabas**, que "**cambia mucho más fácilmente el significado, de modo que incluso una pequeña [interrupción] haría que el sacramento fuera inválido o al menos dudoso**."

(2) Las palabras se vuelven "**completamente diferentes**". El objeto de la forma imperativa de "dar" cambia de "la dignidad del sacerdocio" a "las cosas que somos". Por lo tanto:

"**Concede,** te rogamos, a estos tus siervos, la **dignidad del sacerdocio**..."

— se convierte en —

"**Concede las cosas que somos** a estos, tus siervos, la dignidad del sacerdocio...

(3) El cambio "en conjunto elimina el significado" de la forma.

Todo esto parece indicar que el uso de *quae sumus* en lugar de *quaesumus* representó un cambio sustancial en la forma, lo que — apenas necesito señalar — haría que la ordenación fuera inválida, o en el mejor de los casos, dudosa.

Lejos de mí decirles qué hacer a todos ustedes. Pero si yo fuera ustedes, consideraría seriamente la posibilidad de organizar una ordenación condicional.

Normalmente, tal curso de acción se seguiría discretamente. Sin embargo, el Bp. Kelly publicó un relato extenso y detallado de este error en su libro. Si una persona notó que el error era sustancial y, por lo tanto, invalidante, otros eventualmente también lo notarán.

Sería mejor rectificar la ordenación y hacer que la gente lo sepa.

Suyo en Cristo, etc.

Para resumir el punto principal de mi carta al Padre Jenkins: Si tomamos al pie de la letra el relato de Bp. Kelly sobre la ordenación de 1990, la forma en que el Bp. Méndez separó las sílabas de una palabra (*quaesumus*) cambió sustancialmente el *significado* de la forma sacramental de "Concede... **la dignidad del sacerdocio**," a "Concede **las cosas que somos**..."

Según los principios de la teología sacramental descritos anteriormente, un cambio *sustancial* en el significado hace que un sacramento sea inválido, o en el mejor de los casos, dudoso.

Tales principios, por cierto, no están diseñados para convertir los sacramentos en un ejercicio de minucias. Las reglas sobre las formas sacramentales tienen la intención de asegurar lo contrario: que, no importa *qué* incompetente pueda ser un ministro católico al realizar el resto del rito, lo mínimo que necesita hacer bien para conferir el sacramento válidamente es *muy* poco y *muy* fácil.

Pero si ni siquiera ese *mínimo* está presente, el rito deja de ser un signo y, por definición, no puede conferir la gracia sacramental.

IV. ¿Forma Singular o Plural?

Antes de recibir respuesta del Padre Jenkins, el Reverendo Joseph Collins, un colega ex-SSPV, descubrió otro punto inquietante en *The Sacred and the Profane*.

Bp. Kelly, con la intención de tranquilizar a aquellos que escucharon el relato del Padre Zapp, dice que la forma esencial "fue marcada de manera que fuera fácilmente distinguible del resto del texto del Prefacio. Estaba encerrada entre corchetes y las palabras *Forma essentialis* estaban escritas en el margen en ambos lados de la página."[12] En una nota al pie, remite a los lectores al Apéndice A de su libro para "una copia facsímil de la página real del *Pontifical Romano* utilizado por el Obispo Méndez" en la ordenación de 1990.

El Padre Collins, siempre atento a los detalles como corrector de pruebas, notó que el facsímil en el Apéndice (p. 274) era en realidad la forma **singular** (para ordenar **un** sacerdote), en lugar de la forma **plural** (para ordenar **dos o más** sacerdotes).

Si esta página en el *Pontifical* era de hecho la que usó el Bp. Méndez, esto plantea *otra* pregunta: ¿Es suficiente usar la forma *singular* para conferir el Sacramento del Orden Sagrado a *dos o más* candidatos?

Por analogía con lo que el *Ritual Romano* prescribe para el bautismo, parece que la forma singular *no* es suficiente. En el caso de una emergencia, uno puede bautizar válidamente a varios candidatos simultáneamente, pero se prescribe la forma *plural*[13] — *Ego* **vos** *baptizo*... La razón, sin duda, es que el destinatario de la gracia sacramental debe estar suficientemente designado en la forma.[14] Del mismo modo, para absolver a un gran grupo de penitentes en una emergencia, se prescribe la forma plural, en lugar de la singular (*vos* en lugar de *te*)[15].

Cuando se difundió la noticia del error de singular-plural, la SSPV envió **otro** facsímil de la forma en **plural**, afirmando que *este* texto era el que el Bp. Méndez había usado de hecho para la ordenación de 1990, y que la página incorrecta del *Pontifical* se había reproducido en el libro de Bp. Kelly "debido a un error del editor."

Como alguien que desde 1993 ha pasado incontables horas investigando, organizando y supervisando personalmente los ritos de ordenación, así como estudiando varias ediciones del *Pontifical*, soy *muy* escéptico ante esta explicación.

Muchas ediciones antiguas del *Pontifical* (como la que usó el Bp. Méndez) son confusas de usar debido a su composición tipográfica y diseño. El título y los encabezados de página para el rito de ordenación sacerdotal a veces aparecen en el **singular** (*De Ordinatione Presbyteri* — "Para la ordenación de **un sacerdote**"), incluso cuando el texto del rito acompañante es el que se usa para **dos o más** sacerdotes y está en el **plural**.

Este fue el caso con ambos facsímiles que Bp. Kelly reprodujo. Aunque el texto del primero era singular y el segundo plural, los encabezados eran idénticos y estaban en singular. A menos que realmente entiendas latín y conozcas los ritos a fondo — y la última vez que el Bp. Méndez, entonces con 82 años, hubiera ordenado a *alguien* en latín con el antiguo rito habría sido hace 22 años, como *mínimo* — sería muy fácil confundir los textos singular y plural durante una ceremonia.

Y en cualquier caso, el propio Bp. Kelly **no notó** que imprimió el texto singular **en su propio libro** — su magna opus de 300 páginas, escrito como la vindicación final del Bp. Méndez. Si Bp. Kelly no reconoció el texto singular *impreso* hasta que se lo señalaron, sus afirmaciones posteriores de que se usó el texto plural en la *ceremonia* no son particularmente tranquilizadoras.

V. Una Tercera Pronunciación y un Segundo Libro

Casi ocho meses después, en una carta fechada el 28 de junio de 2001, el Padre Jenkins finalmente respondió a mi carta del 4 de noviembre de 2000.

Aunque no había mencionado el problema del singular-plural, el Padre Jenkins se ofreció voluntariamente a que se había impreso la página incorrecta del *Pontifical* en el libro de Bp. Kelly, y que "se utilizó la fórmula en plural. De nuevo, estaba en posición de saberlo y lo he jurado como un hecho".

El Padre Jenkins confirmó que el Bp. Méndez había pronunciado la forma sacramental una vez y luego la repitió una segunda vez cuando se le preguntó. El Padre Jenkins insistió en que "el Obispo Méndez había pronunciado la forma exacta y correctamente".

Sin embargo, el Padre Jenkins luego añadió dos detalles *nuevos* que confundieron aún más las cosas:

- Después de que Bp. Méndez pronunciara la forma por segunda vez, el Padre Kelly aún estaba preocupado de que no se hubiera hecho correctamente y obligó a Bp. Méndez a recitarla **otra vez** — una **tercera** vez.

- Para esto, dijo el Padre Jenkins, el Obispo Méndez "pidió el pequeño libro de ceremonias que había traído consigo y de ahí repitió la forma de su propio libro". Este **segundo libro**, no mencionado en ningún relato y no identificado por el Padre Jenkins, aparece y se utiliza para la forma.

¡Así que, una tercera pronunciación y un segundo libro aparecen de repente — once años después del hecho!

Sin embargo, el Padre Zapp —designado por el Padre Kelly como el "testigo calificado" de la ordenación— **negó** que Bp. Méndez hubiera pronunciado la forma una tercera vez.

"¡De ninguna manera hubo un tercer intento con la forma!" dijo el Padre Zapp. "Por una cosa, el ya perturbado Méndez habría explotado."

VI. Dos Pronunciaciones, Luego Tres

La versión más reciente de la historia provino de Albert Russo. En la década de 1980, el Sr. Russo era un seminarista en la Sociedad de San Pío X cuando yo era miembro. Aunque nunca fue ordenado, estuvo presente en la ordenación de 1990, y ahora enseña en el seminario del Bp. Kelly en Round Top, Nueva York.

En una conversación informal con el Obispo Donald Sanborn en julio de 2006, surgió el tema de las ordenaciones de 1990. El Sr. Russo dijo que el Bp. Méndez había pronunciado la forma sacramental **dos veces** — como de hecho habían relatado el libro de Bp. Kelly y el Padre Zapp.

Posteriormente, sin embargo, el Sr. Russo informó al Bp. Sanborn que había hablado con el Padre Jenkins, y que había habido **tres** pronunciaciones de la forma.

VII. Un Resumen

Ahora intentaremos poner todo esto junto:

(1) Según los principios del derecho canónico y la teología sacramental, cuando el Obispo Méndez confirió las Órdenes Sagradas en 1990 utilizando los ritos de ordenación tradicionales de la Iglesia, el sacramento que confirió disfrutó automáticamente de la presunción de validez.

(2) Sin embargo, los mismos principios del derecho canónico y la teología moral dictarían que esta ordenación debe tratarse como inválida si ocurrió (o incluso probablemente ocurrió) un defecto *sustancial* en uno de los tres elementos esenciales del sacramento (materia, forma o intención) cuando el Obispo Méndez realizó el rito.

(3) Sucesivamente, a lo largo de los años desde la ordenación de 1990, los participantes han ofrecido varios relatos conflictivos sobre cómo el Obispo Méndez pronunció la forma sacramental esencial.

(4) El Padre Zapp afirmó que el Obispo Méndez pronunció la forma sacramental **dos veces,** pero lo hizo **rápidamente** y lo **confundió.**

(5) El Obispo Kelly afirmó que el Obispo Méndez pronunció la forma sacramental **dos veces,** pero lo hizo **cuidadosa** y **correctamente.**

(6) En un intento de refutar el relato del Padre Zapp, sin embargo, el Obispo Kelly afirmó que el Obispo Méndez **separó las sílabas** de la palabra "quaesumus" (te rogamos) en la forma esencial.

(7) Sin embargo, esto convirtió **una palabra latina** en **dos palabras,** cambiando la frase "Concede, te rogamos... **la dignidad del sacerdocio**," a "Concede **las cosas que somos**...," corrompiendo así sustancialmente el significado de la forma sacramental esencial requerida para la validez de una ordenación sacerdotal.

(8) Para respaldar su versión de los eventos, el Obispo Kelly volvió a imprimir en su libro **una reproducción facsímil de la forma real** que supuestamente usó el Bp. Méndez, **tomada del libro que usó** el Bp. Méndez.

(9) Sin embargo, esta forma reproducida del *Pontifical* era la forma **singular** para ordenar **un** sacerdote, en lugar de la forma **plural** para ordenar **dos o más** sacerdotes.

(10) Si realmente se hubiera utilizado la forma singular, esto introduciría **otro** defecto en la forma, porque (1) una forma sacramental debe especificar quién recibe la gracia sacramental, y (2) cuando el ministro del bautismo o de la penitencia confiere esos sacramentos en una emergencia a receptores plurales simultáneamente, se requiere que utilice la forma plural.

(11) Cuando se señaló que el Obispo Kelly había impreso la forma singular en su libro, emitió un **segundo facsímil de la forma**, esta vez en **plural.** Afirmó que *esta* versión era la que realmente se usaba, y culpó al primer facsímil por "un error del editor".

(12) En 2001, el Padre Jenkins afirmó que el Bp. Méndez había pronunciado la forma **exacta y correctamente**.

(13) El Padre Jenkins también afirmó que el Padre Kelly obligó al Bp. Méndez a pronunciar la forma una **tercera** vez, algo que no se mencionó en relatos anteriores.

(14) Sin embargo, el Padre Zapp, quien estaba a seis pies de distancia del Bp. Méndez en la ordenación, insistió en que no hubo una **tercera pronunciación**.

(15) El Padre Jenkins también afirmó que, para esta tercera vez, el Bp. Méndez utilizó un **segundo libro** previamente no mencionado e identificado que fue sacado de la sacristía.

(16) El Sr. Russo primero afirmó que el Bp. Méndez pronunció la forma sacramental **dos veces**, pero después de hablar con el Padre Jenkins, posteriormente dijo que el Bp. Méndez lo pronunció **tres veces**.

Estas alternativas confusas se pueden reducir aún más al siguiente cuadro:

Modo de Pronunciación?

1. Rápido y confuso. (Zapp)

2. Cuidadosa y correctamente. (Kelly)

3. Sílabas separadas: *quae sumus*. (Kelly)

4. Exacta y correctamente. (Jenkins)

Número de veces pronunciado?

1. Dos veces. (Zapp, Kelly)

2. Tres veces. (Jenkins)

3. **No** hubo tercera vez. (Zapp)

4. Dos o tres veces. (Russo)

Número gramatical?

1. Forma singular. (Libro de Kelly)

2. Forma plural. (Folleto de Kelly, carta de Jenkins)

Libro ritual utilizado?

1. *Pontifical.* (Libro de Kelly y folleto, Jenkins)

2. Libro no identificado. (Jenkins para la tercera vez)

VIII. La conclusión práctica

Antes de ofrecer esto, una breve observación es necesaria.

A lo largo de los años, el Bp. Kelly ha enunciado varios criterios por los cuales ha juzgado como inválidas las ordenaciones y consagraciones de muchos sacerdotes y obispos tradicionalistas. En el caso de las ordenaciones de 1990, ¿cómo se mide él mismo frente a estos estándares?

En *The Sacred and the Profane*, el Bp. Kelly descarta a los testigos de las consagraciones de Thuc como poco confiables porque varios años después uno de ellos identificó erróneamente el libro ritual utilizado.[16] Sin embargo, para las ordenaciones de 1990, el Bp. Kelly mismo no notó que imprimió la versión incorrecta de la *forma* sacramental en su propio libro.

En el mismo libro, el Bp. Kelly pronunció como dudosas las consagraciones de Thuc porque los testigos "no habían sido preparados adecuadamente como testigos", y "no podían testificar que la materia y la forma se habían 'aplicado correctamente', o de hecho aplicado en absoluto."[17] "Un testigo debería ser un testigo," [18] declaró solemnemente el Bp. Kelly. "La incapacidad de los testigos para testificar que se aplicó la materia y la forma correctas es motivo de seria preocupación."[19]

Cien páginas después, sin embargo, el Bp. Kelly reveló inadvertidamente un defecto invalidante en la forma sacramental durante la ordenación de 1990, un defecto que él mismo no reconoció ni siquiera cuando escribió un relato destinado a vindicar la validez de la ordenación.

Bp. Kelly, por lo tanto, no tiene autoridad para juzgar ni a los "testigos calificados" ni la validez de las ordenaciones y consagraciones episcopales. Su propio libro es un testimonio permanente del hecho de que no sabe de lo que está hablando.

Dicho esto, si solo nos enfrentáramos a dos versiones *ligeramente* diferentes sobre *un* detalle en la ordenación de 1990, podríamos ser capaces de determinar lo que realmente ocurrió. Pero este asunto es un completo desastre. Cuentas contradictorias, explicaciones que generan más problemas, "errores del editor", eventos que surgen diez años después, un libro nunca antes oído, y así sucesivamente — no hay *ninguna* manera de ordenarlo todo.

Sin embargo, un punto sí queda claro: Hay suficiente evidencia de los participantes para concluir que, durante la ordenación de septiembre de 1990, es probable que Bp. Mendez pronunciara incorrectamente la forma sacramental esencial de tal manera que invalidara el rito. Esta dificultad se ve agravada por la posibilidad de otro defecto potencialmente invalidante: el uso de la forma singular, en lugar de la plural.

Como resultado, existe una duda positiva sobre si los dos sacerdotes, los Rvdos. Joseph Greenwell y Paul Baumberger, están ordenados válidamente.

La única solución a este problema es la práctica que sugerí en mi carta a Fr. Jenkins, y luego recomendé directamente a Fr. Greenwell: tanto el P. Greenwell como el P. Baumberger deben someterse a otra ordenación.

El canonista Regatillo proporciona el principio general a seguir: "Existe una **obligación** de corregir un defecto: Primero, **si se trata de algo ciertamente o probablemente esencial**... Método de corrección: a) Si el defecto afectaba algo ciertamente o probablemente esencial, **toda la ordenación debe repetirse**, ya sea absoluta o condicionalmente."[20]

Además, incluso si uno sostuviera que la ordenación no era *ciertamente* inválida, sino simplemente *dudosa*, sin embargo, se debe seguir el mismo curso de acción: "Una ordenación dudosa, al menos en la práctica, debe repetirse nuevamente condicionalmente en su totalidad."[21]

En circunstancias normales, la repetición de una ordenación "debería tener lugar de manera privada y en secreto, especialmente si hubiera escándalo."[22] Esta norma tenía como objetivo evitar preocupaciones entre los laicos y preservar la reputación tanto del obispo que realizó la ordenación defectuosa como del ordenando que la recibió.

El caso actual es diferente. La evidencia de los defectos aparece en el libro del Obispo Kelly. Por lo tanto, no solo es pública ya, sino *permanente*. Si yo la encontré, alguien más lo hará algún día, y a menos que la resolución del asunto se publique adecuadamente, siempre habrá una nube sobre la ordenación de 1990.

Por esta razón, creo que la repetición de la ordenación debería ser pública, o al menos suficientemente publicitada y documentada. Si los dos sacerdotes ya se han sometido a otra ordenación, esto también debería publicitarse de manera similar. En ambos casos, esto resolvería las dudas existentes y tranquilizaría a los fieles que en el futuro reciban sacramentos de estos sacerdotes de que pueden hacerlo de manera segura.

Finalmente, los principios de la teología moral prohíben la recepción de sacramentos dudosos fuera del peligro de muerte. Por lo tanto, hasta que la Sociedad de San Pío V proporcione pruebas convincentes de que los dos sacerdotes ordenados por el Obispo Mendez en 1990 hayan sido sometidos a una repetición de su ordenación, los fieles no deben asistir a sus Misas, recibir sacramentos de ellos ni recibir la Eucaristía de los sagrarios en las iglesias donde sirven.

Por todas las razones anteriores, por lo tanto, la reordenación debería tener lugar lo antes posible.

(Internet, septiembre de 2006)

Notas

[1]. A. Cekada, "La validez de las consagraciones de Thuc," *Sacerdotium* 3 (primavera de 1992), esp. 19—22.

[2]. P. Gasparri, *Tractatus de Sacra Ordinatione* (París: Delhomme 1893) 1:970.

[3]. Esta es una definición descriptiva. La definición técnica típicamente se da como "palabras u otros signos equivalentes (como un gesto expresando consentimiento en el Matrimonio) que determinan la materia de manera más particular, tanto la materia como la forma constituyendo así el signo externo y produciendo el efecto sacramental." N. Halligan, *Administration of the Sacraments* (Nueva York: Alba House 1962), 6.

[4]. H. Merkelbach, *Summa Theologiae Moralis* 8ª ed. (Montreal: Desclée 1949) 3:20. "Quando ipse sensus forma corrumpitur... habeat sensum diversum a sensu intento ab Ecclesia."

[5]. En el derecho canónico, un "testigo calificado" es un término técnico específico para "cualquier funcionario juramentado que ocupa un cargo público dando testimonio sobre asuntos relacionados con su cargo." (Ver H. Jone, *Commentarium in Codicem Iuris Canonici*, [Paderborn: 1950—55] canon 1791, 3:165.) No tiene nada que ver con estar presente en ritos sacramentales para garantizar su validez. El padre Kelly confundió este término con la recomendación de Jone y del Código de Derecho Canónico de que un testigo esté presente "si es posible" (*si fieri potest*) en un caso en el que un **laico confiere el bautismo "privado"** en peligro de muerte. El bautismo "privado" es otro término técnico, que se refiere no al número de personas presentes sino a las ceremonias empleadas.

[6]. Quizás no se le ocurrió al obispo Kelly que la necesidad de gastar 300 páginas explicando "diferencias" simplemente demostraba que las similitudes eran obvias. El fariseísmo de algunos argumentos incluso resulta involuntariamente gracioso, como el intento del obispo Kelly en las pp. 41-51 de explicar un certificado de consagración episcopal de 1981 que el Arzobispo Thuc había escrito en latín y con su propia mano. Claramente, el obispo Kelly es un hombre que tiene mucho que explicar...

[7]. C. Kelly, *The Sacred and the Profane* (Round Top NY: Seminary Press 1997).

[8]. Halligan, 16.

[9]. F. Cappello, *Tractatus Canonico-Moralis de Sacramentis* 4th ed., (Turín: Marietti 1945) 1:15—6. "Interruptio syllabarum longe facilius, quam verborum interruptio, sensum immutat, ita ut etiam modica vel nullum reddat sacramentum vel saltem dubium."

[10]. E. Regatillo, *Jus Sacramentarium* 2nd ed., (Santander: Sal Terrae 1949), p. 6. "Los errores gramaticales generalmente no cambian la forma sustancialmente, **a menos que de ello resulte un significado claramente diferente, o las palabras se vuelvan completamente diferentes**."

[11]. Aertnys-Damen, *Theologia Moralis* 18th ed. (Turín: Marietti 1952), 2, p. 15. "A través de la corrupción, la rapidez o el tartamudeo... es accidental; pero es sustancial **si el significado desaparece por completo**, por ejemplo, al decir 'Esto (como adverbio) es mi cuerpo..."

[12]. *Sacred and the Profane,* 210.

[13]. Halligan, 34-5, 73.

[14]. Si en la administración de un bautismo, por ejemplo, el sacerdote omite "te" de la forma, diciendo solo "Yo bautizo en el nombre del Padre..." etc., el rito es inválido.

[15]. Cappello, 2:169.

[16]. Ver 55—59.

[17]. 62. Ver también 52—55.

[18]. 61.

[19], 55.

[20]. Regatillo, 874. Mi énfasis. "*Obligatio* est defectus corrigenda: 1. Si fuit circa certo aut probabiliter essentiale.... *Modus*: a) Si defectus fuit circa certo vel probabiliter essentiale, tota ordinatio repetenda est, *absolute* vel *sub conditione.*"

[21]. J. Nabuco, *Pontificalis Romani: Expositio Juridico-Practica* (Nueva York: Benziger 1944) 1:203. "Ordinatio dubia, licet in praxi tantum, est iterum per integrum sub conditione repetenda."

[22]. Nabuco 1:203.

Bibliografía

Aertnys, I. & C. Damen. *Theologia Moralis*. 17th ed. Roma: Marietti 1958.

Cappello, F. *Tractatus Canonico-Moralis de Sacramentis.* Roma: Marietti 1951. 5 vols.

Cekada, A. "The Validity of the Thuc Consecrations," *Sacerdotium* 3 (primavera de 1992). 3—34.

Gasparri, P. *Tractatus Canonicus de Sacra Ordinatione.* París: Delhomme 1893.

Halligan, N. *The Administration of the Sacraments*. Nueva York: Alba House 1962.

Jone, H. *Commentarium in Codicem Iuris Canonici*. Paderborn: 1950—55. 3 vols.

Kelly, C. *The Sacred and the Profane.* Round Top NY: Seminary Press 1997,

Merkelbach B. *Summa Theologiae Moralis*. 8th ed. Montreal: Desclée 1949. 3 vols.

Nabuco, J. *Pontificalis Romani: Expositio-Juridico Practica*. Nueva York: Benziger 1944. 3 vols.

Regatillo, E. *Jus Sacramentarium*. 2nd ed. Santander: Editorial Santander 1949.

Artículo original: Link

Luz sobre la OSJ

Rev. Anthony Cekada

Historia, derecho canónico y la Orden de San Juan

> Para convocar a la vida activa la religión del amor, que eventualmente reemplazará todas las religiones existentes. Para difundir grandes verdades fundamentales que son las mismas para todas las religiones y todas las naciones. Para llevar a cabo una unión consciente de las almas humanas con el alma del universo.
> Del "Mensaje Espiritual" del Gran Duque Alejandro - Gran Maestre de la OSJ 9 de diciembre de 1928

> La Soberana Orden de San Juan de Jerusalén abarca en su membresía tanto a católicos de rito oriental como occidental y a protestantes cuya sincera fe cristiana y buenas obras son signos de unidad dentro del Cuerpo Místico de Cristo.
> *Mensajero de la OSJ*, Vol. 36, no. 1, 1981.

DESDE EL SEGUNDO Concilio Vaticano, varios católicos tradicionales se han involucrado con la "Soberana Orden de San Juan de Jerusalén" (comúnmente llamada "OSJ"), una organización con sede durante algún tiempo en Pensilvania, más tarde en Tennessee. La OSJ ha presentado una serie de afirmaciones bastante asombrosas sobre lo que es y cuáles son sus "derechos", y ha fundado varios centros de Misa en todo Estados Unidos. Por lo tanto, muchos católicos tradicionales les gustaría saber más al respecto y si deben asistir a las Misas ofrecidas por sus sacerdotes.

En resumen, la OSJ afirma ser tanto un estado soberano como una orden religiosa católica que posee algunos privilegios bastante extraordinarios. Sus apologistas afirman que es el único verdadero descendiente de la orden religiosa católica comúnmente llamada Caballeros de Malta, y basan sus afirmaciones principalmente en los decretos del zar Pablo I de Rusia (1796-1801), un cismático ortodoxo ruso que intentó reclamar el cargo de Gran Maestre (Superior General) de la Orden. Mantienen que el zar había creado miembros "hereditarios" de la Orden, y que un descendiente de uno de esos miembros "hereditarios" de la Orden "transfirió" la Orden a Estados Unidos. Además, afirman que la Orden religiosa conocida como la Soberana Orden Militar de San Juan de Jerusalén (que es reconocida por la Iglesia Católica, tiene su sede en Roma, y a la cual, para los fines de nuestra discusión, me referiré como la "SMOSJ") no es la "verdadera" Orden.

Mi propósito al escribir este artículo es evaluar algunas de las afirmaciones de la OSJ y llegar a alguna conclusión práctica para los católicos tradicionales. El tema es necesariamente complejo, ya que las afirmaciones de la OSJ son bastante complejas. Por claridad, he dividido la discusión de la siguiente manera: (1) Orígenes y organización de la Orden religiosa de la Iglesia conocida como la SMOSJ; (2) La SMOSJ en Rusia durante el tiempo de la crisis con el zar Pablo I; (3) La continuación de la SMOSJ fuera de Rusia desde la crisis hasta el presente; (4) "Comandantes hereditarios" y la supresión de la Orden en Rusia; (5) Algunas notas históricas interesantes sobre la OSJ en los Estados Unidos; (6) Algunas objeciones a la OSJ sobre bases canónicas; y (7) La OSJ y el ecumenismo.

Estoy seguro de que los católicos tradicionales involucrados con la OSJ verán este esfuerzo con desagrado. Sea como fuere, les animo a que se tomen el tiempo para leer este artículo cuidadosamente, prestando especial atención a las fuentes primarias que cito en la sección cuatro, en lugar de simplemente aceptar de buena fe lo que sus apologistas han estado diciendo durante años.

I. La Orden Militar Soberana:

Una Historia Larga y Gloriosa

La Soberana Orden Militar de San Juan de Jerusalén, cuya sede actual se encuentra en Roma, disfruta de una larga y gloriosa historia al servicio de la Iglesia Católica. Fue fundada originalmente a principios del siglo XII en Jerusalén para cuidar de los peregrinos a Tierra Santa, y eventualmente se encargó del cuidado de los enfermos y los pobres. Administraba hospitales, por lo tanto, llegó a ser conocida como los "Hospitalarios de San Juan de Jerusalén". Sin embargo, los tiempos eran peligrosos, y la Orden pronto adquirió un carácter militar cuando asumió la protección de los peregrinos a Tierra Santa. Alrededor del comienzo del siglo XIII, la regla de la Orden hablaba del servicio militar. Los miembros de la Orden se comprometieron a los votos de pobreza, castidad y obediencia como todos los demás religiosos: algunos servían como caballeros, otros como infirmarios y los sacerdotes servían como capellanes.

La Orden disfrutaba de la aprobación y protección papal, y tenía altos privilegios tanto de la Iglesia como del estado. Fue reconocida como una orden regular; estaba exenta de impuestos y diezmos; tenía sus propias capillas, cementerios y clero; era independiente de las autoridades seculares; y estaba directamente sujeta solo al papa. Eventualmente adquirió una enorme riqueza temporal, tanto en Tierra Santa como en Europa, como resultado de la generosidad de grandes señores.

Después de la caída de Tierra Santa, la Orden estableció su sede en la isla de Rodas. Los miembros de la Orden se hicieron expertos en la guerra naval y la Orden fue considerada como una entidad temporal además de espiritual. La organización de la Orden adquirió una forma más fija y se volvió verdaderamente internacional. El jefe de la Orden se llamaba el Gran Maestre. Era asistido por un Consejo Supremo y por funcionarios llamados Bailíos.

Había ocho grupos nacionales diferentes (llamados "lenguas"), que a su vez se dividían en prioratos. La unidad más pequeña del gobierno de la Orden era una comandancia, y era responsable ante su priorato. Como con otras órdenes religiosas, había un título honorario que otorgaba a los benefactores de la Orden, el de "Protector", generalmente reservado para un dignatario eclesiástico o secular de alto rango. Aunque los títulos de los diferentes funcionarios de la Orden son algo exóticos, sin embargo, su estructura y forma de gobierno es virtualmente idéntica a la de otras órdenes religiosas católicas.

En 1522, los intentos de los turcos de expulsar a la Orden de Rodas finalmente tuvieron éxito, y en 1530, la Orden recibió la isla de Malta de Carlos V, momento en el que pasó a ser conocida como los Caballeros de Malta.

La Orden continuó sus campañas contra los turcos y más tarde contra los piratas berberiscos. Su sede permaneció en Malta, y su trabajo fue apoyado por las numerosas propiedades productoras de ingresos que poseía en varias naciones europeas.

En este punto, los observadores señalan que la Orden parecía entrar en declive. Seguía el procedimiento militar estándar de la época cuando rescataba a esclavos cristianos galeras de los piratas, y vendía a los piratas capturados como esclavos ellos mismos, pero la crueldad involucrada en esto parecía haber tenido una mala influencia en algunos de sus miembros y en su actitud hacia sus votos religiosos.(2) Las prioratos y comandancias en el continente europeo mantenían lazos muy sueltos con su Gran Maestre en Malta, por lo que había problemas con la obediencia y la disciplina. Así también, dado que los Caballeros eran reclutados únicamente entre los miembros de la nobleza, la estricta observancia del voto de pobreza a menudo caía en desuso práctico.

Hacia finales del siglo XVIII, la fortuna de la Orden de Malta había caído a su punto más bajo con la destrucción del equilibrio de poder en Europa. Los Caballeros habían perdido el propósito principal de su existencia, que era militar. La pérdida de tierras en toda Europa después de la revuelta protestante los había hecho dependientes de Francia, y después de la Revolución enfrentaron una grave crisis financiera.(3) Este es el trasfondo contra el cual se sitúa uno de los episodios más curiosos de su historia: el intento de hacer de un cismático, el zar Pablo I de Rusia, el jefe de una orden religiosa de la Iglesia Católica Romana, y es este

período el que debemos examinar con cierto detalle si esperamos llegar a una evaluación precisa de algunas de las afirmaciones hechas por la OSJ de Pensilvania.

II. La Revuelta en Rusia y

El Soberano Cismático

EN 1788 Y 1789, Giulio Litta, un Bailío de la Orden, fue a la corte de Catalina la Grande en Rusia para negociar condiciones favorables para el moribundo Priorato polaco de la Orden en un área conquistada por Rusia. Al mismo tiempo, su hermano, Mons. Lorenzo Litta, Nuncio Papal para Polonia, llegó al Imperio para negociar por los católicos polacos en los nuevos territorios. Ninguno de los hermanos tuvo ningún éxito real.(4) Sin embargo, la situación cambió el 5 de noviembre de 1796 cuando Catalina murió y Pablo I se convirtió en zar.

El zar Pablo estaba muy favorablemente dispuesto hacia las reclamaciones de los Caballeros de la Orden. Giulio Litta escribió una carta entusiasta a sus superiores en Malta, pero Pablo planeaba secretamente absorber el Priorato polaco en su influencia.(5) Litta en este punto estaba preocupado por su fortuna personal, ya que sus tierras en Italia habían sido confiscadas, y veía los planes del zar como una forma de asegurar su futuro.(6)

Litta completó un acuerdo con Rusia el 4 de enero de 1797 y el Priorato polaco fue transferido a la Capital Imperial en San Petersburgo. El zar Pablo fue muy generoso: pagó las deudas pasadas del Priorato a Malta y estableció un generoso fondo para él.(7) En este punto, solo los súbditos católicos romanos del zar eran elegibles para servir en el nuevo Priorato ruso. Pablo prometió proteger la libertad religiosa de los caballeros católicos y observar sus tradiciones, costumbres y regulaciones.(8)

El Conde Ferdinand von Hompesch, Bailío del Priorato Alemán, fue elegido Gran Maestre de la Orden el 16 de julio de 1797 después de la muerte del anterior Gran Maestre, de Rohan. El 7 de agosto, el Gran Consejo de la Orden en Malta aceptó los términos del acuerdo del zar con el Bailío Litta y mostró su gratitud eligiéndolo "Protector" de la Orden, un título honorario que en ese mismo momento también disfrutaba el Emperador de Austria.(9)

El 10 de diciembre de 1797, el zar Pablo I fue formalmente investido en San Petersburgo como Protector de la Orden de Malta, y el Conde von Hompesch y el Consejo Supremo le enviaron una serie de regalos suntuosos para mostrar su aprecio.(10)

Parece que Pablo tenía una obsesión con la ceremonia y el ritual de la corte, por lo que ser Protector de la Orden de Malta le dio otra excusa para el boato. Construyó un espléndido priorato y capilla en San Petersburgo, y proporcionó un generoso salario para el capellán, Mons. Lorenzo Litta.(11)

El 12 de junio de 1798, von Hompesch entregó Malta a Napoleón Bonaparte, y huyó a Trieste, llegando el 25 de julio. Allí estableció una sede temporal con el permiso del Emperador de Austria.(12)

El 6 de septiembre, el Priorato Ruso emitió una resolución en la que declaraban que el Gran Maestre von Hompesch estaba "acusado y convicto de imprudencia, cobardía y traición". Afirmaban que estaban absueltos de obedecerlo, que estaba descalificado de su cargo de Gran Maestre, y concluyeron prometiendo dar su lealtad al zar, su Protector.(13)

Sin saber lo que había sucedido, von Hompesch escribió al Priorato de Rusia y al Bailío Litta, diciéndoles que "cumplieran con perfecta exactitud y unión los deberes impuestos por los estatutos de la Orden, si es posible con más celo que nunca". pero los Caballeros del Priorato de San Petersburgo ignoraron sus cartas.(14)

La reacción de los Prioratos en otros países fue mixta en este punto hacia von Hompesch, y aparentemente ninguno apoyó un curso de acción tan enérgico.(15)

El profesor McGrew reflexiona sobre el origen de las protestas y señala que el Priorato Ruso ni siquiera era ruso en ese momento. Nobles ortodoxos, dice, no eran elegibles, y el zar Pablo no tenía ningún estatus oficial en el Priorato, solo uno honorario. Los Caballeros del Priorato Ruso aún tenían que hacer votos de pobreza, castidad y obediencia como religiosos católicos romanos.(16)

Parece que el Bailío Giulio Litta fue responsable de este intento de deponer al Gran Maestre von Hompesch. El profesor McGrew dice que las acusaciones del Priorato Ruso se basaron en cartas falsificadas que originaron con él, (17) y el Padre Vella dice que fueron "escritas con malicia como un medio para desacreditar (a von Hompesch) y poner al zar de Rusia en su lugar.(18)

Los motivos de Litta, parece, eran algo mixtos. Quería quedarse en Rusia, y ya había solicitado dispensa de sus votos religiosos como Caballero de la Orden para poder casarse. Dado que estaba en el favor del zar, quería ver que la Orden estuviera bajo su control.(19) Sin embargo, parece que también tenía otros motivos, algo más nobles en el sentido de que implicaban usar la Orden para restaurar el orden político pre-revolucionario.

Otra consideración es la generosidad financiera del zar hacia su hermano, el Nuncio.(20)

Cuando el Papa Pío VI se enteró de la acción del Priorato Ruso, dijo que podría haber un caso contra el Gran Maestre von Hompesch, y lo suspendió de su cargo. Sin embargo, no lo depuso y esperó los resultados de más investigaciones. El Papa escribió al Bailío Litta el 17 de octubre de 1798 diciéndole:

> como el Priorato Ruso hasta ahora está solo en esta acción, es insuficiente declarar [von Hompesch] caído de su dignidad magistral; por lo tanto, será necesario esperar la decisión de las otras Langues [grupos nacionales] para verificar si Hompesch es culpable del delito que se le imputa por dicho Priorato.(21)

Los dos grupos españoles, Castilla y León, renovaron su lealtad a von Hompesch.(22)

Después de su carta a Litta, Pío VI escribió al zar el 5 de noviembre de 1798, aprobando el establecimiento de la Orden en el Imperio Ruso.(23)

Sin embargo, antes de que llegara siquiera la carta del Papa, los Caballeros del Priorato Ruso y algunos otros representantes nacionales eligieron a Pablo I Gran Maestre el 7 de noviembre de 1798.(24) El padre Vella nos dice que el Priorato Ruso ignoró todos los Estatutos electorales, y agrega que los Caballeros rusos bien podrían haber intentado elegir al zar Pablo I como papa.(25)

El primer acto de Pablo como "Gran Maestre" fue crear otro Priorato abierto a todos los nobles, independientemente de su fe religiosa.(26) (Será útil recordar esto más tarde cuando discutamos la naturaleza ecuménica de la OSJ).

Giulio Litta parece haber tergiversado el significado de la carta del Papa cuando finalmente llegó. Fuentes contemporáneas en la corte rusa tuvieron la falsa impresión de que el Papa había aprobado la deposición intentada de von Hompesch, aprobado la elección del zar como Gran Maestre y solo había pedido que los rusos intentaran obtener la aprobación de las otras naciones.(27)

No fue hasta el 12 de diciembre que el Nuncio Papal, Mgr. Lorenzo Litta, escribió una carta al Papa informándole de la intentada elección del zar como "Gran Maestre". Incluso entonces, parece que su información estaba expresada en términos muy confusos.(28)

El Secretario de Estado Papal, Mgr. Odaleschi, envió un despacho a Rusia el 16 de marzo de 1799 con un *Pro-Memoria* revisando toda la cuestión de la conducta del Priorato Ruso. El padre Vella señala que el

documento:

> deploraba que von Hompesch hubiera sido depuesto de manera irregular e inconstitucional contraria a las Constituciones de la Orden y a las Constituciones Apostólicas, y también, lo que era aún más irregular, la proclamación de un soberano que no profesaba la Religión Católica como jefe de una orden religiosa (29)

y el *Pro-Memoria* mismo establece que:

> Su Santidad no puede olvidar los derechos propios de la Sede Apostólica con respecto a una Orden regular de la que es responsable ante todo el mundo..., por cualquier tipo de acto que lesione los derechos de la Santa Sede o que sea contrario a las costumbres de la propia Orden.(30)

Tres fuentes diferentes indican que los esfuerzos diplomáticos no lograron convencer al Papa de que la elección fuera válida.(31) En este contexto, el profesor McGrew dice que:

> Pío VI no estaba dispuesto a aprobar la elección de un cismático casado que nunca había tomado órdenes [¿hecho votos?] para ser el jefe de los Caballeros de Malta.(32)

Existen varias explicaciones para la participación del zar en todo esto. Una es que consideraba la Orden como una forma de aumentar el prestigio de su corte y como un elemento de control sobre su nobleza. Otra vez,

> una alternativa que queda es afirmar que Pablo simplemente estaba afligido por delirios de grandeza, y que fue para satisfacer tal delirio que aceptó el Gran Maestrazgo.(33)

El padre Vella observa que las actividades de Giulio Litta y sus seguidores,

> mediante conspiraciones, intrigas y falsificaciones, convirtieron este asunto en uno de los episodios más cínicos de la historia maltesa del siglo XVIII.(34)

Finalmente, es interesante notar de pasada que los historiadores han especulado durante mucho tiempo sobre la condición mental del zar. Un diplomático de la corte escribió:

> El hecho es que el zar no está en sus cabales. Esta verdad ha sido conocida durante muchos años por aquellos más cercanos a él, y he tenido frecuentes oportunidades de observarlo. Pero desde que llegó al trono, su trastorno ha aumentado.(35)

y Roderick Cavaliero habla de

> frecuentes arrebatos, sensibilidad psicopática ante el más mínimo informe o rumor, fanatismo ciego por la forma de un sombrero, el corte de un uniforme, prejuicios voluntarios, un cerebro girando bajo el solvente del poder sin diluir La locura, se pensaba, había comenzado con su coronación como Gran Maestre.(36)

III. El Orden es Restaurado y

El Orden Continúa

DESPUÉS DE LA MUERTE DEL ZAR en 1801, fue el Papa quien nombró al Gran Maestre o al Bailiff (Teniente) que toma su lugar.(37) Pío VII permitió que la controversia se calmara por un tiempo, pero en septiembre de 1802 ofreció el puesto de Gran Maestre al Bailiff di Ruspoli, quien rechazó la oferta del Papa.(38) El Papa finalmente se decidió por el Bailiff Giovanni Tommasi, y fue elegido para el cargo de Gran Maestre el 9 de febrero de 1803. Tommasi celebró una Asamblea General de todos los Caballeros disponibles en la Priorato de Messina donde recibió su homenaje, y sabemos que incluso el zar Alejandro,

sucesor de Pablo, aprobó su elección. (ver abajo) (39) El Gran Maestre Tommasi murió en 1805, después de lo cual el cargo quedó vacante. Una serie de Bailiffs gestionaron los asuntos de la Orden en lugar del Gran Maestre. La sede de la Orden se trasladó de Messina a Catania a Ferrara, hasta que finalmente se restableció en Roma en 1834.(40)

El 29 de marzo de 1879, el Papa León XIII emitió la Carta Apostólica *Solemne Semper* en la que restableció el Gran Maestrazgo y confirió el título a Giovanni Cheschi di Santa Croce. León mencionó a los zares Pablo I y Alejandro I, pero solo como protectores de la Orden, un título puramente honorífico. En la conclusión de la carta, dice que "en cuanto al resto que pudiera ir en contra de esta carta, abrogamos específica y formalmente, junto con todo lo que le sea contrario.(41)

A partir de ese momento, la Orden recuperó más de su carácter original como una organización dedicada al cuidado de los enfermos y los pobres.(42) De hecho, el relato de las actividades caritativas de la Orden desde la pérdida de Malta hasta la Segunda Guerra Mundial llena ochenta páginas en una historia en particular.(43)

En 1910, las condiciones para ingresar en la Orden eran bastante estrictas. Además de tener la Fe Católica, posición social elevada, edad legal y integridad de carácter, uno debía tener nobleza de 16 cuarteles.(44)

Bajo Pío XII, se estableció con mayor precisión el estatus legal de la Orden. Nombró una comisión de Cardenales el 10 de diciembre de 1951, y el 24 de enero de 1953, el tribunal emitió un fallo que puede resumirse de la siguiente manera: (45)

(1) La Orden es soberana, y este hecho ha sido reconocido por la Santa Sede, numerosos otros estados y por el derecho internacional.

(2) Es una orden religiosa sujeta a los Cánones 487 y 488, (1 y 2) del Código de Derecho Canónico y está aprobada como tal por la Santa Sede. Sus propósitos son: la santificación de sus miembros y otras obras religiosas y caritativas.

(3) la Orden depende de la Santa Sede y, en particular, como Orden religiosa, de la Congregación de Religiosos, de acuerdo con la norma del Derecho Canónico. Las personas que reciben marcas de distinción de la Orden dependen de ella y, a través de la Orden, también de la Santa Sede.

Como prueba de la autoridad de la Santa Sede para tomar tales decisiones, los Cardenales citaron la Carta Apostólica *Inter Illustria* del Papa Benedicto XIV (12 de marzo de 1753), el "Código" emitido bajo el Gran Maestre Rohan (predecesor de von Hompesch quien murió el 13 de julio de 1797) y las constituciones de la Orden.

Podría ser útil mencionar las categorías en las que se dividía la membresía en la Orden después de esta decisión. En primer lugar, están los Caballeros de Justicia, quienes hacen los tres votos religiosos y forman el núcleo estrictamente religioso de la Orden; en segundo lugar, están los Caballeros de Honor y Devoción, quienes deben proporcionar pruebas de antigua nobleza; en tercer lugar, están los Caballeros de Gracia Magistral que están afiliados a la Orden. (46) Además, hay tres otros grupos: Capellanes, Damas de Honor y Devoción y Donados o Benefactores. Además, el Gran Maestre puede otorgar la Cruz al Mérito de la Orden a no miembros, incluidos no católicos. (47)

Finalmente, la Orden recibió una nueva Carta Constitucional bajo Juan XXIII mediante un Breve el 24 de junio de 1961. (48) Una discusión sobre la Orden de Malta después del Segundo Concilio Vaticano está más allá de nuestro alcance aquí, pero sin duda sufrió el mismo destino que otras Órdenes. Además, es difícil imaginar cómo una orden de caballería medieval que pone considerable énfasis en la nobleza de linaje encaja en el ambiente posconciliar de la teología de la liberación, los principios sociales cuasi-marxistas y el desdén por la tradición.

IV. Supresión en Rusia y

Comandantes Hereditarios

DADO QUE LA OSJ en los Estados Unidos (que dio lugar a este artículo) afirma poseer algún tipo de continuidad histórica con la Orden en Rusia, será útil retroceder un poco aquí y examinar parte de la información disponible sobre la Orden en Rusia durante y después del reinado del zar Pablo.

La OSJ sostiene que el zar Pablo nombró "comandantes hereditarios", cuyos descendientes (implican) tenían el derecho de crear otros Caballeros, y así continuar la Orden.

Sin embargo, las expresiones "comandancia hereditaria" o "comandante hereditario" no existían como términos legales en los Actos de Fundación del zar para las Grandes Prioratos de Rusia. (49) (Si la OSJ desea disputar esta afirmación de nuestras fuentes aquí, parecería que deberían consultar los textos originales rusos de los documentos, con la ayuda de alguien que esté familiarizado con los detalles de la jurisprudencia zarista). Muchos otros grupos que se llaman a sí mismos Caballeros de Malta han afirmado que el zar Pablo estableció "comandancias hereditarias", convirtiéndolo en el lugar común de lo que de Sherbowitz-Wetzor y Toumanoff, en su trabajo magníficamente documentado, se refieren como la "Leyenda Rusa". (50)

No se puede negar que el zar Pablo creó "derechos de patronazgo" (*jus patronatus*) mediante los cuales ciertas familias nobles obtuvieron el derecho de nominar a los oficiales de las comandancias. Sin embargo, es importante señalar que su decreto establece que

> nadie que tenga derecho a suceder a una Comandancia de 'jus patronatus' será admitido en esta Comandancia sin poseer las siguientes calificaciones entre las cuales se encontraban la prueba de nombramiento de acuerdo con el Decreto de Fundación, la presunta prueba de nobleza familiar durante 150 años, cinco años de membresía en la Orden, pago de una tarifa de admisión y dos años de servicio en el Ejército Imperial Ruso como oficial. (51)

Por lo tanto, es justo preguntar: ¿Obtuvo el caballero de Norfolk que, según se dice, fundó el Gran Priorato Americano de la OSJ, una comisión en el Ejército Imperial Ruso después de su servicio como Coronel Confederado y así cumplió con los requisitos establecidos por el zar Pablo?

En otro lugar leemos que la dignidad de Gran Prior y Comandante en ningún caso podía conferirse más que a súbditos de su Imperio capaces de ser admitidos en la Orden de Malta. (52)

En este sentido, es difícil ver cómo los miembros de la OSJ que viven en Pensilvania podrían considerarse súbditos del Imperio Ruso. En cualquier caso, está claro que los requisitos para ejercer un "derecho de patronazgo" eran extremadamente rigurosos y no se transmitían simplemente de padre a hijo.

A principios de 1801, el zar llenó varios cargos en su Orden con miembros de la nobleza, incluido el General Ivan Lamb, quien fue denominado "Gran Conservador". (53) La OSJ, como veremos, considera al General Lamb como parte de su vínculo con los Caballeros Rusos.

Pablo fue asesinado el 23 de marzo de 1801 en un complot que, incidentalmente, involucró a cuatro de sus propios Caballeros. El 27 de marzo, el zar Alejandro I tomó bajo su protección la Orden, pero no tenía intención de convertirse en Gran Maestre. (54) El 28 de marzo emitió un documento que designaba su Residencia Imperial como la sede de la Orden,

> hasta que [dijo él] el momento en que las circunstancias permitan darle un Gran Maestre de acuerdo con sus estatutos y antigua forma. (55)

Con el mismo documento, Alejandro nombró al Conde Nicolás Soltikov como Lugarteniente o Bailío de la Orden. Soltikov envió al Papa una resolución aprobada por el Consejo Ruso (1 de agosto de 1801) proponiendo que todos los Prioratos Europeos:

> envíen una lista de candidatos al Santísimo Padre para que el Sumo Pontífice, que, como jefe de la Iglesia Romana y superior de todos los órdenes religiosos, elija a una persona de entre el número de candidatos propuestos por los Prioratos a quien se le conferiría el Gran Maestrazgo. (56)

Este decreto también habló de restaurar la antigua Constitución y disciplina de la Orden, (57) y reconoció indirectamente que el Gran Maestrazgo de Pablo era ilegítimo. (58)

La Corte Imperial de San Petersburgo luego dirigió una carta a los representantes extranjeros que reconfirmaba el hecho, señalando que dado que la Orden de Malta

> ya no tiene una cabeza legítima, una de las primeras preocupaciones de sus miembros debería ser actuar juntos de acuerdo con los Estatutos, formas y usos establecidos para proceder legalmente a la elección del Gran Maestro.(59)

Mediante una resolución del 17 de noviembre de 1802, el Gran Priorato y el Consejo dijeron:

> Este consejo decide renunciar a sus funciones y devolver el gobierno de la Orden a manos del Gran Maestro. El Sagrado Consejo aprueba el acta redactada a tal efecto. (60)

Reafirmaron este acto el 25 de abril de 1803 y abdicaron en favor de Tommasi, el Gran Maestro elegido por el Papa, con las palabras:

> El Consejo, como se había previsto desde el principio, abdica y, habiéndose terminado el ejercicio de sus funciones, entrega la autoridad así recibida al Gran Maestro. (61)

Además, el propio zar Alejandro envió dos cartas de felicitación a Tommasi, un hecho que claramente muestra que reconoció la elección. (62)

El 10 de marzo de 1810 se confiscaron las propiedades de los dos Prioratos rusos y el 1 de febrero de 1817, una resolución del Comité de Ministros Ruso, aprobada por el Zar, señaló de paso que el Gran Priorato Ruso ya no existía en el Imperio Ruso. (63) Todas las demás fuentes consultadas están de acuerdo en el hecho de la supresión. (64)

La supresión del Gran Priorato no católico estaba completamente dentro de la competencia de Alejandro, ya que había sido fundado por Pablo en su capacidad como Zar de Rusia. (65) El texto del Decreto de Fundación de Pablo (10 de diciembre de 1798) lo confirma:

> Por la presente, *instituimos por nuestra autoridad imperial* una nueva fundación de la Orden de San Juan de Jerusalén. [énfasis añadido] (66)

Lo que un emperador puede conceder a sus súbditos, otro puede quitar, porque así es la naturaleza de la autocracia.

Por otro lado, la supresión del Gran Priorato católico por el Zar fue, por supuesto, completamente ilegal desde el punto de vista del Derecho Canónico. Pero el hecho de que renunciara a sus funciones en favor de la elección del papa para Gran Maestro no puede negarse, por lo tanto, cualesquiera derechos y privilegios que pudiera haber reclamado bajo el derecho internacional o eclesiástico, correctamente o no, pasaron al Gran Maestro en Italia.

Después de la supresión de la Orden en Rusia, la relación entre los zares y la sede de la Orden en Roma, sin embargo, siguió siendo cordial. Con la excepción de Alejandro II, todos recibieron la decoración honorífica

de Bailiff Gran Cruz, incluido el último zar, Nicolás II. El estudio extremadamente detallado de la cuestión realizado por de Sherbowitz-Wetzor y Toumanoff llaman a esto el "último elemento en la cadena de evidencia" en contraste con aquellos que promueven la "Leyenda Rusa" sobre supuestas "comandancias hereditarias". (67) Además, los autores señalan que la teoría de la supervivencia de un "Priorato Ruso" después de la supresión ha sido efectivamente refutada no solo por la plétora de documentos que han presentado, sino también por una publicación oficial sobre las Órdenes Rusas publicada en San Petersburgo en 1891. (68) La literatura reciente publicada por el OSJ dice que se

> "convirtió y permaneció como una Orden soberana independiente bajo el patrocinio y protección silenciosa de los zares" (69)

Sin embargo, sería muy interesante ver las fuentes primarias que respaldan esta afirmación, es decir, cartas, documentos, etc. escritos por sus miembros durante el período en el que se supone que existió, y no solo una referencia ocasional a comentarios de observadores externos. Así que la carga completa de la prueba recae en el OSJ. Que sus apologéticos produzcan una multitud de fuentes primarias irrefutables para responder a los escépticos y justificar sus afirmaciones, no sea que lleguemos a la conclusión de que la historia de su organización en Rusia después del zar Alejandro fue "silenciosa" hasta el punto de no existir.

V. Notas Históricas sobre

La OSJ en América

Una breve presentación de algunas notas históricas sobre la historia de la OSJ en los Estados Unidos sin duda será de gran interés para nuestros lectores.

En 1890, la OSJ afirma que la Gran Priorato Americano fue fundada en la ciudad de Nueva York en el Hotel Waldorf-Astoria y William Lamb, un ex coronel del Ejército Confederado y alcalde de Norfolk, Virginia, fue elegido Gran Prior. Se supone que el Coronel Lamb fue descendiente directo del General Ivan Lamb, designado "*conservateur*" de la Orden por el Zar Pablo I. (70) (Por cierto, el cargo de "*conservateur*" no significa que uno sea un "preservador" de la Orden, sino que tiene ciertas funciones judiciales y legales en la Orden.) (71)

Sin embargo, Harrison Smith, cuyo libro es favorable a algunas afirmaciones de la OSJ, solo dice que el General Lamb:

> se creía que había tenido un hijo, y típico del misterio que rodea todo lo ruso, una versión es que el nombre [?] fue transferido a Vaskoff. (72)

Parece que esto introduciría una ligera nota de incertidumbre en afirmaciones que se basan en supuestos "derechos hereditarios", pero Smith continúa diciendo:

> Sea lo que sea lo que se pueda decir sobre las cuestiones técnicas de la transmisión del poder, el espíritu de la orden rusa fue decididamente publicado [sic] que ha sido revivido en América. (73)

Si bien la investigación genealógica está más allá del alcance de nuestro esfuerzo aquí, sería interesante investigar el árbol genealógico de la familia Lamb a través de la Sociedad Histórica de Virginia para determinar si el Coronel William Lamb de Norfolk fue, de hecho, un descendiente del General Ruso.

No pude encontrar ninguna referencia a esta reunión en el *Índice del New York Times* para 1890, lo cual parece algo curioso, considerando la prominencia del Coronel Lamb. Es igualmente desconcertante que el *Who Was Who: 1897-1942* no haga referencia en su biografía a su asociación con el "Gran Priorato Americano" o a su supuesta elección como "Gran Prior".

Hay un relato en el *Times* del 6 de enero de 1890 (p. 1) de una pelea entre dos grupos que afirmaban ser los Caballeros de Malta. Se señala que los grupos eran originalmente organizaciones protestantes y que el Comandante de uno era de Nueva York. El *Times* del 11 de septiembre de 1879 (p. 8) publicó un anuncio para una reunión del "Supremo Encampment of America of the Knights of Malta". Dado que el Sr. Smith sitúa el comienzo del movimiento en los EE. UU. en 1880, se necesitaría una investigación adicional para determinar si había algún vínculo entre el Coronel Lamb y estas dos organizaciones. Smith nos dice que el 10 de enero de 1908 el Coronel Lamb asistió a un Capítulo General de la "Orden" en Nueva York para:

> "apelar a los descendientes de los miembros hereditarios de la Orden" con el propósito de establecer el Gran Priorato Americano para continuar [sic] la continuidad legal de la Orden.(74)

y que la membresía estaba abierta a miembros de todas las "denominaciones cristianas reconocidas". En esta reunión se decidió que el asiento de la Orden sería transferido al Nuevo Mundo.(75) Por qué esta acción era necesaria no está del todo claro, ya que en otros lugares la OSJ afirma que disfrutaba del favor continuo de la familia Imperial rusa.

El 17 de mayo de 1912, se nos dice que la OSJ adoptó una nueva Constitución.(76) El 1 de septiembre de 1913, el Gran Duque de Rusia, Alexander, (presumiblemente un cismático ortodoxo ruso), fue elegido "71º Gran Maestre" de la OSJ.

El Gran Duque Alexander tenía ideas bastante radicales sobre la religión, por decir lo menos. El *Times* (9 de diciembre de 1929) cita su "mensaje espiritual" de la siguiente manera:

> Llamar a la vida activa la religión del amor, que con el tiempo reemplazará a todas las religiones existentes, pero mientras tanto las espiritualizará y las retirará de su condición actual de materialismo grosero. Elucidar la verdadera explicación y comprensión científica de todas las virtudes cristianas, y así completar tanto la ciencia como la religión. Difundir grandes verdades fundamentales, que son las mismas para todas las religiones y para todas las naciones, y así construir esa fraternidad universal que Cristo vino a establecer en este mundo. Lograr una unión consciente de las almas humanas con el alma del universo, Dios, que es el espíritu supremo.

Las enseñanzas del "71º Gran Maestre" de la OSJ, al parecer, hacen que Teilhard de Chardin suene como Tomás de Aquino.

Además, parece que el Gran Duque Alexander mismo no sentía que el Priory Ruso tuviera existencia después de 1810 y que reconocía que la autoridad suprema de la Orden residía con el Gran Maestre en Roma. En una carta al Barón Taube, fechada en París el 21 de septiembre de 1929, Alexander sugirió que el Barón comenzara negociaciones con miras a solicitar la autorización del Gran Magisterio del Soberano Orden de San Juan de Jerusalén en Roma para restaurar (*reconstituir*) la Rama Rusa de dicha Orden.(77)

Después de esto, nuestra narrativa se vuelve un poco confusa, pero pronto toma un giro colorido en la década de 1930 con la aparición del Sr. Charles Louis Thourot Pichel, cuyo nombre llegó a estar estrechamente asociado con la OSJ. El Sr. Pichel, quien fue bautizado católico en 1931 a la edad de 41 años, ya había alcanzado cierta notoriedad debido a su interés en la heráldica, la genealogía y la nobleza europea. En 1929 se llevaron a cabo una serie de audiencias en Nueva York para determinar si era culpable de un delito en la promoción de una organización llamada American Heraldry Association y de un libro propuesto titulado "Who's Who in Heraldry" (¿Quién es Quién en Heráldica?). Las audiencias fueron terminadas cuando el Sr. Pichel prometió que cesaría la promoción del libro.

El 26 de junio de 1933, se nos dice, el Sr. Pichel hizo votos solemnes de pobreza, castidad y obediencia como "Caballero de la Orden Soberana de San Juan de Jerusalén" en la Iglesia de la Inmaculada Concepción en Watervliet, Nueva York, en presencia del pastor, el Padre Joseph Paul Chodikiewicz?.(79) No se registra si el Sr. Pichel hizo el noviciado cerrado de un año requerido por la ley canónica para que fuera válido (Código de Derecho Canónico 555), pero, en cualquier caso, está claro que, habiendo sido católico durante solo dos años,

le resultaba imposible cumplir con el requisito del Código de Derecho Canónico 574 que establece que todos los admitidos a votos solemnes deben primero hacer votos temporales por tres años. La falta de observancia de este requisito, por cierto, invalida los votos religiosos según el Código de Derecho Canónico 572. Uno espera que el Sr. Pichel haya logrado descubrir esta irregularidad canónica, ya que, según el "Who's Who in the East" de 1962-63, se casó con Mary K. Hart el 11 de agosto de 1941.

Un enigma canónico igualmente intrigante surge en este punto cuando nos enteramos de que el Sr. Pichel afirma haber sido "Gran Canciller" de la OSJ desde 1933 en adelante, pues el Código de Derecho Canónico 504 requiere que un religioso tenga votos por lo menos diez años antes de poder convertirse en un superior mayor y, sin duda, el cargo de canciller en una organización que pretende ser tanto una orden religiosa como un estado soberano entraría en esta categoría. Pero presumiblemente este requisito canónico también fue de alguna manera olvidado.

La Constitución y Estatutos de la "Orden Soberana de San Juan de Jerusalén" (enmendada de 1959 a 1962) (80) le dieron al Sr. Pichel un control casi completo de la OSJ como Director Ejecutivo y Secretario-Tesorero. De hecho, se tiene la impresión de que los otros cargos previstos son en su mayoría ceremoniales.

La "Orden Soberana de San Juan de Jerusalén" recibió un regalo de 34 acres de tierra en Shickshinny, Pensilvania en 1945, según el Historiador de la Diócesis de Scranton. Fue en ese momento que el "Convento de Shickshinny" se estableció como "Sede Mundial" para la OSJ.

El 24 de noviembre de 1936, se nos dice, Kiril I, un pretendiente al Trono Imperial de Rusia, presentó al Gran Canciller Pichel una medalla de oro y un diploma "por defender y ayudar a perpetuar la noble historia de la Rusia Imperial y las Familias Imperiales de Rusia".(81) El Sr. Pichel cita esto como una de las pruebas de su afirmación de que el Convento de Shickshinny goza del "Sanción Imperial" de los descendientes del zar Pablo I. Es reconfortante saber que "los documentos que respaldan los hechos anteriores están en posesión de la Orden y se conservan para la posteridad en bóvedas subterráneas a prueba de bombas", porque nunca se sabe hasta qué extremos llegará la Unión Soviética para vengarse de aquellos que disfrutan de la "Protección Imperial" de los zares.

El 29 de agosto de 1956, la "Orden Soberana de San Juan de Jerusalén" se incorporó en el Estado de Delaware y el 26 de noviembre del mismo año se registró para hacer negocios en el Estado de Pensilvania como una Corporación sin Fines de Lucro de Delaware con su dirección en RD 2 Shickshinny, la residencia del Sr. Pichel.

Sin embargo, parece que las afirmaciones hechas por la OSJ sobre la legitimidad histórica de la organización no son reconocidas por ciertos miembros de la nobleza rusa. El 2 de mayo de 1960, el Secretario General de la Unión de la Nobleza Rusa (en el exilio) y un grupo que afirma representar a los descendientes de los "Comandantes Hereditarios" rusos escribieron al jefe de la Orden Católica en Roma desde París diciendo que ellos

> "no estaban afiliados de ninguna manera con la organización en los Estados Unidos que está astutamente disfrazada y que se autodenomina 'Orden Soberana de San Juan de Jerusalén, Caballeros de Malta, Shickshinny 2, Pa., EE. UU.' y que finge falsamente haber heredado los derechos del Gran Maestrazgo del zar Pablo I de Rusia.
>
> [Nosotros] deploramos la existencia de esta falsa organización en los Estados Unidos de América y esperamos que este engaño pronto sea expuesto".(83)

Una fuente dice que en 1961 la OSJ nombró a un Otto Choibert (o Schobert) como su "Observador" ante las Naciones Unidas.(84) La Orden Católica en Roma pidió una explicación a la ONU y recibió una respuesta de la Oficina Ejecutiva del Secretario General que decía, en esencia:

(1) El Sr. Choibert nunca había recibido reconocimiento oficial de la ONU ni había recibido estatus diplomático;

(2) El 13 de abril de 1961, se le informó que no podía utilizar papel con membrete que afirmara ser un Observador Permanente, Enviado Extraordinario o Ministro Plenipotenciario ante la ONU;

(3) El 23 de agosto de 1961, el nombre de su organización fue eliminado de la lista de organismos no oficiales que reciben boletines informativos de la ONU, y se le pidió que no asistiera a las reuniones organizadas por el servicio de información de la ONU y que entregara su tarjeta de entrada al Edificio de la ONU.(85)

En la década de 1960, la gran era del ecumenismo, comenzamos a enterarnos de cómo esta supuestamente Orden religiosa católica admitía no católicos en sus filas. El 1 de enero de 1962, según un folleto publicado por el Convento de Shickshinny, las afiliaciones religiosas de los miembros se situaban en un 42% católicos romanos, 23% episcopalianos, 21% ortodoxos, el resto luteranos, presbiterianos, metodistas, bautistas y otros. La literatura cita esto como fruto del trabajo de un "Comité Eclesiástico" interdenominacional que aparentemente existía antes de que se realizara esta encuesta.(86)

En cualquier caso, sabemos que la OSJ se involucró bastante con la "Iglesia Católica Antigua", una conglomeración de varios sectas que ya ha sido discutida en profundidad en las páginas de esta publicación (87) El nombre del "Arzobispo" George Gerard Shelley, Primado de la "Iglesia Católica Antigua en América del Norte", aparece en publicaciones de la OSJ en la década de 1960. Shelley fue "ordenado" por Arnold Harris Mathew (un sacerdote apóstata que había sido personalmente excomulgado por el Papa San Pío X) y fue "consagrado obispo" por Richard Arthur Marchenna el 25 de marzo de 1950.(88) Shelley obtuvo el rango de "Gran Prior para Europa" en la OSJ.(89) Además, funcionó como Presidente del Comité Eclesiástico de la OSJ al menos hasta abril de 1969.

Fue quizás bajo la guía de Shelley que la OSJ produjo un folleto titulado "Relato de la Iglesia Católica Antigua" en 1964 en el que nos enteramos de que

> en un largo programa diseñado para la unidad de todas las Iglesias Cristianas, la Orden Soberana de San Juan de Jerusalén reconoce y acepta tanto la Iglesia Católica Antigua como la Iglesia Católica Romana papal como una y la misma Iglesia Universal.(90)

Además, el folleto habla del "llamado silencioso" de la "Iglesia Católica Antigua" y dice que

> puede deberse a la ausencia de todas esas prácticas objetables e innovaciones no escriturales de la Iglesia papal tanto rechazadas por católicos como no católicos discernientes por igual.(91)

En un folleto reimpreso por el *New York Journal-American* en 1959, nos enteramos de que la ORCC de Shelley se opone al Dogma de la Infalibilidad Papal. Quizás esto fue una de las "innovaciones no escriturales" rechazadas por "católicos discernientes" en Shickshinny.

El 3 de mayo de 1964, una organización llamada "Orden Atenea" emitió una declaración que respaldaba la afirmación de la OSJ de que disfruta de continuidad histórica con la Priory rusa.(92) La Orden Atenea fue fundada por un "obispo" católico antiguo inglés, Charles Brearly, quien afirmaba haber sido honrado "por muchas universidades europeas y americanas", a lo que el historiador Peter Anson agrega, "aunque aparentemente no por ninguna de las veintiuna instituciones de aprendizaje que otorgan títulos en Gran Bretaña.(93) Notamos que, aunque la Orden Atenea de Brearly respaldaba las afirmaciones de la OSJ, el propio Brearly afirmaba que la Sagrada Escritura respaldaba su práctica de "ordenar" mujeres al episcopado, sacerdocio y diaconado."(94)

En cualquier caso, después del Concilio Vaticano II, muchos católicos quedaron profundamente perturbados por los cambios y buscaron un medio para resistir. Para algunos, las afirmaciones de la OSJ de "exención canónica" como "orden religiosa católica" parecían la solución ideal.

A mediados de la década de 1960, el líder del Movimiento Tradicionalista Católico (CTM) en Westbury, Nueva York, el Padre Gommar De Pauw, se involucró con la OSJ. En un telegrama enviado al Sr. Pichel con

fecha del 23 de junio de 1968, el Padre De Pauw (Doctor en Derecho Canónico y ex profesor de seminario) dijo que:

> Hoy informé a Su Santidad el Papa Pablo VI que, en virtud de los privilegios perpetuos concedidos por sus predecesores a la Orden Soberana, hoy hemos ofrecido la primera misa latina tradicional pública en la Capilla Ave María del Priorato Mayor de Nueva York ubicado en el Centro Tradicionalista Católico en Westbury La bandera roja y blanca de nuestra Orden ondea una vez más en los cielos americanos.

El Padre De Pauw se firmó como "Comandante de la Justicia, Prior, Capellán". La literatura de la OSJ publicada en 1968 señaló que el Padre De Pauw era "Coordinador y Decano de la Sección Católica Romana" del "Tribunal Eclesiástico" de la OSJ y que la Capilla de Westbury era la "Iglesia Católica Romana de la Orden para la Investidura Oficial de Caballeros en el Priorato Mayor de Nueva York". (El Coordinador de la "Sección Católica Romana del Tribunal Eclesiástico" fue listado como "El Rev. Dr. Gerard G. Shelley".) Otra literatura de la OSJ publicada ese mismo año señala que

> Desde el principio, todos los discursos y escritos del Rev. Dr. Gommar A. De Pauw establecieron su ansia y verdadero sentimiento del espíritu del ecumenismo sano en contraposición al ecumenismo insano en las siguientes palabras: "Ha llegado el momento en que los católicos romanos tradicionalistas y los protestantes conservadores unan manos y fuerzas para salvar lo que queda del cristianismo."

El Padre De Pauw luego dejó la OSJ y continuó celebrando la Misa tradicional para el CTM.

En un intento de atraer a los católicos tradicionalistas a su organización, la OSJ publicó un folleto que contiene un programa de acción, aprobado por su "Consejo Supremo para la Sección Católica Romana del Tribunal Eclesiástico" el 2 de junio de 1969.(95) Entre otras cosas, afirman que desde 1814 varios papas han sido chantajeados y controlados por los jesuitas y que la OSJ "ejercerá la autoridad tradicional de la Iglesia Católica Romana como un deber sagrado pero solo como un Fideicomiso temporal.(96)

En la década de 1960, aquellos que deseaban solicitar el Knighthood en la OSJ estaban obligados a: (1) Ser un cristiano practicante y proporcionar el nombre de su iglesia y pastor; (2) Proporcionar una biografía si no estaba incluido en *Who's Who*; (3) Enviar una foto de pasaporte para su tarjeta de identificación; (4) Estudiar, firmar y devolver una copia de una página de sus "Votos de Caballero"; (5) Presentar cualquier evidencia de nobleza familiar; y (6) Enviar $25 cada año. Se recibían contribuciones voluntarias adicionales "para apoyar el gobierno y el programa de la Orden, incluida la adquisición de territorio soberano". Los "Votos de Caballero" podían ser tomados en el altar de la iglesia del solicitante, en el Convento de la Orden, o en presencia de un Caballero o capellán que actuaría como testigo.

Estoy seguro de que la mayoría de los lectores estarán de acuerdo en que los requisitos mencionados anteriormente para el Knighthood eran apenas estrictos, ya que no se menciona el servicio en el ejército del zar o la ciudadanía en el Imperio ruso, ni la posesión de la Fe católica y nobleza de dieciséis cuarteles. Los privilegios de Knighthood, parece, estaban al alcance del hombre común, católico, protestante, ortodoxo o "católico romano antiguo".

En este momento se fundaron varias "Priories" de la OSJ en todo Estados Unidos, algunas de las cuales continúan en funcionamiento hoy. Algunos católicos tradicionales se han sentido atraídos hacia ellas ya que los sacerdotes designados como "capellanes" ofrecen la Misa tradicional en latín y confieren los sacramentos.

A finales de la década de 1960 y principios de la de 1970, surgió una considerable controversia entre los católicos tradicionales con respecto a las afirmaciones de la "Orden Soberana de San Juan de Jerusalén". Circularon muchos documentos y cartas, y parece que un buen número de miembros se fueron. Entre las acusaciones hechas se encontraban que era masónica, ecuménica, canónica e históricamente ilegítima, cuasi-cismática, herética, etc. Sin embargo, sería imposible para nosotros aquí discutir todas las diferentes

acusaciones y contracusaciones de ese período. Se insta a los lectores interesados a realizar su propia investigación.

En 1976, Roberto Paterno Castello di Caracaci Ayerbe-Aragon fue elegido "73er Gran Maestre" de la OSJ, pero pronto la historia de la organización tomó otro giro tormentoso.

A finales de 1976 o principios de 1977, el Sr. Pichel, entonces en sus últimos ochenta años, estuvo involucrado en un accidente automovilístico que le causó varios problemas físicos. Pasó algún tiempo en hogares de ancianos y hospitales, donde, según dijo más tarde, fue considerado un "caso terminal". El 28 de febrero de 1977 firmó una carta (una copia de la cual está en los registros judiciales) anunciando su retiro como Gran Canciller activo para convertirse en Gran Canciller Emérito y miembro vitalicio del Consejo Supremo de la OSJ, y anunció que Thorbjorn Wilkund y Frank Capell serían los dos Grandes Priores que asumirían todas las tareas, responsabilidades y autoridad anteriormente conferidas al Gran Canciller.

El 1 de marzo de 1977, los Sres. Pichel, Wilkund, Blazes, Atterbom y Capell firmaron un "Acuerdo" que especificaba cómo se llevarían a cabo los diversos deberes bajo el nuevo arreglo, y garantizaba una pensión anual de $5000 para el Sr. Pichel.

Los documentos judiciales indican que el Sr. Pichel intentó repudiar el "Acuerdo". Más tarde en 1977, en una carta del 26 de octubre dirigida al Sr. Capell, afirma que su firma fue "obtenida con representación incorrecta, engaño y acusaciones falsas. Esto se hizo con una presión indebida sobre un hombre que en ese momento fue declarado un 'caso terminal indefenso' con poco tiempo de vida." Calificó la reunión de "ilegal" y le dijo al Sr. Capell: "Fui detenido ilegalmente en mi casa por usted y sus asistentes mientras la casa era completamente 'limpiada' de todas mis pertenencias, tanto las de la Orden como mis efectos personales, etc.

El 6 de noviembre de 1977, la dirección registrada de la "Orden Soberana de San Juan de Jerusalén" cambió de la dirección de Shickshinny a "Church Lane, RD 3, Reading Pennsylvania".

Nuevamente, según documentos judiciales, el 29 de noviembre de 1977, el Sr. Pichel firmó una "Expulsión Oficial de Thorbjorn Wilkund, Per-Axel A. Atterbom y el Príncipe Roberto Paterno de Aragón", alegando varias razones, incluyendo "asociarse en una conspiración para deponer y desacreditar al Gran Canciller de la Orden". Otro documento en el expediente (fechado el 15 de septiembre de 1979) fue escrito en un tono similar.

En 1979, el Sr. Pichel produjo un folleto que parecía ampliar los poderes del Tribunal Eclesiástico mencionado anteriormente. Se le refiere como el "Tribunal Eclesiástico Supremo de la Cristiandad" y se nos informa que es un "cuerpo ecuménico permanente" que puede emitir un juicio final sobre la fe, la moral, la liturgia, etc. relacionados con cualquier denominación religiosa -católica, luterana, ortodoxa, "católica romana antigua" - que sea miembro. (La literatura afirma que la identidad de los "prelados" que componen este tribunal ecuménico permanente se mantiene en secreto como una "medida de protección".) Aparentemente, ni siquiera los poderes de este Tribunal fueron capaces de hacer que el Sr. Capell y sus seguidores volvieran a la línea de pensamiento del Sr. Pichel.

Los miembros que apoyaban la posición del Sr. Pichel se reunieron en Shickshinny el 26 de enero de 1980 y emitieron una declaración en ese sentido. El obispo Richard A. Marchenna, de la "Vieja Iglesia Católica Romana", una figura de la escena "católica antigua" en los Estados Unidos durante muchos años, y el padre Peter Rofrano, sacerdote de la Orden Pallotine de la Ciudad de Nueva York, figuraban entre los partidarios del Sr. Pichel.

Parece que todo esto fue un poco demasiado para el Sr. Cappel y sus partidarios. Iniciaron acciones legales contra el Sr. Pichel en el Tribunal de Distrito de los Estados Unidos (Distrito Medio de Pensilvania, *Sovereign Order of St. John of Jerusalem et al. vs. Pichel*, Civil No. CV 80-0501), y, el 29 de mayo de 1980, obtuvieron una Orden Judicial Preliminar contra el Sr. Pichel. El Sr. Pichel, sus agentes, etc. fueron restringidos hasta que el tribunal resolviera el asunto:

(a) De utilizar e infringir la marca colectiva de membresía de los Demandantes "Sovereign Order of St. John of Jerusalem Knights of Malta"

(b) De representarse a sí mismo como un funcionario autorizado, representante y portavoz de los Demandantes;

(c) De circular, enviar por correo y distribuir de otra manera material y correspondencia en la que se utilicen las palabras Sovereign Order of St. John of Jerusalem;

(d) De solicitar o recibir fondos o contribuciones;

(e) De otorgar o emitir diplomas, certificados de membresía u otros signos de membresía en la organización de los Demandantes.

El 18 de octubre de 1980, el Sr. CapeIl falleció. Poco después, una publicación del Priorato de Reading anunció que Salvatore T. Messineo había sido elegido "Gran Prior de América y el resto del mundo excepto Europa y la Mancomunidad Británica." En correspondencia posterior, el Sr. Messineo utiliza el título de "Gran Maestre Teniente" y establece su sede en Reading. El 25 de marzo de 1981, el Sr. Messineo y sus seguidores firmaron una "Proclamación Conjunta" con el Sr. Aleksei Nicholaeivich Romanoff proclamándolo "Protector Imperial" de la OSJ. El Sr. Romanoff afirma ser el hijo del zar Nicolás II, y la literatura de la OSJ nos asegura que "los registros confidenciales de la CIA confirmarían esto si se hicieran públicos." (La implicación parecía ser que la CIA no estaba hablando).

El Sr. Romanoff, a su vez, proclamó que los seguidores del Sr. Messineo eran "los únicos descendientes legítimos de la Orden de Malta y el Gran Priorato de Rusia." El documento nombra al Sr. Romanoff como "el Heredero del Trono Imperial de Todas las Rusias, Tsarevich y Gran Duque de Todas las Rusias, el Augusto Atamán y Jefe de la Casa Imperial Rusa de Romanoff," y señala que el Sr. Romanoff también era conocido bajo una identidad de seguridad en el exilio y clandestinidad en Polonia como "Michael M. Goliniewski", y bajo un nombre ficticio en los Estados Unidos desde 1961 como "F.R. Oldenburg".

Un folleto producido por el grupo del Sr. Messineo afirma que el Sr. Romanoff se convirtió en "Protector Imperial" en 1952. Sin embargo, notamos que cuatro páginas después de haber afirmado esto, el mismo folleto afirma que el Sr. Romanoff estaba trabajando en Gdansk, Polonia, durante ese mismo año como Jefe de Contrainteligencia Polaca y como una especie de espía de penetración profunda para Occidente. (Presumiblemente, el hecho de que fuera "Protector Imperial" de la "Orden Soberana de San Juan de Jerusalén" estaba bien oculto para los comunistas).

El 28 de diciembre de 1981, el Tribunal alcanzó una decisión final en el caso de *Sovereign Order of Saint John of Jerusalem et al. vs. Pichel.* El demandado, el Sr. Pichel, fue "permanentemente prohibido y restringido de participar en la conducta delineada en esa orden del 29 de mayo de 1980." La demanda del demandante para el pago de honorarios fue denegada, y se ordenó a ambas partes que pagaran sus propios costos. Así llegó a su fin otro emocionante capítulo en la historia de la "Orden Soberana de San Juan de Jerusalén Caballeros de Malta, Rusia y América."

VI. La OSJ y el Derecho Canónico

Será útil mencionar algunos de los argumentos que se pueden presentar en contra de las afirmaciones de la OSJ en lo que respecta al Derecho Canónico.

En primer lugar, la OSJ afirma que es "una Orden religiosa laica de la Iglesia Católica y un estado teocrático. Es católica porque fue fundada por católicos y deriva todos sus privilegios teológicos [sic] del Romano Pontífice."

Las órdenes religiosas no gozan de "privilegios teológicos" (sea lo que sea eso) bajo el derecho canónico, solo ciertos privilegios de exención. Además, es difícil, si no imposible, ver cómo la OSJ podría considerarse una "orden religiosa laica de la Iglesia Católica", considerando el masivo no reconocimiento que ha recibido por parte de las autoridades de la Iglesia.

Si, como afirma la OSJ, una rama de los Caballeros de Malta de hecho existió en Rusia después de la supresión, ciertamente no fue reconocida como una "orden de la Iglesia Católica" por los papas. León XIII no mencionó nada al respecto en *Solemne Semper*, ni la comisión de cardenales nombrada por Pío XII para reexaminar el estatus de la SMOSJ aludió a alguna "rama rusa" en los Estados Unidos.

Ni siquiera la "Orden Soberana de San Juan de Jerusalén" ha sido reconocida por la Iglesia postconciliar en esta gran era del ecumenismo. A continuación, reproducimos un artículo del periódico vaticano, *L'Osservatore Romano:*

Se han recibido consultas de diversas partes que solicitan más información sobre la "Orden Soberana de San Juan de Jerusalén" y en particular cómo ve la Santa Sede a esta Orden.

Estamos autorizados a repetir las aclaraciones previamente publicadas en nuestro periódico al respecto. La Santa Sede, además de sus propias Órdenes de Caballería, reconoce solo dos Órdenes de Caballería: la Soberana Orden Militar de San Juan de Jerusalén, conocida como la Orden de Malta y la Orden Ecuestre del Santo Sepulcro de Jerusalén.

Ninguna otra Orden, ya sea de reciente institución o derivada de una Orden medieval con el mismo nombre, goza de dicho reconocimiento, ya que la Santa Sede no está en posición de garantizar su legitimidad histórica y jurídica. Este es también el caso de la mencionada "Orden Soberana de San Juan de Jerusalén" que asume, de forma casi idéntica y de manera que causa ambigüedad, el nombre de la Soberana Orden Militar de San Juan de Jerusalén, más conocida como la Soberana Orden Militar de Malta.

En segundo lugar, en un artículo titulado "La Orden de San Juan en el Derecho Internacional", el Caballero William von Peters, OSJ, afirma que la Orden en Jerusalén:

> también se había convertido, para el año 1200, en una Orden autónoma en la Iglesia, responsable ante nadie más que el Papa; y entonces solo en asuntos de Fe y Moral.

La implicación en su declaración es que el papa no tenía poder para legislar en asuntos concernientes a la conducción de los asuntos de la Orden, o que de alguna manera estaba "exenta" de todo excepto de la enseñanza papal infalible. (Esto parece ser también el tema subyacente de la literatura de la OSJ que trata sobre los actos de Pío VI y Pío VII con respecto a la Orden en Rusia.) Su afirmación de que eran "autónomos", en el sentido en que lo implican, carece de fundamento.

Incluso un vistazo al azar a los documentos papales que otorgaron privilegios a la SMOSJ antes de la crisis rusa deja claro que el papa es el "Legislador Supremo" de la Orden. Por ejemplo, el Papa Anastasio IV, en *Christianae Fidei Religio,* confirma los privilegios de la Orden en Jerusalén y enuncia su derecho a invocar su autoridad con respecto a los asuntos de la Orden. Por ejemplo, después de conceder inmunidad a la Orden con respecto a sus posesiones, agrega, sin embargo:

> preservando la autoridad de la Sede Apostólica y la justicia canónica del obispo diocesano.

Una vez más, por ejemplo, la Carta Apostólica *Inter Illustria Religionis* deja en claro que Benedicto XIV, como papa, actúa como el "Legislador Supremo" de la Orden al ratificar los actos del Consejo Supremo de la Orden, otorgando facultades para erigir encomiendas, revocando la alienación de los bienes de la Orden sin el consentimiento del Gran Maestre y del Consejo, prohibiendo las prebendas comendatarias, otorgando facultades para nombrar jueces y derogando pronunciamientos contrarios.

La conducta de los papas con respecto a la crisis rusa fue completamente consonante con la política previamente establecida. La carta del 16 de marzo de 1799, escrita por orden del Papa Pío VI al Nuncio en San Petersburgo, señala que:

> "No puedo ocultar a Vuestra Excelencia Reverendísima que el ánimo de Su Santidad está muy perturbado por el anuncio de estos eventos, viendo pisoteadas en un momento tantas Constituciones Apostólicas que reservan a la Santa Sede exclusivamente el derecho de juzgar a la persona del Gran Maestre, y las Constituciones de la Orden que fijan las reglas precisas e inmutables para su elección y que solo el papa puede derogar."

El *Pro-Memoria* que acompañaba la carta establece que:

> "Su Santidad se encuentra en la precisa obligación de recordar a los miembros que componen [el Gran Priorato Ruso] que se han apartado de las Constituciones de la Orden y de la sumisión a los decretos de la Santa Sede a los que están obligados por el deber de su institución, tanto por deponer al Gran Maestre Hompesch de su dignidad como por proclamar a Su Majestad Imperial como Gran Maestre."

Además, el documento se refiere al Papa como "Jefe Supremo de la Orden [chef supreme de l'ordre, c'est-a-dire, Sa Saintet].

Además, como hemos demostrado en la sección cuatro anterior, el Consejo de la Orden en Rusia reconoció explícitamente al papa como su superior en asuntos legislativos y abdicó de cualquier poder que afirmara poseer a favor del Gran Maestre que el papa había elegido.

El derecho canónico también establece que el papa es el "Legislador Supremo" de las órdenes religiosas. En un comentario sobre el Código de Derecho Canónico 499, leemos:

> "las ordenanzas y leyes papales, en la medida en que afecten a los religiosos, ya sea en general, como miembros de la Iglesia Católica y como cuerpo, o en particular como cuerpos individuales, órdenes o congregaciones, deben cumplirse por todos sin excepción. Y esta obediencia debe ofrecerse a cualquier papa legalmente elegido, sin importar cuáles sean sus cualidades personales."

A la luz de lo anterior, la afirmación de que la Orden era "autónoma" y estaba sujeta al papa "solo en asuntos de Fe y Moral" es completamente insostenible.

En tercer lugar, la afirmación de que los descendientes de "comandantes hereditarios" pueden de alguna manera crear nuevos miembros de una orden religiosa católica es indefendible. Los moralistas definen una orden religiosa como:

> "una asociación religiosa de hombres o mujeres vinculados a la observancia de reglas definidas aprobadas por la Santa Sede en la vida comunitaria y a los votos perpetuos y solemnes de pobreza, castidad y obediencia."

Además, definen a un religioso como:

> uno que asume libremente, además de los mandamientos comunes a todos los fieles, la observancia de los consejos evangélicos a través de los votos de pobreza, castidad y obediencia."

Es evidente que, dado que una persona se convierte en religiosa solo haciendo una profesión libre y explícita de votos según las normas del derecho canónico, nadie puede convertirse en miembro de una orden religiosa a través de "herencia", ya que no hay elección involucrada y falta el consentimiento requerido de la voluntad. Además, debería ser evidente que la membresía en una orden religiosa no puede transmitirse "de padre a hijo", ya que uno de los votos religiosos es la castidad.

Dado esto, incluso si hubieran existido "comandantes hereditarios", ciertamente no se les podría considerar religiosos, por lo tanto, no habrían tenido el poder de "crear" otros religiosos, porque no habrían estado calificados para recibir votos como superiores. En el Código de Derecho Canónico 572 leemos que

> "Para la validez de cualquier profesión religiosa, se requiere que el superior legítimo admita [la persona que va a ser profesada] según las constituciones. Que [la profesión] sea recibida por un superior legítimo o por otro según las constituciones.

Cuarto, desde un punto de vista canónico, es abundantemente claro que la "elección" del Zar Pablo como "Gran Maestre" era inválida. Las razones pueden resumirse de la siguiente manera:

(1) Fue contrario a las instrucciones del Papa [como se muestra arriba].

(2) El Zar era un cismático, y por lo tanto no podía ser el jefe de una orden religiosa católica.

(3) El Zar no era un miembro pleno de la Orden, solo un miembro honorario, y por lo tanto estaba prohibido por el derecho canónico para convertirse en su Gran Maestre.

(4) El Zar era un hombre casado, y por lo tanto no podía hacer votos religiosos de pobreza, castidad y obediencia que forman la esencia de la caballería religiosa.

La invalidez de su elección tiene ciertos efectos tanto en el derecho canónico como en el derecho civil, ya que el Gran Maestre de la Orden era tanto un superior religioso como jefe de un estado soberano, es decir: (a) cualquier legislación que el Zar Pablo promulgara en lo que creía que era su capacidad como jefe de una orden religiosa católica era nula y sin efecto canónico; y (b) cualquier legislación que promulgara en lo que creía que era su capacidad como jefe de la Orden de Malta como estado soberano carecía de cualquier efecto en cuanto al derecho civil, en otras palabras, no era un legislador legítimo porque no era jefe de la Orden.

A la luz de todo lo anterior, solo puedo concluir que las diversas afirmaciones presentadas por los apologistas de la "legitimidad" de la OSJ no pueden tomarse en serio y cualquier semejanza entre ella y la Orden reconocida como legítima por la Iglesia es superficial y notablemente forzada.

VII. La OSJ como una

Organización Ecuménica

INCLUSO DESPUÉS DE UNA PRESENTACIÓN de la evidencia histórica y canónica para rechazar las afirmaciones de la OSJ, queda una objeción insuperable a ella: hoy en día, y siempre lo ha sido, es abiertamente ecuménica según su propia admisión.

Recientemente, me encontré con una carta escrita en febrero de 1981 por un sacerdote de la OSJ que está asociado con la Priorato del Sr. Messineo en Reading, Pensilvania. Dijo que estaba seguro de que la OSJ ahora estaba eliminando la apariencia de falso ecumenismo e indiferentismo religioso. Sin embargo, parece que nada podría estar más lejos de la verdad.

Un breve vistazo a los volúmenes recientes del *Mensajero de la OSJ* de Reading demuestra esto:

> "La Orden de San Juan de Jerusalén abarca dentro de su membresía tanto a católicos de rito oriental como occidental y a protestantes cuya sincera fe cristiana y buenas obras son signos externos de unidad dentro del Cuerpo Místico de Cristo."

> "La Orden, siguiendo el consejo papal de no tener conversión por la espada, buscó nuevamente por la virtud cristiana más alta, a saber, la caridad, establecer una sección no católica (década de 1800)."

"Con gran justificación, la práctica de la caridad cristiana de la Orden parece haber sido el camino más sabio. La sabiduría de mantener la unidad cristiana ha florecido en la reunificación práctica de la Iglesia Católica Antigua Romana para la cual la Orden había mantenido una sección."

"Se solicita a los prelados de la Orden de San Juan que se reúnan durante la primavera o el verano de 1981 para establecer métodos de cooperación en beneficio de los enfermos y los que sufren y para la *Propagación de la Fe*. Prelados de rito oriental y occidental válidamente consagrados, así como prelados de las denominaciones protestantes, deben ponerse en contacto con el Gran Priorato Americano[énfasis suministrado]."

!El Muy Reverendo Rainer Laufers, O.S.J., Arzobispo de la Antigua Iglesia Católica Santa de Canadá, es investido por el Teniente Príncipe Gran Maestre, S.E. Conde Eric de Lewenhaupt, O.S.J. en la Iglesia de San Juan Bautista en Louisville, Kentucky.(128)

Si bien las dificultades presentadas por las citas anteriores serán evidentes para algunos católicos tradicionales, será útil presentar algunas citas pertinentes de las enseñanzas de la Iglesia.

En primer lugar, con respecto a la afirmación de que la "sincera fe cristiana y las buenas obras" de los no católicos en la OSJ son signos externos de "unidad" dentro de la Iglesia y con respecto a la implicación de que la OSJ de alguna manera logró mantener "la unidad de la Iglesia" al admitir no católicos, notamos que la Iglesia ya posee la marca de la unidad y que los no católicos no forman parte de esa unidad porque no tienen la Fe. Pío XI enseña en *Mortalium Animos*:

"Lo que acaba de decirnos nos brinda la oportunidad de discutir y refutar una cierta creencia falsa sobre la que parece descansar toda la cuestión que estamos discutiendo, y de la que también proceden los esfuerzos generalizados de ciertos no católicos que buscan la reunión de las iglesias cristianas. Los partidarios de este plan nunca se cansan de repetir las palabras de Cristo: 'Para que todos sean uno; como tú, oh Padre, en mí y yo en ti, que también ellos sean uno en nosotros; para que el mundo crea que tú me has enviado.' (Jn 17, 21) Sin embargo, desean que esas palabras se interpreten en el sentido de que representan un deseo y una oración de Cristo que aún no se ha realizado. Así, sostienen que la unidad de la fe y del gobierno de la Iglesia, que son marcas distintivas de la única y verdadera Iglesia de Cristo, no siempre han existido y, de hecho, no existen hoy en día."(129)

Además, la Sagrada Congregación del Santo Oficio, en respuesta a una serie de preguntas de 198 clérigos anglicanos durante el siglo pasado, estableció el siguiente principio con respecto a la unidad de la Iglesia:

La unidad de la Iglesia es absoluta e indivisible y la Iglesia nunca perdió su unidad, ni siquiera por un segundo en el tiempo, nunca puede. Por lo tanto, existe, tanto *de jure* como *de facto*, solo una Iglesia; una por una unidad numérica y exclusiva (130)

En segundo lugar, con respecto a la apelación de la OSJ a la "caridad" para justificar su práctica de admitir no católicos, recordamos las palabras de Pío XI sobre actividades similares de los "pan-cristianos", los ecumenistas de su época:

Pero surge inmediatamente la pregunta: ¿Cómo es posible que la caridad esté alineada en contra de la fe? Porque todos saben que San Juan, el Apóstol del Amor, aquel que en los Evangelios parece abrirnos los secretos mismos del Sagrado Corazón de Jesús y que, en cada oportunidad, predicó a sus discípulos el nuevo mandamiento "Amaos los unos a los otros", prohibió a sus seguidores tener cualquier relación con aquellos que no profesaban, completa y sin error, las enseñanzas de Cristo. "Si alguno viene a vosotros y no trae esta doctrina, no lo recibáis en casa ni le digáis: ¡Bienvenido sea! (II Juan X) Dado que, por lo tanto, la caridad debe construirse sobre una fe completa y segura, como sobre su fundamento, es ante todo necesario que los discípulos de Cristo estén unidos sobre

> todas las cosas en el vínculo de la unidad de la fe ¿Cómo es posible reunir en una misma sociedad a todos aquellos que profesan opiniones tan diferentes? (131)

En tercer lugar, dado que la OSJ patrocina reuniones de católicos y no católicos para "la Propagación de la Fe", sería prudente recordar la enseñanza de Pío X sobre las "asociaciones interconfesionales" en *Singulari Quadam*:

> "Respecto a esas asociaciones que tocan directa o indirectamente la causa de la religión o la moral, sería realizar una obra que nunca podría ser aprobada si se busca fomentar y propagar asociaciones mixtas, es decir, compuestas tanto por católicos como por no católicos De hecho, para limitarnos en este punto, es innegable que asociaciones de este tipo ponen en peligro, o ciertamente pueden poner en peligro, la integridad de la Fe de nuestros fieles católicos y la observancia fiel de las leyes de la Iglesia Católica".(132)

A la luz de lo anterior, parece asombroso que los católicos tradicionales que, presumiblemente, han rechazado el falso ecumenismo promovido por el Segundo Concilio Vaticano, tengan algo que ver con la OSJ.

VIII. Resumen y

Conclusiones

Es necesario hacer un breve resumen de lo dicho anteriormente, junto con una conclusión práctica. En primer lugar, hemos ofrecido una breve visión general de la historia de la Orden Militar Soberana de San Juan de Jerusalén.

En segundo lugar, hemos examinado con cierto detalle el intento de instalar al Zar Pablo, cismático, como jefe de la Orden, un acto que fue contrario tanto a las constituciones de la Orden como a los deseos expuestos del pontífice reinante.

En tercer lugar, hemos proporcionado un breve relato de la historia de la Orden Militar Soberana desde la crisis rusa hasta el día de hoy.

En cuarto lugar, hemos examinado dos de las afirmaciones sobre las cuales la OSJ intenta argumentar su "legitimidad histórica": la supuesta existencia de "comandantes hereditarios" y la supuesta existencia de los Caballeros en Rusia después de la supresión por el Zar Alejandro.

En el primer caso, hemos presentado evidencia que indica que el término "comandante hereditario" no existía en la terminología legal rusa, y hemos mostrado que los "derechos de patronazgo" que sí existían estaban limitados a ciudadanos del Imperio ruso que cumplían ciertas condiciones estrictas.

En el segundo caso, hemos mostrado que los Caballeros en Rusia renunciaron a cualquier derecho que afirmaran poseer a favor del Gran Maestre elegido por el papa, y que el Zar Alejandro suprimió la Orden en el Imperio ruso. Además, hemos señalado que parece haber una falta de fuentes históricas primarias que respalden la afirmación de la OSJ de que los Caballeros disfrutaron de alguna existencia en Rusia después de la supresión. Además, hemos visto que los zares continuaron teniendo relaciones cordiales con la Orden en Roma.

En quinto lugar, hemos presentado algunas notas históricas sobre la historia de la OSJ en América. Hemos señalado ciertas dificultades con respecto al misterioso Coronel Lamb. Hemos señalado algunas de las extrañas enseñanzas religiosas del Gran Duque Alejandro, el 71º "Gran Maestre" de la OSJ, y hemos presentado evidencia que muestra que él mismo creía que se necesitaba la autorización de Roma para "reconstituir" la rama rusa de la Orden.

Además, hemos demostrado que la OSJ ha mantenido estrechos vínculos con las sectas "católicas antiguas romanas", y que fue y sigue siendo una organización ecuménica según su propia admisión. También hemos catalogado algunas de las controversias que surgieron sobre la OSJ entre los católicos tradicionales después del Concilio Vaticano II.

Sexto, hemos presentado algunos argumentos en contra de las diversas afirmaciones canónicas de la OSJ. Hemos visto que la OSJ en América ha sufrido un enorme no reconocimiento por parte de Roma de su supuesto estatus canónico, y hemos mostrado que su afirmación de que los Caballeros de Malta disfrutaron de algún tipo de estatus "autónomo" en lo que respecta a la autoridad legislativa del papa es insostenible. Hemos demostrado que la membresía en una orden religiosa católica no puede transmitirse por "herencia" y que la elección del Zar Pablo como "Gran Maestre" fue inválida.

Séptimo, hemos discutido brevemente algunos pasajes recientes del "Mensajero OSJ" sobre el ecumenismo y la asociación religiosa con no católicos, y los hemos abordado citando algunos pasajes pertinentes de la enseñanza católica.

AHORA ESTOY OBLIGADO a responder la pregunta que dio lugar a este ensayo: "¿Deberían los católicos tradicionales asistir a misas ofrecidas por sacerdotes de la OSJ o asociarse con la organización?" Como sacerdote católico tradicional, mi respuesta es un rotundo "No".

¿Por qué? Es ecuménico, y unirse a una organización ecuménica es, en palabras de Pío XI, equivalente a abandonar la religión revelada por Dios. Para un católico, creo que sería similar a unirse al Consejo Mundial de Iglesias, si fuera posible para un individuo, un pecado grave, un ultraje a la verdadera fe católica y al menos próximo a la herejía.

Además, parece que los hechos son tan claros que cualquier católico, una vez expuesto a ellos, ya no puede alegar ignorancia invencible. Rechazar enfrentar los hechos constituiría una ignorancia grosera, una ignorancia que los teólogos morales nos dicen que es pecaminosa. Si eres católico romano y quieres salvar tu alma, mantente alejado de la OSJ.

Notas y Referencias

1. Los apologistas de la OSJ parecen tener algunas dificultades para proporcionar fuentes históricas primarias que respalden algunas de sus afirmaciones. El libro de Padre James Wathen, *Is the Order of Saint John Masonic*? (Rockford IL: TAN Books 1973) es un buen ejemplo. En el Capítulo 5 (en el que intenta demostrar que la Priory Católica de la Orden en Rusia continuó existiendo ininterrumpidamente durante el siglo XIX), las únicas referencias que ofrece para justificar su posición son dos cuentas francesas y dos inglesas. Tales fuentes estaban "en el exterior mirando hacia adentro", por así decirlo, y podrían haber malinterpretado lo que afirman haber visto. El caso del Padre Wathen podría haber sido convincente si hubiera podido producir referencias a documentos o cartas escritas por miembros de la "Priory Católica" que supuestamente había existido. En la página 46, afirma que Austria y Grecia ofrecieron sucesivamente varias islas "a la Orden en Rusia". Sin embargo, no se dan referencias. Además, en las páginas 44-45, el Padre Wathen desacredita lo que llama la "plegaria ponderosa" del libro de de Sherbowitz-Wetzor y Toumanoff (*vid. infra*). Sin embargo, de Sherbowitz-Wetzor y Toumanoff respaldan su caso con una multitud de referencias a fuentes y documentos primarios, algo que el Padre Wathen no hace.

2. Charles Moeller, artículo, "Hospitallers of Saint John of Jerusalem," en *The Catholic Encyclopedia*, (Nueva York: Robert Appleton Co.: 1912), vol. vii, pp. 479-480.

3. Roderick E. McGrew, "Paul I and the Knights of Malta," en *Paul I, A Reassessment of His Life and Reign*; Hugh Ragsdale, editor, (Pittsburgh: University Center for International Studies, 1979), p. 46. El estudio del Profesor McGrew está exhaustivamente investigado a través de documentos históricos contemporáneos del período. Fue leído originalmente en la reunión nacional de 1976 de la American Association for the Advancement of Slavic Studies.

4. *Ibid*., p. 47.

5. *Ibid*., p. 48.

6. *Ibid*.

7. *Ibid*., p. 49.

8. *Ibid*., p. 48.

9. *Ibid*., pp. 49-50.

10. Andrew P. Vella, O.P.; monografía, "Malta and the Zars 1697-1802," (Malta: Royal University Press, 1972), p. 26. El Padre Vella fue anteriormente jefe del Departamento de Historia de la Real Universidad de Malta. Su monografía contiene 25 páginas de documentos en sus idiomas originales con traducciones al inglés.

11. McGrew, p. 51.

12. Vella, p. 27.

13. McGrew, p. 51 y nota al pie.

14. Citado en Vella, pp. 28-29.

15. Cf. McGrew, p. 52.

16. *Ibid.*

17. *Ibid.*, p. 54.

18. Vella, p. 28.

19. McGrew, p. 55.

20. *Ibid*. 21. Citado en Vella, p. 31; cf. también McGrew, p. 56.

21. Vella, p. 32.

22. *Ibid*.

23. *Ibid*. y ss. El texto citado en la nota al pie 3 es de interés: '"Los Locotenientes de las Ciudades y Pueblos y los Representantes de las Ciudades (de Malta) al Comisionado Civil del Rey,' (ver Biblioteca Real de Malta, Biblioteca 532 f. 10v.), así comentaron sobre esta elección: 'Unos pocos mendigos despreciables se refugiaron en Rusia, donde estaban más seguros del peligro que en el campamento frente a La Valeta, y crearon por un pedazo de pan un cisma en su Orden, lo cual fue una violación de todas sus obligaciones'."

24. *Ibid*., p. 37 y nota al pie.

25. McGrew, p. 61.

26. *Ibid*., p. 57.

27. Vella, p. 34.

28. Citado *ibid*., p. 38. La frase citada por el Padre Vella en realidad dice "opuesta a las constituciones de la Orden y a las constituciones Apostólicas".

29. Citado en Michel de Pierredon, *Histoire Politique de l'Ordre Souverain de Saint Jean de Jerusalem, Ordre de Malte, de 1789 d 1955*, (París: 1963), 2ª edición, vol. ii, pp. 385-386. El texto dice lo siguiente: "Su Santidad no puede olvidar los derechos que pertenecen a la Sede Apostólica sobre una Orden regular, y que la hacen responsable ante el universo..., de cualquier acto que perjudique los derechos de la Santa Sede o que sea contrario a las constituciones de la Orden misma." Los documentos reproducidos (en francés, desafortunadamente) en la obra de dos volúmenes de de Pierredon lo convierten en invaluable para un estudio del período en cuestión.

30. Vella, p. 38; Moeller, p. 480 y McGrew, p. 59.

31. McGrew, p. 63.

32. *Ibid*., p. 60.

33. Vella, p. 39.

34. Citado en Roderick Cavaliero, *The Last of the Crusaders: The Knights of Saint John of Malta in the Eighteenth Century*, (Filadelfia: Dufour Editions, 1963), p. 256. Cf. también "The Mental Condition of

Paul" de Hugh Ragsdale en *Paul I, A Reassessment of His Life and Reign, ut sup*., nota 3.

35. Cavaliero, p. 256.

36. James van der Velt, O.F.M.; monografía, "Ecclesiastical Orders of Knighthood," (Washington DC: Catholic University Press, 1956), p.21. Cf. también Moeller, p. 480.

37. Cavaliero, pp. 263-264.

38. *Ibid.*, p. 264.

39. Van der Velt, p. 21.

40. El texto citado se toma de una traducción mecanografiada del documento completo. Creo que la traducción fue realizada por Hugo Maria Kellner durante el apogeo de la controversia "Knights and Daze" a finales de los años sesenta y principios de los setenta. Conseguir el original en latín de este documento bastante oscuro de León XIII planteaba un problema, ya que su reinado parecía ser demasiado temprano para incluirlo en la única edición disponible del *Bullarium* y demasiado tarde para el *Acta Apostolicae Sedis.*

41. Van der Velt, p. 21.

42. Cf. Edgar Erskine Hume, *Medical Work of the Knights Hospitallers of Saint John of Jerusalem*, (Baltimore: Johns Hopkins Press, 1940).

43. Moeller, p. 480.

44. Para el texto completo, cf. "Tribunale Cardinalizio Costituito con Pontificio Chirografo del 10 Dicembre 1951," de los *Acta Tribunalium* en *Acta Apostolicae Sedis*, vol. xxxxv, 1953, pp. 765-767. En el punto tres se reconfirma el hecho de que la Orden depende de la Santa Sede: "L'Ordine Gerosolimitano di Malta dipende dalla Santa Sede e in particolare, come Ordine religioso, dalla Sacra Congregazione dei Religiosi, a norma del diritto canonico." También parafraseado en van der Velt, pp. 22-23.

45. Van der Velt, pp. 21-22.

46. Ibid., p. 22.

47. "A Modern Crusade," folleto, (Roma: después de 1962), p. 32. Para el texto completo de la carta de Juan XXIII, ver: *The Constitutional Charter of the Sovereign Military Hospitaller Order of Saint John of Jerusalem, Rhodes and Malta,* (Roma: 1961). También se emitió un nuevo Código en Roma en 1966.

48. Fra Olgerd de Sherbowitz-Wetzor y Fra Cyril Toumanoff, *The Order of Malta and the Russian Empire*, (Roma: 1969), pp. 37-38. En su nota al pie 104, los autores se refieren a los documentos originales rusos

para justificar esta afirmación. Evidentemente, el propósito de este libro es refutar la "Leyenda Rusa" desde un punto de vista histórico. Los autores tienen un éxito admirable con innumerables citas de fuentes primarias. Si hay un libro que todo miembro de la OSJ debería leer, es este.

49. *Ibid.,* pp. 36-37. Cf. la nota al pie 103 de los autores para más documentación.

50. Citado *ibid.,* pp. 38-39. Cf. su nota al pie 107 que se refiere al texto ruso.

51. Citado *ibid.,* p. 16. Cf. también p.15, nota al pie 23 para referencias al texto ruso.

52. Cavaliero, p. 242.

53. *Ibid.,* p. 260.

54. Alejandro I, "Manifiesto del 28 de marzo de 1801," en *Ukazy Gosudaria Imperatora Aleksandra I. i Pravitel'stvuiushchego Senata*, (Moscú: 1801): "jusqu'a ce que les circonstances aient permis de Lui donner un Grand-Maitre selon ses Statuts et ses formes antiques."

55. Citado en Vella, p. 46: "album mittere ad Beatissimum Patrem precibus adjectis, ut Summus Pontifex utpote qui Romanae Ecclesiae caput est omniurn Or-dinum Religiosorum superior ex numero illo candidatorum, quos Prioratus exhibuerunt, unum praeeligat, cui Summum Magisterium conferatur."

56. *Livre Blanc de l'Ordre Souverain Militaire et Hospitalier de St. Jean de Jerusalem, Dit de Rhodes, Dit de Malte,* (Roma: 1962), p. 55: "ut ad veterem Constitutionem et disciplinam, publico commodo et utilitate cui semper inservaverit, ordo penitus restituatur." Esta obra (también llamada "El Libro Blanco") presenta un breve argumento (de ocho páginas) contra grupos como la OSJ. Su valor ha sido superado por el trabajo de de Sherbowitz-Wetzor y Toumanoff. Sin embargo, reproduce los textos completos de algunos documentos importantes en los Apéndices. Desafortunadamente, no están en inglés.

57. De Sherbowitz-Wetzor y Toumanoff, p. 61. El texto se da ff.

58. Citado *ibid.,* pp. 62-63 y nota al pie: "n'a plus de Chef legitime, un des premiers soins des membres qui le composent doit etre de se concerter d'apres les Statuts, les formes et les usages etablis pour proceder 1egalment a l'election d'un Grand-Maitre." Cf. su nota al pie 148.

59. Citado *ibid.,* pp. 73-75 y nota al pie: "ce Conseil arrete de resigner ses fonctions et de remettre de [sic] Gouvernement de l'Ordre entre les mains du Grand-Maitre. Le Sacre Conseil approuve l'acte redige a cet effet." Cf. su nota al pie 175 para las referencias.

60. Citado *ibid.,* pp. 78-79 y nota al pie: "Concilium secundum ea, quae sibi ab initio proposuit, abdicat, et sui temporarii muneris expleta functione, acceptam auctoritatem ad Magnum Magistrum remittit."

61. Los textos completos de las cartas de Alejandro a Tomassi se dan en *Livre Blanc,* pp. 72-73.

62. *Ibid.,* p. 75: "le Prieure Russe de l'Ordre n'existant plus"

63. De Sherbowitz-Wetzor y Toumanoff, p. 127; "A Modern Crusade," p. 29; Ferdinand de Hellwald, *Bibliographie Methodique de l'Ordre Sour. de St. Jean de Jerusalem,* (Roma; Imprimerie Polyglotte de la Propagande, 1885 con suplemento añadido en 1924), p. 107fn; etc.

64. De Sherbowitz-Wetzor y Toumanoff, p. 103 (cf. también la nota al pie), y "Modern Crusade," p. 29.

65. Citado en "Modern Crusade," p. 29fn.: "Nous instituitons [sic] de Notre Autorite Imperiale, par ces presents, une nouvelle Fondation de l'Ordre de St. Jean de Jerusalem."

66. De Sherbowitz-Wetzor y Toumanoff, pp. 120-121. Cf. también el texto francés completo de la carta manuscrita de Nicolás dado *ibid.*

67. *Ibid.,* p. 123fn.

68. *OSJ Messenger,* (Reading PA; 1981), vol. 36, no. 1, p. 10.

69. *Ibid.,* p. 2.

70. Cf. la Bula "Inter Illustria Religionis" del Papa Benedicto XIV (12 de marzo de 1753), en *Sanctissimi Domini Nostri Benedicti Papae XIV Bullarium,* (Roma: Typis S.C. de Propaganda Fide, 1753), tom. iii, pp. 85-86.

71. Harrison Smith, *Order of Saint John of Jerusalem,* ed. y rev. por Joseph E. Storace (después de 1970), p. 64. El "Orden de Malta" con el que aparentemente el Sr. Smith estaba conectado está asociado con la Casa Real de Yugoslavia.

72. *Ibid.*

73. *Ibid.*

74. *OSJ Messenger,* vol. 36, p. 2.

75. *Ibid.*

76. Citado en de Sherbowitz-Wetzor y Toumanoff, p. 123fn. Los autores dan las referencias apropiadas.

77. "Heraldry Charges Held in Abeyance," *New York Times,* 25 de octubre de 1929. El artículo afirma que "Pichel no quiso decir si alguna vez había sido condenado por un crimen." Parece que el Sr. Pichel operaba desde una oficina en el Hotel Waldorf-Astoria. (Aunque el Waldorf parece ser un lugar de reunión preferido para aquellos asociados con el OS J, el artículo del *Times* no contiene ninguna referencia a la organización).

78. El autor tiene en su posesión una fotocopia de un documento que lleva las firmas del Sr. Pichel y del Pastor, junto con lo que parece ser un sello parroquial. El Sr. Pichel se comprometió "a dedicarme al servicio de los pobres y a la defensa de la Iglesia Católica", y a "cumplir con los mandatos del Gran Maestre de nuestra Orden y a pasar mi vida sin poseer ningún bien privado". El Gran Duque Alejandro (71º Gran Maestre) había fallecido el 26 de febrero de 1933, y una publicación de 1967 enumera al Príncipe Crolian Edelen de Burgh como 72º Gran Maestre. Por lo tanto, podemos suponer que era el Gran Maestre en el momento en que el Sr. Pichel pronunció sus votos. (La publicación de 1967 señala aprobadamente que el Príncipe Crolian posee "cuatro líneas de descendencia de Rurik el Vikingo").

79. El documento es una de las pruebas en *Sovereign Order of Saint John of Jerusalem vs. Pichel,* (Causa Civil No. CV80-0501), Tribunal de Distrito de los Estados Unidos, Distrito Medio, Pensilvania. Vid. infra en el texto.

80. "Imperial Sanction for the Sovereign Order of Saint John of Jerusalem, etc.," panfleto, (Shickshinny PA; Maltese Cross Press, 1978-1979), p. 3. N.b., esta publicación data de después de la disputa legal mencionada infra en el texto.

81. Ibid.

82. El texto completo se cita en *Livre Blanc,* p. 76. El original expresa indignación de la única manera en que puede hacerlo el idioma francés: "ne sont aucunement affiliés avec l'Organisation aux Etats-Unis d'Amerique qui est habilement camoulflee et qui s'intitule: 'Sovereign Order of Saint John of Jerusalem, Knights of Malta, Shickshinny 2, Pa. U.S.A.,' laquelle faussement pretend avoir herite les droits de la Grand-Maitrise de l'Empereur Paul I. de Russie . deplorent l'existence de cette fausse organisation aux Etats-Unis d'Amerique et esperent que cette imposture ne tardera pas a etre mise a jour."

83. Harry Luke, "An Examination of Certain Claims to be an Order of Saint John," panfleto, (1965), p. 8. El Sr. Luke parece estar relacionado con otro "Orden de Malta" y rechaza algunas de las afirmaciones del OSJ.

84. Ibid. El Sr. Pichel, en su *Historia de la Orden Soberana de San Juan de Jerusalén,* (Shickshinny PA: Maltese Cross Publishers, edición de 1970), pp. 169-170, ofrece un relato bastante diferente: "La ONU presentó al delegado de la Orden con credenciales como observador para presenciar las deliberaciones de la ONU, pero sin voto. Esta fue la primera Orden de Caballeros [sic] en ser aceptada de esta manera por la ONU. Insistiendo en que la Orden había sido un gobierno desde tiempos antiguos y insatisfecho con tal restricción de la ONU, la Orden de San Juan se retiró de esta categoría de grupos de la ONU en julio de 1961, a la espera de ser aceptada en una categoría de gobiernos."

85. Picbel, p. 171.

86. Para un tratamiento breve, cf.: Rev. Anthony Cekada, "A Warning on the Old Catholics: False Bishops, False Churches," en el *Roman Catholic*, octubre de 1981. Reimpresión disponible en *The Roman Catholic*, PO Box 217, Oyster Bay NY, 11771.

87. Peter F. Anson, *Bishops at Large*, (Londres: Faber and Faber, 1964), p. 434 y fn. El libro de Anson es el tratamiento más completo de los "Viejos Católicos" disponible.

88. *Ibid.*, p. 437.

89. "An Account of the Old Roman Catholic Church," panfleto, (Shickshinny PA: Crux News Service, 1964), p. 6.

90. Ibid.

91. Athenian Order, panfleto, "Historical Continuity and Validity of the Sovereign Order of Saint John of Jerusalem, Knights of Malta," (Shickshinny PA: Crux News Service, 1964), sin paginar.

92. Anson, p. 387.

93. *Ibid.*, p. 383.

94. "Knights to the Rescue of Christendom," panfleto, (Shickshinny PA: Maltese Cross Press, 1969), p. 7.

95. *Ibid.*, p. 7.

96. El padre Lawrence S. Brey de St. Cloud MN escribió dos panfletos alrededor de 1973 titulados "Operation Knightmare". El Dr. Julio Pro de 9811 Rathburn Avenue, Northridge CA publicó un panfleto alrededor de la misma época con el verdaderamente memorable título "Knights and Daze". El Dr. Pro afirmaba que había una connotación masónica en la OSJ, lo que llevó al padre Wathen a escribir el panfleto citado en la nota 1. El Sr. J. Bruce Howell de Rt. 1, Stillman Valley IL (un antiguo miembro de la OSJ) difundió una gran cantidad de documentos desafiando las afirmaciones de la OSJ. El Dr. Hugo Maria Kellner de 9 Iroquois Road, Caledonia NY produjo una gran cantidad de cartas sobre la OSJ. Realizó una investigación sobre algunas de las credenciales académicas que el Sr. Pichel afirmaba poseer. Parece que la controversia se calmó alrededor de mediados de la década de 1970.

97. *OSJ Messenger*, (Reading PA: 1980), vol. 35, p. 3.

98. *Sovereign Order vs. Pichel*, Exhibición del demandante 3.

99. *Ibid.*, Exhibición del demandante 1.

100. *Ibid.*, Exhibición del demandante 6.

101. *Ibid.,* Exhibición E.

102. Cf. *ibid.,* Exhibición del demandante 10.

103. "Ecclesiastical Tribunal of Christendom," panfleto, (Shickshinny PA: Maltese Cross Press, 1979). El Sr. Messineo recientemente desestimó el panfleto como "literatura ficticia".

104. *Sovereign Order vs. Pichel,* Exhibición K.

105. *OSJ Messenger,* vol. 34, p. 1.

106. *Ibid.,* vol. 36, no. 1, pp. 12-13.

107. *Ibid.,* p. 14. Del 31 de octubre al 1 de noviembre de 1981, la Iglesia Ortodoxa Rusa fuera de Rusia canonizó al zar Nicolás II, a su esposa y a sus cinco hijos. Dado que la ceremonia se llevó a cabo en Nueva York (donde aparentemente reside el Sr. Romanoff), esto le habría ofrecido la distinción única de poder asistir a su propia canonización.

108. *Ibid.,* p. 13.

109. *Ibid.,* p. 10.

110. *Ibid.,* p. 14.

111. *Ibid.,* p. 21.

112. "Clarification," *L 'Osservatore Romano,* edición en inglés, 9 de diciembre de 1976, p. 12.

113. *OSJ Messenger,* vol. 36, no. 1, p. 73.

114. Papa Anastasio IV, "Christianae Fidei Religio," (21 de octubre de 1154), en *Bullarum Privilegiorum ac Diplomatum Romanorum Pontificum Amplissima Collectio,* (Roma: Typis S. Michaelis ad Ripam, 1739), tom. i, p. 347: "salva Sedis Apostolicae auctoritate & Diecesani [sic] Episcopi canonica justitia."

115. Cf. fn. 71 *supra.* Pp. 74-87.

116. Citado en de Pierredon, vol. ii, p. 38t: "Je ne peux dissimuler a V. Exc. Rme. que l'esprit de S. Ste. a ete tres trouble par l'annonce de ces evenements, voyant foulee aux pieds, en un instant, tant les constitutions apostoliques qui reservent au St. Siege exclusivement le droit de juger de la personne du G.M., que les constitutions de l'Ordre qui fixent les regles precises et invariables pour l'election de celui-ci et auxquelles le pape seul peut deroger."

117. Citado *ibid.,* vol. ii, p. 386: "Sa Saintete se trouve dans l'obligation precise de faire rappeler ala memoire des membres qui le composent combien ils sont devie des constitutions de l'Ordre et de la soumission aux decrets du S. Siege a laquelles ils sont tenus par le devoir de leur institution, tant pour deposer de sa dignite le Grand-Maitre Hompesch, que pour proclamer Grand-Maitre S.M. Imperiale."

118. *Ibid.,* vol. ii, p. 387.

119. Charles Augustine, O.S.B, D.D., *A Commentary on the Code of Canon Law,* (St. Louis MO, B. Herder, 1919), 2nd edition, vol. iii, p. 96.

120. Mgr. Pietro Palazzini, editor, *Dictionary of Moral Theology,* (Westminster MD: Newman Press, 1962), p. 861.

121. *Ibid.,* p. 1032.

122. El resumen se basa en Vella, pp. 35-36.

123. *OSJ Messenger*, vol. 36, no. 1, p. 6.

124. *Ibid.,* p. 23. De hecho, el zar Pablo, un cismático ortodoxo ruso, fundó la "sección no católica". Se notará que la OSJ no parece seguir el "consejo papal" contenido en el Pro-Memoria del 16 de marzo de 1799.

125. *Ibid.* En su texto ff., el autor anónimo parece citar un documento en el que se afirma que el "acto moral de restablecer el cuidado papal a los católicos romanos ultrajectinos [también llamados "OM"] se realiza *ipso facto*." Afirma que este documento fue "promulgado bajo la autoridad de la Sede Apostólica el 7 de noviembre de 1966 por el Arzobispo de Utrecht." No pude encontrar este documento en el *Acta Apostolicae Sedis* (la recopilación oficial de documentos del Vaticano), ya que, por supuesto, el autor no proporcionó referencias. El autor también parece afirmar que la OSJ tenía algún tipo de papel en esta presunta reunificación. Sin embargo, no se nos dice cómo, ni nunca llegamos a saber en qué consiste este "acto moral de restablecer el cuidado papal".

126. *OSJ Messenger*, vol. 35, p. 2.

127. *Ibid.* Dos clérigos están en el fondo, uno vestido como sacerdote y el otro como diácono. Uno se pregunta si están entre los sacerdotes que ofrecen la Misa tradicional para la OSJ en varias ciudades de los Estados Unidos.

128. Papa Pío XI, Encíclica "Mortalium Animos," (6 de enero de 1928), en *The Official Catholic Year-Book,* (Nueva York: P.J. Kenedy and Sons, 1928), traducido por el Rt. Rev. Mons. James H. Ryan, pp. 74-75.

129. Respuesta de la Sagrada Congregación del Santo Oficio, 8 de noviembre de 1865.

130. "Mortalium Animos," pp. 76-77.

131. Papa San Pío X, Encíclica "Singulari Quadam," (24 de septiembre de 1912).

The Roman Catholic, December 1981

Artículo original: Link

UN SOÑADOR DE SECRETAS REDENCIONES (fragmento de “La Presencia Oculta”)

En la literatura de Jorge Luis Borges (1899-1986), el brasileño Antonio Conselheiro (1828-1897) aparece como un “*soñador de secretas redenciones*”. Creo que el título también le corresponde al abogado Plinio Corrêa de Oliveira, carmelita y descendiente de cristianos nuevos, quien es más conocido como líder anticomunista, fundador de la TFP, pero se dice poco del creador de una sociedad secreta y mística destinada a cultivar una escatología mesiánica. Aquí no me interesa la dimensión política de esta sociedad, sino su porción religiosa, notablemente sus elementos simbólicos que la legitiman y le dan identidad [1].

Plínio Corrêa de Oliveira nació en São Paulo (1908-1995), hijo del abogado João Paulo Corrêa de Oliveira y Lucília Ribeiro dos Santos. El padre era originario de la azucarocracia pernambucana (sobrino del Consejero João Alfredo, jefe del gabinete que abolió la esclavitud en Brasil) y la madre de la burguesía letrada paulistana. Tanto por el lado paterno como por el materno, hay registros de cristianos nuevos entre sus antepasados, destacándose el Dr. Álvaro Nunes, quien en el siglo XVI huyó de la ciudad de Oporto para incorporarse a la comunidad judía de Ámsterdam, siendo ancestro de los Bezerra de Menezes, cuyo linaje le llegó a través de su abuela paterna, Rosenda Cândida Bezerra de Menezes, de la misma familia que los místicos nordestinos Padre Cícero Romão Baptista (1844-1934) y Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti (1831-1900), pionero del Espiritismo brasileño. También hay en su linaje un número significativo de familiares vinculados a la Orden Tercera del Carmelo desde el siglo XVIII. Viviendo entre la parentela materna, fue educado como muchos de la élite paulistana, con una institutriz alemana (Mathilde Heldmann), estudios en un colegio jesuita (São Luís) y en la Facultad de Derecho en el Largo de São Francisco [2].

En la década de los veinte, Plínio Corrêa de Oliveira atravesó una crisis espiritual provocada por la muerte accidental (o por suicidio) de su primo José Ribeiro dos Santos, conocido en la familia como Reizinho, que también había sido su compañero en el Colegio São Luís. Esta muerte y el ambiente político de la época lo llevaron a optar por el catolicismo. Giulio Folena, un disidente de la TFP, llamó a esta adhesión religiosa una "conversión", ya que su familia era de masones y liberales. La fortuna familiar, basada en la cafeicultura, fue afectada por la crisis de 1929. En este momento, se convirtió en dirigente de la poderosa Congregación Mariana, del periódico arquidiocesano O Legionário y, junto con los cariocas Alceu de Amoroso Lima y Heitor da Silva Costa, este último arquitecto que proyectó la estatua del Cristo Redentor en Río de Janeiro, fundaron la Liga Electoral Católica. En la Asamblea Constituyente de 1934, fue el representante católico, siendo el diputado más votado en el estado. Gracias al éxito electoral, pero también por las relaciones familiares (su bisabuelo, Dr. Gabriel dos Santos, fue una personalidad notable en la Facultad de Derecho paulistana y uno de los líderes de la Revolución Liberal de 1842) [3], fue nombrado profesor en el Largo de São Francisco.

Fue así que su carrera tomó un camino singular. Reunió a su alrededor un grupo de seguidores de diversas orígenes sociales y religiosas, que recibió el nombre de Grupo Joseph de Maistre y que en 1960 cambió a Sociedad Brasileña de Defensa de la Tradición, Familia y Propiedad. Dedicándose tiempo completo a la construcción de esta sociedad, su pensamiento se volvió tan personal que causó tensiones y rupturas con el catolicismo regular. El nombre primitivo de la sociedad ofrece una pista sobre las fuentes que contribuyeron a su formación. Joseph de Maistre (1753-1825) es más recordado como un filósofo cuyo pensamiento es una matriz de los fascismos europeos, pero su misticismo se nutrió en grupos martinistas, que él frecuentó durante más de cuarenta años. Estos grupos fueron organizados por el ocultista franco-ibérico Martínez de Pasqually, de ascendencia cristiana nueva portuguesa o española, en forma de logias masónicas o sociedades iniciáticas bajo el nombre genérico de Orden de los Elegidos Cohen, para la difusión de su doctrina gnóstica.[4] A este pensamiento heterodoxo, Plinio Corrêa de Oliveira le añadió la devoción carmelita, formando así el núcleo central de su doctrina. No es mi propósito estudiar aquí la doctrina creada por él, sino la existencia de elementos culturales judíos en esta asociación católica, sin que hubiera judíos pertenecientes a ella, aunque varios descendientes de cristianos nuevos estaban en su dirección.

Todo fue meticulosamente preparado para darle una identidad al grupo. Para una sociedad iniciática, los símbolos son muy importantes en la vida cotidiana. Esto era claro incluso para los recién llegados. "*Todos los muebles y objetos contienen significados imperceptibles a los ojos de un profano*", registró uno de ellos [5]. Pues estos símbolos no eran de fácil decodificación y muchos tenían una doble interpretación, una para uso comunitario y otra para el exterior. La cruz de sus uniformes era uno de estos símbolos dúplices. Mientras el mundo veía solo el símbolo cristiano, los miembros del grupo reconocían en él "*el tau, la señal de los elegidos*", un símbolo cabalístico judío basado en el profeta Ezequiel[6]. En el siglo XVII, Francisco Manuel de Melo (1608-1666), descendiente de cristianos nuevos que vivió en Bahía, ya había hecho la misma relación entre la cruz cristiana y el tau hebreo [7]. También el lenguaje verbal de la sociedad se basaba en este juego de esconder para revelar. [Era] "constituido por términos herméticos, introducidos para ser comprendidos solo por los iniciados; a veces ambiguos, poseen un sentido diferente del verdadero, que solo será 'captado' por alguien 'entrometido'. Este sentido 'diferente' tiene como único objetivo engañar a los no-entrometidos, ocultándoles la verdadera idea que el término comunica" [8].

El símbolo de la sociedad fue el león, claramente el animal totémico de la tribu de Judá, "*the most popular animal in Jewish art*" [9], que significa la lucha contra el mal. En el caso de la sociedad, el mal es una conspiración "*judeo-masónica*" para destruir la pureza de la Iglesia y la sociedad jerarquizada, cuyo modelo ideal es la Europa medieval. El enemigo "*judeo-masónico*" (sic), no es lo que parece ser. No es el judío biológico, por así decirlo, sino lo que ellos identificaron como "judíos": los Papas desde Pío X (Pablo VI fue el mayor "judío" según ellos) y el clero liberal, el capital financiero, el protestantismo, la sociedad moderna americanizada, la República, la prensa hostil... etc., etc. Para complicar las interpretaciones, el león se usa en un estandarte, exactamente como en las logias masónicas [10].

La división social de los adeptos, en el argot de la sociedad, entre miembros de las "*principales familias de São Paulo*" y el "*3º Estado*" (formado por hijos de inmigrantes italianos), y los diferentes grados de compromiso con la secta, llevó a la creación de varias casas de reuniones, desde reuniones para atraer adeptos hasta los eremitorios y camaldulenses, para la praxis religiosa secreta. En estas casas había un elemento común a todas: una silla en forma de trono, llamada exactamente como en la vida judía, "*silla de Elías*" [11], donde en ocasiones solemnes, su líder, vestido con el hábito y el manto de la Orden Tercera del Carmelo, comandaba las ceremonias. No hay en el catolicismo regular nada parecido.

El último grado de iniciación fue alcanzado por un pequeño grupo de elegidos llamado "*Sempreviva*". Hay poca información sobre él. Para pertenecer a este grupo, el elegido pasaba por varias ceremonias y luego era llevado a la tumba de Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira (1875-1968) en el Cementerio de la Consolación en São Paulo[12], quien ocupaba en la secta un lugar intermedio entre las vírgenes católicas y las esposas místicas de la Cábala heterodoxa (como la esposa de Shabetai Tzvi o la hija de Jacob Frank) [13], y allí se consagraba como esclavo espiritual de su hijo. Elegía o recibía un hierónimo que lo identificaba en las ceremonias del grupo, pero se le prohibía "*comunicar a los demás miembros de la TFP la existencia de la 'sagrada esclavitud'*". Hay una lista de 56 miembros de esta cofradía y sus nombres iniciáticos. Todos se llamaban Plinio seguido de un segundo nombre. La excepción fue el líder que adoptó el hierónimo Luis Plinio Elias. A la izquierda del nombre, los jesuitas (en homenaje a San Luis); a la derecha, el profeta bíblico. Un hombre dividido, al menos onomásticamente. Cinco de ellos descienden de cristianos nuevos, personajes de este trabajo. No se contaron los Príncipes Orleans y Braganza, descendientes del Barbadão de Veiros. Once adoptaron hierónimos bíblicos: Paulo Corrêa de Brito Filho, sucesor de Plinio (Plinio Jeremías); Plinio Vidigal Xavier da Silveira, descendiente del último Rabino-mor de Castilla (Plinio Eliseo); Mário Navarro da Costa (Plinio Elías), José Lúcio de Araújo Correia (Plinio Ezequiel), Pedro Paulo Figueiredo (Plinio Jacob), Aloísio Torres (Plinio Macabeo), Paulo César Nascimento (Plinio Henoc), João Carlos Leal da Costa (Plinio Matatías) y Francisco Xavier Tosto (Plinio Isaías)[14]. Algunos exmiembros de la TFP afirmaron que cuatro de ellos estaban circuncidados (F*, M* y otros dos no nombrados). No confirmo ni desmiento esta afirmación por no tener información para ello. Solo hago el registro.

En este universo simbólico creado por él, Plínio Corrêa de Oliveira, además de maestro de un mensaje esotérico, también era una figura confundida con dos grandes personajes bíblicos, Moisés y Elías. "*Moisés fue uno de los más grandes entre los más grandes profetas, el hombre cuya misión era liberar a los judíos,*

hijos elegidos de Dios, de su cautiverio en Egipto y conducirlos a Canaán, la tierra prometida. — Afirmaba categórico el doctrinador de la sociedad — *La misión de Dominus Plinius puede, con seguridad, ser comparada a la de Moisés*"[15]. Su relación con Elías, figura recurrente en la sociedad, tiene una explicación muy alejada del catolicismo regular. "*Elías y Juan son una sola persona. Elías y Plinio son una sola persona*. — Explicó otro miembro de la secta — *Por lo tanto, Juan y Plinio son una sola persona, y este es la reencarnación de los otros dos*"[16]. No hay reencarnación en el cristianismo. Esta identificación con los personajes bíblicos le dio un papel de guía para un porvenir mesiánico, en su doctrina, el futuro Reino de María, cuando el verdadero catolicismo sería restaurado y él tendría una posición única, después de liderar a los católicos durante la apocalíptica "*bagarre*" (nombre dado por ellos al caos que precede a su época mesiánica).

Plínio Corrêa de Oliveira, el Dominus Plinius, murió en 1995. Su creación, que llegó a tener veinte mil seguidores en veintiséis países, no resistió su ausencia. La sociedad abandonó la cosmología de su creador. Cambió al león judío por la cruz de San Andrés. Aún hoy, el inmenso patrimonio acumulado por ella es objeto de disputas judiciales feroces. Sin embargo, ya no se habla de su creencia peculiar, cuyas raíces se pueden encontrar en los días inquisitoriales, incluso en la sociedad creada por él. Muy similar a las cofradías establecidas por cristianos nuevos y luego disueltas por la Inquisición. Donde el "culto" a un pariente fue el elemento central en su formación y a esto se le agregó una simbología proveniente de la cultura de los cristianos nuevos. Muy similar a la cofradía de Santo Antonio [Homem], que homenajeaba al hermano asesinado por la Inquisición de Gonçalo Homem de Almeida o la de Santa Teresa en Bahía, en honor a la hija de los Ulhoa, familia que cuenta entre sus descendientes contemporáneos a Paulo de Barros de Ulhoa Cintra, también miembro destacado de la TFP, pero considerado entre ellos como espía de la Bucha, la masonería académica paulista [17].

Notas

[1] Agradezco a algunos miembros y también disidentes de la TFP por las entrevistas que nos concedieron. Entre estos interlocutores, destaco al Dr. Orlando Fedeli (1933-2010), disidente del grupo original, que nos autorizó a mencionar su nombre.

[2] Para una biografía de Plinio Corrêa de Oliveira, consultar "Plinio Corrêa de Oliveira. Um resumo biográfico", de Elói de Magalhães, Catolicismo nº 610, octubre de 2001, pp. 17-27; "Plínio Corrêa de Oliveira. Um homem de fé, de pensamento, de luta e de ação", FSP, 11-10-1995, pp. 1-12-13, obituario publicado por la TFP.

[3] S.A. Sisson, Galería de los brasileños ilustres, pp. 143-150, presenta una biografía y retrato de Gabriel José Rodrigues dos Santos (1816-1858).

[4] Joachim Martinez de Pasqually, según parece, nació en Francia de padre cristiano nuevo español o portugués, quizás en 1715 y murió en 1774. Bajo la influencia de los cristianos nuevos en su doctrina, ver: Pinharanda Gomes, A Filosofia Hebraico-Portuguesa, pp. 364-380.

[5] José Antonio Pedriali, Guerreros de la Virgen. La vida secreta en la TFP, p. 45. [6] José Antonio Pedriali, ob. cit., p. 45. [7] D. Francisco Manoel de Mello, Tratado da Ciência Cabala ou Notícia da Arte Cabalística, pp. 136-7.

[8] Giulio Folena, Esclavos del Profeta, p. 125.

[9] Freema Gottlieb. Paisajes místicos de piedra de la ciudad judía de Praga y el campo checo, p. 24.

[10] Son cuatro estandartes dispuestos en una logia masónica, que "representan, respectivamente: el Hombre, el León, el Buey, el Águila. Estos cuatro símbolos corresponden a las tribus de Rubén, Judá, Efraín y Dan, indicadas en el Libro de los Números como los líderes de las cuatro divisiones del ejército de Israel". V. Alec Mellor, Diccionario de la Franco-Masonería y los Franco-Masones, p. 112.

[11] Shulhan Aruk, Milah, 265, 11 (comp. Kol Bo, 73).

[12] La tumba de la familia Ribeiro dos Santos, en función de Lucília, recibe diariamente a un gran número de devotos que, basados en el culto fomentado por la TFP, le rinden devoción como a una "santa". Plinio Corrêa de Oliveira descansa allí bajo la inscripción latina: "Vir totus catholicus et apostolicus plene romanus". Es común encontrar entre los que rezan allí a dos príncipes de la Casa Real e Imperial de Brasil. Se encuentra al final de la Calle Uno, donde también están otras dos tumbas de devoción popular: la del espírita portugués Batuíra (António Gonçalves da Silva, 1839-1909) y la de la Marquesa de Santos (Domitila de Castro Canto e Melo, 1797-1867).

[13] Alfredo Gartenberg, Jacob Frank, el mesías de la alcantarilla (novela histórica), pp. 152-4, 283.

[14] Giulio Folena, ob. cit., pp. 175-7.

[15] José Antonio Pedriali, ob. cit., p. 87.

[16] Giulio Folena, ob. cit., p. 108.

[17] Bucha o B:.P:. (del alemán Burschenschaft, fraternidad de camaradas). Sociedad secreta e iniciática. Se dice que fue creado por el misterioso refugiado alemán "Julio Frank" (1811-1841) en la Facultad de Derecho de São Paulo. Su objetivo era formar cuadros para la política nacional. Los bucheros eran reclutados entre los mejores estudiantes. Pertenecieron a ella: Rui Barbosa, Barón del Río Blanco, Pinheiro Machado, David Campista, Júlio Mesquita Filho, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Campos Sales, Venceslau Brás, Washington Luís, Artur Bernardes, entre otros. Se dice que el último cerrajero (jefe supremo) fue el embajador José Carlos de Macedo Soares. Sobre el tema, ver: Afonso Arinos de Melo Franco, Rodrigues Alves. Apogeo y declive del Presidencialismo (Brasilia: Senado Federal, 2001), pp. 102-113.

Artículo original: Link

Bautismo de Deseo y Principios Teológicos (2000)

por el Rev. Anthony Cekada

¿Qué principios deben seguir los católicos para llegar a la verdad?

A LO LARGO DE LOS AÑOS, ocasionalmente me he encontrado con tradicionalistas, tanto laicos como clericales, que siguieron las enseñanzas del fallecido Rev. Leonard Feeney y del Centro St. Benedicto sobre el axioma "Fuera de la Iglesia no hay salvación". Aquellos que abrazan plenamente la posición Feeneyita rechazan la enseñanza católica común sobre el bautismo de deseo y el bautismo de sangre.

Sin embargo, los católicos no son libres de rechazar esta enseñanza, porque proviene del magisterio ordinario universal de la Iglesia. Pío IX afirmó que los católicos están obligados a creer en aquellas enseñanzas que los teólogos consideran "pertenecientes a la fe", y a someterse a aquellas formas de doctrina comúnmente consideradas "verdades teológicas y conclusiones".

En 1998, fotocopié material sobre el bautismo de deseo y el bautismo de sangre de las obras de veinticinco teólogos pre-Vaticano II (incluidos dos Doctores de la Iglesia), y lo reuní en un dossier. Todos, por supuesto, enseñan la misma doctrina.

Detrás del rechazo Feeneyita a esta doctrina yace un rechazo a los principios que Pío IX estableció, principios que forman la base de toda la ciencia de la teología. Quien rechaza estos criterios rechaza los fundamentos de la teología católica y construye una teología peculiar propia, donde su propia interpretación de los pronunciamientos papales es tan arbitraria e idiosincrática como la interpretación de la Biblia de un Bautista libre pensador. Es completamente inútil discutir con tal persona sobre el bautismo de sangre y el bautismo de deseo, porque no acepta los únicos criterios sobre los cuales debe juzgarse una cuestión teológica.

A continuación, se presentan notas de una conferencia que di el 15 de julio de 2000 abordando los principios a aplicar en el examen de las cuestiones del bautismo de deseo y el bautismo de sangre. El dossier fotocopiado mencionado está disponible en nuestra oficina por un cargo nominal.

Sección I - ¿Qué Principios

Te Exige la Iglesia Seguir?

I. Debes creer en las enseñanzas tanto del magisterio solemne como del magisterio ordinario universal de la Iglesia (Vaticano I).

A. Principio General:

- "Además, por fe divina y católica, deben creerse todas aquellas cosas que están contenidas en la palabra escrita de Dios y en la tradición, y aquellas que son propuestas por la Iglesia, ya sea en un pronunciamiento solemne o EN SU PODER DE ENSEÑANZA ORDINARIO Y UNIVERSAL [magisterio], para ser creídas como reveladas divinamente." Concilio Vaticano I, Constitución Dogmática sobre la Fe (1870), DZ 1792.

B. El Código de Derecho Canónico impone la misma obligación. (Código 1323.1)

C. Por lo tanto, debes creer por fe divina y católica en aquellas cosas:

1. Contenidas en la Escritura o la Tradición, Y

2. Propuestas para ser creídas como reveladas divinamente por la autoridad de la Iglesia, ya sea a través de:

a. Pronunciamientos solemnes (por concilios ecuménicos o papas ex cathedra) O

b. Magisterio ordinario universal (enseñanza de los obispos junto con el papa, ya sea en concilio o difundida por todo el mundo).

D. Esto no es "opcional" ni "un asunto de opinión".

- Define el objeto de la fe, lo que estás obligado a creer.

- Además, es de fide definita: un pronunciamiento infalible, inmutable y solemne.

II. Debes creer en esas enseñanzas del magisterio ordinario universal que los teólogos consideran pertenecientes a la fe (Pío IX).

- "Porque aunque se tratara de una cuestión concerniente a esa sumisión que ha de manifestarse mediante un acto de fe divina, sin embargo, no tendría que limitarse a aquellas materias que han sido definidas por decretos expresas de los Concilios ecuménicos, o de los Pontífices Romanos y de esta Sede, sino que también tendría que extenderse a aquellas materias que se transmiten como divinamente reveladas por el poder de enseñanza ordinario de toda la Iglesia extendida por todo el mundo, y por lo tanto, por consentimiento universal y común se tienen por los teólogos católicos que pertenecen a la fe." Tuas Libenter (1863), DZ 1683.

III. También debes someterte a las decisiones doctrinales de la Santa Sede y a otras formas de doctrina comúnmente consideradas como verdades teológicas y conclusiones. (Pío IX).

A. Principio General.

- "Pero, puesto que se trata de esa sumisión por la cual en conciencia están obligados todos aquellos católicos que trabajan en las ciencias especulativas, para que puedan aportar nuevo provecho a la Iglesia con sus escritos, por esa razón, entonces, los hombres de esa misma convención deben darse cuenta de que no es suficiente para los católicos instruidos aceptar y reverenciar los mencionados dogmas de la Iglesia, sino que también es necesario que se sometan a las decisiones que conciernen a la doctrina que son emitidas por las Congregaciones Pontificias, y también a aquellas formas de doctrina que son sostenidas por el consentimiento común y constante de los católicos como verdades teológicas y conclusiones, tan ciertas que las opiniones opuestas a estas mismas formas de doctrina, aunque no pueden ser llamadas heréticas, merecen sin embargo algún censura teológica." Tuas Libenter (1863), DZ 1684.

B. Por lo tanto, debes adherirte a lo siguiente:

1. Decisiones doctrinales de las Congregaciones Vaticanas (por ejemplo, el Santo Oficio).

2. Formas de doctrina sostenidas como:

a. Verdades teológicas y conclusiones.

b. Tan ciertas que la oposición merece alguna censura teológica corta de "herejía".

IV. Debes rechazar estas posiciones condenadas sobre este tema:

A. Los teólogos han "oscurecido" las verdades más importantes de nuestra fe. (Condenado por Pío VI).

- "La proposición que afirma 'que en estos tiempos posteriores se ha difundido un oscurecimiento general de las verdades más importantes relacionadas con la religión, que son la base de la fe y de las enseñanzas morales de Jesucristo', HERÉTICA." Auctorem Fidei (1794) DZ 1501.

B. Los católicos están obligados a creer solo en aquellas cuestiones propuestas infaliblemente como dogmas. (Condenado por Pío IX).

- “Y así, todas y cada una de las opiniones y doctrinas malas mencionadas individualmente en esta carta, por nuestra autoridad apostólica las rechazamos, proscribimos y condenamos; y deseamos y mandamos que sean consideradas como absolutamente rechazadas, proscritas y condenadas por todos los hijos de la Iglesia católica...”

“22. La obligación a la que están absolutamente sujetos los maestros y escritores católicos se limita solo a aquellas materias que son propuestas por el juicio infalible de la Iglesia, para ser creídas por todos como dogmas de la fe.” PROPOSICIÓN CONDENADA. Encíclica Quanta Cura y Sílabo de Errores (1864), DZ 1699, 1722.

C. Las encíclicas no exigen asentimiento, porque los papas no están ejerciendo su poder supremo. (Condenado por Pío XII).

- “No se debe pensar que lo que se establece en las Cartas Encíclicas no exige asentimiento en sí mismo, porque en ellas los papas no ejercen los poderes supremos de su magisterio. Porque estos asuntos son enseñados por el magisterio ordinario, respecto al cual es pertinente lo siguiente: 'El que os oye a vosotros, a mí me oye'; y por lo general lo que se establece e inculca en las Cartas Encíclicas, ya pertenece a la doctrina católica.” Humani Generis (1950), DZ 2313.

Sección II - Por qué la Iglesia Te Exige Creer o Adherir a Doctrinas Comúnmente Enseñadas por sus Teólogos.

Resumen traducido por el P. Cekada del P. Reginald-Maria SCHULTES OP, De Ecclesia Catholica: Praelectiones Apologeticae [Conferencias Apologéticas sobre la Iglesia Católica], 2ª ed., París: Lethielleux 1931, pp. 667ss. Este libro fue utilizado por estudiantes para obtener títulos de doctorado en teología en universidades romanas a principios del siglo XX. El P. Schultes ostentaba el más alto grado teológico en la Orden de Santo Domingo (OPS ThMagister) y era profesor en la Pontificia Universidad del Angelicum en Roma. Secciones marcadas con asteriscos (*) = comentarios adicionales del P. Cekada.

I. Conceptos Introductorios.

A. Definición de Teólogo = "hombres doctos que después de la época de los Padres de la Iglesia enseñaron científicamente la doctrina sagrada en la Iglesia."

1. en la Iglesia = en unión con la Iglesia, ya sea con: (a) una misión específica de la Iglesia o (b) el Consentimiento de la Iglesia, ya sea expreso o tácito.

2. doctrina = ya sea dogma o moral.

B. Tipos Generales de Teología.

1. Teología Positiva = investiga y expone los contenidos de las Escrituras y los Padres de la Iglesia.

2. Teología Escolástica = busca comprender la fe a través del uso de las Escrituras, los Padres de la Iglesia, la razón (silogismos), principios filosóficos (en la explicación de la revelación, sacando conclusiones y formulando definiciones).

C. *La Educación y Carrera de un Teólogo.*

- Seminario Menor: 6 años. Latín, artes liberales.
- Filosofía: 2-3 años. Lógica, Metafísica, Cosmología, Psicología, Criteriología, etc.

- Teología, estudiada en una Universidad Pontificia: Cursos Dogmáticos, Morales, Pastorales estudiados por el clero ordinario, 4-5 años. (En el primer año, los criterios para resolver problemas teológicos.) Grado S.T.L. Ordenación a los 25 años aproximadamente. Estudios doctorales, 2-4 años. Investigación, disertación, defensa pública de la disertación ante examinadores de una Universidad Pontificia. Grado S.T.D.

- Carrera Temprana: Enseñanza de cursos universitarios de pregrado. Asistencia a profesores senior en investigación. Escritura e investigación de artículos propios. Publicación de artículos en revistas. (Todos son examinados por profesores y deben ser revisados por superiores eclesiásticos, y recibir un Imprimátur.) Revisión por parte de la facultad senior.

- Carrera Media: (Si tiene éxito.) Profesor Asistente en una Universidad Pontificia. Selección como coautor de una obra importante por parte de un teólogo reconocido. Continuación de la investigación y publicación de artículos en revistas. (Todos con revisión por pares y aprobación eclesiástica.)

- Carrera Tardía: (Si tiene éxito.) Profesor Titular en una Universidad Pontificia. Autoría de una obra considerada una contribución significativa en un campo particular. Continuación de la investigación y publicación de artículos en revistas. (Todos con revisión por pares y aprobación eclesiástica.)

- La Cima: (Solo los mejores.) Jefe de un departamento en una Universidad Pontificia. Autoría de un manual en varios volúmenes en teología dogmática o moral que se considera una contribución sobresaliente en su campo, y se utiliza en seminarios y universidades en todo el mundo. Nombramiento por el papa como Consultor de uno de los departamentos de la Curia Romana. Invitación para redactar una Encíclica o legislación papal. El birrete cardenalicio. Canonización como santo. El título de "Doctor de la Iglesia."

- Conclusión a Extraer: Los teólogos que fueron reconocidos como los mejores en sus campos antes del Concilio Vaticano II poseían un conocimiento y experiencia en la doctrina católica que eran abrumadoramente superiores al de un laico o al del sacerdote parroquial promedio.

II. Oponentes a la Autoridad de los Teólogos.

A. Humanistas. (Rechazaron principios sobrenaturales. Colocaron al hombre en el centro del universo.)

B. Protestantes. (Rechazaron doctrinas defendidas por teólogos.)

1. Lutero. La teología escolástica es "ignorancia de la verdad y falsedad vacía."

2. Melanchthon. La teología escolástica es "el Evangelio oscurecido, la fe extinguida."

C. Jansenistas. (Afirmaron que los teólogos "oscurecieron la doctrina revelada.")

D. Modernistas, liberales racionalistas. (Rechazan la naturaleza inmutable de la verdad.)

III. Doctrina de la Iglesia sobre el Asunto.

A. Pronunciamientos Papales.

1. Pío VI. Condena las siguientes proposiciones del Sínodo de Pistoia (1794):

a. Que el método escolástico "abrió el camino para inventar nuevos sistemas discordantes entre sí con respecto a verdades de mayor valor, y que finalmente condujeron al probabilismo y al laxismo." DZ 1576.

b. "La afirmación que ataca con acusaciones calumniosas las opiniones discutidas en las escuelas católicas sobre las cuales la Sede Apostólica ha considerado que aún no es necesario definir o pronunciar nada." DZ 1578.

c. "La proposición que afirma 'que en estos tiempos posteriores se ha difundido un oscurecimiento general de las verdades más importantes relacionadas con la religión, que son la base de la fe y de las enseñanzas morales de Jesucristo', herética." DZ 1501.

1. Pío IX. Reproche a aquellos que rechazan las enseñanzas de la teología escolástica:

2. "Ni somos ignorantes de que en Alemania también prevaleció una falsa opinión contra la antigua escuela, y contra la enseñanza de aquellos Doctores supremos, a quienes la Iglesia universal venera por su admirable sabiduría y santidad de vida. Pero por esta falsa opinión se pone en peligro la autoridad de la Iglesia misma, especialmente ya que la Iglesia, no solo durante tantos siglos continuos ha permitido que la ciencia teológica sea cultivada según el método y los principios de estos mismos Doctores, sancionados por el consentimiento común de todas las escuelas católicas, sino que también muy a menudo exaltó su doctrina teológica con los más altos elogios, y la recomendó fuertemente como un baluarte muy sólido de la fe y una formidable armería contra sus enemigos." Tuas libenter, 1863, DZ 1680.

3. León XIII. Recomienda el uso de Santo Tomás y sus métodos.

B. Práctica de la Iglesia.

1. Condenando doctrinas contrarias a la enseñanza de los teólogos.

2. Aplicando la doctrina y los métodos escolásticos en sus pronunciamientos.

3. Declarando Doctores de la Iglesia a los teólogos. (Santos Tomás, Buenaventura, etc.)

C. El Código de Derecho Canónico.

• “Los instructores en la conducción del estudio de las materias de filosofía racional y de teología y en la formación de los seminaristas en estas materias deben seguir el método, la doctrina y los principios del Doctor Angélico, y adherirse firmemente a ellos.” (Canon 1366.2)

IV. Tesis: La enseñanza unánime de los teólogos en asuntos de fe y moral establece certeza para la prueba de un dogma.

A. Primera Prueba: La conexión de los teólogos con la Iglesia.

1. Como hombres que estudian ciencia teológica, los teólogos tienen solo una autoridad científica e histórica. Pero como servidores, órganos y testigos de la Iglesia, poseen una autoridad que es tanto dogmática como cierta.

2. La doctrina de la Iglesia en asuntos de fe y moral posee una autoridad que es dogmática y cierta. (a) La enseñanza unánime de los teólogos testifica y expresa la doctrina de la Iglesia, porque la Iglesia acepta la enseñanza común de los teólogos como verdadera y como propia cuando la aprueba tácita o expresamente. (b) Los teólogos como ministros y órganos de la Iglesia instruyen a los fieles en las doctrinas de la fe. Por lo tanto, de hecho, aquellas cosas predicadas, enseñadas, mantenidas y creídas son las mismas cosas que los teólogos proponen y enseñan.

3. Y así, debido a la conexión de los teólogos con la Iglesia, su acuerdo sobre una doctrina tiene una autoridad que es tanto dogmática como cierta, porque de lo contrario la autoridad de la Iglesia misma estaría en peligro, ya que admitió, fomentó o aprobó la doctrina [falsa] de los teólogos.

4. Esta prueba se confirma porque la autoridad dogmática de los teólogos es negada por todos aquellos y solo aquellos que: (a) Niegan o se niegan a admitir la autoridad dogmática de la Iglesia; o (b) Al menos se niegan a considerar la conexión de los teólogos con la Iglesia. No es de extrañar que todos los enemigos de la Iglesia o de la verdad católica sean también enemigos de la teología católica.

B. Segunda Prueba: Principios falsos detrás de los argumentos opuestos.

- Los oponentes niegan la autoridad dogmática de los teólogos al: (1) Romper el vínculo entre la Iglesia y los teólogos, o al menos negar o disminuir la autoridad dogmática de la Iglesia misma. (2) Oponerse directamente a la doctrina católica que los teólogos proponen y defienden. (3) Intentar introducir filosofía errónea u otros conceptos falsos incompatibles con la enseñanza de la fe.

C. Tercera Prueba: Los Efectos

- La enseñanza de los teólogos, especialmente los escolásticos, mejor explica y defiende la doctrina de la fe, nutre y engendra la fe, y ayuda y perfecciona la vida cristiana. Por el contrario, siempre que y en la medida en que se abandona la doctrina de los teólogos, especialmente la de los teólogos escolásticos, surgen errores teológicos, de hecho herejías, y la vida cristiana cae. Toda la historia eclesiástica da

testimonio de esto, desde la Edad Media hasta nuestros días. Por un lado, la magnífica explicación y elucidación de la doctrina cristiana por parte de los teólogos escolásticos, aprobada y aclamada por la Iglesia, cuyo trabajo es juzgar la verdad de la doctrina teológica, y la fe y la vida cristiana ejemplar. Por otro lado, herejías, errores teológicos, declive de la vida cristiana: todo está probado por la historia de los protestantes, baianistas, jansenistas, modernistas y otros oponentes de las escuelas teológicas recientes.

V. Objeciones y Respuestas. (A-C: P. Schultes; D–E: P. Cekada)

A. Entonces, los teólogos "crean" doctrinas. "No es trabajo de los teólogos determinar si alguna doctrina es 'de fide' o 'cierta' o 'católica'".

- Respuesta: Los teólogos no 'determinan' si alguna doctrina es 'de fide' o 'cierta' o 'católica'. Simplemente demuestran, o manifiestan o dan testimonio de que una doctrina particular es 'de fide' o 'cierta' o 'católica'.

B. Pero los teólogos erraron en el pasado... "A lo largo de la historia, los teólogos sostuvieron varios errores, y luego disputaron sobre graves cuestiones entre sí".

- Respuesta: Dejo pasar la acusación de que los teólogos escolásticos erraron en ciertas cuestiones de la fe. Sin embargo, no defendieron un error unánimemente como una doctrina de la fe.

C. No pueden explicar de manera confiable el significado de la doctrina definida. "Los teólogos son testigos confiables de una doctrina según lo definido por la Iglesia. Pero no son testigos confiables del significado de una doctrina que proponen. En esto deben considerarse solo maestros privados, interpretando el dogma y aplicándolo según su propia filosofía".

- Respuesta: Los teólogos son testigos no solo de si una doctrina está definida, sino también de su significado. (a) Al explicar y determinar el significado de los dogmas, los teólogos se consideran maestros privados con respecto a los métodos que utilizan (argumentos, etc.), pero no cuando proponen una doctrina como doctrina de la fe o de la Iglesia, aunque expresen su significado a otras personas utilizando otros conceptos y fórmulas. (b) La opinión opuesta obviamente va en contra de la enseñanza de la Iglesia sobre la autoridad de los teólogos. (c) Además, es absurdo afirmar que los Padres de la Iglesia y sus teólogos erraron al exponer y explicar el significado de la doctrina de la fe. Esta opinión implica el error jansenista de que la fe ha sido "oscurecida" en la Iglesia.

D. *Los Teólogos y el Vaticano II.* "Las enseñanzas de los teólogos fueron responsables de los errores doctrinales del Vaticano II. Porque estos teólogos erraron y rechazamos sus enseñanzas, también estamos libres para rechazar la enseñanza de teólogos anteriores si una enseñanza 'no tiene sentido' para nosotros".

- Respuesta: El grupo de teólogos modernistas europeos principalmente responsables de los errores del Vaticano II eran enemigos de la teología escolástica tradicional y habían sido censurados o silenciados por la autoridad de la Iglesia: Murray, Schillebeeckx, Congar, de Lubac, Teilhard, etc. Cuando las restricciones fueron levantadas bajo Juan XXIII, pudieron difundir sus errores libremente. Si acaso, el hecho de que hubieran sido silenciados previamente demuestra la vigilancia de la Iglesia contra el error en los escritos de sus teólogos.

E. *Interpretación Privada de los Pronunciamientos Magisteriales.* "Creo que los pronunciamientos infalibles de la Iglesia son todos bastante claros. No necesito 'interpretaciones' o explicaciones de los teólogos. Solo tomo todo literalmente".

• Respuesta: Las interpretaciones y explicaciones improvisadas de textos son para los protestantes, no para los católicos. La teología es una ciencia que opera bajo la atenta mirada de la Iglesia, no es un campo libre para cualquier católico con una traducción al inglés de Denzinger. Como cualquier otra ciencia, la teología opera según criterios reconocidos y objetivos que los expertos utilizan para llegar a la verdad sobre varias proposiciones. Por lo tanto, si no estás entrenado en la ciencia, no tienes derecho a crear tus propias

interpretaciones de los pronunciamientos del magisterio. En el mejor de los casos, parecerás ignorante; en el peor de los casos, terminarás siendo hereje.

Explicación Adicional de Otro Teólogo

Resumen traducido por el Padre Cekada a partir de material en

I. Salaverri SJ. Tractatus de Ecclesia, 3ª ed., Madrid, BAC 1955, 846 y siguientes.

Tesis 21. El consenso de los teólogos en asuntos de fe y moral es un criterio cierto de la Tradición divina.

A. Valor Dogmático de esta Tesis. Es:

1. Doctrina Católica. (De la enseñanza de Pío IX citada anteriormente.)
2. Teológicamente Cierto. (De la práctica de Trento y el Vaticano I.)

B. Prueba de la Tesis.

1. Premisa Mayor. El consentimiento de los teólogos en asuntos de fe y moral está tan íntimamente conectado con la enseñanza de la Iglesia que un error en el consenso de los teólogos necesariamente llevaría a toda la Iglesia al error.

2. Premisa Menor. Pero toda la Iglesia no puede errar en fe y moral. (La Iglesia es infalible.)

3. Conclusión. El consenso de los teólogos en asuntos de fe y moral es un criterio cierto de la Tradición divina.

C. Pruebas de la Premisa Mayor.

1. Citación de Obras Teológicas. Papas, obispos, etc., desde el siglo VIII en adelante enseñaron material que extrajeron de la enseñanza de los teólogos.

2. Supervisión. Desde los siglos XII al XVI, la Iglesia fundó, dirigió y supervisó todas las escuelas teológicas.

3. Legislación. Desde la época de Trento, se utilizaron obras teológicas en seminarios que estaban supervisados por obispos y papas.

4. Consulta. La Iglesia utilizó a los teólogos como consultores en asuntos doctrinales.

5. Aprobación Implícita. La Iglesia aprueba implícitamente el contenido de las obras de los teólogos al no censurarlas, lo cual está obligada a hacer en caso de errores teológicos.

6. Recomendación. Los escritos de varias escuelas teológicas son elogiados por los papas y se presentan como ejemplos a imitar.

Sección III - Teólogos Pre-Vaticano II que Enseñan el Bautismo de Deseo y el Bautismo de Sangre

Del dossier con 122 páginas de material fotocopiado.

La tabla adjunta contiene una lista de teólogos pre-Vaticano II que enseñan el bautismo de deseo (=desiderii, flaminis, en voto, etc.) y el bautismo de sangre (=sanguinis, martyrii, etc.), junto con una referencia de página al dossier fotocopiado que preparé. Dos de ellos, San Alfonso de Ligorio y San Roberto Belarmino, son Doctores de la Iglesia. Se pueden encontrar fácilmente muchos más teólogos que sostienen estas enseñanzas. Estos son simplemente los trabajos en mi biblioteca privada.

También se proporciona la categoría teológica (si corresponde) que cada teólogo ha asignado a la enseñanza sobre el bautismo de sangre y el bautismo de deseo. Esta "categoría" en teología (también llamada "nota teológica", "calificación teológica", etc.) indica qué tan cercana está una enseñanza a las verdades que Dios ha revelado y nos obliga a creer, ya sea que sea "teológicamente cierta", "doctrina católica", de fide (de la fe), etc. (Algunos teólogos simplemente enseñan las doctrinas y no asignan categorías.)

Tabla de Categorías Teológicas

Teólogo o Canonista	Página en el Dossier	Categoría Teológica del Bautismo de Deseo	Categoría Teológica del Bautismo de Sangre
1. Abarzuza	2	de fide, teol. cert	teol. cert.
2. Aertnys	7	de fide	Enseña
3. Billot	10-20	Enseña	Enseña
4. Cappello	23	Enseña	Cierta
5. Coronata	28	de fide	Enseña
6. Davis	32	Enseña	Enseña
7. Herrmann	35	de fide	Perteneciente a la fe
8. Hervé	38	teol. cierta	teol. cierta ao menos
9. Hurter	44	Enseña	Enseña
10. Iorio	47	Enseña	Enseña
11. Lennerz	49-59	Enseña	Enseña
12. Ligouri	61-62	de fide	Enseña
13. McAuliffe	67	doutrina católica	com. ciert. ensina
14. Merkelbach	71	Cierta	Cierta
15. Noldin	74	Enseña	Enseña
16. Ott	77	fidei proxima	fidei proxima
17. Pohle	81	doutrina católica	cierta dotrina
18. Prümmer	89	de fide	constante doctrina
19. Regatillo.	91, 96	de fide	Enseña
20. Sabetti	98	Enseña	Enseña
21. Sola	102	fidei proxima	teol. cierta
22. Tanquerey	107,111	Cierta	Cierta
23. Zalba	114	Enseña	Enseña
24. Zubizarreta	118	Enseña	Enseña
25. Bellarmine	120	Enseña	Enseña
Resumen de Categorías Teológicas	Bautismo de Deseo	Bautismo de Sangre	

Teólogo o Canonista	Página en el Dossier	Categoría Teológica del Bautismo de Deseo	Categoría Teológica del Bautismo de Sangre
Common teaching of the doctrines	25 (todas)	25 (todas)	
Enseñanza común de las doctrinas	3	8	
Doctrina católica, constante	2	1	
fidei proxima, se refiere a la fe	2	2	
de fide (de la fe)	7	0	

Sección IV - Conclusiones a partir de lo Anterior sobre el Bautismo de Deseo y el Bautismo de Sangre

1. Los veinticinco teólogos enseñan el bautismo de sangre y el bautismo de deseo, y ninguno rechaza la enseñanza, por lo que ambas doctrinas son sostenidas por consentimiento común.

2. Algunos teólogos categorizan las doctrinas como teológicamente ciertas.

3. Algunos teólogos categorizan las doctrinas como doctrina católica.

4. Algunos teólogos categorizan las doctrinas como de fide (de la fe).

Sección V - Aplicación del Principio del Papa Pío IX a la Enseñanza de estos Teólogos

1. Principio General (de Pío IX, sección I: II-III arriba):

Todos los católicos están obligados a adherirse a una enseñanza si los teólogos católicos la mantienen por consentimiento común, o la sostienen como de fide, o doctrina católica, o teológicamente cierta.

2. Hecho Particular (de secciones III, IV arriba, como se documenta en el dossier):

Pero, los teólogos católicos sí sostienen la enseñanza sobre el bautismo de deseo y el bautismo de sangre por consentimiento común, o la sostienen como de fide, o doctrina católica, o teológicamente cierta.

1. Conclusión (1 + 2):

Por lo tanto, todos los católicos están obligados a adherirse a la enseñanza sobre el bautismo de deseo y el bautismo de sangre.

Sección VI - Grado de Error y la Gravedad del Pecado si Rechazas el Bautismo de Deseo, Bautismo de Sangre

Cada "categoría" teológica tiene una censura teológica correspondiente que expresa el grado de error en el que alguien ha caído al negar una enseñanza particular.

A continuación se muestran las diversas categorías que los teólogos atribuyeron al bautismo de deseo y al bautismo de sangre, junto con las censuras correspondientes y una nota sobre la gravedad del pecado cometido.

Los teólogos categorizan las enseñanzas sobre los bautismos de deseo y de sangre como uno de los siguientes:	TU GRADO DE ERROR (la censura) si niegas la enseñanza:	GRAVEDAD DEL PECADO contra la Fe si niegas la enseñanza:
Teológicamente cierta	**Error teológico**	**Pecado mortal indirectamente contra la fe**
Doctrina católica	**Error en la doctrina católica**	**Pecado mortal indirectamente contra la fe**
De fide	**Herejía**	**Pecado mortal directamente contra la fe**

Sección VII - Conclusión General

Todos los católicos están obligados a adherirse a la enseñanza común sobre el bautismo de sangre y el bautismo de deseo.

De acuerdo con las normas mencionadas anteriormente, la posición Feeneyita representa ya sea un error teológico, un error en la doctrina católica o herejía.

Aquéllos católicos que se adhieren a la posición Feeneyita sobre el bautismo de deseo y el bautismo de sangre cometen un pecado mortal contra la fe.

Artículo original: Link

Las Reformas de Pío XII: Más sobre el Aspecto Legal (2006)

por el Rev. Anthony Cekada

A pesar de Bugnini, ¿por qué no simplemente obedecer "al último papa verdadero"?

En abril de 2006, publiqué un breve artículo en Internet que explicaba brevemente por qué rechazar las reformas de la Semana Santa de Pío XII y adherirse a las prácticas litúrgicas anteriores no era realmente "ilegal", arbitrario o un caso de "escoger y elegir" al estilo de la SSPX.

Señalé que, al aplicar los principios generales para la interpretación de las leyes eclesiásticas, las leyes que imponían las reformas ya no podían considerarse vinculantes porque: (1) carecían de una de las cualidades esenciales de una ley, la estabilidad (o perpetuidad); y (2) se volvieron nocivas debido a un cambio de circunstancias, y por lo tanto cesaron automáticamente de obligar. Para respaldar las afirmaciones fácticas de cada argumento, cité extensamente una obra de 1955 del P. Annibale Bugnini, quien no solo estuvo involucrado en la formulación de las reformas de Pío XII, sino que también fue la persona más directamente responsable de la creación del Novus Ordo en 1969.

Bugnini describió repetidamente las reformas como provisionales o como pasos que conducían a medidas aún más trascendentales (léase: el Novus Ordo).

Un lector me envió algunas preguntas adicionales que he respondido a continuación.

1. "Estabilidad" y la Intención del Legislador. "Gracias por tu artículo sobre los cambios en la Semana Santa de Pío XII. Esta es una pregunta con la que he tenido cierta dificultad últimamente, respecto a cómo podemos rechazar las leyes litúrgicas de un papa verdadero."

"En tu primer punto, sobre la naturaleza transitoria de las reformas, todas las citas que diste eran de Bugnini. Pero dado que una ley es un acto de un legislador, ¿no es relevante la intención del legislador, y no el hombre que simplemente redactó la ley o asesoró al legislador?"

Las diversas etapas de las reformas fueron esbozadas de antemano (al menos en un sentido general) en un documento tipográfico de 340 páginas llamado la Memoria sulla riforma liturgica, que fue presentado a Pío XII en 1948.

La Memoria lleva una sola firma, la del P. Ferdinando Antonelli OFM, quien en la última frase del documento agradece amablemente "al Rvdo. P. Bugnini CM, miembro de la Comisión, por la ayuda que me brindó en la revisión de los borradores". Unos veintiún años después, el P. Antonelli también firmaría el decreto del 3 de abril de 1969 que promulgaba el Novus Ordo Missae de Pablo VI. La Memoria especifica que la "revisión completa y general" que contempla "no puede ponerse en práctica en unos pocos días" y debe llevarse a cabo en "fases sucesivas" (¶334). La reforma comenzará con el Breviario, seguido del Misal, el Martirologio y el resto de los libros litúrgicos. (¶339). Estos serán aprobados en cada etapa por el papa (¶340). El proceso culminará con la promulgación de un "Código de Derecho Litúrgico" que se preparará gradualmente durante el trabajo de la Reforma y "debería garantizar su estabilidad" (¶341: garantire la stabilità).

La Memoria postergó para "la segunda etapa del trabajo de la Comisión" tales posibilidades como introducir un ciclo de lecturas bíblicas similar al del Novus Ordo (¶258), usar la lengua vernácula (¶314), fomentar la "participación" (¶314), introducir la concelebración (¶314) o cambiar la "estructura interna de la Misa misma" (¶314).

En la práctica, sin embargo, solo se introdujeron algunos puntos de la primera etapa (el Breviario). Los cambios en el Misal se limitaron por el momento a la nueva Semana Santa.

El "Código de Derecho Litúrgico" que la Memoria dijo que iba a "garantizar la estabilidad" de la reforma propuesta, obviamente, nunca se emitió.

Las disposiciones del Decreto de 1955 que promulgaba las nuevas rúbricas para el Breviario subrayaban también la naturaleza transitoria de las reformas: Aunque el Decreto introdujo numerosos cambios rúbricos, especificaba que los libros litúrgicos entonces en vigor debían seguir utilizándose "hasta que se disponga lo contrario" y que "no se debe hacer ningún cambio en la disposición de las ediciones que se hagan del Breviario y del Misal Romano". De todo esto, es absolutamente claro que el propio Pío XII consideraba la legislación litúrgica de la década de 1950 como transitoria, pasos temporales que conducían a algo más.

Y en el orden práctico, además, los cambios fueron transitorios. El último lote (1958) se mantuvo en pleno vigor solo hasta 1960, cuando Juan XXIII emitió un nuevo conjunto, destinado a mantener a todos durante el Concilio Vaticano II que revisaría todo.

Todo lo anterior es más que suficiente para establecer que las leyes que introducían las reformas de Pío XII carecían de la cualidad esencial de estabilidad (o perpetuidad), y por esa razón deben considerarse ya no vinculantes.

2. "Cesación" y Cambio de Circunstancias? "En cuanto al segundo punto, no entiendo cuáles son las circunstancias cambiantes. Si las circunstancias son las intenciones de los modernistas de que este sea el primer paso hacia una destrucción masiva de la Iglesia, entonces las circunstancias de hecho no cambiaron. Ya existían en el momento en que se promulgó la ley. Y decir que estas malas intenciones pueden atribuirse a la ley misma parecería decir que el diablo pasó por alto al Espíritu Santo y usó la autoridad de la Iglesia para el mal."

Las circunstancias cambiantes que hacen que la legislación de la década de 1950 sea nociva no son simplemente las intenciones de los modernistas, sino principalmente el hecho de la promulgación de la Nueva Misa, un rito que todos los tradicionalistas consideran malévolo, perjudicial para la fe católica, sacrílego y profundamente irreverente, si no inválido. Ahora, entre los principios y precedentes introducidos en los cambios litúrgicos de Pío XII, descubrimos los siguientes elementos que fueron posteriormente incorporados de manera generalizada en la Nueva Misa:

1. La liturgia debe seguir el principio "pastoral" para educar a los fieles.
2. El vernáculo puede ser parte integral de la liturgia.
3. Reducción del papel del sacerdote.
4. La participación laica debe ser idealmente vocal.
5. Se pueden introducir nuevos roles litúrgicos.
6. Las oraciones y ceremonias pueden cambiarse para adaptarse a las "necesidades" modernas.
7. Se deben eliminar las "duplicaciones innecesarias".
8. El Ordo Missae mismo puede ser cambiado o partes eliminadas.
9. El Credo no necesita ser recitado en ocasiones más solemnes.
10. El sacerdote "preside" pasivamente en el banco cuando se lee la Escritura.
11. Ciertas funciones litúrgicas deben realizarse "de cara al pueblo".
12. Se debe reducir el énfasis en los santos.
13. Los textos o prácticas litúrgicas que podrían ofender a herejes, cismáticos o judíos deben modificarse.
14. Las expresiones litúrgicas de reverencia por el Santísimo Sacramento pueden ser "simplificadas" o reducidas.

Las leyes litúrgicas de la década de 1950 introdujeron estas cosas aquí y allá, y de manera limitada. Tomadas individualmente, ninguna era malvada en sí misma.

Pero cincuenta años después, reconocemos que estos principios y precedentes fueron el pie en la puerta para la eventual destrucción de la Misa. De hecho, en el mismo documento que promulgaba el Novus Ordo, Pablo VI mismo señala la legislación de Pío XII como el inicio del proceso.

Continuar siguiendo estas prácticas promueve la mentira modernista de que la Nueva Misa fue simplemente un desarrollo orgánico de la verdadera liturgia católica. Apenas puedes criticar el vernáculo, el presidente pasivo y las ceremonias frente al pueblo de la Nueva Misa si participas en las mismas prácticas cada año cuando llega la Semana Santa.

3. ¿Qué sucede con la indefectibilidad de la Iglesia y la guía del Espíritu Santo si afirmamos que un hereje ha utilizado la autoridad de un verdadero papa para promulgar una liturgia que es perjudicial para la Iglesia?

La aplicación de las leyes que promulgan los cambios litúrgicos se volvió perjudicial después de un tiempo debido a las circunstancias cambiantes, como se explicó en 2.

Los canonistas y teólogos morales (por ejemplo, Cocchi, Michels, Noldin, Wernz-Vidal, Vermeersch, Regatillo, Zalba) enseñan comúnmente que una ley humana puede volverse perjudicial (nociva, noxia) debido a circunstancias cambiantes después del paso del tiempo. En tal caso, automáticamente deja de obligar.

Por lo tanto, no se puede sostener que la aplicación de este principio contradiga la enseñanza de la teología dogmática de que la Iglesia es infalible cuando promulga leyes disciplinarias universales.

4. ¿Estás haciendo "cribado de papas"? "¿Cómo se distingue esto del 'cribado de papas' de la SSPX? Si no establecemos la línea entre los papas verdaderos y los papas falsos, ¿dónde la trazamos? Parecería que difícilmente podríamos criticar a la SSPX por escoger y elegir lo que aceptan de su 'papa'. Aún más aterradoramente, ¿debemos hacer los mismos juicios sobre papas anteriores? ¿Qué pasa con las leyes litúrgicas de San Pío X? ¿San Pío V?"

La frase "cribado de papas" se originó con la declaración del Padre Franz Schmidberger de que uno debe cribar (sift) las enseñanzas del Concilio Vaticano II y los papas postconciliares para separar lo que es católico de lo que no es católico.

La esencia del cribado de papas consiste en el acto continuo de juicio privado ejercido sobre cada enseñanza y ley que emana de un Papa Romano vivo, junto con la negativa a someterse a él. La SSPX ha convertido esto en el principio operativo fundamental de su apostolado.

Sin embargo, para aquellos que no observan la legislación litúrgica de Pío XII, no hay un papa vivo para "cribar" o rechazar la sumisión. Simplemente aplicamos a estas leyes el mismo principio general que aplicamos a todas las demás leyes eclesiásticas: si debido a la crisis posterior al Concilio Vaticano II, aplicar una ley particular (por ejemplo, restricciones sobre delegaciones para administrar sacramentos, cartas dimisorias para ordenaciones, permisos para erigir iglesias, facultades para predicar, requisitos para Imprimaturs, etc.) tendría algún tipo de efecto perjudicial, consideramos que la ley ya no es vinculante.

O dicho de otra manera: Si, como la SSPX, reconoces a alguien como un papa vivo, él es tu legislador vivo; estás obligado a acercarte a él para preguntar qué leyes se aplican a ti y cómo interpretarlas. Sin embargo, si eres sedevacantista, no tienes un legislador vivo al que acudir; cuando tengas una pregunta sobre si una ley se aplica o cómo interpretarla, tu única recurso es seguir los principios generales que los canonistas han establecido.

5. ¿Obediencia a la autoridad legítima? ¿Cómo conciliamos esto con la obediencia a la autoridad legítima? Parece que estamos cuestionando la sabiduría de la legislación en lugar de aceptar el juicio de la Iglesia sobre ella.

Los principios enunciados en los puntos 1 (estabilidad) y 2 (cesación de leyes que se vuelven perjudiciales) se encuentran en comentarios aprobados sobre el Código de Derecho Canónico.

Si la aplicación de estos principios fuera realmente inconsistente con la virtud de la obediencia debida a la autoridad legítima, estos comentarios nunca habrían recibido la aprobación eclesiástica.

CON TODO, todas las preguntas anteriores asumen que el único principio que debe determinar cómo los sacerdotes tradicionales realizan la liturgia es la legislación litúrgica del "último papa verdadero".

Pero esto no es tan simple como suena, porque antes de que un sacerdote pueda sostener que solo la legislación de Pío XII es legalmente vinculante, primero debe demostrar de manera concluyente que Juan XXIII y Pablo VI (al menos antes de finales de 1964) no eran verdaderos papas.

Hasta que lo haga, debe considerarse obligado por todos los cambios de Juan XXIII, "legalmente vinculante" es tu principio, recuerda, así como todos los primeros cambios de Pablo VI.

(Entre los primeros cambios de Pablo VI se encuentran los siguientes: En la Misa, el sacerdote nunca recita los textos que canta el coro, se cantan o recitan fragmentos del Ordinario en inglés, el Secreto se dice en voz alta, el "Per Ipsum" al final del Canon se recita en voz alta, el "Libera Nos" se recita en voz alta, se utiliza "Corpus Christi/Amen" para la comunión del pueblo, el Último Evangelio se suprime, las lecturas de las Escrituras se proclaman solo en el vernáculo y de cara al pueblo, lectores/comentaristas laicos asisten al sacerdote, el "Padre Nuestro" se recita en inglés, etc.)

En el caso tanto de Roncalli como del primer Montini, un legislador putativo estaba "en posesión". Si observar la legislación litúrgica del "último papa verdadero" supuestamente es la norma dorada para la adoración católica tradicional, ¿no debería el Padre entonces seguir el "curso más seguro" desglosando la Misa y entrenando a los lectores, solo por si acaso?

Dado que el principio del "último papa verdadero" conduce a otros problemas, ¿entonces qué?

La respuesta es simple: Sigue los ritos litúrgicos que existían antes de que los modernistas comenzaran a meter mano.

Nosotros, los tradicionalistas, reafirmamos interminablemente nuestra determinación de preservar la Misa Tradicional Latina y la tradición litúrgica de la Iglesia. En mi opinión, no tiene ningún sentido preservar la "tradición" litúrgica de ceremonias de Semana Santa inventadas en 1955, rubricas transicionales del Breviario y "reformas" que duraron apenas cinco años.

La liturgia católica que buscamos restaurar debería ser aquella que esté impregnada del perfume de la antigüedad, no aquella que huela a Bugnini.

(Internet, 10 de julio de 2006)

www.traditionalmass.org

www.SGGResources.org

Artículo original: Link

Cambios Litúrgicos Pre-Concilio Vaticano II: Camino hacia la Nueva Misa

Mons. Daniel L. Dolan

¿Fue Pío XII y Juan XXIII? ¿O fue realmente Bugnini?

El reciente intento del Arzobispo Lefebvre de imponer la liturgia reformada de Juan XXIII a clérigos y laicos católicos fieles a la tradición es nada menos que una tragedia, como han demostrado los eventos recientes. Pero a pesar de todo esto, contiene ciertas ironías —pero ironías que duelen más que divierten.

La Sociedad dedicada a San Pío X, el gran enemigo del Modernismo, ha intentado obligar a sus miembros a abandonar los libros litúrgicos que llevan el nombre de su santo Patrón, una garantía de ortodoxia, en favor de las reformas provisionales de Juan XXIII, un hombre desde hace mucho tiempo sospechoso de Modernismo, como él mismo le dijo personalmente al Arzobispo Lefebvre. Las reformas de Juan XXIII pretendían simplemente "salvar a la Iglesia" hasta que el Concilio Vaticano II pudiera revisarlo todo, y ahora se están utilizando para dividir a aquellos que han estado intentando salvar las almas que quedaron después de la destrucción masiva de ese Concilio.

La Sociedad ha resistido correctamente los abusos de autoridad de la Iglesia Conciliar. Pero ahora intenta legislar en asuntos litúrgicos —un derecho que no tiene, ya que tal poder pertenece solo a la Santa Sede (Código 1257). En lugar de seguir su propia práctica prudente de mantener la costumbre de cada país (sancionada por el Capítulo General de 1976 y nunca revocada), ahora exige una obediencia inquebrantable en nombre de la "unidad litúrgica". Los sacerdotes que no están dispuestos a dar una obediencia inquebrantable a las demandas de que "reformen" la forma en que celebran la Misa primero son sometidos a amenazas y finalmente, si eso falla, se convierten en objetos de amargas denuncias. Es como si la historia se estuviera repitiendo ante nuestros ojos.

Otra ironía es que la Liturgia de Juan XXIII no es realmente suya en absoluto, al igual que la nueva Semana Santa no puede atribuirse al Papa Pío XII. Estos cambios interinos que prepararon el camino para el *Novus Ordo Missae* fueron preparados bajo la dirección de dos hombres: el P. (más tarde Cardenal) Ferdinando Antonelli, OFM, y el P. (más tarde Arzobispo) Annibale Bugnini, CM.

En 1969, Antonelli firmaría el decreto promulgando el *Novus Ordo*.

Y Bugnini, quien supervisó la reforma litúrgica desde su inicio en 1948 hasta su culminación en 1969 con el Nuevo Orden de la Misa, es el único prelado del Vaticano contra quien las frecuentemente planteadas acusaciones de complicidad con la Masonería parecen pegar. De hecho, el propio Arzobispo Lefebvre, basado en su experiencia personal, considera muy probable que el P. Bugnini fuera masón.

Pero ahora se nos pide que aceptemos todas las travesuras litúrgicas realizadas durante los años cincuenta y sesenta por el P. Bugnini, ¡mientras rechazamos lo que él produjo apenas ocho años después! ¡Quizás los católicos tengan razón al sentir que están siendo "preparados" para un compromiso! ¡No es ironía, sino tragedia!

¿Cuántas veces has escuchado a alguien preguntar: "¿Cómo pudo haber sucedido?" La respuesta es que no sucedió de la noche a la mañana. Los responsables de reemplazar nuestra Santa Misa por una Celebración Comunitaria estuvieron contentos durante años de trabajar lentamente, muy lentamente. Un detective que examine lo que parece ser el cadáver del catolicismo (como lo juzga el mundo: ¡verdaderamente Elle vive aún!) encontraría pruebas irrefutables del *modus operandi* de los asesinos: su método es el del gradualismo, el mismo que Satanás emplea para matar almas. Esto fue admitido por el Cardenal Heenan de Westminster, quien dijo que los cambios tenían que hacerse gradualmente, o la gente nunca los habría aceptado.

Veamos la historia de "las primeras etapas de la destrucción de la Liturgia Romana" — la frase se toma de un libro sobre las reformas preconciliares al que el propio Arzobispo Lefebvre escribió el prólogo. Veremos cómo, por diseño, los cambios litúrgicos —los que ahora se nos pide aceptar— se sucedieron cada pocos años hasta que el clero se acostumbró a vivir en un ambiente de cambio constante, de modo que la mayoría de ellos inevitablemente cedieron a la confusión. Ya no se consideraban obligados a conocer y aplicar adecuadamente el conjunto de rubricas, ni siquiera se sentían "en casa" en el santuario. En nombre de la "simplificación", las reglas y principios que gobernaron la liturgia durante siglos fueron lentamente cambiados por el constante estado de flujo que prevalece en la Iglesia Conciliar en la actualidad.

Después de estudiar esta cronología de cambios ingeniosamente concebida, no sorprende que la mayoría de los sacerdotes quedaran desconcertados y confundidos, sin un principio seguro o inmutable al que aferrarse más que la obediencia ciega, expresada por una aceptación rápida de cualquier nueva rubrica que se encontrara en el correo matutino.

I. La "Vigilia Pascual Experimental" (1950)

Este trabajo de cambio gradual comenzó el 28 de mayo de 1948 con el nombramiento de una **Comisión para la Reforma Litúrgica** con el Padre **Antonelli como Director General** y el Padre **Bugnini como Secretario**, los hombres que respectivamente impusieron y compusieron el *Novus Ordo Missae*.

Dos años más tarde, el 22 de noviembre de 1950, el Cardenal Liénaert, en su calidad de jefe de la asamblea de obispos franceses, solicitó formalmente a la Santa Sede permiso para celebrar la Vigilia Pascual por la noche en lugar de por la mañana por "razones pastorales". Obtuvo más de lo que esperaba. Bajo el pretexto de un simple cambio de horario, se introdujo un rito sustancialmente reescrito, al igual que más tarde se impuso la "Misa en inglés" en nombre del vernáculo, con poca referencia al hecho de que solo el treinta por ciento del texto de la Misa tradicional permanece.

Los primeros acordes discordantes y estridentes de la "Sinfonía del Nuevo Orden" ya se escucharon en esta nueva Vigilia Pascual:

1. Se introdujo el principio de **ritos opcionales** utilizados experimentalmente.

2. Por primera vez, se introdujo el **vernáculo en la liturgia propiamente dicha**. (Este fue también el primer paso de Cranmer en 1548)

3. La rubrica que dirige al **celebrante a "sentarse y escuchar"** (*sedentes auscultant*) las lecturas en lugar de leerlas en el altar se introdujo por primera vez e inmediatamente se interpretó como justificación para el uso exclusivo del vernáculo en esta parte de la liturgia.

En 1953, el ayuno eucarístico inmemorial de medianoche se mitigó a tres horas bajo ciertas condiciones como una concesión a la debilidad moderna. Sin embargo, los liturgistas modernistas vieron en esto el comienzo de la gradual destrucción de la disciplina sacramental de la Iglesia, que terminaría con los "15 minutos" de Pablo VI.

Ya en 1954 se escucharon los primeros rumores de anarquía litúrgica, y el Papa Pío XII advirtió a los sacerdotes en una allocutio que no cambiaran nada en la liturgia por su propia autoridad. Pero aún así, los cambios continuaron.

II. La Nueva Semana Santa (1955)

Toda la venerable Semana Santa de la Iglesia fue eliminada en 1955 con la publicación de *Maxima Redemptionis*. Se repite y extiende la mentira: esto es simplemente un cambio de horario. La revisión drástica de la mayoría de las ceremonias de la semana más sagrada de la Iglesia no recibe justificación. ¿Cómo podría?

A. Características Clave: La nueva Semana Santa fue una especie de globo de prueba para el Novus Ordo. ¿Cuáles fueron algunas de las características clave?

1. Todo debe ser **corto y simple**.

2. Ritos clave deben ser realizados por el sacerdote **dando la espalda al altar, mirando hacia el pueblo**: la Bendición de Ramos, la última oración de la Procesión del Domingo de Ramos, la Bendición del Agua Bautismal el Sábado Santo, etc.

3. Las **Oraciones al Pie del Altar** y el **Último Evangelio** se suprimen por primera vez.

4. Todos, sacerdotes y laicos, deben **recitar juntos el Padre Nuestro** el Viernes Santo.

B. Domingo de Ramos: En particular, el servicio del Domingo de Ramos perdió su antiguo rito de bendición que incorpora muchas oraciones de la Misa, asociando así la palma sacramental con el Santísimo Sacramento. Los siete colectas se redujeron a uno, la Misa Preliminar de la Bendición desapareció por completo, al igual que la ceremonia del *Gloria Laus* en la puerta de la Iglesia. El relato de la Pasión se acortó, omitiendo la Unción en Betania y la Última Cena.

C. El Triduo: El resto del *Triduum Sacrum,* los últimos tres días de la Semana Santa, se vio trastornado. La hermosa Oficina de Tenebrae prácticamente desapareció, al igual que la devoción popular de las *Tre Ore*.

1. La antigua **Misa de los Presantificados** del Viernes Santo fue **abolida** y reemplazada por un simple Servicio de Comunión para el pueblo. Contrariamente al uso inmemorial, se prescribió una genuflexión en la oración por los judíos.

2. La **Vigilia del Sábado Santo** fue **completamente cambiada**, con sus lecciones reducidas de doce a cuatro, y se modificó drásticamente el rito tradicional de la Bendición del Nuevo Fuego y la Vela Pascual. (En 1955, también, el igualmente antiguo Servicio de Vigilia para la víspera de Pentecostés fue completamente suprimido.)

Incluso esta visión necesariamente superficial del nuevo rito de la Semana Santa nos permitirá entender cómo fue que un conocido modernista litúrgico, el P. Duployé, pudo decir: "Si logramos restaurar la Vigilia Pascual en su valor original, el Movimiento Litúrgico habrá triunfado; me doy diez años para hacerlo." El teólogo modernista P. Chenu comenta: "Diez años después se logró".

III. "Reforma" de los Rubricas (1955).

El año 1955 fue malo para la Liturgia Romana; también vio una reforma orientada al modernismo de los rubricas del Misal y el Breviario, con el decreto *Cum Nostra Hac Aetate*.

Se eliminaron las llamadas "acreciones indeseables" de la Sagrada Liturgia "a la luz de la erudición moderna", a saber:

1. Se abolieron los **antiguos grados** de fiestas semidobles y simples.

2. Se suprimieron la mayoría de las **vigilias de las fiestas**, dejando la celebración de las vigilias "una sombra de lo que fue en el pasado". (Vigilias como la de Todos los Santos, los Apóstoles, Nuestra Señora, etc.)

3. El número de **octavas** se redujo de quince a tres. ¡Algunas de las octavas suprimidas se remontaban al siglo VII!

4. Por primera vez se introdujo una **distinción entre la recitación "pública" y "privada" del Oficio Divino**, aunque la tradición nos enseña que el Oficio es, por su propia naturaleza, una oración pública. Esto prefigura la distinción del *Novus Ordo* entre Misas con y sin fieles.

5. Los **Padre Nuestro** recitados en el Oficio se redujeron de dieciséis a cinco, y las diez **Ave María** y los tres **Credos** fueron totalmente omitidos, al igual que ciertas otras oraciones antes y después del oficio.

6. Las **oraciones penitenciales feriales** fueron abolidas con dos excepciones menores.

7. El **Súplica de los Santos** y la **Conmemoración de la Cruz** fueron abolidos, y el hermoso Credo de Atanasio (del siglo VIII) se recitaba solo una vez al año.

8. Se abolieron los **colectas adicionales** recitadas en la Misa durante las diferentes temporadas del año (como las de Nuestra Señora y Contra los Perseguidores de la Iglesia).

9. Se abolió el **Evangelio Final Propio**. Una vez más, nos vemos obligados a contentarnos con una breve descripción de estos cambios que fueron descritos como "provisionales" — pero que alteraron tanto la liturgia sagrada que desanimaron a todos excepto al sacerdote más dedicado a aprenderlos. ¿Por qué debería molestarse de todos modos? En cinco años, las rubricas cambiarían nuevamente.

Finalmente, en 1955 la **Solemnidad de San José**, Patrón de la Iglesia Universal, fue suprimida. Fue reemplazada por una especie de Día de Fiesta del Trabajo, San José Obrero, en el día internacional socialista del Primero de Mayo.

En 1957, se introdujeron más cambios en la Semana Santa, incluyendo la provisión de una **Misa Solemne sin subdiácono**.

IV. Consulta sobre Otros Cambios (1957)

En 1957, los obispos del mundo también fueron consultados sobre otros cambios litúrgicos. La mayoría pidió que se preservara la estructura tradicional del Oficio Divino. El Padre Thomas Richstatter, en su libro *Liturgical Law. New Style, New Spirit*, da el siguiente relato:

"Un obispo cita a Santo Tomás (*Summa*, I-II, q. 97, art. 2) donde afirma que la modificación de cualquier ley positiva naturalmente traerá consigo una cierta disminución de la disciplina. En consecuencia, si va a haber un cambio, no debe ser solo por algo 'un poco mejor', sino por algo 'mucho mejor' para compensar esta disminución de la disciplina que necesariamente acompaña a cualquier cambio en la legislación. Por lo tanto,

el obispo afirma que debemos ser muy cautelosos en este asunto. No es fácil decir 'no' a las solicitudes de cambio, pero esa es la acción adecuada aquí. El obispo concluye afirmando que se encuentra entre aquellos que no solo están satisfechos con la liturgia tal como es, sino que consideran que cualquier cambio no solo es indeseable, sino peligroso para la Iglesia."

V. Misas Dialogadas y Comentaristas (1958)

El 3 de septiembre de 1958, un mes antes de la muerte del acosado Pío XII, se emitió la Instrucción sobre la Música Sagrada. El uso de la "Misa Dialogada", concedida por primera vez en 1922, fue ampliado y alentado, para que la congregación recitara gran parte de la Misa junto con el sacerdote: el Introito, el Kyrie, el Gloria, etc., así como todas las respuestas. Debe señalarse aquí que la forma tradicional de participación congregacional es el Canto Gregoriano. La recitación popular de las oraciones de la Misa nunca se hizo hasta que se introdujo la "Misa Dialogada".

Bajo el pretexto de la participación, aparecieron por primera vez los comentaristas laicos. Su papel era leer en el vernáculo mientras el sacerdote leía en latín.

El 28 de octubre de ese mismo año fue elegido Juan XXIII. No perdió tiempo en convocar un Concilio general que "consagraría el Ecumenismo". Al año siguiente, en junio de 1960, **Juan XXIII nombró al Padre Bugnini** como secretario de la Comisión Litúrgica Preparatoria para el Concilio.

Mientras tanto, el Padre Bugnini continuó su trabajo con la comisión para la reforma de la liturgia, produciendo otra serie de cambios provisionales, que durarían hasta las reformas conciliares. El Misal y el Breviario fueron cambiados nuevamente, al igual que el Calendario, y por primera vez, el Pontifical y el Ritual.

VI. Los Cambios de Juan XXIII (1960–62)

Por fin llegamos a "la liturgia de Juan XXIII", más correctamente llamada la de "medio Bugnini". Los siguientes cambios fueron instituidos en la Misa, el Oficio Divino y el Calendario:

1. Las **vidas de los santos** en Maitines se redujeron a breves resúmenes.

2. Las **lecturas de los Padres de la Iglesia** se redujeron a pasajes lo más breves posible, con el deseo algo ingenuo de que el clero continuara nutriendo sus almas con escritos patrísticos por su cuenta.

3. La **recitación solitaria** del Oficio Divino ya no se consideraba oración pública, y así se suprimió el sagrado saludo *Dominus vobiscum*.

4. El **Último Evangelio** se suprimió en más ocasiones.

5. La **conclusión propia** de los Himnos del Oficio se suprimió.

6. Se abolieron muchas **fiestas**, por ser redundantes o no "históricas", por ejemplo: (a) La Invención de la Santa Cruz. (b) San Juan Ante Portam Latinam. (c) La Aparición de San Miguel. (d) La Cátedra de San Pedro en Antioquía. (e) Las Cadenas de San Pedro, etc.

7. Durante el Concilio, se destruyó el principio del Canon inmutable de la Misa con la **adición del nombre de San José**.

8. El **Confiteor antes de la Comunión** se suprimió.

Es de destacar que la "Liturgia de Juan XXIII" estuvo en vigor durante solo tres años, hasta llegar a su conclusión lógica con la promulgación del Decreto Conciliar sobre la Liturgia, también obra de Bugnini.

VII. La Liturgia en la Sociedad de San Pío X

Una pregunta: "¿No es esta Liturgia de Juan XXIII en la que ustedes sacerdotes fueron entrenados y ordenados en Écône?"

La respuesta es no. No recibimos ningún tipo de formación litúrgica apreciable en Écône, y hasta septiembre de 1976 la Misa era la de los primeros años de Pablo VI. (De hecho, la concelebración estaba permitida en nuestros primeros estatutos.) El celebrante se sentaba en el lado y escuchaba las lecturas, o las realizaba él mismo en atriles frente a la gente. La única razón por la que las lecturas se hacían en latín y no en francés, nos dijeron, ¡es que el seminario es internacional! (Curiosamente, las *Ordenanzas* de la Sociedad, firmadas por el Arzobispo Lefebvre y actualmente en vigor, permiten la lectura del Epístola y el Evangelio *en el vernáculo* —sin leerlos primero en latín.)

Sería difícil decir qué liturgia se seguía en Écône, porque los rubricas eran una mezcolanza de diferentes elementos, un sacerdote decía la Misa algo diferente al siguiente. Ningún conjunto de rubricas se observaba o enseñaba sistemáticamente. De hecho, no se enseñaban rubricas en absoluto.

Lo mejor que puedo decir es que a lo largo de los años se desarrolló una cierta mezcla ecléctica de rubricas basada en el doble principio de (a) lo que le gustaba al Arzobispo y (b) lo que se hacía en Francia. Estas rubricas varían bastante libremente desde la Liturgia de San Pío X hasta la de Pablo VI en 1968. Simplemente es el "Rito de Écône", una ley por sí misma.

Hasta el día de hoy sería imposible estudiar un libro de texto rubricado y luego funcionar, digamos, en una Misa Pontifical en Écône. No hay uniformidad, porque no hay principio de uniformidad, ciertamente no la "Liturgia de Juan XXIII". Quizás algún día alguien codificará este Rito de Écône para la posteridad.

En cuanto a nuestra formación en el seminario, nunca nos enseñaron cómo celebrar la Misa. La preparación para esta parte bastante importante de la vida sacerdotal se suponía que debíamos realizarla en nuestro tiempo libre y por nuestra cuenta. La mayoría de los seminaristas allí parece que nunca se dedicaron a un estudio rígido o sistemático de las rubricas, como se puede ver en la forma en que celebran la Misa hoy en día.

La Misa tradicional es una obra de disciplina y de arte: cada pequeño gesto está cuidadosamente prescrito y previsto. Es una lástima que hoy en día tantos sacerdotes formados en Écône se conformen con decir la Misa "más o menos" correctamente. Pero, ¿se podría esperar algo diferente sin entrenamiento y con el mal ejemplo de sacerdotes mayores que habían sido sometidos a veinte años de cambios confusos constantes?

Sin embargo, de todo el caos litúrgico en Écône surgió otro resultado más feliz. Algunos seminaristas simplemente volvieron a las rubricas no reformadas de la Iglesia. Después de todo, ¿no les había dicho el propio Arzobispo Lefebvre que este Bugnini era masón? ¿Y no había metido su mano en el pastel litúrgico desde 1948?

Digamos "No" a los Reformadores

En algún momento se nos enseñó a rechazar por completo el Concilio Vaticano II, ya que, nuevamente según el Arzobispo, muchas de sus acciones "comenzaron en la herejía y terminaron en la herejía". Entonces, ¿por qué seguir la liturgia provisional que allanó su camino? ¿Por qué, de hecho? El Arzobispo Lefebvre no vio la necesidad en 1976 de intentar imponer una "reforma" litúrgica en Inglaterra, Alemania y América que estaban siguiendo la liturgia no reformada.

No afirmo que la "Liturgia de Juan XXIII" sea herética o ofensiva para Dios de ninguna manera como lo es el *Novus Ordo*. Sé que es un paso hacia el *Novus Ordo*, creado por los mismos hombres que produjeron el *Novus Ordo*. Creo, finalmente, que aceptar estas "reformas" hoy con el beneficio de veinte años de perspectiva sería incorrecto. También sé, lo he visto con mis propios ojos, que el efecto acumulativo de estos cambios graduales en los sacerdotes es desastroso.

La Iglesia hoy debe ser reconstruida prácticamente desde cero. ¿Miraremos al hombre radiante de salud o al que se está muriendo lentamente como nuestro modelo? ¿Tomaremos como nuestro principio el mismo adagio de San Vicente de Lerins: "*Quod semper, quod ubique, quod ab omnibus*" (Lo que siempre, lo que en todas partes, lo que por todos fue hecho) o las "leyes" (si es que realmente se pueden considerar como tales) que, en la intención probada de sus creadores, solo sirvieron para allanar el camino hacia la destrucción de "lo más hermoso de este lado del cielo", el Santo Sacrificio de la Misa?

(*The Roman Catholic*, junio de 1983)

Artículo original: Link

¿Promulgó Pablo VI la Nueva Misa "ilegalmente"? (2000)

por el Rev. Anthony Cekada

La Sociedad de San Pío X y un mito tradicionalista popular.

LA MAYORÍA DE LOS CATÓLICOS que abandonan la Nueva Misa lo hacen porque la encuentran malvada, irreverente o no católica.

Sin embargo, instintivamente, el católico sabe que la Iglesia de Cristo no puede darnos algo malvado, ya que entonces la Iglesia nos estaría llevando al infierno, en lugar del cielo.

Los teólogos católicos, de hecho, enseñan que las leyes disciplinarias universales de la Iglesia, incluidas las leyes que gobiernan la sagrada liturgia, son *infallibles*. Aquí hay una explicación típica del teólogo Herrmann:

> "La Iglesia es infalible en su disciplina general. Por el término disciplina general se entienden las leyes y prácticas que pertenecen al orden externo de toda la Iglesia. Tales cosas serían aquellas que conciernen al culto externo, como *la liturgia y los rubricas*, o la *administración de los sacramentos* ...
>
> "Si ella [la Iglesia] pudiera prescribir, ordenar o tolerar en su disciplina algo contrario a la fe y la moral, o algo que tendiera al detrimento de la Iglesia o al *daño de los fieles*, se apartaría de su misión divina, lo que sería imposible".[1]

Tarde o temprano, entonces, el católico se enfrenta a un dilema: la Nueva Misa es malvada, pero aquellos que nos ordenaron usarla (Pablo VI, *et al*.) supuestamente poseían la misma autoridad de Cristo. ¿Qué debería hacer uno? ¿Aceptar el mal debido a la autoridad, o rechazar la autoridad debido al mal? ¿Elegir el sacrilegio o elegir el cisma? ¿Cómo resuelve un católico este aparente dilema —que la autoridad de la Iglesia ordena el mal?

A lo largo de los años, esencialmente solo se han propuesto dos explicaciones:

1. Pablo VI, quien promulgó la Nueva Misa, perdió la autoridad papal.

El argumento es el siguiente: Una vez que reconocemos que la Nueva Misa es malvada, o daña las almas, o destruye la fe, también reconocemos implícitamente algo más: Pablo VI, quien promulgó (impuso) este rito malvado en 1969, *no podría haber poseído verdadera autoridad* en la Iglesia cuando lo hizo. De alguna manera perdió la autoridad papal, si es que la poseía en primer lugar.

¿Cómo pudo haber sucedido esto? La defección de la fe, según la enseñanza de al menos dos papas (Inocencio III y Pablo IV) y casi todos los canonistas y teólogos católicos, conlleva la pérdida automática del cargo papal.

El mal de la Nueva Misa, según este argumento, es como una gran flecha de neón que apunta hacia atrás a los papas post-Vaticano II y parpadea las palabras: "Sin autoridad papal. Defectores de la Fe Católica".

2. Pablo VI poseía autoridad papal, pero no promulgó la Nueva Misa legalmente.

Esta posición argumenta que Pablo VI *no siguió las formas legales correctas* cuando promulgó la Nueva Misa. La Nueva Misa, entonces, no es realmente una ley universal, por lo que no estamos obligados a obedecer la legislación que supuestamente la impuso; así, se "salva" la infalibilidad de la Iglesia.

Esta teoría ha sido extremadamente popular en el movimiento tradicionalista desde sus inicios en la década de 1960.

Esto, hay que decirlo, es el argumento de querer tenerlo todo: permite "reconocer" al papa, pero ignorar sus leyes, denunciar su Nueva Misa y mantener la antigua Misa. Reasegura a las almas simples temerosas del cisma de que, a pesar de las apariencias, aún son "leales al Santo Padre".

He tratado la primera posición en mi estudio *Traditionalists, Infallibility and the Pope*. Aquí discutiré la segunda posición y esbozaré las considerables dificultades que presenta en cuanto a lógica, autoridad eclesiástica y derecho canónico.

La FSSPX y la "Promulgación Ilegal"

Si bien muchos católicos tradicionales adhieren a la posición de que la Nueva Misa fue promulgada ilegalmente, los defensores son especialmente numerosos entre los miembros y simpatizantes de la Sociedad de San Pío X (FSSPX) del Arzobispo Marcel Lefebvre.

La teoría encaja perfectamente en lo que solo se puede describir como el concepto jansenista/galicano de la papalidad: El papa es "reconocido", pero sus leyes y enseñanzas deben ser "sopesadas". Se obtienen todos los beneficios sentimentales de teóricamente *tener* un papa, pero ninguno de los inconvenientes prácticos de realmente *obedecerlo*.

(Con el correr de los años, el atractivo emocional de esta posición para los laicos ha significado una bonanza de recaudación de fondos para la FSSPX. Esta antigua ave galicana realmente pone el huevo de oro).

Los Argumentos Estándar

Para una explicación de la segunda posición, recurrimos a dos artículos del ex Superior del Distrito de los Estados Unidos de la FSSPX, el Reverendo François Laisney.

El Padre Laisney caracteriza la Nueva Misa como "intrínsecamente mala" y un peligro para la fe católica. Reconoce en un sentido general el principio sobre el cual se basa la primera posición: la Iglesia no puede dar una ley universal que sea mala o perjudicial para las almas.

Pero, argumenta que "la plena fuerza de la autoridad papal *no se comprometió* en la promulgación de la Nueva Misa" y que "el Papa Pablo VI no obligó al uso de su [Nueva] Misa, sino que solo la permitió... ¡No hay una orden clara, un mandato o un precepto que la imponga a ningún sacerdote!"

Expone los siguientes argumentos, típicos de quienes sostienen esta posición, contra la legalidad de la promulgación de la Nueva Misa por parte de Pablo VI:

- "La *Novus Ordo Missae* no fue promulgada de acuerdo con la forma canónica adecuada por la Sagrada Congregación de Ritos."
- "Un decreto de la Sagrada Congregación de Ritos imponiendo la nueva Misa no se encuentra en el *Acta Apostolicae Sedis* (el órgano oficial de la Iglesia Católica que anuncia las nuevas disposiciones sobre la Iglesia)."
- "En ediciones posteriores de la Nueva Misa [este Decreto de 1969] es reemplazado por un segundo decreto (26 de marzo de 1970) que solo *permite* el uso de la Nueva Misa. Este segundo decreto, que solo permite, no ordena, su uso, se encuentra en el *Acta Apostolicae Sedis*."
- En una Notificación de 1971 sobre la Nueva Misa de la Congregación para el Culto Divino, "no se puede encontrar en este texto ninguna prohibición clara para que ningún otro sacerdote use la Misa tradicional ni una obligación de celebrar solo la Nueva Misa."
- Otra Notificación en 1974, dice el Padre Laisney, impone una obligación, pero no aparece en el *Acta*, y no dice que Pablo VI lo haya aprobado, por lo que no tiene fuerza vinculante.

- "La legislación confusa caracteriza estas reformas. En esto se ve precisamente la asistencia del Espíritu Santo a la Iglesia, porque no permitió que los modernistas promulgaran adecuadamente sus reformas con una fuerza legal perfecta."

Padre Laisney luego presenta su conclusión: “La Novus Ordo Missae fue promulgada por el Papa Pablo VI con tantas deficiencias y especialmente **careciendo incluso del lenguaje jurídico adecuado para obligar a todos los sacerdotes y fieles, que no puede pretender estar cubierta por la infalibilidad del Papa en las leyes universales**”[7]. Para evaluar las afirmaciones del Padre Laisney, asumiremos, como lo hace él, que Pablo VI era de hecho un verdadero papa que, como tal, poseía plena autoridad legislativa sobre la Iglesia. Esto nos permitirá mantener al Padre en los criterios objetivos que se encuentran en el derecho canónico que se derivarían de esa suposición.

Luego demostraremos, examinando principios generales del derecho canónico y los textos legislativos específicos en cuestión, que los argumentos y conclusiones del Padre Laisney son falsos en todos los aspectos.

¿Qué es la "Promulgación"?

"Promulgar" una ley no significa más que anunciarla públicamente.

La esencia de la promulgación es la **propuesta pública** de una ley a la comunidad por parte del legislador mismo, o por su autoridad, **para que la voluntad del legislador de imponer una obligación pueda ser conocida** por sus súbditos.[8]

El Código de Derecho Canónico simplemente dice: "Las leyes promulgadas por la Santa Sede se promulgan mediante su publicación en el comentario oficial *Acta Apostolicae Sedis*, a menos que en casos particulares se prescriba otro modo de promulgación."[9]

Esto es todo lo que el Código requiere y es suficiente para dar a conocer la voluntad del legislador, el papa.

A menos que otra disposición se haya establecido en una ley particular, una ley entra en vigor (obliga) tres meses después de su fecha oficial de publicación en el Acta.[10] El período intermedio antes de la fecha efectiva se llama *vacatio legis*.

¿Una Decisión Ausente?

La Nueva Misa (*Novus Ordo Missae*) apareció en etapas. El Vaticano publicó primero el nuevo Ordinario en un pequeño folleto en 1969, junto con la Instrucción General sobre el Misal Romano (un prefacio doctrinal y rubricado). [11]

En la parte delantera de este folleto aparecen la larga Constitución Apostólica de Pablo VI sobre la Nueva Misa, *Missale Romanum*, y el Decreto del 6 de abril de 1969 *Ordine Missae* de la Congregación de Ritos Sagrados (Consilium).

El Decreto, firmado por el Cardenal Benno Gut, establece que Pablo VI aprobó el Orden de la Misa que lo acompaña y que la Congregación lo estaba promulgando por su mandato especial. Fijó el 30 de noviembre de 1969 como la fecha efectiva para la legislación.

Por razones desconocidas, sin embargo, este Decreto nunca se publicó en el Acta. Y así, el Padre Laisney y muchos otros sostienen que esta omisión significa que la Nueva Misa nunca fue "duly promulgated" (debida y válidamente promulgada), y por lo tanto, no obliga a nadie.

Pero la discusión sobre este error burocrático es una distracción. La pregunta clave en el derecho canónico sobre la promulgación de cualquier ley es la *voluntad del legislador*. En este caso, *¿Pablo VI manifestó su*

voluntad de imponer a sus súbditos una obligación (es decir, la Nueva Misa)? Y además, ¿lo hizo en el *Acta*?

La Constitución Apostólica de Pablo VI.

La pregunta se responde fácilmente. En el *Acta Apostolicae Sedis* del 30 de abril de 1969 encontramos la Constitución Apostólica *Missale Romanum*, con la firma de Pablo VI. Su encabezado: "Constitución Apostólica. Por la cual el Misal Romano, restaurado por decreto del Concilio Ecuménico Vaticano II, es **promulgado**. Pablo, Obispo, Siervo de los Siervos de Dios, para un Memorial Eterno". [12]

La legislación, obviamente, cumple con la simple norma canónica de promulgación. El Legislador Supremo no necesita un Decreto de un Cardenal para que su ley "se tome". La Nueva Misa está promulgada, y la ley es vinculante.

En el texto de la Constitución, además, Pablo VI deja claro que su voluntad es imponer la obligación de una ley a sus súbditos. Tenga en cuenta en particular su lenguaje en los siguientes pasajes:

- La Instrucción General que precede a la Nueva Orden de la Misa "**impone nuevas reglas** para celebrar el sacrificio eucarístico." [13]
- "**Hemos decretado** que se añadan tres nuevos Cánones a esta Oración [el Cánon Romano]." [14]
- "**Hemos ordenado** que las palabras del Señor sean una misma fórmula en cada Cánon." [15]
- "Y así, **es nuestra voluntad** que estas palabras se digan así en cada Oración Eucarística." [16]
- "Todo lo cual hemos prescrito mediante esta, Nuestra Constitución, comenzará a tener efecto a partir del 30 de noviembre de este año." [17]
- "**Es nuestra voluntad** que estas leyes y prescripciones sean, y serán, firmes y efectivas ahora y en el futuro." [18] Los términos canónicos latinos estándar que un papa empleaba habitualmente para promulgar una ley están presentes aquí: *normae, praescripta, statuta, proponimus, statuimus, jussimus, volumus, praescripsimus*, etc.

Mismos Términos que en *Quo Primum*

Este lenguaje es importante por otra razón: Algunas partes de él también aparecen en *Quo Primum*, el Bula de 1570 con la que el Papa San Pío V promulgó el Misal Tridentino.

El Padre Laisney, al igual que muchos otros, afirma que la legislación de Pablo VI no impuso una obligación. Más bien, Pablo VI simplemente "presentó" o "permitió" la Nueva Misa. [19]

Esto es falso. Tanto *Quo Primum* como Pablo VI utilizan términos de "legislación" idénticos en pasajes clave: *norma, statuimus* y *volumus*.

El canonista benedictino Oppenheim dice que estas son palabras "perceptivas" que "claramente *indican una estricta obligación*". [20] Si tales palabras hicieron obligatorio el *Quo Primum* de Pío V, también lo hicieron para el *Missale Romanum* de Pablo VI.

"Es Nuestra Voluntad..."

Anteriormente, citamos el siguiente pasaje como evidencia de que Pablo VI pretendía promulgar una ley para obligar a sus súbditos: "**Es Nuestra voluntad** [*volumus*] **que** estas leyes y prescripciones sean, y serán, firmes y efectivas ahora y en el futuro." [21] Las primeras traducciones al inglés rendían el verbo latino *volumus* como "We wish that" ("Nosotros deseamos que"). Algunos sacerdotes y escritores argumentaron entonces que Pablo VI solo deseaba con nostalgia que los católicos emplearan la Nueva Misa, algo así como desear al ver una estrella fugaz.

Pero en *Quo Primum*, San Pío V utiliza el *mismo verbo* para imponer el Misal Tridentino:

> “**Es Nuestra voluntad** [*volumus*], sin embargo — y lo decretamos por esa misma autoridad — **que**, después de la publicación del Misal y esta, Nuestra Constitución, los sacerdotes presentes en la Curia Romana... estén obligados a cantar o leer la Misa según este Misal.” [22]

En ambos casos, el verbo *volumus* expresa la esencia de la creación de leyes de la Iglesia: la voluntad del legislador de imponer una obligación a sus súbditos. [23]

Pablo VI Revoca *Quo Primum*

El Padre Laisney presenta otro viejo argumento: [24] la historia de que Pablo VI *no* abrogó (revocó) la Bula de San Pío V *Quo Primum*. [25] Los defensores de esta posición a veces citan un pasaje en el Código que establece que "una ley más reciente dada por autoridad competente, abroga una ley anterior, si *expresamente* ordena la abrogación". [26]

Según el argumento, Pablo VI no mencionó *Quo Primum* por su nombre, por lo que no la abrogó expresamente. *Quo Primum*, entonces, nunca perdió su fuerza, y todos todavía somos libres de celebrar la misa antigua. [27]

Pero los defensores de esta noción están cayendo en la ilusión. *Expresamente*, en el canon citado anteriormente, no significa simplemente "por nombre". [28] Un legislador puede "expresamente" revocar una ley de otra manera, y esto es lo que ocurrió aquí, cuando Pablo VI, después de dar su *volumus* a la Nueva Misa, agregó la siguiente cláusula:

> "... no obstante, en la medida en que sea necesario, las Constituciones Apostólicas y Ordenanzas de Nuestros Predecesores, y otras prescripciones, incluso aquellas que merecen una mención y enmienda especial." [29]

Esta cláusula abroga expresamente *Quo Primum*.

Primero, la Bula *Quo Primum* cae en la categoría del tipo más solemne de Acto legal pontificio: una Constitución Papal o Apostólica. [30] Y en el pasaje citado de la Constitución Apostólica de Pablo VI, revoca específicamente las "**Constituciones Apostólicas**" de sus predecesores.

Segundo, para revocar una ley *expresamente*, no se requiere que un papa la mencione por su nombre. La revocación expresa también ocurre, dice el canonista Cicognani, si el legislador inserta "cláusulas derogatorias o abrogatorias, como es común en decretos, rescriptos y otros actos pontificios: *no obstante lo contrario, no obstante en ningún aspecto lo contrario, aunque merezca una mención especial*". [31]

Es decir, Pablo VI utilizó el tipo exacto de lenguaje requerido para revocar expresamente una ley anterior.

Y al hacerlo, Pablo VI nuevamente utilizó algunas de las mismas frases que San Pío V empleó en *Quo Primum* para revocar las leyes litúrgicas de sus predecesores:

> "**No obstante las constituciones apostólicas anteriores** y ordenanzas... y cualesquiera leyes y costumbres en contrario". [32]

Nuevamente, si este lenguaje funcionó en 1570, también funcionó en 1969. [33]

A la luz de todo lo anterior, no se puede continuar promoviendo el mito de que la legislación de Pablo VI no abrogó expresamente *Quo Primum*.

En cuanto a las otras nociones erróneas difundidas sobre *Quo Primum*, estas serán tratadas en un artículo posterior.

La evidente conclusión

El lenguaje técnico de creación de leyes, la enumeración de leyes específicas, la fijación de una fecha efectiva, el lenguaje que revoca las Constituciones Apostólicas de sus predecesores y la expresión explícita de la voluntad del legislador para imponer estas leyes; nada, parecería, podría ser más claro. Pablo VI está estableciendo una ley aquí.

Todo esto se pierde en el Padre Laisney. "No hay una orden, mandato o precepto claro que lo imponga a ningún sacerdote", dice, agregando que Pablo VI "no dice" qué debería hacer un sacerdote en la fecha efectiva.

Bueno, si el lenguaje de la Constitución de Pablo VI no es lo suficientemente "claro", recurrimos a legislaciones posteriores publicadas en el Acta Apostolicae Sedis.

Una vez más, Pablo VI manifiesta claramente su voluntad, no solo de imponer su Nueva Misa, sino también específicamente de **prohibir** el rito antiguo.

La Instrucción *Constitutione Apostolica* (20 de octubre de 1969) lleva el título: "Sobre la implementación gradual de la Constitución Apostólica *Missale Romanum*".

El propósito general del documento era resolver ciertos problemas prácticos: las conferencias episcopales no pudieron completar las traducciones vernáculas del nuevo rito a tiempo para la fecha del 30 de noviembre que Pablo VI había prescrito como la fecha efectiva para la Nueva Misa.

La Instrucción comienza enumerando las tres partes del nuevo Misal ya aprobadas por Pablo VI: el Ordo Missae, la Instrucción General y el nuevo Leccionario, y luego afirma:

> "Los documentos anteriores **decretaron** que, a partir del 30 de noviembre de este año, el Primer Domingo de Adviento, **se usara el nuevo rito y el nuevo texto**."

Para resolver los problemas prácticos que esto planteaba, la Congregación para el Culto Divino, "con la aprobación del Sumo Pontífice, **establece las siguientes reglas**".

Entre las diversas regulaciones se encuentran las siguientes:

- "Las conferencias episcopales individuales también **establecerán el día** a partir del cual (excepto en los casos mencionados en los párrafos 19-20) será **obligatorio emplear** el Orden de la Misa [nuevo]. Sin embargo, esta fecha no se pospondrá más allá del 28 de noviembre de 1971."
- "Las conferencias episcopales individuales **decretarán** el día a partir del cual el uso de los textos del nuevo Misal Romano (excepto en los casos mencionados en los párrafos 19-20) **será prescrito**."

Las excepciones se aplicaban a sacerdotes mayores que ofrecían misa privada y que experimentaban dificultades con los nuevos textos o ritos. Con el permiso del Ordinario, podían seguir utilizando el rito antiguo.

La Instrucción termina con la siguiente declaración: "El 18 de octubre de 1969, el Sumo Pontífice, el Papa Pablo VI, **aprobó** esta Instrucción, **ordenó que se convirtiera en ley pública**, para que fuera observada fielmente por todos aquellos a quienes se aplica." Una vez más, encontramos aquí las palabras "preceptivas" de la legislación eclesiástica que, como dice Oppenheim, indican claramente una obligación estricta; en este caso, emplear el Nuevo Orden de la Misa a más tardar el 28 de noviembre de 1971.

El Decreto de marzo de 1970

El Decreto *Celebrationis Eucharistiae* (26 de marzo de 1970) lleva por título: "Se promulga y declara la *editio typica* de la nueva edición del Misal Romano". Este Decreto acompañó la publicación del nuevo Misal de Pablo VI, que contenía el Orden de la Misa Nueva previamente aprobado, una Instrucción General revisada y todas las nuevas Oraciones para todo el año litúrgico.

También contiene el lenguaje preceptivo de la elaboración de leyes papales:

> "Esta Sagrada Congregación para el Culto Divino, **por mandato del mismo Sumo Pontífice, promulga** esta nueva edición del Misal Romano, preparada según los decretos del Concilio Vaticano II, y la declara como la edición típica."

¿Es necesario insistir en lo obvio? El nuevo Misal es la ley, por mandato de Pablo VI.

La Notificación de junio de 1971

La Notificación Instructión de Constitución (14 de junio de 1971) lleva el título "Sobre el uso y el inicio de la **obligación** del nuevo Misal Romano, [Breviario] y Calendario".

Esta notificación, al igual que la Instrucción de octubre de 1969, aborda algunas de las dificultades prácticas que retrasaron la implementación de la nueva legislación litúrgica.

> "Habiendo considerado cuidadosamente estas cosas, la Sagrada Congregación para el Culto Divino, **con la aprobación del Sumo Pontífice, establece las siguientes normas sobre** el uso del Misal Romano."

Ordena que en cualquier país, "desde el día en que **se deben utilizar** los textos traducidos para las celebraciones en vernáculo, **solo se permitirá la forma revisada de la Misa** y [el breviario] **incluso para aquellos que continúen utilizando el latín**."[45]

El sentido claro del texto es que se debe usar el nuevo rito, el rito tradicional está *prohibido*; el Papa lo quiere, y todos deben obedecer.

La Notificación de octubre de 1974

Finalmente, está la Notificación *Conferentia Episcopalium* (28 de octubre de 1974).

Esta especifica nuevamente que cuando una conferencia episcopal decreta que una traducción del nuevo rito es obligatoria, "la Misa, ya sea en latín o en el vernáculo, **solo puede ser celebrada legalmente** de acuerdo con el rito del Misal Romano promulgado el 3 de abril de 1969 por autoridad del Papa Pablo VI." El énfasis en la palabra "solo" (*tantummodo*) se encuentra en el original.

Los Ordinarios deben asegurar que todos los sacerdotes y fieles del Rito Romano, "**no obstante la pretensión de cualquier costumbre, incluso las costumbres inmemoriales**, acepten debidamente el Orden de la Misa en el Misal Romano."

Nuevamente, es obvio que la Nueva Misa ha sido debidamente promulgada y es obligatoria: no hay excepciones.

El Padre Laisney admite que esta Notificación establece la obligación de celebrar la Nueva Misa. Sin embargo, desestima su efecto legal porque no apareció en las *Acta Apostolicae Sedis* y porque no declara que fue ratificada por el Sumo Pontífice.

El Padre Laisney, lamentablemente, ha malentendido otro principio del Código con respecto a la promulgación.

Primero, la Notificación no es una *nueva ley*. Es lo que los canonistas llaman una "interpretación autorizada y declarativa" de una ley anterior. Esto, según el Código, "simplemente declara el significado de las palabras de la ley que eran ciertas en sí mismas". En tal caso: “La interpretación no necesita ser promulgada y tiene efecto retroactivo.” Tiene fuerza, en otras palabras, *sin* publicación en las *Acta*.

Y segundo, aunque, estrictamente hablando, tal pronunciamiento no necesitaría el consentimiento expreso del papa, Pablo VI de todas formas aprobó el texto final de la Notificación.

Sin Costumbre Inmemorial

La Notificación aborda un tema interesante: varios escritores tradicionalistas que insistían en que reconocían la autoridad de Pablo VI aún afirmaban que la "costumbre inmemorial" les permitía retener el antiguo rito y rechazar la Nueva Misa de Pablo VI.

A primera vista, esta afirmación no tiene sentido. Los sacerdotes celebraban la Misa tradicional porque un Papa promulgó una ley escrita que la prescribía. La costumbre es simplemente un uso o una ley no escrita, que puede estar de acuerdo con, en contra de o más allá de la ley escrita.

La Notificación, en cualquier caso, establece que la Nueva Misa es obligatoria "**no obstante la pretensión de cualquier costumbre, incluso la costumbre inmemorial**".

Según el Código, "una ley no revoca costumbres centenarias o inmemoriales, a menos que haga mención expresa de ellas".

Pero los canonistas afirman que una cláusula de "no obstante" (*nonobstante*) como la anterior efectivamente revoca expresamente una costumbre inmemorial. Por lo tanto, incluso si se pudiera argumentar que la antigua Misa constituía una costumbre inmemorial, la Notificación la revocaba debidamente, además de desestimar la noción como una "pretensión".

Pero esto nos lleva al verdadero problema detrás de la disputa sobre si Pablo VI promulgó "ilegalmente" el *Novus Ordo*:

¿Quién Interpreta las Leyes de un Papa?

Para la Fraternidad Sacerdotal San Pío X (SSPX) y muchos otros, lamentablemente, la respuesta a esta pregunta es "cualquiera excepto el papa".

El Padre Laisney nos informa, por ejemplo, que Pablo VI no empleó "la misma plenitud de poder" en su Constitución Apostólica como lo hizo Pío V en la suya. Pablo VI no mencionó la "naturaleza de una obligación", su "sujeto", su "gravedad".

El argumento del Padre Laisney carece de notas al pie. Por lo tanto, no podemos identificar a los canonistas que proponen estas distinciones y criterios, a los cuales cada católico, laico o clerical, evidentemente puede apelar para decidir por sí mismo si está obligado por una Constitución Apostólica firmada por el Sumo Pontífice de la Iglesia Universal.

Las multitudes de expertos en derecho canónico en la Curia Romana que redactan decretos papales no pudieron (se espera que creamos) redactar un texto legal adecuado para la simple tarea jurídica de hacer obligatorio un nuevo rito de la Misa. Y esto, cabe señalar, ni siquiera después de cinco intentos: una Constitución Apostólica y cuatro (¡cuenta bien!) pronunciamientos curiales implementando la Constitución.

En lugar de eso, los controversialistas laicos y el clero inferior en todo el mundo son libres de juzgar al Legislador Supremo como incompetente jurídicamente en la promulgación de sus propias leyes, y luego rechazarle la sumisión durante décadas.

¿Protestantes del Derecho Canónico?

El enfoque del Padre Laisney hacia las leyes de un papa, y el de otros adherentes a esta teoría, de hecho es un "protestantismo del derecho canónico": interpretar pasajes seleccionados como mejor le convenga y ningún papa va a decirle *a usted* lo que significan. Y si no encuentra la fórmula mágica que ha decidido que es "necesaria" para obligar su obediencia, bueno, es una lástima para el Vicario de Cristo en la tierra. Esta es la mentalidad de las sectas: jansenistas, galicanos, feeneyitas. Profesan el reconocimiento del Vicario de Cristo en *palabras*, pero le rechazan la sumisión en *hechos*; tal es la definición precisa y clásica de cisma.

¿O el Papa y Su Curia?

El enfoque católico para interpretar las leyes papales, por otro lado, está claramente establecido en el Código:

> "Las leyes son interpretadas autoritativamente por el legislador y su sucesor, y por aquellos a quienes el legislador ha confiado el poder para interpretar las leyes."

Aparte del papa, ¿quién posee este poder para interpretar sus leyes de manera autoritativa? "Las Sagradas Congregaciones en asuntos propios de ellas", dice el canonista Coronata. Sus interpretaciones se emiten "a manera de ley".

En el caso de la Nueva Misa, Pablo VI confirió el poder para interpretar su nueva legislación litúrgica a la Congregación para el Culto Divino.

La Congregación emitió tres documentos: una Instrucción, un Decreto y una Notificación, que afirman claramente que la legislación original que promulgaba la Nueva Misa es vinculante.

Tales documentos se clasifican entre las "interpretaciones generales auténticas" de la ley y a menudo se denominan genéricamente "decretos generales". La Congregación luego promulgó estos tres documentos, como lo requiere el Código, en el Acta Apostolicae Sedis.

Uno de estos documentos, la Instrucción de octubre de 1969, es de particular interés aquí. Nombra la Constitución Apostólica de Pablo VI, la Instrucción General del Misal Romano, el Nuevo Orden de la Misa, el Decreto del 6 de abril de 1969 y el Orden para el nuevo Leccionario, y luego establece:

> "Los documentos anteriores decretaron que, a partir del 30 de noviembre de este año, **el primer domingo de Adviento, se utilizaran el nuevo rito y el nuevo texto**."

Incluso si la legislación inicial hubiera sido de alguna manera defectuosa o dudosa, este pasaje (y otros similares en los otros documentos) resolvería el problema. Cumple con los criterios del Código para dar una interpretación *autoritativa* a una ley previamente dudosa. El representante del legislador (la Congregación para el Culto Divino) afirma que la legislación anterior, de hecho, "decretó… que se utilizaran el nuevo rito y el nuevo texto".

Cualquier duda que puedas haber tenido, entonces, está resuelta. Esta interpretación autoritativa, dice el Código, "**tiene la misma fuerza que la ley misma**".

Por lo tanto, te consideras obligado por la ley, porque quienes son responsables de interpretarla *te lo dijeron*. Entonces te sometes a la ley del papa.

Eso, al menos, es cómo debería actuar un *verdadero* católico —uno para quien un papa es más que una decoración de pared de cartón, o una frase vacía en el *Te Igitur*.

Como señalamos anteriormente, el padre Laisney creía que las "deficiencias legales" que alegaba existían con respecto al *Novus Ordo* impedían afirmar que estaba bajo la infalibilidad de las leyes universales.

A este argumento, el reverendo Peter Scott, sucesor del padre Laisney como Superior del Distrito de los EE. UU. de la SSPX, añadió otro giro. En un debate escrito con el escritor inglés Michael Davies, el padre Scott declaró: "Sería un insulto preposterous e intolerable a los católicos de rito oriental (muchos de los cuales son tradicionales) afirmar [como lo hace el Sr. Davies] que 'el rito romano... es... equivalente a la Iglesia universal', simplemente por la preponderancia numérica. Un decreto para el Rito Romano, incluso promulgado correctamente, no es para la Iglesia universal".

Otros han hecho argumentos esencialmente similares: la legislación de Pablo VI sobre la Nueva Misa no es verdaderamente "universal", porque no se aplica a los católicos de rito oriental.

El padre Scott, lamentablemente, ha confundido algunos términos técnicos comunes en el derecho canónico.

De hecho, la ley de la Iglesia está dividida por *rito* en Occidental y Oriental, pero esto no tiene nada que ver con el asunto en cuestión.

Cuando un canonista llama a una ley "universal", no se refiere a que se aplique simultáneamente en los ritos latino y oriental. Más bien, se refiere a la *extensión* de una ley, es decir, al *territorio* donde tiene vigencia.

Por lo tanto, una ley *particular* obliga solo dentro de un territorio determinado. Una ley *universal*, por otro lado, "*obliga en todo el mundo cristiano*".

La legislación que promulgaba la Nueva Misa, obviamente, estaba destinada a ser obligatoria en todo el mundo.

El principio también se aplica a varias Declaraciones, Directorios, Instrucciones, Notificaciones, Respuestas, etc. de la Congregación de Ritos Sagrados (Culto Divino).

Nadie, dice el canonista Oppenheim, duda de que todos estos decretos para la Iglesia Universal (a veces conocidos colectivamente como "decretos generales") tienen el carácter de verdadera ley. De hecho, "los decretos generales que se dirigen a la Iglesia universal (del Rito Romano) *tienen la fuerza de ley universal*". Según un Decreto de la Congregación de Ritos Sagrados, además, poseen la misma autoridad que si emanaran directamente del Romano Pontífice mismo.

Por lo tanto, es imposible negar que la legislación litúrgica de Pablo VI calificaría como ley disciplinaria universal.

Un Resumen

Después de lo que hemos presentado sobre la legislación de Pablo VI en la Nueva Misa, deseamos en conclusión resumir lo dicho y luego insistir en un punto en particular:

Hemos examinado la afirmación, presentada por el Padre Laisney y numerosos otros escritores tradicionalistas, de que Pablo VI impuso el Novus Ordo "ilegalmente", y hemos demostrado lo siguiente:

1. El propósito de promulgar una ley es manifestar la voluntad del legislador de imponer una obligación a sus súbditos.

2. En su Constitución Apostólica *Missale Romanum*, Pablo VI manifestó su voluntad de imponer la Nueva Misa como una obligación. Esto es evidente en el documento desde:

   a. Al menos seis pasajes particulares.

   b. Vocabulario estándar de legislación de la ley canónica.

   c. Paralelismos con *Quo Primum*.

   d. Promulgación en *Acta Apostolicae Sedis*.

3. La Constitución Apostólica de Pablo VI abrogó expresamente (revocó) *Quo Primum* mediante el uso de una cláusula estándar empleada habitualmente para ese propósito.

4. La Congregación para el Culto Divino (CDW) posteriormente promulgó tres documentos (que son, de hecho, "decretos generales") que implementan la Constitución de Pablo VI. Estos documentos:

   a. Imponen la Nueva Misa como obligatoria.

   b. Prohíben (salvo en ciertos casos) la Misa antigua.

   c. Utilizan un vocabulario estándar de legislación.

   d. Declaran expresamente que contaron con la aprobación de Pablo VI.

   e. Fueron debidamente promulgados en el Acta.

5. La CDW también emitió una Notificación en 1974, que reiteraba que *solo* se podía celebrar la Nueva Misa y que la antigua Misa estaba prohibida. Desestimó la afirmación de "costumbre inmemorial" como "una pretensión". Este documento fue una interpretación declarativa de una ley y, como tal, no tenía que ser promulgado en el *Acta* para tener efecto.

6. Los documentos emitidos por la CDW fueron "interpretaciones autorizadas de la ley", que, según el Código, tendrían "la misma fuerza que la ley misma", porque fueron emitidos por una congregación romana "a la cual el legislador ha confiado el poder de interpretar las leyes".

7. La objeción contra clasificar la legislación de Pablo VI como ley disciplinaria universal porque no se aplica a los ritos orientales se basa en una malinterpretación del término "universal". El término se refiere no al rito sino a la *extensión territorial* de una ley.

Las Consecuencias Inevitables

Por todas las razones anteriores, por lo tanto, si insistes en que Pablo VI fue de hecho un verdadero papa con plenos poderes legislativos como el Vicario de Cristo, también debes aceptar lo siguiente como las consecuencias inevitables de su ejercicio de autoridad papal:

1. La Nueva Misa fue promulgada legalmente.
2. La Nueva Misa es obligatoria.
3. La Misa tradicional fue prohibida.

Si aún así insistes en que la Nueva Misa es mala, la lógica te obliga a concluir lo que la fe y las promesas de Cristo prohíben: **la Iglesia de Cristo ha fallado**.

Porque el Sucesor de Pedro, que posee la *autoridad* de Cristo, ha utilizado esa misma autoridad para destruir la *fe* de Cristo al imponer una Misa que es mala. Para ti, entonces, la promesa de Cristo a Pedro y sus sucesores es una mentira y un engaño: las puertas del infierno han prevalecido.

ESTO, A SU VEZ, nos devuelve al punto de partida de nuestro estudio: el mal de la Nueva Misa y el principio de que la Iglesia no puede promulgar el mal.

Pablo VI siguió todas las formas legales correctas que aquellos investidos con verdadera autoridad papal habitualmente empleaban para imponer leyes disciplinarias universales. Canónicamente, él puso los puntos sobre las íes y cruzó las tes.

Pero lo que Pablo VI impuso fue malo, sacrílego, destructor de la fe. Por eso, como católicos, lo rechazamos.

Porque sabemos que la autoridad de la Iglesia es *incapaz* de imponer leyes universales malvadas, debemos concluir entonces que Pablo VI, el dador de una ley malvada, en realidad no poseía autoridad papal.

Porque aunque es imposible que la Iglesia misma defeque, es posible —como enseñan los papas, los canonistas y los teólogos— que un papa como individuo defeque de la fe y pierda automáticamente el cargo y la autoridad papal.

Una vez que reconocemos, en pocas palabras, que la Nueva Misa no es católica, también reconocemos que su promulgador, Pablo VI, no era ni un verdadero católico ni un verdadero papa.

Notas

1. P. Herrmann, *Institutiones Theol. Dogm*., Roma: 1904, 1:258. Mi énfasis. Otros teólogos como Van Noort, Dorsch, Schultes, Zubizarreta, Irragui y Salaverri explican la enseñanza de manera similar. Para citas completas y referencias, consulta mi estudio *Tradicionalistas, Infallibilidad y el Papa*.

2. Para obtener una copia gratuita, contacta a: Iglesia de Santa Gertrudis la Grande, 11144 Reading Road, Cincinnati OH 45241, 513.769.5211, www.sgg.org

3. “¿Dónde está la Verdadera Fe Católica? ¿Es el Novus Ordo Missae Malvado?” *Angelus* 20 (marzo de 1997) 38. Por supuesto, apenas es necesario leer el artículo para descubrir cómo responde la FSSPX a la *primera* pregunta...

4. “¿Fue el Indulto Perpetuo Concedido por San Pío V Abrogado?” *Angelus* 22 (diciembre de 1999) 30–31.

5. “¿Dónde está…?” 34. Su énfasis.

6. “¿Dónde está…?” 35.

7. “¿Dónde está…?” 35-36. Mi énfasis.

8. M. Lohmuller, *Promulgation of Law* (Washington: CUA Press, 1947), 4.

9. Canon 9. “Leges ab Apostolica Sede latae promulgantur per editionem in *Acto rum Apostolicae Sedis commentario officiali*, nisi in casibus particularibus alius promulgandi modus fuerit praescriptus.”

10. Canon 9. “Y ejercen su fuerza solamente después de transcurridos tres meses a partir del día que ha sido asignado en el número de los *Acta*, a menos que por la naturaleza misma de la cosa deban entrar en vigor inmediatamente, o a menos que en la propia ley se haya establecido explícitamente un plazo más corto o más largo.”

11. *Ordo Missae*: Editio Typica (Typis Polyglottis Vaticanis: 1969). El nuevo orden de lecturas de las Escrituras apareció en mayo de 1969. El Misal completo, que contiene las nuevas Oraciones para domingos, tiempos litúrgicos y fiestas, solo aparecería en 1970.

12. AAS 61 (1969) 217–222.

13. “…novas normas…proponi.” El verbo empleado (“proponi”) tiene el sentido posclásico de “imponer”, como en “imponer una ley”. Consulta Lewis & Short, *A New Latin Dictionary*, 2da ed. (Nueva York: 1907), 1471, col. 2.

14. “ut eidem Precationi tres novi Canones adderentur statuimus.” “Statuo” con “ut” o “ne” tiene el sentido de “decretar, ordenar, prescribir”. Consulta Lewis & Short, 1753, col. 3.

15. “jussimus.”

16. “volumus.”

17. “Quae Constitutione hac Nostra praescripsimus vigere incipient.”

18. “Nostra haec autem statuta et praescripta nunc et in posterum firma et efficacia esse et fore volumus.”

19. “Perpetual Indult,” 30.

20. P. Oppenheim, *Tractatus de Iure Liturgico* (Turin: Marietti 1939) 2:56. “verba autem… ‘statuit,’… ‘praecepit,’ ‘jussit,,’ et similia, *manifeste strictam obligationem denotat*.” (His emphasis.)

21. Para que nadie pueda afirmar que es poco claro a qué se refiere este pasaje, observe que entre los "statuta et praescripta" anteriores estaban las "nuevas normas impuestas" por la Instrucción General ("novas normas… proponi," véase la nota al pie arriba) para la celebración de la Misa.

22. "Volumus autem et eadem auctoritate decernimus, ut post hujus Nostrae constitutionis, ac Missalis editionem, qui in Romana adsunt Curia Presbyteri, post mensem… juxta illud Missam decantare, vel

legere teneantur."

23. Ver Lewis & Short, *A New Latin Dictionary*, 2004, col. 1; 2006, col. 2. "de los deseos de aquellos que tienen derecho a mandar… es mi voluntad."

24. Canard = un engaño. También es francés para "pato" — altamente apropiado aquí, porque este pato particular (como el ganso galicano) nunca "se va al sur" permanentemente.

25. "Perpetual Indult," 28-29.

26. Canon 22. "Lex posterior, a competenti auctoritate lata, obrogat priori, si id expresse edicat, aut sit illi directe contraria, aut totam de integro ordinet legis prioris materiam; sed firmo praescripto…" (Mi énfasis). La traducción es del comentario de Fr. O'Hara en el comentario de Cicognani.

27. La discusión a menudo se centraba en varios términos canónicos técnicos — abrogación, obrogación, derogación y subrogación. Los participantes generalmente no tenían idea de lo que estaban hablando. Pero esto era algo comprensible: Incluso los comentaristas expertos en el Código no siempre son consistentes con estos términos.

28. Si la intención del legislador hubiera sido tal, podría haber utilizado el término latino para "por nombre" (*nominatim*) en lugar del término real "expresamente" (expresse).

29. "… non obstantibus, quatenus opus sit, Constitutionibus et Ordinationibus Apostolicis a Decessoribus Nostris editis, ceterisque praescriptionibus etiam peculiari mentione et derogatione dignis."

30. Ver A. Cicognani, Canon Law, 2da ed. (Westminster MD: Newman 1934) 81ff. "Las Constituciones Papales son Actos Pontificios que tienen las siguientes características: (1) provienen inmediatamente del Sumo Pontífice, (2) se presentan *motu proprio*, (3) se les adjunta la forma solemne de un Bula, (4) tratan sobre asuntos de mayor importancia, es decir, el bienestar de la Iglesia o la mayor parte de ella."

31. *Canon Law*, 629. (Su énfasis.)

32. Non obstantibus praemissis, ac constitutionibus, et ordinationibus Apostolicis… statutis et consuetudinibus contrariis quibuscumque."

33. En la década de 1980, la FSSPX circuló una clásica historia de "cuentos chinos" romanos: un grupo de canonistas, convocado por el Vaticano, había estudiado supuestamente el estatus legal de la antigua Misa, y concluyó que *Quo Primum* nunca había sido abrogado. Incluso si fuera cierto, el punto es irrelevante: 1) El legislador no emitió ningún decreto autoritario e interpretativo en ese sentido. 2) La abrogación es la única conclusión posible después de examinar los decretos que el Vaticano promulgó. 3) El legislador (el Vaticano modernista) permite la Misa tradicional solo mediante un indulto — una facultad o favor otorgado temporalmente, ya sea contrario a la ley o fuera de ella. Si la ley antigua no fuera abrogada, un indulto sería innecesario.

34. "¿Dónde está…?" 35, y nota al pie.

35. AAS 61 (1969) 749–753. "gradatim ad effectum deducenda."

36. "statuitur ut… adhibeantur."

37. "approbante Summo Pontifice, eas quae sequuntur statuit normas."

38. "diem…constituant." "necesse erit usurpare."

39. "decernant." "adhiberi jubebuntur." Para que nadie afirme que estos párrafos significan que las conferencias episcopales, no Pablo VI, "promulgaron" la Nueva Misa, señalamos que las disposiciones simplemente delegan el poder para extender la *vacatio legis* — nuevamente, el período entre que una ley es promulgada y cuando toma efecto real.

40. "Praesentem Instructionem Summus Pontifex Paulus Pp. VI die 18 mensis octobris 1969 approbavit, et publici juris fieri jussit, ut ab omnibus ad quos spectat accurate servetur."

41. AAS 62 (1970), 554.

42. "por mandato del mismo Sumo Pontífice... promulgado."

43. AAS 63 (1971) 712–715.

44. "approbante Summo Pontifice, quae sequuntur statuit normas." En inglés, "norm" tiene un sentido débil de una pauta idealizada meramente. Pero en latín, "norma" significa una ley, una regla, un precepto. Así, el primer Libro del Código de Derecho Canónico se denomina "Normae generales".

45. "assumi debebunt, tum iis etiam qui lingua latina uti pergunt, instaurata tantum Missae et Liturgiae Horarum forma adhibenda erit."

46. "approbante Summo Pontifice, quae sequuntur statuit normas." En inglés, "norm" tiene un sentido débil de una pauta idealizada meramente. Pero en latín, "norma" significa una ley, una regla, un precepto. Así, el primer Libro del Código de Derecho Canónico se denomina "Normae generales".

47. "assumi debebunt, tum iis etiam qui lingua latina uti pergunt, instaurata tantum Missae et Liturgiae Horarum forma adhibenda erit."

48. *Notitiae* 10 (1974), 353.

49. "tunc sive lingua latina sive lingua vernacula Missam celebrare licet tan tummodo juxta ritum Missalis Romani auctoritate Pauli VI promulgati, die 3 men sis Aprilis 1969." Énfasis original.

50. "et nonobstante praetextu cujusvis consuetudinis etiam immemorabilis."

51. "¿Dónde está...?" 36.

52. Canon 17.2. "et si verba legis in se certa declaret tantum, promulgatione non eget et valet retrorsum."

53. A Bugnini, *La Riforma Liturgica* (1948–1975), (Roma: CLV-Edizioni Liturgiche 1983) 298: "Il testo definitivo fu approvato dal Santo Padre, il 28 ottobre 1974, con le parole 'Sta bene. P.'"

54. Canon 30. "...consuetudo contra legem vel praeter legem per contrariam consuetudinem aut legem revocatur; nisi expressam de iisdem mentionem fe cerit, lex non revocat consuetudines centenarias aut immemorabiles."

55. Ver Cicognani, 662-3.

56. "Perpetual Indult," 30-31.

57. Canon 17.1. "Leges authentice interpretatur legislator ejusve successor et is cui potestas interpretandi fuerit ab eisdem commissa"

58. M. Coronata, *Institutiones Juris Canonici* 4ta ed. (Turín: Marietti 1950) 1:24: "Quis interpretari possit.… per modum legis ecclesiasticae leges interpretantur: Romanus Pontifex, Sacrae Congregationes pro sua quaequae provincia."

59. Ver Abbo & Hannon, *The Sacred Canons* 2da ed. (St. Louis: Herder 1960) 1:34.

60. "Praefatis autem documentis, statuitur ut… adhibeantur."

61. Canon 17.2. "Interpretatio authentica, per modum legis exhibita, eandem vim habet ac lex ipsa."

62. "¿Dónde está...?" 36.

63. "Debate over New Order Mass Status Continues," *Remnant*, 31 de mayo de 1997, 1.

64. Ver D. Prümmer, *Manuale Juris Canonici* (Friburgo: Herder 1927) 4. "b) *Ratione extensionis* jus ecclesiasticum dividitur: a. in *jus universale*, quod obligat in toto orbe christiano, *et jus particulare*, quod viget tantum in aliquo territorio determi nato… e) *Ratione ritus* jus distinguitur in *jus Ecclesiae* occidentalis et *jus Ecclesiase orientalis*." (Su énfasis.) Ver también G. Michiels *Normae Generales Juris*

Canonici 2da ed. (París: Desclée 1949) 1:14.

65. Oppenheim 2:54. "Quae decreta pro universa Ecclesia … rationem *verae legis* habere, nemo est qui dubitet." (Su énfasis.)

66. Oppenheim 2:63. "*Decreta generalia* quae ad universam Ecclesiam (ritus roma ni) diriguntur, *vim legis habent universalis*." (Su énfasis.)

67. SRC Decr. 2916, 23 de mayo de 1846. "An Decreta a Sacra Rituum Congregatione emanata et responsiones quaecumque ab ipsa propositis dubiis scripto formiter editae, eamdem habeant auctoritatem ac si immediate ab ipso Summo Pontifice promanarent, quamvis nulla facta fuerit de iisdem relatio Sanctitati Suae?… Affirmative."

68. "...quiddam nunc cogere et efficere placet."

Here's the bibliography:

ABBO, J. & HANNON, J. *The Sacred Canons*, 2nd ed. St. Louis: Herder 1960. 2 volumes.

BUGNINI, A. *La Riforma Liturgica* (1948–1975). Rome: CLV-Edizioni Liturgiche 1983.

CEKADA, A. *Traditionalists, Infallibility and the Pope*. Cincinnati: St. Gertrude the Great Church 1995.

CICOGNANI, A. *Canon Law*, 2nd. ed. Westminster MD: Newman 1934.

DIVINE WORSHIP, CONGREGATION FOR. Decree *Celebrationis Eucharistiae* (26 March 1970). AAS 62 (1970) 554.

———— Notification *Conferentia Episcopalium* (28 October 1974). Notitiae 10 (1974) 353,

———— Instruction *Constitutione Apostolica* (20 October 1969). AAS 61 (1969) 749–753.

———— Notification *Instructione de Constitutione* (14 June 1971). AAS 712–715.

CODEX JURIS CANONICI. 1917.

CORONATA, M. *Institutiones Juris Canonici* 4th ed. Turin: Mariettti 1950. 3 volumes.

HERRMANN, P. *Institutiones Theologiae Dogmaticae*. Rome: Della Pace 1904. 2 volumes.

LAISNEY, F. “Was the Perpetual Indult Accorded by St. Pius V Abrogated?” *Angelus* 22 (December 1999)

———— “Where is the True Catholic Faith? Is the Novus Ordo Missae Evil?” *Angelus* 20 (March 1997).

LEWIS & SHORT. *A New Latin Dictionary*, 2nd ed. New York: 1907.

LOHMULLER, M. Promulgation of Law. Washington: CUA Press 1947.

MICHIELS, G. *Normae Generales Juris Canonici*, 2nd ed. Paris: Desclée 1949. 2 volumes.

OPPENHEIM, P. *Tractatus de Jure Liturgico*. Turin: Marietti 1939. 2 volumes.

ORDO MISSAE. Ed. Typica. Typis Polyglottis Vaticanis: 1969.

PAUL VI. Apostolic Constitution *Missale Romanum* (3 April 1969). AAS 61 (1969) 217-222.

PIUS V, (SAINT). Bull *Quo Primum Tempore* (19 July 1570).

PRUMMER, D. *Manuale Juris Canonici*. Freiburg: Herder 1927.

RITES, CONGREGATION OF SACRED. Decree *Ordinis Praedicatorum* (23 May 1846) 2916.

SCOTT, P. “Debate over New Order Mass Status Continues,” *Remnant*, 31 May 1997, 1ff.

(*St. Gertrude the Great Newsletter* 49, February 2000).

www.traditionalmass.org

www.SGGResources.org

Artículo original: Link

BULA "QUO PRIMUM TEMPORE"

Papa S. Pio V
14.07.1570

PIO BISPO
Servo dos Servos de Deus
Para perpétua memória

1 - Desde que fomos elevados ao ápice da Hierarquia Apostólica, de bom grado aplicamos nosso zelo e nossas forças e dirigimos todos os nossos pensamentos no sentido de conservar na sua pureza tudo o que diz respeito ao culto da Igreja; o que nos esforçamos por preparar e, com a ajuda de Deus, realizar com todo o cuidado possível.

2 - Ora, entre outros decretos do Santo Concílio de Trento cabia-nos estabelecer a edição e correção dos livros santos: Catecismo, Missal e Breviário.

3 - Com a graça de Deus, já foi publicado o Catecismo, destinado à instrução do povo, e corrigido o Breviário, para que se tributem a Deus os devidos louvores. Outrossim, para que ao Breviário correspondesse o Missal, como é justo e conveniente (já que é soberanamente oportuno que, na Igreja de Deus, haja uma só maneira de salmodiar e um só rito para celebrar a Missa), parecia-nos necessário providenciar, o mais cedo possível, o restante desta tarefa, ou seja, a edição do Missal.

4 - Para tanto, julgamos dever confiar este trabalho a uma comissão de homens eruditos. Estes começaram por cotejar cuidadosamente todos os textos com os antigos de nossa Biblioteca Vaticana e com outros, quer corrigidos, quer sem alteração, que foram requisitados de toda parte. Depois, tendo consultado os escritos dos antigos e de autores aprovados, que nos deixaram documentos relativos à organização destes mesmos ritos, eles restituíram o Missal propriamente dito à norma e ao rito dos Santos Padres.

5 - Este Missal assim revisto e corrigido, Nós, após madura reflexão, mandamos que seja impresso e publicado em Roma, a fim de que todos possam tirar os frutos desta disposição e do trabalho empreendido, de tal sorte que os padres saibam de que preces devem servir-se e quais os ritos, quais as cerimônias, que devem observar doravante na celebração das Missas.

6 - E a fim de que todos, e em todos os lugares, adotem e observem as tradições da Santa Igreja Romana, Mãe e Mestra de todas as Igrejas, decretamos e ordenamos que a Missa, no futuro e para sempre, não seja cantada nem rezada de modo diferente do que esta, conforme o Missal publicado por Nós, em todas as Igrejas: nas Igrejas Patriarcais, Catedrais, Colegiais, Paroquiais, quer seculares quer regulares, de qualquer Ordem ou Mosteiro que seja, de homens ou de mulheres, inclusive os das Ordens Militares, igualmente nas Igrejas ou Capelas sem encargo de almas nas quais a Missa conventual deve, segundo o direito ou por costume, ser celebrada em voz alta com coro, ou em voz baixa, segundo o rito da Igreja Romana, ainda quando estas mesmas Igrejas, de qualquer modo isentas, estejam munidas de um indulto da Sé Apostólica, de costume, de um privilégio, até de um juramento, de uma confirmação apostólica ou de quaisquer outras espécies de faculdades. A não ser que, ou por uma instituição aprovada desde a origem pela Sé Apostólica, ou então em virtude de um costume, a celebração destas Missas nessas mesmas Igrejas tenha um uso ininterrupto superior a 200 anos. A estas Igrejas Nós, de maneira nenhuma, suprimimos nem a referida instituição, nem seu costume de celebrar a Missa; mas, se este Missal que acabamos de editar lhes agrada mais, com o consentimento do Bispo ou do Prelado, junto com o de todo Capítulo, concedemos-lhes a permissão, não obstante quaisquer disposições em contrário, de poder celebrar a Missa segundo este Missal.

7 - Quanto a todas as outras sobreditas Igrejas, por Nossa presente Constituição, que será válida para sempre, Nós decretamos e ordenamos, sob pena de nossa indignação, que o uso de seus missais próprios seja supresso e sejam eles radical e totalmente rejeitados; e, quanto ao Nosso presente Missal recentemente publicado, nada

jamais lhe deverá ser acrescentado, nem supresso, nem modificado. Ordenamos a todos e a cada um dos Patriarcas, Administradores das referidas Igrejas, bem como a todas as outras pessoas revestidas de alguma dignidade eclesiástica, mesmo Cardeais da Santa Igreja Romana, ou dotados de qualquer outro grau ou preeminência, e em nome da santa obediência, rigorosamente prescrevemos que todas as outras práticas, todos os outros ritos, sem exceção, de outros missais, por mais antigos que sejam, observados por costume até o presente, sejam por eles absolutamente abandonados para o futuro e totalmente rejeitados; cantem ou rezem a Missa segundo o rito, o modo e a norma por Nós indicados no presente Missal, e na celebração da Missa, não tenha a audácia de acrescentar outras cerimônias nem de recitar outras orações senão as que estão contidas neste Missal.

8 - Além disso, em virtude de Nossa Autoridade Apostólica, pelo teor da presente Bula, concedemos e damos o indulto seguinte: que, doravante, para cantar ou rezar a Missa em qualquer Igreja, se possa, sem restrição seguir este Missal com permissão e poder de usá-lo livre e licitamente, sem nenhum escrúpulo de consciência e sem que se possa encorrer em nenhuma pena, sentença e censura, e isto para sempre.

9 - Da mesma forma decretamos e declaramos que os Prelados, Administradores, Cônegos, Capelães e todos os outros Padres seculares, designados com qualquer denominação, ou Regulares, de qualquer Ordem, não sejam obrigados a celebrar a Missa de outro modo que o por Nós ordenado; nem sejam coagidos e forçados, por quem quer que seja, a modificar o presente Missal, e a presente Bula não poderá jamais, em tempo algum, ser revogada nem modificada, mas permanecerá sempre firme e válida, em toda a sua força.

10 - Não obstante todas as decisões e costumes contrários anteriores, de qualquer espécie: Constituições e Ordenações Apostólicas, ou Constituições e Ordenações, tanto gerais como especiais, publicadas em Concílios Provinciais e Sinodais; não obstante também o uso das Igrejas acima enumeradas, ainda que autorizado por uma prescrição bastante longa e imemorial, mas que não remonte a mais de 200 anos.

11 -Queremos e, pela mesma autoridade, decretamos que, depois da publicação de Nossa presente Constituição e deste Missal, todos os padres sejam obrigados a cantar ou celebrar a Missa de acordo com ele: os que estão na Cúria Romana, após um mês; os que habitam aquém dos Alpes, dentro de três meses; e os que habitam além das montanhas, após seis meses ou assim que encontrem este Missal à venda.

12 - E para que em todos os lugares da Terra este Missal seja conservado sem corrupção e isento de incorreções e erros, por nossa Autoridade Apostólica e em virtude das presentes, proibimos a todos os impressores domiciliados nos lugares submetidos, direta ou indiretamente, à Nossa autoridade e à Santa Igreja Romana, sob pena de confiscação dos livros e de uma multa de 200 ducados de ouro, pagáveis à Câmara Apostólica, bem como aos outros domiciliados em qualquer outro lugar do mundo, sob pena de excomunhão ipso facto e de outras penas a Nosso alvitre, se arroguem, por temerária audácia, o direito de imprimir, oferecer ou aceitar esta Missa, de qualquer maneira, sem nossa permissão, ou sem uma licença especial de um Comissário Apostólico por Nós estabelecido, para estes casos, nos países interessados, e sem que antes, este Comissário ateste plenamente que confrontou com o Missal impresso em Roma, segundo a impressão típica, um exemplar do Missal destinado ao mesmo impressor, que lhe sirva de modelo para imprimir os outros, e que este concorda com aquele e dele não difere absolutamente em nada.

13 - E como seria difícil transmitir a presente Bula a todos os lugares do mundo cristão e levá-la imediatamente ao conhecimento de todos, ordenamos que, segundo o costume, ela seja publicada e afixada às portas da Basílica do Príncipe dos Apóstolos e da Chancelaria Apostólica, bem como no Campo de Flora. Ordenamos igualmente que aos exemplares mesmo impressos desta Bula, subscritos pela mão de um tabelião público e munidos, outrossim, do Selo de uma pessoa constituída em dignidade eclesiástica, seja dada, no mundo inteiro, a mesma fé inquebrantável que se daria à presente, caso mostrada ou exibida.

14 - Assim, portanto, que a ninguém absolutamente seja permitido infringir ou, por temerária audácia, se opor à presente disposição de nossa permissão, estatuto, ordenação, mandato, preceito, concessão, indulto, declaração, vontade, decreto e proibição.

Se alguém, contudo, tiver a audácia de atentar contra estas disposições, saiba que incorrerá na indignação de Deus Todo-poderoso e de seus bemaventurados Apóstolos Pedro e Paulo.

Dado em Roma perto de São Pedro, no ano da Encarnação do Senhor mil quinhentos e setenta, no dia 14 de Julho, quinto de Nosso Pontificado – Pio Papa V.

No ano de 1570, indict. 13, no dia 19 de Julho, 5º ano do Pontificado do nosso Santo Padre em Cristo Pio V, Papa pela Providência divina, as cartas anexas foram publicadas e afixadas nas portas da Basílica do Príncipe dos Apóstolos e da Chancelaria Apostólica e de igual maneira à extremidade do Campo Flora como de costume, por nós Jean Roger e Philibert Cappuis, camareiros, Scipico de Ottaviani, Primeiro Camareiro.

Por qué los Nuevos Obispos no son Verdaderos Obispos

— Rev. Anthony Cekada —

Un resumen del artículo del Padre Cekada refutando la afirmación de la FSSPX de que los obispos del Novus Ordo son obispos válidos.

Los LECTORES DE *The Angelus* probablemente se sorprendieron el año pasado cuando recibieron el número de diciembre de 2005 con su artículo principal titulado "Por qué el Nuevo Rito de la Consagración Episcopal es Válido". ¿De qué se trataba *esto*? ¿Y por qué una revista tradicionalista publicada por la FSSPX estaba poniendo en su portada a obispos *Novus Ordo* concelebrantes?

Los tradicionalistas siempre se han preocupado por la validez de la Nueva Misa. Pero la cuestión de si las Órdenes Sagradas conferidas con los ritos post-Vaticano II son válidas apenas se ha discutido, incluso aunque el clero ordenado por obispos consagrados en el nuevo rito —sacerdotes diocesanos, miembros de la Fraternidad de San Pedro, Instituto del Cristo Rey, etc.— ahora están ofreciendo Misas tradicionales en todas partes. Si los obispos que ordenaron a estos sacerdotes no fueran verdaderos obispos, obviamente, las personas que asisten a tales Misas adoran y reciben solo pan.

Después de que Benedicto XVI fuera elegido en 2005, el tema naturalmente comenzó a surgir más y más. Joseph Ratzinger había sido consagrado con el nuevo rito el 28 de mayo de 1977. ¿Era él, aparte de la cuestión de si es o no un verdadero papa, incluso un *obispo* real?

En el verano de 2005, un grupo de tradicionalistas franceses publicó el primer volumen de *Rore Sanctifica*, un dossier de longitud de libro con documentación y comentarios sobre el Rito de Consagración Episcopal de Pablo VI. (www.rore-sanctifica.org) El estudio, que presenta en su portada fotos lado a lado de Ratzinger y del Superior General de la FSSPX, Mons. Bernard Fellay, concluyó que el nuevo rito era inválido. (Han aparecido tres volúmenes adicionales desde entonces.)

Esto llamó la atención de los altos cargos de la FSSPX en Europa, que en ese momento estaban negociando con Benedicto XVI para obtener un estatus especial en la iglesia del Concilio Vaticano II. ¿Cómo podrían los superiores de la FSSPX vender a los tradicionalistas la idea de unirse a un papa que ni siquiera podría ser un *obispo* real?

Cuando estaba en la FSSPX hace más de dos décadas, el Padre Franz Schmidberger ya promovía la idea de que el nuevo rito de consagración episcopal era válido. Ahora, sin embargo, quizás se pensó que era impolítico que un miembro tan prominente de la FSSPX hiciera este caso directamente, para evitar que fuera rechazado de inmediato o, incluso peor, provocar una reacción adversa entre los fieles.

Por el contrario, los dominicos en Avrillé, Francia, una orden religiosa tradicionalista en la órbita de la FSSPX, fueron comisionados para intentar presentar un caso convincente de validez, proporcionando así a los superiores de la FSSPX un poco de margen para "negación plausible". El Padre Pierre-Marie OP produjo debidamente un extenso artículo argumentando a favor de la validez del nuevo rito. Este apareció el año pasado en la publicación trimestral de los dominicos, *Sel de la Terre*.

Los superiores europeos de la FSSPX siempre han considerado a América como la tierra de los "duros" independientes, por lo que el artículo del Padre Pierre-Marie fue inmediatamente traducido al inglés y publicado en *The Angelus* con un diseño elaborado y llamativo.

El artículo presenta tablas de comparación impresionantes con textos latinos y está cargado de notas a pie de página. Una nota editorial alaba su estilo "tomista", y el autor nos asegura que "procederá de acuerdo con el método escolástico para tratar el asunto lo más rigurosamente posible".

Todo esto podría intimidar al lector casual para que acepte la validez del nuevo rito, o al menos dejarlo atónito en silencio.

Pero las cosas no son lo que parecen. Las tablas del Padre Pierre-Marie, al examinarlas de cerca, resultan ser comparaciones de textos de manzanas y naranjas. Sus notas a pie de página no citaron obras sobre teología moral sacramental, la disciplina que trata sobre la validez de los sacramentos. Y a pesar de su supuesto estilo "tomista", el Padre Pierre-Marie nunca logró centrarse en las dos preguntas centrales:

1. ¿Qué principios emplea la teología católica para determinar si una forma sacramental (la fórmula esencial en un rito sacramental) es válida o inválida?

2. ¿Cómo se aplican esos principios al nuevo rito de consagración episcopal?

Con estos dos puntos en mente, me senté a escribir un estudio propio sobre el nuevo rito. Durante muchos años, había estado esperando encontrar tiempo para abordar precisamente este tema, y ya había recopilado una gran cantidad de material de investigación.

El artículo resultante se titula "Absolutamente Nulo y Completamente Vacío" (una frase del pronunciamiento del Papa León XIII sobre la invalidez de las órdenes anglicanas) y se publicó en internet en www.traditionalmass.org.

Completé el artículo el 25 de marzo de 2006. Más tarde noté que esta fecha era el decimoquinto aniversario de la muerte del Arzobispo Lefebvre. Esto lo consideré providencial, porque el propio Arzobispo me había dicho personalmente en la década de 1970 que consideraba inválido el nuevo rito de consagración episcopal.

A continuación, se presenta un breve resumen del artículo. Invito a los lectores a consultar el original para obtener más detalles.

1. Principios Generales

1. Cada sacramento tiene una forma (fórmula esencial) que produce su efecto sacramental. Cuando se introduce un *cambio* ***sustancial*** *de* ***significado*** en la forma sacramental a través de la corrupción u omisión de palabras esenciales, el **sacramento se vuelve *inválido*** (=no "funciona", o produce el efecto sacramental).

2. Las formas sacramentales aprobadas para su uso en los Ritos Orientales de la Iglesia Católica a veces son diferentes en su redacción de las formas del Rito Latino. Sin embargo, son iguales en *sustancia* y son válidas.

3. Pío XII declaró que la forma para las Órdenes Sagradas (es decir, para el diaconado, el sacerdocio y el episcopado) debe significar unívocamente (=sin ambigüedad) los efectos sacramentales: el poder del Orden y la gracia del Espíritu Santo.

4. Para conferir el episcopado, Pío XII designó como forma sacramental una oración en el tradicional Rito de Consagración Episcopal que expresa unívocamente (a) el **poder del Orden que recibe un obispo** y (b) la **gracia del Espíritu Santo**.

2. Aplicación al Nuevo Formulario

1. La forma de consagración episcopal de Pablo VI aparece en un Prefacio especial en el rito, y el texto completo de la forma es el siguiente:

   > "Ahora derrama sobre este elegido el poder que proviene de ti, el Espíritu gobernante que diste a tu amado Hijo, Jesucristo, el Espíritu dado por él a los santos apóstoles, quienes fundaron la Iglesia en cada lugar para ser tu templo para la gloria incesante y la alabanza de tu nombre."

   Aunque parece mencionar la gracia del Espíritu Santo, el nuevo formulario **no** parece especificar **el poder del Orden** que se supone que se confiere. ¿Puede conferir el episcopado? Para responder a esta pregunta, aplicamos los principios establecidos en la sección I.

2. El breve formulario de Pablo VI para la consagración episcopal **no es idéntico a los extensos formularios de los Ritos Orientales**, y a diferencia de ellos, no menciona los poderes sacramentales propios de un obispo (por ejemplo, ordenar). Además, las oraciones de los Ritos Orientales que más se asemejan al Prefacio de consagración de Pablo VI son **no sacramentales**, siendo para las instalaciones de los Patriarcas Maronita y Sirio, quienes ya son obispos cuando son nombrados. En resumen, no se puede argumentar (como lo hace el artículo de *The Angelus*) que el formulario de Pablo VI está "en uso en dos Ritos Orientales ciertamente válidos" y, por lo tanto, es válido.

3. **Varios textos antiguos** (Hipólito, las *Constituciones Apostólicas* y el *Testamento de Nuestro Señor*) comparten algunos elementos comunes con el Prefacio de consagración de Pablo VI que rodea al nuevo formulario, y el artículo de *The Angelus* cita estos como evidencia para apoyar el argumento de que el nuevo rito es válido. Sin embargo, todos estos textos han sido "reconstruidos", tienen un origen cuestionable, pueden no representar un uso litúrgico real o presentar otros problemas. No hay **evidencia** de que **hubieran sido formas sacramentales** "aceptadas y utilizadas por la Iglesia como tales".

   - un criterio que establece la constitución de Pío XII sobre las Órdenes Sagradas. Por lo tanto, estos textos no proporcionan evidencia confiable para respaldar el argumento de la validez del formulario de Pablo VI.

4. El **problema clave** en el nuevo formulario gira en torno al término ***Espíritu principal*** (*Spiritus principalis* en latín). Antes y después de la promulgación del Rito de Consagración Episcopal de 1968, el significado de esta expresión **provocó preocupaciones acerca de si significaba suficientemente el sacramento**. Incluso un obispo en la comisión vaticana que creó el nuevo rito planteó este problema.

5. **Dom Bernard Botte**, el modernista que fue el principal creador del nuevo rito, sostuvo que, para el cristiano del siglo III, *governing Spirit* connotaba el episcopado, porque los obispos tienen "el espíritu de autoridad" como "gobernantes de la Iglesia". *Spiritus principalis* significa "el don de un Espíritu propio de un líder".

6. Esta **explicación fue falsa y engaños**a. La referencia a diccionarios, un comentario bíblico, los Padres de la Iglesia, un tratado dogmático y ceremonias de investidura no sacramentales de los Ritos Orientales revela que, entre una docena de significados diferentes y a veces **contradictorios**, *governing Spirit* **no significa específicamente** ni el episcopado en general **ni la plenitud de las Órdenes Sagradas** que posee el obispo.

7. Antes de que surgiera la controversia sobre esto, el propio Dom Botte incluso dijo que no veía cómo **omitir** la expresión *governing Spirit* cambiaría la validez del rito de consagración.

8. El nuevo formulario **no cumple con dos criterios para el formulario de las Órdenes Sagradas establecidos por Pío XII**. (a) Debido a que el término *governing Spirit* es capaz de significar muchas cosas y personas diferentes, no *significa unívocamente* el efecto sacramental. (b) El nuevo formulario carece de cualquier término que incluso *equivoque connote* el *poder del Orden* que posee un obispo, la "plenitud del sacerdocio de Cristo en el oficio y orden episcopal" o "la plenitud o totalidad del ministerio sacerdotal".

9. Por estas razones, el nuevo formulario constituye un **cambio sustancial** en el significado del formulario sacramental para conferir el episcopado.

10. Un cambio sustancial en el significado de un formulario sacramental, según los principios de la teología moral sacramental, **invalida un sacramento**.

3. Un Sacramento Inválido

Por lo tanto, una consagración episcopal conferida con el formulario sacramental promulgado por Pablo VI en 1968 es *inválida,* es decir, **no puede crear a un verdadero obispo**.

Sacerdotes y otros obispos que derivan sus órdenes de tales obispos también son, entonces, **inválidamente ordenados y consagrados**. En consecuencia, los **sacramentos que ellos confieren o celebran** que dependen del carácter sacerdotal o episcopal (Confirmación, la Eucaristía, Penitencia, Unción de los Enfermos, Órdenes Sagradas) **también son inválidos**.

4. Respuestas a Objeciones

1. "*El contexto hace que la forma sea válida.*" El lenguaje en otros lugares del rito no puede curar este defecto, porque un **elemento esencial de la forma** (el poder del Orden) no solo es *ambiguo,* sino que **está completamente ausente**.

2. "*La forma fue aprobada por el papa.*" Según el Concilio de Trento y Pío XII, **la Iglesia no tiene el poder de cambiar** la sustancia de un sacramento. La omisión del poder del Orden en la nueva forma cambia la sustancia de un sacramento, así que incluso si **Pablo VI** hubiera sido un verdadero papa, no habría tenido el *poder* para hacer tal cambio. Si acaso, su intento de hacerlo demuestra que **no era un verdadero papa**.

EL MOTIVO por el cual el rito *Novus Ordo* para hacer obispos es inválido se puede resumir en una frase: **Los modernistas cambiaron las palabras esenciales al eliminar la idea de la plenitud del sacerdocio**.

Mi artículo "Absolutamente Nulo y Completamente Vacío" está disponible en www.traditionalmass.org. Aquellos sin acceso a Internet pueden escribir a la dirección abajo para recibir una copia impresa gratuita.

Invito a los lectores a fotocopiar y distribuir el artículo entre los católicos tradicionales, especialmente entre el clero y los laicos afiliados a la SSPX, muchos de los cuales quizás ya tengan graves reservas sobre la validez del nuevo rito.

Cierro con una anécdota personal: En agosto de 1977, un tradicionalista de línea antigua me transmitió una cita favorita del P. Carl Pulvermacher, un capuchino que acababa de empezar a trabajar con la SSPX, y que luego escribiría y realmente imprimiría *The Angelus*. "Una vez que no haya más sacerdotes válidos," solía decir el P. Carl, "permitirán la Misa en latín." Palabras proféticas, pero poco podía haber sospechado que su propia revista y los superiores de la SSPX mismos ayudarían a cumplirlas algún día.

(Mayo de 2006)

Artículo original: Link

Absolutamente Nulo y Totalmente Vacío

El Rito de la Consagración Episcopal de 1968

Por el Padre Anthony Cekada

> **Cuando ya no haya sacerdotes ordenados válidamente, permitirán la Misa en Latín.** *Rev. Carl Pulvermacher OFM Cap*
> *Antiguo Editor de la Revista The Angelus*

> ***Conserva la cáscara, pero elimina la sustancia.*** *V. Lenin*

En la década de los sesenta, los católicos que estaban perturbados por los cambios litúrgicos posteriores al Concilio Vaticano II ya comenzaban a preocuparse por la validez de los sacramentos conferidos en los nuevos ritos. Un momento significativo en Estados Unidos ocurrió en 1967 cuando Patrick Henry Omlor publicó la primera edición de su estudio, Cuestionando la validez de las Misas dichas según el cánones en inglés, un trabajo que, incluso antes de la promulgación del Novus Ordo en 1969, consolidó la entonces incipiente resistencia tradicionalista.

Así como los "reformadores" modernistas revisaron los otros ritos sacramentales - Confirmación, Penitencia y Unción de los Enfermos -, los tradicionalistas también cuestionaron la validez de estos sacramentos y buscaron sacerdotes que ofrecieran la Misa tradicional y celebraran en los ritos antiguos.

La Ordenación fue un sacramento del cual los tradicionalistas no parecen haberse preocupado tanto. Claro, no había vocaciones. Y dado que pocos laicos habían asistido a una ordenación y aún menos sabían qué hacía válida una ordenación, la cuestión de cómo y si los cambios litúrgicos afectaban la validez de las Sagradas Órdenes fue un tema que pasó desapercibido.

Me encontré con este tema por accidente en mi primer año (1975-76) en el Seminario de la Fraternidad Sacerdotal San Pío X (FSSPX) en Écône, Suiza. Fui a preguntarle al Arzobispo Marcel Lefebvre si mis amigos conservadores del antiguo seminario en el que estuve podrían trabajar en la Fraternidad después de la ordenación. Él me dijo que sí, en principio, pero primero tendrían que ser ordenados bajo condición, porque Pablo VI había cambiado el rito de las Sagradas Órdenes.

El arzobispo explicó que la nueva forma (forma esencial) del rito de ordenación sacerdotal era dudosa, ya que se había eliminado una palabra. La nueva forma de consagración episcopal, continuó el arzobispo, era completamente diferente y, por lo tanto, inválida.

A pesar de la gravedad del asunto, solo unos pocos tradicionalistas examinaron los ritos de ordenación posteriores al Vaticano II, incluso después de que comenzaran a multiplicarse las Misas de Indulto. Estas misas eran cada vez más celebradas por sacerdotes ordenados por obispos consagrados en el nuevo rito, que pertenecían a grupos como la Fraternidad Sacerdotal San Pedro. Si el obispo consagrante hubiera sido consagrado inválidamente, entonces los sacramentos administrados por estos sacerdotes serían igualmente inválidos.

Sin embargo, el asunto resurgió después de que Bento XVI fue elegido en 2005. El Cardenal Joseph Ratzinger, nombrado arzobispo y cardenal por Pablo VI, fue consagrado en el nuevo rito el 25 de mayo de 1977. ¿Sería él, dejando de lado la controversia sedevacantista, un verdadero obispo?

En el verano de 2005, una editorial tradicionalista francesa, Editions Saint-Remi, publicó el primer volumen de Rore Sanctifica, un extenso dossier de documentos y comentarios sobre el rito de consagración episcopal

de Pablo VI. El estudio, que en su portada presentaba fotos de Ratzinger y del Superior General de la FSSPX, Mons. Bernard Fellay, concluía que el nuevo rito era inválido.

Esto naturalmente llamó la atención de los altos mandos de la FSSPX de Europa, que en ese momento estaban en negociaciones con Benedicto XVI para obtener un estatus especial en la Iglesia del Vaticano II. ¿Cómo podrían los superiores de la FSSPX unir a los tradicionalistas a un papa que ni siquiera era un obispo?

Los dominicos de Avrillé, Francia, una orden religiosa tradicionalista en la órbita de la FSSPX, asumieron inmediatamente la tarea de demostrar de manera convincente la validez del nuevo rito. Uno de ellos, el Padre Pierre-Marie OP, produjo un extenso artículo a favor de la validez, que fue publicado por los dominicos en la Sel de la Terre, su revista trimestral.

Thilo Stopka, un antiguo seminarista de la FSSPX de Europa, desafió las conclusiones del Padre Pierre-Marie y luego publicó una gran cantidad de información en Internet para refutarlas.

Mientras tanto, The Angelus, la revista oficial de la FSSPX en los Estados Unidos, tradujo rápidamente el artículo del Padre Pierre-Marie al inglés y lo publicó en dos ediciones sucesivas (diciembre de 2005 y enero de 2006) bajo el título "Por qué el nuevo rito de consagración episcopal es válido".

Consideré irónico y triste que dicho artículo apareciera en The Angelus. En agosto de 1977, visité a un tradicionalista de la vieja guardia en Upper Michigan llamado Bill Hanna. Él compartió conmigo su frase favorita del Padre Carl Pulvermacher, un capuchino que trabajó con la FSSPX y más tarde fue el editor jefe de The Angelus:

> "Cuando no haya más sacerdotes ordenados válidamente, permitirán la Misa en Latín".

El Padre Carl parece haber sido algo así como un profeta.

En su artículo de The Angelus, el Padre Pierre-Marie argumentó que el rito de consagración episcopal de Pablo VI sería válido, porque se basa en las oraciones de consagración episcopal que eran prácticamente las mismas que se (a) usaban en los ritos orientales de la Iglesia Católica, o (b) que habían sido usadas anteriormente en la Iglesia antigua.

Tenga en cuenta: Pablo VI hizo estas mismas afirmaciones cuando promulgó el nuevo rito de consagración en 1968, y ambas son claramente falsas. Es sorprendente que los superiores de la FSSPX las hayan reciclado para vender la validez de este mismo rito a los laicos tradicionalistas que no son capaces de sospechar este problema.

Con el fin de apoyar su argumento, el Padre Pierre-Marie presenta varias tablas que comparan diversos textos latinos. Estas serán discutidas en el Apéndice.

En cuanto al resto del artículo, es probable que la mayoría de los lectores se hayan alejado completamente estupefactos. Porque aunque el Padre Pierre-Marie dijo que "procedería de acuerdo con el método escolástico para tratar el tema con el máximo rigor posible", nunca se centró claramente en las dos cuestiones principales:

(1) ¿Qué principios emplea la teología católica para determinar si una forma sacramental es válida o inválida?

(2) ¿Cómo se aplican estos principios al nuevo rito de consagración episcopal?

Responderemos a ambas preguntas y sacaremos las conclusiones adecuadas. Nuestra discusión puede ser un poco técnica a veces, así que he proporcionado un resumen (sección XI) al que el lector puede saltar si se encuentra demasiado indisuesto para hablar sobre coptos, maronitas, Hipólito y el misterioso Espíritu soberano.

I. Principios a aplicar

A. ¿Qué es una forma sacramental?

En primer lugar, para beneficio de los lectores legos, repasemos algunos principios que se utilizan para determinar si una forma sacramental es válida. Los conceptos no son complicados.

En la clase de catecismo todos aprendemos la definición de sacramento:

> "Un signo visible instituido por Cristo para comunicar la gracia".

El "signo visible" de la definición se refiere a lo que vemos y oímos cuando se administra un sacramento: el sacerdote vierte agua sobre la cabeza del niño y recita la fórmula "Yo te bautizo", etc.

La teología católica enseña que en cada sacramento este signo visible consiste en la unión de dos elementos:

- **Materia**: alguna cosa o acción perceptible a los sentidos (verter agua, pan y vino, etc.).
- **Forma**: las palabras recitadas que realmente producen el efecto sacramental ("Yo te bautizo...", "Este es mi Cuerpo...", etc.).

Cada rito sacramental, no importa cuántas oraciones y ceremonias la Iglesia haya prescrito para él, contiene al menos un esquema que los teólogos católicos o los pronunciamientos autoritativos de la Iglesia han designado como su forma esencial.

B. La omisión de la forma

Todos los católicos conocen al menos una forma sacramental de memoria: "Yo te bautizo en el nombre del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo".

Si en un bautismo el sacerdote dice todas las demás oraciones y realiza todas las demás ceremonias, pero omite esta fórmula al verter el agua, el sacramento es inválido (no funciona), la gracia prometida por Cristo no se confiere y el niño no es bautizado.

Hasta aquí todo es bastante obvio.

C. Cambios en la forma

Pero surge otra pregunta: ¿Qué sucede si las palabras de un sacramento son cambiadas? ¿Cómo afecta esto su validez?

La respuesta depende de si resulta en un cambio de significado. Los teólogos distinguen dos tipos de cambio:

(1) Substancial (Cambio de significado = inválido):

Esto ocurre "cuando el significado de la forma misma se corrompe... si las palabras tienen un significado diferente al pretendido por la Iglesia" [4]. En otras palabras: si la forma "es cambiada de tal manera que el significado pretendido o querido por Cristo ya no se exprese completa e inequívocamente a través de ella" [5]. Un cambio sustancial en la forma sacramental se introduce mediante la adición, omisión, corrupción, transposición o cambio de palabras de la forma, o interrumpiéndolas de tal manera que la forma ya no mantenga el mismo significado [6]. Aquí hay dos ejemplos:

- Corrupción de palabras: Un sacerdote modernista dice: "Yo te bautizo en nombre de la Madre y del Hijo..." Ha introducido una nueva palabra que cambia el significado de uno de los elementos esenciales de la forma - Padre. El bautismo fue inválido [7].

- Omisión de palabras: Un nuevo sacerdote que está nervioso y aún no ha memorizado bien la forma dice: "Yo bautizo en nombre del Padre y del Hijo..." omitiendo el "te". O bien, dice el "te" pero omite la palabra "bautizo". Dado que la forma sacramental debe expresar de alguna manera quién está recibiendo el sacramento así como también la acción sacramental misma, omitir el "te" o el "bautizo" cambia el significado y hace que el sacramento sea inválido [8].

(2) Accidental (Mismo significado = aún válido):

Este es un cambio que no altera sustancialmente el significado.

Ejemplo: En lugar de decir "Yo te bautizo...", el sacerdote dice "Yo te lavo en nombre del Padre...". El significado ha permanecido igual, ya que ha reemplazado una de las palabras de la forma por un sinónimo exacto (bautizar es el griego para "lavar"). Por lo tanto, el cambio fue solo accidental. El bautismo fue válido [9].

Esta distinción entre cambio sustancial y accidental será un concepto clave en el examen de la validez de la forma de consagración episcopal de 1968. Si la nueva forma constituye un cambio sustancial en el significado, entonces es inválida.

D. Usando una forma del rito oriental

Las formas sacramentales en uso en los ritos orientales de la Iglesia Católica a veces difieren mucho en palabras de aquellas utilizadas por el rito latino. Pero el significado sustancial siempre es el mismo.

Ejemplo: el rito ucraniano utiliza la siguiente forma para el bautismo: "El siervo de Dios N. es bautizado en el nombre del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo. Amén" [10].

Esta conserva cada concepto que los teólogos dicen que debe aparecer en una forma válida de bautismo: el ministro (al menos implícitamente, "es bautizado"), el acto de bautizar, el recipiente, la unidad de la esencia divina y la Trinidad de las personas expresada bajo nombres distintos [11].

Además, en el caso de un grupo cismático oriental que se sometió al Papa, la Iglesia examinó las oraciones y ceremonias de sus ritos sacramentales para garantizar que estuvieran libres de errores doctrinales y contuvieran todos los elementos necesarios para conferir verdaderos sacramentos.

Por lo tanto, si un obispo o sacerdote administra un sacramento utilizando una forma sacramental idéntica a una contenida en un sacramentario oriental debidamente aprobado, se puede estar seguro de que el sacramento será válido.

Este principio también aparecerá en nuestra discusión, ya que el Padre Pierre-Marie basa gran parte de su argumentación a favor de la validez del nuevo rito en elementos supuestamente comunes entre el rito oriental de consagración episcopal y la nueva forma de Pablo VI.

También fue este mismo argumento, expresado por Franz Schmidberger -la nueva forma era "rito oriental"-, el que llevó al Arzobispo Lefebvre a abandonar su posición original de que el nuevo rito de consagración episcopal era inválido [12].

E. Requisitos de la forma de las Sagradas Órdenes

¿Qué estamos buscando específicamente en el nuevo rito de consagración episcopal? ¿Qué deben expresar las palabras de la forma que confieren las Sagradas Órdenes?

Pío XII, en su Constitución Apostólica *Sacramentum Ordinis*, señaló el principio general al declarar que las Sagradas Órdenes deben "significar unívocamente los efectos sacramentales, es decir, el poder del orden y la

gracia del Espíritu Santo" [13].

Observe que los dos elementos que las palabras deben expresar de manera unívoca (es decir, sin ambigüedad) son el orden específico que se confiere (diaconado, presbiterado, episcopado) y la gracia del Espíritu Santo.

Por lo tanto, debemos determinar si la nueva forma es realmente unívoca en la expresión de estos efectos.

F. Consagración Episcopal en particular

En el mismo documento, habiendo señalado el principio general, Pío XII luego declaró que las siguientes palabras, contenidas en el Prefacio consagratorio del rito de consagración episcopal, constituyen la forma sacramental esencial para conferir el episcopado:

> "Completad en vuestro sacerdote la plenitud de Vuestro ministerio, y adornado con la vestidura de toda gloria, santificadlo con el rocío de la unción celestial" [14].

Esta forma significa unívocamente los efectos sacramentales de la siguiente manera:

(1) "La plenitud de Vuestro ministerio", "vestidura de toda gloria" = el poder de la Orden del episcopado.

(2) "El rocío de la unción celestial" = la gracia del Espíritu Santo.

La cuestión es si la nueva forma hace lo mismo.

II. Origen del nuevo rito

En 1964, Pablo VI confió la implementación de los cambios litúrgicos prescritos por el Concilio Vaticano II a una nueva agencia vaticana conocida como "Consilium". Esta organización estaba compuesta por cientos de prelados, divididos según su especialidad en treinta y nueve "grupos de estudio". El Secretario del Consilium y su verdadero jefe era el Padre Annibale Bugnini, un liturgista modernista y supuestamente masón, quien escribió la constitución sobre la sagrada liturgia del Concilio.

El grupo de estudio 20 tenía la tarea de "reformar" el rito de las Sagradas Órdenes, y su líder fue el monje benedictino Dom Bernard Botte (1893-1980), especialista en los idiomas de la liturgia oriental y también un liturgista modernista.

Su logro académico más famoso fue una nueva edición de "La Tradición Apostólica de San Hipólito", una colección de antiguos textos de la liturgia cristiana [15]. Uno de estos se convertiría en la Oración Eucarística II de la Misa Nova, excepto por sus referencias al demonio, al infierno, la salvación de los justos solamente y al sacerdote sacrificante.

Dom Botte propuso que otro texto de esta misma colección fuera introducido en el rito de consagración episcopal para reemplazar el tradicional Prefacio consagratorio. Según él, el antiguo Prefacio tenía un "pobre contenido doctrinal", estaba orientado "casi exclusivamente hacia el papel litúrgico del obispo", era una "forma híbrida, pobremente equilibrada" [16]. Se necesitaba algo que expresara mejor la teología del Vaticano II.

La oración de consagración episcopal de Hipólito, dijo Dom Botte, había sobrevivido en versiones "más desarrolladas" en el rito sirio y copto. Al ser utilizada en el rito romano, afirmaría "también una unidad de concepción entre Oriente y Occidente sobre el episcopado", es decir, alegraría a los cismáticos orientales, que también usaban estos ritos. "Este era un argumento ecuménico. Fue decisivo" [17].

Así fue como el texto de Botte, extraído casi palabra por palabra de su obra de 1963, llegó a ser el nuevo Prefacio de Consagración Episcopal promulgado por Pablo VI en junio de 1968 [18].

III. La forma de Pablo VI

Pablo VI designó el siguiente pasaje del Prefacio como la nueva forma para la consagración de un obispo:

> "Envía ahora sobre este elegido la fuerza que de Ti procede, el Espíritu soberano, que diste a Tu amado Hijo Jesucristo, y él a los Santos Apóstoles, que fundaron la Iglesia por todas partes, como tu templo, para la gloria y el eterno loor de tu Nombre" [19].

Toda disputa sobre la validez del nuevo rito de consagración episcopal se concentra en este pasaje.

A primera vista, parece mencionar al Espíritu Santo. Sin embargo, no parece mencionar específicamente el poder de la Santa Orden que está siendo conferida, la plenitud del sacerdocio que constituye el episcopado, expresada tan claramente en la forma tradicional.

Entonces, ¿esta nueva forma es capaz de conferir el episcopado?

Para responder a esta pregunta, aplicaremos los principios destacados en la primera sección. Procederemos desde los argumentos más fuertes hasta los más débiles.

IV. ¿Una forma del Rito Oriental?

Pregunta: *¿La nueva forma se ha utilizado en un rito católico oriental como la forma sacramental para conferir el episcopado?*

Si es así, esta sería la evidencia más sólida a favor de la validez de la nueva forma. Se podría demostrar que, por lo tanto, cumple con el criterio establecido por Pío XII sobre la forma de las Santas Órdenes, ya que estaría entre las palabras que son "aceptadas y utilizadas por la Iglesia en este sentido" [20].

En su Constitución Apostólica que promulgó el nuevo rito, Pablo VI dice que el nuevo Prefacio de Consagración Episcopal es tomado de *La Tradición Apostólica de Hipólito* (un documento que será discutido en la quinta sección, que sigue siendo utilizado "en gran medida" para la consagración episcopal por dos ritos católicos orientales en particular: el copto y el sirio occidental.

Y realmente, sobre esta base, el Padre Pierre-Marie argumentó:

> "El uso de la forma que está en uso en dos ritos orientales ciertamente válidos garantiza su validez" [21].

Pero, ¿es realmente cierta esta afirmación factual? ¿La forma de Pablo VI realmente está en uso en estos dos Ritos Orientales?

Todo lo que se necesita hacer es (1) verificar a partir de libros de teología qué oraciones de los ritos orientales de consagración se consideran las formas sacramentales, (2) examinar estos textos y (3) compararlos con la forma de Pablo VI.

Los dos puntos generales que emergen para refutar el argumento del rito oriental son:

(1) La forma sacramental que Pablo VI prescribió para conferir el episcopado consiste meramente en una frase. Las formas del rito oriental, sin embargo, consisten en toda una oración, o incluso una serie de oraciones, compuestas por cientos de palabras.

Por lo tanto, a la luz de esto, la forma de Pablo VI, compuesta simplemente por 42 palabras, no puede ser descrita como una forma "en uso en dos ritos orientales ciertamente válidos".

(2) Tampoco se podría afirmar que todo el Prefacio de Consagración Episcopal de Pablo VI (212 palabras en latín) sea de alguna manera "aceptado por dos ritos orientales ciertamente válidos". El Prefacio realmente tiene algunas frases que se encuentran en las formas del rito oriental, pero existen omisiones y variaciones significativas. Aun así, no es idéntico a ninguno de ellos.

Por lo tanto, desde ambos lados, la nueva forma no puede estar entre las palabras "aceptadas y utilizadas por la Iglesia" como una forma sacramental de las Santas Órdenes.

Aquí hay algunos detalles.

A. ¿Forma del Rito Copto?

Este grupo uniato proviene de los herejes monofisitas (= Cristo tiene solo una naturaleza) que, después del Concilio de Calcedonia (451), entraron en cisma bajo el Patriarca de Alejandría (Egipto), siguiendo un largo período de declive (Ver Apéndice).

Hasta el siglo XIX, un buen número de coptos renunciaron a sus errores y se sometieron al Papa para que la Santa Sede los organizara en su propio rito uniatario.

En 1898, su Sínodo decretó que, para las tres órdenes mayores en el rito copto, "la forma es la oración que el obispo ordenante recita durante la imposición de manos sobre el ordenado" [22]. El teólogo dogmático Heinrich Denzinger, más conocido por su *Enchiridion Symbolorum*, una colección de textos dogmáticos, también publicó una colección de textos litúrgicos orientales, el *Ritus Orientalium*. En su larga introducción a esta obra, Denzinger explica que la forma sacramental de consagración episcopal en el rito copto "es la oración *Qui es, Dominator, Deus omnipotens*, que en el mismo ritual se llama la oración de imposición de manos" [23].

Observa lo siguiente:

(1) Esta oración es un Prefacio con alrededor de 340 palabras en latín [24]. La forma de Pablo VI tiene 42. Por lo tanto, las dos formas no pueden ser iguales.

(2) Esta larga forma copta menciona tres poderes sacramentales específicos considerados como propios únicamente del orden episcopal: "para establecer un clero según Vuestro mandato para el sacerdocio... nuevos lugares de oración y consagrar altares" [25].

Aunque el Prefacio de Pablo VI que rodea la nueva forma contiene muchas frases encontradas en la forma copta (incluyendo "el Espíritu soberano" que discutiremos a continuación), omite estas frases.

Esta omisión es particularmente significativa, ya que la disputa sobre la validez de la forma de Pablo VI gira en torno a la cuestión de si expresa adecuadamente el poder del orden que se está conferiendo, es decir, el episcopado.

B. Forma del Rito Maronita

En el siglo V, algunos sirios se convirtieron en herejes monofisitas y, al igual que los coptos, se separaron en cisma después del Concilio de Calcedonia. También son conocidos como "jacobitas" por Jacobo Baradai, quien fue consagrado obispo clandestinamente en el siglo VI y organizó este movimiento.

Otros sirios occidentales, que se opusieron a los monofisitas, llegaron a ser conocidos como maronitas (por el monasterio de San Marón, su centro). La mayoría de los maronitas se establecieron en Líbano y se hicieron conocidos por su profunda devoción a la Santa Sede.

Los maronitas adoptaron algunos elementos externos del rito romano (vestimenta, estilo del altar, etc.), pero por lo demás continuaron siguiendo el rito de Antioquía, una de las antiguas sedes patriarcales.

Según Denzinger, la forma de consagración episcopal en el rito maronita consiste en las oraciones "Deus qui universam Ecclesiam tuam per istos pontifices in manus impositione exornas," etc., "Deus deorum et Dominus dominantium" [26].

La comparación con el rito de Pablo VI revela lo siguiente:

(1) La forma maronita es un prefacio de al menos 370 palabras intercaladas con la imposición de manos sobre la cabeza del candidato. Se ruega para que el candidato reciba "la sublime orden episcopal", con oraciones posteriores que piden a Dios dos veces que "llene" su gracia y ministerio sacerdotal [27]. Esta forma no tiene *nada* en común con la forma de Pablo VI.

(2) En la página siguiente del rito maronita de consagración episcopal, hay una oración que tiene algunas frases en común con la forma de Pablo VI (por ejemplo, el Espíritu soberano), pero incluso esto, ocurriendo durante la ceremonia, *no es* la forma sacramental maronita [28].

(3) La oración maronita que más se parece a la forma de Pablo VI y al Prefacio de la Consagración Episcopal se encuentra en el Rito de la Consagración del Patriarca Maronita [29]. Y, de hecho, el Padre Pierre-Marie reproduce gran parte de este texto para respaldar los argumentos a favor de la validez del nuevo rito.

Sin embargo, *esta oración no es una forma sacramental para conferir el episcopado*. Es simplemente una oración de entronización, ya que el Patriarca Maronita *ya es* obispo cuando es designado para esta función.

C. Forma del rito sirio

Entre los siglos XVII y XIX, varios obispos jacobitas, incluso un Patriarca de Antioquía, abjuraron de sus errores y se sometieron a la Santa Sede. En el siglo XIX, el Papa estableció un Patriarcado de Antioquía de rito sirio ubicado en Beirut, Líbano. (A mediados del siglo XX, muchos católicos de rito sirio vivían en Irak).

Los sirios, al igual que los maronitas, siguen el rito de Antioquía, pero existen algunas diferencias entre ellos.

La forma de consagración episcopal en el rito sirio, según Denzinger, consiste en las oraciones utilizadas en el Rito Maronita o en otra: "Deus qui omnia per potentiam tuam" [30], recitada después de que el Patriarca impone su mano derecha sobre la cabeza del ordenado.

Nuevamente, comparemos esta oración con la forma de Pablo VI:

(1) El rito sirio tiene alrededor de 230 palabras [31] contra las 42 palabras del rito de Pablo VI. Nuevamente, no son iguales.

(2) Con más detalle que en el rito copto, la forma siria enumera poderes sacramentales específicos considerados propios de la ordenación episcopal, que el ordenado "haga sacerdotes, unja diáconos, consagre altares de iglesias, bendiga casas, llame vocaciones al servicio eclesiástico" [32].

Y nuevamente, aunque la forma de Pablo VI y el Prefacio contienen algunas frases presentes en la forma siria (por ejemplo, "el Espíritu soberano", "apacienta" [mi rebaño], "desata lo que está atado"), las expresiones precedentes están ausentes.

(3) En el rito sirio, al igual que en el rito maronita, la oración que más se asemeja a la forma y al prefacio de Pablo VI se encuentra en la "consagración" del Patriarca [33].

Nuevamente, sin embargo, no se trata de una oración sacramental para la consagración de un obispo, y esto queda claro por lo siguiente:

El libro sirio prescribe el mismo orden de acciones para el rito sacramental de consagración episcopal y para el rito de consagración del Patriarca, excepto por un texto. Para la consagración del Patriarca, el obispo ordenante *omite* la oración designada como la *forma* de la consagración episcopal (la oración *Deus, qui omniam per potentiam tuam*) y la reemplaza por la "Oración de Clemente" [34], un texto similar al Prefacio de Pablo VI.

Se utilizan dos términos diferentes para distinguir el rito sacramental de consagración episcopal del rito no sacramental de consagración del Patriarca. El primer rito se designa como una "imposición de manos", mientras que el otro se refiere con un término que significa "confiar o investir a alguien con un deber" [35].

Un liturgista sirio explica:

> "En el primer caso [consagración episcopal], el obispo recibe un carisma diferente al que ya posee... En el segundo, el Patriarca no recibe un carisma diferente al que recibió cuando fue ordenado obispo" [36].

D. No es una forma oriental

Comenzamos esta sección con la pregunta: ¿Se empleó la nueva forma en un rito católico oriental como la forma sacramental para conferir el episcopado?

La respuesta es no, porque la forma de Pablo VI no es idéntica a las formas del rito oriental.

En particular, las largas formas orientales mencionan la plenitud del sacerdocio o poderes sacramentales específicos, considerados propios únicamente del orden episcopal (ordenar sacerdotes, etc.). La forma de Pablo VI no lo hace.

En el rito maronita y sirio, la oración que más se asemeja al prefacio de la consagración de Pablo VI no es una forma sacramental que confiera el episcopado, sino una oración no sacramental para la entronización del Patriarca, quien normalmente ya es un obispo cuando es designado para el cargo.

Por lo tanto, no es posible argumentar que la forma de Pablo VI es válida, porque se usa como forma sacramental en "dos ritos orientales ciertamente válidos".

No se encuentra entre las palabras "usadas y aceptadas por la Iglesia en ese sentido" y no hay garantía de validez sobre esa base.

V. ¿Otra forma aprobada?

Pregunta: ¿Se adoptó la nueva forma como forma sacramental para conferir el episcopado en algún otro rito del pasado, que al menos haya gozado de la aprobación tácita de la Iglesia?

Esta evidencia, aunque no sea una prueba tan fuerte como su uso en un rito oriental católico, al menos daría algo de peso al argumento de que la nueva forma sería válida.

Anteriormente mencionamos que el Prefacio de Pablo VI fue tomado casi literalmente de una antigua oración de consagración episcopal que aparece en la edición de 1963 de la *Tradición Apostólica de San Hipólito* reconstituida por Dom Botte. También tiene paralelos con otros textos como *Las Constituciones Apostólicas* y el *Testamento de Nuestro Señor*.

El Padre Pierre-Marie también utilizó estos textos como evidencia para indicar que el nuevo rito es válido.

¿Qué grado de certeza podemos tener para afirmar que (1) estos textos fueron formas sacramentales utilizadas para conferir el episcopado? Y ¿(2) recibieron al menos la aprobación tácita de la Iglesia como

tales, de tal manera que, aunque en un sentido amplio, hayan sido "aceptados y usados por la Iglesia en ese sentido"?

¡Ay! Si por "certeza" queremos decir esa certeza que la teología moral católica requiere para conferir o recibir un sacramento válido, nuestra respuesta debe ser: absolutamente no. Porque aquí caemos inmediatamente en el mundo misterioso de los debates académicos sobre autoría, origen, datación, reconstrucción y decodificación de textos de hace 1700 años.

A. Tradición Apostólica de Hipólito

Aquí hay algunos de los problemas preliminares que descubrimos:

(1) **Identidad del autor**. Jean-Michel Hanssens, un jesuita experto en liturgias orientales, dedica aproximadamente cien páginas en un intento de identificar a este Hipólito: ¿era aquel involucrado en el cálculo de la fecha de Pascua? ¿O aquel representado por la estatua? ¿O aquel considerado nativo de Roma? ¿O el egipcio? ¿O el consejero del Papa? ¿O el antipapa? ¿El sacerdote Hipólito? ¿O un obispo? ¿O el mártir? ¿O uno de los varios santos en el martirologio?

Lo mejor que podemos obtener son conjeturas académicas.

(2) **Origen**. ¿De dónde proviene la Tradición Apostólica? Algunos dicen que de Roma, otros dicen de Alejandría, Egipto. Más conjeturas.

(3) **Datación**. ¿Cuándo fue escrita? "Generalmente" alrededor del año 215 d.C., pero "la sección que trata sobre la ordenación puede haber sido retocada en el siglo IV para ajustarla a las doctrinas y prácticas vigentes".

Ten en cuenta: "retocada". Se requieren más conjeturas académicas para decirnos qué partes del documento fueron retocadas.

(4) **Autoridad del manuscrito**. ¿Cuánta confianza podemos depositar en sus originales? Bueno, ni siquiera tenemos los originales:

> "El original griego del documento no ha sobrevivido, excepto en forma de algunos fragmentos aislados. Se ha reconstruido a partir de una versión latina extendida y de versiones coptas, árabes y etíopes posteriores, así como del uso que se hizo de ella por los compiladores de las órdenes eclesiásticas, lo que aumenta la dificultad de determinar con exactitud lo que el autor escribió".

De ahí el subtítulo de Dom Botte en la edición de 1963: "Un intento de reconstrucción". Al menos media docena de académicos (Connolly, Dix, Easton, Elfers, Lorentz, Hanssens) han hecho intentos similares.

Una reconstrucción, dijo Dom Botte, puede "recuperar solo el arquetipo, no el original".

Entonces, tenemos más conjeturas, que ni siquiera nos llevarán al original.

(5) **Uso litúrgico**. ¿El texto refleja exactamente una práctica real?

"No es fácil distinguir lo que representa el uso real de lo ideal", dijo Dom Botte en 1963. Las oraciones contenidas en la Tradición Apostólica se daban como "modelos, y no como formas fijas".

Y finalmente, dijo Dom Botte, en la Tradición Apostólica de Hipólito, "Su origen ya sea romano o [egipcio] no es realmente importante. Incluso si fuera un documento romano, no debería ser vista como la liturgia romana del siglo III, un tiempo donde la práctica litúrgica daba gran margen a la improvisación del celebrante".

Y así, numerosos volúmenes de trabajos académicos producen un modelo para una oración de consagración episcopal que no necesariamente fue seguida palabra por palabra de la misma manera.

Esto no es algo que inspire confianza.

B. ¿Constituciones Apostólicas?

Aquí tienes un título impresionante. Sin embargo, se trata de una "revisión compuesta" de tres órdenes eclesiásticas antiguas.

Las *Constituciones* parecen haberse originado en Siria "y generalmente se cree que sería obra de un [hereje] arriano que, en cierta medida, habría compuesto más una idealización idiosincrática que reproducido exactamente la práctica litúrgica con la que estaba familiarizado" [45].

¿Un texto compuesto, fruto de la fantasía de un hereje?

C. ¿El Testamento de Nuestro Señor?

Aquí tienes un título aún más impresionante. Pero "probablemente" data del siglo V y "parece" haber sido compuesto en Siria.

Además, "aunque originalmente escrito en griego, solo existe en versiones siríacas, árabes y etíopes. Al igual que las *Constituciones Apostólicas,* se puede dudar en qué medida representa la práctica histórica real" [46].

¿Práctica histórica dudosa?

D. Ninguna prueba de uso aprobada

La pregunta que abrió esta sesión fue: ¿Se adoptó alguna vez la nueva forma como forma sacramental para conferir el episcopado en algún otro rito del pasado, que al menos haya gozado de la aprobación tácita de la Iglesia?

Nuestra respuesta es: no tenemos absolutamente ninguna idea, porque:

- No tenemos ningún texto original auténtico.
- Tenemos textos "reconstruidos" que se basan en nada más que en la autoridad de teorías académicas sobre cuáles serían las versiones correctas.
- No sabemos si estos textos fueron utilizados para consagrar obispos.
- No hay registro de aprobación por parte de la Iglesia.

Por lo tanto, no se puede argumentar que la forma de Paulo VI sea válida basándose en estos textos. Ninguno de ellos fue "aceptado y utilizado por la Iglesia en ese sentido", por lo que no hay garantía de validez sobre esta base.

VI. ¿El poder del episcopado?

Pregunta: ¿La nueva forma sacramental significa inequívocamente los efectos sacramentales - el poder del orden (el episcopado) y la gracia del Espíritu Santo?

Estos son los criterios que Pío XII señaló para la forma sacramental. Aquí está nuevamente la forma de Paulo VI a la que aplicaremos estos criterios:

> "Envía ahora sobre este elegido la **fuerza** que de Ti procede, el **Espíritu soberano**, que diste a Tu amado Hijo Jesucristo, y él a los Santos Apóstoles, que fundaron la Iglesia por todas partes, como tu

templo, para la gloria y el perpetuo loor de tu Nombre" [47].

La forma parece significar la gracia del Espíritu Santo.

Pero, ¿"Espíritu soberano"? Los obispos luteranos, metodistas y mormones también gobiernan. ¿Este término puede significar inequívocamente el poder de orden conferido, la plenitud del sacerdocio?

La expresión Espíritu soberano (*Spiritus principalis* en latín) está en el corazón de la disputa sobre la validez del nuevo rito, pues si no significara la plenitud del sacerdocio que constituye el episcopado, el sacramento sería inválido.

A. Las primeras dudas sobre la validez.

El lector común seguramente se sentirá tentado a tomar esto como un delirio febril de tradicionalistas. Pero hace cuarenta años, incluso antes de que se promulgara el nuevo rito, un miembro del grupo de estudio que creó el nuevo rito de consagración episcopal planteó esta cuestión.

En un memorando del 14 de octubre de 1966, el Obispo Juan Hervás y Benet (1905-1982), el ordinario de Ciudad Real (España) y promotor de la Opus Dei, escribió lo siguiente a sus compañeros de estudio:

> "Sería necesario establecer de manera innegable que la nueva forma significa mejor y más perfectamente la acción sacramental y su efecto. Es decir, debería establecerse en términos claros que no contiene ambigüedades, que no cambia nada de las funciones principales que son propias del orden episcopal... *me surge una duda con respecto a las palabras 'Spiritus principalis'; ¿estas palabras significan adecuadamente el sacramento?*" [48].

No se sabe si recibió una respuesta. Pero considere lo que la pregunta del obispo implicaba en ese momento para cualquier persona con formación teológica seria. ¿La introducción de esta expresión en la forma expondría al sacramento al riesgo de invalidez?

Después de que Paulo VI promulgara el nuevo rito de las Sagradas Órdenes en junio de 1968, tuvo que ser traducido a varios idiomas modernos. La expresión *Spiritus principalis* inmediatamente planteó problemas. La primera traducción oficial en inglés la tradujo como "*Espíritu sublime*"; la francesa como "el Espíritu que hace a los líderes", la alemana como "el Espíritu de un guía".

Estas expresiones ciertamente llevaron a algunos de los obispos más conservadores de la época a temer por la sucesión apostólica, ya que Roma publicó inmediatamente dos declaraciones sobre la traducción de las formas sacramentales en el espacio de tres meses (octubre de 1973 y enero de 1974) [49].

La última declaración de la Congregación para la Doctrina de la Fe, además, fue reimpresa en la *Notitiae* (la publicación oficial de la Congregación para el Culto Divino), acompañada de un comentario extraño. El autor, un dominico, mencionó específicamente la Constitución *Sacramentum Ordinis* de Pío XII, la "sustancia de los sacramentos", y señaló que cada nueva forma sacramental "continúa significando la gracia especial dada por el sacramento" y la necesidad de "preservar la validez del rito sacramental" [50].

¿Una coincidencia? En la misma edición de la *Notitae*, aproximadamente una docena de páginas después, nos encontramos con un breve artículo del Dom Bernard Botte OSB explicando el significado de - adivinen - *Spiritus principalis*.

Claramente, se ve que esta expresión latina perturbaba a muchas personas.

B. ¿El Espíritu soberano = Episcopado.?

La explicación de Dom Botte sobre *Spiritus principalis* fue esencialmente la siguiente:

La expresión "levantó muchas dificultades" y llevó a diversas traducciones.

Se encuentra en el Salmo 50,14, pero su significado no está necesariamente vinculado a lo que la expresión de la oración consagratoria significaba para los cristianos del siglo III.

"Espíritu" significa el Espíritu Santo.

Pero ¿qué significaba la palabra griega *hegemonicos* y su equivalente latino *principalis* en el vocabulario de los cristianos del siglo III?

Significaba esto: Cada una de las tres órdenes porta un don del Espíritu Santo, pero no el mismo para todas. Diáconos = "espíritu de celo y solicitud", presbíteros = "espíritu de consejo".

Y los obispos tienen el "Espíritu de autoridad".

El Obispo es tanto el líder que debe gobernar como el sumo sacerdote del santuario. Él es el jefe de la Iglesia. Por lo tanto, la palabra *hegemonicos/principalis* es comprensible.

Spiritus principalis significa "el don del Espíritu Santo propio del jefe" [51].

Después de que esta declaración apareció, varias traducciones fueron ajustadas y la traducción oficial en inglés se convirtió en *Espíritu soberano*.

C. ¿o Espíritu soberano = quien sabe?

Esta explicación sonó bastante erudita. Desafortunadamente, es falsa, un caso típico del lenguaje duplicado descarado que los modernistas utilizan cuando se ven acorralados. *Spiritus principalis* puede significar muchas cosas, pero el "poder de la Orden" propio del episcopado no es una de ellas.

Esto se hace evidente después de una breve investigación sobre el significado del término Espíritu soberano, ya sea en latín (*Spiritus principalis*) o en su forma griega (*hegemonicos*).

(1) **Diccionarios**. Los diccionarios de latín y griego explican el adjetivo "*principalis*" como respectivamente "existente originalmente, básico, primario... primero en importancia o estima, jefe... conveniente a los jefes y a los príncipes", y "quien ocupa un cargo de jefe, dirigente, gobernante" o "guía".

Existe un término cercano, *hegemonía*, que generalmente significa "autoridad, mando" y que en un sentido secundario significa "regimiento, cargo de un superior, cargo episcopal... de un superior de un convento... de la esfera del régimen episcopal, diócesis".

Pero incluso en ese sentido, no connota el poder de la Orden (*potestas ordinis*), solo la jurisdicción (*potestas jurisdictionis*), especialmente porque la definición menciona a un superior monástico.

(2) **Salmo 50**. En latín y en griego eclesiástico, el primer texto frecuentemente citado para *principalis* es la oración del rey David en el Salmo 50, 14, donde se usa con espíritu. La expresión se traduce al inglés como "espíritu perfecto", que los comentaristas explican como "un espíritu generoso o noble".

A pesar de la afirmación de Dom Botte de que no hay relación entre el significado de *Spiritus principalis* del salmo y el supuesto significado en el siglo III en la oración de consagración episcopal, un diccionario de patrística griega relaciona directamente las dos pasajes e incluso cita el extracto griego de Hipólito.

(3) **Padre de la Iglesia**. Ellos interpretan *Spiritus principalis* de varias maneras, refiriéndose al Padre, al Espíritu Santo, a la virtud y la fortaleza, a un poder que fortalece contra tentaciones, etc.

(4) **Un tratado de teología dogmática**. En su obra sobre la Trinidad, Mons. Pohle dice que *Spiritus principalis* en el salmo no significa el Espíritu Santo, sino nada más que un "efecto divino externo", "un espíritu sobrenatural de rectitud y autocontrol, es decir, una buena disposición".

(5) **Un comentario a Hipólito de 1962.** La antigua oración de consagración episcopal, dice Roger Beraudy, presenta al obispo sucesivamente bajo el doble aspecto de jefe y sumo sacerdote. *Spiritus principalis* aparece en la sección de la oración que presenta al obispo como el "jefe de la Iglesia" mejor que en la parte siguiente donde Barundy la identifica como que presenta al obispo como un sumo sacerdote.

(6) **Ceremonias no sacramentales**. El rito copto, aparte de su oración sacramental de consagración episcopal, también emplea la expresión *Spiritus principalis* en dos ceremonias no sacramentales.

a. En la Iglesia copta, al igual que en la Iglesia Católica, el abad no es un obispo, sino simplemente un sacerdote que es la cabeza del monasterio. Cuando un abad copto (*hegemonos*) es entronizado, el obispo impone sus manos sobre la cabeza del sacerdote y pide en la oración que Dios le otorgue al padre "un Espíritu soberano de amabilidad y caridad, de paciencia y bondad".

b. Para la promoción de un obispo copto al cargo de arzobispo (metropolitano), donde se pide a Dios que reciba su Espíritu soberano, "el conocimiento que es vuestro, que él ha recibido en vuestra Santa Iglesia".

(7) **Otro experto**. Y en 1969, antes de convertirse en una materia de controversia, encontramos al menos un experto que dijo que la omisión de la expresión Espíritu soberano no cambiaría necesariamente la validez del rito.

> "Si alguien inadvertidamente omitiera el *Spiritum principalem*, no veo cómo cambiaría."

¿Quién es el experto? Dom Bernard Botte.

(8) **¿Quién sabe?** Nuestra breve investigación, entonces, descubrió una docena de significados para el *Espíritu soberano*:

- Un Espíritu originalmente existente
- Un espíritu de jefe y guía
- Un espíritu perfecto como para el Rey David
- Espíritu generoso o noble
- Dios Padre
- Dios Espíritu Santo
- Un efecto divino externo
- Espíritu natural de rectitud/autocontrol
- Buena disposición
- Para un abad copto: amabilidad, caridad, paciencia y bondad.
- Para un arzobispo copto: el conocimiento divino, recibido por la Iglesia.
- Algo cuya omisión no cambiaría en nada la validez de la forma.

Ninguna de estas expresiones significa el episcopado en general, ni la plenitud de la Santa Orden que posee un obispo.

D. ¿Significa el efecto unívocamente?

Ahora comenzamos a aplicar un poco más el criterio de la sección I.

Pío XII en su Constitución *Sacramentum Ordinis* declaró que la forma de las Sagradas Órdenes debe "significar unívocamente los efectos sacramentales, es decir, el poder del Orden y la gracia del Espíritu Santo".

La nueva forma falla en estos dos puntos.

(1) **No es unívoca**. La expresión Espíritu soberano no es unívoca, es decir, no es un término que significa una sola cosa, como Pío XII exigió. Como hemos demostrado anteriormente, la expresión es ambigua, capaz de significar muchas cosas y personas diferentes.

Entre sus varios significados encontramos uno que connota al Espíritu Santo, pero no en un sentido exclusivamente limitado a los obispos. Los abades coptos, el rey David y los líderes virtuosos pueden recibir este Espíritu soberano.

(2) **No expresa el poder del Orden**. Entre sus diversos significados, sin embargo, no encontramos el poder del Orden (potestas ordinis) del episcopado. La expresión Espíritu soberano ni siquiera connota equivocadamente el Sacramento del Orden en ningún sentido.

Tampoco connota lo que los teólogos que asesoraron a Pío XII dijeron que la forma sacramental para conferir el episcopado debe significar: la "plenitud del sacerdocio de Cristo en el oficio y orden episcopal" o la "plenitud o totalidad del ministerio sacerdotal".

Uno de los elementos constitutivos de la forma capaz de conferir el Orden, por lo tanto, está ausente.

Así que tenemos una respuesta para la pregunta con la que comenzamos esta sección:

¿La nueva forma sacramental significa unívocamente los efectos sacramentales, es decir, el poder del Orden (el episcopado) y la gracia del Espíritu Santo?

La respuesta es **no**.

VII. ¿Cambio sustancial?

Pregunta: ¿Es este un cambio sustancial en la forma sacramental que confiere el Orden del Episcopado?

Un cambio sustancial, como vimos en la sección I, ocurre en una forma sacramental "cuando el significado de la forma misma es corrompido", si las palabras "tienen un significado diferente al pretendido por la Iglesia", si ya no expresan "completamente e igualmente" el significado pretendido y deseado por Cristo.

Ahora bien, para las Sagradas Órdenes, Pío XII nos dijo exactamente qué elementos debe expresar la forma sacramental: la gracia del Espíritu Santo y el poder del Orden que se confiere.

El término *Espíritu soberano* de la nueva forma de consagración episcopal promulgada por Pablo VI puede expresar el primero de estos elementos, el Espíritu Santo. De hecho, el pronombre que comienza la frase subordinada que la sigue, "que diste...", indica claramente que se refiere al Espíritu Santo.

Sin embargo, esta misma expresión, *Espíritu soberano*, no puede ni expresa el otro elemento requerido: el poder del Orden que se confiere. Esta noción está totalmente ausente en la nueva forma sacramental, que ya no significa adecuadamente lo que se pretende llevar a cabo: la plenitud del sacerdocio que constituye el Orden Episcopal.

Entonces nuestra pregunta fue: ¿Es este un cambio sustancial en la forma sacramental que confiere el Orden del Episcopado?

La respuesta es **sí**.

VIII. Un sacramento inválido

Pregunta: ¿Cómo afecta esta cambio sustancial de significado en la forma a la validez del sacramento?

Un cambio sustancial en el significado de la forma sacramental, como se vio en la sección I, hace que el sacramento sea inválido.

Esto nos lleva inexorablemente a la siguiente conclusión:

Por lo tanto, una consagración episcopal conferida por la forma promulgada por Paulo VI en 1968 es inválida.

Pasemos a dos objeciones.

IX. ¿Salvada por el contexto?

Objeción: Aun si la parte esencial del sacramento fuera determinada de manera insuficiente, aún estaría especificada adecuadamente en la frase "ejercer de modo irreprochable delante de Ti el sumo sacerdocio" que ocurre más tarde en el contexto.

El padre Pierre-Marie brevemente levantó esta objeción. Pero alguien podría hacer tal argumento solo si:

(1) La nueva forma sacramental contuviera ambos elementos requeridos por Pío XII (la gracia del Espíritu Santo y el poder del Orden).

(2) La forma significara uno de esos elementos de manera equívoca en lugar de unívoca.

Al menos se podría argumentar que la forma realmente contenía el elemento que Pío XII exigía y que el contexto lo especificaba adecuadamente. Sin embargo:

A. Certeza... o opinión?

Poco importa la fuerza con la que sea formulada, ya que si no es más que una opinión probable, tal argumento nunca producirá certeza moral para afirmar que la nueva forma sacramental es válida. Pues el contraargumento contundente siempre sería que Pío XII exigió que la forma fuera unívoca y punto final.

No es lícito en la administración y recepción de los sacramentos seguir una mera opinión probable sobre su validez. Hacerlo es un pecado mortal contra la religión, la caridad y (por parte del ministro) contra la justicia.

Además, esto es aún más cierto en el caso de la administración del sacramento de las Sagradas Órdenes debido al daño irreparable: misas, absoluciones y nuevos ritos inválidos resultantes de su invalidez.

Por lo tanto, nadie podría ni conferir ni recibir las Sagradas Órdenes basándose en la opinión de que el nuevo rito de consagración episcopal sería válido, ni siquiera ejercer una función sacerdotal basándose en tal opinión.

B. Un Contra-argumento

Y el argumento del contexto, de cualquier manera, falla en todos los sentidos.

Otras reconstrucciones de la oración de consagración episcopal de la *Tradición Apostólica* de Hipólito contienen una petición a Dios para que el obispo reciba "el poder... de conferir órdenes según tu decreto".

El Prefacio de Consagración de Paulo VI en este punto pide que reciba el poder de "distribuir dones (o cargos) según tu mandato". La traducción oficial al inglés lo traduce como "distribuye los ministerios según tu designio".

Un obispo mormón con su propio Espíritu soberano puede designar ministros, e incluso Papá Noel puede distribuir regalos.

La noción de conferir las Sagradas Órdenes, el poder distintivo que caracteriza la plenitud del sacerdocio, ha sido eliminada del nuevo Prefacio.

Que esta omisión se haya hecho deliberadamente es evidente a partir de la forma de la consagración episcopal copta que consultó el padre Botte para reconstruir el texto de Hipólito. Después de la frase que la precede, esta forma específica además declara que el obispo tiene la tarea de proveer al clero "el sacerdocio... establecer nuevas casas de oración y consagrar altares".

La eliminación del poder del Orden de la forma anglicana de consagración episcopal fue una de las razones aducidas por León XIII para declarar inválidas las órdenes anglicanas, "porque entre los primeros deberes del episcopado está el ordenar ministros para la Santa Eucaristía y el sacrificio".

C. No solo equívoca, sino PERDIDA.

Sin embargo, ni siquiera se puede argumentar a favor de la validez, porque la nueva forma ni siquiera significa equivocadamente uno de los elementos que Pío XII dijo que la forma sacramental debe contener: el poder de la Orden que se confiere.

Este elemento está ausente, por lo que no hay nada que especificar o determinar por el contexto. Intentarlo es un esfuerzo en vano.

Si recito todas las oraciones y realizo todas las ceremonias prescritas por el Ritual Romano para el bautismo, pero omito, Dios no lo permita, la palabra "bautizo" al derramar el agua sobre la cabeza del niño, el sacramento es inválido. Todas las demás oraciones que constituyen el rito, por mucho que hablen del bautismo, la purificación, la vida de la gracia, no pueden hacer que la forma sea válida. Falta un elemento esencial en la forma, por lo que no hay nada, ni siquiera un término equívoco, que pueda ser especificado de alguna manera por el contexto.

Lo mismo sucede aquí. El poder de la Orden está ausente de la forma y el contexto no puede traerlo de vuelta.

Todo lo que queda es el "Espíritu soberano", que puede referirse al Espíritu Santo, o a uno de sus efectos, o al Padre, o al conocimiento, o a las virtudes de un abad copto.

X. Aprobado por el Papa.

Objeción: Aunque la forma sacramental no signifique unívocamente uno de los efectos sacramentales (el poder de orden del episcopado), la aprobación dada por Paulo VI garantizaría que la forma fuera válida.

Esta es la última y más débil argumentación a favor de la validez, no solo porque presume que las declaraciones autoritativas de la Iglesia no necesitan una justificación teológica coherente, sino también porque atribuye erróneamente al papa un poder que no posee.

A. ¿Sin el poder de cambiar?

No início de la *Sacramentum Ordinis*, Pío XII, reiterando la enseñanza del Concilio de Trento, afirma: "la Iglesia no tiene poder sobre 'la sustancia de los Sacramentos, es decir, sobre aquellas cosas que, como está probado por las fuentes de la revelación divina, Nuestro Señor mismo estableció para ser mantenidas como signos sacramentales" [79].

Con respecto a las Santas Órdenes, "la Iglesia no posee poder sobre el significado de la forma, porque pertenece a la sustancia del sacramento instituido por Cristo" [80]. Cristo mismo prescribió que para las Santas Órdenes se usaran palabras y signos "capaces de expresar... el poder de la Orden" [81].

La nueva forma de consagración episcopal no expresa este poder, ni siquiera de manera equívoca. Por lo tanto, cambia la sustancia de un sacramento tal como fue establecido por Cristo. Ningún papa tendría el poder de hacer válida una forma así.

B. ¿O una mudanza significa sin poder?

Se la fe nos dice que la Iglesia no tiene poder para cambiar la sustancia de los sacramentos, y Pablo VI de hecho cambió la sustancia del sacramento, haciéndolo inválido, solo podemos llegar a una conclusión: él no era el Papa.

La invalidez del rito de consagración episcopal de Pablo VI, entonces, es solo otra evidencia que confirma la apostasía de la fe y la consiguiente pérdida de autoridad de los Papas del Concilio Vaticano II.

Que el hombre que ocupa la Sede de Roma no sea un verdadero obispo debería servir como una prueba adicional de que no es un verdadero Papa.

XI. Resumen

En las secciones anteriores, hemos tratado una variedad de temas. Ahora ofrecemos un resumen al lector.

A. Principios generales

(1) Todo sacramento tiene una forma (su forma esencial) que produce su efecto sacramental. Cuando se introduce un cambio de significado sustancial en la forma sacramental por corrupción u omisión de las palabras esenciales, el sacramento se vuelve inválido (= "no funciona", o no produce el efecto sacramental).

(2) Las formas sacramentales aprobadas en uso en los ritos orientales de la Iglesia Católica a veces difieren en palabras de las formas del rito latino. Sin embargo, siempre son las mismas en sustancia y son válidas.

(3) Pío XII declaró que la forma de las Sagradas Órdenes (es decir, diaconado, presbiterado y episcopado) debe significar unívocamente (sin ambigüedad) los efectos sacramentales: el poder de la Orden y la gracia del Espíritu Santo.

(4) Para conferir el episcopado, Pío XII designó como forma sacramental una oración del rito tradicional de la consagración episcopal que expresa unívocamente el poder de la orden que recibe el obispo y la gracia del Espíritu Santo.

B. Aplicando a la nueva forma

(1) La nueva forma de consagración episcopal que Paulo VI promulgó no parece especificar el poder de la Orden que supuestamente se confiere. ¿Es capaz de conferir el episcopado? Para responder a esto, apliquemos los principios mencionados anteriormente.

(2) La valiente oración de consagración episcopal de Paulo VI no es idéntica a las extensas formas orientales y, a diferencia de ellas, no menciona el poder sacramental propio de la orden episcopal (es decir, el poder de ordenar). Las oraciones del rito oriental que siguen más de cerca el Prefacio consagratorio de Paulo VI son oraciones no sacramentales usadas en la entronización de los Patriarcas maronitas y sirios, que ya son obispos cuando son designados para la función. En resumen, no se puede utilizar el argumento de que la forma de Paulo VI esté "en uso en dos ritos orientales ciertamente válidos".

(3) Diversos textos antiguos (de Hipólito, las Constituciones Apostólicas, el Testamento de Nuestro Señor) que comparten algunos elementos en común con el prefacio consagratorio de Paulo VI fueron "reconstruidos", tienen una procedencia dudosa, pueden no haber sido realmente usados en la liturgia, etc. No hay evidencia de que hayan sido "aceptados y utilizados por la Iglesia como tales". Por lo tanto, no ofrecen evidencia confiable a favor de la validez de la forma de Paulo VI.

(4) El problema clave de la nueva forma gira en torno al término Espíritu soberano (Spiritus principalis en latín). Antes y después de la promulgación del rito de consagración episcopal de 1968, el significado de esta expresión ha provocado preocupaciones sobre su suficiencia para significar el sacramento.

(5) Monseñor Bernard Botte, el principal creador del nuevo rito, sostuvo que, para los cristianos del siglo III, Espíritu soberano connotaba el episcopado, ya que los obispos poseen "el espíritu de autoridad" como "gobernantes de la Iglesia". Spiritus principalis significa "el don del Espíritu propio del líder".

(6) Esta explicación es falsa y maliciosa. Referencias a diccionarios, comentarios bíblicos, Padres de la Iglesia, un tratado de dogmática y ceremonias de investidura no sacramentales de los ritos orientales revelan que, entre una docena de significados diferentes y a veces contradictorios, Espíritu soberano no significa específicamente ni el episcopado en general, ni la plenitud de las Sagradas Órdenes que el obispo posee.

(7) Antes de que surgiera la controversia sobre esto, el propio Monseñor Botte dijo que no veía cómo la omisión de la expresión Espíritu soberano cambiaría la validez del rito de consagración.

(8) La nueva forma no cumple con los dos criterios señalados por Pío XII para la forma de las Sagradas Órdenes. (a) Porque el término Espíritu soberano puede significar muchas cosas o personas diferentes, no significa unívocamente el efecto sacramental. (b) No posee ningún término que siquiera connotativamente denote el poder de la Orden que un obispo posee: "la plenitud del sacerdocio de Cristo en el oficio y orden episcopal" o "la plenitud o totalidad del ministerio sacerdotal".

(9) Por estas razones, la nueva forma constituye un cambio sustancial en el significado de la forma sacramental que confiere el episcopado.

(10) Un cambio sustancial en el significado de una forma sacramental, como ya hemos demostrado anteriormente, invalida el sacramento.

C.Conclusión: Un sacramento inválido.

Por todas as razones expuestas hasta ahora, una consagración episcopal conferida con la forma sacramental del rito promulgado por Paulo VI en 1968 es inválida.

Cuando era seminarista en el Medio Oeste entre finales de los años 1960 y principios de los 1970, escuchaba a muchos modernistas repudiar la concepción tradicional de sucesión apostólica como "teología de cañerías", una doctrina no bíblica, una "reflexión de la fe" hecha después de los hechos, y burlándose de la noción tradicional de formas sacramentales como "palabras mágicas" y sinsentido.

Durante la misma época posterior al Vaticano II, los modernistas expertos en liturgia trabajaron arduamente para elaborar el nuevo rito de consagración episcopal. Al leer ahora mucho de lo que ellos escribieron, llenos como están de esas afirmaciones falaces de "retorno a las fuentes", de lenguaje ambiguo, de desprecio por la teología sacramental escolástica y de la arrogancia pestilente que emana de cada página, no tengo ninguna dificultad en creer que estos hombres se pusieron a producir un rito que destruiría la sucesión apostólica tal como se entendía tradicionalmente.

Como hemos visto, tuvieron éxito. La erradicación de la sucesión apostólica procede de su "broma" sobre la Iglesia. Así, los modernistas ya no necesitan burlarse de las "cañerías". Las rompieron en 1968. Los obispos

consagrados con este nuevo rito ya no poseen el verdadero poder sacramental de los verdaderos obispos y no pueden consagrar válidamente a otros obispos o ordenar a otros sacerdotes.

Los sacerdotes que descienden su ordenación de estos obispos no pueden, a su vez, consagrar la Eucaristía válidamente en la Misa, perdonar los pecados o ungir a los moribundos. Este es un pecado contra las virtudes de la religión, la justicia y la caridad. Los sacerdotes que reciben de buena fe órdenes inválidas están privados del carácter sacerdotal y los laicos que reciben sacramentos inválidos por sus manos están privados de la gracia.

Ya sería bastante malo que este fenómeno de sacramentos inválidos se limitara exclusivamente a las parroquias y sacerdotes que han abrazado completamente los cambios del Vaticano II, pero también se ha extendido a lugares donde se ofrece la Misa tradicional en latín.

Desde 1984, las Misas tradicionales bajo "indulto", autorizadas por las diócesis, han surgido por todas partes, siendo ofrecidas por sacerdotes ordenados por obispos que fueron consagrados en el nuevo rito. Todas estas misas son inválidas, pero muchos católicos inocentes, sin otra opción, adoran y reciben solo pan.

Sin embargo, aún más peligrosos son los institutos sacerdotales y religiosos que ahora ofrecen la Misa tradicional en latín con la plena aprobación y reconocimiento de la jerarquía modernista: la Fraternidad de San Pedro, el Instituto Cristo Rey, la Administración Apostólica de San Juan María Vianney, los benedictinos de Fogambault, etc.

Mientras dan la impresión de mantener el catolicismo en su integridad, estas instituciones están completamente comprometidas con los modernistas. Sus miembros están obligados a adherirse plenamente a los errores del Vaticano II y a cooperar con los obispos diocesanos y su falso clero.

Los jóvenes atraídos por las glorias del catolicismo y los ideales del sacerdocio entran en estos seminarios y monasterios con la esperanza de ser ordenados sacerdotes algún día según la ceremonia íntegramente tradicional previa al Vaticano II. Pero saldrán de esas ceremonias tan laicos como eran cuando ingresaron algunos años antes, porque el obispo que los ordenó no poseía la plenitud del sacerdocio, sino solo el vacío Espíritu soberano.

En lo que respecta a los superiores de la FSSPX, su intento de comprar una capilla lateral en la Iglesia Ecuménica Mundial de Ratzinger mediante la defensa de su falso episcopado constituye una traición contra los sacerdotes, los fieles y el fundador de la Fraternidad.

Porque a pesar de las doctrinas incoherentes y peligrosas de la Fraternidad sobre el Papa y el Magisterio Ordinario Universal, uno podría al menos encontrar consuelo en el hecho de que se mantenía por la validez de los sacramentos.

Pero si la nueva línea manifestada en el artículo del Padre Pierre-Marie prevalece, esta validez se perderá. Y si una "reconciliación" debería ocurrir, será entonces solo cuestión de tiempo para que el falso clero comience a aparecer en el apostolado de la FSSPX, cortesía, quizás, de un cardenal o incluso del propio "Obispo" de Roma, con el propósito de hacer un gesto de buena voluntad ecuménica.

¿Quién, entonces, en los escalones de la FSSPX tendrá el coraje de resistir? ¿Quién, entonces, como el Arzobispo Marcel Lefebvre, levantará su voz contra estos "ritos bastardos", estos "sacerdotes bastardos", estos "sacramentos bastardos" que ya no pueden comunicar la gracia?

Y el laicado tradicionalista, traicionado por el compromiso de sus hijos con los modernistas, se preguntará nuevamente si estos sacramentos son algo más que un espectáculo vacío, absolutamente nulo y totalmente vano.

25 de marzo de 2016
Arzobispo Lefebvre

APÉNDICE 1

Dos notas sobre el artículo del Padre Pierre-Marie

A. ¿Doctores de la Iglesia consagrados inválidamente? El Padre Pierre-Marie argumenta que, al atacar la validez del nuevo rito, implícitamente se está atacando también las ordenaciones y consagraciones de varios Doctores de la Iglesia - suponiendo que la forma para las Sagradas Órdenes en Alejandría y Antioquía era más o menos la misma que el rito de Pablo VI.

Sin embargo, el propio Dom Botte demostró que la verdadera forma utilizada para conferir las Sagradas Órdenes en estos ritos no era la de Hipólito, sino la forma "La divina gracia..." todavía utilizada por el rito bizantino.

B. Tablas de comparación. El Padre Pierre-Marie presenta tres tablas muy llamativas con textos latinos puestos en paralelo. Así pretende demostrar que el texto de Pablo VI para la consagración de obispos es fundamentalmente el mismo que los textos de consagración episcopal utilizados en los ritos orientales y en la Iglesia antigua y, por lo tanto, es válido.

Pero las tablas de comparación no valen más que los textos seleccionados, y los textos que el Padre Pierre-Marie eligió son totalmente inútiles para su argumento.

El texto base de comparación es la versión latina del prefacio de consagración episcopal de 1968 compuesto, con seguridad, por Dom Botte. El Padre Pierre-Marie nos ofrece los siguientes textos para comparar:

(1) **Tradição Apostólica de Hipólito:** Esta es la reconstrucción de 1963 de Dom Botte. Incluirlo en una tabla de comparación no prueba nada sobre la validez de la forma de 1968, simplemente muestra que Dom Botte tuvo la oportunidad de escribir dos veces lo mismo.

(2) **Las Constituciones Apostólicas:** Este texto, que se considera obra de un hereje arriano, es un texto compuesto y puede no representar la práctica litúrgica real. No es una gran prueba a favor de la validez.

(3) **Testamento de Nuestro Señor Jesucristo:** No se sabe en qué medida representa una práctica litúrgica histórica. Aquí nuevamente no hay una prueba contundente de validez.

(4) **Consagración del Patriarca Maronita:** Este texto no es la forma sacramental maronita de consagración episcopal, sino una oración de entronización no sacramental para el Patriarca que ya es obispo.

(5) **Rito Copto de Consagración Episcopal:** Aquí el Padre Pierre-Marie al menos proporciona un texto basado en una consagración episcopal reconocida y válida. Sin embargo:

a. Tomó su traducción latina del Denzinger *Ritus Orientalium*, que en el caso de los textos coptos se basó en otra versión latina "llena de traducciones mal hechas" y, por lo tanto, "debería ser tratado con cautela" .
b. Esta versión hace una mala traducción de la frase que especifica el poder del obispo de "dar a los sacerdotes, según el mandamiento del Señor, el sacerdocio". Dom Botte distorsionó esta frase en su reconstrucción de 1963 como "distribuir los ministerios" y en su prefacio consagratorio de 1968 como "distribuir los dones". Esto debería haber levantado sospechas, pero no ocurrió así porque el Padre Pierre-Marie utilizó una mala traducción.

Em resumen, el Padre Pierre-Marie presenta en su tabla tres textos antiguos disputados (la "reconstrucción" de Hipólito hecha por Dom Botte, las Tradiciones Apostólicas y el Testamento de Nuestro Señor), un rito de entronización no sacramental (para el Patriarca Maronita) y una mala traducción (versión latina de

Denzinger/Scholz) que omite una palabra clave (ordenar sacerdotes) de la forma sacramental copta.

Ninguno de ellos, obviamente, comprueba la validez del nuevo rito.

Apéndice 2

Una nota sobre los coptos

Después de la conquista del norte de África por los musulmanes, los coptos entraron en un período de larga decadencia.

Los candidatos mal formados obtenían el Patriarcado, a veces por soborno. La formación del clero secular era nula y un poco mejor en los monasterios.

Aquí algunas notas sobre las prácticas sacramentales de los coptos:

- Si un bebé moribundo no podía ser llevado a la Iglesia para el bautismo, los sacerdotes se contentaban con ungirlo, bendecirlo y recitar los exorcismos, porque la ley sacramental copta decía que cualquiera de estas ceremonias podía sustituir al bautismo.
- En los siglos XII y XIII, hubo una serie de intentos a favor de la abolición total de la confesión auricular, sustituyéndola por un tipo de absolución general durante la Misa.
- El obispo copto responsable de la región de Etiopía ordenaba a miles de sacerdotes africanos de una vez, algunos de ellos asistían completamente desnudos a la ceremonia.
- Debido a la forma en que algunos sacerdotes coptos administraban el bautismo, había razones para dudar de su validez, por lo que el Santo Oficio decretó en 1885 que se hiciera una investigación cada vez que un copto se convirtiera.

Que los modernistas hayan cambiado el venerable prefacio romano de consagración episcopal por un texto litúrgico ligado a una secta decadente, cismática y herética, constituye un oprobio eterno contra su insufrible arrogancia y locura.

Bibliografía

Acta Apostolicae Sedis. Periodical. Rome. 1909–. (“AAS”)

Adam, Adolf. Foundations of Liturgy: An Introduction to Its History and Practice. Collegeville MN: Liturgical Press 1992.

Attwater, Donald. Christian Churches of the East: Churches in Communion with Rome and Churches Separated from Rome. Milwaukee: Bruce 1961. 2 vols

Beraudy, R. “Le Sacrement de l’Ordre d’après la Tradition Apostolique d’Hippolyte,” Bulletin du Comité des Études 36 (1962). 338–356.

Botte, Bernard, osb. “Christian People and Hierarchy in the Apostolic Tradition of St. Hippolytus,” in Roles in the Liturgical Assembly, trans. by Matthew J. O’Connell. New York: Pueblo 1981. 61–72.

——. “La Formule d’Ordination ‘la Grâce Divine’ dans les Rites Orientaux,” L’Orient Syrien 2 (1957). 283–96.——. From Silence to Participation: An Insider’s View of Liturgical Renewal. Washington: Pastoral 1988.

——. Louvain conference notes, July 1961. “Le Rituel d’Ordination dans la ‘Tradition Apostolique’ d’Hippolyte,” Bulletin du Comité des Études 36 (1962). 5–18.

——. “Holy Orders in the Ordination Prayers,” in Roquette, R., ed., 3–29.

——. “L’Ordination de l’Évêque,” La Maison-Dieu 97 (1969). 111–126.

[——]. “De Ordinatione Episcopi Uni Tantum Conferenda: Commentarium,” Ephemerides Liturgicae 83 (1969). 42–58.

[——]. “Schema Comparatum Rituum Ordinationis,” Ephemerides Liturgicae 83 (1969). 61–6.

——. “’Spiritus Principalis’: Formule de l’Ordination Épiscopale,” Notitiae 10 (1974). 410–1.

——. La Tradition Apostolique de Saint Hippolyte: Essai de Reconstitution. 2nd ed. Munster: Aschendorff 1963.

Bradshaw, Paul F. Ordination Rites of the Ancient Churches of East and West. New York: Pueblo 1987.

Brandolini, Luca. “L’Evoluzione Storica dei Riti delle Ordinazioni,” Ephemerides Liturgicae 83 (1969). 67-87.

Bugnini, Annibale, CM. La Riforma Liturgica: 1948–1975. Rome: CLV Edizioni Liturgiche 1983.

Burmester, O.H.E. The Egyptian or Coptic Church: A Detailed Description of Her Liturgical Servicess. Cairo: Soc. d’Archéologie Copte 1967. ——, trans. Ordination Rites of the Coptic Church. Cairo: 1985.

Cabié, Robert et al. The Sacraments, trans. by Matthew O’Connell. Vol. III of Martimort, A.G., ed., The Church at Prayer. Collegeville MN: Liturgical Press 1986.

Cappello, Felix. Tractatus Canonico-Moralis de Sacramentis. Rome: Marietti 1951. 5 vols.

Chavasse, A. “Le Rituel d’Ordination du Sacramentaire Gélasien,” Bulletin du Comité des Études 36 (1962). 19–37.

Coomaraswamy, Rama, md. “The Post-Conciliar Rite of Holy Orders,” Studies in Comparative Religion 16.2-2.Coronata, M. De Sacramentis: Tractatus Canonicus. Turin: Marietti 1943. 3 vols.

Dalmais, I.-H. “Formule les plus Charactéristiques des Ordinations Orientales,” Bulletin du Comité des Études 36 (1962). 384–393.

——. “Ordinations et Ministères dans les Églises Orientales,” La Maison-Dieu 102 (1970). 73–81.

Davies, Michael. Apologia pro Marcel Lefebvre. Dickinson TX: Angelus Press 1979. Vol 1.

Denzinger, H. editor. Enchiridion Symbolorum. 31st ed. Barcelona: Herder 1957. (“DZ.”)

——. Ritus Orientalium. Wurzburg: 1863–4. (“RO”)

DeSmet, B., osb. “Le Sacre des Éveques dans l’Église Syrienne: Traduction,” L’Orient Syrien 8 (1963). 163–212.

Dictionnaire de Théologie Catholique. Paris: Letouzey 1913. (“DTC”)

Dix, Gregory. The Treatise on the Apostolic Tradition of St. Hippolytus of Rome. Reissued with corrections, preface and bibliography by Henry Chadwick. London: SPCK 1968.

Doronzo, Emmanuel, omi. De Ordine: Tractatus Dogmaticus. Milwaukee: Bruce 1959. 2 vols.

Douroux, B., op. “Commentarium,” Notitiae 10 (1974). 394-5.

Easton, Burton Scott, trans. The Apostolic Tradition of Hippolytus. Archon 1962.

Forcellini, A. Lexicon Totius Latinitatis. Padua: 194. 6 vols.

Fortescue, Adrian. The Lesser Eastern Churches. London: CTS 1913.

Gasparri, Petro. Tractatus de Sacra Ordinatione. Paris: Delhomme 1893.

Genicot, E. Institutiones Theologiae Moralis. Brussels: DeWitt 1921. 2 vols.

Gingrich, F. & F. Danker, A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature. Chicago: University Press 1957.

Glare, P. Oxford Latin Dictionary. Oxford: Clarendon 1994.

Grisbrooke, W.J. “Les Réformes Récentes des Rite d’Ordination dans les Églises,” La Maison-Dieu 139 (1979). 7–30.

Gy, P-M., op. “Les Anciens Prières d’Ordination,” La Maison-Dieu 138 (1979). 91–122.

——. “Notes on the Early Terminology of Christian Priesthood,” in Roquette, R. ed.
98–115

Hanssens, J.M, sj. La Liturgie d’Hippolyte: Ses Documents, Son Titutlaire, Ses Origines et Son Charactère. Rome: Oriental Institute 1959.

Hürth, F., sj. “Commentarius ad Cons. Apostolicam Sacramentum Ordinis,” Periodica 37 (1948). 9–56.

Khouris-Sarkis, G. “Le Rituel du Sacre des Éveques et des Patriarches dans l’Église Syrienne d’Antioch: Introduction,” L’Orient Syrien 8 (1963). 137-164.

Jugie, Martin. “Monophysite (Église Copte),” in DTC 10:2251–2306.

——. Theologia Dogmatica Christianorum Dissidentium: De Theologia Dogmatica Nestorianorum et Monophysitarum, vol. 5. Paris: Letouzey 1935.

Lampe, G. A Patristic Greek Lexicon. Oxford: Clarendon 2000.

Lanne, Emmanuel, osb. “Les Ordinations dans le Rite Copte: Leurs Rélations avec les Constitutions Apostoliques et la Tradition de Saint Hippolyte,” L’Orient Syrien 5 (1960). 81–106.

Lécuyer, Joseph, cssp. “Épiscopat et Presbytérat dans les Écrits d’Hippolyte de Rome,” Rechérche de Science Religieuse 41 (1953). 30–49.

——. “Le Pontificale Romain et la ‘Tradition Apostolique’ d’Hippolyte,” Nouvelle Revue Théologique 87 (1967). 601–606.

——. “Remarques sur les Prières d’Ordination,” in Liturgia Opera Divina e Umana. Rome: CLV Edizioni Liturgiche 1982.

——. Le Sacrement de l’Ordination. Paris: Beuchesne 1983.

Leo XIII Pope. Bull Apostolicae Curae, 13 September 1896. DZ 1963–6.

Lewis & Short. A New Latin Dictionary, 2nd ed. New York: 1907.

Lodi, Enzo, editor. Enchiridion Euchologicum Fontium Liturgicorum. Rome: CLV Edizioni Liturgiche 1979.

Many, S. Praelectiones de Sacra Ordinatione. Paris: Letouzey 1905.

Martimort, M. “Le Sacre Épiscopal dans le Rite Romain,” Bulletin du Comité des Études 36 (1962). 82–92

Merkelbach B., op. Summa Theologiae Moralis. 8th ed. Montreal: Desclée 1949. 3 vols.

Omlor, Patrick Henry. Questioning the Validity of the Masses using the New All-English

Canon. February 1969. Reprinted in The Robber Church. Stouffville, Ontario: Mattacchione 1998.

Orchard, B. ed. A Catholic Commentary on Holy Scripture. London: Nelson 1953.

Pasté, Romualdus. “De ‘Forma’ Ordinationis Sacerdotalis in Ritu Byzantino seu Graeco,” Ephemerides Liturgicae 41 (1927). 511–17.

Patrologia Graeca. Migne. (“PG”)

Paul VI. De Ordinatione Episcopi, Presbyterorum et Diaconorum, ed. typ. alt. Rome: Polyglot 1990.

——. Apostolic Constitution Pontificalis Romani, 18 June 1968. AAS 60 (1968). 369– 73.

Pierre-Marie, op, Fr. “Why the New Rite of Episcopal Consecration is Valid,” The Angelus, December 2005 : 2–16; January 2006: 2–22.

Pistoia, Alessandro, cm. “Note sulla Teologia del Nuovo Rito delle Ordinazioni,” Ephemerides Liturgicae 83 (1969). 88–98.

Pius XII. Constitution Sacramentum Ordinis, 30 November 1947. DZ 2301.

Pohle, Joseph. The Divine Trinity: A Dogmatic Treatise, 2nd ed. Trans. by Arthur Preuss. St. Louis: Herder 1915.

“Prières d’Ordination de l’Église Ancienne,” La Maison-Dieu 138 (1979) 143-9.

Regatillo, E. Jus Sacramentarium. 2nd ed. Santander: Editorial Santander 1949.

The Rites of the Catholic Church. Vol. 2. Trans by ICEL. New York: Pueblo 1980.

Rore Sanctifica: Invalidité du Rite de Consécration Épiscopale de ‘Pontificalis Romani.’ Éditions Saint-Remi 2005. rore-sanctifica.org

Roquette, Robert, ed. The Sacrament of Holy Orders. Collegeville MN: Liturgical Press 1962.

Rose, André. “La Prière Consécratoire de l’Évêque,” La Maison-Dieu 97 (1969). 127– 142.

SC Doctrine of the Faith. Declaration Instauratio Liturgica, 25 January 1974. AAS 66 (1974). 661.

SC Divine Worship. Circular Letter Dum Toto Terrarum, 25 October 1973. AAS 66 (1974). 98–9;

Souter, A. Glossary of Later Latin to 600 AD. Oxford: Clarendon 1949.

Wainwright, Geoffrey. “Quelques Aspects Théologiques de l’Ordination,” La MaisonDieu 139 (1979). 31-72E

Notas

[1] El único estudio ampliamente difundido que conozco en inglés es el de R. Coomaraswamy, “The Post-Conciliar Rite of Holy Orders”, en Studies in Comparative Religion 16.2-2.

[2] Rore Sanctifica: “Invalidité du rite de consécration épiscopale Pontificalis Romani“, (Edición Saint-Rémi, 2005). www.rore-sanctifica.org

[3] Sel de la Terre, n°54 (otoño 2005), 72-129.

[4] H. Merkelbach, Summa Theologiae Moralis, 8ª ed., (Montreal, Desclée, 1949) 3:20. “Cuando el sentido mismo de la forma se corrompe... tenga un sentido diferente al sentido querido por la Iglesia”.

[5] M. Coronata, De Sacramentis, (Turín, Marietti, 1953) 1:13. "Se modifica de tal manera que el sentido querido o deseado por Cristo ya no se exprese completamente y adecuadamente a través de ella".

[6] F. Cappello, De Sacramentis, (Roma, Marietti, 1951) 1:15.

[7] F. Cappello 1:15. “La forma es inválida si una nueva palabra se introduce debido a una corrupción en los aspectos sustanciales”.

[8] F. Cappello, 1:15. “Por detracción: la forma es inválida si se eliminan palabras que expresan la acción sacramental o el sujeto”.

[9] E. Regatillo, Jus Sacramentarium, (Santander, Sal Terrae, 1949), 8. “Por transmutación, utilizando palabras sinónimas: si son totalmente sinónimas y están aceptadas en uso común, la forma es válida”.

[10] Citado por Cappello: 1:777.

[11] Ver Merkelbach, 3:127.

[12] Monseñor Donald Sanborn relata lo siguiente: Conversando a principios de 1983 con Monseñor Marcel Lefebvre y el padre Schmidberger sobre las negociaciones que tendrían lugar entre la Fraternidad y el Vaticano (plus ça change...), Monseñor Sanborn preguntaba cómo la Fraternidad podría aceptar alguna solución, cualquiera que fuera, cuando el Arzobispo nos había dicho tantas veces que consideraba inválido el rito de consagración episcopal. El Arzobispo replicó: "Aparentemente sería válido". Luego hizo un gesto invitando al padre Schmidberger a expresarse, y este dijo: "Es un rito oriental".

[13] Const. Apost. Sacramentum Ordinis (30 nov 1947), DZ 2301. ¶4. “por las cuales se expresan de manera unívoca los efectos sacramentales, a saber, el poder del Orden y la gracia del Espíritu Santo”.

[14] Sacr. Ord., DZ 2301. ¶5. “Completa en tu sacerdote la suma de tu ministerio, y con los ornamentos de toda la gloria de la unción celestial, santifícalo con el rocío del santo ungüento”.

[15] La tradition Apostolique de Saint Hippolyte: Essai de reconstitution, 2ª ed. (Münster: Aschendorff 1963).

[16] B. Botte, L’ordination de l’Evêque, Maison-Dieu 97 (1969), 119-20.

[17] B. Botte, From Silence to Participation: An Insider’s View of Liturgical Renewal (Washington: Pastoral 1988), 135.

[18] Const. Apost. Pontificalis Romani (18 jun 1968), AAS 30 (1968), 369-73.

[19] Traducción de la Conferencia Episcopal Portuguesa, Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos. 3ª ed., p. 40. “Y ahora, derrama sobre este elegido el poder que viene de ti, el Espíritu principal, que diste a tu Hijo amado Jesucristo, el cual él mismo otorgó a los santos Apóstoles, quienes establecieron la Iglesia en cada lugar como tu santuario, para la gloria y alabanza incesante de tu nombre”.

[20] Sac. Ord., DZ 2301. ¶4. “todo lo que se recibe y se usa como tal por la Iglesia”.

[21] “Why the New Rite”, (ene 2006), 10.

[22] Citado por Cappello 4:732. “En la concesión de los tres órdenes mayores... la forma es la misma oración que el que ordena recita mientras impone las manos en la ordenación”.

[23] H. Denzinger, Ritus Orientalium, Coptorum, Syrorum et Armenorum (Würzburg: Stahel 1863), en adelante RO, 1:140. “Entre los coptos está esa oración, ¿Quién eres, Señor, Dios omnipotente?, que se dice en su ritual como la oración de la cheirotonía”.

[24] cf. RO 2:23-24. Se divide en dos secciones. Según la rúbrica que se encuentra en el pie de página, el obispo ordenante continúa manteniendo su mano impuesta durante la parte que sigue a la interjección del Arcediano.

[25] Traducción de O.H.E. KHS- Burmester, Ordination Rites of the Coptic Church, (El Cairo, 1985), 110:-1. RO 2-24 traduce en latín la frase “concede padres… sacerdocio” como: “constituendi cleros (klêros árabe: clerigos) según su mandato en el santuario”, añadiendo en el pie de página “en el orden sacerdotal”.

[26] RO 1-141. “Entre los sirios, maronitas y jacobitas, la forma del episcopado es según Assemano en esas dos oraciones o en una de ellas: Dios, que por medio de estos pontífices embelleces toda tu Iglesia con la imposición de manos, etc..., Dios de dioses y Señor de señores, que sigue en ambos casos después de que el obispo con la mano impuesta haya dicho: Incluso, Señor Dios, etc...”. El texto que Denzinger da para la oración en RO 2–195 en realidad comienza con “Eia” en lugar de “Incluso”. Los maronitas usan las dos oraciones.

[27] RO 2:195. “reciba el sublime orden de los obispos”. RO 196-7. “perfecciona con nosotros tu gracia y tu don” “perfecciona... el ministerio sacerdotal”.

[28] RO 2:198. “Espíritu... Santo principal”. “expulsa todas las ligaduras”.

[29] RO 2:220.

[30] RO 1:141. “Pero en nuestro orden, tomado del código florentino, solo se encuentra esto: Dios, que todo lo hace por tu poder”.

[31] RO 2:97.

[32] RO 2:97. “con el fin de... establecer sacerdotes, ungir diáconos; consagrar altares e iglesias; bendecir casas; promover vocaciones al (servicio eclesiástico)”.

[33] Para la oración de entronización del Patriarca, ver B. De Smet, Le Sacre des Evêques dans l’Eglise syrienne: texto, L’Orient Syrien, 8 (1963), 202-4.

[34] De Smet 166-7. “Por el mismo rito de la quirotonía, es decir, las mismas oraciones y el mismo oficio con los cuales el patriarca mismo consagra a los metropolitanos y obispos, por estos mismos ritos también lo consagrarán a él... hay, en la consagración del patriarca, tres elementos que le son propios, a saber:... 2º La invocación del Espíritu Santo, de la que está escrito en Clemente, y que daremos más adelante: se dice únicamente sobre el patriarca por los pontífices que lo establecen”. (Énfasis añadido). El primer y el tercer elemento son la elección y la manera de conferir el báculo. La forma de consagración episcopal y la oración de entronización aparecen sucesivamente en las páginas 202-204, donde es fácil comparar las diferencias de contenido.

[35] G. Khouris-Sarkis, Le Sacre des Evêques dans l’Eglise Syrienne: Introducción, L’Orient Syrien, 8 (1963), 140-1, 156-7. “Pero el pontifical... hace una distinción entre la consagración conferida a los obispos y

la que se confiere al patriarca... y es por eso que el pontifical llama a esta consagración 'syom'îdo d-Episqûfé', imposición de manos a los obispos. La palabra utilizada en el título de la ceremonia para el patriarca, 'Mettasºrhonûto', es la acción de confiar una carga a alguien, de investirlo en ella".

[36] G. Khouris-Sarkis, 140-1. "En el primero, el elegido recibe un carisma diferente al que ya poseía... En el segundo, el patriarca no recibe un carisma diferente al que recibió en el momento en que fue creado obispo".

[37] La Liturgie d'Hippolyte: Ses Documents, Son Titulaire, Ses Origines et Son Caractère (Roma: Instituto Oriental, 1959), 249-340.

[38] P. Bradshaw, Ordination Rites of the Ancient Churches of East and West (Nueva York: Pueblo 1990), 3.

[39] P. Bradshaw, 3-4.

[40] "Essai de reconstitution".

[41] La tradition… Essai, XXXIII-IV.

[42] La tradition… Essai, XIV.

[43] La tradition… Essai, XVI.

[44] Louvain, notas de conferencia julio 1961, "Le Rituel d'Ordination dans la Tradition Apostolique d'Hippolyte", Bulletin du Comité 36 (1962), 5.

[45] Bradshaw, 4.

[46] Bradshaw, 4-5.

[47] Traducción de la Conferencia Episcopal Portuguesa, Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos. 3ª ed., p. 40. "Y ahora, derrama sobre este elegido el poder que viene de ti, el Espíritu principal, que diste a tu Hijo amado Jesucristo, el cual él mismo otorgó a los santos Apóstoles, quienes establecieron la Iglesia en cada lugar como tu santuario, para la gloria y alabanza incesante de tu nombre".

[48] Instituto Litúrgico Alemán (Tréveris), archivo de Kleinheyer, B117; citado por Fr. Pierre Marie, "Why the New Rite..." (ene 2005), 15 (énfasis añadido).

[49] SC del Culto Divino, Carta Circular Dum Toto Terrarum, 25 de octubre de 1973, AAS 66 (1974) 98-9; SC de la Doctrina de la Fe, Declaración Instauratio Liturgica, 25 de enero de 1974, AAS 66 (1974), 661. El segundo documento explicaba que cuando la Santa Sede aprueba una traducción: "Juzga que expresa correctamente el significado previsto por la Iglesia", pero también especificaba que la traducción "debe ser comprendida de acuerdo con el espíritu de la Iglesia como se expresa en el texto original en latín". Esta declaración es extraña. Una traducción conserva el significado sustancial del latín o no lo hace... En este último caso, el sacramento es inválido sin importar lo que se "estipule" – salvo por Humpty Dumpty en Through the Looking Glass: "Cuando yo uso una palabra... ella significa únicamente el sentido que yo elijo darle – ni más ni menos".

[50] B. Douroux, "Commentarium", Notitiae 10 (1974), 394-95 "siempre que la nueva fórmula siga significando la gracia especial conferida por el sacramento".

[51] B. Botte, "'Spiritus Principalis' Formule de l'ordination épiscopale", Notitiae 10 (1974), 410-1. "Es el don del espíritu que conviene a un jefe".

[52] P. Glare, Oxford Latin Dictionnary (Oxford, Clarendon, 1974). Similarmente, A. Forcellini, Lexicon Totius Latinitatis (Padua 1940); A. Souter, Glossary of Later Latin after 600 AD (Oxford, Clarendon, 1949); C. Lewis & C. Short, A New Latin Dictionnary (Nueva York: 1907).

[53] G. Lampe, A Patristic Greek Lexicon (Oxford, Clarendon, 2000). F. Gingrich & F. Danker, A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Litterature (Chicago University Press, 1957).

[54] Lampe, 599.

[55] Orchard ed., A Catholic Commentary of the Holy Scripture (Londres: Nelson 1953). 457.

[56] Lampe, 599. “Salmo 50:14; cf. Hipp.trad.ap.3.3”.

[57] Orígenes, In Jer Hom. 8, PG 13:336. “¿Qué son estos tres espíritus? El dominante es el Padre”.

[58] Orígenes, Comm. In Ep. Ad Rom. 7, PG 14:1103. “pero en estos el principado y dominación este Espíritu Santo, que también se llama principal”. Cirilo de Alejandría, Dubia de Trinitate 9, PG 77:1140., “el espíritu de Dios, el bueno, el principal”. Basilio el Grande, Adv. Eunomium 5.3, PG 29:753. “el Espíritu... y principal”.

[59] Cirilo de Alejandría, Expl. In Psalmos 50:14, PG 69:1100-1. “el Espíritu principal, que es la masculinidad a través del Espíritu Santo”.

[60] Atanasio, Ep. Ad Amunem Mon., PG 26:1176. “Y con el Espíritu principal... algunas poderosas capacidades por tus fuerzas”.

[61] J. Pohle, The Divine Trinity: A Dogmatic Treatise, 2ª ed. (San Luis: Herder 1915), 97.

[62] R. Beraudy, “Le Sacrement de l’Ordre d’après la Tradition Apostolique d’Hippolyte,” Bulletin du Comité 36 (1962), 341, 342.

[63] Tr. Burmester, Ordination Rites... Coptic, 97. “espíritu principal”. También RO 2:17. “espíritu hegemonico”.

[64] Tr. Burmester, Ordination Rites... Coptic, 118. “espíritu principal”. También RO 2:34. “en tu espíritu hegemonico”.

[65] B. Botte, L’ordination de l’Evêque, (cf. nota 16), 123. “pero si se omitieran inadvertidamente las palabras ‘espíritu principal’ no veo cómo eso cambiaría nada”. Dom Botte, un modernista típico, dedicó dos páginas de este artículo para repudiar las tradicionales garantías de validedad de la consagración episcopal, que fueron introducidas sobre los principios de la teología moral y dogmática.

[66] Sac. Ord. DZ 2301. ¶4. “por los cuales se significan inequívocamente los efectos sacramentales — es decir, el poder del Orden y la gracia del Espíritu Santo”.

[67] Forcellini, Lexicon 8:869. "propiamente de aquello que es de una sola voz... que se opone a multívoco o plurívoco... 'Unívocas son las que se contienen bajo el mismo nombre y la misma sustancia'".

[68] F. Hürth, "Comentario sobre la Constitución Apostólica Sacramentum Ordinis," Periodica 37 (1948), 31–2. "plenitud del sacerdocio de Cristo en el cargo y orden episcopal." "'totalidad' del ministerio sacerdotal."

[69] H. Merkelbach, 3:20.

[70] Coronata, 1:13. "ya no se expresa completamente y adecuadamente a través de ella."

[71] De Ordinatione Episcopi, Presbyterorum et Diaconorum, ed. typ. alt. (Roma: Polyglot 1990), 25. "Da... para que... te muestre el sumo sacerdocio sin reproche".

[72] "Por qué el nuevo rito..." (enero de 2005), 10.

[73] Cappello 1:25-6.

[74] Bradshaw, 107.

[75] De Ord. Ep., 25. "para que distribuya los dones según tu mandato".

[76] Burmester, Ritos de Ordenación, 111.

[77] Apostolicae Curae, 13 de septiembre de 1896, DZ 1965. "y esto aún más, porque entre las primeras funciones del episcopado está ordenar ministros para el santo sacrificio eucarístico".

[78] Nada podría ser más falso. Los teólogos que prepararon la declaración de Pío XII de 1947 sobre la materia y forma de las Santas Órdenes trabajaron en la cuestión durante 40 años y tomaron grandes precauciones para garantizar que el razonamiento teológico riguroso, coherente con la tradición, justificara cada palabra del proyecto. Cuando se publicó, el jefe de la comisión redactó un comentario de 50 páginas para demostrarlo.

[79] DZ 3201. "La Iglesia no tiene ninguna competencia en la 'sustancia de los sacramentos', es decir, en aquello que, según las fuentes divinas de la revelación, el mismo Cristo el Señor estableció que se debía mantener en el signo sacramental".

[80] Merkelbach 3:720. "En cuanto al sentido de la forma, ya que pertenece a la sustancia del sacramento instituida por Cristo, la Iglesia no tiene ninguna competencia".

[81] Merkelbach 3:18. "ha determinado... que la Iglesia debía emplear signos y palabras adecuadas para expresar el carácter y la gracia propios de la Confirmación, o el poder del Orden".

[82] Dom Botte sabía, por exemplo, que a oração síria ocidental para a sagração do Patriarca não era sacramental – que o título significava "cerimônia de investidura" em vez de sagração sacramental, pois "o Patriarca não recebe um carisma diferente do que já recebeu no momento em que foi consagrado bispo" KhourisSarkis, 140-1, 156-7. Ele sabia porque era um editor que contribuía com a l'Orient Syrien, a revista onde essas palavras apareceram. Sabia também porque ele mesmo escreveu um artigo onde demonstrava que a verdadeira forma sacramental antiga para a ordenação do biso nos ritos sírio e copta não era a de Hipólito, senão a oração "A divina graça…", usada no rito Bizantino. "A graça divina, sob a forma que encontramos no eucologio bizantino, é la forma sacramental mais antiga no Patriarcado Sírio" Botte, "La Formule d'Ordination," l'Orient Syrien 2 (1957), 295.

[83] Sermon, Lille (França), 29 ago 1976. In M. Davies, Apologia pro Marcel Lefebvre (Dickinson TX: Angelus Press 1979) 1:262–3. "O rito da (nova) missa é um rito bastardo, os sacramentos são sacramentos bastardos – não sabemos mais se são sacramentos que dão a graça ou que não dão a graça... Os padres que saem dos seminários são padres bastardos."

[84] "Why the New Rite," The Angelus, janeiro de 2006, 4.

[85] Ver B. Botte, "La Formule d'Ordination," l'Orient Syrien 2 (1957), 295.

[86] Cf. artigo, seção V.B.

[87] Cf. artigo, seção V.C.

[88] Cf. artigo, seção IV.C.

[89] RO 2:23ff

[90] Emmanuel. Lanne, "Denzinger se base sur une version faite par Scholz… La traduction de Scholz contient des gros contresens."

[91] Bradshaw, 8.

[92] Trans. Burmester, Ritos de Ordenação, 110-1. RO 2:24 traduz o copta como "constituendi cleros secundum mandatum ejus ad sanctuarium." No rodapé lê-se: "in ordine sacerdotali."

[93] "distribuat munera," "dare sortes." Botte também fez sumirem as frases que mencionavam a consagração das igrejas e dos altares.

[94] M. Jugie, "Monophysite (Église Copte)" DTC 10:2260. "Remarquons, à ce propos, que les patriarche coptes n’ont jamais brillé pour leur science; on en a vu de fort ignorants, et nous avons donné plus haut le nom d’un illtetré."

[95] Jugie DTC 10:2262

[96] Jugie DTC 10:2263

[97] Jugie DTC 10:2262

[98] Jugie DTC 10:2281

[99] Jugie DTC 10:2285–6

[100] A. Fortescue, The Lesser Eastern Churches (Londres: CTS 1913), 311

[101] D. Attwater, Christian Churches of the East (Milwaukee: Bruce 1961) 2:191.

Artículo original: Link

El Concilio Vaticano II es Obligatorio - Y... es herejía (2006)

por el Rev. Anthony Cekada

Nota: Lo siguiente es una carta al editor de The Remnant, escrita en respuesta al intento de Christopher Ferrara de refutar mi artículo "Resistiendo al Papa, Sedevacantismo y la Iglesia Frankestein" (noviembre de 2005). El Editor, Michael Matt, se negó a imprimirlo.

Al Editor, The Remnant:

Algunos comentarios son necesarios sobre los "Argumentos Finales" de Christopher Ferrara del 30 de noviembre de 2005 contra el sedevacantismo en general y mi artículo "Iglesia Frankestein" en particular:

I. ¿Es Obligatorio el Concilio Vaticano II?

El Sr. Ferrara sostiene que las enseñanzas del Concilio Vaticano II no son vinculantes cuando contienen "novedades" que no se ajustan a lo que se enseñaba "en todas partes, siempre y por todos" (fórmula de San Vicente de Lerín). Este principio, dice, demuestra que no son magisterio ordinario universal. Además, agrega el Sr. Ferrara, Pablo VI "expresamente" excluyó la enseñanza del Concilio Vaticano II de caer bajo "el carisma de infalibilidad".

(a) Volvemos a la teología de cartón del papa de Mr. Ferrara (y de la FSSPX). El (supuesto) Vicario de Cristo y los obispos del mundo promulgan enseñanzas y leyes. Abogados de Jersey (¡esa palabra de nuevo!), obispos excomulgados y, bueno, cualquiera en general, pueden elegir qué enseñanzas y qué leyes son vinculantes. Bienvenidos al magisterio como buffet libre.

(b) La interpretación del dictum de San Vicente que promueven el Sr. Ferrara y la FSSPX —no estás obligado por nada que enseñe un papa o un concilio en vida, a menos que se ajuste a "la tradición" (según lo entienden abogados, excomulgados y diversos laicos)— está completamente equivocada.

En un extenso artículo, el teólogo preconciliar G. Bardy demolió esta teoría, porque el derecho "a fijar y definir la auténtica tradición... pertenece a la Iglesia, como heredera de la sucesión apostólica". Sin esto, el dictum de San Vicente "parece dejar a cada individuo libre para buscar qué dogmas son aceptados en todas partes, siempre y por todos", dejando así "a la elección personal el derecho a juzgar en última instancia".

Esto, observó el Canónigo Bardy, fue el error de los galicanos y del proto-modernista Döllinger (posteriormente excomulgado), que se opusieron a la infalibilidad papal en el Concilio Vaticano I. (Dictionnaire de Théologie Catholique 15:3051)

(c) Para respaldar su afirmación de que las "novedades" del Concilio Vaticano II no son magisterio ordinario universal y, por lo tanto, no son vinculantes, el Sr. Ferrara cita la audiencia del 12 de enero de 1966 de Pablo VI: "Dada la naturaleza pastoral del Concilio, evitó proclamar de manera extraordinaria cualquier dogma que llevara el sello de la infalibilidad".

Esto no prueba nada. "Extraordinario" se refiere a definiciones dogmáticas solemnes, que todos están de acuerdo en que el Concilio Vaticano II no hizo.

Pero luego descubrimos que el Sr. Ferrara (ya sea por deshonestidad o descuido) omitió el resto de la oración:

> "pero, sin embargo, dotó a sus enseñanzas con la autoridad del magisterio supremo ordinario, el cual (y, por lo tanto, obviamente auténtico) magisterio ordinario debe ser recibido dócil y sinceramente por todos los fieles, según el parecer del Concilio respecto a la naturaleza y alcance de los respectivos documentos".

¡Ahem!

Si aceptas a Pablo VI como un verdadero papa, entonces, el Concilio Vaticano II forma parte del magisterio ordinario universal. Como católico, estás entonces obligado a adherirte a él. Y ese era mi punto.

¿Todavía no estás convencido? Aquí está la fórmula típica al final de cada documento del Vaticano II:

> "Cada una de las materias declaradas en esta Constitución Dogmática los Padres de este Sagrado Concilio han aprobado. Y Nosotros, por la Autoridad Apostólica transmitida a Nosotros por Cristo, junto con todos los Venerables Padres, en el Espíritu Santo aprobamos, decretamos y establecemos estas cosas; y todas las cosas así establecidas sinodalmente, ordenamos que se promulguen para la gloria de Dios... Yo, Pablo, Obispo de la Iglesia Católica." (AAS 57 [1965], 71)

¿Qué parte de "Autoridad Apostólica", "Espíritu Santo" y "resto de los Padres" no entiendes?

En resumen: El buffet doctrinal está ahora cerrado. Si Pablo VI fue un verdadero papa, solo hay un plato en tu menú: el Concilio Vaticano II.

II. ¿Es la Iglesia Frankestein una Herejía?

En la segunda parte de su serie, el Sr. Ferrara me desafió: "¡Muéstranos la herejía!"

Bueno, le mostré la definición de herejía (cánon 1325), su distinción en tres partes (citando a Michel), el tipo de doctrina que debe ser negada (Michel), cómo tal doctrina debe haber sido propuesta (Michel), los tipos de términos y proposiciones que constituyen una negación (Schultes, Michel), los requisitos para la pertinacidad (Michel), ejemplos de proposiciones de la herejía de la Iglesia Frankestein (diecinueve ejemplos, incluyendo algunos del Código de JP2 y el Catecismo), el artículo del Credo que la Iglesia Frankestein niega (Creo en una sola Iglesia), cómo el Magisterio entiende este artículo (nueve textos papales, uno de de Groot), y finalmente, cómo los principios sobre la pertinacidad se aplican a los papas postconciliares (Michel, el cardenal Billot).

Ante esto, lo mejor que presenta el Sr. Ferrara es una nota al pie de Dominus Jesus dando una supuesta interpretación "auténtica" de la palabra "subsiste" en Lumen Gentium. Muy interesante. Sin embargo:

(a) ¿Por qué deberíamos estar de repente obligados por una nota al pie en una declaración curial si, bajo la hermenéutica de Ferrara, incluso todo lo que enseña un Concilio está en juego?

(b) Esto deja al Sr. Ferrara dieciocho proposiciones restantes de la Iglesia Frankestein por reconciliar con nueve citas de los papas preconciliares (la punta del iceberg) y casi cualquier tratado de eclesiología preconciliar escogido al azar de la estantería. Buena suerte.

Te mostré la herejía, Sr. Ferrara. Ahora muéstrame la ortodoxia.

Finalmente, al Sr. Ferrara le molesta que mencioné que es abogado — una táctica de debate "por debajo del cinturón", dice.

Ni mucho menos. Hay abogados honorables y hay otros astutos. Pero los trucos ingeniosos de estos últimos son la esencia del método del Sr. Ferrara: el interminable flujo de palabras, una casi total ausencia de investigación seria, citas descuidadas, docenas de "preguntas" destinadas a abrumar, temas que desvían la atención, y aquí, varias afirmaciones deshonestas de que "no mencioné" o "no probé" puntos. Claro. Y el Sr. Ferrara no mencionó que me dieron un límite de 3000 palabras.

Entonces, a la declaración del Sr. Ferrara de que lo "ascendí" de charlatán a abogado peleón, mi respuesta es: ¡Eh, ¿quién dijo que era una promoción?

(Internet, enero de 2006)

www.traditionalmass.org

www.SGGResources.org

Artículo original: Link

CUM PRO PASTORALI

DO SUMO PONTÍFICE GREGÓRIO XVI
Realizado no Consistório de 1o de agosto de 1834

Veneráveis Irmãos,

Quando, com nosso zelo pastoral, expusemos com tristeza, deste mesmo lugar, em 30 de setembro do ano passado, as ações realizadas em Lisboa pelo governo constituído lá em julho anterior, não desejávamos nada mais do que finalmente poder anunciar ao vosso conjunto algo que pudesse consolar ao menos em parte os vossos ânimos, participantes da nossa dor. Nossa esperança não nos parecia imprudente, nosso desejo não inteiramente vão, pois deploramos aqueles fatos com tanto vigor e aguardamos com tanta paciente perseverança algum bom resultado dos nossos pedidos. Mas quão longe estamos de obter algo conforme nossa esperança e desejos é claramente compreendido pelos atos daquele governo, que com crescente audácia maligna e ímpeto criminoso tentou e ainda tenta, com teimosia, destruir a Religião Católica desde suas fundações, como é bem conhecido e reconhecido por todos. Portanto, Veneráveis Irmãos, somos novamente obrigados a compartilhar com vocês nossa dor, que cresce diariamente com inúmeras causas de queixa. É quase impossível expressar quão profunda é nossa aflição ao ver aquela Igreja que lamenta suas coisas sagradas e veneráveis e seus bens ou atribuídos ao erário ou vendidos em leilão; os templos, notáveis pela frequência e piedade do povo, agora fechados, agora ocupados, e seus ministros ilustres sujeitos a insultos ferozes, alguns expulsos e outros relegados a lugares selvagens; instituições santíssimas e salvadoras abolidas injustamente e outros abusos semelhantes, quase inacreditáveis e certamente odiosos. Enquanto a Igreja sofre com isso, também é privada do conforto de ter alguém disponível, em tantas calamidades, em nosso nome, por nossa decisão e com nossa autoridade; é privada até mesmo daquele que, como vocês sabem, foi expulso violentamente das fronteiras de Portugal: daquele a quem nosso pro-núncio [Mons. Justiniani] (também forçado a emigrar) havia confiado a tarefa de agir em seu lugar.

Na verdade, essas coisas miseráveis são legitimamente penosas para nós e para a aflita Igreja Portuguesa, mas nos forçam a chorar ainda mais copiosamente, não apenas pelo desrespeito às coisas e pessoas sagradas, e pelas ofensas dirigidas à Sé Apostólica, mas também pela violação dos veneráveis direitos pertencentes exclusivamente à autoridade eclesiástica, pelo atentado à própria constituição divina da Igreja, de modo que nada há de tão sagrado e religioso que não acabe profanado e subvertido por mãos sacrílegas. Isso visa àquela instituição ilegítima de um novo tribunal encarregado de introduzir uma reforma geral (assim a chamam) dos bens eclesiásticos; resultando na concessão de benefícios, mesmo paroquiais, em nome da autoridade laica, sem levar em conta as prescrições do direito canônico; resultando nas censuras injustas impostas por aquele mesmo tribunal àqueles que se recusaram a implementar uma jurisdição eclesiástica reformada pelos leigos; resultando na tentativa projetada de obter uma sede episcopal portuguesa; resultando na lei profana que proíbe aqueles encarregados das igrejas de exercer ordens sagradas e administrar sacramentos a qualquer um que não seja reconhecido pelo governo e não tenha obtido sua permissão; resultando na outra lei pela qual a vasta igreja de Lisboa, dedicada à Beata Virgem Maria Assunta ao Céu, é privada do título de patriarcado ao qual foi elevada por nosso santíssimo predecessor Clemente XI para honrar o rei João V, que tinha grandes méritos com a sociedade cristã; resultando finalmente numa lei pela qual todos os mosteiros, colégios e hospícios dos Regulares são suprimidos e seus bens atribuídos à nação; essa lei é tanto mais iníqua e reprovável quanto foi promulgada com o pretexto enganoso de motivos hipócritas. Falemos, Veneráveis Irmãos, do preâmbulo dessa mesma lei: contém argumentos tão falsos e criminosos que nada parece mais ofensivo para as comunidades religiosas, mais errôneo e contrário aos documentos mais acreditados da história eclesiástica por parte de quem quer que seja mal disposto para com a Religião e as instituições sagradas.

Agora, em meio a tanta e tão atroz devastação do catolicismo, não encontramos palavras que expressem completamente nosso estado de ânimo e toda a angústia que nos oprime. Por um lado, de fato, é penoso para nós agir com severidade e decidir algo grave contra alguém; por outro lado, considerando o estado da

Religião já alterado (apesar da resistência dos bons pastores) naquele mesmo Reino onde outrora floresciam de modo exemplar a piedade, a santidade da disciplina, a fiel devoção à cátedra do Beato Pedro, e a obediência aos seus sucessores, compreendemos que a situação chegou ao ponto de que não basta mais a mera deploração dos males infligidos à Igreja, se não dedicarmos todo cuidado e atividade para extirpá-los. Que Deus nos guarde de deixar prevalecer em nós a paixão ou algum motivo humano mais do que o dever; que nos guarde de sermos acusados do crime de traição à liberdade da Igreja e de um abandono vergonhoso da causa de Deus e da Religião; que nos guarde do temor de que um gravíssimo conflito ou um perigo iminente nos possa afastar das decisões que julgamos mais conformes à dignidade desta Santa Sé e à defesa da Igreja. Ao contrário, declaramos abertamente que nos consideramos bem-aventurados com os Apóstolos, se for necessário sofrer pela justiça. Fortes dessa virtude que, como confiamos, nos vem do alto, levantamos novamente a voz pastoral e nos obstinamos em cumprir nosso ofício com liberdade apostólica. Portanto, novamente e repetidamente, reprovamos, condenamos, declaramos nulos e sem efeito todos os decretos emanados pelo referido governo em detrimento da Religião, dos direitos e da autoridade da Igreja e da Sé Apostólica: além disso, exortamos severamente todos aqueles em cujo nome e por obra ou ordem de quem aquelas leis foram promulgadas, a considerarem mais e mais as penas e censuras previstas pelas Constituições apostólicas e pelos cânones dos Sagrados Concílios contra os predadores e profanadores das coisas sagradas, contra os violadores do poder e da liberdade eclesiástica e contra os usurpadores dos direitos da Igreja e da Santa Sé.

Além disso, se após esses avisos não cessarem os atos contra o poder e a imunidade eclesiástica e não se remediarem os inumeráveis danos infligidos com singular maldade à Igreja e a todo o mundo católico, declaramos publicamente que não deixaremos de cumprir o dever do nosso ofício e que não temos qualquer dúvida sobre uma ação mais severa contra os autores de tantos males e sobre o dever de enfrentá-los com as armas que Deus confiou ao nosso sagrado ministério. Que possa ser afastada de nosso ânimo a cruel necessidade de usar essas armas! Que possam prestar ouvidos dóceis às vozes do Senhor (cujo encargo cumprimos) aqueles que são responsáveis por tantos males pelos quais geme a Igreja oprimida, nem demorem até experimentar com quanto desdém o Pai, tornado Juiz, se levanta contra aqueles que ousaram contaminar Seu santo templo. Lembrem-se (como foi dito excelentemente por São Cipriano) que não podem ter Deus por Pai aqueles que não quiseram ter a Igreja por mãe; e se considerem uma nulidade diante da mãe Igreja, que dolorosamente mostra seu ventre ferido pelos golpes deles. Que os comova (se ainda lhes resta algum sentimento de piedade) a visão da tristíssima genitora, que ainda estende os braços para acolher os filhos cujos únicos atos de penitência podem consolá-la e algumas lágrimas podem curar suas feridas.

Ao mesmo tempo, Veneráveis Irmãos, invocamos com votos suplicantes o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação para que se digne conduzi-los de volta ao caminho da verdade e da justiça do qual tanto se afastaram; ou, qualquer que seja o destino deles, segundo o justo julgamento de Sua sabedoria, mostre Seu rosto sobre Seu santuário que foi abandonado. Que o beatíssimo Pai dos Apóstolos socorra com seu patrocínio esses nossos votos, assim como o próprio Deus amorosíssimo o libertou maravilhosamente das cadeias e lhe concedeu afastar-se livre, livre do temor dos inimigos. Celebremos o dia sagrado dedicado à memória desse fato; assim também a nós, embora indignos herdeiros de tão grande autoridade, seja permitido libertar sua Igreja, depois de desatar os nós nos quais estamos constrangidos por causa da nefasta conspiração de homens ímpios; depois de frustrar seus projetos, seja permitido reivindicar para a Igreja aquela plena liberdade pela qual Ele nos libertou.

Revisão: G Lozzer

SEXTUS IAM

DO SUMO PONTÍFICE GREGÓRIO XVI

De 1º de fevereiro de 1836

Iniciamos agora o sexto ano, Veneráveis Irmãos, desde que, embora indignos, fomos colocados, pelo imperscrutável desejo de Deus, nesta sede do Beato Pedro.

Quem dera pudéssemos acolher os auspícios que, no dia do aniversário de nossa elevação ao trono pontifício, em conformidade com a tradição, apresentastes com sincera benevolência, com aquele íntimo senso de alegria que deveria seguir à manifestação de vossos sentimentos para conosco! A atual situação é decididamente demasiado funesta e adversa aos nossos desejos!

Temos que reconhecer que os males que penetraram na Igreja no início de nosso Pontificado, não apenas não se reduziram em nenhum lugar, mas pelo contrário, cresceram dia a dia a ponto de não nos ser possível reprimir a dor que nos oprime nem mesmo na presença de expressões de felicitação e de augúrio.

Vós todos estão cientes, para não mencionar outras coisas, da situação da Igreja no Reino de Portugal. Temos nos queixado, repetidamente e com firmeza, nesta vossa assembleia, das injustiças de que foi vítima e dos crimes cometidos contra seu sagrado poder e sua liberdade. É verdadeiramente uma situação insustentável e indigna para um povo que se vangloriava de obedecer a Soberanas insígnias pelo título de Cristianíssimos.

Depois de nossas insistentes instâncias e exortações, depois das inúmeras demonstrações de infinita paciência, não se cessou de desferir vergonhosos ataques à Igreja e aos seus sagrados direitos, nem de se procurar reparar de alguma forma os danos infligidos a todo o mundo católico com tal comportamento maligno. Acrescentou-se a tudo isso, quase para completar a medida da obstinação, a vontade de promover, com suma impudência, um cisma fatal, suscitado pelas intrigas dos inimigos da Igreja e da Religião, por homens de tamanha malícia, que entraram sorrateiramente para fazer parte do governo daquela Igreja, a ponto de levar sua audácia e seu crime ao ponto de arrogar-se o poder, do qual estavam absolutamente desprovidos, de interditar aos fiéis, sob pena de excomunhão, a comunhão com esta Sé Apostólica.

Não é certamente difícil para vós compreenderem quanto tudo isso exacerba a dor que há muito persiste em nossa alma, e nos confirma na intenção, já há muito amadurecida, de enfrentar, na medida do possível, esse mal, em virtude do dever apostólico e do poder a nós conferido por Deus.

Na verdade, não se limitam apenas a isso os motivos de nossa dor. Até vós, Veneráveis Irmãos, que são chamados a compartilhar os encargos de nosso governo, sabem muito bem que, enquanto estamos profundamente aflitos por esses males, eis que surge em outro lugar um gravíssimo motivo para acrescentar lágrimas a lágrimas. Quem pode ignorar a extrema situação de desordem, nascida do caos que abala desde os alicerces o Reino da Espanha, até agora sumamente deferente para com esta Sé Apostólica?

Tendo surgido naquele lugar uma luta sobre a supremacia do poder, segundo a prática seguida por nossos Predecessores, propusemos nós mesmos uma linha de conduta que não lesasse de modo algum os direitos de ninguém. Enquanto — impelidos por um sincero desejo de paz e pela preocupada solicitude pelos fiéis residentes naquele Reino tão extenso — expressávamos abertamente nossas intenções aos interessados, tornávamos público nosso propósito de chegar, sobre as questões de interesse comum, a um acordo que, uma vez definido, permanecesse válido para ambos. Mas como isso não nos era absolutamente concedido, exceto em condições totalmente contrárias à nossa proposta, que mesmo assim foi considerada justa sob todos os aspectos, esforçamo-nos para que o Venerável Irmão Luís, Arcebispo de Niceia (sucessor de nosso dileto filho Francisco, Cardeal da Santa Igreja Romana e Bispo de Jesi, que partia para se juntar à sua Diocese), fosse acolhido como nosso Delegado e da Sé Apostólica, para enfrentar os problemas religiosos, com a exclusão de todos os assuntos de natureza política.

Também a esta nossa iniciativa foram opostas condições, aparentemente diferentes mas não dissimilares, na substância, das anteriores, com o intuito de nos fazer recuar de nosso propósito.

Portanto, aconteceu que a presença no Reino da Espanha daquele que enviamos para atuar como nosso representante, resultou completamente ineficaz e inútil. Como isso poderia não se traduzir, com o passar do tempo, em um ultraje para esta Sé Apostólica e em um dano para a Religião?

Depois de criar esse estado de confusão nos assuntos da Igreja, começou-se a definir e a promulgar medidas com o claro propósito de violar seus direitos, saquear seus bens, perseguir seus Ministros e criar motivos de desprezo pela autoridade da mesma Sé Apostólica. Refletem precisamente essa intenção as leis que atribuem aos Bispos, na maioria dos casos, a censura dos livros, mas submetem sua decisão ao apelo do tribunal laico; estabelece-se um Conselho com a incumbência de definir uma norma geral de reforma dos assuntos eclesiásticos e, pela mesma lei, proíbe-se antes de tudo a admissão de noviços nos Institutos Regulares, depois se aboliram numerosos Conventos, cujos bens foram adjudicados ao erário, e os Monges, dependendo da situação particular de cada um, foram subtraídos da jurisdição dos Superiores a quem estavam sujeitos ou foram reduzidos ao estado

laical. A tudo isso deve-se acrescentar a remoção dos Pastores de suas Dioceses, a proibição dos Párocos e a cruel perseguição de todo o Clero, o completo desprezo pelos direitos da sagrada imunidade e a interdição aos Bispos do poder de admitir livremente os Clérigos às Ordens Sagradas.

Todas essas disposições, ignóbeis e absolutamente inaceitáveis, foram postas em prática, com impudência, diante dos olhos do Arcebispo de Niceia, sem que lhe fosse permitido defender, com as devidas instâncias, a causa da Igreja e desta Santa Sé. Daí decorria o grave escândalo de todas as pessoas retas, que de seu silêncio poderiam inferir a cumplicidade ou, pelo menos, a tolerância da Sé Apostólica.

Uma vez que a santidade de nosso Ministério Apostólico não podia mais tolerar uma desonra tão grave para o poder eclesiástico, decidimos ordenar ao nosso Venerável Irmão que se retirasse do território da Espanha: o que ocorreu há poucos meses.

Persistindo, no entanto, na vontade de honrar o compromisso de nosso Ofício, conforme exigido pela gravidade da situação, não hesitamos em protestar várias vezes contra as ofensas à Igreja e a esta Cátedra do Beato Pedro, e em encaminhar reclamações àqueles que deveriam providenciar sua reparação.

No entanto, devemos informar-vos, com dor e com o coração contristado, que os protestos e as advertências da voz Apostólica não surtiram efeito algum.

É por isso que, aproveitando a vossa reunião de hoje, julgamos ser nosso dever revelar tudo a vós, para que fique claro para todos que rejeitamos com veemência as referidas leis, promulgadas com tão grande desprezo pela Autoridade Eclesiástica e por esta Santa Sé e com tão relevante dano para a Religião, e as proclamamos completamente ineficazes e nulas.

Agora, recorrendo à solene comemoração desse santo dia em que a Virgem Mãe de Deus entrou no Templo para apresentar ao Pai Celestial o Filho Unigênito, o Anjo da Promessa, o Rei pacífico tão esperado na terra, exortamos todos vós aqui presentes e participantes de nossa dor, para que se dirijam humildemente a Ela unindo-se a nós na comum súplica, e invoquem Sua poderosa intervenção na lacrimejante situação da Igreja, para que por meio Dela, que tem o poder de aniquilar todas as heresias, resolvidas as controvérsias, acalmadas as tempestades, a Filha de Sião, restabelecida na paz e na tranquilidade, deponha o luto, se liberte dos grilhões e vista-se com o manto da alegria.

Não treinados e não tridentinos: Ordens Sagradas e a Inaptidão Canônica

(2003)

por Rev. Anthony Cekada

O problema do clero não treinado no movimento tradicionalista.

OS INCIDENTES a seguir ocorreram de fato em diferentes capelas católicas tradicionais nos Estados Unidos:

• Um homem casado, vestido com paramentos sacerdotais, está diante de um altar tentando oferecer a Missa Tridentina, mas é óbvio que ele não tem ideia de como proceder. O coroinha (um leigo devoto) se levanta, se coloca ao lado do "Padre" e, pelo restante da Missa, diz ao celebrante confuso o que fazer a seguir.

• O "Padre" está realizando serviços da Semana Santa em uma capela tradicionalista na Louisiana. Ele compra algum “boudin”, uma espécie de salsicha de chouriço *cajun* apimentada, e casualmente menciona que a comeu a maior parte dela no estacionamento do supermercado. O dia é Sexta-Feira Santa.

• O "Padre" esqueceu de consagrar uma hóstia extra para a Benção após a Missa. Ele abençoa a congregação com um ostensório vazio e diz ao coroinha: "Espero que ninguém perceba."

EM CADA um desses incidentes (e muitos outros semelhantes), nos deparamos com um fenômeno estranho e perturbador: o suposto padre tradicionalista que foi ordenado sem o devido treinamento no seminário.

Em alguns casos, ele pode ter sido treinado como irmão religioso ou talvez até passado um ou dois anos em um seminário. Mas ele nunca completou os estudos eclesiásticos necessários (latim, filosofia, teologia). Um bispo idoso, crédulo ou negligente o ordenou de acordo com o rito tradicional, e ele começa a oferecer Missa e ouvir confissões em uma capela tradicionalista. Ou pior, ele pode não ter nem mesmo essas credenciais insignificantes. Ele é um criador de frangos, enfermeiro, liquidante de propriedades, fabricante de paramentos, cozinheiro, médico, ex-detento, professor ou ex-seminarista expulso três vezes, às vezes com um histórico matrimonial incongruente (casado, divorciado, anulado). Um dia ele aparece em algum lugar para oferecer a Missa Tridentina, alegando ser um padre ou bispo católico. Descobre-se que ele foi ordenado ou consagrado por um "bispo" igualmente não treinado com ligações com os Velhos Católicos,[1] a Igreja Apostólica Brasileira,[2] Palmar de Troya,[3] ou outros.

Permitir que tais homens exerçam a função como padres em nosso meio é, no mínimo, contraditório. Como tradicionalistas, valorizamos a Missa Tridentina. Mas uma Missa Tridentina deve ser celebrada por um padre "tridentino" - ou seja, treinado de acordo com as normas do Concílio de Trento.

Aqueles de nós que têm idade suficiente para lembrar como o sistema tridentino funcionava e quais eram os padrões estabelecidos acham a ideia de um padre não treinado não apenas bizarra, mas também positivamente horripilante. No início dos anos 1960, aos quatorze anos, comecei a vida eclesiástica entrando em um seminário menor com outros 125 garotos. Todos nós sabíamos exatamente o que a Igreja exigia antes que pudéssemos ser ordenados: seis anos de seminário menor (com latim todos os anos) e mais seis anos de seminário maior (dois de filosofia e quatro de teologia). Somente se perseverássemos por doze anos - tendo sido testados e julgados a cada passo - poderíamos esperar ser ordenados. Não havia exceções, porque (como até mesmo os meninos sabiam naquela época) o sacerdócio era o trabalho mais importante do mundo, e um dia a salvação ou a condenação de uma alma dependeria de você.

Os leigos às vezes toleram o padre tradicionalista não treinado e não tridentino porque não entendem os requisitos rigorosos para a ordenação sacerdotal. Em outros casos, os leigos podem achar que "sacramentos

válidos" são tudo o que importa e que o restante é apenas enfeite legalista - então, por que ser exigente? No entanto, a experiência ensina que um padre não instruído e mal formado é uma bomba-relógio prestes a explodir. Quando a explosão acontece, o escândalo segue, e as almas são afastadas da Missa tradicional.

E quando um padre ou bispo desse tipo emerge de um submundo eclesiástico onde ninguém recebeu treinamento adequado, é realmente seguro assumir que sua ordenação ou consagração era válida de qualquer maneira?

Mas em qualquer caso, válido ou não, a presença de uma pessoa desse tipo no altar e no confessionário degrada o sacerdócio e coloca em perigo as almas.

Como ministro de um curso geral de direito canônico e um curso de direito sacramental em uma instituição que forma jovens para se tornarem padres católicos tradicionais, o *Most Holy Trinity Seminary*, resolvi escrever um artigo explicando alguns dos princípios estabelecidos pelo direito canônico, teologia moral e pronunciamentos papais sobre a recepção e confirmação das Ordens Sagradas.

Aqui, abordarei os seguintes tópicos:

(1) A aptidão canônica para a ordenação - ou seja, os critérios estabelecidos pelo direito canônico para determinar se um candidato é adequado ou não para o sacerdócio.

(2) A pecaminosidade de conferir as Ordens Sagradas a um candidato inadequado.

(3) Se as ordens conferidas por bispos que eles próprios eram canonicamente inadequados para o estado sacerdotal podem ser presumidas como válidas.

(4) Se um candidato inadequado que recebeu as ordens pode exercê-las.

(5) Algumas objeções.

Como veremos, as normas da Igreja são rigorosas, e aqueles que não as cumprem não estão aptos a receber, exercer ou conferir o sacramento das Ordens Sagradas. Portanto, as atividades desse clero devem ser evitadas por católicos tradicionais em todos os lugares.

Espero também que esta discussão ajude o leitor leigo a entender e apreciar melhor a formação em seminários tradicionais recebida pelos padres católicos.

. Aptidão Canônica: Os Requisito

MERAMENTE DESEJAR ser padre, mesmo que por um motivo digno, não significa que você tenha uma verdadeira vocação. Teólogos morais e canonistas ensinam que um candidato também deve possuir aptidão canônica (*idoneitas canonica*).

O Cânon 974.1 estabelece os dois critérios gerais que são a chave para determinar a aptidão canônica de um candidato:

(1) "Conduta moral que esteja de acordo com a ordem a ser recebida" - ou seja, virtude.

(2) "O conhecimento necessário."[4]

Se um candidato não possui essas qualidades, ele é canonicamente inadequado, não será um bom negócio para ninguém ele ser padre, e sua ordenação seria gravemente ilícita.

Normalmente, onde e como esse julgamento é feito? Os decretos do Concílio de Trento prescreveram que "aqueles que serão ordenados devem viver em um seminário, serem formados na disciplina eclesiástica e

receber as Ordens Sagradas após terem sido devidamente julgados."[5]

O Cânon 972.1 estabelece a regra geral: "Todos os candidatos às ordens sagradas... são obrigados a viver em um seminário, pelo menos durante todo o curso de seus estudos de teologia."[6]

O programa do seminário garante que os ordenandos sejam "devidamente julgados" (*rite probati*) com base em sua conduta e conhecimento e, portanto, sejam canonicamente aptos para a ordenação.

Virtude e conhecimento só podem ser adquiridos, testados e julgados ao longo de um longo período de tempo. A seguir, apresento uma visão geral da formação espiritual e intelectual que o seminário deve fornecer.

A. Conduta Virtuosa

Que tipo de "conduta moral" (*mores congruentes*) é necessária em um candidato às Ordens Sagradas?

O canonista Regatillo explica que isso significa os *dotes gratiae* - as virtudes sobrenaturais (obtidas pela Graça), especialmente "piedade, castidade, ausência de avareza, zelo pelas almas, espírito de disciplina e obediência."[7]

São necessários anos, como a prática prudente da Igreja mostrou, para instilar essas virtudes em um candidato e verificar que elas se tornaram parte de seu caráter.

Em sua encíclica sobre o sacerdócio católico e a formação de seminários, o Papa Pio XI destaca o cuidado que deve ser exercido ao fazer esse julgamento:

> "Escutem o aviso de Crisóstomo, que citamos: 'Não imponha as mãos após a primeira tentativa, nem após a segunda, nem mesmo a terceira, mas somente após uma observação frequente e cuidadosa, e um exame minucioso.' Este aviso se aplica de maneira especial à questão da retidão de vida dos candidatos ao sacerdócio. 'Não é suficiente', diz o Santo Bispo e Doutor Santo Afonso de Ligório, 'que o Bispo não saiba nada de mal sobre o ordenando; ele deve ter evidências positivas de sua retidão'."[8]

Os principais elementos de um programa de seminário que asseguram isso são:

1. O Regulamento do Seminário. Isso organiza a vida diária do seminarista e o forma nas virtudes que convêm a um clérigo. Regula a conduta geral, práticas espirituais, vestuário adequado, momentos de silêncio, obrigações domésticas, recreação aceitável, permissões necessárias, etc.

2. A Agenda Diária. A vida no seminário segue uma agenda diária bastante detalhada com atividades espirituais comuns regularmente recorrentes (meditação, leitura espiritual, Rosário, Ofício Divino). Aqui está nossa agenda no Most Holy Trinity Seminary:

5:40 Levantar

6:20 Meditação

6:50 Angelus

7:00 Missa

7:50 Café da manhã

8:30 Aula ou Estudo

12:30 Refeição Principal

1:00 Recreação

1:45 Aula ou Estudo

3:15 Lanche

3:30 Esportes ou Exercício

4:30 Limpeza

5:00 Vésperas, Cantadas

5:45 Leitura Espiritual ou Conferência

6:00 Jantar Leve

6:30 Recreação

8:00 Rosário, Grande Silêncio

9:00 Retirar para os quartos

11:00 Apagar as Luzes

Uma agenda como essa inculca no seminarista o hábito de regularidade na vida espiritual que ele deve levar consigo após a ordenação. Segui-la fielmente por muitos anos, além disso, indica a autodisciplina e seriedade de propósito que são indispensáveis para uma vida sacerdotal devota e zelosa.

3. Direção Espiritual Regular. Cada seminarista é obrigado a ter um diretor espiritual - um padre que não seja o Reitor do seminário e que é suposto orientá-lo em sua vida espiritual pessoal. O seminarista se encontra regularmente com seu diretor para discutir seu progresso espiritual e deficiências.

4. Observação e Correção pelos Superiores. Os superiores do seminário devem conhecer bem os seminaristas e, quando necessário, corrigi-los por várias faltas ou deficiências. Isso é feito de forma privada ou pública, a critério do superior. O seminarista aprende a aceitar tais correções graciosamente como um meio para a virtude.

5. Avaliação do Corpo Docente Antes das Ordens. Os padres do corpo docente do seminário devem discutir e (quando necessário) votar sobre a aptidão de um candidato antes de ele ser promovido às Ordens Sagradas.

B. O Conhecimento Necessário

Papa após papa ensina que a capacidade intelectual e o conhecimento são indispensáveis para o padre.

Em seu *motu proprio* que prescreve o Juramento Antimodernista, o Papa São Pio X adverte que o "cultivo da mente" e a "experiência na doutrina" são ainda mais necessárias nos candidatos às Ordens Sagradas que terão que combater os erros insidiosos dos modernistas.[9]

Pio XI adverte: "Qualquer pessoa que assumir o ministério sagrado sem treinamento ou competência deve *tremer por seu próprio destino, pois o Senhor não permitirá que sua ignorância fique impune*... Se alguma vez houve uma obrigação para os padres serem homens de aprendizado, é ainda mais urgente no presente momento."[10]

Pio XII enfatiza ainda mais que o padre não poderá combater eficazmente os erros modernos "a menos que tenha aprendido completamente os fundamentos sólidos da teologia e filosofia católicas... Em conformidade com nosso dever apostólico, insistimos seriamente na importância de um alto padrão de treinamento intelectual para os clérigos."[11]

O Código de Direito Canônico estabelece os requisitos gerais para a formação intelectual do candidato.

Primeiro, presume que ele terá passado cerca de seis anos em um seminário menor (ensino médio, escola técnica), onde já terá aprendido bem o latim, juntamente com as outras disciplinas que se espera que um homem educado em seu país estude.[12]

Em seguida, para o currículo do seminário maior que precede a ordenação sacerdotal, o Código prescreve dois anos de estudo de filosofia (e disciplinas relacionadas) e pelo menos quatro anos de estudo de teologia.[13]

Os seguintes pontos devem ser observados:

1. Conhecimento de Latim. Um padre deve conhecer o latim não apenas por causa da Missa, mas também porque o latim é a língua do Breviário e da teologia católica.

Um padre ignorante do latim não entenderá o Breviário (Ofício Divino), que forma a parte principal de sua oração diária. Logo se tornará um exercício mecânico para ele, em vez de uma alegria; ele será surdo e não compreenderá a voz da oração oficial da Igreja.

A ignorância do latim virtualmente garante a ignorância da teologia, ou, na melhor das hipóteses, que o entendimento de um padre nunca será mais do que superficial. Todos os tratados importantes sobre dogma, teologia moral e direito canônico estão disponíveis apenas em latim. A ignorância do latim o afasta desse vasto e profundo corpo de conhecimento.

Aqui está Pio XI sobre a questão: "Todos os clérigos sem exceção devem ter adquirido um conhecimento profundo e domínio da língua... Como alguém pode esperar detectar e refutar esses erros [teológicos] a menos que compreenda adequadamente o significado dos dogmas da fé e a força das palavras nas quais eles são solenemente definidos, em uma palavra, a menos que ele conheça a língua que a Igreja usa."[14]

E Pio XII: "Que não haja padre que não possa ler e falar latim com facilidade e destreza... O ministro sagrado que é ignorante no latim deve ser considerado como lamentavelmente carente de refinamento mental."[15]

E aqui, enfatizamos o que os papas e o direito canônico realmente exigem: não apenas que um seminarista possa pronunciar o latim, tenha "tido" algum latim ou tenha "passado" em um ou dois cursos de latim, mas que o seminarista realmente conheça e entenda o latim.

Para fazer isso, é necessário um bom professor, um estudante dedicado e prática incessante.

No Most Holy Trinity Seminary, o latim é ensinado em três níveis: básico (gramática e sintaxe fundamentais), intermediário (composição em prosa) e avançado (composição em prosa, traduções de leituras dos Padres da Igreja). O seminarista faz exercícios e traduções em uma aula de uma hora e meia, cinco tardes por semana, até que o padre-instrutor esteja satisfeito de que o aluno compreende a gramática e a sintaxe do latim de dentro para fora.

Às vezes, isso leva vários anos.

O seminarista é então submetido a um teste no qual deve traduzir textos teológicos em latim. Se o instrutor e o Reitor estiverem satisfeitos e convencidos de que o seminarista entende suficientemente a língua, ele é dispensado da aula. Se não estiverem convencidos, o seminarista volta para a aula até que aprenda o suficiente para convencê-los de seu conhecimento.

Além disso, ensino um curso sobre os Salmos em Latim do Breviário. Eles formam a parte principal do Ofício Divino, que os clérigos devem rezar todos os dias após o Subdiaconato.

Os seminaristas devem traduzir os Salmos linha por linha na aula, fazer questionários diários sobre o vocabulário especial dos Salmos e aprender o significado das aproximadamente 240 passagens em latim no Saltério que são particularmente difíceis de entender.

2. Filosofia. Esta disciplina busca transmitir um conhecimento sistemático e íntimo das causas e razões das coisas no universo. Ela considera o mundo, a causa do mundo e o próprio homem (sua natureza, origem, operações, fim moral e atividades científicas).

Um entendimento da filosofia escolástica ("tomista") é um pré-requisito necessário para entender a teologia católica.

Os principais cursos desta disciplina são Lógica, Cosmologia, Psicologia Natural, Metafísica, Ética, Teodiceia e História da Filosofia, e no Most Holy Trinity requerem mais de 400 horas de aulas ao longo de três anos.

3. Teologia. Esta é "a ciência de Deus e das coisas divinas" que examina sistematicamente a revelação sobrenatural à luz da fé cristã.

Abaixo está uma lista de cursos de teologia ministrados no Most Holy Trinity Seminary. Eles são típicos dos requisitos do programa de teologia padrão pré-Concílio Vaticano II, embora alguns materiais possam ter sido divididos de maneira diferente.

Os dois primeiros tópicos listados, Teologia Dogmática e Moral, compreendem os dois principais cursos durante esses quatro anos. O primeiro é um estudo sistemático da fé; o segundo, um exame minucioso dos princípios e prática da moral, e, portanto, especialmente importante para ouvir confissões.

• *Teologia Dogmática.* Revelação. A Igreja. O Único Deus. A Trindade. Deus, o Criador. Graça. A Palavra Encarnada. Sacramentos. Últimas Coisas. (680 hrs.)

• *Teologia Moral.* Princípios Gerais. Virtudes Teológicas. Virtudes Cardeais. Teologia Ascética e Mística. (420 hrs.)

• *Sagrada Escritura.* Introdução. (75 hrs.) Leitura e Comentário de Textos. (Horas Variáveis.)

• *Direito Canônico.* Introdução Geral. Direito Sacramental (180 hrs.)

• *Liturgia.* História/Introdução Geral. Ritos em Particular. Era Moderna e a Nova Missa. Rubricas da Missa. Tradução do Saltério do Breviário. (240 hrs.)

• *História da Igreja*. Igreja Primitiva. Idade Média. Era Moderna. (210 hrs.)

• *Prática.* Homilética. Canto Gregoriano. Prática da Missa. Teologia Pastoral.

4. Preparação de Cursos, Exames. Para ensinar uma disciplina eficazmente, o professor deve preparar extensas notas para si mesmo e para os alunos. Da primeira vez que um professor ensina um curso importante, ele precisa de cerca de 3-4 horas para preparar notas para cada hora de aula real.

O seminarista usa essas notas para estudar para os exames, que no Most Holy Trinity ele faz três vezes por ano. É claro que você deve passar nos exames para todas as disciplinas principais.

5. Ordens e Estudos. O Código de Direito Canônico também prescreve o ponto que um seminarista deve ter atingido em sua educação antes de sua promoção a cada ordem maior. Essas regras se aplicavam igualmente aos padres diocesanos e de ordens religiosas:

• Tonsura, Ordens Menores. Não antes de começar a teologia.

• Subdiaconato. Não antes do final do terceiro ano de teologia.

• Diaconato. Não antes do início do quarto ano de teologia.

• Sacerdócio. Não antes do meio do quarto ano de teologia.[16]

Isso era a lei geral da Igreja. Dispensas às vezes permitiam a confirmação mais precoce do subdiaconato e diaconato.

II. Ordenação de Não Apto: Ilícito e Pecaminoso

ESSA É A formação espiritual e acadêmica que a Igreja prescreve para garantir que os candidatos ao sacerdócio sejam adequadamente julgados (*rite probati*) quanto à posse de "conduta moral" e o "conhecimento necessário", que, juntos, constituem a "adequação canônica" (*idoneitas canonica*) para as Ordens Sagradas.

E se um candidato não tiver a formação necessária e, portanto, for canonicamente inapto?

A lei da Igreja é clara:

Primeiro, ordená-lo seria ilícito. O Cânon 974 estabelece a conduta moral e o conhecimento necessário como condições para a ordenação "lícita", e examinamos em detalhes o que compreende essas condições.

Segundo, o Cânon 973 proíbe um bispo, sob pena de pecado mortal, de ordenar um candidato canonicamente inapto.

> "O bispo não deve conferir ordens sagradas a ninguém a menos que tenha provas positivas, equivalentes a uma certeza moral, da adequação canônica do candidato; caso contrário, ele [o bispo] não apenas peca gravemente, mas também se expõe ao perigo de compartilhar a culpa de outro."[17]

Duas coisas sobre isso são particularmente dignas de nota:

- O cânon se aplica não apenas à confirmação do sacerdócio, mas também às ordens sagradas mais baixas de diaconato e subdiaconato.

- O cânon enfatiza a natureza grave dessa proibição ao afirmar que, se o bispo a violar, ele "peca gravemente". Este é um dos poucos trechos do Código que mencionam especificamente o pecado mortal como consequência da violação de um cânon.

O canonista Regatillo explica que isso é um pecado "contra o bem público, que é prejudicado em grande medida pelos ministros indignos".[18]

E, finalmente, no certificado emitido após a ordenação, o bispo ordenante deve jurar que o candidato que ele promoveu foi devidamente examinado antecipadamente e "considerado apto" - *idoneum repertum*.[19]

III. Validade das Ordens dos Bispos Não Aptos

JÁ DEMONSTREI amplamente em outro lugar que canonistas, teólogos morais e vários decretos eclesiásticos concederam uma presunção geral de validade a ordenações e consagrações episcopais conferidas por bispos católicos, bispos ortodoxos e bispos cismáticos da Velha Igreja Católica em certos países.[20]

Essas autoridades presumem que todos esses bispos seguem os ritos prescritos em seus respectivos livros litúrgicos, e assim empregam a matéria essencial (imposição das mãos) e a forma (fórmula apropriada para cada ordem) necessárias para a validade de uma ordenação.

Mas até onde essa presunção se estende? Ela se aplica mesmo a ordens conferidas por um "bispo" tradicionalista do submundo do tipo mencionado no início deste artigo - alguém canonicamente inapto para o próprio sacerdócio, sem uma educação eclesiástica adequada, sumariamente ordenado sacerdote e elevado ao episcopado, talvez por um bispo igualmente ignorante e canonicamente inapto?

Duvido que algum canonista romano tenha explorado tal questão em um manual de direito canônico pré-Concílio Vaticano II - Ordens Sagradas conferidas, digamos, por um bispo que era agricultor e não treinado em latim e teologia.

No entanto, o princípio a ser aplicado é bastante claro: a menos que alguém tenha recebido treinamento adequado, nenhuma presunção de validade é conferida aos sacramentos que ele confere, porque ele pode não saber o suficiente para conferi-los validamente.

Isso pode ser deduzido facilmente a partir dos seguintes casos.

A. Batismo por um Leigo

Todos aprendemos na catequese que, embora o padre seja o ministro ordinário do batismo, em uma emergência, até um leigo pode administrar validamente o sacramento.

No entanto, o teólogo moral Merkelbach afirma que a validade desse batismo muitas vezes é suspeita na prática e recomenda que o padre confira novamente o sacramento condicionalmente, a menos que testemunhas possam confirmar o que aconteceu, ou a menos que alguém "completamente sério... confiável, circunspecto, instruído no rito do batismo, afirme que batizou a criança adequadamente."[21]

Portanto, enquanto um batismo conferido pelo ministro ordinário sempre goza de uma presunção de validade, nenhuma presunção semelhante é concedida quando ele é conferido por outra pessoa que não foi devidamente treinada. Em vez disso, alguém que sabe o que é necessário (neste caso, o pároco) deve realizar uma investigação para determinar se o sacramento foi conferido validamente.[22]

Aqui, as ordenações do bispo agricultor mencionado no artigo estão na mesma categoria dos batismos conferidos por pessoas ignorantes e não treinadas - sua validade não é presumida, mas é suspeita.

B. Cismáticos Etíopes

Embora a Igreja tratasse as ordenações conferidas pela maioria dos grupos cismáticos orientais como válidas, houve pelo menos uma exceção.

Os clérigos cismáticos etíopes eram amplamente considerados como ignorantes e mal alfabetizados; o mesmo acontecia com os coptas cismáticos (egípcios) que forneciam aos etíopes o único bispo autorizado a ordenar padres em seu país. Este bispo, chamado "Abuna", era sempre um copta. Ele, portanto, não estava familiarizado com os ritos etíopes e a língua litúrgica (Ge'ez), e sua prática era ordenar milhares de padres de uma só vez na mesma cerimônia.[23]

Diante disso, Roma decretou que qualquer padre etíope que quisesse se converter e funcionar como padre católico tinha que afirmar primeiro que o Abuna impôs as mãos sobre sua cabeça e recitou as orações prescritas. Caso contrário, ele teria que se submeter à ordenação condicional.[24]

Portanto, quando o ministro das Ordens Sagradas parecia não possuir o devido conhecimento e não podia ser confiável para realizar o rito prescrito adequadamente, Roma não concedia uma presunção geral de validade

e insistia em uma investigação para cada caso específico.[25]

C. Cismáticos Velha Igreja Católica

Canonistas como Beste[26] e Regatillo[27] concedem a presunção de validade apenas às ordenações conferidas pelos bispos da Velha Igreja Católica na Holanda, Alemanha e Suíça. Das ordenações conferidas pelos inúmeros outros bispos da Velha Igreja Católica que atuavam (nos EUA, Inglaterra, etc.) na época em que estavam escrevendo, os canonistas não dizem nada.

Aqui também, a distinção parece basear-se em saber se o clero tinha ou não uma educação eclesiástica. Na Holanda, Alemanha e Suíça, o clero da Velha Igreja Católica era obrigado a ter treinamento teológico.[28] Nos outros países, os bispos da Velha Igreja Católica conferiam ordenações e consagrações indiscriminadamente a centenas de candidatos não treinados.

Para demonstrar o problema que isso representa para a validade das Ordens Sagradas conferidas no último grupo, precisamos considerar apenas uma série de bispos da Velha Igreja Católica nos EUA: Mathew (consagrado em 1908), de Landas Berghes (1913), Carfora (1916), Rogers (1942), Brown (1969).

Enquanto o primeiro e o terceiro bispos da linha, Mathew e Carfora, eram padres católicos devidamente treinados e, presumivelmente, saberiam como conferir um sacramento adequadamente, o segundo e o quarto, de Landas Berghes e Rogers, são identificados apenas como, respectivamente, "um nobre austríaco distinto" e "um negro das Índias Ocidentais".[29]

No entanto, navegar pela segunda cerimônia mais complexa do Rito Romano - a Consagração Episcopal - e acertar as partes essenciais (ou mesmo saber o que são) não é exatamente algo que um leigo adquire na corte de um imperador dos Habsburgos ou em um campo de cana-de-açúcar do Caribe. Portanto, não há motivo para assumir que de Landas Berghes ou Rogers tinham alguma ideia de como conferir esse sacramento validamente.

Este problema é complicado por mais um: a ordenação presbiteral de Rogers era duvidosa, o que, por sua vez, tornaria sua consagração episcopal duvidosa.[30]

Portanto, quando chegamos a Brown em 1969, não há como saber se suas ordenações são válidas ou não.

Esses problemas são encontrados em todo o conselho com as ordenações derivadas não apenas dos Velhos Católicos, [31] mas também dos cismáticos nacionalistas brasileiros.[32] Sacramentos conferidos pelos ignorantes não podem ser presumidos como válidos.

D. Um Bispo Casado

Por fim, uma história real sobre como alguns dos clérigos mencionados no início deste artigo na verdade conferem sacramentos ilustrará o problema de assumir que eles foram ordenados ou consagrados validamente.

Um bispo casado ordenou outro homem casado como padre, usando uma cópia fotográfica do rito de ordenação tradicional. No entanto, a cópia estava sem a página que continha a forma sacramental essencial que deve ser recitada para que uma ordenação seja válida.

Uma vez que esse bispo aspirante não tinha treinamento, ele não fazia ideia de que algo estava errado. O erro só foi detectado porque um sacerdote apóstata (devidamente treinado) estava presente. Mas não se preocupe. O sacerdote apóstata "corrigiu" o erro sozinho depois, impondo as mãos e recitando a forma correta - depois de anunciar que havia sido secretamente consagrado bispo pelo próprio Pio XII!

A partir do exposto, fica claro que aqueles que não possuem a formação necessária para o sacerdócio não podem ser confiáveis para ordenar padres e consagrar bispos validamente. Portanto, as Ordens Sagradas conferidas no cenário underground por velhos católicos não treinados, cismáticos brasileiros ou agricultores *Palmerianos*, enfermeiros e liquidantes de propriedades, não desfrutam de nenhuma presunção de validade.

Na ordem prática, portanto, seus sacramentos devem ser tratados como "absolutamente nulos e completamente inválidos."

IV. Uso de Ordens pelos Canonicamente Inaptos

NOS ANOS desde o Concílio Vaticano II, vários candidatos inaptos conseguiram obter Ordens Sagradas de bispos católicos ou bispos não católicos, como os Velhos Católicos ou os cismáticos brasileiros, e depois passaram a atuar em capelas tradicionalistas.

Supondo que possa ser provado em um caso específico que as ordens recebidas dessa maneira são válidas, seria permitido a uma pessoa assim exercê-las, dada a escassez de padres católicos tradicionalistas?

A. Ordens de um Bispo Católico

O propósito específico de muitos cânones que regulam as Ordens Sagradas era evitar que um bispo católico ordenasse um candidato inapto para o sacerdócio, seja por desconhecimento ou por conhecimento, e, caso contrário, evitar que tal pessoa exercesse o sacerdócio.

Além das muitas regulamentações já citadas, outros cânones designavam o bispo diocesano como o ministro adequado das Ordens Sagradas para todos os seus súditos (assim, como guardião contra os inaptos),[33] proibiam um bispo (sob pena de suspensão)[34] de ordenar sem a devida permissão os súditos de outro bispo,[35] exigiam cartas de recomendação para cada ordenando (verificando estudos, caráter moral, ausência de impedimentos),[36] exigiam exames em teologia para promoção às Ordens Maiores,[37] legislavam sobre o proclamas (para descobrir impedimentos),38 proibiam (exceto após investigação rigorosa e, em alguns casos, uma dispensa do Vaticano) a admissão de seminaristas que tivessem sido demitidos de ou até voluntariamente deixado outros seminários ou institutos religiosos.[39]

Mesmo que um candidato inapto conseguisse contornar essas barreiras e, de alguma forma, encontrasse um bispo católico suficientemente crédulo ou descuidado para ordená-lo - um bispo aposentado, por exemplo - outras leis da Igreja ainda o teriam impedido de exercer suas ordens ilicitamente obtidas.

Sem um *celebret* (o documento de seu bispo diocesano que atesta sua boa situação), ele não poderia celebrar a Missa publicamente em nenhuma igreja, e, sem um indulto para celebrar em um altar portátil, ele não poderia celebrar a Missa em nenhum outro lugar. Sem faculdades do Ordinário diocesano, ele não poderia pregar, realizar batismos solenes, levar a comunhão aos doentes, conferir a absolvição e a extrema unção (exceto em caso de perigo de morte), testemunhar casamentos ou até mesmo abençoar terços e escapulários.

E, como é óbvio, o direito canônico proíbe explicitamente um homem casado que conseguiu receber as Ordens Sagradas de exercê-las.[40]

Em resumo, o direito da Igreja teria impedido o sacerdote canonicamente inapto de realizar quase todos os atos sacerdotais, porque apenas um sacerdote que recebeu a formação no seminário requerida teria sido autorizado a realizá-los.

B. Ordens de um Cismático

Em não poucas instâncias desde o Concílio Vaticano II, nos deparamos com o caso de um católico tradicional que recebe a ordenação ou até mesmo a consagração episcopal de um bispo não católico (como um Velho

Católico ou um cismático brasileiro, por exemplo), e depois começa a ministrar aos católicos tradicionais. Em alguns casos, ele faz uma Profissão de Fé e uma Abjuração de Erro na tentativa de retificar a anomalia de receber as ordens de um cismático.

Como já observei em outro lugar, receber ordens dessa maneira pode não, por si só, incorrer em excomunhão, muito menos em uma que "infectaria" automaticamente leigos desavisados associados a uma pessoa assim ordenada.

Dito isso, embora um escritor tradicionalista chame essas ordenações de "ouro manchado", o adjetivo correto é "roubado". As Ordens Sagradas são propriedade da Igreja, cuja lei proíbe que os canonicamente inaptos as recebam ou exerçam.

Embora a Igreja geralmente tenha permitido que aqueles que foram criados e ordenados no cisma exercessem suas ordens quando abjuravam e eram recebidos na Igreja, um católico que saía da Igreja para receber as Ordens Sagradas - mesmo que a validade delas fosse certa - não tinha permissão para exercê-las, mesmo que se arrependesse de sua ação.

Em 1709, a Santa Sé recebeu a seguinte pergunta sobre a recepção de ordens de um cismático:

> "Uma vez que há necessidade de padres para servir as igrejas armênias católicas tanto em Aspaan quanto em Giulfa, onde não há bispos armênios católicos, é permitido enviar alguém para ser ordenado e receber as Ordens Sagradas de um dos bispos cismáticos e hereges?"

O Santo Ofício respondeu: "Isso de forma alguma é permitido, e aqueles ordenados por tais bispos são irregulares e suspensos do exercício das Ordens."[41]

Essa também foi a prática da Igreja no caso mais recente de René Villatte (1854-1929).

Villatte, que abandonou vários seminários e comunidades religiosas católicas, foi ordenado padre em 1885 pelo bispo velho católico suíço de Berne e, em seguida, (dizem) foi consagrado bispo em 1892 por cismáticos sírio-jacobitas no Ceilão (Sri Lanka). Esse personagem errático consagrou pelo menos sete bispos entre 1898 e 1929; ninguém sabe quantos padres ele ordenou.[42]

Em 1925, ele fez uma declaração formal de arrependimento diante do Núncio Apostólico em Paris, foi recebido de volta na Igreja e teve permissão para viver na aposentadoria na Abadia Cisterciense de Pont-Colbert, em Versalhes.

Mesmo que não houvesse dúvida sobre a validade de sua ordenação sacerdotal, Vilatte não pôde exercer as ordens que recebeu fora da Igreja. Ele foi tratado como leigo.[43]

Esse é o princípio a ser aplicado ao suposto padre ou bispo católico tradicionalista que recebeu a ordenação sacerdotal ou a consagração episcopal de cismáticos. Suas ordens - mesmo que ele possa provar sua validade além de qualquer dúvida - são "roubadas". É proibido que ele as exerça e, assim, se beneficie de seu roubo.

V. Objecções e Evasões

Aqui estão várias objeções que ouvi sobre o que foi exposto acima, juntamente com minhas respostas:

1. Estudo Privado. Posso estudar por conta própria enquanto moro em casa e, em seguida, encontrar um bispo para me ordenar.

> "A formação teológica deve ser feita, não de forma privada, mas em escolas instituídas para esse fim, de acordo com o curso de estudos prescrito no cânon 1365."[44]

E a lei prescreve que você deve morar no seminário:

> "A obrigação que afeta o curso de teologia requer não apenas estudo em um seminário, mas residência efetiva, e a obrigação é grave."[45]

O propósito dessa lei não é apenas garantir uma formação acadêmica adequada. Em um seminário, os superiores observarão, formarão e julgarão o caráter e o comportamento do seminarista - algo muito difícil de fazer se ele não vive em comunidade com eles. Além disso, a teologia não é apenas algum tipo de curso avançado de catecismo, mas uma ciência real. Você precisa de professores qualificados que expliquem o material e o testem.

2. Pio XII. O Papa Pio XII não foi para um seminário, mas estudou por conta própria em casa e depois foi ordenado. Se ele fez isso, qualquer um pode fazer.

Falso. Pio XII, devido a problemas de saúde, recebeu permissão especial do Cardeal Vigário de Roma para morar em casa enquanto estudava para o sacerdócio.

Isso é consistente com uma exceção permitida pelo Cânon 972.1, permitindo ao Ordinário dispensar um seminarista da obrigação de residir em um seminário, "em um caso particular e por um motivo grave."[46]

O jovem Pacelli não "estudou por conta própria". Embora morasse em casa, frequentou aulas na Pontifícia Universidade Gregoriana, estudou filosofia, latim e grego na Universidade de La Sapienza e fez teologia no Ateneu Papal de São Apolinário, onde obteve um *Baccalaureate* e *Licentiate* em teologia *summa cum laude*.

3. Cânones Inaplicáveis. Devido à situação na Igreja, os cânones que prescrevem uma formação espiritual e acadêmica extensa para os padres não se aplicam mais.

Também falso. Canonistas como Cicognani[47] e Bouscaren-Ellis[48] estabelecem critérios específicos para quando uma lei eclesiástica cessa. Comentaristas concordam que a cessação intrínseca de uma lei eclesiástica ocorre apenas quando ela se torna inútil, prejudicial ou irracional.

À luz das muitas pronunciações papais sobre a grave obrigação de ordenar apenas aqueles que foram devidamente formados, ninguém pode fazer tal argumento contra as leis citadas acima. Também não se pode invocar a epiqueia ou a equidade aqui, pois isso deve ser regido pelo que os moralistas chamam de gnomê, um tipo de prudência madura no julgamento.[49] Os papas, como vimos, alertaram repetidamente que é imprudente e perigoso ordenar os ineptos canonicamente.

4. Necessidade de Padres. Vivemos em tempos extraordinários. Nossa maior necessidade é ter mais padres para celebrar a Missa tradicional. Então, o que importa se eles não têm treinamento adequado? Ter a Missa é tudo o que importa.

Primeiro, ouça Pio XI:

> "Um padre bem treinado vale mais do que muitos treinados de forma inadequada ou quase nada. Pois tais seriam não apenas inconfiáveis, mas uma fonte provável de tristeza para a Igreja."[50] Depois, Santo Tomás: "Deus nunca abandona Sua Igreja; e assim, o número de padres será sempre suficiente para as necessidades dos fiéis, desde que os dignos sejam promovidos e os indignos sejam afastados... Se um dia se tornar impossível manter o número atual, é melhor ter alguns bons padres do que uma multidão de maus."[51]

5. "Minha Vocação." Um católico tradicional que persevera em querer ser padre, mesmo que tenha sido rejeitado por vários seminários tradicionalistas e não tenha recebido formação adequada, estaria justificado em obter a ordenação de qualquer maneira.

Essa pessoa é um "tipo" recorrente, tanto na história do movimento Católico Velho quanto em certos círculos tradicionalistas modernos. Ele é o católico que quer ser padre, mas é repetidamente informado por vários superiores de seminários e religiosos que ele é inadequado para o sacerdócio por motivos intelectuais, espirituais, morais ou psicológicos. Em vez de aceitar o julgamento deles, ele decide que sabe melhor, então convence um bispo católico aposentado a ordená-lo ou vai a um cismático que não apenas o ordena, mas até o torna bispo. Sem confusão, sem necessidade de passar anos em um seminário onde ele é testado e julgado por "prova positiva de retidão" e "conhecimento necessário." O aspirante a padre nunca percebe que seu ato demonstra que lhe faltam as virtudes (prudência, humildade, etc.) ou o conhecimento (de direito canônico, etc.) que um candidato à ordenação deve possuir. Em outras palavras, o fato de ele ter recebido as Ordens Sagradas dessa maneira confirma o que seus superiores lhe disseram anteriormente: ele não tem vocação e não está apto para ser padre.

6. Maus Resultados. Muitos padres produzidos pelo sistema antigo antes do Vaticano II se mostraram ruins, assim como muitos padres produzidos pelos seminários tradicionalistas após o Vaticano II. Por que insistir em passar por todo esse problema?

A razão, em ambos os casos, é a natureza humana caída. Padres que foram bem treinados ainda podem cair em pecado ou abandonar a fé. Tais falhas individuais não desacreditam o sistema estabelecido pelo Concílio de Trento e prescrito pelo direito canônico. Como qualquer pai sabe, você pode fornecer de maneira fiel e consistente às crianças toda a formação religiosa e moral adequada exigida nos manuais para pais católicos, mas a criança, como adulto, ainda pode optar por se desviar. A coisa importante para a salvação do próprio pai, no entanto, é que ele fez o seu dever.

7. Somos Monges Contemplativos. Somos monges, então não precisamos de toda essa formação acadêmica rigorosa em latim, filosofia e teologia antes da ordenação. Além disso, atividades intelectuais e discussões tornam os padres mundanos e orgulhosos. Nosso único interesse é a contemplação.

Isso pode parecer plausível para leigos e até mesmo para alguns padres, mas como ex-monge Cisterciense, não concordo. A abadia que frequentei e outra abadia para a qual fui posteriormente enviado eram ambas casas contemplativas com observâncias monásticas rigorosas. No entanto, os monges de ambas eram sempre obrigados a receber a mesma formação acadêmica antes da ordenação que os outros padres recebiam.

Pio XI, além disso, disse que você precisa dos estudos: "O principal objetivo desta Carta é exortar os religiosos, quer já tenham sido ordenados ou estejam se preparando para a admissão ao sacerdócio, a um estudo assíduo das ciências sagradas; a menos que estejam completamente familiarizados com essas disciplinas, eles não serão capazes de cumprir adequadamente os deveres de sua vocação."[52] Além disso, não se pode usar a carta contemplativa como justificativa para a ignorância: "É um erro para eles [aqueles que levam uma vida contemplativa no claustro] pensarem que, se os estudos teológicos fossem negligenciados antes da ordenação ou subsequentemente abandonados, podem facilmente habitar na altura e ser elevados à união interior com Deus, mesmo que lhes falte aquele conhecimento abundante de Deus e dos mistérios da fé que é derivado da ciência sagrada."[53]

8. Muito Trabalho. Fornecer toda a formação acadêmica tradicionalmente necessária é impossível. Não há professores ou padres suficientes para fazer todo esse trabalho

Ensinar cursos de latim, filosofia e teologia é muito trabalho. Mas é possível em nossos tempos dar aos seminaristas uma formação acadêmica completa que será suficiente para o trabalho sacerdotal deles. Existem muitos manuais básicos excelentes de seminários que cobrem todo o terreno necessário para os cursos exigidos. Leva muito tempo e disciplina para o professor preparar aulas com base nesses manuais e para o aluno aprender o material que eles contêm. O esforço necessário para organizar e supervisionar isso vale a pena, porque produz um padre devidamente formado, digno de sua vocação.

9. Polêmica Esteril. Você está se envolvendo em uma polêmica intelectual estéril na qual não temos interesse. Seus comentários são desonestos, não espirituais e divisivos. Como padre, você deveria mantê-los

para si mesmo.

Você é como o fariseu que se considerava orgulhosamente alguém especial acima da multidão de indignos do mundo! Aqui está Pio XI sobre nossa responsabilidade de falar contra um clero mal formado: "Que conta terrível, Veneráveis Irmãos, teremos de dar ao Príncipe dos Pastores, ao Bispo Supremo das almas, se entregarmos essas almas a guias incompetentes e líderes incapazes."54

VI. Resumo e Conclusões

Podemos resumir o exposto acima da seguinte forma:

1. A lei da Igreja exige que qualquer pessoa ordenada ao sacerdócio possua aptidão canônica (*idoneitas canonica*). Os dois critérios principais que determinam a aptidão canônica de um candidato para a ordenação são (a) conduta virtuosa (*mores congruentes*) e (b) o conhecimento necessário (*debita scientia*). O sistema de seminário estabelecido pelo Concílio de Trento e prescrito pelo direito canônico fornece aos candidatos à ordenação uma formação espiritual adequada (por meio das regras do seminário, horário diário, direção espiritual regular, observação e correção, e avaliação do corpo docente) e a educação eclesiástica necessária (conhecimento e compreensão do latim, dois anos de filosofia, quatro anos de teologia). O sistema tridentino garante que os ordenandos sejam "devidamente julgados" (*rite probati*) por um longo período de tempo, tanto em sua conduta quanto em seu conhecimento, e que, portanto, eles sejam realmente aptos canonicamente para a ordenação. A legislação papal e as pronunciações repetidamente alertam que esses requisitos são obrigações graves e que ignorá-los coloca em perigo as almas dos fiéis. Um candidato que não foi "devidamente julgado" de acordo com as normas da lei quanto à sua virtude e conhecimento é canonicamente inadequado para o sacerdócio.

2. Um bispo que confere ordens maiores a um candidato canonicamente inadequado comete pecado mortal. (Cânon 973.)

3. As ordens sagradas conferidas por um bispo canonicamente inadequado - aquele que, entre os Católicos Velhos, cismáticos brasileiros, hierarquia de Palmar de Troya e outros, não possuía a formação no seminário necessária - não desfrutam de nenhuma presunção de validade. Na prática, portanto, as ordens sacerdotais ou episcopais derivadas de tais bispos devem ser tratadas como inválidas.

4. Mesmo que em um caso particular um candidato canonicamente inadequado pudesse provar que sua ordenação sacerdotal ou consagração episcopal era certamente válida, ele ainda seria proibido de exercer as ordens assim recebidas, independentemente de serem conferidas por um prelado católico ou cismático.

A lei e a tradição da Igreja, portanto, exigem que seus ministros sejam formados e testados em relação à sua virtude e conhecimento antes de receberem a dignidade das Sagradas Ordens e que os não aptos sejam excluídos. Um padre ou bispo que seja inapto do ponto de vista canônico, mesmo que tenha sido ordenado validamente, desonra o sacerdócio católico e coloca em perigo a salvação das almas toda vez que sobe ao altar, entra no confessionário ou, pior ainda, veste uma mitra e ordena a Sagradas Ordens outros ignorantes e inaptos.

A dignidade do sacerdócio de Cristo e o bem geral da Igreja exigem que os leigos católicos tradicionais se recusem a receber ministrações sacramentais desses homens e não apoiem seus apostolados. Fazer o contrário concede credibilidade e respeitabilidade ao que merece apenas desprezo e condenação, como evidenciado pelas palavras aterrorizantes do Papa Pio XI: "Qualquer um que assumir o ministério sagrado sem treinamento ou competência deve tremer por seu próprio destino, pois o Senhor não deixará sua ignorância sem punição; é o Senhor quem proferiu o aviso terrível: 'Porque rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei para que não sejas sacerdote para mim'." (Oséias 4:6) Se o próprio Senhor rejeita os inaptos, os leigos católicos tradicionais não podem fazer menos - pois o único tipo de pessoa apta a celebrar uma Missa Tridentina é um verdadeiro padre Tridentino.

Notas

1. Um grupo de corpos cismáticos ligados aos jansenistas do século XVII em Utrecht, ou aos liberais do século XIX que rejeitaram a infalibilidade papal. Para uma visão geral, consulte artigo de pe. A. Cekada, "Warning on the Old Catholics" (Aviso sobre os Velhos Católicos), The Roman Catholic (1980).
2. Fundada em 1945 por Mgr Carlos Duarte Costa (1888-1961), ex-Bispo de Bocatú, Brasil, que foi excomungado por atacar a autoridade do papa. Este foi um movimento liberal que instituiu uma liturgia vernacular e aboliu o celibato clerical e a confissão auricular.
3. Movimento espanhol anti-Vaticano II fundado pelo vidente Clemente Dominguez. Em 1976, vários bispos para o grupo foram consagrados pelo ex-arcebispo de Hué, Mgr P.M. Ngô-dinh-Thuc (1897-1984), que mais tarde repudiou Palmar. Os padres tradicionalistas que Mgr Thuc consagrou como bispos em 1981, Pe. M.L. Guérard des Lauriers OP, Moisés Carmona Rivera e Adolfo Zamora Hernandez eram sede-vacantistas que não tinham ligação com Palmar.
4. "Mores ordini recipiendo congruentes," "debita scientia." O cânon lista outros cinco requisitos que são fáceis de verificar: Confirmação, idade canônica, recepção das ordens menores, observância dos intervalos de tempo (interstícios) entre as ordenações e título canônico para as ordens maiores.
5. F. Wernz SJ & P. Vidal SJ, Ius Canonicum (Roma: Gregoriana 1934), 4:218.
6. Canon 972.1. "Curandum ut ad sacros ordines adspirantes inde a teneris annis in Seminario recipiantur; sed omnes ibidem commorari tenentur saltem per integrum sacra theologiae curriculum." Tradução: "Deve-se cuidar para que aqueles que aspiram às ordens sagradas sejam recebidos no Seminário desde tenra idade; no entanto, todos devem permanecer lá, pelo menos, durante todo o currículo de teologia sagrada." Vou discutir uma exceção abaixo.
7. E.F. Regatillo SJ, Jus Sacramentarium, 2a ed. (Santander: Sal Terrae 1949) 912.
8. Encíclica Ad Catholici Sacerdotii, 20 de dezembro de 1935, AAS 28 (1936), 42-3. O cânon 973.3 utiliza uma linguagem quase idêntica à citação de Santo Afonso. 5. F. Wernz SJ & P. Vidal SJ, Ius Canonicum (Rome: Gregorian 1934), 4:218.
9. Motu proprio Sacrorum Antistitum, 1 September 1910, AAS 2 (1910), 666, 667–8.
10. Apostolic Letter Unigenitus Dei Filius, 19 March 1924, AAS 16 (1924), 137.
11. Exhortation to all the clergy Menti Nostrae, 23 September 1950, AAS 42 (1950), 688, 689.
12. See Canon 1364.
13. Canon 1365.1–2. "§1. In philosophiam rationalem cum affinibus disciplinis alumni per integrum saltem biennium incumbant. §2. Cursus theologicus saltem integro quadriennio contineantur, et, praeter theologiam dogmaticam et moralem, complecti praesertim debet studium sacrae Scripturae, historiae ecclesiasticae, juris canonici, liturgiae, sacrae eloquentiae et cantus ecclesiastici. § 3. Habeantur etiam lectiones de theologia pastorali, additis practicis exercitationibus praesertim de ratione tradendi pueris aliisve catechismum, audiendi confessiones, visitandi infirmos, assistendi moribundis." Tradução: "§1. Os alunos devem dedicar pelo menos dois anos ao estudo da filosofia racional e disciplinas afins. §2. Os cursos de teologia devem ter a duração de pelo menos quatro anos e devem incluir, além da teologia dogmática e moral, o estudo especial das Sagradas Escrituras, da história da Igreja, do direito canônico, da liturgia, da retórica sagrada e do canto litúrgico. §3. Também devem ser incluídas aulas de teologia pastoral, com exercícios práticos, especialmente sobre como ensinar catecismo a crianças e ouvir confissões, visitar os enfermos e assistir os moribundos."
14. Apostolic Letter Officium Omnium Ecclesiarum, 1 August 1922, AAS 14 (1922), 453–4.
15. Allocution to the Discalced Carmelites Magis Quam, 23 September 1951, in Discorsi e Radiomessagi di sua Santità Pio XII (Vatican: 1952) 13:258. ". . . reputandus est lamentabili mentis laborare squalore." Tradução livre: ". . . ele é considerado como quem sofre com lamentável debilidade da mente".
16. Canon 976.1-2. "Nemo sive saecularis sive religiosus ad primam tonsuram promoveatur ante inceptum cursum theologicam. Firmo praescripto can. 975, subdiaconatus ne conferatur, nisi exeunte tertio cursus theologici anno; diaconatus, nisi incepto quarto anno; presbyteratus, nisi post medietatem eiusdem quarti anni." Tradução: "Ninguém, seja secular ou religioso, deve ser promovido à primeira tonsura antes de iniciar o curso de teologia. De acordo com a rígida prescrição do Cânon 975, o subdiaconato não deve ser conferido até que o terceiro ano do curso de teologia tenha começado; o diaconato não deve ser conferido até que o quarto ano tenha começado; e o sacerdócio não deve ser conferido até depois da

metade desse quarto ano."

17. Canon 973.3. “Episcopus sacros ordines nemini conferat quin ex positivis argumentis moraliter certus sit de ejus canonica idoneitate; secus non solum gravissime peccat, sed etiam periculo sese committit alienis communicandi peccatis.” (My emphasis.) Tradução: "O bispo não deve conferir sagrados ordens a ninguém sem que esteja moralmente certo da sua adequação canônica, com base em argumentos positivos; caso contrário, não apenas peca gravemente, mas também se expõe ao perigo de compartilhar os pecados de outrem." (Meu destaque)
18. Jus Sacramentarium, 919.
19. Veja S. Pietrzyk, A Practical Formulary in Accordance with the Code of Canon Law (Formulário Prático de Acordo com o Código de Direito Canônico) (Little Rock: Pioneer 1949), 168. Em uma fórmula alternativa, o bispo atesta que o candidato atendeu a todos os requisitos prescritos pelo Concílio de Trento e pelo Código.
20. "The Validity of the Thuc Consecrations" (A Validade das Consagrações de Thuc), Sacerdotium 3 (Primavera de 1992), 20-21.
21. B. Merkelbach, Summa Theologiae Moralis, 8th ed. (Montreal: Desclée 1949) 3:165. “... persona omnino seria, etiam mera obstetrix, quae sit fide digna, circumspecta, et in ritu baptizandi instructa... ” Tradução: "...a pessoa deve ser completamente séria, até mesmo uma parteira, que seja digna de fé, cautelosa e instruída no rito do batismo..."
22. Uma série de perguntas a serem feitas é fornecida por Merkelbach 3:141.
23. Veja A. Fortescue, The Lesser Eastern Churches (As Igrejas Menores do Oriente) (Londres: CTS 1913) 308 e seguintes.
24. Holy Roman Inquisition, Response Ordinatio Presbyteri (Santa Inquisição Romana, Resposta Ordinatio Presbyteri), 10 de abril de 1704, em P. Gasparri, Tractatus Canonicus de Sacra Ordinatione (Paris: Delhomme 1893) 1057. Esta resposta também refuta o argumento apresentado pela Sociedade de São Pio V de que os padres católicos consagrados bispos pelo Arcebispo Thuc em 1981 não poderiam atestar o fato de suas próprias consagrações. Se as declarações de africanos ignorantes sobre suas ordenações (alguns estavam completamente nus quando ordenados [Fortescue, 311n]) fossem prova suficiente para Roma, não haveria problema em aceitar a palavra de um teólogo dominicano (Dom Guérard) ou de um professor de seminário e pároco (Dom Carmona) que afirma ter sido devidamente consagrado bispo.
25. A resposta da Inquisição (supra) fornece as perguntas a serem feitas em cada caso.
26. U. Beste, Introductio in Codicem (Collegeville MN: St. John’s 1946), 951.
27. Jus Sacramentarium, 878.
28. Os Velhos Católicos holandeses estudavam em sua escola teológica em Utrecht ou em uma universidade, os alemães em uma escola teológica em Bonn e os suíços na Universidade de Berne. P. Baumgarten, “Old Catholics” (Católicos Velhos) Catholic Encyclopedia (New York: Appleton 1913) 11:235–6. Esses grupos também eram organizados e um tanto centralizados. Eles consagravam um número limitado de bispos, mantinham registros adequados, seguiam os antigos ritos de ordenação e tinham linhas claras de sucessão.
29. P. Anson, Bishops at Large (Bispos sem Diocese) (Londres: Faber 1964) 189, 433.
30. Ele parece ter sido ordenado padre na sucessão de Vilatte (Anson, 433), cuja validade era incerta. De acordo com a maioria dos teólogos, a ordenação presbiteral é necessária para receber validamente a consagração episcopal.
31. Apologistas da validade das ordenações dos Velhos Católicos ou dos Velhos Católicos Romanos nos Estados Unidos (os termos são intercambiáveis) invariavelmente tentam apoiar seu caso citando o mesmo grupo de declarações publicadas por vários autores católicos. No entanto, com uma exceção, essas declarações não apareceram em obras teológicas, mas em obras populares (vários dicionários religiosos para leigos, visões gerais de seitas não católicas, etc.), ou se referem aos corpos Velhos Católicos na Europa sobre os quais não há disputa quanto às suas ordenações. O único artigo citado de uma revista acadêmica ("Movimentos Cismáticos entre Católicos", American Ecclesiastical Review 21 [julho de 1899], 2–3) é de uma passagem sobre a questão específica da ordenação sacerdotal de René Vilatte, que não pode ser contestada. A passagem citada não prova nada sobre as posteriores consagrações episcopais Velhas Católicas nos Estados Unidos, que eram um verdadeiro caos do tipo já descrito acima.

32. Entre esses bispos, encontramos, por exemplo, um vendedor de paramentos preso duas vezes por fraude e um seminarista desistente que, a partir de 1961, percorreu pelo menos três diferentes seitas Velhas Católicas nacionalistas e orientais.
33. Cânon 955.1. Esta era a regra para o clero secular. Um procedimento ligeiramente diferente se aplicava aos religiosos, mas o efeito era o mesmo.
34. Canon 2373.
35. Canons 955–963.
36. Cânon 993. Novamente, uma regra ligeiramente diferente se aplicava aos religiosos
37. Canons 996-7.
38. Canons 998–1000.
39. Cânon 1363.3. SC Religious & SC Seminaries, Decreto conjunto Consiliis Initis, 25 de julho de 1941, AAS 33 (1941), 371. SC Seminaries, comunicado privado ao Arcebispo de Toledo, 8 de maio de 1945. SC Seminaries, comunicado privado ao Vigário Geral de Colônia, Rispondiamo, 12 de janeiro de 1950, Ochoa, Leges Ecclesiae post Codicem (Roma: 1969) 2:2727-8.
40. Canon 132.3. “Conjugatus qui sine dispensatione apostolica ordines majores, licet bona fide, suscepit, ab eorunem ordinum exercitio prohibetur.” Tradução: Cânon 132.3. "Um casado que tenha recebido as ordens maiores sem a dispensa apostólica, embora de boa fé, é proibido de exercer essas ordens."
41. Santo Ofício, Decreto Bisognando, 21 de novembro de 1709, 278, em Collectanea S.C. de Propaganda Fide: 1602–1906 (Roma: Polyglot 1907) 1:92. "Bisognando qualche ministro per servizio delle chiese degli armeni cattolici, tanto in Aspaan quanto in Giulfa, per non esservi vescovi armeni cattolici, si mandano ad ordinare ed a prender gli ordini sacri da qualcuno dei vescovi scismatici ed eretici. R. Nullo modo licere; et ordinati ab hujusmodi Episcopis sunt irregulares, ac suspensi ab exercitio Ordinum." (Tradução: "Quando for necessário algum ministro para o serviço das igrejas armênias católicas, tanto em Aspaan quanto em Giulfa, uma vez que não há bispos católicos armênios, eles são enviados para serem ordenados e receber ordens sagradas por algum dos bispos cismáticos e hereges. Resposta: De maneira alguma é permitido; e aqueles ordenados por tais bispos são irregulares e suspensos do exercício das Ordens.")
42. Consulte Anson, 91-129.
43. Anson, 126-8. No que diz respeito às suas ordenações episcopais, Monsenhor Chaptal, Bispo Auxiliar de Paris, afirmou que o Cardeal Merry del Val não considerava as ordenações e consagrações de Vilatte como válidas porque haviam sido tão "comercializadas." Anson, 128. O Padre Joseph van Grevenbroek, abade da Abadia Cisterciense de Spring Bank, onde eu era noviço, havia sido um jovem sacerdote em Pont-Colbert quando Vilatte ainda estava vivo e nos contou que o abade de Pont-Colbert, Padre Janssens, tentou pressionar o Cardeal Merry del Val a emitir um comunicado sobre a validade das consagrações episcopais de Vilatte. O Cardeal respondeu: "Nunca emitiremos uma decisão."
44. Canon 976.3 “Cursus theologicus peractus esse debet non privatim, sed in scholis ad id institutis secundum studiorum rationem can. 1365 determinatam.”
45. J. Abbo & J. Hannon, The Sacred Canons (St. Louis: Herder 1957) 2:972.
46. “in casis particularibus, gravi de causa.”
47. Canon Law, 2nd rev. ed., trans. by Joseph M. O’Hara (Westminster MD: Newman 1934), 625.
48. T. Bouscaren & A. Ellis, Canon Law: A Text and Commentary (Milwaukee: Bruce 1946), 35.
49. See D. Prümmer, Manuale Theologiae Moralis, 10th ed. (Barcelona: Herder 1946) 1:231, 634.
50. Ad Catholici Sacerdotii, loc. cit., 44. My emphasis.
51. Sum. Theol. Suppl., 36.4.1. My emphasis.
52. Unigenitusque Dei Filius, loc. cit., 136–7
53. Ibid. 137.
54. Ad Catholici Sacerdotii, 44. A última parte da frase não apenas é mais enfática em latim, mas também é muito habilmente equilibrada: "...rectoribus inertis imperitisque magistris..." (Tradução da frase em latim: "diretores inertes e mestres inexperientes.")

Biografia

ABBO, J & J. Hannon. Os Cânones Sagrados. St. Louis: Herder 1957.

ACTA APOSTOLICAE SEDIS, Commentarium Officiale, Roma, 1909–. (AAS).

ANSON, P. Bispos em Grande Número. Londres: Faber 1964.

BAUMGARTEN, P. "Católicos Antigos", Enciclopédia Católica (Nova York: Appleton 1913) 11:235–6.

BESTE, U. Introductio In Codicem. Collegeville MN: St. John's 1946.

BOUSCAREN SJ, T. & A. Ellis SJ. Direito Canônico: Um Texto e Comentário. Milwaukee: Bruce 1946. 2 volumes.

CEKADA, A. "A Validade das Consagrações de Thuc", Sacerdotium 3 (Primavera 1992) 1–34. Disponível em www.traditionalmass.org.

_____. "Aviso sobre os Católicos Antigos", O Católico Romano (1980).

CICOGNANI, A. Direito Canônico, 2ª ed. revisada, trad. por Joseph M. O'Hara. Westminster MD: Newman 1934.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. 1917.

COLLECTANEA S.C. de Propaganda Fide: 1602–1906 (Roma: Polyglot 1907). 2 volumes.

FORTESCUE, A. As Menores Igrejas Orientais. Londres: CTS 1913.

GASPARRI, P. Tractatus Canonicus de Sacra Ordinatione. Paris: Delhomme 1893.

SANTA INQUISIÇÃO. Decreto Bisognando, 21 de novembro de 1709, 278, em Collectanea S.C.P.F.

_____ . Resposta Ordinatio Presbyteri, 10 de abril de 1704, em Gasparri, 1057.

MERKELBACH OP, B. Summa Theologiae Moralis, 8ª ed. Montreal: Desclée 1949. 3 volumes.

OCHOA, X. ed. Leges Ecclesiae post Codicem. Roma: 1969. 4 volumes.

PIETRZYK, S. Um Formulário Prático de Acordo com o Código de Direito Canônico. Little Rock: Pioneer 1949,

PIUS X. Motu proprio Sacrorum Antistitum, 1 de setembro de 1910, AAS 2 (1910), 655 e seguintes.

PIUS XI. Encíclica Ad Catholici Sacerdotii, 20 de dezembro de 1935, AAS 28 (1936), 5 e seguintes.

_____ . Carta Apostólica Officium Omnium Ecclesiarum, 1 de agosto de 1922. AAS 14 (1922), 449 e seguintes.

PIUS XII. Discursos e Radiomensagens de Sua Santidade Pio XII. Vaticano: 1952. 16 volumes.

_____ . Alocução aos Carmelitas Descalços Magis Quam, 23 de setembro de 1951. Em Discursos, 13:255–9.

_____ . Exortação a todo o clero Menti Nostrae, 23 de setembro de 1950, AAS 42 (1950), 657 e seguintes.

PRÜMMER OP, D. Manuale Theologiae Moralis, 10ª ed. Barcelona: Herder 1946. 3 volumes.

SC RELIGIOUS & SC Seminaries. Decreto Conjunto Consiliis Initis, 25 de julho de 1941, AAS 33 (1941), 371.

SC SEMINARIES. Privado ao Arcebispo de Toledo, 8 de maio de 1945.

_____ . Privado ao Vigário Geral de Colônia, Rispondiamo, 12 de janeiro de 1950, em Ochoa 2:2727-8.

"Movimentos Cismáticos entre os Católicos", American Ecclesiastical Review 21 (julho de 1899), 1–13.

WERNZ SJ, F. & P. Vidal SJ. Ius Canonicum. Roma: Gregoriana 1934. 8 volumes.

www.traditionalmass.org

www.SGGResources.org

Tradução: Luiz Guilherme

Artigo original: Link

O Concílio dos Malvados Me Cerca

JEAN VAQUIÉ

Maio de 1991

> «Concilium malignantium obsedit me» Salmo XXI, 17

Gostaríamos de demonstrar que o vigésimo primeiro Concílio Ecumênico, comumente chamado de Vaticano II, está previsto e até mesmo esquematicamente descrito no Salmo 21 da Vulgata. Este salmo contém a expressão singular: "Concilium malignantium obsedit me", que significa: "**O Concílio dos maus me assediou**". Assim, o salmo e o concílio são colocados sob o mesmo símbolo numérico, uma característica que sugere uma correspondência.

O Salmo 21 é um dos mais antigos comentados porque contém, antecipadamente enunciadas pelo salmista, algumas das "palavras da Cruz". No entanto, até nossa época, a expressão "concilium malignantium" não havia chamado particularmente a atenção porque o Concílio ao qual se refere ainda não havia ocorrido. **As profecias só se tornam certas após sua realização**.

Portanto, este venerável salmo é objeto de uma exegese clássica que não pretendemos contestar, mas que servirá de base para propor uma ampliação de seu sentido tradicional.

I - A INTERPRETAÇÃO CLÁSSICA

Examinemos primeiro a exegese clássica do Salmo 21, pois é ela que servirá de base para nossa interpretação complementar:

Vamos adotar o julgamento altamente autorizado do Pe. Fillion, professor de Escritura Sagrada no Instituto Católico de Paris no início do século XX, sobre o Salmo 21.

> "Este salmo sempre foi infinitamente querido pela Igreja. Isso porque descreve, com uma beleza e poder de linguagem verdadeiramente incomparáveis, por um lado, os mais agudos mistérios da vida do Messias, as humilhações e sofrimentos da Paixão; e por outro lado, o glorioso mistério de Sua Ressurreição.

Não há dúvida sobre este ponto, pois a tradição eclesiástica é unânime, e se baseia em vários trechos do Novo Testamento onde vemos ora Jesus Cristo Se apropriar deste salmo, ora os apóstolos e evangelistas aplicarem diversos textos a Ele. E o cumprimento foi tão preciso que um antigo pôde escrever que podemos considerar este salmo tanto como uma profecia quanto como uma história: 'Ut non tam prophetia quam historia videatur!'"

Todos os comentaristas observam que o Salmo 21 se divide em duas partes:

A primeira profetiza as brutalidades que seriam infligidas ao divino Crucificado.

Esta primeira parte constitui um **CÂNTICO DE LAMENTAÇÃO**.

A segunda parte (do versículo 23 até o final) anuncia a Ressurreição e o Reinado do Senhor ao mesmo tempo que a glória da Igreja. É verdadeiramente um **CÂNTICO DE TRIUNFO**.

Esta separação em dois "cânticos" de espírito oposto em um mesmo salmo foi destacada há muito tempo e, portanto, permanecerá como uma das bases de nosso raciocínio.

Começaremos examinando a primeira parte, aquela que acabamos de descrever como um "cântico de lamentação". Os mais antigos comentaristas cristãos das Sagradas Escrituras não deixaram de reconhecer, no Salmo 21, **a profecia da PAIXÃO FÍSICA de Nosso Senhor**, profecia que acabara de se realizar diante dos próprios olhos dos Evangelistas e que provava a "messianidade" de Jesus de Nazaré.

Abaixo reproduzimos a tradução francesa da primeira parte do Salmo 21 (até o versículo 23). Assim, poderemos recorrer a ela para situar em seu contexto os versículos que citaremos novamente e que comentaremos mais detalhadamente.

1. Para o fim, para o socorro da manhã, Salmo de Davi. 2. Ó Deus, meu Deus, olhai para mim; por que me abandonaste? A voz dos meus pecados afasta de mim a salvação. 3. Meu Deus, clamarei durante o dia, e não me atendereis; e de noite, e não me será imputado como loucura. 4. Mas Tu habitas no santuário; Tu és o louvor de Israel. 5. Nossos pais esperaram em Ti; esperaram, e Tu os libertaste. 6. Clamaram a Ti, e foram salvos; esperaram em Ti, e não foram confundidos. 7. Mas eu sou um verme, e não um homem; o opróbrio dos homens, e o desprezo do povo. 8. Todos os que me veem zombam de mim; dos seus lábios proferem insultos, e abanam a cabeça. 9. Ele confiou no Senhor, que Ele o livre; que Ele o salve, já que Ele o ama. 10. Sim, foste Tu quem me tirou do ventre de minha mãe; Tu és minha esperança desde o tempo em que eu sugava seus seios. 11. Ao sair do ventre materno, fui colocado em Vosso regaço; desde que deixei suas entranhas, sois Vós o meu Deus. 12. Não Vos afasteis de mim, pois a tentação está próxima, e não há ninguém que me socorra. 13. Muitos bezerros jovens me cercaram; bezerros gordos me cercaram. 14. Abriram suas bocas contra mim, como um leão devorador e rugidor. 15. Derramei-me como água, e todos os meus ossos se deslocaram. Meu coração tornou-se como cera derretida no meio das minhas entranhas. 16. Minha força secou-se como um caco, e minha língua aderiu ao meu paladar; e me conduzistes ao pó do túmulo. 17. Pois cães numerosos me cercaram; uma matilha de malfeitores me cercou. Perfuraram minhas mãos e meus pés. 18. Contaram todos os meus ossos. Observaram-me e contemplaram-me. 19. Dividiram entre si minhas vestes, e lançaram sortes sobre minha túnica. 20. Mas Vós, Senhor, não afasteis de mim o Vosso socorro; cuidai da minha defesa. 21. Livrai, ó Deus, minha alma da espada, e minha única [vida] do poder do cão. 22. Salvai-me da boca do leão, e livrai minha fraqueza dos chifres dos búfalos.

Vamos começar enumerando os trechos do Salmo 21 que profetizam as diversas fases do Sacrifício do Calvário.

Vamos nos limitar aos quatro versículos mais característicos: versículos 2, 7, 16 e 19.

Versículo 2: Após o título que é composto pelo primeiro versículo, é o versículo 2 que é o verdadeiro início do salmo. É ele que contém a famosa exclamação de Nosso Senhor, que foi sua última palavra na Cruz antes de entregar o espírito: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?"

A escolha deste trecho, por Nosso Senhor, em um momento tão solene, nos convida a considerar todo o salmo com a maior atenção. Sem dúvida, trata-se de um salmo privilegiado.

Versículo 7: "Mas eu sou um verme e não um homem..."

Aqui, nada de particular é anunciado, mas o Escritor Sagrado sintetiza todas as humilhações das quais o Redentor é objeto desde Sua prisão até Sua morte. Não se trata de um Messias triunfante, mas de um Messias sofredor.

Versículo 16: "...minha língua aderiu ao meu paladar..."

Neste verso, o salmo faz alusão à terrível sede dos crucificados, manifestada por uma secura extrema na garganta. Outro salmo é ainda mais preciso na predição: "...e na minha sede, eles me deram vinagre para beber" (Salmo 68, 22).

Quando Nosso Senhor pronunciou Seu famoso "tenho sede", Ele tinha em mente o cumprimento das Escrituras a Seu respeito, como observa o evangelista São João: "Depois disso, Jesus, sabendo que tudo

estava concluído, para que a Escritura fosse cumprida, disse: 'Tenho sede'." (João 19, 28) Foi então que lhe apresentaram uma esponja embebida em vinagre.

Vemos que esses dois salmos associados (21 e 68) haviam profetizado esse episódio que se tornou tão famoso desde que foi realizado.

Versículo 19: "Eles dividiram as minhas vestes e lançaram sortes sobre a minha túnica".

Este episódio, também muito característico, depois de ter sido predito pelo Salmo 21, é historicamente relatado por São Marcos, São Lucas e especialmente por São João (João 19, 23-24), que é o mais completo e explicativo: "Quando os soldados crucificaram Jesus, pegaram Suas roupas, das quais fizeram quatro partes, uma para cada soldado, e também a túnica. Ora, a túnica era sem costura, tecida de uma só peça desde o alto. Então eles disseram uns aos outros: 'Não a rasguemos, mas lancemos sortes para ver com quem ficará'. Isso aconteceu para cumprir a Escritura que diz: 'Dividiram minhas roupas entre si e tiraram sortes pela minha veste'. Foi assim que os soldados agiram".

Estes são os quatro principais trechos do Salmo 21 que profetizam a **crucificação** do Justo com maior precisão.

No entanto, este mesmo salmo contém outros trechos, igualmente proféticos, mas nos quais a precisão é muito menor.

Queremos falar dos outros quatro versículos 13, 14, 17 e 21. Pode-se relacioná-los à **Paixão física** de Cristo sem solicitar muito o texto. Há uma primeira interpretação comumente aceita que mencionaremos em breve. Aqui estão esses trechos:

Versículo 13: "Muitos novilhos ('vituli' no texto) me cercaram; novilhos gordos ('tauri' no texto) me cercaram".

Versículo 14: "Eles abriram a boca sobre mim, como um leão devorador e rugidor".

Versículo 17: "Pois cães ('canes' no texto) numerosos me cercaram; uma banda de malfeitores ('concilium malignantium' no texto) me assediou".

Versículo 21: "Livrai-me, ó Deus, minha alma da espada, e minha única ('unicam meam' no texto) do poder do cão".

Vamos primeiro examinar qual é a interpretação clássica desses quatro versículos. Vamos tomá-la emprestada do Pe. Fillion. Estes versículos, diz ele, pintam um quadro vívido dos inimigos do Messias e de sua crueldade. "Vituli" refere-se a novilhos jovens e "tauri pingues" ("os fortes de Basã" nas Setenta) designam touros alimentados nos pastos gordurosos da província de Basã, localizada aos pés do Hermon, onde o Jordão tem sua fonte, na parte nordeste da Palestina. Esses animais, semi-selvagens, têm o costume de formar um círculo ao redor de qualquer objeto novo ou extraordinário e, se forem provocados, o atacam com chifradas.

Quanto aos cães ("canes") do versículo 17, representam, ainda segundo o Pe. Fillion, intérprete da Escola, a multidão cruel que assistiu aos julgamentos de Jesus, seguiu o cortejo até o Gólgota e observou longamente o Cristo agonizante. Todas essas pessoas agiam como cães famintos que vagueiam à noite pelas aldeias do Oriente.

Na mesma linha de significado, a expressão "concilium malignantium" do versículo 17, segundo Fillion e muitos outros intérpretes, refere-se a uma "banda de malfeitores" impiedosos, empenhados em fazer o Justo sofrer e humilhar.

Passemos ao versículo 21: "Livrai minha vida do poder do cão".

Fillion traduz "mon unique" como referindo-se à "vida temporal", argumentando que uma vez perdida, a vida não é substituída e, portanto, é "única". Mas então, se seguirmos Fillion e traduzirmos "mon unique" como "minha vida temporal" ou, como outros, como "minha alma", não entendemos muito bem o significado da exclamação de Nosso Senhor.

Abaixo, vamos apresentar uma interpretação completamente diferente para essas duas palavras "unicam meam".

Neste sistema interpretativo, amplamente aceito, considera-se os "Vituli", os "Tauri" e os "Canes" como inimigos de Nosso Senhor exercendo sua hostilidade no próprio palco do Calvário, o que é parcialmente justificado pelo texto: "circumdederunt ME", "super ME os suum". O pronome ME claramente se refere à pessoa de Cristo. Portanto, é certo que a exegese clássica é perfeitamente aceitável. Apenas afirmamos que ela não captura todo o sentido do texto e que é válida para ser complementada.

PROFECIA DA PAIXÃO MÍTICA DA IGREJA

De fato, parece que os quatro versículos 13, 14, 17 e 21 se aplicam não apenas à Paixão física do Verbo Encarnado, mas também à Paixão mística da Igreja.

Acreditamos que as lamentações do Crucificado, profetizadas desde os tempos de Davi pelo Salmo 21, não se referem apenas aos ultrajes, abusos e brutalidades infligidas à pessoa de Jesus Cristo. Essas mesmas lamentações também se estendem às provações que a Igreja contemporânea do Concílio do Século XXI deve suportar. Isso ocorre porque esta Igreja, próxima do fim dos tempos, é objeto de **um eclipse aparente, uma verdadeira morte física que as Igrejas das épocas anteriores não tiveram que suportar**.

É lógico pensar que se a Igreja dos Gentios aparece na parte triunfante do salmo, como veremos em breve, nada impede de reconhecer também sua presença nas lamentações, desde que o texto incline-se nessa direção.

Então, alguns termos latinos da Vulgata receberão uma interpretação mais ampla do que a comumente recebida. Os agressores de Cristo na Cruz também se tornarão agressores da Igreja. Precisaremos dar um novo significado aos termos (especialmente aos touros e aos cães) que designam esses agressores da Igreja. Aqui estão os novos significados que parecem explicar mais claramente o texto.

1 - Vamos primeiro examinar qual é o significado apropriado para "vituli" e "tauri pingues". Quais são esses touros, jovens ou adultos, mencionados nos versículos 13 e 14?

Eles designam homens relacionados com a oferta dos sacrifícios, quer sejam os sacrifícios figurativos da Antiga Lei, quer sejam, na Nova Lei, o Sacrifício do Divino Redentor. Esses animais representam os **sacerdotes**, pois os sacerdotes são instituídos na nova, assim como na antiga Lei, para oferecer a vítima.

O touro é o animal emblemático do sacerdócio porque é o mais imponente dos animais que podem ser oferecidos como vítima. O touro alado é o animal emblemático de São Lucas, cujo Evangelho nos apresenta especialmente Jesus Cristo exercendo seu ministério de Sumo Sacerdote Universal. O touro é o emblema sacerdotal. Os "jovens touros", vituli, representam os sacerdotes. Os "touros fortes", tauri pingues, representam os **bispos** que estão revestidos da plenitude do sacerdócio.

Agora, perguntemos qual é o papel dos touros nos versículos 13 e 14, onde são mencionados. Esse papel é duplo. É-nos dito que eles "cercaram" e também que "abriram a boca".

Primeiramente, eles **cercam**. Dois verbos descrevem essa ação: "circumdederunt" e "obsederunt". São dois verbos que têm aproximadamente o mesmo significado. Ambos significam "investir" no sentido mais forte, ou seja, completar completamente a ação expressa pelo verbo. **Portanto, ambos significam invadir, ocupar o que foi cercado e investido** [1].

Mas os "vituli" e os "tauri pingues" não se contentam em cercar e ocupar. Também nos é dito: "Eles abriram a boca contra mim". Contra mim, ou seja, contra Cristo, primeiro no Pretório e depois no Calvário.

Mas eles também "**abrem a boca**", muitos séculos depois, contra a Igreja, que estava destinada a sofrer pelas mãos dos sacerdotes do novo Sacerdócio, assim como Cristo sofreu pelas mãos dos sacerdotes do Sacerdócio de Aarão.

Como eles abrem a boca? Os touros, jovens ou velhos, ou seja, sacerdotes ou bispos, são descritos rugindo como leões. Isso significa que **eles falam alto com a intenção de serem ouvidos e obedecidos**. Mas não basta a esses leões rugir. Eles também são leões **devoradores** (rapiens), leões que **devoram** a presa contra a qual primeiro rugiram. **Eles falam, mas também querem se apropriar.**

Como não reconhecer, nesse verbalismo, nesse investimento e ocupação, a prodigiosa atividade parasitária de todos esses grupos de especialistas, sacerdotes e bispos, que cercaram o Concílio Vaticano II e acabaram se tornando seus mestres (circumdederunt). Não estamos falando das comissões regulares, mas das sessões do Concílio com o objetivo de influenciar suas decisões. Esses grupos foram tão "pontificantes" que os editorialistas da época concordaram em chamá-los de **PARA-CONCÍLIO**.

2 - Consideremos agora os "cães" do versículo 17. Estes não são sacerdotes. São leigos. O texto primeiro nos diz que eles cercaram o Justo (circumdederunt me). Mas eles fazem muito mais do que apenas cercá-lo. Eles formam ao redor Dele, como fortemente sugerido pelo salmista, **uma assembleia deliberativa que o assedia** : "CONCILIUM MALIGNANTIUM OBSEDIT ME". O concílio dos maus me assediou. **Ele assedia Cristo no Calvário, é certo, mas também assedia a Igreja no Vaticano II**.

Pois a expressão "concilium malignantium" é visivelmente superlativa. Ela designa, é verdade, a multidão informal que segue Cristo ao Calvário. Mas não designa de maneira mais precisa essas sessões organizadas e prolongadas que foram chamadas de "para-concílio".

Os leigos "cães", de fato, vieram engrossar as fileiras e a força do para-concílio. Esses cães representam globalmente **todos os agentes mediáticos, todos os "observadores" maçônicos, soviéticos, judeus, muçulmanos ou orientais que orbitaram em torno do Concílio com a missão de influenciar no sentido do sincretismo e de reduzir a Religião do Verbo Encarnado ao status de "grandes confissões" que devem compartilhar o mundo, no PLURALISMO**.

Concílio e Para-Concílio fundiram-se positivamente. Eles formaram juntos um verdadeiro bicameralismo. Houve, na verdade, apenas um único Parlamento religioso, com duas câmaras, onde os mesmos assuntos foram debatidos. Uma "Câmara Baixa" lançava as ideias de reforma e uma "Câmara Alta" endossava as mais "oportunas". É este Parlamento assediado e invadido que o salmista nos indica sob o nome de "Concilium malignantium".

3 - O versículo 21, colocado sob o mesmo sinal numérico do próprio salmo e do Concílio, nos permitirá confirmar toda essa interpretação.

O Crucificado pede a Deus que **liberte Sua alma da espada e Seu único do poder dos cães**:

> "Erue a framea, Deus, ANIMAM MEAM et de manu canis UNICAM MEAM".

Os intérpretes modernos demonstram certa perplexidade, especialmente ao tentar encontrar um significado para "unicam meam", que eles traduzem como "minha vida temporal", uma tradução que não é muito satisfatória, como vimos.

No entanto, existe uma interpretação muito antiga que parece muito mais apropriada e que encontramos expressa de forma particularmente autorizada na pena de Bonifácio VIII. Em 18 de novembro de 1302, o Papa Bonifácio VIII dirigiu ao Rei da França, Filipe IV, a bula conhecida desde então como "**Bula Unam**

Sanctam". O Papa apresenta argumentos para mostrar ao Rei da França **que a cabeça da Igreja não pode ser dupla, assim como seu chefe, Cristo, não é duplo**. A Igreja representa o corpo místico de Cristo e é única. Eis como Bonifácio VIII se expressa:

> "Devemos reconhecer uma única Igreja, santa, católica e apostólica. Fora desta Igreja, não há salvação nem perdão para os pecadores... Ela representa um único corpo místico, do qual Cristo é a cabeça, mas Deus é a cabeça de Cristo. Nesta Igreja, há um único Senhor, uma única fé, um único batismo".

O Papa obviamente vai sustentar sua afirmação com as citações das Escrituras que geralmente são usadas para provar a "Nota de Unidade". Ele primeiro lembra a unidade da arca de Noé:

> "No tempo do Dilúvio, houve apenas uma arca de Noé, prefigurando a única Igreja, e tudo o que estava fora dela na terra foi destruído".

Então, Bonifácio VIII invoca o salmo XXI e seu versículo 21:

> "Veneramos também a Igreja como única, pois o Senhor disse ao seu profeta (aqui representado pelo 'salmo') : 'Ó Deus, livra minha alma da espada e minha UNICA das mãos do cão'" (Sl. XXI, 21).

Não querendo negligenciar nenhuma prova da unidade da Igreja, o Papa continua:

> "Ele orou, na verdade, por Sua alma, ou seja, por Ele mesmo, tanto cabeça quanto corpo, porque o 'ÚNICO' aqui designa o corpo, ou seja, Ele chamou a Igreja, por causa da unidade do esposo, da fé, dos sacramentos e da caridade da Igreja. Esta é a TÚNICA sem costura do Senhor, que não foi dividida, mas sorteada. **Esta IGREJA, una e única, tem apenas um corpo, uma única cabeça, e não duas cabeças como se fosse um monstro, ou seja, Cristo e o vigário de Cristo, Pedro e o sucessor de Pedro"**.

Portanto, não há dúvida de que, para Bonifácio VIII, a expressão **"unicam meam" do versículo 21 se refere à Igreja**. E esta interpretação parece-lhe suficientemente segura para que ele a use como uma prova escriturística em um argumento teológico particularmente importante, pois trata-se de defender as prerrogativas do Santo Sé.

Assim, estamos confirmados na direção que demos à nossa exegese: na primeira parte do Salmo XXI (aquela que chamamos de 'canto de lamentação'), não é inadequado ver, por trás da profecia principal da PAIXÃO FÍSICA de Nosso Senhor, a profecia menor da PAIXÃO MÍSTICA da Igreja.

Portanto, o "CONCILIUM MALIGNANTIUM" do versículo 17 pode ser facilmente considerado como um episódio paroxístico da Paixão da Igreja. Daí decorre que é de fato o Concílio Vaticano II, o Concílio Ecumênico, que é designado no Salmo, pelos termos "Concílio dos Maus"

Não é de surpreender que esses frutos sejam tão amargos."

III - UMA GRANDE ESPERANÇA

Jésus, portanto, no Salmo 21, pede **libertação** para "Sua única", isto é, Seu corpo místico, Sua Igreja. Esta libertação será precisamente descrita na segunda parte deste mesmo salmo.

Dos versículos 23 até o final, testemunhamos o **TRIUNFO** de Cristo sobre todos os inimigos dos quais foi mencionado até então. E **É TAMBÉM O TRIUNFO DA IGREJA**, que é explicitamente evocada no versículo 26: "Apud te laus mea in ECCLESIA MAGNA ..." "Eu vos louvarei numa grande congregação".

Os últimos dez versos do Salmo 21 nos trazem uma **grande esperança e consolação**, nós que estamos imersos na esteira grandiosa, tumultuada e catastrófica do "Concilium malignantium". As lamentações do Crucificado se transformaram, de repente, em um canto de glória para Ele e para Israel. Podemos pensar que será o mesmo para o Seu "Único".

O Salmo 21 convida **a esperar que o doloroso eclipse da Igreja durante o tempo do Concílio XXI dê lugar a um belo raio de sol**.

Para entendê-lo bem, é preciso lembrar que a **Igreja constitui "o Israel do Novo Testamento"**.

APÊNDICE

1 - Agora reproduziremos os últimos dez versículos do Salmo 21, dos quais teremos assim o texto completo:

1. Anunciarei o vosso nome aos meus irmãos; louvar-vos-ei no meio da assembleia.

2. Vós, que temeis o Senhor, louvai-o: toda a descendência de Jacob, glorificai-o.

3. Toda a descendência de Israel tema o Senhor, porque Ele não desprezou nem rejeitou a súplica do pobre, e não desviou dele o seu rosto; mas ouviu-o quando ele clamou por Ele.

4. Louvar-vos-ei numa grande assembleia; pagarei os meus votos na presença dos que o temem.

5. Os pobres comerão e serão saciados, e aqueles que buscam o Senhor o louvarão; seus corações viverão para todo o sempre.

6. Todas as extremidades da terra se lembrarão do Senhor e se converterão a Ele; e todas as famílias das nações o adorarão diante dele.

7. Pois o reino pertence ao Senhor, e Ele dominará sobre as nações.

8. Todos os ricos da terra comeram e adoraram; todos os que descem à terra se prostrarão diante dele.

9. E a minha alma viverá para Ele, e a minha descendência o servirá.

10. A posteridade que há de vir será anunciada ao Senhor, e os céus proclamarão a sua justiça ao povo que há de nascer, e que o Senhor criou.

2 - UMA CONFIRMAÇÃO NÃO NEGLIGENCIÁVEL

Nós consideramos o Salmo 21 como expressando duas profecias complementares, uma delas muito antiga e conhecida, relacionada à Paixão física de Nosso Senhor, e a outra recentemente descoberta devido à sua realização recente, e que diz respeito à paixão mística da Santa Igreja, Sua esposa.

Essa posição que adotamos recebe uma confirmação de princípio, que não é de forma alguma negligenciável, em um trecho muito explícito do "Catecismo do Concílio de Trento".

Os redatores desse documento, revestido de grande autoridade doutrinária, comentaram, um após o outro, todos os artigos do Símbolo de Niceia-Constantinopla, uma das declarações de fé mais importantes. Quando chegam ao artigo "Creio na Santa Igreja Católica" (nono artigo do Símbolo), eles se expressam assim:

> "Seguindo a observação de Santo Agostinho, os Profetas falaram de forma mais clara e detalhada sobre a Igreja do que sobre Jesus Cristo, pois previram que haveria muito mais erros voluntários e involuntários sobre esse ponto do que sobre o mistério da Encarnação" (Capítulo Décimo).

Ao destacarmos a parte eclesiástica da profecia contida no Salmo 21 (sem prejudicar sua parte propriamente messiânica), estamos simplesmente aplicando o ensinamento registrado no Catecismo do Concílio de Trento.

Notas

1. As formas verbais "obsederunt" (v.13) e "obsedit" (v.17) podem derivar de dois radicais diferentes: seja "obsidio", seja "obsideo", cujos significados são bastante semelhantes. Geralmente, os dicionários de concordâncias derivam as formas verbais dos v. 13 e 17 de "obsideo".

O PROBLEMA ARDENTE DA TRADIÇÃO

JEAN VAQUIÉ

QUE TRADIÇÃO OS CATÓLICOS "TRADICIONALISTAS" DEFENDEM?

A palavra TRADIÇÃO é empregada, por uns e por outros, em sentidos diferentes, de modo que se tornou totalmente polivalente, designando indiferentemente o a favor e o contra, o melhor e o pior. O público contemporâneo não parece ter tomado consciência dessa imprecisão de vocabulário que contribui para manter a confusão de ideias sobre um capítulo particularmente importante.

Os católicos que permaneceram fiéis, aqueles que precisamente se chamam tradicionalistas, são gravemente prejudicados pela obscuridade de um termo tão crucial na exposição da doutrina sã, pois ela remove a clareza de certas definições básicas, por exemplo, desta: "*A Igreja é guardiã da Escritura e da Tradição, que são as duas fontes principais da Revelação*". É certo que, se se dá uma definição confusa da Tradição, se faz da Igreja a guardiã de uma Revelação ela própria confusa.

Estamos em condições de provar que uma verdadeira campanha de intoxicação é empreendida, em um nível muito alto, pelos inimigos da Igreja, para finalmente acreditar uma falsa tradição no lugar da verdadeira. Pensamos que seria do interesse dos católicos fiéis precisar, mais uma vez, em meio à confusão que se adensa, de qual Tradição eles são os herdeiros e defensores. É a esse trabalho de clarificação que gostaríamos de contribuir com a presente nota.

Nosso raciocínio será evidentemente moldado pela **fé**. Em outras palavras, adotamos "a priori" o ponto de vista ditado pela fé. E constataremos "a posteriori" que nossa reflexão foi guiada e que nosso tema foi iluminado. O crente e o não-crente observam a mesma paisagem, mas o não-crente a examina penosamente, como à luz infravermelha, enquanto o crente a contempla iluminada pela plena luz do sol. É pela fé que obtemos a compreensão, segundo a fórmula de Santo Anselmo: "***Crede ut intelligas***" (creia para que compreenda). Nosso método de raciocínio escandalizará os racionalistas que não querem aceitar nenhuma verdade a priori, especialmente aquelas que vêm do céu, e que confiam apenas em sua experiência; assim, acabam **privando o mundo de seu governo providencial** e o submetendo a uma série de experiências indefinidamente continuadas.

Depois de eliminar o sentido etimológico que nada significa, lembraremos qual sentido os teólogos dão à palavra TRADIÇÃO no Antigo e, depois, no Novo Testamento. Veremos, ao longo do caminho, que se criou uma **pseudotradição**, tão antiga quanto a verdadeira, mas cujo conteúdo é composto; é essa que hoje está se tornando invasiva novamente.

A TRADIÇÃO NO SENTIDO ETIMOLÓGICO

Vamos fazer uma primeira constatação. O sentido em que a palavra "tradição" é comumente empregada, tanto por literatos quanto por jornalistas, coincide com o sentido etimológico. Esta palavra é formada por "trans" (através) e "dare" (dar). Ela significa, literalmente, "aquilo que é dado por transferência". Assim, a única ideia que está realmente incluída nos radicais constitutivos é a de tradução, de entrega, de transmissão, de passagem, de transporte, de legado. O sentido etimológico não faz nenhuma alusão à natureza do que é transmitido. Em suma, ele designa um veículo cujo carregamento é desconhecido. Ele se contenta em definir um certo modo de aquisição de conhecimentos sem dizer em que consistem. Indica apenas como eles são recebidos.

E qual é o modo de recepção? É a **herança**. A tradição, no sentido etimológico, é o "**legado do passado**". É o conjunto do patrimônio intelectual que provém das gerações anteriores e que culmina na geração do momento. Nesse legado do passado, obviamente encontraremos tudo o que o homem é capaz de legar, ou

seja, tudo o que ele tem em si: o bom e o ruim, o verdadeiro e o falso, a história e a lenda. A tradição, no sentido literal que estamos examinando agora, não faz nenhuma escolha nesse legado necessariamente global e heterogêneo. Ela não vai impedir o ruim, o falso e a lenda de passarem para deixar apenas o bom, o verdadeiro e a história. Ela vai transmitir tudo sem distinção.

Ora, é precisamente com essa mesma ausência de discriminação que a palavra é empregada no sentido corrente. Usaremos a palavra "tradição" (seja no singular ou no plural) sempre que quisermos designar um dos elementos desse legado universal da humanidade passada: falaremos das tradições vestimentares da Bretanha, das tradições culinárias do Périgord, das tradições militares de Saint-Cyr, das tradições pagãs da África negra, das tradições marítimas dos escandinavos, das tradições religiosas da Índia. Diremos que, para viver com sabedoria, é preciso permanecer fiel à tradição, ou seja, à "lição do passado", ao costume, aos hábitos ancestrais. Tudo o que tem um precedente no passado pode ser dito tradicional.

É, portanto, no sentido etimológico que a palavra é comumente empregada para designar os conhecimentos herdados, antigos, aqueles que se distinguem das inovações, das descobertas, das invenções do presente e, em última análise, se opõem a elas.

Ora, acontece que um grande número de pessoas, cultas ou não, nutrem instintivamente uma opinião favorável em relação aos vestígios do passado, onde se condensa toda a experiência acumulada nos tempos antigos. É uma opinião da qual mesmo os mais racionalistas não podem se defender. Há sempre um recanto do pensamento onde mantêm em reserva a boia de salvamento tradicional.

Quando, então, se designa um conceito qualquer, ou todo um sistema, como proveniente da tradição, desencadeia-se um preconceito favorável em todos aqueles que temem as inovações, as novidades, as invenções, as aventuras e que veneram vagamente, mas de forma irresistível, a sabedoria antiga. De sorte que a tradição, no sentido corrente do termo, apresenta uma dupla particularidade: um conteúdo nocional absolutamente qualquer e indiferente, tão rico em coisas ruins quanto em boas, mas, ao mesmo tempo, uma presunção favorável de experiência acumulada, de ponderação, de sabedoria, de prudência.

O professor de literatura dirá, por exemplo: "O romantismo rompeu com a tradição clássica". Depois, algumas páginas mais adiante, ele acrescentará: "O drama de Hernani (eminentemente romântico, no entanto) pertence, 'por tradição', ao repertório da Comédie Française". O classicismo e o romantismo serão assim englobados ambos na tradição, após terem sido declarados adversários.

Outro conferencista, depois de falar sobre a tradição monarquista dos Vendeanos, nos lembrará, alguns instantes mais tarde, da tradição revolucionária da periferia parisiense, empregando o mesmo termo para designar orientações opostas, mas que têm em comum terem sido herdadas. E é preciso reconhecer que ele terá algumas razões para se expressar assim, pois, uma vez que é transmitida pelas gerações anteriores, a revolução torna-se, de fato, tradicional, no sentido etimológico. E, ao se tornar tradicional, ela reveste-se de uma presunção favorável, torna-se mais sábia, deixa de ser uma inovação e uma aventura para se tornar um legado e uma lição do passado.

Entende-se que tantos escritores, de todas as orientações, invoquem, em favor de seu sistema, a pertença à tradição no sentido amplo, cujo conteúdo nocional não é um incômodo para ninguém, pois é absolutamente qualquer e indiferente. No sentido corrente, o bem e o mal são igualmente tradicionais. Mas ambos são, um e outro, aureolados de antiguidade por essa palavra vaga de tradição.

REVELAÇÃO, ESCRITA E TRADIÇÃO

Na terminologia eclesiástica, o termo TRADIÇÃO não se aplica mais a todo o legado do passado sem distinção de conteúdo. Ele é reservado exclusivamente à parte da Revelação divina que não foi consignada por escrito e que foi transmitida oralmente. Toda Revelação, de fato, pode deixar duas formas de registro: **uma escrita**, que se soma àquelas que já foram consignadas e que formarão, com elas, as ESCRITURAS SAGRADAS; e também **uma forma oral**, que se soma à TRADIÇÃO, pois procuraremos e recolheremos os

menores vestígios das preciosas palavras divinas.

A Revelação divina se manifestou em três grandes fases. Primeiro, houve uma **Revelação primordial** recebida pelos Patriarcas, mas que não gerou nenhuma Escritura; depois, uma segunda Revelação que deu origem ao **Antigo Testamento**; e, finalmente, uma terceira, a do Messias, que gerou o **Novo Testamento**, com o qual a Revelação Pública se encerrou.

Cada fase viu surgir uma forma particular de Tradição que transmitiu a parte não escrita da Revelação e que a Igreja, em sua forma atual, se esforçou para preservar. De fato, todos os historiadores da Religião concordam em afirmar que a Igreja, embora sob diferentes formas, remonta aos primórdios da humanidade e, portanto, aos tempos das primeiras Revelações.

Uma vez que queremos definir a Tradição, devemos compreender sua cadeia desde o início e questionar em quais condições ela pôde ou não chegar até nós.

A TRADIÇÃO PRIMORDIAL E SUA CORRUPÇÃO

As Revelações recebidas pelos nossos Primeiros Pais e pelos Patriarcas que os sucederam não foram registradas por escrito. Em vão procuraríamos por um livro arcaico que nos entregasse seu conteúdo. Elas não estão consignadas em nenhum texto oficialmente codificado por uma autoridade espiritual. Foram transmitidas oralmente e podemos falar corretamente de uma **TRADIÇÃO PRIMORDIAL**.

No entanto, é necessário acrescentar imediatamente que esta Tradição não permaneceu homogênea e única por muito tempo. Desde o início, foi o lugar de uma **divisão**. A primeira manifestação dessa divisão nos é relatada no Livro do Gênesis; é a separação dos **dois cultos**:

- o culto de Abel, que é um sacrifício expiatório aceito por Deus como constituindo a verdadeira Religião sobrenatural;
- e o culto de Caim, que é apenas uma oferta de louvor e no qual se exerce apenas a religiosidade natural.

Cada um desses cultos vai dar origem a uma tradição cuja antiguidade será igual à da outra, mas cujo conteúdo e espírito serão diferentes. Se julgarmos apenas pela antiguidade e negligenciarmos o conteúdo e o espírito, não podemos dar preeminência a nenhum dos dois e até mesmo podemos confundi-los em uma única e mesma tradição primordial indiferenciada, o caldeirão de todas as religiões, todas de igual dignidade pois derivam de uma única raiz.

É evidente que tal confusão não é admissível, pois tudo indica a persistência de dois fluxos tradicionais: um fiel à Revelação sobrenatural e outro dócil à inspiração da natureza, incluindo nela os demônios que, embora espíritos, são considerados forças naturais.

Sempre é difícil distinguir a tradição, que é o recipiente, da religião, que é o conteúdo. Em muitos casos, os dois termos podem ser usados indistintamente, especialmente quando se trata desses tempos antigos.

Acabamos de constatar a existência, desde o início, de **duas religiões**. Estamos certos de não distorcê-las nem desnaturá-las ao chamá-las, para simplificar: **uma como a Religião sobrenatural**, que reconhece a necessidade de um mediador e o aguarda; **a outra, a religião natural**, na qual o homem pode alcançar a Deus por seus próprios meios. A distinção, separação e rivalidade entre essas duas religiões não ocorreram sem algumas interferências, como é de se esperar. Mas o que é certo é que **sua história comparada é a de sua separação progressiva e hostilidade** e **não a de sua união e sincretismo**.

As duas religiões, portanto as duas tradições, realizaram a profecia que Deus fez no momento da expulsão do paraíso terrestre, quando falou à serpente nestes termos: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela" (Gên. III, 15). O texto menciona "semen" (semente), geralmente traduzido como "descendência". Quem são essas descendências?

A descendência da mulher é Nosso Senhor Jesus Cristo; mas são também os membros de Seu Corpo Místico, que é a Igreja.

A descendência da serpente é o Anticristo, mas também os membros de seu corpo místico, que é "a Besta".

A história mundial é a do combate entre essas duas descendências, portanto entre esses dois corpos místicos.

A batalha é fluída como todas as batalhas, o que significa que cada lado possui alternâncias entre ofensiva e defensiva, avanço de um lado correspondendo ao recuo do outro. O longo período que se estende desde os primórdios até a Vinda do Messias é marcado pelo crescimento irresistível dessa tradição compósita, dessa religião natural que busca alcançar a Deus apenas com as forças da natureza e que não é outra coisa senão a "descendência da serpente". Esse crescimento irresistível naturalmente leva ao recuo da Tradição primordial, que perpetua a Verdadeira Religião.

Dedicamos um parágrafo a cada uma dessas duas tradições: o primeiro à "Tradição patriarcal", que transmite, desde Adão até Moisés, a religião do verdadeiro Deus; o segundo à "tradição poluída", que durante o mesmo período transmite sem distinguir o verdadeiro do falso.

A TRADIÇÃO PATRIARCAL

O fluxo tradicional fiel é aquele dos grandes patriarcas. A Bíblia menciona dez desde Adão até Noé: Adão, Sete, Enos, Cainã, Maalaleel, Jarede, Enoque, Matusalém e Lameque, o pai de Noé. Esses patriarcas transmitiram a Revelação Primordial que receberam de Adão e a enriqueceram com revelações subsequentes ao longo das eras.

Mas essa **transmissão fiel** (é importante notar) é realizada por uma **linha de poucos**, enquanto a grande maioria dos homens é influenciada pelo outro fluxo tradicional, antigo também, mas desviado. Esse fluxo começou com o naturalismo de Caim. Esse desvio do conhecimento religioso levou à conduta imoral generalizada, que foi finalmente punida com o dilúvio. No entanto, após sair da arca, o patriarca Noé retomou o fio da Revelação divina e reconstruiu a Religião primitiva que uma Tradição autêntica ainda transmite até outro período turbulento, desde o episódio da Torre de Babel até a chamada de Abraão.

Uma questão importante nos prenderá por um momento. O que acontece com a Tradição autêntica durante esse período turbulento da Torre de Babel, quando a tradição pagã está em um estado de efervescência extraordinária? Ela se retraiu para se proteger da contaminação e avançou obscuramente até chegar ao misterioso personagem de Melquisedeque, que, sem dúvida, a transmitiu a Abraão. E com Abraão, o processo de **fortalecimento** e **separação** se intensifica ainda mais. Deus providenciou à Verdadeira Religião, e portanto à Tradição que a veicula, um **lugar protegido**, um **povo separado** dos outros, para que ela se perpetue com toda a proteção possível, aguardando os tempos marcados para seu florescimento.

Assim, a Tradição continua e sempre na mesma forma oral. É muito importante observar que se conhecemos hoje o conteúdo da Revelação Primordial, não é à Tradição que devemos isso, mas à ESCRITURA.

Pois isto é o que aconteceu. Quando a deterioração dessa religião primitiva, deterioração causada pelo paganismo invasor, se tornou irreversível, Deus fez uma Nova Revelação que em grande parte foi dedicada a relembrar a primeira e que, desta vez, Ele mandou ser registrada por escrito. Estes são os Livros do Antigo Testamento, especialmente o Livro de Gênesis, é claro, que a partir de agora irá relembrar uma Tradição nunca antes escrita. Assim, a Nova Revelação, que é a antiga reconstituída e complementada, não é mais transmitida oralmente, mas se torna **a Sagrada Escritura**. Ela será conservada pela **Sinagoga** dos Judeus, à qual Deus inspirou um gosto muito aguçado pela **exatidão literal**.

É hora de nos perguntarmos qual era o **conteúdo** dessa Tradição primitiva. É, portanto, a Escritura que nos revelará isso, já que a Tradição patriarcal não nos chegou. Os primeiros homens receberam de Deus **conhecimento**, **preceitos**, um **culto** e uma **profecia**.

O conhecimento fundamental é o de um Deus pessoal e criador, o que exclui qualquer entidade metafísica da qual o universo visível seria apenas uma emanção mais ou menos direta. O conhecimento sobre o universo é o da "obra dos seis dias", que revela tanto o **plano de construção do mundo quanto o seu plano de governo**.

Os preceitos de conduta estavam inscritos diretamente e tacitamente **no coração do homem**. O culto era o do **sacrifício expiatório**, que se tornou necessário desde a queda.

A profecia era a da "postéridade da mulher que esmagará a cabeça da serpente", uma profecia que certamente foi a peça central do legado espiritual transmitido pelos patriarcas.

Mais a tradição também continha **dados históricos**, isto é, a lembrança dos grandes eventos que determinaram o status do homem em relação a Deus. Os principais são **o paraíso terrestre, a queda e o dilúvio**. Frequentemente, adicionava-se algumas noções relacionadas à contagem do tempo, como a semana de sete dias. Os arquivos da humanidade haviam preservado desses eventos apenas memórias lendárias e quase indecifráveis.

Este é, em resumo, o conteúdo da Tradição patriarcal. No entanto, é importante notar que não é graças à Tradição que conhecemos isso, mas sim **graças à Escritura**, a qual não nos revela todos os episódios da história primitiva, mas apenas aqueles que têm importância para nossa salvação.

Assim, Moisés registra por escrito esta Nova Revelação que consiste em parte em lembrar a primeira. Mas então podemos questionar se há realmente uma Nova Revelação, e se Moisés não se limitou a escrever o que ele recebeu oralmente da cadeia tradicional, cujos últimos elos foram Abraão, Isaque e Jacó. Será que ele não também se inspirou, como frequentemente se diz, nas teogonias egípcias e caldeias para compilar tudo isso em uma narrativa coerente?

Assuradamente **NÃO**. Moisés não poderia simplesmente organizar os materiais que estavam ao seu alcance de forma humana. Houve de fato uma **verdadeira revelação** em uma época precisamente quando a revelação primordial, já irreconhecível no fluxo infiel da tradição exuberante do paganismo, também estava à beira de desaparecer definitivamente no fluxo fiel. Pode-se afirmar com certeza que **a Tradição patriarcal não é conhecível sem o auxílio da Escritura**.

Certamente, ela não tinha desaparecido completamente, visto que ressurgiu na pessoa dos Reis Magos, Gaspar, Melchior e Baltazar, que pelo menos haviam recebido o essencial, ou seja, a profecia de um Salvador. No entanto, ela permanecia como vestígios isolados sem influência sobre a crescente evolução do paganismo.

A TRADIÇÃO POLUÍDA

Paralelamente ao fluxo tradicional fiel, que é o dos patriarcas, circula outro fluxo, também tradicional, que pode reivindicar a mesma antiguidade. Ele também deriva da divisão inicial da religião, ou seja, do julgamento divino sobre os respectivos sacrifícios de Abel e Caim. O fluxo poluído se origina do sacrifício de Caim e carrega, em seu conteúdo, todas as noções compostas que a religiosidade natural do homem pode gerar.

O conteúdo dessa **tradição desviada** não nos é conhecido em detalhes. Mas dois episódios nos ajudam a entender seu teor geral. O primeiro é o Dilúvio, o segundo é a Torre de Babel.

O texto bíblico fornece uma descrição do estado geral da humanidade antes **do Dilúvio**, que diz pouco, mas contém muito:

> "Deus viu que a maldade dos homens era grande na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era só para o mal" (Gênesis VI, 5).

E mais adiante:

> "A terra estava corrompida diante de Deus e cheia de violência. Deus olhou para a terra e viu que ela estava corrompida, pois toda carne tinha corrompido o seu caminho sobre a terra" (Gênesis VI, 11-12).

Corrupção, malícia, iniquidade: essas palavras se referem, claro, à **imoralidade dos costumes**, mas também à fonte dessa imoralidade, ou seja, **a perversão das concepções religiosas**: "Toda carne tinha corrompido seus caminhos". E quais eram essas formas religiosas pervertidas? Nenhum documento nos revela detalhadamente, mas é certo que essas deviações deveriam afetar tanto o conhecimento, os preceitos, o culto e a profecia que formavam a estrutura da Religião primitiva. Elas não deviam diferir muito do **paganismo** que ressurgirá após o dilúvio, e que conhecemos bem.

O segundo episódio nos permitirá precisar quais foram as concepções desviadas da religião e da tradição. O que encontramos no "Grande Desígnio" dos construtores de Babel? Duas noções importantes: uma sobre Deus e outra sobre o homem.

Em seu desígnio encontramos o desejo religioso de honrar Deus, de alcançar Deus. Mas não é por meios humanos: "Vamos construir uma torre cujo topo chegue até o céu" (Gênesis XI, 4). Essa religião é estabelecida pelo homem e não deriva do conhecimento, dos preceitos, do culto e da profecia revelados por Deus. Ela tem Deus como objetivo, mas **não tem Deus como base**. Pelo contrário, ela corresponde exatamente à crítica das Escrituras: "Este povo se aproxima de mim apenas com palavras, e honra-me apenas com os lábios" (Isaías XXIX, 13).

Também encontramos, curiosamente para uma época tão distante de nós, um inegável **humanitarismo**, fruto da razão humana:

> "Celebramos nosso nome antes de sermos dispersos sobre a face da terra" (Gênesis XI, 4).

O que significa "celebramos nosso nome"? Será que eles queriam erguer, para a glória da humanidade, um monumento ao lado da torre construída para a glória de Deus? Muitos estudiosos pensam assim.

Também sabemos que nesta época ocorreu uma prodigiosa eflorescência do **politeísmo** e do **panteísmo** (especialmente em sua forma emanacionista), os quais servem tão bem aos demônios que não podemos deixar de pensar que eles têm algo a ver com sua origem e disseminação. É evidente que a religião de Babel estava impregnada dessas ideias.

Não é difícil entender por que Deus não quis a unidade e a religião de Babel. Há duas grandes razões.

Primeiro, essa unidade e essa religião são, em última análise, as do Seu adversário. No contexto de Babel, a Tradição primordial estava sendo sufocada sob a exuberância da vegetação pagã, que, ao contrário, com seus elementos humanitários, panteístas e politeístas, constituía o que é chamado de pandemônio.

Em segundo lugar, e mais importante, Deus tinha um plano totalmente diferente, cuja essência Ele havia profetizado logo após a queda. Esse plano envolvia o envio à terra do **Verbo Encarnado**, misteriosamente designado pela expressão "**a descendência da mulher**". Tudo gira em torno disso. Qualquer religião, por

mais antiga que seja, que pretenda ou espere outra coisa **não é a verdadeira**.

Essas duas razões principais ajudam a entender melhor a vontade de Deus, que à primeira vista pode surpreender. Como assim! A humanidade estava unida e religiosa e desejava permanecer assim. E Deus mesmo desfez essa unidade e essa religião. Mas Ele tinha dois poderosos motivos. Não há dúvida de que a dispersão resultou de uma vontade expressa de Deus. O texto bíblico merece ser relido e lembrado:

> "O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão estavam construindo; e disse: 'Eis que o povo é um, e todos têm uma só língua; e isso é o que começaram a fazer, e agora não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entendam cada um a língua do seu próximo'. Assim o Senhor os dispersou dali sobre a face de toda a terra, e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porque ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra; e dali o Senhor os dispersou sobre a face de toda a terra." (Gênesis XI, 5-9)

A religião de Babel é o resultado final da tradição desviada e sua última manifestação global. Após a dispersão, surgirão tradições específicas, umas no Oriente, outras no Ocidente. Mas o que é comum a essas tradições particulares tem boas chances de derivar da religião de Babel.

Os pensadores modernos que nos remetem à tradição primitiva comum a todas as religiões não nos remetem a nada além do antigo pandemônio no estado em que estava quando Deus o dispersou.

A TRADIÇÃO DA SINAGOGA

Deixamos Moisés no momento em que ele estava registrando por escrito, sob a ditadura de Deus, a Tradição patriarcal. Ele inaugura um período de revelações progressivas que deveria perdurar até a aproximação da Vinda do Messias, e cuja codificação foi realizada com notável precisão pelo clero da Sinagoga.

Uma questão se apresenta para nós, que buscamos identificar todas as formas da Tradição. Todas as revelações que ocorreram durante a vigência da Antiga Aliança não deram origem, além dos livros devidamente codificados, a uma tradição oral que seria como um excedente, uma tradição que reuniria seus resquícios? Existe uma tradição judaica que teria, em relação aos livros do Antigo Testamento, a mesma posição relativa que a Tradição apostólica em relação aos livros do Novo Testamento?

De fato, isso ocorre, mas apenas até certo ponto. A Escritura deu origem, tanto na Sinagoga quanto posteriormente na Igreja, a comentários cujos autores inevitavelmente buscaram todos os vestígios de revelação que poderiam ter escapado da codificação escrita e, de modo geral, tudo o que pudesse auxiliar na compreensão do texto sagrado. Portanto, nessas numerosas coleções de comentários (evitando termos técnicos), deveríamos encontrar material para estabelecer uma tradição judaica.

Infelizmente, esses comentários são extremamente **heterogêneos**. Encontramos, de fato, alguns vestígios de revelação. Por exemplo, em certas coleções, existem decisões judiciais que muito provavelmente foram emitidas por Moisés. No entanto, há muito mais do que isso; há uma colheita de lendas e desenvolvimentos onde predominam mais teosofia pagã do que monoteísmo bíblico. Um exemplo são as dez sefirot, das quais é impossível saber se representam perfeições divinas ou espíritos emanados de Deus e co-criadores com Ele, o que colocaria em questão o princípio da Criação ex-nihilo.

Assim, materialmente, existe uma **Cabala**, ou seja, uma tradição judaica, mas ela não se alinha verdadeiramente com a Tradição primordial nem com a Tradição apostólica. Ela está principalmente na linha da **tradição pagã**, da qual reproduz a **complexidade** e a **exuberância**. Torna-se, portanto, muito difícil extrair dela qualquer coisa útil.

Por que isso acontece assim? Por que a Sinagoga, que vemos tão cuidadosa na codificação dos textos revelados com uma precisão impecável, foi tão desajeitada e impotente na elaboração de uma tradição que fosse homogênea com essa Escritura?

Há, para isso, duas razões que estão relacionadas, mas que ainda assim podem ser distinguíveis.

Primeiramente, o entendimento do Antigo Testamento, cuja Sinagoga registrava meticulosamente a letra, só é plenamente dado pelo Novo. O Novo Testamento interpreta o Antigo, embora cronologicamente venha depois dele; ele realiza suas profecias e, portanto, esclarece quase todos os seus trechos. Antes da redação do Novo Testamento, não era possível compreender completamente o Antigo.

Além disso, a Sinagoga não teve o benefício da Assistência do Espírito Santo. Isso é frequentemente esquecido. Ela não estava sob o mesmo regime que a Igreja dos Gentios. A Igreja vive sob o regime da Nova Aliança, que é eterna e espiritual, e que deve culminar na formação do Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, a Jerusalém Celeste; ela é **assistida pelo Espírito Santo**, cujo papel é fazer entender o que Nosso Senhor ensinou:

> "Ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos tenho dito."

A Sinagoga não tinha essa assistência. A Antiga Aliança era carnal, pois tinha como objetivo a formação do Corpo Físico de Nosso Senhor em uma raça escolhida para esse fim. O Espírito Santo ainda não havia sido enviado por Jesus, que subiu ao céu.

Certamente, o Espírito Santo se manifestou pelos profetas do Antigo Testamento (*qui locutus est per prophetas*). No entanto, as revelações dos Profetas permanecem muito obscuras. É certo que a assistência do Espírito Santo concedida à Igreja após o Pentecostes foi muito mais generosa do que aquela concedida à Sinagoga.

Essas duas razões explicam a incapacidade da Sinagoga em entender sua própria Escritura, em fornecer um comentário esclarecido e em estabelecer uma tradição que pudesse preencher completamente o vazio entre a Tradição patriarcal e a Tradição apostólica.

O Divino Mestre proferiu um severo julgamento sobre a "tradição dos antigos":

> "E vós, por que transgredis o mandamento de Deus por causa da vossa tradição?" (Mateus XV, 3).

Julgamento que São Paulo reitera e completa nestes termos:

> "Tende cuidado que ninguém vos seduza com filosofias e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo." (Colossenses II, 8).

Seremos levados a revisitar esta questão da Cabala quando estudarmos a formação da Tradição apostólica. Concluamos provisoriamente dizendo que a tradição da Sinagoga certamente contém algumas pedras preciosas que seria muito interessante descobrir, mas que estão muitas vezes afogadas em escórias frequentemente cortantes.

A CODIFICAÇÃO DA REVELAÇÃO MESSIÂNICA

Todo mundo sabe que Nosso Senhor não escreveu nada. Seu ensinamento era oral e foi transmitido oralmente durante um período inicial. Então chegou um tempo em que alguns dos Apóstolos e Discípulos perceberam a necessidade de deixar registros escritos: *scripta manent*. Esses escritos, para cuja redação

receberam de Deus um carisma especial que os tornou "escritores sagrados", formaram o Novo Testamento. Os livros dignos de fazer parte do Novo Testamento foram limitativamente escolhidos pelo Magistério da Igreja primitiva; eles são chamados de Livros Canônicos e se encerram com o Livro do Apocalipse de São João, com o qual a Revelação pública é encerrada.

Esse trabalho de composição só foi possível graças à assistência do Espírito Santo. Pois foi necessário escolher entre documentos de valores muito desiguais aqueles que podiam ser garantidos como "sem mistura de erro". Tal escolha só poderia ser feita e tal garantia só poderia ser dada por **autoridades eclesiásticas assistidas pelo Espírito Santo** .

Para alguns desses textos, o Magistério hesitou por muito tempo. O caso mais ilustre dessas hesitações é o do "Pastor" de Hermas. Hermas é um dos primeiros Padres Apostólicos. Dá-se o nome de Padres Apostólicos àqueles dos Padres da Igreja que pessoalmente conheceram os Apóstolos. Hermas compôs um diálogo doutrinário e moral chamado o "Pastor", que por muito tempo foi considerado inspirado e, portanto, pertencente ao cânone das Escrituras. Foi necessário esperar pelo Papa Gelásio para que a decisão fosse tomada de excluí-lo definitivamente. O Papa deu como motivo não que esse texto fosse totalmente ruim, certamente não, mas apenas que ele não estava completamente isento de erro.

Qual destino deveriam ter os livros da Sinagoga? Nosso Senhor ensinou que Ele veio para cumprir as profecias, assim como para realizar e aperfeiçoar a Lei. Portanto, era apropriado estender a canonicidade, com todas as suas garantias, à Lei e aos Profetas, ou seja, aos livros do Antigo Testamento.

A garantia de inspiração concedida pela Igreja acarreta uma série de consequências:

- As Escrituras Sagradas tornam-se a principal fonte onde podemos encontrar a Revelação divina, pois nenhum outro documento possui a mesma garantia.

- Portanto, podemos nos dedicar a uma exegese extremamente profunda desses textos, pois temos certeza de que cada palavra não foi colocada ao acaso. Assim, tornam-se um objeto de meditação inesgotável.

O ENSINAMENTO ORAL DOS APÓSTOLOS

Os escritores sagrados, ou seja, os autores dos livros canônicos, não registraram por escrito todas as palavras de Nosso Senhor, nem relataram todas as suas ações. Eles mesmos afirmam isso. Citamos, entre outras provas, este trecho de São João:

> "Eu teria muitas coisas para escrever, mas não quero fazê-lo com tinta e pena; espero vê-lo em breve e conversaremos de viva voz." (João 3, 13-14).

Não há dúvida de que os Livros canônicos não contêm em sua totalidade o ensinamento dos Apóstolos. Primeiramente, alguns Apóstolos não escreveram nada por si mesmos e se contentaram em pregar. Sua pregação foi registrada por diversos autores que não são considerados escritores sagrados. E aqueles dos Apóstolos que escreveram também pregaram; portanto, possuímos deles "cartas" que agora fazem parte das Escrituras Sagradas, e também pregações "de viva voz" que eles deixaram para a tradição oral. Encontramos claramente em São Paulo a menção dessas duas fontes: "de viva voz" e "por carta":

> "Portanto, irmãos, ficai firmes e conservai as tradições que vos foram ensinadas, seja de viva voz, seja por carta." (II Tessalonicenses 2, 15).

Nos livros canônicos, portanto, os escritores sagrados não disseram tudo o que sabiam. Eles também transmitiram um ensinamento oral, cujas pegadas a Igreja certamente procurará diligentemente.

O ESTABELECIMENTO DA TRADIÇÃO APOSTÓLICA

Autores de qualidade e com funções muito diversas escreveram sobre os mesmos eventos que já são objeto dos Livros Sagrados. E o fizeram com uma das duas seguintes intenções:

- para relatar, em uma forma diferente, o que os escritores sagrados já haviam escrito;
- para registrar por escrito o que os Apóstolos haviam ensinado de "viva voz".

É importante notar que esses dados são considerados tradicionais apenas porque permaneceram orais durante a vida dos Apóstolos. No entanto, após certo tempo, eles também foram escritos. Eles foram incorporados em textos cuja diversidade vamos examinar.

Foi formado um vasto acervo de documentos que, embora não tenham recebido a inspiração maior do Espírito Santo, foram compostos com grande habilidade, cuidado e piedade pelos ouvintes dos Apóstolos e dos Discípulos. Desde o início, esses documentos foram altamente considerados pelo Magistério, pois continham parte do ensinamento de Nosso Senhor que não se encontrava nas Escrituras.

Esta reserva documental não constitui, por si só e em seu conjunto, a Tradição. Mas é dela que o Magistério irá extrair, quando necessário, os vestígios dessa Revelação messiânica da qual ele é guardião, não querendo deixar escapar nada, mas encontrando os elementos dispersos. São esses vestígios que, reunidos, recebem o nome de Tradição Apostólica.

O reconhecimento da Tradição como segunda fonte da Revelação (sendo a primeira a Escritura) é uma característica da Igreja Católica. As escolas protestantes são divididas sobre este ponto; algumas admitem certa tradição, mas a limitam a alguns textos; a maioria é hostil à própria noção de tradição, respondendo com o adágio "*Sola Scriptura*". Portanto, é bom fornecer algumas provas da antiguidade deste reconhecimento da Tradição Apostólica.

Santo Agostinho:

> "Há muitas coisas às quais a Igreja está firmemente ligada e que, portanto, podemos considerar como ordenadas pelos Apóstolos, embora não nos tenham sido transmitidas por escrito." (De Bapt. V, 23-31).

São Basílio:

> "Considero apostólico firmar-se também nas tradições que não estão contidas na Escritura." (XVII, 66 - Mig. XXXII, 188).

São Epifânio:

> "A Tradição também é necessária, pois nem tudo pode ser encontrado na Escritura; por isso, os Santos Apóstolos nos deixaram parte de seu ensinamento nas Escrituras e o restante por meio das tradições." (Haer. LXI, 6 - Mig. XXXXI, 1057).

Os séculos que se sucederam não mudaram a doutrina. Ela ainda era a mesma no Concílio de Trento:

"**A Igreja recebe com o mesmo respeito e piedade os Livros Santos e as tradições sobre a fé e os costumes que nos vêm de Jesus Cristo pelos Apóstolos, ou que os Apóstolos nos deixaram pela inspiração do Espírito Santo**".

Portanto, para constituir o cânon das Escrituras, o Magistério da Igreja primitiva aceitou apenas textos onde tudo era absolutamente irrepreensível, ou seja, onde tudo evidenciava claramente a inspiração divina. Essa rigorosidade necessária deixou escapar documentos menos cuidadosamente compostos, onde fragmentos autênticos da Revelação Messiânica conviviam com passagens de interpretação humana. Esses documentos, por não serem "sem mistura de erro", não puderam receber a mesma garantia. Eles formaram a reserva de onde a Igreja busca a Tradição.

UM INVENTÁRIO ABUNDANTE

É hora de nos perguntarmos de quais elementos se compõe a vasta reserva documental na qual a Tradição apostólica está distribuída. Note-se que a Igreja nunca publicou oficialmente um inventário limitativo desses documentos. Aqui, é o costume que determina a lei.

O primeiro lugar nas fontes da Tradição é evidentemente dos "Padres Apostólicos", pois eles conviveram com os Apóstolos. Se há personagens que puderam recolher sua pregação, foram esses. Como exemplo, mencionemos São Policarpo, que conheceu São João Evangelista e posteriormente fundou a Igreja de Lyon. Os "Padres Apostólicos" foram testemunhas dos Testemunhos de Jesus Cristo. Assim, têm um lugar especial na transmissão da Tradição. Eles não formularam propriamente a Revelação; portanto, não são "escritores sagrados"; no entanto, recolheram fragmentos dela em uma forma não canônica.

Os "Padres" que sucederam a eles também estão entre essas fontes. O título de "Pai da Igreja" não é conferido oficialmente, mas é uma denominação baseada no uso. Por outro lado, o título de "Doutor" é conferido oficialmente após um procedimento rigoroso. Alguns personagens da antiguidade cristã são tanto Pais quanto Doutores da Igreja. Por exemplo, mencionemos os quatro grandes Doutores gregos: São Basílio, Santo Atanásio, São João Crisóstomo e São Gregório de Nazianzo, e os quatro grandes Doutores latinos: São Jerônimo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Gregório Magno. Quando se busca qual é a tradição sobre um ponto específico, sempre se consulta esses grandes personagens.

Outra fonte da Tradição são os Símbolos, esses resumos da fé que eram ensinados de cor aos catecúmenos no momento do Batismo. Mencionemos os três mais antigos: o "Símbolo dos Apóstolos", do qual existem duas versões, o "*textus antiquior*" e o "*textus receptus*"; o "Símbolo de Niceia-Constantinopla", confirmado no Concílio de Éfeso e recitado na Missa latina; o "Símbolo de Santo Atanásio", que começa com as palavras "Todo aquele que deseja ser salvo" e que faz parte do Breviário latino.

As Liturgias das Missas, das Horas e dos Sacramentos, e até mesmo as dos sacramentais, constituem uma das fontes mais seguras e ricas da Tradição. Dom Guéranger afirmava que a liturgia é a Tradição em seu mais alto grau de fidelidade. Ela é universalmente construída sobre o mesmo modelo, com as mesmas partes essenciais. A apostolicidade das liturgias mais antigas não deixa absolutamente nenhuma dúvida. Por um certo tempo, foram transmitidas oralmente e até mesmo secretamente, por prudência e respeito, para não expor os "Santos Mistérios" publicamente: isso era conhecido como "a disciplina do Arcano".

Outra fonte da Tradição, como se pode imaginar, são os relatórios, ou melhor, os "considerandos" dos primeiros **Concílios** Ecumênicos:

- O Concílio de Niceia, em 325, afirma a divindade de Jesus Cristo contra Ário, que a nega;
- O Concílio de Constantinopla, em 381, afirma a divindade do Espírito Santo contra Macedônio, que a nega;
- O Concílio de Éfeso, em 431, afirma a maternidade divina da Santa Virgem contra Nestório, que argumenta que a Santa Virgem é apenas mãe da pessoa humana de Nosso Senhor;

- O Concílio de Calcedônia, em 451, afirma as duas naturezas na pessoa de Jesus Cristo contra Eutiques, que ensina que na pessoa de Jesus Cristo a natureza divina eliminou a natureza humana (Monofisismo).

Este inventário abundante não é, portanto, limitativo. Podemos mencionar muitos outros elementos: inscrições funerárias, hagiografia, arquitetura de monumentos cristãos e até mesmo os textos apócrifos, que não devem ser negligenciados.

AS DUAS FUNÇÕES DA TRADIÇÃO

As Escrituras e a Tradição contêm ambas uma parte da Revelação divina. É evidente que estão em harmonia uma com a outra e que essa harmonia permite que se iluminem mutuamente. A Tradição pode se comportar tanto como "explicativa" quanto como "completiva".

A Tradição é **explicativa** quando relata, em termos diferentes ou semelhantes, os mesmos eventos que as Escrituras; isso ajuda na interpretação e esclarece seu significado. Nesse aspecto, a Tradição tem sido extremamente frutífera e continua sendo.

A Tradição é **completiva** quando enriquece o conteúdo revelado das Escrituras com novos dados, ou seja, quando contém elementos que as Escrituras não incluem, como foi afirmado por Santo Agostinho, São Basílio e São Epifânio. Entre esses complementos, menciona-se:

- a lista dos livros do Novo Testamento (de fato, a composição do cânone das Escrituras não é escriturária, mas tradicional, o que é curioso);
- o número sete dos Sacramentos;
- a transferência da Cátedra de São Pedro de Antioquia para Roma;
- a doutrina do Anjo da Guarda;
- a doutrina do Purgatório;
- a doutrina da Imaculada Conceição, etc.

Estes complementos, de fato, são periodicamente necessários. É uma necessidade constante descobrir algo novo. É uma necessidade vital assimilar uma alimentação sempre renovada. É certo que a Igreja, que ainda não alcançou dimensões definitivas e cujo próprio dogma se desenvolve, sente uma fome por enriquecimento. Com que frequência lemos nos Introitos ou nas Coletas esta expressão: "*Canticum novum cantabo*" - "Cantarei um cântico novo". A novidade é necessária. O problema é onde encontrá-la. Os modernistas respondem: "No mundo, imitando o profano". Os católicos fiéis têm à disposição uma fonte de água viva: a Tradição: "...todo escriba instruído no Reino dos Céus é semelhante a um pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e velhas." (Mateus 13, 52).

O Tesouro é a Revelação. O velho são as coisas que a Igreja já extraiu dela. O novo é o que ela extrai quando chega o momento de entoar um cântico novo.

EM VIRTUDE DAS PROMESSAS DE ASSISTÊNCIA

Quais serão as regras e critérios que a Igreja utilizará para reconhecer os vestígios da Tradição apostólica no meio dessa massa de escritos de tantos autores diferentes? Para que uma crença seja reconhecida como tradicional, ou seja, apostólica, ela deve satisfazer duas condições essenciais: **ANTIGUIDADE** e **UNIVERSALIDADE**. Às vezes são mencionadas também outras duas condições: a **concordância** e a **perpétuidade**, mas elas podem ser reduzidas às duas primeiras.

No entanto, é evidente que esses critérios de antiguidade e universalidade apenas começam a abordar o problema. Se aplicados sistematicamente e sem a assistência do Espírito Santo, seriam insuficientes para tomar uma decisão tão importante e de natureza tão sobrenatural. Portanto, é em virtude das promessas que lhe foram feitas que a Igreja pode empreender tal discriminação.

E como o Espírito Santo vai agir? Destaquemos apenas duas peculiaridades de sua ação: 1° Ele não adiciona nada às palavras de Cristo; 2° Ele opera invisivelmente:

1. Ao falar do Espírito Santo que estava pronto para enviar, Jesus disse: "Ele vos ensinará tudo o que vos tenho dito". O Verbo pronunciou palavras, necessariamente misteriosas devido à sua origem, e é o Espírito Santo quem dá entendimento delas. Ele faz compreender o que Nosso Senhor se contentou em expressar. Mas Ele não ensina coisas novas que Nosso Senhor não tenha dito.
2. É sempre surpreendente, ao observar os acontecimentos da Igreja, notar essa mistura de ordem e desordem. Sob certa aparência, tudo se desenrola como se fosse uma instituição puramente humana, com suas servidões, ônus e os altos e baixos desta condição terrena: escritos desconcertantes, alguns repletos de verdadeiro sobrenatural, outros de maravilhas inventadas, opiniões divergentes, situações estagnadas, decisões que nunca chegam...

Mas sob a luz da fé, a Igreja do Verbo Encarnado aparece, como Ele, verdadeiramente divina e humana ao mesmo tempo. Pois o resultado global desta aparente desordem é a criação de um admirável corpo de textos notoriamente inspirados. A assistência do Espírito Santo foi invisível enquanto se exercia. Mas tornou-se visível em seus efeitos: "*attingit a fine usque ad finem, fortiter suaviterque disponens omnia*" (ele alcança de uma extremidade à outra, ordenando todas as coisas com força e suavidade).

E quanto às revelações privadas? Elas trazem modificações ao depósito da Revelação Pública, que foi declarado fechado? Pode-se responder negativamente. As revelações privadas têm grande importância na Igreja. Entre outras influências, elas suscitaram muitas festas litúrgicas. Mas elas nunca inovam. Elas apenas cultivam germes já presentes na Escritura e na Tradição, seguindo sua lógica até onde for necessário.

Tomemos como exemplo a devoção e o Culto ao Sagrado Coração, cujo impulso vem de revelações "privadas" feitas a Santa Margarida Maria, durante o reinado de Luís XIV. Esta devoção já era observada até mesmo por Santo Agostinho. Mas podemos remontar mais longe, já que o Coração de Jesus ("lado" no texto, João 19, 34) recebe honras nas Escrituras. São João mesmo remonta mais longe ao citar, a respeito do golpe de lança na Paixão, um texto do Antigo Testamento: "Videbunt in quem transfixerunt" (verão aquele que transpassaram) (João 19, 37). É um texto de Zacarias 12, 10 que a Vulgata expressa de maneira ainda mais marcante: "*et aspicient ad me quem confixerunt*" (olharão para Mim, a quem transpassaram).

O PAPEL DOS HEREGES

Equipado com regras de discriminação e assegurado da Assistência do Espírito Santo, o Magistério buscará, portanto, na massa documental da qual falamos, os elementos da Tradição apostólica, e os reunirá e coordenará. Mas fará ele este trabalho de triagem de uma só vez e de uma vez por todas, como foi o caso dos Livros Sagrados?

A Tradição apostólica não foi formulada de uma vez por todas. É somente quando se torna necessário que a Igreja fixa um ou outro ponto. E como essa necessidade se manifesta? Muitas vezes é criada por **hereges**, cujo papel involuntário é levantar **novos problemas aos quais oferecem soluções novas, não apostólicas e falsas**. Eles assim obrigam a consultar a Tradição para saber qual era, neste caso específico, a opinião dos Apóstolos. Sua intervenção leva a um esclarecimento da doutrina. Portanto, eles têm um **papel providencial** a desempenhar. Escândalos devem acontecer; ai daqueles por quem eles vêm. A Redenção é um mistério.

> "De fato, ouço que, quando vos reunis na igreja, há divisões entre vós; e em parte eu acredito. Porque é necessário que haja entre vós heresias, para que os aprovados sejam manifestados entre vós." (1 Coríntios 11, 18-19)

Hoje em dia, há queixas sobre os modernistas. Eles, de fato, causaram um enorme estrago. Mas basta ter um pouco de paciência, e perceberemos que as questões às quais eles propuseram soluções falsas podem ser resolvidas pela Igreja ao buscar no "tesouro do pai de família", onde se encontra "o novo e o velho".

UMA TRADIÇÃO PURIFICADA

A Igreja dos Gentios adotou a tradição da Sinagoga como prólogo à sua própria Tradição, da mesma forma que adotou os livros do Antigo Testamento como prólogo aos do Novo? Não o fez. Por quê?

Por razões que já conhecemos, mas que é bom explicar sucintamente aqui.

O Divino Mestre, como vimos, fez um severo julgamento sobre a "tradição dos Anciãos". Ele a acusou de ter "anulado" a Lei, o que já é uma acusação grave. Mas há algo pior.

A que impulso, de fato, os escribas e fariseus respondiam ao anular a Lei com suas tradições? Nosso Senhor disse. Esse impulso não era meramente humano; vinha do "pai da mentira". Poderíamos multiplicar as citações das Escrituras nesse sentido. Contentemo-nos com esta menos conhecida, mas igualmente demonstrativa:

> "Perambulais por terra e mar para fazer um prosélito, e, uma vez feito, o tornais filho do inferno, duas vezes mais do que vós mesmos." (Mateus 23, 15)

Tanto pelos historiadores quanto pela Bíblia, conhecemos a importância das **infiltrações do paganismo entre os Judeus**. Não na letra das Escrituras, é claro, pois estas eram preservadas com uma meticulosidade muitas vezes rigorosa, mas em tudo o que era **comentário**. E ainda assim, Nosso Senhor faz clara distinção quando declara, ao falar dos doutores da Lei:

> "Fazei e observai tudo o que vos disserem, mas não imiteis suas obras, pois dizem e não fazem."

Fazei o que dizem porque sua Lei Escrita é correta. Mas não façais o que fazem porque sua interpretação é má. Nessas condições, entendemos por que a Igreja não considerou a tradição dos antigos.

No entanto, os escritores eclesiásticos de todas as épocas mantiveram uma atração secreta pelas incontestáveis pedras preciosas que ainda estão enterradas nos detritos cortantes da Cabala. Ouçamos Dom de Moléon, que ninguém pode suspeitar de qualquer desvio:

> "Sem dúvida, é preciso reconhecer que essas tradições, consideradas em seu conjunto, geralmente não passam de um tecido de absurdos, improbabilidades e contos fantásticos. Ao percorrê-las, o leitor rapidamente se cansa de se sentir constantemente levado para a extravagância, o exagero e um maravilhoso que soa falso. No entanto, seria um erro pensar que tudo deve ser desprezado: sob as reviravoltas grotescas e ridículas dessas histórias, há um fundo de verdade; há pepitas de ouro nesse deserto árido. Uma crítica que condena tudo de imediato, sem discernimento, renega seu próprio nome, pois "crinein" significa precisamente separar, distinguir, julgar, escolher. Seu papel aqui é **filtrar** este depósito vindo dos judeus, reter o que tem chances de ser verdadeiro, e rejeitar todo o resto. Assim fizeram os Padres da Igreja, assim fizeram São Jerônimo, São Efrem e muitos outros depois deles, que souberam discernir, no amontoado dos escritos rabínicos, detalhes, precisões, anedotas que complementam o texto sagrado, o iluminam, o enriquecem e lhe conferem um sabor novo" (Dom de Moléon em *Les Patriarches*, página 26).

O problema está posto e vemos que não é apenas de hoje. No entanto, os esforços para encontrar uma solução têm sido até agora infrutíferos. Eles até foram prejudiciais. Lembremos apenas obras como *La Kabbala Denudata* de KNORR von ROSENROTH (1677), cuja influência se misturou à dos Rosacruzes para moldar o espírito das primeiras lojas maçônicas.

Este problema da Cabala é ainda mais complicado pelo fato de que só a conhecemos através de textos estabelecidos por rabinos da Idade Média que estavam atentos em introduzir uma hostilidade velada ao

cristianismo.

O perigo de tudo que é cabalístico vem de suas divindades intermediárias indefiníveis, os **sefirot**, que fatalmente conduzem ao **panteísmo** ou ao **politeísmo**, ou mesmo a ambos ao mesmo tempo, desviando-se claramente do conceito essencial, patriarcal e ao mesmo tempo cristão, de um Deus Pessoal e Criador.

Compreende-se que a Igreja tenha se mantido afastada dessa possível contaminação e não assumido a guarda de uma tradição à qual o Divino Mestre acabara de manifestar sua desconfiança.

Portanto, é muito importante observar que a Tradição apostólica não admite qualquer coisa. Ela não transmite todas as ideias correntes. Não se sobrecarrega com costumes e hábitos arraigados. Permanece como um dos dois meios de conhecer a Revelação divina, sendo o outro a Escritura. Seu conteúdo conceitual é selecionado e permanece assim porque é supervisionado, o que é possível porque é administrado por instâncias eclesiásticas certas de serem assistidas pelo Espírito Santo. É a única tradição que se encontra nessa condição. Todas as outras, por falta dessa supervisão e assistência, acabam por carregar qualquer coisa, uma vez que alcançam certo grau de antiguidade e universalidade.

LOCUÇÕES ENVENENADAS

Os inimigos da Igreja atacam todas as instituições, tanto materiais quanto espirituais: dogma, hierarquia, sacramentos, presença territorial, tudo... A Tradição é alvo de um ataque particularmente bem estudado. E no entanto, somos convidados de todos os lados para uma apoteose da tradição. É em seu nome e sob sua antiga bandeira que todos os inimigos da Revolução querem se reunir.

Vimos que há duas tradições: uma das quais a Igreja é guardiã, cujo conteúdo é ortodoxo; a outra, de igual antiguidade, mas cujo conteúdo é compósito. Não deveríamos permitir que, sob o pretexto de combater a Revolução, os católicos abandonem a Tradição ortodoxa e adorem, passo a passo e insensivelmente, a tradição compósita.

O perigo não é ilusório e poderíamos fornecer muitos exemplos disso. Vamos considerar duas expressões frequentemente usadas hoje, que contêm implicitamente um deslize fatal e são usadas, por alguns sem malícia e por outros com malícia. Ouve-se falar de "**tradição cristã**" e de "**tradição viva**", sempre em um contexto bastante admirativo, o que completa a ilusão. Vamos examiná-las uma a uma.

A "**tradição cristã**" não é o nome correto do que se pretende designar assim. O **nome correto** é a "**Tradição apostólica**". De fato, se a chamamos de apostólica, a Tradição em questão é claramente definida quanto ao seu conteúdo: trata-se da parte da Revelação que não está nas Escrituras. Assim definida, ela transmite não concepções humanas, mas noções divinas.

Se apenas a chamamos de "tradição cristã", então ela não é mais estritamente apostólica. Ela amplia seu conteúdo para incluir amplamente o eclesiástico e pode abranger costumes, bons ou maus, hábitos, bons ou maus, e todo tipo de aquisições desde que sejam religiosas e tenham um mínimo de antiguidade. Ela não está mais sujeita à ortodoxia e apenas se pede a ela uma tintura cristã geral.

Assim, a tradição, assim chamada cristã, terá a mesma definição que a das outras religiões, para as quais não se pede que transmitam uma Revelação específica e para as quais se contenta com simples antiguidade. O futuro dirá se estamos certos em desconfiar da "tradição cristã" ou se o perigo era apenas ilusório.

A "tradição vivente", agora. É outro nome dado à mesma coisa. A expressão é habilmente combinada, mas não reflete a verdade.

Vimos que a Tradição apostólica não foi fixada de uma vez por todas. Ela está reservada em documentos cuja lista não foi sequer oficialmente finalizada, de onde o Magistério a retira e formula conforme as necessidades surgem. Conclui-se que a tradição é variável e que ninguém pode prever as surpresas que ela reserva.

Mas atenção, não se trata de uma verdadeira variabilidade, pois a mudança só pode ocorrer no sentido de enriquecimento: um processo que não envolve eliminações. Quando uma noção é reconhecida como tradicional pelas autoridades competentes, com as devidas provas de apostolicidade, ela nunca mais perderá sua característica de tradicionalidade. Portanto, trata-se de um desenvolvimento da mesma natureza que o dogma, com o qual aliás se superpõe. Não há desenvolvimento sem estabilidade.

Por outro lado, se qualificamos a Tradição como "vivente", estamos submetendo-a a um processo vital, ou seja, a uma alternância de assimilações e eliminações, onde umas provocam as outras. Estaremos então tolerando que periodicamente se livre de certos elementos que "cumpriram seu tempo" e que serão substituídos por novos. Eis a **Tradição tornada evolutiva** e o jogo está feito. Não se trata mais de um desenvolvimento, mas de um **redemoinho**. E que ninguém nos venha dizer que estamos inventando um perigo imaginário: recentemente, a grande argumentação das altas instâncias do Vaticano era afirmar, como algo óbvio, que a essência da Tradição na Igreja é evoluir e se adaptar sempre e sempre... sem dúvida como os redemoinhos de fumaça ao vento da história.

Muitos elogios envenenados também poderiam ser mencionados. Escolhemos apenas dois: o da "Tradição cristã" e o da "Tradição vivente". *Timeo Danaos et dona ferentes*.

CONCLUSÃO

Devíamos responder à pergunta: "**Que Tradição os católicos 'tradicionalistas' defendem?**"

Acreditamos ter mostrado, pelo menos em linhas gerais, que esta Tradição é peculiar à Igreja. Nenhuma outra religião a compartilha com ela. Ela se caracteriza de duas maneiras: pelo seu conteúdo conceitual e pelas modalidades de sua formação.

Quanto ao seu conteúdo, a verdadeira Tradição é composta por fragmentos da Revelação divina que escaparam à codificação escrita e, consequentemente, foram transmitidos pela via oral durante um certo período.

Quanto às modalidades de sua formação, a Tradição deve sua origem a três processos que correspondem às três fases da Revelação divina.

A Tradição primordial ou patriarcal não nos é diretamente conhecida sob forma tradicional. É pela Escritura que a conhecemos. É dela que se faz menção no Cânon da Missa, na oração: "*Supra quæ propitio*". Esta oração é recitada sobre as oferendas pelo celebrante, após a Consagração. Ela segue a " *Unde et memores*" e precede o "*Supplices te rogamus*". Aqui está a tradução dela:

> "Que Vos digneis, Senhor, lançar um olhar favorável sobre estes dons, como Vos dignastes aceitar os presentes de Abel, Vosso servo justo, o sacrifício de Abraão, Vosso patriarca, e aquele que Vos ofereceu Melquisedec, Vosso sumo sacerdote, sacrifício santo, hóstia imaculada".

O Antigo Testamento também deu origem a uma Tradição, mas esta não se conservou intacta. Ela se sobrecarregou com elementos profanos e pagãos que tornam extremamente difícil a busca pelos vestígios da Revelação divina que, no entanto, ela contém.

O Novo Testamento, por sua vez, é complementado pela Tradição apostólica, que nada mais é do que o ensinamento oral dos Apóstolos. Este ensinamento está disperso na vasta coleção de documentos da paleografia cristã, cuja exploração ainda não está terminada, teoricamente pelo menos.

A Tradição dos Apóstolos, junto com a dos Patriarcas, forma um conjunto homogêneo que constitui precisamente esta verdadeira Tradição pela qual os católicos fiéis são os defensores.

Paralelamente a este fluxo ortodoxo, criou-se outro fluxo que deveria ser chamado de "**pseudo-tradicional**", e que difere dele, obviamente, tanto em seu conteúdo quanto em seu modo de constituição. O conteúdo da "pseudo-tradição" não é homogêneo; é composto, é misto. Ele é composto por três componentes, misturados mais ou menos intimamente. Encontram-se nele vestígios distorcidos da Revelação divina, como concepções panteístas frequentemente emanacionistas. Encontram-se elucubrações humanitárias, como as da Torre de Babel. E encontra-se produtos da falsa mística, ou seja, da mística demoníaca que é a fonte da mitologia politeísta.

Em resumo, esta pseudo-tradição transmite, misturadas juntas, todas as produções da **religiosidade natural**.

Quanto ao seu modo de constituição, pode-se dizer que a pseudo-tradição está no seu direito ao reivindicar a mesma antiguidade que a Verdadeira. Ambas têm o mesmo ponto de partida, que é o julgamento de Deus sobre os sacrifícios de Abel e Caim. A pseudo-tradição é atualmente defendida, sob o nome de "**tradição esotérica**", por pensadores muito eruditos que a consideram a fonte comum de todas as religiões. Esta pretensão é plausivelmente fundamentada para as religiões não-cristãs.

Mas ela é infundada para a Igreja, que é guardiã de uma Tradição essencialmente antagonista àquela. De fato, um dos traços distintivos da Igreja, em todas as épocas, é ter sido mantida separada da raiz comum das falsas religiões.

Se é absolutamente necessário lembrar dessas definições, é porque estamos testemunhando uma manobra que visa deturpar e transformar a verdadeira Tradição, fazendo-a perder sua **rigorosidade** e tornando-a **evolutiva** para introduzir elementos conceituais **heterodoxos**.

Artigo Original: Link

ALGUMAS DEFINIÇÕES SOBRE O SIMBOLISMO CRISTÃO

Jean Vaquié

Não há dúvida de que Deus coloca HARMONIA ENTRE AS DIVERSAS PARTES DE SUAS OBRAS. E essa harmonia, Ele a coloca tanto no espaço quanto no tempo.

1. **No espaço**, Deus estabeleceu correspondências entre a criação espiritual e a criação material (entre o visível e o invisível).

Essas correspondências entre o ALTO e o BAIXO são reconhecidas pelos autores cristãos, que delas extraem todas as consequências didáticas que contêm.

Essas correspondências, que são da natureza das coisas, não escapam aos adeptos da "Contra-Igreja", que as inscreveram na "Tábua de Esmeralda":

"O que está em baixo é como o que está em cima".

Portanto, entre as duas escolas, há acordo sobre o princípio da harmonia universal.

1. **No tempo**, a mesma harmonia faz com que AS OBRAS DE DEUS CHAMEM E SE LEMBREM. O "Primeiro Adão" chama o "Segundo". E o "Segundo" lembra o "Primeiro", já que ele se proclama "Filho do Homem", ou seja, "descendência de Adão".

Em resumo, a criação física é um reflexo do Criador. E obtemos um primeiro conhecimento do Criador observando seu reflexo "simbólico" nas criaturas.

Até aqui, as coisas são simples, e um bom simbolismo exige apenas que não se confunda o Criador com seu reflexo.

No entanto, as coisas se complicam pelo fato de que a criação atual é PROBATÓRIA, portanto, ALEATÓRIA. A humanidade livre está destinada a ser julgada. Ela é colocada à prova. Cada aspecto da natureza é um ensinamento que pode solicitar o homem a subir ao Céu ou a descer ao inferno.

Cada coisa, portanto, tem um sentido BENÉFICO e um sentido MALÉFICO. Assim, há um "leão rugindo no deserto", mas também um outro "leão buscando quem devorar". O primeiro é a figura do profeta que anuncia o Messias, o segundo é a figura do demônio.

A ambivalência dos símbolos foi acentuada pela Queda, que intensificou o sentido maléfico de algumas coisas. Por exemplo, certos animais se tornaram nocivos e impuros, simbolizando os vícios.

Esta é a regra geral. Ela não seria tão difícil de aplicar se fosse absoluta. Infelizmente, esta regra da Ambivalência dos símbolos possui EXCEÇÕES.

Assim, a SERPENTE ou o DRAGÃO são sempre vistos negativamente. Não há "Serpente boa" (a serpente de bronze não é um boa serpente, é a figura de Cristo "tornando-se" serpente, embora não o seja por natureza).

Da mesma forma, a pomba é sempre vista positivamente. Não há pomba má.

O pensamento simbólico, portanto, requer INTELIGÊNCIA:

> "Aquele que tem entendimento, que compreenda o que o Espírito diz às igrejas." (Apocalipse)

A inteligência mencionada aqui é o dom do Espírito Santo que permite DISTINGUIR.

- A SABEDORIA une,
- o ENTENDIMENTO distingue,
- o CONSELHO escolhe o que foi distinguido,
- a PIEDADE conecta,
- a FORÇA mantém a coesão das partes,
- a CIÊNCIA explica,
- o TEMOR se refere à morte que desagrega.

E qual é a grande DISTINÇÃO que vai dominar a compreensão do simbolismo?

É evidentemente a distinção fundamental entre o Bem e o Mal. E como o simbolismo compara objetos concretos, a oposição fundamental que guiará o simbolismo cristão é aquela entre JESUS e BELIAL, que são dois adversários não destinados à reconciliação, mas ao combate.

Em outras palavras, o simbolismo cristão é um SIMBOLISMO DE CHAVE. A "Chave" do simbolismo cristão é Nosso Senhor Jesus Cristo. É Ele quem dá inteligência a este universo que foi feito para Ele.

"O universo também foi feito por Ele, e entendemos que Ele deixou Sua marca por toda parte." (São Boaventura)

Jesus Cristo é a "Chave de Davi". A Chave de Davi "abre e ninguém fecha, fecha e ninguém abre". É Nosso Senhor quem abre o Céu e fecha o inferno. O simbolismo cristão nos mostra essa abertura e fechamento nas coisas do Universo.

Assim, por exemplo: a TERRA, quando comparada ao CÉU, simboliza o estado da natureza. Mas essa mesma terra, quando comparada ao MAR fluctuante, torna-se o símbolo do que é firme, ou seja, do FIRMAMENTO.

Veremos que essas considerações não são inúteis para nos proteger contra o FALSO SIMBOLISMO que "o Adversário" não deixou de elaborar. Pois isso é o que aconteceu.

O pensamento simbólico é um pensamento nutritivo. Ele traz para a alma ricos elementos de meditação. É capaz de despertar ideias e alimentar a oração. Por isso, a salmodia está repleta de símbolos pelos quais a alma se deleita com as "harmonias que Deus coloca entre as diversas partes de suas obras".

Mas devido ao fator de apreciação e, portanto, de imprecisão, que ele envolve, o pensamento simbólico tem pouco valor DEMONSTRATIVO. Por isso, os desenvolvimentos simbólicos foram negligenciados desde o final da Idade Média, porque a teologia cristã encontrou a necessidade de repelir os ataques do RACIONALISMO. Abandonando os símbolos, considerados pouco precisos, ela preferiu o raciocínio DISCURSIVO. Certamente, a justificação racional do dogma ganhou com isso. Mas a piedade perdeu. A Religião foi privada de um lirismo que era necessário para a alma.

> Enquanto os teólogos, ocupados em lutar no campo da demonstração, negligenciavam o simbolismo, considerado muito vago, a escola de pensamento maçônico se apropriou do simbolismo, universal e, aproveitando o caráter apreciativo de todas as comparações, conseguiu facilmente empregar o simbolismo em seu sentido e dela obteve grandes benefícios. Hoje, ela governa o simbolismo e o tornou sua propriedade. Hoje, o simbolismo universal não é mais cristão; tornou-se "maçônico".

A escola maçônica trata o simbolismo com seu próprio espírito. E esse espírito não é o espírito de INTELIGÊNCIA que distingue e opõe JESUS e BELIAL. Ao contrário, o espírito maçônico reconcilia Jesus e Belial. No entanto, a escola maçônica é POLIMORFA. Assim, encontramos nela várias concepções do

simbolismo.

A fração principal da escola maçônica reivindica um simbolismo SEM CHAVE, que ela chama de SIMBOLISMO ABERTO. Sua carta de princípios é a Tábua de Esmeralda:

> "O que está em baixo é como o que está em cima".

Portanto, o universo "alquímico" é um universo AUTO-SIGNIFICANTE e, portanto, também um universo AUTO-SUFICIENTE. No entanto, esse universo se alinha com a metafísica de Lúcifer, que também se declara auto-suficiente.

Contudo, sempre existiu uma escola maçônica próxima do cristianismo, que professa reconhecer Cristo como a CHAVE do universo. Isso é especialmente verdadeiro na atual escola do ESOTERISMO CRISTÃO.

No entanto, neste simbolismo "esotérico" (como o de Jean PHAURE e Paul BARBANEGRA, por exemplo), é a dupla função da chave que não é devidamente respeitada. Sabemos que a chave de Davi "abre e ninguém fecha, fecha e ninguém abre".

Certamente, os esoteristas cristãos aceitam que Cristo, proclamado a chave de seu simbolismo, abre o Céu: ele é de fato o pináculo da Criação. Nesse sentido, em uma análise superficial, pode-se ter a impressão de que esse simbolismo satisfaz a condição essencial do simbolismo cristão.

Infelizmente, constata-se ao mesmo tempo que, para esses "esotéricos", o significado simbólico de uma catedral cristã coincide com o do Templo de Angkor ou da Pirâmide egípcia: eles afirmam que há o mesmo "espírito" presente. Assim, o Céu não é aberto apenas pelo Cristo, mas também por divindades que não são o Cristo e que se assemelham estranhamente a Lúcifer.

Quanto ao fechamento do inferno pelo simbolismo do esoterismo cristão, isso é altamente problemático, pois os demônios, nesse sistema, como no de R. Guénon, são definidos como entidades do "mundo intermediário", ou seja, seres semi-físicos e semi-espirituais por natureza.

Há aqui uma perversão do simbolismo cristão que alcança seu máximo de sutileza e, portanto, é muito difícil de discernir.

JEAN VAQUIÉ

Agosto de 1990

O MITO DA BOA GNOSE

O espírito gnóstico está tão distante do espírito de fé que não parece perigoso quando se apresenta tal como é. Por exemplo, nenhum católico tradicional teria a ideia de seguir a gnose da Maçonaria. Infelizmente, existe toda uma faixa de neo-gnósticos, que frequentemente se apresentam como fervorosos católicos e que fazem esforços prodigiosos para obter aceitação na intelectualidade do tradicionalismo. Para servir como vetor da penetração de suas doutrinas, eles inventaram o mito da Boa Gnose.

E sugerem usar, doravante, no linguajar eclesiástico corrente, a palavra gnose para designar a Ciência de Deus. Isso seria, dizem eles, devolver a essa ciência seu verdadeiro nome. Seria até, acrescentam, preencher uma lacuna na terminologia da Igreja latina. Pois a ausência dessa palavra impede a Igreja de cultivar os tesouros que estão nela e que ela já não conhece.

Respondamos de imediato que não há absolutamente nenhuma lacuna a ser preenchida. A coisa, e o termo para designá-la, existem desde sempre na Igreja do Ocidente: a "Ciência de Deus" não é nada além da velha teologia. É ela que formula, em linguagem explicativa humana, o que a Escritura exprime em linguagem condensada divina. Essa ciência de Deus, ou teologia, é certamente necessária para tornar acessíveis ao espírito dos fiéis as verdades reveladas misteriosamente expressas na Escritura e na Tradição apostólica. Mas, mais uma vez, essa ciência divina, elaborada sob a autoridade do Magistério, não esperou os neo-gnósticos para ser formulada na Igreja latina.

Que a Igreja grega, por sua vez, use a palavra gnose para designá-la, nada é mais natural, já que é a palavra grega que significa ciência. Mas essa palavra grega nunca foi usada comumente na Igreja latina para designar a teologia (exceto algumas vezes, como sinônimo, por alguns raros estilistas desejosos de evitar repetições).

O caso mais evidente é o de São Jerônimo, que estabeleceu a tradução latina, chamada "Vulgata", da Escritura. Quando ele se viu na necessidade de transpor a palavra "gnosis", frequente em São Paulo, ele se guardou bem de mantê-la tal como estava no latim e a traduziu por Scientia. A tal ponto que nem a palavra gnose nem a palavra "gnosis" se encontram nos dicionários de concordância. Isso prova que elas não eram utilizadas no latim eclesiástico do tempo de São Jerônimo. Sua adoção atualmente seria o tipo de inovação sob o pretexto de arcaísmo. Esse é um dos procedimentos dos modernistas.

Seria até extremamente perigoso usar essa palavra para designar a ciência divina, ou teologia, e isso por duas razões.

1. Primeiramente, por causa do conteúdo conceitual da gnose histórica que o termo não tardaria a trazer consigo. Ele veicularia toda a mitologia valentiniana e neoplatônica, como, por exemplo, os éons, a Sofia, o Demiurgo, a tripartição, o "Pai-Silêncio", etc. Realmente não precisamos de toda essa contribuição no momento em que a identidade doutrinária da Igreja já está bastante diluída no pântano ecumênico.

2. Além disso, a palavra é perigosa, independentemente do conteúdo conceitual histórico que ela veicula, e eis por quê. Na literatura neognóstica atual, a palavra gnose é polivalente, tem várias significações. Portanto, se fosse adotada na Igreja latina, seria empregada em vários sentidos, o que aumentaria sua maleficência.

Aqui estão os significados que encontramos na escrita dos neo-gnósticos, que os empregam indiferentemente, passando de um a outro sem avisar:

1. **Gnose pode significar, primeiramente, a Ciência de Deus, no sentido livresco e discursivo do termo.** Este é o sentido teoricamente inocente sob o qual se quer que aceitemos o termo.

2. **Gnose pode significar também o Conhecimento intuitivo de Deus, aquele que a experiência mística pessoal proporciona.** E a ambição dos neo-gnósticos é precisamente fazer dessa experiência uma das fontes da doutrina. Em suma, seria reconhecer um status equivalente entre a Revelação pública e a revelação privada.

3. **Gnose pode designar ainda a Salvação pelo Conhecimento.** O que proporciona a salvação não são mais "as obras da fé", mas o conhecimento. A pessoa é julgada, não mais por sua conduta, mas por seu conhecimento.

E como se obtém esse "conhecimento salvífico"?:

- simplesmente pela iniciação.

Diz-se então: «fulano adquiriu a gnose libertadora».

1. **Gnose designa também uma atitude intelectual particular diante dos mistérios da Revelação.** É uma atitude de Elucidação a todo custo. Nem a criação, nem mesmo a vida interior de Deus comportam mistérios que o espírito humano (que, aliás, é divino) não seja capaz de entender. Essa atitude é completamente estranha à Igreja, que ensina que os mistérios não são feitos para ser compreendidos, mas para ser contemplados. Essa é a verdadeira sabedoria.

2. **Gnose designa finalmente, num sentido totalmente geral, a Teologia da religião universal à qual as sociedades de pensamento e as congregações iniciáticas trabalham mundialmente.** Nesse sentido, gnose é sinônimo de esoterismo.

Como não ver que essa infeliz palavra serviria, afinal, para fazer penetrar na nossa "Ciência de Deus" todos os tipos de dados provenientes da falsa mística e do esoterismo mais heterodoxo? É tão evidente que se pergunta se esse não é precisamente o objetivo da manobra.

Uma tal adoção seria tão desastrosa para a doutrina quanto o novo "Ordo Missae" foi para o culto. Aliás, é provável que a Boa Gnose e o *Novus Ordo* saiam do mesmo frasco. Já foi suficientemente demonstrado que esse frasco é maçônico.

Jean VAQUIÉ

BULA DE CONDENAÇÃO DE MESTRE ECKHART: IN AGRO DOMINICO.

Tradução da bula *In agro dominico*, de 27 de março de 1329, na qual são condenados 28 artigos extraídos da obra de Mestre Eckhart*

* Indicamos, entre colchetes, e sempre que possivel, a passagem da obra de Eckhart que serviu de fonte a cada um dos artigos inventariados.

Joao, bispo, servo dos servos de Deus, em constante memória do oficio.

No campo do Senhor, no qual por disposição superior e imerecidamente somos guardiães e lavradores, devemos exercer o cultivo espiritual com vigilância e prudência, de modo a, se porventura um inimigo semear ervas daninhas sobre a semente da verdade, elas sejam sufocadas em sua origem, antes de se multiplicarem em um pulular altamente nocivo, a fim de que, destruída a semente dos vícios e arrancados os espinhos dos erros, a copiosa plantação da verdade católica se fortifique.

Com muito pesar participamos que nestes tempos alguém das regiões alemãs, de nome Eckhart, doutor, segundo nos foi informado, nas Escrituras Santas e professor da ordem dos Frades Pregadores, quis saber mais que o conveniente, não mantendo a sobriedade nem a conformidade com a medida da fé, pois, desviando seu ouvido da verdade, entregou-se às fabulas.

Seduzido, com efeito, pelo pai da mentira, que frequentemente toma a forma de um anjo de luz a fim de espalhar as sombrias e profundas trevas dos sentidos no lugar da claridade da verdade, esse homem, semeando no campo da Igreja, contra a lucidíssima verdade da fé, espinhos e tríbulos, e esforçando-se para daí crescerem cardos nocivos e sarças venenosas, ensinou muitas coisas que obliteraram a verdadeira fé no coração de numerosos fiéis, expostas principalmente em suas pregações ao povo simples, mas também registradas em seus escritos.

A partir da investigação feita contra ele, primeiramente por ordem de nosso venerável irmão Henrique, arcebispo de Colónia, e finalmente retomada por nossa ordem pela Cúria romana, comprovamos, a partir da concordância do próprio Eckhart, ter ele pregado, ensinado e escrito vinte e seis artigos cujo conteúdo é o seguinte:

[1] Primeiro artigo. Perguntado um dia por que Deus não havia criado o mundo mais cedo, ele respondeu, tanto outrora como agora, que Deus não pôde criar o mundo mais cedo, pois nada pode agir antes de ser; donde tão logo Deus foi, Ele criou o mundo.

[*In Gen*. I, n. 7, *LW* I, 190]

[2] Segundo artigo. Igualmente, pode-se conceder que o mundo tenha existido desde a eternidade.

[*In Ioh*., n. 216, *LW* III, 181]

[3] Terceiro artigo. Igualmente, no mesmo instante e no mesmo ato em que Deus foi e engendrou seu Filho a si coeterno e em tudo igual a Deus, Ele criou também o mundo.

[*In Gen*. I, n. 7, *LW* I, 190]

[4] Quarto artigo. Igualmente, em toda obra, mesmo nas más — más de acordo com a pena e a culpa — manifesta-se e reluz de maneira equânime a glória de Deus.

[*In Ioh*., n. 494, *LW* III, 426]

[5] Quinto artigo. Igualmente, aquele que vitupera um outro, louva a Deus pelo vitupério, ou seja, pelo pecado mesmo do vitupério, e quanto mais vitupera e mais gravemente peca, mais louva a Deus.

[*In Ioh*., n. 494, *LW* III, 426]

[6] Sexto artigo. Igualmente, mesmo aquele que blasfema Deus, louva a Deus.

[*In Ioh*., n. 494, *LW* III, 426]

[7] Sétimo artigo. Igualmente, aquele que pede isso ou aquilo pede o mal e pede mal, pois pede a negação do bem e a negação de Deus; ora, portanto, para que Deus lhe seja negado.

[*In Ioh*., n. 611, *LW* III, 534]

[8] Oitavo artigo. Aqueles que não têm em vista nem os bens, nem as honras, nem as vantagens, nem a devoção interna, nem a santidade, nem a recompensa, nem o reinos dos céus, mas, antes, renunciaram a tudo isso e também ao que é seu — nesses homens Deus é honrado.

[*Pr*. 6, *DW* I, 100]

[9] Nono artigo. Estive recentemente refletindo se eu gostaria de receber ou desejar alguma coisa de Deus. E quero considerar isso com muita atenção, pois, em aceitando algo de Deus, eu estaria abaixo Dele, ou em inferioridade em relação a Ele, tal qual um servidor ou escravo, e Ele mesmo, enquanto doador, seria como um senhor. E não é assim que devemos ser na vida eterna.

[*Pr*. 6, *DW* I, 112]

[10] Décimo artigo. Nós seremos totalmente transformados em Deus e seremos Nele transfigurados do mesmo modo que, no sacramento, o pão torna-se o corpo de Cristo. Eu serei transfigurado Nele, pois Ele próprio me fez uno com o seu ser, e não semelhante ao seu ser. Pelo Deus vivente, é verdade que aí não existe qualquer distinção.

[*Pr*. 6, *DW* I, 110s]

[11] Décimo primeiro artigo. Tudo o que Deus Pai deu a seu Filho unigênito em sua natureza humana, ele deu-me inteiramente e sem nenhuma exceção, nem em união nem em santidade. Ele deu-me tudo, na exata medida em que lhe deu.

[*Pr*. 5a, *DW* I, 77]

[12] Décimo segundo artigo. Tudo o que a Sagrada Escritura diz sobre Cristo cumpre-se integralmente em todo homem bom e divino.

[*Pr*. 24, *DW* I, 421s]

[13] Décimo terceiro artigo. Tudo o que é próprio à natureza divina é integralmente próprio ao homem justo e divino. Assim, esse homem opera tudo o que Deus opera, tendo criado o céu e a terra em união com Deus e sendo gerador do Verbo eterno; e sem tal homem Deus não saberia o que fazer.

[Fonte desconhecida]

[14] Décimo quarto artigo. O homem bom deve conformar sua vontade à vontade de Deus, de maneira que ele queira tudo o que Deus quer. E como Deus quer, de alguma forma, que eu tenha pecado, eu não quero não ter pecado — e essa é a verdadeira penitência.

[*BgT*, *DW* V, 22]

[15] Décimo quinto artigo. Se um homem cometesse mil pecados mortais, e tal homem estivesse em uma disposição justa, ele não teria de querer não os ter cometido.

[*RdU*, *DW* I, 233]

[16] Décimo sexto artigo. Deus não prescreve propriamente nenhum ato exterior.

[*In Gen*. II, n. 165, *LW* I, 634]

[17] Décimo sétimo artigo. O ato exterior não é propriamente bom nem divino, não sendo Deus que propriamente o opera nem o faz existir.

[*In Gen*. II, n. 165, *LW* I, 635]

[18] Décimo oitavo artigo. Não portemos o fruto dos atos exteriores, que não nos tornam bons, mas o dos atos interiores, os quais o Pai que habita em nós produz e opera.

[*In Ioh*., n. 646, *LW* III, 561]

[19] Décimo nono artigo. Deus ama as almas, não as obras exteriores.

[*In Sap*., n. 226, *LW* II, 560s]

[20] Vigésimo artigo. O homem bom é o Filho unigênito de Deus.

[*Pr*. 14, *DW* I, 239]

[21] Vigésimo primeiro artigo. O homem nobre é aquele Filho unigênito de Deus que o Pai engrendrou desde a eternidade.

[*Pr*. 14, *DW* I, 239]

[22] Vigésimo segundo artigo. O Pai me engendra como seu Filho e como o mesmo Filho. Tudo o que Deus opera é uno: por isso ele me engendra como seu Filho, sem nenhuma distinção.

[*Pr*. 6, *DW* I, 109s]

[23] Vigésimo terceiro artigo. Deus é uno de todos os modos e sob todos os aspectos, não podendo encontrar-se Nele nenhuma multiplicidade, quer do intelecto, quer extramental. Quem quer que veja dualidade ou distinção não vê Deus, pois Deus é uno, além do número e acima do número, não formando unidade com coisa alguma. Donde não se poder ter nem conceber nenhuma distinção em Deus mesmo.

[*In Ex*. n. 60, *LW* II, 66]

[24] Vigésimo quarto artigo. Toda distinção é estranha a Deus, seja na natureza ou nas pessoas. Demonstração: sua natureza é una e o próprio Uno e, igualmente, cada pessoa é una e o próprio Uno que é a sua natureza.

[*VeM*, *DW* V, 114s]

[25] Vigésimo quinto artigo. Quando é dito: “Simão, tu me amas mais que a estes?” [1] o sentido é: mais que a estes, ou seja, de uma boa maneira, todavia não perfeitamente. No “primeiro” e “segundo”, no “mais” e “menos”, existe uma gradação e uma ordem. Aquele, portanto, que ama a Deus mais que ao seu próximo, o ama de uma boa maneira, mas ainda não perfeitamente.

[*In Ioh*., n. 728, *LW* III, 636]

[26] Vigésimo sexto artigo. Todas as criaturas são um puro nada. Não digo que elas sejam algo ínfimo ou alguma coisa, mas que elas são um puro nada.

[*Pr*. 4 *DW* I, 69s]

Além disso, dá-se a conhecer ter o supracitado Eckhart pregado dois outros artigos, nos seguintes termos:

[27] Primeiro artigo. Existe algo na alma que é incriado e incriável. Se a alma inteira fosse como tal, seria incriada e incriável: e isso é o intelecto.

[*Pr*. 13, *DW* I, 220]

[28] Segundo artigo. Deus não é bom, nem melhor, nem ótimo. Quando eu chamo Deus de bom, falo tão inadequadamente quanto se chamasse o branco de negro.

[*Pr*. 9, *DW* I, 148]

Fizemos então examinar todos os supracitados artigos por numerosos doutores em sacra teologia, e nós mesmos, junto com nossos irmãos, analisamo-los diligentemente. E finalmente, tanto pelo relato dos próprios doutores quanto por nosso exame, constatamos que os quinze primeiro artigos, e igualmente os dois últimos, tanto pelo som de suas palavras quanto pelo encadeamento de seus termos, contêm erros ou a mácula da heresia. Os onze restantes, sendo o primeiro aquele que começa por “Deus não prescreve etc”, consideramo-los assaz mal sonantes, muito temerários e suspeitos de heresia, se bem que com o auxílio de muitas explicações e suplementos possam ganhar ou possuir um sentido católico. Para que artigos dessa ordem ou seus conteúdos não possam continuar a corromper o coração das pessoas simples às quais eles foram pregados e nem tornem-se, de algum modo, populares junto a eles ou a outros, nós, sob o conselho de nossos supracitados irmãos, condenamos e reprovamos categoricamente como heréticos os quinze primeiro artigos e os dois últimos, e como mal sonantes, temerários e suspeitos de heresia os onze artigos restantes e, do mesmo modo, todos os livros e opúsculos do referido Eckhart que contenham os ditos artigos ou algum deles.

Se, em verdade, alguém persistir em ousar defender ou aprovar tais artigos, queremos e ordenamos que contra os que defenderem ou aprovarem os quinze primeiros artigos e os dois últimos, ou algum deles, proceda-se como contra heréticos, e contra os que defenderem ou aprovarem os restantes onze artigos quanto ao seu sentido literal, proceda-se como contra suspeitos de heresia.

Além disso, queremos também comunicar àqueles a quem os ditos artigos foram pregados ou ensinados como doutrina, e também a todos os outros que chegaram ao seu conhecimento, que o mencionado Eckhart, no fim de sua vida, por meio de um documento público e confeccionado para esse fim, reconhecendo sua fé católica, renunciara e reprovara quanto ao seu conteúdo os vinte e seis artigos citados, os quais reconhecera ter pregado, e igualmente todos os seus escritos e ensinamentos, seja na Escola ou em seus sermões, que pudessem produzir na alma dos fiéis um sentido herético ou errôneo, inimigo da verdadeira fé, querendo que estes fossem tomados como simples e integralmente revogados, como se ele os tivesse revogado um a um particularmente, pela sua completa submissão, tanto de sua pessoa quanto de seus escritos e palavras, à determinação da Sede Apostólica e à nossa.

Dado em Avignon, seis dias antes das calendas de abril, no décimo terceiro ano de nosso pontificado.

Papa João XXII

[1] *Jo* 21, 15.

BULA DO SANTÍSSIMO PADRE LEÃO XII

CONTRA OS PEDREIROS LIVRES

MANDADA PUBLICAR PELA PIEDADE, E DECIDIDO AMOR A RELIGIÃO, E AO TRONO DA MUITO ALTA, E AUGUSTA IMPERATRIZ E RAINHA A SENHORA DONA CARLOTA JOAQUINA DE BOURBON

SANCTISSIMI DOMINI NOSTRI
LEONITIS
DIVINA PROVIDENCIA
PAPA XII.

LITTERAE APOSTOLICAE
QUIBUS
SECTAE OCCULTAE , ET CLANDESTINAE DAMNANTUR

ROMAE M.DCCCXXVI
EX TYPOGRAPHIA REVERENDAE CAMERAE APOSTOLICAE

LETRAS APOSTÓLICAS DE NOSSO SANTISSIMO SENHOR PELA DIVINA PROVIDÊNCIA O PAPA LEÃO XII

NAS QUAIS SÃO CONDENADAS AS SEITAS OCULTAS E SECRETAS

EM ROMA - 1826

LEÃO BISPO SERVO DOS SERVOS DE DEUS

Para perpétua memória.

Quanto mais graves, e perigosos são os males, que ameaçam ao Rebanho de JESUS CRISTO, Nosso DEUS, e SALVADOR, tanto maior cuidado, e vigilância devem por em reprimir, e afastar os Romanos Pontífices, ao quais, na Pessoa de São Pedro, Príncipe dos Apóstolos, foi cometido o poder, e o cuidado de apascentar, e reger. Colocados na eminente atalaia da Igreja, é a les que pertence descobrir de mais perto as ciladas, que os inimigos do Nome Cristão maquinam para destruir a Igreja de JESUS CRISTO, (o que nunca por certo conseguirão) e não só indicá-las, e manifestá-las aos Fiéis para delas se acautelarem, mas com sua autoridade afastá-las, e exterminá-las. Reconhecendo, que este gravíssimo peso lhes fora imposto, os Pontífices Romanos, Nossos Predecessores , empregaram constantemente os desvelos do Bom Pastor; e não só com exortações, doutrinas, e decretos, mas até com a mesma vida dada pelas suas Ovelhas, cuidaram, e trabalharam em proibir, e totalmente extinguir todas as Seitas, que ameaçavam a última ruína da Igreja. Nem somente pela antiguidade dos Anaes Eclesiásticos se pode coligir a memória desta vigilância Pontifícia. O que se tem praticado, em nossos tempos, e de nossos Pais, pelos Pontífices Romanos, para se oporem as Seitas secretas desses homens, que maquinam contra JESUS CRISTO, prova-se com toda a evidência; porque, tanto que Clemente XII, Nosso Predecessor, viu que a Seita dos Pedreiros Livres, ou Franco-Maçons, ou de qualquer modo que se chame, cada vez engrossava mais, e tomava novas forças, e a qual por muitas razões sabia, que não só era suspeita, mas declaradamente inimiga da Igreja Católica, houve por bem condená-la por uma sábia, e larga Bula, que principia = *In Eminenti* = publicada a 27 de Abril de 1738, cujo teor é o seguinte:

CLEMENTE BISPO Servo dos Servos de DEUS.

A todos os Fiéis Cristãos, Saúde, e Benção Apostólica.

Colocados na eminente atalaia do Apostolado, por disposição da Divina Clemência, bem que sem proporcionados méritos, com perpétua aplicação, e desvelo, (quanto o Céu nos permite) segundo julgamos ser da Nossa Pastoral Providência, cuidamos em todas as coisas, pelas quais, fechada a porta aos erros, e aos vícios, melhor se possa conservar a integridade da Religião Católica, e expulsar de todo o Orbe Católico, nestes dificílimos tempos os perigos das perturbações.

Assim, anunciando-nos isto até a fama pública, constou-nos, que dilatada, e largamente se difundem, e vão cada vez engrossando mais algumas Sociedades, Ajuntamentos, Congregações, Agregações, ou Conventículos chamados vulgarmente de *Pedreiros Livres*, ou *Franco-Maçons*, ou por outro qualquer nome segundo os vários idiomas, nas quais alternativamente associam homens de qualquer Religião, e Seita, contentes com certa afetada espécie de honestidade natural, e com impenetrável ligação, segundo as Leis, Estatutos, que se tem formado, e que eles se obrigam a encobrir com inviolável sigilo quanto as escondidas praticam juntos, tanto com apertado juramento dado na Sagrada Bíblia, como também com gravíssimas penas.

Mas como seja tal natureza da maldade, que se descobre, e dá brado, que a manifesta, daqui veio que estas Associações, ou Conventículos, tão veemente suspeita causarão no espírito dos Fiéis, que o mesmo seja falar em tais Agregações entre os prudentes, e honrados, que incorrer na nota de pravidade, e perversidade; pois que se não obrassem mal, não aborreceriam tanto a Luz. O qual rumor, ou fama chegou a tanto, que em muitos países já as mencionadas sociedades se achão proscritas, e desterradas pelo Poder Secular, como contrárias a segurança dos Estados.

Nós portanto, ponderando os gravíssimos danos, que quando mais não seja, destas Sociedades, ou Conventículos, provêm ao sossego temporal dos Estados, assim como a saúde espiritual das almas, e que por isso de nenhum modo se conformam com as Leis Civis, ou Canônicas; sendo que pela Divina Palavra sejamos admoestados, que se deve vigiar de dia, e de noite, como Servo fiel, e prudente, posto a testa da família do Senhor, que tal espécie de homens não minem a casa como Ladrões, e não forcegem por derrubar a vinha, a maneira das raposas, isto é, que não pervertam o coração dos simples, e assediem ocultamente os inocentes, para embaraçar o larguíssimo caminho, que daí poderia abrir-se, para impunemente tramar iniquidades, e por outros justos, e racionais motivos a Nós patentes, com o Conselho de alguns dos Nossos Veneráveis Irmãos, Cardeais da Santa Igreja Romana, e também de Nosso Moto Proprio, sciencia certa, e madura reflexão, e com todo o Nosso Poder Apostólico, determinamos, e decretamos **condenar, e proibir, como condenamos, e proibimos pela Nossa presente Bula, para sempre valiosa, as ditas Sociedades, Juntas, Ajuntamentos, Congregações, Assembléias, ou Conventículos de *Pedreiros Livres*, ou *Franco-Maçons*, o qualquer que seja o seu nome**.

Pela qual razão, estreitamente, e em virtude de Santa Obediência, ordenamos a todos, e a cada um dos Fiéis Cristãos, de qualquer estado, grau, condição, ordem, dignidade, e preeminência, que sejam, Leigos, ou Eclesiásticos, tanto Seculares como Regulares, sem que seja necessário nomeá-los aqui cada um em particular, que nenhum debaixo de qualquer pretexto, ou estudada cor, se atreva, ou premedite entrar nas sobreditas Sociedades de *Pedreiros Livres*, ou de *Franco-Maçons*, ou de qualquer outro modo denominadas, nem propagá-las, abraça-las, ou em suas casas, ou domínios, ou em parte alguma, recebê-las, e ocultá-las; nelas alistar-se, agregar-se, ou ter parte, nem tão pouco dar poder, ou comodidade, para que em alguma parte se convoquem, nem ministrar-lhes coisa alguma, ou prestar-lhes conselho, auxílio, ou favor, abertamente, ou em segredo, direta, ou indiretamente, por si, ou por outros, de qualquer modo; nem mesmo exortar, induzir, provocar, ou persuadir a outros, que se alistem, contem, ou intervenham em tais Sociedades, ou de qualquer modo as ajudem, e fomentem: mas antes, que totalmente, se devem abster das mesmas Sociedades, das suas Reuniões, Ajuntamentos, Congregações, Assembléias, e Conventículos; sob pena de Excomunhão, na qual ficaram sem mais alguma declaração incursos pelo *mesmo fato* todos aqueles, que tiverem contravindo a esta proibição, como acima fica dito, e da qual Excomunhão ninguém poderá obter o benefício da absolvição

(salvo em artigo de morte) senão por Nós, ou pelo Romano Pontífice, que nesse tempo existir.

Queremos além disto, e mandamos, que tanto os Bispos, e Prelados Superiores, e Outros Ordinários dos Lugares, como os Inquisidores, que houver em qualquer parte contra a Herética pravidade, procedam, e inquiram contra os transgressores, sejam de que estado. grau, condição, ordem, dignidade, ou preeminência forem, e com adequadas penas os castiguem, e obriguem como veementemente suspeitos de heresia, pois lhe damos, e conferimos livre faculdade a eles, e a qualquer deles, de proceder, e inquirir contra os mesmos transgressores, e de os obrigar e castigar, requerendo mesmo para isso, se preciso for, o auxílio do Braço Secular.

Queremos pois, que as cópias, mesmo impressas da presente, assinadas por qualquer Notário Público, e autorizadas com o selo de pessoa constituída em Dignidade Eclesiástica, se preste a mesma fé que se daria ao próprio original, se se apresentasse, ou mostrasse.

Ninguém pois se permita infringir este Ato de declaração, condenação, preceito, proibição, interdito, nem com temerária ousadia, opor-se a ele: mas se alguém presumir tentar isto, saiba que incorre na indignação de Deus Onipotente, e dos Apóstolos São Pedro, e São Paulo.

Dado em Roma em Santa Maria Maior, no Ano da Encarnação do Senhor 1738, aos 27 de Abril, e no ano oitavo do Nosso Pontificado.

Com tudo, todas estas determinações na pareceram bastantes a Benedito XIV, também Nosso Predecessor, de respeitável Memória. Falava-se muito, e por toda a parte nas conversações, que a pena de Excomunhão imposta na Bula de Clemente XII, a pouco falecido, já não valia, por que Benedito XIV a não confirmára.

Era na verdade um absurdo contestar, que as Leis Pontífices anteriores, não valiam, não sendo expressamente confirmadas pelos seus Sucessores, quando além disto era patente a todos, que a Bula de Clemente XII, fora muitas vezes ratificada por Benedito XIV. Contudo, para tirar esta astuciosa cavilação das mãos dos Sectários, o mesmo Benedito XIV, julgou a propósito, que devia publicar uma nova Bula, que principia = *Providas* = de 18 de Março de 1751 = na qual confirmou a Bula de Clemente XII, referida pelas mesmas palavras, especificadamente, e a qual se reputa pela mais ampla, e eficaz. A Bula de Benedito XIV é a que se segue:

Benedito Bispo, Servo dos Servos de Deus, para perpétua memória. = Não só respeitamos as próvidas Leis dos Romanos Pontífices, Nossos Predecessores, e suas Ordenações, cujo vigor, ou possa atenuar-se pelo descuido humano, ou extinguir-se, mas até julgamos, que devemos corroborar, e confirmar aquelas, que ganham nova força, e pleno vigor, em causas justas, graves, e urgentes, pelo novo apoio da Nossa Autoridade.

Com efeito, o Nosso Predecessor, de feliz memória, o Papa Clemente XII por suas Letras Apostólicas, dadas a 27 de Abril, no ano de Encarnação do Senhor de 1738, oitavo do seu Pontificado, e dirigidos a todos os Fiéis Cristãos, as quais começam: *In Eminenti*, condenou, e proibiu perpetuamente algumas Sociedades, Juntas, Ajuntamentos, Congregações, ou Agregações, Conventículos, vulgarmente chamados de *Pedreiros Livres*, ou *Franco-Maçons*, ou de qualquer outro modo denominadas, então largamente difundidas por alguns países, e com o tempo iam aumentando; mandando a todos os fiéis (sob pena de Excomunhão, em que *ipso facto* incorreriam, sem mais declaração alguma, e da qual ninguém poderia ser absolvido, senão pelo Romano Pontífice, então existente, exceto em artigo de morte) que ninguém se atrevesse, ou pretendesse entrar nestas Sociedades, ou propagá-las, favorecê-las, recolhê-las, ocultá-las, nem alistar-se, agregar-se, ou interessar-se nelas, e de qualquer outro modo, como nas mesmas Letras (ou Bula) mais largamente se contêm, cujo teor é o seguinte, a saber...

Como porém houvessem indivíduos, segundo nos consta, que não duvidam afirmar, e e blasonar em público, que dita Excomunhão, imposta, como fica referido, pelo Nosso Predecessor, já não valia, por isso mesmo que

a dita Bula atrás referida, não ter sido confirmada por Nós, como se se requeresse de qualquer Pontífice Sucessor, expressa Confirmação das Constituiçõe Apostólicas existentes, expedidas pelo seu Predecessor.

E como também Nos fosse insinuado por alguns Varões Pios, e tementes a Deus, que para tirar todos os subterfúgios, e declarar a conformidade de Nosso nimo, com a mente, e vontade do mesmo Nosso Predecessor, seria de grande utilidade, que juntássemos o sufrágio da Nossa Confirmação à Bula do Nosso Predecessor.

Cumpre se saiba, que Nós até aqui benignamente temos concedido absolvição da incursa Excomunhão, tanto antes, como principalmente no Jubileu Passado, a muitos Fiéis Cristãos verdadeiramente arrependidos, e contritos, de terem violado as ditas Constituições, e que prometeram de todo o coração, se apartariam das ditas Sociedades, ou Conventículos, e nunca mais tornariam para o futuro a entrar nelas; e igualmente que comunicamos aos Penitenciários por Nós Deputados, a faculdade de poderem dar em Nosso Nome, e por Nossa Autoridade, a mesma absolvição aos penitentes desta natureza, que a eles concorressem: nunca também deixando de instar com solicita aplicação de vigilância, que se procedesse pelos competentes Juizes, e Tribunais, contra os violadores da mesma Bula, segundo a extensão do delito; o que eles muitas vezes fizeram, no que não só demos prováveis, mas evidentes, e indubitáveis argumentos, dos quais assaz claramente se deverão inferir, o sentido, e a firme, e delicada vontade de Nosso nimo, a cerca do vigor, e subsistÊncia da Censura, imposta pelo dito Clemente, Nosso Predecessor, como fica referida: porém se alguma opinião houver contrária a Nosso respeito, Nós a podemos seguros desprezar, e deixar a Nossa Causa ao justo juizo de Deus Onipotente, lembrando-nos daquelas palavras, que consta em outro tempo se recitaram entre as sagradas orações. Rogamos, Senhor, façais que não atendamos ao vitupério dos juízos réprobos. E vós pedimos que calcada a própria maldade não consentais, nos alegremos com justas detrações, nem nos enredemos em capiosas adulações, antes só amemos aquilo que vós ordenais: Como traz um antigo Missal que se atribui a São Gelásio, nosso predecessor, que foi publicado pelo venerável servo de Deus, José Maria Cardeal Thomazio, na Missa, que se intitula "*Contra Obloquentes*" (Contra os Maldizentes).

Para que, contudo, se não possa dizer que omitimos coisa alguma, para que facilmente possamos tirar o pasto a mentirosas calúnias e tapar-lhes a boca: ouvido primeiro o parecer de alguns veneráveis cardeais da Santa Romana Igreja, nossos irmãos decretamos confirmar pela presente a mesma bula do Nosso Predecessor, como acima fica inserida, palavra por palavra, a qual é a mais ampla e eficaz, assim como de ciência certa e com plena autoridade apostólica; em tudo e por tudo, pelo teor das presentes letras, a confirmamos, validamos e inovamos, e queremos, e decretamos, tenha perpétua força e eficácia, como se originalmente fosse expedida de nosso *Moto Proprio*, Autoridade e em Nosso Nome.

Entre pois os gravíssimos motivos da sobredita proibição, e condenação, anunciados na Bula atrás transcrita, uma é que nas tais sociedades e conventículos associam reciprocamente homens de qualquer religião ou seita do que assaz se manifesta, quão grande perdição, dali possa resultar, à pureza da Religião Católica. A outra é o vínculo apertado e impenetrável do segredo com o que ocultam o que se faz em seus Conventículos, aos quais justamente se pode aplicar aquela sentença de Cecílio Natal, em Minúcio Félix, em bem diversa causa: *as coisas honestas, sempre folgam com a publicidade, e as maldades gostam do segredo*. A terceira é o juramento com que se obrigam a guardar inviolavelmente o tal segredo, como se fora lícito a alguém por encobrir qualquer promessa, antes matar-se do que interrogá-lo pela legítima Autoridade, confessar tudo quanto se indaga, para vir no conhecimento de, se nestas Sociedades e Assembleias, se faz alguma coisa contra a Religião ou contra o Estado e suas Leis. A quarta é que essas Sociedades se conhecem serem contrárias não menos às leis Civis, que às Canônicas; pois que no mesmo Direito Civil se proíbem todas as Congregações e Sociedades reunidas sem autoridade pública, como se pode ler nas Pandectas, Livro 47, Título 22, de *Collegiis et Corporibus Illicitis*, e na celebre carta de Caio Plínio, Cecílio Segundo, que é a 97 do livro 10º, na qual diz: Que, por seu *Edicto*, conforme as Ordens do Imperador, fora proibido que não houvesse "*Heterias*", isto é, que não se pudesse entrar em Sociedades e Assembleias, nem fazê-las sem autoridade do Príncipe. A quinta é que já, em muitos países, as mencionadas Sociedades e Congregações foram proscritas e desterradas pelas Leis dos Príncipes Seculares. A última, enfim, é que, entre os varões prudentes e honrados, são tidas em má conduta as ditas Sociedades e Congregações; e a juízo dos mesmos, todos os que nelas se alistam, incorrem na nota de maldade e perversidade.

O que tudo e cada coisa em particular, não só aprovamos e confirmamos, recomendamos e encarregamos respectivamente aos mesmos Eclesiásticos Superiores, mas também nós mesmo, em cumprimento da Nossa Apostólica Solicitude, pelas Nossas presentes Letras invocamos e vivamente requeremos, para efeito do referido, o auxílio e socorro dos Príncipes Católicos e de todas as Potestades Seculares; pois que os mesmos Supremos Príncipes e Potestades são por Deus escolhidos para Defensores da Fé e Protetores da Igreja; e por isso devem sempre fazer por todos os meios conducentes que se preste o devido respeito e exata observância às Constituições Apostólicas, e que lhes trouxeram a lembrança os padres do Concílio Tridentino, na Seção 25, Capítulo 20, e muito antes havia declarado o Imperador Carlos Magno, no Título 1, Capítulo 2 dos seus Capitulares, onde depois de pedir a todos os seus súditos Eclesiásticos a observância das Leis, acrescenta: *Por quanto de nenhum modo podemos conhecer como possam conservar-se fiéis a Nós, aqueles que se mostrarem infiéis a Deus, e desobedientes aos seus sacerdotes*. Por quanto, encarregando a todos os Chefes e Ministros dos seus domínios, que obrigassem a todos a devida obediência, que inteiramente se devia tributar às Leis da Igreja, também impôs gravíssimas penas contra aqueles que deixassem de o fazer, ajuntando, entre outras coisas: *Aqueles, porém, que nisto, e que Deus não permita, forem remissos e desobedientes, saibam que nem gozarão de honras no Nosso Império, ainda que sejam filhos nossos, nem terão lugar em palácio, nem Conosco, nem sociedade, nem comunicação alguma com os Nossos. Antes sim, sofrerão castigo em aperto, e penúria.

Queremos, pois, que as Cópias, mesmo impressas, da presente, assinadas por qualquer Notário Público e autorizadas com o selo de pessoa constituída em Dignidade Eclesiástica, se preste a mesma fé que se daria ao próprio original, se se apresentasse ou mostrasse.

Ninguém, pois, se permita absolutamente infringir esta folha de nossa confirmação, em inovação, aprovação, comissão, invocação, requisição, decreto e vontade, nem com temerária ousadia opor-se a ela. Mas se alguém presumir tentar isso, saiba que incorre na indignação de Deus Onipotente e dos Apóstolos São Pedro e São Paulo.

Dada em Roma, em Santa Maria Maior, no ano da Encarnação do Senhor de 1751, aos 18 de Março, e ano undécimo do Nosso Pontificado.

Provera a Deus que esses decretos tivessem sido tão avaliados pelos Governos da terra, quanto o exigia a salvação da Igreja e do Estado. Provera a Deus que eles se tivessem persuadido, que deviam olhar para os Romanos Pontífices, sucessores de São Pedro, não só como Pastores e mestres da Igreja Universal, mas como Defensores acérrimos da sua mesma Dignidade. E, diligentíssimos descobridores dos perigos que os ameaçam! Provera a Deus que eles tivessem usado do seu poder e autoridade para repelir as Seitas, cujos pestíferos conselhos lhe tinham sido manifestados pela Santa Sé Apostólica. Se assim fosse, já tudo se teria acabado.

Mas, como julgassem que esta causa se devia desprezar, ou ao menos tratar de pouca entidade (ou levados pelos enganos e fraudes dos sectários que astuciosamente lhe ocultavam suas manobras, ou pelos imprudentes conselhos de alguns) daquelas antigas Seitas *Maçônicas*, que nunca tinham esfriado, nasceram outras muitas, muito piores e mais audazes, que as antecedentes. A todas estas parece tê-las abraçado em seu seio a seita dos *Carbonários*, a qual não só era considerada como a principal de todas na Itália e em outros Países, mas dividida em vários ramos, somente diversos no nome, tomou à sua conta impugnar com todas as suas forças a Religião Católica e todo e qualquer Poder Supremo, Civil e Legítimo.

No meio de tanta calamidade, o Sumo Pontífice Pio VII, de feliz memória, a quem nós sucedemos, querendo salvar a Itália e outros Países e até os Estados Pontifícios (nos quais, estando impedido por um pouco o Governo Pontifício, a tal Seita tinha penetrado juntamente com os Estrangeiros seus invasores) condenou com gravíssimas penas a Seita dos *Carbonários*, debaixo de todo e qualquer nome que ultimamente tivesse tomado, segundo a diversidade dos Lugares, das Línguas e dos homens, pela Bula dada aos 13 de setembro do ano de 1821, cuja Bula começa "*Ecclesiam a JESU CHRISTO*", e cujo traslado julgamos, que devíamos também ajuntar a estas Nossas Letras, e é do teor seguinte:

O Bispo Pio, servo dos servos de Deus. Para perpétua memória.

A Igreja fundada por Jesus Cristo, nosso Salvador, sobre uma pedra sólida (e contra ela Cristo prometeu que as portas do inferno jamais prevaleceriam) foi assaltada tantas vezes e por tantos inimigos temíveis, que, se não fosse pela promessa divina que não pode falhar, haveria motivo para temer que ela pudesse sucumbir, cercada pela força, pelos vícios ou pela astúcia. Na verdade, o que aconteceu em tempos passados se repete também, e especialmente, nesta nossa era de luto que parece aquele último tempo predito no passado pelo Apóstolo:

> «Virão enganadores que, conforme seus desejos, caminharão na via da impiedade» (Jd 18).

De fato, ninguém ignora quantos ímpios, nestes tempos dificílimos, se aliaram contra o Senhor e contra Cristo, Seu Filho; esses homens se esforçam sobretudo (embora com esforços vãos) para derrubar e subverter a própria Igreja, enganando os fiéis (Cl 2,8) com uma filosofia vã e enganosa e afastando-os da doutrina da Igreja. Para alcançar mais facilmente este objetivo, muitos deles organizaram reuniões ocultas e sociedades clandestinas com as quais esperavam, no futuro, arrastar mais facilmente numerosos indivíduos a serem cúmplices de sua conspiração e de sua iniquidade.

Há muito tempo esta Santa Sé, ao descobrir tais sociedades, lançou o alarme contra elas com alta e livre voz e revelou suas tramas contra a Religião e contra a própria sociedade civil. Há muito tempo solicitou a vigilância de todos para que se precavessem de modo que essas sociedades não ousassem realizar seus propósitos ímpios. É, contudo, motivo de pesar que o esforço desta Sé Apostólica não tenha alcançado o resultado a que ela visava e que aqueles homens ímpios não tenham desistido da conspiração empreendida, resultando, enfim, aqueles males que Nós mesmos havíamos previsto. Na verdade, esses homens, cuja arrogância sempre aumenta, ousaram até criar novas sociedades secretas.

A este ponto, é necessário lembrar de uma sociedade recentemente surgida e espalhada por toda a Itália e outras regiões: embora seja dividida em numerosas seitas e assuma, às vezes, denominações diferentes e distintas entre si, devido à sua variedade, no entanto, é uma só de fato na comunhão das doutrinas e dos crimes e no pacto que foi estabelecido; ela é comumente chamada de Carbonária. Esses homens simulam um respeito singular e um certo zelo extraordinário pela Religião Católica e pela pessoa e ensinamento de Jesus Cristo, nosso Salvador, que às vezes ousam chamar sacrilegamente de Reitor e grande Mestre da sua sociedade. Mas esses discursos, que parecem suavizados com óleo, não são nada além de dardos disparados com mais segurança por homens astutos, para ferir os menos cautelosos; esses homens se apresentam em vestes de cordeiro, mas no íntimo são lobos vorazes.

Mesmo que faltassem outros argumentos, os seguintes são suficientes para persuadir que não se deve dar nenhum crédito às suas palavras, ou seja: o rigorosíssimo juramento com o qual, imitando em grande parte os antigos Priscilianistas, prometem nunca revelar, em nenhuma circunstância, a quem não for inscrito na sociedade, nada que diga respeito à própria sociedade, nem comunicar aos que estão nos graus inferiores nada que diga respeito aos graus superiores; além disso, as reuniões secretas e ilegais que convocam, seguindo o costume de muitos hereges, e a cooptar homens de todas as religiões e seitas na sua sociedade.

Portanto, não são necessárias conjeturas e argumentos para julgar suas afirmações, como foi dito acima. Os livros que eles publicam (nos quais descrevem o método que costumam seguir nas reuniões dos graus superiores), seus catecismos, estatutos e outros gravíssimos documentos autênticos destinados a inspirar confiança, e os testemunhos daqueles que, tendo abandonado a sociedade à qual pertenciam anteriormente, revelaram aos juízes legítimos seus erros e fraudes, demonstram abertamente que os Carbonários visam principalmente dar plena licença a qualquer um para inventar, com sua própria engenhosidade e opiniões, uma religião a ser professada, introduzindo assim em relação à Religião uma indiferença da qual mal se pode imaginar algo mais pernicioso. Ao profanar e contaminar a paixão de Jesus Cristo com certas cerimônias nefastas; ao desprezar os Sacramentos da Igreja (aos quais parecem substituir por outros novos, inventados por eles mesmos, com suprema impiedade) e os próprios Mistérios da Religião Católica; ao subverter esta Sé

Apostólica (na qual reside desde sempre o primado da Cátedra Apostólica) (Santo Agostinho, Ep. 43) são animados por um ódio particular e meditam propósitos funestos e perniciosos.

Não menos ímpias (como consta dos próprios documentos) são as normas de comportamento que a sociedade dos Carbonários ensina, embora impudentemente se vanglorie de exigir de seus seguidores que cultivem e pratiquem a caridade e todas as outras virtudes, e que se abstenham escrupulosamente de todo vício. Portanto, favorece sem pudor os prazeres mais desenfreados; ensina que é lícito matar aqueles que não respeitaram o juramento de manter o segredo, mencionado acima; e embora Pedro, príncipe dos Apóstolos (1Pe 2,13), prescreva que os cristãos "sejam sujeitos, em nome de Deus, a toda criatura humana, seja ao Rei como preeminente, seja aos chefes como enviados por Ele, etc.", embora o Apóstolo Paulo (Rm 13,1) ordene que "toda alma esteja sujeita às autoridades superiores", contudo essa sociedade ensina que não constitui crime fomentar rebeliões e despojar do poder os reis e outros chefes, que ousa, com supremo insulto, chamar indiscriminadamente de tiranos.

Estes e outros são os dogmas e preceitos dessa sociedade, de onde se originaram aqueles crimes recentemente cometidos pelos Carbonários, que tanto luto trouxeram a pessoas honestas e piedosas. Nós, portanto, que fomos designados como vigias daquela casa de Israel que é a Santa Igreja e que, por nosso ofício pastoral, devemos evitar que o rebanho do Senhor a nós divinamente confiado sofra qualquer dano, pensamos que, em uma contingência tão grave, não podemos nos eximir de impedir as tentativas criminosas desses homens. Somos também movidos pelo exemplo de Clemente XII e de Bento XIV, de feliz memória, nossos predecessores: o primeiro, em 28 de abril de 1738, com a Constituição "In eminenti", e o segundo, em 18 de maio de 1751, com a Constituição "Providas", condenaram e proibiram as sociedades dos Maçons Livres, ou dos Francoos Maçons, ou chamadas por qualquer outro nome, conforme a variedade das regiões e dos idiomas; deve-se considerar que tais sociedades são talvez uma ramificação, ou certamente uma imitação, dessa sociedade dos Carbonários.

E embora com dois éditos promulgados pela nossa Secretaria de Estado já tenhamos severamente proscrito essa sociedade, seguindo, contudo, os mencionados nossos predecessores, pensamos em decretar, de maneira ainda mais solene, graves penas contra essa sociedade, principalmente porque os Carbonários erroneamente pretendem não estar incluídos nas duas Constituições de Clemente XII e de Bento XIV, nem estar sujeitos às sentenças e sanções nelas previstas.

Consultada, portanto, uma Congregação selecionada de Veneráveis Irmãos nossos Cardeais da Santa Igreja Romana, com o seu conselho e também por motu proprio, por certa doutrina e por nossa deliberação meditativa, na plenitude da autoridade apostólica, decidimos e decretamos condenar e proibir a referida sociedade dos Carbonários, ou por qualquer outro nome chamada, suas reuniões, assembleias, conferências, agregações, conventículos, assim como pelo presente nosso ato a condenamos e proibimos.

Portanto, a todos e a cada um dos fiéis de Cristo, de qualquer estado, grau, condição, ordem, dignidade e preeminência, tanto leigos como clérigos, seculares ou regulares, dignos de menção específica, individual e explícita, ordenamos rigorosamente e em virtude da santa obediência que ninguém, sob qualquer pretexto ou motivo procurado, ouse ou pretenda fundar, difundir ou favorecer, e em sua casa ou morada ou em outro lugar acolher e esconder a referida sociedade dos Carbonários, ou por qualquer outro nome chamada, assim como inscrever-se ou agregar-se a ela, ou participar de qualquer grau dela, ou oferecer a faculdade e a oportunidade para que se convoque em algum lugar, ou doar algo a ela ou de qualquer outro modo prestar conselho, ajuda ou favor manifesto ou oculto, direto ou indireto, para ela mesma ou para outros; e ainda, exortar, induzir, provocar ou persuadir outros a inscrever-se, agregar-se ou participar de tal sociedade ou de qualquer grau dela, ou beneficiá-la ou favorecê-la de qualquer maneira. Os fiéis devem absolutamente abster-se da própria sociedade, de suas assembleias, reuniões, agregações ou conventículos, sob pena de excomunhão que incorre de imediato a todos os contraventores acima indicados, sem qualquer outra declaração; da excomunhão ninguém poderá ser absolvido, a não ser por Nós ou pelo Romano Pontífice pro tempore, exceto no caso de estar em ponto de morte.

Além disso, prescrevemos a todos, sob a mesma pena de excomunhão, reservada a Nós e aos Romanos Pontífices Nossos Sucessores, a obrigação de denunciar aos Bispos, ou a outros competentes, todos aqueles que saibam ter aderido a esta sociedade ou que se tenham manchado com algum dos crimes acima mencionados.

Finalmente, para afastar com mais eficácia todo perigo de erro, condenamos e proscrevemos todos os chamados catecismos e livros dos Carbonários, onde descrevem o que costumam fazer em suas reuniões; bem como seus estatutos, códigos e todos os livros escritos em sua defesa, sejam impressos ou manuscritos. A todos os fiéis, sob a mesma pena de excomunhão maior igualmente reservada, proibimos a leitura ou a conservação de tais livros, e ordenamos que esses livros sejam entregues, sem exceção, aos Ordinários do local ou a outros que tenham o direito de recebê-los.

Queremos também que às cópias, mesmo impressas, da presente Nossa carta, assinadas pela mão de algum notário público e munidas do selo de pessoa investida de dignidade eclesiástica, seja dada a mesma fé que se concederia à carta original, se fosse apresentada ou mostrada.

Portanto, que a ninguém seja lícito arrancar ou contradizer com temerária arrogância este texto da Nossa declaração, condenação, ordem, proibição e interdito. Se alguém ousar tentar isso, saiba que incorrerá na ira de Deus Onipotente e dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo.

Dado em Roma, junto a Santa Maria Maior, no ano da Encarnação do Senhor de 1821, no dia 13 de setembro, no vigésimo segundo ano do Nosso Pontificado.

Não muito tempo depois de publicada esta Bula por Pio VII, fomos Nós elevados à Suprema Cadeira de São Pedro, sem merecimentos alguns da Nossa parte, e logo aplicamos todo Nosso desvelo para descobrir qual fosse o estado das Sociedades secretas, qual o seu número e qual o seu poder. Nesta indagação facilmente viemos a conhecer que a sua audácia tinha crescido até o ponto de se terem engrossado e aumentado com Seitas novas por causa do seu grande número, sendo a mais memorável entre elas aquela que se chama "*Universitária*", assim chamada por ter o seu principal assento e domicílio em muitas universidades de estudos, nas quais os Mancebos são iniciados e formados para toda a iniquidade por alguns mestres, que em lugar de os instruir os pervertem com os mistérios da sua seita, que mais verdadeiramente se deve chamar mistérios de iniquidade.

Daqui nasce que passado ainda tanto tempo depois, desde que pela primeira vez os fachos da Rebelião se ascenderam na Europa pelas Seitas secretas e se ostentaram por meio dos seus sectários, e ainda depois de alcançadas ilustres vitórias pelos mais poderosos Príncipes com os quais esperavam que os tais fachos se apagassem, ainda os malvados intentos, e detestáveis esforços das mesmas seitas não tiveram fim. Porquanto naqueles mesmos países nos quais parecem terem aquietado aquelas antigas calamidades, que receio não há de novas perturbações e desordens, as quais aquelas Seitas estão constantemente maquinando? Quanto os sustos daqueles ímpios punhais, que são cravados ocultamente nos corpos daqueles a quem destinam para morrer?

Quantas e quão graves Leis são obrigados muitas vezes a ordenar, talvez constrangidos, aqueles que governam só para conservar a tranquilidade pública?

Daqui nascem aquelas funestíssimas calamidades com que a igreja é vexada e oprimida quase por toda parte; e as quais não podemos recordar sem dor e com muito sentimento. Sem pejo nem vergonha. São impugnados os seus Dogmas e Preceitos mais santos: abate-se a sua Dignidade e aquela paz e felicidade da qual ela deveria gozar, pelo direito que lhe pertence, não só é perturbada, mas totalmente destruída.

Não se julgue, porém, que todos esses males e outros muitos que deixamos em silêncio são imputados com falsidade e calúnia a estas Seitas ocultas e secretas. Os livros que os chefes dessas seitas não duvidaram publicar sobre a Religião e o Estado, nos quais desprezam todo o poder, blasfemam da majestade e dizem que

Jesus Cristo ou é um escândalo ou uma loucura, chegando a ensinar muitas vezes que não existe Deus e que a alma do homem acaba juntamente com o corpo. Os códigos, os estatutos nos quais se explicam seus conselhos e instituições declaram com toda a vidência que tanto aquelas coisas de que já fizemos menção, assim como aquelas que tendem a arruinar os legítimos principados e destruir inteiramente a igreja, tudo tem a sua origem nestas seitas, devendo-se ter por certo e incontestável que todas estas seitas, ainda que diversas em nome, são em tudo entre si unidas pelo detestável vínculo de turpíssimos conselhos.

A vista do que Nós julgamos que era da Nossa obrigação condenar outra vez estas seitas secretas, de tal sorte que nenhuma delas se possa jactar, que não fica compreendida nesta nossa sentença apostólica, e debaixo deste pretexto induzir a erro os incautos e menos perspicazes. Portanto, nós, com o conselho dos nossos veneráveis irmãos, os Cardeais da Santa Igreja Romana e também de nosso *Moto Proprio*, ciência certa e madura reflexão, proibimos para sempre todas as sociedades secretas, tanto as que existem agora como as que talvez pelo tempo adiante apareçam e aquelas finalmente que se propõem destruir a Igreja e os supremos poderes civis, de que já acima fizemos menção, qualquer que seja o seu nome, debaixo das mesmas penas, que se contém nas Letras dos Nossos Predecessores, já referidas nesta Nossa Bula, e aos quais expressamente confirmamos.

Pelo que, estreitamente e em virtude de santa obediência, ordenamos a todos e a cada um dos Fiéis Cristãos, de qualquer estado, graduação, condição, ordem, dignidade ou preeminência, sejam leigos ou clérigos, tanto seculares como regulares, ainda mesmo os dignos de específica e individual menção e expressão, para que nenhum, debaixo de qualquer pretexto ou estudada cor, se atreva ou presuma entrar nas sobreditas *Sociedades*, de qualquer modo denominadas, propagá-las, abraçá-las, em suas casas ou domínios, ou em parte alguma recebê-las, e ocultá-las; nelas ou em algum de seus graus, alistar-se, agregar-se ou ter parte, nem tampouco dar poder ou comodidade para que em alguma parte se convoquem, nem ministrar-lhes coisa alguma ou prestar-lhes conselho, auxílio ou favor abertamente ou em segredo, direta ou indiretamente, por si ou por outros de qualquer modo; nem mesmo exortar, induzir, provocar ou persuadir a outros que se alistem, contem ou intervenham em tais *Sociedades*, ou de qualquer modo as ajudem e fomentem: antes que totalmente se devem abster das mesmas sociedades, reuniões, ajuntamentos, assembleias ou conventículos, sob pena de Excomunhão, na qual ficarão, sem mais alguma declaração, incursos, pelo mesmo fato, todos os que contravierem a isto, como acima fica dito, e da qual Excomunhão ninguém poderá obter o benefício da absolvição (salvo em artigo de morte) se não por nós, ou pelo Romano Pontífice que nesse tempo existir.

Ordenamos, além disto, a todos, debaixo da mesma pena de Excomunhão, a nós reservada e aos Romanos Pontífices, nossos sucessores, para que sejam obrigados a denunciar aos Bispos e aos mais a quem isto pertencer, a todos aqueles que, souberem, estão alistados nessas *Sociedades* secretas, ou que estiverem em cursos nos crimes que acima mencionamos.

Condenamos, porém, com especialidade e declaramos inteiramente nulo e de nenhum valor aquele juramento ímpio e malvado a que se obrigam aqueles que se alistam nestas *Seitas* de não descobrirem a pessoa alguma o que se passa nelas e que punirão com pena de morte a todos aqueles dos seus sócios que o manifestarem aos Superiores, ou sejam Eclesiásticos ou Leigos. E por que? Não será porventura nefando um juramento (que se deve descobrir em direito) pelo qual cada um se obriga a uma morte injusta e a desprezar a autoridade daqueles que, governando a Igreja e a Legítima Sociedade Civil, tem direito a conhecer de tudo de que depende a paz da Igreja, e a segurança do Estado? Não será a maior de todas as iniquidades e indignidades chamar ao mesmo Deus para testemunha e fiador desses horrorosos crimes? Há, ajustadamente, pois, disseram os padres do 3º concílio de Latrão, no Cânon III:

> "*Não se devem chamar juramentos, mas perjúrios, aqueles que são dados contra a utilidade da Igreja e Decretos dos Santos Padres*".

E não se deve tolerar o descaramento ou loucura daqueles homens que não só no seu coração, mas até diante de todos e nos seus escritos públicos dizem: "*Que não existe Deus*" e se atrevem, contudo, a exigir um juramento de todos aqueles que ali estão nas suas Seitas!

Eis aqui o que nos pareceu ordenar para reprimir e condenar todas essas Seitas furiosas e detestáveis. Agora, porém, me dirijo a Vós, meus veneráveis Irmãos Católicos, Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos, e não só vos pedimos, mas instantaneamente suplicamos a vossa coadjuvação. Atendei por vós e por todo o rebanho, sobre que o Espírito Santo vos constitui bispos, para governardes a Igreja de Deus; porque os lobos arrebatadores vos acometerão, e não hão de perdoar ao rebanho; mas nada disto temais, nem façais a vossa vida mais preciosa que a vós mesmos; Lembrai-vos que das vossas pessoas pende em grande parte a constância que devem ter na Religião, e na virtude aqueles que vos foram confiados. Porque ainda que vivamos nos dias "*maus*" e naqueles tempos em que muitos não sofrem a sã doutrina, contudo ainda existem grande número de Fiéis, com certo respeito e obediência para com seus Pastores, aos quais com razão veneram, como Ministros de Jesus Cristo e dispensadores dos seus Divinos Mistérios.

Usai, portanto, para bem das vossas ovelhas, daquela autoridade que para a salvação das suas almas vos foi confiada por Graça especial do Eterno Deus. Conheçam por vós os dolos destes sectários, e com quanta diligência devem evitar a eles e o seu procedimento. Aborreçam por vossa autoridade e instrução a doutrina perversa daqueles que não só escarnecem os Santíssimos Mistérios da nossa Religião e a pureza dos preceitos de Jesus Cristo, mas atacam todo o poder que é legítimo. E para vos falar com as mesmas palavras do nosso predecessor Clemente XIII, na sua carta circular dirigida a todos os Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos da Igreja Católica, de 14 de setembro de 1753:

> "*Revistamo-nos, eu vos peço, da fortaleza do espírito do Senhor, de juízo e valor; e não soframos a maneira de cães mudos que não podem ladrar, que os nossos rebanhos sejam expostos à rapina, e que as nossas ovelhas sejam devoradas por todas as feras do campo. Nada nos atemorize, antes nos devemos expor a todos os combates pela glória de Deus e salvação das almas. Lembremos-nos que Jesus Cristo suportou contra si próprio a mesma contradição da parte dos pecadores. Porém, se por desgraça temermos a audácia dos ímpios, então acabou-se o vigor do Episcopado e o sublime e Divino Poder do governo da Igreja. Nem finalmente poderemos jamais merecer o nome de verdadeiros Cristãos, se chegarmos a ter a fraqueza de temer as ameaças, e as investidas desses Sectaristas desgraçados.*"

Suplicamos também com o maior empenho a vossa proteção, ó Príncipes Católicos, Nossos amados Filhos em Jesus Cristo, a quem amamos com um amor especial, e verdadeiramente paternal: e, por isso mesmo, voz trazemos à memória aquelas mesmas palavras, das quais se serviu São Leão o Grande (do qual somos, ainda que sem merecimentos, Sucessores na dignidade, e herdeiros tamb?e do mesmo nome), escrevendo ao imperador Leão:

> "*Deves constantemente lembrar-te que o Poder Real te foi dado não só para governar o Mundo, mas especialmente para Protetor da Igreja e de tal sorte que reprimindo os ataques dos seus inimigos, não só defendas as suas Leis e preceitos, mas restabeleças a paz se ela for perseguida.*"

Ainda que no tempo presente há uma diferença bem notável, pois que todas as Seitas e as sociedades secretas devem ser destruídas com o vosso esforço, mas não só para defender a Religião Católica, mas para assegurar a vossa conservação e de todos os povos que estão sujeitos ao vosso domínio; por quanto, nesses calamitosos tempos, a causa da religião está tão intimamente ligada com a conservação da sociedade, que uma de nenhuma sorte se pode separar da outra, e porque aqueles, que seguem semelhantes Seitas não são menos inimigos da Religião, que do vosso poder. Atacam uma e outra, e uma e outra trabalham por deitar abaixo. Se pudessem, não deixariam existir nem a Religião, nem Poder algum Real.

E é tão grande a astúcia desses ardilosos homens que, quando mais parecem favorecer e aumentar o vosso poder, então é que principalmente tratam de o arruinar. Por muitos modos, eles ensinam a persuadir que o Nosso poder e o dos Bispos deve ser diminuído e enfraquecido por aqueles que governam, e que devem passar para eles muitos direitos, assim daqueles que são próprios desta Cadeira Apostólica e principal Igreja, como daqueles que pertencem aos Bispos e que são chamados a participar do nosso cuidado. Porém, eles ensinam estas coisas não só inflamados daquele negro ódio que tem a Religião, mas com o desígnio de esperar que suceda; que os povos que estão debaixo do vosso império, vendo que se excedem e se usurpam

os limites que Jesus Cristo e a Igreja por ele estabelecida, lhes marcaram com este exemplo facilmente e se movam a mudar, e a destruir também a forma do governo político.

A vós todos também, Diletos Filhos, que professais a Religião Católica, atendemos com nossas especiais Orações e exortações. Evitai totalmente aqueles homens que fazem da luz trevas e das trevas luz. Que verdadeira, e sólida felicidade, e utilidade vos pode resultar da companhia e comunicação com esses homens, que julgam que se não deve ter consideração alguma, nem do poder de Deus, nem dos superiores, que por traições e ocultos ajuntamentos, intentam fazer-lhe guerra, e os quais, posto que na praça e em toda a parte gritem, que são amantíssimos do bem público, da Igreja e do Estado; contudo, em todas as suas obras de sobejo, têm declarado que querem perturbar tudo e tudo transformar. São semelhantes estes homens àqueles a quem o apóstolo São João, na II Epístola, Capítulo X, manda que se lhe não dê agasalho, nem se lhe dê o "*Deus vos salve*", e aos quais os nossos Maiores não duvidarão chamar *Primogênitos do Diabo*". Acautelai-vos, pois, dos seus afagos e das suas conversações doces, com as quais vos hão de persuadir, que vos alisteis naquelas *Seitas* em que eles se acham alistados. Tende por certo, que ninguém pode ser participante de tais Seitas sem que seja réu de grande crime; afastai dos vossos ouvidos as palavras desses homens, que seguramente vos afirmam, que assintais na escolha de que vós fazem, para entrar-lhes nos primeiros graus das suas Seitas, pois que naqueles graus não há nada que se oponha à razão e à Religião: antes, pelo contrário, que nada se diz, nem se faz, que não seja santo, que não seja reto e sem mácula alguma. Porquanto aquele nefando juramento de que já se fez menção, o qual se deve prestar até naquela recepção inferior, por si mesmo é bastante para conhecer-des, que até é uma ação ímpia alistar-se naqueles graus inferiores e conservar-se neles. Além disto, ainda que as coisas, as mais detestáveis, se não costumam confiar senão àqueles que já se acham revestidos dos graus superiores, com tudo bem evidentemente se manifesta que a força e a audácia de todas essas perniciosíssimas *Sociedades* se formam do consentimento e reunião de todos que para elas deram seu nome. E, portanto, até aqueles mesmos que ainda não passaram daqueles graus inferiores se devem reputar participantes dos seus crimes, e sobre eles recai a Sentença do Apóstolo aos Fiéis de Roma, Capítulo I:

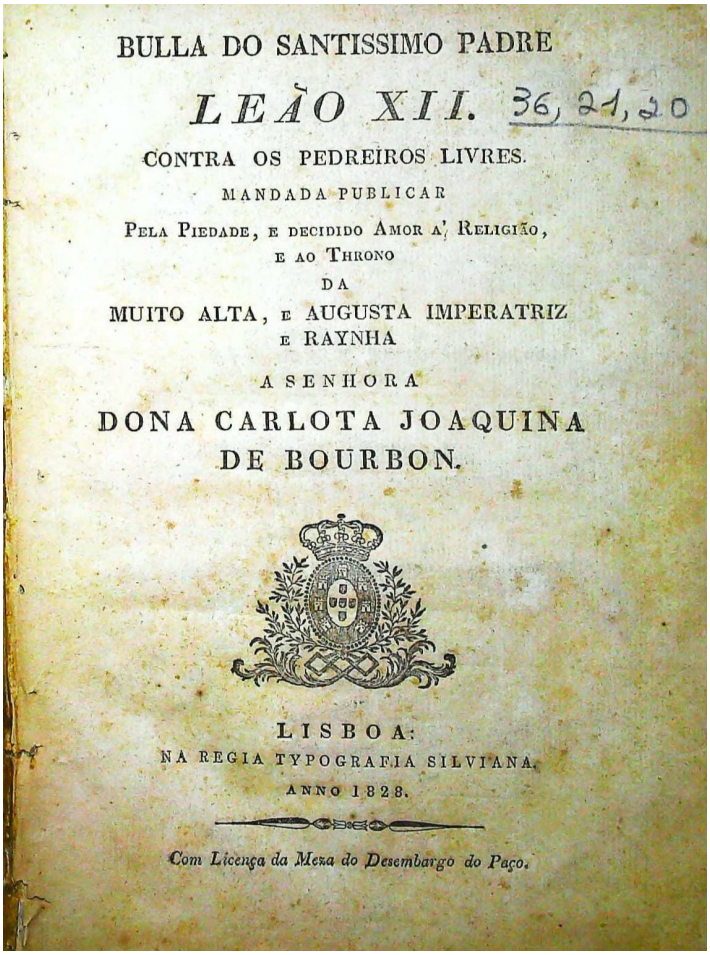
> "*Os que tais coisas fazem merecem a morte, e não só os que as fazem, mas até os que lhes prestam o seu consentimento.*"

Finalmente, com todo o amor, vos chamamos, aqueles que, tendo sido iluminados, provado o Dom Celeste e participado do Espírito Santo, contudo depois caíram miseravelmente e seguem aquelas Seitas, ou estejam iniciados naqueles seus graus inferiores ou superiores. Porquanto fazendo Nós as vezes daquele que protestou, que Ele não viera chamar os justos, mas os pecadores e se comparou ao Pastor, que deixando o rebanho inteiro vai com todo e o desvelo buscar a ovelha, que perdeu; Nós os admoestamos e lhes pedimos, pelo amor de Deus, que voltem para Jesus Cristo. Ainda que eles, com efeito, se tenham manchado com o maior crime, não devem, contudo, desesperar da Misericórdia e Clemência de Deus e de Jesus Cristo, seu Filho. Entrem, portanto, em si mesmos, e uma e muitas vezes venham refugiar-se para Jesus Cristo que tanto padeceu por eles: E então Ele não só não há de desprezar o seu arrependimento, mas antes, pelo contrário, a maneira de Amantíssimo Pai, que há muito tempo espera filhos Pródigos, os há de receber com mil vontades. Nós, portanto, para vos excitar quanto está da nossa parte e para lhes aplainar o caminho para a penitência, suspendemos pelo espaço inteiro de um ano, depois de publicadas estas nossas letras apostólicas, no país em que morarem, não só a obrigação de denunciar os seus sócios naquelas *Seitas*, como também a reserva das censuras em que caíram: e declaramos que os tais, ainda não denunciados os cúmplices, possam ser absolvidos por qualquer Confessor, sendo dos aprovados pelos Ordinários do território, onde assistem. E a qual facilidade determinamos se aplique àqueles mesmos, que assistem em Roma. Porém, se algum destes, a quem agora dirigimos Nossas Vozes, for tão pertinaz (o que tal não permita o Senhor Deus, Pai de misericórdias) que consinta que se passe aquele espaço de tempo que temos designado, sem que deixe as tais *Seitas*, e passado este tempo verdadeiramente caia em si, então torna a reviver para estes assim a obrigação de denunciar os cúmplices, como a reservação das Censuras. Nem poderá depois impetrar a absolvição sem que primeiro sejam denunciados os Cúmplices, ou ao menos jurar de os denunciar o mais depressa que lhe for possível; nem poderá ser absolvido destas Censuras senão por Nós, ou por Nossos Sucessores, ou por aqueles que obtiverem da Santa Sé Apostólica o poder de absolver de tais censuras.

Queremos também que os Traslados destas Nossas presentes Letras, ainda sendo impressas ou assinadas por algum Notário Público, ou munidos com o selo de alguma pessoa constituída em Dignidade Eclesiástica, se lhes dê inteiramente o mesmo crédito, que se daria as mesmas Letras originais, se se apresentassem.

Pelo que a ninguém seja lícito infringir ou com temerária ousadia contrariar esta página da Nossa Declaração, Condenação, Confirmação, Inovação, Mandato, Proibição, Invocação, Requisição, Decreto e Vontade. Porquanto, se alguém presumir intentar semelhante coisa, saiba que incorre na indignação de Deus Onipotente e dos seus Apóstolos São Pedro e São Paulo.

Dada em Roma, em São Pedro, no ano da encarnação do Senhor de 1825, aos 13 de março, no terceiro do Nosso Pontificado.



BULLA DO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XII. 36, 21, 20

CONTRA OS PEDREIROS LIVRES.

MANDADA PUBLICAR

PELA PIEDADE, E DECIDIDO AMOR Á RELIGIÃO,
E AO THRONO
DA
MUITO ALTA, E AUGUSTA IMPERATRIZ
E RAYNHA
A SENHORA
DONA CARLOTA JOAQUINA
DE BOURBON.

LISBOA:
NA REGIA TYPOGRAFIA SILVIANA.
ANNO 1828.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

IN EMINENTI APOSTOLATUS SPECULA

CLEMENTE BISPO Servo dos Servos de DEUS.

A todos os Fiéis Cristãos, Saúde, e Benção Apostólica.

Colocados na eminente atalaia do Apostolado, por disposição da Divina Clemência, bem que sem proporcionados méritos, com perpétua aplicação, e desvelo, (quanto o Céu nos permite) segundo julgamos ser da Nossa Pastoral Providência, cuidamos em todas as coisas, pelas quais, fechada a porta aos erros, e aos vícios, melhor se possa conservar a integridade da Religião Católica, e expulsar de todo o Orbe Católico, nestes dificílimos tempos os perigos das perturbações.

Assim, anunciando-nos isto até a fama pública, constou-nos, que dilatada, e largamente se difundem, e vão cada vez engrossando mais algumas Sociedades, Ajuntamentos, Congregações, Agregações, ou Conventículos chamados vulgarmente de *Pedreiros Livres*, ou *Franco-Maçons*, ou por outro qualquer nome segundo os vários idiomas, nas quais alternativamente associam homens de qualquer Religião, e Seita, contentes com certa afetada espécie de honestidade natural, e com impenetrável ligação, segundo as Leis, Estatutos, que se tem formado, e que eles se obrigam a encobrir com inviolável sigilo quanto as escondidas praticam juntos, tanto com apertado juramento dado na Sagrada Bíblia, como também com gravíssimas penas.

Mas como seja tal natureza da maldade, que se descobre, e dá brado, que a manifesta, daqui veio que estas Associações, ou Conventículos, tão veemente suspeita causarão no espírito dos Fiéis, que o mesmo seja falar em tais Agregações entre os prudentes, e honrados, que incorrer na nota de pravidade, e perversidade; pois que se não obrassem mal, não aborreceriam tanto a Luz. O qual rumor, ou fama chegou a tanto, que em muitos países já as mencionadas sociedades se achão proscritas, e desterradas pelo Poder Secular, como contrárias a segurança dos Estados.

Nós portanto, ponderando os gravíssimos danos, que quando mais não seja, destas Sociedades, ou Conventículos, provêm ao sossego temporal dos Estados, assim como a saúde espiritual das almas, e que por isso de nenhum modo se conformam com as Leis Civis, ou Canônicas; sendo que pela Divina Palavra sejamos admoestados, que se deve vigiar de dia, e de noite, como Servo fiel, e prudente, posto a testa da família do Senhor, que tal espécie de homens não minem a casa como Ladrões, e não forcegem por derrubar a vinha, a maneira das raposas, isto é, que não pervertam o coração dos simples, e assediem ocultamente os inocentes, para embaraçar o larguíssimo caminho, que daí poderia abrir-se, para impunemente tramar iniquidades, e por outros justos, e racionais motivos a Nós patentes, com o Conselho de alguns dos Nossos Veneráveis Irmãos, Cardeais da Santa Igreja Romana, e também de Nosso Moto Proprio, sciencia certa, e madura reflexão, e com todo o Nosso Poder Apostólico, determinamos, e decretamos **condenar, e proibir, como condenamos, e proibimos pela Nossa presente Bula, para sempre valiosa, as ditas Sociedades, Juntas, Ajuntamentos, Congregações, Assembléias, ou Conventículos de *Pedreiros Livres*, ou *Franco-Maçons*, o qualquer que seja o seu nome**.

Pela qual razão, estreitamente, e em virtude de Santa Obediência, ordenamos a todos, e a cada um dos Fiéis Cristãos, de qualquer estado, grau, condição, ordem, dignidade, e preeminência, que sejam, Leigos, ou Eclesiásticos, tanto Seculares como Regulares, sem que seja necessário nomeá-los aqui cada um em particular, que nenhum debaixo de qualquer pretexto, ou estudada cor, se atreva, ou premedite entrar nas sobreditas Sociedades de *Pedreiros Livres*, ou de *Franco-Maçons*, ou de qualquer outro modo denominadas, nem propagá-las, abraça-las, ou em suas casas, ou domínios, ou em parte alguma, recebê-las, e ocultá-las; nelas alistar-se, agregar-se, ou ter parte, nem tão pouco dar poder, ou comodidade, para que em alguma parte se convoquem, nem ministrar-lhes coisa alguma, ou prestar-lhes conselho, auxílio, ou favor, abertamente, ou em segredo, direta, ou indiretamente, por si, ou por outros, de qualquer modo; nem mesmo exortar, induzir, provocar, ou persuadir a outros, que se alistem, contem, ou intervenham em tais Sociedades, ou de qualquer

modo as ajudem, e fomentem: mas antes, que totalmente, se devem abster das mesmas Sociedades, das suas Reuniões, Ajuntamentos, Congregações, Assembléias, e Conventículos; sob pena de Excomunhão, na qual ficaram sem mais alguma declaração incursos pelo *mesmo fato* todos aqueles, que tiverem contravindo a esta proibição, como acima fica dito, e da qual Excomunhão ninguém poderá obter o benefício da absolvição (salvo em artigo de morte) senão por Nós, ou pelo Romano Pontífice, que nesse tempo existir.

Queremos além disto, e mandamos, que tanto os Bispos, e Prelados Superiores, e Outros Ordinários dos Lugares, como os Inquisidores, que houver em qualquer parte contra a Herética pravidade, procedam, e inquiram contra os transgressores, sejam de que estado. grau, condição, ordem, dignidade, ou preeminência forem, e com adequadas penas os castiguem, e obriguem como veementemente suspeitos de heresia, pois lhe damos, e conferimos livre faculdade a eles, e a qualquer deles, de proceder, e inquirir contra os mesmos transgressores, e de os obrigar e castigar, requerendo mesmo para isso, se preciso for, o auxílio do Braço Secular.

Queremos pois, que as cópias, mesmo impressas da presente, assinadas por qualquer Notário Público, e autorizadas com o selo de pessoa constituída em Dignidade Eclesiástica, se preste a mesma fé que se daria ao próprio original, se se apresentasse, ou mostrasse.

Ninguém pois se permita infringir este Ato de declaração, condenação, preceito, proibição, interdito, nem com temerária ousadia, opor-se a ele: mas se alguém presumir tentar isto, saiba que incorre na indignação de Deus Onipotente, e dos Apóstolos São Pedro, e São Paulo.

Dado em Roma em Santa Maria Maior, no Ano da Encarnação do Senhor 1738, aos 27 de Abril, e no ano oitavo do Nosso Pontificado.

Papa Clemente XII

PROVIDAS ROMANORUM

O Bispo Bento, servo dos servos de Deus. Para perpétua memória.

Julgamos dever, com uma nova intervenção de Nossa autoridade, sustentar e confirmar – na medida em que motivos justos e graves o requerem – as providenciais leis e sanções dos Nossos Predecessores Pontífices Romanos: não apenas aquelas leis e sanções cujo vigor, pelo processo do tempo ou pela negligência dos homens, tememos que possam ser enfraquecidas ou extintas, mas também aquelas que recentemente obtiveram força e pleno vigor.

1. De fato, Clemente XII, Nosso Predecessor de feliz memória, com sua própria Carta Apostólica de 28 de abril do ano da Encarnação do Senhor de 1738, oitavo ano de seu Pontificado – Carta dirigida a todos os fiéis e que começa com *In eminenti* – **condenou para sempre** e proibiu algumas Sociedades, Uniões, Reuniões, Assembleias, Conventículos ou Agregações vulgarmente chamadas de Maçons ou Francos-Maçons, ou denominadas de outra forma, já então amplamente difundidas em certos países e que agora aumentam cada vez mais. Ele proibiu a todos os cristãos, individualmente e coletivamente (sob pena de excomunhão a ser incorrida *ipso facto* sem qualquer declaração, da qual ninguém pudesse ser absolvido por outro, exceto no momento da morte, além do Romano Pontífice *pro tempore*), de tentar ou ousar entrar em tais Sociedades, propagá-las ou lhes prestar favor ou acolhimento, ocultá-las, inscrever-se nelas, agregar-se a elas ou nelas intervir, e outras ações, conforme mais amplamente e extensamente contido na própria Carta. Aqui está o texto.

2. "*Clemente Bispo, servo dos servos de Deus. A todos os fiéis, saúde e Benção Apostólica.*

Colocados pela Vontade da clemência Divina, embora indignos, na eminente Sé do Apostolado, para cumprir o dever da Providência Pastoral confiada a Nós, com assídua diligência e zelo, na medida em que nos é concedido pelo Céu, voltamos nosso pensamento àquelas coisas pelas quais – fechando o acesso aos erros e aos vícios – se conserve principalmente a integridade da Religião Ortodoxa, e nestes tempos dificílimos sejam afastados de todo o mundo Católico os perigos das desordens.

Já pela própria fama pública, é-nos conhecido que se estendem em todas as direções e, dia após dia, se fortalecem, algumas Sociedades, Uniões, Reuniões, Assembleias, Conventículos ou Agregações, comumente chamadas de Maçons ou Francos-Maçons, ou com outras denominações conforme a variedade das línguas, nas quais, com estreita e secreta aliança, segundo suas Leis e Estatutos, se unem entre si homens de qualquer religião e seita, contentes com uma certa aparência afetada de honestidade natural. Tais Sociedades, com juramento solene feito sobre as Sagradas Escrituras, e com imposição de graves penas, são obrigadas a manter um silêncio inviolável sobre as coisas que realizam secretamente.

Mas sendo da natureza do crime manifestar-se por si mesmo e gerar o rumor que o denuncia, resulta que as referidas Sociedades ou Conventículos têm produzido tal suspeita nas mentes dos fiéis, segundo a qual, para homens honestos e prudentes, inscrever-se nessas Agregações é o mesmo que se manchar com a infâmia da maldade e da perversão: se não operassem iniquamente, não odiariam tão decisivamente a luz. Tal fama cresceu de modo tão considerável que ditas Sociedades já foram proscritas pelos Príncipes seculares em muitos Países como inimigas dos Reinos e foram providencialmente eliminadas.

Nós, portanto, meditando sobre os gravíssimos danos que, na maioria das vezes, tais Sociedades ou Conventículos trazem não apenas à tranquilidade temporal dos Estados, mas também à saúde espiritual das almas, visto que não se harmonizam de forma alguma com as Leis Civis nem com as Canônicas; instruídos pelas Divinas palavras a vigiar dia e noite, como servo fiel e prudente responsável pela família do Senhor, para que essa raça de homens não saqueie a Casa como ladrões, nem como as raposas destrua a Vinha; para que, isto é, não corrompa os corações dos simples nem fira ocultamente os inocentes; a fim de fechar o caminho que, se aberto, poderia permitir impunemente delitos; por outros motivos justos e racionais a Nós

conhecidos, com o conselho de alguns Veneráveis Nossos Irmãos Cardeais da Santa Igreja Romana, e ainda motu proprio*, com segura ciência, madura deliberação e com a plenitude da Nossa potestade Apostólica,* ***decretamos dever-se condenar e proibir, como com a presente Nossa Constituição, para valer perpetuamente, condenamos e proibimos as referidas Sociedades, Uniões, Reuniões, Assembleias, Agregações ou Conventículos dos Maçons ou Francos-Maçons, ou com qualquer outro nome denominadas.***

Portanto, severamente, e em virtude de santa obediência, ordenamos a todos e a cada um dos fiéis, de qualquer estado, grau, condição, ordem, dignidade ou preeminência, sejam leigos, sejam clérigos, tanto seculares quanto regulares, ainda que dignos de especial e individual menção e citação, que ninguém ouse ou presuma sob qualquer pretexto ou aparência instituir, propagar ou favorecer as referidas Sociedades dos Maçons ou Francos-Maçons ou denominadas de outra forma; de hospedá-las e escondê-las em suas próprias casas ou em outros lugares; de inscrever-se e agregar-se a elas; de lhes fornecer meios, facilidades ou possibilidades de se reunirem em algum lugar; de lhes oferecer qualquer coisa ou até mesmo prestar de qualquer modo conselho, ajuda ou favor, abertamente ou em segredo, direta ou indiretamente, por si ou por outros, bem como exortar, induzir, provocar ou persuadir outros a se inscreverem ou a participarem dessas Sociedades, ou de qualquer forma a lhes ajudar e favorecer. Aliás, cada um deve absolutamente abster-se das referidas Sociedades, Uniões, Reuniões, Assembleias, Agregações ou Conventículos, sob pena de excomunhão para todos os infratores, como acima, a ser incorrida ipso facto*, e sem qualquer declaração, da qual ninguém possa ser absolvido, exceto no momento da morte, por outros além do Romano Pontífice pro tempore.*

Queremos e ordenamos ainda que tanto os Bispos, os Prelados Superiores e os outros Ordinários dos lugares, quanto os Inquisidores da malvadeza herética designados em qualquer lugar, procedam e façam inquirição contra os transgressores de qualquer estado, grau, condição, ordem, dignidade ou preeminência, e que reprimam e punam os mesmos com as mesmas penas com as quais castigam os suspeitos de heresia. Portanto, concedemos e atribuímos livre faculdade a eles, e a cada um deles, de proceder e inquirir contra os mencionados transgressores, e de aprisioná-los e puni-los com as devidas penas, invocando também, se necessário, o auxílio do braço secular.

Queremos também que às cópias desta, ainda que impressas, assinadas de próprio punho por algum Notário público e munidas do selo de pessoa constituída em dignidade Eclesiástica, seja dada a mesma fé que se daria à Carta se fosse exibida ou mostrada no original.

A ninguém, portanto, absolutamente, seja permitido violar, ou com temerária audácia contradizer esta página da Nossa declaração, condenação, comando, proibição e interdição. Se alguém ousar tanto, saiba que incorrerá na ira de Deus Todo-Poderoso e dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo."

3. Mas como, conforme nos foi informado, alguns não hesitaram em afirmar e difundir publicamente que a referida pena de excomunhão imposta pelo Nosso Predecessor não está mais em vigor porque a relativa Constituição não foi por Nós confirmada, como se fosse necessária, para que as Constituições Apostólicas mantivessem validade, a confirmação explícita do sucessor;

4. e tendo-nos sido sugerido por algumas pessoas piedosas e tementes a Deus que seria muito útil eliminar todos os subterfúgios dos caluniadores e declarar a uniformidade do Nosso ânimo com a intenção e a vontade do mesmo Predecessor, adicionando à sua Constituição o novo voto da Nossa confirmação;

5. Nós certamente, até agora, quando benignamente concedemos a absolvição da excomunhão incorrida, frequentemente antes e principalmente no passado ano do Jubileu, a muitos fiéis verdadeiramente arrependidos e contritos por terem transgredido as leis da mesma Constituição e que asseguraram de coração afastar-se completamente de tais Sociedades e Conventículos, e que no futuro nunca mais retornariam a elas; ou quando concedemos aos Penitenciários por Nós delegados a faculdade de impartir a absolvição em Nosso nome e com Nossa autoridade àqueles que recorressem aos próprios Penitenciários; e quando, com vigilância solícita, não deixamos de providenciar para que os Juízes e Tribunais competentes procedessem

proporcionalmente ao delito cometido contra os violadores da própria Constituição, o que foi efetivamente executado várias vezes; certamente fornecemos argumentos não apenas prováveis, mas totalmente evidentes e indubitáveis, pelos quais deveriam ter sido compreendidas as disposições do Nosso ânimo e a firme e deliberada vontade consentânea com a censura imposta pelo mencionado Clemente Predecessor.

Se uma opinião contrária se divulgasse a Nosso respeito, poderíamos seguramente desprezá-la e remeter Nossa causa ao justo julgamento de Deus Todo-Poderoso, pronunciando aquelas palavras que outrora se recitavam durante as funções sagradas: "Concede, ó Senhor, te pedimos, que não nos importemos com as calúnias dos ânimos perversos, mas, vencida a própria perversidade, supliquemos que Tu não permitas que sejamos afligidos pelas injustas maledicências ou envolvidos pelas astutas adulações, mas que amemos antes o que Tu ordenas". Assim relata um antigo Missal atribuído a São Gelásio, Nosso Predecessor, e que pelo Venerável Servo de Deus, o Cardeal Giuseppe Maria Tomasi, foi inserido na Missa intitulada Contra os maldizentes.

6. Contudo, para que não se possa dizer que Nós imprudentemente omitimos alguma coisa, a fim de eliminar facilmente os pretextos para as mentirosas calúnias e fechar-lhes a boca; ouvido primeiramente o conselho de alguns Veneráveis Nossos Irmãos Cardeais da Santa Igreja Romana, decretamos confirmar a mesma Constituição do Nosso Predecessor, palavra por palavra, conforme acima relatado de forma específica, a qual deve ser considerada como a mais ampla e eficaz de todas: **nós a confirmamos, validamos, renovamos e queremos e decretamos que tenha perpétua força e eficácia, por Nossa segura ciência, na plenitude da Nossa autoridade Apostólica, segundo o teor da mesma Constituição**, em tudo e por tudo, como se tivesse sido promulgada por Nosso *motu proprio* e com Nossa autoridade, e fosse publicada pela primeira vez por Nós.

7. Na verdade, entre os gravíssimos motivos das referidas proibições e condenações expostos na Constituição acima relatada, há um, em virtude do qual em tais Sociedades e Conventículos possam se unir reciprocamente homens de qualquer religião e seita; é claro qual dano isso pode causar à pureza da Religião Católica. O segundo motivo é a promessa estrita e impenetrável de segredo, pela qual se esconde o que se faz nessas reuniões, às quais merecidamente se pode aplicar aquela sentença que Cecílio Natale, citado por Minúcio Félix, trouxe em uma causa bem diferente: "*As coisas honestas sempre amam a luz pública; as iniquidades são secretas.*" O terceiro motivo é o juramento com o qual se comprometem a observar inviolavelmente dito segredo, como se fosse lícito a alguém, interrogado por legítima autoridade, com a desculpa de alguma promessa ou juramento, esquivar-se da obrigação de confessar tudo o que se investiga, para saber se em tais Conventículos se faz algo contrário à estabilidade e às leis da Religião e do Estado. O quarto motivo é que essas Sociedades se opõem às Sanções Civis não menos que às Canônicas, levando em conta que, de acordo com o Direito Civil, são proibidos todos os Colégios e reuniões formados sem a autoridade pública, como se lê nas Pandectas (livro 47, título 22, *De Collegiis et corporibus illicitis*), e na célebre carta (n. 97 do livro 10) de C. Plínio Cecílio, na qual ele relata que foi proibido por seu Edito, segundo o comando do Imperador, que se mantivessem as Hetairias, ou seja, que pudessem existir e reunir-se Sociedades e reuniões sem a autorização do Príncipe. O quinto motivo é que, em muitos Países, as citadas Sociedades e Agregações já foram proscritas e banidas com leis dos Príncipes Seculares. Finalmente, o último motivo é que, entre os homens prudentes e honestos, as referidas Sociedades e Agregações eram criticadas: a seu julgamento, qualquer um que se inscrevesse nelas incorria na acusação de depravação e perversão.

8. Finalmente, o mesmo Predecessor, na Constituição acima relatada, exorta os Bispos, os Prelados Superiores e os outros Ordinários dos lugares a não deixarem de invocar a ajuda do braço secular, caso seja necessário para a execução dessa disposição.

9. O que tudo e cada coisa em particular, não só aprovamos e confirmamos, recomendamos e encarregamos respectivamente aos mesmos Eclesiásticos Superiores, mas também nós mesmo, em cumprimento da Nossa Apostólica Solicitude, pelas Nossas presentes Letras invocamos e vivamente requeremos, para efeito do referido, o auxílio e socorro dos Príncipes Católicos e de todas as Potestades Seculares; pois que os mesmos Supremos Príncipes e Potestades são por Deus escolhidos para Defensores da Fé e Protetores da Igreja; e por

isso devem sempre fazer por todos os meios conducentes que se preste o devido respeito e exata observância às Constituições Apostólicas, e que lhes trouxeram a lembrança os padres do Concílio Tridentino, na Seção 25, Capítulo 20, e muito antes havia declarado o Imperador Carlos Magno, no Título 1, Capítulo 2 dos seus Capitulares, onde depois de pedir a todos os seus súditos Eclesiásticos a observância das Leis, acrescenta: *Por quanto de nenhum modo podemos conhecer como possam conservar-se fiéis a Nós, aqueles que se mostrarem infiéis a Deus, e desobedientes aos seus sacerdotes*. Por quanto, encarregando a todos os Chefes e Ministros dos seus domínios, que obrigassem a todos a devida obediência, que inteiramente se devia tributar às Leis da Igreja, também impôs gravíssimas penas contra aqueles que deixassem de o fazer, ajuntando, entre outras coisas: Aqueles, porém, que nisto, e que Deus não permita, forem remissos e desobedientes, saibam que nem gozarão de honras no Nosso Império, ainda que sejam filhos nossos, nem terão lugar em palácio, nem Conosco, nem sociedade, nem comunicação alguma com os Nossos. Antes sim, sofrerão castigo em aperto, e penúria.

10. Queremos, pois, que as Cópias, mesmo impressas, da presente, assinadas por qualquer Notário Público e autorizadas com o selo de pessoa constituída em Dignidade Eclesiástica, se preste a mesma fé que se daria ao próprio original, se se apresentasse ou mostrasse.

11. Ninguém, pois, se permita absolutamente infringir esta folha de nossa confirmação, em inovação, aprovação, comissão, invocação, requisição, decreto e vontade, nem com temerária ousadia opor-se a ela. Mas se alguém presumir tentar isso, saiba que incorre na indignação de Deus Onipotente e dos Apóstolos São Pedro e São Paulo.

Dado em Roma, na Basílica de Santa Maria Maior, aos 18 de março do ano da Encarnação do Senhor de 1751, décimo primeiro ano de nosso Pontificado.

Benedito XIV

ECCLESIAM A JESU CHRISTO

O Bispo Pio, servo dos servos de Deus. Para perpétua memória.

A Igreja fundada por Jesus Cristo, nosso Salvador, sobre uma pedra sólida (e contra ela Cristo prometeu que as portas do inferno jamais prevaleceriam) foi assaltada tantas vezes e por tantos inimigos temíveis, que, se não fosse pela promessa divina que não pode falhar, haveria motivo para temer que ela pudesse sucumbir, cercada pela força, pelos vícios ou pela astúcia. Na verdade, o que aconteceu em tempos passados se repete também, e especialmente, nesta nossa era de luto que parece aquele último tempo predito no passado pelo Apóstolo: «Virão enganadores que, conforme seus desejos, caminharão na via da impiedade» (Jd 18). De fato, ninguém ignora quantos ímpios, nestes tempos dificílimos, se aliaram contra o Senhor e contra Cristo, Seu Filho; esses homens se esforçam sobretudo (embora com esforços vãos) para derrubar e subverter a própria Igreja, enganando os fiéis (Cl 2,8) com uma filosofia vã e enganosa e afastando-os da doutrina da Igreja. Para alcançar mais facilmente este objetivo, muitos deles organizaram reuniões ocultas e sociedades clandestinas com as quais esperavam, no futuro, arrastar mais facilmente numerosos indivíduos a serem cúmplices de sua conspiração e de sua iniquidade.

Há muito tempo esta Santa Sé, ao descobrir tais sociedades, lançou o alarme contra elas com alta e livre voz e revelou suas tramas contra a Religião e contra a própria sociedade civil. Há muito tempo solicitou a vigilância de todos para que se precavessem de modo que essas sociedades não ousassem realizar seus propósitos ímpios. É, contudo, motivo de pesar que o esforço desta Sé Apostólica não tenha alcançado o resultado a que ela visava e que aqueles homens ímpios não tenham desistido da conspiração empreendida, resultando, enfim, aqueles males que Nós mesmos havíamos previsto. Na verdade, esses homens, cuja arrogância sempre aumenta, ousaram até criar novas sociedades secretas.

A este ponto, é necessário lembrar de uma sociedade recentemente surgida e espalhada por toda a Itália e outras regiões: embora seja dividida em numerosas seitas e assuma, às vezes, denominações diferentes e distintas entre si, devido à sua variedade, no entanto, é uma só de fato na comunhão das doutrinas e dos crimes e no pacto que foi estabelecido; ela é comumente chamada de Carbonária. Esses homens simulam um respeito singular e um certo zelo extraordinário pela Religião Católica e pela pessoa e ensinamento de Jesus Cristo, nosso Salvador, que às vezes ousam chamar sacrilegamente de Reitor e grande Mestre da sua sociedade. Mas esses discursos, que parecem suavizados com óleo, não são nada além de dardos disparados com mais segurança por homens astutos, para ferir os menos cautelosos; esses homens se apresentam em vestes de cordeiro, mas no íntimo são lobos vorazes.

Mesmo que faltassem outros argumentos, os seguintes são suficientes para persuadir que não se deve dar nenhum crédito às suas palavras, ou seja: o rigorosíssimo juramento com o qual, imitando em grande parte os antigos Priscilianistas, prometem nunca revelar, em nenhuma circunstância, a quem não for inscrito na sociedade, nada que diga respeito à própria sociedade, nem comunicar aos que estão nos graus inferiores nada que diga respeito aos graus superiores; além disso, as reuniões secretas e ilegais que convocam, seguindo o costume de muitos hereges, e a cooptar homens de todas as religiões e seitas na sua sociedade.

Portanto, não são necessárias conjeturas e argumentos para julgar suas afirmações, como foi dito acima. Os livros que eles publicam (nos quais descrevem o método que costumam seguir nas reuniões dos graus superiores), seus catecismos, estatutos e outros gravíssimos documentos autênticos destinados a inspirar confiança, e os testemunhos daqueles que, tendo abandonado a sociedade à qual pertenciam anteriormente, revelaram aos juízes legítimos seus erros e fraudes, demonstram abertamente que os Carbonários visam principalmente dar plena licença a qualquer um para inventar, com sua própria engenhosidade e opiniões, uma religião a ser professada, introduzindo assim em relação à Religião uma indiferença da qual mal se pode imaginar algo mais pernicioso. Ao profanar e contaminar a paixão de Jesus Cristo com certas cerimônias nefastas; ao desprezar os Sacramentos da Igreja (aos quais parecem substituir por outros novos, inventados por eles mesmos, com suprema impiedade) e os próprios Mistérios da Religião Católica; ao subverter esta Sé

Apostólica (na qual reside desde sempre o primado da Cátedra Apostólica) (Santo Agostinho, Ep. 43) são animados por um ódio particular e meditam propósitos funestos e perniciosos.

Não menos ímpias (como consta dos próprios documentos) são as normas de comportamento que a sociedade dos Carbonários ensina, embora impudentemente se vanglorie de exigir de seus seguidores que cultivem e pratiquem a caridade e todas as outras virtudes, e que se abstenham escrupulosamente de todo vício. Portanto, favorece sem pudor os prazeres mais desenfreados; ensina que é lícito matar aqueles que não respeitaram o juramento de manter o segredo, mencionado acima; e embora Pedro, príncipe dos Apóstolos (1Pe 2,13), prescreva que os cristãos "sejam sujeitos, em nome de Deus, a toda criatura humana, seja ao Rei como preeminente, seja aos chefes como enviados por Ele, etc.", embora o Apóstolo Paulo (Rm 13,1) ordene que "toda alma esteja sujeita às autoridades superiores", contudo essa sociedade ensina que não constitui crime fomentar rebeliões e despojar do poder os reis e outros chefes, que ousa, com supremo insulto, chamar indiscriminadamente de tiranos.

Estes e outros são os dogmas e preceitos dessa sociedade, de onde se originaram aqueles crimes recentemente cometidos pelos Carbonários, que tanto luto trouxeram a pessoas honestas e piedosas. Nós, portanto, que fomos designados como vigias daquela casa de Israel que é a Santa Igreja e que, por nosso ofício pastoral, devemos evitar que o rebanho do Senhor a nós divinamente confiado sofra qualquer dano, pensamos que, em uma contingência tão grave, não podemos nos eximir de impedir as tentativas criminosas desses homens. Somos também movidos pelo exemplo de Clemente XII e de Bento XIV, de feliz memória, nossos predecessores: o primeiro, em 28 de abril de 1738, com a Constituição "In eminenti", e o segundo, em 18 de maio de 1751, com a Constituição "Providas", condenaram e proibiram as sociedades dos Maçons Livres, ou dos Francoos Maçons, ou chamadas por qualquer outro nome, conforme a variedade das regiões e dos idiomas; deve-se considerar que tais sociedades são talvez uma ramificação, ou certamente uma imitação, dessa sociedade dos Carbonários.

E embora com dois éditos promulgados pela nossa Secretaria de Estado já tenhamos severamente proscrito essa sociedade, seguindo, contudo, os mencionados nossos predecessores, pensamos em decretar, de maneira ainda mais solene, graves penas contra essa sociedade, principalmente porque os Carbonários erroneamente pretendem não estar incluídos nas duas Constituições de Clemente XII e de Bento XIV, nem estar sujeitos às sentenças e sanções nelas previstas.

Consultada, portanto, uma Congregação selecionada de Veneráveis Irmãos nossos Cardeais da Santa Igreja Romana, com o seu conselho e também por motu proprio, por certa doutrina e por nossa deliberação meditativa, na plenitude da autoridade apostólica, decidimos e decretamos condenar e proibir a referida sociedade dos Carbonários, ou por qualquer outro nome chamada, suas reuniões, assembleias, conferências, agregações, conventículos, assim como pelo presente nosso ato a condenamos e proibimos.

Portanto, a todos e a cada um dos fiéis de Cristo, de qualquer estado, grau, condição, ordem, dignidade e preeminência, tanto leigos como clérigos, seculares ou regulares, dignos de menção específica, individual e explícita, ordenamos rigorosamente e em virtude da santa obediência que ninguém, sob qualquer pretexto ou motivo procurado, ouse ou pretenda fundar, difundir ou favorecer, e em sua casa ou morada ou em outro lugar acolher e esconder a referida sociedade dos Carbonários, ou por qualquer outro nome chamada, assim como inscrever-se ou agregar-se a ela, ou participar de qualquer grau dela, ou oferecer a faculdade e a oportunidade para que se convoque em algum lugar, ou doar algo a ela ou de qualquer outro modo prestar conselho, ajuda ou favor manifesto ou oculto, direto ou indireto, para ela mesma ou para outros; e ainda, exortar, induzir, provocar ou persuadir outros a inscrever-se, agregar-se ou participar de tal sociedade ou de qualquer grau dela, ou beneficiá-la ou favorecê-la de qualquer maneira. Os fiéis devem absolutamente abster-se da própria sociedade, de suas assembleias, reuniões, agregações ou conventículos, sob pena de excomunhão que incorre de imediato a todos os contraventores acima indicados, sem qualquer outra declaração; da excomunhão ninguém poderá ser absolvido, a não ser por Nós ou pelo Romano Pontífice pro tempore, exceto no caso de estar em ponto de morte.

Além disso, prescrevemos a todos, sob a mesma pena de excomunhão, reservada a Nós e aos Romanos Pontífices Nossos Sucessores, a obrigação de denunciar aos Bispos, ou a outros competentes, todos aqueles que saibam ter aderido a esta sociedade ou que se tenham manchado com algum dos crimes acima mencionados.

Finalmente, para afastar com mais eficácia todo perigo de erro, condenamos e proscrevemos todos os chamados catecismos e livros dos Carbonários, onde descrevem o que costumam fazer em suas reuniões; bem como seus estatutos, códigos e todos os livros escritos em sua defesa, sejam impressos ou manuscritos. A todos os fiéis, sob a mesma pena de excomunhão maior igualmente reservada, proibimos a leitura ou a conservação de tais livros, e ordenamos que esses livros sejam entregues, sem exceção, aos Ordinários do local ou a outros que tenham o direito de recebê-los.

Queremos também que às cópias, mesmo impressas, da presente Nossa carta, assinadas pela mão de algum notário público e munidas do selo de pessoa investida de dignidade eclesiástica, seja dada a mesma fé que se concederia à carta original, se fosse apresentada ou mostrada.

Portanto, que a ninguém seja lícito arrancar ou contradizer com temerária arrogância este texto da Nossa declaração, condenação, ordem, proibição e interdito. Se alguém ousar tentar isso, saiba que incorrerá na ira de Deus Onipotente e dos bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo.

Dado em Roma, junto a Santa Maria Maior, no ano da Encarnação do Senhor de 1821, no dia 13 de setembro, no vigésimo segundo ano do Nosso Pontificado.

Papa Pio VII

A ILUMINAÇÃO INICIÁTICA

Geralmente, designa-se sob o nome de CONTRA-IGREJA o conjunto muito complexo que compreende, além da maçonaria propriamente dita, todas as sociedades de pensamento e congregações iniciáticas que não estão diretamente ligadas a ela, mas que se inspiram no mesmo gnosticismo.

Ora, essa denominação, empregada há cerca de cem anos pelos tradicionalistas, não é aceita pelas associações que ela pretende designar, em particular pela maçonaria, que é a mais importante, e que se autodenomina não como contra-igreja, mas como SUPER-IGREJA. Ela justifica essa pretensão observando que ensina uma gnose que combina noções pagãs imemoriais e noções cristãs. Ela acredita deter, de maneira esotérica (ou seja, oculta aos profanos), o fundo comum de todas as religiões exotéricas (ou seja, públicas), incluindo a religião católica, a qual, assim, é para a maçonaria o que a parte é para o todo.

Evidentemente, não se trata da religião de Nosso Senhor submeter-se a tal pretensão e aceitar tal magistério oculto. Não é exato, de fato, que a Igreja derive do fundo comum das religiões. Ao contrário, ela foi fundada precisamente para se distinguir desse fundo comum, para evitá-lo, combatê-lo e triunfar sobre ele no final. Ela conserva o depósito da única Revelação Divina autêntica, rigorosamente controlada, de geração em geração, por instâncias elas próprias de instituição divina.

É realmente o termo contra-igreja que deve ser mantido para designar o conjunto das sociedades de pensamento e das congregações iniciáticas e, particularmente, a maçonaria, e isso por duas razões:

- Primeiramente, a maçonaria se comporta como uma potência hostil à Igreja pelo simples fato de seu proselitismo; ela propõe aos cristãos uma gnose tradicional e livresca contra a qual é necessário defendê-los, pois é sedutora ao conter verdades e, ao mesmo tempo, perigosa ao conter erros.

- Em segundo lugar, essa organização é o centro de uma inspiração demoníaca não mais tradicional e livresca, mas viva e continuamente renovada. É esse segundo ponto que gostaríamos de tratar aqui de forma muito esquemática.

Essa inspiração demoníaca da contra-igreja é um assunto bastante controverso porque deu origem a exageros. Alegou-se que as altas lojas eram palco de misteriosas diabruras. Muito se falou sobre isso no final do século passado e no início do nosso. Léo TAXIL é o mais ilustre representante dessa época e dessa escola, segundo a qual o demônio apareceria visível e pessoalmente nos altos conselhos maçônicos para ditar sua doutrina e estratégia. Ora, é certo que tais descrições não correspondem à realidade. Nada disso acontece nos graus elevados da maçonaria. É compreensível que tais erros tenham desacreditado a ideia de uma influência demoníaca sobre o conjunto da contra-igreja.

Significa isso que as diabruras estão totalmente ausentes das sociedades iniciáticas?

Não caiamos de um excesso a outro. Certamente ocorrem diabruras muito autênticas. Mas elas são encontradas apenas em colégios, por assim dizer, especializados e que, sobretudo, estão à margem da grande construção maçônica. Não é no topo da hierarquia iniciática que as observamos. Elas estão situadas lateralmente.

Mas então, onde encontramos vestígios dessa influência demoníaca viva e constantemente renovada, que acabamos de dizer ser uma das duas razões que justificam a denominação de contra-igreja? Em qual episódio particular da vida maçônica podemos buscar esses indícios?

É no momento da cerimônia de iniciação que eles aparecem mais nitidamente. Essa prova é, para cada adepto, uma fase de perturbação e crise, durante a qual influências espirituais podem se manifestar preferencialmente. Sua alma está, por assim dizer, mais frágil e acessível nesse período. Além disso, a iniciação marca uma virada na vida mental do iniciado: é uma escolha feita, uma determinação tomada, um ponto de partida. Se, portanto, uma influência espiritual é realmente provada nesse dia, ela é duradoura para cada indivíduo e importante para o conjunto da seita.

Ouçamos René Guénon falar sobre o estado de espírito do iniciado:

> "O que pode ser ensinado são apenas métodos preparatórios para a obtenção desses estados; o que pode ser fornecido de fora, a esse respeito, é, em suma, uma ajuda, um apoio que facilitam grandemente o trabalho a ser realizado e também um controle que elimina os obstáculos e perigos que podem surgir. É por isso que o segredo iniciático é inexprimível e incomunicável. Não se aprende ALGO MISTERIOSO, mas o experimenta-se" (R. GUÉNON, Aperçus sur l'initiation).

Vamos agora tentar especificar as características desse algo misterioso que se experimenta durante a iniciação. Para esclarecer as ideias, tomaremos um exemplo do livro de um autor maçônico anônimo, intitulado *Les Authentiques Fils de la Lumière*, publicado pelas Éditions de La Colombe, em 1961. Ouçamos como ele relata sua iniciação ao grau de rosa-cruz:

> "O Venerável que oficia é um canal para O INFLUXO ESPIRITUAL que age em qualquer circunstância. Mas, para manter essa eficácia, os ritos devem ser escrupulosamente observados, sem qualquer modificação, redução, adição, modernização" (p. 87).

O "algo misterioso" de que fala GUÉNON é, portanto, descrito por este novo testemunho como "um influxo espiritual" que age sobre o iniciado através do canal do Venerável, independentemente de seu valor pessoal, pela mera virtude da função que ele exerce. Esforcemo-nos para especificar ainda mais o modo de aquisição desse influxo.

> "Eu desempenhava um papel ativo nesses símbolos e, de repente, tive UMA IMPRESSÃO ARDENTE COMO UM RAIO. Ao interpretar esse drama sagrado, 'algo' emergia do mais profundo de mim. Descobri-me em um NOVO MUNDO onde, subitamente, o tempo natural era transmutado em um tempo sagrado. Sensação que não pode ser analisada, mas que permanece indelével... Além disso, quanta alegria senti ao participar, dessa vez, de verdadeiras ágapes, onde o Pão e o Vinho criavam um VÍNCULO MÍSTICO entre os participantes do banquete sagrado." (Les Authentiques Fils de la Lumière, p. 98 e 99).

Estamos agora no cerne do problema. Essa impressão súbita, ardente como um raio, é precisamente o que os maçons chamam de ILUMINAÇÃO. Às vezes, eles também a chamam de despertar maçônico. Ela é tão duradoura quanto intensamente sentida. Não se apaga mais. O "novo mundo" vislumbrado não se afasta mais da memória. O iniciado adquire um novo espírito, ou seja, ele passa a ver a criação sob outra perspectiva e com outra intenção. Também nos dizem que a iluminação e as cerimônias que a acompanham criam entre os adeptos um "vínculo místico", o que significa, em outras palavras, que consagram a pertença do iniciado a um corpo místico, ou seja, a uma verdadeira religião.

Continuemos nossa investigação tentando conhecer a natureza desse influxo iniciático. O autor de *Les Authentiques Fils de la Lumière* vai nos informar citando uma página que não é de sua autoria, mas que ele assume como sua ao afirmar que, em sua opinião, a iniciação nunca foi tão magnificamente evocada. Aqui está o texto:

> "Há aqueles que, em certos momentos, têm a possibilidade de se desprender de si mesmos, de descer além do limiar, cada vez mais fundo nas obscuras profundezas da força que sustenta seu corpo e onde essa força perde seu nome e sua individualização. É então que se tem a sensação de que essa força se expande, retoma o eu e o não-eu, invade toda a natureza, substantiva o tempo, transporta miríades de seres como se estivessem EMBRIAGADOS ou ALUCINADOS, representando-se sob mil formas, força irresistível SELVAGEM, inesgotável, SEM REPOUSO, sem limite, ARDENDO POR UMA INSUFICIÊNCIA E UMA PRIVACIDADE ETERNAS" (Les Authentiques Fils de la Lumière, p. 88).

Agora estamos informados com precisão sobre a natureza do espírito que entra em contato com o adepto no momento da iniciação e que o preenche de luz. Essa força selvagem, sem descanso, consumida por uma insuficiência e uma privação eternas, e capaz, ao mesmo tempo, de transportar miríades de seres como se estivessem embriagados ou alucinados, essa força espiritual assim definida não é outra senão o espírito das trevas. Sua descrição, pelo escritor maçônico, é idêntica àquela que os escritores eclesiásticos fazem do demônio quando o definem como um espírito de inquietação e ambição, um espírito incandescente, mas eternamente privado de Deus. É importante notar a identidade dessas duas definições. O objeto descrito é o mesmo, é o julgamento que se faz dele e a conduta a ser adotada em relação a ele que vão diferir.

O autor anônimo de *Les Authentiques Fils de la Lumière* não deixa dúvida possível: o espírito que se apodera do iniciado é precisamente essa força selvagem e ardente, sem limite e sem descanso, pois, segundo ele, nunca a iniciação foi evocada de forma tão magnífica. Pode-se, portanto, afirmar que, durante a iluminação, o iniciado foi tomado pelo espírito das trevas.

Mas podemos dar um passo adiante e concluir sobre a realidade objetiva de uma influência externa, direta e pessoal do demônio sobre a alma do iniciado? Não apressemos as etapas. O espírito do demônio não é necessariamente o demônio em si. **O homem também tem a liberdade e a capacidade de se insurgir contra Deus por sua própria vontade. Ele não precisa absolutamente de uma estimulação infernal para isso. Ele pode espontaneamente desenvolver o espírito de confusão, inquietação, ambição e revolta. Ele pode forjar para si mesmo uma alma de demônio, apenas pela frequência intempestiva aos autores gnósticos de ontem e de hoje.** É o que acontece com o maçom estudioso e apaixonado que prepara assiduamente sua iniciação. Sob a emoção muito explicável produzida pelo cerimonial, o adepto, exaltado por suas leituras, poderia encontrar-se apenas em contato com seu próprio metapsiquismo. E é certo que, em parte, é assim que as coisas acontecem. Portanto, não se deve apressar em concluir sobre a realidade do contato direto dos espíritos das trevas com a alma do iniciado. Para chegar a tal conclusão, precisaríamos de uma prova adicional.

Ora, há precisamente, na iluminação iniciática, uma parte de recepção exterior. Ouçamos o erudito autor de *Les Authentiques Fils de la Lumière*:

> "Mas ninguém, salvo raríssimas exceções, pode se iniciar sozinho. Só se pode ser iniciado em uma organização qualificada cujos ritos e mitos remontam a uma grande antiguidade e QUE NÃO É UMA CRIAÇÃO PURAMENTE HUMANA; a qual associação não transmite uma doutrina, mas uma INFLUÊNCIA ESPIRITUAL" (p. 87).

O mesmo testemunho ainda esclarece seu pensamento algumas páginas depois:

> "É um dos mistérios da iniciação: a ambiência, os cenários, os sentidos ocultos e vagamente vislumbrados, e talvez alguma PRESENÇA INVISÍVEL, determinam uma emoção indizível." (p. 99)

Este autor, indubitavelmente competente e ponderado, declara então que a organização maçônica não é uma criação puramente humana, o que quer dizer que ela é mantida e sustentada, pelo menos em parte, por uma

inspiração que tem sua origem no mundo dos espíritos. E ele confirma essa noção ao declarar que, durante a cerimônia de iniciação, uma presença invisível é bastante provável.

Acrescentemos que, de fato, isso explica a súbita e intensa emoção sentida, que faz dessa experiência uma verdadeira experiência mística e não apenas um episódio de autossugestão. Temos a prova de que a iluminação é considerada de origem externa e objetiva por aqueles que a experimentaram.

Mas somos obrigados a constatar, ao mesmo tempo, que essa influência externa não é atribuída ao demônio. Eles não acreditam ter sido obscurecidos. Pelo contrário, eles dizem que despertaram para a luz ou que foram iluminados. Os maçons se assustam quando se fala de influência demoníaca em suas oficinas. Eles estão convencidos de que a iluminação iniciática é uma das múltiplas formas de inspiração divina. Aqui está, por exemplo, a resposta de um mestre maçom a um de seus jovens companheiros:

> "…Eu brinco com você porque às vezes é preciso expressar alegremente as coisas mais sérias. Mas, na verdade, você está certo. Você se aproxima, mesmo sem saber, do segredo essencial da maçonaria. Construir, certamente, mas construir SEGUNDO O PLANO DIVINO que é atemporal." (Les Authentiques Fils de la Lumière, p. 124).

Em resumo, este escritor maçônico, que não é de modo algum excêntrico, mas muito reflexivo, nos faz uma declaração tripla:

1° a iluminação não é uma impressão subjetiva, mas sim a recepção de uma influência externa;

2° a definição desse espírito coincide exatamente com a que os teólogos dão ao espírito demoníaco;

3° o iniciado julga esse espírito como vindo de Deus.

Aqui está um raciocínio cujos termos são inconciliáveis. Como explicar uma antinomia tão evidente?

Ela resulta da aplicação, a este problema particular, da TOLERÂNCIA maçônica, ou seja, do pensamento sem ortodoxia, do pensamento sem controle, sem magistério, do "livre-pensamento".

Na experiência mística que o iniciado viveu, ele não teve os meios de distinguir o bom espírito que acreditava receber do mau que realmente recebeu. Aconteceu um fenômeno conhecido desde sempre pelos teólogos ortodoxos, e cujo esquema é o seguinte:

Quando o demônio se mostra como ele realmente é, ele aparece tão assustador que não pode seduzir nem atrair ninguém, exceto algumas raras almas já em estado de impiedade final e decididas a fazer o mal por causa do mal em plena consciência; para recrutar a massa de pessoas honestas que ainda distinguem o bem do mal, é necessário que, segundo a expressão clássica em teologia, o anjo das trevas SE DISFARCE EM ANJO DE LUZ.

É precisamente isso que ocorre durante a iluminação iniciática. O adepto certamente tem a impressão de uma luz. A influência espiritual exerce sobre ele uma ação análoga à da luz porque é de natureza angélica.

De acordo com outros relatos de iniciação, que não temos espaço para citar aqui, o "algo misterioso", a "presença invisível" é até mesmo reconfortante, eufórica e exaltante. Mas, na realidade, é uma potência tenebrosa, uma vez que sua definição é a de uma força selvagem, excessivamente inquieta. No momento da iniciação, o adepto se encontra confrontado com o espírito das trevas disfarçado em espírito de luz, e já não é possível descobrir o disfarce. A "presença invisível" não causa medo. Sua feiura não aparece. Ela permanece oculta pelo brilho do que resta de sua beleza. Para descobrir sua verdadeira natureza, o senso natural do bem e do mal, que o adepto conservou por ser um homem honesto, já não é suficiente. Não há razão para exercer esse senso, pois o mal não é aparente.

Para descobrir a falsidade da luz iniciática, seria necessário possuir o DOM DO DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS. No entanto, a loja-mãe é totalmente desprovida desse dom devido à sua tolerância. Ela se proíbe todo dogmatismo, ou seja, toda discriminação entre as "valores espirituais" que ela vai colhendo por toda parte e que apresenta a seus discípulos em pé de igualdade. Ela se contenta em expô-los diante de seus olhos, deixando-os fazer livremente sua escolha a título pessoal.

O dom do discernimento dos espíritos, que vem de Deus, só se encontra na Igreja. É uma intuição imediata e espontânea que Deus concede a certas almas para que elas possam se guiar ou guiar outras pessoas. O bispo, quando certas condições canônicas são preenchidas, também possui esse dom no exercício de suas funções. Ao julgar estados místicos, ele saberá dizer:

- isto vem de Deus,
- isto vem do demônio,
- isto é duvidoso.

Ao contrário, pela tolerância que não reconhece nenhuma verdade absoluta, a grande escola maçônica do livre-pensamento privou-se dos meios de discernir os espíritos. Assim, ela é iluminada apenas pela falsa luz que tem seu principal ponto de impacto na iniciação. Ela está sujeita a uma inspiração demoníaca difusa e poderosa que considera uma inspiração divina, mas que lhe dá um papel preponderante nas organizações da contra-igreja.

Portanto, não se trata de um falso misticismo maior, ou seja, daquelas aparições demoníacas e outras artimanhas que eram anteriormente atribuídas levianamente às altas autoridades maçônicas. Nas lojas, encontramos apenas um falso misticismo menor, com manifestações discretas: sem encantamentos, sem busca laboriosa por estados extáticos, nem algo similar. É também um misticismo menor pela falta de qualquer conteúdo conceitual; não leva à revelação de um arsenal de argumentos doutrinários, mas apenas à aquisição de uma disposição mental.

E observemos que é para baixo que a alma se abre; ela se prepara para ouvir; os autores têm consciência disso:

> "...algo subia do mais profundo de mim mesmo..." (Les Authentiques Fils de la Lumière, p. 98),

ou ainda, em outro lugar:

> "...descer sempre mais fundo nas obscuras profundezas da força que sustenta seus corpos..."
>
> "...então essa força se expande, abraça o eu e o não-eu..." (ibidem, p. 88).

É realmente o inferior que invade o superior. Mas trata-se apenas de uma orientação. Quanto às noções explícitas, constitutivas de uma doutrina, os maçons as encontram na rica e exuberante biblioteca da gnose escrita. A iniciação abre a alma, o estudo a alimenta.

Por fim, observamos que o despertar maçônico, se produz uma impressão indelével em cada indivíduo como aprendemos, é ao mesmo tempo muito importante para a seita, pois o número de iniciações é considerável. **A maçonaria universal conta com várias dezenas de milhares por ano. A luz que ilumina seu árduo trabalho é de fato o falso misticismo, ou seja, aquele que tem o demônio como inspirador.**

Jean VAQUIÉ

A FSSPX INFILTRADA POR GNÓSTICOS - PARTE I

Oferecemos-lhe esta nova série de artigos sobre a infiltração gnóstica dentro da FSSPX. Devido à sua amplitude e com o objetivo de facilitar a sua leitura, apresentamo-la em várias partes.

> "Mas em nossos seminários e na quase totalidade de nossos prioratos, opomo-nos completamente a este mundo que navega nas águas turbulentas da Gnose. Infelizmente, temos de reconhecer que essas pessoas de espírito pervertido conseguem penetrar nos meios que se defendem menos bem. Concordo perfeitamente com esta perigosa infiltração. Percebo perfeitamente bem que uma ação sorrateira está sendo realizada por esses meios incrédulos "de direita" para minar o bloco da tradição católica. Agradeço-lhe por chamar novamente a minha atenção para este tipo de problema" (Monsenhor Lefebvre, Écône, 16 de setembro de 1987, citado por E. Couvert em seu livro "La Gnose en question", p. 157. O fac-símile desta carta encontra-se no livro de Max Barret "Monsenhor Lefebvre, simplesmente" na p. 134).

Assim se expressava Monsenhor Lefebvre sobre o perigo que a Fraternidade corria de ser infiltrada por agentes da contra-igreja. Jean Vaquié, eminente contrarrevolucionário, amigo pessoal de Monsenhor Lefebvre, dedicou grande parte de sua vida a denunciar a infiltração gnóstica nos meios tradicionais. Entre suas obras, encontramos os "Cahiers de la Société Augustin Barruel" (Cadernos de Augustin Barruel), uma revista dedicada especificamente à investigação e ao estudo da penetração e do desenvolvimento da Revolução dentro do Catolicismo. Uma parte muito importante desses estudos foi dedicada à Gnose.

O que é a gnose? Jean Vaquié a definiu como:

> *Uma vegetação religiosa parasitária, que se alimenta do Cristianismo para tirar dele um certo número de elementos que desviará de seu sentido natural para dar-lhe um novo significado totalmente oposto ao ensino da Igreja. A Gnose é uma seita de iniciados, que pretendem ter recebido uma revelação mais perfeita do que a de Jesus, reservada a espíritos de elite que serão desviados do ensino ordinário da Igreja e constituir como uma úlcera que rói o interior da comunidade cristã. (...) Todas as suas ações estão destinadas, na realidade, a desviar os Católicos da adoração do verdadeiro Deus e levá-los à adoração da Serpente, objetivo supremo da seita... (Cadernos Barruel Nº 3, p. 24)*

No Nº 9 dos "Cadernos Barruel", fomos alertados sobre um certo professor Borella, em um artigo intitulado "*A Gnose "tradicionalista" do professor Borella"*. O autor nos diz, a modo de introdução:

> *"Estamos confrontados com uma penetração subversiva no topo, já não na base, de elementos de alto nível universitário que pretendem ensinar a todos os tradicionalistas e o fazem com sucesso graças a inacreditáveis, mas reais, proteções eclesiásticas. Portanto, é preciso eliminar esta praga desde sua raiz, caso contrário a infecção poderia atingir todo o corpo; já foi feito um certo mal e não é certo que não deixará sequelas, por isso devemos usar punho de ferro contra eles com energia."*

Logo:

> *O professor Jean Borella leciona na Universidade de Nancy II. Ele se tornou conhecido, desde 1979, por um livro intitulado "A caridade profanada" nas Edições Cedre e por artigos cada vez mais frequentes publicados na revista "O Pensamento Católico".*

> Já que ele escolheu esses dois meios de divulgação, é evidente que este escritor deseja se dirigir a um público tradicionalista. (...) A doutrina do professor Borella foi feita para agradar aos católicos tradicionalistas...

Pois bem, já em 1987 (oito anos após seu primeiro aviso), os "Cadernos Barruel", em seu número 16, denunciavam:

> "*Um sacerdote guenoniano em Écône:*
>
> Sim. O leitor leu corretamente. O Padre Leschenne, ordenado sacerdote em Écône em 27 de junho de 1986, afirma-se como discípulo de Jean Borella e do pensamento expresso por este em seu livro "A Caridade Profanada", mais ainda, ele lhe atribui a origem de sua vocação.
>
> Fazemos algumas perguntas: 1.- De que vocação se trata? Se lembrarmos o que foi escrito nos números anteriores desta revista (...) é evidente que se trata de uma vocação esotérica destinada a fazer penetrar as doutrinas e práticas gnósticas sob o disfarce e com os meios do sacerdócio católico... 2.- Essa dupla natureza do padre Leschenne era conhecida de seus superiores? Sem dúvida, há alguns anos, a posição deste sacerdote estava em perigo no seminário de Écône, sabemos que numerosas discussões e disputas opunham os adversários e os partidários do Bonellismo e da Gnose.
>
> Nessas condições, não podemos deixar de estar surpresos com tal ordenação... e de questionar as intenções reais dos superiores que encobrem tais manobras, tanto mais que esta ordenação não era a única deste gênero".

Este é o fac-símile de um jornal que noticia este sacerdote. Sublinhada está sua afirmação de que sua vocação nasceu da leitura de Borella.

Communauté catholique de rite latin

Première messe solennelle pour l'abbé Leschenne

Ordonné prêtre à Écône le 27 juin, l'abbé Alain Leschenne a chanté hier sa première messe solennelle dans la chapelle du Sacré-Coeur, rue Maréchal-Oudinot. Un retour aux sources pour cet ancien élève de Poincaré.

D'origine jurassienne, Alain Leschenne a passé en effet deux années au lycée Poincaré. Le choix de la chapelle du Sacré-Coeur, pour sa première messe solennelle, « *a été fait pour ma famille et pour mes amis nancéiens* », précisait hier le jeune prêtre, sous l'oeil attentif de l'abbé Henri Mouraux, qui soulignait avec fierté que c'était la sixième « *première messe* » célébrée à la chapelle du Sacré-Coeur.

Agé aujourd'hui de 28 ans, Alain Leschenne est entré au séminaire d'Ecône en 1979, après avoir effectué son service en tant que surveillant dans une école militaire.

Sa vocation, cependant, fut assez tardive. Elle naquit de la rencontre d'un homme et d'une oeuvre, le professeur Jean Borella dont l'ouvrage intitulé « *La Charité profanée* » a profondément marqué le jeune Alain.

Nommé à Dijon, l'abbé Alain Leschenne aura en tous cas la chance de pouvoir vivre l'ouverture du premier séminaire traditionnel français, en octobre, à Flavigny-sur-Ozerain, près du chef-lieu de la Côte-d'Or.

L'abbé Alain LESCHENNE (à gauche) a célébré la sixième « Première messe » de la chapelle du Sacré-Coeur.

(Photo : Patrick BRUMENT).

E Max Barret nos informa em seu "Courrier de Tychique" n° 277: *Pois se o Padre Leschenne já aderiu a Roma, outros não apenas permanecem em seu lugar, mas ocupam quase todos os postos estratégicos da FSSPX.*

CONTINUA...

A FSSPX INFILTRADA POR GNÓSTICOS - PARTE II

A primeira parte deste documento pode ser encontrada aqui.

> *"Cada vez é mais fácil constatar o desenvolvimento de uma doença que nos corrói, o câncer gnóstico, com seus tumores neo-pagãos ou esotéricos."* Padre Christophe Beaublat. (Le Bachais, Boletim do Priorado Saint Pierre-Julien Eymard n° 56, novembro-dezembro de 2004)

O Padre Coache, um dos primeiros veteranos da Tradição na França que trabalhou incansavelmente, junto a Monsenhor Lefebvre por muitos anos e que foi um dos sacerdotes que tomaram a Igreja de São Nicolau de Chardonnet, nos adverte no número 17 dos "Cadernos Barruel" em uma carta intitulada PERIGO, de março de 1987:

> "Já chamamos a atenção várias vezes sobre o perigo que representa a nova gnose do professor Borella. Seja por atraídos pela novidade, seja pela tentação de querer ser sábio no seio da Tradição, algumas revistas e sacerdotes se deixam levar por esse veneno que pretende guardar a fidelidade da doutrina, e portanto é a ressurreição da mais antiga heresia da história da Igreja, o gnosticismo: religião natural, deísmo, esoterismo, explicação da revelação pela natureza, etc. Ficamos estupefatos que uma revista como "La Pensée Catholique" possa dar tribuna a um escritor tão falaz e que sacerdotes sérios se deixem levar.
>
> (...)
>
> *Estilo enfático, incompreensível e pedante. Seria risível se não escondesse sob essa verborragia o veneno de uma religião pagã - bem camuflada! Que mina os fundamentos da Revelação. Nós já o denunciamos, demos o sinal de alarme (Combate da Fé n° 76, 74, 67, 65, 63, 62)* ***mas os superiores não querem levar isso em conta!***
>
> (...)
>
> *Eu sou um dos poucos a denunciar esse grande perigo, perigo especialmente para os jovens sacerdotes, pois podem ser facilmente seduzidos pela semi-profundidade dessa teologia e correm o risco de serem contaminados. Quando trabalhamos pela restauração da Igreja, que uma nova heresia surja do seio da Tradição não pode senão arruiná-la!*
>
> "*Muitos sacerdotes influentes veem, sabem e... ficam calados. Tanto pior, eu já cumpri meu dever. Mais tarde será tarde demais. Padre Louis Coache, março de 1987.*"

Quem eram esses Superiores? Esses influentes? Os "maiores"? Naquela época, o Superior Geral da Fraternidade era o Padre Schmidberger. O Diretor do Seminário de Ecône era o Padre Lorans. O Superior de Distrito da França era o Padre Aulagnier (que depois se tornou o segundo assistente do superior geral). TODOS ELES CONCILIADORES.

Sobre o Padre Aulagnier, o Padre Lelong diz em seu livro "Pela Necessária Reconciliação":

> "Um lugar muito importante é dado ao padre Aulagnier, que começou, antes mesmo da fundação do GREC em 1992, a entabular o diálogo com os conciliares (notadamente com o padre abade de Randol, Dom de Lesquen), quando ele era superior do distrito da França. Ele continuou com esse papel mais tarde quando se tornou membro do IBP."

"Fiquei muito feliz em iniciar desde 1992, sendo superior do distrito da França da FSSPX, novos contatos com as autoridades eclesiásticas reconhecidas. Passando um dia por Randol (...) o padre abade Dom de Lesquen discutia com um jovem na praça do mosteiro. Sabendo do papel que ele desempenhou com Dom Gérard quando foi sua aproximação de 10 de julho de 1988 com Roma, abordei-o e falei-lhe (...) da grande aproximação com Roma, de uma normalização da FSSPX com Roma (...)" (Padre Aulagnier, pág. 104)

Max Barret nos diz em seu Courrier de Tychique nº 277:

"*Entre os discípulos deste professor tão perigoso (Borella) estava... o Padre Célier!* ***O Padre Célier, que deve sua ordenação sacerdotal à forte pressão exercida pelo Padre Auglanier****, que não deixou de assegurar sua promoção desde então. Mas ele não está sozinho. Pouco antes de sua morte em 1992, Jean Vaquié elaborou uma lista de padres e seminaristas "subversivos"... daí o rancor exalado pelo Padre Célier em relação a Jean Vaquié em sua obra "La Paille et le Sycomore". Infelizmente, não tendo sido expulsos como são atualmente os autênticos defensores da fé e do sacerdócio católico, tornaram-se cada vez mais influentes e agora estão posicionados em cargos estratégicos*".

"Vejam como tudo se explica!... seu péssimo livro "o Deus Mortal" ainda figura nos catálogos das edições "Clovis" (Catálogo geral 2009, pág. 8), embora o padre Célier não seja mais o diretor, e outras de suas obras também estão listadas, submersas junto a outros bons livros, usando o método descrito por São Pio X em Pascendi. Abriu-se a porta de todos os priorados para preparar os espíritos para o acordo com Roma através da venda de seu livro "Bento XVI e os Tradicionalistas" (...) é verdade que já é muito tarde. Em uma carta que Monsenhor Lefebvre me dirigiu em 1987, onde me escreveu que "é verdade que o padre Leschesne esteve ligado a esse meio perigoso de Nancy" (...) **comunicarei esta carta ao Padre Aulagnier e ao padre Lorans** para que tenham os olhos abertos sobre essas ações tão perigosas para o combate que levamos a cabo" (mesma carta mencionada no início deste artigo)._

Monsenhor Lefebvre alertou o Padre Aulagnier e o Padre Lorans... por que eles não fizeram nada? O Padre Aulagnier, sendo superior da França, pressionou para a ordenação do Padre Célier. Também sob seu comando foi ordenado o padre Leschenne. Além disso, os padres Laguerie, Hery e Tanouarn são seus protegidos.

Embora o Padre Aulagnier tenha sido expulso da FSSPX por apoiar a queda de Campos, seus protegidos permaneceram em seus lugares. Mas antes de sair da Fraternidade, ele já havia participado de outras atividades pró-acordo: por exemplo, sua participação na peregrinação romana organizada de 24 a 26 de outubro de 1998 pela Fraternidade São Pedro e pela Una Voce por ocasião do décimo aniversário da instituição da Comissão Ecclesia Dei, depois da excomunhão de Mons. Lefebvre. Participou da conferência do Cardeal Ratzinger em 24 de outubro, dando o sinal dos aplausos, jantou com padres "Ecclesia Dei" que haviam rompido com a Fraternidade, celebrou missa em São Pedro, cantou o Credo na missa do Papa João Paulo II, assistiu à missa celebrada na igreja de Santo Inácio para os peregrinos... também participou de um congresso na Mutualité de Paris para o décimo aniversário das consagrações, em 21 de junho, que reuniu padres da Fraternidade - entre outros o Padre de Tanoüarn - e alguns representantes de "católicos *Ecclesia Dei*" e outros meios conservadores. (Aulagnier, La Tradición sin miedo, págs. 229-237.)

Quanto ao padre Tanöuarn, foi ordenado sacerdote em 1989 em Ecône. Foi professor do Instituto São Pio X em Paris, fundou as revistas Pacte e Certitudes. Foi também vigário de São Nicolau de Chardonnet, o mais importante local de culto da FSSPX. Brilhante carreira, não é?

Em colaboração com o padre Célier (também conhecido como Paul Sernine ou Abbé Michel Beaumont), especialmente após a publicação de "*La Paille et le Sycomore*", ele lançou uma ofensiva, com o apoio de revistas, jornais e Rádio Courtoisie, contra os católicos anti-liberais, atacando as denúncias de Jean Vaquié e

Etienne Couvert sobre a gnose, o esoterismo e a Nova Direita.

No número 14 de sua revista "Certitudes", o padre de Tanouarn entrevistou Emile Poulat, ex-sacerdote reduzido ao estado laico, muito influente nos meios conciliares e intelectuais da revista "*Communio*", que está ligada a meios esotéricos da revista "Politica Hermetica". Depois, sob seu pseudônimo de Joël Prieur, ele fez uma apologia do laicismo de Poulat, ou seja, da liberdade religiosa do Vaticano II, que destrói a doutrina do reino social de Nosso Senhor.

Também amigo de Alain de Benoist, sobre o qual se disse que "poderia ser feito um livro inteiro de todas as suas blasfêmias". Tão amigos são, que o Sr. Benoist dedica ao Padre de Tanouarn seu artigo blasfemo "Jesus e seus irmãos". Em troca, o Padre lhe oferece uma homenagem em um artigo publicado na revista Liber Amicorum (dezembro de 2003) pelo 60º aniversário de seu "querido Alain".

Abbé G. de Tanoüarn, Alain de Benoist et Christophe Réveillard

O Padre Coache também escreveu alertando sobre o perigo da revista "Certitudes" do padre de Tanouarn:

> "Mesmo a efêmera revista Quark (do Padre Héry, nota do autor), de uma originalidade decepcionante e ineficaz, já me decepcionou muito e pareceu-me estranha à nossa luta. A que a seguiu, Certitudes, me surpreende muito e não parece digna do objetivo e da maneira da FSSPX.
>
> De fato, estou estupefato que a Fraternidade, por meio de um de seus sacerdotes ou através de seus estudantes, possa deixar publicar tal revista. Quem perdeu a cabeça? Para onde se desviam?
>
> **Conclusão: revista inútil, vazia, nefasta. Própria para prejudicar a Tradição. A Fraternidade endossa nela uma obra maligna. Ela se desvia do plano doutrinário e apostólico.**

Padre Coache, maio de 1994

O Padre de Tanouarn foi expulso da Fraternidade em 2004. E junto com o Padre Laguérie, o Padre Aulagnier e o Padre Héry, fundaram o Instituto do Bom Pastor, que, aliás, tirou muitos fiéis da Fraternidade.

Continua...

A FSSPX Infiltrada por Gnósticos - Parte III

I PARTE

II PARTE

Image not found or type unknown

> Neste domínio, é necessário ser fiel à luta de Monsenhor Lefebvre que, seguindo o exemplo de Leão XIII e de São Pio X, convidou nossos amigos dos Cadernos Barruel a tirar a máscara dos gnósticos infiltrados em nossas fileiras. É a guerra, e será difícil. Imploramos ao Céu pela luz e pela força daqueles que, esperamos, sejam muitos, que retornarão à razão e, sobretudo, para as autoridades da Tradição que, sem dúvida, terão decisões penosas a tomar. Que não lhes trema a mão!" Padre Beaublat, dezembro de 2003.

Agora passamos a estudar a influência do Padre Célier. Embora os padres Aulagnier e de Tanouarn tenham sido expulsos, o Padre Célier continua minando a Tradição de dentro da Fraternidade. Veremos isso a seguir.

Padre Grégoire Célier

A ligação entre o Padre Célier e o Padre Aulagnier já foi evidenciada na segunda parte deste artigo. Dissemos que o Padre Aulagnier pressionou para que o Padre Célier fosse ordenado sacerdote. Agora, Max Barret nos conta como o próprio Padre Aulagnier confessou sua relação com o Padre Célier...

Courrier de Tychique n°373 de maio de 2011:

Na extensa crônica publicada em seu site *Item*, também divulgada no ***Tradinews*** em 14 de abril passado, o padre Aulagnier confirma de maneira muito clara o que temos denunciado há alguns anos:

(...)

O padre (Aulagnier) nos diz que seus encontros com o padre Lesquin eram feitos **discretamente** na abadia da Source. E apesar dessa *discrição*, o círculo cresceu rapidamente... O padre cita os participantes que se uniram à conspiração. E é aí que ele toca na ferida! **Ele confirma explicitamente a influência inexplicável e não explicada de uma figura que alguns de nós denunciaram**, o que nos rendeu as piores críticas da hierarquia da Fraternidade: *"Tudo começou em **1992** (notemos bem a data). Nos reuníamos com os monges ou em nossas casas da FSSPX. **Eu levava o Padre Célier comigo, que estava totalmente envolvido nas conversas. Ele foi um pouco o secretário das sessões. Ele preparou a maioria de nossas intervenções!"***

Finalmente ele disse! ... O Padre Célier era então a alma da conspiração. E se o Padre Aulagnier foi expulso da Fraternidade, se o Padre de Tanouarn também foi, **o Padre Célier continua difundindo sua doutrina acordista, desfrutando de uma aura que cada vez mais se torna insuportável para os mais fieis partidários da FSSPX.** Em 1992, um ano após a morte de Monsenhor Lefebvre, ele já liderava a conspiração. *Ele era o secretário das sessões. Preparava a maioria das intervenções.* Portanto, **era o líder, o *Magister***. Será que já não é mais?... Nada é menos certo, o que torna ainda mais suspeito... **Porque ele angariou adeptos dentro da própria Fraternidade... colocados nos lugares certos!**

E de fato, Max Barret foi um dos poucos que denunciou isso (e foi punido por isso). Outros foram Etienne Couvert, responsável junto com Jean Vaquié pelos Cadernos Barruel, o senhor Philippe Ploncard d'Assac, o

senhor Paul Chaussée e o senhor Adrien Loubier.

O senhor Paul Chaussée, em seu artigo ***Análise Crítica do livro Bento XVI e os Tradicionalistas pelo Padre Célier***, faz uma pequena análise de cada uma das obras do Padre Grégoire Célier, as quais apresentamos a seguir:

"Uma olhada em suas obras nos permite compreender quem é o padre Grégoire Célier, que dirigiu por 13 anos os meios de comunicação da Fraternidade São Pio X. Que espírito o anima? Qual pode ser seu propósito ao ter uma participação proeminente na redação do livro *Bento XVI e os tradicionalistas?*"

Aqui estão algumas obras assinadas por "Grégoire Célier" ou com um pseudônimo, como se a tática deste padre filósofo fosse sempre "avançar disfarçado".

1987 - Grégoire Célier, La dimensión ecuménica de la reforma liturgica. Ediciones FIDELITER, Le Pointet, Escurolles. © G. CELIER.

Esta é a obra de um erudito que acumula mais de 300 citações, a maioria das quais são contrárias à doutrina tradicional, **sem nenhuma ser corrigida** com um lembrete da verdade. Destacamos aqui uma citação de Monsenhor Annibale Bugnini (sim, o mesmo!):

"A reforma litúrgica é uma grande conquista da Igreja Católica, com importantes repercussões ecumênicas; não apenas provocou a admiração de outras Igrejas e comunidades cristãs, mas também representa para elas um tipo de modelo" (1974)."

Mas Célier **esqueceu de mencionar** que em 1975, descobriu-se com espanto que Monsenhor Bugnini **era maçom**. Em sua carta aos amigos e benfeitores n° 10, Monsenhor Lefebvre escreveu:

"Quando percebemos em Roma que aquele que foi a alma da reforma litúrgica é maçom, podemos pensar que ele não é o único. O véu que cobre a grande mistificação, cujo objeto foram os clérigos e os fiéis, começa sem dúvida a rasgar-se."

Esta omissão reveladora por parte do padre Célier já faz vinte anos!

Este livro poderia ter sido assinado por um conciliar progressista ou por um protestante. O prólogo não contém nenhum aviso nem crítica ao ecumenismo neo-modernista, e também não há nenhuma referência à encíclica Mortalium Animos de Pio XI (1928), condenando esse ecumenismo moderno. Evidentemente, o autor esqueceu do preceito do Apóstolo: "Conjuro-te... insiste oportune, importune, argue, obsecra, increpa, in omni patientia et doctrina" (II Tim. 4, 1, 2).

Então como foi permitida a edição desta obra perniciosa e mentirosa por omissão?

1993.- Grégoire CELIER, **A Escola dos Cadernos Barruel** - "O futuro de uma ilusão". Edições GRICHA.

Neste panfleto, reconhece-se o essencial dos argumentos que Paul Sernine (o próprio Célier) retoma em 2003 em seu livro *La Paille et le sycomore* (analisamos mais adiante). Os textos são idênticos. Sernine copiou integralmente, palavra por palavra (exceto por correções menores de forma), os três parágrafos "O silêncio do Magistério", "A impossibilidade intelectual" e "O argumento de prescrição", que, sendo os únicos argumentos da demonstração de Célier, tornam-se os três capítulos centrais do livro de Sernine.

Finalmente, é preciso sublinhar duas coisas:

Na página 4, encontra-se este estranho aviso: “O presente folheto não foi divulgado ao público e deve ser considerado como um estudo puramente privado, obrigado por não levá-lo em conta, nem ao seu autor, em uma publicação. Grégoire CELIER. Endereço: CFH, B.P. 337-16, 75767 Paris Cedex 16.”

O logo das Edições GRICHA é um gato preto com o pelo eriçado e as garras para fora, rodeado pelo lema: “à noite todos os gatos são pardos” (estranho, não é?).

1994.- Grégoire CELIER, O deus mortal, um convite à filosofia, Edições Fideliter, Eguelshardt 1994 (outubro). Na página principal: © Gricha e seus gatinhos, 1994 (o gato cinza e seus gatinhos) e o convite "Obrigado por enviar suas críticas, observações e complemento de informações a Grégoire CELIER, endereço; CFH, B.P. 337-16, 75767 Paris Cedex 16."

Na mesma página, o autor dirige seus agradecimentos aos seus "colegas professores de filosofia Alain-Marc, Daniel, etc, doze pessoas designadas por seus nomes próprios. Nenhum sobrenome, supomos que são os 'gatinhos' que o padre Célier não quer comprometer revelando sua identidade (precaução estranha para um professor de 36 anos, não é assim?)

Esta obra se apresenta como um diálogo entre o mestre e seu discípulo em uma espécie de convite à filosofia e se abre com este estranho (senão esotérico) epígrafe:

"Antigamente eu tinha um joguinho
Eu gostava de rastejar pelo interior do meu cérebro
Acho que você conhece esse jogo ao qual me refiro
Refiro-me a esse jogo chamado «ficar louco»
Esse joguinho é divertido
Simplesmente feche os olhos, é impossível perder
Estou aqui, eu também jogo.
Deixe-se levar, estamos abrindo caminho para o outro lado"

J. M. (Jim Morrison, do grupo *The Doors*, estrofe de sua música “A celebração do rei lagarto, ndlr) Estranho, não é?

O Diário Livre de Serge Beketech (n° 55 de 30.12.1994) confirma que Célier é padre, professor de filosofia e que o título "O deus mortal" se refere ao **homem**. Mas o pior se revela ao ler atentamente o livro, questionando-se o quão católica é a filosofia que Célier quer introduzir em seus jovens leitores. Porque, após muitas digressões, ele aborda finalmente a questão de Deus como "Ser supremo" e isso para dar uma resposta agnóstica (p.275) e permitir que cada um faça sua própria busca (pág. 290).

Le Sel de la Terre fez duas críticas muito contundentes em seu n°12, primavera de 1995.

2003 - Paul Sernine, La paille et le sycomore - "Sobre a gnose", Edições Servir.

Em sua Advertência, o Editor (que, pela revista *Certitudes* n°13, sabemos ser o **Padre de Tanouarn**, mas por que ele também esconde sua identidade neste livro?) anuncia a tese na página 7: "Por amor à verdade" (sic!), Paul Sernine vai refutar com competência e método a afirmação característica dos Cadernos Barruel e particularmente a de Etienne Couvert: "Em todo erro, 'há uma chave... é a 'gnose'" (A gnose contra a fé, pág. 161). Mas se abrimos o livro de Etienne Couvert para verificar a citação e seu contexto, não encontramos as três palavras "em todo erro" nem na página 161, nem antes, nem depois. E quanto ao que segue "há uma chave... é a gnose", é isso que se lê na página 161, no capítulo Gnosis e romantismo (referente ao caso de Victor Hugo):

" A partir deste momento (após receber o ensinamento de Lamennais), Victor Hugo é completamente gnóstico e adorador de Satanás. Ele se diz iniciado por revelações das profundezas: a boca de sombra nas Contemplações, o espectro ou brisa do mar, o Arcanjo noturno do qual ele extrai coisas surpreendentes, obscuras, negras, absurdas... para aquele que não possui a Chave. Mas há uma

Chave... e esta é a 'gnosis'."

Compreendemos com isso que "das revelações das profundezas", Hugo extrai "coisas surpreendentes..., obscuras" para aquele que não possui a chave, ou seja, aquele que não foi iniciado na gnosis". A esta frase sem mistério, Sernine adiciona a frase "**Em todo erro**" e a transforma na **única** tese reveladora, a única afirmação que ele repete incessantemente. Mas o sentido da frase completa do senhor Couvert é muito diferente; trata-se então de uma falsificação de citação pela adição destas três palavras, que são incluídas sempre que a citação é repetida – cerca de dez vezes – e portanto não se trata de um erro, mas de um procedimento. A isso o Padre de Tanouarn, editor deste livro, chama (pág. 15) de um "modelo de metodologia em assuntos de ciência católica".

*"Que se critique Etienne Couvert por juízos demasiado categóricos ou injustos, por uma certa sistematização, por tal ou qual erro sobre pontos precisos, é legítimo desde que se apresentem provas. Mas é admissível que se busque desacreditá-lo* ***atribuindo-lhe, dez vezes, uma citação que não é sua?"*** (Arnaud de Lassus em Action familiale et scolaire n° 171, pág. 64)"

Esta repetida **falsificação** é suficiente para **desacreditar seu autor e até mesmo o editor** que faz o seu papel em sua Advertência (pág. 7). Nós consideramos que se trata de uma falta tão grave e grosseira que foi permitida pela Providência para nos fazer ver **o grande perigo que ameaça os sacerdotes e fiéis da Fraternidade**, perigo que não é o que Sernine denuncia, mas que seria mais **Sernine ele mesmo"**.

Continua...

Artigo Original: Link

A FSSPX Infiltrada por Gnósticos - Parte IV

PARTE I

PARTE II

PARTE III

> "Já em 1990, o Padre La Praz me disse que havia percebido que havia pessoas más que tinham se infiltrado na Fraternidade São Pio X, da mesma maneira que foi feito no Concílio Vaticano II. Nós notificamos os responsáveis, e a única coisa que recebemos em troca foi uma surra com o báculo." Padre Michel Koller, FSSPX, junho de 2012.

Essas palavras foram pronunciadas pelo Padre Koller em seu famoso sermão de junho de 2012. Ele nos falou do Padre La Praz, o Sacerdote crucificado da FSSPX. Ele ofereceu sua vida por sua amada Fraternidade, percebendo a infiltração que ela sofria. Morreu em 1993 após 130 cirurgias e terríveis sofrimentos. O Padre La Praz foi sacerdote e vítima, apóstolo em seu leito de hospital, missionário a partir de seu leito de dores. Peçamos que ele nos ajude a perceber verdadeiramente o alcance dessa infiltração que a Fraternidade sofre.

Continuamos com o Padre Célier:

Da revista **VEHEMENTER, nº3**:

"*O Padre Grégoire Célier publicou em 2003 o controverso "La Paille et le Sycomore" para desacreditar os trabalhos dos senhores Jean Vaquié e Etienne Couvert e sua revista "Les Cahiers Barruel". Estes autores foram praticamente os únicos na França, entre os anos 1978 e 1997,* ***a advertir contra as infiltrações*** *de* ***autores esotéricos*** *nos meios católicos tradicionais. Tal audácia de querer desacreditar pessoas tão honoráveis e trabalhos tão úteis para o combate da Fé é muito desconcertante.*

O Padre Grégoire Célier acredita ter o dever, a exemplo do doutor Guillotin, de decapitar as cabeças dos senhores Vaquié e Couvert e os trabalhos dos Cadernos Barruel. Em Paris, na época do terror, teria se saído muito bem!

E já que se especializou neste tipo de altas obras, temos também a série antieducativa "Pequeno Anjo", escrita e desenhada por Jean-Luc Cherrier, nas edições ***Fideliter****, na qual todos os adultos são decapitados (uma ideia de Gricha!), e o cartão de felicitações de 2006, repetindo alguns desenhos da mesma série, o demonstram: O Padre Célier gosta de decapitar os adultos.*""

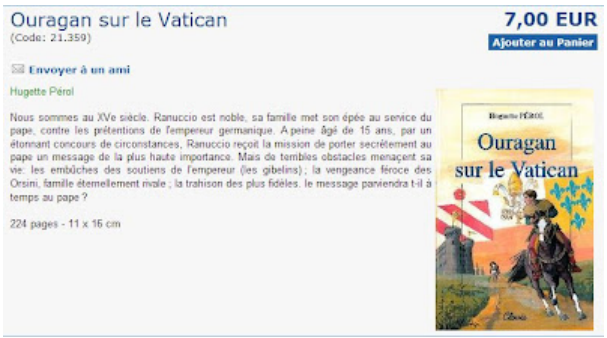
¡Una idea de Gricha!

Além da série anti-educativa "Pequeno Anjo", o padre Célier, sendo responsável pelas edições Fideliter e Clovis, promove seus livros como o seguinte, retirado do catálogo **Clovis** de 2007:

Catálogo 2007

Neste mesmo catálogo, podemos encontrar vários livros da senhora Huguette Pérol, **fundadora do GREC**, **livros também editados pela Clovis** e direcionados à **juventude**.

E no catálogo online atual, ainda encontramos este livro da mencionada senhora Pérol: *Furacão no Vaticano.* http://www.clovis-diffusion.com/PBSCProduct.asp?ItmID=1641204



Bem, o senhor Etienne Couvert (o qual dissemos ser co-autor dos Cadernos Barruel com o senhor Jean Vaquié) escreve a Monsenhor Fellay expressando sua justa indignação pela publicação de *a Palha e o Sicômoro* do Padre Célier:

"Lyon, 21 de março de 2004

Monsenhor,

Dois sacerdotes de sua Fraternidade atribuíram-se o direito de publicar 200 páginas de insultos e cuspidas sobre minha pessoa e meus escritos. Um único sacerdote de sua Fraternidade teve a coragem de defender-me publicamente. Todos os demais se comportaram como covardes.

Esperei vários meses pelo restabelecimento de minha honra e da verdade. Em vão. Não acredito que o Senhor possa abençoar uma Instituição religiosa que se comporta assim.

Bispo, é por você que sou desonrado. Grito-lhe minha tristeza e minha indignação.

Etienne COUVERT"

À qual Monsenhor Fellay responde:

"Menzingen, 26 de abril de 2004

Estimado senhor, (...)

Eu lhe diria que se esperava receber uma palavra da sua parte, a via sob a forma de uma resposta ponto por ponto sobre o que o Padre Célier acreditou ser seu dever questionar em seus estudos. Ele desejava um debate de ideias e eu pensei que você estaria decidido a demonstrar a coerência de seus escritos. Diante dessa esperança, você compreenderá que sua carta me deixou perplexo. Falar de "200 páginas de insultos e cuspidas", dizer que todos os sacerdotes, exceto um, se comportaram como covardes, e chegar a essa conclusão: Bispo, é por você que sou desonrado, é uma amplificação de linguagem que não parece digna de sua pessoa. É também uma notável falta de justiça e verdade.

Se efetivamente há escorregões de linguagem na obra incriminada e, apesar do desejo expresso de não atacar as pessoas, houve algumas falhas nessa regra, você concordará que não são "insultos e cuspidas".

Seus defensores, através da correspondência que recebi, tentaram demonstrar a falta do Padre Célier.

Eu acredito que mais do que me tornar culpado de tê-lo desonrado, você mesmo deveria defender suas teses com honra. Parece-me indigno de um pesquisador contentar-se em ficar em silêncio ou reagir apenas emocionalmente quando as teses às quais dedicou sua vida são questionadas.

Esperando... (...) Bernard FELLAY"

Resposta do senhor Couvert a Monsenhor Fellay:

"Lyon, 4 de maio de 2004

Monsenhor,

Meu e-mail de 21 de março passado não era uma resposta a uma correspondência anterior. Eu o enviei por minha própria vontade. Era um **pedido de socorro.** Há vários meses sou ridicularizado e odiosamente caluniado por dois de seus sacerdotes.

Eu lhe pedi que me defendesse contra suas acusações. É o papel de um bispo ser o protetor de seus fiéis.

Desde que recebi o livro de Paul Sernine, em novembro passado, li-o atentamente. Fui golpeado pela maldade que se manifesta em toda parte durante a leitura. Meus textos e meus atos são deformados, tomados no pior sentido. Não encontrei nem uma frase bondosa ou simpática nas expressões utilizadas pelo autor, nenhuma fórmula bondadosa ou amável. Tudo neste livro é frio e seco, sem calor humano. Após a leitura, joguei-o no lixo. Eu não poderia guardar esse livro em minha biblioteca.

Você me diz que o Padre Célier desejava **um debate de ideias.** Mas que debate? Não houve o mínimo debate, nem o mínimo diálogo. Os padres Célier e de Tanouarn organizaram emissões na Rádio-Courtoisie, conferências em alguns priorados da França, durante as quais puderam lançar críticas e acusações às quais não pude responder. **Nunca fui convidado.**

Eles não vieram me visitar nem me propor um encontro ou um diálogo, que eles evidentemente não desejam organizar. Eu não chamo isso de um debate de ideias, é mais uma **agressão unilateral sem possibilidade de resposta.**

Além disso, há muito tempo a Fraternidade me colocou no Índice. Ela recusa absolutamente me citar, também de apresentar meus trabalhos sobre a Gnose. Não pude ler nenhuma resenha de meus livros em FIDELITER, por exemplo, como em outras publicações da Fraternidade. Meu nome jamais é citado. Você poderia ter me convidado para uma entrevista ou uma palestra, como fazem frequentemente em FIDELITER. Estou excluído **da Fraternidade como escritor, e isso há muito tempo, enquanto, por outro lado, meus livros se difundem em nossas famílias tradicionais.**

Respondi, em fevereiro passado, a algumas perguntas colocadas por Christian LAGRAVE em *LECTURE ET TRADITION*. Essas respostas não foram retomadas nas publicações da Fraternidade, o que demonstra que o debate de ideias não é desejado.

Você me diz que eu deveria **demonstrar a coerência de meus escritos.** Mas não posso escrever um novo livro para explicar os anteriores. **A coerência está em meus escritos. Basta lê-los para encontrá-la.** Na Fraternidade não se fez o menor esforço para difundi-los.

Você, **leu verdadeiramente meus livros?** O que se chama lê-los seriamente, com a caneta na mão, como eu sempre faço. É a primeira coisa que se deve fazer antes de começar qualquer debate. Eu sempre me recuso a responder a pessoas que têm críticas a meu respeito sem ter lido meus livros. É a primeira das honestidades.

Eu não tenho que defender minha tese. O que escrevi em meus livros não são teses, são **verdades fundamentais da Fé católica.** Elas se defendem por si mesmas, sem minha intervenção. Para responder ao livro de Paul Sernine, basta reler meus livros. Eles contêm **todas as respostas necessárias** às acusações. Eu não quero me ver obrigado a reescrever páginas inteiras de meus livros já editados e reeditados.

Portanto, reitero meu pedido: Bispo, é por você que sou desonrado. Imploro-lhe que queira me defender contra meus adversários. Espero que você tenha entendido bem minha queixa.

Queira você... Etienne Couvert.

Continua...

A FSSPX INFILTRADA POR GNÓSTICOS - PARTE V

PARTE I

PARTE II

PARTE III

PARTE IV

Em 12 de março de 2007, foi lançado o livro do Padre Célier intitulado *Benedicto XVI e os Tradicionalistas*. Este livro foi publicado pelas Edições *Entrelacs*, na coleção *Connivences*.

O livro foi escrito com o propósito de preparar os espíritos para o futuro acordo entre a FSSPX e Roma, por solicitação do senhor *Jean Luc Maxence*, diretor da mencionada coleção *Connivences* e antigo colaborador e membro da equipe de editores da revista *Monde et Vie*, uma publicação intimamente ligada aos círculos tradicionalistas *Ecclesia Dei* e, em algum momento, também próxima à FSSPX. A revista *Monde et Vie* conta com o Padre de Tanouarn entre seus principais colaboradores, o mesmo que editou o livro do Padre Célier *La Paille et le Sycomore*. Seu diretor é Jean Marie Molitor, que também dirige a revista *Minute* (fundada com dinheiro dos Rothschild, como será visto adiante).

O senhor *Jean Luc Maxence*, que também escreveu o prefácio do livro do Padre Célier, **é um membro confessadamente da maçonaria, pertencente à Grande Loja da França**, como é evidenciado a seguir:

Na página do site maçônico *Hiram*, Jean Luc Maxence é apresentado como "*poeta, psicanalista e maçom, membro da Grande Loja da França*", e há uma entrevista onde ele fala sobre algumas de suas obras, incluindo *La loge et le divan*, na qual ele também se declara maçom.

No prólogo do livro de Célier *Benedicto XVI e os Tradicionalistas*, o maçom Maxence diz:

> "*Pareceu-me útil, especialmente quando o Papa Bento XVI quer corajosamente restaurar a túnica rasgada da Igreja, propor ao jornalista Olivier Pichon e ao Padre Gregoire Celier dialogar sem jargão político com absoluta liberdade, sobre a questão do acercamento entre a FSSPX e Roma. (...) Esta conversa esclarece os pontos de vista de cada um e pode constituir uma PEÇA IMPORTANTE na construção de uma reconciliação,* ***que pessoalmente espero que seja possível.***

Por que um maçom deseja fazer um livro que seja uma pedra importante da reconciliação? Por que espera que a reconciliação seja possível?

Isso é ainda mais suspeito porque o maçom Maxence publicou em 1977 um livro chamado *Vive le Schisme*, no qual, segundo as palavras de Lamberto de Echeverría em sua crítica ao livro: "O título não deixa dúvidas: **o autor entende que, pelo bem interno da Igreja** e para alcançar mais rapidamente a Unidade com protestantes e ortodoxos, é conveniente **excomungar o quanto antes os tradicionalistas" ou "integralistas", consumando assim o cisma.** (...) O autor admite que não é "clérigo, nem sacerdote, nem filósofo, nem teólogo" (p. 15), mas sim um convertido como resultado das mudanças promovidas pela Igreja no Concílio (p. 87), e tem uma visão pessoal do fenômeno integralista por ter feito parte da redação de "Le monde et la vie". Sem deixar de reconhecer com nobreza os excessos que ocorreram como consequência do Concílio (p. 131), ele exagera, passando quase de panfleto a libelo, ao descrever o integralismo. Torna-se mais credível quando escreve serenamente do que quando o faz com raiva".

Não é surpreendente que em 1977 o senhor Maxence desejasse a excomunhão dos lefebvristas e, trinta anos depois, mude de opinião e deseje que a reconciliação seja possível?

Já em 2004, Maxence havia publicado o livro *Jung e o Futuro da Maçonaria*, entre outros livros que manifestam sua simpatia pela gnose e pela maçonaria, como *René Guenon, A Filosofia Invisível*, publicado pelas edições Drevy, especializadas em esoterismo e gnosticismo. Não é possível que o Padre Célier não soubesse quem é verdadeiramente esse homem.

A pertença do senhor Maxence à maçonaria foi publicamente revelada pela Revista Le Sel de la Terre, dos Dominicanos de Avrillé (n°68), entre outras revistas da Fraternidade, inclusive alguns sacerdotes da Fraternidade o denunciaram. Mas até hoje, no site oficial da Fraternidade na França, eles promovem o livro do Padre Célier. Por exemplo:

Nesta página, os fiéis são avisados de que o Padre Célier estará presente em uma emissão da Rádio ***Courtoisie*** (da qual trataremos mais adiante) para apresentar seu livro.

Nesta outra página são incluídas as recomendações do Padre Pfluger e do Padre Nely, assistentes do Superior Geral:

Padre Pfluger:

> "*Nesses dias, acabamos de receber seu livro sobre Bento XVI. Obrigado por esta* ***obra-prima****, que parece ser muito pessoal".*

Padre Nely:

> *"Li com grande interesse seu último livro em colaboração com Olivier Pichon. Tenho certeza de que isso fará muito para divulgar a luta da Fraternidade ad extra, e tranquilizar aqueles que ad intra, tiveram algumas preocupações sobre a fidelidade à obra do Fundador, nosso venerado Monsenhor Lefebvre."*

Aqui e aqui as críticas da imprensa, entre as quais muitas das comunidades Ecclesia Dei e até mesmo algumas laicas, recomendando o livro.

O Padre Célier e o Padre Tanouarn são convidados com frequência para a Rádio *Courtoisie* com o senhor Serge de Beketch (+ 2007), essa rádio se diz de tendência "Tradi". As visitas do padre Barthe, membro do GREC, também são frequentes lá.

O senhor Serge de Beketch, que depois de ter sido redator-chefe da *Minute*, lançada conjuntamente com *Libération*, **com o dinheiro dos Rothschild**, criou *Le libre journal de la France Courtoise* e depois se torna co-diretor da Rádio Courtoisie. Qualificado por dom Philippe Ploncard d'Assac como **guenonniano**, foi autor de Thorkael, uma banda de desenhos animados esotérico-eróticos, e se declarou amigo de Richard Dupuy, antigo Grande Mestre da Grande Loja, além de seu "mestre e amigo" Jacques Bergier, judeu e maçom, coautor do livro iniciático *Le matin des magiciens*, com Louis Pauwels, discípulo do ocultista Gurdjeff. (Philippe Ploncard d'Assac, *A Maçonaria*, pág. 244)

Apesar de o senhor Beketch sempre se ter dito legitimista, de extrema-direita e "tradi", ele evidencia sua ambiguidade ao convidar para suas emissões de rádio gnósticos, sionistas, ateus anticatólicos como Alain de Benoist, o luciferino Christian Bouchet da OTO, sem faltar seus convidados frequentes de Tanouarn, Célier, Laguerie, Héry, etc.

Vejam, por exemplo, o programa de 29 de maio de 2013 na Rádio Courtoisie: "A influência de René Guénon (...) Emmanuel Ratier recebe **Alain de Benoist**, filósofo e escritor..." Vejamos a página do Facebook que

promove o programa... Sim! É a fotografia de René Guénon.

Mas, pelo contrário, nunca convidou Étienne Couvert, MM Bonnet de Viller ou Philippe Ploncard d'Assac... ao contrário, houve programas como este em que o senhor Beketch e o Padre Laguérie atacavam os únicos que denunciavam a infiltração maçônica na Fraternidade e defendiam a todo custo o Padre Célier/Sernine/Beaumont.

Continua...

SOBRE O PERENIALISMO (Fernanda Conforto)

CARTA I

Bom dia Alberto Zucchi e membros da Montfort!

Gostaria muito de agradecer pela recomendação da obra Progresso na Vida Espiritual, do padre Faber, cuja leitura tem me beneficiado muito e pelas aulas do curso Apologética Católica.

Apresento algumas informações para que o grupo de estudos da Montfort possa (se disporem de tempo) avaliar a procedência e a relevância:

Como foi citado, na introdução do livro A educação Segundo a Filosofia Perene, se afirma:

"Por filosofia perene entendemos aquela filosofia que, embora transcenda as circunstâncias históricas em que se desenvolveu, tem como seus representantes mais conhecidos Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, embora a ela pertençam, de fato, a maioria dos filósofos gregos, patrísticos e medievais, além de uma multidão de outros pensadores posteriores e mesmo contemporâneos." (Arquivo PDF com 1061 páginas, disponível em: Link).

Thomas Buford, em sua obra Toward a Philosophy of Education listará quatro principais filósofos como os maiores contribuidores do Perenialismo: Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Theodore Brameld, em sua obra Philosophies of Education in Cultural Perspective, excluíra Santo Agostinho.

A professora Glenn A. Jent, no artigo Perennialism: or, "Give me that old time religion" apresenta boa bibliografia a respeito da proposta educacional do livro de Antônio Donato.

Referente a metodologia proposta no livro A Educação Segundo a Filosofia Perene, aproveito para anexar um excerto sobre como o Olavo de Carvalho tratou do assunto, no artigo O Esoterismo Cristão, na Revista Planeta (que segundo o artigo A derradeira análise da obra de Olavo de Carvalho, para nunca ter de lê-lo, de João Pedro Sabino Guimaraes, publicado pela Época, em Março de 2019 (anexo), seria o "principal órgão de divulgação do espiritismo, da astrologia, alquimia, do hermetismo, tarô, da ufologia e de outros baratos") número 108, de setembro de 1981. Citação na página 11):

> "Durante toda a Idade Média, essa simbiose cristão-hermética dominou a cultura superior, que se estruturava em torno de sete disciplinas (gramática, lógica e retórica; aritmética, geometria, astrologia e música) que formavam o trivium e o quadrivium. Apesar da coincidência nominal com disciplinas estudadas ainda hoje, tratava-se de algo inteiramente diverso, pois seus objetos – os números da aritmética, as figuras da geometria, etc. – não eram vistos como simples arranjos convencionais para a medição do mundo sensorial, mas como “suportes simbólicos” para a apreensão, pelo intelecto, de realidades metafísicas de natureza superior. Um número, por exemplo, não era uma simples unidade de contagem, mas uma gigantesca summa articulada de conhecimentos organizados em torno de um padrão lógico representado por esse número; os números eram também representações das diversas ordens de realidades que, desde o Absoluto, se desdobravam na multiplicidade de formas do mundo manifesto. Do mesmo modo, um planeta não era apenas um corpo ou uma forma material, mas o símbolo de um princípio formador do real. A alquimia fechava o trivium e o quadrivium, direcionando todos esses conhecimentos teóricos para uma prática e, portanto, para o conhecimento metafísico".

Com grande alegria li a referência feita por João Pedro Sabino Guimaraes, na última página de seu artigo, na Época:

"A Filiação Perenialista de Olavo de Carvalho foi examinada à exaustão pelo professor Orlando Fedeli, historiador competente e tomista de mão-cheia, em seu devastador artigo "A gnose "tradicionalista" de René Guenón e Olavo de Carvalho" publicado em 2001."

O conteúdo do artigo publicado por Olavo, quando trabalhava para a revista Planeta é muito semelhante ao conteúdo do artigo O Sermão da Montanha Segundo a Filosofia Perene, de Mateus Soares de Azevedo. Nesse mesmo artigo Mateus defenderá:

> "O rito eucarístico é esotérico ou exotérico? Ele é claramente esotérico, mas sua plena actualização depende do nível de compreensão doutrinal e de realização pessoal do fiel. Segundo Frithjof Schuon, ele pode, paradoxalmente, ser exotérico para os fiéis exoteristas e esotérico para os esoteristas." (Nota de Rodapé. Página 84).

Na sua obra Men of a Single Book, Mateus novamente afirmará:

> "In the Christian tradition things are otherwise: there is no clearly established separation between the exoteric and esoteric domains, which are as it were “fused” by the religion. In fact, in its origins Christianity did not have an exoteric dimension properly so called for it did not possess a legal religious code, which, in Islam, was born with the religion and constitutes the social, moral, and religious legislation for the faithful.
>
> Another way of explaining this point is to consider Judaism and Christianity as two sides of the same coin, that is of the same religious entity, Judaism representing the exoteric and “active” dimension (due to the centrality of the Mosaic law with its diverse prescriptions), and Christianity representing the esoteric and “contemplative” dimension (“for the letter killeth, but the spirit giveth life” [2 Cor. 3:6]). A sacrament such as Christian communion, for example, clearly derives from the esoteric dimension; to partake of the “Eucharistic banquet”, in which one participates in the “body” and “blood” of the Divinity, is to be present at an initiatic sacred act, accessible only to those previously initiated into the mysteries of the religion. But, in a distinctive mark of its originality, every Christian, in principle, has access to this rite, something which is restricted to initiates in other religions. One clearly sees here a variance in the spiritual economy of the two monotheistic traditions". (Pág.26).

E ainda:

> "No caso do Cristianismo o que que acontece? A linha ou a fronteira entre o exoterismo e o esoterismo é móvel ou é borrada, não está claramente delimitada como é, no caso, no Islam, a ponto de que o Fritjof Schuon tem um trecho em seu livro que diz o seguinte, que o principal rito da tradição cristã que é o rito da eucaristia ou a comunhão ele é esotérico para os esoteristas e exotérico para os exoteristas, entende? Porque a fronteira entre um campo e outro não está claramente demarcada, então é o mesmo rito, você vê a diferença da tradição cristã para a tradição islâmica. É o mesmo rito que pode ser incorporado tanto pelos religiosos e pelos fiéis exotéricos como pelos fiéis esotéricos, depende da maneira como a pessoa recebe aquilo. O cristão, o católico, o ortodoxo exotérico ele vai receber aquele rito de uma maneira exotérica, de uma maneira exterior, quase de uma maneira social e legal, quase como que uma obrigação tradicional, enquanto que o católico ou o cristão em geral esotérico ele vai receber aquele rito, ele vai participar daquele rito de uma maneira esotérica. De que maneira seria isso? Ora, é um rito extremamente poderoso, porque é um rito em que o adepto ele recebe o corpo e o sangue da divindade, entende? Então ele absorve a graça da divindade, ele absorve o poder da divindade ao participar desse rito, mas é obviamente que

a maioria dos fiéis não entende dessa maneira e isso fica claro, basta ir em uma missa dominical em qualquer igreja do Brasil ou do mundo. Então esse rito da comunhão, por exemplo é originalmente um rito iniciático. É um rito que, se houvesse o rito da eucaristia dentro do Islam, por exemplo, só os sufis teriam acesso a ele, porque é um rito iniciático, é um rito esotérico, não é um rito é... Mas o Cristianismo entende essa peculiaridade que ele abre essa possibilidade de participar de ritos altamente poderosos e originalmente obrigam o... Inicialmente iniciáticos e esotéricos para todos os tipos de fiéis, mas a recepção a esse rito vai variar. Tudo isso para dizer que o exoterismo e o esoterismo existem em todas as tradições e existem em todas as civilizações, mas eles estão organizados e encaixados e arranjadas de maneiras muito diferentes: o islam é de uma maneira, o cristianismo de outra, o budismo de outra, o taoismo o xintoísmo, o confucionismo arranjam essas duas dimensões necessárias de toda a tradição, de maneiras distintas." (Palestra Esoterismo tradicional no Século XXI: A visão da Filosofia Perene. Min: 12:03 até 15:07. Disponível em: Link).

Frithjof Schuon registra:

> “O Cristianismo não tem, portanto, nenhuma das características normais de um exoterismo instituído como tal, mas apresenta-se antes como uma espécie de exoterismo de fato, não de princípio; além disso, sem mesmo referir-se a certos trechos das Escrituras, o caráter essencialmente iniciático do Cristianismo é sempre reconhecível por certos indícios de primeira importância, tais como a doutrina da Trindade, o sacramento eucarístico e, mais particularmente, o uso do vinho neste rito ou, ainda, por certas expressões puramente esotéricas como “Filho de Deus” e, sobretudo, “Mãe de Deus”. Se o exoterismo é “aquilo que é ao mesmo tempo indispensável e acessível a todos os homens sem distinção, o Cristianismo não poderia ser um exoterismo no sentido habitual deste termo, pois ele não é absolutamente acessível a todos, ainda que de fato, isto é, em virtude de sua aplicação exterior, ele se imponha a todos.” (A unidade transcendental das religiões.Editora IEGert Pág. 142).

Além do conteúdo publicado no artigo As garras da Esfinge - René Guénon e a islamização do Ocidente, na Revista Verbum, Ano I, Números 1 e 2, Julho-Outubro de 2016, por Olavo, que já foi citado por Alberto Zucchi:

> "Os sacramentos da Igreja não são meros “ritos de agregação”. São iniciáticos de pleno direito. Não dão acesso somente à comunidade de fiéis – ou à sua “egrégora” ou consciência coletiva, mas, Deo juvante, ao conhecimento mais íntimo da Realidade Suprema a que um ser humano pode aspirar. “Não sou mais eu que existo”, diz o Apóstolo, “é Cristo que existe em mim”.

João Paulo II, no seu Catecismo, declara explicitamente que os sacramentos são os passos “da iniciação cristã”, e não é concebível que, num texto tão formalmente doutrinário, usasse o termo como mera figura de linguagem."

Olavo insistirá:

> "Jesus Cristo diz claramente que não ensinou nada em segredo, que tudo que ele ensinou foi diante dos apóstolos e do público inteiro. Para acreditarmos que ele ensinou uma turminha em segredo e isso só veio a aparecer 16 séculos depois, é preciso muita imaginação. Quando, ao contrário, o Frithjof Schuon (e eu não tenho nenhum motivo para gostar dele; pessoalmente, poderia ter queixas contra o cara, mas nesse ponto ele estava coberto de razão) diz que o sentido mais profundo, iniciático e esotérico do cristianismo não estava em iniciações dadas fora da Igreja, mas nos próprios sacramentos, ele disse tudo. Réne Guénon, não tendo o que objetar a isso, simplesmente mandou avisar que se o Schuon fosse visitá-lo, ele não o receberia mais. Olha, eu conheço a psicologia humana: quando o sujeito faz essa pose de dignidade ofendida, é porque você o pegou

com calças na mão e ele não tem o que dizer. No caso, o Schuon estava montado na razão: não há nada mais no cristianismo além do que está no sacramento. Se você escavar o sentido, vai encontrar tudo ali dentro." (Arquivo em PDF: Curso Online de Filosofia Olavo de Carvalho - Aula 41 - aula gravada em 16 de janeiro de 2010) (Esse material pode ser também ouvido no arquivo de audio da aula 41 a partir de 39:16 até 40:40).

A relação de Olavo de Carvalho e Mateus Soares de Azevedo é mencionada por Heloisa de Carvalho (filha de Olavo):

"Ele ganhou esse concurso (Prêmio na Arábia Saudita, em 1985, por um livro de 200 páginas, não publicado, sobre Maomé, no qual usou os conhecimentos da simbólica medieval para interpretar episódios da vida do profeta) ele escreveu, era uma monografia sobre o profeta, ele escreveu em... Juntamente com um amigo dele chamado Mateus... Eu... Eu não sei se eu vou inverter, Tá? O sobrenome dele... Mateus Soares Sampaio de Azevedo ou Mateus Sampaio Soares de Azevedo, tá? Mateus frequentava muito a nossa casa, Mateus, cristão... E eles escreveram juntos, ganharam realmente esse prêmio. Esse livro nunca foi mesmo publicado, né? Era uma monografia toda digitada em uma máquina elétrica... De escrever elétrica... E o prêmio, salvo engano foi entre U$1.500 a U$ 2.000 dólares... (...) Que... Que até hoje... Gente! 1985! Hoje, em 2019, o Mateus até hoje não viu a cor de um dólar desse prêmio! Ele não recebeu a parte dele, porque pagaram na mão do Odalisco (Olavo) e o Odalisco.... (...) E daí, as pessoas duvidam, né? Do que a Liana (Liana Dines) conta no processo, mas você vê esse histórico, o do prêmio, né? Que tem no próprio processo da Liana, tem lá o depoimento do Mateus, dizendo que ganharam o prêmio juntos e que ele nunca recebeu a parte dele." (Heloisa de Carvalho & Projeto Ezequiel 33: O Outro Lado do Odalisco. Transmitido ao vivo em 20 de Maio de 2019. Em: Link A partir de 1:02:25 até 1:04:04. Não é recomendável assistir a transmissão inteira, por conter conteúdo pornográfico).

Depoimento de Mateus Soares de Azevedo, mencionado por Heloisa de Carvalho, em seu relato, pode ser acessado aqui:

Observação: O Catraca Livre é uma iniciativa de orientação revolucionária. O conteúdo de seu site não é recomendado.

Mateus Soares de Azevedo, nas palavras de Olavo:

"Eu vi com meus próprios olhos, eu sei que Frithjof Schuon dirigia vários grupos católicos, não na...Na...Sa... Igreja modernista, mas na igreja tradicionalista... Se quer saber, procura esse Seu Mateus Sampaio Soares de Azevedo, tá certo? Que está toda hora na missa, com o terço e Nossa Senhora e não sei o que, não sei o que... Seguindo o Schuon... Não está... Não está mais seguindo o Schuon, o Schuon morreu, está certo? Mas ele não está seguindo o Schuon, está seguindo outro... Então está... Está trabalhando para uma organização islâmica,dentro do movimento tradicionalista." (Programa Trueoutspeak 16.06.2008. A partir de 18:41 até 19:13. Disponível em: Link).

"Hoje apareceu um artigo de um fulaninho chamado Mateus Soares de Azevedo… Conheço esse cara há muitos carnavais, falando mal da Opus Dei… (...) Daí aparece o tal do Mateus Soares, falando contra a... A.. A Opus Dei... E dizendo: "Não a Opus Dei... É… Tem muita coisa secreta... Eles gostam muito desse negócio de segredo…" (...) O Mateus Sampaio é membro de uma tariqa... Sabe o que é uma tariqa? É uma organização secreta islâmica... (…) E vem falar do segredo dos outros? Quer dizer, ele é um cara cristão que secretamente segue a orientação de um Sheik mulçulmano e isso aí vai fazer trinta anos... (...) E vem falar do segredo dos outros... (...) Eu nem devia falar de você porque você é um (palavrão) tá certo? Mas é... Me trouxeram, me mandaram esse negócio... O que você acha disso? Eu falei, eu acho que isso aí é o seguinte: eu não estou discutindo a sua ideia, eu só estou apenas dizendo que é fingimento... Não estou dizendo que você

> tem razão ou não. Às vezes, você fingir também tem razão... Se eu falo uma coisa por hipocrisia, o conteúdo daquilo pode até ser... Até verdadeiro.” (Programa Trueoutspeak. 16-02-2009. Disponível: Link De 25:54 a 27:21).

Segundo João Pedro Sabino Guimaraes, no artigo A derradeira análise da obra de Olavo de Carvalho, para nunca ter de lê-lo:

> "Nos anos 80, por influência do perenialista Frithjof Schuon (1907-1998), Olavo passou a viver em uma comunidade mística islâmica (tariqa), em São Paulo (...) e aprofundou-se no estudo da gnose sufi."

O próprio Olavo de Carvalho confirma ter também pertencido a tariqa e relata a fatalidade que o teria obrigado a dissociar-se do grupo:

> "Fui expulso da tariqa em 1987 por haver desrespeitado o sheikh Schuon." (Facebook. Postagem de 1 de Março de 2014. Disponível em: Link).

A filha de Olavo de Carvalho, desde o início de seus relatos teria manifestado, em diferentes oportunidades, que não se sentia à vontade para responder às perguntas a respeito da relação de Olavo com a maçonaria. No entanto, quando indagada recentemente, a respeito de informações extraídas originalmente de uma publicação do site Prometheo Liberto, cujo autor é identificado como Luís Gonçalves Junior:

> "A sua “queridíssima amiga” Maria Elisa Ortenblad, socialite e sobrinha do banqueiro Walter Salles, também confessou – para mais de uma pessoa – que você é grão-mestre da maçonaria, estando vinculado a uma loja maçônica na Romênia. O Papa Pio IX condenou todos os maçons, tendo sido prisioneiros deles durante a proclamação de República Romana no século 19. Logo, nenhum católico pode ser maçom. Eu tenho testemunha para provar o que a Maria Elisa disse sobre o seu passado na Romênia. Se agora ela está velha e não quer se aborrecer, problema dela. Deveria ter ficado com a boca fechada e não ter revelado para ninguém o que sabia sobre o seu passado." (Conteúdo disponibilizado na transmissão, disponível para acesso em: Link).

Teria respondido:

> "Sim, é exato. É verdade." (Heloisa de Carvalho & Projeto Ezequiel 33: O Outro Lado do Odalisco. Transmitido ao vivo em 20 de Maio de 2019. Em: Link A partir de 52:14 até 53:34. Não é recomendável assistir a transmissão, em razão do conteúdo pornográfico).

Essa confirmação de Heloisa é, certamente, de difícil (não impossível) comprovação (documental). Porém pode ser útil aos alunos de Olavo de e Antônio Donato a observação de que, em várias ocasiões, ambos procuraram desacreditar o envolvimento da Maçonaria em grandes movimentos anticristãos:

> "Um dos argumentos fundamentais é que o movimento revolucionário é um corpo sem alma. Está certo? Ele vem, realiza o Socialismo… Está certo? Mas o Socialismo continua sendo um corpo sem alma. Qual é a alma dele? É o Islam". (Curso Introdução a Filosofia de Eric Voegelin. Aula 05. De 1:42:55 até 01:43:07). Antônio Donato, sempre mais sútil do que Olavo:

> "Só que.. Aí... E...Não sei se antes ou depois, né.. Nessa época, ele (Cecil John Rhodes) resolveu entrar na Maçonaria... O John Ruskin... Aliás o Cecil Rhodes, porque ele tinha ouvido falar que a Maçonaria tinha mais ou menos esses mesmos tipos de ideias... E ele entrou na Maçonaria e... E dali a algumas semanas saiu de lá, horrorizado. É... É... Achou que aquilo era uma palhaçada... Que

> ele tinha ouvido falar que eles queriam conquistar o mundo, civilizar o mundo, etc, mas aquilo era... Era na verdade, era a festa da esquina, porque todo mundo ficava com rito de espada, juramento secreto, reunião disso, hierarquia de não sei das quantas... Ele disse assim: eu sei como é que se faz as coisas! Não é desse jeito! Eu... É... É... Eu virei o milionário que eu sou, que... com as minas de ou... De diamante que eu tenho, não foi desse jeito! Desse jeito não se chega a lugar nenhum! Esse pessoal não sabe trabalhar! Então se alguém tem de conquistar o mundo vai ter de ser eu mesmo! (Risos) Está certo? Com o meu jeito! E não vai ter juramento secreto, não vai ter sociedade secreta e não vai ter... Nada desses ritos, porque eu vou colocar gente competente para trabalhar comigo!" (Curso de Filosofia Moderna. Aula ministrada em 22 de setembro de 2013, na Igreja Nossa Senhora do Brasil com o título Causa das Guerras. Arquivo em áudio número 36: De 01:08:11 até 01:09:28. O site: Link onde anteriormente foram hospedas as aulas - contrariando a restrição de Donato - já não está mais ativo).

Assim como os perenialistas americanos (também chamados neotomistas), Olavo de Carvalho e Antônio Donato apresentam uma proposta educacional de enfrentamento ao Marxismo.

(Quase) Sempre sutil, Antônio Donato mobiliza seus leitores, em seu livro A Educação Segundo a Filosofia Perene:

> "Segundo S. Tomás de Aquino, portanto, ordenar o sistema educacional de uma nação ao desenvolvimento econômico e à produção de riqueza como ao seu fim último significa desvirtuar a natureza do homem e da sociedade. É, porém, o que querem, sob o aplauso de muitos, grande parte dos educadores e homens públicos famosos."

E ainda:

> " (...) O desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos exige o trabalho de educadores no sentido de alterar as motivações dos cidadãos que compõem a sociedade para um "comportamento centralizado em bens" em um esforço que "envolve a total transformação da cultura". É assim que tem sido organizado o sistema escolar e, quer queiram, quer não queiram, é para isto que têm trabalhado os professores da maioria das escolas."

As pessoas que frequentam os centros culturais e institutos do Donato são doutrinadas com os fundamentos perenialistas e instruídas a ocuparem cargos estratégicos, na sociedade e nas paróquias para lutarem contra os (outros) "Inimigos da Igreja". Mesmo os padres são coagidos a participarem de formações ministrados por pessoas ligadas aos institutos (de forma que são também eles doutrinados).

Dentro dessas instituições, os membros que muitas vezes são atraídos pelas aulas de filosofia e outros cursos gratuitos são também “alimentados”, regularmente, com terrorismo psicológico. O próprio Donato, em uma palestra que ministrou pessoalmente em um instituto da região (Foz do Iguaçu), começou com os "estudos estranhos" que gravou para o curso Filosofia Moderna (cuja existência também é negada) para só depois apresentar a solução por meio da Educação Segundo a Filosofia Perene. Quisera Deus, isso não fosse uma estratégia (calculismo). O terror psicológico muito colabora para que os católicos sinceros, que não podem ser aprisionados por juramentos de silêncio - semelhantes aos exigidos em sociedades secretas (ou discretas) – colaborem, de boa vontade, para a “proteção” de Antônio Donato, do seu voto de "(humilde) escondimento" e de seus materiais secretos.

Cristo recomendou: "Sejam prudentes como as serpentes.": peçamos a Deus, essa graça.

Nas palavras do jornalista Vitor Vieira, autor do blog VideVersus e que foi colaborador da RadioVox, administrada por Alex Pereira:

> "O objetivo dos cursos de Antônio Donato é o de formar gerações de discípulos, boa parte deles tendo cursado cursos de Pedagogia nas universidades convencionais, que possam a seguir estar habilitados a assumir a direção de escolas fundadas pelo seu movimento". (Informações em: Link).

Ainda referente ao livro A Educação Segundo a Filosofia Perene, de Donato, Olavo, no Curso Online de Filosofia, Aula 42, gravada em 23 de janeiro de 2010, o introduz a seus alunos com as seguintes palavras:

> "Eu tenho um amigo, o Antônio Donato, que ficou anos estudando filosofia escolástica e traduziu os Comentários de Santo Tomás de Aquino a Aristóteles. Quando estava na Faculdade de Educação, ele decidiu fazer uma tese de mestrado chamada A Educação segundo a Filosofia Perene, isto é, segundo a escolástica, especialmente Santo Tomás de Aquino. Ele fez uma tese de mil páginas com uma bibliografia de trezentas, quando uma tese de mestrado possui em média 80 ou 90 páginas, não passando de 150. Ele colocou aquele tijolo na frente dos professores, que ficaram aterrorizados e o aprovaram sem ler o trabalho. Eles não tinham condição de julgar aquilo; precisariam de uma vida inteira de estudos para fazê-lo. Assim, por via das dúvidas, aprovaram sentindo-se esmagados." (Arquivo de áudio de 47:56 até 48:45).

No início da Idade Média já se pode encontrar registro de pessoas que afirmavam que a doutrina cristã teria relações com doutrinas diabólicas também denominadas de "antigas tradições", como Anicius Manlius Severinus Boethius, em sua obra Consolatiu philosophiae, manuscrito que forneceu importantes contribuições para a Astrologia por abordar questões da vidência, destino, fatalismo e livre-arbítrio. (Mais informações podem ser consultadas na obra A História da Astrologia - Da antiguidade aos nossos dias, de Kocku von Stuckrad. Pág. 200. Bibliografia recomendada por discípulos da Astrocaracterologia de Olavo de Carvalho em: Link).

No entanto, a publicação de uma obra do astrólogo Giloramo Cardano (Jerônimo Cardan) (que foi condenado pela Inquisição em 1570 a prisão domiciliar acusado de heresias e práticas ocultas) com o nome de "De Imortalitate animorum" teria tido grande repercussão e estabelecia longa correspondência entre a "Filosofia" de sacerdotes do Egito até Santo Tomás de Aquino. Girolamo também chega a defender que Moisés teria estabelecido a semana de sete dias para que imitassem os sete planetas, em número e na ordem e que teria conferido autoridade aos astros, por meio da palavra divina. (Mais informações na obra A História da Astrologia - Da antiguidade aos nossos dias, de Kocku von Stuckrad. Pág. 244. Bibliografia recomendada por discípulos da Astrocaracterologia de Olavo de Carvalho em: Link e na obra Alexander of Aphrodisias and his Doctrine of the Soul: 1400 Years of Lasting Significance, de Eckhard Kessler. Pág. 50).

O astrólogo, cabalista e humanista Marsílio Fisino teria sido influenciado pela doutrina de Girolamo a respeito da imortalidade da alma.

O humanista Beato Battista Mantovano, baseando-se em Poemandro de Hermes Trimegistro (traduzido por Marsílio Fisino, que trata-se de um diálogo entre a Mente Poemandro (centelha divina e Hermes) escreveu o "mais virulento ataque ao Tomismo que o autor Paul Kristeller encontrou na literatura do Renascimento Italiano: Opus aureum in Thomistas. Nesse opúsculo o autor condena a excessiva devoção ao Santo e a "velha" teologia fundamentada em suas obras, utilizando-se (além de outras argumentações) da suposta influência dos sacerdotes egípcios, especialmente Hermes Trimegistro na teologia de São Tomás (pag.164 da obra Le Thomisme et la pensee italie, de Kristeller, de Paul Oska).

(Mais informações ainda na Revista Memoire Domenicane. Tomismo e Antitomismo. Volume II. Edição VII, de 1976).

O professor Orlando Fedeli, em sua obra Antropoteísmo, citando Hermes Trimegistro escreve:

> "Este é o bem final daqueles que possuem a Gnose: tornarem-se Deus".

Santo Agostinho, na obra A Cidade de Deus, dirá que os demônios falavam por meio da boca de Hermes.

E essa influência da "sabedoria dos sacerdotes egípcios" na teologia cristã (Santo Tomás de Aquino) é defendida por Antônio Donato, que é recomendado por Olavo e também apresentado pelos responsáveis dos institutos culturais onde palestra, como "o maior tomista do Brasil" e "talvez do mundo".

Segundo o maçom José Castellani, em sua obra Maçonaria e Astrologia (pág. 14):

> "Na religião egípcia, podiam-se distinguir duas linhas distintas: a popular e a sacerdotal; esta última era representada pelas doutrinas esotéricas dos sacerdotes, inacessíveis ao povo."

Uma vez que Antônio Donato ensina secretamente (foi negado pelos responsáveis do site www.cristianismo.org.br - vinculado ao Donato - a existência das numerosas aulas gravadas, em seus cursos ministrados no espaço da paróquia Nossa Senhora do Brasil) que a teologia de São Tomás de Aquino teria sofrido influência de sacerdotes egípcios, estaria Donato objetivando conduzir seus alunos a uma "iniciação" que lhes proporcionaria o conhecimento da "doutrina esotérica" de São Tomás de Aquino que (apenas) ele e o Olavo de Carvalho teriam compreendido e estariam aptos a "explaná-la"? Esse convite (à iniciação) já teria sido feito, sub-repticiamente, por Olavo, a seus alunos:

> "Estava eu fazendo essas observações quando chega o meu vizinho, Antônio Donato, que é o homem mais santo que eu conheci no Brasil, e disse: “você já reparou que na Suma Teológica (ele era um tradutor de Sto. Tomás de Aquino, ele estava traduzindo todos os comentários dele e Aristóteles) tem isso?” Eu falei: “Ó raios, eu estava vendo isso agora mesmo.” E ele, por sua vez, havia percebido isso através de outro autor escolástico que é o Hugo de São Vítor. Ele explica a diferença entre pensar, meditar e contemplar. Ele diz que pensar é transitar de uma ideia a outra. Meditar é recuar, na ordem das idéias, até o seu fundamento. Meditar, então, já não é simplesmente pensar para diante, mas pensar para trás: “de onde eu tirei isso? de onde veio isso?”. E você vai descobrir, assim, a experiência real, o dado intuitivo profundo do qual emergiu seu pensamento. E ele diz que contemplar é quando você fez várias meditações e elas começam a articular-se entre si e você contempla o conjunto. Note bem que expor um pensamento é algo relativamente fácil. Reproduzir uma meditação é muito difícil. Somente grandes artistas da palavra o conseguem. Eric Voegelin é um. Muitos livros dele não são uma exposição lógica, mas uma meditação, um aprofundamento na experiência que está por baixo do pensamento. Já é difícil de você expor. Quando se chega na contemplação, porém, é uma coisa que, ao mesmo tempo, é óbvia, porque você está vendo aquilo, mas é indizível. E quando se vê que Sto. Tomás, no final da vida, disse: “olha, o que eu percebi agora é tão, tão, tão gigantesco que, tudo o que eu escrevi, perto disso, é nada.”
>
> Note bem: eu estou falando do que eu e o Antônio Donato percebemos por trás do que São Tomás de Aquino escreveu. Mas ele não estava falando disso, mas sim, do que está por trás da própria ordem aparente do mundo. Eu, então, falei: “não dá para explicar mais, dá para ver”. Nós não chegamos a isso aí, evidentemente, nós enxergamos, contemplamos, o edifício de Sto. Tomás de Aquino, e entendemos que esse edifício é moldado em um outro edifício, invisível, que ele viu. Não chegamos lá, mas, se Sto. Tomás de Aquino diz que viu, é porque viu. Se ele foi capaz de fazer isso, é porque em algo ele se baseou." (Curso Online de Filosofia - Olavo de Carvalho - Aula 41 - 16 de janeiro de 2010) (Arquivo de áudio de 01:30:03 até 01:33:34).

Publicaram um segundo livro que Antônio Donato estaria divulgando para seus alunos, com o título O que é a Vida? (como o Educação Segundo a Filosofia Perene, não apresenta a indicação do nome do autor da obra) mas, que logo no início apresenta informações idênticas às apresentadas na aula gravada sobre o Concílio Vaticano II, que foi anexado ao artigo Será que as Garras da Esfinge fizeram mais uma vítima? Esse livro e também a pasta com as traduções do Donato de Comentários de São Tomás de Aquino à Aristóteles (que o Olavo mencionou na aula 42 do COF) e outras obras que recomenda aos alunos pode ser acessado

diretamente aqui: Link

Material recomendado por Donato: Link Donato-Material-de-Leitura-Recomendado .

Huxley, adotando a terminologia consagrada por Leibniz, popularizou a expressão Filosofia Perene (Philosophia Perennis) e Ananda Coomaraswary (pai de Rama Coomaraswamy, o perenialista que se infiltrou no seminário da Sociedade São Pio X para difundir o sedevacantismo e que por isso foi expulso por Dom Lefebvre) preferia a terminologia Sophia Perennis ou Philosophia Perennis Universalis.

(Informações em: The Supreme Wisdom of the Upani?ads: An Introduction, de Klaus G. Witz e Galactic Alignment: The Transformation of Consciousness According to Mayan, Egyptian and Vedic Traditions, de John Major Jenkins. Capítulo 12).

Felipe Nery é o presidente do Instituto Sophia Perennis, de acordo com as informações contidas nesse site: Link

Recentemente, se não me engano, na última transmissão da Montfort da última parte da exposição sobre o livro A Casa Varrida pelos Ventos, foi mencionado que há cursos da professora Henriete Fonseca no site Sophia Perennis. Seriam os cursos Santo Rosário e O protagonismo dos pais na formação espiritual dos filhos, que parecem ter sido ministrados no II Congresso Educação de Filhos em Poço de Caldas, evento realizado nos dia 10-11 de Março de 2018, no Hotel Nacional Inn (Mais informações sobre o evento: Link).

Para ter acesso aos cursos o procedimento é muito burocrático. Um curso do site é pago: Curso on-line: A educação das Crianças, com o valor de R$100,00, os demais são todos gratuitos porém é exigido primeiramente uma inscrição no site com nome completo, email e senha. Logo após a inscrição, para ter acesso ao curso é necessário, novamente, preencher um novo cadastro que agora solicita novos dados pessoais como cidade e estado. E apesar de feito o cadastro e a inscrição para os cursos, o Instituto Sophia Perennis, recentemente, não tem liberado o acesso a seus cursos para alguns usuários. Não se pode descartar, todavia, que possa ser um problema técnico do site. Antigamente as aulas dos cursos anunciados no site eram hospedadas no canal Kathechesis Editora, no Youtube. Após a inscrição em um curso o cadastrado tinha acesso aos links dos vídeos não listados.

Olavo de Carvalho desenvolveu uma teoria astrológica que ele denominou de Astrocaracterologia. Segundo informações que foram registradas pelo próprio Olavo em uma obra com o título O Caráter como Forma Pura da Personalidade, Breve Tratado de Astrocaracterologia, 1997, disponível na internet (ou ainda publicado excertos online em Link), foram reunidas "entre as duas capas desse livro, alguns dos textos que distribuí aos alunos do curso de Astrocarectologia em São Paulo e no Rio de Janeiro, entre 1989 e 1992. O curso foi inteiramente gravado em fita, e transcrito, sobe a quase três mil páginas datilografadas." (Pág 7).

Nessa obra, ele diz:

> "Agradeço de todo o coração a Márcia Fonseca, a Meri Angélica Harakava a Henriette (sic) Aparecida da Fonseca e a todos os membros (sic) da Sociedade Brasileira de Astrocaracterologia (SBA) de São Paulo e do Rio de Janeiro, sem cuja colaboração este livro não teria sido escrito nem publicado. (Pág. 10).

Ainda no mesmo livro pode se ler:

> "Aproveito a ocasião desta Nota, para agradecer a todos que, como alunos ou assistentes, ou ainda como colaboradores eventuais nos serviços de manutenção e administração Curso, ajudaram na elaboração desta obra. Muitos deles constam aqui como co-autores. Mas na verdade foram todos coautores, mesmo aqueles cujos nomes aqui se omitem pela simples razão de não terem colabora diretamente na redação do texto, e sim de outras maneiras, menos ostensivas porém não menos

> necesárias. Cinco nomes que não podem no entanto ser omitidos de maneira alguma são os de Roxane Andrade de Souza, Ana Célia Rodrigues Warschauer, Cely Teixeira Vital Brasil, Henriette (sic) Fonseca e Stella Teresa Aponte Caymmi. Sem sua ajuda, não haveria nem Curso nem Tratado. A todos e por tudo, muito obrigado. Rio de Janeiro, Maio de 1995". (Página 173).

De acordo com informações obtidas a partir de um arquivo, também disponível na internet, Henriete A. Fonseca seria responsável pela transcrição de algumas fitas do curso. Soraia Malafaia Gomes teria postado, na data de 24-12-2000 em algum canal de comunicação via internet (infelizmente, não identificável) que estaria colocando "alguns trechos da primeira apostila do curso de Astrocaracterologia (São Paulo - 1990) de Olavo de Carvalho. Como são textos muito extensos, colocarei separados". Nesse documento, que contém apenas alguns trechos das aulas 1 a 16 do curso, consta que Henriete Fonseca seria responsável pela transcrição das fitas 1, 2 da aula 1, fita 1 e 2 da aula 6, fita 1 da aula 12, fita 2, da aula 15, mas ainda seria também responsável por ministrar aula, conforme Olavo: "A repetição consiste na mesma aula dada de novo, de memória, por Henriete Fonseca, que procurará, inclusive, complementar certas noções quanto à linguagem e à técnica astrológica, que estejam faltantes". (Aula 1 - Fita II. Pág. 10 do documento).

A respeito da existência real da autora desse documento com registros de trechos das primeiras aulas do curso, foi possível encontrar uma inscrição no site Soundclound com o mesmo nome Soraia Malafaia Gomes e com divulgação de conteúdo mais recentes, como por exemplo, uma aula do curso de Filosofia de Olavo (COF).

Fora esse arquivo, foi possível ainda encontrar recentemente um novo documento com mais aulas desse curso, cujas transcrições somam mais de 700 páginas. Não pude ainda pesquisar sobre a procedência desse arquivo. Anexarei os dois documentos, mais o tratado escrito por Olavo.

Segundo Ana Maria M. González a escola Júpiter (Escola de Astrologia fundada por Olavo, em 1979) fechou em 1980, por dificuldades financeiras. (Mais informações: Link).

Em 13 de Novembro de 2010 Olavo teria gravado a aula nº 83 do COF com o tema "Doze Camadas da Personalidade" que nada mais é do que a exposição de sua Astrocaraterologia, com nova roupagem. Nessa aula, chega a mencionar que ministrou "esse curso" há vinte anos, porém omite qualquer referência direta à Astrologia.

O professor Orlando em seu artigo A Gnose "Tradicionalista" de René Guenón e Olavo de Carvalho, explica:

> "René Guénon, tratando desse problema da dissimulação do pensamento esotérico, e de sua adaptação à linguagem religiosa dominante num lugar, escreveu: "Que, em certos casos, a prudência imponha efetivamente uma espécie de dissimulação, ou o que pode passar por tal, isso não se pode negar, e se poderia encontrar muitos exemplos disso em outros lugares tanto quanto no Oriente; a linguagem de Dante e de outros escritores da Idade Média daria exemplos em abundância disso; mas há também, para fatos desse gênero uma outra razão totalmente diferente, de uma ordem muito mais profunda, e que parece escapar completamente aos ocidentais modernos. A verdade é que este desapego das formas exteriores implica sempre, pelo menos em algum grau, a consciência da unidade essencial que se dissimula sob a diversidade dessas formas (...) passar de uma forma a outra não tem então quase mais importância do que trocar de roupa, conforme os tempos e os lugares, ou de falar línguas diferentes conforme os interlocutores com os quais tratamos" (René Guénon, artigo - relatório Les Religions et les Philosophies de l ‘Asie Centrale - 1928, apud Marie France James, op. cit. p. 294).

Não foi possível ainda ver todo o conteúdo relacionado a Astrocaracterologia (tratado, transcrições, aulas gravadas após os anos 2000) mas a doutrina difundida por Olavo aborda inconfundivelmente fundamentos gnósticos descritos pelo professor Orlando na obra Antropoteísmo (pág 188):

"O pneuma, espírito divino, centelha da divindade no homem, parcela da alma universal, constituiria propriamente o eu do homem.

Dessa composição tripartite do homem, deduziam os gnósticos, como já dissemos, os três tipos de homens. Conforme fosse o elemento constitutivo preponderante, os homens seriam:

1. Hílicos ou materiais;

2. Psíquicos ou racionais;

3. Pneumáticos ou espirituais."

A teoria das 12 camadas da personalidade está fundamentada nas doze casas de cada signo do zodíaco (cujos precursores foram as doze constelações principais).

Nas palavras de José Castellani, em seu livro Maçonaria e Astrologia (pág. 12):

> "Notaram (os mesopotâmios) também que, a cada duas horas, as constelações se deslocavam 30 graus no firmamento, ou seja, a duodécima parte do círculo completo. Um outro sistema de doze divisões, sem ligação com o primeiro, tinha suas doze casas numeradas a partir da inclinação oriental sob o horizonte e representavam áreas da existência."

Na internet há a divulgação de muitos eventos do Encontro (anual) Astrológica, organizado pela Gaia, Escola de Astrologia (considerado mais importante evento astrológico de São Paulo, segundo o site Constelar) e "os mais agitados eventos da Astrologia", segundo o site Gaia.

Henriete teria ministrado palestras, nesses Encontros, até 2016:

2004: Astrologia antiga. (com participação de Adalgiza Botelho da Costa). Informações: Link

2008: Presença confirmada. Não foi possível encontrar informações sobre o título da paletras. Mais informações: Link

2010: Entre o Céu e a Terra, Apresentação do Sistema Planetário segundo os modelos astrológicos tradicionais. Astrológia 2010 - Gaia, Escola de

Astrologia. Mais informações: Link, Link e Link

2012: Astrologia Teórica, Clínica e Aplicada. Gaia. Escola de Astrologia. Mais informações: Link

2013: Alquimia da Felicidade. Gaia. Escola de Astrologia. Mais informações: Link, Link e Link

2014: Não participou do Encontro Astrológica, porém ministrou o Curso O Trauma da Emergência da Razão, Conhecimento, razão e felicidade. (Onde consta a informação: Astróloga desde 1981.)

Realizado no Gaia Cultural, no Auditório Júpiter, na data de 08-10-2014. Informações: Link

2016: A questão astrológica no medievo cristão. Astrológica 2016. Gaia, Escola de astrologia.

Mais informações: Link, Link e Link

A partir de 2017 já não consta o nome de Henriete Fonseca entre o corpo de palestrantes do Evento Astrológica.

Como mencionado, Henriete participou como palestrante no Astrológica 2016, no dia 17 de Julho, com o tema "A questão astrológica no medievo cristão."

A descrição da palestra, pode ser lida em: Link e Link) e diz:

"Sem dúvida, a palestra mais densa do evento foi A questão astrológica no medievo cristão, apresentada pela professora universitária Henriete Fonseca. Ao contrário da visão convencional da Idade Média como uma era de atraso e superstições, Henriete descreveu um mundo lógico, organizado e racional, presente em especial na obra de São Tomás de Aquino, mas também de Raimundo Lúlio (ou Ramón Llul), São Boaventura e outros teólogos católicos. A palestra terminou com um convite para um mergulho mais intenso na filosofia medieval, indispensável, segundo Henriete, para uma adequada contextualização histórico-filosófica das concepções astrológicas. segundo Henriete, para uma adequada contextualização histórico-filosófica das concepções astrológicas).

E exatamente nove dias depois dessa participação no maior evento de Astrologia de São Paulo, ela daria a primeira aula do curso de "Introdução ao Cristianismo Segundo as obras de Hugo de São Vitor e São Tomás de Aquino, em uma paróquia católica, também de São Paulo.

Informações extraídas do site da Paróquia Santa Generosa:

"Desde 26 de julho de 2016 - Todas as quartas-feiras, das 19h30 às 21h30 - Curso gratuito.

Descrição do curso:

Todas as quartas-feiras, das 19h30 às 21h30. O curso é ministrado pela Profa. Henriete Fonseca, que assim explica: “Empreendendo um estudo metódico e profundo embasado principalmente no patrimônio filosófico e teológico desenvolvido a partir dos Santos Padres e das Escrituras, pretendemos acender um pequeno luzeiro que permita um vislumbre da verdade a que se refere o Evangelho e que possa servir-nos como referência para nossa caminhada.

Santo Tomás de Aquino, assim como Hugo de São Vitor que o precede, representam dentro desse patrimônio, também conhecido como Filosofia Perene, os mais altos pontos de seu desenvolvimento, permitindo aos que buscam sinceramente entender o Evangelho não só uma compreensão teórica, mas uma vivência profunda da verdade ali depositada como Água Viva”.

(Mais Informações: Link).

Em uma palestra disponibilizada pelo Centro Dom Bosco (cujo idealizador é Antônio Donato) Henriete teria assim explicado a sua fé:

"Minha prática de oração, de mais de vinte e cinco anos é uma prática ligada ao Carmelo, então eu me formei dentro de uma espiritualidade carmelita, tive orientação, nesse sentido, da vida de oração, um pouco diferente do que a gente tem e eu conhecia a devoção do rosário... De vez em quando rezava por devoção porque a gente tem esse amor à Virgem Maria... O Terço! Então eu rezava o terço, como todo mundo, mas eu não tinha uma prática do rosário. O que nós estamos propondo, não é o terço. É o rosário. E o Rosário, inclusive, a gente está chamando de... É... O Rosário Perene." (Entenda os mistérios do Santo Rosário - Henriete Fonseca. A partir de 13:44 até 14:27. Disponível em: Link).

Também é possível encontrar cursos novos com os alguns dos professores do Instituto Sophia Perennis (Henriete Fonseca, Pe. José Eduardo, Fernanda Takitani, Rodrigo Gurgel) em sites como: Link ou palestras em outros Centros do estilo Dom Bosco: Link .

No início de sua carreira como astróloga (Henriete é astróloga desde 1981: informações em: Link) também ministrou cursos no Centro de Estudos Astrológicos Girassol, criado em 1987, que Segundo a Gazeta de Pinheiros, data de 22-06-88, era um "novo centro de estudos" que queria "garantir formação de nível para os

"bruxos" de Vila Madalena".

(Informações: Link e Link .

Nessa escola, Henriete era professora de cursos como Estudo do simbolismo astrológico e Interpretação (Informações em:

astrologiaecompanhia.com.br/site/wp-content/uploads/2015/02/Jornal-girassol.jpg
astrologiaecompanhia.com.br/site/wp-content/uploads/2015/02/jornal2.jpg

Segundo Antônio Brito "Dessa ação pioneira (Escola Girassol) participaram outros astrólogos (além dos fundadores Maurice Jacoel e Constância Nader): Sônia Barros, Maria Alice Camargo, Amâncio Friaça, Valdenir Benedetti, Henriette Fonseca, Ricardo Riseck, Ion de Freitas, Valderson, Beto Botton, Bárbara Abramo; entre outros. Ainda segundo o autor do texto "a escola Girassol funcionou até o ano de 1992 No entanto, seus integrantes continuam na ativa como astrólogos até hoje".

Mais informações: Link

Antonio Brito é Astrólogo Profissional titulado pela Gaia Escola de Astrologia (Mais informações: astrologiaecompanhia.com.br/sobre/).

A Palestra com o tema: Realidade e Pessoa: o conhecimento de si e a questão da felicidade, pode ser assistida diretamente no canal da Paróquia Santa Generosa, em: Link

Mais informações: Link generosa e Link Nessa palestra, tanto Henriete como Antônio Donato na aula sobre o Concílio Vaticano II (anexada ao artigo "Será que as garras da Esfinge fizeram mais uma vítima?" da Montfort), quanto Olavo de Carvalho (na aula 83 do COF) defenderão que somente é possível ser feliz o homem sábio (Henriete e Donato) ou o intelectual (Olavo). O Olavo, inclusive afirmará que é um intelectual (iniciado) e irá expor fundamentos que são mencionados também por Mateus Soares de Azevedo, em sua obra "Inteligência da Fé", cujas referências, pela falta de tempo, não serão citadas (nesse momento).

A maioria dos materiais citados nesse texto (arquivos em formato PDF, áudios e vídeos) anexarei (também) no email que enviarei, em seguida.

Peço perdão pelos erros ortográficos e imprecisões nas transcrições mas, infelizmente, não disponho, nesse momento, de tempo suficiente para revisar o texto.

Muito obrigada pela atenção!

SOBRE O PERENIALISMO (Fernanda Conforto)

CARTA II

Alberto Zucchi e membros da Associação Cultural Montfort, bom dia!

Peço para que possam avaliar a procedência e se possui relevância para os seus estudos, as seguintes informações:

Em relação ao curso mencionado por Olavo de Carvalho, na postagem do dia 7 de Maio de 2017, via Facebook:

> "Escrevo um artigo inteiro eu dou um curso em seis aulas para contestar o Guénon na base, mostrando que só os sacramentos da Igreja são iniciações cem por cento, quando o Guénon afirma que são puramente exotéricos e nada tem de iniciáticos, e o hominho da Montfaible jura que não faço restrição nenhuma aos ensinamentos do Guénon. É MUITA vigarice, ou então Prêmio Ignóbil de Analfabetismo Funcional."

Talvez o Olavo tenha se equivocado quanto ao número de aulas. É possível que ele tenha se referido ao curso Esoterismo na História e Hoje em dia, gravado (ou ao menos disponibilizado para aquisição, em Março, conforme: Link) no ano de 2017, que contém apenas cinco aulas e onde é feita uma longa defesa sobre o "rito iniciático" da Eucaristia, na última aula, de 15:00 até 36:35).

Peço para que - caso disponham de tempo - quando possível, possam assistir a esse trecho da aula gravada que anexarei. Não foi possível uma transcrição - sempre amadora - devido a grande dificuldade que encontrei para o registro das palavras gregas que foram mencionadas por Olavo.

A postagem citada, em 2017 não é a única publicação - via Facebook - sobre os sacramentos como iniciáticos.

Foi possível também encontrar uma outra postagem com a data de 28 de Janeiro, no ano seguinte, onde ele ratifica:

> "Afirmo com todas as letras que as únicas iniciações válidas são os sacramentos da Igreja Católica."

Em 16 de Maio de 2017, ele também publicou:

> "Não há NADA de intrinsecamente imoral na poligamia em si. Se houvesse, ela não teria sido permitida aos antigos profetas. O casamento monogâmico indissolúvel é, como os demais sacramentos, um MISTÉRIO, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, tendo como finalidade a vida eterna, não a moralidade terrestre."

Aqui, ele se refere a sacramento do Matrimônio, como mistério.

Schuon considera o Cristianismo esotérico (Mateus Soares de Azevedo ecoará a mesma doutrina: inicialmente esotérico e posteriormente teria, após três séculos de perseguição pelos romanos, com o Édipo de Milão, só então surgido o cristianismo exotérico. Ver mais informações em: Palestra Mateus Azevedo Prévia do Evoliano. Disponível em: Link). Classificará os sacramentos em Grandes Mistérios e Pequenos Mistérios: o Batismo seria um Grande Mistério, já a Eucaristia teria caráter de Grande e Pequeno Mistério, entre outros.

Estou anexando o artigo Mystères christiques (em francês) de Frithjof Schuon, onde há mais detalhes sobre essa exposição - caso o Mauro Rocha, que pode ler textos em francês - (quando dispor de tempo), deseje verificar o conteúdo.

Nesse artigo também há uma exposição do Schuon a respeito dos "mistérios" (esotéricos) do rosário que, talvez, possa ser útil para analisar a doutrina sobre o Rosário que a Henriete ensina em aulas disponibilizadas pelo site Sophia Perennis e também pelo canal Centro Dom Bosco (aulas em mp4 anexas) e que segundo ela é melhor do que a forma ensinada por Garrigou-Lagrange, ou antes que a forma ensinada por Garrigou Lagrange "não" seria "uma boa forma":

> "Então a primeira coisa que eu queria dizer para vocês... É que nós fomos enganados... Durante muito tempo... Sobre o que significa... De fato, a vida espiritual. Enganados não de propósito, nos enganamos porque enganados estavam aqueles que deveriam... Nos formar, nos orientar. E nós estamos dentro de uma desorientação... Imensa! Tamanha! Que... Hoje em dia... É... Quase ninguém se entende mais sobre uma coisa tão... É... basicamente milenar e... Usual, que está na Igreja, que é o Rosário. Existem muitas formas de rezar o rosário. Aquela que está lá, colocada no Garrigou, não é errada. Aquela que o padre Paulo Ricardo está ensinando não é errada. São formas válidas. E que eu até... Estou começando a entender, inclusive... Porque que ela é assim... Vou explicar melhor para vocês, já, já... E... Porque na verdade eu desconfio que ela, não é uma boa forma.... Mas, ela foi talvez... Chegou nessa resolução, em função de…Tentativas... Até de uma coisa piedosa... É... De querer nos ensinar a rezar..." (Vídeo com o título: Entenda os mistérios do Santo Rosário - Henriete Fonseca. Disponível em: Link. De 20:51 até 22:17).

No evento II Congresso Educação de Filhos em Poço de Caldas, realizado nos dias 10 e 11 de Março de 2018 Henriete teria mencionado que essa "prática do Rosário" está também sendo feita na Confraria Nossa Senhora da Esperança. (Ver mais informações em O Santo Rosário, vídeo disponibilizado para acesso, após inscrição no site. Link disponibilizado pelo site para acesso a palestra pode ser acessado diretamente em: Link).

Schuon definiu quais os sacramentos que seriam exclusivamente iniciáticos:

> "No Cristianismo, são o batismo, a confirmação, e a comunhão que constituem o que se pode chamar de iniciação; o caráter total desses sacramentos exclui a existência, ao seu lado, de ritos iniciáticos mais ou menos secretos que se sobreporiam a eles, como os há no Orfismo, no Sufismo, etc. A particularidade do Cristianismo é precisamente esse caráter aberto dos meios iniciáticos; é, ao menos, uma particularidade no mundo semítico e ocidental. Neste ponto, há divergência entre a tese de Guénon e a minha. Não se pode conceber, com efeito, que possa haver, no Cristianismo, uma fonte de graças mais profunda e mais preciosa que o sangue do Cristo, ou que possa haver almas ou inteligências para as quais essa fonte não seria boa. A diferença exoterismo-esoterismo é, aqui, unicamente uma questão de perspectiva e de método. Por certo, há uma participação puramente exotérica nos sacramentos, de modo que não se poderia, sem abuso de linguagem, qualificar a massa dos cristãos de 'iniciados', mas os religiosos são iniciados, pelo fato de que seguem uma via espiritual; o mesmo vale para os padres santos, como o Cura d'Ars. Quanto à via intelectiva, a gnose, ela é representada sobretudo por Clemente de Alexandria, Mestre Eckhart e Angelus Silesius; mas é sempre uma gnose especificamente cristã, ou seja, que se mantém próxima à perspectiva do amor." (Carta escrita em 31 de maio de 1955. Extraída do livro de cartas de Frithjof Schuon: Vers l'Essentiel – Lettres d'un Maître Spirituel, Ed. Les Sept-Flèches, Lausanne, 2013., pp. 15 e 16).

É possível que existam outras postagens com a intenção de "ensinar" (confundir) que os sacramentos são iniciáticos.

Agora, veja a Montfort, também isso:

> "Os quatro primeiros filhos do Olavo... Eu sou a mais velha, tá? Dai eu tenho... Sou eu, o Luís Gonzaga, o Tales e o Davi. Nenhum dos quatro foram batizados... (...) Eu me batizei em 2015, Gustavo, na Igreja Católica, tá? Onde minha vó, mãe dele foi madrinha e meu tio, irmão dele... Foram meus padrinhos. Meus três irmãos... Bom... Sempre houve essa questão: São batizados ou não são? Minha mãe falava que si... Que... Que eram. Aí... (risos) Um dia eu descobri que quem... Assim... Batizou eles foi um cara, tá? Chamado Antônio Donato... Que o Odalisco (Olavo de Carvalho) considera este senhor, um santo... Tá? Um santo." (Heloisa de Carvalho Martin Arribas & Projeto Ezequiel 33: A Verdade Escondida. Transmitido ao vivo em 13 de maio de 2019. Disponível em: Link. De 29:09 até 30.19. Não é recomendável assistir a transmissão completa, por causa de exposições de conteúdo pornográfico).

Teria o Antônio Donato administrado o sacramento do batismo para os TRÊS filhos de Olavo, na circunstância exigida pela Igreja, para que possa ser feito por um leigo: em caso iminente de morte?

Seria oportuno que a Heloisa pudesse expor mais informações, se as tiver, sobre as circunstâncias desse fato. Se, inclusive, esse acontecimento teria sido relatado pelo próprio Olavo, em alguma de suas aulas.

Tanto Olavo, em suas aulas do COF, quanto Antônio Donato, em suas aulas secretas, recomendam intensamente a espiritualidade de São João da Cruz. Marco Vannini, considerado pela Revista IHU como "um dos maiores estudiosos italianos de mística especulativa" explica como compreendem essa espiritualidade, o "misticismo":

> "O misticismo seguidamente atrapalha o poder eclesiástico, acima de tudo porque é convicto de que o relacionamento entre a alma e Deus acontece sem mediações, sem nada que se interponha, sendo tanto Deus como a alma uma única coisa. Por isso é convicta de que o relacionamento entre a alma e Deus não aconteça em espaços externos, em formas litúrgicas determinadas de qualquer maneira, mas, ao invés, seja somente no profundo da alma, em um relacionamento “do só x só”, como falou Plotino. O místico adverte sempre a primazia deste relacionamento pessoal com Deus em relação a todas as formas comunitárias, e isso o coloca também em possível contraste com a autoridade religiosa.
>
> Isso, porém, não significa que o místico esteja errado ou contra a Igreja. Pensemos por exemplo em São João da Cruz, de quem ninguém pode negar a fidelidade à sua Ordem e à Igreja, mas que em toda a sua obra não gasta uma palavra sobre os sacramentos. Do contrário, é preciso perceber que essa liberdade, essa autonomia do místico o tornou muitas vezes capaz de criticar nos confrontos da própria Igreja com resultados de reforma religiosa destinados a dar frutos duradouros no tempo." (IHU On-line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Nº 460 - Ano XIV - 16/12/2014 - A conexão mística de Teresa de Ávila e Thomas Merton. Pág. 15).

E ainda:

> “As ideias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisaica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente.” (IHU On-line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Nº 460 - Ano XIV - 16/12/2014 - A conexão mística de Teresa de Ávila e Thomas Merton. Pág. 14).
>
> "Apesar da derrota sofrida pelo misticismo há três séculos (como dito anteriormente), o misticismo não está mais escondido, e não pode se esconder, a partir do momento que responde às mais profundas exigências e expectativas do homem. Permanece, por assim dizer, subterrâneo, excluído

> dos canais acadêmicos e dos círculos de poder, eclesiástico e civil, mas este eclipse tem também um aspecto positivo, porque assim o misticismo ganha novamente a própria universalidade, liberando-se de toda a confusão dogmática. Exatamente porque colocado à margem das autoridades religiosas, o misticismo recuperou o seu sentido original, aquele de ser “exercício de morte”, separado de tudo – mesmo das formas religiosas onde qualquer místico nasce e cresce – para ser o caminho do só para o só, um caminho realizado “in interiore homine”, sem nenhuma mediação. Então, no momento em que as confissões religiosas acusam a culpa da criatura contemporânea, que fragmentou as velhas teologias e dogmas, se redescobre essa via mestre de pensamento e de vida, que atravessa qualquer mutação cultural sem nem a tocar." (IHU On-line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Nº 460 - Ano XIV - 16/12/2014 - A conexão mística de Teresa de Ávila e Thomas Merton. Pág. 17).

A compreensão de alguns sacramentos - ou todos? - por Olavo e Donato teriam alguma correlação com o pensamento esotérico apresentado por Marco Vannini?

Olavo de Carvalho já fez uma exposição que contribui ainda mais para a dúvida:

> "O meu amigo Antônio Donato, por exemplo, que é o melhor instrutor religioso que eu já vi na minha vida, um santo homem. O Donato é santo mesmo, não tenho a menor dúvida. Mas o Donato não é ordenado padre. Ele é o melhor padre que tem no Brasil, e diz que não está preparado para ser ordenado padre. Quer dizer que Deus no céu já o ordenou mil vezes; dá ordenação sacerdotal para ele todo dia. Porém, o Donato não lidera um movimento, ele não é um chefe de seita. Ele é um professor de religião, e o melhor que eu já vi. Então, quer estudar? Estude com o Donato. Mas vai dar um trabalho desgraçado.
> E olha que eu sou amigo do Donato faz 30 anos, e entre nós nunca houve a mais mínima divergência sobre nada. Eu estou fazendo aqui o meu serviço, ele fazendo o dele lá, e nós estamos indo para o mesmo lugar.
> Agora, se você entrar em qualquer movimento, você vai criar problema. Se você quiser mesmo o negócio da teologia, procure Antônio Donato Paulo Rosa. É o melhor do Brasil, se não o melhor do mundo. É o mais honesto, o mais bondoso, mas ele é durão, vai lhe dar muito trabalho para fazer." (COF. Aula 37. Arquivo em PDF (transcrição) pág. 29. Arquivo em áudio: De 02:12:00 até 02:13:40).

A explicação segundo o Olavo para o Donato ser "o melhor padre que tem no Brasil" ainda que não tenha sido ordenado, se encontraria na mesma aula:

> "A profissão intelectual é aquilo que na Idade Média se chamava o clérigo. Todo mundo que sabe ler e escrever já está no clero. Não precisa ser ordenado padre para isso." (COF. Aula 37. Arquivo em PDF (transcrição) pág. 29. Arquivo de áudio: 02:11:42 até 02:11:56).

Teria mesmo o Olavo entregue seus filhos para serem batizados por Donato por uma motivação esotérica ("melhor padre que tem no Brasil") ou teria ele, apenas, criado ocasião para introduzir conceitos esotéricos do "misticismo", referidos por Marco Vannini (que não necessitam de mediação externa, antes, só podem ser "vivenciados" interiormente) a seus alunos. As duas possibilidades?

Marco Vannini é também conhecido por ser pesquisador e editor de obras de Eckhart, herege considerado por Olavo, como uma das "expressões mais marcantes do esoterismo cristão" em seu artigo À procura da pérola viva - Conhecimento revelado: O Esoterismo Cristão, publicado na revista Planeta, nº 108 (Ver mais informações na página 10 do arquivo em PDF, anexado).

Olavo de Carvalho recomenda, ainda nessa mesma aula do COF (37) para que seus alunos possam se confessar e comungar apenas uma vez por ano:

> "Se você entra em qualquer dessas coisas (movimentos da Igreja), você começa a decair intelectualmente, a ter uma espécie de hiper-sensibilidade que fará você ficar mortalmente ofendido com qualquer coisa que eu fale, e assim por diante. Você fica um idiota. Então é o que eu digo: você vai à Igreja, é batizado? Ótimo. Se não batizou, vai lá e batiza. Confesse e comungue, uma ver por ano. Não confesse e comungue muito, pois se você vai toda hora à igreja, o padre vai ver que você está indo lá, e já vai dizer “meu filho, você não quer entrar para a Congregação Mariana, para a Comunhão e Libertação, Para os Legionários de Cristo, para a TFP?”. Vai começar com essa coisa. Não tenho nada contra esses movimentos (a aula foi dada anteriormente ao escândalo dos Legionários de Cristo, que foi comentado pelo professor Olavo de Carvalho posteriormente), espero que progridam; porém não com gente do estatuto intelectual que eu pretendo transmitir a vocês. Eles querem massa." (COF. Aula 37. Arquivo em PDF (transcrição) pág. 29. Arquivo de áudio: 02:10:06 até 02:11:10).

Por que tão pouco amor à Eucaristia?

Talvez Mateus Soares de Azevedo possa responder:

> "Em princípio, em razão do caráter singular do cristianismo - originalmente um esoterismo ou misticismo que teve de ser aplicado ao domínio social e exotérico -, o cristão já recebeu sua iniciação com o batismo, não necessitando assim de outro rito para engajar-se na via. No entanto a esmagadora maioria dos batizados não está interessada em explorar essas possibilidades, que só são esploradas plenamente pelos santos e sábios, e pelos que os seguem, nos mais diversos graus. No 'Islã não há santidade fora do esoterismo; no cristianismo não há esoterismo fora da santidade', como disse Frithjof Schuon." (Mateus Soares de Azevedo. Iniciação ao Islã e ao Sufismo. Pág. 47).

Para fugir dos líderes de movimentos, precisamente, Olavo recomenda que as pessoas recebam os sacramentos da Confissão e da Comunhão apenas uma vez por ano e fujam da Igreja para escaparem de qualquer tentativa de serem coptados para movimentos, pelos padres, mas direciona seus alunos para aprenderem religião com o Donato, que seria o "melhor padre do Brasil".

Curiosamente, em algumas paróquias de Foz do Iguaçu, os fiéis acabam sendo assediados não pelo clero, mas pelos membros de um dos centros culturais do Donato, para participarem das atividades do grupo.

Relato mais relevante, faz o padre Renato Coelho, sobre a movimentação dos alunos do Olavo na paróquia do Padre Daniel Pinheiro. (Ver em: Direita "Católica! Olavo tem razão!? Vídeo disponível em: Link).

Caso os membros da Montfort considerem relevante, que possam avaliar a influência das doutrinas gnósticas de Nicolau de Cusa, nos ensinamentos de Antônio Donato, especialmente ao que se refere aos temas "aniquilamento" "união com Deus" e "amor".

Para Mateus Soares de Azevedo, Nicolau de Cusa é um dos precursores do Perenialismo:

> "As much earlier precursors of the Perennial Philosophy, one could mention two great figures: Muhyi’d-Din ibn ‘Arabi in Islam (1165- 1240) and Cardinal Nicholas of Cusa in Western Christianity (1401-1464). (Ye Shall Know the Truth: Christianity and the Perennial Philosophy. Pág. 274).

O próprio Olavo de Carvalho também o recomenda como outra referência das "expressões mais marcantes do esoterismo cristão" em seu artigo À procura da pérola viva - Conhecimento revelado: O Esoterismo Cristão,publicado na revista Planeta, nº 108:

> "A obra de Nicolau de Cusa, que expõe francamente a unidade das religiões no plano metafísico (tendo-a inclusive ilustrado com um livro sobre o islamismo)." (Pag. 10 do arquivo em PDF, anexado).

A doutrina sobre o "amor" do Donato, abordada com tanta frequência em suas aulas gravadas e que tem “encantado” tantos católicos no Brasil (por muitos conhecida apenas de forma indireta, por membros do clero que as repercutem - alguns, com evidentes indícios de que não o fazem por malícia) necessita de muita atenção, considerando-se o que Schuon expôs:

> "Quanto à via intelectiva, a gnose, ela é representada sobretudo por Clemente de Alexandria, Mestre Eckhart e Angelus Silesius; mas é sempre uma gnose especificamente cristã, ou seja, que se mantém próxima à perspectiva do amor." (A Iniciação Cristã. Carta escrita em 31 de maio de 1955. Extraída do livro de cartas de Frithjof Schuon: Vers l’Essentiel – Lettres d’un Maître Spirituel, Ed. Les Sept-Flèches, Lausanne, 2013., pp. 15 e 16).

Estarei anexando a primeira aula sobre o sacramento da confissão, para que possam avaliar se a doutrina do "amor" de Donato (muito exposta nessa ocasião) é católica ou se assemelha mais a doutrinas de divinização do homem.

A pesquisadora Nancy J. Hudson, em sua obra Becoming God afirma que Nicolau de Cusa ensina a theosis.

Que o grupo de estudos da Montfort possa também avaliar se, para ensinar a doutrina da partícula divina, Antônio Donato tem se valido de afirmar que Deus vai para o inferno, junto a sétima morada, existente no condenado (e em todas as demais pessoas):

> "A Santa Teresa, quando ela descreve as moradas ela tem uma coisa bastante curiosa... Que... Ao contrário do que era de se esperar... Porque ela não descreve essas moradas como etapas... Ela diz no livro dela... que... Na verdade, ela... Ela chegou a perceber… Que Deus lhe revelou... Que essas moradas... elas já existem dentro de nós! Todas as sete! Todos nós nascemos com sete moradas. Apesar que são etapas... Apesar de serem etapas que a pessoa vai percorrendo... a estrutura das sete moradas já existe dentro da alma. Então nós nascemos com elas. Então, dentro de nós, nós temos a... Uma espécie de um castelo... Que está dentro da nossa alma. Que tem... a primeira morada. Dentro das primeiras, existem as segundas. Dentro das segundas existem as terceiras... (incompreensível) e vai indo até a... É... A sétima. E ela diz que nesta sétima mora Deus. E mora Deus... mesmo que um indivíduo seja pecador. Quer dizer: Todos nós nascemos com a sétima e que Deus mora. É só quando a gente... É... É se converte ao cristianismo, ou é batizado ou a gente começa uma vida espiritual... que nós que... não ocupamos nenhuma dessas moradas, que elas existem dentro de nós e onde Deus está esperando a nós, na sétima, é que a gente começa a entrar no castelo, pela porta de trás. Pela porta externa. Então quando a gente passa do pecado... É... Para o estado de graça... Nós entramos dentro do castelo... Nós entramos na primeira morada. E a maioria das pessoas, não passa da primeira. Não, Não entra na segunda, na terceira, nem imagina o que que tem... E quando a gente perde o estado de graça a gente é (incompreensível) para fora do castelo. Então as pessoas quando vivem, no pecado elas nem chegam a entrar dentro dele. E isso é uma coisa que... É... Isso é uma coisa... Que... Frequentemente causa um certo desconcerto em quem (incompreensível)… Porque... Você veja só... A... A gente sabe que Deus mora em nós, pela graça. E que no pecador Deus não mora pela graça... E a santa Teresa não nega isso, mas ela diz que todos nós nascemos com a sétima morada, apesar de que a gente está fora dela. Mas são estruturas internas da alma. Que quando a gente... É... Está em estado de graça a gente começa a percorrer esse castelo como uma trepadeira que vai invadindo a periferia e vai chegando no centro. O... É... chegar na última morada é uma coisa difícil... É... Ahm... A maioria dos santos não chega lá. Do... Do... das pessoas muito santas… E... E não quer dizer que a gente não pudesse chegar lá, mas é... É... Não é

> comum. E... Porém, toda essa estrutura já existe dentro de nós. E nasce junto conosco. E a gente não adquire as sete moradas é... pelo batismo, nem pela graça, nem pela confissão... Mesmo o pecador, tem as sete moradas e segundo a santa Teresa, Deus mora, mesmo na alma do pecador, lá na sétima morada, esperando que ele venha. E... apesar dela não dizer isso, a gente conclui que se o fulano morrer no pecado, ele vai para o Inferno com as sete moradas e tudo. Então, o ser humano que vai… Que se condena... Que não se salva... Que vive no pecado... Pode ser um Adolf Hitler... Ele vai para o Inferno, espero que ele não esteja lá, mas... É... Um forte candidato... (Risos) E... Se Adolf Hitler foi para o Inferno, ele foi com as sete moradas e tudo e Deus... e Deus lá, morando na sétima... Esperando ele chegar lá, onde, não vai chegar nunca... E como é que se explica uma coisa dessas?" (Aula sobre Santa Teresa. 23 - 10 - 2011. De 01:15:36 até 01:20:50).

O Livro de Antônio Donato também é recomendado por Olavo, em seu livro O Jardim das Aflições:

> "Sobre o sentido puramente contemplativo da atividade intelectual na Idade Média, v. a tese valiosíssima de Antônio Donato Paulo Rosa, A Educação segundo a Filosofia Perene, apresentada à Faculdade de Educação da USP em 1993 (tese datilografada)." (Livro O Jardim das Aflições - É realizações. Pág 84 (cópia anexada).

Para Mateus Soares de Azevedo, utilizando-se da "terminologia da Filosofia Perene" o termo "contemplação" equivale a esoterismo:

> "(...) O cristianismo surge no contexto de uma civilização já constituída, isso é: O Império Romano. E porque o patrimônio fundamental que Jesus legou constitui uma mensagem... Eminentemente de transcendência, de aperfeiçoamento espiritual pessoal, de ascese. É... Só a posteriori é que essa mensagem também se fez secular. Mas... Além disso, essas palavras indicam... Para usar a terminologia da Filosofia Perene, que o Cristianismo ... Nasce como puro esoterismo. O domínio do exoterismo ficava a cargo de César ou de Roma. É este domínio exotérico, o da ação... Em oposição a contemplação, se tornou como que um apêndice profano, como notou o mesmo Schuon... Da religião." (Vídeo com o título: Mateus de Azevedo Prévia do Evoliano. Disponível para acesso em: Link . De 2:Até 3:25).

No vídeo com o título 2011_09_18_VaticanoII_GreciaAntiga.mp3, disponibilizado pelo canal Montfort, Donato, que habitualmente não faz muitas referências bibliográficas citará Iamblichus (Jâmblico), atribuindo a ele a pesquisa que revelou a passagem de Pitágoras pelo Monte Carmelo:

> "Existe um livro... Sobre a vida do... Do Pitágoras... Que foi escrito por um filósofo grego... Que ele diz que quando... O.… É... O navio que estava levando ele para o Egito... Passou na frente da... Da Palestina... O Tale... O Pitágoras... Ele fez questão que o navio parasse e deixasse ele descer... E aí ele desceu e o livro diz... A... O livro... É... É a vida de Pitágoras, escrita por um.... Filósofo chamado Iamblichus... Ele diz que quando o.... Pitágoras desceu... ... Subiu em cima do Monte Carmelo! E ficou lá alguns meses. Depois quando passou uma... Um outro navio que ia para o Egito, ele desceu (do Monte Carmelo) (...) Subiu (no navio) e foi para o Egito." (De 1:18:05 à 1:19:14).

Na obra The Golden Chain - An Anthology of Pythagorean and Platonic Philosophy de uma editora perenialista World Wisdom, o prefaciador John F. Finamore explicará que, em relação à Pitágoras, é difícil separar verdade de ficção:

> "We do not know much about Pythagoras. Given his fame and large numbers of followers, that may seem strange. We know of multiple biographies of him (four of which are excerpted in Part I,below), but they are all late and suspect. As is the case with all famous individuals, the history of

> Pythagoras took on a life of its own. Stories of miracles, of divine genealogy, and of superhuman wisdom became associated with the philosopher. Making the matter murkier, others began writing treatises under his name. (See the works collected in Part II, below.) It is therefore very difficult to separate truth from fiction, Pythagoras' doctrine from later additions."

O que Donato confirma:

> "Se a história é verdadeira... Pode ser que não seja, ela foi contada assim." (1:20:33 até 120:37).

O prefaciador ainda explica porque o autor citado por Donato, Iamblichus é apreciado pelos perenialistas:

> "Lamblichus presented a unified theory of paganism. He not only saw Plato as a Pythagorean, but he saw both philosophers (and indeed all pagan Greek philosophers, with the exception of the materialists) as part of a continuing source of true knowledge. His unified theory included not only Greek philosophers and poets, but also Egyptians, Chaldeans, and other non- Greek pagans. All were teaching the same Truth, which the upstart Christians had abandoned."

Antonio Donato ensina conceitos da Astrologia, veladamente, assim como Olavo e Henriete?

Nesse mesma aula, pode se ouvir:

> "O que se requer do... Do homem sábio, é uma reflexão profunda... Sobre todas as realidades e ele consiga dizer o que é a essência da coisa. (...) Então o homem sábio ele tem de ser alguém que consiga olhar todas as realidades... Analiticamente, profundamente... E saber exatamente o que cada coisa é.... (...) E existe uma ciência... Para se fazer isso. E essa ciência começou a dese.. Ser desenvolvida entre os gregos e teve um desenvolvimento dentro da Igreja, absolutamente fora do comum! Por incrível que pareça, existe isso! Existe uma ciência que é capaz de... Justamente (...) ignorar os detalhes e ir para a essência das coisas... E discutir... E aprofundar o que é cada coisa até a gente chegar a um quadro… Exato... Do que é o universo, o cosmos inteiro, com todas as suas realidades: humanas e divinas. E quando o indivíduo consegue fazer isso... Está certo? Quando o indivíduo consegue fazer isso... E para fazer isso, ele não precisa usar de microscópio, ele não precisa usar de (...) não precisa usar de vetores... Não precisa usar dessas coisas... Nada disso. Uma coisa dessas... Quando o indivíduo ele sabe como... E... Dizer o que cada coisa é, ele deu o primeiro passo... (...) O segundo passo é o seguinte: Que... Se você souber o que todas as coisas são... Você ainda... Tem... Ideia muito pálida... Do universo... Porque o universo... Não é, simplesmente... A soma de um monte de coisas. Assim como, por exemplo... Se você.. Conhece... A bibliografia de todos os homens, você não sabe o que é a história. É... A História é... É... Possui... Além de.. Do mundo... Uma inter-relação entre todos os fatos... Que é mais profunda... Do que cada um dos fatos em si. Então a... Você saber o que é... Cada uma das coisas... É... Não é um... Um... Uma imagem fiel do universo. Você tem de saber como que as coisas se relacionam umas com as outras. E as coisas se relacionam umas com as outras... É... Por relações... Relações, principalmente causais... Então, além de saber o que são as coisas, você tem que, também, leva... Levar... É... Essa investigação ao conhecimento das causas dessas coisas. Não das causas dos detalhes, porque aí, nu... Aham... Não se acabaria nunca. (...) Mas, além de saber o que é cada coisa você tem de entender a inter-relação causal de todas as coisas. E aí, você começa a entender não só o que são as coisas, mas começa a entender a ordem do universo. " (01:01:45 até 01:06:37).

No artigo A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon, o professor Orlando, citando um artigo publicado na revista Planeta, mostra que Olavo defende que:

> "A astrologia tem, sobre a ciência histórica corrente, justamente a vantagem de permitir um estudo mais amplo, pois o modelo dos ciclos planetários pode articular, numa moldura única e coerente, as várias correntes de causas - econômicas, políticas, culturais, etc. - que contribuem para a elaboração da história: onde o historiador comum se perde ante a variedade dos fatores, o astrólogo (ou o historiador versado em astrologia) elabora rapidamente uma síntese viva e dinâmica do conjunto". (Olavo de Carvalho, A Década de 80. Com que Direito estão Prevendo o Fim do Mundo? artigo in Planeta, Dezembro de 1979, no 87 p.40).

E ainda, na mesma aula sobre o Concílio Vaticano II e a Grécia Antiga, sutilmente, Donato sugestiona sobre a legitimidade do ensino do exoterismo para alguns e do esoterismo para outros:

> "Ele voltou (Depois de ter estudado com os sacerdotes (esotéricos) do Egito) e lá cidadezinha dele ele começou a ensinar Filosofia. Provavelmente essa Filosofia, que ele ensinava, eram coisas que ele tinha aprendido, no Egito, mas... Livre daqueles cânones, daquelas regras, daquele segredo, ele ensinava para os seus compatriotas, da maneira como ele achava bom. Ele... En... Ele... Ele ensinava uma coisa... Outra coisa ele não ensinava... E aquilo que ele percebia que... Valia a pena, ele contava... O que ele achava que não se aplicava... Ele tinha liberdade de não... De nã.... Não ensinar." (De 01:12:40 até 01:13:21).

Donato insinua que Tales de Mileto teria aprendido Astrologia no Egito e a ensinava a um grupo de pessoas a "contemplar o Céu" a "olho nu".

Sorrateiramente, sugestiona a respeito da eficácia da Astrologia, quando narra que:

> "O Tales, inclusive um dia... É... Andando no meio do campo... Colocou o pé em uma armadilha... Para... Ratos ou não sei o quê... E…Tinha uma velhinha lá perto... Que começou a rir da cara dele... Que ele... De tanto olhar o céu, não percebeu que estava na terra. E… Essa... Piada virou anedota na história... Atravessou a história! Todo mundo lembra daquela velhinha... E... O... Um dia o Tales ficou tão… Chateado... É... Dessa e outras piadas... Que ele disse: agora eu vou dar uma lição para todo mundo! Então ele... Ele... Diz que olhando o céu... Ele conseguiu fazer uns cálculos... E descobriu que... Iria ter uma safra... De azeitonas... Na próxima temporada... Absolutamente descomunal! Então ele... É... Pegou um dinheiro emprestado... E comprou todas as... É... Os moinhos de azeitona... As (...) de azeitona que estavam no mercado... Como aquilo não valia nada... Naquela época... Todo mundo começou a rir dele. "É isso que dá ficar olhando para o céu! Então você quer comprar, compre! Inclusive lhe vendemos barato!" Achando que... Já era um bom negócio. E aí ele guardou... De repente veio a safra e onde estavam... É... Os moinhos... As, as (...) de azeitona estava tudo com o Dr. Tales. É... E aí o Tales: "Bom, agora se vocês quiserem, eu alugo... Mas vai custar... O olho da cara... E aí ele cobrou o quanto quis e fez uma fortuna... Na hora que... Terminou a safra... Ele pegou o dinheiro e distribuiu com todo mundo... Disse: "Olha, isso aqui é para vocês não riem mais... Porque eu sou um homem sério... O dia em que eu quiser dinheiro... É... Eu arrumo... Mas não me interessa! Pode ficar com vocês! Eu.. a... Só Eu... Na... Não quero que ninguém fique mais fazendo piada... É... De mim e dos meus alunos." (De 01:13:53 Até 01:16:04).

No contato anterior, registrei uma breve exposição de como o Olavo de Carvalho compreende o ensino do Trivium e Quadrivium.

Aproveito para citar o que filho de Olavo, Luiz Gonzaga de Carvalho, também propõe:

> "No dia em que os bons mosteiros e seminários começarem a ministrar aulas (por meio de professores monges ou leigos amigos) de trivium-quadrivium, cosmologia, religião comparada,

> simbolismo alquímico e, além disso, esses e outros temas semelhantes não forem mais chamados de "gnose" pela maioria do alto clero e dos intelectuais cristãos, aí sim vocês poderão começar a sonhar realisticamente com a tal de "restauração da igreja e da civilização ocidental". Antes disso não é sonho, é puro delírio." (Professor Luiz Gonzaga De Carvalho Neto. Postagem feita em 1 de julho de 2019. Acesso em: Link)

Estarei anexando todas as aulas do curso Trivium e Quadrivium (9 aulas). Para acesso direto, esses são os respectivos links fornecidos pelo site www.sophiaperennis.com.br (após o registro para acesso ao curso):

Link, Link, Link, Link, Link, Link, Link, Link, Link

Quinze dias antes do Congresso da Montfort, tentei me inscrever e ter acesso aos cursos do site do Instituto Sophia Perennis, várias vezes, com dois cadastros diferentes, sem êxito (não era liberada a página de acesso aos cursos). Evidentemente, a primeira coisa a se considerar é a possibilidade que o site tenha tido problemas técnicos, naquela ocasião.

Depois de quinze dias - que correram sem nenhuma nova tentativa - pude ter acesso aos cursos que estou anexando, agora, sem dificuldades, nesse final de semana. Se houve algum problema técnico isso já foi solucionado.

Como os membros da Montfort devem conhecer, o Olavo foi membro da seita Tradição. Informações em:

Link e Link

No entanto, Heloisa de Carvalho tem denunciado que Henriete da Fonseca também teria pertencido a seita esotérica Tradição:

> "Sobre a Inês não sei muito, mas, sei que seu marido e diplomata, e sua mãe desde a época da seita Tradição mantém estreita amizade com membros da cúpula da seita, os irmãos Rizek, inclusive um deles é pai da filha da Sra.Henriete Fonseca que também acompanha o Guru Olavo desde a época da seita, sendo que a mesma ainda continua com estreita ligação com Olavo, cada um com seus amigos, né?" Link Esse conteúdo foi publicado inicialmente no site Prometheo Liberto)

E ainda:

> "A seita Tradição... Tá gente? O grupo, eu não sei se continua com o mesmo nome, até hoje, mas essas pessoas ainda estão, tá, na seita, com o mesmo propósito e com as mesmas coisas. Inclusive... (...) Tem uma pessoa que foi casada com um dos chefes da cúpula da Tradição, no Brasil, e depois, virou "católica" e é professora.. De catecismo, né? É professora de catecismo, né? Estava lá na seita, com orgias, aborto, lavagem de dinheiro, né? E hoje virou católica, professora de catecismo... (...) Só que é o seguinte: as amizades dela ainda continuam com no núcleo desse povo da seita... Então você saiu da seita? (Heloisa de Carvalho & Projeto Ezequiel 33: O Outro Lado do Odalisco. Transmitido ao vivo em 20 de Maio de 2019. Em: Link De 2:40:06 até 2:41:25. Não é recomendável assistir o vídeo inteiro, pois há muita exposição pornográfica).

Segundo o próprio Olavo de Carvalho, em uma publicação em sua conta no twitter, na data de 19 de set de 2017, a amizade com Henriete Fonseca dataria de quatro décadas: Link .

Henriete, no curso Santo Rosário do site www.shophiaperennis.com.br já começa sua palestra explicando espiritualidade (mais especificamente a espiritualidade de Santa Teresa D`Ávila) utilizando termos astrológicos e alquímicos: crepúsculo (também denominado noite) aurora e esplendor (também denominado dia):

"Se a gente imaginar que há um mesmo sol, ao longo de um dia, nós vamos perceber que em diferentes momentos, ele tem diferentes qualidades. Então vamos supor que a gente começasse com o... O crepúsculo... Depois a aurora… O sol nasce... Depois a luz que se estabelece... E essa luz ela cresce e ela tem uma visibilidade maior e perfeita que seria um esplendor."

(Henriete Fonseca. Santo Rosário. Palestra ministrada, disponilibilizada pelo site www.shophiaperennis.com.br . De 4:09 até 04:42).

Vejam:

> "No Aurora consurgens, texto alquímico atribuído a Santo Tomás de Aquino, a sabedoria surge com o raiar do dia, com a “hora de ouro”, com a passagem da escuridão da noite para a claridade do dia, associada ao ouro." (Artigo Alquimia, Ocultismo, Maçonaria: o ouro e o simbolismo hermético dos cadinhos (séculos XVIII e XIX) - Tania Andrade Lima Marília Nogueira da Silva).

A Alquimia de Olavo de Carvalho, explicada brevemente aos leigos, pelo Maçom José Castellani:

> "Para as ordens iniciáticas, a luz que o Sol representa é a do conhecimento, do esclarecimento mental e intelectual e não aquela emanada dos corpos materiais. Esse conceito tem, em grande escala, base na alquimia, que muito influenciou tais ordens. A Grande Obra, ou Obra do Sol, era, para a alquimia prática, a transmutação dos metais inferiores em ouro; entretanto, para a alquimia oculta, que despreza o ouro material, a Obra do Sol consistia no constante renascer, para que o iniciado percorresse o caminho do aperfeiçoamento e do conhecimento, até chegar à comunhão com a divindade, conceito muito parecido com os do hinduismo e os da doutrina de revelação do mitraismo persa. Assim, os metais inferiores simbolizam as paixões humanas e os vícios, que devem ser combatidos e transformados em ouro do espírito, que é o objetivo da Obra do Sol." (A Maçonaria e a Astrologia. José Castellani. Pag. 32 e 33).

Não é possível de se verificar se essa doutrina Henriete adquiriu a partir do tratado alquímico atribuído a São Tomás, mas é possível que ela a transmita a partir do que Jung escreveu sobre o Aurora Consurgens.

Link para acesso direto a palestra O Santo Rosário, disponibilizado pelo site (após registro para acesso): Link e para a palestra O protagonismo dos pais na formação espiritual dos filhos (também ministrada por Henriete): Link .

No dia 14 de Julho desse mês (2019):

> "Em uma ação nas redes sociais, o MEC lançou um "horóscopo do estudo", apontando a relação de Weintraub com o guru do clã Bolsonaro, principal responsável pela participação do ministro no governo."

(Ver informação em: Link).

Além disso:

> "Santos Cruz sofria pressão cada vez maior da ala olavista, capitaneada pelo vereador Carlos Bolsonaro (PSC/RJ),para aprovar o projeto para divulgação da doutrina do guru na comunicação oficial do governo.
> Na primeira reunião de Cruz com Fábio Wajngarten, secretário de Comunicação da Presidência (Secom), próximo de Carlos Bolsonaro, apresentou ao ministro o projeto de pagar 320 mil reais por mês ao astrólogo, que foi rejeitado.

> O projeto foi apresentado uma segunda vez, desta vez pagando R$ 400 mil a Olavo. Novamente foi rejeitado por Santos Cruz.
> Antes de ser demitido, Santos Cruz sofreu um processo de fritura no cargo que durou mais de um mês, sendo alvo de ataques constantes nas redes sociais de Carlos Bolsonaro e do próprio Olavo."

(Informações em: Link).

Olavo ainda está se dedicando a difundir a sua doutrina Astrocaracterológica. No contato anterior anexei uma aula que foi ministrada em 2010, como se fosse apenas conteúdo de psicologia (sem referências a Astrologia): Aula 83 do Curso Online de Filosofia em 13/11/2010.

Em 2008:

Olavo divulga a Apostila sobre as 12 camadas da personalidade, que faz parte do Curso Online de Filosofia. (Anexo)

Em 2014:

Aula 253 do Curso Online de Filosofia. 21/06/2014. (Arquivo em mp4 anexo)

Em 2015:

Curso Avulso "A Formação da Personalidade" com 6 aulas ministradas de 18 a 23/05/2015.

Aula 294 do Curso Online de Filosofia em 06/06/2015.

Em 2017:

Extra do Filme "O Jardim das Aflições" com o tema: "As Doze Camadas da Personalidade". (Não está disponível mais à venda, no site www.vimeo.com . Há vários pequenos trailers no Youtube, sobre essa aula extra. Um exemplo: Link).

Em 2018:

Documentário "Bonifácio - O Fundador do Brasil" que mostra a vida de José Bonifácio de Andrada e Silva, patriarca da independência brasileira, utilizando como eixo investigativo a “Teoria das Camadas da Personalidade’. (Informações obtidas em: Link)

Em 2019:

Divulgação do documentário "Milagre" de Mauro Ventura, com participação de Wolfgang Smith.

O Geocentrismo e o Terraplanismo são conceitos muito importantes para os cálculos da Astrologia.

Olavo já manifestou, diversas vezes, defesa a esses conceitos em cursos avulsos. Também em aulas que foram disponibilizadas no Youtube:

Entretanto (até onde foi possível verificar) ele não correlaciona a defesa desses conceitos com a defesa da Astrologia.

O próprio Bernardo Kuster sai em defesa do terraplanismo, apoiando Olavo, afirmando que Wolfgang Smith (defensor do terraplanismo) tem "considerações ótimas sobre isso":

> "Estou assistindo a um documentário no Netflix sobre os defensores da Terra Plana e, meu Deus, nem entre si eles concordam. Há diversas facções e brigas internas por diversas razões. Estou pasmo

> com o tamanho do movimento. Wolfgang Smith tem considerações ótimas sobre isto." (Publicação em sua conta oficial do twitter, em 20 de Março de 2019. Disponível para acesso em: Link).

Citando Olavo, o professor Orlando registrou no artigo A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho:

"Na religião islâmica, há uma série de práticas interiores das ordens místicas, que têm pouco a ver com as obrigações legais e rituais da religião coletiva, mais se destinam a utilizar a substância das paixões mais inferiores, mais violentas, como matéria-prima que, queimada no forno, no altar da prática mística, se converterá em virtude, em conhecimento espiritual, naquele sentido em que é possível dizer, com Sto. Agostinho, que as virtudes são feitas da mesma matéria dos vícios: partindo dos vícios, tomando-se como matéria-prima e queimando-os no forno da meditação e da concentração, o pecado se substitui pela graça."(Olavo de Carvalho, René Girard e a Coletividade Homicida, Transcrição de intervenção na mesa redonda em torno do pensamento de René Girard, realizada no anfiteatro da Universidade (Rio de Janeiro, 17- XI- 2.000, publicado em Link).

Onde ele acrescenta:

> "Certamente você percebeu como Olavo coloca as paixões mais violentas, o vício, o pecado, como fonte de conhecimento espiritual, isto é, de Gnose. Nesse texto de Olavo, fica patente, ainda, - apesar de uma vaga citação de Santo Agostinho, que não se sabe de onde foi extraída --, que ele acha possível a transmutação alquímica da matéria prima das paixões mais baixas em virtude, justificando o antinomismo, num misterioso "forno" místico-dialético."

Teriam alunos do Olavo "vivenciado" as doutrinas de "metafísica do sexo" no Instituto Olavo de Carvalho, em Curitiba?

Gostaria de pedir a Montfort para que pudesse verificar a possibilidade - para o bem das pessoas mais simples - de se obter informações a respeito dos exorcismos realizados em alunos do Olavo e até mesmo no próprio ambiente do Instituto Olavo de Carvalho, pelo padre exorcista Jorge Morkis.

Sendo relevante, que a Montfort possa divulgar as informações obtidas, publicamente. Não se trata se expor os pecados do Olavo ou de fazer sensacionalismo com esse assunto, mas de mostrar às pessoas mais simples, as práticas, o modo de operar, até onde vão, as últimas consequências da doutrina perenialista (ao menos a doutrina praticada no Instituto Olavo de Carvalho) que o professor Orlando, antes mesmo de conhecer os escândalos do Olavo, já tinha desmistificado, teoricamente, e prevenido.

O núcleo organizado pelo Olavo tem apresentado curioso interesse pela pequeníssima cidade de Foz:

Felipe Nery já palestrou na cidade em duas ocasiões. (arquivos em JPG anexos)

Ano passado, em Maio, o próprio Donato palestrou no Centro Cultural Hugo de São Vitor. (Algumas pessoas da nossa paróquia foram convidados para essas palestras dos dias 12 e 13 de Maio, mas não nos foi comunicado o nome do palestrante até a data. Foi-nos informado apenas que se tratava de uma pessoa muito santa e que era o diretor espiritual do Padre Paulo Ricardo).

No final do ano, Olavo se empenhou em uma videoconferência para o Evento Cúpula Conservadora das Américas, realizado em Foz.

(Informações em: Link e Link)

Nos seis primeiros meses de governo, o presidente já visitou Foz em duas ocasiões: (Informações em: Link e Link)

Na primeira semana de Agosto virão Bernardo Kuster e a deputada Chris Tonietto à cidade de foz para o I Fórum Católico Paranaense:

(Informações em: Link e Link)

E agora o próprio filho do Olavo, o Luiz Gonzaga está organizando o Evento ICLS para ser sediado na cidade, em Novembro.

(Informações em: Link

Ainda é oportuno citar que o outro filho do Olavo, o Tales, que a Heloisa afirmou ser chefe de uma tariqa, no Brasil, mudou-se para o Paraguai.

Contudo, fiquei contente em descobrir, recentemente, que alguns de meus amigos que estavam envolvidos com as atividades do centro cultural do Donato, se afastaram.

Agradeço novamente a atenção e agradeço sinceramente pelas orientações da Montfort.

Peço desculpas, novamente, por não poder nesse momento revisar o texto, pelos erros de digitação e sintaxe, os erros das transcrições e qualquer coisa que se refira a conteúdo.

SOBRE O PERENIALISMO (Fernanda Conforto)

CARTA III

Bom dia a Alberto Zucchi e a todos os membros da Montfort!

Antes de tudo: peço desculpas por ter escrito o nome de Alberto Zucchi errado, nos emails anteriores.

Peço para que verifiquem, apesar da grande quantidade de cartas que recebem - se disporem de tempo - se alguma das informações contidas nesse novo email podem ser úteis. Escrevo, novamente, como aluna e amiga da Montfort, com a intenção de auxiliar nos estudos que o grupo já está desenvolvendo. Foi primeiro a Montfort que nos alertou a respeito das obras do Olavo e, recentemente, sobre as gravações do Antônio Donato. Devido a extensão desse texto e por causa da dificuldade de tempo para finalizá-lo, a conclusão dessa exposição enviarei nos próximos dias (se Deus o quiser). A conclusão estará mais focada nas aulas gravadas do Donato, com os títulos Sabedoria Segundo Aristóteles, de 27 de setembro de 2011 e Santo Agostinho I, de 2 de outubro de 2011, que são as aulas seguintes àquela que já foi exposta pela Montfort.

Começo fazendo uma exposição mais detalhada sobre o que foi relatado no email anterior: o ensino de astrologia, também por Antônio Donato.

Primeiro ponto: A respeito da anedota sobre Tales de Mileto contada por Antônio Donato, na aula Concílio Vaticano II:

Trata-se de uma história que foi escrita por Aristóteles, que é considerado "a maior fonte de conhecimento" a respeito de Tales:

> "According to Aristotle, Thales studied the stars to make unusually accurate predictions about future weather conditions, coming to the conclusion that the olive crop would be “bountiful,” in other words, there would be an excellent season in the fall. Thales was clever enough to take advantage of his prediction. Although he didn’t have a lot of money, he quietly approached the owners of the olive presses (the presses were used to convert olives into olive oil) to make an offer.
> He paid each owner a deposit (or premium) to reserve the olive presses during the harvest. For a small deposit, the owners would hold or reserve the olive presses exclusively for Thales during the autumn. Because no one believed that Thales could predict the weather nine months into the future, no one bid against him. Therefore, Thales paid very little for the right to reserve the olive presses.
> As it turned out, Thales’s prediction was correct. It was an excellent year for olives, and the demand for the olive presses was enormous. Thales sold his option contract (which was the right to use the olive presses) to the olive farmers for a huge profit." (Excerto retirado do livro Understanding Options, de Michael Sincere. Pág. 17).

Essa anedota já foi objeto de defesa da astrologia, pelos astrólogos e de crítica, pelos cientistas - muitas vezes - ao longo dos séculos. É possível encontrar a repetição dessa história em muitos livros de astrologia e também em muitos escritos de críticos que, no caso, limitam-se a encerrá-la na repreensão feita pela mulher a Tales (no site Wikipedia há algumas referências dos críticos):

> "The Astrologer who Fell into a Well is a fable based on a Greek anecdote concerning the pre-Socratic philosopher Thales of Miletus. It was one of several ancient jokes that were absorbed into Aesop's Fables and is now numbered 40 in the Perry Index. During the scientific attack on astrology in the 16th–17th centuries, the story again became very popular." (Excerto extraído de: Link).

Antônio Donato poderia assegurar que descreveu apenas uma proeza astronômica ou ainda que seria muito difícil definir Tales - hoje - apenas como um astrônomo (como postulam vários autores racionalistas) ou sustentá-lo apenas como um astrólogo, desconsiderando-se a realidade da época em que ele viveu.

Olavo de Carvalho concordaria:

> "Se você acompanhar tanto o debate que houve... Entre o século XVI e XVII... Como aquele que reaparece no século XX... Você verá que... É... A... A necessidade de impulso... De tomar posição pró ou contra foi tão forte... (...) O mais interessante aí... É que todo o debate, tanto naquela época, quanto no... No século XX... Se trava em torno da explicação... Ou da teoria... Que estaria subentendida na astrologia. Sem prestar muita... Vamos dizer... Na verdade, sem prestar mais mínima atenção... Ao fenômeno em si... Ou seja... O que... A impressão que o debate dá... É que... Existe um corpo de doutrinas, chamado astrologia... Está certo? Que inclui... Uma... Vamo... Uma... Uma justificação das técnicas usadas pelos astrólogos e que por outro lado, existe... Um corpo de objeções... A... A essa teoria... Mas... Na verdade, até a época... É... De... Em que aparece... Esse debate... Não havia teoria astrológica alguma! Ahm? O próprio... O próprio Weil o reconhece... Vamos ver... (foleando o livro A Filosofia de Pietro Pomponazzi. Pico Della Mirandola e a Crítica a Astrologia, de Eric Weil) Ele diz aqui... É... É... Não existe... Não existe... "Não existia filosofia da astrologia, nem mesmo metodologia. Os profissionais se atinham aos limites de sua técnica e evitavam, cuidadosamente, toda a reflexão sobre os princípios e sobre suas consequências possíveis. Em consequência, a astrologia, havia se tornado no fim da idade média, uma construção das mais curiosas, sem plano, sem unidade, sem organização." (Raízes da Modernidade. Aula 3. A partir de 02:08 até 06:21).

Inclusive Olavo, nessa aula, pode sutilmente ter recomendado Pico Della Mirandola a seus ouvintes, uma vez que, em mais de uma oportunidade, o apresenta como crítico da astrologia. No entanto, em uma das obras indicadas pelos discípulos da Astrocaracterogia de Olavo (Mais informações em: Link) recomenda-se que não se deve “precipitadamente” considerar a possibilidade de Pico ter sido inimigo da astrologia:

"Em seu polêmico escrito Disputationes adversam, astrologiam divimtricem (“Crítica à adivinhação astrológica”), que, na edição de 1495, contém não menos que 360 páginas in-fólio, Pico desenvolve, sobre o pano de fundo de seu projeto sobre a liberdade do homem, uma crítica fulminante à astrologia. Porém, como no caso de Ficino, não deveríamos fazer precipitadamente uma crítica rigorosa ou uma separação entre o Pico “anterior” de orientação mítico-cabalística — Pico foi um importante transmissor da cabala judaica para o cristianismo — e o Pico “posterior”, que, agora purificado e esclarecido, condena a astrologia como superstição.

Antes de tratar das características básicas dessa argumentação, é importante lançar um olhar sobre a biografia de Pico. De início, era o festejado sábio da academia platônica dos Medici em Florença, mas viu-se em dificuldades quando o papa Inocêncio VIII proibiu-lhe um debate público no qual pretendia expor a conciliabilidade da filosofia platônica com a cabala judaica e a religião cristã. Assim, desde cedo, sentiu aversão pela influência dos poderosos da Igreja sobre a liberdade científica; no que concerne à crítica à astrologia, uma profecia elaborada por três astrólogos, entre eles seu adversário Lucius Bellantius, um médico de Siena, deve tê-lo atiçado ainda mais.

Previram que não sobreviveria a seu 33º aniversário. Quando Pico morreu, pouco antes da publicação de Disputationes, em 17 de novembro de 1494, ou seja, com quase 32 anos de idade, muitos logo admitiram que “os astros haviam contestado Pico”. Também o seu amigo e aliado na luta contra uma astrologia que oprimisse o homem, o monge dominicano florentino Girolamo Savonarola (1452-98), seria apanhado por um trágico fim, pois foi queimado publicamente em Florença. Críticos da astrologia eram freqüentemente também inimigos da autoridade eclesiástica, e, enquanto Ficino buscava uma síntese entre cristianismo, platonismo e ciência dos astros, Pico e Savonarola, ao insistirem na liberdade humana, tornaram-se forçosamente alvo do poder cristão." (História da Astrologia - Da antiguidade aos nossos dias. Kocku Von

Stuckrad. Pág. 231 e 232).

Essa mesma “prudência” foi proposta para Marsilio Ficino:

> "Sua relação (Marsilio Ficino) com a astrologia não é fácil de ser decifrada, pois redigiu escritos claramente contra a astrologia e, por outro lado o que foi demonstrado por Paul Oskar Kristeller, um importante intérprete de Ficino — , ateve-se até a sua morte a uma forma prática de astrologia que se poderia designar de filosófico-mágica. (...) O que Ficino, como muitos de seus contemporâneos, rejeitava como ofício desonroso era a mera fabricação de mapas astrais. Essa rejeição, no entanto, não obstava uma intensa ocupação com a astrologia, o que se pode perceber nos seus interesses relativos à medicina e também na sua correspondência." (História da Astrologia - Da antiguidade aos nossos dias. Kocku Von Stuckrad. Pág. 228 e 229).

No entanto - ainda na aula 3 do curso Raízes da Modernidade - se obtém, a partir de Olavo, um precioso esclarecimento sobre a época de Tales:

> "Ele (São Tomás de Aquino) segue, de modo geral, a orientação de Aristóteles que diz que tudo o que se move no mundo sublunar... É predeterminado.. Pelos movimentos... Dos astros no céu, está certo? É... No entanto... Vamos dizer... No contexto antigo, greco-romano, essa ideia estava associada a divindade... Dos astros." (Raízes da Modernidade. Aula 3. 21:04 até 21:34).

Como Antônio Donato (com a narração da anedota de Tales) Olavo de Carvalho também oferece a seus alunos, um exemplo bem-sucedido de prática astrológica. Todavia, ele é bem menos sutil que Donato:

> "Existiu aqui, nos Estados Unidos, um famoso.... Meteorologista... Da rádio RKO... É... Que durante trinta anos, fazia... Previsões meteorológicas... Com critério puramente astrológico... É... E o homem era de uma exatidão formidável!" (Curso Raízes da Modernidade. Aula 3. De 40:59 até 41:15).

Curiosamente a aula Vaticano II e Grécia Antiga foi gravada um mês antes (18/09/2011) de Olavo de Carvalho disponibilizar o seu curso Raízes da Modernidade (17 e 22 de outubro de 2011) (Ver mais informações em: Link). Ambos ensinam, quase que simultaneamente (diferença de poucos dias), a mesma doutrina de astrologia e recomendam exemplos bem-sucedidos que a praticaram. E ainda: ao longo da aula 3 do curso Raízes da Modernidade, Olavo discorrerá sobre conceitos alquímicos (alquimia espiritual) que já ensinou em 1996 - explicitamente - em seu curso de Alquimia. Donato, por sua vez, ensinará conceitos alquímicos, embiocados, na sua aula seguinte, em 27/09/2011 que tem o título Sabedoria Segundo Aristóteles.

Veja a Montfort que o que é alegado por Antônio Donato não é verdadeiro: considerando-se o material que estou citando - nesse texto - não somente Olavo e Donato ensinaram a mesma doutrina como ainda a ensinaram em um período de poucos dias de diferença.

Olavo e Donato planejam juntos suas iniciativas, visando um objetivo comum?

Na obra The Jesuits II, no capítulo em que menciona-se que ensinava-se astrologia e quiromancia, nas aulas de matemática no colégio jesuíta Santo Antão, em Lisboa (o primeiro colégio jesuíta fundado em Portugal) no século XVII e XVIII, um professor jesuíta - favorável a astrologia - teria se preocupado em fazer uma distinção a respeito da astronomia e da astrologia:

> "The Jesuit teacher then addresses the difference between astronomy and astrology. This is an important point, because prior to being exposed to these lessons on astrology the students had

studied cosmography and astronomy.
'Astronomy is a science that speculatively considers the number, order, and movement of the starry bodies using the certain and evident demonstrations of geometry and arithmetic. Astrology is like a practical science that, from these speculations, declares the effects that the celestial bodies cause.' Thus, one more clarification: astrology is a practical science. The epistemological content of astrology is not questioned, but it is clearly distinguished from the 'certain and evident' mathematical foundation of astronomy. Astrology is therefore defined by its triple characterization as a natural, mixed, and practical science. Moreover, astrology is subordinate to astronomy, because it is from the 'speculations' of astronomy that the effects of the planetary configurations can be established." (The Jesuits II, Cultures, Sciences and The Arts 1540-1773. Editado por John W. O'Malley, S.J. Gauvin Alexander Bailey, Steven J. Harris, T. Frank Kennedy, S.J. Pág. 376).

E logo a seguir, o professor afirma que Tales de Mileto foi beneficiado pela astrologia:

" Commenting on the benefits of astrology, the teacher mentions the rather prosaic, but by no means unimportant, fact that, 'with astrology, Thales of Miletus was able to guess the scarcity of olive oil, and in that way was able to make so much money that he became extremely wealthy.'" (The Jesuits II, Cultures, Sciences and The Arts 1540-1773. Editado por John W. O'Malley, S.J. Gauvin Alexander Bailey, Steven J. Harris, T. Frank Kennedy, S.J. Pág. 379).

Observação: O autor do texto salienta que eram poucos os professores jesuítas que ensinavam essas doutrinas e que Companhia de Jesus condenou a astrologia e a quiromancia em algumas obras:

"Following these papal condemnations (Bull Coeli et terrae of Pope Sixtus V, issued on 5 January 1586, condemning astrology and bull of Pope Urban VIII Inscrutabilis judiciorum Dei, of 31 March 1631) several members of the Society of Jesus wrote important anti astrological and anti-divinatory books. Among the various Jesuit works against these practices the two most famous and influential were the Adversus fallaces et superstitiosas artes (1591) by Benito Pereira, and the In astrologos coniectores libri quinque (1615) by Alessandro de Angelis." (The Jesuits II, Cultures, Sciences and The Arts 1540-1773. Editado por John W. O'Malley, S.J. Gauvin Alexander Bailey, Steven J. Harris, T. Frank Kennedy, S.J. Pág. 373).

Em um dos livros recomendados pelos discípulos da Astrocaracterologia de Olavo de Carvalho (Mais informações em: Link) pode-se ler sobre a importância de Tales para o desenvolvimento da astrologia na Grécia (que é considerado por alguns autores como o primeiro dos astrólogos/astrônomos):

"Se cuenta de Tales de Mileto, el primer filósofo de la historia occidental, que mientras paseaba contemplando absorto las estrellas cayó en un pozo, del cual fue rescatado por una hermosa sirvienta, quien se burló de el debido a que por estar tan ocupado indagando lo que habia en el firmamento no veia lo que estaba ante sus pies: una observación nada desatinada a un filósofo. Quizas a causa de su experiencia con el pozo, Tales dijo que todas las casas estaban hechas de agua. Otro de los primeros filósofos griegos sostuvo que la materia primordial del universo era el aire, y otro que el fuego. Añdase la tierra a estos tres y tenemos los cuatro elementos -tierra, aire, fuego Y agua- que encontraremos una y otra vez en esta exposición.
Tales vivió en el siglo VI a.C., antes de que la astrologia se introdujera en el mundo griego. Empero, ni el, ni la contemplaci6n de las estrellas, ni la filosofia, ni tampoco el que fuera rescatado porla joven sirvienta carecen de importancia.
La contemplación de las estrellas es, por supuesto, mucho mas antigua que la filosofia Y mas que la historia; y los filósofos absortos estan aun entre nosotros, lo mismo que el sentido comun de las sirvientas. No obstante la conjunción de la contemplación de las estrellas, la filosofia y Grecia nos conduce en la forma debida a las raices de nuestro

> tema, ya que se trata de la historia de la astrologia europea occidental, y este supuesto arte antiguo sigue siendo hoy muy similar a como lo concibieron los griegos. Fueron ellos quienes a Ia contemplación de las estrelias, a su magia y sus conjuros aiiadieron Ia filosofia, añadieron la geometria y el pensamiento racional sobre ellos mismos y su universo, para crear asi el arte de la astrologia. Tambien fueron ellos quienes escribieron los antiguos textos de dicho arte en los cuales se sustentaria toda la astrologia posterior." (Historia de La Astrologia Occidental. S. Jim Tester. Pág. 11).
>
> Ainda segundo Jim Tester, a astrologia se desenvolveu tardiamente na Grécia e Pitágoras (escolas pitagóricas) (discípulo de Tales de Mileto) contribuiu para "preparar o terreno" para que as ideias astrológicas fossem aceitas pelos gregos:
>
> "El pitagorismo, Platon y Aristoteles, y en cierto grado la religion orfica (proveniente del este y que tambien influyo en Platon), prepararon el terreno para la recepcion de las ideas astrologicas." (Historia de La Astrologia Occidental. S. Jim Tester. Pag. 29).

Teria sido oportuno que Antônio Donato - que é recomendado como um professor católico e que se preocupa em registrar que (ao menos algumas de) suas aulas (gravadas) estão sendo realizadas no espaço da Paróquia Nossa Senhora do Brasil, em São Paulo - após a narração da anedota - considerando a possibilidade de se haver interpretação inconsciente favorável à astrologia - fizesse uma pequena observação a respeito das condenações que a Igreja fez a essa falsa ciência (e que não são poucas). Alberto Zucchi já havia exposto que Donato deveria ter condenado as doutrinas diabólicas dos egípcios.

Considerando-se que teria sido uma desatenção do Donato, teria ele, em suas manifestações recentes, se preocupado em fazer a condenação, após a observação da Montfort?

Questionado a respeito dessa nova desatenção (ou omissão) será que Donato silenciaria ou até mesmo alegaria que não há nada de errado com uma "astrologia natural" assim como o professor do Colégio Santo Antão, em Lisboa justifica que a condenação feita pela Igreja refere-se apenas a uma "astrologia supersticiosa", enquanto cita, entre outros autores, Girolamo Cardano (Jerônimo Cardan), como referência de uma astrologia boa (ou legal):

> "The lawfulness of astrology is defended not only by Aristotle, Ptolemy, and many other ancient astrologers, but also by many Catholic authors of the present time, such as Luca Gaurico, Giuntini, Miguel de Petrasancta, Cardano, Firmico, Stöfler, and Stadius. Among the ancient Fathers can be found important eulogies of astrology. The list of these is impressive: Eusebius, Origen, Jerome, Albert the Great, Bonaventure, and, above all, Thomas Aquinas." (The Jesuits II, Cultures, Sciences and The Arts 1540-1773. Editado por John W. O'Malley, S.J. Gauvin Alexander Bailey, Steven J. Harris, T. Frank Kennedy, S.J. Pág. 377).

Olavo de Carvalho recomenda Girolamo, sutilmente, a seus alunos:

"Foi ele (Juan Alfredo César Müller) quem me indicou as raízes da psicologia moderna na alquimia e na astrologia da Idade Média e da Renascença, fazendo-me estudar Paracelso e Fludd, Jacob Boehme, Morin de Villefranche e Jerônimo Cardan." (Excerto retirado da descrição do Curso Conceitos fundamentais de psicologia. Disponível para acesso em: Link).

Aproveito a oportunidade para recordar que, para alguns autores, o astrólogo Cardano foi a primeira pessoa (relevante) a estabelecer elo entre as doutrinas dos sacerdotes do Egito e a teologia de São Tomás, em seu tratado De Immortalitate Animorum:

> "Cardano`s attempt to confute Alexander (despite his repeated assurantes that he equally adheres to the way of argumentation that is specific to the philosophy of nature looses its ways and enters the field of theology , where it proceeds to identify Peripatetic doctrines that correspond with Christian dogmata and establishes a very-far-reaching correspondence between philosophy and religion,

> which is said to cover all of philosophy from Hermes Trismegistos to Thomas Aquinas." (Alexander of Aphrodisias and his Doctrine of the Soul: 1400 Years of Lasting Significance, de Eckhard Kessler. Pág. 49 e 50).

Veja a Montfort, o excerto do Immortalitate Animorum:

> "Sic igitur animi natura philosophis innotuit, sensim initio, ut diximus, facto a Trismegisto, inde per Pythagoram, Anaxogoram, Pherecidem, Alcmeonem, Socratem, Platonem, Aristotelem, Theophrastem, Photinum, Iamblicum, Synesium, Michaelem Ephesium, Themistium, Amonium, Simplicium, Ioannem Grammaticum, Avicennam, Averroem, Albertum et Thomam, adeo res haec proxima ad veritatem accessit, ut in naturali lumine iam nil amplius desiderare possimus, cum ad scopum ferme pervenerint." (Alexander of Aphrodisias and his Doctrine of the Soul: 1400 Years of Lasting Significance, de Eckhard Kessler. Pág. 50).

E Antônio Donato? Teria ele coragem de recomendar abertamente o astrólogo Cardano? Donato - assim como Girolamo Cardano - recomenda Iamblichus em sua exposição a respeito do elo desde a "sabedoria" dos sacerdotes do Egito (representado, por Cardano, por sua figura mais eminente: Hermes Trimegistro) até Santo Tomás de Aquino (conforme se verifica no excerto citado acima).

E o astrólogo, cabalista e alquimista Marsílio Fisino? Donato recomendaria expressamente a seus alunos? No livro Philosophia Perennis - Historical Outlines of Western Spirituality in Ancient, Medieval and Early Modern Thought, Wilhelm Schmidt Biggemann pode-se ler que Ficino - assim como Donato - também recomenda Iamblichus:

> "In his letter “Concordia Mosis et Platonis”, Ficino adopts this theory and claims all Presocratic philosophy to be part of the Mosaic theology of creation. He founds his claim on the philosophical and theological interpretation of the prologue to St. John’s gospel: “In the beginning was the Word, and the Word was with God, and the Word was God. He was in the beginning with God. All things were made through him, and without him was not anything made that was made.” For Ficino, this prologue provides the framework for a coherent reading of the Bible, Plato, Philo, Plotinus, Iamblichus, and Proclus." (Philosophia Perennis - Historical Outlines of Western Spirituality in Ancient, Medieval and Early Modern Thought. Wilhelm Schmidt-Biggemann. Pag. 34).

Segundo ponto: A doutrina astrológica da influência astral compartilhada por Olavo e Donato:

Conforme citei no contato anterior, no artigo A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon, o professor Orlando Fedeli - citando um artigo publicado na revista Planeta - mostra que Olavo defende que:

> "A astrologia tem, sobre a ciência histórica corrente, justamente a vantagem de permitir um estudo mais amplo, pois o modelo dos ciclos planetários pode articular, numa moldura única e coerente, as várias correntes de causas - econômicas, políticas, culturais, etc. - que contribuem para a elaboração da história: onde o historiador comum se perde ante a variedade dos fatores, o astrólogo (ou o historiador versado em astrologia) elabora rapidamente uma síntese viva e dinâmica do conjunto." (Olavo de Carvalho, A Década de 80. Com que Direito estão Prevendo o Fim do Mundo? artigo in Planeta, Dezembro de 1979, no 87 p.40).

Donato por sua vez, em sua aula Concílio Vaticano II e Grécia Antiga, gravado em 18 de setembro de 2011:

> "O que se requer do... Do homem sábio, é uma reflexão profunda... Sobre todas as realidades e ele consiga dizer o que é a essência da coisa. (...) Então o homem sábio ele tem de ser alguém que consiga olhar todas as realidades... Analiticamente, profundamente... E saber exatamente o que cada

> coisa é.... (...) E existe uma ciência... Para se fazer isso. E essa ciência começou a dese.. Ser desenvolvida entre os gregos e teve um desenvolvimento dentro da Igreja, absolutamente fora do comum! Por incrível que pareça, existe isso! Existe uma ciência que é capaz de... Justamente (...) Ignorar os detalhes e ir para a essência das coisas... E discutir... E aprofundar o que é cada coisa até a gente chegar a um quadro... Exato... Do que é o universo, o cosmos inteiro, com todas as suas realidades: humanas e divinas. E quando o indivíduo consegue fazer isso... Está certo? Quando o indivíduo consegue fazer isso... E para fazer isso, ele não precisa usar de microscópio, ele não precisa usar de (...) não precisa usar de vetores... Não precisa usar dessas coisas... Nada disso. Uma coisa dessas... Quando o indivíduo ele sabe como... E... Dizer o que cada coisa é, ele deu o primeiro passo... (...) O segundo passo é o seguinte: que... Se você souber o que todas as coisas são... Você ainda... Tem... Ideia muito pálida... Do universo... Porque o universo... Não é, simplesmente... A soma de um monte de coisas. Assim como, por exemplo... Se você.. Conhece... A bibliografia de todos os homens, você não sabe o que é a história. É... A História é... É... Possui... Além de.. do mundo... Uma inter-relação entre todos os fatos... Que é mais profunda... Do que cada um dos fatos em si. Então a... Você saber o que é... Cada uma das coisas... É... Não é um... Um... Uma imagem fiel do universo. Você tem de saber como que as coisas se relacionam umas com as outras. E as coisas se relacionam umas com as outras... É... Por relações... relações, principalmente causais... Então, além de saber o que são as coisas, você tem que, também, leva... Levar... É... Essa investigação ao conhecimento das causas dessas coisas. Não das causas dos detalhes, porque aí, nu... Aham... Não se acabaria nunca. (...) Mas, além de saber o que é cada coisa você tem de entender a inter-relação causal de todas as coisas. E aí, você começa a entender não só o que são as coisas, mas começa a entender a ordem do universo. " (Concílio Vaticano II e Grécia Antiga. Antônio Donato. Aula gravada em 18/09/2011. A partir de 01:01:45 até 01:06:37).

Conforme mencionei no início do texto, Olavo e Donato ensinaram a mesma doutrina para seus alunos, em curto espaço de tempo.

Parece que Olavo não estava brincando, quando em uma aula do COF de 19 de dezembro de 2009, afirmou:

> "Eu sou amigo do Donato faz 30 anos, e entre nós nunca houve a mais mínima divergência sobre nada. Eu estou fazendo aqui o meu serviço, ele fazendo o dele lá, e nós estamos indo para o mesmo lugar." (COF. Aula 37. Arquivo em PDF (transcrição). Pág. 29).

Veja a Montfort, o seguinte excerto que foi extraído da aula número 3 do curso Raízes da Modernidade, gravado entre os dias de 17 e 22 de outubro de 2011 (Mais informações em: Link):

> "Por um lado, a questão da influência astral... Ela é de uma importância objetiva... Enorme! Ahm? Então... Saber se isso existe ou não existe... Deveria ser do interesse de todo mundo, ahm? Afinal de contas, nós estamos vendo acontecer... Né? Acontecer coisas no domínio histórico... No domínio médico... No domínio econômico... Né? E... Eu digo: Muito bem! Nós sabemos que existem forças causais, atuantes ali... E... Nós queremos saber quais são, uai? Para saber para aonde as coisas vão..." (Raízes da Modernidade. Aula 3. A partir de 40:20 até 40:55).

Olavo faz uso de dois exemplos, nessa mesma aula, para sustentar a validade da sua doutrina a respeito da influência astral:

> "Existiu aqui, nos Estados Unidos, um famoso.... Meteorologista... da rádio RKO... É... Que durante trinta anos, fazia... Previsões meterológicas... Com critério puramente astrológico... É... E o homem era de uma exatidão formidável!" (Curso Raízes da Modernidade. Aula 3. De 40:59 até 41:15).

E ainda:

> "Existiu um analista de mercado, chamado... Eu não me lembro do primeiro nome dele... O segundo era Jensen (Luther James Jensen) não sei se era Edward Jensen, ou coisa assim... Que era... Vamos dizer... É... Fazia previsões de mercado... Absolutamente fantásticas... Está certo? Todo mundo seguia as recomendações dele e quando ele se aposentou... Ele escreveu um livro contando como ele fazia... Era um método astrológico..." (Curso Raízes da Modernidade. Aula 3. De 41:16 até 41:37).

E a finalidade da Astrocaracterologia:

> "Quando... Eu... Inventei aquele negócio que eu chamei de Astrocaracterologia... Para que que era aquilo? É para criar... Vamos dizer... Um critério de investigação... Que lhe permita, tirar a limpo a questão... Vamos dizer... Da... Chamada influência astral... Por meios não astrológicos... Quer dizer... Por... Através de... De um critério que não corres... Critério de... De... De investigação... Que não corresponde as técnicas astrológicas... Porque se você vai seguir as mesmas técnicas astrológicas... Bom... Então você está dando... A resposta para o pressuposto, né? E... Se você nega tudo... Também você está... Fazendo a mesma coisa. Então qual é a única solução? Bom, primeiro, nós temos de divi... Separar a questão das influências astrais da questão da astrologia. Se as tais influências astrais existem ou não existem, isso tem que poder... Tem, absolutamente, que poder ser averiguado... Por meios não astrológicos... Totalmente diferentes daqueles que a astrologia emprega..." (Curso Raízes da Modernidade. Aula 3. De 01:40:15 até 01:41:11).

Prossegue Olavo:

> "Por que que eu dei o curso de Astrocaracterologia... Digamos... Eu falei: Será que é possível... Vamos dizer... Criar um grupo de pessoas... (...) Numeroso... Que estejam interessadas no fato em si mesmo... E que possa continuar investigando e talvez algum um dia descobrir alguma coisa... Né? De modo que entre nós, possa se travar um debate eficiente..." (Curso Raízes da Modernidade. Aula 3. De 01:40:15 até 01:46:20).

Em uma das obras recomendadas pelos discípulos da Astrocaracterologia de Olavo (Mais informações em: Link) se lê que a astrologia se tornou a disciplina mais importante para o esoterismo:

> "Devemos, portanto, considerar a enorme importância da astrologia para a história da religião e da cultura europeias, visível também no fato de ter se tornado uma disciplina central do que hoje chamamos de “esoterismo”." (História da Astrologia - Da antiguidade aos nossos dias. Kocku Von Stuckrad. Pág. 17).

Na apostila As doze camadas da personalidade humana - E as formas próprias de sofrimento (Como mencionado em contatos anteriores, a nova "A Teoria das Camadas" é a velha "ciência" Astrocaracterologia, criada por Olavo de Carvalho) disponibilizada a seus alunos pode-se ler que Olavo faz referência a muitos autores diferentes, porém Szondi, exerceu grande influência sobre seus estudos astrológicos. Ele mesmo o afirma:

> "Alguns desses psicólogos (psicólogos do século XX) foram fundamentais para mim. Aliás, esse é mais ou menos o programa do curso que vou dar aqui de 14 a 19 de setembro: “Conceitos Fundamentais da Psicologia.
> Houve uma época na minha vida em que eu praticamente só estudava isso. Acho que fiquei pelo menos três anos orbitando em torno disso aí, graças ao meu amigo Juan Alfredo César Müller. (...) Eu tinha uma sessão semanal com ele, fazia um monte de perguntas e ele me dava uma pilha de livros para ler. Foi ali que descobri o Szondi, que era o grande guru dele."(Olavo de Carvalho. COF.

Aula 12. 27 de junho de 2009. Arquivo em PDF com transcrição da aula, pág. 27).

E Müller confirma:

> "Em 1965, quando a Editora Mestre Jou publicou minha tradução da obra do Dr. Ungricht, já tinha em mente o trabalho que agora apresento. Em 1970, no Congresso Internacional dos Szondianos, em Zurique, prometi ao velho mestre que em nosso próximo congresso - a ser realizado em Paris, em setembro deste ano - entregaria o livro vertido ao português, comemorando meus trinta anos de discipulado. De fato, iniciei, como discípulo de Szondi, em 1946, e a partir daí venho empregando e expandindo sua metodologia que, finalmente, agora está recebendo uma aceitação cada vez maior no Brasil. E é visando incentivá-la e enriquecê-la que apresento esta tradução." (Introdução à psicologia do Destino. Lipot Szondi. Obra traduzida por Juan Alfredo César Müller. Pág. 6).

Veja a Montfort, que Olavo se referiu a Szondi como "Guru" de Müller.

Olavo reinvindica para si e para seu mestre astrólogo Juan Alfredo Müller (Ver mais informações em: Link e Link) e também alquimista (Ver mais informações na obra publicada pelo próprio autor: Alquimia Moderna) a legítima compreensão da obra de Carl Jung:

> "Só conheci um único sujeito que compreendeu Jung, o dr. Juan Alfredo César Müller. E ele resumia suas conclusões assim: – Não existe nenhuma "teoria de Jung". Tudo o que Jung escreveu são recordações pessoais e observações clínicas. Quanto mais leio os livros do eminente psiquiatra suíço, mais sinto que isso é verdade." (Postagem via Facebook. 4 de abril de 2015. Disponível para acesso em: Link).

Mais informações sobre o envolvimento de Müller com a astrologia:

> "Dentre suas grandes realizações a ABA, Associação Brasileira de Astrologia realizou a 14, 15 e 16 de Abril de 1978 o PRIMEIRO COLÓQUIO BRASILEIRO DE ASTROLOGIA, um marco fundamental da Astrologia Brasileira -- onde foram apresentados trabalhos de alto valor para a comprovação científica de nossa ciência e com a participação de grandes nomes da Astrologia do País.
> No encerramento do Colóquio redigiu-se a: DECLARAÇÃO BRASILEIRA SOBRE ASTROLOGIA, ancorada nos princípios defendidos pela ABA e redigida em seu texto final pelos astrólogos Olavo de Carvalho, Vera Facciollo e Juan Alfredo César Müller." (Informações disponíveis em: Link).

E:

"En 1979 (Raúl Varella Martínez) ayudó al astrólogo y psicólogo argentino Juan Alfredo Cesar Muller a impartir el primer Curso de Extensión Universitaria de Astrología Aplicada en Brasil, en la Pontificia Universidad Católica de São Paulo." (Mais informações em: Link).

Olavo, em outra oportunidade, novamente assegura que Müller foi seu instrutor:

> "Jamais tendo frequentado um curso universitário de psicologia, fui iniciado nessa área de estudos pelo psicólogo clínico Juan Alfredo César Müller, argentino de nascimento, criado na Suíça, terra de seu pai, onde estudara em Zurique, então ainda a capital da ciência psicológica no mundo. Ali viveram e ensinaram, entre inumeráveis outros pioneiros, Carl-G. Jung, Lipot Szondi, Max Pfister, Marie-Louise von Franz, Jolande Jacobi.
> A erudição de dimensões faraônicas e a habilidade quase mágica com que esse meu amigo

> transformava seus conhecimentos em meios de cura – com uma verdadeira obsessão de aliviar o sofrimento humano, o que fazia dele o homem mais bondoso que jamais conheci –, não impediam que, como explicador, colocado diante de uma plateia de alunos, o dr. Müller fosse um desastre pedagógico.
> (...) Para piorar, não tinha ordem nenhuma, ia espalhando ideias e evocações conforme lhe apareciam na cabeça, sugeridas pelas mais fortuitas circunstâncias do dia. Ninguém entendia coisa nenhuma, evidentemente.
> Saíam todos mais ou menos aterrorizados, só não falando mal do conferencista porque ele tinha uma espécie de autoridade natural (Marte em Leão na Casa X deve servir para alguma coisa, asseguram os astrólogos)" (...)
> Como o dr. Müller não tinha a menor ambição teorizante e só lhe interessava a prática de consultório, e eu, ao contrário, só me sentia à vontade entre os conceitos gerais e tremia de horror ante a hipótese de viver como ele, fechado numa sala com malucos o dia inteiro, vi-me um dia na obrigação de tentar apreender e expressar os princípios subjacentes que o orientavam nessa prática, princípios que ele jamais buscara esclarecer nem mesmo para si próprio.
> Daí resultou, numa série de mais de cem encontros no seu consultório ou na sua casa no Parque da Cantareira, em São Paulo, um verdadeiro curso de psicologia, sustentado pelas leituras que ele me recomendava, abrindo-me os horizontes de um dos períodos mais férteis na busca do ser humano pelo autoconhecimento, a primeira metade do século XX europeu."(Excerto retirado da descrição do curso de Conceitos Fundamentais da Psicologia. Disponível para acesso em: Link).

No contato anterior, mencionei que alunos do COF de Olavo de Carvalho recomendam o curso Conceitos Fundamentais da Psicologia "para quem tem interesse em estudar mais profundamente a teoria das 12 Camadas da Personalidade de Olavo de Carvalho" (Ver mais informações em: Link).

A própria foto de Müller estampa a capa do curso.

Olavo também informa que Müller ensinou-lhe astrologia:

> "Quando apareceu a questão da astrologia e ela sur... Surgiu para mim... Em uma série de conversações com o doutor Juan Alfredo César Müller... No qual ele... Me impor... Me...
> Mostrava a importância do simbolismo astrológico para a compreensão da história da arte, das construções dos templos... Etc... Etc..." (Curso Raízes da Modernidade. Aula 3. A partir 09:03 até 09:20).

E também alquimia (conforme já foi exposto pelo professor Orlando Fedeli, no artigo "A gnose "tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho):

> "Devo muito, no entanto, aos estudos de religião comparada e simbólica tradicional (René Guénon, Frithjof Schuon, Titus Burckhardt, Seyyed Hossein Nasr) e às noções de alquimia natural e espiritual que recebi de dois amigos, Juan Alfredo César Müller e Michel Veber." (Olavo de Carvalho, entrevista ao Embaixador Caius Traian Dragomir - novembro de 1998).

A filha de Olavo, Heloisa de Carvalho, também confirma que Müller foi professor de Olavo:

> "Nessa clínica (quando Olavo foi internado pela família, após ter tido um surto, dentro da redação do jornal, na ocasião em que os colegas de trabalho zombaram de um erro cometido em uma matéria) ele acabou fi... Pegando amizade com o psicólogo... Müller... Né? Que foi uma pessoa que... Eu... Eu praticamente cresci, convivendo com o Müller... Meu pai ia muito na casa do Müller, na... Na... Cantareira em São Paulo... (...) E que eu ficava muito... Muitas horas brincando ali no jardim do Müller, enquanto o Olavo ficava...
> Aprendendo, né? Algumas técnicas aí... De... PNL e mais outras com o Müller..." (Quem é Olavo de

> Carvalho? Bate-papo com Heloisa de Carvalho. Transmissão ao vivo feita no dia 3 de dezembro de 2018 pelo canal Henry Bugalho. Disponível para acesso em: Link A partir de 23:07 até 23:55).
> Muller foi discípulo de Jung (MAS pela escola de Szondi):
> (...) (O) IPA Instituto Paulista de Astrologia (1969), fundado por Antônio Facciolo Neto e Ivan Moraes. Transformado em Associação Brasileira de Astrologia (1971), com o vital apoio de Alfredo César Muller, descendente direto de Johanes Muller, o famoso astrólogo de cognome Regiomontanus.
> Muller, psicólogo formado em Zurich, discípulo de Jung, mas seguidor da escola de Szondi assistiu ao primeiro curso de Astrologia ministrado em uma universidade européia, desde o decreto de Colbert, que em 1666, baniu a Astrologia das cátedras universitárias. Muller, até o final de sua vida, seria um ferrenho defensor da Astrologia, dividindo com a psicóloga e astróloga Regina de Aquino de Brasília, a primazia em assumir publicamente o uso da Astrologia na prática terapêutica."(Informações disponíveis em: Link).

Carl Jung é também o responsável pelo "redescobrimento" do Tratado de alquimia Aurora Consurgens, falsamente atribuído a São Tomás. As interpretações alquímicas do tratado foram manuscritas por Jung e confiadas a responsabilidade de Marie-Louise von Franz, para a organização e edição de um livro. Como também escritos e avaliações do próprio organizador (Marie-Louise von Franz) para alguns críticos, o volume 14.3 da Coleção Mysterium Coniunctions, não deveria fazer parte da coleção completa das obras de Jung.

Como mencionei no contato anterior, Henriete Fonseca ecoa conceitos do Aurora Consurgens, em sua palestra sobre o Santo Rosário, disponibilizada pelo Instituto Sophia Perennis (que abordarei novamente na carta seguinte).

Mais informações a respeito da obra:

> "Volume III is an edition and study by Marie-Louise von Franz of Aurora Consurgens, a thirteenth-century treatise traditionally attributed to Thomas Aquinas and rediscovered by Jung, which has been issued in English as a companion volume to Mysterium Coniunctionis, but outside the Collected Works." (Mysterium Coniunctionis (Collected Works of C. G. Jung, Volume 14. Pág. 7).
> E ainda:
> "The third part is an account of, and commentary on, an alchemical text, which, evidently written by a cleric, probablydates from the thirteenth century and discloses a highly peculiar state of mind in which Christianity and alchemy interpenetrate. The author tries, with the help of the mysticism of the Song of Songs, to fuse apparently heterogeneous ideas, partly Christian and partly derived from natural philosophy, in the form of a hymnlike incantation."(Mysterium Coniunctionis (Collected Works of C. G. Jung, Volume 14. Pág. 21).

Brevemente, cito algumas palavras de Carl Jung a respeito da importância do inconsciente:

> “Há (...) certos acontecimentos de que não tomamos consciência. Permanecem, por assim dizer, abaixo do seu limiar. Aconteceram, mas foram absorvidos subliminarmente, sem nosso conhecimento consciente." (O Homem e seus símbolos. Carl G. Jung. Pág. 24.).
> "Parte do inconsciente consiste, portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes." (O Homem e seus símbolos. Carl G. Jung. Pág. 43).
> "O médico observa claramente todo esse processo (percepção do insconsciente) quando hipnotiza um paciente. (...) Lembro-me de uma mulher que chegou à clínica em estado de completa letargia. Quando, no dia seguinte, recobrou a consciência, sabia quem era mas não sabia onde estava, nem como e por que ali se encontrava; não se lembrava sequer da data. No entanto, depois que eu a hipnotizei, disse-me por que ficara doente, como chegara à clínica e quem a recebera. Todos esses

detalhes puderam ser comprovados. Ela foi capaz inclusive de dizer a hora em que chegara à clínica, porque havia um relógio no hall de entrada.
Hipnotizada, sua memória mostrava-se tão clara como se tivesse estado totalmente consciente o tempo inteiro."(O Homem e seus símbolos. Carl G. Jung. Pag. 45).
"Assim como o conteúdo consciente pode se desvanecer no inconsciente, novos conteúdos, que nunca foram conscientes, podem "emergir". (...) Além de memórias de um passado consciente longínquo, também pensamentos inteiramente novos e ideias criadoras podem surgir do inconsciente — ideias e pensamentos que nunca foram conscientes."(O Homem e seus símbolos. Carl G. Jung. Pag. 53).
"(...) Qualquer coisa que tenhamos ouvido ou experimentado pode tornar-se subliminar — isto é, passar ao inconsciente."(O Homem e seus símbolos. Carl G. Jung. Pag. 56).
"Em suma, todo conceito da nossa consciência tem suas associações psíquicas próprias. Quando tais associações variam de intensidade (segundo a importância relativa desse conceito em relação à nossa personalidade total, ou segundo a natureza de outras ideias e mesmo complexos com os quais esteja associado no nosso inconsciente), elas são capazes de mudar o caráter "normal" daquele conceito. O conceito pode mesmo tornar-se uma coisa totalmente diferente à medida que é impulsionado abaixo do nível da consciência." (O Homem e seus símbolos. Carl G. Jung. Pag. 60).
"Esses aspectos subliminares de tudo o que nos acontece parecem ter pouca importância em nossa vida diária. Mas (...) são aspectos relevantes, pois se constituem nas raízes quase invisíveis dos nossos pensamentos conscientes." (O Homem e seus símbolos. Carl G. Jung. Pág. 62).

Mas Antônio Donato já andou desmotivando seus alunos a serem mais atentos. Engenhoso:

"Se o fulano tem medo de morrer... Ele não tem só medo de morrer, ele também tem medo de perder o emprego... Tem medo de perder a mulher... Tem medo de perder um monte de outras coisas... Então ele vai ser ciumento... E... Por mais que a mulher dele explique que... Ele... Ela fez uma coisa justa, ele vai achar que tem tinha segundas intenções... Ele sempre vai achar segundas intenções onde não existe... Essas segundas intenções não é porque ele é inteligente ou não é... É porque as paixões estão falando mais alto... E não deixam seguir... É... Subliminarmente... O que a inteligência tenta mostrar... E às vezes ele não enxerga... Então se não pri... Primeiro não ordenar as paixões, não existe justiça." (Sabedoria Segundo Aristóteles. Antônio Donato. Aula gravada em 27 de setembro de 2011. A partir de 49:56 até 50:39).

Donato não ignora a possibilidade de se valer do inconsciente para doutrinar: está, antes, preocupado com isso.

A filha de Olavo, Heloisa de Carvalho, em muitas oportunidades afirmou que Olavo utiliza-se de técnicas de programação neurolinguística para doutrinar seus alunos:

"(...) E que eu ficava muito... Muitas horas brincando ali no jardim do Müller, enquanto o Olavo ficava... Aprendendo, né? Algumas técnicas aí... de... PNL e mais outras com o Müller..." (Quem é Olavo de Carvalho? Bate-papo com Heloisa de Carvalho. Transmissão ao vivo feita no dia 3 de dezembro de 2018 pelo canal Henry Bugalho. Disponível para acesso em: Link. A partir de 23:43 até 23:55).

"Sim, ele... Ele tem muito conhecimento na técnica (PNL) né? Até ele tem aquele livro lá, que ele fez a introdução do Schopenhauer, la... Né? (...) Eu tenho o livro inclusive, que ele mandou para mim... De presente, né? Eu tenho esse livro... É... Sim, as técnicas são maravilhos, usadas para o bem, né? Porque quando usadas para o mal... E eu, inclusive, quando ele mandou esse livro... É... Eu estava fazendo o... Um trabalho sobre... Dialética e retórica... Na faculdade... E eu pedi para ele, indicação de algum... Alguns livros... Ele não só indicou como ele comprou, acho, que uns cinco ou seis livros para mim e me enviou... De presente, né? E um é esse. Eu li as técnicas tudo... São...

> Técnicas interessantes... Mas usadas para o bem, né? A gente não pode, por conta de um conhecimento, dominar para o mal... Né?" (Quem é Olavo de Carvalho? Bate-papo com Heloisa de Carvalho. Transmissão ao vivo feita no dia 3 de dezembro de 2018 pelo canal Henry Bugalho. Disponível para acesso em: https://www.youtube.com/watch?v=sRTO9tcEgas . A partir de 24:13 até 25:14).

O livro mencionado por Heloisa é Como Vencer um Debate sem Precisar Ter Razão, de Arthur Schopenhauer, que foi prefaciado por Olavo de Carvalho.

Em outro depoimento:

> "(...) Müller... Né? Psicólogo... Amigo dele... Uma pessoa que eu tive muito contato, na vida... Tá? Muito contato... (...) Então, essa questão... É... É... Do... Do Olavo... Ele conseguir esse séquito... Está na cara e evidente que as técnicas de PNL, lavagem cerebral... E hipnose... Ele domina... O Müller dominava essas técnicas... Olavo foi um aluno... Você entendeu? Ímpar! Na vida do Müller... Porque a… A frequência de... De encontros... Era... Muito grande... Muitos des... Muitos desses encontros eu estava junto... Eu era criança, mas assim... Meu pai sempre me levou para cima e para baixo... Né? Então assim... Muitas vezes eu fui até a casa do Müller, na cantareira e.. E ficava lá... Enquanto ele ficava tendo treinamento... Não é aula! Porque para mim isso não é aula! É treinamento... Se... Te... Te... Fazer um treinamento para virar um guru." (Heloisa de Carvalho Martin Arribas & Projeto Ezequiel 33: A Verdade Escondida. Transmissão ao vivo realizada em 13 de mai de 2019. Disponível para acesso em: https:// www.youtube.com/watch?v=qLOqB5Sch2g . A partir de: 40:01 até 41:20).

Olavo já criticou a maneira como Jung abordou a alquimia:

> "Aí é que entra o problema do Jung; porque o Jung confunde o processo alquímico como o seu equivalente psicológico. Que só afeta o indivíduo. Ele só fala da imagem da Alquimia na Psique, não no processo como tal. É mais ou menos como você descrever uma coisa no espelho. Ele faz um corte. Este assunto, não tem jeito de abordá-lo desde fora i.é; você projetá-lo numa tela e fazer disso uma ciência teórica. Daí porque Jung cai freqüentemente numa inversão total do processo. Ele vai dizer que tudo, tudo é psíquico; ele universaliza o conceito de Psique. Inverteu tudo. (...) A posição alquímica é que a psique tenha uma posição muito modesta no processo. O problema do Jung é esta: ele tem um conhecimento monstro deste negócio mas é tudo exterior. Esse conjunto não pode ser olhado de fora senão distorce". (Olavo de Carvalho. Curso Alquimia. Terceira aula. 1996).
> Sobre a influência da astrologia e da alquimia nas obras de Carl G. Jung:
> "Paradoxalmente a psicanálise, que foi taxada de "mecanicista-materialista", ocupou-se de modo relativamente mais intenso com o destino humano que a psicologia espiritual demoníaca, esotérica-astrológica de Jung."
> (Introdução à Psicologia do Destino - Liberdade e Compulsão no Destino do Homem (na escolha da profissão, amigos, esposa, doenças). L. Szondi. Tradução de Juan A. César Müller. Pag. 24).

E ainda:

> "Pode-se então entender porque Jung - Esse grande alquimista e mago do século XX - raras vezes iniciava um tratamento sem antes examinar o horóscopo do paciente." (Introdução à Psicologia do Destino - Liberdade e Compulsão no Destino do Homem (na escolha da profissão, amigos, esposa, doenças). L. Szondi. Tradução de Juan A. César Müller. Pag. 26).

Seria Olavo também um alquimista? Ele mesmo o responde, em seu curso Alquimia, ministrado em 1996:

"(...) Em alquimia não existe uma distinção rígida entre teoria e prática; ela já é uma disciplina prática desde seu começo. Desde o momento em que você apreende as primeiras noções de alquimia, já está metido nela até o pescoço. Em astrologia e em outras ciências esotéricas essa distinção existe, mas aqui não. Na alquimia, a partir do momento que você começa a formar os primeiros conceitos, já está penetrando num certo mundo simbólico, num certo modo de pensar e de ver que já é o terreno propriamente dito da prática alquímica. E a alquimia é, pela sua própria autodefinição, uma ciência prática: ela não visa à descrição ou à explicação de um ser ou de uma área do ser, mas visa a uma mutação, a uma alteração a ser realizada no sujeito que a pratica, e que pode se ampliar em modificações do mundo físico em torno, embora não necessariamente." (Olavo de Carvalho. Curso Alquimia. Primeira aula. 1996).

Qual a importância da alquimia para o misticismo? De acordo com Titus Burckhardt:

"A essência e o objetivo do misticismo é a união com Deus. A alquimia não fala disso. O que tem relação com o caminho místico, entretanto, é a meta alquímica de reconquistar a nobreza original da condição humana e o seu simbolismo; porque a união com Deus é possível apenas em virtude daquilo que, a despeito do abismo incomensurável entre a criatura e Deus, une o antigo ao mais recente – e isso é o 'teomorfismo' de Adão, que foi 'deslocado' ou se tornou inefetivo pela Queda.A pureza do homem simbólico deve ser reconquistada antes que a forma humana possa ser reassumida no seu arquétipo infinito e divino. Compreendida em seu aspecto espiritual, a transmutação do chumbo em ouro não é nada além da reconquista da original nobreza da natureza humana. Assim como a inigualável qualidade do ouro não pode ser produzida pela soma exterior das propriedades dos metais tais como massa, dureza, cor etc., assim a perfeição 'adâmica' não é uma mera assimilação de virtudes. É tão inimitável quanto o ouro. E o homem que tenha 'realizado' esta perfeição não pode ser comparado com os outros. Tudo nele é original, no sentido de que o seu ser está completamente acordado e unido com a sua origem. Na medida em que a realização desse estado necessariamente pertence à via mística, a alquimia pode, de fato, ser considerada como um ramo do misticismo." (Alquimia - Ciência do cosmos, ciência da alma. Titus Burckhardt. Pág. 21 e 22).

De acordo com Olavo, a alquimia é uma "astrologia operativa"):

"(...) A alquimia não é outra coisa senão uma astrologia "operativa." (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 83).

Essa definição do Olavo já havia sido exposta pelo professor Orlando, no artigo A Gnose "tradicionalista" de René Guenón e Olavo de Carvalho.

E Antônio Donato? Teria ele também recebido influência de Szondi? Na aula gravada Sabedoria segundo Aristóteles, pode-se ouvir:

"Os maiores apóstolos da humanidade... Foram pessoas que tinham um irascível tremendo... E que aprenderam a ser pacientes... Por exemplo: Moisés... Está certo? Na... No Êxodo... Está escrito que Moisés... Era o homem mais manso que havia sobre a terra. Se você parar para pensar... Mas como que Moisés pode ser o homem mais manso que havia sobre a terra? Moisés, quando ele estava no Egito, ele viu uma briguinha... Ele matou um fulano... Ele teve de fugir... É... Para o deserto do Sinai... Por causa... Daquele assassinato... E esse era o homem mais manso que havia sobre a terra? Depois... Quando ele foi... Recebeu os dez mandamentos... E subiu no monte... Quando... Ele desceu e viu todo mundo... É... Adorando bezerro de ouro... Ele pegou as placas... Que Deus... Tinha... Escrito... E quebrou como se... Fosse a sogra que tivesse escrito... E... E... E no livro do Êxodo... Disse: ele era o homem mais manso que havia sobre a terra... E era mesmo! Só que ele devia ser... É... Ele devia ter um irascível... Imenso... Como ele aprendeu a ser manso... Todo aquele irascível... Alguma vez dava uma escapada... Mas... Todo aquele irascível, que é o desejo do bem

árduo... Já que ele num... Não... Podia matar... ninguém... Que ele era manso... Com os homens... Aquele desejo do bem árduo... Foi... É... É... Foi acumulado, para libertar o povo de Israel, quando... Deus mandou... É... "Nossa!" Mas... Eu..." É... "Adoro esse tipo de coisa! É comigo mesmo!"... Certo?" (Sabedoria Segundo Aristóteles. Antônio Donato. Aula gravada em 27 de setembro de 2019. A partir de 01:08:15 até 01:10:13).

Olavo já havia escrito a respeito da "transmutação" de Moisés, na revista Planeta, em 1978:

"(...) Szondi afirma que o Complexo de Caim, tal como está descrito no mito bíblico, é um fenômeno mais profundo e abrangente do que o Complexo de Édipo descrito por Freud segundo a mitologia grega. Mas Caim não é apenas o impulso assassino, é também o desejo de autoafirmação, o desejo de poder, de ter e de ser. Por isso, pode transformar-se numa foca civilizadora, transmutando-se em Complexo de Moisés: o Homem violento e passional a serviço da justiça divina." (O Carma Familiar, Chave do Destino Humano? Olavo de Carvalho. Revista Planeta, 67, abril de 1978. Texto disponível para acesso em: Link).

Prossegue Donato:

"Outro... Também... Caso assim... É o apóstolo São Paulo... É... O apóstolo São Paulo... É o único judeu... Que... Fez o que devia... Quando os judeus, resolveram botar... O cristianismo no ostracismo... Na... Ninguém levantou uma palha... "Está tudo bem! Se eles nos incomodarem a gente chama o guarda." E os ju... E os cristãos estavam lá, pregando o Evangelho... E... Mas os... Os judeus... Apesar de terem condenado... Eles num... Num... Não estavam querendo... É... Se envolver com pepino... Agora, São Paulo... Que não tinha nada a ver com o assunto... Ele foi lá, pedir licença... E... Para poder persegui-los, no mundo inteiro... E... Pegar... Uma tropa e... Ir de cidade, em cidade... Buscar aonde eles estavam... E... Quando pen... O... Santo Estevão foi preso... Um dos que estavam apedrejando Santo Estevão... Era o São Paulo... Então... Ele não era uma figurinha fraca... Um dia... Ele se converteu... E em uma das cartas que ele escreve... É... Quando ele faz a despedida, ele escreve uma despedida absolutamente fantástica... (...) Ele diz na carta... É... "Meus irmãos... Eu quero que fiquem com vocês... O amor de Deus e a paciência de Cristo..." Veja! As duas maiores virtudes... Que ele coloca... É o amor de Deus e a paciência de Cristo... Quer dizer... Para um homem desses... Elogiar a paciência acima de tudo é porque ele aprendeu... A ter uma paciência enorme... Mas a paciência não acabou com o irascível... (...) E a gente tem mais um monte de exemplos..." (Sabedoria Segundo Aristóteles. Antônio Donato. Aula gravada em 27 de setembro de 2019. A partir de 01:10:14 até 01:12:06).

Para Szondi, Paulo (Saulus) também tinha o "Complexo de Caim" que foi transmutado em "Complexo de Moisés":

"Eine zweite Eigenschaft des jungen Mose ist sein leidenschaftliches Ungestüm, dessen jähes Wetterleuchten uns auch später noch oft anblitzt.» Mit anderen Worten: das Volk hatte bereits in den frühesten Zeiten geahnt, daß zwischen einem Kain und einem Religionsstifter eine enge Wesensähnlichkeit besteht. So war es ja auch bei Mohammed, Saulus-Paulus, Luther usw." (Moses, Antwort auf Kain. Lipot Szondi. Pág. 50).

Para Olavo:

"(...) a terapia szondiana é um trabalho verdadeiramente alquímico de transmutação interior, no qual a mesma força que desequilibrou o paciente é usada para curá-lo." (O Carma Familiar, Chave do Destino Humano? Olavo de Carvalho. Revista Planeta, 67, abril de 1978. Texto disponível para acesso em: Link).

> "Transmuta", "rito", "ritual", "sacerdote"... Olavo usa termos extraordinários para descrever Szondi e sua psicoterapia:
> "Numa era de racionalismo, esse trabalho (culto dos antepassados já não pode ser feito mediante práticas rituais que as pessoas julgariam entre bárbaras e cômicas. Tem de ser feito por meios científicos. A psicoterapia szondiana cumpre hoje esse papel, e ela o tem feito com brilhantes resultados. Ela recupera um antigo conhecimento e o transmuta em linguagem científica, reconstituindo e reinstaurando um rito de purificação dos instintos para a libertação do Homem. E, nesse rito, Szondi é o sumo sacerdote." (O Carma Familiar, Chave do Destino Humano? Olavo de Carvalho. Revista Planeta, 67, abril de 1978. Texto disponível para acesso em: Link).

Como foi mencionado anteriormente, Olavo disse que Szondi havia sido o guru de Müller. (Mais informações em: (Olavo de Carvalho. COF. Aula 12. 27 de junho de 2009. Arquivo em PDF com transcrição da aula, pág. 27).

Em 5 de Agosto, Olavo publicou em seu perfil pessoal do Facebook:

> “Bem lembrado pela Iara Faria -- para acabar de vez com as frescuras dos (palavrão) -- montfaibleanos, especialmente -- que dizem que sou um "perenialista", seguidor dos muçulmanos Guénon e Schuon.”

A imagem compartilhada por Olavo na mesma postagem, apresenta uma mensagem anterior dele, republicada por outro usuário do Facebook:

> "Dos livros do Pe. Juan Gonzalez Arintero concluí que o sufismo nos vende a alto preço algo que Nosso Senhor Jesus Cristo já nos deu de graça."

O professor Orlando já havia denunciado, no artigo a Gnose "Tradicionalista de René Guénon e Olavo de Carvalho" que:

> "Praticamente tudo o que ele diz se encontra em Guénon, em Schuon, ou em qualquer outro dos membros dessa escola gnóstica."

Após o professor Orlando, outros leigos têm retificado a denúncia, divulgado inclusive, documentos com informações muito precisas a respeito do envolvimento de Olavo com turuq sufis (inclusive a Maryamiyya do Schuon).

Para continuar iludindo os católicos, veja a Montfort, os malabarismos que o Olavo andou fazendo, na videoconferência de lançamento do livro O Enigma Quântico de Wolfgang smith, em 22 de fevereiro de 2011 (Mais informações sobre a data do evento: Link):

> "O professor Wolfang Smith... É um dos... Poucos autores que eu tenho a alegria de dizer que eu sempre concordei com tudo o que ele escreveu..." (...) Não só... Vamos dizer... Pelo... Pelo trabalho desmistificante que ele faz, com relação... É... A certos dogmas... Da... Da modernidade e sobretudo da ciência moderna... Mas... Por justamente, por aquilo que o diferencia.. Dos demais críticos... Da modernidade, ligados a escola, dita tradicionalista". (Olavo de Carvalho: Palestra sobre "O Enigma Quântico", de Wolfgang Smith. Disponível para acesso em: Link. A partir de 1:04 até 2:20).
>
> "Ele recebeu influência dessa escola tradicionalista, sobretudo através de René Guénon e Frithjof Schuon... Eu creio que inclusive, mais Frithjof Schuon... É... E a partir disso, começou.. A meditar a ciência moderna luz de ensinamentos das cosmologias tradicionais e da metafísica tradicional".

(Olavo de Carvalho: Palestra sobre "O Enigma Quântico", de Wolfgang Smith. Disponível para acesso em: Link . A partir de 2:58 até 03:17).

"Quando nos observamos a... A obra do professor Smith... Nós vemos que embora... No domínio teórico... Ela si... Siga mais ou menos os critérios fixados por Guénon e Schuon... Ela não tem nada... Nada... Nada a ver com a parte iniciática... Né? Ele se mantém estritamente dentro de um quadro de referência católica. E é o único autor ligado a essa escola, que faz isso."(Olavo de Carvalho: Palestra sobre "O Enigma Quântico", de Wolfgang Smith. Disponível para acesso em: Link . A partir de 13:23 até 13:48)."Qual a cultura que vai substituir... Né? Esse império do... Racionalismo-cientificismo... Moderno... Aham? Será a escola tradicionalista de Guénon e Schuon? Que representa, no fim das contas... Vamos dizer... A hegemônia islâmica... Né? E a implantação de... Vamos dizer... Um tecido de mentiras que é ainda mais fabuloso do que... Do que... Estes com os quais se impôs a modernidade? Será que é isto? Ou... Será então... Vamos dizer... A dissolução do cristianismo... Em um gnosticismo esotérico... Que no fim das contas não passa de sufismo sob diversos nomes... Será que é isso?" (Olavo de Carvalho: Palestra sobre "O Enigma Quântico", de Wolfgang Smith. Disponível para acesso em: Link . A partir de 19:05 até 19:54).

Veja a Montfort que o Olavo manifesta aqui, onde ele queria chegar, quando disse, em 19 de dezembro de 2009:

"Eu estou fazendo aqui o meu serviço, ele (Donato) fazendo o dele lá, e nós estamos indo para o mesmo lugar." (COF. Aula 37. Arquivo em PDF (transcrição) pág. 29).

Que seria (se Jesus o permitisse):

"A dissolução do cristianismo... Em um gnosticismo esotérico... Que, no fim das contas não passa de sufismo sob diversos nomes". (Olavo de Carvalho: Palestra sobre "O Enigma Quântico", de Wolfgang Smith. Disponível para acesso em: Link. A partir de 19:44 até 19:54). Olavo converteu muitas pessoas ao islamismo (sufismo):
"Olavo, ao longo desse período (período em que Olavo viveu uma comunidade islâmica) converteu quase cinquenta pessoas... Entre São Paulo e Rio de Janeiro" (Heloisa de Carvalho Martin Arribas & Projeto Ezequiel 33: A Verdade Escondida. Transmitido ao vivo em 13 de Maio de 2019. Disponível para acesso em: Link . A partir de 51:59 até 52:07. O conteúdo completo desse vídeo não é recomendado porque apresenta exposição pornográfica).

Converteu sua filha:

"Já é público que ele (Olavo) me casou no islamismo... Que eu fui convertida por ele...
Apesar de nunca ter sido seguidora... De nunca ter aprendido uma oração sequér... Sei três ou quatro palavras, em árabe... Até por conta de televisão... Né? (...) Toda a questão do Olavo... Quando ele fala do islamismo... Foi sempre ligado à seita (seitas sufis)" (Heloisa de Carvalho Martin Arribas & Projeto Ezequiel 33: A Verdade Escondida. Transmitido ao vivo em 13 de Maio de 2019. Disponível para acesso em: Link . A partir de 21:42 até 22:54. O conteúdo completo desse vídeo não é recomendado porque apresenta exposição pornográfica).

Converteu o Tales, seu filho:

"O Tales, quando meu pai iniciou a gente no islam... O Tales tinha... Eu... Eu... Eu que... Quinze... Acho que o Tales, uns dez... Onze... Né? Quatorze... Treze... É... Uns dez... Onze... Vamos dizer aí... Entre dez a doze anos de idade... O... Quando o Tales... Teve aí... Contato com o islamismo... Né? E ele acabou... É... Seguindo aí... Até... Os... Os passos... Literalmente do meu pai... Virando

chefe de tariqa... Representante... No Brasil" (Heloisa de Carvalho & Projeto Ezequiel 33: O Outro Lado do Odalisco. Transmitido ao vivo em 20 de maio de 2019. Disponível para acesso em: Link . A partir de: 47:07 até 47:46. Não é recomendável assistir a todo o conteúdo do vídeo em razão de exposições de teor pornográfico).

O próprio esposo de Heloisa foi um aluno convertido por Olavo:

"Era aluno dele... Foi um dos alunos que ele converteu... Você entendeu? Foi um a... Um dos alunos que ele... Porque ele converteu quase... Em uma... Em uma totalidade de umas cinquenta pessoas, na época... Né? E esse aluno era aluno dele... Se converteu também". (Heloisa de Carvalho Martin Arribas & Projeto Ezequiel 33: A Verdade Escondida. Transmitido ao vivo em 13 de Maio de 2019. Disponível para acesso em: Link . A partir de 1:28:11 até 1:28:26. O conteúdo completo desse vídeo não é recomendado porque apresenta exposição pornográfica).

Olavo era muçulmano, quando casou a filha em uma mesquita islâmica:

"Eu casei... Em dezembro de 1985... Ham... Eu tinha acabado de fazer... dezesseis anos... Né? Dezesseis anos... Eu sou de Novembro... de 1969.. (...) Por ser um rito islâmico... É... As testemunhas... Só podem ser homens... Tá? Então assim: não pode ter uma testemunha mulher, ali, naquela certidão (certidão de casamento de Heloisa)... Né? Quem entrega a noiva... Normalmente o pai... Se é islâmico... Né? Ou um parente islâmico... Um primo... Um tio... Ou o próprio... Alguém da comunidade... Vamos supor que eu não tivesse ninguém... É... Muçulmano na minha família... Só eu... Então o que que podia? Alguém da comunidade islâmica... Né? Ser responsável por mim, como noiva... Para me casar... (...) (Olavo entregou Heloisa) Como pai islâmico... Até pelo fato de eu também ser menor de idade... Porque o que que acontece? Se... Se... Fosse o caso... Né? Do meu pai... Não ser muçulmano... E não pudesse... O que que a mesquita pedia... Uma autorização judicial... (...) Ele (Olavo) disse que eu falsifiquei essa assinatura (assinatura de Olavo na certidão de casamento de Heloisa)... Né? Eu estou aí correndo atrás aí de... De... Umas questões em relação a essa assinatura... Vai ficar muito bem provado... Totalmente provado... Né? Eu já tenho até o depoimento de uma dessas testemunhas aí, que assinaram... " (Heloisa de Carvalho Martin Arribas & Projeto Ezequiel 33: A Verdade Escondida. Transmitido ao vivo em 13 de Maio de 2019. Disponível para acesso em: Link . A partir de 1:23:58 até 1:26:43. O conteúdo completo desse vídeo não é recomendado porque apresenta exposição pornográfica).

Para Olavo, Maomé:

"Foi o homem mais carismático... Carismático da história... Pô! Não tem outro... Ele nã... Eu não conheço outro personagem mais interessante do que esse... Tá certo? (...) Se você estudar a vida de Maomé... Você vê que primeiro... O senso de justiça... De equilíbrio... De bondade desse cara... Era um negócio do outro mundo... O sujeito era um santo, pô!". (Heloisa de Carvalho Martin Arribas & Projeto Ezequiel 33: A Verdade Escondida. Transmitido ao vivo em 13 de Maio de 2019. Disponível para acesso em: Link . A partir de 20:50 até 21:26. O conteúdo completo desse vídeo não é recomendado porque apresenta exposição pornográfica).

Dando seguimento a palestra de lançamento do livro O Enigma Quântico, Olavo continua:

"A obra do professor Smith di... Deixa... Aberta outra perspectiva... Né? Tudo aquilo que há de mais valioso e de mais importante... Nessa escola tradicionalista sempre esteve dentro do cristianismo... E René Guénon e Schuon, não fazem... Senão, apresentar com outros nomes, coisas que... Já estavam dadas na doutrina cristã desde o início... Particularmente isso tem sido mostrado nos trabalhos de Jean Borella... Jean Borella é um sujeito que começou como um ator tradicionalista

como outro qualquer... Mas, aos poucos... Ele também... É... Ele percebeu que... Ele não queria desistir do seu catolicismo... Não queria dissolver o seu catolicismo em uma pasta esotérica... Né? É… E na medida em que foi descobrindo... Que os elementos fundamentais da doutrina tradicional já estavam todos dados no cristianismo, com outro nome... Ele foi percebendo que tinha alguma coisa errada na obra de Schuon... Na obra de Schuon e Guénon... Hum? E... O professor Smith... Que é... Dentro dos autores... Que trabalharam... Autores da escola tradicionalista que trabalharam... Na parte da crítica da ciência moderna... Ele é... Sem dúvida... O mais vigoroso... O mais bem informado... o mais capacidado... E... O menos comprometido com o... Aspecto iniciático-esotérico... O mais estritamente católico". (Olavo de Carvalho: Palestra sobre "O Enigma Quântico", de Wolfgang Smith. Disponível para acesso em: Link . A partir de 19:56 até 21:18).

E finaliza o aboiz:

"Tem de haver uma terceira... Alternativa... Tá certo? Que eu não sei se tem... Vamos dizer... Uma grande chance histórica de vigorar... Mas pelo menos, como alternativa pessoal, para nós... Ainda é... A... A mais... É... Mais saudável. (...) O Smith é um autor... Católico... E não autor tradicionalista, no sentido guenoniano... Schuoniano". (Olavo de Carvalho: Palestra sobre "O Enigma Quântico", de Wolfgang Smith. Disponível para acesso em: Link . A partir de 22:20 até 23:04).

A obra O Enigma Quântico, de Wolfganf Smith, cuja edição (ao menos a brasileira) apresenta prefácio de Olavo, também conta com o prólogo de Seyyed Hossein Nasr.

Quem é Nasr? Segundo Mario Alves da Silva Filho, Seyyed Hossein Nasr (ao menos até 2011) era chefe da tariqa Maryiamyya (que tem sede em Washington):

"Ela (Maryimiyya) é conhecida como a Tariqa dos intelectuais e acadêmicos. Em seus quadros podemos destacar o poeta e literato inglês, Martin Lings *(Abu Bakr Siraj al-Din) e os filósofs Seyyed Hossein Nasr (um dos atuais shaykh da Tariqa), destacado acadêmico e Titus Burckhardt (Ibraim 'Isa al-Din), especialista em artes religiosas. Esses três, considerados como muçulmanos exemplares, tiveram e tem papel destacado na condução da Tariqa Maryamiyya, em especial Seyyed Hossein Nasr e Mating Lings, principalmente após a morte de Schuon ocorrido em 1998". (A mistica islâmica em Terrae Brasilis. Mario Alves da Silva Filho. Tese de Pós-graduação. PUC/SP. Disponível para acesso em: Link . A partir da pág. 157 até 160. Mais informações a respeito da tese: Link).

Olavo foi um dos fundadores da tariqa Maryiamyya, no Brasil:

"A busca de Sidi Muhammad 'Isa (nome islâmico adotado por Tales, fiho de Olavo de Carvalho) pela Tariqa 'Alawiyya se deveu a uma questão familiar. Um parente seu, muito próximo, foi um dos membros fundadores da Tariqa Maryamiyya (um ramo da Tariqa 'Alawiyya, do qual falaremos mais a frente) no Brasil, da qual se afastou por questões pessoais." (A mistica islâmica em Terrae Brasilis. Mario Alves da Silva Filho. Tese de Pós-graduação. PUC/SP. Disponível para acesso em: Link . Pág. 146. Mais informações a respeito da tese: Link).

E:

"Uma das Sedes brasileiras (da tariqa Maryiamiyya) esta ligada a Sede de Londres, que era dirigida pelo literado Martin Lings e outra é ligada à Sede de Washington, dirigida pelo filósofo Seyyd Hossein Nasr. É a primeira Tariqa trazida ao Brasil por brasileiros, que foram para Indiana, nos Estados Unidos, e se iniciaram com o criador da Tariqa, o filósofo Frithjof Schuon". (A mistica islâmica em Terrae Brasilis. Mario Alves da Silva Filho. Tese de Pós-graduação. PUC/SP. Disponível para acesso em: Link . Pág. 112. Mais informações a respeito da tese: Link).

E ainda:

"A Tariqa Maryamiyya é uma das raras Turuq secretas, possuindo, hoje, todas as características de uma Ordem Maçônica. Acreditamos que isso tenha acontecido pela influência que René Guénon teve em Schuon, pois Guénon pertencia a inúmeras Ordens iniciáticas de cunho secreto; inclusive de cunho maçônico". (A mistica islâmica em Terrae Brasilis. Mario Alves da Silva Filho. Tese de Pós-graduação. PUC/SP. Disponível para acesso em: Link . Pág. 124. Mais informações a respeito da tese: Link).

Em relação a mensagem de Olavo que foi republicada (por ele próprio):

"Dos livros do Pe. Juan Gonzalez Arintero concluí que o sufismo nos vende a alto preço algo que Nosso Senhor Jesus Cristo já nos deu de graça."

Olavo esclarece:

"Guénon jamais veio a entender que, justamente, essa distinção de esoterismo e exoterismo, ela não funciona para o cristianismo... Ela não tem nada... Nada... Nada a ver.. com cristianismo porque... Você... O que... Qual é a essência do cristianismo? A essência do cristianismo é a encarnação de Deus, em um ser humano... O qual vem para revelar os mistérios a toda a humanidade. O Cristo veio para abolir a fronteira entre esotérico e exotérico." (Olavo de Carvalho: Palestra sobre "O Enigma Quântico", de Wolfgang Smith. Disponível para acesso em: Link . A partir de 9:17 até 9:42).

Mateus Soares de Azevedo, tradutor e difusor das obras de Schuon, no Brasil, concorda:

"(...) O cristianismo surge no contexto de uma civilização já constituída, isso é: O Império Romano. E porque o patrimônio fundamental que Jesus legou constitui uma mensagem... Eminentemente de transcendência, de aperfeiçoamento espiritual pessoal, de ascese. É... Só a posteriori é que essa mensagem também se fez secular. Mas... Além disso, essas palavras indicam... Para usar a terminologia da Filosofia Perene, que o Cristianismo... Nasce como puro esoterismo. O domínio do exoterismo ficava a cargo de César ou de Roma. É este domínio exotérico, o da ação... Em oposição a contemplação, se tornou como que um apêndice profano, como notou o mesmo Schuon... Da religião." (Vídeo com o título: Mateus de Azevedo Prévia do Evoliano. Disponível para acesso em: Link . De 2:00 até 3:25).

E ainda:

"Os ensinamentos do Sermão da Montanha pertencem à dimensão espiritual ou “esotérica” da prática religiosa e, por essa razão, foram chamados de “conselhos de perfeição”; somente os santos e os santificados os põem plenamente em prática. Mas, como o Cristianismo constitui em princípio uma “via esotérica” tornada religião mundial e integral, o Sermão se aplica simultaneamente a todos os tipos de homem, e não somente aos santos.
De fato, ao final, Cristo mesmo diz que sua prática é requerida de todos. Desse modo, o aparente paradoxo representado por prescrições que se dirigem aos santos, mas são, simultaneamente, requeridos de todos pelo próprio fundador da religião, resolve-se pelo recurso à doutrina dos graus de realização espiritual. Sim, apenas uma “elite contemplativa”, ou “esotérica”, sabe como praticar integral e plenamente os conselhos, mas todos os fiéis -- as “camadas exotéricas” -- são chamados a trilhar essa via de perfeição, de acordo com seus melhores esforços e capacidades, e com a ajuda da graça."
(Sermão da Montanha. Mateus Soares de Azevedo).

Segundo Olavo:

> "Como diz o Pe. Arintero, ele (o cristianismo) trata da divinização do ser humano... Da sua transfiguração... No próprio Cristo." (Olavo de Carvalho. Curso Esoterismo na História e Hoje em dia. Aula 5. A partir de 00:28:00 até 00:28:08).

Ainda, segundo Olavo, a transfiguração deve ser entendida da seguinte forma:

> "Transfiguração que não tem o sentido de uma absorção... Que abole a sua individualidade. Você não pode interpretar isso, em termos do vocabulário budista... Né? Que fala que tem que destruir o Eu, etc, etc... Eu falo: Olha, a única coisa divina que tem em nós, é o Eu... (...) Como é que Deus Pai se auto definiu: "Eu Sou o Eu Sou". Portanto, ter um eu não é um elemento natural no ser humano... Usar a palavra eu é outra coisa. Qualquer um pode usar, né? (...) Mas, ter um eu no sentido de ser um centro decisório... E de ser portanto, não um reflexo passivo das causas que agem sobre nós, mas ser, nós mesmos causas... Isso só o ser humano tem... Está certo? E... Não há nenhuma explicação natural para isto, mas há uma explicação divina: Deus é o eu sou... Aham? Deus é o único eu... Pleno e verdadeiro e permanente". (Olavo de Carvalho. Curso Esoterismo na História e Hoje em dia. Aula 5. A partir de 00:28:09 até 00:30:00).

Mateus Soares de Azevedo explica melhor a respeito do que Olavo está falando:

> "A própria colocação do Mestre Eckhart que foi... que eu já citei aqui e que foi... É... É... Censurada pelo Vaticano: Há algo na alma que é eterno. Há algo na alma que é incriado e incriável... Ela... Joga luz sobre esse conceito do Darma ("A dever sagrado do homem é realizar Deus") certo? Por quê? Porque o Mestre Eckhart está dizendo que há algo na alma que pode realizar Deus... Que pode se... Contatar diretamente com Deus e que pode se relacionar diretamente com Deus... Que é o Intelecto. Então, segundo Mestre Eckhart, o homem é feito de corpo, alma e espírito ou intelecto. O corpo e a alma são individuais... O espírito... É universal... O espírito está além do ego... Né? O espírito ou intelecto estão além do ego... Eles conseguem ver as coisas com objetividade, independentemente de... Do... Dos interesses do nosso... É... É... Próprio... Próprio... É... Do nosso próprio interesse". (Palestra com o título Esoterismo tradicional no Século XXI: a visão da Filosofia Perene. Realizada no IV Encontro Internacional Evoliano, em São Paulo, em 10 de setembro de 2014. Disponível para acesso em: Link . A partir de 15:46 até 16:35).

O professor Orlando esclareceu como os perenialistas entendem o termo intelecto:

> "O que ele, Schuon, afirma sobre o "Coração" ou "Intelecto", como instrumento do Conhecimento, demonstra que ele emprega o termo exatamente como a Gnose tradicional empregava esses termos: intelecto era, para a Gnose, a partícula divina no homem, o Atma, o pneuma divino, o éon. O "proprium" de que fala Ibn Arabi." (A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho. Orlando Fedeli).

Olavo não está falando de transfiguração em Cristo, mas de transmutação alquímica. O professor Orlando já havia denunciado:

> "(...) Mais do que transmutar chumbo em ouro, a Alquimia visa colocar em contato a partícula divina oculta no homem com a própria Divindade, a fim de realizar a Identidade Suprema, isto é, transmutar o alquimista em Deus." (A gnose "tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho. Orlando Fedeli.)

Olavo prossegue com sua exposição:

> "O nosso eu... Ele... Tem uma presença intermitente... Ele é... Escandido... Cortado... Ele... Volta e meia é neutralizado por outros fatores, mas nós o reconquistamos de novo, e de novo e de novo... E... O que assegura... Vamos dizer... A permanência desse eu... É somente a ação do Espírito Santo... Hum? Esta ação do Espírito Santo, tem... De... Passar... Sobre uma barreira de resistência material... Do nosso corpo. E como é que nós.. Vencemos isso? Aham? Lendo a Bíblia? Eu falo: não! Você tem tomar o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, fisicamente... Senão as coisas não acontecem." (Olavo de Carvalho. Curso Esoterismo na História e Hoje em dia. Aula 5. A partir de 00:30:22 até 00:31:08).

Veja a Montfort que Jung, explicando a doutrina do tratado falsamente atribuindo a São Tomás de Aquino - o Aurora Consurgens - diz que para a alquimia, o Espírito Santo tem a mesma conotação que o "fogo secreto" do simbolismo hermético:

> "O equivalente do Espírito Santo - se é que se pode dizer assim - é o fogo secreto, o "spiritus igneus" do Mercurius, cujos opostos consistem num "agens" (agente), o fogo, e num "patiens" (paciente), o mercúrio." (Psicologia e Alquimia. Carl Jung. Pág 473).

Conclui Olavo:

> "A transfiguração do homem... No Verbo Divino... Do ser humano no Verbo Divino... Só acontecia por um único meio (a eucaristia) ... Então eu digo: mas meu deus! Esse é o único rito iniciático que existe! O resto não é iniciático, é apenas esotérico!" (Olavo de Carvalho. Curso Esoterismo na História e Hoje em dia. Aula 5. 00:32:53 até 00:33:09).

Para Schuon, o sacramento da Eucaristia não deve ser interpretado de forma católica:

> "Que não haja mal-entendidos: não temos nenhuma opinião preconcebida contra a ideia da Transubstanciação, mas se alguém diz que a prova dessa ideia está nas próprias palavras de Cristo, não temos escolha a não ser responder que estas palavras em si não implicam o significado atribuído a elas." (O Mistério Cristão da Transubstanciação segundo a Filosofia Perene. Mateus Soares de Azevedo).

Mateus Soares de Azevedo explica:

> "(...) A teologia convencional, por outro lado, diz que o pão deixa de ser pão, e passa a ser única e exclusivamente "Corpo" após o processo de Transubstanciação. Igualmente, diz que o vinho deixa de ser vinho, e passa a constituir única e exclusivamente “Sangue" (isso pelo menos do ponto de vista católico, pois o Cristianismo oriental prefere o termo "transmutação").
>
> A Filosofia Perene nunca pôs em xeque este mistério cristão. Pelo contrário, Frithjof Schuon nos ensinou a olhar para ele com olhos novos, mais universalistas e "desinteressados" que os convencionais e “exotéricos”. O que está em jogo, segundo ele, é a "interpretação literal e quase matemática de certas palavras da (Logique et Transcendance, p. 107). E Schuon é o primeiro a compreender e a ressaltar que a ideia católica da Transubstanciação "tem o valor de um argumento propulsivo, feito para evitar qualquer interpretação naturalista ou psicologista do mistério".
>
> Quando Jesus, que era um oriental, nota Schuon, diz: "Tomai e comei, isto é o meu corpo" e "Bebei todos dele, pois este é o meu sangue" (Mateus 26: 26-28), isso significa no entendimento oriental

que estes elementos "são equivalentes ao corpo e ao sangue de Jesus no contexto da inerência Divina e do poder salvífico (....); mas, em linguagem ocidental, no entanto, as palavras do Cristo não têm senão o sentido de uma equação física rigorosa e massiva, como se tal equação comportasse a menor vantagem metafísica ou sacramental" (p.107)." (O Mistério Cristão da Transubstanciação segundo a Filosofia Perene. Mateus Soares de Azevedo).

Para os perenialistas, Jesus não é Deus (ato puro):

"O Sermão em princípio pertence ao campo esotérico e somente o Cristo, os santos e os santificados fazem a passagem da “potência ao ato”, como diriam os escolásticos." (O Sermão da Montanha. Mateus Soares de Azevedo).

É apenas um mestre iniciático, um homem divinizado:

"The Hesychast “geront” (staretz) when found will discharge all the normal functions of a guru according to the Indian conception of the word. In Hinduism one’s spiritual master is acknowledged as the direct representative of the supreme Sad-guru, the Divine Self. In Buddhism the same holds. The present writer was repeatedly told, in Tibet, that he should look on his lama as if he were “the Buddha himself.”
Hesychasm says the same: The disciple should behave toward his “geront” as if he were in the presence of Christ.
One function only the “geront” will not assume—that of “initiator.” According to the Christian spiritual economy Christ, as synthesizing the avataric function exclusively in his own person, is the only possible initiator— hence the sacraments Christ instituted are the only conceivable supports in the initiatic, as well as the exoteric, path from its inception until the goal is reached. A man may envisage these supports with greater or lesser understanding—he may use the opportunity they provide to the full or only by halves—but in principle they remain objectively all-sufficing and indivisible at the level of form, and no subjective qualification or its absence can modify the fact. Hence a human teacher, though representing Christ in a certain way, will always efface himself in principle by stressing the indirect character of the function he exercises." (We Shall Know the Truth. Mateus Soares de Azevedo. The Veil of the Temple: A Study of Christian Initiation. Marco Pallis. Pág. 50).

Schuon ensinava que Jesus não podia ser Deus:

"Se o Cristo tivesse podido ser a manifestação única do Verbo, supondo-se que esta unicidade de manifestação fosse possível, seu nascimento teria tido como efeito reduzir instantaneamente o universo a cinzas." (A Unidade transcendente das religiões. Frithjof Schuon. Pág. 36).

E, para Mateus Soares de Azevedo a encarnação do Verbo de Deus precisa ser compreendida de forma esotérica e não "fundamentalista" (católica):

"Deus se fez homem para que o homem se faça deus. Ele (Santo Irineu) está dizendo... Ele está... Relacionando isso a encarnação do verbo... Através de... De Jesus Cristo ... Também precisa ser entendido... De uma maneira esotérica e não fundamentalista... Não... É... Literal... Ou seja: porque o homem não é deus... O... O homem nunca vai ser deus... O homem não é onipotente... O homem não é onisciente... O homem não é eterno... Então logo o homem não vai ser deus, mas o homem segundo... Todos os fundadores de religião... Segundo todos os grandes mestres espirituais... O homem pode se engajar no caminho da deificatio... O caminho da divinização... O caminho da perfeição... Jesus mesmo disse: Sedes perfeitos, como... Aham... Deus é perfeito." (Palestra com o título Esoterismo tradicional no Século XXI: a visão da Filosofia Perene. Realizada no IV Encontro

> Internacional Evoliano, em São Paulo, em 10 de setembro de 2014. Disponível para acesso em: Link . A partir de 17:01 até 17:42).

De acordo com Marco Pallis e Mateus Soares de Azevedo, pode-se depreender que: UMA VEZ QUE OLAVO DEFENDE QUE OS SACRAMENTOS SÃO INICIÁTICOS, PARA ELE, JESUS NÃO É DEUS. Olavo está ensinando, sorrateiramente, que Jesus deve ser compreendido - esotericamente - como um iniciador e por isso, os sacramentos da Igreja Católica são iniciáticos (tal como Schuon, cujas doutrinas ele diz denunciar):

> "Afirmo com todas as letras que as únicas iniciações válidas são os sacramentos da Igreja Católica." (Postagem via Facebook. Perfil pessoal de Olavo de Carvalho. Em 28 de fevereiro de 2018).

E ainda:

> "Se ele (Guénon) diz que uma tradição só é completa quando seu exoterismo está fundado no seu esoterismo e que toda a Igreja Católica é apenas um exoterismo e que o esoterismo correspondente é a maçonaria, então eu sei que tipo de catolicismo ele quer. E isso é absolutamente inaceitável, isso contradiz as palavras do próprio Cristo. Quando Schuon sugeriu que havia um conteúdo iniciático nos próprios sacramentos católicos, Guénon ficou louco da vida, porque isso invalidava tudo o que ele tinha feito. E, no entanto, é claro que esse sentido iniciático do sacramento existe, porque eles são tudo o que há no cristianismo; não há mais nada além deles. O que você não obteve através dos sacramentos, não será através de um rito maçônico que irá obter." (Olavo de Carvalho. COF. Aula 19. 15 de Agosto de 2009. Excerto retirado de transcrição da aula, em arquivo PDF, pág. 18 e 19).

Essa concepção de Cristo como iniciador, ele mesmo confirmou - mais escancaradamente - quando retificou a publicação:

> "O sufismo nos vende a alto preço algo que Nosso Senhor Jesus Cristo já nos deu de graça".

O que Olavo tenta sustentar para seus alunos é que lhe parece opção melhor o "esoterismo" que Cristo "abriu a todos", do que a opção "criteriosa" do sufismo.

O Sufismo para Guénon é gnóstico. Cristo seria, consequentemente, um mestre iniciático gnóstico:

> "As tariqas são... Organizações esotéricas que treinam pessoas, supostamente para chegar aos maiore... Aos mais altos... É... Graus de realização espiritual, né? Culminando, segundo Guénon, em um negócio que se chama identidade suprema, na qual, a individualidade é totalmente rea… Reabsorvida no Absoluto e cessa de existir, como tal." (Olavo de Carvalho: Palestra sobre "O Enigma Quântico", de Wolfgang Smith. Disponível para acesso em: Link . A partir de 7:16 até 7:38).

Quanto ao seletismo do sufismo, Olavo narrará nessa mesma videoconferência, que teve de aproximar-se primeiro do braço direito do chefe da tariqa que ele tinha interesse de ingressar (Rama Coomaraswamy) para só depois conseguir contato com Sheik (Frithjof Schuon) e, a partir daí, ser admitido.

Mario Alves da Silva Filho, confirma o rigor seletivo da tariqa Maryiamyya, que foi criada por Schuon, por volta de 1965:

> "Na Tariqa Maryammiyya não há acesso livre para que alguém participe de seus rituais sem que seja membro da própria Tariqa; para ser iniciado há um longo processo de admissão, que constará de uma avaliação do material que lhe é entregue para estudo, bem como seu conhecimento sobre o

> Islã, especialmente a Shari'ah." (A mistica islâmica em Terrae Brasilis. Mario Alves da Silva Filho. Tese de Pós-graduação. PUC/SP. Disponível para acesso em: Link . A partir da pág. 124. Mais informações a respeito da tese: Link).

Para os perenialistas, a Virgem Maria também não é a Mãe de Deus, mas uma iniciadora:

> "An exception, more apparent than real, might be made in the case of the Latin rosary, if this were ever taken as the support of a fully initiatic way, which it certainly could be by one endowed with the proper understanding and dispositions; in that case, it would be logical for the Holy Virgin, as original communicator of the rosary to Saint Dominic, to appear in the role of initiator, a privilege due to her in her capacity of Coredemptrix, and which no other creaturely figure can possibly share. Evidently, there is no departure from Christian principle here." (We Shall Know the Truth. Mateus Soares de Azevedo. The Veil of the Temple: A Study of Christian Initiation. Marco Pallis. Nota de rodapé. Pág. 50).

Wolfgang Smith, o perenialista "mais católico" (segundo Olavo) defende teses favoráveis ao geocentrismo e o terraplanismo, que Olavo tem tentado difundir:

> "O fato é que... Por exemplo... No confronto entre geocentrismo e heliocentrismo, não existe nenhuma prova... É... Definitiva... Definitiva... De um lado, nem... Nem do outro... E você pode usar um sistema de referência, como pode usar o outro... Mas, se você insinuar... Que a... Terra não se move... Que ela é o centro, as pessoas vão internar você imediatamente..." (Olavo de Carvalho: Palestra sobre "O Enigma Quântico", de Wolfgang Smith. Disponível para acesso em: Link . A partir de 17:22 até 17:39). Recentemente:"É estranho haver tanta discussão em torno da “teoria da terra plana”, quando a rigor essa teoria não existe ainda. Modelos hipotéticos imaginativos não são teorias. O que há, por enquanto, é um vasto — e, pelo menos até certo ponto, eficiente — esforço de desconstrução do paradigma copernicano, esférico-heliocêntrico.
> Essa discussão ainda vai longe." (Olavo de Carvalho. Publicação via perfil pessoal do Facebook. 9 de agosto de 2019).

Olavo, já manifestou, em 1996, porque o conceito geocêntrico é tão importante para a alquimia:

> "A conquista do estado humano é a conquista de uma centralidade. E neste sentido que se deve entender o simplismo do geocentrismo. Quer dizer: o que está no centro do universo não é a Terra. É o homem? E essa centralidade, primeiro temos que entender o sentido vertical para entender depois o horizontal. E o sentido vertical significa que o homem é exatamente o mediador entre o mundo físico e o mundo espiritual. Quer dizer que entre o conjunto de leis que rege este mundo espiritual e este mundo físico só tem um ser no meio que capta os 2 lados por eqüidistância e compreende a relação entre um e outro." (Curso de Alquimia. 1996. Quinta aula. Pag 56 e 57).

Na aula com o título Santo Agostinho I, gravada em 02 de outubro de 2011, Antônio Donato introduz a seus ouvintes, Raimundo Lúlio:

> "Eu lembro... Que... Eu tenho um amigo... Que deve ser amigo de vocês, também... De alguns de vocês... Que... É... Muito tempo atrás... Me mostrou os livros de um franciscano... Muito erudito... Nos anos 1300... Se chama Raimundo Lúlio... O Raimundo Lúlio... Uma das coisas surpreendentes que eu encontrei no Raimundo Lúlio... É que ele... Inúmeras vezes, ele fala... Nos livros dele: "vocês já perceberam que um quer... Um católico praticante... Ele é capaz de aprender, em um ano, estudando filosofia... Mais do que um pagão... Estudando cinco ou seis anos, sem parar... A facilidade que ele tem... De entender a verdade das coisas... Só porque ele é católico praticante... E ele estava falando de estudos acadêmicos." (Santo Agostinho I. Antônio Donato. Aula gravada em

02 de outubro de 2011. A partir de: 01:31:35 até 01:31:58).

Quem seria esse "amigo", cujo nome, Donato não considerou oportuno mencionar?

Antônio Donato e Henriete Fonseca, constam como fundadores (além de outras pessoas) do Instituto brasileiro de filosofia e ciência Raimundo Lúlio. Essa informação pode ser verificada na ata de constituição do instituto, em 1998: Link

Alguns fundadores iniciais deixaram o instituto, todavia, Donato ainda permanece membro: Link

Veja a Montfort a descrição de um dos livros que o presidente do Instituto Raimundo

Lulio (até 2014) Esteve Jaulent se ocupou de traduzir e publicar (em 2011):

"Lúlio respeita a atividade própria de cada criatura, as assim chamadas "causas segundas" do universo. Sem esquecer, porém, o poder infinito de Deus, mestre e governador do mundo, o filósofo catalão admite que cada realidade possui uma capacidade de atuar, definida e delimitada por sua natureza concreta. Nos seres dotados de alma inteligente esta capacidade atua livremente e é desta maneira que se tornam responsáveis de todas suas ações.

É assim que o ser humano se torna bom ou mal. Admite, portanto, a existência de uma corrente de causalidade que vai da Primeira Causa ao último efeito. A influência dos astros e das constelações sobre a humanidade integra também essa corrente de causas e se explica, sobretudo pela sua composição elementar. A medicina deve tê-la em conta em seus diagnósticos e prescrições. Contudo, a livre vontade do homem pode se opor às influências astrais.

Medicina, geomancia e astrologia, três disciplinas que apaixonaram a Idade Média, reencontram-se neste Novo Tratado de Astronomia, obra clássica da astrologia medieval, que expõe o conjunto desses saberes em uma nova perspectiva."

Livro Astrologia Medieval (o novo tratado de astronomia de Raimundo Lúlio - Ramón Llullio) traduzido por Eteve Jaulent. (Disponível para acesso em: Link).

Aqui se encontra novos indícios a respeito da doutrina astrológica da influência astral, de Olavo de Carvalho, que o professor Orlando já havia denunciado quando comentou uma edição da revista Planeta. Doutrina que até mesmo o Antônio Donato ecoou na aula Concílio Vaticano II Grécia Antiga.

Assim que esse livro estiver escaneado, enviarei a Montfort.

Anexarei uma pasta com livros e artigos, disponibilizados pelo instituto. Há muitos materiais que abordam temas como o diálogo inter-religioso entre cristãos, muçulmanos e judeus, além de legitimarem obras pseudo-lulianas. (Mais informações em: Link, Link e Link.

Sra. Coomaraswamy

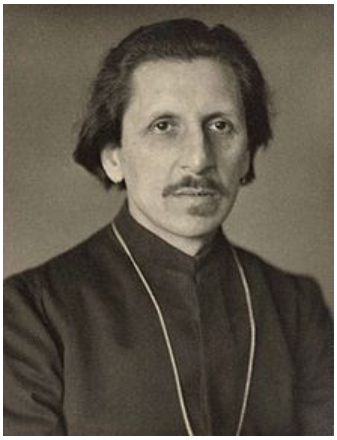
Na América, Shri Nathji encontrou uma senhora, a certa Sra. Coomaraswamy. Ela queria ver Shri Nathji especialmente para adverti-lo. Ela tinha descoberto que Shri Nathji era um verdadeiro preceptor espiritual. "Saia deste país", ela disse a Shri Nathji,

> "pessoas sinceras como você não podem existir aqui. Eles destruíram meu marido. Eles vão destruir você também!"

Sua implicação era que, se Shri Nathji ficasse tempo suficiente na América, ele se tornaria como outros espiritualistas, que ele perderia sua espiritualidade no falso brilho do materialismo, que seria explorado por homens inescrupulosos que se tornariam seus devotos para ganho material. Isso tinha acontecido no passado. Alguns homens espirituais relativamente simples tinham caído presas das artimanhas de gangues de exploradores que se ligavam aos homens santos e construíam suas imagens, estabelecendo centros e ashrams, puramente para o conforto de uma vida fácil, onde o dinheiro fluía com o mínimo de esforço possível. Os gurus, iogues e swamis indianos que buscavam explorar o crédulo americano muitas vezes descobriam que o crédulo americano não era tão crédulo assim. O que resultava no final era uma parceria de benefício mútuo. Os gurus conseguiam o que queriam depois de vender seus valores espirituais, e os devotos conseguiam o tipo de gurus que queriam. A Sra. Coomaraswamy logo percebeu que os valores espirituais de Shri Nathji não estavam à venda. Nem toda a riqueza do Universo poderia comprar Deus. Ele havia impedido os Rosboroughs de passar o prato ao redor após seus sermões, dizendo:

> "Se vocês fizerem isso, deixarei de encontrar qualquer pessoa! Os ganhos do meu filho são suficientes para mim!"

Quando Shri Nathji começou a falar com a Sra. Coomaraswamy, sua alma atormentada começou a experimentar uma sensação de imensa paz e felicidade. Shri Nathji contou à Sra. Coomaraswamy uma parábola muito interessante. "Oh, essa é uma das histórias espirituais mais encantadoras que já ouvi!" ela disse, "Por favor, escreva-a quando tiver tempo e me dê uma cópia!" Infelizmente, Shri Nathji nunca encontrou tempo para escrevê-la. A parábola é de Shams Tabrez e Maulana Rumi, que está dada no Mahagranth – Deus Encarnado nas páginas – 1115 -1117.



Sra. Coomaraswamy - Dona Luisa Runstein, foi a terceira esposa (Sua primeira esposa era britânica e a segunda americana) de Ananda Kentish Coomaraswamy (22 de agosto de 1877, Colombo, Ceilão – 9 de setembro de 1947, Needham, Massachusetts), que foi um filósofo e metafísico ceilão, além de um historiador e filósofo pioneiro da arte indiana, particularmente da história e simbolismo da arte, e um dos primeiros intérpretes da cultura indiana para o Ocidente. Em particular, ele é descrito como

> "o teórico inovador que foi em grande parte responsável por introduzir a arte indiana antiga ao Ocidente".

Coomaraswamy (cuja fotografia é dada) fez importantes contribuições para a filosofia da arte, literatura e religião. Ele escreveu muitos livros famosos como "A Dança de Shiva". Ele atuou como curador no Museu de Belas Artes e foi significativo na introdução da arte oriental ao Ocidente, até sua morte em Needham, Massachusetts, em 1947. De fato, no Museu de Belas Artes, ele construiu a primeira grande coleção de arte indiana nos Estados Unidos. Ele também ajudou na coleta de arte persa para a *Freer Gallery of Art* em Washington, D.C. e para o Museu de Belas Artes.

Em 18 de novembro de 1930, Coomaraswamy se casou com uma mulher argentina de ascendência judaica, Luisa Runstein, que era 28 anos mais jovem que ele. Ela trabalhava como fotógrafa da alta sociedade sob o nome profissional de Xlata Llamas. Eles tiveram um filho, Rama Ponnambalam, que se tornou médico **e autor de obras tradicionalistas católicas**. Após a morte de Coomaraswamy, sua viúva, Dona Luisa Runstein, atuou como guia e recurso para os estudantes de seu trabalho. Ela teve a boa fortuna de ser abençoada por Shri Nathji em 1964.

Artigo Original: Link

Coomaraswamy e Crowley

Jonson Miller da Universidade Drexel forneceu mais informações sobre as relações entre Ananda Coomaraswamy e Aleister Crowley:

> "Não se sabe como Coomaraswamy e Crowley se conheceram, mas eles tiveram um **relacionamento substancial** enquanto Crowley estava vivendo **na cidade de Nova York em 1916**."

Coomaraswamy pediu a Crowley para ajudar a promover as apresentações de sua esposa Alice Ethel em 1916. Crowley escreveu resenhas sobre ela na *Vanity Fair* e ofereceu cartas de recomendação para ela. Ela e Crowley rapidamente se tornaram amantes e parceiros mágicos, praticando magia sexual em abril de 1916. Alice ficou grávida.

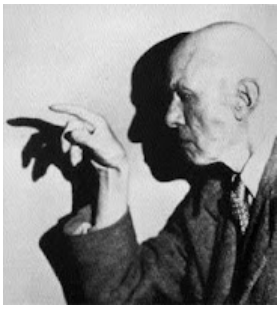
Crowley [cuja versão é, claro, parcial—Ed.] diz que Coomaraswamy estava bem ciente do caso deles e até o incentivou, querendo que Crowley assumisse as despesas de vida dela enquanto estivesse em Nova York. Em troca, Crowley apresentou Ananda a Gerda Maria von Kothek, uma prostituta e ex-amante de Crowley. Coomaraswamy e von Kothek logo estavam morando juntos.

[Novamente segundo Crowley—Ed.], quando a carreira de Alice Ethel começou a decolar, Coomaraswamy a queria de volta. Alice Ethel amava Crowley, mas, por qualquer motivo, decidiu voltar para a Inglaterra com Coomaraswamy. Ela sofreu um aborto devido ao enjoo marítimo durante a viagem. Crowley culpou Coomaraswamy pela morte de seu filho e o odiava por isso.

Veja:

- Richard Kaczynski, *Perdurabo*, pp. 241-242, 245, 248-149
- Lawrence Sutin, *Do What Thou Wilt*, p. 256
- Crowley, *Confessions of Aleister Crowley*

Dr. Miller também corrigiu minha descrição da Golden Dawn como "grupo ocultista de Aleister Crowley" (*Against the Modern World*, pp. 53 e 214). Ele escreveu:



Crowley foi um membro importante da Golden Dawn, que ele havia se juntado em 1898, mas deixou a ordem bem antes deste período.

Crowley serviu como braço direito do líder da ordem por volta de 1900, durante o qual ocorreu um cisma na ordem, deixando W.B. Yeats como líder da facção de Londres. Crowley também perdeu a fé em Mathers. Isso efetivamente deixou Crowley fora da Golden Dawn após 1900. Posteriormente, Crowley alegou ter feito contato legítimo com os *Secret Chiefs* que governavam a ordem, tornando-o o líder da Golden Dawn. Ele então alegou destruir a ordem como ela existia e, em 1906/07, a reconstituiu como a AA, uma ordem sucessora com uma organização muito diferente. Se aceitarmos as alegações de Crowley, então ele era tecnicamente o líder da Golden Dawn, mas não do grupo e das pessoas a quem você se refere. Em 1914, período durante o qual você fala da "*Golden Dawn de Crowley*", Crowley há muito tempo não se associava com aquele grupo. Naquela época, ele era o líder da AA e da seção britânica da *Ordo Templi Orientis*, um grupo maçônico ao qual Gerard Encausse havia pertencido. Portanto, embora Coomaraswamy e Crowley se conhecessem muito bem, eles não se conheceram através de Yeats ou da Golden Dawn.

Artigo Original: Link

Foi noticiado que Donald Trump, em campanha presidencial para as eleições de novembro deste ano, sofreu uma tentativa de assassinato. Como descobrir a verdade com tantas e contraditórias notícias?

Deixo aqui a primeira instrução: Não devemos dizer que coisa x aconteceu, mas que *foi noticiado que coisa x aconteceu.* Por que digo isso? Porque jornais se enganam e jornais enganam. Os jornais são o meio de comunicação para passar uma visão de acordo com a visão do *dono* do jornal. Claro, assim como eu escrevo para passar a minha visão, eles também escrevem para passar suas próprias visões.

Enquanto estamos nesse processo de encontrar a verdade, nos pergutemos: o melhor Serviço Secreto do mundo deixaria simplesmente um atirador "passar desapercebido"? Qual a chance de uma *falha* ter acontecido? Ora, essas coisas não *acontecem,* elas são **feitas.**

É certo que não houve uma falha na segurança e que houve cooperação interna. Também, seguindo a lógica elementar que ou algo é ou algo não é, ou a tentativa de assassinato foi real ou não foi. Ou o a segurança *"deixou"* acontecer para que o homicídio se consumasse ou para **parecer** que foi tentado. **Resumindo: Não houve "*falha*" de proteção. Ou deixaram acontecer porque tentaram ou para fazer parecer que tentaram.**

Conhecendo a história americana sabemos: **as duas coisas são igualmente possíveis.**

Certamente seremos criticados e chamados de conspiracionistas porque não caímos na hipnose dos jornais que tentam nos enganar. E para que fique claro: nós estamos certos e eles estão errados. Nós somos os sãos e os seguidores desses jornais são os loucos. Nós falamos a verdade e os jornais mentem.

Prosseguindo: é notório que o mundo está muito dividido e há sentimentos de guerra em todas os grupos. Que Donald Trump divide os EUA ao meio, entre os que o amam e os que o odeiam é fato. Que setores da burocracia americana militam contra Trump é fato. Que esta mesma oligarquia está de braços dados com Bergoglio e que Trump e Viganò se apresentam como os "anti-establishment" e uma *oposição* ao sistema, também é fato.

Dito tudo isso, qual é o parecer da Ação Restauracionista? O Que devemos pensar a respeito?

Sinceramente? Nenhum e nada. Espero que os leitores e amigos da Restauração já tenham compreendido que as disputas partidárias seja no Brasil, seja nos EUA, seja na França ou em qualquer outra parte do mundo não é problema nosso. Não é uma guerra nossa em que um dos lados é nosso representante, defensor da nossa fé e de nossa causa.

Pelo contrário: Todos eles estão mutuamente empenhados e mancomunados em destruir a nossa fé, a impedir uma verdadeira Restauração, a nos boicotar e não nos prestar apoio algum. Não se iludam: Bolsonaristas ou Trumpistas, Viganòs e Paulos Ricardo não moveriam uma palha para nos ajudar em coisa alguma e nem mesmo prestariam solidariedade. E nós, por esses motivos, não prestaremos solidariedade alguma também.

Seja lá quem saia por cima, quem vença ou quem perca, nossa atitude será a mesma: manteremos firmemente nossos ideais e descreveremos a situação como ela é. Continuaremos apontando as contradições de um lado e de outro, seja ele quem for e em que lugar for.

O Restauracionista deve se preocupar sempre em manter a fé, aprofundar os seus conhecimentos, continuar as batalhas intelectuais e criarmos ambientes imunes ou o mais autônomo possível dos acontecimentos mundanos. O Restauracionista observa estes acontecimentos de longe, como quem vê duas cidades em guerra enquanto cuida de proteger e fortalecer sua própria vila.

Rezemos pela conversão dos povos e nos fortaleçamos, mantendo puros os nossos ideais sem fazermos compromissos.

Fogo no mundo, sem ralliement!

Mateus Larsan, S.C.R.E.

Líder da Ação Restauracionista

OS DETRATORES DE LA SALETTE

Os padres Ricossa e Belmont são **orgulhosos**, e como todos os orgulhosos, são obstinados e se fecham em seu próprio julgamento, chegando a atacar a verdade conhecida [1], merecendo assim o castigo inexorável dos orgulhosos: a cegueira [2]. Eles não são os primeiros, nem serão os últimos.

Adeptos da TESE MATERIALITER-FORMALITER, acreditam ser obrigados a reconhecer que a seita conciliar é materialmente a Igreja Católica. Esta tese (que eu compartilhei), devida a Monsenhor Guérard des Lauriers e seus amigos, pareceu durante muito tempo defensável, pois era a única que dava uma resposta aparentemente coerente ao problema da visibilidade da Igreja, já que, de acordo com o Vaticano I, a Igreja deve sempre permanecer visível. Ainda hoje, o padre Ricossa recusa em seu seminário aqueles que não compartilham a tese.

Desde então, muitos estudos foram publicados para encontrar a resposta a essa objeção, em particular *A Igreja ESTÁ* _eclipsada [3] e nosso panfleto sobre *A Visibilidade da Igreja*. Por outro lado, Myra Davidoglou refutou definitivamente a tese em sua revista, trabalho disponível sob o título: _Análise lógica da tese chamada de Cassiciacum [4]. O padre Zins, por sua vez, há muito tempo demonstrou sua impossibilidade teológica. Suas importantes questões a Monsenhor Guérard permaneceram sem resposta, pois era impossível responder.

Finalmente, tendo conhecido bem Monsenhor Guérard des Lauriers, acreditamos que hoje Monsehor não sustentaria mais sua tese. À pergunta que um dia lhe fiz: *qual é o valor dos atos de um Papa materialiter?* ele me respondeu: *nenhum*. Continuando com a segunda pergunta: *então, o que acontece com as nomeações dos cardeais e dos futuros conclaves*? ele me respondeu: *minha tese se extingue com o tempo*.

Uma das mais graves revoluções conciliares foi refundir todos os rituais de todos os sacramentos[5]. À pergunta: *qual foi a intenção dos inovadores?* somos obrigados a responder:

1° impor novos ritos; 2° mas, sobretudo, proibir todos os antigos ritos.

É, portanto, evidente que se a seita conciliar tivesse a mesma intenção que a Igreja Católica, ela teria ao menos permitido que os ritos eternos subsistissem. Ao destruí-los, pior ainda, ao perseguir aqueles que a eles se apegam, prova que **a intenção** daqueles que impuseram esses novos ritos é **diferente** e, portanto, com base no princípio da não contradição, para um católico que sabe que a Igreja é infalível em sua liturgia [6], esses novos ritos são **inválidos** (felizmente, aliás!). Em particular para as ordenações e consagrações [7]. **Eles se dizem padres ou bispos, eles se creem padres ou bispos, eles nos fazem crer que são padres ou bispos, ELES NÃO SÃO.**

Para este problema (talvez ainda mais grave que o NOM), ficamos surpresos ao ver que poucos clérigos compreenderam o perigo e que os defensores da TESE nunca falam sobre isso.

A explicação é simples: é **impossível** que rituais que destroem e não transmitem o sacerdócio e o episcopado possam ter sido criados pela Igreja de Jesus Cristo. Eles só podem vir do Adversário. E, portanto, é impossível que a seita conciliar seja a Igreja Católica, **mesmo materialmente: a tese se desmorona.**

Por outro lado, para eles, como para todos os padres formados em Ecône, os leigos têm apenas três deveres: pagar, fornecer vocações e se calar. Enquanto compartilham as ideias impostas pelos clérigos, são boas pessoas. Mas se questionarem o guru e insistirem em fazer a pergunta que não deve ser feita, são rejeitados, desprezados, ridicularizados, odiados e até mesmo odiados. Sabemos bem disso.

Então, uma opinião defendida por um leigo só pode ser ridícula, de uma *mediocridade pretensiosa*, etc. Já conhecemos... Há trinta anos estamos acostumados. Que caridade! E depois de suas tolices e insultos, quando os repreendemos como merecem, nos acusam de falta de caridade! Como sempre, é aquele que denuncia o

erro que se torna o vilão, não quem o ensina. Triste.

Para desenvolver a impossibilidade de confundir a seita conciliar com a Igreja Católica, baseamo-nos na mensagem de La Salette e, mais precisamente, no segredo de Mélanie. Releia nosso panfleto: *A Igreja ESTÁ eclipsada*, que permitiu a muitos (como nos disseram ou escreveram) compreender de uma maneira coerente e definitiva a crise e sua solução. Nenhuma refutação deste texto foi feita até hoje, nossos detratores acreditando serem mais espertos ao tergiversar.

Eles agiram como servos do maligno: ousaram atacar diretamente La Salette. Não a aparição, isso teria sido muito evidente e não teria funcionado. Encontraram algo melhor: atacar o que os incomoda, os segredos dos videntes.

Ainda mais hipócritas, esses fariseus até mesmo se proibiram de citar uma palavra desses segredos. Eles ressuscitaram dois textos do Santo Ofício para darem a aparência de virtude e fidelidade, textos de 1915 e de 1923, que de repente (37 anos após a difusão dos segredos!?) proíbem lê-los e divulgá-los.

Hipócritas! Há muito tempo que esses padres os leram! Hipócritas, eles que passam o tempo agindo contra uma quantidade de outros textos! E, acima de tudo, orgulhosos!

Há muito tempo esse problema foi resolvido e a Verdade é conhecida. Há muito tempo que todos os católicos leram os segredos e entenderam que esses segredos *(Mélanie, o que vou lhe dizer agora não será sempre segredo; você poderá publicá-lo em 1858)* são mensagens proféticas da Santíssima Virgem Maria para o nosso tempo.

Revelados em 1878, com *Imprimatur* primeiro do Cardeal Sforza de Nápoles, depois de Dom Zola, bispo de Lecce, esses segredos surpreenderam e escandalizaram alguns. Rapidamente difundidos amplamente em todo o mundo, foram uma bomba entre o clero (particularmente atingido), com a Santíssima Virgem Maria denunciando suas depravações. Muitos católicos entenderam, especialmente ao ver os milagres e as conversões de La Salette.

Mas imediatamente surgiram opositores ferozes. A Santíssima Virgem ousou dizer que: *os **padres**... se tornaram cloacas de impureza, ...os pecados das **pessoas consagradas** a Deus clamam ao Céu..., os **chefes**, os **líderes** do povo de Deus negligenciaram a oração e a penitência e o demônio **obscureceu suas inteligências**... Deus vai castigar de uma maneira sem* _precedentes... etc. [8]

A cada geração, entendemos que, através desses textos tão densos, complementados pelos de Pontmain e, sobretudo, de Fátima, nossa Santa Mãe quis que Seus filhos da França vissem, compreendessem e combatessem. **Tudo dá razão a La Salette.** Somente La Salette dá a explicação. Os franceses, os católicos franceses, são devotos muito apegados a La Salette, proibindo que se toque em La Salette. Que os italianos não compreendam isso, pode-se conceber (ainda que... tudo se realiza conforme as palavras de La Salette, mesmo na Itália [9]), mas que os franceses sigam tais gurus, é inadmissível. Somente o orgulho e seu castigo podem explicar um comportamento tão cego.

Como antigamente, os detratores falam de **censuras**, ocultando a carta do P. Lepidi, Mestre do Sagrado Palácio, membro do Santo Ofício e do Index, que, em 16 de dezembro de 1912, escrevia ao Cardeal Luçon:

> ***"O segredo de La Salette nunca foi condenado de maneira direta e formal pelas Sagradas Congregações de Roma... As condenações referem-se diretamente e formalmente aos dois livros escritos pelo abade Combe e de modo algum ao Segredo".***

Esse mesmo P. Lepidi, em 1922, renovará o *Imprimatur*. Então?

Ainda mais que o famoso decreto de 1915 não porta a assinatura de nenhum dos Cardeais dignitários ou membros da Sagrada Congregação, mas apenas a do notário Louis Castellano, sem qualquer menção de data,

nem de votação do "Decreto" em reunião da Congregação do Santo Ofício, nem de sua apresentação para aprovação do Papa Bento XV.

Ele absolutamente não impõe qualquer censura, nem sobre o opúsculo de Mélanie, nem sobre o Segredo em particular, nem qualquer proibição de possuí-lo, lê-lo e divulgá-lo.

Então, o que pensar disso? Para nós, isso é uma **FRAUDE**, e apoiar-se apenas nesse texto para proibir (até mesmo a leitura do Segredo) **é ser cúmplice dessa fraude**. Renovar tal traição em 2001 é uma perfídia sem nome. Não encontro nenhum adjetivo suficientemente forte para definir vocês. Depois de tudo que vivemos nos últimos 150 anos, vocês são ainda mais culpados do que eles. O concílio, enorme castigo, a Igreja eclipsada, Roma tendo perdido a Fé, o sacerdócio castigado, o Anticristo reinando, a abominação da desolação no lugar santo, a terceira guerra mundial começada, uma sucessão de JP II obviamente catastrófica, etc.: isso não é suficiente para vocês. Sabemos há 150 anos que os detratores de La Salette se tornam nossos inimigos, pertencem ao campo do inimigo. Sabemos há 150 anos que Nosso Senhor não tolera que se toque em Sua Santa Mãe. O que vocês fazem é abominável: vocês se juntam ao campo dos Seus inimigos. Devemos aplicar a vocês: ... os chefes, os condutores do povo de Deus negligenciaram a oração e a penitência e o demônio **obscureceu suas inteligências**...

Reconsiderem, reestudem essas questões graves. Não somos seus inimigos. Meditem sobre La Salette, seus ensinamentos, suas lições e convertam-se, senão vocês perecerão, conduzindo seus fiéis ao erro.

Oremos à Virgem de La Salette, Rainha da França, para proteger nossa Fé.

Louis-Hubert Remy, 8 de dezembro de 2001

FOTOCOPIAR E DIVULGAR

---

[1] Um dos seis pecados contra o Espírito Santo, pecado imperdoável se houver obstinação. Esse foi o dos bispos no momento do Concílio, é o dos que se aliaram, é o de Ecône. A sanção é sempre a mesma: cegueira e *vomitados por Deus*. Terrível. Sejamos muito vigilantes, orando humildemente, pois se perdermos a Fé, perderemos a vida eterna.

[2] O abade Belmont foi seriamente alertado desde a chegada daquele que iria destruir sua escola. Em vez de se informar com aqueles que conheciam precisamente os defeitos desse rapaz, este abade desdenhou o conselho. Vimos o resultado. É bom esclarecer que sua escola, especializada no catolicismo medíocre pretensioso BLMM (burguês, liberal, materialista, mundano), era muito discutível e a sanção permitida pela santa Providência só o surpreendeu. O abade deveria ter se humilhado um pouco, mas o orgulho sempre volta, daí o n° 11 de seu boletim com tom vaidoso e prepotente. O mesmo para o abade Ricossa.

[3] Título de uma brochura (disponível na ACRF, BP 2, 44140 Aigrefeuille, 60 francos franco) que estuda por que a Santíssima Virgem Maria escolheu essa palavra e o que ela quis nos ensinar com isso.

[4] Disponível em caderno na ACRF por 12 francos + frete.

[5] Leia e estude a brochura *Os bispos consagrados pelo novo rito são bispos?* em particular o prefácio e a conclusão. (disponível em caderno na ACRF, 18 francos + frete).

[6] Leia e estude a brochura muito clara e precisa escrita pelo abade Vacant em 1887: *O Magistério ordinário da Igreja e seus órgãos* (disponível em caderno na ACRF, 12 francos + frete), na qual, desenvolvendo o Vaticano I, ele lembra que a Igreja é infalível nas verdades da Fé católica, nas conclusões teológicas, nos fatos dogmáticos, na disciplina, na canonização dos santos e no culto.

[7] Para estudar os novos rituais das sagrações, geralmente se baseia nos rituais criados sob Paulo VI, mas há muito tempo esses rituais não são mais utilizados e estamos em pleno delírio. Veja, por exemplo,

recentemente, a ordenação episcopal (sic, eles nem falam mais de sagração!) do novo "bispo" de Nîmes, uma cerimônia escandalosa. Ele não é de forma alguma um bispo católico, ele é o chefe do rebanho conciliar de Nîmes com a função de desviar e perder suas ovelhas. Paremos com a linguagem evasiva dos padres e bispos da Fraternidade São Pio X: **os bispos conciliares não são bispos**, **os padres conciliares não são padres.**

[8] A Santíssima Virgem Maria se dirige a todos os padres de todas as épocas, incluindo os abades Ricossa e Belmont.

[9] Leia *O Vaticano nu*.

Sobre René Guénon e a Maçonaria – Guénon e a Cabala

Antigo Venerável Mestre da *Grande Triade*, Karl van der Eyken expõe algumas contradições aos dissidentes críticos da maçonaria apaixonados pelo guenonismo.

René Guénon (1886-1951) exerceu uma influência considerável sobre as direitas nacionais ou reacionárias (Léon Daudet, Gonzague Truc, Antonin Artaud…), influência ainda presente nos dias de hoje. Ele foi bem recebido entre os católicos com seu livro *Le Théosophisme, Histoire d'une Pseudo-religion*, publicado em 1921 em uma coleção dirigida por Jacques Maritain, assim como com *L'Erreur Spirite* em 1923, que trata da origem e das teorias do espiritismo. Em 1924, ele publicou *Orient et Occident* seguido em 1927 por *La Crise du Monde moderne*, livros bem acolhidos pela *Action française*, seduzida pela condenação dos princípios democráticos. Pode-se questionar se realmente se compreendeu a extensão dos remédios guenonianos, pois estes são bem mais dramáticos que a doença que aflige o mundo moderno. Voltarei a esse aspecto da questão. Antes de abordar os aspectos doutrinários de sua obra, e para situar seu meio social, procedamos a uma descrição sucinta dos encontros de Guénon. Ele desempenhou um papel central no meio esotérico, ocultista e maçônico, considerando-se porta-voz da grande Tradição primordial (doutrina rosacruciana), da qual todas as tradições particulares seriam originárias. Entremos nesse vasto assunto com ele, que, em 1905, inscreveu-se no colégio em Paris em Matemáticas Especiais com o objetivo de se preparar para os concursos das Grandes Escolas.

Longe do nível exigido, foi obrigado a abandonar. Em 1906 — aos 20 anos —, já havia sido aceito na *Ordem Martinista* de Papus. Depois foi aceito por duas obediências maçônicas ligadas a esta Ordem: a loja "Humanidad" (*Rito Nacional Espanhol*) presidida por Téder [1], e o Capítulo "INRI" onde Theodor Reuss [2] foi lhe entregar o cordão de Kadosh do ritual da "Vingança das coroas reais e das tiaras papais". Apesar de uma curta carreira, esta foi coroada para Guénon com uma patente de 30º-90º grau do *Rito de Memphis Misraïm*.

René Guénon (1925)

Guénon e a Cabala

O martinismo tira seu nome de Martinez de Pasqually e é às vezes chamado de "martinezismo", para distingui-lo dos escritos de seu secretário Louis-Claude de Saint Martin.

Mas, como o secretário foi tão influenciado por seu "mestre", essa distinção só faz sentido para alguns puristas. Com o martinismo, Guénon foi impregnado do esoterismo judaico, a Cabala, e do hermetismo rosacruciano. Quem foi Martinez de Pasqually? Segundo Bernard Lazare [3]:

> "Havia judeus ao redor de Weishaupt, e Martinez de Pasqualis [a grafia varia], um judeu de origem portuguesa, organizou muitos grupos iluministas na França e recrutou muitos adeptos aos quais iniciava no dogma da reintegração. **As lojas martinistas foram místicas, enquanto as outras ordens da maçonaria eram mais racionalistas; o que permite dizer que as sociedades secretas representavam os dois lados do espírito judaico: o racionalismo prático e o panteísmo, esse panteísmo que, reflexo metafísico da crença no deus único, às vezes culmina na teurgia cabalística. Facilmente se demonstraria a concordância dessas duas tendências**, a aliança de Cazotte, de Cagliostro, de Martinez, de Saint-Martin, do conde de Saint-Germain, de Eckartshausen, com os enciclopedistas e os jacobinos, **e a maneira como, apesar de sua oposição, eles chegaram ao mesmo resultado, ou seja, o enfraquecimento do cristianismo. Isso, mais uma vez, serviria apenas para provar que os judeus poderiam ser os bons agentes das sociedades secretas […]". E Lazare acrescenta: "O caso de Martinez de Pasqualis é bastante especial, e, no entanto, não se deve esquecer que, antes de organizar suas lojas, Martinez já era iniciado nos mistérios do iluminismo da Rosa-Cruz".**

Guénon e o Congresso Espiritualista de 1908

Em 1908, Papus organizou em Paris o Congresso Espiritualista, reunindo dezessete obediências maçônicas, incluindo uma obediência árabe, "Os Filhos de Ismael". Guénon era Secretário do Congresso, como mostra uma foto onde ele está sentado no palco de honra atrás de Papus, usando um colar da *Ordem Martinista*. Alguns maçons poderiam objetar aqui que entre essas obediências presentes havia algumas que não eram reconhecidas, por falta de "regularidade maçônica".

Trata-se de um sofisma que negligencia o essencial. Essa suposta "regularidade" é baseada em um embuste de continuidade (portanto não interrompida) entre a Maçonaria "operativa" e a Maçonaria moderna, chamada "especulativa".

A Grande Loja de Londres, fundada em 1717, é a Loja "mãe" de toda a Maçonaria. Ela criou seu ritual do zero, inspirando-se em "A Nova Atlântida" do Rosa-Cruz Francis Bacon (1561-1626), onde reaparece, após 15 séculos (!), o Templo de Salomão, "casa da ciência" (sic) [4]. No início, a Grande Loja de Londres conhecia apenas dois graus (salomonianos), sendo que o terceiro não apareceu antes de 1723 [5]. Os altos graus foram enxertados nesses três primeiros graus, a "medula" maçônica. É a diversidade dos altos graus que é a origem dos diferentes Sistemas, gerando pretensão e rivalidade em torno da pseudoquestão da "regularidade". Portanto, a questão da "regularidade maçônica" não se coloca! E, é claro que essa questão não influencia em nada a mesma finalidade, a saber, o liberalismo antidogmático (cada um com sua verdade), que só pode visar a única instituição dogmática existente, a Igreja Católica.

Quem era Papus? O Dr. Gérard Encausse (1865-1916), conhecido como "Papus", foi membro da Sociedade Teosófica, da Hermetic Brotherhood of Luxor (H. B. of L.), da Hermetic Order of the Golden Dawn, cofundador e primeiro Grande Mestre da Ordem Martinista e cofundador, junto com Stanislas de Guaïta, da Ordem Cabalística da Rosa-Cruz [6]. Papus nomeou John Yarker para sucedê-lo na liderança da Ordem Martinista, Yarker [7] cujo círculo de relações incluía, entre outros, Mazzini e Garibaldi...

Gérard Encausse, conhecido como Papus

Segundo biógrafos guenonianos, Guénon teria rompido com Papus por causa desta frase em seu discurso de abertura: "As sociedades futuras serão transformadas pela certeza de duas verdades fundamentais do espiritualismo: a sobrevivência e a reencarnação". O Congresso tendo ocorrido em 7 de junho de 1908, a ruptura foi consumada apenas em 6 de junho de 1909, um ano depois! Detalhe insignificante, mas é precisamente a apresentação — a "comunicação" dos fatos — que, geralmente, condiciona a opinião. Então, quem tomou a iniciativa dessa ruptura? De um alcance que vai além do simples "incidente", os biógrafos apresentam a frequência de Guénon nesse meio infernal como um benefício. Eles baseiam sua argumentação em uma resposta dada por Guénon àqueles que claramente lhe censuravam essa frequência: "Se tivemos de, em certa época, penetrar em determinados meios, foi por razões que só nos dizem respeito" [8]. Sua resposta não é nada além da resposta habitual a uma pergunta relativa à vida privada que, obviamente, não diz respeito a ninguém.

Muito bem escritos, entre outras referências ao pleroma, seus dois poemas demonstram seu conhecimento íntimo das questões envolvidas.

Guénon é apresentado como um investigador da "regularidade iniciática" [9], um "inquisidor do esoterismo". Para cortar essas alegações, basta olhar os títulos de alguns escritos não publicados, redigidos em 1905 ou 1906 pelo "jovem" martinista. Guénon compôs uma dezena de poemas, bem como o início de um romance intitulado *A Fronteira do Outro Mundo*. Os títulos de seus poemas são particularmente eloquentes: *O Navio Fantasma, Baal Zeboub, A Grande Sombra Negra, Ladainhas do Deus Negro, Os Aspectos de Satanás..., Satan-Panthée* (*ad majorem Diaboli Gloriam*). E em *A Grande Sombra Negra,* um possesso é libertado por um feiticeiro, portanto não por um padre... Esse estado de espírito do "jovem" Guénon demonstra claramente como suas preocupações estavam muito distantes de um "investigador lúcido"!

Publicado em [L'Héritage]() em junho de 2018

Karl VAN DER EYKEN

[1] – Henri Charles Détré (1855-1918), conhecido como "Téder", foi expulso da Bélgica em 1884, e é muito possível que ele tenha sido agente de um serviço secreto não especificado a serviço da potência imperialista britânica.

[2] – Theodor Reuss (1855-1923) era de origem germano-inglesa, sendo ao mesmo tempo ocultista, anarquista, espião prussiano e defensor dos direitos das mulheres. Por volta de 1895, foi fundado o Ordo Templi Orientis (OTO), dirigido por Karl Kellner (1850-1905) e depois por Reuss. O OTO foi desenvolvido como uma loja maçônica e martinista adjacente ao Rito de Memphis Misraïm. Reuss e Kellner eram adeptos da magia sexual, a "Via da Mão Esquerda" (Vâmâcâra). O membro mais notório do OTO é Aleister Crowley (1875-1947), "A Grande Besta", conhecido adepto da magia sexual; ele também era espião britânico.

[3] – L'Antisémitisme, son Histoire et ses Causes, 1894, pp. 339-340.

[4] – Link

[5] – Alec Mellor, *Dictionnaire de la Franc-Maçonnerie et des Francs-Maçons*, Pierre Belfond, 1971-1979, cf. Maître/Maîtrise: "Quand et comment o 2º Grau se desdobrou? Esse é o problema. Apesar de imensas pesquisas, ele permanece obscuro. A lenda de Hiram, alma do nosso 3º Grau, é de origem discutida." Daniel Ligou, *Dictionnaire de la Franc-Maçonnerie*, PUF, 1987, cf. Maître: "A iniciação ao grau de Mestre gira inteiramente em torno da lenda de Hiram, construtor do templo de Salomão e assassinado por três Companheiros. Não se sabe quando e como a lenda de Hiram penetrou na Maçonaria."

[6] – Papus fez várias visitas à Rússia para encontrar Martinistas, entre os quais estava o "mestre" curandeiro Philippe de Lyon, que o introduziu à corte do Tsar. Posteriormente, Papus e Philippe foram expulsos da Rússia, suspeitos de espionagem. Papus também tinha vínculos com vários arquiduques e arquiduquesas afiliados ao Martinismo, incluindo as irmãs Anastasia e Militza de Montenegro.

[7] – John Yarker (1833-1913), Grande Mestre do *Rite de Memphis Misraïm* e membro da Loja de Pesquisas *Quatuor Coronati* (Loja de Pesquisas maçônicas, referência na área) havia inventado do zero um rito com Clement Stretton (1850-1915), conhecido como "Sistema de Stretton". Esse Rito foi apresentado como uma sobrevivência da antiga maçonaria operativa, que foi aceita como tal por décadas por muitos maçons, incluindo Guénon, que ainda se refere a ele em seu livro *A Grande Triade* em 1946. A esse respeito: Link Pela primeira vez conhecemos o autor de um ritual; os autores são sempre desconhecidos — e entende-se bem o porquê…

[8] – Le Voile d'Isis, 1932, p. 351.

[9] – Aperçus sur l'Initiation, 1946, ch. V, « De la régularité initiatique ». Com Guénon, eu só indico os capítulos e não os números de página devido às múltiplas reedições com suas próprias paginações.

[10] – Termo empregado na revista La Gnose, 1911, N° 2, Le Symbolisme de la Croix.

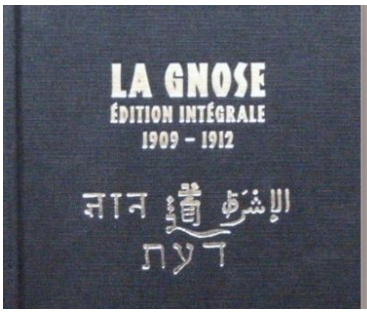
[11] – L'Erreur spirite, 1923, 2ª parte, chap. VI « La réincarnation ».

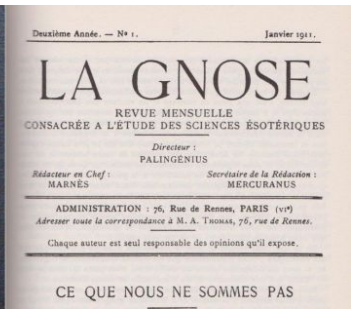
[12] – Hayyim Vital, Sepher Ha-Guilgulim, « Tratado das Revoluções das Almas » de acordo com Isaac Louria, Archè Milano, 1987. Hayyim Vital (1542-1620) era um discípulo de Isaac Louria.

[13] – Gershom Scholem, Aux origines religieuses du Judaïsme laïque, de la Mystique aux Lumières, Calmann-Lévy, 2000, p. 209. Sabbataï Tsevi, Verdier, 1983, p. 287: « No messianismo cabalístico de Nathan [o "mestre manipulador" de Sabbataï Tsevi], a alma do messias é engolida pelos qlippoth até o momento de sua manifestação. A raiz santa da alma do messias é cercada por uma "casca" (ou seja, uma força demoníaca) que não é outra senão Jesus. »

Sobre René Guénon e a Maçonaria – Transmigração e Messianismo

Antigo Venerável Mestre da *Grande Triade*, Karl van der Eyken expõe algumas contradições aos dissidentes críticos da maçonaria admiradores do guénonismo.




Deuxième Année. — N° 1. Janvier 1911.

LA GNOSE

REVUE MENSUELLE
CONSACRÉE A L'ÉTUDE DES SCIENCES ÉSOTÉRIQUES

Directeur :
PALINGÉNIUS

Rédacteur en Chef : MARNÈS
Secrétaire de la Rédaction : MERCURANUS

ADMINISTRATION : 76, Rue de Rennes, PARIS (VIe)
Adresser toute la correspondance à M. A. THOMAS, 76, rue de Rennes.

Chaque auteur est seul responsable des opinions qu'il expose.

CE QUE NOUS NE SOMMES PAS

Tornando-se bispo da *Igreja Gnóstica* sob o nome de *Palingenius*, Guénon assumiu a direção do órgão oficial *La Gnose*, no qual publicou de 1909 até 1912 diversos artigos...

Guénon refutava a teoria reencarnacionista, considerando-a como uma limitação impossível da Possibilidade universal [1], sinônimo para ele do "Infinito"; mas, algo nunca mencionado, é que ele combatia essa teoria porque ele mesmo era transmigracionista! Ele cita com zelo a Hermetic Brotherhood of Luxor [HB of L], Fraternidade dita anti-reencarnacionista (com algumas exceções...):

> *"acreditamos que pode ser interessante citar aqui alguns trechos desses ensinamentos, que mostram que essa escola tinha pelo menos algum conhecimento da transmigração verdadeira, bem como de certas leis cíclicas: 'É uma verdade absoluta expressa pelo adepto autor de Ghostland, quando diz que, como ser impessoal, o homem vive em uma indefinição de mundos antes de chegar a este...'". E Guénon lamenta: "Infelizmente, a H. B. of L. admitia a possibilidade da reencarnação em alguns casos excepcionais, como o dos filhos natimortos ou mortos na infância, e o dos idiotas de nascimento" [2].*

A Igreja refuta toda teoria transmigracionista e reencarnacionista, pois o indivíduo é « indivisível » (individuum). Aristóteles havia demonstrado que a alma e o corpo constituem uma composição inseparável. Na doutrina da Igreja, Deus cria conjuntamente a alma para o corpo durante a concepção. Uma alma é criada exclusivamente para animar um corpo, e é somente através dos sentidos corporais que a alma aprende a conhecer as coisas. A doutrina transmigracionista da *H. B. of L.* provém do *Sepher Ha-Guilgulim*[3], o *« Tratado das Revoluções das Almas »*, segundo a nova Cabala de Isaac Louria (1534-1572). Este tratado cabalístico está misturado com elementos cristãos, inevitavelmente revisados e corrigidos com o objetivo de que essa doutrina seja absorvida por um público não familiarizado. A doutrina de Louria foi transmitida oralmente por seus discípulos, que posteriormente a transcreveram por escrito. Essa doutrina vincula o afastamento de Deus à diáspora judaica. De acordo com esse conceito, Deus (*Ein-Soph*) se retirou ou « exilou » do mundo em uma « Contração » (*Tsimtsoum*). Essa retração gerou um espaço vazio, deixando resíduos de luz aprisionados em recipientes ou « vasos » que se romperam, não podendo conter essa força residual (*Chevirat hakelim*). É no espaço desse vazio que Ele emanou (*sic*), formou e fez todos os mundos. Parte da luz liberada ascendeu, enquanto a outra parte, sob a forma de centelhas, desceu em cascas ou « conchas » (*klippoth*); esse é o domínio das trevas, denominado o « Outro Lado » (*Sitra Ahra*). A imperfeição do mundo requer sua « Reparação » (*Tikkun Olam*). As centelhas divinas, aprisionadas nessas « conchas », devem ser liberadas pela destruição de todos os obstáculos que se opõem a isso (*Ordo ab Chao*, um lema maçônico…). **Segundo Jacob Frank*« Jesus foi a elite da casca que precede o fruto »*[4], Jesus Cristo o obstáculo! A « Reparação do mundo » só é possível pelo Rei-Messias, cuja chegada só pode se dar exclusivamente pelos judeus, que devem « abrir » o caminho pela destruição de tudo o que se opõe…**

De acordo com a *Fama Fraternitatis* (1614), Christian Rosenkreutz, o fundador mítico da Rose-Croix, retornou de suas viagens para o Oriente com a nova Cabala de Louria [5]. Aqui aparece indubitavelmente a ligação ou a rede, se preferirem, entre Louria, os Rose-Croix e os Martinistas maçônicos, como disse Bernard Lazare (ver acima). Lazare, anarquista e sionista, não menciona Louria, porém em *Le Fumier de Job*, ele reivindica o messianismo. O Sepher Ha-Guilgulim diz:

> *« pelo pecado de Adão protoplasto, os membros de sua alma foram arrancados e mergulhados nas cascas ». Adão protoplasto [6] é a fragmentação do Adão Kadmon, o Homem universal (sic), que é a primeira emanação (re-sic) do "Deus incompreensível" (Ein-Soph).*

Essa doutrina imaginal [7] ressoa como uma sobrevivência do desmembramento de Osíris do Egito faraônico. Louria estabelece uma correspondência entre a alma fragmentada de Adão e a dispersão do povo judeu pelos quatro cantos do mundo. Essa mística redentora impõe, *sine qua non*, o retorno de suas almas em exílio *« até a última, então o Messias virá »*; « O filho de David não virá antes que todas as almas que fizeram parte do corpo (o do protoplasto) sejam libertadas. A ser bem lembrado » [8]. O Sepher Ha-Guilgulim constitui o coração do messianismo judaico, uma doutrina que de forma alguma nos afasta do nosso assunto; muito pelo contrário!

De fato, em 1738, a Maçonaria adicionou um novo e primeiro artigo às Constituições de 1723. O artigo proclama que *« um Maçom é obrigado por sua filiação a observar a Lei Moral como um verdadeiro Noachita... »*. Ora, o noachismo não é outra coisa senão a *« religião universal »* talmúdica conduzida por sacerdotes judeus à qual toda a humanidade deve se submeter, como diz expressamente o rabino Élie Benamozegh, é *« o reconhecimento que a humanidade deve fazer da verdade doutrinária de Israel, mantendo na prática sua autonomia e liberdade »* [9]. Ser simultaneamente subordinado e livre não é possível segundo o princípio da não-contradição; as intenções rabínicas são claras...

A Igreja Gnóstica e a Ordem do Templo Renovado

Victor Blanchard (1877-1953)

Em 1909, Guénon foi introduzido na « Igreja Gnóstica » e imediatamente consagrado « bispo » sob o nome de Palingenius « regeneração », com a missão expressa de reconstituir a Ordem do Templo (Renovado) na função de chefe. Essa Igreja « quimérica » surgiu por volta de 1880 durante uma sessão espírita na mansão da rica teosofista lady Caithness, a duquesa de Pomar [10]. Em 1888, durante uma das sessões espíritas, teria se manifestado o espírito de Guilhabert de Castres, bispo cátaro (1226-1240) de Toulouse, que teria dado a Jules Doinel a missão de restaurar a Igreja gnóstica, e o investiu patriarca sob o nome de Valentin II [11]. **Nesse meio, havia principalmente martinistas; sem querer sobrecarregar este relato com nomes e detalhes (às vezes muito eloquentes), é necessário mencionar aqui dois martinistas, o médium Jean Desjobert e, sobretudo, o alto-funcionário Victor Blanchard. Guénon, Desjobert e Blanchard publicaram, em uma revista maçônica, um apelo às suas *« boas intenções »*. Alguns trechos eloquentes:**

« As Sociedades iniciáticas não estão à parte da Maç.:. como vocês parecem acreditar; pelo contrário, elas estão, em geral, integradas na Maç.:., e para ser admitido nelas, é necessário possuir pelo menos graus simb.:., às vezes até graus muito mais elevados. » […] « Outro reproche que nos causa o mais profundo espanto é o de sermos auxiliares do clericalismo, ou mesmo clérigos disfarçados; nunca teríamos imaginado isso, nós que não contamos mais as excomunhões lançadas contra nós pela Santa Igreja Romana, o que, aliás, nos enche de orgulho. » […] **« O que o clericalismo e a reação, em todas as suas formas, temem acima de tudo, são os maçons que se ligam à tradição do Iluminismo, e isso é facilmente compreensível quando se sabe qual foi o papel histórico dos Iluministas. Foram eles que trabalharam incansavelmente pela libertação da Humanidade, que prepararam a Revolução Francesa, que redigiram a "Declaração dos Direitos do Homem"**; é a um dos mais ilustres deles, L.-Cl. de Saint-Martin, que se deve a grande Trilogia: "Liberdade, Igualdade, Fraternidade", que foi um lema maçônico antes de se tornar o lema republicano. ». L'Acacia, 1909, co-assinado: J. Desjobert, 30°-90°; R. Guénon, 30°-90°; Victor Blanchard, 30°-90°.

Victor Blanchard era Secretário-Relator na Câmara dos Deputados, Chefe do Secretariado-Geral da Presidência da Assembleia Nacional, Chefe do Serviço de Arquivos e Chefe do Martinismo! Foi ele quem criou em 1921 a *Ordem Martinista e Sinárquica (OMS)*, e foi o Movimento Sinárquico de Império (MSE) que planejou a implementação (X-Crise com o Banco Worms) de um mundo dividido em cinco blocos econômicos [12]. Geoffroy de Charnay revela em La Synarchie que o recrutamento seguia o modelo dos « Iluminados da Baviera », ou seja, baseado em infiltração e terror! O primeiro objetivo desse Movimento era minar a Terceira República com a intenção de realizar uma Federação Europeia. A Sinarquia tem suas raízes no Manifesto dos Rose-Croix, a *Fama Fraternitatis*, de 1614. Esse Manifesto pregava a reforma universal da Igreja e dos Estados, com o objetivo de submetê-los a uma Super-religião (esotérica) e a Instituições supranacionais. Volto a isso em *A Crise do Mundo Moderno* e particularmente com *O Rei do Mundo*.

Tornado bispo da *Igreja Gnóstica*, Guénon assumiu a direção do órgão oficial *La Gnose*, no qual publicou de 1909 até 1912 numerosos artigos, a maioria dos quais foram incorporados em seus livros. Quanto a Jules Doinel, investido por um *« espírito »* como patriarca da Igreja gnóstica, ele buscava uma reconciliação com a Igreja Católica. Ele chegou a expor seu projeto em uma carta redigida em latim ao cardeal Rampolla. **Em 1895, ele escreveu *Lucifer Desmascarado* sob o pseudônimo de Jean Kotska, e se juntou aos meios antimaçônicos e ocultistas ao lado de Léo Taxil, mas no que diz respeito à sua conversão, ou melhor, suas múltiplas conversões, como Léo Taxil!**, permanecem dúvidas quanto à sua sinceridade. Monsenhor Henri Delassus não tinha dúvidas a esse respeito: *« Teosofia, ocultismo, martinismo, etc., são formas diversas da antiga gnose dos dois ou três primeiros séculos do cristianismo, fundada pelos judeus para sufocar a doutrina cristã em seu berço. Ela foi reorganizada na França em 1890 por Jules Doinel, que retornou ao catolicismo após seus desvios com marcas inequívocas de uma verdadeira conversão. »* [13]. **Quanto ao pseudônimo Jean Kotska, é o nome adotado por um judeu frankista *« convertido »* ao Catolicismo entre 1755 e 1761 [14]. Que coincidência, exceto para aqueles que acreditam no acaso!**

Publicado na [L'Héritage](#) em 2018

Karl VAN DER EYKEN

[1] – Termo empregado na revista La Gnose, 1911, N° 2, O Simbolismo da Cruz.

[2] – O Erro Espírita, 1923, 2ª parte, cap., VI « A reencarnação ».

[3] – Hayyim Vital, Sepher Ha-Guilgulim, « Tratado das Revoluções das Almas » segundo Isaac Louria, Archè Milano, 1987. Hayyim Vital (1542-1620) foi um discípulo de Isaac Louria.

[4] – Gershom Scholem, Nas Origens Religiosas do Judaísmo Laico, da Mística às Luzes, Calmann-Lévy, 2000, p. 209. Sabbataï Tsevi, Verdier, 1983, p. 287: « No messianismo cabalístico de Nathan [o "mestre manipulador" de Sabbataï Tsevi], a alma do messias é engolida pelos qlippoth até o momento de sua manifestação. A raiz santa da alma do messias é cercada por uma "casca" (ou seja, uma força demoníaca) que não é outra senão Jesus. »

[5] – Dame Frances A. Yates, A Luz dos Rose-Croix, Retz, 1978, p. 259.

[6] – Segundo a Cabala, Adam protoplasto é o « primeiro formador », o demiurgo dos gnósticos. Trata-se de um deus intermediário em uma longa série de degradações por emanação do Ein-Soph, o princípio supremo; é a negação da Criação! O demiurgo não é senão um deus maligno que aprisiona as almas na matéria, e somente a iniciação, por meio da « iluminação interior », abriria o caminho para a libertação. A libertação decorre da identificação do homem com o princípio supremo; o « Homem-Deus » da Gnose!

[7] – A palavra « imaginal » é um neologismo concebido por Henry Corbin, que designa uma exaltação filosófica da imagem. Essa exaltação abre para o conhecimento simbólico da realidade dos arquétipos.

Segundo essa doutrina, a imaginação possuiria « sua função cognitiva própria ». Esse conceito é não apenas contrário ao realismo filosófico, mas também, e principalmente, prescinde da Revelação.

[8] – Hayyim Vital, op. cit., pp. 35-37.

[9] – Elie Benamozegh, Israel e a Humanidade, Albin Michel, 1961, pp. 364-365.

[10] – Autor de vários livros, entre os quais: Os Verdadeiros Israelitas, a identificação das dez tribos perdidas com a nação britânica, os sufis e a teosofia maometana, 1888.

[11] – Em 8 de setembro de 1891, o papa Leão XIII denuncia « a velha heresia albigense [que], sob um nome diferente e sob o patrocínio de outras seitas, renasce de uma maneira surpreendente ».

[12] – Geoffroy de Charnay, Sinarquia, panorama de 25 anos de atividade oculta, Médicis, 1946. O autor Raoul Husson adotou o pseudônimo de Geoffroy de Charnay, o último comendador da Ordem do Templo para a bailliage da Normandia. Ele foi entregue às chamas na ilha dos Judeus (a Oeste da atual ilha de la Cité em Paris) em 18 de março de 1314, juntamente com Jacques de Molay. Esse evento faz parte da narrativa sobre a Vingança no 30º grau maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito.

[13] – A Conjuração Anticristã – O Templo maçônico querendo se erguer sobre as ruínas da Igreja Católica, 1910, p. 170.

[14] – Charles Novak, Jacob Frank – o Falso Messias, L’Harmattan, 2012, p. 80.

ELES… DESTRUÍRAM TUDO!

Louis-Hubert Remy

A IGREJA DE DEUS NÃO PODE TER ERRADO DURANTE 2000 ANOS

A IGREJA DE DEUS NÃO PODE NEM ERRAR, NEM NOS ENGANAR

> **"Aquele que, mesmo em UM único ponto, recusa seu assentimento às verdades divinamente reveladas, realmente RENUNCIA COMPLETAMENTE À FÉ**, pois recusa submeter-se a Deus na medida em que Ele é a verdade soberana e o motivo próprio da fé".**
>
> Leão XIII, *Satis cognitum*

Eles mudaram tudo, mas, sobretudo, destruíram tudo: Fé dos fiéis, sacramentos, vida interior, vida sacerdotal, memória, ensino, hábitos cristãos, locais de culto, seminários, casas religiosas, missões, grade de amigos-inimigos, etc.

Algumas mudanças (ordenações, sagrações) são tais que a destruição é irreversível. E para as sagrações, a impossibilidade de retornar à sucessão apostólica. Não era esse o objetivo deles? Os canais da graça estão secos.

Não se vê que está sendo estabelecida uma fé ecumênica, liberal, carismática, maçônica, sincrética, globalista, gnóstica, cabalista, para a futura religião universal e para nós, os romanos, a religião noaquida?

E, portanto, surgem as questões importantes e graves que geram uma única conclusão crucial:

- Todo esse trabalho de destruição vem da Igreja Católica ou de seus **adversários**?
- A criação desta igreja conciliar, não católica (já moribunda), pode ser seguida por um católico que quer alcançar a salvação eterna?
- **Esta igreja conciliar é sim ou não a Igreja Católica**?
- Temos o direito de confundir essas duas Igrejas?
- Temos o direito de respeitar tais destruidores, independentemente da sua posição na hierarquia?
- Não temos um único dever: lutar pela honra de Deus, combater tudo o que Lhe é hostil, alcançar nossa salvação eterna e ajudar o nosso próximo a alcançar a sua?

Utilizei o excelente trabalho do Sr. Paul Chaussée, que no seu livro *Miracle et message du saint Suaire* (edições Ulysse, 1999), p. 204 a 209, começou o inventário das novidades (quais "novidades", caro Senhor?); eu apenas tive que completá-lo. Ele pode ser continuado e melhorado por todos.

No entanto, apesar da denúncia de todas essas novidades, **nossas conclusões divergem**: o Sr. Chaussée não se faz as perguntas: **Eles tinham o direito? Eles tinham o poder? Uma tal revolução é possível na Igreja?**

Por que eles fizeram isso? Qual é o verdadeiro objetivo deles? Eles são católicos? Isso é da Igreja Católica?

E ele conclui assim: a igreja conciliar é a Igreja Católica.

Quantos são cegos aqueles que querem "permanecer católicos acreditando que a seita conciliar é a Igreja Católica" (1/100.000)?! Eles julgam a seita com seus olhos de católicos. Abram os olhos, caros amigos: os outros 9.999 não querem mais o passado da Igreja, não querem mais vocês. Eles passaram para o campo do inimigo. Leiam e meditem *Le Traité du Saint-Esprit* de Monsenhor Gaume.

Para mim, confundir a seita com a Igreja Católica é impossível. É até **uma blasfêmia**! Especialmente considerando a meditação da frase da Santíssima Virgem Maria em La Salette: ***a Igreja será eclipsada***, tudo fica claro: como em qualquer eclipse, há dois astros, e o astro que eclipsa não pode ser aquele que é eclipsado, portanto, se a Igreja está eclipsada, é por outra igreja!

Eles nos respondem: E a visibilidade da Igreja? A Igreja desapareceu? É nisso que o ensinamento da Santíssima Virgem Maria é maravilhoso. A Igreja não desapareceu. A Igreja Católica está onde os fiéis têm a Fé de sempre e onde eles praticam os sacramentos de sempre. Ela está momentaneamente oculta, mas os inimigos da Santa Igreja sabem muito bem onde ela está. Basta observar quem eles excomungam, quem eles combatem.

Além disso, se para justificar a visibilidade da Igreja, você considera que a seita conciliar pode representar a Igreja visível, compreende o quanto sua posição é pior: **a seita gnóstica conciliar representando a Igreja Católica!!! Que blasfêmia!**

Um eclipse, após ser completo, desaparece completamente no instante seguinte. Esta igreja conciliar desaparecerá completamente no segundo seguinte, confirmando: *Tudo está perdido, tudo está salvo,* e retornaremos ao que sempre foi crido e praticado. Não há, enquanto isso, nenhum compromisso possível. A Igreja não pode se enganar nem nos enganar, e ao crer e fazer o que sempre foi crido e feito, não podemos errar, não podemos duvidar: **não é o passado que é problemático, são todas essas novidades.**

Como eles conseguiram impor essa Revolução anticristã? Como impuseram a todos os bispos, a todos os sacerdotes, a todos os religiosos, a todos os fiéis todas essas mudanças?

Simplesmente por meio de uma ditadura terrível, descartando vilmente aqueles que se opunham. Muitos falsos convertidos (bispos, sacerdotes, fiéis) foram introduzidos e impostos. Depois de destruir tudo, eles próprios partiram, tendo concluído a demolição.

Outro fato é que não se dá suficiente importância às milhares de “canonizações”. Os bispos, as comunidades religiosas, as paróquias, felizes por terem um santo, aceitaram tudo de Roma, tanto os santos quanto as mudanças.

Duas gerações depois, não apenas não se sabe de nada, mas além disso, tendo mudado de Mestre, odeia-se (a palavra não é exagerada, aqueles que sofrem isso sabem o quanto é verdade) o passado e aqueles que querem permanecer fiéis.

Vamos aos fatos. Afirmamos que há, obviamente, exceções a essas denúncias, mas não se julga uma situação com base em algumas raras exceções, mas sim em relação à situação geral. Além disso, essas raras exceções são elas mesmas perseguidas e abandonadas quando o clérigo recalcitrante é repreendido. Ressaltamos que, se alguns clérigos tentam resistir, nunca vimos um único "bispo" levantar a voz, muito menos agir contra essas novidades (nem mesmo o ocupante de Campos!).

Esclarecemos também que todas essas afirmações se baseiam em refutações sérias, disponíveis e que podem ser fornecidas. A lista está longe de ser exaustiva!

Os sacramentos em geral

1. Eles mudaram todos os rituais de todos os sacramentos

2. Eles dessacralizaram a recepção dos sacramentos, chamando-os de celebrações

3. Eles não sabem mais nada sobre: matéria, intenção, forma

4. Se eles tivessem a intenção da Igreja Católica, por que teriam criado novos rituais, suprimindo os antigos, válidos há 20 séculos?

5. Portanto, eles tinham outra intenção

6. Essa falta de intenção faz com que todos esses rituais sejam inválidos e sem efeito.

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?**

O batismo

7. O batismo se tornou uma celebração de entrada na Igreja e não mais uma mudança de estado de uma criança, nem a redenção do pecado original, que nunca mais é mencionado na "igreja" conciliar.

8. Eles impõem dificuldades aos pais que, cansados, abandonam a intenção de batizar

9. Não há preparação para os pais, nem para os padrinhos e madrinhas

10. Eles suprimiram os exorcismos dos batismos

11. Às vezes, permitem que se escolha qualquer nome

12. Aceitam qualquer pessoa como padrinho ou madrinha, incluindo divorciados ou incrédulos

13. Hoje, os batismos se tornam raros na geração mais jovem (menos de um bebê em dois hoje na França)

14. Pior, alguns batizados pedem que seus nomes sejam removidos dos registros

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

A confirmação

15. A confirmação celebra a entrada na Igreja militante e não a vinda do Espírito Santo na alma

16. Eles confirmam cada vez menos

17. Confirmam com qualquer óleo

18. Não questionam o confirmado sobre seus conhecimentos religiosos

19. Eles sabem alertar contra as confirmações feitas por verdadeiros bispos

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?**

O casamento

20. Eles permitem a convivência e até a incentivam antes do casamento

21. Não preparam para o casamento católico e sua preparação, quando existe, é inadequada

22. Não verificam se os noivos são católicos

23. Casam sem confissão antes da cerimônia

24. Transformam a cerimônia em um espetáculo (vestimentas, "animações" musicais, aplausos…)

25. Deixam aos noivos a livre escolha dos textos e do desenvolvimento da cerimônia, resultando em "fantasias" pouco cristãs e ainda menos católicas

26. Casam sem verificar se os cônjuges querem viver conforme o que a Igreja deseja

27. Mudaram os fins do casamento

28. Não ensinam os deveres entre os cônjuges nem a moral conjugal

29. Não ensinam os deveres do chefe de família

30. Declaram nulos muitos casamentos, nulidade que não teria sido considerada há quarenta anos

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

A Eucaristia

31. Eles eliminaram o domingo, impondo seu culto no sábado

32. A Eucaristia tornou-se uma refeição que aproxima do Cristo e une os homens, e não mais uma união íntima com Deus substancialmente presente

33. Eles suprimiram a mesa de comunhão

34. Eles escondem o tabernáculo

35. Dão a comunhão a qualquer um

36. Ousam dar a comunhão a cismáticos e hereges

37. Nunca lembram que é necessário estar em estado de graça para comungar

38. Dão a comunhão a pessoas publicamente em estado de pecado mortal

39. Impuseram receber a Eucaristia de pé

40. Frequentemente impuseram a comunhão na mão

41. Fazem a distribuição por qualquer pessoa, até mesmo por mulheres ou "assistentes" de missa

42. Não se escandalizam se as espécies sagradas caem no chão

43. Não fazem nenhuma reparação, provando que não acreditam mais na presença real

44. Todos comungam de qualquer forma

45. Ninguém faz ações de graças após a comunhão, nem mesmo os clérigos

46. Impondo a intercomunhão e o diálogo

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

A penitência

47. A penitência tornou-se reconciliação em vez de confissão das faltas a um juiz autorizado a absolver

48. Eles suprimiram a confissão e os confessionários

49. Mudaram a fórmula de absolvição e inventaram a absolvição coletiva

50. Não falam mais sobre o exame de consciência

51. Falam muito pouco sobre contrição e ainda menos sobre satisfação e reparação das faltas

52. Só há um pecado mortal: o sedevacantismo

53. Os fiéis praticamente não se confessam mais

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

A ordem

54. Mudaram os rituais das ordenações episcopais (em 18 de junho de 1968, mas obrigatórios somente a partir de 6 de abril de 1969), de tal forma que, desde então, seus "bispos" se consideram bispos, nos fazem acreditar que são bispos, embora não sejam mais bispos do que os "bispos" anglicanos

55. Não há mais transmissão do sacerdócio desde então

56. O mesmo acontece com os sacerdotes: com os novos rituais de ordenação, eles se consideram sacerdotes, nos fazem acreditar que são sacerdotes, embora não sejam

57. As ordenações feitas com os novos rituais fazem com que as absolvições dos "sacerdotes" conciliares sejam inexistentes

58. Eles permitiram que celebrassem a missa de sempre porque sabem que, não sendo sacerdotes, não têm nenhum poder

59. Os aderentes são ordenados com o rito antigo e se consideram sacerdotes, enquanto alguns dos bispos ordenantes, tendo sido sagrados no novo rito, não têm nenhum poder, e suas ordenações são sem efeito

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

A Extrema-Unção

60. Eles praticamente não visitam mais os doentes

61. Eles não preparam mais os doentes para a morte

62. Eles não se opõem à cremação e aceitam o traslado para a igreja para os "crematórios"

63. Eles enterram os mortos sem sacerdotes

64. Dizem a todos que vão para o céu

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

A Santa Missa

65. Eles substituíram a Santa Missa por "celebrações" e outros novos nomes: eucaristia, sinaxe, novo ordo, nova missa, refeição eucarística…

66. Criaram todas essas novidades com a aprovação dos protestantes

67. Utilizaram todas as mudanças inventadas pelo herege Cranmer

68. Preferem a concelebração à "missa" individual

69. Não celebram mais a "missa" todos os dias da semana

70. Para eles, é a assembleia que faz a Presença, portanto, sem assembleia, não há missa

71. Cada sacerdote pode fazer o que quiser e não se privam de se entregar a verdadeiras encenações teatrais

72. Tudo é permitido, apenas a missa de sempre é perseguida

73. Mudaram completamente o conteúdo da Santa Missa

74. Alteraram o termo sacrifício para impor o de ceia ou refeição

75. Suprimiram tudo que evoca expiação e sacrifício

76. Suprimiram as palavras e as orações que expressavam a intenção

77. Colocaram o sacerdote voltado para o povo, virando os altares

78. Destruíram ou esconderam os altares principais

79. Deslocaram o tabernáculo

80. Suprimiram todas as vestes sacerdotais

81. Vestiram seus sacerdotes como em templos e sinagogas

82. Impuseram a língua vernácula

83. Suprimiram os antigos missais para os fiéis

84. Perturbaram tanto os fiéis que quase todos abandonaram qualquer missal, mesmo os modernos

85. Suprimiram toda possibilidade de se ajoelhar

86. Permanecem de pé diante da infinita majestade do Criador, mesmo durante a elevação

87. Suprimiram todos os momentos de silêncio e adoração

88. Suprimiram o jejum eucarístico de meia-noite

89. Muitas vezes eliminaram todo jejum eucarístico

90. Os sermões não têm mais nada a ver com os de antigamente: não ensinam mais e não guiam mais as consciências

91. Os sermões são frequentemente exposições "políticas" ou "sociológicas", no melhor dos casos, explicações de textos

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

"Leituras"

92. Durante a "missa", ri-se, fala-se e movimenta-se como em qualquer outro lugar

93. Os fiéis se vestem de qualquer maneira, desrespeitando tanto o domingo quanto o lugar sagrado

94. As crianças são desatentas e se divertem

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?**

A liturgia

95. Os novos "missais" mudam a cada ano: os fiéis não os compram mais e não conseguem acompanhar a "missa"

96. Fizeram novas traduções tendenciosas ou mesmo heréticas, nunca corrigidas apesar das protestações

97. Cortaram os fiéis de todo o passado

98. A nova geração não sabe mais nada

99. Pela inculturação, a expressão da Fé, outrora intangível e universal (língua latina e rito romano comuns), tornou-se variável e tribal

100. Mudaram todo o calendário, suprimindo muitos textos

101. Deslocaram a festa de Cristo-Rei para depois de Todos os Santos, o que significa que essa realeza não é temporal, mas apenas espiritual

102. Suprimiram muitas festas importantes como o Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Purificação de Nossa Senhora

103. Suprimiram festas de grandes santos como a de São Pio X e São Leão, São Jorge ou Santa Filomena, perturbando todos os fiéis

104. Destruíram ou esconderam estátuas dos santos em muitas igrejas

105. Assim, fazem esquecer os ensinamentos dessas festas e desses santos

106. Implantaram o novo martirológio "ecumênico" com os santos "irmãos separados"

107. Suprimiram muitas orações, incluindo aquela pela proteção da Igreja contra todos os seus inimigos visíveis e invisíveis

108. Suprimiram as genuflexões, as inclinações de cabeça em sinal de respeito e a maioria dos sinais de cruz

109. Suprimiram todas as repetições e o que elas simbolizam (ex.: Kyrie)

110. Impuseram o tratamento informal em todos os lugares e sempre

111. Criaram um novo Pai Nosso blasfemo, acusando Deus de nos tentar

112. Impuseram o termo da heresia de Ário "da mesma natureza" no Credo, suprimindo o termo católico

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

"Consubstantiel"

113. Introduziram orações judaicas ou protestantes nos textos da "missa"

114. Introduzem meninas como coroinhas, afastando assim a maioria dos meninos

115. Os leigos circulam livremente pelo coro e intervêm a todo momento no desenrolar das cerimônias

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

As Devoções e Práticas Religiosas

116. Eles limitaram a vida cristã a ¼ de hora ou uma hora por semana

117. Não há mais crucifixos nas casas; às vezes, até desapareceram dos locais paroquiais emprestados alguns dias a falsas religiões

118. Não recitam mais o *Angelus*, o *Benedicite*, nem ações de graças

119. Nem mesmo orações matinais ou noturnas em família

120. Suprimiram as consagrações familiares

121. Proibiram as "missões" nas paróquias

122. Suprimiram as confrarias

123. Suprimiram quase todos os "retiros", especialmente sacerdotais

124. Ocultaram as indulgências

125. Suprimiram os "jejum" e muitas penitências

126. Suprimiram as vésperas

127. Suprimiram as rogativas

128. Suprimiram as procissões públicas, como a da Festa de Corpus Christi, exceto raras ressurgências, frequentemente mais folclóricas do que fervorosas

129. Suprimiram as Quatro-Temporas

130. Suprimiram muitas estações da cruz

131. Suprimiram muitos calvários

132. Não construíram nenhum há dezenas de anos

133. Suprimiram as devoções mensais (mês de Maria, do Sagrado Coração, do Sangue Precioso, das almas do Purgatório, etc.)

134. Não acreditam mais nas devoções populares

135. Fizeram desaparecer o terço

136. Para aqueles que resistiam, modificaram-no, adicionando os "mistérios luminosos" (!)

137. Impuseram falsas devoções marianas, não ensinando mais a verdadeira

138. Ridicularizaram as "novenas" e as suprimiram ou quase não as fazem mais

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

Os bispos, os padres

139. A grande maioria dos bispos e sacerdotes não está validamente ordenada

140. Os "bispos" não visitam mais as paróquias e não conhecem mais os fiéis

141. Os "bispos" delegam a maior parte do tempo a "vigários episcopais" ou a sacerdotes o cuidado de confirmar

142. Levam uma vida mundana, viajam muito e encontram-se frequentemente com ministros de falsas religiões

143. Assim como os sacerdotes, abandonaram a batina e não usam mais sinais distintivos

144. Perseguiram aqueles que queriam manter a batina

145. Poucos sacerdotes rezam o breviário, mesmo o reformado e abreviado

146. Os sacerdotes tornaram-se frequentemente simples "animadores" de "encontros" e "compartilhamentos" de todo tipo

147. Eles fazem reunião em grupo com dinâmica de grupo

148. Assistem televisão, vão ao cinema ou a espetáculos

149. Os "sacerdotes" que ainda confessam os fiéis muitas vezes não usam mais estola e recebem fora do confessionário e com hora marcada

150. Os "sacerdotes" eles mesmos não se confessam mais. E quanto aos "bispos"?

151. Muitos não mantêm a castidade e muitos jovens "sacerdotes" abandonam o estado clerical

152. Acabam cada vez mais na homossexualidade, como São Paulo explica na Epístola aos Romanos, I, 18-32

153. Não recitam mais o juramento anti-modernista

154. São substituídos por leigos nos funerais e nas ADAP, o "valor" da cerimônia permanecendo o mesmo

155. A assistência está se reduzindo tanto que os fiéis não conseguem mais sustentar seus "sacerdotes"

156. O mesmo para as dioceses. Depois de vender todas as propriedades, doações de nossos pais, algumas dioceses não têm mais meios para manter um bispado.

157. Após a supressão das paróquias, veremos a supressão das dioceses

E você ousa confundir esses destruidores com a Igreja Católica?

Os fiéis

158. Eles são cada vez menos numerosos e a sua média de idade é alta.

159. Eles forjam sua própria religião e moral, não sendo mais instruídos nem guiados pelos "padres".

160. Ignorantes de sua própria religião, frequentemente são tentados por seitas que os "acompanham" mais e lhes dão a ilusão da verdade.

161. Muitas vezes perderam todo o respeito pelos lugares sagrados, pelos "padres" e pela religião.

162. Eles se contentam com o mínimo e buscam a facilidade.

163. Tornaram-se "consumidores" exigentes.

164. Eles vigilam e controlam a paróquia por meio dos "conselhos de fábrica".

165. Já amplamente envolvidos na condução dos ofícios, alguns deles sonham, encorajados pelos "padres" e sua hierarquia, em substituir estes últimos (inclusive na administração dos sacramentos!)

E vocês ousam confundir esses destruidores com a Igreja Católica ?

As vocações

166. O liberalismo dizimou as verdadeiras famílias católicas e as vocações não surgem mais.

167. Eles não ensinam mais o catecismo e a doação de si mesmo.

168. As vocações são raras e tardias.

169. Eles não preparam mais os futuros "padres" com sólidos conhecimentos teológicos sobre a fé católica e, nos seminários, os afastam das verdadeiras devoções (Santíssima Trindade, Coração Imaculado de Maria…).

170. Eles os preparam mais para o diálogo inter-religioso do que para seu ministério de ensino e transmissão da fé católica.

171. O sacerdócio torna-se estéril e os seminários desaparecem ou estão vazios.

172. Eles esvaziaram as comunidades religiosas, especialmente as contemplativas.

E vocês ousam confundir esses destruidores com a Igreja Católica ?

As Igrejas (edifícios)

173. Eles não constroem mais igrejas.

174. Pelo contrário, eles as fecham e até as vendem.

175. Quando constroem uma nova, como a catedral de Évry, a concepção não tem nada de católica e é mais maçônica.

176. Suas igrejas tornam-se locais de concertos, onde se ri e se conversa, sem qualquer respeito pelo lugar.

177. Elas se tornam casas do povo.

178. Elas servem como locais de exposição, residências, mesquitas ou para concertos escandalosos. Quando são profanadas, eles não se indignam e não as "reconcilham".

179. Elas foram sistematicamente esvaziadas de suas estátuas, altares, púlpitos, etc., e muitas vezes são entregues ao saque.

180. Eles liquidaram todo o patrimônio imobiliário deixado por nossos pais.

E vocês ousam confundir esses destruidores com a Igreja Católica ?

O ensino

A língua

181. Os clérigos têm uma linguagem subjetiva, esotérica, ambígua, hiperbólica, enganadora

182. Sua linguagem prova sua nova religião

183. O tempo do “Sim? Sim. Não? Não” acabou.

184. Seu vocabulário é vago, aproximativo, equívoco, para ser percebido por outros que não os “católicos”

185. Pode ser percebido por outros (muçulmanos, judeus, protestantes) como sendo o deles

Tabula rasa do passado*

186. Eles ridicularizam a Igreja de sempre

187. Eles fizeram tabula rasa de todo o passado da Igreja

188. Eles renegaram todas as Tradições

189. Eles renegaram todo o ensino tradicional da Igreja

190. Eles criticam os antigos catecismos e zombam deles

191. Eles não ensinam mais o catecismo desde o Concílio, destruindo a fé nas novas gerações

192. Eles omitem muitos ensinamentos

193. Eles não acreditam mais no Reino do Sagrado Coração

194. Não é mais oportuno que Jesus Cristo reine sobre as nações

195. Os concordatos foram abolidos, pois a Igreja deve estar separada dos Estados

196. Eles não ensinam mais a história sagrada

197. Eles questionam toda a história da Igreja

198. Eles ensinaram uma nova antropogênese evolucionista segundo Teilhard de Chardin

199. Eles impuseram o novo catecismo, equívoco quanto ao evolucionismo, esqueceram de citar *Humani Generis* (Pio XII), e seu “catecismo” *Pedras Vivas* afirma agora claramente que Gênesis é um “poema”

200. Eles negam o dilúvio

201. Eles negam a inerrância das Escrituras

202. Eles não acreditam na historicidade dos Evangelhos, contestam até mesmo sua autenticidade

203. Eles não ensinam mais os três transcendentais (Verdade, Beleza e Bondade)

204. Eles professaram uma nova eclesiologia: "a Igreja subsiste (*subsistit in* em vez de *est*) na Igreja Católica (*Lumen gentium* nº 8), que se tornou o "Povo de Deus". Daí a expressão *Igrejas irmãs*, desconhecida no passado.

205. Eles professam um novo sacerdócio: o "povo de Deus" é um "povo de sacerdotes" e de reis, no qual o sacerdote preside e o povo celebra

206. Eles não estudam mais nada

207. Eles zombam do Santo Sudário e negam sua historicidade

Ecumenismo e liberdade religiosa

208. Acreditando na Declaração dos Direitos Humanos, impuseram a liberdade religiosa

209. Impuseram a liberdade religiosa, a colegialidade, a democracia no culto, o ecumenismo, as novas liturgias

210. A tolerância das falsas religiões torna-se para eles um direito à liberdade

211. Eles não acreditam mais ter a Verdade

212. A cadeira da Verdade não é mais a Igreja Católica, mas o ensino dos estudiosos profanos (Nobel, acadêmicos, professores…)

213. Todas as religiões são para eles meios de salvação

214. Todas são iguais em dignidade e valor de salvação, especialmente desde Assis

215. Pelo seu ecumenismo, a conversão à verdadeira religião é inútil

216. Proibiram todo proselitismo

217. Aconselham aos não-católicos a não mudarem de religião

218. O Papa visita templos, sinagogas, estádios, a ONU, o mundo inteiro, recebe muitos e qualquer um, … exceto aqueles que querem permanecer fiéis ao que sempre foi acreditado e praticado

219. As igrejas são profanadas por cultos ecumênicos

220. O direito canônico é protestantizado, democratizado e laicizado

221. Permite a intercomunhão com os hereges

222. Mantém a confusão entre padres católicos e pastores protestantes

223. Permitem que mulheres preguem

224. Fizeram uma nova Bíblia (a T.O.B.) com protestantes

225. Legaliza a “colegialidade”

Novo Decálogo

226. Ao decálogo divino, substituíram o decálogo de Satanás: a Declaração dos Direitos Humanos

227. Eles inverteram a grade amigos-inimigos

228. Aqueles que eram inimigos tornam-se amigos

229. Aqueles que eram amigos tornam-se inimigos

230. Os cruzados, a Inquisição, os missionários da época colonial tornaram-se inimigos

231. Esquecem a excomunhão dos maçons

232. Os únicos grandes inimigos atuais são aqueles que acreditam e praticam o que sempre foi acreditado e praticado

233. São os únicos excomungados

234. Mudaram as noções de verdadeiro e falso

235. Para eles, verdade e erro têm direitos iguais

236. Eles não atacam mais o erro, não o refutam

237. Mudaram as noções de bem e mal

238. O que era bem torna-se mal; o que era mal torna-se bem

239. Nenhuma palavra sobre o primeiro mandamento, nem sobre os blasfêmias contra a Santíssima Trindade

240. Não ensinam nada sobre a vida moral

241. Nada contra o 6º e o 9º mandamentos e a televisão, principal ferramenta de pecados

242. Mudaram a própria noção de pecado, não há mais pecados pessoais, mas o “pecado do mundo”

243. Impuseram o pecado contra o Espírito Santo: ensinar contra a verdade conhecida

244. Esqueceram as obras de misericórdia temporais e espirituais ou desviaram o espírito delas (CCFD, Secours Catholique, …)

245. Esqueceram o juízo particular que ocorrerá em nossa morte, sobre a Fé, a fidelidade aos mandamentos de Deus, a caridade para com Deus e o próximo, o uso de nossos talentos

246. Se nunca falam do juízo particular que será feito rigorosamente por Nosso Senhor Jesus Cristo em nossa morte, falam ainda menos do juízo geral

247. Nunca falam do pequeno número relativo dos eleitos

248. Afirmam que todos são salvos

249. Falam raramente ou mal sobre o inferno, o purgatório ou o céu

250. Se o inferno existe, está vazio

251. Não acreditam mais em exorcismos

252. Não acreditam mais em demônios do que em anjos da guarda

253. Não acreditam no mundo angelical ou vivem como se não acreditassem mais

254. Esta exclusão do antigo pelo novo é o sinal certo da corrupção doutrinal

Liberalismo e morte do catolicismo

255. Tudo o que era condenado pelos papas antes do concílio tornou-se o ensino obrigatório, especialmente o liberalismo e o ensino dos liberais

256. Eles ensinam uma filosofia modernista, especialmente nas faculdades romanas

257. Para eles, a Tradição é viva, evolutiva, "elástica" e deve se adaptar ao mundo moderno

258. Eles esvaziaram as bibliotecas, destruindo mais do que os huguenotes e a Revolução

259. Eles censuram muitas falhas na Igreja de antigamente, fazendo um mea culpa por "suas métodos de intolerância e até mesmo de violência no serviço da verdade"

260. Para eles, a guerra tem origem nos conflitos religiosos, e o que predomina nos Estados modernos é o princípio da laicidade, que permitirá o reconhecimento de todas as religiões e, portanto, a paz entre os homens

261. Eles ensinam que temos responsabilidades no Holocausto ou na miséria do Terceiro Mundo

262. A Igreja errou ao impor sua teologia, que chamam de "teologia da substituição", e deve revisar completamente seu ensino passado

263. A Antiga Aliança, segundo eles, não foi revogada em favor da "Nova e Eterna Aliança" (palavras sagradas da consagração do Sangue de Nosso Senhor durante o Santo Sacrifício da Missa autêntica).

264. Eles proclamam que a antiga aliança não acabou e que os judeus são nossos irmãos mais velhos

265. Nesse sentido, não devemos nem convertê-los nem usar proselitismo com eles

266. Eles insistem no monoteísmo ou "as religiões do livro", evitando falar da Santíssima Trindade

267. Para muitos, Jesus Cristo não é Deus

268. É uma invenção de São Paulo ou dos cristãos da terceira geração

269. Muitos não acreditam mais na Ressurreição, na Trindade, na presença real, no Inferno, no purgatório, no pecado, etc.

270. Todos sendo salvos, não é mais necessário pedir a graça divina pelos méritos de Jesus Cristo

271. Para muitos, o sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo é inútil, não acreditam no Santo Sudário

272. Eles estão prestes a ensinar que o Espírito Santo é uma invenção da Cabala

273. Pouco a pouco, estão implementando a religião noaquida

274. Eles nos fazem esquecer o decálogo para impor as 7 leis noaquidas

275. Eles fizeram desaparecer o bom senso católico

276. É uma igreja morta, que vive apenas pela televisão (pode-se chamá-la de igreja catódica!)

277. O futuro da Igreja, para eles, está no carismatismo, inspirado pelo Espírito (qual?)

278. É o reino do subjetivismo, da sensualidade espiritual e até mesmo do iluminismo

279. Sua igreja não é mais una

280. Não é mais santa

281. Não é mais apostólica

282. Não é mais católica

283. Está vazia e se esvaziando: 1 ou 2% de praticantes, essencialmente mulheres ou "velhos"

284. Eles renegaram Cristo-Rei

285. Em conclusão, é o reino de Satanás

286. Onde Deus reinava, Satanás O expulsou e reina

> **O Templo maçônico ergue-se sobre as ruínas da Igreja Católica, resultado da Conjuração anticristã** (Mgr Delassus)
>
> "Quando Deus não Reina pelos benefícios de Sua presença, Ele Reina pelos males de Sua ausência" (Cardeal Pie)

Sim, eles mudaram TUDO [1], eles destruíram TUDO.

E vocês ousam dizer que a seita gnóstica conciliar é a Igreja Católica !

Mas de Deus não se escarnece; Ele é o Todo-Poderoso; e Seu triunfo será grandioso

A IGREJA DE DEUS NÃO PODE TER ERRADO POR 2000 ANOS. A IGREJA DE DEUS NÃO PODE NEM ERRAR, NEM NOS ENGANAR

Há apenas uma solução: crer e fazer o que sempre foi crido e feito.

E aguardar que Deus restabeleça a autoridade que anulará TODAS as novidades.

VIVA CRISTO REI DA FRANÇA, ÚNICO SALVADOR

---

[1] **TUDO? Não. Resta a busca.** Mas, neste caso, são os fiéis que mudaram: eles não dão mais nada ou quase nada.

Sobre René Guénon e a Maçonaria – Tsevi e Frank, os primeiros Messias do Lurianismo

Antigo Venerável Mestre da *Grande Triade*, Karl van der Eyken expõe algumas contradições aos dissidentes críticos da maçonaria apaixonados pelo guenonismo.

René Guénon no Congresso e Convento da Maçonaria espiritualista em junho de 1908 (à extrema esquerda, segunda fila)

Uma pausa se impõe a propósito de Jacob Frank e de seu predecessor Sabbataï Tsevi. Eles são, de fato, duas *« encarnações »* do messianismo luriano, que colocaram em prática com transgressões inimagináveis, mas desculpadas como *« pecados santos »*.

Sabbataï Tsevi se proclamou Messias em 1648, aos 22 anos de idade. Essa *« boa nova »*, cumprimento de uma promessa distante, se espalhou no mesmo ano entre todos os judeus da Europa, sem, contudo, o consentimento de todos os rabinos. Em 1666, Sabbataï se apresentou aos otomanos que o aprisionaram, mas o trataram com muito respeito [1]. Ele fingiu se converter ao Islã, assim como seus seguidores, mantendo, entretanto, suas práticas judaicas e cabalísticas. Sua conversão foi considerada uma apostasia, mas, paradoxalmente, reforçou o caráter autêntico de seu messianismo, pois era por meio do pecado que o Messias deveria salvar o mundo... Alguns anos depois, os sabbateanos fundaram a cripto-comunidade dos Dönmeh, muçulmanos de dia, judeus de noite. Os *Dönmeh* também queriam um território dentro do império otomano que deveria estar nos Bálcãs, provavelmente na Bósnia-Herzegovina [2]. Dessa cripto-comunidade surgiu, em 14 de julho de 1889 (!), o movimento *« Jovens Turcos »* com Mustafa Kemal Atatürk.

O polonês Jacob Leibowicz (1726-1791) adotou o nome Frank mais tarde entre os sabbateanos de Salônica, onde se proclamou Messias, reencarnação de Sabbataï Tsevi. Ele retornou à Polônia e falsamente se converteu ao catolicismo a partir de 1759 com 20.000 discípulos, dos quais uma grande parte experimentou uma ascensão social fulgurante, chegando até à nobreza. Em sua maioria, eram católicos de dia, judeus de noite; entretanto, houve também conversões sinceras. Para o batismo, todos adotaram novos nomes, muitas vezes emprestados de famílias extintas, tornando eventuais pesquisas genealógicas quase impossíveis. Jacob Frank escolheu como padrinho o rei Augusto III da Polônia, a quem pediu autorização para formar um exército e um território para a fundação de um estado judeu.

A doutrina frankista prega *« a redenção pelo pecado »*; é necessário passar pelo caos para acelerar a vinda do Messias, daí os adágios: *« Primeiro é preciso descer ao mais baixo antes de iniciar a subida », « Eu não vim a este mundo para sua elevação, mas para lançá-los no fundo do abismo », « Louvado seja o Senhor que permite o que é proibido », « A inversão da Lei é o seu cumprimento »* [3]. Isso explica o porquê de suas orgias místicas, bem como seus casamentos incestuosos.

Novak confirma as raízes cabalísticas, sabbateanas, frankistas e zoháricas da Maçonaria:

> *« Os papéis do Baal Schem Falk, em Londres, de Saint-Germain, de Sabbataï Tsevi, e depois de Frank, seriam, portanto, inegáveis na formação da franco-maçonaria dita cabalística e na penetração dos ritos « egípcios » de Cagliostro » [4].*

Jacob Frank (1726-1791)
(portrait anonyme)

Essa linhagem continuou, entre outros, no século XVIII na Alemanha, com a maçonaria templária da Estrita Observância. Esta era dirigida nos bastidores por *« Superiores Desconhecidos »*, *« invisíveis »*, como os Rosacruzes. Em 1782, a *Estrita Observância* se dividiu em duas partes, uma para fundar o Rito Escocês Retificado de Willermoz, e a outra para se unir aos Iluminados da Baviera de Adam Weishaupt. A criação, no mesmo ano, da Ordem dos Irmãos da Ásia foi diretamente relacionada com essa divisão. **A *Ordem dos Irmãos da Ásia* era composta principalmente por sabbateanos e frankistas, os *« autênticos Rosacruzes »* , segundo o historiador Jacob Katz [5].**

Outra linhagem continuou com Savalette de Langes (1745-1797), o tesoureiro de Luís XV e Luís XVI. Savalette de Langes foi cofundador da *« loja de fundo »* dos *« Amigos Reunidos »* com o rito dos Filaletes, uma continuação direta da *Ordem dos Eleitos Coëns* (fundada em 1767 por Martinez de Pasqually), também de origem frankista.

A loja frankista « Melchitsedek »

A desavença entre Papus e Guénon causou animosidade e rivalidade entre os Martinistas. Guénon abandonou Papus e recrutou diretamente os membros para a Ordem do Templo na Loja Martinista *« Melchitsedek »*, que era dirigida por Victor Blanchard. Karl-Wilhelm Naundorff fundou, em 1840, em Paris, a loja frankista *« Melchitsedek »*. Karl-Wilhelm Naundorff [6], ex-falsário, apresentou-se como se fosse Luís XVII; sobrevivente, explicou ele, do fato de ter sido escondido no castelo de Tort de la Sonde [7].

O nome *« Melchitsedek »* da loja martinista remete ao *« Messias »*, como explica Charles Novak: *« à semelhança de Jacob Frank que se apresentou como o Messias, seus sucessores, incluindo o filho de Frey, também se apresentaram como « Messias » ou « Rei » ou até mesmo « Melchitsedek »* [8]. E o autor declara:

> *« a crença de que o povo judeu, através de Jesus, é realmente o povo de Deus e que detém, através de sua transmissão oral chamada Cabala, os segredos do antigo Egito. É exatamente nesse contexto que se cria o rito de Memphis de Cagliostro, o Convento de Wilhelmsbad, ou cinquenta anos depois, a fibra rosacruciana de Fabre d'Olivet que conheceu Schönfeld-Frey, e que ele mesmo reconheceu, em suas memórias, dever espioná-lo para a Convenção » [9].*

Sobre os segredos do antigo Egito, o autor escreve:

> *« Volto à questão da redenção do Mal, Mal que será um dia perdoado. Essa ideia se insere no contexto de que um dos segredos da Bíblia é que sua verdadeira história se lê ao contrário: os banidos são os verdadeiros heróis, e os falsos heróis são os banidos dos tempos futuros. Isso se estende até os inimigos de Israel, particularmente os egípcios, que seriam, portanto, os verdadeiros escritores da Torá e os judeus e egípcios não seriam, portanto, um só e mesmo povo, e que Moshe e Ramsés não seriam senão um só e mesmo personagem. Ramsés se decomporia assim, Râ Mosis, ou seja, Râ Moshe. Como se o primeiro representasse a carne e o segundo o espírito do mesmo personagem. Isso explicaria a falta de entusiasmo dos frankistas em celebrar o Pessach [a Páscoa], que comemora a saída do Egito. Evento que, segundo eles, não existiria. Isso também explicaria o rabino frankista que, durante os Shabbat às vezes orgíacos, vestia uma roupa egípcia » [10].*

Guénon atravessa um marco

O ano de 1911 inaugura mudanças: Guénon fecha a *Ordem do Templo Renovado*. Segundo Marcel Clavelle (seu colaborador próximo), Guénon fechou essa Ordem, ligada à Igreja Gnóstica, por *« ordem dos mestres »*. Essa declaração oferece uma nova perspectiva sobre a origem dessas duas falsificações surgidas durante sessões espíritas. **No mesmo ano, ele deixa a Ordem Martinista e escreve um artigo para a revista, de aparência católica, *La France Antimaçonnique*, da qual ele se tornaria diretor em 1913. Ele também se liga, em 1911, ao esoterismo islâmico, uma tariqa da ramificação shadilita. E, no ano seguinte, ele se casa na Igreja Católica e entra na Maçonaria dita *« regular »*, a loja *Thébah* da *Grande Loja da França*.**

Guénon sempre manteve cuidadosamente em segredo sua ligação com o Islã em relação aos seus próximos, sua esposa e, a fortiori, o padre que abençoou seu casamento...

Publicado em L'Héritage em 2018

Karl VAN DER EYKEN

---

[1] – Os marranos, expulsos da Espanha desde 1492, ocuparam muito cedo postos elevados na corte do Sultão (por exemplo, Joseph Nassi, 1524-1579, que financiou os protestantes das Províncias Unidas em sua guerra contra a Espanha). Os marranos deram a Amsterdã o nome de "Nova Jerusalém".

[2] – Charles Novak, op. cit., p. 36.

[3] – Arthur Mandel, Le Messie militant ou la Fuite du Ghetto, ch. IX, Archè-Milano 1989; cf. Charles Novak, op. cit.

[4] – Charles Novak, op. cit., p. 141.

[5] – Juifs et Francs-Maçons, Du Cerf, 1995, p. 89.

[6] – Segundo Charles Novak, até 1820 Karl-Wilhelm Naundorff se chamava Franz Frey, e seu pai (1753-1794) teria usado sucessivamente os nomes de Moses Dobruschka, Franz Thomas von Schönfeld e Junius Frey. Este Junius Frey não era menos que o primo de Jacob Frank! Esta tese genealógica não é suficientemente sustentada, portanto, é discutível. No entanto, a loja Melchitsedek, fundada por Karl-Wilhelm Naundorff, é incontestavelmente de origem frankista. Além disso, Melchitsedek (grau de "Sacerdote Real") constituía o 5º grau dos Irmãos Asiáticos e o 6º grau dos Iluminados da Baviera, sociedades secretas diretamente ligadas a Jacob Frank.

[7] – Guénon nunca falou sobre o caso Frey-Naundorff, mas sua correspondência indica que ele não o ignorava: « Eu me pergunto se não seria simplesmente um certo Louis de Bourbon, que é um Naundorff de não sei qual ramo ». Carta para Louis Charbonneau-Lassay, em 4 de agosto de 1926.

[8] – Charles Novak, op. cit., p. 18.

[9] – Ibid., p. 98.

[10] – Ibid., pp. 113-114.

Sobre René Guénon e a Maçonaria – Sufismo e Espionagem

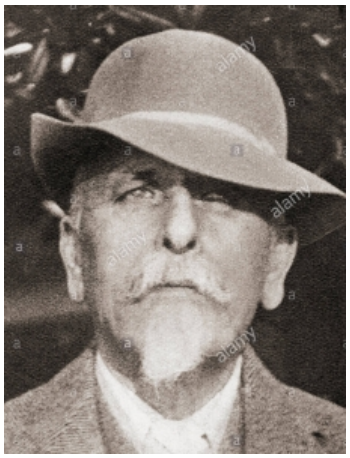
Antigo Venerável Mestre da Grande Triade, Karl van der Eyken expõe certas contradições aos dissidentes críticos da maçonaria apaixonados pelo guénonismo.

Debout, de gauche à droite : Ivan Aguéli ; Enrico Insabato ; Abdallah, domestique de chérif Sharaf. Assis : Mohammed Ali Elwi bei, interprète à la légation italienne au Caire ; chérif Sharaf de Mecca dont parle Lawrence dans ses mémoires. Extrait du catalogue de l'exposition Ivan Aguéli, Centre culturel suédois, 11 mars-24 avril 1983.

Em 1910, Guénon encontrou Ivan Aguéli ("Abdul-Hâdi", de seu nome iniciático sufi). Aguéli era anarquista, cosmopolita, grande viajante e, acima de tudo, um "especialista na arte de despistar suas verdadeiras origens como um bom agente secreto". Poliglota, ele visitou vários países do Oriente Próximo, Egito, Índia, China..., e usou pseudônimos em todos eles; seu verdadeiro sobrenome, judeu, era Moberg.

Ele se apresentava, por exemplo, com um nome eslavo "Ivan Stranyi", e "Stranyi" significa em russo "estrangeiro", como gostam de se referir discretamente os cosmopolitas Rosacruzes! Ou ainda, após seu

encontro com Tchang Kaï-chek, ele se chamou Hoei-Tso, o *"pintor"*[1]. Em 1907, Aguéli conheceu o Sheikh Elish Abder Rahman el Kébir, um dos homens mais célebres do Islã – de um ramo shadilita iniciático – que também era o chefe da seção jurídica (madhhab) da universidade El-Azhar do Cairo. **Aguéli também estava, entre outros, ligado ao adversário argelino dos franceses, o sufi shadilita [2] e maçom Abd-el-Kader, e ao anarquista e médico Enrico Insabato em colaboração com a revista ítalo-egípcia *Il Convito-Al-Nâdi*, que promovia uma compreensão entre os povos e uma leitura sufi do islamismo, mas em um jogo de influências a favor da Itália. Acusado de ser um espião sabbataísta otomano, Aguéli foi expulso pelos ingleses para a Espanha, onde morreu curiosamente atropelado por um trem...**



Basil Zaharoff (1849 – 1936)

Foi Aguéli quem iniciou Guénon no sufismo e lhe propôs ir com ele a Londres para encontrar um certo Sr. "R", que não era outro senão o comerciante de armas Basil Zaharoff, o bilionário judeu de Constantinopla [3]. Esse encontro não aconteceu, como Guénon escreveu a Vasile Lovinescu:

> "A pessoa que eu deveria encontrar em 1913 era de fato Sir Basil Zaharoff. Não sei se já lhe disse que, na ocasião, tratava-se da constituição da Albânia como Estado independente, e da possível intervenção, a esse respeito, de certas organizações islâmicas existentes nesse país." [4]

Quanto ao papel suposto que Guénon deveria desempenhar para o *"Mestre dos Bálcãs"*, Louis de Maistre escreve:

> « Esta viagem foi a oportunidade para estabelecer relações com alguns círculos britânicos, que por sua vez tinham interesses específicos no mundo islâmico. Esta hipótese é também corroborada pela intenção de Guénon, já bem firme na época, de ir ao Egito. […] Desde essa época remota, Guénon deve ter estado envolvido – não se sabe de que forma nem se esse contato tinha relação com sua missão – em uma série de eventos onde se cruzavam ocultismo, serviços secretos de vários países, uma certa política internacional "oficiosa" e algo do que ele chamou mais tarde de contra-iniciação, sendo esta última representada por seus prolongamentos balcânicos e próximo-orientais. » [5]. **De fato, Sir Basil Zaharoff também era um espião, até mesmo um "espião extraordinário" [6]; quanto a essa pretensa "contra-iniciação" [7], voltarei a isso. Mas o que designava o código M. "R" de Zaharoff? Esta letra "R" refere-se muito provavelmente ao nome do sabbataísta e Rosacruz pseudo-conde de Saint-Germain [8], que se proclamava filho do príncipe Rákóczi da Transilvânia. E Guénon dizia que o nome [entender a missão!] do conde de Saint-Germain não servia apenas a um único personagem [9]...**

Publicado em L'Héritage em julho de 2019

Karl VAN DER EYKEN

---

[1] – Link

[2] – O sufismo shadilita é akbariano, do « Sheikh Al-Akbar » (o maior Sheikh) Ibn Arabi (1165-1240). Além de toda controvérsia, Ibn Arabi foi considerado por uma grande maioria de eruditos muçulmanos como um herege. De fato, Ibn Arabi já ensinava: « Meu coração tornou-se capaz de toda forma: é um pasto para as gazelas e um convento para os monges cristãos, e um templo para os ídolos, e a Caaba do peregrino, e a mesa da Torá e o livro do Alcorão. Eu sou a religião do Amor, por qualquer caminho que seus camelos sigam; minha religião e minha fé são a verdadeira religião. ». Esta « verdadeira religião » anunciava a « Fraternidade universal » dos Rosacruzes. Aliás, A Divina Comédia de Dante já é influenciada pela estrutura, pelos símbolos e pelas expressões de esotéricos muçulmanos e, em particular, de Ibn Arabi, como demonstrou o padre jesuíta Asin Palacios em seu estudo Dante e o Islã, 1927.

[3] – Henry Coston: « aqueles que escreveram a história desses últimos oitenta anos ignorando o papel desempenhado por Sir Basil Zaharoff » […] realizaram um feito comparável ao das conquistas dos historiadores da Revolução de 1789 ». Trecho de Financieros que Dominam o Mundo, Publicações Henry Coston (Paris, 1989), cap. xxxi, citado por Jean-Marie Moine em Basil Zaharoff (1849-1936), o « comerciante de canhões ». Zaharoff dirigia, entre outros, o gigante da indústria de armamentos « Vickers », do qual os Rothschild detinham, aliás, uma grande parte. Esta confluência entre o sabateu Zaharoff e os Rothschild não é fortuita – os semelhantes atraem-se –, pois o « pai » desta dinastia, Mayer Amschel Rothschild (1744-1812), também era o financiador de Jacob Frank! Link

[4] – Cairo, 11 de novembro de 1935.

[5] – *O Enigma René Guénon e os « Superiores Desconhecidos »*, Archè Milano 2004, p. 617.

[6] – Richard Deacon, *British Secret Service*, Grafton Books 1991, Cap. XVIII *"Zaharoff: Agente Extraordinário"*.

[7] – Carta a Vasile Lovinescu, Cairo, 25 de novembro de 1935: *« Não parece haver dúvida de que sir Basil Zaharoff seja um representante importante de um dos ramos da « contra-iniciação »; alguns até pensam que ele seria um dos líderes; mas isso pode ser um pouco exagerado, pois não é provável que os verdadeiros líderes desempenhem eles mesmos um papel tão destacado… Cheguei a me perguntar se não seria dele que*

se tratava na história à qual aludi no "Teosofismo", e que, de fato, tinha relação com a constituição da Albânia como Estado independente. »

[8] – O pseudo-conde de Saint-Germain (±1700-1784) era um Rosacruz notório e um grande viajante que percorreu pelo menos a Itália, a Alemanha, a Holanda, a África e as Índias. Ele fazia mistério de sua origem… Quando a rainha Maria Antonieta lhe fez a pergunta: *« Onde você nasceu? »*, ele respondeu: *« Em Jerusalém, Madame »*.

[9] – *« Última resposta ao Sr. Gustave Bord »*, *A França Antimaçônica*, 7 de maio de 1914.

Sobre René Guénon e a Maçonaria – A França Antimaçônica

Antigo Venerável Mestre da Grande Tríade, Karl van der Eyken expõe algumas contradições para os dissidentes críticos da maçonaria apaixonados pelo guenonismo.

3 Novembre 1911 — N° 44 — Vingt-Cinquième Année

LA FRANCE ANTIMAÇONNIQUE

ORGANE HEBDOMADAIRE

DU CONSEIL ANTIMAÇONNIQUE DE FRANCE

BAPTÊME DE LUMIÈRE

PAR LE

Swâmi NARAD MANI,

Chef de l'Observatoire secret européen de la « *True Truth Somaj* » d'Adyar

Notes pour servir à l'Histoire de la Société dite Théosophique

(II)

PREMIÈRE PARTIE

(Suite)

A entendre la malheureuse femme, ce qui arrivait était la faute, la très grande faute de la Société qu'elle avait fondée et dont les membres n'avaient jamais cessé de lui demander des miracles : « C'est le Karma de la Société Théosophique — dit-elle à la comtesse Wachtmeister — et il tombe sur moi. Je suis le bouc émissaire. C'est moi qui porte tous les péchés de la Société... O phénomènes maudits, que j'ai seulement produits pour plaire à des amis particuliers et instruire ceux qui m'entouraient !... Quel affreux Karma à supporter !... Les gens me tourmentaient continuellement. C'était toujours : « Oh ! matérialisez ceci », ou « Laissez-moi entendre les clochettes astrales », et ainsi de suite. Alors je n'aimais pas les désappointer. J'accédais à leur désir. A présent, je dois souffrir (1) ».

Mme Blavatsky a très bien été capable de dire cela, car elle était le plus souvent contrôlée par l'esprit du mensonge. Mais un tel fauxfuyant ne fait guère honneur à son imagination. Ses fraudes, parfaitement authentiques, ne se comptaient plus depuis 1871, et ce n'est pas seulement le Rapport d'Hodgson qui l'avait clouée au pilori, c'est aussi le Swâmi Dayananda Saraswati, le chef de l' « *Arya Somaj* ». Si ses fameux phénomènes avaient été de bon aloi, elle n'aurait pas manqué, dès son retour en Europe, de demander à les reproduire devant la Société des Recherches Psychiques, dont plusieurs membres, d'ailleurs, appartenaient à la Loge de Londres. Or, elle s'est bien gardée de recourir à cette expérience, et les grands Mahatmas, ses « Maîtres », reculèrent eux-mêmes devant l'initiative de confondre ses accusateurs, soit en leur crevant les oreilles au moyen des clochettes astrales, soit en faisant pleuvoir des « lettres précipitées » jusque dans leur soupe.

Pour se défendre, l' « *Arch Auditor* » aima mieux ergoter que de faire le signe de détresse en appelant à son aide la toute puissance de ses divins Gurus ; elle préféra se mettre en colère — ce qui était une singulière forme de sacrifice — et elle s'imagina qu'en s'étourdissant à crier, elle étourdirait les autres.

Après tout, que lui voulait-on ? Est-ce qu'elle n'était pas libre ? Est-ce que ses affaires

(1) *Reminiscences of H. P. Blavatsky*, etc., par Constance Wachtmeister, London. 1893.

Em 1887, Léo Taxil fundou a revista *La France chrétienne,* que se tornou em 1910 *La France chrétienne antimaçonnique,* e foi renomeada em 1911 para *La France antimaçonnique*. Em 1895, Taxil delega a direção dessa revista a Clarin de la Rive [1] e lhe entrega um dossiê confidencial designado como "Le Chartier".

Abro um pequeno parêntese para uma apresentação do contexto desse episódio da vida de Guénon. "O caso Taxil" é uma história à parte; em poucas palavras: Taxil já era indisciplinado muito jovem (casa de correção), depois revolucionário e impostor com uma condenação de oito anos de prisão. Ele foi iniciado na maçonaria no Grande Oriente da França sem, no entanto, estar muito "atrelado" a ela. Sua obra é muito vasta, e seu livro *Le Fils du jésuite* (1879) chega até a ter uma introdução de Garibaldi! Taxil utilizou as redes de publicações do judeu Eugène Mayer, financista e grande patrão da imprensa francesa, para a difusão de seus "papéis

imundos" a nível nacional contra a Igreja. **Após escrever tudo e qualquer coisa contra a Igreja, ele se "voltou" e se tornou um "defensor" da Igreja em relação à Maçonaria. A Igreja não só pagou suas pesadas dívidas, mas também lhe concedeu uma "pensão" na forma de um emprego na livraria Saint-Paul. Apesar de tudo isso, Taxil, não confiável, ainda não havia chegado à sua última conversão…**

Em Toulouse, ele frequentou o Instituto de Estudos Cabalísticos fundado por Le Chartier (nascido Louis-Julien-Marie Lechartier), no qual também estavam presentes, entre outros, Henri Guillebert des Essars [2] e Jules Doinel (já mencionado). Le Chartier, tendo levado uma vida relativamente obscura, dirigiu por algum tempo o órgão naundorfista, La légitimité. Fato digno de nota: logo após a morte de Le Chartier, sua biblioteca e todos os seus arquivos foram apressadamente comprados, sem o conhecimento de seus amigos, por alguns desconhecidos cujo uso que fizeram deles ninguém sabe! **O arquivo "Le Chartier" continha, entre outras coisas, um manuscrito tratando de magia sexual intitulado [3]: *O Gennaïth-Menngog* do**

Rabino Éliézer ha-Kabir. Guénon, que havia herdado esse arquivo, fornece algumas precisões: "Temos também algumas cartas do mesmo Le Chartier, das quais uma contém a tradução (?) do verdadeiro Gennaïth-Menngog, o de Taxil-Vaughan, e outra, com assinatura em hebraico rabínico, contém uma alusão muito curiosa a um misterioso personagem que ele chama de 'seu Mestre.'" [4]. Um desses mestres foi Samuel Paul Rosen (1840-1907), judeu polonês nascido em Varsóvia, rabino e franco-maçom antes de se converter ao catolicismo. Depois de deixar a Polônia, viveu em Constantinopla (provavelmente com seus primos sabataístas) antes de vir para a França. Ele fez parte de uma corrente que atacava a "Alta Maçonaria" devido ao seu caráter satânico e sustentava que os judeus também eram vítimas dela; ideia que será encontrada em Guénon.

Em um relatório sobre Rosen, Guénon fornece uma pista:

> No final deste artigo, há uma longa discussão sobre o ex-rabino Paul Rosen, também conhecido como Moisés Lid-Nazareth; e, já que se considera que "seria interessante conhecer melhor esta personalidade original em seu gênero", podemos dar pelo menos duas indicações sobre isso, de importância muito desigual, aliás. Primeiro, ele vendeu por um bom preço, aos antimaçons e a outros (pois Papus, em particular, também foi um de seus "clientes"), não uma única biblioteca, mas várias, que ele havia formado sucessivamente e que, graças a certo casaco truquado, certamente não lhe custaram muito caro... Este é, de certa forma, o lado pitoresco do personagem, mas há também o lado sinistro: há, de fato, todas as razões para considerá-lo como tendo sido, no caso Taxil, um dos agentes mais diretos da "contra-iniciação" (o que explica, aliás, seu duplo papel aparente); mas ele não era o único, e houve outros... [5]

Última observação sobre o antigo rabino Rosen. Ele também foi recompensado, assim como Taxil, pela publicação de *L'Ennemie sociale*, obra que recebeu a aprovação apostólica de Leão XIII!

Esses manipuladores são astutos, inteligentes e capazes de se apresentar sob uma máscara de charlatão, como Léo Taxil fez tão bem. Como resultado, ele (ainda) passava por um simples impostor. Dizer tudo e seu contrário gera dúvidas nos leitores, o que Guénon habilmente explorou...

Guénon herdou o arquivo "Le Chartier" através de Clarin de Rive, que, em 1913, nomeou René Guénon diretor da revista La France antimaçonnique, na qual ele exporia sua "ortodoxia" maçônica, assinada como "Le Sphinx". Guénon usará a brecha criada pelo caso Taxil para passar a uma fase seguinte, apresentando a iniciação como um caminho de realização espiritual cujo objetivo é adquirir estados "supra-individuais" (sic!). **Simultaneamente, ele apresenta a franco-maçonaria como uma tradição "ortodoxa" com o mesmo propósito, mas esta maçonaria seria enganada pela "contra-iniciação" que desacredita a "boa" iniciação maçônica. Em outras palavras, a opinião pública é iludida pela "contra-iniciação"! Eis, em essência, como Guénon "desviou" esta revista indevidamente chamada de "antimaçônica" para uma revista pró-maçônica!**

À luz das influências e do círculo de Guénon, podemos agora abordar sua obra. Continua.

Publicado em L'Héritage em julho de 2019

Karl VAN DER EYKEN

[1] - Um antimaçom católico? Sobre Abel Clarin De la Rive (1855-1914), Marie-France James escreve: "Interessado no ocultismo há alguns anos, como tende a mostrar seu primeiro romance 'Uma Data Fatal' (1881), que pretende ser uma denúncia do espiritismo, cerca de dez anos depois, sob o pseudônimo de Cheikh Sihabil Klarin M'Ta El Chott, ele publica uma nova obra de ficção, no mínimo estranha, 'Ourida' (1890), que relata a história de uma 'Pequena Rosa' colocada sob o patrocínio do arcanjo Gabriel, onde coexistem traços cristãos, muçulmanos e maçônicos; paralelamente e sob o mesmo pseudônimo, ele reúne um 'Vocabulário da língua falada nos países berberes — coordenado com o "Corão"' (1890), uma retrospectiva que cobre o Egito, Marrocos, Tunísia, Turquia e da qual uma boa parte é dedicada aos ritos, seitas e confrarias religiosas do Islã. Alguns anos depois, ele confessará ao abade de Bessonies que as questões islâmicas lhe são muito familiares e que é o autor de obras supostamente escritas por muçulmanos; ele chegará até mesmo a afirmar que alguns o tomaram por um 'verdadeiro muçulmano'". Esoterismo, Ocultismo, Maçonaria e Cristianismo nos séculos XIX e XX, Nouvelles Éditions Latines, 1981, p. 73.

[2] - Henri Guillebert des Essars era um colaborador de Monsenhor Jouin na *Revue Internationale des Sociétés Secrètes*!

[3] - A magia sexual da Ordo Templis Orientis (OTO) constitui um ramo do mesmo tronco (ver acima).

[4] - *Relatório*, julho de 1931.

[5] - Outubro de 1936.

Sobre René Guénon e a Maçonaria - Primeiros Escritos

O Antigo Venerável Mestre da *Grande Tríade*, Karl van der Eyken, expõe algumas contradições aos dissidentes que se opõem à maçonaria, fascinados pelo guénonismo.

O jovem René Guénon

Guénon já lançou os fundamentos de sua obra entre 1909-1912 na revista *La Gnose*. Alguns artigos foram posteriormente retomados em livros: *A constituição do ser humano e sua evolução póstuma segundo o Vêdânta, O simbolismo da Cruz, Observações sobre a notação matemática*. Este último tema foi retomado em *Os Princípios do cálculo infinitesimal* em 1946; os dois primeiros em 1925 e 1931. Portanto, Guénon dominava muito jovem o essencial da doutrina gnóstica, e sempre afirmou que não se tratava de sua doutrina, mas de uma apresentação fiel dos fundamentos doutrinais da Tradição primordial; voltarei a isso.

Este conhecimento favorecia a credibilidade de suas afirmações, porque se tratava de uma divulgação dos *"mistérios"* ocultos aos profanos. Plutarco já havia dito que *"o segredo acrescenta valor"*! Acrescente-se que Guénon também era um polemista excepcional, com uma retórica muito persuasiva.

Guénon foi intelectualmente formado muito jovem, e, até mesmo, singularmente, sua escrita nunca variou desde a publicação de seu primeiro livro intitulado *Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus*. Esse livro constituía sua tese de doutorado em letras, que havia sido recusada pelo decano Brunot porque, desde o início, não era suficientemente embasada. Guénon alegava conhecer seu assunto por via direta e, portanto, não precisava se justificar. O decano não foi sensível a esse argumento e recusou a tese, o que Guénon nunca perdoou aos profanos e ignorantes universitários que abusavam do *"método histórico"*. Ele tinha que ser acreditado sob sua palavra, o que decorria de sua *"certeza, fundamentada no Conhecimento metafísico"*, caricaturando aqui patologicamente - o princípio da fé católica que nos obriga a acreditar nas verdades reveladas por Deus; não pelo homem! Ele também publicou em *La Gnose*: *O Demiurgo, A Gnose e as Escolas Espiritualistas, A Gnose e a Maçonaria, A Ortodoxia Maçônica, Os Altos Graus Maçônicos, Observações sobre a Produção de Números, O Arquemêtro, A Religião e as Religiões, A Oração e a Incantação, As Condições da Existência Corporal*.

Guénon no rastro de Saint-Yves d'Alveydre

Lembremos que Guénon havia glorificado publicamente sua excomunhão e também que ele havia exaltado os iluminados que trabalharam para a Revolução de 1789 [1]. Isso não impediu, em 1913, sua nomeação para a direção de *La France Antimaçonnique*. Ele publicou lá: *Um Lado Pouco Conhecido da Obra de Dante*, *A Iniciação Maçônica do Ir? Bonaparte*, *As Influências Modernistas na Índia*, *O Regime Escocês Retificado de 1776 a 1815*, *Os Adversários do Simbolismo*, *A Estrita Observância e os Superiores Desconhecidos*, *A Respeito dos Superiores Desconhecidos e do Astral*, *Alguns Documentos Inéditos sobre a Ordem dos Eleitos Coëns*, *Reflexões a Respeito do "Poder Oculto"*. Esses artigos sustentavam, com argumentos inéditos, a legitimidade de uma Maçonaria *"tradicional"* que se distinguia da Maçonaria notória. Isso causou surpresas, mas a maioria dos surpreendidos acabou por aceitar esse ponto de vista *"autenticamente tradicional"*. Por outro lado, Guénon também era um *"iniciado"* no sentido de *"conhecer alguns bastidores"*. Seu artigo *Reflexões a Respeito do "Poder Oculto"* [2], que está entre seus primeiros escritos, atesta isso incontavelmente.

Guénon entra no assunto reagindo ao artigo *"Os Olhos que se Abrem"* [3] do militante nacionalista, o anti e ex-maçom, Paul Copin-Albancelli. Guénon reagia regularmente - servindo-lhe de pretexto para entrar no assunto - a publicações de terceiros, seja em caso de concordância para uma retomada autoritária com observações adicionais, ou, em caso de discordância, também para uma retomada a fim de demonstrar agora um erro *"não-tradicional"*. No entanto, também lhe acontecia ridicularizar autores incômodos, ou seja, aqueles que diziam a verdade, mas que iam contra as ideias que Guénon queria divulgar. Nesse caso, ele os qualificava frequentemente de *"profanos"* que não podiam compreender...

Karl VAN DER EYKEN

[1] - Veja *L'Héritage*, Nº 13.

[2] - Em 11 e 18 de junho de 1914, 28º ano. Assinado *"O Esfinx"*. Link

[3] - Veja Link

Sobre René Guénon e a Maçonaria - Superiores Desconhecidos

O Antigo Venerável Mestre da *Grande Tríade*, Karl Van der Eyken, expõe algumas contradições aos dissidentes que se opõem à maçonaria, fascinados pelo guénonismo.

TREIZIÈME ANNEE — N°539 *bis* — 23 MAI 1914

La Bastille

La Bastille à détruire, c'est la Société secrète

Journal de propagande Anti-Maçonnique — Hebdomadaire paraissant le Samedi

ADMINISTRATION : 42, rue de Bellechasse, Paris (VII') Adresser Lettres et Mandats à M. André BARON, administrateur

Directeurs : COPIN-ALBANCELLI LOUIS DASTÉ

ABONNEMENTS : France..... Un an : 7 francs Union Postale..... Un an : 9 francs LE NUMÉRO : dix centimes

Songe au pays toujours ! d'abord ! quoi qu'il en coûte !

SIMONE ARNAUD

LES

YEUX QUI S'OUVRENT

C'est un grave échec à la Franc-Maçonnerie que cette décision du Congrès d'Ancône, par laquelle les socialistes italiens ont proclamé l'incompatibilité entre la qualité de franc-maçon et celle de socialiste. C'est comme si, dix ans avant la Révolution, un Congrès de la noblesse française eût décidé qu'un noble ne pouvait pas entrer dans la Maçonnerie. Si pareil fait s'était produit, la Révolution n'aurait pas eu lieu.

N'oublions pas, en effet, que la Maçonnerie ne pourrait rien, si ceux qu'elle veut abattre ou dominer ne consentaient à fréquenter chez elle. Les Loges sont des souricières. Tant pis pour les souris qui s'y laissent prendre.

Les socialistes italiens chassant de leurs rangs ceux d'entre eux qui sont francs-maçons, la Maçonnerie italienne a répondu à cette provocation en invitant ses vénérables à chasser des loges les francs-maçons socialistes. Lorsque la guerre est déclarée, il faut bien la eux. Le mensonge peut rapporter beaucoup à son auteur ; mais ce n'est jamais que pour un temps.

Le socialisme est un état d'esprit voulu par les Supérieurs Inconnus, aux suggestions desquels obéissent les francs-maçons. Etat d'esprit utile pour eux, parce qu'il est un dissolvant pour les sociétés dans lesquelles il sévit ; mais à une condition : c'est que les socialistes veuillent bien se laisser dominer. S'ils refusent, le socialisme constitue un danger pour les Supérieurs Inconnus. Tout leur plan s'effondre. C'est pour rien qu'ils ont travaillé durant deux cents ans.

Le Congrès socialiste d'Ancône marque donc une date dont doivent se féliciter tous ceux qui considèrent la dictature occulte comme la plus honteuse de toutes. Si le socialisme consentait à se laisser passer le licol par l'intermédiaire de la Franc-Maçonnerie, la domination du monde serait assurée aux Supérieurs Inconnus. Si, au contraire, le socialisme prétend rester indépendant de la Franc-Maçonnerie, la route est barrée aux Supérieurs Inconnus. lisme italien soit en avance sur le socialisme français. Cela tient à beaucoup de causes qu'il serait trop long d'exposer ici. Nous aurons du reste bien des occasions de revenir sur ce sujet.

Signalons seulement aujourd'hui que le citoyen Jaurès a fait beaucoup pour que le socialisme français demeurât assujetti à la Franc-Maçonnerie.

Le citoyen Jaurès n'est pas, comme il le laisse croire, le serviteur de la Démocratie ; il est le serviteur des Supérieurs Inconnus. C'est pour eux qu'il travaille ; ce n'est pas pour le peuple. C'est par eux qu'il est entretenu.

Pourtant, objecte-t-on, Jaurès est à peine franc-maçon.

C'est vrai. Mais ne savons-nous pas qu'il existe d'autres sociétés secrètes que la Franc-Maçonnerie et que toutes se tiennent entre elles. Jaurès joue trop bien le rôle de traître — même lorsqu'il préside des commissions d'enquête qu'il transforme en commissions d'étouffement — pour ne pas avoir une place dans le monde occulte. Il a la figure et l'allure qu'on a dans ce monde là.

Eyes Wide Shut, espelho do título do artigo "Os Olhos que se Abrem" de Copin-Albancelli, filme de Kubrick, ele mesmo inspirado em A Nova Novela de Schnitzler

Alguns trechos eloquentes, extraídos do *"Poder Oculto"* [1]:

> "Viu-se que nosso colega [Copin-Albancelli] não hesita, a respeito do socialismo, em considerar claramente uma ação dos Superiores Desconhecidos "dos quais a Maçonaria não é senão o instrumento", ou mesmo um instrumento entre muitos outros, e "às sugestões dos quais os Maçons obedecem", inconscientemente na maioria."
>
> "O socialismo, que, certamente, nada tem de iniciático, só pode proceder de um "poder oculto" simplesmente político, ou político-financeiro; é provável que esse poder seja judeu, pelo menos parcialmente, mas seria abusivo qualificá-lo de "cabalista". Há os que não sabem se proteger suficientemente de qualquer exagero a esse respeito, e é por isso que achamos bom esclarecer em que condições é possível considerar Jaurès, por exemplo, como "o servidor dos Superiores

Desconhecidos", ou melhor, de certos Superiores Desconhecidos". "[Que Jaurès seja maçom ou não] não faz diferença, e ele pode muito bem não fazer parte de nenhuma "sociedade secreta" no sentido próprio da palavra; ele é apenas um agente melhor para os Superiores Desconhecidos que se servem dele, porque essa circunstância contribui para afastar as suspeitas [2]. O que dizemos de Jaurès, porque nosso colega o tomou como exemplo, poderíamos dizer igualmente de outros homens políticos, que estão mais ou menos no mesmo caso; mas o exemplo é suficientemente típico para que nos contentemos com ele."

"Outro ponto a reter é que os Superiores Desconhecidos, de qualquer ordem que sejam, e qualquer que seja o domínio em que queiram agir, nunca procuram criar "movimentos", seguindo uma expressão que está muito em voga hoje em dia; eles criam apenas "estados de espírito", o que é muito mais eficaz, mas talvez um pouco menos acessível a todo mundo. É incontestável, embora alguns se declarem incapazes de compreender isso, que a mentalidade dos indivíduos e das coletividades pode ser modificada por um conjunto sistematizado de sugestões apropriadas; no fundo, a própria educação não é muito mais do que isso, e não há aí nada de "ocultismo"."

"O socialismo responde a certas condições atuais, e é isso que lhe dá todas as chances de sucesso; se as condições mudarem por uma razão ou outra, o socialismo, que nunca poderá ser senão um simples meio de ação para os Superiores Desconhecidos, rapidamente se transformará em outra coisa, cuja natureza nem mesmo podemos prever. Talvez aí resida o perigo mais grave, especialmente se os Superiores Desconhecidos souberem, como há toda razão para admitir, modificar essa mentalidade coletiva que se chama "opinião pública"; é um trabalho desse tipo que se efetuou no decorrer do século XVIII e que resultou na Revolução, e, quando esta eclodiu, os Superiores Desconhecidos já não precisavam intervir, a ação de seus agentes subalternos era plenamente suficiente."

Esses trechos são suficientemente claros e dispensam comentários; a simples criação de "estados de espírito" já diz muito... Sejam os invisíveis Rosa-Cruz[3] ou os Superiores Desconhecidos, eles têm em comum o mesmo modo de operação. A criação de um estado de espírito está plenamente na ordem do dia e mesmo se tornou manifesta, com muito orgulho. Aparentemente, a vitória se desenha no horizonte para o Adversário, salvo imprevistos... O que é certo é que um imprevisto não virá de espíritos neutralizados pela indiferença; esses espíritos são condicionados para obedecer passivamente ao anticristo - a consequência última da desobediência primordial.

Karl VAN DER EYKEN

[1] - Artigo Reflexões a Respeito do "Poder Oculto" de René Guénon publicado em La France Antimaçonnique nos dias 11 e 18 de junho de 1914, 28o ano. Assinado "O Esfinx" em resposta ao artigo " Os Olhos que se Abrem" do militante nacionalista, o anti e ex-maçom, Paul Copin-Albancelli.

[2] - Mons. H. Delassus: "A imprensa coletivista está nas mãos dos Judeus em todos os países do mundo, e sabe-se que entre nós, a Humanidade, o órgão do cidadão Jaurès, foi fundada com os capitais fornecidos por doze Judeus - "um por cada tribo", dizia Urbain Gohier em A Terror Judaica. O coletivismo é o objetivo para o qual tendem os Judeus, o coletivismo que, sob a desculpa de devolver tudo ao Estado, devolverá tudo em suas próprias mãos, que se encontrarão dissimuladas atrás da personalidade anônima do Estado." "A Conjuração Anticristã", 1910, p. 736

[3] - Veja acima, L'Héritage, Nº 13. Veja também Alain Pascal, O Século dos Rosa-Cruzes, Éditions des Cimes, 2018.

Sobre René Guénon e a Maçonaria - Sociedades Secretas Chinesas

Antigo Venerável Mestre da Grande Tríade, Karl van der Eyken expõe algumas contradições aos dissidentes críticos da maçonaria apaixonados pelo guénonismo.

Continuemos com alguns extratos do mesmo artigo [1] sobre a China e as sociedades secretas. É aqui que Guénon cita longamente um artigo de um autor cujos comentários ele aprova com um excesso persuasivo, qualificando mesmo o autor como uma "pena autorizada". O objetivo era sem dúvida desviar os olhares de qualquer possível relação entre as sociedades secretas ocidentais e chinesas. Veremos após a citação o que realmente acontecia, e que não é impossível que Guénon estivesse protegendo os interesses de uma elite "desconhecida".

Ilustração pela letra Wang de seu livro A Grande Tríade, também nome da loja maçônica (1947, GLDF) que ele desejou.

> "É bem evidente que as associações revolucionárias que apoiaram o F? Sun Yat Sen, em conjunto com a Maçonaria e o Protestantismo anglo-saxões, não poderiam ter relações de qualquer tipo com as verdadeiras sociedades iniciáticas, cujo caráter, em todo o Oriente, é essencialmente tradicionalista"; "No que diz respeito a essas sociedades iniciáticas do Extremo Oriente: elas nunca se relacionarão, não apenas com agrupamentos políticos, mas com qualquer organização de origem ocidental";
>
> "Uma pena autorizada [Guénon não dá o nome do autor!] escreveu a esse respeito: 'Não mais do que antigamente, menos ainda do que antigamente, não há fraternidade possível entre coletividades amarelas e coletividades brancas' [...] 'das quais certamente não teria falado, se sua repetição no volume "A Invasão Amarela", pelo Sr. Comandante Driant, não tivesse chamado a atenção para ela pela informação de que uma sociedade secreta amarela e um grupo ocultista europeu teriam unido fraternalmente seus objetivos e símbolos. "Temos o prazer de aprender", diz "A Iniciação" de março de 1897, ao Supremo Conselho, a criação em São Francisco da primeira Loja Martinista Chinesa, na qual depositamos grandes esperanças, para o entendimento de nossa Ordem com a Sociedade de Hung. "E o comandante Driant acrescenta: "A Sociedade de Hung é a sociedade-mãe dos Boxers chineses. Essas relações de seitas parecerão inverossímeis para muitos leitores, que não veem o progresso das sociedades ocultas visando ao internacionalismo. Elas são rigorosamente verdadeiras."

Eis a tradução do trecho adicional:

> "Estas afirmações são rigorosamente uma fábula. Não sei se chineses, nem que tipo de chineses se infiltraram na loja martinista de São Francisco, nem mesmo se já houve uma Loja Martinista em São Francisco. O que eu sei e afirmo é que jamais a Sociedade de Hung, já que existe uma Sociedade de Hung, e que parece visar uma sociedade entre todas, e o nome especial e temporário de uma seita desta sociedade, nunca se filiou ao Martinismo; é que jamais a Sociedade de Hung, nem qualquer outra sociedade secreta chinesa, manteve a menor relação, mesmo epistolar, com o Martinismo, nem com qualquer outra sociedade oculta ocidental."

Não, estas afirmações não são uma fábula; elas são, ao contrário, rigorosamente verdadeiras! Vamos ver. Já de início, como qualificar a forma de proceder de Guénon, que apoia uma "pena autorizada" de um desconhecido para fazer passar sua própria mensagem?

Karl VAN DER EYKEN

[1] - Artigo "Réflexions à propos de 'pouvoir occulte'" de René Guénon publicado em La France Antimaçonnique em 11 e 18 de junho de 1914, 28º ano. Assinado "Le Sphinx" em resposta ao artigo "Les Yeux qui s'ouvrent" do militante nacionalista, anti-maçom e ex-maçom, Paul Copin-Albancelli.

Sobre René Guénon e a Maçonaria - A Sociedade de Hung

Antigo Venerável Mestre da *Grande Tríade*, Karl van der Eyken expõe certas contradições aos dissidentes críticos da maçonaria apaixonados pelo guénonismo.

« Le gâteau des rois et des empereurs ».
Caricature du Petit Journal (journal populaire de droite) en 1898.

Assim como a dos Guarda-chuvas de 2014, os bastidores da Revolta dos Boxers eram ocidentais, senão oculto-mundialistas

The Daily Post de 8 de setembro de 1724 informa seus leitores que uma sociedade secreta chinesa acabava de aparecer na Inglaterra. Esta sociedade seria direta ou indiretamente a ancestral da *Sociedade de Hung*, que, curiosamente, tinha muitos pontos em comum com a Franco-Maçonaria [1]. Por outro lado, a propagação da Maçonaria na Ásia remonta a cerca de 1730, ela se fez em grande parte ao sabor da expansão do Império britânico.

O enigma é que em 1724 também foi fundada a Sociedade secreta dos Gormogons pelo *"stuartista"* o duque de Wharton, Grão-Mestre da Grande Loja orangista de Londres [2]. A Sociedade dos *Gormogons* pretendia descender de um imperador da *"Sociedade do Céu e da Terra"* (*Tien-ti-houei*), da qual também se reclamava a *Sociedade de Hung*... Os *Gormogons* eram considerados como caricaturas-rivais da Maçonaria.

Como explicar que entre seus membros figuravam pelo menos dois altos dignitários da Maçonaria: o Grão-Mestre o duque de Wharton (1698-1731) e André Michel Ramsay, o cavaleiro de Ramsay (1693-1743), e que eles nunca foram incomodados por uma eventual exclusão de sua Loja-mãe [3]? Esta fachada caricatural desarmava qualquer investigação séria, cedendo lugar às especulações delirantes e inofensivas... Que confusão *"organizada"*!

Vamos agora a Sun Yat Sen, *"o pai da China moderna"*, que foi iniciado em 1904 em uma loja em Honolulu (Havaí, Estado americano desde 1898), mas que já era notoriamente conhecido como um grande agitador revolucionário, comparável a outros "libertadores" maçônicos como Simon Bolivar, Giuseppe Garibaldi, George Washington... Desde 1885, ele se dá como tarefa a derrubada da dinastia manchú e o estabelecimento da República. Ele participa então da atividade de sociedades secretas e funda em 1894 com outros jovens revolucionários cantoneses um partido político, a Associação para o Reerguimento da China. Em 1911 ele reorganiza a Maçonaria de San Francisco, e a cidade lhe é grata, para este efeito, ela erige o *"Memorial Hall Sun Yat Sen"*! San Francisco era de fato um cruzamento de sociedades secretas ocidentais e orientais, contrariamente ao que afirma indiretamente Guénon, em 1914, por trás desta *"pena autorizada"*!

Finalmente, em 1912, o Ir? Sun Yat Sen proclama a República da China com a ajuda de um consórcio de Nova York [4].

Após esta digressão, volto à Sociedade de *Hung*, que seria a sociedade-mãe dos Boxers chineses. A revolta dos Boxers, ou guerra dos Boxers – sociedade secreta cujo símbolo era um punho fechado levantado, daí o apelido de Boxers –, ocorreu na China, entre 1899 e 1901. Esta revolta é agora *"esquecida"*, considerada como uma tentativa revolucionária sufocada. Não foi uma revolução espontânea, como é geralmente apresentada; ao contrário, era dirigida por agentes do *"Poder oculto"*. Os sinais o testemunham. Não é por acaso que o punho levantado ainda é visível onde se agita o povo. O orgulho é uma fraqueza, exceto para os sequazes do Adversário que com sua arrogância *"marcam"* ou *"assinam"* seus atos infames; mas a assinatura também pode ser discreta e apenas reconhecível para alguns.

Occupy Wall Street

Otpor

Roter Frontkämpferbund

Black Lives Matter

Primaveras Árabes

Revolução Egípcia

Alguns cartazes de "Revoluções Coloridas" brandindo o punho erguido como os Boxers (1900): Occupy Wall Street, Otpor, Roter Frontkämpferbund, Black Lives Matter, Primaveras Árabes, Revolução Egípcia

A Igreja havia conhecido certo desenvolvimento na China a partir de meados do século XIX, mas a guerra dos Boxers, que tinha como objetivo um genocídio de cristãos chineses e de missionários, pôs definitivamente fim a isso. Essa violência em massa avançava crucificando os cristãos chineses e outros, incendiando as igrejas em seu caminho... Esse ódio, expresso por atrocidades indizíveis, também abalou a França durante a Revolução com o genocídio dos católicos franceses. A correspondência não para aí, os Boxers eram "marcados" por suas vestimentas, roupas bem conhecidas dos descendentes dos "Iluminados da Baviera", incluindo o Martinismo [5]. Cito o historiador-arquivista Jean Lombard (Cœurderoy): *"Os adeptos dessa Maçonaria paralela e secreta, portadores de uma túnica branca com cinto escarlate como os 'Assacis' [Assassinos do Velho da Montanha], os Templários e mais tarde os 'Boxers' chineses e usando o gorro frígio..."* [6].

Na mesma revista, ele expõe alguns aspectos da antiga *"Maçonaria Operativa"*, que seria uma Maçonaria não degenerada, ao contrário da Maçonaria conhecida, a de 1717...

Karl VAN DER EYKEN

[1] - JSM Ward e WG Stirling, Hung-Society - Or the Society of Heaven and Earth (1925), p. 125, Kessinger Publishing 2003

[2] - Os Stuarts reinaram sobre a Escócia entre 1371 e 1714 e sobre a Inglaterra de 1603 a 1688 (com o intervalo revolucionário de Cromwell de 1649-1660). Eles serão definitivamente afastados do trono em 1688 por Guilherme de Orange, é o triunfo do capitalismo. Após Cromwell em 1660, os Stuarts retornam com Carlos II. Este rei trabalhava pela reabilitação do catolicismo, mas que curiosamente dá sua filha Maria ao protestante Guilherme de Orange! O mínimo que se pode dizer é que este ato não era católico, então em que medida os Stuarts o eram? Quando Guilherme de Orange chega ao poder, são os Stuarts, ditos "católicos", que prometiam tudo aos protestantes para reconquistar o trono, e, paralelamente, os protestantes hanoverianos prometiam tudo aos não-conformistas. É assim que estas duas Casas reais se tornaram protetoras e propagadoras do idealismo maçônico. Contudo, o Escocismo maçônico atribuído aos Stuarts seria apenas um testa-de-ferro do qual teriam se servido, como "cobertura", indivíduos que permaneceram na sombra. O Ligou, dicionário de referência, diz: "Muitos historiadores estimam que nenhum dos Stuarts pertenceu à Fraternidade, mas o papel lendário desta família é importante. De uma maneira geral, tudo o que toca ao Escocismo encontra, em algum momento, a família Stuart ou seus partidários." A cobertura por testa-de-ferro faz compreender a cumplicidade entre as lojas ditas "stuartistas" e as lojas orangistas, porque aqueles que puxavam os cordões não eram partidários de uma Casa, mas se serviram dela como um meio antes de passar à "etapa" seguinte. De maneira mais manifesta são as visitas de Desaguliers (fundador com Anderson da Franco-Maçonaria em 1717) e de outros dirigentes da Maçonaria orangista na França. Eles vinham frequentar as oficinas escocesas cujos Grandes Mestres estavam a serviço dos Stuarts. A pseudo-oposição é uma receita tática que provou plenamente sua eficácia, e isso continua ainda em nossos dias...

[3] - Alec Mellor, Dicionário da Franco-Maçonaria e dos Franco-Maçons, "Gormogons", Pierre Belfond, 1979. Daniel Ligou, Dicionário da Franco-Maçonaria, "Gormogons", PUF, 2015.

[4] - Antony Sutton: "O melhor exemplo documentado da intervenção de Wall Street em uma revolução é o de um consórcio de Nova York na revolução chinesa, liderada por Sun Yat Sen". Wall Street and the Bolshevik Revolution, cap. IV.

[5] - Sobre a sobrevivência dos "Iluminados da Baviera", ver L'Héritage N° 13.

[6] - "Esses Iluminados recebiam a iniciação de três classes de graus, que os conduziam da interpretação da verdadeira religião ao ateísmo, e da democracia à anarquia. Por intermédio de seu amigo Mauvillon, eles souberam atrair Mirabeau, assíduo dos salões judeus durante sua estada em Berlim, e os tenentes de Weishaupt, Zwack von Knigge e Bode desempenharam um papel importante nos conventos de Wilhelmsbad (1782) e dos "Filaletes" de Paris (1785 e 1787), encarregados de preparar a Revolução." Jean Lombard Cœurderoy, A Face oculta da história moderna Tomo 1, Introdução, XII, Ed. Saint-Remi. É bom saber que Jean Lombard, não tendo conseguido encontrar uma única editora francesa para publicar sua obra monumental, resolveu com a maior decepção fazer traduzir seus volumes para o espanhol. Quatro grandes tomos apareceram assim nas edições franquistas "Fuerza Nueva".

OS PERIGOS DA GNOSE CONTEMPORÂNEA

Origens e temas da gnose contemporânea

por Christian Lagrave

Lembra-se que Paul Sernine tentou mostrar que a gnose não existia mais hoje – ou, pelo menos, se algo corresponde a esse nome, que não poderia constituir um erro perigoso para os católicos –, já que «os papas não falam sobre isso». Ele juntou a isso outras duas «provas» do mesmo calibre.

Christian Lagrave já respondeu a esses sofismas em um excelente pequeno folheto [1].

Ele retorna ao assunto mostrando *pelos fatos* a existência e a nocividade da gnose contemporânea. — *Contra factum non fit argumentum* diz o adágio («Contra um fato estabelecido, nenhum raciocínio prevalece»).

O autor trata aqui das *origens* e dos *temas* da gnose contemporânea. Ele apresentará os *homens* e as *obras* em um próximo artigo.

Este estudo foi objeto de uma exposição nas jornadas Jean Vaquié organizadas por *Le Sel de la terre* em agosto de 2004.

Le Sel de la terre.

- Observação preliminar: A gnose é um assunto muito vasto; a bibliografia é imensa: centenas de volumes; apenas para o período contemporâneo, seria necessário dedicar vários livros sem esgotar o assunto; portanto, seremos obrigados a tratá-lo de maneira sumária, retendo apenas o que nos parece essencial, e negligenciando muitos aspectos, às vezes bastante importantes.

Uma experiência

VOCÊ JÁ fez a seguinte experiência? Pegue o catálogo telefônico do seu departamento, abra as páginas amarelas na seção "livrarias" e faça a contagem das livrarias explicitamente dedicadas ao esoterismo, às "espiritualidades", à astrologia, ao "desenvolvimento pessoal", às medicinas paralelas, etc. Geralmente, encontram-se várias em cada cidade um pouco importante. Além disso, se você se der ao trabalho de entrar nas livrarias generalistas, encontrará invariavelmente, no local mais acessível, prateleiras inteiras dedicadas aos temas que acabamos de mencionar, assim como às "espiritualidades orientais", ao budismo, ao "zen", ao yoga, ao xamanismo, à maçonaria, à reencarnação, à feitiçaria, ao simbolismo, aos mistérios (da Ilha de Páscoa, da Atlântida, da Lemúria, do Triângulo das Bermudas, dos "Ovnis", do Graal, dos Templários, de Rennes-le-Château, etc.). Todos esses livros encontram muitos editores e vários autores dedicam-se a eles; isso é normal, pois esses temas vendem muito bem: sabe-se que, após Harry Potter, que bateu todos os recordes de venda, agora é a vez de *O Código Da Vinci*. A grande imprensa, especialmente as revistas femininas, empenha-se em popularizar esses assuntos: em toda parte há menções a signos astrológicos, à reencarnação, aos "channels", aos xamãs, ao karma, etc.

Todos esses livros, todos esses temas da moda pertencem a um corrente bem conhecida, que se chama ora esoterismo, ora ocultismo, e que é mais conveniente chamar de esotero-ocultismo. O esoterismo refere-se a uma vasta e imemorial Tradição primordial universal, que é transmitida de era em era de maneira secreta e é reservada a uma elite de iniciados – trata-se, na verdade, de uma corrupção demoníaca da Tradição de origem divina [2]; quanto ao ocultismo, emprega as mesmas doutrinas que o esoterismo, mas pretende usar seu conhecimento – a "ciência oculta", como a chama – para entrar em contato com o que denomina "seres

superiores" que teriam transmitido a alguns homens a Tradição primordial. O ocultista quer possuir poderes materiais sobrenaturais, que buscará praticando as técnicas da alquimia, da magia ou da feitiçaria [3].

Esses dois termos, esoterismo e ocultismo, estão desde a origem intimamente ligados à gnose, à maçonaria e à magia. Na prática, não há diferença fundamental entre eles, pois implicam nas mesmas crenças e recorrem a um sobrenatural demoníaco – de fato, os adeptos do esoterismo são quase sempre, independentemente do que dizem, praticantes do ocultismo. Consequentemente, é preciso recusar seguir aqueles que pretendem opor seu "bom" esoterismo a um mau ocultismo.

Todo o esotero-ocultismo é uma corrente perigosa, incompatível com o catolicismo e sempre condenada pela Igreja. Apesar disso, algumas revistas esotéricas se apresentam como cristãs, até mesmo católicas tradicionais ou monarquistas: *Atlantis*, *Vers la Tradition*, *Connaissance des Religions*, *La Place Royale*, *Les Deux étendards*, *Terre du Ciel* ou *Sol Invictus*. Além disso, em certos jornais ou revistas que não são esotéricos e que também se dizem de direita nacional ou de catolicismo tradicional, vê-se de vez em quando artigos elogiando os títulos que acabamos de citar, assim como escritores e livros que pertencem sem dúvida ao esotero-ocultismo: Jacob Boehme, Swedenborg, Fabre d'Olivet, para os antigos, e para os modernos: Rudolf Steiner, Georges Gurdjeff, René Guénon, Alphonse de Châteaubriant, Julius Évola, Raymond Abellio, Louis Pauwels e muitos outros.

É, portanto, indispensável poder identificar os principais autores do esotero-ocultismo e conhecer seus temas principais, assim como suas grandes correntes, mesmo que de forma sumária. Assim, será possível evitar cair em suas armadilhas e estar em condições de proteger as almas que Deus nos confiou.

Origens e temas da gnose contemporânea

As fontes do esotero-ocultismo

Monsenhor Jean Vernette, que foi o delegado do episcopado francês para questões relacionadas às seitas e que era um especialista incontestável nesse assunto ao qual dedicou vários livros, escreveu o seguinte:

> Ao percorrer a abundante literatura dos múltiplos novos movimentos religiosos, somos impressionados [...] pela afinidade dos temas abordados e pela semelhança das explicações propostas. Desde a antiga Sociedade Teosófica até a atual Fraternidade Branca Universal, tem-se a impressão de que cada um extrai de uma espécie de vasto reservatório de conhecimentos seu vocabulário e seus símbolos, sua cosmologia e seus rituais iniciáticos. De fato, detecta-se rapidamente sob o ensino de Madame Blavatsky ou de O.M. Aïvanhov um fundo comum de esoterismo e ocultismo que se manteve ao longo dos séculos em tradição paralela à religião e ao ensino oficial.
>
> É um mundo insólito e um tanto desorientador para a racionalidade, fascinante também porque proibido ou pelo menos de acesso difícil e arriscado. Uma nebulosa indefinível e, no entanto, consistente, onde se conectam [...] termos de contornos vagos mas aparentados: hermetismo, cabala, teosofia, misticismo, iluminismo, astrologia, rosacrucianismo, satanismo, martinismo, espiritismo e muitos outros. No plano editorial, é um sucesso [4].

E Monsenhor Vernette conclui:

> Estamos no cerne das formas arcaicas do religioso e do retorno ao irracional. No coração da gnose e da nova religiosidade.

É com razão que Monsenhor Vernette evoca a gnose, pois todo o corpus temático do esotero-ocultismo se constituiu desde os primeiros séculos do cristianismo, primeiramente nos movimentos gnósticos, depois no

maniqueísmo, no neoplatonismo e no hermetismo. Todos os grandes erros que hoje o esotero-ocultismo difunde provêm dessas quatro fontes, independentemente da maquiagem moderna que possam usar para cobrir seus traços.

Os modos de transmissão do erro

Como esses erros gnósticos puderam persistir e se transmitir desde a Antiguidade?

Vários modos de transmissão são possíveis, podendo, aliás, se combinar entre si. Há, primeiramente, a persistência clandestina dessas doutrinas em seitas religiosas ou em sociedades secretas, com transmissão esotérica (ou seja, reservada a um pequeno número de iniciados) realizada de maneira oculta (ou seja, essas doutrinas perversas nunca são totalmente e explicitamente reveladas, mas são ocultadas sob símbolos e mitos, e o iniciado é gradualmente levado a descobri-las por si mesmo).

Essa tática de iniciação progressiva já era utilizada nas seitas maniqueístas antigas e medievais; ainda é praticada nas seitas ocultistas modernas, em particular na maçonaria; o objetivo dessa tática é levar gradualmente os novos iniciados a doutrinas que os fariam fugir se fossem reveladas de imediato. O segredo também permite fazer o que os maniqueístas já faziam, misturando-se entre os fiéis da Igreja e escondendo-se sob a profissão da fé católica, o que lhes permitiu escapar por muito tempo da vigilância do papado [5]. É o que fazem hoje as seitas guenonianas e os maçons do rito escocês!

Claro que existem outros modos de transmissão dos temas gnósticos no nosso mundo moderno: há o que se pode chamar de "gurus", ou seja, iniciados que possuem um grande poder de sedução e transmitem suas doutrinas a discípulos particularmente receptivos, fora de qualquer estrutura organizada (Gurdjeff, por exemplo). Mas esses são casos bastante raros. De fato, a corrupção das mentes ocorre mais frequentemente pela literatura; vimos que, atualmente, inúmeros são os autores e obras que veiculam os temas do ocultismo e os popularizam para o grande público. Mas é preciso saber que essa situação dura, grosso modo, desde a época romântica. É com razão que Michel Carrouges escreveu em sua notável obra *La Mystique du Surhomme*, publicada em 1948:

> Não se pode fazer [...] nenhum julgamento válido [sobre a literatura moderna] se não se compreende que ela é, antes de tudo, a aventura de um movimento mágico-místico rival da religião.

Vamos agora aos principais temas gnósticos, aqueles que permitem entender o essencial do sistema.

O demiurgo e a origem do mal

Todos os gnósticos se depararam com o problema do mal: como explicar a existência do mal no mundo? A teologia católica nos ensina que Deus criou anjos e homens, criaturas boas e dotadas de liberdade; é o mau uso dessa liberdade, por alguns anjos e pelo primeiro casal humano, que é a causa do mal. Mas os gnósticos recusam-se a aceitar a responsabilidade das criaturas. Eis o que objetava Marcião, um herege gnóstico do século II (resumimos seu argumento com base em Tertuliano, apologista contemporâneo de Marcião):

> Se Deus é bom e tem a presciência do futuro, como pôde permitir que o homem, sua criatura, fosse tentado pelo demônio e sucumbisse à tentação, tornando-se assim sujeito ao sofrimento e à morte? Já que sabia que o homem faria mau uso de sua liberdade, deveria ter renunciado a criá-lo, ou pelo menos não o criar livre. Se Deus criou o homem apesar disso, é porque não é bom (a desgraça do homem lhe é indiferente), ou não é onisciente (não previu o que aconteceria) ou não é onipotente (não podia fazer de outra forma).

Vamos resumir agora a resposta de Tertuliano (ela é útil pois a objeção de Marcião ainda é retomada nos dias de hoje):

> Não se deve julgar Deus como se fosse semelhante ao homem; o homem ignora o futuro, faz planos, os modifica, desiste deles e muitas vezes não faz o que quer. Deus é onipotente, onisciente e infinitamente bom. Nada o obrigava a criar o homem, pois Deus se basta perfeitamente a si mesmo. Se criou o homem, foi por pura bondade: criou inteligências capazes de conhecê-lo, pois não existe bem comparável ao conhecimento e à posse da Divindade. Se dotou o homem da liberdade moral de escolher entre o bem e o mal, é porque julgou digno de sua majestade suprema dotar sua criatura dessa nobre independência e dar-lhe o poder de usá-la sem qualquer restrição. Se, portanto, a bondade e a sabedoria divinas caracterizam o dom dado ao homem, não se deve decidir cegamente que a instituição é indigna de Deus porque foi viciada em seu curso, mas sim examinar o plano divino como um todo. O mal não pode ter emanado de Deus, mas sim da liberdade do homem, cuja vontade livre é a única culpada. Seria absurdo culpar Deus por não ter abandonado completamente seus planos para impedir eventos que não queria, ou por ter restringido esse presente da liberdade que queria dar ao homem, pois, nesse caso, Deus deixaria de ser Todo-Poderoso, já que a criatura ainda não criada imporia sua lei ao Criador e obrigaria Deus a fazer outra coisa que não aquilo que tinha soberanamente decidido!

No entanto, apesar dessa resposta irrefutável de Tertuliano, os gnósticos persistiram em sua recusa orgulhosa de aceitar a responsabilidade das criaturas; restou-lhes apenas rejeitar essa responsabilidade sobre o Deus que os criou, como fazia Marcião.

Para os gnósticos, o Deus do Antigo Testamento, aquele que criou o céu e a terra, não é o verdadeiro Deus, mas uma divindade inferior, um demiurgo, ou seja, um arquiteto desajeitado. Mas então, quem é o verdadeiro Deus? É o Princípio supremo, ou o Grande Abismo, um Deus incognoscível que não criou nada, mas deixou emanar de si seres inferiores, os eões; o menos inteligente desses eões, o demiurgo, criou o mundo material e nele aprisionou as almas humanas, que não são nada além de centelhas divinas emanadas do Princípio supremo e cativas de um mundo irremediavelmente mau.

O criador mau (ou desajeitado) na literatura moderna

Essa ideia é encontrada em muitos escritores modernos [6]. Veja o que Chamfort escreveu no século XVIII:

> O mundo físico parece ser a obra de um Ser poderoso e bom que foi obrigado a deixar para um Ser maligno a execução de uma parte de seu plano [7].

A mesma ideia aparece na mesma época no escritor alemão Georg Christoph Lichtenberg:

> “Nosso mundo é a obra de um ser de segunda categoria [8]”;

Mais recentemente, o romancista inglês Lawrence Durrell escreveu em seu romance *Justine*, publicado em 1957:

> Somos a obra de uma divindade inferior que se achava Deus por engano [9].

O romancista francês Michel Déon, que provavelmente encontrou o gosto pelo ocultismo na biblioteca teosófica de seu pai [10], faz de Deus o autor do mal e de Satanás o autor do bem. Veja como ele conclui um de seus romances, *Les Trompeuses Espérances*, publicado em 1956:

> Amar tanto um ser é, sem dúvida, condenar-se. Eu não tenho medo disso. O bem? O mal? Seria fácil demais se livrar com distinções tão grosseiras. A vida acabou de me ensinar que é o mal que triunfa como o Senhor quis, esperou, permitiu. Todos aqueles que lutam pelo bem, lutam contra Ele

> e só buscam atrasar a explosão final. Foi Satanás quem inventou o bem para desfrutar ainda mais de nossas torturas. No fim do mundo pelo mal, Deus saberá distinguir aqueles que no mal permaneceram puros, e aqueles que eram apenas impuros. Esse é o único julgamento final que eu vislumbro.

Uma outra reflexão de sabor gnóstico

Encontramos outra reflexão de sabor gnóstico em *Les vingt ans du jeune homme vert*, romance de Michel Déon publicado em 1977:

> ... Deus sentiu essa amarga dor após nos ter criado tão mal e tão pouco à sua imagem que o mínimo que se pode dizer é que ele não é um artista? [11]

Reconhece-se aí o tema do demiurgo desajeitado.

Mas encontra-se algo bem pior na obra do escritor romeno de expressão francesa Emil Michel Cioran (1911-1995); veja o que ele diz em seu *Précis de décomposition* publicado em 1949 pela Gallimard:

> Solidão do ódio... Sensação de um deus voltado para a destruição, pisoteando as esferas, babando sobre o azul e sobre as constelações... de um deus frenético, impuro e insalubre; – demiurgia ejetando, através do espaço, paraísos e latrinas; cosmogonia de *delirium tremens*; apoteose convulsiva onde o fel coroa os elementos... As criaturas se lançam em direção a um arquétipo de feiura e suspiram por um ideal de deformidade... Universo da careta, júbilo da toupeira, da hiena e do piolho... Sem mais horizonte, exceto para os monstros e para a vermina. Tudo se encaminha para a feiura e a gangrena: este globo que supura enquanto os vivos exibem suas feridas sob os raios do cancro luminoso... p. 179.

Mais adiante Cioran exclama:

> Como eu abomino, Senhor, a torpeza de tua obra [...] De tudo o que foi tentado aquém do nada, há algo mais lamentável que este mundo, senão a ideia que o concebeu? [...] Que tua obra cesse ou se prolongue, que importa! Teus subalternos não saberiam aperfeiçoar o que tu arriscaste sem gênio [p. 196-197].

Todo o livro é do mesmo tom, é uma condenação impiedosa do mundo criado, acompanhada da recusa da procriação, da apologia do suicídio, da rejeição da graça divina e do elogio ao demônio. É preciso saber que o livro teve, desde seu lançamento, um grande sucesso nos meios de direita e que até obteve o prêmio Rivarol em 1950!

É interessante comparar o que Cioran escreveu com as principais características da doutrina gnóstica, tais como foram definidas em 1957 por um dos melhores especialistas no assunto, Jean Doresse:

> Quanto aos traços essenciais das doutrinas gnósticas, um dos mais importantes é a oposição que elas afirmam entre o mundo criado e o Deus supremo. Todo o universo sensível é condenado como mau; a divindade boa, perfeita, lhe é estranha. O poder que reina sobre o cosmos é um deus fraco, ignorante, até mesmo perverso: um monstruoso Príncipe das trevas. Como essa ideia de um mundo disforme se opõe à noção grega de um universo belo, bom e ordenado [...]! Neste mundo inferior, dominado pela fatalidade, pelo Destino [...] o homem é um escravo, aprisionado, acorrentado. Ele sofre na prisão da carne. [...] Quando o Salvador – qualquer que seja o nome sob o qual ele se apresente – traz aos eleitos a revelação do mundo superior, ele lhes desvela primeiro a perversidade total de seu corpo e da criação na qual estão encerrados; ele lhes revela ao mesmo tempo a falsidade

do deus do Antigo Testamento e da lei à qual ele os escravizou [12].

Inocência do homem e culpabilidade de Deus

Encontra-se esse tipo de heresia até entre eclesiásticos; o padre (?) Martelet se expressava assim em uma conferência proferida em 29 de janeiro de 1987 em Montpellier:

> Já que a morte é um fato natural, ela deve ser inscrita no caderno de encargos do autor da natureza... Como o pecado não explica a morte biológica, o escândalo recai então sobre o autor da criação, sobre o próprio Deus, [...] quando se diz que Ele não fez a morte porque Ele fez a ressurreição. Ele realmente fez a morte, no sentido em que Ele deixou a natureza existir... Ele mesmo foi pego; é o que eu chamo de enfermidade de Deus... Penso que é preciso ter a coragem de dizer que há uma enfermidade de Deus diante do fato de criar.

E na Rádio-Courtoisie, em 11 de abril de 1995, o padre (?) Martelet não hesitou em afirmar que "o homem é fruto da Evolução, por isso ele é inocente de todo pecado que teria uma consequência sobre a criação". Para ele, "o pecado original não existe: portanto [...] o batismo não apaga uma falta original que não existe"; "é Deus que é responsável pela doença, pelo sofrimento e pela morte"; "Deus é culpado, porque Deus é enfermo. Ele quis criar o 'não-deus' e só pôde fazê-lo sofredor e mortal".

Como escreviam muito justamente os religiosos de Mérigny, que citavam essas declarações em seu boletim La Simandre:

> Esta negação do pecado original, de um mundo criado por Deus acabado e bom, é, nem mais nem menos, herética e blasfematória [13].

Poderíamos encontrar outros exemplos, e outros eclesiásticos gnósticos, mas devemos nos limitar a isso, pois, como observavam dois sábios teólogos dominicanos, os R. P. Cornelis e Léonard, em seu livro intitulado A Gnose Eterna:

> ...o problema do mal que estava no centro das gnoses antigas pode muito bem se tornar marginal em certas "gnoses" atuais [14].

De fato, encontramos hoje autores gnósticos que são muito discretos sobre esse problema do mal, sobre essa condenação radical do mundo criado, mas que ensinam, ao contrário, um panteísmo otimista: ou seja, não haveria diferença entre o Criador e a criação, aliás não teria havido criação, mas emanação, tudo emanaria de Deus; portanto, tudo é Deus, o universo é divino, o homem é divino e basta tomar consciência dessa divindade. Abordamos aqui o fenômeno da iluminação que pertence ao domínio da falsa mística ou mística diabólica.

A falsa mística e os estados superiores de consciência

O esoterismo propõe dar acesso às verdades ocultas, oriundas do que ele chama de "Tradição primordial", por meio de uma revelação, uma "iniciação" que é como um "despertar", um segundo nascimento. O conhecimento que ele quer proporcionar é iluminativo e intuitivo; essa iluminação gnóstica pelo conhecimento proporciona um êxtase que imita o dos místicos cristãos.

Nas novas sabedorias gnósticas – escreve Monsenhor Vernette – não se fala de conversão, mas de "transformação, de passagem gradual para a Verdade última, de processo de elevação para um *estado superior de consciência*. O adepto é convidado a meditar, a entrar em seu templo interior, a conhecer a si mesmo seguindo o axioma comumente aceito: conhecer-se é conhecer Deus". [...] "Acessar estados

superiores de consciência" é uma expressão corrente na maioria desses movimentos [...].

[...] Os múltiplos grupos que giram em torno da psicologia humanista e do desenvolvimento do Potencial Humano [...], querem favorecer experiências de consciência transpessoal e/ou supranormal. [...]

Pode-se ver nessa busca uma manifestação da nova religiosidade. Ela é caracterizada pela preocupação com uma experiência direta e intuitiva do além, do Outro. Pela busca, com a ajuda de técnicas de meditação, de uma liberação interior [...]. Pela noção de Energia cósmica, manifestação de uma substância única de textura divina. Discerne-se sobretudo nessa abordagem parentescos estreitos com a abordagem gnóstica. A saber:

— a ideia de que um fragmento divino (o "Potencial Humano") está prisioneiro dos bloqueios e da inconsciência [...].

— a classificação das pessoas em *perfeitas* (aquelas que sabem: os *pneumáticos*) e *imperfeitas* (aquelas que não sabem: os *hílicos* e *psíquicos*). [...]

— a convicção de que a salvação se encontra nas profundezas da consciência [15].

A iluminação transpessoal da consciência cósmica

Vamos dar um exemplo típico desses fenômenos de iluminação citando longos trechos de um testemunho de Pierre Weil, publicado em uma Antologia do êxtase [16]:

> [...] pensamos ter reunido aqui provas suficientes de que se trata de um estado de excepcional riqueza tanto do ponto de vista do saber e da Sabedoria quanto do despertar de um imenso Amor enterrado e reprimido *em cada um de nós sem nenhuma exceção*. Esta coletânea contém provas da *existência em nós mesmos de um potencial de vivência direta do real* sem passar por nossas funções mentais propriamente ditas, ou seja, além do pensamento, da memória ou do intelecto.
>
> Uma noite de Natal, reunido com amigos, eu participava alegremente desta festa. Dançando com uma amiga, percebi de repente que meu ritmo e o dela formavam uma estranha unidade indissolúvel. Eu nunca havia vivido algo tão harmonioso; essa harmonia me dava uma felicidade indizível.
>
> De repente, uma luz dourada e ofuscante aparece em um dos cantos da sala; era como uma cortina de luz; uma verdadeira visão do tipo que se descreve na Bíblia. Esta luz tinha um caráter sagrado, e dela emanava algo que me dava o sentimento muito claro de uma presença invisível aos meus olhos físicos, mas perceptível "diretamente", se posso me expressar assim. O sentimento de algo sagrado aumentou; eu entrava em estado de arrebatamento, de maravilhamento e de extrema elevação espiritual.
>
> Então vi partículas luminosas e cintilantes no ar, que identifiquei imediatamente como sendo a manifestação da microestrutura subatômica. Um sentimento de onipotência se apoderou de mim e reconheci que eu podia, com o olhar do espírito, penetrar nos nós da madeira de pinheiro do chalé onde eu me encontrava. [...]
>
> Mais tarde, sob a influência de uma iniciação recebida de Muktananda, tive outra experiência, a ascensão da energia primordial da Kundalini [...]. Durante várias horas, vi unidades luminosas subindo ao longo do meu corpo; tratava-se de uma luz inteligente e eu estava consciente de que ela "trabalhava" um bloqueio no nível do centro energético da garganta. Novamente, como na experiência de Esalen [17], fui submerso por uma imensa alegria e uma disposição invencível de ajudar os outros a passar por esse tipo de experiência, mesmo com risco de vida. Um imenso amor por toda a humanidade se apoderou de mim; permaneci nesse estado de graça por vários dias. [...]

> Ora, é justamente desse estado de Sabedoria primordial e de Amor que o homem contemporâneo mais necessita. Sua neurose fundamental que chamamos de neurose do paraíso perdido provém justamente dessa separação resultante de um véu, o véu de Ísis, que separa nosso estado de vigília do estado transpessoal. Da árvore do conhecimento do bem e do mal, ou seja, da percepção dualista do real, ele é capaz de voltar à árvore da vida. O paraíso está em nós mesmos, *em cada um de nós, sem exceção*. [...]
>
> Quando um dia do terceiro milênio se fizer a pergunta sobre qual foi a descoberta mais importante do século XX, a resposta provavelmente não será nem a força atômica nem a dos universos paralelos, mas a do *estado transpessoal da consciência ou consciência cósmica*. [...]
>
> O despertar dessa sabedoria primordial inseparável do amor constitui o apanágio e o objetivo essencial de toda tradição espiritual, seja ela hinduísta, budista, islamista, cristã ou judaica. *O estado transpessoal é idêntico em todas as tradições espirituais. É um estado incondicionado e, portanto, independente de qualquer influência cultural.*

Esse estado transpessoal é simplesmente uma iluminação de origem diabólica que persuade a alma do iniciado de que ela faz parte do "grande Todo": não há mais para ele individualidades distintas, a diversidade das pessoas é apenas uma ilusão, cada uma é uma parcela do "grande Todo". É puro panteísmo e é o que está no fundo de todos os ensinamentos gnósticos.

O Deus Impessoal do P. Anthony de Mello

Infelizmente, essas ideias chegam até o clero católico; é o caso do jesuíta indiano Anthony de Mello (1931-1987), conhecido por suas numerosas publicações traduzidas em várias línguas e difundidas em muitos países, que em 1998, tornou-se objeto de uma nota da Congregação para a Doutrina da Fé, assinada por Ratzinger e aprovada por Wojtyla:

> Em seus escritos iniciais, particularmente, o padre(?) De Mello, apesar de evidentes influências de correntes espirituais budistas e taoístas, manteve-se na linha da espiritualidade cristã. Seus livros tratam de diversos tipos de oração: petição, intercessão, louvor; assim como da contemplação dos mistérios da vida de Cristo, entre outros assuntos. No entanto, já em alguns trechos dessas primeiras obras, e cada vez mais em publicações subsequentes, percebe-se um afastamento gradual dos conteúdos essenciais da fé cristã. Ao lugar da revelação feita em Cristo, ele substitui uma intuição de Deus sem forma nem imagem, chegando ao ponto de falar de Deus como um simples vazio. Para ver Deus, basta olhar diretamente para o mundo. Nada se pode dizer sobre Deus, a única conhecimento é a não-conhecimento. Ponderar sobre a sua existência já é um absurdo. Esse apofatismo [18] extremo leva até negar que, na Bíblia, haja afirmações válidas sobre Deus. As palavras das Escrituras são indicações que deveriam servir apenas para alcançar o silêncio.
>
> Em outros trechos, o julgamento sobre os livros sagrados das religiões em geral, não excludindo a própria Bíblia, é ainda mais rigoroso: eles impedem as pessoas de seguir seu próprio senso comum, as tornando inertes e cruéis. As religiões, incluindo a religião cristã, são os principais obstáculos à descoberta da verdade. A verdade nunca é definida por seu conteúdo específico. Considerar que o Deus de sua própria religião é o único é simplesmente fanatismo. "Deus" é visto como uma realidade cósmica, vaga e onipresente. Seu caráter pessoal é ignorado e praticamente negado.
>
> O padre(?) De Mello demonstra apreciar a figura de Cristo, se autodenominando "discípulo" dele. No entanto, ele o coloca como um mestre entre muitos outros. A única distinção entre Jesus e demais seres humanos, segundo ele, é que Jesus estava "despertado" e completamente livre, enquanto os outros não estão. Jesus não é reconhecido como o Filho de Deus, mas sim como aquele que nos ensina que todos nós somos filhos de Deus. As declarações sobre o destino final do homem também são confusas, variando desde a ideia de se "dissolver" no Deus impessoal, como sal na

> água, até afirmar que a questão do destino após a morte é irrelevante, concentrando-se apenas na importância da vida presente. Para ele, como o mal é apenas ignorância, não há uma regra objetiva da moralidade; o bem e o mal são avaliações subjetivas impõem-se sobre a realidade.

Os redatores da nota concluem assim sua análise:

> Dentro dessas diversas afirmações, há certamente uma conexão interna: se questionamos a existência de um Deus pessoal, não faz sentido que Ele tenha se manifestado através de Sua palavra. Assim, a Escritura não detém valor definitivo. Jesus é um mestre igual aos outros; apenas nas primeiras obras do autor Ele é apresentado como o Filho de Deus, o que seria sem sentido considerando a concepção de Deus que discutimos. Portanto, não se pode atribuir nenhum valor ao ensinamento da Igreja. A nossa sobrevivência pessoal além da morte é problemática se Deus não for uma pessoa. É claro que tais concepções sobre Deus, Cristo e o homem não são compatíveis com a fé cristã.

A « Tradição Primordial »

A « Tradição Primordial » é um dos principais temas da gnose moderna, também sendo a ideia fundamental do « tradicionalismo » de René Guénon. Trata-se de uma tradição universal e primitiva de onde todas as religiões teriam surgido, com as filosofias representando apenas uma expressão parcial e degradada dela. Dado aos homens desde os primórdios da história em uma forma encoberta, acessível apenas a uma elite, essa tradição seria transmitida de geração em geração de maneira oculta. Na verdade, como escreveu o bispo Vernette, se trata de um « fundamento comum de esoterismo e ocultismo que se manteve ao longo dos séculos, em uma tradição paralela à religião e ao ensino oficial ».

Segundo os padres Cornelis e Léonard, René Guénon concebe essa tradição como:

> um conjunto de princípios permanentes e transcendentais, cuja origem não é exclusivamente humana, e que não estão sujeitos a progresso ou desenvolvimento. Nesse sentido, Guénon é decididamente antigo. A Tradição Primordial, em essência, é o conhecimento dado a Adão no Paraíso. Seus traços podem ser encontrados tanto no Vedanta quanto no Budismo e nos mistérios e sacramentos da Igreja. Entretanto, as religiões institucionalizadas representam uma degradação dessa tradição autêntica. São uma simplificação, uma exteriorização, um aspecto "exotérico" de um conhecimento esotérico e iniciático, destinado a uma "elite". Inicialmente encarregadas de transmitir e perpetuar esse conhecimento, elas acabaram esquecendo-o ao longo do caminho.

Todas as religiões, de fato, representam um primeiro passo na jornada da iniciação, servindo para transmitir externamente um conjunto de verdades, símbolos e ritos cujo significado profundo elas já não compreendem. É à ciência sagrada, à metafísica espiritual dos iniciados, que cabe desvendar o âmago dessas camadas, interpretar o sentido dos símbolos e guiar o homem além de suas primeiras atitudes religiosas, em direção aos estados superiores de autorealização [19].

São Tomás de Aquino explicou de maneira notável que, de fato, houve uma Tradição Primordial, que era o conhecimento dado a Adão no Paraíso.

"Desde o início da humanidade", escreveu São Tomás, "todas as verdades que deveríamos conhecer pela Revelação estavam contidas em substância nos dogmas comunicados pelo Criador ao homem."

Portanto, a teologia católica admite a existência de uma revelação inicial, pois Deus, sem dúvida, não criaria a humanidade sem fornecer-lhe "um fundo de verdades religiosas e morais, com elementos de culto" [20]. No entanto, após a queda, esta revelação foi corrompida universalmente, devido à ação do demônio, com mitos, superstições e magias, o que requereu uma nova revelação, feita progressivamente aos Patriarcas do Antigo

Testamento, a Moisés e, por fim, aos Apóstolos. Assim, embora originalmente houvesse uma única tradição divina, há há muito tempo uma segunda, a tradição esotérica, que é uma corrupção da primeira, influenciada pelos demônios e pela natureza humana corrompida.

A pretensão dos gnósticos de transmitir uma Tradição Primordial superior à Tradição Católica é, portanto, uma falsidade. Para analisar esse tema complexo, é recomendado ler o estudo excelente de Jean Vaquié: *O Problema Ardente da Tradição* [21].

O Cristianismo Esotérico

Segundo Jean Vaquié, seu objetivo é substituir o ensinamento da Igreja pelo da tradição iniciática, buscando "uma síntese entre o cristianismo e todas as outras religiões, mesmo as mais distantes, para criar uma religião universal" [22].

O abade Barbier descreve minuciosamente as doutrinas deste movimento, que em sua época era conhecido como "novo espiritualismo":

> Seu primeiro traço distintivo é a tentativa de adaptação ao cristianismo, buscando parecer consonante com ele. Em todo momento, há um esforço para disfarçar sob os termos de seus dogmas erros que são seus opostos. … Há um princípio comum a todas essas seitas, e sobre o qual suas teorias se baseiam. É o esoterismo, isto é, a existência de uma tradição secreta, a preservação de um ensinamento reservado apenas aos iniciados, que se teria perpetuado desde a antiguidade através dos séculos, sendo mesmo recolhido por Jesus Cristo e compartilhado com alguns de seus discípulos, para ser guardado com cuidado dentro do cristianismo, mas que, deformado ou traído pela Igreja, teria sido fielmente preservado pelas seitas ocultas, cuja cadeia ininterrupta se conecta às próprias raízes do cristianismo. Assim, essas seitas alegariam herdado a missão da Igreja, uma missão semelhante à da Maçonaria. Seu tema comum é uma explicação do mundo que dispensa o dogma da criação, levando à divinização do homem. Daí resulta o panteísmo emanacionista, encontrado no âmago de quase todos esses sistemas [23].

Jean Vaquié também nos lembra que a distinção entre ensinamento esotérico e ensinamento exotérico é real apenas nas religiões relacionadas aos mistérios das profundezas, que são mistérios das trevas e, consequentemente, necessitam de uma área de escuridão para se manterem. Essas religiões possuem, de fato, um nível inferior que deve permanecer oculto, reservado a iniciados, a "iluminados" que passaram por uma afiliação a esses mistérios das profundezas. Há um esoterismo islâmico, assim como em religiões iranianas e orientais. Isso ocorre porque essas religiões são nutridas por uma mística de ordem luciférica [24].

No entanto, o perigo reside no fato de que este aspecto demoníaco do esoterismo está geralmente muito bem disfarçado. Os esotéricos cristãos, destaca Jean Vaquié, ensinam com elegância e autoridade uma gnose extremamente próxima do cristianismo, tão próxima que conseguem apresentá-la, com uma certa plausibilidade, como compatível com o catolicismo mais tradicional. Os elementos gnósticos que eles incorporam estão tão bem misturados na terminologia cristã [25] que sua heterogeneidade é difícil de perceber. No entanto, esses elementos gnósticos estão presentes no conjunto e inevitavelmente produzem os mesmos frutos que qualquer erro doutrinário.

Na maioria das ocasiões, os esotéristas procuram reinterpretar os dogmas católicos de forma sutil, usando um linguajar obscurantista para dar a eles um novo sentido, que não é mais o da tradição católica, mas sim o da tradição esotérica, afirmando que sua interpretação é mais "espiritual", tudo isso enquanto afirmam a perfeita harmonia entre os dois significados. Portanto, devemos estar atentos a quem fala de um esoterismo cristão, pois, como Jean Vaquié acertadamente observa:

> Quando vemos um escritor se referir ao par 'esotérismo-exotérismo' e usá-lo como base para seus desenvolvimentos, já temos uma forte suspeita de sua adesão à gnose moderna. Tal posição lhes permite expor verdades cristãs em termos nebulosos, ambíguos e estranhos, sob o pretexto de oferecer uma formulação menos rígida, menos contingente, menos "dogmática". Nesses ambiguidades e estranhezas, eles introduzirão conceitos gnósticos... [26].

Um exemplo de linguagem esotérica

Trata-se de um texto escrito por um escritor gnóstico contemporâneo, Henri Montaigu, falecido em 1992, que foi diretor da revista *La Place Royale*. Este texto intitulado *Introdução ao Manifesto de La Place Royale* foi publicado em 1994, no n° 33 da revista, após a morte de seu autor. Vamos encontrar quase todos os temas que acabamos de estudar (colocamos em itálico as palavras-chave do texto e entre colchetes nossos comentários):

> Este papel assim definido – que foi, tanto quanto se possa afirmar, o da Igreja Primitiva, de *constituição iniciática* e de caráter *elitista* Aqui encontramos o tema do ensino oculto reservado aos iniciados – diz respeito à "*via metafísica*" Tema guenoniano, e tem por objetivo, não o simples "salvamento", mas mais exatamente, a "*libertação*" É preciso libertar o fragmento divino que está prisioneiro dos bloqueios e da inconsciência.
>
> A Igreja, ao constituir mais tarde, sob o impulso das circunstâncias *ciclo-históricas* – e aliás providencialmente – uma religião de via mediana "*esotérico-exotérica*" A Igreja foi obrigada a vulgarizar para as massas a tradição esotérica autêntica e, portanto, a degradá-la, foi levada, após ter assumido por um tempo a responsabilidade do Temporal, uma vez que "herdava" de César, a delegar o poder temporal a Reis (São Remígio e Clóvis), enquanto *organizações iniciáticas* Aqui estamos nós! transmitiam, por sua vez, *no segredo que convém* – mas não sem deixar vestígios, especialmente nas obras – a parte mais interior e transcendente da Tradição cristã Esta parte não é da Igreja, são as organizações iniciáticas que a possuem. Múltiplas e bastante diversas, essas organizações, que cobriam o mais amplo panorama social e espiritual, desde a *sutil e invisível "Rosa-Cruz"*, que se diz ter desaparecido do Ocidente por volta da metade do século XVII, até os grupos errantes de comediantes e malabaristas, aos *ritos misteriosos dos habitantes das florestas* Um certo número de sociedades secretas se reivindicam, errada ou corretamente, dos «ritos misteriosos dos habitantes das florestas», por exemplo, os Carbonari, às "*lojas*" baseadas no trabalho manual – das quais a *Maçonaria é o rejeito distante* e notavelmente desviado desde a reformulação chamada "especulativa" do século XVIII e o desvio político-filosófico do século XIX Toma-se o cuidado de criticar o desvio da maçonaria moderna, mas é para melhor aceitar sua tradição gnóstica, era a posição de Guénon – passando pelas ordens equestres, cuja mais conhecida é a dos Templários, contribuíram, ao oferecer possibilidades de realização espiritual em todos os domínios e todas as castas sociais, para realizar o admirável e difícil equilíbrio de uma Idade Média a esse respeito sempre mal conhecida, e isso, apesar da instabilidade ambiente e *da inexorável queda dos tempos* Esta noção de queda dos tempos é também uma noção gnóstica: a de um tempo cíclico que evoluiria sempre de uma idade de ouro para uma idade sombria, uma idade de ferro, o kali-yuga.

Reações na Igreja

O perigo neo-gnóstico é tão evidente hoje em dia que até mesmo a Igreja conciliar, geralmente bastante laxista em matéria de doutrina, não pôde deixar de denunciá-lo para alertar os fiéis.

O "papa" João Paulo II escreveu muito acertadamente em seu livro *Entrez dans l'Espérance* [27]:

> É impossível se deixar enganar pela ilusão de que este retorno da gnose prenunciaria um renascimento da religião. Trata-se simplesmente da versão moderna de uma atitude espiritual que, em nome de uma pretensa superioridade do conhecimento de Deus, acaba por rejeitar definitivamente a Sua Palavra substituindo-a por palavras meramente humanas. A gnose nunca desapareceu do campo do cristianismo. Ela sempre coabitou com ele, às vezes como uma corrente filosófica, mais frequentemente sob formas religiosas ou para-religiosas, em oposição clara, mesmo que não explícita, ao essencial do cristianismo. [28]

Encontramos as mesmas análises em um religioso, o padre(?) Joseph-Marie Verlinde, que conhece perfeitamente a gnose e seus perigos, pois ele mesmo é um sobrevivente. Tendo praticado durante vários anos a meditação transcendental e o hinduísmo, e até recebido na Índia iniciações que lhe concederam poderes ocultos, Jacques Verlinde encontrou um dia seu caminho de Damasco e se converteu. Ordenado padre(?) em 1983, tornando-se o padre(?) Joseph-Marie, ele sabe pela própria experiência que o esotérico-ocultismo é incompatível com o Evangelho. Em 2002, ele fez as conferências da Quaresma na Notre-Dame-de-Paris e, nessa ocasião, explicou na *l'Homme Nouveau* como as novas religiosidades disseminam um novo ateísmo.

Com muita pertinência, o Joseph-Marie constatou que o movimento de secularização que caracteriza o mundo moderno teve um duplo efeito: por um lado, atingiu de pleno as instituições religiosas ocidentais, provocando sua decadência; por outro lado, suscitou em reação um movimento de contra-secularização que, apesar das aparências, repousa sobre os mesmos princípios e levará aos mesmos efeitos:

O movimento de secularização atacou antes de tudo a concepção bíblica de Deus, do homem e suas relações; esse Deus pessoal – e, além disso, paternal – que ameaçava diretamente a autonomia do homem e que deveria ser afastado a todo custo. Ao fazer isso, o movimento de secularização favoreceu indiretamente a disseminação das tradições naturalistas, cujas doutrinas são apresentadas como a única alternativa para saciar a sede espiritual de nossos contemporâneos.

Sabe-se, no entanto, que o que é designado por "Deus" nessas tradições não é uma Alteridade, um ser pessoal, mas uma Energia "divina" impessoal, que só seria acessível ao preço da superação da dualidade que persiste entre o ser supremo e o crente. É por isso que o pensamento difundido pelas novas religiosidades nos aparece como um novo ateísmo, e um ateísmo tanto mais pernicioso quanto o termo "Deus" é utilizado abundantemente em um sentido que não corresponde à sua acepção comum.

Adicionemos que esse pensamento neo-gnóstico pretende, em muitos casos, se desenvolver no horizonte da Tradição judaico-cristã, da qual toma o vocabulário, mas distorce o sentido dos termos que utiliza, e – muito mais grave – reinterpretando os eventos e personagens significativos da nossa fé. …

O pressuposto dos gnósticos é sempre o mesmo, embora nem sempre apareça de imediato: o que é dito na Bíblia e na tradição comum não expressaria, em essência, a fé em um Deus transcendente, que intervém em nosso mundo, mas a descoberta do homem.

Os mistérios cristãos não seriam mais do que uma camada simbólica, pura superstição enquanto não se penetra no sentido que traduzem para as mentes fracas. Esse é o ateísmo mais sutil e profundo, o oposto da atitude própria à encarnação, e, antes de tudo, a um saudável realismo, que é de humildade [29].

---

[1] — Nº 293/294 da *Lecture et Tradition* (julho-agosto 2001, BP 1, 86190 Chiré-en-Montreuil), "A gnose e o mistério da iniquidade – Resposta a um desafio".

[2] — Veja a obra capital do abade Julio Meinvielle (1905-1973), o grande teólogo e filósofo tomista argentino, *De la Cabale au Progressisme*: "Na história humana, há apenas dois modos fundamentais de pensar e viver: um é católico, é a tradição recebida de Deus por Adão, Moisés e Jesus Cristo, e da qual São Tomás de Aquino foi o incomparável comentador; o outro, gnóstico e cabalístico, alimenta os erros de todos

os povos, no paganismo e na apostasia …. No princípio, não há duas tradições, mas uma só, pois só existe Deus e o bem que provém de Suas mãos benéficas. A tradição perversa e cabalística tem sua origem na boa tradição, pervertida pela malícia do homem, que por sua vez se deixa seduzir e alienar pelo diabo. A grande tentação gnóstica do *"vós sereis como deuses"* instala-se na espécie humana e a perde" (*De la Cabale au Progressisme*, Cadillac, ed. Saint-Rémi, s.d., p. 15-16).

[3] — Para mais detalhes sobre os termos *esoterismo* e *ocultismo,* veja *Le Sel de la terre*, n° 50, outono 2004, p. 126 a 131.

[4] — Jean Vernette, "Seitas e gnoses, neo-paganismo e nova religiosidade: O deslocamento atual dos fenômenos religiosos, questão colocada às igrejas. III A proliferação das seitas e novos movimentos religiosos" em *Esprit et Vie L'Ami du Clergé*, 96ª ano (10ª série), n° 12, 20 de março de 1986, p. 168.

[5] — Bossuet descreveu os métodos no livro XI de sua *História das variações das igrejas protestantes*; o essencial pode ser encontrado em *Lecture et Tradition*, n° 293/294, julho-agosto 2001, "A gnose e o mistério da iniquidade. Resposta a um desafio", p. 8 a 21.

[6] — Não fizemos um levantamento exaustivo e nos limitamos a dar alguns exemplos característicos.

[7] — Citado por *Encyclopaedia Universalis*, t. VII, 1980, art. "Gnosticismo cristão".

[8] — *Ibidem.*

[9] — *Ibidem.*

[10] — Veja *Mes arches de Noé*, p. 41 da ed. Cercle du Nouveau Livre.

[11] — *Les vingt ans du jeune homme vert*, Paris, Gallimard, 1977, p. 237.

[12] — Jean Doresse, *Les livres secrets des gnostiques d'Égypte*, Mônaco, ed. du Rocher, 1984, p. 116-117.

[13] — *La Simandre*, fevereiro de 1998.

[14] — *La Gnose éternelle*, Paris, Fayard, coll. Je sais-Je crois, 1959, p. 82.

[15] — Jean Vernette, "Seitas e gnoses…", *Ibidem*, p. 166.

[16] — Publicado na revista gnóstica *Question de*, n° 77, 1989.

[17] — Trata-se do Centro de Crescimento Pessoal de Esalen na Califórnia (*Personal Growth Center*), destinado a expandir os limites do potencial humano, fundado por Michael Murphy, acadêmico ligado a Huxley, bem como a membros do grupo Krishnamurti, e aluno de Sri Aurobindo. — Veja Jean-Pierre Laurant, *Le regard ésotérique*, Paris, Bayard, 2001. (Nota do autor do artigo.)

[18] — O termo significa *negação*. (Nota do autor do artigo.)

[19] — *La Gnose éternelle*, p. 84-85.

[20] — Dom Le Roy, *La Religion des Primitifs*, Paris, Beauchesne, 1911, p. 484.

[21] — *Lecture et Tradition*, n° 167, janeiro 1991.

[22] — Jean Vaquié, *Occultisme et foi catholique, les principaux thèmes gnostiques*, Paris, Action Familiale et Scolaire, 1990, p. 5.

[23] — Abade Emmanuel Barbier, *Les Infiltrations maçonniques dans l'Église*, Mont-Notre-Dame, Lille, Paris, Bruxelas, Roma, Associação Saint-Rémy e Sociedade Saint-Augustin, Desclée, De Brouwer et Cie, 1910, p. 49.

[24] — *Occultisme et foi catholique*…, p. 8.

[25] — *Occultisme et foi catholique*…, p. 5.

[26] — *Occultisme et foi catholique*…, p. 9.

[27] — Publicado em italiano sob o título: *Varcare la soglia della speranza*.

[28] — Jean-Paul II, *Entrez dans l'espérance*, Paris, Plon-Mame, 1994, p. 147.

[29] — Padre Joseph-Marie Verlinde em *L'Homme Nouveau*, 17 de fevereiro de 2002.

Artigo original: Link

A GRANDE FRAUDE DO CONCÍLIO VATICANO II

O *Boletim do Grande Oriente da França*, n°48, novembro-dezembro de 1964, p. 87, cita como referência de «**posições construtivas e novas**» esta intervenção feita durante a terceira sessão do concílio por um jovem bispo que posteriormente teve uma carreira notável:

> *« É preciso aceitar o perigo do erro. Não se abraça a verdade sem ter uma certa experiência do erro. Portanto, deve-se falar do* ***direito de buscar e errar****. Reivindico a liberdade para conquistar a verdade.»*

Esta declaração agradou tanto aos maçons que eles a destacaram. Ela é muito grave. Ela é de **Dom Wojtyla**, bispo de Cracóvia.

Para um católico, não é a liberdade que gera a verdade, é Nosso Senhor. Não é a liberdade que seria a primeira e levaria à verdade, mas é a verdade que liberta:

> *«Se permanecerdes na Minha palavra, sereis verdadeiramente Meus discípulos; conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará.»* (Jo VIII, 32).
>
> *«Mas nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos escuta; aquele que não é de Deus não nos escuta:* ***por isso conhecemos o espírito da Verdade e o espírito do erro****.»* (1 Jo IV, 6).

A ordem é:

1. Jesus Cristo, pregado pela Igreja Católica;
2. a Verdade segura;
3. a Liberdade.

Para a seita conciliar, a sequência anunciada era:

1. a liberdade;
2. a verdade;
3. Jesus Cristo [1]

AÍ ESTÁ A FRAUDE!

Essa nova ordem é falsa, pois se colocamos a liberdade em primeiro lugar, não temos sempre em segundo lugar a Verdade, mas **a Verdade E/OU o erro**. É isso que os verdadeiros iniciados sabiam. Foi com esse artifício que impuseram sua seita conciliar, destruidora da Igreja Católica.

Podemos distinguir cinco fases em seu processo:

1. No início, é pedido «o direito de buscar e errar»;

2. Depois, erros são ensinados ao mesmo tempo que a verdade, e os poucos combatentes pela Verdade são marginalizados;

3. Em seguida, a Verdade é desqualificada, é dita ultrapassada, torna-se inofensiva e o erro passa a ser considerado a Verdade;

4. Depois, a Verdade é perseguida até sua total eliminação: **os demônios assassinos sucedem aos demônios mentirosos**;

5. E, finalmente, o reino do erro é imposto.

Isso é o que temos vivido há quarenta anos: com a liberdade, a seita conciliar estabeleceu o erro, que eliminou o reino de Jesus Cristo, substituindo-o pelo pseudo-reino do Homem, que é o verdadeiro reino de Satanás.

Dom Wojtyla e a seita conciliar inverteram tudo: os inimigos dos católicos tornaram-se seus amigos.

> « A verdade é a única tolerante e nunca persegue ninguém, ela se limita a impedir o mal. O erro é essencialmente intolerante e, assim que se sente poderoso, seja como escola, partido ou seita, procura manifestar seu poder **eliminando seus adversários, injuriando-os e, sobretudo, impedindo-os de falar**. O direito de falar, muito preconizado pelos liberais, ao ponto de incluí-lo na constituição e torná-lo um elemento privilegiado do parlamentarismo, só lhes parece aceitável se lhes garantir as imunidades do monólogo e impedir qualquer crítica. O que mais lhes agrada é o incensário para eles e, para seus adversários, correntes ou mordaça.» (Dom Fèvre, *História crítica do catolicismo liberal*, p. 546).

Essa é exatamente a conduta da seita conciliar contra os remanescentes católicos. Comportamento que prova que, sendo os católicos (aqueles que querem acreditar no que sempre foi acreditado e fazer o que sempre foi feito) do campo da verdade, os conciliares estão no campo do erro [2], com a consequência de que a seita conciliar não é católica e, portanto, não é a Igreja Católica.

Sejamos vigilantes em manter o espírito da verdade. Um dos critérios que nos assegurará estar no campo da verdade é aquele que Dom Fèvre destaca: **não perseguir ninguém, mas impedir o mal**.

Um dos critérios que prova que se passou para o campo do erro é agir com intolerância, eliminando os adversários, caluniando-os, injuriando-os e impedindo-os de falar [3].

Na carta anterior dos Amigos de Cristo Rei da França, destacamos longamente que o plano de Deus era intervir como Salvador e, portanto, triunfar quando tudo parecer perdido, ou seja, após a total eclipse da Igreja Católica. Mas, como Deus não reconstrói a partir do nada, mas com "nadas" [4], cabe a nós merecer a graça de estar entre esse pequeno número. E, para isso, é preciso permanecer bons e verdadeiros católicos, como ensina a Venerável Elisabete Canori Mora.

A provação do Concílio eliminou 9/10 dos católicos. A provação do *N.O.M.* e das revoluções litúrgicas eliminou mais 9/10 daqueles que resistiram. As sagrações feitas por Dom Lefebvre ainda eliminaram muitos boletins e líderes. Esse número ainda é muito grande.

Muitos sacerdotes e fiéis tradicionalistas estão mais apegados ao “campo, como dizem”, ou seja, ao espírito do mundo, do que ao “que dirá Deus”. De espírito materialista, medíocre, modernista, mundano, serão eliminados nas próximas provações. Há uma única solução: **converter-se**. Pois só há uma única sanção: perecer.

> « **Se não vos arrependerdes, perecereis todos como eles.** » (Lucas, XIII, 3).

Despertemos. A tibieza nos ameaça. Uma enorme lassidão, uma imensa torpor nos invade. Preparemos nossas lâmpadas, o esposo está chegando. Tenhamos reservas de óleo, ou seja, de verdade, de caridade, de orações, de meditações, de boas obras.

A luta continua. Os inimigos do nome católico nos odeiam. Eles têm como chefe Satanás, que é o **príncipe** deste mundo. Sejamos apegados a Cristo, **Rei** do Mundo. Grandes provações se anunciam. Estejamos prontos. Não tenhamos medo, Ele vencerá.

«Coragem, Confiança, Calma, Constância.» (Jean Vaquié).

Louis-Hubert REMY

[1] O Pe. Aulagnier, no panfleto de renovação de assinatura de seu boletim, faz o mesmo encadeamento ???!!! Sem comentários.

[2] Como acreditar por um minuto que os conciliares possam estar no campo da verdade? A seita conciliar está sem "a Vida", ela gera a morte: 2% de praticantes na França, e em alguns departamentos 1%. E de que idade? E com qual Credo?

[3] Esse é o comportamento das Fraternidades contra aqueles que eles chamaram de sedevacantistas.

[4] Leia e divulgue *La bataille préliminaire* de Jean Vaquié e *Le dénouement de la persécution* de Augustin Lemann, onde esses ensinamentos são mais bem desenvolvidos. Solicite-os à ACRF, B.p. 2, 44 140 Aigrefeuille ou a lhremy@tele2.fr.

Nós republicamos este artigo porque a atualidade vai impor a redefinição dos campos. Para a seita conciliar, a única oposição era a Tradição, representada sobretudo pelo corrente de Ecône. Um acordo, sendo infelizmente previsível entre os dois, o "sedevacantismo", até então marginalizado, vai se tornar o ponto de mira da oposição. Portanto, é útil fazer um ponto sobre este assunto.

Muito incomodada pelo sedevacantismo, a Tradição (sobretudo Ecône) nunca quis abordá-lo de frente, e se existem fitas cassete (privadas) que falam sobre isso, nunca tiveram a coragem de abordar este problema por escrito.

Aqui está o único documento da Tradição dedicado ao sedevacantismo, tentando, depois de apresentá-lo, refutá-lo.

Contestamos a apresentação feita (março de 2001), destacando os erros. Nenhuma retificação tendo sido feita, esses erros se tornam mentiras (*falar com a intenção de enganar*). É lamentável ver que defensores da Verdade são obrigados a mentir para se desmarcar daqueles que viram e atacaram os erros antes deles.

Louis-Hubert REMY

O SEDEVACANTISMO

Fala-se muito sobre ele, principalmente de forma negativa, apresentando-o mais próximo do diabólico do que da verdade. Ele se torna o único e mais perigoso inimigo. E, no entanto, o número de sedevacantistas não para de aumentar. Há no mundo mais padres sedevacantistas do que membros da Fraternidade São Pio X. Há até mesmo alguns na Fraternidade. Então?

Aqui está, primeiramente, o que diz sobre este assunto uma revista que se acreditava séria, *Le Sel de la Terre*, nº 38, março de 2001.

PEQUENO CATECISMO SOBRE O SEDEVACANTISMO por **DOMINICUS**

1. - O que é o sedevacantismo?

O sedevacantismo é a opinião daqueles que pensam que os últimos papas, desde o Concílio, não são papas verdadeiros. Em consequência, o trono de Pedro não está ocupado, o que se expressa em latim pela fórmula *Sede vacante*.

1. - De onde vem essa opinião?

Esta opinião é ocasionada pela gravíssima crise que ocorre na Igreja desde o último Concílio, crise que Mons. Lefebvre chamava justamente de terceira guerra mundial. Esta crise tem como causa principal a falha dos Pontífices romanos que ensinam ou deixam se propagar os erros mais graves sobre questões de ecumenismo, liberdade religiosa, colegialidade, etc. Os sedevacantistas pensam que papas verdadeiros não poderiam ser responsáveis por uma crise tão grande, e, portanto, consideram que eles não são papas verdadeiros.

1. - Todos os sedevacantistas estão de acordo entre si?

Não, longe disso. Existem muitas posições diferentes. Alguns pensam que, uma vez que o trono de Pedro está vago, ele deve ser ocupado, e elegeram um papa. Este é o caso, por exemplo, da seita de Palmar na Espanha.

Entre aqueles que não vão a tais extremos, há ainda diferentes escolas. Alguns pensam que o papa atual é um antipapa, outros que ele é um papa pela metade, papa *materialiter*, mas não *formaliter*.

Alguns sedevacantistas consideram sua posição como uma opinião provável, e aceitam receber os sacramentos de padres não sedevacantistas, mas outros, chamados de "ultra" pelo padre Coache, fazem disso uma questão de fé e recusam assistir a uma missa onde se reza pelo papa. Mas o que é comum a todos os sedevacantistas é que eles pensam que não se deve rezar publicamente pelo papa.

1. - Pode explicar o que significa ser papa *materialiter*?

A principal dificuldade do sedevacantismo é explicar como a Igreja pode continuar a existir de forma visível (pois ela recebeu de Nosso Senhor a promessa de durar até o fim do mundo), enquanto está privada de um chefe. Os partidários da tese chamada de Cassiciacum inventaram uma solução muito sutil: o papa atual foi validamente designado para ser papa, mas ele não pode receber a autoridade papal, pois há um obstáculo nele (sua heresia).

Ele seria então capaz de realizar certos atos para o bem da Igreja, como nomear os cardeais (que são cardeais *materialiter*), mas ele não seria realmente papa.

1. - O que você pensa dessa solução?

Ela não está fundamentada na Tradição. Os teólogos (Cajetan, São Roberto Bellarmino, João de São Tomás, etc.) examinaram a possibilidade de um papa herético, mas nenhum, antes do Concílio, havia imaginado tal teoria. Ela não resolve a dificuldade principal do sedevacantismo: como a Igreja pode continuar a ser visível?

De fato, se o papa, os cardeais, os bispos, etc. estão privados de sua forma, não há mais uma hierarquia visível da Igreja. Além disso, essa teoria coloca sérios problemas filosóficos, pois supõe que um chefe possa ser chefe *materialiter*, sem ter a autoridade.

1. - Em quais argumentos os sedevacantistas baseiam suas teorias?

Em um argumento teológico e em um argumento jurídico.

O argumento teológico consiste em dizer que um herege não pode ser chefe da Igreja; portanto, João Paulo II é herege, logo...

O argumento jurídico consiste em dizer que as leis da Igreja invalidam a eleição de um herege; portanto, o cardeal Wojtyla era herege no momento da eleição, logo...

1. - Mas não é verdade que um papa que se torna herege perde o pontificado?

São Roberto Bellarmino diz que um papa que se tornasse herege de forma formal e manifesta perderia o pontificado. Para que isso se aplique a João Paulo II, seria necessário que ele fosse um herege formal, ou seja, recusando conscientemente o magistério da Igreja; e ainda que essa heresia formal fosse manifesta aos olhos de todos.

Mas se João Paulo II faz afirmações heréticas ou que conduzem à heresia com frequência, não é fácil mostrar que ele tem consciência de rejeitar um dogma da Igreja. E enquanto não houver uma prova certa, é mais prudente abster-se de julgar. Essa era a maneira de agir de Mons. Lefebvre.

1. - Um católico que esteja convencido de que João Paulo II é herege de forma formal e manifesta deve, portanto, concluir que ele não é mais papa?

Não, porque segundo a opinião comum (Suarez), ou até mais comum (Billuart), os teólogos pensam que mesmo um papa herege pode continuar a exercer o papado. Para que ele perca sua jurisdição, seria necessária uma declaração dos bispos católicos (os únicos juízes da fé, fora o papa, por vontade divina) constatando a heresia do papa. Segundo a opinião mais comum, Cristo, por uma providência particular, para o bem comum e a tranquilidade da Igreja, continua a conceder jurisdição a um pontífice mesmo manifestamente herege, até

que ele seja declarado herético manifesto pela Igreja (Billuart *De Fide*, diss. V, a. III, § 3, obj. 2). Ora, em um assunto tão grave, não é prudente ir contra a opinião comum.

1. - Mas como um herege, que não é mais membro da Igreja, pode ser seu chefe ou sua cabeça?

O Padre Garrigou-Lagrange, baseando-se em Billuart, explica em seu tratado *De Verbo Incarnato* (p. 232) que um papa herege, embora não seja membro da Igreja, pode continuar a ser sua cabeça. De fato, o que é impossível no caso de uma cabeça física é possível (embora anormal) para uma cabeça moral secundária. A razão é que, enquanto uma cabeça física não pode exercer influência sobre os membros sem receber o influxo vital da alma, uma cabeça moral, como é o pontífice (romano), pode exercer jurisdição sobre a Igreja mesmo sem receber da alma da Igreja nenhuma influência de fé interna e de caridade. Em resumo, o papa é constituído membro da Igreja por sua fé pessoal, que ele pode perder, mas ele é cabeça da Igreja visível pela jurisdição e poder, que podem permanecer mesmo com a heresia.

1. - E o que pensar do argumento canônico deles?

Os sedevacantistas baseiam-se na constituição apostólica *Cum ex apostolatus* do papa Paulo IV (1555-1559). Mas bons estudos mostraram que essa constituição perdeu sua força jurídica desde a publicação do código de Direito Canônico de 1917. Veja, por exemplo, o artigo do padre Albert O.P. em *Le Sel de la terre* 33 (verão de 2000).

O que permanece válido nessa constituição é seu aspecto dogmático. E, portanto, não se pode fazer com que ela diga nada além do que diz o argumento teológico examinado anteriormente.

1. - Os sedevacantistas não pensam encontrar uma confirmação de sua opinião nos erros do Concílio e na nocividade das leis litúrgicas e canônicas da Igreja conciliar?

De fato, os sedevacantistas geralmente pensam que o ensino do Concílio deveria ter sido coberto pela infalibilidade do magistério ordinário universal e, portanto, não deveria conter erro. Mas, como há erros, por exemplo, na questão da liberdade religiosa, eles concluem que Paulo VI deixou de ser papa naquele momento.

Na realidade, se aceitarmos esse raciocínio, teríamos que dizer que toda a Igreja Católica desapareceu naquele momento, e que as portas do inferno prevaleceram contra ela. Pois o ensino do magistério ordinário universal é o de todos os bispos, de toda a Igreja docente. É mais simples pensar que o ensino do Concílio e da Igreja conciliar não é coberto pela infalibilidade do magistério ordinário universal pelas razões explicadas no artigo sobre a autoridade do Concílio publicado em *Le Sel de la terre* 35 (inverno de 2000-2001). Um dos argumentos deste artigo é notar que o ensino conciliar não se apresenta mais como necessário para a salvação (o que é lógico, já que aqueles que o professam pensam que se pode salvar mesmo sem a fé católica). Não sendo imposto com autoridade, esse ensino não é coberto pela infalibilidade. Pode-se dizer o mesmo das leis litúrgicas (a nova missa...) e canônicas (o novo Direito Canônico...) estabelecidas pelos últimos papas: elas não são cobertas pela infalibilidade, enquanto normalmente deveriam ser.

1. - Os sedevacantistas não têm razão em se recusar a mencionar o nome do papa na missa para manifestar que não estão em comunhão com (*una cum*) um herege (pelo menos material) e suas heresias?

A expressão *una cum* no cânone da missa não significa que se está em comunhão com a pessoa do papa e suas ideias errôneas, mas que se quer rezar pela Igreja e pelo papa.

Para se certificar disso, além dos estudos acadêmicos produzidos sobre o assunto, basta ler a rubrica do missal para o caso em que um bispo celebra a missa. De fato, nesse caso o bispo deve rezar pela Igreja "*una cum me indigno famulo tuo*" o que não quer dizer que ele reza em união consigo mesmo, seu indigno servo (o que não faz sentido), mas que ele reza também por si mesmo, seu indigno servo.

1. - Mas São Tomás de Aquino não diz que no cânone não se deve rezar pelos hereges?

São Tomás de Aquino não proíbe rezar pelos hereges, mas apenas constata que, nas orações do cânone da missa, se reza por aqueles cuja fé e devoção o Senhor conhece (*quorum tibi fides cognita est et nota devotio*) (III q. 79, a. 7, ad 2). De fato, diz ele, para que este sacrifício obtenha seu efeito (*effectum habet*), é necessário que aqueles por quem se reza estejam unidos à paixão de Cristo pela fé e pela caridade. Mas ele não proíbe rezar por uma pessoa não católica. Essa oração não terá a mesma eficácia que a por um católico e não é prevista no cânone. Tudo o que se pode deduzir dessa afirmação de São Tomás de Aquino é que, se o papa for herege (o que ainda precisa ser provado), a oração por ele não terá o efeito previsto, *non habet effectum*.

1. - Em conclusão, o que se deve pensar sobre o sedevacantismo?

É uma posição que não está provada no nível especulativo, e é imprudente adotá-la no nível prático (uma imprudência que pode ter consequências muito graves). É por isso que Mons. Lefebvre nunca se engajou nesse caminho e até proibiu os padres de sua Fraternidade de professarem o sedevacantismo. Devemos confiar em sua prudência e em seu senso teológico. O padre Muñoz observa que não se encontra nenhum santo, na história da Igreja, que tenha sido sedevacantista, mesmo que vários tenham resistido aberta e fortemente aos erros dos papas. Façamos como eles!

NOSSOS COMENTÁRIOS

I°: Desde o seu número 1, somos obrigados a nuançar a definição deles. Quando dizem que o trono de Pedro não está ocupado, isso não é o que dizem os sedevacantistas (sd daqui em diante). **O trono está ocupado, muito ocupado**. **Certamente por um usurpador** (usurpar: apoderar-se, apropriar-se sem direito), mas é lamentável usar esse termo de sedevacantismo. Não sei quem impôs esse termo horrível, mas ele vem mais do inimigo do que de nós. Leia nosso panfleto: *Não somos sedevacantistas*. Somos católicos e, já que queremos morrer na fé católica, recusamos tudo o que não é integralmente católico, portanto recusamos **TODA** a seita conciliar, incluindo sua hierarquia, incluindo seus papas, mas não apenas eles. Rejeitamos sua fé, seus sacramentos, seus catecismos, suas doutrinas, suas amizades, sua disciplina, tudo.

II°: A resposta da segunda questão está correta.

III°: O mesmo para a terceira. Mas não de maneira alguma como é analisado.

1. **Os sd estão unidos no essencial, divididos nos detalhes.**

Sim, os sd têm diferenças em alguns pontos. Eles estão **todos de acordo em rejeitar a fé conciliar, afirmando que ela não é católica**. Eles concordam em viver conforme a vida católica de sempre, o que é essencial. Suas referências são o Concílio de Trento e o Vaticano I.

Todos eles têm um **grande coragem** para estudar, estudar muito, para tomar uma decisão tão arriscada para o pão diário, para orar, orar muito, para fazer essa escolha tão controversa, e depois viver na solidão, na pobreza, na zombaria, nas chacotas, mas também no abandono, na constância, na confiança e no amor a Deus.

Todos têm em comum a atenção à vontade de Deus, preocupando-se apenas com a vontade de Deus, ignorando o que os outros vão pensar. Isso é o essencial.

É verdade que eles estão divididos. Essa divisão é muito secundária. Homens de caráter e firmeza se confrontam entre si. Tudo isso se deve à falta de uma autoridade. Mas quem poderia ser essa autoridade? Somente um verdadeiro Papa e, portanto, uma Igreja em ordem pode trazer união. Toda vez que um deles tenta se impor como autoridade, isso sempre desmorona, pois em uma crise tão grande, quem pode ver, entender, resolver tudo? Cada um tendo tal ou tal limitação é criticado, daí as divisões. Os mais sábios sabem que, tendo o pastor sido ferido, as ovelhas do rebanho são dispersas (Mateus, XXVI, 31). Eles esperam que Ele ressuscite, como diz o versículo seguinte, precedendo-nos na Galileia.

Essa divisão é útil, indispensável. Observou-se que toda união é rapidamente investida por pessoas menos firmes e até por inimigos. É muito mais prudente estar dispersos.

É verdade que as opiniões divergem. Mas divergem **em detalhes**, às vezes importantes, seja sobre a explicação da crise, seja sobre as soluções para a crise. Já dissemos que **sobre o essencial: A FÉ CONCILIAR NÃO É CATÓLICA, eles estão todos de acordo.**

O mesmo acontece em cada grande crise. É através de São Paulo que podemos entender: I Coríntios XI, 19:

> Pois é necessário que haja até heresias entre vós, para que se tornem manifestos entre vós os que são aprovados.

Uma heresia é um castigo. Um castigo merecido. A heresia conciliar é um castigo e um castigo merecido. Os cristãos, os pastores haviam se tornado mornos em tudo. Enquanto não quisermos nos converter, Deus nos abandonará e não nos tirará da crise. Converter-se é amar a Deus acima de tudo e, se alguém Me ama, guardará os Meus mandamentos (João XIV, 15 e 23), é obedecer-Lhe em tudo.

Uma heresia dura enquanto um pequeno número não se purifica [2]. Hoje sabemos que **deve suceder a esta apostasia o reinado do Sagrado Coração.** Para um reinado que será o mais grandioso da história, o Sagrado Coração quer estar rodeado **de verdadeiros cristãos**. A crise durará o tempo necessário para a conversão deles. Se queremos ver o triunfo do Sagrado Coração, convertamo-nos, e não pela metade, lembrando-nos de Sua palavra:

> *Vomitarei os mornos* (Apoc., III, 16).

1. Seus inimigos parecem unidos, mas estão verdadeiramente divididos.

Os que dão lições deveriam se olhar atentamente no espelho. Eles descobririam sua falta de coragem, sua pusilanimidade, suas covardias, sua mediocridade, sua fé vacilante, sempre em busca de compromissos. É isso que os impede de ter a coragem de realmente resistir. É seu pouco caráter que os une.

Eles deveriam temer seu liberalismo. Todos os que caíram fizeram concessões ao erro. São liberais. O liberalismo é o perigo mais grave [3]. O combate pela missa não é suficiente. O combate pela Fé é muito mais considerável. Um único erro contra a Fé e perdemos a Fé, essa Fé que sozinha pode nos proporcionar a vida eterna.

Dom Lefebvre é o fundador de três obras: a Fraternidade São Pio X, a Fraternidade São Pedro, e em grande parte o movimento sedevacantista. Os padres mais notáveis dessas três obras foram ordenados por ele, sem contar os padres que se tornaram conciliares e aqueles que infelizmente abandonaram o sacerdócio. Ele é responsável por essa fragmentação, seu pensamento tendo evoluído entre as posições defendidas pelas três, daí três tipos de discípulos. Aqueles que hoje se dizem os únicos sucessores ficam em apuros quando se resgatam certos discursos ou declarações privadas.

Tudo isso prova que a crise é terrível e a solução difícil. Todos pensam inicialmente estar fazendo a vontade de Deus, mas à medida que a crise perdura e os estudos se tornam conhecidos, algumas posições são pura apostasia. Ir contra a Verdade conhecida, especialmente para os clérigos, é um pecado irremissível contra o Espírito Santo.

Como o combate de Dom Lefebvre não foi completo, cabia aos seus sucessores garantir sua continuidade. Infelizmente, mornos e pusilânimes, eles apostatam ou apostatarão em sua maioria em um acordo com a seita conciliar. Eles criticam os sedevacantistas por não estarem unidos, eles parecem unidos, mas não estão. O futuro o provará. Eles aplicaram o justo meio à verdade, quando o justo meio se aplica à virtude.

Quanto à eleição de "papas", é verdade que houve várias eleições de "papas". Contam-se mais de vinte. Digamos alto e claro: somos absolutamente contra todas essas comédias. Já somos muito, muito reservados contra todas as sagrações. É preciso saber que há no mundo 1500 bispos mais ou menos falsos. Isso é trágico.

Em uma crise tão grave, é difícil não perder a cabeça. Toda iniciativa privada fora da defesa da Fé é arriscada. Pensamos que a solução profetizada pelas veneráveis Elisabeth Canori Mora e Anna-Maria Taïgi, anunciando-nos que São Pedro e São Paulo deverão restabelecer o Papado, é a mais segura. Alguns clérigos não acreditam em profecias privadas. Preferimos a opinião do cardeal Pie, que acreditava nelas (veja nosso caderno sobre Holzhauser).

IV°: Já respondemos a esse problema da visibilidade da Igreja, problema grave e do qual mostramos o quanto a análise e o ensinamento da Fraternidade eram incoerentes e não-católicos. Não é o mais grave como gostariam de nos fazer acreditar. O problema mais grave é: a seita conciliar tem a fé católica, é ela a Igreja Católica? Nossos teólogos nunca abordam essas duas questões. Seu silêncio é uma confissão que os condena.

Sobretudo porque há uma resposta coerente dada por alguém que não é um teólogo qualquer e que deveria nos levar a muita prudência e humildade. A Santíssima Virgem Maria, pois é dela que se trata, disse tudo, explicou tudo, em três palavras: **A Igreja está eclipsada**. Leia nosso folheto sobre a questão.

Discípulo do venerado Dom Guérard, compartilhamos sua posição materialiter-formaliter, posição que nos parecia a melhor na época. Mas testemunhamos que, tendo-lhe feito a pergunta: qual é o valor dos atos de um papa materialiter, ele nos respondeu: nulo, do que concluímos, com ele, que sua tese se extinguia com o tempo.

Desde então, sabemos (estudo da Senhorita Davidoglou) que se materialiter e formaliter são distintos, eles não podem ser separados. Seria como um carro sem motor. Não serve para nada.

Como no tempo do arianismo e de toda heresia, é preciso um certo tempo para chegar a cercar definitivamente o erro. Enquanto a palavra consubstancial não foi oposta a Ário, todos os seus opositores sabiam que havia erro, sem poder sufocá-lo. Deus o permite para nos purificar pela paciência e pela oração. Devemos condenar aqueles que ainda não haviam descoberto a resposta pela palavra consubstancial? Sejamos mais humildes e deixemos o Deus muito bom julgar esses valentes defensores, mesmo que não tenham visto tudo.

Aqueles que defendem **agora** essa tese não podem mais ser levados a sério. A seita conciliar não pode ser, nem mesmo materialmente, a Igreja Católica. Aliás, notou-se que aqueles que ainda a defendem nunca atacam os novos sacramentos da Ordem e das sagrações. Eles não questionam essa hierarquia destruidora da Igreja. Somos obrigados, com o passar dos anos, a nos fazer algumas perguntas graves sobre essas pessoas. Aonde querem nos levar? Não chegam a ridicularizar La Salette para defender sua tese? Outra profecia do mesmo lugar, falando de certo esgoto, os incomodaria?

V°: Está correto. Mas é evidente que buscar no passado teólogos que poderiam ter estudado essa crise é ridículo. Quem poderia no passado adivinhar tal desastre que não se limita à heresia do Papa? Nem mesmo São Tomás pôde adivinhar a demo(n)cracia moderna!

Felizmente que eles não retomaram o argumento frequentemente repetido: São Paulo bem resistiu a São Pedro sem questionar sua autoridade (Gal. II, 11 e ss). Pois essa comparação não se sustenta por duas razões. A primeira: não se tratava de Fé, como é o caso hoje. A segunda: Pedro se submeteu e o incidente foi encerrado, o que não é o caso hoje.

VI°: Evidente, pois estudado; por Vaticano I entre outros. Ainda é preciso ter a coragem de se submeter ao estudo e à verdade. Aliás, é apenas um problema de coragem ou não seria antes um castigo? Como é possível que não exista nenhum estudo sobre os pecados anteriores que mereceram tais castigos? Não haveria nesses pecados, e isso desde muito mais tempo do que se pensa, os sacrilégios cometidos pelos padres indignos, os sacrilégios cometidos pelos fiéis nas más comunhões?

VII°: Até mesmo Dom Lefebvre viu e ensinou que o concílio, sua seita e seus papas eram heréticos: ver em particular as Dubia, por muito tempo ocultadas e finalmente disponíveis. Quatro vezes Dom Lefebvre dará a nota de heresia. É preciso ser realmente tortuoso e cego para ainda se fazer tal pergunta 30 anos após a demolição completa da Igreja. É preciso estar completamente contaminado para não entender que essa hierarquia é nosso pior inimigo.

Quando se sabe que a cegueira é a primeira consequência do pecado, é lógico pensar que a cegueira do concílio, que a cegueira dos que se uniram, que a cegueira dos futuros que se unirão é devida a graves pecados. Lembremo-nos do esgoto denunciado em La Salette. Aí está frequentemente a explicação das falhas e das traições dogmáticas.

Lê-se na vida de Santo Afonso de Ligório, pelo eminente e antiliberal Padre Berthe, que um dia Santo Afonso em uma conferência eclesiástica dizia que um padre que havia falhado não podia ser perdoado. Um dos assistentes se levantou, objetando *Nego consequentiam*: na manhã seguinte ao despertar, ele estava morto!

Entende-se por que numerosos clérigos são contra A Interpretação do Apocalipse do Venerável Holzhauser, que precisa que no fim da quinta era haverá tão poucos crentes que eles se conhecerão pelo nome, insistindo fortemente na pureza. A pureza está ligada à humildade e à obediência (obediência a Deus antes da obediência aos homens). Abrindo os olhos, tudo se explica.

VIII°, XIX°, X°, XI°: ver os trabalhos de *Petrus es tu?* e *Mistério de Iniquidade*. Ver também *A Igreja está eclipsada* que aborda outro aspecto e não dos menores, o da conspiração. Por que *O Sal da Terra* não falou deste livro? Ler também os pequenos livros de Dom de Ségur sobre a Infalibilidade, disponíveis nas Ed. Saint Rémi.

XII°, XIII°: **NÓS OS DESAFIAMOS A NOS APRESENTAR UMA CARTA ASSINADA POR UM LATINISTA SÉRIO QUE TRADUZA UNA CUM POR REZAR POR.** Leia nosso folheto O problema do Una Cum, problema da hora presente. **Quando se é desonesto a este ponto, o que pensar do resto?**

MEUS PADRES, VOCÊS SÃO MENTIROSOS. Vocês estão do lado dos mentirosos, vocês caíram no campo do inimigo, aquele que mente desde o princípio.

XIV°: Dom Lefebvre no fim de sua vida dizia frequentemente: não é possível que estes Papas sejam os sucessores de Pedro. Tudo leva a crer que ele morreu sedevacantista. Por que ele foi abandonado por seus filhos? Por que ninguém pôde contatá-lo? Por que ainda não temos seu testamento? Questões graves sem resposta e que deixam muitas dúvidas. Quis-se esconder algo e O quê?

Em conclusão, **o que pensar do *Sal da Terra***? Especializado na clientela BLM (burgueses, liberais, mundanos), eles não defendem mais a Verdade. Há muito tempo eles fazem concessões. Ocupados com suas restaurações históricas, eles precisam de dinheiro, de muito dinheiro e, portanto, de burgueses. Não se pode servir a dois senhores.

Por que ter escrito este artigo? Por ordem? Sobretudo para que não se diga que em sua pseudo firmeza eles estejam próximos dos sedevacantistas? ***Oderis quem læseris***!

O *Sal da Terra* está terrivelmente insípido. Com o que o salgará? Que ele tema o terrível castigo ensinado por Deus:

> *Não serve mais para nada, senão para ser **jogado** fora e **pisoteado** pelos passantes* (Mateus, V, 13).

Numerosos clérigos, muitíssimos, há 40 anos, sofreram este castigo. Esta profecia de Nosso Senhor se realizará também para eles, a menos que se convertam, mas não é tarde demais? Os dominicanos de Avrillé, convertidos por Dom Guérard des Lauriers, caíram de covardia em covardia. Restará um só?

Louis-Hubert REMY, N° 5 dos ACRF, março de 2001

[1] O livro de Arnaldo Xavier da Silveira, *A Nova Missa de Paulo VI: O que pensar?* (Chiré, 1975), frequentemente considerado como a referência sobre a questão do papa herético, apresenta imperfeitamente, em nossa opinião, a opinião desses teólogos (Savonarola, Cajetan, Cano, os Carmelitas de Salamanca, João de São Tomás, Suárez, Billuart, Journet, etc.). Journet diz que as análises de Cajetan e João de São Tomás sobre este ponto são mais penetrantes do que as de São Roberto Belarmino. A questão deveria ser retomada integralmente.

[2] Reler o indispensável caderno do abade Augustin Lémann, *O desfecho da perseguição*, 1886, 8 p.

[3] Ser *non una cum*, ser chamado de sedevacantista é um dos aspectos do combate contra o erro. Se é uma garantia necessária, não é uma garantia suficiente. Nossos meios estão gangrenados por múltiplos outros erros, alguns tão graves (como o magnetismo, o pêndulo, verdadeiramente satânicos, ver nosso dossiê). Os numerosos cristãos (clérigos e leigos) pálidos, BLM (burgueses, liberais, mundanos) são muito mais perigosos para nossa fé do que nossos inimigos. Eles são desses mornos que Deus vomita. Ser vomitado por Deus!!!

A PERSONALIDADE DO ANTICRISTO

O Anticristo, cuja aparição é profetizada para o fim dos tempos, será ele uma personagem histórica determinada, ou apenas um ser coletivo? O Magistério nunca decidiu infalivelmente a questão, de modo que a matéria permanece livre. É lícito a um católico fiel considerar o Anticristo como um ser coletivo. Não se pode reprovar-lhe isso em nome da fé. Inversamente, os partidários da "personalidade do Anticristo" também não podem incorrer em reprovação. Vamos expor os principais argumentos que geralmente se invocam a favor dessa opinião.

Os dois escritores sagrados que mencionam mais explicitamente o personagem do Anticristo são São João e São Paulo. É bom citá-los na íntegra e tomá-los como base do nosso raciocínio.

I João II, 18:

> «Meus filhinhos, é a última hora. Como ouvistes que o Anticristo virá, também agora há muitos anticristos: por isso conhecemos que é a última hora. Eles saíram do nosso meio, mas não eram dos nossos; porque, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; mas saíram, para que fosse manifesto que todos não são dos nossos».

I João II, 22:

> «Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Esse é o anticristo, aquele que nega o Pai e o Filho».

I João IV, 3:

> «Todo espírito que não confessa Jesus, não é de Deus; e esse é do Anticristo, do qual ouvistes que há de vir, e agora já está no mundo».

II João 7:

> «Muitos sedutores entraram no mundo, que não confessam que Jesus Cristo veio em carne; esse é o sedutor e o Anticristo».

Agora, aqui estão duas passagens de São Paulo que complementam as de São João.

II Tessalonicenses II, 1:

> «No que diz respeito ao Advento de Nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com Ele, pedimos a vocês, irmãos, que não se deixem abalar facilmente em seus sentimentos, nem se alarmem, seja por algum espírito, seja por algumas palavras ou cartas supostamente vindas de nós, como se o dia do Senhor (o julgamento final) estivesse iminente.
>
> «Que ninguém os engane de maneira alguma; pois antes virá a apostasia e se manifestará o homem do pecado, o filho da perdição, o adversário que se levanta contra tudo o que é chamado Deus ou honrado com um culto, até se sentar no santuário de Deus e se apresentar como se fosse Deus».

II Tessalonicenses II, 8:

> «E então se revelará o ímpio, que o Senhor exterminará com o sopro da Sua boca, e aniquilará com o brilho do Seu advento. Na sua aparição, esse ímpio será, pelo poder de Satanás, acompanhado de todo tipo de milagres, sinais e prodígios mentirosos, com todas as seduções da iniquidade, para aqueles que se perdem, porque não abriram seus corações ao amor da verdade que os teria salvado».

Esses poucos textos de São João e de São Paulo contêm as noções fundamentais sobre o Anticristo.

Distinguiremos quatro delas:

1. A aparição, no futuro, mas antes do Juízo Final, de um "Sedutor" que será um personagem histórico bem definido e ao qual os escritores sagrados dão antecipadamente o nome de Anticristo, homem do pecado, filho da perdição, adversário e ímpio.
2. Entre os contemporâneos dos Apóstolos, a manifestação de uma certa categoria de maus cristãos que estão imbuídos do espírito deste Anticristo e que professam sua doutrina, negando que Jesus é o Cristo, negando o Pai e o Filho, não confessando Jesus e não confessando que Jesus Cristo veio em carne (esta última acusação designa os "docetistas", ou seja, aqueles que afirmam que Nosso Senhor Jesus Cristo, na Cruz, sofreu apenas em aparência, pois, segundo eles, a carne de um Deus seria impassível). A esses maus cristãos, São João dá, por extensão, o nome de Anticristos, pois eles anunciam o Anticristo pessoal, cujas doutrinas já compartilham. É nesse sentido que o espírito do Anticristo "já está no mundo". Além disso, esses pequenos anticristos formam já, com o grande Anticristo final, um ser coletivo, que o Apocalipse chamará de "a besta".
3. São Paulo adverte os cristãos de sua geração contra os agitadores que querem convencê-los de que o "Dia do Senhor" (ou seja, o "Juízo Final") está iminente.
4. O Anticristo não será Satanás em pessoa. Ele será um homem ao qual Satanás comunicará poderes excepcionais para realizar pseudo-milagres e prodígios mentirosos.

Essas são, a respeito do Anticristo, as quatro noções fundamentais que se extraem diretamente dos textos do Novo Testamento. Os Padres e Doutores que vieram depois não acrescentarão nada de essencial a essas quatro componentes da doutrina escriturística do Anticristo. Eles apenas, ao longo da História, se encontrarão diante de personagens históricos que apresentarão notáveis semelhanças com o Anticristo final anunciado pela Escritura. A esses personagens, que se alimentam do espírito anticristão, eles darão, a exemplo de São João, o nome de anticristos.

Assim, nasceu a noção de "prefiguração" do Anticristo. Nero foi assimilado, mais precisamente comparado ao Anticristo. Juliano, o Apóstata, também. Na Idade Média, numerosos autores cristãos consideravam Maomé como um anticristo. É preciso reconhecer que tais assimilações são de grande exatidão, pois todos esses personagens da história foram terríveis "adversários" de Cristo; elas não prejudicam a noção fundamental e escriturística da "personalidade" do Anticristo dos últimos tempos. E não se pode dizer que a tradição patrística nos tenha transmitido a ideia de um Anticristo como "ser coletivo" e pessoa moral, muito pelo contrário.

São Irineu, por exemplo, se dedicou a imaginar, com base nos trechos do Antigo e do Novo Testamento que ele conseguiu reunir, como se comportaria, no futuro distante, esse formidável personagem. Ele será, diz ele, o autor de uma grande apostasia e será adorado como Deus por todos aqueles que ele tiver seduzido; fará prodígios por meio dos demônios e seduzirá os habitantes da terra, resumindo em si mesmo a apostasia universal.

A mesma doutrina da "personalidade" do Anticristo é encontrada em São Cirilo de Jerusalém:

> «Assim como o diabo enganou os homens antes da vinda de Jesus Cristo, assim também o Anticristo, na Segunda Vinda de Jesus Cristo, enganará os homens e usurpará o domínio sobre o império romano».

Sobre a questão de saber em que época aparecerá o Anticristo "pessoal", há muito tempo é aceito que será nos tempos próximos ao fim dos tempos. São Tomás de Aquino pensava assim, como muitos outros, e baseava sua opinião primeiramente em Mateus XXIV, 12:

> «E por causa do progresso constante da iniquidade, a caridade de muitos esfriará... e então virá o fim»

e, em segundo lugar, em I Timóteo 4, 1:

> «Mas o Espírito diz claramente que, nos últimos tempos, alguns abandonarão a fé, apegando-se a espíritos sedutores e a doutrinas de demônios...».

Sobre esse ponto, a tradição apostólica sempre recebeu o apoio dos místicos. A revelação privada abunda em profecias sobre as tribulações finais e o Anticristo que será o seu mais ativo agente. Citemos, em particular, Santa Hildegarda, que escreveu, a esse respeito, páginas muito claras.

E agora, como se situa "a Besta", de que tanto se fala no Apocalipse, em relação ao Anticristo?

O que ela é comparativamente a ele? A resposta a essa pergunta difere conforme as escolas.

Os partidários do Anticristo coletivo acreditam que "a besta" e o Anticristo designam uma única e mesma pessoa moral. Nessa concepção, a besta anticrística seria um vasto corpo composto que não teria cabeça.

Para os partidários da escola oposta, o Anticristo é "o chefe", ou seja, a cabeça da Besta, que é o corpo constituído por todos os homens que se alimentam do espírito do Anticristo e compartilham sua doutrina, corpo que será particularmente disforme e desmedido nos últimos tempos. Nessa concepção, a existência do corpo não exclui a do chefe. Se há um corpo, que é a besta, há também um chefe, que é o "filho da perdição". As duas noções não apenas não se anulam, mas se complementam.

A doutrina da "personalidade" do Anticristo está longe de ser estranha à tradição apostólica. Ela foi compartilhada pelos mais ilustres pontífices. Recorda-se aquela passagem da encíclica pela qual São Pio X anunciava ao mundo católico sua elevação ao trono de Pedro:

> «Quem pondera a grandeza das iniquidades modernas tem o direito de se perguntar se tal perversão não é o começo das tribulações finais... e se mesmo o "Filho da perdição" de que fala o Apóstolo já não teria aparecido entre nós».

Pode-se, portanto, afirmar que São Pio X acreditava na "personalidade" do Anticristo.

Jean Vaquié

O MITO DO GRAAL

Há alguns anos, as Edições Fideliter, da Fraternidade São Pio X, publicaram uma obra curiosa intitulada "*A Busca de Rafael*", uma espécie de conto de fadas para adultos sobre o tema da Eucaristia.

Segundo seu título e conteúdo, este livro recebeu um prefácio do Professor Borella, onde esse gnóstico guénoniano, bem conhecido de nossos leitores, pôde desenvolver o tema do Graal para um público tradicional, que geralmente desconfia dessa noção pseudo-mística.

Pareceu-nos interessante reproduzir abaixo um estudo redigido por um membro de nossa Sociedade e publicado pela primeira vez na revista "Cultura-Fé-Tradição". Nossos leitores poderão assim apreciar melhor tanto o perigo próprio dessas noções esotéricas quanto a habilidade dos gnósticos em se apresentarem sob a aparência de proposições aparentemente cristãs.

O cálice que serviu a Nosso Senhor, na Santa Ceia, para realizar a primeira Consagração, teria também sido usado por mãos piedosas para recolher o Preciosíssimo Sangue que caiu da Cruz. Esta insigne relíquia é chamada de Graal. Teria sido conservada por um tempo e, depois, perdida. A *Busca do Graal* consiste em reencontrá-la. Esta é, no imaginário público, a essência da lenda. Como, à primeira vista, perceber algo de reprovável nisso?

Foi graças ao culto prestado pelos primeiros cristãos aos Instrumentos da Paixão que a Igreja conservou a Verdadeira Cruz, o Véu de Verônica, a Santa Túnica e o Santo Sudário. Por que o Cálice da Ceia não mereceria, antecipando sua descoberta, a mesma devoção? A lenda do Graal pode muito bem pertencer ao que se chama de "maravilhoso cristão".

Infelizmente, um exame um pouco mais atento dos poemas do Graal que a Idade Média nos legou mostra que a origem e a elaboração do mito não estão, de forma alguma, isentas de influências heterodoxas. São essas influências que tentaremos, na medida do possível, elucidar.

A primeira manifestação literária da lenda do Graal é o poema PERCEVAL, escrito por Chrétien de Troyes por volta de 1190. Aqui está o resumo desta obra magistral, que é a mais típica da grande família de poemas e romances graalianos.

Um cavaleiro morreu durante um combate desigual, vítima de sua louca temeridade. Sua viúva, dolorosa e preocupada, quer a todo custo poupar seu único filho, Perceval, de um destino semelhante. Ela o leva para um castelo perdido no fundo da floresta e o cria, longe dos homens, na ignorância sobretudo do ofício das armas.

Quando Perceval tinha cerca de vinte anos, ele encontrou um dia, em uma clareira próxima ao solar, cinco magníficos cavaleiros. O sol fazia brilhar suas armaduras e seus escudos de azul, vermelho, prata e ouro. Perceval inicia com eles uma conversa que lhe será fatal. Em poucos instantes, ele aprende tudo o que sua mãe tanto se esforçou para lhe esconder. Maravilhado pelos relatos militares que ouve, decide imediatamente se tornar cavaleiro, e ao retornar ao solar de sua mãe, faz-lhe essa declaração. Em vão, ela o suplica para não abandoná-la. Ele também quer ir à corte de Arthur, o Rei que faz os cavaleiros. E ele parte de fato. Sua mãe morrerá por causa disso.

O Rei Arthur acolhe Perceval com simpatia e o instrui na ciência cavalheiresca. E eis que uma noite, após cavalgar o dia todo com a intenção de retornar ao solar de sua mãe, que deseja rever, Perceval chega à margem de um rio. Em um barco, dois homens estão sentados, um governa, o outro pesca. O pescador indica a Perceval o caminho até o castelo onde ele será hospedado para a noite.

Ele chega lá. A ponte levadiça abaixa assim que ele se aproxima. Ele é recebido magnificamente, como se já fosse esperado. O velho castelão, vestido de púrpura, está rodeado de seus numerosos cavaleiros; mas está deitado em uma cama, pois uma antiga ferida, que nada pode curar, lhe causa um sofrimento perpétuo. Conquistado por Perceval e por seus belos modos, ele prende uma espada ao seu cinturão, mas sem lhe dizer o que espera dele.

Perceval, mal cingido de sua arma, assiste passivamente a uma estranha cerimônia na grande sala do castelo do Rei Arthur. Um primeiro servo avança portando uma lança cuja ponta sangra. Dois valetes o escoltam segurando velas acesas. Em seguida, vem uma jovem misteriosa: ela carrega um Graal, ou seja, um vaso, um "veyssel" de ouro puro, encimado por uma tampa cruciforme, cravejada de pedras preciosas e irradiando um esplendor sobrenatural. Outra donzela a segue, carregando um grande prato de prata, o talher. O cortejo atravessa lentamente a grande sala e desaparece.

Imóvel e mudo, Perceval contempla essas maravilhas. Sua mente se enche de perguntas, mas sua garganta está tão apertada que ele não tem forças para expressá-las. E aprenderemos que precisamente aí estava sua desgraça. Que o céu quisesse que ele as tivesse formulado diante do ancião vestido de púrpura, pois era isso que se esperava dele.

No entanto, nenhuma decepção aparece nos rostos, nem no do velho mestre da casa, nem no dos cavaleiros. Pelo contrário, ele é cortesmente convidado a se sentar a uma mesa decorada e servida com suntuosidade. Ele faz uma refeição e depois é conduzido ao seu quarto. Ele se deita e adormece. Pela manhã, encontra suas armas e roupas todas preparadas para a partida. Seu cavalo está selado, mas nenhum criado de estábulo aparece. Não há ninguém com quem falar naquele castelo que na noite anterior estava tão animado. A ponte levadiça se abaixa e se levanta assim que ele a atravessa. Ele está novamente cavalgando sozinho por um caminho rural.

De repente, na estrada que segue, uma camponesa aparece diante dele, uma mensageira enigmática. Ela informa a Perceval que o velho homem que pescava no rio e o velho castelão deitado na cama são uma única e mesma pessoa. É o REI PESCADOR ou REI FERIDO (isto é, machucado), que esperava mais uma vez ser curado por um novo visitante. Bastaria para isso que Perceval lhe fizesse esta simples pergunta:

"Qual é, afinal, este Graal?"

Sua ferida teria então desaparecido, uma cura que, ao mesmo tempo, traria incontáveis felicidades ao castelo e à região. Perceval cometeu o erro de, em vez de falar, se fechar em silêncio. Uma grande oportunidade lhe escapou.

Esse é o tema do "Perceval" de Chrétien de Troyes, que infelizmente morreu sem ter terminado sua obra. Ele abandona, portanto, seu herói na estrada da aventura no momento em que a enigmática mensageira acaba de se evaporar. Mas o cenário está montado, os personagens principais começaram a ação, o estilo e a atmosfera foram criados. Resta apenas continuar a edificação do mito respeitando o mesmo simbolismo.

Vários contadores continuaram a obra inacabada de Chrétien de Troyes. Eles acrescentaram, conforme seus próprios espíritos, episódios que parecem bastante discordantes à primeira vista, mas que respeitam notavelmente o tema inicial.

O mais notável dos continuadores de Chrétien de Troyes é, por unanimidade, Robert de Boron. Devemos a ele dois poemas: a "HISTÓRIA DO GRAAL" e a "BUSCA". Ele foi seguido por Gaucher de Denain, depois por Manessier e, finalmente, por Gerbert de Montreuil. Todos os quatro levaram os poemas do Graal a um total de mais de sessenta mil versos.

Mas também foram escritas "continuações" em prosa. Aqui estão os títulos dos principais romances: "História do Graal", "História de Merlin", "O Livro de Lancelot do Lago", "A Busca do Santo Graal", "A Morte de Artur".

Todas essas obras surgiram, com muito pouca diferença de anos, no final do século XII e início do século XIII. Todas são de autores franceses.

Mas um contador alemão, Wolfram von Eschenbach, escreveu um último romance do Graal, sob o título de "PARZIVAL". Esta obra, embora trate de um tema semelhante, difere tão profundamente dos contos franceses que lhe dedicaremos um parágrafo especial.

Muito tempo depois, no século XIV, surgem versões espanholas, portuguesas e irlandesas. Mas elas são apenas adaptações ou mesmo simples traduções dos poemas franceses.

Os contos do Graal apresentam, principalmente, cavaleiros. Eles pertencem, portanto, à literatura cavaleiresca.

Que lugar ocupam nela? Devemos classificá-los entre as canções de gesta ou entre os romances corteses?

As CANÇÕES DE GESTA são peças épicas cujas mais belas e características retratam as guerras de Carlos Magno e formam o "Ciclo Carolíngio". Elas eram recitadas, com acompanhamento de viela, diante de um público totalmente popular. Não se deveria preocupar com nuances excessivas nos sentimentos nem com maneirismos na expressão. Deveria-se contentar com emoções fortes em uma linguagem simples. Também era conveniente que a ortodoxia da fé, unanimemente aceita, não fosse objeto da menor reserva. Daí as magníficas elevações épicas da Canção de Rolando, tipo e obra-prima do ciclo carolíngio.

Os ROMANCES CORTESES são muito diferentes. E, sobretudo, destinam-se a um público restrito e refinado, o das cortes senhoriais. Eles não são destinados ao público popular. Estão repletos de referências literárias da antiguidade grega e latina. Em geral, multiplicam-se os episódios galantes.

Os contos do Graal não fazem parte nem das canções de gesta, das quais não têm a simplicidade de inspiração, nem dos romances corteses, dos quais não compartilham a atmosfera antiga. Eles são classificados entre os CONTOS BRETÕES, que formam ainda um gênero completamente distinto, pela ambiência celta que os permeia, pelos personagens misteriosos que aparecem e pelo cenário armoricano e galês onde se desenrolam. Os contos bretões são tão abundantes que foi necessário dividi-los em vários ciclos, dos quais o principal é o CICLO ARTHURIANO, que apresenta o Rei Arthur, sua corte e seu castelo de Camelot.

Mas a exuberância da literatura arturiana é tal que foi necessário subdividi-la em "sub-ciclos", sendo o mais homogêneo e melhor caracterizado o SUB-CICLO DO GRAAL. Cerca de quinze autores trabalharam nele.

Essa é a posição do Graal na literatura cavaleiresca. Não era mau esclarecê-la antes de analisá-la quanto ao seu conteúdo.

Quais são as FONTES nas quais os contadores do Graal buscaram sua inspiração?

Conhecem-se quatro fontes distintas: **a lenda do Rei Arthur, um grupo de Evangelhos apócrifos, os romances dos Mabinogions e um livro perdido de origem provavelmente árabe ou iraniana**. Examinemos agora cada uma dessas fontes.

O REI ARTHUR, antes de ser objeto de relatos lendários, foi um personagem histórico muito real. Arthur ou Arthus ou, simplesmente, Arthu é o líder dos mais antigos habitantes celtas da Grã-Bretanha. Ele organiza, em 516 depois de Cristo, a resistência nacional e cristã contra os invasores anglo-saxões que ainda eram pagãos nessa época.

À frente dos Bretões, Arthur infligiu, primeiro, em Badon-Hill, uma derrota aos anglo-saxões. A vitória não foi fácil, pois exigiu, diz-se, doze batalhas. Arthur restabeleceu o cristianismo na Grã-Bretanha, comprometido pelos invasores. Seu reinado foi curto; durou apenas dez anos; mas deixou uma lembrança indelével.

Aí se limitam os fatos históricos: um rei cristão derrota um invasor pagão. É sobre esse tema simples que a lenda será tecida. É por essa razão que Arthur, seus cavaleiros, seus capitães, sua corte e seu castelo vão subsistir na memória popular por mais de quatro séculos, durante os quais a nostalgia arturiana vai alimentar as imaginações. A prestigiosa lembrança histórica tomará uma forma literária nos séculos XI e XII, época de eclosão dos romances do "Ciclo Arturiano", também chamados de Romances da MESA REDONDA.

Os principais personagens que gravitam ao redor do Rei Arthur são Merlin, o encantador, seu fiel companheiro, Frec, Wigamur, Gauriel, Lancelot e, finalmente, Tristão e Isolda, cujas aventuras sentimentais, um tanto conturbadas, são tão numerosas que foram reunidas em um "sub-ciclo" dos romances da mesa redonda, formando assim o contraponto do "sub-ciclo graaliano".

Certos EVANGELHOS APÓCRIFOS forneceram aos contadores do Graal a base anedótica de sua trama religiosa. De fato, é nos textos apócrifos, e não nos canônicos, que se encontra mencionado o episódio de José de Arimateia recolhendo, no Santo Graal, o precioso Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pesquisadores modernos conseguiram identificar os apócrifos que os "velhos romancistas" utilizaram: "O Protoevangelho de Tiago", "O Pseudo-Evangelho de Nicodemos", os "Gesta Pilati", a "Vindicta Salvatoris" (também chamada de "História de Vespasiano") e, por fim, uma série de documentos que se reúnem sob o nome de "História Apócrifa da Santa Cruz".

Nenhum desses textos, que são de diversas épocas, foi aceito pela Igreja no cânone das Escrituras. O que se encontra neles é, portanto, sujeito a dúvida. Ora, o tema que constitui a base do mito provém desses textos apócrifos: a suposta aparição de Jesus a José de Arimateia, durante a qual o Salvador teria lhe entregado o Graal que teria sido usado para recolher seu Sangue. Esse episódio essencial, do qual o restante da Lenda será deduzido, não é certificado pelo Magistério. Não é de todo certo que o Graal tenha tido uma existência real.

OS ROMANCES DOS MABINOGIONS. Um "Mabinogion" é, na língua do País de Gales, um aspirante à profissão de Bardo. Esse termo acabou por designar o "Caldeirão Mágico" que os Bardos costumavam usar. Os caldeirões mágicos, dos quais provinham todos os tipos de alimentos e riquezas, equivalem, segundo os autores, aos "cornucópias" da mitologia greco-latina. Os "Romances dos Mabinogions" são Contos Bretões onde aparecem esses caldeirões e esses bardos. Os nomes dos heróis, dizem, carregam essa marca. O radical galês que comumente designa o caldeirão é "per". Ora, o nome dos personagens desses romances é precisamente Peredur, que se transformou, ao atravessar o continente, em Perlesvaus e depois em Perceval. Muitos críticos consideram os "Mabinogions" como uma das fontes utilizadas pelos contadores do Graal.

UM LIVRO PERDIDO. O cronista cisterciense Hélinand de Froidmont, que escrevia em 1204 no mais tardar, afirma a existência de um livro que ele remonta ao ano 718 da nossa era; ele sabe que existem alguns exemplares em francês nas mãos de certos senhores dispersos. Para seu grande pesar, Hélinand de Froidmont não conseguiu lê-lo; ele conhece apenas sua existência e importância.

Quanto a Robert de Boron, um dos principais contadores do Graal, ele fala de um "grande livro" do qual diz: "*Aqui estão os grandes segredos escritos, que se chamam o Graal*". Robert de Boron é categórico: ele conheceu o livro por meio de seu senhor Gauthier de Montbéliard; se ele não pôde relatar mais que algumas partes, é porque o texto que ele tinha em mãos estava incompleto.

Chrétien de Troyes, ele também, na introdução de seu "Perceval", afirma dever o conteúdo de seu poema a um livro que lhe foi entregue pelo conde Filipe da Flandres: "Este é o conto do Graal que os contadores narram no livro.".

O poeta alemão Wolfram von Eschenbach, autor de um romance do Graal intitulado "Parzival", indica que se inspirou em um certo "Kyot o Provençal, o mestre bem conhecido, escreve ele, que encontrou em Toledo a matéria desta aventura, anotada em escrita árabe".

Vê-se, graças a todos esses testemunhos, que o livro perdido deixou consideráveis vestígios. Somos fortemente tentados a materializar nesse livro a influência dos contos iranianos que os críticos modernos, e

sobretudo Henri Corbin, discernem nos poemas e romances franceses do Graal. Vemos, ao examinar todas essas fontes, que a inspiração cristã, na origem do Graal, é, portanto, fortemente misturada com elementos heterodoxos.

Nos relatos do Graal, ao passar de um autor a outro, é de se esperar variantes em toda a parte anedótica. A continuidade e a homogeneidade, pelo contrário, se encontram na parte alegórica.

Segundo Robert de Boron, José de Arimateia fundou uma pequena comunidade religiosa com os membros de sua família e alguns judeus convertidos. E ele instituiu o RITO DA MESA para honrar o Graal, cuja guarda ele acabara de receber. Ele diz pouco sobre esse rito, exceto que era de tipo eucarístico. Não há dúvida de que o Graal nutria seu guardião.

Após a morte de José de Arimateia, a relíquia é confiada a Bron, seu cunhado, que a transporta para a Inglaterra. A pequena comunidade familiar, guiada por Alain, filho de Bron, vagueia pelo mundo antes de se juntar ao Graal na Inglaterra, onde Bron o havia trazido. Nesta versão, Perceval é dado como filho de Alain, mas ele se separa de seu pai, de quem perdeu a pista. Bron é então o "Rei Pescador". Perceval é o Escolhido destinado a encontrar o Graal.

Mas entre os "continuadores" de Robert de Boron, assiste-se à substituição de Perceval por Galahad. Perceval falha em sua busca pelo Graal porque não é suficientemente impecável. E é finalmente Galahad, o cavaleiro "espiritual" sem mácula, que encontra e contempla o mistério do Graal. Incessantes prodígios pontuam essas peripécias.

Após a morte de Bron, é Joséphé, o filho de José de Arimateia, quem assume a direção da comunidade do Graal e desempenha o papel de sumo sacerdote. O personagem do "Rei Pescador", também, se perpetua através das diferentes continuações. Haverá uma verdadeira dinastia desses reis, mas todos habitarão o castelo de CORBENYC. No entanto, não se deve procurar uma grande rigorosidade em sua genealogia.

Le "Roi Pêcheur" se confunde mais frequentemente, mas não sempre, com o "Roi Méhaigné", ou seja, Ferido, como vimos na versão de Chrétien de Troyes; em outras versões, os dois personagens são distintos.

Algumas versões intercalam, em diversos pontos do relato, o episódio da NEF DE SALOMON. Somos transportados para tempos antigos e nos é mostrado o Rei Salomão a quem é revelado que um de seus descendentes descobrirá o Graal. Ele então manda construir uma nave de madeira incorruptível no centro da qual coloca uma cama sobre a qual são colocados três fusos. Sobre a cama, ele deposita "uma espada com estranhas correias"; as correias dessa espada, de fato, são feitas de vulgar estopa; mas mais tarde uma virgem as substituirá por novas correias feitas com seu próprio cabelo. Esta espada está destinada ao Escolhido. Com ela, ele dará o "Golpe Doloroso" que anuncia as últimas aventuras.

O episódio do palácio de Sarraz é um dos mais constantes e é também aquele que melhor permite julgar o espírito do mito graaliano. Seguindo circunstâncias que variam de uma versão para outra, a comunidade de Joséphé se transporta, escoltando o Graal e a "Lança que Sangra", sempre inseparáveis, para a misteriosa cidade de SARRAZ (do nome de seu Rei-fundador). Esta palavra obviamente evoca os Sarracenos. É-nos revelado que esta cidade de Sarraz é uma figura da Jerusalém celeste. Em seu recinto encontra-se o PALÁCIO ESPIRITUAL destinado a abrigar o triunfo do Graal quando o Escolhido for considerado digno de descobri-lo. Dois reis sarracenos, Mordrain e Nascien, se convertem ao Graal.

É no palácio espiritual de Sarraz, durante uma visão maravilhosa, que Cristo institui um NOVO SACERDÓCIO ESPIRITUAL. Ele aparece à comunidade para sagrar bispo, com suas próprias mãos, Joséphé, filho de José de Arimateia (conferindo-lhe assim a plenitude do Sacerdócio). No altar, entre a lança e o Graal, aparece um segundo vaso de ouro de origem celestial; ora ele se distingue do Graal da Ceia, ora se confunde com ele. Imprecisão que mantém a atmosfera enigmática tão característica desses relatos.

Algum tempo após sua sagração, Joséphé, o novo bispo "espiritual", celebra um "Rito da Mesa" durante o qual Cristo se manifesta novamente e promulga o privilégio do "pequeno povo recém-nascido do nascimento

espiritual". Nascien, rei sarraceno recém-convertido, em êxtase, vê no Graal a profecia da restauração final. Joséphé é ferido pela lança cujo ferro permanece na ferida.

Mas Perceval, Bohort e Galaad, que conduziram sua busca juntos, chegam a Sarraz. Todos os três estão prestes a alcançar o objetivo, mas apenas um irá triunfar. É anunciado que o Escolhido não será Perceval (embora inicialmente pressentido), mas Galaad, o cavaleiro "espiritual".

Diante do Graal cercado por uma luz sobrenatural, Galaad é tomado pela UNIO MYSTICA, prelúdio da visão beatífica celestial. Imediatamente, Galaad cura Joséphé, que foi ferido pela "lança que sangra". Assim, a lenda do Graal, iniciada no culto de uma insigne relíquia da refeição eucarística de Jesus, termina com as núpcias espirituais que constituem o ápice da vida mística. A impressão de uma intensa vida cristã se mantém do início ao fim. Não é de se admirar que alguns críticos modernos vejam, nos romances do Graal, a marca de uma influência cisterciense muito acentuada.

Mas o cristianismo do Graal é tão ortodoxo quanto parece?

Para responder a esta questão, tentaremos desvendar as alegorias contidas nos personagens, objetos e ritos. É aí que se esconde todo o esoterismo do Graal.

OS PERSONAGENS: Suas aventuras sofrem variações de uma versão para outra. Mas a alegoria que eles encarnam permanece a mesma em todos os lugares. O Rei Arthur recruta e forma a maioria dos cavaleiros do Graal. Seu castelo de Camaalot é como o pritaneu deles. Esses cavaleiros representam os vários graus de avanço da alma na vida mística. Na base da escala está Gauvain, o tipo de soldado "terreno", ou seja, terra-a-terra, intrépido e rigoroso, mas sem ideal. No topo, culmina Galaad, o cavaleiro "celestial" por excelência. Entre os dois, escalonam-se Bohort, Aiol, Doon, Tyolet, Fergus, Lancelot, sem esquecer Perceval, que também passou por Camaalot.

Merlin, o encantador, o inseparável companheiro do Rei Arthur, aparece pouco no Graal. Ele é principalmente um personagem arturiano.

As mulheres não são numerosas. Blanchefleur e Hélaine pertencem principalmente, elas também, à "Távola Redonda". Guinevere, esposa do Rei Arthur, é cortejada por Lancelot. Várias "jovens enigmáticas" fazem misteriosas aparições na liturgia, transmitindo mensagens ou advertências. Não se sabe de onde elas vêm. Uma delas, no entanto, é a irmã de Perceval.

Os "Reis Pescadores", que às vezes também são os "Reis Feridos", habitam o castelo de Corbényc, que é muito mais "espiritual" do que o de Camaalot. Eles constituem uma espécie de dinastia cuja origem remonta, em princípio, a José de Arimateia. Eles foram constituídos guardiões do Graal que os alimenta.

Mas o que eles representam senão a espera do Eleito e, portanto, da "grande Revelação" que ele deve trazer?

Os comentadores modernos não fornecem explicações muito claras. Os Reis sarracenos convertidos são apenas dois: Mordrain e Nascien.

Mas ao que eles são convertidos? Ao catolicismo romano? Certamente não. Eles são convertidos ao Graal.

Eremitas aparecem nos momentos de perturbação para confessar os cavaleiros ou dar-lhes conselhos. Um deles se chama Nascien, mas não tem nada em comum com o rei sarraceno convertido; é um personagem completamente diferente com o mesmo nome de Nascien. **O clero secular nunca aparece nas histórias do Graal. Encontramos capelas, monastérios, "abadias brancas", mas nunca igrejas paroquiais e catedrais, nunca o bispo residente**.

OS OBJETOS. O mais prestigioso é obviamente o Graal. Ele contém às vezes o Precioso Sangue, às vezes hóstias. Mas também tem um valor em si mesmo, pois constitui um mistério a ser elucidado. Somente o Eleito, primeiro, e depois dele, uma pequena elite poderão alcançar essa gnose, ou seja, a compreensão desse

mistério. Enquanto isso, nenhum profano deve contemplar o Santo Vaso. **Nisso, pelo menos, ele se distingue do Santíssimo Sacramento Exposto, em uso na verdadeira Igreja institucional, que é, ao contrário, destinado à adoração popular**.

A "Lança que sangra" forma com o Graal um binômio inseparável. Quando eles processam, é juntos. Esta lança é a de Longino, é claro, aquela que abriu o coração de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os exegetas atuais se comprazem em comentários sobre o binômio Lança-Graal. Eles veem nele, como era de se esperar, a alegoria do masculino e do feminino.

O talhador é o prato que continha o cordeiro pascal da Última Ceia. Em nossos romances, ele desempenha um papel ambíguo, em concorrência com o próprio Graal. Pode-se perguntar se ele não representa, discretamente, um Graal mais ou menos hebraico.

A espada faz frequentes aparições, mas vê-se que é um vestígio dos romances arturianos. A espada traz muitas desgraças. Ela fere o Rei e torna a terra estéril. Finalmente, ela se quebra e será necessário que o Eleito Galaad a solde novamente.

OS RITOS do Graal são claramente esotéricos. O protótipo nos foi mostrado pelo "Rito da Mesa" celebrado por José de Arimateia rodeado por sua pequena comunidade. Sabe-se também que uma "Missa do Graal" é celebrada todas as noites no castelo de Corbényc, mas não nos é dito o que acontece lá. Assistimos principalmente a duas dessas missas: a primeira na presença de Galaad e seus onze companheiros em Corbényc; a segunda no "Palácio espiritual" de Sarraz no dia da morte extática de Galaad; o celebrante é então Joséphé que desce do céu em um trono sustentado por quatro anjos.

O sacerdócio espiritual com o qual Joséphé é investido por Jesus Cristo Ele mesmo é apresentado como superior ao de Pedro. Certamente, Pedro e o sacerdócio hierárquico não são desconhecidos nos romances do Graal. Um certo Perron aparece na Estoire de Robert de Boron. Mas ele é sempre relegado ao segundo plano, ao de acólito. Além disso, ele recebe seu ensinamento dos outros personagens do Graal. A Igreja de Pedro é encarregada de anunciar a chegada futura da Igreja espiritual. Perron está ausente do "Palácio espiritual" de Sarraz quando Joséphé recebe a plenitude do sacerdócio. É Joséphé quem é o verdadeiro pastor dos companheiros do Graal. Acrescentemos a isso que são frequentes as cerimônias mais ou menos claramente iniciáticas.

Os contadores que participaram da elaboração do mito eram todos contemporâneos uns dos outros. Todos viveram no final do século XII e início do XIII. Pode-se, portanto, perguntar se eles não constituíam uma espécie de confraria espiritual, mais ou menos coerente, como era frequente naquela época.

Pode-se supor que uma influência cátara tenha sido exercida sobre eles?

Isso foi sugerido às vezes, mas é pouco provável, pois não se encontra, na mística do Graal, nenhum traço do maniqueísmo radical que é tão característico do pensamento albigense.

Pertenciam eles a alguma linhagem "joanina"?

Provavelmente não, já que não é São João que é apresentado como detentor do sacerdócio espiritual, mas Joséphé, filho de José de Arimateia. Pode-se excluir o joanismo propriamente dito.

Alguns comentadores modernos observam que os romances do Graal são contemporâneos de Joaquim de Fiore, aquele ex-cisterciense italiano que ensinava a iminência da era do Espírito Santo. Para ele, a história da salvação se divide em três eras: a era do Pai, que coincide com o Antigo Testamento, a era do Filho, que corresponde ao Novo Testamento, e a era do Espírito Santo, que é a dos últimos tempos nos quais teríamos entrado. Ora, alguns franciscanos dissidentes se juntaram aos discípulos de Joaquim de Fiore. Eles tomaram precisamente o nome de "espirituais". Sua influência se exerceu rapidamente na França e na Inglaterra, especialmente na nobreza.

Tal parentesco, mesmo que não seja muito organizado, explicaria o "messianismo espiritual" do qual os Poemas e romances do Graal estão impregnados. Compreender-se-ia então muito bem a comunidade dos "pobres espirituais" de Joséphé, guardiã do Graal e detentora de um segredo cuja revelação marcará o advento do Espírito Santo.

O que é certo é que há, na "arte confusa de nossos velhos romancistas", como dizia Boileau, inúmeras insinuações que colocam sua obra coletiva totalmente à margem do cristianismo ortodoxo.

WOLFRAM VON ESCHENBACH é o último dos autores do Graal. Ele era originário do Palatinado. Suas duas principais obras: "Titurel" e "Parzival" foram compostas em 1200 e 1220. Com ele, o mito assume um caráter claramente esotérico, pode-se mesmo dizer gnóstico. As fontes árabes que mencionamos tornam-se evidentes. O Graal já não é o "Santo Vaso" cantado por Chrétien de Troyes. É uma enorme esmeralda escavada em forma de cálice e caída da testa de Lúcifer quando este foi precipitado do céu.

É Wolfram von Eschenbach quem faz a mais clara alusão a esse "Mestre Kyot que encontrou em Toledo a matéria desta aventura, anotada em escrita árabe". Matéria que se tornou a trama de seu poema. Assim, ele abandona o mundo arturiano para substituí-lo por um mundo oriental. O centro de suas aventuras não será mais o castelo de Corbenyc, nem mesmo o palácio espiritual de Sarraz. A pedra de esmeralda em forma de cálice será guardada no castelo de MONTSALVAGE. Templários serão os guardiões deste novo Graal, do qual podemos nos perguntar se é cristão ou luciferino.

Certamente, o antigo cenário não é totalmente abandonado. Assim, apenas seres puros podem levantar e carregar a pedra. Todos os anos, na Sexta-Feira Santa, seu poder maravilhoso é renovado por uma hóstia que uma pomba traz do céu. Não se abandona totalmente o cristianismo, o que seria impossível naquela época. Simplesmente, ele é atenuado.

A "Queste" também não se desenrola da mesma maneira. A nova busca do Graal torna-se a progressão de Parzival, de obstáculo em obstáculo, em direção ao mundo do absoluto situado fora do tempo e do espaço. No entanto, Parzival já pertence a esse mundo, sem saber, por sua própria natureza. A ascensão em direção ao Graal, símbolo do absoluto, faz com que ele tome consciência de sua verdadeira natureza. Essa ideia é tipicamente gnóstica. O Graal de Wolfram von Eschenbach também se envolve em astrologia e alquimia.

Assim, é criado o Graal germânico, que dormirá por muito tempo e que Richard Wagner despertará seis séculos depois. Para compor o libreto de Parsifal, que foi sua última ópera, Wagner fez um trabalho de síntese. Ele não abandonou completamente os romances franceses. Ele se inspira neles, em particular, para a cena final da cerimônia da Ceia. Mas, por exemplo, para a marcha fúnebre de Titurel, ele retorna a Wolfram von Eschenbach. É o castelo de Montsalvat, e não mais o de Corbenyc, que abriga o Graal germânico. O Eleito não é mais Galaad, mas Parsifal.

Atualmente, os contos do Graal são objeto de um estudo aprofundado por parte de alguns intelectuais. Até mesmo sociedades eruditas foram criadas para a compilação desses antigos textos. Uma certa moda, no grande público, começa a se delinear. Entre os trabalhos de estudo, podemos citar:

"Sendas na Floresta do Graal" por Pierre David, Coimbra 1943.

"Luz do Graal", coletânea coletiva dos Cahiers du Sud, Paris 1951.

"A Queste do Santo Graal, Romance cisterciense" por Irénée Vallery-Radot, Bélgica 1956.

"O Islã e o Graal", por Pierre Ponsoye, Paris 1957.

Diante da realidade do entusiasmo público ou para estimulá-lo, o fato é que o CNRS reuniu em Estrasburgo, em 1954, um Colóquio Internacional sobre o tema: "Os Romances do Graal na Literatura dos séculos XII e XIII", Colóquio ao qual participaram acadêmicos e escritores de grande valor, mas cuja orientação não era particularmente cristã.

O mito do Graal é um veículo ideal para os neo-gnósticos que trabalham para familiarizar os tradicionalistas com a ideia de um esoterismo cristão.

De fato, essa lenda permanece, na mente do grande público, inseparável do cristianismo mais seguro, devido à sua origem e ao seu epílogo: a origem é o cálice da Ceia e o epílogo é a morte extática do cavaleiro sem mancha. Inserida entre esses dois extremos, a lenda, portanto, não inspira nenhuma desconfiança prévia. Pelo contrário, ela se beneficia de um preconceito favorável. Os leitores não prevenidos correm, portanto, o risco de se deixar seduzir pelo cristianismo "espiritual" e extra-hierárquico desses poemas, cujo encanto céltico e cavalheiresco ainda opera sobre muitas mentes.

E no entanto, a participação das doutrinas heterodoxas nos romances do Graal é muito substancial. Ela é evidenciada por uma multidão de obras recentes. A influência dos contos árabes na origem de nossos relatos medievais interessa particularmente os pesquisadores modernos. Henri Corbin acredita que existe, nos contos épicos do Irã, o equivalente do Graal. Esse Graal iraniano não é nada mais, segundo ele, do que a "Taça maravilhosa" de Djmeshid, na qual o "Rei Místico" vê todo o universo. Ele trata desse assunto em seu livro "Da Epopeia Heroica à Epopeia Mística". Ele aprofunda ainda mais essa questão no livro "No Islã Iraniano", onde dedica o capítulo "A Luz da Glória e o Santo Graal" ao equivalente iraniano e islâmico do Graal cristão.

Dois livros recentes são capazes de mostrar o ardor quase fanático dos neo-hermetistas em excitar o interesse do grande público pelos romances do Graal:

"Perceval e a Iniciação" por Pierre Gallois, nas Edições do Sirac, 1972 e "O Mito do Graal e a Ideia Imperial Gibelina" por Julius Evola.

Se nos reportarmos a essas duas obras, veremos que não exageramos o perigo.

Jean VAQUIÉ 1989

OS MANIFESTOS ROSACRUZES

Jean Vaquié

O adjetivo "rosacruciano" qualifica tudo o que diz respeito à Rosa-Cruz. E o substantivo "rosacrucianismo" designa a doutrina em uso na *Rosa-Cruz*. Mas o que é afinal essa misteriosa e famosa Rosa-Cruz?

Se nos atermos à simples emblemática, a Rosa-Cruz é a associação de uma rosa e uma cruz. É uma rosa colocada no centro de uma cruz, originalmente no centro de uma cruz latina, posteriormente no centro de todos os tipos de sinais cruciformes.

O que pode ser mais cristão do que a rosa e a cruz? A rosa é um dos emblemas da Mãe de Deus, que nas litanias a ela dedicadas é saudada com o nome de "Rosa Mística", com o sentido simples e evidente de beleza oculta.

Os elementos constitutivos do emblema rosacruciano são, portanto, de origem cristã, não há dúvida. Mas é a associação desses dois elementos constitutivos que deu origem a uma nova convenção. Nova convenção que é muito menos cristã do que os elementos constitutivos tomados isoladamente. De fato, **a rosa e a cruz associadas encobrem sempre uma intenção de *desvio* do cristianismo institucional.**

Historicamente, a "rosa-cruz" foi escolhida como estandarte por uma sociedade de pensamento cujas primeiras manifestações vamos examinar e cujo dinamismo é inteiramente dirigido para a reforma universal, ou seja, no sentido do derrubamento das instituições históricas cristãs e no sentido de sua substituição por outra coisa. Outra coisa que se trata precisamente de elaborar. O estandarte rosacruciano é cristão em suas aparências, mas a mercadoria que cobre não o é.

Três toques de clarim teutônicos anunciaram abruptamente, nos primeiros anos do século XVII, a existência, que já se suspeitava vagamente, da *Fraternidade da Rosa-Cruz*. Esses três toques de clarim são os três Manifestos rosacrucianos que vamos estudar agora.

E se eles têm lugar em nossa investigação sobre as doutrinas revolucionárias, é precisamente porque inauguraram, ao menos em certo plano, a fase da **reforma política.**

A "Reforma" luterana tinha sido sobretudo religiosa. A "Reforma Universal" que os irmãos da Rosa-Cruz empreenderam ruidosamente se estende **à filosofia, à ciência e à política dos Estados**. Examinemos tudo isso.

Quais são, então, esses **três manifestos** cujo tom foi tão estrondoso? O primeiro intitula-se ***Fama Fraternitatis*** e data de 1614. O segundo é a ***Confessio Fraternitatis*** e foi publicado no ano seguinte, 1615. O terceiro tem por título ***As Bodas Alquímicas de Christian Rosenkreutz,*** editado em 1616.

Para situar no tempo os Manifestos rosacrucianos, é preciso lembrar que na época de sua publicação (1614-1616), Lutero era um homem do passado recente, morto em 1546, há 70 anos, enquanto Cromwell era um homem do futuro, portanto um homem ainda desconhecido, sua república datando de 1653, ou seja, 37 anos depois. Esse é o enquadramento cronológico e eventístico dos Manifestos que temos agora a analisar, sem mais demora.

* * *

A ***Fama Fraternitatis***, em primeiro lugar, pois é o primeiro em data. Estamos, portanto, em 1614, no Wurtemberg, ou seja, entre a província de Baden, que cobre a Floresta Negra, e o Reino da Baviera. E estamos na Universidade de Tübingen.

Em certas edições, o título do primeiro Manifesto está gravado em um medalhão rodeado de guirlandas ao estilo do início do século XVII: *Fama Fraternitatis ou Confraria da Muito Louvável Ordem da Rosa-Cruz*. 1614. Não há nem nome do editor, nem nome da cidade de origem. Apenas a menção Würtemberg.

E também não há nome do autor. Mas, além de algumas suposições que foram rapidamente abandonadas, suspeitou-se unanimemente que **Valentin Andrea** fosse o redator da *Fama*. Esse Valentin Andrea era um jovem pastor luterano de menos de trinta anos, muito conhecido por ser muito dinâmico, muito ativo e até mesmo muito aventureiro.

Fama é uma palavra latina que significa renome, glória. O tom é enfático desde o título e vai permanecer assim até o fim. O documento se apresenta como uma declaração solene que se dirige aos Príncipes e às autoridades da ciência:

> "Nós, irmãos da Fraternidade da Rosa-Cruz, dispensamos nossa saudação, nosso amor e nossas orações aos regentes, às ordens, aos homens sábios e a todo homem que lê nosso eco com intenção cristã."

De fato, vão nos expor uma certa forma de Cristianismo. Mas será um cristianismo livre, um cristianismo insatisfeito e rebelde. Em resumo, será **um cristianismo revolucionário**.

O texto narra as circunstâncias que justificam esta solene declaração:

> "Deus tem atualmente favorecido o nascimento de espíritos altamente iluminados que têm como **missão** restabelecer em seus direitos a arte (diríamos cultura, civilização) em parte manchada e imperfeita, para que o homem compreenda plenamente tanto a nobreza e magnificência que lhe são inerentes quanto sua condição de ***microcosmo***, e ainda a profundidade de suas possibilidades na compreensão de sua própria natureza."

A *Fama* nos anuncia, portanto, **uma reforma da filosofia** que finalmente nos ajudará a compreender nosso estado e nosso status de ser humano, estado e status cuja inteligência profunda nos escapa até agora. E o texto continua:

> "Ora, Deus gratificou nosso século com uma **multidão de revelações**, pelo livro da natureza e pela regra de todas as artes".

Em outras palavras, o progresso que se manifestou recentemente em todas as ciências anuncia **uma renovação completa da civilização.**

Aqui está agora a apresentação do genial filósofo que é **o fundador da ordem da Rosa-Cruz** em nome de quem a declaração é feita:

> "Assim nasceu o projeto de uma reforma universal à qual nosso falecido Pai **Christian Rosenkreutz**, espírito religioso e **altamente iluminado**, alemão, chefe e fundador de nossa Fraternidade, dedicou grandes e longos esforços."

E a declaração preliminar termina com considerações um tanto rebuscadas que podem ser resumidas assim: **não é mais tempo de se ater aos antigos dogmas, é preciso, ao contrário, revisar seus conhecimentos para recomeçar com bases novas.**

Aqui temos a quintessência da intenção que será desenvolvida a seguir: uma **reforma universal** que será o prolongamento da reforma mais propriamente religiosa de Lutero. Será uma **reforma da ciência e da filosofia**, já que a *Fama* se dirige às notabilidades intelectuais ("as ordens"). E será também uma **reforma da**

política dos Estados, já que esse mesmo documento se dirige aos "regentes", ou seja, aos Príncipes.

Terminamos com as considerações preliminares, com as "generalidades". Elas são relativamente curtas, mas condensam bem as intenções do autor.

Depois disso, todo o resto deste primeiro "manifesto" será dedicado à biografia do fundador da Fraternidade da Rosa-Cruz, Christian Rosenkreutz.

Não demora a se convencer de que esse Christian Rosenkreutz é um personagem mítico. Mas também é um personagem típico. Ele apresenta todos os traços comuns desses **iluminados gyrovagos** que, no final da Idade Média, misturando-se aos estudantes sérios, percorreram a Cristandade e peregrinaram de Universidade em Universidade, seja para assistir a aulas, seja para ministrá-las. Um dos modelos mais completos desse tipo de personagens é incontestavelmente **Paracelso**, que precisamente Valentin Andrea, o autor da *Fama*, toma explicitamente como **exemplo**.

Paracelso é um **médico** e um **alquimista** suíço que realmente existiu. Ele viveu no início do século XVI, de 1493 a 1541, portanto 73 anos antes da publicação da *Fama*. Vamos encontrá-lo daqui a pouco, mas ouçamos Valentin Andrea nos contar a vida mítica e típica de Christian Rosenkreutz.

Entremos, portanto, na "Canção de Gesta Rosacruciana" que vai nos lembrar, em muitos aspectos, os romances e os poemas do ciclo do Graal; ela nos lembrará especialmente, evidentemente, os romances do Graal da segunda geração, não os de Chrétien de Troyes, nos quais a inspiração cristã ainda é predominante, mas os de Wolfram von Eschenbach, onde a **influência árabe** prevalece.

Christian Rosenkreutz teria nascido em 1378. Seus pais, nobres e pobres, como convém, o confiam a religiosos que lhe proporcionam uma instrução cuidadosa, ensinando-lhe latim e grego. É evidente que essa criança predestinada se mostra extremamente precoce. É difícil que seja diferente. Assim que suas forças o permitem, ele parte em peregrinação ao Santo Sepulcro, acompanhado por um dos religiosos do colégio onde foi educado.

Mas eis que, na escala de Chipre, o religioso acompanhante adoece e morre. Os laços que ligam o jovem à religião institucional acabam de se romper. Christian Rosenkreutz, que atingiu sua plena maturidade intelectual e que não precisa mais de seu mentor, continua sozinho sua peregrinação.

No entanto, em vez de ir diretamente a Jerusalém, ele faz uma longa parada em uma cidade da Turquia, onde ganha a vida exercendo a medicina, apesar de sua pouca idade, que Valentin Andrea parece ter um pouco esquecido.

É nesta cidade da Turquia que ele ouve falar, pela primeira vez, dos ***sábios de Damcar*** e das revelações que lhes foram feitas sobre toda a natureza. Aqui temos, portanto, "Sábios", notemos de passagem, que recebem **revelações**, não mais sobre coisas sobrenaturais, como os santos do cristianismo, mas sobre as coisas da **natureza**. Não sejamos muito rigorosos quanto à origem dessas "revelações".

Não precisa de mais nada para Christian Rosenkreutz se desviar de sua peregrinação ao Santo Sepulcro. Ele toma uma bifurcação completamente sintomática do estado de espírito que agora o regerá: ele parte para a cidade de Damcar e não se falará mais do Santo Sepulcro.

O que é, então, essa cidade de Damcar? Seria Damasco ou Damieta? Não se sabe. Só nos dizem que ela está situada na Arábia, uma Arábia romântica onde a precisão geográfica não é necessária.

Em Damcar, Rosenkreutz entra em conferência com os sábios de quem tanto ouvira falar. Eles lhe dão para ler um livro surpreendente que é para ele uma verdadeira revelação: o **Liber Mundi.**

Esse *Liber Mundi* existe realmente. É uma obra ocultista árabe do século XIV. Trata do **simbolismo natural**, ou seja, das **correspondências entre o homem microcosmo e o universo macrocosmo.**

Rosenkreutz traduz o *Liber Mundi* para o latim e o mantém doravante em sua bagagem. Pois ele parte agora para o Egito, que ainda falta em sua formação.

A *Fama* não se estende sobre o que Rosenkreutz fez no Egito e o que ele aprendeu lá. Do Egito, ele passa para o Marrocos.

A etapa do Marrocos será a mais importante de sua peregrinação desviada.

Em Fez, ele fica maravilhado com o nível intelectual dos sábios árabes e mais ainda com sua organização. Pense que todos os anos, em Fez, se realiza uma grande assembleia de sábios vindos de todos os países muçulmanos. Eles se reúnem para confrontar suas descobertas do ano em matemática, física e magia. Christian Rosenkreutz permanece dois anos em Fez e aprende muito.

Ele passa então para a Espanha, com em sua bagagem, acompanhando o Liber Mundi traduzido para o latim que o segue desde Damcar, uma infinidade de objetos preciosos trazidos da Turquia, Arábia, Egito e Marrocos.

Instalado na Espanha, ele se põe a difundir sua experiência, seus conhecimentos e sua filosofia. Ele escreve a todos os "sábios", não só da Espanha, mas de toda a Cristandade. Ele redige para eles "uma **axiomática** nova que permite **resolver absolutamente todos os problemas**". O texto da *Fama* não diz mais nada e não cita nenhuma das frases dessa axiomática. Trata-se de uma sistematização do método experimental? Não se sabe. Infelizmente, os sábios cristãos não estão prontos para um ensino tão elevado. Eles se dão ao trabalho de responder às cartas de Rosenkreutz, claro, mas é para lhe informar que acham sua axiomática **ridícula**.

Diante dessa incompreensão geral, Christian Rosenkreutz conclui a necessidade de: "fundar na Europa uma sociedade que possuísse bastante **ouro e pedras preciosas** para emprestar aos **Reis** em condições interessantes. Sociedade que também se encarregasse da **educação dos Príncipes**. Sociedade ainda que soubesse **tudo** o que Deus concedeu aos homens saberem, para que se pudesse, como os pagãos com seus ídolos, recorrer a ela em caso de necessidade!"

Em suma, Rosenkreutz, ou melhor, Valentin Andrea, o verdadeiro autor da *Fama fraternitatis*, sonha com uma academia permanente, uma **sociedade de pensamento** que educaria os Príncipes e reinaria, por sua organização, sobre as consciências e os espíritos.

Aqui, o texto da *Fama* interrompe a biografia de Christian Rosenkreutz para se entregar a considerações gerais, muito interessantes por sinal, pois nos revelam as **doutrinas** de Valentin Andrea.

Aprendemos que, no tempo de Christian Rosenkreutz (o que nos remete ao último quarto do século XIV):

> "o mundo já estava grávido de uma grande transformação... e esse mundo já gerava heróis inesgotáveis e gloriosos que faziam explodir as trevas da barbárie... Esses heróis constituíam a ponta do triângulo de fogo cujo brilho da chama não cessava de aumentar e que acenderá, sem dúvida, o último incêndio que consumirá o mundo".

Como exemplo desses "heróis inesgotáveis e gloriosos", a *Fama* cita obviamente Paracelso, um dos grandes protótipos do "sábio", e acrescenta logo em seguida:

> "Certamente Paracelso não aderiu à nossa Fraternidade. Mas ele era um leitor assíduo do *Liber Mundi*..."

Essa digressão na ordem da filosofia da história sendo terminada, a *Fama* retoma a biografia romanesca de Christian Rosenkreutz.

Nós o deixamos na Espanha, no momento de seus apelos infrutíferos aos sábios da Europa. Ele não vai permanecer na Espanha, tão longe de tudo.

Ele volta para seu país, a Alemanha, fortalecido por seus conhecimentos filosóficos e, em particular, por seus conhecimentos em **alquimia espiritual**, embora nutrindo uma forte animosidade em relação aos alquimistas operativos, que considera como charlatães.

Na Alemanha, ele manda construir uma **vasta e confortável residência** onde se põe a "meditar sobre suas viagens e sua filosofia para constituir um memorial preciso". É nessa confortável residência que ele constrói muitos belos instrumentos, a maioria dos quais, infelizmente, se perderam hoje em dia.

Então ele começou o **recrutamento** da Fraternidade, cuja necessidade ele havia sentido quando estava na Espanha, com vistas à **grande mutação universal**. O texto da *Fama* fornece pelas suas iniciais os nomes dos três primeiros irmãos da Rosa-Cruz. Essas três séries de iniciais deram origem a muitas suposições entre as quais não temos que escolher. Pouco importa quem foram os primeiros irmãos da Rosa-Cruz. O que é certo, de acordo com a *Fama*, é que Rosenkreutz os fez contrair um **compromisso supremo** em relação a ele, um compromisso de **fidelidade, diligência** e **silêncio**.

A Fraternidade Rosacruciana vivia dos cuidados que os irmãos dispensavam aos doentes. Mas os doentes se tornaram muito numerosos. Foi necessário recrutar oito novos membros. Foi somente então que a **regra** da Confraria foi redigida.

Aqui estão os principais artigos: Proibição de exercer qualquer profissão além de curar os doentes; proibição de usar um hábito especial; obrigação de se reunir anualmente na casa dos fundadores, doravante chamada "**Casa do Espírito**"; a confraria deve permanecer **desconhecida por dois séculos**; obrigação de escolher um **sucessor**.

Então ocorre a cerimônia da dispersão solene dos irmãos da Rosa-Cruz. Cada um partiu para a região que lhe havia sido atribuída, a fim de trabalhar separadamente na **grande reforma universal**, desempenhando o papel de fermento disperso na massa.

Aqueles que publicaram, em 1614, a *Fama Fraternitatis* declaram ter pertencido à terceira cooptação.

O texto então contém esta surpreendente declaração, na qual se sente a pena do ardente pastor luterano Valentin Andrea:

> "Sem duvidar dos notáveis progressos que o mundo realizou no espaço de um século, temos, no entanto, a convicção da imutabilidade de nossos axiomas até o Juízo Final... Temos a certeza de que nossos pais, se tivessem aproveitado dessa luz viva que nos banha hoje, teriam tido mais facilidade para curtir o couro do papa e de Maomé, em vez de recorrer apenas a suspiros".

Declaração realmente surpreendente sob muitos aspectos, especialmente por constituir uma verdadeira manifestação de **iluminismo**:

> "Se nossos pais tivessem aproveitado dessa luz viva que nos banha hoje..."

A *Fama* nos reservaria ainda um episódio repleto de cor: a descoberta do túmulo de Christian Rosenkreutz.

Mas não temos tempo de nos demorar nisso. É preciso terminar com esse primeiro Manifesto.

A *Fama* é indiscutivelmente um chamado ao **recrutamento** "Embora não tenhamos indicado atualmente nem nosso nome (de autor), nem o local de nossa assembleia, é certo que os avisos de todos nos chegarão." O que significa que todas as precauções são tomadas para que os "sábios" interessados possam entrar em contato

com os irmãos da Rosa-Cruz.

Mas a Fraternidade não tem, no entanto, o desejo de se tornar uma associação pública. Ela pretende permanecer **oculta**. Ela quer permanecer uma **sociedade secreta**. É pelo menos o que afirmam, com certa grandiloquência, as três últimas linhas deste primeiro Manifesto:

> "É necessário que nossa morada, ainda que 100.000 homens tenham podido contemplá-la, permaneça intacta para a eternidade aos olhos do mundo ímpio, à sombra de tuas asas, ó Jeová."

* * *

O segundo Manifesto rosacruciano é a ***Confessio Fraternitatis***, cujo título completo é: "*Confessio Fraternitatis ou Confissão da Insigne Fraternidade da Muito Honrada Rosa-Cruz Dirigida aos Homens de Ciência da Europa*. 1615."

Também aqui não há nome de editor, nem de autor. Mas comumente se atribui este segundo texto ao mesmo redator do primeiro, ou seja, a **Valentin Andrea**.

É um documento muito curto. Ele contém apenas quatorze pequenos capítulos de 15 a 20 linhas cada. É uma sequência de declarações de princípios entre as quais temos dificuldade em escolher as mais características. Não podemos citar tudo. Nossa seleção será necessariamente arbitrária.

Do primeiro capítulo reteremos apenas a noção da "**nova manhã**" que se prepara:

> "Neste dia, o mundo está prestes a atingir o estado de seu repouso, antes de se apressar para outra manhã, após o cumprimento de seu período e de seu ciclo."

O capítulo II se resume assim: **A antiga filosofia** (**escolástica) está doente**. Em seu seguimento, o mundo está doente. Mas a renovação universal é iminente.

O capítulo III convida os sábios a vir saborear, na Fraternidade, "as maravilhas do sexto tempo".

Do capítulo quarto, pode-se extrair isso:

> "...vamos **desmantelar e abandonar o velho edifício** desagradável... vamos **construir um novo castelo e uma nova fortaleza para a Verdade**. Aos Rosa-Cruzes está reservado o acendimento do sexto candelabro."

O capítulo quinto deveria ser citado integralmente. Retiremos apenas esta frase sibílica:

> "...somos encarregados de organizar na Europa **o governo**. Possuímos uma **descrição estabelecida** por nosso Pai Christian. Isso, depois que se tenha realizado e cumprido o que deve acontecer anteriormente. A saber, quando as predições, murmuradamente, de um futuro que se pressente com a ajuda de **símbolos secretos**, **tiverem preenchido toda a terra**".

Deveríamos ver aí a evocação de um **plano revolucionário por etapas sucessivas**? Ou se trata apenas de uma fanfarronice? O sintoma é um pouco muito tênue para que possamos decidir.

O capítulo VI se resume a isto: **que não se tente nos infiltrar**, **não se conseguirá**.

Capítulo VII: a próxima reforma será a **reabertura do paraíso terrestre**.

O capítulo oitavo relata o aparecimento de astros desconhecidos em certas constelações. Eles anunciam a proximidade da **renovação**.

O capítulo nono anuncia a elaboração pelos irmãos de uma **escrita mágica e** de uma **nova língua**.

O capítulo X é **a apologia da Bíblia**, que todos são convidados a **aplicar à letra**.

O décimo primeiro capítulo retifica o julgamento muito severo feito pela *Fama* sobre os **alquimistas**. O capítulo décimo segundo, por outro lado, alerta contra os charlatães.

O décimo terceiro capítulo é o da cordialidade teutônica e württembergense:

> "O que vocês dizem, boas pessoas, como se sentem agora que entendem e sabem que proclamamos o Cristo com toda inocência, que condenamos o Papa, que levamos uma vida de cristãos... Você não pensa em se iniciar ao nosso lado, levando em conta não apenas seus dons interiores, mas também sua experiência da Palavra de Deus".

Décimo quarto e último capítulo: A Fraternidade permanecerá **secreta**. Ela não se revelará ao exterior até que um **decreto divino** particular a tenha expressamente convidado a fazê-lo.

Assim se encerra a "*Confessio Fraternitatis*", texto muito menos romanesco e menos pitoresco que a *Fama*, mas muito mais revelador quanto ao **espírito** e à **organização** da Confraria Rosacruciana.

* * *

O terceiro Manifesto rosacruciano se intitula, em alemão, ***Chymische Hochzeit Christiani Rosenkreutz anno 1459***. A obra é editada, não mais em Württemberg, mas em Estrasburgo, em 1616. Ela é supostamente escrita pelo próprio Rosenkreutz.

Esse terceiro Manifesto é ainda da pena de Valentin Andrea? É menos certo do que para os dois primeiros. Este texto é um **romance ao mesmo tempo cavaleiresco e alquímico**. Ele é, sem dúvida, eminentemente **alegórico**. Christian Rosenkreutz, que se coloca em cena ele mesmo, por vezes assume os traços de Perceval nos romances do Graal.

De uma maneira geral, a semelhança das "Núpcias Químicas" com os romances do Graal, segunda maneira, é notável, e pode-se surpreender que ela não tenha sido mais frequentemente evidenciada.

O romance dessas "Núpcias" se desenrola em sete dias. Não temos tempo de nos demorar em cada uma dessas sete fases. Resumiremos apenas os episódios mais importantes.

O "primeiro dia" conta **o convite para as Núpcias**. Estamos na véspera da Páscoa. Rosenkreutz está sentado a uma mesa e medita. Ele medita sobre mistérios "dos quais alguns lhe foram revelados pelo **mestre das luzes**". De repente, uma terrível tempestade se levanta no meio da qual aparece uma "**visão gloriosa**".

Um personagem magnífico aparece, vestindo roupas azul-celeste e brilhando de luz. Em sua mão direita, ele carrega uma trombeta de ouro na qual está escrito o nome de Christian Rosenkreutz. Na outra mão, ele carrega um pacote de cartas que vai distribuindo por todo o mundo. É o convite para as "Núpcias Reais". Rosenkreutz recebe o seu. Ele pode ler:

> "Dirija-se para a montanha onde três Templos se elevam majestosamente. Lá onde tudo é visível, do começo ao fim."

Então Rosenkreutz se veste de branco, prende em seu ombro uma fita vermelha em forma de cruz e fixa quatro rosas vermelhas em seu chapéu.

O segundo dia é dedicado à **chegada** ao castelo e ao **primeiro contato** com os outros convidados. As alegorias são numerosas, mas não temos tempo de nos demorar nelas.

O terceiro dia é o do **banquete**. Sobre mesas cobertas de toalhas de veludo vermelho com franjas de ouro, pajens oferecem aos convivas joias: algumas são "Tosões de Ouro" e outras "Leões Voadores".

O quarto dia é o da **representação teatral**. O público se posiciona "entre as colunas", pois **duas colunas** delimitam a plateia. O drama se desenrola na margem do mar. A onda traz uma caixa que contém uma criança acompanhada de uma carta. O país da criança foi invadido pelos Mouros. Quiseram salvar a criança. Mas o Rei dos Mouros a persegue. Eis que ele aparece. No entanto, a criança se transformou em uma jovem mulher que o Rei Mouro quer agarrar. O filho do Rei da margem intervém e a salva. Eles se **noivam**.

O quinto dia é o da **exploração da cripta**. Rosenkreutz descobre lá inscrições estranhas, todas repletas de **alusões alquímicas**.

O sexto dia é dedicado ao "duro **trabalho das fornalhas**". Os alquimistas conseguem **criar a vida** sob a forma de uma **fênix**.

O sétimo e último dia é o mais importante. Os convidados para as Núpcias sobem em 12 barcos cujos pavilhões representam os 12 signos do Zodíaco. Uma dama de honra vem informá-los de que todos foram criados "Cavaleiro da Pedra de Ouro". Após um passeio de barco, eles se formam em cortejo para uma suntuosa procissão. Um pagem lê as regras da "Ordem da Pedra de Ouro". Ela contém cinco artigos, entre os quais alguns se assemelham singularmente aos da **Constituição de Anderson** (1717) que forma a **Carta da Maçonaria**. Não temos tempo de nos entregar a uma comparação, mas ela seria muito instrutiva. O dia termina com uma **intronização à cavalaria** (observe-se que o texto não contém o termo de aclamação, nem o de iniciação).

Rosenkreutz suspende a "Tosão de Ouro" em seu chapéu com esta inscrição: "Summa Scientia Nihil Scire". **O ápice da ciência é não saber nada.** Divisa que resume a regra contemplativa dos "Místicos Renanos", chamada também de **sábia ignorância**.

Assim termina o terceiro e último Manifesto rosacruciano: "As Núpcias Químicas de Christian Rosenkreutz".

Mas, afinal, não há Núpcias, não há casamento. Apenas vagos noivados esboçados na margem do mar no final do quarto dia. A tal ponto que nos perguntamos se, de alegorias em alegorias, as "núpcias químicas" para as quais fomos convidados não são simplesmente **a hierogamia do Criador com a criatura no melhor estilo alquímico**.

* * *

Tomados em seu conjunto, os Manifestos Rosacrucianos são um apelo à **Reforma Universal sobre as ruínas da ordem cristã**. Em certo momento, vimos até aparecer, como um fogo-fátuo, o brilho do "Grande Dia".

Esses três toques de clarim foram seguidos por um **silêncio hermético** ("silentium post clamorem", dizia-se então em Württemberg). Mas é bem evidente que eles foram precedidos por uma longa preparação, uma longa incubação. A Fraternidade da Rosa-Cruz teve sua **pré-história**.

Quanto à **influência posterior** desses três manifestos, ela foi **considerável**, especialmente na Inglaterra. São os irmãos da Rosa-Cruz que foram **parasitar as últimas lojas operativas da Inglaterra e da Escócia e que as transformaram em lojas chamadas especulativas**. **O rosicrucionismo é uma das fontes mais certas da maçonaria moderna ao mesmo tempo que da ideologia revolucionária**.

Edito sobre os judeus residentes nas judiarias dos Estados do Papa em Avignon, promulgado em 1751, pela Santa Inquisição Romana, em nome do Papa Bento XIV

por Padre Olivier Rioult | 11 de Junho de 2022

La Sapiniere.info apresenta a seus leitores um documento raro e de grande importância. Ele é extraído do livro de Georges Brun, *Les juifs du Pape à Carpentras*, Le nombre d'or, 1975, cap. X. anexo II, pp. 197-216.

Rogamos às almas de boa vontade que leiam atentamente as diretrizes que seguem e tentem imaginar como seria nosso mundo, se a França e Roma tivessem permanecido cristãs, aplicando uma legislação cristã como a vigente nos Estados do Papa?

Aqueles que, ao lerem este documento histórico, ficarem surpresos, ou mesmo chocados, quanto ao conteúdo ou à forma, convidamos a ler a *Síntese da Questão Judaica* do Padre O. Rioult.

Eles então entenderão melhor. Muito melhor...

Para lembrar. Em 1182, Filipe Augusto deu três meses para os judeus deixarem o reino. Seus bens seriam confiscados e as sinagogas transformadas em igrejas. As coisas podem, portanto, evoluir muito rapidamente. Tudo é uma questão de vontade política e de princípio. Em 1400, em Carpentras, o Papa Bento XIII proibiu aos judeus a prática da medicina e do banco. Em 1592, Clemente VIII expulsou os judeus de todas as cidades sob seu domínio, exceto Roma, Ancona e Avignon. Em 1615, foi a vez de Luís XIII expulsar os judeus do reino.

Nosso Santo Padre o Papa [*Bento XIV*], que em meio aos cuidados contínuos de seu Pontificado, sempre tem presente na mente tudo o que pode contribuir para manter em toda a pureza a Religião Católica entre os Fiéis, considerando que para afastar deles **o perigo de subversão que pode vir de sua demasiada familiaridade com os Judeus, é absolutamente necessário observar exatamente todas as precauções prescritas** por seus Predecessores, e particularmente por **Clemente XII**, de santa memória, em um Edito dado especialmente a este respeito e publicado nesta Cidade de Roma em 2 de Fevereiro de 1733. Tendo ouvido sobre isso os Eminentíssimos Senhores Cardeais, Inquisidores Gerais, ordenou que este mesmo Edito seja novamente publicado, com modificações, no entanto, que possam tornar sua execução mais fácil em todas as suas partes e em todos os Lugares do Estado Eclesiástico.

I. Sua Santidade, conformando-se à segunda Constituição de **Inocêncio IV** que começa com estas palavras: *Impia Judæorum*, ordena e decreta que os Judeus não possam de forma alguma reter em suas casas, ler, comprar, escrever, copiar, traduzir, vender, dar, trocar, ou de qualquer outra forma alienar, sob qualquer pretexto, título, ou cor, **nenhum Livro ou Cadernos ímpios, Talmudistas**, ou já condenados, supersticiosos, cabalísticos, ou contendo erros contra as Sagradas Escrituras ou o Antigo Testamento, ou qualquer injúria, impiedade e blasfêmia contra os Santos Mistérios da Fé Cristã, especialmente da Santíssima Trindade, de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Virgem, ou dos Santos, nem qualquer outro dos Livros que são proibidos pela Constituição 24 de **Júlio III**, de santa memória, que começa com estas palavras: *Cum sicut.* datada de 29 de maio de 1554 e pela Constituição *Cum Hebræorum* de **Clemente VIII**, de santa memória, de 28 de fevereiro de 1593 ou por outras Constituições e Decretos Apostólicos, sejam esses Livros escritos em Língua Hebraica, ou em qualquer outra Língua, sob pena de confisco desses mesmos Livros, de seus bens, e outras penas corporais e muito graves [*graves*], arbitrárias [*Que são deixadas à apreciação e decisão do juiz*], em cada caso de contravenção, nos termos do Decreto da Santa Congregação do Santo Ofício, publicado em 12 de setembro de 1553. E Sua Santidade quer e ordena que os Rabinos e Baylons [*chefes de comunidade*] dos Judeus que reteiam os ditos Livros em suas Livrarias, ou em outro lugar, para uso público, ou apenas para seu uso pessoal, estejam e permaneçam sujeitos às mesmas penas.

II. Que os Judeus, nem qualquer um deles, não ousem expor, explicar, ou ensinar os erros contidos nos ditos Livros, seja em público, seja em particular em suas Escolas ou fora delas, a qualquer pessoa Cristã, Judia, ou de qualquer outra Religião, sob as mesmas penas de confisco dos ditos Livros, e de seus Bens, e outras penas corporais e muito graves arbitrárias.

III. Que nenhum Impresor, Livreiro, ou Comerciante Cristão, nem qualquer outra Pessoa de qualquer estado, grau e condição que seja, tenha a dar ajuda ou conselho aos Judeus, para lhes proporcionar os ditos Livros, nem para os fazer escrever, imprimir, portar ou traduzir, nem mesmo para lhes obter a permissão de os ler, de os possuir; não apenas sob as mesmas penas de confisco dos ditos Livros e de seus Bens, e outras penas corporais muito graves, conforme o mencionado **Decreto da Sagrada Congregação do Santo Ofício** publicado em 12 de setembro de 1553, mas também sob a **pena de excomunhão** reservada ao Sumo Pontífice, incorrível imediatamente e sem outra declaração.

IV. Que os Judeus não possam comprar ou receber nenhum Livro em Língua Hebraica, ou traduzido do Hebraico para outras Línguas, enviado ou portado por Cristãos, ou pelos próprios Judeus, ou por quem quer que seja, se previamente, quanto à Cidade de Roma, não o tiverem exibido ao P. Mestre do Sagrado Palácio Apostólico, e quanto às outras Cidades e Lugares do Estado Eclesiástico, aos Bispos, ou Inquisidores Locais, a fim de que reconheçam se, em conformidade com as presentes Ordenações e das mencionadas Constituições Apostólicas, se deve permitir que o recebam, ou que o guardem; e tudo isso sob as penas de cem escudos de multa e sete anos de prisão em cada caso de contravenção. Que se for encontrado algum Livro contendo algo contrário às mencionadas Bulas e Decretos Apostólicos, e particularmente à mencionada Bula de **Clemente VIII**, não será devolvido aos Judeus; mas será enviado ao Tribunal do Santo Ofício; o mesmo se aplicará, quando se encontrarem com os Judeus qualquer outro Livro proibido, seja qual for.

V. Que os Judeus não possam retirar **Livros das Alfândegas**, nem respectivamente aí colocar, sem a permissão do P. Mestre do Sagrado Palácio, para a Cidade de Roma, e dos Bispos ou Inquisidores Locais para as outras Cidades do Estado Eclesiástico, sob pena de confisco dos ditos Livros, de cem escudos de

multa e sete anos de prisão; e os Cristãos Comissários das Alfândegas, que cooperarem para que os ditos Livros sejam retirados, ou aí sejam colocados, assim como qualquer outra pessoa que der ajuda ou conselho nisso, estarão sujeitos às mesmas penas.

VI. Para esse fim, o P. Mestre do Sagrado Palácio, assim como todos os mencionados Bispos e Inquisidores, são encarregados de empregar todos os seus cuidados e toda sua diligência para impedir que se retirem, ou se coloquem nas Alfândegas Livros que concernem aos Judeus, e **sobretudo aqueles que estão em língua Hebraica** sem uma permissão expressa de sua parte, e de visitar as Alfândegas, assim como os Navios que devem descarregar os Livros nos Portos.

VII. É proibido a todos os Cristãos, e especialmente aos Funcionários das Alfândegas, Correios, Postilhões, Carreteiros e Condutores de toda espécie, por terra ou por água, entregar qualquer Livro aos Judeus, sem ter anteriormente a permissão do P. Mestre do Sagrado Palácio, para a Cidade de Roma, e fora dela, dos Bispos ou Inquisidores Locais, aos quais serão obrigados a dar aviso e a nota de cada Livro, assim que chegarem, sob **pena de excomunhão** reservada como acima, incorrível *Ipso facto*, e sob outras penas arbitrárias pecuniárias e corporais, às quais estarão igualmente sujeitos aqueles a quem foi endereçado algum dos ditos Livros, e que não os declararem, conforme dito acima.

VIII. Conforme a mencionada Bula de Clemente VIII, é proibido a qualquer Pessoa de qualquer estado, grau e condição que seja, assim como está indicado na referida Bula, a qual será aqui considerada expressamente repetida, conceder qualquer permissão, licença ou faculdade contrária à disposição da mesma Bula; e caso já tenha sido concedida, ela é declarada nula e sem valor, de modo que os Judeus permanecerão sujeitos à pena, como se nunca a tivessem obtido nem apresentado.

IX. Que os Judeus não façam, componham, nem ensinem, tanto aos Cristãos quanto aos próprios Judeus, Adivinhações, encantamentos, augúrios, feitiços, invocações ou outros atos supersticiosos, para alcançar o **conhecimento das coisas ocultas ou futuras**, **sob pena de cem escudos de multa, açoite, e galés perpétuas, conforme as circunstâncias do delito**, conforme o que é ordenado pela Constituição 70 de **Gregório XIII**, de santa memória, que começa com estas palavras: *Antiqua Judæorum*. E os **Cristãos** que aprenderem dos Judeus os mencionados atos supersticiosos, ou que se dirigirem a eles para descobrir tolamente as coisas ocultas ou futuras, sofrerão as **mesmas penas**.

X. É proibido a todos os Ourives Cristãos fazer para uso dos Judeus qualquer um desses **Amuletos ou Breves**, que os Judeus costumam fazer com que seus filhos usem, para os preservar das infestações dos feiticeiros ou outros malefícios; e especialmente aqueles que têm a figura de uma amêndoa ou de uma noz, e sobre os quais se vê gravado de um lado o Nó de Salomão, e do outro lado o Candelabro com sete Lâmpadas, ou outros semelhantes vãos Hieróglifos, porque **sendo supersticiosamente interpretados pelos Judeus, não convém que os Artesãos Cristãos concorram de qualquer maneira**, sob pena de vinte e cinco escudos de multa incorrível pelos Ourives.

XI. Que os judeus, mesmo de acordo com os Decretos de 8 e 23 de Outubro de 1625, não possam colocar ou fazer colocar **sobre seus sepulcros nenhuma pedra ou inscrição**, e para tanto, fica proibido no futuro a quem quer que seja dar permissão para colocar tais pedras ou inscrições sepulcrais, sob pena de demolição dos sepulcros, de cem écus de multa, de prisão e outras penas arbitrárias mais severas.

XII. Que os judeus, ao transportarem os cadáveres, não empreguem **nenhum rito, cerimônia ou pompa fúnebre, e que se abstenham sobretudo de psalmodiar e de levar pelo caminho lanternas ou velas acesas**, sob pena de cem écus de multa, de confisco da cera, e outras penas corporais arbitrárias, às quais também estarão sujeitos os fiscais (ou baylons) e os parentes mais próximos do falecido; mas que lhes seja permitido ter luzes, e realizar sua pompa fúnebre e ritos habituais, tanto na sinagoga quanto no local da sepultura; sempre que não haja nesses locais nenhum cristão, de qualquer sexo e condição que seja; e isso sob as penas mencionadas, com risco tanto para os fiscais (ou baylons) ou outros judeus que permitirem a entrada de cristãos, quanto para os cristãos que participarem dessa cerimônia ou rito dos judeus.

XIII. Que, em conformidade com o que está prescrito tanto pelo Direito Civil na Lei *Fin. Cod. de Judæis.* quanto pelo Direito Canônico no cap. *Jude* 3. *& consuluit* 7. *de Judæis & Saracenis.* e pelas Constituições de **Paulo IV**, de santa memória, *Cum nimis.* 3. de **São Pio V**, *Romanus Pontifex.* 6. & de **Clemente VIII** *Cæca & obdurata.* 9. **os judeus não possam fazer nas judiarias outras sinagogas que não as que já possuem com devidas permissões**, nem ornamentá-las ou aumentá-las de qualquer maneira, e ainda menos ter outras fora das judiarias, sob pena de cem écus de multa, de profanação, e outras penas muito severas, etc.

XIV. Que nenhum judeu, de qualquer sexo, estado e condição que seja, possa se aproximar a menos de trinta canas [*ou seja, 60 metros*] de **distância das Casas dos Catecúmenos**, nem daquelas da Propagação, nem por si mesmo, nem por meio de outra pessoa interposta, sob pena de trezentos écus de multa, de galeras, e outras penas corporais arbitrárias.

XV. Que nenhum judeu, sob qualquer pretexto que seja, possa reter em sua própria casa, habitação ou loja, nenhum **neófito ou catecúmeno** de um ou de outro sexo, mesmo que seja parente em primeiro grau de consanguinidade ou afinidade, e que ele possa ainda menos comer, beber ou dormir com nenhum deles, nem dentro nem fora das judiarias, nem em qualquer outro lugar; que também não possa trabalhar com nenhum deles, nem permanecer em suas casas como operário, nem socializar, nem conversar com eles por qualquer ocasião que seja, sob pena de cinquenta écus de multa e de três penas de corda em público.

XVI. No caso de os judeus não apenas induzirem, mas também tentarem mesmo induzir por palavras ou por promessas, ou de qualquer outra maneira, direta ou indiretamente, por si mesmos ou por outrem, os neófitos, ou catecúmenos, ou **qualquer outra pessoa a judaizar**, incorrerão imediatamente na pena de prisão, do confisco dos bens, e nas outras penas impostas pelas Constituições Apostólicas de Clemente IV, a 14ª, de Gregório X, a 3ª, de Nicolau IV, a 4ª, que começam todas as três por estas palavras: *Turbato corde* e pela daquela: *Admodum,* a 2ª de Gregório XI.

XVII. Se algum judeu, de qualquer sexo que seja, ousar dissuadir ou impedir, de qualquer maneira que seja, **a conversão de algum judeu** ou de algum catecúmeno à Santa Fé, ou adiá-la, mesmo que por muito pouco tempo, incorrerá imediatamente no que está prescrito nas referidas Constituições de Clemente IV, Gregório X e Nicolau IV, que começam todas por estas palavras: *Turbato corde.* Declarando expressamente que aqueles que derem de alguma ajuda, assistência, conselho ou favorecimento nesta questão, incorrerão nas mesmas penas. E quanto às mulheres judias, em vez da galé, elas incorrerão na pena de chicote e de exílio, além de outras penas arbitrárias mais graves, de acordo com as circunstâncias do delito.

XVIII. Que os fiscais (ou baylons) dos judeus estarão mais obrigados do que todos os outros a observar as coisas acima mencionadas, e especialmente **a vigiar para que não se faça evadir, esconder ou perverter algum catecúmeno judeu de um ou de outro sexo**, que tenha manifestado, ou que manifeste, ou que esteja prestes a manifestar a vontade ou inclinação de se tornar cristão, bem como a tomar cuidado para que não se faça evadir ou esconder nenhum judeu que deva ser transferido para a Casa dos Catecúmenos (conforme os Decretos dos Soberanos Pontífices, e especialmente aquele de Bento XIII, de santa memória, de 16 de Agosto de 1724). Nem mesmo sob o pretexto da falta de consentimento de seus pais e parentes; e, se ocorrer algum desses casos, os fiscais (ou baylons) serão obrigados a fazê-los retornar, caso contrário, serão penalizados com uma multa pesada, a qual continuará até a efetiva restituição ou retorno da pessoa evadida, ou escondida, ou pervertida; além disso, ainda sofrerão penas pecuniárias, prisão e outras penas arbitrárias muito graves.

XIX. Quando algum **judeu for apresentado à Igreja para ser batizado**, os judeus não poderão de nenhuma maneira molestar ou fazer qualquer injúria tanto ao apresentante quanto ao apresentado, especialmente enquanto permanecerem na judiaria, sob pena de penas corporais e pecuniárias muito graves; e o Sr. o Vice-Gestor em Roma, e em outros lugares os Bispos ou Inquisidores Locais, assim que tiverem aviso ou alguma conjectura provável sobre alguma dessas apresentações, deverão tomar todo o cuidado possível para impedir que o apresentante e o apresentado permaneçam mais tempo entre os judeus.

XX. Sua Santidade, aderindo não apenas à Bula de Paulo IV que começa: *Cum nimis*, renovada por São Pio V em sua Constituição *Romanus Pontifex*, dada em Roma em 20 de maio de 1566, mas especialmente ao Breve anterior de Clemente VII, datado de 13 de Junho de 1525, feito sobre o presente objeto, e diretamente para o Estado de Avignon, e de acordo com o *Estatuto* da mesma Cidade, *Liv.* 1. Tit. de Judæis, Rub._ 34. *Art.* 5. ordena e comanda, que os judeus de um e de outro sexo, que habitam atualmente, ou habitarão nas Cidades de Avignon e Carpentras, e no Comtat Venaissin, ou que lá chegarem de qualquer lugar ou província que venham, sejam **obrigados a usar a marca de cor amarela,** que os distingue dos outros, e que devem usá-la sempre, em todo tempo e em todo lugar, tanto dentro quanto fora das judiarias, e tanto nos locais que habitam, quanto fora; ou seja, que os homens devem usar o chapéu completamente amarelo, sem qualquer véu ou faixa por cima, e que as mulheres devem igualmente usar a marca de cor amarela à vista em suas cabeças, sem colocar lenço ou qualquer coisa que possa escondê-la, sob pena tanto para uns quanto para outros de cinquenta écus de multa a cada infração, e outras penas arbitrárias; e para tal efeito, é proibido aos judeus, sob as mesmas penas, usar qualquer outro chapéu que não seja o próprio de cor amarela, exceto pelos chapéus à venda, que devem ser levados apenas à mão, e à vista, e não sobre a cabeça. É, no entanto, permitido aos judeus de ambos os sexos, ir sem a referida marca, quando estiverem em viagem, desde que não parem por mais de um dia em um lugar, pois se permanecerem por mais tempo, estarão obrigados a usar a referida marca, sob as penas acima expressas.

XXI. Por ordem expressa de Sua Santidade, é anunciado que no futuro não se terá nenhum respeito a qualquer permissão emitida por qualquer Tribunal, ou de pessoas de qualquer Dignidade, Grau, Ofício, ou Preeminência que possam ser, mesmo se Vice-Legado, até de Avignon, Bispo, Mordomo do Sagrado Palácio Apostólico, Cardeal Legado, ou Camerlingue da Santa Igreja, concedida ou a conceder aos judeus sobre o conteúdo do artigo anterior, conforme a disposição da mencionada Bula de Paulo IV e sob pena de **nulidade dessa permissão**: Os judeus permanecerão, portanto, sujeitos a todas as penas anteriormente expressas, como se não a tivessem obtido. E assim, se algum oficial subalterno ousar conceder verbalmente essas permissões **de não usar a referida marca**, será punido com pena arbitrária e imediatamente destituído de seu Cargo ou Ofício; proibindo aos Sargentos e outros encarregados da execução das presentes de levar isso em consideração, sob as mesmas penas impostas contra os transgressores.

XXII. Que os judeus não possam distribuir, entregar, dar ou vender aos cristãos qualquer tipo de **carne de animais** que tenham matado ou feito matar, sob pena de cem écus de multa e de prisão a critério do juiz; e que, por sua vez, os cristãos não possam receber nem comprar tais carnes, sob pena de vinte écus de multa e de prisão também a critério do juiz.

XXIII. Os judeus não poderão, tampouco, distribuir, dar ou vender aos cristãos **o pão ázimo**, vulgarmente chamado aqui de *Coudoles*, sob pena de cinquenta écus de multa, a qual será igualmente incorrida pelos cristãos que os receberem.

XXIV. Tendo sido informados de que os judeus, não se contentando em comprar dos cristãos o leite que necessitam para seu uso particular, compram muito mais do que realmente precisam, para vendê-lo e fazer dele um comércio com os cristãos; por essas razões, fica proibido aos judeus, sob as penas acima mencionadas, **comprar mais leite do que realmente lhes é necessário**, e de dar, vender ou de qualquer forma entregá-lo aos cristãos, mesmo que seja transformado em queijo ou em outro tipo de produto lácteo; e está igualmente proibido aos cristãos recebê-lo sob as mesmas penas.

XXV. Que não seja de modo algum permitido aos judeus receber, comprar, vender ou negociar, sob qualquer pretexto ou justificativa, tanto por si mesmos quanto por meio de outrem, ***Agnus Dei,* ou Relíquias dos Santos**, com ou sem ornamentos, nem cruzes, cálices, quadros, representações ou imagens de N. S. Jesus Cristo, da Santíssima Virgem, ou dos Santos, nem horas, breviários, missais, toalhas ou ornamentos de altares, ou **qualquer outra coisa pertencente ao culto divino**, nem mesmo livros, ainda que profanos, nos quais haja imagens santas, mesmo que as referidas coisas estejam rompidas ou rasgadas, ou que os judeus não queiram usá-las senão para queimá-las e extrair ouro ou prata, sob pena de duzentos écus de multa e de galé; e os cristãos que venderem alguma das referidas coisas aos judeus incorrerão somente na pena de duzentos écus de multa.

XXVI. Que os judeus não possam, nem por si mesmos, nem por outrem, fazer qualquer **trafico, comércio, banco**, ou sociedade com neófitos ou catecúmenos, sob pena de **nulidade do contrato**, de cinquenta écus de multa, de três penas de corda em público, e outras penas arbitrárias.

XXVII. Que, nos termos da Constituição 6ª de São Pio V e do Decreto de Alexandre VII de 10 de Julho de 1659, os judeus não possam ter lojas, fundos, estabelecimentos ou depósitos fora da judiaria; e apenas em caso de necessidade absoluta, os Bispos locais poderão conceder as permissões necessárias para que tenham outros lugares, desde que não estejam **muito longe da judiaria**, mas nunca em locais de praças públicas, e com as cláusulas de que não possam passar a noite lá, nem realizar assembleias com cristãos, nem se reunir a si mesmos, mas apenas exercer seu ofício: sob pena de cinquenta écus de multa, e outras penas corporais arbitrárias, e de serem privados para sempre das referidas lojas, fundos, estabelecimentos e depósitos.

XXVIII. Que os judeus não possam convidar a entrar, e ainda menos efetivamente **fazer entrar cristãos em suas sinagogas**; e por sua vez, que nunca seja permitido aos cristãos entrar lá, sob a mesma pena, tanto para uns quanto para outros de cinquenta écus de multa.

XXIX. Que, conforme ao que está prescrito *na Lei última, Cod. de Judæis e nos cap. 16 e 18* das Decretais sob o mesmo título, e no Decreto de Sua Santidade de 26 de Agosto de 1745, os judeus não possam, nem em seu nome, nem sob o de algum cristão ou outra pessoa, manter ou ter **fahendas, arrendamentos [*dar ou tomar em arrendamento*] ou sociedade**, tanto públicas quanto privadas, de qualquer tipo de bens, pertencentes a quem quer que seja, mesmo à Câmara Apostólica, nem emprestar seu nome, ser fiadores e ter qualquer participação, sob pena de multa no mesmo valor que houver sido acordado no arrendamento ou contrato incorrível, *ipso facto*, a nulidade de tais contratos e outras penas arbitrárias; e, portanto, fica proibido aos cristãos, sob as penas acima mencionadas, celebrar qualquer contrato dessa natureza com os judeus.

XXX. Que, conforme o que está ordenado no cap. *Ad hæc* 8, no cap. *Et si Judæos* 13 de Judæis, na 2ª Constituição de Inocêncio IV, de santa memória, na 3ª de Paulo IV, os judeus não possam empregar **parteiras e amas de leite cristãs**, sob pena de cem écus de multa e de prisão a critério do juiz; e, por sua vez, que as mulheres cristãs não possam servir como parteiras ou amas de leite para os judeus, sob pena de cinquenta écus de multa na primeira infração, e de chicote na segunda, pelo que os maridos, tanto cristãos quanto judeus, responderão por suas esposas.

XXXI. Que em virtude do que está prescrito *na Lei única Cod. Ne Christianum Mancipium Hæreticus, vel Judæus, vel Paganus habeat e no cap.* 2, 5, 8 e 13 *de Judæis*, assim como na 2ª Constituição de Inocêncio IV, na 3ª de Paulo IV, §. 4, e nas Decretos da Sagrada Congregação de 14 de fevereiro de 1606, 15 de março e 17 de maio de 1612, 12 de outubro de 1627 e 20 de junho de 1652, os judeus não possam manter **nem criados, nem servantas cristãs**, nem se servir de um ou de outro, mesmo que seja por muito pouco tempo, seja para varrer sua judiaria, seja para acender seu fogo, seja para lavar suas roupas, nem para qualquer outro trabalho servil, sob pena de vinte e cinco écus de multa e outras penas corporais arbitrárias; e consequentemente é ordenado aos pais de família, tutores ou curadores cristãos que proíbam seus próprios filhos, e os jovens sob sua responsabilidade, de prestar tais serviços aos judeus, caso contrário, serão submetidos a penas arbitrárias.

XXXII. Que, de acordo com as proibições contidas na 3ª Bula de Paulo IV, de santa memória, na 6ª de São Pio V e na 19ª de Clemente VIII, de santa memória, que começa por estas palavras: *Cæca & obdurata*, os judeus não possam brincar, comer ou beber, nem ter **qualquer outra familiaridade ou convivência com os cristãos, nem os cristãos com os judeus**, tanto nos palácios, casas da cidade e do campo, quanto nas ruas, pousadas, tavernas, lojas ou em qualquer outro lugar, e que os proprietários de pousadas, tabernas e lojas não tenham permissão para permitir a convivência entre cristãos e judeus em seus estabelecimentos; sob pena, para os judeus, de dez écus de multa e prisão a critério do juiz; e para os cristãos, de dez écus de multa e outras penas corporais arbitrárias.

XXXIII. Que os judeus, conforme à Constituição 3ª de Paulo IV no § 5, não tenham a ousadia de trabalhar em sua judiaria **nos dias de festas ordenadas pela Igreja**, exceto a portas fechadas, e de nenhuma forma fora da judiaria, e ainda menos nas casas dos cristãos, de qualquer estado, grau e condição que sejam, sob

pena de cinquenta écus de multa e de três penas de corda a critério do juiz; e os cristãos que permitirem aos judeus trabalhar nesses dias em suas casas também incorrerão na multa de cinquenta écus. Os confessores são encarregados de admoestar e corrigir seriamente seus penitentes que se atreverem a permitir isso, em razão do escândalo que disso resulta.

XXXIV. Que os judeus, de qualquer sexo e idade que sejam, **não possam andar de carroça ou em cadeira pela cidade ou fora dela**, sob pena de cento écus de multa, de prisão e outras penas corporais arbitrárias; mas que lhes seja apenas permitido, em viagem, ir a cavalo ou em cadeira de rodas, e não de outra forma.

XXXV. Que nenhum judeu, nem qualquer cristão, possa **servir de cocheiro ou de motorista** para os judeus, exceto em caso de viagem, como já foi dito acima, sob pena de cinquenta écus de multa e de três penas de corda; e que sob as mesmas penas nenhum cristão possa emprestar, alugar, fazer emprestar ou alugar carros ou cadeiras aos judeus, de um ou outro sexo, e ainda menos levá-los em carroça ou cadeira com ele.

XXXVI. Que nenhum judeu possa **passar a noite fora da judiaria**, e que para isso todos eles estejam recolhidos cerca de uma hora após o início da noite, sem que possam sair pela manhã antes do amanhecer, sob pena de cinquenta écus de multa, e de três penas de corda em público para os homens, e de chicote para as mulheres; e para isso, os porteiros não poderão permitir a entrada de nenhum cristão na judiaria quando os judeus estiverem encerrados. Além disso, ordenamos à Comunidade dos Judeus que pague aos porteiros seus salários em totalidade, sem qualquer diminuição, não permitindo que forneçam a menor contribuição a ninguém, por qualquer título, razão ou causa que seja. Que, no entanto, os porteiros se abstenham de receber qualquer gratificação ou reconhecimento da Comunidade dos Judeus, ou de judeus particulares, exceto as gratificações que são habituais em determinados períodos; sob pena de cinquenta écus de multa e prisão, a critério do juiz, e de serem privados de seu emprego.

XXXVII. Que os judeus de um e de outro sexo não possam habitar fora da judiaria; e permanecer nos vilarejos, terras, castelos, casas de campo, propriedades rurais ou em qualquer outro lugar, **sob qualquer pretexto**, mesmo sob a alegação de necessidade de mudar de ar; e quando ocorrer de irem para fora, mesmo que seja para permanecer um único dia, deverão obter, conforme o Decreto da Sagrada Congregação de 19 de maio de 1751, que confirma outro semelhante de Alexandre VII de 6 de setembro de 1661, **permissão por escrito**, na qual, além das outras coisas, será indicado expressamente o nome, sobrenome e origem do judeu, a razão legítima pela qual a autorização foi concedida, e o tempo que deverá durar, com as cláusulas de que os judeus estarão obrigados a usar o chapéu amarelo, como foi mencionado no art. 20; que não habitarão com os cristãos, que não conversarão familiarmente com eles, e que, ao retornarem, entregarão a autorização ao tribunal que a concedeu, sob pena de trezentos écus de multa, de prisão e outras penas arbitrárias em cada caso de infração.

XXXVIII. Quando os judeus desejarem **ir às feiras**, também serão obrigados a obter autorização por escrito, do bispo, do inquisidor ou do vigário local, que lhes será dada *gratis*, e conforme o Decreto de 21 de junho de 1747, deverão partir imediatamente três dias após o fim das feiras, sem que os referidos bispos, inquisidores ou vigários possam lhes conceder um prazo maior. No entanto, essa autorização não terá valor algum, se assim que os judeus chegarem ao local indicado, não a apresentarem ao bispo, ao inquisidor, ou a seus vigários; ou se estes, por razões justas e adequadas, julgarem pertinente não considerar, ou restringi-la e limitar o tempo, conforme outro Decreto de 17 de fevereiro de 1751; e quando esses judeus retornarem: eles devem primeiro devolver a autorização ao tribunal que a concedeu; e tudo isso sob pena de confisco de seus bens, de prisão e outras penas arbitrárias.

XXXIX. Que não seja permitido aos judeus **entrar nos parlórios dos conventos**, ou de conservatórios, nem falar com qualquer pessoa que resida nessas casas, e ainda menos **entrar nas igrejas, ou capelas, ou nos hospitais**, sob pena de cinquenta écus de multa, de três penas de corda em público para os homens e de chicote para as mulheres.

XL. Avisam os superiores dos mosteiros e casas religiosas, dos colégios e locais sagrados seculares, que, caso tenham alguma vez necessidade dos judeus para trapos ou roupas velhas, tomem cuidado para não

permitir-lhes a entrada das igrejas e capelas, e para não deixá-los conversar com jovens, mas apenas com pessoas mais velhas, que possam lhes dar bons exemplos e conselhos para que se reflitam sobre si mesmos. Caso contrário, que saibam que prestarão contas rigorosas a Deus e à Santa Congregação do Santo Ofício.

XLI. Que os judeus, embora **rabis**, não possam vestir roupas semelhantes às dos eclesiásticos, e especialmente o pequeno colarinho redondo ou à francesa, como os eclesiásticos desta nação costumam usar; mas que devem vestir um traje completamente secular, com o grande colarinho à vista; sob pena de dez écus de multa para a primeira infração, vinte para a segunda, e em caso de nova infração, de prisão e outras penas arbitrárias.

XLII. Que os judeus estrangeiros de um e de outro sexo estejam sujeitos às ordenanças e às penas acima mencionadas, por todo o tempo que permanecerem em Roma, ou em qualquer outro lugar do Estado Eclesiástico, e durante todo o período que ali permanecerem, serão obrigados a habitar na judiaria, sob pena de cem écus de multa, de prisão e outras penas corporais, mesmo muito graves, a critério do juiz.

XLIII. A pregação sendo o meio mais poderoso e eficaz para promover **a conversão dos judeus**; como se vê na 1ª Constituição de Nicolau III, de santa memória, que começa com as palavras: *Vineam Soreth* e na 92ª de Gregório XIII que começa com as palavras: *Sancta Mater Ecclesia,* ordenamos aos rabis que empreguem todos os seus esforços e toda a sua atenção para garantir **a assistência ao sermão** que é feito para os judeus no sábado ou em outro dia da semana, do número de homens e mulheres que, conforme as diferentes judiarias, tiver sido ou será fixado de acordo com a referida Constituição 92 de Gregório III, do Decreto de Sua Santidade de 26 de agosto de 1715 e da Carta Circular de 29 de abril de 1749. E ao negligenciar o cumprimento da presença das pessoas no número fixado ou a ser fixado, como mencionado acima, incorrerão a cada vez na pena de cinquenta écus de multa, e as pessoas designadas para assistir ao sermão incorrerão na multa de dois júlios cada vez que falharem. [*O júlio é o nome de uma moeda que circulava na Itália, especialmente em Roma, que valia cerca de trinta centavos do século XIX.*]

XLIV. E, finalmente, Sua Santidade declarou e ordenou que para **a completa execução de todas as ordens** acima relatadas, haverá procedimentos contra os transgressores, inclusive pelo Ofício e pela Inquisição, e que este Edito, sendo afixado nos lugares habituais, e ainda, a fim de **que os judeus não aleguem ignorância**, nas escolas das judiarias (onde permanecerá sempre afixado, sob pena de cem écus de multa pagáveis pela sua Comunidade a cada caso de infração, e sob outras penas arbitrárias), obriga todos e cada um, como se tivesse sido pessoalmente intimado e notificado.

DADO no Palácio da Sagrada Inquisição Romana e Universal em 15 de setembro de 1751.

EUSEBE ANTOINE CALABRINI, Notário da Sagrada Inquisição Romana e Universal. *Assim assinado no Original.*

Seja então publicado novamente, de acordo com seu teor, nas quatro judiarias deste Estado de Avignon e do Comtat Venaissin, e afixado não apenas nas portas de suas escolas, mas também em outros lugares habituais deste Estado.

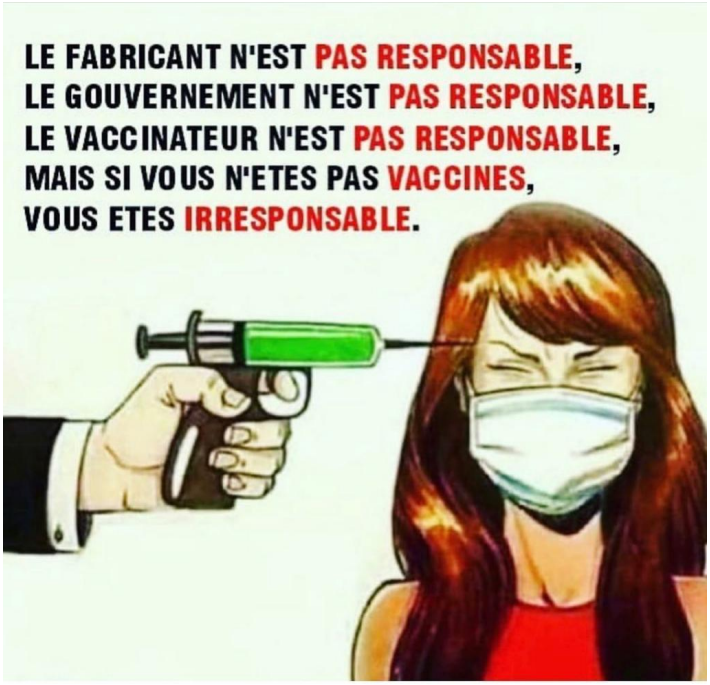
Em Avignon, 6 de Setembro de 1776. Jean-Baptiste Mabil, *Inquisidor-Geral.*

Joseph Rigaud, *Advogado-Fiscal do Santo Ofício.*

Poncet, *Secretário do Santo Ofício.*

Temos o direito de cooperar com a tirania "sanitária" ao receber uma vacina?

por Padre Olivier Rioult | Jul 23, 2021



Cristo dirigiu esta oração ao seu Pai:

> « *Pai, não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como eu mesmo não sou do mundo. Santifica-os na verdade*. »(Jo XVII, 13-17)

Ser testemunhas de Deus neste mundo hostil, especialmente recusando participar de suas obras más e de suas mentiras. Mas **como conviver com um mundo mau e corrupto sem se tornar cúmplice do mal?** Quando é necessário recusar toda cooperação? Quando podemos tolerá-la e por quais motivos? Eis um problema importante e delicado.

Aqui está o plano das reflexões que se seguirão. O documento completo em formato PDF está disponível para download aqui.

1. **O menor mal não é um bem**
2. **Da colaboração**
   - A Complicidade formal
   - A Complicidade material
3. **As regras para uma possível cooperação material**
   - O Caso da Amazon
4. **Resumo e exemplos.**
   - Da restituição.
5. **Da moralidade das vacinas contra a Covid**
   1. Uma ação não intrinsecamente má.
   2. Motivos proporcionalmente graves
   3. As vacinas são realmente os remédios que nos vendem?
   4. As “vacinas” anti-Covid

5. O Covid 19: pretexto para o servilismo total da espécie humana
6. **Mensagem de São Cipriano aos cristãos que rejeitarão a tirania transhumanista e suas vacinas diabólicas.**

« *Sed líbera nos a malo...* » (Mt VI, 13)

Dizemos na oração que Cristo nos ensinou. Deus deseja fazer de nós seus cooperadores na instauração do seu Reino. Os discípulos de Cristo não devem, portanto, cooperar nem com as obras do diabo nem com aquelas de seus servos. Deus é bom, e Ele não pode aceitar sem punir nossa cooperação com o mal. Ele deseja, ao contrário, que nos oponhamos a ele e que o combatamos. Em outras palavras, **a cumplicidade no pecado também é um pecado.** Recordemos a oração que Cristo dirigiu ao seu Pai antes de se oferecer como sacrifício:

« *Agora, Pai, eu vou a vós, e faço esta oração enquanto estou no mundo, para que meus discípulos tenham neles a plenitude da minha alegria. Eu lhes dei a vossa palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, como eu mesmo não sou do mundo. Não vos peço* ***para os tirar do mundo, mas para os guardar do mal****. Eles não são do mundo, como eu mesmo não sou do mundo.* ***Santificai-os na verdade****.* » (Jo XVII, 13-17)

Não podemos deixar o mundo sem que Deus mesmo nos chame de volta a Ele, mas devemos zelar para não cooperar com o mal que se faz no mundo. É por isso que São Paulo especificava aos cristãos de Corinto:

« *Ao escrever-vos para não ter relações com os impúdicos, não me referia de maneira absoluta aos impúdicos deste mundo ou aos gananciosos e aos extorquidores ou aos idólatras; porque teríeis então que sair do mundo* » (I Cor V, 9-10).

Portanto, teremos necessariamente aqui na terra relações com pessoas que praticam o mal. Assim, teremos que ser testemunhas de Deus neste mundo hostil, especialmente ao recusar participar de suas obras más. Mas **como conviver com um mundo mau e corrupto sem se tornar cúmplice do mal?** Quando é necessário recusar toda cooperação? Quando podemos tolerá-la e por quais motivos? Eis um problema importante e delicado.

Para permanecermos puros em um mundo impuro, duas coisas são necessárias: uma inteligência iluminada pelas luzes da razão natural submetida à revelação cristã **e** uma vontade reta e forte, a exemplo de Cristo, que morreu para a glória e o amor de seu Pai a fim de testemunhar a verdade. No que diz respeito à vontade, isso depende apenas de nós e também de nossa perseverança na oração. Quanto à iluminação das inteligências, isso depende do nosso conhecimento e de nossos estudos. Queremos aqui, por meio das reflexões que se seguirão, ajudar aqueles que não têm tempo ou disposição para refletir sobre essas questões, recordando várias verdades sobre este assunto que, ao iluminar nossas inteligências, fortalecerão nossas convicções e, por conseguinte, a nossa vontade.

A. O menor mal não é um bem

Cita-se frequentemente este axioma de forma errônea para justificar todas as nossas concessões. É preciso perceber que o menor mal em si não é um bem. Uma história irlandesa relata que um monge cruelmente tentado por um demônio lhe declarou:

« *Dê-me paz, Satanás, não aguento mais. – Cometa um pecado mortal, um só, e eu o deixarei. – Qual? Escolha entre a embriaguez, a luxúria ou o assassinato. O monge escolhe a embriaguez como o menor dos três pecados. Ele bebe, canta… A vizinha intrigada vem ver. O monge a captura. Então vem o marido, que os surpreende juntos e se irrita. O monge então pega um bastão e manda*

o marido para o outro mundo… »

Ele havia escolhido o menor mal.

Na moral, não existe menor mal. Existe o bem que se deve fazer e o mal que se deve repelir. Para evitar qualquer confusão entre o bem e o mal, ou seja, entre a verdade e o erro, quando se fala de menor mal, deve-se **distinguir absolutamente a ordem física da ordem moral**. Sim, na ordem física é melhor perder um dedo do que perder o braço. E ao escolher este menor mal físico em um acidente, realizo algo razoável e bom. Mas não é assim na ordem moral. Pois o menor mal não é algo bom. Afirmar o contrário é uma absurdidade filosófica. Nas obras de São Tomás, encontramos esta fórmula que diz:

> É preciso escolher o menor mal para evitar o maior: "*Minus malum est eligendum ut vitetur majus malum*";

mas isso aparece como uma objeção e é logo refutada:

> "*Non licet aliqua illicita inordinatione uti ad impediendum nocumenta*": "*Não é permitido, para evitar um mal (mesmo que maior), recorrer a procedimentos desordenados e ilícitos (mesmo que menos maus).*"[1]

Certamente, no mal, assim como no bem, há graus. No mal, assim como no bem, há mais e menos, conforme se opõe ou se une mais ou menos diretamente e de forma mais ou menos radical à ordem divina. Assim, o blasfemar é um mal mais grave do que o simples respeito humano, e a mentira é um mal menos grave do que o homicídio. Pode-se, portanto, em rigor de termos, falar de menor mal, mas sempre mantendo em mente que esse menor mal nunca será um bem moral. Isso é intrinsecamente impossível. **Pois o menor mal, por menor que seja, continua sendo um mal**, e, portanto, uma coisa má em si mesma. Assim, não temos o direito de cometer um pecado para evitar outro pecado. Ao fazer isso, cometeremos um mal menor, certamente, mas ainda assim faremos o mal. **Mas ao fazer esse menor mal, não cumprimos nosso dever, que é se abster do mal.**

Só se fará o bem abstendo-se do mal. É por isso que nunca é permitido querer, fazer ou aconselhar o menor mal. **O coronel Moscardo** deu um exemplo heroico durante a Guerra da Espanha de 1936. Naquela época, os republicanos judaico-comunistas e as milícias vermelhas cercavam o Alcázar de Toledo, onde se refugiaram os nacionalistas da cidade. A fortaleza era comandada pelo coronel Moscardo. Ele era ajudado por falangistas toledanos, suas famílias e guardas civis, bem como por partidários da revolta salvadora iniciada pelo general Franco. O cerco durava há mais de dois meses, e os vermelhos não conseguiram, apesar de seu fanatismo, superar a resistência heroica dos nacionalistas, que sabiam de qualquer forma que deveriam vencer ou morrer. Render-se significava entregar ao massacre os 2000 refugiados da fortaleza. Os republicanos precisavam agir rápido, pois o avanço dos exércitos nacionalistas era tal que a qualquer momento poderiam aparecer e forçá-los à fuga. Para acabar com a fortaleza, os republicanos decidiram tomar como refém o filho do coronel Moscardo, que não estava na fortaleza, mas na cidade. Eles conseguem entrar em comunicação por rádio com seu pai e lhe dizem, em resumo:

> *ou você se rende, ou executamos seu filho*.

Traduzindo: ou você faz o bem e seu dever salvando a fortaleza, mas perderá seu filho; ou escolhe o menor mal: entrega a fortaleza e mantém seu filho. O que é uma fortaleza em relação à vida de seu filho? O coronel pede para falar com seu filho, e lhe diz para ser forte por Deus e pela Espanha, e então recusa a oferta de rendição. O filho é abatido imediatamente, mas os dois mil refugiados do Alcázar serão libertados alguns dias depois. O coronel Moscardo agiu bem. Ele não é culpado de nenhum erro. Ele apenas fez o bem. Não tem a morte de seu filho em sua consciência. Os únicos responsáveis pela morte de seu filho são os republicanos. Por outro lado, ao escolher o menor mal, o coronel Moscardo teria cometido um grave pecado.

Mas se nunca é permitido querer, fazer ou aconselhar o mal – mesmo o menor mal – é, em algumas situações, permitido, e pode até se tornar obrigatório, **tolerar o mal para evitar um pior**. Vamos considerar um exemplo médico: não é bom impedir a circulação sanguínea; isso pode levar à putrefação dos membros não irrigados. Mas, dada tal lesão e enquanto aguardamos cuidados apropriados, é absolutamente necessário permitir esse mal para evitar que o sangue escape do corpo pelo membro ferido, causando assim uma morte certa. Assim, tolera-se um mal em vista de um bem. Em si, devemos perseguir e reprimir o mal. Mas, por exceção, *per accidens*, devido a certas circunstâncias, a repressão pode causar males maiores do que aqueles que ela pretende remediar. Nesses casos excepcionais, é bom ser paciente e suportar. Nesses casos, **toleramos um menor mal. Não o fazemos**. Apenas temos paciência.

> « *O governo dos homens, explica São Tomás, deriva do governo de Deus e deve imitá-lo. Ora, Deus, embora Onipotente e infinitamente Bom, permite que o mal aconteça no universo: mesmo podendo bani-lo, Ele o tolera, seja para tirar dele bens maiores, seja para evitar males maiores. Assim, os chefes de Estado, neste mundo, podem legitimamente tolerar certos males, para evitar maiores ou para obter um bem maior.* »[2]

Assim, Deus tolerou Alexandre VI Borgia, um papa imoral e escandaloso em sua vida pessoal, para tirar dele bens maiores… Pois, se Deus o tivesse punido assim que cometeu seu primeiro escândalo, se Ele tivesse impedido todos os seus amores ilícitos, teria também impedido a consequência natural de tais uniões, e portanto, teria impedido Alexandre VI Borgia de ter uma descendência, fruto de seu pecado, mas que não seria responsável por esse pecado… Ele teria, assim, privado a Santa Igreja de um grande santo na pessoa de São Francisco Borgia, superior geral dos jesuítas…

Outro exemplo: O Edito de Nantes de Henrique IV foi um edital de tolerância: em si, o culto herético deveria ser perseguido e proibido em nosso país, que era católico de direito e de fato (95%); mas devido ao fanatismo e à guerra fomentada pelos hereges, e para restabelecer uma certa paz, era bom tolerar provisoriamente e relativamente seu culto herético. Mas isso não era mais do que uma tolerância de um menor mal, e não um direito. E, mudando as circunstâncias, o rei poderia revogar este Edito de tolerância; o que Luís XIV fez. Você compreende a ideia geral, mesmo que, no nosso caso, o Edito de Henrique IV tenha pecados por tolerância excessiva, ao conceder privilégios monstruosos aos hereges, enquanto o Edito de Luís XIV pecou por falta de tolerância, pois, embora Luís XIV tivesse o direito de proibir o culto público protestante na França, ele não tinha o direito de impedir os protestantes que quisessem deixar a França se persistissem em sua heresia.

Mas, bem compreendida e bem aplicada, a tolerância é boa e lícita. Essa tolerância é um bem, não um menor mal; **é outra estratégia em uma guerra sempre obrigatória contra o mal**. Quando as circunstâncias me levam a tolerar um mal, não estou fazendo um menor mal; eu agirei bem e de acordo com a razão correta, desde que eu continue, em meu íntimo, a odiar esse mal, a fugir de qualquer compromisso com ele e a buscar melhores circunstâncias para destruí-lo… Pois, considerado em si mesmo, o mal é uma ofensa a Deus e um obstáculo para o próximo. Ele ofende a Majestade divina e causa a queda de um número sempre excessivo de almas fracas e indefesas. Além disso, o mal, sendo uma desordem da natureza, sempre traz consequências nefastas: ele atrai necessariamente os flagelos temporais e as calamidades de toda sorte sobre as nações. Portanto, mesmo quando toleramos com paciência, pedimos, como deseja a oração dominical: "*libera nos a malo*" e trabalhamos nesse sentido tanto quanto podemos. Pois, de maneira geral, temos o dever de cooperar para o triunfo do bem, para a expansão do Reino de Deus na terra e, portanto, de nos opor, conforme nossos meios, a qualquer diminuição da Glória de Deus, a qualquer obstáculo à salvação dos homens, erros ou vícios. Este princípio essencial nunca deve ser esquecido, ele nos permitirá discernir qual tipo de cumplicidade é absolutamente proibida e qual outro tipo pode, às vezes, ser tolerado.

B. Da colaboração

No sentido etimológico, colaborar (*cum-laborare*) significa *trabalhar com*, ou seja, cooperar, e portanto **agir com alguém, prestando-lhe assistência em um ato**. O campo que abrange a cooperação é muito amplo. Ela

pode existir por meio de: *Ordem, Conselho, Consentimento, Lisonja, Recurso, Participação, Silêncio, Não se opondo ou Não denunciando*[3].

Certamente, o óptico não é responsável pelos filmes que você vai ver, nem o mecânico pelas imprudências cometidas pelos motoristas cujos carros ele acaba de consertar! O comerciante também não é obrigado a investigar nossas intenções. Nesses casos, ele não tem qualquer cumplicidade. Mas nem sempre é assim: circunstâncias específicas podem nos tornar cúmplices: Se eu vendo vinho a um alcoólatra… Se eu vendo uma arma a alguém que quer se vingar… Se eu vendo produtos abortivos… Nesses casos, há cooperação. A questão será saber se minha cumplicidade é formal ou apenas material; e se for apenas material, será que ainda é tolerável?

Imaginemos uma empresa de mídia que trabalha sem se preocupar com a moral apenas para garantir um enorme público: Que quantidade de cooperadores! Desde os acionistas, administradores, diretores dos diversos serviços, funcionários do escritório, autores dos artigos, anunciantes, até os trabalhadores da impressão, transportadores, vendedores, assinantes e compradores, etc.

Às vezes, rapidamente nos encontramos em uma situação que nos transforma em cúmplices do mal. **Uma vez, no Gabão**, eu estava levando uma motosserra para consertar. Após o trabalho, o armazeneiro me levou ao ateliê, atrás do balcão de vendas, no fundo da loja, e de maneira ambígua, o técnico me disse que custaria 5000 FCFA (8 euros): Eu lhe dei em mão a mão e sem nota fiscal. Fiquei surpreso, mas aceitei, apesar de um certo constrangimento, e então não era caro, 5000 FCFA… mas rapidamente me arrependi do meu gesto. Eu não estava com a consciência tranquila, sentia que havia realmente cooperado com um roubo. Comentei isso com meu superior, que me disse para voltar e corrigir a situação. Assim, pedi para ver o armazeneiro, voltei com ele ao ateliê e disse ao técnico: *quero recuperar os 5000 FCFA e quero uma fatura oficial, senão vou falar com o chefe*. Os dois entenderam muito rapidamente e obedeceram sem hesitar: De volta ao balcão, o armazeneiro me emitiu uma fatura de 14.500 CFA (22 euros). O armazeneiro e o técnico eram ladrões: não apenas eram pagos pela empresa que os contratava, mas, em vez de trabalhar para essa empresa que fornecia tudo e deveria pagar seus investimentos, o pessoal, o desgaste dos aparelhos, impostos e taxas… trabalhavam para seu próprio benefício, se pagando duas vezes às custas da empresa que não recuperava seus gastos. Eu havia cooperado, de maneira modesta, é claro, mas de maneira formal, com esse roubo. E isso é contrário tanto à justiça quanto à caridade.

A Cumplicidade formal

Você entendeu, a cumplicidade formal sempre fere a justiça e a caridade. E, no que se refere à justiça, o cúmplice formal é obrigado a restituir solidariamente com o autor principal (na medida de sua cooperação). Chamamos de cumplicidade formal toda atividade que, por sua natureza ou destino intrínseco (*finis operis*) ou ainda pelo destino que lhe confere seu autor (*finis operantis*), se caracteriza como uma contribuição para o pecado de outrem. Em outras palavras, o cúmplice formal coloca-se diretamente a serviço do mal, seja por um assentimento interno ao pecado alheio, seja por uma contribuição que, por sua própria natureza, já constitui uma aprovação desse pecado.

No entanto, há casos em que não se aprova a malícia de um ato e onde nossa cooperação é apenas material.

A Cumplicidade material

Chama-se cumplicidade puramente material a uma atividade que é boa em si mesma ou, pelo menos, indiferente, que não constitui, nem por sua própria natureza, nem pela destinação que lhe é dada, uma contribuição para o pecado de outrem, mas que, ainda assim, é abusada por outrem e colocada a serviço de seu pecado. O "cúmplice-indesejado" conhece de antemão o abuso que será feito de sua ação. Mas, em si, não há nenhuma relação entre o pecado de outrem e nossa ação (caso contrário, caímos na cumplicidade formal).

Apesar disso, pode-se aceitar essa cumplicidade material. **Em geral, não**. Seu filho vem até você, furioso, após uma briga com seu irmão e diz:

> *Mamãe, você pode me emprestar sua faca de cozinha para que eu a coloque no ventre do meu querido irmão?.*

Que mãe, mesmo muito ignorante de toda teologia moral, responderia:

> *Meu querido filho, deixo você usar minha faca, pois minha participação em seu crime será apenas material, mas saiba que não aprovo em nada o objetivo de sua ação!!!*

Nenhuma. É evidente que a cumplicidade material com o mal já é um mal. Mas o simples fato de prever o abuso que os outros farão de nossos atos não é suficiente para torná-los intrinsecamente maus. Pois, às vezes, a cooperação puramente material não é necessariamente culpável, podendo portanto ser lícita. Para saber, é necessário julgar **o ato concreto que realizo**: « *O que faço é aceitável em si, suscetível aqui e agora de uma interpretação honesta, de uma motivação intrínseca legítima; se meu ato for deformado, isso se dará apenas pela malícia de outrem.* »

Meu ato pode então ser legítimo se eu tiver uma razão proporcional para agir assim. O teólogo **Jean-Benoît Vittrant** S.J. escreve a esse respeito:

> « *O princípio é certo. As aplicações concretas são geralmente delicadas e muitas vezes pressupõem o conhecimento de numerosos dados da moral particular. É por isso que nos abstemos aqui de dar exemplos que poderiam obscurecer facilmente o princípio e não iluminá-lo*. »

É uma pena e insuficiente. Portanto, é necessário ir mais adiante, sempre lembrando que, em alguns casos, a solução será muito delicada.

Ajudar a escalar uma janela ou arrombar uma porta não é em si bom nem mau. É bom quando se trata de salvar alguém de um incêndio; é mau se é para entrar na casa de alguém para roubar suas economias. **Os bombeiros passam pelas janelas e quebram portas sem nenhum pecado; mas não é assim com os ladrões.** O que importa não é o ato de arrombar uma porta em geral, mas sim o que ocorre *aqui e agora*, com todas as suas circunstâncias, que deve ser julgado moralmente bom ou indiferente para que se possa falar de cumplicidade puramente material. Esta é a primeira condição, mas essa condição não é suficiente. Exemplo: o que você pensa do seguinte caso: *Um empregado que, ao deixar seu patrão subir em seus ombros, ajuda conscientemente seu mestre a se introduzir pela janela para violar uma jovem, e que frequentemente o auxilia segurando a escada, abrindo a porta, ou ajudando de outras maneiras semelhantes, não peca mortalmente se o faz por medo de um dano considerável, por exemplo, para não ser maltratado pelo patrão ou ser olhado torto, ou ser expulso de casa.* **Proposição 51 foi condenada e proibida como escandalosa e perversa na prática por um decreto do Santo Ofício de 2/3/1679 aprovado pelo Papa Inocêncio XI**. O servo não pode agir assim e dizer: não fiz nenhum mal; meu patrão me diz: pegue a escada, coloque-a sob a janela, ou abaixe-se para eu passar pelo muro sabendo que *aqui e agora* as ações de seu mestre não são nem boas nem indiferentes, mas viciosas. O servo é cúmplice de um estupro. Nada menos! Sua cumplicidade é formal e seu pecado é mortal. Ele deve recusar a cooperação, mesmo que tenha que ser espancado ou expulso de seu emprego.

Este caso era, em suma, fácil. Mas há casos muito mais complexos. E para evitar cair em uma moral **laxista**, é necessário saber se a contribuição que se oferece possui um sentido razoável e **se temos um motivo razoável para fornecê-la**, abstraindo-se da vantagem que outrem possa tirar dela. Pois há circunstâncias em que temos o direito de reprovar uma ação intrinsecamente má e onde, ainda assim, é razoável tolerar uma cooperação material: um exemplo bem conhecido é o de um caixa ou um transportador de valores que, sob a ameaça de um revólver na têmpora, abre o cofre ou o carro-forte, permitindo assim que o bandido se apodere

do dinheiro. É um roubo que eu reprovo; certamente cooperei, mas de maneira totalmente material e por boas razões. Pois meu ofício não me obriga a morrer por dinheiro, mas simplesmente a guardá-lo com *um cuidado ordinário* e, em *casos extraordinários*, a notificar o mais rápido possível os serviços de segurança. Ora, havia aqui um motivo grave e moralmente legítimo para cooperar, sem demonstrar laxismo. Também devemos evitar cair em uma posição **rigorista** que excluísse toda cumplicidade material, quaisquer que sejam as circunstâncias, sob o pretexto de que um verdadeiro cristão nunca pode ser instrumento do mal, mesmo que seja apenas de forma material, em circunstâncias bem específicas e gravíssimas. Um tal cristão rigorista engana-se, pois, a menos que esteja retirado do mundo, sua posição é de fato insustentável e contrária à prudência. Um tal cristão estará inapto para uma quantidade de encargos no mundo, onde é preciso lidar com muitas pessoas e situações imperfeitas. Além disso, sua atitude será até contraproducente em muitos casos: pois, rigorista, portanto excessiva, portanto falsa, portanto irrazoável, portanto má. Sob a aparência de bem, ele fará o mal enquanto se pretendia puro de toda cumplicidade com o mal…

Discípulos de Cristo, estamos " *no mundo* " e, no entanto, " *non do mundo* ". Temos uma necessidade igual " *da simplicidade da pomba e da prudência da serpente* " (Mt X,16) para, por um lado, recusar *absolutamente* toda cumplicidade formal, mas também, por outro lado, tolerar *ocasional e prudentemente* uma cumplicidade material.

Então, sob quais condições a cumplicidade apenas material poderia ser permitida ou até mesmo necessária? São Afonso de Ligório escreve a esse respeito:

> « *Pergunta-se se pode, algumas vezes, ser permitido cooperar com o pecado do próximo, por exemplo, dando vinho àquele que deseja se embriagar, ou a chave a quem quer roubar. Responde-se que isso é possível quando a cooperação é apenas material, ou seja, quando se presta a uma ação da qual o próximo poderia se servir sem pecado, mas da qual ele abusa por sua própria malícia.* ***No entanto, para que a cooperação material seja lícita, é necessário que ela tenha três condições****: 1° que o ato da cooperação que se oferece seja indiferente em si; 2° que aquele que coopera não esteja obrigado por seu estado a impedir o próximo de cometer o pecado; 3° que se tenha uma justa razão para cooperar assim, e que essa razão seja proporcional à cooperação; pois quanto mais próxima a cooperação estiver do pecado alheio, mais grave deve ser a causa que possa nos desculpar.*»[4]

Voltaremos na próxima vez a essas algumas regras importantes, que nem sempre são fáceis de aplicar.

C. As regras para uma possível cooperação material

Toda cooperação formal com o mal é imoral e ilícita; de perto ou de longe, é sempre fazer uma obra má. O problema não se refere a esse tipo de cooperação. Não há dificuldade em compreendê-lo, embora na prática isso possa às vezes exigir um heroísmo até o martírio. Pois, pela cooperação formal, coopera-se diretamente com o pecado: por exemplo, para salvar sua vida, uma mulher não pode se entregar à fornicação, ou para evitar represálias, um homem não pode aceitar favorecer um assassinato. Nunca se pode apoiar a má vontade do próximo que já está resolvido a pecar. Esses tipos de cooperações são intrinsecamente maus.

A cooperação material (pois sem intenção imoral) é, em geral, também condenável. A caridade me impõe, de fato, o dever de impedir tanto quanto possível que alguém abuse de meus atos me fazendo cúmplice do mal. Um homem bêbado nos pede para lhe emprestar nosso carro: nosso dever é recusar, não tanto para proteger a carroceria do nosso carro, mas para evitar um drama. Mesmo que não compartilhemos a malícia das intenções do próximo, devemos, por causa da caridade para com ele, cuidar para não favorecer seus planos ruins. Mas, por exceção, uma cooperação apenas material, distante, pode às vezes ser moralmente permitida ou tolerada por algum tempo. Esse tipo de cooperação material consiste em se prestar a uma ação que é indiferente em si, e da qual o próximo poderia se servir sem pecado; e se ele abusar disso, será apenas efeito de sua própria malícia, como, por exemplo, se alguém tomar emprestado dinheiro a juros de alguém que só concorda em dar sob essa condição; ou se fornecer vinho a alguém que o usará para se embriagar, ou

ferramentas a outro que as usará para roubar.

Uma tal cooperação material pode ser lícita se se tiver motivos legítimos. Para isso, nos diz Santo Afonso Maria de Ligório, é preciso cumprir três condições.

> « É necessário, em primeiro lugar, que o ato da cooperação seja por si mesmo **indiferente**; em segundo lugar, que não se esteja **obrigado pelos deveres de seu cargo** a impedir o pecado de outrem; e, em terceiro lugar, que se tenha uma **causa justa e proporcional** para poder cooperar assim, pois, então, o pecado do próximo não provém de nossa cooperação, mas da malícia daquele que usa nossa ação para pecar; de modo que não é nossa ação que se une à má vontade do próximo, mas sim a vontade do próximo que se liga à nossa ação; de onde resulta que nossa ação não é a causa de seu pecado, **mas apenas a ocasião, que não se está obrigado a remover, quando se tem razões justas para realizá-la**. Para julgar, então, quando a causa é proporcional ou não, é preciso, antes de tudo, orientar-se sobre o que dizem os doutores [Pois, nesta matéria, busca-se a estimativa dos homens prudentes e o sentimento mais comum e, por conseguinte, mais provável.] ***Além disso, quando se trata de um prejuízo a causar ao próximo, nunca devemos perder de vista que não podemos cooperar para o dano de outrem, a menos que a perda que tememos experimentar de nossos próprios bens seja de uma ordem superior****: por exemplo, quando alguém ameaça matar você, a menos que você consinta em cooperar para a morte de seu inimigo, dando-lhe, por exemplo, a espada de que ele precisa para fazê-lo, você não pode lhe dar sem cometer um crime, pois ninguém é permitido colaborar positivamente para a morte de outrem para salvar sua própria vida. Da mesma forma, se um ladrão nos ameaça de nos despojar de nossos bens, se recusarmos cooperar para que ele tome os de outrem, também não podemos prestar nossa cooperação nisso. Mas seria diferente se o ato de recusar a nossa cooperação resultasse na perda de nossa vida ou de nossa honra; porque, neste caso, nos encontraríamos na situação de uma pessoa reduzida a uma necessidade extrema, e, nesse caso, o próximo é obrigado a permitir essa cooperação no que diz respeito à perda de seus bens, a fim de que não percamos nós mesmos nossa vida ou nossa reputação. A cooperação é inocente quando consiste em contribuir para a perda de um bem menor por temor a um mal maior. Acrescento que, se fosse uma ação intrinsecamente má dar as chaves ao ladrão, porque eu então estaria cooperando com seu pecado, eu não poderia também dar-lhe as chaves da minha casa para me livrar da morte; mas quem poderá alguma vez sustentá-lo? São Tomás ensina expressamente que é permitido a alguém que caia nas mãos dos ladrões mostrar a eles os bens que possui, para não ser morto por eles, embora esses ladrões não possam tomá-los sem pecado.*»[5]

As condições dessa permissão ou tolerância do mal nesse tipo de cooperação material são análogas àquelas que são exigidas no caso do **voluntário indireto**: é necessário **que** o cooperador não aprove as más intenções do agente principal, **que** a ajuda que ele dá não constitua, por si mesma, uma ação propriamente e diretamente imoral, **que** ele tenha, por fim, uma razão séria e proporcional que compense, de certa forma, a malícia decorrente da própria cooperação.

Diz-se que o voluntário é direto quando se refere a um objeto desejado diretamente como fim ou como meio. É indiretamente voluntário o resultado de uma ação ou omissão que não foi desejada como fim ou como meio, mas que, no entanto, foi prevista e permitida.

O caso do aborto em uma gravidez ectópica nos ajudará a entender melhor essas distinções. O homicídio *direto* de uma criança no seio de sua mãe é um crime odioso, intrinsecamente perverso, portanto sempre ilícito e injusto: assim, é sempre condenado sob todas as suas formas, sem qualquer exceção possível. Mas no caso de uma gravidez ectópica, que ocorre às vezes e raramente, o feto, em vez de se desenvolver em sua cavidade natural, se desenvolve fora: fala-se de gravidez ectópica. Geralmente, o feto se aloja nas trompas, que são a parte do útero feminino que dá origem ao núcleo que será fecundado pela semente masculina. Mas, como essa parte anatômica da mulher não é feita para alojar o feto, isso se torna evidente no primeiro acidente que provoca uma hemorragia grave: o feto é grande demais para as trompas e as danifica

gravemente a ponto de colocar a vida da mãe em perigo. Nesse caso, é preciso tratar a mãe, removendo a trompa danificada. E sabe-se perfeitamente, e permite-se isso sem querer diretamente, que esses cuidados necessários eliminarão, indiretamente e como um efeito colateral, o feto. Assim, não se está praticando um aborto direto, sempre proibido, mas apenas um aborto indireto, cumprindo todas as condições necessárias para sua licitude. Pois a morte da criança não é desejada como fim ou como meio, é apenas uma consequência de uma operação legítima, devido a um acidente da natureza, um acidente previsto e permitido, dada a necessidade vital de tratar a mãe. Nesse caso, é importante também não esquecer de assegurar o batismo do feto, mesmo que ele tenha apenas algumas semanas.

Esse caso não tem nada a ver com um parto difícil em que a vida da mãe estaria em perigo devido às dificuldades de fazer o bebê nascer. Nenhuma razão moral poderia justificar matar a criança para retirá-la de forma definitiva e rápida, a fim de parar uma hemorragia. Não se tem o direito de matar a criança para salvar a mãe. Pois neste caso, é de fato a morte da criança que é o meio para salvar a mãe. O que não é o caso **da gravidez ectópica: lá, não é a morte da criança que salva a mãe, mas a remoção da trompa danificada. Esses dois casos extremos, portanto, mostram duas situações de acidente natural que causam a morte: seja a morte da criança porque ela não está em seu lugar para sobreviver (e a mãe não tem culpa nisso); seja a morte da mulher porque ela não tem a capacidade anatômica de fazer o que é necessário para finalizar o parto (e a criança não tem culpa nisso)**.

> « *É moral querer uma ação da qual se permite e tolera um desvio? Quando se pode agir em segurança de consciência, embora se tenha previsto que um mal, não desejado, será a consequência da ação que se propõe realizar? A resposta geral a essa questão é necessariamente a seguinte: só se pode agir nessas condições quando não se tem a obrigação de evitar o mal previsto e não desejado. Portanto, não há lugar para o voluntário indireto a menos que a ação realizada produza um efeito duplo: um, por assim dizer, essencial ao ato desejado diretamente, o outro acidental; o primeiro sendo bom, o segundo, embora mau, poderá às vezes ser permitido a contragosto, pois evitar isso exigiria renunciar ao efeito primeiro e bom que se deseja garantir.* **Mas se essa condição é necessária, não é, no entanto, suficiente.** Além disso, deve-se ter em conta que não há, por outro lado, a obrigação de evitar a produção do efeito mau realmente indireto. Essa obrigação existe às vezes, [mesmo que possa ser limitada e admitir desculpas, entre os magistrados civis ou religiosos, policiais, militares, etc. Além disso, eles não estão obrigados a expor um bem superior ao que têm guardado, por exemplo, a colocar sua vida em sério perigo para salvar uma quantia em dinheiro.] *O motivo proporcional deve ser tanto mais importante quanto o efeito mau permitido constitua um desvio mais grave por sua natureza; ou quanto mais estreita for a relação entre o objeto desejado e o efeito permitido; ou ainda conforme se tenha uma obrigação mais grave de evitar o efeito mau, devido à natureza das coisas, às circunstâncias ou à situação pessoal. E, naturalmente, na apreciação desse dever de evitar os efeitos maus, o ponto de vista social não deve ser esquecido, às vezes sendo mesmo primordial.*» [6]

Para pular de uma janela do terceiro andar, é preciso um motivo proporcional, tanto mais importante quanto mais grave for o desvio resultante da ação: para evitar ser descoberto em uma brincadeira de esconde-esconde, isso é um motivo proporcional? **Não**. Para mostrar bravura e dizer aos outros que não tenho medo de nada: **Não**. Para evitar ser punido ou repreendido: **Não**. Porque o prédio está pegando fogo: **Sim**. Eu não quero me matar, quero escapar das chamas: *efeito bom*: salvar minha vida; *efeito mau* conhecido, permitido, mas não desejado: ter o corpo machucado e talvez a morte. **Há um motivo proporcional:** aceitar uma morte *incerta* para evitar uma morte *certa*. Portanto, posso neste caso pular e colocar minha vida em risco.

Um motivo proporcionalmente grave. Quanto mais distante for a cooperação, menor será sua influência e pode então ser tolerada: Quando compro um disco de Vivaldi na Deutsche Gramophon ou no Philips Music Group, estou enriquecendo o sinistro Edgar Bronfman, que foi presidente do Congresso Judaico Mundial, bilionário graças ao seu império sobre álcool, audiovisual e pornografia… Mas aqui a cooperação material é muito distante. Da mesma forma, um escritor pode achar que está autorizado a escrever ocasionalmente bons artigos em um jornal ruim, devido ao bem que pode resultar disso. Mas não se pode dizer o mesmo tão

facilmente de um vendedor de jornais que vende revistas gravemente imorais, nem de um impressor que frequentemente fabrica obras antirreligiosas ou imorais; nem de um farmacêutico que vende produtos contra-natura…

O Caso da Amazon

Vamos concluir nos perguntando sobre um caso concreto: Estou agindo corretamente ao comprar na Amazon? Para muitos, a questão parecerá estúpida. Onde está o problema? Que mal posso causar ao comprar produtos na Amazon? A maioria das pessoas raramente se faz perguntas de ordem moral. Muitas vezes, elas só veem seu interesse material e imediato: sem reflexão, sem análise ou antecipação: a Amazon me proporciona um grande conforto como consumidor que sou… portanto, a Amazon me é útil, logo, é algo bom. E, de fato, a Amazon está se tornando cada vez mais popular: 25% das vendas online e 5% do comércio francês! As pessoas querem tudo e a todo instante… sempre mais rápido… **de A a Z**… a Amazon satisfaz nossos desejos…

Mas com o que estou realmente cooperando ao comprar na Amazon?

Esta empresa é tentacular: capital de 1.661 bilhões de dólares com um lucro líquido de 11.600 milhões de dólares (em 2020)[7]: em resumo, é uma monstruosa multinacional com um poder gigantesco que pode esmagar qualquer comércio de varejo; possui armazéns gigantescos (até 185.000 m² de concreto e milhares de caminhões por dia...), automação em excesso (poucas criações de empregos), ritmos de trabalho muito duros, mal pagos, tarefas robotizadas, pressões sociais, numerosos acidentes de trabalho: os empregados são orientados e cronometrados por um robô computador. É também um software desumanizado onde uma *Inteligência Artificial* gere o pessoal, analisa e propõe demissões por produtividade insuficiente.

Empresa tentacular, porque não vende apenas produtos online (usando concorrência desleal que pode vender a prejuízo pelo tempo suficiente para destruir seus menores concorrentes), também gerencia suas próprias entregas, dispondo de aviões, drones… mas também seguros de saúde, contratos bancários com o JP Morgan. Em resumo, torna-se uma potência econômica mais forte que os próprios Estados… É ainda uma empresa ideológica que usa e abusa de seu poder: a Amazon, que possui um quase-monopólio como primeiro anfitrião mundial de sites (o muito rentável AWS: Amazon Web Service), sancionou politicamente uma parte da população ao censurar a rede social PARLER por sua liberdade excessiva de opinião politicamente incorreta: com um clique toda a rede se tornou inacessível.

Jeff Bezos, o chefe da Amazon, também recebeu o prêmio nacional da igualdade por seu esforço excepcional em favor da comunidade LGBTQ. Ele foi um dos maiores financiadores em favor do casamento contra a natureza... Criou uma série de televisão para moldar a opinião pública em favor dos transgêneros. Em suma, é o reino do arbítrio e do ativismo imoral!!!

Comprar um produto neutro na Amazon é dar dinheiro àqueles que querem nos calar e envenenar a sociedade. **Se o fazemos sem um motivo proporcional, cometemos um erro**. Este comentário se aplica à Amazon, que é um dos piores GAFAM, mas também aos outros: Google, Amazon, Facebook, Apple, Microsoft... Devemos nos esforçar para não frequentá-los nem apoiá-los na medida de nossas possibilidades.

Portanto, devemos nos organizar o máximo possível para não comprar na Amazon e garantir que, ao comprar um produto, não haja outra alternativa, estar prontos para pagar até um pouco mais caro em outro lugar, e reservar na Amazon apenas nossas compras indispensáveis, a fim de permanecer em uma cooperação apenas material e distante, que é a única cooperação moralmente aceitável.

Tal é a única resposta possível, nuanceada e moral à questão *tenho o direito de comprar na Amazon*? Às vezes sim, às vezes não. Porque tudo que toca no problema da cooperação material não pode ser resolvido com um rápido e simplista sim ou não. É preciso distinguir os casos e levar em conta todas as circunstâncias.

D. Resumo e exemplos

Vamos resumir. Os princípios são claros: o cristão deve sempre rejeitar toda cumplicidade formal e só aceitar a cumplicidade material do mal por razões justas. Uma cooperação é formal quando se aprova a malícia do ato que a ocasiona; caso contrário, ela é material.

A **cooperação formal** no pecado do outro é **sempre proibida**, pois contribui para uma ação culposa externa e participa da intenção maligna do outro.

Uma **cooperação material**, ou seja, a cooperação em uma ação que é apenas a preparação para um ato culposo, é geralmente também **interditada**. Ela pode ser permitida apenas se a ação pela qual se coopera é boa ou ao menos indiferente e se existe um motivo proporcionalmente grave.

Certos casos são fáceis de resolver:

- *Eu apoio um amigo em seu duelo*: **Cooperação formal**: can. 2351: *aqueles que lutam em duelo, ou simplesmente provocam um duelo, ou o aceitam; aqueles que lhe concedem alguma ajuda ou favor ou são espectadores deliberados; aqueles que o permitem ou não o impedem na medida em que estão ao seu alcance, independentemente de sua dignidade, incorrerão por esse fato em uma excomunhão simplesmente reservada à Sede Apostólica.*

Essas observações valem para as brigas de meninos nos pátios das escolas!

- *Eu defendo ou faço apologia de certos livros maus especificamente condenados pela Igreja*: **Cooperação formal**.
- *Eu ajudo conscientemente a propagação de uma heresia*: **Cooperação formal**. O can. 2316: *É suspeito de heresia aquele que espontaneamente e conscientemente ajuda de qualquer modo a propagação da heresia ou comunica 'in divinis' com hereges.*
- *Eu ajudo de forma imediata a um aborto; eu aceito que meu cônjuge use métodos contraceptivos no ato conjugal; eu sou cúmplice ativa e direta de um roubo…*: **Cooperação formal**.
- *Um dono de bar encoraja uma pessoa meio bêbada a beber ainda mais para ganhar dinheiro, como aqueles que pagam complacentemente para que o bêbado beba*: **Cooperação formal**, pois o bêbado não pode fazer uso do vinho que lhe é servido de forma boa.
- *Um católico aceita ser testemunha de um casamento puramente civil de dois católicos divorciados ou de um casamento misto diante de um ministro não católico*: **Cooperação formal**.

Certos casos são mais difíceis de resolver:

- *Eu alugo um apartamento para um cliente cujos projetos desonestos conheço (empresa fraudulenta, atividade de prostituição)*: **cumplicidade material** mas gravemente culpável. Exceto em circunstâncias excepcionais.
- *A datilógrafa que apenas digita as cartas não é cúmplice das falsas faturas que se inserem nos números. A dona de um cinema onde às vezes passam filmes ruins ou um operário de gráfica que imprime ocasionalmente material de má índole*: **Complicidade material distante.**
- *Um empregado pode acompanhar seus patrões ao templo protestante, se essa ação não for considerada como um reconhecimento da heresia. Mas ele é proibido de participar dos cânticos e das orações, pois isso constituiu uma participação propriamente dita no serviço religioso*.
- *Construir templos heréticos ou sinagogas*: **Complicidade material** gravemente culpável: só é permitido a um arquiteto por um motivo muito grave; o trabalho dos simples operários é autorizado por um motivo menos importante. **Complicidade material mais distante.**
- *Dar dinheiro para a construção de um templo protestante* não é permitido, exceto, segundo uma declaração da Penitenciaria, se obtivermos desse meio que a igreja utilizada pelos católicos deixe de ser uma igreja mista...
- Existe um comércio de coisas destinadas, por natureza, a fins maus (artigos anticoncepcionais, produtos abortivos, escritos pornográficos ou anarquistas, drogas etc.). Cooperar na venda desses artigos é uma cumplicidade formal com o pecado do comprador. *O cristão deve se abster de uma profissão* ***que se***

***definiria** pela venda de tais artigos.* É delicado hoje em dia ser um farmacêutico ou um livreiro generalista, mesmo que seu caso muitas vezes se resuma à posição de simples empregados que são praticamente forçados por poderosas empresas de distribuição, que dominam o mercado, a receber em depósito artigos ou material proibido pela moral. E, nesse caso, a **cumplicidade se tornaria material e mais ou menos distante.**

É aqui o momento de recordar a observação de um teólogo sobre essas questões na enciclopédia *Catolicismo*:

> «*Todo o conjunto da cooperação apresenta uma matéria das mais delicadas, fétil em casos pouco fáceis de resolver. É muitas vezes difícil pronunciar-se e chegar a conclusões nítidas e certas. Podemos traçar quadros abstratos, que servem de base para nossos julgamentos, frequentemente as realidades concretas os transbordam. Sob pena de faltar à verdade e à justiça, os moralistas devem levar em conta, com o maior cuidado, todas as circunstâncias, por vezes múltiplas.*»[8]

E é necessário fazer isso com a prudência humana e cristã necessária.

Por último, independentemente da dificuldade em resolver os casos, é preciso lembrar que a necessidade urgente de ganhar a vida não desculpa nem permite tudo. Em certos casos, a necessidade de viver não poderá servir como um motivo grave proporcional.

Uma vendedora em uma livraria de livros pornográficos, um farmacêutico que vende remédios abortivos, uma enfermeira que participa diretamente de um aborto, um policial que multa em 135 euros por respirar ao ar livre sem máscara… um soldado obrigado a proceder a uma prisão ou a uma execução manifestamente injusta podem alegar "*que não agem por vontade própria, mas que executam ordens*"? Quando, em 8 de maio de 1945, em Bad Reichenhall, o general Leclerc da 2ª DB, que vestia o uniforme americano, deu a ordem de fuzilar doze soldados franceses, desarmados, da divisão Charlemagne que usavam o uniforme alemão: aqueles que fuzilaram esses doze prisioneiros de guerra cometeram um crime de guerra e são culpáveis de assassinato, apesar das ordens recebidas. **Não, a desculpa de ordens recebidas é falsa: ela muitas vezes esconde um pretexto para se esquivar do dever de não cooperar com o mal.** É graças a uma tal demissão de consciência que os crimes mais odiosos podem se perpetuar. **Um empregado é um colaborador, certamente subordinado, mas livre**. Quando se está envolvido em uma cumplicidade formal, é preciso saber responder: não!

Da restituição

Última observação: quando a cooperação é *apenas imoral*, o arrependimento é suficiente. Mas, e isso é frequentemente o caso, se a cooperação causou *escândalo*, a reparação deve manifestar exteriormente o arrependimento. E se além disso causou *dano* ao próximo em seus bens ou em sua reputação, a obrigação de reparar passa pela restituição.

Quando se é causa de injustiça, realmente e voluntariamente, é necessário repará-la; e isso mesmo quando se apenas cooperou indiretamente:

> «*Coopera-se indiretamente, diz Santo Tomás, ao não impedir o que se poderia e deveria impedir: seja omitindo a ordem ou o conselho que impediria o roubo ou a rapina, seja recusando um auxílio que poderia obstruí-lo, seja finalmente mantendo em segredo o fato consumado.*» (IIa IIae, q. LXII, a. 7)

A caridade obriga todos a fazer o possível para evitar que os outros sofram um dano; pois, segundo essa virtude, cada um deve fazer aos outros o que gostaria que fizessem a ele mesmo. Aqueles que não obedecem a esse preceito cometem um pecado mais ou menos grave, mas não estão obrigados à restituição. A obrigação de reparar diz respeito àqueles que estavam obrigados em justiça a impedir ou denunciar o mal e

que poderiam fazê-lo sem graves inconvenientes.

Portanto, há uma obrigação em justiça de reparar o dano quando se está contratado ou em função. Os pais são responsáveis pelos danos causados por seus filhos menores, os professores ou os artesãos são responsáveis pelos danos causados por seus alunos ou aprendizes, enquanto estão sob sua supervisão. Trata-se aqui de uma obrigação natural entre eles e a sociedade. Se forem negligentes em sua supervisão, são moralmente responsáveis e obrigados a reparar. Isso se aplica também a certos tipos de contratos de trabalho: um vigia noturno deve ser capaz de apagar um incêndio ou espantar ladrões, ou ao menos dar o alerta. Se por negligência ele dorme, ou por complacência ele deixa os ladrões agir, ou por vingança contra seu patrão ele não faz nada, ele coopera com o mal. Esse vigia deve reparar os danos que permitiu ocorrer. Pois ele tinha a obrigação em justiça de impedi-los. De fato, não fazer o possível para evitar que outrem sofra um dano que se estava encarregado de impedir é causar uma injustiça: é lesar alguém em seu direito e, consequentemente, ter a obrigação de reparar esse dano ou restituir.

Essa grave obrigação em justiça desaparece, evidentemente, diante da impossibilidade, seja ela moral ou física. Assim, o vigia noturno que é ameaçado na ponta de um revólver por ladrões que o obrigam a levantar os braços, ou a fazer outro gesto, pode obedecer a eles e não gritar. Da mesma forma, os policiais ou soldados têm o direito de hesitar e ser prudentes antes de entrar em um edifício onde ladrões ou bandidos entraram: não são obrigados a expor suas vidas inutilmente.

Na continuação, veremos um caso bastante complicado que nos preocupa a todos: *Temos o direito ou o dever de cooperar com a política de saúde do governo ao receber suas vacinas?*

E. Da moralidade das vacinas contra a Covid

> « *O Senhor faz produzir à terra os medicamentos, o homem sensato não os despreza*. » Eclesiástico XXXVIII, 4

Quanto mais a sociedade se corrompe, mais uma certa cooperação material com o mal se impõe. Ao pagar meus impostos, cooperando com o mal, uma parte desse dinheiro é usada para financiar o aborto e sustentar a imigração descontrolada que lentamente substitui nosso povo. Ao comprar um remédio em uma farmácia que também vende produtos contra a natureza, como os produtos abortivos e contraceptivos, estou cooperando com o mal ao enriquecê-lo. O mesmo ocorre quando compro um produto em uma grande loja ou quando coloco meu dinheiro em um banco; estou cooperando com o mal ao favorecer um sistema perverso que promove o monopólio dos gigantes e oprime e escraviza os pequenos comerciantes e a economia das nações, etc.

A cooperação material com o mal é uma questão delicada, como escreve R. Brouillard na enciclopédia *Catolicismo*:

> «*Todo o conjunto da cooperação apresenta uma matéria das mais delicadas, fértil em casos pouco fáceis de resolver. É muitas vezes difícil pronunciar-se e chegar a conclusões nítidas e certas. Podemos perfeitamente traçar quadros abstratos, que servem de base para nossos julgamentos; frequentemente as realidades concretas os transbordam. Sob pena de faltar à verdade e à justiça, os moralistas devem levar em conta,* ***com o maior cuidado, todas as circunstâncias às vezes múltiplas****.*» (R. Brouillard, *Catolicismo*, art. Cooperação, col. 167).

Agora, vamos tocar na complexidade desta questão da cooperação material. Nos princípios, todos dizem quase a mesma coisa. Não há erro aqui, é o que lhes apresentamos. Mas a aplicação desses princípios na prática e nas circunstâncias concretas muitas vezes gera opiniões contraditórias. Porque os «*moralistas*» *não levaram em conta,* ***com o maior cuidado, todas as circunstâncias às vezes múltiplas****.* Toda ciência exige não apenas conhecer os princípios que, sendo de ordem da verdade especulativa, são universais, mas também

aplicá-los adequadamente na realidade, levando em conta todas as suas nuances concretas e a contingença das coisas. Quantos estudantes falharam na solução de um problema de física porque aplicaram incorretamente ou fora de contexto uma fórmula matemática ou um teorema que, por outro lado, estava correto, mas não se adequava ao caso presente? A teologia moral não escapa a essa dificuldade. Daí, às vezes, esses julgamentos contraditórios para o mesmo caso concreto entre teólogos moralistas católicos.

Vários sacerdotes foram levados a julgar a moralidade das vacinas contra o coronavírus. E como se poderia esperar, diversas opiniões foram formuladas, variando do *não possumus* ao dever em consciência… Clérigos, baseando-se nos mesmos princípios, para alguns, concluíram pela obrigação de rejeitar categoricamente as vacinas contra a Covid-19, enquanto outros concluíram pela obrigação moral de recebê-las…

A principal pedra de toque nessa disputa foi o fato de que a maioria desses tratamentos foram desenvolvidos com o uso de células fetais.

É inegável que muitos vacinas são elaboradas com base em células humanas provenientes de fetos abortados, incluindo na experimentação genética contra o coronavírus, onde « *a proteína de pico codificada pelas vacinas foi desenvolvida originalmente em células fetais abortadas*», declara uma especialista na questão[9]. O fato de essas vacinas serem assim concebidas, produzidas e testadas levanta obviamente um problema moral. Pois, mesmo que a utilização dessas células não exija novos abortos, ela se origina de abortos criminosos que ocorreram nas décadas de 60, 70 e 80. O R.P. Joseph enumerou os pecados que foram cometidos para que se chegasse à comercialização de tais "vacinas": **o assassinato de crianças, sua vivisseção viva e sem anestesia para a extração de tecidos de melhor qualidade, a ausência de batismo que os priva de toda vida sobrenatural, o roubo e a usurpação de seus órgãos, a receptação e a exploração ilegítima de células humanas, o incentivo à criação de novas linhagens de células fetais e, finalmente, a cooperação na mercantilização do corpo humano**. Os principais culpados e responsáveis são, evidentemente, os laboratórios farmacêuticos envolvidos nessas ações criminosas, assim como todos os seus cúmplices que participam formalmente dessa atividade aterradora.

A questão moral mais difícil de resolver é a daquela que consente em receber tais vacinas. O R.P. Joseph escreve que, para resolver essa questão,

> «*as distinções que permitem identificar a natureza da cooperação e sua licitude são igualmente úteis para analisar a questão do direito de usufruir dos frutos do pecado.*»

E ele lembrava que

> «*uma cooperação com o pecado nunca é possível se for formal, ou seja, se o cooperador fez sua a intenção maligna do autor do pecado. Ela também é proibida se for imediata. Por imediata, entende-se uma cooperação no próprio ato do pecado [...] pois a ação à qual participa o cooperador seria um pecado. Resta o caso de uma cooperação mediata onde se presta um* ***auxílio indireto*** *ao pecado e* ***sem entrar na intenção*** *de quem o comete. Ordinariamente ilícita, a cooperação material e mediata distante pode às vezes ser lícita por motivos proporcionalmente graves.*»[10]

A questão é, portanto, saber se ao aceitar tal remédio, estou cooperando imediatamente com o pecado; se sim, devo proscrever este remédio; se não, tenho motivos *proporcionalmente e suficientemente graves para aceitá-lo.* Um fabricante de iPhone constrói seus aparelhos com mão de obra escrava e, portanto, barata na China. O fabricante peca, evidentemente. Mas ao comprar meu iPhone, e não aprovando sua intenção maligna, não estou cooperando nem formalmente com o mal nem de maneira materialmente imediata, pois comprar um iPhone não significa participar diretamente da escravidão. Mas ainda resta o caso de minha cooperação material de forma mediata: *tenho motivos proporcionalmente graves* para *prestar meu auxílio, mesmo que indireto, ao pecado do fabricante*? Se sim, posso comprar esse iPhone (**necessidade profissional**), se não, estou cooperando com o mal (**vontade de ter mais um aparelho na moda**).

O problema das vacinas é da mesma ordem, mesmo que subamos um nível no crime, pois aqui não se **trata mais do suor de seres humanos injustamente reduzidos à escravidão, mas do receptor de células humanas adquiridas criminalmente**. Mas a dificuldade é a mesma: ***sem dar meu aval, posso em certas circunstâncias aceitar cooperar materialmente com o mal de forma indireta?***

O R.P. Joseph conclui, por sua vez, que é moralmente **ilegítimo** e escandaloso**, « *mesmo que se trate de preservar os bens mais preciosos, como a saúde ou a vida, aceitar uma complicidade mesmo leve com tais pecados* », pois « *a aceitação de receber uma vacina que contém fragmentos de DNA não é constitutiva de uma cooperação material, mas imediata, a esse pecado "innomeável", que consiste em aceitar que o homem se torne "consumidor" de elementos do corpo humano oriundos do crime. De uma forma sem dúvida mais clara, imaginemos uma empresa da qual se sabe que funciona a partir de um grave roubo inicial de materiais com os quais todos os produtos que ela vende são confeccionados. Parece-nos que não se poderia comprar esses produtos a não ser por motivos muito graves e na medida em que não haja outra possibilidade. Encontramo-nos em uma situação semelhante com esses laboratórios, com uma circunstância terrivelmente agravante para eles [os fabricantes]. É evidente que seu roubo, sua usurpação inicial e sua exploração atual não são de materiais, mas de células humanas provenientes de uma criança dissecada viva.*»

Não compartilhamos as conclusões do R.P. Joseph, **que, aliás, são hesitantes:** Pois depois de insinuar uma impossibilidade moral, ele acrescenta: *« Parece-nos que não se poderia comprar esses produtos **exceto por motivos muito graves e na medida em que não haja outra possibilidade** ».* Isso significa que, em certos casos proporcionais, isso seria possível. **Acreditamos que sua análise peca em dois pontos principais e cruciais. Para que a cooperação material com o mal seja possivelmente lícita, é necessário e suficiente que a ação realizada não seja intrinsecamente má e que existam motivos proporcionalmente graves.**

Vamos mostrar que, em certas circunstâncias, poder-se-ia aceitar um remédio mesmo obtido por crime e contendo restos de células de fetos abortados. Uma ação que não é intrinsecamente má, mesmo que permaneça repugnante, pode em certos casos extremos ser lícita.

I. Uma ação não intrinsecamente má

Para tentar dar um argumento magisterial à sua opinião, o Padre Joseph cita as palavras do Catecismo do Concílio de Trento em sua explicação da sétima petição da Oração Dominical.

> *« Aqueles que levam uma vida conforme os preceitos do Senhor se abstêm de todos os remédios que Deus não destinou a essa finalidade; **mesmo que estivessem assegurados de curar por esse meio**, não deixariam de tê-los em horror como artifícios e encantamentos do demônio. »*

Prefeririam morrer, portanto, do que curar-se com a ajuda do diabo. A missa está celebrada! Não, pois essa citação não é aceitável. Colocada em seu contexto, percebe-se que o catecismo não fala de um remédio natural obtido de maneira imoral, mas, de fato, de um remédio que é, em si mesmo, contra a natureza, pois está diretamente e intrinsicamente ligado aos demônios. Aqui está o contexto da citação:

> «*Os infiéis também oram e com fervor... colocam a principal esperança de sua libertação em remédios da natureza ou da arte. **Eles vão ainda mais longe**, pois aceitam sem escrúpulo os remédios do primeiro que aparece, **mesmo que saibam que esses remédios foram preparados com sortilégios, magia e intervenção do demônio**. Basta para os determinar que tenham a menor esperança de recuperar a saúde. Mas a conduta dos cristãos é bem diferente... Assim, aqueles que pertencem a Jesus Cristo não colocam nessas receitas sua principal esperança de cura; mas confiamos sobretudo em Deus, que é o próprio Criador da medicina. Portanto, nossos Santos Livros repreendem fortemente aqueles que têm demasiada confiança na ciência e não pedem nenhum auxílio a Deus. **Há mais**, aqueles que levam uma vida conforme os preceitos do Senhor*

> *abstêm-se de **todos os remédios que Deus não destinou a essa finalidade**; mesmo que estivessem assegurados de curar por esse meio, não deixariam de tê-los em horror como **artifícios e encantamentos** do demônio.*»[11]

Um sortilégio é um remédio obtido pela invocação das forças demoníacas; um tal remédio é contra a natureza e **intrinsecamente mau. Nada pode justificar seu uso. Mas não é o mesmo** que um remédio fabricado por meios imorais, como aqueles obtidos pelo assassinato de crianças para lucrar com seu tecido celular. Esse crime é, sem dúvida, odioso, e os responsáveis pecam formalmente, mas tudo isso não torna o remédio intrinsecamente mau. Um outro exemplo pode ajudar a compreendê-lo: o transplante de coração é um remédio contra a natureza porque, para que funcione, é necessário retirar o coração de um homem ainda vivo para transplantá-lo imediatamente: assim, é preciso matar o homem para pegar seu coração; portanto, o transplante de coração é sinônimo de homicídio: um tal remédio é intrinsecamente mau. Mas não é o caso do transplante da córnea de um olho, que pode ser obtido após a morte natural.

A questão que se coloca, portanto, é saber se as linhagens de células fetais são absolutamente necessárias para a elaboração de vacinas, e mais particularmente do "vacina" contra a Covid-19. A resposta é não: é possível desenvolver vacinas com base em células de animais, ovos de galinha ou levedura. Aliás, é isso que várias empresas farmacêuticas estão fazendo: para criar sua vacina contra o coronavírus, as empresas Novavax, Sanofi Pasteur, GlaxoSmithKline (GSK) e Sinovac, por exemplo, usam linhagens de células derivadas de fontes adultas ou animais[12].

Entretanto, os laboratórios farmacêuticos geralmente preferem utilizar células oriundas de fetos, em vez de células adultas, que envelhecem mais rápido e param de se dividir. As células fetais também são menos suscetíveis a serem contaminadas por vírus ou bactérias, ou a terem sofrido mutações genéticas. Os principais responsáveis por essa prática criminosa são, em primeiro lugar, os pesquisadores, juntamente com os fabricantes e os comerciantes que utilizam essas linhagens celulares e, assim, incentivam a produção de linhagens similares por conveniência. Atualmente, **AstraZeneca** (em parceria com a Universidade de Oxford), **Moderna Therapeutics**, **CanSino Biologics/Beijing Institute of Biotechnology**, e **Inovio Pharmaceuticals** utilizam a linhagem de células renais de fetos chamada HEK-293, originada de um feto abortado em 1972 nos Países Baixos. Quanto à empresa **Janssen**, do grupo **Johnson & Johnson**, ela recorre à linhagem de células fetais PER.C6, derivada do tecido retiniano de um feto de 4 meses abortado nos Países Baixos.

Portanto, é claro que não há um vínculo intrínseco entre a vacina, por um lado, e o aborto, por outro. Assim, é falso afirmar, como alguns puderam escrever:

> « *que aquele que solicita voluntariamente receber a vacina anti-Covid-19, que contém linhagens celulares de fetos abortados, por esse mesmo fato, também solicita o feto abortado contido na vacina, que sem essas células fetais não poderia subsistir…* »[13]

II. Motivos proporcionalmente graves

É ainda claro que a responsabilidade do paciente que se vacina é bastante baixa em relação ao aborto de origem e às práticas comerciais culpáveis, a menos que ele tenha a opção de receber um remédio sem qualquer ligação com o crime. Mas se ele não tem escolha, deve ele recusar categoricamente tal remédio? Uma consciência bem formada sabe que a lei divina lhe proíbe cometer o que é mal, mesmo que seja o único no mundo a se opor a isso. Bem! Tudo depende das circunstâncias que cercam esse ato. Pois, como vimos, as circunstâncias podem mudar a natureza moral de um ato que não é intrinsecamente perverso.

Um exemplo nos fará tocar essa questão. É intrinsecamente perverso matar um inocente. Mas não é intrinsecamente perverso comer seu próximo. Mesmo que isso seja imoral e condenável na maioria dos casos, existem circunstâncias extremas em que o ato pode ser moralmente aceitável. O caso daquele **avião do Uruguai que se acidentou na Cordilheira dos Andes** em 1972 é bem conhecido: os 16 sobreviventes do

voo conseguiram permanecer vivos e esperar pelo socorro durante dois meses a 4.000 metros de altitude, comendo os corpos dos que morreram (29) no acidente. Eles fizeram isso sem nenhuma falta moral. Mas, devido a uma repugnância invencível, poderiam também ter optado por deixar-se morrer. Pois nosso dever de cuidar de nossa vida vale apenas para os meios ordinários; agora, comer carne humana para sobreviver é e sempre será um meio muito extraordinário. Ninguém é obrigado a isso; mas ninguém pode também proibí-lo. Poderíamos até citar o caso de um grupo **de fugitivos do Gulag** que, morrendo de fome, brigam e em que um deles é injustamente morto por alguns do grupo para que se alimentem de sua carne: nesse caso, temos o caso imoral do canibalismo. Mas imaginemos um fugitivo que não quis a morte do inocente, que até tentou intervir sem sucesso na disputa criminosa. O resultado do crime está ali: um morto e carne. Posso tirar proveito desse mal que não desejei, uma vez que estou morrendo de fome? Acreditamos que, nesse caso, a cooperação material é permitida, pois existem **motivos proporcionalmente graves.** Assim como acreditamos que, se houvesse uma epidemia realmente e massivamente mortal e o único remédio existente fosse um remédio obtido de maneira imoral, utilizando células de um feto abortado, eu poderia ainda assim tomá-lo, estando em uma situação de cooperação material e indireta **e havendo motivos graves proporcionais.**

Tudo isso não tem por objetivo justificar a ciência sem consciência, mas chamar sua atenção para o fato de que esse debate sobre a imoralidade das "vacinas" contra o coronavírus, baseado no aborto, é um falso argumento que nos desvia dos verdadeiros desafios da política vacinal. O R.P. Joseph, portanto, cometeu um erro, em nossa opinião, ao valorizar esse falso argumento. Certamente e felizmente, ele não quis negar, « *a reflexão moral sobre os aspectos **médicos** e **políticos** da vacinação* », mas quis se concentrar em uma *« conclusão **moral** sobre as HEK-293* ».[14] Contudo, não só sua *conclusão moral* nos parece contestável, como principalmente ela é muito secundária em relação aos problemas que essas novas terapias genéticas não controladas trazem, com consequências médicas potencialmente graves e politicamente liberticidas.

III. As vacinas são realmente os remédios que nos vendem?

Alguns ficaram escandalizados que Francisco, seguindo Bento XVI, tenha argumentado com o princípio geral da cooperação material distante por motivo grave para permitir o uso de vacinas provenientes de linhagens fetais. O problema não está aí, como já vimos. O que é escandaloso é a aplicação falsa que fazem disso: para Bento XVI a respeito da vacinação contra o sarampo[15] e Francisco em relação ao coronavírus[16]. O problema é que se fala da política vacinal como se fosse um fato médico comprovado, enquanto na verdade estamos diante de uma impostura político-farmacêutica. E essa **impostura reside, antes de tudo, no fato de que essas vacinas não são os remédios que nos vendem!**

Pois se as vacinas contra o sarampo e a Covid-19 fossem realmente remédios seguros, inócuos e eficazes, a conclusão de Francisco ou de Bento XVI seria justificável. Mas, neste caso, isso não é verdade. E aí está o drama e o escândalo. Quantos de nós já ouviram falar de crianças que desenvolveram sarampo mesmo tendo sido vacinadas completamente? A vacinação não é uma imunização; é apenas a produção de anticorpos elevados, muito específicos, que não garantem a imunidade[17]. Na realidade, 95% das mortes causadas pelo sarampo já haviam sido eliminadas ***sem vacinação***, graças à imunidade coletiva natural e à luta contra a desnutrição infantil e as más condições sanitárias... Além disso, sabemos que os adjuvantes das vacinas (alumínio, mercúrio, sulfato de amônio, beta-propiolactona, formaldeído, polisorbato 80, fosfato de tributila, glutaraldeído, gentamicina, fenoxietanol, células humanas e animais cancerizadas, leveduras OGM, dentre outros), são produtos oficialmente reconhecidos como tóxicos, perigosos e degenerativos. E é porque a natureza dada por Deus é tão bem feita e se defende contra esses venenos que são injetados com as vacinas que os dramas não são mais frequentes do que já são. Pois nossas defesas imunológicas têm seus limites, especialmente em crianças pequenas que ficam mais doentes do que eram antes.

Por que eu deveria confiar nessas grandes empresas farmacêuticas e nesses políticos que tomaram cuidado para não serem juridicamente responsáveis pelos efeitos colaterais das vacinas? Nesta impostura da política vacinal, existe uma parte submersa e, como nos icebergs, ela representa 9/10 do problema: a corrupção. A corrupção das autoridades médicas e políticas por parte da Big Pharma é colossal: eles impuseram seus

produtos apesar de algumas contraindicações; o silêncio sobre as mortes ligadas à sua "vacinação" é regra; quando os efeitos colaterais desastrosos e trágicos não podem ser ocultados, concluem que se trata de uma

> « *fotosofia incômoda* »: a concomitância não é a causalidade (possivelmente verdade, mas os laboratórios se recusam a realizar os estudos que provariam a causalidade...). Aqueles que ainda acreditam na mentira da indústria farmacêutica e no mito das vacinas sem efeitos colaterais destrutivos, vejam: « *As pessoas tentadas a sucumbir à VACINAÇÃO deveriam assistir aos documentários* ***VAXXED I & II*** *antes que seja tarde demais, pois brincar de roleta russa não é sem perigo...* »[18]

A ciência sem consciência produziu uma medicina moderna que pode destruir mais vidas de um lado do que salva do outro. As vacinas não são remédios elaborados por médicos que buscam **curar sem prejudicar**, mas sim produtos elaborados por « *aprendizes de feiticeiros* » e comerciantes sem escrúpulos que buscam **enriquecer** apesar dos efeitos devastadores de seus produtos: autismo, Alzheimer e outras patologias graves ou mortais. Uma avaliação epidemiológica por meta-análise dos distúrbios de neurodesenvolvimento após a administração de vacinas entre 1994 e 2000 nos Estados Unidos declara:

> « *Riscos significativamente aumentados (dependendo do sexo, idade, tipo de vacina e fabricante da vacina) de autismo, distúrbios de linguagem, deficiência mental, distúrbios de personalidade, anomalias de pensamento, ataxia[19] e distúrbios neurológicos em geral foram associados à exposição ao TCV (vacina conjugada contra a febre tifoide)* »[20]« *Os resultados deste estudo são compatíveis com vários estudos já publicados. Esses estudos mostram que há uma plausibilidade biológica e evidências epidemiológicas que mostram uma* ***relação direta entre doses crescentes de mercúrio provenientes de vacinas*** *contendo timerosal e* ***distúrbios do neurodesenvolvimento, e entre vacinas contra o sarampo e distúrbios neurológicos graves****. Recomenda-se a remoção do timerosal de todas as vacinas e a realização de estudos adicionais para produzir uma vacina ROR com um perfil de segurança melhorado.* »[21]

Portanto, o que é escandaloso não é mencionar em si o princípio geral da possibilidade de uma cooperação material distante por motivo grave, mas aplicá-lo falsamente às vacinas e endossar essa criminosa impostura da indústria farmacêutica. O que é especialmente escandaloso é que o muito globalista Francisco, abusando de sua aparente autoridade de vigário de Cristo, espalhe as mentiras do diabo ao declarar:

> « *Acredito que, do ponto de vista ético,* ***todos deveriam se vacinar. Não é uma opção, é uma escolha ética*** *porque você está lidando com a saúde, com a vida, mas também com a vida dos outros. Na próxima semana, começaremos a fazê-lo aqui (no Vaticano).* »[22]

IV. Das "vacinas" anti-Covid

Agora falemos mais especificamente das famosas vacinas anti-Covid. **Nesta gigantesca impostura do Covid-19, quase tudo é falso**: Nunca houve uma pandemia, mas simplesmente uma epidemia cuja mortalidade é comparável à de uma forte gripe de inverno.

> « *Richard Horton, editor-chefe do Lancet, indicou isso em setembro de 2020, "o covid-19 não é uma pandemia", longe de afetar toda a população, é grave quase exclusivamente apenas em algumas pessoas idosas ou frágeis.* »[23]

A OMS mudou a definição do termo "pandemia", excluindo a alta mortalidade, a fim de poder classificar qualquer epidemia (sem alta mortalidade) como pandemia. A realidade é que, na França, 99,965% das pessoas contaminadas por este coronavírus sobreviveram ao vírus. No que diz respeito aos 0,035% que morreram, a imensa maioria desses óbitos envolvia pessoas com mais de 80 anos ou com patologias severas.

Onde está a pandemia? 0,035% de letalidade! Nada a ver com a mortalidade da peste negra do século XIII na Europa: entre 30 e 50%.

A pandemia só existiu no **discurso oficial, mentiroso e criminoso** das elites político-midiáticas: mentiroso e criminoso porque foi feita uma obliteração da realidade de forma consciente e voluntária. A melhor prova disso é o artigo fraudulento do maior jornal de medicina *The Lancet* contra a hidroxicloroquina: apesar de sua retratação, os poderes corrompidos mantiveram sua política "sanitária" respaldada por este artigo fraudulento. O Prof. Denis Rancourt resume bem a impostura:

> « *Imagine um vacina tão segura, que você deve ser ameaçado para tomá-la, contra uma doença tão mortal que você deve ser testado para saber se a tem.* »

Todos os anos, os serviços hospitalares e de terapia intensiva estão saturados devido a uma política que leva à redução de leitos e a restrições orçamentárias. **Graças a uma superexposição midiática deste fenômeno habitual, eles criaram a ilusão de um fenômeno extraordinário**. **Assim, criaram uma pandemia virtual no papel transformando pessoas sem qualquer sintoma e saudáveis em doentes do vírus. Essa ilusão foi possível graças ao uso fraudulento do teste PCR.** O inventor dos testes, o Prêmio Nobel de Química, Dr. Kary Mullis, que morreu pouco antes da crise (!), declarou que nunca desenvolveu essa técnica para detectar vírus ou doenças, mas para pesquisa médica[24]. O Dr. Michael Mina, epidemiologista de Harvard, ressalta que a amplificação máxima para identificar um patógeno é de 25, com 30% de erro. No entanto, todos os laboratórios do mundo realizaram amplificações anormais de 37 a 45: o que significa que cerca de 97% a 99% dos testes são falsos positivos[25]. Portanto, testar uma população saudável com um teste que dá 1 a 3% de resultados confiáveis como base para medidas de confinamento e outras medidas liberticidas é totalmente injustificado, desproporcional e criminoso. É o despotismo do irracional.

Criminoso, pois essas medidas são uma forma de tortura psicológica em massa: vê-se o surgimento de suicídios de crianças de dez anos que não querem mais viver em um mundo de loucos, mascarados e confinados… Essa máscara inútil, mas normalmente usada, modifica as aparências e os relacionamentos entre as pessoas, gerando um visual *desagradável, angústia, falta de ar, humilhação diária; a "vida" consistiria em se submeter a testes, retestes, novos testes mesmo quando não se está doente, porque eu encontrei um caso de contato de um caso de contato, que por sua vez encontrou, por acaso, um caso de contato… um mundo de loucos à la doutor Knock onde* « *todo bem-portante é um doente que ignora* »!

Criminoso, pois se houve poucas mortes, houve mortes que foram impedidas de serem tratadas pela proibição de verdadeiros remédios rápidos, eficazes, baratos, com poucos efeitos colaterais: Ivermectina ou Stromectol, Azitromicina, Claritromicina, Artemisia Annua... **Mentiroso**, pois houve ataques midiáticos sistemáticos para desqualificar os melhores especialistas (Raoult, Perrone, Toussaint, Toubiana, Henrion-Caude…) que contradiziam o discurso ideológico dos laboratórios veiculado pelos políticos e jornalistas do sistema. Por inversão acusatória, os verdadeiros cientistas se tornaram, senão charlatães, pelo menos incompetentes… **Criminoso**, portanto, pois em vez de curar as populações, o poder político-midiático nas mãos da alta finança e adepto do transhumanismo preferiu aterrorizar as populações, atacando sua integridade física e moral (máscaras, confinamento, mensagens falsas e estressantes que fragilizam as defesas humanitárias...) e sua liberdade de pensar (censura de opinião). Eles bombardearam a massa com injunções contraditórias e absurdas para obrigá-la a não entender nada e agir cegamente: ame seus entes queridos ao se afastar deles; pegue o metrô, mas não vá ao restaurante; antes das 18 horas não há perigo, mas depois sim, daí vem o toque de recolher... É propaganda e totalitarismo em estado puro, como no mundo Orwelliano: *a escravidão é a liberdade*!

Em vez de deixar as pessoas se tratarem, os poderes políticos compraram da Big Pharma remédios inúteis e perigosos, chamados **"vacinas de ARNm**", quando na verdade se trata de uma **experiência genética**. E aqui o R.P. Joseph tem razão em escrever:

> « *Ao risco de surpreender, não hesitamos em escrever que essa manipulação do patrimônio genético constitui um motivo moral para se opor à vacina, ainda mais grave do que a utilização de células humanas provenientes de crianças sacrificadas.* »

Não temos o direito de brincar de “roleta russa” ao nos deixar modificar geneticamente, envenenar ou intoxicar com nanopartículas para nos tornarmos um objeto conectado, escravo do melhor dos mundos transhumanistas. A Sra. Alexandra Henrion-Caude, geneticista em RNA, explicou claramente que se tratava de uma terapia gênica, mas que “terapia” implica doença genética, enquanto a falsa vacina anti-Covid 19 se dirige a pessoas que não têm doenças genéticas, portanto, irá agir sobre um DNA saudável, e muito provavelmente, irá modificá-lo. Assim, « *Somente Deus é o Senhor da vida e da integridade do ser humano… O homem não é proprietário do seu corpo: ele tem o usufruto, e portanto, deverá prestar contas ao Criador pelo uso que dele fez.* »[26]

Em suma, a desproporção entre o efeito esperado e os riscos do suposto remédio é tão grande que mesmo sem considerar o fator satânico do projeto transhumanista, que é fundamental, sem ele já há todas as razões para rejeitar tal remédio. Soumya Swaminathan, chefe de pesquisa da Organização Mundial da Saúde:

> «Não acredito que tenhamos provas, em nenhum dos vacinas propostas, de que elas podem impedir as pessoas de **contrair** o vírus e de **transmiti-lo**.»

Bem, um remédio por nada. Não temos certeza quanto à sua eficácia tanto curativa quanto preventiva. Estamos falando de resultados em 2023... E não temos nenhum recolhimento para afirmar que é inofensivo.

Ao contrário, observamos muitos efeitos colaterais sérios: uma **anotação explicativa publicada pela empresa de laboratório Pfizer-BioNTech** recomendou especificamente "para mulheres reprodutivas, excluir qualquer a gravidez antes da vacinação e durante os 2 meses que seguem a segunda dose da vacina"; adicionamos depois "que não sabemos se o vacina Covid 19 ARNm BNT162b2 terá um impacto na **fertilidade**"[28]. No dia **8 de maio de 2021**, a **Agência Europeia de Medicamentos (EMA)** responsável pela avaliação e supervisão dos medicamentos que registram todas as suspeitas de efeitos indesejáveis, incluindo aqueles dos vacinas, publicou um relatório que pouco recebeu atenção dos principais meios de comunicação. Ela havia registrado **10 570 mortes e 405 259 danos graves** (problemas com o sangue, sistema linfático, problemas cardiovasculares, etc...) resultantes da injeção de um dos quatro vacinas experimentais](https://vaccineimpact.com/2021/10570-dead-405259-injuries-euexperimentais (Moderna, Pfizer-BioNtech, Astrazeneca, Johnson & Johnson). E o balanço das mortes pós-vacinais, já assustador em si mesmo, é ainda mais alarmante porque os números são minimizados. De todas as mortes relatadas, 38% ocorreram menos de 48 horas após que as pessoas foram vacinadas. **O balanço oficial das mortes nos Estados Unidos em cinco meses é maior que todas as mortes pós-vacinais registradas nessas últimas 20 anos, em todos os tipos de vacinas**. No entanto, essas fatos desconfortáveis são ocultados pelos principais meios de comunicação do mundo todo.

Quando os especialistas apresentam fatos falsos, fazem isso mais pela corrupção do que pela falta de competência. O antropólogo Jean-Dominique Michel ressaltou que por 40 anos a **indústria de tabaco** financiou estudos "médicos" que afirmavam provar os benefícios do tabaco para a saúde 29. O cálculo da indústria é simples, embora cínico: lançamos um produto com forte publicidade, escondemos os problemas, arrecadamos 12 bilhões e depois pagamos uma multa de um bilhão quando os problemas explodem. Benefícios de 11 bilhões. Depois começamos tudo de novo com um novo produto... A indústria farmacêutica é apenas uma rama da alta finança sem pátria e cosmopolita e só tem um objetivo: maximizar os lucros a qualquer custo: a saúde das pessoas é o último em sua preocupação. A corrupção é sistêmica (não sistemática): não todos os médicos, mas a lógica estrutural está projetada para favorecer a riqueza financeira. Segundo especialistas que tiveram coragem de se aprofundar neste problema, a realidade é a seguinte: **a indústria farmacêutica tem as mesmas práticas que a máfia e o crime organizado**... Leia sobre isso no meu artigo: _Do OxyContin dos Sackler para o Covid 19 de Bill Gates**[30]**_ . Uma empresa farmacêutica

criada por dois irmãos judeus, os Sackler, é responsável pela crise major de **adição a opioides**, que resultou em centenas de milhares de mortes nos EUA. Cerca de 300.000 pessoas nos EUA durante 20 anos, incluindo 72.000 apenas no ano de 2017: É **a história de um analgésico apresentado como sem risco de dependência** por uma família de filantropos...

Com a falsa vacina contra COVID, devemos nos basear na palavra das empresas cujas condenações são contadas por centenas tanto civilmente quanto penalmente: Nos EUA, desde o ano 2000, **em 20 anos**, **Pfizer** foi condenada 71 vezes no valor de quatro bilhões e seiscentos milhões de dólares. **Purdue Pharma**, empresa pertencente à família judia dos Sackler, responsável pela maior catástrofe sanitária nos EUA, foi condenada 10 vezes no valor de nove bilhões e cento e dez milhões de dólares. **Johnson & Johnson** foi condenada 58 vezes no valor de quatro bilhões e duzentos milhões de dólares. **GlaxoSmithKline** (sem linhagens celulares fetais) foi condenada 34 vezes no valor de sete bilhões e oitocentos milhões de dólares. **Merck** foi condenada 80 vezes no valor de cinco bilhões e seiscentos milhões de dólares. **Teva Pharmaceutical** foi condenada 53 vezes no valor de dois bilhões e setecentos milhões de dólares. **Novartis** foi condenada 39 vezes no valor de dois bilhões e quinhentos milhões de dólares. E assim por diante.

A corrupção e do desejo de lucro não explicam tudo. O discurso oficial estabeleceu uma **doutrina mentirosa sobre o Covid** que se resume nos seguintes pontos: epidemia grave (falso), não existe remédio eficaz (falso), medidas restritivas são necessárias (falso: elas são contraproducentes: psicológica, emocionalmente, econômica e socialmente), e quase desde o início, precisamos de uma vacina, é a única saída para voltar à vida normal (falso, a vida normal é uma vida sem vacina!). A epidemia era na verdade gerenciável e se tornou uma catástrofe apenas por decisão política porque a medo foi a única maneira de implementar um **estado de emergência liberticida** e necessário para promover um **cambio paradigmático**. Para lutar contra o resfriado dos grilos que alguns chamaram de Cohen19 ou coronacircus, um relatório do Senado de junho de 2021 recomenda a atividade de uma '**plataforma digital**', nomeada Crisis Data Hub, em referência ao Health Data Hub [implementando] com base na gravidade da epidemia: **ferramentas de informação e coordenação** para um "crise moderada", ferramentas de recolocação (como enviar uma mensagem de texto) no caso de uma situação mais grave, e medidas mais fortes para os casos extremos, por exemplo **a desativação do título de transporte ou contas bancárias de uma pessoa que violasse a quarentena.** [...] Não estamos propostas de limitar as liberdades, estamos procurando um meio de recuperá-las. '" (Public Senat) É Big Brother quem nos diz: *a escravidão é a liberdade!*'"

O projeto político não tem nada a ver com a vacinação. O objetivo é controlar numericamente as pessoas como rebanho. O objetivo é controlar os movimentos de cada indivíduo e poder proibir a qualquer pessoa o deslocamento ou entrada em um lugar, público ou privado. **A vacinação é o meio para fazer aceitar à população seu próprio rastreamento**: **sua vida pertence ao Estado!** Muito rapidamente, esse sistema de controle incorporará novos parâmetros. Com o passaporte interior hipócritamente chamado de vacinal, o sistema poderá desligar quem quer que seja da sociedade: por um comentário nos meios de comunicação social, uma acusação de racismo em meio multicultural, uma crítica contra as lésbicas, ou recusa à vacinação, será impossível pagar algo ou se mover se o sistema não permitir. Em suma, o totalitarismo na sua toda horrenda. O mundo como antecâmara do inferno, é exatamente o objetivo dos anjos caídos.

Pouco a pouco, o governo, com a ajuda da inteligência artificial, terá um poder quase total sobre as pessoas. E quando uma moeda digital e o passaporte sanitário estiverem em prática, qualquer pessoa poderá ser socialmente condenada em apenas dois cliques. O que estamos vivendo **não é uma crise sanitária mas uma mudança de mundo**, uma mudança de paradigma querida pelos poderosos para deslocar todos os sistemas humanos para reinicializá-los conforme sua visão, e esse objetivo é satânico: **a subordinação total da espécie humana** anunciada pelas Escrituras Sagradas: em linguagem política se fala de golpe de Estado ou de um assalto mundialista mas em linguagem teológica se fala do poder da besta anti-cristã que exerce sua dominação universal (para um tempo que será abreviado pelo retorno do Cristo). O perigo não é o coronavírus, mas a república totalitária que, com uma polícia colaboradora e infantilizada - porque essa polícia não hesitou em abrir 2,2 milhões de ofícios policiais contra os franceses que recusaram a reclusão arbitrária em suas casas e saíam normalmente sem este absurdo de certificados de autorização para sair, etc., - controla e organiza um mundo de escravos.

Este plano criminal só pode ser implementado através de mentiras e medo. Porque se as pessoas seguissem a verdade e a realidade, elas compreenderiam que não há obrigação de receber um falso tratamento médico para uma doença que não têm; mais ainda, posso me proteger disso fortalecendo naturalmente meu sistema imunológico, e no pior dos casos, sempre posso me curar da infecção viral tomando vitaminas ou medicamentos que foram comprovados, como ivermectina e hidroxicloroquina. Mas uma multidão esmagada ou apostata merece ser dirigida pelos adoradores de Mamon. Porque para impedir a construção do Gulag, é necessário viver na verdade e saber que essa vida no mundo terrestre não é a vida real.

V. O COVID-19: um pretexto para o asservimento total da espécie humana

Entre os sacerdotes que tentaram, com mais ou menos sucesso, refletir sobre a moralidade das vacinas contra o COVID-19, a impostura política-mediática foi muitas vezes ignorada, minimizada ou até mesmo negada, o que mostra que um Padre pode ser muito bem parte da massa enganada e desacreditada.

1. O Padre Arnaud Sélégny cometeu a mesma falha de abordagem que o Pároco Joseph, embora as suas conclusões sejam contrárias. O professor do seminário de Écône faz naturalmente as distinções clássicas sobre cooperação no mal.

> « *Esta chamada "cooperação no mal", o ato de ajudar um pecador a cometer seu pecado, independentemente da ajuda prestada. Para que exista, a ação do cooperador deve ter uma influência real sobre o ato ruim, pela ajuda prestada para produzi-lo… Esta última é considerada* ***imediata*** *quando o cooperador realiza com o pecador o ato do pecado, por exemplo, se ele ajuda o ladrão a levar o saque e a escondê-lo. Este é também o caso da ajuda cirúrgica que realiza algumas partes de um aborto junto com o abortista. A cooperação é dita* ***mediata*** *quando o cooperador fornece o que servirá ao pecador – material, ação necessária, meio – ou que lhe permitirá fazer isso mais facilmente. Assim, aquele que segura a escada para o ladrão, ou a enfermeira que assiste o médico abortista. Esta cooperação mediata, finalmente, pode ser mais ou menos "próxima" ou "distante", dependendo de quão a ajuda prestada influi mais ou menos no pecado cometido, ou tem uma conexão mais ou menos grande com ele. Assim, fornecer um ídolo a um pagão é uma cooperação próxima. Mas vender a madeira da qual o ídolo será feito é uma cooperação distante. Além disso, dependendo da intenção, distingue-se a cooperação* ***formal****: o cooperador consente voluntariamente no pecado ao qual presta ajuda. Assim, aquele que ajuda um assaltante fazendo a vigilância, por exemplo, ao mesmo tempo em que aprova esse pecado, coopera formalmente. Ele será chamado de "cúmplice" pelo direito. A cooperação é* ***material*** *quando o cooperador não quer o pecado, mas age prevendo que o pecador abusará de sua contribuição para pecar. Assim, o proprietário de um bar que aceita fornecer algumas bebidas a um cliente já embriagado, apenas pelo dinheiro, participa do pecado de embriaguez, mas não se associa à intenção do bêbado.* »[31]

Mais todas essas generalidades, que por outro lado são muito corretas, serão aplicadas incorretamente no caso da vacina contra o Covid-19. O Sr. o Padre Sélégny escreve:

> « *Interessa-nos aqui* ***apenas a seguinte questão****: o aspecto moral da utilização de uma vacina anti-Covid em relação à sua preparação ou fabricação.* »

E ele conclui:

> « *As vacinas que utilizaram uma preparação moralmente ilícita devem, tanto quanto possível, ser deixadas de lado. Mas se, em um caso particular, uma pessoa se vê na necessidade de se vacinar, e na impossibilidade de obter uma vacina "lícita", tendo à sua disposição apenas uma vacina "ilícita"? Isso pode ocorrer por motivos de saúde ou devido à situação profissional... A*

cooperação sendo apenas distante, e a razão invocada sendo suficientemente grave, é possível, nesses casos, utilizar tal vacina. »

Isso não é errado em si, mas não corresponde ao problema concreto apresentado pela política vacinal contra o Covid. **Esse julgamento se torna errado porque não quis tratar de todas as circunstâncias que cercam a operação vacinal que, na verdade, não é vacinal!** O Padre Sélégny dá, sem se dar conta, as razões que o impediram de concluir de forma justa e prudente:

« *É preciso afirmar claramente que estamos aqui no domínio de um julgamento de prudência, que não pode ser uniforme para todos e em todos os casos. A teologia moral diz o que é lícito ou ilícito. Ela fornece os princípios. Mas cabe à prudência pessoal julgar caso a caso a aplicação deles.* ***Quanto aos elementos externos a esta questão, eles são da ordem da opinião pessoal. Como toda opinião que não pode ser provada absolutamente, é vão e impossível querer impô-la a todos****. Cada um é livre de ter sua opinião sobre a origem do Covid-19, sobre a maneira como foi gerenciado aqui ou ali, sobre a política de vacinação de tal ou tal país, sobre a vacinação em geral; mas todos esses elementos não mudam nada à conclusão moral aqui apresentada.* »

E é aí que reside o problema. Com a impostura do Covid, não estamos no domínio da opinião mais ou menos *contestável*, mas no domínio dos fatos suficientemente *constatáveis*! O professor Christian Perronne escrevia em sua mensagem aos franceses:

« ***Todas essas medidas [de medo] são feitas para que os franceses solicitem uma vacina***. Ora, qual é o interesse de uma vacinação generalizada para uma doença cuja mortalidade é próxima de 0,05%? Nenhum. **Essa vacinação em massa é inútil. Além disso, os riscos da vacinação podem ser maiores do que os benefícios.** O mais preocupante é que muitos países, incluindo a França, dizem estar prontos para vacinar nas próximas semanas, enquanto o desenvolvimento e a avaliação desses produtos foram feitos às pressas e nenhum resultado de eficácia ou periculosidade dessas vacinas foi publicado até o momento. Só tivemos direito a comunicados de imprensa das indústrias fabricantes, que permitiram fazer disparar suas ações na bolsa. **O pior é que as primeiras "vacinas" que nos são oferecidas não são vacinas, mas produtos de terapia gênica...** Não conhecemos absolutamente as consequências dessa injeção, pois é uma primeira vez em humanos... Existe, portanto, um risco real de transformar nossos genes definitivamente. Há também a possibilidade, pela modificação dos ácidos nucleicos dos nossos óvulos ou espermatozoides, de transmitir essas modificações genéticas a nossos filhos. As pessoas que promovem essas terapias gênicas, falsamente chamadas de "vacinas", são **aprendizes de feiticeiros** e tratam os franceses e, de modo geral, os cidadãos do mundo, como **cobaias**. Não queremos nos tornar, como os tomates ou o milho transgênico, OGM (organismos geneticamente modificados)._ »

A utilização de células de fetos abortados, por mais dramática que isso seja, é apenas um problema de cooperação material distante aceitável em certos casos. Mas, a propósito, esse não é o problema, e não é tratando desse problema acessório e secundário que se clarearão as consciências sobre a obrigação moral que temos de recusar essas « *terapias gênicas, falsamente chamadas de "vacinas"*. » Não temos o direito de permitir que uma substância desconhecida seja injetada em nós por comerciantes mafiosos, assim como não devemos aceitar ser cobaias nas mãos de aprendizes de feiticeiros. Repitamos isso com Pio XII:

« *Deus é o único Senhor da vida e da* ***integridade do ser humano****... O homem não é o proprietário: ele tem o usufruto, e deverá, portanto, prestar contas ao Criador do uso que fez.* »[32]

Se o Padre Sélégny negligenciou esse aspecto essencial, recusando-se a tratá-lo e relegando-o à categoria de opiniões pessoais e livres, um sacerdote americano não hesitou em negá-lo pura e simplesmente. Ele teve a boa ideia de permanecer anônimo, pois seu artigo, que foi publicado no site da FSSPX do distrito dos Estados Unidos, é ao mesmo tempo escandaloso e estúpido. Tão escandaloso e estúpido que o distrito da

FSSPX desde então removeu este artigo de seu site e o substituiu pela seguinte declaração:

> *O distrito dos Estados Unidos da Sociedade São Pio X convocou recentemente um grupo de sacerdotes, teólogos e especialistas médicos para aprofundar essa questão, sob a direção da Casa Geral de Menzingen.*

O que dizia esse artigo: Primeiramente, partia da premissa de que estamos em pandemia… (**fora de contexto** – ele perdeu o contato com a realidade… com tal premissa, todo o resto se tornava inadequado e falso); e, portanto, aguardava pela entrega de uma boa vacina… Sua conclusão: não há nenhum problema moral em receber as vacinas contra o Covid-19, e isso poderia até ser um dever moral recebê-las para proteger a saúde. Ouçamo-lo e notemos mais uma vez que ele também parte de princípios morais justos para concluir qualquer coisa, porque os aplica incorretamente. Nunca devemos esquecer, para os outros como para nós mesmos, essa capacidade assustadora que o homem tem de raciocinar erroneamente a partir de princípios justos (capacidade que não é uma necessidade, mas uma consequência das feridas do pecado original):

> « *A cooperação material existe quando uma pessoa participa de alguma maneira de uma ação errada, por exemplo, ao se beneficiar de suas consequências, mas sem compartilhar suas más intenções. Na verdade, se não houver outras alternativas, a participação nessa vacina ou tratamento poderia até ser considerada necessária... de modo que onde não há alternativa a tais vacinas, e quando a saúde das crianças ou da comunidade em geral exige, não apenas é permitido usar tais vacinas para as quais não há alternativa, mas às vezes pode ser até obrigatório.* »[33]

Tudo isso é absolutamente insensato no caso que nos ocupa. Este artigo está fora de contexto, não querendo ver que esta crise do Covid não tem nada a ver com a realidade ou a saúde, mas que é uma estratégia para uma Grande Reinicialização transhumanista desejada pelo Príncipe deste mundo e seus súditos. Felizmente, dois sacerdotes alemães da mesma congregação entenderam melhor a essência do problema e o trataram de forma mais pertinente: os Padres Stefan Frey[34] e Peter Lang[35].

O Padre Frey, Superior do Distrito da Áustria da FSSPX, escreveu:

> « ***A evidência dos fatos*** *nos leva, infelizmente, à constatação de que a campanha de vacinação mundial está a serviço de uma agenda política[36], cujo objetivo é trazer uma nova ordem mundial à humanidade,* ***uma ditadura segundo o modelo socialista, que nos retirará a esfera privada e a liberdade****... Temos o direito de nos submeter a tais concepções desdenhosas da natureza humana e anticristãs, sem engajar uma resistência? [...] devemos manifestar nossa extrema preocupação moral em relação à atual vacina contra a Covid e lembrar insistentemente para não se submeter à vacina.* »

É tímido, mas o essencial está dito. Infelizmente, seus superiores lhe ordenaram, não que ele se retratasse diretamente, mas que se contradissesse ao publicar um novo editorial adotando a posição desincarnada do Padre Arnaud Sélégny[37].

O Padre Lang, um sacerdote alemão da FSSPX, é muito mais claro e direto. Primeiro, ele lembra que com a gripe aviária em 2005, a gripe suína em 2009, o vírus Ebola em 2014 e o vírus Zika em 2016, a cada vez, o mundo político-midiático nos assustou apresentando esses vírus como muito perigosos, com a única e última solução: a vacinação... A cada vez, foi uma mentira, mas, entre isso, milhões de doses de vacinas geraram bilhões de lucros para a indústria farmacêutica. Após esses ensaios frustrados, a grande jogada do "Coronavírus 2019" chegou: permanecemos no mesmo tipo de mentira, mas com uma dimensão transhumanista e de mercantilização do ser humano a mais, ou seja, a mentira não atende apenas aos interesses de comerciantes mafiosos sem escrúpulos, mas também, diz lucidamente o Padre Lang,

> « *poderes de fundo* ***de essência satânica*** *que desejam instalar uma nova ordem mundial, globalista e comunista sobre as ruínas da ordem atual.* ***Uma nova ordem deliberadamente sem Deus, sem ordem natural, sem Lei e sem Justiça***. »

Finalmente, um sacerdote que tem a boa ideia de reposicionar o problema em todos os seus aspectos e questões, lembrando que temos que lutar contra forças « ***de essência satânica*** ». O transhumanismo é, de fato, um projeto satânico que visa libertar-se, por meio do progresso técnico de maneira utópica e, portanto, destrutiva, de nossa condição de criatura mortal e limitada. Este pecado contra Deus é o famoso pecado do homem que se faz Deus, na mesma veia que o de Lúcifer e de Adão... Nada de novo sob o sol...

Ainda de maneira muito lúcida, o Padre escreve:

> « *Portanto, devemos esperar que em breve seremos, de uma maneira ou de outra,* ***forçados a esta vacinação****, com alguns países já oferecendo facilidades de viagem a indivíduos que foram vacinados (a coerção será, portanto, essencialmente social: aqueles que se recusarem serão designados como "egoístas temerários" ou "perigos para si mesmos e para seus semelhantes").* »

O Padre Lang também é muito pertinente ao apresentar um argumento essencial para recusar em consciência as supostas vacinas contra o Covid; um argumento compreensível por qualquer pessoa razoável que não tenha fé e cuja profundidade teológica da situação possa passar despercebida:

> « O único fator de **negligência flagrante** com o qual a vacina contra a Covid-19 foi desenvolvida **deveria já ser suficiente para rejeitar categoricamente a injeção dessa vacina**. Ninguém pode e não deve ser forçado a assumir as consequências da irresponsabilidade com que a vacina foi desenvolvida... Para os investidores, as falas são claras. Mas não para nós, os humanos, os cobaias. No caso da Covid-19, portanto, é a **primeira vez** na história da vacinação que uma metodologia baseada em ARNm é utilizada... [**Nota:** Quem, ao comprar um novo produto sem conhecer seus efeitos, não o testa primeiro em uma pequena superfície e aguarda para constatar os efeitos antes de fazer um uso massivo?] *A administração dessa vacina de ARNm não é nada menos do que uma* ***revolução contra Deus e contra a ordem*** *que Ele estabeleceu na natureza. O homem se considera Deus. Diante da "vacina" contra a Covid-19, o que nós, católicos, devemos fazer, portanto, não deixa dúvidas: o* ***rejeição categórica***. »

Por fim, ele também insiste, mais do que o necessário, e a nosso ver, erradamente, no uso ilícito de remédios desenvolvidos a partir de linhagens celulares fetais provenientes de crianças abortadas[38]. Mas com tudo o que já disse, esse problema torna-se realmente muito secundário.

Acreditamos que nossa humanidade apóstata e ímpia, rebelde aos mandamentos de Deus, subserviente a Mamon e inimiga de Cristo, está se aproximando daquele momento anunciado por São João em seu Apocalipse: a humanidade quis a liberdade sem e contra seu Deus criador e redentor; terá, e isso é justiça de certa forma, a servidão de Satanás. Uma sociedade que vê a vida aqui na Terra e a *saúde pública* como um absoluto é uma sociedade idólatra, pronta para todos os excessos e compromissos. Ela está pronta para a escravidão. E para manter sua vida de escrava, ela está disposta a se submeter ao Estado todo-poderoso.

> « E adoraram o dragão [Satanás], porque ele havia dado autoridade à besta [poder temporal globalista]; e adoraram a besta, dizendo: "Quem é semelhante à besta, e quem pode combater contra ela?" E foi lhe dada uma boca que proferia palavras arrogantes e blasfêmias, e lhe foi dado poder de agir durante quarenta e dois meses... E foi lhe dado fazer guerra aos santos e vencê-los; e foi lhe dado autoridade sobre toda tribo, todo povo, toda língua e toda nação. E todos os habitantes da terra a adorarão, aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro imolado, desde a fundação do mundo. Que aquele que tem ouvidos ouça! […] Aqui está a paciência e a fé dos santos.

> Depois vi subir da terra outra besta [poder espiritual apóstata], que tinha duas coroas semelhantes às de um cordeiro, e falava como um dragão [os antipapas do Vaticano II]. Ela exercia toda a potência da primeira besta **na sua presença**, e fazia com que a terra e seus habitantes **adorassem a primeira besta**, cuja ferida mortal havia sido curada. […] Ela fez com que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, fosse dada uma marca na mão direita ou na testa, e que **ninguém pudesse comprar ou vender, se não tivesse a marca do nome da besta ou o número do seu nome... é um número de homem e esse número é seiscentos e sessenta e seis.**» (Apoc XIII, 4-17)

Tudo está ligado: **o dragão**: Satanás e sua raiva contra Deus e os homens; **a besta do mar**: o poder temporal dos globalistas/transhumanistas seguidores de Mamon; **Israel** é **uma das cabeças** desta besta que todos os poderes da terra incentivam a adorar e servir; **os antipapas** são **a besta da terra**, corrupção e caricatura do poder religioso submetido à ideologia "humanista" que nos vende a propaganda globalista e mundialista com um selo de religiosidade, como um Francisco declarando que « *de um ponto de vista ético, todos deveriam se vacinar.* »[39] **A marca da besta**: a vacina e suas nanopartículas acopladas com a 5G e sua incrível capacidade de transmissão de informações, permitindo o controle de todos os objetos conectados em tempo real, pois o objetivo da vacina é nos transformar em objetos conectados; **comprar ou vender:** governo totalitário de terror através do projeto de moeda digital única nas mãos da máfia satânica e cabalística para escravizar a humanidade...

Tudo está interligado e o Padre Lang é um dos raros a manifestar essa dimensão apocalíptica e demoníaca do problema. Honra a ele:

> « *Bill Gates já registrou um patente nos Estados Unidos em 2017, chamada* ***Luciferase****, que consiste em adicionar uma enzima a uma vacina que torna a vacinação "legível" para os humanos. Em 26 de março de 2020, a Microsoft registrou uma patente internacional número* ***060606****[40], que vai ainda mais longe. [...]* ***Tornar a vacinação "legível" permitiria cumprir o que as Escrituras falam, a saber, que somente aquele que tem a marca em sua mão ou em sua testa pode comprar ou vender.*** *Assim, por exemplo, se o sensor da porta da frente de um mercado detectar que uma pessoa não está vacinada, a porta permanecerá fechada.* »

Os cabalistas também gostam de símbolos! Servidores da besta e do dragão, eles reproduzem os símbolos de Satanás e seu número **666**: 7-1, homem sem Deus se idolatrando em rebelião contra a Trindade. Vivemos uma dessas inúmeras batalhas dessa longa guerra entre as criaturas rebeldes e Deus.

O Padre Lang conclui, portanto, com razão, pela « ***rejeição categórica dessa vacina intrinsecamente má***. Essa vacina provém de uma ciência sem consciência, ou seja, de uma ciência sem Deus, que não se importa nem um pouco com as leis naturais e que transgride de forma ousada e arrogante todos os limites estabelecidos por Deus. Quem se deixa voluntariamente injetar essa vacina **aceita**, **por um lado**, essa ciência sem consciência e **por outro lado**, o sistema satânico e ditatorial (060606), que está remodelando o mundo em sua própria direção. Isso significa que não pode haver **razão válida para aceitar esta vacina** [uma espécie de "batismo" satânico], mesmo que isso implique que o chefe da família perca seu emprego, que a hipoteca da casa não possa mais ser paga, que a família perca tudo e tenha que mendigar para sobreviver. [Cabe a nós sermos fiéis à graça do martírio] O inimigo de hoje não se apresenta diante de nós como um ídolo, não com uma metralhadora, mas como uma dose de vacina anti-divina que transgride todas as leis da natureza, sob o pretexto de nos salvar e ajudar. Dificilmente pode haver um plano mais brilhante (em termos satânicos). Quem perseverar até o fim será salvo. O tempo da tribulação não durará eternamente. Deus humilhará seus inimigos. »

Nós não sabemos se estamos diante da última e terrível perseguição, aquela do anticristo. Mas o que sabemos é que Deus nos dará a força do martírio e a glória em seu reino se lutarmos com Ele contra esses anticristos. **A perseguição se aproxima porque já começou.** Não são mais os pagãos romanos, nem os judeus pérfidos, nem os anglicanos cismáticos, nem os jacobinos fanáticos, nem os perversos comunistas, mas sim transhumanistas satânicos, cabalistas contra a natureza que temos que combater.

Deus continua sendo Deus e Cristo, o Cordeiro imolado, não morre mais, mas dá vida. Estejamos prontos para perder tudo a fim de encontrar a vida!

> « *Um anjo dirá: "Caiu,* ***caiu, Babilônia, a grande****, que embriagou todas as nações com o vinho da fúria da sua impudicícia! […]* ***Se alguém adorar a besta e sua imagem, e receber a marca em sua testa ou em sua mão, também beberá do vinho da fúria de Deus****, vinho purificado que é derramado na taça da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos anjos santos e do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento subirá pelos séculos dos séculos, e* ***não haverá descanso, nem dia nem noite, para aqueles que adoram a besta e sua imagem, nem para quem receber a marca do seu nome." Aqui está a paciência dos santos, que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus****. E ouvi uma voz do céu, dizendo: "Escreva: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor! Sim, diz o Espírito, que descansem de seus trabalhos, pois suas obras os seguem."* » (Apoc XIV, 8-14)

« *E a besta que era e não é mais, […] irá à perdição. [Aqueles] que receberão um poder de rei por uma hora com a besta […] farão guerra ao Cordeiro, mas* ***o Cordeiro os vencerá, porque ele é Senhor dos senhores e Rei dos reis****, e os que o acompanham são os chamados, os eleitos e os fiéis.* » (Apoc XVII, 13-16)

F. Mensagem de São Cipriano aos cristãos que recusarão a tirania transhumanista e suas vacinas diabólicas

São Cipriano, bispo de Cartago, escondia-se da polícia imperial que o procurava. No ano 257, Valeriano promulgou um édito pelo qual, pela primeira vez, a comunidade cristã como um todo foi tratada como uma associação ilícita. No ano 258, recusando-se a abjurar, foi condenado à morte como ***sacrílego, conspirador e instigador de associação ilícita***. Pouco antes de seu próprio martírio, ele escreveu uma carta aos fiéis de Thibaris, cidade da província proconsular (Túnisia), da qual seguem alguns trechos.

Vocês devem, portanto, saber e ter certeza de que a perseguição está suspensa sobre nossas cabeças, que esse dia vem, que o fim do mundo e o tempo do Anticristo se aproximam. Assim, **devemos todos nos preparar para a luta, não pensar em nada exceto na glória da vida eterna** e na coroa por confessar o Senhor, sem nos imaginar, ademais, que o que vem é como o que passou. Um combate mais sério e mais acirrado é iminente: **os soldados de Cristo devem se preparar com robusta coragem, considerando que a cada dia é-lhes dado beber o cálice do sangue de Cristo, a fim de que estejam em condição de derramar seu próprio sangue por Cristo**. De fato, queremos ser encontrados com Cristo quando reproduzimos o que Cristo ensinou e fez, segundo a palavra do apóstolo João:

> « *Aquele que diz que permanece em Cristo, deve andar como Ele andou.* » (Jo II,6).

Da mesma forma, o apóstolo Paulo nos exorta e instrui dizendo:

> « *Somos filhos de Deus; se somos seus filhos, também somos herdeiros e co-herdeiros com Cristo,* ***desde que*** *soframos com Ele para sermos glorificados com Ele.* » (Rm VIII,16-17).

É tudo isso que devemos considerar, para que ninguém lamente nada deste mundo que vai perecer, mas que siga a Cristo, que vive eternamente, e faz viver seus servos que têm fé em Seu Nome. O tempo vem, de fato, meus muito queridos, que o Senhor previu há muito e cujo aproximar nos anunciou dizendo:

> « *Uma hora virá em que todo aquele que vos matar julgará prestar um serviço a Deus. Mas farão isso porque não conhecem nem meu Pai nem a Mim. Mas eu vos disse estas coisas, para que, quando chegar a sua hora, vos lembreis de que eu vos as predizera.* » (Jo XVI,2-4).

Que ninguém se surpreenda por estarmos cercados de perseguições constantes, que alarmes nos inquietem incessantemente. **O Senhor nos previu que isso ocorreria no fim dos tempos.** Ele nos preparou para nosso serviço como soldados pelo ensino e o encorajamento de sua palavra. O apóstolo Pedro também nos ensinou que as perseguições ocorrem para que sejamos provados, e que, seguindo o exemplo dos justos que nos precederam, nós também sejamos unidos pela morte e pelo sofrimento à caridade de Deus. Ele colocou, de fato, isto em sua epístola:

> « *Meus muito amados, não vos admireis do incêndio que se acende entre vós, como se algo extraordinário vos estivesse acontecendo. Mas todas as vezes que participardes das aflições de Cristo, alegrai-vos, para que na manifestação de sua Glória, vos alegreis de júbilo. Se alguém vos injuriar pelo Nome de Cristo, sois felizes, porque o Nome do Senhor, um Nome de majestade e poder, repousa sobre vós, e que é por eles blasfêmia, por vós é honra.* » (IPe IV,12-14).

Os apóstolos apenas nos ensinaram o que haviam aprendido do ensino dominical…:

> « Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos afastarem, vos expuserem e maldisserem vosso nome por causa do Filho do homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, pois grande é a vossa recompensa nos céus. » (Lc VI,22-23).

O Senhor quis que nos alegrássemos e exultássemos nas perseguições, porque quando vêm as perseguições, é então que se dão as coroas da fé, é quando se provam os soldados de Cristo, é quando os céus se abrem para os mártires. Não nos comprometemos com a milícia apenas para pensar apenas na paz, recusar o serviço e nos esquivar, quando o Senhor, o Mestre da humildade, da paciência e do sofrimento, já havia prestado Ele mesmo antes de nós o mesmo serviço. **O que Ele ensinou, começou por fazer, e ao nos exortar a sofrer, Ele mesmo sofreu por nós.** Mantenhamos diante dos olhos, irmãos muito amados, que Aquele que o Pai constituiu como único juiz, e que virá julgar, já fez conhecer o sentido pelo qual julgará e conduzirá sua futura investigação. Ele previu e proclamou que confessaria diante de seu Pai aqueles que o confessassem e que renegaria aqueles que o renegassem. Se pudéssemos escapar da morte, temeríamos, com razão, morrer. **Mas uma vez que é inevitável que um mortal morra, aproveitemos a oportunidade que nos oferece a promessa divina e a bondade divina; soframos a morte para receber a imortalidade, e não temamos ser mortos, pois é certo que, quando nos matam, nos coroam.**

Nestes dias, cada um de nossos irmãos pode se encontrar, provisoriamente e por força das circunstâncias, separado, não de espírito, mas de corpo, do rebanho: que ele não se deixe abalar pelo horror desse exílio; onde quer que esteja afastado e escondido, que a solidão não o apavore. Não está sozinho aquele que Cristo acompanha em sua fuga; não está sozinho aquele que, conservando o templo de Deus onde quer que esteja, nunca está sem Deus. E, se enquanto foge na solidão e na montanha, for morto por um bandido, atacado por uma fera, afligido pela fome, sede ou frio, ou, se enquanto se apressa pelos mares em uma navegação precipitada, a tempestade e o turbilhão o fazem perecer nas ondas, **Cristo tem os olhos sobre seu soldado, onde quer que ele combate. Quando ele morre na perseguição, pelo honra de seu Nome, Ele lhe dá a recompensa que prometeu dar no dia da ressurreição. A glória do martírio não é menor por não morrer publicamente e diante de muitas pessoas, quando a razão para morrer é morrer por Cristo. A atestação do martírio é suficiente, quando tem como testemunha Aquele que prova os mártires e os coroa!**

O bispo lembra então o episódio da Sagrada Escritura que mostra Ananias, Azarias e Misael, que foram obrigados a adorar a estátua que o rei Nabucodonosor havia levantado: Eles acreditavam, pela fé, que poderiam escapar, mas acrescentaram "ainda que não o fizéssemos", para fazer saber ao rei que também poderiam morrer pelo Deus que honravam. **Isso é coragem e fé: crer e saber que Deus pode nos livrar da morte que ameaça, e, ainda assim, não temer a morte e não ceder, para dar uma prova maior de sua fé.** ... **Quão grave seria o caso de um servo que leva o nome de cristão não querer sofrer quando seu Mestre, Cristo, sofreu primeiro; quão covarde seria para nós não consentir em sofrer por nossos**

pecados, quando Ele, que não tinha pecado próprio, sofreu por nós! O Filho de Deus sofreu para fazer de nós filhos de Deus, e o Filho do Homem não quer sofrer para continuar sendo filho de Deus! Se estamos sob o ódio do mundo, o Filho de Deus o experimentou antes de nós; se sofremos aqui embaixo abusos, exílio, tormentos, o Autor, o Mestre do mundo sofreu um tratamento pior; e Ele nos lembra:

> « *Se o mundo, diz Ele, os odeia, lembrem-se que a Mim me odiou primeiro. Se vocês fossem do mundo, o mundo amaria o que lhe pertence; mas, porque vocês não são do mundo, e Eu os escolhi e os tirei do mundo, é por isso que o mundo os odeia. Lembrem-se da palavra que Eu lhes disse: O servo não está acima de seu mestre. Se a Mim me perseguiram, também a vocês perseguirão.* » (Jo XV,18-20).

E que nenhum de vocês, irmãos muito amados, se deixe tanto assustar pela perseguição que se aproxima e pela vinda do Anticristo, que não encontre nas **exortações evangélicas, nos preceitos e nos avisos celestiais, armas contra todos os perigos**. **O Anticristo vem, mas depois dele vem Cristo**. O inimigo espreita e exerce seus estragos, mas o Senhor o segue imediatamente e vinga nossos sofrimentos e feridas. ...

> « *Não tenham medo, diz Ele, daqueles que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma. Temam mais aquele que pode destruir tanto o corpo quanto a alma, lançando-a ao inferno.* » (Mt X,28).

E ainda:

> « *Aquele que ama sua vida a perderá, e aquele que aborrece sua vida neste mundo, a salvará para a vida eterna.* » (Jo XII,25).

O Apocalipse também nos adverte e nos avisa:

> « *Se alguém adorar a besta e sua imagem, e receber a marca em sua testa e em sua mão, beberá do vinho da ira de Deus misturado na taça da sua ira; será castigado com fogo e enxofre, à vista dos anjos santos e do Cordeiro, e a fumaça do seu tormento subirá pelos séculos dos séculos. Não terá descanso de dia nem de noite, os que adoram a besta e sua imagem.* » (Ap XIV,9-11).

… **Deus nos observa lutar, e ... goza com o espetáculo de nossa luta**. Enquanto somos martirizados e sustentamos o combate da fé, Deus nos observa, seus anjos nos olham, Cristo nos observa. Que glória para nós!… **Armemo-nos, irmãos muito amados, com todas as nossas forças, e preparemo-nos para a luta, com uma alma incorruptível, uma fé completa, um coragem disposta ao sacrifício**. Que o exército de Deus saia do acampamento e marche para a batalha que nos é oferecida. Que aqueles que permaneceram firmes se armem, para que aquele que não se dobrou mantenha toda a sua glória. Que aqueles que caíram também se armem, para que o caído recupere o que perdeu. **Que a honra anime uns, a dor a outros**. O bem-aventurado Apóstolo nos ensina a nos armarmos e a nos prepararmos, quando diz:

> « *A luta que temos que enfrentar não é contra seres de carne e sangue, mas contra as potências e os principados deste mundo e das trevas, contra os espíritos de perversidade espalhados nos ares. Portanto, revistam-se de toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau. Assim, quando tiverem acabado de se armar, se mantenham firmes, os lombos cingidos com a verdade, vestindo a couraça da justiça, os pés calçados, prontos para anunciar o evangelho da paz, tomando o escudo da fé para apagar os dardos inflamados do inimigo, levando o capacete da salvação e a espada do espírito, que é a palavra de Deus.* » (Ef VI,12-17).

Tomemos essas armas, revistamo-nos dessas defesas espirituais e celestiais, para que no dia mau possamos resistir às ameaças do diabo e lutar contra ele… **Que grande, que belo dia, irmãos muito amados, será aquele em que o Senhor passará em revista seu povo e, com um olhar divino, examinará os méritos de cada um, onde enviará os ímpios ao inferno e condenará às chamas eternas do fogo vingador aqueles que nos perseguiam, enquanto a nós, pagará o preço de nossa fé e de nossa dedicação!** Qual não será nossa glória e nossa felicidade: ser admitidos a ver a Deus, ter a honra de participar das alegrias da salvação e da luz eterna na companhia de Cristo Senhor nosso Deus, de **todos os patriarcas, apóstolos, profetas, mártires, gozar no reino dos céus na companhia dos justos e amigos de Deus, das alegrias da imortalidade adquirida, e degustar

> «***o que o olho do homem não viu, o que o seu ouvido não ouviu, o que o seu coração não experimentou***»! (I Cor II,9).

Que devemos receber mais do que o justo preço do que fazemos ou sofremos aqui, é o que o Apóstolo proclama: « *As aflições deste tempo não são comparáveis à glória que será manifestada em nós.* » (Rm VIII,18). Quando esta manifestação vier, **tristes e infelizes permanecerão aqueles que, abandonando Deus ou se revoltando contra Ele, fizeram a vontade do diabo, e devem com ele ser torturados por um fogo que não poderá se apagar.**

Que esses pensamentos, irmãos muito amados, estejam bem fixados em nossas mentes. Que isso seja uma preparação para as armas, um exercício dia e noite, ter sempre diante dos olhos, representando constantemente em nosso espírito e em nossos sentidos, os tormentos dos ímpios e as recompensas dos justos, as penas com que o Senhor ameaça aqueles que o renegam, e, por outro lado, a glória que promete àqueles que confessam seu Nome. Se o dia da perseguição nos encontrar nesses pensamentos e meditações, **o soldado de Cristo**, instruído por seus ensinamentos e avisos, **não tem medo do combate: está pronto para a coroa**. Desejo, irmãos muito amados, que vocês sempre se mantenham bem.

Padre Olivier Rioult
21 de julho de 2021
www.lasapiniere.info

« *Deus é o único Senhor da vida*
*e da **integridade do ser humano**…*
O homem não é o proprietário:
ele tem o usufruto, e deverá, portanto, prestar contas ao Criador do uso que fez. » (Pio XII)

[1] IIa IIæ Q. 110, art. III, ad. 4um – *O menor mal não é um bem* pelo Chanoine Roul, Ordem Francesa – agosto de 1973. Brilhante aluno da Universidade Gregoriana, foi pároco de Saint-Similien em Nantes (1926-1970).

[2] IIa IIæ Q. X, art. I, corpus.

[3] Jussio, consilium, consensus, palpo, recursus, participans, mutus, non obstans, non manifestans.

[4] Obras de São Alípio-Maria de Liguori, Pelo abade Pelletier, tomo 9, Louis Vivès, 1877, *O Confessor Dirigido*…, cap. IV, § IV do escândalo, XVII.

[5] Obras de São **Alípio-Maria de Liguori**, Pelo abade Pelletier, tomo 6, Louis Vivès, 1877, *Instrução… ou resumo da Teologia Moral*, cap. IV, 2º ponto *Da caridade em relação ao próximo*, XXIII & cap. X, 3º ponto *Da restituição*, § II, LVII.

[6] **Jean-Benoît Vittrant, S. J.** *Teologia Moral*, Beauchesne, 1941, 1ª Parte, Cap. I Os atos humanos, § IV. O voluntário indireto e o problema da cooperação.

[7] O livre jornal da França profunda, Rádio Courtoisie, 14 de janeiro de 2021, *Amazon, serviço ou monstruosidade?*

[8] R. Brouillard, *Catolicismo*, art. Cooperação, col. 167.

[9] Cf. Madame Pamela Acker, Entrevistas no Life Site News e em seu livro « *Vacinação: uma Perspectiva Católica* »

[10] Estudo pelo RP Joseph, ***Do uso da linhagem criminosa HEK 293: a questão da moralidade das vacinas contra a Covid***.

[11] Catecismo do Concílio de Trento, *Sétima petição da Oração Dominical*: § I. Como se deve pedir para ser libertado do mal.

[12] **Autor / Fonte:** sciencemag.org (5/6/2020); pop.org (4/6/2020)

[13] *Boletim dos Amigos de São Francisco de Sales*, N° 212 – Março-Abril de 2021 citando sì sì no no, dos dias 15 e 31.01.2021.

[14] « *Ela vale o que valem os argumentos que apresentamos. Outras vozes concluíram de maneira diferente. Que este artigo traga sua modesta contribuição ao debate de fundo que a gravidade da questão merece.* »

[15] « *No que diz respeito às doenças contra as quais ainda não existem outras vacinas disponíveis e eticamente aceitáveis, deve-se abster de usar essas vacinas, se isso puder ser feito sem que as crianças, e indiretamente a população em geral, corram riscos significativos para sua saúde. No entanto,* ***se as crianças podem estar expostas a riscos consideráveis para sua saúde, as vacinas cujo uso apresenta problemas morais podem ser usadas temporariamente. A razão moral é que o dever de evitar a cooperação material passiva não se impõe se houver um grande inconveniente****. Além disso, diante do perigo de favorecer a disseminação do agente patológico devido à não vacinação das crianças, encontramos, nesse caso, uma razão proporcional para aceitar o uso dessas vacinas. Isso é particularmente verdadeiro no caso da vacinação contra o sarampo.* » (Bento XVI, 5 de junho de 2005)

[16] « *É moralmente lícito usar as vacinas contra a Covid-19, que utilizam linhagens de células provenientes de fetos abortados... Usar essas vacinas não significa que haja cooperação formal com o aborto, através do qual essas vacinas são produzidas. Nesse caso, a cooperação com o aborto é remota, portanto, o dever moral de evitá-la não subsiste,* ***se estamos diante de um grave perigo, como a propagação de um agente patogênico incontrolável sem a vacina****.* » Nota de 21 de dezembro de 2020, assinada pelo cardeal Ladaria, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, e aprovada pelo papa Francisco.

[17] A presença de anticorpos não é um sinal conclusivo de imunização. Uma vez que pessoas adequadamente vacinadas não apenas podem desenvolver o vírus, mas, sobretudo, transmiti-lo. A imunidade natural, por sua vez, baseia-se mais em um sistema diversificado e complexo, muito mais eficaz do que uma cobertura vacinal que protege apenas contra determinadas cepas virais específicas, mas, ao fazê-lo, enfraquece significativamente as pessoas frente a todas as outras cepas do mesmo tipo… Daí a crescente incidência de reações autoimunes… **Portanto, a imunidade vacinal não é uma imunidade, mas um constatado aumento de anticorpos específicos... Ali está a impostura!**

[18] http://www.lasapiniere.info/archives/3999

[19] Fenômenos nervosos notáveis pela irregularidade da marcha e pela gravidade das doenças a que estão ligados.

[20] https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16807526

[21] https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1497645

[22] Entrevista realizada pela televisão italiana na Residência Santa Marta no Vaticano (10 de jan. 2021) – site da rede Canale 5.

[23] Abade Gabin Hachette, *O universo covidiano*, La Porte latine.

[24] Entrevista com Kary Mullis, Prêmio Nobel de Química, Inventor do teste PCR: https://www.youtube.com/watch?v=rXm9kAhNj-4.

[25] https://academic.oup.com/cid/article/71/16/2252/5841456?login=true - https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMp2025631.

[26] Pio XII, Alocução à "União médico-biológica São Lucas", 12 de novembro de 1941.

[27] Videoconferência transmitida no Facebook afirmou (https://www.facebook.com/154163327962392/videos/2109672172500129/ desde o minuto 01:00:25)

[28] Publicado em tradução italiana pelo advogado **Edoardo Polacco** de Roma em seu site (http://www.iostoconlavvocatopolacco.it/wpcontent/uploads/2020/12/bugiardino-vaccino-covid.pdf)

[29] Jean-Dominique Michel, antropólogo da saúde, Mediterranée Infection, Seminário, *A medicina e a saúde à prova do Covid*, 21 de maio de 2021.

[30] http://www.lasapiniere.info/archives/3787

[31] Abade Arnaud Sélégny, professor no seminário de Écône, A vacina contra a Covid-19 é moralmente segura? FSSPX.NEWS – 4 de dezembro de 2020.

[32] Pio XII, Alocução à "União médico-biológica São Lucas", 12 de novembro de 1941.

[33] https://sspx.org/en/news-events/news/can-catholic-good-conscience-receive-coronavirus-vaccine-62007.

[34] Editorial do *Mitteilungsblatt* n° 507 de abril de 2021.

[35] Abade Peter Lang, *A vacina contra a Covid-19: um programa satânico?* Janeiro de 2021 – Priorato St. Athanasius, Stuttgarter Str. 24 70469 Stuttgart Feuerbach.

[36] « *A pandemia só será vencida quando todos os habitantes da terra estiverem vacinados* », explicava a chanceler Merkel (Chanceler da Alemanha, 19.02.2021). – « *O mundo não voltará à normalidade até que toda a população mundial esteja vacinada* » (Bill Gates).

[37] https://mitteilungsblatt-a.fsspx.online/mb-juni-2021-osterreich/a-editorial.

[38] **O abade Lang:** « *No que diz respeito ao julgamento teológico e moral sobre a problemática do uso das vacinas em questão, muitos católicos atualmente se baseiam em um documento da Academia Pontifícia para a Vida datado de **9 de junho de 2005**, que foi confirmado por uma declaração da mesma instituição datada de **31 de julho de 2017***, eles também se apoiam, de maneira não conclusiva a nosso ver, **em uma declaração de 12 de dezembro de 2020, [onde] o cardeal Janis Pujats, o arcebispo Tomasz Peta, o arcebispo Jan Pawel Lenga, o bispo Joseph E. Strickland e o bispo auxiliar Athanasius Schneider expõem de maneira plausível porque o raciocínio da Academia Pontifícia é inaceitável: «... o crime do aborto é tão monstruoso que toda forma de concatenação com esse crime, qualquer que seja e mesmo muito distante, é imoral e não pode de forma alguma ser aceita por um católico, uma vez que tenha tomado plena consciência disso. Aqueles que fazem uso dessas vacinas devem estar cientes de que seu corpo "se beneficiaria" de alguma forma dos "frutos" (embora afastados por uma série de processos químicos) de um dos maiores crimes da humanidade._** »

[39] Entrevista realizada pela televisão italiana na Residência Santa Marta no Vaticano (10 de jan. 2021) – site da rede Canale 5.

[40] Cf. Pierre Hillard, *Crônicas do globalismo*, Cultura e raízes, 2014, p. 285 & 343.

Satanás na cidade (1/2)

por Padre Olivier Rioult | 16 de janeiro de 2016 |

Conferência em vídeo do Padre Rioult em nove pontos:

1. Quem é o diabo?
2. Como o demônio se manifesta?
3. Do exorcismo: uma luta contra os demônios
4. A possessão demoníaca das instituições
5. A Revolução é Satânica
6. Soberania do Povo e Liberalismo
7. Mentira e homicídio
8. Filhos legítimos e bastardos
9. Conclusão

> *« Irmãos, fortalecei-vos no Senhor e na sua força poderosa. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo. Porque não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares. » (Ef VI, 10-12)*

Artigo em pdf aqui: Satanás na cidade

Satanás na cidade

Hoje, propomo-nos a manifestar a ação diabólica na sociedade contemporânea. Ver o diabo em toda parte é um erro; mas não vê-lo em lugar nenhum é um erro muito mais grave. Baudelaire tinha razão ao dizer que

> « *a mais bela artimanha do Diabo é fazer crer que ele não existe* ».

O Diabo tem uma influência real sobre os homens e sua parcela de responsabilidade está longe de ser negligenciável. Veremos, como dizia M. Blanc de Saint Bonnet, que « *nossos erros políticos são na realidade apenas a expressão de erros teológicos* » inspirados pelo inferno.

Vamos, durante esta entrevista, inspirar-nos consequentemente no livro de M. Marcel de la Bigne de Villeneuve Doutor em Letras, em Direito e em Ciências Políticas e Econômicas, publicado em 1951 e intitulado justamente *Satanás na cidade*. Sua intuição fundamental é tão correta que nos pareceu apropriado sintetizar seu pensamento, aprofundá-lo e atualizá-lo.[1]

1. Quem é o diabo?

Se falamos frequentemente do plano de Deus para o mundo, seria um erro desinteressarmo-nos do plano de Satanás, que persegue com uma constância notável e por diversos meios um único objetivo: o fracasso e a destruição da obra de Deus.

Nas nossas sociedades apóstatas, facilmente se dá uma representação do Demônio como algo cômico e ridículo: um diabo que no fundo não é tão mau (muitas mensagens publicitárias usam essa imagem, nos fantasiamos de diabinho e rimos disso...) Na realidade, o diabo é um Carrasco insaciável, o Espírito do Mal, o *Leo rugiens* das Escrituras, que se empenha na nossa perdição.

O diabo é o chefe de todos os anjos infiéis e condenados. Seu nome é Lúcifer, ele é o Príncipe das Trevas, que, apesar de sua queda, lembra-se de seu antigo esplendor. Mas, se ele perdeu a graça, não perdeu nada de seu poder natural. Sua vida é pura razão e inteligência.

Quando o Evangelho chama Lúcifer de *Príncipe das Trevas* ou *Príncipe deste Mundo*, não é uma fórmula literária, mas sim **um título que corresponde a um verdadeiro e temível poder**. Um poder perigoso e perverso, mesmo que seja limitado.

Inteligência, portanto, superior, Satanás conhece os segredos da natureza que temos tanta dificuldade em penetrar. No entanto, ele não é uma autoridade que se possa consultar para nossa utilidade. Lúcifer é pura revolta contra Deus. Foi ele quem levou nossos primeiros pais à desobediência e ao mal. Ele é *O tentador*. **Dotado de faculdades supremas, mas deliberadamente voltadas para o mal, ele está decidido a nos prejudicar.**

2. Como se manifesta o demônio?

Os demônios que se empenham na nossa perdição nem sempre se manifestam de maneira espetacular. O objetivo deles é a completa escravização do homem. E para chegar lá, eles procedem por etapas: primeiro a tentação, depois a obsessão, a fim de obter a possessão (corpo e alma).

Todo mundo já experimentou, em algum momento, ser alvo de uma tentação, que pode, às vezes, ser obsessiva, contradizendo nossa razão e nos empurrando para o mal. **A tentação é uma ação demoníaca, um esforço inteligente e persistente de um poder maligno.** As tentações e os impulsos ruins da nossa natureza são o grau mais *comum* da ação diabólica.

A obsessão vem em seguida. Ela se manifesta com um caráter sorrateiro ou brutal, que parece superar nossas forças. Às vezes, traduz-se em fenômenos extraordinários. As obsessões exteriores são chamadas de *infestações*: ruídos, movimentos de objetos ou até mesmo ataques físicos com golpes, tremores... A obsessão *interior* inclui visões imaginárias, impulsos anormais, visões aterrorizantes ou impuras, pensamentos de ódio contra Deus, contra pessoas ou coisas consagradas, pensamentos de desespero... Ao desordenar nossa mente e nossa vontade, o objetivo é a desintegração da nossa unidade interior para favorecer a escravização da nossa personalidade. Em resumo, preparar a ocupação infernal da nossa alma e, se possível, do nosso corpo.

Finalmente, vem a possessão. A Igreja entende por possessão, primeiramente, a presença de um espírito maligno que exerce um domínio real sobre o corpo. Mas, sempre que nossa alma aceita se separar de Deus ao cometer um pecado mortal, a alma se torna escrava de Satanás. Ao se condenar dessa forma, ela se torna uma posse do inferno.

3. Do exorcismo: uma luta contra os demônios

Para a ciência ímpia, não existe possessão, apenas grandes doentes nervosos. Mas Cristo e os Apóstolos sempre fizeram uma distinção clara entre os possuídos e os doentes. **Eles exorcizavam uns, libertando-os da escravidão do demônio, e se contentavam em curar ou consolar os outros**.

O exorcista sabe diferenciar entre um histérico e um possuído. A Igreja faz uma análise rigorosa dos sinais de possessão e descarta todos aqueles que podem ter uma explicação natural. O P. Thyrée, em seu *De Dæmoniacis* de 1598, distingue entre vários sinais: **os falsos a serem rejeitados; os duvidosos a serem descartados; os certos a serem considerados**. Dos primeiros, ele forma uma lista de doze. São eles: « *A íntima persuasão de estar possuído...; uma conduta perversa...; costumes selvagens ou grosseiros...; doenças incuráveis pela arte dos médicos...; o mau hábito de sempre ter o Diabo na boca...; a impressão de nunca estar em segurança, de se sentir molestado por espíritos...; tentar suicídio...; invocar demônios até perceber visivelmente sua presença...; a fúria...; a perda de memória...; e a revelação de coisas ocultas*». Todos esses sinais são falsos sinais de possessão. E ele acrescenta, também desprovidos de significado decisivo, «*a cegueira, a surdez, o mutismo, a crueldade contra seu próprio corpo ou contra outros*».

O Ritual, por outro lado, enumera pelo menos três sinais certos:

1º) *Ignota lingua loqui pluribus verbis*: falar ou entender suficientemente uma língua que não se aprendeu

2º) *distantia et occulta patefacere*: descobrir coisas ocultas e distantes

3º) *vires supra aetatis seu conditionis naturam ostendere*: mostrar forças acima de sua idade e condição.

O exorcismo, o jejum e a oração são, então, os recursos supremos para libertar esses infelizes possuídos e, no caso de possessão da alma, para obter a graça de uma verdadeira conversão.

A respeito do exorcismo, a Igreja pouco a pouco limitou seu uso para confiá-lo mais especialmente a clérigos. E para melhor demonstrar seu desprezo pelos demônios, ela confiou-o a ministros inferiores da hierarquia eclesiástica. Depois, progressivamente, restringiu ainda mais seu emprego, de forma cada vez mais estreita, para remediar abusos e prevenir acidentes desastrosos. Hoje, ela confia essa tarefa a delegados especiais, escolhidos entre sacerdotes sensatamente provados, experientes e sábios.

A Igreja, no entanto, não repudiou sua antiga tradição. Todo sacerdote, assim como todo fiel, pode sempre, se julgar oportuno, recorrer ao exorcismo. A oração a São Miguel, prescrita por Leão XIII no final da missa, já constitui um exorcismo:

> «*São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate; sede nosso refúgio contra a maldade e as ciladas do demônio. – Que Deus manifeste seu poder sobre ele, é nossa humilde súplica. E vós, Príncipe da Milícia Celeste, pelo poder divino, precipitai no inferno Satanás e os outros espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. Amém.*

Além disso, Leão XIII também publicou um exorcismo contra os anjos caídos para uso geral, nos casos «*em que se pode supor uma ação do demônio, manifestando-se tanto pela maldade dos homens, quanto por tentações, males, doenças, tempestades, calamidades de todo tipo.*» Em breve, forneceremos a íntegra deste documento.

4. A possessão demoníaca das instituições

Por que o Diabo perderia seu tempo preferindo a possessão dos corpos, quando, por meio da possessão das instituições políticas e governamentais, pelas leis e costumes onde insinua seu espírito perverso, ele pode tão facilmente orientar os homens, aos centenas de milhões, para os caminhos da perdição: o que, não esqueçamos, continua sendo seu objetivo inalterável? **Satanás se adaptou perfeitamente ao progresso da ciência**. Antes, Lúcifer agia de maneira artesanal, agora ele age de maneira industrial e continua seu trabalho infernal em série, com instrumentos muito mais eficientes. Com o progresso técnico nas mãos dos sem Deus, Satanás produz a escravização das massas [obsessão] e causa muitos disfuncionamentos psíquicos e morais pela perversa corrupção das instituições de toda uma sociedade [possessão].

A relativa raridade das possessões demoníacas individuais não é sinônimo de uma diminuição da intensidade da atividade diabólica; ao contrário, ela se multiplicou. Certamente, Satanás, antes e durante a era cristã, sempre procurou infestar o poder político. Evidentemente! Mas nunca no grau conhecido nas circunstâncias atuais. Todas as instituições laicas e até mesmo religiosas estão hoje infestadas!

A ação diabólica não encontra mais, como no passado, certa resistência dos princípios estabelecidos pela Razão e pela Fé. Satanás conseguiu, pouco a pouco, perverter os princípios da sociedade, fundamentando-os na mentira e no vício.

Portanto, há possessão diabólica dos Estados quando suas instituições são concebidas para excitar e exaltar a malícia dos homens: **o Mal está então na raiz dos princípios, fazendo-se passar pelo Bem, decorando a Desordem com as cores da Ordem e o Falso com os aspectos da Verdade**.

Pio XII dizia em 19 de fevereiro de 1949:

> «*Estamos sobrecarregados de tristeza e angústia ao ver que a maldade dos homens perversos atingiu um grau de impiedade inconcebível e* ***absolutamente desconhecido em outros tempos****… Isso não ocorre sem as maquinações de* ***um inimigo infernal***.»

5. A Revolução é Satânica

O grito de revolta dos Anjos Luciferianos foi:

> «*Non serviam: Eu não servirei, Eu serei como Deus!*»

Tudo converge e sempre convergirá para isso: um amor adorador da criatura que se recusa ao Criador.

> «*Dois amores criaram duas cidades*, escreveu Santo Agostinho, *o amor de si próprio em desprezo a Deus e o amor a Deus até o desprezo de si próprio*.»

A possessão das instituições por Satanás espalhou pelo mundo o culto de si mesmo, o culto do homem, o « *culto antropolátrico*», onde o homem se exalta no trono de Deus.

O ideal demoníaco sempre existiu, mesmo quando o Evangelho reinava nas cidades. Mas ele foi freado, combatido e como que acorrentado durante os mil anos de cristandade. No entanto, desde dois séculos atrás, devido ao pecado dos homens e à infidelidade dos cristãos, o demônio foi como que desencadeado. E ele conseguiu tomar o poder da cidade. Isso explica o imenso tumulto e a ruína do universo civilizado a que assistimos desde então.

O cataclismo que sacudiu a França no final do século XVIII causou a infecção e a decadência de toda a Europa. Depois, a apostasia da Europa corrompeu o mundo que ela havia conquistado.

Um lembrete da história política é necessário aqui.

Desde 1789, a França não é mais católica, mas maçônica. Se 496, a conversão de Clóvis, marca a possessão de Deus sobre as instituições, o *Gesta **Dei** per Francos*; 1789 marca, por sua vez, a possessão do diabo sobre as instituições do país, é o *Gesta **Diaboli** per Francos.*

Alguns ingênuos ou sobrenaturalistas dirão:

> «*Atenção, nada de política! Todas as opiniões são livres e não devemos ser acusados de ser reacionários ou fascistas; nossa ação seria esterilizada. Aceitemos como um fato as instituições existentes, quaisquer que sejam. Há bem o suficiente a fazer no campo social onde todos podem concordar e evitar as causas de discórdia*».

Esses imbecis não percebem que deixam assim o campo livre para Satanás, que se instalou na esfera política porque sabe muito bem que essa posição comanda todas as outras, permite todas as incursões e, depois, todas as conquistas. Os liberais não entendem a importância capital do dogma de Cristo Rei e a malícia mortal e satânica da liberdade religiosa.

A Revolução foi, portanto, uma obra-prima de perversão. Certamente, o orgulho do Grande Luís XIV, a impureza de Luís XV e a utopia de Luís XVI fragilizaram a monarquia cristã. Certamente, houve muita infidelidade no clero, na nobreza e no povo. Mas, sem o concurso da Maçonaria e das Sociedades secretas, a Revolução teria faltado de um agente ativo de decomposição.

> «*O principal e último objetivo da maçonaria é destruir, desde os alicerces, toda a ordem religiosa nascida da instituição cristã, e criar uma nova ordem segundo sua vontade, que tire seus fundamentos e suas normas do naturalismo*.» (Leão XIII, *Humanum Genus*).

Ordo ab chaos. De fato, desde que essa seita pôde agir em nosso país, a França conheceu seis revoluções (1789-1830-1848-1870-1945-1968), cinco invasões estrangeiras (1815-1870-1914-1940-1945), duas espoliações da Igreja; a expulsão das Ordens Religiosas; a supressão das escolas católicas; a laicização das instituições (1789 e 1901), etc.

E o cenário em escala mundial é igualmente dramático: não se contam mais as revoluções organizadas por Irmãos maçons e os assassinatos de chefes de Estado insubmissos ao seu diktat...

A Revolução foi apenas uma vasta empresa de demolição da ordem cristã e natural. Essa ação tem a assinatura de Satanás, cujo nome hebraico significa literalmente *adversário*, aquele que é contra.

Em sua obra *La Légitimité*, Blanc de Saint-Bonnet mostra como uma insurreição, simultaneamente filosófica, política, religiosa, econômica, jurídica, literária... não pode ter outra origem senão o inimigo do gênero humano, que quer «_derrubar a cristandade em um **erro capaz de acelerar o fim dos tempos**».

> *«Esse erro derrubará o mundo que Cristo tirou das ruínas da antiguidade. Tronos, hierarquias, crenças, leis, costumes, hereditariedade, propriedade, exército, pátria [raça], tudo será lançado como um objeto destruído na barbárie definitiva.*»

Com efeito, desde a Revolução, todas as nações, pela violência ou pela subversão, se fundaram, uma após a outra, sobre os direitos do homem. O resultado está diante de nossos olhos. Assistimos ao seu desaparecimento e ao reino de um globalismo materialista e desumano.

No entanto, já em 23 de abril de **1791**, o Papa Pio VI havia reprovado publicamente a Declaração dos Direitos do Homem, denunciando sua oposição com a religião ***e*** a sociedade.

A Revolução Francesa foi, portanto, uma etapa apocalíptica que prepara a vinda do anticristo. Pois se houve em todos os tempos ímpios, jamais houve, antes deste século XVIII, uma insurreição legal contra Deus. Pio IX, em sua Encíclica de 8 de dezembro de **1849**:

> « *A Revolução é inspirada pelo próprio Satanás. Seu objetivo é destruir de alto a baixo o edifício do Cristianismo e reconstruir sobre as ruínas o edifício social do Paganismo*. »

A Revolução é, portanto, intrinsecamente satânica.

Precisamos agora analisar seu dogma central.

6. Soberania do Povo e Liberalismo

Onde encontrar a base da doutrina revolucionária e a concepção da Sociedade, e por aí o ponto essencial da infestação demoníaca? Nos princípios fundadores de *A Declaração dos Direitos do Homem*:

> *"Todos os homens nascem e permanecem livres e iguais em direitos." & "O direito e a lei não são outra coisa senão a vontade da maioria regularmente e livremente expressa." & "Todo indivíduo é livre e soberano por natureza e por essência, de modo que não pode renunciar a esse direito natural; sua vontade só se detém no ponto em que atentaria contra a liberdade correlativa de outrem."*

Assim, o dogma infernal por excelência, aquele onde Satanás reside de preferência e que constitui para ele o melhor meio de corrupção, é a *Soberania do Povo* com sua consequência: o *Liberalismo*.

I) a Soberania do Povo é uma heresia

"A Soberania do Povo é uma heresia", este era o título de um panfleto do abade Charles Maignen. Ele mostrava como a Soberania do Povo se opõe diametralmente à noção cristã do Poder.

O Cristianismo coloca como princípio primeiro e absoluto que "*todo poder vem de Deus*" e deve, consequentemente, para ser legítimo, ser exercido de acordo com Suas leis estabelecidas na natureza ou reveladas sobrenaturalmente. Esta Vontade divina é, portanto, superior a toda decisão humana, mesmo da Maioria, mesmo da humanidade inteira... Se, portanto, uma lei humana contradiz diretamente o bem divino, "*é preciso obedecer a Deus antes que aos homens*" pois então a lei humana torna-se nula e sem força moral.

Leão XIII, na Encíclica *Inscrutabili Dei*, reprova os defensores do dogma revolucionário por terem

> "*por uma **impiedade totalmente nova** e que os pagãos mesmos não conheceram, eliminado Deus do governo e proclamado que a autoridade pública não tomava dEle o princípio, a majestade, a força de comandar, mas da multidão do povo, a qual, crendo-se desobrigada de toda sanção divina, não mais sofreu estar submetida a outras leis que não aquelas que ela mesma teria imposto conforme seu capricho*."

Renegar esta doutrina católica é renegar a tradição apostólica. Mas é também um absurdo. Pois, a Soberania do Povo é uma impostura que não é na realidade senão a tirania do Número manipulado pela plutocracia. Com efeito, "*Quem é governado? O Povo*" nos dizem; "*Quem governa? O Povo*" ainda; "*De onde vem a autoridade? Do Povo*" sempre." Brinca-se com as palavras; e é esta ridícula doutrina que nos governa. Satanás e seus asseclas lisonjeiam o orgulho e a estupidez dos homens para melhor governá-los.

Esta doutrina da *Soberania do Povo* não deixa logicamente mais nenhuma soberania para Deus que não é mais tolerado senão na medida em que o povo consente. **O Povo (na realidade Satanás e seus asseclas) se substituiu a Deus**, ele se tornou Deus. O homem não tem mais deveres fora daqueles que ele quer livremente se impor ou se reconhecer a si mesmo; O homem se fez lei... Ele é, portanto, Deus. **Não há, portanto, mais lei moral imposta por uma natureza criada por Deus...** "*A Revolução não é senão a tentativa de organização do mundo sem Deus e contra Deus. É a heresia total*" escreveu o abade Charles Maignen.

A Soberania do Povo é também uma negação prática da Queda original que provocou a mancha primitiva do homem. Se com efeito o mal existe no homem desde seu nascimento, o homem carrega em si tendências más que não podem ser combatidas e refreadas senão pela graça e por uma autoridade esclarecida, como ensina o Cristianismo.

Ora, a Soberania do Povo quer que o indivíduo nasça bom, inteligente e livre. É o que afirmam estupidamente Jean-Jacques Rousseau e todos os filósofos doutrinários da Revolução. A democracia é, portanto, fundada sobre um ato de fé: aquele na bondade da natureza humana. Mais uma vez se atinge o Ridículo e o patético! Pois a crença na "*imaculada conceição*" do homem, segundo a expressão célebre de Blanc de Saint-Bonnet, é a causa de nossa ruína.

Lúcifer conseguiu, portanto, institucionalizar a falta de nossos primeiros pais que o Tentador havia feito cair ao lhes prometer falsamente: "*Sereis como deuses!*"

II) O Liberalismo é um pecado

Em vez de aceitar que a Liberdade no homem seja relativa, isto é, a faculdade de discernir o bem e de o realizar, liberdade que será então a fonte de nossos méritos; a Revolução, tal como a Reforma protestante, da qual é filha, só quer encontrar no livre arbítrio do homem o direito absoluto de definir sua Liberdade. A Revolução não fez, portanto, senão estender à maioria, oficial e legitimamente, este delirante direito de fazer legalmente o mal como o bem moral. É o Número que só ele decide soberanamente do justo e do injusto, do bom e do mau. Tal é o princípio primeiro e absoluto da organização social. Tal é o fundamento do Liberalismo. E isto é um pecado:

> *"Pecado na ordem das doutrinas porque afirma ou supõe a independência absoluta da razão individual no indivíduo e da razão social na sociedade. Pecado na ordem dos fatos, porque aí representa a imoralidade radical na medida em que destrói o próprio princípio de toda moralidade, consagra a noção absurda da moral independente, porque é intrinsecamente a infração universal e radical da lei de Deus da qual autoriza e sanciona todas as infrações. A heresia radical e universal, porque compreende todas as heresias. É na ordem das ideias o erro absoluto e, na ordem dos fatos, a absoluta desordem. Por conseguinte, nos dois casos, é um pecado extremamente grave, pecado mortal.* ***Consequentemente****, salvo o caso de boa-fé, de ignorância e de irreflexão, o fato de ser liberal constitui um pecado maior do que o da blasfêmia, do roubo, do adultério, do homicídio ou de qualquer outra coisa defendida pela lei de Deus e castigada por Sua justiça infinita." (Dom Sarda y Salvany, O Liberalismo é um pecado, Cap. III.)*

7. Mentira e homicídio

> « *O pai de quem sois é o diabo [...] ele foi* ***homicida*** *desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque não há verdade nele [...] ele é mentiroso e pai da* ***mentira*** » (João VIII, 44).

A mentira e o assassinato são, portanto, dois sinais que nos permitem reconhecer a ação de Satanás. De fato, a obra do diabo sempre tende ao nada. Na verdade, ele só sabe destruir... : destruir a verdade, destruir a vida...

A Mentira...

Desde a Revolução maçônica de 1789, o Príncipe da Fraude e do Engano conseguiu estabelecer no mundo um grau excepcional de confusão e mentira.

Mentira nas instituições fundadas na Soberania do Povo "*A autoridade não é nada mais do que a soma do número e das forças materiais*", erro que foi em vão condenado pela proposição 60 do Syllabus.

Mentira na política que invoca o Bem comum e o Interesse geral para servir aos interesses de partidos [sejam eles ideológicos (o Crif) ou financeiros (os conglomerados industriais)...]. O Papa Pio IX qualificava o sufrágio universal de "*mentira universal*".

Mentira na economia. O Estado faz leis para abertamente e legalmente nos roubar e nos espoliar. [Pompidou, ex-diretor do banco Rothschild, fez passar uma lei obrigando a França a pedir emprestado a bancos privados para regular sua economia. Aí está a fonte da Dívida! Todos os presidentes da República desde então têm sido marionetes ou funcionários das finanças apátridas e cosmopolitas]

Mentira na Justiça, prostituída aos poderosos do dia e serva dócil da iniquidade triunfante. Os culpados não são incomodados [caso DSK, Fabius era responsável mas não culpado... Presidente dos EUA recebe o Prêmio Nobel da Paz... quando não há pior política terrorista do que a da oligarquia anglo-americana] mas o inocente é perseguido [veja o "testamento jurídico de V. Reynouard" ou "Tenho orgulho de ter sido condenado a 6 meses de prisão por delito de opinião de Boris Le Lay"]

Mentira na polícia, instrumento nas mãos dos tiranos contra o instinto de sobrevivência dos povos subjugados [veja a manipulação dos antifa ou a repressão violenta da pacífica "manifestação pela família" uma vez comprovado o fracasso de sua infiltração pela miserável Frigide Barjot].

Mentira na educação, que não é mais do que uma "fábrica de idiotas", nas palavras de um ex-ministro. A escola da república é uma gigantesca obra de propaganda maçônica. Nunca se aprenderá que somos criaturas de Deus, mas se tentará fazer acreditar que somos primos do macaco a quem cabe escolher sua identidade sexual...

Mentira na mídia, mais frequentemente por omissão e pela perversão da linguagem, uma vez que eles forçam as palavras a dizerem o oposto do que significam. [Sem-teto para clandestino... solidariedade com os refugiados quando estamos diante de uma invasão econômica e ideológica... IVG para assassinato de uma criança... danos colaterais para crime de guerra,....]

Mentira na "ciência". Poderíamos falar da fábula das camadas geológicas que provariam a idade dos fósseis, da ridícula história do elo perdido, do aquecimento global... mas vamos parar no principal. O desprezo pelas provas científicas do miraculoso *Sudário de Turim* que envolveu o corpo de Cristo crucificado e ressuscitado. [Para aqueles que querem entender por que não há dúvida sobre o caráter miraculoso e autêntico do Santo Sudário de Turim, veja os vídeos do Sr. Arnaud-Aaron Upinsky, Diretor do Simpósio Científico Internacional de Roma.]

Passo sobre as mentiras do povo comum que muito sofreu com seus representantes eminentes que geralmente usam a inversão acusatória. Para isso, remeto-o aos trabalhos excepcionais do Sr. Hervé Ryssen: *as esperanças planetárias, a máfia judaica, o fanatismo judaico*...

Terminarei com **a Mentira entre os próprios partidários da verdade** que, supostamente, para evitar um mal maior, julgam dever compactuar com o mal, exibir opiniões falsas que não são as suas na vã e ridícula esperança de fazer avançar suas ideias. São os covardes, os moderados, os liberais... eles têm medo de serem tomados por reacionários, fascistas, antissemitas...

> "*O liberal é um homem que venera o Bom Deus, mas respeita o diabo. Ele aspira à ordem e lisonjeia a anarquia. [...] Ele é o homem das concessões perpétuas*"[2]

Não há nada pior para a verdade do que ser sistematicamente misturada com uma parcela de erro, ou dar à mentira sistematicamente uma parcela de verdade. Isso torna a mente dos homens louca, é a destruição da inteligência dos homens que, para a grande maioria, tornam-se praticamente incapazes de discernir sua direita de sua esquerda, e assim viverão como se o verdadeiro e o falso fossem intercambiáveis.

Tudo isso leva à paz maçônica, ou seja, ao caos, à união no erro.

O homicídio

A Revolução é uma religião satânica, seu credo está condensado na Declaração dos Direitos, seus Doutores são os parlamentares e seus Pontífices são os financistas apátridas e cosmopolitas. A educação nacional ensina o catecismo republicano obrigatório, composto de slogans muito simples constantemente repetidos para melhor saturar os cérebros. A mídia, escrava de Mamon, continua o trabalho fora da escola para doutrinar incessantemente as multidões.

A Revolução tem seu culto e seus objetos sagrados, figurados pelas urnas eleitorais e boletins de voto. Ela tem seus fiéis, dos quais teremos que falar mais adiante. Ela tem seus fanáticos, pois como toda religião satânica, ela precisa regularmente do sangue humano. Onde não reina mais o sacrifício redentor de Cristo, surge sempre, sob uma forma ou outra, a orgia dos sacrifícios humanos.

A Revolução não se limitou a plantar árvores da liberdade adorando a Razão humana. Na verdade, ela odiou tudo o que contradizia sua liberdade viciosa: Deus, Cristo, a Igreja e as leis naturais. Esse delírio se traduziu em um massacre universal interminável.

Há dois séculos, nesse campo, o progresso não para: só temos o embaraço da escolha. Claro, a escola nunca se estende sobre esses fatos ou, quando os evoca, é para deformá-los.

A primeira honra vai para o Terror republicano de 1789, que inspirou a Revolução vermelha de 1917 na Rússia, a de 1936 na Espanha, bem como a depuração de 1944, que foi curta, mas intensa. Para realmente entender a extensão desses homicídios, é preciso fazer prova de revisionismo histórico.

Quarenta mil sacerdotes, ou seja, cerca de um terço do clero francês, foram massacrados pela Revolução Francesa. Os sacerdotes pereceram amontoados em prisões, massacrados, guilhotinados, fuzilados, espancados, sabreados... Durante todo o Terror, o número de suspeitos encarcerados chegou a meio milhão, o de condenados à morte a cerca de dezessete mil, aos quais devem ser acrescentadas mais de vinte e cinco mil vítimas executadas sem julgamento. A jovem república francesa, laica e indivisível, guilhotinou 35.000 pessoas em Paris em dois anos, fuzilou 3.500 pessoas em Angers em um mês, afogou 5.000 pessoas em Nantes em algumas semanas, etc. etc. etc.

Não satisfeito em enganar a humanidade, Satanás e seus asseclas têm prazer em horríveis matanças. Depois da duplicidade, vem a crueldade. **Nunca se celebrou tão pomposamente o sagrado direito à vida e as imprescritíveis prerrogativas da dignidade humana desde a Revolução, mas nunca também correram tais torrentes de sangue pelo mundo; na verdade, nunca a existência dos homens foi mais sujeita e tiranizada por leis arbitrárias e impessoais, mais desprezada, mais alegremente sacrificada a ideologias nebulosas e vãs; nunca os sacrifícios humanos haviam tomado essa escala terrível.**

A medalha de ouro pode ser atribuída aos aliados da Segunda Guerra Mundial, aos soldados da democracia, da liberdade e da paz no mundo... etc., etc., etc. A tranquilidade da crueldade das escadrilhas inglesas e americanas que bombardearam a Alemanha e o Japão é um marco do diabo. O General Bomber Arthur Harris, responsável pelo conceito do "bombardeio moral", foi promovido para Air Marshal na Força Aérea Real por ser capaz de fazer cair nas cidades adormecidas flores pesando dez mil quilos. Ele foi promovido para um massacre assim! O comandante Paul Tibbets, que fez cair Little Boy a 580 metros de altitude acima de um hospital, no coração da aglomeração de Hiroshima, onde, em algumas frações de segundo, um raio térmico de 4000°C e ventos de 600 km/h desgastaram as ruas e os edifícios da cidade, causou a morte de 80.000 cidadãos (e ainda mais nas semanas que seguiram). O oficial decidiu nomear seu bombardier com o nome da sua mãe (Enola Gay)... A coisa mais triste é que, após realizar a tarefa, o tripulante foi condecorado pela missão e uma grande festa os estava esperando! Esses estúpidos yankees festejaram 80.000 mortes inocentes mortas **em poucos segundos**. Satanás pode se orgulhar deles.

Os "avances" da ciência colocados ao serviço do inferno permitem triplicar ou centuplicar a eficácia dos meios de destruição e matança, aniquilando vidas humanas por dezenas e centenas de milhares, como em

Hiroshima e Nagasaki, como em Dresden e Hamburgo. Bernanos, que não tinha tudo compreendido, denunciou com grande clareza a desgastação e a mecanização do ser humano que mais não queria viver pelo Espírito de Deus. Ele tem uma bela página nesse livro *Francia contra os robôs*. Ele notou que, contrariamente aos camponeses e soldados do passado capazes de roubo e até mesmo de matar crianças pequenas, a sua "boucherie" " *à falta de macular o seu coração, provavelmente teria revoltado o seu estômago* ". Havia uma linha humana no louco da humanidade. Eles podiam matar um filho, dez, mas não cem nem mil " *com medo de ficarem loucos* ".

Mas « o primeiro que aparecer, hoje, do alto dos céus, pode eliminar em vinte minutos milhares de pequenos inocentes com o máximo de conforto, e só sente náuseas em caso de mau tempo, se for, por azar, sujeito ao enjoo de avião… Oh! querida leitora, não se agite! … você não admite que eu compare [o homem da sua vida] a algum açougueiro que certamente, se fosse o caso, a teria estuprado na primeira esquina de uma rua em chamas, na calçada, sem nem mesmo se dar ao trabalho de limpar as mãos. Mas quer saber? **O que me faz desesperar precisamente do futuro é que o esquartejamento de vários milhares de inocentes é um trabalho que um cavalheiro pode concluir sem sujar as mãos, nem mesmo a imaginação.** Se ele tivesse aberto apenas uma mulher grávida em toda sua vida, e se essa mulher fosse uma índia, o companheiro de Pizarro certamente a veria reaparecer desagradavelmente em seus sonhos. O cavalheiro, por sua vez, não viu nada, não ouviu nada, não tocou em nada – foi a Máquina que fez tudo; a consciência do cavalheiro está limpa, sua memória se enriqueceu apenas com algumas lembranças esportivas… Entende agora, idiotas? Entende que não é o massacre de milhares de inocentes que nos leva a desesperar do futuro, mas sim que tais horrores nos levam a desesperar de vocês, e que tais abominações já nem levantam mais questões de consciência individual. O bom homem que acaba de reduzir a cinzas uma cidade adormecida sente-se perfeitamente no direito de presidir o jantar em família, entre sua esposa e filhos, como um trabalhador tranquilo após seu dia de trabalho. « Que mais natural! » pensa o idiota, em sua lógica idiota, « esse bom homem é um soldado ». Eu concordo. Mas o sinal preocupante, e talvez fatal, é que exatamente nada distingue esse assassino do primeiro transeunte que aparece, e esse transeunte, até agora dócil como um cordeiro, só espera uma ordem para se tornar um assassino também, e, tornando-se assassino, não deixará de ser um cordeiro. Não acha isso estranho? »[3]

Esta loucura mecânica e assassina não atinge apenas o exército. Ela atinge tudo o que pode trazer poder e dinheiro àqueles que querem ser os mestres do mundo. Poderíamos citar a tristemente famosa empresa química *Monsanto and Co* que, com a cumplicidade dos políticos (tratado transatlântico...), reduz gradualmente os agricultores de todo o mundo à escravidão, com um resultado que alegra Satanás: Dois suicídios por dia na França de agricultores, que além disso, é a profissão mais exposta ao câncer, graças aos fertilizantes químicos. **Sempre o homicídio após a mentira**! Na Índia, são dois agricultores arruinados e desesperados que se suicidam a cada hora.

E ainda só falei do homicídio em sua forma mais simples, mais visível e mais material, a destruição dos corpos. Mas esse não é o aspecto mais importante da questão nem o mais trágico. *[Embora o uso de bombas de urânio enriquecido no Iraque seja particularmente trágico, embora o caos desejado por BHL e seus amigos na Líbia e na Síria seja terrivelmente trágico…]* A verdadeira catástrofe, no entanto, é que estamos caindo, sem nem perceber, no Reino das Trevas do qual Deus nos havia arrancado. (Colossenses, I, 13)

Satanás não quer apenas matar o homem, ele também quer matar o que constitui verdadeiramente o homem. **Ele quer matar em nós a imagem de Deus.** É preciso também matar os homens intelectualmente, moralmente, religiosamente, espiritualmente. Esse processo de morte não é senão o terrível castigo devido aos nossos pecados: os homens quiseram Mamon, recusaram o Cristo. Assim é, mas esse deicídio não pode permanecer sem consequência. O Cristo nos havia advertido:

> « *Ninguém pode servir a dois senhores: pois ou odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon [a Riqueza]*. Os fariseus, que eram amigos do dinheiro, ouviam tudo isso e zombavam dele.» (Lucas XVI, 13-14)

Não se quis mais Deus, teve-se Mamon! Um deus metálico, sem coração, indiferente… Fonte de Confusão, Perversão e Condenação. Somos castigados pelo que pecamos. Os homens acreditaram poder construir, graças à sua ciência, um paraíso terrestre sem Deus: portanto, serão castigados vivendo um inferno tecnológico…

Esta civilização das máquinas que transforma o ser humano em robô e o coloca na categoria dos pistões, faz de nós escravos. A Civilização das máquinas carrega a sinistra marca do Príncipe da Mentira e do Homicídio, cheio de ironia cruel para com os homens que estão convencidos de viver no progresso, enquanto estão se desumanizando. A era da alta tecnologia prepara o reino do anticristo muito melhor do que o fez o materialismo do « *comunismo ateu*» qualificado expressamente por Pio XI como « *flagelo satânico* ».

Comunismo ateu, materialismo técnico, capitalismo liberal, Civilização da máquina,… tantos nomes acidentalmente diferentes, mas cujo sistema e resultado são substancialmente os mesmos: a ofensa a Deus e a morte do homem.

8. Filhos legítimos e bastardos

Os filhos legítimos

Os filhos legítimos de Satanás são aqueles que reivindicam abertamente sua origem.

Sua posição é clara. Entre a doutrina de 1789 e a da Igreja, eles optaram deliberadamente, sem hesitações, pelos valores da república!!! Eles são os quadros da Contra-Igreja.

[Gambetta: *o clericalismo. Eis o inimigo*, Valls, Caroline Forest, Najat Belkacem (a mulher que gostaria que um porco copulasse com uma cabra para dar à luz coelhos…), DSK, BHL, Sarkozy…]. Sem dúvida, a maioria encontra na república, principalmente, uma satisfação para suas ambições [é o caso, evidentemente, de M. Hollande, um homem sem envergadura, um simples funcionário do Sistema que chora quando lhe dizem para chorar, que assina o que os banqueiros cosmopolitas lhe dizem para assinar]; mas para outros, o egoísmo e a ambição não são a razão determinante. Existem convencidos sinceramente fanatizados. Para eles, a dogmática revolucionária é como uma palavra divina: **Jules Ferry** no Congresso maçônico de 1891: « *O Catolicismo e a República Francesa são filosoficamente irreconciliáveis um com o outro*». M. **Peillon** (« *1789 é o ano do engendramento, por um brusco salto da história, de um homem novo. A revolução é um evento religioso. A revolução implica o esquecimento total do que precede a revolução. E, portanto, a escola deve despir a criança de todos os seus laços pré-republicanos para elevá-la até se tornar cidadã*…» em "A Revolução Francesa Não Terminou", Seuil 2008)

Há cem anos, o episcopado católico combatia esses inimigos. Monsenhor Freppel, em 1890, constatava como Jules Ferry:

> «*A República, na França… é uma doutrina antirreligiosa cuja ideia mãe é a laicização ou secularização de todas as instituições sob a forma de ateísmo social, é o que foi desde sua origem em 1789… É o que é atualmente.*»

Em 1892, os cardeais e o Episcopado francês se queixavam, em uma *Carta pública*, de que o governo republicano havia se tornado «*a personificação de uma doutrina… em oposição absoluta à fé católica*».

E isso é uma evidência.

A Primeira República desencantou a França e massacrou padres e fiéis católicos.

A Segunda República foi efêmera, mas Lamartine reconheceu que, como a primeira, encontrou em seu berço o patrocínio maçônico.

A Terceira apressou-se em separar a Igreja do Estado. Proibiu e espoliou as Congregações religiosas, instituiu uma neutralidade enganosa no ensino e perseguiu com suas incessantes irritações e ódio as instituições católicas.

A Quarta continuou a obra, acelerando sua submissão às forças apátridas e cosmopolitas.

A Quinta terminou o trabalho!

Duzentos anos após a proclamação dos direitos humanos que se pretendia *o direito para todos*, hoje estamos na *besteira para todos*… Estamos no *casamento para todos* e em breve na *sodomia para todos*… Estamos na *escravidão para todos* graças à lei socialista de Macron que "liberta" o trabalho aos domingos e noturno… Estamos também religiosamente na shoá para sempre (Valls disse: é sagrado! e Hollande repete: o sofrimento judeu não é igual!). O lema revolucionário liberdade-igualdade-fraternidade ou a morte transformou-se pouco a pouco em ***sodomia-escravidão-shoá ou a morte***. Não há mais lugar para o lema do Estado francês de 1939 a 1944 que era mais simplesmente *Trabalho-família-Pátria*.

E por que se surpreender com o triunfo da ***sodomia-escravidão-shoá*** já que foi a revolução que libertou da prisão o degenerado marquês de Sade; já que foi a revolução que inspirou a estátua da liberdade: símbolo maçônico que manifesta a influência de Satanás sobre o novo mundo. Este presente oferecido pela França é, de fato, de inspiração maçônica em referência a um episódio da revolução: Em Notre-Dame de Paris, uma artista de ópera, Mlle Maillard, vestida com um vestido branco, um manto azul e usando um boné vermelho, cantou na nave um hino à liberdade sobre o altar de Notre-Dame que será a partir de agora o "Templo da Razão". Ela recebeu uma tocha, símbolo da luz do conhecimento que *Lúcifer* (**portador da luz**) deu aos nossos primeiros pais o conhecimento do bem e do mal; e por que se surpreender com o triunfo da religião *shoahica* já que foi a revolução que concedeu a cidadania francesa aos judeus… a vitória da ***sodomia-escravidão-shoá*** era, portanto, lógica.

Satanás reina como mestre na cidade através de mil símbolos que já não sabemos ver. A bandeira azul, branca e vermelha, por exemplo, não é a bandeira da França, **é a bandeira da Maçonaria que conquistou a França.** Diferença! É por isso que tem as cores anglo-saxônicas e americanas, conforme desejou o maçon Lafayette. Portanto, esta bandeira merece apenas o fogo… enquanto os franceses não compreenderem isso, não há esperança de uma reação contrarrevolucionária.

Disseram-nos: *A mudança é agora*: Um bando de políticos maçons, criminosos ou pedófilos se deram o direito de perseguir e desprezar o ser humano em geral e o francês, o branco, o patriota e o católico em particular.

A esquerda de Satanás, assim como a direita de Satanás, choraminga todas pelas valores republicanos. Quais são eles?

Os valores republicanos são a *depravação para todos* contra o puro dom de si no casamento; é a *morte para todos* graças aos benefícios do direito ao aborto; é a *sodomia para todos* graças aos delírios de uma minoria generosa que quer nos fazer compartilhar sua perversão; é o *desordem para todos* que obrigará a criança adotada a chamar mamãe o seu papai gay; é o *câncer para todos* graças à agricultura assassinada pelos dólares da agroquímica; é a *propaganda para todos*, do curso *Charlie* na escola até o jornal das 20h em casa; é *a escravidão para todos*, pois se a maçonaria sempre tem na boca a palavra liberdade é para melhor te devorar, meu filho. Com o Google, seu Smartphone, seu cartão bancário, seu cartão de saúde, Big Brother sabe tudo e tem todos os direitos contra você se você não compartilha os valores republicanos. Em um futuro próximo, Moloch poderá, com um simples clique, riscar você da vida social e se justificará chamando-o de terrorista…

«*A democracia não é mais do que uma fachada para a ditadura judaica*», escrevia Céline em 1937 em BAGATELLES POUR UN MASSACRE. A república judeu-maçônica não é nada mais do que a tirania da barbárie antiga com o acréscimo do progresso técnico, ou seja, com uma maior eficácia e crueldade. Em

resumo, os verdadeiros valores republicanos são a *danação para todos* e *o inferno agora*. Lógico, pois como lembrava o Cardeal Pie:

> «*Pode-se falar tanto quanto se queira sobre os direitos do homem:* ***há dois que não se deve esquecer. O homem traz ao nascer o direito à morte e o direito ao inferno***. *Só por Jesus Cristo pode ele reivindicar o direito à ressurreição e à vida bem-aventurada.*» (Cardeal Pie, Terceira Instrução Sinodal sobre os erros do tempo presente, Julho de 1862 e agosto de 1863)

A questão, portanto, não é tanto saber como salvar ou purificar o Estado republicano, mas como destruí-lo. Pois este regime é construído sobre um mito que propaga uma contra-civilização desumana e totalitária.

Os Bastardos de Satanás

Satanás gosta de dissimulação. Ele se esforça para infiltrar e corromper o adversário, fazendo com que o campo inimigo caia por meio de negociações, dissidências e deserções. Ele procura arruinar o moral do inimigo e orientá-lo gradualmente para a capitulação. Para esse trabalho essencial, os bastardos de Satanás são indispensáveis.

Os mais fáceis de discernir são os espíritos que se vangloriam de **reconciliar Satanás com Deus**. O iniciado Weishaupt falava de « *Nosso Grande Mestre Jesus de Nazaré* ». Camille Desmoulins chamava Cristo de: « *o primeiro sem-culotte* »; para o sanguinário Marat, que era de uma família judaica espanhola: « *A Revolução está toda no Evangelho* »; para o miserável Lamennais: « *A Revolução deu ao Catolicismo um renascimento.* » E o ridículo Marc Sangnier, um precursor do Vaticano II, sonhou com essa absurda sacrilegia de uma união entre *« a Democracia moderna »* e *« o Cristianismo »*:

> *« O boletim de voto e a hóstia consagrada, eis os dois meios pelos quais o povo sobe ao trono como um rei e ao altar como um Deus. O sufrágio universal e a comunhão geral da Páscoa, eis as duas instituições eminentemente democráticas; uma torna a soberania acessível ao povo, a outra torna acessível até mesmo a divindade. »*

Aqui está um belo bastardo como Satanás gosta. É com cabeças podres por tais aberrações que o Vaticano II pôde ver a luz. João XXIII, que convocou esse Concílio, era um discípulo de Marc Sangnier.

Pio IX, diante de uma delegação francesa pelo 25º aniversário de seu pontificado, dizia:

> « *Há na França um mal mais temível do que a Revolução, do que todos os miseráveis da Comuna, uma espécie de demônios escapados do inferno, é o Liberalismo católico. Eu já disse isso mais de quarenta vezes, repito-o por causa do amor que vos tenho.* »

Os falsos irmãos são, de fato, mais perigosos na batalha do que os inimigos declarados. Os liberais fizeram mais mal ao catolicismo do que os revolucionários. **Seus discursos falsos ajudaram Satanás desarmando a cristandade. Em vez de combater o inimigo, quis-se dialogar com ele**. A proposição 80 do Syllabus de Pio IX condenava justamente a reconciliação do « *Pontífice romano* » com *« o progresso, o liberalismo e a civilização moderna »*.

A apostasia foi gradualmente ganhando a massa cristã, especialmente desde a impostura e a deserção dos pontífices conciliares, todos igualmente miseráveis (João XXIII, Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI, Francisco). Todos se « *reconciliaram e transigiram com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna…* » Todos, portanto, foram condenados por Pio IX. Todos esses pontífices conciliares foram bastardos de Satanás, pois todos foram apóstolos dos direitos humanos, todos cúmplices da infiltração inimiga, todos ao serviço objetivo da maçonaria, como observou na época Dom Lefebvre, que declarou em 1986 sobre os encontros inter-religiosos de Assis feitos em nome dos princípios do Vaticano II:

> « *É diabólico. É diabólico. [...] Então, quem é esse papa?… Eu não sei mais o que lhes dizer, realmente… não sei… Mas, de qualquer forma,* ***[João Paulo II]*** *é inspirado pelo diabo quando faz isso… Não é inspirado pelo Espírito Santo, não é possível…* ***Ele é inspirado pelo diabo, e ao serviço da Maçonaria, é evidente.*** *A Maçonaria sempre sonhou com isso: a reunião de todas as religiões.* » (Ecône, 28-01-1986)

E ao fim de sua vida, em 1990, ele denunciou esses bastardos mitrados ao constatar:

> « *A instauração desta "Igreja conciliar" imbuída dos princípios de 1789, dos princípios maçônicos em relação à religião e às religiões, em relação à sociedade civil, é* ***uma impostura inspirada pelo Inferno*** *para a destruição da religião católica, de seu magistério, de seu sacerdócio e do sacrifício de Nosso Senhor.* »[4]

9. Conclusão

A malícia natural dos homens não pode ser a fonte de todos esses fenômenos assustadores, subversivos e decadentes que constatamos. A malícia humana é alimentada e amplificada pela ação do Maligno, a quem foi dada a potência sobre o mundo na medida em que o mundo rejeita a ação de Cristo. Pois somente Cristo pode vencer o Diabo.

Após duzentos anos de apostasia, nunca essa dominação foi ao mesmo tempo mais real e mais desconhecida. Se tivéssemos a clareza sobrenatural, veríamos demônios saindo dos textos das declarações e das Constituições que nos regem e que acreditamos tola e ingenuamente capazes de preservar nossos direitos. Veríamos também esses demônios saindo das assembleias, da Magistratura, das Conferências internacionais e dos discursos políticos. Para ver que Hollande ou Sarkozy, G.W. Bush ou Obama zombam de nós, não é necessário ter fé [Fahrenheit 9/11 de Michael Moore sobre a guerra no Iraque…]. Temos a lidar com maus atores. Mas poucos conseguem perceber além disso. Muitos pensam em mudar os homens, alguns pensam em mudar o sistema, mas raros são os que percebem que isso é infrutífero e inútil se, por outro lado, permitirmos ser corrompidos, aviltados e embrutecidos pelo diabo.

O que fazer?

Colocar os maçons na prisão? Abrir severos guetos como fez o papa São Pio V em seus estados pontificais? Proibir a usura e pendurar em praça pública alguns cosmopolitas apátridas que arruínam nossas economias nacionais? Executar publicamente os super-patrões internacionais que escravizam o mundo e esmagam com seu gigantismo contra-natura tudo o que é pequeno e familiar? Destruir nossas instituições absurdas e ímpias?

Tudo isso seria desejável, mas dificilmente realizável. Para fazer isso corretamente, seria necessário mudar as leis, e para mudar as leis, é preciso o poder. E para ter o poder, dado o domínio diabólico sobre o mundo e os homens, é necessário um milagre, uma ação revolucionária minoritária mas eficaz, ou uma conscientização majoritária.

Mas, em todos os casos, é preciso começar pelo começo: antes de querer mudar o mundo, é necessário começar por mudar a si mesmo. A primeira coisa que está ao nosso alcance é nossa própria conversão.

Nosso mundo moderno não é nada mais que um mito cruel, totalitário e contra-natura. Ele repousa sobre uma insurreição moral contra a ordem natural e sobrenatural.

> *« Não se compreende absolutamente nada da civilização moderna se não se admitir primeiro que ela é uma conspiração universal contra qualquer espécie de vida interior. »*

Para ser verdadeiramente contra-revolucionário, para ser realmente anti-sistema, não basta estar contra a *liberdade-igualdade-fraternidade* dos revolucionários ou contra a *sodomia-escravidão-shoá* da República; é

necessário ter uma verdadeira vida interior. É preciso não ser escravo de Satanás, que deseja destruir a obra divina em nós.

São Agostinho, no ano 390, em seu tratado *Da Verdadeira Religião*, já havia descrito a idolatria apocalíptica que vivemos: a adoração pelo homem de suas paixões. Todos os homens que não foram libertos por Cristo são escravos de Satanás, pois são « *subjugados aos prazeres carnais, em busca de um poder fútil, e insensatamente apaixonados por algum espetáculo* ». Eles estão sob a servidão da **tríplice concupiscência**: a do prazer, a da ambição, a da curiosidade, *« porque, segundo a palavra divina, « tudo o que há no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, ambições do século » (I João II, 16). Ora, isso é uma maneira de designar nossas três grandes paixões: « concupiscência da carne » é para os amantes dos prazeres viles; « concupiscência dos olhos », para os curiosos; « ambição do século », para os orgulhosos. »* (XXXVII a XXXVIII)

A trilogia maçônica, **liberdade-igualdade-fraternidade, não é nada mais que o culto da luxúria, do materialismo e do egoísmo**. E isso é lógico, Satanás não sabe fazer outra coisa senão empurrar os homens a se auto-destruírem ao se entregarem à licenciosidade e à devassidão (concupiscência da carne), à inveja do bem alheio (concupiscência dos olhos) e ao desejo de uma superioridade absoluta (orgulho da vida ou ambição do século).

Essa trilogia satânica, que promete falsamente a felicidade individual, é, na realidade, uma escravidão que conduz à morte de toda vida, a vida interior, familiar, civil, e até mesmo física…

Para curar-se, é necessário humilhar-se diante de Deus, mudar de vida, fazer penitência, adorar a Deus e implorar seu auxílio, servi-lo fielmente e assim ser gerado para uma nova vida graças a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Bem-Aventurada Virgem Maria, nova Eva do novo Adão…

Nossa época é apocalíptica. Os cristãos revivem a agonia de Cristo, ou seja, a hora em que o poder das trevas tem um certo poder sobre o corpo para fazê-lo sofrer. Ora, os cristãos são o corpo místico de Cristo.

Hoje, aqueles que se esforçam para permanecer justos, fiéis ao Criador e restaurar a sociedade em suas verdadeiras bases são tratados como anormais, criminosos, como anarquistas, enquanto combatem os servidores de Satanás que estão no governo. Os bons são denunciados como sediciosos pelos sediciosos que detêm os poderes públicos; condenados como mentirosos pelos mentirosos que fazem a lei, perseguidos como perturbadores da ordem pelos próprios fomentadores da desordem. E, finalmente, se levantam contra os bons a rotina cega e o conformismo dos preguiçosos e dos covardes. **Enfim, o Pai da Mentira retira cada vez mais dos homens o discernimento e a sabedoria** por permissão divina devido ao pecado dos homens.

Não cabe a mim dizer o que se deve fazer politicamente. Mas posso dizer o que se deve fazer religiosamente e moralmente e, assim, preparar as bases para uma política saudável.

Mais do que nunca, nossa salvação está na aplicação das diretrizes apostólicas: **desprender-se das criaturas para apegar-se ao Criador!** Pois *« não temos aqui uma cidade permanente, mas buscamos aquela que devemos habitar um dia. »* **[5]**

Mais do que nunca, nossa salvação está na aplicação das diretrizes de Cristo:

> *« Quem ama sua vida a perde; e quem odeia sua vida neste mundo a guarda para a vida eterna. »* **[6]** *« Quem não renunciar por minha causa a tudo o que possui não pode ser meu discípulo. »* **[7]** *« De que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua alma? E o que pode o homem dar em troca da sua alma? »* **[8]**

Essas máximas incompreensíveis para uma alma sensual, material e ambiciosa são, no entanto, os motores da vida cristã. Sem esse amor pela vida eterna, nada mais tem sentido. Nem mesmo a contra-revolução.

Um revolucionário não poderia compreender por que a irmã Santa Sofia, ursulina, em 7 de julho de 1794, beijou o cutelo da guilhotina de joelhos antes de oferecer-lhe sua cabeça. Nem por que no dia seguinte, em Orange, Marguerite Bavastre, ela também religiosa Ursulina, tirou espertamente do bolso uma caixa de dragées ao anunciar sua condenação à morte. Ao distribuí-los, ela explicava:

« *São as dragées que eu havia reservado para o dia do meu casamento.* » **[9]**

A vocação cristã é participar da Vitória eterna de Cristo, mas somente depois de ter experimentado sua derrota e morte temporais. Em outras palavras: Minha honra se chama fidelidade, « *Meine Ehre heißt Treue* ». Não é porque nosso fim nos é revelado, ou porque nossa derrota política e temporal é profetizada, que devemos ter medo, cessar o combate e deixar de servir fielmente nossa família, nossa pátria e nosso Deus.

Os republicanos podem nos guilhotinar, os maçons podem nos prender, os judeus podem nos despojar, os muçulmanos podem nos decapitar, etc., etc. Nada nos impedirá de seguir o Cristo crucificado e de ser glorificados por ele e com ele. **Nossos inimigos temporais nunca nos privarão de nossa vitória que é de outra ordem.** Nossa vitória é sofrer pela verdade e morrer por ela! Nossa vitória não é deste mundo.

Quanto mais nos aproximamos do fim do mundo, mais o combate contra « *o grande dragão, a antiga serpente, aquele que é chamado diabo e Satanás, o sedutor de toda a terra* » será uma luta dolorosa.

Satanás e seus seguidores « *farão guerra ao Cordeiro, mas o Cordeiro os vencerá, porque ele é Senhor dos senhores e Rei dos reis, e os que o acompanham são os chamados, os eleitos e os fiéis* » (Apoc. XVII, 14). Mas antes disso, Deus concedeu ao anticristo « *fazer guerra aos santos e vencê-los; e foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, todo povo, toda língua e toda nação. E todos os habitantes da terra o adorarão, aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro imolado, desde a fundação do mundo* » (Apoc. XIII, 7).

Portanto, a vitória pertencerá apenas a ***« aqueles que vêm da grande tribulação; lavaram suas vestes e as tornaram brancas no sangue do Cordeiro »*** (Apocalipse de João).

Concluo, portanto, e desejo insistir nesta verdade que só pode nos dar a coragem de continuar o combate por Deus contra seus inimigos: Satanás, o mundo (os maçons, os mamonitas, os sionistas, os judeus, os hereges, os cismáticos; os infiéis) e nós mesmos (por meio da tripla concupiscência!)… e para isso me apoio em uma observação de Dom Guéranger.

Ele observa primeiro que o tempo do retorno do Filho de Deus coincidirá aqui na Terra com um redobrar das fúrias do inferno. « *Os cristãos fiéis terão que suportar não apenas os* ***assaltos*** *dos filhos das trevas, mas também as* ***falhas*** *dos próprios filhos da luz no campo dos princípios, por meio dos adiamentos, das concessões, da prudência humana dos supostos sábios.* » Esses falsos cristãos praticarão uma « *política de concessões* », esquecendo-se de que *« a defesa dos direitos da Igreja não pode consistir na diminuição ou dissimulação das verdades que fazem a força e a beleza da Esposa »*. Enfim, esses cristãos desagradarão aos olhos do Senhor ao se *conformarem com o século*, ao buscar *« uma adaptação impossível do Evangelho com um mundo descristianizado »*.

Os cristãos verdadeiramente sábios, por outro lado, diz Dom Guéranger, « *compreenderão que a fidelidade ao Esposo não é outra coisa senão a fidelidade à verdade; pois o Verbo, objeto de seu amor, não é senão o brilho da verdade infinita em Deus. Seu único cuidado será, portanto, sempre se aproximar do Amado por uma maior semelhança com Ele, ou seja, por uma* ***reprodução mais completa do verdadeiro em suas palavras e atos****. E, com isso, servirão a sociedade como deve ser servida, praticando o conselho do Senhor que nos pede para buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça, e confiar nele para o resto.* ***Deixando para outros a busca de combinações humanas e enganosas, de compromissos incertos destinados, na mente de seus autores, a retardar por algumas semanas, alguns meses talvez, o fluxo crescente da revolução, eles compreenderão o conselho de resgatar o tempo que nos dá o Apóstolo****. […] as almas fiéis resgatarão o tempo dando tal intensidade aos atos de sua fé e amor, que nada seja diminuído, se possível, até o último*

momento […]. Contra a besta com a boca insolente e cheia de blasfêmias, eles repetirão o grito de Miguel contra Satanás: "Quem é como Deus!"» (*O Ano Litúrgico*, 20º domingo após Pentecostes)

> *« Irmãos, fortalecei-vos no Senhor e na sua força poderosa. Revesti-vos da armadura de Deus, para poderdes resistir às ciladas do diabo. Pois não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo das trevas, contra os espíritos maus espalhados pelo ar. »* (Ef VI, 10-12)

Referências

[1] *Satanás na cidade*, Conversas entre um sociólogo e um teólogo sobre o diabolismo político e social, Editora du Cèdre, Paris, 1951.

[2] Léon Daudet, *O estúpido século XIX*, Grasset, 1929, pp. 62-63.

[3] Georges Bernanos, *A França contra os Robôs*, Plon, 1970, pp. 101-103.

[4] Monsenhor Lefebvre, *Itinerário espiritual*, As perfeições de Deus.

[5] Hebreus 13, 14.

[6] João 12, 25.

[7] Lucas 9, 23.

[8] Mateus 16, 26.

[9] Gobry, Yvan, *Os Mártires da Revolução Francesa*, Perrin, 1989, p. 316.

vídeo conferência 2016

Satanás na cidade (2/2)

por Padre Olivier Rioult | 25 de janeiro de 2016

Baphomet no templo satânico de Oklahoma

Em continuidade à conferência do Padre Rioult intitulada *Satanás na cidade*, a Sapinière anexa a íntegra do exorcismo de Leão XIII contra os anjos caídos para o uso de todo público nos casos « *em que se pode supor uma ação do demônio, manifestando-se seja pela maldade dos homens, seja por tentações, males, doenças, tempestades, calamidades de toda sorte.* »

Ela também recomenda aos seus leitores que reservem um tempo para assistir a um vídeo particularmente importante. A Sapinière, embora emita algumas reservas sobre um ou dois julgamentos históricos e algumas assertivas teológicas, acredita que é fundamental considerar o conteúdo apresentado.

Certamente, várias pessoas que intervêm neste vídeo não são católicas. Mas não é necessário ser católico para dizer algumas verdades. Basta seguir o conselho de São Paulo, que nos declara:

> «*provai tudo e retende o que é bom*» (1 Tessalonicenses 5, 17).

Os poucos pontos fracos deste vídeo não devem, portanto, impedir que tomemos conhecimento dos fatos incontestáveis que são rigorosamente expostos.

Apesar das monstruosidades satânicas reveladas, este vídeo pode nos ajudar a tomar consciência da seriedade da vida e de seu propósito: nossa salvação eterna. Pode também nos aproximar de Deus e nos ajudar a servi-Lo melhor. Pode até mesmo ser uma oportunidade para uma conversão, ou seja, ter a firme vontade de renunciar a servir Satanás, cruel e imundo, para servir a Deus, bom e justo….

O vídeo se intitula: «*O verdadeiro objetivo da Maçonaria: governar em segredo (Sacrifícios humanos, pedofilia…)*» : Vídeo

---

Exorcismo contra Satanás e os Anjos Apóstatas

Publicado por ordem do Papa Leão XIII

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Salmo 67 (Recita-se em pé)

Que Deus se levante e que seus inimigos se dispersam e que fujam, diante Dele, aqueles que O odeiam. Assim como a fumaça se dissipa, que eles desapareçam como a cera se derrete diante do fogo, assim pereçam os pecadores diante da face de Deus.

1. *Eis a Cruz do Senhor, fugi potências inimigas.*
2. *Ele venceu o leão da tribo de Judá, o broto de Davi.*
3. *Que a Vossa misericórdia, Senhor, esteja sobre nós.*
4. *R. Assim como temos esperado em Vós.*

Salmo 34 (Recita-se em pé)

Senhor, julgue aqueles que me querem mal, triunfe sobre os que me atacam. Que fiquem confundidos e envergonhados aqueles que desejam minha vida. Que recuem e fiquem confundidos aqueles que maquinam minha perda. Que sejam como a poeira ao sopro do vento, e que o Anjo do Senhor os afaste diante Dele. Que seu caminho seja tenebroso e escorregadio, e que o Anjo do Senhor os persiga. Pois, sem motivo, esconderam sua rede para minha ruína, é sem fundamento que levantaram acusações contra mim. Que a ruína caia sobre ele inesperadamente, que a rede que ele escondeu o prenda; que caia nela e pereça. E minha alma exultará no Senhor, ela experimentará a alegria em Sua salvação. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio, agora e sempre, e nos séculos dos séculos. Amém.

Suplica a São Miguel Arcanjo

Muito glorioso príncipe da milícia celestial, São Miguel Arcanjo, defenda-nos na luta e no combate que devemos enfrentar contra os principados e potestades que tramam neste mundo de trevas, contra todos os espíritos perversos que vagueiam na atmosfera. Venha em auxílio dos homens que Deus criou puros de toda errância, moldados à imagem de Sua própria natureza, e resgatados a tão alto preço da tirania exercida pelo demônio.

Agora ainda, você mesmo, São Miguel, e todo o exército dos Anjos bem-aventurados, combata a batalha do Senhor, assim como outrora, você lutou contra Lúcifer, o líder da soberba, e contra seus anjos apóstatas. E eis que eles não puderam vencer, e seu lugar mesmo já não se encontrou no céu. E foi precipitado, o grande dragão, a antiga serpente, aquele que é chamado diabo ou Satanás, o sedutor do mundo inteiro, foi precipitado sobre a terra, e seus anjos foram precipitados com ele.

Agora, eis que esse antigo inimigo, homicida desde o princípio, ergueu-se com veemência, disfarçado de anjo de luz, tendo como escolta a horda dos espíritos perversos, percorre a terra em todas as direções, e em todos os lugares se insere: com o intuito de abolir o nome de Deus e de Seu Cristo, de roubar, de destruir e de perder na danação eterna, as almas que deveriam ser coroadas com a glória eterna. O dragão maligno transfunde, nos homens mentalmente depravados e corrompidos pelo coração, um fluxo de abjeção: o vírus de sua malícia, o espírito de mentira, impiedade e blasfêmia, o sopro mortal do vício, da luxúria e da iniquidade universalizada.

A Igreja, esposa do Cordeiro Imaculado, está saturada de amargura e embriagada de veneno, por inimigos muito astutos; eles impuseram suas mãos ímpias sobre tudo o que ela deseja de mais sagrado. Onde foi instituído o trono do bem-aventurado Pedro, e a cadeira da Verdade, ali colocaram o trono de sua abominação na impiedade; de modo que, o pastor sendo golpeado, o rebanho possa ser disperso.

O São Miguel, chefe invencível, apareça ao povo de Deus que está em luta com o espírito de iniquidade, dê-lhe a vitória e faça-o triunfar.

A Santa Igreja venera-vos como seu Guardião e Protetor; ela vos glorifica como seu Defensor contra todas as potências prejudiciais, na terra e nos infernos; ao Senhor confiou-vos a missão de conduzir as almas dos redimidos ao lugar da suprema felicidade. Rogai ao Deus da Paz para que Ele esmague Satanás sob nossos pés, de modo que ele não possa mais nem prender os homens em cativeiro, nem prejudicar a Igreja. Oferecei

nossas orações diante do Altíssimo, para que as misericórdias do Senhor nos alcancem o mais rápido possível, e para que captureis o dragão, a antiga serpente que é o diabo ou Satanás, e que, preso no abismo, não seduza mais as nações.

Assim, confiando em vossa proteção e patrocínio, pela autoridade sagrada de nossa mãe a Santa Igreja, é com total confiança que empreendemos, em nome de Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor, repelir as infestações da astúcia diabólica.

1. *V. Eis a Cruz do Senhor, fugi, potências inimigas.*
2. *R. Venceu o leão da tribo de Judá, o descendente de Davi.*
3. *V. Que a Vossa misericórdia, Senhor, esteja sobre nós.*
4. *R. Segundo a medida em que esperamos em Vós.*
5. *V. Senhor, ouvi a minha oração.*
6. *R. E que o meu clamor chegue até Vós.*
7. *V. O Senhor esteja convosco.*
8. *R. E com o vosso espírito.*

Oração

Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, invocamos Vosso Santo Nome; e, suplicantes, pedimos com grande urgência Vossa clemência, pela intercessão da Virgem Imaculada, Mãe de Deus, de São Miguel Arcanjo, de São José, esposo de Maria, dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e de todos os Santos, dignai-vos conceder-nos auxílio contra Satanás e todos os outros espíritos impuros, que percorrem o mundo com o intuito de prejudicar a raça humana e perder as almas.Amém.

Exorcismo. (Fazer o sinal da cruz a cada +).

Nós te exorcizamos, quem quer que tu sejas, espírito imundo, potência satânica, horda do inimigo infernal, legião demoníaca, toda assembleia e seita diabólica; em nome e pela Virtude de Jesus Cristo + Nosso Senhor, sê extirpado e expulso pela Igreja de Deus, das almas criadas à imagem de Deus e redimidas pelo precioso Sangue do Divino Cordeiro +.

Agora, não tenhas mais a ousadia, serpente pérfida, de enganar a raça humana, de perseguir a Igreja de Deus, de agitar e peneirar como o trigo os eleitos de Deus +.

O Deus Altíssimo +, a quem, em teu grande orgulho, ainda pretendes ser semelhante, Ele que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da Verdade, te ordena.

O Deus Pai + te ordena.

O Deus Filho + te ordena.

O Deus Espírito Santo + te ordena.

Ele te ordena, Cristo em majestade, Verbo eterno de Deus feito carne +, que, para a salvação da nossa raça, perdida por tua inveja, Se humilhou e Se fez obediente até a morte, que edificou Sua Igreja sobre a Rocha, e prometeu que as portas do inferno não prevalecerão contra ela, pois Ele permanecerá com Ela até a consumação dos séculos.

Ele te ordena, o sinal sagrado da Cruz +, e a virtude inerente a todos os mistérios da fé cristã +.

Ela te ordena, a muito augusta Mãe de Deus, a Virgem Maria +, que, desde o primeiro instante da sua Imaculada Conceição, por sua humildade, esmagou a tua cabeça excessivamente orgulhosa.

Ela te ordena, a Fé dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e dos outros Apóstolos +.

Ele te ordena, o sangue dos mártires e a piedosa intercessão de todos os Santos e Santas +.

Assim, maldito dragão e toda legião diabólica, nós te conjuramos pelo Deus + vivo, pelo Deus + verdadeiro, pelo Deus + Santo, por este Deus que amou tanto o mundo a ponto de dar-Lhe Seu Filho único, para que todo aquele que crê n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna.

Cessa de enganar as criaturas humanas e de lhes derramar o veneno da danação eterna. Cessa de prejudicar a Igreja e de obstruir sua liberdade. Para trás, Satanás, inventor e mestre de toda mentira, inimigo da salvação dos homens. Cede teu lugar ao Cristo em quem não encontraste nada de tuas obras. Cede o lugar à Igreja, una, santa, católica e apostólica, que o Cristo adquiriu ao preço de Seu Sangue. Inclina-te sob a poderosa mão de Deus, treme e foge à invocação que fazemos do santo e temível Nome de Jesus, que faz tremer os infernos, a quem estão sujeitas as virtudes dos Céus, as Potestades e as Dominações, que os Querubins e os Serafins louvam em um concerto sem fim, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor, Deus dos exércitos.

1. *Senhor, ouvi a minha oração.*
2. R. *E que o meu clamor se eleve até Vós.*
3. *O Senhor esteja convosco.*
4. R. *E com o vosso espírito.*

Oração

Deus do céu, Deus da terra, Deus dos Anjos, Deus dos Arcanjos, Deus dos Patriarcas, Deus dos Profetas, Deus dos Apóstolos, Deus dos Mártires, Deus dos Confessores, Deus das Virgens, Deus que tem o poder de dar vida após a morte, descanso após o trabalho, porque não há outro Deus senão Vós, e não pode haver outro senão Vós, o Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, Vós cujo reino não terá fim: suplicamos humildemente à Vossa Gloriosa Majestade que use de Seu Poder para nos livrar de toda tirania dos espíritos infernais, de suas armadilhas, enganos, maldades, e para nos conservar imunes de todo mal. Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém.

1. *V. Das emboscadas do demônio.*
2. *R. Livrai-nos, Senhor.*
3. *V. Que Vossa Igreja Vos sirva na liberdade, ordem e paz;*
4. *R. Nós Vos pedimos, ouvi-nos, Senhor.*
5. *V. Que os inimigos de Vossa Santa Igreja sejam humilhados e convertidos;*
6. *R. Nós Vos suplicamos, Senhor, ouvi-nos.*

Antífona

Senhor, não Vos lembreis das nossas faltas, nem das de nossos pais, e não busqueis vingança pelos nossos pecados; não nos deixeis sucumbir à tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

Aspersão com água benta as pessoas presentes e os quatro cantos da sala. Agradecer imediatamente pelas graças obtidas recitando o Magnificat:

A minha alma glorifica o Senhor, e o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador. Porque Ele olhou para a humildade de Sua serva: eis que doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada. Porque o Todo-Poderoso fez em mim grandes coisas, e Santo é Seu Nome. E Sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem. Ele manifestou a força de Seu braço; dispersou os soberbos no pensamento de seus corações. Derrubou os poderosos de seus tronos, e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos, e despediu os ricos de mãos vazias. Acolheu a Israel, Seu servo, lembrando-se de Sua misericórdia, como havia prometido a nossos Pais, em favor de Abraão e de sua descendência, para

sempre. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio, agora e sempre e por todos os séculos dos séculos. Amém.

Em Nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Quando a FSSPX publica um “Catecismo da Doutrina Cristã” que não é conforme ao editado por São Pio X…

por Padre Olivier Rioult | 8 de março de 2016 |

CATÉCHISME

DE LA

DOCTRINE CHRÉTIENNE

publié par ordre de

S. S. LE PAPE PIE X

traduit et édité en français.

Le témoignage du Seigneur est sûr; il donne la sagesse aux petits. (Ps. XVIII, 8.)

PARIS

IMPRIMERIE PAUL FERON-VRAU

5, RUE BAYARD, 5

Em 2009, a FSSPX publicou um “Catecismo da Doutrina Cristã” com a indicação: « *publicado em 1912 por ordem do Papa São Pio X*. » No entanto, existem diferenças notáveis entre a tradução francesa da versão original editada pela Maison de la Bonne Presse em 1913 e a versão da FSSPX de 2009.

Neste artigo, propomos primeiro, destacar as principais diferenças, segundo, manifestar o erro que as produziu, terceiro, ressaltar as tristes consequências que decorrem disso, quarto, recordar o espírito e a disciplina da Igreja ilustrando com um anexo: um indulto romano de 1904 sob o pontificado de São Pio X.

Quando se pergunta aos padres que elaboraram a versão de 2009 por que existem diferenças em relação ao original, um deles, o abade Tranchet, responde que essas mudanças substanciais se devem à intervenção pessoal de Dom Fellay, que portanto não se contentou em apenas prefaciar as « *páginas luminosas deste “Catecismo da Doutrina Cristã”* » pedindo a intercessão de São Pio X…

I. Diferenças Notáveis

Na Questão 218:

> « *O que nos proíbe o segundo mandamento, pelas palavras: “Abstém-te de carne na sexta-feira e outros dias proibidos”?* », a versão Bonne Presse (**1913**) responde: « *O segundo mandamento, pelas palavras: Abstém-te de carne na sexta-feira e outros dias proibidos, nos proíbe de comer carne na sexta-feira (dia da Paixão e da morte de Jesus Cristo) e* ***em certos dias de jejum***_. (Ver Apêndice II, no final.) »

Enquanto que a resposta da FSSPX (**2009**) é:

> « *O segundo mandamento, pelas palavras: abster-se de carne na sexta-feira e nos outros dias proibidos, proíbe-nos de comer carne todas as sextas-feiras (dia da Paixão e da Morte de Jesus Cristo), e* ***na Quarta-feira de Cinzas*** *(ver Apêndice, capítulo 2).* »

Os « *certos dias de jejum* » tornam-se um único « *Quarta-feira de Cinzas* »… O plural tornou-se singular. No apêndice II, a FSSPX tenta justificar-se escrevendo:

> « *De acordo com a tradição multissecular em vigor na Igreja até o século XX, os fiéis são vivamente encorajados a observar o jejum e a abstinência* »,

mas fornece uma lista de dias infiel à original e substitui a obrigação de penitência por um simples conselho…

Na Questão 221:

> « *Quais são as pessoas obrigadas ao jejum eclesiástico?* », a versão Bonne Presse (**1913**) responde:
>
> « *As pessoas obrigadas ao jejum eclesiástico são todos os fiéis a partir da idade de **vinte e um anos** completos até a idade de sessenta, a menos que uma enfermidade, trabalhos penosos ou outra justa razão os dispense* ».

Enquanto que a resposta da FSSPX (**2009**) diz:

> « *Todo fiel, a partir da idade de **dezoito anos** completos até a idade de sessenta anos completos, é obrigado ao jejum eclesiástico, a menos que seja dispensado por enfermidade, trabalhos penosos ou outra justa razão* ».

Os 21 anos tornaram-se 18 anos.

Na Questão 339:

> « *Qual é o jejum requerido antes da comunhão?* »,

a versão Bonne Presse (**1913**) responde:

> « *Antes da comunhão, é exigido o **jejum natural** ou total, que se rompe ao tomar qualquer coisa em forma de alimento ou bebida* ».

Enquanto que a resposta da FSSPX (**2009**) é:

> « *O jejum eucarístico exige a abstenção antes da comunhão de todo alimento sólido e de toda bebida desde **pelo menos uma hora, e se possível três horas**. No entanto, a água pura e os medicamentos não rompem o jejum* ».

Aqui, novamente o plural torna-se singular.

> « *Desde meia-noite* » tornou-se « *desde uma hora* »!

No apêndice II, a FSSPX tenta justificar-se escrevendo:

> « *Desde a época mais antiga, a Igreja impôs o jejum antes de receber a Eucaristia e mostrou-se severa na aplicação desta disciplina. […] Esse jejum foi tradicionalmente observado desde a meia-noite. Pio XII atenuou a rigidez da lei e reduziu o tempo do jejum para três horas para facilitar aos*

*fiéis um acesso frequente à Mesa eucarística. Posteriormente, a disciplina foi consideravelmente enfraquecida, ao ponto de ter sido reduzida a uma hora (**CIC 1983**).* »

II. O Erro da FSSPX

Como a FSSPX justifica as incoerências de seu pretenso "Catecismo da Doutrina Cristã" de São Pio X? Da seguinte maneira:

> « *Este Catecismo da Doutrina Cristã foi traduzido assim que foi publicado pelas Edições da Bonne Presse […]. A presente tradução se esforçou para manter a precisão do texto original italiano […]. Este Catecismo tendo sido publicado antes do Código de 1917, algumas questões disciplinares e litúrgicas tiveram que ser adaptadas levando em conta a disciplina atual. […] Finalmente, a adição de um apêndice sobre as indulgências incentivará os fiéis a recorrer ao tesouro da Igreja. »*

É verdade que em 1913, data do catecismo, o código de 1917 não tinha sido publicado. Mas é falso que as mudanças disciplinares se devam à sua publicação. As mudanças mais substanciais são devidas a Paulo VI. Portanto, é desonesto endossar sem dizer a legislação revolucionária instaurada desde Paulo VI pelo termo enganoso de "*disciplina atual*".

> « *A partir do Concílio Vaticano II, por meio deste concílio e pela teimosia do Papa em nos impor, é **uma legislação revolucionária** que penetrou na Igreja. Muito mais sufocante do que o abuso de poder clássico, tal legislação é concebida e aplicada de modo que destrói o que afirma organizar ou defender*. » (Père R.-T. Calmel, Carta de 21 de agosto de 1969)

Esta versão infiel do "*Catecismo da Doutrina Cristã*" é mais uma prova de que a FSSPX adotou a legitimidade do código modernista de 1983… Este código é, segundo Dom Lefebvre, « *uma novidade muito grave* » que

> « *afeta nossa fé e pode nos levar, pelo menos em alguns pontos essenciais do direito, a heresias, favorece a heresia, assim como a reforma litúrgica que também favorece a heresia. É por isso que também rejeitamos a reforma litúrgica. Vemos claramente as pessoas perderem a fé. […] Agora pensam "protestante", não pensam mais "católico"*. » (Dom Lefebvre, 24 de março de 1984 & Cospec 100-A, 15-03-1983)

A FSSPX considera, portanto, a legislação conciliar como a disciplina da Igreja. É por isso que ela removeu sem qualquer aviso o apêndice III de 1913 para substituí-lo por outro apêndice III sobre indulgências conforme o *Enchiridion Indulgentiarum* Romano de 16 de julho de 1999. Além da aprovação da impostura moderna, a FSSPX priva os fiéis de um « *aviso aos pais e educadores cristãos* » que lembrava, entre outras coisas preciosas, que

> « *os pais são os primeiros e principais educadores de seus filhos; devem também ser os primeiros e principais catequistas deles*. »

E que, consequentemente,

> « *cabe a eles fazer aprender de cor em família as coisas principais da fé...* » e « *principalmente, uma vez que se trata de doutrina prática, é preciso vivê-la.* »

Assim como o católico deve recusar a missa bastarda produzida pelos modernistas, também deve recusar a lei bastarda. Uma lei que favorece a perda da fé não é mais uma lei. A FSSPX pretende pegar o que julga bom

na legislação moderna e rejeitar o que julga ruim, mas não escapará das críticas de incoerência e cegueira.

De fato, em seu "*Catecismo da Doutrina Cristã*", a FSSPX oferece os Mistérios do Rosário para meditação: gozosos, dolorosos e gloriosos. Por que, neste caso, ela não considera mais a « *disciplina atual* » ao adicionar os mistérios luminosos de João Paulo II?

Por que o catecismo da FSSPX não leva em conta a missa de sábado à noite para cumprir o primeiro mandamento da Igreja:

> « *assistir à Missa aos domingos e outras festas de preceito* »,

pois como ensina o catecismo de São Pio X (Q. 215):

> « *na Igreja, o Papa e os bispos, como sucessores dos apóstolos, podem estabelecer leis e mandamentos, pois é a eles que Jesus Cristo disse: "Quem vos ouve, a mim ouve, e quem vos despreza, a mim despreza"* »?

III. As Consequências da Prática da FSSPX

Embora se defenda, a FSSPX acaba sendo cúmplice da revolução conciliar que propaga o indiferentismo religioso e favorece a heresia ao endossar uma disciplina sem penitência nem transcendência.

De fato, a disciplina católica codificada em 1917 exigia do cristão cerca de sessenta dias de jejum. Cristo, a Bem-Aventurada Virgem Maria e os santos sempre exortaram à penitência.

> « *Fazei penitência, senão perecereis todos* »

diz Cristo.

> « *Penitência, penitência, penitência!* »

diz a Virgem em Lourdes. Mas com o código de 1983, restam apenas dois dias de jejum (Quarta-feira de Cinzas e Sexta-feira Santa. Cân. 1251). Enfim, a penitência é apagada...

A disciplina católica codificada em 1917 exigia

> « *o jejum natural* » para ser « *admitido à santíssima eucaristia, a menos que haja perigo de morte ou necessidade de evitar uma irreverência em relação ao sacramento* » (cân. 858).

O código de 1983, sem temor ao ridículo, exige abster-se

> « *pelo menos uma hora antes da santa comunhão, de tomar qualquer alimento e bebida* » (Cân. 919).

Isso equivale a proibir comer durante o início do ofício... Assim se preparou a revolução litúrgica para a perda da fé na Presença Real. Suprimem-se os suportes para joelhos nas igrejas e permite-se receber a hóstia com o estômago cheio... O jejum eucarístico realmente desapareceu, e com ele, a transcendência do mistério eucarístico se desvanece.

IV. A Lei da Igreja só pode ser a da Tradição

A lei da Igreja é simples e clara

No que diz respeito à penitência: **Abstinência** (a partir dos sete anos): Todas as sextas-feiras do ano (exceto se for festa de preceito); **Jejum** (de 21 a 60 anos) **e abstinência**: Quarta-feira de Cinzas; as sextas-feiras e sábados da Quaresma; as quartas-feiras, sextas-feiras e sábados dos quatro tempos; as vigílias de Pentecostes, da Imaculada Conceição, de Todos os Santos e do Natal. **Somente jejum**: As segundas-feiras, terças-feiras, quartas-feiras e quintas-feiras da Quaresma. (Cân. 1252)

No que diz respeito ao jejum eucarístico:

> *« jejum natural desde a meia-noite. »*

Mas é verdade que, devido à fraqueza humana, aos distúrbios causados pela guerra mundial e pela pressão da época, antes mesmo da revolução de 1962, a Santa Sé, ao longo deste século, havia concedido, cada vez mais, amplas dispensas em matéria de jejum penitencial e eucarístico. A última manifestação a esse respeito foi feita pelo Papa Pio XII.

No que diz respeito à penitência, o decreto da S.C. do Concílio de 28 de janeiro de 1949 não abolia o cânon 1252, mas apenas concedia aos Ordinários o poder de dispensar da observância da lei todos os dias, exceto quatro: *Quarta-feira de Cinzas, Sexta-feira Santa, Vigílias das festas da Assunção e do Natal.*

O Cânon 1252, ainda em vigor, deve ser aplicado, mas mantendo em mente que essa lei não era mais realmente observada na prática desde 1941 e que os Ordinários podiam dispensar dessa lei, exceto nos quatro dias citados. É lícito usar uma concessão feita pela Santa Sé, mas não sem razão. E se nenhuma razão válida nos dispensa do jejum, devemos seguir a lei da Igreja universal.

No que diz respeito ao jejum eucarístico, a Constituição apostólica « *Christus Dominus* » de Pio XII, de 6 de janeiro de 1953, decidiu que a água natural « *não rompe mais o jejum* », concedeu « *numerosas dispensas e facilidades sob a pressão das novas circunstâncias do tempo e dos fatos* » permitindo « *celebrar a santa Missa à tarde* », em certos « *dias de festa* » e « *uma vez por semana* », observando um « *jejum de três horas relativamente aos alimentos sólidos* »…, confirmou « *em toda a sua rigidez a lei e o costume do jejum eucarístico* » e exortou « *aqueles que podem obedecer a esta lei, a continuar a fazê-lo pontualmente* ». O documento pontifício diz explicitamente que « *somente aqueles que se veem forçados pela necessidade recorrerão a essas permissões na medida dessas necessidades* ».

No dia 19 de março de 1957, Pio XII acrescentou um Motu Proprio « *Sacram Communionem* » pelo qual autorizava a celebração da Missa à noite todos os dias, com a redução « *do tempo de jejum para três horas para alimentos sólidos e uma hora para líquidos não alcoólicos* », « *duração* » que deverá « *ser observada por aqueles que celebram ou que recebem a santa comunhão à meia-noite ou nas primeiras horas do dia* ». O Papa havia sido solicitado nesse sentido pelos bispos « *com insistência* » e devido às « *mudanças consideráveis na organização do trabalho e em toda a vida social* », mas exortava « *vivamente os sacerdotes e os fiéis que estivessem em condições de fazê-lo a observar, antes da Missa ou da santa comunhão, a antiga e venerável forma de jejum eucarístico* ».

Os « *frutos abundantes* » esperados pelo episcopado da época foram, na realidade, deploráveis. No geral, os fiéis eliminaram toda mortificação na preparação para a próxima comunhão e não encontraram benefícios sobrenaturais nela. Aqueles que se beneficiaram dessa concessão raramente a compensaram com obras de penitência ou de caridade como era exigido.

Jejum natural…, depois três horas (para as missas à noite inicialmente)…, depois uma hora…, depois nada! Eis, em resumo, o relaxamento da disciplina que favoreceu o aniquilamento da vida espiritual.

A apostasia que eclodiu no século XX estava em germinação há muito tempo. No século das “luzes”, Bento XIV havia endereçado, em 30 de maio de 1741, uma Carta Encíclica a todos os Bispos do mundo cristão, na

qual expressava sua dor ao ver o relaxamento que se introduzia em toda parte por meio das dispensas indiscretas e não motivadas:

> « *A observância da Quaresma é o vínculo de nossa milícia; é por ela que nos distinguimos dos inimigos da Cruz de Jesus Cristo; é por ela que afastamos os flagelos da divina ira; é por ela que, protegidos pelo socorro celestial durante o dia, nos fortalecemos contra os príncipes das trevas. Se essa observância começar a se relaxar, será em detrimento da glória de Deus, desonra da religião católica, perigo para as almas cristãs; e não se deve duvidar que essa negligência se torne a fonte de males para os povos, desastres nos assuntos públicos e infortúnios para os indivíduos.* »
> (Constituição *Non Ambigimus*)

Anexo: “Indulto Sagrado” de 1904 em Roma

Para concluir estas reflexões e mostrar tanto a gravidade da lei do jejum quaresmal quanto o espírito no qual as dispensas foram concedidas pela Santa Sé, apresentamos ao leitor os dispositivos do mandamento de Quaresma da Igreja de Roma em 1904:

> *« Sua Santidade o Papa Pio X concede a todos os fiéis da cidade de Roma e de seu distrito, bem como aos religiosos de ambos os sexos, que não estão ligados por um voto especial, o uso da carne, salvo as exceções aqui indicadas. Aqueles que estão obrigados ao jejum só poderão usar dessa concessão em uma única refeição; poderão usar bacon, banha e manteiga como tempero na refeição. O uso de carne e peixe na mesma refeição é proibido mesmo aos domingos, dia em que a lei do jejum não obriga.*
>
> *« Estão exceptuados deste indulto, segundo a vontade do Santo Padre, o dia das Cinzas, os três dias das Quatro-Temporas, as vigílias de São José e da Anunciação, e os três últimos dias da Semana Santa. Nestes dias, somente alimentos magros deverão ser usados; são, portanto, proibidos os temperos de bacon, banha e manteiga.*
>
> *« Estão igualmente exceptuados as sextas-feiras e sábados que não estão incluídos no parágrafo anterior; mas nestes dias é permitido o uso de ovos e laticínios (aqueles que estão obrigados ao jejum só podem se beneficiar dessa permissão em uma única refeição); é igualmente permitido o uso de bacon, banha e manteiga como tempero, mesmo na refeição.*
>
> *« Qualquer pessoa que, por razões de saúde, precisar comer carne nos dias proibidos acima deverá obter* ***um certificado médico apostilado pelo seu próprio pároco****, e tomar cuidado, ao usar essa concessão especial, para não ser ocasião de escândalo para o próximo.*
>
> *« Aqueles que são obrigados a comer em hospedarias ou em outros lugares públicos deverão procurar onde possam cumprir as obrigações de sua consciência. Os hoteleiros, locadores e taberneiros são obrigados em consciência a ter à disposição, nos dias de jejum, alimentos magros, para que aqueles que desejam observar as leis quaresmais possam encontrar alimentos para comer.»*

Carta ao Senhor Padre Michel Simoulin

por Padre Olivier Rioult | 1 de janeiro de 2017 |

O Padre Berto, teólogo de Dom Lefebvre no Concílio, dizia:

> « *quando encontro no meu caminho sacerdotes que fazem uma obra nefasta, a caridade me ordena impedir que seu caráter proteja suas empreitadas.* »

Padre Simoulin, você está fazendo « *uma obra nefasta* ».

Sentimentalismo ou doutrina?

Você se esqueceu de como um confrade, já em 2012, refutou todas as suas "*Reflexões sobre um eventual acordo prático com as autoridades romanas*"? Incapaz de contradizê-lo, você começou a se lamentar dizendo que fazia teologia para « *os espíritos simples* » e não para « *teólogos e intelectuais…* »

Para memória, este confrade lhe recriminava por esquecer de fazer as distinções necessárias, interpretar o pensamento de Dom Lefebvre de forma restritiva e fora de contexto; por ser inclinado a afirmações gratuitas, especialmente sobre o estado da Igreja que seria melhor hoje do que antes; por fazer um julgamento de intenção a todos os opositores ao acordo, atribuindo-lhes uma mentalidade cismática com esta dialética: ou reconciliação ou cisma; por ter o « *erro de raciocinar como se a situação da Igreja fosse normal* »; por « *falar como um sacerdote da Fraternidade São Pedro* »; por acusar todos que o contradizem de não « *amar a Igreja, mesmo doente* » e de « *não ser mais católico* ». Este confrade concluía que « *o belo estilo literário do editorialista do Seignadou não pode esconder as reais fraquezas de sua argumentação* »: « *O ex-capitão Simoulin estaria cansado da luta?* »

Senhor Padre Simoulin, você não sabe que não se tratam as verdades como se tratam as praças fortes. A paz teológica só pode ser alcançada em espírito e verdade. Apenas duas soluções são possíveis: ou a conversão de Roma, ou a traição da Fraternidade.

Má Política

> « *Deveremos realmente, dizias no Seignadou de dezembro de 2016, esperar a "conversão" de Roma, como o conde de Chambord esperava a bandeira branca, e a "conversão" da república, que ainda esperamos?* »

Para ter ousado escrever este vil sofisma, era necessário demonstrar uma grossa vontade de manipular as mentes ou uma grande tolice intelectual.

Você se tornou um partidário da adesão de Leão XIII? Você! O antigo Reitor do Instituto que aprovava a conclusão da revista do Instituto, que era:

« *Leão XIII pode, portanto, ser justamente considerado como o pai fundador da doutrina pontifical dos direitos humanos* »?

Conclusão desaprovada por Dom Lefebvre…

Não sei se você foi um bom militar, mas sua reflexão tola mostra que você é um mau político. Você conhece evidentemente a primeira encíclica de São Pio X, declarando, em 1903, que temos o « *direito de temer* » que a « *perversão dos espíritos* » à qual assistimos « *não seja o começo dos males anunciados para o fim dos tempos* ». Você sabe disso, mas isso não tem nenhuma consequência prática em seu ensino e em sua ação.

Fraca Espiritualidade

Suas deficiências políticas não viriam de deficiências espirituais? Você afirma que todas as saídas de confrades da FSSPX têm como causa, « *a mais radical: uma falta de fé nas graças recebidas por Dom Lefebvre e na graça da Fraternidade* ». Então você cita « *o P. Libermann* » para justificar suas palavras com uma observação que se pretende espiritual. É um autor que você aprecia particularmente e que você citava frequentemente no seminário. Mas esse autor, muito bom para tempos de paz, é menos adequado para tempos apocalípticos. Talvez seja isso que explique seus desvios na crise que vivemos. Dom Lefebvre havia, no entanto, alertado:

> « *O padre Emmanuel e o padre Calmel são os dois grandes autores espirituais de nosso tempo, são profundamente tomistas, isso dá uma base sólida à sua espiritualidade, ao contrário de outros autores influenciados por Saint-Sulpice, como Libermann. Com estes últimos, corre-se o risco de cair no sentimentalismo ou no voluntarismo ou no pacifismo. Por causa disso, o clero estava pronto para cair no momento da crise, faltava-lhe uma espiritualidade forte.* »

Combate à Fé e Inimigos da Fé

Você afirma com veemência que alguns « *confrades extraviados* », « *sob a cobertura de uma nova resistência* », se opõem à Fraternidade « *por posições intempestivas* », enquanto « *hoje, a Fraternidade continua essa obra de resistência* ». E você nos reprova por termos sido infiéis à « *graça da Fraternidade* ».

Você tem certeza de que « *a Fraternidade continua essa obra de resistência* »? Para ser breve, darei este exemplo triplo:

1. Foi em uma direção *espiritual* que o Sr. Padre Sélégny me explicou que « *se os judeus devem ser respeitados no exercício de seus direitos legítimos, não se deve ignorar sua perigosidade, nem deixar de reprimí-la. E é assim que a Santa Sé implementou, com energia, a disciplina do gueto, ou seja, o isolamento dos judeus e a restrição de seus direitos civis* » e me aconselhou a leitura da obra do Padre Julio Meinvielle, reeditada pelo seminário de Écône e intitulada « *Os Judeus no Mistério da História* », cujo epílogo concluía: « *A mentira é a grande arma do diabo e de seus filhos, os judeus. … Daí vem que o método próprio do judaísmo em sua luta contra os povos cristãos seja armar armadilhas. Ele mata os povos cristãos sob a aparência de salvá-los. Ele os reduz à escravidão em nome da liberdade. Ele os odeia sob o pretexto da fraternidade. Ele os domina sob o pretexto da igualdade. Ele os oprime sob o pretexto da democracia. Ele os rouba sob o pretexto do crédito. Ele os envenena sob o pretexto da ilustração.* »

2. Foi em uma conferência *espiritual*, no seminário do Santo Cura d'Ars em Flavigny, que pela primeira vez ouvi falar de Léon Degrelle, o « *Chefe do Rexismo belga antes da Segunda Guerra Mundial, e,*

durante a mesma, o Comandante dos Voluntários belgas da Frente Oriental, lutando na 28ª Divisão das Waffen S.S. Wallonie ». O diretor, Padre André, nos leu a carta que ele havia enviado a João Paulo II, por ocasião de seu projeto de visita ao campo de Auschwitz em 1979, para alertá-lo contra a recuperação hollywoodiana que não faltaria em tal ocasião. Para Léon Degrelle, « *o caso dos "seis milhões de judeus"* » é « *a fraude financeira mais lucrativa do século* » e foi feito « *com grandes exageros, mentiras e pseudo "confissões", recheadas de contradições gritantes, arrancadas pela tortura e terror nas masmorras soviéticas ou americanas* ». Isso foi o que pude ouvir em um seminário da Fraternidade Sacerdotal São Pio X e com mais de trinta seminaristas presentes.

3. Foi durante uma leitura *espiritual*, no seminário de Écône, do qual você era o diretor, que ouvi Dom Lefebvre encorajar os seminaristas a ler « *os livros de M. de Poncins* » sobre os B'naï B'riht, essa « *seita maçônica judaica, reservada para os judeus* »: « *Esses B'naï B'right estão em toda parte e são eles que comandam o mundo, pois são esses judeus que têm todos os bancos nas mãos, esses judeus que têm todos os assuntos importantes em suas mãos. Eles comandam tanto na Rússia quanto na América, quanto em todo o mundo. São eles que distribuem as medalhas da liberdade religiosa.* »

Padre Simoulin, você leu M. de Poncins? Dom Fellay leu Degrelle, Meinvielle, de Poncins? Se sim, ele permaneceu fiel ao combate pela verdade?

Em uma entrevista com *Conflict Zone* de 1º de março de 2016, Tim Sebastian pergunta a Dom Fellay por que ele disse « *que os judeus eram parte daqueles que, durante séculos, foram inimigos da Igreja* ».

– Dom Fellay: « *Eu quis dizer que os judeus viam a Igreja como um inimigo. Não era uma descrição da outra parte. Talvez eu não tenha me expressado corretamente.* »

– CZ: « *Roma o repreendeu, o porta-voz do Vaticano, Frederico Lombardi, disse que era impossível falar dos judeus como inimigos da Igreja.* »

– Dom Fellay: « *Sim, é verdade. Mas isso nunca foi minha intenção, nunca.* »

Em 2012, um jornalista da CNS perguntou a Dom Fellay se o livro « *Os Judeus no Mistério da História* » do Padre Meinvielle, em destaque entre outros títulos na livraria de Écône, era um livro que expressava « *opiniões dominantes na Fraternidade hoje*? » Dom Fellay respondeu: « *Não que eu saiba* ». O jornalista então perguntou se ele « *aprova os pontos de vista do livro*? » Resposta de Dom Fellay: « *Não exatamente.* »

O Espírito de Dom Lefebvre?

O pretensioso Ennemond-Jacques-Régis du Cray escreve que você é uma das pessoas « *que realmente conheceu muito de perto Dom Lefebvre e que recebeu as maiores orientações para o futuro* ». E você mesmo afirma: « *Acredito conhecer um pouco a Fraternidade da qual sou membro há 35 anos* ».

Que maravilha! Judas também esteve muito próximo de Cristo; Ele até lhe confiou altas responsabilidades. Isso foi suficiente para transmitir « *o legado de seu fundador* »?

Podemos duvidar de sua capacidade de julgamento ao ler, sob sua pena, que o ano dos sacramentos foi a ocasião para Dom Lefebvre « *ver* ***Roma de repente tornar-se favorável à tradição*** *e abençoar novas comunidades encorajadas a fazer o que lhe havia sido proibido* ». Para um ex-militar, não compreender as manobras do inimigo é bastante decepcionante.

Você não tem vergonha, à sua idade, de dizer tais tolices? Sei que o ridículo não mata, mas cuide-se um pouco. E, por favor, deixe Dom Lefebvre em paz, pois sabemos com que honestidade você cita suas palavras.

No *Seignadou* de setembro de 2014, você citava *O Itinerário Espiritual* de Dom Lefebvre dizendo:

> « *A “Romanidade” não é uma palavra vã* **…** *Amemos examinar como os caminhos da Providência e da Sabedoria divina passam por Roma e concluiremos que não se pode ser católico sem ser romano* ».

Pelos três pontos, você omitia 20 linhas nas quais Dom Lefebvre falava da « *ocupação de Roma pelos maçons* », da « *destruição da Roma católica pelos clérigos e Papas modernistas que se apressam em destruir todo vestígio de “Romanidade”* ».

Em suma, você conseguiu fazer Dom Lefebvre dizer o oposto do que ele afirmava, especialmente ao omitir conscientemente esta pequena frase:

> « *Este zelo contra a “Romanidade” é um sinal infalível de ruptura com a fé católica, que Roma já não defende* ».

Como devemos julgar seu trabalho? Não seria isso uma obra subversiva?

Você se lembra do que, como Reitor do Instituto, você escreveu para a Srta. A. para parabenizá-la por sua Tese (desaprovada por Dom Lefebvre):

> « *Cara Senhorita, […] Começo a conhecer Dom Lefebvre, e ele às vezes é desconcertante. Como todo homem, ele tem fraquezas, o que não impede sua lucidez sobre o essencial… graças a Deus.* »

Assim como você, penso que se pode criticar Dom Lefebvre, mas é preciso fazê-lo de maneira honesta e inteligente.

Extraordinário!

Desde sua visita ao Cardeal Hoyos em 2001, com o Padre Rifán de Campos, você não cessou de promover, em nome da “romanidade” ou em nome de “Dom Lefebvre”, a estranha doutrina da « *Igreja conciliar* » que

> « *permanece sempre a Igreja católica, nossa mãe, sepultada, adormecida e mais ou menos reduzida ao silêncio. […] Onde se situa exatamente a fronteira entre os dois espíritos, as duas igrejas, as duas Romas? A partir de quando é que se está verdadeiramente conciliar ou não se está de todo?* »

Que péssima piada! Você já sofria, em 2001, de distúrbios de memória e comportamento?

Em 1993, você sabia que era necessário « *rejeitar todo o texto* » do « *Novo Catecismo* », pois, dizia você, _« *o conciliar sufoca o católico.* »_

Em 6 de julho de 1988, você sabia discernir entre essas duas Romas, uma vez que assinou uma carta aberta ao Cardeal Gantin, dizendo:

> « *Por outro lado, nunca quisemos pertencer a este sistema que se qualifica a si mesmo de Igreja conciliar, e* ***se define*** *pelo Novus Ordo Missae, o ecumenismo indiferentista e a laicização de toda a Sociedade.* »

Senhor Padre Simoulin, não é a definição da igreja conciliar que mudou; é você, é Dom Fellay, é a Fraternidade...

E sua causa é tão pouco defensável que, no *Seignadou* de dezembro de 2016, você se vê reduzido a fazer a apologia de Dom Fellay com esta pergunta patética: « *Quem pode dizer que teria feito melhor?* »

Sua causa é tão pouco defensável que, no *Seignadou* de dezembro de 2016, você fala dos « *canalhas que habitam a Igreja* » para se referir aos modernistas inimigos da fé católica. Esse eufemismo e infantilidade o traem. Você esqueceu os termos de Dom Tissier, Dom Lefebvre ou do Padre Calmel? Para eles, a igreja conciliar é « *uma seita que ocupa a Igreja católica* »,

> « *uma máfia incrível ligada à maçonaria* », « *uma falsificação da religião, uma pseudo-igreja dissimulada na verdadeira* »...

Senhor Padre Simoulin, você faz « *uma obra nefasta* ».

Fique à vontade para desejar se submeter à autoridade dos apóstatas que ocupam o Vaticano... Mas pare de dizer qualquer coisa.

Pare de afirmar que « *desde 2000, muitas coisas mudaram* ». Você mesmo escrevia que « *Bento XVI é inflexível quanto à questão do Concílio e sua doutrina* » e que Francisco

> « *parece não se interessar nem pela doutrina, nem pela liturgia. … Por isso, parece completamente capaz de fazer cessar a injustiça que afeta a Fraternidade desde 1976 por simples "ecumenismo" interno à Igreja* ».

Paciência! O momento se aproxima em que você será reconhecido como católico por um "anticristo". Um dia virá em que você poderá desfrutar do status de católico extraordinário, e você terá bem merecido, pois não poupou esforços para isso.

O conselho de sua irmã

Você escreve que deseja « *rezar por esses pobres confrades cegos…* »

Quem você vai rezar? "São João Paulo II"? Recusar isso seria, para você, uma tendência ao cisma...

Quanto a mim, vou rezar pela sua irmã religiosa falecida, Madre Anne-Marie Simoulin. Ela também estava perdida: ela dizia seu desejo de refazer, em caso de acordo com a Roma modernista. Ela até mesmo lhe aconselhou, em uma de suas últimas cartas, a seguir o conselho que você dava aos seus confrades: o de "*ficar em silêncio*".

A realidade é simples, e você sabe disso. Ela foi dita várias vezes no passado:

> *« Roma tentará, através dos traidores, nos fazer ceder. Para permanecer firmes, precisaremos de uma boa capacidade de resistência ao desgaste. »*
>
> *« Será necessário esperar que Roma tente nos fazer entrar no amalgama universalista, onde acabaremos sendo oferecidos um lugar "entre os outros"… Pode-se pensar que a tentação de entrar na "oficialidade" pode ser grande, na proporção das ofertas que a Roma ecumênica possa nos fazer; recusando então entrar nesse jogo de confusão, seremos vistos como os vilões maus. »*

Senhor Padre Simoulin, é preciso "manter a razão".

Esta carta tem como único objetivo ajudá-lo nisso.

Padre Olivier Rioult
1º de janeiro de 2017

letra-aberta-a-simoulin

Mons. de Ségur, Mons. Lefebvre e o “una cum”…

por Abbé Olivier Rioult | 1º de fevereiro de 2017 |

Os nossos distintos colegas da respeitável revista *Le sel de la terre,* na sua edição n°90 do outono de 2014, tinham publicado um documento sob o título “Mons. Lefebvre e o ‘una cum’”.

A Sapinière tem o prazer de apresentar hoje um “novo” documento para o arquivo: o de um autor católico e contrarrevolucionário acima de qualquer suspeita: Mons. de Ségur.

Este documento nos permitirá, se não resolver o mistério de iniquidade, pelo menos compreender melhor o verdadeiro sentido dessa expressão litúrgica “una cum”. E, uma vez compreendido o verdadeiro sentido desta expressão, graças a um julgamento de autoridade, veremos quais são as consequências práticas que podem decorrer dela.

Mons. Lefebvre e o “una cum”

Vamos relembrar primeiramente o trecho da conferência de Mons. Lefebvre, durante um retiro pregado às religiosas de Saint-Michel en Brenne, no dia 1º de abril de 1989.

Mons. Lefebvre fala de « *Dom Guillou* » a respeito das « *orações do Cânon romano* » e do « *famoso una cum* ». Mons. Lefebvre considera « *ridículo* » o julgamento que alguns católicos fazem sobre o sentido dessa expressão litúrgica “una cum”:

> « *Eles alegam que quando se diz “una cum summo Pontifice”, com o Papa, então você adota tudo o que o Papa diz. É ridículo! É ridículo. Esse não é de forma alguma o sentido da oração “Te igitur clementissime Pater”. Veja como traduz Dom Guillou, uma tradução muito exata e que vai muito bem, justamente:*
>
> « *“Nós Vos pedimos, portanto, com uma profunda humildade, Pai muito clemente, e Vos conjuramos por Jesus Cristo, Vosso Filho, Nosso Senhor, que aceite e abençoe estes dons, estes presentes, estes sacrifícios, puros e sem mancha, que Vos oferecemos primeiramente* ***por*** *[pro] a Vossa santa Igreja católica. Que Vos apraz de lhe dar a paz, de a guardar, de a manter na unidade, e de a governar por toda a terra, e* ***com ela*** *[una cum], Vosso servo, nosso santo Pai o Papa…”*

« Não está dito nessa oração que nós adotamos todas as ideias que o Papa possa ter ou todas as coisas que ele possa fazer. "Com ela Vosso servo, nosso santo Pai o Papa, nosso Bispo e todos aqueles que têm o culto da fé ortodoxa católica e apostólica". Portanto, na medida em que, eventualmente, infelizmente, os Papas não tenham mais… nem os bispos… sejam deficientes na fé ortodoxa, católica e apostólica, bem, nós não estamos em união com eles, não estamos com eles; claro. Nós rezamos pelo Papa e por todos aqueles que têm o culto da fé ortodoxa católica e apostólica."

A redação do *Sel de la terre* pretendia confirmar o que acreditava ser « *o verdadeiro sentido dessa oração* » acrescentando um texto de São Tomás (III, q. 83, a. 4). É louvável para uma revista tomista citar São Tomás, mas a citação do Santo Doutor não era útil nem decisiva aqui.

De fato, o que diz São Tomás nesse artigo muito sintético sobre todo o rito da missa? Ele escreve simplesmente que no cânon se oferece o sacrifício para (pro) a Igreja universal e para (pro) aqueles que estão constituídos em dignidade. Mas isso é uma evidência que ninguém jamais contestou: na missa, se reza pelo papa… São Tomás não especificou, pois seu objetivo não era tratar a fundo dessa questão, que se reza pelo papa na medida em que ele está unido (una cum) à Igreja, na medida em que ele é "pedra", ou seja, princípio de unidade e firmeza na fé. São Tomás, portanto, não considerou o caso de um papa que não estivesse mais unido (não una cum) à Igreja devido à sua contradição da fé tal como expressa pelos seus predecessores na cadeira de Pedro.

A *tradução* de Dom Guillou é bem fiel, mas é a *interpretação* restritiva da expressão "una cum" como um simples "pro" que é problemática.

Um documento citado por Mons. de Ségur nos permitirá ver mais claramente, pois diversas interpretações circulam sobre o sentido a dar ao "una cum".

Por exemplo, no Dicionário de Teologia Católica, no artigo Missa (t. X, col. 1395), o autor, Dom Cabrol, escreve: « *em união com o Papa e os bispos em união com ele* ». No livro Explicação da Missa, o P. Le Brun escreve: « *Una Cum Famulo Tuo… com nosso Papa N., Vosso servo* » (p. 374, Éd. du Cerf, 1949). Em cada um dos tomos de *L'Année Liturgique*, Dom Guéranger apresenta o ordinário da Missa. Em cada vez no *Te igitur*, ele escreve: « *…dirigi nosso bispo que é para nós o vínculo sagrado da unidade.* » O Missal diário e vesperal de Dom G. Lefebvre de 1950 diz: « *Nós Vos oferecemos para a Vossa santa Igreja… em união com Vosso servo, nosso Papa…* » Enquanto o Missal diário francês de 1965 do Padre Feder s.j. diz: « *Nós os oferecemos ao mesmo tempo por Vosso servo, nosso Papa…* »

Mons. de Ségur e o "una cum"

Mons. de Ségur trata *Des saints mystères* no Tomo X de suas obras (1887). No capítulo "Das cerimônias do Cânon da Missa até a Consagração", lê-se:

*« Essas palavras, "dona, munera, sacrificia", estão no plural e não no singular; pois, embora o sacrifício de Jesus Cristo, que vai ser renovado sobre o altar, seja único, ele se apresenta, no entanto, acompanhado dos inúmeros sacrifícios dos membros do Salvador, que são todos os seus fiéis, e que formam com ele uma só pessoa moral, "Christus totus, o Cristo todo inteiro", como diz São Agostinho. As oblações, transformadas no Corpo e no Sangue do Salvador, têm como objetivo final passar, pela comunhão, para os fiéis, e consumir esse mistério de união, essa unidade do sacrifício. O Sacerdote reza nominalmente pelo Papa, pelo Bispo do diocese e por todos os fiéis (**cf. nota**), que ele apresenta a Deus como fazendo apenas um com ele na caridade. »*

Em seguida, Mons. de Ségur dá a nota seguinte ao pé da página, que é soberanamente importante para o nosso tema:

« *Na França e em alguns outros países, acrescenta-se, por concessão expressa da Santa Sé, o nome do Soberano, após o do Bispo. Mas deve-se notar aqui uma observação importante. Antigamente, quando a sociedade estava constituída regularmente e catolicamente, o rei cristão fazia oficialmente parte da Igreja, a título de "Bispo de fora", braço direito, defensor nato e filho mais velho da Igreja em seu reino! Por causa disso, ou se dizia e deveria dizer-se: "**Una cum** Papa nostro N. et Antistite nostro N. et rege (ou imperatore) nostro N. et omnibus catholicæ et apostolicæ fidei cultoribus." Agora que a ordem providencial da sociedade está perturbada, o Soberano não faz mais parte oficial da Igreja senão a título de simples batizado, e não mais a título de hierarca, especialmente quando não é sagrado. Assim, na concessão Apostólica, é ordenado acrescentar antes do nome do Soberano uma palavra que parece insignificante à primeira vista, mas que expressa perfeitamente a mudança de situação que acabamos de assinalar. Deve-se dizer "et **pro** rege (ou imperatore) N…" Este pro é suficiente para separar o nome do Soberano moderno do nome do Papa e do Bispo, agora apenas, hierarcas ou chefes eclesiásticos. O pobre Soberano, despojado de seu antigo e sublime privilégio, não é mais considerado oficialmente pela Igreja senão como um simples cristão, para o qual é conveniente rezar nominalmente, devido à imensa influência que pode ter para o bem como para o mal nos assuntos da Igreja. Portanto, é ordenado dizer nesse ponto do Cânon: "**Una cum** Papa nostro N. et Antistite nostro N. et **pro** imperatore ou rege nostro N., et omnibus, etc." Esta fórmula é obrigatória. Foi decretada pela Congregação dos Ritos.* »

O verdadeiro sentido do "una cum" e suas consequências…

Não é necessário um grande comentário ou ser um grande teólogo para entender que o *una cum* não tem o sentido de um simples *pro*. No cânon da missa, não se reza apenas ***por*** o Papa, mas também ***com*** ele na medida em que ele mesmo está em ***união com*** a Igreja, como princípio visível de unidade na fé ortodoxa.

É por isso que a rubrica do missal para o caso em que um bispo celebra a missa indica que ele deve rezar pela Igreja « *una cum famulo tuo papa nostro et me indigno servo tuo* », o que significa que ele reza pela Igreja com a qual está unido, o Papa e ele, o indigno servo episcopal.

Pode-se, portanto, abandonar razoavelmente a *interpretação* de Dom Guillou. Pois, embora a autoridade desse beneditino em matéria litúrgica seja real, sua opinião perde consideravelmente sua força quando contraria um julgamento da Congregação dos Ritos.

Infelizmente, a Congregação dos Ritos nunca deu rubricas para o caso de um Papa herético. Essa ausência de decisão litúrgica nesse campo nos remete às diferentes opiniões teológicas que circularam sobre o assunto entre os teólogos católicos.

O que fazer quando o Papa nega publicamente a fé da Igreja? Pode-se afirmar que ele não faz mais parte oficialmente da Igreja?

Sobre o Papa herético, deve-se notar que os teólogos nunca chegaram a um acordo preciso e unânime sobre este ponto.

Em geral, a maioria dos autores acreditava até que seria mais provável que o Papa não pudesse cair na heresia. Mas como nem todos mantinham essa opinião como certa, vários analisaram a hipótese de um Papa que se tornasse herético e, por isso, tomaram posição sobre a eventual perda de seu pontificado. As respostas sobre essa questão podem ser reduzidas às seguintes opiniões: um Papa que cai na heresia, mesmo que puramente interna, perde *ipso facto* o pontificado; ou se o Papa cai na heresia, ele não perde seu cargo; ou o Papa herético não é deposto *ipso facto*, mas deve ser declarado deposto pela Igreja, sendo esta última opinião considerada como « *a mais comum* »; ou o Papa herético é deposto *ipso facto* no momento em que sua heresia se torna manifesta, sendo esta última opinião considerada como « *a mais provável* ».

Seja como for, os fatos nos obrigam a constatar que aquele que está sentado na Cátedra de Pedro contradisse a fé católica de maneira herética mais de uma vez. Em resumo, lembremos dois simples fatos que manifestam essa desvio herético em Francisco.

1) Em sua carta "*Amoris Laetitia*", Francisco afirma: "São João Paulo II disse que os textos bíblicos 'não oferecem base alguma para sustentar a 'inferioridade' do matrimônio ou a 'superioridade' da virgindade ou do celibato" devido à abstinência sexual (Catequese, 14 de abril de 1982)" (n° 159).

Isso é falso e herético. De fato, o Concílio de Trento, com base em três textos bíblicos (Mt XIX,11; I Co VII,25; I Co VII,38-40), afirma:

> "Se alguém disser que o estado do matrimônio deve ser colocado acima do estado da virgindade ou do celibato, e que não é melhor nem mais feliz permanecer na virgindade ou no celibato do que contrair matrimônio, seja anátema" (Sess. XXIV, 10º cânon sobre o sacramento do matrimônio).

Portanto, Francisco negou publicamente um dogma de fé, uma vez que Pio XII lembrava que "esta doutrina que estabelece a excelência e superioridade da virgindade e do celibato sobre o matrimônio já foi enunciada pelo divino Redentor e pelo Apóstolo das Nações; do mesmo modo, no Concílio de Trento, ela foi solenemente definida como dogma de fé divina, e os Pais e Doutores da Igreja sempre foram unânimes em ensiná-la" (Sacra virginitas, 25 de março de 1954).

2) O segundo fato data da época em que Bergoglio era cardeal, alguns meses antes de sua "eleição" para o sumo pontificado. De fato, ele participou, em 14 de dezembro de 2012, da festa judaica de Hanuká, festa que simboliza a resistência espiritual do judaísmo à assimilação grega, e acendeu, usando a quipá, os 7 círios da menorá. Ora, segundo São Tomás de Aquino, "observar sob o regime da graça as prescrições da lei mosaica" é "um pecado quase igual à idolatria, porque ambos são espécies de superstição, que é uma falta mortal" (2a 2ae q. 94 a. 3 ad 5).

Para aqueles que desejam mais informações sobre as abominações de Francisco, recomendamos a obra de Miles Christi, nas Edições Saint-Rémi: "Três anos com Francisco, A impostura bergogliana".

De qualquer forma, os dois fatos relatados são suficientes para mostrar que Francisco, tanto antes quanto depois de sua elevação ao pontificado, é no mínimo suspeito de heresia e superstição judaica. Portanto, ele está longe de fazer parte "daqueles que têm o culto da fé ortodoxa católica e apostólica", para falar como o cânon da missa.

Uma vez que Francisco cai sob o anátema público da Igreja (através do Concílio de Trento), por que considerá-lo oficialmente unido a Ela?

Observemos ainda que, mesmo induzido em erro sobre a verdadeira interpretação do "una cum", o que levou a certa incoerência prática nele, Mons. Lefebvre tinha, no entanto, dado, como impelido pelo bom senso e ainda mais por seu senso teológico e seu senso da fé, o princípio que permitia uma boa ação prática: o de excluir o nome daqueles que, embora bispos ou papas, não estão mais unidos à Igreja por terem contradito a fé ortodoxa. Mons. Lefebvre certamente nunca colocou esse princípio em prática durante as orações do cânon da missa, mas ele o estabeleceu.

De fato, Mons. Lefebvre admitiu como princípio que:

> "na medida em que os Papas fossem deficientes na fé ortodoxa, católica e apostólica, não estaríamos em união com eles."

Por quê?

Porque essas pessoas, "deficientes na fé ortodoxa e católica", não estão mais unidas, "una cum", à Igreja.

Não haveria uma certa incoerência com a realidade em colocar o nome de Francisco ao lado do nome de todos os bispos "que têm o culto da fé ortodoxa, católica e apostólica"? Não seria preferível silenciar esse nome no cânon da missa? Não devemos silenciar os nomes dos hereges, pois eles não estão "*una cum ecclesia*"?

O Padre Roy, então sacerdote da FSSPX, em um sermão corajoso, concluiu com bom senso que a luta da fé exige que declaremos Francisco como o que ele é - um inimigo de Nosso Senhor Jesus Cristo:

> "A questão que devemos nos fazer é: 'Essas pessoas são católicas? Elas ensinam o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo ou ensinam outro evangelho?' Creio que se nos estabelecêssemos nesta verdade, não haveria todas essas divisões que encontramos entre nós... Peço-lhes que orem para que saiamos dessa ilusão, que voltemos à verdade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que anatematizemos essas pessoas, que mostremos essas pessoas que pregam outro evangelho que não o de Nosso Senhor Jesus Cristo, como sendo inimigos de Nosso Senhor Jesus Cristo... Que Nosso Senhor Jesus Cristo não nos faça aceitar essa mentira, que nos estabeleçamos na comunhão dos hereges, a comunhão daqueles que abandonaram a fé de Nosso Senhor Jesus Cristo."

A Redação do site Lasapinière.info

Quando o Sr. Krah convida as cristãs a se despir à maneira das peripatéticas...

por Padre Olivier Rioult | 8 de março de 2017 |

A mulher cristã pode se despir à semelhança dessas mulheres que se entregam à impudicícia? Sim, de acordo com o Sr. Krah, que o vemos aqui em uma foto de família postada em seu blog (http://thecathwalk.net).

Quem é o Sr. Krah? De acordo com sua entrevista com *The Remnant* (versão em francês publicada no *Fórum Católico* em março de 2015), ele é religiosamente católico e politicamente "democrata-cristão". Ele se opõe à "declaração" feita pelo Bispo Williamson "sobre o Holocausto". Para isso, ele usou sua "rede de influência, especialmente suas conexões com a mídia" em favor da FSSPX. E ele "não tem problema em dizer" que tem "uma atitude positiva em relação ao Estado de Israel". Este jurista alemão, conselheiro da FSSPX e amigo do Bispo Fellay "gostaria" muito de se "tornar o advogado de uma visão de mundo mais otimista".

No entanto, acontece que este senhor muito ocupado, que "se considera mais um intelectual", é também, em seus tempos livres, moralista e gosta de dar lições de catolicismo...

Segundo ele, "as saias longas são imorais porque são odiosas". É "uma moda" com "caráter repulsivo" porque na "religião católica" "o bem e o belo estão associados". "A estética, o estilo e o gosto" são "valores positivos".

A modéstia, de acordo com o Sr. Krah, é uma "questão de gosto", não dogmática, e ele aconselha a "todo homem" que "se interroga demais sobre o vestuário feminino" para "se confessar" e "procurar uma namorada...".

Para o Sr. Krah, que segue a deriva da FSSPX, a obrigação de "a cabeça coberta (na mulher durante os ofícios sagrados) não existe mais desde os anos 50. Corretamente, porque o cristianismo não é uma religião de leis, mas de amor, de razão, de beleza." [Para a anedota, o Padre Pfluger, o número 2 da FSSPX, pediu a uma mulher que não se cobrisse na igreja sob o pretexto falacioso de que ela era a única na assembleia presente a obedecer à prescrição apostólica...]

E nosso moralista concluiu magistralmente: "Quem se singulariza por questões de vestuário já não faz parte da Igreja, mas de uma seita. Deixemos essas pessoas de lado. Se o homem não pode considerar serenamente a beleza, que inclui certo *sex-appeal*, que se questione, pois é imaturo."

A profundidade abissal dessas observações deixa tonto e diz muito, não sobre o pensamento bastante reduzido do Sr. Krah, mas sobre a decadência da sociedade "cristã"...

sex-appeal significa: poder de sedução, magnetismo, que suscita o desejo por uma aparência atraente ou por um comportamento provocante. Em resumo, ter *sex-appeal* é manifestar não apenas certo charme sensual, mas também um atrativo sexual, segundo a própria etimologia da palavra: apelo do sexo.

Se é verdade que a esposa deve procurar agradar a seu marido, é falso e perigoso afirmar, como faz o Sr. Krah, que qualquer mulher pode exibir seus encantos a quem quer que seja nas ruas...

Como o Sr. Krah, para melhor influenciar seu leitor, cola peremptoriamente a etiqueta de "pessoas imaturas" ou "adeptos de uma seita" sobre os católicos atentos à modéstia... lembremos a esse pretensioso personagem alguns fatos.

Entre os membros da seita que "se singularizam por questões de vestuário", citemos o imaturo Bento XV em uma Alocução às mulheres italianas de 21 de outubro de 1919:

> "A ignorância pode apenas explicar a lamentável extensão que tomou nos dias de hoje uma moda tão contrária à modéstia, o mais belo ornamento da mulher cristã. Melhor esclarecida, parece-nos que uma mulher jamais teria podido chegar a esse excesso de usar um traje indecente até mesmo no lugar santo, sob o olhar dos mestres naturais e mais autorizados da moral cristã."

Na verdade, o eco ininterrupto da tradição da Igreja Católica e das Escrituras nos lembra "o quanto é funesta a beleza da mulher". Portanto, não deve surpreender que, em todos os tempos, os moralistas cristãos tenham sido severos com as mulheres, tanto em seus escritos quanto no púlpito. O papel que a mulher teve na queda do homem lhes pareceu uma verdade sempre antiga e, ao mesmo tempo, sempre nova.

Se a religião cristã sempre procurou elevar a dignidade que convém às mulheres, ela sempre perseguiu a despreocupação e a imodéstia, favorecendo a reserva e a modéstia de vestimenta, o que, aliás, acrescenta aos encantos da mulher, tornando-os mais puros.

Bourdaloue, célebre pregador do século XVII, faz parte da seita denunciada pelo Sr. Krah:

> "Que o sexo seja vaidoso, que seja ciumento de um encanto perecível, que coloque sua glória em aparecer e brilhar, seja pela riqueza dos ornamentos com os quais se adorna, seja pelo esplendor da beleza que a natureza lhe concedeu, é uma mundanidade que lhe foi censurada em todos os tempos..." (VI Domingo após Pentecostes, II parte.)

Em todos os tempos também, houve mulheres que exibiam publicamente a impiedade ou o escândalo, no século XXI como no século XVII, como a Palatina, a duquesa de Bouillon, a condessa de Soissons, de Polignac, as duquesas de Vivonne, de Angoulême, de Vitry e outras que deram motivo a suspeitas por seus ares fáceis... Mas, em todos os tempos, também houve mulheres que lamentaram isso:

> "As mulheres deste tempo são insuportáveis para mim", escreve Madame de Maintenon: "seu vestuário, insensato e immodesto, seu tabaco, seu vinho, sua gula, sua grosseria, sua ornamentação, tudo isso é tão oposto ao meu gosto e, parece-me, à razão, que não posso suportá-lo." (Correspondência da duquesa de Orléans, 7 de março de 1696)

Já que as cristãs mundanas se assemelham estranhamente àquelas do mundo da corte real do grande século, propomos ouvir Messire Jean-Louis de Fromentières (1632-1684), bispo e senhor de Aire e pregador ordinário do rei.

O que ele diz diz respeito à mulher que entra na igreja e cuja imodéstia e arrogância profanam os santos mistérios. Mas essa observação ainda vale para a mulher que, exercendo uma violência visual sobre os homens devido a seu *sex-appeal*, torna-se objeto de escândalo por sua imodéstia.

> "Jesus Cristo neste altar alimenta os homens com sua carne para torná-los imortais, para inspirar-lhes sentimentos de pureza, para apagar neles os ardores da concupiscência, e tu, vens aqui com um corpo criminoso, infectar os olhos, envenenar as almas e acender em todo um templo fogo mais detestável que o do inferno! Que atentado! Opor uma carne impura à carne toda santa e toda imaculada do Cordeiro, destruir por um amor infame a caridade mais perfeita de um Deus! Enquanto ele salva os homens, querer perdê-los [...]. Depois disso, mulheres do mundo, sois cristãs? Ah! Que maior desordem poderíeis fazer em nossas igrejas, se fôsseis pagãs! Se fôsseis cristãs, aparecerieis aqui em outro estado que não o de humildade e penitência? [...] não é apenas nas casas particulares, nos bailes, nas ruelas, nos passeios, que as mulheres aparecem com o colo nu; há as que, por uma temeridade horrível, vêm insultar a N.S. Jesus Cristo até aos pés dos altares." (Sermão Sobre as irreverências nas igrejas. 1ª parte)

Em 1683, essa desordem era tão comum que o Papa Inocêncio XI fulminou a pena de excomunhão contra as mulheres que aparecessem nas igrejas com vestimentas inconvenientes... Este simples fato ridiculariza o frequente sofisma que pretende que a modéstia seria uma questão de época, de cultura e de gosto... e prova, ao contrário, que as exigências apostólicas da modéstia não são uma regra moral ligada às condições de uma época, mas uma exigência que a Igreja, liberta do tempo, impõe à mulher em razão de seu significado religioso fora do tempo!

Se a insuficiência do vestuário revela na mulher um desejo imoderado de agradar e seduzir, os trajes e modas das mulheres sempre foram um sinal do estado dos costumes públicos. Também todos os pregadores se levantaram contra um costume que o mundo aprovava, mas que o Evangelho condenava.

> "Mulheres do mundo, que passastes os mais belos dias de vossa vida em diversões, em vaidade, que quase não vos negastes nenhum prazer,... mulheres delicadas e sensuais, que vos ocupastes unicamente em lisonjear vosso corpo, em engordá-lo, que perdestes tanto tempo em embelezá-lo como um ídolo, por uma massa de paramentos imoderados ou de ornamentos inúteis... acreditais, de boa-fé, estar quite diante de Deus, renunciar simplesmente a vosso luxo e a vossas diversões, em uma idade em que sois mais incômodas ao mundo do que lhe sois agradáveis, no declínio de uma vida caduca, em que vossa beleza se murcha, em que vossas doenças vos tornam incapazes de saborear o que ainda quereríeis saborear?" (Fromentières, Sermão Sobre a Penitência, III parte)

Deixemos a conclusão de nossas observações a uma mulher. Ela terá o mérito de mostrar o drama espiritual que se esconde por trás da luta pela modéstia e nos permitirá compreender, ainda que lamentando, por que o Sr. Krah prefere o "caminho largo que leva à perdição" em vez do "portão estreito e apertado que leva à vida".

> "Uma de minhas grandes vontades é ser devota... não estou nem com Deus nem com o diabo, esse estado me aborrece, embora, entre nós, eu o ache o mais natural do mundo. Não se está com o diabo, porque se teme a Deus, e que, no fundo, tem-se um princípio de religião; não se está com Deus também, porque sua lei é dura, e não se ama destruir-se a si mesmo. Isso compõe os tíbios, cujo grande número não me inquieta absolutamente: entro em suas razões. No entanto, Deus os odeia; é preciso, portanto, sair disso, e eis a dificuldade." (Madame de Sévigné escrevendo a sua filha, Aos Rochers, 10 de junho de 1671)

Possam aqueles que se chamam católicos ser mais atraídos pela virgindade maternal de Maria do que pelo *sex-appeal* de Eva...

O notário da Sapinière

M. l'Padre Matthieu Salenave e M. Sean McKenna : Dois exemplos de desvio teológico que ilustram plenamente a magistral lição do Professor Marcel De Corte (1/2)

por Padre Olivier Rioult | 2 de novembro de 2018 |

No dia 27 de julho de 2018, um certo Mikaël postou um artigo intitulado *Referências fundamentais na crise atual* no "Fidélité catholique francophone". Este fórum, fundado e dirigido por M. l'Padre Salenave, se apresenta como « *um espaço de discussão para defender a Fé Católica à sequência de Mons. Marcel Lefebvre. Portanto, não é a favor do alinhamento com a igreja conciliar nem do sedevacantismo.* »

Se é verdade que o fórum rejeita qualquer alinhamento com a Igreja Conciliar, o que segue vai mostrar infelizmente que a alegada defesa da Fé Católica é mais problemática.

Primeiramente, apresentemos o conteúdo da prosa do nosso Mikaël. Queremos ressaltar, visto que suas afirmações ultrapassam o entendimento, que ao resumir seu texto pela metade, mantivemos rigorosamente suas palavras e expressões:

> « *A FSSPX era providencialmente até 2012 a vanguarda da luta pela Fé. Então uma grande catástrofe surgiu: "por que não fazer um acordo com os modernistas pedindo-lhes um lugar em sua igreja". Então os tradicionalistas voltaram seu olhar para aqueles que não queriam esse acordo prejudicial com os piores inimigos da Igreja Católica com a seguinte pergunta: Podemos seguir a atual FSSPX? Em quem confiar? Em qual critério teológico deve se apoiar o fiel para seguir os caminhos de Nosso Senhor? O princípio básico é a indefetibilidade da Igreja Católica, a esposa Imaculada de Nosso Senhor que tem as promessas da Vida Eterna. Essa indefetibilidade não é apenas abstração: a Igreja é essencialmente hierárquica e a hierarquia fiel nunca poderá desaparecer totalmente. Talvez não haja mais congregações fiéis (FSSPX) mas ainda restará pelo menos 1 (ou quatro) bispo fiel. Caso contrário, a Igreja não existiria mais. O sacerdote e o fiel devem, portanto, se apegar ao que resta de hierarquia fiel. Após a traição de 2012 (e 2018), os fiéis e os sacerdotes devem moralmente se unir a um bispo francamente católico, pelo menos moralmente.* ***Na prática, para um fiel que se pergunta se ainda pode comungar na Missa de um sacerdote da FSSPX: ele pode perguntar a esse sacerdote a qual bispo ele se liga.*** *("Com qual bispo você está em comunhão atualmente?") Se o sacerdote responder que são aqueles que estão na atual FSSPX: ele não poderá mais comungar na sua Missa. Se o sacerdote responder que está de coração com os quatro bispos da Fidelidade [Mons.s Williamson, Faure, Da Costa, Zendejas], então o fiel poderá confiar nele. São os bispos, sucessores dos apóstolos, que fazem a essência da Igreja. Escolhamos os bons bispos e estaremos realmente na Igreja Católica.* »

O caso de M. do Padre Matthieu Salenave

Nossa primeira observação é constatar que, para alguém que afirma rejeitar o sedevacantismo, nosso Mikaël, que nada mais é do que um pseudônimo por trás do qual se esconde M. l'Padre Salenave, **não diz uma palavra sobre o papa como critério de pertencimento à Igreja Católica**. Enfim, ele raciocina como se o papa não fosse importante, enquanto por outro lado reconhece Francisco como o vigário de Cristo… Inconscientemente, portanto, Mikaël fala aqui como um sedevacantista.

Além disso, por que o Padre Salenave não considera como « *bispo francamente católico* » Mons. Morello, Mons. Sanborn, Mons. Dolan, Mons. Stuyver, Mons. Selway, Mons. Pivarunas e talvez outros ainda… que, assim como ele, sustentam que o « *princípio básico é a indefectibilidade da Igreja Católica, a esposa Imaculada de Nosso Senhor que tem as promessas da Vida Eterna* » e que, por essa razão, também excluem qualquer possibilidade de alinhamento com a Igreja Conciliar? Por que esses bispos, que se recusam a considerar como verdadeiro papa aquele que, segundo Mikaël, é um dos « *piores inimigos da Igreja Católica* », não poderiam também manter « *a Igreja que é essencialmente hierárquica* »?

O pior neste texto, que pretende com a maior seriedade iluminar as consciências católicas, é sua profissão de sectarismo. Foi para prevenir esse tipo de desvio que, no dia 29 de setembro de 2016, postamos um longo artigo no site lasapinière.info: *O espírito de partido, um perigo comunitário… (1ª parte / 2ª parte)*

Este artigo respondia a um certo Titus, que havia desaprovado uma de nossas afirmações (Carta aberta a Mons. Tissier de Mallerais, 12 de junho de 2016) dizendo:

> "Não precisamos de Mons. Lefebvre para discernir o que é católico do que não é."

Titus escrevia:

> « *O fiel comum que eu sou tem um pouco de dificuldade em entender isso. Os fiéis precisam ouvir a palavra de um bispo quando as coisas não estão indo bem na Igreja…* »

Não sabíamos na época, mas ao responder a Titus, estávamos respondendo não a um « *fiel comum* », mas a um sacerdote, no caso o Padre Salenave, alias Mikaël…

Nosso artigo, apoiado no exemplo da *Companhia de Jesus*, castigada por causa de seu espírito de partido, tinha o objetivo de alertar os fiéis contra *« essa servidão dos espíritos mais assustadora do que a do corpo. »* Pois de fato, afirmar que se precisa de Mons. Lefebvre para discernir o que é católico do que não é, é praticar um lefebvrismo ruim, é engendrar um reflexo sectário que nada tem a ver com o catolicismo. Mons. Lefebvre ele mesmo convidava a comparar seu ensinamento com o da Igreja:

> « *Olhem nos livros, olhem na história, olhem em todos os livros que estão na biblioteca, vejam se não estão ensinando as verdades da Igreja.* » (Ecône, 07-10-1982)

No entanto, diante do mistério da iniquidade em Roma « *que não é mais a Roma católica* », Mons. Lefebvre estava muito perplexo:

> « *Por enquanto* », admitia não ousar decidir « *de maneira absoluta* ».

Sua conclusão prática era:

> « *pessoalmente, eu ajo em relação ao papa como se o papa fosse o verdadeiro papa…* » (Conferência, 20-09-1977)

Mas outros bispos, em vez de se alinhar à opinião pessoal de Mons. Lefebvre, preferiram seguir os ensinamentos de São Roberto Belarmino ou do cardeal Cajetan. De fato, a pretensão de impor a opinião de um bispo, mesmo respeitável, é inaceitável e só se justifica por uma lógica sectária que tem cada vez menos a ver com o espírito católico.

A "Resistência" ou a "Fidelidade", tal como é concebida pelo Padre Salenave na SAJM ou em seu site Reconquista, não é, infelizmente, senão a repetição desse funesto espírito de partido do qual nem a Companhia de Jesus no século XVIII, nem a Fraternidade São Pio X no século XX souberam se preservar. **Esse espírito de partido é um egoísmo comunitário que faz preferir o grupo à Verdade.** Aqui estão dois exemplos: é em nome do « *espírito de corpo* » que o Padre Bouchacourt justificou sua aprovação a um recuso abusivo, por parte de um sacerdote de seu distrito, de dar a comunhão a um fiel. E é esse mesmo espírito que explica a afirmação inaudita de Mons. de Galarreta em 13 de outubro de 2012 em Villepreux:

> « *É quase impossível que a maioria dos Superiores da Fraternidade se engane em uma matéria prudencial… De qualquer forma, vamos fazer o que a maioria pensa*. »

Tentamos, com outros confrades, prevenir esse perigo. Em uma reunião, no dia 1º de fevereiro de 2017, os padres Pinaud, Pivert e eu mesmo comunicamos a todos os membros da USML um relatório sobre « *A atitude preocupante do nosso confrade o Padre Salenave* ». Advertíamos contra « *a atividade anormal e perigosa do Padre Salenave na internet* », « *seus métodos desprovidos de caridade* », sua falta de « *argumentação* »; « *os múltiplos pseudônimos usados por nosso confrade, (pseudônimos de homens, mulheres, leigos, eclesiásticos, incluindo para fazer falar Mons. Lefebvre) que favorecem problemas psicológicos* ». Temíamos que esse « *desdobramento de personalidade* » e esse « *tempo gasto na internet* » inutilmente também fosse um perigo para « *sua vida espiritual, intelectual e moral* ». Havíamos solicitado a ele « *que se abstivesse de participar de qualquer blog e fechasse o blog Resistência Católica Francófona que ele criou* » e apelávamos ao seu superior já que, Maunoir, um dos pseudônimos do Padre Salenave, escrevia, em 24 de agosto de 2016, que

> « *congregações estão atualmente sendo fundadas para garantir aos sacerdotes que desejam uma regra e um superior* ».

Nossa iniciativa foi em vão tanto com o Padre Salenave quanto com Mons. Faure, autoproclamado superior vitalício da SAJM. O Padre Salenave continua não apenas a pensar de forma sectária, mas também a agir de forma sectária: seu site Reconquista e seu fórum têm práticas dignas da Pravda, uma vez que tudo muda conforme as circunstâncias do momento. Os nomes dos sacerdotes que não agradam à linha do partido são eliminados furtivamente, assim como artigos e links. Seu fórum pode dar a ilusão de uma grande atividade, mas, na realidade, às vezes está bem próximo do monólogo, pois o Padre Salenave é capaz de intervir sob o pseudônimo de Maunoir e de se responder sob o de Mikaël, que será defendido por outro dele mesmo: Titus, para finalmente se congratular sob o pseudônimo – era preciso ousar – de Mons. Marcel Lefebvre... Enfim, os fiéis, em vez de poderem se informar sobre "o melhor site de notícias para a resistência", encontram-se diante de um mundo de ilusão e engano. Os exemplos não faltam, mas um só é suficiente.

Em novembro de 2017, o site Reconquista nos informou que

> « *Mons. [da Costa] Thomás d'Aquin OSB conferiu o Diaconato ao Padre Rodrigo Ribeiro da Silva da sociedade dos apóstolos de Jesus e de Maria no mosteiro de Santa Cruz* ».

E em dezembro de 2017, repassando o site da SAJM, o Reconquista se alegrava:

> « *Mons. Richard Williamson ordenou sacerdote Rodrigo Ribeiro, SAJM, no Monastério da Santa Cruz* ».

Assim, o abade Ribeiro era o primeiro sacerdote da SAJM... Então, após essa primeira informação triunfante, nada mais... O que tinha acontecido? Ordenado sacerdote, o abade Ribeiro pode refletir sobre assuntos proibidos no seminário... E após reflexão, o primeiro sacerdote da SAJM, sociedade que impõe a seus membros serem "*em comunhão com Francisco*", declarou não estar em comunhão com Francisco. Em julho de 2018, Mons. da Costa achou necessário produzir um comunicado alertando os fiéis contra o Abade Ribeiro porque ele não seguia a « *posição dos quatro bispos…* » O Padre Ribeiro foi então excluído da SAJM por Mons. Faure, sem julgamento, sem advogado, nem advertências, ou seja, com os mesmos métodos que a sociedade mãe: a FSSPX. De tudo isso, o Padre Matthieu Salenave, membro da SAJM, não achou conveniente informar seus leitores...

O caso de M. Mc Kenna

Não se deve acreditar que esse estado de espírito entre os clérigos não terá consequências para os leigos. Ele pode, infelizmente, influenciá-los de maneira lamentável. Recentemente, M. Mc Kenna, fiel de Auvergne, divulgou amplamente um texto para justificar sua demissão da Associação Santos Mayeul e Martin em razão de « *publicações aparecidas na La Sapinière e no Canada Fidèle* » e consideradas por ele inaceitáveis. Os dois sites haviam, entre outras coisas, citado uma análise do Padre Ringrose na Virgínia, nos Estados Unidos (cf. Affaire Ringrose 3 – le cœur du problème). A análise desse sacerdote, reordenado condicionalmente por Mons. Lefebvre em 1982, amigo de Mons. Williamson e que colaborou com a FSSPX até 2012, questionava « *a posição "Reconhecer e Resistir" que foi a de Mons. Lefebvre* ».

M. Sean Mc Kenna escrevia em consequência:

> « *Continuamos, é claro, a recusar toda ideia de alinhamento com a Roma conciliar e a combatê-la no mesmo espírito que nos move desde 2012. Conscientes de que o aviso de São Cipriano atravessa os séculos e se dirige a nós também, "Se alguém não está com o bispo, não está na Igreja", permanecemos respeitosamente ligados aos bispos católicos da Resistência. Conscientes de que a crise atual da Igreja e a da FSSPX desorientam as inteligências, permanecemos, além disso, ligados, no que diz respeito à vacância ou não do Santo Sé, à posição caridosa, prudente e também pragmática de Mons. Lefebvre, bússola para o nosso tempo* ».

O Padre Roy achou por dever fazer notar a M. Mc Kenna que o uso inadequado da citação de São Cipriano, fora de seu contexto, manifestava o « *sinal de uma eclesiologia errônea* »:

> _« *De fato, São Cipriano não pedia para estar com "um bispo" qualquer, mas para estar com "o bispo", ou seja, com o bispo legítimo de cada diocese, que recebeu jurisdição sobre uma parte do rebanho do Senhor, uma vez que ele próprio está sob a autoridade do Vigário de Cristo. Ao fazer isso, não se poderia estar senão com a Igreja, e, no caso contrário, não se poderia estar senão separado da Igreja. De acordo com essa interpretação, que é a única correta, se você considera o bispo conciliar de sua diocese como o bispo legítimo da Igreja Católica, sob Francisco, o papa legítimo da Igreja Católica, então você deve estar com ele, submeter-se a ele em tudo que diz respeito à fé, à moral e à liturgia, se quiser estar com a Igreja. Mons. Williamson não é, pelo que eu saiba, o bispo de sua diocese trabalhando sob a autoridade do papa…* »
>
> *« Ao utilizar esta citação no que diz respeito a Dom Williamson, você engana os destinatários da carta, involuntariamente espero, levando-os a acreditar que Dom Williamson e seus companheiros receberam alguma jurisdição sobre nós, e que, portanto, separar-se deles é separar-se da Igreja. Isso é obviamente contrário à realidade; contrário ao que Dom Lefebvre sempre disse sobre os bispos que ele sagrou e, finalmente, contrário à maneira como o próprio Dom Williamson age, já que ele insiste no fato de que não é o chefe de ninguém e, ao dizer isso, ele está certo. »*

« Portanto, ninguém deve estar sob a autoridade inexistente de Dom Williamson para fazer parte da Igreja Católica. Ele não é (nem os outros bispos da Tradição) um pastor legítimo da Igreja Católica ao qual se deva submeter para fazer parte da Igreja, pois ele não foi enviado por ninguém para pastorear as ovelhas do Senhor. A situação de necessidade em que se encontra a Igreja legitima, é claro, que recorramos a ele para os sacramentos, mas, como Dom Lefebvre havia especificado bem, ele foi sagrado para dar os sacramentos que somente um bispo pode dar e não para exercer qualquer autoridade sobre os fiéis e os padres. Afirmar que Dom Williamson seja "o bispo" de que fala São Cipriano seria falso, perigoso, cismático e sectário, pois isso implicaria a existência de uma hierarquia paralela na Igreja Católica, hierarquia essa que não teria sua origem no Pontífice Romano. »

As observações do Padre Roy valem tanto para Dom Williamson quanto para Dom Lefebvre ou para qualquer outro bispo sem mandato romano, e são proveitosas tanto para o Sr. McKenna, para a SAJM, para a FSSPX quanto para qualquer outro instituto. **Nenhum bispo católico pode se considerar como pastor legítimo da Igreja sem ter recebido esta missão da parte da Igreja.**

Aí está o cerne do problema atual. É este problema que levou a FSSPX como a SAJM a transformar, senão teoricamente pelo menos praticamente, em jurisdição habitual uma jurisdição de pura suplência, com sua consequência inevitável: a usurpação de autoridade. É verdade que Dom Williamson é capaz de lhe confiar que a SAJM não é nada mais que « *vento* », de evocar "*a incompetência*" de Dom Faure e de conceder "*que seria preferível que o Padre Salenave não estivesse no seminário*" ; que a obra do Padre Chazal não seria " *séria*", ou que uma estrutura lhe parece impossível e que não se pode fundar nada sem a autorização dos Ordinários… mas ele também é capaz de fazer em ação o contrário de suas próprias palavras. Pode-se ficar insensível a tantas incoerências tão frequentemente assumidas ? O que se pode esperar daquele que assume a contradição ? Uma vez o bispo prega em Puy (2017) que não sabe se Francisco é papa e outra vez, em Paris (2018), que « *sem as orações dos católicos que rezam por ele, o papa poderia ser ainda pior.* » (cf. *As razões invocadas por Dom Faure para cancelar a peregrinação de Puy são verdadeiras ?* E *Carta aos membros da Associação Santos Maieul e Martin : « Estou longe de ser o único seixo episcopal na praia… ».*

As palavras do Padre Matthieu Salenave e do Sr. Sean McKenna terão ao menos o mérito de ilustrar um ensinamento desconhecido, e no entanto capital, do Professor Marcel De Corte.

Parte 02

Pe. Matthieu Salenave e Pe. Sean Mc Kenna: Dois exemplos de desvio teológico que ilustram plenamente a magistral lição do Professor Marcel De Corte (2/2)

por Pe. Olivier Rioult | 2 de dezembro de 2018 |

1ª parte

As posições do Pe. Matthieu Salenave e do Pe. Sean Mc Kenna revelam um problema muito mais importante, muito mais generalizado e infinitamente mais profundo do que o sectarismo anedótico deste ou daquele sacerdote ou simples fiel. Essas posições pertencem à defesa psicológica e ao conforto intelectual que recusa enfrentar uma situação caótica. À realidade dolorosa é preferida uma ilusão, objetivamente falsa, mas subjetivamente tranquilizadora. Este sectarismo de uns e outros pretende restaurar a ordem no caos. Permite "fingir" que a situação desconcertante não existe. **Pois a apostasia universal, que os mais lúcidos não contestam, tem uma consequência assustadora que, ela, é contestada mesmo pelos mais lúcidos: a ausência de autoridade legítima universal e visível.**

A lição de Marcel De Corte

Em 1974, em um longo artigo intitulado *História e fundamento da noção de autoridade* (*Itinéraires*, n°183, 184, 185), o eminente professor da Universidade de Liège, Marcel De Corte, não apenas viu, mas também explicou essa situação.

Para este brilhante filósofo, que "a noção de autoridade" esteja no "próprio cerne da crise planetária" é "de uma evidência solar". Não apenas na família e nos países, mas também na "Igreja Católica" que, "de uma só vez, abdicou de toda autoridade desde o recente Concílio" Vaticano II: "temos diante de nossos olhos o espetáculo prodigioso, fascinante, incrível, de uma Igreja sem obrigação nem sanção, de uma Igreja "permissiva", onde tudo é doravante permitido, onde a lei sobrenatural e seus artigos dogmáticos são negados, onde a lei litúrgica cede a todos os desregramentos, onde a lei natural enrolada nos piores sofismas deu lugar às mais perigosas divagações da consciência entregue ao seu próprio arbítrio".

A descrição que Marcel De Corte fez da revolução "no ensino da Igreja" sob Paulo VI vale mais do que nunca sob Francisco:

> "Já não há ninguém na Igreja que saiba o que deve fazer ou não fazer. O princípio do subjetivismo revolucionário levou à última barreira... " Ora, como "não há e nunca haverá sociedade digna deste nome sem autoridade, não é surpreendente ver a humanidade oscilar constantemente à beira da anarquia e da revolução permanente."

O Professor então revisa, com toda a sua erudição e precisão, a autoridade através dos séculos.

A autoridade na Grécia

Sua "democracia [...] era na verdade uma aristocracia de cidadãos formalmente distinta da imensa maioria dos habitantes de Atenas, composta de metecos e escravos. [...] Nada é mais estranho ao espírito grego do que o individualismo dos direitos do homem e do cidadão que molda a sociedade de acordo com a vontade de seus membros". A "concepção que os gregos tinham da autoridade" se resumia na "autoridade transcendente da lei" que "não deriva dos homens, mas de sua natureza divina". Mas no dia em que os sofistas convenceram os gregos de que a lei não passava de uma "convenção sempre revogável", a autoridade desmoronou, "e com

ela, todas as comunidades das quais ela é o eixo, porque ela não mais repousa sobre Deus, mas sobre o homem que se proclama deus, sobre o homem desvinculado da observância da lei que o transcende e que exige dele a obediência ao bem comum da sociedade e ao Bem Comum universal".

A autoridade em Roma

Também era "revestida de um valor sagrado": pais de família, Senado romano e "sua cabeça (*princeps*), o guia (*dux*), o detentor da autoridade (*auctor*) que faz crescer e ordenar para o bem do conjunto as diversas partes do corpo social". "Sua regressão está ligada às mesmas causas que destruíram a autoridade na Grécia. Sob a influência do neopitagorismo importado da Grécia e dos cultos orientais vindos da Ásia Menor, o vínculo religioso, garantido por minuciosas prescrições rituais, que une os cidadãos uns aos outros com vistas ao bem comum e à grandeza de Roma, relaxou-se. [...] O Senado lentamente abdicará de sua autoridade em benefício daquilo que hoje se chamaria de "consciência individual"".

A autoridade na Idade Média

Repousa sobre o feudalismo: "o homem ligado ou livre se compromete diante de Deus a uma fidelidade absoluta a um homem livre mais poderoso do que ele, que lhe assegura ajuda e proteção. A autoridade e a sociedade ressurgem no nível elementar. Elas também ressuscitam no nível de um Império instável cuja fé oficial é o cristianismo. [...] A autoridade reconquista uma nova vida na linguagem eclesiástica. Em 494, o Papa Gelásio escreve ao imperador Anastácio a famosa frase que dominará as relações entre a autoridade espiritual e a autoridade temporal durante toda a Idade Média:

> "Dois poderes governam este mundo, ó Augusto Imperador: a santa autoridade dos Papas e o poder real."

Existem duas sociedades, cada uma perfeita em sua ordem: uma sociedade sobrenatural, a Igreja, e uma sociedade natural, o Estado. [...] As autoridades que as regem não podem se opor uma à outra, assim como a graça e a natureza não podem se obstruir. [...] Toda sociedade é estabelecida sobre um axioma fundamental: "a ordenação de suas partes ao todo" por uma autoridade legislativa, executiva e judiciária. A Igreja o confirma com toda a autoridade sobrenatural que recebe de Deus".

Então chega a Reforma, que inicia a "transição revolucionária" tão bem descrita por Bossuet em sua "Oração fúnebre de Henriette-Marie de França, Rainha da Grã-Bretanha, pronunciada em 16 de novembro de 1669": "a fonte de todo o mal é que aqueles que não temeram tentar, no século passado, a reforma pelo cisma, não encontrando baluarte mais forte contra todas as suas novidades do que a santa autoridade da Igreja, foram obrigados a derrubá-la... Cada um se fez a si mesmo um tribunal onde se tornou o árbitro de sua crença... não há particular que não se veja autorizado por essa doutrina a adorar suas invenções, a consagrar seus erros, a chamar Deus tudo o que pensa. Desde então, bem se previu que, não havendo mais freio à licença, as seitas se multiplicariam até o infinito, que a obstinação seria invencível; e que enquanto uns não cessariam de discutir ou dariam suas divagações por inspirações, os outros, cansados de tantas loucas visões e não podendo mais reconhecer a majestade da religião dilacerada por tantas seitas, iriam enfim buscar um repouso funesto e uma completa independência na indiferença das religiões ou no ateísmo."; "Tudo se transforma em revolta e em pensamentos sediciosos quando a autoridade da religião é aniquilada [...]. Quando uma vez se encontra o meio de tomar a multidão pelo atrativo da liberdade, ela segue cegamente, desde que ouça apenas o nome".

Então Marcel De Corte explica o que chama de "a raiz da contestação". **A Igreja Católica é uma verdadeira sociedade que, como toda sociedade, tem uma única cabeça: Cristo. Mas ela é uma sociedade única em seu gênero: ela é essencialmente uma sociedade de pessoas, "sem outro vínculo entre elas a não ser o do pecado antes do batismo, ou o da graça sobrenatural após a eleição divina**", "à imagem da Santíssima Trindade, que é seu dogma primeiro e fundamental sobre o qual repousam todos os outros".

A sociedade natural, por sua vez, não é e não pode ser uma sociedade de pessoas, pois "só se faz o social com o social. É impossível associar realmente indivíduos separados uns dos outros e que, por hipótese, não têm nada em comum uns com os outros. A sociedade política não se compõe de indivíduos, mas de famílias cuja onda natural em direção à vida em comum, a uma vida em comum civilizada, ela prolonga".

"Mas se não se pode fazer o social com o individual, a moderna "sociedade" política gerada pela Reforma e definitivamente parida pela Revolução Francesa não é uma verdadeira sociedade, mas uma dissociedade": "A democracia moderna, sociedade de pessoas, é a caricatura da Igreja" Ela "não é e não pode ser um regime político", ela "é uma heresia cristã". Pois "ela é a projeção na ordem temporal que a recusa de uma estrutura social própria à sociedade sobrenatural que é a Igreja fundada por Jesus Cristo, sociedade de pessoas que só é possível na ordem da graça".

Nessa dissociedade, "se praticará o laissez-faire, o laissez-passer em matéria econômica, sem outro fim que o enriquecimento pessoal". Nessa dissociedade, "o Estado" terá um "poder imenso" mas uma "autoridade nula". Essa "heresia cristã laicizada" conduzirá inevitavelmente o mundo "em direção ao totalitarismo".

Marcel De Corte então explica, em 1974, a lógica mundialista que só piorou desde então: "A democracia liberal" só existe graças "ao Estado moderno cujos poderes são ilimitados, pois não são mais medidos pelas comunidades naturais ou semi-naturais que a Revolução destruiu em benefício ou, mais exatamente, em malefício dos "direitos imprescritíveis e absolutos da pessoa humana". Não é um paradoxo sustentar que a expansão do estatismo é o corolário direto do liberalismo, é uma constatação histórica: o "Estado-gendarme" é a sombra ameaçadora da democracia liberal, sua obscura projeção de si mesma da qual não pode se despir sem cair na total anarquia. Esse Estado que já não é o piloto e o guardião do bem comum, o mantenedor da lei por excelência que subordina as partes ao todo, é agora um poder sem limites cujo papel é satisfazer as exigências, também sem limites, dos cidadãos considerados individualmente ou em seus grupos de pressão. Para isso, o Estado moderno multiplicará seus regulamentos, estenderá ao extremo o tecido cada vez mais estreito de suas estruturas administrativas e se tornará inevitavelmente um Estado tecnocrático".

A esse fenômeno de dissolução política foi acrescentada, "desde o Vaticano II", a dissolução religiosa: "a decomposição da Igreja". "Ao se abrir ao mundo moderno, ao mundo da Reforma e da Revolução, ao mundo do liberalismo e do socialismo, a Igreja Católica se abriu ao mesmo tempo a sua própria presença desfigurada, degradada, que tenta em vão se projetar no temporal como uma sociedade de pessoas e que deve, para tentar chegar lá, destruir as sociedades tradicionais que a inteligência e a vontade do homem construíram ao longo dos séculos, e arruinar toda autoridade." "Essa decisão aberrante não apenas desencadeou "a autodemolição da Igreja", ela apagou, ela está apagando a distinção entre o espiritual e o temporal que Cristo realizou, sem a qual toda sociedade está condenada à negação permanente da autoridade".

"Ao apresentar a "democracia" como o prolongamento temporal do Evangelho, **a Igreja Católica oficial se transforma em agente de destruição das sociedades** que a natureza do homem construiu e da autoridade que as coroa, com uma eficácia inaudita. Ela reitera a aventura da Reforma e sacraliza a Revolução. **Ela aniquila o próprio fundamento da autoridade, e da sua própria**".

"Sociedade de pessoas, a Igreja Católica só pode subsistir pelo vínculo de uma fé e de uma liturgia sobrenaturais comuns a todos os seus membros e mantidas em sua integridade absoluta pela autoridade que Deus delegou à Hierarquia. [...] Toda autoridade vem de Deus, nas duas ordens essencialmente distintas e conjugadas da natureza e da graça. Sem essa inabalável pedra angular, toda sociedade, qualquer que seja, está condenada à destruição. [...] A fé católica se funda no testemunho soberanamente autorizado Daquele que, sendo a Verdade e a Veracidade absolutas, não pode se enganar nem nos enganar: "*propter auctoritatem ipsius Dei revelantis qui nec falli nec fallere potest*", diz-nos claramente, sem ambiguidade, a Constituição *De fide catholica* do Vaticano I. Ela é uma graça que une as pessoas a quem é concedida em uma sociedade sobrenatural comum: a Igreja. A autoridade eclesiástica deve, sob pena de trair a Deus, velar pela integridade da fé no dogma revelado, na ação litúrgica, nos costumes cristãos. Os eleitos, reunidos na Igreja, serão por ela conduzidos, sob sua autoridade, à sua finalidade natural, seu Bem Comum a cada um: a visão beatífica".

Mas, desde o Vaticano II, todos os que se sentaram na Cátedra de Pedro lideraram uma política revolucionária. **Todos, de João XXIII a Francisco, se enganaram e nos enganaram** quanto à integridade da fé, quanto à ação litúrgica, quanto à lei dos costumes cristãos. Como mostramos em nosso livro, *Comunhão e Anátema segundo a doutrina católica*, não temos mais a ver com "Vigários de Cristo", mas com "Capelães de uma Revolução anticristã".

Todos tomaram como "bússola" o Concílio Vaticano II que "pela primeira vez, colocou o princípio da liberdade em matéria religiosa acima da obrigação de conhecer e propagar a verdadeira religião" (Alain Savary). Todos proclamaram a igualdade das religiões e propagaram um ecumenismo interconfessional e indiferentista. "Ora, esse princípio só por si basta para arruinar todas as religiões, e particularmente a religião católica, pois, **sendo a única verdadeira, ela não pode, sem sofrer a última das injúrias e das injustiças, tolerar que as outras religiões lhe sejam equiparadas**." (Leão XIII, *Humanum genus* § 24) Todos se basearam na declaração maçônica dos Direitos do Homem. Todos elogiaram a "liberdade de consciência" chamada pelo Papa Gregório XVI de "**máxima falsa e absurda ou antes um delírio**". Todos multiplicaram os arrependimentos que injustamente humilharam o passado da Santa Igreja. Todos se basearam em uma filosofia personalista. Todos favoreceram o liberalismo moral, a destruição litúrgica e teológica. Todos assumiram a ruptura prática, senão teórica, com o passado da Igreja...

Isso já foi tratado extensamente por mais de um observador. **Tudo pode ser resumido a duas citações**: a confissão do cardeal Ratzinger, futuro Bento XVI, sobre o texto-chave do Vaticano II: "o texto *Gaudium et Spes* desempenha o papel de um contra-Syllabus na medida em que representa uma tentativa de reconciliação oficial da Igreja com o mundo como ele se tornou desde 1789" (Princípios da teologia católica, Epílogo) e a constatação lúcida de Mons. Lefebvre:

> "Creio sinceramente que estamos lidando com uma contrafação da Igreja. Eles não apenas não ensinam mais a fé católica e não defendem mais a fé católica, mas ensinam outra coisa. Não é mais a Igreja Católica" (Ecône, 21 de junho de 1978).

Marcel De Corte, portanto, tinha toda a razão ao escrever:

> "**a crise da autoridade está hoje em seu ápice.** Ela só será resolvida por uma autoridade justa, garantidora do bem comum, moral e "divina", como diziam os Antigos, por esse mesmo fato, e rigorosamente atenta à experiência do passado."

Conclusão

Por enquanto, há um poder legal, mas não há mais autoridade legítima; não há mais sociedade humana, mas dissociedades desumanas, porque os homens decidiram a morte de Deus. Por enquanto, não há mais autoridade legítima soberana, pois a autoridade legítima soberana só pode ser divina, e ela não é divina se não for também infalível! Ora, quem pode garantir que o ensino de Francisco é infalível, que sua liturgia é tradicional ou que sua moral é católica? Como pretender que Francisco tenha uma autoridade infalível quando canoniza João Paulo II, que, **segundo Mons. Lefebvre, é um homem "inspirado pelo diabo e a serviço da Maçonaria**"? Ora, essa autoridade que canoniza deveria ter sido infalível. Ela não foi, portanto não pode ser legítima. Ora, sem a autoridade de um Sumo Pontífice infalível, não há autoridade visível e soberana na terra. E, consequentemente, não há mais autoridade visivelmente e oficialmente legítima entre os bispos e os sacerdotes. Pois uns não terão mandato eclesiástico, e os outros obterão seu mandato de um herético ou, para usar os próprios termos de Mons. Lefebvre, de um "anticristo".

Muito poucos aceitam reconhecer essa realidade. O caos que testemunhamos se deve à apostasia e à indiferença dos homens em relação à autoridade de Deus. "Quando o Filho do Homem vier, encontrará a fé na terra?" (Lc XVIII,8). E a consequência e o castigo dessa apostasia é a ausência de autoridade legítima na terra. Daí o conselho do Padre Calmel em 1971 de continuar a "luta cristã" por meio de "pequenas unidades

que se recusam a entrar em não sei que organizações sistemáticas e universais. Nessas diversas unidades, [...] a autoridade é real e indiscutível; o problema do chefe praticamente não se coloca; a obra a fazer é precisa."

Aliás, por que Deus daria autoridade a homens que não querem respeitá-la? Por que daria sacerdotes para conferir seus sacramentos a homens que os recusam? Nos últimos tempos, revela São Paulo, Deus enviará "ilusões poderosas que farão crer na mentira" àqueles "que se perdem, porque não abriram seu coração ao amor da verdade que os teria salvado", "de modo que todos os que não acreditaram na verdade, mas se deleitaram na injustiça, caiam sob seu julgamento" (II Ts II,10-13).

Não devemos esquecer o que Donoso Cortès escreveu em 1849:

> "Considero provado e evidente que, aqui embaixo, o mal acaba sempre por triunfar do bem, e que o triunfo sobre o mal está reservado, se se pode assim dizer, a Deus pessoalmente".

Nem o que o cardeal Pie pregava em 1859:

> "A Igreja, sociedade sem dúvida sempre visível, será cada vez mais reduzida a proporções simplesmente individuais e domésticas".

Não devemos esquecer o que o cônego Arminjon ensinava em 1881:

> "Quando a fé cristã tiver terminado de se extinguir nos corações, quando o gozo e o bem-estar se tornarem os deuses do dia e a preocupação exclusiva das almas, então [...] o ouro prevalecerá sobre a religião e a moral, tornando-se a base da política e a chave de abóbada de todas as instituições, os financistas serão os pontífices e os reis. E o povo que possuir mais ouro será aquele que nos possuirá mais proximamente."

Não devemos esquecer o que o historiador Jean de Viguerie afirmava, em 2003:

> "Devemos nos render à evidência, a pátria desapareceu de nossos olhos. Da mesma forma, a nação. A independência e a soberania são as condições necessárias para a existência de uma nação. Ora, sabemos o que o europeísmo e o globalismo fizeram com a independência e a soberania da França. [...] Por mais de dois séculos, são perseguidos em nosso país aqueles que se recusam a prestar culto aos mitos chamados direitos do homem. A pátria desaparecida, a nação desagregada, resta o Estado. [...] Com o Estado saído das Luzes e da Revolução, nunca se fará nada. Os Vendéens e o conde de Chambord haviam compreendido isso. Talvez um dia os franceses compreendam. [...] Na verdade, não há mais França, e são os governos que a mataram. Eis a realidade." (As duas Pátrias)

Não devemos esquecer, finalmente, o que diz, em 2018, Valérie Bugault, doutora em direito:

> "Hoje, a moeda não serve mais o bem comum, mas interesses privados. A moeda é concebida estruturalmente hoje como um instrumento de dominação. Hoje, o poder político é apenas uma emanação do poder econômico que se esconde por trás das instituições estatais, mas que está nas mãos de uma minoria financeira nômade, anônima, apátrida e cosmopolita. O Estado francês, tecnicamente, funcionalmente, já não existe. Ele não tem mais soberania alguma. Ainda se fala muito dele, mas é falar de algo que desapareceu há algum tempo. É flagrante desde as instituições europeias, mas é verdade desde os últimos 150 anos... O elemento-chave a ter em mente e a compreender é que o poder político no Ocidente não existe mais. Ele é apenas um véu com apenas uma função representativa; enquanto o poder real é detido pelos principais detentores de capital que se escondem por trás das multinacionais e das grandes instituições bancárias, que são apátridas e

> ocultos pelo anonimato do capital. A tomada do poder político pelo poder econômico se realizou no século das Luzes. A separação dos poderes foi, na verdade, a dissolução dos poderes em benefício de uma Nova Ordem Mundial cujos chefes reais são anônimos, portanto irresponsáveis - pois não têm que prestar contas - sem limites e totalitários..." (Rádio Courtoisie)

Portanto, é a hora das trevas profetizada pelas Escrituras... Vivemos sob o reinado de Mamon que ocultou o de Cristo e da Igreja. Nessas condições, e enquanto o Cordeiro não lançar "o diabo no lago de fogo e enxofre, onde estarão a besta e o falso profeta" (Ap XX,9), não é hora de levar a sério o que Mons. de Ségur escreveu em 1862, em seu livro "A Revolução explicada aos jovens"? Particularmente seu último e 25º capítulo que algumas edições ousaram suprimir: "Uma solução temível e muito possível da questão revolucionária":

> "Um certo número de católicos, entre os quais vários bispos e doutores muito eminentes em ciência e santidade, têm a convicção profunda de que nos aproximamos dos últimos tempos do mundo, e que a grande revolta que quebra há três séculos todas as tradições e instituições cristãs, resultará no reino do Anticristo [...]. O Anticristo não está tão distante quanto se pensa. A Revolução lhe prepara o caminho, destruindo a fé, seduzindo as massas, abaixando os caracteres, trabalhando incansavelmente pela abolição social da Igreja. [...] O mundo católico está perdendo a fé, já arruinada em três quartos da Europa pelo protestantismo, e, em todo o universo, combatida, ameaçada pela fúria reunida desse mesmo protestantismo e das outras falsas religiões. [...] Uma das razões mais sérias que levam a crer que nos aproximamos definitivamente desses tempos nefastos é que ninguém mais acredita neles. [...] Seja como for, a Igreja está chegando a uma grande crise; se for ou não a última, devemos absolutamente nos preparar para combater e sofrer; devemos nos desprender de coração dos bens perecíveis que a Revolução pode nos tirar, usando deste mundo como não usando, tendendo à pátria celestial e, na terra, vivendo apenas para a eternidade. É preciso que a Virgem Imaculada seja a Rainha amada de nosso coração, a Eucaristia nosso pão de cada dia, o santo Evangelho nossa leitura mais querida."

FIM

Padre Olivier Rioult

Carta aos membros da Associação Santos Mayeul e Martin: « Estou longe de ser a única pedra episcopal na praia… »

por padre Olivier Rioult | 15 de junho de 2018 |

Após a publicação do artigo: *"As razões invocadas por Mons. Faure para cancelar a peregrinação do Puy são verídicas?"*, o Presidente da *Associação Santos Mayeul e Martin* (ASMM) enviou ao diretor de *La Sapinière* vários e-mails solicitando a retirada deste artigo.

Aqui está a resposta do diretor de *La Sapinière* aos membros da *Associação Santos Mayeul e Martin.*

Caros membros,

No dia 21 de maio de 2018, o Presidente da sua Associação me enviou uma mensagem pedindo para « *retirar o mais rapidamente possível* » o artigo intitulado: "As razões invocadas por Mons. Faure para cancelar a peregrinação do Puy são verídicas?". Ele reprovava o uso de « *e-mails* », de « *correspondências e de confidências* ». Em seguida, nos dizia que deveria consultar o Conselho da ASMM para « *julgar a pertinência* » desta « *iniciativa* »: « *O Conselho da associação discutirá a questão em profundidade na próxima semana e lhe informaremos mais detalhadamente sobre nossas objeções, incluindo as imprecisões e omissões que distorcem a veracidade do seu relato, e nossas conclusões…* »

Respondemos ao seu Presidente: « *Como, segundo você, o texto compromete também de certa forma a Associação Santos Mayeul e Martin, estou disposto a considerar seu pedido para retirar esta publicação. Mas você entenderá facilmente que uma simples opinião pessoal e a falta de elementos factuais e documentados não me permitem, de imediato, atender à sua solicitação. Aguardo, portanto, as decisões que a ASMM tomará na sua próxima reunião, assim como o detalhamento das objeções que a ASMM apresentará, incluindo essas supostas imprecisões e omissões que poderiam até distorcer a veracidade do relato…* »

As semanas se passaram e, apesar de nossa solicitação reiterada para conhecer as conclusões *« da ASMM sobre o artigo em questão* », não recebemos nenhuma notícia de sua Associação. O Presidente não achou necessário cumprir o que havia anunciado. Portanto, ele se omitiu em nos informar sobre as « *decisões que a ASMM tomará na sua próxima reunião, assim como o detalhamento de suas objeções* ».

Esse silêncio indica que não foi possível, como havia afirmado um pouco apressadamente e gratuitamente o seu Presidente, demonstrar uma omissão ou uma imprecisão que pudesse trair a verdade dos fatos ou distorcer a exatidão das conclusões do artigo. Como *La Sapinière* tem a preocupação de servir a verdade, ela se alegra com isso.

O artigo de *La Sapinière* não ofende a verdade, mas era oportuno? Esta questão resume, por si só, as principais objeções que o seu Presidente manifestou. Ele escrevia de fato: « *Quando La Sapinière divulgou as confidências do padre Faure sobre o capítulo geral, apesar de seu voto de segredo* », isso era « *favorável ao bem comum* » porque havia « *perigo para a fé* » devido ao *« alinhamento com a igreja conciliar da*

FSSPX. » Enquanto a divulgação deste artigo *« prejudica o bem comum. Claro, posso estar errado, por isso pedi para que fosse retirado enquanto os membros da nossa associação se consultam…* »

Acreditamos de fato que seu Presidente cometeu um erro e aproveitamos esta oportunidade para esclarecer alguns mal-entendidos, a fim de compreender melhor a justificativa da divulgação do artigo.

Havíamos perguntado ao seu Presidente, sem infelizmente obter uma resposta de sua parte: « *O espírito sectário não é, segundo você, um perigo para o bem comum? É compatível com a fé? A recusa em dar o sacramento da confirmação é compatível com a lei da Igreja e a salvação das almas?* » É respondendo a essas perguntas que se pode realmente avaliar a pertinência do artigo e sua utilidade para o bem comum.

Um espírito sectário…

Existe uma certa *Resistência* que costuma afirmar que, fora do que considera ser « *a posição de Mons. Lefebvre* », não há salvação; ou, o que é a mesma coisa, se alguém se desvia do julgamento de Mons. Lefebvre sobre um ponto, deixa de existir como verdadeiro católico… Este argumento, frágil e desgastado, ainda pode impressionar de forma razoável? Quanto à sua fragilidade, remetemos às páginas 47 a 109 do livro *L'Église et l'Apostasie* escrito por Padre Rioult. Quanto ao seu desgaste, lembremo-nos de que Mons. Fellay justifica, não sem fundamento, sua desastrosa política vaticana explicando que segue a posição prudencial de Mons. Lefebvre…

Mas Monsenhor Lefebvre não era "non una cum"! Talvez, e então? Segundo as memórias do Padre Pivert, compartilhadas com os colegas na reunião da USML: "Monsenhor Lefebvre não tinha problemas em cooperar com certos sacerdotes sédévacantistas", como os padres Coache, Gaillard, Vinson, Moureaux... Mas, sobretudo, com base em qual princípio não se teria o direito de criticar uma posição de Monsenhor Lefebvre quando se tem argumentos magisteriais para fazê-lo? Não esqueçamos que a Igreja desmentiu São Tomás de Aquino em um ponto de doutrina e deu razão a Duns Scot, um teólogo que a Igreja não canonizou. Não esqueçamos que São Bernardo, o grande Doutor Marial, era um adversário da Imaculada Conceição, pois escreveu aos cânones de Lyon para reprovar-lhes a adoção da festa da Conceição de Maria. Tudo isso deveria nos convidar à mais profunda humildade e à maior circunspecção enquanto a Igreja não resolver autoritativamente a controvérsia que afeta nossa época apocalíptica sobre o papa herege.

É frequentemente a paixão que leva a formular essas afirmações peremptórias e imperativas do tipo: « *siga o julgamento prudencial de Mons. Lefebvre, caso contrário…* » Este argumento soa muitas vezes como uma porta de prisão que aprisiona as inteligências em uma lógica sectária. É livre para Mons. Faure e Mons. Williamson manter certas posições criticáveis de Mons. Lefebvre por apego sentimental, mas não a ponto de fomentar divisões entre os fiéis.

No entanto, no caso que nos ocupa, é bastante fácil reconhecer a origem do comportamento sectário. Quem recusou a presença do outro na peregrinação que vocês organizaram em 2017? Houve um tempo, por exemplo, em que Padre Salenave, em vez de nos evitar, aceitava substituir-nos. Hoje, seguindo o mau exemplo dos bispos, ele nos rejeita.

Eu sei que sua Associação não é sectária. Um de seus membros é um sacerdote *non una cum* e vários de seus membros preferem as missas *"non una cum"* celebradas por sacerdotes da FSSPX. Alguns membros são até sedevacantistas. Que sua Associação permaneça o que é e não favoreça o espírito ruim.

Uma grave incompetência…

Existe em uma certa *Resistência* uma propaganda, se não mentirosa, pelo menos errônea, que engana concretamente os fiéis, mantendo-os na ilusão. De fato, não é suficiente entender que Mons. Fellay é um traidor e afirmar que Mons. Lefebvre é um santo para se tornar o Atanásio do século XXI.

Alguns sites fazem acreditar que Mons. Williamson, Mons. Faure e outros seriam os únicos e autênticos salvadores da Tradição, e que todos os verdadeiros católicos dispersos devem se unir sob sua bandeira para se entregar à *Reconquista*… A realidade é mais complexa. É de conhecimento público entre todos que colaboraram com ele que Mons. Faure é radicalmente incapaz de assumir a carga que aceitou e as obras que fundou. Seus antigos superiores e confrades na FSSPX, assim como vários que deixaram a FSSPX, compartilham o mesmo julgamento. Esta afirmação é dolorosa, mas corresponde à realidade e diz respeito ao bem comum. Alguns detalhes são necessários para que vocês percebam que essa afirmação não é nem gratuita nem maliciosa. O padre Salenave, por exemplo, nos confidenciou que, no seminário, « *Mons. Faure não faz nada…* » e nosso abade sugeria, na época, a necessidade de enviar Mons. Faure, discretamente, para a América do Sul para que ele exercesse um simples ministério. O padre Pivert também nos confidenciou em uma reunião da USML, sobre Mons. Faure e seu braço direito, o padre Trincado: « *É evidente, não se pode colaborar com esses confrades…* » Mons. Williamson também revelou a um confrade que a SAJM fundada por Mons. Faure: « *é uma farsa…* » Por fim, seu próprio Presidente considerava que Mons. Faure era paranoico e que seu caso era uma questão médica… E poderíamos ampliar a lista de testemunhos, muitos dos quais concluem que o padre Faure não pode fazer muito mais do que celebrar a Missa piamente. O que, de qualquer forma, já é bastante.

Graves incoerências…

« *Tudo isso é verdade, mas deve-se calar* », dirão alguns. Por quê? Desde quando se deixa que as pessoas subam uma escada sem informá-las de que alguns degraus estão podres? Não é, ao contrário, mais apropriado alertá-las sobre o perigo? Se a SAJM de Mons. Faure é apenas « *uma farsa* », como pensa Mons. Williamson, por que ele deixa os seminaristas nessa ilusão? Alguns realmente notaram desordens, mas parecem mais preocupados em projetar uma imagem falsa de sua *Resistência* na Internet do que com o destino desses jovens atraídos pela miragem.

Essa atitude ambígua, ou mesmo contraditória, de Mons. Williamson sobre a SAJM (pois, por um lado, ele se alegra com essa iniciativa e, por outro, a considera quimérica) infelizmente não se limita a esse assunto. Por um lado, ele dedica muitas intervenções para alertar contra os sedevacantistas, mas, por outro lado, Mons. Williamson confia a um de nós que os nove sacerdotes sedevacantistas que deixaram a FSSPX em 1983 faziam um bom trabalho nos EUA…

Esses discursos incoerentes têm confundido e desorientado mais de um sacerdote e mais de um fiel. Façam vocês mesmos a contagem dos sacerdotes que se opuseram à traição de Mons. Fellay e vejam quantos deles deixaram de colaborar com Mons. Williamson: o Carmelo e todos os sacerdotes alemães, tal abade suíço, tal abade inglês, tal abade flamengo, tais abades da América do Norte, tais abades da América do Sul… E a lista não é exaustiva. Além disso, há aqueles que colaboram com Mons. Williamson por pura utilidade e com desconfiança. E aqui, preferimos não fazer nenhuma alusão, pois alguns nomes poderiam surpreendê-los. No final das contas, não é certo que se possa citar dez nomes de sacerdotes ao lado de Mons. Williamson…

É culpa nossa? É resultado da publicação de um artigo em *La Sapinière*? Evidentemente não. Quando pedimos a Mons. Williamson esclarecimentos sobre algumas incoerências e injustiças em andamento, como tivemos a oportunidade de fazer recentemente, ele reagiu, infelizmente, com raiva, bateu violentamente na mesa da cozinha e então se enclausurou no silêncio, interrompido de tempos em tempos por esse simples argumento de que, sendo bispo, não tinha a obrigação de responder às perguntas que lhe eram feitas. Não uma obrigação legal, certamente, mas moral? Encontramos esse mesmo sintoma em Mons. Faure. E tudo isso é bastante lamentável…

Uma guerra insensata!

Os fatos nos obrigam a constatar que, através de ações duvidosas, Mons. Faure e Mons. Williamson são os responsáveis por um certo bloco de sacerdotes que, além de serem « *una cum Francisco* », também se mostram sectários e beligerantes contra aqueles que não compartilham seu ponto de vista. E é isso que

prejudica o bem comum, muito mais do que sua opinião errônea. O mal vem, portanto, dessas ações subterrâneas e não de suas divulgações em público. Alguns sacerdotes foram vítimas de um comportamento injusto e hipócrita. Diante de tal realidade, a melhor solução é expor os fatos em toda sua totalidade e simplicidade. Esta guerra iniciada por um pequeno bloco de sacerdotes « *una cum* » nunca foi desejada nem alimentada por nós, mas **nos foi imposta de maneira insensata**. De qualquer forma, o melhor meio de promover a moderação e convidar à razão era trazer à luz o que estava se tramando nas trevas.

Quando se pergunta, por exemplo, a Mons. Williamson, por que, em duas ocasiões, em 2015 e 2017, no beijo de paz litúrgico, um ato público por excelência, ele tomou a liberdade de dizer a Padre Pinaud « *Bellum tecum* » em vez de « *Pax tecum* », não se obtém resposta… Quando Padre Cardozo reprochava a Mons. Williamson, talvez de forma veemente, mas justa, sua tendência episcopal de ver facilmente milagres eucarísticos na missa de Lutero, sobre a qual ele dizia: « *Há casos em que se pode assistir à missa moderna com o efeito de fortalecer a própria fé em vez de perdê-la* », Padre Cardozo recebeu como resposta de Mons. Williamson: « *Padre , paciência, o caos está apenas começando…* » Quando Padre Roy, há mais de dois anos, solicita a Mons. Williamson e aos bispos consagrados por ele que venham administrar o sacramento da confirmação aos fiéis, Mons. Williamson recusa e os outros se contentam com um silêncio cúmplice. Mas recusar sem razão conferir um sacramento a fiéis que precisam dele e que o solicitam legitimamente não é uma ruptura injusta da comunhão que deve unir os membros da Igreja e da qual não se pode faltar sem uma falta muito grave? Não é isso um sinal de uma certa atitude sectária?

Nós mesmos, para promover a paz, propusemos várias vezes encontros onde cada um pudesse expressar o que tinha no coração para construir uma união com base em relações saudáveis. Mas fizemos isso em vão: todas essas propostas foram desprezadas. Ora, para evitar essa triste situação, teria sido suficiente que Mons. Williamson fosse fiel à sua palavra. Sua decisão de conceder liberdade aos sacerdotes « *non una cum* », decisão tomada em Avrillé em julho de 2014 e aceita por todos os sacerdotes presentes, não foi respeitada.

Mas tudo isso não desanimará os confrades hesitantes da FSSPX?

Não. No dia em que esses sacerdotes pararem de se iludir com as infidelidades da FSSPX, no dia em que pararem de pisar em sua consciência para evitar cumprir seu dever difícil, nesse dia, terão a coragem de fundar bastiões, onde estiverem, como fizeram muitos sacerdotes antes deles. Em 1970, esses sacerdotes refratários não precisaram de tal bispo ou de tal estrutura para cumprir seu dever. Como lembrava um famoso Professor: « *O primeiro dever do homem é ser homem* ». Para ser fiel a Deus, não é necessário esperar que os outros o sejam. Deus não nos pede para salvar o mundo, mas para salvar nossa alma. O que é possível mesmo quando tudo desmorona. Daí o aviso do salmista: « *Que mil caiam ao teu lado, e dez mil à tua direita, você não será atingido* ».

E a esse respeito, voltamos sempre ao aviso do Padre Calmel:

> « *O meio de permitir que o combate cristão alcance toda a sua amplitude, escapando aos conflitos internos e às rivalidades externas, é conduzi-lo por pequenas unidades, que se conhecem na medida do possível, que se ajudam quando necessário, mas que recusam entrar em não sei quais organizações sistemáticas e universais. Nessas diversas unidades, como uma modesta escola, um humilde convento, uma confraria de piedade, um pequeno grupo entre famílias cristãs, uma organização de peregrinação, a autoridade é real e indiscutível; o problema do chefe praticamente não se coloca; a obra a ser feita é precisa. Trata-se apenas de ir até o fim de sua graça e de sua autoridade na pequena esfera que se tem sob sua responsabilidade, mantendo-se conectado, sem grandes máquinas administrativas, com aqueles que fazem o mesmo*." (*Itinéraires*, "Autoridade e santidade na Igreja", N° 149 – janeiro de 1971)

Finalmente, se a situação é deplorável, não é desesperada, pois como escreveu o próprio Mons. Williamson a Padre Roy:

« *Para a confirmação de seus paroquianos, eu estou longe de ser a única pedra episcopal na praia. Vocês têm pelo menos dois ex-sacerdotes da FSSPX, agora bispos há muitos anos, mais próximos de seu non una cum e à mão nos EUA, que poderiam atender seus paroquianos: Mons. Daniel Dolan em Ohio e Mons. Donald Sanborn na Flórida. Que Deus esteja com vocês. + Richard Williamson.* »

Que possamos ter a coragem de nos mostrar como realmente somos e não viver com uma máscara, e isso já será um vislumbre da felicidade que Deus nos prometeu.

O diretor de *La Sapinière*

As razões invocadas por Dom Faure para cancelar a peregrinação do Puy são verídicas?

por padre Olivier Rioult | 21 de maio de 2018 |

Uma Peregrinação de Pentecostes, organizada pela Sociedade dos Apóstolos de Jesus e Maria (SAJM) , estava prevista para os dias 20 e 21 de maio de 2018 em Puy-en-Velay. O formulário de inscrição e o programa da peregrinação haviam sido enviados, e uma Missa pontifical estava até mesmo anunciada. Mas, em 4 de maio de 2018, Dom Faure enviou aos participantes da peregrinação esta nota manuscrita que reproduzimos aqui exatamente:

> « *Caríssimos Amigos,*
>
> *« A Santíssima Virgem Maria e Nosso Senhor recompensarão abundantemente a bela decisão que tomaram de nos acompanhar na Peregrinação do Puy. Eles saberão reconhecer os seus. Dom Williamson e eu lamentamos profundamente ter que informá-los de que, por razões alheias à nossa vontade, fomos obrigados a desistir da organização da Peregrinação e a devolver o cheque que vocês gentilmente nos enviaram.*
>
> *« Pedimos desculpas por esta grande decepção e esperamos poder encontrá-los em uma próxima reunião sem nenhum risco desta vez de não cumprir nossos compromissos. Enviamos nossa bênção episcopal e garantimos nossas orações e sentimentos devotados em Cristo e Maria. + Jean Michel Faure*. »

Este discurso corresponde à realidade? Para saber, basta tomar conhecimento dos seguintes fatos.

Esta Peregrinação foi criada e organizada pela *Associação Santos Mayeul e Martin* (ASMM) com vistas ao Grande Jubileu de 2016. Na ocasião, o Pe. Pinaud, durante sua pregação, perguntou publicamente se não seria oportuno renovar esta peregrinação anualmente. Durante a refeição que reunia os outros padres da peregrinação, Dom Faure, o Padre Bruno, um padre dominicano, e os padres Pivert, Rioult e Salenave aprovaram unanimemente este desejo, dada a centralidade e a importância deste santuário marial.

Em 2017, como acordado, a *Associação Santos Mayeul e Martin* convidou esses padres para a peregrinação. No entanto, com exceção dos padres Pinaud, Pivert, Rioult e de um padre dominicano, os demais padres encontraram motivos para não participar. O Pe. Salenave justificou-se dizendo não poder "colaborar com os sedevacantistas" (sic), o Pe. Bruno orientou os fiéis a priorizarem, neste ano, as pequenas peregrinações locais, e Dom Faure, que chegou a considerar uma peregrinação em Reims, informou, por meio de M. N., que não aceitaria o convite devido a um suposto conflito doutrinal com o padre Pinaud... Quanto a Dom Williamson, que também havia declinado o convite, ele compareceu, por amizade com um dos responsáveis

da Associação. Na ocasião, administrou várias confirmações e celebrou a missa de domingo diante de 300 peregrinos. Durante seu sermão, por duas vezes, Dom Williamson afirmou não saber se *"Francisco era papa… Só Deus sabe."*

No final dessa peregrinação, a *Associação Santos Mayeul e Martin* encontrou-se impossibilitada de reservar os locais para 2018, pois estes já estavam reservados por um grupo chamado *Les Agapes*. A *Associação Santos Mayeul e Martin* então reservou os locais para o ano de 2019 e pediu ao responsável para ser informado em caso de desistência. Em seguida, a Associação considerou vários locais alternativos: Rocamadour, La Salette... Mas, em 21 de janeiro de 2018, Dom Faure respondeu aos votos do presidente da Associação da seguinte maneira:

> « *Caríssimos amigos. Agradeço pelos votos. Estudamos a questão com nossos amigos de Paris e acreditamos que a peregrinação ao Puy é viável. Temos o apoio de Dom Williamson e dos Padres Dominicanos. Peço que transmitam meu convite ao padre Pinaud. O grupo de Paris está decidido a ir. Que Deus os abençoe. +JMF* »

O convite ao padre Pinaud era um sinal de amizade ou de maquiavelismo? O que virá a seguir mostrará. Quanto ao famoso grupo parisiense, parecia se reduzir a duas pessoas. Nesse mesmo dia, portanto, que era um domingo, Dom Faure, celebrando a missa na casa dos N. em Vernouillet, e para dar mais consistência a esse *"grupo de Paris decidido a ir..."*, fez um longo sermão durante o qual insistiu na necessidade de ir rezar a Nossa Senhora do Puy para que a Santa Virgem realizasse um milagre no Capítulo Geral da FSSPX... A abordagem não deixou de surpreender!

Outra surpresa: o seminário do Puy, devido a uma desistência do grupo *Les Agapes*, havia sido reservado pela SAJM, sem que a *Associação Santos Mayeul e Martin* fosse informada sobre sua disponibilidade.

Em 26 de janeiro de 2018, o presidente da *Associação Santos Mayeul e Martin* escreveu a Dom Faure:

> *« […] A operação realizada em nome da SAJM nos consterna. Teria sido leal e de acordo com as coisas que aquele ou aqueles que souberam da possibilidade inesperada de alugar o Grande Seminário tivessem informado a ASMM para que pudéssemos assumir a continuidade do que fundamos. E se Dom Williamson e os Padres Dominicanos deram seu apoio de princípio a uma peregrinação ao Puy (como fizeram anteriormente), não ousamos acreditar que eles aprovem que isso seja organizado à revelia do grupo de fiéis da Auvergne que a iniciou em 2016, é preciso lembrar, com o apoio, na época, da USML, e continuado em 2017, a pedido de todos os bispos e padres que participaram do primeiro.* »

No dia seguinte, os membros do Conselho da *Associação Santos Mayeul e Martin* enviaram a Dom Faure a seguinte mensagem sobre essa "tentativa de apropriação da peregrinação do Puy 2018":

> « […] Todos os membros expressaram sua reprovação e condenam essa atitude, que só pode desacreditar a organização e, por consequência, toda a Resistência, criando decepções e divisões entre os fiéis. Para honra, justiça e paz, mantendo sua presença e a do grupo de Paris decidido a ir, eles sugerem unanimemente que você mantenha a organização da peregrinação de 2018 à ASMM, como nos dois anos anteriores, e que confirme isso o mais rápido possível por razões evidentes de organização. Desde Pentecostes de 2017, a ASMM reservou o Grande Seminário do Puy para a peregrinação de Pentecostes de 2019. Portanto, é desnecessário que o senhor N., em nome da SAJM, tente fazê-lo como tentou no dia 24 de janeiro. Aguardamos sua resposta e garantimos, Monseigneur, nosso respeito filial e nossas orações junto a Nossa Senhora do Puy. »

Essas mensagens não receberam resposta de Dom Faure. As semanas se passaram... Então, em 24 de março de 2018, em Paris, o presidente da *Associação Santos Mayeul e Martin* teve a oportunidade de se encontrar

com Dom Faure por meia hora. Ele saiu desse encontro com a impressão de que Dom Faure, por ser bispo, podia, sem explicações, apropriar-se de uma peregrinação que não lhe pertencia...

Em 11 de abril de 2018, o padre Pinaud respondeu ao convite de Dom Faure:

> « *Estarei, evidentemente, presente no Puy 2018*, porque *"estive lá a 1ª e a 2ª vez"* e também *"porque seu convite é tranquilizador, pois a rumor me chegou no ano passado, informando que um conflito doutrinal teria impedido sua presença no Puy no ano passado. Interpreto, portanto, sua iniciativa como um sinal de um apaziguamento legítimo e me alegro com isso."*

Em 19 de abril, o padre Rioult informou a Dom Faure que também pretendia participar da peregrinação, alegrando-se com esse tempo de *"amizade sacerdotal que sempre deveria ter regido nossos relacionamentos e completamente lógico com a liberdade do 'non una cum' que [Dom Faure havia] aprovado em nossas reuniões USML."* O padre Rioult também pediu a Dom Faure para lhe

> *"dedicar uma conversa privada de cerca de meia hora ou mais, se desejar. A menos que prefira um diálogo em público. Fique à vontade. Já faz muito tempo que não podemos nos encontrar e temos tantas coisas a dizer."*

Após semanas de silêncio, mas apenas alguns dias após esse e-mail, o presidente da *Associação Santos Mayeul e Martin* recebeu uma mensagem de M. N., que, em nome da SAJM, propunha, afinal, devolver a organização da peregrinação... A proposta era tardia. Dado o curto prazo restante para assumir tal organização, o presidente da Associação, antes de tomar uma decisão, solicitou a lista de inscritos e dos padres participantes... Não recebeu resposta, exceto uma mensagem de Dom Williamson, que revelou ter inspirado a iniciativa de devolver a organização da peregrinação à ASMM. Mas, principalmente, Dom Williamson revelou o que considerava ser as verdadeiras razões para essa tentativa frustrada de recuperação da peregrinação, a saber: _"*a impossibilidade de colaboração com os padres Pinaud e Rioult*" *devido ao seu* "non una cum". *No entanto, apenas alguns meses antes, Dom Williamson havia declarado ao padre Pinaud que a única coisa a fazer em nossa situação era* "preservar a amizade entre nós"_ (*sic*)! Novamente, é justo questionar se essas palavras foram um sinal de amizade ou algo mais...

De qualquer forma, as justificativas de Dom Williamson permanecem desconcertantes, já que, por outro lado, ele não esconde sua satisfação em ver o padre Ortiz colaborando com o padre sedevacantista Mac Mahon em Washington; ambos sendo vigários do padre Ringrose, que também é "*non una cum*". Além disso, este último publicou recentemente, em seu boletim, uma crítica justa à posição teológica de certa Resistência:

> *« A posição "Reconhecer e Resistir" (R&R) sustenta que devemos reconhecer a autoridade do papa, mas resistir aos seus ensinamentos errôneos ou ordens ruins. Bons católicos caíram erroneamente nesse erro em seu desejo de proteger o ensino da Igreja dizendo que o papa deve ter sucessores perpétuos e que de alguma forma sempre deverá haver uma hierarquia. A posição R&R não pode ser mantida, pois ignora outro ensino claro da Igreja, que afirma que o papa não pode ensinar erro ou impor práticas e leis ruins ou prejudiciais, em virtude da garantia de Nosso Senhor e da assistência especial do Espírito Santo. Se reconhecemos a autoridade do papa para ensinar e dirigir a Igreja em matéria de fé e moral, não temos outra escolha senão submeter nossa inteligência e obedecer, pois não fazer isso seria falhar em submeter-se a Cristo mesmo, pela autoridade de quem e em nome de quem o papa fala. »*

Portanto, é difícil avaliar a coerência das razões apresentadas por Dom Williamson. E isso por mais de um motivo.

Em 2015, Dom Faure não se incomodou com o "*non una cum*" do padre Pinaud, já que o convidou para dirigir seu seminário.

Em 2016, durante uma reunião da USML, Dom Faure aceitou o princípio da « ordenação de seminarista "*non una cum*"_».

Em 2017, nem Dom Williamson nem Dom Faure se incomodaram com o "*non una cum*" do padre Ringrose, que ofereceu hospitalidade para a cerimônia de sagração do padre Zendejas. Dom Williamson parecia, aliás, dar pouca importância a essa questão, já que, por duas vezes, suplicou ao padre Pinaud para assumir a direção do seminário de Dom Faure.

Finalmente, Dom Williamson, ele mesmo, não hesitou, no passado, em celebrar uma missa "*non una cum*" na casa do padre Guépin…

Ser "*non una cum*" significa que se abstém de nomear o Papa no Cânon da Missa, e isso devido às heresias que ele professa publicamente, pois é prática da Igreja Católica não rezar "*una cum*", em união com, os hereges nem nomeá-los no cânon da missa. Dom Guéranger explica isso claramente em suas *Explicações da Santa Missa*:

> « *é necessário estar nesta fé para ser incluído entre aqueles que a santa Igreja menciona. A santa Igreja, ao enfatizar estas palavras "omnibus orthodoxis atque catholicæ et apostolicæ fidei cultoribus", nos mostra bem que Ela não ora aqui por aqueles que não têm a fé, que não são bem-pensantes nem ortodoxos, e que não recebem sua fé dos Apóstolos.* »

No entanto, **no que diz respeito a Francisco, suas heresias são tão frequentes e públicas que a *Correctio filialis de hæresibus propagatis* que lhe foi endereçada em 16 de julho de 2017 destacou uma lista não exaustiva de sete heresias apenas** em sua exortação *Amoris Lætitia*, ou seja, sete *« proposições que contradizem verdades que são divinamente reveladas e que os católicos devem acreditar com o assentimento da fé divina. »*

O "*non una cum*" não é, portanto, mais do que a consequência lógica e litúrgica de uma situação teológica. No entanto, é devido ao "*non una cum*" do padre Roy que Dom Williamson e Dom Zendejas se recusam a dar o sacramento da confirmação aos seus fiéis. *« Eu trabalho com o padre Ringrose, que é efetivamente sedevacantista, enquanto me recuso a colaborar com você… »* escrevia Dom Williamson, enquanto se recusava a ver *« dois pesos, duas medidas »*. Justificava sua atitude com um argumento mais do que surpreendente: o padre Ringrose é um velho amigo há mais de trinta anos… e não o padre Roy: *« Infelizmente, antes que você tenha um histórico de trinta anos para igualar ao do padre Ringrose, estarei comendo dente-de-leão pela raiz »* concluía Dom Williamson.

Portanto, o "*non una cum*" não é a verdadeira razão para o cancelamento da peregrinação do Puy, mas um mau pretexto. Qual é, então, a verdadeira razão? Por que todas essas manobras? Dom Faure e Dom Williamson podem sagrar o padre Zendejas na casa do padre Ringrose, que é "*non una cum*", mas eles cancelam uma peregrinação organizada por eles porque alguns colegas "*non una cum*" convidados por eles estarão presentes... **Compreenda quem puder!**

De qualquer forma, esses simples fatos manifestam evidentemente que a verdadeira razão para o cancelamento da peregrinação do Puy não é de ordem teológica, mas de ordem psicológica. Pois, razoavelmente, Dom Faure não poderia ter escrito:

> « Dom Williamson e eu lamentamos muito ter que informar que, por razões alheias à nossa vontade, nos vimos na obrigação de renunciar à organização da Peregrinação. »

É de se desejar que a verdadeira razão para todas essas ações não seja do mesmo tipo que aquelas do primeiro bispo de Argel em relação a Santa Emília de Vialar. Dom Dupuch, desrespeitando o bom senso e o direito, o interesse de sua diocese e de sua população, obstinou-se em prosseguir com uma política de perseguição e calúnia contra as religiosas de Santa Emília de Vialar que se dedicavam na Argélia, até injustamente excluí-

las da diocese. Um biógrafo de Santa Emília de Vialar procurou as razões para um comportamento tão estranho. Apresentamos aqui sua análise tanto para os interessados na história eclesiástica quanto para os estudantes de psicologia:

> *« Mons. Dupuch era o homem menos adequado para a dignidade e a responsabilidade que lhe foram confiadas. Além disso, devido a uma escolha real, ele se viu à frente do mais difícil das dioceses, ao mesmo tempo metropolitana e missionária, onde tudo precisava ser criado, construído e imaginado, onde não existia ainda nenhuma estrutura ou administração eclesiástica. Para alguém que não conseguiu dirigir adequadamente o menor das dioceses da França, exigia-se nada menos do que a fundação da Igreja de Argel.*
>
> *« Esse complexo de inferioridade, do qual Mons. Dupuch tinha mais ou menos consciência, exacerbou seu amor-próprio, que era grande, e o fazia, segundo o testemunho de um juiz bem informado, preferir suas próprias ideias a todas as outras. Esse complexo também reforçou nele o autoritarismo típico dos homens naturalmente desprovidos de autoridade; ele se ressentia ainda mais por ter à sua frente uma mulher superior. Incapaz de dominá-la, nem mesmo igualá-la pelo jogo de uma superioridade pessoal, ele tentou subjulgá-la pelo argumento de autoridade, manuseado como uma maçã. Começando dessa forma, ele se viu preso em sua própria engrenagem de atos e palavras. Recuar era, para ele, diminuir ainda mais as chances de um prestígio que tentava em vão adquirir. Assim, ele se viu levado a procedimentos e manobras em flagrante contradição com algumas de suas qualidades [...]*
>
> *« Por meio de astúcia e intriga, ele se esforça para obter o que a imposição imperativa não consegue lhe dar. Além disso, nenhuma sutileza psicológica, nenhuma flexibilidade no manejo de seus administrados. [...] O comportamento habitual de Mons. Dupuch ganhou, devido à magnitude de Madre Émilie de Vialar, um relevo particular no caso das Irmãs de São José. Mas quantos casos análogos, onde se manifesta o mesmo! A seguir, a lamentável história de Mons. Dupuch vai, ao se precipitar, testemunhar as esmagadoras deficiências do [bispo]. Mons. Dupuch cavou com suas próprias mãos o abismo no qual irá cair. [...]*
>
> *« Em 9 de dezembro de 1845, ele teve que apresentar sua renúncia ao Santo Sé e ao rei. Ele foi forçado a isso. Por quê? Uma nota ministerial confidencial, de 3 de fevereiro de 1846, nos diz: "Graves desordens administrativas, dívidas contraídas sem possibilidade de honrá-las, o escândalo mais de uma vez repetido de letras protestadas, uma conduta imatura e sem dignidade que desconsidera a autoridade e faz sentir vivamente a necessidade de tomar uma posição." Mons. Dupuch, caçado por seus credores, teve que deixar precipitadamente seu episcopado e se esconder.»* (Gaëtan Bernoville, *Émilie de Vialar*, Arthème Fayard, 1953, pp. 162-165)

A Escritura ensina que há « um tempo para se calar, e um tempo para falar ». Durante muito tempo acreditamos que era preferível permanecer em silêncio, mas é preciso reconhecer que alguns perdem toda a reserva diante do nosso silêncio; é por isso que intervimos.

Que se saiba bem que apenas tocamos na superfície de um problema que é muito mais profundo do que isso e esperamos não precisar expô-lo mais detalhadamente. A parte invisível do iceberg, se for necessário revelá-la no futuro, pode surpreender muitos.

Pax et Veritas

O notário da Sapinière.

Quando o medo muda de lado: Carta de Charles Maurras ao Ministro do Interior Abraham Schrameck

por Padre Olivier Rioult | 3 de jan de 2019 |

Em 9 de junho de 1925, duas cartas de Charles Maurras foram endereçadas, uma ao chefe de polícia Alfred Morain, e outra a Abraham Schrameck, então ministro do Interior. No mesmo dia, o artigo diário de Maurras na *Action Française* foi substituído por essas duas cartas, que foram, portanto, postadas e publicadas como cartas abertas, o que apresentou um difícil problema legal para os magistrados chamados a examiná-las. Maurras justificou esse procedimento, que poderia fazê-lo escapar da legislação sobre a imprensa, indicando:

> "*Um simples artigo de jornal poderia fazer o ministro do Interior dizer que se tratava de literatura. Tratava-se, ao contrário, de sua vida*."

A motivação para os avisos desenvolvidos nos dois textos estava relacionada a uma série de fatos, ameaças, atentados e crimes dos quais as pessoas da *Action française* e, mais geralmente, os militantes de direita se queixavam, assim como se queixavam da vontade do governo de desarmá-los, diante de uma situação de semi-guerra civil, nascida de uma estratégia comunista de violência, e da política anticlerical de Herriot e do Cartel das Esquerdas: em 22 de janeiro de 1923, Marius Plateau foi assassinado por Germaine Berton; em 25 de maio seguinte, a intrusão na *Action française* de um certo Taupin, que veio atirar no teto com um revólver; em 23 de novembro de 1923, Philippe Daudet foi provavelmente morto de forma criminosa; em 9 de fevereiro de 1925, durante uma reunião católica em Marselha, um ataque comunista, favorecido pela ausência de polícia, causou dois mortos e oitenta e quatro feridos; em 23 de abril de 1925, na rua Damrémont, quatro militantes das Juventudes Patrióticas, previamente desarmados, foram assassinados por comunistas; em 26 de maio de 1925, Ernest Berger, tesoureiro da Liga de Action française, foi assassinado por uma jovem mulher apresentada como "louca", e que havia confundido Berger com Maurras; finalmente, em 5 de junho de 1925, quatro dias antes da data das duas cartas, a polícia interveio em uma reunião privada dos *Camelots du roi*, na rua Hermel em Paris, e os desarmou, enquanto militantes comunistas reunidos em outro local na mesma rua, na mesma noite, não foram objeto de nenhum controle.

"Senhor Abraham Schrameck,

Informações seguras permitem afirmar que o senhor é o instigador, o iniciador, o autor responsável pela emboscada da rua Harmel: foi por sua ordem expressa que pessoas honestas foram brutalizadas, revistadas, desarmadas para serem entregues sem defesa aos inimigos da pátria e da sociedade. Seus subordinados cometeram o erro de executar ordens indignas, mas essas ordens vêm do senhor.

Outras informações não menos seguras permitem afirmar, Senhor Abraham Schrameck, que o senhor está preparando outra coisa, melhor ou pior, como se queira. As circunstâncias de fato o obrigam a isso! Eis Daudet solenemente designado pelo sufrágio dos conservadores de Anjou para suceder Jules Delahaye e se erguer na tribuna como a estátua viva da justiça. Eis o caso Philippe Daudet engajado no caminho que só pode levar a rasgar terríveis mistérios e envolver as mais altas responsabilidades. Senhor Abraham Schrameck, o senhor precisa de uma diversão. Então, sob o pretexto falacioso de uma ação imaginária contra os comunistas que seu amigo Léon Blum e seu amigo Krassine sempre o obrigarão a poupar e respeitar, o senhor prepara contra as Juventudes Patrióticas e contra a Action française uma operação da mesma ordem, mas que será séria; sedes centrais, jornais, permanências, domicílios particulares, em Paris, nos subúrbios, na província, serão provavelmente e simultaneamente visitados. Seus sicários, Senhor Abraham Schrameck, terão apenas um objetivo: nos desarmar. O senhor confiscará todos os revólveres que puder encontrar. Em uma hora em que oficiais alemães preparam em Paris, e em certas regiões muito bem conhecidas pelo senhor, revoluções análogas às de Moscou, Munique e Budapeste, quando o inimigo público se prepara para pegar os particulares ao sair da cama, para tomá-los como reféns, para prendê-los e torturá-los, o senhor, ministro do Interior, se dispõe a aplainar o caminho da revolta e a entregar-lhes, com mulheres e crianças, as casas dos bons cidadãos previamente desarmados.

Eis o crime ao qual o senhor dedica, neste momento, todos os seus cuidados. Antes que seja cometido, venho expor-lhe uma boa coisa, senhor Abraham Schrameck: é melhor para o senhor que ele não seja cometido, pois este crime será certamente punido.

Falo-lhe disso com a serenidade tranquila de um homem que já viu quase tudo.

Vi, em suas macas, em seus leitos de hospital, os corpos inanimados de Marius Plateau, de Philippe Daudet e de Ernest Berger. Dois desses bons franceses foram mortos, em parte por minha causa. O terceiro tinha o erro de ser filho de um grande francês que se tornara culpado de certos atentados contra a pessoa de alguns traidores. Diante desses crimes, tive que fazer a constatação, sempre amarga para um homem de ordem, de que os franceses enlutados podiam se queixar e acusar, era em vão, sempre em vão! Seus serviços de polícia ou de justiça lhes opunham a mesma constante vontade de inércia. Mas vi outra coisa, senhor Schrameck. Vi os olhos vermelhos e os punhos cerrados de uma nobre e piedosa multidão francesa inchada pelas revoltas da justiça, pelo sentimento da mais santa das vinganças. Essa multidão enérgica só esperava um sinal nosso, eu ousaria quase dizer um sinal meu, para se lançar sobre os responsáveis e castigá-los.

Acreditei ser meu dever me proibir esse sinal e deter essa cólera. Seja ele da polícia ou não, o anarquista profissional sabe matar por um sim ou por um não. Os cidadãos sabem que a pena de morte só deve ser aplicada a criminosos homicidas e em circunstâncias em que a culpabilidade certa aparece em uma evidência irresistível. Tínhamos graves suspeitas e indícios sérios sobre os verdadeiros instigadores do assassinato de Plateau. Mas eram apenas probabilidades, e a investigação judicial que as teria precisado foi morta no ovo. A investigação sobre a morte de Philippe Daudet, conduzida pelo pai da vítima, avança lenta e seguramente. Mas a cortina mal se levantou, e todas as forças da Chancelaria, presididas pelo Sr. Steeg, tendem a desacelerar e retardar a luz. É pelo menos duvidoso que se saiba algum dia a verdade sobre o mistério da morte de Ernest Berger. Nessas condições, nosso dever é deter a justa cólera pública. Não se sabe como julgar, como punir? Em contrapartida, é verdade, eis um ponto colocado fora de todas as zonas de dúvida: a tentativa de desarmamento da rua Harmel é sua obra, senhor Abraham Schrameck. Também não há dúvida possível sobre o autor dos preparativos de desarmamento que ameaçam os patriotas. Esse autor é o senhor. Só pode ser o senhor. Entre os governantes que se associam moralmente ao seu crime, entre aqueles que o inspiram nas inapreensíveis deliberações dos Conselhos, nenhum está posicionado como o senhor para comandar e descomandear o empreendimento. Depende do senhor detê-lo ou colocá-lo em movimento. De cima a baixo, na ordem da execução, tudo deve passar pelo senhor. Portanto, tome cuidado! Inversamente também, de baixo para cima, o itinerário é o mesmo, é pelo senhor que tudo deve passar.

Ou, por sorte ou por azar, dependendo do ponto de vista, acontece que o seu personagem é extremamente representativo. Mais representativo do que o de Caillaux. Mais do que o de qualquer pessoa no mundo.

É verdade que, por sua pessoa, você não é nada. Ninguém sabe, ninguém poderia dizer de onde você vem. Nem um francês em 500.000 seria capaz de informar a respeito da sua origem àqueles que são de nossa terra e cujos pais e mães conhecemos. Sabemos, sabemos muito bem que seu colega Steeg, a quem uma zombaria do destino colocou na Justiça, é filho de um pastor alemão que nunca conseguiu apresentar seus documentos de naturalização. De você, nada se sabe. Mas você é o Judeu. Você é o Estrangeiro. Você é o produto do regime e de seus mistérios. Você vem dos subterrâneos da polícia, das lojas e, como seu nome parece indicar, dos guetos renanos. Você nos aparece como diretor dos serviços penitenciários por volta de 1908 ou 1909. Lá, você faz martirizar Maxime Real del Sarte e seus companheiros culpados de terem militado pela festa de Joana d'Arc. Seus primeiros atos conhecidos estabelecem sua fidelidade à consigna étnica dada por seu congênere Alfred Dreyfus no dia de sua degradação: Minha raça se vingará sobre a sua. Sua raça, uma raça judaica degenerada, pois há judeus bem-nascidos que sentem vergonha disso, a raça dos Trotsky e dos Krassine, dos Kurt Eisner e dos Bela Kuhn agora encarregou você de organizar a revolução em nossa pátria. Mas isso está um pouco evidente. É um pouco claro demais. Você simboliza entre nós, de maneira um pouco visível demais, o Estrangeiro que se apoderou por surpresa do governo e o faz servir a fins antigovernamentais e antinacionais. Pela força de um papel ingrato, e por não ter se detido a tempo, você se tornou, senhor Abraham Schrameck, a imagem exata e pura do tirano sobre o qual os povos oprimidos exerceram a todo momento seu direito, estabelecido e verificado, à liberdade. Você nos pertence assim. Você é, à letra, nosso homem. A lenda e a história concordam em dedicar você à espada ou ao arco justiceiro de Harmódio e Guilherme Tell. Em outras palavras, por posição e definição, você é extremamente adequado para o castigo.

Tal como está, no entanto, você nos fará essa justiça, deixaram-no muito tranquilamente no lugar que não é seu, e você não foi nem inquietado, nem ameaçado, nem provocado. Por amor à paz e à ordem, não se pensou em punir nem suas usurpações nem mesmo sua dominação. Sim, eu digo isso corando, essa dominação é suportada, foi, é suportada corajosamente. E ainda será. Mas até o ato de opressão, vou mais longe, até a ameaça, até suas ameaças de morte exclusivamente. Não sofreremos nada além disso. E como aqui estão suas ameaças, senhor Abraham Schrameck, como você se prepara para entregar um grande povo ao corte e às balas de seus cúmplices, aqui estão as respostas prometidas. Respondemos que nós o mataremos como um cão.

As últimas notícias são bem claras. O comunismo dispõe de enormes recursos. São de compartimentos de primeira classe de trens, são de aviões caros, de luxuosos aeróstatos que caem sobre as pacíficas multidões francesas os apelos à revolta e ao massacre. As armas aperfeiçoadas abundam por toda parte nas mãos da revolta e da carnificina organizada. Tudo está pronto para pôr fogo no país e, aqueles que querem resistir, vocês os desarmariam? É possível. Mas aqui está o certo. Restará uma arma para abatê-los, vocês!

Para que não haja mal-entendidos em vida ou postumamente, dou aqui a ordem formal àqueles que querem bem aceitar meu comando. Até o atentado que vocês preparam, eu ordenava a paciência e proibia a resposta. Desta vez, ordeno que revidem contra vocês. As ordens que partem desta casa são obedecidas, vocês sabem disso. Quando foi necessário ficar em silêncio e se manter diante dos corpos gelados de Marius e Philippe, calamos, nos contivemos. Quando, em 31 de maio de 1923, três políticos se dirigiam a uma assembleia para louvar o assassinato de Plateau, foi necessário, através de violências leves, mas medidas, trazer de volta ao sentimento do justo e do verdadeiro, os senhores Moutet, Violette e Sangnier foram purgados, encrados e bastonados como mereciam na proporção que eu havia prescrito. Confesso que essas correções artísticas apresentam dificuldades, exigem muito concerto, disciplina e concordância. Mas o golpe mortal que você mereceria pelo atentado que medita seria infinitamente mais simples. Não é preciso mais do que um homem de coração, e nós temos milhares. Corações pulsantes de homens de elite que suas ameaças e injustiças levantaram. Nós os contemos com grande dificuldade. Bastará levantar a cancela: senhor Abraham Schrameck, você passará por isso. Bastará tentar nos desarmar e nos entregar a seus carrascos chineses, você sofrerá a pena à qual se condenou. Dou-lhe a palavra de um homem que costuma falar seriamente e que não mente.

O que eu digo será. Serei obedecido, porque se sabe que a ordem dada não se inspira em nenhuma rancor pessoal e satisfará apenas às suprema necessidades da justiça e da pátria. Eu, como é bem sabido,

negligenciei, desprezei sanguinárias ofensas que me foram dirigidas a mim e aos meus para que não se dissesse que o poder moral de que dispunha foi dissipado em prol de um sentimento particular. Apenas o interesse público o julgará e o ferirá pela minha voz.

Eu não tenho, aliás, nenhum ressentimento pessoal contra você, senhor Abraham Schrameck. Já aconteceu de eu me associar um dia às suas reivindicações como senador das Bouches-du-Rhône quando o interesse eleitoral o levou à necessidade de apoiar as reivindicações dos pescadores de minha pequena cidade natal. É sem ódio como sem medo que darei a ordem de derramar seu sangue de cão se você abusar da força pública para abrir as eclusas de sangue francês sob as balas e punhais de seus caros bandidos de Moscou. Nesse dia, os mais covardes dos espectadores não poderão nem mesmo dizer que eu lhe causei o menor mal, pois você o terá querido, você o terá feito a si mesmo, você terá cometido o delito que eu o incito a se poupar.

Não me é possível saudá-lo, senhor Abraham Schrameck, mas eu o alerto. Agradeça-me por isso.

Maurras.

A carta causou sensação na França e na Europa. Schrameck fez de conta que a desprezava, anunciou até que iria " *dizimar* " os Camelots do Rei. Mas nada aconteceu e, é um fato que os crimes de sangue cessaram. Não houve mais assassinatos, nem desarmamentos sistemáticos. O medo havia mudado de lado.

Maurras teve que comparecer, de qualquer forma, em 16 de julho, diante da X Câmara Correcional. Maurras convocou, como testemunhas, várias personalidades. O escritor e professor Fortunat Strowsky veio testemunhar que a carta de Maurras havia " *acalmado a efervescência dos estudantes após os massacres de Marselha e da rua Damrémont* ". Léon Daudet, Bernard de Vézins, Jérôme Tharaud, dois professores de direito, Bartin e Perrot, Binet-Valmer depuseram no mesmo sentido. Pierre Taittinger declarou que " *Maurras havia dado o golpe de parada que se impunha* "; o canônico Richard, tio de Marius Plateau, Henri Massis, o almirante Schwerer também depuseram em favor de Maurras. O filósofo Jacques Maritain não compareceu à audiência, mas enviou uma carta. Ao lembrar que " *a resistência pela força não pode ser prescrita nem por um simples cidadão nem por um chefe de partido* ", ele insinuou que Maurras poderia ser considerado um "*civis praeclarus*" em quem " *se encarnaria temporariamente o bem comum e que agiria não na qualidade de chefe de partido, mas como um órgão dos interesses supremos e das necessidades vitais da comunidade, cujo consentimento tácito seria assim presumido.* " Maurras escapou por pouco da prisão em 8 de fevereiro de 1927. Em 1928, em *A Nação e o Rei* , Maurras, reprovando a política de quem se adaptou ao "invasor" por sugerir "acordos e alianças", lembrou aos "parlamentares" que "por trinta anos, um certo número de bons franceses incapazes de servir os judeus e metecos" têm apoiado a expulsão deles da França como "a virgem lorraina", que "era certa em propor expulsar os ingleses de nosso patrimônio": "Este plano não está sem desvantagens. Mas oferece vantagens. Se arriscamos perder nossa pele, não corremos o risco de ser enganados. Ao denunciar a fábula da legalidade, evitamos a necessidade de observar as regras do jogo contra um adversário que age injustamente."

O Cardeal Maçom Mariano Rampolla, Alto Iniciado Luciferiano do O.T.O[1], Secretário de Estado de Leão XIII

Virgo-Maria

Gaude, Maria Virgo, cunctas hæreses sola interemisti. (Tractus Missæ Salve Sancta Parens)

Segunda-feira, 9 de outubro de 2006

Há mais de 100 anos, a subversão no mais alto nível da Igreja por um clérigo, bispo e cardeal...

Este texto, publicado recentemente em *Sob a bandeira[2]*, da pena de Felix Causa, é fundamental. Ele apresenta diversos fatos que demonstram que já sob Leão XIII, um prelado maçom, um Príncipe da Igreja, membro de uma sociedade secreta luciferiana (OTO), governava a Igreja sob a autoridade do Papa. Foi ele quem, por trás do trono pontifical, foi o verdadeiro instigador da aliança dos católicos franceses com a República maçônica.

Foi sob o reinado de Rampolla na Secretaria de Estado que ocorreu a tentativa anglicana do abade Portal e de Lord Halifax para tentar fazer reconhecer a falsa hierarquia anglicana pelo Papa Leão XIII.

Felizmente, essa operação fracassou e resultou, ao contrário, nas condenações providenciais, infalíveis e irreformáveis das falsas ordens anglicanos pelo Papa Leão XIII em sua Bula de 1896 *Apostolicae Curae*.

Esse cardeal traidor gostava de descansar na Suíça alemã, na abadia beneditina de Einsiedeln. A partir de lá, ele podia facilmente se dirigir à Loja de Zurique, que se encontrava a apenas 30 quilômetros. Segundo um testemunho recolhido por Felix Lacointa, Rampolla ia a essa Loja Suíça a cada quinze dias.

ZÜRICH
Einsiedeln
Küssnacht
Horgen
Meilen
Thalwil
Kilchberg
Adliswil
Wädenswil
Rapperswil
Uster
Wetzikon
Pfäffikon
Lachen
Baar
Cham
Zug
Wohlen
Uetliberg
Affoltern
Stäfa
Rüti
Hombrechtikon
Bubikon
Gossau
Mönchaltorf
Küsnacht
Erlenbach
Herrliberg
Meilen
Oetwil
Grüningen
Dürnten
Wernetshausen
Hinwil
Bauma
Sternenberg
Fehraltorf
Russikon
Hegnau
Dübendorf
Schlieren
Altstetten
Birmensdorf
Bremgarten
Zollikon
Zumikon
Maur
Forch
Greifensee
Fällanden
Nänikon
Gutenswil
Pfäffikon
Hittnau
Kempten
Bäretswil
Fischenthal
Gähwil
Mühlrüti
Mosnang
Hulftegg
Lütschwil
Lichtensteig
Wattwil
Schutt
Ricken
Uetliburg
Gommiswald
Kaltbrunn
Benken
Schänis
Reichenburg
Tuggen
Schmerikon
Jona
Eschenbach
Goldingen
St. Gallen-kappel
Ebnat-Kappel
Wangen
Siebnen
Pfäffikon
Feusisberg
Etzel
Egg
Hütten
Menzingen
Schönenberg
Sihlbrugg
Steinhausen
Richterswil
Samstagern
Oberägeri
Unterägeri
Zugerberg
Höhronen
Bennau
Birchli
Willerzell
Gross
Euthal
Rothenthurm
Sattel
Alpthal
Rossberg
Walchwil
Immensee
Udligenswil
Adligenswil
Ebikon
Emmen
Buchrain
Rothenburg
Rain
Inwil
Gisikon
Root
Honau
Meggen
Dietwil
Ballwil
Eschenbach
Hochdorf
Hohenrain
Abtwil
Holzhäusern
Oberwil
Rotkreuz
Cham
Zug
Baar
Menzingen
Hünenberg
Steinhausen
Sihlbrugg
Schönenberg
Gelfingen
Auw
Hämikon
Beinwil
Merenschwand
Mettmenstetten
Maschwanden
Kappel
Hausen
Muri
Boswil
Ottenbach
Birri
Affoltern
Hedingen
Langnau
Adliswil
Kilchberg
Thalwil
Erlenbach
Herrliberg
Meilen
Horgen
Oberrieden
Wädenswil
Richterswil
Samstagern
Schönenberg
Sihlbrugg
Steinhausen
Baar
Cham
Zug
Unterägeri
Oberägeri
Zugerberg
Höhronen
Einsiedeln
Bennau
Birchli
Willerzell
Gross
Euthal
Rothenthurm
Sattel
Alpthal
Rossberg
Walchwil
Immensee
Udligenswil
Küssnacht
Greppen
Merlischachen
Weesen
Näfels
Mollis
Murg
Quinten
Amden
Vorderthal
Innerthal
Sattelegg
Aubrig
Chöpfenberg
Niederurnen
Bilten
Schänis
Reichenburg
Benken
Kaltbrunn
Uznach
Gommiswald
Uetliburg
Ricken
Ebnat-Kappel
Wattwil
Lichtensteig
Schutt
Wald
Goldingen
St. Gallen-kappel
Eschenbach
Jona
Schmerikon
Tuggen
Lachen
Wangen
Siebnen
Pfäffikon
Feusisberg
Etzel
Egg
Hütten
Menzingen
Schönenberg
Sihlbrugg
Steinhausen
Richterswil
Samstagern
Oberägeri
Unterägeri
Zugerberg
Höhronen

Convidamos também nossos leitores a se referirem à carta de Winckler[3] (que já apresentamos em uma mensagem anterior), que testemunha a permanência de uma loja Rampolla dentro do Vaticano durante o pontificado de Pio XII[4]. A criação de uma loja secreta no Vaticano foi o segundo objetivo que Rampolla perseguiu.

Essa traição no alto da Igreja deu frutos venenosos. **Ela foi a principal fonte que possibilitou a destruição da Igreja com a eleição do iniciado Roncalli (João XXIII)**, seguido pelo terrível Concílio Vaticano II e pela destruição dos sacramentos que se sucedeu.

No momento em que todas as forças se uniram para obter a aliança da última força de oposição de grande alcance internacional, a FSSPX, este texto nos faz refletir que a traição final vem de dentro: **a Paixão é, de fato, desencadeada pela traição de Judas, um dos doze (1°) porque ele não acreditava em Nosso Senhor e não o amava, 2°) porque ele acreditava no Dinheiro e amava o Dinheiro)**.

Por não terem querido denunciá-la em seu tempo, as autoridades da Igreja permitiram que as sementes dessa infiltração prosperassem.

O argumento invocado, sempre o mesmo, consistia em alegar que não se deveria expor o escândalo publicamente: **o famoso argumento clerical do *Manto de Noé*, manter o silêncio e o segredo para não escandalizar as almas fracas, sofisma mortal que sempre na Igreja transforma o que deveria ser apenas um simples panarício em septicemia generalizada.** É o mesmo argumento que, aliás, ainda hoje é invocado nos Estados Unidos contra os escândalos repetidos de moralidade, notadamente a pedofilia, que não cessam de manchar o falso clero conciliar americano!

O Concílio Vaticano II e **a instauração silenciosa de um rito de consagração episcopal inválido e anticristão (1968) foram as consequências** e o castigo desse laxismo em relação a um iniciado de sociedade secreta.

Hoje, a luta entrou em sua fase final: trata-se nada mais, nada menos, da sobrevivência do Sacerdócio católico sacramentalmente válido. É o desfecho dessa luta secular das forças ocultas contra o Sacerdócio de Melquisedeque que elas se obstinaram a erradicar.

A que está jogando, então, Dom Fellay ao lançar seu "***Bouquet espiritual***" e ao preparar as mentes para a aliança com a falsa Igreja conciliar que eclipsou a Igreja católica? Se ele tivesse empregado a mesma energia para denunciar essa falsa hierarquia inválida e para estudar seus conventos e mosteiros sobre os atos dos herdeiros de Rampolla, a situação dos fiéis católicos seria bem diferente hoje.

Continuemos a boa luta.

Abade Michel Marchiset

RAMPOLLA DEL TINDARO

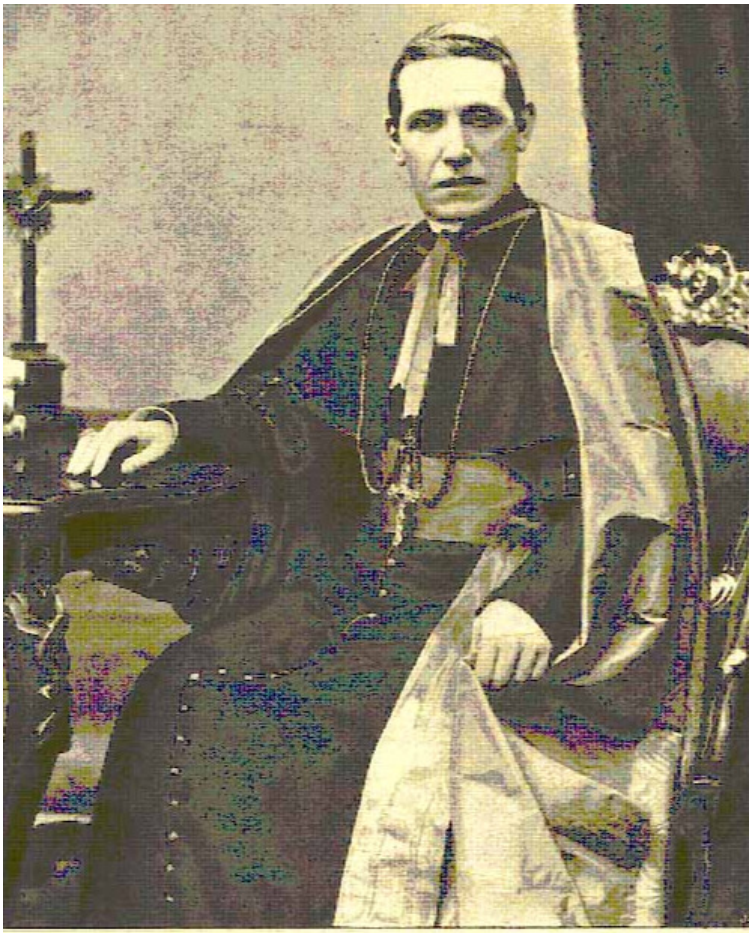
por Felix Causa

Um cardeal da Igreja Católica Romana afiliado à Contra-Igreja Luciferiana

Há muito tempo planeávamos escrever um artigo sobre essa lamentável questão. É somente hoje que temos a possibilidade de fazê-lo. O gatilho foi um trabalho fundamental publicado nos Estados Unidos sobre a O.T.O., livro do qual falaremos ao longo deste artigo. Esperamos que, por meio deste escrito, possamos reduzir a nada certas teses venenosas que circulam em nossos meios e ousam afirmar que esse cardeal traidor foi acusado injustamente de ter sido membro de sociedades secretas inimigas da Igreja!

Em sua obra sobre a "infalibilidade Pontifical"[5], nosso velho amigo o Marquês de la Franquerie escrevia no capítulo IV intitulado "o Conspirador da Contra-Igreja", texto muito importante, as seguintes linhas:

> "O ex-abade Roca, discípulo e amigo de Saint-Yves d'Alveydre, dos luciferianos Stanislas de Guaita e Eliphas Lévi (pseudônimo do ex-abade Constant) e dos mais altos iniciados, conhecia os segredos e os planos; ele poderia, portanto, falar com conhecimento de causa. Ele também sabia que a Igreja estava sendo traída e por quem: muito especialmente pelo Cardeal Rampolla, Secretário de Estado de Leão XIII."



LE CARDINAL MARIEN RAMPOLLA DEL TINDARO
Secrétaire d'État de Sa Sainteté.

O Cardeal Rampolla

Por outro lado, em sua obra dedicada a "São Pio X, Reformador da Igreja"[6], Yves Chiron - conhecido por suas simpatias pró-gnósticas, como demonstrou o saudoso Jean Vaquié[7] - coloca em dúvida a pertença do Cardeal Rampolla à maçonaria em um subcapítulo intitulado "O Veto contra Rampolla"! Não se menciona sequer uma pertença a seitas lucifero-iluministas, a pior delas: a O.T.O. (Ordo Templi Orientis)...

Yves Chiron escreve na página 142 de seu livro:

> "Alguns autores avançaram uma outra razão para o veto austríaco, uma razão estritamente religiosa: o cardeal teria sido maçom".

O autor então se refere a uma nota (a nota 31) que cita o Marquês de la Franquerie (!):

> "O Marquês de la Franquerie, em sua brochura 'São Pio X, salvador da Igreja e da França', edições Résiac, 1976, p. 3, escreve: 'É conveniente lembrar que o Cardeal Rampolla foi praticamente eleito, mas que o Imperador da Áustria, conhecendo provavelmente a pertença às lojas secretas do Secretário de Estado de Leão XIII, impôs seu veto. Esse veto todo providencial impediu um servente de Lúcifer de ascender ao Trono Pontifício e teve como resultado benéfico a ascensão de um Santo.'"

Yves Chiron continua:

> "Tal pertença nunca foi mencionada, na época, nem nas despachos e relatórios dos diplomatas, nem nos escritos dos participantes do conclave, nem mesmo pelos 'integristas' da Sapinière. Só depois do pontificado de Pio X é que o boato começou a se espalhar".

Yves Chiron faz referência a uma nota 33:

> "O boato sobre a pertença à maçonaria começou a se espalhar, entre o público, apenas a partir de 1929, por meio de artigos publicados em revistas contra-revolucionárias: cf. as citações que faz Georges Virebeau[8], 'Prelados e Maçons', Paris, Publicações H.C., 1978, p. 26-31".

Chiron prossegue:

> "Pode-se pensar que se em 1903 houvesse o menor suspeita a esse respeito, o Cardeal Sarto (São Pio X), tornando-se papa, teria afastado o Cardeal Rampolla de qualquer função pública na Igreja. No entanto, este, embora tenha perdido sua função de Secretário de Estado, conservou, sob o pontificado de Pio X, a maioria de seus outros cargos e obteve novos. Veremos, aliás, que se ele desempenhou apenas um papel secundário, foi porque, voluntariamente, se colocou em uma semi-aposentadoria"!

Já vimos personagens em semi-aposentadoria na Igreja? A semi-aposentadoria é compatível com um trabalho de todos os instantes "*usque ad mortem*" quando se é operário na "vinha do Senhor"?! O Sr. Chiron está zombando do mundo! Se o Cardeal Rampolla decidiu sair às escondidas, é porque ele compreendeu perfeitamente que seu plano havia falhado e que o projeto da "Alta Venda" de ter um "papa a seu favor" estava adiado por várias décadas. O fracasso da Contra-Igreja nos proporcionou até mesmo meio século de trégua, que, no entanto, permitiu que as coisas se deteriorassem profundamente... Sem o veto do Império da Áustria, a Contra-Igreja conseguiria o feito de colocar um de seus afilhados no trono de São Pedro logo no início do século XX! Deus não permitiu isso naquela época.

1) Estado da Questão: uma afiliação certa!

A pertença maçônica do Cardeal Rampolla, ao contrário do que foi imprudentemente afirmado, não deixa dúvidas, como veremos. Mas a um "Príncipe da Igreja" como o Cardeal Rampolla, a segunda figura após o papa, era necessário um cenáculo mais elevado, e esse cenáculo foi a O.T.O., uma seita verdadeiramente luciferiana. Esse alto cenáculo da Contra-Igreja de Lúcifer serviu de base de apoio para o cardeal traidor!

Antes de discorrermos sobre essa terrível questão, recordemos brevemente quem foi o cardeal Rampolla.

Mariano Rampolla del Tindaro, nos diz Michel Mourre em seu "Dicionário Enciclopédico de História", nasceu em Polizzi Generosa, na Sicília, em 17 de agosto de 1843 e morreu em Roma em 17 de dezembro de 1913. De família nobre siciliana, foi ligado desde jovem à diplomacia pontifícia. Arcebispo titular de Héraclée e núncio em Madri em 1882, cardeal em 1887, ele sucedeu a Jacobini como secretário de Estado (1887-1903) e apoiou ativamente os esforços de Leão XIII para a melhoria das relações com os estados

europeus[9]. Muito francófilo e adversário da Triplice[10], quase foi eleito papa no conclave de 1903, mas foi afastado pela intervenção da Áustria, que impôs um veto contra ele...

Por que, portanto, esse veto? Seria, como alguns alegaram, por causa dos sentimentos eslavófilos do cardeal? Não é nada disso! Aqui está, portanto, a verdadeira razão que incomoda muito o Sr. Chiron.

Voltemos, para entender bem, à obra do Marquês de la Franquerie sobre a "Infalibilidade Pontifical". Nosso velho amigo escreveu, na página 76:

> "O Cardeal (Rampolla) passava suas férias na Suíça, na Abadia de Einsiedeln. Nas proximidades da abadia havia uma loja secreta onde todos os sábados ele ia receber as diretrizes do Poder Oculto para aplicá-las na Governança da Igreja. Dentre essas diretrizes, duas eram de importância para a França: concluir a Aliança dos Católicos com a república; mas para assegurar o reinado luciferiano dentro da própria Igreja, fundar no Vaticano uma loja secreta[11] destinada a preparar altos dignitários do Santo Sé para a execução do plano infernal. Assim, o Poder Oculto sabia que podia contar com homens como os Cardeais Rampolla, Ferrata, Gasparri, Ceretti, Béa, Liénart, etc., para não mencionar os mortos"[12].

É por isso que a Áustria impôs o veto contra o Cardeal Rampolla, que parecia ser aclamado pela maioria dos votos. O muito Católico Imperador da Áustria sabia que o cardeal traidor havia sido um dos poderosos instigadores da política de "apaziguamento diplomático", que resultou na Aliança dos católicos franceses com a República, portanto, na consolidação de um regime já solidamente controlado pelos maçons. A hostilidade da Áustria não se devia a uma mudança de humor de Francisco José. Argumentos substanciais foram fornecidos aos cardeais para desviá-los de Rampolla. De fato, muitas coisas foram descobertas mais tarde.

Monseigneur Jouin, escreve o Marquês de la Franquerie, tinha em mãos a afiliação do Cardeal Rampolla e todo um dossiê a seu respeito. Ele então encarregou o editor-chefe (o Marquês de la F.) da 'Revue Internationale des Sociétés Secrètes' (RISS), que ele havia fundado e dirigia, de mostrar esse dossiê aos bispos franceses suscetíveis de compreender a gravidade da situação. O Arcebispo de Tours, Monseigneur Albert Nègre, precisou certos pontos importantes a seu visitante (o marquês), sobre outra traição, a do Cardeal Antonelli, Secretário de Estado de Pio IX, durante a guerra contra o Piemonte. O bispo de Montauban - Monseigneur Marty, um grande bispo que nada tem a ver com o recente arcebispo de Paris (1973), confirmou a traição do Cardeal Rampolla. Pouco depois da morte deste último, Monseigneur Marty fez sua visita 'ad limina'.

A esse respeito, Félix Lacointa, diretor do '*Bloc Anti-révolutionnaire*', revista que saía em Toulouse, especificou em fevereiro de 1929 o seguinte: 'Durante nossa última conversa com Monseigneur Marty, bispo de Montauban, enquanto o mantínhamos informado sobre as descobertas feitas recentemente e iniciávamos a conversa sobre o Cardeal Rampolla del Tindaro, Monseigneur Marty fez questão de dizer que, durante a visita '*ad limina*' que fez a Roma, algum tempo após a morte do antigo Secretário de Estado de Leão XIII, o Cardeal Merry del Val[13] lhe contou, com muitos detalhes, que na morte do Cardeal Rampolla, descobriram em seus papéis a prova formal de sua traição. Esses documentos comprometedores foram apresentados a Pio X por seu Secretário de Estado - Merry del Val - e o Santo Pontífice ficou aterrorizado'. 'Desejando preservar da desonra a memória do prelato traidor e com o intuito de evitar um escândalo, Pio X, muito emocionado, disse: "O coitado! Queime!..."'. 'E os papéis foram jogados ao fogo na sua presença', escreve Georges Virebeau[14].

Os papéis do Cardeal Rampolla foram, infelizmente, jogados ao fogo na presença de São Pio X! Além da afiliação maçônica, já terrível por si só[15], o que poderia haver de tão preocupante?

II) Um artigo capital de Félix Lacointa (1929) sobre a afiliação do Cardeal Rampolla à O.T.O.

Félix Lacointa nos revela em um artigo do "*Bloc Anti-révolutionnaire*" de junho-julho de 1929, posteriormente publicado em separado sob o título "o maçom Rampolla": "O Cardeal Rampolla não é, infelizmente, o primeiro afilhado que a Seita conseguiu elevar a um posto tão importante (...); Aqui estamos, portanto, amplamente justificados a produzir o documento que, na nossa modesta opinião, transforma em certeza os graves suspeitas que pairavam sobre o enigmático e, durante sua vida, muito respeitado personagem que foi o Cardeal Rampolla del Tindaro. Desse documento, tomei pessoalmente uma cópia. Ele faz parte de uma obra proveniente do próprio Inimigo, que certamente não tinha interesse em comprometer de forma tão grave o Secretário de Estado de Leão XIII, o principal instigador da falsa manobra da Aliança, uma vez que a revelação de sua afiliação teria sido suficiente para frustrar a manobra mais frutífera da Seita em nossa época. Aqui está o documento que foi colocado sob meus olhos: trata-se de um anuário, luxuosamente editado e encadernado, de uma das mais altas lojas conhecidas, que tem sede nos Estados Unidos e que se denomina O.T.O. O volume é intitulado "*The Equinox*". Na capa figuram as seguintes indicações: *The Equinox,* an XV, vol. III, n° 1, Março 1919, E. V. The Universal Publishing Company, 57 Grand River Avenue, Detroit - Michigan. Preço: 666 centavos (!). Lady Queenborough traz precisões adicionais em sua grande obra "*Occult Theocrasy*": *The Equinox*. O Órgão Oficial da A\ A\ (Adeptos Atlantes ou Grande Fraternidade Branca). O Órgão Oficial da O.T.O. (Ordo Templi Orientis ou Ordem da Aurora Dourada). A Revisão do Iluminismo Científico. As letras O.T.O. representam as palavras Ordo Templi Orientis (Ordem do Templo de Oriente ou Templários Orientais); elas têm, além disso, um significado secreto para os iniciados. "The Equinox" é publicado apenas uma vez a cada cinco anos e é impresso em um número muito limitado de exemplares, reservados para os mais altos dignitários. Esse fato é suficiente para estabelecer o caráter ultra-secreto desta publicação e, consequentemente, sua inquestionável veracidade. Não é em um documento desse tipo que a Seita pensaria em imprimir os nomes de altos personagens, com o único propósito de comprometê-los. Essa observação é especialmente pertinente no que diz respeito a um iniciado tão importante e valioso quanto um Secretário de Estado da Santa Sé. *The Equinox* nos informa que a Ordem chamada O.T.O. é internacional e possui filiais em todos os países civilizados. É um corpo de iniciados "nas mãos dos quais estão concentradas a sabedoria e a ciência dos corpos seguintes":

1) A Igreja Católica Gnóstica

2) A Ordem dos Cavaleiros do Espírito Santo

3) A Ordem dos Iluminados

4) A Ordem do Templo

5) A Ordem dos Cavaleiros de São João

6) A Ordem dos Cavaleiros de Malta[16]

7) A Ordem dos Cavaleiros do Santo Sepulcro

8) A Igreja Oculta do Santo Graal

9) A Fraternidade Hermetista da Luz

10) A Santa Ordem dos Rosacruzes de Heredom

11) A Ordem do Santo Arco Real de Enoque

12) O Rito Antigo e Primitivo da Maçonaria (33 graus)

13) O Rito de Memphis (97 graus)

14) O Rito de Misraïm (90 graus)

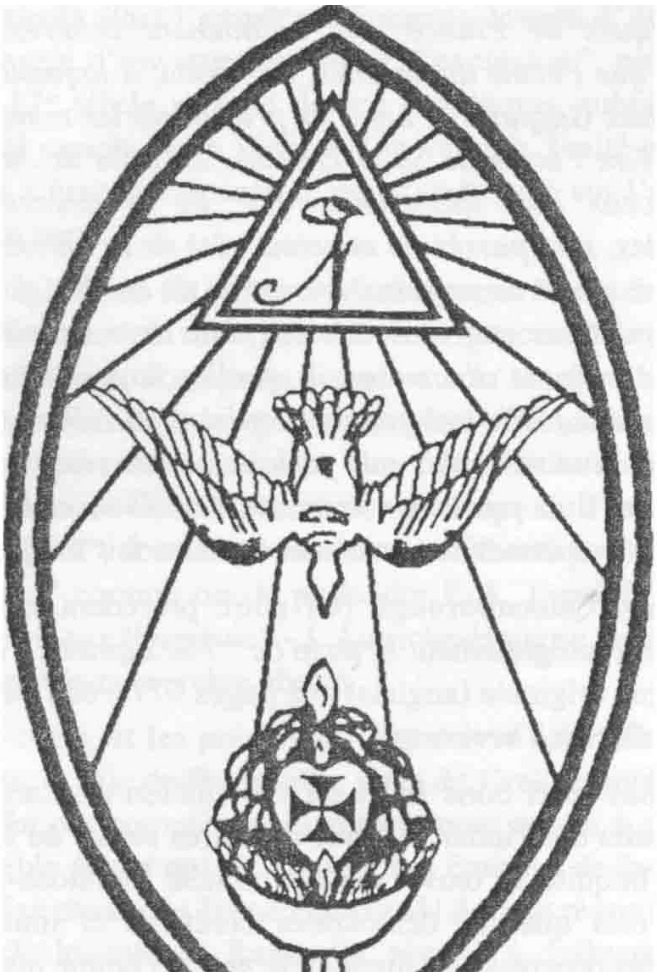
15) O Rito de Swedenborg

16) O Rito Maçônico Escocês Antigo e Aceito (35 graus)

17) A Ordem dos Martinistas

18) A Ordem do Sat Bhai e outras menos importantes.

A O.T.O. é, portanto, um dos principais centros da Seita. Os líderes são iniciados de mais alto grau.



Um dos emblemas da O.T.O.

> «Não esqueçamos que estamos sob o reinado anunciado, preparado, promovido e sustentado pelas potências ocultas do "Divino Paráclito", aquele da Contra-Igreja e do inferno».Phazaël: "O Sacrifício de Caim" ESJA, p. 20

O poder na O.T.O. está concentrado no O.H.O. (Outer Head of the Order, Chefe Supremo da Ordem) ou Frater Superior. O nome do personagem que ocupa esse cargo nunca é revelado, exceto para seus representantes imediatos.

A autoridade do O.H.O. é delegada em todos os países de língua inglesa, por Carta especial, ao Muito Santo, Muito Ilustre, Muito Iluminado e Muito Poderoso Baphomet X, Rex Summus Sanctissimus, 33°, 90°, 96°, Grande Mestre de Honra dos Estados Unidos da América, Grande Mestre da Irlanda, Iona e de todas as Bretanhas, Grande Mestre dos Cavaleiros do Espírito Santo, Soberano Grande Comandante da Ordem do Templo, Muito Sábio Soberano da Ordem da Rosa-Cruz, etc., Grande Mestre geral nacional ad vitam da O.T.O.

Após listar os personagens que faziam parte das assembleias constituintes originais da O.T.O., *The Equinox* a segue com outra lista, incluindo os principais afiliados que a ilustraram mais recentemente; aqui está:

1. Goeth
2. Frédéric Nietzsche
3. Sir Richard Payne Knight
4. Hargrave Jennings
5. Sir Richard E. Burton
6. Karl Kellner
7. Forlong Dux
8. Eliphas Levi
9. Le roi Louis de Bavière
10. Franz Hartmann
11. Richard Wagner
12. **Cardeal Rampolla**
13. L. von Fischer Papus (Dr Encausse)

Tudo o que foi dito acima, incluindo esta lista, faz parte do Manifesto oficial da O.T.O. assinado por L. Bathurst, IX, grande secretário geral. A lista encontra-se na parte inferior da página 199, 2ª coluna do referido volume de *The Equinox*.

Nossa acusação, portanto, é justificada: o Secretário de Estado de Leão XIII fez parte de uma das mais altas lojas conhecidas. A presença de seu nome no documento que tive em mãos é duplamente demonstrativa, após a descoberta feita em seus papéis. E não é só isso.

A pequena cidade de Einsiedeln (Nossa Senhora dos Eremitas), na Suíça, é famosa por sua abadia beneditina, que é um lugar de peregrinação muito antigo. Também é um local de reunião dos altos afiliados da maçonaria internacional. O lugar é admiravelmente escolhido devido à sua dupla atração religiosa e turística. Os membros das lojas internacionais podem se encontrar lá sem levantar suspeitas e se reunir na loja de Zurique, que está distante apenas cerca de trinta quilômetros. Ora, foi em Einsiedeln que, em 1907, o cardeal Rampolla passou vários meses e, durante essa estadia, ele se dirigia à loja de Zurique a cada quinze dias. Aqui está um dos testemunhos que possuo a esse respeito e cujo autor é digno de absoluta confiança; é um padre francês cujo anonimato sou obrigado a respeitar até novo aviso:

> "Em 1907, fazendo parte de uma caravana de cento e cinquenta turistas, entre os quais trinta padres franceses, visitávamos a Suíça e, em particular, o célebre mosteiro de Einsiedeln, onde tudo respira o espírito germânico, notadamente as duas estátuas colossais dos imperadores Otão I e Henrique II, que acolhem os peregrinos à sua chegada.
>
> Imediatamente soubemos que o cardeal Rampolla estava veraneando no mosteiro há dois meses. Pedimos uma audiência que nos foi imediatamente concedida, e vinte padres franceses se lançaram de joelhos diante da Eminência que considerávamos uma vítima da injusta exclusividade austríaca e como francófila. Ele nos falou do heroísmo sublime dos padres franceses, vítimas, eles, da Separação, parecendo nos dizer que se ele não tivesse sido afastado do Trono de São Pedro, não teríamos caído nessa terrível situação, consequência de Pio X. Finalmente, impressionado com esse ar de grande Senhor, quis escrever uma brochura relatando todos os detalhes dessa visita. Perguntei a um livreiro católico se não seria possível obter para essa brochura uma breve prefa?cio do Eminentíssima cardeal. Qual não foi minha surpresa ao ouvir esse livreiro me dizer de chofre: "Inútil! Não vale a pena: a cada quinze dias, ele vai à loja de Zurique!". Coloquei essa ironia na conta de uma rancor de livreiro e deixei meu projeto de brochura.
>
> Esta palavra me veio à mente somente devido à rumorosa que corre sobre o cardeal em diversos meios, e a dou como vale o que vale. F.A., padre".

Essa palavra tem, pode-se duvidar? uma importância capital.

Assim, enquadrado pelo testemunho do grande Pio X e aquele do humilde peregrino de Einsiedeln, o nome descoberto no Anuário ultra-secreto de *The Equinox* se torna uma prova decisiva: **tenho o direito de afirmar que o Secretário de Estado de Leão XIII pertenceu, de fato, a uma das mais altas lojas da Seita**. Os únicos que podem não concordar com um fato três vezes estabelecido e repleto das mais graves consequências são aqueles cujos inconfessáveis preconceitos e não menos inconfessáveis repugnâncias prevalecem sobre o triplo amor que deve reger a condução de todo católico francês: o amor à Igreja, o amor à França e o amor às almas.

"Fomos enganados", disse, em seu leito de morte, Leão XIII ao seu Secretário de Estado, e o ilustre pontífice expirou sem suspeitar que o principal agente dessa abominável fraude, o homem que havia introduzido junto a ele os emissários encarregados de sugerir e fazer prosseguir a vergonhosa e nefasta política cujos frutos amargamente horríveis hoje colhemos, era seu colaborador diário, o homem a quem havia dado toda a sua confiança.

Nós, que fomos assombrados por tantos anos pela ideia de que tais frutos deveriam ser o resultado de um enxerto satânico, agora temos essa certeza. Nessa certeza, inseparável de uma profunda tristeza, devemos, por outro lado, extrair o mais apaziguador acréscimo de conforto e também de resolução. Esta tristeza e esta resolução não podem deixar de ser aumentadas pela lamentável ironia das honras póstumas que foram recentemente concedidas, na basílica de Santa Cecília em Roma, aos restos mortais e à memória do príncipe da Igreja traidor e cúmplice do inferno que foi Sua Eminência o Cardeal Rampolla del Tindaro, Secretário de Estado, durante dezesseis anos, da Santa Sé apostólica. A presidência e o panegírico do cardeal Cerreti acabaram por transformar essa cerimônia, à qual deve ter se associado, à sombra de algum pilar, uma delegação de altos maçons, na digna coroação de uma carreira cujo brilho terreno é um dos piores motivos de dor que a paciência divina infligiu à consciência cristã.

Há estátuas que precisam ser derrubadas, e a geração que está se levantando as derrubará. Dentre elas, a do cardeal Rampolla. Esta será uma das consolações da minha modesta, mas dura carreira de escritor católico: ter podido contribuir para derrubar a do mestre astucioso cuja traição ainda faz tão cruelmente sofrer os melhores filhos da Igreja. Eu expus a fonte envenenada de tantas faltas e felonias, cuja primeira é o *Ralliement*, e cuja última, que é um crime sem nome, é a conluio dos democratas cristãos (?) com os comunistas. Os católicos da França estão agora esclarecidos. Eles sabem que a escola do cardeal Rampolla, à qual os cardeais Gasparri e Lépicier pretendem remetê-los, longe de ser a escola de Santo Tomás, é a de Judas. Todos aqueles que, desorientados por exemplos tão desastrosos, passaram para o lado errado da barricada, se apressarão em voltar ao seu posto de combate, frente ao Inimigo. Aqueles que persistirem em sua atitude criminosa saberão, ao menos, a quais sugestões obedecem e a que traição colaboram. No "*Bloc Anti-Révolutionnaire*", mais do que nunca, estamos resolutos, não apenas a não trair, mas também a denunciar a traição" (Os caracteres em negrito são de nossa autoria. F.C.)

Lady Queenborough (Cf. nosso artigo anterior) reproduz integralmente o texto de "*The Equinox*" na língua original (inglês) nas páginas 677 a 684 de seu livro "*Occult Theocrasy*".

Assim, estamos bem informados sobre a afiliação do Cardeal Rampolla del Tindaro a uma das piores seitas do Mistério da Iniquidade em ação no mundo. Podemos nos surpreender depois disso que os democratas cristãos e todos os moderno-progressistas tenham tido ventos favoráveis até triunfar plenamente no Vaticano II. O verme estava na fruta há muito tempo!...

Estamos de pleno acordo com Félix Lacointa que é necessário derrubar a estátua do impostor e, quase 80 anos após o artigo do "Bloc", trazemos nossa modesta contribuição para a limpeza das estrebarias de Augias da Roma Apostata. F. Lacointa travou uma luta corajosa e intrépida em sua revista até a Segunda Guerra Mundial. Seu artigo não envelheceu e merecia ser resgatado do esquecimento, dada sua importância.

III) A confirmação americana de 2005: "*Blood on the Altar*" de Craig Heimbichner, obra maior dedicada à O.T.O.

Para complementar as informações essenciais de nosso autor toulousain, vamos lhe fornecer outras, complementares, extraídas da obra de Craig Heimbichner, inteiramente dedicada à O.T.O. e publicada em 2005: " *Blood on the Altar* - Do Sangue no Altar"[17]. O autor, americano, nos informa que a afiliação do Cardeal Rampolla à O.T.O. pode ser constatada na nomenclatura dos altos iniciados do "Manifesto da O.T.O." para o ano de 1917, no qual o nome do Cardeal Rampolla está devidamente registrado... A ironia do destino quis que Rampolla trabalhasse em estreita associação com Leão XIII, o papa que redigiu a encíclica mais implacável contra a maçonaria!

C. Heimbichner nos esclarece que foi Monseigneur Jouin quem convenceu o Imperador da Áustria a usar seu direito de veto para neutralizar Rampolla quando ficou quase certo que esse maçom e satanista da O.T.O. seria eleito papa. Monseigneur Jouin, que previu a direção que o conclave tomaria, persuadiu então o imperador Francisco José da Áustria-Hungria a invocar o "direito de exclusão", que remonta ao século XVII, uma cláusula há muito esquecida de um tratado celebrado entre Viena e o Vaticano. Tratado que conferia a Francisco José o poder de veto sobre a eleição de um papa.

Assim, foi graças a Monseigneur Jouin, o venerável prelato bem ciente das manobras das sociedades secretas, que Rampolla foi afastado! A seita, já dissemos, não esqueceu a afronta e o doloroso fracasso que atrasou seus planos em meio século. Ao final da Primeira Guerra Mundial - 1ª etapa do Plano "Pike-Mazzini", documento absolutamente autêntico e não "falso" como ousa afirmar P.-A. Taguieff em sua "Foire aux illuminés" - A Áustria-Hungria foi desmembrada e a monarquia abolida...

Mas, e os pontos que se seguem são muito importantes, o papel de Rampolla, nos diz Craig Heimbichner, não foi completamente aniquilado devido ao terrível fracasso que viu um membro eminente da Contra-Igreja ser expulso do Trono Pontifício! Sob o reinado de São Pio X, Rampolla conseguiu influenciar homens que teriam, posteriormente, a possibilidade de moldar a papalidade no século XX... Em outras palavras, Rampolla, embora afastado, conseguiu colocar suas peças, plantar minas antes de desaparecer: foi a instalação da famosa rede Rampolla da qual nos falou o saudoso Marc Winckler, rede cujas peças principais conseguiram, 60 anos depois, onde o alto iniciado da O.T.O. havia falhado: em 1963, o "herdeiro" foi finalmente elevado ao Trono de São Pedro na pessoa de... Montini-Paulo VI!

Nós tratamos anteriormente em um artigo que reproduziu o testemunho de grande importância de Marc Winckler, que, por um extraordinário acaso, estava ciente do "Plano" desde 1945[18].

Enquanto isso, à maneira de cupins, Rampolla preenchia o Vaticano com suas criaturas. Julgue por você mesmo. Craig Heimbichner nos revela que Giacomo Della Chiesa[19], que se tornaria Bento XV, foi escolhido por Rampolla para ser seu secretário privado na nunciatura de Madri. Rampolla também trouxe Pietro Gasparri (F. M.) do Instituto Católico de Paris para Roma, para ser seu colaborador direto. Gasparri se tornou... Secretário de Estado sob Bento XV e Pio XI e negociou os acordos de Latrão entre o Vaticano e a Itália de Mussolini[20]. Eugenio Pacelli, futuro Pio XII, também foi secretário privado de... Rampolla[21]! Angelo Roncalli, futuro João XXIII, foi assistido pelo confidente e bom amigo de Rampolla, Monseigneur Radini-Tedeschi. Roncalli, por sua vez, foi o secretário privado desse Monseigneur. Quanto ao pai do Cardeal Montini, futuro Paulo VI, ele aceitou a ideia inapropriada de Rampolla de constituir um partido político apoiado pela Igreja. Assim, graças a Rampolla, a O.T.O. teve a oportunidade de oferecer conselhos, plantar sementes que germinariam muito mais tarde (...) e, por último, moldar a política do Vaticano!

Com Craig Heimbichner[22], examinemos um ponto bem triste. O muito estimado Eugenio Pacelli (Pio XII) não sofreu também a influência da O.T.O.? Ele aceitou, por exemplo, silenciar o muito popular "padre do rádio", o P. Charles Coughlin - amigo do RP Denis Fahey - que recomendava a paz com a Alemanha, revelava as intenções bélicas de Roosevelt (…).

Apesar do fato de que Pio XII e seu serviço de informações - o Vaticano não possui o "melhor serviço de informações do mundo", segundo todos os especialistas? - deveriam saber que as Nações Unidas eram uma criação maçônica (o Vaticano também sabia que a "Sociedade das Nações" (SDN) era uma criação maçônica), ele aceitou a ideia da ONU e nomeou o Cardeal Roncalli como o primeiro observador do Vaticano nas Nações Unidas[23]...

Operar por influências cuidadosamente dissimuladas: tal é o modo de funcionamento da Maçonaria e, particularmente, das Altas Seitas. A Igreja, portanto, sofreu influências altamente luciferianas através de prelados e cardeais traidores que, sem dúvida, responderão por seus execráveis atos no Tribunal de Deus.

Diante de tais ações, compreende-se facilmente que somente Deus poderá restaurar uma situação quase desesperadora. Humanamente, já não há mais solução. "Humanamente, a Igreja está perdida", dizia o Cardeal F.M. Liénart em seu leito de morte. Tudo foi astutamente corroído até o osso e, como nos alertou Nossa Senhora em La Salette, em 1846, "o que está podre deve cair".

O pior agente infeccioso que conseguiu contaminar a Igreja e infundir seu veneno mortal é, sem dúvida, essa creme do Ordo dos Iluminati, que se chama *Ordo Templi Orientis* (O.T.O.). A O.T.O., você não se surpreenderá, mantém estreitas e frutíferas relações com a Ordem Paladista, ordem luciferiana fundada pelo célebre Albert Pike e cujo um dos atuais dirigentes era o presidente do "Banco Mundial": Alden Clausen. Jean Lombard, autor do fundamental "A Face Oculta da História Moderna", forneceu todas as indicações.

É bom saber também que a O.T.O. possui uma ramificação eclesiástica que leva o nome de "Igreja 'Católica' Gnóstica"[24]. Nela se celebra uma "missa gnóstica" composta pelo famoso... Aleister Crowley, o sinistro mago negro da O.T.O., de quem um alto representante da justiça britânica pôde dizer que era "a figura mais corrompida da Grã-Bretanha"!...

Portanto, a O.T.O. constitui um dos agentes corrompedores mais eficazes elaborados pela Contra-Igreja. A O.T.O. e seus outros "nomes-fantasma": A A, Golden Dawn, Hermetic Brotherhood of Light (Fraternidade Hermética da Luz). Luz das Trevas!

Que um Cardeal Rampolla tenha podido se relacionar com um Aleister Crowley (um dos altos dirigentes da O.T.O., Golden Dawn) causa arrepios. Que um Príncipe da Santa Igreja Romana tenha se envolvido com tais altas estruturas luciferianas, acompanhando homens irrecuperáveis e tão profundamente perversos, dá uma ideia da potência do Demônio e dos meios que ele sabe empregar para alcançar seus fins abjetos.

"*Corruptio Optimi Pessima*", a corrupção dos melhores é a pior das coisas, anotavam tão justamente os antigos!

Deus tenha piedade dos homens que deveriam estar ao Seu serviço e preferiram escolher e servir seu pior inimigo em segredo. É de se esperar que tenham tido tempo para se voltar, o tempo de alguns segundos entre "a ponte e a água", para retomar uma expressão do Santo Cura d'Ars...

No dia 13 de outubro de 1884, Leão XIII ouviu um diálogo entre Nosso Senhor Jesus Cristo e Satanás. Este último pediu "um maior poder sobre aqueles que se colocam a seu serviço"! ... ("Exorcismo contra Satanás e os Anjos Apostatas", Edições Santa Joana d'Arc, página 16)

Aleister Crowley vestido com todos os seus atributos maçônicos.

[1] ***Ordo Templi Orientalis***, loja iluminista luciferiana Rosacruz, estabelecida na Baviera e na Suíça alemã, e hoje em todo o mundo.

[2] SLB, número 126, julho-agosto 2006

[3] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2006/003_2006/VM-2006-03-25/VM_Reussir_avec_Montini%20_la_ou_Rampolla_a_echoue.htm

[4] Uma loja dita de "São João Batista" ou de "São João de Jerusalém".

[5] 1) Seria oportuno que as "Edições de Chiré" reeditassem esta obra publicada em 1973, especialmente devido ao capítulo IV sobre "A Conspiração da Contra-Igreja".

[6] Editado pelas "*Publicações do Correio de Roma*" em 1999.

[7] Cf. o N° 22/23 da "Sociedade Augustin Barruel": "A Escola do Esoterismo Cristão", por Jean Vaquié (Difusão DPF).

[8] Georges Virebeau era um pseudônimo de Henry Coston, muito difamado pelo inimigo atualmente. É fácil denegrir os mortos, especialmente quando os mortos eram conhecedores profundos da Contra-Igreja!

[9] Já todos maçonizados, poderíamos acrescentar!...

[10] Aliança entre a Alemanha, a Áustria e a Itália.

[11] "São João de Jerusalém", nos confiou um velho amigo em posto no Vaticano. Mas haveria outros...

[12] Tomar conhecimento da obra de Malachi Martin: "Vaticano, o Tesouro de São Pedro" (Edições do Rocher), para compreender as sombrias manobras entre a Alta Hierarquia da Igreja e o Poder Oculto. É importante saber que desde Pio IX praticamente todos os Secretários de Estado estão afiliados à Loja em virtude de uma exigência da Contra-Igreja.

[13] Sobre este eminente personagem, ler a biografia do P. Dal-Gal publicada pelas Novas Edições Latinas em 1955 e traduzida por R. Havard de la Montagne: "O Cardeal Merry del Val".

[14] São Pio X estava, no entanto, ciente do poder do inimigo. Ele não declarou ao Comandante Cuignet, pouco antes de sua morte: "Apesar de tudo que fiz, não consegui retardar o avanço da Seita nem um único instante"!

Consciente do poder do inimigo, mas sem dúvida muito bondosa? Não é lamentável que São Pio X tenha ordenado queimar essas provas contundentes para salvar da desonra(?) a memória do cardeal traidor! O escândalo dos fracos não tem boas justificativas? Assim sendo, os piores inimigos da Igreja e seus cúmplices eclesiásticos teriam toda a liberdade para realizar seu abominável trabalho de cupins, minando a Igreja de cima a baixo, e nós deveríamos - após sua morte e especialmente quando dissemos provas de sua traição - preservar sua memória do escândalo e do desonra ao expor publicamente suas mais viles maquinrações? Que triste comportamento! O Inimigo pode, portanto, avançar tranquilamente: nenhuma sentinela se atreverá a tocar o sino de alarme?

Quanto a nós, preferimos, com Santa Catarina de Siena, gritar a verdade em todos os tons e em todos os telhados com "cem mil línguas", que isso agrade ou não!

[15] Nunca nos esqueçamos de que, no momento da iniciação, passa um influxo diabólico, uma espécie de imitação do batismo cristão. A "graça" do Cornu é assim infundida na alma do iniciado. Os testemunhos de maçons que podem ser lidos em documentos maçônicos (encontrados em feiras de antiguidades ou leilões) não deixam dúvidas a esse respeito. Ver também a obra de Charles Nicoullaud, colaborador da RISS, "A

Iniciação Maçónica", publicada em 1913 pela Perrin.

[16] E Lacointa escreve na nota: "Não se tratam aqui dos dois ordens pontifícias com o mesmo nome, mas dos dois ordens que são tratados de forma bastante longa por Doisnel".

Podemos, no entanto, esclarecer que a Ordem de Malta "não oculta" está hoje corroída pela Maçonaria. O Barão Marsaudon (33º grau) - sobre o qual Pierre Virion nos informou em seu fundamental "Mistério da Iniquidade" (Téqui) - não foi "ministro emérito" da Ordem de Malta?!! Quanto a Jules Doisnel, patriarca da Igreja Católica (!) Gnóstica, ele foi o fundador da "Sucessão Apostólica Espiritualista", na qual encontramos Papus, Guénon, Sédir, Bricaud, Theodor Reuss e... Aleister Crowley!

[17] Veja também nosso artigo anterior "As Mulheres e a Subversão Mundial (2ª parte)", onde falamos em nota sobre essa obra muito importante.

[18] Nunca repetiremos o suficiente que o testemunho de Marc Winckler é de importância capital. Publicado na primeira edição em "Les Cahiers de Cassiciacum" (N° 1 de maio de 1979), reproduzimos integralmente em nosso artigo "Rumo à Canonização de Paulo VI?", publicado na SLB N° 85 (set. out. 1999).

[19] Que dissolve o "*Sodalitium Pianum*" de Monseigneur Begnini, a rede de vigilância dos bispos modernistas e inimigos, rede criada por São Pio X. E também retirou do Index o dossiê por "modernismo" (!) de um certo Angelo Roncalli, o que permitiu a esse infiltrado subir os degraus e se chamar em 1958... João XXIII!

[20] Ler o artigo de antes da guerra do Marquês de la Franquerie: "Os perigos da política internacionalista do Cardeal Gasparri", publicado no "*Bloc Anti-Révolutionnaire*" de março-abril de 1928.

[21] Consultar a obra de Mary Ball Martinez: "The Undermining of the Catholic Church" (IIILMAC, SA, Amsterdam 99-501, México, D.F., 06100 México).

[22] Recomendamos vivamente aos nossos leitores de língua inglesa que adquiram o livro de Craig Heimbichner: "*Blood on the Altar. The Secret History of the World's Most Dangerous Secret Society*" (distribuição "Emissary Publications"), inteiramente dedicado à O.T.O. Este livro é muito importante e não tem equivalente em língua francesa. Já merece uma tradução! Por outro lado, tudo nos leva a pensar que esta obra deve ter especialmente agradado os sectários luciferianos da O.T.O.!...

Já havíamos mencionado este livro em nosso artigo anterior. Ler também, como recomendamos naquela ocasião na nota 45, página 30, a resenha deste livro sobre a O.T.O. feita pela canadense Cornelia Ferreira e publicada em tradução francesa no "Sel de la Terre" N° 56.

[23] Para se ter uma ideia objetiva da origem inimiga dessas duas instituições maçônico-mundialistas, consulte as seguintes obras de valor:

a) Léon de Poncins: "SDN, Super-Estado Maçônico" (distribuição DPF); b) Pierre Hofstetter: "ONU, Perigo", Edições Saint-Just, 1965; c) Franco Adessa: "ONU, Gioco al Massacro?" (Editrice Civilta, Via Galileo Galilei 121, I-25123 Brescia, Itália); d) William F. Jasper: "Tiranias Globais... Passo a passo. As Nações Unidas e a Emergente Nova Ordem Mundial"; e) William F. Jasper: "As Nações Unidas Expostas" (esses títulos d e à encomendar nas "Emissary Publications", PMB 1776, 9205 SE Clackamas Rd., Clackamas, OR 97015, EUA); f) B. Jensen: "Conheça seu inimigo: os Homens por trás da Fraude 'ONU'"; g) V Orval Watts: "As Nações Unidas: Tiranias Planejadas"; h) Mark Ewell: "Manacles for Mankind"; i) G. Edward Griffin: "O Mestre Medonho: Um segundo olhar sobre as Nações Unidas"; j) Robert W. Lee: "A Conspiração das Nações Unidas".

(Os títulos f a j devem ser encomendados na Bloomfield Books, 26 Meadow Lane, Sudbury, Suffolk, Inglaterra CO10 6TD, Reino Unido).

Aqui estão excelentes contra-poções para combater a glorificação universal que beneficia essas duas prefigurações do Governo Mundial!

[24] Veja o final da nota 12, que dá vários nomes eminentes de membros da "Igreja Católica Gnóstica". Veja também o assustador catálogo: "A Sucessão Apostólica nas Igrejas Católicas" de Jan Steperov, prefaciado por Monseigneur Dominique Philippe, primaz da Igreja Católica Galicana, e publicado pela "Missão Santa Rita" (27, rue François Bonvin, 75015 Paris). Na página 109, figura a "Sucessão Apostólica Espiritualista" por Jules Stanislas Doinel, ou seja, da Igreja Católica Gnóstica (!).

Nela encontramos os grandes nomes do esoterismo-ocultismo a serviço da Gnose; notavelmente Papus e Aleister Crowley, da ... O.T.O.!... Mas há muitos outros nomes, muito conhecidos quando se estuda esses meios nauseantes.

O Padre Ricossa e os nominalistas de Verrua

Gaude, Maria Virgo, cunctas hæreses sola interemisti. (Tractus Missæ Salve Sancta Parens)

Segunda-feira, 9 de outubro de 2006

Quem, e por quê, desde a morte de Monsenhor Lefebvre em 1991,desviou a finalidade sobrenatural da OPERAÇÃO-SURVIVÊNCIA dos sacramentos de 1988, para atribuir à FSSPX este FALSO objetivo prioritário de "re-conciliação" com Roma conciliar (na verdade a "re-conciliação" da FSSPX)?

Quem, e por quê, desde 2000, PROMOVEU o FALSO pré-requisito da autorização da missa de São Pio V?

Por que não se fez a VERDADEIRA pergunta sobre o restabelecimento do VERDADEIRO Sacerdócio de VERDADEIROS sacerdotes, ordenados por Bispos VÁLIDOS conforme o rito VÁLIDO dos Santos Ordens?

Quem INVENTOU, e POR QUÊ, o falso pré-requisito da retirada das "excomunhões"?

Por que não se fez a VERDADEIRA pergunta sobre a ab-rogação do *Pontificalis Romani* INVALIDO de 1968 e o restabelecimento do verdadeiro rito da consagração episcopal VÁLIDO de antes de 1968?

Para que serviria, de fato, fazer o VERDADEIRO rito da missa por FALSOS sacerdotes?

Seria, então, que após obrigar VERDADEIROS sacerdotes a celebrar uma FALSA missa, agora se deseja fazer a missa do VERDADEIRO rito por FALSOS sacerdotes?

Será que se quer "conciliar" os VERDADEIROS sacerdotes que ainda celebram a VERDADEIRA missa com um clero tão INVÁLIDO quanto o FALSO CLERO ANGLICANO?

O Padre Ricossa e os nominalistas de Verrua[1]

Divulgação de uma mensagem de *CSI-Diffusion* de 14 de junho de 2005

Começamos a divulgar e colocar online análises do site *CSI-Diffusion* sobre assuntos que mantêm toda a sua atualidade.

O Padre Ricossa interveio esta semana na França (Paris) para uma conferência e já destacou a questão da autoridade. Convidamo-lo a responder a este artigo do CSI que estabelecia uma análise muito detalhada de suas teses. Não nos parece que ele tenha dado qualquer resposta.

No entanto, enquanto há meses um pequeno clã dentro da FSSPX faz todo o possível para colocar a obra de Monsenhor Lefebvre de Salvaguarda do verdadeiro Sacerdócio católico nas mãos do sacerdote católico apóstata Ratzinger, é a sobrevivência do Sacerdócio católico sacramentalmente válido que está agora radicalmente em jogo.

Este debate, por sua importância e pelos seus impactos vitais, eclipsa todas as considerações sobre a tese *materialiter-formaliter*.

O que o Padre Ricossa está esperando para abordar a questão de fundo? O que ele está esperando para denunciar a fina ponta da subversão contra a Igreja? O que ele está esperando para denunciar essa subversão

que emana há mais de 150 anos das lojas iluministas Rosacruz, em estreita ligação com os meios Anglicanos?

Continuemos a boa luta.

Padre Michel Marchiset

CATHOLICI semper idem (CSI)

> *« Ele quer reinar sobre a França e, através da França, sobre o mundo.»*

14 de junho de 2005

Monsenhor Delassus

Os nominalistas de Verrua

Apreendido pelo problema dos sacramentos, Verrua vende a apostolicidade da Igreja para salvar a tese

A inversão de Verrua: a canonicidade acima da sucessão apostólica, condição da apostolicidade

Uma correspondência com o Padre Ricossa sobre o problema dos sacramentos montinianos

Aviso:

Aplaudimos esta reação de *Sodalitium* no número de abril de 2005,embora contestemos a maior parte das suas afirmações.

Agora aguardamos que a FSSPX e Avrillé saiam de seu silêncio ensurdecedor diante desta questão primordial e gravíssima.

Separando a jurisdição episcopal do poder de ordem, Verrua desenvolve teses anti-apostólicas. Verrua quer fazer aceitar como católica e romana, uma Igreja conciliar neo-anglicana, rampollo-montiniana, que não é mais apostólica por ter perdido a sucessão apostólica.

Em uma próxima mensagem, o CSI desenvolverá esta questão da realidade da sucessão apostólica como condição intrínseca à posse da apostolicidade.

Um bispo materialiter não pode transmitir a ordem, os sacramentos e, portanto, a graça. Portanto, com bispos materialiter a ordem se perde, os sacramentos e a graça sacramental se perdem. Os fiéis perdem então progressivamente os sacramentos que os bispos materialiter não podem transmitir. Trata-se então da extinção da sucessão apostólica.

Portanto, Verrua pratica uma inversão ao colocar a canonicidade acima da apostolicidade, ou seja, acima da ordem de Melquisedeque. No entanto, todos os verdadeiros bispos desfrutaram da plenitude da ordem de Melquisedeque.

Portanto, Verrua pratica uma inversão jurídica/ontológica. O direito acima do ser.

Ao estender a tese ao campo dos sacramentos, Verrua tornou-se nominalista.

Notemos também que, segundo Verrua, Monsenhor Tissier de Mallerais considera inválido o rito das consagrações episcopais de Montini.

PRELIMINAR para CSI

Voltaremos a este ponto, mas nossos leitores notarão que Verrua julga a invalidade das ordenações episcopais montinianas de forma extrínseca. Verrua não estuda a questão da invalidade do rito montiniano em si, ou seja, de forma intrínseca. Na verdade, Verrua conclui que o rito montiniano é duvidoso e, portanto, inválido, porque foi promulgado por um Papa materialiter, ou seja, sem autoridade.

No entanto, o CSI estudou desde o início de 2005 a invalidade do rito montiniano de 1968 de forma intrínseca, ou seja, em relação à matéria, à forma e à *determinatio ex adjunctis*. Além disso, a invalidade intrínseca do rito, uma vez demonstrada, resolve definitivamente a questão. E qualquer autoridade que se atrevesse a promulgar um rito intrinsecamente inválido, refletiria sobre sua própria legitimidade a adulteração do rito, tornando-se assim uma autoridade ilegítima, pois uma autoridade legítima não pode promulgar um rito inválido.

PRIMEIRA RESPOSTA do CSI

Resumo e análise da posição de Verrua:

1) Verrua distingue a **jurisdição** (§2) e o **poder de ordem** (§3).

2) A **jurisdição** está ligada à noção de **legitimidade da autoridade**. Ela é conferida por um mandato canônico recebido do papa.

3) Na jurisdição, Verrua distingue **a jurisdição materialiter e a jurisdição formaliter**. A **jurisdição materialiter não pode conferir autoridade**, ela designa, segundo Verrua, aquele que ocupa o assento. Em seguida, a jurisdição formaliter confere a autoridade e está ausente enquanto aquele que possui a jurisdição materialiter for herege ou apóstata. Assim que aquele que possui a jurisdição materialiter renunciar suas heresias, ele retoma a jurisdição formaliter, então possui a plenitude da jurisdição e, portanto, a autoridade que lhe foi transmitida.

a. «Os bispos nomeados pelos ocupantes do Sede Apostólica (Paulo VI a João Paulo II) não têm autoridade»

b. «No entanto, eles foram canonicamente nomeados para os diversos assentos episcopais»

c. «Se eles testemunhassem publicamente a fé católica e renunciassem aos erros ensinados pelo Vaticano II, poderiam receber de fato a autoridade, se tornarem formalmente bispos da Igreja Católica e agir em seu nome»

4) Verrua distingue a **licitidade** (§4) e a **validade** do **rito de consagração**.

5) **Sobre a questão da licitude**, Verrua declara que não é lícito utilizar um rito promulgado por um papa materialiter.

a. «Não é lícito a um sacerdote ou a um bispo católico utilizar os livros litúrgicos reformados após o Vaticano II»

b. «Não é lícito a um católico receber os sacramentos administrados segundo esses ritos reformados, nem participar dessas cerimônias litúrgicas»

6) Verrua introduz então **dois critérios para julgar a validade do rito de consagração episcopal: intrínseco e extrínseco**

7) **O critério extrínseco** é verificado quando o rito é um rito promulgado por um Papa legítimo da Igreja Católica.

8) **O critério intrínseco** é verificado quando, por um lado, a matéria e a forma estão conformes com a intenção da Igreja e, por outro lado, o poder do bispo consagrador é efetivo e manifesta exteriormente uma intenção conforme àquela da Igreja.

a. « Deve-se avaliar se nos ritos reformados persistem as condições para a validade dos sacramentos: a forma, a matéria, o ministro validamente ordenado que tenha a intenção de fazer o que faz a Igreja.»

b. «Pode-se julgar (a intenção do ministro) na medida em que ela é manifestada exteriormente.»

c. «Se o ministro adota o rito da Igreja, ele manifesta que tem a intenção da Igreja.»

9) Considerando o **critério extrínseco**, Verrua explica que **um papa legítimo não pode promulgar um rito que não seja lícito**, ou **mesmo que não seja válido**

a. «Se o rito da Missa e o dos sacramentos, incluindo o da ordenação episcopal, foram promulgados após o Vaticano II por um Papa legítimo, são - não há dúvida - ritos da Igreja Católica, não podem ser maus, ilícitos ou inválidos.»

10) Verrua afirmando que o **critério extrínseco** não é satisfeito, o Sede Apostólica estando (materialmente, mas não formalmente) vacante desde pelo menos 7 de dezembro de 1965, **o novo rito de consagração episcopal é duvidoso e, portanto, na prática, nulo e inválido.**

a. «Os sacramentos conferidos aos seus administrados segundo o rito pós-conciliar são de validade duvidosa e, portanto, visto o "tutiorismo" em matéria de validade dos sacramentos - como praticamente nulos e inválidos.»

11) Verrua afirma **a invalidade do novo rito montiniano de consagração episcopal**

a. «Os sacerdotes americanos discutiram esses assuntos já em 1981, bem antes de esta associação (CSI) perceber, foi anteontem, a invalidade dos novos ritos. E "Verrua" sempre sustentou essa posição.»

12) Para Verrua, **um bispo que só possui a jurisdição material pode ocupar um assento episcopal, mesmo sem o poder de ordem.**

a. «Não é verdade que, não sendo validamente consagrados, os bispos conciliares não possam, de forma alguma, ocupar os assentos episcopais materialmente e, em caso de renúncia aos erros, também formalmente. Sabe-se que, na Igreja, a jurisdição não é o poder de ordem.»

13) Para Verrua, **os bispos conciliares mantêm a jurisdição material sobre os assentos que ocupam, e recuperariam a jurisdição formal se renunciassem aos seus erros e heresias.** Portanto, recuperariam uma jurisdição plena em caso de conversão e rejeição de seus erros.

a. « É por isso que os bispos que ocupam os assentos episcopais, embora não tenham recebido validamente a consagração episcopal, mantêm a nomeação canônica para seu assento episcopal e, consequentemente, ainda são "bispos materialiter" no que diz respeito à jurisdição, mesmo que não sejam bispos no que se refere ao poder de ordem.»

14) Por outro lado, para Verrua, **esses bispos não possuem o poder de ordem**. Portanto, se recuperarem sua plena jurisdição, eles precisariam ser reordenados validamente, ao menos *sub conditione*.

15) E, segundo Verrua, **para um eleito à Sé de Pedro, ele seria a pessoa canonicamente designada para o pontificado, mesmo que não tivesse o poder de ordem**.

a. «Isso vale para um possível eleito à Sé de Pedro em um futuro conclave: mesmo que não tenha recebido uma consagração episcopal válida, ele ainda seria a pessoa canonicamente designada para o pontificado.»

16) Em seguida, Verrua considera o caso dos bispos conciliares ordenados em um rito oriental não reformado e, portanto, válido, e que, por isso, ainda possuem o poder de ordem.

Consequências das teses de Verrua

1) O Padre Ratzinger, não tendo recebido uma consagração episcopal válida, não possui, portanto, a plenitude do poder de ordem. Segundo Verrua, o Padre Ratzinger não pode conferir o sacramento da confirmação a crianças, nem ordenar sacerdotes, nem consagrar bispos. Ele é, portanto, um bispo de Roma sem poder de ordem.

2) Para Verrua, um bispo ortodoxo é ontologicamente superior ao Padre Ratzinger, pois é validamente bispo e pode confirmar crianças, ordenar sacerdotes e consagrar bispos.

3) Portanto, na lógica de Verrua, se o Padre Ratzinger se convertesse e renunciasse às suas heresias, ele recuperaria plenamente sua autoridade e jurisdição, e seria suficiente pedir a um bispo herético e cismático ortodoxo que o reordenasse no rito latino católico para que o Padre Ratzinger adquirisse o poder de ordem e fosse Papa de forma plena.

Comentários sobre o artigo de Verrua:

1) A obra do Padre Von Gunten não aborda o rito de Paulo VI e sua semelhança com o rito anglicano. Este livro é exclusivamente dedicado à questão da invalidade das ordenações anglicanas e à condenação desses ritos por Leão XIII. No máximo, menciona com uma perspectiva de esperança o ARCIC. A equipe do *Sodalitium* faria bem em ler os livros que cita e fazer citações pertinentes; a seriedade de sua argumentação ganharia com isso. Um pouco mais de rigor por parte dos clérigos seria desejável.

2) Verrua afirma que Dom Tissier de Mallerais considera inválido o novo rito montiniano de consagração episcopal.

3) Verrua, que já publicou um artigo (N°47, páginas 80 e seguintes) sobre o caráter duvidoso do rito de Paulo VI em 1968 e sua semelhança com o rito (inválido) de Cranmer de 1552, não iniciou pesquisas para examinar as influências anglicanas sobre a Igreja conciliar e para desmascarar o complô anglicano que está em ação há 150 anos, desde a época do pastor Pusey.

Conclusão:

O poder de ordem está ligado à noção de validade. Ele marca a pessoa do solicitante. Um homem que recebe a consagração episcopal é bispo para a eternidade. Seu ser possui em plenitude um caráter, uma marca, uma distinção que o diferencia daqueles que não receberam essa consagração. Essa mudança no ser do solicitante é independente da jurisdição e pode não ter sido administrada de forma lícita. Por exemplo, no caso dos bispos ortodoxos, que são válidos apesar de serem hereges e cismáticos.

Ao separar a jurisdição episcopal do poder de ordem, Verrua desenvolve teses anti-apostólicas. Verrua quer fazer aceitar como católica e romana uma Igreja conciliar neo-anglicana, rampollo-montiniana, **e que não é mais apostólica.**

Um bispo materialiter não pode transmitir a ordem e os sacramentos. Assim, com bispos materialiter, a ordem se perde e os sacramentos se perdem. Os fiéis, portanto, perdem progressivamente os sacramentos que

os bispos materialiter não podem transmitir. Trata-se então da **extinção da sucessão apostólica.**

Verrua pratica, portanto, uma inversão ao colocar a canonicidade acima da apostolicidade, isto é, acima da ordem de Melquisedeque. Ora, todos os verdadeiros bispos gozaram da plenitude da ordem de Melquisedeque.

Verrua, portanto, **pratica uma inversão jurídica / ontológica. O direito acima do ser.**

Ao estender a tese ao campo dos sacramentos, Verrua se tornou **NOMINALISTA.**

SEGUNDA RESPOSTA de CSI

A tese falsa tornou-se a tese que enlouquece

1º Sempre as conclusões falsas da TESE: distinção entre poder de jurisdição e poder de ordem. Assim como a distinção entre materialiter e formaliter é verdadeira, para ser Papa católico, materialiter e formaliter não podem ser separados; e para ser bispo católico, sucessor dos Apóstolos, os poderes de jurisdição e de ordem não podem ser separados.

Além disso, se houvesse conversão de um "bispo" conciliar, seria em pura perda; ele não se tornaria bispo católico. Mesmo se um bispo conciliar abjurar e testemunhar publicamente a fé católica, ele não pode se tornar bispo *per sui*. Pois o rito no qual ele foi "sagrado" não sendo um rito católico, ele não é bispo: é um simples leigo. Ele então pediria para ser sagrado no rito católico. E quem poderia sagrar? Entendeu-se a importância dessa ruptura na transmissão apostólica? Devemos, aliás, dizer: "E que IMPRUDENTE cometeria o sacrilégio de sagrar alguém assim?" É preciso realmente insistir na *não-qualidade* deste *exemplar* muito particular que é o bispo *materialiter* definido aqui. Não é apenas um medíocre deformado. Muitas vezes é um dos piores inimigos da Igreja: por exemplo, um maçom. E quem tomaria o risco de confiar um diaconato a um bispo certamente completamente deformado? Durante certos períodos da história da Igreja, até portar armas afastava do sacramento da ordem... então o compasso e o esquadro... Aproveitamos esta oportunidade para afirmar QUE É UM DEVER NÃO SAGRAR PESSOAS ASSIM, MESMO CONVERTIDAS.

Todos os detalhes estudados são feitos para não dizer claramente:

1. que os rituais montinianos das sagrações não são católicos; certamente, o *Sodalitium* afirma isso pela metade, mas sobretudo não tira a conclusão clara, a saber:

2. que esses "bispos" não são bispos. Ponto final. Todo o resto é conversa fiada.

Pois a conclusão os incomoda: a maioria dos cardeais que elegeram Bento XVI "Papa" conciliar não eram mais que padres; tendo sido sagrados no rito montiniano, eles não são bispos.

PORTANTO, O PADRE RATZINGER NÃO SENDO BISPO DE ROMA, NÃO É PAPA.

NEM MATERIALITER. A TESE ESTÁ MORTA.

Lançamos esta campanha em janeiro de 2005, após uma decisão tomada em dezembro de 2004, antes de sabermos que com o novo conclave entraríamos em uma situação completamente nova. E essa evolução recente nos confirma em nossa análise da realidade: a seita conciliar não é a Igreja Católica. Sabíamos desde 1981, com base nos trabalhos do padre Mouraux (assinante de sua revista desde o início), complementados em 1983 pelo estudo de Coomoraswany, que a invalidade dos ritos os impedia de ter o caráter episcopal. Registramos que Verrua e Dom Sandborn compartilham da mesma certeza. Eles se esqueceram de reafirmar isso no momento tão importante do último "conclave".

Que eles compartilhem de nossa conclusão de que: com o passar dos anos, nos deparamos com uma realidade inevitável: como confundir esta seita conciliar com a Igreja Católica?

TERCEIRA RESPOSTA do CSI

Verrua acaba de aplicar sua TESE, que é inicialmente baseada em uma questão de jurisdição (primazia de Pedro), ao campo da teologia dos sacramentos. No entanto, este é regido por regras extremamente precisas e estudadas há muito tempo.

QUALQUER SACRAMENTO QUE NÃO REUNA AO MESMO TEMPO A MATÉRIA E A FORMA INSTITUÍDAS POR NOSSO SENHOR JESUS-CRISTO NÃO É ABSOLUTAMENTE UM SACRAMENTO: ELE É "*ABSOLUTAMENTE NULO E TOTALMENTE VÃO*" (Leão XIII, *Apostolicae Curae*, 1896).

É POR ISSO QUE NÃO PODE EXISTIR APOSTOLICIDADE SEM O MINISTÉRIO DA GRAÇA, SEGUNDO VERRUA, ELA SERIA APENAS CANONICAMENTE, "*MATERIALITER*"!!!

A TESE DOS ABELARDOS DE VERRUA DEMONSTRA SUA INANIÇÃO QUANDO ESTES TENTAM APLICÁ-LA AO SACRAMENTO DA ORDEM, QUE CONSTITUI A CONDIÇÃO INTRÍNSECA DA VERDADEIRA SUCESSÃO APOSTÓLICA QUE É A CONDIÇÃO INDISPENSÁVEL PARA A APOSTOLICIDADE DA IGREJA NA TERRA (Essa sucessão apostólica subsiste entre os ortodoxos hereges e cismáticos: Se estes aceitassem proclamar sua abjuração formal de sua heresia e proclamassem querer reconhecer a primazia de um VERDADEIRO BISPO de Roma - COMO A MUITO SANTA VIRGEM A RECLAMOU COM TANTA INSISTÊNCIA EM FÁTIMA - A SANTA IGREJA CATÓLICA RECUPERARIA IPSO FACTO TODA A SUCESSÃO APOSTÓLICA ORTODOXA.)

A Igreja nunca falou de bispo materialiter e formaliter. Um rito de consagração episcopal, para ser válido, deve possuir a matéria **E** a forma; caso contrário, como escreve Leão XIII, ele é "absolutamente nulo e totalmente vão".

A questão da jurisdição refere-se ao mandato episcopal. Explicar que os bispos conciliares não possuem o poder de ordem, mas que, no entanto, possuem a nomeação canônica, é equivalente a dizer que não se trata verdadeiramente de sucessores dos apóstolos. Antigamente, na Igreja católica em ordem, existiam em alguns dioceses bispos que tinham apenas a jurisdição, que lhes era transferida para a administração do diocesano. Mas esses bispos não possuíam o poder de ordem, pois não haviam sido consagrados. E nunca lhes era pedido para ordenar padres ou consagrar bispos. E na situação dos bispos materialiter descrita no artigo de Sodalitium, uma ordenação não deve ser feita *sub conditione*, mas *absolute*.

O autor do artigo diz que os bispos conciliares permanecem bispos mas materialiter. Mas **para que serve um bispo materialiter?** Quais podem ser os efeitos de um "bispo" conciliar que administra os sacramentos? Evidentemente, ele não transmite a graça.

A Igreja conciliar, uma Igreja de "nomeados" sem sacramentos? O que é isso então? Uma administração? Nosso Senhor instituiu uma administração com diplomas? A Igreja poderia perder a graça e se tornar uma administração e depois, graças a uma conversão, recuperar a graça, tendo apenas os diplomas assegurado o período de vacância? **A apostolicidade transmitida por pura via de jurisdição?** Linhagens episcopais incluindo elos puramente "nomeados", puramente "administrativos" sem o sacramento válido? Extraordinário! Nesse caso, Verrua poderia pedir a um bispo ortodoxo para vir com mandato de um "bispo" conciliar convertido, portanto materialiter e formaliter, para ordenar, no antigo rito latino, seminaristas em Verrua. Os referidos padres seriam ao mesmo tempo padres materialiter e formaliter, seria magnífico e até melhor do que com Monsenhor Sanborn!

Mas se essa "nomeação" (materialiter) é tão importante, mais do que o poder de ordem segundo Verrua, por que Leão XIII mandou estudar o rito anglicano sob o ângulo de sua validade intrínseca (matéria e forma)? O que conta aos olhos de Leão XIII é a validade intrínseca do sacramento. O mesmo para Pio XII.

Decididamente, a criação artificial da TESE, que surgiu em um domínio de jurisdição (papado), beira o **absurdo** quando é estendida ao campo da teologia dos sacramentos. E isso é suficiente para desacreditar Verrua e sua TESE.

O domínio da teologia dos sacramentos é um domínio perfeitamente objetivo e encarnado. Parece que foi neste terreno que NSJC esperou os sofistas e os nominalistas para que eles conhecessem sua hora da verdade.

De passagem, Verrua reconhece que Monsenhor Tissier declara essas sagrações inválidas. Isso é importante.

SODALITIUM nº 57, maio de 2005, edição francesa

Carta à redação (as consagrações episcopais segundo o novo rito)

Senhor Padre,

Um amigo me enviou sua revista *Sodalitium* nº 54 fr. e apreciei sua doutrina sobre a eleição do Papa. O senhor sustenta, com razão, que a partir de Paulo VI inclusive o Papa não é mais Papa – formaliter –. O que o senhor pensa dos bispos consagrados desde então? (...)

Dr. C. M., Paris.

Caro leitor,

A posição do Instituto sobre o episcopado desde o Concílio Vaticano II é sempre a mesma há vinte anos, ou seja, desde sua fundação.

No que diz respeito ao poder de jurisdição, os bispos nomeados pelos ocupantes da Sé Apostólica (Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II) não têm autoridade, assim como não a têm os ocupantes em questão. No entanto, eles foram **canonicamente nomeados** para as diversas sés episcopais. Consequentemente, se eles testemunhassem publicamente a fé católica e abjurassem os erros ensinados pelo Vaticano II, eles **poderiam receber em ato a autoridade, tornar-se formalmente bispos da Igreja Católica e agir em seu nome.**

Quanto ao poder de ordem, sua questão diz respeito à **licitude** e à **validade** do novo rito de consagração episcopal, promulgado em 18 de junho de 1968 e que entrou em vigor em 6 de abril de 1969 ("no intervalo, escreve Mons. Bugnini, o rito foi concedido '*ad experimentum*' para casos particulares"). Sobre a questão não faltam estudos sérios e fundamentados, e nossa revista, em seu tempo, (nº 47, dezembro de 1998, pp. 80-82), assinalou os estudos, totalmente oficiais, do Padre Van Gunten o.p. sobre a invalidade das ordenações anglicanas (*Fontes archivi Sancti Officiali Romani, La validité des ordinations anglicanes, Olschki, Firenze, 1997*, com prefácio do cardeal Ratzinger); neste estudo o autor e seu discípulo o Padre Morerod admitiam a **semelhança impressionante entre a reforma anglicana e a reforma montiniana da liturgia do sacramento da Ordem**. Ora, Leão XIII declarou inválidas as ordenações anglicanas (carta *Apostolicæ curæ*).

Nossa posição no que diz respeito à licitude é a seguinte: **não é lícito a um padre ou a um bispo católico utilizar os livros litúrgicos reformados após o Vaticano II, e não é lícito a um católico receber os sacramentos administrados segundo esses ritos reformados, nem tomar parte ativa nessas cerimônias litúrgicas.**

Quanto ao problema da validade, ele pode ser examinado de dois pontos de vista, o intrínseco e o extrínseco. No primeiro caso, deverá ser avaliado se nos ritos reformados subsistem as condições para a validade dos

sacramentos: a forma, a matéria, o ministro validamente ordenado que tenha a intenção de fazer o que faz a Igreja. A forma e a matéria podem tomar um significado diferente – em certos casos – segundo o contexto. A intenção do ministro não depende de sua fé ou de sua virtude. Sendo interna, não se pode julgá-la; pode-se julgá-la, no entanto, na medida em que ela é manifestada exteriormente. **Se o ministro adota o rito da Igreja**, ele manifesta – salvo prova em contrário – que tem a intenção da Igreja; se ele não adota o rito da Igreja, ele manifesta a intenção contrária.

Esta observação nos introduz ao critério extrínseco ao qual aludíamos acima. Antes mesmo de examinar o texto e o contexto dos ritos reformados, devemos nos perguntar se eles são, **sim ou não, ritos da Igreja Católica**. De fato, um rito litúrgico da Igreja Católica não pode apresentar problemas de licitude ou, ainda menos, de validade. É certamente lícito, e é mesmo nosso dever, utilizar o rito da Igreja Católica. Um rito da Igreja não pode causar a invalidade do sacramento. Enfim, não pode haver nada contrário à fé ou à moral em um rito da Igreja.

Consequentemente, se o rito da Missa e o dos sacramentos, incluindo o da ordenação episcopal, foram promulgados após o Vaticano II por um Papa legítimo, eles são – isso não tem dúvida – ritos da Igreja Católica, eles não podem ser maus, ilícitos ou inválidos. Se, ao contrário, Paulo VI nunca foi ou já não era mais o Vigário de Cristo quando inaugurou a reforma litúrgica pós-conciliar, nada nos garante sua validade, pois não se trata de ritos da Igreja Católica. Neste ponto, a Fraternidade São Pio X está em erro ao pensar que um rito aprovado pelo Papa (tal é Paulo VI aos seus olhos) pode ser mau, ilícito ou francamente, em certos casos, inválido (para a Fraternidade, por exemplo, é preciso considerar como inválido o novo rito da confirmação e, para Mons. Tissier de Mallerais, o rito da ordenação episcopal).

O *Instituto Mater Boni Consilii*, sustentando que a Sé Apostólica está formalmente vacante (mas não materialmente) desde pelo menos 7 de dezembro de 1965, considera que **todos os livros litúrgicos promulgados após esta data não são livros litúrgicos da Igreja Católica e, consequentemente, que – desde então – a Missa celebrada segundo o novo rito e os sacramentos conferidos a seus administrados segundo o rito pós-conciliar são de validade duvidosa e, portanto, visto o "tuciorismo" em matéria de validade dos sacramentos – como praticamente nulos e inválidos. Isto vale igualmente para o novo rito de consagração episcopal** que lhe interessa. Única exceção, em princípio, a esta regra: os sacramentos do batismo e do matrimônio, já que, para o primeiro, a fórmula trinitária e o uso de água simples bastam para a validade, e que o segundo depende somente do consentimento dos esposos (quando não se está obrigado à forma canônica do matrimônio).

Recentemente, uma campanha foi lançada, via "internet", por uma associação de "tradicionalistas" e "sedevacantistas" franceses sobre o tema da invalidade das consagrações episcopais segundo o novo rito. O objetivo desta campanha: demonstrar que a "Igreja conciliar" é uma falsa igreja a reboque da igreja anglicana, pois seus bispos não foram validamente consagrados. Esta campanha informática tem também por objetivo atacar "Mons. Sanborn", "Verrua" etc., os quais teriam calado esta verdade, enquanto Mons. Lefebvre, com intenções sempre excelentes e de perfeita boa fé, teria sido enganado a este respeito por seus maus conselheiros. Àqueles que lançam tais campanhas, gostaríamos de sugerir uma maior prudência.

Os padres americanos trataram destes assuntos desde 1981, bem antes que esta associação se apercebesse, foi anteontem, da invalidade dos novos ritos. E "Verrua" também sempre sustentou esta posição. Além disso, **não é verdade que, não sendo validamente consagrados, os bispos conciliares não podem de modo algum ocupar as sés episcopais materialmente e, em caso de abjuração dos erros, também formalmente.**

Sabe-se, de fato, que, na Igreja, a jurisdição não é o poder de ordem, e que um leigo pode ser eleito Papa ou nomeado bispo de uma diocese sem possuir ainda o caráter sacerdotal ou episcopal. Neste caso, basta que o leigo em questão (ou simples clérigo ou padre) **aceite ser ordenado**, ao menos *sub conditione*. É por isso que os bispos que ocupam as sés episcopais, embora não tendo recebido validamente a consagração episcopal, conservam a nomeação canônica para sua sé episcopal e, consequentemente, são ainda "**bispos materialiter**" no que diz respeito à jurisdição, mesmo se não são bispos no que diz respeito ao poder de ordem. Isto vale

também para um eventual eleito à Sé de Pedro em um futuro conclave: mesmo se ele não tivesse recebido uma consagração episcopal válida, ele permaneceria sempre a pessoa canonicamente designada ao pontificado.

Enfim, esquece-se que todos os bispos em comunhão com João Paulo II (e portanto bispos *materialiter*) que foram consagrados com o rito oriental ou qualquer outro rito tradicional, são realmente bispos quanto ao poder de ordem; não é, portanto, verdade que a dita "igreja conciliar" não teria mais ou não terá mais em breve bispos validamente consagrados em suas fileiras. Assim, a conclusão que esta associação pretende tirar do fato de que o novo rito de consagração episcopal pode ser inválido é totalmente desprovida de fundamento, e não afeta minimamente a tese dita de *Cassiciacum*.

CATHOLICI SEMPER IDEM (CSI)

---

[1] Revista *Sodalitium*

FSSPX + Anglicanos: A Porta Flaminiana de Mons. Fellay - The Times confirma a Operação Rampolla e a AngliCampos

Gaude, Maria Virgo, cunctas hæreses sola interemisti. (Tractus Missæ Salve Sancta Parens)

segunda-feira, 20 de novembro de 2006

Quem, e por quê, desde a morte de Monsenhor Lefebvre em 1991, desviou a finalidade sobrenatural da OPERAÇÃO-SURVIVÊNCIA dos sacramentos de 1988, para atribuir à FSSPX este FALSO objetivo prioritário de "re-conciliação" com Roma conciliar (na verdade a "re-conciliação" da FSSPX)?

Quem, e por quê, desde 2000, PROMOVEU o FALSO pré-requisito da autorização da missa de São Pio V?

Por que não se fez a VERDADEIRA pergunta sobre o restabelecimento do VERDADEIRO Sacerdócio de VERDADEIROS sacerdotes, ordenados por Bispos VÁLIDOS conforme o rito VÁLIDO dos Santos Ordens?

Quem INVENTOU, e POR QUÊ, o falso pré-requisito da retirada das "excomunhões"?

Por que não se fez a VERDADEIRA pergunta sobre a ab-rogação do *Pontificalis Romani* INVALIDO de 1968 e o restabelecimento do verdadeiro rito da consagração episcopal VÁLIDO de antes de 1968?

Para que serviria, de fato, fazer o VERDADEIRO rito da missa por FALSOS sacerdotes?

Seria, então, que após obrigar VERDADEIROS sacerdotes a celebrar uma FALSA missa, agora se deseja fazer a missa do VERDADEIRO rito por FALSOS sacerdotes?

Será que se quer "conciliar" os VERDADEIROS sacerdotes que ainda celebram a VERDADEIRA missa com um clero tão INVÁLIDO quanto o FALSO CLERO ANGLICANO?

FSSPX + Anglicanos: A Porta Flaminiana de Mons. Fellay - *The Times* confirma a Operação Rampolla e a AngliCampos

Mons. Fellay e a FSSPX em breve justapostos aos Anglicanos sob a autoridade de Ratzinger?

Igreja conciliar incluindo: a Igreja Católica de rito Anglicano + a Igreja Católica de rito Tridentino

O muito sério jornal londrino *The Times* anuncia que **Ratzinger** tem em sua mesa um projeto de estrutura canônica para os Anglicanos semelhante ao proposto a **Mons. Fellay**. **O projeto de *Motu Proprio* autorizaria o rito de São Pio V e um *indulto* também autorizaria o rito dos anglicanos. Assim, o projeto multi-patriarcal de Ratzinger sai das sombras, seguindo o esquema, a pedido do cardeal Mercier, no memorando de** Dom Beauduin durante as conversas de Malines em 1925: *"A Igreja Anglicana unida, não absorvida"*. Já em 22 de maio de 2005, a CSI-Diffusion havia dado uma síntese sobre essa questão em seu estudo *A Operação Rampolla* que publicamos em nosso site[1].

Introdução - As revelações de *The Times* sobre os vínculos entre a integração dos Anglicanos e a da FSSPX

"O Papa em breve encontrará em sua mesa um documento propondo algo como uma prelazia pessoal ao estilo do Opus Dei para os anglicanos descontentes que têm uma inclinação pelo catolicismo. Uma fonte independente me informa que 'estão em curso negociações secretas para encontrar uma solução uniata'. Isso permitiria que os descontentes fossem recebidos na Igreja Católica, mantendo sua identidade anglicana e acompanhados por seus sacerdotes. (...) Pode ser (...) que o documento ao qual Tighe se refere e o indulto sejam um único e mesmo documento e que este conceda ao rito anglicano uma permissão geral, ou seja, não limitada aos Estados Unidos. (...) De acordo com uma fonte anglicana bem informada, essa suposição não é excessiva. O padre católico Aidan Nicholls escreveu recentemente um ensaio maravilhoso sobre o rito anglicano, e Paddy Power o dá a 5 contra 1 como próximo Arcebispo de Westminster." Ruth Gledhill, 14 de novembro de 2006

Ruth Gledhill, colunista religiosa do www.timesonline.co.uk TIMES ONLINE The best of The Times and The Sunday Times, in real time

Ruth Gledhill, a colunista religiosa do *Timesonline* (blog dos jornais britânicos *The Times* e *The Sunday Times*), revela em 14 de novembro que **Ratzinger** iria receber em sua mesa, em 16 de novembro de 2006, um projeto para a implementação de uma estrutura canônica (do tipo administração apostólica ou prelatura pessoal) para os Anglicanos. Esta revelação vem de **William Tighe**, professor de história da Igreja nos Estados Unidos.

Com este projeto de indulto do qual a jornalista nos fala, vemos como *Motu Proprio* para o rito tridentino e *indulto* para o rito dos anglicanos podem muito bem se encadear. O primeiro satisfazendo um dos pré-requisitos colocados por Mons. Fellay para a FSSPX e o outro se estendendo aos anglicanos de forma a integrar, no seio da Igreja conciliar, a parte tradicional do movimento anglicano com seu clero (inválido) e seus ritos.

O artigo de **Ruth Gledhill** é intitulado *"O Papa está prestes a abrir a 'Porta Flaminiana' aos Anglicanos"*. A jornalista faz alusão à carta que o futuro cardeal **Wiseman** escreveu em 7 de outubro de 1850: *"From out the Flaminian Gate"* (saindo pela Porta Flaminiana). **St. Valentim** foi martirizado diante dessa porta. Em 19 de setembro de 1850, **Pio IX** acabava de restabelecer a hierarquia da Igreja Católica na Inglaterra após três séculos de perseguição e eclipse que haviam se seguido à revolução litúrgica do arcebispo apóstata **Cranmer** por volta de 1550, sob **Henrique VIII**. Em 2006, a criação de uma 'Igreja Católica de rito anglicano', assim chamada por **Ruth Gledhill**, é colocada em paralelo com a carta de **Mons. Wiseman** de 1850 que descrevia o evento do restabelecimento da hierarquia católica na Inglaterra como: *"restoration of Catholic England to its orbit in the ecclesiastical firmament."* (restauração da Igreja da Inglaterra em sua órbita no firmamento eclesiástico).

Cardeal Wiseman, arcebispo de Westminster

1- Em 23 de novembro de 2006, um encontro capital em Roma entre o Arcebispo de Cantuária (Dr. Williams) e Ratzinger pelos 40 anos do primeiro encontro (Paulo VI)

O **Dr. Williams** e sua esposa fazem uma visita a Roma de 21 a 26 de novembro de 2006 e se encontrarão com o padre Ratzinger em 23 de novembro. Neste momento, está sendo cogitada a criação da ARCIC III, a terceira versão da Comissão de Diálogo Anglicano-Católico (ARCIC), na qual o padre **Levada**, atual sucessor do padre **Ratzinger** à frente da CDF (Congregação para a Doutrina da Fé), desempenha um papel ativo.

Dr. Williams, arcebispo de Cantuária, e sua esposa

Este projeto dá sequência aos trabalhos da ARCIC e ocorre no prolongamento do encontro entre o padre **Ratzinger** e a TAC (Comunhão Anglicana Tradicional) que aconteceu na semana seguinte à sua eleição em 19 de abril de 2005.

A TAC representa fiéis tradicionais ou conservadores que saíram da Comunhão Anglicana liderada pelo arcebispo de Cantuária, cerca de 400.000 fiéis e 400 a 500 paróquias que poderiam apoiá-la.

Esse efetivo é comparável ao da FSSPX, que representa, segundo a imprensa, 200.000 fiéis no mundo e um número de várias centenas de priorados e casas autônomas.

Ratzinger também mantém contatos com o Conselho Anglicano americano, que planeja deixar a Comunhão Anglicana e cujos membros estão em desacordo com o **Dr. Williams**.

2- Histórico das relações entre o padre Ratzinger e os anglicanos tradicionais desde 1995

Vamos retomar o histórico das relações entre **Ratzinger** e os anglicanos tradicionais. Para isso, citamos um trecho do perspicaz estudo (A Operação Rampolla) publicado pela CSI-Diffusion em 22 de maio de 2005.

A CSI-Diffusion havia citado alguns fatos importantes que resumimos aqui:

- Em 1995, dois cardeais (incluindo **Ratzinger**) haviam decidido iniciar negociações secretas com os anglicanos tradicionais visando sua integração na Igreja conciliar (revelação de William Tighe)
- Essas negociações foram lançadas enquanto paralelamente a Comunhão Anglicana passa por uma deriva ultraliberal (mulheres bispos, ordenações de sacerdotes homossexuais, etc.).
- Diante da relutância de alguns "cardeais" em votá-lo, e alguns dias antes do conclave que deveria elegê-lo, o padre **Ratzinger** revelou o progresso de suas negociações secretas a fim de favorecer sua eleição e mostrar sua determinação em concluir o projeto ecumênico
- Uma semana após sua eleição em 19 de abril de 2005, o padre **Ratzinger** recebeu o líder da TAC
- O arcebispo **John Hepworth**, o Primaz da TAC, resumiu suas principais exigências: manutenção dos ritos anglicanos, aceitação de um clero casado, manutenção da espiritualidade anglicana.
- Essas exigências da TAC são as mesmas formuladas pelos anglicanos durante a segunda conversa de Malines em 1923
- Segundo os comentários de liberais anglicanos opostos à TAC, a intenção de **Ratzinger** seria criar uma Igreja Católica de rito anglicano.

Citação da CSI-Diffusion[2]

De fato, o *Sunday Times* de 24 de abril de 2005 também nos informa, uma semana após a eleição do conclave, que o padre **Ratzinger** já realizou reuniões com a *Traditional Anglican Communion* (TAC), de acordo com o arcebispo **John Hepworth**. A TAC representa uma fração dos anglicanos tradicionalistas. **Fala-se mesmo de um pacto secreto que existiria há 10 anos entre eles e Ratzinger**. **O artigo apresenta a TAC como uma fração rebelde, mas em um tal plano onde a manipulação é a palavra de ordem, isso não é incompatível com um progresso em direção à reunião com a Comunhão Anglicana.** De fato, a reunião com a TAC permitiria fazer aprovar princípios que depois seria possível estender ao resto do corpo Anglicano. Observamos que essa integração dessa fração Anglicana na Igreja conciliar se faria, como explicado acima, **em conformidade com as demandas da segunda conferência de Malines de 1923: os Anglicanos manteriam sua liturgia, portanto seus ritos, e um clero casado.**

Se tal reunião ocorrer, ela ratificará o reconhecimento dos ritos anglicanos, e a próxima etapa será o acordo com o arcebispo de Cantuária.

Aprendemos também que **os laços privilegiados do padre Ratzinger com os tradicionalistas anglicanos, visando o reconhecimento do rito anglicano na Igreja conciliar, foram revelados aos cardeais relutantes logo antes de sua eleição.**

The Sunday Times - World

24 de abril de 2005

O Papa em discussão com os rebeldes anglicanos

Christopher Morgan e John Follain, em Roma

(trecho do artigo)

"O novo Papa estabeleceu relações com uma facção de anglicanos tradicionalistas descontentes, que buscam formar sua própria Igreja, afiliada ao Vaticano.

Bento XVI, cuja missa inaugural como bispo de Roma deve contar com a presença de meio milhão de pessoas, realizou reuniões com os representantes da Comunhão Anglicana Tradicional (TAC, Traditional Anglican Communion), segundo o arcebispo John Hepworth, o primaz desse grupo.

A TAC representa mais de 400.000 anglicanos no mundo que deixaram sua igreja ou protestam contra sua política liberal. Estima-se que 400 a 500 paróquias da Igreja da Inglaterra possam apoiar o grupo a longo prazo.

"Buscamos uma Igreja que mantenha a liturgia anglicana, a espiritualidade anglicana e um clero casado", declarou Hepworth, um bispo anglicano em Adelaide, na Austrália. "Esperamos que isso aconteça em breve." Tal comunidade existe na América, mas até agora abrange apenas 14 paróquias.

Qualquer indício da existência de um pacto entre a TAC e Bento - que manteve seu interesse pelo grupo nos últimos dez anos - poderia alarmar Rowan Williams, o arcebispo de Cantuária, e prejudicar seus esforços para manter a unidade do Anglicanismo no meio das disputas sobre a consagração de bispos mulheres ou a ordenação de sacerdotes homossexuais.

Os detalhes dos laços do Papa com o grupo de Hepworth foram revelados quando vários cardeais expressaram sua relutância em deixar o cardeal Ratzinger se tornar o líder dos 1,100 milhões de católicos no mundo."

E eis o que é escrito em um fórum de partidários da fusão da Igreja conciliar com a Comunhão Anglicana, o padre **Raztinger** parece, portanto, particularmente ativo neste reconhecimento do rito Anglicano no seio da Igreja conciliar:

"Esse relatório (o do TAC) deve ser levado com o "maior" sério. Tenho de várias pessoas (tanto do lado católico quanto do lado anglicano) que quando essas conversas entre o Vaticano e o TAC começaram em 1995, elas foram "circunscritas" por "ecumenistas profissionais" em Roma devido aos danos que causariam às relações entre Roma e Cantuária. Quando um acordo foi encontrado para recomeçá-las, elas encontraram problemas semelhantes. ***Dois cardeais em particular fizeram um grande acordo para transpor esse obstáculo e os dois indicaram seu apoio vigoroso a uma "Igreja católica de rito Anglicano" em comunhão com Roma. Um desses cardeais é agora papa e, dependendo da duração de seu pontificado, o outro cardeal poderia ser papa depois dele."***

Comentário de William Tighe - 4/24/2005 @ *9:06 am*

http://titusonenine.classicalanglican.net/index.php?p=6257#comment-154920

Entre os liberais anglicanos, essas iniciativas do padre **Ratzinger** não parecem muito apreciadas. Mas isso não compromete o objetivo final, que é o reconhecimento do rito Anglicano pelo padre **Ratzinger**.

Ver o "Wednesday, April 27, 2005"

http://religiousliberal.blogspot.com/

*"O Papa **Bento XVI** recentemente apelou pela unidade dos Cristãos, mas tal mensagem é desviada por suas relações com grupos trabalhando para deixar a Comunhão Anglicana. Ele recentemente realizou reuniões com representantes da TAC (Comunhão Anglicana Tradicional), um grupo que representa 400.000 anglicanos de direita com relações ruins com Cantuária. **Ele também recebeu o apoio do Conselho Anglicano Americano**, o grupo que espera fazer as Igrejas Americana e Canadense saírem da Comunhão.*

***Tentativas anteriores de reuniões com a TAC foram bloqueadas pelo Papa João Paulo II** porque ele achava que tal coisa poderia comprometer as relações com Cantuária e a Comunhão Anglicana. **Mas o novo papa apoiou esse movimento, aparentemente na esperança de que a TAC poderia ser mantida como uma Igreja Católica de rito Anglicano em comunhão com Roma**. Se este novo papa está realmente interessado na unidade, então ele faria bem em começar por não apoiar grupos trabalhando para quebrar as outras Igrejas"*

Fim da citação da CSI-Diffusion

3- Essas negociações secretas há 10 anos e a solução canônica considerada concretizam os esquemas expostos durante as conversas de Malines em 1923

Citamos novamente o estudo da CSI-Diffusion que havia realizado essa pesquisa, especialmente a partir das fontes do DTC (*Dicionário de Teologia Católica* de Vacant).

Citação da CSI-Diffusion[3]

Durante a segunda conferência de Malines em 1923, os Anglicanos formularam as condições e etapas de uma fusão. No momento em que o aproximação entre a Igreja conciliar e os Anglicanos está próxima de seu término, eis como essa fusão poderia ocorrer. O arcebispo de Cantuária poderia adquirir por essa operação um patriarcado. A jurisdição poderia ser-lhe reconhecida pela entrega do pálio pelo padre **Ratzinger**. O padre **Ratzinger** enviaria então um legado ou um mandatário para participar das ordenações episcopais anglicanas. Isso suporia, evidentemente, que a **carta *Apostolicae Curae* do Papa Leão XIII de 1896** tenha sido previamente contestada ou então contornada por sutilezas circunstanciais.

Isso significa que o padre Ratzinger vai exigir dos católicos que reconheçam uma validade sacramental aos pseudo-sacramentos inválidos do clero anglicano, paródias dos verdadeiros sacramentos de Nosso Senhor

Jesus Cristo, e que reconheçam verdadeiros sacerdotes e verdadeiros bispos católicos neste pseudo-clero anglicano, que não passam de leigos, muitas vezes Maçons além disso quando se trata de seus dignitários.

L. Marchal dá a seguinte descrição do cenário de uma reunião da Comunhão Anglicana com a Igreja Católica no artigo *"Puseísmo e ritualismo"* do *Dicionário de Teologia Católica* (DTC) (Tomo XIII, coluna 1406 e seguintes).

Depois de lembrar o papel de **Lord Halifax** na propaganda por esse plano:

*"A ideia de uma possível reunião já havia sido cara a **Pusey** (cf. col. 1384). O Concílio do Vaticano a havia desiludido e desanimado. Essa ideia foi retomada em 1894 por **Lord Halifax**, o presidente da English Church Union, encorajado por um lazarista francês, **F. Portal.** A encíclica Apostalicae curae (1896) sobre as ordenações anglicanas perturbou **Lord Halifax**, sem no entanto fazê-lo perder toda esperança. Ele será a alma da propaganda em favor da reunião no século XX. Não temos a intenção de tratar aqui de toda a questão da união das Igrejas, mas apenas de precisar a atitude dos anglo-católicos a esse respeito. Para conhecer a doutrina católica sobre esse ponto, remetemos às cartas encíclicas de **Leão XIII**, Ad Anglos, de 14 de abril de 1895, Salis cognitum, de 29 de junho de 1896, de Pio IX, Ubi arcano, de 23 de dezembro de 1922, Mortalium animas, de 6 de janeiro de 1928.*

*Como os tractarianos, os anglo-católicos são opostos às conversões individuais; eles só querem considerar a reunião de sua Igreja à Igreja romana, uma corporate reunion. Seguindo **Pusey**, eles querem uma reconciliação com Roma que não seria uma submissão humilhante, mas que seria realizada por negociações baseadas em concessões mútuas."*

Em seguida, ele resume a segunda conferência de Malines (14 de março de 1923):

"A posição anglicana sobre esse ponto foi exposta e discutida na segunda conferência de Malines (14 de março de 1923). O memorando preparatório, redigido por três anglicanos de diferentes matizes, supondo o acordo realizado sobre as questões dogmáticas, indica em que condições poderia ser feita a união. A Igreja da Inglaterra, cuja difusão no mundo é considerável, já que de vinte e um na época da Reforma, o número de seus bispos chegou a trezentos e sessenta e oito na conferência de Lambeth em 1920, deveria, devido à sua importância, ter uma espécie de autonomia. Na prática, o exercício da autoridade do papa sobre os bispos e a província da comunhão anglicana **não deveria substituir a dos arcebispos e bispos, mas seria antes considerado como** uma "preeminência regular reconhecida ao Sumo Pontífice sobre todos os bispos, que se manifestaria no recurso a ele para as questões relativas à Igreja universal". *O deão de Wells reconheceu na discussão que o papa não poderia renunciar a seu direito de jurisdição e declarou que a dificuldade prática seria afastada se, de fato, a intervenção só ocorresse em casos excepcionais.*

***Provisoriamente, a hierarquia católica romana existente atualmente na Inglaterra poderia subsistir**, tal como existe, exemplo da jurisdição do arcebispo de Cantuária e ligada diretamente ao Santa Sé, como aconteceu no passado com a abadia de Westminster, com outros conventos e igrejas. Isso evitaria um certo número de dificuldades práticas.*

*No que diz respeito **às relações do arcebispo de Cantuária com a Santa Sé**, elas poderiam, após regularização das ordenações, ser simbolizadas, seguindo um antigo precedente, **pela concessão do pálio**, em sinal de investidura que daria a ele plena jurisdição***. **No futuro, como no passado, um novo bispo ou arcebispo seria, após eleição e confirmação, investido de plena jurisdição, que, durante a vacância da sé, seria exercida como outrora pelo deão e o cabido ou pelo vigário geral.** O arcebispo de Cantuária seria colocado em uma situação análoga à dos antigos patriarcas. **A regularização das ordenações poderia ser feita, como observado na discussão, pela imposição das mãos, pelo menos sob condição. A imposição das mãos seria feita pelo papa ou por seu legado para o arcebispo de Cantuária, e depois pelo arcebispo para seus sufragâneos**.

A Igreja da Inglaterra *assim unida à Santa Sé conservaria certas práticas disciplinares particulares***:** o uso da língua vulgar e o rito inglês, a comunhão sob as duas espécies, a autorização do casamento para o clero. Nas discussões, os anglicanos reconheceram as vantagens do celibato, mas recusaram-se a torná-lo uma obrigação.

Uma concepção idêntica da reunião era dada em The catholic movemenl in the Church of England, que apareceu no mesmo ano (1923), composto por um clérigo do oratório do Bom Pastor, ***W.-L. Knox****:*

"Uma tal reconciliação seria impossível se a Igreja romana não admitisse a existência contínua da Igreja da Inglaterra como um corpo possuindo uma ampla medida de independência no que diz respeito a suas práticas locais em matéria religiosa, como, por exemplo, a manutenção de uma liturgia inglesa, pelo menos por enquanto, e uma liberdade considerável em matéria de devoções. Haveria assim dois corpos separados, um representando a Igreja da Inglaterra tal como ela existe no momento, o outro constituído pelos católicos romanos atuais. A Igreja da Inglaterra teria o direito de nomear seus arcebispos e bispos (sem conservar naturalmente o sistema indefesável de nomeação pelo primeiro-ministro). Essa independência em matéria de prática litúrgica, de devoção e de autonomia local é essencial a qualquer esperança de reunião no futuro próximo." P. 248.

Fim da citação da CSI-Diffusion[4]

4- As finalidades Rosacrucianas desses arranjos canônicos

Citamos novamente o estudo da CSI-Diffusion

Citação da CSI-Diffusion[5]

4- Os benefícios ocultistas esperados pela loja do sucesso da Operação Rampolla

Essa operação de reunião da Comunhão Anglicana, da Igreja Ortodoxa e da Igreja Católica já representava o objetivo do pastor **Pusey** e dos Tractarianos.

Aqui apresentamos um trecho do resumo de seu projeto tal como é resumido no DTC. Dessa análise, depreende-se que o pastor **Pusey** coloca a parte Anglicana acima da Igreja Grega e da Igreja Católica. Será diferente em 1923 em Malines sob a influência dos Anglo-católicos, mas pode ser que essa evolução deva ser considerada uma evolução tática, destinada a ser contestada, uma vez realizada a reunião. O objetivo luciferino das lojas iluministas Rosa-Cruz britânicas continua sendo sempre a erradicação da verdadeira sucessão apostólica para obter o desaparecimento dos sacramentos e dos canais ordinários da graça.

Esse texto menciona claramente que a proclamação da infalibilidade pontifícia (que aliás tem como consequência erguer como barreira intransponível a carta *Apostolicae Curae* de **Leão XIII**) representa uma anomalia que os Anglicanos gostariam de ver desaparecer.

"A sucessão apostólica é o sinal da verdadeira Igreja, na qual estão contidos todos os outros: apostolicidade, catolicidade e autonomia; é o signum signans. Nesse ponto de vista, a Igreja anglicana episcopaliana é a mais perfeita; as outras Igrejas episcopalianas estão doentes; as Igrejas não episcopalianas são "ramos cortados", seitas, nas quais não há meios de salvação porque lhes falta a sucessão apostólica. A Igreja romana não é uma seita, ela está na sucessão apostólica, mas, devido a seu ensino sobre o poder e a infalibilidade do Sumo Pontífice, ela não manteve a doutrina apostólica. **A Igreja grega preservou melhor a comunhão e a doutrina apostólicas.** "Somente a Igreja da Inglaterra, que une o Oriente e o Ocidente, que estende seus ramos aos quatro cantos do mundo, é uma espécie de modelo da única Igreja católica." Pusey, citado por **Buddensieg**, art. Traktarianismus na Protest. Realencyklopädie, 3ª ed., t. XX, 1908, p. 46.

Reivindicando assim a sucessão apostólica, os tractarianos não eram inovadores. ***Pusey*** *reuniu um grande número de textos de autoridades anglicanas do século XVII: os arcebispos Laud, Bramhall, Wake,* **os bispos** Andrews, Sanderson, Jer. Taylor, Pearson, Beveridge, **toda uma série de "não-juradores", os bispos** Wilson, Horsley, Jebb, Van Mildert**, afirmando a permanência da função apostólica na Igreja, o direito divino do episcopado, que, segundo o sentimento dos Padres, realmente sucedeu ao apostolado; o direito de ordenar exclusivamente reservado ao bispo, em virtude da comissão dada por Cristo aos apóstolos; a posse ininterrupta da sucessão apostólica pela Inglaterra. Cf.** Simpson, op. cit., p. 25-27.

Mas ***Pusey*** *e seus discípulos não se contentam em se ligar ao ensino dos teólogos anglicanos posteriores à Reforma. Como eles atribuem uma importância extrema a essa doutrina, eles vão procurar os testemunhos da Igreja primitiva.* ***Arthur Haddan*** *reúne, em 1869, os textos dos Padres sobre essa questão em Apostolic succession in the Church of England.* ***Esses textos ajudaram a refutar os que alegavam que sucessão apostólica, no século II, significava sucessão a um predecessor, não a um ordenante.*** *Para ser bispo sucessor dos apóstolos, é preciso ter recebido a ordenação e estar ligado à linha apostólica. Cf.* ***Turner****, em* ***Smet****, Essays on the early history of the Church and the ministry, 1918, p. 117." L. Marchal*

"Puseísmo e ritualismo" do Dicionário de Teologia Católica (DTC) (Tomo XIII, coluna 1406 e seguintes).

Diante desses diferentes elementos, podemos constatar muito logicamente que tal plano permitiria:

1) A dominação direta da *High Church* anglicana maçônica sobre a Igreja conciliar, **ou seja, das lojas iluministas Rosa-Cruz**, **permitindo-lhes difundir cada vez mais amplamente sua doutrina e seus ensinamentos dos princípios gnósticos luciferinos**.

2) **Tornar irreversível a liquidação dos últimos bispos católicos, ou seja, a verdadeira sucessão apostólica do rito latino**. Os ritos anglicanos seriam considerados válidos, **assim como as paródias de sacramentos de seu pseudo-clero, na realidade verdadeiros leigos.**

3) Permitir aos maçons da Igreja conciliar e da Comunhão Anglicana começar a fazer penetrar mais profundamente as doutrinas maçônicas e liberais no mundo ortodoxo, e, pode-se supor, **pôr um fim definitivo à sucessão apostólica ortodoxa**. Sabemos que o episcopado ortodoxo é herético e cismático, mas **é válido (...)** No plano dos luciferinos, **os bispos ortodoxos ainda representam um perigo, pois carregam** em potencial a ressurgência da sucessão apostólica que as lojas iluministas se empenharam em destruir no seio da Igreja conciliar através **de Montini** e sua promulgação em 1968 de um ritual anglicano de consagração episcopal inválido.

Fim da citação da CSI-Diffusion[6]

5- A questão capital da invalidez das consagrações episcopais Anglicanas e Conciliares

O CIRS (Comitê Internacional *Rore Sanctifica*) mostra as influências anglicanas que cercaram a supressão do antigo rito de consagração episcopal e a criação de um novo rito inválido e artificial em 1968 (*Pontificalis Romani*)[7]. Os elementos que reunimos aqui sobre os Anglicanos mostram o paralelismo agora evidente entre o *ralliement* da FSSPX que porá fim à perpetuidade da transmissão do Sacerdócio de Melquisedeque sacramentalmente válido.

Mais do que nunca, é dever dos clérigos e fiéis que querem resistir a essa manipulação e ilusão sem precedentes, estudar a questão da invalidade do novo rito de consagração episcopal. O CIRS publicou estudos aprofundados e amplas fontes em seu site: http://www.rore-sanctifica.org

6- O modelo de Dom Beauduin (1925) e a aplicação desse modelo à FSSPX (2006)

Desde 20 de março de 2006, havíamos insistido na importância dos Patriarcados. O padre **Ratzinger** começou a agir nesse campo com o abandono do título de Patriarca do Ocidente.[8] Também havíamos

publicado uma análise em 22 de março sobre a criação de um Patriarcado Tridentino[9]:

A sedução: criação de um "Patriarcado Tridentino"?

- *Assistiremos a uma mentira pública de Mons. Fellay?*
- *Assistiremos à aceitação desse muito provável "Patriarcado Tridentino", o que também constituiria a apostasia disfarçada de um ralliement à seita de Ratzinger?*
- *Ou então, o Superior da FSSPX voltará à luta de Mons. Lefebvre?*

Depois, havíamos publicado o texto de **Dom Beauduin** de 1925 em 10 de abril de 2006 com o título:

A "Igreja Anglicana unida, não absorvida": O "Patriarcado Anglicano", cavalo de Troia na Igreja - As 4 conversas anglicanas de Malines (1925) - O memorando de Dom Beauduin o.s.b., mestre de Dom Botte: Um modelo invertido muito atual para a "união" da FSSPX com Roma.

Dom Beauduin, continuador do Padre Portal

O documento pode ser baixado neste link:

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

E depois, em 14 de abril de 2006, havíamos aprofundado a aplicação desse modelo à FSSPX:

A FSSPX "unida, mas não absorvida" - Das conversas anglicanas de Malines (1923) ao controle da obra de Mons. Lefebvre - "Sua Beatitude"1 Bernard Fellay?

O documento pode ser baixado neste link:

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-13-3-00-La_FSSPX_unie_non_absorbee.pdf

Agora, a revelação dos fatos sobre a negociação que o padre **Ratzinger** vem conduzindo há meses com os Anglicanos vem corroborar nossa análise.

Outro ponto a destacar é que este plano apareceu ainda antes das conversas de Malines, quando o Padre Portal trabalhava com Lord Halifax para tentar fazer com que Leão XIII reconhecesse como válidas as ordenações anglicanas que a Igreja sempre havia considerado inválidas.

Padre Portal, o intrigante a favor das Ordens anglicanas (1895)

7- A dupla linguagem de Mons. Fellay e o verdadeiro conteúdo da carta de junho de 2006 de Castrillón Hoyos agora desmascarado: Igreja Católica de rito Tridentino ou Patriarcado Tridentino

Não podemos deixar de ficar escandalizados que o sucessor de **Mons. Lefebvre** à frente da FSSPX tenha podido aceitar entrar em um "processo" para tal arranjo canônico que representa a expressão mais acabada do ecumenismo, e que consiste em querer se justapor a um clero totalmente inválido (o dos Anglicanos) e a um clero quase que totalmente inválido (o da Igreja conciliar).

Entendemos agora também por que na noite de 13 de outubro[10] em Paris, **Mons. Fellay** estava inchado de satisfação e exibia um largo sorriso, controlando-se com dificuldade, quando explicava aos jornalistas que a estrutura canônica que lhe foi proposta por **Ratzinger** é "largamente muito melhor" do que "tudo o que já foi proposto". De fato, foi proposto a **Mons. Fellay** fazer a FSSPX entrar em uma "Igreja Católica de rito Tridentino" ou um "Patriarcado Tridentino" que seria chamado a desempenhar o papel da Alta Igreja no seio da Igreja conciliar, por analogia com a Alta Igreja na Igreja anglicana. Seria o apogeu do plano das lojas iluministas que funcionam no mesmo modelo, as altas lojas sendo superiores às baixas lojas liberais.

Lemos no texto de **William Tighe** que as negociações secretas de **Ratzinger** com os anglicanos tradicionais começaram pela conclusão de um pacto secreto entre as duas partes. Essa é uma característica do método de Ratzinger.

Quanto à FSSPX, publicamos um vídeo de **Mons. Fellay** no qual ele denunciava em 1999 o Concílio Vaticano II como uma conspiração e revelava a presença de quatro lojas eclesiásticas no Vaticano. As discussões com Roma começarão no ano seguinte durante a peregrinação da FSSPX à basílica de São Pedro. Há seis anos, **Mons. Fellay** tem prosseguido essas discussões. Em 29 de agosto de 2005, acompanhado do padre **Schmidberger**, ele se encontrou com o padre **Ratzinger** em Castel Gandolfo e Roma anunciou então que um processo de reconciliação por etapas havia sido acordado pelas duas partes.

8- Mons. Fellay concluiu um pacto secreto com o padre Ratzinger e, se sim, quando?

Então colocamos a questão: um pacto secreto foi concluído entre **Mons. Fellay** e o padre **Ratzinger**? E se sim, em que momento teria sido concluído?

Dada a amplitude do projeto que revelamos aqui, a partir de uma atualização dos estudos da CSI-Diffusion e de várias fontes jornalísticas, é evidente que tal esquema histórico não pode ser realizado sem uma cumplicidade total das duas partes. E como o segredo constitui uma das condições essenciais para a conclusão deste plano, é muito provável que **Mons. Fellay** tenha concluído um pacto secreto com o padre **Ratzinger** antes que as etapas do *ralliement* fossem iniciadas.

Esse pacto secreto data de 2000, por ocasião da peregrinação a Roma, ou mais recentemente, do encontro de 29 de agosto de 2005? A questão está aberta.

Mas é do encontro do verão de 2005 que data o início das manobras e da dupla linguagem de **Mons. Fellay** em relação aos fiéis e clérigos da FSSPX. Em 15 de novembro de 2005, **Mons. Fellay** se encontra secretamente com o padre **Castrillón Hoyos**. O projeto parece lançado para a Páscoa, depois será adiado, o padre **Ratzinger** esperando a reeleição de seu interlocutor. As resistências no seio da FSSPX e dos fiéis contra esse ralliement-apostasia são fortes e não cessaram de crescer, à medida que a dupla linguagem e as manobras de **Mons. Fellay** se multiplicaram e foram reveladas. Essas manobras de **Mons. Fellay** acabaram de se traduzir no lançamento sacrílego de um "buquê" espiritual apresentado como "uma nova batalha de Lepanto" pelo padre Lorans. As manobras resultaram na mentira pública de 12 de outubro de 2006 na rádio Courtoisie.

A existência de um pacto secreto entre **Mons. Fellay** e o padre **Ratzinger** explicaria essa obstinação de **Mons. Fellay** em prosseguir o ralliement-apostasia a qualquer custo, mesmo que fosse o do sacrilégio e da mentira. Concluímos, portanto, que, embora não tenhamos provas formais desse pacto, ele não é menos provável, à luz do comportamento de **Mons. Fellay** e do exemplo do método do padre **Ratzinger** com os anglicanos tradicionais.

9- É por isso que a criação do IBP é extremamente mediatizada - O sentido do "cruzamento" dos amotinados de 20 de novembro de 2006

Um projeto de tal amplitude, que abrange tanto os Anglicanos quanto a FSSPX, representa uma questão crucial do mandato de **Ratzinger**. Isso explica a gigantesca agitação midiática, especialmente televisiva, implantada desde a criação do Instituto do Bom Pastor dos antigos amotinados da FSSPX. Nessa agitação, aparece como uma aranha no centro de sua teia o padre **Barthe**, que se tornou na França o propagandista do movimento de origem anglicana, *Radical Orthodoxy*. Esse assunto foi tratado pela CSI-Diffusion em seu estudo: a AngliCampos.[11]

Na AngliCampos, **Aidan Nicholls** é citado e o vemos reaparecendo sob a pena de **Ruth Gledhill** como um fervoroso promotor do rito anglicano e um possível futuro "arcebispo" de Westminster, se **Ratzinger** assim o decidir. Os elementos do quebra-cabeça se encaixam cada vez melhor neste plano oriundo das distantes conversas de Malines.

10- Em direção à demissão de Mons. Fellay?

A grande probabilidade de um pacto secreto entre **Ratzinger** e **Mons. Fellay** para que o primeiro assuma o controle jurídico da obra de **Mons. Lefebvre** dirigida pelo segundo, impõe ainda mais a questão da demissão de **Mons. Fellay** e do pequeno grupo de ralliés que estão em ação nesta operação de traição: padres **Schmidberger, Lorans, Celier, de La Rocque, Wuilloud, Sélégny**.

Diante do escândalo de tal manipulação e da apostasia que consistiria em justapor a FSSPX a uma estrutura Anglicana inválida e apóstata, cada uma em sua "Igreja" ou "Patriarcado" autônomo, sob a autoridade do apóstata anticristo Ratzinger (expressão de Mons. Lefebvre), Mons. Fellay vai demitir-se?

Este estudo só está no início. Traremos muito em breve novos e complementares elementos. Nossos leitores entenderão que os pontos de partida e de chegada deste assunto são consideráveis e que as perspectivas e ramificações que ele abre sobre a natureza do complô contra a Igreja são primordiais. Através deste caso, **é toda a operação Rosacruz das altas lojas iluministas contra a Igreja que aparece progressivamente à luz do dia**.

Continuemos a boa luta

Padre Michel Marchiset

Tradução do texto de Ruth Gledhill no *Timesonline*

http://timescolumns.typepad.com/gledhill/2006/11/pope_throws_ope.html

Terça-feira, 14 de novembro de 2006

O Papa está prestes a abrir a "Porta Flaminiana" aos anglicanos

De acordo com um comentário publicado no blog conservador anglicano *Titusonenine*, o Papa em breve encontrará em sua mesa um documento propondo algo como uma prelazia pessoal ao estilo do *Opus Dei* para os anglicanos descontentes que têm uma inclinação pelo catolicismo. Uma fonte independente me informa que "estão em curso negociações secretas para encontrar uma solução uniata". Isso permitiria que os descontentes fossem recebidos na Igreja Católica, mantendo sua identidade anglicana e acompanhados por seus sacerdotes (ou deveria eu escrever "nossos" sacerdotes?). Acredita-se que, em nome do ecumenismo, o Papa insiste apenas para que os anglicanos deixem sua Igreja antes do início de eventuais negociações com vistas à sua entrada na Igreja Católica. Mas eles obviamente não sairão se não tiverem nenhum ponto de apoio. De acordo com minhas próprias fontes, as negociações estariam bastante avançadas no mais alto nível, mas nada será oficializado antes de ser resolvido o debate sobre as mulheres bispos.

William Tighe é o primeiro a evocar essa possibilidade, sobre a qual também se fala no site da Internet *ShipofFools.com – The magazine of Christian Unrest* (NefdesFous.com – A revista dos cristãos inquietos). Pensei que falar sobre isso aqui e agora poderia animar um pouco as coisas em Leeds esta noite e amanhã. Isso também poderá nos dar, a Jonathan Petre e a mim, sobre o que conversar quando partirmos para Roma na próxima semana acompanhando o Arcebispo de Cantuária. As outras notícias do dia vindas de Roma são a realização de uma reunião sobre a controversa questão do celibato dos sacerdotes, levantada pelo prelado rebelde Milingo. O Papa convoca conselheiros no Vaticano para decidir como reagir ao fato de que o "arcebispo" africano "casado" (em uma cerimônia da "igreja da unificação") ordenou outros dias sacerdotes casados, criando assim uma Igreja Católica cismática. O Papa odeia perder uma única ovelha, como mostram os esforços que ele faz para trazer os lefebvristas de volta ao aprisco.

Embora certamente não se importe mais do que um figo com meus sentimentos a seu respeito, começo realmente a gostar desse papa. Claro, de forma bem casta. Acho que ele tem um senso muito fino de humor. Seria engraçado se, com algumas palavras traçadas com sua caneta (certamente criada por um bom designer), ele assinasse - ao mesmo tempo que o inesperado indulto em favor do rito tridentino - documentos que concederiam mais liberdade aos sacerdotes casados e abririam a porta aos anglicanos enjoados, entre outros, do TIC (The Indigenous Cluster: rede do anglicanismo indígena no Canadá), mas não dispostos a se submeter a todo o processo de iniciação dos adultos no catolicismo, nem tampouco a abandonar suas paróquias. Uma renovação do processo ecumênico a partir da base por um recurso maior às paróquias e aos cultos compartilhados, eis o que se espera da nova ARCIC (Comissão Internacional Anglicano-Católica Romana, a terceira do gênero), se de fato for instituída como previsto durante ou após a visita do Dr. Williams a Roma. Mas pode haver uma divergência sutil - ou mesmo não tão sutil assim - entre as duas partes quanto à maneira de encarar esse processo ecumênico. Não esqueçamos que Griwold era co-presidente da ARCIC I até sua renúncia após a consagração do bispo homossexual Robinson. Os católicos, portanto, sabem exatamente do que se trata a esse respeito.

Anteriormente, o cardeal Ratzinger enviou uma surpreendente mensagem de apoio e votos aos tradicionalistas anglicanos nos Estados Unidos, mesmo quando estavam em plena discussão sobre a consagração de Gene Robinson. Isso já fornecia algumas indicações sobre sua maneira de pensar.

Tudo parece indicar que, nos Estados Unidos e mesmo na Inglaterra, as igrejas que aplicam alegremente o programa liberal conhecem um declínio inexorável, e às vezes muito rápido.

Não há da minha parte nenhum julgamento de valor sobre o liberalismo. Em uma perspectiva laica, e apenas para registro, posso dizer que sou favorável aos direitos dos homossexuais, aos direitos das mulheres, etc.

Mas os fatos falam por si. O liberalismo na comunhão anglicana prova ser uma receita de declínio, e se é isso que os liberais querem, ótimo para eles.

Mas que maravilhosa oportunidade teria um papa imaginativo de criar uma prelazia pessoal para dar um teto aos tradicionalistas anglicanos!

O comentário publicado em *Titusonenine* é de autoria de William Tighe, professor de história da igreja nos Estados Unidos e homem bem informado. Portanto, não se pode ignorá-lo. Mas a verdade é provavelmente um pouco mais complexa. Pode ser, por exemplo, que o documento a que Tighe se refere e o indulto sejam um único e mesmo documento e que este conceda ao rito anglicano uma permissão geral, ou seja, não limitada aos Estados Unidos. Essa fórmula não havia sido adotada como solução para a crise das mulheres sacerdotes anglicanas, pois o falecido cardeal Hume era contra, como William Oddie lembra em seu livro *The Roman Option*.

De acordo com uma fonte anglicana bem informada, essa suposição não é excessiva. O padre católico Aidan Nicholls escreveu recentemente um ensaio maravilhoso sobre o rito anglicano, e Paddy Power o dá a 5 contra 1 como próximo Arcebispo de Westminster. Esse padre não é outro senão o teólogo cujo nome o atual Arcebispo de Westminster propôs quando *Forward in Faith* lhe pediu para indicar um católico para participar da elaboração de seu recente artigo intitulado *"Consecrated Women"* (mulheres consagradas).

"Postado" por Ruth Gledhill na terça-feira, 14 de novembro, às 16h40, na seção *Current Affairs* (Assuntos Atuais).

---

[1] Convidamos nossos leitores a reler atentamente este estudo:

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-Operation-Rampolla-P-2.htm

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-Operation-Rampolla-P-2.htm

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-Operation_Rampolla_P_2.htm

[5] http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-Operation_Rampolla_P_3.htm

[6] http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-Operation-Rampolla-P-3.htm

[7] Veja os estudos e documentos no site: http://www.rore-sanctifica.org

[8] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-20-2-00-Ratzinger_abandonne_le_titre_de_patriarche_d_Occident.pdf

[9] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-22-1-00-La_seduction_creation_d_un_patriarcat_tridentin.pdf

[10] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-19-A-00-L_abbe_Lorans_compromet_Mgr_Fellay.pdf

[11] http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

O PAPADO E A MAÇONARIA

04/08/2024

Por: Mons. Ernest Jouin

Discurso proferido pelo falecido Monsenhor Jouin em 8 de dezembro de 1930

Papado e Maçonaria, esses são os dois poderes ativos em todo o mundo, e cada um busca dominá-lo. A solução da luta que ocorre entre eles é, no momento presente, da maior importância; pois estamos diante não apenas da encruzilhada da história, mas também de uma transformação radical da própria humanidade. Ou o Catolicismo Romano nos erguerá novamente ao nível da civilização cristã, ou a Judeo-Maçonaria nos arrastará pelo caminho do barbarismo e do paganismo decadente.** O mundo inteiro oscila entre os dois: Cristianismo e Paganismo.

Em 8 de dezembro de 1892, o Papa Leão XIII escreveu à Hierarquia Episcopal Italiana:

"É necessário combater a Maçonaria com aquelas armas da fé divina que em eras passadas venceram o paganismo."

Além disso, tanto o Papado quanto a Judeo-Maçonaria estão plenamente conscientes dos papéis diametralmente opostos que desempenham, assumindo que disso deve resultar o futuro político, econômico, intelectual e religioso dos indivíduos, assim como das nações. É um fato, e a melhor prova disso é o antagonismo irreconciliável entre eles.

De fato, o que é a Judeo-Maçonaria hoje, senão a concentração e mobilização de todas as forças do mal? Esta seita, com sua reivindicação tripla de ser **Contra-Igreja** (contra a Igreja), **Contra-Estado** (contra o Estado) e **Contra-Moralidade** (contra a moralidade tradicional), orgulha-se de ser acima de tudo e para todos os tempos a inimiga da Igreja Católica. Um de seus gritos de guerra é o de Tigrotto, um dos chefes da Alta Vendita, que em 1822 proclamou:

"O Catolicismo deve ser destruído em todo o mundo."

Com Tigrotto, o plano anti-católico é expresso assim:

"Vamos conspirar apenas contra Roma."

Isso não é expresso de maneira idêntica no alemão *"Los Von Rom"* ou no inglês: *"No Popery?"*

Monsenhor Gay, tendo sido designado pelo Conselho do Vaticano para escrever "Um Memorando sobre Sociedades Secretas", deu a seguinte definição impressionante da Maçonaria:

"É evidente que, de uma forma geral, esta doutrina da Maçonaria não é apenas uma heresia, nem mesmo a totalidade de todas as heresias, que encontram nela um refúgio; é um fato que a Maçonaria vai além dos limites do que constitui o que é geralmente atribuído à palavra 'heresia', pois permite a plena realização de perversa depravação. A Maçonaria é de fato o abismo de todos os erros, o poço da perdição."

Esse abismo de todos os erros (Abyssus Errorum) é justamente comparado ao 'poço abismal' mencionado no Apocalipse (abyssus putei, ix, 1-3), cujas emanações escurecem a luz do sol e envenenam o ar. É essa seita maldita cuja perversão foi estigmatizada pelo Papa Pio IX quando a nomeou: "A Sinagoga de Satanás". Devido à sua enorme extensão e à sua hoje muito visível conluio com a Finança Judaica Internacional, a Maçonaria de fato se tornou a "Sinagoga de Satanás". Como tal, financiou a Revolução Russa, instalada em Moscou; levou o Comunismo do Leste para o Oeste, assumiu a liderança dos Estados, de seus governos, de seus vários departamentos administrativos ou ministérios e de seus parlamentos e, consequentemente, é tal um poder mundial que, para qualquer mente discernente, parece que, hoje, há na Terra apenas dois grandes poderes, a saber: **Judeo-Maçonaria a serviço da Judaria Mundial e a Igreja nas mãos do Sucessor de Pedro.** Esses dois poderes estão em guerra, frente a frente, como se lutassem um duelo interminável, como é claramente expresso na inscrição em pedra do Grande Oriente Maçônico e do Supremo Conselho da França:

"A luta entre o Catolicismo e a Maçonaria é uma luta até a morte, incessante e implacável." (Bulletin do Grande Oriente da França, p. 183, 1892, e no memorando do Supremo Conselho n.º 85, página 48)

Com uma linha de ação tão claramente definida, pode-se afirmar positivamente que **a Judeo-Maçonaria é o inimigo único da Igreja**. Pode ser detectada em todos os ataques anticatólicos contra o clero ou leigos liderados por maçons ou até mesmo por católicos cuja fé diminuiu devido ao medo, paixão ou interesse próprio.

Em sua encíclica "Humanum Genus", o Papa Leão XIII escreveu:

"Existe no mundo um certo número de seitas que, embora aparentemente diferentes umas das outras quanto ao nome, ritual, forma e origem, são, no entanto, semelhantes devido à analogia de seus objetivos e princípios principais. De fato, elas são idênticas à Maçonaria, que é, para todas elas, o ponto central de onde procedem e para onde convergem."

Além disso, em sua carta ao povo italiano, datada de 8 de dezembro de 1892, o Papa Leão XIII escreve:

"Lembremo-nos de que Cristianismo e Maçonaria são essencialmente incompatíveis, a tal ponto que se unir a uma significa divorciar-se da outra. Vamos, portanto, expor a Maçonaria como o inimigo de Deus, da Igreja e de nossa Pátria."

No momento presente (1930), é um fato que as duas cidades de Santo Agostinho, a **Cidade do Bem** e a **Cidade do Mal** estão separadas, cada uma buscando governar no mundo. A **Cidade do Mal** governada por Satanás é chamada de Judeo-Maçonaria; insistentemente, ela proclama a todos, católicos, protestantes, ortodoxos, livres-pensadores, comunistas e pagãos, de fato ao mundo inteiro, que:

"Lutar contra o Papado é uma necessidade social e constitui o dever constante da Maçonaria." (Congresso Maçônico Internacional realizado em Bruxelas, 1904, página 132 do relatório)

A **Cidade do Bem** e de Jesus Cristo é a Igreja Católica; por mais de 19 séculos, de acordo com o ensinamento do Pontífice Romano, ela repete ao mundo seu credo imutável:

"Creio na Santa Igreja Católica e Apostólica."

Tal é o tema da minha conferência. De um ponto de vista geral, deve-se emitir uma sólida apreciação do trabalho de vários Papas sobre o tema da Seita Maçônica desde o momento em que ela apareceu no século XVIII. Ela mostrou suas atividades antirreligiosas e antissociais, bem como sua licenciosidade e seus objetivos que, desde o início, foram passíveis de excomunhão. Mostrou também seu prodigioso desenvolvimento levando à situação que já esbocei, a saber, a dualidade de forças: uma, as forças do Mal concentradas na Judeo-Maçonaria e a outra, as forças do Bem, concentradas em um rebanho sob o cajado do único pastor (representante de Jesus Cristo) que, desde 1738, renovou constantemente o apelo para a defesa da Igreja contra seu inimigo mortal — mesmo que em muitas ocasiões o apelo tenha sido inútil. Cercados por guetos e Lojas Maçônicas, no decorrer de uma luta que se tornou universal, os Papas reiteraram seu apelo à defesa e mostraram claramente o lugar e o dever dos católicos — **COM MUITA FREQUÊNCIA O LUGAR FOI DEIXADO DESERTO E O DEVER TRAÍDO DE MANEIRA VERGONHOSA.**

No entanto, mesmo que em nossos dias estejamos testemunhando a terrível confirmação dessas verdades, é necessário lembrar que foram proclamadas por vários Papas.

PAPA CLEMENTE XII (1730-1740)

Fundada em 1717, a Maçonaria especulativa moderna tomou sua forma atual após a publicação das "CONSTITUIÇÕES" por Anderson, um clérigo, em 1723. Quinze anos depois, em 28 de abril de 1738, o Papa Clemente XII, em sua Constituição Pontifícia "In Eminenti", condenou a Maçonaria por ser uma Contra-Igreja e um Contra-Estado. Foi a resposta pontifícia. O não atendimento a essa condenação, seja parcial ou geral, pela Igreja e pelo Estado daquela época, parece-nos a causa primordial de toda a nossa turbulência política e religiosa atual.

Assim disse o Papa Clemente XII:

"Vamos meditar sobre os sérios males que geralmente resultam desses tipos de Sociedades ou centros, não apenas em relação à paz dos Estados temporais, mas ainda mais no que diz respeito à salvação das almas. Essas Sociedades não estão em acordo com as leis civis e econômicas dos Estados."

"Para fechar o caminho amplamente aberto para as iniquidades que poderiam ser cometidas impunemente e também por outras razões, justas e razoáveis, que chegaram ao nosso conhecimento... Resolvemos e decretamos condenar e proibir tais Sociedades, assembleias, reuniões, convenções, agregações ou encontros chamados Maçônicos ou conhecidos por algum outro nome. ***CONDENAMOS E PROIBIMOS, POR ESTA NOSSA PRESENTE CONSTITUIÇÃO, QUE DEVE SER CONSIDERADA VÁLIDA PARA SEMPRE****."*

No entanto, a condenação pelo Papa Clemente XII não se estende apenas às Seitas Maçônicas, mas também a todos os leigos que, embora não sejam membros de Sociedades chamadas Maçônicas, as favorecem de alguma maneira, assim:

"ORDENAMOS AOS FIÉIS QUE ABSTENHAM DE INTERCURSO COM ESSAS SOCIEDADES... PARA EVITAR A EXCOMUNHÃO, QUE SERÁ A PENA IMPOSTA A TODOS AQUELES QUE CONTRAVENHAM A ESTA NOSSA ORDEM. NINGUÉM, EXCETO NO LEITO DE MORTE, PODERIA SER ABSOLVIDO DESTE PECADO, EXCETO POR NÓS OU PELO ENTÃO EXISTENTE PONTÍFICE ROMANO."

A Constituição "In Eminenti" foi estendida por todo o território papal pelo Edito do Cardeal Ferrao de 14 de janeiro de 1739.

PAPA BENTO XIV (1740-1758)

Em 16 de março de 1751, o Papa Bento XIV publicou a Constituição "Providas", na qual inseriu na íntegra a "In Eminenti", a bula que havia sido escrita por seu antecessor, Clemente XII, para deixar muito claro que a condenação da Maçonaria era IRREVOGÁVEL e deveria ser aplicada tanto ao FUTURO quanto ao PRESENTE.

De fato, Bento XIV já havia denunciado a Maçonaria como sendo Contra-Moralidade em conexão com a "ORDEM DA FELICIDADE" de Avignon, uma Sociedade Secreta de devassos; entre si, os membros dessa Sociedade falavam apenas uma espécie de gíria geralmente usada por marinheiros. O Papa menciona isso duas vezes em sua correspondência. Aqui, transcrevo algumas linhas de sua carta de 25 de março de 1744, endereçada ao Cardeal de Tencin, que era o Embaixador Pontifício na Corte do Rei Luís XV:

"Recebemos de Avignon a notícia de que em Nîmes e também em Montpellier os Maçons deram um grande entretenimento para ganhar prosélitos. Homens e mulheres da Sociedade de Avignon foram até lá e, sem dúvida, ao retornarem, organizarão uma Loja Maçônica, como já tentaram fazer antes sob o nome de 'Sociedade da Felicidade'; eles poderiam ter conseguido se não fosse pelo zelo do Arcebispo. Desejamos que proteste, em Nosso nome, perante Sua Majestade Cristã, para que Ele não autorize em Seus Estados a Seita dos Maçons, que outros Príncipes já extirparam de seus próprios países." (Da correspondência do Papa Bento XIV por Émile de Heckeren.)

Além disso, em sua Constituição "Providas", Bento XIV enumera seis razões que levaram o Papa Clemente XII a atacar as Sociedades Secretas; elas são: 1) o Interconfessionalismo (ou Interfé) dos Maçons; 2) seu segredo; 3) seu juramento; 4) sua oposição à Igreja e ao Estado; 5) a interdição pronunciada contra eles em vários Estados pelos Chefes desses países; e, 6) sua imoralidade, que o Papa caracteriza assim:

"Essas Sociedades, de acordo com homens prudentes e honestos, são mal-afamadas, e tornar-se membro delas levaria ao mal e à perversão."

Desde o início, antes do século XVIII, sob os esforços da Maçonaria que nos afundou nos horrores da Revolução Francesa, a Seita foi desmascarada pelos Papas e exposta diante dos olhos dos católicos com sua odiosa tripla vergonha de Contra-Moralidade, Contra-Estado e, acima de tudo, Contra-Igreja. Que um Maçom, F.: Limousin, em seu primeiro número da Revisão Maçônica chamada "L'ACACIA", de outubro de 1902, usando o pseudônimo de Hiram, dá a seguinte definição característica:

"A Maçonaria é uma associação... uma instituição... assim se diz... mas não é isso de forma alguma. Vamos levantar todos os véus, arriscando até mesmo evocar inúmeros protestos. ***A MAÇONARIA É UMA IGREJA: É A CONTRA-IGREJA, CONTRA-CATOLICISMO: É A OUTRA IGREJA — A IGREJA DA HERESIA, DO LIVRE-PENSAMENTO;***

"A Igreja Católica é considerada como a igreja arquétipo, a primeira igreja, igreja do dogmatismo e da ortodoxia."

PAPA CLEMENTE XIII (1758-1769)

Gostaria de acrescentar que, durante o século XVIII, o Papa Clemente XIII condenou maçons de alta posição em uma portaria de janeiro de 1759, contra a obra de Helvetius. Em 3 de setembro de 1759, este Papa publicou sua constituição "Ut Primum", direcionada contra a "ENCYCLOPÉDIE" de Diderot e d'Alembert. Finalmente, em sua Encíclica de 25 de novembro de 1766, "Christianae Republicae Salus", o Papa Clemente XIII denunciou o perigo que a Igreja e o Estado corriam devido às obras publicadas pelos chamados filósofos. Isso significava que todas as obras voltairianas e maçônicas estavam sendo anatematizadas nos seguintes termos:

"O inimigo de todo o Bem", disse o Papa, "semeou a semente do mal no campo do Senhor e o grão maligno cresceu rapidamente, a tal ponto que ameaça destruir a colheita. É hora de cortá-lo."

"Nos nossos dias, nada está livre dos ataques dos ímpios. DEUS MESMO torna-se objeto de sua audaciosa insolência; eles o representam como um SER que é mudo, inerte, desprovido de senso de providência ou justiça; eles o rebaixam ao nível dos animais. No que lhes diz respeito, a matéria é tudo ou, pelo menos, domina tudo. Mesmo aqueles entre eles que se opõem a tais erros grosseiros, mas com muita frequência nos dias de hoje, não têm medo, em seu orgulho, de escrutinar nossos mistérios e submeter tudo apenas ao seu próprio poder de raciocínio."

Clemente XIII expõe todas as feridas da Maçonaria que, na época da Revolução Francesa, haviam atingido o estado de gangrena, como o Materialismo, Nacionalismo, Deísmo e até mesmo o Ateísmo, que é imperfeitamente velado pelo "Grande Arquiteto do Universo", uma noção que, afinal, é apenas a evolução espontânea da RELIGIÃO UNIVERSAL prometida nas "Constituições" de Anderson.

Em um último, mas ansioso apelo, o Papa suplica a todos os Bispos do mundo católico que unam seus esforços aos seus e implorem a todos os Príncipes Cristãos que tomem em mãos a defesa da Igreja Sofredora, **"GEMENTIS ECCLESIAE CAUSAM EXPOSITE".** Ouçam atentamente, 23 anos antes de 1789 (ano da Revolução Francesa), a Igreja estava em lágrimas, devido às ameaças da Maçonaria; quem pode garantir que restam 23 anos antes que a Judeo-Maçonaria do século XX acrescente às lágrimas derramadas pela Igreja — lágrimas de sangue semelhantes às derramadas em 1793? Mas desta vez não será apenas na França, MAS EM TODO O MUNDO. Não é este o momento de falar novamente sobre a Igreja Sofredora?

PAPA PIO VI (1775-1799)

Durante o último quarto do século XVIII, durante o qual a Maçonaria passou 72 anos preparando o ano de 1789 e o derramamento de sangue que duraria muitos anos, a Sé de Pedro foi ocupada por Pio VI, que estava destinado a morrer no exílio. Sua primeira Encíclica, de 25 de dezembro de 1775, é o reconhecimento das lágrimas que ele derramou, "Nostrarum Vim Lacrimarum Exquirit", aquelas lágrimas causadas pelos chamados filósofos, inimigos fanáticos da Igreja, professores de mentiras, "Magistros Mendacissimos", líderes de SEITAS DE PERDIÇÃO que, com suas crenças errôneas, penetram nos assentos das Academias, nas casas dos notáveis, nas Cortes dos Reis, e o que é ainda mais horrível, penetram até mesmo no SANTUÁRIO DO SENHOR, "Etiam in sanctuarium insinuant."

Infelizmente, essas "SEITAS DE PERDIÇÃO" na hora da Revolução arrastaram muitos membros do Clero regular e secular cujos nomes aparecem nas listas das lojas maçônicas: "Corruptio optimi pessima". O QUE DIZER DA SITUAÇÃO HOJE?

PAPA PIO VII (1800-1823)

Entremos agora no século XIX. As guerras da Revolução Francesa e do Império se espalharam e favoreceram a criação de lojas maçônicas (principalmente lojas militares) e a rápida expansão europeia das ideias subversivas maçônicas. O Papa Pio VII tornou-se uma de suas vítimas gloriosas. Portanto, com pleno conhecimento do assunto, em setembro de 1821, em sua Encíclica "Ecclesiam a Jesu Christo", o Papa aplicou aos Carbonários o seguinte texto: **"ELES VÊM SOB O DISFARCE DE OVELHAS, EMBORA SEJAM, NA VERDADE, APENAS LOBOS DEVORADORES."** Assim, o Papa reiterou contra os Maçons as condenações pronunciadas por Clemente XII e Bento XIV porque eles propagandeiam a "INDIFERENÇA RELIGIOSA, QUE É, DE TODAS, A MAIS PERNICIOSA"; eles também concedem a todos plena liberdade para inaugurar para si mesmo sua própria religião de acordo com suas ideias e inclinações; também profanam e maculam a Paixão de Nosso Salvador em algumas de suas cerimônias odiosas; desprezam os Sacramentos da Igreja aos quais, de maneira horrível e sacrílega, substituem por sacramentos de sua própria invenção e tratam com desdém os Mistérios da Religião Católica. Por fim, movidos por um ódio particular à Sé Apostólica, por causa de sua supremacia, os Maçons formam conspirações do tipo mais sombrio e sinistro para derrubá-la.

A que se refere o Papa Pio VII quando usa as palavras "desprezam os Sacramentos da Igreja"; senão ao grau maçônico de 18° do Rosa-Cruz, que é uma paródia odiosa do Sacramento da Eucaristia? O que o Pontífice estigmatiza quando alude à substituição dos sacramentos maçônicos pelos da Igreja e aos consequentes sacrílegios horríveis, senão à "**MISSA NEGRA**" e ao **ROUBO DE HÓSTIAS CONSAGRADAS** que os Maçons dos graus mais altos carregam consigo como "Depósito Sagrado" durante a cerimônia que precede a orgia na qual profanarão a Hóstia na mais baixa e voluptuosa ignomínia?

Por que deveríamos, então, administrar tais golpes a este "Anti-Papismo"? É porque é a cadeia ininterrupta da Maçonaria e porque o Papa é, na terra, o representante de Jesus Cristo, cuja Cruz é pisoteada pelos Maçons, e

porque, no decorrer de seus ritos, no grau de iniciação 30°, eles jogam a tiara do Papa de cabeça para baixo e, figurativamente, perfuram seu coração. Tais coisas ocorrem na iniciação do grau de Cavaleiro Kadosh. O PAPA PIO VII ESTAVA BEM INFORMADO.

PAPA LEÃO XII (1823-1829)

Logo após sua eleição como Papa em 13 de março de 1825, Leão XII publicou sua Encíclica "Quo Graviora", condenando a Sociedade chamada Maçonaria, bem como todas as outras Sociedades Secretas. Nesta Encíclica, ele primeiramente republicou as Constituições dos Papas Clemente XII, Bento XIV e Pio VII. Seus apelos haviam permanecido infrutíferos no que diz respeito aos vários governos, e o Papa Leão XII escreveu:

"Nos esforçamos para descobrir o estado, número e influência das sociedades secretas e facilmente pudemos reconhecer que, mesmo devido apenas ao número de novas seitas que se juntaram a elas, sua audácia aumentou. A Seita conhecida sob o nome de 'Universitária' chamou especialmente nossa atenção: ela estabeleceu um centro em várias universidades onde jovens, em vez de receberem o ensino correto, são pervertidos por alguns professores que são iniciados de certos Mistérios que poderiam ser chamados de Mistérios da Iniquidade e são treinados para cometer crimes."

Notemos que o Papa Leão XII tinha medo da PENETRAÇÃO MAÇÔNICA NO ENSINO PÚBLICO e parecia prever a devastação que a "Escola Única" rapidamente infligiria tanto à Igreja quanto à sociedade em geral.

Leão XII, ao resumir o mal causado pelas seitas clandestinas, tão evidente nos trabalhos escritos por seus membros, escreveu:

"Eles ousaram publicar trabalhos sobre Religião e Assuntos de Estado, expuseram seu desprezo pela autoridade, seu ódio à Soberania, seus ataques contra a Divindade de Jesus Cristo e a própria existência de Deus: Eles vangloriam abertamente seu materialismo, bem como seus códigos e estatutos que explicam seus planos e esforços para derrubar os Chefes legítimos de Estado e destruir completamente a Igreja."

"O que é definitivamente certo é que essas diferentes seitas, apesar da diversidade de seus nomes, estão todas unidas e ligadas pela similaridade de seus planos infames."

Assim falando, o Papa Leão XII considerava estar cumprindo seu dever como Sumo Pontífice e escreveu mais adiante, esta página, que lança luz sobre nossa situação atual:

"Usemos as palavras de nosso predecessor, o Papa Clemente XIII, em sua Carta Encíclica de 14 de setembro de 1758, dirigida a todos os Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos da Igreja Católica, na qual ele disse:

'Imploro-vos que sejais penetrados da Força do Espírito de Deus, Sua Inteligência e Sua Virtude, para não sermos comparados aos ***CÃES MUDOS*** *que, incapazes de ladrar, deixam nossos rebanhos expostos à voracidade das feras que perambulam pelos campos. Que nada nos impeça, no cumprimento de nosso dever que nos obriga a sofrer todos os tipos de combates para a Glória de Deus e a salvação das almas. Mantenhamos constantemente diante de nossos olhos a imagem DELE que, durante SUA vida, também esteve exposto à oposição dos pecadores.* ***SE NOS DEIXARMOS ABALAR PELA AUDÁCIA DOS MALFEITORES SERÁ O FIM DA FORÇA EPISCOPAL, O FIM TAMBÉM DA SUBLIME E DIVINA AUTORIDADE DA IGREJA: ALÉM DISSO, ABANDONEMOS ATÉ MESMO O PENSAMENTO DE SERMOS CRISTÃOS SE CHEGAMOS AO PONTO DE TREMER DIANTE DAS AMEAÇAS OU ARMADILHAS POSTAS POR PERVERTIDOS.'"***

Leão XII termina esta magnífica Encíclica anatematizando os maçons e escrevendo:

"Esses homens são como aqueles aos quais, segundo São João, o Apóstolo, ***HOSPITALIDADE E CUMPRIMENTOS DEVEM SER NEGADOS****. (Segunda Epístola de São João, V. 10).*

Eles são ***OS MESMOS HOMENS*** *que nossos Pais, sem hesitação, chamaram de* ***PRIMOGÊNITOS DO DIABO****."*

PAPA PIO VIII (1829-1830)

Sucessor de Leão XII, o Papa Pio VIII, em sua Encíclica "Traditi", publicada na época de seu advento em 21 de maio de 1829, renovou todas as condenações de seus predecessores, repetindo, como mostrei acima, que todas as Seitas Maçônicas emanam do "POÇO DA PERDIÇÃO". Foi durante seu curto reinado como Pontífice que uma nova Loja de "ALTA VENDITA" foi descoberta em Roma, tendo sido formada em 1828 e liderada por Joseph Picilli como Grão-Mestre. Seguindo Leão XII, Pio VIII menciona mais particularmente a Seita chamada "Universitária", dizendo:

"SEU OBJETIVO É CORROMPER A JUVENTUDE NAS ESCOLAS."

e aplica aos maçons essas palavras de São Leão Magno:

"SUA LEI É A MENTIRA: SEU DEUS É O DIABO E SEU CULTO É A TURPITUDE."

PAPA GREGÓRIO XVI (1831-1846)

Em 15 de agosto de 1832, Gregório XVI, dirigindo-se a toda a Hierarquia Episcopal do mundo católico, em sua Encíclica "Mirari Vos", escreveu:

"De fato, podemos dizer que esta é a hora concedida ao poder das trevas para moer os eleitos como trigo."

"O MAL sai das Sociedades Secretas, abismo sem fundo de miséria, que essas sociedades conspiratórias cavaram e nas quais heresias e seitas vomitaram, por assim dizer, tudo o que possuem de licenciosidade, sacrilégio e blasfêmia."

Apenas 18 dias antes de sua morte, em 13 de maio de 1846, o Papa Gregório XVI entregou a Cretineau Joly os documentos da ALTA VENDITA italiana, que este autor publicou em 1858 em seu livro: "A Igreja Romana frente à Revolução". Seria de fato de grande interesse ter uma cópia fiel e completa desses manuscritos que estão, sem dúvida, no Vaticano.

PAPA PIO IX (1848-1878)

Vamos prosseguir. A principal obra da Maçonaria Judeo-Maçônica planejada por Cavour, Mazzini e Garibaldi estava atingindo seu objetivo sob o Pontificado do Papa Pio IX, com a queda do poder temporal papal. De acordo com as teorias desses sectários da Maçonaria, **TAL PERDA ESTAVA DESTINADA A LEVAR TAMBÉM À PERDA DO PODER ESPIRITUAL**; assim, o novo Papa atribuiu a responsabilidade pela conspiração às Sociedades Secretas quando, na Encíclica seguinte ao seu advento, escreveu em 9 de novembro de 1846:

"Veneráveis Irmãos, vocês também estão plenamente cientes dos erros monstruosos e dispositivos empregados pelos filhos deste século para perseguir uma guerra implacável contra a Religião Católica, a Autoridade Divina da Igreja e suas leis para pisotear os direitos tanto do poder Eclesiástico quanto Civil: TAL É O OBJETIVO das maquinações culpadas contra a Sé Romana de São Pedro, sobre a qual Cristo estabeleceu a base inexpugnável de SUA IGREJA. TAL É O OBJETIVO dessas Sociedades Secretas que emergem das trevas para a eventual ruína da Religião e dos Estados, e que, em várias ocasiões, já foram anatematizadas por Pontífices Romanos precedentes em suas Cartas Apostólicas. Confirmamos a importância de tais Cartas e desejamos que sejam seguidas com grande cuidado."

Além disso, de Gaeta, o local de seu exílio, em sua alocução "Quibus Quantisque" dirigida ao Consistório de abril de 1849, o Papa Pio IX renovou a idêntica condenação nos seguintes termos:

*"**AQUELAS SEITAS ABOMINÁVEIS DA PERDIÇÃO** que são tão fatalmente destrutivas para a salvação das almas quanto para o bem-estar e a paz da sociedade secular foram condenadas pelos Pontífices Romanos, Nossos predecessores; Nós também pessoalmente as condenamos em Nossa Carta Encíclica de 9 de novembro de 1846, dirigida a todos os Bispos da Igreja Católica, ainda hoje em virtude de Nossa Suprema Autoridade Católica — **NÓS, MAIS UMA VEZ, CONDENAMOS, PROIBIMOS E ANATEMATIZAMOS ELAS**."*

A Constituição contra a Maçonaria e as Sociedades Secretas das quais o Papa Pio IX fala são as dos Papas Clemente XII, Bento XIV, Leão XII e Pio VIII; ele acrescenta a sua própria de 9 de novembro de 1846 (Qui Pluribus) em sua carta a Monsenhor Darboy, de 26 de outubro de 1865, sobre o serviço fúnebre do Marechal Magnan, Supremo Mestre da Ordem dos Maçons; ele acrescenta também sua comunicação ao Bispo de Olinda (Brasil) de 29 de maio de 1873.

As sentenças renovadas de anátema pelo Papa Pio IX atingem particularmente o SATANISMO DAS SOCIEDADES SECRETAS. Em sua Encíclica de 21 de novembro de 1873,

o Papa escreve sobre elas como a SINAGOGA DE SATANÁS, e dirigindo-se aos seus membros, ele já os havia castigado (Consistório de 9 de dezembro de 1854) usando para isso as palavras de Cristo:

"VOCÊS SÃO DO SEU PAI, O DIABO, E OS TRABALHOS DE SEU PAI VOCÊS FARÃO."

Quais são esses trabalhos? Satanás é um mentiroso e um assassino desde o início do mundo, Nosso Senhor nos diz. O Papa Pio IX denunciou a grande mentira da chamada MAÇONARIA BRANCA, em sua Alocução de 15 de setembro de 1865 "Multiplices inter" quando diz:

*"E agora, para satisfazer o desejo e a solicitude de Nosso Coração Paternal, resta-nos apenas alertar e exortar os Fiéis que possam ter se associado a Seitas desse tipo a obedecer a inspirações mais sábias e deixar essas assembleias malignas para evitar serem arrastados para o **ABISMO DA RUÍNA ETERNA**.*

"Quanto a todos os outros fiéis, estando cheios de solicitude por suas almas, NÓS fortemente os exortamos a se precaver contra os discursos pérfidos dos sectários que, sob um disfarce de honestidade, são inflamados por um ódio ardente à Religião de Cristo e a toda autoridade legítima: eles têm apenas um pensamento com o único objetivo de exterminar todos os direitos Divinos e humanos. Que todos estejam plenamente conscientes do fato de que os afiliados de tais seitas são como os lobos que, como Nosso Senhor previu, vêm disfarçados com peles de ovelha para devorar todo o rebanho: Que os fiéis saibam que tais afiliados devem ser contados entre aqueles com quem o Apóstolo nos proibiu de nos associar, dizendo-nos também para até mesmo evitar cumprimentá-los."

Papa Pio IX denunciou igualmente o homicídio satânico da Maçonaria Vermelha em uma carta ao Bispo de Olinda (Brasil) nas seguintes palavras:

"O espírito satânico da Seita foi particularmente evidenciado, no século passado, durante o curso das Revoluções da França que sacudiram o mundo inteiro. Tais revoltas provaram que a dissolução total da sociedade humana poderia ser esperada a menos que as forças dessa Seita ultracriminal fossem esmagadas."

Essa carta foi datada de 29 de maio de 1873; a mais recente Revolução Maçônica e Satânica naquela época foi aquela que, na Itália, resultou em fazer do Papa Pio IX *"o prisioneiro do Vaticano"*. Parece que o Santo Pontífice estava prevendo tal situação quando proferiu sua queixa sobre a dupla falha das condenações pontifícias anteriores à Maçonaria (15 de setembro de 1865).

Primeiro, ele se referiu à falha no esforço antimaçônico assim:

"No entanto, os esforços da Sé Apostólica não foram coroados com o sucesso que se poderia esperar. A Seita Maçônica de que falamos não foi nem derrotada nem derrubada: JUSTO O CONTRÁRIO, a Seita se desenvolveu a tal ponto que, nestes dias de grande dificuldade, ela se mostra em todos os lugares e com impunidade e levanta um semblante mais audacioso."

Em segundo lugar, o Papa delineou a falha do lado católico assim:

"Veneráveis Irmãos, sentimos profunda tristeza e amargura quando vemos que, quando, de acordo com as Constituições de Nossos Predecessores, a ação é necessária para condenar essa Seita Maçônica, muitos daqueles cujas funções e dever sacerdotal deveriam torná-los ***ultra vigilantes*** *e* ***ardentes*** *por uma causa tão importante se mostraram, infelizmente****, INDIFFERENTES*** *e como se estivessem* ***ADORMECIDOS****. Se alguns entre eles acreditam que as Constituições Apostólicas, publicadas sob* ***sentença de anátema*** *contra as* ***Seitas Ocultas*** *e seus adeptos e iniciados, não têm força nos países onde as autoridades civis as toleram, estão, com certeza, laborando sob um grave erro."*

*"Como vocês bem sabem, Veneráveis Irmãos, Nós proibimos e novamente hoje proibimos e condenamos essa falsa e maligna doutrina. De fato, perguntemos se o poder soberano '****PARA ALIMENTAR E LIDERAR O REBANHO UNIVERSAL****' que foi investido em São Pedro por Jesus e através do qual os Pontífices Romanos receberam a Suprema Autoridade que devem exercer na Igreja depende do poder civil — pode tal poder civil constranger e restringi-los em qualquer coisa? Devido a essas circunstâncias e temendo que pessoas imprudentes e, acima de tudo, jovens, possam ser desviadas, e para que nosso silêncio não induza alguém a proteger o erro, resolvemos, Veneráveis Irmãos, levantar Nossa Voz Apostólica — portanto, confirmamos diante de vocês as Constituições de Nossos Predecessores e, em virtude de Nossa Autoridade Apostólica, reprovamos e condenamos esta Sociedade Maçônica e* ***TODAS AS OUTRAS SOCIEDADES da MESMA ORDEM*** *que, embora diferentes em aparência, mas perseguindo o mesmo objetivo contra a Igreja ou o Poder Civil legítimo, estão constantemente sendo formadas. É Nossa ordem que todos os cristãos, de qualquer posição social, de qualquer cargo ou alta nomeação e* ***EM TODO O MUNDO*** *sejam informados de que as referidas Sociedades são proibidas e reprovadas por NÓS, e incorrem nas mesmas sentenças e condenações que aquelas especificadas nas anteriores CONSTITUIÇÕES de nossos Predecessores."*

Entre as sociedades reprovadas devem ser incluídas ligas como: a Liga dos Direitos Humanos (Ligue des Droits de l'Homme) e a Liga para a Educação (Ligue de l'Enseignement).

PAPA LEÃO XIII (1878-1903)

O Papa Leão XIII, sucessor de Pio IX, sob instruções do Santo Ofício, tratou, primeiramente, da questão Maçônica brasileira em 2 de julho de 1878. Depois, dirigindo-se a toda a Igreja, em 20 de abril de 1884, o Papa Leão XIII publicou sua magnífica Encíclica "Humanum Genus". Retomando as páginas de Santo Agostinho sobre as duas cidades que, na Terra, constituem o Reino de Deus e o Reino de Satanás, o Pontífice revisa o considerável desenvolvimento que a Maçonaria tomou e escreve:

"Hoje, todos os malfeitores parecem aliados em um esforço tremendo, inspirado e com a ajuda de uma sociedade poderosamente organizada e amplamente espalhada pelo mundo, é a Sociedade dos Maçons. De fato, essas pessoas não tentam mais dissimular suas intenções, mas realmente desafiam a audácia uns dos outros para atacar a Augusta Majestade de Deus.

"É agora publicamente e abertamente que eles empreendem arruinar a Santa Igreja, para conseguir, se possível, a completa despossessão das nações cristãs de todos os dons que devem ao Nosso Salvador Jesus Cristo.

"Como resultado, no espaço de um século e meio, a seita dos Maçons fez um progresso incrível. Usando ao mesmo tempo de audácia e astúcia, a Maçonaria invadiu todos os escalões da hierarquia social, e nos Estados modernos começou a tomar um poder que é quase equivalente à Soberania."

Para fortalecer essas observações iluminadas, Leão XIII se refere a seus predecessores e escreve:

"Esse perigo foi denunciado pela primeira vez pelo Papa Clemente XII em 1738, e a Constituição promulgada por esse Papa foi renovada e confirmada por Bento XIV; Pio VII seguiu os passos desses Pontífices, e o Papa Leão XII, incluindo em sua Constituição Apostólica 'Quo Graviora' todos os atos e decretos dos Papas precedentes sobre esse assunto, RATIFICOU E CONFIRMOU ELES PARA SEMPRE. Papas Pio VIII, Gregório XVI e em várias ocasiões o Papa Pio IX falaram da mesma maneira."

Enquanto aprovava e confirmava todas as condenações pontifícias emitidas contra a Maçonaria desde as de Clemente XII em 1738, Leão XIII expôs mais amplamente as razões para tais ações e dá como motivo para agir assim:

"É por causa do objetivo fundamental e do espírito da seita Maçônica que foi exposto em plena luz através da manifestação evidente de seus atos, o conhecimento adquirido de seus princípios, suas regras, seus ritos e seus comentários aos quais foram adicionados os testemunhos de seus próprios adeptos...

"É extremamente importante trazer ao conhecimento de todos os povos até que ponto os eventos confirmaram a sabedoria de nossos predecessores. Sua previsão e solicitude paternal nem sempre alcançaram o sucesso desejado. Esse fracasso deve ser atribuído, por um lado, à dissimulação e astúcia dos homens membros dessa seita perniciosa ou, por outro lado, ao caráter imprudente e leviano daqueles que deveriam, no entanto, ter grande interesse em observá-la atentamente."

Leão XIII refere-se frequentemente à **HIPOCRISIA** que é a base da "**MAÇONARIA BRANCA**" e menciona a evolução fatal de seus objetivos revolucionários que a transformam em "**MAÇONARIA VERMELHA**".

Ao ser atentamente estudada, esta Encíclica revela de maneira mais marcante o triplo caráter maçônico, a saber que seus objetivos são:

1. Contra-Moralidade

2. Contra-Estado

3. Contra-Igreja

1. CONTRA-MORALIDADE

O Papa define o ponto de vista maçônico sobre moralidade assim:

"A única coisa que encontrou graça diante dos membros da seita Maçônica e na qual eles solicitam que a juventude receba o devido ensino é o que chamam de 'MORALIDADE CÍVICA', moralidade independente, MORALIDADE LIVRE, em outras palavras, uma moralidade na qual as crenças religiosas não têm lugar. Essa moralidade é insuficiente e seus efeitos são sua própria condenação.

"Além disso, foram encontrados na Maçonaria vários sectários que mantiveram que todos os meios devem ser sistematicamente utilizados, a fim de saturar as multidões com licenciosidade e vícios; porque, em sua opinião, os povos cairiam naturalmente em suas mãos e se tornariam os instrumentos necessários para a realização de seus projetos mais audaciosos e malignos. Tal contra-moralidade é a do casamento civil, do divórcio, do amor livre e da educação irreligiosa para a juventude.

"Visa a destruição completa das principais fundações da justiça e da honestidade. Dessa maneira, os maçons se fazem os auxiliares daqueles que desejam que, como um animal, o homem não tenha outra regra de conduta além de seus próprios desejos — Tal esquema só pode desonrar a humanidade e ignominiosamente lançá-la na perdição."

2. CONTRA-ESTADO

Sobre este assunto, o Papa Leão XIII previu que a Maçonaria, "o poder que é quase equivalente à soberania", e que já ocupava o lugar de "Estado dentro do Estado", logo formaria o Super Estado. É dessa situação que surgiu o dogma maçônico da separação entre Igreja e Estado; daí também surgiram as leis antirreligiosas que o Irmão Bethmont, membro do Parlamento do departamento de Charente Inférieure e ex-Presidente da Cour des Comptes, em 1878, explicava a Monsenhor Pie, Bispo de Poitiers. O prelado então lhe disse:

"Senhor, acredito que você quer inaugurar novamente a luta contra a Igreja; tem alguma esperança de ter sucesso onde Nero, Juliano, o Apóstata e seus grandes ancestrais da Revolução Francesa de 1793 falharam?"

Ele respondeu:

"Sua Eminência, a despeito de parecer um tanto ousado, direi que aqueles que você mencionou não souberam agir corretamente. Faremos muito melhor. A violência contra a Igreja não leva a lugar nenhum; usaremos outros meios. Organizaremos uma perseguição que será tanto astuta quanto legal; cercaremos a Igreja com uma rede de leis, decretos e ordens que a sufocarão sem derramar uma gota de sangue."

Quem, pergunto eu, está criando essas redes de leis, decretos e ordens tão entrelaçadas? O Estado, claro, mas é um Estado maçônico, um Estado irreligioso sob o poder de um Super Estado que, no momento, é o Governante do Mundo.

Quando Leão XIII exorta seus Veneráveis Irmãos a unir seu zelo aos seus próprios esforços para "**ANIQUILAR O CONTÁGIO IMPURO DO VENENO QUE CORRE NAS VEIAS DA SOCIEDADE HUMANA E CAUSA UM ESTADO DE INFECÇÃO TOTAL**", é com um sentimento de medo que se recorda a sentença de morte pronunciada contra a humanidade nos "**PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO**".

*"Quando introduzimos no organismo do Estado o veneno do Liberalismo, toda a sua configuração política sofreu uma mudança. Os Estados foram acometidos por uma doença mortal — **ENVENENAMENTO DO SANGUE**. Tudo o que resta é aguardar o fim da sua agonia."*

Assim, enquanto os Estados gravitacionalmente se dirigem para uma República Universal, o Super Estado se torna uma ditadura infrangível, que, conforme sua vontade, os destrói ou os infecta completamente; esse Super Estado é chamado de **JUDEO-MAÇONARIA**.

3. CONTRA-IGREJA

Daí o objetivo supremo da Seita, como foi apontado pelos Papas, é nada menos que a completa destruição da Igreja e do Papado. O Papa Leão XIII insiste persistentemente nessa rigorosa consequência e diz:

"Uma vez que a missão própria e muito especial da Igreja Católica consiste na salvaguarda da pureza incorruptível das doutrinas reveladas por Deus, assim como da autoridade estabelecida para seu ensino e de outros auxílios dados por Deus para a salvação da humanidade, é inevitável que o principal antagonismo e os ataques mais violentos da Seita sejam direcionados contra a Igreja... Portanto, mesmo ao custo de um trabalho longo e obstinado, o propósito da Seita é reduzir a zero o ensino e a autoridade da Igreja entre a população civil..."

"A inimizade dos sectários contra a Sé Apostólica do Pontífice Romano aumentou em intensidade... até agora os malfeitores alcançaram o objetivo que há muito tempo tinham para seus maus desígnios, a saber, sua proclamação de que chegou o momento de suprimir o poder sagrado dos Pontífices Romanos e destruir completamente este Papado que foi divinamente instituído."

Por fim, Leão XIII conclui desmascarando o satanismo da Judeo-Maçonaria:

"Os fatos que revisamos lançam luz suficiente sobre a constituição interna dos maçons e mostram claramente o caminho que eles estão seguindo para alcançar seu objetivo. Seus principais dogmas são tão completamente e manifestamente opostos à razão sã que é difícil imaginar uma perversão mais profunda. Na realidade, não é o cúmulo da loucura e da impiedade mais audaciosa querer destruir a religião e a Igreja criada pelo próprio Deus; e assegurada por Sua proteção perpétua; e depois de 18 séculos querer substituí-la pelos costumes e instituições dos pagãos?

"Ainda menos horrível e fácil de suportar é testemunhar a rejeição desses dons que, em Sua misericórdia, Jesus Cristo concedeu primeiro a indivíduos, depois a seres humanos agrupados tanto em famílias quanto em nações. Mesmo os inimigos do cristianismo reconhecem o valor supremo desses dons.

"Não há como negar que, nesse plano tolo e criminoso, é fácil entender o ódio implacável e a paixão por vingança que animam Satanás contra Jesus Cristo. Recusamo-nos a seguir os ditames de tais mestres iníquos que carregam os nomes de Satanás e de todas as paixões malignas."

PAPA PIO X (1903-1914)

O Papa Pio X, sucessor do Papa Leão XIII, dedicou sua maior atenção ao **SILLONISMO** e ao **MODERNISMO**, mas, apesar disso, não se esqueceu do trabalho destrutivo da Maçonaria. Ele pediu ao povo polonês que se abstivesse de se envolver em qualquer conspiração arquitetada pelas seitas malignas.

Mais tarde, ele estendeu palavras de consolo aos fiéis da França:

*"E agora é a vocês, católicos da França, que falamos; que nossas palavras cheguem até vocês como um testemunho do terno sentimento de nosso amor por seu país e como um consolo em meio às terríveis calamidades que vocês devem enfrentar. Vocês estão bem cientes do objetivo autoatribuído dos impiedosos sectários que os submeteram sob seu jugo. Com cinismo audacioso, eles proclamaram seu objetivo: '**ERRADICAR O CATOLICISMO NA FRANÇA**'. Eles querem extirpar de seus corações, ou seja, sua última raiz, a FÉ que cobriu seus ancestrais com glória; a **FÉ** que trouxe prosperidade e grandeza à sua Pátria entre todas as outras nações; a **FÉ** que será seu apoio nas horas de tribulação, que mantém a calma e a paz em seus lares e abre para vocês o caminho para a felicidade eterna. **É ESTA FÉ QUE VOCÊS MESMOS SENTEM QUE DEVE SER DEFENDIDA**."*

Por fim, Pio X afirma enfaticamente:

"Não é a Igreja quem primeiro levantou o estandarte, ela o fez apenas porque a guerra foi declarada contra ela. Nos últimos 25 anos, ela só teve que suportar a luta. Esta é a verdade. Declarações, mil vezes publicadas e republicadas na imprensa, em congressos, em convenções maçônicas, nos próprios salões do Parlamento, são provas de que os ataques contra a Igreja foram conduzidos de maneira progressiva e sistemática. Fatos como esses não podem ser negados e contra eles, meras palavras não prevalecem."(De carta do Papa Pio X para a França, 6 de janeiro de 1907.)

Fundamentalmente, assim como seus predecessores, Pio X denuncia as manobras da Contra-Igreja e, em sua carta de condenação ao **SILLON**, designa deliberadamente as lojas maçônicas da seguinte maneira:

"Todos nós conhecemos bem as cavernas de trevas onde essas doutrinas perniciosas são elaboradas... Mentes claras não devem ser seduzidas por elas."(De carta de Pio X ao Episcopado Francês, 25 de agosto de 1910.)

PAPA BENTO XV (1914-1922)

Guerra, Armistício, Paz, tudo ocorreu sob o Pontificado de Bento XV. Em relação ao nosso ponto de vista sobre a Judeo-Maçonaria, devemos destacar a condenação papal do livro de Ludovic Keller: *"Le Basi Spirituali Della Massoneria E La Vita Pubblica"* (As Bases Espirituais da Maçonaria e a Vida Pública), publicado em 1915. Esse livro foi condenado em 15 de junho de 1916. Além disso, a carta do Santo Ofício

do Vaticano aos Ordinários pediu sua atenção vigilante devido a novas maquinações especiais dirigidas contra a Fé por associações anti-católicas. A associação particularmente indicada é a Y.M.C.A. (Young Men's Christian Association), que em várias ocasiões foi destacada como fundamentalmente maçônica na *"Revue Internationale Des Sociétés Secrètes"*. A carta do Santo Ofício de 5 de novembro de 1920 menciona especificamente que, de acordo com sua declaração de princípios, a **Y.M.C.A**. **"INTENDE PURIFICAR E DIVULGAR UM CONHECIMENTO MAIS PERFEITO DA VIDA REAL, COLOCANDO-SE ACIMA DE TODAS AS IGREJAS E FORA DE QUALQUER JURISDIÇÃO RELIGIOSA"**. Tal transcendentalismo anticlerical é nada mais do que a manifestação da Judeo-Maçonaria.

Além disso, na capa interna da nossa *Revue Internationale Des Sociétés Secrètes* estão reproduzidas duas cartas endereçadas a mim pela Santa Sé, que são uma afirmação do ponto de vista que o Papa Bento XV tinha sobre a Maçonaria, o mesmo ponto de vista que carrega as condenações já pronunciadas por seus predecessores desde o Papa Clemente XII.

As duas cartas do Vaticano são reproduzidas a seguir.

1. De Papa Bento XV para Monseigneur Jouin:

"Amado Filho — Saudações e Bênção Apostólica. As eminentes virtudes que, ao longo de sua longa carreira sacerdotal, você demonstrou com uma luz tão resplandecente, somadas à alta consideração na qual você é mantido por Nosso Venerável Irmão, Jauvier Granito di Belmonte, Cardeal da Santa Igreja Romana, Bispo de Albano, assim como pelo Cardeal, Arcebispo de Paris, motivaram Nossa decisão de honrá-lo com uma grande homenagem.

"Sabemos que você cumpre as obrigações de seu ministério sagrado da maneira mais exemplar; que você tem a mais ardente solicitude pela salvação eterna dos fiéis e que, com constância e coragem, você defendeu os direitos da Igreja Católica — e o fez até mesmo à custa de sua própria vida. Você trabalhou contra os inimigos da religião e sabemos que não poupou esforços nem despesas para espalhar entre o povo suas grandes obras sobre essas questões."

2. Carta de Sua Eminência Cardeal Gasparri para Mons. Jouin em 20 de junho de 1919. Do Secretário de Estado de Sua Santidade:

*"O Pontífice Soberano, com sua benevolência paternal, aceitou a homenagem de seu novo estudo sobre '**La guerre Maçonnique**' (A Guerra Maçônica).*

*"**É com um julgamento infalível que, na obra que você empreendeu, procurou projetar luz, por meio de documentação e provas irrefutáveis, sobre a doutrina inepta e essencialmente anti-católica da Maçonaria**, uma doutrina originada do deísmo nascido da Reforma, uma doutrina que, como hoje está claramente evidente, conduz fatalmente à negação de Deus, ao ateísmo social, ao ensino irreligioso e à impiedade, sendo extremamente prejudicial para as nações; visa remover de cada associação qualquer traço de religião e qualquer mediação eclesiástica. "Acima de tudo, apesar de todas as mentiras que frequentemente enganam os próprios católicos, você demonstrou cuidadosamente e de forma clara a identidade da Maçonaria, evidente em toda parte e sempre, e a continuidade dos planos estabelecidos pelas Seitas, cujo designo mestre é a destruição da Igreja Católica.*

"Sua Santidade se alegra em parabenizá-lo e encorajar seu trabalho, cuja influência pode, de fato, ser tão frutífera. Pode induzir os fiéis a serem vigilantes e ajudá-los a combater eficazmente tudo que tende à destruição da ordem social, assim como da religião.

"Como prova dos dons celestiais concedidos a você e como testemunho de sua benevolência paternal, o Santo Padre, de coração, lhe concede a Bênção Apostólica.

*"Agradecendo também pelo exemplar de seu livro que você gentilmente me enviou, e com minhas congratulações pessoais, rezo para que você acredite, Monseigneur, **na certeza de minha completa devoção**.*

- P. Cardeal Gasparri."

Papa Pio XI (1922-)

Pela primeira vez, a palavra "**LAICISMO**" (que significa ensino irreligioso) aparece em um documento pontifício; é o resultado fatal e desejado tanto da doutrina maçônica quanto de sua ação direta. Esse fato permite incluir na lista de todos os Pontífices Soberanos que denunciaram e condenaram a Judeu-Maçonaria o nome do atual Papa, Pio XI. Em sua Encíclica "Maximum gravissimamque" de 18 de julho de 1924, o Papa expressou claramente sua oposição ao "Laicismo" (ensino irreligioso) nos seguintes termos:

"Tudo o que Pio X condenou, Nós igualmente condenamos. Sempre que a palavra 'Laicidade' (ensino irreligioso) é usada para transmitir um sentimento ou uma intenção contrária ou estranha a Deus ou à religião, Nós a condenamos. Reprovamos totalmente este Laicismo e declaramos abertamente que deve ser reprovado."

Em uma audiência particular concedida a mim em 16 de novembro de 1923, Sua Santidade, Pio XI, pediu-me para continuar a luta contra a Maçonaria porque, disse ele:

"A MAÇONARIA É NOSSO INIMIGO MORTAL."

Mais tarde, ao recordar as palavras amáveis dirigidas a mim pelo Papa Bento XV no decreto "Proestantes":

"COM CONSTÂNCIA E CORAGEM VOCÊS DEFENDERAM OS DIREITOS DA IGREJA CATÓLICA E FIZERAM ISSO ATÉ MESMO ÀS CUSTAS DE SUAS VIDAS."

e acrescentando que até então não havia sido vítima dos maçons, Sua Santidade respondeu de maneira paternal:

"Não falou Santo Agostinho, que é o patrono da sua paróquia, em Paris, sobre os ***mártires da pena****?"* (A Paróquia da qual Dom Jouin foi responsável por muitos anos e até sua morte era chamada Santo Agostinho.)

Tal denúncia do "Laicismo" e os incentivos para continuar a luta contra a Maçonaria confirmam as condenações pontifícias pronunciadas desde o Papa Clemente XII; também seguem as palavras inspiradas do Papa Leão XIII:

"NO REINO DA SALVAÇÃO ESPIRITUAL, NÃO HÁ CAMINHO DO MEIO: OU SE SEGUE O CAMINHO DA PERDIÇÃO OU SE LUTA SEM LIMITES ATÉ O FIM."

Portanto, nossa conclusão está contida em apenas duas palavras: unidade de propósito e visão, e unidade de ação demonstradas pelos Pontífices Soberanos em relação à Maçonaria. Quinze anos após a publicação das Constituições de Anderson em 1723, apareceu a constituição "In Eminenti" do Papa Clemente XII, em 28 de abril de 1738. Existe na história da Igreja uma heresia que recebeu uma condenação tão rápida?

Outro fato igualmente notável é que todos os Papas basearam suas condenações ulteriores neste ato Pontifício de Clemente XII, mostrando claramente que havia uma única Voz, um único grito de desaprovação quando se tratava de pronunciar o anátema contra as Sociedades Secretas e atingir seus membros com a censura mais rigorosa que a Igreja pode aplicar.

Embora incompleta, aqui segue uma lista de documentos como prova do acima mencionado:

- Clemente XII - In Eminenti - 28 de abril de 1738

- Bento XIV - Providas - 16 de março de 1751

- Clemente XIII - A. Quodie - 14 de setembro de 1758

- Clemente XIII - Ut Primum - 3 de setembro de 1759

- Clemente XIII - Christianae Reipublicae Salus - 25 de novembro de 1766

- Pio VI - Inscrutabile - 25 de dezembro de 1775

- Pio VII - Ecclesiam a Jesu Christo - 14 de setembro de 1820

- Leão XII - Quo Graviora - 13 de março de 1826

- Pio VIII - Traditi - 21 de maio de 1829

- Gregório XVI - Mirari Vos - 15 de agosto de 1832

- Pio IX - Qui Pluribus - 9 de novembro de 1846

- Pio IX - Omnibus Quantisque - 20 de abril de 1849

- Pio IX - Multiplices Inter - 25 de setembro de 1865

- Leão XIII - Humanum Genus - 20 de abril de 1884

- Leão XIII - Carta ao Episcopado Italiano - 8 de dezembro de 1892

- Leão XIII - Carta ao Povo Italiano - 8 de dezembro de 1892

- Pio X - Vehementer - 11 de fevereiro de 1906

- Pio X - Carta à França - 6 de janeiro de 1907

Adicione-se a isso a condenação da Y.M.C.A. pelo Santo Ofício, em 5 de novembro de 1920, e também o decreto pelo qual fui nomeado Prelado, assinado pelo Papa Bento XV, seguido pela Carta do Cardeal Gasparri, elogiando meu livro: *Guerre Maconnique* (Guerra Maçônica). Lembre-se também da Encíclica de Sua Santidade Pio XI contra o ensino irreligioso nas escolas e seu incentivo para continuar minha luta anti-Judeu-Maçônica, e você terá diante de si uma cadeia cujos elos estão inseparavelmente unidos.

É essa unidade de visões que demonstra que o Papado tem uma única voz e é o poder judicial dessas Sociedades que formam a totalidade da Judeu-Maçonaria.

Quanto à unidade de ação dos Papas, também é digna de atenção. DESDE 1738 todos os Pontífices Soberanos denunciaram, estigmatizaram e condenaram a grande meretriz do século XX, aquele "Poço da Perdição," "Abismo Sem Fundo de Miséria" que foi cavado por essas Sociedades conspiradoras nas quais as Heresias e Seitas, pode-se dizer, vomitaram como em um banheiro, tudo o que tinham em seu interior de Sacrilégio e Blasfêmia.

DESDE 1738 todos os Pontífices Soberanos denunciaram, estigmatizaram e condenaram o inimigo do Estado que, segundo o Papa Leão XIII, já no século passado, possuía um poder quase equivalente à "SOVEREANIA" e que, hoje, se autodenomina o Super-Estado.

DESDE 1738 todos os Pontífices Soberanos denunciaram, estigmatizaram e condenaram o inimigo da Igreja, a Contra-Igreja, cujo objetivo proclamado é:

"DESCATOLICIZAR O MUNDO."

Ela busca reconstruir sobre as cinzas da civilização cristã o barbarismo pagão e construir sobre as ruínas do Papado a dominação mundial de Israel; além disso, como sinal de sua vitória, deseja erguer sobre o trono

derrubado de Jesus Cristo o próprio trono de Satanás.

DESDE 1738 todos os Pontífices Soberanos denunciaram, estigmatizaram e condenaram o que até agora se tornou a evolução mundial da Judeu-Maçonaria, que, agora, na terra, admite que **TEM APENAS UM ADVERSÁRIO, A IGREJA CATÓLICA**, cuja agonia está agora testemunhando.

No entanto, os Papas igualmente deploram a indiferença daqueles católicos que falham em ver Suas lágrimas silenciosas e não ouvem Seus apelos comoventes; eles constituem uma raça de pessoas indiferentes e adormecidas, uma fila de Cães Mudos, temerosos, dos quais o Papa Clemente XIII disse:

"Se permitirmos ser abalados pela audácia dos malfeitores, então a força episcopal terá chegado ao fim; a sublime e divina autoridade da Igreja não existirá mais; então será inútil considerar-nos cristãos se caímos tão baixo a ponto de tremer diante das ameaças das armadilhas dos malfeitores."

Desejando não ser indiferente, nem adormecido, nem novamente um Cão Mudo na Igreja Militante, mas, ao contrário, mesmo que de longe, vinculado aos cães do Senhor, os "DOMINICANOS" de quem no século XIII falou Jeanne d'Aza, mãe de Santo Domingo, na época da luta da Igreja contra os Albigenses; para também não ser contado entre os covardes que fogem do campo de batalha e dos quais, quando em 1870 os alemães invadiram a França, Santa Bernadette disse: "Eu temo apenas os maus cristãos," por tais razões fundei a "Revue Internationale Des Sociétés Secrètes." Hoje também quero agradecer a todos os companheiros que nesta luta, tanto no trabalho quanto na oração, se aliaram aos meus humildes, mas perseverantes esforços.

Sim! que nós, da liga de São Miguel, permaneçamos unidos em oração pela conversão de maçons e judeus. Vamos nos unir em nossos esforços para responder à voz concordante dos Pontífices Soberanos, a fim de destruir, na medida do possível, a Seita Judeu-Maçônica. Quando isso acontecer? Na hora de Deus, que parece estar muito próxima. O que pode ser feito contra este poder mundial?

TUDO!

Na força daquele que carrega em Seus ombros o sinal invencível de Seu poder; podemos realizar tudo na força daquele que cristianizou o mundo e que, no final, a Judeu-Maçonaria não pode des-cristianizar nem repaganizar — Sim! podemos realizar tudo na força daquele cujo Santo Sepulcro ou a cúpula de São Pedro em Roma não podem ser obscurecidos pelas sombras lançadas pelas Lojas Maçônicas — os mistérios cabalísticos dos Guetos não alterarão um único iota do Evangelho ou do Credo; a acumulação de ouro nas mãos das **ALTAS FINANÇAS** nunca conseguirá comprar a consciência do representante de Cristo no Vaticano.

Vade Satana! Afasta-te de mim, Satanás, com tuas legiões de anjos rebeldes, com teus primeiros trabalhadores de iniquidade, os Judeu-Maçons!

Cristo está perto! Hoje Ele vem!

Amanhã Ele estará aqui!

Portanto, digamos, de acordo com as palavras de Santo Agostinho: DICAMUS IN FIDE, digamos na plena energia de nossa fé; DICAMUS IN SPE; digamos na força de nossa esperança; DICAMUS FLAGRANTISSIMA CARITATE: Digamos no ardente fervor de nossa caridade:

SE DEUS ESTÁ CONOSCO, QUEM PODE SER CONTRA NÓS?

(*Si Deus Pro Nobis, Quis Contra Nos*?)

DEUS ESTÁ CONOSCO nesta luta que é nossa luta, a luta do PAPADO contra a JUDEU-MAÇONARIA.

Conselhos e Sabedoria dos Pais e Doutores da Igreja Cristã ao longo dos séculos:

"A verdade tem limites. Mas o mal e a falsidade se multiplicam sem fim; e quanto mais esses males são perseguidos, mais erros eles produzem."

— São Jerônimo

"Não se opor ao erro é aprová-lo, e não defender a verdade é suprimi-la; e, de fato, negligenciar a correção dos homens maus, quando podemos fazê-lo, é um pecado tão grave quanto encorajá-los."

— Papa Félix III

"Aquele que pode corrigir qualquer mal e negligencia fazê-lo torna-se cúmplice do mesmo."

— São Gregório Magno

"Aquele que vê outro em erro e não se esforça para corrigi-lo, testemunha que está em erro."

— Papa Leão I

"Não buscamos a conquista sobre nossos adversários; mas apenas que a verdade possa vencer a falsidade."

— São Jerônimo

"É melhor que o escândalo surja do que a verdade seja ocultada."

— São Gregório Magno

Publicação Original: PERFECTO ODIO

A criação do Instituto do Bom Pastor e o próximo "cruzamento" confirmam a AngliCampos denunciada pela CSI no verão de 2005

Virgo-Maria.org

Gaude, Maria Virgo, cunctas hæreses sola interemisti. (Tracto da Missa Salve Sancta Parens)

domingo, 12 de novembro de 2006

O plano e as redes da "Reforma da reforma"

O padre Barthe, Radical Orthodoxy e os unionistas da FSSPX

O padre de Tanoüarn organiza em 20 de novembro de 2006 no Palais de la Mutualité em Paris um "cruzamento apostólico"[1] que será **uma espécie de ampliação dos dois congressos anteriores dos Amotinados da FSSPX** (6 de fevereiro de 2005 e novembro de 2005).

É quase ridículo que o padre de Tanoüarn adote uma terminologia que era a que prevalecia nos movimentos de Ação Católica do pós-concílio: "cruzamento". Por que não "espaço"? A imagem do vazio interestelar seria mais apropriada à vacuidade dessas manifestações.

O padre de Tanoüarn estaria vivendo sua "emancipação" e seu "maio 68"? Pouco mais de 20 meses após sua expulsão da FSSPX, ele desliza em direção ao naufrágio da Fé quase tão rápido quanto o padre Hyacinthe Loison, cujo percurso estabelecido pelo CIRS recentemente divulgamos.

Eis o programa deste "cruzamento":

A Tradição Católica: nosso bem comum, reflexões para a paz da Igreja

· **Muito obrigado Santíssimo Padre pela liberalização** da missa tradicional · Após a assembleia de Lourdes, nossa resposta aos bispos da França · Bento XVI **papa de transição (?)** para o século XXI · Como sair dos anos 70? · **Soluções teológicas (!)** após o Vaticano II

E os palestrantes:

Yves Amiot, Padre Christophe Héry, Olivier Pichon, Padre Claude Barthe, Jean-Pierre Denis, Gérard Leclerc, Bruno Larebière, Louis Daufresne, Padre Philippe Laguérie, Padre Guillaume de Tanoüarn, Padre Louis-Marie de Blignière, Padre Michel Lelong etc.

O título *"A Tradição Católica: nosso bem comum"* leva a se perguntar: Tradição Católica ou Tradição Primordial (aquela que os pensadores da Nova Direita, com os quais o padre de Tanoüarn é muito próximo, apreciam)? De fato, a Tradição Católica não pode ser concebida independentemente da ação do Espírito Santo. Rebaixar, no sentido estrito, a Tradição Católica a um "bem comum" seria apagar o sobrenatural e abordá-la de um ângulo muito naturalista.

Este "bem comum" será do agrado do padre Vingt-Trois, com quem o padre de Tanoüarn tem um encontro marcado em 17 de novembro, três dias antes do "cruzamento".

Este evento é para nós uma oportunidade de lançar um holofote sobre as diferentes redes que se agitam há meses na sombra das figuras de proa desse movimento.

Entre eles, o inevitável **padre Barthe** intervém no "cruzamento apostólico". Decididamente, após o G.R.E.C. do padre Lorans em 28 de abril de 2006, o colunista religioso de ***Catholica*** levará a boa nova do "restauracionismo" ao IBP. O padre Barthe tem a seu favor a experiência das redes, como testemunha a aventura do ***Instituto Cardeal Pie*****, sobre o qual é muito instrutivo ler o memorando de Anne Perrin intitulado *"Autoridade e carisma"*, dirigido por Jean Bauberot e defendido na presença de Emile Poulat em 1999.** Esse memorando merece ser conhecido e divulgado, pois está repleto de fatos muito instrutivos.

Vemos também aparecer **Gérard Leclerc** neste "cruzamento". Quem é ele? Lembremos aqui uma informação publicada pela CSI-Diffusion em 12 de julho de 2005:

"Em complemento à mensagem deste leitor, acrescentaremos que Gérard Leclerc foi convidado pelo padre de Tanoüarn (ex-FSSPX) para um congresso da associação 496 que se realizou na Mutualité para o aniversário dos 10 anos das consagrações em 1998 (http://www.france-catholique.fr/archi/articles/article1998,067.html).

Gérard Leclerc é próximo do meio da revista Communio, ela própria muito ligada ao padre Ratzinger.

Carta do leitor da CSI

Entre os apoios ativos que trabalharam há muito tempo na constituição dessa nebulosa, chamo sua atenção para o caso de **Gérard Leclerc** (**Gérard Coustenoble** alias Gérard **Leclerc**), atualmente diretor (salvo engano de minha parte) de *La France catholique*, muito introduzido na KTO (o canal católico conciliar), e que, em outros tempos (1971, salvo engano), foi, com **Bertrand Renouvin**, co-fundador da *Nouvelle Action française* (posteriormente tornada _Nouvelle Action royaliste).

Sites interessantes:

- **http://www.france-catholique.fr/**
- http://leclerc.gerard.free.fr/

Como os redatores de *L'Homme nouveau*, ele evolui mais entre os conciliares do que no meio tradicionalista, mas acho que ele tem certa influência. Aliás, ele não é um frequentador habitual da Rádio Courtoisie, mesmo que lhe tenha acontecido uma vez ou outra de ser convidado (mas, que eu saiba, nunca em um dos *Libres Journaux du soir*, os programas-chave do horário das 18-21h).

Ele escreveu, já há alguns anos, um livro-balanço sobre o pontificado de **Wojtyla** (não me lembro mais do título exato), mas isso lhe rendeu ser considerado um vaticanologista, especialmente na KTO. Durante a agonia do comediante polonês, **Leclerc** revelou-se ser um partidário de **Scola**, o veneziano apoiado pela Comunhão e Libertação.

Ele é um espírito modernista, mas brilhante, com a aparência de piedade e profundidade. Ele devota uma veneração sem limites ao **cardeal de Lubac** e é um discípulo do inevitável **Urs von Balthazar**.

Assinado por um leitor da CSI»_

CSI-Diffusion em 12 de julho de 2005

Dezesseis meses após a publicação do estudo da CSI sobre a *AngliCampos*, a Roma de Ratzinger confirma plenamente a análise publicada em 4 de julho de 2005.

É por isso que essa operação de federação das forças tradicionais católicas (nascidas em reação ao Concílio Vaticano II) em conexão com os meios conciliares conservadores, aparece como uma concretização de um discurso veiculado há vários anos nos meios *Ecclesia Dei*, por figuras anglicanas. Ela conta com o apoio do padre **Ratzinger**, um dos líderes da revolução contra a Igreja. Já tivemos a oportunidade, nas análises e documentos da CSI, de mostrar a continuidade histórica do plano anglicano dos meios tractarianos desde o pastor **Pusey**, passando por **Lord Halifax** e as conversas de Malines em 1927, visando a subversão da Igreja e a destruição da sucessão apostólica. Atualmente, o dominicano **Adrian Nichols**, de Cambridge, desempenha um papel de primeiro plano na elaboração dos princípios dessa federação. Essa destruição da sucessão apostólica do rito latino está em curso há 37 anos, tendo sido promulgado por Paulo VI em 18 de junho de 1968 o rito inválido e neo-anglicano de consagração episcopal.

Por essa razão, chamamos esse projeto de AngliCampos.

Esse AngliCampos, que seria uma estrutura tradi-conservadora, contaria com o apoio dos meios conservadores anglo-saxões, sejam eles conciliares, episcopalianos ou anglicanos. Ela exerceria forte pressão sobre **Mons. Fellay** e a FSSPX para arrastá-los a uma adesão. Ela também surgiria no cenário público no momento em que o plano Pike está prestes a concretizar uma etapa política decisiva pelo ataque contra o Irã por iniciativa dos neoconservadores americanos. Seria o ponto de partida de uma sequência previsível em direção ao choque de civilizações entre o Ocidente de um lado e o islamismo de outro. A realização de tal estrutura contribuiria, portanto, por sua contribuição no plano religioso, para atingir os objetivos do plano **Pike**, no plano geopolítico.

A *High Church* e as lojas iluministas Rosa-Cruz que pilotam esses eventos e essas diversas iniciativas prosseguiriam assim sua destruição da civilização cristã e da sucessão apostólica **abolindo assim o verdadeiro sacrifício e a Ordem de Melquisedeque, coisas** que são objeto de seu ódio **secular."** CSI-Diffusion, 5 de julho de 2005

Publicamos em anexo o perspicaz estudo da CSI sobre o movimento *Radical Orthodoxy* e a "Reforma da reforma" oriunda das margens Anglicanas. Reproduzimo-lo em um arquivo PDF anexo e disponível para download no site www.virgo-maria.org

Este texto foi publicado no site da CSI **em 4 de julho de 2005, e constatamos hoje que essas análises não cessaram de se confirmar ao longo dos meses**.

Em novembro de 2005, no momento em que Mons. Fellay e o padre Schmidberger se encontravam durante dois dias com o padre Hoyos e lhe manifestavam sua lealdade e vontade **de levar até o fim a "reconciliação" e, para isso, de quebrar a FSSPX[2] expulsando os elementos hostis (ou seja, fiéis a Mons. Lefebvre)**, ocorria na França uma emissão de **Daniel Hamiche** na *Rádio Courtoisie* para dar a conhecer o "**novo movimento Radical Orthodoxy**". Seguia-se a turnê do escritor alemão **Martin Mosebach, a favor das teses eclesiadéistas**.

Duas semanas depois, começava, em dezembro de 2005, a série de intervenções de Mons. Fellay em Paris, supostamente para informar os fiéis, mas ocultando cuidadosamente a reunião com o padre Hoyos, e apresentando como um movimento inevitável o "processo de reconciliação" com Roma.

Essa ação de influência do líder do pequeno grupo da corrente unionista da FSSPX, preparada por tais intervenções apropriadas do padre Barthe e de seus intermediários, ilustrou, seis meses após a publicação da ***AngliCampos*** da CSI**, até que ponto as chaves de leitura contidas nesse estudo se revelam hoje pertinentes** para decifrar as manipulações sutis e ocultas dos fiéis da Tradição por certos meios intelectuais **que têm sua origem na própria corrente Anglicana "informada" pela maçonaria britânica**.

Poderíamos simplesmente adicionar a esse estudo que **parece hoje que o esquema dos unionistas da FSSPX (padre Schmidberger e a rede alemã) com a Roma anticristo se assemelharia não mais a um *Super-Campos*, mas antes a um "arcebispado maior"** (termos do padre Barthe em *Monde et Vie* de 1º de

abril de 2006), **forma derivada de um Patriarcado Tridentino [3] que não ousa mais revelar seu nome desde que *Virgo-Maria* expôs publicamente a manobra e a semântica enganosa**. Esse modelo do Patriarcado como meio de "união" foi amplamente desenvolvido no memorando de Dom Beauduin de 1925: "*A Igreja anglicana unida, não absorvida*", disponível para download em nosso site.

Uma vez que tal **arranjo desejado por Ratzinger começaria pela confusão dos Sacerdócios, entre o verdadeiro sacerdócio católico sacramentalmente válido e o falso sacerdócio conciliar sacramentalmente inválido, e estabeleceria a longo prazo um clero totalmente inválido como pode é o clero anglicano**, o termo ***Anglicampos*** usado em julho de 2005 nos parece hoje mais do que nunca perfeitamente apropriado.

Continuemos a boa luta

Padre Michel Marchiset

---

[1] http://cccsp.free.fr/docus/20061120_carrefour.htm

[2] Revelações de *La Stampa* em 24 de março de 2006 - Ler a mensagem Virgo-Maria.org de 26 de março de 2006.

[3] Ler a mensagem de Virgo-Maria.org de 23 de março de 2006

O muito estranho Monsenhor Williamson e a omissão permanente de Avrillé

A nova operação do padre Schmidberger: a infiltração dos luteranos na FSSPX

Uma coordenação discreta de Monsenhor Williamson, ex-Anglicano, e do padre Schmidberger?

Image not found or type unknown
2 cartas gêmeas na arte real do padre Ratzinger?

O chefe dos anglicanos tradicionais, **John Hepworth**, e **Monsenhor Williamson**, ex-Anglicano

Os Rosacruz, o Anglicanismo e a Igreja conciliar: a omissão dos Estudos dos dominicanos de Avrillé

Criamos uma seção ***« Anglicanos, Rosacruz, patriarcado e Igreja conciliar »*** em nosso site para listar as análises e documentos que divulgamos relacionados aos Rosacruz e sua conexão com o Anglicanismo e a Igreja conciliar. Não conhecemos estudos sobre esses temas que tenham sido publicados nas seguintes revistas que realizam alguns trabalhos sobre a Contra-Igreja: *« Le Sel de la terre »*, *« Sous la bannière »*, *« Le Courrier de Rome »* ou *« L'Action Familiale et scolaire »*. Nem os dominicanos de Avrillé, nem Bonnet de Villers (Adrien Loubier), nem Arnaud de Lassus, nem o padre du Chalard[1] publicaram sobre essas questões, embora tenham dedicado várias décadas de estudos à subversão contra a Igreja.

Os estudos dessa corrente comportam, portanto, uma omissão permanente, um assunto sobre o qual nunca publicam. Sem dúvida por ingenuidade ou por conforto, os membros dessa corrente também se reconhecem em Monsenhor Williamson, especialmente Avrillé, cuja revista está sob o patrocínio do antigo Anglicano que se tornou bispo, assim como Adrien Bonnet de Villers, cujo britânico escreveu prefácios para alguns livros.

A atitude dessas pessoas aparece, portanto, nos fatos, objetivamente, e quer eles reconheçam ou não, como a de aqueles que evitam cuidadosamente o estudo das lojas próximas ao anglicanismo e aos Rosacruz. Reconhecem que essas lojas iluministas Rosacruz são perigosas, que têm uma verdadeira influência, simplesmente, e não publicam sobre esse assunto, permanecem em silêncio, o que contribui para desarmar os fiéis e outros clérigos dos anticorpos necessários que lhes permitiriam identificar seu pior inimigo e suas intenções.

Avrillé em missão para preservar a Obra de Dom Botte e do Padre Lécuyer, inimigo pessoal de Monsenhor Lefebvre

De fato, esses ambientes maçônicos Rosacruz são especializados nos ritos e nas questões que tocam a transmissão do sacramento da Ordem e do Sacerdócio. Seus Irmãos se vangloriam, junto aos seus confrades em loja, de um certo "tradicionalismo". Assim, a liturgia anglicana preservou cuidadosamente todas as formas externas da liturgia católica: incenso, ornamentos suntuosos,… a tal ponto que um fiel católico não avisado poderia facilmente se enganar. Eles agiram, através da questão das ordenações anglicanas, mas também mais tarde, no *Pontificalis Romani* em 1968, para introduzir ordens inválidas dentro da Igreja Católica. E os dominicanos de Avrillé parecem ter assumido como missão (a menos que isso venha de Monsenhor Williamson?) negar esse complô contra os Santos Ordens e, se reconhecerem a existência, negar

que esse complô possa ter tido sucesso. Esse era o sentido do artigo do Padre Pierre-Marie de Kergorlay na *Sel de la terre* n°54, em novembro de 2005, para vulgarizar a pseudo-demonstração de Dom Botte-Lécuyer em favor do novo rito de consagração episcopal de 1968.

Monsenhor Williamson, o oponente oficial a Monsenhor Fellay, e que controla toda reação

É forçoso constatar, cada vez mais e notadamente pelo silêncio organizado e pelas falsas demonstrações de Avrillé e do agente de Monsenhor Williamson, o padre Calderon, que um polo de reação sofre verdadeiramente a influência, ou até mais, do ex-Anglicano que se tornou bispo. Na colocação sob controle da FSSPX e no intuito de que ela nunca aborde as verdadeiras questões de fundo sobre a fina linha da subversão na Igreja, parece então desenhar-se uma divisão de tarefas entre, por um lado, um Monsenhor Fellay, seu Mentor o padre Schmidberger, e seu clã de adesistas (padres Lorans, Wuilloud, Boivin, de La Rocque, Sélégny, Celier, etc.) que trabalham ativamente para o alinhamento com a Igreja apóstata neo-anglicana do padre Ratzinger ao clero inválido. E, por outro lado, um controle discreto de Monsenhor Williamson sobre a reação dos fiéis através dos órgãos que acabamos de citar acima.

A esse quadro, convém agora adicionar uma nova iniciativa do padre Schmidberger para constituir um novo polo, com aparência tradicional, com luteranos escandinavos e bálticos que viriam reforçar as fileiras da obra de Monsenhor Lefebvre. Vejamos do que se trata.

A estratégia discreta do padre Schmidberger para infiltrar a FSSPX por um núcleo de luteranos

A missão do padre Schmidberger consiste visivelmente, desde sua retirada tática do Conselho em julho de 2006, em inserir ex-luteranos na FSSPX. Ele trouxe de forma notória para a FSSPX o ex-pastor Sven Sandmark[2]. O Senhor Sandmark se beneficiará de uma OGV: "ordenação a grande velocidade". Embora ainda estivesse "em função" em sua "paróquia" luterana no início de julho de 2006, ele será ordenado padre em 2007 ou 2008, estando agora sob a autoridade do padre Schmidberger, novo Superior inesperado do Distrito da Alemanha da FSSPX. Apenas alguns meses após a entrada do protegido ex-luterano do padre Schmidberger, o padre Stehlin (FSSPX) de Varsóvia prega um retiro de exercícios de Santo Inácio para pastores luteranos da Estônia[3]. Em breve novos "Sandmark" na FSSPX? Em breve um polo ex-luterano?

Em paralelo ao projeto de Ratzinger de vinculação dos luteranos do Norte da Europa à Igreja conciliar, como irmã gêmea da futura "Igreja Católica de rito anglicano"

Tudo isso deve ser relacionado com as negociações do padre Ratzinger com luteranos do Norte da Europa. Ratzinger deseja criar para eles uma estrutura canônica semelhante àquela prometida ao "Primaz" anglicano, John Hepworth, o líder do TAC (anglicanos tradicionais) e idêntica à estrutura canônica independente prometida pelo padre Castrillon Hoyos a Monsenhor Fellay. Assim, está em preparação uma "Igreja Católica nórdica luterana". O reverendo Chadwick, cuja visão sobre a reforma Anglo-Tridentina é compatível com a do padre Barthe[4], confirma essa direção ao declarar:

> _"O segundo documento é uma proposta formal do TAC à Santa Sé para se tornar uma 'Igreja de Rito Anglicano' *sui juris* em comunhão com a Santa Sé."_
>
> *O diálogo continua discretamente e, segundo um padre católico romano nos Estados Unidos: De acordo com o que aprendi de várias fontes, a Congregação para a Doutrina da Fé em Roma está trabalhando na preparação de propostas para futuras relações com organizações e grupos anglicanos de orientação católica ortodoxa, com as Igrejas anglicanas 'continuing', assim* ***como com grupos e 'fraternidades' luteranas de orientação católica na Europa e a Igreja Católica***

***Nórdica* na Noruega**.

"Era necessário um Papa alemão para começar a entender essas aspirações! Avançamos com confiança e fé em direção à unidade que Cristo deseja - ut omnes unum sint!" Reverendo Chadwick

Algumas ações determinantes de Monsenhor Williamson que revelam suas intenções

É forçoso constatar que Monsenhor Williamson está atentamente empenhado em bloquear todas as questões que poderiam constituir um ponto de ruptura na contestação da validade do pseudo-clero conciliar.

Vamos relembrar algumas ações determinantes de Monsenhor Williamson:

- **Proteção ao padre Celier em 1995**, bloqueando a divulgação pelo *Sel de la terre* de uma refutação definitiva da obra do padre Celier: *Le Dieu mortel*. É o mesmo padre Celier que, em 2003, lançou seu panfleto para negar a existência da ação milenar da gnose na subversão da Igreja, com o objetivo de neutralizar a obra decisiva de Jean Vaquié sobre a questão.
- **Intervenção recorrente de Monsenhor Williamson para inaugurar as novas capelas da FSSPX onde capelas sedevacantistas se desenvolvem**. Monsenhor Williamson aparece como o homem encarregado da política anti-sedevacantista, adotando a metodologia inglesa para circunscrevê-la. Seus comentários contra o sedevacantismo são crônicos.
- **Apoio inesperado aos Mutins, durante seu sermão de 17 de outubro de 2004** em Saint-Nicolas du Chardonnet, o que permitiu ao padre de Tanouärn relançar sua ação com Yves Amiot e preparar o primeiro congresso dos Mutins em 6 de fevereiro de 2005. Essa ação dos Mutins, iniciada pelo padre Lorans, que levou o padre Laguérie a se engajar em julho de 2004, representa uma manobra contra Monsenhor Fellay, provavelmente considerado na época "muito lento" para se aliar. É notável que Monsenhor Williamson tenha vindo soprar sobre a chama que estava se apagando.
- **Aprovação do artigo do Padre Louis-Marie no *Sel de la terre* n°53, sobre o 3º segredo de Fátima**, em julho de 2005. Este artigo alegava que o falso segredo revelado em 2000 por Ratzinger seria "autêntico e integral". O objetivo do artigo era limpar a imagem do padre Ratzinger, que havia sido eleito alguns meses antes. Comportando-se como se não houvesse aprovado o artigo do Padre Louis-Marie, Monsenhor Williamson declarou então na primavera de 2006 que o 3º segredo não havia sido revelado. E, nas últimas semanas, Monsenhor Williamson começou a apresentar o padre Ratzinger como um "bom rapaz" que não teria podido revelar o verdadeiro 3º segredo e que carregaria desde então um *"peso na consciência"* porque *"sua mão teria sido forçada"*. Em suma, uma pessoa corajosa que não pode fazer nada, enquanto o padre Ratzinger foi um dos principais responsáveis pelo Concílio Vaticano II e pela destruição da Igreja que se seguiu. Tudo isso antecipa uma futura manobra sobre o 3º segredo de Fátima, para apoiar o alinhamento da FSSPX e o lançamento da reforma Anglo-Tridentina. Essa manobra é do tipo da "coroa" espiritual que se tornou uma magnífica "manga de rosas" (-cruz?). A tática consiste em fazer acreditar que essa reforma Anglo-Tridentina ("reforma da reforma") seria fruto da intervenção da Santíssima Virgem Maria junto a Seu Filho.
- **Aprovação dos artigos do *Sel de la terre* em novembro de 2006 (n°54) e maio de 2006 (n°56)**, que apresentam falsas demonstrações da validade do novo rito de consagração episcopal do *Pontificalis Romani* (1968). O Padre Pierre-Marie de Kergorlay foi escolhido como o agente dessa sofística, adotando a falsa demonstração baseada em textos errôneos e reorganizados dos ritos orientais, como argumentado por Dom Botte e pelo Padre Lécuyer antes e durante a reforma de 1968. Para isso, ele fez uma estadia prolongada na Alemanha em agosto de 2005. Paralelamente, o artigo do Padre Pierre-Marie no *Sel de la terre* (n°54) foi traduzido para o inglês e divulgado em dezembro de 2005 pelo *Angelus* nos Estados Unidos. Assim, atingiu todo o público tradicional anglo-saxão que Monsenhor Williamson, o ex-Anglicano, conhece muito bem. Essa ação envia um sinal forte para Roma, para mostrar que a validade sacramental do "clero" conciliar não é contestada.
- Sob a forma de anúncios impactantes, a promoção por Monsenhor Williamson de **argumentos pueris ou ridículos** para se opor a Ratzinger. O último incidente desse tipo ocorreu neste verão, quando Monsenhor Williamson inventou o "mentevacantismo" de Ratzinger.

- Publicação em outubro de 2006 pelo **padre Calderon**, um de seus subordinados no seminário de *La Reja*, de um artigo (*Sel de la terre* n°58) para continuar a "demonstrar" a alegada validade do novo rito de consagração episcopal, ignorando todas as refutações já apresentadas.

No balanço, Monsenhor Williamson aparece objetivamente como o protetor do padre Celier, do padre de Tanoüarn, do padre Laguérie, da obra de Dom Botte e do Padre Lécuyer, além de ter “limpado” a imagem do padre Ratzinger em relação à falsificação do 3º segredo de Fátima. Poucos clérigos na FSSPX podem se orgulhar de um currículo como esse! A ação de Monsenhor Williamson, que à primeira vista parece muito desorganizada e marcada por explosões na mídia, até mesmo desinvolta, revela-se na realidade de uma eficácia muito grande para prender a FSSPX em um beco sem saída. É a arte muito *britânica* da "deception"[5].

A isso se soma também o silêncio ensurdecedor de Monsenhor Williamson sobre as manobras históricas anglicanas e suas negociações recentes. No entanto, Monsenhor Williamson conhece perfeitamente toda a história anglicana, sua conexão com as altas lojas iluministas e seus ataques ao sacramento da Ordem, como evidenciado pelo caso de Lord Halifax (1896) e as conversas de Malines de 1925.

Uma coordenação discreta, mas forte, entre Monsenhor Williamson e o padre Schmidberger, com Monsenhor Fellay como o peão consentente?

O padre Schmidberger não pode deixar de perceber o papel que, com uma sutileza toda britânica, Monsenhor Williamson desempenha, o qual tem o efeito de silenciar ou controlar qualquer reação séria à política de alinhamento da FSSPX e à revisão da verdadeira natureza da Igreja conciliar. Portanto, é permitido agora questionar uma possível aliança discreta entre o verdadeiro mestre oculto da FSSPX, o alemão Schmidberger, mentor de Monsenhor Fellay, e o ex-Anglicano, Monsenhor Williamson. **Quem decidiu a publicação do artigo do Padre Pierre-Marie no *Angelus*?** É muito notável que, logo após a publicação de nossa investigação sobre a Rede alemã[6] (padre Schmidberger e conexões com Ratzinger) e a criação de nosso site no início de fevereiro de 2006, Monsenhor Williamson tenha imediatamente tomado a iniciativa de nos solicitar um encontro privado.

E Monsenhor Fellay é o comissionador ou o executor deste clã? Ele é o peão consentente nesta grave partida de xadrez que se joga à frente da FSSPX e em Roma?

No dia 17 de dezembro de 2006, foi divulgada[7] na internet **uma próxima conferência de Monsenhor Fellay na Argentina**, na presença de Monsenhor Williamson, onde o Superior atual da FSSPX expressaria sua recusa em assinar com Roma "por enquanto", apesar da promulgação do *Motu Proprio* iminente. Esse boato também afirma que Monsenhor Williamson estaria ameaçando criar uma cisão dentro da FSSPX.

Se, por acaso, Monsenhor Williamson pretendesse liderar uma facção hostil ao acordo com Roma, é importante destacar que NUNCA o ex-Anglicano tornado bispo levantou a questão do Sacerdócio. Sabemos até por boas fontes que ele sempre demonstrou extrema relutância em relação às reordenações *sub conditione* impostas pela FSSPX a vários "padres" conciliares que a ela se uniram. Repetimos aqui o que já dissemos em uma mensagem anterior[8] sobre o papel de Monsenhor Williamson no plano de Roma para destruir a FSSPX, a fim de controlar o segundo anel que resultaria de uma cisão.

Observamos que a mídia já está destacando Monsenhor Williamson como o líder de uma possível cisão da FSSPX. **Monsenhor Williamson é, portanto, o candidato escolhido pela mídia**. Tudo isso parece muito suspeito.

Poderíamos até ousar imaginar que, uma vez terminada e concluída toda a operação de captura da FSSPX, dentro de um Patriarcado Tridentino, Dom Williamson, protetor em 2004 do padre Laguérie (agora promovido à cabeça do IBP), e sem o qual toda essa operação de erradicação do Sacerdócio católico não teria podido ser totalmente realizada, pudesse *in fine* se tornar o Patriarca. **Assim, vítima de seu falso opositor Dom Williamson, discretamente em conluio com seu próprio Mentor, o padre Schmidberger, Dom**

Fellay teria sido afastado, para aparecer então como a **presa dessa operação germano-anglo-saxônica conduzida pela arte real do padre Ratzinger.** Dom Williamson se tornaria então um par natural de seu colega anglicano, John Hepworth, chefe previsto da futura « Igreja católica de rito anglicano ».

Essa conjunção anglo-saxônica e alemã que conseguiu tomar o controle da reação católica e da FSSPX destaca muito fortemente um ponto: desde a data de sua morte em 1991, estamos assistindo ao apagamento do papel da destinação sobrenatural da França na luta legada por Dom Lefebvre para preservar e transmitir o Sacerdócio católico sacramentalmente válido. Na França, onde o clã dos alinhados (padre Lorans, de La Rocque, Celier, de Cacqueray) foi imposto e mantido apesar da crescente contestação interna, essa pequena facção impõe que a questão da validade do Sacerdócio nunca seja colocada, colocando exclusivamente a questão da autorização do rito Tridentino acima da questão primordial e condicionante da validade sacramental mesmo do Sacerdócio do sacerdote que celebra a missa.

Quando haverá uma voz francesa para levantar publicamente e solenemente a questão do Sacerdócio? Quando os fiéis que desejam conservar sacramentos válidos serão ouvidos e a questão vital da salvação de suas almas não será mais desprezada?

Agora **o vídeo da carta solene aos quatro bispos sobre o Sacerdócio** está disponível[9]. Mostre-a a seus amigos, aos seus sacerdotes, religiosos e religiosas. Assegure-se de que eles dediquem 30 minutos para conhecer esta mensagem, que reproduz em imagem aquela de Dom Lefebvre sobre o Sacerdócio. Os termos dos textos deste vídeo expressam fiel e exclusivamente as posições oficiais da FSSPX e demonstram ainda mais a perfeita e insuportável incoerência (em relação à política atual em relação a Roma) sobre essa questão vital para todo católico.

Continuemos a boa luta

Padre Michel Marchiset

---

[1] O Padre du Chalard, como revelado pelo Padre de Tanoüarn na Rádio Courtoisie em 19 de julho de 2006, é o *factotum* do Padre Schmidberger em seus contatos com a Roma anticristo.

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-07-20-1-00-Le_plan_Tanouarn_Celier_pour_diriger_la_FSSPX.pdf

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-08-18-2-00-Sandmark_Abjuration_ou_entrisme.pdf

[3] http://angelqueen.org/forum/viewtopic.php?t=11304&sid=1096427680d2e595ae42e24133163bf8 e http://www.fsspx.ee/

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

[5] ‘Deception’ significa ‘engano’ em inglês.

[6] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-02-17-B00-FSSPX_reseau_allemand.pdf

[7] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=247672

[8] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-A-00-Mgr_Williamson_rejette_le_Motu_Proprio_1.pdf

[9] http://www.virgo-maria.org/diaporama.htm

O Bom Pastor e a simbologia luciferiana da Rosacruz

O famoso "buquê espiritual" tornou-se um "magnífico ramo" de rosas... da Rosacruz?

Nossos trabalhos, precedidos pelos trabalhos publicados pela CSI-Diffusion em 2005 e paralelamente pelos do CIRS (Comitê Internacional *Rore Sanctifica*[1]), nos levaram, em nossas mensagens anteriores desde novembro de 2006, a atualizar as influências anglicanas, elas próprias muito ligadas às lojas iluministas da Rosacruz, na destruição da Igreja Católica, particularmente na destruição do Sacerdócio Católico sacramentalmente válido, visando à extinção do Sacerdócio da Nova Aliança.

1- A importância das Lojas Iluministas da Rosacruz no controle da FSSPX - Aspectos históricos da Fraternidade da Rosacruz por Jean Vaquié

Os Rosacruzes pertencem às Altas Lojas Maçônicas. Essa parte (iluminista) chamada "de direita" da Maçonaria dirige o ramo (racionalista) chamado "de esquerda": as Altas Lojas (com conotação religiosa e muito tradicional) exercem domínio (por influência de círculos) sobre as Baixas Lojas progressistas, laicistas e muito engajadas na promoção da ideologia dos direitos humanos ou dos fundamentos filosóficos da doutrina da liberdade religiosa. O funcionamento desses círculos maçônicos apresenta uma certa complexidade, mas alguns grandes princípios emergem, entre eles o dessa relação de domínio das Altas Lojas tradicionais sobre as Baixas Lojas racionalistas. As lojas racionalistas realizam o *Solve*, enquanto as lojas tradicionais iluministas realizam o *Coagula* que o segue cronologicamente.

Jean Vaquié produziu um texto sobre os Manifestos Rosacrucianos, do qual aqui estão alguns trechos sintéticos.

> *"Historicamente, a "rosa-cruz" foi escolhida como pavilhão por uma sociedade de pensamento cujas primeiras manifestações veremos e cujo dinamismo está totalmente direcionado para a reforma universal, isto é, no sentido da subversão das instituições cristãs históricas e no sentido de sua substituição por outra coisa. Outra coisa que se trata precisamente de elaborar. O pavilhão rosacruciano é cristão em suas aparências, mas a mercadoria que ele cobre não o é.*
>
> *Três toques de corneta teutônicos anunciaram bruscamente, nos primeiros anos do século XVII, a existência, que se suspeitava vagamente, da Fraternidade da Rosacruz. Esses três toques de corneta são os três Manifestos Rosacrucianos que vamos estudar agora.*
>
> *E se eles têm um lugar em nossa investigação sobre as doutrinas revolucionárias, é precisamente porque eles inauguraram, em certo plano pelo menos, a fase da* ***reforma política****.*
>
> *A Reforma luterana tinha sido sobretudo religiosa. A "Reforma Universal" que os irmãos da Rosacruz empreenderam ruidosamente se estende* ***à filosofia, à ciência e à política dos Estados****. Examinemos tudo isso.*
>
> *Quais são, então, esses* ***três manifestos*** *cujo tom foi tão trovejante? O primeiro se intitula* ***Fama Fraternitatis*** *e data de 1614. O segundo é a* ***Confessio Fraternitatis*** *e foi publicado no ano seguinte, 1615. O terceiro tem o título* ***As Bodas Químicas de Christian Rosenkreutz****, editado em 1616."*
>
> *(...)*
>
> *"Tomados em conjunto, os Manifestos Rosacrucianos são um apelo à* ***Reforma Universal sobre as ruínas da ordem cristã****. Em certo momento, vimos até aparecer, como um fogo-fátuo, como o*

brilho do "Grande Dia".

*Esses três toques de corneta foram seguidos por um **silêncio hermético** ("silentium post clamorem" dizia-se então em Württemberg). Mas é evidente que eles tinham sido precedidos por uma longa preparação, uma longa incubação. A Fraternidade da Rosa-Cruz teve sua **pré-história**.*

*Quanto à **influência posterior** desses três manifestos, ela foi **considerável**, especialmente na Inglaterra. Foram os irmãos da Rosacruz que foram parasitar as últimas lojas operativas da Inglaterra e da Escócia e transformá-las em lojas chamadas especulativas. **O rosicrucionismo é uma das fontes mais certas da maçonaria moderna, bem como da ideologia revolucionária.**"* Jean Vaquié - Os Manifestos Rosacrucianos

As lojas iluministas gostam do rito de São Pio V, das flores de lis, dos símbolos monárquicos. Seus adeptos mergulham em atividades em que é de bom gosto magnificar a tradição monárquica capetiana, opor-se à Revolução Francesa, ou pelo menos lamentar seus excessos. Essas lojas criticam o espírito laico das obediências racionalistas, criticam a ideologia dos direitos humanos e os distúrbios morais de todo tipo que o progressismo veicula. Elas seduzem pessoas com sensibilidade "de direita" que vêm frequentar os meios da Tradição Católica. Elas se comprazem nesses meios, sabendo dissimular suas verdadeiras intenções e enganar os mais ingênuos que, muitas vezes por falta de formação, concentram seus ataques no progressismo e até mesmo acreditam perceber nesses membros das lojas iluministas aliados ou até mesmo líderes, um reservatório de forças capazes de ajudá-los a vencer o progressismo. Esses ingênuos que não estudam esquecem que existe uma verdadeira dialética racionalista/iluminista que funciona contra a Igreja, pois coordenada por um centro superior que puxa os fios.

A manobra de adesão da FSSPX, a que assistimos há mais de um ano, decorre dessa ação das lojas iluministas. A FSSPX não é ameaçada pelas lojas racionalistas, muito estranhas e opostas à sua luta. Daí a importância de conhecer bem os Rosacruzes, que pertencem a esse movimento, que aparentemente são os mais próximos da Tradição Católica e que, portanto, representam os verdadeiros inimigos, os mais dissimulados, do Sacerdócio Católico.

Com o Vaticano II e nos últimos quarenta anos, as forças do *Solve* têm trabalhado para destruir a Igreja, e isso parece praticamente realizado. Desde a eleição de Ratzinger, os planos das lojas iluministas saem das sombras, iniciativas são suscitadas e encorajadas pela mídia para conduzir a fase do *Coagula*, que consiste em construir um novo edifício com os escombros do antigo e estabelecer uma contrafação de Igreja com as aparências da Tradição Católica. O Sacerdócio foi progressivamente quase erradicado na Igreja conciliar pela aplicação, durante quase quarenta anos, de um rito de consagração episcopal deliberadamente tornado inválido.

Para isso, a FSSPX representa um obstáculo internacional e dispensadora dos tesouros da graça sacramental a esse projeto do *Coagula*, na medida em que essas lojas não a controlam realmente a seu bel-prazer, embora agentes repassem suas instruções para impulsioná-la em certas direções. O combate que vivemos nesses meses é o do último assalto das lojas iluministas da Rosacruz para obter o controle da obra do Bispo Lefebvre por meio de uma integração, sob uma forma (Patriarcado Tridentino) ou outra (Igreja Católica de Rito Tridentino) sob a autoridade do Padre Ratzinger. Em seguida, as outras peças da montagem do Coagula seguirão: a Igreja Católica de Rito Anglicano[2], a Igreja Católica Luterana Nórdica, etc.

O Bispo Ernest Jouin, Pároco de Saint-Augustin em Paris, sob a bênção do Papa São Pio X, empreendeu o estudo sistemático dos trabalhos ocultistas das lojas iluministas da Rosacruz, expostos na *Revue Internationale des Sociétés Secrètes* (RISS parte rosa) por muito tempo inacessível e agora parcialmente republicada[3]. Parece hoje, e particularmente entre o clero da FSSPX, que esses trabalhos absolutamente vitais para o combate católico tenham sido completamente ignorados, quando não ridicularizados por clérigos desonestos ou presunçosos tanto quanto ignorantes.

2 - O 18º grau do rito maçônico do Cavaleiro Rosacruz: um Bom Pastor que não é outro senão Lúcifer

2.1 Quem era Jules Doinel (Jean Kostka)?

Jules Doinel desempenhou um papel por volta de 1893 como Patriarca da Igreja Católica Gnóstica[4], no movimento satanista que se espalhava naquela época. Convertido à Fé Católica em 1895 e tendo abjurado suas heresias, ele escreveu *Lúcifer Desmascarado[**[5]**]*, no qual revelava o significado dos graus maçônicos e as influências luciferinas que reinam sobre as Altas Lojas Iluministas. Eis o que o Padre Barbier, um jesuíta que deixou sua Ordem para prosseguir seus estudos sobre a Contra-Igreja, escreveu sobre ele em 1910:

> *"A Gnose foi renovada em 1888 por **Jules Doinel**, arquivista departamental do Loiret e membro do Conselho da Grande Loja do Oriente da França[**[6]**]. Uma carta de 1022, escrita pela própria mão do chanceler episcopal, Etienne, havia chamado sua atenção para esse personagem, um dos quatorze heresiarcas queimados, em 28 de dezembro de 1022, em Orleães, por ter praticado e professado a doutrina gnóstica.*
>
> *Doinel de repente se sentiu possuído por um ardente amor pela Gnose e se deu a missão de recolher os fragmentos dispersos ou, antes, de retomar e rejuvenescer a antiga tradição. Ele ressuscitou a Igreja Gnóstica, da qual se tornou o primeiro Patriarca com o nome de Valentino II. Firme no princípio caro a todas as confissões gnósticas, diz seu sucessor, o Patriarca Sinésio (Dr. Fabre des Essarts): "o sacerdócio pode ser conferido em toda a sua plenitude por simples influxo divino, sem a ação de um sinal iniciático", ele não foi buscar seus poderes em nenhum centro de iniciação. "Ele era sacerdote pela ação desse misterioso influxo e acreditou poder legitimamente exclamar: 'É o Eão Jesus mesmo que me impôs as mãos e me consagrou bispo de Monségur'"*[7]. *O Ir. Doinel reuniu altas intelectualidades. Um sínodo logo foi constituído e, em 1893, consagrou seu título de bispo de Monségur, do qual já havia sido investido por via intuitiva. Uma hierarquia foi estabelecida. Vários bispos foram criados."*
>
> *"A graça divina tem desígnios e recursos insondáveis. O iniciador desse **movimento satânico**, **J. Doinel, o Patriarca Valentino II, detestou seus erros e voltou ao catolicismo**. Em dezembro de 1895, a seguinte notícia foi comunicada aos bispos gnósticos: 'Doinel abjurou a fé gnóstica nas mãos do bispo católico de Orleães. Ele lhe entregou seus insígnias patriarcais, confessou-se e comungou solenemente na catedral'."*
>
> ***"O heresiarca convertido"*** _sentiu-se pressionado pela necessidade de **reparar tanto quanto possível o mal do qual havia sido o autor**. Sob o pseudônimo de **J. Kostka** (ele atribuía em parte a São Stanislau a graça de seu retorno), ele escreveu na *Vérité française* uma série de artigos então muito notáveis, nos quais se encontram os detalhes mais singulares sobre as seitas ocultistas e, em particular, a dos gnósticos, e uma visão geral do ritual litúrgico, bem como dos mistérios satânicos que eles celebram e os da **Maçonaria**. Esses artigos foram mais tarde reunidos em volume sob o título de **Lúcifer Desmascarado**. **Nele reina um tom de fé e arrependimento de uma nota tão justa, ao mesmo tempo tão profunda e tão moderada, uma reserva tão sinceramente cristã no meio de descrições abomináveis e revelações em que nada é escrito para satisfazer a curiosidade, que é impossível não dar grande valor a esse testemunho**. O livro do Sr. Doinel não pode ser comparado a certas obras de outros penitentes, de estilo bem diferente."_
>
> Padre Emmanuel Barbier, As infiltrações maçônicas na Igreja, Desclée de Brouwer, 1910, extrato da Crítica do Liberalismo, n° de 1º de maio, 1º de agosto, 15 de agosto, 1º de setembro, 15 de setembro de 1910 com várias aprovações episcopais.

2.2 O 18º grau de Cavaleiro da Rosacruz

Depois de explicar que o 18º grau Rosacruz da maçonaria marca "a entrada nas lojas traseiras luciferinas", Jules Doinel descreve a embriaguez espiritual doentia que se apodera do iniciado tornado cavaleiro da Rosacruz:

> *"**Lúcifer dá a esse grau um tal encanto, um tal brilho que nós o abraçamos apaixonadamente**. Sentimo-nos **orgulhosos** e **triunfantes** por sermos cavaleiros da Rosacruz."*
>
> *"Há também **a alegria altiva da profanação, do sacrilégio concebido**, senão aprofundado, da associação do pensamento humano ao pensamento do rei dos Anjos culpados, da identificação com ele, da participação em sua ciência, da comunhão com seu verbo. Há também **a influência de sua Presença espiritual**."* J. Doinel

Para Doinel, o grau Rosacruz representa o protótipo dos altos graus:

> ***"O grau de Rosa-Cruz contém, portanto, o satanismo em alta dose**. Ele é o germe dos altos graus, assim como o grau de aprendiz era o germe do grau de Mestre: com essa diferença, no entanto, de que o grau de Rosacruz constitui o pedreiro perfeito, o pedreiro que contraiu, se é inteligente, se tem o senso religioso, um **pacto formal com o inimigo de Jesus Cristo**."* J. Doinel

Em seguida, Jules Doinel detalha três mistérios luciferianos:

*"Na loja vermelha, há entre outras, mas mais especialmente, **três mistérios luciferianos**: **o mistério do INRI, o mistério da Rosacruz; o mistério do Sinal do Bom Pastor**. Recebi a completa iluminação demoníaca sobre esses três mistérios."* J. Doinel

2.2.1 O mistério luciferiano do INRI

Procedimento tipicamente diabólico, a sigla INRI, que estava inscrita na Cruz Redentora de Nosso Senhor, é invocada pelos Rosacruzes, mas seu significado é invertido:

- I(esus) N(azarenus) R(esurrexit) I(ncassum):

> *"É em vão que Jesus, o Nazareno, ressuscitou". "É o INRI infernal, pelo qual ele afirma que Jesus ressuscitou, mas que ele, Satanás, tornará nula a ressurreição."* J. Doinel

- Outro significado dado pelos luciferianos:

> _"O Rosacruz, por sua vez, faz o sinal do Bom Pastor, ou o sinal do esquadro, dizendo: **INRI** *E ao dizer INRI, o Rosacruz diz: I(n) N(omine) R(egis) I(nferni) **Em nome do Rei do Inferno**! Ele profere como o cristão sua profissão de fé, mas a profere em sentido absolutamente contrário. **Ele se proclama Luciferiano. Ele se proclama fiel do Inferno. Ele se proclama réprobo.** Que o mistério inominável que revelo ilumine os confessores e faça estremecer os infelizes que receberam **o estigma da besta: o Esquadro**."* J. Doinel

O uso de símbolos cristãos por Rosacruzes induz os católicos ingênuos ou confiantes a erro, onde eles veem um símbolo sagrado expresso por um iniciado do grau de cavaleiro Rosacruz, eles estão longe de suspeitar que ao mesmo símbolo possa ser dado um sentido invertido pelo astuto.

2.2.2 O mistério luciferiano da Rosacruz

A simbologia da rosa e da cruz se torna negadora da Redenção realizada pelo adorável sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo, ela se quer o selo do silêncio imposto sobre essa Redenção eficaz, ela visa obstruir o fluxo das graças sacramentais que os rosacruzes têm em abominação.

> *"Que significa, então, a Rosa do silêncio imposta sobre a Cruz e naquele lugar da Cruz onde repousava a cabeça coroada de espinhos do Senhor? Ela significa o selo da anulação, mas sobre a Redenção. A Rosa colocada sobre a cruz não é outra coisa senão* ***a anulação da obra da Cruz****. E apenas Lúcifer pôde ter esse pensamento. Só ele pôde conceber essa teoria monstruosa."* J. Doinel

E Jules Doinel cita um discurso proferido em uma loja traseira:

> *"Esse meio, portanto, será selar (sic) a Cruz, como se sela um testamento precioso que se quer tornar inútil. Colocaremos, portanto, sobre a Cruz, o selo da Rosa.* ***NÓS IMPOREMOS SILÊNCIO À CRUZ.*** *E a cruz silenciosa não falará mais aos homens de uma salvação e de um dever que não são nem o dever que nos incumbe, nem a salvação que esperamos. Por outro lado, o catolicismo privado da Cruz e dos frutos da Cruz, que são a caridade, a abnegação, a paciência, o perdão das injúrias e a reforma da vida individual como da vida social. O catolicismo perderá seu prestígio e sua ação sobre os espíritos cultivados, primeiro; sobre as massas, em seguida. Selemos a Cruz."* J. Doinel

Quando os rosacruzes espalham suas obras de rosa e cruz, não vejamos nenhum ato de piedade, mas sim esse "selo" pelo qual eles assinam sua obra de extinção das graças que fluem do Sacrifício da Cruz, pelo qual eles pretendem impedir que a água e o sangue fluam do lado do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, sob o rasgo da lança.

2.2.3 O mistério luciferiano do Bom Pastor

O terceiro mistério luciferiano é o do Bom Pastor, que designa Lúcifer nas lojas iluministas e que se manifesta por um sinal, uma saudação cuja toda a simbologia é blasfema:

> *"Lúcifer, por sua vez, se manifesta nas lojas vermelhas e diz: 'Eu sou o Bom Pastor!' E ele dá a suas ovelhas o sinal desse pastor. Esse sinal: eis aqui:*
>
> *'Você cruzará seus dois braços sobre o peito, seu braço esquerdo sobre seu braço direito, suas duas mãos estendidas e seus dois olhos voltados para o céu; então você levantará sua mão direita no ar, e com seu dedo indicador direito, separado, você mostrará o céu. Aquele que o reconhecer, mostrará, ele, a terra, com seu dedo indicador direito em resposta a seu sinal. E esse será o contra-sinal. Você então cruzará sua perna direita atrás de sua perna esquerda. Seu irmão, por sua vez, cruzará sua perna esquerda atrás de sua perna direita. Feito isso, seu irmão e você cruzarão seus dois braços cada um sobre o peito, suas duas mãos bem estendidas, colocando-se um diante do outro: você o saudará; você colocará reciprocamente as duas mãos de um sobre o peito do outro, sem descruzar os braços. Um dirá EM, o outro responderá MAN, um dirá NUEL, o outro responderá* ***PAX VOBIS****. Então você dará o beijo fraternal, cada um na bochecha direita do outro. O Reconhecedor então lhe dirá: Você reteve a palavra? Você responderá: sim, Muito Poderoso Cavaleiro! Ele lhe perguntará: Dê-me; Você dirá: I; ele dirá: N; você responderá: R; ele dirá: I. Finalmente, ele lhe perguntará sua idade. Você responderá: TRINTA E TRÊS ANOS!'"* J. Doinel

E Doinel decompõe com precisão essa saudação chamada do "Bom Pastor" e detalha com precisão o significado de cada elemento dessa simbologia:

"Os dois braços cruzados sobre o peito, é a zombaria da Cruz, já aniquilada pela Rosa do silêncio. As mãos estendidas, é a derrisão da oração. Os olhos voltados para o céu, é o insulto irônico ao êxtase e ao arrebatamento dos santos. O gesto do sinal e do contra-sinal, é o gesto hierático do ***Bafomé*** *que os Templários adoravam. É, em gnose, a anábase e a cátase; a evolução e a involução. Na maçonaria vermelha, é a ameaça lançada ao céu e a saudação dada a Lúcifer. É também a inversão do dogma católico, no sentido de que o inferno se torna o céu do luciferiano. O cruzamento das pernas é a duplicação do desprezo pela cruz. Ela é rejeitada para trás e pisada simulando sua forma. A palavra Emanuel, que significa Príncipe da Paz, é a palavra que em Isaías e no Evangelho designa o Senhor. O rosacruz a atribui a Satanás, seu Emanuel. O INRI é decomposto. Conhecemos seu triplo significado."* J. Doinel

E o sacrilégio irá mais longe com a celebração de uma Ceia que se torna uma anti-missa.

"Acrescento que ***a ceia do 18º grau é, no pensamento de Satanás, a ANTI-MISSA****. Não é necessário desenvolver o odioso significado desse último símbolo: a ceia.*

O ódio à Eucaristia é uma tradição nas lojas vermelhas. Disseram-me que em algumas dessas lojas (...), especialmente no Oriente, profanavam hóstias consagradas." J. Doinel

Assim, para Doinel, *"o 18º grau encerra a quinta-essência maçônica"*.

Eis a exposição de um antigo iniciado sobre o significado dos mistérios luciferianos dos cavaleiros maçônicos da Rosacruz.

Tais personagens, movidos por seu ódio ao Sacrifício da Cruz e à Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo, vêm perseguindo há séculos a destruição da Igreja Católica, a destruição da validade sacramental de suas Ordens, canal necessário para a transmissão das graças sacramentais de uma geração de cristãos a outra, por meio do ministério dos bispos e sacerdotes verdadeiramente católicos.

Neste paroxismo da luta das altas lojas luciferinas contra o Sacerdócio Católico, do qual somos testemunhas em 2006, a Igreja Conciliar tornou-se o veículo dessas influências infernais. Já sob Leão XIII, o cardeal-secretário de Estado, Rampolla del Tindaro, membro da seita luciferina da OTO, era iniciado no grau de cavaleiro da Rosacruz. Que dizer em 2006, quando sabemos que não menos de quatro Lojas de rito escocês (reservadas ao clero) estão em atividade no Vaticano? E isso segundo as conferências públicas dadas no Instituto Universitário São Pio X em Paris pelo Padre du Chalard de Taveau e pelo Senhor Arnaud de Lassus. Afirmações idênticas feitas pelo próprio Mons. Fellay em 1999 e disponíveis em vídeo[8]. Torna-se evidente que essa estrutura conciliar, que não possui mais um Sacerdócio válido, tornou-se o instrumento desses ataques contra a Igreja Católica que ainda subsiste de forma esparsa e ultra-minoritária no mundo.

A FSSPX representa o último baluarte da única sociedade sacerdotal internacional ainda desfrutando do Sacerdócio autêntico de Melquisedeque sacramentalmente válido e cujos Rosacruzes desejam ter um controle total. Por isso, a batalha da reconciliação que se desenrola atualmente deve ser analisada meticulosamente à luz dos princípios e da simbologia dos Rosacruzes.

3- O "buquê" espiritual tornou-se um "magnífico ramo" de rosas... da Rosacruz?

A manobra de reconciliação da FSSPX acelerou-se a partir da reeleição de Mons. Fellay em 12 de julho de 2006, com o lançamento da impostura sacrilega do "buquê" espiritual, pelo qual foi pedido aos clérigos e fiéis que rezassem um milhão de rosários para que a Santíssima Virgem Maria concedesse a Ratzinger a "força de libertar o rito de São Pio V".

Ao publicar os resultados desse "buquê", o Padre Lorans exibiu no site Dici.org[9] o seguinte símbolo, chamando-o de "magnífico ramo":

****Montagem fotográfica publicada pela Dici.org para apresentar a simbologia do "ramo"**

A montagem na foto do "buquê espiritual": uma rosa + uma cruz e então sobre a cruz do rosário, não Nosso Senhor crucificado, mas o PX (abreviatura de Pax e Pax Christi) que se encontra no círio pascal, bem como nas novas edições de missais há vários anos. Notável coincidência, esse PX deve ser relacionado a outro, o **P** a**x** Vobis da saudação dos Rosacruzes.

É claro, à luz do texto de Jules Doinel que acabamos de citar, que esse símbolo exibido na Dici.org pode suportar uma leitura bem diferente, e sem seu conhecimento, daquela que o Padre Lorans pretende lhe dar, como é o caso dos símbolos que os rosacruzes se apropriaram.

Que leitura rosacruciana tal símbolo poderia ter?

Se for comprovado que essa imagem manifesta um símbolo rosacruciano (a rosa do silêncio selada sobre a cruz), essa simbologia expressaria que a finalidade real do "buquê" seria chegar, em última instância, a negar os efeitos salvadores da Redenção, cortando os frutos do Sacrifício, pois a captura da FSSPX à qual o *Motu Proprio* (fruto pedido pela oração do "buquê") deve levar permitiria aos anticristos de Roma tomar o controle da FSSPX e interromper a transmissão do Sacerdócio válido. O que assim realizaria o lema INRI: I(esus) N(azarenus) R(esurrexit) I(ncassum): "É em vão que Jesus, o Nazareno, ressuscitou". Os Rosacruzes que perseguem com seu ódio a missa e o Santo Sacrifício dos altares teriam assim, por um movimento que teria assumido a aparência de piedade (rosário), conseguido destruir a transmissão do Sacerdócio perpetuada em 30 de junho de 1988 pelo Bispo Lefebvre e interromper o sacrifício da cruz que se renova em nossos altares. Além disso, os Rosacruzes que teriam inspirado o "buquê" teriam então conseguido desencadear assim a destruição final do Sacerdócio, zombando da Santíssima Virgem Maria, Mãe do Sacerdócio, e fingindo atribuir-lhe o "milagre" do *Motu Proprio* Tridentino. Seria verdadeiramente a Arte Real. E o PX seria, nessa interpretação, o toque final, a assinatura de sua obra.

Não colocamos em dúvida o Padre Lorans, simplesmente acreditamos, por outro lado, que no atual Vaticano há rosacruzes e então nos perguntamos quem, em Roma, inspirou essa impostura do "buquê"? Quem influenciou a simbologia escolhida para comunicar o resultado desse "buquê"? Pois uma montagem fotográfica mais adequada teria sido fácil de realizar. Há certamente uma influência romana por trás de tudo isso, e é importante saber qual exatamente e descobrir seus intermediários.

4- O termo "Bom Pastor" - A ingenuidade e a falta de formação do clero de hoje sobre a Contra-Igreja e as altas lojas iluministas

Outra aplicação de uma simbologia ambígua é o caso do Instituto do Bom Pastor. O IBP foi erigido em 8 de setembro de 2006 pelo Padre Castrillón Hoyos, na presença dos Padres Laguérie, Héry, Aulagnier, de Tanoüarn, etc. Quem então teve a ideia de escolher o termo "Bom Pastor"? A ideia foi sussurrada diretamente pelo Padre Ratzinger? Tal escolha é pura casualidade, ou deriva dessa simbologia rosacruciana? Conhecendo o grau de influência das lojas maçônicas no atual Vaticano, coisa que o Bispo Fellay foi o primeiro a reconhecer em 1999[10], deve-se considerar friamente que essa escolha simbólica encobre uma intenção oculta perfeitamente determinada por parte de um hierarca romano. Cabia ao Padre Laguérie ser mais vigilante e desconfiar das autoridades vaticanas. Mas ele pensou nesse possível significado? Sabia que o termo "Bom Pastor" possui, no 18º grau de cavaleiro Rosacruz, um significado luciferino? Para isso, teria

sido necessário que ele estudasse um pouco mais os trabalhos de eclesiásticos sólidos que se aprofundaram nessa grave questão das infiltrações maçônicas na Igreja, como o Padre Barbier, Mons. Jouin ou Mons. Delassus, em vez de zombar deles. Mas, mais ocupado em promover *A Palha e o Sicômoro* do Padre Celier-Sernine do que em trabalhar para aperfeiçoar seu próprio conhecimento dos inimigos mais temíveis da Igreja, ele inevitavelmente se encontraria um dia diante de tais interpretações sutis. Não se discute impunemente com autoridades conciliares cuja ação sob a influência das doutrinas maçônicas iluministas é evidente.

5- Conclusão

Nosso Senhor nos advertiu que nos últimos tempos virão falsos profetas que desviarão os fiéis. O estudo das doutrinas e da simbologia das lojas iluministas, e em particular dos Rosacruzes, torna-se em 2006 uma obrigação, a fim de se preservar de toda manipulação, e quando somos testemunhas de um Coagula, preparado há muito tempo, e cujo objetivo é estabelecer uma Igreja conciliar neo-anglicana com um clero inválido, depois que a FSSPX tenha sido neutralizada sendo reunida a essa estrutura apóstata. Por não ter compreendido isso, alguns clérigos imprudentes se encontram hoje expostos a interpretações ambíguas. O Bispo Lefebvre preferira cortar os laços realizando, após ter declarado: *"não podemos colaborar"*, em 30 de junho de 1988, sua "***operação sobrevivência***" e não a **"*operação suicídio*"**[11]. Ele estava longe de imaginar que menos de vinte anos depois, um dos bispos que ele acabara de consagrar tomaria a iniciativa de empreender a "***operação suicídio***" da FSSPX da colaboração com o Padre Ratzinger, à qual ele próprio, o Bispo Lefebvre, se recusava energicamente. O sermão histórico das consagrações pode ser ouvido no final do vídeo da carta solene aos quatro bispos[12].

Continuons o bom combate.

Padre Michel Marchiset

Lúcifer Desmascarado

Jean Kostka

Capítulo XXI - Cavaleiro Rosa-Cruz

Depois de receber, por comunicação, os graus que vão do 4º ao 17º grau, o candidato à Rosa-Cruz é chamado para receber o famoso título de **Décimo Oitavo, que lhe dá entrada nas lojas traseiras Luciferianas**. As ingenuidades pretendidas e as insanas elucubrações do ritual do Grande Oriente não nos ocuparão neste capítulo destinado inteiramente a revelar um dos mistérios mais sutis e nitidamente demoníacos da alta maçonaria, quero dizer o símbolo da **Rosa sobre a Cruz**. Não se esqueça que foi em um capítulo da Rosacruz que tive a infelicidade de concluir com o Anjo Negro esse pacto intelectual que a misericórdia de Deus rompeu, e que assinalou uma das últimas vitórias que o Inferno conquistou contra minha alma. Recebi, portanto, do próprio fato desse pacto, e em consequência desse pacto, uma inteligência do grau que, acredito, foi dada a poucos franco-maçons. Devo dizer que me sinto horrorizado quando reflito sobre essa clareza infernal que me cercou com seu brilho sulfuroso e que me abriu avenidas indefinidas sobre o reino do Serafim sombrio. Parece até que uma ilusão de sentimentos me desviou por algum tempo, já que senti nesses dias amaldiçoados, uma espécie de afeição por ele e uma série de emoções dolorosas, quando pensava em suas tristezas, seus sofrimentos, suas imensas prerrogativas de príncipe do Céu, arruinadas e precipitadas em um abismo tão terrível e tão insondável.

Lúcifer dá a este grau um encanto tão grande, um brilho tal que o abraçamos apaixonadamente. Sentimo-nos **orgulhosos** e **triunfantes** por ser cavaleiros da Rosa-Cruz. Uma espécie de prestígio inesperado cerca o novo título. O capítulo se torna querido e precioso. Há nessas reuniões capitulares uma alegria má e intensa, que nunca, nunca se experimenta nas lojas azuis. Somos distinguidos dos outros, selecionados, como escolhidos, eleitos e postos à parte. Sentimos uma espécie de veneração íntima pelo grau. Compreendemos a

importância desse mesmo grau que nos confere, em direito, senão de fato, uma superioridade enorme sobre os Mestres. Coisa estranha, um trabalho psicológico inteiro se realiza no eu transformado. O Rosacruz está para o maçom comum, como o homem que tem uma embriaguez de haxixe deve estar para o vulgar bebedor que só se recreou com o sangue vermelho da vinha. Há também **a alegria altiva da profanação, do sacrilégio concebido**, senão aprofundado, da *associação do pensamento humano com o pensamento do rei dos Anjos culpados*, da identificação com Ele, da participação em sua ciência, da comunhão com seu verbo. Há também **a influência de sua Presença espiritual**. Estou intimamente convencido, por uma experiência frequentemente feita, de que Lúcifer assiste a certas reuniões capitulares, raramente com uma presença manifestada, mas **sempre com um poder de ideia e uma presença de sanção**. Compreende-se bem o valor que dou a essas duas palavras: ideia, sanção? Não me disse ele um dia, por aquela voz que meus leitores conhecem, e profanando um texto cheio do amor indizível de Jesus Cristo pelos homens: "E eis que estou contigo para sempre!"? Não foi depois que me tornei Rosacruz que ele me fez compreender que **poder de inteligência** ele possui, que **grandeza de natureza** ele tinha, que **beleza soberana** foi a sua, quando Filho da Aurora ele resplandecia, submetido a seu Deus, à frente de milhares e milhares de anjos, quando, encantador de graça e majestade, ele cantava o eterno Triságio, quando já vislumbrava esse excesso de glória ao qual Deus iria promovê-lo se ele não tivesse caído. Não me fez ele também compreender **as infinitudes do orgulho**, se é permitido falar assim? Não encontrei esse orgulho **sublime e divino**? Não desfrutei em mim dessa soberba intelectual que repousa sobre si mesma, como sobre um fundamento de diamante? Não contemplei, em sua luz, com o supremo desprezo, essa pobre multidão maçônica, ignorante e espessa, que servia sem saber a quem servia e com que objetivo o servia? E não foi preciso uma graça incomparável para me trazer de volta, pelas cordas do amor e da penitência? Ter subido dos infernos! Não é nada? Pois enfim, subir da Rosacruz para a Cruz, é subir dos infernos! Essa porta na qual estavam escritas, como canta Dante, essas palavras aterradoras:

Por mim se vai entre a gente perdida!

Se abriu, portanto, para me deixar sair, ave arrancada das redes mortíferas do caçador infernal!

Quid retribuam Domino, pro omnibus quæ retribuit mihi? Calicem salularis accipiam et nomen domini invocabo. Laudans invocabo Dominum et ab inimicis mei Salvus ero.

É por isso que agarrarei o cálice da salvação! É por isso que invocarei o nome do Senhor! É por isso, enfim, que serei libertado - estou libertado - de meus inimigos!

Na loja vermelha, há entre outros, mas mais especialmente, há **três mistérios luciferianos**: **o mistério do INRI, o mistério da Rosa-Cruz; o mistério do Sinal-do-Bom Pastor**. Recebi a completa iluminação demoníaca sobre esses três mistérios:

****1° O Mistério do I.N.R.I.**

Já conhecemos a interpretação gnóstica dessa palavra sagrada. Hélène Ennoia a explicou. Mas além desse sentido muito especial reservado aos Valentinianos, Lúcifer me revelou outros dois, dedicados à sua obra maçônica. Um desses sentidos é doutrinário, o outro constitui uma invocação. Eu começo pelo primeiro.

I (esus) **N** (azarenus) **R** (esurrexit) **I** (ncassum). *É em vão que Jesus, o Nazareno, ressuscitou*. A fé na Igreja, em seu poder, em sua missão, repousa inteiramente sobre esse fato: a ressurreição do Senhor. Lúcifer não nega e não pode negar essa gloriosa manifestação da divindade de Jesus Cristo. Ele sabe, e não pode deixar de saber, que todo o cristianismo se baseia nesse milagre do poder onipotente de Deus. Se ele lida com maçons ignorantes, ele nega e zomba, com Renan ou Voltaire, que ele inspirou. Se ele lida com os luciferianos instruídos no dogma católico - e esse era o caso - ele se abstém bem de negar ainda. Pelo contrário, ele afirma. Ele diz: Sim, o Nazareno realmente ressuscitou. Mas ele acrescenta: e é em vão que ele ressuscitou! O que significa, pois nada é mais claro: eu, Satanás, destruirei o benefício dessa ressurreição. Eu o tornarei inútil, perdendo as almas cristãs. E sua ressurreição será vã, porque essa ressurreição não salvará aqueles que estão destinados ao meu império; digamos a palavra: **OS CONDENADOS**. E a palavra sagrada

que ele dá aos Rosacruzes que têm a infelicidade de participar de sua obra maldita é precisamente o **INRI infernal**, pelo qual ele afirma que Jesus ressuscitou, mas que ele, Satanás, tornará nula a ressurreição. Eis uma profundidade de malícia e uma profundidade de ódio que imprimem sobre a interpretação que acabo de dar um terrível selo, o selo luciferiano.

Nem Ragon, nem Pike, nem ninguém, teria podido encontrar por si mesmo essa terrível tradução da palavra profanada. E quando precisamente Satanás se serve da inscrição da Cruz que resgata e salva, para negar tão audaciosamente o efeito salvador da cruz, ele dá a medida de sua formidável hostilidade contra o Senhor. **O grau de Rosacruz contém, portanto, o satanismo em alta dose**. Ele é o germe dos altos graus, assim como o grau de aprendiz era o germe do grau de Mestre: com essa diferença, no entanto, de que o grau de Rosacruz constitui o maçom perfeito, o maçom que contraiu, se é inteligente, se tem o senso religioso, um **pacto formal com o inimigo de Jesus Cristo**.

Não satisfeito em ter assim dado um sentido doutrinário a essa palavra sagrada, Lúcifer se serve dessa palavra como uma **invocação** diretamente dirigida à sua divindade e a opõe à fórmula pela qual se reconhece ser cristão. O cristão, de fato, faz o sinal da cruz, dizendo: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e por essas palavras, ele confessa sua fé e se proclama cristão. O Rosacruz, por sua vez, faz o sinal do Bom Pastor, ou o sinal do esquadro, dizendo: **INRI** E ao dizer INRI, o Rosacruz diz: I(n) N(omine) R(egis) I(nferni) **

2° O Mistério da Rosa e da Cruz

O ritual tem o cuidado de nos ensinar que a Rosa foi **o emblema do silêncio**. Para os gnósticos, o Eão *Sigé* é de fato representado pela Rosa. O ritual, por sua vez, não está errado neste ponto. Sim, a Rosa simboliza o silêncio. Mas que silêncio? É o segredo banal de se calar sobre o cerimonial e o rito do grau? É o silêncio leal que se deve entre pessoas que se comunicam seus pensamentos, sob o selo do segredo? Isso seria muito infantil e muito ingênuo ao mesmo tempo. Não! A Rosa, a estranha Rosa do 18º grau, indica e sintetiza uma concepção muito diferente do silêncio. O ritual, interpretando a cruz, diz tolamente que esse símbolo muito anterior "se presta, de acordo com os esforços humanitários ou cavaleirescos, a múltiplas comemorações". Não valia a pena reunir a elite da Ordem para contar-lhe lugares-comuns dessa magnitude, e o ritual é uma máscara que cobre muito mal o rosto do infernal tirano.

A Cruz, nesse grau, é a cruz, permanece a Cruz, a Cruz de Jesus Cristo, isso e nada mais. Apenas, em vez de ser a cruz que se adora, que se ama, que se cobre de beijos, que se rega de lágrimas, ela é a Cruz que se nega, que se abomina, que se insulta, que se profana e que se quer aniquilar. O *Crux ave* do cristão se torna o *Crux odiosa* do Rosacruz.

Que significa, então, a Rosa do silêncio aposta sobre a Cruz e no lugar da Cruz onde repousava a cabeça coroada de espinhos do Senhor? Ela significa o selo da anulação sobre a Redenção. A Rosa colocada sobre a cruz não é outra coisa senão **a anulação da obra da Cruz**. E só Lúcifer pôde ter esse pensamento. Só ele pôde conceber essa teoria monstruosa. Aliás, se se quiser uma interpretação mais ampla dessa teoria e desse pensamento, que se queira meditar o seguinte trecho de um discurso esotérico proferido em loja, sobre o simbolismo da Rosa.

Longe de nós que nos conhecemos e que nos estimamos em nosso verdadeiro valor, as explicações lúbricas e obscenas com as quais nossos simbolistas pretenderam dar o verdadeiro sentido da Cruz e da Rosa. Deixemos esses jogos impuros aos materialistas. Deixemo-los aos buscadores *animados* (sic) dos mistérios da antiga *devassidão* (sic). Somos intelectuais, se você quiser, e cerebrais, mas também somos espíritos sérios, teólogos à nossa maneira, idealistas que não recuam diante das consequências da ideia. Quaisquer que sejam nosso respeito histórico e nossa ingênua simpatia pelo Nazareno, qualquer que seja nosso respeito também pelas conveniências e formas que todo homem distinto deve ter guardado em si mesmo e manifestado externamente: não podemos nos ocultar, ilustríssimos cavaleiros! que a obra da Igreja Católica e a obra da cruz são uma obra idêntica, e que, portanto, somos os implacáveis adversários tanto da Igreja

quanto da Cruz. Nosso grau nos fornece o meio mais seguro de tornar nulo o efeito dessa cruz. Qual é esse meio? Não é negar seu poder, ele existe. Não é zombá-lo, seríamos macacos de Voltaire, e nosso século é muito científico para que a ironia lhe baste. Esse meio será, portanto, de *selar* (sic) a Cruz, como se sela um testamento precioso que se quer tornar inútil. Colocaremos, portanto, sobre a Cruz, o selo da Rosa. **NÓS IMPOREMOS SILÊNCIO À CRUZ**. E a cruz silenciosa não falará mais aos homens de uma salvação e de um dever que não são nem o dever que nos incumbe, nem a salvação que esperamos. Por outro lado, o catolicismo, privado da Cruz e dos frutos da Cruz, que são a caridade, a abnegação, a paciência, o perdão das injúrias e a reforma da vida individual como da social, perderá seu prestígio e sua ação sobre os espíritos cultivados, primeiro; sobre as massas, depois. Selemos a Cruz.

Eis a demonstração dada em linguagem polida, distinta e satânica, de nossa tese do sentido infernal desse símbolo do 18º grau, chamado Rosacruz.

3° O Mistério do Bom Pastor

Lemos isso no Evangelho:

> "Eu sou o Bom Pastor! O Bom Pastor dá sua vida por suas ovelhas. Mas o mercenário, aquele que não é o pastor e a quem o rebanho não pertence, se vê o lobo vir, abandona o rebanho e foge; e o lobo arrebata e dispersa o rebanho. Ora, o mercenário foge porque é mercenário e não se importa com o rebanho. Eu sou o Bom Pastor! E conheço minhas ovelhas e minhas ovelhas me conhecem. Assim como meu Pai me conhece, eu conheço meu Pai, e dou minha vida por meu rebanho" (João, X, 11-15).

Lúcifer, por sua vez, se manifesta nas lojas vermelhas e diz: "Eu sou o Bom Pastor!" E ele dá a suas ovelhas o sinal desse pastor. Este sinal: eis:

> "Você cruzará seus dois braços sobre o peito, seu braço esquerdo sobre seu braço direito, com as duas mãos estendidas e os dois olhos voltados para o céu; então você levantará sua mão direita no ar e, com seu dedo indicador direito separado, você mostrará o céu. Aquele que te examinar, mostrará a terra com seu dedo indicador direito em resposta ao seu sinal. E esse será o contra-sinal. Você então cruzará sua perna direita atrás de sua perna esquerda. Seu irmão, por sua vez, cruzará sua perna esquerda atrás de sua perna direita. Feito isso, você e seu irmão cruzarão seus dois braços sobre o peito, com as duas mãos bem estendidas, colocando-se um de frente para o outro: você se cumprimentará; você colocará alternadamente as duas mãos de um sobre o peito do outro, sem descruzar os braços. Um dirá EM, o outro responderá MAN, um dirá NUEL, o outro responderá PAX VOBIS. Você então dará o beijo fraternal, cada um na bochecha direita do outro. O examinador então lhe dirá: Você se lembrou da palavra? Você responderá: sim, Muito Poderoso Cavaleiro! Ele lhe perguntará: Diga-me; Você dirá: I; ele dirá: N; você responderá: R; ele dirá: I. Finalmente, ele lhe perguntará sua idade. Você responderá: TRINTA E TRÊS ANOS!"

Retomemos os detalhes dessa abominável série de blasfêmias contra a sagrada humanidade de Jesus Cristo. Os dois braços cruzados sobre o peito, é a zombaria da Cruz, já aniquilada pela Rosa do silêncio. As mãos estendidas, é a zombaria da oração. Os olhos voltados para o céu, é o insulto irônico ao êxtase e ao arrebatamento dos santos. O gesto do sinal e do contra-sinal é o gesto hierático do **Baphomet** que os Templários adoravam. É, em gnose, a anábase e a cátase; a evolução e a involução. Na maçonaria vermelha, é a ameaça lançada ao céu e o cumprimento dado a Lúcifer. É também a inversão do dogma católico, no sentido de que o inferno se torna o céu do luciferiano. O cruzamento das pernas é o redobramento do desprezo pela cruz. Ela é rejeitada para trás e pisada simulando sua forma. A palavra Emanuel, que significa Príncipe da Paz, é a palavra que, em Isaías e no Evangelho, designa o Senhor. O rosacruz a atribui a Satanás, seu Emanuel. O INRI é decomposto. Conhecemos seu tríplice significado. Finalmente, a idade da Santa Humanidade é conferida ao rosacruz, como uma suprema injúria àquele que, por nós, viveu nesta pobre terra,

trinta anos de vida obscura e três anos de vida de ensino sagrado e de sofrimento, coroados pelo divino suplício, o suplício redentor da cruz adorada, da cruz adorável.

Não acabou. A profanação deve ir até o fim. Devemos beber todo o cálice de ignomínia que a Raiva infernal oferece ao Senhor, nesse horrível grau de Cavaleiro Rosacruz. A ressurreição de Jesus, Sua santa cruz foram odiosa e profanamente ultrajadas. O sacramento de Seu amor não poderia deixar de sê-lo. Eis **a Ceia de Lúcifer**. Alinhados, de pé e decorados, em torno de uma mesa circular, os Rosacruz dividem os pedaços de um pão simbólico e bebem um após o outro o vinho da fraternidade, em um *cálice*. Antigamente, eles COMIAM UM CORDEIRO. Se o ritual moderno modificou o antigo. Se mesmo no rito francês a ceia é transformada em simples ágape, não é menos verdade que é uma cerimônia blasfema e que, aliás, as lojas luciferinas mantiveram a refeição do cordeiro, que não é outro senão Jesus Cristo. É, portanto, com plena razão que Mgr Meurin escreveu: "o grau de Rosa-Cruz é essencialmente deicida". Acrescento que **a ceia do 18º grau é, no pensamento de Satanás, a ANTI-MISSA**. Não é necessário desenvolver o odioso significado deste último símbolo: a ceia.

O ódio à Eucaristia é uma tradição nas lojas vermelhas. Disseram-me que em algumas dessas lojas (...), especialmente no Oriente, eles profanavam hóstias consagradas. (...).

Agora você entenderá bem que o 18º grau encerra a quintessência maçônica. E veremos, de fato, que os graus brancos do 31º ao 33º não fazem senão dar ao 18º um significado que o estende e o amplia, mas que ele já contém em si mesmo.

Um dever se impõe a mim ao terminar este doloroso capítulo que tive tanta dificuldade em escrever, devido às blasfêmias que foi preciso repetir, é proclamar bem alto com lágrimas e de joelhos, a infinita misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam rendidos em todos os séculos, por todos os anjos e por todos os homens, louvor, amor e adoração. É também proclamar bem alto meu reconhecimento pela santa e maternal Igreja que cobriu com sua veste branca o Samaritano ferido e ferido, recolhido ensanguentado sobre os espinhos do deserto. A ela também, louvor, amor e veneração, pelos séculos dos séculos.

Capítulo XXII - Cavaleiro Kadosh

Quando Lúcifer preparou, pelo pacto e pelo ensino do 18º grau, o Cavaleiro Rosacruz; quando ele lhe impôs a aceitação dos sacrilégios da Ceia e as blasfêmias deicidas dos mistérios do INRI, da Rosa e do Bom Pastor, ele completou sua obra teórica, pois os supostos graus filosóficos não podem ir além do 18º em teoria, uma vez que o 18º é o luciferianismo absoluto e o culto do Inimigo tem como lema a invocação satânica oposta à invocação cristã: *In nomine regis inferni*. Mas se a teoria está completa, se o dogma é proclamado, se a ascensão está terminada, um lado do luciferianismo ainda permaneceu na sombra e agora se manifestará; é **o lado da ação**, é **a obra pela violência**, é **a REALIZAÇÃO**, em uma palavra. (...)

Portanto, agora, nada mais de teoria. A teologia infernal foi adquirida. Teremos diante de nós lições práticas e leis visando: **a AÇÃO**. A ideia de vingança que, outrora, formava o cerne do ritual, teria sido definitivamente eliminada do novo caderno simbólico do grau. Pelo menos, o caderno diz isso. Bem, ele mente. Aqueles que o redigiram sabem, melhor do que ninguém, que **a ideia de vingança não foi eliminada, mas transformada**.

Eles lhe deram outra roupagem. Isso é tudo. Primeiro, os inovadores não aboliram o sinal do *Nekam*, ou seja, o gesto do punhal. Eles suprimiram o punhal, muito bem. É uma puerilidade. (...)

Uma observação preliminar importante é que Lúcifer exibe neste grau executivo a bandeira do Inferno, a BANDEIRA NEGRA. O vermelho no 18º grau simbolizou o Paraíso de fogo. O vermelho é a bandeira da Gnose de Samaria. O negro é a cor do *Nekam*. O Kadosh é decorado com o cordão negro. (...) Ele recebeu recentemente nos areópagos franceses uma missão especial, a de obstruir a obra dos missionários. Quando ele prestou sua obrigação, recebeu o título de Justo e Bravo. Justo é uma designação de Santo Ofício e significa Justiceiro. Na fraseologia do grau, bravo não é nada mais do que bravo. O Kadosh é o espadachim,

o templário dos altos graus. A senha ELIEL indica-lhe seu objetivo: *Ecclesia Luciferi lesu ecclesiam, lacerat,* ou seja: **A Igreja de Lúcifer rasga a Igreja de Jesus. (...)**

As infiltrações maçônicas na Igreja

pelo Abade Emmanuel Barbier

O Abade Emmanuel Barbier, *As infiltrações maçônicas na Igreja,* **Desclée de Brouwer, 1910, extrato da** *Critique du libéralisme,* **n° de 1º de maio, 1º de agosto, 15 de agosto, 1º de setembro, 15 de setembro de 1910, com várias aprovações episcopais.**

p. 79 A RESTAURAÇÃO DA GNOSE. - Um grande esforço foi feito na França nas últimas duas décadas para restaurar essa tradição e reorganizar a Gnose. As diversas seitas que surgiram desde a mesma época se inspiram, como já constatamos, nessa fonte comum. Mas esse esforço requer uma constatação particular.

A Gnose foi renovada em 1888 por **Jules Doinel**, arquivista departamental do Loiret e membro do Conselho da Grande Oriente da França[13]. Uma carta de 1022, escrita pela própria mão do chanceler episcopal, Etienne, havia chamado sua atenção para essa figura, um dos catorze hereges queimados, em 28 de dezembro de 1022, em Orléans, por terem praticado e professado a doutrina gnóstica.

Doinel de repente se sentiu possuído de um ardente amor pela Gnose e se deu a missão de reunir os fragmentos dispersos ou, melhor, de retomar e rejuvenescer a antiga tradição. Ele ressuscitou a Igreja gnóstica da qual se tornou o primeiro Patriarca com o nome de Valentim II. Forte do princípio caro a todas as confissões gnósticas, diz seu sucessor, o Patriarca Sinésio (Dr. Fabre des Essarts): "o sacerdócio pode ser conferido em toda a sua plenitude por simples influxo divino, sem a ação de um signo iniciático", ele não foi pedir seus poderes a nenhum centro de iniciação. "Ele era sacerdote por ação desse misterioso influxo e acreditou poder legitimamente exclamar: 'É o Eão Jesus mesmo que me impôs as mãos e me consagrou bispo de Monségur'[14]. O Ir. Doinel reuniu altas intelectualidades. Um sínodo logo foi constituído e, em 1893, consagrou seu título de bispo de Monségur, do qual já havia sido investido por via intuitiva. Uma hierarquia foi estabelecida. Vários bispos foram criados. Ouçamos Sinésio contar sua própria eleição:

> Várias ordenações ocorreram nas formas determinadas pelo Ritual, em um modesto santuário localizado na Rue de Trévise, que a livraria Chamuel gentilmente disponibilizou aos neo-gnósticos.
>
> Foi lá que aquele que escreve estas linhas foi consagrado bispo de Bordeaux por S.G. Valentim, com os bispos de Toulouse e Concorezzo como assessores.
>
> O cerimonial e os trajes sagrados estavam então reduzidos ao estritamente necessário. O consagrante tinha como único ornamento uma larga faixa de seda violeta, bordada com galões de ouro, com uma pomba de prata cercada de raios, bordada na parte que cobria os ombros.
>
> Os três bispos impuseram as mãos ao candidato, depois praticaram os simbólicos apolytroses e o fizeram prestar juramento de fidelidade à Igreja gnóstica, juramento que ele rigorosamente observou até o presente, e que espera observar sempre, com a ajuda dos Muito Santos (*Très Saints*) Eões".

A graça divina tem desígnios e recursos inescrutáveis. O iniciador deste **movimento satânico**, **J. Doinel, o Patriarca Valentim II, odiou seus erros e retornou ao catolicismo**. Em dezembro de 1895, a seguinte notícia foi comunicada aos bispos gnósticos: "Doinel abjurou a fé gnóstica nas mãos do bispo católico de Orléans. Ele lhe entregou seus insígnias patriarcais, confessou-se e comungou solenemente na catedral".

Em um livro escrito após sua conversão, do qual vamos falar, Doinel diz que seu pálio foi oferecido como ex-voto em Ars, para ser colocado sobre o altar de santa Filomena. O cónego Convers, pároco de Ars, certificou por uma carta de 29 de abril de 1910, ter de fato recebido um pálio que lhe foi enviado pela

arquidiocese de Lyon, e que ele acreditava ser de um cismático oriental. Ele o fez desfazer e o usou para cobrir o altar da Bem-Aventurada Virgem na velha igreja de Ars, onde ainda está. Os restos desse pálio correspondem bem à descrição que Doinel faz dele em seu livro.

O **heresiarca convertido** sentiu-se pressionado pela necessidade de **reparar o quanto possível o mal de que tinha sido o autor**. Sob o pseudônimo de **J. Kostka** (atribuía em parte a São Estanislau a graça de seu retorno), ele escreveu na *la Vérité française* uma série de artigos então muito notáveis, onde se encontram os detalhes mais singulares sobre as seitas: ocultas e em particular a dos gnósticos, e uma visão geral do ritual litúrgico, bem como dos mistérios satânicos que elas celebram e dos da Maçonaria. Esses artigos foram posteriormente reunidos em um volume intitulado **Lúcifer Desmascarado**. **Nele reina um tom de fé e arrependimento de uma nota tão justa, ao mesmo tempo tão profunda e tão medida, uma reserva tão sinceramente cristã no meio de descrições abomináveis e de revelações onde nada é escrito para satisfazer a curiosidade, que é impossível não atribuir grande valor a esse testemunho**. O livro do Sr. Doinel não poderia ser comparado a certas obras de outros penitentes, de estilo muito diferente.

Os Gnósticos afirmaram que Doinel havia voltado para eles. Mesmo que, sob o golpe das perseguições às quais o convertido foi submetido, fosse verdade que ele tenha retornado ao gnosticismo, suas revelações são muito conformes aos fatos e aos documentos que se pôde recolher de outra forma, para que essa mudança autorize a não levá-las em conta. Mas são as afirmações interessadas dos Gnósticos que devem ser rejeitadas. Não só elas são suspeitas, mas lhes foi oposto o testemunho mais digno de fé. Doinel, ao voltar ao gnosticismo, teria humildemente aceito um posto secundário na hierarquia e trocado seu nome de Valentim pelo de Simão. Sinésio enviou ao Sr. de La Rive, diretor da *la France chrétienne* (N° de 20 de maio de 1910), a cópia de duas cartas do primaz Simão em que este teria negado o fato de sua abjuração da fé gnóstica e explicado que ele havia fingido uma conversão na esperança sincera de reconciliar a Igreja com a Gnose.

Essa explicação é infelizmente impossível de conciliar com o estado de espírito denotado pelos artigos de J. Kostka, que não pode deixar **a menor dúvida para o intérprete atento** de um documento humano, e com as terríveis revelações que esses artigos contêm sobre os mistérios gnósticos e maçônicos. Estas não são criadas do nada, mas consistem em grande parte no **comentário de textos e fatos cuja realidade está perfeitamente estabelecida**. Mas, além disso, a essas afirmações, um conhecido escritor católico, o Sr. Georges Bois, advogado na corte de apelação de Paris, muito instruído nas ciências ocultas, opõe o seguinte relato que foi publicado pelo jornal *le Lorrain* de Metz, e reproduzido por *l'Univers* de 18 de abril de 1908.

"O Sr. Doinel, homem de vasta inteligência e distinta cultura literária, mas também de temperamento ardente, havia cometido o erro, após uma educação cristã, de dar alguns passos imprudentes em um mau caminho: o espiritismo, o ocultismo, as iniciações maçônicas e gnósticas. Lá, ele havia encontrado cúmplices, amigos e líderes que se deleitavam com o partido que podiam tirar dele. Levado por sua vez pelo ímpeto que lhe era natural, ele havia avançado a passos largos pelos caminhos proibidos, ali havia consumido sua juventude e sua maturidade.

Ele saiu desse mau passo no declínio da maturidade. Seu arrependimento foi tão resoluto quanto havia sido seu erro.

Ele era quem assinava com o pseudônimo de Jean Kotska, na *la Vérité*, uma série de artigos muito notáveis, há cerca de uma década. Seu verdadeiro nome era Jules Doinel du Val Michel. Ele era arquivista departamental, fundador de uma loja em Orléans, alto dignitário da maçonaria e da gnose... Não ouso me gabar de ter sido o instrumento da conversão de Doinel, mas ele me soube grado por ter estendido a ele uma mão cordial. Sua sinceridade não era duvidosa...

Sua perseverança foi posta em dúvida.

Seus antigos amigos, aliás, não teriam pedido melhor do que reconquistá-lo. Eles precisavam dele, eles não tinham conseguido substituí-lo. Eles acompanhavam com certa inquietude sua obra de retorno aos católicos e

notavam com alegria o pouco proveito que ele havia tirado disso. Ele era pobre e sua conversão lhe havia feito perder empregos dos quais precisava para sustentar sua família. Logo correu o boato de que Doinel havia se tornado gnóstico novamente.

Ele deve ter ficado penalizadamente impressionado, mas não desanimado. Uma infelicidade póstuma o aguardava...

Em uma revista, encontro muito recentemente essa mentira afirmada: Doinel voltou a ser gnóstico no final de sua vida desanimada.

O Sr. Doinel havia pedido em vão aos gnósticos que lhe devolvessem alguns de seus antigos escritos que haviam ficado em suas mãos. Eles se recusaram a devolvê-los e até os publicaram como tendo sido compostos por ele após a época de sua conversão, para fazer crer que ele havia realmente retornado ao gnosticismo.

Quero dizer, em honra de um homem que foi meu amigo, que ele não ficou desanimado, nem mesmo por um instante. E havia mérito nisso, pois sua provação foi dura. Ela foi aceita até o fim em um espírito de resignação e expiação. Ele nem mesmo teve uma palavra de amargura para aqueles que acreditavam em sua apostasia.

Doinel morreu de uma crise de enfisema cardíaco pulmonar na noite de 16 para 17 de março de 1902. Ele estava sozinho em um quarto de hotel em Carcassonne. Sua agonia no abandono deve ter sido horrível; mas pela manhã, sua proprietária o encontrou morto de joelhos em sua cama, com seu rosário em volta do pescoço.

Ele costumava me escrever. Posso citar apenas alguns trechos:

22 de janeiro de 1902: "Caro senhor e amigo, obrigado por sua carta. Ela me traz um verdadeiro perfume de amizade cristã... Estou como todo mundo nas mãos de Deus. Uma boa confissão geral me colocou mais do que nunca. Lembrei-me de sua palavra: é bom estar sempre pronto. Você se lembra? É assim que é bom ser amado por amigos cristãos.

Em 26 de fevereiro, a respeito da morte de uma mulher de letras que tinha muito medo do inferno, embora vivesse em um meio incrédulo onde morreu sem sacramentos: "O exemplo que você me cita fez com que eu apreciasse ainda mais a bondade de Deus para conosco. Você, aliás, não tem que expiar longos anos de pecado, ocultismo e rebelião... Quanto à felicidade que você me deseja, ela repousa apenas Naquele que nos amou e derramou Seu sangue por nós. O resto foi sacrificado há muito tempo".

Mais uma citação. Esta do dia 3 de março de 1902. Apesar de seu estado de saúde, ele se desloca de Carcassonne a Toulouse para participar de uma festa. É quinze dias antes de sua morte: "Vou assistir no dia 7 à festa de São Tomás de Aquino na casa dos Dominicanos. Eu desço... Se você tiver algo a me dizer, escreva-me lá".

O que eu tinha a lhe dizer foi lido por uma pessoa amiga, durante a vigília mortuária. Sua perseverança na conversão me parece provada.

A retirada de Doinel teve como consequência uma divisão no seio da Igreja gnóstica. Chegou mesmo a acontecer que, enquanto Sinésio negava a conversão de Doinel ao catolicismo, o Sr. Bricaud, que havia assumido o nome de S. B. o Patriarca João II, sustentou a sinceridade dela, declarando-o **incapaz de fraude**.

---

[1] Veja o site deles: http://www.rore-sanctifica.org

[2] Já em negociação

[3] http://editions.saint-remi.chez-alice.fr/

[4] Já apresentado pelo CIRS no Tomo I de *Rore Sanctifica*: http://www.rore-sanctifica.org/rore-sanctifica-en-ligne_tome_1.html

[5] Disponível na Editora Barruel: http://www.barruel.com/livres.html

[6] Esse detalhe é dado por *La Gnose*, março de 1910, p. 84.

[7] O título de bispo de Monségur é uma lembrança dos Albigenses aos quais os gnósticos afirmam estar ligados.

[8] http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-fellay/VM-Mgr_Fellay_denonce_quatre_loges_au_Vatican.htm

[9] http://www.dici.org

[10] http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-fellay/VM-Mgr_Fellay_denonce_quatre_loges_au_Vatican.htm

[11] Segundo os próprios termos do sermão histórico de Mons. Lefebvre por ocasião da consagração dos 4 bispos em 30 de junho de 1988 em Écône.

[12] http://www.virgo-maria.org/diaporama.htm

[13] Esse detalhe é dado por *La Gnose*, março de 1910, p. 84.

[14] O título de bispo de Monségur é uma lembrança dos Albigenses aos quais os gnósticos afirmam estar ligados.

O plano de ataque modernista aos fiéis para o alinhamento da FSSPX com o modernista Ratzinger

Sexta-feira, 26 de janeiro de 2007.

A continuação das revelações sobre a rede de infiltrados.

Nossas informações não param de se acumular há várias semanas, se entrelaçando e convergindo para demonstrar que a rede de infiltrados[1] modernistas lançou um plano de massacre midiático dos fiéis e dos clérigos para fazê-los aceitar o alinhamento à força. Dom Fellay e o padre de Cacqueray são os reféns desta operação que instrumentaliza as autoridades legítimas. Vamos fazer revelações nos próximos dias sobre toda essa operação dos infiltrados, explicando:

- Qual é o papel do padre Celier?
- Como e onde tudo se decide?
- Dom Williamson, ainda um infiltrado (de substituição)?
- O que nos ocultam

No mês de agosto de 2006, já descobrimos a farsa do "buquê" espiritual destinado a fazer os fiéis e os clérigos rezarem por essa intenção grotesca e sacrílega: que a Santíssima Virgem conceda a Ratzinger a "força" de "liberar" o rito de São Pio V. Uma tal enormidade não poderia vir de outros lugares senão dos arcanos diabólicos do atual Vaticano, capazes de elaborar uma manipulação tão vergonhosa da boa fé dos católicos. Depois, a farsa sendo amplamente denunciada entre os fiéis, a mentira revelada publicamente, o caso se arrastou. Deveria ser concluída no final de outubro, a carta para "oferecer" o "buquê" acabou de ser enviada no início deste ano, a rede dos infiltrados modernistas conseguindo ainda impor a Dom Fellay a prorrogação dessa triste questão.

A publicação do *Motu Proprio* está próxima, antes do final de janeiro, avisou o padre Sélégny, um dos peões essenciais da rede do alinhamento.

E agora, uma ***dupla operação*** se desenrola em torno **do padre Celier**.

A operação de condicionamento dos fiéis para acolher o *Motu Proprio*.

É bom recordar o que dizia São Pio X sobre os modernistas e o culto:

> *« Do culto haveria pouco a dizer, se não fosse que sob essa palavra estão compreendidos os Sacramentos; e sobre os Sacramentos, os modernistas acrescentam erros muito graves. O culto nasce de uma dupla necessidade, de um duplo desejo: pois, como se observou, a necessidade, o desejo, tal é, em seu sistema, a grande e universal explicação.*
>
> *O primeiro desejo, aqui, é dar à religião um corpo sensível; o segundo, propagá-la, para o que não se deve pensar sem formas sensíveis nem sem os atos santificantes que chamamos sacramentos. Os sacramentos, para os modernistas, são puros signos ou símbolos, embora dotados de eficácia. Eles os comparam a certas palavras, das quais se diz vulgarmente que fizeram fortuna porque têm a virtude de fazer brilhar ideias fortes e penetrantes, que impressionam e agitam. Assim como essas palavras estão para essas ideias, também os sacramentos estão para o sentimento religioso. Nada mais. Tanto dizer, na verdade, e mais claramente, que os sacramentos foram instituídos apenas para alimentar a fé: proposição condenada pelo Concílio de Trento: Se alguém disser que os*

sacramentos foram instituídos apenas para alimentar a fé, seja anátema (12).» **São Pio X**, *Pascendi*, 8 de setembro de 1907[2]

Na mente do modernista, o culto não é rejeitado, mas sua natureza profunda é mascarada. Na situação atual dos membros do alinhamento e daqueles que se aproximam dentro da FSSPX, o NOM de Paulo VI é apresentado como "alimentando menos a Fé", podendo até fazê-la perder, enquanto o rito de São Pio V alimenta a Fé e suscita vocações. **Nada sobre saber se este rito é agradável a Deus, nada sobre a questão grave da validade da missa.**

Trata-se apenas do rito da missa? E a prática das reordenações dentro da FSSPX? E o discurso da *"validade caso a caso"*? Nunca se fala de missas verdadeiras ou falsas, de verdadeiro ou falso Sacerdócio, não importa que o bispo que ordenou o "sacerdote" que celebra seja inválido, não importa que o "sacerdote" que celebra seja inválido, não importa que o novo rito de Montini-Paulo VI para a ceia maçônico-gnóstico-protestante seja inválido, o essencial é que o rito de São Pio V esteja novamente acessível, como um produto de luxo que os estetas e as almas sensíveis às aspirações nobres saberão identificar, escolher com gosto e privilegiar.

Da validade do Sacerdócio, da validade dos sacramentos, nenhuma menção. Acima de tudo, não se fala das coisas que importunam, estamos entre gente de boa companhia, convenientes e bem educados. Sem grosseria nos salões.

O padre Celier, porta-voz de Dom Fellay. A operação modernista de desarmamento das mentes

Enquanto Dom Fellay ainda não publicou nenhuma declaração oficial sobre a apostasia de Ratzinger na mesquita azul de Istambul, existe, de sua parte, uma crítica, emitida durante o encerramento[3] do Congresso *Si si No no* em Paris no dia 7 de janeiro, onde o bispo usa esse exemplo para mostrar que esse ato ilustra a aplicação do plano maçônico por Ratzinger.

Mas a rede dos infiltrados censurou Dom Fellay e lhe "cortou o som". Em vez da gravação da conferência do Dom Fellay sequestrado, a rede dos padres de Suresnes (padres Celier e Cocault-Duverger), que controlou os meios de comunicação da FSSPX, publicou um relato edulcorado.

Após a censura a Dom Fellay, o padre Celier lançou à venda em Paris uma brochura de 12 páginas (*D'Assise à Istanbul*) dedicada à apostasia da mesquita azul. O comentário do padre Celier tem o objetivo de tornar aceitável o comportamento de Ratzinger perante os clérigos e os fiéis, e de atenuar dentro da FSSPX a onda de choque do escândalo causado por essa apostasia.

Ratzinger foi qualificado de "modernista" por Dom Lefebvre. O padre Celier, multiplicando as hipóteses "fictícias" favoráveis, tenta mergulhar seu leitor em um banho de indulgência em relação ao usurpador e, com base nessa estrutura de suposições todas falsas, como ele mesmo se diverte em reconhecer, o padre Celier chega a declarar "má" a "visita" da mesquita azul por razões morais, devido às consequências. Portanto, não se trata mais da ofensa a Nosso Senhor Jesus Cristo, o ato de apostasia que o padre Celier destaca para condenar esse escândalo, mas de um raciocínio falso que se limita ao perímetro moral, a um âmbito bem racional, bem restrito à esfera humana. Esta brochura do padre Celier tenta minimizar os atos escandalosos de um modernista, o padre Joseph Ratzinger, que o padre Celier tem a imprudência de apresentar como o Papa legítimo; assim, o padre Celier favorece o modernismo, como o faz a astuta e sutil metodologia que ele implanta.

Aqui está o que dizia São Pio X, o Papa que condenou o modernismo. Suas palavras se aplicam ao usurpador Ratzinger, aquele mesmo que o padre Celier tem a ousadia de nos apresentar como o sucessor legítimo de São Pio X:

« 16. Quão contrário à fé católica tudo isso é, já vimos em um decreto do Concílio do Vaticano; como o caminho é aberto ao ateísmo, da mesma forma que por outros erros já expostos, diremos mais adiante. O que queremos observar aqui é que a doutrina da experiência, unida à outra do simbolismo, consagra como verdadeira toda religião, sem exceção para a religião pagã. ***Não encontramos em todas as religiões experiências desse tipo? Muitos o dizem. Então, com que direito os modernistas negariam a verdade às experiências religiosas que acontecem, por exemplo, na religião muçulmana?*** *E em virtude de qual princípio atribuem apenas aos católicos o monopólio das experiências verdadeiras? Eles se guardam bem disso: uns de maneira velada, outros abertamente,* ***eles consideram verdadeiras todas as religiões.***

Essa é uma necessidade de seu sistema. Pois, estabelecidos seus princípios, a que chefe poderiam alegar uma religião de falsidade? Isso só poderia se referir à falsidade do sentimento ou à da fórmula. Mas, segundo eles, o sentimento é sempre e em toda parte o mesmo, substancialmente idêntico; quanto à fórmula religiosa, tudo o que se exige dela é a adaptação ao crente — seja qual for seu nível intelectual — ao mesmo tempo em que à sua fé. ***No máximo, nesse meio, entre as religiões, o que poderiam reivindicar em favor da religião católica é que ela é mais verdadeira, porque é mais viva; é ainda que ela é mais digna do nome de cristã, porque responde melhor do que qualquer outra às origens do cristianismo.***

Tais conclusões não poderiam surpreender: decorrem das premissas.

O que é muito estranho é que católicos, **é que sacerdotes,** dos quais gostamos de pensar que tais monstruosidades lhes causam horror, **comportam-se, no entanto, na prática, como se as aprovassem plenamente: é que católicos, sacerdotes, concedem tais louvores, prestam tais homenagens aos corifeus do erro, que fazem parecer que o que desejam honrar por isso,** são menos os homens em si, quem sabe, não indesejáveis de toda consideração, do que os erros que professam abertamente e dos quais se tornaram os campeões. », **São Pio X**, *Pascendi*, 8 de setembro de 1907[4]

Ao voltar as costas para uma condenação firme e clara do escândalo da mesquita azul, ao contrário de Dom Lefebvre, que condenou vigorosamente Assis, o padre Celier vai contra *Pascendi* e São Pio X, vai contra o que constitui a essência da vocação da Fraternidade Sacerdotal São Pio X. Onde o santo Papa perseguia as sutilezas do modernismo para eliminar até mesmo a suspeita, o padre Celier trabalha ao contrário e tenta empurrar para longe, a golpes de hipóteses fictícias e de raciocínios limitativos ao domínio humano, a magnitude do escândalo.

« Esta análise pretende, antes, esclarecer um ponto que frequentemente não é bem compreendido, qual seja, o das consequências objetivas de um ato. Para isso, vamos supor, a título de pura hipótese de trabalho, que o ato realizado por Bento XVI seria bom (o que não é verdade: acabamos de notar que, na realidade, a visita à mesquita foi um ato em si mau); vamos supor, ainda a título de hipótese, que o comentário que foi feito seria teologicamente exato (o que também não é verdade, como dissemos). E, com base nessa dupla hipótese fictícia, vamos examinar se o ato realizado em Istambul é moralmente admissível, levando em conta suas consequências inevitáveis. » **padre Celier, 21 de janeiro de 2007*, D'Assise à Istanbul***

O padre Celier chega até mesmo a minimizar a "visita" de Ratzinger à mesquita em nome do "desenvolvimento do turismo de massa" (sic), que banalizaria as visitas a mesquitas e, assim, adeus são Tomás.

« Nos séculos que não conheciam o turismo de massa, entrar em uma mesquita tinha em si mesmo um significado religioso. Mas hoje, na era desse turismo de massa, entrar em uma mesquita, para

um não-muçulmano, geralmente tem um sentido de visita, de descoberta, totalmente estranho a uma adesão ao islamismo. » **padre Celier, 21 de janeiro de 2007, *D'Assise à Istanbul***

Se isso não revela uma mentalidade modernista, o que seria, então?

Esta brochura do padre Celier tem também outro objetivo: culpar os padres da FSSPX em seus sermões de condenação à apostasia de Istambul. Esta brochura minimalista e complacente do padre Celier, sendo distribuída com a autoridade do Superior do Distrito da França, impede-os assim de agir com zelo católico e os desestimula a se expressar de maneira clara e assertiva, temendo serem denunciados como excessivos.

O mesmo padre Celier afirma ter se dado a missão de "converter" os conciliares à FSSPX. Em nome deste princípio falsamente apostólico, trata-se agora de suavizar todas as arestas e afastar os temas que incomodam. Sua abordagem é modernista. O padre Celier nos apresenta novamente o discurso desgastado do ecumenismo e também de todo o *aggiornamento* conciliar, que já permitiu destruir eficazmente a Igreja em nome de um *"espírito apostólico"*. Os movimentos da Ação Católica pós-conciliar foram impregnados por esse discurso que se tornou seu *leitmotiv*. Quanto mais eles disseminaram esse discurso, mais as igrejas se esvaziaram. É significativo encontrá-lo em 2007 no padre Celier, como se ele estivesse operando um Maio de 68 sutil dentro da obra fundada por Dom Lefebvre. Em termos de espírito apostólico, está totalmente ausente. A verdadeira preocupação apostólica no período trágico que vivemos deveria consistir em levantar publicamente a questão da validade dos novos falsos sacramentos resultantes da reforma de 1968-69 e, em particular, da validade do novo rito de consagração episcopal. Mas sobre tudo isso, o "apóstolo" Celier não diz nada.

Esse mesmo padre Celier abriu uma seção *"disputatio"* no site de *La Porte Latine*. Para ele, considerando já o acordo dos dois pré-requisitos como adquirido, trata-se de preparar o terreno para um futuro acordo doutrinário que servirá de pretexto para o alinhamento. Em 25 de janeiro de 2007, a seção *Disputatio* publicou um artigo[5] horrível do *Monde des religions*, precedido de uma crítica complacente que só o rebate em sua conclusão e que funciona como uma peça bruta contributiva ao "debate". Aqui, novamente vemos a metodologia modernista em ação, sob o pretexto de objetividade dos prós e contras, os piores erros são disseminados entre os fiéis sob a autoridade. Dom Lefebvre teria aceito que os meios de comunicação de sua obra se tornassem vetores dos mais horríveis discursos que colocam em risco a Fé dos fiéis?

O Capítulo Geral de julho de 2006 decidiu afastar o padre Celier, após fortes protestos dos priores, solicitando que lhe fossem retiradas a Direção de *Fideliter* e das *Edições Clovis*. No entanto, mal a decisão se tornou conhecida, o padre Celier conseguiu manobrar (padre Nelly?) para obter uma prorrogação inédita de seu mandato por 12 meses. 12 meses para transmitir pastas! Para justificar 12 meses, podemos imaginar armazéns inteiros de documentos que o padre Celier teria que explicar ao padre Toulza! Quando constatamos que, em administrações ou grandes empresas, as transições em caso de mudança de posto não excedem três meses, e isso se aplica a níveis de responsabilidade muito maiores do que o de Diretor das *Edições Clovis* ou *Fideliter*.

O padre Toulza, ex-politécnico, foi nomeado como adjunto do padre Celier, para retomar o controle dos meios de comunicação. Mas em janeiro, a sete meses da data fatídica em que a revista *Fideliter* e as *Edições Clovis* poderiam escapar das mãos da rede dos infiltrados modernistas, soubemos que o padre Laurençon, ex-superior do Distrito da França, assumiria a direção de *Fideliter* e das *Edições Clovis* em agosto de 2008. Se isso ocorrer, deveríamos ver aí uma manobra secreta do padre Celier junto a seu confrade, o padre Nelly, um grande leitor do panfleto escandaloso do padre Celier-Sernine, *La Paille et le sycomore*? Tal notícia poderia, por meio de um golpe de força da rede dos infiltrados, realizar a destituição do padre Toulza para colocar um homem considerado mais maleável e facilmente influenciável pelo padre Celier, que permaneceria nos bastidores para escrever brochuras com o objetivo de "converter" os conciliares. É importante lembrar que, quando o padre de Cacqueray assumiu suas funções, o padre Laurençon havia acabado de aprovar o manuscrito de *La Paille et le Sycomore*, o incendiário anti-Jean Vaquié, o que o colocou diante de uma situação já consumada por parte do padre Celier.

Os dois reféns e a rede dos infiltrados

Assim, entre o condicionamento dos fiéis em relação à "liberalização" do rito tradicional que está prestes a começar e a neutralização das críticas doutrinárias, incluindo a questão da mesquita azul, o padre Celier e os partidários do alinhamento avançam imperturbavelmente e pavimentam o caminho para o alinhamento. Após terem "cortado o som" de Dom Fellay, eles tomaram o microfone.

Para onde levam todas essas ações? Ao desenvolvimento de uma atmosfera modernista que o Santo Papa, protetor da FSSPX, assim estigmatizou:

> *« À luz da audácia e da prepotência de uns, da leveza e da imprudência de outros, formou-se uma atmosfera pestilencial que ganha tudo, penetra tudo e propaga a contaminação. »* **São Pio X**, *Pascendi*, 8 de setembro de 1907[6]

Onde está a Direção? O que dizem Dom Fellay e o padre de Cacqueray? Censurado por um, hipnotizado pelo outro, eles aparecem como os reféns dessa ação da rede dos infiltrados modernistas do alinhamento.

Continuemos a boa luta.

padre Michel Marchiset

---

[1] http://www.virgo-maria.org/D-Trombinoscope/index_trombinoscope_ralliement.htm

[2] http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis_fr.html

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-17-A-00-Mgr_Fellay_censure_par_infiltres_4.pdf

[4] http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis_fr.html

[5] http://www.laportelatine.org/formation/disputatio/liberalisme-le-Monde/mondedesreligions.php

[6] http://www.vatican.va/holy_father/pius_x/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis_fr.html

Apostasia de Ratzinger na Mesquita Azul de Istambul: O Vaticano apoia a entrada da Turquia na União Europeia

Em 1986, Dom Lefebvre denunciava o escândalo de Assis.

Hoje Ratzinger está pronto para *« liberar »* o rito de São Pio V para o bem do diálogo com as « outras » religiões

Ratzinger ora na postura muçulmana na Mesquita Azul de Istambul em 30 de novembro de 2006

> ***« O Papa pensa há muito tempo em pôr fim ao cisma de 1988. Por que deixar fora da Igreja centenas de sacerdotes e milhares de fiéis, ao mesmo tempo em que se prega o diálogo com outras religiões? »*** Le Figaro, 4 de janeiro de 2007, Sophie de Ravinel

E o diário intitula o artigo: **« Os tradicionalistas obtêm "sua" missa »**

Ratzinger apostatou publicamente da Fé católica ao orar diante de todas as televisões do mundo na postura de um muçulmano dentro da Mesquita Azul de Istambul, na companhia do Mufti.

Ele reconheceu[1] no dia 6 de dezembro, durante uma audiência geral no Vaticano, ter orado na mesquita ao **« o Deus do Céu e da terra, Pai misericordioso de toda a humanidade »**

Traduzimos o relato dado pelo site tradicionalista americano ***Novus Ordo Watch*** sobre esta apostasia de Ratzinger.

« Ao visitar a famosa Mesquita Azul, ele seguiu as instruções dos responsáveis muçulmanos, virou-se para Meca e, cruzando os braços à sua frente, orou como um muçulmano[2]. Depois, segundo o Padre jesuíta Federico Lombardi, diretor da sala de imprensa do Vaticano, o "Papa" Ratzinger não havia orado de fato, mas simplesmente « *feito uma pausa em um momento de meditação e recolhimento* »[3]. *E isso apesar do fato de que ele agiu assim na sala de oração da mesquita e fez, por uma observação lógica de suas ações, todos os esforços aparentes para seguir as instruções do imã e orar à letra à maneira muçulmana[4].*

Uma semana depois, durante uma audiência em Roma, foi o próprio Bento quem refutou o embelezador oficial do Vaticano ao reconhecer que ele havia, de fato, orado em uma mesquita.

"O Papa 'agradeceu a divina Providência por isso [a oração na mesquita]' e disse 'Que todos os crentes se identifiquem com o Deus único e testemunhem a verdadeira fraternidade» [5]

O texto completo do site oficial do Vaticano de 6 de dezembro de 2006[6] confirma, além do debate, que foi, realmente, uma oração e não uma meditação na qual ele estava imerso. Que Lombardi tenha tentado minimizar o escândalo é uma prova adicional da profundidade da duplicidade e de como a Roma modernista não merece nenhuma confiança.

Wojtyla-João Paulo II beija o Alcorão

Outro relato: Bento ora na Mesquita Azul[7]: quando o imã da mesquita apresenta ao "Pontífice" um livro de oração muçulmano, Bento coloca sua mão sobre o livro, incentivando as pessoas presentes a orar, o que imediatamente lembra um ato similar de apostasia[8] de seu predecessor de infeliz memória.[9]

Ficamos sabendo (texto no final desta análise) também hoje que **o Vaticano apoia a entrada da Turquia na União Europeia**, por meio do novo secretário de Estado, Bertone (*La Documentation catholique*, n° 2371 de 7 de janeiro de 2007).

Já Ratzinger havia dado um passo nesse sentido durante sua viagem à Turquia, e então espíritos de má-fé, muito constrangidos e desejosos de não macular a imagem de "*tradicionalista esclarecido*" de Ratzinger **tentaram negar os fatos**. Hoje, essas palinódias tornam-se impossíveis; os fatos estão claros pela declaração de Bertone:

« Parece bem que a Europa sem a Turquia não se beneficiaria mais desse ponte entre o Oriente e o Ocidente que a Turquia sempre foi ao longo da História ». ***Bertone***

« Hoje, a Turquia conhece um sistema de laicidade particular e um regime que tende a mais democracia. É do interesse da Europa ajudá-la a ser uma verdadeira democracia para consolidar sempre mais um sistema de valores. Manter a Turquia fora da Europa pode ainda favorecer o fundamentalismo islamista dentro do país. » ***Bertone***

Ratzinger ora com o Mufti – Ele se descalçou como exige o Islã

Em seu discurso de 22 de dezembro de 2006 (texto parcial no final desta mensagem), Ratzinger declara, na presença dos cardeais e membros da Família Pontifícia e da Cúria Romana que ele recebeu na Sala Clementina do Palácio Apostólico para apresentar seus votos de Natal, Ratzinger esclareceu seu pensamento no *« diálogo »* inter-religioso.

Primeiramente, Ratzinger apresenta positivamente o pensamento do filósofo idealista alemão, Emmanuel Kant:

> *« Emmanuel Kant, em seu tempo, havia visto expressa a essência da filosofia das Luzes no ditado "sapere aude": na coragem do pensamento que não deixa nenhum preconceito colocar-lhe entraves. Bem, a capacidade cognitiva do homem, seu domínio sobre a matéria através da força do pensamento, realizou desde então progressos antes inimagináveis. » Ratzinger*

E então, após explicar que o Islã está hoje confrontado, como a Igreja há dois séculos, com o pensamento das Luzes, Ratzinger ressalta a contribuição positiva dessa filosofia anticristã e subversiva:

> *« É necessário acolher as verdadeiras conquistas da filosofia das Luzes, os direitos humanos e, em particular, a liberdade de fé e de seu exercício, reconhecendo nelas elementos essenciais também para a autenticidade da religião. » Ratzinger*

Sobre o patriarca ortodoxo oriental Bartolomeu I, Ratzinger declara compartilhar com ele a « Fé dos apóstolos »:

> *« Tivemos a experiência de ser irmãos não apenas com base em palavras e eventos históricos, mas do mais profundo da alma; de estar unidos pela fé comum dos Apóstolos até em nosso pensamento e sentimentos pessoais. Tivemos a experiência de uma unidade profunda na fé e rezaremos ao Senhor com ainda mais insistência para que ele nos conceda em breve a plena unidade na partilha comum do Pão. » Ratzinger*

O que sugere que os próprios apóstolos eram hereges. Vemos também despontar nesta declaração **o instrumento da união ecumênica: a eucaristia desviada pelo apóstata Ratzinger para se tornar a base comum de uma « *Igreja futura* »**.

Esse tema da eucaristia ecumênica é constante; ele fundamenta a ênfase permanente na missa, incluindo até mesmo o *Motu Proprio* iminente para o rito de São Pio V (o rito acima do Sacerdócio). Esse desvio da eucaristia já faz parte do movimento de origem anglicana *Radical Orthodoxy*, que já abordamos extensivamente, e do qual o padre Barthe é um ardente propagandista por meio de sua revista *Catholica*. Também destacamos um comentário recente de um interveniente[10] que menciona uma conferência significativa realizada em 2005 por um professor da Gregoriana sobre o mesmo tema da eucaristia:

> *« Esta pesquisa*[11] *pode ser complementada pela leitura de uma conferência dada por um jesuíta americano,* ***Keith Pecklers****, (professor de liturgia na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma e professor de história litúrgica no Instituto Litúrgico Pontifício de San Anselmo) em 2005, intitulada "Eucharist and Mission in the 21st Century" (Eucaristia e Missão no século XXI).*
>
> *> Ela mostra que a Universidade de* ***Tübingen*** *(da qual Ratzinger fez parte) sob a influência de* ***Johann Adam Mölher*** *e depois o movimento litúrgico de* ***Dom Lambert Beauduin*** *foram os detonadores do suposto mal-estar já levantado por um monge bem conhecido do século XVI,* ***Lutero****. O papel da Eucaristia ali está totalmente corrompido para dar lugar a um sincretismo religioso (superando Dom Beauduin, que se limitava aos cristãos cismáticos) envolvendo judeus e muçulmanos, abandonando as 4 finalidades da missa para a única dimensão humana (o que se alinha com os comentários de Ratzinger aos Bnai Brith recentemente). »[12]*

O texto da conferência do "Pai" Keith Pecklers está disponível aqui (leia as páginas 3 a 7):

http://www.prounione.urbe.it/pdf/f_prounione_bulletin_n68_fall2005.pdf

E ainda no dia 22 de dezembro de 2006, Ratzinger declara que a liberdade religiosa corresponde à ***« natureza profunda da Fé »***:

> *« Esperemos e oremos para que a liberdade religiosa, que corresponde à natureza profunda da fé e é reconhecida nos princípios da Constituição turca, encontre nas formas jurídicas adequadas, assim como na vida cotidiana do Patriarcado e das outras comunidades cristãs, uma realização concreta sempre crescente. » Ratzinger*

Diante desse fluxo de heresias e atos de apostasia por parte dos ***"anticristos que se assentam no trono de Pedro"*** (Dom Lefebvre, início da carta de missão aos quatro futuros bispos), lembramos o que declarou Dom Lefebvre ao Figaro em 4 de agosto de 1976:

« Por outro lado, se nos parece certo que a fé ensinada pela Igreja durante vinte séculos não pode conter erro, temos muito menos a absoluta certeza de que o papa seja realmente papa. A heresia, o cisma, a excomunhão ipso facto, a invalidez da eleição são causas que eventualmente ***podem fazer com que um papa nunca tenha sido ou não o seja mais****. Nesse caso, obviamente muito excepcional, a Igreja se encontraria em uma situação semelhante àquela que conhece após o falecimento de um soberano pontífice.*

Pois, afinal, um problema grave se coloca à consciência e à fé de todos os católicos desde o início do pontificado de Paulo VI.

Como pode um papa verdadeiro sucessor de Pedro, assegurado pela assistência do Espírito Santo, presidir à destruição da Igreja, a mais profunda e extensa de sua história em tão pouco tempo, o que nenhum herege jamais conseguiu fazer? _

*A esta questão terá que se responder um dia***,* mas deixando este problema para os teólogos e historiadores, a realidade nos obriga a responder praticamente segundo o conselho de São Vicente de Lérins: « O que deve então fazer o cristão católico se alguma parte da Igreja se desvia da comunhão da lei universal? Que outro partido tomar senão preferir ao membro gangrenado e corrompido, o corpo em seu todo que está são e, se alguma nova contaminação se esforça por envenenar, não mais uma pequena parte da Igreja, mas a Igreja inteira de uma vez! Então ainda sua grande preocupação será se apegar à antiguidade, que, evidentemente, não pode mais ser seduzida por nenhuma novidade mentirosa! »_

Portanto, estamos decididos a continuar nossa obra de restauração do sacerdócio católico, aconteça o que acontecer, persuadidos de que não podemos prestar um melhor serviço à Igreja, ao papa, aos bispos e aos fiéis. Que nos deixem fazer a experiência da tradição.

Dom Marcel Lefebvre, Ecône, 2 de agosto de 1976. »

Enquanto o padre Lorans minimizou no Dici.Org os eventos da visita de Ratzinger à Turquia, como é possível que mais de um mês após a apostasia, ainda não exista, ao nosso conhecimento, nenhuma declaração oficial de Menzingen sobre esse grave escândalo?

E, ao examinar como o padre Lorans relata no Dici.org (sob um título inofensivo) essa apostasia da Mesquita Azul, percebe-se que, embora pareça criticar o falso discurso do jesuíta Lombardi, ele apresenta, no entanto, a postura e os atos de Ratzinger como uma "meditação", tentando atenuar o evento ao estabelecer um paralelo contínuo com a declaração de Ratisbona, como se essa apostasia fosse uma forma de "reparar" os comentários de Ratisbona:

« Após ouvir a descrição do local traduzida por um intérprete, os dois homens se reuniram juntos na direção de Meca. O papa, convidado por seu anfitrião, com os olhos fechados e as mãos juntas sobre o ventre, meditou enquanto o mufti recitava uma oração. »

« A "oração" de Bento XVI na Mesquita Azul, "é ainda ***mais significativa do que um pedido de desculpas****" por suas declarações associando o islamismo e a violência, afirmou o mufti de Istambul, citado pelo jornal turco Sabah de 1º de dezembro. Ele também deixou entender que o gesto do papa foi premeditado, explicando à rede de notícias NTV que ele havia falado sobre um convite feito ao papa com os responsáveis pelo protocolo turco, que por sua vez teriam consultado as autoridades do Vaticano. "Foi algo muito bonito, um belo gesto da parte dele. Com sua postura, ele deu uma mensagem aos muçulmanos", declarou à Sabah o mufti Mustafa Cagrici. "Foi uma atitude ainda mais significativa do que um pedido de desculpas" menos de três meses após a violenta polêmica desencadeada por suas declarações sobre o islamismo, disse ele sobre essa visita*

que fez a capa da imprensa turca.

Após explicar como os muçulmanos se recolhem diante do mihrab (nicho de oração), o mufti começou a orar. Com as mãos cruzadas sobre o ventre, o chefe da Igreja Católica então se recolheu por alguns minutos em silêncio. "Ele demonstrou uma grande cortesia ao não fazer o sinal da cruz ao final da oração e ao cruzar as mãos sobre o ventre como os muçulmanos fazem durante a oração. Agradeço ao nosso convidado", acrescentou o mufti à NTV. » Dici.org, n.º 146[13]_

E, em seguida, comentando muito brevemente e com termos muito atenuados essa apostasia (o termo nunca é utilizado pelo Dici.org), o padre Lorans não encontra nada melhor do que buscar a autoridade do acadêmico conciliar René Rémond para emitir um aviso comedido sobre as consequências dos atos de Ratzinger:

« A consequência prática de um diálogo inter-religioso como este só pode ser o indiferentismo, ou mesmo o sincretismo, como reconhece René Rémond, também citado em DICI n° 143. Falando da ideia "muito enraizada nas mentalidades contemporâneas de que nenhuma religião detém sozinha a totalidade da verdade", este cristão progressista militante não hesita em dizer: "A Igreja ela mesma contribui para isso na medida em que, desde o último concílio, especialmente, testemunha respeito pelas outras crenças. As tradições não cristãs não são mais assimiladas ao erro. Por isso, o esquema clássico que preservou por tanto tempo a coesão do povo católico desmoronou: a oposição rígida e absoluta entre a verdade e o erro." E conclui logicamente: "A opinião comum não está muito longe da ideia de que as diferentes tradições religiosas têm o mesmo valor. Então, por que não buscar em outros lugares o que nos falta, através de uma espécie de viagem ou turismo espiritual? O que pode levar a uma espécie de sincretismo…" (O cristianismo em acusação, Desclée de Bouwer, 2000, pp. 45-46) » Dici.org, n.º 146[14]

É certo que o Dici.org e seus Diretores, os padres Lorans e Sélégny, estão hoje bem distantes das palavras de Dom Lefebvre, que nem mesmo invocam mais em circunstâncias tão graves.

Até quando esse silêncio ensurdecedor de Dom Fellay, sucessor de Dom Lefebvre, vai durar? Dom Lefebvre era um bispo para se calar diante de atos tão graves de apostasia?

Qual é o dever de um bispo, **que pertence à Igreja ensinante**, guardião da fé, senão estudar particularmente nos tempos atuais e com toda a objetividade, sem constrangimento, a sã doutrina, o Direito Canônico, mas também as profecias, e assim comparar os fatos com o que é predito e passar às aplicações práticas denunciando o escândalo, apontando o herege e o apóstata, a fim de proteger o pequeno rebanho dos fiéis de toda confusão, toda astúcia, toda sedução por « **os anticristos que hoje se encontram em Roma** »?

Se os bispos se calam, será necessário que as pedras clamem?

Continuemos o bom combate

padre Michel Marchiset

O Santo Sé apoia a entrada da Turquia na Europa[15]

Em uma entrevista exclusiva concedida à "*La Documentation catholique*", o cardeal Tarcisio Bertone, secretário de Estado de Bento XVI, considera que a Europa cometeria um erro ao se fechar para a Turquia, mesmo que este país pudesse fazer parte de um segundo círculo.

Sim à Turquia na Europa, mesmo que ela possa pertencer apenas a um « segundo círculo ». A posição do Santo Sé é, desta vez, clara, sem ambiguidades, como nunca havia sido expressa tão claramente nesse nível. Não é Bento XVI quem fala, mas seu braço direito, o cardeal Tarcisio Bertone, secretário de Estado.

Para sua primeira entrevista em francês desde sua nomeação para esse cargo em 15 de setembro, ele escolheu *La Documentation catholique*, bimestral editado pela Bayard, cujo número de 7 de janeiro de 2007 inaugura uma nova fórmula.

Certamente, explica este salesiano que se tornou homem chave do Vaticano, a Igreja Católica não tem um « poder particular para favorecer a entrada da Turquia na Europa ou impor um veto ». Mas, acrescenta ele, « parece que a Europa sem a Turquia não beneficiaria mais dessa ponte entre o Oriente e o Ocidente que a Turquia sempre foi ao longo da História ».

O ex-arcebispo de Gênova sabe do que está falando: « A Turquia é há muito tempo um parceiro da Europa. Assim, a República de Gênova mantinha boas relações com os turcos, e foi para poder comerciar com eles que a Inglaterra adquiriu a bandeira de São Jorge das mãos dos genoveses para entrar nos portos otomanos. »

Uma integração "por círculos concêntricos"

Outros argumentos, mais atuais, apresentados pelo homem de Igreja: « Hoje, a Turquia conhece um sistema de laicidade particular e um regime que tende a se tornar mais democrático. É do interesse da Europa ajudá-la a ser uma verdadeira democracia para consolidar cada vez mais um sistema de valores. Deixar a Turquia fora da Europa pode, além disso, favorecer o fundamentalismo islâmico dentro do país. »

Em termos muito concretos, o cardeal Bertone estima que « a integração na Europa pode ser realizada por círculos concêntricos, com um primeiro círculo dos países historicamente europeus, atualmente reunidos na zona do euro, e um segundo nível para aqueles que estão mais distantes ».

Esta entrevista, coletada após a viagem de Bento XVI à Turquia (28 de novembro a 1º de dezembro de 2006), tem a vantagem de encerrar um debate sobre a posição precisa da Igreja Católica nesse assunto espinhoso. Esse debate havia sido reaberto pela eleição do cardeal Ratzinger ao trono papal, pois, na qualidade de prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o futuro papa havia se oposto publicamente à entrada da Turquia na Europa. E, mais recentemente, durante essa viagem, com as declarações do primeiro-ministro turco Erdogan.

As polêmicas de Ratisbona são "arqueologia"

Mal havia terminado uma reunião a sós com o papa no aeroporto de Ancara, o político afirmou diante das câmeras que Bento XVI estava a favor da entrada da Turquia na Europa. Isso deixou céticos muitos observadores, dados os interesses do governo turco nessa questão.

Um aspecto que o cardeal Bertone não elude nesta entrevista: « O encontro com o Sr. Recep Tayyip Erdogan não estava previsto, mas era esperado. Do ponto de vista da política interna, era evidentemente do interesse do primeiro-ministro turco encontrar-se com o papa. Nesse sentido, ele demonstrou uma grande sabedoria política. Esse contato foi muito positivo e oferece aos turcos um bom cartão de visita para a entrada da Turquia na Europa. »

Outro ponto forte desta entrevista é o comentário do colaborador mais próximo do papa sobre a controvérsia de Ratisbona que se seguiu ao discurso de Bento XVI na universidade dessa cidade no dia 12 de setembro: « As esclarecimentos fornecidos pelo papa permitiram compreender sua intenção clara de continuar, a partir de seu discurso de Ratisbona, um debate sobre fé e razão. Não se tratava de uma polêmica com os muçulmanos, que não foram estigmatizados. Além disso, algum tempo depois, intelectuais e líderes muçulmanos entenderam bem isso. O papel da Igreja no diálogo inter-religioso é amplamente reconhecido além do âmbito da própria Igreja. (…) Para alguns observadores, após a viagem do papa à Turquia, “as polêmicas sobre Ratisbona pertencem, portanto, à arqueologia”. »

A Igreja trabalha pelo diálogo no Oriente Médio

Finalmente, entre outros assuntos, a questão da unidade dos cristãos e a atualidade do Oriente Médio e do Líbano aparecem aos olhos daquele que supervisiona a diplomacia do Vaticano como « um desafio crucial de 2007 ».

Embora confirme que a Igreja Católica deseja que uma « conferência internacional » se reúna sem demora – « é mais urgente do que nunca obter, em nível internacional, um resultado, por menor que seja, para desbloquear a situação » –, o cardeal revela que a Igreja « ativa todos os canais possíveis, inclusive com os cristãos não católicos dessa região, para criar plataformas de diálogo e convergência sobre objetivos específicos ».

Esta edição de La Documentation catholique também oferece um retrato do cardeal Tarcisio Bertone – os retratos agora farão parte das seções desta nova fórmula – e, claro, a íntegra dos textos pronunciados por Bento XVI durante sua viagem à Turquia.

Jean-Marie GUENOIS

A Documentation catholique, n° 2371 de 7 de janeiro de 2007

O papa faz um balanço do ano de 2006: Discurso à cúria romana (III)

ROMA, Domingo, 24 de dezembro de 2006 (ZENIT.org) – Publicamos abaixo a terceira e última parte do discurso que o papa pronunciou na presença dos cardeais e dos membros da Família Pontifícia e da Cúria Romana que ele recebeu na Sala Clementina do Palácio Apostólico para lhes apresentar seus votos de Natal, na sexta-feira, 22 de dezembro. Neste discurso, que publicamos em três partes, o papa faz um balanço do ano que passou. Nesta terceira parte, ele menciona a importância do diálogo com as outras religiões, sua viagem à Turquia, uma carta que recebeu do patriarca Bartolomeu... (Para a primeira parte, cf. Zenit, 22 de dezembro; para a segunda parte, cf. Zenit, 24 de dezembro).

* * *

Outro grande tema ligado ao de Deus é o tema do diálogo. O círculo interno do diálogo complexo que hoje é necessário, o empenho de todos os cristãos pela unidade, surgiu de forma evidente durante as Vésperas Ecumênicas na Catedral de Ratisbona, onde, além dos irmãos e irmãs da Igreja Católica, pude encontrar muitos amigos ortodoxos e cristãos evangélicos.

Na recitação dos Salmos e na escuta da Palavra de Deus, estávamos todos reunidos, e é significativo que essa unidade tenha nos sido dada. O encontro com a Universidade foi dedicado — como se deve — ao diálogo entre fé e razão. Na ocasião de meu encontro com o filósofo Jürgen Habermas, há alguns anos, em Munique, ele havia dito que precisaríamos de pensadores capazes de traduzir as convicções codificadas da fé cristã para a linguagem do mundo secularizado, a fim de torná-las novamente eficazes. De fato, torna-se cada vez mais evidente que o mundo tem uma necessidade urgente do diálogo entre fé e razão. Emmanuel Kant, em seu tempo, havia visto expressa a essência da filosofia das Luzes no ditado «sapere aude»: na coragem de pensar que não permite que nenhum preconceito a coloque em embaraço. Pois bem, a capacidade cognitiva do homem, sua dominação sobre a matéria através da força do pensamento, alcançou, entretanto, progressos antes inimagináveis.

Mas o poder do homem, que se expandiu em suas mãos graças à ciência, torna-se cada vez mais um perigo que ameaça o próprio homem e o mundo. A razão, que visa inteiramente dominar o mundo, não aceita mais limites. Ela está prestes a tratar o próprio homem como mero objeto de sua produção e poder. Nosso conhecimento aumenta, mas, ao mesmo tempo, observa-se um progressivo ofuscamento da razão quanto aos seus próprios fundamentos; quanto aos critérios que lhe conferem orientação e sentido. A fé nesse Deus que é a Razão criadora do universo deve ser acolhida pela ciência de maneira nova como um desafio e uma

oportunidade. Reciprocamente, essa fé deve reconhecer novamente sua amplitude intrínseca e seu fundamento. A razão necessita do Logos que é a origem de tudo e que é nossa luz; a fé, por sua vez, necessita do diálogo com a razão moderna para perceber sua grandeza e estar à altura de suas responsabilidades. Foi isso que tentei destacar em meu discurso em Ratisbona. Trata-se de uma questão que não é de forma alguma apenas acadêmica; nosso futuro está contido nesta questão.

Em Ratisbona, o diálogo entre as religiões foi mencionado apenas de maneira marginal e sob dois pontos de vista. A razão secularizada não é capaz de entrar em um verdadeiro diálogo com as religiões. Se ela continuar fechada à questão sobre Deus, isso acabará levando ao confronto entre as culturas. O outro ponto de vista dizia respeito à afirmação de que as religiões devem se encontrar no âmbito de seu dever comum de se colocar a serviço da verdade e, portanto, do homem.

A visita à Turquia me ofereceu a oportunidade de expressar também publicamente meu respeito pela religião muçulmana, um respeito que, aliás, o Concílio Vaticano II (cf. Declaração *Nostra Aetate*, n. 3) nos indicou como um dever. Quero agora expressar mais uma vez minha gratidão às Autoridades da Turquia e ao povo turco, que me recebeu com tanta hospitalidade e me ofereceu dias de encontros inesquecíveis.

Em um diálogo a ser intensificado com o Islã, devemos ter em mente o fato de que o mundo muçulmano enfrenta hoje uma grande urgência diante de uma tarefa muito semelhante à que foi imposta aos cristãos a partir do século das Luzes e à qual o Concílio Vaticano II trouxe soluções concretas para a Igreja Católica após uma longa e difícil busca. Trata-se da atitude que a comunidade dos fiéis deve adotar em relação às convicções e exigências que se afirmam na Filosofia das Luzes. Por um lado, devemos nos opor à ditadura da razão positivista, que exclui Deus da vida comunitária e da organização pública, privando assim o homem de seus critérios específicos de medida. Por outro lado, é necessário acolher as verdadeiras conquistas da filosofia das Luzes, os direitos humanos e, em particular, a liberdade de fé e seu exercício, reconhecendo nelas elementos essenciais também para a autenticidade da religião. Da mesma forma que na comunidade cristã houve uma longa busca sobre o lugar adequado da fé em relação a essas convicções — uma busca que certamente nunca será concluída de forma definitiva — assim também o mundo muçulmano, com sua tradição própria, enfrenta a grande tarefa de encontrar as soluções apropriadas a esse respeito. O conteúdo do diálogo entre cristãos e muçulmanos consistirá, neste momento particular, em encontrar-se nesse empenho para encontrar soluções adequadas. Nós cristãos nos sentimos solidários com todos aqueles que, com base em sua convicção religiosa muçulmana, se empenham contra a violência e pela harmonia entre fé e religião, entre religião e liberdade. Nesse sentido, os dois diálogos dos quais falei se entrelaçam.

Finalmente, em Istambul, pude vivenciar mais uma vez horas felizes de proximidade ecumênica durante o encontro com o Patriarca Ecumênico Bartolomeu I. Há alguns dias, ele me escreveu uma carta cujas palavras de gratidão vindas do mais profundo do coração me fizeram reviver a experiência de comunhão desses dias. Vivenciamos a irmandade não apenas com base em palavras e eventos históricos, mas do mais profundo da alma; fomos unidos pela fé comum dos Apóstolos até mesmo em nosso pensamento e sentimentos pessoais. Experimentamos uma unidade profunda na fé e rezaremos ao Senhor com ainda mais insistência para que Ele nos conceda em breve a plena unidade na partilha comum do Pão. Minha profunda gratidão e minha oração fraterna neste momento vão ao Patriarca Bartolomeu e aos seus fiéis, assim como às diversas comunidades cristãs que pude encontrar em Istambul. Esperamos e rezamos para que a liberdade religiosa, que corresponde à natureza profunda da fé e é reconhecida nos princípios da Constituição turca, encontre em formas jurídicas adequadas, assim como na vida cotidiana do Patriarcado e das outras comunidades cristãs, uma realização concreta sempre crescente.

«Et erit iste pax» — assim será a paz, diz o profeta Miquéias (5, 4) a respeito do futuro dominador de Israel, cuja nascente em Belém ele anuncia. Aos pastores que guardavam suas ovelhas nos campos ao redor de Belém, os anjos disseram: aquele que se esperava chegou. «Na terra paz aos homens» (Lc II, 14). Ele mesmo disse aos seus discípulos: «Deixo-vos a paz; a minha paz vos dou» (Jo XIV, 27). É dessas palavras que se desenvolveu a saudação litúrgica: «A paz esteja convosco». Essa paz que é comunicada na liturgia é o próprio Cristo. Ele se dá a nós como a paz, como a reconciliação além de qualquer fronteira. Onde Ele é ouvido, multiplicam-se os ilhéus de paz. Nós, homens, gostaríamos que Cristo banisse de uma vez por todas

as guerras, que destruísse as armas e estabelecesse a paz universal. Mas devemos aprender que a paz não pode ser alcançada apenas de fora através de estruturas e que a tentativa de estabelecê-la pela violência só leva a mais violência. Devemos aprender que a paz — como dizia o anjo de Belém — está ligada à eudokia, à abertura dos nossos corações a Deus. Devemos aprender que a paz só pode existir se o ódio e o egoísmo forem superados de dentro. O homem deve ser renovado por dentro, deve se tornar um homem novo, diferente. Assim, a paz neste mundo permanece sempre frágil e delicada. Sofremos com isso. É exatamente por isso que somos ainda mais chamados a nos deixar penetrar interiormente pela paz de Deus e a levar sua força para o mundo. Em nossa vida deve se realizar o que aconteceu em nós no Batismo de forma sacramental: a morte do homem velho e, assim, o renascimento do homem novo. E rezaremos sempre ao Senhor com insistência: Abala nossos corações! Faça de nós homens novos! Ajude-nos para que a razão da paz prevaleça sobre a loucura da violência! Faça de nós mensageiros da tua paz!

Que a Virgem Maria, a quem confio a vocês e ao seu trabalho, nos obtenha essa graça. A cada um de vocês aqui presentes e às pessoas que lhes são queridas, renovo meus votos mais fervorosos, ao mesmo tempo em que lhes dou com afeto minha Bênção Apostólica, estendendo-a aos colaboradores dos diversos dicastérios e Escritórios da Cúria Romana e do Governatorato do Estado da Cidade do Vaticano. Feliz Natal e todos os meus votos também para o Ano Novo.

---

[1] http://www.speroforum.com/site/article.asp?idarticle=6939

[2] http://www.traditioninaction.org/RevolutionPhotos/A184rcRatzMosque.htm

[3] http://www.speroforum.com/site/article.asp?idarticle=6874

[4] http://www.traditioninaction.org/religious/m012rpRatzingerInMosque.html

[5] http://www.speroforum.com/site/article.asp?idarticle=6939

[6] http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20061206_en.html

[7] http://www.asianews.it/index.php?l=en&art=7894&theme=5

[8] http://www.novusordowatch.org/archive2006-07.htm#C

[9] http://www.novusordowatch.org/archive.htm

[10] Não podemos deixar de encorajar os participantes dos Fóruns que realizam um verdadeiro trabalho de pesquisa e análise.

[11] Mensagem de Virgo-Maria.org de 29 dezembro de 2006 : http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-29-A-00-Portrait_de_Ratzinger_1.pdf

[12] http://gestadei.bb-fr.com/ftopic599.La-filiation-de-Ratzinger.htm

[13] http://www.dici.org/actualite_read.php?id=1374

[14] http://www.dici.org/actualite_read.php?id=1374

[15] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=251948

Um exemplo de subversão clerical: o padre Portal

Quarta-feira, 3 de janeiro de 2007

Da rua do Cherche-Midi à rua de Grenelle

Já mencionamos a figura importante do padre Portal, que desempenhou um papel chave em 1895 e 1896 ao tentar fazer com que as ordenações anglicanas fossem aceitas como duvidosas (e não certamente inválidas) pelo Papa Leão XIII, na época em que o Cardeal Rampolla, membro da seita luciferiana da O.T.O., era secretário de Estado.

Providencialmente, essa manobra fracassou. O biógrafo do padre Portal, Régis Ladous, a designa com o nome de "provocação". Sob o Papa São Pio X, o Cardeal Merry del Val se lembrará disso. Ele se esforçará, após uma paciente espera, para encontrar a ocasião de afastar o padre Portal da formação de seminaristas, que ocorria na rua do Cherche-Midi. A causa desse afastamento será a publicação da vida do padre Morel pelo padre Portal. Nós já trouxemos ao conhecimento dos leitores esse episódio em uma mensagem anterior[1] de 23 de outubro de 2006.

Fingindo, em um primeiro momento, fazer-se esquecer e submeter-se, o padre Portal vai se recuperar e tirar proveito dessa nova liberdade para continuar a desenvolver sua rede e disseminar seus projetos. Citamos este trecho de sua biografia por Régis Ladous, onde as métodos do padre Portal aparecem em plena luz.

> *"Portal poderia ter se encontrado confinado à casa mãe do 95, rua de Sèvres, como o Senhor Pouget, com horários rígidos e a impossibilidade de fazer vir a multidão heterogênea de seus amigos ou de empreender atividades suspeitas. Em vez disso, ele se instala em uma casa de estudos da qual é o superior, ele está em casa, faz o que quer, recebe quem quer quando quer, e se instala com o triplo acordo do arcebispo de Paris, do reitor do Instituto católico e do Senhor Fiat, que se contenta, para todo controle, com raros e breves relatórios de atividade" R. Ladous*

Portal havia preparado sua saída antes de sua queda:

> *« Ele se designa a si mesmo um supervisor, um membro do conselho da Congregação da Missão que ele manteria informado sobre as atividades da rua de Grenelle; e esse grande inquisidor não era outro senão Monsieur Méout, o bom Monsieur Méout, o antigo superior de Cahors,* ***que estava no complô****. » R. Ladous*

E o que Régis Ladoux chama de "perseguição", que nada mais é do que a retomada de controle realizada por São Pio X, fornece ao padre Portal a oportunidade para novas ações subversivas:

« Como Portal era incapaz de se comprazir nas lamentos e no ócio, a caça às bruxas não foi para ele mais do que uma _oportunidade de descobrir novos terrenos de ação ou métodos*novos para alcançar os objetivos antigos. » R. Ladous*

Infelizmente, a ação persistente de um padre Portal, que mais tarde foi continuada por um Dom Beauduin, um Dom Botte, um Padre Lécuyer, entre os mais conhecidos, resultará em 1968, na erradicação do rito latino de consagração episcopal e na sua substituição por um rito inválido[2] (*Pontificalis Romani*, 1968). Essa ação interromperá a sucessão apostólica. Dom Lefebvre reagirá perpetuando o Sacerdócio sacramentalmente válido em 1988. Em 2006, os projetos do padre Portal conhecem um renascimento de atualidade, pois os tempos da “União das Igrejas”, sonhada pelo padre Portal, estão prestes a encontrar seu cumprimento com o padre Ratzinger, que negocia a integração do TAC (Comunhão Anglicana Tradicional) de “Monsenhor” Hepworth na Igreja conciliar e que fez da união dos cismáticos “ortodoxos” com a Roma modernista a prioridade de seu mandato. Paralelamente, o padre Ratzinger tenta reiterar dentro da Igreja conciliar o movimento de Oxford da *High Church* do século XIX, lançando uma reforma Anglo-Tridentina (nomeada “reforma da reforma” por seus promotores como o padre Barthe).

O cúmulo é que, por uma armadilha habilidosa, Ratzinger conseguiu insinuar, através de seu entorno, a Monsenhor Fellay, sucessor de Monsenhor Lefebvre, a ideia de solicitar ele mesmo como "pré-requisito" para um *ralliement* da FSSPX, a primeira etapa do projeto até então discreto, ou até secreto, de reforma Anglo-Tridentina.

Assim, guiado por zeladores ativos do *ralliement* (padres Schmidberger, Sélégny, Wuilloud, Lorans, de La Rocque, Celier, etc.), Monsenhor Fellay se viu obrigado a propor a oração de um "buquê" espiritual no Capítulo geral de julho de 2006.

Que estas poucas linhas sobre as ações do padre Portal iluminem os fiéis e os clérigos sobre os verdadeiros métodos e os desafios de uma subversão clerical que arruína a Igreja católica e a reduziu na terra a um eclipsado, a um pequeno rebanho.

Vamos continuar o bom combate.

padre Michel Marchiset

***Monsieur Portal e os seus* por Régis Ladous, Edições du Cerf, 1985**

Prefácio de Emile Poulat

Terceira parte

I

Rua de Grenelle

CAPÍTULO PRIMEIRO (p. 285 – p. 288)

14, RUE DE GRENELLE

Do Cherche-Midi à rua de Grenelle

No momento de sua destituição, em junho de 1908, Portal reprochou a Monsieur Fiat sua timidez e seu empenho em atender aos desejos do cardeal Merry del Val. É difícil avaliar a margem de manobra da qual dispunha o superior da Congregação da Missão, mas seu comportamento pode ter sido apresentado posteriormente como uma operação de salvamento, uma manobra para poupar seu subordinado de golpes mais duros e manter sua posição independente. Portal poderia ter se encontrado confinado à casa mãe do 95,

rua de Sèvres, como Monsieur Pouget, com horários rigorosos e a impossibilidade de fazer vir a multidão heterogênea de seus amigos ou de empreender atividades suspeitas. Em vez disso, ele se instala em uma casa de estudos da qual é o superior, está em casa, faz o que quer, recebe quem quer quando quer, e se instala com o triplo acordo do arcebispo de Paris, do reitor do Instituto Católico e de Monsieur Fiat, que se contenta, para todo controle, com raros e breves relatórios de atividade[3].

É verdade que ele havia preparado essa feliz saída há muito tempo; foi em 1906 que fundou, por sua própria iniciativa e com seus próprios meios, uma espécie de seminário dos Altos Estudos, situado no 14 da rua de Grenelle. A seus superiores que perguntavam, ele podia apresentar duas excelentes razões: o Cherche-Midi estava superlotado e o governo ameaçava retomar a casa mãe dos lazaristas, da qual o seminário Saint-Vincent-de-Paul era uma dependência. Claro que não era questão de explicar que se tratava de "fundar uma espécie de seminário da união das Igrejas"[4]. Uma senhora idosa, benfeitora da Congregação da Missão, e que Portal confessava "havia seis ou sete anos", a Sra. Lefort, disponibilizou a ele o segundo e o terceiro andares de seu hotel, suficientes para acomodar quinze quartos, uma cozinha e um refeitório. Sem aluguel a pagar. Calvet, ao retornar de Toulouse, assumiu a direção da recuperação e serviu de nome oculto para os atos oficiais.

O “convicto” da rua de Grenelle, como o chamaram os portalianos, começou a funcionar no início do ano letivo de 1906, mas Portal só festejou a inauguração no dia 2 de janeiro de 1907, na companhia de Gratieux, Chevalier, Pierre-Maurice Masson, Jacques Zeiller, Paul Olivier-Lacroye, Calvet e os residentes, cerca de uma dezena de padres, entre os quais o padre Tisserant, o futuro decano do Sagrado Colégio. Como todos esses padres já possuíam diplomas e se preparavam para obter outros ou defender teses, ficou claro desde o início que Portal não queria fazer do 14, rua de Grenelle uma simples anexo do Cherche-Midi, mas sim uma casa de estudos completamente desvinculada das regras e restrições dos seminários. Esse aspecto universitário se acentuou quando, a partir de 1908, Portal acolheu vários professores do Instituto Católico, como os senhores Mangenot, Labauche, Villien, Gaudefroy, antigos hóspedes do Cherche-Midi ou ex-alunos da rua de Grenelle que haviam feito seu caminho.

Em junho de 1908, quando se tornou certo que perderia o seminário Saint-Vincent-de-Paul, Portal agiu proativamente ao comprometer-se a não receber em sua casa de estudos nenhum estudante do Instituto Católico, mas apenas padres que deveriam permanecer em Paris por algum tempo para trabalhos intelectuais, teses, etc., ou mesmo alguns leigos[5].

Ele se designou a si mesmo um supervisor, um membro do conselho da Congregação da Missão que o manteria informado sobre as atividades da rua de Grenelle; e esse grande inquisidor não era outro senão Monsieur Méout, o bom Monsieur Méout, o antigo superior de Cahors, que estava no complô. Monsieur Fiat entrou de cabeça nessa operação de salvamento (ele realmente desejava ver esse inquieto se estabelecendo na casa mãe?). Ele simplesmente pediu que Portal obtivesse o acordo de Monsenhor Baudrillart e do novo arcebispo de Paris, Monsenhor Amette. Informou-o também de que conservaria todas as suas responsabilidades ordinárias dentro da Congregação. Baudrillart e Amette aceitaram tudo. Mais tarde, Portal deu uma interpretação lapidar dessa saída favorável: “Felizmente sou um senhor muito comprometido e não fácil de acomodar”[6].

O cenário medíocre de um apartamento burguês

Portal permaneceu até o fim de sua vida no 14 da rua de Grenelle, onde Jean Guitton viu «o cenário medíocre, inexistente, de um apartamento burguês ocupado por alguns padres, sem a beleza das paredes branqueadas por cal devido à indigência»[7]. Não havia nada de sepulcral nesses dois andares que, exceto pelos antecâmaras escuras formadas pelas peças do meio, eram mais iluminados do que os locais do Cherche-Midi. Portal ocupava duas salas no segundo andar; seu escritório dava para a rua, claro, a rua que era seu fechamento, seu claustro.

À esquerda ao entrar encontrava-se a biblioteca, composta principalmente por obras sobre a Inglaterra; à direita estava a lareira, sobre a qual havia um grande espelho que iluminava o cômodo; entre a janela e a

lareira, uma modesta mesa se apoiava na parede; isso, com algumas cadeiras, constituía todo o mobiliário. Acima da mesa estava pendurado um crucifixo, entre dois ícones russos, recordações de Morel, cujo retrato, com a grande testa pensativa, junto com duas ou três imagens, formava toda a decoração da lareira. À esquerda, após a biblioteca, uma porta dava acesso ao quarto, ainda mais simples e mais monacal[8].

Os visitantes que se apresentavam eram recebidos por um gato (não se sabe quantos se sucederam nessa função) e por Mlle Cécile, uma natural de Cahors que por vinte anos atuou como cozinheira e administradora. Introduzidos no escritório, eram recebidos como se estivessem na casa de *um fellow* de Oxford: Portal os abastecia com um famoso chá da rua d'Assas ao quai Conti, que ele fazia chegar diretamente da China (rede lazarista) e preparava pessoalmente. E era ali, ao redor das xícaras fumegantes, que ele exercia seu ministério de acolhimento. Como no Cherche-Midi, a movimentação era ininterrupta. Raramente uma visita terminava sem que outra se anunciasse. E quando Portal queria conversar tranquilamente, ele sempre precisava levar seu interlocutor aos bulevares, dos quais gostava pelo barulho e movimento. Às mulheres e homens de toda condição que vinham em busca de auxílio material ou direção espiritual, se misturavam os amigos e companheiros dessa rede universitária e liberal da qual falamos, e cuja fidelidade nunca se desmentiu. Neste campo, a continuidade sobrepôs-se à ruptura, exceto pelo fato de que a amplitude da repressão integrista aproximou Portal dos intransigentes do movimento, dos católicos sociais e dos sillonnistes. Se as ideias diferem, o perigo comum cria laços, uma solidariedade, sentimentos de simpatia que mais tarde levaram a historiografia católica a confundir liberais e leoniens, todos aqueles que recusavam o estado de sítio e por isso caíam sob os golpes dos caçadores de cabeças. Entre 1909 e 1914, havia muita gente, de tal forma que Portal - que lamentava tanto as tribulações de Duchesne quanto as de Lemire - não teve a sensação de viver à margem de uma Igreja bloqueada ou de pertencer a um partido em derrocada.

Por enquanto, nos recolhemos a nós mesmos [escreveu ele a Lord Halifax na primavera de 1909]. Sente-se por toda parte um peso de opressão que impede qualquer movimento.

Mas como Portal era incapaz de se comprazir nas lamentações e no ócio, a caça às bruxas não foi para ele mais do que uma oportunidade de descobrir novos terrenos de ação ou métodos novos para alcançar os objetivos antigos.

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-23-D-00-La_destitution_de_l_abbe_Portal_2.pdf

[2] Leia a demonstração disponível pelos estudos de http://www.rore-sanctifica.org

[3] Portal ao arcebispo de Paris, 11 de junho de 1908

[4] Portal a Mme Gallice, 8 de agosto de 1908.

[5] Portal ao arcebispo de Paris, 11 de junho de 1908.

[6] Portal a Lord Halifax, 14 de junho de 1912.

[7] J. GUITTON, *Écrire comme on se souvient*, Paris, 1974, p.

[8] A. Gratieux, *Trois serviteurs de l'unité chrétienne*, p. 21.

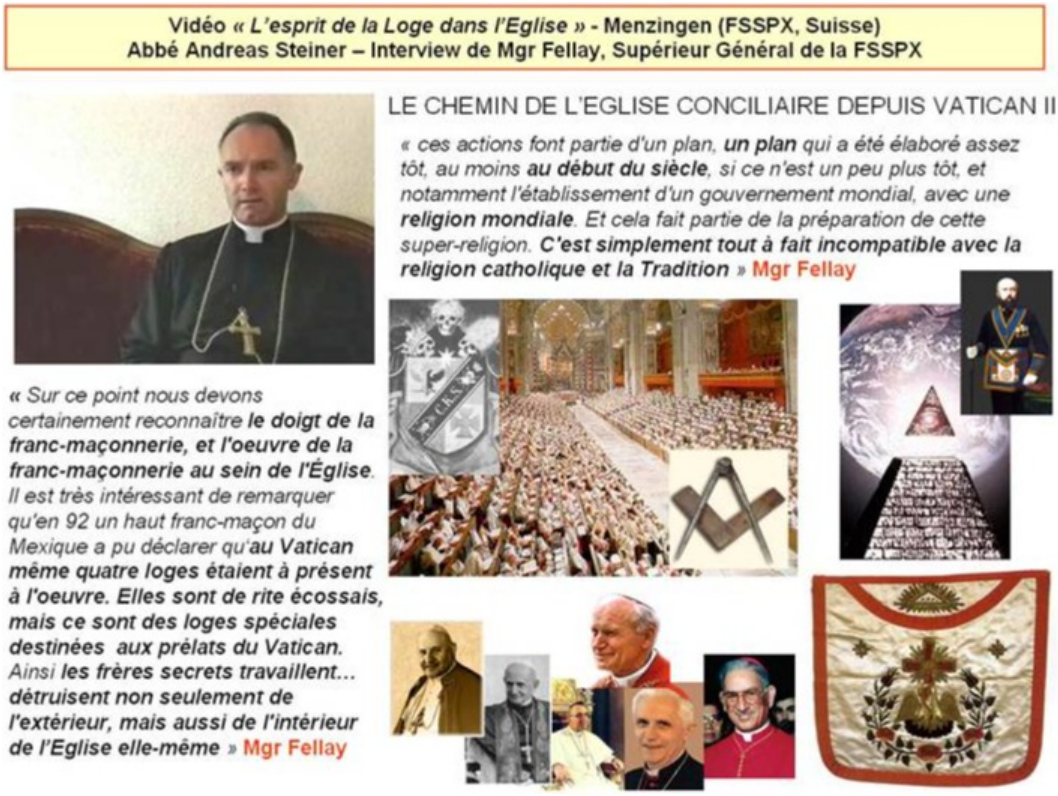
Os Maçons e a Igreja Conciliar

Quarta-feira, 3 de janeiro de 2007

4 lojas maçônicas de rito escocês dentro do Vaticano e de acesso reservado exclusivamente aos clérigos

A representação diplomática do Vaticano feita por lojas maçônicas em alguns países

Em nossa mensagem de 1 de novembro de 2006, citamos as palavras e o vídeo[1] onde, em 1999, Dom Fellay denuncia a presença de quatro lojas maçônicas de rito escocês (reservadas exclusivamente aos prelados) dentro do Vaticano.



Dom Fellay nos informa que um maçom do México faz, em 1992, essa revelação. A obra de Agnoli, editada por *Le Courrier de Rome* e que Dom Fellay talvez tenha lido *("A Franco-maçonaria à conquista da Igreja")* também contém uma referência a essa declaração. Nós a encontramos e fizemos traduzir para o francês. Portanto, apresentamos aqui o texto desse artigo.

Em particular, na *Proceso*, uma das principais revistas políticas do México, Carlos Vazquez Rangel, Grande Comendador do Conselho Supremo dos Maçons do México se expressa. John Kenneth Weiskittel relata suas palavras:

> "Neste entrevista, Vazquez faz declarações surpreendentes. Ele declara à Proceso, indica Martinez, que "o novo Embaixador junto à Santa Sé, Enrique Olivares Santana, [é] um irmão de loja, um "militante de honra" do Rito escocês e "o mais eminente Maçon dos últimos anos". Antigo Governador do Estado de Aguascalientes e antigo ministro do Interior, Olivares preside o Comitê de Ação Política do partido no poder, o FRI" (Frente Revolucionário Institucional). Vazquez diz temer que o embaixador encontre em Roma "reacionários", mas acrescenta que lá encontrará também Maçons, pois **"nos oito quarteirões que constituem o Estado do Vaticano, funcionam nada menos que quatro lojas do Rito escocês... Muitos dos altos dignitários do Vaticano são Maçons, e em alguns países onde a Igreja não é autorizada a operar, são as lojas que vão conduzindo clandestinamente os assuntos do Vaticano." John Kenneth Weiskittel**

Desde a publicação dessas revelações pelo *Courrier de Rome* do padre du Chalard, o mesmo padre veio fazer conferências públicas com Arnaud de Lassus em Paris, onde repetiu a mesma coisa. Quais são, portanto, segundo o padre du Chalard, parceiro do padre Schmidberger nas relações da FSSPX com Roma, as realizações concretas que ele atribui à ação dessas quatro lojas?

Reúnem-se apenas para tomar chá ou são compostas apenas por 'braços quebrados'? **Ainda esperamos a resposta do padre du Chalard**, e a realização do próximo congresso de *Si si No no* na França seria uma oportunidade para ele fornecer essa lista de realizações concretas dessas lojas, sobre as quais ele permanece bem calado.

Enquanto se tenta fazer crer que a Igreja conciliar ainda é a Igreja católica, consideramos que tal contradição se torna insustentável à luz dos fatos contrários que não param de se acumular.

Continuemos a boa luta.

Padre Michel Marchiset

Texto traduzido do original em inglês

(com nossos agradecimentos ao tradutor)

Publicado por *The Athanasian*, Vol. XIV, n° 4, 1 de junho de 1993. Editor: Padre Francis E. Fenton, STL.
Publicação dos Católicos tradicionalistas da América.

Os Maçons e a Igreja conciliar

John Kenneth Weiskittel

Quando no último outono, o México e o Vaticano concordaram em estabelecer relações diplomáticas entre si, a notícia percorreu o mundo. Um tal interesse não é surpreendente, dado o histórico de relações tensas que sempre existiram entre as duas partes. Apesar de seu rico patrimônio católico romano, o México sofreu uma série de governos anticatólicos, maçônicos e comunistas desde a promulgação em 1855, pelo governo de Benito Juárez, de leis muito severas contra a Igreja. O pior aconteceu na década de 1920, com a perseguição sangrenta aos católicos, que corajosamente tentaram derrubar seus opressores. Até tempos recentes, o direito civil proibia os padres de usar o hábito religioso nas ruas. Hoje ainda, o México continua a ser um Estado maçônico e anticatólico.

É por isso que, durante um século, nenhuma troca de diplomatas ocorreu entre a Santa Sé e o governo mexicano. É desnecessário dizer que o Vaticano de 1992 apresenta apenas uma semelhança superficial com o de 1892. Quem, conhecendo a extensão da apostasia da Igreja "católica" conciliar, poderia se espantar com essa recente traição? Afinal, isso é apenas natural, considerando as circunstâncias. No entanto, as aparências escondem muitas coisas.

Mary Ball Martinez, uma conciliar que tende à tradição (autora de *From Rome Urgently* e *The Undermining of the Catholic Church*) e que vive no México, publicou, antes de sua turnê de conferências do ano passado na Califórnia, um comunicado de imprensa no qual fazia declarações bastante reveladoras sobre a reação dos Maçons mexicanos às novas relações diplomáticas, ao segundo Concílio do Vaticano e à política da Igreja conciliar em geral. A fonte dessas revelações não é outra senão *Proceso*, uma das principais revistas políticas do país, que publicou uma entrevista com Carlos Vazquez Rangel, Grande Comendador do Conselho Supremo dos Maçons do México.

Nesta entrevista, Vazquez faz declarações surpreendentes. Ele declara à *Proceso*, indica Martinez, que "o novo Embaixador junto à Santa Sé, Enrique Olivares Santana, [é] um irmão de loja, um 'militante de honra'

do Rito escocês e ‘o mais eminente Maçom dos últimos anos’. Antigo Governador do Estado de Aguascalientes e antigo ministro do Interior, Olivares preside o Comitê de Ação Política do partido no poder, o FRI” (Frente Revolucionário Institucional). Vazquez diz temer que o embaixador encontre em Roma “reacionários”, mas acrescenta que lá encontrará também Maçons, pois “nos oito quarteirões que constituem o Estado do Vaticano, operam nada menos que quatro lojas do Rito escocês… Muitos dos mais altos dignitários do Vaticano são Maçons, e em alguns países onde a Igreja não é autorizada a operar, são as lojas que conduzem clandestinamente os assuntos do Vaticano.”

Ele declara ainda que, durante o Concílio, um bispo mexicano (secretamente maçom), Sergio Mendez Arcea, havia lançado um apelo urgente pela “revogação da Bula do papa Clemente V [*sic*; na verdade, tratava-se do papa *Clemente XII*, que publicou sua condenação à maçonaria em 1738], que proibia os católicos de aderirem à maçonaria sob pena de excomunhão”. Além disso, ressalta Vazquez, esse apelo de Mendez acabou resultando em resultado (já que o Código de Direito Canônico “revisado” de 1983, devido a João Paulo II, pretende suprimir essa pena de excomunhão).

Durante as pesquisas realizadas para o presente estudo, consultamos algumas obras sobre o Concílio para estabelecer o papel que Mendez desempenhou. Nenhuma menciona a pertença deste último a uma loja nem o apelo que ele teria feito, conforme indicado acima. Mas em seu livro *Le Rhin se jette dans le Tibre* (Augustine Publishing Co., 1978, na versão inglesa), o padre Ralph Wiltgen menciona uma intervenção bastante conforme ao pensamento maçônico: durante a segunda sessão, Mendez argumentou *contra* o uso da expressão “Mãe de Deus” como título para a Bem-Aventurada Virgem Maria (veja p. 240).

Mas o impensável está por vir nas palavras de Vazquez:

> *“No mesmo dia, em Paris, o profano* (“não-maçom” no jargão maçônico) *Angelo Roncalli (João XXIII) e o profano Giovanni Montini (Paulo VI) foram iniciados nos augustos mistérios da Fraternidade. Assim verifica-se que uma grande parte do que foi realizado no Concílio repousava sobre os princípios maçônicos”* [sublinhemos nós].

Quatro lojas do Rito escocês (a vertente mais abertamente anticatólica da maçonaria) no Vaticano? Dignitários *da Santa Sé* pertencentes à maçonaria? Está o Vaticano *colaborando*? Um bispo *maçom* no Vaticano II? E *dois* “papáveis” se tornando *Maçons*? O que acreditar sobre tudo isso?

Para responder a essas perguntas, na medida do possível (eventual pertencimento de João XXIII e Paulo VI às lojas exigiria que se apresentassem provas absolutas), é possível seguir várias pistas de investigação. As hipóteses sugeridas acima devem ser compatíveis e corroboradas por: 1. o que outros Maçons dizem sobre o Vaticano II e suas consequências; 2. a prova da existência de um plano maçônico de infiltração da Igreja e a verificação de seu sucesso, se for o caso; 3. as reações pró-maçônicas dos membros do Concílio; 4. a prova de que as “reformas” do Concílio vão na direção dos objetivos da maçonaria. No entanto, infelizmente, é *possível* demonstrar tudo isso.

Inimigos mortais tornados amigos íntimos?

O Grande Comendador Vazquez declara triunfante que “uma grande parte do que foi realizado no Concílio repousava sobre os princípios maçônicos”. No entanto, a doutrina da maçonaria é diametralmente oposta à da Igreja: a Igreja ensina que *Ela* é a verdadeira Fé, enquanto, segundo a maçonaria, *todas* as religiões são igualmente válidas (indiferentismo, salvação universal, universalismo); a Igreja ensina que todos os homens são obrigados a aceitar a única verdadeira Fé, enquanto a maçonaria promove a “liberdade de consciência” (liberdade religiosa); a Igreja ensina que *Ela apenas*, por sua missão divina, possui a autoridade necessária para ensinar sobre questões morais, enquanto a maçonaria apresenta a moralidade como uma questão privada… E assim por diante.

Faz muito tempo que a maçonaria declarou sua constante aversão à Igreja e a tudo o que é católico. E os papas a condenaram repetidamente nos termos mais veementes: o papa Pio IX a chamava de "a Sinagoga de Satanás", e o papa Pio XI declarou "A maçonaria é nosso mortal inimigo" (citado por Dom E. Jouin em *Papado e Maçonaria*, nas páginas 17 e 31, em uma edição em inglês da Christian Book of America – data não indicada).

Os defensores do Vaticano II devem mais explicações do que as que Vazquez oferece. As "reformas" suscitaram reações tão positivas por parte das lojas (…), até mesmo antes da conclusão do Concílio, que Dom Marcel Lefebvre estava justificado em dizer:

> "As declarações são numerosas, os inimigos tradicionais da Igreja se regozijam ao ver membros eminentes da Igreja defensores das ideias que eles [esses inimigos – JKW] sempre defenderam" (V.S.M. Fraser, trad., *Um bispo fala*, Una Voce da Escócia – sem data – p. 36 a 37).

E a maçonaria não ficou atrás nos elogios.

> « O sentimento de universalismo que reina em Roma neste momento se aproxima muito do objetivo de nossa existência»,

escreveu Yves Marsaudon, dirigente do Conselho Supremo francês dos Maçons do Rito escocês;

> « assim, não podemos ignorar o segundo concílio do Vaticano e suas consequências […] De todo o nosso coração, apoiamos a "Revolução de João XXIII" […]» (citado pelo Dr. Rama Coomaraswamy, *The Destruction of Christian Tradition*, Perennial Books, 1981, p. 179).

Não contente em exaltar o triunfo da liberdade religiosa e do indiferentismo professados no Concílio, ele se deleita perversamente em não permitir que os católicos tradicionais percam de vista um ou outro ao lembrá-los de sua origem:

> « Os católicos, especialmente os conservadores, não devem esquecer que todos os caminhos levam a Deus [*sic* – JKW]. Eles devem aceitar essa corajosa ideia de liberdade de consciência que – e pode-se realmente falar aqui de revolução – partindo de nossas lojas maçônicas, se espalhou magicamente sobre a doutrina de São Pedro» (citado por Dom Lefebvre, p. 182).

As coisas em breve vão "melhorar":

> « Nascida em nossas lojas maçônicas, a liberdade de expressão agora se espalhou sobre a cúpula de São Pedro […] É a Revolução de Paulo VI. É claro que Paulo VI, não contente em se limitar a seguir a política de seu predecessor (João XXIII), vai, de fato, muito mais longe […] (citado por Coomaraswamy, p. 179).

O mais preocupante nessas citações é sua origem: o chefe do Rito escocês da França, *organização anticatólica mais abertamente militante* que se possa conceber.

Mas Vazquez e Marsaudon não são os únicos maçons a se congratularem com o Vaticano II. Jacques Mitterrand, ex-Grande Mestre do Grande Oriente da França, após comparar Pio XII, papa "reacionário", a João XXIII e Paulo VI, papas "progressistas", faz comentários abertamente elogiosos sobre a nova mentalidade pós-conciliar:

> « Algo mudou na Igreja. As respostas dadas pelo Papa [*sic* ; Paulo VI – JKW] a questões tão conflituosas como o celibato do clero e o controle de natalidade são violentamente contestadas dentro da Igreja. Alguns bispos, padres e leigos questionaram a palavra do Soberano Pontífice ele mesmo. Ora, aos olhos de um maçom, [aquele] que discute o dogma *já é um maçom sem avental*» (citado por Dom Lefebvre, p. 182) [sublinhemos nós.]

Esses “resultados positivos” do Vaticano II são comemorados também do outro lado do Atlântico por Henry Clausen, Soberano Grande Comendador do Conselho Supremo dos Maçons do Rito escocês, Jurisdição do Sul, Estados Unidos:

> « Muitos de nossos amigos que são membros dessa seita [a “seita” católica! - JKW] rejeitam como estranhas à América as fulminações medievais contra nossa Fraternidade, percebem o quanto temos em comum *[sic]*, aceitam as normas da democracia americana, reconhecem que temos […], uma nova e definitiva forma de relação entre a religião e o governo, e pedem aos líderes de suas igrejas que não mais se voltem contra a maçonaria e as cerimônias maçônicas. Eles esperam ver levantar-se ventos de liberdade capazes de criar na América uma atmosfera amigável e tolerante […] à qual os maçons aspiram como homens de boa vontade [*sic* – Embora os Maçons dos graus inferiores possam ser de boa vontade, será que o mesmo se aplica àqueles dos graus superiores, como Clausen *ele mesmo*, que se dedica a rituais que consistem, entre outras coisas, em *esfaquear um crânio coroado com uma tiara papal?*]. (Clausen, *Commentaries on Morals & Dogma*, The Supreme Council, 1976, segunda edição, p. 190).

Essas citações são impactantes, pois vêm da maçonaria francesa e (ou) do Rito escocês, que sempre odiou a Igreja. É altamente significativo que tais autores sintam apenas admiração pelo Concílio e suas “reformas”. Os apologistas do Vaticano II poderão sempre alegar que não se pode confiar em Maçons que se expressam sobre questões da Igreja; enquanto isso, que reflitam sobre os seguintes comentários desse Grande Mestre francês sobre a encíclica antimaconica do papa Leão XIII *Humanum Genus* (1884):

> « Que texto terrível contém essa encíclica! […] Fica-se confuso diante de seu tom veemente, dos epítetos violentos, da audácia das acusações, da perfídia dos apelos à repressão secular […]» (citado por Léon de Poncins, traduzido do francês por Timothy Tindal-Robertson, *Maçonaria e o Vaticano*, Christian Book Club of America, 1968, p. 33).

Esse indivíduo, *ele também*, não queria *realmente* dizer o que disse? Claro que sim! Mas *por que*, nessas condições, duvidar do resto? Com o Concílio, o mal inerente à maçonaria vai *parecer* desaparecer, mascarado pelos elogios. O *impossível* aconteceu. Todo católico não deveria se perguntar *como* tal transformação pôde ocorrer, em que *inimigos mortais parecem ter se tornado amigos íntimos*?

O complô contra a Igreja

Certos defensores modernistas do Vaticano II afirmam que suas “reformas” constituem uma muito necessária “atualização” da Igreja. Outros, da mesma forma, sustentam que “a mudança estava no ar” e que os Pais do Concílio estavam absolutamente certos ao “abrir as janelas”, como o fizeram. Os críticos do Concílio, por sua vez, tendem a denunciar no Vaticano II o exemplo perfeito de como os prelados podem se deixar capturar pelas opiniões liberais dominantes.

Um tal ponto de vista não é desprovido de pertinência. Opiniões falsas penetraram *de fato* no Concílio, mas *de onde* elas vinham? O Vaticano II não tendo sido conduzido em um ambiente estanque, necessariamente vieram *de algum lugar*. *Mas vinham de eclesiásticos?* A resposta perturbadora, mas perfeitamente lógica, a essa questão é: sim, de alguns dos homens que haviam jurado defender a Igreja! Embora nem toda a totalidade, nem mesmo a maioria dos homens de Igreja que participaram do Concílio Vaticano II fossem conspiradores, aqueles dentre eles que o eram *efetivamente* conseguiram instilar o erro em seus decretos.

Os Pais da Igreja *foram avisados*. Antes da abertura do Concílio, cópias de um livro de quase 700 páginas intitulado *O complô contra a Igreja* foram distribuídas a cada bispo. O autor, que usava o pseudônimo *Maurice Pinay*, era um corajoso padre mexicano, o padre Joaquín Saenz y Arriaga, assistido por várias outras pessoas. Na primeira edição (em italiano), há uma passagem que, com o passar do tempo, parece quase *profética*:

> « A conspiração mais infame está em curso contra a Igreja. Os inimigos dela trabalham para destruir as tradições mais santas e, para isso, introduzir reformas tão perigosas quanto mal-intencionadas […] Eles manifestam um zelo hipócrita para modernizar a Igreja e adaptá-la à situação atual; mas, na realidade, têm a intenção secreta de abrir suas portas ao comunismo, apressar o colapso do mundo livre e preparar a futura destruição da Cristandade. Tudo isso deve ser implementado durante o próximo concílio do Vaticano. Temos provas de como esses planos estão sendo estabelecidos em acordo secreto com as forças dirigentas do comunismo, da maçonaria mundial e do poder secreto que as lidera.» (St. Anthony Press, 1967, p. 15.)

Esses terríveis avisos, que não chamaram a atenção dos prelados, se realizaram em grande parte desde então. As portas do comunismo *se abriram*; o mundo livre *está se desmoronando*; a destruição da Cristandade *continua* ***diariamente***. E a Igreja conciliar desempenhou um papel em *todos esses eventos*. O padre Arriaga estava claramente a par de algo que a maioria dos católicos ignorava. *Como* ele tomou conhecimento disso? Dado que ele nunca alegou ter recebido uma revelação, seu conhecimento dos fatos em questão devia vir de um estudo *aprofundado* do assunto. Poderemos fazer o mesmo aqui, embora em uma escala mais modesta.

O que leva a maçonaria a agir pode ser encontrado em uma inscrição visível no Supremo Conselho do Grande Oriente da França: *"A luta que ocorre entre o Catolicismo e a Maçonaria é uma luta até a morte, incessante e implacável"* (citado por Dom Jouin, p. 3). Em 1895, as lojas afirmam audaciosamente:

> "Nós, os Maçons, devemos realizar a demolição definitiva do Catolicismo" (citado por Gustave Combes e o padre Augustin Stock, O.S.B. (tradução), *Ressurgimento do Paganismo*, B. Herder, 1950, p. 223 e 224).

Por sua vez, o Congresso Internacional Maçônico organizado em 1904 em Bruxelas declara:

> *"A luta contra a papalidade é uma necessidade social e constitui o dever constante da maçonaria"* (citado por Dom Jouin, p. 4) [tipo de letra modificado – JKW]

A primeira declaração de guerra *pública* foi feita pelo Vaticano, com a encíclica *In Eminente* publicada em 1738 por Clément XII (em reação à guerra *não declarada* na qual a maçonaria já havia se lançado contra Cristo). A *condenação do papa Clément e todas as outras tomadas de posição de Roma se aplicam às lojas do mundo inteiro, pois estas últimas constituem um corpo único e são, portanto, também anatematizadas*. O papa Pio IX escreveu em *Etsi Multa* (1873):

> «Não é apenas o corpo maçônico da Europa que é visado, são também as *associações maçônicas da América e de toda outra parte do mundo onde possam existir*» (citado pelo padre Edward Cahill, *Freemasonry & the Anti-Christian Movement*, M.H. Gill & Son, 1949, terceira edição, p. 126).

No dia 20 de abril de 1949 (simbolicamente, sessenta e cinco anos dia a dia após a publicação de *Humanum Genus* por Leão XIII), a Sagrada Congregação do Santo Ofício do papa Pio XII respondeu nos seguintes termos a uma pergunta dos bispos italianos:

> «Como nada ocorreu que motive a menor mudança nas decisões da Santa Sé sobre esta questão, as disposições do Direito Canônico permanecem plenamente em vigor para ***toda*** sorte de maçonaria, qualquer que seja» (citado por Paul Fisher, *Their God is the Devil*, American Research Foundation, 1991, p. 54) [somos nós que destacamos].

O Canon 2335 do Código *(autêntico)* de 1917 ameaça com excomunhão maior (da qual a absolvição é, portanto, reservada à Santa Sé) os católicos que aderem à «seita dos maçonss» ou a grupos semelhantes; *nenhuma distinção é feita* quanto ao fato de uma loja ter sua sede em Roma, Bonn, Paris, Londres, Nova Iorque ou Tombuctu. Trata-se de uma proibição *universal*. No entanto, nada mudou desde então, exceto a percepção dos «católicos» crédulos. A qualquer um que não concorde com o que foi dito, lançamos um desafio: produza *um único documento* do Vaticano pré-conciliar que exclua *nominalmente* a maçonaria

anglo-americana da censura, e nós o publicaremos nestas colunas. Mas trata-se de uma aposta segura, *pois nenhum documento desse tipo existe!*

A guerra na guerra

Assim como a Igreja Católica é o organismo universalmente encarregado de levar o Evangelho à humanidade, a maçonaria é o organismo que se esforça para privar as almas e as sociedades de Cristo. O perigo é tão grande que em uma carta de 1892 ao povo italiano, o papa Leão XIII advertia os católicos que deveriam evitar a maçonaria, sob pena de «permanecer *separados da comunhão cristã e perder suas almas agora e por toda a eternidade*» (citado por Fisher, p. 58); é ele quem destaca. Dez anos depois, ele declarava:

> *«A maçonaria é a personificação permanente da Revolução* [ou seja, a Revolução Francesa – JKW], *cuja única razão de ser é fazer a guerra a Deus e à Sua Igreja»* (citado por de Poncins, p. 45).

Se a maçonaria foi uma combatente tão formidável, isso se deve a duas razões. Primeiro, longe de ser uma simples heresia, ela é um conjunto complexo de heresias que conseguiu reunir as forças anticatólicas do mundo todo para levá-las a lutar juntas contra Cristo e Sua Igreja. (Infelizmente, muitos líderes católicos leigos – assim como vários bispos e padres – contribuíram para a busca desse objetivo, ignorando os apelos *repetidos* dos papas para que a praga maçônica fosse erradicada de suas terras.) Em segundo lugar, fiel em seu segredo, a maçonaria não se contentou em atacar abertamente e de maneira sangrenta a Igreja e a ordem social cristã, mas com uma astúcia infernal, arquitetou o plano de penetrar na Igreja e destruí-la de dentro, fazendo com que ela prosseguisse, sem saber (por meio de infiltrados eclesiásticos ou de seus duplos), a realização de seu plano anticristão.

Existem muitas evidências deste complô, que remonta a antes da revolução de 1789 na França. Nos falta espaço para demonstrá-lo integralmente, mas os leitores interessados encontrarão cerca de *cinquenta* páginas de provas em “The Bugnini File” (o dossiê Bugnini), publicado na edição de março-abril de 1993 da *Catholic Restoration* [disponível online (em versão PDF) no site novusordowatch]. Por volta de 1908, a maçonaria declarava:

> *«O objetivo não é mais destruir a Igreja, mas sim usá-la infiltrando-se nela»* (citado por Michael Davies, *Pope John’s Council*, Vol. 2: *Liturgical Revolution*, Angelus Press, 1977, p. 165).

Um século antes (em 1806), um sacerdote "papista" piedoso, o padre Augustin Barruel, que havia emigrado da França durante a revolução, comunicou ao papa Pio VII as conclusões alarmantes tiradas de seus contatos com um ex-maçom italiano. Sua Santidade, constatando a necessidade de avisar os fiéis, ordenou a publicação de uma análise, na qual se pode ler o seguinte:

> «Em nosso próprio solo italiano, eles [os maçons – JKW] já recrutaram como membros ***mais de 800 eclesiásticos***, tanto seculares quanto regulares, entre os quais muitos padres, professores, prelados, assim como alguns bispos e cardeais…» (citado por Arriaga, p. 394) [somos nós que destacamos].

Essa infiltração *massiva* ocorreu *um século antes* de o papa São Pio X se queixar, em sua encíclica *Pascendi*, do número «de padres que [estão] impregnados […] até os ossos de um vírus de erro oriundo dos adversários da fé católica», e *mais de um século e meio antes* da revolução do Vaticano II! Em 1819, a Alta Venda (Alta Vendita) – órgão diretor das lojas maçônicas da Europa – adotou um relatório interno, a *Instrução permanente*, que enfatizava os meios a serem utilizados na busca de seus desígnios subversivos. A existência do relatório em questão só foi revelada em 1846, quando este foi publicado com a autorização do papa Pio IX, após uma busca nos escritórios da seita pelo governo pontifício.

Neste documento, encontra-se nada menos do que um plano de batalha visando a vitória da Maçonaria sobre a Igreja: «a destruição definitiva do Catolicismo, e mesmo da ideia Cristã» (citado por Cahill, p. 101). Os

métodos previstos para alcançar esse objetivo são os seguintes: instalação na Igreja de uma «cabeça de ponte» composta de agentes infiltrados; *campanhas de difamação* realizadas por esses agentes contra qualquer fiel – especialmente se for membro do clero – que se opuser à Maçonaria; corrupção dos padres pelos elementos infiltrados, visando à corrupção dos leigos; compromisso de permanecer no lugar o maior tempo possível «a fim de levar a Igreja à cova» (ver Cahill, p. 101 e 103, e Monsenhor George F. Dillon, D.D., *Grand Orient Masonry Unmasked*, Briton ed., 1965, p. 89 e 90, 93 e 94). Segundo a Alta Venda, a chave do sucesso estava em que seus agentes fossem capazes de simular piedade e ortodoxia a fim de conquistar a confiança, e até mesmo a alta estima dos católicos! Essa admiração deslocada, ensinava, seria o começo do fim da Igreja católica, pois:

> «Essa reputação dará acesso às nossas doutrinas no seio do jovem clero, assim como aos fundos dos conventos. Em alguns anos, esse jovem clero terá, por força das circunstâncias, invadido todas as funções: governará, administrará, julgará, formará o conselho do soberano, será chamado para escolher o pontífice que deve reinar, e esse Pontífice, como a maioria de seus contemporâneos, estará mais ou menos imbuído dos princípios italianos e humanitários que começaremos a colocar em circulação […] Que o clero marche sob sua bandeira acreditando sempre que caminha sob a bandeira das Chaves apostólicas. Estendam suas redes como Simão-Barjonas; estendam-nas ao fundo das sacristias, dos seminários e dos conventos em vez de ao fundo do mar; e, se não apressarem nada, prometemos a vocês uma pesca mais milagrosa do que a dele […] Vocês terão pregado uma revolução em tiara e capa, marchando com a cruz e a bandeira, uma revolução que só precisará ser um pouquinho estimulada para incendiar os quatro cantos do mundo.» (Citado por Dillon, p. 94.)

Essa infiltração estava destinada a durar cinquenta anos, cem anos ou mais, tanto quanto fosse necessário para criar uma nova «Igreja católica», uma igreja à ignóbil imagem da maçonaria.

Os amigos «católicos» das lojas

No livro citado *acima*, Léon de Poncins escreve no subtítulo *Uma luta pelo reconhecimento*, a fim de destacar que «existe atualmente nos meios católicos uma campanha constante, sutil e determinada em favor da maçonaria» (p. 7). E acrescenta o seguinte:

> «Seu objetivo declarado é obter do Vaticano, e do Concílio enquanto este está em sessão, a revisão ou, melhor ainda, a anulação das diversas condenações proferidas pelos papas contra a maçonaria desde 1738 […] (*Ibidem*)

Essa campanha começou no mais tardar nas décadas de 1920, quando um "jesuíta alemão, o padre Gruber, especialista em questões maçônicas, entrou em contato com três maçons de alto escalão […] (*Ibidem*). Embora seu nome não seja mencionado, trata-se sem dúvida do padre Hermann Gruber, S.J., erudito *austríaco*, que escreveu artigos sobre assuntos maçônicos para *A Enciclopédia Católica*. Esses estudos, embora geralmente precisos, contêm observações altamente suspeitas. Seu artigo sobre os *Iluminados* rejeita («à luz de nossos conhecimentos atuais») obras que ligam esse movimento à Revolução Francesa (escritas por homens como o padre Barruel ou John Robinson, autor de *Proofs of a Conspiracy*), cujo conteúdo lhe parece «frequentemente errado» e «extremamente improvável» (Vol. XII, edição de 1913, p. 662 e 663). Mas o padre Cahill, pesquisador meticuloso, não hesita em discernir a existência de um vínculo entre os *Iluminados* e a Revolução Francesa. Quanto aos maçons franceses, eles nunca se cansam de proclamar a participação das lojas na revolta de 1789. Nessas condições, como alguém que contribui para a redação de uma obra de referência católica pode formular tal afirmação? Não temos resposta para essa pergunta, mas constatamos, desde então, que está sendo feito um esforço crescente para encorajar a Igreja a favorecer a maçonaria.

Os «católicos» pró-maçonaria reagiram com cautela em suas maneiras de se expressar, mas não deixaram de enviar uma mensagem a seus aliados maçons. Uma das vitórias mais glorificadas das sociedades secretas foi a revolução de 1789 na França, na qual o grito de rally dos insurgentes era «Liberdade, Igualdade, Fraternidade». Esta revolução, dirigida tanto contra a Igreja quanto contra a Monarquia, foi condenada como tal por Roma. Um defensor «católico» do Vaticano II enumera assim algumas de suas *conquistas*:

> «Essa libertação do pensamento católico […] permite que a Igreja retome a bandeira da Revolução Francesa, que fez o giro pelo mundo laico antes de voltar a repousar no catolicismo, de onde ela tinha originado [*sic* – JKW]. Liberdade, igualdade, fraternidade: esse glorioso slogan foi a quintessência do Vaticano II […]» (Henri Fesquet, Bernard Murchland, trad., *The Drama of Vatican II*, Random House, 1967, p. 815).

O Concílio estabeleceu uma ligação entre os ex-católicos e os maçons. Fisher (citado acima), autor conciliar e antimaçônico inclinado à tradição, observa que os Cavaleiros de Colombo e os maçons agora mantêm «relações de trabalho» e acrescenta:

> «Desde 1968, o cardeal Richard Cushing, de Boston, o cardeal John Cody, de Chicago, o bispo Leo A. Pursley, de Fort Wayne-South Bend, e o bispo Robert Joyce, de Burlington (VT) falavam em assembleias maçônicas, enquanto a revista *America* iniciava uma ampla campanha de imprensa para obter a revisão da lei da Igreja que proíbe a adesão de católicos à Fraternidade Secreta Internacional (p. 55).»

Em 1973, o padre John A. O'Brien, da Notre-Dame, intervindo durante o almoço oferecido pelo Lawyers Shrine Club de Chicago (loja maçônica de advogados dessa cidade), se expressou da seguinte maneira:

> «Como católico romano, mestre de pesquisas em teologia na Universidade de Notre-Dame e sacerdote há mais de meio século, quero render aos maçons a homenagem que lhes é devida há tempo demais pela eminente contribuição que eles trouxeram à vida cívica, comercial, científica, cultural e espiritual de nossa nação […]. Se uma contribuição tão rica e variada desaparecesse, nossa nação ficaria muito empobrecida. [Muitos dos] meus amigos mais próximos e queridos são maçons, e sua amizade é inestimável para mim» (citado por Henry Clausen, *Clausen's Commentaries on Morals & Dogma*, Supreme Council, 33º Grau, edição de 1976, p. 55).

Essas declarações escandalosas e sacrílegas mostram o quanto o fermento pró-maçônico já estava presente – embora disfarçado – dentro da Igreja há dezenas de anos antes do Vaticano II, e como o Concílio deu luz verde a essa forma de amizade aberta com a maçonaria. Dois fatos são particularmente preocupantes: o fato, para um sacerdote, de falar de uma contribuição maçônica à *vida espiritual* de nosso país, e o fato de ouvi-lo dizer: «muitos dos meus amigos mais próximos e queridos são maçons» (sem mencionar que ele se atreve a apresentar essa amizade como «inestimável», o que distorce de maneira ímpia as palavras de Cristo sobre o Reino dos Céus! – cf. São Mateus XIII:44-46). E Henry Clausen, que cita tais palavras, não era nada menos que o chefe do Rito Escocês (Jurisdição do Sul), a mais abertamente e ferozmente *anticatólica* de todas as obediências maçônicas da América.

Clausen escreve:

> «uma abertura […] foi feita até mesmo dentro do Vaticano» (p. 191).

Ele cita a alocução proferida pelo «cardeal» John Willebrands (falando em nome do Secretariado conciliar para a Unidade dos Cristãos) durante a celebração do quinquagésimo aniversário do grupo maçônico de meninos DeMolay, que ocorreu *no próprio Vaticano*. Essa alocução é singular pelo fato de que seu autor silencia a verdade católica, louva um organismo maçônico e defende o indiferentismo. Após dar as boas-vindas aos participantes, ele cita as Escrituras (Deuteronômio 6:5, e São Marcos 12:29): «Ouça, ó Israel: o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Portanto, amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força», e «amarás o teu próximo como a ti mesmo». Ele

elogia a DeMolay por sua «nobre tarefa», que se baseia nesses mandamentos, e expressa «gratidão e alegria» pelo ***fato de que esse organismo reúne católicos*** e protestantes (…) em uma ampla cooperação voltada para o bem da humanidade» (citado p. 191 e 193) [somos nós que destacamos]. Isso foi sem dúvida a primeira vez que um porta-voz da Santa Sé elogiou maçons. No entanto, nada indica que Paulo VI tenha *condenado* essa alocução mentirosa. Por mais ignóbil que tenha sido o discurso de O'Brien, ele não era de alguém que estivesse a serviço *direto* do Vaticano. É revelador que a primeira citação bíblica de Willebrands – «O Senhor é Um» – seja aceitável para (…) os muçulmanos e os maçons incrédulos, que têm em comum a negação de que Cristo é o Filho de Deus. Além disso, Willebrands menciona em termos favoráveis a pertencença de católicos a um grupo totalmente capaz de *destruir sua fé*.

Apelo ao despertar dos católicos

Quando, em 1975, surgiram documentos o acusando de ser maçom, o "arcebispo" Annibale Bugnini, maestro da *Novus Ordo Missae* (ou seja, a nova "missão"), viu sua carreira despencar. Paulo VI o afastou de suas funções como chefe da Congregação conciliar para o Culto Divino e o enviou para o Irã (*não* – segundo a doutrina conciliar – porque os muçulmanos precisam ser *convertidos*, mas porque – alegadamente – eles agradam *já* a "Alá" e estão mesmo *salvos* por sua fé islâmica).

Mais de *cem* prelados deveriam, em seguida, ser acusados de terem ligações com a maçonaria, o que é chocante, alarmante, estarrecedor… mas *plausível* tendo em vista as evidências de infiltração da Igreja que já haviam sido fornecidas pelo padre Barruel e outros historiadores. Os efeitos do Vaticano II e da nova "missa" oferecem, aliás, provas circunstanciais convincentes de que um golpe de força realmente ocorreu. Aqui estão, aliás, três desses efeitos, extraídos de uma longa lista:

- *Profanação* galopante das igrejas outrora católicas em nome da "reforma" (descarte dos altares, cálices, estátuas e outros objetos do culto católico, aos quais a nova religião praticamente não reconhece valor algum). Aos olhos dos conspiradores, esse vandalismo oficial resulta em dois benefícios positivos: primeiro, a satisfação maligna que lhes proporciona o fato de assistirem à destruição de objetos sagrados, não por vândalos anticatólicos, mas por aqueles que buscam "atualizar" suas igrejas na linha do Vaticano II; em segundo lugar, e isso é ainda mais crucial, uma profunda diminuição do respeito pelas tradições da Igreja, que permite à seita maçônica transformar ainda mais facilmente os católicos em conciliares.

- Rejeição do Evangelho em favor de um "evangelho social". Uma etapa decisiva foi a supressão da Missa tridentina, percebida como o maior obstáculo à revolução das mentes dos fiéis, daí a imposição do *Novus Ordo Missae*. No século XIX, o padre Roca, excomungado por sua pertença a sociedades ocultas e secretas, já havia apresentado um plano nesse sentido. Ele escrevia: "Penso que o culto divino, tal como é regulado pela liturgia, cerimônias, ritos e julgamentos da Igreja católica, sofrerá uma transformação em breve, durante um concílio ecumênico. Este último trará a Igreja de volta à *venerável simplicidade* da era apostólica e *a **harmonizará com o novo estágio da consciência e da civilização modernas***" (citado por Arriaga, p. 194) [somos nós que sublinhamos]. Ora, as declarações do Concílio e de Bugnini apresentam nítidas semelhanças com esse ponto de vista. Em sua constituição sobre a liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, o Vaticano II preconiza "uma restauração geral da liturgia" (ataque velado à Missa de São Pio V), porque certos aspectos da Missa "não só podem, ***mas devem ser mudados*** com o tempo" e que os ritos "reformados" devem ser impregnados de "nobre simplicidade" (Walter M. Abbot, S.J., editor geral, *The Documents of Vatican II*, American Press, 1966, p. 146 e 149) [somos nós que sublinhamos]. Por sua vez, Bugnini, em suas memórias, defende as mudanças nestes termos: "A redescoberta do espírito […] e o esforço feito para que os ritos falem a linguagem de nosso tempo para que homens e mulheres possam compreender a linguagem dos ritos, que é ao mesmo tempo misteriosa e sagrada" (traduzido para o inglês por Matthew J. O'Connell, *The Reform of the Liturgy: 1948-1975*,

Liturgical Press, 1990, p. 45). O “evangelho social”, pregado pela primeira vez há duzentos anos por Adam Weishaupt, chefe dos Illuminati, é agora popular na seita conciliar como meio de promover o socialismo de tipo “Estado de bem-estar” e de estabelecer pontes para o feminismo, o ocultismo, o ativismo pelos “direitos dos gays”, a *Nova Ordem Mundial* maçônica, etc. Sua forma mais extrema, que é a “teologia da libertação”, ensina o erro do “marxismo católico”. Roma modernista *promove* abertamente grande parte desse programa e *tolera* o restante. Tudo isso, contudo, parece bastante lógico se lembrarmos que essa pseudo-Igreja católica se baseia nos *ensinamentos maçônicos da liberdade religiosa*, *do humanismo* (o homem sendo suposto substituir Deus como centro da existência) *e do indiferentismo* (todos os sistemas religiosos, morais, sociais e políticos sendo considerados equivalentes mais ou menos).

- Desprezo pelos ensinamentos católicos autênticos em questões como divórcio, controle de natalidade, aborto e homossexualidade por parte de grande parte da Igreja conciliar, e proliferação de padres (verdadeiros ou falsos) moralmente depravados, adúlteros, homossexuais, ou mesmo *estupradores de crianças*. Uma “tábua” essencial da *Instrução Permanente* da Alta Venta apresenta grande interesse nesse sentido: “Torne os corações dos homens viciosos e corrompidos, e você não terá mais católicos. Afaste os padres dos altares e da prática da virtude. Esforce-se para ocupar seu tempo com outras coisas […] é a corrupção das massas que nós empreendemos – a corrupção das pessoas pelo clero, e do clero por nós – a corrupção que deve nos permitir um dia levar a Igreja ao túmulo” (citado por Cahill, p. 103).

O presente artigo apenas arranhou a superfície de um problema há muito negligenciado. Através da subversão internacional, os inimigos da Igreja invadiram-na, ocupando abusivamente seus assentos episcopais (incluindo o Santo Sede) e provocando a mutação de uma imensa maioria de seus antigos membros em “católicos” conciliares. Os conspiradores são muito poucos, mas os estragos que causaram na Cristandade, e que são consideráveis, prejudicam a vida espiritual de milhões de pessoas, até mesmo a própria existência das nações. É essa situação que deve acabar… e que *acabará* , pois a vitória final da Igreja Católica Romana é um fato garantido por Cristo nas Escrituras (“eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” – São Mateus, XVIII:20) assim como por Sua Santíssima Mãe em Fátima (“no final, meu Coração Imaculado triunfará”). Mas, humanamente falando, isso só ocorrerá quando a Igreja militante – agora reduzida a um pequeno remanescente de católicos tradicionalistas – fizer ouvir sua voz. Deus nos pede para nos levantarmos e nos opormos de maneira clara e corajosa a essa invasão insidiosa de Sua Igreja. *A nova cativação da Babilônia dura há muito tempo demais; agora, com a graça de Deus, chegou a hora de quebrar nossas correntes.*

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2006/011_2006/VM-2006-11-01/VM-2006-11-01-A-00-Mgr_Fellay_denonce_quatre_loges_au_Vatican.htm

Artigo Original: Virgo Maria

Dom Williamson intervém para tentar neutralizar as informações divulgadas por *Virgo-Maria.org*

Sábado, 24 de março de 2007

Ele tenta negar seu conluio secreto com o padre Schmidberger. O ex-anglicano (variante metodista) que se tornou bispo, Dom Williamson, acaba de intervir discretamente para tentar fazer com que *Virgo-Maria.org* recue na sua denúncia da "Orquestra Negra" da FSSPX, disfarçada como "sessão de música clássica profana" realizada em 23 de fevereiro de 2007 na Alemanha, organizada pelo padre Schmidberger.

Uma intervenção suspeita do bispo a poucos dias da publicação do *Motu Proprio*

Estamos nos aproximando de 25 de março, data do aniversário da morte de Dom Lefebvre e também festa da Anunciação. A publicação do *Motu Proprio* e o lançamento do "Plano B" contra a FSSPX seriam iminentes, talvez para o dia 25 de março, amanhã.

Nossos leitores entenderam muito bem que a publicação deste *Motu Proprio* é uma arma nas mãos da "Roma dos anticristos" (expressão de Dom Lefebvre) para obter a adesão da FSSPX **e, ao organizar agora a confusão dos sacerdócios** (cf. mensagens anteriores do VM e a carta solene aos quatro bispos da FSSPX) **, o fim da obra de preservação do verdadeiro Sacerdócio católico, dotado dos poderes sacramentais e sacrificiais válidos da ordem de Melquisedeque, obra de preservação fundada por Dom Lefebvre**.

A pressão de Dom Williamson para convencer a retirar a informação que menciona seu conluio com o padre Schmidberger durante a sessão de música em 23 de fevereiro de 2007 na Alemanha

Na terça-feira, 21 de março de 2007 à noite (meio-dia na Argentina), enquanto na manhã (na Europa), *Virgo-Maria.org* acabava de fazer revelações sobre as pressões do padre Schmidberger para retirar do site três pontos importantes, **sendo o terceiro relacionado à sua coordenação oculta com Dom Williamson**, o mesmo bispo interveio discretamente **para tentar convencer a não mais falar dessa relação que ele manteria secretamente com o padre Schmidberger**.

Durante 20 minutos, Dom Williamson tentou justificar sua viagem de 30.000 km (ida e volta) para uma sessão de música clássica na Alemanha com 22 participantes. Relatamos o evento em nossa mensagem[1] de 23 de fevereiro de 2007.

O que está acontecendo na Alemanha que desperta tanto interesse conjunto de Dom Williamson e do padre Schmidberger?

Dom Williamson reconheceu sua participação, alegando que falou com o padre Schmidberger "apenas sobre a Alemanha". Então, o que está acontecendo na Alemanha que suscitaria um interesse tão intenso e combinado do padre Schmidberger e de Dom Williamson?

Sabemos que, desde que assumiu ilegalmente (conforme mensagens anteriores do VM) a liderança do Distrito da Alemanha da FSSPX em setembro de 2006, **o padre Schmidberger entrou em uma luta de influência contra seu antecessor, o padre Pflüger, que, após o Capítulo Geral da FSSPX em julho de 2006, tornou-se, no lugar do padre Schmidberger, Primeiro Assistente da FSSPX, ao lado de Dom Fellay em Menzingen**.

Reproduzindo um esquema clássico da política, o padre Schmidberger agora pretende "fazer um balanço" do Distrito da Alemanha.

Se **o Distrito da Alemanha está atualmente enfrentando dificuldades financeiras**, é evidente que isso só poderá aumentar **a dependência da FSSPX de seus "generosos doadores" alemães**. Esses doadores estariam, então, em uma posição, diante de uma Direção fraca que os escutaria complacentemente, de pressionar a FSSPX.

Portanto, longe de prejudicar a rede de infiltrados, **as dificuldades financeiras atuais do Distrito da Alemanha só poderiam fortalecer a posição do padre Ratzinger em favor do *ralliement* (reconciliação) com Roma e fornecer uma alavanca ao padre Ratzinger e sua rede alemã contra Dom Fellay, com o objetivo de forçar sua assinatura para a reconciliação da FSSPX**.

As intenções contraditórias de Dom Williamson

Dom Williamson também argumentou que a divulgação de sua participação, ao lado do organizador Schmidberger, em uma sessão discreta e a portas fechadas de música clássica "prejudicaria a credibilidade" de *Virgo-Maria.org*! (segundo suas próprias palavras).

Estamos muito felizes, mas ainda mais surpresos, ao saber pela própria boca de Dom Williamson que ele se preocupa profundamente com a credibilidade de *Virgo-Maria.org*. Já sabíamos que ele acompanha de perto nossas publicações e as examina atentamente, mas agora descobrimos que ele pretende zelar para que nosso site mantenha a melhor imagem possível.

Tudo isso seria motivo de grande satisfação para nós, se não achássemos surpreendente tal atitude **por parte daquele que, há 25 anos, bloqueia a questão da invalidade sacramental das pseudo-consagrações episcopais conciliares, e impede por todos os meios que isso chegue ao conhecimento dos fiéis da Tradição.**

Ou então, deveríamos entender que Dom Williamson quer, na verdade, nos silenciar?

Isso nos parece muito mais lógico e provável. E essas palavras, de uma aparente delicadeza tipicamente britânica, escondem na verdade um grande desconforto diante da verdade exposta publicamente sobre seus contatos privilegiados com o padre Schmidberger, **que ele apresenta, nas confidências que faz em privado, como seu inimigo pessoal de longa data dentro da FSSPX.**

Lembremos, aliás, que, dirigindo-se ao mesmo contato, em janeiro de 2006, o mesmo Dom Williamson confessava, em tom lamurioso, ter recebido uma carta intimidatória do padre Schmidberger contra ele. O bispo tentava assim, junto a seu contato, enfatizar sua oposição àquele que então era o Primeiro Assistente da FSSPX.

E abordava seu contato dizendo: "Caro XX, o que você sabe sobre as negociações com Roma? Eu, não sei de nada", esperando assim ganhar sua confiança enquanto coletava informações, e, se possível, as fontes de informações e vazamentos dentro da FSSPX.

30.000 km de avião para 22 participantes? E 2.500 euros?

Durante essa intervenção telefônica em 21 de março de 2007, Dom Williamson revelou que a sessão na Alemanha atraiu 22 participantes, com duas conferências sobre música e outras quatro sobre literatura. Para minimizar o evento, o bispo acrescentou que o mesmo tipo de sessão havia tido um *"grande sucesso"* na Argentina alguns meses antes.

A quem Dom Williamson espera convencer de que um bispo se desloca por 30.000 km para falar de música clássica para 22 participantes? E ainda por cima, mobiliza-se um Superior de Distrito?

Será que é para esse tipo de excursão de bispo *globe-trotter* que deve ser usado o dinheiro dos fiéis?

Uma viagem dessas, em classe econômica, **custa cerca de 2.500 euros[2].**

Como se justifica a leviandade de uma despesa dessas, enquanto ao mesmo tempo, pais precisam fazer grandes sacrifícios para pagar as mensalidades de seus filhos nas escolas da FSSPX?

Uma intervenção de Dom Williamson que, na verdade, confirma as análises de Virgo-Maria

Agora, tentemos entender o verdadeiro significado da intervenção de Dom Williamson em 21 de março de 2007. Como a mensagem de *Virgo-Maria* foi publicada naquela mesma manhã na Europa, é provável que o padre Schmidberger tenha tomado conhecimento dela antes de Dom Williamson.

É muito possível que ele tenha alertado imediatamente seu colega, que então tentou exercer essa pressão para suprimir a informação.

Tudo isso demonstra, simplesmente, que após as pressões do padre Schmidberger e agora as de Dom Williamson, **a interpretação divulgada por *Virgo-Maria.org* é a correta, fornecendo as chaves para compreender o funcionamento real e oculto atual da FSSPX.**

E é justamente isso que temem o padre Schmidberger, Dom Williamson e seus mandantes.

A revelação pública da concertação oculta entre o padre Schmidberger e Dom Williamson causa grande embaraço.

É evidente que **para essa rede de infiltrados modernistas e falsos opositores, Dom Fellay aparece como um homem de segundo plano**; eles organizam suas ações sem ele. Em nenhum momento durante essa intervenção de 21 de março, Dom Williamson mencionou o papel de Dom Fellay.

Quando questionado durante sua intervenção, Dom Williamson tentou justificar-se sobre a questão da invalidade das consagrações conciliares, invocando as grandes competências *"no nuclear"* do padre Calderon!

Este é o mesmo personagem que se esforçou para escrever um texto de 2 páginas no *Sel de la terre*, nº 58, tentando defender a suposta validade sacramental - agora insustentável após as publicações do CIRS e do padre Cekada - da pseudo-consagração episcopal conciliar, totalmente inventada pelo trio infernal Bugnini-Lécuyer-Dom Botte e promulgada, mediante uma enorme mentira, por Montini-Paulo VI em 18 de junho de 1968.

É muito curioso essa referência ao nuclear; faz lembrar aquela que o padre Celier, uma autoridade no assunto, destaca em seu livro recente. Decididamente, essa nova FSSPX está irradiando muito!

Essa tentativa desesperada de Dom Williamson de tentar se esconder atrás da argumentação refutada do padre Calderon só enganará os ignorantes.

Observamos que Dom Williamson continua se recusando a responder à carta pública e solene dirigida aos quatro bispos, que aborda essa questão.

Continuemos o bom combate.

Padre Michel Marchiset

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-23-A-00-Orchestre_noir_de_la_FSSPX_V3.pdf

[2] Source : http://www.opodo.fr/opodo/AvailabilityServlet?DISTANCE_UNIT=&RMSCHID=RMSCHID&TRIP_TYPE=R&B

Artigo original: Virgo Maria

O pensamento de Dom Fellay editado por um admirador da gnose?

Quinta-feira, 19 de abril de 2007

O livro do padre Celier, que afirma expressar o pensamento de Dom Fellay, editado por J.L. Maxence, autor de obras esotéricas e guenonianas

---

O livro-entrevista do padre Celier com Olivier Pichon, *« Bento XVI e os tradicionalistas »*, foi publicado pela editora Entrelacs, do grupo Albin Michel, por **Jean-Luc Maxence, que dirige a coleção *Connivences***.

Obtivemos informações sobre esta pessoa, Jean-Luc Maxence, o responsável por esta operação de comunicação e divulgação do padre Celier. Yves Chiron admite:

> *« É Jean-Luc Maxence, redator do Monde et Vie e diretor da coleção « Connivences » na editora Entrelacs, quem está por trás deste livro de entrevistas »* Yves Chiron, **Aletheia** n°105, 21 de fevereiro de 2007.

A revista Vehementer (Avrillé) denuncia os vínculos de Jean-Luc Maxence com a gnose

A revista *Vehementer* (disponível apenas na internet) revela que Jean-Luc Maxence tem fortes ligações com os círculos da gnose. É mencionado que ele já publicou vários livros sobre esoterismo e René Guénon, um alto iniciado gnóstico.

A revista *Vehementer* é dirigida por alguns dominicanos de Avrillé. Ela é distinta da *Sel de la terre*, revista dirigida pelo Padre Pierre-Marie de Kergorlay.

Dom Lefebvre apoiou fortemente Jean Vaquié, que o padre Celier tem atacado continuamente desde 1993

Jean Vaquié, apoiado em sua luta por Dom Lefebvre, revelou e explicou as infiltrações gnósticas na Tradição Católica.

Jean Vaquié estudando em sua mesa

No dia 27 de setembro de 1989, respondendo a Jean Vaquié, que lhe havia enviado seu estudo sobre *A Escola do Esoterismo Cristão*, publicado no nº 322-23 do *Boletim Barruel*, Dom Lefebvre escreveu:

Dom Lefebvre

> *« Dom Lefebvre expressa suas sinceras felicitações e seu profundo reconhecimento ao Sr. Jean Vaquié pelo notável trabalho que ele redigiu sobre* ***a Escola do esoterismo cristão*** *(a gnose).*
>
> *Ao fazer isso, ele realiza o desejo de Leão XIII e de São Pio X, que disseram ser necessário remover a máscara dessas pessoas que se disfarçam de católicos para melhor disseminar suas doutrinas perversas.*
>
> *Que Deus o abençoe!*
>
> *Assinado Marcel Lefebvre »*

Esta carta foi reproduzida na *Sel de la terre*, nº 4, primavera de 1993, e no livro de Etienne Couvert, *A Gnose em questão*.

Informamos que os documentos de Jean Vaquié estão disponíveis no *site dos Amigos de Cristo Rei da França* (http://www.a-c-r-f.com/principal.html).

Foi exatamente esse mesmo ambiente, próximo aos círculos de Alain de Benoist e do GRECE, que Jean Vaquié estudou e denunciou nos *Cadernos Barruel*, com o apoio de Dom Lefebvre.

Jean Vaquié, grande combatente contra as infiltrações gnósticas nos círculos da Tradição, faleceu em 1992, apenas um ano após a morte de Dom Lefebvre em 1991. Com o padre Schmidberger agora à frente da FSSPX, ele se viu livre para agir. Junto com o padre Aulagnier, então Superior do distrito da França, foi um dos protetores do padre Grégoire Célier, que naquela época ensinava em Chateauroux ao lado de seu colega Yves Chiron.

O padre Grégoire Célier, agora seguro de suas proteções, sentindo-se com as mãos livres e sabendo que não tinha mais reações perigosas a temer, logo se lançou em um ataque sistemático à obra de Vaquié e aos trabalhos dos Cadernos Barruel, publicando em 1993, pela editora *Gricha*, uma brochura intitulada "***O Futuro de uma Ilusão***" (título que o padre Célier grosseiramente tomou emprestado do ensaio de François Furet – então muito em voga – que havia acabado de ser publicado sobre o fracasso do comunismo após a recente queda do Muro de Berlim. François Furet, de fato, havia desviado esse mesmo título de um famoso livro de 1927 de Sigmund Freud).

Nessa brochura, ele já tentava desqualificar, até ridicularizar, diante dos fiéis da Tradição, as pesquisas de Jean Vaquié.

Foi sob um pseudônimo que o padre Celier continuou seu combate contra Jean Vaquié e sua obra póstuma.

Em novembro de 2003, o padre Celier retomou esse trabalho, sob o pseudônimo de *Paul Sernine* (anagrama de Arsène Lupin, que o padre Celier descobriu ao ler a obra de Maurice Leblanc), publicando ***La Paille et le sycomore***, pela editora Servir, propriedade de seu amigo, o padre de Tanoüarn.

Este livro, do diretor das edições ***Clovis*** e de ***Fideliter***, se dedicava a negar a sobrevivência contemporânea do movimento intelectual gnóstico, negando o que ele chamou de sua "*transhistoricidade*", **e, sobretudo, a relegar ao campo dos fantasmas a infiltração desse movimento nos círculos da Tradição Católica**: **ou seja, exatamente o cerne da obra de Jean Vaquié, aprovada e encorajada por Dom Lefebvre**.

Nesse último ponto, o padre Celier tentava precisamente fazer esquecer que o gnóstico adepto do sistema ternário, o professor Jean Borella, teve que ser expulso do Instituto Universitário São Pio X por intervenção expressa de Dom Lefebvre junto ao padre Lorans, que era então o diretor.

Jean Vaquié havia alertado Dom Lefebvre, que, muito preocupado, rapidamente pôs fim a essa infiltração evidente.

O padre Celier publicado por um círculo muito próximo ao padre de Tanoüarn e Alain de Benoist

Após ter negado a gnose sob pseudônimo e ter negado que o Magistério pudesse tê-la condenado, o padre Celier foi, segundo Yves Chiron, abertamente abordado por Jean-Luc Maxence, que o convidou a publicar um livro em sua editora, no qual ele assume o papel de Dom Fellay, expondo a estratégia de mais alto nível da FSSPX em relação a Roma.

Por sua vez, as edições de Jean-Luc Maxence exaltam o padre Celier de forma exagerada e grandiloquente, apresentando-o na mídia como "um personagem histórico do movimento" da Tradição Católica: uma impostura total.

Portanto, é no meio da gnose e da Nova Direita, bem conhecido e apreciado pelo padre de Tanoüarn, amigo de Alain de Benoist, que o diretor de *Fideliter* e das edições Clovis da FSSPX na França encontrou um editor. Ele não poderia ignorar que, ao fazer isso, criaria uma proximidade que comprometia a FSSPX e seu Superior, Dom Fellay.

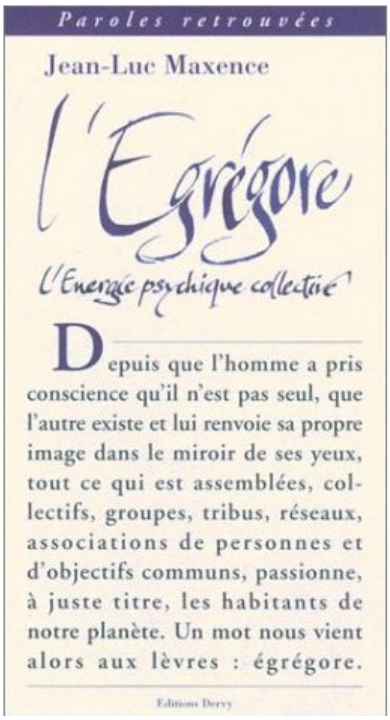
O padre Celier, que afirma expressar o pensamento de Dom Fellay, agora compromete seriamente Dom Fellay com esses círculos gnósticos

O padre Celier alega, de fato, falar em nome de Dom Fellay, expressando exatamente seu pensamento. Ele chega a afirmar que sua obra foi revisada e aprovada por seus superiores.

Segundo o padre Celier, Dom Fellay teria aceitado - e se isso for verdade, a situação é realmente muito grave - que seu pensamento pessoal sobre a FSSPX e seu futuro, assim como sobre a questão estratégica das relações com Ratzinger, áreas nas quais ele é pessoalmente responsável e diretamente envolvido como Superior Geral da FSSPX, fosse expresso por meio de um editor, Jean-Luc Maxence, que já publicou e divulgou os seguintes livros?

- *Jung et l'avenir de la Franc-Maçonnerie*, 2004;
- *L'Égrégore (2)*;
- *L'énergie psychique collective*, Dervy, 2003;
- *René Guénon, le philosophe invisible*, 2001;
- *Anthologie de la poésie mystique contemporaine*, 1999.

Entre essas obras de Jean-Luc Maxence, está *L'Égrégore*, sobre ***« a energia psíquica coletiva »***:



Obra apresentada na Amazon[1].

O site da Amazon apresenta o livro de Jean-Luc Maxence, editor do padre Celier, da seguinte forma:

Apresentação do editor

Desde que o homem não está sozinho, assembleias, coletivos, grupos, tribos, redes, associações de pessoas nos fascinam com razão. Um termo surge então em mente: *Egrégore*, palavra mágica com resquícios de esoterismo e ciências secretas. No entanto, não haveria por trás desse termo uma ideia poderosa, sempre viva e fecunda para todos e cada um? O *égrégore* não poderia unir as pessoas de maneira construtiva e, por que não, fraternal, dando-lhes força e esperança para o futuro?

Quarta capa

Na era das confrontações mortais entre religiões, civilizações e castas, a própria ideia de *égrégore* não poderia nos ajudar a unir os seres humanos de maneira construtiva e, por que não, fraternal, dando-lhes força e esperança? De fato, a paleta dos *égrégore* é ampla e variada.

A palavra “*égrégore*” sugere um ser coletivo composto por uma multiplicidade de influências que se unem em torno de um centro comum. Para René Guénon, Eliphas Lévi, Oswald Wirth, e até para a Bíblia, todo *égrégore*, criador de formas, extrai seus segredos, comportamentos e pulsões contraditórias dessas acumulações de energias do inconsciente coletivo que Carl Gustav Jung chamou de arquétipos. Ora, essas figuras arquetípicas são patrimônio, o tesouro de toda a humanidade. Nesse caldeirão de revelações estranhas, cada um pode buscar e explorar.

Jean-Luc Maxence retira o égrégore do contexto de ocultismo barato e decifrou o mito. Para ele, o *égrégore* não é uma metáfora sem sentido, uma obsessão maçônica duvidosa ou a sombra dos deuses. É a sombra que se transforma em luz, um poderoso gerador de poderes desconhecidos, de transformação interior. Assim como o Anjo Gabriel, o *égrégore* pode ter uma asa de luz e uma asa de sombra.

Seria apropriado que Dom Fellay, Superior Geral da Fraternidade São Pio X, uma obra fundada por Dom Marcel Lefebvre para ser a "arca de salvação do autêntico Sacerdócio Católico" e de sua perpetuação, apresentasse sua posição sobre a FSSPX e o futuro da luta de Dom Lefebvre em um contexto editorial como este?

O padre de Cacqueray alertou Dom Fellay sobre a escolha desse editor e os riscos de associações que essa escolha poderia trazer para a FSSPX?

Dom Lefebvre teria confiado a um padre de segundo ou terceiro escalão da FSSPX a tarefa de expressar seu pensamento sobre esses assuntos graves? Teria ele aceitado ser publicado por um diretor de coleção que poderia provocar uma associação ideológica tão perigosa para a luta da Tradição Católica?

Dom Lefebvre teria tolerado tal situação e tal padre por mais de um quarto de hora?

É certo, para aqueles que o conheceram, que as decisões teriam sido tomadas, e sem discussão.

Mas hoje, o padre Celier se sente protegido pela rede dos infiltrados modernistas, o que chamamos de "Orquestra Negra" da FSSPX, que controla 100% da mídia da obra de Dom Lefebvre e assumiu o controle mediático. Dom Fellay e o padre de Cacqueray não são mais do que reféns, convidados a assinar as decisões que lhes são impostas.

Gnose e psicanálise, uma convivência a dois que parece bem se ajustar

Jean-Luc Maxence se diz psicanalista. Ele é membro honorário da associação europeia de psicanálise.

A psicanálise tornou-se de certa forma a "***anti-religião***" desde sua aparição. No entanto, lemos sob a pena do pagão Jean Mabire, uma resenha da obra de Jean-Luc Maxence (*« Jung é o futuro da maçonaria »*) na qual Mabire escreve:

> « Explorando a psique e a identidade muito além do reducionismo sexual freudiano, é certo que Carl Gustav Jung conseguiu, segundo a expressão de Jean-Luc Maxence, « um formidável hino a um superamento do racional ». **Jean Mabire**

E Jean Mabire mostra a admiração de Jean-Luc Maxence por Jung e sua *« psicologia das profundezas »*:

> *« Sua psicologia das profundezas apela a símbolos que evocam a busca de algum Graal, onde se reencontram os Templários e os construtores de catedrais, os* ***Rosacruz e os ocultistas****, os* ***alquimistas e os gnósticos****. No último livro que lhe é dedicado,* ***Jean-Luc Maxence vê também nele o futuro de uma surpreendente maçonaria...*** *»* **Jean Mabire**

O Padre Celier se faz, portanto, editar por um autor que estuda os temas que gravitam em torno da gnose, mesmo quando sob o pseudônimo de *Paul Sernine* (anagrama de Arsène Lupin), o Padre Celier escreve em 30 de novembro de 2003:

> *« Desde o final dos anos 70, um novo sentido da palavra « gnose » se espalhou em nossos meios, principalmente através de um autor que se constituiu como o « especialista » no assunto (…)* ***Ao término de uma exposição rigorosa, eu demonstro que essa nova noção de « gnose » constitui um mito, historicamente falso e intelectualmente absurdo****. » Sernine-Padre Celier*[2]

A página da entrevista, publicada em um site do Padre de Tanoüarn, tem o seguinte título: ***O mito da « Gnose »***

Para o Padre Celier, Jean-Luc Maxence estaria desenvolvendo uma apresentação da « *boa gnose* »? Aquela que não se enquadraria no mito? Estamos aguardando a resposta do Padre Celier sobre essa grave questão.

No entanto, Jean-Luc Maxence, autor denunciado por *Vehementer*, se encontra também como redator em *Monde et Vie*, revista dirigida por Olivier Pichon, que, por sua vez, desempenha o papel de entrevistador do Padre Celier.

Olivier Pichon acaba de ser excluído de *Radio Courtoisie* por Henry de Lesquen. Ele apresentava um programa lá.

O Padre Celier é mantido no cargo contra ventos e marés pelo Padre de Cacqueray desde 2002

Essa situação de 2007 **nos leva a reexaminar aquelas questões que foram levantadas por numerosos fiéis em 2003, na ocasião da publicação de *A Palha e o Sumo-Mor*.**

Na época, **o Padre de Cacqueray** se obstinou a apoiar o Padre Celier. **Ele até sancionou o Padre Beaublat, que ousou denunciar a impostura de *A Palha e o Sumo-Mor*.**

Sendo ele mesmo membro do comitê de Direção do *Sal da Terra*, que atacou o livro do Padre Celier, não podia ignorar os argumentos que foram opostos ao Padre Celier e as reações indignadas de todos aqueles que, fiéis a Jean Vaquié e a Dom Lefebvre, lutam contra a gnose e as infiltrações na Igreja, a Tradição católica.

Já em 1995, foi necessária até mesmo a intervenção pessoal de Dom Williamson, membro eminente do comitê editorial da revista dos dominicanos de Avrillé, *O Sal da Terra*, para censurar o artigo que os dominicanos iriam publicar nessa revista sobre o livro do Padre Celier, O Deus Mortal, livro naturalista de filosofia, ao amenizar e abrandar fortemente suas críticas que o texto e seu autor exigiam.

O Padre de Cacqueray manteve o Padre Celier em seu posto apesar da protestação unânime dos priores do Distrito da França da FSSPX em Flavigny no verão de 2005. Durante essa reunião homérica, apenas o companheiro do Padre Celier em Suresnes, o Padre Cocault-Duverger, ousou defender o diretor de *Fideliter*.

Chegou então, em julho de 2006, a reunião do Capítulo geral em Ecône, a mais alta e solene instância decisória na FSSPX. Essa assembleia se reúne a cada doze anos.

Essa alta assembleia decidiu (finalmente!) a destituição do Padre Celier e sua retirada das edições Clovis e da revista *Fideliter*. Mas em março de 2007, o Padre Celier ainda está lá!

Pior, seu amigo, Yves Chiron, escreve agora sobre ele:

> ***« O Padre Celier, que desempenha um papel crescente na comunicação da FSSPX »***! (*Aletheia*, n°105, 21 de fevereiro de 2007).

A ascensão programada do Padre Celier nos meios de comunicação da FSSPX e fora dela

E vemos, de fato, se multiplicarem as publicações do Padre Celier:

- O livro « *Bento XVI e os tradicionalistas* »
- A brochura sobre a mesquita azul, na qual ele tenta **atenuar a condenação feita por Dom Fellay sobre essa abordagem de Bento XVI, durante o último Congresso de *Si si no no* na Mutualidade em fevereiro passado, mas condenação censurada pelo relatório oficial de Suresnes** (cf. mensagem VM sobre a censura das conferências proferidas durante esse Congresso pela rede dos ***infiltrados*** nos meios de comunicação da FSSPX)
- Uma seção *disputatio* em *a Porta Latina*, onde proliferam os autores e os escritos mais heterodoxos, tudo isso afim de preparar o famoso « ***debate doutrinal*** » anunciado para ocorrer após a próxima publicação do *Motu Proprio.*
- O anúncio da publicação de uma próxima brochura para tentar, mais uma vez, justificar a suposta validade sacramental em princípio da nova pseudo-forma sacramental da consagração episcopal promulgada em 18 de junho de 1968 por Montini-Paul VI, e totalmente inventada pelo trio demoníaco Bugnini-Lécuyer-Dom Botte (o CIRS nos informou, aliás, que aguarda com interesse a publicação dessa brochura do Padre Celier, à qual ele oferecerá a resposta que ela certamente merece).
- E logo, o que mais virá?

O Padre Celier se congratula ao ver seu livro à venda na FNAC.

No dia 23 de março de 2007, ele irá autografá-lo na muito oficial Feira do Livro e depois, o que mais?

Em breve, o Padre Celier em canais de televisão?

A publicação do documento do Padre apóstata Ratzinger, *Sacramentum caritatis*, que apresenta as conclusões do Sínodo sobre a Eucaristia do outono de 2005, está prevista para 13 de março de 2007. O *Motu Proprio* deve seguir antes da Páscoa.

***A lógica sugeriria que, um pouco antes ou um pouco depois da publicação do Motu Proprio,* o Padre Celier fosse convidado por um canal de televisão e impulsionado midiaticamente como porta-voz da FSSPX em nível nacional, nos platôs de televisão ou nas rádios oficiais.**

Surpreendido pela magnitude da manobra midiática, **Dom Fellay não teria outra escolha senão suportar esse porta-voz legitimado por uma publicação na Albin Michel que ele não desautorizou e, além disso, por parte do próprio Diretor, ainda em exercício, dos meios de comunicação da FSSPX na França.**

A proximidade comprometedora com as obras mencionadas anteriormente do Chefe de Coleção que publicou este livro de Olivier Pichon e do Padre Celier, apoiado pelo Superior da FSSPX, poderá

ainda, posteriormente, servir de amalgama útil para os inimigos mortais da Fraternidade e da obra de Dom Lefebvre, tanto na Igreja quanto na sociedade civil, para dar um novo ímpeto à promoção da gnose anticristã nos meios da Tradição, e particularmente entre os jovens pouco formados.

O resultado promete ser magnífico!!!

Se esse é o objetivo oculto da Orquestra Negra da FSSPX, a rede dos infiltrados modernistas da FSSPX, é preciso reconhecer que eles têm a habilidade de instrumentalizar à sua vontade Dom Fellay e o Padre de Cacqueray.

Parabéns, foi muito bem jogado!

Os mestres da Arte Real maçônica em Roma

Servido por tais agentes infiltrados dentro da FSSPX, o Padre apóstata Ratzinger deve programar com deleite a próxima queda da FSSPX e de sua cabeça, Dom Fellay (assim como os bens da Fraternidade que não tardarão a seguir), na esfera da Igreja conciliar.

É preciso reconhecer que, em matéria de manipulação e técnicas de subversão, as lojas rosacruzes que presidem aos destinos da Igreja conciliar adquiriram um know-how acumulado ao longo de séculos.

A direção atual da FSSPX parece ter permanecido na infância neste campo.

Continuemos a boa luta.

Padre Michel Marchiset

Extrato de Vehementer n°1

ESOTERISMO: JEAN-LUC MAXENCE EM MUNDO E VIDA

Jean-Luc MAXENCE se diz escritor, poeta e psicanalista (ele é membro honorário da Associação Europeia de Psicanálise), autor de uma dezena de obras esotéricas e guenonianas. Ele também dirige um laboratório de edição poética, *O Novo Athanor* (1), e uma revista, *Os Cadernos do Sentido*. Suas últimas obras, pouco recomendáveis, são: Jung e o futuro da Maçonaria, 2004; O egrégore (2); A energia psíquica coletiva, Dervy, 2003; René Guénon, o filósofo invisível, 2001; Antologia da poesia mística contemporânea, 1999. No *Mundo e Vida*, ele não hesita em difundir o esoterismo e busca apresentar autores esotéricos como Jean BIÈS. Este último, nascido em Bordeaux em 28 de agosto de 1933, foi iniciado na obra de René GUÉNON em 1951 e publicou várias obras herméticas, incluindo *Arte, Gnose e Alquimia*. Ele encontrará várias personalidades ligadas ao mundo do esoterismo (Frithjof SCHUON, Marie-Magdeleine DAVY, Michel BERTRAND, François CHENIQUE, Jean HANI e Jean BORELLA, Antoine FAIVRE…). Recentemente, foi o polêmico Michel CAZENAVE que foi destacado em *Mundo e Vida*, algo surpreendente para uma revista que se pretende católica. Veja o artigo de Geoffroy DAUBUIS, *Quando a revolução se faz à direita*, CIVITAS, setembro de 2005, p.32.

(1) – Athanor (vem de: al-tannûr, o forno) – Forno de alquimista.

(2) – Egrégore: conceito esotérico cuja definição aproximada é a de "*ser coletivo*". Esta noção foi introduzida no ocultismo por Stanislas de Guaita.

Extrato de Vehementer n°3

Jean Mabire se proclama abertamente e orgulhosamente pagão.

As resenhas de Jean MABIRE na seção *Que ler?* de *National-Hebdo* eram frequentemente muito negativas. Quem poderá dizer os danos causados entre o público católico após a leitura de obras recomendadas por Jean MABIRE? Um exemplo entre outros: a resenha do livro de Jean-Luc MAXENCE, *Jung é o futuro da Maçonaria*, Dervy, 2004, publicada no *National-Hebdo* em 21 de março de 2004:

JEAN MABIRE: UM PAGÃO NAS TRILHAS DE THULÉ

1ª ano - n° 3 **VEHEMENTER** Página 7/14

CARL GUSTAV JUNG: A "psicologia das profundezas" contra o dogmatismo freudiano « Porque rompeu de forma inequívoca com Siegmund Freud pouco antes da Primeira Guerra Mundial, Carl Gustav Jung não goza de boa reputação entre os psicanalistas. Já tentaram inclusive instaurar contra ele um moderno processo de feitiçaria e um de seus biógrafos o qualificou ironicamente de "Cristo ariano". (…) Sua abordagem se coloca sob o alto patrocínio esotérico e voluntarista de um Fausto, cuja aventura constituía para ele "o poema cósmico sem igual". Sua psicologia das profundezas apela a símbolos que evocam a busca de algum Graal, onde se reencontram os Templários e os construtores de catedrais, os Rosacruz e os ocultistas, os alquimistas e os gnósticos. No último livro que lhe é dedicado, Jean-Luc Maxence vê também nele o futuro de uma surpreendente maçonaria...

Explorando a psique e a identidade muito além do reducionismo sexual freudiano, é certo que Carl Gustav Jung conseguiu, segundo a expressão de Jean-Luc Maxence, « um formidável hino a um superamento do racional ». No entanto, ***ele não ocupa — pelo menos não ainda — o lugar que deveria ser o seu ao amanhecer do século XXI.*** *(…) Jung se resguarda bem de crer, assim como de não crer, em Deus, mas permanece impregnado de uma espécie de cristianismo hereditário, que faz boa companhia com a alquimia e o esoterismo, a gnose e a maçonaria primitiva, sem esquecer a aventura rosacruciana. »*

Jean MABIRE, *National-Hebdo*, 21 de março de 2004, p. 12.

---

[1] http://www.amazon.fr/Legr%C3%A9gore-psychique-collective-Jean-Luc-Maxence/dp/2844541755/ref=sr_1_5/171-1193557-2019405?ie=UTF8&s=books&qid=1173628242&sr=1-5

[2] http://site.pacte.free.fr/pacte/80/pacte80d.htm

Especial sobre a invalidez das consagrações episcopais conciliares

Quarta-feira, 25 de abril de 2007

Os dominicanos de Avrillé encurralados em plena tormenta doutrinal

O que farão agora?

A pseudo-« *demonstração* » inventada pelo trio Bugnini-DomBotte-Lécuyer da pretensa validade da pseudo-*forma sacramental episcopal* promulgada por Montini-Paulo VI em 18 de junho de 1968,
vulgarizada pelo Padre Pierre-Marie de Kergorlay, está agora aniquilada.

A ruína do recurso sofístico e falacioso aos « *ritos sacramentais orientais

O estudo do *CIRS* que acabamos de divulgar, que refuta totalmente o artigo do padre Calderon, publicado na edição 58 do ***Sel de la terre*** (outono de 2006), expõe a impressionante retrospectiva das recuos sucessivos dos dominicanos de Avrillé, **até a ruína completa de seu argumento sofístico em favor da pretensa validade sacramental da pseudo-*forma sacramental episcopal* promulgada por Montini-Paulo VI em 18 de junho de 1968 (*Pontificalis Romani*)**.

Doravante, o padre Calderon reconhece o caráter artificial e fabricado da pretensa *Tradição apostólica* falaciosamente atribuída a *Hipólito de Roma* e não apoia mais o Padre Pierre-Marie em seu recurso sofístico indevido ao rito de entronização do Patriarca maronita, cujo caráter não sacramental, mas meramente jurisdicional, está agora estabelecido e reconhecido com toda certeza.

Ao invocar desta vez o rito sacramental copta de consagração episcopal, o padre Calderon tenta uma última defesa lamentável da pretensa validade sacramental impossível do pseudo-rito episcopal de Montini-Paulo VI, com grande apoio de sofismo **e manobras desleais, fingindo sistematicamente, em particular, ignorar as refutações do CIRS já amplamente publicadas, especialmente no site *rore-sanctifica.org*.**

Mas este último estudo do *CIRS* vem lembrar tudo isso **para, de uma vez por todas, colocar um ponto final nesta argumentação sofística e falaciosa completamente refutada publicamente** e varrê-la novamente por completo.

Os dominicanos que, **sob a pressão de Monsenhor Williamson, o antigo anglicano, variante metodista**, cujos vínculos com o padre Schmidberger são cada vez mais amplamente mencionados, comprometeram publicamente sua autoridade neste triste caso em novembro de 2005.

Agora estão sozinhos, e diante de Deus, neste que se torna cada dia mais um pecado público contra o Espírito Santo.

Continuemos a boa luta

padre Michel Marchiset

Extrato da página 10 à página 13 da refutação do padre Calderon pelo CIRS

Este documento está disponível para download[1] no site do *Rore Sanctifica*

A cronologia do debate sobre a invalidez sacramental do novo rito episcopal e as variações dos Dominicanos de Avrillé sobre o assunto

Cronologicamente, o Padre Pierre-Marie publicou seu artigo (nº 54 do *Sel de la terre*) em novembro de 2005, para responder aos dois primeiros volumes de *Rore Sanctifica* que foram **publicados já nos meses de agosto e setembro de 2005**. Esses dois volumes do *CIRS* demonstram, de fato, com base nos dados do Magistério infalível da Santa Igreja e de seus Pontífices sobre a Teologia sacramental católica, a invalidez sacramental **intrínseca** da nova pseudo-forma sacramental essencial episcopal conciliar.

Em seguida, **as *Notitiae* do *CIRS*, publicadas já em fevereiro de 2006**, destruíram completamente a pseudo-« *demonstração* », assinada pelo Padre Pierre-Marie de Kergorlay o.p., da pretendida validade sacramental do novo rito episcopal, demonstrando seu caráter **artificial e « *reconstruído* »** a partir da pretensa *Tradição apostólica* falsamente atribuída a *Hipólito de Roma*, assim como o uso de **fontes errôneas ou falsificadas**, o montante realizado sobre um **fragmento *ad hoc*** e falacioso do texto do ritual do Patriarca maronita, a consideração do rito sacramental episcopal Copta **deliberadamente expurgado pelos reformadores liturgistas modernistas de seu *potestas ordinis* episcopal explícito e unívoco**, a não satisfação dos dois critérios de Pio XII pela pseudo-*forma sacramental essencial* episcopal conciliar, etc.

O padre Cekada[2] publicou em inglês no dia 25 de março uma síntese que vulgariza em grande parte os trabalhos das *Notitiae* do *CIRS*. A versão francesa revisada pelo padre Cekada foi imediatamente colocada pelo *CIRS*, com seu original em inglês, no site www.rore-sanctifica.org

O *CIRS* também produziu uma nota mostrando, com base em provas dos arquivos oficiais do *Consilium*, que os reformadores liturgistas modernistas cortaram deliberadamente a designação unívoca do poder de Ordem – ***potestas ordinis*** - do texto latino do rito sacramental episcopal copta (uma das duas condições necessárias para a validade sacramental da forma essencial)[3]

Em resposta a tudo isso, o Padre Pierre-Marie publicou uma nota (nº 56 do *Sel de la terre*) em maio de 2006 para afirmar que o texto do rito do Patriarca Maronita « *teria sido consecratório* ***no passado*** » sem apresentar qualquer indício ou prova para apoiar sua afirmação gratuita, ao mesmo tempo que negou e se recusou a reconhecer a heresia uncionista do rito, **tal como explicitamente detalhada pelo Padre Lécuyer**, um dos arquitetos desse novo rito sacramental episcopal, heresia explícita presente na nova pseudo-*forma sacramental essencial episcopal* conciliar, enquanto persistia também em afirmar, contra os trabalhos acadêmicos que agora têm autoridade no mundo dos especialistas da questão, que a pretensa *Tradição apostólica* estaria presente nos rituais Maronita e Copta. Além disso, o Padre Pierre-Marie ignorou completamente em seu artigo o estudo do padre Cekada mencionado acima.

Essa nota e o primeiro artigo do nº 54 foram agrupados pelos dominicanos de Avrillé em um folheto « *São eles bispos?* » divulgado no final de junho de 2006, por ocasião da reunião solene (uma vez a cada doze anos) do Capítulo Geral da FSSPX.

Enquanto isso, o *CIRS* publicou a ***Notitia III De Ordinatione Patriarchae*** que apresenta um estudo aprofundado retratando a história do Pontifical Maronita, estudo que enterra definitivamente a tese da pretendida « *valeur consécratoire* » da oração « *dita de Clément* » **utilizada exclusivamente para a entronização meramente jurisdicional e não sacramental do Patriarca**.

Da mesma forma, o *CIRS* publicou ***a notitia V De Occultatione[4]*** que estabelece o histórico da ocultação da questão da invalidez sacramental do novo rito episcopal romano dentro da FSSPX.

Reagindo a essas publicações do *CIRS*, o folheto « *São eles bispos?* » introduz uma obliteração discreta do texto do nº 56 do *Sel de la Terre*, que continha um erro grosseiro (denunciado pelo *CIRS*) sobre as fontes de um texto invocado por Avrillé (*Testamentum Domini*)

Em julho de 2006, o *CIRS* produziu a ***Notitia IV De Spiritu Principali9*** que detalha teologicamente o conteúdo herético uncionista explicitado pelo Padre Lécuyer da nova forma, assim como a ***Notitia VI De Erratis*** que revisita cada ponto do folheto « *São eles bispos* ? » para refutá-lo ponto por ponto com base nos argumentos já desenvolvidos ao longo de 12 meses pelo *CIRS*.

Enquanto isso, apareceu uma nova pseudo-« *demonstração* » da pretendida validade sacramental intrínseca da nova forma episcopal conciliar, elaborada pelo Irmão Santogrossi, beneditino conciliar (já prefaciado pelo padre Barthe) e apresentada elogiosamente pelo padre de Tanoüarn em sua revista *Objections* (junho de 2006). Construída sobre o sofismo do « *implicitismo sacramental* », o *CIRS* rapidamente desmascarou essa **farsa « *teológica* »** já no mês de agosto de 2006[5] com um estudo muito completo e referenciado.

O contexto da entrada em cena do "pupilo" de Monsenhor Williamson: o padre Calderon

É neste contexto de ruína total do argumento falacioso do recurso aos ritos orientais e da ampla difusão do caráter herético uncionista da nova pseudo-*forma sacramental essencial episcopal* que surge, finalmente, o artigo de 6 páginas do padre Calderon publicado por *Le Sel de la Terre* em outubro de 2006, na sua edição nº 58.

O descrédito dos trabalhos de Avrillé, e do Padre Pierre-Marie em particular, havia se tornado tal que, para Monsenhor Williamson (antigo anglicano – variante metodista), membro eminente do Comitê de leitura desta revista dos Dominicanos de Avrillé, tornou-se necessário colocar um novo clérigo em campo: ele escolheu para esta missão o padre Calderon, professor no seminário de La Reja, que esse bispo dirige.

Este, desde o início, concede ao padre Cekada o caráter artificial e a origem incerta da pretensa *Tradição apostólica* falsamente atribuída a *Hipólito de Roma*.

Essa renúncia ao que constitui a pretensa « ***base científica*** » da reforma litúrgica conciliar realizada pelo trio diabólico Bugnini-DomBotte-Lécuyer já é, por si só, uma grande confissão. No nº 56 do *Sel de la terre*, o Padre Pierre-Marie ainda persistia em se apegar desesperadamente a isso. Esse recuo do padre Calderon no *Sel de la terre* constitui uma confissão implícita da falsidade de Montini-Paulo VI.

Além disso, o padre Calderon recusa ostensivamente se solidarizar com o Padre Pierre-Marie em seu recurso indevido ao texto do rito do Patriarca Maronita. Pelo contrário, ele o deixa de lado, tendo compreendido bem, após os estudos já publicados pelo *CIRS* sobre o Pontifical Maronita e seu histórico, e diante das declarações de Monsenhor Al-Jamil já divulgadas, que essa parte da pseudo-« *demonstração* » da pretendida validade sacramental do novo rito de consagração episcopal conciliar **tornou-se absolutamente insustentável**.

Para salvar o que ainda lhe parece possível da pseudo-« *demonstração* » **extrínseca** da pretendida validade sacramental do novo rito de consagração episcopal conciliar do nº 54 do *Sel de la terre*, o padre Calderon se empenha neste artigo em justificar essa pretensa validade sacramental pelo recurso ao rito sacramental episcopal Copta.

Dessa forma, o padre Calderon permanece no campo de uma abordagem **extrínseca** e evita examinar a validade sacramental **intrínseca** da nova pseudo-forma sacramental episcopal conciliar.

Para isso **ele inventa** o sofisma da « ***frase forma-efetiva*** » para tentar desviar o conceito teológico católico tradicional de « ***forma sacramental essencial*** » da teologia sacramental católica autêntica, que, com suas definições infalíveis e suas características precisas, condenaria de imediato a sua tentativa de elaborar uma pseudo-« *demonstração* » da validade sacramental do pseudo-rito episcopal de Montini-Paulo VI, que ainda poderia enganar alguns leitores não informados e excessivamente confiantes do *Sel de la Terre*.

É graças a esse truque que ele pretende poder se desobrigar artificialmente **da definição** dessa pseudo-*forma sacramental essencial episcopal* conciliar **especificada por Montini-Paulo VI** em sua própria « *constituição*

apostólica » *Pontificalis Romani* de 18 de junho de 1968, assim como das exigências rigorosas infalivelmente requeridas pelo Papa Pio XII em sua constituição apostólica *Sacramentum Ordinis* de 30 de novembro de 1947, sob pena de invalidez sacramental da forma sacramental essencial da consagração episcopal.

O artigo do padre Calderon é apresentado pelo *Sel de la Terre* como uma resposta ao estudo do padre Cekada publicado em 25 de março de 2006, e um « *complemento* » aos trabalhos anteriores de Avrillé, enquanto se trata, em primeiro lugar, **de uma negação contundente** de boa parte da pseudo-« *demonstração* » dessa pretensa validade sacramental do novo rito episcopal conciliar, publicada desde o nº 54, outono de 2005, do *Sel de la Terre*, e de uma sequência de novos sofismas e de repetições sofísticas sobre o rito sacramental episcopal Copta, **que não levam em conta as refutações públicas já publicadas e republicadas pelo *CIRS* , nem os documentos apresentados pelo *CIRS* para sustentar suas refutações reiteradas**.

Vamos ver que este artigo, sem referências ou citações apropriadas, representa um avanço no obscuro, sendo o exame « do rito completo » de Montini-Paulo VI agora considerado necessário.

---

[1] Refutação do padre Calderon pelo CIRS

[2] O padre ANTHONY CEKADA ensina Teologia Moral e Sacramental, Direito Canônico e Liturgia no Seminário da Santíssima Trindade em Brooksville, na Flórida. Foi ordenado em 1977 por Monsenhor Arcebispo Marcel Lefebvre e escreveu numerosos artigos e estudos sobre a questão tradicionalista. Reside próximo a Cincinnati, onde celebra a Missa Latina Tradicional.

[3] Comunicação sobre o rito Copta-de_ritus_coptorum/rs_2006_04_25_communication_de_ritus_coptorum.pdf)

[4] História do Pontifical Maronita na FSSPX

[5] Refutação de Santogrossi pelo CIRS

Ratzinger prepara a « *síntese* » dos dois missais

O projeto de *Anglo-Tridentinismo*

Sexta-feira, 29 de junho de 2007

Tradução em português de um artigo de *Traditio.com*

Um jornal italiano confirma que Ratzinger quer aplicar o « *Indulto* » à « *missa de 1967* », que é inválida – Os « *conservadores* » da Igreja conciliar chocados com a revelação de uma comissão secreta de Ratzinger

Endereçado por Pierre, correspondente litúrgico canadense da rede TRADITIO

Em sua obra monumental, P.-H. Omlor demonstrou a invalidade da « *missa de 1967* ». Agora, acaba de ser divulgado o relatório de uma comissão secreta que revela que Ratzinger votou a favor de um « *Indulto* » relativo não à « *missa de 1962* », mas à « missa de 1967 », que é inválida.

Senhores padres,

O jornal italiano *Il Giornale* acabou de confirmar uma revelação impressionante. Esta deixou em estado de choque os conciliares que se entusiasmavam com a perspectiva de um novo « *indulto* » para **a « *missa de 1962* » modernizada por Bugnini** e que consideravam erroneamente Ratzinger como um papa « *tradicionalista* ».

Acontece que, em 1982, ano em que se começou a falar de um « indulto », Ratzinger, então Prefeito da Doutrina da Fé, presidiu em 16 de novembro uma reunião onde foi preconizada a adoção de um « indulto » *não para* a « missa de 1962 », mas para a « missa de 1967 », que é inválida. Esta « missa de 1967 » já continha, de fato, as três ondas de modificação da Santa Missa que a Comissão de Hannibal Bugnini havia publicado sob forma de *Instruções* após o Vaticano II (1963-1967) e antes da imposição definitiva do serviço *Novus Ordo*, em 1969.

A « missa de 1967 » inclui as « orações de intercessão » emprestadas dos serviços protestantes (« Pelos gays e lésbicas, que os católicos acolham sua sexualidade e sua diversidade: Senhor, ouvi nossa oração »), a supressão das orações no altar e do último Evangelho, o abandono das vestes litúrgicas tradicionais e a abolição das genuflexões, entre outras « reformas » resultantes do Vaticano II. **O mais notável, entretanto, é que a « missa de 1967 » também se caracterizava pela infame corrupção do Cânon e de sua Consagração, além da adição das três novas « orações eucarísticas » elaboradas por Hannibal Bugnini**.

É essa mesma « missa de 1967 » que incentivou P.-H. Omlor a publicar em 1968 seu best-seller « *Questioning the Validity of the New, All-English Canon* » (Valididade contestável do novo Cânon totalmente anglicano), o primeiro livro a lançar publicamente um desafio à Igreja conciliar e a apresentar sua « missa » como uma perversão da teologia sacramental católica romana. Para mais informações, consulte a FAQ05 « *Que livros católicos tradicionais você recomenda ?* », na « *Biblioteca de Arquivos* » do site TRADITIO (FAQs & Apologética Tradicional).

As recomendações da Comissão secreta presidida por Ratzinger nunca haviam sido publicadas até que *Il Giornale* conseguisse obter a ata confidencial da reunião em questão, onde se aprende também que Ratzinger estava acompanhado pelos seguintes prelados: os cardeais conciliares Sebastiano Baggio, Prefeito dos Bispos, William Baum, Prefeito da Educação Católica, Agostino Casaroli, Secretário de Estado e primeiro personagem do Vaticano após o papa, e Silvio Oddi, Prefeito do Clero, além do arcebispo conciliar Giuseppe Casoria, Prefeito dos Sacramentos e do Culto Divino.

A comissão secreta de Ratzinger, nomeada por João Paulo II, recomendou que « o Missal romano na forma em que permanecia em uso até 1969 [ano em que foi imposto o serviço *Novus Ordo*] … seja admitido pelo Santo Sé para todas as Missas [*sic*] celebradas em língua latina ». Duas condições estavam atreladas a essa recomendação:

1. que qualquer « *indulto* » relativo à « *missa de 1967* » exija que aqueles que dela participam professam a « *aceitação total das normas publicadas após o Vaticano II* » e afirmem que essas normas não são* « heréticas ou inválidas »;

2. que as missas « Indulto » celebradas nas igrejas paroquiais aos domingos e dias de festa respeitem o calendário do *Novus Ordo*.

Ainda mais chocante foi a recomendação da comissão secreta de Ratzinger de que fosse realizada no futuro « ***uma síntese dos dois Missais*** » [o Missal tradicional e o missal do *Novus Ordo*]. **Em outras palavras, o Missal tradicional, ou pelo menos o Missal de 1962, deveria então ser integrado ao serviço *Novus Ordo* de 1969, elaborado por Hannibal Bugnini e sua comissão de seis protestantes.**

Constata-se que as recomendações da comissão secreta de Ratzinger, cujas atas mostram que foram adotadas **por unanimidade dos membros presentes**, não foram todas consideradas quando João Paulo II publicou o primeiro « *indulto* » para a « *missa de 1962* » em sua carta apostólica *Quatuor abhinc annos* de 3 de outubro de 1984, e depois o segundo « *indulto* », em sua carta apostólica *Ecclesia Dei* de 2 de julho de 1988, sem dúvida devido às ameaças do arcebispo Marcel Lefebvre, fundador da Sociedade Sacerdotal São Pio X, assim como de outros padres e organizações independentes, **muitos dos quais se recusavam a ter qualquer relação com o missal modernizado de Bugnini de 1962**.

É evidente que caso Bento Ratzinger publicasse um novo « *indulto* », não o faria por « *tradicionalismo* », mas apenas porque veria nisso uma fase transitória na aplicação das prescrições modernistas do Vaticano II. Aqui, vemos claramente a mão escrevendo na parede… A Igreja conciliar de Bento Ratzinger irá, de forma astuta, levar vários grupos « *conservadores* » a negociar com ela, e uma vez que estejam acostumados com os acordos assim estabelecidos, ela os « *integrará* » pouco a pouco ao serviço *Novus Ordo*. **Dada tal revelação, Dom Bernard Fellay, Superior Geral da FSSPX, se realmente for um tradicionalista e não um vassalo da Igreja conciliar de Bento Ratzinger, deverá responder ao fogo com fogo, rejeitando a « *missa de 1962* » e retornando à Missa tradicional em latim anterior a 1951, ou seja, anterior às modificações modernistas de Bugnini.**

Mons. Williamson, o antigo protetor do padre Celier frente a Avrillé, abandona seu protegido por razões táticas

Segunda-feira, 4 de junho de 2007

Após Mons. Tissier de Mallerais, um segundo bispo rejeita o padre Celier e seu livro '*Benoît XVI et les traditionalistes*'. Mons. Williamson trata o padre Celier de '*modernista acabado*' e convida seus Superiores a agir.

O falso opositor ao *ralliement*, Mons. Williamson, sacrifica o "***fusível***" Celier, agora carbonizado pelo fracasso lamentável de sua campanha de promoção de seu livro promovendo o *ralliement* ao padre Ratzinger, para tentar retomar o controle e conservar seu papel de futuro '*carro de apoio*' dos resistentes ao *ralliement* uma vez publicado o *Motu Proprio*, e para continuar a fechar a questão da invalidade do novo rito das sagrações episcopais de Montini-Paulo VI.

Publicação do fac-símile da carta onde Mons. Williamson protegía o padre Celier frente a Avrillé em 1995

1- Mons. Williamson denuncia o padre Celier como um '*modernista acabado*' e pede a seus Superiores que ajam

O n°198 de *Tychique* revela que em um e-mail enviado em 3 de junho de 2007 a Max Barret, diretor do boletim *Tychique*, Mons. Williamson declara a respeito do padre Celier:

> *« Prezado Senhor Barret,*
>
> *« Agradeço por este último Correio[1]. Eu o considero muito moderado em sua crítica a esse padre[2] que tem toda a aparência de um modernista acabado.*
>
> *« Não entendo por que seus Superiores não agem em seu caso. Fraqueza? Juventude? Chantagem? Não saberia dizer qual.*
>
> *« De qualquer forma, continue! Talvez eu o telefone novamente um desses dias…*
>
> *« Com minha bênção. Mons. Richard Williamson. »*

Após Mons. Tissier de Mallerais, do qual *Virgo-Maria.org* revelou[3] como ele '*colocou no Index*' a obra do padre Celier ('*Benoît XVI et les traditionalistes*'), que qualifica de *« visão fantasiosa do futuro »* e da qual declara que *« este livro não o interessa nem um pouco »*, **é agora Mons. Williamson que sobe ao palco para denunciar em termos mais diretos o padre Celier, agora que este último está completamente descreditado pelo fracasso lamentável de sua promoção de seu livro, onde prepara o ralliement da**

FSSPX ao padre Ratzinger e preconiza a 'missa pipaule' (sic).

A propósito, é o padre de Cacqueray (Superior do padre Celier) que o bispo solicita a agir e que é suspeitado por este de '*fraqueza*', '*juventude*' ou de ceder a uma '*chantagem*'.

A quatro dias da conferência de Mons. Fellay, prevista para 7 de junho em Paris, Mons. Williamson posiciona-se claramente contra o padre Celier.

Voltaremos muito em breve a esta questão para expor precisamente os mecanismos e os cálculos.

2- O jogo oculto de Mons. Williamson: uma mudança brusca de tática da qual o padre Celier é a vítima

2.1- A proteção do padre Celier por Mons. Williamson em 1995, contra Avrillé

Em nossa mensagem VM[4] de 23 de maio de 2007, lembramos como Mons. Williamson age nas sombras para proteger o padre Celier.

Já em 1995, Mons. Williamson interveio junto a Avrillé para salvar o padre Celier

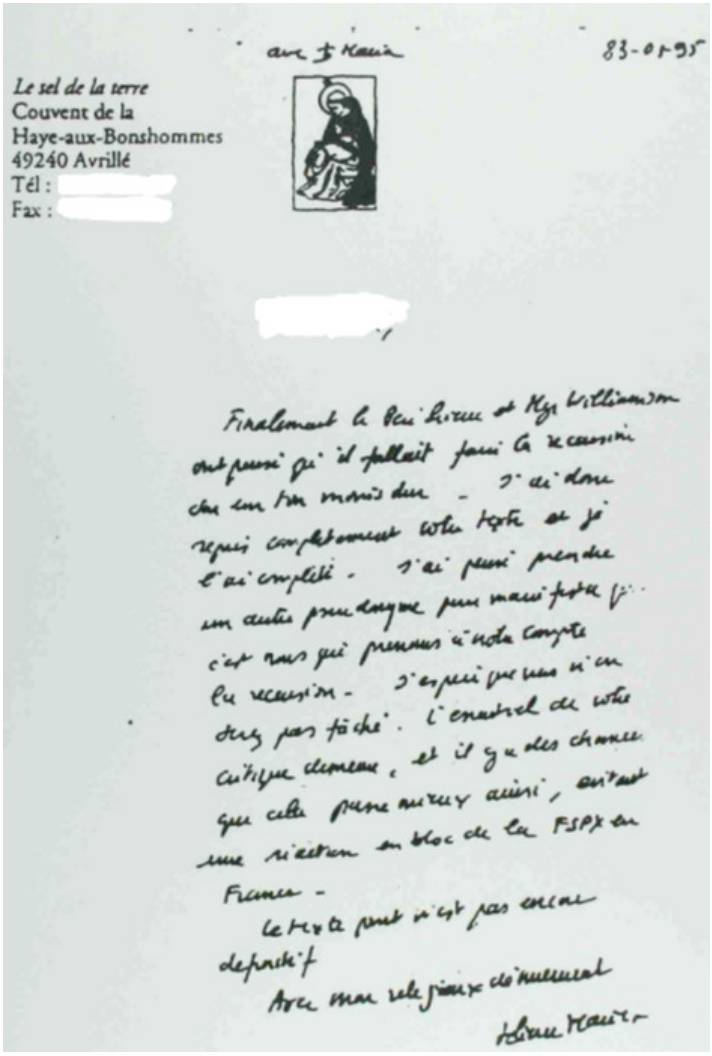
Em 1994 e 1995, a revista *Le Sel de la terre* havia iniciado a refutação e a desacreditação da obra do padre Celier *« Le Dieu mortel »*, demonstrando seu conteúdo totalmente naturalista e profundamente alienígena aos autores católicos mais seguros, como o Cardeal Pie.

No momento em que um artigo, assinado por *Le Chasseur*, estava prestes a ser publicado na *Sel de la terre,* e ia desferir o golpe final ao livro do padre Celier, Mons. Williamson interveio repentinamente junto ao Padre Pierre-Marie para pressionar que o artigo em preparação fosse fortemente suavizado. Aqui está o que escrevia o Padre Pierre-Marie ao Chasseur, relatando essas pressões:

> **« CARTA DOS MOINHOS DE AVRILLÉ, EM 23 DE JANEIRO DE 1995, A X (LE CHASSEUR) O AUTOR DO ARTIGO CENSURADO**
>
> Le Sel de la Terre 23-01-1995 Convento da Haye-aux-Bonshommes 49240 Avrillé
>
> X,
>
> Afinal, o Padre Prior e **Mons. Williamson** acharam que era preciso fazer a resenha em um tom menos duro. Portanto, eu reescrevi completamente seu texto e o complementei. Pensei em usar um outro pseudônimo para manifestar que somos nós que assumimos a resenha. Espero que você não fique chateado. O essencial de sua crítica permanece, e há chances de que assim passe melhor, evitando uma reação em massa da FSSPX na França.
>
> O texto final ainda não é definitivo.
>
> Com minha dedicação religiosa,
>
> Pierre-Marie »

Vemos que Mons. Williamson faz parte dessas "altas proteções" das quais se beneficia o padre Celier. Já tivemos a oportunidade de destacar o verdadeiro papel de falso opositor que desempenha o antigo anglicano (variante metodista) que se tornou bispo[5]. Este mesmo Mons. Williamson que passou 4 dias na Alemanha em fevereiro de 2007 com o padre Schmidberger, para uma "sessão de música profana" (sic).

Aqui está o fac-símile desta carta onde aparece a proteção oculta do padre Celier por Mons. Williamson.



Le sel de la terre
Couvent de la
Haye-aux-Bonshommes
49240 Avrillé
Tél :
Fax :

2.2- Em junho de 2007, Mons. Williamson abandona seu protegido e busca retomar a liderança de uma falsa oposição ao ralliement

O antigo anglicano (variante metodista) poderia facilmente, ao longo de 12 anos, ter descoberto o que agora reconhece publicamente, uma vez que seu "***protegido***" está completamente descreditado, ou seja, que o padre Celier é um "*modernista acabado*", segundo os próprios termos que usa hoje, mas que não usou de forma alguma em 1995, quando evitava as reações de Avrillé. Sua súbita virada, enquanto a campanha do padre Celier na França se revela um verdadeiro fiasco[6], é bastante tardia.

Por trás dessa tomada de posição espetacular contra o antigo companheiro do padre de Tanoüarn, adivinhamos, na verdade, uma vontade de repositionamento de Mons. Williamson.

A divulgação por *Virgo-Maria.org* de seu jogo oculto com o padre Schmidberger no que chamamos de coordenação da '*Orquestra negra*' (sessão de música na Alemanha em fevereiro de 2007[7], **apoio feroz aos artigos que pretendiam demonstrar a validade sacramental do novo rito de consagração episcopal de Montini-Paul VI**) o colocou em uma encruzilhada da qual ele busca sair **tentando restaurar sua imagem diante dos clérigos e dos fiéis da Fraternidade que resistem** ao ralliement da Fraternidade ao padre apóstata Ratzinger, **política imposta e apoiada por seu comparsa, o padre Schmidberger, amigo pessoal de Ratzinger sustentado pela rede alemã que denunciamos**.

Ao atacar hoje o padre Celier, que agora é rejeitado pela vasta maioria dos supervisores na França e que aparece publicamente como não tendo **na realidade** nenhuma audiência na FSSPX, **recebendo apenas o apoio incondicional dos tenores do IBP**, Mons. Williamson tenta se posicionar como a figura de proa na

luta contra o padre Celier e tudo o que ele representa.

Mas isso também significa que o padre Celier não é mais de forma alguma credível para ninguém. Assim, ele agora perdeu toda utilidade para os manipuladores, tornando-se incômodo e comprometedor para se continuar a apoiá-lo.

Na verdade, Mons. Williamson busca reconquistar seu lugar como condutor do "***carro de apoio***" dos opositores ao *ralliement* da FSSPX ao padre apóstata Ratzinger, uma vez que o *Motu Proprio* seja publicado, **a fim de controlar a reação na eventualidade do *ralliement* e impedir que a verdade sobre o novo rito de consagração episcopal se torne pública, especialmente entre os fiéis**.

Continuemos a boa luta

Padre Michel Marchiset

---

[1] *Tychique* n°197

[2] Refere-se ao padre Celier

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-26-A-00-Mgr_Tissier_desavoue_abbe_Celier.pdf e http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-23-A-00-Abbe-Celier_desavoue_par_un_eveque.pdf e http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-tissier/Mgr-Tissier-Libre-abbe-Celier.mp3

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-23-A-00-Abbe-Celier_desavoue_par_un_eveque.pdf

[5] http://www.virgo-maria.org/D-Mgr-Williamson-leurre/index_mgr_williamson_leurre.htm

[6] Estamos prestes a trazer novos elementos

[7] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-23-A-00-Orchestre_noir_de_la_FSSPX_V3.pdf

Desmascarado, Dom Williamson desaparece em plena campanha

Quinta-feira, 19 de julho de 2007

Dom Williamson acaba de fechar seu blog "*Motu proprio*" às pressas?

Após seus apelos para que *"o 'coração bávaro' guie a cabeça conciliar de Ratzinger em uma direção católica"* (a afirmação é risível e confirma sua concepção burlesca da Igreja e dos membros da Igreja), **Dom Williamson acaba de fazer fechar seu blog**[1].

Sem dúvida, deve-se ver aqui o efeito de nossas últimas postagens no VM a seu respeito, em particular aquela de 11 de julho[2] "***Dom Williamson exulta pelo Motu Proprio de 1984"***.

Seria um reconhecimento diante do escândalo suscitados por suas palavras entre os católicos fiéis a Dom Lefebvre e por suas ações muito "cambridgianas". **Remetemos à nossa mensagem VM[3] de 16 de julho de 2007 sobre este assunto, assim como à nossa seção especial *'Dom Williamson: uma ilusão'*[4]**.

Continuemos a boa luta

Padre Marchiset

---

[1] http://dinoscopus.blogspot.com/2007/07/motu-proprio.html

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-FLASH-2007-07-11-E-00-Mgr_Williamson_1984.pdf

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-16-A-00-Mgr_Williamson_coeur_Bavarois.pdf

[4] http://www.virgo-maria.org/D-Mgr-Williamson-leurre/index_mgr_williamson_leurre.htm

Lista de prelados Maçons no Vaticano

sábado, 11 de agosto de 2007

Arquivo Excel da lista Pecorelli publicada em 1978

O Comitê Internacional Rore Sanctifica (***CIRS***)[1] nos comunica esta versão em Excel (documento de trabalho ainda provisório) da **lista de prelados Maçons no Vaticano publicada em 2 de setembro de 1978 pelo *Osservatore Politico* no artigo « *A Grande Loja vaticana* » do jornalista italiano Mino Pecorelli**.

Esse jornalista italiano, dissidente aparentemente da Loja *Propaganda Due* (P2) de Licio Gelli, loja regular do Grande Oriente da Itália[2] que chamou tanto a atenção no início dos anos 80 devido aos desdobramentos do colapso do Banco Ambrosiano e do « *suicídio* » em Londres sob a ponte dos ***Blackfriars*** de seu presidente, Roberto Calvi, o principal parceiro de Dom Marcinkus, o chefe do *Instituto delle Opere di Religioni* (o banco do Vaticano), não demorou **a pagar essa indiscrição maior de sua vida sendo assassinado em 20 de março de 1979 em Roma, à luz do dia e na plena rua em seu carro**.

Esta lista, retomada da publicação que fez o ***Courrier de Rome*** na segunda edição francesa de « *A Maçonaria à conquista da Igreja* » por Carlo Alberto Agnoli **em março de 2001**, é complementada por muitas informações que a tornam uma verdadeira ferramenta de trabalho.

Como desejou o CIRS, nós a disponibilizamos a você. O CIRS a utiliza para a continuidade de seus trabalhos sobre as origens de ***Pontificalis Romani*** (1968), e a completa com suas próprias pesquisas e informações.

Esta lista é trabalhada, cada aba no Excel traz uma classificação ou elementos novos. **Ela dá uma ideia muito impressionante da infiltração da estrutura de governo da Igreja pela maçonaria já durante o reinado do Papa Pio XII**.

Já havíamos publicado elementos desta lista no dia 1[3] e no dia 28[4] de setembro de 2006, na ocasião da promoção e posteriormente rebaixamento de **Lajolo-LAGI** pelo padre apóstata Ratzinger. O maquiavélico bávaro tinha, de fato, renunciado a manter Lajolo-LAGI em um cargo muito visível após a lembrança da inscrição de Lajolo-LAGI à maçonaria italiana.

Dom Fellay em 1999, antes de iniciar em 2000 as discussões para sua adesão à Roma dos « ***anticristos*** » (cf. Dom Lefebvre), **retomou ele mesmo informações da primeira edição em 1997 deste livro de Agnoli para denunciar quatro lojas clericais em atividade no Vaticano**.

Publicamos em 1º de novembro de 2006 o vídeo dessas declarações de Dom Fellay, em nosso site[5]:

Comentário — Ele (Dom Fellay) é um dos quatro bispos que receberam a consagração episcopal do arcebispo Dom Lefebvre em Écône em 1988. É por essa razão que Roma o excomungou. **Talvez para estigmatizar como tal o que ele ousou fazer em seguida ao Fundador: afastar-se do caminho que a Igreja tomou desde o Concílio Vaticano II.**

Dom Fellay — *Não podemos demonstrá-lo diretamente, mas eu ainda acredito que esses atos, essas ações fazem parte de um plano, um plano que foi elaborado bastante cedo, pelo menos no início do século, se não um pouco antes, e especialmente o estabelecimento de um governo mundial, com uma religião mundial. E isso faz parte da preparação dessa super-religião.* ***É simplesmente totalmente incompatível com a religião católica e a Tradição.***

Comentário — Como você poderia, com base nisso, convidar a orar a Deus, os fiéis de religiões que rejeitam Cristo Jesus como o único mediador entre Deus e os homens?

Dom Fellay — ***Nesse ponto, devemos certamente reconhecer o dedo da maçonaria, e a obra da maçonaria dentro da Igreja. É muito interessante notar que em 92 um alto maçom do México pôde declarar que no Vaticano mesmo quatro lojas estavam agora em atividade. Elas são de rito escocês, mas são lojas especiais destinadas aos prelados do Vaticano. Assim, os irmãos secretos trabalham… destroem não apenas por fora, mas também de dentro da própria Igreja.***

Em 8 de julho de 2007, Dom Fellay faz cantar ***Te Deum*** e ***Magnificat*** para o chefe dessa organização profundamente ligada à maçonaria e seu *Motu Proprio* de sedução e de pseudo-« ***restauração*** ».

O que aconteceu, então, desde 1999?

O que aconteceu com Dom Fellay?

Continuemos a boa luta

Padre Marchiset

Lista de 116 nomes, Prelados e alguns padres e leigos afiliados em 1976 à maçonaria na Itália

Publicada em 10 de agosto de 1976 pela revista *Panorama*, depois complementada, em 12 de setembro de 1978 no *Osservatore Politico* pelo jornalista italiano Mino Pecorelli, que será assassinado na rua em seu carro pouco tempo depois, em 1979.

Foi em consequência do escândalo midiático que eclodiu na Itália na ocasião da publicação em 1976 na *Panorama* desta primeira lista de Prelados Maçons, que Montini-Paulo VI se sentiu obrigado a enviar, imediatamente e sem explicações, ao exílio em Teerã como « *pro-nonce apostólico* », Annibale Bugnini, o principal artesão da destruição do Sacerdócio e do Sacrifício de Melquisedec por sua reforma radical da Liturgia católica empreendida sob seu controle rigoroso, ao qual, no entanto, ele havia conferido há pouco tempo antes a dignidade de Arcebispo da Santa Igreja.

O nome de cada indivíduo é seguido de sua posição oficial quando conhecida, da data de sua inscrição nos registros da Maçonaria na Itália, de seu código #, e de seu nome de código quando conhecido.

1. **Albondi, Alberto.** Bispo de Livorno, (Livorno). Iniciado em 8-5-58; ID # 7-2431.

2. **Abrech, Pio.** Na Sagrada Congregação dos Bispos. 27-11-67; # 63-143.

3. **Acquaviva, Sabino.** Professor de Religião na Universidade de Pádua. 3-12-69; # 275-69.

4. **Alessandro, Padre Gottardi.** (Endereçado como Doutor em reuniões maçónicas.) Presidente da Fratelli Maristi. 14-6-59.

5. **Angelini, Fiorenzo.** Bispo de Messina, Grécia. 14-10-57; # 14-005.

6. **Argentieri, Benedetto.** Patriarca da Santa Sé. 11-3-70; # 298-A.

7. **Bea, Augustin.** Cardeal. Secretário de Estado (próximo ao Papa) sob o Papa João XXIII e o Papa Paulo VI.

8. **Baggio, Sebastiano.** Cardeal. Prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos. (Esta é uma Congregação crucial, pois nomeia novos Bispos.) Secretário de Estado sob o Papa João Paulo II de 1989 a 1992. 14-8-57; # 85-1640. Nome de código maçônico "SEBA." Ele controla a consagração dos Bispos.

9. **Balboni, Dante.** Assistente da Comissão Pontifical para os Estudos Bíblicos do Vaticano. 23-7-68; # 79-14 "BALDA."

10. **Baldassarri, Salvatore.** Bispo de Ravena, Itália. 19-2-58; # 4315-19. "BALSA."

11. **Balducci, Ernesto.** Artista de escultura religiosa. 16-5-66; # 1452-3.

12. **Basadonna, Ernesto.** Prelado de Milão, 14-9-63; # 9-243. "BASE."

13. **Batelli, Giulio.** Membro leigo de várias academias científicas. 24-8-59; # 29-A. "GIBA."

14. **Bedeschi, Lorenzo.** 19-2-59; # 24-041. "BELO."

15. **Belloli, Luigi.** Reitor do Seminário; Lombardia, Itália. 6-4-58; # 22-04. "BELLU."

16. **Belluchi, Cleto.** Bispo coadjutor de Fermo, Itália. 4-6-68; # 12-217.

17. **Bettazzi, Luigi.** Bispo de Ivera, Itália. 11-5-66; # 1347-45. "LUBE."

18. **Bianchi, Giovanni.** 23-10-69; # 2215-11. "BIGI."

19. **Biffi, Franco, Mgr.** Reitor da Igreja de Santo João de Latrão na Universidade Pontifícia. Ele é o chefe desta Universidade e controla o que está sendo ensinado. Ouviu as confissões do Papa Paulo VI. 15-8-59. "BIFRA."

20. **Bicarella, Mario.** Prelado de Vicenza, Itália. 23-9-64; # 21-014. "BIMA."

21. **Bonicelli, Gaetano.** Bispo de Albano, Itália. 12-5-59; # 63-1428, "BOGA."

22. **Boretti, Giancarlo.** 21-3-65; # 0-241. "BORGI."

23. **Bovone, Alberto.** Secretário Substituto do Sagrado Ofício. 30-3-67; # 254-3. "ALBO."

24. **Brini, Mario.** Arcebispo. Secretário de Assuntos Chineses, Orientais e Pagãos. Membro da Comissão Pontifícia para a Rússia. Tem controle sobre a reescrita do Direito Canônico. 7-7-68; # 15670. "MABRI."

25. **Bugnini, Annibale.** Arcebispo. Autor da Missa Novus Ordo. Enviado ao Irã, 23-4-63; # 1365-75. "BUAN."

26. **Buro, Michele.** Bispo. Prelado da Comissão Pontifícia para a América Latina, 21-3-69; # 140-2. "BUMI."

27. **Cacciavillan, Agostino.** Secretaria de Estado. 6-11-60; # 13-154.

28. **Cameli, Umberto.** Diretor do Escritório de Assuntos Eclesiásticos da Itália em relação à educação na doutrina católica. 17-11-60; # 9-1436.

29. **Caprile, Giovanni.** Diretor de Assuntos Civis Católicos. 5-9-57; # 21-014. "GICA."

30. **Caputo, Giuseppe.** 15-11-71; # 6125-63. "GICAP."

31. **Casaroli, Agostino.** Cardeal. Secretário de Estado (próximo ao Papa) sob o Papa João Paulo II desde 1 de julho de 1979 até a aposentadoria em 1989. 28-9-57; # 41-076. "CASA."

32. **Cerruti, Flaminio.** Chefe do Escritório dos Estudos Universitários da Congregação. 2-4-60; # 76-2154. "CEFLA."

33. **Ciarrocchi, Mario.** Bispo. 23-8-62; # 123-A. "CIMA."

34. **Chiavacci, Enrico.** Professor de Teologia Moral, Universidade de Florença, Itália. 2-7-70; # 121-34. "CHIE."

35. **Conte, Carmelo.** 16-9-67; # 43-096. "CONCA."

36. **Csele, Alessandro.** 25-3-60; # 1354-09. "ALCSE."

37. **Dadagio, Luigi.** Núncio Papal na Espanha. Arcebispo de Lero. 8-9-67; # 43-B. "LUDA."

38. **D'Antonio, Enzio.** Arcebispo de Trivento. 21-6-69; # 214-53.

39. **De Bous, Donate.** Bispo. 24-6-68; # 321-02. "DEBO."

40. **Del Gallo Reoccagiovane, Luigi.** Bispo.

41. **Del Monte, Aldo.** Bispo de Novara, Itália. 25-8-69; # 32-012. "ADELMO."

42. **Faltin, Danielle.** 4-6-70; # 9-1207. "FADA."

43. **Ferraioli, Giuseppe.** Membro da Sagrada Congregação para Assuntos Públicos. 24-11-69; # 004-125. "GIFE."

44. **Franzoni, Giovanni.** 2-3-65; # 2246-47. "FRAGI."

45. **Gemmiti, Vito.** Sagrada Congregação dos Bispos. 25-3-68; # 54-13. "VIGE."

46. **Girardi, Giulio.** 8-9-70; # 1471-52. "GIG."

47. **Fiorenzo, Angelini.** Bispo. Título de Comendador do Espírito Santo. Vigário Geral dos Hospitais Romanos. Controla os fundos do trust hospitalar. Consagrado Bispo em 19-7-56; ingressou nos maçons em 14-10-57.

48. **Giustetti, Massimo.** 12-4-70; # 13-065. "GIUMA."

49. **Gottardi, Alessandro.** Procurador e Postulador Geral da Fratelli Maristi. Arcebispo de Trento. 13-6-59; # 2437-14. "ALGO."

50. **Gozzini, Mario.** 14-5-70; # 31-11. "MAGO."

51. **Grazinai, Carlo.** Reitor do Seminário Menor do Vaticano. 23-7-61; # 156-3. "GRACA."

52. **Gregagnin, Antonio.** Tribunal de Primeiras Causas para Beatificação. 19-10-67; # 8-45. "GREA."

53. **Gualdrini, Franco.** Reitor da Capranica. 22-5-61; # 21-352. "GUFRA."

54. **Ilari, Annibale.** Padre. 16-3-69; # 43-86. "ILA."

55. **Laghi, Pio.** Núncio, Delegado Apostólico na Argentina, e depois nos EUA até 1995. 24-8-69; # 0-538. "LAPI."

56. **Lajolo, Giovanni.** Membro do Conselho de Assuntos Públicos da Igreja. 27-7-70; # 21-1397. "LAGI."

57. **Lanzoni, Angelo.** Chefe do Escritório do Secretário de Estado. 24-9-56; # 6-324. "LANA."

58. **Levi, Virgílio (alias Levine), Monsenhor. Assistente do Diretor do Jornal Oficial do Vaticano, *Osservatore Romano*. Gerencia a Estação de Rádio do Vaticano. 4-7-58; # 241-3. "VILE."**

59. **Lozza, Lino.** Chanceler da Academia de Roma de São Tomás de Aquino da Religião Católica. 23-7-69; # 12-768. "LOLI."

60. **Lienart, Achille.** Cardeal. Grande Mestre maçônico. Bispo de Lille, França. Recruta maçons. Foi líder das forças progressistas no Concílio Vaticano II.

61. **Macchi, Pasquale.** Cardeal. Prelado de Honra do Papa Paulo e Secretário Privado até ser excomungado por heresia pelo Papa Paulo VI. Foi reinstalado pelo Secretário de Estado Jean Villot e feito Cardeal. 23-4-58; # 5463-2. "MAPA."

62. **Mancini, Italo.** Diretor de Sua Santidade. 18-3-68; # 1551-142. "MANI."

63. **Manfrini, Enrico.** Consultor leigo da Comissão Pontifícia de Arte Sacra. 21-2-68; # 968-c. "MANE."

64. **Marchisano, Francesco.** Prelado de honra do Papa. Secretário da Congregação para Seminários e Universidades de Estudos. 4-2-61; # 4536-3. "FRAMA."

65. **Marcinkus, Paul.** Guarda-costas americano do falso Papa. De Cicero, Illinois. Mede 1,93m. Presidente do Instituto para o Treinamento Religioso. 21-8-67; # 43-649. Chamado de "GORILLA." Nome de código "MARPA."

66. **Marsili, Salvatore.** Padre da Ordem de São Bento de Finalpia, perto de Módena, Itália. 2-7-63; # 1278-49. "SALMA."

67. **Mazza, Antonio.** Bispo Titular de Velia. Secretário Geral do Ano Santo, 1975. 14-4-71; # 054-329. "MANU."

68. **Mazzi, Venerio.** Membro do Conselho de Assuntos Públicos da Igreja. 13-10-66; # 052-s. "MAVE."

69. **Mazzoni, Pier Luigi.** Congregação dos Bispos. 14-9-59; # 59-2. "PILUM."

70. **Maverna, Luigi.** Bispo de Chiavari, Gênova, Itália. Assistente Geral da Ação Católica Italiana. 3-6-68; # 441-c. "LUMA."

71. **Mensa, Albino.** Arcebispo de Vercelli, Piemonte, Itália. 23-7-59; # 53-23. "MENA."

72. **Messina, Carlo.** 21-3-70; # 21-045. "MECA."

73. **Messina, Zanon (Adele).** 25-9-68; # 045-329. "AMEZ."

74. **Monduzzi, Dino.** Regente do Prefeito da Casa Pontifícia. 11-3-67; # 190-2. "MONDI."

75. **Mongillo, Daimazio.** Professor de Teologia Moral Dominicana, Instituto dos Santos Anjos de Roma. 16-2-69; # 2145-22. "MONDA."

76. **Morgante, Marcello.** Bispo de Ascoli Piceno, na Itália Oriental. 22-7-55; # 78-3601. "MORMA."

77. **Natalini, Teuzo.** Vice-Presidente dos Arquivos da Secretaria do Vaticano. 17-6-67; # 21-44d. "NATE."

78. **Nigro, Carmelo.** Reitor do Seminário, Pontifício de Estudos Maiores. 21-12-70; # 23-154. "CARNI."

79. **Noe, Virgílio.** Chefe da Sagrada Congregação de Culto Divino. Ele e Bugnini pagaram 5 Ministros Protestantes e um Rabbi Judeu para criar a Missa Novus Ordo. 3-4-61; # 43652-21. "VINO."

80. **Palestra, Vittorie.** Ele é Consultor Jurídico da Sagrada Rota do Estado do Vaticano. 6-5-43; # 1965. "PAVI."

81. **Pappalardo, Salvatore.** Cardeal. Arcebispo de Palermo, Sicília. 15-4-68; # 234-07. "SALPA."

82. **Pasqualetti, Gottardo.** 15-6-60; # 4-231. "COPA."

83. **Pasquinelli, Dante.** Conselho do Núncio de Madrid. 12-1-69; # 32-124. "PADA."

84. **Pellegrino, Michele.** Cardeal. Chamado de "Protetor da Igreja", Arcebispo de Turim (onde é guardada a Sagrada Síndone de Jesus). 2-5-60; # 352-36. "PALMI."

85. **Piana, Giannino.** 2-9-70; # 314-52. "GIPI."

86. **Pimpo, Mario.** Vigário do Escritório de Assuntos Gerais. 15-3-70; # 793-43. "PIMA."

87. **Pinto, Monsenhor Pio Vito.** Ajudante do Secretário de Estado e Notário da Segunda Seção do Supremo Tribunal e da Assinatura Apostólica. 2-4-70; # 3317-42. "PIPIVI."

88. **Poletti, Ugo.** Cardeal. Vigário da Diocese de Roma. Controla o clero de Roma desde 6-3-73. Membro da Sagrada Congregação dos Sacramentos e do Culto Divino. Ele é Presidente das Obras Pontifícias e da Preservação da Fé. Também Presidente da Academia Litúrgica. 17-2-69; # 32-1425. "UPO."

89. **Rizzi, Monsenhor Mario.** Sagrada Congregação dos Ritos Orientais. Listado como "Prelado Bispo de Honra do Santo Padre, o Papa." Trabalha sob o principal maçom Mario Brini na manipulação do Direito Canônico. 16-9-69; # 43-179. "MARI," "MONMARI."

90. **Romita, Florenzo.** Estava na Sagrada Congregação do Clero. 21-4-56; # 52-142. "FIRO."

91. **Rogger, Igine.** Oficial na S.S. (Diocese de Roma). 16-4-68; # 319-13. "IGRO."

92. **Rossano, Pietro.** Sagrada Congregação das Religiões Não Cristãs. 12-2-68; # 3421-a. "PIRO."

93. **Rovela, Virgílio.** 12-6-64; # 32-14. "ROVI."

94. **Sabbatani, Aurelio.** Arcebispo de Giustiniana (Giugiano, Província de Módena, Itália). Primeiro Secretário da Suprema Segnatura Apostólica. 22-6-69; # 87-43. "ASA."

95. **Sacchetti, Guilio.** Delegado dos Governadores - Marquês. 23-8-59; # 0991-b. "SAGI."

96. **Salerno, Francesco.** Bispo. Prefeito de Atos Eclesiásticos. 4-5-62; # 0437-1. "SAFRA."

97. **Santangelo, Francesco.** Substituto Geral de Defesa do Conselho Jurídico. 12-11-70; # 32-096. "FRASA."

98. **Santini, Pietro.** Vice-Oficial do Vigário. 23-8-64; # 326-11. "SAPI."

99. **Savorelli, Fernando.** 14-1-69; # 004-51. "SAFE."

100. **Savorelli, Renzo.** 12-6-65; # 34-692. "RESA."

101. **Scanagatta, Gaetano.** Sagrada Congregação do Clero. Membro da Comissão de Pomei e Loreto, Itália. 23-9-71; # 42-023. "GASCA."

102. **Schasching, Giovanni.** 18-3-65; # 6374-23. "GISCHA," "GESUITA."

103. **Schierano, Mario.** Bispo Titular de Acrida (Acri na Província de Cosenza, Itália). Capelão Militar Chefe das Forças Armadas Italianas. 3-7-59; # 14-3641. "MASCHI."

104. **Semproni, Domenico.** Tribunal do Vicariato do Vaticano. 16-4-60; # 00-12. "DOSE."

105. **Sensi, Giuseppe Mario.** Arcebispo Titular de Sardi (Ásia Menor, perto de Esmirna). Núncio Papal em Portugal. 2-11-67; # 18911-47. "GIMASE."

106. **Sposito, Luigi.** Comissão Pontifícia para os Arquivos da Igreja na Itália. Administrador Chefe da Sé Apostólica do Vaticano.

107. **Suenens, Leo.** Cardeal. Título: Protetor da Igreja de São Pedro das Correntes, fora de Roma. Promove o Pentecostalismo Protestante (Carismáticos). Destruiu muito da doutrina da Igreja quando trabalhou em 3 Sagradas Congrega- ções: 1) Propagação da Fé; 2) Ritos e Cerimônias na Liturgia; 3) Seminários. 15-6-67; # 21-64. "LESU."**

108. **Trabalzini, Dino.** Bispo de Rieti (Reate, Província de Perugia, Itália). Bispo Auxiliar do Sul de Roma. 6-2-65; # 61-956. "TRADI."

109. **Travia, Antonio.** Arcebispo Titular de Termini Imerese. Chefe das escolas católicas. 15-9-67; # 16-141. "ATRA."

110. **Trocchi, Vittorio.** Secretário para Leigos Católicos no Consistório das Consultas do Estado do Vaticano. 12-7-62; # 3-896. "TROVI."

111. **Tucci, Roberto.** Diretor Geral da Rádio Vaticano. 21-6-57; # 42-58. "TURO."

112. **Turoldo, David.** 9-6-67; # 191-44. "DATU."

113. **Vale, Georgio.** Padre. Oficial da Diocese de Roma. 21-2-71; # 21-328. "VAGI."

114. **Vergari, Piero.** Chefe do Oficial de Protocólo do Escritório da Segnatura do Vaticano. 14-12-70; # 3241-6. "PIVE."

115. **Villot, Jean.** Cardeal. Secretário de Estado durante o Papa Paulo VI. Ele é Camerlengo (Tesoureiro). "JEANNI," "ZURIGO."**

116. **Zanini, Lino.** Arcebispo Titular de Adrianópolis, que é Andrianópolis, Turquia. Núncio Apostólico. Membro da Venerável Fabrica da Basílica de São Pedro.

Fotocopie e difunda.

---

[1] http://www.rore-sanctifica.org

[2] A Loja *Propaganda Due* (P2) é a loja « *irmã* » da Loja *Propaganda Uno* (P1) que foi fundada um século antes, nos anos 1850, por Giuseppe Mazzini em Palermo, loja que foi uma das lojas fundadoras do Grande Oriente da Itália.

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-09-01-B-00-Lajolo-Ratzinger.pdf

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-09-28-A-00-Limogeage_de_Lajolo-1.pdf

[5] http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-fellay/VM-Mgr_Fellay_denonce_quatre_loges_au_Vatican.htm

A ação dissolvente do antigo anglicano Monsenhor Williamson, o discípulo[1] do Fabien "arrependido" (?) Muggeridge, dentro da FSSPX nos Estados Unidos

Segunda-feira, 17 de setembro de 2007

Versão em inglês dos fatos sobre o Bispo Williamson **(ao final)**

Um clérigo que conheceu bem Monsenhor Williamson testemunha

Nosso dossiê[2] sobre o entorno de Malcolm Muggeridge (proveniente do meio *Fabien*), o mentor de Monsenhor Williamson, e o reconhecimento deste último por aquele que ele chama de '***meu querido Malcolm***', **gerou grande interesse e tem um grande impacto no mundo da Tradição, especialmente nos Estados Unidos.**

Recebemos de um leitor a seguinte correspondência que lhe apresentamos, contendo o testemunho de um clérigo que conheceu bem Monsenhor Williamson, e que relata testemunhos de outros seminaristas .

Trata-se de **Monsenhor Urrutigoity, um ex-padre argentino da FSSPX**, protegido por Monsenhor Williamson, que agora se juntou à Igreja conciliar (Sociedade São João).

Os assuntos de moralidade envolvendo este transfuga e sua nova comunidade estão documentados no site:

http://www.saintjustinmartyr.org/news/notices.html

e os documentos referentes especialmente a Urrutigoity (**agora protegido por seu « *bispo* » conciliar inválido**) podem ser consultados aqui:

http://www.saintjustinmartyr.org/news/notices_I.html

Com base nos fatos que continuam a se acumular desde dezembro de 2006, e sobre os quais realizamos cruzamentos, parece-nos cada vez mais claro que **a operação de controle da FSSPX e a preparação de sua adesão à Roma dos « anticristos » (cf. Monsenhor Lefebvre) é conduzida pela dupla Williamson-Schmidberger, o antigo anglicano britânico tentando reunir, para melhor neutralizá-lo, o clã da recusa e da reação e o alemão, amigo de Ratzinger, atuando sobre o aparato da FSSPX para forçar a adesão a Ratzinger dos padres que aceitariam se deixar intimidar**.

Monsenhor Fellay parece, nesta situação, como aquele que não detém verdadeiramente as rédeas, mas que é empurrado nos bastidores por seu mentor, o padre Schmidberger, e pelo pequeno clã dos infiltrados modernistas que o alemão fez instalar, especialmente à frente dos meios de comunicação.

E é previsível que, ao término final **desta operação, originária dos meios anglicano-conciliares**, ou seja, após a assinatura de Monsenhor Fellay estiver nas mãos do padre apóstata Ratzinger, Monsenhor Fellay não tardará em sofrer as consequências da manobra, **seus novos mestres conciliares o rejeitarão a fim de recompensar a dupla Williamson-Schmidberger que se mostrou a verdadeira cabeça da subversão e da adesão-apostasia**.

Como os fiéis de Avrillé poderiam ainda seguir os Padres Innocente-Maria e Pedro-Maria que se colocaram (assim como sua revista *Le Sel de la Terre*) sob a tutela episcopal de Monsenhor Williamson?

É claro que essa tutela não tem outro objetivo senão esterilizar a luta anti-modernista da comunidade dos monges dominicanos de Avrillé.

Continue[3] a nos enviar suas informações factuais e seus testemunhos sobre essas personagens: Monsenhor Williamson e o padre Schmidberger.

Continuemos a boa luta

padre Marchiset

Carta recebida na sexta-feira, 14 de setembro de 2007

Obrigado pelo artigo[4]**(…)**

X pôde lê-lo (…) ontem em sua totalidade. (…), ele conheceu Monsenhor Williamson, pois esteve em Ecône quando Richard Williamson entrou para o seminário; (…) e teve contato com o padre Williamson quando este chegou à América em 1982.

Aqui estão algumas observações de X

Este é um excelente artigo que levanta questões e reflexões; ele preenche muitas lacunas sobre o meio, os termos de referência e a motivação de Monsenhor Williamson.

(1) Quando eu era seminarista, fiquei impressionado com seu pouco conhecimento da prática do Catolicismo, assim como sua atração por revelações privadas (Bayside, Mama Rosa, Garabandal, etc.), como se estas fossem, de alguma forma, as grandes questões do dia.

A Ecône que conhecemos, longe de ser um refúgio de "alegria e paz", estava constantemente sujeita a disputas e divisões. Lembro-me de um Williamson reprimindo Schmidberger com entusiasmo por sua (maldita) filosofia kantiana. Lembro-me das divisões provocadas pelo fluxo constante de professores modernistas, especialmente em história e escritura sagrada, mas também em teologia sacramental.

(2) O seminário de Ecône não era um lugar de paz, mas de divisão. É importante ressaltar isso, pois assim que o padre Williamson chegou a Ridgefield (o seminário da FSSPX) como professor (na verdade, como cão de guarda), ele imediatamente destruiu essa paz e unidade do seminário, declarando: "Não é normal para um seminário estar em paz."

Certamente, Williamson conseguiu seus objetivos, pois em seis meses uma crise aberta havia explodido, não apenas no seminário de Ridgefield, mas também em todo o Distrito Nordeste da FSSPX nos Estados Unidos.

(3) Essa mesma paz prevalecia em nossas capelas e missões. O padre Williamson exigia (…), as informações de contato para cada capela ou missão, para (…) "visitar" seus locais. (…) [eu temia] as consequências de qualquer "visita" de Williamson às nossas capelas.

De fato, mais de uma vez nos foi dito que o padre Williamson "semeava a discórdia" onde quer que fosse — uma espécie de agente provocador.

(4) Lembro-me de um Williamson, então seminarista, mas mais particularmente enquanto ele era um jovem padre, buscando coletar o máximo possível de informações sobre outros padres e seu trabalho — sobre suas motivações, sobre seus pontos fortes, sobre seus pontos fracos, etc., muito antes de isso ser de qualquer forma uma obrigação de seu cargo.

(5) Uma vez que o controle do seminário da FSSPX nos EUA foi adquirido em 1983, o *modus agendi* do padre Williamson merece atenção. (Essas informações nos foram fornecidas por antigos padres e seminaristas da FSSPX).

Ele deliberadamente tomava a iniciativa de declarações ou atos escandalosos, visando medir as reações dos seminaristas, ou seja, sua vontade de demonstrar completa e cega lealdade ao governo da FSSPX, independentemente dos princípios em questão. Williamson buscava escolher certos seminaristas, talvez de caráter mais fraco, para "trabalhá-los" até que os tivesse quebrado emocionalmente. Eles eram então descartados. Tornaram-se "realmente uns perdedores," como dizemos nós, americanos.

(6) O caso do padre Carlos Urrutigoity (protegido de Williamson, e por muito tempo professor em Winona) realmente merece um artigo separado, e preenche outra lacuna na história de Williamson, agente secreto do inimigo.

Em resumo, esse jovem muito inteligente e carismático estava prestes a ser expulso de *La Reja* por questões de moralidade, quando W organizou sua transferência para Winona. Após sua ordenação, Urrutigoity permaneceu lá como professor de seminário, e não demorou a reunir um grupo de jovens leais.

Urrutigoity é fortemente suspeito (…). Ele é originário da (…) cidade de Mendoza, Argentina, (...)

As características que distinguiam a "direção espiritual" que Urrutigoity oferecia a seus discípulos em Winona (…) :

(a) Ele odiava o Santíssimo Sacramento. Incitava seus dirigidos a evitar a Benção do Santíssimo Sacramento e a permanecer sentados se fossem obrigados a assisti-la.

(b) (…) Urrutigoity desprezava as estátuas, por isso organizou uma campanha para substituir as estátuas por ícones no seminário e nas capelas da FSSPX.

(c) "Seus padres" eram formados para presidir uma espécie de "Ceia do Seder" na véspera de sua primeira Missa.

(Posteriormente, após sua saída de Winona, Urrutigoity se revelou ser um homossexual flamboyant e um manipulador de uma seita homossexual, a Sociedade de São João. Essa parte de sua vida está bem documentada na internet. Veja)**

Já em Winona, Urrutigoity incentivava seus dirigidos a nadar nus durante passeios.

Agora, peço que você mantenha em mente que tudo isso ocorreu sob a direção de Monsenhor Williamson, um homem que mantinha com o máximo cuidado o registro minucioso DE TUDO que acontecia em seu seminário.

(7) É realmente necessário admitir que os jovens católicos, aspirantes ao sacerdócio, sempre enfrentaram um período muito difícil nos seminários da FSSPX. (…)

Acredito também que a extrema predileção de Williamson pela espiritualidade e pelos retiros ignacianos se deve ao seu apetite e à sua habilidade de utilizar o poder dos elementos psicológicos que essa espiritualidade oferece para formar e controlar seus discípulos. (…)

Como alguém que recebeu a formação (…) pré-conciliar, fiquei impressionado com o alto grau de manipulação psicológica que o padre Williamson implementava em suas conferências de retiro.

Meus cumprimentos pela sua interessante pesquisa. Sinta-se à vontade para publicar meus comentários adicionais.

Assinado por um clérigo leitor da VM

Fotocopie e difunda

Versão em Inglês da carta

Thank you for the article. (…)

X, (…) was able to read the entire article yesterday. He knew Mgr Williamson (…) because he was at Econe when Richard Williamson entered the seminary, (…) and had dealings with Fr. Williamson when W. came to America in 1982.

Here are a few of X's observations.

This was an excellent and intriguing article that fills in several of the missing pieces about Mgr Williamson's background and motivation.

(1) As a seminarian I was struck with how little he knew of practical Catholicism, and how drawn he was to private revelation (Bayside. Mama Rosa, Garbandal, etc.) as though these were somehow the main issues of the day.

The Ecône of our day, far from being a place of "joy and peace," was constantly riven by disputes and divisions. I remember Williamson bitterly arguing with Schmidberger about his (S's) Kantian philosophy. I remember the divisions engendered by the constant flow of modernist professors, particularly in history and sacred scripture, but also in sacramental theology.

(2) The Ecône seminary was a place not of peace, but of division. It is important to note this, because when Fr. Williamson arrived as a professor (watchdog, really) at Ridgefield (the SSPX U.S. seminary) he immediately set out to destroy that seminary's peace and unity, saying "It is not normal for a seminary to be at peace."

Williamson certainly succeeded, because within six months there was a full-blown crisis, not only in the Ridgefield seminary, but also throughout the SSPX North East District.

(3) That same peace had prevailed in our chapels and missions. Fr. Williamson wanted (…) the contact information for each SSPX chapel or mission so he could "visit" them. (…) [I feared] the results of any Williamson visit to our chapels.

Indeed, more than once we were told that Williamson "caused trouble" wherever he went — a kind of agent provocateur.

(4) I remember Williamson as a seminarian, but especially as a young priest, wanting to get as much information as possible about other priests and their work — their motivation, strong points, weak points, etc., even before this was in any way his business.

(5) Once Fr. Williamson gained control of the US SSPX seminary in 1983, his modus agendi is of interest. (This information came to us from former SSPX priests and seminarians).

He would deliberately say or do outrageous things in order to gauge the reactions of the seminarians, i.e., their willingness to show an utter, blind loyalty to SSPX leadership, regardless of principles. Williamson would select certain seminarians, perhaps of a weaker character, and "work on them" until he had broken them emotionally. They were then discarded. "Really sick stuff," as we Americans say.

(6) The matter of Fr. Carlos Urrutigoity (Williamson's protegé and a long-time professor at Winona) is really worthy of another separate article, and fills in another missing piece in the story of Williamson, secret agent of the enemy.

Briefly, this very intelligent and charismatic young man was slated to be dismissed from La Reja pour les questions des moeurs, but W arranged his transfer to Winona. After his ordination, Urrutigoity stayed on as seminary professor, and soon built up a loyal following of young men.

Urrutigoity is strongly suspected (…). He came from the (…) city of Mendoza, Argentina, (…)

The distinguishing characteristics of Urrutigoity's "spiritual direction" to his followers at Winona (…) :

(a) Hatred of the Blessed Sacrament. He instructed his dirigés to avoid Benediction of the Blessed Sacrament, and if forced to attend, to remain seated.

(b) (…) Urrutigoity despised statues, and waged a campaign to replace statues with icons at the seminary and SSPX chapels.

(c) "His priests" were trained to conduct a kind of "Seder Meal" on the eve of their first Mass.

(Later on, after he left Winona, Urrutigoity would emerge as flamboyant homosexual and mastermind of a homosexual sect, the Society of St. John. This part is all well documented on the Internet. See: http://www.saintjustinmartyr.org/news/notices.html)

Already at Winona, though, Urrutigoity instructed his dirigés to swim in the nude during promenades.

Now, please bear in mind that all this occurred under Mgr Williamson, a man who maintained the most minute knowledge of EVERYTHING that went on in his seminary.

(7) It really must be said that Catholic young men, aspirants to the priesthood, have always had a very difficult time in SSPX seminaries. (…).

I also believe that Williamson's extreme fondness for the Ignatian spirituality and retreats stemmed from his eagerness and ability to use the strong psychological elements afforded by this spirituality in order to form and control followers. (…)

As someone who had received the pre-Conciliar (…) formation, I was struck with the high level of psychological manipulation Fr. Williamson employed in his retreat conferences.

My compliments to you on your interesting study. Please feel free to publish my additional comments.

---

[1] **Cf. nosso dossiê *VM* de 11 de setembro de 2007 sobre a conexão Williamson-Muggeridge. Ele foi atualizado em 17 de setembro por uma versão integralmente em francês (com exceção dos apêndices**

dos quais uma parte está em inglês)

[2]http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

[3]**Este apelo é particularmente destinado aos clérigos e aos antigos seminaristas que os conheceram bem. Vários já nos enviaram seus testemunhos comoventes.**

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

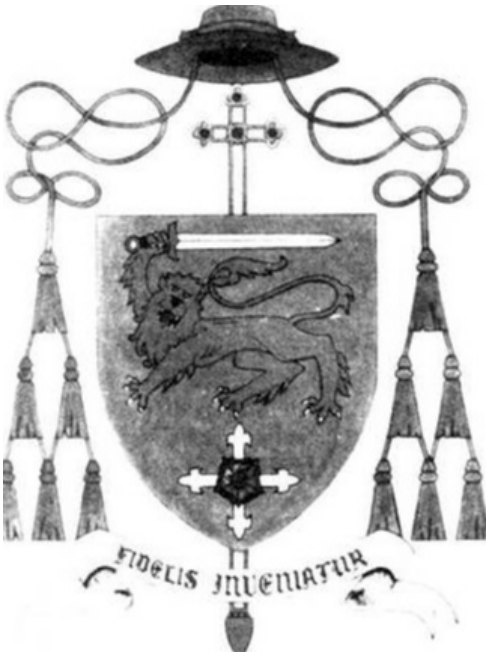
Um brasão episcopal *Rosacruz* para o Mons.. Williamson-‘*Cunctator* ’?

Segunda-feira, 15 de outubro de 2007

O brasão do Mons. Williamson (apelidado de ‘*Cunctator*’) inclui **uma rosa colocada no centro de uma cruz « *florida* »**. Por que essa simbologia?
Como ignorar sua completa semelhança com os brasões Rosacruz?

Mons. Williamson até mesmo acentuou essa simbologia da rosa (pentágono) no meio de uma cruz. O brasão e a divisa de S. Ex. Mons. Williamson-‘*Cunctator*’ (1990) - FIDELITER N° 78 (novembro-dezembro 1990)

A ATUALIDADE DA TRADIÇÃO



O brasão e a divisa de S. Ex. Mons. Williamson[1]

> *« **DESCRIÇÃO HERÁLDICA :** de azul com um leão andando que guarda brandindo na garra direita uma espada horizontalmente, a lâmina é de prata, a garra e o pomo da espada de ouro. Na ponta, uma cruz florida de prata, em seu centro uma rosa vermelha com barbas verdes.*
> *A ideia do leão brandindo uma espada é emprestada do brasão pontifical de São Pio X. **A cruz florida** e o fundo azul honram a Santíssima Virgem. **A rosa vermelha representa a Inglaterra, pátria do Mons. Williamson.***
> ***A DIVISA: Fidelis inveniatur :** «Que seja encontrado fiel». » Fideliter* n°78

Um artigo da Wikipedia dedicado à simbologia Rosacruz nos ensina isto:

> ***« O simbolismo da rosa e da cruz***
> *Rosacruz bordada em uma toalha de altar*
> *Esse símbolo clássico do século XVII foi retomado pela AMORC na forma de uma cruz de ouro tendo em seu centro uma única rosa vermelha. A cruz representa o corpo físico, e a rosa a alma em via de evolução, como a flor se abre lentamente à luz. Simbolicamente, designa um estado espiritual a ser alcançado, e* ***o resultado da busca de um conhecimento de ordem cosmológica em relação ao hermetismo cristão****. Essa visão toda moderna do símbolo da ordem não poderia limitar seu significado. A esse título, seria interessante lembrar que* ***segundo Robert Fludd, o símbolo da ordem seria rosa vermelha sobre uma cruz vermelha*** *(Summum Bonum, 1629). Inscrevendo-se na linhagem dos Manifestos rosacrucianos do século XVII, Robert Fludd situa essa simbologia no cristianismo, acrescentando que « os Rosacruz chamam-se irmãos porque todos são filhos de Deus e que a rosa é o sangue de Cristo, que, sem a cruz interna e mística, não há abnegação, nem iluminação».*
> *As sociedades rosacruzes passadas e presentes interpretaram o simbolismo da rosa e da cruz de diversas maneiras:* ***A Ordem Cabalística da Rosacruz de Stanislas de Guaita e Joséphin Péladan tinha como símbolo uma cruz inspirada na Cruz de Malta adornada com um pentagrama e quatro rosas****, a Rosicrucian Fellowship possui como símbolo uma cruz ornamentada com uma coroa de rosas, etc.*
> *A Rosacruz de Ouro designa a rosa em flor como sendo o símbolo da perfeição divina da alma, materializada pelo ouro. A cruz de ouro representa o corpo do homem transfigurado. Esta escola evoca um caminho, vivido através de três rosas, três fases de transformação:*
> *A rosa branca representa a purificação.*
> *A rosa vermelha evoca o sangue do Amor derramado por todos, através do Serviço ao próximo.*
> *A rosa de ouro é a realização, a reintegração do Corpo,* ***da centelha divina (a Alma) e do Espírito na harmonia original divina****. »****[2]***

Já havíamos sinalizado **em uma mensagem de 18 de dezembro de 2006**, ao comentar a criação do Instituto do Bom Pastor por Roma, que **a simbologia do Bom Pastor é retomada pelo 18° grau Rosacruz da maçonaria**, e tínhamos dado **a significação que, segundo o antigo «*bispo*» da *Igreja católica gnostica* (sic) Jules Doinel, os maçons atribuem a essa «*simbologia*»**, reproduzimos abaixo:

> ***« O mistério luciferiano da Rosacruz***
> A simbologia da rosa e da cruz torna-se negativa em relação à Redenção realizada pelo adorável sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo, **ela se propõe a ser o selo do silêncio a ser posto sobre essa Redenção eficaz, visa obstruir o fluir das graças sacramentais que os rosacruzes detestam** .
> *« O que significa então a Rosa do silêncio colocada sobre a Cruz e naquele lugar da Cruz onde repousava a cabeça coroada de espinhos do Senhor?* ***Ela significa o selo da anulação sobre a Redenção. A Rosa fixada à cruz não é outra coisa senão a anulação da obra da Cruz. E somente Lucifer pôde ter esse pensamento. Somente ele pôde conceber essa teoria monstruosa. »*** J. Doinel

E Jules Doinel cita um discurso proferido em uma retaguarda:

> *« Este meio será, portanto, selar (sic) a Cruz, como se selasse um testamento precioso que se quer tornar inútil.* ***Assim, colocaremos sobre a Cruz, o selo da Rosa. NÓS IMPOMOS SILÊNCIO À CRUZ. E a cruz silenciosa não falará mais aos homens de uma salvação e de um dever, que não são o dever que nos incumbe, nem a salvação que esperamos. Por outro lado, o catolicismo privado da Cruz e dos frutos da Cruz, que são a caridade, a abnegação, a paciência, o perdão das ofensas e a reforma da vida individual assim como da vida social. O catolicismo perderá seu prestígio e sua ação sobre as mentes cultas, primeiro; sobre as massas, depois. Selar a Cruz. »*** J. Doinel

Quando os rosacrucianos salpicam suas obras de rosa e de cruz, não vemos nele nenhum ato de piedade, mas sim este « *selo* » pelo qual assinam sua obra de extinção das graças que fluem do Sacrifício

da Cruz, pelo qual pretendem impedir que a água e o sangue não escorram do lado do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, sob a ferida da lança. »[3]

Nesse mesmo mensagem de 18 de dezembro de 2006, também registramos isto, o site *Dici.org* tendo publicado uma imagem de uma rosa e uma cruz para ilustrar o « *buquê espiritual* » sacrílego[4] :

« O « *buquê* » espiritual se tornou uma « *gerbe magnifique* » de rosas… de Rosacruz?

A manobra de aliança da FSSPX conheceu uma aceleração, desde a reeleição do Monsenhor Fellay em 12 de julho de 2006, pelo lançamento da impostura sacrílega do « *buquê* » espiritual, pelo qual foi solicitado aos clérigos e aos fiéis que rezassem um milhão de terços para que a Muito Santa Virgem Maria concedesse a Ratzinger a « ***força de libertar o rito de São Pio V*** ».

Ao publicar os resultados deste « ***buquê*** », o padre Lorans exibiu no site ***Dici.org[5]*** o seguinte símbolo, chamando esse « ***buquê*** » de uma « ***gerbe magnifique*** » :

Montagem fotográfica publicada por *Dici.org* para apresentar a simbólica da « *gerbe* »

A montagem na foto do "*buquê espiritual*": **uma rosa + uma cruz e então na cruz do terço, não Nosso Senhor crucificado, mas o PX (abreviação de Pax e Pax Christi)** que se encontra na vela pascal assim como nas novas edições de missais há vários anos. Coincidência notável **esse PX deve ser associado a outro, o *Pax Vobis* da saudação dos Rosacruzianos**.

É claro, **à luz do texto de Jules Doinel que acabamos de citar, que este símbolo exibido em *Dici.org* pode sofrer uma leitura bem diferente, e sem que ele o saiba, daquela que pretende dar o padre Lorans**, como é o caso dos símbolos que os rosacruzianos se apropriaram.

Que daria uma tal leitura rosacruz?

Se se provar que esta imagem manifesta um símbolo rosacruz (a rosa do silêncio selada na cruz**),** esta simbologia expressaria que a finalidade real do « *buquê* » seria, em última análise, negar os efeitos salvadores da Redenção ao cortar os frutos do Sacrifício, pois a captura da FSSPX à qual deve levar o *Motu Proprio* (fruto solicitado pela oração do « *buquê* ») permitiria que os « *anticristos* » (cf. Dom Lefebvre) de Roma assumissem o controle da FSSPX e interrompessem a transmissão do Sacerdócio válido. O que assim realizaria o lema INRI: I(esus) N(azarenus) R(esurrexit) I(ncassum): *É em vão que Jesus, o Nazareno, ressuscitou*. **Os Rosacruzes que perseguem com seu ódio a missa e o Santo Sacrifício dos altares teriam,** por um movimento que teria a aparência de piedade (rosário), conseguido destruir a transmissão do Sacerdócio perpetuada em 30 de junho de 1988 por Dom Lefebvre e interromper o sacrifício da cruz que se renova em nossos altares**.** Além disso, os Rosacruzes que teriam inspirado o « buquê », estariam então tendo sucesso em desencadear assim a destruição final do Sacerdócio, ao mesmo tempo em que zombavam da Santíssima Virgem Maria, Mãe do Sacerdócio, e fingindo atribuir-lhe o « milagre » do *Motu Proprio* Tridentino. Isso seria verdadeiramente da Arte Real. E o PX seria, nesta interpretação, o toque final, a assinatura de sua obra.

Não estamos questionando o padre Lorans, simplesmente acreditamos, por outro lado, **que no seio do Vaticano atual se encontram rosacruzes e então nos perguntamos quem, em Roma, inspirou esta impostura do « *buquê* »?** Quem influenciou a simbologia escolhida para comunicar sobre o resultado deste « *buquê* »? **Pois uma montagem fotográfica mais adequada teria sido fácil de realizar. Sem dúvida há**

uma influência romana por trás de tudo isso, e é importante saber qual precisamente, assim como descobrir seus intermediários. »[6]

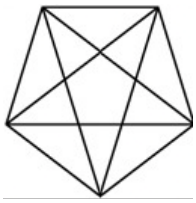
Aqui está um exemplo de brasão de um iniciado Rosacruz:

Uma rosa vermelha no centro de uma cruz de ouro « *florida ou treflada* »

Nossas perguntas a Dom Williamson-'*Cunctator*'

Após ter sido **o discípulo fervoroso de Malcolm Muggeridge, ele mesmo e seus dois filhos fortemente ligados aos meios *Fabianos*, Anglicanos e à *High Church* (estreitamente unida às lojas iluministas britânicas), um de seus filhos pertencendo mesmo à seita iluminista apocalíptica darbyista dos *Irmãos de Plymouth*, hoje cristiano-sionistas, cujos pais do famoso mago satanista Aleister Crowley[7] eram fanáticos adeptos**, agora nos interrogamos diante da escolha de armas feita por Dom Williamson para sua consagração episcopal.

- **Por que uma rosa vermelha?**
- **Por que no centro de uma cruz « *florada* »?**
- **Por que em um pentágono?**
- **Por que este pentágono tem uma ponta para baixo? (negação conhecida da Santíssima Virgem Maria – Stella Maris nos meios mencionados)**



E o que significa seu lema 'que ele seja encontrado fiel'? Fiel a quem, a quê? À Rosacruzes?

Um tal lema é ambíguo, permite uma dupla interpretação.

O QUE É AMBÍGUO NÃO É CATÓLICO.

E essas coisas muito curiosas não param por aqui.

Na verdade, durante o aniversário de 10 anos das consagrações, **a revista *Fideliter* publica em maio-junho de 1998, em seu n°123, os brasões dos quatro bispos**.

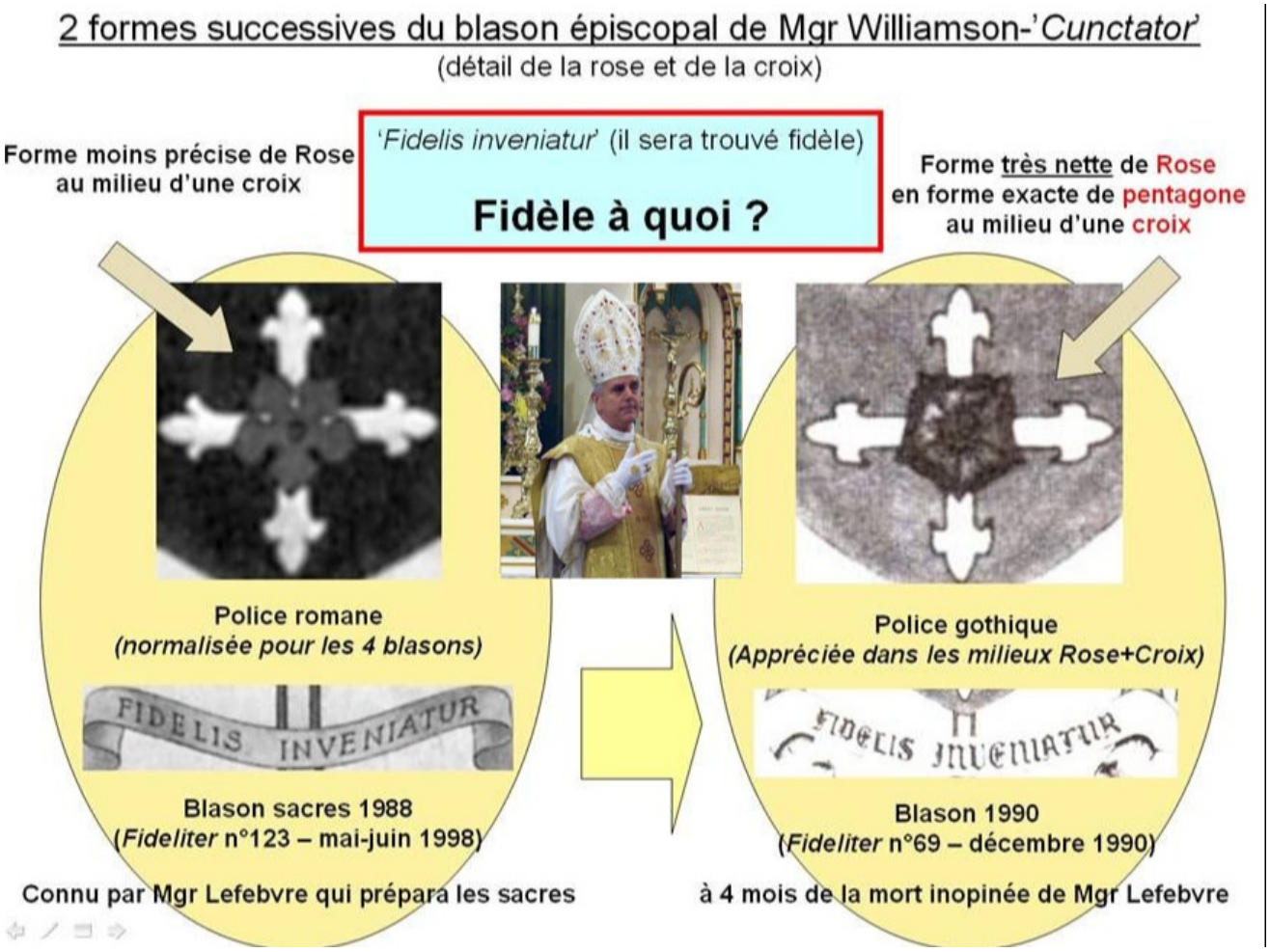
Essas fotografias de brasões foram visivelmente feitas a partir de um tecido. Esses quatro brasões possuem uma unidade de apresentação, de tipografia para o lema: **são aqueles que foram controlados no momento das consagrações por Dom Lefebvre**.

E, para nossa grande surpresa, **constatamos que o brasão de Dom Williamson de 1988 (publicado em 1998) não é o mesmo de 1990**.

Na verdade, o brasão de 1988 exibe de forma bem mais discreta, mais « *subliminar* », a simbologia da Rosa e da Cruz.

O pentágono é menos marcado.

Também notamos que a tipografia de 1990 é diferente da de 1988. Em 1988, ela é banal, **em 1990, trata-se de uma tipografia gótica, da qual sabemos que é muito apreciada nos meios Rosacruzes anglo-saxões.**



E muito curiosamente, **as armas (modificadas) de Dom Williamson só foram publicadas muito tardiamente, mais de 2 anos e meio após as consagrações, ou seja, apenas 4 meses antes da morte inesperada de Dom Lefebvre**.

- **consagrações: 30 de junho de 1988**
- armas de **Dom Fellay e Dom Tissier de Mallerais**: ***Fideliter* n° 67, janeiro-fevereiro de 1989**
- armas de **Dom de Galaretta**: *Fideliter* **n° 71, setembro-outubro de 1989**
- armas de **Dom Williamson**: *Fideliter* **n° 78, novembro-dezembro de 1990**

Por que um tal atraso?

Continuemos a boa luta.

Padre Marchiset

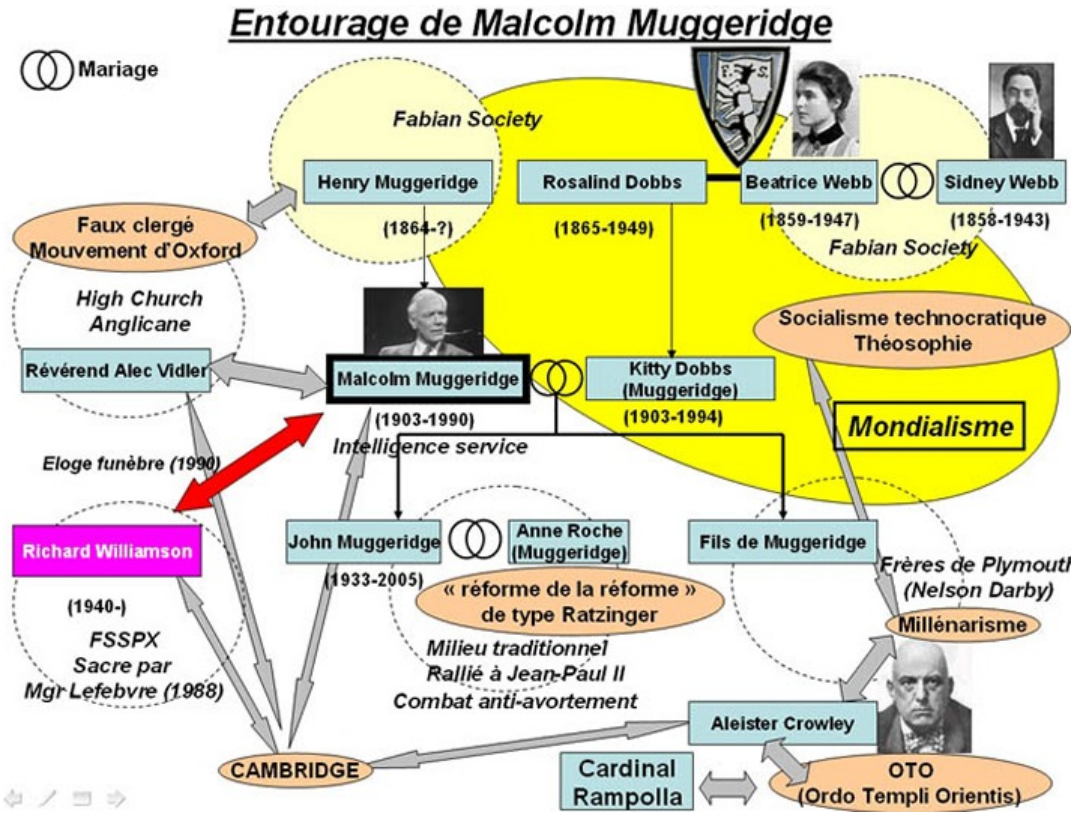
ANEXO I

Brasão de Dom Williamson publicado **pela revista *Fideliter* (n° 123 – maio-junho de 1998) durante o aniversário de 10 anos das consagrações, retomando os quatro brasões desse evento de 30 de junho de**

1988.

ANEXO 2

Entorno de Malcolm Muggeridge, o mentor de Dom Williamson[8]



Fotocopie e difunda

---

[1] **Cf. mensagens VM de 17 de setembro de 2007:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[2] **http://sww.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-A-00-Bon_Pasteur_Symbolique_Rose_Croix_1.pdf**

3 **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-A-00-Bon_Pasteur_Symbolique_Rose_Croix_1.pdf**

[4] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/Tract_appel_des_fideles_a_Mgr_Lefebvre%20TIRAGE.pdf**

[5] **http://www.dici.org**

[6] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-A-00-Bon_Pasteur_Symbolique_Rose_Croix_1.pdf**

[7] **Aleister Crowley, antigo dignitário da seita britânica satânica iluminada *Golden Dawn*, da qual alguns observadores afirmam que a *Fabian Society* seria apenas um círculo externo (*), foi grão-mestre da seita satânica iluminada bávaro-suíça do *Ordo Templi Orientis* (OTO), situada em Munique e Einsiedeln (**), da qual o Secretário de Estado de Leão XIII, o Cardeal Mariano Rampolla del Tindaro, era um dos altos dignitários na morte de Leão XIII em 1903 e quase sucedeu a este último.**

(*) cf. mensagem VM de **2 de outubro de 2007 - Muggeridge n°1 - A « Golden Dawn » e o ocultamundialista anglo-saxão****

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

(**) cf. mensagem VM de **11 de novembro de 2006:**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

[8] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf**

Homossexual Urrutigoity: a implicação do padre Schmidberger, o cúmplice do protetor de Urrutigoity, o antigo anglicano, Dom. Williamson (*Cunctator*) à Rosa

Segunda-feira, 19 de novembro de 2007

Padre Urrutigoity e Padre Schmidberger

Um testemunho do Senhor padre Schoonbroodt

Após a divulgação dos fatos a respeito, continuam a nos chegar depoimentos sobre **o antigo anglicano, Dom. Williamson - '*Cunctator*', o antigo protetor, ordenante e promotor obstinado em Winona dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey.**

Aqui está o de padre Schoonbroodt, que exerce seu ministério na Bélgica e nos Estados Unidos. Ele serviu a antiga paróquia de Hutton Gibson no Texas.

Seus contatos internacionais lhe proporcionam testemunhos em primeira mão.

Sacerdote ordenado antes do Concílio Vaticano II, na Igreja em ordem, ele permaneceu fiel à missa de sua ordenação e à Fé católica de sempre.

Ele lutou por isso, enfrentando o processo que lhe moveu seu bispo conciliar.

O testemunho que o Senhor padre Schoonbroodt traz aqui (ele preferiu manter anônimo o nome do padre) **desmascara o padre Schmidberger que, sendo Superior da FSSPX, no momento da denúncia do predador homossexual, o padre Urrutigoity, se envolveu completamente para protegê-lo e sancionar o padre Morello, o Superior do seminário de La Reja que denunciava o clérigo pederasta**, **hoje atraído diante dos tribunais federais dos Estados Unidos por seus crimes homossexuais, ao mesmo tempo que um de seus cúmplices, o padre Eric Ensey, anteriormente sacerdote da FSSPX ordenado, protegido e promovido também por Dom. Williamson, em Winona, onde era Diretor espiritual dos seminaristas do bispo à Rosa da FSSPX, nomeado para esse posto por esse antigo anglicano.**

> *« Senhor padre,*
>
> *Li com grande interesse o dossiê sobre o padre citado e os responsáveis Dom. de Galaretta e Dom. Williamson.*
>
> *Ontem tive a visita do padre X, que eu interroguei a respeito.* ***Na época, ele era professor no seminário de La Reja.***
>
> ***Com os seminaristas, ele constituiu um dossiê sobre o comportamento bizarro do padre Urrutigoity. Sem dúvida o padre Morello aprovava.***

Para ter certeza de que Dom. Lefebvre recebesse este dossiê de 12 páginas, alguns fiéis pagaram a viagem de avião de um seminarista para entregar o dossiê em mãos próprias de Monseigneur. O que foi feito.

Schmidberger pegou o avião alguns dias depois para visitar La Reja e sancionar os autores do relatório.

O padre X deveria ter sido enviado para a Espanha.

Mas como os acusados não recebiam nenhuma sanção, o padre X e alguns seminaristas saíram devido a essa injustiça.

Creio que essa crise resultou no fato de que o seminário ficou vazio... o seminarista padre Urrutigoity foi transferido para Winona.

Assim, é bom complementar as informações com o testemunho de pessoas diretamente envolvidas.

(…)

Em Cristo e Maria

Paul Schoonbroodt

E-mail do padre Schoonbroodt ao padre Marchiset de 7 de novembro de 2007

Essa proteção do padre Schmidberger, juntamente com a do futuro bispo à Rosa da FSSPX, Dom. Williamson, é incompreensível e escandalosa.

Devemos então fazer a hipótese da existência de uma rede de pederastia organizada dentro da FSSPX?

Vamos publicar os outros testemunhos de clérigos que nos chegam.

É particularmente significativo que os meios de comunicação anglo-saxões, incluindo sites renomados sedevacantistas (Novus Ordo Watch e Traditio.com), permaneçam completamente silenciosos sobre esses fatos horríveis.

Existiria uma conspiração do silêncio nos Estados Unidos para proteger o antigo anglicano, Dom. Williamson - '*Cunctator*' à Rosa, o antigo protetor, ordenante e promotor obstinado em Winona dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey?

Mas quem controla esses sites sedevacantistas?

Provavelmente ainda temos muitas descobertas e surpresas pela frente.

Continuemos a boa luta.

Padre Marchiset

Fotocopie e difunda.

---

[1] **Cf. as três mensagens VM dos 17 de setembro e 02 de outubro de 2007:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[2] **Cf. as três mensagens de VM de 15 e 18 outubro e 03 de novembro de 2007 :**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

[3] **Cf. as quato mensagens de VM de 20 de outubro, 01, 10 e 13 de novembro de 2007 :**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

O Motu Proprio não é católico

Domingo, 11 de novembro de 2007

Por Senhor Louis-Hubert Remy

As reações ao Motu Proprio de 7.7.7. - Elas não são católicas

Surpreende-nos que algumas análises tentem explicar, melhor, justificar às vezes, o Motu Proprio de 7.7.7.

Por exemplo, na *Courrier de Rome, Si si no no*, de setembro de 2007, ano XLI, n° 303 (493), onde se pode ler:

> ***A – O que é positivo; B – O que é negativo***.

Ou ainda no boletim *Le Chardonnet*, n° 230, outubro de 2007:

> *…ambiguidades, contradições, condições, …avanço inesperado, …curioso e decepcionante, …imprecisão, …condições doutrinárias inaceitáveis, …espírito e condições inaceitáveis,* e sobretudo: ***…Roma recua*** *e isso é um bem do qual nos alegramos.*

E ainda no boletim *Credo*, n° 183 de outubro-novembro de 2007:

> *o Motu Proprio …contém zonas nebulosas.*

Ou pior:

> «*A Tradição ainda não ganhou a guerra, mas certamente acaba de* ***ganhar uma importante batalha*****» ****«**Seria** estúpido **não reconhecer, ao menos em certos aspectos do Motu Proprio de Bento XVI,** uma vitória real, esplendorosa e importante*****»** (abade Loïc Duverger).

O mesmo se aplica a quase todos os boletins, a todas as autoridades da Tradição, incluindo o abade Ricossa que:

> «*…constata com satisfação, …não reconhece, no entanto, …alerta*».

É preciso denunciar essas reações: elas não são católicas.

Desde quando, nos documentos romanos, é necessário ressaltar o que é positivo e fazer reservas sobre certos aspectos "considerados" negativos? Desde quando encontramos uma mistura de bom e mau?

Existe algum escrito anterior a 1962 que imponha tal análise? *Pascendi*, ou mesmo qualquer encíclica antiga, o *Syllabus*, etc. suscitariam tais comentários?

Há algo positivo, algo negativo? Estaríamos em uma igreja liberal, onde se misturam o verdadeiro e o falso?

Na Igreja de Deus, só há o bom e o verdadeiro. E se um texto apresenta uma mistura de bom, de mau, de verdadeiro, de falso, ele não é da Igreja de Deus e **o bom tem apenas um objetivo: fazer com que o mau seja aceito.**

Sim, realmente a Tradição perde o sentido católico, a Tradição perde a cabeça.

Esquecemos de *Satis Cognitum* de Leão XIII:

> **"Aquele que, mesmo em um único ponto, recusa seu assentimento às verdades divinamente reveladas, abdica muito realmente de toda a fé, pois recusa-se a submeter-se a Deus na medida em que Ele é a verdade soberana e a própria razão da fé" !**

um ensinamento que todo católico deve conhecer de cor.

Tomemos exemplos para demonstrar que, em matéria de Fé, a Igreja, não podendo errar nem nos enganar, é impensável que mesmo em um único ponto, mesmo em um iota, possa haver dúvida, e muito menos um erro.

- Suponhamos que um matemático queira usar as matemáticas partindo do princípio: eu me recuso a integrar em meus raciocínios o número ***3***;
- suponhamos que um artista queira pintar decidindo rejeitar a cor ***azul***;
- suponhamos que um músico escolha ignorar a nota ***Dó***;
- suponhamos que um excêntrico queira falar, ler ou escrever sem a vogal ***a***;

entender-se-á facilmente que essas pessoas não irão longe com tais omissões. Somos obrigados a constatar que, nos domínios matemáticos, artísticos, musicais, gramaticais, é imperativo submeter-se **aos milhares de parâmetros incluídos** nessas disciplinas,[1] sem excluir nenhum: ou se aceita todos, ou é impossível fazer qualquer coisa.

O mesmo se aplica à Fé. A Fé católica foi criada pelo Criador, por Ele somente, pelo mesmo Criador que criou as matemáticas, as cores, a música, o alfabeto, as línguas com todos os seus parâmetros. Ele criou tudo definitivamente. Como nas matemáticas, como nas cores, como nas notas musicais, como nas letras do alfabeto, nada pode mudar, nada pode ser suprimido, mesmo um iota.

A verdade é única e eterna, mesmo e principalmente em matéria de FÉ

"Meu Deus, **acredito firmemente**, **todas** as verdades que **Vós** nos **revelastes** e que **Vós** nos **ensinai** por **Vossa Igreja**, porque Vós não podeis nem vos enganar, nem nos enganar".

A Fé de São Pedro, de Santa Joana d'Arc, de São Luís, de São Pio V, de São Pio X, de Pio XII, de todos os santos é, **uma**, a mesma, completamente a mesma.

E aqueles que suprimiram um elemento da Fé, perdem completamente toda a Fé, exemplo os protestantes que, na prática, suprimiram a Santíssima Virgem Maria. Como podem explicar Gênesis III, 15?

Então, quando se considera que essa nova religião [2] gnóstica [3], maçônica, ecumênica destruiu TUDO, mudou TUDO, a gente **grita**: «loucos!»

Essa religião que vai contra o primeiro mandamento: Não terás outros deuses diante de mim!

E quando se consideram esses juízos da Tradição, a gente **grita** novamente: «loucos!», «vocês perderam a Fé!».

Primeiramente, como não perceber que em duas passagens do *Breve exame crítico* dos cardeais Ottaviani e Bacci, a impropriedade dos termos escolhidos (por eufemismo? por prudência? ou por medo?) é inadmissível.

*«… o Novo Ordo Missæ ... **afasta-se** de forma impressionante ... da teologia católica»*

*«as reformas recentes ... **diminuem** incontestavelmente sua fé»*

***Afasta-se..., diminuem...* NÃO**. O princípio da não-contradição, a Fé católica não permitem tais expressões. Ou se está na verdade teológica católica, ou não se está; ou se tem a Fé Católica, ou não se tem. Existe A FÉ, não pode haver uma fé católica diminuída. **Uma fé diminuída existe, mas não é mais a Fé católica.**

Portanto, mantenhamos **a firmeza do pensar, tipicamente católica : *sim, não***; mas não ***sim, mas…; sim, talvez*… ; …*sim e não,* que são NÃO.

> "Que o seu sim, seja sim, que o seu não, seja não"** (São Mateus, V, 37; II Cor, I, 17, 19; São Tiago, V, 12).

O respeito a este princípio teria evitado **a omissão capital** – até agora não percebida por ninguém – sobre o pior dos sacrilegios: aquele da celebração, **sobre um mesmo altar, dos sacrifícios de Abel e de Caim! [4]** É inadmissível aceitar que o NOM, fruto do esgoto coletor de todas as heresias, verdadeiro sacrifício de Caim [5], seja colocado ao nível do Santíssimo Sacrifício da Missa [6]. É inadmissível que o Santíssimo Sacrifício da Missa seja colocado ao nível do sacrifício de Caim. É inadmissível confundir o clero do sacrifício de Caim [7], com aquele do Santíssimo Sacrifício da Missa.

Além disso, teríamos esquecido que se Caim propõe a Abel fazer uma caminhada, era para acabar com ele e assassiná-lo? [8] Compreendemos bem que os dois sacrifícios se opõem a tal ponto que necessitam do assassinato de um pelo outro? Esquecemos Gênesis, III, 15: "Colocarei uma **inimizade** entre ti e a mulher, entre tua descendência e sua descendência; esta te ferirá a cabeça, e tu a ferirás no calcanhar" e que **o primeiro ato dessa inimidade foi o assassinato de Abel**? E por um grande e único motivo:

> *"...mas Ele não atendeu à sua oferta"* (Gên., IV, 5).

Essa inimizade entre os dois sacrifícios perdura, é a explicação atual entre os dois ritos que tornam **blasfematória a utilização do mesmo altar, do mesmo clero, para dois sacrifícios tão opostos**. Como nos tempos de Abel, este *Motu Proprio* acabará em assassinato!

Esquecemos demais as lições da luta dos católicos ingleses contra o anglicanismo! É importante reler as páginas 290 a 314 de ***A Reforma Litúrgica Anglicana***, de **Michaël Davies**, onde é lembrado, **que após uma curta pausa, a repressão foi ainda mais violenta e praticamente definitiva**. Não é esse o objetivo dos que eclipsaram a Igreja Católica para **implementar a Religião Universal** que, sob o padre Ratzinger como sob João Paulo II, continua a avançar a passos largos, como prova o último encontro de Nápoles?

Sim, a Tradição perdeu a cabeça, e a etapa do *Motu Proprio* de 7.7.7. ("documento histórico" para o padre Laguérie), é tão importante quanto a do Concílio, quanto a do NOM, quanto a dos sacramentos. Deus vomita os mornos, Deus vomita os tíbios. Sim, estamos caminhando em direção ao pequeno número profetizado pelo venerável Holzhauser *:

> "O texto latino expressa os nomes (nomina), ou seja, um tão pequeno número, que pode-se chamá-los facilmente pelo seus nomes".*

Sim, a Tradição perdeu a cabeça! Até mesmo o padre Belmont que escreveu sem corrigir há dois anos:

> « É necessário, portanto, reconhecer que João Paulo II assegura a continuidade da Sé Apostólica, porque só ele pode desempenhar esse papel; … Bento XVI é papa *materialiter*, o sujeito eleito que ocupa de direito a Sé Apostólica » [9]

Um não-bispo asseguranda a continuidade da Sé Apostólica!!! Os braços caem! especialmente porque Leão XIII deixou bem claro que:

> "Aquele que, mesmo em um único ponto, nega seu assentimento às verdades divinamente reveladas, abdica muito realmente da fé, uma vez que se recusa a submeter-se a Deus enquanto Ele é a verdade soberana e o motivo próprio da fé".

Mais uma vez, é evidente para um verdadeiro católico que este *Motu Proprio* não é católico, que este documento não pode emanar da Igreja Católica, mas mais ainda que esta igreja conciliar não é católica, que esta igreja conciliar não é a Igreja Católica. Mais uma vez, repetimos que o **problema** não é o do "papa", herético, não herético, ou da "sé". O problema é "a seita", essa seita que destruiu tudo (especialmente os sacramentos da ordem e do sagrado); portanto, **a única solução é, de fato: *tabula rasa*.** Toda discussão é vã, porque **tudo é mentira,** ("o que se diz a mais vem do maligno").

Confundir essas duas igrejas (a Igreja de Deus e a seita gnóstica-ecumênica-maçônica do Vaticano deles) é um **blasfêmia**; confundir essas duas igrejas prova que se perdeu a Fé Católica… com o risco de perder a vida eterna.

- O que você pede **à Igreja de Deus**?
- A FÉ.
- O que a FÉ lhe fornece?
- A vida eterna.

Que Nosso Senhor Jesus Cristo e Sua muito santa Mãe nos mantenham na FÉ!

Louis-Hubert Remy,

Domingo, 28 de outubro de 2007, na solenidade de Cristo-Rei

Fotocopie e difunda.

---

[1] Vamos ressaltar, aliás, que todos esses parâmetros foram criados **juntos**, pois se faltar um único deles, nada funciona. Além disso, tudo isso foi criado **ao mesmo tempo, em um "segundo"**, no início do mundo, e durará até o fim do mundo, porque sem isso **nada** poderia funcionar.

A água ferve a 100°, à beira-mar, em todos os lugares do mundo, desde o primeiro dia da criação até o fim do mundo.

Por fim, nunca ninguém adicionou um novo número, nunca adicionou uma nova cor, nunca adicionou uma nova nota musical, nunca adicionou uma nova letra do alfabeto. **Tudo foi criado definitivamente**.

E se um "inventor" descobre uma novidade (como o número zero), **ele não cria** o número zero; **ele descobre** o número zero, **criado pelo Criador**. Isso obriga a acreditar em um Criador, um Criador cuja inteligência e potência são infinitas, o que, a propósito, **condena toda evolução.**

Todas essas meditações provam a existência de um Deus Criador. Toda conclusão que rejeita esse Deus Criador não é sem consequência:

Epístola aos Romanos, Capítulo I,

v. 18 Em efeito, a ira de Deus se manifesta do alto do céu contra toda impiedade e toda injustiça dos homens, que, **por sua injustiça, retenham a verdade cativa**;

v. 19 Porque **o que se pode conhecer de Deus é manifesto entre eles**. Deus o manifestou a eles.

v. 20 **Efetivamente, suas perfeições invisíveis, seu eterno poder e sua divindade são, desde a criação do mundo, tornadas visíveis à inteligência por meio de suas obras.**

v. 21 Portanto, são **inexcusáveis**, pois, tendo conhecido Deus, não o glorificaram como Deus e não lhe deram graças; mas tornaram-se vãos em seus pensamentos, e seu coração sem inteligência se envolveu em **trevas**.

v. 22 Se vangloriando de ser sábios, tornaram-se insensatos.

E a sanção é sempre a mesma: anteontem, antes do dilúvio; ontem, entre os romanos; hoje, entre os anglicanos e, desde então, entre os conciliares:

v. 23 E trocaram a majestade do Deus incorruptível por imagens que representam o homem corruptível, aves, quadrúpedes e répteis.

v. 24 Portanto, Deus **os entregou**, no meio das concupiscências de seus corações, **à impureza, de modo que desonram entre si seus próprios corpos,**

v. 25 Eles que trocaram o Deus verdadeiro pela mentira e adoraram e serviram a criatura em vez do Criador, (o qual é bendito eternamente. Amém!)

v. 26 Por isso **Deus os entregou a paixões infames: suas mulheres trocaram o uso natural por aquele que é contra a natureza;**

v. 27 **Da mesma forma, os homens, em vez de usarem a mulher segundo a ordem da natureza, arderam, em seus desejos, uns pelos outros, cometendo atos infames com homens, e recebendo, em uma degradação mútua, o justo pagamento de seu desvio.**

v. 28 **E como não se preocuparam em conhecer bem a Deus, Deus os entregou a um senso perverso para fazer o que não convém,**

v. 29 Cheios de toda espécie de iniqüidade, de malícia, de fornicação, de avareza, de maldade, cheios de inveja, de pensamentos homicidas, de contendas, de fraude, de malignidade, semeadores de falsas acusações,

v. 30 Caluniadores, **odiados por Deus**, arrogantes, altivos, fanfarrões, engenhosos no mal, rebeldes a seus pais,

v. 31 Sem inteligência, sem lealdade, (implacáveis), sem afeto, sem piedade.

v. 32 **E ainda que conheçam o juízo de Deus, que declara dignos de morte aqueles que cometem tais coisas, não só as fazem, mas também aprovam os que as fazem.**

[2] Reler: http://www.a-c-r-f.com/documents/Pere_EMMANUEL-Examen_de_conscience.pdf

Reler também: *Eles …TUDO destruíram*: http://www.a-c-r-f.com/documents/LHR-Ils_ont.pdf

[3] Como explicou tão bem Dom Tissier em: http://www.a-c-r-f.com/documents/LHR-Gesta_Dei_per_Francos.pdf

[4] Sem esquecer as verdadeiras hóstias misturadas com pão no mesmo tabernáculo! Pão misturado com o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo! Que perda do sentido do sagrado! Que blasfêmia!

E o que pensar das missas chamadas (como em Lourdes) em altares profanados!?

[5] Ler de Phazaël, ***A nova missa, sacrifício de Caín***: http://www.a-c-r-f.com/documents/PHAZAEL-Sacrifice_de_Cain.pdf

[6] O único sacrifício "agradável" a Deus, que permite que as graças nos venham em retorno; na seita conciliar, as graças não mais passam.

Lembremos que antes de 1970 todos os sacerdotes do mundo celebravam a Santíssima Missa, o que não impediu **o obscurecimento conciliar** onde 2500 bispos, a maioria doutores em ciências sagradas, ainda assim apostataram (reler o versículo 21 acima). Deus havia "recusado o auxílio de Suas graças" (oração da manhã: Meu Deus, Vós conheceis minha fraqueza. Não posso nada sem o auxílio de Vossa graça. Não me recuseis…) ; a explicação está na mensagem de La Salette:

"Os sacerdotes, ministros de meu Filho, os sacerdotes, pela sua má vida, pela sua irreverência e sua impiedade ao celebrar os santos mistérios, pelo amor ao dinheiro, o amor à honra e aos prazeres, os sacerdotes tornaram-se cloacas de impureza. **Sim, os sacerdotes pedem vingança, e a vingança está suspensa sobre suas cabeças. Ai dos sacerdotes e das pessoas consagradas a Deus, que, por suas infidelidades e sua má vida, crucificam novamente meu Filho! Os pecados das pessoas consagradas a Deus gritam aos Céus e clamam por vingança, e eis que a vingança está às suas portas, pois não há mais ninguém que implore misericórdia e perdão pelo povo; não há mais almas generosas, não há mais ninguém digno de oferecer a Vítima sem mancha ao Eterno em favor do mundo".**

E isso em 1846! Ler: http://www.a-c-r-f.com/documents/PRADEL_de_LAMASE-Cloaque_impurete.pdf **Então, desde então! ! !**

O que será amanhã com este *Motu Proprio*? Tremamos por estes sacerdotes e oremos por nossos sacerdotes.

[7] «O concílio concebeu um novo sacerdócio que a empresa de Ecône coloca em perigo», Dom Tissier, *Marcel Lefebvre, uma vida*, p. 501.

[8] «*Vamos aos campos*…» Gên., IV, 8, ou seja, ***…vamos discutir teologia*** …E Abel, que não havia sido formado em Ecône, não compôs …daí o triste fim dessa história. *Quem tem ouvidos para ouvir… Nihil novi sub sole!*

[9] *Fórum católico* reservado ao sedevacantismo, http://sedevacantisme.leforumcatholique.org/message.php?num=1738&SESSION_ID **2005-10-17** 07:25:02)

Enquanto não são mais sustentados senão pelos únicos padres Celier e Laguérie, os dominicanos de Avrillé tentam agora minimizar sua defesa da validade sacramental da pseudo-consacração episcopal conciliar.

Sábado, 19 de maio de 2007

Um comunicado de *Rore Sanctifica*: Resposta ao *Sal da Terra* n°60 (final de abril de 2007) -

Um apelo católico do CIRS aos dominicanos de Avrillé - Refutação dos argumentos do padre Portail

(*Le Chardonnet* – janeiro de 2007)

Comunicado do CIRS de 17 de maio de 2007 disponível para download aqui

O CIRS[1] acaba de publicar em seu site um comunicado de 17 de maio de 2007 que responde ao número 60 da revista *Sal da Terra* dos dominicanos de Avrillé.

Citam-se abaixo alguns trechos. Após o padre Celier se descredibilizar completamente com seu artigo-panfleto[2] de *Fideliter* (maio-junho de 2007), descobrimos que Avrillé iniciou, já em março-abril (seu n°60 foi publicado perto do final de abril e, portanto, foi redigido um mês antes), uma estratégia que se assemelha a um recuo tático.

Essa tática de recuo consiste em minimizar seu papel e em destacar o padre Portail, enquanto este, ao reconhecer sua incompetência sobre o assunto, os desautoriza na questão dos ritos orientais já que se recusa a segui-los, e reproduz, no campo teológico, um falso argumento já enunciado pelo Padre Pierre-Marie de Kergorlay (folheto '*Eles são bispos?*'), argumento falso que o padre Cekada já havia refutado[3] e que teve que refutar novamente frente ao artigo-panfleto do padre Celier no início de maio de 2007.

O CIRS lança um apelo a Avrillé com toda cortesia e com um sentido católico, pois já é hora de os dominicanos de Avrillé abandonarem a pseudo-demonstração inventada pelo trio infernal dos reformistas liturgistas modernistas anticristãos, Bugnini-Dom Botte-Lécuyer, e que empreendam um trabalho sério.

Os estudos do CIRS e do padre Cekada, disponibilizados no site www.rore-sanctifica.org, já desmistificaram amplamente a questão publicamente.

Hoje, os dominicanos de Avrillé não encontram mais como apoios públicos e incondicionais senão o IBP[4] e o padre Celier! Que apoios comprometedores!

Em breve, será o padre Aulagnier ele mesmo, cujo rigor em relação às questões que tocam à teologia do verdadeiro Sacerdócio católico e à fidelidade com a obra de salvação e de permanência desta última, fundada por Monsenhor Lefebvre, já pôde ser medido.

Que reviravolta para os dominicanos por terem seguido o antigo anglicano (versão metodista) Monsenhor Williamson, o cúmplice discreto do padre Schmidberger para fazer o *ralliement* da FSSPX acontecer!

E que abandono da luta de Monsenhor Lefebvre por esses dominicanos que até então se apresentavam como o polo da ortodoxia e da firmeza dentro da Tradição!

Quem ainda irá continuar a segui-los?

Padre Innocent-Marie e padres Celier-Laguérie: mesmo combate?

É a situação objetiva da primavera de 2007!

Quem teria acreditado há ainda dois anos?

E quantas evoluções súbitas e segundas intenções desmascaradas em poucos meses.

O estudo dos fatos é avassalador e a particularidade da questão das sagrações é que ela é encarnada, puramente factual e totalmente constatável por qualquer um que conheça os princípios da doutrina católica, os ensinamentos irrefutáveis e infalíveis do Magistério católico (em particular Pontifício), os Atos da Santa Sé e os textos e estudos agora amplamente publicados sobre a questão.

Recusar-se a realizar esse trabalho sério e rigoroso somente por conta da gravidade das consequências seria simplesmente *«puéril»*, diz o CIRS, e não resolverá em nada a grave situação em que se encontra hoje o que resta da Igreja católica na terra.

Não somos nós que salvaremos a Igreja, mas nosso Senhor Jesus Cristo Ele mesmo!

Ele não exige de nós a vitória: ELE EXIGE APENAS DE NÓS QUE CONTINUEMOS A LUTAR FIDELICAMENTE. É A ESTE PREÇO ÚNICO QUE ELE NOS PROMETEU NOSSO SALVAMENTO PESSOAL.

Então continuemos a boa luta.

Padre Michel Marchiset

Alguns extratos do comunicado do CIRS de 17 de maio de 2007

O documento completo está disponível para download no site de *Rore Sanctifica*

Encurralado pelas evidências agora públicas que destroem completamente sua pseudo-« *demonstração* » extrínseca da validade sacramental do novo rito episcopal promulgado em 18 de junho de 1968 por Montini-Paulo VI, por uma « *analogia* » alegada com ritos sacramentais orientais de ordenação e com a suposta *Tradição apostólica* falsamente atribuída a *Hippólito de Roma*, o Padre Pierre-Marie de Avrillé tenta agora, no *Sal da Terra*[**[5]**] n°60, iniciar um recuo, mas sem, contudo, aceitar ainda reconhecer publicamente seus erros, nem retirá-los da difusão de sua revista.

Tomamos nota disso, mas desejamos **antes de tudo restabelecer a realidade dos fatos.**

Observamos também que, embora tenham avançado tanto quanto, e até mesmo além do padre Portail na análise intrínseca da forma sacramental essencial (em particular justificando o uncionismo do Padre Lécuyer, em contraste com a análise do padre Chautard da teologia desviada do Sacerdócio professada por Lécuyer), os dominicanos de Avrillé tentam fazer crer que o padre Portail (que ressalta por sua vez sua própria incompetência sobre o assunto) teria ido mais longe na análise intrínseca da forma sacramental essencial do novo rito episcopal. Esse procedimento dá a entender que agora Avrillé tenta passar esse dossiê espinhoso para o padre Portail.

Mas essa atitude não é honesta, pois não respeita os fatos e a verdade. Um procedimento ainda mais discutível uma vez que o padre Portail retoma um argumento já avançado por Avrillé, enquanto Avrillé o apresenta como novo. E o padre Cekada já refutou o Padre Pierre-Marie sobre esse assunto em janeiro de 2007. E agora Avrillé faz parecer que está o descobrindo no padre Portail, claramente não levando em conta a refutação do padre Cekada. O padre Celier repetiu novamente esse sofisma em maio de 2007, e o padre Cekada teve que refutá-lo uma segunda vez. A refutação do padre Cekada será, portanto, repetida uma terceira vez para Avrillé desta vez!

Embora apresentemos aqui argumentos de refutação do artigo do padre Portail, **voltaremos mais tarde e em outro lugar a esse texto do capelão do MJCF**.

Seção 1 - Os dominicanos de Avrillé tentam minimizar seu papel na defesa da suposta « *validade* » sacramental do novo pseudo-rito episcopal

No n°60 do *Sal da Terra*, os dominicanos de Avrillé tentam minimizar sua posição na defesa da suposta « *validade* » sacramental do novo rito de consagração episcopal:

« No Le Chardonnet *n° 224 (janeiro de 2007), M. o padre Nicolas Portail se envolve na polêmica sobre a validade do rito de consagração dos bispos promulgado por Paulo VI.*

Em um artigo "sem nenhuma pretensão", mas não sem méritos, ele começa apresentando os diversos pareceres. Ele ***nos classifica entre os "aqueles que defendem a validade do rito de Paulo VI"****, sem dúvida porque somos o ponto de mira dos partidários da opinião contrária.* ***Mas na realidade, não tivemos essa pretensão.*** *Apenas mostramos que nenhuma prova séria foi apresentada contra a validade do novo rito, mesmo que muitos argumentos militem contra sua legitimidade.*

Nossa abordagem era, portanto, essencialmente "defensiva". Ela visava a mostrar que o principal argumento dos partidários da invalidade do novo rito (a saber, que o novo rito não tinha nenhuma correspondência entre os ritos orientais, e, portanto, que a constituição apostólica de Paulo VI promulgando o novo rito continha uma mentira flagrante) era falso.

Também mostramos que os outros argumentos em favor da nulidade do novo rito eram igualmente desprovidos de valor probatório» Padre Pierre-Marie, *Sal da Terra*, n°60 (abril de 2007)

Essa expressão muito clerical: « *Ele* [o padre Portail] *nos classifica entre os "aqueles que defendem a validade do rito de Paulo VI", sem dúvida porque somos o ponto de vista dos partidários da opinião contrária. Mas na realidade, não tivemos essa pretensão* », diz muito **sobre a ausência de convicção atual de Avrillé em relação a seus próprios argumentos**.

(…)

Seção 3 - Por que essa tentativa de minimizar sua posição, e esse recuo discreto de Avrillé?

O que aconteceu desde o início de 2006 para que, **apenas 12 meses depois, os dominicanos comecem a diminuir sua posição**?

« Ele _[o padre Portail] *nos classifica entre os "aqueles que defendem a validade do rito de Paulo VI",* ***sem dúvida porque somos o ponto de mira dos partidários da opinião contrária.*** *Mas na realidade, não tivemos essa pretensão* » *Sal da Terra*, n°60_

A razão é bastante simples, a pseudo-« *demonstração* » de Avrillé **não convence mais ninguém que tenha tomado a liberdade de se informar minimamente**. A tentativa de **repetição** no meio da Tradição católica, da FSSPX mais precisamente, da falsa « *demonstração* » dos reformadores modernistas liturgistas anticristãos de 1968 falhou completamente, **tendo sido totalmente dissecada e absolutamente desmistificada pelos trabalhos e análises publicadas pelo CIRS e disponibilizadas em seu site público www.rore-sanctifica.org**.

O artigo do *Chardonnet* de janeiro de 2007 é sintoma do fracasso dessa pseudo-« *demonstração* » de Avrillé.

Neste boletim mensal da igreja Saint Nicolas du Chardonnet, **que tem uma tiragem de 5.000 exemplares** e é distribuído na maioria dos priorados da FSSPX na França, o padre Portail (FSSPX), capelão do MJCF, **recusa-se a apoiar a pseudo-demonstração dos dominicanos**:

*« **Os protagonistas opositores opõem ritos orientais a ritos ocidentais, corrigem-se mutuamente (o P. Pierre-Marie corrige o Dr. Coomaraswamy, o padre Cekada retoma o P. Pierre-Marie...) e somos incapazes de saber quem tem razão no fim das contas!** », « Os sedevacantistas têm fácil jogo para sublinhar essa não correspondência entre as sagrações de Paulo VI e aquelas dos orientais católicos », « Mas, além disso, os textos não são idênticos, os sedevacantistas observam que a Tradição Apostólica de Hipólito é conhecida atualmente **através de uma reconstituição feita a partir de versões árabe, síria e etíope: portanto, não temos o texto original de um lado; e, por outro lado, o padre Hipólito é realmente católico? Sua liturgia realmente estava em uso entre os católicos?** Um sem número de perguntas sem respostas reais que impõem uma grande prudência. No final, **o rito de ordenações da Tradição Apostólica (e de seus derivados: as Constituições Apostólicas e O Testamento de Nosso Senhor dos séculos IV e V) pouco pode ajudar a resolver a questão proposta.** », « Neste estágio do estudo histórico-litúrgico, poderia parecer o triunfo dos partidários da invalidade. »* Padre Portail, Le Chardonnet, *n°224, janeiro de 2007*

Essa prudência do padre Parisien **traduz, na verdade, uma desaprovação que ganhou os quadros da FSSPX, e primeiro em seus meios mais bem formados doutrinariamente:**

« Somos incapazes de saber quem tem razão no fim das contas! » Padre Portail, Le Chardonnet, *n°224, janeiro de 2007*

E Avrillé **finge ignorar que o artigo do padre Portail no *Chardonnet* não apoia de forma alguma a pseudo-« *demonstração* » de Avrillé**, o que seria o mínimo que os monges dominicanos poderiam esperar, mais de 12 meses após a difusão de seus trabalhos em todas as capelas da FSSPX.

*« O Sr. padre Portail diz muito modestamente: "incapazes de fazer pesquisas aprofundadas sobre o assunto, simplesmente retomamos os argumentos uns dos outros e tentamos entender...". **De fato, seu trabalho nos parece uma boa e preciosa síntese da questão** »* Sal da Terra, *n°60*

Assim, quando o capelão do MJCF declara se mostrar *«bem incapaz de saber quem tem razão no fim das contas!»*, Avrillé considera que se trata de *«uma boa e preciosa síntese da questão»*!

É assim que se pode compreender este início de recuo de Avrillé.

Obedecendo sem hesitação às ordens dos partidários *a priori* da validade sacramental da nova consagração episcopal conciliar no verão de 2005, os dominicanos de Avrillé se apresaram a produzir em novembro de 2005 um estudo que reproduz e populariza a argumentação dos reformadores modernistas liturgistas anticristãos de 1968.

Ao agir assim, solidificaram-se nos erros e nas manipulações de textos da época.

E seu crédito foi atingido.

Sua reputação de competência e rigor científico que cultivavam até então afundou nesta operação.

E sua manutenção desses falsos argumentos persistentes, sua credibilidade corre o risco de mergulhar ainda mais baixo e afastar deles numerosos colaboradores.

Confrontada com um verdadeiro trabalho de fundo, realizado pelo CIRS e seus diversos colaboradores, entre os quais o padre Cekada e Thilo Stopka, para citar apenas alguns, **a falsa argumentação dos reformadores modernistas liturgistas anticristãos de 1968 foi exposta, suas fontes errôneas e falsificadas foram reveladas, seus montagens divulgados.**

Os textos do Magistério que esses reformadores se esforçaram para ignorar e contradizer foram sistematicamente exumados, revelados e colocados à luz.

A fraude **de origem anglicana** da suposta *Tradição apostólica* falsamente atribuída a *Hippólito de Roma* foi dissecada e demonstrada.

O estudo dos Pontificais Maronita e Jacobita foi realizado com sucesso, **e a supercheria do recurso a um rito de intronização puramente jurisdicional (rito do Patriarca Maronita) e de modo algum sacramental foi exposta amplamente.** Declarações levantadas de forma muito formal junto às autoridades Maronitas e Jacobitas confirmaram essa realidade, assim como o direito canônico oriental **(cânon 135)** promulgado pelo **Papa Pio XII em 02 de junho de 1957** por sua carta apostólica ***Motu Proprio Cleri Sanctitati***.

(…)

Através de todo esse trabalho de estudo, cujos elementos **e provas públicas agora o site do CIRS apresenta, a realidade da enorme mentira de Montini-Paulo VI se revelou em toda a sua extensão.**

E essa formidável contestação dos falsos argumentos de 1968, e portanto do crime perpetuado pelos reformadores modernistas liturgistas anticristãos, repercutiu nos resquícios da revista *Sal da Terra* e sobre os dominicanos de Avrillé que, **enquanto isso, como autistas completamente surdos e cegos a essa avalanche de novos documentos e provas públicas, continuaram, como se nada tivesse acontecido, a insistir em repetir e popularizar os erros de 1968, que agora foram totalmente refutados e desmistificados publicamente, erros que tinham adotado publicamente com obstinação.**

Corolário inevitável dessa postura doutrinária infeliz, após terem sido abandonados pelo seu próprio campo, os dominicanos agora se veem cercados e defendidos em seus argumentos pelos mais ultraconservadores, os menos sérios e os mais comprometedores partidários da validade sacramental *a priori*.

É assim que o padre Laguérie, Superior do Instituto do Bom Pastor (IBP), e recentemente alinhado à Roma do novo rito sacramental inválido das sagrações episcopais, e o padre Celier[6], que retransmitem amplamente a farsa teológica já desmascarada do *«implicitismo»* sacramental do beneditino conciliar Santogrossi, editado pelo padre de Tanoüarn, também ele membro do IBP, vêm apoiar com seus elogios inconvenientes e comprometedores a pseudo-« *demonstração* » dos reformadores modernistas liturgistas anticristãos de 1968 que, contra toda razão, continua a ser defendida tão obstinadamente por Avrillé.

Este isolamento de Avrillé por aqueles que normalmente os seguem, como esse apoio vindo de meios que estão tão distantes e que, por outro lado, não trazem nenhuma reputação de competência e ainda menos estudos sérios, se torna, para dizer o mínimo, embaraçoso para o convento de dominicanos.

Tudo isso mostra que **sua obstinação em recusar de imediato e por princípio qualquer *disputatio* (« *Seria uma perda de tempo*!» ousou comentar com uma leveza um tanto arrogante o P. Pierre-Marie), e em rejeitar sem examinar nem poder refutar os argumentos que lhes são opostos, não resulta em nada além de um impasse.**

São Paulo já afirmou: Contra a verdade Não se pode NADA.

Estamos consternados diante do espetáculo que um tal comportamento por parte desses filhos de São Domingos apresenta, enquanto não cessamos de convidar a um exame sério das objeções graves e das peças que opomos a esse pseudo-rito episcopal.

Seção 4 - Um recuo desqualificado e desonesto para se esquivar grosseiramente sobre o padre Portail

Iniciando um movimento de recuo sobre o uso dos ritos orientais, o Padre Pierre-Marie em seguida cobre de elogios o padre Portail, encorajando-o a entrar no debate. Em seguida, apresenta o padre Portail como alguém que foi mais longe que Avrillé:

« O Sr. padre Portail ***vai além, uma vez que se dedica a mostrar que a forma[7] do rito de Paulo VI é substancialmente idêntica à forma do rito antigo, isto é, que indica a plenitude do sacerdócio e a graça do Espírito Santo.*** *Dada a importância do assunto, citaremos a totalidade da demonstração do Sr. padre Portail sobre esse ponto »* Sal da Terra, *n°60*

« Agradecemos ao Sr. padre Portail por ter intervenido neste debate (onde ele tinha, com certeza, mais golpes a esperar do que agradecimentos, já que certos ânimos estão exaltados) » Sal da Terra, *n°60*

Esse comportamento tem a aparência de uma evasão e não é muito honesto, à luz da verdade dos fatos.

De fato, Avrillé se pronunciou sobre a suposta « *validade* » sacramental intrínseca da nova forma essencial da consagração episcopal **tanto quanto o padre Portail. Mais ainda, Avrillé se dedicou à defesa do Padre Lécuyer, tentando – contra a evidência dos escritos do próprio Padre Lécuyer - absolvê-lo de todo suspeita de uncionismo.**

O padre Portail, por sua vez, permanece absolutamente em silêncio sobre o Padre Lécuyer. E reproduz um dos argumentos falaciosos avançados pelo Padre Pierre-Marie no folheto '*Eles são bispos?*'

É necessário dizer também, para bem compreender o comportamento dos dominicanos de Avrillé, que destacamos em nosso comunicado[8] de 5 de janeiro de 2007 que o **padre Chautard** (FSSPX), professor no Instituto Universitário São Pio X, apresentou em outubro de 2005 durante o Simpósio teológico da FSSPX **uma análise devastadora do pensamento do Padre Lécuyer e de sua teoria « *desviada* » do Sacerdócio celeste**, e que, quando se aplica sua análise da interpretação da teofania do Jordão à nova forma essencial do novo rito episcopal, a heresia dessa nova « *forma sacramental essencial* » se torna evidente.

No momento em que o *Chardonnet* de janeiro de 2007 foi publicado, ainda não havíamos divulgado este comunicado, e o padre Portail talvez não tivesse conhecimento dos trabalhos de seu confrade Parisien.

Essa análise do padre Chautard está totalmente em sintonia, embora em um tom um pouco mais abaixo, com o muito famoso sermão[9] de Monsenhor Tissier de Mallerais nas ordinações de Écone em 27 de junho de 2002.

Seção 5 - A argumentação do padre Portail para justificar a suposta « validade » sacramental é errônea

Voltaremos em um comunicado do CIRS sobre o texto do padre Portail.

Este comunicado está atualmente em preparação e será publicado em breve.

Não iremos nos aprofundar aqui em uma refutação detalhada da argumentação superficial do padre Portail, que tenta por sua vez justificar a suposta validade.

No entanto, retomaremos alguns elementos deste próximo comunicado dedicado ao artigo do padre Portail, a fim de sinalizar alguns fatos que destroem a argumentação do capelão do MJCF.

Seção 5.1 Uma leveza e uma inconsequência da atitude do padre Portail que se autocontraria em sua recomendação do tutiorismo

(…)

Seção 5.2 O pensamento confuso e equívoco do padre Portail

(…)

Seção 5.3 O padre Portail retoma um argumento do Padre Pierre-Marie já refutado pelo padre Cekada, que depois repetiu sua refutação em relação a Avrillé

(…)

Seção 5.4 Um abuso de interpretação da forma essencial introduzido pelo artifício da transformação de uma proposição relativa em proposição infinitiva expressando um complemento circunstancial de finalidade.

(…)

Seção 5.5 No padre Portail, uma confusão similar à dos anglicanos entre poder sacramental e graça sacramental

(…)

Seção 5.6 O padre Portail quer fazer de uma forma herética uma forma que satisfaça aos critérios do Papa Pio XII

(…)

Seção 5.7 O Padre Pierre-Marie Avrillé gostaria de deixar crer que não se teria exprimido sobre a validade intrínseca da nova forma

(…)

Seção 5.7.1 A *Notitia IV* já destacou que o Padre Pierre-Marie de Avrillé adota as concepções do Padre Lécuyer sobre o *Spiritus principalis* como dom criado

(…)

Seção 5.7.2 Avrillé justificando o uncionismo do Padre Lécuyer já foi implicitamente desautorizado pelo padre Chautard (FSSPX)

(…)

Seção 5.8 - Conclusão sobre o artigo do padre Portail

Como já mencionamos, voltaremos ao artigo do padre Portail em um comunicado específico. Aqui, apenas quisemos mostrar que sua pseudo-demonstração da suposta validade não tem mais valor do que a de Avrillé que a precedeu.

Adicionamos que **na última parte de seu artigo, o padre Portail desenvolve e afirma a doutrina do tutiorismo, o que não podemos deixar de saudar**. E pela primeira vez, um padre da FSSPX vai tão longe na afirmação do tutiorismo, o que, por sua vez, era a prática de Monsenhor Lefebvre.

Seção 6 - O que está em jogo no fundo e o que esperamos de Avrillé?### Seção 6.1 - Retorno à nossa proposta de disputatio rejeitada por Avrillé desde a primavera de 2006

Há cerca de um ano, um de nossos correspondentes entrou em contato com os dominicanos de Avrillé para lhes propor uma *disputatio*, segundo regras justas e precisas. Nosso Comitê informou, por meio desse correspondente, que exigíamos a organização de um verdadeiro intercâmbio de argumentos, leal, sem manipulações, e que oferecesse garantias. E foi exatamente para esse fim que propusemos uma organização que fornecia todas as garantias de liberdade e equidade nas discussões.

Nós propusemos a presença de dois moderadores, ambos formados na escola politécnica, um relacionado a nós e o outro conhecido por ser um defensor *a priori* da validade sacramental da nova consagração episcopal conciliar. Em seguida, estabelecemos **entre outras condições que as trocas fossem integralmente gravadas e que os documentos necessários ao debate estivessem disponíveis e expostos em sessão.**

Essa proposta foi rejeitada, com uma arrogância que lamentamos por parte de um filho de Santo Domingo, pelo Padre Pierre-Marie de Avrillé: **« *Seria uma perda de tempo*!» ousou até comentar com uma leveza um tanto arrogante o P. Pierre-Marie.**

E isso foi seguido por uma série de persiflagens de sua parte em relação ao nosso Comitê e à seriedade de nossos trabalhos nas edições seguintes do *Sal da Terra*.

Em contrapartida, saudamos o padre Portail, que teve a honestidade de considerar nossos trabalhos, sem zombarias.

Não nos deteremos nem mesmo nos comentários indignos do padre Celier em sua edição 177 (maio-junho de 2007) que o desmerecem (se é que isso ainda é possível).

Nós lhe respondemos[10] sobre o fundo e classificamos seu artigo no lugar que merece em nosso site (veja a seção « *Bêtisier* »[11]).

Como resposta a esse comportamento de Avrillé, ainda aguardamos o que sempre foi invariavelmente nosso desejo desde o início, ou seja, **a consideração muito séria, honesta e científica** das objeções bem fundamentadas que levantamos e das peças que opomos à suposta « ***validade*** » sacramental do novo pseudo-rito episcopal.

Seção 6.2 - Os pontos precisos que Avrillé deve agora rever diante dos fatos e das evidências que agora são públicas

À vista dos argumentos que já foram publicados e cujas provas figuram em abundância em nossos estudos e comunicados em nosso site internet[12], aguardamos várias coisas de Avrillé em um primeiro momento. Adicionamos que nossa motivação consiste em fazer avançar a atualização da verdade nesta questão e não em reverter os julgamentos públicos sobre nosso Comitê, quaisquer que tenham sido, nem em voltar a considerar questões pessoais.

Seção 6.2.1 - O abandono da pseudo-« demonstração » da validade sacramental extrínseca por alegações falaciosas a ritos sacramentais orientais, retomada dos reformadores modernistas liturgistas anticristãos de 1968

(…)

Seção 6.2.2 - O reconhecimento da mentira pública de Montini-Paulo VI em 1968 sobre os ritos sacramentais orientais

(…)

Seção 6.2.3 - O reconhecimento da sacramentalidade do episcopado

(…)

Seção 6.2.4 - A interrupção da confusão entre a *potestas ordinis* e a *gratia ordinis* na interpretação da forma sacramental essencial episcopal

(…)

Seção 6.2.5 - O reconhecimento da intenção pública e oficial anti-católica dos reformadores modernistas liturgistas anticristãos

(…)

Seção 7 - Qual o futuro para os dominicanos de Avrillé? Um apelo católico do CIRS aos dominicanos

Uma vez que esses 5 pontos sejam aceitos, a situação de um debate sobre o fundo para a forma essencial será clarificada e saneada. É inútil perder tempo repetindo falsos argumentos que já foram numerosas vezes refutados.

Pelo contrário, já é hora de levar em consideração com seriedade as graves objeções que apresentamos e as peças que opomos à suposta « *validade* » sacramental deste novo pseudo-rito episcopal.

Neste estudo, **não buscamos de forma alguma a humilhação de uns ou outros, mas desejamos ABSOLUTAMENTE que a verdade triunfe em primeiro lugar TOTALMENTE E PUBLICAMENTE**.

As consequências são dramáticas, só depois caberá às autoridades assumirem suas responsabilidades para enfrentar as consequências desastrosas desse atentado inédito e sem precedentes em toda a história da Igreja contra o episcopado católico sacramentalmente válido de rito latino.

Postergar o exame franco e teológico do assunto, com toda a rigidez científica requerida, sob o pretexto de escapar a um « ***cenário de desastre*** », segundo as palavras do padre Portail, **não é mais do que uma atitude pueril que não resolve nada**.

Pelo contrário, a fuga da verdade e das responsabilidades por parte dos clérigos nesta questão histórica só pode contribuir para agravar o mal atual, que já se expandiu demais como um câncer mortal e que, se não for contido a tempo, **acabara por causar a destruição pura e simples do episcopado católico sacramentalmente válido.**

Assumindo plenamente nossas responsabilidades católicas, **tendo colocado os trabalhos do CIRS sob a proteção especial do Espírito Santo, e confiando na proteção que Nosso Senhor Jesus Cristo prometeu à Sua Igreja**, aguardamos agora a resposta de Avrillé ao nosso apelo, emitindo ardentemente o desejo de que esses filhos de Santo Domingo tenham a humildade de **sair dessa posição, mortal para eles mesmos, assim como para seus fiéis e suas famílias, por uma retratação que os engrandeça e lhes restitua todo o seu crédito**, **e melhor ainda**, para o bem das almas e a preparação **do futuro triunfo dos reinos do Sagrado Coração e do Coração Imaculado prometido por Nosso Senhor Jesus Cristo e pela Santíssima Virgem**

---

[1] Comitê Internacional *Rore Sanctifica* – www.rore-sanctifica.org

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-04-B-00-Le_CIRS_replique_a_l_abbe_Celier.pdf e http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-02_Replique_a_Abbe_Celier.pdf e http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-01_Abbe_Cekada_replique_a_Celier.pdf

[3] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-01-27-FR_AbbeCEKADAToujoursNul-ReponsesAuxObjectionsJanv2007FRANCAIS1.pdf

[4] IBP: Instituto do Bom Pastor, alinhado à Roma do padre apóstata Ratzinger

[5] http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/04-rite_de_paul_6-invalidite_du_rite_episcopal/2007-04-27-%20Pere_Pierre-Marie_-_Le_Sel_de_la_terre-n60-pages207-209/RORE-2007-04-27-FR_Sel-N60-Pierre-Marie-Sacres-Texte-Word.pdf

[6] http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-communiques/communique_(2007-05)-mai/RORE_Communique-2007-05-02_Replique_a_Abbe_Celier.pdf-mai/RORE_Communique-2007-05-02_Replique_a_Abbe_Celier.pdf)

[7] O Sr. padre Portail também examina a questão da matéria, mas sem trazer muita novidade ao que já dissemos.

[8] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-01-05-FR_Communique_Sacerdoce_Lecuyer.pdf

[9] http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-tissier/27-Juin-2002-Sermon-de-Mgr-Tissier-a.pdf

[10] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-02_Replique_a_Abbe_Celier.pdf

[11] http://www.rore-sanctifica.org/humour-et-betisier.html

[12] http://www.rore-sanctifica.org

A queda de Campos na "reconciliação" com a Roma apóstata

Dossiê da revista La Voie[1] sobre a anterior **queda de Campos na sexta-feira, 18 de janeiro de 2002**, vítima da astúcia de Castrillon Hoyos e Ratzinger e da "***política Aulagnier***" dos "***dois pré-requisitos***". É essa mesma política que Mons. Fellay aplica, encorajado pelo pequeno clã de infiltrados modernistas que controla a FSSPX e a maioria dos meios de comunicação da FSSPX com mão de ferro.

A poucos dias de 14 de setembro, data de entrada em vigor da armadilha do *Motu Proprio*, publicamos este dossiê **que tem a virtude de iluminar as diferentes etapas da queda da diocese de Campos,** até então preservada por Mons. de Castro-Meyer da tutela da Roma apóstata.

Este bispo foi co-consagrador junto com Mons. Lefebvre dos 4 bispos da FSSPX.

Vítima da política do padre Aulagnier, esta diocese não sobreviveria mais de 14 anos às manobras subterrâneas da Roma modernista.

Observamos também neste dossiê **a inconstância e as tergiversações de Mons. Fellay que se comporta como se agisse sob o efeito de pressões de seu entorno e sem convicção própria.**

"Parece que Mons. Fellay está pessoalmente muito tentado por um acordo com Roma que garantiria à Fraternidade ***um status jurídico muito vantajoso****, pelo menos ele espera, já que se trataria de uma vasta administração apostólica, uma espécie de diocese universal dependendo apenas de Roma e tratando apenas com ela."* La Voie nº26

O bispo suíço revelou-se incapaz de deter a ruína da obra de seu co-consagrador.

Hoje, que peso deveria pesar em sua consciência!

Que contas a prestar a Deus no dia de seu julgamento pessoal!

E no entanto, cinco anos depois, ele continua de forma pertinaz a aplicar a suicida política Aulagnier dos "*dois pré-requisitos*".

Continuemos o bom combate

Padre Marchiset

PS:

O CIRS (Comitê Internacional *Rore Sanctifica*) nos anuncia um dossiê muito importante a ser publicado em breve.

O alinhamento de Campos: o que pensar?

La Voie - Número 26[2]

Estes últimos meses foram marcados por profundas agitações que abalaram o mundo da tradição. A notícia mais importante e, na verdade, totalmente inesperada, foi a adesão ou melhor, o alinhamento da comunidade de Campos à igreja conciliar; estes padres, da União Sacerdotal São João Maria Vianney fundada por Mons. de Castro Mayer no início dos anos oitenta e atualmente dirigida por Mons. Licinio Rangel, eram considerados entre os mais firmes na galáxia tradicionalista: assim, com a notícia de sua reviravolta, o espanto foi grande em toda parte, e singularmente no seio da Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX) cujos laços com Campos eram até então muito estreitos, não apenas por causa da amizade que unia Mons. Lefebvre e Mons. de Castro-Mayer - este último foi, aliás, o co-consagrador das quatro sagrações episcopais em 30 de junho de 1988 em Ecône -, mas mais ainda em razão da sagração em 29 de julho de 1991 de Mons. Rangel por Mons. Tissier de Mallerais assistido por Mons. Fellay e Mons. de Galarreta. Aliás, a FSSPX está presente há pouco tempo no Brasil pois, desde o início, confia plenamente nesta obra amiga para formar ela própria padres em seu próprio seminário, abrir priorados, administrar os sacramentos, dispensar aos fiéis o ensino religioso.

De resto, ainda em 1999, a Fraternidade dava grande importância à brochura redigida pelos padres da União, *Católicos, apostólicos e romanos*, que explicava a posição da comunidade do Brasil na atual crise da Igreja. Este estudo foi amplamente difundido na França e em outros lugares pela FSSPX.

O anúncio do levantamento por Roma de todas as sanções canônicas que atingiam os padres e o bispo da União Sacerdotal São João Maria Vianney e a ereção desta comunidade em Administração Apostólica com Mons. Rangel à sua frente, a assinatura de João Paulo II rubricando o acordo na noite de Natal de 2001 e a cerimônia oficial de reconciliação na catedral diocesana de Campos em 18 de janeiro de 2002 com o "cardeal" Castrillon Hoyos, seis dias antes da grande reunião ecumênica de Assis, foi um verdadeiro golpe de trovão.

1 - Uma Fraternidade São Pio X dividida em três correntes

Passado o momento de estupefação, como se podia facilmente imaginar, manifestaram-se reações muito diversas. Isso não é surpreendente quando se sabe que a obra fundada por Mons. Lefebvre obtém sua força principalmente de sua estrutura que mascara divisões pessoais, estratégicas e doutrinárias entre seus membros. O caso de Campos teve, pelo menos, o mérito de mostrar o quão pouca unidade há, senão de fachada, no seio da FSSPX. Mais ainda, o alinhamento da União Sacerdotal São João Maria Vianney à igreja conciliar permitiu evidenciar três tendências ou três correntes principais coexistindo no seio do movimento oriundo do ex-arcebispo de Dakar:

A posição mais conhecida e certamente a mais ruidosa é, sem dúvida, a do padre Paul Aulagnier, figura histórica da Fraternidade. Ele é um de seus padres mais antigos; foi ordenado por Mons. Lefebvre em outubro de 1971, menos de um ano após a ereção oficial da FSSPX; foi, além disso, superior do distrito da França durante 18 anos de 1976 a 1994 e era, há ainda algumas semanas, segundo assistente do superior geral encarregado especialmente da comunicação através de seu semanário, presente também na Internet, *DICI* (Documentações e informações católicas internacionais) e seu mensário *O Boletim São João Eudes* que se tornou recentemente *Notícias da Cristandade*.

Sua reação é explicitamente favorável. Em suas diferentes publicações, ele não cessou de felicitar os padres de Campos por sua iniciativa que é segundo ele "um exemplo". Em *Notícias da Cristandade* de fevereiro de 2002, ele relata em detalhes sua viagem de avião a Campos para a cerimônia de reconciliação de 18 de janeiro e se felicita de que "a Tradição" tenha finalmente obtido uma estrutura jurídica e canônica que lhe permitirá, pensa ele, conduzir sua ação sem entraves. Ele chega mesmo a escrever que Roma evoluiu positivamente em sua abordagem dos "católicos tradicionalistas", e singularmente, em sua apreciação da liturgia tridentina. Em suma, para ele, este acordo é uma vitória da "Tradição", de Mons. Lefebvre e de Mons. de Castro Mayer.

Outros, ao contrário, são radicalmente opostos a este acordo com Roma: é notoriamente o caso de Mons. Williamson que, em sua *Carta aos amigos do seminário São Tomás de Aquino* (Winona, Estados Unidos) escreve em grandes títulos "*Campos is fallen*" (Campos caiu) e dos dominicanos de Avrillé que, se não fazem oficialmente parte da Fraternidade, são no entanto muito próximos desde a origem[3]. Ora, no número 39 (inverno 2002) de sua revista trimestral, *O Sal da Terra*, o convento de Avrillé publica integralmente uma missiva contundente do Padre beneditino Laurent Fleichman que, sob a forma de uma carta aberta aos padres de Campos, faz uma verdadeira acusação contra sua atitude que é qualificada de "traição" - voltaremos a este ponto posteriormente - e que é, além disso, comparada à de Dom Gérard que encarna[4], para a corrente que se reivindica do prelado de Ecône, o traidor por excelência desde que se alinhou a Roma pouco depois das sagrações de 30 de junho de 1988. Quanto ao número 40 do *Sal da terra* (primavera 2002), ele retorna muito longamente aos acordos de Campos pois dedica vinte e nove páginas à questão. Os Padres de Avrillé publicam integralmente diferentes documentos muito interessantes e os comentam com notas de rodapé[5]. A oposição dos dominicanos de Avrillé ao acordo camposiano é, portanto, nítida e argumentada.

Os outros padres da Fraternidade que constituem provavelmente a maioria são, como é sempre o caso em tal ocorrência, expectantes, reservados, dubitativos e seguirão o que decidirem seus superiores. A propósito, o que pensam estes últimos da eventualidade de um acordo com Roma? O padre Simoulin, superior do distrito da Itália, pronunciou-se claramente a favor do princípio de um entendimento com o Vaticano como ele explica no número 63 do *Boletim São João Eudes* (março de 2001) sob o título peremptório: "Na crise da Igreja, um pouco de romanidade, a verdadeira", assim como o padre Philippe Laguérie que, no número 54 de *Pacto* (abril de 2001) escreve: "Eu acredito na possibilidade de um acordo prático e na total vaidade de discussões doutrinárias" pois explica ele "é urgente se reencontrar na comunhão litúrgica e sacramental da Igreja de sempre para que, fazendo igual, terminemos por pensar igual". Da mesma forma, mas sem ser tão explícito, o padre Laurençon, superior do distrito da França, deixa entender que concessões por parte da FSSPX são totalmente concebíveis: assim em seu editorial do número 142 da revista *Fideliter (julho-agosto de 2001), fazendo uma comparação audaciosa entre o combate até o martírio das carmelitas de Compiègne sob a Revolução francesa e a obra de Mons. Lefebvre, ele escreve: "Certamente (...) não há uma paridade absoluta entre um poder civil tirânico e autoridades eclesiásticas em si legítimas mas que utilizam em parte seu poder para destruir a Igreja[6]. Parece-me, no entanto," acrescenta ele, "que a atitude das carmelitas pode

nos esclarecer hoje. Devemos ser fiéis mesmo nos detalhes (as carmelitas não deixaram seu hábito religioso senão sob coação). Mas a Providência poderá um dia nos manifestar sua vontade de nos ver conceder certos pontos puramente exteriores, certos hábitos, certos costumes que não estão ligados à fé".

Finalmente, o padre Schmidberger, antigo superior geral e atual primeiro assistente da FSSPX, era também favorável ao princípio de um entendimento com os chefes da igreja conciliar, pelo menos até 23 de janeiro de 2002. Eis as palavras que ele proferiu em uma conferência pública na Capela Santa Germana de Paris nesta data: "Campos nos servirá de teste em nossas relações com Roma. Veremos se esta Fraternidade será realmente independente ou se sofrerá a sorte da Fraternidade São Pedro. Não somos contra seu acordo com o Vaticano, mas na guerra que é a nossa, é preciso estar unidos para poder alcançar a vitória. O que lamentamos é não termos sido informados senão em meados de setembro de suas negociações com Roma" (*Monde et Vie*, número 695, 14 de fevereiro-6 de março de 2002).

2 - As tergiversações de Mons. Fellay

Quanto a Mons. Fellay, o atual superior geral da FSSPX, o que ele pensa do acordo camposiano? Ao ler suas declarações sucessivas, bastante embaraçadas e contraditórias, pergunta-se se ele mesmo sabe. Como que jogado pelos eventos, ele oscila entre duas posições extremas: ora ele pende para o lado do acordo, na linha do padre Schmidberger, como testemunham superlativamente sua entrevista de 9 de janeiro à agência Apic e sua correspondência interna aos padres da FSSPX em 16 do mesmo mês; ora ele adota uma posição aparentemente mais firme como deixa aparecer seu editorial publicado no número 44 de DICI, datado de 1º de março. Em suma, ele navega à vista... e em águas turvas.

De fato, parece bem que Mons. Fellay esteja pessoalmente muito tentado por um acordo com Roma que asseguraria à Fraternidade um status jurídico muito vantajoso, pelo menos ele espera, já que se trataria de uma vasta administração apostólica, uma espécie de diocese universal[7] dependendo apenas de Roma e tratando apenas com ela.

Eis o "Comunicado da Fraternidade São Pio X sobre os padres de Campos" que foi redigido por Mons. Bernard Fellay e publicado no número 146 de *Fideliter* datado de março-abril de 2002[8]:

"Em 18 de janeiro de 2002, o Cardeal Castrillon Hoyos lerá na catedral de Campos os diversos documentos pelos quais o Papa João Paulo II erige uma administração apostólica em favor dos padres de Campos e dos fiéis que lhes são associados. Mons. Rangel é reconhecido como um bispo católico e nomeado à frente da nova administração. Esta administração terá direito aos livros litúrgicos de 1962, ou seja, à missa tridentina. As censuras "talvez incorridas" (sic) serão levantadas. O papa aceita a oferta dos padres de Campos de combater a heresia na Igreja.

Mons. Rangel fará em nome de todos a profissão de fé e lerá uma declaração na qual ele reconhece João Paulo II como papa, o bispo do lugar como bispo legítimo, o Concílio Vaticano II como concílio da Igreja católica, expressando entretanto que ele se reserva o direito de criticar de maneira positiva o que não está em conformidade com a Tradição; e da mesma forma no que concerne à nova missa, reconhecida como válida em si, mas submetida a críticas construtivas.

A Fraternidade sacerdotal São Pio X constata que este resultado é o fruto de uma paz separada. Para obtê-lo, os padres de Campos tiveram de certa forma que se demarcar da Fraternidade. Ela faz notar a precipitação e o caráter parcialmente dissimulado das negociações que conduziram ao reconhecimento atual. Eles abandonaram por exemplo o pedido concernente à missa tridentina que teria concedido a todo padre celebrá-la livremente. Tudo isso não é bom pois a força está na união. Não se pode dizer tampouco que por este ato, a crise da Igreja esteja superada. Isso pode ser um passo nesta direção, o futuro o dirá.

Os Padres de Campos afirmam continuar o combate da Tradição. É preciso considerar também que nenhuma concessão substancial no nível doutrinal foi feita. Somente o tempo dirá como Roma permitirá o desenvolvimento desta obra. A este respeito, a escolha do sucessor de Mons. Licinio Rangel será de grande

importância. E este ponto não está determinado. Assim como o status jurídico da administração.

Quais serão doravante suas relações com Roma e conosco? É ainda o tempo que o dirá. A nova situação criada servirá de teste para o futuro. A Fraternidade permanece muito reservada e observa com apreensão o mais de perto possível o desenvolvimento da obra esperando ver seus frutos. É pelos frutos que se julga a árvore.

Resta que, pela primeira vez, uma estrutura de tipo diocesano é concedida à Tradição. Um bispo tradicional é agora reconhecido como tal, como plenamente católico.

Nós oramos para que tudo isso coopere para o bem da Tradição e da Igreja apesar do sabor misturado que sentimos no momento e queremos apenas continuar a trabalhar no espírito e na linha legados por Monsenhor Lefebvre.

Em 16 de janeiro de 2002, festa de São Marcelo".

Mas eis que algumas semanas após este comunicado muito leniente, o tom muda bruscamente; no número 44 de *DICI* datado de 1º de março de 2002, o sucessor de Mons. Lefebvre faz de repente marcha à ré. Parece-nos que esta reviravolta se explica essencialmente pelo fato de que Mons. Fellay deve levar em conta as oposições crescentes que se manifestaram no seio de sua organização e que, se ele não tomasse cuidado, poderiam provocar uma cisão na corrente oriunda do prelado de Ecône. Não se compreende nada, de fato, da Fraternidade se esquecermos que os padres que a compõem não estão de acordo sobre grande coisa e que consequentemente ela é praticamente ingovernável: se agirmos muito bruscamente, é a revolução dos sapos, daí a escolha de uma política atentista que consiste em repetir mais ou menos bem os discursos passados do venerado fundador.

3 - Contradições inextricáveis

O que pensar de tudo isso? À primeira vista, poderíamos supor que, devido à nossa posição em relação à igreja conciliar em geral e a João Paulo II em particular, estivéssemos mais em sintonia com aqueles que manifestaram claramente sua oposição a um acordo com o Vaticano. De fato, estamos, mas por razões diferentes. No entanto, se considerarmos o assunto do ponto de vista da FSSPX, força é constatar que é o padre Aulagnier que tem razão; sua posição é, de fato, a mais lógica, a mais coerente.

Ainda convém, para se dar conta disso, fazer um breve histórico dessa obra: Mons. Lefebvre fundou a FSSPX com o acordo do Ordinário do lugar (Friburgo) em novembro de 1970; após a visita canônica de 11 de novembro de 1974 e a declaração subsequente de Mons. Lefebvre sobre as duas Romas, o seminário e a obra são suprimidos em 6 de maio de 1975 (juridicamente, não de fato, é claro); em 22 de julho de 1976, o prelado de Ecône é *suspenso a divinis*. Ora, apesar das sanções canônicas que o atingem, o fundador da FSSPX nunca quis romper com Paulo VI, nem posteriormente com João Paulo II.

É verdade que Mons. Lefebvre fez algumas declarações públicas[9], mas sobretudo privadas, que vão no sentido do sedevacantismo, mas apesar de tudo ele sempre reconheceu a autoridade e a legitimidade do *anticristo que ocupa a cátedra de Pedro[10]*, certamente com muitas limitações que, no entanto, não o impediram de negociar com "a Roma modernista" a ponto de assinar acordos solenes com ela e dar garantias de boa vontade excluindo os "ultras", como os chamavam Dom Gérard e Jean Madiran, que se recusavam a reconhecer a autoridade de João Paulo II. Em sua Declaração de 8 de novembro de 1979, publicada na revista interna da Fraternidade (Cor unum, número 4), o arcebispo escreve: "a FSSPX não pode tolerar em seu seio membros que se recusam a rezar pelo papa", melhor (ou pior) em uma carta de 8 de março de 1980 dirigida a João Paulo II, ele afirma: "não tenho nenhuma hesitação sobre a legitimidade e a validade de sua eleição e, consequentemente, não posso tolerar que não se dirijam a Deus as orações prescritas pela Santa Igreja por Vossa Santidade. Já tive que ser severo e continuo a sê-lo em relação a alguns seminaristas e alguns padres". Enfim, desde junho de 1983, Mons. Lefebvre primeiro, seus sucessores depois, obrigam os candidatos ao sacerdócio, às vésperas do subdiaconato, a assinar uma Declaração de fidelidade às posições da Fraternidade

São Pio X na qual se afirma reconhecer "João Paulo II como papa legítimo da santa Igreja católica", assim como "a validade dos novos ritos" e onde se comprometem a utilizar exclusivamente as rubricas do missal e o breviário segundo a reforma de João XXIII.

Não é, portanto, surpreendente que após ter tornado pública sua vontade de se dar sucessores, Mons. Lefebvre inicie paralelamente negociações com a Roma modernista em 1987: há primeiro a visita do "cardeal" Gagnon a Ecône destinada a chegar a um acordo aceitável por ambas as partes e depois, ao fim de vários meses de negociações, um protocolo de acordo é finalmente assinado em 5 de maio de 1988; certamente o arcebispo retira sua assinatura já no dia seguinte, mas essencialmente por motivos práticos, prudenciais, ligados à futura consagração de um ou vários bispos e à falta de confiança que sente em relação ao Vaticano. Mesmo se em sua carta de 19 de junho escrita após a ruptura das negociações, o prelado de Ecône considera que "a Roma atual conciliar e modernista nunca poderá tolerar a existência de um vigoroso ramo da Igreja católica que a condena por sua vitalidade" e que "é oposto aos textos liberais e às reformas liberais do concílio", o desacordo é essencialmente prático.

É aliás o que lembra muito inteligentemente o padre Aulagnier no número 39 de DICI datado de 25 de janeiro de 2002. Reproduzindo os cinco parágrafos da parte doutrinária do protocolo de acordo de 5 de maio de 1988 assinado por Mons. Lefebvre, ele observa justamente que o arcebispo "não voltou atrás nesta assinatura em razão destes parágrafos".

Eis estes cinco pontos do Protocolo de acordo:

4 - Declaração doutrinária de 5 de maio de 1988

"Eu, Marcel Lefebvre, Arcebispo-Bispo emérito de Tulle, assim como os membros da Fraternidade Sacerdotal São Pio X por mim fundada:

1 Prometemos ser sempre fiéis à Igreja Católica e ao Pontífice Romano, seu Pastor Supremo, Vigário de Cristo, Sucessor do Bem-aventurado Pedro em sua primazia e Chefe do Corpo dos Bispos.

2 *Declaramos aceitar a doutrina contida no número 25 da Constituição dogmática Lumen Gentium do Concílio Vaticano II sobre o Magistério eclesiástico e a adesão que lhe é devida.*

3 *A respeito de certos pontos ensinados pelo Concílio Vaticano II ou concernentes às reformas posteriores da liturgia e do direito, e que nos parecem dificilmente conciliáveis com a Tradição, nos comprometemos a ter uma atitude positiva de estudo e de comunicação com a Sé Apostólica, evitando toda polêmica.*

4 *Declaramos, além disso, reconhecer a validade do Sacrifício da Missa e dos Sacramentos celebrados com a intenção de fazer o que faz a Igreja e segundo os ritos indicados nas edições típicas do Missal e dos Rituais dos Sacramentos promulgados pelos Papas Paulo VI e João Paulo II.*

5 *Enfim, prometemos respeitar a disciplina comum da Igreja e as leis eclesiásticas, especialmente aquelas contidas no Código de Direito Canônico promulgado pelo Papa João Paulo II, ressalvada a disciplina especial concedida à Fraternidade por uma lei particular*".

Ora, a declaração de Mons. Rangel assinada por todos os seus padres se assemelha à do prelado de Ecône, embora vá ainda mais longe. Que se julgue:

5 - Declaração de 18 de janeiro de 2002

"*Declaração de Sua Excelência Dom Licinio Rangel, Bispo titular de Zarna, administrador apostólico da administração apostólica pessoal "São João Maria Vianney"*".

"*Declaro, em união com os padres da Administração Apostólica "São João Maria Vianney" de Campos, Brasil, os seguintes pontos:

- Reconhecemos o Santo Padre, o Papa João Paulo II, com todos os seus poderes e prerrogativas, prometendo-lhe obediência filial e oferecendo nossas orações por ele.
- Reconhecemos o Concílio Vaticano II como um dos Concílios ecumênicos da Igreja Católica, aceitando-o à luz da Santa Tradição.*
- Reconhecemos a validade do *Novus Ordo Missae*, promulgado pelo Papa Paulo VI, cada vez que é celebrado corretamente e com a intenção de oferecer o verdadeiro Sacrifício da Santa Missa.
- Comprometemo-nos a aprofundar todas as questões ainda em aberto, levando em consideração o cânon 212* do Código de Direito Canônico e com um sincero espírito de humildade e caridade fraterna para com todos. In principiis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas. (Santo Agostinho*)

[Nos princípios, unidade; nas questões deixadas em suspenso, liberdade; em todas as coisas, caridade.] Campos, Brasil, 18 de janeiro de 2002.

\ Can. 212 - § 1. Os fiéis, conscientes de sua própria responsabilidade, são obrigados a aderir com obediência cristã ao que os Pastores sagrados, como representantes de Cristo, declaram como mestres da fé ou decidem como chefes da Igreja. § 2. Os fiéis têm a liberdade de fazer conhecer aos Pastores da Igreja suas necessidades, sobretudo espirituais, assim como seus desejos. § 3. De acordo com o dever, a competência e o prestígio de que gozam, têm o direito e às vezes até o dever de dar aos Pastores sagrados sua opinião sobre o que diz respeito ao bem da Igreja e de fazê-la conhecer aos outros fiéis, ressalvadas a integridade da fé e dos costumes e a reverência devida aos pastores, e levando em conta o bem comum e a dignidade das pessoas".*

6 - A lógica implacável do padre Aulagnier

Sobre esta questão, o padre Aulagnier redigiu nos últimos meses uma série de artigos fervorosos na DICI e na *Nouvelles de chrétienté*, mas suas declarações mais significativas, mais importantes, mais explícitas e que resumem o fundo de seu pensamento são, sem dúvida, aquelas que ele expõe na edição de fevereiro de 2002 da *Nouvelles de chrétienté*; em um longo editorial intitulado *Campos, 18 de janeiro de 2002: uma vitória da missa de São Pio V*, onde se lança em um elogio dithyrambico e voluntariamente lírico da comunidade brasileira erigida em "exemplo" e em "modelo", ele afirma que os padres da União Sacerdotal São João Maria Vianney não fizeram nada além de levar a termo, ou seja, à vitória, ao triunfo, a luta iniciada por Dom Lefebvre e por Dom de Castro Mayer pelos direitos da "Tradição" em geral e da missa tridentina em particular dentro da Igreja conciliar; ele afirma que eles obtiveram o que esses dois prelados sempre pediram sem fazer, diz ele, nenhuma compromissão, nenhuma concessão: "Honra aos meus confrades brasileiros," se entusiasma o padre Aulagnier, decididamente muito inspirado, "por terem conduzido esta luta - esta batalha - a bom termo, sem traição alguma, com habilidade, como nos manda, é verdade, Nosso Senhor Jesus Cristo no Evangelho. Eis, para eles, uma situação prática, concreta, nova que, na diocese de Campos, lhes dará uma nova alegria, uma nova força, a força do bom direito, reconhecido, afirmado, oficial. (…) As condições propostas por Roma são únicas… novas… especialmente a isenção da jurisdição dos bispos, o que é capital. O quadro jurídico - uma administração apostólica - é recém-proposto. Todas coisas que Dom Lefebvre pedia a Roma. Desconsiderar tudo isso seria - para mim - pusilanimidade, fraqueza, medo, retraimento em si, colocar-se, afinal, em uma situação de fraqueza na colossal luta doutrinal que devemos levar…" E assim continua por quinze páginas muito exaltadas.

Na medida em que, segundo o padre Aulagnier, os padres de Campos "conduziram esta luta - esta batalha - a bom termo, sem traição alguma", ele não compreende que os dominicanos de Avrillé e o Pai Fleichman ousem falar de "traição" para qualificar o acordo com Roma firmado por esses clérigos. Contudo, julgamos que também neste ponto é o autor de *A Tradição sem medo* quem tem razão; de fato, uma das definições de traição, conforme atestam os dicionários, é o fato de passar de um campo a outro; ora, os padres brasileiros que reconhecem desde sempre, como a FSSPX, a autoridade e a legitimidade de João Paulo II e da "hierarquia conciliar" estavam, quer queiram ou não, no campo da Roma modernista desde o início; pode-se

então qualificar de traidor um vassalo que discute com seu rei e que, no final, consegue entrar em acordo com ele, mesmo que não compartilhe de todas as suas escolhas? Certamente que não! Mas os oponentes a esse acordo retorquirão que a analogia não se sustenta porque, neste caso, trata-se de coisas graves que tocam à fé, à natureza e à própria concepção da Igreja, do sacerdócio, do magistério.

Certamente, essas objeções são fundamentadas e é aí que o problema fundamental se situa: como pode haver uma divergência grave sobre a fé, a doutrina e estar ao mesmo tempo no mesmo campo? Basta consultar o *Grande catecismo de São Pio X* para saber que "A Igreja católica é a sociedade ou reunião de todos os batizados que, vivendo na terra, professam a mesma fé e a mesma lei de Jesus Cristo, participam dos mesmos sacramentos e obedecem aos pastores legítimos, principalmente ao Pontífice romano". Se, portanto, surgem divergências entre os fiéis que tocam a esses três pontos essenciais, ou mesmo apenas a um deles, isso significa que, de fato, essas pessoas não estão ou não mais estão no mesmo campo.

Dito isso, mesmo que a "lógica" do padre Aulagnier seja implacável, pode-se achar curioso que aquele que hoje é o mais favorável a um acordo com Roma tenha sido um dos que outrora criticou os "traidores" de Barroux e da Fraternidade São Pedro com as palavras mais violentas antes de se juntar a eles alguns anos mais tarde em sua peregrinação romana de ação de graças pelos dez anos do motu proprio *Ecclesia Dei adflicta*, datado de 2 de julho de 1988. Além disso, como ele mesmo admite em seu livro de auto-satisfação *A Tradição sem medo* (mas não sem críticas!), ele foi em 1987 e 1988 um dos padres da Fraternidade mais favoráveis às sagrações sem mandato pontifício. Como superior do distrito da França, ele, aliás, coassinou em 6 de julho de 1988 uma carta aberta ao "cardeal" Gantin, então "prefeito" da congregação dos bispos, verdadeiramente incendiária.

Ele escrevia em conjunto com os outros responsáveis da FSSPX: "Nunca quisemos pertencer a este sistema que se qualifica a si mesmo de Igreja conciliar e se define pelo novus ordo missae, o ecumenismo indiferentista e a laicização de toda sociedade. Sim, não temos nenhuma parte, nullam partem habemus, com o panteão das religiões de Assis; nossa própria excomunhão por um decreto de Vossa Eminência ou de outro dicastério não seria senão a prova irrefutável. Não pedimos nada mais do que sermos declarados excommunione do espírito adúltero que sopra na Igreja há vinte e cinco anos, excluídos da comunhão ímpia com os infiéis. (…) Portanto, ser publicamente associados à sanção que atinge os seis bispos católicos, defensores da fé em sua integridade e integralidade, seria para nós uma marca de honra e um sinal de ortodoxia diante dos fiéis".

Que caminho percorrido em poucos anos! No entanto, como dissemos, a posição atual do padre Aulagnier não é sem lógica, uma lógica que decorre da posição da FSSPX em relação à autoridade. Se se admite que a autoridade que ocupa o Vaticano é legítima, se acredita que João Paulo II é o vigário de Cristo e se a Igreja conciliar é a Igreja católica, se *sunt idem*, então deve-se efetivamente alegrar-se com este acordo, com esta plena e inteira comunhão entre Campos e Roma. Não é possível, de fato, rejeitar as autoridades legítimas na Igreja e, se teve a infelicidade de sair da barca de Pedro, deve-se entrar o mais rapidamente possível, a qualquer condição, uma vez que a Igreja tem as promessas da indefectibilidade, da infalibilidade e que possui as quatro notas de Unidade, Santidade, Catolicidade e Apostolicidade.

Ora, os padres de Campos - como, aliás, os da FSSPX e os de Avrillé - sempre reconheceram, pelo menos verbalmente e publicamente, a autoridade de João Paulo II e da "hierarquia conciliar". O que pode ser mais normal, então, do que buscar por todos os meios estar em acordo com essa autoridade, e mesmo a ela estar subordinado; se, além disso, se consegue esse resultado sem compromissão, por que se opor a isso?

7 - De um erro a outro

Isso significa que o fundador da *DICI* está realmente certo? Na verdade, ele está obviamente errado, pois hoje, como ontem, essa igreja conciliar à qual ele propõe agora se alinhar é uma Contra-Igreja ecumênica que não tem absolutamente nada de católica. Além disso, algo nos diz que as declarações contundentes do padre Aulagnier, esse otimismo amplamente reivindicado, esse triunfalismo grandiloquente soa falso, não convencem. Vemos que existe, de fato, um problema, um mal-estar, e que este não se busca tanto nas

divergências reais que surgem entre os cerca de quatrocentos padres da Fraternidade, que o padre Aulagnier, é preciso dizer, reconhece com bastante honestidade. Não, evidentemente, o problema está em outro lugar; está a montante, está no fato de que a posição dos dominicanos de Avrillé e de Dom Williamson — posição à qual Dom Fellay parece ter se alinhado em certos momentos, com algumas nuances e hesitações — também está errada. De fato, aceitar verbalmente a legitimidade da "hierarquia conciliar" enquanto se a rejeita *de fato*, reconhecer a autoridade de João Paulo II, considerá-lo como o papa da Igreja católica e estar *una cum* no cânon da missa enquanto se é "submisso" a ele apenas esporadicamente, é não apenas uma profunda incoerência, insustentável a longo prazo, mas é sobretudo uma atitude que não é católica, pois como definiu infalivelmente em sua bula *Unam sanctam* o papa Bonifácio VIII: "é absolutamente necessário para a salvação de toda criatura humana estar submetida ao Pontífice romano".

A esse respeito, a argumentação utilizada pelo convento dominicano na edição 40 do *Sel de la Terre*, para se opor aos acordos e denunciá-los firmemente, é típica das incoerências doutrinárias do movimento oriundo de Dom Lefebvre. Não nos é, infelizmente, possível, por falta de espaço, refutar todos os erros, aproximações e aberrações às quais se entrega a prosa dos monges de Avrillé; voltaremos aos seus argumentos em uma próxima edição, pois o assunto nos parece grave. Limitemo-nos por ora a ressaltar algumas pérolas: comentando a carta a João Paulo II redigida pelos padres de Campos, na qual estes expressam sua "gratidão" ao "Vigário de Cristo" (eles dizem querer "prestar o melhor serviço a Vossa Santidade e à Santa Igreja" e "humildemente prostrados aos pés de Vossa Santidade", pretendem resistir "ao que Vossa predecessora de ilustre memória, o papa Paulo VI, chamou de 'autodemolição da Igreja'"), o convento de Avrillé nota: "Esta carta não contém erro formal, mas é impressionante o fato de que parece fazer abstração das circunstâncias atuais da crise na Igreja. Assim, é certo que se deve respeito e obediência ao vigário de Cristo. Mas quando o papa dá escândalos tão graves quanto os dados por Paulo VI e João Paulo II, é desconfortável ver tanta obsequiosidade. Realmente, Paulo VI é 'de ilustre memória'? O que ele fez para impedir a fumaça de Satanás de se espalhar na Igreja?" Mais adiante, a revista dominicana prossegue na mesma linha: "Realmente, João Paulo II trabalha para propagar a fé católica com seu ecumenismo e seus múltiplos erros gravíssimos que tocam à fé? Nossos confrades de Campos parecem viver em um sonho e não ver mais a realidade." Finalmente, quando os padres de Campos dizem: "professamos uma perfeita comunhão com a Cátedra de Pedro da qual Vossa Santidade é legítimo sucessor", os Padres de Avrillé comentam: "Estamos aqui em plena ambiguidade. Pois a perfeita comunhão, para João Paulo II, é a aceitação do Concílio, de Assis e de todas as reformas pós-conciliares."

Estamos aqui no cerne da lógica do movimento que se reconhece em Dom Lefebvre; os comentários dos Padres de Avrillé, de fato, são de um galicanismo do qual, no entanto, se pretendem e acreditam isentos. Eles dedicaram uma edição muito bem feita de sua revista em 1996, por ocasião do 1500º aniversário do batismo de Clóvis, para estigmatizar, com razão, as tendências galicanas de muitos reis da França; no entanto, não veem - ou não querem ver - que sua posição em relação a autoridades que reconhecem oficialmente como legítimas é tipicamente galicana (e, por cima, liberal!).

Se é verdade que os padres de Campos não veem a realidade de frente, o que dizer dos Padres de Avrillé que, ao reconhecerem João Paulo II como o vigário de Cristo, e ao afirmarem que a esse título se deve respeito e obediência, ao mesmo tempo pretendem que não se pode estar em comunhão com ele porque ele comete "múltiplos erros gravíssimos que tocam à fé"? Não é querer o manteiga e o dinheiro da manteiga? De fato, argumentar com circunstâncias excepcionais, incomuns, extraordinárias para recusar a missa que ele celebra, filtrar suas encíclicas, contestar seus ensinamentos, questionar a ortodoxia de sua fé e de sua doutrina, em suma, desobedecer *ad libitum* àquele que se reconhece, no entanto, como o Soberano Pontífice, é uma atitude objetivamente cismática. Pois a norma imediata da Fé é o magistério da Igreja e, principalmente, de seu chefe. Quanto à Tradição, tão querida aos discípulos de Dom Lefebvre, ela afirma que deve-se estar submetido ao papa.

8 - Tertium datur!

Ao lado das duas posições igualmente erradas que acabamos de comentar — por um lado, a dos padres de Campos e do padre Aulagnier, e por outro lado, a dos dominicanos de Avrillé e de Dom Williamson — existe uma terceira que só pode justificar uma oposição resoluta e militante a João Paulo II e à igreja conciliar, sem mergulhar no cisma ou na heresia, ou mesmo na absurdo: essa é a posição dita sedevacantista. Esta posição não apenas se recusa a reconhecer como papas os pontífices do Vaticano II, mas também rejeita todas as reformas pós-conciliares, ou seja, o código de direito canônico, a liturgia, o ritual dos sacramentos, a sinaxe, as beatificações e canonizações, as encíclicas, o catecismo, sem esquecer as penitências, as negações sem número, os ajoelhamentos sacrilégios diante das potências do mundo, as múltiplas heresias, em suma, a apostasia generalizada que se deu livre curso desde a morte de Pio XII, em 9 de outubro de 1958.

Já em 1988, o padre Bisig, então superior geral da Fraternidade São Pedro, destacou, na brochura *Do sacramento episcopal contra a vontade do papa*, que a única posição que pode justificar logicamente as sagrações sem mandato pontifício é o sedevacantismo. Nós acolhemos essa constatação, acrescentando que, sozinha, ela permite justificar a recusa de se submeter à igreja conciliar.

O que escreve, de fato, o padre Bisig? Para responder a Dom Lefebvre, que dizia que "o papa atual não é católico", ele afirma: "se se entende 'não é católico' no sentido mais forte, no sentido teológico, perdeu a fé, nos deparamos com um dilema. Ou o papa ainda é papa e, portanto, mantém jurisdição (validamente, embora ilícitamente), e então é sempre ele e somente ele quem designa os membros do colégio dos sucessores dos apóstolos, e, portanto, os bispos de 30 de junho não fazem parte, ou o papa não é mais papa e, portanto, não tem (mais) jurisdição: é a 'sedis vacância' (sic). Embora Dom Lefebvre nunca tenha se pronunciado sobre a atualidade e a possibilidade teórica dessa tese e de suas consequências — ele sempre a negou oficialmente —, permanece que, na prática, é bem a 'sedis vacância' que o dirige, pois ela só pode explicar de forma coerente sua posição" (página 52); da mesma forma, para explicar as declarações de Dom Lefebvre segundo as quais "os conciliares são cismáticos", o autor da brochura acrescenta à nota (a) da página 30: "e, portanto, não são papa; não se pode ser papa e cismático ao mesmo tempo; isso é uma contradição nos termos, embora alguns teólogos tenham debatido o contrário, como é de se esperar; de fato, não se vê como o papa possa ser afastado dessa unidade da qual ele é, por sua própria função, o garantidor. É por essa razão teológica que alguns escolheram consequentemente o sedevacantismo"; na nota (a) da página 42, ele afirma ainda: "sabe-se que muitos padres da Fraternidade São Pio X pedem, em consequência, a seus chefes que tenham a honestidade de reconhecer a vacância da sede apostólica, que sozinha (somos nós que destacamos) justificaria as sagrações de 30 de junho".

Ao adotar praticamente a mesma posição que o antigo superior geral da Fraternidade São Pedro, o padre Aulagnier, se quiser continuar sendo lógico, deve necessariamente admitir que a posição de Dom Williamson — e em alguns momentos, a de Dom Fellay — é incoerente e que, em contrapartida, os sedevacantistas são os únicos que são coerentes entre aqueles que se separaram, de uma forma ou de outra, da igreja conciliar.

9 - A Igreja conciliar não é a Igreja católica

Na edição 44 da *DICI*, para justificar sua súbita e provisória desaprovação do acordo de Campos com Roma, Dom Fellay *volens nolens* recorreu a argumentos cripto-sedevacantistas; após suas primeiras declarações em meados de janeiro, passavelmente confusas, mas, no entanto, bastante favoráveis a um acordo, ele começou novamente, no início de março, a falar em termos severos sobre a "Roma modernista" e a "Igreja conciliar", confundindo-as em uma mesma execrável avaliação, antes de afirmar novamente em meados de abril que as pontes não estavam cortadas com Roma e que, ao contrário, as negociações tinham se reiniciado com ânimo renovado (veja mais adiante). Essas mudanças são típicas da confusão intelectual e das imprecisões doutrinárias (e o termo é fraco!) do movimento que se reivindica do prelato de Écone.

A propósito, seria necessário que Dom Fellay explicasse como essa "Roma modernista", essa "Igreja conciliar" pode ser ao mesmo tempo a Igreja católica! Da mesma forma, neste texto de 1º de março, o superior geral da FSSPX estigmatiza a "prevaricação" de Assis, define o Vaticano como "a grande catástrofe do século XX, a causa de danos incalculáveis feitos à Igreja e às almas". No entanto, algumas semanas antes,

o mesmo homem confiou à agência Apic: “A reconciliação com Roma vai levar tempo, mas deve ocorrer ainda durante este pontificado. (…) Se as pessoas de Campos forem bem tratadas, isso fará avançar as coisas em nossa direção. (…) Roma nos propõe, aliás, uma situação jurídica aceitável: uma administração apostólica, melhor do que uma prelatura pessoal como a do Opus Dei. Com uma estrutura jurídica assim, poderíamos levar a cabo uma ação apostólica autônoma sem ter de pedir autorização ao bispo diocesano. Teríamos uma verdadeira diocese com a particularidade de que se estenderia ao mundo inteiro”.

Da mesma forma, alguns meses antes, em junho de 2001, o superior geral da FSSPX havia chegado a declarar a um jornal suíço que “a aceitação de 95% do Concílio Vaticano II não apresentava qualquer problema”. Mas como se pode aceitar 95% um concílio que, oito meses depois, é considerado “a grande catástrofe do século XX”? Já Dom Lefebvre, em 1978, após a audiência que teve com João Paulo II, declarou “aceitar o concílio à luz da Tradição”.

Subsequentemente, em uma conferência, o prelato de Écone precisou que aceitar o concílio à luz da Tradição significava aceitar as partes conformes à Tradição, corrigir as partes ambíguas e rejeitar as partes contrárias. Dom Fellay retoma, em seu editorial da edição 44 da *DICI*, o raciocínio de seu mestre de pensamento: “(...) quando dizemos aceitar o Concílio com restrições (recusar o que é contrário ao ensino perene, interpretar o ambíguo à luz da Tradição, aceitar o sempre ensinado), parece que dizemos tudo outra coisa do que o que os romanos entendem”. No entanto, na realidade, fazer isso, apesar do que pensa Dom Fellay, não é “aceitar o Concílio com restrições”, mas é simplesmente rejeitá-lo. O erro nunca pode ser completamente absoluto; deve necessariamente se basear em algo verdadeiro; no caso do Vaticano II, os elementos verdadeiros serviram para fazer passar as partes ruins, como um bom bolo permite engolir um veneno. Se seguirmos a lógica de Dom Fellay, seria necessário aceitar o bolo e recusar o veneno; ora, uma pessoa sensata rejeita, evidentemente, o todo!

Além disso, o editorialista da mesma edição da *DICI* comenta a seguinte declaração de Dom Rangel, de 18 de janeiro de 2002: “Reconhecemos o Concílio Vaticano II como um dos Concílios ecumênicos da Igreja católica, aceitando-o à luz da Santa Tradição”, explicando-a da seguinte maneira: “Alguns objetarão que Dom Lefebvre pronunciou essa frase: ‘Eu aceito o Concílio, interpretado à luz da Tradição’. É verdade que Dom Lefebvre a formulou diante do papa João Paulo II, em outubro de 1978. Notemos, no entanto, que ele não a reiterou posteriormente e que não fez parte do protocolo de acordo de 5 de maio de 1988. De fato, Dom Lefebvre percebeu que ela não tinha a mesma significação para a Roma modernista do que para nós. A resposta dada pelo Cardeal Ratzinger aos ‘Dubia’ sobre a liberdade religiosa, assim como as conversas que Dom Lefebvre teve com o citado Cardeal antes das sagrações de 1988, provam amplamente isso: ‘Não há mais uma única Igreja, é a Igreja do Vaticano II. O Vaticano II representa a Tradição’ (palavras do Cardeal Ratzinger, citadas por Dom Lefebvre na coletiva de imprensa de 15 de junho de 1988). Portanto, é perigoso citar João Paulo II nesse âmbito e querer adotar suas palavras: ‘Esse foi o critério também utilizado pelo Papa João Paulo II quando falou da “doutrina integral do Concílio”, isso significa, ele explicou, que “a doutrina deve ser compreendida à luz da Santa Tradição e referida ao Magistério constante da Santa Igreja” (João Paulo II, discurso na reunião da Escola Sagrada, em 5 de novembro de 1979)”.

Não se pode ser mais claro do que o “cardeal” Ratzinger; para ele, se não se aceita o “concílio” Vaticano II, não se está na Igreja católica. Para nós, é exatamente o contrário: quem aceita Vaticano II não faz parte da Igreja católica, mas sim da igreja conciliar. *Tertium non datur*!

10 - O modernismo « esgoto coletor de todas as heresias »

Para concluir, talvez seja chegado o momento para cada um escolher. Achar-se forte o suficiente para se expor ao envenenamento do modernismo veiculado pela *Roma modernista*, não é isso agir de forma inconsistente? Não é fazer pouco caso do aviso de São Pio X?

Os modernistas, de fato, não são católicos que se enganam, mas os defensores de um sistema que o último papa canonizado definiu como “o esgoto coletor de todas as heresias”. “Se alguém se tivesse dado a tarefa de reunir todos os erros que jamais foram contra a fé e de concentrar a substância deles e como o suco em um

só, verdadeiramente não teria conseguido melhor," acrescenta o santo papa. "Não é ainda suficiente dizer: eles não apenas arruínam a religião católica, mas, como já insinuamos, toda religião". "Mas," insiste o Sumo Pontífice, "é preciso reconhecer que o número dos inimigos da Cruz de Jesus Cristo aumentou estranhamente, nos últimos tempos, que, com uma arte totalmente nova e soberanamente pérfida, se esforçam por anular as energias vitais da Igreja e, mesmo, se pudessem, por derrubar de fundamenta o reinado de Jesus Cristo". "O que exige, sobretudo, que falemos sem demora," afirma corajosamente o sucessor de Pedro, "é que, os artífices de erros, não há necessidade de os buscar hoje entre os inimigos declarados. Eles se escondem e isso é um assunto de apreensão e de angústia muito vívidas, no seio mesmo e no coração da Igreja, inimigos tanto mais temíveis quanto menos abertamente se manifestam. (…) Esses homens podem se surpreender que os coloquemos entre os inimigos da Igreja. (…) Inimigos da Igreja, com certeza o são, e ao dizer que ela não tem piores não nos afastamos da verdade. Não é de fora, de fato, como já foi notado, é de dentro que tramam sua ruína; o perigo hoje está quase nas entranhas e nas veias da Igreja; seus golpes são tanto mais seguros quanto melhor sabem onde atingi-la. Adicione-se que não é aos ramos ou brotos que colocaram a machadinha, mas à raiz mesma, ou seja, à fé e a suas fibras mais profundas. Depois, essa raiz de vida imortal uma vez cortada, eles se dão a tarefa de fazer circular o vírus por todo o árvore: nenhuma parte da fé católica que permaneça a salvo de sua mão, nenhuma que não façam tudo para corromper. E enquanto perseguem por mil caminhos seu desígnio nefasto, nada é tão insidioso, tão pérfido quanto sua tática: amalgamando entre si o racionalista e o católico, o fazem com um tal refinamento de habilidade que facilmente abusam as mentes pouco avisadas" (*Pascendi*, 1907).

Não compreender isso é não ter compreendido nada da revolução em geral e do modernismo em particular, que não é nada mais do que um dos aspectos dessa revolução definida pelo pensador contrarrevolucionário Joseph de Maistre como "satanica em sua essência"; na mesma linha, o Padre Calmel afirmava fortemente que "um modernista é um apóstata dobrado de um traidor". No entanto, Dom Fellay, à vista de suas últimas ações, parece não ter compreendido qual é a verdadeira natureza do modernismo. Assim, em uma entrevista concedida à *Monde et Vie* (edição 698; 18 de abril a 8 de maio de 2002) sob o título eloquente *As conversas com Roma foram retomadas*, o superior geral da FSSPX nos informa que Roma lhe propõe "um grupo de trabalho, de discussão teológica, onde teólogos do Vaticano e teólogos da Fraternidade estudarão a missa" e se apressa a acrescentar: "Responderemos positivamente, como a cada chamado de Roma a nosso respeito". Notamos que Dom Fellay parece se interessar, nesta entrevista, mais pela questão da missa do que pelas questões que tocam à fé, fazendo assim eco à edição 141 da revista *Fideliter* (maio-junho de 2001) que titula: *Antes de tudo, a missa. Digamos francamente, essa expressão nos parece extremamente ambígua, para não dizer completamente inaceitável. Não se pode, de fato, esquecer que antes da missa, que acima da missa, está a fé, a doutrina de sempre. Portanto, seria melhor dizer: Antes de tudo, a Fé. De fato, querer defender a missa, sem primeiro defender a santa doutrina, é inverter a ordem dos valores e, em todo caso, isso não é mais do que uma meia medida". Dom Fellay pensa que "devolver o direito à missa mudará tudo" e aproveita a oportunidade para reafirmar sua crença na validade da nova missa! Essa abertura "à esquerda" é, sem dúvida, propensa a fazer avançar as negociações com o Vaticano!

A esse respeito, o superior geral chega a dizer: "Se Roma autoriza a missa tridentina, isso será um sinal, um primeiro passo, de que Roma retorna à Tradição". No entanto, os fatos provam que essa esperança é infundada! De fato, a "Roma modernista" já concedeu, sob certas condições, a celebração da missa tradicional sem, no entanto, dar *sinais* de seu retorno *à Tradição*. Além disso, a celebração da missa tridentina não é, por si só, um sinal de ortodoxia católica. Sob a Revolução Francesa, por exemplo, os padres juramentados celebravam a missa válida, e, no entanto, eram cismáticos, de modo que um católico não podia assistir ao culto deles. Da mesma forma, ainda hoje na França existem seitas como a dos galicanos ou a dos velhos-católicos, hostis ao dogma da infalibilidade pontifícia, que são realmente cismáticas e até heréticas, e que, no entanto, celebram a missa de sempre. Se considerarmos ainda as diversas seitas de cismáticos orientais que estão em ruptura com Roma há séculos, é forçoso constatar que elas também conservaram a liturgia tradicional. Portanto, não é evidentemente um critério suficiente de catolicidade e de retidão doutrinária celebrar a mesma missa que os católicos, seja ela tridentina ou oriental.

Quanto à frase de Dom Fellay: *« que Roma revienne à la Tradition »*, com um T maiúsculo, ou seja, à Tradição Apostólica, isso significa — se as palavras têm sentido — que Roma não está, quer queira ou não, atualmente nesta Tradição. Não se pode, evidentemente, estar fora da Tradição e ser católico ao mesmo tempo. Em termos claros, voltar à Tradição significa, nem mais nem menos, converter-se ao catolicismo; aliás, na jornada de adoração que é organizada alternadamente nos diferentes centros da Fraternidade, uma das intenções de oração não é a « *conversão do papa* »? Expressão passavelmente contraditória, pois se « *o papa atual não é católico* » como dizia Dom Lefebvre, e que ele deve se converter, isso significa que ele não é papa; pois se ele é papa, não tem, obviamente, que se converter.

E ao mencionar, além disso, sempre na mesma entrevista, o status da administração apostólica que Roma propõe à Fraternidade, o superior geral declara: « *É um esplêndido Rolls Royce, já que teríamos a jurisdição ordinária, mas hesitamos devido aos numerosos pregos na estrada: Assis, o pluralismo ecumênico, a demolição dos fundamentos da fé…* » Em outras palavras, para Dom Fellay, atos públicos de apostasia como Assis, e mais geralmente o que ele próprio chama de « *a demolição dos fundamentos da fé* » não são mais do que « *pregos na estrada* ». Mas os « *pregos na estrada* », podem sempre ser evitados ou pode-se munir de pneus inexoráveis que tornam a condução, sem dúvida, menos confortável, mas, no entanto, sempre possível. Dom Fellay pensa que vai evitar os pregos ou que terá pneus inexoráveis?

« *Segundo o cardeal, a reunificação da Igreja sempre foi a vontade do Papa João Paulo II. Ele contou que, durante o Jubileu da Igreja, no ano 2000, tradicionalistas de todo o mundo visitaram o Vaticano, abrindo-se ao diálogo. Desde então, Hoyos, que é o presidente da Comissão Eclesiástica criada pelo Papa com esse objetivo, e os bispos partidários de Marcel Lefebvre começaram a ter intensas conversas. Segundo Dom Castrillon, a reunificação de todos os grupos, inclusive a Fraternidade São Pio X da França, é apenas uma questão de tempo* », nos relata a edição 42 da *DICI,* de 15 de fevereiro de 2002. Ao ver as iniciativas de Dom Fellay, também somos inclinados a pensar assim.

O padre de Tanoüarn, em sua revista trimestral *Certitudes* e seu boletim mensal *Pacte*, gosta de qualificar João Paulo II de Jano. As posições contraditórias e incoerentes sustentadas pela Fraternidade São Pio X há trinta anos levam a questionar se a qualificação de Jano não se aplicaria melhor a essa organização e aquelas que gravitam em sua órbita.

Don Francesco Maria Paladino.

---

[1] O fato de publicarmos alguns artigos não significa de modo algum que compartilhamos todas as posições de seus autores.

[2] Esta edição não contém data. Parece que é anterior a dezembro de 2004.

[3] Não apenas seus padres recebem as Ordens dos quatro bispos, mas eles também se situam abertamente, como indica regularmente a terceira página de capa de sua publicação, "*na linha da luta pela Tradição na Igreja empreendida por Sua Excelência Dom Lefebvre*".

[4] Ou melhor, que encarnava, uma vez que um monge de Barroux veio recentemente dizer a missa e pregar em São Nicolau para os funerais do escritor e jornalista André Figueras. Este evento, inimaginável há dez anos, testemunha o impressionante recuo da Fraternidade, que se distingue cada vez menos dos "*aliançados*".

[5] Este dossiê contém sucessivamente a carta dos padres de Campos a João Paulo II, a resposta deste último, a declaração conjunta de Dom Rangel e do "bispo diocesano" de Campos, a declaração do único Dom Rangel, as palavras do "cardeal" Castrillon Hoyos, presidente da "comissão pontifícia *Ecclesia Dei*", uma entrevista do Padre Cottier, "teólogo da Casa Pontifícia", a reação do Padre Thomas-d'Aquin, superior do mosteiro beneditino da Santa Cruz em Nova Friburgo, Brasil, as declarações de Dom Williamson "*Campos caiu*", um extrato da *Carta semanal do seminário de Zaizkofen* (seminário de língua alemã da Fraternidade) sobre esses acordos, com o título inequívoco: "*Ich hatt' einen Kameraden: eu tinha um camarada*" e,

finalmente, amplos trechos de uma conferência de Dom Lefebvre sobre "*a visibilidade da Igreja e a situação atual*", publicada na edição 66 de *Fideliter*, novembro-dezembro de 1988.

[6] Como autoridades religiosas legítimas, assistidas pelo Espírito Santo e possuindo o carisma de infalibilidade, podem "*destruir a Igreja*"?

[7] A Fraternidade se acharia a Igreja universal? Já Dom Lefebvre afirmava em uma conferência em 1988 que somente a Fraternidade possuía as quatro notas da Igreja católica (unidade, santidade, catolicidade, apostolicidade), ao contrário da igreja conciliar que, esta sim, não as tinha. O texto desta conferência é essencial para compreender o pensamento do fundador da FSSPX e foi reproduzido na edição 40 da revista *Le Sel de la Terre*.

[8] A propósito, a publicação tardia dessa reação oficial de Dom Fellay é ainda mais estranha, pois está em perfeita contradição com as declarações do mesmo bispo na *DICI* de 1º de março: que alguém entenda! (Quando redigimos esta nota, ainda não tínhamos conhecimento das últimas declarações na *Monde et Vie* do superior da FSSPX, as quais permitem compreender, como veremos adiante, o porquê dessa publicação tardia na *Fideliter*).

[9] Em uma *Solenidade advertência ao papa João Paulo II*, Dom Lefebvre, em conjunto com Dom de Castro Mayer, escreve em 31 de agosto de 1985, por ocasião do "sínodo" extraordinário reunido em Roma durante o vigésimo aniversário do fim do "concílio": "*Se o próximo Sínodo não retornar ao Magistério tradicional da Igreja em matéria de liberdade religiosa, fonte de heresia, teremos o direito de pensar que os membros do sínodo não professam mais a fé católica. (…) Santíssimo Pai, Sua responsabilidade está gravemente comprometida nesta nova e falsa concepção da Igreja que leva o clero e os fiéis à heresia e ao cisma. Se o Sínodo, sob Sua autoridade, persevera nessa orientação, Você não será mais o Bom Pastor*" (*Fideliter*, número 49, janeiro-fevereiro de 1986).

Em 1986, o arcebispo vai ainda mais longe: em sua homilia de Páscoa, em Écone, ele afirma: « *Estamos realmente diante de um dilema grave, e excessivamente grave que, creio, nunca existiu na Igreja: que aquele que está assentado na Cátedra de Pedro participe de cultos de falsos deuses. Não penso que isso tenha acontecido jamais na Igreja. Que conclusão devemos tirar talvez em alguns meses, diante desses atos repetidos de comunicações a falsos cultos? Não sei… Pergunto-me. Mas é possível que estejamos na obrigação de crer que este papa não é papa. Pois me parece à primeira vista que é impossível que um papa seja herético publicamente e formalmente. Nosso Senhor lhe prometeu estar com ele, guardar sua Fé, mantê-lo na Fé. Como aquele a quem Nosso Senhor prometeu guardá-lo na Fé definitivamente, sem que possa errar na Fé, pode ao mesmo tempo ser herético publicamente e quase apostatar…? Eis o problema que nos diz respeito a todos, que não diz respeito apenas a mim* ».

[10] Esta expressão foi utilizada pelo próprio Dom Lefebvre em 1987 em sua *Carta aos futuros bispos*, que começa com: « *A Cátedra de Pedro e os postos de autoridade em Roma estão ocupados por anticristos (*…) * ».

[11] Não se pode dizer que se está submetido à Roma eterna e não àqueles que a ocupam atualmente, retomando a distinção feita outrora pelos galicanos entre *sedes* (a cátedra) e *sedens* (quem ocupa). Segundo eles, de fato, era necessário estar submetido ao *sedes*, mas não necessariamente ao *sedens*. Essa distinção pode ser encontrada em Bossuet, *Obras completas*, Paris 1846, T. X, pp.443 e 573. De Maistre, a esse respeito, escrevia, após citar alguns autores franceses favoráveis à supremacia papal: « *Nada é mais fácil do que acumular testemunhos franceses a favor do sistema da supremacia (pontifical); os partidários do sistema contrário (os galicanos) sustentam que se aplicam todos ao trono, e não à pessoa dos Pontífices; mas essa sutil distinção, inventada por modernos oponentes levados ao extremo, sempre foi desconhecida na antiguidade que não tinha tanto espírito. Assim, a antiga tradição da igreja galicana, invocada no preâmbulo da Declaração (de 1682), é uma pura quimera* » (*Da Igreja Galicana*, Pélagaud, Lyon, 1852, p.139). Mourret, em sua *História da Igreja*, T. VI, p.331, afirma: « *É a célebre distinção entre Sedem e sedentem, hoje condenada pelo Concílio do Vaticano, mas que poderia ser então livremente debatida entre*

católicos ».

[12] « *E esses Pontífices, quem se atreverá a dizer que falharam, mesmo em um ponto, na missão que receberam de Cristo, de confirmar seus irmãos na Fé?* » (Bento XV, *Principi Apostolorum*, 5/10/1920). "*... Mas, para a fé e a regra dos costumes, Deus fez participar a Igreja de seu divino magistério e lhe concedeu o privilégio divino* ***de não conhecer o erro***" (Leão XIII, *Libertas*, 20/06/1888).

[13] (1483) Pio XII, *Vos omnes*, 10/09/1957: «*Que, entre vocês, não haja lugar para o orgulho do "livre exame", que se relaciona mais com a mentalidade heterodoxa do que com o espírito católico, e segundo o qual os indivíduos não hesitam em pesar ao peso de seu próprio julgamento mesmo o que vem da Cátedra Apostólica*».

[14] Recordemos entre outros o que dizia Pio XI: « *Ninguém se encontra e ninguém permanece nesta única Igreja de Cristo, a menos que reconheça e aceite, com* ***obediência****, a autoridade e o poder de Pedro e de seus legítimos sucessores* » (*Mortalium animos,* 6/1/1928). Os bispos alemães fizeram, a este respeito, uma declaração explicitamente aprovada por Pio IX no documento *Mirabilis illa constantia*, de 4 de março de 1875 (Denz. S., 3117), onde dizem: "*...o bispo de Roma é também papa, isto é, pastor e chefe da Igreja universal, chefe de todos os bispos e de todos os fiéis;* ***sua autoridade papal não está em vigor apenas em alguns casos excepcionais determinados, mas subsiste e obriga sempre, em todo tempo e em todo lugar***" (Denz. S. 3113)**.**

[15] Esta palavra foi forjada por Jean Madiran para designar pejorativamente aqueles que não reconheciam Paulo VI e João Paulo II como papas. Muitos não aceitam essa expressão; de qualquer forma, aqueles que defendem esta posição são conhecidos por esse nome e, por conveniência pedagógica, usaremos também este termo.

[16] O padre Aulagnier teve que renunciar, no final de fevereiro, a todas as suas publicações, após ter que abandonar um mês antes seu cargo de segundo assistente do superior geral, prova de um endurecimento do núcleo dirigente da Fraternidade, obviamente de fachada e passageiro, como a experiência já demonstrou amplamente. A prova nos foi dada já no dia 14 de abril, durante o encerramento do congresso anual de *Si Si No No* realizado na Mutualidade em Paris, quando Dom Fellay confessou publicamente que « *as negociações com Roma* (tinham) *sido retomadas* ».

Um antigo seminarista denuncia a proteção do predador homossexual Urrutigoity pelo Padre Schmidberger em 1989

Sábado, 10 de novembro de 2007

Um ex-seminarista da SSPX na Alemanha denuncia a desculpa dada pelo Pe. Schmidberger (Superior da SSPX) ao predador homossexual Urrutigoity em 1989.

A publicação do nosso dossiê sobre **o antigo anglicano, Dom. Williamson-'*Cunctator*[1]' à Rosa[2], o antigo protetor e ordenante em Winona do clérigo homossexual predador Carlos Urrutigoity[3]**, gerou grande emoção. As línguas se afrouxam e as pessoas testemunham, nós iremos publicá-las ao longo de várias mensagens.

Um antigo seminarista da FSSPX em Zaitzkofen, na Alemanha, em 1989, nos autoriza a publicar seu testemunho pessoal que ele endereçou recentemente a um clérigo. Este testemunho mostra que em 1989, o Padre Schmidberger, Superior da FSSPX, protegeu o predador homossexual Urrutigoity contra as denúncias do Padre Morello, Superior do seminário da FSSPX de La Reja, que queria expulsar o pedófilo. Recordemos que o Padre Morello foi relegado a Santiago do Chile por 6 meses, durante os quais a transferência do Padre Urrutigoity para o seminário de Winona foi realizada por Dom. Williamson-'Cunctator'. Em 16 de julho de 1989, o Padre Morello foi expulso da FSSPX (por "crime" de opinião 'sedevacantista') alguns dias após sua manifestação de protesto junto a Dom. Williamson contra Urrutigoity, e pouco depois Dom. Williamson fez ordenar o predador homossexual Urrutigoity.

> "Caro Padre,
>
> Desde que sei que Dom. Williamson protegeu homossexuais (…)
>
> Sou testemunha desses eventos em La Reja em 1989, pois logo após os problemas lá, Schmidberger veio a Zaitzkofen e nos falou sobre isso e como o "malfeitor" Morello perseguia os "seminaristas inocentes". Um deles era, como você sabe, o idiota com nome basco Urrutigoity. O outro era o Padre Mariano Barte, que pediu às autoridades da Frankenchurch (Igreja conciliar) para ser dispensado do celibato. Em ambos os casos, Morello estava certo. Mas Morello teve que sair.
>
> Sinto muito, mas como isso é uma coisa bastante pesada para eu digerir, (…)
>
> Sou pai de família e a perspectiva de que esses tipos protegidos por Williamson possam um dia molestar meus filhos ou os filhos dos meus amigos, me enche de raiva.
>
> Que Deus o abençoe,
>
> Th. St."

Publicação em inglês

> "Dear Father,
>
> since I know that Bishop Williamson protected homosexuals (…)

I am a witness of those events in La Reja 1989, because immediately after the trouble there, Schmidberger came to Zaitzkofen and told us about it and how the “evil-doer” Morrello persecuted “innocent seminarians”. One of them was, as you know, the moron with the Bask name Urrutigoity. The other one was Father Mariano Barte who asked Frankenchurch authorities to be freed from celibacy. In both cases Morello was right. But Morello had to go.

Sorry, but since this is very heavy for me to digest, (…)

I am a father and the perspective that those guys protected by Williamson could once molest my or my friends’ children, fills me with anger.

God bless,

Th. St.”

Portanto, encontramos bem essa dupla proteção de Williamson e Schmidberger em relação ao predador homossexual Urrutigoity.

Até quando esse duo Williamson-Schmidberger que neutraliza a luta da FSSPX será tolerado?

Nos Estados Unidos, os casos de moralidade se multiplicam dentro da Igreja de Ratzinger. Indicamos um site dedicado a esses casos:

http://www.bishop-accountability.org/

Continuemos a boa luta

Padre Marchiset

Comunique-nos suas informações

---

[1] **Cf. as três mensagens VM de 17 de setembro e 02 de outubro de 2007:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[2] **Cf. as duas mensagens VM de 15 e 18 de outubro de 2007:**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

[3] **Cf. as duas mensagens VM de 20 de outubro e 01 de novembro de 2007:**

APOSTOLICAE CURAE

CUIDADO APOSTÓLICO

Sobre as Ordenações Anglicanas

LEÃO, EPISCOPAL
Servo dos Servos de Deus

Para a Memória Perpétua

Cuidado apostólico e de caridade, com a qual buscamos transmitir e imitar o Grande Pastor das ovelhas, Nosso Senhor Jesus Cristo (Hebreus XIII, 20), aspirando à sua graça, dedicamos uma parte considerável à nobre nação inglesa. Um teste especial de nossa vontade é a carta que emitimos no ano passado, dirigida aos ingleses, que buscam o reino de Cristo na unidade da fé: pois recordamos a antiga união desse mesmo povo com a Mãe Igreja e esforçamo-nos para apressar a feliz reconciliação, despertando em suas almas a solicitude de orar a Deus. E, mais recentemente, ao parecer adequado abordar extensivamente em conjunto a unidade da Igreja, não deixamos de observar a Inglaterra; com a esperança reluzente de que nossos documentos pudessem trazer tanto firmeza aos católicos quanto um saudável alvorecer aos dissidentes. E é justo admitir que tanto a humanidade da nação quanto a preocupação de muitos com a salvação eterna recomendam o quanto nossa insistência foi bem recebida pelos ingleses e a liberdade de expressão, de fato, não foi impulsionada por ato humano algum. — No entanto, agora deliberamos com a mesma mente e o mesmo ânimo direcionar nossas atenções a uma causa não menos importante, que se relaciona com essa mesma questão e nossos desejos. O que ocorreu entre os ingleses, algum tempo após a separação do centro da unidade cristã, foi a introdução pública de um novo rito para a conferência de ordens sagradas, sob o rei Eduardo VI; por isso, é mantido por muitos o entendimento de que o verdadeiro sacramento da Ordem, tal como foi instituído por Cristo, já se extinguiu, assim como a sucessão hierárquica, um consenso que não uma vez foi reafirmado pelas ações da Igreja e pela constante disciplina. No entanto, nos últimos anos, uma controvérsia floresceu, ponderando se as Ordenações sagradas realizadas segundo o rito eduardiano possuem natureza sacramental e efeito; isso é apoiado, afirmativa ou duvidosamente, não só por alguns autores anglicanos, mas também por poucos católicos, especialmente não ingleses. Uns se moviam pela excelência do sacerdócio cristão, desejando não estar privados de seu duplo poder sobre o corpo de Cristo; outros buscavam uma maneira de facilitar o retorno à unidade: ambos estavam persuadidos de que seria oportuno reexaminar a questão com autoridade em meio a estudos já avançados e novos monumentos literários emergentes da obscuridade. Nós, no entanto, sem negligenciar tais planos e desejos, e principalmente obedecendo à voz da caridade apostólica, decidimos experimentar tudo que parecesse de algum modo conduzir à salvação das almas, seja afastando-as da perda, seja promovendo utilidades.

Assim, foi decidido de maneira muito benevolente reexaminar a questão: de fato, de tal modo que, por meio do profundo cuidado de uma nova investigação, qualquer espécie de dúvida fosse removida para o futuro. Por conseguinte, confiamos a um certo número de homens destacados por sua doutrina e erudição, cujas opiniões diversas sobre a própria causa foram reconhecidas, a tarefa de redigir suas posições. Depois, ordenamos que se reunissem para compartilhar seus escritos entre eles, e que investigassem e avaliassem qualquer coisa que merecesse ser reconhecida. Enviasse que nós orientássemos para que pudessem ter em seus arquivos, oportuna documentação, seja para reconhecer, seja para trazer à luz o que ainda não tinha sido explorado; bem como para que tivessem disponível qualquer ato da mesma natureza guardado pelo Sagrado Conselho, que se chama *Supremo,* e ainda tudo o que foi publicado até o momento por homens mais eruditos em ambas as partes. Equipados com tais auxílios, desejamos que se reunissem em encontros singulares; os quais foram realizados em doze ocasiões, presididas por um dos Cardeais da Sagrada Rota designado por Nós, concedendo a cada um a liberdade de discutir. Por fim, ordenamos que os atos dessas reuniões, juntamente com os demais documentos, fossem apresentados aos nossos Veneráveis Irmãos Cardeais do mesmo Conselho; os quais, refletindo sobre a causa e então debatendo-a diante de Nós, pudessem expressar sua

opinião.

Considerando que para conduzir a questão de maneira ordenada, era justo não avançar antes que a causa tivesse sido cuidadosamente investigada, para determinar em que grau ela já se encontrava de acordo com as prescrições da Sé Apostólica e com a prática estabelecida; era significativo considerar tanto os princípios quanto o peso dessa prática. Por isso, em primeiro lugar, foram cuidadosamente examinados os documentos principais pelos quais nossos predecessores, a pedido da rainha Maria, dedicaram atenção especial à reconciliação da Igreja inglesa. O Papa Júlio III designou como Legado de sua parte o Cardeal Reginaldo Pol, de nacionalidade inglesa e de louvável destaque, para essa obra, *como seu anjo da paz e do amor*, e lhe deu missões e poderes fora das normas habituais (isso foi feito em agosto de 1553 por meio de cartas sob selo de chumbo, *Se em algum momento* e *Após a nossa mensagem*, entre outras); os quais foram então confirmados e declarados por Paulo IV.

Para que se entenda corretamente o peso que possuem os documentos mencionados, é necessário estabelecer, em termos de fundamento, que sua proposta não foi de forma alguma abstrata, mas totalmente aderente à realidade e peculiar. Pois as faculdades concedidas ao Legado apostólico por esses Papas referiam-se, unicamente, ao estado da religião na Inglaterra; e as normas de ação que também foram conferidas ao mesmo Legado não poderiam, de modo algum, ser aplicadas genericamente a aquelas questões, sem as quais as ordens sagradas não têm validade; mas devem estar propriamente relacionadas à provisão das ordens sagradas nesse reino, conforme as circunstâncias do tempo e da situação exigissem. Este mesmo fato, além de ser claro pela natureza e pela forma dos mesmos documentos, também se revela claramente pelo fato de que seria totalmente incoerente querer que o Legado fosse lembrado da necessidade das coisas que são indispensáveis para a confecção do sacramento da Ordem, considerando que era um homem cuja doutrina já tinha brilhado no Concílio de Trento.

Com o entendimento claro disso, não será difícil perceber por que nas cartas de Júlio III ao Legado apostólico, redigidas no dia 8 de março de 1554, há uma menção distinta, primeiro sobre aqueles que, *promovidos de modo correto e legítimo*, deveriam ser mantidos em suas ordens, então sobre aqueles que *não foram promovidos às sagradas ordens*, os quais poderiam, *se encontrados dignos e idôneos*, ser promovidos. Pois, de fato, é notado de forma clara e definitiva, como realmente era, uma dupla classe de pessoas: uma, dos que verdadeiramente receberam a ordenação sagrada, pois isso ocorreu antes da secessão de Henrique, ou se, depois dela, e através de ministros envolvidos em erro ou dissenso, no entanto, segundo o rito católico habitual; a outra classe, daqueles que foram iniciados de acordo com o Ordinal eduardiano, que poderiam, por isso, *ser promovidos*, porque receberam uma ordenação inválida.

De fato, a carta do Pontífice confirma claramente que esse não foi outro propósito. O mesmo se evidencia na carta do Legado, datada de 29 de janeiro de 1555, onde ele confere suas faculdades ao bispo de Norwich. Além disso, deve ser considerado principalmente que essas mesmas cartas de Júlio III mencionam as faculdades pontifícias de serem usadas livremente, mesmo em benefício daqueles a quem o ministério da consagração foi conferido *de maneira menos correta e não observando a forma habitual da Igreja*: de fato, essa locução certamente referia-se àqueles que foram ordenados segundo o rito eduardiano; pois, além dessa, não havia outra forma católica em uso na Inglaterra naquele tempo.

No entanto, isso se tornará mais claro ao mencionarmos a embaixada que Filipe e Maria, reis, enviaram a Roma ao Papa em fevereiro de 1555, com o conselho do Cardeal Pol. Os emissários reais, três homens *extremamente proeminentes e dotados de todas as virtudes*, entre os quais estava Tomás Thirlby, bispo de Ely, tinham a proposta de informar o Papa sobre a situação da religião naquele reino e, em primeiro lugar, solicitar que aquilo que o Legado havia cuidado e realizado para a reconciliação deste mesmo reino com a Igreja fosse considerado válido e confirmado por ele: para tal, foram apresentados ao Papa todos os testemunhos escritos relevantes, e as partes do novo Ordinal que estavam mais diretamente relacionadas com o assunto. Assim, Paulo IV, ao receber magnificamente a embaixada, e após uma cuidadosa discussão dos mesmos testemunhos através de alguns Cardeais *examinando-os diligentemente*, e *tendo havido uma deliberação madura*, deu cartas do *Amadíssimo* sob o selo de chumbo no dia 20 de junho do mesmo ano. Nelas, quando foi adicionada uma plena confirmação e robustez às ações de Pol, está prescrito sobre as

ordenações: ... *os que foram promovidos às ordens eclesiásticas... a partir de alguém que não fosse um bispo legitimamente e corretamente ordenado, devem ser obrigados a receber esses mesmos ordens... de novo*.

Agora, quem eram tais bispos, *não legitimamente ordenados*, já havia sido suficiente indicado nos documentos anteriores, bem como nas faculdades aplicadas pelo Legado a esse respeito: evidentemente aqueles que, para o episcopado, assim como outros para outras ordens, foram promovidos sem observar a forma habitual da Igreja, ou *não observando a forma e intenção da Igreja*, conforme o próprio Legado escrevia ao bispo de Norwich. Esses, portanto, não eram senão aqueles que foram promovidos segundo a nova forma ritual; a qual também fora examinada com cuidadosa atenção pelos Cardeais. Não deve ser deixado de lado um ponto nas mesmas cartas do Pontífice, totalmente relevante para o assunto; onde, juntamente com outros que precisavam da dispensa, foram mencionados aqueles que *tanto os ordens como os benefícios eclesiásticos obtiveram de fato, sem validade*. De fato, *obtiveram ordens* é o mesmo que um ato nulo e sem efeito, ou seja, *inválido*, como indica a própria marca dessa expressão e o uso da linguagem; especialmente quando o mesmo é afirmado da mesma forma tanto para os ordens quanto para *os benefícios eclesiásticos*, os quais, segundo os institutos de certos cânones sagrados, estavam evidentemente nulos, porque foram conferidos com um vício que os tornava inválidos.

Além disso, cabe destacar que, para aqueles que estavam em dúvida sobre quem poderia realmente ser chamado e considerado bispo *legitimamente ordenado* segundo a intenção do Pontífice, ele não muito depois, no dia 30 de outubro, acrescentou outras cartas na forma de Breve: *Nós*, disse ele, *desejando remover essa hesitação, e expressar mais claramente à serenidade da consciência daqueles que foram promovidos às ordens durante o cisma, o pensamento e a intenção que tivemos nas referidas cartas, declaramos que são somente bispos e arcebispos que não foram ordenados e consagrados na forma da Igreja, que não podem ser considerados e chamados legitimamente ordenados*. Esta declaração, a menos que devesse dizer respeito diretamente ao presente assunto da Inglaterra, isto é, ao Ordinal eduardiano, de fato não teria levado o Pontífice a enviar novas cartas, com as quais pudesse *remover a hesitação* ou *consultar a serenidade da consciência*.

Além disso, o Legado compreendeu os documentos e mandatos da Sé Apostólica de outra maneira e assim os obedeceu com zelo e religiosidade: isto foi igualmente realizado pela rainha Maria e por outros que a assistiram em restaurar a religião e os institutos católicos ao seu estado original.

As autoridades que invocamos, de Júlio III e Paulo IV, mostram claramente os princípios dessa disciplina que, desde há mais de três séculos, é mantida de maneira constante, de modo que as ordenações realizadas segundo o rito eduardiano sejam consideradas nulas e sem efeito, cuja disciplina é amplamente apoiada por múltiplos testemunhos dessas mesmas ordenações que foram frequentemente realizadas de maneira absoluta e segundo o rito católico, até mesmo nesta Urbe. — Portanto, na observância dessa disciplina reside uma força oportuna ao propósito. Pois, se alguém por acaso tiver alguma dúvida sobre qual seja, de fato, a interpretação deveras adequada dos diplomas dos Pontífices, isso é corretamente posto: *A boa tradição é a melhor intérprete das leis*. Uma vez que, por certo, o sacramento da Ordem sempre permaneceu firme e constante na Igreja, não poderia ser permitido que tal prática fosse tolerada pela Sé Apostólica, nem deveria ser tolerada. Contudo, ela não apenas não foi tolerada, mas também foi aprovada e sancionada, sempre que um ato peculiar nesse mesmo assunto foi sujeito a julgamento. Apresentamos dois desses atos, dentre os muitos que foram, desde então, submetidos à *Suprema*: o primeiro, em 1684, de um certo calvinista francês, o segundo, em 1704, de João Clemente Gordon; ambos obtiveram suas ordens segundo o rito eduardiano. No primeiro caso, após uma cuidadosa investigação do assunto, vários consultores emitiram suas respostas, que na jurisprudência são chamadas votos, e outros concordaram com eles em uma única opinião, *pela invalidez da ordenação*: considerando assim a oportunidade, os Cardeais acharam adequado responder: *Dilata*. As mesmas ações foram repetidas e reexaminadas no segundo caso: buscaram-se, além disso, novas opiniões de consultores, e foram consultados doutores ilustres da Sorbonne e de Douai, nem se deixou de lado qualquer auxílio de prudência mais perspicaz para compreender completamente a questão. E deve-se notar que, ainda que tanto Gordon, cujo caso estava em pauta, quanto alguns consultores, citassem entre as causas da *nulidade* a ordenação de Parker, na deliberação, no entanto, essa causa foi absolutamente deixada de lado, de modo que os documentos provêm de fé íntegra, e não houve consideração outra senão *o defeito de forma e intenção*

. Para que o julgamento fosse mais preciso, foi acordado que o exemplar do Ordinal anglicano fosse disponibilizado; e também foram confrontadas as diversas formas de ordenação com aquela, extraídas de vários ritos orientais e ocidentais. Assim, o Cardeal Clemente XI, com os votos que lhe eram pertinentes, decidiu, na quinta-feira, dia 17 de abril de 1704, *decretar*: "João Clemente Gordon *deve ser ordenado integralmente e absolutamente* para todos os ordens, inclusive os sagrados e, na medida em que não tenha sido confirmado, deve antes receber o sacramento da Confirmação". Essa decisão, é importante notar, não se deveu a qualquer defeito nos *instrumentos de transmissão*: pois, então, prevalecia a determinação de que a ordenação fosse *restaurada sob condição*. Contudo, é ainda mais importante observar que a decisão do Pontífice se refere universalmente a todas as ordenações anglicanas. Embora o ato tenha tocado um aspecto peculiar, não se originou em razão de uma peculiaridade, mas sim de um *vício de forma*, pelo qual, de fato, todas as ordenações eram igualmente afetadas: de tal maneira que sempre que fosse necessário decidir sobre um assunto similar, sempre foi comunicado o mesmo decreto de Clemente XI.

"Uma vez que assim estão as coisas, ninguém vê que a controvérsia suscitada em nossos tempos foi antes claramente definida pelo juízo da Sede Apostólica, após ter sido conhecida com documentos que não foram suficientemente estudados, talvez tenha acontecido que algum escritor católico não hesitasse em ter uma discussão livre sobre isso. De fato, como mencionamos no início, nada nos é mais desejável e importante do que poder ser de grande proveito para os homens de bem com máxima indulgência e caridade; por isso, ordenamos que fosse novamente investigado com grande diligência o Ordinário Anglicano, que é a questão central de todo o assunto.

No rito de qualquer sacramento a ser celebrado e administrado, distingue-se juridicamente entre a parte *cerimonial* e a parte *essencial*, que geralmente chama-se *matéria e forma*. E todos sabem que os sacramentos da nova lei, sendo sinais sensíveis e eficazes da graça invisível, devem dar e significar a graça que eles produzem e produzir o que significam. Essa significação, embora deva ser encontrada em todo o rito essencial, ou seja, na matéria e na forma, pertence principalmente à forma; uma vez que a matéria é uma parte indeterminada por si mesma, que é determinada por ela. Isso se manifesta mais claramente no sacramento da Ordem, cuja matéria, na medida em que se considera neste local, é a imposição das mãos; a qual, de fato, não significa nada definido por si mesma e é igualmente usada para certos graus da Ordem, assim como para a Confirmação. De fato, as palavras que são consideradas pela última idade como a forma própria da ordenação presbiteral, a saber, *Recebe o Espírito Santo*, não significam de modo algum de maneira definitiva a ordem do sacerdócio ou sua graça e poder, que é precisamente o poder *de consagrar e oferecer o verdadeiro corpo e sangue do Senhor* (Concílio de Trento, Sessão XXIII, sobre o sacramento da Ordem, cânon 1), ao sacrificado que não é *uma mera recordação do sacrifício realizado na Cruz* (Concílio de Trento, Sessão XXII, sobre o sacrifício da Missa, cânon 3). Esta forma foi, de fato, posteriormente aumentada com as palavras *para o ofício e a obra do presbítero*; mas isso demonstra, em vez disso, que os anglicanos perceberam que essa primeira forma foi imperfeita e inadequada para a coisa. A mesma adição, se de fato pudesse acrescentar um significado legítimo à forma, foi introduzida posteriormente, já tendo passado um século após a aceitação do Ordinário Eduardo; pois, em razão disso, a Hierarquia estava extinta e o poder de ordenar já não existia. Além disso, não foi de maneira alguma buscado auxílio para a causa recente a partir de outras orações desse mesmo Ordinário. Pois, para deixar de lado outras questões que demonstram que elas são menos suficientes no rito anglicano com relação ao propósito, este é um argumento, e isso é tudo, que foi deliberadamente omitido daquilo que claramente designa a dignidade e os ofícios do sacerdócio no rito católico. Portanto, uma forma que evidentemente omite aquilo que deveria significar propriamente não pode ser adequada e suficiente para o sacramento.

O mesmo se aplica à consagração episcopal. Pois as fórmulas, *Recebe o Espírito Santo*, não somente têm, posteriormente, as palavras anexadas, *para o ofício e a obra do bispo*, mas também sobre elas, como diremos em breve, o julgamento deve ser diferente do que no rito católico. Nem serve de nada invocar a oração da prefácio *Deus Todo-Poderoso*: uma vez que também esta foi diminuída pelas palavras que declarariam *o sumo sacerdócio*. De fato, não é necessário explorar se o episcopado é um complemento do sacerdócio ou uma ordem distinta dele; ou se é conferido, como dizem, *de uma só vez*,

isto é, a um homem que não é sacerdote, se tem ou não efeito. Mas ele, sem dúvida, por instituição de Cristo, pertencia muito verdadeiramente ao sacramento da Ordem e é um grau excelentíssimo do sacerdócio; que, evidentemente, tanto é chamado pelos santos Padres quanto, em nossa liturgia, *o sumo sacerdócio, a mais alta função do ministério*. Daí resulta que, uma vez que o sacramento da Ordem e o verdadeiro sacerdócio de Cristo foram completamente excluídos do rito anglicano, e assim, na consagração episcopal desse rito, de maneira alguma se confere o sacerdócio, de igual modo, não é de maneira alguma que o episcopado pode ser conferido de verdade e com justiça: e isso especialmente porque, em primeiro lugar, uma das funções do episcopado é, evidentemente, a de ordenar ministros para a Santa Eucaristia e o sacrifício."

"Para uma avaliação correta e verdadeiramente plena do Ordinal Anglicano, além dos pontos destacados em algumas de suas partes, nada realmente é tão decisivo quanto considerar cuidadosamente quais condições prevaleceram para a sua elaboração e disposição pública. É longo enumerar cada um dos detalhes, e não é necessário: a memória da época já fala suficientemente por si mesma sobre o tipo de ânimo que levaria os autores do Ordinal à Igreja Católica, de quem teriam sido os apoiadores advindos de seitas heterodoxas, e a que finalmente estariam voltados os seus planos. De fato, sabendo muito bem qual é a relação entre a fé e o culto, entre *a lei de crer e a lei de rezar*, deformaram a ordem da liturgia de várias maneiras, sob a aparência de restituir sua forma primitiva, em erro dos Inovadores. **Por isso, no inteiro Ordinal, não só não há menção aberta do sacrifício, da consagração, do sacerdócio e do poder de consagrar e oferecer o sacrifício; mas, de fato, todos os vestígios de tais coisas que restam nas orações do rito católico não completamente rejeitadas foram removidos e deletados deliberadamente**, como já mencionamos. Assim, aparece por si mesma a índole e o espírito nativos do Ordinal, como dizem. Portanto, desde a origem, sendo afetado por esse vício, se não pôde valer para o uso das ordenações, nem de modo algum, ao longo das eras, em tal estado persistente, poderia valer no futuro. E aqueles que desde os tempos de Carlos I tentaram admitir algo do sacrifício e do sacerdócio, após isso agregando algumas mudanças ao Ordinal, agiram em vão: da mesma forma, é vã a tentativa do grupo de anglicanos, não muito grande, que recentemente se uniu e acredita poder entender e deduzir o mesmo Ordinal à uma opinião saudável e correta. Dizer que são vãs essas tentativas é correto também por esta razão, que, se algumas palavras no Ordinal anglicano, como está agora, oferecem-se com ambiguidade, mesmo assim não podem ter o mesmo sentido que têm no rito católico. Pois, uma vez que o rito foi novelado, como vimos, ao negar ou adulterar o sacramento da Ordem, e a partir do qual qualquer noção de consagração e sacrifício foi repudiada, já não é mais certo que a fórmula, *Recebe o Espírito Santo*, que é o Espírito, junto com a graça evidentemente do sacramento, é infundida na alma; e as palavras *para o ofício e a obra do presbítero* ou *do bispo* e similares não permanecem senão como nomes sem a realidade que Cristo instituiu. Este argumento é claramente visto por muitos anglicanos, intérpretes do Ordinal; e eles não escondem tal observação contra aqueles que, interpretando-o recentemente, alcançam de esperança vã um valor e uma virtude que não lhes pertence. Da mesma forma, esse único argumento também desmorona a opinião de que a oração *Deus Todo-Poderoso, que é o doador de todos os bens*, que se encontra no início da ação ritual, poderia ser suficiente para a legítima forma da Ordem; mesmo que, de fato, isso pudesse ser considerado como suficiente em algum rito católico que a Igreja aceitasse.

Assim sendo, portanto, a *deficiência da forma* está unida a uma *deficiência da intenção*, que também é necessária, para que exista um sacramento. A respeito da mente ou intenção, sendo uma questão interna por si mesma, a Igreja não julga; mas, na medida em que se manifesta externamente, deve-se fazer um juízo sobre ela. Agora, quando alguém, para a confecção e conferimento do sacramento, aplicou a matéria e a forma devidas com seriedade e retidão, é considerado, evidentemente, que ele pretendeu fazer o que a Igreja faz. Este princípio fundamenta a doutrina que sustenta o caráter verdadeiro de um sacramento, ou seja, que é um sacramento, mesmo que conferido por um ministro herético ou não batizado, desde que o rito seja católico. **Em contrapartida, se o rito é alterado, manifestamente com o propósito de introduzir outro que não é aceito pela Igreja e de repelir o que faz a Igreja e que diz respeito à natureza do sacramento por instituição de Cristo, então é evidente não só que falta a intenção necessária para o sacramento, mas que há, na verdade, uma intenção oposta e contrária ao sacramento**.

Consideramos tudo isto repetidamente, por um longo tempo, entre Nós e com os nossos Veneráveis Irmãos em *Suprema* Judiciários; cujo Colégio também decidimos convocar singularmente diante de Nós na quinta-feira, dia 16 de julho próximo, em comemoração de Nossa Senhora do Carmo. E eles chegaram a um consenso, de que o assunto proposto já havia sido plenamente conhecido e julgado pela Sede Apostólica: e, sobre a questão reexaminada e em andamento, surgiria mais claramente quanto mais o peso da justiça e da sabedoria resolvesse toda a questão. Contudo, consideramos melhor abster-nos da sentença, para que pudéssemos ponderar melhor se seria conveniente e oportuno declarar novamente a mesma questão com a Nossa autoridade, e pedíssemos abundante iluminação divina. Então, considerando que o mesmo princípio da disciplina, embora já definido por direito, foi contestado por alguns, independentemente da razão pela qual foi contestado; e, a partir disso, seria fácil que um erro pernicioso surgisse entre muitos que pensam poder encontrar lá o sacramento da Ordem e seus frutos, onde não há de modo algum, pareceu-nos, no Senhor, emitir a Nossa sentença."

Assim, **concordando plenamente com todos os decretos dos Pontífices Antecessores nesta mesma causa, confirmamos e renovamos completamente, por nossa própria autoridade e ciência certa, declaramos e pronunciamos que as ordenações realizadas pelo rito anglicano foram e são totalmente nulas e sem efeito**.

Resta, portanto, que sob o nome e espírito do *Grandioso Pastor*, incentivamos aqueles que desejam e buscam sinceramente os benefícios da Ordem e da Hierarquia. Até agora, talvez, focando o ardor da virtude cristã e consultando reverentemente as sagradas letras, multiplicando preces piedosas, permaneceram incertos e ansiosos diante da voz de Cristo, que há muito os admoesta intimamente. Agora veem claramente para onde aquele bom pastor os convida e quer levá-los. Se retornarem ao seu único aprisco, então de fato irão alcançar os benefícios buscados e os auxílios de salvação, que a própria Igreja, como guardiã e administradora perpétua da sua redenção entre as nações, disponibilizou. Então, verdadeiramente, *beberão com alegria das fontes do Salvador*, dos seus sacramentos maravilhosos: assim as almas fiéis são restauradas à amizade de Deus, com os pecados perdoados, alimentadas e fortalecidas pelo pão celestial, e afluem a máximos auxílios para a obtenção da vida eterna. Que Deus da paz, Deus de todo consolo, os faça partícipes e os complete com suas grandes benignidades. — Desejamos que nossa exortação e votos sejam particularmente considerados por aqueles que são ministros da religião em suas comunidades. Homens que, pelo próprio ofício, no ensino e na autoridade, estão decididamente preocupados com a glória divina e a salvação das almas, que queiram, prontos, primeiramente obedecer à voz de Deus e prestar-lhe serviço, e dar um precioso exemplo de si mesmos. Certamente, a Igreja-mãe os receberá com singular alegria e os abraçará com toda bondade e providência, os quais, por meio das árduas dificuldades da vida, a força da alma generosa trouxe de volta ao seu seio. É quase indescritível a louvação que lhes cabe entre os irmãos pelo mundo católico, qual será a esperança e confiança diante de Cristo juiz, quais serão as recompensas que deles virão no reino celestial! Nós, de fato, tanto quanto for possível com todos os nossos esforços, não cessaremos de promover a reconciliação deles com a Igreja; pela qual cada indivíduo e ordens, e o que ardentemente desejamos, podem muito obter como exemplo a ser imitado. Entretanto, rogamos a todos, por meio das entranhas da misericórdia de nosso Deus, que fielmente se esforcem por avançar no claro percurso da graça da verdade.

Declaramos que estas presentes cartas e quaisquer coisas contidas nelas nunca poderão ser consideradas ou impugnadas por fraude ou engano, ou pelo vício de nossa intenção ou qualquer outro defeito; mas que deverão sempre ser válidas e estar em sua força, e que devem ser respeitadas inviolavelmente por todos de qualquer grau e dignidade, tanto em julgamento quanto fora dele; declaramos igualmente que será nulo e em vão se alguém, por qualquer autoridade ou pretexto, intencionalmente ou inadvertidamente, tentar agir de maneira contrária a isto, não obstante quaisquer oposições.

Desejamos que os exemplares destas cartas, mesmo impressos, mas assinados à mão pelo Notário e selados, por um homem constituído em dignidade eclesiástica, gozem da mesma fé que a que seria conferida à manifestação de nossa vontade aqui exposta.

Dado em Roma, junto a São Pedro, no ano da Encarnação do Senhor mil oitocentos e noventa e seis, aos idos de setembro, no décimo nono ano de nosso Pontificado.

---

*AAS 29 (1896-97), 193-203.

Denzinger, Heinrich. *Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*. 43a ed. bilingue, editado por Peter Hünermann. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2012, pp. 1156-1161.

A admiração de Mons. Williamson por Tolkien, Autor apreciado pelos meios esotéricos[1]

Sábado, 5 de janeiro de 2008

Nota à parte: Na primeira versão deste texto VM datada de 28 de dezembro de 2007, **fomos enganados por uma fonte anglófona errônea. Esta nova versão do VM está livre dessa fonte não confiável**.

Esta correção não diminui nada do essencial de nossa análise sobre a estranha fascinação de Mons. Williamson por esse autor.

Paralelamente, *continuamos nossos trabalhos sobre Tolkien e os elogios que lhe fazem os meios esotéricos*.

O aparente catolicismo do autor britânico, incluindo sua defesa do rito Tridentino, não constitui de forma alguma um certificado de ortodoxia do autor do *Silmarillion*. Por analogia e para citar **um exemplo mais recente, Jean Borella também aprecia a Tradição da Igreja e formula críticas ao Vaticano II, o que encobriu ainda melhor sua promoção de um pensamento gnóstico e sua periculosidade**, devido à sedução que ele exerceu entre os círculos da Tradição católica, antes que Mons. Lefebvre o expulsasse pessoalmente a pedido de Jean Vaquié.

Um leitor nos informa que durante uma conferência à qual assistiu em Estrasburgo no inverno de 2003, uma pessoa perguntou a Mons. Williamson o que ele achava do filme de Tolkien. Mons. Williamson elogiou muito calorosamente, esclarecendo que Tolkien era um autor católico. A uma pessoa que lhe retrucou que o filme era violento, Mons. Williamson respondeu que havia uma boa violência, iniciando uma comparação entre o que lhe parecia uma boa e uma má violência, para a grande surpresa de grande parte do público.

Essa anedota deve ser relacionada ao que sabemos, de outra forma, sobre **o antigo anglicano, Mons. Williamson-'*Cunctator*[2]'à Rosa[3], o antigo protetor, ordenante e promotor obstinado em Winona dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey[4].**

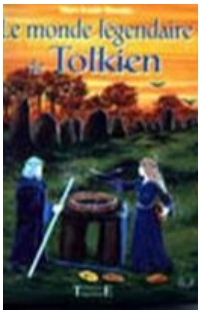
Essa fascinação de Mons. Williamson por Tolkien lembra o mesmo apego demonstrado por uma mulher que desempenhou um papel muito importante no momento da promulgação do *Novus Ordo Missae* em 1969, trata-se de **Cristina Campo (chamada C. nas citações seguintes) proveniente dos meios da gnose na Itália** e muito ligada ao esotérico Zolla:

> *« Sodalitium (e quem conheceu C.), Attilio Mordini (29). À Fábula e ao Fantástico C. dedicou um grande número de seus escritos: basta citar entre outros* Il flauto e il tappeto *(1971) [A flauta e o tapete] e* Fiaba e mistero *(1962) [Fábula e mistério] (agora incluídos ambos em* Os imperdoáveis*). **No congresso de Florença sobre C.**, um apaixonado pela questão, **o evolucionista Gianfranco De Turris** falou sobre isso em* Il senso della fiaba *(pp. 108-115) [O sentido da fábula] **inspirando-se em Tolkien** (E **foi Zolla quem escreveu a introdução da edição italiana de O Senhor dos Anéis, Rusconi, 1970**), de Lévy-Strauss, Eliade, Guénon, Steiner, Evola, Shah (os sufis). Segundo De Turris, "esse era precisamente o sentido da fábula, Cristina Campo estava perfeitamente ciente disso: seus escritos sobre a questão não deixam dúvidas sobre a dimensão espiritual, senão claramente iniciática, que ela conferia não apenas à fábula tradicional, mas também às fábulas de*

autor, como as fábulas francesas da corte do Rei Sol, justamente porque - guenonicamente - elas têm suas raízes na mais autêntica cultura popular...". É a fábula considerada rica em "eventos rituais (iniciações, buscas, ritos de passagem, etc.) que estão a ser relacionados ao mito tradicional, como pensava Mircea Eliade, ou até mesmo na qual estão intencionalmente veladas 'verdades' ocultas, como pensava René Guénon". » páginas 8-9, PADRE FRANCESCO RICOSSA - CRISTINA CAMPO OU A AMBIGUIDADE DA TRADIÇÃO - R. PÈRE M.-L. GUÉRARD DES LAURIERS O.P. - Resposta à "Carta a um religioso" de Simone Weil

« É o ex-colaborador de Massoneria oggi*, Alfredo Cattabiani, quem respondeu ao artigo de Veneziani: "o projeto cultural que eu perseguia com autores e conselheiros certamente não irreligiosos como Augusto del Noce,* ***Elémire Zolla****, Rodolfo Quadrelli e* ***Cristina Campo*** *era de repropor uma série de obras que testemunham a presença persistente ainda no século XX de uma* ***cultura de inspiração religiosa tradicional, além das divisões confessionais****. Quem ainda possui um catálogo da editora desse período descobrirá autores como Mircea Eliade, Marius Schneider [1903-1982], René Guénon, Hans Sedlmayr, Ananda K. Coomaraswamy, Titus Burckhardt, Seyyed Hossein Nasr, o rabino Abraham Heschel, Simone Weil, Pavel Florenskij,* ***J. R. R. Tolkien, o autor de O Senhor dos Anéis*** *(...) » páginas 48-49, PADRE FRANCESCO RICOSSA - CRISTINA CAMPO OU A AMBIGUIDADE DA TRADIÇÃO - R. PÈRE M.-L. GUÉRARD DES LAURIERS O.P. - Resposta à "Carta a um religioso" de Simone Weil*

Uma obra de Jean-Louis Questin (distribuída pela livraria esotérica *Dix de Cœur*) apresenta a obra de Tolkien como esotérica e fornece as chaves de leitura:



« O mundo lendário de Tolkien, Marc-Louis Questin

Uma viagem ao coração do fantástico.

É um dos maiores romances iniciáticos do século XX, um clássico da literatura esotérica. Desde sua publicação, essa majestosa epopeia teve seus adeptos que souberam decifrar, por trás da inventividade e do talento do narrador, as mensagens simbólicas ocultas. ***É preciso saber que J. R. R. Tolkien (1892-1973) era um eminente professor de Oxford, especialista em literatura medieval, anglo-saxônica e nórdica****. Ele levou dezoito anos para redigir sua obra-prima,* O Senhor dos Anéis*, publicada em 1954. O livro rapidamente se revelou ao grande público e saiu do círculo de iniciados que o haviam tornado sua obra de referência. O sucesso veio e o romance, traduzido em dez idiomas, foi vendido a milhões de exemplares.* O Senhor dos Anéis *tornou-se verdadeiramente um livro cult. Já foi objeto de um desenho animado e hoje é tema de um filme.*

Tolkien escreveu um "livro-ensino" que permite diferentes tipos de leitura e se dirige a diferentes estratos de leitores (da criança ao adulto). Trata-se de um ensinamento espiritual e ético. Os valores da cavalaria medieval estão em destaque. Da mesma forma, a simbologia do anel, por natureza feminina, abre o caminho da sabedoria. O aspecto intemporal da aventura desemboca na

visão de outro mundo, próximo às vezes ao de Lewis Carroll, imaginário é certo, mas repleto de reflexões sobre a morte e a imortalidade. A visão ecológica vem acompanhada de um retorno constante à luta entre as forças do Bem e do Mal. Se as primeiras triunfam, as forças negras, por sua vez, permanecem sempre presentes no pano de fundo.

Com esta obra crítica, o leitor penetra no universo de Tolkien e retrocede às fontes que inspiraram a escrita de sua "obra mítica".

Ref. DG 8777 - 301 páginas - Brochura - Editora: Trajectoire - ISBN 2.84197.198.8 – 2001 »[5]

Essa admiração declarada de Mons. Williamson por Tolkien e seu universo pseudo-tradicional e supra-confessional, apreciado pelos meios esotéricos, vem reforçar o conjunto de elementos que já revela a forte influência de Malcolm Muggeridge (e de seu círculo marcado pela corrente fabiana) sobre o bispo britânico consagrado em 1988 por Mons. Lefebvre, influência que já expusemos ao público francófono em setembro de 2007, em um dossiê que foi uma revelação e que permaneceu sem resposta.

Quem é realmente Mons. Williamson? O que ele faz dentro da FSSPX? Por que não foi expulso? Continuamos nossos trabalhos.

Continuemos a boa luta.

Padre Michel Marchiset

---

[1] http://www.amazon.fr/gp/cdp/member-reviews/A1DA7Y43BEKT2S?ie=UTF8&sort_by=MostRecentReview

[2] **Cf. as três mensagens VM de 17 de setembro e 02 de outubro de 2007:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[3] **Cf. as três mensagens VM de 15 e 18 de outubro e 03 de novembro de 2007:**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

[4] **Cf. as quatro mensagens VM de 20 de outubro, 01, 10 e 13 de novembro de 2007:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

[5] http://www.dixdecoeur.com/pages/vente/runes_traditions_nordiques3.htm

Agente Sim[1] (Redentoristas): Missão cumprida!

Dom Fellay em 2006, diante do slogan *« Habemus Papam »* ilustrado pelo retrato de **Bento XVI-Ratzinger – Padre Sim sorridente: ele acaba de obter a revogação das sanções canônicas da Roma dos "anticristos" (Dom Lefebvre) contra ele: *« uma suavidade que não pode ser imaginada por aqueles que não a experimentaram »*.**

Na hora da rejeição do ultimato de Roma, esta defecção dos Redentoristas assina a condenação de **oito anos de "discussões" com Roma, sendo um dos frutos envenenados.**

A carta oficial do acolhimento do Padre Sim - o grande amigo de Dom Fellay - e dos Redentoristas *Transalpinos* ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.

O Padre Sim, o agente missionado **desde 1987** pelo '*cardeal*' Gagnon junto a Dom Lefebvre e à FSSPX, acaba de trair a religião católica **ao pedir e obter a revogação das sanções canônicas da igreja conciliar apóstata em relação aos Redentoristas *Transalpinos***.

> **« Uma boa situação canônica**
>
> No dia 1º de julho de 2008, Festa do Sangue Preciosíssimo
>
> Meus queridos amigos,
>
> Estou feliz em informar que no dia 18 de julho passado, diante do cardeal Castrillon e dos membros da *Comissão Pontifícia Ecclesia Dei* em Roma, **humildemente pedi à Santa Sé, em meu nome e em nome do conselho do mosteiro, para proceder à revogação de nossas suspensões eclesiásticas.**
> **No dia 26 de junho, recebi a notificação de que a Santa Sé havia concedido nosso pedido. Todas as nossas censuras canônicas foram revogadas.**
>
> Nossa comunidade agora realmente se alegra com a **posse indiscutível e pacífica da Comunhão com a Santa Sé**, uma vez que nossos sacerdotes agora estão em uma boa situação canônica.
>
> Somos muito gratos ao nosso Santo Padre o Papa Bento XVI pela publicação, em julho passado, do ***Motu Proprio Summorum Pontificum* que nos convocou a chegar a uma indiscutível e pacífica Comunhão com ele**.
>
> **Agora possuímos essa indiscutível Comunhão! É uma pérola de grande preço;** um tesouro escondido no campo; uma suavidade que não pode ser imaginada por aqueles que não a experimentaram ou que não a conheceram, agora há muitos anos. Seu valor não pode ser expresso em linguagem terrestre e, portanto, **esperamos que todos os sacerdotes tradicionais que ainda**

não o fizeram, respondam ao chamado do papa Bento para desfrutar da graça de uma comunhão indiscutível e pacífica com ele. Acreditem em nós, o preço a pagar é: nada; assim todas as vozes coléricas que gritaram contra nós e nos caluniaram são como nada, uma vez pesadas na balança com **a indiscutível comunhão com o Vigário de Cristo**; outros morreram por ela; o que são essas vozes barulhentas?

Agradecemos publicamente todas essas almas que rezaram por nós nos últimos meses; alguns de vocês realmente assaltaram o Céu por nós. Vocês nos mantiveram à tona. Estamos profundamente gratos. Especialmente, agradecemos a este sacerdote que nos era desconhecido, até 16 de junho, quando ele nos escreveu em apoio fraternal. De onde ele veio? Por que nós? Mas ele nos disse quantas missas, ofícios, orações e sacrifícios ele ofereceu pessoalmente por nós. Fomos surpreendidos! Obrigado, meu Pai! Obrigado também a essa pessoa gentil que nos escreveu tão carinhosamente dizendo que, se acrescentasse ainda mais orações por nós, ele flutuaria no ar! Que pessoas maravilhosas! Obrigado!

Olhando para o futuro, **a próxima etapa será obter a ereção canônica de nossa comunidade**. Portanto, por favor, continuem a rezar por nós, haverá muitas cruzes a carregar; mas elas serão na verdade jugos doces pela graça obtida nos últimos dias.

Asseguramos a todos vocês nossos melhores votos.

Seu dedicado servitor,

Padre Michael Mary, C. SS. R.

Vigário Geral »

Fim de partida!

Agora temos o Padre Sim e seus Redentoristas *Transalpinos* em oficial « *posse desta indiscutível Comunhão! Desta pérola de grande preço* » que é a plena comunhão com este apóstata público de Nosso Senhor Jesus Cristo, este « *super modernista* » herético, que é o padre apóstata Joseph Ratzinger, conhecido hoje como Bento XVI!

Virgo-Maria foi **a única redação a denunciar as ações do Padre Sim, submarino conciliar missionado desde 1987** pelo « *cardeal* » Gagnon junto a Dom Lefebvre, **para preparar, no tempo devido – e que já se fez presente desde a morte em 1991 do fundador da FSSPX – a adesão ativa de sua obra à Roma dos anticristos apóstatas.**

No que diz respeito aos Redentoristas *Transalpinos* fundados pelo Padre Sim, graças a Dom Lefebvre, agora isso está feito.

Destacamos que essa adesão foi iniciada **desde o dia seguinte à visita do grande amigo do Padre Sim, Dom Fellay**, na ilha de Papastronsay (cf. nosso dossiê)[2]. Como então negar que a responsabilidade de **Dom Fellay** não esteja de forma alguma envolvida nesta queda. É evidente que está.

E não é a primeira vez. Após a queda de **Campos**, já vítima da política de ‘discussões’ com Roma iniciada por **Dom Fellay** em 2000, após a **Comunidade do Oasis**, aqui está agora uma terceira comunidade que acaba de cair do lado da revolução conciliar contra a Igreja católica.

Agora, diante desses FATOS alarmantes que já se acumulavam em fevereiro de 2008, quem viu claro a tempo? Quem? Diante desses FATOS, quem estava certo? Quem?

O padre **Celier**? De forma alguma, ele está trabalhando a FSSPX para obter o mesmo resultado. O padre **de Cacqueray**? Absolutamente não. Ele manteve um silêncio total sobre essa tentação de abandono que ameaçava os Redentoristas até fazê-los cair nas mãos de **Ratzinger**. O padre **de Cacqueray** poderia ter alertado, gritado o perigo, ele fez isso? Sim, ele soou o alarme, assinou um texto redigido pelo padre Celier para denunciar os agentes do « *inimigo conciliar* »[3] … E quem ele visava? **Virgo-Maria.org**, que era o único site a tocar o sino de alarme.

O padre **de Cacqueray**, cedendo às instâncias do padre **Celier**, tinha apenas uma fobia: que os fiéis deixassem de ler o único site na internet de fiéis à obra de Dom Lefebvre que se preocupavam com os preparativos de adesão dos Redentoristas Transalpinos.

Essa é a realidade. E esse estado de coisas ilumina a situação insustentável em que o padre **de Cacqueray** se colocou, obedecendo cegamente ao seu « indispensável » padre **Celier**. O padre **de Cacqueray** defende a religião católica ouvindo o padre **Celier**? Não!

Ele acaba de mostrar por seu comportamento que é preferível aos seus olhos ser reconhecido canonicamente pelos defensores do ***« Novus Ordo »*** como os Redentoristas do que **ler Virgo-Maria.org**. Ao agir dessa maneira, seguindo o padre **Celier**, o padre **de Cacqueray** é fiel a **Dom Lefebvre**? Ficou demonstrado que não. **Dom Lefebvre** teria tentado de tudo para salvar a Fé católica dos Redentoristas que sucumbiam no incêndio conciliar; ele nunca teria atacado **o bombeiro VM** que tentava desesperadamente apagar este incêndio devastador.

O padre **de Cacqueray** preferiu seguir as instruções de um padre **Celier**, mantendo-se em silêncio sobre a queda dos Redentoristas e atacando aqueles que queriam contrabalançar essa queda, enquanto ao mesmo tempo **Dom Fellay** e o conselho ampliado da FSSPX decidiam rejeitar o ultimato de Roma.

Hoje, o padre **de Cacqueray**, colado ao padre Celier, se encontra isolado na FSSPX, denunciando o site VM que combate na direção do rejeição da adesão, como se estivesse em oposição à linha que, sob a inspiração de **Dom Tissier**, se tornou a de **Dom Fellay e do Conselho** frente à Roma que deseja controlar a FSSPX.

Na hora da rejeição do ultimato de Roma, esta defecção dos Redentoristas assina a condenação de oito anos de “discussões” com Roma, sendo um dos frutos envenenados. **É mais do que tempo de romper com essas discussões letais para a Fé e com seus agentes, e retomar a luta pela religião católica.**

Continuemos a boa luta.

A Redação de Virgo-Maria

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-21-A-00-Redemptoriste_Ralliement.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-30-A-00-Pere_Michael_Partie_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-05-1-00-L_Abandon_Programme_du_rite_de_Saint_Pie_V.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-02-D-00-Refondation_Redemptoristes.pdf

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-21-A-00-Redemptoriste_Ralliement.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-30-A-00-Pere_Michael_Partie_1.pdf

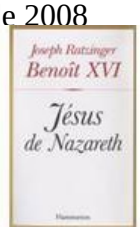
http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-05-1-00-L_Abandon_Programme_du_rite_de_Saint_Pie_V.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-02-D-00-Refondation_Redemptoristes.pdf

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-14-C-00-Cacqueray_excommunication_heresie.pdf

O livro *« Jesus de Nazaré »* de Ratzinger lido por um rabino

Quinta-feira, 14 de fevereiro de 2008



Josef Ratzinger – seu livro – Dr. Allan Brill

Tradução para o português do **texto publicado em inglês nos Estados Unidos**

Abaixo, apresentamos um artigo assinado pelo rabino Alan Brill no *National Catholic Reporter*, bem como sua tradução em português.

Alan Brill comenta o volume I do muito recente livro '***Jesus de Nazaré***', publicado por Bento XVI-Ratzinger em 2007. O Doutor Alan Brill[1] possui um diploma de estudos rabínicos da Universidade Yeshiva e um doutorado da Universidade Fordham. Ele **ministra um curso sobre pensadores judeus modernos na Universidade Seton Hall nos Estados Unidos. Esta Universidade é especializada em estudos judeu-cristãos e é dirigida por Lawrence Frizzell, S.T.L., S.S.L., D.Phil., Professor Associado. O Padre Frizzell realiza estudos na Universidade de Ottawa, no Instituto Bíblico Pontifício em Roma e na Universidade de Oxford, onde se especializou em manuscritos de Qumran.**

Lawrence Frizzell

Continuemos a boa luta

Abade Michel Marchiset

Uma leitura judaica do novo livro do Papa pelo Rabino Alan Brill

Publicado no "*National Catholic Reporter*", em 21 de setembro de 2007.

Quando o Cardeal Joseph Ratzinger se tornou o Papa Bento XVI, os otimistas declararam que essa escolha mostrava um compromisso com a continuidade do importante trabalho de "construtor de pontes" com o povo judeu. Por outro lado, os pessimistas apontavam suas origens alemãs, sua linha dura em relação às outras religiões e sua preferência por uma Igreja mais dogmática e conservadora. O novo livro do Papa Bento XVI, ***Jesus de Nazaré***, provou que os otimistas estavam corretos.

Jesus de Nazaré oferece uma interpretação do Novo Testamento – e, portanto, do Cristianismo – que é surpreendentemente favorável ao Judaísmo: "o povo judeu e sua fé são as verdadeiras raízes do Cristianismo". Em termos claros, **Jesus é apresentado como um judeu, um discípulo das verdadeiras tradições bíblicas e rabínicas. Os ensinamentos de Jesus são apresentados como um desdobramento e um cumprimento do Sinai e da lei ritual judaica.**

As abordagens cristãs tradicionais tratavam a interpretação judaica da Bíblia como falsa, as tradições rabínicas como perversões da Bíblia e descreviam os judeus como cegos para a verdade e não fazendo a vontade de Deus. **Como o Papa Bento conseguiu realizar esse feito de reconciliação? O que ele faz em relação ao rejeição do judaísmo no Novo Testamento e nos Pais da Igreja?**

O ponto de partida de Bento XVI em sua visão sobre Jesus é o Deuteronômio e a importância de Moisés, o legislador, como profeta. O Deuteronômio ensina que o objetivo da lei é proclamar a realeza de Deus. Por exemplo, Bento XVI declara que a recitação judaica do Shemá é um meio de afirmar a realeza de Deus. **O ritual judaico em suas formas legais é, para Bento XVI, o caminho bíblico para conhecer a Deus, em vez de ser o retrato comum cristão do rechaço ao legalismo pelos profetas.**

O Judaísmo não é excluído, revogado ou abrogado como tradicionalmente explicam os pensadores cristãos. Jesus tomou a mensagem de Moisés e a revelou ao mundo – não apenas a mensagem ética dos profetas, mas também a realeza, o ritual, a obediência e a devoção do Deuteronômio. "Para um crente cristão, os mandamentos da Torá permanecem um ponto decisivo de referência". **Bento XVI aceita, quase aprecia, a influência da prática judaica sobre a liturgia cristã, pois isso mostra uma continuidade entre a fé.**

Consequentemente, Bento XVI afirma de forma confiante que todos os judeus piedosos que recitam diariamente o Shemá afirmam a realeza de Deus. Sem dizer isso de forma tão explícita, ele parece subentender que os judeus conhecem Deus e seu reino porque conhecem Moisés, os profetas, a Torá e sua interpretação rabínica. E quanto às críticas aos fariseus?

O papa toma literalmente a declaração de Jesus de que "não vim para abolir, mas para realizar", e promete mostrar que isso não contradiz São Paulo. Neste livro, a promessa é apenas parcialmente cumprida. Ele não explica as passagens difíceis. **Na leitura de Bento XVI do Novo Testamento, todas as declarações sobre aqueles que são cegos, aqueles que são possuídos pelo demônio, ou aqueles que são teimosos demais para ver a verdade se aplicam aos desprezadores, aos incrédulos e até mesmo aos nossos contemporâneos relativistas, a qualquer um exceto os judeus.** Ou são apenas um esforço delicado de Deus para persuadir **os israelitas, que, no entanto, permanecem filhos obedientes ao Pai.**

Bento XVI apresenta alguns exemplos de parábolas aparentemente anti-judaicas. A história dos servos infiéis (Mateus XXI, 33-46) é geralmente usada como uma prova de que os judeus são punidos e substituídos. **Bento XVI oferece apenas suas observações pessoais, limitando de maneira criativa a parábola àqueles que rejeitam Deus na época e agora. De sua perspectiva, ele rejeita abertamente os Pais da Igreja que condenam os judeus com base em suas parábolas e afirma que o Novo Testamento não os apoia.**

O Papa Bento XVI cita documentos rabínicos favoravelmente em vários momentos, o que é, por si só, um importante ato de reconciliação. O Talmud não é mais uma fonte perniciosa de falsas interpretações da Bíblia, mas uma continuidade da verdadeira mensagem da Bíblia. O Papa respeita e aceita a explicação do historiador americano do Judaísmo, Jacob Neusner, sobre por que os judeus rejeitam o Cristianismo. As religiões não debatem se Jesus é o Messias - os judeus acreditam que não - mas sobre se Jesus pode ser visto como divino.

Segundo Bento XVI, o Judaísmo e o Cristianismo compartilham visões da realeza de Deus, como a Bíblia descreve do Deuteronômio até Daniel. Os cristãos supõem que Jesus é o caminho da realeza do Deus bíblico, ao contrário dos judeus. Mas eles compartilham uma visão da realeza.

Ainda há muito a debater sobre essas novas posições. No entanto, **este livro é historicamente importante, pois muda a atitude da Igreja em relação aos judeus.**

Os judeus costumam perguntar: Como isso muda a vida cotidiana? Como isso combate o antissemitismo? Nesse caso, **o livro é uma continuação do apelo do Papa Bento XVI para um sínodo dos Bispos em 2008. O papa quer saber: Textos bíblicos estão sendo usados para fomentar atitudes antissemitas?**

Como o Judaísmo é apresentado nos livros de ensino católico?

Bento XVI quer ter certeza de que o Judaísmo seja apresentado positivamente, e em conformidade com *Nostra Ætate,* para o bilhão de católicos ao redor do mundo.

Os judeus envolvidos nas relações entre cristãos e judeus devem considerar este livro como uma prova dos desenvolvimentos positivos contínuos durante o papado de Bento XVI.

JESUS OF NAZARETH By Joseph Ratzinger Doubleday, 400 pages, $24.95
http://www.njjewishnews.com/njjn.com/101107/commWhyTheOptimists.html
National Catholic Reporter, Sept 21, 2007 by Alan Brill
A Jewish reading of the pope's new book

When Cardinal Joseph Ratzinger became Pope Benedict XVI, the optimists stated that the choice showed a commitment to continue the important work of bridge-building to the Jewish people. Pessimists, on the other hand, noted his German background, his tough line on other religions, and his favoring a more dogmatic, conservative church. Pope Benedict's new book, Jesus of Nazareth, has shown the optimists as correct.

Jesus of Nazareth offers an interpretation of the New Testament--and thereby of Christianity--that is surprisingly favorable to Judaism, one in which "the Jewish people and its faith are the very roots of Christianity." In unequivocal terms, Jesus is presented as a Jew, a follower of true biblical and rabbinical traditions. Jesus' teachings are presented as an outgrowth and fulfillment of Sinai and Jewish ritual law.

Traditional Christian approaches treated Jewish interpretation of the Bible as false, rabbinic traditions as perversions of the Bible, and painted Jews as blind to the truth and as not doing God's will. How does Pope Benedict accomplish this feat of reconciliation? What does he do with the rejection of Judaism in the New Testament and the Church Fathers?

Benedict's starting point for his vision of Jesus is Deuteronomy and the importance of Moses, the lawgiver, as a prophet. Deuteronomy teaches that the purpose of the law is to proclaim God's kingship. For example, Benedict states that the Jewish recitation of the Shema is a means of affirming God's kingship. Jewish ritual in its legal forms is for Benedict the Biblical path to knowing God rather than the common Christian portrayal of the prophets rejecting legalism.

Judaism is not excluded, revoked or abrogated as traditionally explained by Christian thinkers. Jesus took Moses' message and brought it to the world--not just the ethical message of the prophets, but also the kingship, ritual, obedience and devotion of Deuteronomy. "For a believing Christian, the commandments of the Torah remain a decisive point of reference." Benedict accepts, almost relishes, the influence of Jewish practice on Christian liturgy because it shows continuity between the faiths.

Hence, Benedict says confidently that all pious Jews who recite the Shema daily are affirming God's kingship. Without saying so explicitly, he seems to imply that Jews know God and his kingship because they know Moses, the prophets, the Torah and its rabbinic interpretation. What about the critiques of the Pharisees? He presents the Pharisees as "endeavoring to live with the greatest possible exactness according to the instructions of the Torah." At other points, the Pharisees are only those self-serving Jews who did not hear the message of God's kingship.

Pope Benedict takes literally Jesus' statements that "I have come not to abolish them but to fulfill them" and promises to show that this does not contradict Paul. In this book, the promise is only partially kept. He does not explain the difficult passages. In Pope Benedict's reading of the New Testament, all the negative statements about those blinded, those moved by the devil, or those too obstinate to see the truth are applied to scoffers, unbelievers and even to our contemporary relativists, anyone but the Jews. Or they are solely "a delicate effort of God to persuade [the people of] Israel," who nevertheless remain obedient children of the Father.

Benedict presents a few examples of seemingly anti-Jewish parables. The story of the treacherous tenants in Matthew 21:33-46 is usually taken as proof that Jews are punished and superseded. Benedict offers only his personal observations, creatively limiting the parable to those who deny God then and now. From his perspective, he openly rejects the Church Fathers who condemn the Jews based on these parables and says that the New Testament does not support them.

Pope Benedict quotes rabbinic literature favorably at several points, itself an important act of reconciliation. The Talmud is no longer a pernicious source of misreading of the Bible but a continuity of the Bible's true message. The pope respects and accepts the American historian of Judaism Jacob Neusner's explanation of why Jews reject Christianity. The religions are not debating whether Jesus was the messiah--Jews think he is not--but whether Jesus can be seen as divine.

[ILLUSTRATION OMITTED]

According to Benedict, Judaism and Christianity share visions of God's kingship described in the Bible from Deuteronomy to Daniel. Christians assume that Jesus is the way to the biblical God's kingship and Jews do not, but they share a vision of kingship.

Much remains to be argued about in these new positions. Nevertheless, this book is historically important for its change in the church's attitude woard Jews.

Jews usually ask, how does this change real life? How does it fight anti-Semitism? In this case, the book follows on the heels of Pope Benedict's call for a synod of bishops to be held in 2008. The pope wants to know: Are biblical texts used to foment attitudes of anti-Semitism? How is Judaism presented in Catholic teaching materials?

Benedict wants to make sure that Judaism is presented positively, and in accord with Nostra Aetate, to the world's billion Catholics.

Jews concerned with the Christian-Jewish relationship should take this book as proof of continued positive developments during the papacy of Pope Benedict XVI.

[Rabbi Alan Brill holds the Cooperman-Ross Professorship in Jewish-Christian Studies, in honor of Sr. Rose Thering, at Seton Hall University.]

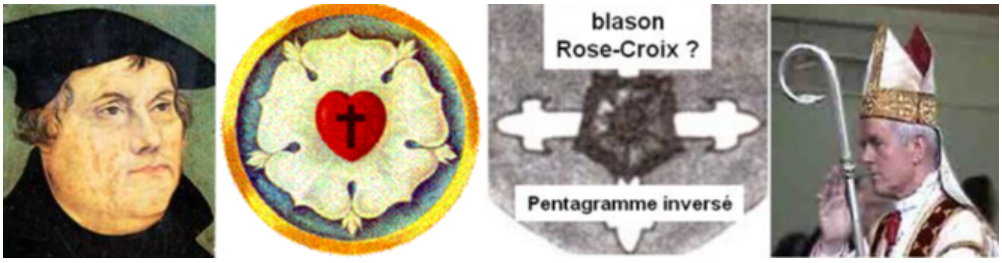
---

[1] http://academic.shu.edu/thering/faculty.htm

Williamson: A luz sobre 14 anos do jogo de um político mitrado contra Mons. Fellay[1]

Sexta-feira, 2 de maio de 2008

Parte n°6 – O brasão Rosacruz de Lutero e o brasão episcopal de Mons. Williamson

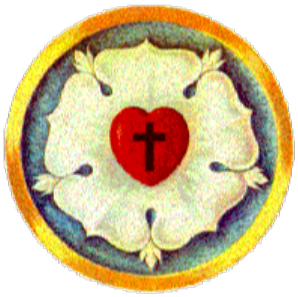


À esquerda, a rosa do brasão de Lutero (iniciado Rosacruz) e à direita, a rosa do brasão de Mons. Williamson

Depois de constatar a forte semelhança, para não dizer a identidade, entre a rosa do brasão episcopal de Mons. Williamson e a rosa da muito poderosa sociedade secreta globalista britânica, a ***Round Table***, observamos hoje a forte semelhança entre a rosa do brasão Rosacruz de Lutero e a rosa do brasão episcopal de Mons. Williamson.

De fato, eis os fatos:

A rosa do brasão[2] de Lutero, que era um iniciado Rosacruz e que ele adotou em Wittenberg:



E a rosa em forma de pentagrama invertido (símbolo luciferiano) de Mons. Williamson:

Recordemos a rosa da Round Table:

O que significa então esse brasão do **antigo Anglicano, Mons. Williamson-'*Cunctator*[3]' com a Rosa**[4]**, o antigo protetor, ordenante e promotor obstinado em Winona durante 10 anos dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey[5] ?**

O que faz então Mons. Williamson dentro da FSSPX?

Por que ele entrou? E a que jogo ele está jogando? Por quem Mons. Williamson está jogando?

Como, então, Mons. Lefebvre pôde consagrar tal personagem?

Mons. Fellay tomou consciência da verdadeira identidade de seu '*confrère*' **ex-anglicano[6]** no episcopado?

Mons. Fellay percebeu o perigo mortal que ele representa para a FSSPX e para as almas que dela dependem, ao manter tal agente na instituição?

Convidamos os clérigos e os fiéis que possuam documentos sobre Mons. Williamson[7] (palestras ou outros) a nos enviá-los por e-mail através do site VM.

Na **Parte n°7**, *revelaremos um outro aspecto da ação do bispo à Rosa* da FSSPX.

A seguir…

Continuamos a boa luta.

A Redação de Virgo-Maria

---

[1] Continuação de uma série de artigos sobre a verdadeira e oculta ação do ex-anglicano dentro da FSSPX para entregar a Tradição católica nas mãos da igreja conciliar de Ratzinger. Ao final da publicação da série de artigos, será constituído um dossiê compilando todos os textos em um único documento que servirá como um dossiê de referência sobre o bispo à Rosa da FSSPX. Estas publicações concretizam o trabalho de um grupo de pesquisa, de cruzamento e de reflexão sobre a ação particularmente temível do antigo anglicano dentro da obra de Mons. Lefebvre. A parte 1 desta série foi publicada: http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-05-B-00-Mgr_Williamson-contre-Mgr_Fellay.pdf

[2]

[3] **Cf. as quatro mensagens VM de 17 de setembro, 02 de outubro de 2007 e 18 de março de 2008:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

[4] **Cf. as quatro mensagens VM dos 15 e 18 de outubro, 03 de novembro de 2007 e 8 de abril de 2008:**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

[5] **Cf. as quatro mensagens VM dos 20 de outubro, 01, 10 e 13 de novembro de 2007:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

[6] **Mons. Richard Williamson, desde 1972, ou seja, há 36 anos, não converteu ninguém em sua família anglicana próxima, e sua própria mãe morreu no Anglicanismo, enquanto ele já era bispo católico romano.**

[7] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

O sabotagem da Fé católica pelo padre Schmidberger na Escandinávia

Sexta-feira, 4 de abril de 2008

O padre Schmidberger já arruinou a sobrevivência da Igreja católica na Escandinávia e agora está prestes a colocar seu agente lá: o ex-Maçon, o Pastor Luterano Sandmark, investido solenemente em São Nicolau.

A carta de uma pessoa da Escandinávia que faz a crônica dessa sabotagem

Depois do nosso dossiê sobre o lado oculto de um agente[1], o padre Michael Sim, as línguas se soltam e os fiéis que de repente descobrem a extensão da infiltração da FSSPX e da Tradição católica, agora reúnem os fatos e nos comunicam.

Esse enfraquecimento da luta católica é vasto em suas implicações, **embora venha de um punhado de cerca de dez infiltrados organizados e muito bem colocados.** Esse pequeno núcleo parece realmente ser bem pouco em comparação aos mais de 400 padres da FSSPX que tentam honrar seu Sacerdócio, **mas se instalou à frente da Fraternidade.**

Dizem que o peixe apodrece pela cabeça; agora se torna vital e urgente que o imenso número que deseja permanecer católico una suas forças para expulsar esse quarteto de traidores em *soutaine* sem escrúpulos que traem a luta de Monsenhor Lefebvre.

Ao mesmo tempo em que continuamos a denunciar as maleficências dessa rede de infiltrados modernistas à frente da FSSPX, cercando Monsenhor Fellay e o padre de Cacqueray, **também queremos transmitir uma mensagem de esperança**, pois agora, e não podendo revelar nada por razões evidentes, soubemos que **clérigos e fiéis finalmente começam a ver com clareza e a unir seus esforços para lutar contra esses clérigos prevaricadores**. Esses contatos se multiplicam, apesar das divergências que podem existir em outros pontos.

A eliminação dessa camarilha de cerca de uma dezena de clérigos, liderados pela dupla Williamson-Schmidberger, **libertaria a luta católica na França e no mundo.**

Isso seria o fim de uma sabotagem de mais de 30 anos, e também uma lufada de ar salutar e **uma libertação salvadora dos estudos e do apostolado autenticamente católicos.**

Assim, uma pessoa[2], católica de tradição vivendo na Escandinávia, que nos lê regularmente, acaba de nos trazer o testemunho abaixo sobre a ação dissolvente do padre Schmidberger[3] na Escandinávia.

Esse padre se comporta como se quisesse fazer os fiéis perderem a Fé. Parece, aliás, estar conseguindo, pois a Igreja católica está hoje na Escandinávia reduzida a um campo de ruínas, após mais de dez anos de sua ação dissolvente.

Como se espantar **da parte de um homem que está submetido ao padre apóstata Joseph Ratzinger-Bento XVI**, e cujo próprio testemunho em uma revista da FSSPX na Alemanha expõe sua fascinação pelo inimigo declarado e sutil de Monsenhor Lefebvre, que não cessou de excomungá-lo:

> *"Na quarta-feira, 15 de junho [2005], tive a oportunidade de ver o Papa Bento XVI durante uma audiência geral. 'De onde você veio?', me perguntou; Falei com ele pela última vez em Roma em 1985, há mais de 20 anos – ele não poderia me ter reconhecido – 'Eu sou o padre Schmidberger' 'Oh, então nos conhecemos'. Ali pude apresentar nosso pequeno pedido, que foi verdadeiramente acolhido e assegurei ao Santo Padre nossas orações."* O padre Franz Schmidberger escrevendo na carta circular aos padres amigos da FSSPX nas regiões de língua alemã.[4]

Essa anedota do padre Schmidberger tem a intenção de fazer crer que ele teria poucos contatos com o mestre da Roma modernista. Não enganará ninguém, visto que ele provou por seus incessantes deslocamentos a Roma, sobretudo no final da primavera e no verão de 2005, e **por sua ação persistente em favor do *ralliement*, que não é nada mais do que o agente desses "*anticristos*"** (segundo a expressão de Monsenhor Lefebvre).

A metodologia do padre Schmidberger

Desde 5 anos, são os liberais e os bicitualistas que foram sistematicamente promovidos na FSSPX. Os anti-liberais, ou seja, os católicos, foram, ao contrário, afastados ou denunciados.

Teriam sido sistematicamente acusados – ou apenas suspeitados – do pecado "*capital*" de opiniões "*sedevacantistas*", considerado hoje ignóbil na Fraternidade e qualificado de "*lepra espiritual*"?

De fato, em janeiro de 2006, o padre Schmidberger não hesitou em declarar nos Estados Unidos diante de uma audiência perplexa: "***é melhor ser Novus Ordo do que sedevacantista***!".

Desde 2 anos, data da abjuração do Pastor Sandmark em São Nicolau do Chardonnet[5], todo apoio à Tradição na Escandinávia é suprimido ou sistematicamente reduzido: a revista da FSSPX é eliminada, as cidades não são mais atendidas, etc…

Fonte da Foto (censurado por): *La Porte Latine.org*

Ao mesmo tempo, **um ex-Maçom, o Pastor Luterano Sandmark, foi introduzido pelo padre Schmidberger na FSSPX**.

Para que esse ex-luterano se tornasse insuspeito na FSSPX, foi o padre Schmidberger quem organizou, em 2006, uma abjuração muito anormal (segundo as normas católicas de abjuração pública de hereges) e muito espetacular em São Nicolau do Chardonnet[5], enquanto alguns dias antes da cerimônia, esse Pastor Luterano ainda oficiava na Suécia junto a suas ovelhas sem informá-las de suas intenções.

No processo, **o padre Schmidberger** assim **tomou grande cuidado em comprometer publicamente ao mesmo tempo Monsenhor Tissier de Mallerais, o padre de Cacqueray e o padre Beauvais nesta operação[5]** de infiltração.

A diretora do extinto site *Donec Ponam* tinha o privilégio de recolher sobre os assuntos mais sensíveis as declarações exclusivas do Superior Geral da FSSPX, Monsenhor Fellay, incluindo a surpreendente instrução

que ele endereçou em seu site, em 25 de março de 2007, dia do aniversário da morte brusca e inesperada do Fundador da FSSPX, aos fiéis da Fraternidade: "***Os fiéis deverão considerar a priori os padres da Igreja conciliar como padres prováveis***"**, enquanto essa concepção precisa foi solenemente anatematizada por vários Papas da Santa Igreja, como o *CIRS* logo destacou[6]**.

Foi ela **quem foi autorizada a realizar uma entrevista com o protegido do padre Schmidberger em julho de 2006,** enquanto ao padre Lorans foi atribuída a tarefa oficial de comunicar amplamente sobre essa questão.

Subsequentemente, o padre Schmidberger, que **co-dirige e coordena a "*Orquestra negra*" dos infiltrados na FSSPX, e atua em tandem[7] com o ex(?)-Anglicano, Monsenhor Williamson-'*Cunctator*[8]'à Rosa** [9]**, esse antigo protetor, ordenante e promotor obstinado em Winona dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey[10],** planejou uma Ordenação em grande velocidade para esse ex-Luterano ex-Maçom**, em menos de dois anos,** para que ele possa **se tornar operacional o mais rápido possível e lhe confiar a missão de controle da Tradição na Escandinávia**.

Esta função é muito importante e vem complementar o papel do Padre Michael em relação aos Ortodoxos, pois **nos países escandinavos têm meios conservadores que há muito estão em contato com os Anglicanos e as lojas Rosacruz**(terras de Swedenborg).

É necessário, portanto, **em previsão de um futuro patriarcado tradicional luterano dentro da "*Igreja Corporate Ltd*"** que o padre apóstata Joseph Ratzinger está preparando, que o meio tradicional católico seja anêmico e **não possa absolutamente opor nenhuma resistência. Melhor ainda, que se torne um ator** desse plano.

O mecano patriarcal geográfico, de acordo com o esquema da toupeira beneditina Dom Beauduin[11], exige **um tratamento particular para os países do Norte da Europa**.

O padre Schmidberger, após varrer toda resistência durante quase 10 anos, acaba de passar à fase de tomada de controle.

Podemos imaginar que ele tenha conseguido fazer com que Monsenhor Fellay acreditasse em seu projeto, sem que este percebesse o que estava acontecendo.

Até onde Monsenhor Fellay vai se creditar ao emprestar sua autoridade a ações que levam as almas a perder a Fé?

Quantas almas, por suas fraquezas de governo, Monsenhor Fellay terá feito perder a Fé?

Continuemos a boa luta.

A Redação de Virgo-Maria

Carta de 31 de março de 2008 de uma pessoa assinante do Virgo-Maria

sobre a situação da Fé católica e da FSSPX na Escandinávia

"Leio que o Virgo-Maria está interessado um pouco na Escandinávia.

Aqui estão alguns fatos interessantes:

- O padre Schmidberger foi convidado a Oslo na década de 80. Mais de cem pessoas estavam realmente interessadas na Tradição. No entanto, nenhuma ação foi tomada. **Vinte anos depois, as pessoas verdadeiramente tradicionalistas na Noruega se contam nos dedos de uma única mão.**

- No início dos anos 2000, a FSSPX começou um apostolado na Suécia. Esse apostolado se estendeu à Noruega em 2003. Um padre da FSSPX, baseado no priorado de Londres, visitava assim todos os meses os três países escandinavos: Dinamarca, Noruega e Suécia.
- Nos últimos dois anos, esse apostolado se reduziu consideravelmente. Por exemplo, na Noruega, o número de centros de missas caiu de dois para um e o padre não visita mais o país do que uma vez a cada três ou quatro meses. Chegou a acontecer que o padre se deslocou, no final de 2006, para uma única pessoa, contra cerca de uma vintena em 2004. **Na Suécia, cidades não são mais visitadas. Na Dinamarca, as visitas e o número de centros de missas também se reduziram a uma pele de chagrin.**
- As razões para esse fracasso são muito simples. **Colocaram nos postos de comando liberais e excluiram as raras pessoas anti-liberais.** Assim, o responsável leigo da FSSPX na Noruega era um bi-ritualista. Durante o mesmo período, **o padre cruzou um anti-liberal que denunciava com justiça a presença de um maçon** (e lembrava as condenações feitas pelos papas contra a filiação à ordem maçônica) durante uma missa da FSSPX. Na reanálise de todos os "Stella Matutina" (boletim da FSSPX na Escandinávia, cuja publicação e divulgação foram interrompidas há mais de um ano), **constata-se uma ausência total da luta pela Tradição e pelos verdadeiros sacramentos.** Apesar das repetidas solicitações por parte de alguns fiéis, **nunca foi feita menção neste boletim à necessidade absoluta de não frequentar a igreja conciliar e seus sacramentos.**
- Os resultados dessa política não foram nada surpreendentes: **nenhuma conversão, queda progressiva e regular do número de fiéis** (os liberais, fortemente majoritários, retornando progressivamente ao seu vômito conciliar que nunca haviam abandonado. Quanto aos anti-liberais, cansados de lutar inutilmente por padres e pessoas que não queriam escutar, viram desmoronar, sem surpresa alguma, esse castelo de cartas).
- **Em 2005, a UNEC de Winfried Wurmeling organizou uma peregrinação na Suécia. Durante essa peregrinação, o pastor Sandmark e seu discípulo/noviço Joachim Svenson tomaram conhecimento da Tradição... O padre Schmidberger visitou posteriormente várias vezes o pastor Sandmark,** o que resultou na cerimônia de abjuração em São Nicolau do Chardonnet. **O Pastor Sandmark foi enviado ao seminário da FSSPX na Alemanha enquanto Joachim Svenson partiu para o St Mary's college nos EUA, onde desde então abandonou seu projeto de vocação.**
- **Em 2006, a UNEC organizou novamente uma peregrinação na Escandinávia. Joachim Svenson participou** dessa peregrinação e alguns puderam observar seu comportamento bastante estranho. Sua juventude pode ser uma explicação, mas era, para dizer o mínimo, curioso observar uma pessoa (que dizia ter vocação na época) rir-se alto apontando para desconhecidos e chamando-os de comunistas ou maçons.
- **Desde o Motu Proprio do padre Ratzinger, a situação da Tradição na Escandinávia se agravou ainda mais.** Fruto dos esforços inexistentes da missão da FSSPX na Escandinávia para a luta pela verdadeira fé e pelos verdadeiros sacramentos, **os fiéis caem na armadilha grosseira do padre Ratzinger e de suas missas tridentinas celebradas por padres com uma ordenação, no mínimo, duvidosa.** Assim, **na Noruega, o novo campeão da missa tridentina não é outro senão o "Pastor Oddvar Moi". Este antigo pastor luterano, casado com uma americana, se converteu no final dos anos 80 e foi "ordenado" em 2000 com o apoio de Ratzinger**, enquanto João Paulo II arrastava os pés para conceder a famosa dispensa ao antigo pastor casado. **O Pastor Moi, atualmente oficiante em Stavanger, dirige um blog onde exibe sua repentina paixão pela missa tridentina. O antigo responsável leigo da FSSPX na Noruega é quem mais intervém no blog do "Pastor Moi", elogiando o "bom papa Ratzinger" e seu Motu Proprio. O "Pastor Moi", ecumênico fervoroso, não abandona, evidentemente, a celebração da nova missa. Vale notar que o "Pastor Moi" censura quase sistematicamente todos os comentários em seu blog que não vão na sua direção.** Assim, toda crítica à ação nociva de Ratzinger ou qualquer declaração denunciando o ecumenismo (por exemplo, o fato de dizer nossos "irmãos protestantes") são eliminadas. **No entanto, é em direção a tal pastor que alguns fiéis da FSSPX se voltam.**
- A rápida programação do antigo pastor Sandmark não é tão inocente. **De fato, em cerca de um ou dois anos, dois seminaristas suecos serão ordenados. Um realiza seu seminário na Alemanha, o outro em Écone. Nos planos da FSSPX, será o pastor Sandmark quem receberá a tarefa de conduzir a**

luta pela Tradição na Escandinávia. Enquanto esse antigo pastor ainda oficiava em sua paróquia alguns dias antes de sua abjuração em São Nicolau do Chardonnet, apesar de seus estudos no seminário terem sido reduzidos a dois anos, seria ele quem lideraria a luta na Escandinávia, enquanto os outros futuros padres suecos, católicos há muitos anos e tendo recebido uma formação completa (mas, infelizmente, errada em muitos pontos), seriam relegados a um segundo plano, ou mesmo enviados ao México (é uma imagem!) para exercer seu apostolado.

- *A Porte Latine* está atualmente promovendo uma peregrinação a Vadstena (Suécia) de 1 a 4 de maio de 2008. Sua bela apresentação poderia fazer crer em um desenvolvimento florescente da FSSPX na Escandinávia. Porém, não é nada disso, muito pelo contrário. **Desde o Motu Proprio, ao invés disso, está ocorrendo uma conciliarização dos poucos fiéis interessados na Tradição.**

Assinado por uma pessoa católica da Escandinávia.

---

[1] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-30-A-00-Pere_Michael_Partie_1.pdf**

[2] Nós a agradecemos e a encorajamos nesse trabalho de investigação e de levantamento dos fatos, que é o verdadeiro trabalho que os inimigos da Igreja temem, pois lhes arranca a máscara.

[3] O Sr. Padre Franz Schmidberger nasceu em Riedlingen, em Bade-Wurtemberg, no dia 19 de outubro de 1946. Graduado pela Universidade de Munique em 1972, ingressou no seminário de Écone no mesmo ano. Ordenado sacerdote por S. E. Marcel Lefebvre no dia 8 de dezembro de 1975, foi nomeado professor e depois diretor do seminário de Weissbad (Suíça), primeiro seminário de língua alemã da Fraternidade. Em seguida, fundou o seminário de Zaitzkofen (Alemanha) em 1978, exercendo a função de superior do distrito da Alemanha a partir de 1979. Nomeado Vigário de Dom Lefebvre em 1982, o substituiu à frente da Fraternidade no ano seguinte. Em 1994, foi eleito 1º Assistente Geral ao lado de Dom Fellay, novo superior geral. Desde abril de 2003, é diretor do seminário de Zaitzkofen. **Destituído de seu cargo de Primeiro Assistente do Superior Geral e nomeado simples prior de Stuttgart, por decisões do Capítulo Geral da FSSPX reunido no início de julho de 2006, foi três meses depois, em violação direta das decisões do Capítulo Geral e sem outras explicações, nomeado ao cargo de Superior do Distrito da Alemanha por Dom Fellay, Superior Geral da FSSPX, que acabara de ser reconduzido a esse cargo pelo Capítulo Geral.** Fala alemão, francês, inglês e conhece espanhol. **Desde seus estudos universitários, é amigo pessoal do padre Joseph Ratzinger.**

[4] http://www.thecatholic.org/2005_December/30_days.htm

"Na quarta-feira, dia 15 de junho de 2005, pude cumprimentar o Papa Bento XVI durante uma audiência geral. 'De onde você veio?', ele me perguntou; minha última visita a ele foi em 1985 em Roma, ou seja, 20 anos atrás—ele não poderia me reconhecer—'Eu sou o Padre Schmidberger.' 'Oh, então nós nos conhecemos.' Aqui pude apresentar nosso pequeno pedido, que foi claramente recebido favoravelmente, e assegurar ao Santo Padre nossas orações." Pe. Franz Schmidberger escrevendo na carta circular aos padres amigos da FSSPX nas áreas de língua alemã.

[5] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-08-18-2-01-Sandmark_Entrisme_ou_abjuration.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-08-24-2-00-Sandmark_Nouvelles_Informations.pdf

[6] **http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-06-03_Probabilisme_Mgr_Fellay.pdf**

[7] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-23-A-00-Orchestre_noir_de_la_FSSPX_V3.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-12-A-00-Fatima-Manipulation_Schmidberger.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-B-00-Mgr_Williamson_tente_de_desarmorcer_VM_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-15-A-00-Reunion_Schmidberger_en_Allemagne_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-25-B-00-Revolution_liturgique_des_infiltres_V2.pdf

[8] **Cf. les trois messages VM des 17 septembre et 02 octobre 2007 :**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[9] **Cf. les trois messages VM des 15 et 18 octobre et 03 novembre 2007 :**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

[10] **Cf. les quatre messages VM des 20 octobre, 01, 10 et 13 novembre 2007 :**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

[11] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-30-A-00-Pere_Michael_Partie_1.pdf**

A finalidade do *Motu Proprio*: um instrumento ecumênico de união dos Anglicanos com Roma

Terça-feira, 22 de julho de 2008

O *Telegraph « já disse demais... »*

Crônica da "*Reunião Corporativa*" dos Anglicanos com a Roma modernista – n°1

Assim como já havíamos mencionado em nosso Blog[1] em 28 de junho de 2008, as intenções ocultas de Bento XVI-Ratzinger começam a emergir à luz do dia: a promulgação do ***Motu Proprio*** para o uso do rito de João XXIII era de dupla finalidade: um primeiro golpe para atrair a FSSPX e apressar a assinatura de seu *ralliement* pelo Monsenhor Fellay, **e um segundo golpe para preparar, essencialmente na Grã-Bretanha e no mundo anglo-saxão, a reunião maciça de comunidades anglicanas com a Roma modernista**:

> *« Não posso trair confidências, mas minha opinião é a seguinte* ***: olhem as novas estruturas eclesiais, como as paróquias do Rito Antigo, que o Papa já está encorajando****, e perguntem-se como esses modelos poderiam ser adaptados para o uso dos antigos Anglicanos »* Damian Thompson, observador religioso do *Telegraph*

O site *Virgo-Maria.org* é o único órgão internacional de informação que decifrou e anunciou[2] este plano de recomposição da igreja conciliar, ao divulgar desde a primavera de 2006, **o documento fundador de Dom Beauduin lido pelo cardeal Mercier nas conversas de Malines em 1924 *: « A igreja Anglicana unida não absorvida* ».**

Essa reunião constitui uma etapa do que, em seu tempo, o site agora desaparecido, CSI, havia apresentado como **a « *Operação Rampolla* »**[3].

É apenas **84 anos depois que esse esquema divulgado em círculos restritos e oriundo dos meios do anglicanismo e da pré-subversão ecumenista, começa a conhecer um início de realização prática**, com a cisão em curso em 2008 dentro da Comunhão Anglicana.

A Conferência decenal de Lambeth está ocorrendo atualmente. Ela reúne a maioria dos falsos bispos anglicanos.

Ela foi precedida **de uma conferência em Jerusalém (Gafcon)**, no final de junho, **a qual reuniu os falsos bispos conservadores que recusam a « *ordenação* » das mulheres bispos**.

Essa oposição, que representa quase metade dos fiéis anglicanos (30 milhões de fiéis), ainda não formalizou seu « cisma » dentro da Comunidade anglicana. **Mas vários de seus representantes estão atualmente negociando e secretamente com o apóstata Ratzinger para obter uma integração em bloco na igreja conciliar**.

É claro que **os 30 milhões de Anglicanos que poderiam se juntar à igreja conciliar em bloco**, pesam mais aos olhos de Bento XVI-Ratzinger do que os 500.000 fiéis da FSSPX. Mas, a realidade é bem diferente, pois, de um lado existem quatro bispos válidos e algumas centenas de sacerdotes católicos válidos e do outro **um falso clero Anglicano (perto de 300 falsos bispos e milhares de falsos sacerdotes)** cuja invalidez foi proclamada infalivelmente pelo **Papa Leão XIII** na bula '*Apostolicae Curae*' (1896).

Além disso, essa massa de falso clero Anglicano (mais de 300 falsos bispos) está prestes a se juntar a um falso clero conciliar que não pertence mais à Igreja Católica, mas a uma nova igreja sem Ordens válidas, após

Pontificalis Romani (1968) e a instauração **de um novo rito inválido de consagração episcopal**.

E esse é todo o *paradoxo* e o *trágico* dessa situação de **ver Monsenhor Fellay**, à frente de um clero válido, **prosseguir negociações** com uma entidade que está prestes a se fundir com uma entidade condenada por Leão XIII. Uma rede de infiltrados modernistas dentro da obra de Monsenhor Lefebvre possibilitou essa situação inacreditável.

Há dez anos, o TAC (braço mais tradicional dos Anglicanos) vem conduzindo negociações com o padre apóstata Ratzinger para um status de tipo patriarcal.

Já desenvolvemos amplamente essas questões no final de 2006 e em janeiro de 2007.

Iniciamos nesta coluna uma **crônica dessa « *Reunião Corporativa* » de origem anglicano-ecumênica** que se revela já determinante para compreender a mutação ratzinguiana da igreja conciliar.

Essa metamorfose, que modificará profundamente a estrutura herdada da Igreja Católica por essa igreja que a eclipsa, corresponde a um plano gnóstico visando **criar uma superestrutura constituída de Igrejas nacionais com uma base de unidade que não é de forma alguma a da Fé católica, mas aquela de um agrupamento ecumênico que prolonga o Vaticano II** e realiza, através da praxis, a doutrina maçônica destinada a governar a futura Igreja universal.

O padre apóstata Bento XVI-Ratzinger está portanto prestes, a partir de 2008, a realizar um plano rosacruz, parcialmente revelado pelo esotérico francês Saint-Yves d'Alveydre[4] e pelo ocultista satanista cônego Roca, que na transição dos séculos XIX e XX deram algumas visões dos contornos da futura Igreja universal dos gnósticos.

Esse plano é baseado nas concepções dos Martinistas, de Fabre d'Olivet (época da Revolução), em particular, uma vez que Saint-Yves muito lhe deve; de certa forma, ele foi apenas o divulgador dessas ideias. De maneira mais remota, esse plano atualiza o esquema geral de Comenius (século XVI).

A contribuição anglicana nesse plano é a mais importante e decisiva, devido à implantação e ao desenvolvimento histórico das lojas Rosacruz em território britânico e nos círculos globalistas das sociedades secretas de Oxford e Cambridge.

"Mas o que são as Igrejas nacionais? Saint-Yves responde:

> "Por este termo: Igrejas nacionais, entendo a totalidade dos corpos docentes da nação, sem distinção de corpos, ciências ou arte, desde as Universidades leigas, as Academias, os Institutos e as escolas especiais, até as instituições de todos os cultos reconhecidos pela lei nacional, à Maçonaria em seu duplo aspecto de culto e escola humanitária, às ciências naturais, à geologia, à astronomia e às ciências humanas, à antropologia e à teologia comparada, até as ciências divinas, da ontologia à cosmogonia."
>
> Essa totalidade dos corpos docentes de cada nação é o que se chama a Igreja nacional e o bispo nacional que a consagrará em sua pátria será o primaz católico ortodoxo.
>
> Na verdade, fora dessa concordância hierárquica das ciências e dessa Paz social das escolas, só pode haver sectarismo, elementos de divisão política sem verdade de ortodoxia, sem realidade de catolicismo, sem autoridade, assim como sem poder criador de Religião social.
>
> É essa a constituição interior das Igrejas nacionais na qual o episcopado investido do poder dos Apóstolos não terá que fazer mais do que consagrar a soma dos interesses verdadeiramente religiosos de cada nação sem os discutir. Eu sustento que **a papacidade ficará feliz em tomar a iniciativa de aconselhar essa constituição a todas as nações europeias do Cristo.**

> Mas, como a papacidade em Roma está colocada em seu plano ético de predominância clerical latina, resulta que é radicalmente impossível que ela exerça ainda em tal sentido o Soberano pontificado.
>
> Tudo o que se pode esperar é que a majestade de **tiara coroará um dia esse governo geral da cristandade, o cume da Igreja universal posicionado na base de todas as Igrejas nacionais, esse edifício católico e ortodoxo, quando ele for elevado**»[5]. » Epiphanius, p. 184

Começamos nesta presente mensagem de VM com **a tradução para o francês de um artigo do *Telegraph* britânico. Este jornal está muito ligado aos meios conservadores britânicos, incluindo os maçons**. É nesses meios que prosperam as lojas mais tradicionais.

O desvendamento da "reunião" dos Anglicanos com Roma mostra o quanto o "processo" de "retorno à plena comunhão" **conseguido pela Roma modernista com a FSSPX não é nada mais do que um engodo e não decorre de uma qualquer conversão do padre apóstata Bento XVI-Ratzinger, mas de um verdadeiro plano maquiavélico de sedução e destruição da FSSPX.**

Continuemos a boa luta.

A Redação de Virgo-Maria

Artigo de « *Holy smoke* » por Damian Thompson, *Telegraph*[6] - Tradução em português

Um bispo da Igreja da Inglaterra faltará a Roma

Quinta-feira, 26 de junho de 2008, 20:13 GMT Geral

Pelo menos um bispo da Igreja da Inglaterra estará ausente de Roma logo após a Conferência de Lambeth, eu soube por fontes anglo-católicas. E pode haver outras coisas a seguir.

Não posso lhe dizer mais por agora, devido ao caráter sensível das negociações com Roma – e os Bispos Católicos da Inglaterra e do País de Gales, que desconfiam dos Anglicanos Católicos, são perfeitamente capazes de sabotar o processo.

É humilhante admitir que os bispos da minha própria Igreja constituem o principal obstáculo a um progresso significativo do clero anglo-católico e dos fiéis em direção a uma plena comunhão com a Santa Sé – mas isso já aconteceu da última vez, no início dos anos 90, e ainda é o caso hoje.

Felizmente, o Papa Bento XVI é mais aberto a experiências do que o Papa João Paulo II. Ele tem um interesse sustentado no progresso da Comunhão Anglicana Tradicional em direção à reunião – um processo que está sob o controle da Congregação para a Doutrina da Fé, e não pelos ecumenistas confusos do Vaticano.

Não posso trair confidências, mas minha opinião é a seguinte: olhem as novas estruturas eclesiais, como as paróquias do *Rito Antigo*, que o Papa já está encorajando, e perguntem-se como esses modelos poderiam ser adaptados para o uso dos antigos Anglicanos.

Mas já disse demais…

---

[1] http://virgo-maria.info/wordpress/?p=61

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

[4] Recomendamos a leitura dos capítulos XII, XIII e XIV (páginas 177 a 209) da obra « *Maçonnerie et sociétés secrètes : le côté caché de l'histoire* » do coletivo Epiphanius. Esta obra, divulgada pela FSSPX, é editada pelas edições do Courrier de Rome (nova edição 2005).

[5] (406) Saint-Yves, « Mission des Souverains », 1882, pp. 433-4.

[6] http://blogs.telegraph.co.uk/damian_thompson/blog/page/6

150 anos de subversão mundialista anti-católica

Terça-feira, 2 de outubro de 2007

Gênese Muggeridge n°1

A « *Golden Dawn* » e o oculto-mundialista anglo-saxão

A pré-história da ***Fabian Society*** e das lojas iluministas ***Anglicano-Rosacruz***

Importância e finalidades deste estudo sobre o histórico do Mentor de Mons. Williamson

O estudo[1] **do Mentor do antigo Anglicano Mons. Williamson, o *Fabiano* (arrependido?) Malcolm Muggeridge**, nos levou a revelar toda uma rede onde se entrelaçam diversas influências: a ***Fabian Society*** e os meios mundialistas e ocultistas, o Anglicanismo da ***High Church***, os ***Irma?os de Plymouth*** e os meios ***Ecclesia Dei*** anglo-saxões.

Prosseguimos nosso estudo sobre esses meios e, em particular, **sua gênese e as circunstâncias históricas e ideológicas que os fizeram eclodir**.

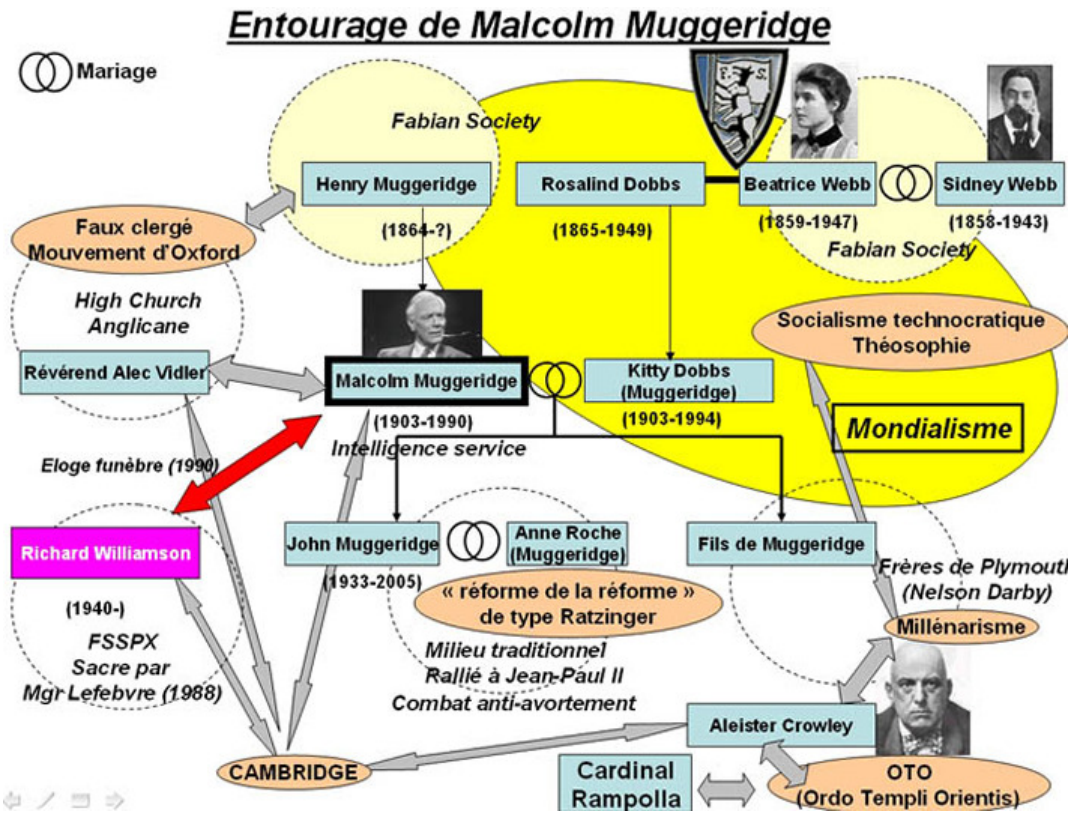
Esse aprofundamento deve nos permitir entender melhor **como funciona, há mais de 150 anos, tanto o mundialismo quanto a revolução contra a Igreja católica até a morte de Pio XII e a ocupação da Cátedra de São Pedro, depois o concílio Vaticano II e, em seguida, a infiltração da reação que representa a obra de Mons. Lefebvre: a Fraternidade Sacerdotal São Pio X**.

Tal estudo vai **tornar mais familiar o ambiente do pensador do antigo Anglicano Mons. Williamson, o *Fabiano* (arrependido?) Malcolm Muggeridge e revelar o que o bispo britânico ordenado em 1988 por Mons. Lefebvre (a conselho de quem?), nunca quis discutir**.

Deve também nos permitir **enfrentar os eventos perturbadores que ocorrem devido à evolução do contexto geopolítico internacional**, **verdadeiro castigo de Deus anunciado por Nossa Senhora em La Salette**, **durante o qual é muito previsível que a confusão atinja seu ápice e os falsos profetas se tornem mais sedutores e sutis do que nunca.**

Podemos pensar que, visto o que conhecemos agora sobre as origens e o entorno de Mons. Williamson, sobre sua juventude e suas posições, especialmente desde a morte de Mons. Lefebvre, que **o antigo Anglicano que se tornou bispo será um desses falsos profetas, um *deus ex machina,* preparado há muito tempo para assumir esse papel de falso opositor ao *ralliement* e de falsa bússola nos dramas que ameaçam se abater não apenas sobre a FSSPX ou sobre a França, mas também sobre o mundo, pois esses eventos serão mundiais**.

Para iniciar este estudo, nos basearemos nos fatos tornados públicos pelo coletivo italiano ***Epiphanius***, em sua obra '***Maçonaria e sociedades secretas: o lado oculto da história***' (edição do Courrier de Rome, 2005) **sempre difundido pela FSSPX, por quanto tempo ainda?**



Neste « ***Gênese Muggeridge n°1*** », examinamos **os fatos que retratam as sociedades secretas iluministas europeias no século XIX**.

Continuemos a boa luta

Padre Marchiset

EPIPHANIUS

Maçonaria e seitas secretas: o lado oculto da História

Publicações do Courrier de Rome, 2ª edição, 2005,

N.B. Todos os **negritos** estão no livro.

p. 161

CAPÍTULO XI - AS SOCIEDADES SECRETAS EUROPEIAS

Entre 1865, ano da morte de Palmerston, e 1890, o rosacrucianismo conheceu na Europa uma efervescente revivescência. Poderosas sociedades secretas apareceram no cenário europeu em oposição à supremacia palladista americana, enquanto se moviam dentro do "Sistema" cujas diretrizes estavam agora irreversivelmente determinadas e orientadas para a realização de um Governo Mundial sinárquico.

O antagonismo entre as duas margens do Atlântico se mediu pelos diferentes destinos atribuídos à Europa: Estados Unidos da Europa sob o alto patrocínio palladista ou Federação continental republicana inspirada nas seitas europeias emergentes. Divergência, aliás, ainda atual nas competições político-econômicas complicadas por uma presença soviética incômoda, da qual, no entanto, as altas sociedades secretas podem tanto exaltar o nascimento quanto o colapso. A crise estourou precisamente em 1893 quando, após a morte de

Pike, quis-se transferir o “Pontificado Dogmático” palladista de Charleston para Roma, na pessoa de Adriano Lemmi [2], designado por Pike ele mesmo para sua sucessão como Grande Mestre do Diretório Político do Palladismo. O “Convento” se realizou em Roma, no Palácio Borghese, no

p. 162

equinócio de outono - início do ano maçônico - com a participação de 77 delegados. Este congresso foi marcado por desordens, demissões e cismas rapidamente resolvidos, um indício claro de uma oposição ativa na própria América.

1. A «Societas Rosacruciana in Anglia» (S.R.I.A.)

A importância capital do Palladismo e sua grande influência através dos Conselhos Supremos dos 33 não impediram, portanto, o surgimento na Europa, na segunda metade do século XIX, de sociedades secretas muito esotéricas e muito virulentas. Não é possível ignorar sua existência sob pena de tornar incompreensíveis os movimentos mundialistas que se afirmaram na Europa, especialmente após a Primeira Guerra Mundial.

Em 1865, viu-se o nascimento em Londres da «Societas Rosacruciana in Anglia», sob a iniciativa do dignitário da maçonaria escocesa Robert Wentworth Little, cercado por Hargrave Jennings (1817-1890) e Kenneth R.H. Mac Kenzie. Era reservada exclusivamente a membros da maçonaria que possuíam pelo menos o grau de mestre e limitava-se a 144 membros[3]. A S.R.I.A. estava articulada em nove graus iniciáticos emprestados dos Rosacruz de Ouro alemã do século XVIII e estabelecia com o objetivo de encorajar e promover a pesquisa e os estudos esotérico-ocultistas. Na realidade, como observa Vannoni[4], «sua "bíblia" era "*The Rosicrucians, their Rites and Mysteries*" de Hargrave Jennings, obra em que se sustentava, atribuindo um significado feminino à rosa e fálico à cruz, que o segredo dos Rosacruz era de natureza sexual»[5].

Em 1871, a S.R.I.A. teve como «*Imperator*» Edward Robert Lytton (1803-1873), mais conhecido como Lord Bulwer-Lytton, membro eminente do Parlamento britânico, ministro das Colônias durante a Segunda Guerra do Ópio, e autor de romances de sucesso como «Os últimos dias de Pompéia»,

p. 163

uma vulgarização do culto de Ísis[6] adotado como suporte ideológico do tráfico de ópio[7], «Rienzi» e o famoso «*Vril*, o poder da raça futura» escrito em 1873[8]. Bulwer-Lytton influenciou, por seu racismo, o sociólogo John Ruskin que, em 1870, criou em Oxford uma corrente iniciática impregnada de pananglismo racista, cuja finalidade era impor ao mundo a supremacia anglo-saxã através da aplicação rigorosa dos princípios socialistas às nações. Sob a influência de tais doutrinas, nasceu pouco depois a Fabian Society, cujo objetivo era estender o socialismo às instituições e aos quadros dirigentes da época, dentro de uma tradição que, através de Sir Alfred Milner e Cecil Rhodes, conduziria aos conglomerados financeiros e do poder da Round Table e, a partir daí, em 1919, ao Royal Institute of International Affairs (R.I.A.A.), mais conhecido como Chatham House.

Um membro importante da S.R.I.A. foi Rudyard Kipling, fervoroso maçom[9], e Eliphas Lévi Zahed (1810-1875), pseudônimo judaicizante que Alphonse-Louis Constant adquiriu em 1854, um padre apóstata que é geralmente considerado o inovador e divulgador do ocultismo dos tempos modernos[10]; ele escreveu brochuras ardentes contra a Igreja, o Estado e

p. 164

a ordem social e foi o autor de uma extensa obra em dois volumes: «Dogma e Ritual da Alta Magia», concluído em 1856, ano em que «ele teria se entregado com Bulwer-Lytton a experiências teúrgicas que deram origem à aparição de duas entidades: um certo Joannès e Apolônio de Tiana[11] das quais receberam

um ensinamento»[12]. Eliphas Lévi, em 1871, escreveu «A Chave dos Grandes Mistérios», sua obra mais cabalística, numa tentativa de «desocultar o oculto» por meio de revelações extraídas das diversas «Claviculae Salomonis» de Sepher Jezirah e Zohar. Após sua segunda estada na Inglaterra, parece ser digno de fé que a S.R.I.A. lhe tenha conferido o título de «Grande Imperador». É importante lembrar que o mesmo Eliphas Lévi foi o iniciador no ocultismo cabalístico «cristão» do mago negro martinista Stanislas de Guaita e que lhe devemos a declaração segundo a qual: «os ritos religiosos de todos os iluminados, Jacob Boehme, Swedenborg, Saint-Martin, são tirados da cabala e todas as associações maçônicas lhe devem seus segredos e seus símbolos»[13]. (Afirmativa reproduzida pelo palladista Pike em «Morals and Dogma», obra que, segundo Guénon, deriva diretamente do pensamento de Eliphas Lévi).

Mas o Grande Mestre mais ilustre da S.R.I.A. foi indiscutivelmente o Dr. William Wynn Westcott (1849-1919), secretário do Rito maçônico de Swedenborg, mago negro autor de numerosas obras cabalísticas e herméticas e de uma «História da Sociedade Rosacruciana na Anglia» (Londres, 1900), cofundador, juntamente com três outros membros da S.R.I.A., S.L. Mathers, Woodman e A.F.A. Woodford, de um círculo mais restrito, uma organização comumente conhecida pelo nome de **Golden Dawn** ou **Amanhecer Dourado**.

2. A «Golden Dawn»

Rebento virulento da árvore rosacruciana, a «Hermetic Brotherhood of the Golden Dawn» (Fraternidade Hermética do Amanhecer Dourado) nasceu em 1887 em Keighley, cidade situada perto de Manchester, declarando pela boca de seus fundadores a vontade de praticar de forma mais eficaz a vida ativa da magia, em fidelidade ao ideal ensinado pelos Rosacruz do século XVII[14].

p. 165

Em 1888, o primeiro templo da «Golden Dawn» foi constituído em Londres, sob o nome de Isis-Urania. Ali se praticava o culto de «Isis» «organizado com base no livro "Isis Desvelada" que a ocultista russa Blavatsky escreveu em 1877. Nesse livro, a autora lançava um apelo à aristocracia britânica para que se organizasse em uma seita sacerdotal de Ísis»[15]. Outros templos da Golden Dawn foram construídos em Bradford (templo de Horus), em Edimburgo (templo de Amon-Rá) e em 1894 em Paris (templo de Ahatoor). A sociedade incluía três Ordens e onze graus: a primeira chamada «Golden Dawn in the Outer» (= no Exterior), o círculo menos esotérico, o mais exterior, articulado em cinco graus inferiores; a segunda Ordem «da Rosa Vermelha e da Cruz Dourada» com três graus intermediários, enquanto a terceira ordem era reservada aos Chefes Secretos com os três graus de Magister Templi, Magus e Ipsissimus. O nome da Golden Dawn sempre era acompanhado de seu equivalente hebraico «Chebreth Zerech aur Bokher», enquanto o simbolismo se referia ao utilizado entre os egípcios, os gregos, a mitologia hindu e, naturalmente, à Cabala judaica. Além disso, na Golden Dawn, como no Martinismo, os verdadeiros chefes eram considerados os Superiores Desconhecidos, «seres invisíveis que, sem corpo físico, transmitem, no entanto, poderes a seus adeptos»[16].

A Golden Dawn mantinha estreitas relações com a «Stella Matutina», uma das sociedades luciferianas mais fechadas, um círculo restrito de magos que, por sua vez, estavam ligados à Sociedade Teosófica. Entre os personagens eminentes da Golden Dawn, um lugar de destaque é ocupado por Samuel Liddell Mathers (1854-1918), conhecido como conde de Gleustroë, também chamado de Mac Gregor Mathers. Profundamente versado em ciências ocultas, ele foi teosofista e membro do círculo interno do Ordo Templis Orientis (O.T.O.)[17], sociedade que derivava d

p. 166

iluminismo[18] e dos Rosacruz, na qual se praticava uma magia sexual de origem oriental, ainda conhecida como magia vermelha ou tântrica. Mathers vivia em Paris com sua esposa Moina, uma médium irmã de Henri Bergson, o filósofo dos modernistas, primeiro presidente do Comité de Cooperação Intelectual de Paris (uma seção da Sociedade das Nações), prefiguração da U.N.E.S.C.O.

p. 167

Em 1900, foi Mathers quem iniciou em Paris o mais famoso mago negro do século, o martinista Edward Alexander («Aleister») Crowley (1875-1947), bispo da Igreja Gnóstica e alto dignitário do rito egípcio de Memphis-Misraim; de qualquer forma, pouco depois, uma profunda e inguichável fratura ocorreu entre Mathers e Crowley[19].

ALMANAC MAÇÔNICO DA EUROPA
ALMANACH MAÇÔNICO EUROPEU
AGIS-VERLAG BADEN-BADEN
EDIÇÕES JEAN VITIANO • PARIS

O almanach maçônico da Europa indica o Ordo Templi Orientis (O.T.O.) como Ordo Illuminatorum com sua sede em Stein, no cantão suíço de Appenzell[20]. Ressurgimento iluminista, confirmado também pelo martinista Pierre Mariel, que se constituiu por volta do final do século XIX[21]. Segundo Calliari, o centro do Iluminismo na América está desde 1921 em Beverly Hall, na Pensilvânia; seus membros não teriam renunciado aos verdadeiros objetivos finais da seita[22].

p. 168

«**Faz o que tu queres**» (= DO IT) é a lei suprema do Ordo Templi Orientis (O.T.O.), uma sociedade virulenta de origem iluminista, que se inspira em práticas sexuais para alcançar a gnose, o conhecimento no adepto. Crowley era ferozmente anti-cristão e gostava de se definir, segundo o texto do apocalipse, como «A Grande Besta», assinando seus escritos com o número do Anticristo 666[23].

O mago negro Aleister Crowley (1875-1947).

Ele foi o reorganizador, por volta de 1921, do O.T.O., «colorindo de negro a magia sexual praticada pelos adeptos do Templo»[24].

A influência da Golden Dawn sobre os assuntos europeus foi das mais importantes: basta dizer que alguns autores consideram que ela foi «o fermento do nazismo» e que de seus quadros saíram vários líderes históricos do movimento[25]. Temos uma prova adicional se notarmos o fato paradoxal, relatado por Gerson, de uma Gestapo que perseguia impiedosamente as lojas das maçonarias inferiores e que nunca realizou sequer uma única busca no templo da Golden Dawn localizado no coração de Berlim; Crowley, ele mesmo, morrendo de overdoses de drogas em 1947, ainda demonstrava uma profunda simpatia por Sir Oswald Mosley, membro da Fabian Society e líder do que era então o partido fascista britânico. O papel da Golden Dawn na

criação e a difusão da «cultura» da droga, que hoje atinge seu ápice, foram das mais significativas. De seus quadros saiu Aldous Huxley, irmão de Sir Julian, primeiro diretor-geral da U.N.E.S.C.O., e sobrinho de Thomas Huxley, um dos fundadores da Round Table.

Aldous Huxley, com seu irmão Julian, teve como tutor em Oxford H.G. Wells, também membro da Golden Dawn, que o apresentou a Aleister Crowley. Enquanto isso, Aldous havia sido iniciado nos «Filhos do Sol», seita dionisíaca da qual eram membros os filhos da elite da Round Table britânica[26]. Aleister Crowley o introduziu à Golden Dawn e, em 1929, fez com que ele conhecesse as drogas psicodélicas, de tal maneira que, no final da década de trinta, Huxley, em colaboração com Christopher Isherwood, Thomas Mann e sua filha, Elisabeth Mann-Borghese, nascida em 1918, lançou as bases do que seria a cultura do L.S.D., no âmbito do culto a Ísis.

O já citado livro «Drogue S.P.A.» afirma que o lançamento do L.S.D. — um produto da empresa farmacêutica Sandoz, pertencente aos financistas Warburg — como instrumento de fermentação da juventude ocorreu graças a Aldous Huxley, ao reitor da Universidade de Chicago, Robert Hutchins (a partir do final da década de cinquenta, também graças a figuras como Timothy Leary, o guru do L.S.D. que atuava em estreita relação com Huxley) e a Allen Dulles, chefe da C.I.A., no âmbito de um plano concebido pela própria C.I.A., no período compreendido entre 1948 e 1962. Esse plano denominado «Mk-Ultra» visava ao controle da mente humana, percorrendo caminhos totalmente novos, como a difusão maciça da pornografia e da droga. Aprendemos pela mesma fonte que, dos cultos de Ísis que se desenvolviam nesse meio tempo na Califórnia, emergiram figuras como Bateson, o criador dos hippies, e Ken Kesey, autor do romance «Um Estranho no Ninho», fundador de um grupo de iniciados ao L.S.D. chamado «The Merry Prankster» (= o alegre brincalhão) que difundiu nos EUA a contracultura do desengajamento moral, do acid rock e da droga.

Entre os membros eminentes da Golden Dawn, podemos citar: Israel Regardie, autor inglês do livro «The Golden Dawn», autêntico compêndio de teurgia cabalística; Florence Farr, amiga íntima de Bernard Shaw; Gerald Kelly, presidente da Royal Academy; Arthur Edward Waite, especialista nos Rosacruz, maçom fundador da Fellowship of the

Rosy Cross (= Confraternidade da Rosacruz) e diretor de uma ordem rosacruciana «interior» ultrassecreta, chamada «Ordo Sanctissimus Rosae et Aureae Crucis», cuja quantidade de membros não podia exceder a meia dúzia[27]; poetas como Thomas S. Eliot e William Butler Yeats, Bram Stoker, criador do personagem Drácula; Herbert G. Wells, homem ligado à Alta Finança mundialista; Arthur Machen, o escritor inglês para quem as únicas realidades que contavam eram a santidade e a feitiçaria, enquanto aquele que não pertencia a uma dessas duas categorias era, para ele, um «negligenciável»; Rudolf Hess - o alto dignitário nazista - e Karl Haushofer, teórico do «espaço vital» germânico, e seu filho Albrecht, e, diz-se - mas a notícia carece de confirmações sérias - o próprio Hitler[28].

3. A Ordem Cabalística da Rosacruz - A Antroposofia

A Ordem Cabalística da Rosacruz foi criada em 1888, como uma sociedade que se sobrepunha à Ordem Martinista, pelo mago negro Stanislas de Guaita e por Joséphin Péladan, conhecido como o Sâr, que provavelmente também foi seu inspirador[29]. Dirigida por um Conselho Supremo de 12 membros, entre os quais o famoso mago martinista Papus (Gérard Encausse), Paul Adam F. Barlet, Péladan, já citado, Yvonne Leloup, mais conhecida pelo pseudônimo de Sédir[30], um ex-padre, Calixte Melinge (1842-1933), chamado Dr. Alta, Marc Haven e Augustin Chaboseau, a ordem exigia que seus adeptos proviessem do terceiro e último grau martinista. O ensinamento era articulado em três níveis e dava acesso, mediante provas acadêmicas de controle, aos títulos de bacharelado, licenciatura e doutorado em cabala.

As doutrinas particularmente veneradas eram as doutrinas maçônicas, o budismo e o hinduísmo; tal orientação exclusiva foi rejeitada por Joséphin Péladan (1859-1918) que, em 1890, criou uma Ordem chamada de Rosacruz do Templo e do Graal, conhecida como Rosacruz Católica. A Rosacruz Católica se propunha explicitamente a busca de uma síntese entre o ocultismo e o catolicismo; da qual a acusação de traição de sua missão que Péladan dirigia ao Papa e aos cardeais, culpados, segundo ele, de limitar o catolicismo aos simples aspectos exclusivamente dogmáticos e exotéricos. Segundo Marie-France James, especialista em ocultismo, a Rosacruz Católica, ao influenciar os círculos artísticos da época, teve uma vida muito efêmera, não conseguindo sobreviver a seu fundador.

Em 1891, o mago Papus, que sucedeu De Guaita na direção da Ordem Cabalística da Rosacruz, procedeu à renovação da ordem Martinista, e a partir desse momento a Ordem Cabalística da Rosacruz

p. 172

entra «em sono», se escondendo atrás da Ordem Martinista no mais profundo segredo; em 1898, o número de lojas martinistas na velha Europa era de 94, enquanto nas Américas não ultrapassava 18.

Para compreender a importância da Ordem Cabalística da Rosacruz, apesar da raridade dos documentos disponíveis[31], é preciso ter em mente que Stanislas de Guaita foi um fervoroso partidário da Sinarquia, vista como a vinda de um espiritualismo que conduz ao reino de Deus (ou seja, em termos claros, ao Governo Mundial) e culmina inspirando-se nas doutrinas martinistas. Nesse espírito, segundo o renomado especialista em religiões Henri-Charles Puech, Guaita funda a Ordem Cabalística da Rosacruz[32], que se torna um instrumento de uma revolução religiosa subterrânea para substituir o pontificado de Pedro, baseado no amor evangélico, pelo de João, dirigido pelo espírito de autoridade.

«Numa tal substituição – observa Vannoni – a Ordem Cabalística da Rosacruz pode se orgulhar de uma prioridade desconcertante e aparecer como uma prefiguração de certas orientações difundidas no mundo católico contemporâneo, ainda mais porque seu Grande Mestre confiou ao ocultista Péladan que havia sido ordenado "sacerdote oculto" segundo o rito católico romano, como aliás "todos os adeptos do terceiro grau", e que havia recebido o poder de exercer o culto in secretis, "magicamente e não sacerdotalmente"»[33].

A esses ordens rosacruzes uniram-se por vínculos diversos e em diferentes períodos outras sociedades ocultas, como a «O.T.O.» já mencionada e a «Sociedade Antroposófica»[34] de Rudolf Steiner, via «europeia» da Teosofia americana, da qual Steiner se proclamava «Imperator». Steiner (1861-1925) vinha da O.T.O. e da Sociedade Teosófica, sociedade oculta fundada em Nova York em 1875 por Helena Petrovna Blavatsky, uma discípula do Rosacruz Bulwer-Lytton, animada por um profundo e visceral ódio ao cristianismo[35]. Steiner, entusiasmado com a ideia de um renovação do cristianismo à luz do budismo esotérico, estabeleceu seu movimento diretamente sobre o esoterismo cristão e dirigiu à Igreja Católica a mesma acusação que

p. 173

Péladan: a Igreja havia traído sua missão ao deformar a mensagem inicial de seu fundador, condenando-se assim a um rápido desaparecimento que apenas a Antroposofia poderia evitar ao renovar seus conteúdos[36]. Assim, Cristo, Segunda Pessoa Divina para os católicos, torna-se, na Antroposofia, um personagem que desempenha um papel especial de equilíbrio, moderando de um lado o ardor de Lúcifer e do outro a fria inteligência do demônio Ariman[37]. Homem de qualidades intelectuais excepcionais, pedagogo prodigioso e escritor fecundo, Steiner foi o chefe da Sociedade Teosófica na Alemanha, fundando em 1902 a revista «Lucifer», que em 1904 passou a se chamar «Lucifer-Gnosis». Segundo seus biógrafos, Steiner teve um «Guia» que Édouard Schuré, o famoso teosofista e filósofo protestante francês (1841-1929)[38], autor em 1889 do livro «Os Grandes Iniciados», descrevia assim:

«O Mestre de Rudolf Steiner era um desses homens poderosos que vivem sob a máscara de um estado civil qualquer, para cumprir uma missão conhecida somente por seus pares. Eles nunca agem abertamente sobre os

eventos humanos»[39].

Este é um fato realmente preocupante se o confrontamos com a descrição que faz o martinista Mariel dos Superiores Inconhecidos[40], quando, dissertando sobre sua natureza, ele se pergunta se são «homens de carne, ou bem gênios, entidades ou demônios» e conclui que «a Doutrina Secreta de Helena Petrovna Blavatsky nos dá, senão certezas, ao menos aproximações interessantes»[41]. Basta então lembrar que, nesta obra, Satanás

p. 174

é tratado como «o deus, o único deus do nosso planeta» e em outra parte que «ele não é senão uma única coisa com o Logos», de modo que «a Igreja, ao amaldiçoar Satanás... amaldiçoa Deus... ou a Sabedoria que se revelou como a Luz e a Sombra, o Bem e o Mal na Natureza...»[42].

A Antroposofia, cujo centro em Dornach, perto de Basileia, na Suíça, é chamado «Goetheanum», está hoje difundida pelo mundo inteiro, com centros de iniciação e centros de ensino denominados escolas Waldorf.

4. As outras sociedades secretas

Deixemos a palavra a Virion:

«Não se deve acreditar que todas essas sociedades, em aparência tão diferentes, muitas vezes opostas, às vezes se anatemizando, não tenham um ponto em comum, um lugar de encontro. Existem duas, ao contrário, que desempenham de maneira especial o papel de ligação: uma, sociedade de origem americana, que se relaciona com o sistema imaginado por Pike; ela desempenhou um papel extremamente importante que se prolonga atualmente nas combinações políticas e nos movimentos internacionais de união mundial para o federalismo do planeta: é a "Hermetic Brotherhood of Light" (H.B. of L.)[43].

«A outra, pouco numerosa, trabalha para a união doutrinária das diversas concepções místicas das seitas, visando seu encontro na "Filosofia da Unidade", com o objetivo de infundir esta última nas maçonarias e, através das maçonarias, na massa dos "profanos": é a "Ordem de Memphis". Assim se cumpre, nessa época, o primeiro objetivo, inicial, da Sinarquia. É na Ordem de Memphis, por exemplo, que se encontravam então Helena Petrovna Blavatsky[44] e Leadbeater (Teosofia), Spencer Lewis (Antroposofia), Théodore Reuss (O.T.O.), dignitários da "H.B. of L.", ocultistas franceses que pertenciam, em geral, à Ordem Martinista. E lá encontraremos o fio da Sinarquia que, especialmente através do Martinismo, tomará na Europa a forma que conhecemos»[45].

p. 175

E a lista não acabaria aqui: Guénon observa, por exemplo, que 1875, que representa o ano de nascimento da Teosofia, é também aquele de muitas outras atividades «enigmáticas», como a de uma ordem dos «Fratres Luci», cujo centro está em Bradford, no Yorkshire, ordem fundada por um inglês chamado Maurice Vidal Portman, político do círculo do Rosacruz Lord Bulwer-Lytton. É preciso, de qualquer forma, lembrar que confirmações autorizadas sobre a vocação ecumênica do Rito de Memphis-Misraim são dadas no livro do martinista Gastone Ventura «*Os ritos maçônicos de Misraim e de Memphis*» (Ed. Atanôr, 1980), quando ele cita o pronunciamento de um grande Gérophante[46] que, em 1946, atribuía aos dois ritos uma «missão Rosacruciana iluminista dentro das Maçonarias inferiores, no Carbonarismo e na Ordem do Templo, **constituindo uma espécie de maçonaria da Maçonaria**» (p. 81).

Não devemos, portanto, nos surpreender se a Ordem de Memphis, um colosso que é a origem de 91 graus, dos quais os 33 primeiros são escoceses, reivindicava o papel de «expressão de todas as tradições iniciáticas egípcias, indianas, persas, escandinavas, etc. dos tempos antigos» (p. 209).

O Rito de Misraïm, por outro lado, era apresentado em um documento interno como «um sistema duplo maçônico-iluminista que contém em si o Grande sistema iniciático ocidental que o Rito Escocês Antigo Aceito, em sua reelaboração em 33 graus dos principais ritos professados, não conseguiu realizar, tendo excluído de sua nomenclatura os graus cabalísticos, martinistas e martinésistas» (p. 45)[47].

Após o apaziguamento dos clamores das celebrações do bicentenário da Revolução Francesa, pode ser interessante conhecer a opinião dos altos graus do Rito - chamados «Arcana Arcanorum» - sobre a democracia e sobre o «trinômio sagrado» de 1789, Liberdade-Igualdade-Fraternidade, fetiches e dogmas intocáveis do mundo moderno que os vê como a própria fonte de sua essência:

p. 176

«Os adeptos do "Arcana Arcanorum"... sabiam muito bem, tendo estudado a questão sob outras formas, que onde há liberdade não pode haver igualdade e que os termos do trinômio revolucionário importado da França, onde havia sido fraudulentamente enunciado, são entre si antitéticos... Hoje, que o trinômio revolucionário e mentiroso entrou definitivamente no simbolismo maçônico... pode-se interpretá-lo da seguinte forma: "A **Liberdade** é apenas para o **realizado**[48], ou seja, para aquele que se portou para um outro domínio e se libertou, por isso, das escórias da matéria, a igualdade pode existir apenas entre os iniciados de mesmo grau e conhecimento, e a fraternidade, finalmente, deve ser considerada apenas como uma "fraternidade iniciática"» (pp. 32-33)[49].

À margem de tais poderosas sociedades secretas, houve toda uma proliferação, até a explosão nos dias de hoje, de sociedades menores, destinadas a espalhar o verbo mágico por todos os meios. O impressionante avanço da descristianização da sociedade, o acentuado foco que a Igreja Católica, para não atrapalhar o caminho ecumênico e o do ateísmo, coloca cada vez mais no humano - e, portanto, cada vez menos no divino, a falta de afirmações solenes dos conteúdos teológicos, unida às carências na prática da oração e na liturgia, deixaram insatisfeito esse desejo de sobrenatural, sentido de maneira inefável, especialmente entre os simples, poderoso impulso que leva à busca da Verdade e à adesão a ela. Hoje, é muito fácil perceber isso apenas como uma «necessidade de mistério», deixando desaguarem as cataratas da invasão das seitas, que visam enterrar a religião e tomar seu lugar por meio da difusão em larga escala, através dos meios de comunicação, dos serviços postais, e agora também das redes telemáticas, de diversas formas de iniciação, de caráter sempre totalizante e exclusivo: e entre elas - e de longe a mais importante - o movimento multiforme New Age, mas também o Lectorium Rosicrucianum, a Panharmonia, a Meditação Transcendental, os Bahá'ís, a Cientologia, a Igreja de Satanás, etc.[50]

Oremos a Nossa Senhora de Fátima.

---

[1] Link para o documento de Mons. Williamson sobre Muggeridge

[2] (338) Iniciado na loja «Propaganda» de Roma em 21-4-1877, Adriano Lemmi foi nomeado em 1879 Grande Tesoureiro da Ordem, depois Grande Mestre de 15-1 a 31-5-1896; ele se tornou Soberano Grande Comandante do Rito Escocês, ou seja, 33º grau, grau que conservou até sua morte em 1906. «Amigo fraternal de Mazzini, Kossuth e Garibaldi, ele fez parte de Giovane Italia, de Giovane Europa e lançou a ideia da Europa unida» («Dicionário Universal da Maçonaria», Paris, 1974). Em 1888, com Pike, organizou, através das lojas, uma campanha pacifista universal que deveria resultar, segundo os cânones maçônicos clássicos da gestão dos opostos, na Primeira Guerra Mundial e na Sociedade das Nações que lhe seguiria para assegurar a paz.

Dele, Francesco Saverio Nitti dizia em suas «Rivelazioni» (sobre o maçonnismo de Nitti, ver Gianni Vannoni, «Maçonaria, fascismo e Igreja Católica», Laterza, 1980, p. 711): «Ele era judeu de nascimento e banqueiro de profissão e tinha uma vasta inteligência e uma grande energia. Quando era Grande Mestre adjunto em 1877, fez-se eleger Soberano Grande Comandante e depois acumulou os dois mais altos cargos, que, após ele, foram sempre separados, de Grande Comandante e de Grande Mestre do Grande Oriente»

(«Escritos Políticos», ed. Laterza, Bari, 1963, vol. VI, p. 437).

[3] (339) René Guénon, «Il Teosofismo», vol. I, p. 39.

[4] (340) Gianni Vannoni, «Le società segrete», Sansoni, 1985, p. 20.

[5] (341) Segundo o livro já citado, fora de comércio, impresso em 1945 em Florença, «A Maçonaria»: «No equinócio da primavera... os Rosacruz celebram suas ágapes habituais, imolam o cordeiro, lembrando a fórmula: "Eis o Cordeiro de Deus", ou seja, a Natureza imaculada que "tira os pecados do mundo"... A rosa, o emblema maçônico mais delicado e mais amável, flor perfumada da primavera, significa graça, beleza, juventude... A rosa também foi o emblema da mulher; assim como a cruz simbolizava também a virtude geradora do Sol, o acoplamento dos dois símbolos, a cruz e a rosa, expressa de modo discreto e gentil, sob uma figura discreta e misteriosa, a incessante reprodução dos seres» (p. 62). Cf. também F. Giantulli, op. cit., pp. 71 sq.

[6] (342) O culto egípcio de Ísis, praticado desde a Terceira Dinastia do Antigo Reino (cerca de 2280 a.C.), «formaliza os elementos a serem utilizados como instrumentos para o controle social, para a exploração e a destruição da capacidade criativa das populações submissas. Esses elementos incluem:

- O uso de diversas drogas para criar esquizofrenia.

- O uso de sons heterônomos e repetitivos para integrar os efeitos das drogas psicotrópicas e para criar um clima que encoraje o uso de drogas.

- A criação de seitas místicas baseadas no mito reacionário de Ísis, mas, ao mesmo tempo, adaptadas ao perfil psicológico da população que a casta dos sacerdotes decidiu subverter.

- A imposição de um modelo político e econômico... que força as populações submissas a trabalhos forçados manuais e não criativos (por ex., a construção das pirâmides)», citado de «Droga S.p.A.», cit., p. 273.

[7] (343) Cf. «Droga S.p.A.», cit., pp. 226-7.

[8] (344) «Bulwer Lytton, gênio erudito, famoso por seu romance "Os últimos dias de Pompéia", não previa sem dúvida que, dezenas de anos depois, um de seus romances inspiraria um grupo místico pré-nazista na Alemanha. Todavia, em obras como "A Raça que nos Superará", ou ainda "Os Zanons", ele pretendia destacar a realidade do mundo espiritual e especialmente do mundo infernal. Considerava-se um iniciado. Através da transfiguração romanesca, expressava a certeza de que existem seres dotados de poderes sobre-humanos. Esses seres nos superarão e conduzirão os eleitos da raça humana a uma formidável mutação. É preciso ter cuidado com essa ideia de uma mutação da raça. Encontraremos isso em Hitler e ela ainda não desapareceu hoje» (Louis Pauwells e Jacques Bergier, op. cit., pp. 290-1).

[9] (345) Yann Moncomble, «Os profissionais do antirracismo», Paris, 1987, p. 287.

[10] (346) A Éliphas Lévi (Robert: 1893) é atribuída a introdução do termo «ocultismo», termo de acepção ampla que inclui os agrupamentos iniciáticos, as teorias e as práticas esotéricas, mágicas e aquelas que têm relação com o espiritismo, etc.

[11] (347) Filósofo neopitagórico e mago do século I d.C.

[12] (348) Cf. M.F. James, «Os precursores da Era de Aquário», ed. Paulines, Montréal, 1985, pp. 26-7.

[13] (349) E. Delassus, op. cit., p. 477.

[14] (350) Cf. Henri-Charles Puech, op. cit., p. 604; segundo Gerson, op. cit., p. 128, a Golden Dawn seria filha de outra associação: a muito secreta Hermetic Brotherhood of Light, da qual - segundo ele - Abraham

Lincoln também teria feito parte.

[15] (351) «Droga S.p.A.», cit., p. 402.

[16] (352) Jean-Pierre Bayard (maçom francês), «Os francos-juízes de Saint-Vehme», ed. A. Michel, 1971, p. 162.

[17] (353) Assim como Ignaz Thimotei Trebitsch-Lincoln (Budapeste 1879-Shanghai 1943?), aventureiro precursor do nazismo; Sean Mac Bride, fundador, no dia da Santíssima Trindade de 1961, da Anistia Internacional; Franz Hartmann, espírita da Sociedade Teosófica, o fundador da Antroposofia Rudolf Steiner, Rudolf Hess, etc.

Segundo Gerson (pseudônimo do martinista Pierre Mariel), a O.T.O., ou Fraternitas Hermetica Luciferiana (ver «Daimon», periódico de cultura neopaiana, Perugia, 1990), é apenas o estágio preparatório, propedêutico à feitiçaria iniciática (op. cit., p. 128). É importante lembrar que, nessa época, a O.T.O. atuava em estreita relação com o americano Harry Spencer Lewis, fundador em 1900 do Antiquus Misticus Ordo Rosae Crucis (A.M.O.R.C.), sociedade intensamente comprometida na via da instauração de um Governo Mundial, atualmente dirigida pelo filho de Lewis, Ralph, e cuja sede principal está em San José, Califórnia. Esta sociedade teria hoje um milhão de aderentes (cf. A. Charles Puech, op. cit., p. 611).

A lei suprema da O.T.O., lei que a Golden Dawn fez sua, era a proclamação da emancipação absoluta de Deus: «**Faz o que tu queres**» (literalmente: Faça isso), o **Do it** que pode ser visto afixado em diversos lugares, combinado com o sinal da tarambola (veja p. 35), máxima cuja explicação está contida no Liber legis ou «Livro da Lei»; Pierre Mariel relata (op. cit., pp. 62-3) trechos muito eloquentes «de uma espécie de catecismo ad usum fratrum da O.T.O.». Aqui estão alguns extratos:

«Não queremos fundar uma nova religião, mas queremos varrer as ruínas que o cristianismo acumulou sobre o velho mundo, para que a religião antiga da Natureza reassuma novamente seus direitos. É verdade que na religião cristã se conserva essa base fálica, embora esteja escondida dos leigos e desconhecida do baixo clero. O campanário das igrejas simboliza o órgão masculino, enquanto a nave é o símbolo feminino.

...Esse estado de hipocrisia geral deve necessariamente conduzir a uma catástrofe moral... Queremos reconstruir em sua pureza e em sua moral primitiva tudo o que hoje é estigmatizado como "imoral" e "pecaminoso"; queremos elevá-lo novamente ao grau de santidade... Constituiremos uma comunidade de seres sexualmente livres. Esta mensagem poderá ser vitoriosa somente quando, desde a tenra idade, forem inculcados aos jovens todos os princípios da nova moral. Ensinar-se-á aos jovens, desde o nascimento, que os órgãos sexuais devem ser considerados sagrados e que suas funções devem ser apresentadas aos meninos e meninas como ações santas. Assim que a mãe perceber os primeiros sinais de puberdade, seu dever será instruir seus filhos nesse sentido, pois caberá aos pais ensinar essas doutrinas a seus filhos desde a mais tenra infância. Nas escolas, os médicos terão a tarefa de aprofundar essas doutrinas e dar-lhes uma base científica para a instrução dos adolescentes. Eles substituirão, assim, os professores de religião (é o que aconteceu: veja a educação sexual atual nas escolas, N.d.R.), e essa doutrina será apresentada como a doutrina do "além", e sobre esta base estabelecida pelo médico do corpo se elevará a doutrina do "além" edificada pelo médico da alma (o sacerdote)».

E o martinista Mariel observa (p. 65) que os hippies e a revolução da juventude de 1968, inspirada por Herbert Marcuse, não fizeram mais do que colocar em prática os ensinamentos da O.T.O. Nas paredes de Paris, onde a Revolução de 68 foi particularmente violenta, podia-se ler esta inscrição, paradoxal e emblemática: «é proibido proibir».

[18] (354) Pierre Mariel, «As sociedades secretas», Vallecchi, 1976, p. 57.

[19] (355) (Crowley) «...evocava Belzebu contra Mathers, que atribuiu a essa evocação a morte súbita de todos os seus cães de caça em sua propriedade de Boleskine às margens do Loch Ness» (Gianni Vannoni, «As sociedades secretas», p. 239).

[20] (356) Yann Moncomble, «O irresistível...», p. 133.

[21] (357) A O.T.O. é uma sociedade rosacruz muito fechada na qual os ritos maçônicos são interpretados à luz das práticas sexuais orientais (cf. P. Mariel, op. cit., pp. 57 sq); veja também G. Vannoni, «As sociedades secretas», ed. Sansoni, 1985, pp. 241-3; «New Age e Satanismo», E.I.R.N.A. - Estudo, Wiesbaden, 1989.

[22] (358) Paolo Calliari, op. cit., p. 141.

[23] (359) Sobre as evocações demoníacas e os blasfemas rituais de Crowley, veja o livro de seu biógrafo J. Symonds, «A Grande Besta», ed. Mediterrâneo, 1972.

[24] (360) Gianni Vannoni, op. cit., p. 241.

[25] (361) Veja sobre este assunto «L'ascesa del nazismo e lo sterminio degli ebrei» (A ascensão do nazismo e a exterminação dos judeus) de Paolo Taufer e Carlo Alberto Agnoli, ed. Civilità, Brescia, 1988, via G. Galilei, 121; Giorgio Galli, «Hitler e il nazismo magico», ed. Rizzoli, Milão, 1989.

[26] (362) Cf. Martin Green, «Children of the Sun: a Narrative of Decadence in England after 1918», New York Basic Books Inc., 1976. A seita contava entre seus iniciados Thomas S. Eliot, W.H. Auden, Oswald Mosley e D.H. Lawrence, amante homossexual de Aldous Huxley.

[27] (363) Yann Moncomble, «Os verdadeiros responsáveis pela Terceira Guerra Mundial», Paris, 1982, p. 187.

[28] (364) Veja, por exemplo, «Anche Hitler in una setta: la Golden Dawn» (Mesmo Hitler em uma seita: a Golden Dawn), em «L'Arena», Vérone, 8-2-1988.

[29] (365) Gastone Ventura, «Tutti gli uomini del martinismo», ed. Atanor, 1978, p. 37.

[30] (366) Bispo gnóstico (1871-1926), foi autor de uma obra de esoterismo cristão «Les Amitiés spirituelles», na qual se misturam rosacrucianismo, doutrinas herméticas e temas espíritas.

[31] (367) Gastone Ventura, «La Rosa Croce del Tempio e del Graal e il Sâr Merodach Péladan» in «Vie della Tradizione», fasc. XIII, Palermo, 1974. Gastone Ventura, falecido em 1981, foi Grande Mestre do martinismo sob o nome de Aldebaran.

[32] (368) Op. cit., p. 606.

[33] (369) Gianni Vannoni, «As sociedades secretas», Sansoni, 1985, p. 20.

[34] (370) O termo «Antroposofia» foi mencionado pela primeira vez em 1660 no título de uma obra de um alquimista inglês, o rosacruz Thomas Vaughan, alias Eugenius Philalethes (1622-1696).

[35] (371) Cf. René Guénon, «Il Teosofismo», vol. I, p. 13 e passim.

H. Blavatsky indica em sua obra principal, «A Doutrina Secreta», os objetivos da Sociedade Teosófica:

- constituir o núcleo de uma fraternidade humana universal, sem distinção de raça, cor ou fé;

- encorajar o estudo das Escrituras arianas, demonstrar a importância da literatura asiática antiga, em particular as obras bramânicas, budistas e zoroastrianas;

- aprofundar, sob todos os aspectos, os mistérios ocultos da natureza e especialmente os poderes psíquicos e espirituais latentes no homem.

[36] (372) Sobre a «cristologia» essencialmente gnóstica de Steiner, veja os artigos de Jean Vaquié no «Boletim de Estudos da Sociedade Augustin Barruel», n° 14, 15, 16 (62, rue Sala, 69002 Lyon).

[37] (373) E. Pappacena, «Rudolf Steiner», ed. Itinerari, Lanciano, 1973, p. 194.

[38] (374) Segundo Guénon - considerado o mestre em esoterismo mais autorizado do nosso século - Schuré foi o inventor de um suposto esoterismo heleno-cristão que deveria conduzir «da Esfinge a Cristo» e... «de Cristo a Lúcifer» (cf. «Il Teosofismo», cit., vol. I, p. 177). Schuré, futuro inspirador de Teilhard de Chardin, foi um membro importante da loja teosófica «Isis» de Paris, fundada por Helena Blavatsky em 1887 e diretamente ligada ao centro supremo de Adyar, na Índia. Outros membros famosos: o 33º grau do Rito Escocês, o Mago Papus e o astrônomo panteísta e espírita Camille Flammarion.

[39] (375) E. Pappacena, «Rudolf Steiner», p. 49.

[40] (376) Pierre Mariel, op. cit., pp. 12 sq.

[41] (377) Ibid., p. 207.

[42] (378) Helena Petrovna Blavatsky, «A Doutrina Secreta», ed. Bocca, Milão, 1953, pp. 383, 384... 400.

[43] (379) Não confundir com a «Hermetic Brotherhood of Luxor», dedicada ao estudo da Cabala, das ciências ocultas e do espiritismo (ver «Os documentos maçônicos», ed. La Librairie Française, Paris, 1986, p. 96), uma sociedade «intermediária... de quadros» segundo Mariel, hoje desaparecida (op. cit., p. 8).

[44] (380) Helena Petrovna Blavatsky era Grande Gérophante do Rito de Memphis-Misraim (R. Guénon, op. cit., vol. II, p. 259).

[45] (381) Pierre Virion, op. cit., p. 34. Também fez parte do Memphis-Misraim o mago negro Aleister Crowley sob o nome de Baphomet X, inscrito nos mais altos graus, o fundador da O.T.O., Theodor Reuss, assim como o Grande Mestre do Martinismo, o Mago Papus.

[46] (382) O mais alto grau da Ordem de Memphis.

[47] (383) O Rito de Memphis (91 graus) e o de Misraim (97 graus), fundados no início do século XIX por dois comerciantes, os irmãos Bedarride, foram reunidos em 1875 por John Yarker (1833-1913), que também reestruturou profundamente os rituais. A «Enciclopédia Católica» de 1953 (vol. X, p. 1958) no verbete «satanismo» diz: «A maçonaria é certamente um ninho secreto de satanismo; ela herda sua fé e seus costumes do gnosticismo cainita, especialmente em seu rito egípcio (misraïm)».

Se a notícia publicada no «il Giornale» de 24-9-1988, segundo a qual o Rito de Memphis-Misraïm «tomou pé na Úmbria, em Perugia e em Assis, com vínculos interessantes com a Tradição franciscana», se tal notícia, portanto, fosse verificada, a situação poderia assumir aspectos verdadeiramente preocupantes.

[48] (384) O homem-Deus, o «realizado», aquele que se abastece do sobrenatural através da magia.

[49] (385) René Guénon, referindo-se ao lema revolucionário «Liberdade, Igualdade, Fraternidade», observou: «...Não devemos esquecer que essas palavras constituem um lema maçônico, ou seja, uma fórmula iniciática, antes de serem confiadas à incompreensão da multidão que nunca conheceu nem o sentido real, nem a verdadeira aplicação» («O Arqueômetro», ed. Atanôr, 1986, p. 50).

[50] (386) Para uma lista, além de não exaustiva, mas rica em detalhes inéditos, dessas sociedades e seitas, veja Massimo Introvigne, «Il cappello del mago», ed. Sugarco, 1990; Jean-Pierre Bayard, «O guia das sociedades secretas», ed. Philippe Lebaud, 1989.

O Doutor Bond, Presidente do Colégio St. Justin, interpela o antigo anglicano, Dom Williamson-‘*Cunctator*[1]’ à Rosa[2] sobre sua proteção ao clérigo predador homossexual Urrutigoity

Terça-feira, 13 de novembro de 2007

Dez anos (1987-1997) de proteção obstinada a este clérigo homossexual predador confirmado dentro da FSSPX:

- 1987, pelo padre Alphonso de Galaretta em La Reja, sob pressão da família Calderon

- 1987-1997, em Winona, pelo antigo anglicano que se tornou bispo, Dom Williamson-‘*Cunctator*’ à Rosa

Completamos nosso dossiê **sobre a longa e obstinada proteção de dez anos** concedida em Winona por Dom Williamson, o antigo anglicano, agora bispo à Rosa da Fraternidade, ao seminarista homossexual predador Carlos Urrutigoity, **quem ele se esforçou para ordenar pessoalmente a fim de promovê-lo a Professor de Dogmática em seu seminário de Winona**.

BREVE LEMBRANÇA DOS RECURSOS HOMOSSEXUAIS IMPLANTADOS EM WINONA SOB A SUPERVISÃO DE DOM WILLIAMSON

Lembremos[3] que o seminarista argentino Carlos Urrutigoity, predador homossexual confirmado, originário da cidade de Mendoza, **denunciado já em 1987 pelo padre Morello, Superior do Seminário argentino de La Reja** (FSSPX), **recebeu então a proteção especial do padre Alphonso de Galaretta, Superior do Distrito, que assim evitou sua expulsão e organizou sua transferência discreta para o seminário nos EUA de Winona** (FSSPX), então dirigido pelo padre Richard Williamson.

Segundo o testemunho do padre Morello, o padre **Alphonso de Galaretta teria concedido essa proteção surpreendente em 1987 a esse clérigo predador homossexual confirmado, oriundo de Mendoza, devido à intensa pressão exercida por uma família Calderon de Mendoza, da qual fariam parte os tios do padre Alvaro Calderon, atualmente Professor de Teologia no seminário de La Reja, sob a autoridade de Dom Williamson**, o atual Superior do Distrito da América Latina.

É o mesmo padre Alvaro Caldéron que, **sob a proteção de Dom Williamson, censurou o Comitê editorial da revista dos dominicanos de Avrillé, *Le Sel de la Terre*, fez publicar em outubro de 2006 no número 58 dessa revista, um artigo de 6 páginas intitulado « *São eles bispos ?* », repleto de sofismas falaciosos, visando a provar, a partir do rito sacramental episcopal copta**, a impossível validade sacramental da nova forma essencial do novo rito latino episcopal conciliar, inventada pelo trio infernal Bugnini-Dom Botte-Lécuyer, e promulgada por Montini-Paulo VI pela sua "Constituição Apostólica" duplamente mentirosa *Pontificalis Romani* de 18 de junho de 1968.

O CIRS assim como o padre Cekada[4] rapidamente desmontaram e denunciaram os sofismas falaciosos elaborados pelo padre Alvaro Calderon sob a proteção de seu protetor, o antigo anglicano que se tornou bispo, Dom Williamson-‘*Cunctator*’ à Rosa, o antigo protetor e ordenante em Winona do clérigo homossexual predador **Carlos Urrutigoity.**

É ainda o mesmo padre Alvaro Caldéron que foi escolhido, junto com **o padre Grégoire Celier**, o novo **‘ *teólogo[5] higienista*’ IUT Bac+2[6] da FSSPX**, **especialista amante** do roqueiro satanista drogado **Jim Morrison[7],** para fazer parte, como suposto « *teólogo* », **dos cinco membros da comissão[8] oficialmente não oficial da FSSPX encarregada de iniciar desde já conversas « *teológicas* » discretas com os teólogos**

da Roma dos « *anticristos* » do padre apóstata Ratzinger, com o objetivo de preparar, antes mesmo da revogação oficial das excomunhões, a realização da terceira e última fase do « *processo* », conduzido por Dom Fellay, para cumprir a união da obra de preservação do verdadeiro Sacerdócio católico, sacramentalmente válido, dotado de seus poderes sacrificiais ontológicos, fundado por Dom Lefebvre, à Roma apóstata dos « *anticristos* » do padre Ratzinger.

Apesar do relatório canônico sobre Urrutigoity enviado a Dom Williamson pelo antigo Superior do seminário de La Reja, e da visita pessoal que este último lhe fez em 1989 em Winona com o objetivo de impedir a ordenação desse indivíduo, **o antigo anglicano que se tornou bispo à Rosa não hesitou, naquele mesmo ano de 1989, em ordenar este homossexual predador confirmado, sendo o padre Morello imediatamente expulso da Fraternidade**.

O caso se espalhou em 1989 na Europa nos seminários da Fraternidade, **o padre Schmidberger[9], então Superior da Fraternidade, também se empenhou em proteger o predador homossexual e a tranquilizar os seminaristas.**

Muito melhor, enquanto Urrutigoity persistia em seus comportamentos perversos e degradantes dentro do seminário, e que, segundo testemunhos diretos, ***« tudo isso aconteceu sob a direção de Dom Williamson, um homem que mantinha com o maior cuidado o registro meticuloso DE TUDO o que se passava em seu seminário. »[10],*** **o antigo anglicano, agora bispo à Rosa, não hesitou em promovê-lo em 1993 a Professor de Dogmática, de Latim e de Música Sacra (de Música Sacra, como foi outrora, no início de sua brilhante carreira de liturgista romano, o padre Lazarista Franc-maçom Annibale Bugnini, o Irmão *BUAN*, iniciado na terça-feira, 23 de abril de 1963 e registrado sob o nº de código 1365/75 no registro da maçonaria da Itália).**

Foi necessário esperar ainda quatro anos, durante os quais o homossexual pôde tranquilamente, revestido de sua nova autoridade, continuar a exercer seus abusos sobre suas presas, jovens alunos seminaristas do antigo anglicano que se tornou bispo à Rosa da Fraternidade, para que este, após lhe ter concedido assim sua proteção infalível durante dez anos, resolvesse finalmente, em 1997, ter que se separar de seu Professor de Dogmática, expulsando de Winona aquele que ainda qualificaria de « *jovem padre argentino talentoso mas orgulhoso* », não por causa de seus comportamentos sexuais infames que o antigo anglicano, agora bispo à Rosa da Fraternidade, Dom Williamson ainda se obstinava a encobrir ao alegar posteriormente « *nunca ter notado nada* », mas em razão do projeto declarado na época deste homossexual predador de fundar uma nova Comunidade religiosa, a *Sociedade São João*, projeto rejeitado por Dom Fellay, então Superior geral da Fraternidade.

Dentro da Igreja conciliar, **sob a proteção do pseudo-« *bispo* » conciliar do diocese de Scranton, '*Dom*' Timlin**, Urrutigoity, apesar das queixas que se multiplicavam, foi autorizado a fundar então sua SSJ (Sociedade São João) **marcada por um espírito tradicional em matéria de liturgia e canto gregoriano**, a qual não tardou a ser comprometida em escândalos homossexuais.

Só dois anos depois, em fevereiro de 1999, que Dom Fellay, Superior da FSSPX, sem dúvida consciente que o escândalo não tardaria a resultar em processos federais, decidirá escrever pela primeira vez uma carta oficial às autoridades conciliares para denunciar o comportamento criminoso do padre Urrutigoity, estuprador de seminaristas.

Dom Williamson, o antigo anglicano que se tornou bispo à Rosa da Fraternidade, continuará a guardar publicamente silêncio sobre este caso, sendo que apenas Dom Fellay acabou por reagir por meio de um escrito oficial às autoridades conciliares.

O padre Devillers, Superior da Fraternidade São Pedro[11] desde julho de 2000, apoiará silenciosamente 'Dom' Timlin.

Até que, FINALMENTE QUATRO ANOS DEPOIS, EM 2001, as questões de moral se acumulando, o padre Urrutigoity seja finalmente publicamente e oficialmente denunciado e levado a juízo federal nos Estados Unidos por um leigo corajoso, o Doutor Bond, superior do colégio Santo Justin Martyr (vinculado à SSJ), que, tentando conscientizar em vão « *Dom* » Timlin, e desafiando todas as ameaças, lutará até fazer a verdade emergir e retirará em outubro de 2001, o colégio que dirige, da tutela da SSJ.

Em 8 de dezembro de 2001, o padre Eric Ensey[12], nomeado pelo antigo anglicano que se tornou bispo à Rosa da Fraternidade como sucessor do padre Urrutigoity no cargo de diretor espiritual no seminário de Winona, é denunciado por sua vez por motivos de delitos homossexuais. O Doutor Bond redige um texto público.

Todos esses fatos, embora comunicados pelo Doutor Bond em 2001 ao « *cardeal* » Castrillon Hoyos[13], superior do dicastério romano da Congregação do Clero[14], serão cobertos por um grande silêncio e a SSJ protegida pelas autoridades eclesiásticas conciliares.

Apesar desses processos e da eclosão pública de todos esses escândalos homossexuais causados pelo padre Urrutigoity, o suposto '*bispo*' conciliar Timlin continuará a proteger Urrutigoity.

As queixas e as denúncias se acumulando **contra a SSJ, em particular contra o padre Urrutigoity, também contra o padre Eric Ensey, ambos ex-seminaristas de Winona, ordenados padres, e depois promovidos a professores de seu seminário pelo antigo anglicano que se tornou bispo à Rosa da Fraternidade, assim como contra o padre Marschall Roberts (um transfuga do Instituto do Cristo Rei acolhido pela SSJ), uma vítima** reivindicará um milhão de dólares em danos em 2002.**

Em 2002, Dom Williamson, o antigo anglicano que se tornou bispo à Rosa da Fraternidade, continua no entanto, talvez para prevenir uma eventual implicação judicial de suas responsabilidades, a declarar ao Doutor Bond que « *nunca viu nenhuma prova da homossexualidade de Urrutigoity quando ele era seminarista, padre ou professor em Winona* ».

Agora existe um site na internet, o do Colégio Santo Justin Martyr, que publicou todas as peças deste dossiê e dos processos públicos contra o padre Urrutigoity, a SSJ e seus associados (cf. Anexo).

O leitor pode encontrar a seguir, devido à sua importância, a tradução para o português da carta aberta de 2 de setembro de 2002 que o Dr. Bond, o Diretor do Colégio Santo Justin Martyr **que teve a coragem, apesar das mais graves ameaças, de levar em 2001 o caso aos tribunais federais dos Estados Unidos**, publicou neste site da sua escola; carta aberta onde revela, pela primeira vez publicamente, uma parte do relatório canônico redigido em 1989 contra Urrutigoity pelo antigo Superior do Seminário de La Reja, o padre Morello.

A QUESTÃO PÚBLICA DO DOUTOR BOND A DOM WILLIAMSON

O leitor poderá notar a questão pública que ele levanta nesta carta aberta ao antigo anglicano que se tornou bispo à Rosa da Fraternidade, o ordenante, protetor obstinado durante dez anos, e promotor no seminário de Winona, do clérigo homossexual predador Urrutigoity e de seus « *discípulos* », questão pública deixada até hoje sem resposta, a nosso conhecimento, e que assumimos agora totalmente, e à qual exigimos que Dom Williamson traga finalmente uma resposta crível.

> ***« Como é possível que, após ter expulso Carlos Urrutigoity por comportamento homossexual de um de seus seminários, a FSSPX o tenha admitido depois em outro de seus seminários, o tenha ordenado padre e inclusive feito dele um professor? ? »*** **(carta aberta de 2 de setembro de 2002 do Dr. Jeffrey Bond, Presidente do Colégio St Justin Martyr)**

E lembramos as perguntas que colocamos publicamente por nossa parte a Dom Williamson em nossa mensagem[15] VM de 1º de novembro de 2007, na qual publicamos o dossiê completo deste caso:

NOSSAS PRÓXIMAS PERGUNTAS SOBRE A AÇÃO DE DOM WILLIAMSON

Por que o pedido do padre Morello para que se realizasse uma investigação canônica sobre o padre Morello e « *vários outros padres* » nunca foi atendido?

Quem a bloqueou?

O padre Schmidberger, que foi superior de 1982 a 1994?

Por que o padre Morello foi deslocado durante 6 meses para um priorado isolado, enquanto se realizava a transferência do padre Urrutigoity para Winona?

Quem tomou a decisão sobre essa mudança de 6 meses?

O padre Schmidberger, que era superior da FSSPX naquela época?

Dom Williamson-*'Cunctator'* à Rosa e seu brasão episcopal com simbolismo semelhante ao dOs Rosacruz?

Por que Dom Williamson, que era superior em Winona, nunca fez essa investigação?

Por que ele violou abertamente as regras do direito canônico ao revelar ao padre Urrutigoity as acusações feitas secretamente e de acordo com as regras pelo padre Morello a seu superior, Dom Williamson?

Por que, em vez de conduzir a investigação canônica que se impunha, Dom Williamson agiu de maneira oposta, incentivando o acusado a redigir uma autojustificação?

Por que ele demonstrou tanto zelo em submeter imediatamente a Dom Lefebvre esta autojustificação do padre Urrutigoity?

Não teria sido mais apropriado, em sua missão como bispo (o protetor do rebanho das almas), alertar Dom Lefebvre sobre as acusações e solicitar uma investigação canônica?

Além da autojustificação do padre Urrutigoity, Dom Lefebvre teve conhecimento do dossiê elaborado pelo padre Morello?

Por que Dom Williamson nomeou como sucessor do padre Urrutigoity no seminário de Winona o padre Ensey, que se revelou posteriormente um delinquente sexual da mesma natureza?

Por que esse novo "erro" de gestão do pessoal do seminário por Dom Williamson?

Por que Dom Williamson negou diante do Doutor Bond ter qualquer conhecimento de qualquer delito sexual do padre Urrutigoity, aparentando estar perfeitamente alheio a este caso, enquanto, apesar das denúncias do padre Morello, se esforçou para não conduzir nenhuma investigação canônica, mas, além disso, foi ele quem pediu ao padre Urrutigoity que redigisse sua defesa **para que fosse imediatamente aprovada por Dom Lefebvre, bloqueando assim, pela autoridade de Dom Lefebvre, toda contestação ao padre Urrutigoity, comprometendo ainda a autoridade do Fundador da FSSPX nessa sordida questão**?

Porque, evidentemente, se parecesse que a decisão de integrar Urrutigoity em Winona tivesse sido tomada por Dom Lefebvre, ninguém teria pensado em questionar essa situação.

Por que, sabendo de todas as acusações contra o padre Urrutigoity, Dom Williamson decidiu promover o argentino ao cargo de professor em Winona?

Por que é aquele que tinha razão, o padre Morello, que foi expulso da FSSPX, e não o culpado, o predador homossexual Urrutigoity?

Por que é aquele que denunciou o crime que foi expulso, e não o criminoso?

Por que o criminoso foi promovido por Dom Williamson?

Por que Dom Williamson **deixou o padre Urrutigoity ensinar o reformismo litúrgico, enquanto, como bispo católico, cabe a ele zelar pela integridade da doutrina e da liturgia?**

Por que Dom Williamson protege modernistas comprovados, enquanto ao mesmo tempo se apresenta como um garantidor da ortodoxia doutrinária litúrgica?

Por que Dom Williamson faz, diante dos fiéis, sermões ostensivos ou conferências barulhentas sobre o comprimento das saias das mulheres ou sobre seu dever de não frequentar a Universidade, enquanto, ao mesmo tempo, concede sua proteção vigilante e persistente a um predador homossexual multirrecidivista entre seus seminaristas?

O que significa esse jogo duplo, esse discurso duplo?

De onde vem uma tal hipocrisia? Uma tal dissimulação, por parte de um superior de seminário meticuloso e organizado que, segundo testemunhos de antigos seminaristas de Winona, se preocupava em não ignorar nada do que poderia acontecer em seu seminário de Winona (cf. testemunhos da mensagem VM17 de 17 de setembro de 2007)?

Para Dom Williamson, a opinião sedevacantista seria pior do que o estupro físico de seus seminaristas?

Como pode-se tolerar um panegírico de Dom Williamson que o apresenta como um bispo sábio e protetor do rebanho, enquanto ele agiu em sentido oposto durante toda essa história?

Aqui está o intolerável panegírico que publica um site ligado à FSSPX:

> *« **Enquanto ele era um lavrador das almas como jardineiro da colheita, soube enfrentar a necessidade de erradicar aqueles que poderiam estragar o solo.** Tal era a situação em 1997 quando expulsou **o padre Carlos Urrutigoity** e dois seminaristas do Seminário St. Thomas Aquinas. Estes últimos encontraram refúgio posteriormente no diocese conturbada de Scranton, acolhidos indiscriminadamente por **Dom Timlin**, que quis ignorar os avisos de Dom Williamson e Dom Fellay. Agora o sucessor de Timlin em Scranton está colhendo os frutos amargos dos processos por abusos sexuais cometidos por padres da Sociedade São João que o rebelde Urrutigoity constituiu quando não pôde suportar a minuciosa e vigilante supervisão de Dom Williamson.*
>
> ***Graças a Deus, o bispo foi um bom jardineiro e constituiu um dos sinais de que a FSSPX mantinha cuidadosamente, não apenas o Depósito Sagrado da Fé, mas também as virtudes de castidade e modéstia.”***

Uma tal deformação da verdade, em oposição aos fatos, **uma tal INVERSÃO é absolutamente escandalosa e realmente insuportável, senão propriamente demoníaca.**

Já havíamos publicado em 17 de setembro de 2007 revelações feitas por um clérigo que lê Virgo-Maria e que conhece Dom Williamson. Ele apontou claramente Dom Williamson nesta questão ‘Urrutigoity’, afirmando que Dom Williamson não ignorava nada do que se passava, em cada mínimo detalhe, dentro do seminário de

Winona:

> *« O caso do padre Carlos Urrutigoity (**protegido de Williamson**, e por muito tempo professor em Winona) realmente merece um outro artigo separado e completa outra peça faltante na história de Williamson, agente secreto do inimigo.*
>
> *Em resumo, este jovem muito inteligente e carismático estava prestes a ser expulso de La Reja por questões de moral, quando W organizou sua transferência para Winona. Após sua ordenação, Urrutigoity lá permaneceu como professor de seminário, e não tardou a se constituir uma corte de leais jovens.*
>
> *Urrutigoity é fortemente suspeito (…). Ele é natural da (…) cidade de Mendoza, Argentina, (...)*
>
> *As características que distinguiam a "direção espiritual" que Urrutigoity dispensava a seus discípulos em Winona*
>
> *(…) :*
>
> *(a) Ele odiava o Santíssimo Sacramento. Incitava seus dirigidos a evitar a Benção do Santíssimo Sacramento e a permanecer sentados caso fossem forçados a assisti-la.*
>
> *(b) (…) Urrutigoity desprezava as estátuas, por isso organizou uma campanha para substituir as estátuas por ícones no seminário e nas capelas da FSSPX.*
>
> *(c) "Seus padres" eram treinados para presidir a uma espécie de "Ceia da Páscoa" na véspera de sua primeira Missa.*
>
> *(Posteriormente, após sua saída de Winona, Urrutigoity se revelou ser um homossexual flamboyant e um manipulador de uma seita homossexual, a Sociedade de São João. Esta parte de sua vida está bem documentada na internet. Veja: http://www.saintjustinmartyr.org/news/notices.html)*
>
> *Já em Winona, Urrutigoity incentivava seus dirigidos a nadar nus durante as caminhadas.*
>
> ***Agora, peço que mantenham presente que tudo isso aconteceu sob a direção de Dom Williamson, um homem que mantinha com o maior cuidado o registro meticuloso DE TUDO o que se passava em seu seminário.*** »19 Assinado por um clérigo, leitor de Virgo-Maria.org*

Esses novos fatos sobre a ação de Dom Williamson nesta questão Urrutigoity complementam o caso de seu brasão episcopal com a simbologia Rosacruz, e também as informações coletadas sobre o círculo de Malcolm Muggeridge, e o meio fabiano, teosófico e iluminista no qual ele está envolvido.

Continuemos a boa luta.

Padre Marchiset

Dr. BOND – Padre MORELLO

Carta aberta do Dr. Jeffrey M. Bond, Presidente do Colégio de Santo Justin Martyr, e testemunho do padre Andrés Morello sobre o caso Urrutigoity

2 de setembro de 2002

Caros amigos,

Por carta de 8 de dezembro de 2001, eu revelei que o padre Carlos Urrutigoity, fundador e ex-superior geral da Fraternidade São João, **havia sido expulso por comportamento homossexual do seminário da Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX) de La Reja, na Argentina, onde era seminarista**. Na mesma carta, **eu enfatizei que, após ser expulso do seminário de La Reja, Urrutigoity foi admitido no seminário da FSSPX em Winona, Minnesota (Estados Unidos), onde deveria então ser ordenado padre e nomeado professor. Finalmente, eu informei que o padre Urrutigoity foi posteriormente expulso do seminário de Winona devido a suas atividades subversivas.**

Minha carta levou muitos leitores a se perguntarem: **Como é possível que, após ter expulsado Carlos Urrutigoity por comportamento homossexual de um de seus seminários, a FSSPX tenha admitido ele em outro de seus seminários, depois o tenha ordenado padre e até feito dele um professor?**

Eu fiz essa mesma pergunta a Dom Richard Williamson, da FSSPX, que contatei pouco depois de saber que o padre Urrutigoity era acusado de comportamento homossexual desde a época em que era seminarista em La Reja. Dom Williamson então me explicou que Carlos Urrutigoity realmente havia sido expulso do seminário de La Reja por comportamento homossexual, mas que foi admitido no seminário de Winona porque as altas autoridades da FSSPX na América do Norte e do Sul não acreditavam nas acusações que lhe eram feitas.

De acordo com Dom Williamson (e outros membros da FSSPX com quem conversei), **se não se deu crédito às acusações contra o seminarista Urrutigoity, foi devido à profunda divisão que existia na época dentro do distrito da América do Sul da FSSPX: o padre Andrés Morello, reitor do seminário de La Reja, liderava o grupo sedevacantista, enquanto o padre Alfonso de Galaretta, Superior do distrito, conduzia o grupo oposto**. Esta divisão era tão clara, parece, que as duas facções evitavam uma à outra. As autoridades da FSSPX – exceto o padre Morello – quiseram então acreditar que as acusações de comportamento homossexual contra o seminarista Urrutigoity haviam sido totalmente fabricadas. O próprio Urrutigoity se dizia vítima de perseguições e calúnias devido à sua oposição ao grupo do padre Morello.

Dom Williamson explicou ainda que, quando o seminarista Urrutigoity chegou a Winona, ele foi interrogado e lhe foi concedida a oportunidade de redigir sua defesa (ou "manifestação de consciência") em reação às acusações contra ele. Dom Williamson então apresentou pessoalmente a defesa escrita de Urrutigoity a Dom Lefebvre, que – segundo ele – teria dito, após lê-la, para aceitar Urrutigoity no seminário, mas para monitorá-lo "com um olho de águia".

Dom Williamson também me disse que nunca teve conhecimento de qualquer evidência da homossexualidade de Urrutigoity quando este era seminarista, padre ou professor em Winona. Ele afirmou que, se Urrutigoity foi posteriormente expulso do seminário de Winona, isso não foi por homossexualidade, mas por atividades subversivas, a saber, os preparativos para a criação da Fraternidade São João em conjunto com outros. No entanto, ele se apressou a acrescentar que, após Urrutigoity ter sido expulso de Winona, um jovem seminarista que havia deixado Winona ao mesmo tempo que Urrutigoity acusou o padre Urrutigoity de agressão homossexual. Esse seminarista, com quem o padre Urrutigoity tinha mantido uma amizade muito próxima em Winona, estava sob a direção espiritual do padre Urrutigoity por dois anos antes de ser agredido.

Dom Williamson também me disse que acompanhou o seminarista em questão quando este testemunhou contra o padre Urrutigoity **no âmbito da investigação conduzida em julho de 1999 pelo diocese de Scranton**. Esta investigação foi ordenada por Dom James Timlin, ordinário de Scranton, que delegou seu bispo auxiliar, Dom John Dougherty, um outro padre diocesano e um advogado para coletar o testemunho do jovem seminarista. Foi Dom Bernard Fellay, da FSSPX, quem deu início a todo esse procedimento ao acusar formalmente o padre Urrutigoity em uma carta enviada a Dom Timlin em 11 de fevereiro de 1999. Se ele escreveu essa carta, foi porque Dom Timlin havia acolhido o padre Urrutigoity e seus discípulos na diocese de Scranton após o mesmo ter sido expulso de Winona. Naquela época, o padre Urrutigoity exercia as

funções de capelão na Academia São Gregório, uma escola secundária para meninos em Elmhurst, Pensilvânia, que pertencia à Fraternidade São Pedro. Contudo, apesar da carta de Dom Fellay e do testemunho do seminarista agredido, Dom Timlin permitiu que o padre Urrutigoity mantivesse sua função de capelão junto a adolescentes do sexo masculino.

Para aprender mais sobre as acusações contra o seminarista Urrutigoity, entrei em contato com o padre Andrés Morello, antigo reitor do seminário da FSSPX de La Reja. O padre Morello é hoje reitor de um grupo chamado « Compañía de Jesús y de María », localizado nos Andes. Escrevi ao padre Morello para questioná-lo sobre as acusações feitas contra Carlos Urrutigoity quando este era seminarista em La Reja. Aqui está a tradução literal de sua resposta:

« **De 1981 a 1988**, fui reitor do seminário de La Reja, do qual fui antes vice-reitor; por isso, estou em posição de testemunhar o comportamento daquele que agora é o padre Urrutigoity durante todo o seu tempo nesse seminário.

« Fui transferido para o priorado de Santiago do Chile em 1989, e permaneci lá de fevereiro a julho do mesmo ano. Fui excluído devido a uma denúncia, ou melhor, a um pedido confidencial que fiz com o objetivo de uma investigação canônica sobre certos membros da Fraternidade São Pio X, assim como por causa do apoio que dei a certos seminaristas que deixaram o seminário de La Reja.

« Quando eu era reitor do seminário de La Reja, tinha a intenção de excluir o seminarista Carlos Urrutigoity por diferentes razões, entre as quais:

- « um grande orgulho;

- a manutenção de amizades particulares;

- a formação de uma facção de seminaristas sob sua influência;

- graves denúncias referentes a pontos de moral (provavelmente aquelas mesmas que vocês já ouviram falar).

« Contra minha intenção de excluí-lo, Urrutigoity foi transferido para o priorado de Córdoba (Argentina), devido à situação delicada criada pelas intrigas que então afetavam o seminário, e – sem dúvida – **com o apoio de certos padres assim como do que era então superior do distrito (Dom de Galarreta)**. As boas referências que ele obteve lá, somadas ao suporte que mencionei anteriormente, motivaram sua transferência para o seminário de Winona (Estados Unidos). Enquanto isso, eu já havia sido designado para Santiago do Chile.

« A iminência de sua ordenação como sacerdote me obrigou, em consciência, a escrever **um relatório confidencial a Dom Williamson**, reitor do seminário de Winona, para impedir a referida ordenação. **Um relatório canônico** sobre o assunto exigia uma confidencialidade recíproca e, em particular, permanecer em segredo em relação a Urrutigoity. Contudo, Dom Williamson o comunicou a ele para que pudesse se defender das acusações mencionadas.

« **Em julho de 1989,** fomos a Winona, onde Dom Williamson, tendo nos lido a defesa do padre Urrutigoity, elogiou a « humildade » deste e nos acusou de mentir. Alguns dias depois, em 16 de julho de 1989, fui excluído da Fraternidade.

« O restante da história, você conhece melhor do que eu. »

Segundo o que ele relata, **o padre Morello não se limitou a excluir Urrutigoity de La Reja pelos quatro motivos indicados, pois ele foi até mesmo ao Chile a Winona para pleitear contra a ordenação do mencionado.** As « graves denúncias referentes a pontos de moral » mencionadas pelo padre Morello como o quarto motivo para a exclusão de Urrutigoity foram expostas por escrito no dossiê enviado a Dom Lefebvre quando o padre Morello solicitava uma investigação canônica sobre certos padres da FSSPX (como o padre

explica na carta citada acima). As acusações de comportamento homossexual feitas contra o seminarista Urrutigoity fazem parte do dossiê registrado em um relatório intitulado « Documento n° 2 ». Este relatório foi assinado por um grupo de padres e seminaristas do seminário de La Reja. Aqui está uma tradução literal das três páginas do « Documento n° 2 » que dizem respeito exclusivamente ao caso de Urrutigoity.

Página 4, três últimos parágrafos:

« O terceiro caso é o do seminarista Carlos Urrutigoity. Aqui, os fatos se tornam profundamente desagradáveis devido à sua torpeza, e, portanto, é muito difícil para nós falarmos sobre isso. Por isso, restringiremos a apresentar os aspectos mais graves.

« Durante sua estadia no seminário de La Reja, este seminarista foi denunciado por um jovem leigo que vivia no local, e isso por razões cujas gravidades só aumentaram com o passar do tempo. O seminarista frequentemente abordava em suas conversas o tema da castidade. Ele perguntava ao jovem leigo em questão se ele tinha tentações e o que fazia nesse caso. Também perguntava se ele era virgem ou se se entregava a atos desonestos sozinho ou com mulheres.

« Um dia, no decorrer da conversa, ele perguntou se o jovem frequentava o cinema e se os filmes que assistia o excitavam a ponto de lhe ocasionar tentações. O jovem respondeu que sim, e Urrutigoity lhe perguntou se isso o levava a procurar o comércio de mulheres, ao que ele respondeu novamente afirmativamente. O seminarista então perguntou se ele estaria disposto a cometer um ato desonesto com um homem, ao que o jovem respondeu negativamente. »

Página 5:

« A mesma testemunha também denunciou o seminarista por ter entrado em seu quarto sem bater: uma noite, por volta das três horas, ele acordou e o encontrou descobrindo-o. Como desculpa, Urrutigoity disse no dia seguinte que entrou em seu quarto para cobri-lo. Antes disso, o jovem tinha ido ver o padre Canale, um sacerdote em quem ele confiava. O padre Canale riu e disse: « A única coisa que eu lhe aconselho é trancar a sua porta ». O sacerdote estava, portanto, plenamente ciente da situação, da qual nunca falou com o superior do seminário.

« A testemunha também declara que, em uma ocasião, o seminarista entrou em seu quarto e, encontrando-o deitado, disse que estava com febre. O jovem respondeu que se sentia bem, mas Urrutigoity repetiu que estava com febre e que, para verificar, iria acariciar suas partes genitais para ver se apresentavam alguma inflamação, o que ele fez.

« Um dia, Carlos Urrutigoity, trazendo-lhe uma cueca, insistiu para que ele se despisse e experimentasse a roupa íntima na sua frente para ver se servia. Ele propôs medir o jovem toda semana, nu e com as costas na parede, para acompanhar seu crescimento, ao que o jovem se recusou.

« Ele lhe ofereceu uma bebida e insistiu em lhe massagear as nádegas, o que fez.

« Encerramos aqui o testemunho desse jovem homem, e gostaríamos de esclarecer que essa série de incidentes não é de forma alguma isolada, embora a consideremos particularmente representativa. »

« Um seminarista declara que, encontrando-se no banheiro com ele, Urrutigoity se entregou a toques em suas partes íntimas e que frequentemente falava sobre essas últimas, mencionando especificamente que "adorava suas nádegas" (o seminarista ainda não havia recebido sua batina). Ele lhe disse: "Adoro sua bundinha empinada" (acompanhando essas palavras com um gesto de ambas as mãos).

« Outro seminarista nos conta que Urrutigoity o interrogou sobre sua vida sexual passada e sobre suas tentações do momento.

« Dois jovens tradicionalistas declaram que, durante um campo de verão organizado por Carlos Urrutigoity – com a inexplicável autorização de Dom de Galarreta, que conhecia a situação –, o seminarista, que estava sob observação no seminário de Córdoba por razões disciplinares, foi à beira do rio com um grupo de jovens homens. Lá, ele tirou suas roupas na frente de todos e ficou apenas de sunga. Um dos jovens imediatamente lhe ofereceu um maiô, mas Urrutigoity recusou a oferta e entrou na água com essa vestimenta.

« (manuscrito) Se de Galarreta não o expulsou, foi por causa dos problemas que isso poderia causar, especialmente com a família Calderón.

*« Pedimos desculpas, Senhor Padre, por abordarmos por escrito essas questões desagradáveis, mas consideramos isso necessário, pois ninguém quis ouvir nossas queixas. O que nos preocupa neste momento é, em primeiro lugar, que os superiores estavam cientes da situação: não apenas o seminarista não foi excluído, mas a solução adotada para os problemas morais e disciplinares que ele apresentava foi simplesmente enviá-lo para outro seminário; em segundo lugar, que Carlos Urrutigoity está prestes a receber as ordens maiores em Winona (Estados Unidos); e, finalmente, que nenhuma investigação séria jamais foi aberta sobre isso. »

Página 6, primeiro parágrafo

« Tudo isso nos preocupa e nos escandaliza. Esforçamo-nos ao máximo para provocar a abertura de uma investigação, mas em vão. Dom de Galarreta tornou impossível qualquer medida contra o interessado, e embora reconheça agora seu erro, ainda não faz nada para corrigir a situação. »

Aqueles que conhecem o *modus operandi* sutil do padre Urrutigoity reconhecerão imediatamente, neste testemunho, os métodos iniciais de um predador sexual que ainda não teve a oportunidade de manipular os outros com a plena autoridade que a condição de sacerdote confere. De fato, o relato acima confirma as revelações de que o padre Urrutigoity frequentemente lançava discussões sobre a "castidade" para testar a vontade daqueles que ele pretendia seduzir. E considerando o que já se sabe sobre a fixação do padre Urrutigoity por supositórios, não é surpreendente saber que o seminarista Urrutigoity se esforçava para explorar "problemas médicos" para fins perversos. Também se encontra, no relato em questão, uma versão ligeiramente mais modesta da tendência do padre Urrutigoity a se exibir nu diante de potenciais vítimas. Além disso, vemos um novo testemunho relativo à tendência do padre Urrutigoity para visitas noturnas a jovens adormecidos, portanto vulneráveis a seus avanços. Embora o documento n° 2 não pareça acusar o seminarista Urrutigoity de ter dormido na mesma cama que outros seminaristas, é amplamente atestado que o padre Urrutigoity dormia acampado, em Winona, com seminaristas sob sua responsabilidade, assim como com meninos e jovens dos quais ele deveria garantir a direção espiritual na Academia São Gregório e no campo de Shohola da Fraternidade São João.

O documento n° 2 e a carta do padre Morello também revelam que a suspensão atual do padre Urrutigoity não é uma novidade para ele. ***De fato, se Carlos Urrutigoity foi formalmente acusado de atentado homossexual à pudor em três locais distintos, ele, no entanto, conseguiu a cada vez escapar da justiça pedindo apoio episcopal. Urrutigoity foi acusado pela primeira vez, como vimos acima, quando era seminarista em La Reja, na Argentina****. Após sua ordenação ao sacerdócio, e pouco depois de deixar o seminário de Winona, em Minnesota, foi acusado novamente, desta vez pelo jovem seminarista que havia deixado Winona ao mesmo tempo que ele.* ***A terceira acusação contra ele foi feita no contexto de um processo federal movido por um graduado da Academia São Gregório na época em que Urrutigoity era o superior geral da Fraternidade São João****. Nota-se que as três vítimas do padre Urrutigoity vieram de origens totalmente diferentes e que nenhuma das três sabia da existência das outras. Portanto, não há fundamento para a alegação da Fraternidade São João de que as acusações de atentados homossexuais à pudor seriam parte de um complô contra o padre Urrutigoity.*

Observa-se, por outro lado, que figuras que inicialmente se encontravam em campos opostos, como Dom Williamson e o padre Morello, agora concordam em pelo menos uma coisa: Carlos Urrutigoity é um predador homossexual. ***Como, nessas condições, Dom Timlin, sem a assistência e o apoio de quem Urrutigoity já teria sido impedido de fazer mal há muito tempo, pode persistir em proteger esse Rasputin***

de colarinho romano? *Mesmo tendo sido advertido várias vezes de que o padre Urrutigoity continua, ainda hoje, a criar situações que lhe permitem conviver com jovens homens,* ***Dom Timlin ainda se limita a afirmar que as acusações feitas contra o interessado foram forjadas por seus inimigos.***

Todos aqueles que se revoltam com a inação de Dom Timlin, que não faz nada para proteger seu rebanho de um perigo manifesto e imediato, deveriam escrever para o seguinte endereço: ……. Também encorajo todas as partes interessadas ***a entrar em contato com o Sr. Andrew Jarbola, Procurador do Distrito (District Attorney) do Condado de Lackawanna****, primeiro para exortá-lo a garantir que* ***a investigação criminal em curso sobre o padre Urrutigoity e o padre Eric Ensey seja conduzida de forma rigorosa e independente de qualquer influência diocesana****, e em seguida para perguntar por que ainda não se considera a constituição de um grande júri.*

Atenciosamente,

Dr. Jeffrey M. Bond

Presidente

The College of St. Justin Martyr

142 Market Road

Greeley, PA 18425

---

www.saintjustinmartyr.org

ANEXO

Dossiê do caso Urrutigoity no distrito de Scranton nas páginas da web dos EUA

TODO o dossiê público do caso Urrutigoity no diocese de Scranton (cartas, correspondências, julgamentos, testemunhos, artigos...) pode ser encontrado nesta página web e em seus 9 links.

Últimos novos conteúdos...

I. O Caso Contra SSJ

II. Artigos de Jornal

Quarta-feira, 12 de julho de 2006

III. Cartas para Dom Timlin

e Dom Joseph F. Martino

IV. Processos Contra o SSJ

V. Declarações

VI. Declaração do Rev. Munkelt

VII. Condução Financeira Inapropriada

VIII. Academia São Gregório

IX. Petições do Tribunal Eclesiástico

Em 14 de outubro de 2001, o Colégio São Justin Martyr se separou formalmente da Sociedade de São João (SSJ), uma associação clerical no Diocese de Scranton, Pennsylvania. Desde então, o Colégio tem se esforçado para expor a corrupção moral da SSJ. Embora o principal objetivo do Colégio seja se estabelecer como um Colégio de artes liberais de grandes livros com um caráter católico ortodoxo, o Colégio acredita fortemente que tem a obrigação moral de impedir que a SSJ cause mais danos às almas jovens e continue a enganar doadores católicos.

A batalha moral do Colégio contra a SSJ o colocou em conflito direto com o Bispo James C. Timlin, que inexplicavelmente persiste em apoiar e proteger a SSJ, apesar das evidências esmagadoras de conduta sexual e financeira inadequada por parte dos membros da SSJ. Em retaliação aos esforços do Colégio para informar o Diocese sobre os graves desvios de conduta da SSJ, o Bispo Timlin buscou obstruir e prejudicar os negócios e objetivos legítimos do Colégio. Em resposta ao ataque gratuito do Bispo Timlin, o Colégio entrou com ações judiciais contra o Diocese e a SSJ. Os leitores são convidados a se informar sobre o caso contra a SSJ acessando os documentos e artigos publicados aqui.

1.1.1.1.1 V. Atestados sobre o Escândalo da SSJ

1.) Atestado do Sr. Jude Huntz sobre a SSJ

2.) Atestado do Sr. Paul Hornak sobre a SSJ

3.) Carta do Irmão Alexis Bugnolo sobre a SSJ

4.) Atestado do Sr. Joseph Sciambra sobre a SSJ

5.) Atestado de Diane Toler sobre a SSJ

6.) Atestado de um Antigo Noviço da SSJ

7.) Carta do Sr. Conal Tanner para o Bispo Timlin

8.) Atestado do Sr. Joseph Girod

9.) Atestado da Sra. Louise Carbonaro

Fotocopie e difunda.---

[1] **Veja as três mensagens VM de 17 de setembro e 02 de outubro de 2007:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[2] **Veja as duas mensagens VM de 15 e 18 de outubro de 2007:**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

[3] **Veja a mensagem VM de 0 de novembro de 2007**

[4] **http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-04-24-FR_Refutation_de_l_abbe_Calderon.pdf**

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-01-27-FR_AbbeCEKADAToujoursNul-ReponsesAuxObjectionsJanv2007FRANCAIS1.pdf

[5] **Veja o Fórum Católico: (328673) ***Discussões doutrinárias entre Roma e a FSSPX*** por** Dominique Bro (05-10-2007 15:33:54):**

Veja a mensagem VM de 16 de outubro de 2007:

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-B-00-Commission-theologique.pdf

[6] **Segundo o *CV* divulgado na ocasião do lançamento de seu livro-entrevista realizado com Olivier Pichon « *Benoît XVI et les traditionalistes* » publicado pelas edições *Entrelacs* (Albin Michel), salão do livro 2007, citação:**

- 1976: *obtenção de um* ***bacharelado científico; entrada no Instituto Universitário de Tecnologia de Saint-Denis (Seine-Saint-Denis)****.*

- 1977: descoberta da Tradição católica durante o evento de Saint-Nicolas du Chardonnet.

- 1978: *obtenção de um* ***Diploma Universitário de Tecnologia em «Higiene e segurança do trabalho» na Universidade de Paris-Nord****.*

- 1978-1979: trabalho ***em uma empresa de usinagem de urânio fornecendo a indústria nuclear e a aeronáutica****.*

[7] **Veja a mensagem VM de 17 de julho de 2007:**

[8] **http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-B-00-Commission-theologique.pdf**

[9] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

[10] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf**

Veja também a entrevista do padre Urrutigoity com Thomas A. Droleskey em novembro de 1999:

[11] **http://www.amdg.asso.fr/archives/situation_fssp.htm**

[12] Quando ele descobre que foi convocado a depor neste caso, Selinger, um jovem clérigo acusador de Urrutigoity, recebe a visita do **padre Eric Ensey, antigo sucessor de Urrutigoity escolhido por Dom Williamson em Winona**, que quer convencê-lo a deixar os Estados Unidos para não testemunhar contra o padre Urrutigoity. E diante da recusa de Selinger em ceder, **o padre Ensey ameaça Selinger e sua família com punições pela Máfia, caso ele persistisse em querer testemunhar**. Diante de todas essas ameaças, Selinger expulsa o padre Ensey de sua casa.

http://www.bishop-accountability.org/news/2006_07_09_TimesLeader_CrimesAnd.htm

[13] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf**

[14] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

[15] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

Anglicanos, Maçons e Rosacruzes

Sábado, 3 de novembro de 2007

Ritual Rosacruz de Heredom[1] por Walton Hannah

No Reino Unido, **Walton Hannah** converteu-se à fé católica e depois desmascarou as ligações entre a Igreja Anglicana (falsa) e a Maçonaria. Primeiro ele publicou 'Darkness Visible'. Em 1954, o livro estava em sua sétima edição. A Augustine Press escreve que ele

> *'provocou uma quantidade quase sem precedentes de controvérsia na Igreja da Inglaterra, e de fato muito além disso. Foi elogiado. Foi atacado de forma amarga. Mas nunca foi desmentido. Ele continua a fornecer para todos os interessados na controvérsia maçônica o texto inteiro e autêntico do ritual maçônico dos três graus, e do Arco Real, a base de toda a estrutura maçônica. Nada é omitido.*
>
> *O Sr. Hannah desafiou a farsa do segredo maçônico. Ele explica em grande detalhe exatamente como informações precisas podem ser obtidas, verificadas e confirmadas a partir de fontes cuidadosamente documentadas e atualizadas, admitidas como tais pelos próprios maçons.*
>
> *Não se pode mais alegar que a crítica à Confraria deve ser baseada em mera especulação e alguns fragmentos duvidosos rasgados de seu contexto. Pois aqui está o contexto inteiro, e o leitor pode estudá-lo e julgar por si mesmo.*
>
> *Darkness Visible já exerceu uma profunda influência sobre o clero e os leigos da Igreja da Inglaterra; é um livro provocante e curiosamente perturbador que não pode ser ignorado. Ele foi escrito, e os rituais maçônicos publicados, não por interesses de sensacionalismo ou para atender à curiosidade ociosa, mas com a sincera e ardente convicção de que os princípios da Maçonaria são incompatíveis com a fé cristã'. 1954*

Em 1954, ele publicou '*Christian by Degrees – Masonic religion revealed in the Light of Faith*'. Este livro foi disponibilizado pelo CIRS (*Rore Sanctifica*) em seu site[2]. Neste livro, ele revelou o Ritual da Rosacruz de Heredom. Este capítulo é fornecido logo abaixo.

Seguindo nosso estudo sobre Malcolm Muggeridge, o mentor do ex-Anglicano, **Bispo Williamson-' *Cunctator*[3]' a Rosa[4] (SSPX)**, estamos investigando as relações entre Anglicanos e Rosacruzes. Walton Hannah é um bom guia para nos ajudar a visitar estas áreas sombrias dos inimigos da Igreja Católica.

No Apêndice B do livro de Hannah, você encontrará **uma lista de nomes** de "**clérigos anglicanos em graus mais elevados**" (veja as páginas 2007 e seguintes)

Vamos continuar a boa luta

Padre Marchiset

Walton Hannah

'Christian by Degrees – Masonic religion revealed in the Light of Faith'

Londres, Augustine Press, 1954

CRISTÃO POR GRAUS

Capítulo IX (páginas 116 até 143)

O RITUAL Rosacruz DE HEREDOM

O que sabe então

O Irmão da Rosacruz? - Mas nada

Salvo que ele se gaba de que todas as coisas criadas

Derivam de três apenas - sal, mercúrio,

E enxofre fétido.

Mundus Christopheri Filius (1619).

Não há dúvida de que o Décimo Oitavo Grau, em sua forma válida e ortodoxa como a Palavra descoberta e comunicada, mantém a reivindicação Rosacruz de possuir a Chave da Maçonaria, de ser seu fons et origo *e de entregar sua mensagem final. Seu grande sucesso deve ser considerado... à vista da mágica talismânica que sempre e em todo lugar cercou o título de Rosacruz.*

A. E. Waite, A Irmandade da Rosacruz.

IDEALMENTE, deveria haver três salas em *suite* para a conferência deste grau, a Sala Preta, a Câmara da Morte e a Sala Vermelha. Deve haver, além disso, uma ante-sala para a preparação dos Candidatos e para a conferência dos graus intermediários; às vezes, no entanto, uma sala separada pode ser inteiramente dedicada a isso.

Na extremidade leste da Sala Preta há um altar e um plinto de três degraus. Acima do altar há uma transparência, iluminada por trás, na qual estão representadas três cruzes, cada uma sobre três degraus; a cruz central, mais alta que as outras duas, tem sobre ela a Rosa Mística cercada pela Coroa de Espinhos. Nos degraus das outras duas estão representados um crânio e ossos cruzados. Sobre o altar estão uma Bíblia, um par de compassos e uma espada desembainhada. O altar tem um frontal preto, com franjas de prata. Sobre ele estão trabalhadas cinco espadas; quatro em uma cruz de Santo André com as pontas voltadas para o centro, e a quinta ereta no meio. O Soberano Mais Sábio está sentado no lado norte do altar, e o Prelado no sul. Um par de cortinas pretas está pendurado em frente ao altar, que o oculta completamente quando puxadas.

No centro do espaço a oeste das cortinas está estendida uma toalha de piso preta na qual está pintado um pelicano cercado por sete círculos brancos concêntricos. A cabeça do pelicano está voltada para o leste.

No sul, oeste e norte estão três pilares pretos coroados por pirâmides negras com luzes dentro; os lados das pirâmides voltados para dentro estão perfurados com onze furos em um triângulo ao redor das letras translúcidas H, C e F, respectivamente. Uma placa removível com a mesma letra está em cada pilar.

O Primeiro General está sentado no noroeste, o Segundo General no sudoeste, e o Capitão da Guarda na entrada da Sala Vermelha. O Guarda Externo (correspondente ao Tyler na Craft) está posicionado na ante-

sala.

Todos os móveis são pretos e não deve haver luzes de forma alguma, exceto aquelas atrás da transparência sobre o altar e nas partes superiores dos pilares, brilhando através dos furos e das letras translúcidas.

A Câmara da Morte deve ter uma entrada direta da Sala Preta e uma saída direta para a Sala Vermelha. Ela é completamente mobiliada em preto. No chão estão crânios e ossos cruzados, e, se possível, uma figura em um lençol de morte disposta como um cadáver. A sala é iluminada apenas por lâmpadas que queimam espirituoso de vinho e flambeaux fixos em crânios.

A Sala Vermelha proporciona um contraste surpreendente. Ela é brilhantemente iluminada e mobiliada em vermelho vivo. No leste há um altar branco, sobre o qual estão dois super-altars, cada um com quatro degraus. Sobre esses, há uma profusão de rosas vermelhas e trinta e três luzes dispostas em três triângulos invertidos, com a Pedra Cúbica branca no centro. Também sobre o altar, no lado sul, estão colocados a Palavra (I.N.R.I.), uma Bíblia, o prato de esmolas e uma vela. O altar tem um frontal branco, adornado com vermelho e dourado, apresentando uma cruz de braços iguais sobre a qual estão cinco caracteres hebraicos em dourado. O Soberano Mais Sábio tem seu trono ao norte do altar, e em frente a ele há um pedestal sobre o qual estão a Autorização do Capítulo, o selo, e cópias dos regulamentos e estatutos.

No oeste sentam-se o Primeiro e o Segundo Generais (com pedestais à sua frente), o Marshal e Rafael.

No centro está a toalha de piso, coberta de rosas, sobre a qual há uma escada de sete degraus. Sobre cada degrau está colocada uma letra móvel, cada uma coberta por uma rosa. Essas letras, lidas sucessivamente de oeste a leste, são F.H.C.I.N.R.I. Entre a escada e o altar há um apoio para joelhos.

Os Oficiais de um Capítulo de Rosacruz são o Soberano Mais Sábio, o Prelado, o Primeiro e o Segundo Generais, o Diretor de Cerimônias, Marshal, Rafael, Arauto, Capitão da Guarda, Organista e Guarda Externo. Outros cujo papel é administrativo e não cerimonial são o Tesoureiro, o Gravador (Secretário), o Almoner, os Stewards e assistentes conforme necessário. Um quórum de pelo menos cinco Irmãos, incluindo o Soberano Mais Sábio ou um Soberano Passado, é necessário para a perfeição de um Candidato.

Todos os Irmãos usam traje escuro de manhã ou à noite e (exceto os membros do Trigésimo Terceiro Grau) luvas brancas. O traje é composto por avental e colar com um joia suspensa dele, tudo reversível. O avental é de cetim branco, bordado em vermelho. Nele está bordado em fio de ouro um pelicano alimentando seus filhotes e uma cruz latina, cercada por uma coroa. O reverso é de seda preta espremida, com uma cruz latina vermelha simples.

O colar é de seda vermelha, bordado em fio de ouro com o pelicano e a cruz no centro, uma serpente com a cauda na boca à direita e a coroa de espinhos à esquerda. O reverso é de seda preta, com três cruzes latinas vermelhas.

A joia tem a forma de um par de compassos envolvendo uma cruz, e coroada por uma coroa celestial. De um lado da joia está o pelicano alimentando seus filhotes, do outro, uma águia branca com asas estendidas. De ambos os lados há uma rosa na articulação dos compassos.

O reverso preto do traje é exibido quando o Capítulo está reunido na Sala Preta.

ABERTURA DO CAPÍTULO[5]

(*O Soberano Mais Sábio dá uma batida, que é repetida pelo Primeiro e Segundo Generais*).

M.W.S. Irmãos, assistam-me a abrir o… Capítulo dos Príncipes Rosacruz de Heredom. (*Todos se levantam*).

M.W.S. Excelente e Perfeito Marshal, veja se as Portas do Castelo estão devidamente guardadas.

(*O Capitão da Guarda abre a porta, e o Marshal verifica se o Guarda Externo está em seu lugar, e faz o relatório*).

118

Mar. Soberano Mais Sábio, tudo está seguro do lado de fora.

M.W.S. A ordem, Irmãos, como Príncipes Rosacruz.

(*Todos permanecem em ordem com o 3º sinal. Os sinais são descritos mais tarde na cerimônia quando são dados ao Candidato*).

M.W.S. Excelente e Perfeito Primeiro General, que horas são?

1º Gen. A nona hora do dia.

M.W.S. Então é a hora em que o Véu do Templo se rasgou em dois e a escuridão cobriu a terra, quando a verdadeira Luz partiu de nós, o Altar foi derrubado, a Estrela Luminosa foi eclipsada, a Pedra Cúbica jorrou Sangue e Água, a Palavra se perdeu, e o desespero e a tribulação pesavam sobre nós.

(*Pausa solene*)

M.W.S. Uma vez que a Maçonaria experimentou tais calamidades graves, é nosso dever, Príncipes, esforçar-nos por meio de novos trabalhos para recuperar nossa perda. Que a benéfica influência da Fé, Esperança e Caridade prospere nossos esforços para recuperar a Palavra perdida, para o que declaro este…… Capítulo de Príncipes Rosacruz de Heredom devidamente aberto (*todos soltam o sinal*) em nome do Grande Emmanuel.

(*M.W.S. dá 6 batidas, repetidas pelo Primeiro e Segundo Generais, o Capitão da Guarda e o Guarda Externo. O Prelado abre o Novo Testamento*).

M.W.S. Excelente e Perfeito Prelado, o Capítulo estando aberto, o que resta a ser feito?

Prel. Respeitar os decretos da Providência; render culto a Deus somente; e, com toda humildade e paciência, esforçar-se para recuperar a Palavra.

M.W.S. Sim, Príncipes, esse deverá ser nosso objetivo. Faça você, Excelente e Perfeito Prelado, invocar uma bênção sobre nossos trabalhos.

Prel. Deus Todo-Poderoso e Eterno, concede-nos o aumento da Fé, Esperança e Caridade; e, para que possamos obter aquilo que Tu prometes, faze-nos amar aquilo que Tu ordenas, através de Jesus Cristo, nosso Grande Emmanuel. Amém[6].

M.W.S. (*Dá a primeira parte do segundo sinal*) Salva-nos, Te suplicamos, Ó Deus no Céu, Criador e Soberano de todas as coisas, nós Teus filhos indignos.

Tomem assento, Irmãos.

(*As Atas são lidas, e os assuntos do Capítulo prosseguem*).

119

A CERIMÔNIA DA PERFEIÇÃO

1. RECEPÇÃO

(*Quando um Candidato se apresenta para a Perfeição, suas qualificações são primeiro examinadas, conforme segue*): ?

M.W.S. Excelente e Perfeito Marshal, você se retirará e verificará se o Irmão ……. professa a Fé Cristã Trinitária e, se ele estiver disposto a assumir uma Obrigação em Nome da Santa e Indivisível Trindade, você solicitará que ele assine a Petição necessária.

(*O Marshal se retira e apresenta a Petição ao Candidato na ante-sala para sua assinatura. A Petição é a seguinte*): -

Eu, o abaixo-assinado, humildemente suplico ao Soberano Mais Sábio e aos Excelentes e Perfeitos Príncipes agora reunidos, que se dignem me admitir em sua Ordem Princely, apresentando-me com o humilde desejo de obter a perfeição.

Eu prometo solenemente verdadeira lealdade ao Supremo Conselho do Trigésimo Terceiro Grau, devidamente, legalmente e constitucionalmente estabelecido no dia 26 de outubro, no ano de 1845, assentando-se em seu Grande Oriente em Londres, para a Inglaterra e País de Gales, os Domínios e Dependências da Coroa Britânica.

Prometo ainda não manter qualquer confraternidade ou comunicação maçônica com quaisquer Maçons ou Corpos de Maçons que tenham sido ou possam ser estabelecidos a qualquer tempo por qualquer autoridade, exceto com aqueles que são, ou possam ser, devidamente reconhecidos como sendo legais e regulares pelo mencionado Supremo Conselho.

Em testemunho do que, assino esta minha promessa e obrigação solene.

(*O Marshal retorna e apresenta a Petição completada ao Soberano Mais Sábio*).

Mar. Soberano Mais Sábio, o Irmão .... expressa sua disposição para assumir uma Obrigação em Nome da Santa e Indivisível Trindade.

(*O Soberano se certifica de que a Petição está em ordem. O Candidato então é votado, e se a votação for favorável, todos vão para a sala onde os Graus Intermediários serão conferidos*).

2. OS GRAUS INTERMEDIÁRIOS

(a) A loja da Perfeição

(*O Candidato, que não usa qualquer vestimenta ou regalia maçônica, é admitido pelo Marshal e colocado diante do Soberano Mais Sábio*).

M.W.S. Em virtude do poder concedido a mim pelo Supremo Conselho do Trigésimo Terceiro Grau, declaro esta Loja de Perfeição aberta.

(*Nove batidas. O Marshal abre a Bíblia*).

M.W.S. Irmão….. a posição de um Príncipe Rosacruz à qual você aspira requer que você tenha tido conferidos sobre si dezessete Graus do Antigo e Aceito Rito da Maçonaria.

Os Graus da Maçonaria Operativa, que você já recebeu, são aceitos como equivalentes aos três primeiros Graus deste Rito. No curso normal, levaria muitos meses, ou mesmo anos, antes que você pudesse adquirir o todo, mas foi do agrado do Supremo Conselho do Trigésimo Terceiro Grau ordenar que os quatorze Graus intermediários possam agora ser comunicados a você por nome. Você está disposto a se comprometer a

preservar os segredos e mistérios desses Graus?

(*O Candidato sinaliza sua concordância*).

M.W.S. Então você se ajoelhará sobre ambos os joelhos; coloque sua mão direita sobre o Volume da Lei Sagrada; e com a mão esquerda segure esta espada pela lâmina, com a empunhadura voltada para cima. Declare seus nomes por extenso e repita após mim: ?

M.W.S. Eu,….., na presença de Deus, Criador do & Can. Universo, e chamando esses Irmãos como testemunhas, prometo, sobre este Livro Sagrado, de forma mais solene e sincera, que nunca revelarei ilegalmente qualquer um dos segredos ou mistérios pertencentes aos vários graus do Antigo e Aceito Rito, desde o Primeiro Grau até o Décimo Sétimo Grau, ambos inclusos, que até agora me foram conhecidos ou que possam, a qualquer tempo no futuro, ser comunicados a mim.

(*O Marshal coloca a espada sobre a mesa*).

M.W.S. Você selará isso uma vez sobre o Volume da Lei Sagrada.

(*O Candidato beija a Bíblia*).

M.W.S. Você agora pode se levantar.

Eu confiro a você os seguintes Graus por nome:?

1. Mestre Secreto,
2. Mestre Perfeito.
3. Secretário Íntimo,
4. Provost e Juiz,
5. Intendente das Construções,
6. Eleito dos Nove,
7. Eleito dos Quinze,
8. Sublime Eleito,
9. Grande Mestre Arquiteto,

M.W.S. 13. Arco Real de Enoque,

1. Cavaleiro Escocês da Perfeição.

Nos primeiros oito destes Graus (do 4º ao 11º) a Lenda de Hiram Abiff é continuada em uma série de alegorias. Coletivamente, elas retratam a confusão causada pela morte de Hiram e os passos tomados por Salomão para restaurar a ordem e o progresso no reino. A construção do Templo prossegue, e os sucessores dos três Grandes Mestres da Maçonaria Operativa são mostrados no 12º e 13º Graus continuando o trabalho que lhes foi confiado.

O 14º refere-se à lenda do Vault Secreto e seu conteúdo.

Todo o grupo é conhecido como os "Graus Inefáveis".

Eu agora declaro esta Loja de Perfeição encerrada. (*Nove batidas*).

(b) O Conselho dos Príncipes de Jerusalém

M.W.S. Em virtude do poder concedido a mim pelo Supremo Conselho do Trigésimo Terceiro Grau, declaro este Conselho dos Príncipes de Jerusalém aberto. (*Batidas 1, 2*).

M.W.S. Eu confiro a você os Graus de:?

1. Cavaleiro da Espada, ou do Oriente,

2. Príncipe de Jerusalém.

Estes dois Graus são conhecidos de várias formas como "Graus Históricos" e como "Ordens de Cavalaria". Eles relatam a assistência recebida de Ciro e Dario na tarefa de reconstruir o Templo após o Cativeiro Babilônico.

Eu declaro este Conselho dos Príncipes de Jerusalém encerrado. (*Batidas 1, 2*).

(c) A loja dos Cavaleiros do Oriente e do Ocidente

M.W.S. Em virtude do poder concedido a mim pelo Supremo Conselho do Trigésimo Terceiro Grau, declaro esta Loja dos Cavaleiros do Oriente e do Ocidente aberta. (*Batidas 2, 2, 2, 1*). Eu confiro a você o 17º Grau, Cavaleiro do Oriente e do Ocidente.

Os sinais, tokens e palavras são trocados assim: - Coloque sua mão esquerda, com os dedos retos, sobre minha mão direita, eu a cubro com minha mão esquerda, e você olha sobre seu ombro direito e diz ABADDON, que se refere ao Maligno.

Eu respondo tocando seu ombro esquerdo com minha mão esquerda, e você toca meu ombro direito com sua mão direita, formando assim uma Cruz de Santo André. Então

M.W.S. Eu olho sobre meu ombro esquerdo e respondo JAHABULON, que significa "O Senhor é nosso auxílio."

Este Grau é o primeiro dos "Graus Filosóficos" e forma uma preface adequada aos princípios do Cristianismo representados no 18º Grau. Estudados como alegorias, esses Graus Intermediários continuam os ensinamentos da Maçonaria Simbólica.

Eu fecho esta Loja dos Cavaleiros do Oriente e do Ocidente com as batidas 2. 2. 2. 1.

(*O Marshal fecha a Bíblia. O Soberano e outros Príncipes passam para a Sala Preta, onde os membros do 18º grau invertem seus aventais e colares*).

3. O PRIMEIRO PONTO

(*Na Sala Preta, o Prelado abre o Novo Testamento. As cortinas pretas são puxadas, ocultando o altar, e todas as luzes são apagadas, exceto aquelas atrás das transparências e nos três pilares. O Marshal conduz o Candidato até a porta e bate 2. 2. 2. 1.*).

2º Gen. Soberano Mais Sábio, um alarme.

M.W.S. Excelente e Perfeito Segundo General, veja quem perturba este Capítulo.

(*O Segundo General abre a porta*).

2º Gen. Por que este alarme?

Mar. Este digno Cavaleiro do Oriente e do Ocidente, tendo confiado a mim uma Petição que foi apresentada ao Soberano Mais Sábio, agora pede para ser admitido para receber uma resposta.

2º Gen. Espere enquanto eu informo ao Soberano Mais Sábio. (*Fecha a porta*). Soberano Mais Sábio, um digno Cavaleiro do Oriente e do Ocidente, tendo apresentado uma Petição a você pela mão do Marshal, agora solicita ser admitido para receber sua resposta.

M.W.S. Convide nosso Excelente e Perfeito Marshal para conduzi-lo até aqui.

(*O Segundo General os admite, e o Marshal conduz o Candidato até as cortinas puxadas*).

Mar. Soberano Mais Sábio, apresento a você o Irmão …..

M.W.S. Quem e o que você é?

Mar. Nobremente nascido e da tribo de Judá.

M.W.S. Qual é o seu grau?

Mar. Cavaleiro do Oriente e do Ocidente.

M.W.S. Dê-me a Palavra.

Mar. ABADDON.

M.W.S. JAHABULON. Qual é a sua idade?

Mar. Trinta e três.

M.W.S. Sua petição foi recebida favoravelmente por este Capítulo; mas enquanto admiramos seu zelo e coragem, e sua conduta nos inspira confiança e estima, lamentamos que você tenha vindo entre nós na nona hora do dia, quando estamos sobrecarregados de dor e profunda tristeza, e a consternação espalha o horror sobre nossas testas.

A terra treme, as rochas se partem, o Véu do Templo se rasga em dois, a escuridão cobre a terra, e a Verdadeira Luz partiu de nós. Nossos Altares foram derrubados, a Pedra Cúbica jorra Sangue e Água, a Estrela Luminosa está eclipsada, nosso Pastor é ferido, a Palavra se perdeu, e o desespero e a tribulação

pesam sobre nós.

(*Pausa solene*)

No entanto, é bom que você tenha chegado a esta hora de perigo; pois, como um Cavaleiro corajoso e valente, confiamos que você nos ajudará em nossos esforços para recuperar nossa perda e restabelecer a Palavra; somente nesse caso poderemos conferir a você a distinção que tanto deseja.

Mar. Prometemos lealmente ajudá-lo em seus trabalhos e obedecer a quaisquer ordens que você tenha a bondade de nos impor.

M.W.S. Então, dignos Cavaleiros, eu os direciono a viajar trinta e três dias; onze até o Pilar da Sabedoria no Norte; onze até o Pilar da Beleza no Sul; e onze até o Pilar da Força no Oeste; retornando a mim no Leste com quaisquer informações que você possa obter durante suas viagens. Recomendo particularmente a sua meditação as belezas da Nova e Melhor Aliança; e para que você possa apreciar melhor sua excelência, vamos invocar orientação e direção de cima.

(*Todos se levantam*).

Prel. Deus Todo-Poderoso e Soberano Arquiteto do Universo, que penetras os recessos secretos dos corações dos homens, purifica os nossos com o Sagrado Fogo do Teu Amor Divino. Afaste deste Santo Santuário o ímpio e o profano; e concede que nós, assistidos pelo Poder do Teu Espírito, possamos distinguir o metal precioso da escória, e que não sejamos enganados na escolha de quem estamos prestes a aperfeiçoar. Que nossa Ordem esteja sempre adornada por serviço, boa vontade e paz. Agora, ao Rei, Eterno, Imortal, Invisível, o único Deus sábio, sejam o Reino, o Poder e a Glória para sempre. Amém.

(*Os Irmãos retomam seus lugares*).

M.W.S. Saia em paz.

(*O Marshal, seguido pelo Candidato, passa sete vezes ao redor do Capítulo. Durante o terceiro circuito, o Candidato é mostrado o Pilar da Sabedoria ao norte e recebe a letra F. Durante o quinto circuito, ele é mostrado e recebe a letra H do Pilar da Beleza ao sul. Durante o sétimo circuito, ele é mostrado e recebe a letra C do Pilar da Força ao oeste. Durante as perambulações, o Prelado lê Isaías LIII. Música solene pode ser tocada durante a leitura*).

Prel. "Quem creu em nossa notícia? e a quem é revelado o braço do Senhor? Pois ele crescerá diante dele como um renovo, e como raiz de uma terra seca: não tem parecer, nem formosura; e, quando o vermos, não há beleza que o desejemos.

"Ele é desprezado e rejeitado pelos homens; homem de dores e experimentado nos trabalhos: e como um de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e não o estimamos. Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas dores; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.

"Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós, como ovelhas, andamos desgarrados; cada um se desviou pelo seu caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós.

"Ele foi oprimido, e afligido, mas não abriu a boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como uma ovelha muda diante dos seus tosquiadores, assim não abriu a boca. Da prisão e do juízo foi levado; e quem contará o seu tempo?

"Pois ele foi cortado da terra dos viventes; pela transgressão do meu povo foi ferido: e puseram a sua sepultura com os ímpios, e com os ricos na sua morte; porque nunca fez injustiça, nem houve engano em sua boca. Contudo, agradou ao Senhor moê-lo, fazendo-o padecer.

"Quando ele puser a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade, prolongará os seus dias, e o bom prazer do Senhor prosperará na sua mão: ele verá o trabalho da sua alma e ficará satisfeito; pelo seu conhecimento, o meu servo justo justificará a muitos, porque levará sobre si as iniquidades deles.

"Portanto, eu lhe darei por porção os grandes, e com os fortes repartirá os despojos; porque

Prel. derramou a sua alma até a morte; e foi contado com os transgressores, e levou sobre si o pecado de muitos, e fez intercessão pelos transgressores."

(*O Marshal, tendo cronometrado os circuitos com a leitura, retorna com o Candidato à cortina. Ele passa pela cortina, deixando o Candidato do lado de fora, e dá as três letras F, H, C, ao Soberano Mais Sábio*).

M.W.S. Eu lhe parabenizo pelo sucesso que já recompensou seus esforços. Estas letras são as iniciais das Virtudes pelas quais você poderá ser levado à descoberta da Palavra perdida.

(*As cortinas são lentamente abertas, revelando o altar ao Candidato, e o Marshal retorna ao seu lado*).

M.W.S. Antes que eu possa explicar mais, preciso pedir que você assuma uma Obrigação solene de manter invioláveis os segredos e mistérios da nossa Ordem. Você está pronto para assumí-la?

(*O Candidato sinaliza sua concordância*)

M.W.S. Então você avançará e se ajoelhará diante da Santa Cruz. (*O Candidato ajoelha-se sobre ambos os joelhos*). Coloque sua mão direita sobre o Novo Testamento, enquanto uma espada e os compassos serão postos sobre sua mão. (*O Prelado ajusta estes. Todos se levantam*). Declare seus nomes por extenso e repita após mim:?

M.W.S. Eu, …… em Nome da Santa e Indivisível

& Can. Trindade, diante da Santa Cruz, e na presença deste Capítulo Perfeito, prometo aqui e agora que nunca revelarei os segredos ou mistérios desta Ordem da Rosacruz de Heredom a ninguém no mundo que não tenha legalmente direito, ou a quem eu possa acreditar que não foi devidamente qualificado em um verdadeiro e regularmente constituído Capítulo.

Eu, ainda, comprometo minha sagrada palavra de honra que, em todos os momentos, prestarei devida lealdade a este Capítulo e ao Supremo Conselho sob cuja autoridade ele é mantido.

Tudo isso eu me comprometo solenemente a observar: assim me ajude Deus e me mantenha firme nesta minha obrigação.

(*O Prelado remove a espada e os compassos*).

M.W.S. Você selará isso sete vezes sobre o Novo Testamento. (*O Candidato faz isso*). Levante-se, Irmão recém-obrigado. (*Os Irmãos sentam-se. O Marshal leva o Candidato para o oeste da toalha de piso, onde eles se voltam para o leste*).

M.W.S. Agora informo que os sete círculos ao redor dos quais você viajou representam os sete períodos da existência do mundo, que se encerrarão com a Segunda Vinda do nosso grande Emmanuel, quando o tempo será engolido pela eternidade.

126

M.W.S. Já o parabenizei por ter encontrado as Iniciais dos três princípios fundamentais de nossa Ordem - Fé, Esperança e Caridade. Assistido por essas Virtudes, não temos dúvida de que você, em última análise, conseguirá atingir o fim e o objeto de todas as nossas pesquisas - aquela Palavra da qual nossa salvação eterna deve depender.

M.W.S. Pois a Fé é a substância das coisas que se esperam, a

ou Prel. evidência das coisas que não se veem. A Esperança não confunde - A Caridade é sofredora e é bondosa; A Caridade não tem inveja; A Caridade não se vangloria, não é orgulhosa, não se comporta de maneira inconveniente, não busca os seus próprios interesses, não é facilmente provocada, não pensa mal, não se alegra com a iniquidade, mas se alegra com a Verdade; suporta todas as coisas, crê em todas as coisas, espera todas as coisas, suporta todas as coisas. A Caridade nunca falha: mas se houver profecias, elas falharão; se houver línguas, elas cessarão; se houver conhecimento, ele se desvanecerá; pois conhecemos em parte, e profetizamos em parte, mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.

Vamos orar. (*Todos se levantam*).

Prel. Deus Todo-Poderoso e Eterno, concede-nos o aumento da Fé, Esperança e Caridade; e, para que possamos obter aquilo que Tu prometes, faze-nos amar aquilo que Tu ordenas, através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

M.W.S. Tendo encontrado os três princípios fundamentais de nossa Ordem, vamos seguir em busca da Palavra perdida.

(Uma Procissão é formada. Primeiro, o Soberano Mais Sábio e o Prelado, e membros do 33º grau, se houver algum presente. Depois os membros do 32º, 31º e 30º graus. Depois os do 18º. Finalmente, o Marshal e o Candidato. Após passar pelo leste uma vez, todos se curvam para o altar, o Soberano, o Prelado e os membros do 33º grau saem da Sala Preta e passam para a Sala Vermelha. Depois de passar pelo leste duas vezes, os do 32º, 31º e 30º graus se retiram da mesma forma. Depois de passar pelo leste quatro vezes, os membros do 18º grau se retiram da mesma forma, exceto pelo Marshal. Após passar pelo leste quatro vezes, o Marshal leva o Candidato até o Capitão da Guarda, que o desafia).

C. de G. Você não pode entrar aqui a menos que me dê a Palavra.

Mar. Ele não pode. Ele está viajando em busca dela, esperando obtê-la pela prática da Fé, Esperança e Caridade, e pela ajuda da Nova e Melhor Aliança.

C. de G. Esta vestimenta não é compatível com essa humildade.

127

C. de G. necessário para aqueles que desejam recuperar a Palavra perdida. Vista-se com o manto da humildade, e então eu convocarei Rafael para sua assistência.

(*Um véu preto de crêpe é colocado sobre a cabeça do Candidato, e o Marshal o leva para a Câmara da Morte. O Marshal então se retira, e com o Capitão da Guarda passa para a Sala Vermelha, deixando o Candidato sozinho. Música solene e fúnebre pode ser tocada[7]. Após uma pausa, Rafael entra na Câmara da Morte com sua espada na posição de portar*).

Raph. Vim conduzi-lo das profundezas da escuridão e do Vale da Sombra da Morte para as Mansões da Luz.

Você enfrentou perigos, dificuldades e aflições; no entanto, anime-se. Armado com as Virtudes que você já obteve, a Fé o apoiará quando você se sentir tentado a desesperar, a Esperança o animará em seu caminho, e

a Caridade o sustentará em cada prova, até que, tendo viajado através do abismo da escuridão, você finalmente chegue às Mansões da Luz, para onde nosso Soberano Celestial já foi antes. Aproximar-se e siga-me.

(*Rafael leva o Candidato através de crânios, ossos, cadáveres etc., na semi-escuridão, e finalmente para a Sala Vermelha*).

4. O SEGUNDO PONTO

(*Na Sala Vermelha, brilhantemente iluminada, os Irmãos inverteram suas regalias novamente, com o lado colorido para fora. A música, se houver, cresce em um caráter triunfante enquanto Rafael leva o Candidato para a sala, e para o pé da Escada Mística no centro*).

Raph. Soberano Mais Sábio, trago comigo este digno Cavaleiro que viajou por perigos e dificuldades em busca da Palavra perdida, e agora suplica para ser recompensado por seus trabalhos.

M.W.S. Excelente e Perfeito Rafael, não duvidamos que este digno Cavaleiro, assistido por sua poderosa ajuda, é merecedor de todas as distinções; e agora o chamo para subir a escada que leva da Escuridão à Glória e à Perfeição. Mas primeiro, como ele chegou aqui?

Raph. Através do Vale da Sombra da Morte.

M.W.S. O que o sustentou?

Raph. Fé, Esperança e Caridade.

M.W.S. O que ele busca obter?

Raph. A Palavra Perdida.

M.W.S. Então, como ele parece ter progredido até aqui corretamente e estar bem preparado para subir a escada misteriosa, ele pode avançar, pausing em cada degrau e respondendo às minhas perguntas com sua ajuda.

Qual é a virtude que leva da terra ao Céu?

(*O Candidato coloca o pé esquerdo na escada. Rafael remove a rosa sobre a letra com a ponta de sua espada e dirige o Candidato a pegar a letra e então a ficar com ambos os pés no primeiro degrau. Este procedimento é repetido para os degraus subsequentes. Rafael guia as respostas do Candidato*).

Can. Fé.

(*Antes do segundo degrau*): -

M.W.S. Qual Virtude o apoia quando oprimido pela vergonha e pela tristeza?

Can. Esperança.

(*Antes do terceiro degrau*): -

M.W.S. Qual é a perfeição de toda Virtude Cristã?

Can. Caridade.

(*Rafael retira as três letras F, H e C do Candidato. Antes do quarto degrau*): -

M.W.S. De onde você vem?

Can. Da Judéia.

Prel. "E aconteceu que, quando Jesus nasceu em Belém da Judéia, nos dias do Rei Herodes, eis que vieram os Magos do Oriente a Jerusalém, dizendo: - 'Onde está aquele que é nascido Rei dos Judeus? Pois vimos a Sua Estrela no Oriente e viemos adorá-Lo.'"

(*Antes do quinto degrau*): -

M.W.S. Por qual vila você passou?

Can. Nazaré.

Prel. "Felipe encontrou Natanael e disse-lhe: ‘Achamos aquele de quem Moisés escreveu na Lei e os Profetas, Jesus de Nazaré, filho de José.’ E Natanael disse: ‘Pode vir coisa boa de Nazaré?’ Felipe respondeu: ‘Vem e vê.’"

(*Antes do sexto degrau*): -

M.W.S. Quem o conduziu?

Can. Rafael.

Prel. "Ele encontrou Rafael que era um anjo, e disse-lhe: 'Podes ir comigo?' Ao que o anjo disse: 'Vou contigo, e conheço bem o caminho.'"

(*Antes do sétimo degrau*): _

M.W.S. De qual tribo você é?

Can. Judá.

Prel. "O cetro não se afastará de Judá, nem o legislador entre os seus pés, até que venha Shiloh; e a ele será a congregação do povo."

M.W.S. Dê-me as Iniciais dos últimos quatro degraus.

(*Rafael retira as quatro letras I. N. R. I. do Candidato e as entrega ao Soberano*).

M.W.S. Digno Cavaleiro, com a ajuda da Fé, Esperança e Caridade, você realmente conseguiu encontrar a Palavra perdida. (*Rafael remove o véu preto de crêpe do Candidato e o instrui a descer da escada*).

M.W.S. Pela Fé, você encontrou a Rosa de Saron, e foi capaz de apreendê-Lo. Quem nunca o deixará nem desamparará.

Pela Esperança, você obteve uma bênção celestial, que o consolará em todas as dificuldades e aflições e o ensinará, sob as aflições de sua peregrinação terrena, a buscar uma herança melhor e mais duradoura.

Na Caridade, você contempla a perfeição de toda Virtude Cristã.

Pegando as Iniciais dos últimos quatro degraus de sua jornada e juntando-as, você encontrou o Nome D’Aquele que é A Palavra, pois São João diz: "No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a

Palavra era Deus. Eu sou o Alpha e o Omega, o início e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso." Agora, digno Cavaleiro, tendo encontrado a Palavra da Nova Lei, peço ao nosso Excelente e Perfeito Prelado que a fixe em seu lugar apropriado.

(*Todos se levantam. O Prelado recebe a Palavra do Soberano e coloca-a sobre a Pedra Cúbica no altar. Todos presentes, exceto Rafael e o Candidato, ajoelham-se sobre o joelho direito e apontam para a Palavra com o dedo indicador direito. Eles então se levantam e dão o primeiro sinal, com a palavra HOSANNA sete vezes. O Soberano fica em frente ao altar, de frente para o oeste*).

M.W.S. Que o Candidato se aproxime.

Digno Cavaleiro, alegro-me em conferir a você a recompensa que tão bem mereceu, e espero que, pela prática das Virtudes que hoje foram recomendadas à sua atenção, você realmente seja levado a Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Ajoelhe-se, portanto, e receba aquelas honrarias às quais agora você tem direito.

(*O Candidato ajoelha-se sobre os dois joelhos. Rafael apresenta*

sua espada ao Soberano).

M.W.S. Pela virtude do poder e da autoridade que em mim estão investidos pelo Supremo Conselho do Trigésimo Terceiro Grau da Inglaterra e País de Gales, dos Domínios e Dependências da Coroa Britânica, eu agora faço (*toca o ombro direito do Candidato com a espada*) crio, (*ombro esquerdo*), e constituo (*cabeça*) você, agora e para sempre, um Cavaleiro do Pelicano e da Águia.

(*O Soberano devolve a espada a Rafael*).

M.W.S. Eu o selo como Príncipe da Ordem da Rosacruz de Heredom com o Selo da Perfeição.

(*O Soberano ergue o novo Príncipe*).

M.W.S. Levante-se, Excelentíssimo e Perfeito Príncipe Rosacruz, e receba os emblemas de nossa Ordem. Príncipes, tomem assento. (*O Diretor de Cerimônias retira o apoio para os joelhos e apresenta as vestes*).

M.W.S. Eu o invisto com o distintivo da Ordem. (*Apresenta o avental e em seguida pega o Colar e o Joia em suas mãos*).

A Joia usada neste Grau é um par de Compassos com uma rosa de cada lado, e sobrepostos por uma Coroa Celestial.

As extremidades dos Compassos estão estendidas sobre o segmento de um círculo com uma Cruz entre elas. Sob a Cruz está o emblema heráldico conhecido como "Pelicano em sua piedade"; e no verso uma Águia Branca com asas estendidas como se estivesse subindo ao ar.

O Pelicano é um símbolo de Cristo nosso Redentor; pois, assim como se acreditava que alimentava seus filhotes com seu próprio sangue para salvá-los da morte, nosso Salvador derramou Seu Sangue para nos salvar da morte eterna.

A Águia nos lembra que o Salvador é Deus Mesmo, como Ele disse aos israelitas de outrora: "Eu os carreguei nas asas de águias e os trouxe a mim."

A Rosa é um emblema de segredo e silêncio. No Cântico dos Cânticos encontramos referência ao Salvador sob o título místico de Rosa de Sarom.

A Cruz representa a Cruz do Calvário, vermelha com o Sangue Precioso.

O Colar Vermelho é bordado do lado direito com a representação de uma Serpente, símbolo de sabedoria, com a cauda na boca, formando assim um Círculo, o emblema da eternidade.

Do lado esquerdo é bordada uma representação da Coroa de Espinhos, usada por Aquele que nos diz: "Sê fiel até a morte, e eu te darei a Coroa da Vida."

Assim, a Rosa e a Cruz e os outros símbolos

131

M.W.S. peculiares a este Grau devem nos lembrar, através da Sabedoria Eterna, d'Aquele que é a Palavra, e nos ensinar a tomar nossa Cruz e segui-Lo aqui, para que possamos ganhar a Coroa na vida eterna.

Agora eu o invisto com o Colar e a Joia da Ordem.

Apresento-lhe esta Rosa, um emblema d'Aquele que é a Rosa de Sarom e o Lírio do Vale.

Tenha cuidado, pelo exercício da Fé, Esperança e Caridade, para continuar a merecer esses emblemas, que são símbolos de verdades ocultas conhecidas apenas pelo Maçom Perfeito.

Agora irei comunicar-lhe os sinais e palavras deste Grau.

O primeiro sinal é chamado de sinal de Adoração. Consiste em entrelaçar os dedos, levantando as mãos à testa, palmas voltadas para fora, e ao mesmo tempo levantando os olhos ao Céu e exclamando HOSANA, depois deixando as mãos caírem sobre o corpo. O segundo sinal é trocado assim: - Eu levanto minha mão direita à testa com os dedos fechados, exceto o dedo indicador, dizendo ELE ASCENDEU. Você responde apontando para baixo com a mão direita, dizendo ELE DESCEU. O sinal completo significa que há apenas Um Deus nos Céus e na Terra, Criador e Soberano de todas as coisas.

O terceiro é chamado de sinal do Bom Pastor. É dado cruzando os braços sobre o peito, o esquerdo em cima. É respondido da mesma maneira. Em seguida, nos aproximamos um do outro com o terceiro sinal e colocamos mutuamente nossas mãos sobre o peito do outro, formando assim duas cruzes. Em seguida, trocamos as letras I. N. R. I. alternadamente. Estas são as Iniciais da inscrição na Cruz e significam Jesus Nazarenus Rex Judaeorum.

A senha EMMANUEL é dada com o sinal do Bom Pastor, e é respondida por PAX VOBISCUM, também dada com o mesmo sinal. O sinal também é utilizado ao se dirigir ao Mais Sábio Soberano e ao entrar ou sair de um Capítulo.

Excelentíssimo e Perfeito Marechal, você conduzirá o novo Príncipe para o Ocidente e permitirá que ele seja devidamente proclamado. (*O Marechal e Rafael conduzem o novo Príncipe aperfeiçoado para o Ocidente e o colocam entre e ligeiramente à frente dos Generais, ficando de pé de cada lado dele, de frente para o Leste. Todos se levantam*).

Herald (*Em pé no sudoeste*) Por ordem do Mais Sábio Soberano, proclamo que nosso Irmão……

132

O Herald foi criado hoje um Cavaleiro do Pelicano e da Águia, e selado e investido como Príncipe da Ordem da Rosacruz de Heredom. Eu o convoco, portanto, a ocupar seu lugar no Capítulo.

(*Fanfare. Todos retomam seus assentos. O Diretor de Cerimônias conduz o novo Príncipe até o Soberano, que lhe mostra o Mandato e o apresenta uma cópia das Regras e Regulamentos, e dos estatutos do Capítulo.*

Ele é então conduzido ao seu assento no sudeste. Os demais assuntos do Capítulo são então tratados. As esmolas são recolhidas e apresentadas no altar. O Mais Sábio Soberano se levanta três vezes para indagar se alguém tem algo a propor para o bem da Ordem em geral, ou deste Capítulo em particular. Então, todos, exceto os membros do Trigésimo Terceiro Grau, se retiram, e a sala é preparada para o Terceiro Ponto).

5. O TERCEIRO PONTO

(*A escada, o pano de chão e as rosas são removidos, e uma mesa com uma toalha vermelha é colocada no centro da sala. Sobre a mesa são colocadas hóstias, um cálice de vinho, sal e um segundo copo contendo bebidas espirituosas. As luvas são retiradas, e os Príncipes entram na sala em procissão na ordem inversa de precedência, o Marechal e o novo Príncipe primeiro, os demais de acordo com seu grau, o Prelado e o Soberano por último. Eles circulam a sala, e quando o Soberano e o Prelado chegam ao Leste, um círculo completo é formado ao redor da mesa. Os membros do 33º Grau tomam seus lugares à esquerda do Prelado. O Candidato é deixado fora do círculo*).

M.W.S. Príncipes, agora chegamos à perfeição da Maçonaria; vamos, então, unir-nos para formar o Círculo Vivo como um emblema da Eternidade.

(*O Círculo Vivo é formado com os braços estendidos*).

M.W.S. Príncipes, recebamos aquele que foi admitido em nossa Ordem neste dia.

(*O Marechal conduz o Candidato para dentro do Círculo, à direita do Soberano. O Círculo é novamente completado*).

M.W.S. Excelentíssimo e Perfeito Príncipe, nós o recebemos no Círculo Vivo de nossos corações.

(*Após uma breve pausa, as mãos são baixadas*).

M.W.S. Príncipes, agora os convidamos, de acordo com o costume oriental, a quebrar o pão e comer sal conosco; ao mesmo tempo, prometendo uns aos outros nossa fidelidade e amizade na taça da afeição fraternal; e vamos invocar a bênção d'Aquele que é a Rosa de Sarom e o Lírio do Vale, por cuja assistência...

M.W.S. esperamos progredir aqui na terra em direção àquela perfeição que pode ser consumada apenas quando, levantando-se do túmulo, subimos para unir-nos a nosso grande Emmanuel e somos unidos a Ele para sempre em uma Eternidade gloriosa e feliz.

(*O Diretor de Cerimônias apresenta o prato ao Soberano, que pega um pedaço de pão e o apresenta ao Prelado à sua esquerda, que rompe um pedaço. Ambos mergulham suas partes no sal e as comem. O Prelado repete essas ações com seu próximo vizinho, e assim por diante ao redor do Círculo. Em seguida, o Diretor de Cerimônias entrega o cálice ao Soberano, que se volta para o Prelado e o enfrenta. O Soberano diz EMMANUEL, e o Prelado faz o sinal do Bom Pastor, dizendo PAX VOBISCUM. O Soberano bebe e passa o cálice ao Prelado, que repete o ceremonial com o Irmão à sua esquerda, e assim por diante. O Prelado acende o espírito no outro copo com uma mecha acesa das velas do altar. Quando todos já participaram*)

M.W.S. Tudo está consumado.

Prel. Gloria in excelsis Deo, et in terra Pax hominibus bonae voluntatis.

M.W.S. Príncipes, nos alegramos por termos nos unido nesta Festa de Afeição Fraternal. Que, doravante, possamos valorizar as doutrinas sagradas da Ordem no repositório secreto de nossos corações.

Excelentíssimo e Perfeito Prelado, agora solicito que você remova a Palavra Sagrada, para que não seja exposta aos olhos dos profanos, mas seja consumida de acordo com o antigo costume como uma memória perpétua de nossa veneração àquele que veio para consumar a redenção de todos aqueles que confiam n'Ele de forma fiel e sincera, nosso Emmanuel ressuscitado.

(*O Prelado retira a Palavra do altar, passa para o lado oeste da mesa, enfrenta o leste, e a queima no copo de espíritos em chamas. O fogo não é extinto, mas deixado para diminuir*).

Prel. Consummatum est.

M.W.S. Príncipes, retomem seus assentos.

FECHANDO O CAPÍTULO

(*O Soberano bate um vez, repetido pelos Primeiros e Segundos Generais*).

M.W.S. Príncipes, ajudem-me a fechar este……..Capítulo.

(Todos se levantam).

M.W.S. Excelentíssimo e Perfeito Prelado, que horas são?

Prel. É a primeira hora do terceiro dia, sendo o primeiro dia da semana, a hora de um Maçom perfeito.

M.W.S. Qual é a hora de um Maçom perfeito?

Prel. É a hora quando a Palavra Sagrada é encontrada e a Pedra Cúbica é transformada na Rosa Mística. A Estrela Flamejante reapareceu em todo seu esplendor; nossos Altares são renovados; a Luz Verdadeira é restaurada aos nossos olhos, as nuvens da escuridão dissipada; e o Novo Mandamento é dado para amar uns aos outros.

M.W.S. Observemos, então, este Novo Mandamento de amar uns aos outros, o resultado e a perfeição de toda a Maçonaria anterior, que nos permitirá erguer um edifício em nossos corações para a Glória do Cordeiro; a quem pertencem Poder, Majestade, Domínio e Força, que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

(*Todos fazem o terceiro sinal e, após uma pausa, o deixam cair. O Soberano bate 6 vezes. 1., repetido pelos Primeiros e Segundos Generais, o Capitão da Guarda e o Guarda Externo. O Prelado fecha a Bíblia*).

M.W.S. O Capítulo está agora fechado em Nome do Grande Emmanuel. Partam em Paz.

*** * ***

O que quer que signifique este grau, é, antes de tudo, claramente evidente, mesmo em uma leitura superficial, que é apresentado como um rito religioso solene, com muitos dos adornos externos do culto cristão. Ele estabelece altares e oferece atos de oração e louvor. Possui ritos místicos que levam o iniciado "das trevas à glória e à perfeição". Secretamente e atrás de portas trancadas, os Príncipes da Rosacruz de Heredom realizam essas cerimônias, cujos objetivos, como declarou um antigo Grande Capelão, diferem dos da Igreja "apenas em sua pompa". Ele escreveu ainda que "nos reunimos e oramos, não como homens privados pedindo bênçãos para nós mesmos, mas como uma Sociedade Religiosa."[8]

Mesmo supondo que este grau seja perfeitamente ortodoxo em sua cristandade, ele continua sendo um corpo religioso fora da Igreja, desconhecido pela Igreja, recusando-se resolutamente a divulgar seus ensinamentos e

rituais à Igreja, estabelecendo seus altares independentemente dela. Portanto, não pode haver comparação alguma entre tal rito e outras guildas e fraternidades devotionais dentro, ou pelo menos harmoniosamente conhecidas pela Igreja. Assim, o culto corporativo da "Sociedade Religiosa" da Rosacruz é flagrantemente cismático. O eclesiástico, e particularmente o clérigo, que no curso da iniciação jura fidelidade a ela, é culpado de uma dupla lealdade religiosa. Ao chamar a Rosacruz de uma ordem Maçônica em vez de uma seita cristã, seus iniciados cegam-se para este fato em nada mais do que uma sutileza verbal; se esses mesmos ritos, com mudanças apropriadas na redação, fossem amplamente divulgados e realizados publicamente em capelas abertas a todos, em vez de secretamente para poucos, não há dúvida de que todos considerariam isso uma seita cristã bastante excêntrica, não diferente da que é descrita no livro *Death in Ecstasy* de Ngaio Marsh. Muitos clérigos anglicanos a denunciariam como tal se encontrassem seus paroquianos dividindo sua lealdade entre a Igreja e o Capítulo. Até mesmo Bispos poderiam tomar medidas enérgicas se seus clérigos oficiassem em ambos. Que diferença faz uma porta trancada!

Ainda supondo que os ensinamentos do Décimo Oitavo Grau pudessem ser considerados ortodoxos e cristãos, um problema adicional surge no fato de que a jurisdição inglesa que faz essa reclamação ainda mantém plenas relações fraternais e intercâmbio com o corpo mãe, a Jurisdição Sul da Antiga e Aceita Maçonaria Escocesa na América, que não apenas não faz tal reivindicação, mas a repudia especificamente. Em seu ritual deste grau, é afirmado que "Todos os Graus da Maçonaria Escocesa podem ser recebidos por homens de boa índole de todas as raças e crenças religiosas; e qualquer Grau que não possa ser assim recebido não é Maçonaria, que é universal, mas alguma outra coisa, que é exclusiva e, portanto, intolerante. Todos os nossos graus têm, nesse sentido, um único objetivo. Cada um inculca a tolerância e a união de homens de todas as crenças; e cada um ergue uma plataforma na qual o muçulmano, o israelita e o cristão podem ficar lado a lado e de mãos dadas, como verdadeiros Irmãos."[9]

Mesmo na América, no entanto, há uma exceção a essa tolerância, pois no Ofício de Instalação, o Mestre Eleito é perguntado: "Você promete nunca consentir na admissão em um

Capítulo da Rosacruz de alguém que é ou foi um Monge ou um Jesuíta, ou é um Ateu?"[10] Os tempos verbais são interessantes; parece sempre haver esperança, para a conversão maçônica de um ateu, mas nenhuma para o monge ou jesuíta. O tipo de monge não é especificado, e seria interessante saber se a proibição inclui o monge budista e o Padre Kelham (particularmente este último, onde a questão não é totalmente acadêmica), assim como a variedade romana.

A estrutura da versão americana da Rosacruz é muito semelhante à inglesa, mas a interpretação difere. O pelicano não é um símbolo de Cristo, mas "representa a grande e generosa benevolência da Natureza, cuja fonte inesgotável alimenta todas as coisas criadas." E "a Águia era, no Egito, o símbolo vivo do Deus Mendes ou Menthra, que Sesostris-Rames fez um com Amun-Ra, o Deus de Tebas e do Alto Egito, e o representante do Sol, que é um tipo da Suprema Razão de Inteligência." Este mesmo ritual aponta que "a Cruz, apontando para os quatro pontos cardeais, e cujos braços, infinitamente estendidos, nunca se encontrariam, é um emblema do Espaço ou da Infinidade... A Cruz tem sido um símbolo sagrado desde a mais remota antiguidade. Ela é encontrada em todos os monumentos duradouros do mundo - no Egito, Assíria, Índia e Pérsia. Diz-se que Buda morreu sobre uma. Os druidas cortaram um carvalho na forma da Cruz, e a consideravam sagrada, construindo seus templos naquela forma... A Cruz também faz parte do caráter representando cada um dos planetas, Marte, Vênus, Mercúrio, Saturno e Júpiter." O fato de que Nosso Senhor foi crucificado é mencionado apenas de passagem.

A rosa, ao contrário de ser identificada com a Rosa de Sarom, "era antigamente sagrada a Aurora e ao Sol. Era um símbolo do Amanhecer, da ressurreição da Luz e da renovação da Vida, e, portanto, da Imortalidade. A Cruz também era um símbolo da Vida, e os dois símbolos, unidos, significam a Imortalidade conquistada pelo sofrimento e pela dor."[11] Porém, a cruz bordada na frente do altar americano é a *crux ansata*, que certamente não é um símbolo cristão, e as letras I.N.R.I. que a flanqueiam podem ser interpretadas de várias maneiras, como IGNE NATURA RENOVATUR INTEGRA[12], ou a alquímica IGNE NITRUM RORIS

INVENTUR[13], ou os quatro elementos em hebraico, IAMAYIM (água), NOR (fogo), RUAKH (ar) e IABASHAH (terra)[14].

A Jurisdição Norte para este rito na América, embora menos enfática em sua interpretação cristã do que o rito inglês, ainda assim irritou Albert Pike ao cristianizá-lo até certo ponto. Pike considerou essas mudanças como "desnecessariamente ofensivas a um hebreu", e não tinha certeza de que isso "não excluísse um unitário."[15] Claramente, ele teria desaprovado ainda mais fortemente o atual rito inglês, e ainda assim seus sucessores mantêm relações cordiais com ele, e, claro, desfrutam do direito de visitação neste país. Deve, portanto, haver uma unidade fundamental entre eles.

Portanto, o fato de que o iniciado na Rosacruz na Inglaterra deva professar a crença na Santa e Indivisível Trindade parece ocupar um lugar secundário. Não pode ser considerado um marco, pois é uma peculiaridade regional e não universal no rito; caso contrário, certamente o Supremo Conselho em Londres já teria tomado o mesmo caminho com a América que a Grande Loja Unida de Londres tomou com o Grande Oriente da França quando este último corpo deixou de considerar a crença no Grande Arquiteto como essencial à Ordem. Não há nada nas Regras e Regulamentos ingleses que impeça um rabino ou um dervixe iniciado no Alabama de se juntar a um Capítulo inglês e participar plenamente de seu culto e observâncias religiosas, desde que façam o Juramento de Fidelidade ao Supremo Conselho, que não é feito em nome da Trindade. Na prática, no entanto, é improvável que isso aconteça.

Esses são alguns dos argumentos que podem ser levantados contra as cerimônias secretas da Rosacruz de Heredom, mesmo que essas cerimônias fossem compatíveis com a ortodoxia cristã. Infelizmente, elas não são, o que torna o argumento dez vezes mais forte.

Sua ancestralidade, como vimos, não é de grande antiguidade, nem era ortodoxa. A tradição Rosacruz, no entanto, da qual este grau deriva seu nome e parte de seu simbolismo e ensinamentos, pode ser rastreada possivelmente até a *Militia Crucifera Evangelica*, uma fraternidade evangélica oculta alemã do final do século dezesseis. Pouco se sabe sobre ela, pois sua principal literatura, a *Naometria* de Simon Studion, está perdida e conhecida apenas parcialmente através das citações de outros. Parece que teve forte inspiração cabalística. C. G. von Murr, que certamente conhecia o original, declarou que a tradição respirava o espírito rosacruz e incorporava a verdadeira doutrina rosacruz[16].

Mas, embora o Rosacruzismo tenha suas origens nos místicos e alquimistas do século dezesseis, não entrou na história de fato até a publicação da *Fama Fraternitatis Rosae Crucis* em 1614. Este foi um relato do fundador lendário da Ordem, Christian Rosenkreutz, seu grupo de irmãos em busca de sabedoria oculta, sua morte e a posterior descoberta do túmulo. A história, de certa forma, explica a hipotética transmissão do conhecimento secreto do leste para o oeste. Isso foi seguido pela *Confessio Fraternitatis*, um manifesto dos princípios rosacruzes, e os *Núpcias Químicas de Christian Rosenkreutz*, uma alegoria elaborada.

Embora certamente não possa ser provado (e tenha sido veementemente negado) que a Maçonaria, seja nos graus simbólicos ou superiores, tenha se originado diretamente do Rosacrucianismo, há evidências de uma sobreposição tanto na Alemanha quanto na Inglaterra. A. E. Waite declara que "por volta do ano 1777, a última transformação do Rosacrucianismo alemão estava recorrendo à fraternidade maçônica para recrutar suas próprias fileiras... uma qualificação maçônica nos candidatos era o primeiro título para admissão. Devemos também lembrar que o Mistério Rosacruciano era um de Renascimento Divino, tal como encontramos – embora sob muitos véus – na cerimônia maçônica. Ele também buscava aquele conhecimento oculto que a Maçonaria e vários aspectos iniciais da Tradição Secreta nos tempos cristãos supunham ter sido perdido em Adão.[17]" E, em relação ao Grau Dezoito em particular, "estou pessoalmente convencido de que todo o arranjo do Grau Rosacruz, sua vestimenta, sua joia, toda a sua mise-en-scène, as câmaras em que é trabalhado, são reminiscências da Ordem mais antiga. Os três pontos correspondem, de forma rudimentar, à Obra Hermética na Alquimia – escuridão, morte e, finalmente,

ressurreição no estado vermelho ou perfeito... Segue-se que os vários escritores maçônicos que negaram qualquer conexão entre o Grau Dezoito e a Ordem Rosacruz falaram com uma ausência extraordinária de conhecimento básico ou com considerável falta de sinceridade. O vínculo de parentesco está à superfície do assunto, e aqueles que têm olhos dificilmente podem deixar de ver."[18]

Por mais distante que seja esse parentesco alegado, o principal símbolo rosacruciano, uma rosa na junção de uma cruz da paixão, é sem dúvida um emblema central deste grau maçônico. Se para os Rosacruzes ele representava a Cruz do Calvário, vermelha com o precioso Sangue, também representava o segredo da verdadeira luz, ou o verdadeiro conhecimento, que a Irmandade Rosacruz deveria dar ao mundo, pois a rosa simbolizava o segredo, e a cruz, a luz. Na medida em que o Rosacrucianismo era cristão, era luterano e anti-católico em inspiração, mas devia muito ao Zohar, ao Sepher Yetzirah e a outros livros da Cabala.

O rito inglês do Grau Dezoito foi revestido com uma boa dose de fraseologia cristã convencional e ortodoxa, mas fundamentalmente ele reverte ao Gnosticismo. Gnosticismo é um termo difícil de definir com precisão, pois abrangia muitas seitas e mistérios baseados na gnose ou iluminação. Era uma filosofia teosófica e, na medida em que se afirmava ser cristã, professava revelar a uma elite interna de iniciados ensinamentos esotéricos ocultos dos muitos. O Dr. A. C. Headlam listou entre suas tendências três pontos altamente relevantes para a Maçonaria: "uma tendência sincrética, combinando de maneira artificial, com algumas doutrinas cristãs mais ou menos mal compreendidas, elementos de fontes clássicas, orientais e judaicas, ou até mesmo de magia comum"; "uma tendência para uma cristologia docética, ou seja, que considerava a vida terrena de Cristo, ou pelo menos os sofrimentos, como irreais"; e "uma tendência de representar a gnose (conhecimento) como algo superior à mera fé, e a posse especial dos mais iluminados."[19]

Se o Maçom Rosacruz se sente confuso e incrédulo diante dessas acusações, outra citação, antes de fundamentar a acusação de Gnosticismo em detalhes, pode tornar a posição mais clara.

"O Gnosticismo," diz o Fr. J. P. Arendzen[20], "lançou-se com estranha rapidez nas formas de pensamento cristão, tomou emprestado sua nomenclatura, reconheceu Jesus como o Salvador do mundo, simulou seus sacramentos, fingiu ser uma revelação esotérica de Cristo e de Seus Apóstolos... embora, na realidade, o espírito do Gnosticismo seja completamente alheio ao do Cristianismo, ele então parecia aos desavisados apenas uma modificação ou refinamento deste."

A síntese teosófica de elementos pagãos é mais claramente aparente no Arco Real do que no Rosacruz, embora a versão americana deste último esteja impregnada disso, e reapareça implicitamente no ritual inglês do trigésimo primeiro grau. O Rosacruz, no entanto, é certamente gnóstico em suas reivindicações de sabedoria oculta e iluminação esotérica para o iniciado apenas. A obrigação compromete fidelidade aos "segredos e mistérios desta Ordem", e os vários emblemas, principalmente a rosa e a cruz, são chamados de "símbolos de Verdades ocultas conhecidas apenas pelo Maçom perfeito". A Palavra em si "não deve ser exposta aos olhos dos profanos" (embora apareça em quase todos os crucifixos em todos os lugares públicos), mas queimada em um cálice. Os Príncipes Rosacruz são instruídos a "guardar as doutrinas sagradas da Ordem no repositório secreto" de seus corações.

Que uma cristologia docética subjaz a este grau é sugerido pelo fato de que a morte e a ressurreição de Cristo parecem ser vistas, não como um ato objetivo de redenção, mas antes como um tipo de experiência que o iniciado deve passar em sua busca pela iluminação. A ênfase parece estar na personificação de Cristo pelo iniciado em alcançar sua própria salvação através da iluminação. Ele é ajudado, de fato, pela fé, esperança e caridade, mas o fato de que iniciais tenham sido substituídas no Capítulo para essas palavras, com a mania maçônica por mistério, parece implicar que até essas virtudes devem ter um significado especial e privado apenas para o Maçom. O iniciado dá sua idade como trinta e três, qualquer que seja sua idade real. Ele viaja por trinta e três dias em sete círculos concêntricos representando os sete períodos da existência do mundo. Ele passa pela escuridão da morte para sua ressurreição na Sala Vermelha e ascende a escada para a glória e perfeição. Ele ouve a Ressurreição, na cerimônia de Encerramento, ser descrita como "a hora de um Maçom

perfeito". Isso parece um pouco sinistro, mas muito menos

141

do que a descrição da morte redentora triunfante de Nosso Senhor na Cruz como uma terrível calamidade para a Maçonaria – uma frase que carrega a infeliz sugestão de que a derrota de Satanás está sendo lamentada. Mas, de qualquer forma, por que uma calamidade para a Maçonaria em particular, a menos que a Maçonaria represente um círculo interno de iluminados, mais particularmente preocupado do que o restante da humanidade? Quão absurdo soaria chamar a Crucificação de uma terrível calamidade para a União das Mães ou a Sociedade dos Homens da Igreja da Inglaterra.

A conquista simbólica da salvação pelo Príncipe Rosacruz é alcançada sem qualquer reconhecimento ou confissão de pecado, qualquer clamor de penitência ou contrição, ou qualquer necessidade do perdão divino. Estabelece-se nas Regras e Regulamentos da Ordem (n.º 40) que "Boa posição e alto caráter moral são requisitos indispensáveis para admissão como Membro do Rito Antigo e Aceito", então talvez a própria ideia de pecado seja insultuosamente supérflua, e uma única referência a "nós, Teus filhos indignos" na Abertura seja o máximo que se pode esperar que um cavalheiro inglês de boa posição e alto caráter moral condescenda sem se contorcer. O defeito é comum a todos os graus maçônicos, por mais cristãos que sejam, pois a respeitabilidade parece uma virtude maçônica mais estimada do que a humildade. Mas, neste grau particular, baseado na crucificação e, de certo modo, simbolicamente reencenando-a em cada iniciado, esse defeito tem um significado especial. Nosso Senhor foi crucificado apenas incidentalmente pela maldade ou traição daqueles imediatamente envolvidos. Ele morreu para pagar o preço de nossos pecados, e dos pecados de todo o mundo, passados, presentes e futuros. Ele morreu para que esses pecados pudessem ser perdoados aos penitentes. Mas ao Maçom do Grau Dezoito não é dada nenhuma pista sobre isso, daí não ser surpreendente que a teologia da expiação seja distorcida e a Paixão tratada como uma espécie de noite escura da alma enfrentada pelo Mestre-Hierofante, e seguida por Seus Iniciados, na busca por iluminação e glória.

A Festa do Amor Fraternal ou Terceiro Ponto é muito semelhante, como o Dr. H. S. Box apontou[21], à Eucaristia Valentiniana descrita na obra gnóstica Pistis Sophia. Tem, é claro, a natureza de um ágape ou festa de amor, em vez de uma Missa ou Comunhão. Não há nada que se aproxime de uma consagração. Contudo, as

142

palavras "Consummatum Est" parecem estabelecer um vínculo com o Calvário, e é difícil ver como um cristão pode estar inteiramente em paz com sua consciência ao participar de tal rito. Nem Irineu, nem Tertuliano, nem nenhum dos Padres envolvidos na luta contra o Gnosticismo teriam tolerado que filhos leais da Igreja participassem de tais mistérios secretos e macabros. Isso não tem nenhuma importância para a Igreja da Inglaterra hoje?

Um Bispo maçom nos graus simbólicos foi relatado dizendo – não sei a quem, nem com que autoridade – "Brinque com o Rei Salomão e seu Templo à vontade, se precisar. Mas vamos deixar nosso querido Senhor fora disso."

Faça cópias e distribua.

---

[1] Ce message VM, entièrement en anglais, présente um capítulo do livro de Walton Hannah, um católico inglês, que em 1954 denuncia a maçonaria e sua conexão íntima com o (pseudo) clero Anglicano. No capítulo XI de seu livro, ele apresenta o ritual do grau Rosacruz. Este trabalho de Hannah vem esclarecer o dossiê Muggeridge.

[2] E então:

§ HANNAH Walton - 1954 - **Christian By Degrees** - Parte **1-6** - Londres Augustine PRESS

§ HANNAH Walton - 1954 - **Christian By Degrees** - Parte **2-6** - Londres Augustine PRESS

§ HANNAH Walton - 1954 - **Christian By Degrees** - Parte **3-6** - Londres Augustine PRESS

§ HANNAH Walton - 1954 - **Christian By Degrees** - Parte **4-6** - Londres Augustine PRESS

§ HANNAH Walton - 1954 - **Christian By Degrees** - Parte **5-6** - Londres Augustine PRESS

§ HANNAH Walton - 1954 - **Christian By Degrees** - Parte **6-6** - Londres Augustine PRESS

[3] **Cf. os três mensagens VM dos 17 de setembro e 02 de outubro de 2007:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[4] **Cf. as quatro mensagens VM dos 15, 18 e 20 de outubro, e 01 de novembro de 2007:**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

[5] Os rituais Rose Croix não são vendidos ao público, embora cópias de segunda mão de edições anteriores estejam razoavelmente disponíveis. Uma versão espúria aparece no *Text Book of Advanced Freemasonry* (Reeves and Turner), mas rituais autênticos são impressos de forma privada para o Supremo Conselho. Uma edição foi impressa em 1951 e, posteriormente, uma Lista de erratas e correções foi publicada, a qual foi incorporada na última edição de 1952. Minha própria coleção inclui esta, e quase todas as edições desde 1876, além de um ritual manuscrito ainda anterior a isso.

[6] Exceto pelo final, esta é a Coleta para o décimo quarto domingo após a Trindade no Livro de Oração Comum.

[7] A música recomendada é a Marcha Mortuária de Handel de *Saul*, mudando para o ar jubiloso de "Sound the Loud Timbrel o'er Egypt's Dark Sea" quando Rafael e o Candidato entram na Sala Vermelha.

[8] *The Origin and Progress of the Supreme Council 33° of the Ancient and Accepted (Scottish) Rite*, por Rev. Arnold Whitaker, Oxford, 1933. O autor foi Grande Capelão do Rito de 1920 a 1948, e ninguém poderia estar em uma posição melhor para fazer afirmações autoritativas sobre sua natureza religiosa.

[9] *Liturgy of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry for the Southern Jurisdiction of the United States of America* (1936) Parte III, p. 173.

[10] *Chapter of Rose Croix Ceremonies*, revisado, 1936. Publicado pelo Supremo Conselho, Jurisdição Sul.

[11] *Liturgy*, pp. 176, 177.

[12] "Toda a natureza é renovada pelo fogo."

[13] "Pelo fogo, o nitrato do orvalho é extraído."

[14] *The Inner Sanctuary*, por Albert Pike, p. 73 e seguintes.

[15] *Proceedings* da Jurisdição Norte, 1877, p. 95.

[16] *True Origin of the Rosicrucian and Masonic Orders*, 1803.

[17] A Nova Enciclopédia da Maçonaria, vol. II, p. 375.

[18] *The Brotherhood of the Rosy Cross*, p. 428.

[19] *A Dictionary of the Bible*, editado por James Hastings, vol. II, p. 186.

[20] *Catholic Encyclopedia*, vol. VI, p. 594.

[21] Em uma carta para o Church Times, 13 de abril de 1951.

Acordo secreto Anglicanos-Roma: a Fraternidade São Gregório Magno

Sexta-feira, 8 de agosto de 2008

Roma negocia secretamente com os anglo-católicos, às escondidas dos pseudo-bispos conciliares da Grã-Bretanha, para preparar a '*reunião corporativa*' da ***High Church*** com o padre apóstata Bento XVI-Ratzinger, um projeto de tipo patriarcal: ***a Fraternidade São Gregório Magno***.

O *Motu Proprio* e um projeto de "***latim em todas as missas***" poderiam ser os suportes para esta reunião em bloco.

Tradução dos artigos de Damian Thompson (*Telegraph*)

Crônica da "*Reunião Corporativa*" dos Anglicanos com a Roma modernista – n°4

Citamos Daniel Hamiche, que menciona conversas secretas entre o anglicano Senhor Burnham, pseudo-"*bispo*" anglo-católico da falsa Igreja da Inglaterra, com os emissários de Bento XVI-Ratzinger, logo antes da reunião do "*Sínodo*" da dita "*Igreja*" em 7 de julho de 2008.

Esse segredo das conversas foi aplicado em direção a dois meios: segredo de Roma em relação à conferência '*episcopal*' conciliar dos '*bispos*' da Inglaterra e do País de Gales, e segredo do Vaticano em relação ao primaz da Comunhão Anglicana, Rowan Williams.

Os '*cardeais*' Levada e Kasper estavam por dentro do assunto. *"Adivinhem quem não estava a par de nada sobre as discussões de alto nível entre os bispos anglicanos e o Vaticano? Os Bispos Católicos da Inglaterra e do País de Gales e seu serviço de assuntos ecumênicos!"* ironiza Damian Thompson, que prossegue: *"**As delegações anglicanas e o Vaticano mantiveram seus intercâmbios em segredo em relação à Conferência dos Bispos**"*

"Entrar na Igreja Católica é a decisão que tomou um número considerável de anglo-católicos da Igreja da Inglaterra, cujo porta-voz é Andrew Burnham, bispo de Ebbsfleet. É seu texto que propomos a vocês conhecer abaixo. Este bispo e pelo menos um de seus colegas, Keith Newton, bispo de Richborough, ambos da província eclesiástica de Cantórbery, estiveram em Roma, poucos dias antes da realização do sínodo geral, para entrevistas secretas com o cardeal Levada, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, e o cardeal Walter Kasper, presidente do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos, entrevistas que ocorreram sem o conhecimento de Rowan Williams, mas também da Conferência dos Bispos Católicos da Inglaterra e do País de Gales... Não se tratava de outra coisa senão sondar as intenções de Roma e discutir as modalidades concretas de um retorno "em massa" de anglo-católicos à Igreja, especialmente em questões litúrgicas – mesmo que muitos anglo-católicos pratiquem a liturgia tridentina.

(…)

O dossiê é difícil – pois trata-se de mais de 100.000 fiéis, centenas de padres e vários bispos... – mas tratado com cuidado por Roma e monitorado de perto por Bento XVI. Pode-se conjecturar que este último não deseja

que se repita o “fracasso” do primeiro retorno a Roma de padres e fiéis anglicanos, em 1992, após a Igreja da Inglaterra ter aceitado a ordenação sacerdotal de mulheres. A pouca disposição – para dizer o mínimo – em acolhê-los da parte dos bispos católicos da Inglaterra e do País de Gales e as lamentáveis liturgias eucarísticas que lhes foram impostas nas paróquias católicas desencorajaram a maior parte que fez retorno a A Igreja da Inglaterra... Um porta-voz do episcopado católico inglês, ainda em choque com a revelação das conversas secretas realizadas em Roma, sentiu-se na obrigação de declarar que não se tratava de um “retorno em massa” de um número tão grande de anglicanos, e que seria mais apropriado proceder caso a caso... Parece-me que Roma tem outra ideia: prelatura pessoal? administração apostólica? Igreja católica de rito particular? As próximas semanas serão determinantes. Ler-se-á com imensa atenção o discurso que o cardeal Walter Kasper proferirá na Conferência de Lambeth, onde está convidado a se expressar... » Daniel Hamiche[1]

Segundo este comentário, os ‘*bispos*’ conciliares estariam se opondo a esta ‘*Reunião Corporativa*’ da parte mais “*conservadora*” da falsa Igreja da Inglaterra.

Na realidade, uma parte dos ‘*bispos*’ conciliares aprova as orientações ultra-liberais dos anglicanos (‘ *ordenações*’ de mulheres, de mulheres “*bispos*”, clero homossexual, etc).

Traduzindo as **informações divulgadas pelo *The Catholic Herald* (jornal conciliar inglês) em 11 de julho de 2008**, Daniel Hamiche expõe as suposições sobre as grandes linhas de um acordo entre Roma e os anglo-católicos para uma ‘*Reunião Corporativa*’.

Na realidade, essas informações do *Herald* provêm de Damian Thompson: ***« Escrevi um artigo no* Catholic Herald *esboçando o que o Vaticano poderia estar preparado para oferecer ao Bispo Andrew Burnham** e seus colegas, para os quais tem a maior consideração. Estou praticamente certo de que as paróquias seriam acolhidas em massa (diferente de 1922), suas chances de conservar seus edifícios dependendo inteiramente da boa vontade da Igreja da Inglaterra. »* Esta é a verdadeira fonte da informação publicada por Daniel Hamiche:

> « Foi ao meio-dia de hoje, quarta-feira, 16 de julho, que se abriu a Conferência de Lambeth que, a convite do arcebispo de Cantuária, “primaz” da Comunhão anglicana, reúne a cada dez anos os arcebispos (à frente de províncias eclesiásticas) e bispos anglicanos de todo o mundo. Esperava-se cerca de 800. Mais de 200 não estarão presentes. A Comunhão anglicana está em crise, assim como a Igreja da Inglaterra. A Conferência de Lambeth deverá continuar seus trabalhos até 3 de agosto. Esta é a décima quarta. Poderá muito bem ser a última...
>
> A decisão do Sínodo Geral – que é o verdadeiro órgão de governo da Igreja da Inglaterra, e no qual os arcebispos e bispos contam apenas com um terço dos votos quando resoluções são votadas –, em 7 de julho, de promover a ordenação episcopal de mulheres sem contraprestação para os anglo-católicos que são hostis a isso – como o foram desde 1994 em relação à ordenação sacerdotal de mulheres –, deixa pouco outro caminho a muitos destes senão o de deixar uma Igreja da Inglaterra que agora decidiu abraçar seu legado protestante e romper o fio tênue que ainda a ligava ao que pensava ser seu legado “católico”.
>
> Alguns altos prelados anglo-católicos previram esta nova deriva, e mesmo a anteciparam. Eu mencionei neste blog os encontros secretos que tiveram em Roma os dois *“bispos voadores”*, Andrew Burnham, bispo de Ebbsfleet, e Keith Newton, bispo de Richborough, da província eclesiástica de Cantuária. O objetivo era sondar Roma *« sobre os meios que lhes permitiriam [retornar a Roma] com seus fiéis »* [2] ou seja, anglo-católicos, pastores e leigos, constituindo uma espécie de "paroquias pessoais", ao estilo anglicano, onde não são admitidos nem as mulheres sacerdotes nem os seus bispos consagradores - ou mesmo simplesmente favoráveis a essas ordenações... " Daniel Hamiche

***The Catholic Herald* revelou em 11 de julho de 2008, o que *CSI-Diffusion* havia antecipado em 5 de julho de 2005, ou seja, 3 ANOS ANTES:**

> *"Roma estaria disposta a conceder uma "administração apostólica", colocada sob a autoridade de um bispo católico, para satisfazer às necessidades pastorais dos pastores e dos paroquianos anglo-católicos. Esta é a solução que Roma já havia encontrado para conceder aos fiéis da diocese de Campos (Brasil)"* Daniel Hamiche, retomando a publicação britânica.

***CSI-Diffusion* havia chamado esse projeto de "*AngliCampos*", que não é senão a aplicação contemporânea do plano revelado pelo beneditino Dom Lambert Beauduin nas conversas de Malines em 1925 (cf. mensagens VM)**[2]. Poderia este estudo ter sido mais premonitório?

E, no entanto, *CSI-Diffusion* foi criticado e difamado por suas informações, cujo cumprimento não demorou mais de três anos para ser constatado!

É um meio de comunicação (controlado pelos infiltrados da FSSPX) que revelou algo sobre o assunto?

Evidentemente não!

Isso explica o sucesso dos meios de comunicação alternativos, como *CSI-Diffusion* e agora *Virgo-Maria*, que dizem a verdade e informam verdadeiramente os fiéis sobre os fatos, e é por essa razão que o padre de Cacqueray(-Celier?) pronunciou o interdito contra VM.

Na realidade, os infiltrados da FSSPX querem absolutamente manter seus confrades sacerdotes e os fiéis na mais total IGNORÂNCIA do Anglicanismo e de sua história, a qual se revela ser, há 180 anos, a ponta fina da destruição Rosacruz da Igreja e de Sua Santa Liturgia, e assim da destruição do sacerdócio SACRIFICIAL católico sacramentalmente válido.

Nenhum estudo importante é publicado sobre este assunto nas revistas da Tradição, como *Le Sel de la Terre* ou *Fideliter*.... !

O bispo à Rosa da Fraternidade, o ex(?)-Anglicano Richard Williamson, zela por isso com um cuidado ciumento!!!

Esta exclusão dos estudos sobre o Anglicanismo assim como sobre as sociedades iniciáticas Rosacruz **se estende além do perímetro da FSSPX, uma vez que NENHUMA outra revista tradicional (*Sodalitium*, etc.) trata da questão** que continua a ser um ângulo cego total.

E Daniel Hamiche detalha **o plano desta nova "*Fraternidade São Gregório Magno*"** que tentaria assumir os bens materiais atualmente nas mãos dos anglicanos (igrejas, paróquias, locais paroquiais, etc.), o que prenuncia uma bela batalha jurídica:

Um certo número de indiscrições cruzadas com precedentes e algumas conclusões lógicas permitem, segundo o semanário britânico *The Catholic Herald* (11 de julho), conjecturar as grandes linhas do acordo-quadro que Roma estaria disposta a conceder aos anglo-católicos. Abaixo, apresentamos os principais pontos, obviamente, sob toda reserva…

1. **Roma estaria disposta a conceder uma "administração apostólica", colocada sob a autoridade de um bispo católico,** para satisfazer às necessidades pastorais dos pastores e dos paroquianos anglo-católicos. **Esta é a solução que Roma já havia encontrado para conceder aos fiéis do diocese de Campos (Brasil)** ligados à liturgia gregoriana o seu uso na plena comunhão da Igreja, com a administração Apostólico São João Maria Vianney. Uma "administração apostólica" é uma verdadeira diocese, mas "virtual" no sentido de que não está limitada a fronteiras territoriais. Se essa é de fato **a solução que Roma propõe aos anglo-católicos**, então ela **corresponde** grosso modo ao que estes pediram no Sínodo geral: **a criação de uma**

nova província eclesiástica – além das duas que já existem, mas abrangendo toda a Inglaterra – e a nomeação de um "super-bispo" à sua frente: o que lhes foi negado. Resta, claro, para o papa a delicada escolha do bispo.

2. **Os antigos anglicanos se reuniriam sob uma égide comum que poderia tomar o nome de *Fellowship of St. Gregory the Great*.** Esta associação, colocada sob a direção do bispo a ser nomeado, reuniria os antigos pastores anglicanos ordenados como sacerdotes católicos. As paróquias destes últimos, abertas a todos, seriam, no entanto, principalmente compostas por antigos anglicanos.

3. **As paróquias desta *Fellowship* ocupariam seus antigos edifícios (igrejas, casas paroquiais, escritórios paroquiais, etc.),** mas isso exigiria uma excepcional boa vontade da Igreja da Inglaterra: uma negociação difícil, mas não impossível, já que as paróquias **– centenas!** – dos *flying bishops* já estão financeiramente "desvinculadas" da Igreja da Inglaterra. » Daniel Hamiche

***The Catholic Herald* revelou em 11 de julho de 2008,** reprisado por Daniel Hamiche, **mencionando um uso do *Motu Proprio* concedido pelo padre apóstata Bento XVI-Ratzinger para seduzir Dom Fellay e a FSSPX,** visando integrar desta vez os anglicanos às ordens válidas. Este *plano sutil do Vaticano*, que instrumentaliza o rito tradicional, poderia se expandir ainda mais de acordo com Damian Thompson, que ecoa uma próxima decisão de Bento XVI-Ratzinger **de impor o latim a todas as (falsas) missas conciliares**: *« O Papa Bento poderia pedir aos padres que recitassem as palavras da consagração em latim em todas as Missas, incluindo aquelas celebradas em vernáculo »*. Isso demonstra a coordenação que existe entre os diversos serviços de Ratzinger, e a realidade do projeto de sedução e ilusão que foi pensado nos bastidores.

Continuemos a tradução do *Catholic Herald* por Daniel Hamiche:

« 4. As antigas comunidades anglicanas que se tornaram católicas poderiam, se assim desejassem, utilizar em parte o *Book of Common Prayer*, mas revisado para uso católico, como já ocorre em sete paróquias, outrora episcopalianas – anglicanas – e agora católicas, nos Estados Unidos. Contudo, na prática, esse pedido não deve ser muito forte. Por outro lado, **será interessante ver – se as coisas ocorrerem bem como se prevê – o uso que essas novas paróquias católicas poderiam fazer do Missal de 1962…**

5. **Os antigos pastores anglicanos devem se submeter a um programa acelerado de estudos que lhes permita ser prontamente ordenados como sacerdotes católicos**. O fato de serem casados não seria um obstáculo à ordenação sacerdotal, mas eles não poderiam – como já acontece nos Estados Unidos – ser "paróquias" de paróquias, mas simples vigários. Em caso de falecimento da esposa, não poderiam se remaridar. Por outro lado, os antigos pastores anglicanos homossexuais praticantes e comprovados não seriam admitidos aos ordens.

6. Os homens leigos ex-anglicanos não poderiam, obviamente, também pretender às ordens se se casassem, o que é evidente para um católico latino, mas não para um anglicano.

7. Por questões de celibato e jurisdição, portanto, não se considera a criação de uma Igreja de rito anglicano "uniata".

Questionado no avião que o levava à Austrália sobre os problemas que a Comunhão Anglicana e a Igreja da Inglaterra enfrentam, que serão debatidos durante a Conferência de Lambeth, Bento XVI, ainda mais cauteloso do que de costume, satisfez-se em responder de forma lacônica: *«Não podemos e não devemos intervir **imediatamente** em suas discussões, respeitamos sua responsabilidade»*. Portanto, deixar o tempo passar. Mas não muito. A questão não é mais hoje saber ***se*** Roma vai receber no aprisco da Igreja una, santa, católica e apostólica, os anglicanos que batem à sua porta, mas ***quando***… Alguns observadores falam da possibilidade do anúncio de tal retorno e da criação de uma estrutura apropriada no próximo dezembro. Por que em dezembro? Porque é provavelmente nessa data que Bento XVI pode proclamar bem-aventurado o venerável cardeal John Henry Newman, o anglicano mais célebre que retornou a Roma!

Daniel Hamiche

(que espera ter respondido em parte ao comentário de vivelechristroi de 13 de julho)

[1] Hoje soube que, além desse encontro secreto – cujos detalhes já começam a ser conhecidos – um outro encontro – ainda mais secreto! – também ocorreu em Roma – antes ou depois do que menciono – entre bispos diocesanos anglicanos e altas autoridades da Cúria. É pouco provável que tenha sido nesse caso uma negociação visando um retorno a Roma, mas mais prosaicamente para sondar – na nova situação da Igreja da Inglaterra – as chances de continuidade do diálogo ecumênico. Não se sabe nada mais.

[2] O que os bispos católicos da Inglaterra e do País de Gales não querem. Mas parece que Roma finalmente decidiu(– finalmente! –) passar por cima deles para não repetir os erros da década de 1990. Esta é a razão pela qual a Conferência dos bispos católicos não foi nem mesmo informada sobre essas negociações. É preciso dizer que no mesmo dia em que o Sínodo geral deu seu "sinal verde" para a ordenação episcopal de mulheres, uma decisão crucial e gravíssima, mas sobre a qual a Conferência dos bispos católicos manteve um silêncio… ensurdecedor – nenhum comunicado em seu site desde 7 de julho… – esta última, em conjunto com a Igreja da Inglaterra, publicou uma "apresentação conjunta" sobre um relatório da OFCOM – a autoridade britânica para telecomunicações – sobre o futuro da televisão na Grã-Bretanha e os riscos da revolução digital!" Daniel Hamiche [3]

A realização do plano exposto em 1925 pelo Cardeal Mercier e redigido pelo beneditino Dom Beauduin, um dos pais do ecumenismo, está, portanto, em vias de realização em 2008. Isso mostra a continuidade e a perseverança da ação da **revolução clerical.**

Essa ação quase centenária deve ser meditativa para os católicos resistentes que desejam resultados rápidos em sua luta.

São nossos inimigos, eles próprios, que, por seu método e zelo, nos dão uma lição de perseverança e de capacidade de trabalhar a realidade, avançando em pequenos passos, até a hora do triunfo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Continuemos a boa luta.

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 virgo-maria.org

Tradução das crônicas[4] de Damian Thompson em seu blog 'Holy Smoke' do *Telegraph*

Os Bispos Católicos liberais mantidos na ignorância das conversas secretas

Segunda-feira, 7 de julho de 2008, 12h48 GMT [Geral]

Adivinhem quem não sabia de nada sobre as discussões de alto nível entre os bispos anglicanos e o Vaticano? Os Bispos Católicos da Inglaterra e do País de Gales e seu serviço de assuntos ecumênicos!

Fiquei sem fôlego ao ler este parágrafo no relato de Ruth Gledhill: "O movimento em direção a um compromisso ocorreu enquanto um padre católico romano expressava dúvidas sobre supostas consultas de alto nível que teriam ocorrido entre bispos da Igreja da Inglaterra e oficiais do Vaticano em Roma. Dom Andrew Faley, responsável pelo ecumenismo junto aos 22 bispos católicos da Inglaterra e do País de Gales e observador católico no Sínodo Geral, afirmou que nenhuma informação lhe havia chegado, nem a seus bispos, sobre tal encontro, embora reuniões informais ocorram regularmente entre bispos e membros leigos das duas igrejas."

Assim, estávamos certos desde o início. As delegações anglicanas e o Vaticano mantiveram suas trocas em segredo em relação à Conferência dos Bispos (embora não necessariamente em relação ao Cardeal Murphy-O'Connor). E quem pode culpá-los?

Não se trata apenas de uma questão de falta de simpatia entre os bispos católicos e os anglo-católicos: um dos bispos diocesanos católicos romanos é a favor de sacerdotes e bispos mulheres. Os tradicionalistas anglicanos não podem confiar em um bispo católico que poderia denunciá-los a Rowan Williams. É por isso que a hierarquia católica romana liberal foi - de maneira bastante justa - mantida na ignorância.

Um Bispo da Igreja da Inglaterra conduzirá os Anglicanos a Roma

Terça-feira, 8 de julho de 2008, 16h30 GMT [Geral]

O *Catholic Herald* revelará esta semana que o Bispo de Ebbsfleet, o Muito Reverendo Andrew Burham, deve conduzir seus amigos anglo-católicos da Igreja da Inglaterra para a Igreja Católica Romana.

O Bispo Burnham, um dos dois "bispos voadores" da província de Canterbury, declarou que pedirá ao Papa Bento XVI e aos bispos católicos ingleses "gestos magnânimos" permitindo que os tradicionalistas se tornem católicos em massa.

Ele está convencido de que isso acontecerá, após as conversas em Roma com o Cardeal Levada, chefe da Congregação para a Doutrina da Fé, e o Cardeal Kasper, chefe do ecumenismo no Vaticano. Ele foi acompanhado em sua visita pelo Rev. Keith Newton, Bispo de Richborough, o outro "bispo voador" de Canterbury, de quem se espera que siga seu exemplo.

O Bispo Burnham espera que Roma proponha disposições especiais pelas quais os ex-anglicanos poderão permanecer em suas paróquias sob a direção de um bispo católico. A maioria dessas paróquias já utiliza a liturgia romana, mas pode haver acomodações para orações anglicanas se as igrejas o solicitarem.

Os pastores anglicanos já casados não serão impedidos de serem ordenados; no entanto, o Bispo Burnham não poderá continuar sob o episcopado, dado que ele é casado e há uma proibição absoluta para bispos casados nas Igrejas romanas e ortodoxas.

Em sua declaração, o bispo Burnham explica por que rejeita o código de prática oferecido aos tradicionalistas pelo Sínodo Geral na noite passada. "Como poderíamos acreditar que um tal código de confiança possa oferecer uma eclesiologia viável quando todas as nossas sugestões foram ignoradas?" ele pergunta.

"Como poderíamos confiar em um código de prática quando aqueles que o propõem incluem aqueles que mais fizeram para minar e tentaram revogar o código de prática em uso nos últimos 14 anos?"

"O que podemos humildemente pedir neste momento são gestos magnânimos de nossos amigos Católicos, especialmente do Santo Pai, que compreende bem nosso desejo de unidade, e da hierarquia da Inglaterra e do País de Gales. A maioria de nós está buscando maneiras de trazer os nossos conosco."

A Fraternidade de São Gregório Magno

Quinta-feira, 10 de julho de 2008, 10:44 AM GMT [Geral]

A Fraternidade de São Gregório Magno é o nome provisório da organização dos padres Anglicanos que planejam trazer suas ovelhas consigo quando se tornarem Católicos Romanos.

Os Anglicanos liderados pelos Bispos "voadores" de Ebbsfleet e Richborough esperam que Roma conceda à nova entidade um reconhecimento formal - talvez como "administração apostólica" supervisionada por um bispo católico.

Eu escrevi um artigo no Catholic Herald esboçando o que o Vaticano poderia estar disposto a oferecer ao Bispo Andrew Burnham e seus colegas, pelos quais ele tem a maior consideração. Estou quase certo de que as paróquias seriam acolhidas em massa (ao contrário de 1922), suas chances de conservar seus edifícios dependendo inteiramente da boa vontade da Igreja da Inglaterra.

Muitos pastores Anglicanos podem esperar se tornar padres Católicos Romanos após um período relativamente curto - haverá um período de estudo acelerado. Ser casado não deve ser um problema, ser abertamente gay constituirá uma barreira intransponível.

Mas o Papa tem um interesse particular nesta questão, e considera as perspectivas de um aporte de Anglicano-Católicos como um presente de Deus para uma Igreja ampliada. Suponho que os bispos encarregados da Igreja da Inglaterra serão muito flexíveis. Afinal, eles suplicaram ao sínodo que oferecesse salvaguardas adequadas aos oponentes das ordenações de mulheres na segunda-feira, e o Sínodo respondeu que eles estavam se perdendo.

O Latim em todas as Missas?

Sexta-feira, 4 de julho de 2008, 11:54 AM GMT [Geral]

Aqui está um boato empolgante (veja: Padre Z). O Papa Bento pode pedir aos padres que recitem as palavras da consagração em Latim em todas as Missas, incluindo as Missas celebradas no vernáculo.

Sua intenção seria evitar uma interminável controvérsia sobre a consagração do vinho - o Sangue de Cristo, como acreditam os Católicos. A tradução em Inglês comum inclui a frase "…que será derramado por vós e por todos, em remissão dos pecados." ("...which will be shed for you and for all men, so that sins may be forgiven"). Mas o Latim original (baseado no Grego de Mateus e Marcos) diz *pro multis*, cuja tradução literal é "para muitos". A Wikipedia fornece uma boa relação dos debates acalorados que a tradução dessas palavras em muitas línguas provocou.

O que se resume a: Cristo morreu por todos os homens ou por muitos? O último julgamento de Roma é que "por todos" não é uma tradução literal de pro multis*, mas sim uma "explicação" da relação do Evangelho. O ensinamento católico é que Cristo morreu por toda a humanidade sem exceção, mas que nem todos serão salvos no final.

Se as palavras da consagração são sempre recitadas em latim no Rito Romano, então, embora o problema persista, não permanece mais na oração eucarística. Como eu disse, isso é apenas um rumor, mas me parece uma solução hábil. Os liberais não aprovariam, isso é evidente, porque isso significaria ouvir a maldita língua latina e na mais maldita das liturgias solenes.

© 2008 virgo-maria.org

---

[1] http://www.hommenouveau.fr/medias/fichier/Le_Tibre_et_la_Tamise.pdf

[2] http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos-Radical%20Orthodoxy-bibliography-2004-06-1.pdf

[3] http://www.hommenouveau.fr/index.php?id_billet=64

[4] http://blogs.telegraph.co.uk/damian_thompson/?num=30&pg=2

Debate dentro do Rabinato sobre a posição em relação à igreja conciliar

Sexta-feira, 8 de agosto de 2008

[1]

Uma carta aberta em março de 2008 do **Rabino Brand ao Rabino Bernheim**, recentemente eleito para a liderança do consistório em Paris, e autor de uma obra[2] dialogada ("*O rabino e o cardeal*") com o pseudo " *cardeal*" "*Primaz das Galhas*", Senhor Barbarin.
É significativo que o Rabino Brand se refira à "***nova Igreja***" no que diz respeito à igreja conciliar.

??"?

Carta aberta ao Rabino Gilles Bernheim[3],

Brand Yéhiel Paris, Março de 2008

Li com muita atenção a obra que você escreveu com o cardeal Philippe Barbarin, *O rabino e o cardeal[4]*. Suas posições sobre vários assuntos me chamaram a atenção e apresentam problemas, por isso desejo desenvolver uma série de observações sobre este livro. Esta abordagem crítica se alinha, afinal, à sua[5], especialmente porque você declara que **pertence à escola dos fariseus**[6].

As reflexões que o levam hoje a favorecer um aproximamento com o mundo cristão, assim como sua ***reivindicação de uma participação da Igreja e da Sinagoga em uma luta comum para agir pelo respeito e eficácia das leis da civilização,*** são conformes à interpretação de nossos Sábios?

Mesmo que sua preocupação sobre uma *desjudização de muitos judeus* não possa deixar de encontrar minha aprovação, esse estreitamento íntimo é útil e prudente?

Proponho que examinemos questões essenciais, sobre as quais não podemos deixar qualquer ambiguidade:

1) A legitimidade de uma *re-judaização* por *um ensino cristão*.

2) A *reinserção de Jesus* como *companheiro do judaísmo*, sem levar em conta a cristologia.

3) A definição judaica da ideia herética.

4) O Messias e o messianismo.

5) A Ressurreição, a Eucaristia, o cristianismo como religião *revelada*.

6) A posição atual da Igreja sobre as leituras bíblicas, e a utilidade do diálogo.

7) Os cristãos fazem parte do povo eleito?

8) Os 'Houkims e a intenção para as mitsvot.

1) A legitimidade de uma *re-judaização* por *um ensino cristão*

Você se preocupa com a descrença que ameaça desjudizar muitos judeus (p. 107), preocupação que compartilho. Concordo com sua afirmação de que um judeu deve sempre encontrar novos recursos intelectuais e espirituais, através da confrontação com um *outro* que o questiona[7], a fim de romper suas rotinas[8] e aprofundar suas próprias convicções. Mas segundo você, parece indispensável que esse *outro* venha de fora de nossa tradição, neste caso, um *irmão católico[9]*. Para minha parte, não penso que esse desvio seja necessário, o questionamento de um irmão judeu pode provavelmente ser suficiente[10], enquanto um aspecto específico surgirá com o *irmão católico*, devido à sua vontade, consciente ou não, de me transmitir sua leitura da religião. Você não parece temer essa deriva e deseja até ardentemente que os judeus *ouçam um ensinamento cristão[11]*.

Nossos Mestres, por outro lado, quando se debruçam sobre o cristianismo, afirmam que se trata, ao contrário, de **refutar seus ensinamentos**[12]. De fato, várias centenas de discussões entre cristãos e nossos rabinos, relatadas no Talmud e no Midrash de forma concisa, contêm objeções pertinentes[13].

Além disso, os Sábios estabeleceram uma **barreira** a esse respeito, afirmando que não se deve estudar o cristianismo para aprofundar o conhecimento em Torá, "com medo de ser mordido pela serpente"[14]. O Rabino Eliezer lamenta amargamente ter sentido prazer em um *"hidouch'* que um adepto de Jesus relatou em nome de seu Mestre[15].

Você diz ter aberto os Evangelhos pela primeira vez aos vinte anos, durante os 18 meses de seus estudos em Jerusalém em uma escola talmúdica, e descreve seus sentimentos, suas reticências e seus medos[16]. Seu pai nunca pronunciou a palavra *Jesus* (p. 29), assim como os outros judeus crentes que se afastavam do cristianismo, e a razão essencial desse tabu era, segundo você, **o medo *da conversão e da perseguição***[17]. **Ora, esse risco estaria hoje ultrapassado**[18].

Antes de você, outros raciocinaram dessa forma, e o resultado não foi muito conclusivo. Na realidade, nem eles, nem você consideraram o risco do relacionamento com os cristãos sob a perspectiva da **preocupação com as conversões**, sem que houvesse precisamente qualquer perseguição. A história confirmou amplamente que as conversões sem coação ocorreram, infelizmente, assim como acontecia com os fiéis de M. Mendelssohn e milhares de outros. Assim, há dois séculos, na Europa ou nos Estados Unidos, **muitas foram as conversões**, ou ao menos o abandono das mitsvoth, sem que tivessem sido consequência de perseguições. Isso aconteceu frequentemente no passado com pessoas sem instrução, e mesmo com uma figura de destaque da antiguidade[19].

De fato, parece que o Talmud não menciona a proibição de *transpor a barreira* e de se relacionar com os cristãos *por medo de perseguições*, mas sim por causa da **natureza *sedutora* que essa nova fé poderia exercer sobre os judeus**[20].

O problema é que, em um impulso, autêntico ou disfarçado, de reconsiderar os deveres do coração[21] e o amor ao próximo como núcleo central do judaísmo, e ao colocar ênfase exclusiva no *Deus de amor[22]*, o cristianismo permite aos judeus suavizar a prática do judaísmo e os inclina a se desfazer do jugo das mitsvoth, enquanto se consideram em sintonia com a tradição de seus pais.

O relacionamento com os cristãos abre, assim, o caminho para casamentos mistos, por identificação com valores fundamentais, ou para o abandono das mitsvoth por outras razões, como profissionais. Para outros, mal-amados ou arrivistas, sua conversão lhes trará a esperança de honra, uma vez que o mundo cristão muitas vezes concede altas distinções aos transgressores.

As referências também estão confusas, tornando indistinto a clivagem maior e definitiva, que obriga os judeus a cumprir o que são. Alguns, buscando simplesmente fazer parte da sociedade ao redor, sem sofrer qualquer estigma, se posicionariam facilmente em uma forma de legitimidade.

2) A *reintegração de Jesus* como *companheiro do judaísmo*, desconsiderando a cristologia

Para você, o afastamento dos judeus do cristianismo e de Jesus foi principalmente um efeito da cristologia, que fez de Jesus um personagem celestial. Hoje, **após Auschwitz,** a Igreja, tendo-o *re-humanizado,* os judeus poderiam assim reintegrá-lo como *companheiro do judaísmo[23].* Assim, *tudo o que a alma humana possui de força espiritual estava em Jesus, elevado a um grau de intensidade desconhecido em qualquer outro.* Jesus teria interpretado a Torá de acordo com as regras rabínicas de forma que nenhuma autoridade rabínica pudesse considerá-lo herege (p. 106). Segundo você, a culpa recai sobre a Igreja (e não sobre Jesus), que quis desapossar os judeus da Torá[24].

Várias possibilidades se apresentam para nós formarmos uma imagem de Jesus, que viveu há mais de dois mil anos. **Ou nos referimos ao testemunho do Talmud, ou ao dos Evangelhos.** Ou abandonamos essas duas abordagens e inventamos **uma visão pessoal**:

- No que diz respeito ao Talmud, ele desmente claramente suas afirmações. Para ele, *Jesus perverteu os judeus com heresias[25]*. Relata ainda que os rabinos da mais prestigiosa academia talmúdica da Babilônia desejavam a seu mestre que não houvesse entre seus filhos ou alunos alguém como esse Jesus, que *queimava sua comida em público.* Isso quer dizer que ele ensinava heresias[26]. O Talmud[27] testemunha que os rabinos o conheciam bem: em sua juventude, seu mestre *o excomungou com 400 sons de chifre de carneiro[28]*; e mais tarde, eles o condenam, como a Torá estipula, à apedrejamento e enforcamento. Agora, os únicos casos em que ela prescreve o enforcamento são idolatria e blasfêmia[29].

Supondo que não encontremos nada nos Evangelhos que corrobore as afirmações do Talmud, **acredito que você se apoiaria facilmente nas opiniões dos Doutores do Talmud, devido à sua busca pela verdade, à precisão de seu testemunho, ao valor de cada palavra e de cada vírgula. Paralelamente, você reconhece o baixo valor dos testemunhos dos Evangelhos[30].**

É possível que, ao escrever este livro, você não tenha em mente esses textos talmúdicos. É também possível que preferisse ignorar esses testemunhos do Talmud, a fim de não colocar mais lenha na fogueira e não incitar os antissemitas que acusam os rabinos de tê-lo condenado e executado; assim, **os judeus na Idade Média foram reduzidos a uma atitude de contenção.** Devo então deduzir que você pensa **não poder dialogar com franqueza**, considerando seus interlocutores incapazes de revisar seus preconceitos dignos de outra era? E, no entanto, você defende a opinião de que uma nova era entre judeus e cristãos começou.

- Vamos agora examinar a maneira como, segundo os Evangelhos, os judeus contemporâneos de Jesus consideram a figura dele. O que se lê manifestamente é que os Sábios, assim como a maioria do povo judeu, consideram suas palavras como **blasfematórias**[31]. Muitos o consideram como um **louco**, um **possuído** [32]. Sua própria família não acredita nele[33]. Somente a *população, que não conhece a Lei*, tem fé nele[34]. Seus maiores discípulos são analfabetos[35]. Os chefes dos Cohanim, assim como os fariseus, consideram-no um impostor[36].

Por sua parte, Jesus se identifica sem dúvida como um profeta judeu, e mesmo o maior entre eles. Mas você admite, no entanto, que a "método" de Jesus é contraditório com a tradição judaica. Quando você pergunta: *O que na pregação de Jesus poderia chocar os judeus praticantes, respeitosos da tradição, como eram os fariseus?* (p. 121), você responde: «*Para os fariseus, essa autoridade era essencialmente percebida através da lei e seus preceitos, mesmo que a experiência religiosa, espiritual e até mística seja consubstancial à prática dos rituais. Para Jesus, ao contrário, a autoridade de Deus era sentida em uma experiência imediata»[37]*.

De acordo com a tradição farisaica, essa *experiência imediata* não pode, sem o intermédio da Lei, ou seja, dos próprios Doutores, emanar de Deus. E é evidente que um profeta não pode estar em contradição com os ensinamentos dos Sábios. Assim, à luz da leitura judaica da Bíblia, você sabe muito bem que suas *profecias* são ilusões. Você deve, então, aderir à convicção dos fariseus, que não podiam aceitá-lo como profeta[38]. E

como já indiquei no início desta carta, você se reconhece como parte dos fariseus.

Parece, então, que você precisa tirar as consequências e compartilhar a opinião desses judeus da época, para quem ele é simplesmente um **falso profeta**, ou que o consideram um **insensato**. Você talvez devesse ter respondido ao seu interlocutor: Aquele que se declara profeta e não é, comete um sacrilégio imperdoável e merece efetivamente a morte, conforme a sentença da própria Torá (Deut. 13,6).

No entanto, você não parece concordar com a acusação de blasfêmia contra ele, e a justificativa de sua condenação à morte pelos judeus, embora vistos pelos Evangelhos e pelo Talmud. Por que, então, você não adota essa lógica? Por mera diplomacia? Por que você julga que o Talmud, assim como os judeus representados pelos Evangelhos, foram inconsequentes e injustos?

O **ponto crucial** é que se você não adere à ideia da dimensão *celestial* de Jesus, você deve necessariamente, devido ao próprio discurso dele, admitir que as expressões atribuídas a ele pelos Evangelhos[39] testemunham que ele sofria de um **delírio de reconhecimento**. Quando você atribui a Jesus *forças espirituais extraordinárias*, você então considera que seu caso não é realmente patológico. Se ele é uma força espiritual, não está doente, uma vez que a doença é um transtorno e uma fraqueza. Mas a maneira como você vê seu caso: *Tudo o que a alma humana possui de força espiritual estava, em Jesus, levado a um grau de intensidade desconhecido em qualquer outro,* não se alinha nem um pouco com a justificativa judaica, que vê legitimamente nele um **puro estado de transtorno mental**[40].

Para construir a imagem que você lhe atribui, você nega de fato os testemunhos do Talmud, assim como as representações dos Evangelhos. Mas você pode se abstrair, sem se dar conta, ou sem aviso, da posição dos próprios fariseus? A operação não lhe parece extremamente perniciosa, e sob a fachada de abertura e diálogo, não fere o ensinamento legado por nossos Sábios?

3) A definição judaica da ideia herética

Como observamos acima, você pensa que, segundo as regras rabínicas, nenhuma autoridade judaica pode declarar as palavras e atos de Jesus, assim como são relatados nos Evangelhos, como heréticos. O que entendemos por *heresia*?

De acordo com a tradição dos rabinos fariseus que você afirma seguir, Moisés escreveu que o Pentateuco na sua totalidade, ditado por Deus, que também lhe explica o significado do texto: é a *Mishná*. Sem ela, nenhuma mitzvá poderia ser aplicada corretamente. Por exemplo: Deus dita a Moisés que escreva as palavras: *coloquem filactérios entre os seus olhos*, e Ele lhe explica que os filactérios são caixas quadradas, feitas de pele de animais kosher. Dentro dessas caixas estão pergaminhos, nos quais aparecem certos trechos do 'houmach, e essas caixas serão amarradas com tiras pretas, colocadas sobre a testa. Moisés transmite a mitzvá ao povo e ela é aplicada por todo o povo. O mesmo esquema se aplica a todas as mitzvot. Essas tradições formam a maior parte do corpus judaico. A imensa maioria dos detalhes da lei oral transmitida tem um apoio no texto, alguma alusão: é o drach, a hermenêutica. Deus também transmite as regras do drach a Moisés, e este escreve ainda que as leis da Torá, escrita ou oral, assim como as regras hermenêuticas, não podem ser abolidas, nem mesmo por um profeta.

Embora as turbulências políticas, um século antes e depois da destruição do segundo Templo, provoquem controvérsias sobre alguns detalhes da lei, e seja difícil reunir todos os rabinos para decidir os debates, é fundamental reconhecer que os temas controversos dizem respeito apenas a detalhes em torno dos limites da lei. Em sua maior parte, nenhuma dúvida verdadeira nunca surgiu.

Após o exílio das dez tribos, o rei assírio instala em Shomron povos não judeus vindos de Coute [46] e lhes designa um Cohen que os inicia ao judaísmo de forma superficial[47]. O Tribunal de Esdras decreta a separação entre os judeus e esses povos[48]. Alguns judeus, provavelmente aqueles que frequentavam esses samaritanos, elaboram então teses para pôr em dúvida a própria tradição: a Torá não teria sido escrita por Moisés em sua totalidade, não foi Deus quem a ditou a ele, a lei oral não seria mais do que a obra dos

rabinos, que também teriam inventado as regras hermenêuticas. Tudo se torna, portanto, sujeito a discussão, modificação, adaptação. **Os rabinos farisaicos** e a grande maioria do povo sabem que essas novas teses são fundamentalmente falsas e as consideram heréticas [49].

Após este pequeno prelúdio, consideremos o que vocês escrevem, a saber, que nenhuma autoridade pôde estabelecer os sermões de Jesus como heresia: "*Para Jesus, como para todo judeu crente, a Bíblia hebraica é a única Escritura sagrada. E nós a interpretamos, ele como nós, segundo as regras rabínicas - sendo entendido que cada frase da Bíblia, como diz o Talmud, é suscetível de setenta interpretações, e que não há nenhuma autoridade judaica para dar valor de dogma a uma única exegese e taxar de heresia as sessenta e nove outras*" (p. 106).

Gostaria de chamar sua atenção para o fato de que as setenta interpretações não dizem respeito à prática da lei; esta está sujeita a **regras estritas**, como demonstramos. **Refusá-las é, de fato, uma heresia**. Como relatamos, os rabinos do Talmud acreditam que Jesus recusa algumas delas. Os Evangelhos parecem até confirmar isso. De fato, vemos que Jesus justifica uma transgressão do Shabat, embora não haja perigo de morte[50]. Embora a ignorância sobre a diferença entre a situação de um perigo ou não não seria propriamente uma heresia, mas antes a marca de um *'am ha'aretz*, um inculto, por outro lado, sob o manto da "profecia", a recusa dessa distinção torna-se, por sua vez, uma perfeita heresia [51].

Ora, essa segunda hipótese é confirmada[52], na medida em que Jesus justifica seu poder de modificar a lei do sabá sob o pretexto de que ele é **o *filho do homem*, expressão recorrente em sua boca para afirmar que ele é o profeta e até mesmo o messias.**

Os Rabinos o conhecem e sabem em que espírito e em que contexto essas palavras, e muitas outras citadas nos Evangelhos, são proferidas. Eles o rejeitam, sabendo sem dúvida que ele se tornará uma referência de todos os movimentos desviantes.

Você indica (p. 112) que, apesar de suas expressões *nada do que penetra no homem pode torná-lo impuro*, ou ainda, *o Shabat foi feito para o homem e não o homem para o Shabat*, Jesus não aboliu, no entanto, sua prática religiosa. Isso nos leva a uma observação: pode-se praticar o judaísmo, ao mesmo tempo que se é o instigador, ou o catalisador, dos movimentos que buscam depois destruí-lo. Apreciamos, então, a capacidade de antecipação dos Rabinos contemporâneos a Jesus.

Vamos ainda nos debruçar sobre suas citações a respeito dos saduceus, dos fariseus e de Jesus: «*Jesus acompanha e apoia seu povo, vendo-o abandonado, sofrendo e sem acesso à cultura ou aos bens materiais. Rejeitando certos fariseus e os saduceus que não se preocupam com as classes populares, Jesus torna-se o defensor, em nome da lei, dos pobres, dos oprimidos e dos marginalizados*» (p. 190).

O fato de que os saduceus não se preocupem com as classes populares é um fato estabelecido por Flávio Josefo e pelo Talmud. Quanto aos Rabinos fariseus, os *Tanaïm*, que suas memórias sejam abençoadas, pode-se ler: «*O homem não dirá: ama (ajuda, aproxima, busca o bem-estar) os rabinos e odeia (priva de ajuda, não busca o bem-estar) os alunos, ama os alunos e odeia os ignorantes e analfabetos, mas: ama a todos e odeia somente os traidores e os hereges, que te desviam de tua religião*»[53].

Flávio Josefo testemunha que os Rabinos aplicavam esse conselho. Eles apoiam o povo, e este os ama, se apega a eles e os admira por sua erudição e seu comportamento admirável e humano[54]. O Talmud está repleto de testemunhos nesse sentido. Na verdade, os Rabinos faziam o impossível para que o povo tivesse acesso à cultura e ao bem-estar material, apesar das condições difíceis devido aos crimes dos déspotas – judeus, meio-judeus ou não-judeus – **ajudados pela clique dos saduceus.**

Quanto à sua visão calorosa sobre Jesus, você é forçado a se apoiar nos testemunhos dos Evangelhos[56]. O Talmud[57], por sua vez, parece apenas estipular que Jesus não quer que as nações maltratem os judeus, mas que ele busca, segundo sua maneira de pensar, o bem deles.

Finalmente, sua análise e descrição de Jesus sugerem que você acredita que ele é um personagem histórico, e não apenas a imagem idealizada que os Evangelhos propõem. Mas o problema é duplo: de um lado você não leva em conta o testemunho de nossos Mestres e parece torná-los inexistentes, e por outro lado você concede um **grande crédito à representação cristã. Por fim, mostramos que mesmo nessa hipótese,** o judaísmo rabínico considera bem a figura como um herege.**

4) O messias e o messianismo

Sobre este assunto, é lamentável que algumas de suas respostas não tenham sido inequívocas. À pergunta fundamental do porquê os judeus não reconheceram Jesus como seu Messias, você responde: «*Porque no judaísmo, nunca houve uma ruptura entre Deus e a humanidade, ruptura que exigiria uma mediação, um terceiro entre o homem e Deus...* (p. 130)».

Seria apropriado responder de maneira franca[58], como os judeus de todos os tempos, a exemplo do Rambam[59], do Ramban[60] e todos os outros Richonim, assim como o rabino Choucroun[61] corajosamente formulou. Ou seja, que o messias reinará em Jerusalém, com o Templo reconstruído, que os judeus cumprirão toda a Torá, tal como Moisés a legou, e como os rabinos fariseus a transmitiram. **Uma vez que Jesus não cumpriu essas profecias, ele obviamente não é o messias.**

Ainda se lhe pergunta[62] o que representa o messianismo em sua religião e qual a sua visão sobre a noção de misericórdia. Após uma pequena explicação sobre a misericórdia, você chega ao messianismo: «*Para alguns cabalistas, a misericórdia por vezes se confunde com a graça e não está sem ligação com o messianismo. Um messianismo então não concebido como a expectativa de uma apoteose que se daria ao fim de um tempo linear e contínuo, mas como uma possibilidade, uma espécie de graça dada a cada instante do tempo - do advento do novo. Nesse sentido, o instante adquire uma qualidade messiânica. Para os judeus, cada segundo então se torna a porta estreita pela qual pode entrar o messias*».

Esta resposta assemelha-se a uma evasiva e não responde ao cerne da questão.

À pergunta de como conciliar o amor pela vida e a espera pelo Messias, você responde: «*Tudo depende da ideia que se tem sobre a expectativa do Messias. Um Mestre do 'hassidismo, rabbi Meïr de Przemyshlan, não falava dos sinais anunciadores da vinda do Messias em termos de catástrofe ou apoteose. Ele via como um tempo que não tem nenhuma realeza a restaurar, nenhum trono a restaurar, nenhum título de propriedade a reivindicar, um tempo que não esconde espada no dobrar de sua túnica! Sua função não é opor força à força, mas sim substituir o triunfo dos mais fortes pela dúvida e pela precariedade, torcer o pescoço à eloquência e à boa consciência dos vencedores. Este tempo que, segundo ele, anuncia a vinda do Messias expressa a seu modo a dúvida sobre as verdades absolutas e a dúvida sobre si mesmo… É na vida plenamente vivida, na história que continua a ser feita que se prepara a vinda do Messias.…* (p. 143)».

Este texto descreve o «como viver a espera pelo messias», mas é inegável que este mestre acredita na definição tradicional do messias, à semelhança de todos os Mestres que o antecederam.

Quanto à questão de saber se o messias opõe força à força, parece verdade que o messias não usa as mãos[63], e está estabelecido que ele reina com seu espírito e sua boca[64]; ele pode usar a força[65] se a situação exigir, contra nações que viessem à terra de Israel para expulsar os judeus[66].

Sua opinião sobre os atos e a fé na época do messias certamente surpreenderá.

Vamos apresentar, então, duas concepções:

A) **Na época do messias**, os judeus e os não judeus não aplicarão as mesmas ações: os judeus tudo o que a Torá lhes prescreveu[67], através da inteligência profética[68], e **os não judeus as 7 mitsvot e seus derivados**[69]. Esta é, sem dúvida, a opinião dos rabinos fariseus.

B) **O mundo inteiro aplicará uma única religião, uma espécie de sincretismo**.

E aqui está o que você escreve: «*Se nos fosse permitido falar com toda reverência da intenção divina que aparece na educação religiosa da humanidade, não poderíamos dizer que as duas religiões eram talvez necessárias para o cumprimento dessa intenção? Mantendo-nos sempre dentro dos limites desse plano, poderíamos dizer que o judaísmo e o cristianismo têm seu lugar na obra de elevação e espiritualização da humanidade: o cristianismo, como agente imediato dessa obra, o judaísmo, para salvaguardar elementos religiosos que deveriam encontrar sua aplicação «quando a multidão dos gentios entrasse», em outras palavras, quando o mundo estivesse pronto para recebê-los (P. 246)*».

Quais são esses *elementos religiosos* do judaísmo que *encontrarão sua aplicação* no futuro, e por quem eles serão encontrados?

Se se trata das mitsvot próprias do judaísmo, então elas só serão aplicadas pelos judeus, e isso sem esperar pela época em que *o mundo estará pronto para acolhê-los*.

Se se trata ainda das *mitsvot* universais que o cristianismo não integrou e que só são preservadas dentro da lei judaica, então por que você reduziu o *judaísmo* ao simples status de *salvaguarda* desses *elementos?*

Quanto à necessidade do cristianismo no desígnio divino, os judeus consideram que um de seus aspectos foi dado por Deus, que Ele prescreveu a todas as nações, através de Adão, Noé e Moisés. Os outros domínios, que Jesus e Paulo adicionaram, não vêm de Deus, e não é seguramente porque uma categoria de indivíduos não aceitou uns sem os outros que nos seria permitido afirmar o *cristianismo* como *necessário*.

E isso é também verdade para a fé, eu cito você: «*Sua responsabilidade[70] para a humanidade se resume ao exemplar da maneira como ele testemunha sobre Deus e Sua Torá, sem que isso exija a conversão da humanidade à sua fé (p. 274)*».

Você não acredita que **os não judeus devem se converter à *fé* dos judeus**[71], como foi estabelecido *halakhicamente* por nosso Mestre de Fostat[72], ou você adere às ideias do marrano de Amsterdã?

5) A RESSURREIÇÃO, a Eucaristia e o cristianismo como religião *revelada*.

Você escreve (p. 153): «*A ideia de ressurreição ganha todo o sentido na época de Jesus. Pois desde o tempo dos Macabeus, a grande questão metafísica para muitos judeus era saber por que tantos judeus fiéis à Torá eram assassinados e martirizados... É em resposta a essa questão lancinante que a crença na ressurreição daqueles que morreram mártires, na santificação do Nome divino, surgiu no judaísmo e ganhou uma força particular... Mas o cerne da controvérsia reside no fato de ter apresentado a Ressurreição como o ato decisivo, escatológico de Deus como o evento inaugural do estabelecimento da nova ordem do reino de Deus. Numa tal perspectiva, ainda estamos no tempo da A história"?

É evidente que a ideia da ressurreição não está ligada aos mártires. Deus a ensina a Moisés, os textos do Houmach e dos profetas contêm alucinações; opor-se à sua origem profética considerando-a apenas por razões filosóficas é uma heresia.

Já dois séculos antes dos Macabeus, no dia em que as mulheres estrangeiras são separadas do povo e que Esdras lê a Torá em público em Jerusalém, ele e seu Tribunal inserem na *amida* a crença na ressurreição e fustigam a heresia dos samaritanos que a contestam.

Sobre a Eucaristia, você escreve: “As raízes judaicas da Eucaristia são claras e profundas. Concordamos com isso. Mas onde o cristianismo se afasta do judaísmo é no relato paulino da Eucaristia. Segundo esse texto, é porque os discípulos bebem do mesmo cálice e comem do mesmo pão que formam um corpo único. Surge então a ideia da comunhão no Senhor, uma noção cristã, e não com o Senhor, uma noção judaica. A alternativa é, então: existir em Deus ou diante de Deus”.

Se eu entendi bem, os judeus não teriam aceitado a Eucaristia porque ela contém ingredientes de idolatria; caso contrário, os judeus não teriam nada ao que se opor. É assim que você explica a recusa dos judeus em reconhecer Jesus como o messias: “Jesus não foi reconhecido pelos judeus (como o messias)... simplesmente porque, no judaísmo, nunca houve ruptura entre Deus e a humanidade. Ruptura que teria exigido uma mediação, um terceiro entre o homem e Deus”.

É novamente lamentável que você aborde um assunto sob um único ângulo, sem considerar que possam existir outros, que são, no entanto, fundamentais. De fato, a Eucaristia baseia-se no fato de que Jesus teria sacrificado sua vida por uma boa causa, que ele ressuscitou e que desempenharia um papel preponderante diante de Deus. Pois os judeus não depositam fé em todas essas ideias.

Segundo você, a controvérsia sobre sua ressurreição é outra: “Mas o cerne da controvérsia reside no fato de ter apresentado a Ressurreição como o ato decisivo, escatológico de Deus, como o evento inaugural do estabelecimento da nova ordem do reino de Deus”.

É de fato surpreendente que você não encontre outras razões de controvérsia.

Você cita o cristianismo entre as *religiões reveladas*: “A verdade religiosa, nas religiões reveladas de qualquer forma, tem isso de particular que não pode, por definição, jamais aparecer como uma novidade”.

a) O que você entende por *revelada*? b) A quem foram *reveladas*? c) Qual parte do cristianismo seria revelada segundo você?

Se por *revelada* você entende uma religião transmitida a um profeta, então quem é esse profeta? Jesus? Não é seu pensamento, pois você nega a Jesus esse status de profeta. Além disso, segundo você, Jesus não pregava a cristologia, mas o judaísmo, e suas palavras foram deformadas apenas pela sua Igreja(p.111)[78].

Você acredita que a cristologia seja uma religião revelada? Em qual profeta isso foi revelado? A Paulo, ou aos Padres da Igreja? Provavelmente você não pensa nisso, porque considera a cristologia como a abolição da Torá (página 170), e escreve: "De acordo com eles[79], a teoria de Paulo era falsa e injusta (página 170)"[80].

Ao usar a expressão religião revelada, você pensa no fato que Paulo pregava aos gentios para cumprir, mais ou menos, as 7 leis de Noé? Assegurando que essas leis foram dadas aos profetas Adão, Noé e Moisés, elas seriam então uma religião revelada? Não acredito que você tenha pensado assim, porque me desculpe pela expressão um pouco rude, você estaria apenas abusando novamente da credulidade dos leitores. Você também não pensa no "hidouch" de Paulo, onde mesmo as sete mitzvahs das pessoas não-judias seriam meramente opcionais.

Você acredita que a religião revelada seja o chamado de Jesus que provocou um estado místico, glosologia e outras formas de transe, principalmente em Paulo e em outros? Mas esse mensageiro certamente contém uma das duas alternativas: ou o cumprimento do judaísmo, ou as leis universais. Entretanto, onde se encontra então essa religião revelada que você acredita ser o cristianismo? Como poderia eu explicar este novo dom do cristianismo que seria um cristianismo sem a cristologia? Ou você está apenas repassando essa ideia da religião revelada do cristianismo, sem a adotá-la? Isso parece muito tendencioso e complacente.

Porém, ao ler seu livro, é frequentemente visível que você aceita a ideia de que o judaísmo reconhece o cristianismo como tal: "Os judeus nunca negaram a valor da religião cristã, no entanto, sofreram a teologia da substituição que considerava a Torá como préfiguração da nova aliança" (página 194).

Sua declaração é desconcertante. Sejamos claros, o cristianismo contém três mensagens:

a) que os não-judeus se aproximem de Deus e que eles cumpram as 7 mitsvot universais.

b) ataques contra os judeus e contra o judaísmo, em nome do *verus Israël*.

c) ideias próprias ao cristianismo.

Os judeus, de fato, nunca negaram o valor do que foi mencionado em a). Mas eles não aceitam nem b) nem c).

São os movimentos judeo-cristãos, que proliferam desde a antiguidade até os dias de hoje, assim como os judeus reformistas de nossa época, que os adotam.

Por que, então, você escreve: "os judeus nunca negaram o valor da religião cristã", quando deveria ter dito: "os movimentos judeo-cristãos nunca negaram"? De fato, **há mais de dois mil anos, são chamados judeus aqueles que perpetuam a tradição dos fariseus**.

6) A atual posição da Igreja e o diálogo com os cristãos

Você afirma que sua esperança de poder participar de um diálogo entre judeus e cristãos vem do fato de que, desde o Holocausto, a Igreja Católica mudou positivamente em relação ao judaísmo e aos judeus (p. 100; 214). Seu livro menciona (p. 190) o documento da Comissão Pontifícia Bíblica "O Povo Jêzual e as Sua Escrituras Santos na Bíblia Cristã", com prefácio do cardeal Ratzinger.

De fato, este documento representa um grande avanço, se comparado ao comportamento milenar da Igreja em relação ao judaísmo. No prefácio deste documento, o cardeal Ratzinger levantou a questão, impressionante para os cristãos e também esperada por judeus há muito tempo, de saber se o momento está chegado para auto-dissolver o cristianismo.

Qual é então a utilidade do diálogo com essas condições e perspectivas que você estabelece?

A Igreja tradicional rejeitou a leitura judaica do Antigo Testamento e a substituiu pela sua. Mas por causa da exegese histórico-critico sobre esta última, e após o impacto do Shoah[81], a Igreja revisou sua posição: "A vitória da exegese histórico-critico parece ter indicado o fracasso da interpretação cristã do Antigo Testamento inaugurada pelo Novo Testamento em si mesmo. Aqui, como vimos anteriormente, não se trata de um problema histórico de detalhe; são os próprios fundamentos do cristianismo que estão sendo questionados"; "Eles têm o direito de continuar a propor uma interpretação cristã desta Bíblia ou devem renunciar, com respeito e humildade, à pretensão que, à luz do que aconteceu, deve parecer como um abuso?"

Vamos notar primeiro que esse avanço só foi possível graças à atitude firme dos rabinos do Talmud e de todos os nossos antepassados, incluindo seu pai, senhor rabino, bem como aos milhões de judeus que preferiram morrer a reconhecer em Jesus[82] um santo ou um profeta. Não há dúvida de que, se eles tivessem reconhecido em Jesus um personagem com as qualidades que você descreve, mesmo como ser humano e não celestial, os cristãos jamais teriam conseguido questionar sua leitura, como fazem hoje.

À primeira vista, o cardeal e a Comissão se contradizem. Eles admitem que a leitura judaica é possível[83]; também admitem que a leitura judaica torna impossível a dos cristãos[84], mas se recusam a considerar a possibilidade de anular a leitura cristã[85]!

Esse truque só é possível devido à recusa em reconhecer a verdadeira leitura judaica da Bíblia, promovendo uma leitura que os rabinos do Talmud consideram herética.

Como explicamos acima, os dois princípios para a leitura judaica da Bíblia são o fato de que o Chumash foi escrito em sua totalidade por Moisés sob o ditado divino e que Deus lhe transmitiu sua hermenêutica[86]. No entanto, a Comissão manifestamente não reconhece esses dois princípios[87].

Essa operação consiste em organizar, com grande presunção e perfeita incompetência, o conteúdo da tradição no modo histórico-crítico. Ela leva a considerar o Tanakh como uma obra tardia e a afirmar que os judeus antigamente não eram apegados à Torá escrita e oral. É precisamente assim que todos os movimentos revisionistas, desde os samaritanos[88], saduceus, o mundo muçulmano, caraitas, espinozistas,

deuteronomistas e outros estudiosos da crítica bíblica, ou rabinos reformistas ou liberais, sabem relativizar esse conteúdo para ajustá-lo e introduzir acordos convenientes. Isso também ocorre com uma série de escritores e historiadores[89] judeus[90] dos últimos 150 anos[91]. É com base nisso que alguns cristãos reconhecem o interesse no diálogo com os judeus[92], e você aceita o pedido deles[93].

Mas a Comissão ainda espera que os judeus aproveitem a pesquisa exegética cristã[94]. Parece que, para eles, a aversão que os judeus têm em relação ao cristianismo seria devida ao fato de que não conhecem a exegese cristã. Na verdade, os judeus conhecem o cristianismo e sua interpretação bíblica tanto quanto os próprios cristãos. Mas é a qualidade de sua fé judaica, assim como seu bom senso, que demonstrou a mistificação do cristianismo e a manipulação por meio de sua exegese.

Então, por que você clama pelo diálogo com todas as suas forças? Espera que os cristãos abandonem sua fé? Não, para você, isso é impossível[95]. Aliás, você estranhamente acredita poder extrapolar essa mensagem das palavras do Grande Rabino Kaplan[96].

Por que, então, deseja que um rabino conduza os judeus a ouvir um ensinamento cristão?

7) Os cristãos fazem parte do *povo eleito*?

Tradicionalmente, a Igreja reivindica para si sozinha o título de povo eleito. **Como o cardeal expõe a posição da nova Igreja, ele abandona sua exclusividade e *se contenta* com uma partilha com os judeus.** [97]

Conhecendo-o há muito tempo, você não ficou surpreso ao ouvir essa concepção do cardeal. É não apenas lamentável que você não tenha reagido, mas, além disso, você reforçou essa ideia ao adicionar um comentário.[98]

Eu não gostaria, no âmbito desta carta, de demonstrar a absurdidade dessa tese do ponto de vista puramente teológico. Mas, do ponto de vista prático, as consequências dramáticas para os judeus são previsíveis. Assim, por que um judeu recusaria aliar-se a uma não judia, se ela faz parte do *povo eleito*, e se ela é uma *irmã católica*?[99]

Você escreveu que, aos vinte anos, você era habitado por *montanhas de defesas, montanhas de construções, medos, relutâncias...* (p. 35); hoje, como as perseguições praticamente desapareceram e além disso, a Igreja após Auschwitz revisou sua posição até reconhecer os judeus como **seus irmãos mais velhos na fé**, não haveria mais razão para ter medo.

Mas devemos reconhecer que, com essa declaração ousada do cardeal, **as perseguições correm o risco de simplesmente se transformarem em seduções. Isso confirma a opinião de todos os nossos rabinos, que veem na Igreja e no *irmão católico* um perigo, pelo menos igual ao do passado.**

Embora não tenhamos comentado nesta carta as posições do cardeal, bem como de temas que sairiam do âmbito teológico, eu faria uma exceção. O cardeal diz: "*Todo reproche feito a um judeu não é necessariamente antissemitismo. Portanto, por exemplo, no Evangelho, quando Jesus critica os fariseus, ele o faz por amor ao povo judeu. Ou quando ele (Jesus) diz: 'Bem-aventurados os mansos, eles herdarão a terra prometida', ele lamenta que seu povo tenha tomado essa terra com tanta violência*"[101] (p. 190).

Essa declaração mistura três épocas, a atual, a dos fariseus e a época de Josué, e os judeus são designados como um povo violento, enquanto Jesus representa a mansidão.

Se a nova Igreja se contenta em compartilhar com os judeus o título de povo eleito, parece que dessa declaração surge uma certa pretensão de deter a totalidade da Terra Prometida.

8) Os 'Houkim e a intenção do homem para as mitsvot

Você menciona (p. 80) o assunto sobre o sentido a dar aos 'Houkim[102]. Você se presta assim ao exercício de comentar a proibição de não misturar carne e leite, com um desvio para uma explicação[103] muito interessante, em nome do Talmud. Você explica ainda que comer kosher pode não ter nenhum efeito imediato na ordem do mundo, mas você confia que isso contribui para a construção do mundo[104].

Eu compartilho a sua opinião de que o efeito de algumas mitsvot se revelará mais tarde[105]. No entanto, eu me pergunto sobre o que você escreve a seguir, ou seja, que comer "kosher não tornaria ninguém melhor, não daria nenhuma virtude, e ainda menos superioridade em relação ao próximo"[106].

Isso corresponde aos textos bíblicos? Assim, você se lembra em quais ambientes essas palavras têm mais ressonância, e quais foram suas consequências óbvias? Para justificar sua afirmação, você precisa forçar as expressões da Torá[107], que insistem no fato de que **comer kosher torna o homem melhor e desenvolve nele nobres virtudes.**

Não tenho dúvida de que outras citações da mesma linha, do Talmud, de Nahmanides e da Cabala lhe vêm à mente. A história, de fato, confirma[108] as suas palavras, **e quão nosso povo se comportou de maneira infinitamente mais humana do que muitos outros.**

Quando você afirma que: "Certamente, isso não me torna melhor do que não misturar carne e leite", talvez você queira ressaltar que existem algumas pessoas, que, embora atentas ao respeito das leis alimentares, poderiam desenvolver vulgaridade e injustiça, uma acusação que aparece de forma recorrente nos Evangelhos. Mas como você destaca tão bem[109], isso não justifica decidir de forma peremptória que essa mitsvá não tornaria ninguém melhor, pois afinal, não se deve responsabilizar todos pelos erros de alguns.

Gostaria de chamar sua atenção para essa transição e me pergunto por que você insiste em atenuar o verdadeiro significado dessa mitsvá; afinal, você lhe retira seu significado inicial expresso na Torá.

Pode ser que você a enuncie para não ofender seus interlocutores não judeus que não comem kosher; mas os termos utilizados, como *Certamente*, parecem indicar, ao contrário, que você subscreve essa ideia.

O perigo dessa transição é sintomático quando se sente a necessidade de explicar o significado dos 'Houkim para os não judeus. De fato, na época do segundo Templo, quando os judeus no Egito estavam em contato com a sociedade greco-egípcia, sua adesão a uma Torá que incluía 'Houkim não deixava de atrair espanto, até mesmo ironia. Entre aqueles que se sentiram então obrigados a tornar os 'Houkim 'digeríveis', uma transição progressiva para o abandono das mitsvot começou a surgir.

Paulo também foi vítima dessa extravios; aluno de um mestre fariseu[110], ele se desvia primeiro ao criar considerações pseudo-racionais sobre o papel *pedagógico*[111] das mitsvot, depois dizendo que comer kosher não tornaria o homem melhor[112], para finalmente tornar obsoleta toda a Torá. O fenômeno se repetiu entre aqueles que distorceram o pensamento de Maimônides, que, embora formulando ideias racionalistas em seu *Guia*, insiste no fato de que o homem não consegue sondar a profundidade das mitsvot[113]. Este grande mestre sugere que *o respeito às leis alimentares e outros 'Houkim não tornaria o homem melhor*?

É importante ressaltar que os profetas elogiaram a saudável autoestima que o judeu fiel sente ao cumprir a Torá, como foi com o rei Yehoshafat: "e seu coração se ergueu com orgulho na rota de Deus", e assim como é cantado no Templo: "Feliz aquele que não peca, e feliz aquele que se arrepende de seus pecados." [114]. Graças à sincera fervoridade que o judeu sente em orar: “Você nos escolheu entre as nações, amados, desejados, elevados de todas as culturas e santificados através dos seus mandamentos”, ele pode esperar, sem toda certeza entretanto [115], uma descendência judaica.

No seu desvio, o Marrano de Amsterdã não consegue compreender ou validar este sentimento entre os judeus; nega o todo e acaba por se tornar o promotor e catalisador do movimento herético.

Analise sua atitude em relação à intenção frente ao cumprimento da Mitsva: “No entanto, a obediência dada à Halakha nunca é uma obediência cega apenas à letra da lei sem consideração para com a intenção que regem o cumprimento do ato e da liberdade de escolha do sujeito. Insisto nisso: cumprir simplesmente o ato sem a intenção de servir a Deus por esse meio é uma coisa sem valor e até mesmo culpável. 'A transgressão de um preceito com a intenção de servir à Deus é superior à execução do preceito sem essa intenção', tal foi a afirmação audaciosa de um rabino do Talmud (Nazir 23b [116]). Quanto se possa pensar na importância desta máxima, ela não deixa muito espaço para indiferença moral ou rotina (p. 244).”

Distingamos três categorias de intenções para o cumprimento de uma Mitsva:

A) A pessoa não considera o ato como Mitsva porque ele não acredita em Deus ou na valorização da Torá.

B) Ela acredita no seu valor, mas executa o ato sem reflexão.

C) Embora queira realizar, faz com rotina, sem profundo conhecimento do seu sentido, sem concentração e sem amor por Deus.

No caso A), o ato não é válido.

O caso B) está em discussão entre os rabinos.

O caso C) provavelmente é uma Mitsva, mas de baixo valor e incompleta.

A intenção e a pureza do coração sobre o qual o Baal Chém Tov enfatizava é um dever adicionado à ação dos mitsvos, e nunca é uma redução. Em relação ao cristianismo, ele é movimento de excelência que sob pretexto de procurar boas intenções justifica a abolição do judaísmo. E como o diz a máxima: “A estrada para o inferno está pavimentada com boas intenções”.

Quando você diz: a obediência dada à Halakha nunca é uma obediência cega apenas à letra da lei sem consideração para com a intenção que regem o cumprimento do ato, isso corresponderia ao caso C).

No entanto, a sequência de sua demonstração: executar simplesmente o ato, sem a intenção de servir a Deus por esse meio é uma coisa sem valor e até mesmo culpável, poderia ser aplicado apenas em A) ou eventualmente B). Embora o termo “culpável” não possa ser aplicado ao próprio ato mas sim à ausência do ato que é pedido por Deus.

Conclusão

À luz do que acabamos de escrever sobre seu desejo de promover uma colaboração ativa entre judeus e cristãos, um enriquecimento espiritual mútuo e uma construção comum da civilização[117], os judeus têm o dever de ser a luz das nações[118].

Embora o judaísmo possa e deva, na medida do possível, fazer ouvir sua voz sobre muitos problemas da nossa sociedade, não será em colaboração com os fiéis de outras religiões que terá sucesso, pois deve manter sua originalidade e pureza.

Toda colaboração exige concessões, conscientes ou não, que se refletem em sua obra, ao ponto de parecer que são de sua conveniência. Certamente, a nível político e em muitos outros campos, essas concessões podem se revelar benéficas; no entanto, para a Torá, nenhum sincretismo é aceitável, pois essa é a posição do judaísmo, sempre foi e é um ponto de extrema importância.

Para resolver a ameaça de uma desjudaização dos judeus, não devemos de forma alguma sugerir o estudo das interpretações errôneas e ultrapassadas da Igreja; elas apenas parasitarão a mensagem e complicarão nossa tarefa.

É necessário ir diretamente ao ponto e aprofundar os textos judaicos com os esclarecimentos dos rabinos fariseus e dos nossos rabinos.

Atenciosamente,

Yéhiel Brand

---

[1] http://www.gillesbernheim.fr/publications/laicite/le-rabbin-et-cardinal

[2] http://www.amazon.fr/rabbin-cardinal-dialogue-jud%C3%A9o-chr%C3%A9tien-daujourdhui/dp/2234060575

[3] http://www.juif.org/communaute-juive/51923,lettre-ouverte-au-rabbin-gilles-bernheim.php

[4] Edição Stock, Janeiro de 2008.

[5] Pois ao escrever um texto, permite-se ao interlocutor questioná-lo, refutá-lo ou invalidá-lo. Isso permite ao autor corrigir suas teses ou defendê-las à luz de uma busca e de uma exploração compartilhada. É, simplesmente, correr o risco da crítica (p. 116).

[6] O primeiro ato de fé, dizia ele, é a leitura do Talmud e de seus comentários (p. 62)"; "É através do estudo, incessantemente recomeçado da tradição oral, do Talmud, do Midrach e da Cabala que descubro, pouco a pouco, o que a prática da mitsvá abre (p. 84)"; "Nós a interpretamos (a Torá)... segundo as regras rabínicas (p. 106)"; "...para nós, judeus fariseus (p. 170).

[7] Eu preciso do outro, pois ele levanta perguntas diferentes das minhas. Preciso do outro para que ele me abra a um novo modo de questionar minha tradição e me permita buscar recursos que eu não conhecia (p. 16)." De fato, o Talmud estipula que a Torá é adquirida através de uma tríplice estimulação de outro, aquela do Mestre, aquela do companheiro de estudo e aquela dos alunos, Avot 6, 5; as perguntas destes últimos seriam até mesmo as mais úteis.

[8] De fato, os profetas advertiram contra a aplicação das mitsvot de maneira rotineira: mitsvath anashim melumadah (Isaías 29, 13, segundo a interpretação judaica, e não segundo a exegese errônea dos Evangelhos, que afirmam que as mitsvot foram inventadas pelos homens...). Livros como o *Hovot Halevavot* ou o *Messilat Yésharim* citam e comentam inúmeros provérbios do Talmud nesse sentido; os Mestres do 'hasidismo e do movimento do Mussar, ou ainda Rav Hirsch, Rabbi Zadok Hacohen de Lublin (que você aprecia especialmente), ou Rav Kook, para citar apenas algumas personalidades entre muitas outras, seguem esse entendimento.

[9] Em um encontro com um irmão católico, espero sempre aprofundar minhas convicções graças às perguntas que ele me faz. Não se pode encontrar na própria tradição novas riquezas e, portanto, novos recursos de esperança, a menos que se esteja confrontado com um questionamento que rompa nossos hábitos (p. 16).

[10] Aprecio especialmente o fato de você direcionar alguns de seus alunos para Batei Midrachim parisienses, onde eles recebem um ensino talmúdico aprofundado.

[11] «*Ainda levará tempo para que um rabino possa conduzir um grupo a ouvir um ensinamento cristão (p. 24)».

[12] O rabino Eliezer diz: «*Estude a Torá assiduamente e saiba o que responder aos hereges*», Avot, 2, 14.

[13] Na maioria dos casos, quando o Talmud indica: «*certo herege questionou o rabino fulano, está escrito na sua Torá que… enquanto que…*», trata-se, na verdade, de um adepto de uma seita judaico-cristã, como

sugere o conteúdo de suas observações.

[14] Avoda Zara 27 b; Avoda Zara 17 a, Sanhédrin 100 b; Guittin, 45, b.

[15] Avoda Zara 17 a. O ensinamento de Jesus, sem dúvida relacionado com sua situação pessoal, continha a mensagem de que a consequência de um ato de deboche poderia servir, ao menos para a parte mais trivial, ao serviço no Templo.

[16] «*As sinos das igrejas que sempre fizeram parte do meu ambiente sonoro me faziam falta*»; «*os professores da yeshivá também não falavam sobre isso (do cristianismo)*»; «*Eu tenho montanhas de defesas dentro de mim, montanhas de construções, de medos, de reticências… Para mim, naquela época, o Novo Testamento é uma arma para desfazer o judaísmo e provar que a Torá é caduca*» (P. 34-37).

[17] «*Durante gerações, existiu ao lado da cultura judaica como uma ameaça, principalmente devido ao medo da conversão e da perseguição (P. 24)*».

[18] Por minha parte, duvido da extinção de um certo antijudaísmo cristão de dois mil anos. Isso se desenrola em vários níveis. **No nível da doutrina oficial do cristianismo primeiro, que não pode ceder em seus princípios fundadores**. Depois, em particular, também da parte das nações tradicionalmente cristãs, que tentam incansavelmente influenciar a sociedade israelense para enfraquecer seu caráter judaico.

[19] "???, ???? ???? ???? ???? ?????, ???? ???? ????? ??? ?????? ?????", ????? ?"? ?'

[20] Avoda Zara, 27, b, Rambam, Téfila, 2, 1.

[21] "??? ????? ???? ?????: ?? ?????." ?????, ??' ?', ????? ???"? ??.

[22] ??? ??? ???? ????, ?? ?????

[23] «*Sua aparição (de Jesus) no mundo teve um efeito perturbador. Não pode ser explicado senão por uma personalidade de força e potência prodigiosas. Este homem tinha uma profunda e esmagadora consciência de D. Deus. Tudo que a alma humana possui de força espiritual estava, em Jesus, elevado a um grau de intensidade desconhecido em qualquer outro. Isso é o que se pode dizer, sem entrar em distinções ou definições teológicas que desejo evitar, achando-as desnecessárias para a presente argumentação (p. 107)*»;

«*No entanto, assim que a jovem Igreja gradualmente fez de Jesus uma figura celestial, o judaísmo, em reação, começou a demonizá-lo, pois um Salvador-Deus que morre na cruz não poderia, como Paulo disse corretamente, ser senão um escândalo para os judeus… Somente após Auschwitz é que os cristãos passaram, ao que chamaria uma reumanização de Jesus, e isso agora através de uma acentuação do vere homo, após um tempo em que tão poucas pessoas se mostraram verdadeiramente humanas. Para os judeus, Jesus torna-se assim um *modelo de humanidade*. Para os judeus, tudo acontece como se ele estivesse sendo trazido de volta ao judaísmo, seu...

Here’s the translation of the provided text from French to Portuguese:

Pátria. Jesus é reintegrado como companheiro da humanidade, como companheiro do judaísmo... Em outras palavras, podemos caminhar juntos, judeus e cristãos, ao longo de trinta e três anos; durante todo o período que corresponde à vida terrestre de Jesus... o que, propriamente falando, nos separa são as últimas quarenta e oito horas... Aqueles sobre os quais repousa toda a cristologia (p. 100)*.

[24] «*Os judeus expressaram sua fidelidade ao dizer não a Jesus quando sua Igreja tentava despojá-los da Torá*,» p. 252. Os Evangelhos, (e segundo você, Paulo), de fato, quiseram despojar os judeus da Torá, ver Talmud Shabbat 116, Sanhédrin 100 b e Rif e Roch no local.

[25] Sanhédrin 107, **edição não censurada**. Se um Mestre do século XIII declarou em Paris diante de uma multidão agitada e cheia de ódio que essas menções se referiam a um outro Jesus, é evidente que estava tentando apaziguar os ânimos, sem sucesso, aliás. No entanto, **não há dúvida de que se refere ao Jesus dos cristãos**, pois os Rabinos não invocariam a proteção divina a menos que frente ao perigo de uma figura muito conhecida do público judeu.

[26] Bérakhot 17, b ed. não censurada, ver também Ritvah; Rambam *Missiva ao Iémen*; Yad, fim Reis.

[27] Idem

[28] Isso significa que uma multidão de rabinos proclamava massivamente sua condenação. Sua afirmação, página 121: «*Parece que nem os fariseus, nem Jesus buscaram uma ruptura ou mesmo esperaram por ela. Naturalmente, os fariseus não podiam, porque não sabiam nada sobre ele, antes que sua fama se espalhasse* ...», não corresponde a este texto talmúdico.

[29] Sanhédrin 45 b.

[30] «*Todos sabem que uma pessoa* (no caso, Paulo) *que passou de uma forma de fé religiosa para outra não é uma testemunha digna de crédito – se posso me expressar assim – no que diz respeito à religião que ela recusou (p. 127)*», e o ilustre historiador da cristandade nos revela: «*Mas geralmente mencionaremos nesta história apenas os eventos que podem ser úteis primeiro para nós mesmos, depois para a posteridade*». (Eusébio, *História Eclesiástica*, VIII, 2, 3). Esta, aliás, é uma diferença fundamental entre nossa tradição e todas as outras.

[31] «*Então o sumo sacerdote disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo, para nos dizer se tu és o Messias, o Filho de Deus. Jesus lhe respondeu: Tu o disseste. Além disso, eu vos declaro: A partir de agora, vereis* o - *Filho do homem assentado à direita do Todo-Poderoso - e vindo em glória sobre as nuvens do céu. Ao ouvir isso, o sumo sacerdote rasgou suas vestes em sinal de consternação e exclamou: Ele acabou de pronunciar palavras blasfemas! De que mais precisamos de testemunhas? Vós mesmos acabais de ouvir a blasfêmia*", (Mat. 26, 63-65).

[32] «Muitos diziam: Ele tem um demônio, é um louco. Por que vocês o escutam?», João 10, 20. E em João 8, 48-59: «Responderam-lhe: Não temos razão em dizer que você é um samaritano e tem um demônio? Verdadeiramente, eu vos afirmo: quem guarda a minha palavra nunca verá a morte. Então os chefes dos judeus disseram: Agora estamos certos de que você tem um demônio. Abraão morreu, os profetas também, e você nos diz: Quem guarda a minha palavra nunca morrerá. Você é maior que nosso pai Abraão, que morreu, ou que os profetas, que todos morreram? Quem você pensa que é? Jesus respondeu: ... Abraão, vosso pai, exultou de alegria ao ver o meu dia. Ele o viu e se alegrou. Então lhe disseram: Você ainda não tem cinquenta anos e afirma ter visto Abraão! Verdadeiramente, eu vos afirmo, respondeu Jesus, antes que Abraão existisse, eu sou. Ao ouvir isso, eles começaram a pegar pedras para atirá-las contra ele, mas Jesus se ocultou na multidão e saiu do recinto do templo.»

[33] «Pois até seus próprios irmãos não acreditavam nele» (João 7, 5). Jesus, desapontado, declara: «É somente na sua pátria e na sua própria família que um profeta não é honrado» (Mateus 14).

[34] «Há algum chefe ou fariseu que tenha acreditado nele? Mas essa multidão, que não conhece a Lei, é maldita» (João 7, 48).

[35] «Vendo a ousadia de Pedro e João, e sabendo que eram pessoas sem instrução, do povo, ficaram admirados» (Atos 4, 13 e outros).

[36] No dia seguinte, o dia após a preparação do sábado, os chefes dos sacerdotes e os fariseus foram juntos a Pilatos e disseram: Excelência, lembramo-nos de que esse impostor disse, enquanto ainda estava vivo: Depois de três dias, eu ressuscitarei. Portanto, mande vigiar a sepultura até o terceiro dia: é necessário evitar que seus discípulos venham roubar o corpo e depois digam ao povo que ele ressuscitou dos mortos. Esta

última enganação seria ainda pior do que a primeira» (Mateus 27, 62-64).

[37] Você entende assim (Marcos 1, 22): 'Ele ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas...', ele dizia essas coisas como se viessem dele, sem recorrer à autoridade tradicional. Sua análise pode ser exata.

Mas também é importante destacar outros elementos. De fato, os fariseus adquiriram a Torá com as 48 qualidades exigidas para seu estudo (Avot, cap. 6). É evidente que muitas, senão todas, estão ausentes em Jesus. Gostaria de destacar aqui uma das qualidades exigidas, a humildade em relação aos outros e, mais ainda, em relação aos Sábios, que provavelmente falta a ele. Expressões como estas: «Pois ninguém subiu ao céu, exceto aquele que desceu: o Filho do Homem»; «Todos os que vieram antes de mim eram ladrões e salteadores» (João 10, 8), nos informam sobre seu desejo de ser levado em consideração. Seus modos ousados atribuem a Jesus uma certa forma de autoridade, com a qual os escribas não competem.

[38] «É difícil para nós, judeus, ver Jesus como um profeta, pois ele denuncia os fariseus. No entanto...» (p. 129); «A denúncia essencial dos fariseus por Jesus impede os judeus de considerá-lo como profeta» (p. 129).

[39] Aqui estão algumas das citações entre muitas outras: «Jesus lhes disse: Verdadeiramente, eu vos afirmo: quando nascer o mundo novo e o Filho do Homem tiver tomado lugar em seu trono glorioso, vocês que me seguiram, também se assentarão em doze tronos para governar as doze tribos de Israel» (Mateus 19, 28); «Pois ninguém subiu ao céu, exceto aquele que desceu: o Filho do Homem» (João 4, 13); «Não vos deixeis chamar mestres, porque um só é o vosso Mestre: o Cristo»; «Quando o Filho do Homem vier em sua glória, com todos os seus anjos, ele se sentará em seu trono glorioso. Todos os povos da terra serão reunidos diante dele».

[40] Esta definição corresponde melhor a ele do que as citadas pela Comissão Pontifícia Bíblica: *Pesquisas recentes tentaram situá-lo em vários contextos de sua época: rabinos carismáticos da Galileia, pregadores cínicos itinerantes ou mesmo zelotes revolucionários. Ele não se deixa aprisionar em nenhuma dessas categorias*; III, A, 2, 67.

[41] Bérakhot, 5 a, veja também: Hanoch Albeck: *Introdução à Mishná*.

[42] Para uma verdadeira leitura do Tanakh, veja Doroth Richonim, Tomo I.

[43] Se um detalhe da lei oral for esquecido, poderá ser encontrado, em princípio, graças ao drach; se uma divergência surgisse sobre o tipo de drach a ser aplicado, a Torá nos ordena que nos submetamos à opinião da maioria dos Sábios.

[44] Yad, Yéssodé HaThora, 8-10; *Missiva ao Iémen*. Não gostaria de desenvolver aqui algumas outras prerrogativas dos Sábios, que não são essenciais para o nosso propósito.

[45] Veja Doroth Richonim, livro II, que prova isso de forma indiscutível.

[46] Daí seus nomes: *Kouti'im* ou *Shomronim*.

[47] Reis II, 17, 27-28.

[48] Veja o livro de Esdras.

[49] Sanhédrin, 99 a, assim como em inúmeros outros textos. Veja Rambam, *Introdução à Michná*. O assunto foi admiravelmente explicado, provado e comentado por Halévy, Doroth Harichonim, Jerusalém, 1939.

[50] Marcos 2, 32-38. Você cita este caso (P. 115) notando que Jesus toma liberdades com a lei. Aqueles que acreditam ter encontrado uma oportunidade em um trecho de Flávio José que mostraria que a Torá teria

sofrido uma mudança e que a permissão de transgredir a lei foi "inventada" pelos Macabeus, são desautorizados, como você sabe.

[51] Você parece, aliás, notar este ponto: «*No entanto, na tradição judaica, insisto neste ponto, a Torá, a lei não é interpretada segundo a opinião de uma minoria ou sem o recurso a regras hermenêuticas transmitidas de geração em geração desde o Sinai. Mas com Jesus, uma opinião individual é elevada ao nível de escola com autoridade*». Página 122.

[52] «*Ou você não leu na lei que, no dia do sábado, os sacerdotes profanam o sábado no Templo, sem serem culpados por isso. Agora, eu lhes digo, que aqui há mais do que o Templo. Se você soubesse o que significa esta palavra: Eu quero misericórdia e não sacrifício, você não teria condenado inocentes, porque o filho do homem é Senhor do sábado*», Mateus, 12, 8.

[53] Rabino Josué, em Avot de Rabbi Nathan, cap. 16, 5.

[54] Mesmo que Flávio José, sob influência saducena, omita certos fatos; não é aqui o lugar para prová-lo (veja Doroth Harichonim). Lembremo-nos ainda de como o povo floresceu sob o reinado de Salomé Alexandra, que reina sob os conselhos de seu irmão, o rabino fariseu Shimon ben Shéta'h. Isso é relatado por Flávio José e pelo Talmud.

[55] A designação Fariseus não vem do fato de se separarem do povo como fazem os essênios, mas porque, trabalhando no meio de seu povo, vivem uma vida exemplar de ascetas. É lamentável que essa perspectiva lhe escape; para você, o judaísmo exclui o ascetismo sob todas as suas formas: "O judaísmo é uma doutrina de vida, uma religião do justo meio, que repudia o ascetismo em todas as suas formas e está impregnado de um sólido otimismo (p. 112)". Na realidade, embora o judaísmo exclua o celibato e permita florescer sem viver como um asceta, ele não exclui o ascetismo em todas as suas formas. O Talmud (Avoda Zara 20) afirma que os profetas viveram como ascetas. De fato, isso também é o caso de muitos rabinos ao longo do tempo. Recentemente, a comunidade teve o privilégio da visita a Paris de um asceta de Bné-Brak, quase centenário, que Deus prolongue sua vida, que tem vivido dessa maneira desde sua juventude. É ao examinar os rabinos de sua geração que o judeu forma, por um raciocínio a fortiori, a imagem dos Sábios Fariseus.

[56] Que diz respeito mais aos judeus que acreditavam nele. Segundo a hipótese bastante inovadora e extrema apresentada pelo autor do livro *Uma Leitura Judaica do Alcorão*, os Evangelhos omitiram parte da biografia de Jesus. Este e o falso profeta, narrado por Flávio Josefo, são uma só pessoa. *(As Guerras dos Judeus*, livro 2, fim 23, que você cita p. 36). A Igreja, detentora exclusiva dos livros de Flávio Josefo durante séculos, roubou essa conexão.

[57] Guittin, 57 a.

[58] Só em caso de perigo o Talmud permite uma resposta elíptica, Nédarim, 27-28; 62 b; Avoda Zara, 16 b. É típico dos responsáveis pelo cristianismo confundir deliberadamente esses dois modos de expressão.

[59] Fim de Melakhim; Missiva ao Iémen.

[60] Disputa de Barcelona.

[61] *O Judaísmo com Razão*, associação Sefer, Paris, 1991.

[62] Página 138.

[63] Daniel, 2, 45.

[64] Isaías, 11, 1-4.

[65] À semelhança da opinião de Rabino Akiva sobre Bar Kokhbah, Sanhédrin 97.

[66] Cenário possível, ver Ezequiel 47 e Zacarias 13-14 e outros.

[67] Yad, Melakhim, cap. 11.

[68] "???? ??? ???? ???? ?????? ????? ??...?? ??? ??? ?? ??? ??????? ?? ???? ??? ???? ?? ???? ?????? ?? ??????"

(Isaías 44, 1-3); "?????? ?? ???? ????? ???...???? ???? ?? ????? ?? ???? ?? ?? ??? ????? ????? ???????" (Joel 3, 1).

[69] Sanhédrin 59; eventualmente mais, se quiserem, Avoda Zara, 64 b; sem, no entanto, poderem se converter ao judaísmo, Avoda Zara 3 b.

[70] Do povo judeu.

[71] Digo bem à *fé* e não ao *comportamento* dos judeus, pois é evidente que os não judeus não estão submetidos, nem no presente, nem no futuro, à aplicação das mitsvot dos judeus.

[72] Yad, Melakhim, fim do cap. 8.

[73] Mesmo que Maimônides (fim de sua carta sobre a Ressurreição) sugira a ideia, de que Moisés não a transmite às camadas populares.

[74] Sanhédrin 90 a e veja Rashi.

[75] As 18 Bênçãos que eram recitadas no Templo várias vezes ao dia.

[76] Ver Neemias 9, 5; Berakhot, 54 a e Rashi, assim como Ta'anith 16.

[77] De Jesus.

[78] Onde você pensaria então que Moisés Rabbenu recebeu apenas 69 interpretações, e Jesus a 70ª?

[79] Dos Fariseus.

[80] E no que diz respeito aos Pais da Igreja, eles vão na mesma direção que Paulo.

[81] Devido ao pesado tributo de seis milhões de judeus, e para finalmente fazer cair este tronco de erros, suplicamos a Deus que nos poupe dos golpes de seu galho, esta religião que nasceu sete séculos após o cristianismo…

[82] Assim como o «profeta» da religião mencionada na nota acima.

[83] «*O documento menciona dois elementos: declara que a leitura judaica da Bíblia é uma leitura possível, que se encontra em continuidade com as Santas Escrituras judaicas da época do segundo Templo, uma leitura análoga à leitura cristã, a qual se desenvolveu paralelamente*». A verdade é que a leitura judaica também está em conformidade com as Santas Escrituras judaicas da época do primeiro Templo.

[84] *«Alguns começaram a questionar se os cristãos não deveriam se censurar por terem monopolizado a Bíblia judaica, fazendo dela uma leitura na qual nenhum judeu se reconhece. Os cristãos devem, portanto, ler a Bíblia como os judeus, para respeitar realmente sua origem judaica? A esta última pergunta, razões hermenêuticas obrigam a dar uma resposta negativa. Pois ler a Bíblia como o judaísmo a lê implica necessariamente a aceitação de todos os pressupostos deste, ou seja, a aceitação integral do que constitui o judaísmo, notadamente a autoridade dos escritos e tradições rabínicas, que excluem a fé em Jesus como Messias e Filho de Deus*». O povo Judeu e suas Santas Escrituras na Bíblia Cristã, II, 7, 22.

[85] *«A Comissão pôde concluir que a hermenêutica cristã do Antigo Testamento, que certamente é profundamente diferente da do judaísmo, corresponde, porém, a uma potencialidade de sentido efetivamente presente no texto*».

[86] Sanhédrin 99-100 e inúmeros outros trechos.

[87] Aqui estão trechos sobre o 'Houmach: «*Concluiu-se que os preceitos tradicionais foram reunidos em coleções, que foram progressivamente incluídas nos livros do Pentateuco*». I, C.

E aqui está o que diz respeito à hermenêutica: *«A mais antiga atestação rabínica de método de exegese, fundamentada aliás em textos do Antigo Testamento, é uma série de sete 'regras' tradicionalmente atribuídas a Rabbi Hillel (morto em 10 d.C.). Que esta atribuição seja fundada ou não, essas sete middots representam certamente uma codificação de maneiras contemporâneas de argumentar a partir das Escrituras, em particular para deduzir regras de conduta»*. I, D, 12.

[88] A Comissão argumenta que o povo judeu estava dividido na época da construção do segundo Templo sobre a lei oral, devido ao fato de que os samaritanos não a reconheciam: "Suas diversas atitudes em relação ao Templo frequentemente dividiram os judeus até 70 d.C., como se pode ver na dissidência samaritana e nos manuscritos de Qumran. Divisões baseadas em interpretações diferentes da lei existiram após 70 assim como antes. A comunidade samaritana constitui um grupo dissidente renegado pelos outros. Baseava-se em uma forma particular do Pentateuco e havia rejeitado o santuário e o sacerdócio de Jerusalém" (III 66, A). Essa prova não passa de uma má piada. Uma tradição nacional não é posta em dúvida porque novos chegados a ignoram. Muito menos aquela que foi transmitida pelos judeus e da forma como foi transmitida.

[89] O drama que põe em risco nosso povo é o fato de que uma parte da escola judaica, na Golah e ainda mais em Israel, interpreta o Tanakh e a história judaica sob sua influência. Os professores *colaboram*, sem se dar conta, com aqueles que buscam o fim do povo judeu.

[90] Embora para os judeus, possa-se encontrar uma circunstância atenuante: eles não querem examinar a questão corretamente, para fugir de uma condição judaica sentida como difícil. A Igreja não tem essa circunstância atenuante.

[91] Estas teses foram maravilhosamente refutadas por Isaac Eisik Halévy (Rabinovitch), *Doroth Richonim*; para a época do Tanakh, ver Tom. I, *Tékouphath Hamikrah*, e para a antiguidade da Mishná, a Torá oral, nos próximos Tomos. Ver também: *Am Olam* de Rottenberg, N. Y., oito volumes, Nova Iorque; *Am Ségoula* três volumes, de Avigdor Miller.

[92] ***«No plano concreto da exegese, os cristãos podem, no entanto, aprender muito com a exegese judaica praticada há mais de dois mil anos e, de fato, aprenderam muito ao longo da história»****,* O povo Judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã.

[93] «*Com os cristãos, devemos discutir, debater, disputar sobre a interpretação da Bíblia, enquanto aprendemos a viver juntos »* (p. 201). Como citamos, nossos rabinos indicam que o polemista judeu será mergulhado no estudo bíblico, e que seu objetivo será refutar suas heresias: «Estuda a Torá assiduamente e sabe o que responder aos hereges», Avoth, 2, 14.

[94] *«Por seu lado, eles (os cristãos) podem esperar que os judeus possam também tirar proveito das investigações exegéticas cristãs»*. O povo Judeu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã.

[95] «*Consequentemente, em vez de esperar da parte da Igreja uma reforma dogmática radical, no sentido de uma supressão impossível de um conflito histórico, espiritual e metafísico…*» (p. 253).

[96] «*Na primeira reunião oficial entre os representantes do judaísmo mundial e os representantes da Igreja católica… o grande rabino Jacob Kaplan se expressou assim: …se o que está acontecendo neste momento, se a discussão que vai se abrir não for leshem shamaïm, ela se desfará de si mesma e não terá futuro; se, por*

outro lado, for leshem shamaïm, ela durará» (p. 188). Você comenta: «*Assim ele formulou a ideia de que, entre judeus e cristãos, o que deve existir não é a controvérsia da Idade Média onde cada um deve convencer e obter a adesão do outro em vista de fazê-lo renegar sua fé» (p. 188).*

[97] «Bento XVI, por exemplo, disse várias vezes que, para nós cristãos, o povo de D-us é a Igreja e o povo judeu» (p. 189); «Um dos meus grandes desejos, na oração, é saber como D-us nos vê juntos, judeus e cristãos, como Ele vê Seu povo escolhido e Sua Igreja, em um mesmo amor. O texto que mais ilumina essa questão para mim, e que espero não interpretar abusivamente, é a segunda parte do capítulo 37 de Ezequiel. O profeta quer mostrar que, apesar da deplorável divisão de seu povo em dois reinos, o reino de Judá e o reino de Israel, após a morte de Salomão, D-us mantém o povo em Sua mão... Essa passagem me encanta. Não sei o que você pensa sobre isso, Gilles Bernheim. Mas para mim, que os judeus e os cristãos sejam um só pedaço de madeira na mão de D-us, é mais do que uma esperança, é uma evidência! Formamos juntos Seu povo escolhido; Seu povo abençoado» (p. 251).

[98] «... À sua leitura dos versículos de Ezequiel, acrescento um ensinamento do Midrash...» (p. 252).

[99] Isto é expresso assim pelos nossos rabinos: ??? ????? ????? ???? ????, ????? : "???? ??? ??? ??? ?????"... ??? ???? ??????, ???? ????? ??????? ???????.

[100] Veja Beit Halevi, Parashat VaYetze.

[101] Embora o cardeal afirme acreditar nos textos do Antigo Testamento e se defenda veementemente do marcionismo, na verdade ele nega que seja D-us quem pede a Josué para conquistar essa Terra por meio da guerra.

[102] «Assim sendo, algumas leis não abrem para uma modificação imediata da ordem do mundo, e, por isso, parecem não ter razão de ser. Essas leis que chamamos em hebraico de ‘Houkim – plural de ‘hok, que significa decreto divino – são leis cuja significação imediata escapa à razão humana» (p. 85).

[103] «... Eu obedeço, portanto, a um princípio bíblico que deseja que não se misture a dinâmica de vida e morte». Confio em você quanto à fonte no Talmud.

[104] «Comer kosher pode não ter nenhum efeito imediato na ordem do mundo. No entanto, tenho a convicção de que um sentido diferente, inconhecível e imprevisível, é sempre possível. É um ato de fé. Tenho a convicção – porque – que o ato que realizo, mesmo que não me traga nada no instante, não é inútil e que participa da construção do mundo» (p. 86).

[105] Veja Yad, fim de Temurah.

[106] «Certamente, isso não me torna melhor por não misturar carne e leite, não me dá nenhuma virtude, e muito menos superioridade em relação ao meu próximo. Isso me permite reativar a ideia de que não se deve comer o conhecimento. A mitzvá aqui é um meio, não um fim em si mesmo» (p. 80).

[107] «Não tornem suas almas impuras com todos os répteis que rastejam, e não se tornem impuros com eles, pois eles os tornariam impuros», Levítico 11, 43; «e distingam entre o animal puro e impuro, entre a ave impura e pura, e não contaminem suas almas com os animais e aves e todos os que se arrastam na terra para afastá-los da impureza. E sejam santos, porque Eu sou santo, e os distingui dos povos para que sejam para Mim», Levítico 20, 25-26.

[108] Faço abstração de alguns deslizes em nossa história e dos testemunhos complacentes de Flávio Josefo em relação a Tito.

[109] «Mas não é porque alguns fariseus podem não ter cumprido sua missão que isso desqualifica sua tradição. Perdoe-me a comparação, pois não é porque meu padeiro faz um pão ruim que eu fecho todas as padarias da França». Página 161.

[110] De acordo com sua própria biografia, assim você supõe, p. 127.

[111] Gálatas 3, 23-24.

[112] Romanos 14, 14. Assim declara Jesus frequentemente: «Mas comer sem ter lavado as mãos não torna o homem impuro», (Mateus 15, 20).

[113] Intr. Mishná, ‘Hélék, oitava base de crença; Missiva ao Iémen e muitos outros.

[114] Crônicas II, 17, 6; Sucá 53 a.

[115] Moses Mendelssohn, com sua crença e com seu orgulho em cumprir as mitzvot (veja sua carta a Lavater), não conseguiu impedir seus descendentes e seus alunos de se assimilarem.

[116] De acordo com a conclusão talmúdica, o texto é: «Um pecado com uma boa intenção tem o mesmo valor que uma boa ação sem intenção». Você certamente sabe que muitas pessoas usaram e abusaram dessa máxima; ela era, entre outras coisas, um lema na boca de Shabatai Tzvi e de seus discípulos, que, no final, se converteram. Nossos Sábios nos alertam para não usar esse adágio sem inspiração divina (veja, entre outros, Ramhal, Kin’ath Hachém cap. 2). Aqueles que, após a morte do Baal Shem Tov, tentaram distorcer o ensino deste último, proclamando que ele continha a mensagem: Graças à boa intenção, assim ao amor a D-us e aos homens, será permitido negligenciar a prática meticulosa das mitzvot, foram excomungados pelo Rebe Ber e seus pares, no ano de 1770 (veja Zikhron Yaacov, de Yaacov Lipchitz).

[117] «... Seria melhor reivindicar a participação das Igrejas e da Sinagoga em uma luta comum para promover o respeito e a eficácia das leis de civilização. Seria necessário favorecer uma colaboração ativa, presente e madura entre cristãos e judeus sobre os grandes problemas da sociedade» (p. 253).

[118] Eles foram, mesmo que não tenham sempre cumprido plenamente sua missão.

DEPOIMENTO HISTÓRICO: A 7ª <<*excomunhão*>> de 1988: o padre Schoonbroodt

Sábado, 22 de novembro de 2008

> ***"Nunca pedirei ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI o cancelamento do decreto da minha 'excomunhão', mas, ao contrário, agradeço a Nosso Senhor Jesus Cristo por ser declarado 'ex-communione' por esta igreja conciliar, cujo clero não é válido."***
>
> ***"Eu sabia que a igreja conciliar não é a verdadeira Igreja."***

PROT. 186038/I

SACRA CONGREGATIO PRO CLERICIS

LEODIENSIS
Excommunicationis
R.D.SCHOONBROODT - EXC.MUS ORDINARIUS

COPIE

DECRETUM

Fac-símile dos documentos oficiais da excomunhão do padre Schoonbroodt **no dia 24 de outubro de 1988** pelo Dom Houssiau, pseudo-bispo de Liège, e confirmada **no dia 6 de julho de 1989** pelo decreto do "*cardeal*" Innocenti.

> *"Nunca quisemos pertencer a este sistema que se qualifica a si mesmo de Igreja conciliar (...) Não pedimos nada mais do que ser declarados 'ex communione'"*
>
> *"Muito bem: obrigado. Preferimos ser excomungados."* Dom Lefebvre

No dia 24 de outubro de 1988, fui "***excomungado***" pelas autoridades eclesiásticas conciliares (o "*bispo*" de Liège e, posteriormente, **no dia 26 de julho de 1989**, a ***Sagrada Congregação do Clero*** no Vaticano).

Esta "***excomunhão***" constitui **a 7ª** das "***excomunhões***" originadas das sagrações de Dom Fellay, Dom Tissier de Mallerais, Dom de Galarreta e Dom Williamson realizadas em Écône no dia 30 de junho de 1988 por NNSS Lefebvre e de Castro-Mayer, cerimônia a que assisti.

Nunca pedirei ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI – o "*excomunicador*" de Dom Lefebvre – o cancelamento do decreto da minha "*excomunhão*", mas, ao contrário, agradeço a Nosso Senhor Jesus Cristo por ser declarado '*ex-communione*' por esta igreja conciliar, cujo clero não é sacramentalmente válido.

Fui declarado fora da "***comunhão com a igreja***" **conciliar** por Roma por:

> *"sua contestação dos ensinamentos do Concílio Vaticano II, seus ataques contra a pessoa do Santo Padre e dos bispos que estão em comunhão com ele,* ***acusados de corromper a fé, sua recusa em aceitar a validade do rito promulgado pelo Papa Paulo VI****;"*

E em um comunicado oficial do dia 24 de outubro de 2008, o '***bispo***' de Liège precisou ter

> "**recebido dele respostas negativas sobre as questões que o Papa João Paulo II fez ao Dom Lefebvre **(ver o Motu proprio Ecclesia Dei) sobre a fidelidade ao Papa, a adesão ao ensino do magistério do Papa João Paulo II e do Concílio Ecumênico,** o reconhecimento da validade da

missa e dos sacramentos realizados e administrados, de acordo com os livros litúrgicos promulgados por Paulo VI e João Paulo II*. *Acusa o Papa e os bispos em comunhão com ele de corromper a fé e nega que os fiéis que participam da missa do Papa, dos bispos e dos padres tenham comunhão de fé com o Papa, participem sacramentalmente do Sacrifício da Cruz e recebam realmente o Corpo e Sangue de Cristo."*

Recapitulando:

- **Contestação do Vaticano II,**
- **acusação contra o '*Santo Padre*' e os '*bispos*' de corromper a fé,**
- **recusa da validade dos novos rituais dos sacramentos conciliares.**

Aqui estão os motivos sobre os quais fundamentaram minha « *excomunhão* »

Monsenhor Lefebvre compartilhava esses mesmos motivos, mantendo uma certa ambiguidade sobre o ponto n°3), pois ele havia consentido, por razões políticas muito criticáveis, **em admitir a validade do novo rito da missa em si, ao mesmo tempo em que considerava que a falta de intenção do celebrante tornava geralmente inválida a missa, e sem ter levado o tempo necessário para analisar o novo rito de consagração episcopal.**

O decreto de excomunhão de Monsenhor Lefebvre, de Monsenhor de Castro-Mayer e dos quatro bispos consagrados, emitido por Roma, invoca dois artigos, **dos quais um, o 1364**, que introduz a noção de cisma, **é o mesmo que foi invocado para mim:**

« Cân. 1364 - § 1. O apóstata da fé, o herege ou o cismático incorrem em uma excomunhão* latae sententiae*, permanecendo salvas as disposições do ? cân. 194, § 1, n. 2; o clérigo pode ainda ser punido com as penas mencionadas no ? **cân. 1336, § 1, nn. 1, 2 e 3**.*

§ 2. Se uma contumácia prolongada ou a gravidade do escândalo o requer, outras penas podem ser acrescentadas, incluindo a demissão do estado clerical »[1]

De fato:

*« - Marcel Lefebvre, arcebispo emérito de Tulle, tendo – **apesar do aviso formal de 17 de junho último** e das intervenções repetidas pedindo que renunciasse à sua intenção - realizado **um ato de natureza cismática** ao proceder à consagração episcopal de quatro bispos, **sem mandato pontifício e contra a vontade do Sumo Pontífice**, **incorre na pena prevista pelo cânon 1364 par. 1 e pelo cânon 1382 do código de Direito Canônico**.*

*Declaro a todos que **os efeitos jurídicos são os seguintes: por um lado, Monsenhor Marcel Lefebvre, por outro lado, Bernard Fellay, Bernard Tissier de Mallerais, Richard Williamson e Alfonso de Galarreta incorreram ipso facto em excomunhão latæ sententiæ reservada à Santa Sé. »* 'Cardeal' Gantin**

O artigo 1382 do novo código de direito canônico conciliar de 1983 é invocado também, pois Monsenhor Lefebvre agiu « ***sem mandato pontifício »*** :

*« **Cân. 1382** - O Bispo que, **sem mandato pontifício**, consagra alguém Bispo, e também aquele que recebe a consagração desse Bispo, incorrem em excomunhão latae sententiae reservada à Santa Sé. »[2]*

Mas deve-se ressaltar que no código de direito canônico aplicável às igrejas orientais (CDO), incluindo a nova edição publicada no início da década de 1990, **a consagração conferida *sem mandato pontifício* não produz a excomunhão *latae sententiae* e muito menos a qualificação de ato cismático**.

Vimos, e o VM explicou muito bem, essa situação **ocorrer na Ucrânia no início de 2008, durante a consagração ilícita (segundo Roma) de quatro bispos ucranianos[3]**.

Mas na situação de 1988, o caso é diferente, pois houve **uma advertência formal em 17 de junho de 1988** e esse ato seguiu-se a longas negociações nas quais Roma se recusava a permitir que uma ou mais consagrações fossem realizadas sem seu consentimento.

> *« Como no dia 15 de junho passado você declarou sua intenção de consagrar bispos quatro padres sem ter solicitado mandato ao Sumo Pontífice,* ***de acordo com o Cânon 1013 do código de direito canônico****, dirijo-lhe* ***esta admoestação canônica pública****, confirmando que se você executar o que foi mencionado acima,* ***você mesmo e os bispos que ordenou incorrerão ipso facto na excomunhão latæ sententiæ (automática) reservada à Santa Sé de acordo com o Canon 1382. É por isso que imploro e suplico a você, em nome de Jesus Cristo, que reflita cuidadosamente sobre o que está prestes a fazer contra as leis da disciplina sagrada, e sobre os efeitos extremamente graves que resultariam para a comunhão da Igreja Católica****, da qual você mesmo é um bispo. » *'**cardeal' Gantin**,* 17 de junho de 1988

A situação de Dom Lefebvre em junho de 1988 não é a mesma dos ucranianos no início de 2008, pois Dom Lefebvre sabia, ao consagrar, que estava agindo contra a vontade expressa do suposto « *Soberano Pontífice* ». Trata-se mesmo de uma decisão amadurecida e tomada por desconfiança em relação ao suposto « *Papa* ».

Ao começar mencionando na primeira frase do decreto: « ***apesar do aviso formal de 17 de junho passado*** *e as intervenções repetidas pedindo que renunciasse à sua intenção »* e também « ***contra a vontade do Soberano Pontífice*** », **Roma constata que Dom Lefebvre e Dom de Castro-Mayer agiram como cismáticos ao recusar formalmente submeter-se à vontade expressa do Soberano Pontífice.**

Ora, o código de direito canônico de 1917, o canon 1325, §2 apresenta a definição de cismático:

> *« **É cismático** aquele que, tendo recebido o batismo e não rejeitando a qualidade de cristão,* ***recusa com pertinácia, seja se submeter ao Soberano Pontífice, seja ter comunhão com os membros da Igreja que lhe são subordinados*** *»*

E além disso, Dom Lefebvre, assim como hoje Dom Fellay, **« *recusaram ter comunhão com os membros da Igreja que lhe são subordinados* »**.

De fato, basta considerar sob esse aspecto a atitude de Dom Fellay – na sequência, aliás, da de Dom Lefebvre – em relação aos '***bispos***' conciliares que Dom Fellay - como Dom Lefebvre – não cessou de denunciar.

Além disso, **ao martelar agora o discurso pueril e fictício dos « *maus bispos* » contra o « *bom Papa Benedito XVI* » ao qual se recusariam a obedecer, Dom Fellay cai hoje permanentemente sob o peso da definição formal de « *cismáticos* » em relação à igreja conciliar atual** (e segundo a definição tradicional do direito canônico de 1917, não recusável por Dom Fellay na medida em que reconhecem o « papa » conciliar como legítimo), **esses « *bispos* » conciliares não cessam de clamar publicamente e oficialmente « *sua plena comunhão com o « Papa » Benedito XVI* » e de protestar sua « *plena fidelidade ao Santo Pai* », quando este último se congratula publicamente e oficialmente por « *sua plena comunhão com a Santa Sé* » atual.**

O caráter formalmente cismático - segundo a definição jurídica do Direito Canônico - do comportamento atual dos bispos da FSSPX (e na medida em que reconhecem o « papa » conciliar como legítimo) é, portanto, duplo:

- em relação ao **suposto « *Papa* »** (em particular em relação ao bispo apóstata Wojtyla-JPII**)** e
- em relação aos **supostos '*bispos*'** colocados sob suas ordens que se declaram « ***em comunhão com ele*** » ('*bispos*' que, aliás, o atual Ratzinger-Benedito XVI não recusou de forma alguma - bem ao contrário - durante sua recente viagem à França).

Seguindo na mesma linha, o padre de Cacqueray atacou novamente « Dom » Dagens (‘bispo’ em comunhão com Benedito XVI), em um comunicado[4] de 22 de novembro de 2008 sobre a Porta Latina.

Por outro lado, vimos que **o decreto de excomunhão emitido por Roma contra os seis bispos invoca o artigo 1382 (sagrado sem mandato) que, por si só, é suficiente para produzir os *“efeitos jurídicos”* ipso facto: *“a excomunhão latae sententiae (imediata) reservada à Santa Sé”* no novo código de direito canônico (1983).**

Mas, apesar do caráter suficiente dessa condição (na lógica do Vaticano conciliar) para impor a pena de excomunhão, **é em razão da monição formal e solene de 17 de junho de 1988** que o Vaticano conciliar recorreu a um segundo artigo, **o artigo 1364, devido à oposição pública manifesta que constituíram os sacramentos contra a vontade do *“Sumo Pontífice”* expressa formalmente.**

O decreto do Vaticano denuncia “***um ato de natureza cismática*** *ao proceder à consagração episcopal de quatro bispos,* ***sem mandato pontifício e contra a vontade do Sumo Pontífice***” e Roma sanciona: “***ele incorre na pena prevista pelo cânon 1364 § 1***”.

O “cardeal” Lustiger resumirá essa lógica romana:

> *“Monsenhor Lefebvre, sem mandato pontifício e contra a vontade expressa de João Paulo II, consagrou quatro bispos. Este ato de desobediência de extrema gravidade constitui um grupo cismático separado de Roma e da Igreja Católica. Nem esse grupo nem seus fiéis podem ser considerados católicos.”*

A conclusão do que precede é que, ao realizar o ato salvador das consagrações de 1988, e em razão da definição do código de 1917, Dom Lefebvre e os quatro outros bispos **se colocaram na situação de “*cismáticos*” formais em relação às autoridades conciliares uma vez que persistem em reconhecê-las como ainda legítimas**. E a lógica do novo direito canônico de 1983 também conclui para o cisma.

É, portanto, hoje perfeitamente falacioso e implicitamente radicalmente contraditório da parte de Dom Fellay:

- declarar a dita “***excomunhão***” sem fundamento ao **negar a incriminação de sua atitude de cisma em relação aos *“bispos”* conciliares** “***em plena comunhão com o Papa Bento XVI***”, e ao mesmo tempo
- **pedir a retirada do decreto a esse mesmo suposto *“Papa Bento XVI”*,** o qual se alegra com “***a plena comunhão com a Sé Apostólica desses mesmos bispos conciliares***”.

Ao recusar obstinadamente reconhecer imediatamente o corolário do primeiro ponto de seu raciocínio, ou seja, a total ilegitimidade da Roma atual e de suas “***autoridades***” conciliares ecumênicas apóstatas, **Dom Fellay se coloca ele mesmo em uma situação irredutível de incoerência e contradição.**

A consequência lógica de sua súplica de retirada do decreto de *“excomunhão”* e de rejeição da acusação de *“cisma”* é declarar que a autoridade conciliar - Ratzinger-Bento XVI incluído - não pertence de forma alguma hoje à Igreja Católica, pois se fizeram totalmente cismáticos após o Vaticano II em relação à verdadeira Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo representada pelos 260 primeiros Papas, os Pontífices conciliares romanos não cessando mesmo, desde 1986, ao sair de cada uma de suas visitas públicas repetidas às sinagogas pelo mundo, de apostatar publicamente e formalmente a única e eterna Messianidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, da qual a Santa Igreja constitui o Corpo místico.

E é para tentar remover este óbvio dilema lógico e jurídico que Monsenhor Fellay, sob o conselho da Roma apóstata, retransmitida pelas suas redes infiltradas dentro da FSSPX, tem desenvolvido desde a “eleição” no mês de Abril de 2005 de o apóstata Padre Ratzinger na “Sé Pontifícia” sob o nome de Bento XVI, o discurso infantil e absurdo dos “maus e perversos bispos” que hoje se oporiam ao “bom Papa Bento XVI”, que

suplicaria à Fraternidade Santo Pio foi martelado descaradamente, em particular pela Direção do Distrito Francês da FSSPX em Suresnes e sua bela equipe de clérigos infiltrados, liderados pelo Padre de Cacqueray.

Na verdade, é precisamente este discurso infantilmente mentiroso e artificial que por si só ainda permite hoje que Monsenhor Fellay e a Direcção Menzingen da FSSPX continuem – a rejeitar a acusação de cisma – a ainda invocar legalmente a desculpa da absolvição canónica do “estado de necessidade” previsto no artigo 1.323 e no artigo 1.324 do Novo Código de Direito Canônico Conciliar de 1983:

> “Além disso, não há excomunhão!” Não é válido, porque o direito canônico nos diz (cânones 1323 e 1324): “Não é punível com pena alguma quem, quando violou uma lei ou um preceito, agiu forçado por um medo grave, ou movido pela necessidade , ou para evitar um transtorno grave”; Então, não tem problema...
>
> “No entanto, este é o argumento que apresentamos desde 1988: este estado de necessidade. Cânon 1324: “O autor da infração não está isento de pena, mas a pena prevista na lei ou no preceito deve ser amenizada, ou deve ser substituída por penitência, se a infração foi cometida por quem, por erro do qual ele é culpado, acreditou que uma das circunstâncias referidas no cânon 1323 estava ocorrendo.” Mesmo que Monsenhor fosse culpado de um erro de avaliação da situação na Igreja, se tivesse feito um julgamento errado sobre o estado de necessidade na Igreja, a punição deveria ser moderada. E o último parágrafo deste mesmo cânon: “Nas circunstâncias referidas no parágrafo 1º, o culpado não está sujeito à pena latae sententiae”. Portanto não há cisma, portanto não há excomunhão. » Padre Simoulin, Le schisme introuvable, Lyon, 1997.

Assim, em 2008, seria ainda o “estado de necessidade” que ainda hoje absolveria Monsenhor Fellay e a liderança de Menzingen de qualquer acusação de “cisma” contra a actual Igreja Romana, segundo a definição do Código de Direito Canónico de 1917 apresentou no seu artigo cânon 1325, §2 acima recordado: este “estado de necessidade” que lavaria Dom Fellay em 1988, se transformaria num novo estado de necessidade que residiria precisamente hoje na necessidade de “ajudar” o " bom Papa Bento XVI" no seu alegado desejo de "restaurar a Tradição Católica na Igreja Católica" contra a recusa obstinada de todos os "maus e perversos bispos" que hoje estariam "em revolta contra este bom Papa Bento XVI e contra o seu desejo de restaurar a Tradição Católica na Igreja Católica"

Monsenhor Lefebvre acompanhado do padre Paul Schoonbroodt (à esquerda) e do sacerdote alemão Jungbluth. Procissão para a missa do domingo, 24 de abril de 1977, em Steffeshausen.

A Tradição, portanto, é mantida em plena enganação, e esse enorme e ridículo sofisma é espalhado pela Direção da FSSPX que **vira as costas para a posição de Monsenhor Lefebvre em 1988 e até sua morte repentina**. Se o fundador voltasse, ficaria atônito ao ver o que se tornou sua obra.

De fato, ele declarou em 10 de julho de 1998, em Bitche, logo após as ordenações (veja o texto integral ao final deste VM):

« Por isso, durante os eventos que vivemos hoje e que - infelizmente - não dependem de mim, dizem que somos cismáticos; dizem que estamos excomungados. Vamos nos perguntar quem nos acusa assim e por que somos excomungados. ***Aqueles que nos excomungam já estão excomungados há muito tempo****. Por quê? Porque são* ***modernistas****. Com espírito modernista, fizeram uma igreja conforme ao espírito do mundo.*

E é esse modernismo que foi condenado por São Pio X, o patrono da Fraternidade. Este último santo papa condenou os modernistas e os excomungou. ***Todos esses espíritos que são modernistas são excomungados por São Pio X.*** *São essas pessoas imbuídas dos princípios modernistas que nos excomungam enquanto estão excomungadas pelo papa São Pio X.*

E por que nos excomungam? Porque queremos permanecer católicos, porque não queremos segui-los nesse ***espírito de demolição da Igreja****. Como vocês não querem vir conosco para contribuir para a demolição da Igreja, nós os excomungamos. - Muito bem: obrigado.* ***Preferimos ser excomungados****. (****Vivas e longos aplausos****). »* Monsenhor Lefebvre, *Fideliter* n°85

Isso também é o que escrevia o padre Pivert na mesma edição de *Fideliter* e que contradiz radicalmente o comportamento de Monsenhor Fellay desde 2000:

« Roma condena nossa fidelidade, incompatível com seu modernismo. O inquietante seria que fôssemos aceitos pelos modernistas » padre Pivert (veja ao final deste VM)

Quanto a mim pessoalmente, na minha situação, **foi o mesmo artigo 1364 que foi invocado** pelo "***Monsenhor***" Houssiau e depois confirmado pelo "***cardeal***" Innocenti:

« Declaramos pelo presente decreto que ***Senhor padre Schoonbroodt incorreu na excomunhão prevista pelo canon 1364 § 1****. »*

Pelo motivo de acusação de cisma, **Monsenhor Lefebvre compartilha, portanto, comigo, essa mesma causa de excomunhão (can. 1364) que não é nada mais do que o cisma com a falsa igreja conciliar apóstata que se faz passar pela verdadeira Igreja católica**.

Como entender, de fato, **a acusação de cisma[6] da parte daqueles que estão em cisma, e mesmo em situação de heresia, com a doutrina católica professada por 260 papas, senão para querer continuar obstinadamente a professar publicamente essa mesma doutrina católica que esses mestres modernistas atuais do Vaticano se obstinam a enterrar e a contradizer em seu pretenso « *Magistério » ecumênico*?**

Como, se não como **uma gloriosa declaração de cisma com *« o espírito adúltero que soprou na Igreja[7] nos últimos 25 anos » e da « comunhão ímpia com os infiéis » ?***

Hoje, Mons. Fellay teria então decidido abandonar essa separação pública radical do "espírito adúltero do Vaticano II" e da "comunhão ímpia com os infiéis", já que ele pede oficialmente a retirada desse decreto? E isso quando ele não para de se distanciar publicamente dos "bispos" conciliares que estão submetidos a Ratzinger-Bento XVI e que não param de protestar sua "plena comunhão" com ele?

Então, não entendo como Mons. Fellay, cuja ordenação episcopal eu assisti em Écône em 30 de junho de 1988, evento que desencadeou o processo que levaria meu 'bispo' conciliar a me "excomungar", como o Superior da FSSPX, Mons. Fellay, pode hoje pedir a essa mesma Roma apóstata a retirada do decreto de "excomunhão" que o atinge (assim como a mim), quando o próprio Mons. Lefebvre escreveu então, em sua carta ao Cardeal Gantin (prefeito da Congregação para os Bispos), em 6 de julho de 1988 (recordada no anexo da Carta Aberta de 10 de outubro de 2006 dos fiéis aos três bispos da FSSPX[8], que figura há dois anos na frente das mensagens da Virgo-Maria, assim como nesta mensagem):

> "Nós nunca quisemos pertencer a esse sistema que ele próprio se qualifica de Igreja conciliar (…) Nós não temos nenhuma parte com o panteão das religiões de Assis; nossa própria excomunhão por um decreto de Vossa Eminência não seria senão uma prova irrefutável disso. Nós não pedimos nada melhor do que ser declarados "ex communione" do espírito adúltero que sopra na Igreja há 25 anos, excluídos da comunhão ímpia com os infiéis."

Eu não entendo como, em 27 de outubro de 2008 em Lourdes, na presença dos bispos da FSSPX, o padre de Cacqueray possa falar de "opróbrio", "humilhação", "pena sofrida pelo Episcopado" dos bispos, "aflição sofrida" pelos bispos, "forte" "estigmatização", de "pena carregada", de "humilhação de nossos pais", de "restabelecimento de uma justiça", de "cessação de uma injustiça", de "fustigação" do "passado da Igreja", da "memória de Mons. Lefebvre e Mons. de Castro-Mayer fustigada", sobre o que constitui na realidade um selo de ortodoxia da Fé:

> "Vos foi misteriosamente pedido que sofressem diante da Igreja um opróbrio misterioso que dura até hoje. E as humilhações nunca Vos foram poupadas. Esta peregrinação a Lourdes, ao mesmo tempo que deu a todos os Vossos sacerdotes e a todos os peregrinos a alegria de Vossa presença, lhes deu também a oportunidade de tomar consciência exteriormente dessa pena que Vosso episcopado sofre.
>
> É por isso que, agradecendo calorosamente do fundo do coração a Mons. Périer, bispo de Tarbes e de Lourdes, por sua acolhida e sua hospitalidade neste Santuário, não podemos deixar de lhe ocultar nossa tristeza por termos sido testemunhas dessa aflição que nossos bispos continuam a sofrer.
>
> Quanto a nós, Excelências, sabíamos bem que essa pena, tão pública quanto seja, não é senão aparente, e queremos Vos dizer nossa profunda gratidão por aceitarem carregá-la pela honra de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santa Igreja. Embora não tenhamos sido estigmatizados tão fortemente quanto Vós o fostes, consideramo-nos no dever de carregar essa pena convosco, pois temos bem a consciência de que a carregais por nós.
>
> Como poderíamos (aplausos) ... como poderíamos não querer carregar a humilhação de nossos pais? Excelências, ouvistes o bater das palmas, sabei que o bater de nossos corações é ainda maior. (Aplausos)
>
> Prezado Senhor Superior Geral, Você nos convidou a rezar o Rosário para que cesse essa opressão. Temos consciência de que seu pedido não é inspirado pelo cansaço. Na realidade, você nos convida a rezar pelo restabelecimento de uma justiça que ultrapassa amplamente suas pessoas e até mesmo a venerável memória daqueles que o elevaram à dignidade episcopal. O fim dessa injustiça é de suma importância para o bem comum e a honra da Igreja. Pois, na verdade, mais do que suas pessoas, ou mesmo do que a venerada memória de Suas Excelências Reverendíssimas Dom Marcel Lefebvre e Dom Antonio de Castro Mayer, é na realidade o passado da Igreja e, portanto, sua identidade que essas censuras, por enquanto, ainda fustigam. Padre de Cacqueray, Lourdes, 27 octobre 2008.

O Padre de Cacqueray está produzindo aqui um enorme contrassenso sobre a posição de Dom Lefebvre em relação a essa "excomunhão": Dom Lefebvre e "nossos pais" não viram nenhuma humilhação, e muito menos uma injustiça, mas, pelo contrário, uma justiça feita à sua Fé diante de Deus, uma "prova irrefutável", uma exclusão "da comunhão ímpia com os infiéis".

Além disso, o Padre de Cacqueray se desvia ao pedir a retirada do decreto de "excomunhão". Acabamos de ver acima.

Quem é o Padre de Cacqueray para querer assim enganar os clérigos e os fiéis?

Esse padre de Cacqueray muito jovem e pouco formado fala desses eventos como se não os tivesse vivido (onde estava em 1988?), e se comporta como se estivesse dando uma lição a antigos que sabem muito melhor do que ele sobre o que estão falando e do que se trata.

O Padre de Cacqueray faria melhor se se humilhasse e se abstivesse de expor uma situação que ele deturpa como um noviço que viesse reescrever a história diante daqueles que a viveram e a fizeram.

Em vez de se desviar nesse pedido indecente de "retirada do decreto de excomunhão" servilmente endereçado ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI - o "excomungador" de Dom Lefebvre - o que constitui uma ruptura total com a abordagem do próprio Dom Lefebvre[9], o fundador da FSSPX, que, pelo contrário, considerava publicamente essa pseudo-"excomunhão" por essas autoridades romanas apóstatas e prevaricadoras como uma insígnia da retidão de sua luta para preservar a Fé e o Sacerdócio católicos autênticos, Dom Fellay, Dom Tissier e Dom de Galarreta fariam muito melhor - O QUE É SEU DEVER ELEMENTAR DE PASTORES CATÓLICOS - finalmente decidirem querer clara e publicamente responder à carta aberta respeitosa e legítima que os fiéis da Tradição e suas famílias lhes enviaram desde 10 de outubro de 2006 sobre a invalidade sacramental dos pseudo-"bispos" conciliares desde a promulgação do *Pontificalis Romani* em 18 de junho de 1968 pelo bispo apóstata Montini-Paulo VI (cf. www.rore-sanctifica.org), e, consequentemente, dos pseudo-"padres" que esses pseudo-"bispos" ordenaram nos últimos quarenta anos.

Gostaria de esclarecer aqui que, embora sempre tenha mantido relações de confiança, respeito e estima – até mesmo admiração – em relação a Monsenhor Lefebvre, que me honrou ao pedir minha ajuda para a fundação do Carmelo de Além-Quiévrain, e que eu o convocava para confirmações, **nunca pertenci formalmente à *Fraternidade Sacerdotal São Pio X*, embora tenha mantido boas relações por muito tempo com alguns de seus clérigos, incluindo Monsenhor Tissier, que procedeu à dedicação da Igreja do Sagrado Coração de Jesus que sirvo em Steffeshausen**. **Além disso, muitos dos meus paroquianos atuais – tanto na Bélgica, quanto na França ou em outros países da Europa – ocasionalmente frequentam os priorados e as capelas da FSSPX.**

Na capela privada do castelo de Reinhardstein perto de Malmédy, na noite de 24 de abril de 1977.
O padre Schoonbroodt (à direita) traduz o sermão que Monseigneur Lefebvre pronunciou, onde disse que para o altar do santo Sacrifício da missa deve-se estar pronto para dar a vida.

É nesse contexto particular que a atual deriva mortal da obra de salvaguarda do Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido fundada por Monsenhor Lefebvre – **hoje em ruptura com os objetivos fundamentais de seus estatutos[10] – que se desenvolve e se precisa hoje, me preocupa profundamente, assim como perturba e desorienta muito gravemente muitos dos meus paroquianos atuais que desejam conservar intacta sua fé católica, na Bélgica, na França ou em outra parte da Europa**.

Um deles, a propósito, me escreveu hoje, enviando-me o panfleto da "***Cruzada pelo Retorno do Decreto***":

> *"Prezado Senhor Padre, isso continua; não é para surpreendê-lo. Anexo o famoso panfleto que vimos sendo distribuído: foi novamente recomendado, calorosamente, ao nosso priorado de X. Parece não ter recebido uma recepção muito entusiástica!... Pessoalmente, penso que é uma*

manobra dos cripto-raliados; eu deixei isso claro: muitos compartilham meu sentimento." Assinado por um fiel.

Outro ainda escreveu ao Sede do Distrito da FSSPX na França, em Suresnes, e me enviou uma cópia de sua correspondência:

"Não se deve tomar os filhos de Deus por patos selvagens...

Lembre-se de sua carta de missão diante deste anticristo Ratzinger através de nossos 4 bispos, que não mudou em nada, exceto para pior; caso contrário, demita-se imediatamente! Não há, nesse caso, nada a fazer nesta FSSPX, pois não apenas a desonra, mas se condena com as pobres ovelhas que você manipula vergonhosamente: não há excomunhão que valha e, portanto, nenhuma anulação a ser pedida a um usurpador antipapa.

Leia http://www.rore-sanctifica.org/, http://www.virgo-maria.org/, http://www.fidemservavi.info/

Assim se registra diante do tribunal de Deus, onde Monsenhor o aguarda firmemente." Assinado por um fiel.

Aqui estão agora os **FATOS** da minha suposta "***excomunhão***" pelos apóstatas conciliares que já havia exposto no **6 de julho de 2008**, durante meu sermão pelo **jubileu de 50 anos do meu Sacerdócio sacrificial católico**, celebrado na minha paróquia em Steffeshausen, na igreja do Sagrado Coração de Jesus:

*"Em 1988, depois que participei das ordenações dos quatro bispos por Monsenhor Lefebvre e por Dom de Castro Mayer em Écône, recebi da diocese uma documentação sobre a unidade da Igreja, a saber, um questionário contendo os 5 pontos do protocolo de acordo que Roma havia submetido a Dom Lefebvre em 5 de maio de 1988 para assinatura. Após tê-lo fornecido, foi solicitado que ele fizesse outras assinaturas, o que o levou a denunciar a assinatura do protocolo de acordo no dia seguinte. No documento emanado da diocese, era pedido que eu aceitasse o missal de 1962 e, em caso de solicitação por parte de certos fiéis, aceitasse celebrar também a nova missa, ainda que em latim.

Essas eram as condições que o bispo impunha para que eu pudesse permanecer como pároco em Steffeshausen.

Mas, por motivos doutrinários, eu não poderia assinar, pois teria que declarar que a nova missa e os novos sacramentos eram válidos, mesmo na língua vernácula. Em consciência, eu não podia. Assim, o "bispo" me destituiu em 18 de outubro de 1988 e, em seguida, me excomungou, porque, apoiado por um comitê de apoio, defendíamos a igreja paroquial mantendo afastado o pároco vizinho encarregado de celebrar a nova missa. A diocese, então, moveu um processo civil para obter uma decisão liminar. Essa decisão foi proferida em 9 de dezembro de 1988. Eu deveria devolver as chaves da igreja. Como não o fiz, mesmo a pedido da polícia, eles entraram na igreja à força quebrando as fechaduras. Então, esvaziamos o tabernáculo, levando o Santíssimo Sacramento para a sala de catequese. Assim, continuamos a vida paroquial na hospedaria da aldeia, de propriedade do pároco há algum tempo, adaptando a sala do restaurante como capela provisória.

Eu sabia que a bula "*Quo primum tempore*" de São Pio V concede um direito perpétuo a todo padre de celebrar ou rezar a missa segundo esse missal. Além disso, ele nunca poderá receber uma sanção eclesiástica por isso.

No entanto, a autoridade eclesiástica impôs sanções, ela proíbe a tradição católica e persegue

aqueles que a mantêm. O que mais é preciso para ver que é uma nova igreja? Ela claramente suplantou a Igreja de sempre. É evidente que, da parte do católico, o dever de obediência não existe."[11]

Tive então a oportunidade de voltar ao mesmo assunto no dia 4 de agosto de 2008, na VM, publicando o decreto da minha destituição como pároco de Steffeshausen:

"Eu sofri uma perseguição semelhante à de Dom Lefebvre. Ordenado sob Pio XII, em julho de 1958, na catedral de Liège, subdiretor de um seminário, depois intimado a dizer que a 'nova missa' era 'boa', participando em junho de 1988 da cerimônia da Consagração de Dom Fellay e dos três outros bispos da FSSPX, sendo convidado a assinar os cinco pontos do protocolo de acordo submetido pelo Vaticano a Dom Lefebvre, a aceitar o missal de 62, a aceitar os novos sacramentos como válidos, a reconhecer o novo Direito Canônico, fui destituído pelo 'bispo' Albert Houssiau.

Após nossa recusa em abandonar a igreja paroquial à nova religião, a excomunhão se seguiu. Esta excomunhão foi confirmada pelo cardeal Innocenti, prefeito da Congregação do Clero, em julho de 1989.

Após um processo civil movido por instigação da autoridade diocesana, eu fui expulso da minha igreja paroquial e privado do salário de pároco pago pelo Estado belga, dentro de dez dias. Claro, recebi o apoio de muitos amigos católicos para poder construir minha própria igreja a três ou quatrocentos metros da igreja paroquial. Sofri todas essas desvantagens **para manter a fé católica para mim e para meus fiéis.**

Eu julgava ser meu dever estar presente nas consagrações de 30 de junho de 1988 em Écône porque, assim, podia apoiar uma ação excepcional de "operação sobrevivência" do Sacerdócio católico, da Missa-Sacrifício e dos Sacramentos católicos.[12]

Aqui estão as cartas recebidas do bispo em 1988 e 1989.

ALBERT HOUSSIAU, EVÊQUE DE LIÈGE

Por um lado, há o decreto de ***"excomunhão"***, por outro lado, a aprovação desse decreto pela ***Congregação para o Clero*** em Roma.

Aqui está o decreto de "excomunhão" de 1988:

DECRETO

- Considerando as conversas que tivemos em 14-09-1988 e 18-10-1988 com o Sr. padre Schoonbroodt, na presença de nosso Vigário geral e do Sr. padre Rohen, Notário da Diocese de Liège;

- Considerando as declarações que nos fez o Sr. padre Schoonbroodt, suas críticas aos ensinamentos do Concílio Vaticano II, seus ataques à pessoa do Santo Padre e aos Bispos que estão em comunhão com ele, acusados de corromper a fé, sua recusa em aceitar a validade do ritual promulgado pelo Papa Paulo VI;

- Considerando que fizemos as advertências usuais

Nós, Bispo de Liège

tivemos que constatar que o Sr. padre Schoonbroodt rompeu com a unidade da Igreja e incorreu na excomunhão *latae sententiae* prevista pelo cânon 1364; que não estava mais, portanto, nas condições para exercer o ministério sacerdotal dentro da Igreja católica.

Consequentemente, constatamos que ele foi revogado de pleno direito e liberado de sua tarefa de pároco de Steffeshausen (cânon 194, § 1, 2°).

Proibimos-o de celebrar qualquer sacramento na igreja de Steffeshausen e na capela de Auel.

Fizemos-lhe saber que, se desobedecesse a esta proibição, declararíamos a excomunhão incorrida.

- Considerando que o padre Schoonbroodt desobedeceu às nossas ordens.

Declaramos por este presente decreto que o Sr. padre Schoonbroodt incorreu na excomunhão prevista pelo cânon 1364 § 1.

Feito em Liège, em 24 de outubro de 1988

Edmond ROHEN
Notaire

Adiciono também o **relatório do conselho presbiteral datado de 14 de dezembro de 1988 em Liège.**

Steffeshausen: comunicados oficiais

A respeito do padre Paul Schoonbroodt, o bispado de Liège divulgou dois comunicados: nos dias 19 e 24 de outubro de 1988. Embora seu conteúdo seja conhecido por todos desde então, convém publicá-los aqui na íntegra.

Em 19 de outubro de 1988

Após intercâmbios com o padre P. SCHOONBROODT, pároco de Steffeshausen, Dom A. HOUSSIAU, bispo de Liège, recebeu dele respostas negativas às questões que o Papa João Paulo II fez ao Dom Lefebvre (veja o Motu proprio *Ecclesia Dei*) em relação à fidelidade ao Papa, à adesão ao ensinamento do magistério do Papa João Paulo II e do Concílio ecumênico, ao reconhecimento da validade da missa e dos sacramentos

feitos e administrados, conforme os livros litúrgicos promulgados por Paulo VI e João Paulo II.

Ele acusa o Papa e os bispos em comunhão com ele de corromper a fé e nega que os fiéis que participam da missa do Papa, dos bispos e dos padres tenham comunhão de fé com o Papa, e tenham parte sacramentalmente no Sacrifício da Cruz e realmente recebem o Corpo e o Sangue de Cristo.

Reconhecendo os méritos e a dedicação do padre P. SCHOONBROODT, o bispo considera que não pode mais mantê-lo em seu cargo pastoral e que não pode confiar-lhe outro enquanto persistir em sua atitude.

O bispo de Liège já toma as disposições para suprir a paróquia de Auel - Steffeshausen.

24 de outubro

Após a demissão do padre Paul SCHOONBROODT e a nomeação do padre Willy KESSEL como pároco de Steffeshausen-Auel, a diocese constata que o padre Paul SCHOONBROODT se recusou a entregar as chaves da igreja, celebrou ele mesmo a missa em Auel e em Steffeshausen na manhã de domingo, 23 de outubro, e impediu a maioria dos paroquiães de Steffeshausen de celebrar a eucaristia dominical com seu novo pároco em sua própria igreja. Não desejando exercer nenhuma violência, o pároco e os fiéis foram a Burg-Reuland para participar do sacrifício da missa.

Embora por suas declarações anteriores e atuais, o padre Paul SCHOONBROODT já tenha se afastado da comunhão católica ao redor do Papa João Paulo II, ao se opor agora por atos públicos à decisão do bispo e à maioria dos fiéis de Steffeshausen, ele força o bispo a declarar publicamente, por meio do presente comunicado, sua excomunhão para esclarecer toda a situação.

O bispo e seu Conselho unânime farão todo o possível para fazer valer, sem exercer violência, os direitos dos paroquiães de Steffeshausen fiéis à comunhão da Igreja universal.

Embora lamente profundamente esses eventos, o bispo fará todo o possível para que o padre Paul SCHOONBROODT possa retornar plenamente à comunhão da Igreja universal. » **Revista diocesana Igreja de Liège, janeiro de 1989**

Eu também anotei na publicação « *Igreja de Liège* » de fevereiro de 1989:

> *« Um aspecto da dificuldade foi destacado por **um antigo companheiro de trabalho de Paul Schoonbroodt**. "Sou testemunha, afirmou este sacerdote em Conselho Presbiteral, das **dificuldades que Paul teve para relativizar as coisas que lhe foram ensinadas a absolutizar**. Porque o perigo não está apenas nos pensamentos errados; ele também está nas ideias pré-estabelecidas." »*

Há uma passagem marcante onde **o presidente do conselho, o padre Fernand Villers, antigo colega de colégio, tenta me desculpar por minha falta de flexibilidade, por não ser capaz de me adaptar, enquanto se trata unicamente da fidelidade à doutrina católica, algo que eles não compreendem mais.**

Estou orgulhoso de ter lutado pela verdade, pela missa e pelos sacramentos válidos, portanto também pelo sacramento da Ordem, praticamente sozinho, mas certamente com a assistência do Céu.

Portanto, se as dificuldades terminaram na construção da minha igreja, é bom saber que isso pode ter acontecido, **porque *eu sabia que a igreja conciliar não é a verdadeira Igreja***.

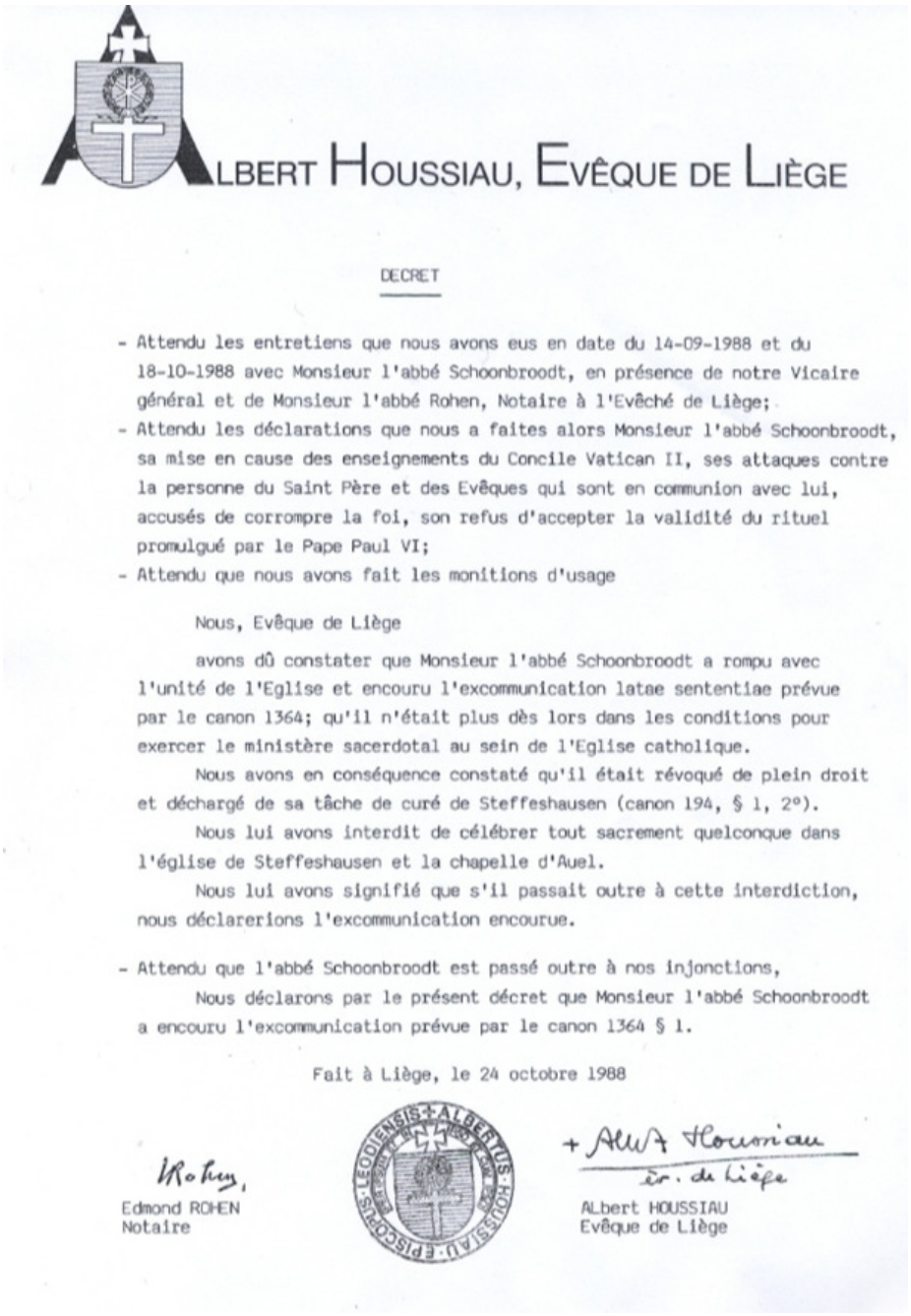
Acredito que após vinte anos, a história local ainda é atual, e bem além das fronteiras da minha paróquia na Bélgica.

Continuemos o bom combate.

padre Paul Schoonbroodt

© 2008 virgo-maria.org

ANEXOS



ALBERT HOUSSIAU, EVÊQUE DE LIÈGE

DECRET

- Attendu les entretiens que nous avons eus en date du 14-09-1988 et du 18-10-1988 avec Monsieur l'abbé Schoonbroodt, en présence de notre Vicaire général et de Monsieur l'abbé Rohen, Notaire à l'Evêché de Liège;
- Attendu les déclarations que nous a faites alors Monsieur l'abbé Schoonbroodt, sa mise en cause des enseignements du Concile Vatican II, ses attaques contre la personne du Saint Père et des Evêques qui sont en communion avec lui, accusés de corrompre la foi, son refus d'accepter la validité du rituel promulgué par le Pape Paul VI;
- Attendu que nous avons fait les monitions d'usage

Nous, Evêque de Liège

avons dû constater que Monsieur l'abbé Schoonbroodt a rompu avec l'unité de l'Eglise et encouru l'excommunication latae sententiae prévue par le canon 1364; qu'il n'était plus dès lors dans les conditions pour exercer le ministère sacerdotal au sein de l'Eglise catholique.

Nous avons en conséquence constaté qu'il était révoqué de plein droit et déchargé de sa tâche de curé de Steffeshausen (canon 194, § 1, 2°).

Nous lui avons interdit de célébrer tout sacrement quelconque dans l'église de Steffeshausen et la chapelle d'Auel.

Nous lui avons signifié que s'il passait outre à cette interdiction, nous déclarerions l'excommunication encourue.

- Attendu que l'abbé Schoonbroodt est passé outre à nos injonctions,

Nous déclarons par le présent décret que Monsieur l'abbé Schoonbroodt a encouru l'excommunication prévue par le canon 1364 § 1.

Fait à Liège, le 24 octobre 1988

Edmond ROHEN
Notaire

+ Albert Houssiau
Ev. de Liège

ALbert HOUSSIAU
Evêque de Liège

PROT. 186038/I

SACRA CONGREGATIO PRO CLERICIS

LEODIENSIS
Excommunicationis
R.D.SCHOONBROODT - EXC.MUS ORDINARIUS

COPIE

DECRETUM

Die 25 Novembris 1988 Presbyter Paulus SCHOONBROODT, parochus in oppido v.d. Steffeshausen, Dioecesis Leodiensis, recursum interposuit ad hanc Congregationem pro Clericis adversus Decretum excommunicationis datum die 19 eiusdem mensis ab Ordinario, qui eum ob delictum schismatis, de quo in can. 1364, § 1, cum consequenti amotione ab officio, excommunicatum declaravit.

Facti species delicti, quod Episcopus Presbytero denuntiavit, haec est: "...il met en cause des enseignements du Concile Vatican II; il attaque la personne du Pape et des Evêques en communion avec lui; il les accuse de corrompre la foi et il refuse d'accepter la validité du rituel promulgué par le Pape Paul VI".

Haec Congregatio, rite perpensis omnibus documentis a recurrente et ab Ordinario missis, Decretum Episcopi confirmat et ratum habet ex eo quod:

1. Episcopus Leodiensis, excommunicationem "latae sententiae" declarando, leges canonicas recte applicavit sollemnitatesque iuris, sive in procedendo sive in decernendo, rite servavit.

2. Propter hanc sanctionem disciplinarem, Presbyter ab officio "ipso iure" amotus est, ad normam can.194, § 1, 2°.

3. Reverendus SCHOONBROODT omnia vetita, in can. 1331 statuta, servare debet et insuper abstinere a munere parochi exercendo; quamprimum liberam relinquere debet paroecialem domum et omnia quae ad paroeciam pertinent ei tradere, cui Episcopus paroeciam commiserit (can.1747, § 1).

Haec Congregatio sic statuit et decernit. Decretum hoc recurrenti canonice intimandum est et statim, a momento notificationis, plene vim suam obtinet.

Datum Romae, ex Aedibus Congregationis pro Clericis, die 26 Julii 1989.

+ Silvestrini
a secretis

Steffeshausen: communiqués officiels

A propos de l'Abbé Paul Schoonbroodt, l'évêché de Liège a diffusé deux communiqués: les 19 et 24 octobre 1988. Bien que leur teneur soit connue de tous depuis lors, il convient de les publier ici intégralement.

Le 19 octobre 1988

Au terme d'échanges avec l'abbé P. SCHOONBROODT, curé de Steffeshausen, Mgr A. HOUSSIAU, évêque de Liège, a reçu de sa part des réponses négatives sur les questions qu'a posées le Pape Jean Paul II à Mgr Lefebvre (voir le Motu proprio Ecclesia Dei) concernant la fidélité au Pape, l'adhésion à l'enseignement du magistère du Pape Jean Paul II et du Concile oecuménique, la reconnaissance de la validité de la messe et des sacrements faits et administrés, selon les livres liturgiques promulgués par Paul VI et Jean Paul II.

Il accuse le Pape et les évêques en communion avec lui de corrompre la foi et nie que les fidèles qui participent à la messe du Pape, des évêques et des prêtres en communion de foi avec le Pape, aient part sacramentellement au Sacrifice de la Croix et reçoivent réellement le Corps et le sang du Christ.

Tout en reconnaissant les mérites et le dévouement de l'abbé P. SCHOONBROODT, l'évêque estime qu'il ne peut plus le maintenir dans sa charge pastorale et qu'il ne peut lui en confier une autre aussi longtemps qu'il persiste dans son attitude.

L'évêque de Liège prend dès à présent les dispositions pour pourvoir à la cure de Auel-Steffeshausen.

Le 24 octobre

Après la démission de l'abbé Paul SCHOONBROODT et la nomination de l'abbé Willy KESSEL comme curé de Steffeshausen-Auel, l'évêché constate que l'abbé Paul SCHOONBROODT a refusé de donner les clés de l'église, a célébré lui-même la messe à Auel et à Steffeshausen ce dimanche 23 octobre au matin et a empêché la majorité des paroissiens de Steffeshausen de célébrer l'eucharistie dominicale avec leur nouveau curé dans leur propre église. Ne voulant exercer aucune violence, le curé et les fidèles sont allés à Burg-Reuland pour participer au sacrifice de la messe.

Bien que par ses déclarations antérieures et actuelles, l'abbé Paul SCHOONBROODT soit déjà sorti lui-même de la communion catholique autour du pape Jean-Paul II, en s'opposant maintenant par des actes publics à la décision de l'évêque et à la majorité des fidèles de Steffeshausen, il force l'évêque à déclarer publiquement, par le présent communiqué, son excommunication pour faire toute la clarté.

L'évêque et son Conseil unanime mettront tout en oeuvre pour faire valoir, sans exercer de violence, les droits des paroissiens de Steffeshausen fidèles à la communion de l'Eglise universelle.

Tout en regrettant vivement ces événements, l'évêque fera tout son possible pour que l'abbé Paul SCHOONBROODT puisse rejoindre pleinement la communion de l'Eglise universelle.

***Fideliter* n° 65, setembro-outubro de 1988**

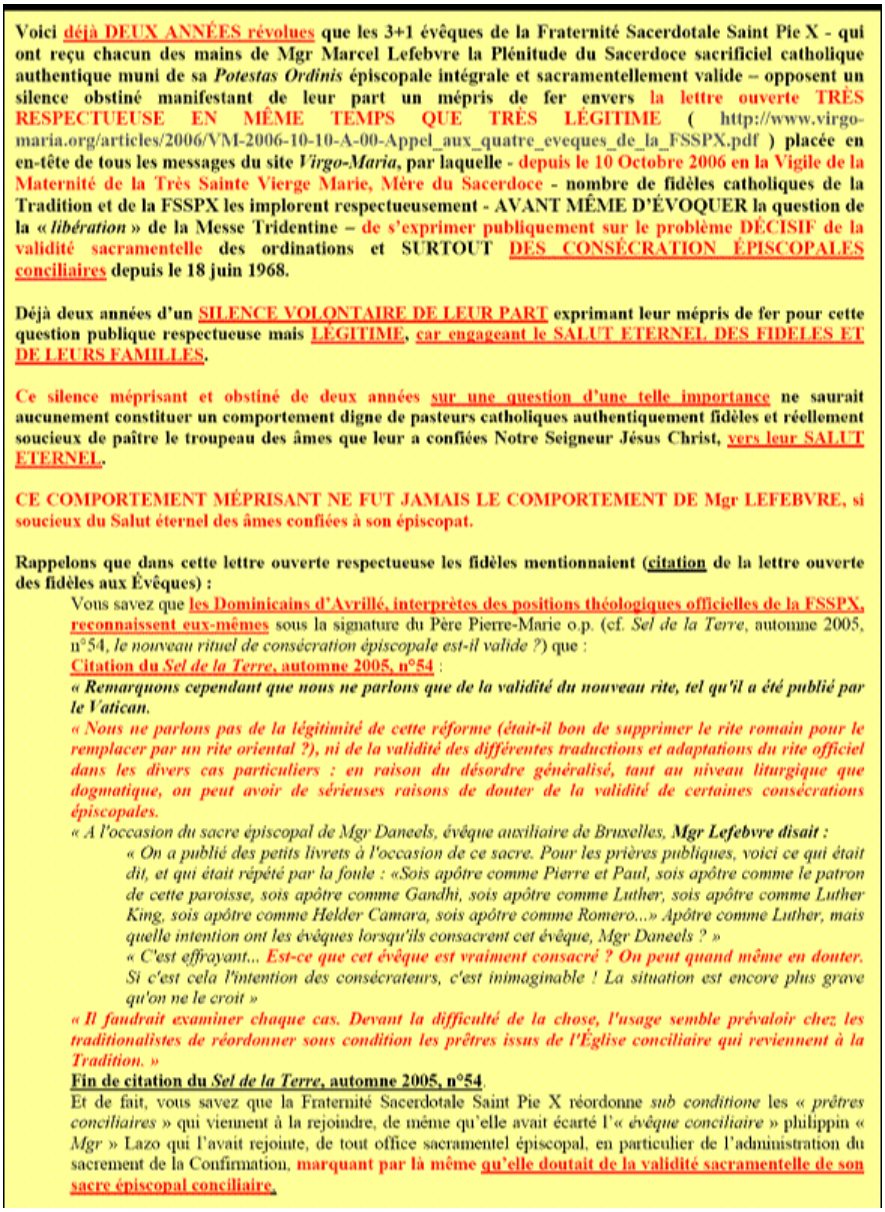
CENSURADO

- 1988 -

O cisma introuvável

Transcrição de uma conferência dada em Lyon, no dia 17 de março de 1997 pelo Sr. o padre Michel Simoulin.

CENSURADO



Voici déjà DEUX ANNÉES révolues que les 3+1 évêques de la Fraternité Sacerdotale Saint Pie X - qui ont reçu chacun des mains de Mgr Marcel Lefebvre la Plénitude du Sacerdoce sacrificiel catholique authentique muni de sa *Potestas Ordinis* épiscopale intégrale et sacramentellement valide – opposent un silence obstiné manifestant de leur part un mépris de fer envers la lettre ouverte TRÈS RESPECTUEUSE EN MÊME TEMPS QUE TRÈS LÉGITIME (http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-10-A-00-Appel_aux_quatre_eveques_de_la_FSSPX.pdf) placée en en-tête de tous les messages du site *Virgo-Maria*, par laquelle - depuis le 10 Octobre 2006 en la Vigile de la Maternité de la Très Sainte Vierge Marie, Mère du Sacerdoce - nombre de fidèles catholiques de la Tradition et de la FSSPX les implorent respectueusement - AVANT MÊME D'ÉVOQUER la question de la « *libération* » de la Messe Tridentine – de s'exprimer publiquement sur le problème DÉCISIF de la validité sacramentelle des ordinations et SURTOUT DES CONSÉCRATION ÉPISCOPALES conciliaires depuis le 18 juin 1968.

Déjà deux années d'un SILENCE VOLONTAIRE DE LEUR PART exprimant leur mépris de fer pour cette question publique respectueuse mais LÉGITIME, car engageant le SALUT ETERNEL DES FIDELES ET DE LEURS FAMILLES.

Ce silence méprisant et obstiné de deux années sur une question d'une telle importance ne saurait aucunement constituer un comportement digne de pasteurs catholiques authentiquement fidèles et réellement soucieux de paître le troupeau des âmes que leur a confiées Notre Seigneur Jésus Christ, vers leur SALUT ETERNEL.

CE COMPORTEMENT MÉPRISANT NE FUT JAMAIS LE COMPORTEMENT DE Mgr LEFEBVRE, si soucieux du Salut éternel des âmes confiées à son épiscopat.

Rappelons que dans cette lettre ouverte respectueuse les fidèles mentionnaient (citation de la lettre ouverte des fidèles aux Évêques) :

Vous savez que les Dominicains d'Avrillé, interprètes des positions théologiques officielles de la FSSPX, reconnaissent eux-mêmes sous la signature du Père Pierre-Marie o.p. (cf. *Sel de la Terre*, automne 2005, n°54, *le nouveau rituel de consécration épiscopale est-il valide ?*) que :

Citation du *Sel de la Terre*, automne 2005, n°54 :

« Remarquons cependant que nous ne parlons que de la validité du nouveau rite, tel qu'il a été publié par le Vatican.

« Nous ne parlons pas de la légitimité de cette réforme (était-il bon de supprimer le rite romain pour le remplacer par un rite oriental ?), ni de la validité des différentes traductions et adaptations du rite officiel dans les divers cas particuliers : en raison du désordre généralisé, tant au niveau liturgique que dogmatique, on peut avoir de sérieuses raisons de douter de la validité de certaines consécrations épiscopales.

*« A l'occasion du sacre épiscopal de Mgr Daneels, évêque auxiliaire de Bruxelles, **Mgr Lefebvre disait :***

« On a publié des petits livrets à l'occasion de ce sacre. Pour les prières publiques, voici ce qui était dit, et qui était répété par la foule : «Sois apôtre comme Pierre et Paul, sois apôtre comme le patron de cette paroisse, sois apôtre comme Gandhi, sois apôtre comme Luther, sois apôtre comme Luther King, sois apôtre comme Helder Camara, sois apôtre comme Romero...» Apôtre comme Luther, mais quelle intention ont les évêques lorsqu'ils consacrent cet évêque, Mgr Daneels ? »

« C'est effrayant... Est-ce que cet évêque est vraiment consacré ? On peut quand même en douter. Si c'est cela l'intention des consécrateurs, c'est inimaginable ! La situation est encore plus grave qu'on ne le croit »

« Il faudrait examiner chaque cas. Devant la difficulté de la chose, l'usage semble prévaloir chez les traditionalistes de réordonner sous condition les prêtres issus de l'Église conciliaire qui reviennent à la Tradition. »

Fin de citation du *Sel de la Terre*, automne 2005, n°54.

Et de fait, vous savez que la Fraternité Sacerdotale Saint Pie X réordonne *sub conditione* les « *prêtres conciliaires* » qui viennent à la rejoindre, de même qu'elle avait écarté l'« *évêque conciliaire* » philippin « *Mgr* » Lazo qui l'avait rejointe, de tout office sacramentel épiscopal, en particulier de l'administration du sacrement de la Confirmation, **marquant par là même qu'elle doutait de la validité sacramentelle de son sacre épiscopal conciliaire.**

---

[1] http://www.vatican.va/archive/FRA0037/__P4Z.HTM

[2] http://www.vatican.va/archive/FRA0037/__P51.HTM

[3] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-18-A-00-Ukraine_Droit-Canon_1.pdf**

[4] http://www.laportelatine.org/district/france/bo/VeilAcademie/Veil.php

[5] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-04-A-00-Benoit_XVI-et_les_Juifs.pdf**

[6] O leitor poderá particularmente se referir de forma útil **aos anexos da presente mensagem que publicam os documentos das condenações oficiais** das sagrações de Écone, de 30 de junho de 1988, por parte das autoridades romanas conciliares ecumênicas, assim como **sua apresentação na edição especial que a revista *Fideliter* dedicou a elas (n° 65, setembro-outubro de 1988), assim como sua discussão jurídica canônica** segundo os termos tanto do Direito Canônico de 1917, quanto dos do Novo Direito Canônico conciliar de 1983, **conforme exposto em Lyon no dia 17 de março de 1997 pelo Sr. padre Simoulin (FSSPX)** durante uma conferência proferida sobre o assunto sob o título: ***O cisma indetectável***

[7] Não se trata mais da verdadeira Igreja católica, uma vez que progressivamente seu clero sacramentalmente válido foi substituído por um clero desprovido de toda ***Potestas Ordinis*** sacrificial - à semelhança do pseudo-« ***clero*** » anglicano (cf. ***www.rore-sanctifica.org***) - seus bens tomados sob o controle das lojas maçônicas clericais que infiltraram a hierarquia da Igreja, ao mesmo tempo em que adulteraram a verdadeira doutrina da Fé católica, católica pelos princípios « ***ecumênicos*** » - **isto é, pelos princípios de *Protestantização* e de *Anglicanização* da Igreja** - do Vaticano II.

[8] **Cf. o quadro colocado em anexo e veja também:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-10-A-00-Appel_aux_quatre_eveques_de_la_FSSPX.pdf

[9] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-11-09-A-00-Derniere_tentation_de_Mgr_Fellay.pdf**

[10] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-11-09-A-00-Derniere_tentation_de_Mgr_Fellay.pdf**

[11] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-14-A-00-Jubile_abbe_Schoonbroodt.pdf

[12] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-04-A-00-Destitution_abbe_Schoonbroodt.pdf

[13] Cf. Declaração do cardeal Oddi à *Valeurs actuelles*.

[14] Cf. Conferência do cardeal Ratzinger ao episcopado chileno, *Le Figaro* de 29 de julho de 1988.

[15] Cf. «Mgr Lefebvre e Roma - O dossiê completo», número especial sob encomenda, ver p. 80 – 40 F + porta 15 F.

[16] Cf. Nota Informativa de 16 de junho de 1988 (publicada no Osservatore Romano em língua francesa de 21 de junho).

[17] Cf. Conc. Vaticano I, Const. Pastor Aeternus, ch. 3; DS 3000.

[18] Cf. CIC, can. 751.

[19] Cf. CIC, can. 1382.

[20] Conc. Vaticano II, Const. *Dei Verbum*, n° 8; Cf. Conc. Vaticano I, Const. *Dei Filius*, ch. 4; DS 3020.

[21] Cf. Mat. 18, 16; Luc 10, 16; Conc. Vaticano I, Const. *Pastor Aeternus*, ch. 3; DS 3000.

[22] Cf. CIC, can. 386; Paulo VI, Es. Ap. *Quinque iam ami*, 8-XII-1970; Doc. Cath. n° 1578 (1971) p. 5 sv.

[23] Cf. CIC, can. 1364.

[24] Cf. Congregação para o Culto Divino. Ep. *Quattuor abhinc annos*, 3-X-84; Doc. Cat. n° 1885 (1984) p. 1124.

O ex-Anglicano, Mons. Williamson à Rosa[1], e o padre Laguérie tentam desviar a atenção para ocultar o novo rito conciliar *ecumênico* radicalmente inválido de "*consagração"* episcopal (18 de junho de 1968)

Terça-feira, 2 de dezembro de 2008

Preocupado com a conscientização que está se alargando no seio da FSSPX, da missão confiada à sua obra por Mons. Lefebvre de perpetuar o Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido, **o bispo à Rosa da FSSPX, Mons. Williamson, tenta acender um contrafogo desviando a atenção do novo rito conciliar de « *consagração* » episcopal (mudado e « *reinventado* » 100% em 1968 por Montini-Paulo VI)** para o novo rito conciliar **de « *ordenação* » presbiterial (ligeiramente, mas astuciosamente modificado).**

Muito significativamente **o graduado de Cambridge, discípulo de Muggeridge (ex(?)-Fabien), infiltrado desde 1972 ao lado de Mons. Lefebvre,** intervém por sua vez algumas semanas depois que - em uma carta pública ao padre Bouchacourt - **o padre Laguérie tenha ele mesmo tentado dissuadir Mons. Fellay de proceder a uma nova ordenação *sub conditione* de um clérigo transfuga do IBP** (o Padre G.) **que se juntou à FSSPX após ter sido ordenado no IBP por um pseudo-« *bispo* » conciliar sacramentalmente inválido.**

Para melhor desorientar seus colegas clérigos da FSSPX, assim como os fiéis da Tradição que se preocupam com a validade sacramental de seus padres, **Mons. Williamson tenta em 15 de novembro de 2008** em seu blog (cf. anexo) **introduzir um novo sofisma baseado em uma dupla negação, absolutamente anticatólica e contrária aos termos especificados infalivelmente por Leão XIII em sua Bula de 1896 *Apostolicae Curae***, verdadeira vitória de Lepanto litúrgica do Sacerdócio **sacrificial** católico, termos pelos quais o grande papa podia concluir com toda a força lógica declarando **as pseudo-« *Ordens* » Anglicanas são** « ***Absolutamente nulas e inteiramente vãs*** ».

O ex(?)-Anglicano, bispo da FSSPX alega de fato agora que:

> ***« Enquanto o novo rito puder ser considerado como não excluindo o sacerdócio autêntico, ele poderá servir para ordenar válidamente verdadeiros padres. »***

Para isso, o bispo britânico da FSSPX menciona:

> ***« as modificações introduzidas nos ritos sacramentais da Igreja Latina – por Papa Paulo VI, em particular »***

e responde àqueles que consideram que essas mudanças

> *« tornam esses ritos automaticamente inválidos ».*

Mas onde a **artimanha bastante grosseira** de Mons. Williamson se revela imediatamente, é quando ele reduz a questão **da validade sacramental das « *ordenações* » conciliares ao único problema levantado pelo novo rito conciliar das « *ordenações* » presbiterais**:

> *« os termos da nova Forma da* ***Ordenação sacerdotal não foram eles próprios nitidamente modificados*** *».*

Mas o ex-Anglicano não menciona de forma alguma o novo rito de consagração episcopal, para o qual TODA a forma foi modificada e inteiramente « ***reinventada*** », uma vez que o texto do rito da Igreja latina foi substituído por aquele **completamente fabricado, por Dom Botte a partir de pequenos fragmentos pseudepigráficos dispersos provenientes de manuscritos redigidos em diversas línguas e em diversas épocas, de uma suposta « *Tradição apostólica* » falsamente atribuída a *Hipólito de Roma***.

Esta nova forma sacramental essencial inteiramente inventada com objetivos de « *ecumenismo* » conciliar por Dom Botte e o padre Lécuyer[2] do rito conciliar de pseudo-« *consagração* » episcopal é totalmente nova, **e não existe nenhuma prova histórica – e por razões - de que tenha sido utilizada uma única vez num sentido sacramental pela Igreja**.

Monsenhor Williamson continua sua enganação, esperando que seus ouvintes sejam os ignorantes que ele presume[3] :

> ***« é verdade que os termos da Forma sacerdotal permaneceram intactos em sua essência ».***

E para o novo rito EPISCOPAL? Não resta nada da forma tradicional.

> *« O novo rito* ***de ordenação pode omitir muitos traços da ordenação católica, mas não introduz nada que exclua positivamente*** *uma ordenação autêntica. »*

diz ainda o bispo à Rosa, enquanto **o novo rito conciliar de « *consagração* » episcopal contém uma heresia transitiva neo-nestoriana proclamada, embora tenha sido condenada por três concílios**, e que não satisfaz às duas condições exigidas infalivelmente para a validade sacramental de uma forma sacramental essencial[4] pelo Papa Pio XII em sua Constituição Apostólica ***Sacramentum Ordinis*** de 1947.

> ***« Seu texto ainda pode ser utilizado validamente »***

conclui **o compadre do padre Schmidberger**, chegando ao fim de sua tromperia.

Este assunto reúne sobre um mesmo tema, o dueto de 2004, na época em que, em 17 de outubro de 2004, **Dom Williamson fez um sermão estrondoso na igreja Saint-Nicolas-du-Chardonnet para apoiar o padre Laguérie em motim contra Dom Fellay** (cf. mensagens de VM sobre o caso dos « *mutinos* » de 2004)

> **«** *Inútil reordená-lo sob condições* **»**

**já suplicava o padre Laguérie em 23 de setembro de 2008, sobre o*

> ***« Padre G. que deixa o Instituto para a Fraternidade »***.
>
> *« Último de seus argumentos, que não são, e graças a Deus, o caso do Padre G. que deixa o Instituto para se juntar à Fraternidade. Este é o único improviso de seu texto. Você poderia, ao*

menos, agradecer. ***Ele celebrou a forma ordinária, há dois anos. Nós lhe ensinamos tudo, regularizamos tudo em Roma, bom trabalho.*** *Por questões de conforto (vocês são ricos e nós somos pobres; estamos perseguidos, vocês não o estão mais; sua casa na Argentina é luxuosa e há sua família, nossa casa em Santiago é miserável e o padre Navas está sofrendo), ele decide se juntar a vocês. Vamos lá! Não vou gritar ao cisma e espero que ele não pague caro demais por suas origens.* ***Inútil reordená-lo sob condições*** *e evitem os Kerguelen: vocês têm tantas casas confortáveis onde se vive tão bem. »*

Evidentemente, o padre Laguérie não ignora as cerimônias de ordenação sob condição das quais Dom Lefebvre fez a regra para os membros do clero conciliar que se juntam à FSSPX, a fim de estar em conformidade com a doutrina tutiorista da Igreja, para garantir e assegurar os fiéis – como é seu primeiro direito – da certeza da validade das Ordens dos clérigos membros da FSSPX.

E o padre Ugo Carandino, ex-sacristão de Dom Lefebvre, revelava durante o verão de 2007 (como relata o padre Jocelyn Le Gal de Verrua):

« Quando eu era sacristão em Écône, ***preparei várias vezes as cerimônias de ordenação sob condição, conferidas por Dom Lefebvre a padres ordenados com o novo rito e que desejavam se aproximar da FSSPX****. »* [5]

Este ***renovamento da ordenação sob condição*** **era preconizado pelo Papa Leão XIII no caso da única ausência da porreção dos instrumentos** (embora não faça parte da forma essencial, como promulgado em 1947 pelo Papa Pio XII em *Sacramentis Ordinis*), e **Leão XIII impunha a ordenação *absoluta* em relação aos Anglicanos**:

« "Uma observação se impõe: Gordon ele mesmo, é verdade, então em questão, e alguns consultores invocaram entre outros ***motivos de nulidade a ordenação de Parker*** *com o caráter que lhe era atribuído naquela época; mas quando se tratou de pronunciar a sentença, afastou-se absolutamente essa razão, como provam documentos dignos de toda confiança, e reteve-se como motivo apenas um defeito de forma e intenção. Para emitir um juízo mais completo e seguro sobre essa forma, teve-se o cuidado de ter em mãos um exemplar do Ordinário anglicano, que foi comparado às formas de ordenação usadas nos diversos ritos orientais e ocidentais. Então,* ***Clemente XI****, após parecer conforme dos cardeais a quem o caso pertencia,* ***proferiu ele mesmo, na quinta-feira, 17 de abril de 1704, o seguinte decreto****: «* ***Que João-Clemente Gordon receba ex integro et absolute todos os Ordens****, mesmo os Ordens sagrados e principalmente o sacerdócio, e se não foi confirmado, que receba primeiro o sacramento da Confirmação. » Esta decisão, notemos bem, não levou em consideração o* ***defeito de tradição dos instrumentos, caso contrário o uso prescrevia renovar a ordenação sob condição****. É ainda mais importante observar que esta mesma sentença do Papa diz respeito de forma geral às ordenações anglicanas"* Papa Leão XIII, Apostolicae Curae, 1896

E todo vício de forma em uma ordenação, como declara Leão XIII, é suficiente para obrigar a que ela seja renovada:

"Embora se referisse, de fato, a um caso especial, ela não se apoiava, no entanto, em um motivo particular, mas em ***um vício de forma do qual são afetadas todas essas ordenações****, tanto que, posteriormente, todas as vezes que foi necessário decidir um caso análogo, respondeu-se com o mesmo decreto de Clemente XI."* Papa Leão XIII, *Apostolicae Curae*, 1896

Na situação de 2008, onde a quase totalidade dos bispos conciliares[6] foram "sagrados" em um rito RADICALMENTE INVÁLIDO cujo elemento sacramental essencial – por razões **de uma vontade de "ecumenismo" conciliar com os protestantes luteranos e anglicanos e, portanto, de conformidade com**

a natureza do *« Sacerdoce »* aceita entre estes últimos - não possui 0% de elementos em comum com a forma sacramental essencial do rito tradicional latino que foi repudiado em 100%, **é evidente que a ordenação deve ser administrada novamente e *absoluta*.**

É isso que o padre Laguérie gostaria de evitar para o Padre G.

A razão é que **o Padre Laguérie conhece muito bem a falta de episcopado católico sacramentalmente válido entre os pseudo-«*bispos*» conciliares**, que, como outrora o padre apóstata Castrillon Hoyos, pseudo-«*bispo*» conciliar completamente desprovido de toda ***Potestas Ordinis episcopale*** católica, convida, no entanto, a vir conferir a ordenação católica a seus seminaristas do IBP, **QUANDO SABE MUITO BEM QUE ESTES PSEUDO-« BISPOS » CONCILIARES SÃO RADICALMENTE INCAPAZES de transmitir sacramentalmente o Sagrado Sacerdócio Sacrificial católico autêntico.**

Quem é esse Padre G.?

Chamamos os que o souberem a nos transmitir a informação.

E o que fez Dom Fellay? Ele fez renovar a ordenação sob condição?

Dom Fellay teria confiado os fiéis da Fraternidade e suas famílias a esse clérigo conciliar sem tê-lo consagrado novamente e sem avisar esses fiéis?

Se isso fosse verdade, seria UM ABOMINÁVEL ESCÂNDALO.

Continuemos a boa luta.

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 virgo-maria.org

Dossiê das Referências *Virgo Maria* sobre o ex(?)Anglicano da FSSPX Dom Richard Williamson à Rosa

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-02-A-00-Mgr_Williamson_Blason_de_Luther.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-06-A-00-Hoyos_ment.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09_20-A-00-VM_Pages_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-18-A-00-Williamson-Loup.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-A-00-Williamson-Diaporama.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/006_2007/VM-2007-06-06/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier.htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Rore_refute_l_abbe_Calderon_2.pdf

http://rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-04-24-FR_Refutation_de_l_abbe_Calderon.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-B-00-Mgr_Williamson_tente_de_desarmorcer_VM_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-A-00-Abbe_Cekada_reordinations_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-28-A-00-Abbe_Cekada_refute_abbe_Calderon_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-B-00-Mgr_Williamson_Omission_d_Avrille_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-09-A-00-Hoyos_Versailles.pdf

---

ANEXO – Mensagem de Dom Williamson em seu Blog

Site das mensagens semanais de Dom Richard Williamson, da Fraternidade Sacerdotal São Pio X

Sábado, 15 de novembro de 2008

Confusão magistral

Comentários Eleison LXXII

Desde o Vaticano II (1962-1965), espíritos católicos tão inteligentes quanto sérios esforçam-se para demonstrar que as **modificações** feitas nos **ritos sacramentais da Igreja latina** – pelo Papa Paulo VI, em particular – **tornam esses ritos automaticamente inválidos**. Tem-se vontade de respondê-los: se ao menos as coisas fossem tão simples! Mas a simplicidade não pode substituir a verdade.

Aqui está como um desses espíritos procura provar que o **novo rito de ordenação dos padres** é **automaticamente inválido**, e seu argumento não é sem valor:

Maior: Sempre que as palavras de uma **Forma sacramental, essenciais** para a validade do sacramento, são **notoriamente modificadas**, ou sempre que no contexto em questão, se **dá a essas mesmas palavras um significado claramente diferente**, a Forma, e com ela o sacramento, não pode ser senão inválida.

Menor: Ora, as palavras da nova Forma da ordenação sacerdotal **não foram elas mesmas notoriamente modificadas**, mas no contexto do **novo rito tomado como um todo, a palavra "sacerdote" recebe um significado claramente diferente, conforme à revolução total do sacerdócio católico operada pelo Concílio**.

Conclusão: É por isso que **um padre nunca pode ser validamente ordenado no novo rito**.

Neste argumento, a maior não apresenta problemas, pois não é outra coisa senão a doutrina católica. Quanto à **menor, é verdade que as palavras da Forma permaneceram intactas em essência**. Também é verdade que toda a deriva do Vaticano II e das reformas pós-conciliares tende a esvaziar de substância o sacerdócio católico, assim como a totalidade da religião católica, para substituí-la por uma religião do homem. Mas, para chegar validamente à sua conclusão, o argumento acima deveria demonstrar que os documentos e as reformas conciliares excluem positivamente o sacerdócio e a religião católicos, pois **enquanto o novo rito puder ser considerado como não excluindo o sacerdócio autêntico, ele poderá servir para ordenar validamente** verdadeiros padres.

Infelizmente (para a clareza do debate), **a vontade de Paulo VI, tal como aparece em toda as reformas** deste pontífice (e, hoje, nas de Bento XVI), é **introduzir a nova religião do homem ao lado da religião católica de Deus, incluindo, e não excluindo esta última**! Contudo, nenhuma pessoa sã de espírito poderia sustentar a ideia de que dois e dois fazem cinco, sem negar que dois e dois fazem quatro. **Mas os espíritos conciliares não são sãos. Eles querem apostatar enquanto permanecem católicos!** Assim, o novo rito de ordenação pode omitir muitos traços da ordenação católica, mas ele **não introduz nada que exclua positivamente uma ordenação autêntica**. Se ao menos fosse o caso! Esse novo rito não poderia, então, levar tantas almas a pensar falsamente que não apresenta problema algum para os católicos; aí reside toda a dificuldade: seu texto ainda pode ser utilizado validamente (2 + 2 = 4), mas tende a invalidar o sacerdócio autêntico (2 + 2 = 5). « Desorientação diabólica »… Kyrie Eleison

La Reja, Argentina

« Postado » por Dom Richard Williamson às 18h56

Palavras-chave: Novo rito de ordenação, Vaticano II

ANEXO – Blog do padre Laguérie – 23 de setembro de 2008[7]

Simples carta ao Sr. padre Christian Bouchacourt

Muito querido senhor padre, obrigado.

Publicado no site oficial do distrito da França, seu editorial sul-americano tem muitas qualidades. A primeira é que é assinado por sua mão, mesmo que se inspire em grande parte, até no plano e na redação, de um panfleto corajosamente anônimo que apareceu nos últimos dias na internet. Quando o intrépido cura que o

assinou tiver a coragem de sair do esconderijo... por ora, não tenho tempo a perder com os covardes.

Porque, de fato, **você realmente lamenta o destino que está sendo dado ao I.B.P. E, nestes tempos de ditadura do pensamento, é corajoso da sua parte.** Esta é, aliás, a única justificativa para suas linhas pessimistas que os porta-vozes não oficiais da Fraternidade, constrangidos, encontram na internet.

Finalmente, e ao analisar bem, você nos faz o mais precioso elogio: **é a nossa posição de partida, sua coerência e rigor, que motiva a hostilidade dos bispos e mesmo (sou eu quem diz) o apoio parcimonioso de Roma.** Obrigado, caro padre; era necessário que isso fosse dito e, se possível, por alguém que não fôssemos nós.

Suas linhas transbordam de amizade pelo Bom Pastor, em seus começos sempre atuais. Sei, por ter encontrado você naquela época, que não são palavras vazias ou ocas.

As críticas que você parece nos fazer não são absolutamente nada: as bravatas dos bispos de Bogotá e Santiago deveriam, na boca de um padre da Fraternidade São Pio X, superior de distrito, merecer tantos elogios, não? Ou então, caramba, a Fraternidade deve ter mudado muito em quatro anos e deveria rapidamente assinar acordos! Felizmente, Dom Lefebvre não parou por tão pouco, senão nós não seríamos padres, nem você nem eu! Nosso seminário de Écône em 1973, estando em perfeita regularidade canônica, era tratado de “selvagem” por todos os bispos franceses reunidos em Lourdes.

Não vamos misturar tudo também. O bispo de São Paulo nos recebeu de forma muito simpática (como alguns na França), **e você é um dos que melhor sabe que nossa retirada deste país se deve apenas à T.F.P. disfarçada de Montfort.** Vamos lá, padre...

Último de seus argumentos, que não são, e graças a Deus, o caso do Padre G. que deixa o Instituto para se juntar à Fraternidade. Essa é a única improvisação de seu texto. Você poderia, ao menos, agradecer. **Ele celebrava a forma ordinária, há dois anos. Nós lhe ensinamos tudo, regularizamos tudo em Roma, bom trabalho. Por razões de conforto** (vocês são ricos e nós somos pobres; estamos perseguidos, vocês não estão mais; sua casa na Argentina é luxuosa e há sua família, nossa casa em Santiago é miserável e o padre Navas está sofrendo), **ele decide se juntar a vocês. Vamos lá! Não vou gritar ao cisma e espero que ele não pague caro demais por suas origens. Inútil reordená-lo sob condições** e evitem os Kerguelen: vocês têm tantas casas confortáveis onde se vive tão bem.

Até aqui, realmente não há o que contestar em sua prosa. Gostaria de lhe dizer, caro padre, que se você tivesse conhecido os primeiros tempos de sua Fraternidade e os desafios que ela atravessou, você se alarmaria menos rapidamente com as pequenas misérias do início do I.B.P. E embora sua solicitude me toque profundamente, eu a considero excessivamente preocupada; pergunte aos antigos para que lhe contem sobre as **"horas mais sombrias de nossa história"**. Você sabia, por exemplo, que **Dom Lefebvre várias vezes quis parar tudo e que em uma ocasião ele decidiu e anunciou isso? Sem a bravura de nosso querido padre Aulagnier, não haveria Fraternidade!** Veja, não estou nesse ponto. **Você se dá ao luxo, hoje, de despedir seminaristas bastante bons, enquanto na época se mantinham alguns horríveis!** Quanto às favores episcopais, seu fundador teve que prescindir deles.

E você passa logicamente para a questão romana. Todos esses pequenos avatares são, de fato, a prova de que Roma não mudou; que o I.B.P. não era mais do que uma armadilha armada por Roma contra a Fraternidade; que se hoje fizéssemos o que eles fizeram ontem, amanhã nos aconteceria o que lhes acontece hoje. **“Liberdade vigiada”**, etc.

Mais uma vez (decididamente!) estou de acordo com você. **Você vê que o importante é a qualidade de um acordo prático, e a Fraternidade deveria ser grata ao Instituto por ter mostrado isso e por suportar os primeiros erros.** Você diz muito justamente que **a salvação da Igreja não pode vir de Roma e não de qualquer último recurso,** porque tirada do lugar certo e no momento certo por algum Robin Hood desconhecido. Você não é dos que sonham à noite que o Vaticano II nunca aconteceu: é o despertar que é

pesadelo. **Você está bem longe da Europa, senão saberia que o único a lamentar a visita do papa à mesquita é o padre de Tanoüarn, do Bom Pastor.** Quando você fala do **"desprendimento" do I.B.P., percebe o quanto você nos elogia! É alguém realmente responsável por ser abandonado?** Isso exigiria nuances, sem dúvida, mas **tudo em sua argumentação tende a equiparar nossos dois institutos** e, embora eu não compartilhe totalmente esse ponto de vista, eu o recebo em suas palavras como um belo incentivo. E por fim, **se é o papa que não é obedecido, não é dever de todos apoiá-lo. O Cardeal Castrillon-Hoyos, que encontrei na semana passada, me disse e repetiu isso**: **"principalmente não mudem, permaneçam o que vocês são."** Quando M. Christophe Geffroy, de La Nef, justamente criticado por Jean Madiran no Présent (20 de setembro), fala do Instituto como uma **"ambiguidade detestável"**, que **"não poderia ter duração"**, ele se volta resolutamente para o passado, desertando em plena campanha e abandonando o Papa. Além disso, de que ele se mete?

Em 2006, alguns de vocês se contentavam em dizer sabiamente que o jovem instituto deveria provar seu valor com o tempo. Parece-me que essa frenesíe de balanços, que perturba o sono de muitos neste momento, é um tanto prematura. Salomão era mais sábio, não é? **"Um tempo para plantar, um outro para colher; um tempo para construir, um outro para habitar"**? Seria que a permanência e o tranquilo desenvolvimento do Instituto atormentem as noites de alguns? Não creio absolutamente que você seja um deles: seu texto é magnífico e pressupõe uma profunda estima pelo Bom Pastor. Muito obrigado: **aqui, eu o convido para as ordenações do próximo dia 11 de outubro, que aumentarão o número de nossos padres de 18 para 22, e envio um caloroso e fraternal cumprimento ao velho cura de Saint-Nicolas du Chardonnet**. Com minha amizade em Nosso Senhor.

Padre Philippe Laguérie.

---

[1] **Veja no final do artigo a lista de referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?)-Anglicano da FSSPX, Dom Richard Williamson à Rosa e sobre seu poder de dano dentro da Fraternidade**.

[2] **http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-12-28_Hippolyte_Denoyelle.pdf**

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-10-01_Faits_Nouveaux.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-07-04-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_1_Tradition_Apostolique.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-05-10-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_2_Montage_Avrille.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-communiques/communique_(2007-04)-avril/RORE_Communique-2007-03-31-Le_Canon_75_des_Orientaux_2.pdf-avril/RORE_Communique-2007-03-31-Le_Canon_75_des_Orientaux_2.pdf)

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-08-05-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_4_Les_Significations_heterodoxes_de_la_Forme_de_Montini_PaulVI_A.pdf

[3] **Este prelato se distingue de fato pelo infantilismo particular de seus discursos e sermões quando se dirige aos fiéis, e pela notória debilidade das metáforas que ele escolhe para eles nessas ocasiões, refletindo bem o extremo desdém com que este bispo considera seus fiéis e suas famílias.**

[4] **http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-08-05-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_4_Les_Significations_heterodoxes_de_la_Forme_de_Montini_PaulVI_A.pdf**

[5] http://www.sodalitium.eu/index.php?pid=28

[6] **Durante o último conclave no início de abril de 2005, que "elegeu" o padre apóstata Ratzinger sob o nome de Bento VI, entre 115 votantes, apenas quatro possuíam a plenitude do Sagrado Sacerdócio Sacrificial católico autêntico, tendo sido consagrados bispos católicos antes de 18 de junho de 1968.**

[7] http://blog.institutdubonpasteur.org/spip.php?article103

Mons. Williamson (FSSPX) acolheu e ordenou um clérigo pederasta, o padre Roberts, em seu seminário de Winona

Sexta-feira, 23 de janeiro de 2009

Um novo escândalo de clérigo homossexual envolve Mons. Williamson que aparece cada vez mais como um provocador e manipulador que não tem lugar na FSSPX. A ligação com o "bispo" vagus pro-Ratzinger "Mons." Fulham, da linhagem Duarte Costa, e falsamente anti-sedevacantista.

Como revelado no VM dedicado a São Pedro Damião[1], **o antigo anglicano, Mons.. Williamson-' *Cunctator*[2]'à Rosa**[3]**, o antigo protetor, ordenante e promotor obstinado em Winona dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey[4], acolheu e ordenou em Winona outro clérigo pederasta reconhecido como tal.**

***"Outras Maçãs Podres na SSJ"*

No início de 2002, Mons. Timlin sabia que os padres Urrutigoity e Ensey eram acusados de abuso sexual. O escritório do Promotor de Justiça do Condado de Lockwana havia iniciado uma investigação criminal sobre as acusações de crimes sexuais contra os dois padres da SSJ, ***mas foi obrigado a abandonar o caso devido à prescrição****. O tempo havia se esgotado para o denunciante em maio de 2001. Ele deveria ter recorrido a um procedimento civil.*

Mons. Timlin suspendeu imediatamente os padres Urrutigoity e Ensey e os enviou para Scranton. Timlin deveria estudar o pedido de Urrutigoity de ser transferido para outra ordem religiosa quando soube que a SSJ tinha outros padres "problemáticos".

O padre Marshall Roberts era outro padre da SSJ que residiu com Urrutigoity e Ensey na academia São Gregório de 1997 a 1999.

Segundo o Vice-Reitor do Instituto do Cristo Rei em Gricigliano, Itália, em 1993, Roberts foi expulso do seminário quando desenvolveu um apego sexual anormal por um colega seminarista *de quem se havia apaixonado. 24 horas após o Vice-Reitor ser informado sobre os planos de Roberts em relação ao seu colega, que não apreciou a atenção, ele estava em busca de novos locais para viver.* ***Roberts foi posteriormente ordenado pela FSSPX e tornou-se mais tarde membro fundador da SSJ.***

_Uma vez em São Gregório, Roberts se envolveu com um jovem da turma de graduação de 1999 que mais tarde se tornou postulante à Sociedade. Em um arranjo muito contrário às regras, **Roberts e o postulante compartilharam o mesmo quarto e a mesma cama em uma habitação na propriedade da SSJ**.[i] *"O Ritmo da Sodomia, 2006, Randy Engel*

O padre Roberts foi ordenado por Mons. Williamson em 1996 em Winona[5], e depois deixou a FSSPX um ano depois, justificando sua saída em uma carta que mencionava sua recusa à posição da FSSPX sobre as declarações de nulidade de casamento[6].

O padre Roberts na primeira fila, em segundo lugar da direita, no dia de sua ordenação por Mons. Williamson em Winona.

"Gostaríamos de enfatizar que uma das razões que o Pe. Roberts dá para deixar a FSSPX é o fato de que a FSSPX está concedendo anulações de casamento. Na verdade, o Pe. Roberts declara claramente que os sacerdotes da FSSPX lhe ensinaram no seminário da FSSPX [em Winona MN] que a FSSPX não tem autoridade para conceder anulações de casamento."[7]

"We wish to point out that one of the reasons Fr. Roberts gives for leaving the SSPX is the fact that the SSPX is granting marriage annulments. In fact, Fr. Roberts clearly states that the priests of the SSPX taught him in the SSPX seminary [in Winona MN] that the SSPX has no authority to give marriage

As primeiras bênçãos do padre Roberts após sua ordenação pelo bispo à Rosa da FSSPX

Aqui está outro testemunho sobre a carreira do padre Roberts e sobre suas práticas:

"The priest shuffle has continued in the Diocese of Scranton despite the rosy picture of progress painted by the bishops' conference in St. Louis last week. Bishop Timlin has now apparently given permission to Fr. Marshall Roberts of the Society of St. John to find a new home outside of the Diocese of Scranton to "serve" traditional Catholics. As a result, an e-mail alert was sent out last week by one of the Latin Mass communities that was recently contacted by Fr. Roberts. I have attached the warning below."

"A troca de sacerdotes continuou na Diocese de Scranton, apesar da imagem rosada de progresso pintada pela conferência dos bispos em St. Louis na semana passada. O bispo Timlin aparentemente deu permissão ao Pe. Marshall Roberts da Sociedade de São João para encontrar um novo lar fora da Diocese de Scranton para "servir" os católicos tradicionais. Como resultado, um alerta por e-mail foi enviado na semana passada por uma das comunidades da Missa em Latim que foi recentemente contatada pelo Pe. Roberts. Juntei abaixo este aviso.

As a third year seminarian, Marshall Roberts was expelled from the Institute of Christ the King for proposing a homosexual relationship in a letter to a first year seminarian. The vice-rector of the seminary, who was presented with this letter, has confirmed this account. In addition, Mr. Rod Pead, the editor of Christian

Order, who was a seminarian there at the time, has published in the August/September 2002 edition the following account of Marshall Roberts' expulsion:

Como seminarista do terceiro ano, Marshall Roberts foi expulso do Instituto do Cristo Rei por propor um relacionamento homossexual em uma carta a um seminarista do primeiro ano. O vice-reitor do seminário, que recebeu esta carta, confirmou este relato. Além disso, o Sr. Rod Pead, editor da Christian Order, que era seminarista lá na época, publicou na edição de agosto/setembro de 2002 o seguinte relato sobre a expulsão de Marshall Roberts:

Um seminarista de terceiro ano, Marshall Roberts foi expulso do Instituto do Cristo Rei por ter proposto um relacionamento homossexual em uma carta endereçada a um seminarista de primeiro ano. O vice-reitor do seminário, que teve essa carta em mãos, confirmou o conteúdo. Além disso, o Sr. Rod Pead, o editor-chefe de Christian Order, que era seminarista lá na época, publicou na edição de agosto-setembro de 2002 o seguinte relato sobre a expulsão de Marshall Roberts:

Após sua ordenação em Winona em 1996,

Mons. Williamson nomeou o padre Roberts para a pregação de retiros !

"The superiors simply turned a blind eye in some cases but not in others, as with a third year student who was sent packing overnight after it emerged that he had been harassing one of my first year colleagues. In fact, some years later this seminarian, having managed to get himself ordained elsewhere, found his way to the Society of St. John in America. It raised immediate suspicions about that highly publicised traditionalist venture, since homosexuals recruit their own kind and the predators help 'groom' young and trusting victims for one another. I was not particularly surprised, therefore, when allegations finally surfaced of homosexual molestation within the Society."

"Os superiores simplesmente fecharam os olhos em alguns casos, mas não em outros, como foi o caso de um estudante de terceiro ano que foi expulso durante a noite após surgir que ele estava assediando um de meus colegas de primeiro ano. Na verdade, alguns anos depois, este seminarista, tendo conseguido ser ordenado em outro lugar, encontrou seu caminho para a Sociedade de São João na América. Isso levantou imediatas suspeitas sobre aquela empreitada tradicionalista amplamente divulgada, uma vez que os homossexuais recrutam sua própria espécie e os predadores ajudam a 'preparar' jovens e confiantes vítimas uns para os outros. Portanto, não fiquei particularmente surpreso quando alegações de abuso homossexual finalmente surgiram dentro da Sociedade."

Bishop Timlin, having performed no background checks on the SSJ members, allowed Fr. Roberts to serve as a chaplain at St. Gregory's Academy where Fr. Roberts attached himself to one young student in particular. Upon graduation, this student joined the Society of St. John. . . . All of this has been documented at

O bispo Timlin, que não havia feito nenhum controle aprofundado sobre os membros da SSJ, permitiu que o padre Roberts atuasse como capelão na Academia St. Gregory, onde ele se apegou "muito particularmente" a um jovem aluno. Após a formatura, esse aluno ingressou na Sociedade São João. ... Tudo isso foi documentado em www.SaintJustinMartyr.org/news/notices.html "[9]

Desde cerca de 2006, o padre Marshall Roberts atua sob o pseudônimo de '*Fra Domenico*' no fórum americano *Angelqueen*, onde ele publica em média um post por dia.

VERBUM

ISSUE No. 62
Saint Thomas Aquinas Seminary
Stockton Hill

SUMMER, 1996
Winona, Minnesota
55987 U.S.A.

Fr. Marshall Roberts, from Warsaw, Kentucky began his studies in Winona. He went to Ecône for a year, and then spent time at the Regina Cæli house before returning to Winona to complete his studies.

Even though this year's Ordination class may be quite large, vocations in general are not too abundant. The reasons that Fr. Roberts allocates for this are on the one hand, this secular age with its spirit of anti-self-denial, and on the other hand, a poor example of a life of true sanctity, which is displayed by most of the clergy and religious. Nevertheless, Father states that all are called to perfection, and a vocation to the religious life, with its duties and obligations, encourages lives of perfection.

His contributions to the Divine Liturgy as Organist and Schola member will be greatly missed here at the Seminary. Father sees the Mass as being "central to the spiritual life. A Christian life without the Mass or Confession is unthinkable, since the ordinary channel whereby God gives grace to us is through the sacraments, and these sacraments are impossible without the priesthood." Father will supply these sacraments, where he will help preach retreats with his fellow Kentuckian Fr. Timothy Pfeiffer, in his assignment to the Society's retreat house in Ridgefield.

O padre Roberts apresentado na *Verbum*, a revista do seminário de Winona (FSSPX) em 1996

O padre Roberts foi então **recrutado em 2006 por « *Mons.* » Fulham (com um episcopado muito duvidoso), um ex-aluno de Winona**, que havia estudado com ele. E desde o início de 2006, ele assumiu sua posição na capela[10] de *St Michael the Archangel*[11].

O diácono Fulham de Winona foi de fato ordenado padre por Mons. Pivarunas no dia 2 de fevereiro de 1996, segundo o rito de ordenação presbiteral tradicional. Ele é, portanto, realmente um sacerdote católico dotado do verdadeiro caráter sacerdotal, uma vez que Mons. Pivarunas foi consagrado bispo por um verdadeiro bispo católico (da linhagem de Mons. Thuc, o antigo Arcebispo, nomeado Primaz do Vietnã pelo papa Pio XII) segundo o verdadeiro rito episcopal tradicional de rito latino.**

Mas em 2003, o padre Fulham foi "*consagrado*" bispo pelo pretenso "*bispo*" John Christopher Simmons, com um episcopado muito duvidoso, pois foi "*consagrado*" em 1990 por outro também "*bispo*" com um episcopado muito duvidoso e segundo um rito de consagração episcopal que não é especificado.

O padre Fulham, tendo sido consagrado por um pseudo-« *bispo* » em uma consagração mais que duvidosa, não é, portanto, um pseudo-« *bispo* » incapaz de transmitir validamente o Sacerdócio católico.

Além disso, o pseudo "*bispo*" "*Mons.*" Fulham descenderia da linhagem episcopal de Rampolla:

- **Bispo Terence Robert Fulham (2003)**
- Bispo John Christopher Simmons † (1993)
- Bispo Harold James Norwood (1990)
- **Bispo Luis Fernando Castillo Mendez (1948)**
- **Bispo Carlos Duarte Costa † (1924), (bispo católico brasileiro, excomungado por Pio XII).**
- **Sebastião Leme Cardeal da Silveira Cintra † (1911)**
- **Joaquim Cardeal Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti † (1890)**
- **Mariano Cardeal Rampolla del Tindaro † (1882)[12]**

É necessário salientar que à luz dessa "***linhagem episcopal***", cuja validade **sacramental** do episcopado é **certa até Mons. Mendez, é a partir de James Norwood que a validade sacramental do episcopado parece mais do que duvidosa**, além do fato de que esta pseudo "***linhagem episcopal***" provém de um bispo excomungado por Pio XII por ter fundado uma igreja cismática, Mons. Duarte Costa.

De fato, John Christopher Simmons (nascido em 1945; ainda vivo), teria sido ***"ordenado"*** "*padre*" no dia 29 de março de 1986 em Ashford, na Inglaterra, primeiro **por Illtyd Thomas**, um pretenso "*bispo*" da ***igreja católica celta da Sucessão de Utrecht***, **e depois novamente "*ordenado padre*" *sub conditione* no dia 03 de setembro de 1993 em Ashford, na Inglaterra, por "*Mons.*" Harold Norwood, o pretenso "*bispo*" da Irlanda da *Igreja Católica Apostólica Brasileira*, uma igreja cismática fundada pelo bispo Duarte Costa, excomungado por cisma por Pio XII.**

Então, no dia seguinte, 4 de setembro de 2003, esse mesmo "*Mons.*" Harold Norwood, o pretenso "*bispo*" da Irlanda da cismática *Igreja Católica Apostólica Brasileira*, teria "*consagrado*" John Christopher Simmons, "*bispo*" católico, segundo um rito do qual não se sabe nada.

Portanto, não se pode deixar de nutrir as mais expressas dúvidas sobre a validade sacramental da "***sagração***" do "***bispo***" **que teria "*consagrado*" o "*bispo*" padre Fulham, e considerar com certeza que este último personagem é absolutamente incapaz de transmitir validamente o Sacerdócio católico, ao ordenar validamente verdadeiros padres.**

O pretenso "***bispo***" Simmons seria atualmente o "***arcebispo***" titular de Carleon, e o "***Primaz***" da "***igreja católica Independente na Grã-Bretanha***".

Quanto a Norwood, ele teria sido ele mesmo "***consagrado***" "***bispo***" no dia 21 de janeiro de 1990 em Brasília, no Brasil, por Luís **Fernando Castillo-Méndez**, o pretenso "***bispo***" de Brasília para a ***Igreja Católica Apostólica Brasileira***, e o **Patriarca das *Igrejas Nacionais Católicas e Apostólicas Independentes do Patriarcado do Brasil***, assistido por Justo Roque **González-Trimino**, o pretenso "***bispo***" de Nova Iorque para a ***Igreja Católica Apostólica Brasileira***, e por Sebastião **Vilela**, o pretenso "***bispo***" coadjutor do pretenso "***bispo***" de Brasília, para a ***Igreja Católica Apostólica Brasileira***[13]

Dessa forma, **mede-se toda a inanidade do episcopado do pretenso *"bispo"* "Mons." Fulham**, personagem que, por sua introdução ao seminário de Winona da FSSPX, também se introduziu no mundo dos católicos tradicionais, e **ao aceitar receber pouco tempo depois um falso episcopado católico, está agora em posição de enganar, voluntária ou involuntariamente, jovens católicos que se destinam ao Sacerdócio, conferindo-lhes ordenações sacramentalmente inválidas**.

Tudo isso contribui para a organização do desaparecimento do verdadeiro sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido.

Este pseudo-« *bispo* », Mons. Fulham, é *vagus*, mas reconhece a autoridade de Bento XVI e apoia o « processo » de Mons. Fellay com Roma.

Ele se opõe vigorosamente aos sedevacantistas, assim como Mons. Williamson.

Segundo os Irmãos Dimond, Mons. Fulham é um anti-sedevacantista disfarçado de sedevacantista[14]. Ele abusa da boa-fé dos fiéis sedevacantistas[15]. **É uma espécie de padre Barthe em versão "episcopal".**

"While Bp. Terence Fulham (of the Duarte Costa line, ordained a priest in the Thuc line) continues attacking the SSPX under all kinds of false pretenses, sadly, I would like to know, whether he himself - who shows himself by now very ultra-Roman and ultra-pro-Benedict-XVI and ultra-pro-"reconciliation of SSPX" - has engaged in the process of regularising his irregular clerical status, of attaining from the Vatican the absolution for his illicit episcopal ordination (hey, if everything's alright, then there is no emergency, and then excommunication is the penalty for episcopal consecration without a Papal Mandate)? Is he in the process of submitting to the Ecclesia Dei Commission?"[16]

"Enquanto Mons. Terence Fulham (da linhagem de Duarte Costa, ordenado padre na linhagem Thuc) continua seus ataques contra a FSSPX sob todas as sortes de falsos pretextos, tristemente, eu gostaria de saber se ele mesmo - que agora se mostra muito ultra-romano e ultra pró-Bento XVI e ultra a favor da "reconciliação da FSSPX" - se comprometeu no processo de regularização de seu próprio status clerical irregular, obtendo do Vaticano a absolvição por sua consagração episcopal ilícita (ei, se tudo está em ordem, então não há emergência, e a excomunhão é a sanção para uma consagração episcopal sem mandato papal)? Ele iniciou seu processo de submissão à Comissão Ecclesia Dei?"[17]

On March 25, 2003, Father Fulham was raised to the episcopate by Bishop John Simmons of England (a traditional Catholic bishop) at the Church of the Good Shepherd and Our Lady in Penge, London during a solemn pontifical Mass.

No dia 25 de março de 2003, o padre Fulham teria recebido supostamente o "*episcopado*" das mãos do pretenso "*bispo*" "*Mons.*" John Simmons da Inglaterra (supostamente *um "bispo" católico tradicional*) na igreja do Bom Pastor e Nossa Senhora em Penge, Londres, durante uma missa pontifical solene (veja acima).

O pseudo-« *Mons.* » Fulham segue o caminho do Padre Sim ou de Mons. Williamson: de opositor, ele se tornou subitamente pró-Ratzinger.

Ele apoia a linha do "***processo***" de reconciliação da FSSPX e das "***discussões doutrinárias***".

Todo esse movimento Fulham, Mons. Williamson, o padre Schmidberger e a camarilha dos infiltrados sustentam a mesma política da FSSPX em relação à Roma conciliar apóstata.

O pseudo-« *Mons.* » Fulham colocou online em seu site[18] uma conferência[19] de 10 de dezembro de 2008 de Mons. Williamson para o 25° aniversário de St Michaels.

Depois desta proteção de Mons. Williamson **para um terceiro padre homossexual**, a paciência se esgotou e

O provocador Mons. Williamson, protetor dos seminaristas homossexuais: padres Urrutigoity, Ensey, Roberts

Esta proteção sistemática e agora comprovada por Mons. Williamson em relação aos seminaristas homossexuais dentro da FSSPX levanta muitas questões.

Existiria uma rede organizada de clérigos homossexuais dentro da FSSPX? Mons. Williamson teria alguma relação com essa rede?

Para infiltrar a FSSPX com homossexuais, é essencial controlar os seminários.

Observamos que Mons. Williamson sempre foi diretor de seminário: Zaitzkofen na Alemanha, depois Winona nos Estados Unidos e agora La Reja na Argentina.

O caso da revolta de 2004, **que começou com a contestação da gestão do Seminário de Écône e de seu diretor, o padre de Jorna, deve ser agora compreendido como uma vontade de controle sobre o seminário de Écône, e como uma tentativa de fazer o padre de Jorna sair, que demonstra visivelmente a maior vigilância sobre os seminaristas que teriam *"costumes particulares"*?**

Nesse caso, Mons. Williamson se destacou ao apoiar aqueles que atacavam o padre de Jorna.

Como, portanto, Mons. Lefebvre pôde consagrar bispo um personagem tão suspeito?

O que Mons. Fellay está esperando para expulsar o provocador Mons. Williamson?

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2009 virgo-maria.org

---

[1] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-21-A-00-Sodomie_et_St_Pierre_Damien.pdf**

[2] **Cf. les quatre messages VM des 17 septembre, 02 octobre 2007 et 18 mars 2008 :**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

[3] **Cf. les quatre messages VM des 15 et 18 octobre, 03 novembre 2007 et du 8 avril 2008 :**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

[4]**Cf. les quatre messages VM des 20 octobre, 01, 10 et 13 novembre 2007 :**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

[5] http://www.stas.org/publications/verbum/1996/V062_SUM1996.pdf

[6] http://whyiamacatholic.com/SSPX/Roberts.htm

[7] http://whyiamacatholic.com/SSPX/RobertsDisclaimer.htm

[8] http://whyiamacatholic.com/SSPX/RobertsDisclaimer.htm

[9] http://www.catholictradition.org/sounding-off3.htm

[10] http://www.saintmichaelarchangel.com/

[11] http://www.olfatima.com/pastor.html

[12] **http://www.olfatima.com/pastor.html**

[13] http://www.tboyle.net/Catholicism/The_Costa_lines-_K-O/The_Norwood_lineage.html

[14] http://www.mostholyfamilymonastery.com/BishopFulham_Bro.Andre_andtheSBC.html

[15] http://thechurchmilitant.com/fulham.html

[16] http://www.angelqueen.org/forum/viewtopic.php?t=9284

[17] http://www.angelqueen.org/forum/viewtopic.php?t=9284

[18] http://www.olfatima.com/column.html

[19] http://voiceofcatholicradio.com/081123,bshp_williamson,25th_anniversary_of_st_michaels_final,40_min.mp3

---

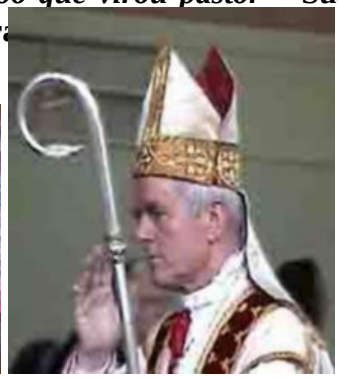
[i] Ver http://www;sainthustinmartyr.org/news/TribunalPhiladelphia.htm

Mons. Williamson[1]: A verdade sobre 14 anos de jogadas de um político mitrado contra Mons. Fellay[2]

Parte n°4 – *O Lobo que virou pastor* – Sua ação direta ou através de intermediários para afastar os homens que frustram seu plano

Terça-feira, 18 de março de 2008

Parte n°4 – *O Lobo que virou pastor* – Sua ação direta ou através de intermediários para afastar os homens que frustra



***O lobo que virou pastor* (La Fontaine) – O ex-anglicano Mons. Williamson, '*Cunctator*' da Rosa**

A fábula de La Fontaine, '***O lobo que virou pastor***', aplicada ao bispo britânico com a simbólica Rosacruz. **A ação direta do ex-anglicano através de seu intermediário na internet (Traditio.com), com o objetivo de tentar expulsar o padre Méramo por Mons. Fellay.** A ação da dupla Williamson-Schmidberger para expulsar **o padre Aulagnier** por Mons. Fellay em 2003. **Mons. Williamson afasta, por meio de intermediários, os homens que frustram seu plano de tomar o controle da FSSPX**, organização mundial fundada para garantir a sobrevivência do Sacerdócio Sacrificial Católico.

Na **Parte n°5**, *trataremos de um novo aspecto de Mons. Williamson*.

O jogo de infiltração e subversão da FSSPX por Mons. Williamson à luz da fábula de La Fontaine: '*O lobo que virou pastor*'

Explicamos na parte N°3 deste estudo em vários capítulos sobre o ex-anglicano, como ele tenta se autoproclamar chefe da futura oposição ao acordo com a Igreja conciliar anticristo de Joseph Ratzinger, e como ele se opõe, sutilmente, mas de maneira real, ao atual Superior, Mons. Fellay, buscando desestabilizá-lo e comprometê-lo.

Pensamos que a fábula de La Fontaine '***O lobo que virou pastor***' ilustra perfeitamente esse comportamento do antigo aluno de Muggeridge que, ao invés de simplesmente fazer o que se esperaria primeiramente de um simples padre, e depois de um bispo verdadeiramente católico, continua a multiplicar intrigas e intervenções midiáticas para se impor e impor suas orientações à FSSPX.

O pastor legítimo atual da FSSPX é Mons. Fellay, e não poupamos críticas a ele por sua duplicidade e sua vontade de diálogo e continuação das '*discussões*' com Ratzinger, '*discussões*' cujo princípio o Fundador da FSSPX havia condenado pouco antes de sua morte súbita (cf. mensagem em áudio na abertura do site *Virgo-Maria*). Porém, a ação de Mons. Williamson é infinitamente mais grave, pois este ex-anglicano aparece cada vez mais como **o chefe da "Orquestra Negra"[3]**, esse núcleo de infiltrados que tentam, por todos os meios, **obter a adesão da obra sacerdotal de Mons. Lefebvre à Roma dos '*anticristos*'**, e assim pôr fim à transmissão do Sacerdócio Sacrificial Católico, sacramentalmente válido.

Será que o humor totalmente britânico do ex-anglicano, Mons. Williamson, conseguirá, aplicado ao seu caso, apreciar todo o humor e a sabedoria do célebre fabulista que, mais do que ninguém, possui esse gênio próprio do espírito francês para retratar e resumir situacões sutis, tirando delas uma moral cheia de verdade e

'O lobo que virou pastor' representação de 1772, por Oudry – Mons. Williamson

Aqui está o texto da fábula de La Fontaine: *‘O lobo que virou pastor’*

Um lobo, que começava a ter pouca parte
Nas ovelhas de seu vizinho,
Achou que precisava se valer da pele da raposa,
E assumir um novo personagem.
Vestiu-se de pastor, colocou um hoqueton,
Fez seu houlette de um bastão,
Sem esquecer a gaita de foles.
Para levar a farsa até o fim,
Ele teria escrito de bom grado em seu chapéu:
“Sou eu, Guillot, o pastor deste rebanho.”
Sua figura estava, assim, feita,
E suas patas dianteiras apoiadas no cajado,
Guillot, o sicofanta, se aproximou devagar.
Guillot, o verdadeiro Guillot, deitado na grama,
Dormia profundamente;
Seu cachorro também dormia, assim como sua musette:
A maioria das ovelhas também dormia.
O hipócrita deixou todos assim,
E, para poder levar as ovelhas ao seu fort,
Ele quis acrescentar palavras às vestes,
Coisa que achava necessária.
Mas isso estragou sua trama,
Ele não conseguiu imitar a voz do pastor.
O tom de sua fala ecoou pelos bosques,
E revelou todo o mistério.
Todos acordaram com aquele som,
As ovelhas, o cão, o rapaz.
O pobre lobo, em meio a essa confusão,
Impedido por seu colete,
Não pôde nem fugir, nem se defender.
Sempre por algum lado os trapaceiros são pegos
Quem é lobo aja como lobo:

É o mais seguro, de longe.

Se valer da pele da raposa: **Agir com astúcia**. Expressão proverbial do tempo de La Fontaine, referindo-se à esperteza da raposa. A expressão remonta ao menos a **Plutarco**, que escrevia em “As Vidas dos Homens Ilustres”, capítulo XI: "***Quando a pele do leão não for suficiente, é preciso costurar também a da raposo***a". Jacques Schiffrin destaca que, em sua “Carta a Monsieur de Turenne”, La Fontaine escreve: “O quê! A bravura e as manhas?... / Sabes costurar... / Pele de leão com pele de raposa” ("La Fontaine - Obras completas, tomo I"; prefácio de E. Pilon; edição estabelecida e anotada por R. Groos e J. Schiffrin; NRF Gallimard; biblioteca da Pléiade; 1954, p. 692).

Um hoqueton: Uma túnica camponesa feita de tecido grosso, curta e sem mangas (a palavra vem do árabe *al-qoton*, que significa “algodão”).

La houlette: Esse é o bastão de pastor, que termina em uma extremidade com uma lâmina em forma de pá (para lançar torrões de terra às ovelhas que se afastam) e, na outra, com um gancho para agarrar os animais por uma pata.

A gaita de foles: Os pastores frequentemente usavam este instrumento de sopro composto de tubos com palhetas e um odre para armazenar o ar, liberado pelo músico conforme seu desejo.

Guillot: Diminutivo de Guillaume (Guilherme). La Fontaine usa-o frequentemente, como em “O Pastor e seu rebanho” (Livro IX, fábula 19, versos 12 e 23) e no conto “O beijo retribuído” (terceira parte, conto 9, versos 1, 5, 10 e 11).

O sicofanta: O sentido de trapaceiro, enganador, já era dado pelos comediantes latinos — como Plauto — a essa palavra de origem grega, que designava delatores profissionais e oficiais.

A musette: Aqui, refere-se à gaita de foles.

O fort: O refúgio de uma fera selvagem.

Que qualquer um que seja lobo aja como lobo: La Fontaine retomará esse tema em sua ópera “O Florentino”: “Pois um lobo deve sempre manter seu caráter”, escreve ele no verso 5.

E o sábio e sagaz La Fontaine conclui sua fábula com a seguinte moral: “***Quem é lobo aja como lobo: Isso é de longe o mais certo***”.

Aplicado a Monsenhor Williamson e ao seu emblema altamente simbólico, poderíamos dizer: “***Quem ostenta*** ***mais certo de muitos***.”

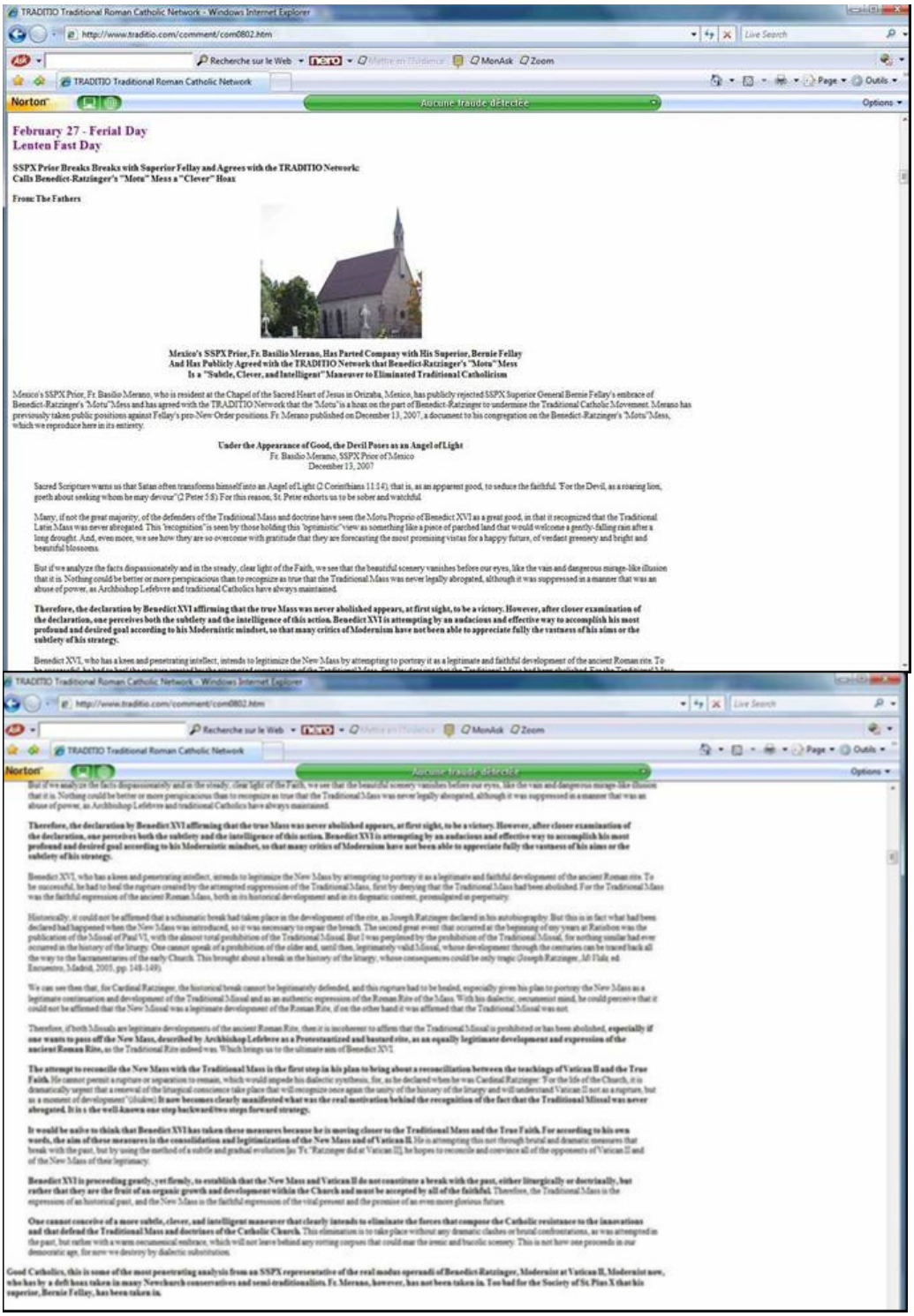
Um bispo com simbologia de Rosacruzes que pretende ser o pastor das forças vivas da Tradição? Quem Monsenhor Williamson espera enganar com tal tolice?

Monsenhor Williamson teria ativado seu canal *TRADITIO.COM* para provocar a expulsão do padre Méramo por Monsenhor Fellay?

Já vimos como ***Traditio.com*** se comporta como **o canal sedevacantista e secreto do bispo da Rosa**.

Recentemente, esse site realizou uma valorização muito suspeita do padre Méramo, esse prior da FSSPX que, por sua ação no Capítulo Geral de 1994, foi a causa direta da carreira de Monsenhor Fellay à frente da obra de Monsenhor Lefebvre, para desagrado de Monsenhor Williamson e do padre Schmidberger.

De fato, ***Traditio.com*** se congratula com um texto recente do padre Méramo, sobre o ***Motu Proprio***, no qual o padre da FSSPX demonstra toda a astúcia e a armadilha. Já havíamos sinalizado esse texto.



February 27 - Ferial Day
Lenten Fast Day

SSPX Prior Breaks Breaks with Superior Fellay and Agrees with the TRADITIO Network:
Calls Benedict-Ratzinger's "Motu" Mess a "Clever" Hoax

From The Fathers

Mexico's SSPX Prior, Fr. Basilio Merano, Has Parted Company with His Superior, Bernie Fellay
And Has Publicly Agreed with the TRADITIO Network that Benedict-Ratzinger's "Motu" Mess
Is a "Subtle, Clever, and Intelligent" Maneuver to Eliminated Traditional Catholicism

Mexico's SSPX Prior, Fr. Basilio Merano, who is resident at the Chapel of the Sacred Heart of Jesus in Orizaba, Mexico, has publicly rejected SSPX Superior General Bernie Fellay's embrace of Benedict-Ratzinger's "Motu" Mess and has agreed with the TRADITIO Network that the "Motu" is a hoax on the part of Benedict-Ratzinger to undermine the Traditional Catholic Movement. Merano has previously taken public positions against Fellay's pro-New Order positions. Fr. Merano published on December 13, 2007, a document to his congregation on the Benedict-Ratzinger's "Motu" Mess, which we reproduce here in its entirety.

Under the Appearance of Good, the Devil Poses as an Angel of Light
Fr. Basilio Merano, SSPX Prior of Mexico
December 13, 2007

Sacred Scripture warns us that Satan often transforms himself into an Angel of Light (2 Corinthians 11:14), that is, as an apparent good, to seduce the faithful. "For the Devil, as a roaring lion, goeth about seeking whom he may devour" (2 Peter 5:8) For this reason, St. Peter exhorts us to be sober and watchful.

Many, if not the great majority, of the defenders of the Traditional Mass and doctrine have seen the Motu Proprio of Benedict XVI as a great good, in that it recognized that the Traditional Latin Mass was never abrogated. This "recognition" is seen by those holding this "optimistic" view as something like a piece of parched land that would welcome a gently-falling rain after a long drought. And, even more, we see how they are so overcome with gratitude that they are forecasting the most promising vistas for a happy future, of verdant greenery and bright and beautiful blossoms.

But if we analyze the facts dispassionately and in the steady, clear light of the Faith, we see that the beautiful scenery vanishes before our eyes, like the vain and dangerous mirage-like illusion that it is. Nothing could be better or more perspicacious than to recognize as true that the Traditional Mass was never legally abrogated, although it was suppressed in a manner that was an abuse of power, as Archbishop Lefebvre and traditional Catholics have always maintained.

Therefore, the declaration by Benedict XVI affirming that the true Mass was never abolished appears, at first sight, to be a victory. However, after closer examination of the declaration, one perceives both the subtlety and the intelligence of this action. Benedict XVI is attempting by an audacious and effective way to accomplish his most profound and desired goal according to his Modernistic mindset, so that many critics of Modernism have not been able to appreciate fully the vastness of his aims or the subtlety of his strategy.

Benedict XVI, who has a keen and penetrating intellect, intends to legitimize the New Mass by attempting to portray it as a legitimate and faithful development of the ancient Roman rite. To be successful, he had to heal the rupture created by the attempted suppression of the Traditional Mass, first by denying that the Traditional Mass had been abolished. For the Traditional Mass was the faithful expression of the ancient Roman Mass, both in its historical development and in its dogmatic content, promulgated in perpetuity.

Historically, it could not be affirmed that a schismatic break had taken place in the development of the rite, as Joseph Ratzinger declared in his autobiography. But this is in fact what had been declared had happened when the New Mass was introduced, so it was necessary to repair the breach. The second great event that occurred at the beginning of my years at Ratisbon was the publication of the Missal of Paul VI, with the almost total prohibition of the Traditional Missal. But I was perplexed by the prohibition of the Traditional Missal, for nothing similar had ever occurred in the history of the liturgy. One cannot speak of a prohibition of the older and, until then, legitimately valid Missal, whose development through the centuries can be traced back all the way to the sacramentaries of the early Church. This brought about a break in the history of the liturgy, whose consequences could be only tragic (Joseph Ratzinger, Mi Vida, ed. Encuentro, Madrid, 2005, pp. 148-149).

We can see then that, for Cardinal Ratzinger, the historical break cannot be legitimately defended, and this rupture had to be healed, especially given his plan to portray the New Mass as a legitimate continuation and development of the Traditional Missal and as an authentic expression of the Roman Rite of the Mass. With his dialectic, ecumenist mind, he could perceive that it could not be affirmed that the New Missal was a legitimate development of the Roman Rite, if on the other hand it was affirmed that the Traditional Missal was not.

Therefore, if both Missals are legitimate developments of the ancient Roman Rite, then it is incoherent to affirm that the Traditional Missal is prohibited or has been abolished, **especially if one wants to pass off the New Mass, described by Archbishop Lefebvre as a Protestantized and bastard rite, as an equally legitimate development and expression of the ancient Roman Rite,** as the Traditional Rite indeed was. Which brings us to the ultimate aim of Benedict XVI.

The attempt to reconcile the New Mass with the Traditional Mass is the first step in his plan to bring about a reconciliation between the teachings of Vatican II and the True Faith. He cannot permit a rupture or separation to remain, which would impede his dialectic synthesis, for, as he declared when he was Cardinal Ratzinger: "For the life of the Church, it is dramatically urgent that a renewal of the liturgical conscience take place that will recognize once again the unity of the history of the liturgy and will understand Vatican II not as a rupture, but as a moment of development" (ibidem) **It now becomes clearly manifested what was the real motivation behind the recognition of the fact that the Traditional Missal was never abrogated. It is a the well-known one step backward two steps forward strategy.**

It would be naïve to think that Benedict XVI has taken these measures because he is moving closer to the Traditional Mass and the True Faith. For according to his own words, the aim of these measures is the consolidation and legitimization of the New Mass and of Vatican II. He is attempting this not through brutal and dramatic measures that break with the past, but by using the method of a subtle and gradual evolution [as Fr. "Ratzinger did at Vatican II], he hopes to reconcile and convince all of the opponents of Vatican II and of the New Mass of their legitimacy.

Benedict XVI is proceeding gently, yet firmly, to establish that the New Mass and Vatican II do not constitute a break with the past, either liturgically or doctrinally, but rather that they are the fruit of an organic growth and development within the Church and must be accepted by all of the faithful. Therefore, the Traditional Mass is the expression of an historical past, and the New Mass is the faithful expression of the vital present and the promise of an even more glorious future.

One cannot conceive of a more subtle, clever, and intelligent maneuver that clearly intends to eliminate the forces that compose the Catholic resistance to the innovations and that defend the Traditional Mass and doctrines of the Catholic Church. This elimination is to take place without any dramatic clashes or brutal confrontations, as was attempted in the past, but rather with a warm ecumenical embrace, which will not leave behind any rotting corpses that could mar the irenic and bucolic scenery. This is not how one proceeds in our democratic age, for now we destroy by dialectic substitution.

Good Catholics, this is some of the most penetrating analysis from an SSPX representative of the real modus operandi of Benedict-Ratzinger, Modernist at Vatican II, Modernist now, who has by a deft hoax taken in many Newchurch conservatives and semi-traditionalists. Fr. Merano, however, has not been taken in. Too bad for the Society of St. Pius X that his superior, Bernie Fellay, has been taken in.

Artigo de Traditio.com que opõe o padre Méramo a Monsenhor Fellay

Observamos dois aspectos que tratamos sucessivamente: o modo e o sentido.

O modo de tratamento da informação por ***Traditio.com*** (ou seja, Monsenhor Williamson)

Traditio.Com publica, **com um atraso de quase dois meses**, um texto já conhecido desde o final de 2007. Qual seria a razão no final de fevereiro para destacar o texto do padre Méramo? **Curiosamente, essa promoção suspeita** ocorre enquanto **Monsenhor Williamson** está em **uma intensa campanha midiática na França com o vídeo encomendado pelos padres de Suresnes (Celier, Cocault-Duverger)**, e Monsenhor Williamson, que acaba de encontrar os sedevacantistas em Flavigny, mantém em privado as melhores relações com alguns sedevacantistas anti-Fellay durante sua passagem pela França.

Outro ponto sobre o modo de ação de ***Traditio.com***: este site **reproduz integralmente o texto do padre Méramo, o que é excepcional**, enquanto o site sempre se destacou por citar apenas trechos e não fornecer referências das informações que divulga. No caso do padre Méramo, o site ***Traditio.com*** é, de fato, o mais preciso possível.

O sentido dado por *Traditio.com* (ou seja, Monsenhor Williamson) a este texto do padre Méramo

Traditio.com apresenta o texto do padre Méramo como uma oposição pública ao seu Superior, Monsenhor Fellay. O tom elogioso e bajulador do canal de Monsenhor Williamson é suspeito e parece forçado ao extremo. A simpatia excessiva do suposto meio sedevacantista tem o efeito de tentar comprometer completamente o padre Méramo, enquanto *Traditio.com* sabe perfeitamente que uma suspeita de sedevacantismo na FSSPX (sob o regime de terror do duo Williamson-Schmidberger) resulta em demissão imediata.

Aqui estão as bajulações de ***Traditio.com*** em relação ao padre Méramo:

> *"Um prior da FSSPX rompe com seu Superior Fellay e está de acordo com a rede TRADITIO (…)*
>
> *O padre Basilio Merano, Prior da FSSPX no México, destacou-se de seu superior, Nanard Fellay, ao aprovar a posição da rede TRADITIO (…)*
>
> *O padre Basilio Merano, Prior da FSSPX no México, residente na Capela do Sagrado Coração de Jesus em Orizaba, México, rejeitou publicamente a recepção entusiástica da Missa do "Motu" de Bento-Ratzinger por parte do Superior da FSSPX, Nanard Fellay, e aprovou a posição da rede TRADITIO (…)*
>
> *Bons Católicos, trata-se de uma das análises mais perspicazes por parte de um membro da FSSPX sobre o modus operandi real de Bento-Ratzinger (…)*
>
> *No entanto, o padre Merano não foi enganado. Lamentamos que a Fraternidade São Pio X tenha um Superior, Nanard Fellay, que tenha caído na armadilha."**[4]***

Monsenhor Fellay, qualificado como '***Bernie***' Fellay (expressão que se traduziria como '***Nanard***' Fellay), é tratado de maneira desrespeitosa, em oposição ao tratamento reservado ao padre Méramo pelo site sedevacantista, como se isso fosse fazer com que o Superior da FSSPX se enfurecesse ainda mais contra o padre sírio para provocar sua expulsão.

Tudo no tratamento dessa informação por ***Traditio.com*** cheira muito mal: **a exumação de um texto com dois meses de idade, sua valorização excepcional por meio de uma citação integral (prática incomum para este site),** a apresentação do sentido deste texto **como uma polêmica anti-Monsenhor Fellay** que ***Traditio.com*** ridiculariza no processo.

Portanto, a manobra de ***Traditio.com*** é exatamente o oposto do que afirma ser: **em vez de ser uma valorização do padre Méramo,** trata-se de um golpe baixo para tentar expulsá-lo da FSSPX.

Também nossos olhares não podem deixar de se voltar **para o verdadeiro *'herói'* do site sedevacantista, o ex-Anglicano, Monsenhor Williamson,** que aparece então como **o verdadeiro beneficiário, senão o encomendador, desse elogio secretamente assassino.**

Monsenhor Williamson estaria então tentando **fazer com que o padre Méramo fosse eliminado da FSSPX.** O que significa que **o Prior de Vera Cruz no México** teria se tornado **um obstáculo aos planos** do duo Williamson-Schmidberger **para avançar com o plano de raliamento.**

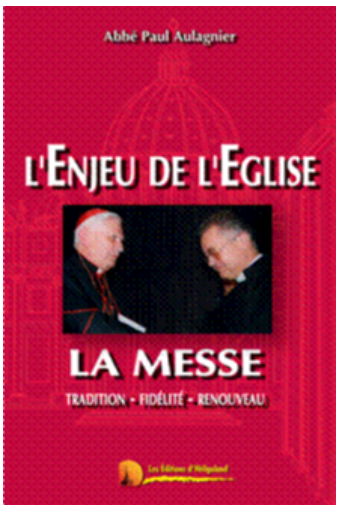
Mas, na realidade, assim como no lobo da fábula, essa manobra agora se volta contra Monsenhor Williamson. O jogo de *Traditio.com*, como **revez** do bispo britânico, é agora conhecido. E o truque parece ser ainda mais evidente.

A expulsão do padre Méramo por Monsenhor Fellay também seria uma forma para o duo Williamson-Schmidberger de obter uma **espécie de revanche contra o padre, apreciado por Monsenhor Tissier de Mallerais** devido a seus trabalhos sobre a gnose de Jean Borella, e **que privou em 1994 o padre Schmidberger** de um **controle total e definitivo** sobre a FSSPX.

Em 2003, a expulsão habilidosa do padre Aulagnier pelo duo Monsenhor Williamson-Padre Schmidberger

Esse ataque sutil, e muito britânico, contra o padre Méramo, lembra um precedente: o do padre Aulagnier. Não se engane, não temos a intenção de expressar o menor arrependimento pela expulsão do padre Aulagnier. Como escreveu o padre Méramo quatro meses antes da demissão do padre Aulagnier, ele corria o risco de '*contaminar o sacrário*', e a decisão de Monsenhor Fellay livrou a FSSPX de um perigo.

No entanto, o recente livro do padre Aulagnier, '***L'enjeu de l'Eglise***'[5], publicado em 2007 pela Editora Héligoland, revela os bastidores de uma demissão que carrega a marca do bispo da Rosa e de seu parceiro o padre Schmidberger.



Como o padre Aulagnier afirma, na página 605 de seu livro, não ter conseguido entender bem o que lhe aconteceu ao expressar sua surpresa, quatro anos após os fatos:

> *« Eu fiquei atônito… As declarações que fiz [na entrevista ao Wanderer que justificou sua demissão] eram condenáveis? Não podia-se falar sobre isso? Não! Isso não me foi proposto… A única solução possível, viável, era a demissão! Ah, bom! »* Padre Aulagnier

Vamos explicar isso aqui, para ajudar a entender melhor e resolver essa irritante enigmas.

O relato do próprio sobre a expulsão do padre Aulagnier

O padre Aulagnier se destacou de 1998 a 2002 por suas iniciativas pessoais e intempestivas em favor do raliamento da FSSPX. Ele foi o responsável pela queda de Campos em 2002, e considera isso um mérito:

« No dia 18 de janeiro de 2002, foi a data escolhida por Roma para a assinatura oficial dos documentos. Eu estava lá, como prometido, no meio deles. Uma palavra é uma palavra. Isso foi criticado... Mas a proibição estava longe de ser clara e fundamentada...

Mais uma vez, eu considerava tudo sob a ótica da Missa. Para mim, era uma vitória. Uma vitória em favor da Missa de sempre. Provei isso em um artigo da Nouvelles de Chrétienté, na edição nº 72. Dediquei-o totalmente a essa questão. (…)

Como a questão era de importância, retornei a ela no segundo número de Item, que eu acabava de fundar enquanto estava na Bélgica, como prior em Bruxelas – no Item, já que Nouvelles de Chrétienté me foi «arrancado». A autoridade pode fazer tudo, pensava ela! Será o capítulo IV. Complementei-o, em anexo, com o artigo sobre a carta que o secretário da Congregação do Clero enviou a Monsenhor Rangel. Este artigo, que não é meu – tendo sido proibido de escrever, mas não de dar entrevistas (isso para uma simples anedota e espírito « brincalhão »…) – confirma a validade da minha análise sobre os textos constitutivos da Administração Apostólica São João Maria Vianney.

***Essas duas publicações contrariaram Monsenhor Fellay, certamente o padre Schmidberger, assim como Monsenhor Williamson** que havia escrito, ele, um artigo em sua Carta aos amigos e benfeitores do seminário de Winona, nos Estados Unidos: Campos is fallen. A oposição era total.*

A paciência tinha se esgotado. Era necessária a minha expulsão! Ela ocorreu em setembro de 2003, quando eu acabava de ser nomeado e confirmado como prior no priorado de Shawanigam, no Canadá… »[6] Padre Aulagnier

*« Durante minha estadia no Canadá, conheci várias pessoas influentes e, numa noite, recebi uma ligação dos Estados Unidos, de jornalistas do **The Wanderer**, um jornal americano. Eles pediram minha opinião sobre a evolução dos "assuntos" na FSSPX. Aceitei, naturalmente. Levou um certo tempo para estabelecer as « perguntas ». Elas me foram rapidamente enviadas em francês.*

Eu respondi com alegria e empenho. Elas me interessavam profundamente e me obrigavam à reflexão.

A tradução para o inglês foi feita pelos jornalistas. E tudo foi publicado no jornal The Wanderer nos Estados Unidos.

A notícia atravessou rapidamente o Atlântico.

Foi a gota d'água que fez transbordar o copo... e que aparentemente cansou a "paciência" de Monsenhor Fellay.

*Sem se demorar a discutir o fundo das minhas « considerações », **o simples fato da publicação deste artigo no jornal foi a razão – digamos a ocasião próxima – para minha expulsão da FSSPX. Fiquei atônito...***

O que eu disse [na entrevista ao Wanderer que justificou sua expulsão] era condenável? Não se podia falar sobre isso? Não! Isso não me foi proposto... A única solução possível e viável era a

expulsão! Ah, é? » [7] Padre Aulagnier

A aparição da dupla Williamson-Schmidberger para pressionar Monsenhor Fellay a expulsar o padre Aulagnier

O padre Aulagnier revela que estava em oposição a Monsenhor Williamson e ao padre Schmidberger: veja, veja... mais uma vez a dupla... Esse padre Schmidberger sobre o qual Monsenhor Williamson se queixava, no início de 2006, sob a forma de uma falsa confidência, dizendo que ele lhe escrevia cartas ofensivas! E agora, lá estão o britânico e o alemão unidos para enfrentar o Auvernho:

« Essas duas publicações contrariaram Monsenhor Fellay, certamente o padre Schmidberger assim como Monsenhor Williamson *que havia escrito, ele, um artigo em sua Carta aos amigos e benfeitores do seminário de Winona, nos Estados Unidos: Campos is fallen. A oposição era total. »*

No dia 1º de fevereiro de 2002, Monsenhor Williamson escreveu « Campos est tombé »[8], na mesma época em que o padre Aulagnier voltava do Brasil, onde havia apoiado a apostasia dos filhos espirituais de Monsenhor de Castro-Mayer. O padre Aulagnier, portanto, aparecia como o liberal, o 'Montanês' da FSSPX, enquanto Monsenhor Williamson cultivava sua imagem de « duro », de anti-liberal, destinada a enganar os opositores mais firmes ao raliamento. Essa união da dupla se manifestará na votação unânime do Capítulo Geral de 2006, que ratificará três anos depois a decisão de expulsar o padre Aulagnier por Monsenhor Fellay.

A entrevista ao *Wanderer* foi uma armadilha do ex-anglicano para o padre Aulagnier, visando forçá-lo ao erro?

As razões para uma ação nos bastidores da dupla Williamson-Schmidberger devem ser procuradas na natureza imprevisível e incontrolável do ardente Ex-Superior do Distrito da França.

Sabemos que **ele negociou um acordo** com prelados conciliares para a FSSPX**, quando estava na Bélgica, e** que esse acordo incluía **cláusulas secretas que ele escondeu de Monsenhor Fellay**, comunicando-lhe apenas algumas cláusulas.

Tal comportamento não podia deixar de preocupar o ex-Anglicano, que não queria ver um intruso desajeitado perturbar sua alta e delicada missão. Pois a obra do Coagula é uma obra meticulosa, de alta precisão, enquanto a fase do Solve não exige tanta finesse e habilidade: é mais fácil destruir em massa do que fabricar uma falsificação que engane as mentes mais perspicazes.

Podemos supor, então, que era necessário que o comportamento muito pessoal do padre Aulagnier cessasse de interferir e prejudicar o plano do bispo da Rosa **para controlar a nova fase delicada do *Coagula*** que se abria **para a « *normalização* » final buscada para a Fraternidade São Pio X**.

Era necessário, então, que o padre Aulagnier, o inconveniente, saísse.

Para isso, o padre Schmidberger pressionava Monsenhor Fellay, mas ainda faltava o que o padre Aulagnier chama de '*ocasião próxima*'. Ela não existia? Não havia problema, era só criá-la.

O que seria mais eficaz e audacioso do que uma entrevista? E, após 20 anos nos Estados Unidos, Monsenhor Williamson havia estabelecido muitos contatos e ligações nos meios jornalísticos. Ele sabia exatamente quem acionar para obter uma entrevista por um meio de comunicação americano.

Submetido à tentação midiática do *Wanderer*, o padre Aulagnier, carente de reconhecimento, não conseguiu resistir.

Foi um passo a mais, um passo fatal. O padre Aulagnier se expôs. A dupla tinha seu pretexto; restava apenas pressionar Monsenhor Fellay para fazê-lo perder a paciência e conseguir o golpe final contra o padre Aulagnier.

Com a expulsão do padre Aulagnier, a dupla Williamson-Schmidberger havia eliminado a « *ultra-esquerda* », a « *Montanha* », e a revolução tranquila dos novos termidorianos podia continuar pacificamente e sem contratempos.

O '*Montanês*' Aulagnier ainda hoje está surpreso por ter sido destituído repentinamente e ainda não compreendeu o papel do '*Termidoriano*' Williamson.

Restava então a Monsenhor Williamson e sua rede **colocar Monsenhor Fellay em dificuldades** para evitar sua **reeleição em 2006** e afastá-lo, com o objetivo de colocar um homem de palha do **tandem Williamson-Schmidberger** na liderança da FSSPX.

Foi exatamente isso que foi tentado com **a operação de desestabilização de Monsenhor Fellay pelos « *mutineiros* » no verão de 2004**, com a chegada do bispo apóstata Wojtyla-JPII a Lourdes. **O padre Lorans** serviria como **detonador**, incitando o impulsivo padre Laguérie ao erro, através de uma insistência telefônica repetida por volta de meados de julho de 2004.

Continua...

Continuemos a boa luta

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 Virgo-Maria.org

Na Parte n°5, abordaremos um novo aspecto de Monsenhor Williamson.

ANEXO – Artigo de Traditio.com que opõe o padre Méramo a Monsenhor Fellay

Prior da FSSPX no México Rompe com o Superior Fellay e Concorda com a Rede TRADITIO:

Chama a Missa do "Motu" de Bento-Ratzinger de um "Ardil" Inteligente

De: Os Pais

O Prior da FSSPX no México, Pe. Basilio Merano, Rompeu com Seu Superior, Bernie Fellay

E Concordou Publicamente com a Rede TRADITIO que a Missa do "Motu" de Bento-Ratzinger
É uma "Manobra Sutil, Inteligente e Astuta" para Eliminar o Catolicismo Tradicional

O Prior da FSSPX no México, Pe. Basilio Merano, residente na Capela do Sagrado Coração de Jesus em Orizaba, México, rejeitou publicamente o acolhimento da Missa do "Motu" de Bento-Ratzinger por parte do Superior Geral da FSSPX, Bernie Fellay, e concordou com a Rede TRADITIO que o "Motu" é uma farsa de Bento-Ratzinger para minar o Movimento Católico Tradicional. Merano já havia adotado posições públicas contra as posições pro-Novo Ordem de Fellay. O Pe. Merano publicou em 13 de dezembro de 2007, um documento para sua congregação sobre a Missa do "Motu" de Bento-Ratzinger, que reproduzimos aqui na íntegra.

Sob a Aparência de Bem, o Diabo Se Faz de Anjo de Luz
Pe. Basilio Meramo, Prior da FSSPX no México
13 de dezembro de 2007

A Sagrada Escritura nos adverte que Satanás frequentemente se transforma em Anjo de Luz (II Coríntios XI:14), ou seja, como um bem aparente, para seduzir os fiéis. "Porque o Diabo, como leão que ruge, anda em derredor, buscando a quem possa devorar" (I Pedro V:8). Por isso, São Pedro nos exorta a ser sóbrios e vigilantes.

Muitos, se não a grande maioria, dos defensores da Missa Tradicional e da doutrina viram o Motu Proprio de Bento XVI como um grande bem, na medida em que reconheceu que a Missa Tradicional em Latim nunca foi ab-rogada. Este "reconhecimento" é visto por aqueles que mantêm essa visão "otimista" como algo parecido com uma terra ressequida que acolheria uma chuva suave após uma longa seca. E, ainda mais, vemos como estão tão tomados de gratidão que estão prevendo os horizontes mais promissores para um futuro feliz, de verdura e flores brilhantes e bonitas.

Mas, se analisarmos os fatos de forma imparcial e à luz clara da Fé, veremos que a bela paisagem desaparece diante de nossos olhos, como a ilusão vã e perigosa que realmente é. Nada poderia ser mais perspicaz do que reconhecer que a Missa Tradicional nunca foi legalmente ab-rogada, embora tenha sido suprimida de maneira abusiva, como sempre sustentaram o Arcebispo Lefebvre e os católicos tradicionais.

Portanto, a declaração de Bento XVI afirmando que a Missa verdadeira nunca foi abolida parece, à primeira vista, ser uma vitória. No entanto, após uma análise mais detalhada da declaração, percebe-se tanto a sutileza quanto a inteligência dessa ação. Bento XVI está tentando, de maneira audaciosa e eficaz, alcançar seu objetivo mais profundo e desejado de acordo com sua mentalidade modernista, de modo que muitos críticos do Modernismo não conseguiram apreciar totalmente a vastidão de seus objetivos ou a sutileza de sua estratégia.

Bento XVI, que tem uma mente aguda e penetrante, pretende legitimar a Nova Missa tentando apresentá-la como um desenvolvimento legítimo e fiel do antigo rito romano. Para ter sucesso, ele precisou curar a ruptura criada pela tentativa de supressão da Missa Tradicional, primeiro negando que a Missa Tradicional tivesse sido abolida. Pois a Missa Tradicional era a expressão fiel da Missa romana antiga, tanto em seu desenvolvimento histórico quanto em seu conteúdo dogmático, promulgada perpetuamente.

Historicamente, não se podia afirmar que tivesse ocorrido uma ruptura esquismática no desenvolvimento do rito, como declarou Joseph Ratzinger em sua autobiografia. Mas isso foi, de fato, o que foi declarado ter acontecido quando a Nova Missa foi introduzida, então era necessário reparar a ruptura. O segundo grande evento que ocorreu no início dos meus anos em Ratisbona foi a publicação do Missal de Paulo VI, com a quase total proibição do Missal Tradicional. Mas fiquei perplexo com a proibição do Missal Tradicional, pois nada semelhante havia ocorrido na história da liturgia. Não se pode falar de uma proibição do Missal mais antigo e, até então, legitimamente válido, cujo desenvolvimento ao longo dos séculos pode ser rastreado até os Sacramentários da Igreja primitiva. Isso trouxe uma ruptura na história da liturgia, cujas consequências poderiam ser apenas trágicas (Joseph Ratzinger, *Mi Vida*, ed. Encuentro, Madrid, 2005, pp. 148-149).

Podemos ver então que, para o Cardeal Ratzinger, a ruptura histórica não pode ser legitimamente defendida, e essa ruptura precisava ser curada, especialmente dado seu plano de retratar a Nova Missa como uma continuação legítima e desenvolvimento do Missal Tradicional e como uma expressão autêntica do Rito Romano da Missa. Com sua mente dialética e ecumenista, ele podia perceber que não poderia ser afirmado que o Novo Missal era um desenvolvimento legítimo do Rito Romano, se por outro lado se afirmasse que o Missal Tradicional não era.

Portanto, se ambos os Missais são desenvolvimentos legítimos do antigo Rito Romano, então é incoerente afirmar que o Missal Tradicional está proibido ou foi abolido, **especialmente se se pretende apresentar a Nova Missa, descrita pelo Arcebispo Lefebvre como um rito protestantizado e bastardo, como um desenvolvimento e expressão igualmente legítimos do antigo Rito Romano,** como o Rito Tradicional era de fato. O que nos leva ao objetivo final de Bento XVI.

A tentativa de reconciliar a Nova Missa com a Missa Tradicional é o primeiro passo em seu plano para promover uma reconciliação entre os ensinamentos do Vaticano II e a Verdadeira Fé. Ele não pode permitir que uma ruptura ou separação permaneça, o que impediria sua síntese dialética, pois, como declarou quando era Cardeal Ratzinger: "Para a vida da Igreja, é dramaticamente urgente que ocorra uma renovação da consciência litúrgica que reconheça novamente a unidade da história da liturgia e entenda o Vaticano II não como uma ruptura, mas como um momento de desenvolvimento" (*ibidem*). **Agora se manifesta claramente qual era a verdadeira motivação por trás do reconhecimento do fato de que o Missal Tradicional nunca foi abrogado. É a conhecida estratégia de um passo para trás/dois passos para frente.**

Seria ingênuo pensar que Bento XVI tomou essas medidas porque está se aproximando da Missa Tradicional e da Verdadeira Fé. Pois, segundo suas próprias palavras, o objetivo dessas medidas é a consolidação e legitimação da Nova Missa e do Vaticano II. Ele está tentando isso não através de medidas brutais e dramáticas que rompem com o passado, mas usando o método de uma evolução sutil e gradual [como "Pe." Ratzinger fez no Vaticano II], espera reconciliar e convencer todos os opositores do Vaticano II e da Nova Missa sobre sua legitimidade.

Bento XVI está procedendo de forma gentil, mas firme, para estabelecer que a Nova Missa e o Vaticano II não constituem uma ruptura com o passado, nem litúrgica nem doutrinariamente, mas que são fruto de um crescimento e desenvolvimento orgânicos dentro da Igreja e devem ser aceitos por todos os fiéis. Portanto, a Missa Tradicional é a expressão de um passado histórico, e a Nova Missa é a expressão fiel do presente vital e a promessa de um futuro ainda mais glorioso.

Não se pode conceber uma manobra mais sutil, inteligente e astuta que claramente pretende eliminar as forças que compõem a resistência católica às inovações e que defendem a Missa Tradicional e as doutrinas da Igreja Católica. Essa eliminação deve ocorrer sem confrontos dramáticos ou brutais, como foi tentado no passado, mas sim com um caloroso abraço ecumênico, que não deixará para trás cadáveres podres que poderiam macular o cenário irenista e bucólico. Não é assim que se procede em nossa era democrática, pois agora destruímos por substituição dialética.

Bons católicos, esta é uma das análises mais penetrantes de um representante da SSPX sobre o verdadeiro modus operandi de Bento-Ratzinger, Modernista no Vaticano II, Modernista agora, que enganou muitos conservadores e semi-tradicionalistas da Nova Igreja com um astuto embuste. O Pe. Merano, no entanto, não foi enganado. Lamentável para a Sociedade de São Pio X que seu superior, Bernie Fellay, tenha sido enganado.

---

[1] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[2] Continuação de uma série de artigos sobre a ação verdadeira e oculta do ex-anglicano dentro da FSSPX (Fraternidade Sacerdotal de São Pio X) para entregar a Tradição Católica às mãos da Igreja Conciliar de Ratzinger. Após a publicação da série de artigos, um dossiê será compilado reunindo todos os textos em um único documento, que constituirá uma referência sobre o bispo da rosa. Estas publicações concretizam um trabalho de pesquisa, cruzamento de informações e reflexão sobre a ação particularmente temível do antigo anglicano dentro da obra de Mons. Lefebvre. A parte 1 desta série foi publicada: http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-05-B-00-Mgr_Williamson-contre-Mgr_Fellay.pdf

[[3]] Cf. http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-23-A-00-Orchestre_noir_de_la_FSSPX_V3.pdf

[4] http://www.traditio.com/comment/com0802.htm

[5] http://www.lenjeu.info/Bienvenue.html

[6] *« L'enjeu de l'Eglise »*, p486, Abbé Paul Aulagnier, 2007, Les éditions d'Héligoland

[7] *« L'enjeu de l'Eglise »*, p605, Abbé Paul Aulagnier, 2007, Les éditions d'Héligoland

[8] http://www.sspx.ca/Documents/Bishop-Williamson/February1-2002.htm

Um desertor excomungado do início do ecumenismo, o padre Hyacinthe Loyson (1827-1912)

Sábado, 11 de novembro de 2006

Continuação da investigação sobre as redes subversivas do anglicanismo no final do século XIX.
Viagem ao coração da subversão clerical

O CIRS (Comitê Internacional *Rore Sanctifica*) nos comunica este texto. Este texto é uma composição que reúne, a título de testemunho, escritos de membros da Igreja Galicana, e que comprometem apenas os seus autores do site http://www.gallican.org. **O CIRS não adere de forma alguma às concepções dos autores desses testemunhos, mas vê neles evidências da subversão clerical já em curso na Igreja e nos círculos religiosos no final do século XIX**.

Este texto revela fatos históricos importantes e pouco conhecidos. Ele ilustra as pesquisas do CIRS sobre os ambientes precursores do ecumenismo e sobre as primeiras tentativas anglicanas de elaborar o ataque contra a Igreja Católica, seu Sacerdócio e seus ritos já no século XIX.

Enquanto no outono de 2006 a Roma dos anticristos prepara a armadilha com a qual espera capturar e dissolver a FSSPX, **ou seja, a obra de preservação do Sacerdócio católico fundada por Dom Lefebvre**, esses testemunhos históricos da subversão clerical devem ser meditados. Já os *ecclesiadéistes* sucumbem ao plano de Ratzinger, agora apoiado pelos pseudo-bispos da França reunidos em Lourdes. Seu plano é conceder uma certa reabilitação do rito de São Pio V, **ou melhor, do ritual latino já adulterado por Roncalli-João XXIII em 1962**, a fim de obter a aceitação do Concílio Vaticano II pela FSSPX, «*sob formas apropriadas*», e depois tomar o controle.

Este plano pressupõe uma colaboração ativa de Dom Fellay e de seu pequeno clã de apoiadores para organizar uma confusão inextricável dos Sacerdócios, o válido, o único verdadeiro sacerdócio católico da Nova e Eterna Aliança, e o inválido, para melhor exterminar o primeiro por meio dessa confusão organizada com o segundo.

A esse respeito, até agora temos apenas a mentira pública de Dom Fellay, de 12 de outubro de 2006, e, **até onde sabemos, nenhuma resposta foi dada à carta aberta solene aos quatro bispos[1], que continuam obstinados a se manter em um silêncio mortal sobre essa questão vital para todo católico autêntico**.

Essa carta aberta, que diz respeito a todo católico que deseja preservar sacramentos certamente válidos, como queria Dom Lefebvre, **exige uma resposta dos bispos e deveria ser publicada na imprensa.**

Continuemos o bom combate

Padre Michel Marchiset

Comunicado do CIRS de 10 de novembro de 2006

Após nosso comunicado sobre a destituição do padre Portal pelo cardeal Merry del Val[2], abordamos aqui uma nova figura de uma geração anterior ao padre Portal, trata-se do padre Hyacinthe Loyson.

Vale lembrar que Hyacinthe Loyson deixou a Igreja Católica durante a proclamação do dogma da infalibilidade papal no Concílio Vaticano I.

Este padre apóstata redigiu o prefácio da obra de Elie Benamozegh, *Israel e a Humanidade*, editada em 1914 por Aimé Pallières, seu discípulo. Benamozegh, rabino cabalista de Livorno, na Itália, foi um teórico do noaquismo. Ele exerceu uma influência subterrânea importante no século XX. Aimé Pallières, discípulo de Benamozegh, conheceu bem Hyacinthe Loyson, seu filho Paul, assim como a esposa do padre excomungado. Pallières dedica dois capítulos (XVIII e XIX) e dois anexos (I e II) de sua obra, *O Santuário Desconhecido*, a Loyson, a quem ele tentava afastar de um apego aos sacramentos:

> *« Ele ainda era muito católico de sentimento para imaginar que a frequência aos sacramentos fosse possível sem a fé plena que eles exigem do fiel. » Aimé Pallières, Capítulo XIX*

Mas o que nos interessa aqui é a ação de Loyson pelo ecumenismo e seus vínculos com os círculos anglicanos. Atingido pela excomunhão maior em 10 de outubro de 1869, Loyson multiplicou os mais diversos contatos e viagens antes de abrir, em março de 1878, uma igreja galicana em Paris, com o apoio do arcebispo anglicano de Canterbury.

Em 10 de agosto de 1879, o Padre Hyacinthe participa de uma reunião ecumênica em Berna (Suíça), com a presença de um dignitário anglicano, o pseudo-bispo Dom Henry Cotteril. A Igreja Anglicana lhe propôs a consagração episcopal (em seu rito anglicano inválido), o que diz muito sobre a confiança que depositava nesse religioso excomungado, para desenvolver no solo francês uma Igreja Galicana que pudesse competir com a Igreja Católica. No final, mais pregador do que pastor e homem de ação, Loyson recusará a proposta.

Em 1879, já se haviam passado quatro anos desde que o cardeal Franzelin entregara seu *Votum* ao Santo Ofício e este havia desenvolvido o argumento para o rejeito da validade das Ordens Anglicanas.

Dez anos depois, em 1889, ocorrerá o encontro de **Lord Halifax (membro da família real britânica e alto dignitário das lojas maçônicas iluministas inglesas)** e do padre Portal **(padre Lazarista)** em Funchal, na ilha da Madeira, ao largo da costa do Marrocos.

O nobre anglicano será acompanhado por Eduardo, futuro ministro das relações exteriores de Sua Majestade. A partir desse evento desencadeador, uma série de acontecimentos será iniciada, envolvendo os agentes do anglicanismo, que culminará em 1895 com uma tentativa de fazer reconhecer a validade das Ordens Anglicanas por Leão XIII, enquanto o cardeal Rampolla era Secretário de Estado e Gasparri membro ativo da comissão nomeada para este fim. Sabemos que essa tentativa falhou e até produziu o resultado oposto: a condenação das Ordens Anglicanas em 1896, pela bula *Apostolicae Curae*, na qual o Papa Leão XIII comprometeu sua infalibilidade.

Em 3 de dezembro de 1883, a república maçônica do Presidente Jules Grévy e de seu ministro do Interior Waldeck Rousseau autorizou oficialmente a capela galicana na rua d'Assas, em Paris (a poucos passos do Instituto Católico de Paris).

Por fim, os responsáveis pela Igreja Velha-Católica acabaram considerando Loyson como "*demasiado ecumênico*". A partir de 1887, retomaram o controle dos locais de culto, e foi somente em 1928 que **foi fundado, sob direção francesa, o *"sede patriarcal"* (sic) de Gazinet, por seu prelado, Dom Giraud**.

É muito significativo observar a rapidez com que esse antigo religioso carmelita naufragou na Fé, passando **de uma profissão de fé católica muito liberal para a revolta, o rejeito da fé católica romana e as associações mais ecumênicas**.

Enquanto os tumultos da Tradição Católica nos últimos meses, desde 2004, resultaram em expulsões da FSSPX, seguidas neste verão pela criação de um novo instituto (*Instituto do Bom Pastor*) ao preço da submissão ao Vaticano II, essa versatilidade dos clérigos não é algo tão novo, mas aqui recebe a luz de uma página bem real da história.

A apostasia do padre, como frequentemente ocorre, é revestida das razões naturais e sobrenaturais mais sedutoras. Alvo de Louis Veuillot no *Univers*, Loyson se apresenta como o apóstolo da paz, alega atrair mais

almas, tem a presunção de retornar aos verdadeiros valores evangélicos. Tantos slogans que, um século depois, desde 1962, tornaram-se chavões desgastados nas bocas dos reformadores do Vaticano II, cujos efeitos calamitosos pudemos constatar ao longo dessas décadas, **e que começamos a ouvir, não sem legítima preocupação, nas palavras de clérigos da FSSPX que hoje promovem um *"processo de reconciliação"***, mesmo quando a questão da invalidez das consagrações episcopais desde 1968 está em aberto e escancarada, e nosso Comitê apresentou todos os documentos e estudos suficientes para chegar a uma conclusão. Os panegíricos do padre Loyson, feitos por seus próprios discípulos e que aqui reproduzimos, mostram claramente essa mistificação que tende a apresentar alguém que não passa de um religioso excomungado, caído e revoltado, como um homem de grande espiritualidade e vida cristã elevada.

Ao ler o missal galicano de 1891, que ele prefaciou, o padre Loyson assume **a posição de um precursor do Vaticano II e da reforma litúrgica do Lazarista e maçom Annibale Bugnini e do *Novus Ordo Missae* de 1969.** Esse missal galicano seria codificado em 1928 por Dom Giraud.

Loyson defende a missa em vernáculo (francês) e administra a comunhão sob as duas espécies. **A troca do beijo da paz e a absolvição geral dos pecados durante a missa são práticas da Igreja Galicana. Essas mesmas práticas foram desenvolvidas na Igreja conciliar desde 1969**. Loyson, precursor, também pede o abandono do celibato para os sacerdotes, aproximando-se das propostas mais progressistas de hoje, enquanto uma parte do clero conciliar atual vive discretamente com uma mulher[3]. Sobre esse tema, é útil lembrar o que Aimé Pallières escreve em seu livro ***Le Sanctuaire inconnu***, ao descrever a exasperação de Paul Loyson, filho do padre Hyacinthe, em relação à Igreja Romana. O episódio diz respeito à publicação de uma biografia do padre Charles Perraud, um discípulo do Padre Gratry, **outro opositor ao dogma da infalibilidade papal**:

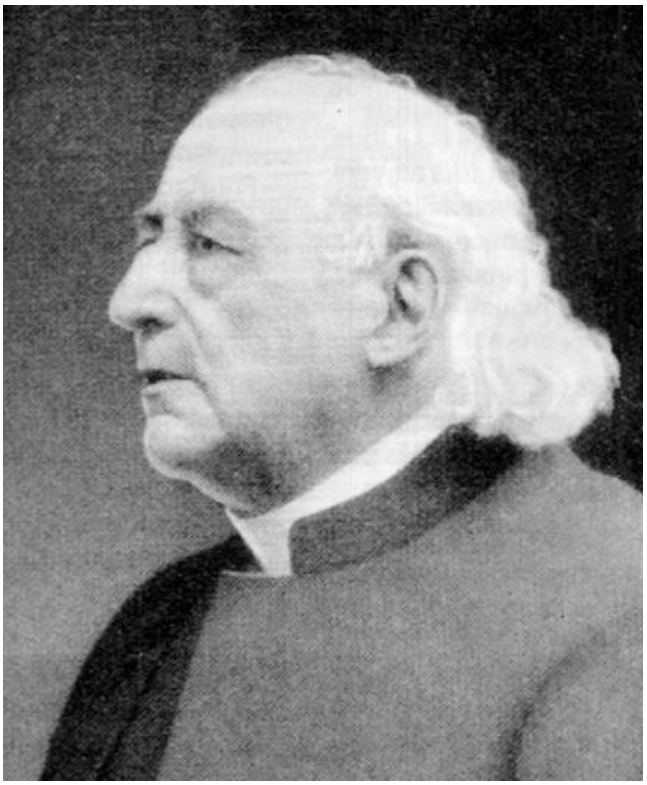
> *« Paul Loyson, por sua vez, trazia à questão preocupações bem diferentes. Ninguém contestará a nobreza de sua natureza e o fervor generoso com o qual ele se lançava na defesa do que considerava ser a verdade. Certamente, havia em seu caráter, fosse em literatura ou política, sentimentalismo ou patriotismo, uma exageração febril e, com isso, uma intransigência, uma dureza pouco atraentes, mas que ainda assim lhe valeram duradouras amizades. Não é segredo, no entanto, que sua evolução ocorreu em um sentido nitidamente anti-cristão e que ele nutria, em particular, uma hostilidade marcante em relação ao catolicismo, tanto mais inexplicável dado que sua infância foi profundamente enraizada na tradição católica e que ele professava uma veneração por seu pai, cuja ternura pela Igreja impunha, no mínimo, uma certa reserva. Paul Loyson via, portanto, nas revelações sobre a vida de Charles Perraud uma manobra de guerra contra Roma, como dizia Dom Lacroix, e isso bastava para que ele desejasse a publicação do panfleto. Madame Loyson, inicialmente hesitante, acabou se juntando ao filho, convencida de que se tratava de uma documentação a favor do casamento dos padres.»* Aimé Pallières, *Le Sanctuaire inconnu*, Anexo I

Aqui está, portanto, a biografia do padre Loyson, seguida de textos de seus discípulos. Esses testemunhos, extraídos do site da Igreja Galicana e redigidos por membros dessa instituição, revelam um espírito de oposição à Igreja Católica e mostram como, já no final do século XIX, o padre Loyson foi um precursor da subversão clerical que culminaria no Vaticano II.

Comitê Internacional *Rore Sanctifica*

Textos de apresentação do padre Hyacinthe Loyson

O padre apóstata e excomungado, Hyacinthe LOYSON



Entre as figuras de oposição ao Vaticano, a do R.P. Hyacinthe LOYSON é certamente uma das mais significativas.[4]

Charles Loyson, mais conhecido por seu nome religioso **Père Hyacinthe**, nasceu em Orléans no 10 de março de 1827, e morreu em Paris em 1912. Ele foi um padre e pregador francês, particularmente conhecido por seus sermões em Notre-Dame de Paris.

Biografia

Juventude

Ele era filho de um professor do colégio de Orléans, que mais tarde foi nomeado reitor de uma academia nas Basses-Alpes. Era parente próximo de seu homônimo, o poeta Charles Loyson.

Estudou, junto com seu irmão Jules, no colégio de Pau como bolsista, ingressando em 1845 no seminário de Saint-Sulpice. Quatro anos depois, foi ordenado padre. Foi sucessivamente professor no seminário de Avignon e de Nantes, e depois vigário em Saint-Sulpice. Finalmente, tomou o hábito dos dominicanos, tornando-se capelão na famosa Abadia-escola de Sorèze, onde foi notado por Lacordaire, que o tomou sob sua proteção e dizia: «É Loyson que me substituirá.»

As razões pelas quais ele deixou Sorèze não são claras. De qualquer forma, ele partiu para Roma, onde passou cerca de dois anos enclausurado em La Trappe, retornando depois à França. Após um noviciado em Lyon, ele entrou na ordem dos Carmelitas em 1860, onde pronunciou seus votos. Foi nesse momento que adotou o nome de Père Hyacinthe, pois entre os dominicanos ele ainda usava seu nome de nascimento.

Pregações

Sua existência teria seguido com a monotonia clerical, se ele não tivesse demonstrado seus talentos oratórios, primeiro durante um retiro que pregou no liceu de Lyon em 1862, e depois em vários púlpitos provinciais: o Advento de 1863 em Bordeaux, a Quaresma, no ano seguinte, em Périgueux, e finalmente em Paris, onde se fez ouvir no círculo católico da rua Cassette, e depois na Madeleine, onde seus sermões tiveram grande sucesso diante de uma audiência elegante e mundana. Ele pregou em 1866 na igreja de São Luís dos

Franceses em Roma. A originalidade um tanto teatral de sua eloquência, seu lirismo exuberante, os temas muitas vezes escabrosos que ele gostava de tratar, tudo, até seu hábito de monge, encantava o público, que via nele um sucessor de Lacordaire.

Embora, com suas tendências vagamente liberais e misticismo romântico, ele causasse alguma inquietação entre os ultramontanistas, foi escolhido pelo arcebispo de Paris, Dom Darboy, para pregar o Advento de 1864 em Notre-Dame, uma missão que cumpriu por cinco anos consecutivos nesse prestigioso e cobiçado púlpito, onde se sucederam pregadores famosos: Lacordaire, o Padre de Ravignan, o Padre Félix, e onde ele próprio obteve um sucesso estrondoso. Abordou os temas mais variados, alguns clássicos, tratando de teologia, dogmas ou simbologia cristã; outros de questões políticas, como a origem do poder, o caráter da sociedade civil, a soberania popular e o direito divino, a paz, a guerra; e outros ainda, mais incomuns para a época, de questões íntimas ou cotidianas, como o amor conjugal, o casamento, a família, a virgindade, o papel das cortesãs na sociedade moderna. Ele também combateu as novas ideias ou doutrinas que rejeitavam o sobrenatural e a revelação, e que consideravam apenas a experiência, a consciência e a razão como *critério*. Nessas ocasiões, mostrou vigor em suas polêmicas contra a "moral independente" (Adventos de 1865 e 1866), o positivismo, o racionalismo e o materialismo.

No entanto, naquela época, a tarefa de um pregador tão proeminente não era fácil, e Lacordaire havia experimentado isso antes dele. Apesar do sucesso alcançado, seus sermões não agradaram a todos. Alguns temas abordados, suas tentativas de conciliar razão e fé, ou dogma e filosofia, seus lampejos de liberalismo e suas concessões às ideias modernas irritaram os ultramontanistas. Ele foi alvo de ataques muito duros de Louis Veuillot no jornal católico *l'Univers*. Acusado de heresia, foi alvo de denúncias ao geral de sua ordem e à Santa Sé. Foi chamado a Roma, e tudo indica que ele tenha recebido uma advertência.

Mas isso não arrefeceu sua coragem. Em 24 de junho de 1869, convidado ao congresso da liga da Paz, falou com moderação sobre os protestantes e os judeus. Também fez um discurso impactante contra a guerra: « *Não matarás, diz o mandamento eterno!* », exclamava ele, « *mas será que ele condena apenas o homem covarde e cruel que persegue sua vítima nas sombras e enfia uma faca em seu coração ou explode seus miolos com um revólver? O assassinato deixa de ser um crime quando é cometido em grande escala e é obra de um príncipe ou de uma assembleia deliberante?* » E ele ousava acrescentar: « *Vocês só precisam aplicar aos povos a moral dos indivíduos e derrubar essa barreira de mentiras: uma moral para a vida privada e outra para a vida pública.* ». Esse ecumenismo e pacifismo escandalizaram a Igreja e aumentaram as inimizades que continuaram a persegui-lo.

Ruptura com Roma

Cansado de humilhações, calúnias e ataques venenosas, ele finalmente sentiu sua dignidade de homem se revoltar. Após muitas batalhas internas, sem dúvida, decidiu por uma ruptura estrondosa. Em 20 de setembro de 1869, ele enviou ao general de sua ordem, ao papa e aos jornais uma carta que causou grande repercussão, na qual, ao relembrar "os ataques abertos e as delações ocultas" de que fora alvo, acusava "as manobras de um partido todo-poderoso em Roma", e declarava que não voltaria mais ao púlpito de Notre-Dame, porque queriam lhe impor "uma linguagem que não seria mais a expressão completa e leal de sua consciência, uma palavra distorcida por uma ordem, ou mutilada por reticências". Ao mesmo tempo, anunciava que se afastava de seu convento e, ao apontar o dogma da infalibilidade papal que estava sendo preparado e que ele não aprovava, protestava diante do papa e do concílio ecumênico que estava para se reunir *"contra essas doutrinas e práticas que se dizem cristãs, mas que não o são, e que, em suas invasões cada vez mais ousadas e funestas, tendem a mudar a constituição da Igreja****, o fundo e a forma de seu ensinamento e até mesmo o espírito de sua piedade."*** ».

O Padre Hyacinthe era então superior dos carmelitas descalços de Paris. Alguns dias depois, Dom Dupanloup , bispo de Orléans, escreveu ao seu "querido confrade", o monge insurgente, uma carta pomposa convidando-o a ir se jogar aos pés do Santo Padre; mas recebeu apenas uma resposta curta que pode ser resumida nesta frase: "O que você chama de um grande erro cometido, eu chamo de um grande dever cumprido."

Tendo voltado a ser simplesmente o padre Loyson e excomungado com a excomunhão maior desde 10 de outubro de 1869, ele partiu quase imediatamente para uma viagem aos Estados Unidos. Lá, foi recebido com aclamações, e fez algumas conferências que tiveram grande sucesso. De volta à França, retirou-se para Bouillac. Em 30 de julho de 1870, publicou uma carta na qual protestava contra as decisões do concílio e contra "o suposto dogma da infalibilidade do papa, desconhecido por toda a antiguidade eclesiástica e que introduz uma mudança radical na constituição da Igreja e na regra imutável de sua fé."

Depois de ver, segundo suas palavras, "passarem os dois absolutismos que haviam pesado tão pesadamente sobre a Igreja e o mundo, o império dos Napoleões e o poder temporal dos papas", ele foi à Itália em março de 1871 e passou alguns meses em Roma. Lá, apesar de excomungado, recebeu a comunhão na Basílica de São Pedro e continuou a atrair atenção pública ao publicar diversas cartas nos jornais, especialmente uma carta a seu amigo, o cônego Döllinger, chefe da seita dos velho-católicos (26 de abril de 1871), outra sobre a Comuna de Paris (29 de maio), e uma terceira sobre a petição dos bispos à Assembleia Nacional (22 de junho). No dia 7 de julho seguinte, ele aderiu completamente à declaração assinada em Munique pelos velho-católicos, "convencido", dizia ele, "de que este grande ato de fé, ciência e consciência será o ponto de partida do movimento reformador que sozinho pode salvar a Igreja Católica."

Pouco depois, ele foi ao encontro de Döllinger, e em setembro participou do congresso em Munique, onde fez discursos. No final desse mesmo ano (23 de dezembro), ele repreendeu amargamente o Padre Gratry por sua adesão ao dogma da infalibilidade, que ele havia combatido tão fortemente.

Em 25 de janeiro de 1872, ele publicou em Roma o primeiro número de uma coletânea semanal, *L'Espérance de Rome*, escrita em francês e destinada a se tornar o órgão dos velho-católicos, e deu algumas conferências tratando de questões dogmáticas e disciplinares antes de retornar a Paris.

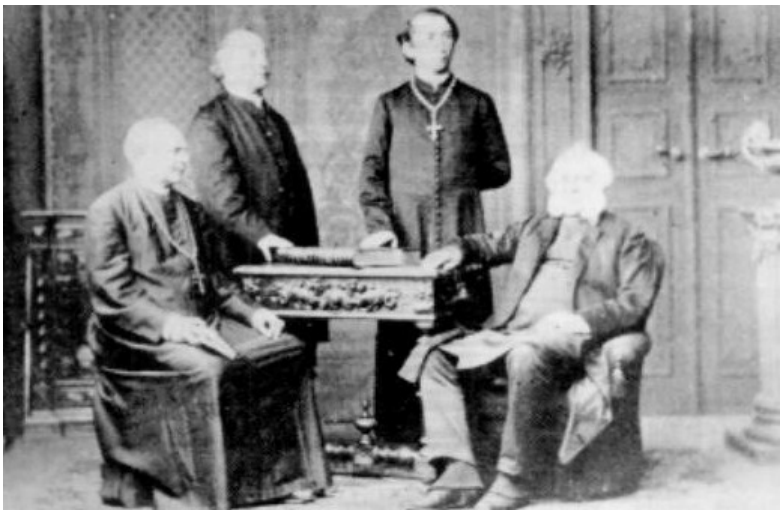
Casamento

Ele então anunciou, em uma carta publicada pelos jornais, que renunciava ao celibato e que o casamento lhe era imposto "como uma dessas leis da ordem moral às quais não se resiste sem perturbar profundamente a vida e sem ir contra a vontade de Deus" (25 de agosto). Ele foi para Londres, onde se casou, em 3 de setembro, na Abadia de Westminster, com uma americana que ele havia convertido ao catolicismo, Sra. Émilie Jane Butterfield, viúva Merriman, de trinta e cinco anos, enquanto Loyson tinha quarenta e cinco. Após esse casamento, ele continuou a celebrar missas e a protestar sua perfeita ortodoxia, qualificando sua decisão como o primeiro passo em direção a uma reforma da Igreja.

Chamado a Genebra no início de 1873 por católicos liberais, ele chegou lá em março. Celebrou sua primeira missa na Páscoa, em 13 de abril, na sala de leitura da biblioteca do Colégio Calvino. Em 17 de agosto, celebrou sua primeira missa em francês. Ele também deu conferências, declarando, por exemplo, em um sermão que pregou em 4 de maio de 1873, que a confissão obrigatória era essencialmente imoral. No entanto, em agosto de 1874, ele renunciou à paróquia de Genebra que lhe fora oferecida, pois, segundo ele, a Igreja católica-nacional "não deveria ser nem liberal em política, nem católica em religião". Ainda assim, ele continuou a lutar pelo movimento velho-católico, atraindo multidões com seus sermões em Genebra e depois em Paris.

Fundação da Igreja Galicana

Em março de 1878, ele fundou em Paris a Igreja Galicana, uma Igreja Católica independente, apoiada pela Igreja Anglicana na pessoa do arcebispo de Cantuária. Em 9 de fevereiro de 1879, uma capela foi inaugurada na rua Rochefort, no IXº arrondissement de Paris.



*"**A ideia de uma Igreja da França independente está ganhando força**.* **O ideal galicano do Padre Hyacinthe visa, de fato,** promover a identidade das igrejas locais. *Ele é ecumênico. Em 10 de agosto de 1879, ocorreu uma reunião em Berna (Suíça) sobre o tema da intercomunhão.*

*Participaram: **Dom Edouard Herzog**, bispo da Igreja Católica-Cristã da Suíça, **Dom Joseph Reinkens**, bispo da Igreja Católica Independente da Alemanha (equivalentes suíço e alemão da Igreja Galicana - fundadas em reação ao concílio do Vaticano de 1870), **Dom Henry Cotteril**, bispo da Igreja Anglicana, e o **R.P. Hyacinthe Loyson**, representando a Igreja Galicana."*

Rapidamente, o espaço ficou pequeno demais, e uma nova capela com capacidade para **1500 fiéis** foi inaugurada em 6 de março de 1881, na rua d'Arras, ainda em Paris. Um decreto de 3 de dezembro de 1883, assinado por Jules Grévy e seu ministro do Interior Waldeck-Rousseau, autorizou o funcionamento dessa capela, embora não reconhecesse oficialmente a nova religião.

*"Juridicamente, a situação da Igreja Galicana até então era ilegal, mas devido à sua grande notoriedade, o Padre Loyson era praticamente intocável. A pedido de três amigos do Padre Hyacinthe, membros do Conselho Diretor da paróquia, **o Presidente da República autorizou o funcionamento legal da capela galicana localizada na rua d'Arras em Paris**. O Estado não pode reconhecer o culto católico-galicano [5]. (…) Contudo, o Presidente da República **pode autorizar a celebração de um culto público não reconhecido pelo Estado**."*

Na verdade, Jules Grevy e seu Ministro do Interior Waldeck Rousseau contornaram a lei para atender [6] à expectativa dos fiéis ligados ao galicanismo.

« Esse decreto teve alguma influência na futura lei de 1905, na qual a República declarou que não reconheceria, salariaria nem subvencionaria qualquer culto? É uma hipótese a se considerar. »[7]

Isso ocorreu vinte e dois anos antes de, no 9 de dezembro de 1905, os parlamentares franceses promulgarem a lei de separação da Igreja e do Estado.

A igreja da rua d'Arras obteve um novo vigário, o padre Georges Volet, oriundo da Igreja Católica Cristã da Suíça. Em 3 de março de 1893, o Padre Hyacinthe renunciou a todas as suas funções dentro de sua Igreja, deixando o Monsenhor Gul, arcebispo da Igreja Velha-Católica da Holanda, assumir a paróquia parisiense.[8]

« O decreto de 3 de dezembro de 1883 ofereceu imensas possibilidades para o desenvolvimento da Igreja Galicana. A autorização de Jules Grevy poderia ter sido estendida a outras paróquias (como a do Padre Junqua em Bordeaux, por exemplo), a futuras capelas constituídas.

O Padre Hyacinthe, sempre recusando a consagração episcopal proposta pela Igreja Anglicana, não pôde ordenar novos sacerdotes, condenando assim seu movimento à marginalização.

« Sem pelo menos um bispo para administrá-la, a Igreja Galicana não podia se desenvolver: era impossível para ela ordenar novos sacerdotes, estabelecer a estrutura necessária (formação dos clérigos, status das paróquias, coordenação do clero, etc).

O que aconteceu então com a obra do Padre Loyson? Aproximadamente um ano após o decreto do Presidente da República, o ilustre pregador considerou **renunciar ao seu cargo** de reitor da grande paróquia galicana de Paris. Os fiéis e seu Conselho de Direção o persuadiram a permanecer no cargo.

Mas a chegada em 1887 de um vigário ordenado pela Suíça (Padre Volet) empurrou o Padre Hyacinthe para fora. ***Foi-lhe recriminado seu casamento contraído em 1872*** *e suas ideias ecumênicas.(…)*

Em 3 de março de 1893, o Padre Hyacinthe foi obrigado a renunciar. ***Em 1º de maio, Monsenhor Gul, arcebispo da Igreja Velha-Católica da Holanda, assumiu a paróquia parisiense ex-galicana em nome da União de Utrecht.*** *No entanto, surgiram divergências entre os fiéis. A comunidade se dividiu em dois blocos. Uma metade aceitou a tutela holandesa, liderada pelos Padres Volet e Van Thiel;* ***a outra metade, conduzida pelo Padre Bouland, recusou-se a submeter-se à sede holandesa. Houve então uma ruptura e a constituição de duas paróquias distintas em Paris: uma velha-católica, subordinada a Utrecht; a outra galicana, sob a direção espiritual do padre Bouland****. No entanto, nem uma nem outra tiveram o impacto carismático do Padre Hyacinthe. Elas se desintegraram lentamente.*

(…) Os católicos galicanos não tinham saído de Roma para se submeter à autoridade de uma sede estrangeira: ***Utrecht, Canterbury ou patriarcados ortodoxos (Moscou ou outros lugares)****.*

Esse catolicismo galicano sempre quis permanecer livre e ***administrar por conta própria sua própria Igreja galicana****. Isso foi o que* ***Monsenhor Giraud conseguiu realizar posteriormente, especialmente ao criar o sede patriarcal de Gazinet em*** *1928. Aos 67 anos, Hyacinthe Loyson****[9]*** *retomou seu papel de peregrino e conferencista. Foi ouvido na França e na Suíça. »****[10]***

Ele morreu em 1912, aos 85 anos, e foi enterrado no cemitério do Père-Lachaise. Teve um filho, Paul Hyacinthe Loyson (Genebra 1873 - Paris 1921), que foi dramaturgo e nutria uma profunda aversão à Igreja Católica.

Obras de Loyson

- *Conférences prêchées à Notre-Dame de Paris sur la famille* (1866)
- *La Société civile dans ses rapports avec le christianisme* (1867)
- *De la Réforme catholique* (1872)
- *Lettre sur mon mariage* (1872)
- *Catholicisme et protestantisme* (1873)
- *L'Ultramontanisme et la Révolution* (1873)
- *Trois conférences au Cirque d'Hiver* (1877)
- *Les principes de la Réforme catholique* (1878)
- *La Réforme catholique et l'Église anglicane* (1879)
- *Une apologie de l'Inquisition, réfutation* (1882)
- *Liturgie de l'Église catholique anglicane* (1883)

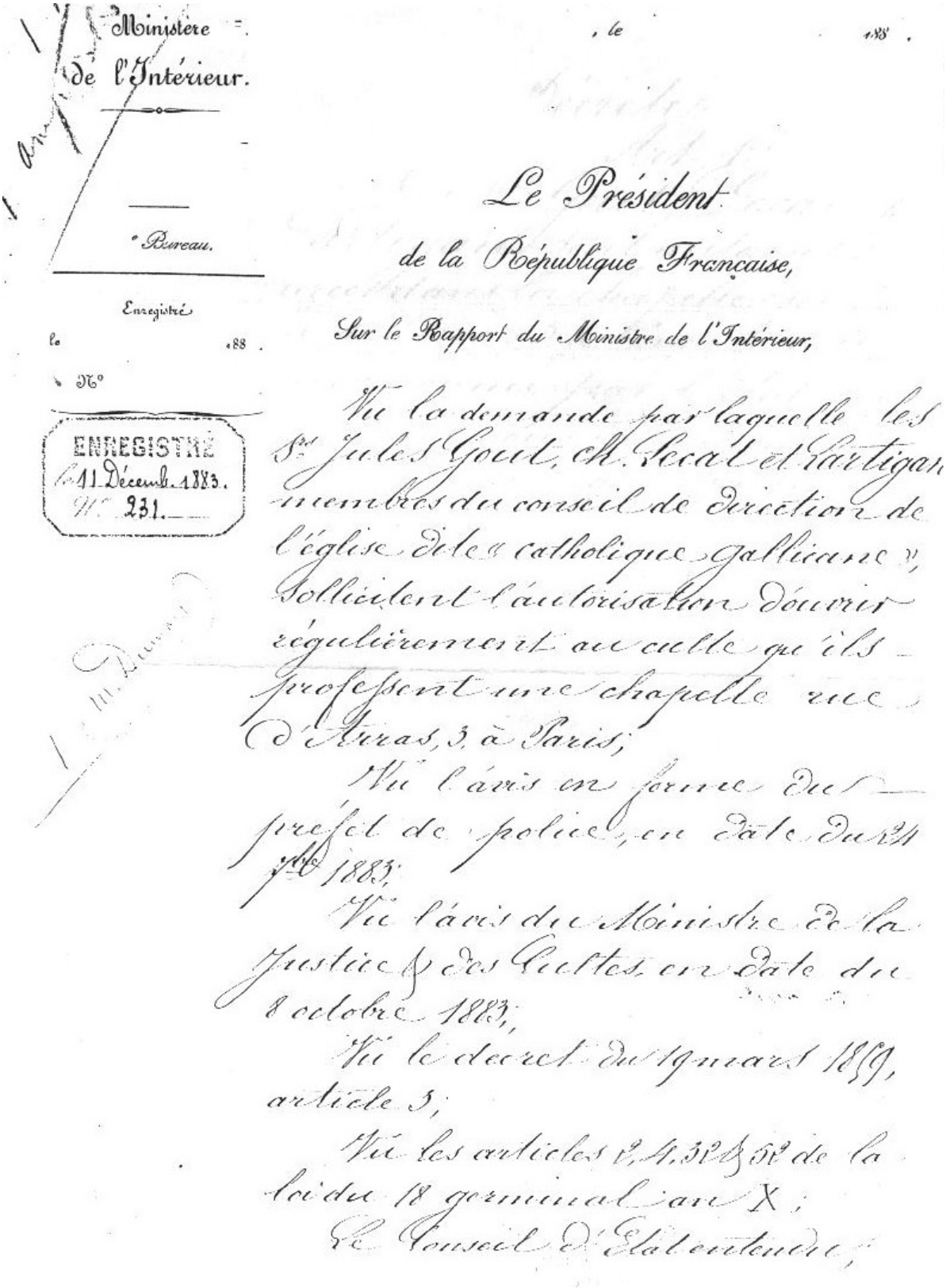
Testemunho extraído do site da Igreja Galicana e redigido por membros dessa instituição

Esses textos escritos com um espírito de oposição à Igreja Católica mostram o quanto, desde o final do século XIX, o padre Loyson foi um precursor da subversão clerical do Vaticano II.

Fonte: http://www.gallican.org

I. O Decreto de 3 de dezembro de 1883

Aqui está a resposta do Presidente da República Jules Grevy e de seu Ministro do Interior Waldeck Rousseau ao pedido de autorização para funcionamento da capela galicana da rua d'Arras, 3, em Paris.



Ministère de l'Intérieur.

Bureau.

Enregistré le 88 N°

ENREGISTRÉ le 11 Décemb. 1883. N° 231.

, le 188 .

Le Président de la République Française,

Sur le Rapport du Ministre de l'Intérieur,

Vu la demande par laquelle les Srs Jules Gout, ch. Secat et Lartigan membres du conseil de direction de l'église dite « catholique gallicane », sollicitent l'autorisation d'ouvrir régulièrement au culte qu'ils professent une chapelle rue d'Arras, 3, à Paris;

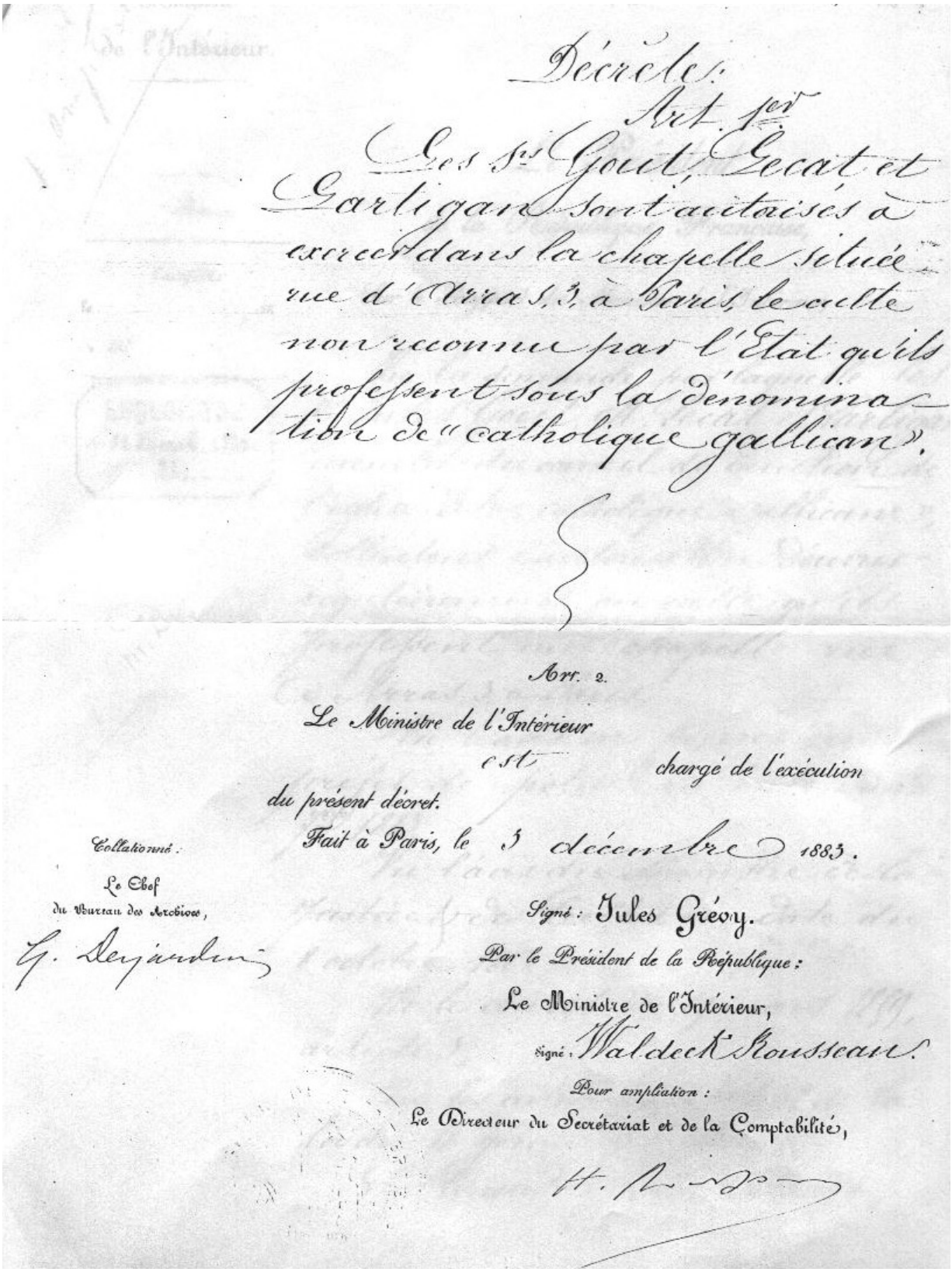
Vu l'avis en forme du préfet de police, en date du 24 7bre 1883;

Vu l'avis du Ministre de la Justice & des Cultes, en date du 8 octobre 1883;

Vu le decret du 19 mars 1859, article 3;

Vu les articles 2, 4, 32 & 52 de la loi du 18 germinal an X;

Le Conseil d'Etat entendu;



Décrète :

Art. 1er

Les Srs Gout, Gecat et Garligan sont autorisés à exercer dans la chapelle située rue d'Arras, 3, à Paris, le culte non reconnu par l'Etat qu'ils professent sous la dénomination de "catholique gallican".

Art. 2.

Le Ministre de l'Intérieur est chargé de l'exécution du présent décret.

Fait à Paris, le 3 décembre 1883.

Signé : Jules Grévy.

Par le Président de la République :

Le Ministre de l'Intérieur,

Signé : Waldeck Rousseau.

Pour ampliation :

Le Directeur du Secrétariat et de la Comptabilité,

Collationné :

Le Chef du Bureau des Archives,

G. Desjardins

« De acordo com os termos do Concordato de 1801, a situação de uma Igreja galicana independente de Roma era, até então, ilegal. Apenas os cultos: católico-romano, protestante e israelita eram admitidos. O decreto do Presidente da República adiciona a Igreja galicana a essa lista. »

II. O padre Hyacinthe, memórias vividas

O Padre Hyacinthe LOYSON, de memória ilustre, nasceu em Orléans em 1827 e morreu em Paris em 1912.

A. Sua Vida Pública

Essa vida pública não é outra coisa senão sua carreira de alta pregação. *Nesse aspecto, os pareceres são unânimes. O Padre Loyson era um* ***orador prestigioso.*** *Pregando a estação quadragésimal em Notre-Dame de Paris, ele enriqueceu esse púlpito ao mesmo nível de Lacordaire, e o Padre Monsabré (nascido como ele em 1827) não o eclipsou, nem mais do que aqueles que os precederam ou os sucederam.*

Sua eloquência encantava seus ouvintes entusiasmados, e muitas vezes aplausos escapavam deles no lugar sagrado, subjugados pela magnificência do discurso desse orador cheio de fervor.

Quando ele deixou o hábito de carmelita para se unir em matrimônio religioso com aquela que deveria ser a companheira escolhida de seu coração, *ele não abandonou a* ***pregação*** *que era a* ***razão de ser de sua atividade.***

Ele tentou ***dar novo impulso à Igreja Galicana****, que havia perdido muito de seu prestígio e estava ameaçada de extinção. Ele alugou, no nº 3 da rua d'Arras, em Paris, um local que transformou em capela. Ela estava cercada por tribunas confortáveis que a tornavam apta a receber os numerosos assistentes das tardes de domingo.*

Ele então morava em uma agradável villa, no boulevard Inkermann, em Neuilly-sur-Seine, e, a cada domingo, deslocava-se para celebrar a missa de manhã em seu oratório, e à tarde para o canto das Vésperas e o discurso semanal, aguardado com fervor por muitos parisiense.

Um pequeno local de dois cômodos adjacente ao edifício era ocupado por um vigário e por mim, na época um simples clérigo. Meu quarto servia como sala de jantar, onde a refeição frugal era fornecida por um hotel vizinho. A missa era seguida por um grupo bastante significativo de fiéis. ***A liturgia era a da Igreja Romana, em francês.***

O Padre celebrava o Sacrifício divino sem ornamentos, vestido apenas com a alva. Sua homilia dominical era de grande simplicidade: ele falava aos seus fiéis como todos os pastores de todas as igrejas, com a modesta eloquência do coração.

Os diversos pregadores de Notre-Dame imprimiram todos seus discursos, que, após anos, ainda deixam aos leitores impressões admirativas. O Padre Hyacinthe faz exceção. ***Ele nunca quis entregar seus magníficos discursos.***

Eu conheci dele apenas uma pequena brochura intitulada: nem clericais, nem ateus. Ele meditava profundamente sobre seus temas, e no momento de desenvolvê-los em público, era um torrent de eloquência que deixava seus ouvintes estupefatos e encantados. Ele tinha um ***dom de improvisação verdadeiramente extraordinário.*** *O fato seguinte, do qual fui testemunha, dará uma ideia.*

Era um domingo comum. Ele falava há quinze minutos, rodeando sua retórica com provas teológicas e argumentos scripturários, quando, no meio de uma frase, uma voz se ergueu entre o público silencioso para exclamir com um tom que parecia ser fortalecido pela raiva: - Isso não é verdade! O orador, surpreso, interrompe-se e então lança ao seu contraditor esta apostrofe: - Ah! Isso não é verdade! Quero enfiar isso goela abaixo. Ouça-me e você morderá a poeira. Ah! Isso não é verdade... E então, ele despeja com fervor uma cascata de argumentos sólidos que, estimulados pela contradição, atingem o sublime da eloquência. E o discurso prossegue, meia hora, uma hora... O orador, inesgotável, suado, finalmente para e pede desculpas por não ter dado continuidade ao discurso previamente anunciado! Ele é adiado para uma data futura. Reconhece-se que ele não havia escrito uma única linha preparatória para este segundo discurso...

Além disso, ele tomava notas em seu gabinete de trabalho, mas não as desenvolvia, confiando no gênio de sua palavra. E se toda improvisação está sujeita a repetições ou a períodos de uma construção menos perfeita, ninguém percebia.

Parece que, com um homem que havia mostrado grande coragem para desafiar a opinião e que revelava uma inteligência superior, seu projeto de reforma católica teria parecido destinado a um sucesso pleno. Ele havia recebido encorajamentos de pastores protestantes influentes, e simpatias do lado do clero romano - que permaneceram secretas - não lhe faltaram.

Apesar de todas essas vantagens, a reforma morreu antes de nascer. Eis a razão: o Padre Hyacinthe era um pregador extraordinário, mas sua capacidade se limitava a isso. Ele era surpreendentemente deficiente

no aspecto organizacional.

Esse meditativo não era um homem de ação, *e não teve nenhum colaborador para auxiliá-lo. Ele teve que, de certa forma, abandonar seu título de chefe galicano.*

Naquela época, o arcebispo de Utrecht tentou reanimar a Igreja moribunda propondo-lhe um local de culto na boulevard Auguste Blanqui - que, depois de ter dado abrigo por um certo tempo a alguns sacerdotes sérios provenientes da ramificação velha-catalólica suíça, está hoje nas mãos de uma Igreja Ortodoxa.

B. Sua Vida Íntima

Vamos adentrar a pequena vila do boulevard Inkermann e surpreender a vida íntima do Padre Hyacinthe ao lado de Madame Loyson e de seu filho Paul. Ele, o Padre, um homem bondoso, paternal, sempre pensativo e meditativo, sem se preocupar com a administração da casa. Ela, sua esposa, uma mulher enérgica, que comanda o lar com uma mão firme. E o jovem Paul, aluno do colégio Janson de Sailly, um rapaz gentil, inteligente, um tanto misterioso. Eu o ajudei com seus deveres escolares e nunca consegui discernir seu verdadeiro caráter; por trás de uma aparência afável e educada, ele permanecia um pouco distante.

O Padre passava seus dias em seu escritório, onde respondia metodicamente a uma vasta correspondência e recebia visitantes de todo tipo e situação social. ***Pode-se dizer que sua vida era a de um monge.*** *Próximo ao seu gabinete de trabalho havia um pequeno cômodo, seu quarto, mal mobiliado, onde se via uma cama de campanha - como a cela de um religioso franciscano.*

Geralmente silencioso, ele não se perdia em palavras com seus familiares. Era a mãe quem preenchia a casa com vida, pois, ao contrário do marido, ela era expansiva e exuberante, o que, aliás, parecia agradar ao chefe da família taciturno.

Todo homem, especialmente aquele cuja vida pública é agitada, necessita de certas horas de relaxamento e recreações aprazíveis. Não me lembro de qual poderia ser para o Padre Hyacinthe esse alívio intelectual. Ele vivia alheio ao mundo exterior; fisicamente, ele era deste mundo, espiritualmente, estava em outro lugar.

E talvez seja por isso que ele via com serenidade as críticas acerbas que inevitavelmente lhe eram dirigidas e as avaliações desabonadoras de suas menores ações. Em suas conversas com íntimos, sua voz era suave e afetuosa. E quando achava necessário dirigir uma repreensão a alguém inferior sobre seu modo de viver, ele o fazia com um ar ao mesmo tempo constrangido e persuasivo, do qual não se podia escapar e que era aceito como vindo de um pai muito amoroso.

Línguas maldosas lhe reprocharam ser um homem orgulhoso. Ele era o menos orgulhoso possível e vivia uma vida tão apagada e retirada que, sem suas retumbantes conferências religiosas, ele teria passado totalmente despercebido, até mesmo para seus vizinhos mais próximos.

Sabe-se que o Vaticano lhe fez uma proposta realmente tentadora para um "pária". ****Prometia-lhe, em troca de sua renúncia à Igreja Galicana e a anulação de seu casamento - sua elevação ao arcebispado de Lyon***... Após ter sido o obscuro responsável da rua d'Arras, tornar-se príncipe da Igreja e primaz das Gaules poderia, para qualquer outro, parecer o trampolim para uma glória invejável. **O humilde Padre Hyacinthe não aceitou e permaneceu o simples sacerdote despojado de títulos que queria ser perante sua consciência.***

Assim como sua eloquência vibrante no púlpito cristão conferia ao orador uma grande majestade, o tom de sua conversa era desprovido de qualquer brilho. Conversava com ele como se conversasse com um simples pároco de pequena paróquia; ele se colocava naturalmente ao alcance de seu interlocutor, e nada nas trocas de palavras em uma conversa familiar poderia lembrar a eloquência fulgurante do púlpito de Notre-Dame, que deixava o público em uma emoção sensacional.

O Padre Hyacinthe perdoava cristãmente seus contraditores e seus inimigos também, pois ele os tinha entre os fanáticos que consideravam sua vida escandalosa e digna de profundo desprezo. E é por isso que é provável que, prevendo que após sua morte pudesse vir um dia em que seus restos mortais fossem profanados - como o foi o cadáver daquele pontífice infeliz que uma multidão enfurecida lançou nas águas do Tibre...

Assim, ele tomou suas precauções para evitar tais insultos pós-morte: ***seu corpo foi cremado em 1912****. Ele tinha 85 anos.*

C. Sua Vida Religiosa

A concentração que notamos em sua vida íntima também se reflete em sua vida religiosa. ***O Pai Hyacinthe era incontestavelmente um homem de oração.*** *De quais piedosas meditações não foi testemunha a cela monástica do ex-carmelita! Mas ele rezava no secreto de seu coração, como se tivesse a pudicícia de seus ímpetos em direção a Deus.*

Em seu oratório da rua d'Arras, ele não presidia nenhuma oração em comum: recitação de terço, litanias, etc. Somente as orações litúrgicas do Sacrifício da Missa e das Vésperas tinham graça aos seus olhos.

O restante lhe parecia uma sequência de palavras sem valor profundo, proferidas na desatenção e no vazio da alma. (…)

Monsenhor Ducasse-Harispe

III. O Apóstolo da Paz

« Ele sabia a magia das palavras e, de seu púlpito na Notre-Dame de Paris, a eloquência sagrada, desferindo como uma tempestade, afogava os corações sob torrentes de emoção; **"É minha pedra preciosa,** ***dizia dele Pio IX,*** **é o melhor de meus filhos, será a flor da Igreja",** ***e a multidão se aglomerava para ouvir a voz famosa do Bossuet dos tempos modernos****.*

Pregador!... Sim, mas mais do que isso: profeta, ele era aquele que sacode a apatia de uma geração, aquele que recebeu o dom de gritar na face dos poderosos deste mundo a protestação evangélica, aquele de quem a Semaine Religieuse escrevia: "A Doutrina sai de sua boca com a precisão do dogma".

Mas naquele dia não era em uma igreja que o Pai Hyacinthe iria falar; o público era o mais diversificado que se pode imaginar: cristãos de todas as confissões, judeus, muçulmanos ou ateus... Todos reunidos em um único objetivo: ***A Paz.***

O tema era ***apropriado para o orador*** *e todos estavam impacientes para ouvir o discípulo de Elias, cujo manto simbólico branco cobria a silhueta morena; ele, contemplava em silêncio essa imensidão de olhos fixos nele e, talvez, pensasse como seu Mestre Divino:* "Tenho piedade dessa multidão".*

E sua voz ressoou subitamente no silêncio atento: ***"Não matarás!"****:*
o orador retornava ***às fontes mesmas de sua Fé,*** *ao mandamento do Deus Altíssimo adorado por Católicos e Protestantes, Judeus e Muçulmanos, e cuja Palavra nunca permanecia sem eco, mesmo no coração do descrente.*

"Não matarás, diz o mandamento eterno! Mas condena ele apenas o homem covarde e cruel que segue sua vítima na sombra e lhe enfia uma faca no coração ou lhe estoura o cérebro com uma pistola? O assassinato não é mais um crime quando é cometido em grande escala e é obra de um príncipe ou de uma assembleia deliberativa?"

Ao fazer essa pergunta, o Carmelitano parecia dirigir-se a todas as nações do mundo e em seu discurso parecia vibrar e ecoar a Palavra do Eterno: "O que, vocês poderão sem violar a lei de Deus, sem agitar a

consciência do homem, sem carregar em suas testas o sinal de Caim e sem amontoar sobre suas cabeças brasas ardentes, vocês poderão abrir ao sol da História esses vastos campos de carnificina e fazer com que a metralha esmague por seus caprichos ou cálculos centenas de criaturas humanas!... Caim! Caim! O que fizeste com teu irmão Abel!"*

Finalmente um sacerdote estava pronunciando a linguagem que a Igreja deveria ter mantido sempre, finalmente um sacerdote se erguia contra a guerra e ousava dizer ***"Não" a todos esses assassinatos:*** "Não! Desde que o raio celeste gravou a cruz no lábaro, mais guerras, exceto a guerra justa," *o Carmelitano falava como nunca havia falado antes, os aplausos aos quais não estava acostumado (não se aplaude em uma igreja) pareciam estimular seu fervor e o público, preso a seus lábios, saudava cada uma de suas declarações com fervorosos aplausos que aumentaram ainda mais quando ele exclamou:* "Vocês só têm que aplicar aos povos a moral dos indivíduos e derrubar essa barreira da mentira: uma moral para a vida privada e uma moral para a vida pública."**

Assim falou o Pai Hyacinthe LOYSON, definidor provincial dos Carmelitas e superior do convento de Paris, no ***24 de junho de 1869.***

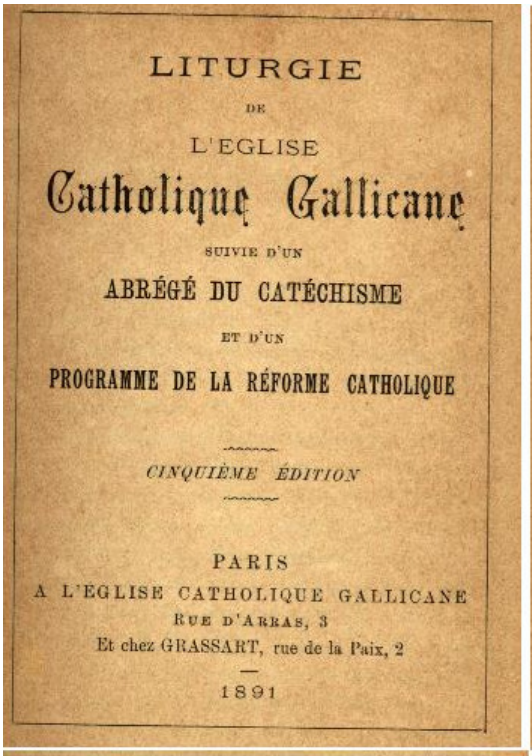
Esse discurso provocou a indignação dos círculos "bem-pensantes" *e o Univers escreveu pela pena de Louis Veuillot:* "Que importam milhares de vidas humanas se as almas não morrem!"

O orador foi censurado por Roma e pelos ultramontanos, *foi colocado por seu superior na alternativa de se submeter ou se demitir; então, no dia 20 de setembro, em uma carta cheia de dignidade, ele informou a seus superiores sua* ***decisão de permanecer fiel à causa da paz, apesar de tudo:*** "Não permanecerei como esses cães mudos de Israel mencionados pelo profeta."

Tendo rompido toda ligação com a Igreja de Roma, o Carmelitano aderiu à Igreja Galicana e tornou-se pároco de uma paróquia na rua d'Arras; por humildade, ele sempre recusou o episcopado, assim como anteriormente havia recusado da Igreja Romana.

Sua memória permanece viva na Igreja Galicana e nunca é sem uma certa emoção que, após celebrar minha missa, recito, ao pé do altar, a profissão pacífica da Igreja que a assistência repete: "Queremos que a paz de Deus reine sobre *a Terra entre todos os homens... Eternamente que assim seja."****[11]*** *»*

IV. O Missal do Pai Hyacinthe Loyson



LITURGIE

DE

L'EGLISE

Catholique Gallicane

SUIVIE D'UN

ABRÉGÉ DU CATÉCHISME

ET D'UN

PROGRAMME DE LA RÉFORME CATHOLIQUE

CINQUIÈME ÉDITION

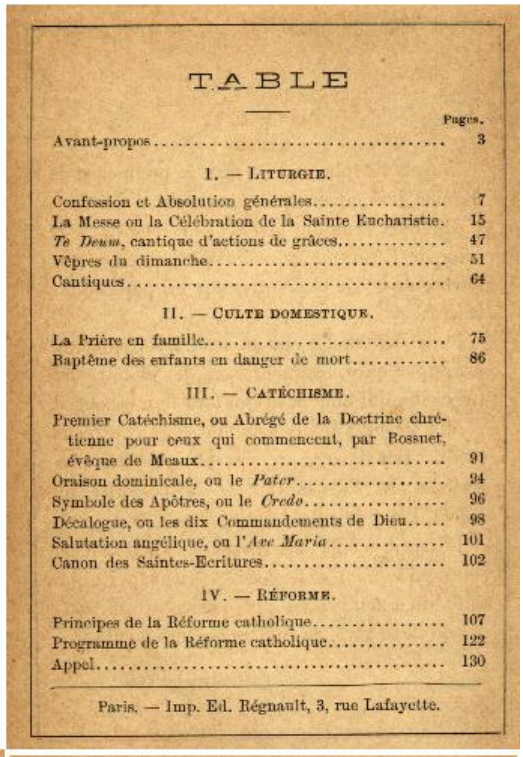
PARIS

A L'EGLISE CATHOLIQUE GALLICANE

RUE D'ARRAS, 3

Et chez GRASSART, rue de la Paix, 2

1891



TABLE

Pages.

Avant-propos 3

I. — LITURGIE.

Confession et Absolution générales 7
La Messe ou la Célébration de la Sainte Eucharistie. 15
Te Deum, cantique d'actions de grâces 47
Vêpres du dimanche 51
Cantiques 64

II. — CULTE DOMESTIQUE.

La Prière en famille 75
Baptême des enfants en danger de mort 86

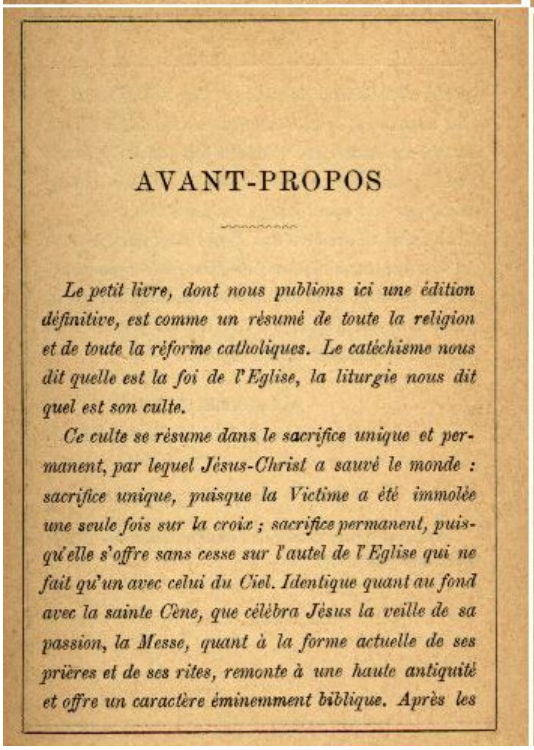
III. — CATÉCHISME.

Premier Catéchisme, ou Abrégé de la Doctrine chrétienne pour ceux qui commencent, par Bossuet, évêque de Meaux 91
Oraison dominicale, ou le *Pater* 94
Symbole des Apôtres, ou le *Credo* 96
Décalogue, ou les dix Commandements de Dieu 98
Salutation angélique, ou l'*Ave Maria* 101
Canon des Saintes-Ecritures 102

IV. — RÉFORME.

Principes de la Réforme catholique 107
Programme de la Réforme catholique 122
Appel 130

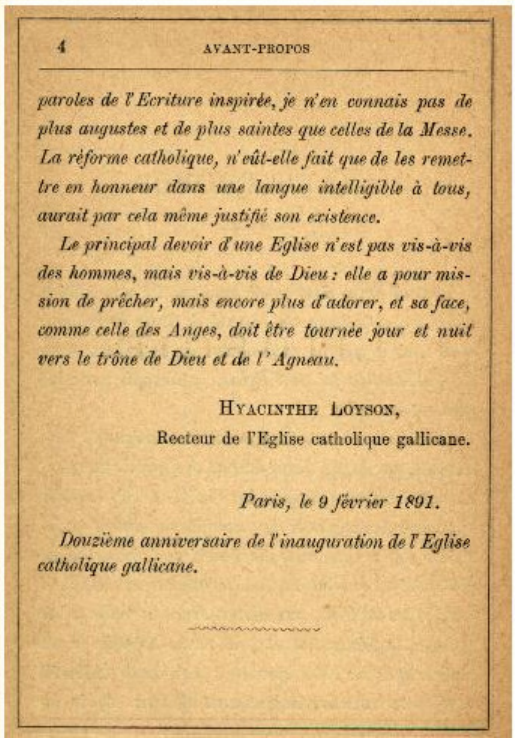
Paris. — Imp. Ed. Régnault, 3, rue Lafayette.



AVANT-PROPOS

Le petit livre, dont nous publions ici une édition définitive, est comme un résumé de toute la religion et de toute la réforme catholiques. Le catéchisme nous dit quelle est la foi de l'Eglise, la liturgie nous dit quel est son culte.

Ce culte se résume dans le sacrifice unique et permanent, par lequel Jésus-Christ a sauvé le monde : sacrifice unique, puisque la Victime a été immolée une seule fois sur la croix ; sacrifice permanent, puisqu'elle s'offre sans cesse sur l'autel de l'Eglise qui ne fait qu'un avec celui du Ciel. Identique quant au fond avec la sainte Cène, que célébra Jésus la veille de sa passion, la Messe, quant à la forme actuelle de ses prières et de ses rites, remonte à une haute antiquité et offre un caractère éminemment biblique. Après les



4 AVANT-PROPOS

paroles de l'Ecriture inspirée, je n'en connais pas de plus augustes et de plus saintes que celles de la Messe. La réforme catholique, n'eût-elle fait que de les remettre en honneur dans une langue intelligible à tous, aurait par cela même justifié son existence.

Le principal devoir d'une Eglise n'est pas vis-à-vis des hommes, mais vis-à-vis de Dieu : elle a pour mission de prêcher, mais encore plus d'adorer, et sa face, comme celle des Anges, doit être tournée jour et nuit vers le trône de Dieu et de l'Agneau.

HYACINTHE LOYSON,
Recteur de l'Eglise catholique gallicane.

Paris, le 9 février 1891.

Douzième anniversaire de l'inauguration de l'Eglise catholique gallicane.

« Lembramos que o Pai Hyacinthe Loyson foi um grande defensor da Igreja Galicana no século passado. O missal que apresentamos aqui foi editado em 1891 e representa a quinta edição da obra.

À Liturgia da Missa

Hoje, o rito utilizado para a celebração da missa em nossas paróquias é o rito galicano de Gazinet. Esse rito, renovado e codificado sob o patriarcado de Monsenhor Giraud (1928-1950), é celebrado em francês desde essa época. Pensávamos que a abolição do latim era uma especificidade da reforma galicana iniciada por Monsenhor Giraud, mas não! Já sob a tutela do Pai Hyacinthe, a Igreja Galicana celebrava a missa em francês e administrava a comunhão sob as duas espécies: "Os ofícios públicos devem ser celebrados em uma língua acessível a todos... - ... Ao criar uma barreira entre o povo e o clero, a língua morta constituiu duas

Igrejas separadas: uma, a dos padres, à qual são reservados os mistérios da Bíblia e da liturgia; a outra, a dos leigos, que não compreende nem o que Deus diz ao homem na revelação, nem o que o homem responde a Deus na oração. Esse tipo de excomunhão do povo cristão foi como selado pelo privilégio que o clero arbitrariamente reservou, há vários séculos, de beber sozinho no altar o cálice da Redempção, do qual Jesus Cristo disse: 'bebei todos.' A comunhão sob as duas espécies tem um alcance mais alto do que se supõe geralmente, e seu restabelecimento faz necessariamente parte do nosso programa" (páginas 124 e 125).

O Pai Hyacinthe foi um precursor em muitos aspectos. Passagens inteiras da missa que ele celebrava se encontram na liturgia de Gazinet, palavra por palavra. Entre o Pai Hyacinthe e Monsenhor Giraud, há portanto continuidade de espírito. Para compreendê-lo bem, é preciso lembrar que Monsenhor Ducasse-Harispe (ordenado padre por Monsenhor Giraud em 1932) foi - em sua juventude - aluno do famoso Pai Hyacinthe Loyson. Não nos surpreende que ele tenha mais tarde doado a Monsenhor Giraud os textos e documentos editados pelo Pai Hyacinthe - incluindo seu missal; seria algo possível e lógico...

A troca do beijo de paz, a absolvição geral dos pecados dada durante a missa também se encontram no missal do Pai Hyacinthe, como aparecem na liturgia de Gazinet. Isso ainda tem valor de sinal.

B. Projeto de Reforma

Além da liturgia da missa, das orações em família do culto doméstico e de um catecismo, o missal do Pai Hyacinthe também contém um projeto de reforma (princípios da reforma católica p. 107 e programa da reforma católica p. 122).

C. O programa do Pai está em cinco propostas.

A primeira consiste no rejeição do dogma da infalibilidade papal: "este rejeição é a condição sine qua non para a reforma da Igreja romana e para a união das diferentes ramificações da Igreja cristã. A infalibilidade do papa é um dogma novo, que não estava nos nossos catecismos antes de 1870, e que é obra de um concílio sem oecumenicidade e sem liberdade, do qual o Pai Gratry disse com razão: 'foi uma emboscada seguida de um golpe de Estado!' *(p. 122). A segunda consiste no restabelecimento das eleições dos bispos pelo clero e pelos fiéis, como era praticado nos primeiros séculos da Igreja:* "eleitos pelo clero e pelo povo, eles possuirão sua confiança e governarão de acordo com eles" *(p. 124). A terceira pede a celebração dos ofícios em língua francesa (p. 124 e 125), o Pai até faz referência a isso na preceito de seu missal (p. 4). A quarta deseja a eliminação do celibato forçado para os padres:* "a liberdade de casamento é um ponto central e decisivo na *Reforma. Respeitamos o celibato como uma exceção legítima, salutar, sublime, mas desde que seja real e aparente, livre e não forçado" (p. 125). Finalmente, a quinta reclama a liberdade e a moralidade da confissão:* "não se deve deixar que a confissão se torne um instrumento de degradação para as consciências ou de dominação para os padres" *(p. 127).*

Todos esses pontos serão retomados por Monsenhor Giraud na redação da "Profissão *de Fé de Gazinet", que será publicada em sua versão definitiva em 1945. »*

Fim das citações de http://www.gallican.org

Fim do comunicado do CIRS de 10 de novembro de 2006

---

[1] - Apelo aos quatro bispos da FSSPX

[2] - Destituição do padre Portal

[3] - Vocatio Associazione Italiana Preti Sposati e o livro *La Brisure*

[4] - Biografia de Hyacinthe Loyson, disponível na Wikipédia

[5] - Referência ao concordato que proíbe uma prática específica (link não fornecido)

[6] - Site da Igreja Galicana

[7] - Site da Igreja Galicana

[8] - Site da Igreja Galicana

[9] - Loyson e Monsenhor Vilatte, conforme o estudo do padre Parisot publicado em 1899

[10] - Site da Igreja Galicana

[11] - Artigo do Padre Patrick (futuro Monsenhor Truchemotte) publicado em 1955 no semanário Rolet

Luz sobre 14 anos do jogo de um político contra Dom Fellay

Parte n°3 – O diaporama que dá as chaves de leitura da ação de Dom Williamson contra Dom Fellay

sábado, 15 de março de 2008

(continuação) Dom Williamson:

O diaporama das manipulações em curso por parte dos aliados de Dom Williamson, ou do próprio bispo britânico, para derrubar Dom Fellay, isolá-lo ou impor-lhe a assinatura do retorno à Roma dos 'anticristos'. A aplicação da doutrina dos 2 anéis do satanista Cônego Roca à Igreja em 1958 e depois à FSSPX desde 1994.

Na **Parte n°4**, *trataremos de sua ação direta ou por meio de seus aliados para afastar os homens que atrapalham seu plano.*

Trecho do diaporama:

A seguir…

Continuemos a boa luta

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 Virgo-Maria.org

---

[1] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf**

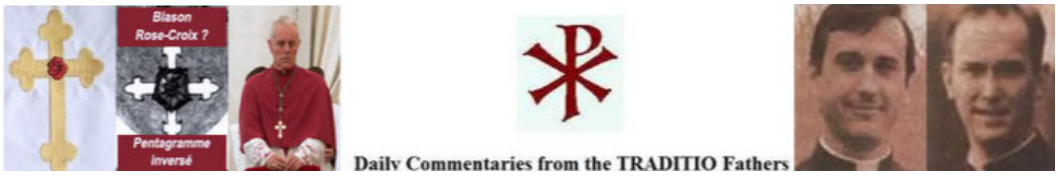
http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[2] Continuação de uma série de artigos sobre a verdadeira e oculta ação do ex-anglicano dentro da FSSPX para entregar a Tradição católica nas mãos da igreja conciliar de Ratzinger. Ao final da publicação da série de artigos, um dossiê será constituído compilando todos os textos em um único documento que servirá como um dossiê de referência sobre o bispo da rosa. Essas publicações concretizam um trabalho de pesquisa, cruzamento de informações e reflexão sobre a ação particularmente temível do antigo anglicano dentro da obra de Dom Lefebvre. A parte 1 desta série foi publicada: link para o artigo.

Luz sobre 14 anos do jogo de um político de mitra contra Dom Fellay

Parte n°2 – A incrível indulgência, ou até mesmo apoio (!), de certos círculos sedevacantistas em relação ao ex-anglicano discípulo de Muggeridge (a continuar…)



Segunda-feira, 10 de março de 2008

(continuação) Dom Williamson[1] :

O site sedevacantista Traditio.com deseja que Dom Williamson ocupe o lugar de Dom Fellay e apresenta o bispo da Rosa como um futuro Papa (sic)

Alguns círculos e responsáveis sedevacantistas colaboram seja em particular de forma discreta, seja objetivamente em público, para apoiar e reforçar a ação de "*Cunctator*", o bispo da Rosa.

Esta ação de Dom Williamson se resume **em dois eixos desde 1994:**

- 1°) enfraquecer Dom Fellay para empurrá-lo para os braços da Roma apóstata
- 2°) se impor como o chefe das forças vivas que se oporiam ao ralliement.

Esses dois objetivos passam pela ruptura do vínculo entre Dom Fellay e a França e pela submissão germano-anglo-saxônica da Tradição na França. **[2]**

Na **Parte n°3**, *trataremos das manipulações em curso por parte dos intermediários de Dom Williamson, ou do próprio bispo britânico, a fim de derrubar Dom Fellay, isolá-lo ou impor-lhe a assinatura do ralliement com a Roma dos 'anticristos'.*

Desde 1994, Dom Williamson tenta obstinadamente, de forma indireta ou frontal (como em 2004), enfraquecer Dom Fellay

Na parte n°1, explicamos, com base nas ações e declarações de Dom Williamson, como, após a eleição surpresa de Dom Fellay em 1994 para o superiorado geral, e vendo o poder de controle total da FSSPX escapar de suas mãos e das mãos de seu cúmplice, o padre Schmidberger, ele começou a se opor indiretamente a Dom Fellay.

Essa ação oculta de **Dom Williamson contra Dom Fellay aparecerá à luz do dia quando, em 17 de outubro de 2004, saindo das sombras, Dom Williamson tentará, por meio de seu sermão em São Nicolau do Chardonnet, relançar a questão dos mutins** (padres Laguérie, de Tanoüarn, Héry, etc.) que Dom Fellay e o padre de Cacqueray começavam apenas, e com dificuldade, a apagar. Para que Dom Williamson fosse obrigado a parcialmente tirar a máscara e descer publicamente à arena em outubro de 2004, era necessário que a desestabilização dos mutins fosse percebida como uma séria ameaça.

A reação vigorosa de Dom Fellay em relação ao padre Laguérie, e depois seu início de afastamento do padre de Tanoüarn, deve ter surpreendido o campo dos infiltrados, acostumados até então a manobrar Dom Fellay à sua vontade. O jovem superior de 1994, sobre o qual Dom Williamson dizia ironicamente: ***"Nosso pequeno superior geral, (...) é o teto, não há nada acima, é perigoso…"***, esse jovem superior se revelava um homem de poder, que não suportava bem a contestação de sua autoridade.

Não se tratava, portanto, do homem-de-pau esperado por esses ralimados.

Confrontado com o turbilhão de contestação relançado por Dom Williamson na França e animado, entre outros, por Yves Amiot, **Dom Fellay** teria que **fazer pessoalmente a viagem de avião para a Argentina, a La Reja, em janeiro de 2005, para obter do bispo da Rosa a retratação de seu apoio ao primeiro congresso dos mutins** organizado pelo padre de Tanoüarn na Mutualidade em 6 de fevereiro de 2005.

O bispo suíço obteve apenas um comunicado de uma ambiguidade totalmente britânica. Mas com a eleição de Ratzinger em abril de 2005, o padre Schmidberger rapidamente colocaria sob controle as vontades de independência e autonomia manifestadas por Dom Fellay durante esse braço de ferro com os mutins.

Em 31 de janeiro de 2007, *Virgo-Maria* destacou esse comportamento anti-Dom Fellay de Dom Williamson **ao comentar uma entrevista dada por Dom Williamson ao jornal Rivarol:**

"Anúncio fracassante, ele se declara pronto para consagrar bispos.

Quem então? O Padre Pierre-Marie de Kergorlay (no novo rito de Dom Botte-Lécuyer "certamente válido"!)? O padre Calderon, essa glória da teologia sacramental? O padre Celier, seu protegido, e do qual Jean Madiran acaba de escrever na *Présent* que o Diretor da revista *Fideliter* mereceria se tornar bispo?

Enorme!

Dom Williamson, um Fellay-vacantista?

Esse anúncio de novas consagrações por Dom Lefebvre cai por terra porque o assunto é realmente atual? Dom Williamson se toma por Dom Lefebvre? Ele se comporta como se Dom Fellay já tivesse assinado e que o lugar de sucessor de Dom Lefebvre estivesse vago.

A verdadeira razão desse anúncio fracassante de Dom Williamson é sem dúvida muito prosaica, ele deseja enviar uma mensagem aos padres que estariam tentados a não seguir o ralliement **incitando-os a se unir à sua bandeira. "*Sob a bandeira*" de Dom Williamson? Ele também atiça assim as ambições episcopais de alguns**" *Virgo-Maria*, 31 de janeiro de 2007[3]

Embora subordinado à autoridade de Dom Fellay, superior da FSSPX, Dom Williamson faz o que bem entende e aprimora com muita inteligência sua imagem de líder e rival de Dom Fellay.

Desde 1994, Dom Williamson tenta usurpar o papel de líder das forças vivas anti-ralliement

Simultaneamente a essa ação de minar a autoridade de Dom Fellay, Dom Williamson tenta se impor como o chefe natural das forças vivas que rejeitam qualquer ralliement à Roma apóstata.

Desde 1994, o controle da FSSPX escapou à total dominação do binômo Schmidberger-Williamson, devido à eleição inesperada de Dom Fellay, graças à ousada interrupção do padre Méramo no capítulo geral.

A resposta do binômo anglo-saxão que trabalha secretamente para entregar a FSSPX a Roma consistiu, portanto, em submeter a obra de Dom Lefebvre a uma dialetização em vista das futuras "discussões" com Roma, que só começarão em 2000. **Os infiltrados, portanto, planejaram sua ação durante 6 anos, prova de que sabem agir a longo prazo e com paciência**.

Por um lado, o padre Schmidberger, argumentando sua maior experiência, colocou Dom Fellay sob sua influência para aprisioná-lo em uma lógica inevitável de assinatura.

E, por outro lado, **a fim de neutralizar a reação que ocorreria face a uma tal assinatura-traição, Dom Williamson cultivou por 14 anos sua imagem de chefe irreducível e mapeou sistematicamente os oponentes a qualquer ralliement para ganhar sua confiança e suas confidências, para se introduzir em suas redes** (*Sob a bandeira*, instrumentalização da revista *Le Sel de la terre* de Avrillé, etc.). Assim que um opositor ao ralliement ou simplesmente um homem ativo e firme surgisse em cena, ele era chamado ao telefone ou convidado para jantar pelo ex-anglicano.

Virgo-Maria já descrevia isso há mais de um ano, em 31 de janeiro de 2007:

<< 6. Uma estratégia "política" de Dom Williamson de substituição, a priori anti-Dom Fellay

Esta estratégia política visa fragmentar a FSSPX e neutralizar os elementos excluídos, afastando-os da questão explosiva da invalidade das consagrações conciliares

A intervenção de Dom Fellay ocorre uma semana depois que ele tenha, em essência, emitido uma mensagem de "***non possumus***" em Paris. Dizemos bem: **em Paris**, porque somos obrigados a constatar que **os fiéis das províncias ou do mundo inteiro não tiveram conhecimento da verdadeira mensagem dessa conferência**.

A indignação dos fiéis frente à censura da conferência de Dom Fellay pelos infiltrados

Ao contrário do habitual, **os padres de Suresnes, assim como os padres Lorans e Sélégny, insistem em não tornar público o registro das palavras de seu Superior geral,** enquanto a questão começa a causar grande alvoroço entre os fiéis, que se indignam por serem privados das palavras de Dom Fellay. O véu começa a se rasgar sobre os métodos da facção que controla Suresnes e os meios de comunicação da FSSPX.

Portanto, a verdadeira mensagem de Dom Fellay foi censurada pelos infiltrados, como explicamos em uma comunicação anterior. Até o presente, ela permanece portanto censurada (exceto para os leitores de *Virgo-Maria.org*)." Virgo-Maria, 31 de janeiro de 2007[5]

Essa situação da FSSPX em março de 2008 ilustra **a imagem dos dois anéis descrita em 1889 por um satanista, o can. Rocca, e comentada posteriormente no livro *A Igreja Eclipsada* em 1998.** O princípio é que cada anel é controlado por um homem alinhado à Revolução. **Assim, os chefes dos dois anéis parecem se opor publicamente, mas na realidade uma convicção idêntica e um interesse superior os unem em uma obra comum:**

"A estratégia subversiva dos dois anéis revelada pelo satanista padre Roca

É importante relembrar para compreender bem o que está se desenhando, essa confidência de 1889 do satanista can. Roca (em "***Glorieux centenaire***", p. 447, obra de referência, disponível nas Edições Saint-Remi sob o título *"Novo Mundo"*) sobre os inimigos de Nosso Senhor Jesus Cristo que dirigem a conspiração contra Sua Igreja:

> *"**Eles formam neste momento um anel que se romperá pelo meio; e cada uma de suas duas metades formará outro anel. Essa cisão vai acontecer: haverá o anel dos retrógrados, e haverá o anel dos progressistas**".*

O que significa **que eles escolhem a hora da ruptura, e, portanto, sabem como se organizar antes, e, sobretudo, que escolhem antecipadamente o chefe dos retrógrados** e o colocam em órbita para controlar bem a resistência, ou seja, o segundo anel." Virgo-Maria, 31 de janeiro de 2007[6]

Desde 31 de janeiro de 2007, *Virgo-Maria* revelou esse esquema da **ação de Dom Williamson e do padre Schmidberger**, um esquema que não cessa de se impor desde então, pois constitui **a chave de leitura da infiltração da FSSPX**.

Esse esquema consiste em aplicar à FSSPX **o método de gestão dos contrários** descrito por **o alto-maçom iluminista René Guénon**, que havia penetrado os meios católicos na década de 1920, e que resumiu esse método maçônico assim:

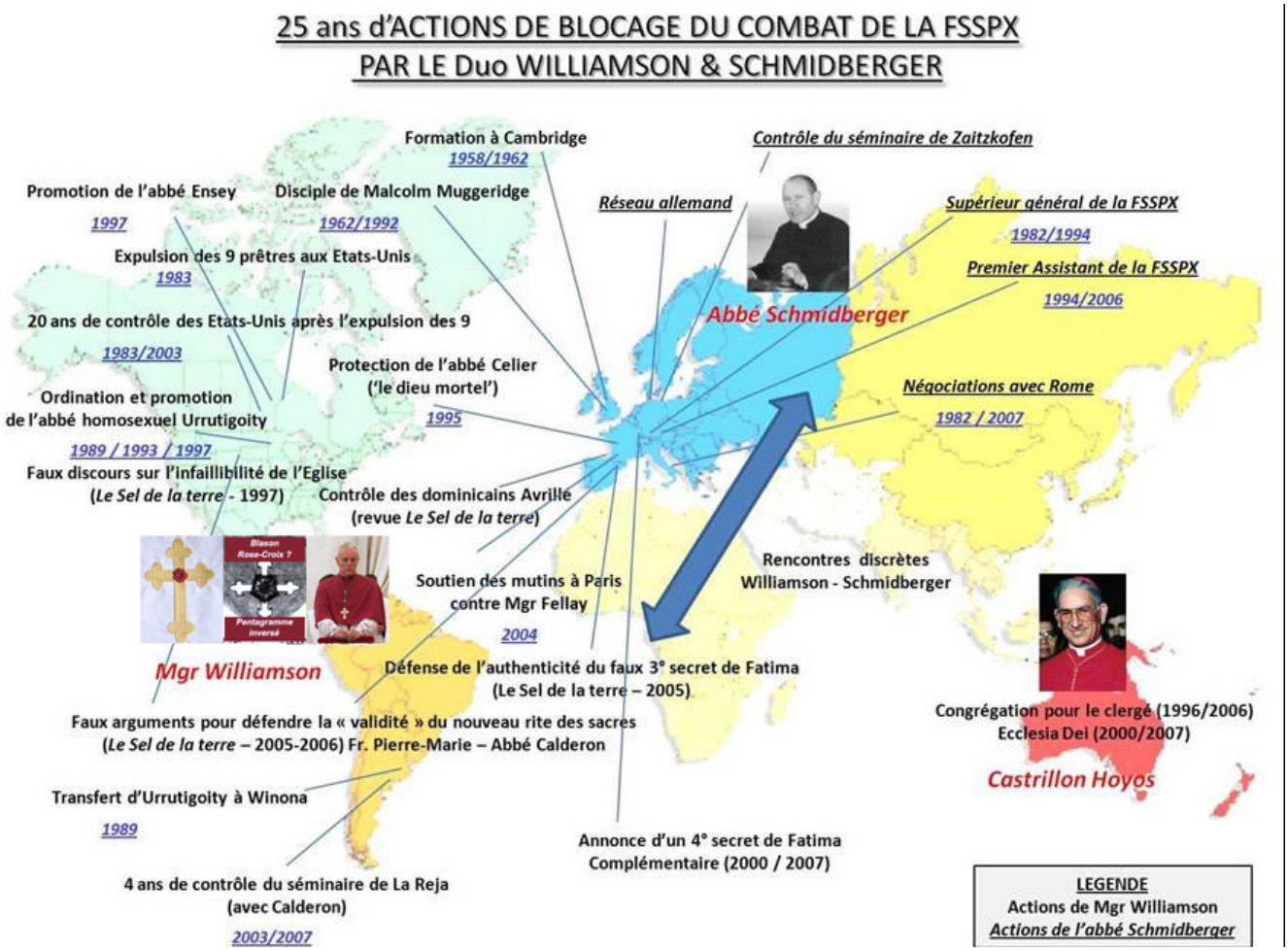
> *"Consiste em usar organizações exteriores inconscientes desse plano como tal e aparentemente opostas entre si, sob uma direção 'invisível' única, que está ela mesma além de todas as oposições."*

Esse esquema é o da dialetização da FSSPX **em torno do acordo dos dois pré-requisitos e da assinatura de acordos com Roma, com uma parte dos padres da FSSPX se unindo** e seguindo um Dom Fellay **(acompanhar por padre Schmidberger) que teria apostasiado**, enquanto **outra parte se opõe e se agrupa em torno do ex-anglicano, 'Cunctator' da Rosa.**

Assim, a dialetização da FSSPX levada até a cisão teria destruído a obra de Dom Fellay e **teria colocado cada um dos pedaços dessa ruptura sob o controle direto ou oculto da mesma Roma apostata**.

Após 1994, o problema nesse esquema, para os inimigos da Igreja, é que **o chefe do anel do ralliement, o padre Schmidberger, não possuía mais o poder executivo direto, pois pertencia, para grande desgosto deles, a Dom Fellay**, e desde então precisaram agir indiretamente sobre Dom Fellay e condicioná-lo por meio de seu círculo, fazendo-o mergulhar em uma espécie de ***hipnose*** wojtyliana e depois ratzinguériena. A gestão política dessa operação muito difícil, portanto, requer habilidade e sutileza, duas qualidades que Dom Williamson sabe demonstrar, sua astúcia consistindo, aliás, em **escondê-las atrás da ilusão de uma fachada de um personagem provocador e pouco sério**.

Virgo-Maria publicou o vídeo em que Dom Fellay denuncia em 1999 quatro lojas clericais dentro do Vaticano, o que mostra as reticências de Dom Fellay em se submeter a um ralliement, projeto que, sob uma pressão constante após 2000, ele acabará promovendo, como nos mostram os comentários de *Virgo-Maria* nos últimos dois anos.



Dom Fellay, portanto, mudou, o que mostra que foi necessário que o clã dos infiltrados empregasse tesouros de astúcia e flatações diversas para obter essa virada. **No entanto, o progresso de Dom Fellay na estrada da assinatura ainda deve ser considerado muito lento pelos contratantes romanos** de todas essas manobras eclesiásticas. É certo que a recente rejeição por Dom Fellay da nova oração da Sexta-Feira Santa perturbou Roma e constituiu uma temporização indesejada para o padre Ratzinger e seu cúmplice Castrillon Hoyos.

A excelente formação em Cambridge, completada pela tutela do excêntrico Muggeridge, ex-membro dos serviços secretos britânicos (MI5), introduziu Dom Williamson nos arcanos desses jogos políticos que ele aplica com talento dentro do meio eclesiástico da Tradição Católica desde 1972, mas especialmente desde 1982, data de sua entrada na cena de responsabilidades dentro da FSSPX.

Já existe **um precedente histórico** para este projeto, inspirado pelo inimigo, visando a implosão e a neutralização da FSSPX; **isso ocorreu nos meios tradicionais anglicanos há apenas 20 anos**:

« Dom Williamson destinado a controlar o segundo anel, à semelhança dos "sacros" anglicanos de Denver?

Assim, **o objetivo de Dom Williamson seria evitar** que se constitua uma nova Fraternidade ou outra sociedade clerical que se reclamasse de Dom Lefebvre e adotasse as conclusões agora **factual e publicamente** demonstradas sobre a invalidade sacramental do novo rito de consagração episcopal de Dom Botte-Lécuyer. **No plano do inimigo, é muito importante que nenhuma estrutura organizada, e ainda mais internacional, coloque as verdadeiras questões que embaralhariam a Roma apostata do padre Ratzinger e iniciariam o começo do crepúsculo para os responsáveis da Igreja conciliar**.

Agindo assim (agente convicto ou simples agente manipulado por puxadores de cordão nas sombras?), o ex-anglicano-metodista está prestes a **reproduzir sobre as ruínas da FSSPX explodida, o esquema já**

aplicado dentro do anglicanismo permanente pelos 4 sacramentos de Denver de 1979 e suas consequências.

Dom Williamson em conluio com os infiltrados modernistas?

Nós relatamos como o Professor Tighe descreveu essa atomização do anglicanismo, onde os grupos vão de cisão em explosão, cada facção afirmando representar a "***verdadeira identidade anglicana***". Teríamos, então, grupos provenientes da FSSPX, recusando o ralliement, e cada um afirmando defender o "***verdadeiro legado de Dom Lefebvre***".

É nesse contexto que Dom Williamson desempenharia um papel **ao garantir que esses grupos desenvolvam argumentações frágeis que nunca colocam as verdadeiras questões**. » Virgo-Maria, 31 de janeiro de 2007[7]

Esse esquema dos meios tradicionais anglicanos é perfeitamente conhecido do ex-anglicano Dom Williamson e dos círculos maçônicos anglo-romanos que elaboram os esquemas diretores da tomada de controle da obra de Dom Lefebvre.

Voltaremos a isso, mas o sucesso de um tal esquema, pilotado pela dupla anglo-saxã Williamson-Schmidberger, **necessita da colocação sob controle da Tradição na França. É para isso que serviu e ainda serve o padre Celier.**

Pois a França é a vanguarda da Tradição católica e da luta pela Fé. A vocação da França no plano de Deus permanece, como podemos observar pela florada de obras da Tradição e pela vigorosa luta intelectual na França, sem paralelo no resto do mundo.

A composição da FSSPX reflete essa realidade, sendo o peso dos padres franceses preponderante em seu interior. O fundador da FSSPX também é francês. **E essa vitalidade das forças vivas na França preocupa e incomoda os inimigos da Igreja**, que se sentem constrangidos ao encontrar esse obstáculo em seu caminho para a dominação das mentes para a religião mundial maçonica.

É por isso que a reação, tornada pública em 11 de novembro em Paris, de um bispo francês, Dom Tissier de Mallerais, continua a preocupar os inimigos da Igreja que querem destruir a FSSPX. As confidências de um homem que havia sido abordado por Dom Williamson, que se apresentava a ele como um amigo da resistência ao modernismo, revelam que o bispo da Rosa estava à espreita de qualquer informação sobre Dom Tissier de Mallerais. Essa curiosidade devoradora do ex-anglicano revela **o medo que ele sente de que o bispo francês se afirme, emerja das sombras e reassuma o manto de Dom Lefebvre** para a salvaguarda do Sacerdócio católico sacramentalmente válido.

Em setembro de 2003, a expulsão do padre Aulagnier, que se tornara, por seus apetites pessoais, um obstáculo para a dupla anglo-saxônica, mostrou que os dois infiltrados de 1972 não querem de forma alguma compartilhar, mesmo que para os mesmos objetivos, seu controle sobre a França.

Voltaremos a essa questão que é revelada por uma publicação recente.

Da mesma forma, é possível que o ridículo e constrangedor diaporama imobiliário de Villepreux em outubro de 2007 **tenha sido inspirado pelo pequeno clã e por seu elo com Dom Fellay, o padre Lorans, a fim de cortar ainda mais Dom Fellay de sua base francesa** e isolá-lo cada vez mais. Por trás do padre Lorans está o G.R.E.C. Esse isolamento permite que os dois padres de corte, que são os padres Sélégny e Lorans, enterrem Dom Fellay sob as flatações e gestos de cortesãos, enquanto lhe pintam de rosa a ação do "*bom*" Ratzinger em Roma. Assim, esse tão "bom" Ratzinger se torna um *"papa providencial"* e o padre Castrillon Hoyos um *"amigo muito precioso"* da FSSPX. Essas são as palhaçadas absurdas que os ouvintes reunidos em Flavigny puderam ouvir da boca de Dom Fellay, na presença do padre Lorans, do Padre Innocent-Marie e do padre do Chalard em 4 de dezembro de 2007.

O anti-sedevacantista Dom Williamson poupado, apoiado e promovido por certos meios sedevacantistas extremamente indulgentes, senão complacentes

Essa dupla estratégia de Dom Williamson, ou seja, a oposição velada a Dom Fellay para enfraquecê-lo e a reivindicação da liderança das forças vivas da Tradição para se opor ao ralliement, **encontrou apoios em círculos inesperados**.

Assim, embora Dom Williamson tenha sido desmascarado desde o início de 2007, sua filiação espiritual ao ex-Fabien (?) Muggeridge, documentada desde 11 de setembro de 2007, a simbologia de seu brasão Rosacruz conhecida desde 15 de outubro de 2007, sua proteção obstinada concedida aos clérigos predadores homossexuais Urrutigoity e Ensey, denunciados há muito e em várias ocasiões, trazidos à luz desde 1 de novembro de 2007, **devemos constatar que os meios sedevacantistas, em geral, observam um silêncio quase completo sobre Dom Williamson e sobre esses fatos insuportáveis**.

Os padres pedófilos Urrutigoity e Ensey? Nada. Uma pecadilha? Não seria escandaloso?

Seria, por exemplo, mais grave para Verrua que um clérigo esteja *'una cum'* do que ser um predador homossexual ou, melhor ainda, ser o protetor obstinado durante dez anos de dois clérigos predadores homossexuais?

E quanto à ação persistente de Dom Williamson para **encobrir a descoberta da invalidade** do novo ritual de consagração episcopal? Nada. **Esses clérigos definitivamente não têm nada a dizer?**

Como se a **sobrevivência do verdadeiro Sacerdócio sacrificial católico** não estivesse em jogo em sua essência? Por que esse silêncio obstinado da parte deles?

Como se para esses católicos a questão da **sobrevivência do Sacerdócio sacrificial católico** sacramentalmente válido fosse **secundária**, ou até **supérflua**.

O que lemos há mais de quatro meses sobre o **padre Belmont** em relação a esses fatos agora públicos sobre **o ex-anglicano, Dom Williamson-*'Cunctator*****[8] à Rosa**[9]**, o antigo protetor, ordenante e promotor obstinado em Winona dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey[10].**?

E poderíamos continuar **a lista desses grandes 'silenciosos'**.

Prontos para se inflamar sobre pontos de doutrina, intransigentes sobre raciocínios tão etéreos quanto a tese *materialiter/formaliter*, certos meios sedevacantistas parecem ter perdido o uso da palavra diante dos fatos constrangedores **que agora permeiam a trajetória do bispo à rosa e que colocam em risco a sobrevivência da Arca da Aliança do Sacerdócio de Melquisedec**.

O que dizem **o padre Ricossa, os padres de Verrua** ou a revista *Sodalitium* **sobre a proteção obstinada concedida durante dez anos por Dom Williamson a clérigos predadores homossexuais**, agora levados à justiça dos Estados Unidos?

Como é estranho, que indulgência suspeita por parte de espíritos supostamente devotados à rigidez (não *una cum*) e muito exigentes, sempre prontos a professar seu catolicismo indiscutível e a se tornarem denunciadores de todas as derivas.

Para Verrua, a questão da **homossexualidade dos clérigos** e dos predadores que atuam em um seminário, ainda mais se se comprovasse ser o **fruto de ritos ocultos de sexualidade sagrada**, não seria gravíssima e escandalosa?

Não haveria, portanto, nenhuma consequência a ser tirada?

Seria ainda possível conduzir a luta pela Tradição católica como se essa questão não existisse? Notadamente, **onde estão os estudos de *Sodalitium* sobre as conexões dos meios anglicanos (eles mesmos associados à pedofilia ritualizada das lojas anglo-saxônicas Rosacruz, como a exposta nos escritos do ex-bispo anglicano Leadbeater, o braço direito da trigésima terceira Annie Besant, grande sacerdotisa iniciada dos Fabianos) com a subversão da Igreja?**

Eles nunca falam sobre isso.

Dom Beauduin? As conversações de Malines? O projeto de mecano patriarcal imaginado por volta de 1925? **Eles não conhecem.**

No entanto, **essa questão da homossexualidade dentro dos meios eclesiásticos está agora emergindo em todo lugar**, e especialmente nos meios conservadores ou tradicionais, muito mais do que nos meios progressistas.

Historicamente, essa questão muitas vezes acompanha a infiltração do clero por seitas Rosacruz anglo-saxônicas que praticam a pedofilia ritualizada, assim como ilustra a história do anglicanismo.

A Santíssima Virgem Maria falava de “esgoto de impureza” a respeito dos padres no segredo de La Salette de 1846.

O Padre Cardonnel, um ultra-progressista, denuncia a homossexualidade no ‘*clero*’ conciliar.

O dominicano ultra-progressista[11] **Jean Cardonnel** parece, segundo seu próprio **advogado, Mestre Chalié**, ter sido expulso[12] de seu convento aos 81 anos em 2002, após descobrir e denunciar práticas **homossexuais** dentro de sua Ordem:

> ***« Na audiência, Jean Cardonnel, frequentemente considerado um "padre vermelho", segundo sua advogada, afirmou que sua expulsão ocorreu após ele ter pedido que problemas dentro do convento, relacionados a questões de homossexualidade, contrários aos votos de castidade feitos pelos irmãos, fossem debatidos internamente, segundo Me Chalié. »*** **[13]**
>
> *« O octogenário também não estava economizando palavras,* ***chegando a mencionar na imprensa local as inclinações homossexuais de seus co-religionários dominicanos.*** *"Na verdade, eles ficaram irritados que eu estivesse brincando com isso!" ironiza o velho brincalhão de Figeac, em seu quarto na casa de repouso em Montpellier, cheia de papéis e jornais. Expulso, o "padre vermelho" decidiu, portanto, processar. »***[14]** L’Express, 23 de novembro de 2006.

O padre Jean Cardonnel, o *« dominicano vermelho »*, estigmatiza a *« homossexualização crescente »* da Igreja, em **seu livro publicado na quinta-feira, 20 de janeiro, intitulado *Verbe incarné contre sexe tout puissant*.**

Ora, o convento de Montpellier, onde vivia o Padre Cardonnel, está ligado à Província de Toulouse dos dominicanos conciliares, Província que tem a reputação de ser conservadora e muito *Ratzingueriana*, e bastante apoiada em Roma.

Um antigo prior do convento dominicano de Toulouse, aliás, foi nomeado “bispo” na igreja conciliar.

O que, portanto, aconteceu em Montpellier? E por que **uma reação tão violenta contra o progressista Jean Cardonnel**, enquanto ele havia gozado de **total impunidade por tanto tempo** quanto não se meteu a esclarecer essas questões de moral?

Ele não foi incomodado por 50 anos, desde sua eleição como Prior dos dominicanos aos trinta anos, logo após a Segunda Guerra Mundial, **até que ele denunciou em 2002 essas imoralidades**.

Nesse ínterim, ele pôde se entregar à vontade por décadas ao mais exacerbado cripto-marxismo na América do Sul, enquanto a ordem dominicana fechava os olhos e financiava essas empresas.

Recordamos que, se o Padre Cardonnel, ordenado no antigo rito por um bispo que ele mesmo é válido, **é validamente sacerdote,** embora **apóstata**, isso não é mais o caso de seus mais jovens confrades do convento.

O Padre Cardonnel foi o homem do *Solve*, e ele acaba de descobrir a realidade e o poder dos homens do *Coagula* que se opõem a ele. **Se o Padre Cardonnel refletisse um pouco sobre esse assunto e dedicasse tempo a se documentar sobre as sociedades secretas Rosacruz de origem anglo-saxônica que infiltraram o clero, ele faria descobertas.**

O jogo duplo de Dom Williamson que, internamente na FSSPX, combate violentamente os sedevacantistas, enquanto em privado desenvolve relações cordiais e operacionais com seus representantes

Já em 31 de janeiro de 2007, *Virgo-Maria* mostrou que **a promoção dessa postura falaciosa de Dom Williamson é favorecida por sedevacantistas ostensivos**:

> **« Dom Williamson escolheu, com a complacência de Jérôme Bourbon**, intervir na *Rivarol*, portanto na França, e notamos que ele não confia suas confidências a nenhum dos veículos da Tradição. Nem *Fideliter*, nem *DICI*, nem *Les Nouvelles de chrétienté*, nem *SI SI NO NO*, nem mesmo *La Porte Latine* o citam, nem mesmo em eco. **Só se lê sobre ele em *Sous la Bannière,* em *Minute* e atualmente em *Rivarol*.**

Um papel demasiado fabricado de "opositor" e de substituto que virá.

Novamente, nos fazemos algumas perguntas. Por quê? Trata-se de uma estratégia concertada com a rede de infiltrados que controla os meios da FSSPX? Assim, **o comportamento dos infiltrados modernistas coloca (por um acordo comum entre eles?) Dom Williamson em uma posição midiática de excluído, de opositor, como se o quisessem associar na mente dos fiéis e dos padres a um futuro líder substituto para um Dom Fellay que tenha se reconciliado.**

Nesta entrevista, Dom Williamson antecipa uma eventual reconciliação de Dom Fellay com a Roma anticristã, e **adota a postura de chefe do último bastião que seria fiel a Dom Lefebvre.** » Virgo-Maria, 31 de janeiro de 2007[15]

Portanto, **o sedevacantista Jérôme Bourbon serve como canal de difusão para Dom Williamson na França, quando não é o padre de Tanoüarn e seu jornal *Présent,* através de outro sedevacantista.**

Um ano depois, essa conivência continua e se confirma. Vindo a Flavigny em 2 de fevereiro de 2008 para as ordenações de 14 seminaristas, **Dom Williamson faz declarações violentamente anti-sedevacantistas que são relatadas por Ennemond, o muito ativo defensor do ralliement no Fórum católico**:

> *« Em seu sermão, Dom Williamson dirigiu-se antes de tudo aos seminaristas que recebiam naquele dia o traje dos levitas. Ele indicou o que eles seriam no futuro - com a ajuda de Deus - e os exortou à paciência e, acima de tudo, à objetividade.*
>
> · Primeiramente, **esses seminaristas não serão sedevacantistas, disse ele. Eles não tocarão nessa**

teoria funesta que faz "estragos nas famílias" e que, mais do que qualquer outra - embora diga o contrário - julga o foro interno das autoridades da Igreja**[16]**.**

· Ele indicou ainda que esses futuros sacerdotes não seriam membros de uma pequena Igreja**. Acreditar que não haveria vida eclesial fora da Fraternidade seria tão ridículo quanto "dizer que não haveria salvação fora dela também". O que é real é que não há salvação sem a verdade católica, acrescentou. As promessas de indefectibilidade foram prometidas à Igreja Católica**[17]**. A Fraternidade é apenas uma ferramenta da Igreja.**

· Finalmente, esses seminaristas não fraquejarão na defesa da verdade. Eles não entrarão em uma luta reativa por impulso. Usando o verbo latino *sustinere* - manter - ele os convidou a uma certa modéstia e a uma verdadeira objetividade. Além das aparências que surgem na Igreja, é preciso concentrar-se antes de tudo na objetividade, a da verdade, superando um "mundo que se afoga na subjetividade" e não se contentando com abordagens excessivamente sentimentais. A posição da Fraternidade não se limita a um lugar em um tabuleiro político ou estratégico, está relacionada à defesa da verdade na Igreja[18]**.**

'Espero ter sido relativamente fiel ao pensamento de Dom Williamson ao resumir seus três pontos.' Ennemond, 3 de fevereiro de 2008[19]

Essas declarações anti-sedevacantistas figuram principalmente na gravação oficial do sermão de Dom Williamson que **publica[20] em 5 de março de 2008, o site de *La Porte Latine* mantido pelos padres de Suresnes (padre Celier e padre Cocault-Duverger).**

Entretanto, durante sua visita, **Dom Williamson faz uma estadia em Paris. Durante suas deslocações em Paris, ele costuma ficar hospedado na capital com um leigo que agora exibe uma opinião sedevacantista**, após ter combatido duramente Dom Fellay. E pouco tempo depois, em seu blog, Dom Williamson nos revela ter encontrado, durante sua estadia em Paris, o autor de um livro político:

*"Há duas semanas em Paris, encontrei esse observador. **É um jornalista francês que recentemente publicou uma brochura intitulada 'Investigação sobre o futuro do movimento nacional'**, com o qual ele simpatiza. A brochura é composta por entrevistas que ele realizou com 16 líderes nacionalistas (termo não pejorativo) franceses, e conclui com seu próprio resumo da situação."__**[21]** Dom Williamson, 9 de fevereiro de 2008[22]*

O autor deste livro não é outro senão ... o mesmo sedevacantista Jérôme Bourbon:

« Sob a direção de Jérôme Bourbon, Ecrits de Paris (1, rue Hauteville, 75010 Paris) publica um número especial de 96 páginas, 'Investigação sobre o futuro do movimento nacional', reunindo uma série de entrevistas com vários líderes nacionalistas de todas as tendências » Faits & Documents, n°249, 1º a 15 de fevereiro de 2008.

O método de Dom Williamson consiste, portanto, em ter **dentro de casa, e a portas fechadas, um discurso violentamente anti-sedevacantista** junto aos fiéis e aos clérigos, e depois levar uma vida privada e discreta onde se encontra com sedevacantistas, se hospeda com um deles e é publicado por outro.

Esse jogo duplo, em que se prestam voluntariamente alguns notórios sedevacantistas, revela a duplicidade do britânico e suas ambições de poder e intriga.

Todas essas pessoas reunidas parecem aspirar ao enfraquecimento de Dom Fellay e à ruína da FSSPX, se inserindo alegremente no jogo subversivo do ex-anglicano, que persegue ainda mais do que eles mesmos esse objetivo mortal para a FSSPX e para o Sacerdócio.

Esses "***sedes***" que cobrem com indulgência Dom Williamson por seu silêncio sobre suas ações nefastas, ou mesmo que o apoiam indiretamente, alguns começam a chamá-los de "***anglovacantes***".

É preciso lembrar dos escritos de **Jérôme Bourbon (alias Petrus)** no *Forum catholique*, onde ele **se deleitava** em comentar com prazer e ironia **a desestabilização da Direção da FSSPX** pelos rebeldes **e Dom Williamson**, desconsiderando as questões dramáticas dessa situação para a sobrevivência do Sacerdócio:

> *« Faz cinco meses. Faz cinco meses que a crise sem precedentes da FSSPX invade a internet, ocupa as mentes, desorienta os lefebvristas, enche de alegria os conciliares, os Ecclesia Dei, os guérardiens e os sedevacantistas, todos opostos por razões diversas à organização ecôniana e que tiveram problemas com ela. É fácil imaginar que os bispos conciliares devem estar se injetando intravenosamente champanhe diante de tal debacle. E todos os inimigos da FSSPX, tanto à sua esquerda quanto à sua direita, podem exclamar, talvez de maneira precipitada e nada caridosa (mas é preciso entendê-los): "**morreu a besta, morreu o veneno"!** De fato, nada parece interromper ou frear um **apodrecimento acelerado da FSSPX e de seus pseudópodes**.* » Petrus, 26 de janeiro de 2005[23]

Ou ainda:

> *« Mas se **os clérigos da FSSPX** tivessem essas eminentes qualidades, há muito teríamos sabido. É loucura: quando os vejo assim **remexendo na lama**, não consigo evitar pensar no retrato feroz, mas tão verdadeiro, que Bernanos faz do **padre medíocre**. Tudo isso se aplica. Surpreendente, não? Qual será a saída para essa crise que parece não acabar? Deus sabe, mas uma coisa é certa: nada será como antes. **A aura (imerecida, mas real) da FSSPX** está definitivamente em frangalhos; sua unidade comprometida para sempre, sua credibilidade reduzida a cinzas, seu futuro atrás dela.*
> *Mas afinal, trinta e cinco anos **não é uma boa idade para morrer?** É o espaço de uma geração. E **após a geração Lefebvre, não seria hora de passar para outra coisa?** Se possível, algo um pouco mais sério, um pouco mais doutrinal e, sobretudo, sobretudo, um pouco mais humilde? »* Petrus, 31 de janeiro de 2005[24]

Para **Jérôme Bourbon (alias Petrus)**, a destruição da obra de Dom Lefebvre de transmissão do Sacerdócio católico sacramentalmente válido seria *« o maior prazer de sua vida »*:

> *« E então, por favor, caro Baudelairec2000, não me tirem essa alegria. **A destruição da FSSPX seria o maior prazer da minha vida**. O fim de uma **impostura**, isso se celebra, não? Seja legal, Baudelairec2000, deixe-me me alegrar em paz. **Não se tem todo dia oportunidades de sorrir e se divertir. Acredito que a implosão está para acontecer**: cinco, quatro, três, dois, um, boom! **A êxtase! Uma epectase!** »* Petrus, 5 de março de 2005[25]

> *« **Parece-me lógico desejar o aniquilamento de uma obra** que se considera, como eu, **uma impostura** (…). Em 1999, quando a Fraternidade São Pedro passou por uma crise muito grave, muitos padres e fiéis da FSSPX se alegravam abertamente e isso é lógico, já que consideravam, do seu ponto de vista, que a FSSP havia traído a luta de Dom Lefebvre.*
>
> ***Parece-me bastante normal** que os conciliares, os FSSP, os guérardiens e os sedevacantistas, todos os quais tiveram que se queixar da FSSPX, por razões diversas, **não fiquem desapontados ao assistir diretamente a sua autodestruição.** Não é necessariamente maldade, inveja ou crueldade. Mas **parece-me normal que, se se considera que uma obra é má, se deseje sua eliminação**. Pessoalmente, não vejo nada de chocante nisso. Para mim, uma sociedade que se diz em comunhão (una cum) todos os dias no cânon da missa com João Paulo II, enquanto lhe desobedece em tudo, isso **seria suficiente para condená-la e desqualificá-la totalmente**. Mas há mais, muito mais. Os*

cadáveres estão saindo do armário. Começamos a ver o outro lado do cenário e a tomar consciência da realidade da FSSPX, de suas mentiras, de suas injustiças e de sua hipocrisia. » Petrus, 6 de março de 2005[26]

« Como me fez notar uma senhora à frente da luta há trinta anos: "o que você esperava que surgisse de uma fonte envenenada como Lefebvre que disse e fez tudo e o contrário de tudo?" Em uma frase, tudo está dito. Chapéu, a FSSPX! ***Cortina!*** *»* Petrus, 6 de março de 2005[27]

Um **jornalista católico** que faz tais declarações mostra em que **péssima consideração** ele tem a sobrevivência da transmissão do Sacerdócio católico sacramentalmente válido, fruto da Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo e transmitido aos Apóstolos para a salvação das almas, que é obtido pela Paixão e pelo Santo Sacrifício de Nosso Senhor na Cruz. É claro que **um tal jornalista não se preocupa com a grave questão da invalidade** do novo rito de consagração episcopal e suas consequências dramáticas para a salvação das almas. Dom Williamson sabe claramente **escolher seus aliados** e encontrou ali um aliado estratégico para seus objetivos de aniquilamento da obra de Dom Lefebvre.

Voltemos àquela vídeo de Flavigny.

Desde o ataque de Dom Williamson contra Dom Fellay em Saint Nicolas du Chardonnet em 17 de outubro de 2004 e seu 'clash' com o clero daquela paróquia, o padre de Cacqueray proibiu o ex-anglicano de fazer discursos públicos na França. **A intervenção de Dom Williamson em 2 de fevereiro de 2008 no seminário de Flavigny, durante as ordenações, constitui uma exceção a essa regra.**

Enquanto normalmente os sermões são gravados em formato de áudio para serem publicados por *La Porte Latine*, **neste caso, trata-se de um vídeo que é colocado online. E não é um simples vídeo amador, mas um trabalho profissional** que exigiu horas e dias de trabalho. Os planos desfilam, enquanto se mesclam a voz do bispo e uma trilha sonora multiplexada.

Esse trabalho de qualidade lembra a montagem em vídeo sobre o rito de São Pio V que foi realizada, também em Flavigny, pelo padre de La Rocque.

Quem, portanto, deu a ordem de maximizar a cobertura midiática do bispo britânico?

Quem decidiu esta exceção de uma intervenção em Flavigny na França?

Quem financiou os meios de produção do vídeo profissional que foi realizado?

O padre Celier e seu comparsa, o padre Cocault-Duverger? Ajudados pelo padre de La Rocque?

Quem dentro do Distrito da França tem o poder de implementar tal ação?

É claro que **uma rede está divulgando o ex-anglicano na França, em Suresnes.**

Mas há mais.

O site sedevacantista Traditio.com não apenas silencia obstinadamente sobre a proteção de Dom Williamson a clérigos predadores homossexuais, mas também faz uma ode entusiástica a este último

Uma observação das publicações do **site sedevacantista Traditio.com** encarna até a caricatura o esquema do discurso-programa de Dom Williamson aos Brémiens, em 18 de julho de 1994, primeiramente o enfraquecimento de Dom Fellay e segundamente a promoção de Dom Williamson para ocupar o lugar de Dom Fellay ou, pelo menos, para se tornar o chefe das forças vivas opostas a qualquer ralliement.

Primeiro objetivo, o discurso de Traditio.com denuncia regularmente Dom Fellay. Ele é chamado de "Bernie" Fellay, sendo o termo "Bernie" bastante pejorativo no mundo anglófono.

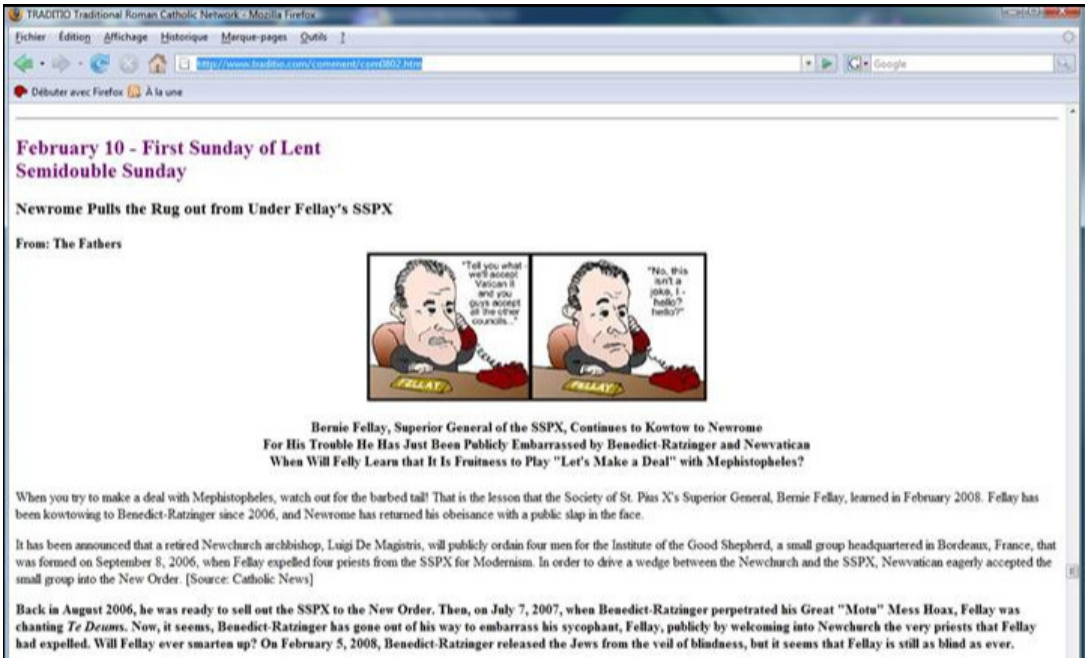
Aqui está um exemplo em fevereiro de 2008, onde uma caricatura[28] *Traditio.com* apresenta Dom Fellay como um atrasado mental.

A zombaria tomou o lugar da denúncia das fraquezas e da indignação que podem legitimamente ser suscetíveis devido à sua duplicidade e aos seus jogos eclesiásticos perigosos e insuportáveis com a Roma dos '*anticristos*', seu abandono da missão atribuída por seu consagrador na "carta aos quatro futuros bispos**[29]**".

Este ataque de Dom Fellay que ultrapassa o âmbito da denúncia salutar (como Virgo-Maria pode fazer em vista da salvaguarda da arca da Nova Aliança, o Sacerdócio católico sacramentalmente válido), para se tornar uma caricatura desrespeitosa, se une a esses trabalhos e iniciativas contínuas de Dom Williamson para enfraquecer a autoridade e a posição de Dom Fellay à frente da FSSPX, visando a ruína da obra Sacerdotal de Dom Lefebvre.

Traditio.com, portanto, acompanha completamente Dom Williamson na busca do primeiro objetivo maior do bispo da rosa desde 1994.

O segundo objetivo, Traditio.com avança ainda mais, assumindo totalmente o segundo ponto do programa de 18 de julho de 1994 em Brême: **a recomendação de Dom Williamson como o chefe excelente e desejável das forças vivas da Tradição católica.**



February 10 - First Sunday of Lent
Semidouble Sunday

Newrome Pulls the Rug out from Under Fellay's SSPX

From: The Fathers

Bernie Fellay, Superior General of the SSPX, Continues to Kowtow to Newrome
For His Trouble He Has Just Been Publicly Embarrassed by Benedict-Ratzinger and Newvatican
When Will Felly Learn that It Is Fruitness to Play "Let's Make a Deal" with Mephistopheles?

When you try to make a deal with Mephistopheles, watch out for the barbed tail! That is the lesson that the Society of St. Pius X's Superior General, Bernie Fellay, learned in February 2008. Fellay has been kowtowing to Benedict-Ratzinger since 2006, and Newrome has returned his obeisance with a public slap in the face.

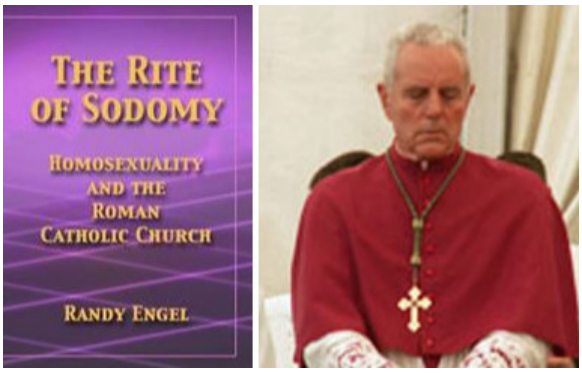
It has been announced that a retired Newchurch archbishop, Luigi De Magistris, will publicly ordain four men for the Institute of the Good Shepherd, a small group headquartered in Bordeaux, France, that was formed on September 8, 2006, when Fellay expelled four priests from the SSPX for Modernism. In order to drive a wedge between the Newchurch and the SSPX, Newvatican eagerly accepted the small group into the New Order. [Source: Catholic News]

Back in August 2006, he was ready to sell out the SSPX to the New Order. Then, on July 7, 2007, when Benedict-Ratzinger perpetrated his Great "Motu" Mess Hoax, Fellay was chanting *Te Deums*. Now, it seems, Benedict-Ratzinger has gone out of his way to embarrass his sycophant, Fellay, publicly by welcoming into Newchurch the very priests that Fellay had expelled. Will Fellay ever smarten up? On February 5, 2008, Benedict-Ratzinger released the Jews from the veil of blindness, but it seems that Fellay is still as blind as ever.

Texto de Traditio.com ridicularizando Dom Fellay em fevereiro de 2008

Desde meses, ***Traditio.com*** se destaca por um silêncio total sobre os escândalos que cercam Dom Williamson.

Enquanto o site sedevacantista *Traditio.com* denuncia quase diariamente os crimes sexuais cometidos pelo pseudo-clero da igreja conciliar, e fornece as fotos e os nomes dos pseudo-bispos conciliares envolvidos em tribunais **dos Estados Unidos, um silêncio ainda mais surpreendente cerca a saída da proteção, da ordenação e da promoção concedidas por Dom Williamson aos padres predadores homossexuais Urrutigoity e Ensey.**



Livro *"O Rito da Sodomia"* onde Randy Engel dedica várias páginas ao predador homossexual, o padre Urrutigoity, ressaltando sua proteção por Dom Williamson em Winona.

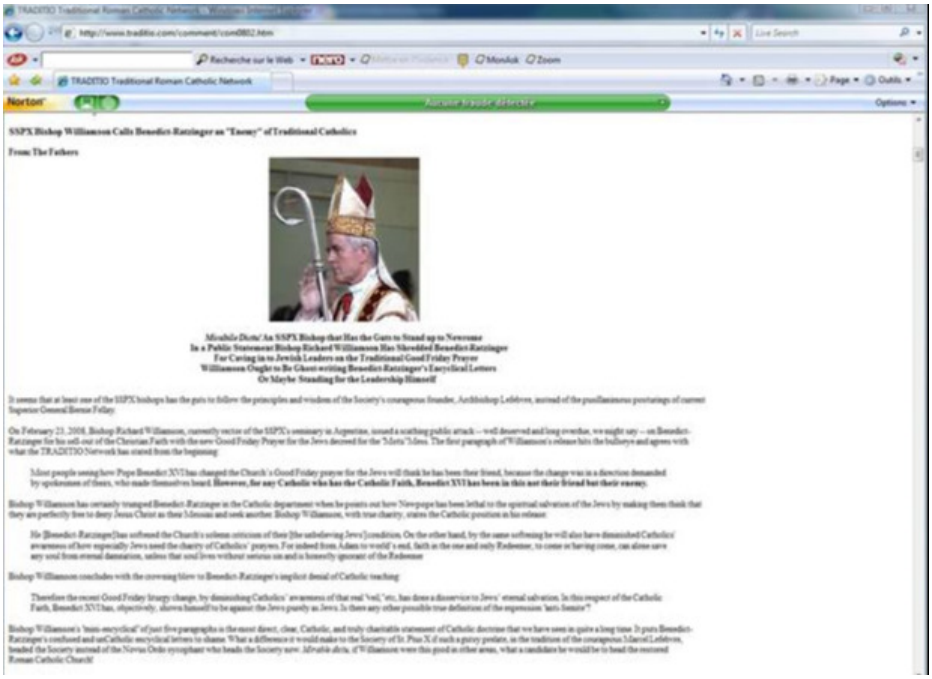
No entanto, *Traditio.com* já falou do livro **"O Rito da Sodomia"** e não é sem conhecer perfeitamente as informações que agora são tornadas públicas sobre Dom Williamson neste livro. Traditio.com, além disso, às vezes ecoou *Virgo-Maria*, o que mostra que este site lê os arquivos publicados em nosso site.

Ao silêncio eloquente de *Traditio.com* se acrescenta desde 28 de fevereiro de 2008, um apoio inverossímil do meio sedevacantista em relação a Dom Williamson, que é apresentado como um arauto da Fé: ***"Um bispo da FSSPX tem coragem para se opor à Nova Roma."*** E o site enfatiza: ***"Williamson deveria ser o negro literário das cartas encíclicas de Bento-Ratzinger. Ou talvez até almejar ele mesmo o cargo supremo."***

Enquanto nenhum bispo da FSSPX é tão suspeito, ***Traditio.com*** tem a audácia de apresentá-lo como **o melhor entre os quatro bispos, e chega até a considerá-lo o digno sucessor de Dom Lefebvre.** O ex-anglicano digno sucessor do bispo de Écone!

Essa promoção assombrosa do bispo da rosa, '*Cunctator*', anda de mãos dadas com um ataque contra Dom Fellay que trai as segundas intenções dos redatores deste site sedevacantista:

> **"Parece que pelo menos um dos bispos da FSSPX tem coragem para seguir os princípios e a sabedoria do corajoso fundador da Fraternidade, Dom Lefebvre, em vez das posturas pusilânimes do atual superior geral 'Bernie' Fellay."**



Em 28 de fevereiro de 2008, *Traditio.com* promove Dom Williamson visando a queda de Dom Fellay

Não recuando diante de nada, os Padres de Traditio.com **chegam a qualificar de "mini-encíclica" um parágrafo do blog do bispo, e sua propaganda não recuando diante de nada, falam da "*declaração mais católica* desde há muito."**

> *« A « mini-encíclica » de apenas cinco parágrafos de Dom Williamson é a declaração mais direta, clara, católica e verdadeiramente caridosa de doutrina católica que temos visto há muito tempo. Ela confunde Bento-Ratzinger e cobre de vergonha suas cartas encíclicas não católicas. »*

Esse delírio grotesco culmina em apoteose: Dom Williamson deveria suceder Dom Fellay à frente da obra de Dom Lefebvre! E aqui está a finalidade desse plano: **impelir o ex-anglicano para frente na perspectiva de um golpe de Estado à frente da FSSPX.**

> *« Que diferença faria para a FSSPX, se um prelado tão firme, na tradição do corajoso Marcel Lefebvre, dirigisse a Fraternidade em vez do bajulador do Novus Ordo que atualmente está à frente da Fraternidade. »*

Não temendo o ridículo, **os Padres de Traditio.com acabam por se desmoralizar ao propor o bispo '*Cunctator*' da Rosa como futuro Papa de uma Igreja católica restaurada.**

> *« Mirabile dictu, se Williamson fosse tão bom em outras áreas, que candidato ele faria para dirigir a Igreja católica restaurada! »*

O protetor, ordenante e promotor do padre predador homossexual Urrutigoity seria... o Santo Papa anunciado pelas profecias. O colaborador do Grande Monarca, designado por Deus, seria, portanto, segundo o site sedevacantista Traditio.com, o bispo britânico, discípulo do ex-Fabiano (?) Muggeridge! Que farsa grotesca.

A que se destina, então, essa palhaçada dos Padres de Traditio.com? Que jogo estão jogando?

Tememos ter compreendido demais.

Agora fica claro que o site sedevacantista Traditio.com é um porta-voz de Dom Williamson, no qual ele encontra apoio. Esse porta-voz do bispo britânico participa de sua estratégia de desestabilização de Dom Fellay.

Continua...

Continuemos a boa luta.

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 Virgo-Maria.org

Na Parte n°3, abordaremos as manipulações em andamento por parte dos porta-vozes de Dom Williamson, ou do próprio bispo britânico, com o objetivo de derrubar Dom Fellay, isolá-lo ou impor a assinatura da aliança com a Roma dos 'anticristos'.

ANEXO A

Texto surpreendente de Traditio.com para promover Dom Williamson

Bispo da FSSPX Williamson chama Bento-Ratzinger de "inimigo" dos católicos tradicionais

Dos: Os Padres

***Mirabile Dictu!* Um bispo da FSSPX que tem coragem de enfrentar a Nova Roma**
Em uma declaração pública, o bispo Richard Williamson despedaçou Bento-Ratzinger por se render a líderes judeus na nova oração da Sexta-Feira Santa.
Williamson deveria ser o fantasma que escreve as cartas encíclicas de Bento-Ratzinger
Ou talvez se candidatar ele mesmo à liderança.

Parece que pelo menos um dos bispos da FSSPX tem a coragem de seguir os princípios e a sabedoria do corajoso fundador da Sociedade, o Arcebispo Lefebvre, em vez das posturas pusilânimes do atual Superior Geral, Bernie Fellay.

Em 23 de fevereiro de 2008, o Bispo Richard Williamson, atualmente reitor do seminário da FSSPX na Argentina, emitiu um ataque público contundente — bem merecido e há muito tempo esperado, podemos dizer — contra Bento-Ratzinger por sua traição à fé cristã com a nova oração da Sexta-Feira Santa para os judeus, decretada para a Missa "Motu". O primeiro parágrafo da declaração de Williamson acerta em cheio e concorda com o que a Rede TRADITIO afirmou desde o início:

A maioria das pessoas, ao ver como o Papa Bento XVI mudou a oração da Sexta-Feira Santa da Igreja para os judeus, pensará que ele é amigo deles, pois a mudança foi em uma direção exigida por porta-vozes deles, que se fizeram ouvir. **No entanto, para qualquer católico que tenha a fé católica, Bento XVI não tem sido amigo deles, mas sim inimigo.**

O Bispo Williamson sem dúvida superou Bento-Ratzinger no departamento católico quando aponta como o Novo Papa tem sido letal para a salvação espiritual dos judeus ao fazê-los pensar que estão perfeitamente livres para negar Jesus Cristo como seu Messias e buscar outro. O Bispo Williamson, com verdadeira caridade, afirma a posição católica em sua declaração:

Ele [Bento-Ratzinger] suavizou a crítica solene da Igreja à condição deles [dos judeus descrentes]. Por outro lado, ao mesmo tempo, ao suavizar, ele também diminuiu a consciência dos católicos sobre como os judeus precisam especialmente da caridade das orações dos católicos. Pois de fato, desde Adão até o fim do mundo, a fé no único e apenas Redentor, que há de vir ou já veio, pode salvar qualquer alma da danação eterna, a menos que essa alma viva sem pecado grave e esteja honestamente ignorante do Redentor.

O Bispo Williamson conclui com o golpe final à negação implícita de Bento-Ratzinger do ensinamento católico:

Portanto, a recente mudança na liturgia da Sexta-Feira Santa, ao diminuir a consciência dos católicos sobre aquele real "véu", etc., tem feito um desserviço à salvação eterna dos judeus. Nesse aspecto da fé católica, Bento XVI se mostrou, objetivamente, contra os judeus puramente como judeus. Existe alguma outra definição verdadeira da expressão "antissemita"?

A "mini-encíclica" do Bispo Williamson, de apenas cinco parágrafos, é a declaração mais direta, clara, católica e verdadeiramente caridosa da doutrina católica que temos visto há muito tempo. Ela coloca as confusas e não católicas cartas encíclicas de Bento-Ratzinger à vergonha. Que diferença faria para a Sociedade de São Pio X se tal prelado corajoso, na tradição do corajoso Marcel Lefebvre, dirigisse a Sociedade em vez do bajulador do *Novus Ordo* que atualmente a lidera. *Mirable dictu*, se Williamson fosse tão bom em outras áreas, que candidato ele seria para dirigir a Igreja Católica Romana restaurada!

ANEXO B

O Padre Cardonnel expulso de seu convento

Um prior condenado por violação de domicílio dentro do convento por Jean Kinzler (05-03-2008 18:47:58)

05/03/2008 18:30
MONTPELLIER, 5 de março de 2008 (AFP) - **Montpellier: um prior condenado por violação de domicílio dentro do convento**

O prior de um convento de dominicanos em Montpellier, que havia mudado à força as coisas de um irmão que saiu em viagem de sua cela antes de sua partida, foi condenado na quarta-feira a uma multa de 1.000 euros com suspensão por violação de domicílio.

"É a primeira vez na França que um tribunal reconhece que a cela de um padre é um domicílio privado", comemorou Raphaëlle Chalié, a advogada do irmão Jean Cardonnel, que foi "expulso de seu convento" durante sua viagem à Ilha Reunião.

"O tribunal afirma que essa cela não pode ser acessada por qualquer pessoa sem a autorização do titular da cela, que neste caso é Jean Cardonnel", prosseguiu Me Chalié.

"Quando o Sr. (Michel) Mathieu, o responsável pelo convento, decidiu entrar na cela na ausência e sem a autorização de Jean Cardonnel, ele cometeu um delito que se chama violação de domicílio privado", acrescentou.

O advogado do prior se recusou a comentar ao final da deliberação.

Os fatos ocorreram em 2002. Jean Cardonnel, na época com 81 anos, havia viajado à Ilha Reunião, solicitando expressamente que seus pertences permanecessem em sua cela no convento de Montpellier, onde residia desde 1958.

Ao retornar, constatou que sua cela havia sido mudada, contou sua advogada.

Na audiência, Jean Cardonnel, frequentemente considerado um "padre vermelho", segundo sua advogada, afirmou que sua expulsão ocorreu após ele ter solicitado que problemas dentro do convento relacionados a questões de homossexualidade, contrários aos votos de castidade formulados pelos irmãos, fossem debatidos internamente, segundo Me Chalié.

Essa solicitação ficou sem resposta, de acordo com a advogada.

Após sua expulsão, Jean Cardonnel foi obrigado a viver na casa de amigos, depois em um hotel e, finalmente, processou o prior.

Ele atualmente vive em uma casa de idosos. O tribunal lhe atribuiu um euro de danos e interesses.

© 2008 Virgo-Maria.org

[1] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[2] Continuação de uma série de artigos sobre **a verdadeira e oculta ação do ex-anglicano dentro da FSSPX para entregar a Tradição católica às mãos da igreja conciliar do apóstata Ratzinger**. Ao final da publicação da série de artigos, será elaborado um dossiê compilando todos os textos em um único documento **que servirá como um dossiê de referência sobre o bispo da rosa**. Essas publicações concretizam um trabalho de pesquisa, verificação e reflexão sobre a ação particularmente temível do antigo anglicano dentro da obra de Dom Lefebvre.

A parte 1 desta série foi publicada: http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-05-B-00-Mgr_Williamson-contre-Mgr_Fellay.pdf

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-31-A-00-Mgr_Williamson_Rivarol.pdf

[4] Refere-se ao congresso "Si si No no" dos infiltrados, realizado em 7 de janeiro de 2007.

[5] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-31-A-00-Mgr_Williamson_Rivarol.pdf

[6] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-31-A-00-Mgr_Williamson_Rivarol.pdf

[7] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-31-A-00-Mgr_Williamson_Rivarol.pdf

[8] Cf. as três mensagens VM de 17 de setembro e 02 de outubro de 2007:

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[9] Cf. as três mensagens VM de 15 e 18 de outubro e 03 de novembro de 2007:

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

[10]**Cf. as quatro mensagens VM de 20 de outubro, 01, 10 e 13 de novembro de 2007:**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

[11] http://qien.free.fr/2006/200612/20061216_cardonnel.htm

[12] http://www.cardonnel.info/

[13] http://www.la-croix.com/afp.static/pages/080305182355.bdqgfiv7.htm

[14] http://www.lexpress.fr/info/quotidien/actu.asp?id=7335

[15] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-31-A-00-Mgr_Williamson_Rivarol.pdf

[16] **Essa afirmação é absurda**. **A constatação do fato da invalidade sacramental do novo clero, das heresias que ele propaga, da irregularidade da eleição de Roncalli-João XIII, não constituem de forma alguma julgamentos no foro interno das autoridades da Igreja, mas sim a conscientização de que essas falsas autoridades não são a Igreja católica, mas usurpam seus títulos e bens, em uma eclipsação da Igreja sem precedentes.**

[17] **As promessas de indefetibilidade da Igreja esclarecem que Satanás nunca terá a última palavra sobre a Igreja, mas isso não protege a Igreja de uma eclipsação como a que vivemos, onde, na terra**, o episcopado católico sacramentalmente válido se reduziu a algumas unidades.

Essa é a situação dramática da Igreja anunciada pelas Santas Escrituras e pelas profecias, situação que o ex-anglicano gostaria de negar, enquanto ao mesmo tempo se especializou em discursos alarmistas, apocalípticos e aterrorizantes (como os membros dos Irmãos de Plymouth na corrente milenarista anglicana gostam). A duplicidade das palavras de Dom Williamson não cessa de se expor.

[18] A defesa da verdade por Dom Williamson lembra o hospital que ridiculariza a caridade, pois **é este mesmo bispo britânico que, por meio dos padres Pierre-Marie e Calderon e do *Sel de la terre*, impede que a verdade sobre a invalidade do novo rito de consagração episcopal seja mais amplamente conhecida pelos fiéis**. **É ele quem impõe o erro e que o protege obstinadamente, como antes protegia no Seminário da FSSPX em Winona os dois clérigos predadores homossexuais**. **Ele age da mesma forma em relação ao falso 3° segredo de Fátima apresentado em 16 de junho de 2000 pela Roma modernista, ou ainda sobre a questão da infalibilidade e da falsa eclesiologia imposta no ensino da FSSPX por esse pequeno núcleo de infiltrados modernistas.**

[19] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=370100

[20] http://www.laportelatine.org/communication/videotheque/flavigny080202/flavigny0802.php

[21] Tradução de: "*Em Paris, há duas semanas, conheci exatamente um desses vigilantes. Ele é um jornalista francês que recentemente publicou um livreto intitulado 'Inquérito sobre o Futuro do Movimento Nacional', com o qual simpatiza. O livreto consiste em entrevistas que ele realizou com 16 líderes nacionais franceses (não é um termo pejorativo) e conclui com seu próprio resumo da situação.*"

[22] http://dinoscopus.blogspot.com/

[23] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=86960

[24] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=88082

[25] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=96881

[26] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=96895

[27] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=108654

[28] http://www.traditio.com/comment/com0802.htm

[29] Cf. referência no início da presente mensagem VM.

[30] Tradução de:

“An SSPX Bishop that Has the Guts to Stand up to Newrome”

“Williamson Ought to Be Ghost-writing Benedict-Ratzinger's Encyclical Letters

Or Maybe Standing for the Leadership Himself “

“It seems that at least one of the SSPX bishops has the guts to follow the principles and wisdom of the Society's courageous founder, Archbishop Lefebvre, instead of the pusillanimous posturings of current Superior General Bernie Fellay. “

“Bishop Williamson's "mini-encyclical" of just five paragraphs is the most direct, clear, Catholic, and truly charitable statement of Catholic doctrine that we have seen in quite a long time. It puts Benedict-Ratzinger's confused and unCatholic encyclical letters to shame. What a difference it would make to the Society of St. Pius X if such a gutsy prelate, in the tradition of the courageous Marcel Lefebvre, headed the Society instead of the Novus Ordo sycophant who heads the Society now. Mirable dictu, if Williamson were this good in other areas, what a candidate he would be to head the restored Roman Catholic Church! “
http://www.traditio.com/comment/com0802.htm

O suposto texto do *3º segredo de Fátima* de Ratzinger é uma falsificação, conclui um gabinete de grafologia, o que o torna uma contrafação sacrílega

Sábado, 8 de março de 2008

A análise grafológica **de um laboratório forense americano conclui que o texto revelado em 26 de junho de 2000 por Ratzinger e sua equipe, e supostamente escrito pela Irmã Lúcia, é FALSO.**

Continuamos a publicar nosso dossiê[1] sobre a falsificação do " **terceiro segredo de Fátima** ", publicado pelo apóstata Ratzinger em 16 de junho de 2000.

Em seu livro, Laurent Morlier denunciou essa falsificação em seus apêndices e produziu análises de um escritório de grafologia[2] nos Estados Unidos, que, após examinar o fac-símile postado online pelo Vaticano, concluiu que era uma falsificação.

Contestado pelo Pe. Louis-Marie d'Avrillé no número 53 do *Sel de la terre* (revista sob a orientação do ex-anglicano Mons. Williamson), Laurent Morlier responde novamente em uma plaquete, onde refuta seus argumentos e aborda, em particular, a questão da grafologia[3]. Na sua suposta refutação, o Pe. Louis-Marie invoca um fac-símile de um documento publicado em 1973 e atribuído à Irmã Lúcia em 1941, e conclui, sem qualquer autoridade, que as letras são idênticas. Na abordagem supostamente rigorosa de Avrillé, um simples monge sem competência particular em grafologia refuta, com desfaçatez, o relatório de um escritório forense profissional de grafólogos. É essa uma abordagem científica? **O mínimo seria que Avrillé fizesse examinar os textos em questão**, incluindo o que ele invoca, **e obtivesse um relatório oficial onde profissionais de grafologia aceitassem comprometer sua autoridade e reputação.** A perícia deve ser oposta à contra-perícia de profissionais. No entanto, isso não ocorreu. Diante de um relatório de profissionais, temos um balbucio de monge pretensioso.

E se ele fosse coerente consigo mesmo, o Pe. Louis-Marie deveria explicar, em rigor, a **contradição evidenciada pela análise do escritório de grafologia americano**, uma vez que uma carta da Irmã Lúcia contradiria as outras. O método do Pe. Louis-Marie lembra o do **British Musuem e do laboratório de Oxford no caso do Sudário de Turim**, onde uma autoridade contradizia todas as outras. Hoje em dia, é mostrado[4] que se tratava de uma manipulação. Os leitores de Avrillé são, portanto, convidados a acreditar na palavra de um amador. A menos que o simples fato de usar o hábito dominicano não confira, por si só, competência profissional em grafologia? Além disso, observamos que o Pe. Louis-Marie não hesita em qualificar de **"negacionistas"** todos aqueles que contestam a autenticidade do suposto 3º segredo de Fátima revelado pela Roma de Wojtyla-Ratzinger em 2000. Ao agir assim, o Pe. dominicano sabe muito bem que esse termo é conotado com uma qualificação penal.

Esse caso merece ser destacado, pois revela um método que agora é recorrente, uma leveza na busca da verdade e um desprezo pelos fiéis por parte do pequeno clã dominicano que dirige o convento de Avrillé. Esse comportamento de amadores imperativos e pretensiosos, auto-proclamados especialistas, já foi amplamente exposto pelo **Comitê internacional *Rore Sanctifica* (CIRS).** O CIRS demonstrou, com textos e fac-símiles (notemos que o nº 53 do *Sel de la terre* não produz nenhum em seu assunto), que, sobre o novo

rito de consagração episcopal, os textos produzidos pelo Pe. Pierre-Marie (e extraídos de Dom Botte) eram errados ou falsificados. Diante de refutações incontestáveis, como o **cânon 235 do Código de direito oriental do Papa Pio XII**, que afirma o **caráter não sacramental da intronização do patriarca maronita**, o Pe. Pierre-Marie persistiu em seus erros e continua a afirmar, sem provas, a validade desse novo rito artificial.

Religiosos que se comportam com tal desprezo pela verdade não podem mais ser levados a sério. Então, quando um deles vem, por iniciativa própria, **opondo-se a um relatório oficial de profissionais judiciais de grafologia**, não pode ser de forma alguma credível. Pelo contrário, vemos aí a perpetuação de um método anti-científico e anti-tomista que poderíamos designar assim: «a substituição da pretensa autoridade da batina ou da túnica dominicana pela competência real».

Como já detalhamos amplamente em nossas mensagens anteriores sobre o assunto (cf. mensagens VM www.virgo-maria.org), **Irmã Lúcia dos Santos**, segundo seus próprios escritos e palavras mais certamente autenticados sobre o Terceiro Segredo de Fátima, não cessou de repetir com constância e obstinação que **ela havia "ESCRITO PALAVRA POR PALAVRA AS MESMAS PALAVRAS SANTA VIRGEM DO TERCEIRO SEGREDO"**, o que demonstra que **NÃO SE TRATA DE UMA VISÃO**, como querem nos fazer acreditar os falsários do Vaticano sob a direção do padre apóstata super-modernista Joseph Ratzinger, então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé no momento da publicação dessa falsa visão pelo Vaticano em 16 de junho de 2000.

Assim, com base nessas análises, **o padre apóstata super-modernista Ratzinger é um falsário** que cobre a falsificação **das mensagens e palavras da Santíssima Virgem Maria** criando-as de toda a peça.

Lembramos que **o ex-anglicano, Mons. Williamson-'*Cunctator*****[5]**'à a Rosa**[6]****, o ex-protetor, ordenador e promotor obstinado em Winona dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey[7]**, nunca reconheceu que o texto de 26 de junho de 2000 seja falso, mas, pelo contrário, o considera autêntico para acrescentar (cf. seu sermão em Ecône em 29 de junho de 2007) que seria « ***incompleto***»[8].

Vemos, portanto, a **manipulação sobre Fátima** em curso, e que se desenvolverá assim que os bombardeamentos nucleares (mininukes) sobre o Irã tiverem ocorrido, manipulação sobre Fátima **à qual participa ativamente** dentro da FSSPX, o ex-aluno de Cambridge, **o bispo à Rosa da Fraternidade**, tornando-se **o cúmplice do falsário** apóstata anticristo **Joseph Ratzinger[9].**

Continuemos o bom combate

A Redação de Virgo-Maria

Alegada letra manuscrita do Terceiro Segredo atribuída à Irmã Lúcia parece ser uma falsificação!

Fonte : http://www.tldm.org/NEWS/lucys_writing.htm

Speckin Forensic Laboratories, uma empresa forense internacional especializada em falsificações e grafologia (famosa pelo caso JonBenet Ramsey) afirma, "é minha opinião, com base nos documentos examinados, que o Documento Questionado 'Terceiro Segredo' não pode ser identificado com os escritos conhecidos de Irmã Lúcia." (Relatório Speckin, p. 2)

Escritos conhecidos de Irmã Lúcia de correspondências passadas:

N Maiúsculo:

Image not found or type unknown Image not found or type unknown

Capital N:

(Letter of April 13, 1980)

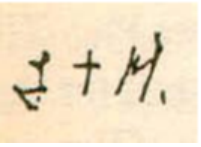
salutations:

(notice the difference in the J)

(Letter of December 17, 1927

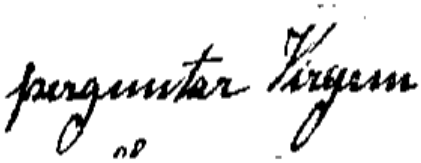
(Letter of May 29, 1930)

(Letter of November 17, 1935)

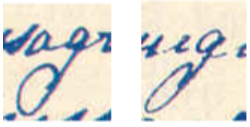


(Letter of April 13, 1980)

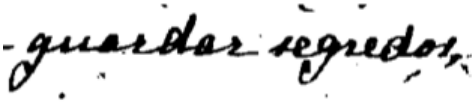
lowercase g:



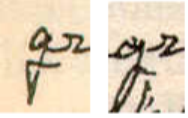
(Letter of December 17, 1927)



(Letter of May 29, 1930)

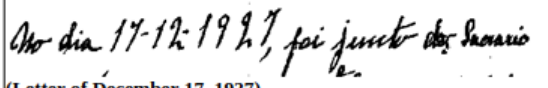


(Letter of November 17, 1935)

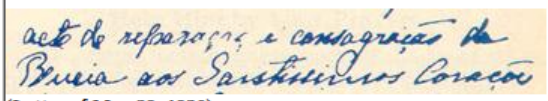


(Letter of April 13, 1980)

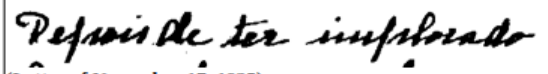
Please examine both columns, and compare:
(1) Neatness of handwriting, (2) Slant of handwriting:



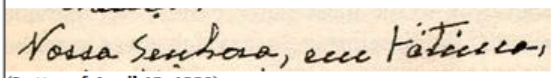
(Letter of December 17, 1927)



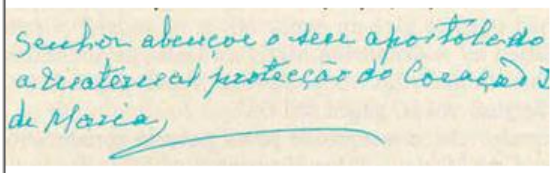
(Letter of May 29, 1930)



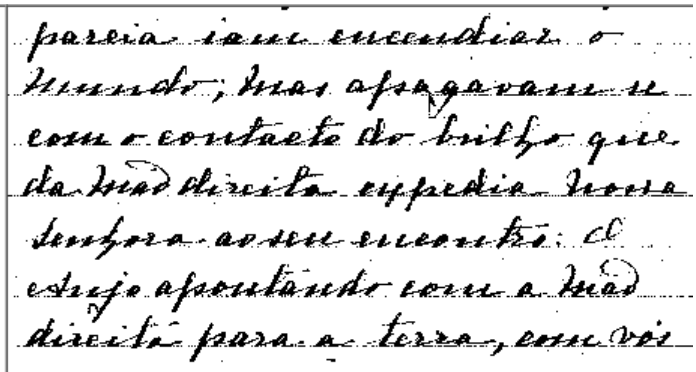
(Letter of November 17, 1935)



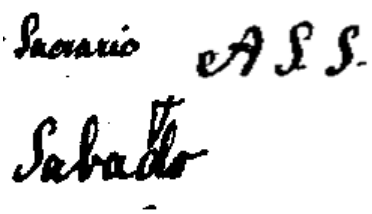
(Letter of April 13, 1980)



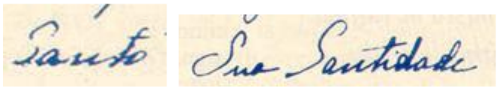
(letter postmarked July 13, 1989 to Arthur Skinner)



Capital S:

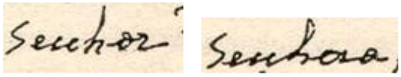


(Letter of December 17, 1927, many other examples in letter)



(Letter of May 29, 1930)

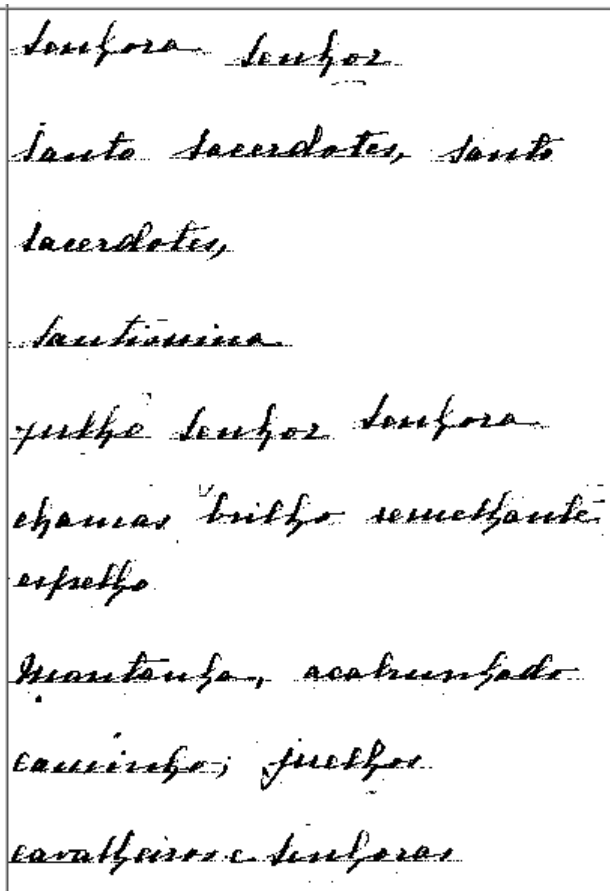
(Letter of November 17, 1935, many other examples in letter)



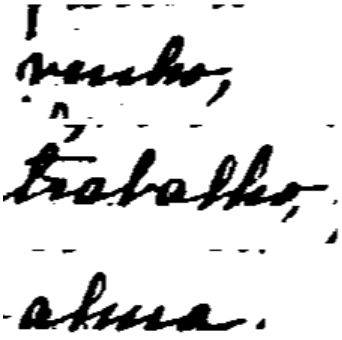
(Letter of April 13, 1980)

(Letter postmarked July 13, 1989 to Arthur Skinner)

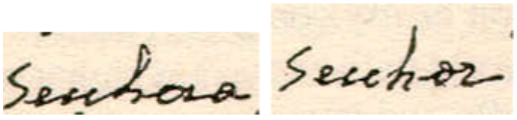
lowercase h: (note that in Sister Lucy's authentic handwriting, the "h" barely goes below the baseline)



(Letter of December 17, 1927, many other examples in letter)



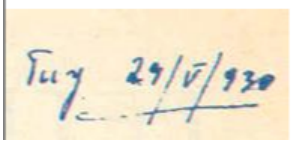
(Letter of November 17, 1935)



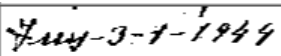
(Letter of April 13, 1980)

(Letter postmarked July 13, 1989 to Arthur Skinner)

handwriting of "Tuy":

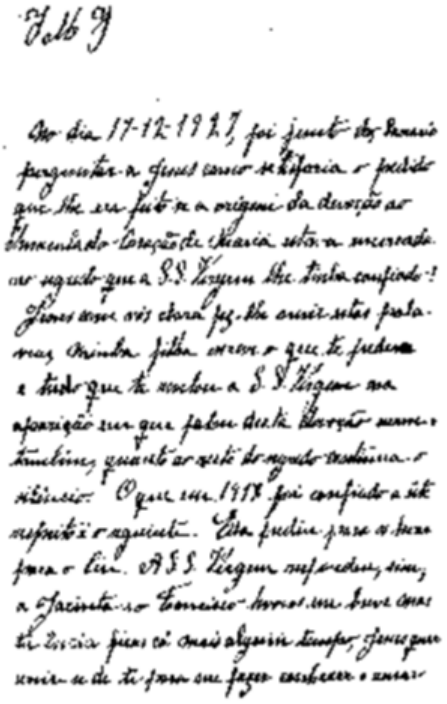


(Letter of May 29, 1930)



Letter of December 17, 1927

(5 pages, click on letter for higher resolution):



We know from Fatima historians and reliable witnesses that the *real* Third Secret is:

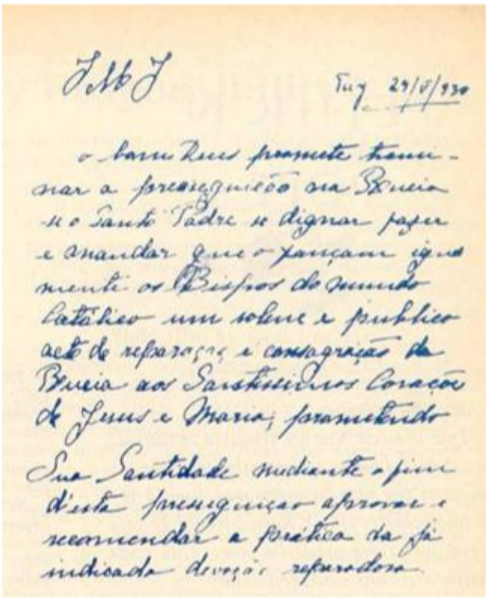
on *a sheet* of paper:

Sister Lucy: On January 9, 1944, Sister Lucy wrote to Bishop da Silva: "I have written what you asked me; God willed to try me a little, but finally this was indeed His will: [the text] is sealed in an envelope and it is on ***a piece of notepaper***..." (quoted by Father Joaquin Alonso, official archivist of Fatima, "Fatima 50," October 13, 1967, p. 11).

Father Alonso and Cardinal Ottaviani: "Lucia tells us that she wrote it on one sheet of paper. Cardinal Ottaviani, who has read it, tells us the same thing: 'She has written on ***one sheet of paper*** (*folha* in Portuguese) what Our Lady told her to tell the Holy Father.'" (*The Secret of Fatima: Fact and Legend,* Fr. Joaquin Alonso, p. 65).;

Bishop Venancio: He related that once he was by himself, he took the great envelope of the Secret and tried to look through it and see the contents. In the bishop's large envelope he discerned a smaller envelope, that of Sister Lucy, and inside this envelope ***an ordinary sheet of paper*** with margins on each side of three quarters of a centimeter. He took the trouble to note the size of everything. Thus the final Secret of Fatima was written on a small sheet of paper. (*The Whole Truth About Fatima, Vol. III*, Bro. Michael of the Holy Trinity, p. 481)

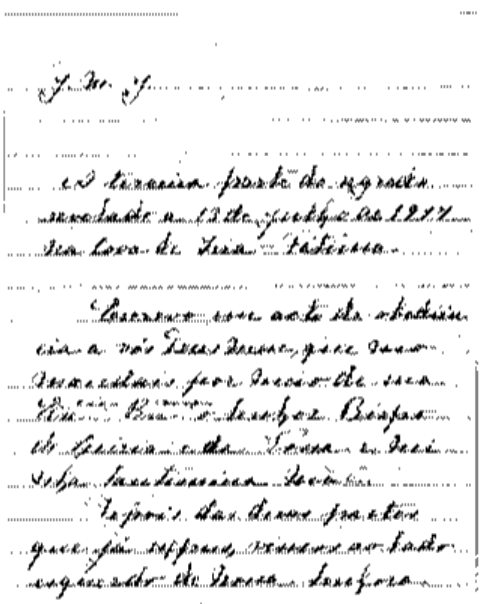
Letter of May 29, 1930:

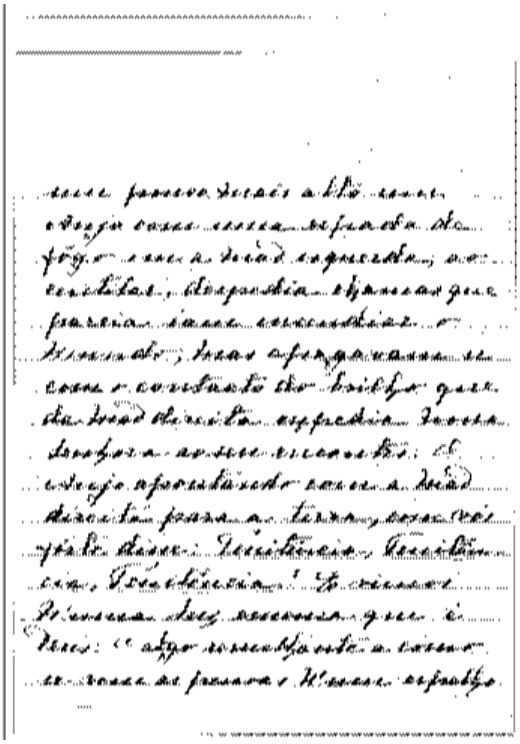


Letter of November 17, 1935

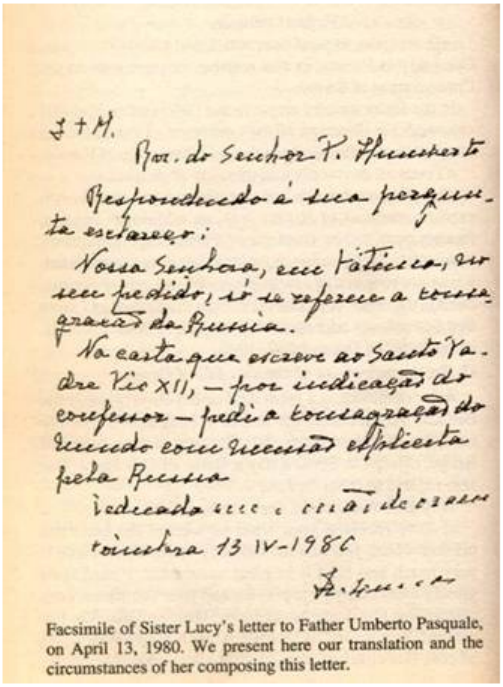
approximately 23 lines.

The alleged "Third Secret":





Letter of April 13, 1980 to Fr. Umberto Pasquale:



J + M.

Rev. do Senhor P. Humberto

Respondendo à sua pergunta esclareço:

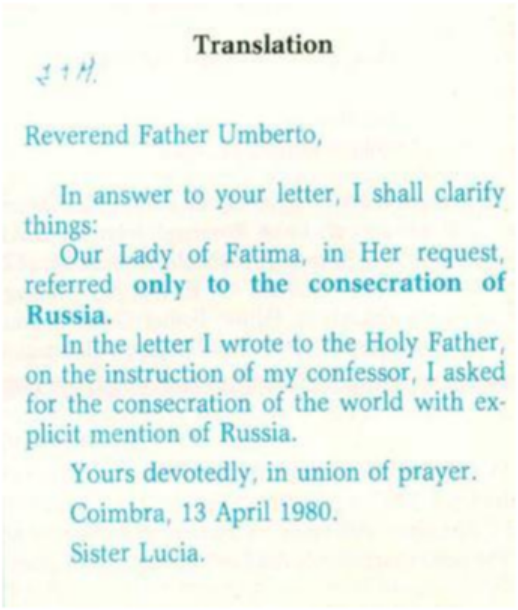
Nossa Senhora, em Fátima, no seu pedido, só se referiu a consagração da Russia.

Na carta que escreve ao Santo Padre Pio XII, — por indicação do confessor — pedi a consagração do mundo com menção explicita pela Russia

Dedicada em [illegible] de oração

Coimbra 13 IV-1980

Facsimile of Sister Lucy's letter to Father Umberto Pasquale, on April 13, 1980. We present here our translation and the circumstances of her composing this letter.



Translation

J. † M.

Reverend Father Umberto,

In answer to your letter, I shall clarify things:

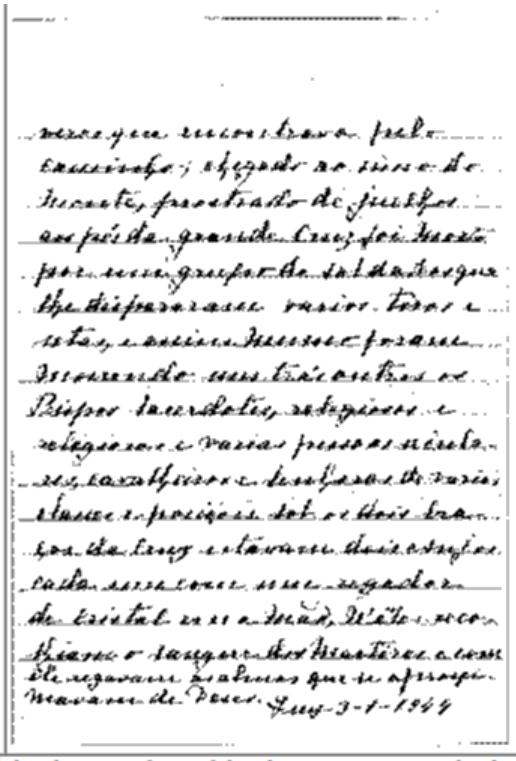
Our Lady of Fatima, in Her request, referred **only to the consecration of Russia.**

In the letter I wrote to the Holy Father, on the instruction of my confessor, I asked for the consecration of the world with explicit mention of Russia.

Yours devotedly, in union of prayer.

Coimbra, 13 April 1980.

Sister Lucia.



Letter postmarked July 13, 1989 to Arthur Skinner

J. † M.

A Ir.ª Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado

has received your letter and prays for your intentions e que o Senhor abençoe o seu apostolado e lhe conceda a constante protecção do Coração Imaculado de Maria.

Carmelo de Santa Teresa 3000 COIMBRA

The electronic form of this document is copyrighted.
Copyright © These Last Days Ministries, Inc. 2000 All rights reserved.
Revised:

Sabemos por historiadores de Fátima e testemunhas confiáveis que o verdadeiro Terceiro Segredo é:

em uma folha de papel:

Irmã Lúcia: Em 9 de janeiro de 1944, a Irmã Lúcia escreveu ao Bispo da Silva: "Eu escrevi o que você me pediu; Deus quis me testar um pouco, mas finalmente esta foi sua vontade: [o texto] está selado em um envelope e está em ***um pedaço de papel de carta***..." (citado pelo Padre Joaquin Alonso, arquivista oficial de Fátima, "Fátima 50", 13 de outubro de 1967, p. 11).

Padre Alonso e Cardeal Ottaviani: "Lúcia nos diz que ela escreveu em uma folha de papel. O Cardeal Ottaviani, que leu o texto, nos diz a mesma coisa: 'Ela escreveu em ***uma folha de papel*** (*folha* em português) o que Nossa Senhora lhe disse para dizer ao Santo Padre.'" (*O Segredo de Fátima: Fato e Lenda*, Padre Joaquin Alonso, p. 65).

Bispo Venancio: Ele relatou que uma vez, quando estava sozinho, pegou o grande envelope do Segredo e tentou olhar através dele para ver o conteúdo. No envelope grande do bispo, ele discerniu um envelope menor, o da Irmã Lúcia, e dentro deste envelope ***um papel comum*** com margens de cada lado de três quartos de centímetro. Ele se deu ao trabalho de notar o tamanho de tudo. Assim, o Segredo Final de Fátima foi escrito em uma folha de papel pequena. (*A Verdade Completa sobre Fátima, Vol. III*, Irmão Miguel da Trindade, p. 481)

aproximadamente 23 linhas.

O alegado "Terceiro Segredo":

http://www.tldm.org/NEWS/Fotog-tr.gif
Image not found or type unknown

Carta postada em 13 de julho de 1989 para Arthur Skinner

http://www.tldm.org/NEWS/lucys_35.jpg

A forma eletrônica deste documento é protegida por direitos autorais.
Copyright 2000 These Last Days Ministries, Inc. Todos os direitos reservados.
Revisado:

Faça cópias e distribua

2008 Virgo-Maria.org

---

[1] http://www.virgo-maria.org/D-3eme_secret_de_Fatima/index_3em_secret_de_Fatima.htm

[2] http://www.virgo-maria.org/D-3eme_secret_de_Fatima/graphologie/etude_graphologique.htm

[3] « Quanto às análises grafológicas, já respondi no folheto complementar "Vrai ou faux 3ème Secret de Fatima" (p. 31) : "Para o resto, claro, como em qualquer processo judicial, as análises grafológicas não constituem mais do que um elemento do dossier, um índice frequentemente discutível, entre outras provas, mas nunca — ou muito raramente — a prova absoluta. Não tenho, portanto, a pretensão de declarar falso a carta de 12 de maio de 1982 e o 3º Segredo de 26 de junho de 2000 com base apenas nisso, e é por isso que no capítulo III que resume as provas da inautenticidade, não mencionei as análises grafológicas como prova. Elas são tratadas à parte, em um capítulo no final da obra, como anexo do raciocínio principal. É apenas um índice adicional a ser levado em conta, mas um índice que sei ser contestável." Não é, portanto, questão de se lançar em uma batalha de especialistas e contra-especialistas. Várias ações criminais recentes mostraram que as análises grafológicas não permitiram fornecer uma prova absoluta. » Laurent Morlier, VRAI OU FAUX TROISIÈME SECRET DE FATIMA ? Resposta ao volume IV de "Toute la Vérité sur Fatima" : "Jean-Paul Ier le pape du Secret", maio de 2004, Editions DFT :

http://www.virgo-maria.org/D-3eme_secret_de_Fatima/documents_fatima/2005-11-18-Refutation-CRC-Avrille.pdf

[4] O laboratório de Oxford acabou de reconhecer seu "erro", um artigo do Nouvelliste valaisan publica a informação : http://religions.blog.lenouvelliste.ch/wp-content/blogs.dir/11/files/2008/03/saint-suaire.pdf

[5] Cf. as três mensagens VM de 17 de setembro e 02 de outubro de 2007:

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[6] Cf. as três mensagens VM de 15 e 18 de outubro e 03 de novembro de 2007:

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

[7]**Cf. les quatre messages VM des 20 octobre, 01, 10 et 13 novembre 2007 :**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

[8] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-27-A-00-Mgr_Williamson_et_le_4em_secret.pdf

[9] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-13-A-00-Mgr-Fellay_piege_sur_Fatima.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-12-A-00-Fatima-Manipulation_Schmidberger.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-04-C-00-Fatima_Bertone_Socci.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-30-D-00-Morlier_contre_MP.pdf

http://www.virgo-maria.org/D-3eme_secret_de_Fatima/index_3em_secret_de_Fatima.htm

Luz sobre 14 anos do jogo de um político mitrado contra Dom Fellay (Parte 1)

Quarta-feira, 5 de março de 2008

Dom Williamson[1]:

Início de uma série de artigos sobre a ação verdadeira e oculta do ex-anglicano dentro da FSSPX para entregar a Tradição católica às mãos da igreja conciliar de Ratzinger[2]

Na **Parte n°2**, trataremos, com base em exemplos concretos, da incrível indulgência que certos meios ou personalidades do sedevacantismo demonstram em relação ao ex-anglicano, seja apoiando-o abertamente ou protegendo-o pelo seu silêncio absolutamente inacreditável sobre suas ações, agora tornadas públicas. Muitos leitores ficarão atônitos.

Parte n°1 – O inconcebível discurso de Dom Williamson em Bremen no dia 18 de julho de 1994

(continua…)

Um caso de escola: a ação subversiva de Dom Williamson dentro da FSSPX, cúmplice do padre Schmidberger, **a serviço objetivo, mas secreto, da igreja conciliar de Ratzinger**

Retrato de um homem duplo, ex-anglicano formado em Cambridge.

Estamos dando continuidade à publicação de análises sobre a ação de Dom Williamson, **o britânico, validamente consagrado bispo católico por Dom Lefebvre em 1988**, com o intuito de ajudar os clérigos e os fiéis a não serem enganados pelos procedimentos de camuflagem e sedução de **este ex-anglicano**.

Hoje, examinamos a ação do **bispo da rosa[3]**, sob o ângulo de sua ação contra Dom Fellay.

Semana após semana, **ele se revela,** por suas ações, **como um homem infiltrado na obra de Dom Lefebvre** e como um **homem chave no dispositivo que funciona atualmente** e desde a morte do fundador em 25 de março de 1991 **para fazer alinhar toda a estrutura da FSSPX à Roma pós-Vaticano II**.

Uma imagem muito cuidadosamente mantida de excêntrico e profeta apocalíptico.

Qual é hoje a imagem de Dom Williamson que ele mesmo projeta?

- Ele se destacou por suas posições contundentes sobre temas emblemáticos.
- É autor de um folheto sobre o uso de calças pelas mulheres e também de um texto que proíbe o acesso das mulheres à Universidade.
- Gosta de usar expressões de tribuno, comentar sobre a crise bancária e financeira, e demonstrar uma cultura literária anglo-saxônica profana.
- **Transformou o comentário sobre profecias e anúncios apocalípticos em uma especialidade pessoal.**

- Se comunica bastante. Sozinho entre os quatro bispos, possui um blog onde publica semanalmente.
- Recentemente, fez publicar nos Estados Unidos vários volumes de seus editoriais ao longo de vinte anos.
- Comenta abundantemente sobre a atualidade política internacional e se destacou em alguns países por declarações impactantes.

O bispo da rosa revela um gosto pela exposição midiática incômoda, **preferencialmente em temas que impactam politicamente a FSSPX, ou em comentários sobre costumes que o tornam uma espécie de puritano católico**.

A essa imagem de excentricidade, Dom Williamson acrescenta a de um contato pessoal muito caloroso, mas inquisitivo, pois este homem coleta meticulosamente informações, e primeiramente sobre as pessoas. Ele se informa e busca avidamente contatos dentro das forças vivas da Tradição.

Esse ativismo em se informar, se conectar e **em sistematicamente buscar ganhar a confiança pessoal e suscitar e coletar confidências**, para além de apoiar verbalmente os homens mais firmes dentro da Tradição, **é acompanhado de uma constante e paradoxal agressividade pública: ele combate ferozmente aqueles que manifestam uma opinião sedevacantista**.

O observador atento, mas inicialmente pouco informado sobre a formação e o meio de Dom Williamson fora da Igreja católica, perceberá, portanto, à primeira vista, um atirador franco jogando um jogo pessoal dentro da FSSPX e quase marginalizado por um excentrismo e por posições provocantes, **paradoxalmente inimigo do sedevacantismo** dentro da FSSPX **e amigo dos cripto-sedevacantistas, ou dos sedevacantistas não declarados** fora ou nas margens da FSSPX.

Por trás da vitrine ultrajantemente ultra, contatos duvidosos

Já o observador se questiona. Qual é, então, a chave que dá a coerência interna de **este bispo tão pouco católico em seu comportamento, embora faça de maneira árdua uma profissão tonitruante de catolicismo**, preferencialmente em temas impactantes?

Se o observador aprofunda sua análise e toma conhecimento do passado do ex-anglicano que se tornou bispo, em especial lendo os diferentes dossiês que lhe foram dedicados por *Virgo-Maria**[4]*, ele descobre que a imagem de ultra-ortodoxia de Dom Williamson se desgasta.

Por trás da vitrine ostentatória e ultra-católica, aparecem **contatos duvidosos**.

Esse auto-encenar **imita, na verdade, a postura midiática de seu mentor, o ex-fabiano (?) Malcolm Muggeridge**, o descobridor da Madre Teresa, que se tornou '*convertido*' conciliar em 1982, e ex-agente dos serviços secretos britânicos (MI6), ligado por seu pai e sua esposa ao meio das seitas iluministas globalistas de Oxbridge, oriundas do anglicanismo e dos meios fabianos (Fabian Society).

Dom Williamson, que não hesitou em colocar o símbolo Rosacruz bem no meio do seu brasão episcopal, cercando até a rosa desse símbolo com um pentágono invertido na edição número 78 de *Fideliter*, (novembro-dezembro de 1990), publicada menos de quatro meses antes da morte inesperada de Dom Lefebvre em 25 de março de 1991, **protegeu, ordenou e promoveu durante dez anos em postos de ensino e responsabilidade espiritual clérigos homossexuais predadores, que já haviam sido abertamente denunciados como tais várias vezes no seminário dos EUA em Winona da FSSPX**, **delinquentes homossexuais que hoje são publicamente e oficialmente processados por seus crimes diante da justiça dos Estados Unidos[5]**.

Um papel oculto, subterrâneo e inteligentemente composto de agente sutil do ralliement

Se o observador preocupado em coletar os fatos procurar conectá-los e reconstituir os elementos do quebra-cabeça que ele está construindo, ele verá surgir diante de seus olhos um jogo duplo, muito sutil, muito além do que as declarações cultivadas, é verdade, mas finalmente caricaturais do que o britânico deixa transparecer.

E então surge a pergunta: será que Dom Williamson está jogando, na verdade e de forma subterrânea, um outro papel além daquele que reivindica publicamente? Ele age de maneira calculada e muito incoerente, fingindo a inconsciência e o paradoxo?

Seria ele um mestre na arte da dissimulação e da manipulação midiática?

Dom Williamson não é de forma alguma incoerente ou desorientado, mas age de maneira muito inteligente.

A partir do exame de suas declarações e ações, fica claro que Dom Williamson é um engano[6], pois se apresenta como um bispo católico muito firme frente à igreja conciliar e se opõe a Ratzinger.

Essa postura é puramente fictícia, pois ele busca, acima de tudo, tornar-se um polo de atração das forças vivas da FSSPX para, em seguida, canalizá-las, controlá-las e, por fim, esterilizá-las.

Com o padre Schmidberger, vocação tardia como a dele e que, assim como ele, se juntou a Dom Lefebvre em 1972, **eles formam o binômio coordenador do que se pode chamar de *"Orquestra negra"*[7], esse pequeno núcleo de clérigos modernistas que, dentro da FSSPX, condicionam a Direção da FSSPX** para fazer aplicar esse ***"processo de reconciliação"*** inventado pela Roma modernista para **neutralizar, reduzir e melhor destruir, a *"bolha da FSSPX",*** que permanece hoje a única organização católica mundial a preservar e perpetuar em todos os continentes o verdadeiro Sacerdócio sacrificial católico de rito latino, sacramentalmente válido[8], da Nova e Eterna Aliança selada no sangue de Nosso Senhor.

Um esquema de subversão clássico: o controle por um agente da Revolução da oposição à mesma Revolução

Que os leitores não se surpreendam, esse esquema de subversão é clássico. É recorrente na história.

Quando um poder forte toma o controle de uma instituição, como a maçonaria fez em 1958 ao eleger irregularmente o Rosacruz Roncalli para a cadeira de Pedro, **um tal poder busca imediatamente controlar sua oposição**.

O livro de George Orwell, "1984", nos dá o exemplo de um poder que controla sua oposição.

Inimigos seculares da Igreja católica, tão organizados e persistentes quanto esses que tomaram controle da estrutura da Igreja católica a partir de 1958, **pensaram desde longo tempo em neutralizar a oposição às ' *reformas*' que cuidadosamente planejaram e se propuseram a impor aos clérigos e fiéis segundo uma ordem e um calendário perfeitamente premeditados e amadurecidos**.

Ao redor de Dom Lefebvre, cristalizou-se desde o Coetus durante o concílio, e mais ainda a partir da fundação da FSSPX em 1970, uma oposição majoritariamente francesa, cuja principal dinâmica era francesa,

respondendo assim à vocação sobrenatural específica da França, dedicada à defesa da Santa Igreja.

Assim, a seita, longe de subestimar essa reação francesa embrionária, se empenhou, desde o início, em colocar seus agentes dentro da instituição nascente.

É, portanto, mais do que provável que **o muito duvidoso canônico Berthod tenha, desde a fundação de Ecône, desempenhado um papel dos mais suspeitos junto a Dom Lefebvre.**

E, em seguida, os primeiros agentes da seita que reinava em Roma, se certificaram de assegurar o futuro de seu controle sobre a obra de Dom Lefebvre e de consolida-lo. Assim, entraram em 1972, **dois seminaristas já formados, as vocações tardias que são o padre Williamson e o padre Schmidberger**.

Não será necessário mais do que dez anos para que o **seminarista alemão,** amigo pessoal de Joseph Ratzinger**, se torne o Superior da obra** com o apoio de seu Fundador, Dom Lefebvre, e menos de 16 anos para que o ex-anglicano britânico se torne um dos quatro bispos consagrados por Dom Lefebvre.

Essa dupla irá gradualmente ampliar seu domínio e o de seus pupilos que promoveram com obstinação sobre a FSSPX em pleno desenvolvimento.

A intervenção impactante do padre Méramo em 1994 desestabiliza o esquema do binômio Williamson-Schmidberger (a serviço de Roma) e faz eleger Dom Fellay

Esse esquema bem ajustado e que prosperaria ao longo dos anos, no entanto, enfrentará **um primeiro contratempo em 1994, com a eleição do Superior da FSSPX que escapa ao padre Schmidberger.**

A intervenção impactante do padre Méramo em pleno capítulo geral **desestabiliza o clérigo alemão, e é, de forma inesperada, Dom Fellay quem é eleito.**

O padre Méramo desempenhou o papel de "construtor de reis" em relação a Dom Fellay.

A eleição de Dom Fellay questiona o plano de controle oculto da FSSPX por Roma, pois em 1994 Dom Fellay não está, a priori, alinhado com o *ralliement* e os planos da Roma maçônica. Ele não é uma das engrenagens do pequeno núcleo de uma dúzia de clérigos que controlam a FSSPX.

Assim, será necessário que o núcleo da infiltração e a dupla Williamson-Schmidberger se reorganizem para conseguir, através de um jogo de influência, trazer Dom Fellay para um "***processo de reconciliação***". **Essa operação de influência tornará-se efetiva a partir do "jubileu" do ano 2000, promovido pelo apóstata Karol Wojtyla-JPII.** Ela se acelerará a partir de agosto de 2005, com o encontro de Dom Fellay e o apóstata Ratzinger, em 29 de agosto.

A eleição de Dom Fellay em 1994 para a liderança da FSSPX é determinante, pois impediu os planos de controle total da FSSPX pela dupla Williamson-Schmidberger. Vamos distinguir **duas fases: a fase do plano de controle anterior a 1994 e a fase posterior a 1994.**

A segunda fase ainda está em curso, com Dom Fellay ainda à frente da FSSPX (ele foi reconduzido em 2006) e o projeto de *ralliement* ainda não tendo sido concretizado.

Antes de 1994, a ação pública de Dom Williamson contra as forças vivas da FSSPX, qualificadas de "sedevacantistas"

Durante a fase anterior a 1994, Dom Williamson atua dentro de um primeiro esquema de controle e desempenha o papel de cão de guarda da autoridade legítima.

Desde antes de 1994, o núcleo dos infiltrados, liderado por Dom Williamson, precisa exercer sobre Dom Lefebvre o jogo de influência que hoje exerce sobre Dom Fellay, com a diferença de que Dom Lefebvre é de

outra estirpe e não é homem que se deixa facilmente manipular ou agradar, o que não é mais o caso com Dom Fellay.

Seja enquanto Dom Lefebvre ainda estava vivo, ou após sua morte inesperada em 25 de março de 1991, **o ex-anglicano trabalha lado a lado com o Superior da Fraternidade, que é então o padre Schmidberger,** e luta contra as forças vivas dentro da FSSPX, **diabolizando-as sob a acusação de "*sedevacantismo*".**

Assim, logo que foi nomeado Superior do seminário dos EUA da Fraternidade em Winona em 1983, ele provoca uma crise significativa que leva à expulsão de nove padres e à ruína do Distrito da FSSPX nos Estados Unidos. O padre Cekada fará parte dos excluídos que consignaram os eventos na "*carta dos nove*", hoje tornada pública.

Ao acirrar uma crise que esvazia as personalidades mais fortes da FSSPX nos Estados Unidos, o padre Williamson faz uma *tabula rasa* que posteriormente lhe permitirá consolidar seu poder no Distrito dos EUA da FSSPX a ser reconstruído, e sobre o qual imprimirá sua marca por vinte anos, até que em 2003, Dom Fellay decida exilá-lo na Argentina.

Nos anos 1990, Dom Williamson protege, ordena e promove clérigos homossexuais predadores, com a cumplicidade do padre Schmidberger

Em 1990, Dom Williamson se destaca novamente **ao contradizer o padre Morello**, até então Superior do seminário de La Reja na Argentina, e **ao tomar sob sua proteção o predador homossexual, padre Urrutigoity, denunciado (com razão) pelo padre Morello**, que fará uma viagem especial a Winona na véspera da ordenação sacerdotal do pedófilo, obstinadamente decidida por Dom Williamson.

Dom Williamson rejeitará o dossiê do padre Morello, acusando-o de ser **"*sedevacantista*"** e que esse era o motivo de sua "*caluniosa*" acusação contra **o clérigo Urrutigoity.** Essa versão dos eventos será precisamente **repassada ao mesmo tempo na Alemanha**, no seminário de Zaitzkofen por seu cúmplice, **o padre Schmidberger**, como revelou uma testemunha daquela época.

Quando a **revista dos dominicanos de Avrillé*, Le Sel de la terre,*** surgirá na França **em 1992,** novamente **Dom Williamson** aparecerá como **o censor e o supervisor da revista** junto ao padre Schmidberger, mantendo sob seu controle os **Padres Innocent-Marie e Pierre-Marie**.

O Dom Williamson anterior a 1994 não desempenha de modo algum o papel de rebelde à autoridade, mas sim o de executante, um grande servidor da FSSPX, trabalhando de maneira muito estreita e coordenada com o padre Schmidberger, Superior ou Primeiro Assistente da FSSPX.

Após 1991, a dupla anglo-germânica Williamson-Schmidberger está prestes a assegurar um controle definitivo e total sobre a FSSPX.

Essa ação em dupla se mostrará tão eficaz que Dom Williamson parece, evidentemente, adquirir uma certa confiança.

Assim, apenas três meses antes da morte inesperada de Dom Lefebvre, em 25 de março de 1991, Dom Williamson publica na revista *Fideliter* de dezembro de 1990, **uma versão revisada e corrigida, onde a simbologia da rosa e da cruz presente em seu brasão episcopal é mais claramente afirmada, com a rosa colocada no centro de um pentágono invertido**. Isso pode ser entendido como **um sinal claro e discreto enviado aos iniciados cúmplices de Roma e do exterior**, para aqueles que sabem decodificar esse tipo de simbologia.

Antes de 1994, o padre Schmidberger é candidato à sua própria sucessão e assume publicamente posições muito firmes e categóricas em relação a Roma, o que encobre sua ação subterrânea de preparação para o *ralliement*, dissipando os sentimentos de desconfiança que sua candidatura a um segundo mandato poderia suscitar.

De 1991 a 1994, com o fundador falecido de maneira inesperada, a dupla formada por Dom Williamson e o padre Schmidberger pode considerar que deu bom suporte ao seu controle sobre a FSSPX, e a perspectiva de um novo mandato de 12 anos para o padre alemão lhes permite esperar conseguir entregar, em um tempo razoável, a obra de Dom Lefebvre nas mãos da Roma apóstata, **então sob a liderança da dupla diabólica formado pelo bispo apóstata Karol Wojtyla-JPII** e seu Prefeito da *Congregação para a Doutrina da Fé* (sic)**, o padre apóstata Joseph Ratzinger.**

Após 1994, Dom Williamson muda de postura, tornando-se um opositor a Dom Fellay para enfraquecê-lo e se autoproclamar chefe do futuro campo do Não ao *ralliement.*

Mas a Providência decidirá de outra forma, pois a eleição de 1994 lhes escapará ao impulsionar um jovem desconhecido às rédeas da obra de Dom Lefebvre.

Esse acidente no esquema de **domínio total** levará o ex-anglicano, Dom Williamson, a **se reposicionar, mudando de postura.**

Desde a eleição de Dom Fellay, o ex-anglicano se coloca como **um desafiante do novo superior**, como **um rebelde**, e também como um **conselheiro indispensável** tornado imprescindível pela **juventude do novo superior** e pela **posição de decano**, que ele ocupa entre os quatro bispos.

Assim, o esquema de ação de Dom Williamson será duplo após 1994: conselheiro da autoridade, como antes, mas, e isso é novo, **opositor concreto à autoridade legítima e campeão autoproclamado do núcleo intransigente que rejeitaria qualquer acordo com Roma a longo prazo.**

O discurso-programa de Dom Williamson em Bremen no dia 18 de julho de 1994, uma semana após a eleição de Dom Fellay.

Transcrevemos em anexo os trechos essenciais do discurso de Dom Williamson em Bremen no dia 18 de julho de 1994, exatamente uma semana após a surpreendente eleição de Dom Fellay.

Essa conferência aparece, com o passar do tempo, como um discurso-programa que Dom Williamson colocará em prática e seguirá rigorosamente durante os quatorze anos seguintes.

O anúncio por Dom Williamson da futura aliança da FSSPX com a Roma apóstata

Mesmo após sair de um capítulo geral que representa um momento forte de unidade da FSSPX e da consolidação dos responsáveis em torno de objetivos comuns, em conformidade com os estatutos da obra, **o ex-anglicano vai semear dúvidas sobre o futuro da FSSPX e sua durabilidade, sobre sua Direção e a juventude de seus líderes apresentada como um sinal de incerteza e inexperiência.**

> *« Então, eu lhes dou um cenário, não estou dizendo que será assim, apenas digo que poderia ser assim. Nos anos 90, a bela pequena Fraternidade resiste heroicamente com todos os seus maravilhosos pequenos padres, resiste heroicamente às falhas e traições da Igreja oficial, e as*

> *conversões começam a surgir e os intelectuais começam a perceber que o Novus Ordo não funciona, que a nova Igreja é falsa, e* ***no momento em que a Igreja oficial estiver prestes a baixar as armas e se render à verdade, o que poderíamos ver? Não digo que veremos, mas o que poderíamos ver? A Fraternidade baixando as armas e se rendendo à Igreja oficial****. Não digo que será assim, apenas digo que poderia ser assim. Já vimos isso, não apenas com uma pequena Fraternidade, mas com toda a Igreja oficial que entrou em colapso.* Com razão, quanto mais uma pequena Fraternidade não poderia se render? »

Dom Williamson ataca indiretamente Dom Fellay sobre sua juventude e falta de experiência

O ataque indireto ao jovem novo superior, Dom Fellay, é no início apenas sutil: *« Pois é! A juventude é gentil, é bela, tem as forças da juventude, as forças físicas, mas a experiência, a idade, a sabedoria dos anos? »* E, à medida que o discurso avança, **torna-se explícito:** ***« Nosso pequeno superior geral, (…) ele é o teto, não há nada acima, isso é perigoso... ».***

« Pequeno » Dom Fellay, essa palavra é lançada, entre duas piadas. Deixamos os leitores imaginarem os pensamentos do público.

E não é só isso, outro argumento para desqualificar o novo superior geral e a direção da obra: a juventude. Sobre isso, o antigo professor de literatura não hesita em se apresentar como sábio e dar lições: *« Oh, se a velhice pudesse, se a juventude soubesse, diz o provérbio, se a velhice pudesse, se a juventude soubesse, quão útil é ter cabeças mais velhas, e ainda que saibamos consultá-las ».*

Mas, que os leitores se acalmem, esse profissional episcopal da inquietude tem a solução: e se consultássemos os mais velhos, aqueles que têm a sabedoria? E quem seria? Mas ele próprio, claro! *« Não basta ter cabeças mais velhas, ainda é preciso saber como consultá-las, se as tiver e se não souber consultá-las, de que adianta? ».*

Dom Fellay seria um "pequeno" superior, e um novato prejudicado por sua juventude, então bastaria que ele consultasse **o antigo aluno de Muggeridge e o protetor na época dos dois predadores homossexuais, os padres Urrutigoity e Ensey,** e a FSSPX estaria salva. Não é maravilhoso! Que presente da Providência à FSSPX ter esse bispo a rosa imprescindível.

A realidade se mostrou bem mais cruel para Dom Williamson.

Em 1997, foi o "*pequeno*" Dom Fellay quem expulsou com perda e danos **o predador homossexual, o padre Urrutigoity (e que denunciou em 1999 em uma carta),** que o "*sábio*" **Dom Williamson teimava em proteger com sua autoridade e proteção benevolente. Depois virá a vez do padre predador homossexual Ensey, que Dom Williamson havia promovido desde o início de Urrutigoity.**

Um tom e uma fala risíveis e consternantes de Dom Williamson, inadmissíveis em um bispo católico

Convidamos os leitores a ouvirem a gravação da seguinte sequência em nosso site. É particularmente risível e consternante.

O tom adotado por Dom Williamson para espalhar suas dúvidas é de palhaçada e zombaria:

> *« huuummm... agora vocês veem como vou arruinar minha carreira, hein? Seria gentil dizer: ah, estamos abrindo casas por toda parte, estamos construindo, vamos a outros países, temos vocações, todos são bonitos, todos são doces, todos são jovens, todos são gentis, todos estão entusiasmados, temos bispos... huuummm... eles são gentis... huuummm... »* (Dom Williamson, por volta do segundo minuto na gravação)

Como pode um bispo católico expressar-se assim? Conseguimos imaginar um Dom Pio **adotando esse tom infantil e fazendo essas mímicas** (*huuummm!*) diante de seu público?

Fieis que escutam **um bispo católico** lhes falar assim, **como se estivesse se dirigindo a criaturas incapazes, a pessoas com deficiência mental**, podem se sentir ofendidos e **perder toda a estima pelo conferencista que lhes fala**.

Mas, pior ainda do que a forma, inconcebível para um verdadeiro bispo católico, plenamente consciente de sua função e das obrigações que ela impõe, é o conteúdo do discurso de Dom Williamson. Para entender bem o caráter totalmente extravagante das insinuações do bispo da rosa, após sair do Capítulo geral, basta evocar uma analogia.

Após o Capítulo geral de 1994, o discurso de Dom Williamson desacredita a FSSPX e seu novo chefe.

Conseguimos imaginar um alto executivo de uma grande empresa ou de uma grande administração saindo de um seminário de "*team-building*" organizado para revisar juntos os objetivos comuns, estabelecer a nova equipe de liderança e reafirmar a estratégia da empresa ou da administração para os próximos anos? **Conseguimos imaginar um homem desse nível** se espalhando imediatamente em declarações públicas **onde colocaria em questão a durabilidade da empresa, ou da administração, suas fraquezas e possíveis falhas: *« uma falha por parte de seus líderes, que humanamente nunca está excluída »?***

Devemos entender que a reunião do Capítulo geral em que Dom Williamson participou e na qual foram validadas as orientações para doze anos, assim como uma infinidade de pontos práticos, seria uma "*fantasia*" irrealista e beata, desconectada da realidade?

De fato, o bispo da rosa declara: *« Consideração negra, meus caros amigos. Mas o que vocês querem? Eu prefiro o oxigênio, prefiro ao gás nocivo do otimismo, da fantasia, as pessoas estão mergulhadas hoje na fantasia... »*. Os priores de 1994 seriam *« pessoas que estão mergulhadas na fantasia »*? Que bela imagem para o final de uma reunião solene! Quanto ao conselho geral, ele seria *« perigoso »*: *« nosso conselho geral é o teto, não há nada acima, isso é perigoso... »*. **E a essa desqualificação insinuada, o ex-aluno de Cambridge acrescenta uma pitada de condescendência: *« Então, como você quer que os bons pequenos padres enfrentem tudo isso? »***. Os priores seriam, na verdade, *« bons pequenos padres »* impotentes. Sim, ele não os culpa, veja, eles são valentes, e não têm a visão ampla e a experiência do discípulo de Muggeridge!

Conseguimos imaginar um alto executivo de uma grande empresa ou de uma administração designando em termos velados a juventude e a inexperiência da nova direção (*« A juventude é gentil, mas nem sempre é sábia (…). »*)? Conseguimos imaginá-lo insinuar que essa grande empresa poderia passar para a concorrência? (*« O que nos protege? O que nos garante? »*)

E, em seguida, como um arrivista irresponsável, tentar proteger-se antecipando possíveis sanções em sua carreira dentro da empresa ou da administração?

As palhaçadas de Dom Williamson sobre sua "carreira": esse bispo é católico?

Dom Pio ou Dom de Dreux-Brézé falavam de suas "*carreiras*" em seus discursos (*« Lamento se não me faço ouvir, e está bem se, aliás, não me ouvem, pois não digo coisas que avancem minha carreira. »*) como se estivessem preocupados com honrarias e sucesso mundano dentro da Igreja?

> ***« Não sei se vale a pena gravar palavras como essas, porque isso vai arruinar minha carreira, pode arruinar minha carreira. Quebrar minha carreira se quiserem, estou preparado. De qualquer forma, as coisas vão mal, vão mal no mundo e na Igreja... e na Fraternidade?… huuummm.. agora vocês veem como vou arruinar minha carreira, hein? »***

Em que exemplo católico o ex-anglicano de Cambridge se inspirou para adotar essa atitude tão pouco episcopal e tão pouco clerical? Não conhecemos nenhum. Isso revela, da parte de Dom Williamson, uma falta de senso real de suas responsabilidades episcopais e uma fé, no mínimo, deficiente em relação ao respeito devido ao seu sacramento episcopal.

Não temos exemplo de **tais palhaçadas por parte dos outros três bispos**, **Dom Fellay**, **Dom de Galaretta** ou **Dom Tissier de Mallerais**. E ainda menos por parte de **Dom Lefebvre** ou de **Dom de Castro-Mayer**:

> *« temos bispos... huuummm... eles são gentis... huuummm... »*

Uma vontade mascarada de se impor, com o apoio de Roma e da mídia, como o chefe autoproclamado do campo do NÃO ao futuro *ralliement* em preparação

Agora, o que traduz esse discurso-programa que, sob aspectos burlescos e ridículos, é mais uma manobra partidária e um cálculo do que um ensinamento de um pontífice? É evidente que ele revela segundas intenções e ambições de poder que nada têm a ver com as motivações sobrenaturais do fundador da FSSPX.

Com essa nova declaração excêntrica, o ex-anglicano inaugura um novo posicionamento pessoal dentro da FSSPX: o de chefe autoproclamado do campo das forças vivas opostas a qualquer *ralliement*.

A questão é prematura, pois em 1994 não existem contatos significativos entre a FSSPX e Roma em vista de uma assinatura.

Mas, em previsão dessas negociações futuras, Dom Williamson se coloca à frente e anuncia o impensável: o *ralliement*, e imediatamente se apresenta como o futuro porta-estandarte daqueles que dirão “não”.

Nesta dialética prevista e antecipada do “*sim*” e do “*não*” à assinatura, **ele já quer aparecer, junto ao campo do “*não*”, como o profeta que já havia anunciado a catástrofe. Dessa pseudo-clareza, da qual espera que seja reconhecida retrospectivamente, ele espera extrair uma legitimidade. Esse é o papel que ele desempenha desde 1994.** Assim que uma voz se levanta dentro da FSSPX para denunciar Ratzinger, Dom Williamson incrementa. Ele é “Monsenhor Plus”, o oponente oficial, designado pela Roma conciliar.

Além disso, esse esquema é amplamente e complacentemente repassado pelos meios de comunicação oficiais, seja *Le Figaro*, *La Croix* ou outros, todos repetem em uníssono a intransigência do bispo britânico e o designam como o ‘chefe natural’ do campo do “não”. Foi-nos até relatado, por um clérigo habitual das lojas eclesiásticas, que, com um sorriso travesso que traiu uma postura combinada, e fingindo solicitar sua memória, mencionou o nome de Dom Williamson para designar o campo da intransigência dentro da FSSPX.

Que notável unanimidade! **Isso implica uma orientação que circula e que Roma alimenta.**

A seguir…

A Redação de Virgo-Maria

Na Parte n°2, trataremos, com base em exemplos concretos, da incrível indulgência que certos meios ou personalidades do sedevacantismo demonstram em relação ao ex-anglicano, seja apoiando-o abertamente ou seja protegendo-o por seu silêncio absolutamente incrível sobre suas ações agora tornadas públicas. Muitos leitores ficarão estupefatos.

ANEXO A

18 de julho de 1994 – O Brémien – trechos do discurso de Dom Williamson

Gravação integral aqui:

http://www.virgo-maria.org/Fichiers_Son/1994-07-18-Mgr_Williamson_Le_Bremien.mp3

« **Não sei se vale a pena gravar palavras assim, porque isso vai arruinar minha carreira, isso pode arruinar minha carreira. Arruine minha carreira se quiser, estou preparado.** De qualquer forma, as coisas estão ruins, estão ruins no mundo e na Igreja... **e na Fraternidade?… huuummm... vêem como vou**

arruinar minha carreira, hein? Seria gentil dizer: **ah, estamos abrindo casas por toda parte, estamos construindo, estamos indo para outros países, temos vocações, todo mundo é bonito, todo mundo é doce, todo mundo é jovem, todo mundo é gentil, todo mundo está entusiasmado, temos bispos... huuummm... eles são gentis... huuummm...** Por que a Fraternidade teria proteção especial contra essas forças cada dia mais desenfreadas que levaram milhares e milhares de sacerdotes e bispos excelentes da Igreja oficial? Eu poderia contar isso e seria muito edificante. Mas é a realidade. E o que a Fraternidade tem para se opor a esse influxo, a esse descontrole dos demônios, e do mundo da carne e do demônio, o que ela tem para se proteger? Quais são suas garantias, quais são suas qualidades? A juventude? ... **É! A juventude é gentil, é bonita, tem as forças da juventude, as forças físicas, mas e a experiência, a idade, a sabedoria dos anos?** Meus queridos amigos, todos nós nos beneficiamos muito da Fraternidade, ela fez grandes e belas coisas por todos nós, certamente por este servo, certamente. E espero que amanhã ou depois, enquanto for servo da Fé e da Igreja, estou disposto a dar minha vida pela Fraternidade, mas... contanto que ela permaneça fiel. E isso! ... A juventude é gentil, mas nem sempre é sábia (...). **Lamento se não consigo me fazer ouvir, e é bom se não me ouvirem, aliás, pois não digo coisas que vão promover minha carreira.**

Mas pensemos nos anos 50 e 60 (...). Então, dou uma cenário, não digo que será assim, só digo que poderia ser assim. Nos anos 90, a bela pequena Fraternidade resiste heroicamente com todos os seus maravilhosos pequenos padres, resiste heroicamente aos fracassos e às traições da Igreja oficial, e as conversões começam a surgir e os intelectuais começam a perceber que o *Novus Ordo* não funciona, que a nova Igreja é falsa, **e no momento em que a Igreja oficial estiver prestes a levantar as armas e se render à verdade, o que poderíamos ver?** Não digo o que veremos, digo o que poderíamos ver? **A Fraternidade levantando suas armas e se rendendo à Igreja oficial.** Não digo que será assim, só digo que poderia ser assim. Já vimos isso, não apenas com uma pequena Fraternidade, mas toda a Igreja oficial que entrou em colapso. Com razão, quanto mais uma pequena Fraternidade não poderia se render? O que nos protege? O que nos garante?

Mais uma consideração. Uma consideração sombria, meus queridos amigos. Mas o que fazer? Eu prefiro o oxigênio, prefiro ao gás nocivo do otimismo, da fantasia; as pessoas hoje estão mergulhadas na fantasia... (...) Então, como querem que pequenos padres corajosos enfrentem tudo isso? Se Deus ajudar, sim, se Deus não ajudar, então pensem nisso. Toda congregação e sociedade católica na Igreja, outrora, tinha acima de si a congregação do clero, a congregação dos religiosos (...) e se houvesse algo errado na Fraternidade, em uma sociedade religiosa, incluindo uma falha de seus líderes, que humanamente nunca é excluída, no passado **sempre havia a possibilidade de apelar a Roma, Roma poderia intervir, e recentemente Roma interveio na Fraternidade São Pedro,** ... hoje geralmente isso é para o mal, então é melhor não estar sob Roma, e o preço a pagar é que não temos ninguém acima de nós, não há ninguém. Nosso pequeno superior geral, nosso conselho geral, é o teto, não há nada acima, isso é perigoso... por si só, todas as coisas sendo iguais, por si só é perigoso, não é normal, é... tem que ser assim porque se colocar sob Roma hoje, é abraçar a traição, então não podemos nos colocar sob Roma, totalmente de acordo, sob estes oficiais da Roma atual, mas não nos coloquemos sob... temos que pagar o preço que é estarmos entregues a nós mesmos.

Então, no passado, é claro que **tínhamos a sabedoria de, provavelmente, eu creio que pelos seus frutos podemos dizer a sabedoria excepcional de Dom Lefebvre**, sem fazer culto à personalidade. Mas, tínhamos à nossa disposição essa experiência, **ele morreu nos anos 80, ele lançou a Fraternidade nos anos 60, ele tinha 65 anos quando a Fraternidade São Pio X foi fundada, tinha 86 anos quando morreu, então essas são as últimas 20 anos de sua vida, e ali há uma grande experiência, quantos idosos temos conosco agora?** Não muitos. Oh, se a velhice pudesse, se a juventude soubesse, diz o provérbio, se a velhice pudesse, se a juventude soubesse, quanto é útil ter cabeças antigas, e ainda que saibamos consultá-las. Não basta ter as cabeças antigas, ainda é preciso saber como consultá-las; se as temos e não sabemos consultá-las, para que serve isso? »

« Algumas considerações alegres, meus queridos amigos, para alegrar vocês neste mês de julho sufocante de 1994... (…). »

« Não devemos nos fazer ilusões. Eu não quero que isso se quebre, e não farei nada para que isso se quebre, mas, de qualquer forma, vejamos com clareza. »

« É totalmente possível que Deus mantenha a Fraternidade em existência até o início da solução desta crise (...). »

« Mas não é impossível que a Fraternidade a seu turno siga o movimento geral e se deixe engolir para que possamos nos dar conta de quão frágeis somos e quão pouco podemos fazer nós mesmos. E não digo que este seja o caso, mas se algum dia fosse o caso, seria perigoso, é orgulho se você quiser, é presunção, é vaidade se você quiser, é perigoso, é certo. » (cerca de 18 minutos)

« Mas todo o movimento de apostasia continua sem nada aparentemente para detê-lo, com quase nada para impedi-lo dentro da Igreja oficial, pois a Igreja católica é o sal da terra e a luz do mundo. Este projeto para o Monte Sinai mostra que a luz, se não se apagou completamente, está eclipsada. A Igreja está eclipsada. E quanto ao sal da terra, em toda parte não é bom senão para ser jogado fora e pisoteado... (…) como diz Nosso Senhor no Evangelho. »

« Haverá uma explosão. A economia mundial está prestes a explodir. Toda pronta. »

« É totalmente possível que Deus conserve a Fraternidade », 29’

---

[1] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[2] Ao final da publicação da série de artigos, será confeccionado um dossiê que compilará todos os textos em um único documento, tornando-se um dossiê de referência sobre o "bispo da rosa". Essas publicações concretizam um trabalho de pesquisa, verificação e reflexão sobre a ação particularmente temida do antigo anglicano dentro da obra de Dom Lefebvre.

[3] **http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

[4] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

[5] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf**

[6] http://www.virgo-maria.org/D-Mgr-Williamson-leurre/index_mgr_williamson_leurre.htm

[7] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-23-A-00-Orchestre_noir_de_la_FSSPX_V3.pdf

[8] Cf http://www.rore-sanctifica.org

Immanuel Kant

O nome de Kant está na boca de todos que falam sobre a filosofia moderna; no entanto, ele é provavelmente um dos autores menos lido, já que poucos têm a paciência necessária, que de fato não deve ser pouca, para mergulhar em suas obras longas, obscuras e cheias de repetições, onde ocasionalmente brilha um grande talento. Nota-se um esforço para envolver suas doutrinas em uma linguagem hermética, que nos lembra os iniciados de Pitágoras e Platão. Kant exerceu muita influência na filosofia deste século e, muito particularmente, na Alemanha, onde se reúnem as duas condições mais adequadas para a leitura de suas obras: laboriosa paciência e amor pelo nebuloso. Enclausurado em seu gabinete em Koenigsberg, onde passou sua longa vida, que terminou aos oitenta anos em 1804, o filósofo pouco se preocupava com a realidade do mundo: isolado em seu "eu", à maneira de Descartes, dá às suas teorias uma direção muito diferente da do filósofo francês. Descartes logo sai de seu "eu" para se elevar a Deus e se comunicar com o mundo físico; mas Kant se estabelece ali definitivamente, como em uma ilha de onde é impossível sair sem se afogar nos abismos do oceano.

Kant não nega a existência de Deus, nem do mundo físico, nem da ordem moral: ele até admite essas coisas, alinhando-se ao senso comum; o que ele nega é que a razão possa chegar a elas. Sua *Crítica da Razão Pura* é a morte da razão. Seja como for, já que é necessário ter uma ideia de seu sistema, procurarei apresentá-lo da maneira mais clara possível, mantendo a brevidade.

Partindo de um fato de consciência, ou seja, do "eu", os primeiros fenômenos que se apresentam a Kant são as sensações e as representações internas que resultam delas. À explicação disso, ele dedica o que chama de Estética Transcendental.

Kant entende por sensação "o efeito de um objeto sobre a faculdade representativa, na medida em que somos afetados por ele". É importante notar que ele desconsidera absolutamente a natureza do objeto afetante e se concentra apenas no efeito que surge em nós, no puramente subjetivo.

Por intuição, Kant entende qualquer percepção que se refere a um objeto; assim, há intuição quando o conhecimento é considerado como um meio.

A intuição empírica é "a que se refere a um objeto por meio da sensação". Vemos uma árvore: a representação interna, na medida em que é uma afecção do "eu", é sensação; na medida em que se refere a um objeto (real ou aparente), é intuição empírica ou experimental.

O fenômeno é "o objeto indeterminado da intuição empírica". O que é isso que corresponde à representação, e que chamamos de árvore? Kant não sabe; mas isso, seja o que for, na medida em que é o termo ou ponto de referência da representação interna, ele chama de fenômeno, porque é algo que aparece; Kant desconsidera o que é em si.

A realidade da coisa em si mesma é o *númeno*. Até que ponto o fenômeno, o que aparece, está de acordo com o *númeno* ou a realidade, é outra questão que, por ora, o filósofo desconsidera.

Mesmo na ordem sensível, nem tudo provém da experiência; há algo a priori: o espaço. Para que certas sensações sejam referidas a objetos externos, ou seja, a algo que ocupe um lugar diferente do nosso, e até para que possamos representar as coisas como exteriores umas às outras, isto é, não apenas como diferentes, mas situadas em lugares distintos, devemos ter anteriormente a representação do espaço. Isso implica que a representação do espaço não pode provir da relação entre os fenômenos oferecidos pela experiência; pelo contrário, é indispensável pressupor essa representação para que a experiência seja possível. A representação do espaço, portanto, não é um produto da experiência; é uma condição necessária para o exercício da sensibilidade, uma forma a priori que existe em nós; um espaço como uma tábua rasa onde os fenômenos são pintados. Em si, não contém nada real; mas tudo o que é sensível pode ser retratado nele.

Disso decorre que, quando transferimos para o exterior aquilo que chamamos de extensão, aplicamos aos objetos algo que não lhes pertence, um fato puramente subjetivo: a forma, a condição de nossa sensibilidade; e, portanto, tudo o que chamamos de mundo corpóreo se reduz a um conjunto de representações internas, às quais damos, sem fundamento, uma realidade externa. Assim, a teoria de Kant leva diretamente ao idealismo; não se compreende como, admitindo esse princípio, seria possível evitar essa consequência.

Na primeira edição de sua *Crítica da Razão Pura*, Kant não se assusta diante do idealismo: pelo contrário, parece estabelecer sem rodeios a possibilidade de que tudo seja pura ilusão; pois ele afirma: "O conceito transcendental dos fenômenos no espaço é uma advertência crítica de que, em geral, nada do que é percebido no espaço é uma coisa em si; que o espaço é, além disso, uma forma das coisas que talvez lhes fosse própria se fossem consideradas em si mesmas; mas que os objetos nos são completamente desconhecidos; e que o que chamamos de objetos exteriores não é outra coisa senão as representações puras de nossa sensibilidade, cuja forma é o espaço, e cujo correlato verdadeiro, ou seja, a coisa em si, é por essa razão totalmente desconhecida e sempre será; mas sobre a qual jamais se deve interrogar a experiência" (*Estética Transcendental*, seção I).

A intuição do espaço é a forma da sensibilidade externa; mas há, nos fenômenos, tanto externos quanto internos, algo que chamamos de sucessão ou tempo: sem isso, não perceberíamos a nós mesmos. Assim, o tempo é a forma e a condição da sensibilidade interna ou dos fenômenos na consciência. O tempo é a priori, isto é, independente da experiência, pois torna a experiência possível na sucessão, assim como o espaço na extensão. Portanto, o tempo não está inerente às coisas, é uma condição puramente subjetiva de nossa intuição interna. Disso se segue que sabemos apenas que percebemos as coisas em uma sucessão, mas ignoramos se essa sucessão está nas coisas; visto que ela é apenas um fato puramente subjetivo, uma condição necessária para nossa experiência, não podemos atribuí-la aos próprios objetos sem violar as regras de uma lógica sã. Assim raciocina o filósofo alemão.

Vê-se, então, que Kant não se limita a dizer que o tempo não é uma coisa real distinta das coisas, no que concordaria com a maioria dos metafísicos; ele afirma que ignoramos se há nas coisas uma sucessão real, pois a sucessão que percebemos é uma condição puramente subjetiva, uma mera forma de nossa intuição. Assim, depois de ter colocado em dúvida a realidade da extensão, ele espalha a mesma dúvida sobre a realidade da sucessão, de modo que tudo o que se refere ao tempo e ao espaço não é para nós mais do que um conjunto de representações. E a ciência que tem por objeto o mundo não deveria se chamar cosmologia, mas fenomenologia, já que não se ocuparia do mundo ou cosmos, mas dos fenômenos.

Nessa doutrina está o idealismo de Berkeley. Fez-se essa observação a Kant, e ele procurou se explicar em um trecho que se encontra na segunda edição de sua *Crítica da Razão Pura*, e que transcrevo a seguir, tanto como prova de minha imparcialidade quanto para dar uma amostra do estilo deste filósofo:

> "Quando digo: no espaço e no tempo a intuição dos objetos exteriores e a do espírito representam essas duas coisas tais como afetam nossos sentidos, não quero dizer que os objetos sejam uma pura aparência; porque no fenômeno os objetos, e até as propriedades que lhes atribuímos, são sempre considerados como algo dado realmente: no entanto, como essa qualidade de ser dado depende unicamente do modo de percepção do sujeito em sua relação com o objeto dado, esse objeto, como fenômeno, é diferente de si mesmo como objeto em si. Eu não digo que os corpos parecem simplesmente ser exteriores, ou que minha alma parece simplesmente ter-me sido dada em minha consciência: quando afirmo que a qualidade do espaço e do tempo (segundo a qual coloco o corpo e a alma como sendo a condição de sua existência) existe unicamente em meu modo de intuição e não nos objetos em si, estaria em erro se transformasse em pura aparência aquilo que devo tomar como um fenômeno: mas isso não acontece se se admite meu princípio da idealidade de todas as nossas intuições sensíveis. Pelo contrário, se se atribui uma realidade objetiva a todas essas formas das representações sensíveis, não se pode evitar que tudo se converta em pura aparência; porque, se o espaço e o tempo forem considerados como qualidades que devam estar, quanto à sua possibilidade, nas coisas em si, e se se refletir sobre os absurdos em que então se cai, dado que duas coisas

> infinitas que não podem ser substâncias, nem nada inerente a substâncias, e que, no entanto, são algo existente e até a condição necessária da existência de todas as coisas, subsistiriam mesmo que todo o resto fosse aniquilado, não se pode censurar o excelente Berkeley por ter reduzido os corpos a uma mera aparência" (*Estética Transcendental*).

Por esse trecho, percebe-se que Kant distingue entre pura aparência e fenômeno: por exemplo, aquilo que aparece como uma árvore não é, segundo Kant, uma coisa ilusória, ele apenas sustenta que o aparente não tem nada em comum com a realidade. Não destrói, portanto, a própria realidade ou a coisa em si; apenas afirma que essa coisa não é tal como aparece. Ele admite que, com relação a nós, o mundo é uma aparência, mas não que em si seja uma pura aparência. Duvido muito que Berkeley quisesse significar mais que isso: o filósofo irlandês não negaria a realidade dos seres que nos afetam, nem que os fenômenos da sensibilidade emanam de objetos reais; ele apenas queria afirmar que essas coisas não eram, como acreditávamos, objetos realmente extensos, o que lhe bastava para sua teoria idealista. Kant concede tudo isso, pois a extensão ou a forma do espaço ele reduz a um fato puramente subjetivo, ao qual nada extenso corresponde na realidade, mas uma coisa em si, que ignoramos o que é; portanto, ele admite a possibilidade do idealismo; e, como acrescenta que transferir a forma do espaço para o exterior conduz a absurdos, não apenas admite a possibilidade do idealismo, mas a necessidade dele; e, como no final aplica ao tempo o mesmo que ao espaço, resulta que seu idealismo é talvez mais refinado que o de Berkeley, pois destrói a existência e a possibilidade não apenas da extensão, mas também da sucessão (*Filosofia Fundamental*, livro XIV, cap. XII e XVII).

Além da faculdade de sentir, Kant admite a de conceber, ou seja, o entendimento; a primeira nos oferece os objetos em intuições, a segunda os concebe; aquela é uma receptividade ou potência passiva, esta uma espontaneidade: sem a sensibilidade, nenhum objeto nos seria dado; sem o entendimento, nenhum objeto seria concebido. Pensamentos sem matéria e sem objetos são vãos; intuições sem conceitos são cegas. O entendimento não tem outra matéria para seus conceitos senão aquela oferecida pelas intuições sensíveis; seu modo de conhecer é puramente discursivo, não intuitivo, ou seja, ele em si não tem um objeto dado, apenas pode discorrer sobre o que lhe é dado na representação sensível. Assim, para o conhecimento, é necessária a faculdade de pensar e a de sentir: elas não podem ser separadas sem destruir o conhecimento.

A ideologia de Kant, portanto, se reduz aos seguintes pontos:

- 1º. A origem de todo nosso conhecimento está nos sentidos. O espaço é a forma, a condição das intuições sensíveis externas. O tempo é a forma da intuição interna.
- 2º. Além da faculdade sensitiva, há a concepção ou entendimento.
- 3º. As intuições sensíveis, por si só, não geram conhecimento; elas são cegas.
- 4º. As intuições sensíveis são matéria de conhecimento à medida que são submetidas a conceitos ou à atividade intelectual.
- 5º. O conhecimento humano não é intuitivo, mas discursivo. Esse sistema tem muita analogia com o dos escolásticos; apenas Kant lhe dá interpretações que conduzem a resultados funestos (*Filosofia Fundamental*, livro IV, cap. VIII).

Esses conceitos, considerados entre si, são meras formas lógicas na opinião de Kant; não contêm nada por si sós, sendo necessário aplicá-los a um objeto para que tenham valor e sentido; essa aplicação só pode ocorrer nas intuições sensíveis; fora disso, o uso desses conceitos é ilegítimo, é vão, não tem valor algum, sendo apenas um jogo do entendimento. Os conceitos são formas vazias que precisam ser preenchidas com fenômenos sensíveis: o que se chama categorias, se tomadas como conceitos das coisas em geral, se reduzem a simples funções lógicas; podem ser vistas como condições de possibilidade das próprias coisas, «mas sem que se possa mostrar em que caso sua aplicação e seu objeto, e, portanto, elas mesmas, possam ter, no entendimento puro e sem a intervenção da sensibilidade, um sentido e um valor objetivo.» (Lógica transcendental, livro II, cap. III.) Mas, então, estamos condenados a não saber nada além da ordem sensível, a não podermos nos elevar cientificamente ao conhecimento das coisas em si mesmas, pois nem mesmo em relação às coisas sensíveis podemos usar os conceitos, exceto na parte fenomenal ou na forma sob a qual se apresentam à sensibilidade; então, torna-se impossível o conhecimento de Deus, da alma e de tudo o que não

seja fenômeno sensível... Kant não recua diante dessas terríveis consequências; e diz sem rodeios: Esses princípios (os do entendimento) são simples princípios da exposição dos fenômenos; e o pomposo nome de uma ontologia, que pretende fornecer um conhecimento sintético a priori das coisas em uma doutrina sistemática, como, por exemplo, o princípio da causalidade, deve ser substituído pela modesta denominação de simples análise do entendimento puro.

Os incautos que falam muito seriamente sobre o espiritualismo de Kant e seus triunfos sobre o sensualismo, vendo-o como um dos restauradores das boas doutrinas, tudo, é claro, sem terem aberto uma obra do filósofo alemão, e apenas por terem visto ele ser citado com elogios, esses incautos devem se aprofundar na exposição que precede; por ela saberão que Kant não admite mais conhecimento possível no homem além de simples funções lógicas sobre os fenômenos sensíveis; que Kant não admite nenhuma das demonstrações com as quais os mais eminentes metafísicos provaram a espiritualidade da alma; que ele sequer admite que se possa provar que a alma é substância; que também não admite nenhum dos argumentos com que se provou a existência de Deus; e que, por fim, o autor da *Crítica da Razão Pura* coloca o espírito em uma posição totalmente isolada, onde só lhe são oferecidos fenômenos sensíveis, sobre os quais ele pode pensar, mas dos quais é impossível sair, e quando tenta se estender a outras regiões com o auxílio da ciência, ao tentar descobrir o que há em relação a Deus, a outros seres e até a si mesmo, se vê reduzido a um desconsolador "quem sabe!"... Em vão se esforça para superar essa barreira: a *Crítica da Razão Pura* o encerra ali com rigor inexorável. (Ver Filosofia Fundamental, livro IV, IX e X. — Metafísica.)

As funestas teorias de Kant não podiam deixar de produzir efeitos desastrosos: desde então data o desvio filosófico da Alemanha; por um lado, o ceticismo mais dissolvente; por outro, o dogmatismo mais extravagante exposto em sistemas monstruosos.

Kant reduz toda a nossa ciência aos fenômenos sensíveis; e como a estes ele não confere nem mesmo a realidade da extensão e da sucessão, já que faz do espaço e do tempo meras formas subjetivas, resulta que toda a ciência é subjetiva, sem mais objetividade além da puramente fenomenal ou de aparência. Assim, tudo está no "eu": o entendimento é a faculdade das regras: «não é simplesmente uma faculdade de criar regras comparando fenômenos; é até a legislação para a natureza; ou seja, sem o entendimento, não haveria natureza, ou unidade sintética da diversidade dos fenômenos segundo certas regras...

Todos os fenômenos, como experiências possíveis, estão a priori no entendimento; e dele tiram sua possibilidade formal; da mesma forma que estão, a título de puras intuições, na sensibilidade; e só são possíveis por ela em relação à forma.» (Lógica transcendental.) Quaisquer que sejam as explicações com que Kant tenha pretendido suavizar as consequências de seus princípios, o certo é que o germe do erro estava neles; e o desenvolvimento desse germe não poderia ser impedido pelo filósofo de Koenigsberg. No estudo de suas obras formaram-se os metafísicos alemães: a filosofia do "eu" estava na *Crítica da Razão Pura*. De Kant a Fichte, há apenas um passo.

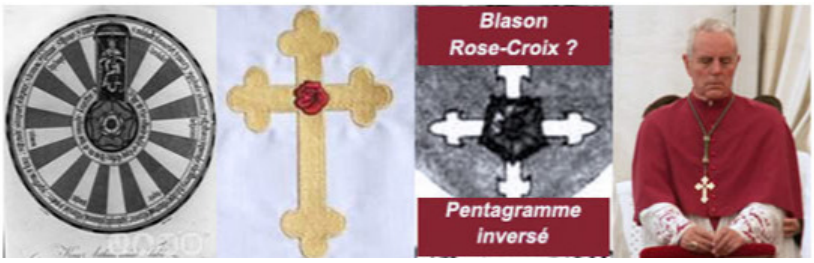
Curso de filosofía elemental | Padre Jaime Balmes
Páginas: 577-585

Luz sobre 14 anos de um jogo político mitrado contra Dom Fellay[2] - Parte 05

Terça-feira, 8 de abril de 2008

(continuação) Dom Williamson:

Parte n°5 – A rosa da *Round Table* e o brasão episcopal de Dom Williamson



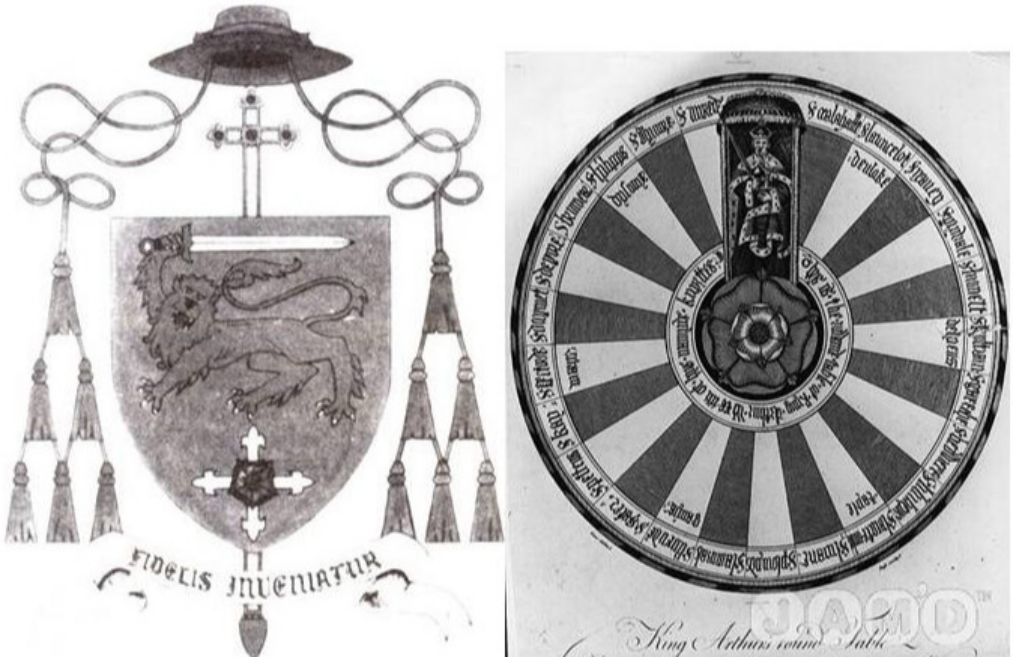
A esquerda, a rosa da sociedade secreta da *Round Table* e, ao centro, a rosa do brasão de Dom Williamson.

Você pode baixar do site www.virgo-maria.org uma breve história da *Round Table* (*Short History of the Round Table*). Está em inglês.

No dia 15 de outubro de 2008, o site VM revelou a semelhança entre a simbologia Rosacruz e o brasão episcopal de Dom Williamson, sendo essa constatação ainda mais perturbadora na segunda versão de seu brasão, publicada em dezembro de 1990 na revista *Fideliter*.

As investigações sobre o ex-anglicano continuam, e hoje descobrimos uma **muito grande semelhança entre a rosa emblema da sociedade secreta em forma de pentágono invertido da *Round Table* britânica de Oxford** (‘***Tabela Redonda***’) **e a rosa colocada pelo ex(?)-Anglicano de Cambridge da FSSPX no centro de seu brasão episcopal, no meio de uma Cruz branca.**

Aqui estão os elementos:



Já comentamos a simbologia Rosacruz que é semelhante à do brasão de Dom Williamson.

O leitor deverá notar a grande semelhança de estilo dos caracteres góticos utilizados na simbologia da *Round Table*, que essas sociedades secretas britânicas apreciam, conferindo-lhes um caráter medieval e tradicional de plástico que elas valorizam particularmente, com os caracteres góticos escolhidos por Dom Williamson, **na segunda versão mais explícita da publicação de seu brasão do tipo RC na revista *Fideliter*,** apenas algumas semanas antes da morte brusca e inesperada do Fundador da FSSPX, em que ele se atribuiu curiosamente a seguinte divisa episcopal: « *Fidelis Inveniatur* », ou seja, « *Que seja encontrado Fiel!* », mas « *Que seja encontrado Fiel* » a QUÊ? Fiel a QUEM?

Brasão colorido da *Round Table*.

A ***Round Table*** foi formalmente fundada em 1891 por **Cecil Rhodes, o riquíssimo e poderoso magnata do ouro e dos diamantes da África do Sul**, então sob o domínio da rainha Vitória, no auge de seu poder no Império Britânico, assistido por **Lord Alfred Milner, amigo pessoal muito próximo de Lord Rothschild.**

Aqui estão algumas informações sobre a *Round Table*:

> **« Objeto**
>
> _O Grupo foi concebido para propagar a ideia da formação de um **Governo Mundial Federal**, baseado na **reunificação dos Estados Unidos da América com o Império Britânico**. Até que ponto conseguiram alcançar seu objetivo é uma questão debatida. Eles certamente obtiveram um grande sucesso **ao criar o Banco Central dos Estados Unidos**, que aumentou a influência britânica sobre os assuntos econômicos dos Estados Unidos devido às conexões estreitas entre o Banco da Inglaterra e os bancos privados de Wall Street. Pode-se até afirmar que **essa organização serviu de modelo para futuras instituições como o Royal Institute of International Affairs (Chatham House), o Council on Foreign Relations, as Nações Unidas, a Comissão Trilateral, e o Grupo de Bilderberg**._
>
> _Foi Rhodes quem primeiro formalizou seu projeto junto a **William T. Stead**, o editor do **Pall Mall Gazette**, quando concordaram sobre a estrutura da sociedade secreta. Assim como os Illuminati de Weishaupt, essa sociedade secreta proposta teria uma estrutura hierárquica elaborada, inspirada na dos jesuítas, a qual incluía: no topo, o cargo de **"General da Sociedade"— um cargo modelado após o do General dos Jesuítas—reservado a Rhodes,** acompanhado de Stead e Lord Rothschild como seus sucessores designados; um Comitê executivo chamado "Junta dos Três", composta por **Stead, Milner e Reginald Baliol Brett (Lord Esher)**; depois **um "Círculo de Iniciados", composto por um número de notáveis, entre os quais Cardinal Manning, Lord Arthur Balfour , Lord Albert Grey e Sir Harry Johnston**; finalmente, um Círculo externo constituído pela "Associação dos Apoios", representando a grande massa da Sociedade."
>
> « É necessário ressaltar que **a famosa Declaração Balfour de 1917 foi, na realidade, redigida por Lord Alfred Milner,** e na verdade tratava-se de uma carta endereçada a Lord Rothschild em nome de Lord Balfour, que constituiu o que se chama de Declaração Balfour: essa operação foi, portanto, na realidade, o **fruto da cooperação entre duas personalidades muito intimamente ligadas aos grupos da Round Table**, cujo objetivo era estabelecer um Governo Mundial_. » (Wikipedia)

O livro « ***O lado oculto da história: maçonarias e seitas secretas*** » de Epiphanius, publicado em 2005 (segunda edição) pelas edições do Courrier de Rome, ligadas à FSSPX, fornece, além disso, uma descrição útil sobre a implementação das sociedades secretas globalistas na Inglaterra na segunda metade do século XIX.

A '*Round Table*' faz parte disso:

A «Societas Rosacruciana in Anglia» (S.R.I.A.)

A importância capital do Palladismo e sua grande influência através dos Conselhos Supremos dos 33 não impediram, portanto, o surgimento na Europa, na segunda metade do século XIX, de sociedades secretas muito esotéricas e muito virulentas. ***Não é possível ignorar sua existência sob pena de tornar incompreensíveis os movimentos globalistas que se afirmaram na Europa, especialmente após a Primeira Guerra Mundial.***

Em 1865, nasceu em Londres a «Societas Rosacruciana in Anglia» por iniciativa do dignitário da maçonaria escocesa Robert Wentworth Little, cercado por Hargrave Jennings (1817-1890) e Kenneth R.H. MacKenzie. *Ela era reservada exclusivamente a membros da maçonaria que possuíam pelo menos o grau de mestre e se limitava a 144 membros. A S.R.I.A. era articulada em nove graus iniciáticos emprestados da Rosacruz Dourada alemã do século XVIII e tinha como objetivo encorajar e promover a pesquisa e os estudos esotéricos e ocultistas. Na realidade, como Vannoni nota, «sua "bíblia" era "The Rosicrucians, their Rites and Mysteries" de Hargrave Jennings, obra na qual se sustentava, atribuindo um significado feminino à rosa e fálico à cruz, que o segredo dos Rose-Cruz era de natureza sexual».*

Em 1871, a S.R.I.A. teve como «Imperator» Edward Robert Lytton (1803-1873), mais conhecido como Lord Bulwer-Lytton, membro proeminente do Parlamento britânico, ministro das Colônias durante a Segunda Guerra do Ópio, e autor de romances de sucesso como «Os últimos dias de Pompéia», uma vulgarização do culto de Ísis adotado como suporte ideológico do tráfico de ópio, «N Rienzi» e o famoso «Vril, o poder da raça futura» escrito em 1873. ***Bulwer-Lytton influenciou, por seu racismo, o sociólogo John Ruskin que, em 1870, criou em Oxford um movimento iniciático imbuído de pananglismo racista cujo objetivo era impor ao mundo a supremacia anglo-saxônica através da aplicação rigorosa de princípios socialistas às nações. Sob a influência de doutrinas semelhantes, nasceu pouco depois a Fabian Society, cujo objetivo era expandir o socialismo às instituições e aos quadros dirigentes da época, em um fluxo de tradição que, através de Sir Alfred Milner e Cecil Rhodes, conduziria aos conglomerados financeiros e de poder da Round Table e daí, em 1919, ao Royal Institute of International Affairs (R.I.A.A.), mais conhecido como Chatham House.***

Um membro importante da S.R.I.A. foi Rudyard Kipling, fervoroso maçom, e ***Eliphas Lévi Zahed (1810-1875), pseudônimo judaizante adquirido em 1854 por Alphonse-Louis Constant, um padre apóstata****, que é normalmente considerado o inovador e divulgador do ocultismo dos tempos modernos; ele escreveu panfletos ardentes contra a Igreja, o Estado e*

*a ordem social e foi autor de uma densa obra em dois volumes: «****Dogma e Ritual da Alta Magia», finalizada em 1856, o mesmo ano em que «ele teria se entregado com Bulwer-Lytton a experiências teúrgicas que resultaram na aparição de duas entidades: um certo Joannès e Apolônio de Tiana, dos quais receberam um ensinamento»****. Eliphas Lévi, em 1871, escreveu «A Chave dos Grandes Mistérios», sua obra mais cabalística, em uma tentativa de «desocultar o oculto» através de revelações tiradas das diversas «Claviculae Salomonis» de Sepher Jezirah e*

Zohar. Após sua segunda estadia na Inglaterra, parece crível que a S.R.I.A. lhe conferiu o título de «Grande Imperador». É preciso ressaltar que o mesmo ***Eliphas Lévi foi o iniciador ao ocultismo cabalístico "cristão" do mago negro martinista Stanislas de Guaita****, e a ele se deve a declaração de que: «os rituais religiosos de todos os iluminados, Jacob Boehme, Swedenborg, Saint-Martin, provêm da cabala, e todas as associações maçônicas devem a ela seus segredos e símbolos» (afirmação repetida pelo palladista Pike em «Moral e Dogma», obra que, segundo Guénon, deriva diretamente do pensamento de Eliphas Lévi).*

Mas o Grande Mestre mais ilustre da S.R.I.A. foi, sem dúvida, o Dr. William Wynn Westcott (1849-1919), secretário do rito maçônico de Swedenborg, mago negro autor de numerosas obras cabalísticas e herméticas e de uma «História da Sociedade Rosacruciana na Inglaterra» (Londres, 1900), cofundador com outros três membros da S.R.I.A., S.L. Mathers, Woodman e A.F.A. Woodford, de um círculo mais restrito, uma organização comumente conhecida como ***Golden Dawn*** *ou* ***Aurora Dourada****.*

» Epiphanius

Lembramos que **o mentor de Dom Williamson, que decidiu sua entrada no catolicismo,** o escritor britânico anglicano, **ruidosamente e tardiamente « *convertido* » ao catolicismo, Malcolm Muggeridge**, ex-aluno de Cambridge como ele, **estava intimamente ligado por sua esposa e por seu pai aos casais Webb e à *Fabian Society*.**

Essa acumulação de fatos relativos às sociedades secretas globalistas e anglo-saxônicas em torno de Dom Williamson, o ex-estudante de Cambridge, começa a se tornar cada vez mais inquietante.

Quem é realmente Richard Williamson, um dos quatro bispos consagrados por Dom Lefebvre em junho de 1988?

Qual é o seu papel dentro da FSSPX?

Convidamos os clérigos e os fiéis que possuírem documentos sobre Dom Williamson (palestras ou outros) a nos enviar pelo e-mail do site VM.

Na **Parte n°6**, *revelaremos um aspecto curioso da ação do bispo da Rosa na FSSPX.*

Continua…

Continuemos a boa luta.

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 Virgo-Maria.org

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

[2] Continuação de uma série de artigos sobre a verdadeira e oculta ação do ex-anglicano dentro da FSSPX para entregar a Tradição católica às mãos da Igreja conciliar de Ratzinger. Ao final da publicação da série de

artigos, um dossiê será constituído reunindo todos os textos em um mesmo documento que servirá como um dossiê de referência sobre o bispo da Rosa da FSSPX. Essas publicações concretizam um trabalho de pesquisa, cruzamento de informações e reflexão sobre a ação particularmente temível do antigo anglicano dentro da obra de Dom Lefebvre. A parte 1 desta série foi publicada: http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-05-B-00-Mgr_Williamson-contre-Mgr_Fellay.pdf

[3] Cf. **http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

[4] http://www.virgo-maria.org/D-Mgr-Williamson-leurre/biographie_williamson.htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

[5] Visionário que queria unificar o continente africano sob o controle do Império Britânico, criando uma linha ferroviária continental Norte-Sul ligando o Cairo à Cidade do Cabo. Ele até dará seu nome à antiga Rodésia, hoje Tanzânia.

[6] Dez anos depois, em 1901, reprimirá com Lord Kitchener, com a ferocidade já conhecida, a revolta dos bôeres holandeses que buscavam se emancipar de seu domínio na África do Sul.

[7] **O futuro Cardeal Manning, foi em 1870, junto com o futuro Cardeal Newman, uma das figuras de proa do "*Movimento de Oxford*" que buscava a união dos anglicanos à Igreja Católica Romana.**

Foi o cardeal Manning quem iniciou a questão do reconhecimento da validade das ordenações etíopes. Os anglicanos alegavam que, se tal reconhecimento ocorresse, Roma teria que declarar válidas as ordenações anglicanas. O Cardeal Manning agiu na forma de uma questão apresentada ao Santo Ofício. A Providência quis que essa operação falhasse devido à intervenção do eminente teólogo de Pio IX e Leão XIII, o Cardeal Franzelin, que demonstrou em 1875 a invalidade dessas ordenações. Sua intervenção teve repercussões inesperadas, pois vinte anos depois, seus trabalhos foram retomados por conta do Papa Leão XIII, que redigiu sua famosa bula Apostolicae Curae, que declarou infalivelmente "absolutamente nulas e inteiramente vãs" as ordenações anglicanas. Bula que pode ser considerada o Lépante do Sacerdócio sacrificial católico. A base da demonstração de Leão XIII é emprestada à metodologia do Cardeal Franzelin. (cf. http://www.rore-sanctifica.org)

[8] http://en.wikipedia.org/wiki/Rhodes-Milner\Round\Table\Groups

[9] Nota de Epifânio: (339) René Guénon, "Il Teosofismo", vol. I, p. 39.

[10] Nota de Epifânio: (340) Gianni Vannoni, "Le società segrete", Sansoni, 1985, p. 20.

[11] Nota de Epifânio: (341) Segundo a obra, já citada, fora de comércio, impressa em 1945 em Florença, "A Maçonaria": "**No equinócio da primavera... os Rosacruz celebram suas ágapes habituais, imolam o cordeiro, lembrando a fórmula: "Eis o cordeiro de Deus", ou seja, a Natureza imaculada que "remove os pecados do mundo"... A rosa, o emblema maçônico mais delicado e mais amável, flor perfumada da primavera, significa a graça, a venustez, a juventude... A rosa também foi o emblema da mulher; assim como a cruz também simbolizava a virtude geradora do Sol, a combinação dos dois símbolos, a cruz e a rosa, expressa de maneira discreta e gentil, sob uma representação discreta e misteriosa, a incessante reprodução dos seres**" (p. 62). Cf. também F. Giantulli, op. cit., pp. 71 sq.

[12] Nota de Epifânio: (342) O culto egípcio de Ísis, praticado desde a Terceira Dinastia do Antigo Reino (cerca de 2280 a.C.), “formaliza os elementos a serem utilizados como instrumentos para o controle social, para a exploração e a destruição da capacidade criativa das populações submetidas. Esses elementos incluem:

- A utilização de várias drogas para criar a esquizofrenia.

- O uso de sons heterônomos e repetitivos para integrar os efeitos das drogas psicotrópicas e para criar um clima que incentive o uso das drogas.

- A criação de seitas místicas baseadas no mito reacionário de Ísis, mas, ao mesmo tempo, adaptadas ao perfil psicológico da população que a casta dos sacerdotes decidiu subverter.

- A imposição de um modelo político e econômico... que obriga as populações submetidas a trabalhos forçados manuais e não criativos (por exemplo, a construção das pirâmides)”, cit. de “Droga S.p.A.”, cit., p. 273.

[13] Nota de Epifânio: (343) Cf. “Droga S.p.A.”, cit., pp. 226-7.

[14] Nota de Epifânio: (344) “Bulwer Lytton, gênio erudito, famoso por seu romance 'Os últimos dias de Pompéia', não previa sem dúvida que, dezenas de anos depois, um de seus romances inspiraria na Alemanha um grupo místico pré-nazista. Contudo, em obras como 'A Raça que nos Suplantará, ou ainda os Zanons', **ele pretendia destacar a realidade do mundo espiritual e especialmente do mundo infernal. Ele se considerava um iniciado**. Através da transfiguração romanesca, ele exprimia a certeza de que existem seres dotados de poderes sobre-humanos. Esses seres nos suplantarão e conduzirão os eleitos da raça humana a uma formidável mutação. É preciso ter cuidado com essa ideia de uma mutação da raça. A encontraremos em Hitler e ainda não desapareceu hoje” (Louis Pauwells e Jacques Bergier, op. cit., pp. 290-1).

[15] Nota de Epifânio: (345) Yann Moncomble, “Os profissionais do antirracismo”, Paris, 1987, p. 287.

[16] Nota de Epifânio: (346) A Éliphas Levy (Robert: 1893) é atribuída a introdução do termo “ocultismo”, termo de acepção ampla, pois inclui os agrupamentos iniciáticos, as teorias e as práticas esotéricas, mágicas e aquelas que têm relação com o espiritismo, etc.

[17] Nota de Epifânio: (347) Filósofo neopitagórico e mago do século I d.C.

[18] Nota de Epifânio: (348) Cf. M.F. James, “Os precursores da Era de Aquário”, ed. Paulinas, Montreal, 1985, pp. 26-7.

[19] Nota de Epifânio: (349) E. Delassus, op. cit., p. 477.

[20] Epifânio, páginas 162 a 164.

[21] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

O projeto de seminário do padre Laguérie fracassa no Brasil: Dom Rifan se aprofunda ainda mais na apostasia conciliar

segunda-feira, 11 de agosto de 2008

Dois contra-exemplos que deveriam fazer refletir Dom Fellay, enquanto as vozes se multiplicam para pedir a suspensão pura e simples das "discussões**" da FSSPX com Roma**

O Fracasso do IBP no Brasil

O IBP, dirigido pelo padre Laguérie, acaba de publicar um comunicado anunciando sua saída do Brasil, onde seu apostolado e sua tentativa de criação de um seminário, **onde os seminaristas – como em todos os seminários do IBP – são ordenados por pseudo-bispos conciliares totalmente desprovidos da *potestas ordinis* de um bispo católico, e, portanto, como o padre apóstata Joseph Ratzinger ele mesmo – e pela mesma razão – são totalmente incapazes de transmitir validamente o verdadeiro Sacerdócio sacrificial católico – cf. www.rore-sanctifica.org, e, portanto, de ordenar validamente um sacerdote católico**, resultam em um fracasso completo.

> *« Meus caros irmãos,*
> *__Este domingo é muito especial porque **hoje celebro a última Missa pública do Instituto do Bom Pastor no Brasil.** A meu pedido, **o Padre Laguérie decidiu fechar a casa de formação do IBP**. O diácono Vincent e eu partiremos esta semana para a França. Muitas razões motivaram **nossa partida definitiva… (…)** É para mim uma enorme tristeza sacerdotal ver que **praticamente não conheço vocês**. Minha alma está triste hoje.»* Padre Perel, IBP (veja mais abaixo)

É difícil assumir o fracasso de um projeto de seminário; a situação após o fracasso é ainda mais difícil de lidar do que se nada tivesse sido empreendido.

É isso que o padre Laguérie poderia ter meditado, que não poupava críticas aos seminários da FSSPX, mas que, colocado contra a parede, teve que renunciar à tarefa.

Isso é o que expressa Frédéric Curtis no *Forum Catholique*:

> *« O padre Laguérie, pois não concordava mais com o recrutamento dos seminários, deixou a FSSPX para se juntar, algum tempo depois, a um guru na América do Sul que tem seu próprio "seminário". (É verdade, é mais rápido do que recrutar por conta própria!)*
> *__Felizmente, a dita FSSPX não o seguiu nessa! Pois estariam em uma verdadeira encrenca! Parabéns por essa mudança no México, vocês tiveram bom faro, obrigado Dom Fellay! »* Frédéric Curtis

O ralimado Dom Rifan multiplica as concelebrações no novo rito e os reconhecimentos do Vaticano II

A queda cada vez maior de Dom Rifan, superior de Campos, na apostasia da igreja conciliar deveria ser um assunto de meditação para Dom Fellay e indicar claramente que o caminho das "***discussões***" com Roma, que seu entorno de infiltrados não cessa de lhe apresentar, não passa de um espelho para passarinho estendido por Satanás e que não é nada mais do que uma tentação **destinada a precipitar a obra de Dom Lefebvre no abismo do Vaticano II sob a influência do padre apóstata Bento XVI-Ratzinger**.

O fracasso do IBP também deveria fazer refletir Dom Fellay e o padre de Cacqueray, para mostrar que a manutenção do padre Celier, tanto elogiado pelo padre Laguérie, apenas envenena o apostolado da FSSPX na França, mergulhando-o em atitudes e discussões estéreis em torno do *ralliement* e da "*abertura*" à igreja conciliar, **enquanto Nosso Senhor Jesus Cristo reserva Suas graças apenas àqueles que proclamam e defendem publicamente Seu Nome e Seu Evangelho, sem concessão ao modernismo**.

O padre Laguérie atacou violentamente Dom Tissier de Mallerais e o padre Chautard em janeiro de 2008; hoje, não colhe nenhuma bênção celestial, bem ao contrário.

Continuemos a boa luta

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 virgo-maria.org

Informações sobre a cada vez mais profunda imersão do Monsenhor Rifan (Campos) na apostasia conciliar

Estas informações foram publicadas no *Forum Catholique* e ainda não foram objeto da tradicional censura por parte de XA até a presente data.

O único bispo "*Ecclesia Dei*" ainda é católico? por Frédéric Curis (2008-08-05 22:28:43)

1 - Dom Rifan elogia a piedade sem doutrina em uma missa conturbada

Aqui, no dia 28 de junho último, durante o congresso organizado em conjunto pelo diocese de Campos, a administração apostólica e o movimento "Toca de Assis" do padre Roberto (mistura de piedade e carismatismo), você pode ver Dom Rifan elogiando esse movimento logo após a comunhão (portanto, durante a missa). Ele chama então os jovens desse movimento (que se assemelham aos franciscanos de quem se inspiram... esteticamente) e seu fundador, que serve à missa pontifical de Dom Rifan, começa a pular com os braços levantados e abraçar Dom Rifan. Depois Dom Rifan faz ainda aplaudir esse movimento de piedade sem doutrina, etc...

2 - O grave estado de necessidade aumenta em Campos
http://www.youtube.com/watch?v=F7_tM0ya0ME&feature=related

Estes documentos são todos da missa ("nova") do bispo de Campos, no domingo, 29 de junho de 2008. Dom Rifan assiste, mas não concelebrante. Ele comunica tranquilamente. Três mulheres se alternam no púlpito para ler ou cantar... e para cantar num tom sentimental horrível.

3 - Paz! Que divertido esse rito sem rubricas pesadas!
http://www.youtube.com/watch?v=gAXg7nTHTxA&feature=related

Aqui, o sinal da Paz ao qual participa alegremente Dom Rifan.

4 - "...meu irmão Fernando..." ..."por Vós e por TODOS" !!!

http://www.youtube.com/watch?v=mwO3a8jKkis&feature=related

Aqui é a consagração. O bispo diocesano cita no canto do altar Dom Fernando. E ele usará para a consagração a muito habitual falsa tradução de "*pro multis*" por "por todos" diante do silêncio, obviamente, de Dom Rifan!

5 - Campos em estado de grave necessidade - 29 de junho de 2008
http://www.youtube.com/watch?v=oL-pVuov2xc&feature=related

Passagem a ser relacionada à outra com título semelhante. *Kiriale* horrível cantado por um coro de tendência carismática sentimentalista.

6 - Abluções teatrais do padre Roberto diante de Dom Rifan

http://www.youtube.com/watch?v=X7i9c-oRQRg

Aqui vemos o estilo teatral do padre fundador (brasileiro) da Toca de Assis: padre Roberto, muito conhecido em todo o Brasil.

7/ Plena comunhão de D. Rifan com o rito novo protestantizante

http://www.youtube.com/watch?v=kk_KhRG8J4c

Rito "protestantizante", como disse (entre outros!) o padre Rifan em seu livro "*Quer agrade quer desagrade*" de 1999, página 88.

Aqui o vemos comungar sob as duas espécies na nova missa e, em seguida, assistir sem se manifestar à chegada dos ministros, homens e mulheres, para a distribuição da comunhão. Dias antes, o Papa surpreendeu os modernistas ao aconselhar a comunhão na língua. O bispo diocesano, sem citar o Papa, mas ressaltando que celebra quase ao ar livre, pedirá aos fiéis que comunguem na língua. Isso pode ser visto como um avanço por parte do bispo. No entanto, essa participação em uma missa como essa é uma vergonha por parte de Dom Rifan! Somente o bispo diocesano e talvez outro padre distribuem a comunhão; os outros estão sentados ou de joelhos, permitindo que os leigos façam a distribuição, o que ainda é explicitamente proibido no *Redemptionis Sacramentum* n.157!!!

http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=422209

Dom Rifan persiste e assina... "Eu concelebrei" O bispo tradicional em toda a sua plenitude! por Frédéric Curis (2008-08-07 17:47:48)

É incrível ver como **a desinformação foi forte na França a respeito disso.** No Brasil, se há uma evidência que ninguém, nem mesmo Dom Rifan, pode duvidar, é que ele esteve presente e comungou, assim como seu braço direito, o padre Claudiomar, na igreja principal da Administração. Uma nota oficial da Administração justificou imediatamente essas participações ativas no rito novo. Desde então, os casos se multiplicam. Em um programa de televisão (Rede Vida 21.09.2007), Dom Rifan lembrou que havia levado todos os seus seminaristas a uma reunião de seminários diocesanos e que havia CONCELEBRADO com Dom Roberto Guimarães.

Aqui Dom Rifan explica especialmente como levou todos esses seminaristas a essa concelebração diocesana, onde ele enfatiza que ele mesmo concelebrou com Dom Roberto!

Neste mesmo programa, ele enfatiza ainda **que não questionam a ortodoxia da nova missa, que o vernáculo foi um grande avanço, que estão altamente atualizados, que não rejeitam o Vaticano II...etc...**

A um padre francês preocupado, Dom Rifan explica: "**Eu não participei ativamente, fiz de conta**". Aqui

Mas ele fez de conta que subiu ao altar?

(No clipe, aos 38 segundos, ele chega pela esquerda). Ele simulou a comunhão após fazer a genuflexão? (clipe: 1 minuto e 2 segundos)

O padre Claudiomar Silva Souza, responsável pela liturgia da Administração Apostólica de Campos, também comungou no rito novo. aqui

Aos 11 segundos, o reconhecemos pela sua tonsura bem tradicional; aos 30 segundos, o reconhecemos... muito menos tradicional, quando ele comunga de maneira progressista. A nova missa não é mais "um caso de consciência" para eles. Antes, nem era possível assistir; hoje, é absolutamente necessário aceitar participar dela para manter o título de católico.

Último sermão do IBP no Brasil, por Frédéric Curis (2008-08-07 07:45:27)

Meus caros irmãos,

Este domingo é muito especial porque **hoje celebro a última Missa pública do Instituto do Bom Pastor no Brasil.** A meu pedido, **o Padre Laguérie tomou a decisão de fechar a casa de formação do IBP.** O diácono Vincent e eu partiremos esta semana para a França. Muitas razões motivaram **nossa partida definitiva**, mas para evitar qualquer polêmica e não ferir ninguém em particular, darei apenas uma razão que diz respeito a muitos.

Não se trata de acertos de contas; este não é o lugar nem o momento. Além disso, devo agradecer a vocês pela ajuda financeira. Vocês nunca faltaram à generosidade. A questão que apresento e que deixo para sua meditação é a seguinte: Qual lugar deve ser dado ao sacerdote em uma vida cristã?

Durante esses seis meses no Brasil, **tive a sensação de que, para muitos, o sacerdote é apenas um distribuidor de sacramentos**. Sem dúvida, o sacerdote é o homem da missa e da liturgia, e é por isso que ele foi chamado por Jesus Cristo, o Grande Sacerdote. E, apesar de suas fraquezas, o sacerdote continua a obra salvadora de Jesus Cristo. Ele infunde a vida da graça nas almas pelo sacramento do batismo; ele perdoa os pecados em nome de Cristo no sacramento da penitência e renova, de maneira não sangrenta, o sacrifício do calvário a cada missa. Tantas coisas maravilhosas que apenas a sabedoria de Deus poderia instituir. Somente Deus poderia correr o risco de confiar tal tesouro a vasos de barro. E a salvação das almas que Nosso Senhor confiou a seus sacerdotes é um fardo terrível e uma missão exaltante. Mas o sacerdote não é apenas isso.

Alguns entre vocês já se perguntaram por que o sacerdote é chamado de "padre"?

Porque devemos admitir que as palavras que usamos têm um significado, correspondente à realidade que designam.

Portanto, não é surpreendente que o termo "padre" não evoca diretamente a dimensão sacrificial de sua obra. No entanto, ele evoca a paternidade espiritual do sacerdote. O sacerdote é um pai porque, por meio dos sacramentos, começando pelo batismo, mas não apenas por eles, ele infunde a vida divina nas almas. E essa é uma das razões do celibato eclesiástico na Igreja Romana. O sacerdote renuncia à paternidade natural em vista de uma outra mais perfeita: a paternidade espiritual. "Ninguém que tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou campos por minha causa e por causa do Evangelho, deixará de receber, já neste tempo, cem vezes mais, em casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições, e, no mundo vindouro, a vida eterna." (Marcos X:29-30).

Essa promessa de Jesus Cristo se realiza eminentemente no sacerdote e na vida religiosa, mas é preciso que seus filhos aceitem essa paternidade, que consintam em ver no sacerdote um verdadeiro pai para suas almas, e, sobretudo, que tal paternidade não se exerça apenas na capela. É nesse ponto que **a atitude de alguns é errada, pois limitam o sacerdote à capela, impedindo-o de ir mais longe em sua paternidade espiritual**.

Não quero dizer que o sacerdote deve dirigir tudo nas famílias, mas, na prática, muitos nunca me permitiram entrar no seio das famílias.

Para mim, é uma enorme tristeza sacerdotal ver que **praticamente não conheço vocês**. Minha alma está triste hoje.

Essa decisão de encerrar o apostolado brasileiro não foi tomada com alegria no coração. Não se trata de rancor nem de ódio, mas da tristeza de ter batido em portas que permaneceram fechadas.

Padre Roch Perrel

Falta de prudência do Sr. Padre Laguérie?

Lamentamos informar o que se segue:

Devido à falta de condições mínimas para exercer um apostolado frutífero, **terminam as atividades públicas do Instituto do Bom Pastor em São Paulo, fechando assim a Casa de formação Nossa Senhora do Bom Conselho.** De todo coração, suplicamos a Deus Nosso Senhor e à sua santíssima Mãe que, muito em breve, as atividades apostólicas confiadas pelo Santo Padre ao IBP em um território tão vasto e promissor para o futuro da Santa Igreja de Deus possam ser restabelecidas, em melhores condições.

As provações atuais que o IBP enfrenta, não apenas são o sinal da Cruz que necessariamente marca toda obra de Deus, mas também são o presságio de uma abundante colheita futura de almas e uma ocasião imerecida que a Providência nos oferece, para que possamos oferecer nossa pequena contribuição, com a certeza de que estamos cooperando com o Papa na vitória que esperamos não estar longe, da Santa Igreja Católica Romana.

Non nobis Domine, non nobis: sed nomine tuo da gloriam.

Padre Rafael Navas Ortiz IBP

Observação de um padre local:

Alinha-se a um grupo que possui as características conhecidas (notadamente denunciadas publicamente e na própria sede dessa associação Montfort pelo professor Orlando Fedeli, há mais de 13 anos por Dom Licinio Rangel em ocasião de um sermão…) de um grupo sectário. Portanto, devemos agora fugir para cortar as relações imprudentemente estabelecidas, **e tudo isso é providencial, é claro! Um pouco fácil, no entanto!**

A Casa era alugada pela Montfort, a associação Nossa Senhora do Bom Conselho é presidida por André Palma, um incondicional de Orlando Fedeli. A dependência dessa seita era total, absolutamente imprudente da parte dos superiores do IBP. No Brasil, nos fizeram acreditar durante meses (isso ainda está no blog "IBP-LA" - um simples motor de busca o levará até lá) que o superior do IBP Brasil era o padre Renato Leite. Mas ele na verdade nunca foi membro do IBP!!! Jovens se apresentavam lá para provar sua vocação. Eles eram recebidos e selecionados pelo Professor Orlando Fedeli, que lhes dizia se tinham ou não a vocação. Ele mesmo e outros membros da Montfort ofereciam uma formação filosófica e teológica! Uma cadeia de absurdos e escândalos **= providenciais, providenciais, providenciais...**

As vocações DESTRUÍDAS pela Montfort há mais de vinte anos são dezenas. O mosteiro da Santa Cruz e o seminário de Campos lembram-se disso muito bem!

O padre Perrel fala de seis meses, mas já se passaram muito mais de seis meses desde que o IBP supostamente estava no Brasil... A inauguração OFICIAL ocorreu em 15 de março de 2007 (veja o blog ibp - antes que tudo fosse retirado... mas não se preocupe, fizemos um backup. No blog havia uma entrevista em

vídeo do padre Navas com um representante da Montfort, Alberto Zucchi. = **hoje desaparecida! Muitos, muitos fatos providenciais!!!!!!!**

Nota: o próprio irmão de Orlando Fedeli, MARCEL FEDELI, havia anunciado triunfalmente no ... fórum católico...,

aqui, **aqui**, **aqui**, **aqui**, **e aqui**.

Senhor padre Laguérie, como não concordava mais com o recrutamento dos seminários, deixou a FSSPX para se juntar, algum tempo depois, a um guru na América do Sul que tem seu próprio "seminário". (É verdade, é mais rápido do que recrutar um por conta própria!)

Felizmente, a dita FSSPX não o seguiu nesse passo! Pois estariam em uma verdadeira enrascada! Parabéns por essa mudança no México, vocês tiveram bom senso. Obrigado, Dom Fellay!

Aliás, a propósito do IBP, o que se tornou o senhor padre Prieur?

A FSSPX não queria ordená-lo. Era um elétron livre. O senhor padre Laguérie teve mais sucesso?

O Grande Rabino da Grã-Bretanha prega o noachismo diante dos anglicanos em Lambeth 2008 (Kent)

Sábado, 9 de agosto de 2008

Tradução em francês do discurso de Sir Jonathan Sacks, grande rabino da Commonwealth, na conferência Anglicana de Lambeth, em 19 de julho de 2008

Avaliação oficial de Lambeth no relatório final

« 91. Honramos a relação especial que temos, como cristãos, com a comunidade judaica. Foi um prazer e uma honra para a Conferência ser abordada pelo Rabino Sir Jonathan Sacks, Grande Rabino das Congregações Hebraicas Unidas da Commonwealth. Seu discurso nos emocionou e desafiou com uma poderosa apresentação sobre a compreensão bíblica da aliança, que permite ao povo de Deus enfrentar o futuro sem medo. A aliança, insistiu ele, é a redenção da solidão. Se pudermos honrar uma aliança de destino juntos, fazemos espaço para Deus e para os outros e avançamos juntos em direção a uma aliança de fé. Em um emocionante apelo final, ele observou que a Comunhão Anglicana tem se mantido unida de forma mais graciosa do que qualquer outra religião que conhece. Renovamos nosso compromisso com o diálogo contínuo e a amizade genuína com o povo judeu."

*Relatório final da conferência de Lambeth 2008**[1]***

Que o tradutor seja aqui calorosamente agradecido por seu trabalho

---

Conferência de Lambeth - Discurso de Sir Jonathan Sacks, Grande Rabino da Grã-Bretanha

Queridos amigos, este momento é muito emocionante para mim. Vocês me convidaram, eu, um judeu, a participar de suas deliberações: sou grato a vocês, e também agradeço por tudo o que isso implica. Nossas duas religiões têm uma longa história em comum, e minha presença aqui hoje – eu que considero o Arcebispo de Canterbury e o Arcebispo de York como queridos irmãos – é um sinal de esperança para nossos filhos e para o mundo que eles herdarão.

Há muitos séculos, sábios judeus se perguntaram quem poderia ser o maior de todos os heróis. Eles concluíram que não era aquele que vence seu inimigo, mas aquele que faz um amigo de seu inimigo. É isso que aconteceu entre judeus e cristãos: os estrangeiros se tornaram amigos. E nesta ocasião – a primeira, eu acredito, em que foi dado a um rabino a oportunidade de se expressar diante de uma sessão plenária da Conferência de Lambeth – quero dar graças a Deus proferindo as palavras da antiga benção judaica: *« Shehecheyanu vekiyemanu vehigiyanu lazman hazeh »*; em outras palavras: Obrigado, Meu Deus, por nos ter conduzido até este momento.

I.

Vocês me pediram para tratar do tema do pacto, e é isso que farei. Descobriremos não apenas uma ideia transformadora, uma ideia que nos muda à medida que a concebemos, não apenas um caminho a seguir para

a religião no século XXI: também nos tornaremos mais capazes de responder à pergunta sobre qual é o papel da religião na sociedade, incluindo em uma sociedade laica como a sociedade britânica.

Comecemos nossa viagem em um lugar onde estive na quinta-feira passada: em Westminster. Foi um dia tão bonito que visitei minha neta no caminho de volta para levá-la a conhecer alguns lugares notáveis de Londres. Começamos onde estamos: em frente ao Parlamento. Ela me pergunta o que se faz lá, e eu lhe respondo: política. Ela me pergunta então o que é política, e eu lhe digo que tem a ver com a criação e a distribuição do poder.

Em seguida, fomos até a City, em frente ao Banco da Inglaterra. Ela me pergunta o que se faz lá, e eu respondo: economia. Ela me pergunta então o que é economia, e eu digo que tem a ver com a criação e a distribuição da riqueza.

Finalmente, no caminho de volta, passamos pela catedral de São Paulo. Minha neta me pergunta o que se faz lá, e eu respondo: adoração. Ela pergunta de novo: o que é adoração? O que ela cria e distribui? E essa é uma boa pergunta, porque ao longo dos últimos cinquenta anos, nossas vidas foram dominadas pelas duas outras instituições: a política e a economia, o Estado e o mercado, a lógica do poder e a lógica da riqueza. O Estado somos nós coletivamente. O mercado somos nós individualmente. E a questão a ser resolvida é a seguinte: qual é a mais eficaz? A esquerda tende a favorecer o Estado, a direita tende a favorecer o mercado, e há uma infinidade de nuances entre um e outro.

Mas o que essa equação dual exclui é um terceiro fenômeno de suma importância, e eu quero explicar por quê. O Estado é o poder. O mercado é a riqueza. E essas são duas maneiras de fazer as pessoas fazerem o que queremos. Ou as forçamos, e essa é a maneira do poder, ou as pagamos, e essa é a maneira da riqueza.

Mas existe um terceiro caminho, e para entendê-lo, vamos fazer uma simples experiência intelectual. Vamos imaginar que temos poder total e queremos compartilhar com mais nove pessoas. De que poder disporíamos então? De um décimo do que tínhamos inicialmente.

Suponhamos agora que decidamos compartilhar, não poder ou riqueza, mas amor, amizade, influência, até mesmo conhecimento com nove outras pessoas. O que nos restará? Teremos menos do que antes? Pelo contrário, teremos mais, talvez dez vezes mais do que antes.

Por quê? Porque o amor, a amizade e a influência são coisas que só existem na medida em que são compartilhadas. A meu ver, esses bens estão relacionados a um pacto, e quanto mais os compartilhamos, mais temos.

A curto prazo, pelo menos, a riqueza e o poder se inscrevem em um jogo onde sempre há um perdedor: se eu ganho, você perde; se você ganha, eu perco. Enquanto isso, os bens relacionados a um pacto se inscrevem em um jogo ganha-ganha: se eu ganho, você também ganha, e vice-versa. Isso tem enormes consequências.

A riqueza e o poder, a economia e a política, o mercado e o Estado provocam a *concorrência*, enquanto os bens relacionados a um pacto geram a *cooperação*.

Onde se encontram bens dessa natureza, como amor, influência, confiança? Eles nascem não do Estado ou do mercado, mas em casamentos, famílias, congregações, amizades e comunidades – mesmo na sociedade, se entendermos que a sociedade é algo além do Estado.

Para enxergar bem o que está em jogo, é preciso perceber a diferença entre duas coisas que se assemelham e fazem o mesmo som, mas apenas em aparência: o *contrato* e o *pacto*.

Em um contrato, pelo menos duas pessoas – cada uma buscando seus próprios interesses – se unem para realizar uma troca mutuamente benéfica. Assim, distingue-se o contrato comercial, que cria o mercado, e o contrato social, que cria o Estado.

Um pacto é outra coisa. Em um pacto, pelo menos duas pessoas – cada uma respeitando a dignidade e a integridade da outra ou das outras – estabelecem entre si um laço de amor e confiança para compartilhar seus interesses, às vezes até mesmo suas vidas, prometendo fidelidade mútua para realizar o que nenhum deles poderia fazer sozinho.

Um contrato é uma *transação*. Um pacto é uma *relação*. Ou, em termos ligeiramente diferentes, um contrato envolve interesse, enquanto um pacto envolve identidade e nos leva, a você e a mim, a formar um "nós". É por isso que um contrato *beneficia*, enquanto um pacto *transforma*.

Portanto, a economia e a política, o mercado e o Estado, pertencem a uma lógica de concorrência, enquanto o pacto pertence a uma lógica de cooperação.

II.

Agora eu gostaria de levantar a questão de por que uma sociedade não pode existir na ausência de cooperação, por que o Estado e o mercado não são suficientes para sustentá-la.

A resposta a essa pergunta é absolutamente fascinante e começa com Charles Darwin.

Darwin enfrentou um problema que não conseguiu resolver. Ele nos disse que toda a vida evolui por seleção natural, ou seja, por uma competição para obter recursos raros, como alimento e abrigo.

Esperar-se-ia que toda sociedade valorizasse os indivíduos mais competitivos, e até mesmo os mais impiedosos. Mas Darwin observou que esse não era o caso. Na verdade, em toda sociedade que ele conhecia, eram os indivíduos mais altruístas, não os mais competitivos, que recebiam mais valor e admiração. Usarei, a esse respeito, a linguagem de Richard Dawkins: genes egoístas se agrupam e produzem pessoas egoístas. Esse era o paradoxo de Darwin, que permaneceu sem solução até o fim da década de 1970.

Foi então que três disciplinas muito diferentes começaram a convergir: a sociobiologia, um ramo da matemática chamado teoria dos jogos, e a simulação computacional de alta velocidade. Juntas, elas produziram o que chamamos de dilema do prisioneiro repetido.

Em resumo, o que elas permitiram descobrir é que, embora a seleção natural opere pelos genes dos indivíduos, estes – com certeza nas formas de vida superiores – sobrevivem apenas porque fazem parte de um grupo. E o grupo sobrevive somente com base na reciprocidade e na confiança, sobre a base do que eu chamo de pacto, ou ainda a lógica da cooperação. Quando um homem se opõe a um leão, é o leão que vence. Quando dez homens se opõem a um leão, eles têm suas chances.

Parece que tudo o que caracteriza o *Homo sapiens* – a linguagem, o tamanho do cérebro, até mesmo o senso moral – está relacionado à capacidade de formar e manter um grupo: quanto mais desenvolvido o cérebro, maior é o grupo.

Os neodarwinistas falam a esse respeito de altruísmo recíproco, os sociólogos de confiança, e os economistas de capital social. Essa é uma das grandes descobertas intelectuais de nossa época. Os indivíduos precisam do grupo. O grupo precisa da cooperação. E a cooperação precisa de um pacto, de um laço de reciprocidade e confiança.

Esse sempre foi o papel da religião. Afinal, a raiz latina da palavra "religião" significa "ligar". Um pensador conservador como Edmund Burke, um revolucionário como Thomas Paine, um sociólogo como Émile Durkheim ou um observador externo como Alexis de Tocqueville perceberam esse fenômeno, ainda que cada um o tenha explicado à sua maneira. E o fenômeno em questão já foi demonstrado cientificamente desde então. A sociedade não pode sobreviver se nela houver apenas competição sem qualquer cooperação, se houver apenas o Estado e o mercado sem qualquer relação estabelecida por um pacto.

O que acontece, então, a uma sociedade quando a religião está em declínio e não há nenhum outro pacto para substituí-la?

As relações se rompem, o casamento retrocede, a família se fragiliza, e as comunidades se atrofiam. O resultado é que os indivíduos se sentem solitários e vulneráveis. Se expressam seus sentimentos, muitas vezes correm o risco de sentir uma raiva que pode se transformar em violência. Se os interiorizam, se expõem a estados depressivos, síndromes relacionadas ao estresse, distúrbios alimentares, abuso de álcool ou drogas. Em ambos os casos, a abundância material vem acompanhada de uma miséria espiritual.

Isso não acontece de uma só vez, mas lenta, gradual e inexoravelmente. Uma sociedade desprovida de pactos e das instituições necessárias para inspirá-la e sustentá-la acaba por se desintegrar. O processo, que começa com uma perda de convivialidade na vida coletiva, termina por culminar em uma perda de liberdade.

III.

É a esse ponto que chegamos. Vejamos agora como tudo começou.

No antigo Oriente Próximo, os pactos se apresentavam na forma de tratados entre tribos ou Estados. Eles tinham pouco a ver com a religião. Ao contrário, no mundo antigo, a religião estava relacionada com a política e a economia, o poder e a riqueza. Os deuses eram os poderes supremos. Eles também eram os senhores da riqueza, ou seja, – neste caso – da chuva, da fertilidade e dos produtos da terra. Portanto, se alguém queria poder e riqueza, precisava agradar aos deuses.

Nessas condições, a ideia de que pudesse haver um pacto entre Deus e a humanidade parecia absurda. Se você tivesse dito às pessoas que poderia existir, entre o infinito e o finito, entre o eterno e o efêmero, um vínculo de amor e confiança, eu acredito que teriam lhe respondido: vá descansar até que melhore.

Se você tivesse acrescentado que Deus ama, não os ricos e poderosos, mas os pobres e aqueles que não têm poder, teriam olhado para você como se fosse um louco. E, no entanto, é essa ideia que transformou o mundo.

O pacto é a palavra-chave do Tanakh (Bíblia hebraica), na qual aparece 250 vezes. Ninguém expressou isso de forma mais simples do que o profeta Oséias, em termos que repetimos todas as manhãs da semana no início de nossas orações:

Eu te desposarei para sempre;

eu te desposarei na justiça e no julgamento,

na graça e na ternura;

eu te desposarei na fidelidade,

e você conhecerá Yahweh ***[2]****.*

Um pacto equivale a um noivado, é um vínculo de amor e confiança. E é o profeta Jeremias quem, em nome de Deus, expressou magnificamente o resultado:

Eu me lembrei da piedade da sua juventude,

do amor do seu noivado,

quando você me seguia no deserto,

na terra que não se semeia ***[3]****.*

IV.

Encontramos três pactos em Gênesis e Êxodo, que são os primeiros livros da Bíblia: o primeiro, em Gênesis IX, é aquele celebrado com Noé e, através dele, com toda a humanidade; o segundo, em Gênesis XVII, é o que foi celebrado com Abraão; o terceiro, em Êxodo XIX-24, é o que foi celebrado com os israelitas na época de Moisés. E nenhum dos três substitui um dos outros dois. Sem entrar em detalhes, agora gostaria de mencionar uma distinção importante entre dois tipos de pactos.

Devemos essa distinção a um homem que considero o maior pensador judeu do século XX, um homem cujo nome pode ser familiar para você: o rabino Joseph Soloveitchik.

A maneira mais simples de abordar a questão é perguntar-se em que momento os israelitas se tornaram uma nação. Os livros mosaicos dão duas respostas aparentemente contraditórias sobre isso. De acordo com a primeira, esse momento é o do exílio no Egito. Assim está escrito em Deuteronômio XXVI: "Nossos antepassados desceram ao Egito e lá se tornaram uma nação [4]". Segundo a outra resposta, esse momento só ocorreu quando os israelitas efetivamente *deixaram* o Egito e estavam ao pé do monte Sinai, onde se tornaram, conforme Êxodo XIX, *"um reino de sacerdotes e uma nação santa"*. Assim, as duas respostas parecem não poder ser verdadeiras ao mesmo tempo. Mas essa impressão é justificada?

De acordo com o rabino Soloveitchik, ambas são válidas, mas cada uma implica a existência de um pacto distinto. Ele afirma que existe um pacto de *destino* e um pacto de *fé*, e são duas coisas muito diferentes.

Os membros de um grupo podem estar ligados por um pacto de destino quando sofrem juntos, quando enfrentam um inimigo comum. Eles compartilham dores, medos, responsabilidades. Eles se aproximam para se consolar e se proteger mutuamente. O pacto de destino é isso.

O pacto de fé é completamente diferente. Ele é celebrado por pessoas que compartilham os mesmos sonhos, as mesmas aspirações, os mesmos ideais. Elas não precisam de um inimigo comum, pois têm uma esperança comum. Elas se reúnem para criar algo novo. Elas se definem não pelo que lhes acontece, mas pelo que se comprometem a realizar. Isso é o pacto de fé.

Você entende agora como é que os israelitas tiveram dois momentos fundadores: o primeiro no Egito, o segundo no Sinai. No Egito, eles se tornaram uma nação ligada por um pacto de destino, um destino de escravidão e sofrimento. No Sinai, eles se tornaram uma nação ligada por um pacto de fé definido pela Torá e pelos mandamentos de Deus. Essa distinção é essencial em relação ao que tenho a dizer hoje.

Por que então ninguém fez essa distinção antes do rabino Soloveitchik, ou seja, antes da segunda metade do século XX? A resposta está em uma palavra: Holocausto.

No que diz respeito à fé, os judeus dos séculos XIX e XX estavam profundamente divididos. Mas durante o Holocausto, eles compartilharam o mesmo destino, sejam ortodoxos ou não ortodoxos, religiosos ou indiferentes, marcados por sua identidade ou totalmente assimilados. O que o rabino Soloveitchik fez para esse mundo judaico tão fragmentado foi devolver a ele o sentido de solidariedade com as vítimas. Daí sua ideia, sempre implícita na tradição, mas nunca tão bem explicitada anteriormente, da existência de um pacto de destino, mesmo na ausência de um pacto de fé.

V.

Esta distinção sendo estabelecida, é permitido avançar uma proposta de extrema importância. Se lermos superficialmente Gênesis e Êxodo, temos a impressão de que os pactos de Noé, de Abraão e do Sinai são uma só e mesma coisa. Mas agora vemos que tal impressão não corresponde à realidade.

Os pactos de Abraão e do Sinai são pactos de fé. Mas o pacto de Noé não diz nada sobre fé. O mundo havia sido quase completamente destruído pelo dilúvio. Toda a humanidade, toda a vida – exceto aquela abrigada na Arca de Noé – havia conhecido o mesmo destino. A humanidade depois do Dilúvio era comparável ao

povo judeu após o Holocausto. O pacto de Noé não é um pacto de fé, é um pacto de destino.

Deus diz: nunca mais destruirei o mundo. Mas não posso prometer que *vocês* nunca destruirão o mundo, porque eu os dotei de livre-arbítrio. Tudo o que posso fazer é ensinar-lhes como não destruir o mundo. Como?

O pacto de Noé possui três dimensões. Primeiramente, *"Quem derramar o sangue do homem, pelo homem seu sangue será derramado, pois Deus fez o homem à sua imagem"* [5]. O primeiro elemento é, portanto, a *santidade da vida humana*.

Em segundo lugar, leiam atentamente Gênesis XIX, e vocês verão que *cinco vezes*, Deus insiste que o pacto de Noé se aplica não apenas à humanidade, mas também a toda a vida na terra. O segundo elemento é, portanto, a *integridade do mundo criado*.

A terceira dimensão do pacto de Noé é representada pelo arco-íris, símbolo do pacto, no qual a luz branca de Deus se refrata em todas as cores do espectro. O arco-íris simboliza o que chamei de dignidade da diferença. O milagre que está no coração do monoteísmo é que a unidade até este ponto cria unidade a partir deste próprio ponto. Essas três dimensões definem o pacto de fé.

Em Isaías XI, encontramos a célebre profecia segundo a qual o lobo habitará com o cordeiro. Isso ainda não aconteceu (apesar do caso – de autenticidade duvidosa – desse zoológico onde, em uma mesma jaula, um leão realmente habita com um cordeiro. "Como vocês fazem isso?", pergunta um visitante. "É simples", responde o cuidador do zoológico: "é só precisamos de um cordeiro a cada dia".)

No entanto, houve uma época em que o lobo habitava *sim* com o cordeiro. Quando foi isso? Durante o Dilúvio, na Arca de Noé. Como isso aconteceu? Não porque o lobo e o cordeiro eram amigos, mas porque, caso contrário, teriam se afogado. Esse é o pacto de destino.

Note que o pacto de destino *precede* o pacto de fé, pois a fé é particular, enquanto o destino é universal. Esse é, portanto, o que descreve Gênesis IX: o pacto mundial da solidariedade humana.

VI.

Tudo isso me leva à época atual. Vivemos em uma das eras de mudanças mais marcantes, determinadas por destino, desde o surgimento do *Homo sapiens*. A globalização e as novas tecnologias da informação fazem duas coisas ao mesmo tempo. Primeiramente, fragmentam nosso mundo: a radiodifusão se segmenta cada vez mais, as culturas nacionais se debilitam e nos dispersamos em seitas cada vez menores.

Mas a globalização também tem o efeito de nos amalgamar uns aos outros como nunca aconteceu antes. A destruição de uma floresta tropical agrava o aquecimento global em todo lugar. Um conflito político que explode em um lugar pode suscitar um atentado terrorista em outro lugar do mundo. A pobreza verificada em um lugar pode despertar as consciências em outro lugar. No exato momento em que os pactos de fé se quebram em mil pedaços, o pacto de destino nos força a nos reunir, *e ainda não nos mostramos à altura deste pacto*.

Os três elementos do pacto mundial estão em perigo. O terrorismo profana a santidade da vida humana. A catástrofe ambiental ameaça a integridade da criação. O respeito pela diversidade está ameaçado pelo que um autor chamou de choque das civilizações. Repetimos: o pacto de destino precede o pacto de fé. Antes de podermos *vivenciar* qualquer religião, precisamos viver, pura e simplesmente. E precisamos honrar nosso pacto com as gerações futuras para que elas possam herdar um mundo onde seja possível viver. É isso que Deus espera de nossa época.

VII.

Queridos amigos, estou aqui diante de vocês como um judeu, ou seja, não apenas como indivíduo, mas como representante do meu povo. E ao preparar este discurso, minha alma estava repleta das lágrimas dos meus antepassados. Pode-se ter esquecido, mas durante mil anos, da Primeira Cruzada ao Holocausto, a palavra "cristão" aterrorizou os corações judeus. Pensem apenas nos termos e expressões que o encontro dos judeus com o cristianismo acrescentou ao vocabulário do sofrimento humano: crimes de sangue, auto-da-fé de livros, disputas, conversões forçadas, inquisição, auto-da-fé de seres humanos, guetos, pogroms.

Eu não poderia me apresentar aqui hoje de maneira sincera sem mencionar esse livro das penas judaicas.

E eu me perguntei: o que nossos antepassados esperariam de nós hoje?

A resposta a essa pergunta reside na cena que constitui o clímax e o encerramento de Gênesis. Lembrem-se: após a morte de Jacó, os irmãos temem a vingança de José. Afinal, eles o venderam como escravo no Egito.

Mas José perdoa, e faz mais do que perdoar. Ouçam atentamente suas palavras:

"Vocês tinham a intenção de me fazer mal;

mas Deus tinha a intenção de tirar um bem,

para realizar o que acontece hoje,

para conservar a vida de um povo numeroso" [6].

José faz mais do que perdoar. Ele diz que do mal surgiu um bem. Pois por causa do que vocês me fizeram, consegui salvar muitas vidas. Quais vidas? Não apenas as de seus irmãos, mas também as de egípcios e estrangeiros. Eu consegui alimentar os que tinham fome. Eu consegui honrar o pacto de fé. E ao honrar o pacto de destino entre ele e os estrangeiros, José pode restaurar o pacto de fé entre ele e seus irmãos, que havia sido rompido.

Na verdade, José diz a seus irmãos: não podemos *apagar* o passado, mas podemos *redimi-lo* se usarmos nossas lágrimas para nos sensibilizar às de outros.

E assistimos aqui a algo notável. Embora Gênesis tenha a ver com o pacto de fé entre Deus e Abraão, ele começa e termina com o pacto de destino: primeiro na época de Noé e, mais tarde, na de José.

Em ambos os casos, há água. No caso de Noé, ela é abundante: é um dilúvio; no caso de José, ela é escassa: é uma seca.

Em ambos os casos, há o salvamento de vidas humanas. Mas Noé salva sua própria família, enquanto José salva uma nação inteira de estrangeiros.

Em ambos os casos, há perdão. No de Noé, é Deus quem perdoa. No de José, é um homem que perdoa.

Por fim, em ambos os casos, há uma relação com o passado. No de Noé, o passado é obliterado. No de José, o passado é redimido.

VIII.

E hoje, entre judeus e cristãos, esse passado está sendo redimido. Em 1942, no meio da noite mais sombria que a humanidade já conheceu, um ilustre Arcebispo de Cantuária, William Temple, e um destacado Grande Rabino, J. H. Hertz, firmaram juntos um pacto de destino fundamental chamado o Conselho de Cristãos e Judeus. Desde então, judeus e cristãos têm feito mais para melhorar suas relações do que qualquer outras duas religiões na Terra, de modo que nos encontramos hoje como amigos muito queridos.

Agora, precisamos expandir ainda mais essa amizade. Devemos renovar o pacto mundial de destino, aquele que começou no tempo de Noé e deveria atingir seu auge com a missão realizada por José, que consiste em salvar muitas vidas.

É exatamente isso que começamos a fazer na última quinta-feira, quando caminhamos lado a lado: cristãos, judeus, sikhs, muçulmanos, hindus, budistas, jainistas, zoroastrianos e baha'is. Pois, se não compartilhamos a mesma fé, certamente compartilhamos o mesmo destino. Independentemente de nossa fé ou ausência de fé, a fome sempre causa sofrimento, a doença sempre aflige, a pobreza sempre desfigura e o ódio sempre mata. Poucos autores expressaram isso com tanta precisão quanto o grande poeta cristão John Donne: "A morte de qualquer ser humano me diminui, pois sou parte da humanidade inteira".

Queridos amigos, se lermos Gênesis L, veremos que logo antes de José pronunciar suas magníficas palavras de reconciliação, o texto diz: "José chorou". Por que José chorou? Ele chorou por todas as sofrimentos desnecessários que os irmãos causaram uns aos outros. Nós mesmos, não choramos ao ver as imensas dificuldades que a humanidade enfrenta neste século vinte e um: miséria, fome, doença, catástrofe ambiental. Mas qual é o rosto que a religião muitas vezes apresenta ao mundo? O dos conflitos entre as religiões e, às vezes, até dentro das próprias religiões.

Nós, judeus e cristãos, que trabalhamos tão arduamente e de forma tão eficaz pela nossa reconciliação, devemos mostrar ao mundo um outro caminho que consiste em honrar a humanidade como sendo feita à imagem de Deus, proteger o meio ambiente como sendo a obra de Deus, respeitar a diversidade como proveniente da vontade de Deus e manter o pacto como sendo a palavra de Deus.

Por muito tempo habitamos no vale de lágrimas.

Caminhemos juntos em direção à montanha do Senhor,

lado a lado,

mão na mão,

ligados por um pacto de destino que transforma estranhos em amigos.

Em uma época de medo, sejamos agentes de esperança.

Sejamos juntos uma bênção para o mundo.

---

[1] http://www.lambethconference.org/vault/Reflections_Document_(final).pdf.pdf) ou

[2] NdT: Tradução fornecida pela Bíblia do cónego Crampon.

[3] NdT: Idem.

[4] NdT: A tradução fornecida pela Bíblia do cónego Crampon é tanto mais longa quanto sensivelmente diferente: *“Meu pai era um arameu prestes a perecer; ele desceu ao Egito com poucos homens e lá viveu como estrangeiro; lá ele se tornou uma nação grande, poderosa e numerosa.”*

[5] NdT: Tradução fornecida pela Bíblia do cónego Crampon.

[6] Id.

A doutrina católica condenando a homossexualidade, em particular a clerical

sexta-feira, 9 de janeiro de 2009

Extraído dos textos do Magistério ou dos Doutores católicos

Em complemento ao VM que retoma os trabalhos de Randy Engel, onde ela questiona[1] sobre se " ***Bento XVI é um homossexual*** *?* ", publicamos aqui extratos da doutrina do Magistério católico.

Destacamos dois documentos do **grande Pontífice São Pio X.**

No seu Catecismo de 1910, de fato, o " ***pecado de impureza contra a natureza*** " é classificado, por **sua gravidade, no segundo lugar, após o homicídio voluntário, na lista dos pecados que "clamam vingança diante de Deus"** (Grande Catecismo, nº 966).

> *"Diz-se que esses pecados - explica o Catecismo - clamam vingança diante de Deus, porque o Espírito Santo o diz e porque sua iniquidade é tão grave e manifesta* ***que provoca Deus a punir com as penas mais severas*** *"* (nº 967).

O Direito Canônico previa a pena de "infâmia"

O Código de Direito Canônico promovido por São Pio X, mas publicado por Bento XV em 1917, e que permaneceu em vigor até 1983, trata da sodomia nos "***delitos opostos ao sexto mandamento*** ", assim como o incesto e **outros delitos, incluindo a bestialidade** (R. Naz, Tratado de Direito Canônico, t. IV, lib. V, p. 761).

O delito de sodomia é punido, no que diz respeito aos leigos, pela **pena de infâmia** *ipso facto* e outras sanções a serem impostas ao julgamento esclarecido do bispo, e em proporção à gravidade do caso particular (cânon 2357); **no que diz respeito aos eclesiásticos e religiosos**, se se trata de clérigos menores (ou seja, de grau inferior ao diaconato) por penas diversas, em função da gravidade da falta, que pode ir até a redução ao estado laico (cânon 2358), e **se se trata de clérigos maiores (ou seja, diáconos, padres e bispos), que sejam *"atingidos por suspensão, declarados infames, privados de todo cargo, benefício, dignidade ou encargo, e nos casos mais graves podem ser depostos"* (cânon 2359, § 2; cf. Dicionário de Direito Canônico, t. VII, col. 1064-1065)**.

Lembre-se de que a dita " ***pena de infâmia*** " era extremamente grave, pois consistia na " ***perda total ou parcial da boa reputação perante as pessoas honestas*** " e comportava a interdição de exercer cargos eclesiásticos e de desempenhar funções de confiança, como a de " ***padrinho de batismo e crisma*** " ou " ***de árbitro*** " (Dicionário de Direito Canônico, t. V, col. 1358-1359).

Citamos também o que diz o grande **São Pedro Damião** (1007-1072), Doutor da Igreja, reformador da Ordem Beneditina e grande escritor e pregador. No seu *Liber Gomorrhanus*, escrito por volta de 1051 para o Papa São Leão IX, ele denuncia vigorosamente a ruína espiritual à qual se condena aquele que pratica tal vício:

> *"É justo que aqueles que, contra a lei natural e contra a razão humana, entregam aos demônios sua carne para desfrutar de relações tão repugnantes, compartilhem com os demônios a cela de sua oração. De fato, visto que a natureza humana resiste profundamente a esses males, tendo em horror a ausência do sexo oposto, é mais claro que a luz do sol que ela não poderia nunca desfrutar de coisas tão perversas e inauditas se os sodomitas, tornados quase vasos de ira destinados à ruína, não fossem totalmente possuídos pelo espírito de iniquidade; e de fato, esse espírito, a partir do momento em que se apodera deles, enche suas almas tão gravemente de toda a sua maldade infernal que eles desejam ardentemente, de boca aberta, não o que é solicitado pelo apetite carnal natural, mas apenas o que ele lhes propõe em sua solicitude diabólica. Quando, portanto, o miserável se lança nesse pecado de impureza com outro homem, não o faz por estimulação natural da carne, mas apenas por impulso diabólico. (...) Esse vício não deve ser considerado como um vício ordinário, pois ele ultrapassa em gravidade todos os outros vícios. De fato, ele mata o corpo, abisma a alma, suja a carne, extingue a luz da razão, expulsa o Espírito Santo do templo da alma, introduz o demônio instigador da luxúria, induz ao erro, arranca a verdade do espírito enganado, arma emboscadas ao peregrino, joga-o num abismo, encerra-o para não mais fazê-lo sair, abre-lhe o Inferno, fecha-lhe as portas do Paraíso, transforma-o de cidadão da Jerusalém celestial em herdeiro da Babilônia infernal, de estrela do céu em palha destinada ao fogo eterno, separa-o da comunhão da Igreja e joga-o no fogo infernal ávido e borbulhante. Esse vício tenta abater os muros da Pátria celestial e reparar os da cidade de Sodoma, queimada e ressuscitada."*
>
> ***"... impulsiona ao ódio de Deus"***
>
> *"Essa pestilencial tirania de Sodoma torna os homens abjetos e impulsiona ao ódio de Deus, ourde guerras nefastas contra Deus, esmaga seus escravos sob o peso do espírito de iniquidade, corta seu laço com os anjos, subtrai a alma infeliz de sua nobreza, submetendo-a ao jugo de sua dominação. Ela priva seus escravos das armas da virtude e os expõe a serem transpassados pelas flechas de todos os vícios. Ela os humilha na Igreja, os faz condenar pela justiça, os suja em segredo, os torna hipócritas em público, rói sua consciência como um verme, queima suas carnes como um fogo. (...)"*(São Pedro Damião O.S.B., *Liber Gomorrhanus*, Patrologia Latina, vol. 145, col. 159-190).

Continuemos o bom combate

A Redação de Virgo-Maria

- 2009 virgo-maria.org*

Anexo - A doutrina católica condena a homossexualidade

(Os textos abaixo foram reunidos pelo *Centro Culturale Lepanto de Roma, sob a direção do Prof. De Mattei.* Avenir de la Culture *recomenda a leitura desta documentação publicada na França sob o título* Igreja e homossexualidade, Ed. Téqui, Paris, 1995)

I - A condenação da Escritura Sagrada

A Escritura Sagrada não cessa de condenar, e com a maior severidade, o pecado contra a natureza. No Antigo Testamento, por exemplo, o livro do *Levítico*, que contém as prescrições legais ditadas por Deus a Moisés com o objetivo de preservar o povo escolhido da corrupção da fé e dos costumes, pronuncia uma severa condenação da prática homossexual, definida como "abominação", e ordena para os culpados a pena de morte.

> *"Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação. (...) Quem cometer uma dessas abominações, qualquer que seja, será eliminado do seu povo" (Lv. XVIII, 22 e 29).*
>
> *"O homem que se deita com um homem como se deita com uma mulher: é uma abominação que ambos cometeram. Devem morrer, e o seu sangue recairá sobre eles" (Lv. XX, 13).*

Uma semelhante reprovação é pronunciada pelos profetas de Israel, como testemunha este trecho de Isaías:

> *"A sua complacência testemunha contra eles, eles exibem o seu pecado como Sodoma. Não o esconderam, ai deles! pois prepararam a sua própria ruína" (Is. III, 9).*

O castigo divino de Sodoma e Gomorra

A condenação da Bíblia não se situa apenas no nível teórico, mas se manifesta ainda pela punição dos pecadores. O exemplo mais notório e mais significativo é o tirado do primeiro livro do Antigo Testamento (Gênesis), no qual Deus envia dois dos seus anjos, sob forma humana, para destruir as cidades de Sodoma e Gomorra, corrompidas pelo vício contra a natureza. Somente Ló e sua família são poupados.

> *"Disse, pois, o Senhor a Abraão: 'O clamor contra Sodoma e Gomorra é muito grande! O seu pecado é muito grave!' (...) Disseram os homens a Ló: 'Tens aqui alguém? Teus filhos, tuas filhas, todos os teus que estão na cidade, faze-os sair deste lugar. Vamos, de fato, destruir este lugar, porque o clamor que se elevou contra eles chegou ao Senhor, e o Senhor nos enviou para os exterminar'. (...) Fez, então, o Senhor chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo, vindo do Senhor, e subverteu aquelas cidades e toda a planície, com todos os habitantes das cidades e a vegetação do solo. (...) Tendo-se levantado de madrugada, Abraão foi ao lugar onde estivera diante do Senhor e, olhando para Sodoma e Gomorra e para toda a planície, viu que da terra subia uma fumaça, como a fumaça de uma fornalha!" (Gn XIII, 20; XIX, 12-13; XIX, 24-25; XIX, 27-28).*

Comentando este trecho da Bíblia, muitos Padres da Igreja, a seguir a Tertuliano (cf. *Apologética*, § 40) e ao historiador Orósio (cf. *História da Igreja*, 1, 5), testemunham que na planície onde se estendiam as duas cidades - lugar onde se encontra hoje o Mar Morto -, "um cheiro de incêndio empesteia ainda a terra". Isto para exortar as gerações futuras a não esquecer o castigo divino.

> *"No curso das minhas viagens - afirmou diante dos seus juízes o mártir Piónio (morto no ano 250) - atravessei toda a Judeia, cruzei o Jordão e pude contemplar esse país que até os nossos dias traz as marcas da ira divina (...). Vi a fumaça que ainda hoje sobe das suas ruínas e o solo que o fogo havia reduzido a cinzas, vi essa terra agora atingida pela seca e pela esterilidade. Vi o Mar Morto, cuja água mudou de natureza; ela se empobreceu por temor de Deus e não pode mais nutrir seres vivos" (Os atos dos mártires, pp. 112-113).*

O apóstolo São Paulo exclui os sodomitas da salvação

O Novo Testamento não faz senão confirmar, em termos ainda mais vigorosos, essa condenação. Em certos trechos de suas Epístolas, o Apóstolo dos Gentios nos dá uma explicação profunda da ruína de Sodoma e

Gomorra, associando a homossexualidade à impiedade, à idolatria, ao homicídio.

> *"Assim, Deus os entregou às suas próprias paixões, à impureza, de modo que desonraram seus próprios corpos entre si; eles que trocaram o Deus verdadeiro pelo falso, adoraram e serviram a criatura em vez do Criador, que é bendito eternamente. Amém! Assim, Deus os entregou a paixões ignominiosas: suas mulheres trocaram as relações naturais por relações contra a natureza; da mesma forma, os homens, deixando de lado o uso natural da mulher, arderam de desejo uns pelos outros, tendo homens com homens um comércio infame e recebendo, em uma mútua degradação, o justo salário de sua aberração. (...) Sabendo, no entanto, o veredicto de Deus que declara dignos de morte os autores de tais ações, não apenas os fazem, mas também aprovam aqueles que os cometem" (Rm. I, 24-27; I, 32).*

> *"Sabendo que a Lei não foi instituída para o justo, mas para os maus e os rebeldes, para os ímpios e os pecadores, para os sacrílegos e os profanadores, para os parricidas e os matricidas, os assassinos, os impudicos, os homossexuais, (...) e para todo homem que age contrariamente à sã doutrina moral" (I Tm. I, 9-10).*

Excluindo da salvação aqueles que praticam o vício contra a natureza, o Apóstolo pronuncia contra eles uma condenação bem mais grave do que a da morte física: a da morte eterna.

> *"Não se enganem! Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os infames (...), possuirão o Reino de Deus" (I Cor. VI, 9-10).*

São Pedro e São Judas mencionam a destruição de Sodoma como castigo divino

O primeiro Papa, São Pedro, e o Apóstolo São Judas, pronunciam a mesma condenação, lembrando a destruição de Sodoma e Gomorra. Eles a apresentam como um divino aviso que deve servir para dissuadir os ímpios e confortar os fiéis.

> *Se Deus "condenou a uma total destruição e reduziu a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, para servir de exemplo aos ímpios vindouros; e libertou o justo Ló, que estava profundamente aflito com a conduta desses homens sem freio em sua dissolução (...), é porque o Senhor sabe libertar da prova os homens piedosos e reservar os homens ímpios para castigá-los no dia do Juízo" (II P II, 6-9).*

> *"Da mesma forma, Sodoma, Gomorra e as cidades vizinhas que se entregaram, como elas, à impudicícia e a uniões contra a natureza, são propostas como exemplo, sofrendo a pena de um fogo eterno" (Judas, VII).*

II — A doutrina da Igreja sobre a homossexualidade

Fazendo eco à maldição das Sagradas Escrituras, a Igreja, desde sua origem, condenou a prática homossexual pelas palavras dos santos Padres, primeiros autores eclesiásticos reconhecidos como testemunhas da tradição divina.

Santo Agostinho: "as torpezas contra a natureza devem ser detestadas em todo lugar e em todo tempo"

O ilustre Santo Agostinho (354-430), bispo de Hipona e Doutor da Igreja, foi um dos primeiros a se pronunciar:

"As torpezas contra a natureza devem ser detestadas em todo lugar e em todo tempo e punidas, como as dos habitantes de Sodoma. Mesmo que todos os povos imitassem Sodoma, eles cairiam todos sob o golpe da mesma culpabilidade, em virtude da lei divina que não fez os homens para usar assim de si mesmos. É violar a sociedade mesma que deve existir entre Deus e nós sujando pela depravação do libertinismo a natureza da qual Ele é o autor" (As Confissões, livro III, cap. 8).

São João Crisóstomo: a paixão homossexual é diabólica

O Pai da Igreja que condenou mais frequentemente o pecado contra a natureza foi São João Crisóstomo (século IV), Patriarca de Constantinopla e Doutor da Igreja, do qual relatamos alguns trechos de uma homilia comentando a Epístola de São Paulo aos Romanos:

"As paixões são todas desonrosas, pois a alma é mais abismada e degradada pelos pecados do que o corpo pelas doenças; mas a pior entre todas as paixões é a cobiça entre homens. (...) Os pecados contra a natureza são mais difíceis e menos remunerativos, de modo que não se pode mesmo afirmar que eles proporcionam prazer, pois o verdadeiro prazer é apenas aquele que se ajusta à natureza. Mas quando Deus abandonou alguém, tudo é invertido! Portanto, não apenas suas paixões são satânicas, mas suas vidas são diabólicas. (...) Portanto, digo-te, aqueles são piores do que os assassinos, e seria melhor morrer do que viver assim desonrado. O assassino separa apenas a alma do corpo, enquanto aqueles destroem a alma dentro do corpo. Você poderia nomear qualquer pecado, você não nomearia um igual a esse, e se aqueles que o suportam pudessem se dar conta do que está acontecendo com eles, prefeririam morrer mil vezes a se submeter a isso. Não há nada, absolutamente nada, tão insensato e nocivo quanto essa perversidade" (São João Crisóstomo, Homilia IV, Epístola de Paulo aos Romanos; cf. Patrologia Grega, vol. 47, col. 360-362).

A interpretação de Sodoma segundo São Gregório Magno

São Gregório I, Papa (540-604), dito o Grande, Doutor da Igreja, vê no enxofre que se espalhou sobre Sodoma o pecado contra a carne dos homossexuais.

"Sim, o enxofre representa bem a fetidez da carne, a história mesma da Sagrada Escritura testemunha quando relata a chuva de fogo e enxofre derramada sobre Sodoma pelo Senhor. Ele havia decidido punir nela os crimes de sua carne e a escolha mesma de sua vingança denunciou a sujeira que Ele acusava. Pois o enxofre tem sua fetidez e o fogo seu braseiro. É, portanto, por se terem inflamado de desejos perversos vindos de uma carne fétida que os sodomitas mereceram perecer ao mesmo tempo pelo fogo e pelo enxofre, para que um justo castigo lhes ensinasse o que haviam feito em um injusto desejo" (São Gregório Magno, Morais sobre Jó, III parte, vol. 1, livro XIV, n. 23, p. 353).

São Pedro Damião: "esse vício ultrapassa em gravidade todos os outros vícios..."

Entre os santos da Idade Média que lutaram contra a homossexualidade, um dos maiores foi São Pedro Damião (1007-1072), Doutor da Igreja, reformador da Ordem Beneditina e grande escritor e pregador. No seu *Liber Gomorrhanus*, escrito por volta de 1051 para o Papa São Leão IX, ele denuncia vigorosamente a ruína espiritual à qual se condena aquele que pratica tal vício.

"É justo que aqueles que, contra a lei natural e contra a razão humana, entregam aos demônios sua carne para desfrutar de relações tão repugnantes, compartilhem com os demônios a cela de sua oração. De fato, visto que a natureza humana resiste profundamente a esses males, tendo em horror a ausência do sexo oposto, mais claro que a luz do sol que ela não poderia nunca desfrutar

de coisas tão perversas e inauditas se os sodomitas, tornados quase vasos de ira destinados à ruína, não fossem totalmente possuídos pelo espírito de iniquidade; e de fato, esse espírito, a partir do momento em que se apodera deles, enche suas almas tão gravemente de toda a sua maldade infernal que eles desejam ardentemente, de boca aberta, não o que é solicitado pelo apetite carnal natural, mas apenas o que ele lhes propõe em sua solicitude diabólica. Quando, portanto, o miserável se lança nesse pecado de impureza com outro homem, não o faz por estimulação natural da carne, mas apenas por impulso diabólico. (...) Esse vício não deve ser considerado como um vício ordinário, pois ele ultrapassa em gravidade todos os outros vícios. De fato, ele mata o corpo, abisma a alma, suja a carne, extingue a luz da razão, expulsa o Espírito Santo do templo da alma, introduz o demônio instigador da luxúria, induz ao erro, arranca a verdade do espírito enganado, arma emboscadas ao peregrino, joga-o num abismo, encerra-o para não mais fazê-lo sair, abre-lhe o Inferno, fecha-lhe as portas do Paraíso, transforma-o de cidadão da Jerusalém celestial em herdeiro da Babilônia infernal, de estrela do céu em palha destinada ao fogo eterno, separa-o da comunhão da Igreja e joga-o no fogo infernal ávido e borbulhante. Esse vício tenta abater os muros da Pátria celestial e reparar os da cidade de Sodoma, queimada e ressuscitada."

"... impulsiona ao ódio de Deus"

"Essa pestilencial tirania de Sodoma torna os homens abjetos e impulsiona ao ódio de Deus, ourde guerras nefastas contra Deus, esmaga seus escravos sob o peso do espírito de iniquidade, corta seu laço com os anjos, subtrai a alma infeliz de sua nobreza, submetendo-a ao jugo de sua dominação. Ela priva seus escravos das armas da virtude e os expõe a serem transpassados pelas flechas de todos os vícios. Ela os humilha na Igreja, os faz condenar pela justiça, os suja em segredo, os torna hipócritas em público, rói sua consciência como um verme, queima suas carnes como um fogo. (...)

"Que eles aprendam, portanto, esses miseráveis, a reprimir uma tão detestável peste do vício, a domar virilmente a insidiosa lascívia da cobiça, a conter as fastidiosas incitações da carne, a temer visceralmente o terrível julgamento do divino rigor, tendo sempre presente à memória a ameaçadora sentença do Apóstolo (Paulo): "É uma coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo" (Hb. X, 31). Como diz Moisés: "Se há alguém do lado de Deus, que se una a mim!" (Ex. XXXII). Isto é, se alguém se reconhece como soldado de Deus, que se prepare com ardor para confundir esse vício, que não negligencie de aniquilá-lo com todas as suas forças - e onde quer que o descubra, que se lance contra ele para transpassá-lo e eliminá-lo com as flechas muito agudas da palavra" (São Pedro Damião O.S.B., *Liber Gomorrhanus*, Patrologia Latina, vol. 145, col. 159-190).

São Tomás de Aquino: a homossexualidade "faz injúria a Deus mesmo, o Ordenador da natureza"

São Tomás de Aquino (1224-1274), o grande teólogo dominicano proclamado Doutor universal da cristandade, descreve na sua sublime Suma Teológica a homossexualidade como o vício contra a natureza mais grave, fazendo dela o equivalente do canibalismo e da bestialidade.

"A intemperança é, portanto, a mais censurável por duas razões: primeiro, porque contraria ao máximo a dignidade humana. De fato, ela tem por matéria os prazeres que nos são comuns com as bestas, como dissemos. (...) Em seguida, porque é a mais contrária ao esplendor e à beleza do homem, pois é nos prazeres sobre as quais porta a intemperança que aparece menos a luz da razão, que dá à virtude todo o seu esplendor e sua beleza. (...) Os pecados da carne, que fazem parte da intemperança, mesmo que sejam menos culpáveis, merecem, no entanto, um maior desprezo. Pois a grandeza da falta se tira da desordem em relação ao fim, enquanto o desprezo olha a vergonha, que se avalia sobretudo segundo a indecência do pecador (...) Mas os vícios que ultrapassam o modo da natureza humana são ainda mais censuráveis. No entanto, mesmo esses parecem reduzir-se ao gênero da intemperança, segundo um certo excesso: como quando alguém encontra seu prazer em comer carne humana, ou em ter relações sexuais com bestas ou com

pessoas do mesmo sexo" (São Tomás de Aquino, Suma Teológica, II-II, q. 142, a. 4).

Em resumo, se a ordem da reta razão vem do homem, a ordem da natureza, ao contrário, se origina diretamente em Deus. Em consequência, "nos pecados contra a natureza, onde a ordem mesma da natureza é violada, faz-se injúria a Deus mesmo, o Ordenador da natureza" (São Tomás de Aquino, Suma Teológica, II-II, q. 154, a. 12).

Santa Catarina de Siena: vício maldito que repugna até os demônios

A grande Santa Catarina de Siena também (1347-1380), mestre em espiritualidade e Doutora da Igreja, condenou com veemência a homossexualidade.

Veja como, em seu Diálogo da Divina Providência, ela relata os ensinamentos do próprio Cristo sobre o vício contra a natureza:

"É todo imundo que se aproxima deste mistério, e não apenas com a impureza e a fragilidade para a qual a sua frágil natureza o inclina (embora a razão, quando o livre-arbítrio o deseja, reprima essa rebelião), mas cometendo miseravelmente, em vez de reprimí-lo, o maldito pecado contra a natureza. Como malditos e insensatos, já que a luz de seu julgamento se obscureceu, não são mais incomodados por essa podridão e por tanta miséria! Não apenas o abomino, Eu, Suprema e Eterna Pureza (Eu o abomino tanto que Meu Divino Julgamento engoliu cinco cidades apenas por causa deste pecado), mas os próprios demônios, os demônios que esses miseráveis se deram como mestres, não conseguem suportá-lo. Não porque o mal não lhes desagrade, pois eles não amam nenhum bem, mas sua natureza foi uma natureza angelical e é por isso que repugna a eles ver esse enorme pecado sendo cometido" (Santa Catarina de Siena, O Livro dos Diálogos, capítulo 124, pp. 401-402).

São Bernardino de Siena: "a sodomia maldita... perturba o intelecto"

Entre aqueles que, nessa época, falaram e escreveram contra a ressurgência desse vício, o mais importante é sem dúvida o franciscano São Bernardino de Siena (1380-1444), famoso pregador, eminentemente destacado por sua doutrina e por sua santidade. Ele proclama no seu XXXIX Sermão:

"Não há pecado no mundo que detenha mais a alma do que a sodomia maldita; que é um pecado que sempre foi detestado por aqueles que vivem segundo Deus, (...) "A paixão por formas ilegítimas é próxima da loucura; este vício perturba o intelecto. Quebra a alma elevada e generosa, leva grandes ideias a coisas ínfimas, torna pusilânimes, irascíveis, obstinados e endurecidos, servilmente inconstantes e incapazes de tudo; além disso, sendo a alma agitada por uma insaciável cobiça de gozar, não segue a razão, mas a fúria." (...) A causa disso é que eles são cegos e, se seus pensamentos vão às coisas altas e grandes, como os têm as almas magnânimas, a fúria os rompe e os fratura e os reduz a coisas vis, inúteis, podres e corrompidas, e esses homens nunca se contentarão. (...) Assim como alguns participam mais da glória de Deus do que outros, assim no inferno existem lugares onde há mais sofrimento do que em outros, e alguns sentem mais do que outros. Se aquele que viveu com este vício da sodomia sente mais dor do que outro, é porque esse vício é o maior que existe" (São Bernardino de Siena O.F.M., Sermão XXXIX, Prediche volgari, pp. 896-897, 915).

São Boaventura: na noite de Natal "todos os sodomitas morreram em toda a terra"

O franciscano São Boaventura (1217-1274), Doutor da Igreja honrado com o título de Doutor Seráfico, ilustrando alguns fatos sobrenaturais ocorridos no momento do Natal, afirma que "todos os sodomitas, homens e mulheres, morreram em toda a terra, conforme recorda São Jerônimo ao comentar o salmo, 'Uma luz nasceu para o justo, para evidenciar que Aquele que ia nascer vinha para reformar a natureza e promover

a castidade'" (São Boaventura, Sermão XXI, In Nativitate Domini, proferido na Igreja de Santa Maria da Porciúncula, *Opera Omnia*, vol. IX, p. 123).

São Pedro Canísio: os sodomitas violam a lei natural e a lei divina

Em seu famoso catecismo, o jesuíta São Pedro Canísio (1521-1597), Doutor da Igreja, resumiu assim o ensinamento da Igreja:

> *"Assim como diz a Escritura Sagrada, os sodomitas eram pessoas muito más e até mesmo extremamente pecadoras. São Pedro e São Paulo condenam esse pecado nefasto e abjeto. De fato, a Escritura denuncia a enormidade de tal obscenidade com estas palavras: 'O escândalo dos sodomitas e dos gomorreanos se multiplicou e seu pecado se agravou demais.' Por isso, os anjos disseram ao justo Ló, que abominava profundamente as torpezas dos sodomitas: 'Abandonemos esta cidade, etc.' (...) A Escritura Sagrada não silencia as causas que levaram os sodomitas a cometer esse pecado muito grave, e que poderiam levar outros homens também. Lemos, de fato, no Livro de Ezequiel: 'Eis qual foi a falta de Sodoma, tua irmã: orgulho, voracidade, tranquilidade insolente; tais foram suas faltas e as de suas filhas; elas não socorreram o pobre e o infeliz, se encheram de orgulho e cometeram a abominação diante de mim; assim as fiz desaparecer, como você viu'" (Ez. 16, 49-50). "Dessa torpeza jamais suficientemente execrada são escravos aqueles que não têm vergonha de violar a lei divina e natural" (São Pedro Canísio, Summa Doctrina Christiana, III a/b, p. 455).*

A condenação dos Papas e dos Concílios

"Em 305, o Concílio de Elvira, na Espanha, pediu pelo cânon 71 que àqueles "pédofilos", fosse negada a sagrada comunhão, mesmo que se encontrassem em perigo de morte (cf. *Canones Apostolorum et Conciliorum*, pars altera, p. 11). As penitências previstas pelo Direito Canônico foram fixadas em 314 no Concílio de Ancira, cânon 16.

"O XVI Concílio de Toledo, que ocorreu em 693, condenou pelo cânon 3 a prática homossexual como um verdadeiro crime em si, passível de sanções legais: o clérigo era reduzido ao estado laical e condenado ao exílio perpétuo, enquanto o leigo era excomungado, e após ser flagelado, também era exilado (*Conciliorum œcumenicorum collectio*, vol. XII, col. 71).

"Depois, no Concílio de Naplouse, que se realizou na Terra Santa em 1120, foram estabelecidas penas muito precisas contra aqueles que haviam cometido crimes contra a natureza, das mais leves até a fogueira, prevista para os reincidentes (cf. *Conciliorum œcumenicorum collectio*, vol. XII, col. 264).

"Mais autorizada ainda foi a sentença do III Concílio Ecumênico do Latrão, que, em 1179, no II cânon, estabeleceu que "quem for reconhecido culpado de se entregar à impureza contra a natureza, que provocou a ira de Deus sobre os filhos da rebelião (Ef. V, 6), e consumiu cinco cidades no fogo (Gn. XIX, 24-25), será, se for clérigo, expulso do clero e relegado a um mosteiro para fazer penitência; se for leigo, excomungado e totalmente afastado da comunhão dos fiéis" (Decretos do III Concílio do Latrão, in R. Foreville, Latrão I, II, III e Latrão IV, p. 216).

São Pio V: "o execrável vício libidinoso contra a natureza"...

"Se o espírito do Humanismo e do Renascimento havia levado a um novo despertar da prática homossexual, a reforma da Igreja, promovida pela Papado no século XVI (mais conhecida como contrarreforma), provocou um tal surto das virtudes da fé e da pureza, que quase todos os meios que foram impregnados, tanto eclesiásticos quanto leigos, se viram purificados.

"Entre os membros do Magistério eclesiástico, aquele que interveio com mais solenidade foi São Pio V (1504-1572), o grande papa dominicano que, por meio de duas Constituições, condenou solenemente e

proibiu severamente o pecado contra a natureza.

"Uma vez que orientamos nossa alma a remover tudo que possa ofender de alguma forma a majestade divina, estabelecemos punir antes de tudo e sem demora todas as coisas que, seja pela autoridade das Sagradas Escrituras ou pelos exemplos muito graves, parecem desaprazer a Deus mais do que qualquer outra e o levam à ira: seja a negligência do culto divino, a ruinosa simonia, o crime da bestialidade e o execrável vício libidinoso contra a natureza; faltas por causa das quais os povos e as nações são flagelados por Deus, por uma justa condenação, com catástrofes, guerras, fome e peste. (…)

"Os magistrados devem saber que, se após nossa Constituição, forem negligentes em punir esses crimes, serão culpados diante do julgamento divino e atrairão até mesmo nossa indignação. (...)

"Se alguém cometer esse crime infame contra a natureza, pelo qual a ira divina atingiu os filhos da iniquidade, será entregue ao braço secular para ser punido e, se for clérigo, será submetido a um castigo análogo após ter sido privado de todo grau eclesiástico" (São Pio V, Constituição *Cum primum*, de 1º de abril de 1566, Bullarium Romanum).

... "reprimir tal crime com o maior zelo possível"

"Esse crime horrendo, por causa do qual as cidades corrompidas e obscenas foram queimadas pela condenação divina, marca de uma dor aguda e abala fortemente nossa alma, nos impulsionando a reprimir tal crime com o maior zelo possível. Com justiça, o V Concílio do Latrão (1512-1517) estabeleceu por decreto que qualquer membro do clero que tenha sido surpreendido nesse vício contra a natureza, pelo qual a ira divina caiu sobre os filhos da iniquidade, seja afastado da ordem clerical ou obrigado a fazer penitência em um mosteiro. (...).

"Querendo continuar com mais vigor o que decretamos desde o início de nosso Pontificado (Constituição *Cum Primium*, citada), estabelecemos que todo sacerdote ou membro do clero, tanto secular quanto regular, de qualquer grau ou dignidade, que pratique um crime tão horrível deverá, por virtude dessa lei, ser privado de todo privilégio clerical, de qualquer carga, dignidade e benefício e, em seguida, ser imediatamente entregue à autoridade secular para que ele seja destinado a esse suplício, previsto pela lei como punição apropriada, que castiga os leigos que desceram a esse abismo" (São Pio V, Constituição *Horrenduin illud scelus*, de 30 de agosto de 1568, in *Bullarium Romanum*).

São Pio X: "O pecado contra a natureza clama vingança diante de Deus"

Durante o século XIX, a sensibilidade, sentimental e erótica até a exasperação, difundida primeiro pelo romantismo e, mais gravemente ainda, pelo decadentismo, contribuiu para um certo recrudescimento da homossexualidade. Esta última, que parecia estar contida por uma "moral laica" convencional, se espalhou, no entanto, disfarçando-se sob o véu de uma arte e uma moda sensuais.

No início do nosso século, as barreiras dessa "moral" que logo se romperia começaram a ceder sob o impacto crescente das paixões desregradas que influenciavam cada vez mais as classes cultas e abastadas. E estas começaram a reivindicar uma legitimação pública desses desregramentos. Em consequência, a Igreja viu a necessidade de renovar a condenação dos pecados renascentes, incluindo o da homossexualidade.

Destacamos, a título de exemplo, dois documentos do grande Pontífice São Pio X. Em seu Catecismo de 1910, de fato, o "pecado de impureza contra a natureza" é classificado, por sua gravidade, em segundo lugar, após o homicídio voluntário, na lista dos pecados que "clamam vingança diante de Deus" (Grande Catecismo, nº 966).

"Diz-se que esses pecados – explica o Catecismo – clamam vingança diante de Deus, porque o Espírito Santo assim o diz e porque sua iniquidade é tão grave e manifesta que provoca Deus a punir com os castigos mais severos" (nº 967).

O Direito Canônico previa a pena de "infâmia"

O Código de Direito Canônico promovido por São Pio X, mas publicado por Bento XV em 1917 e que permaneceu em vigor até 1983, trata da sodomia nos "delitos opostos ao sexto mandamento", assim como o incesto e outros delitos, incluindo a bestialidade (R. Naz, Tratado de Direito Canônico, t. IV, lib. V, p. 761).

O delito de sodomia é punido, no que diz respeito aos leigos, pela pena de infâmia *ipso facto* e outras sanções a serem impostas ao julgamento esclarecido do bispo, em proporção à gravidade do caso particular (cânon 2357); no que diz respeito aos eclesiásticos e religiosos, se forem clérigos menores (ou seja, de grau inferior ao diaconato), será aplicada uma variedade de penas, dependendo da gravidade da falta, que pode chegar até a redução ao estado laical (cânon 2358); e se forem clérigos maiores (ou seja, diáconos, padres e bispos), poderão ser "afetados por suspensão, declarados infames, privados de todo ofício, benefício, dignidade ou carga, e nos casos mais graves poderão ser depostos" (cânon 2359, § 2; cf. Dicionário de Direito Canônico, t. VII, col. 1064-1065).

Devemos lembrar que a chamada "pena de infâmia" era extremamente grave, pois consistia na "perda total ou parcial da boa reputação diante das pessoas honestas" e incluía a interdição de exercer cargos eclesiásticos e de cumprir funções de confiança, como a de "padrinho no batismo e na confirmação" ou "árbitro" (Dicionário de Direito Canônico, t. V, col. 1358-1359).

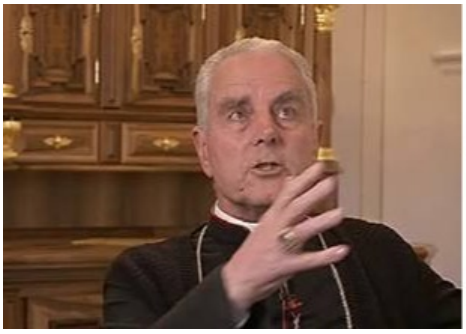
© 2008 virgo-maria.org

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

Como Dom Williamson, o bispo da Rosa[1] da FSSPX, e seu protegido o padre Ramon Anglès[2] ajudaram os ralimados a desacreditar a FSSPX nos Estados Unidos: já há provocações destinadas a comprometer a FSSPX?

Domingo, 1º de março de 2009



***« Anglès VOLTE PARA CASA »* fixado nas portas das capelas da FSSPX no Kansas**

*O padre Anglès está atualmente em Dublin, superior de Distrito da FSSPX para a Irlanda, e membro do Capítulo geral da FSSPX. Na primavera de 2006, Dom Williamson o promovia como seu candidato « **ideal** » para o cargo de superior geral da FSSPX, antes das eleições de julho de 2006.*

EM junho de 2008, VM revelou que o padre Anglès proibiu de sacramentos uma paroquiana que havia ajudado o padre Babinet (FSSPX).

AVISO PARA LER MUITO ATENTAMENTE

O presente *VM* faz parte de uma série de dossiês sobre as ações de Dom Williamson à Rosa nos Estados Unidos. Ele é uma continuação do primeiro capítulo do dossiê[3] sobre a defeção – por razões graves de consciência expostas na sua "***carta***" publicada no primeiro capítulo **– dos "*nove*" padres** ordenados por Dom Lefebvre, defeção que levou **ao desmantelamento em 1983 do seminário de Ridgefield** nos Estados Unidos da Fraternidade, **ele se unirá ao *VM* seguinte que publica uma tradução francesa do artigo do padre Cekada sobre as condições da saída dos nove em 1983, que marcou o declínio da FSSPX nos Estados Unidos.**

Com o objetivo é **esclarecer e informar aos leitores sobre as ações nos Estados Unidos do bispo britânico da Rosa da Fraternidade São Pio X e de seu acompanhante, que** VM *foi levado – com o único objetivo de informar os leitores católicos de língua francesa – **a publicar a tradução francesa da integralidade do** dossiê de acusações do Dr. Thomas Case, porta-voz dos inimigos ralimados* Ecclesia Dei *da Fraternidade São Pio X**, assim como as respostas a suas acusações de parte do padre Ramon Anglès e das autoridades da Fraternidade São Pio X nos Estados Unidos, além dos testemunhos assinados relativos aos fatos denunciados, todos documentos** *publicados pela revista ralimada do Dr. Case* Fidelity Magazine.

Como deixamos MUITO CLARO NO QUADRO A SEGUIR, JÁ ESCLARECENDO AS COISAS, essa preocupação com a pura INFORMAÇÃO de nossos leitores NÃO SIGNIFICA DE FORMAS NENHUMA QUE *VM* ASSUMA A SEU CARGO TODAS as acusações feitas pelo Dr. Case contra a Fraternidade São Pio X neste dossiê, das quais algumas – **COMO DESTACAMOS – são caluniosas, e foram bem estabelecidas como tais pelas respostas circunstanciadas** fornecidas pelas autoridades da Fraternidade São Pio X nos Estados Unidos **QUE PUBLICAMOS** nesta mensagem.

Nós nos limitamos APENAS AOS FATOS BEM ESTABELECIDOS e corroborados por testemunhos assinados e circunstanciados publicados neste dossiê.

Como mostraremos no *VM* seguinte**, bem além da destruição da obra de Dom Lefebvre e de seu impacto nos Estados Unidos, a ação combinada das toupeiras n° 1 e 2, infiltradas desde 1972 na Fraternidade, os padres Williamson e Schmidberger**, o amigo e cúmplice do padre apóstata Joseph Ratzinger (o padre Schmidberger tendo sido nomeado pelo *Capítulo Geral* de julho de 1982 a pedido do próprio Dom Lefebvre *Vigário Geral* da Fraternidade, e depois *Superior Geral* da Fraternidade por sua declaração extraordinária de 30 de junho de 1983 durante as ordenações em Écône), **permitiu-lhes alcançar a partir do início dos anos 80 dois objetivos principais dos inimigos anticristãos apóstatas romanos** com vistas ao neutralizar a longo prazo a obra de Dom Lefebvre:

- Primeiro, **eliminar sub-repticiamente a questão vital da invalidade da nova consagração episcopal *"ecumênica"* conciliar de 18 de junho de 1968**, questionando claramente a validade sacramental das novas Ordens "*ecumênicos*" conciliares impostos por Montini-Paul VI desde essa data, **questão vital levantada pela carta dos "nove"** publicada no primeiro capítulo do dossiê,[3]

- Em seguida, **engajar uma feroz caça aos *"sedevacantistas"* dentro da Fraternidade São Pio X e de suas *"comunidades amigas"***, enquanto Dom Lefebvre até então mantinha aberta a "*tese do sedevacantismo*".

Revelamos aos leitores não anglófonos a ação deletéria de Dom Williamson e de seu assistente, o padre Ramon Anglès, nos Estados Unidos, informando-os sobre a tradução do dossiê publicado **dos FATOS e EVENTOS escandalosos e insuportáveis, bem estabelecidos e públicos** que ocorreram nesse país, **COBERTOS PELA AUTORIDADE de Dom Williamson, arruinando desde então a reputação da FSSPX além-mar, FATOS OBJETIVOS comprovados que, assim, forneceram aos piores inimigos da FSSPX na Comissão *Ecclesia Dei*** (os "*católicos tradicionalistas*" ralimados à Igreja Conciliar apóstata de Wojtyla-JPII e Ratzinger-Bento XVI) e a suas revistas (veja a revista *Fidelity*, por exemplo), próximas à Fraternidade São Pedro, **os argumentos FACTUAIS que lhes permitiram, assim, denegrir a ação da Fraternidade além-mar**, e FATOS comprovados que explicam – por meio do que poderia se assemelhar a uma espécie de "*auto-sabotagem*" – a surpreendente ausência de resplendor do apostolado da Fraternidade nos Estados Unidos nos últimos 20 anos sob a autoridade do ex(?)-anglicano, o bispo britânico da Rosa da FSSPX, bem como a sua muito pobre reputação que prevalece ainda hoje entre os católicos tradicionais nos Estados Unidos.

O presente VM visa fazer conhecer aos católicos tradicionais franceses e europeus **as responsabilidades de Dom Williamson e de seu assistente, o padre Ramon Anglès, no profundo descrédito atual da Fraternidade São Pio X nos Estados Unidos.**

Desde 1992 e com a morte de Dom Lefebvre, suas ações forneceram, de fato, aos inimigos liberais ralimados das comunidades *Ecclesia Dei*, muito hostis à Fraternidade e ao seu apostolado nos Estados Unidos, **material para acusações muito graves**, às vezes caluniosas, mas, por outro lado, que se mostraram perfeitamente reais e fundamentadas, baseadas em fatos e testemunhos.

Essas graves acusações, que, ao fim da polêmica, se mostraram fundadas, foram a origem do profundo descrédito em que a Fraternidade São Pio X caiu nos últimos 17 anos nos Estados Unidos.

Ao apresentar aqui **a tradução francesa do artigo do Dr. Thomas Case *"A Fraternidade Está Doente,"* publicado em outubro de 1992 na revista *Fidelity Magazine***, tribuna das comunidades ralimadas *Ecclesia Dei*, hostis à FSSPX, nos Estados Unidos que desencadeou a polêmica, **assim como a tradução francesa**

dos artigos publicados em resposta pelo padre Ramon Anglès e pelos responsáveis da FSSPX nos Estados Unidos, o VM propõe a seus leitores europeus – para informá-los e para que possam ser juízes – os documentos dessa importante polêmica que foi a origem do descrédito da FSSPX nos Estados Unidos que perdura até hoje.

É incompreensível que, como Superior Geral desde 1994, e não podendo ignorar esses fatos, Dom Fellay não tenha expulsado há muito tempo Dom Williamson e seu acólito, o padre Ramon Anglès, da FSSPX.

Aqui está o conteúdo dos anexos traduzidos do inglês:

ANEXO A[4] ***ARTIGO FIDELIDADE*** **– A Fraternidade São Pio X está doente (o artigo que acendeu a pólvora, out 1992)** *por Thomas W. Case* (Outubro de 1992)

Dossiê *Ecclesia Dei Fidelidade* (em francês) – 1992: **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-26-B-00-Etats-Unis_Traduction_Fidelity_1992.pdf**

ANEXO B[5] CARTAS -- *Revista Fidelidade* -- Dezembro, 1992 - Essas **cartas foram escritas em resposta ao artigo da *Fidelidade* publicado em Outubro de 1992** sob o título "*A Fraternidade St. Pio X adoece*." **Entre essas cartas estão as respostas dos padres Ramon Angles, Diretor do Colégio e da Academia Santa Maria, e Peter Scott, Superior do Distrito dos Estados Unidos da Fraternidade St. Pio X**. Entre Mr. Case e outros fiéis respondem ponto por ponto a essas cartas, trazendo fatos adicionais.

Dossiê *Ecclesia Dei Fidelidade* (em francês) – 1992: **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-26-B-00-Etats-Unis_Traduction_Fidelity_1992.pdf**

Sabe-se de fato que após as sagrações dos quatro bispos por Dom Marcel Lefebvre e Dom de Castro-Mayer no dia 30 de junho de 1988 em Écône, **o bispo apóstata público Karol Wojtyla-JPII**, por meio da ação de seu Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o "*cardeal*", padre apóstata público hiper-modernista, **Joseph Ratzinger**, **emitiu no dia 02 de julho de 1988, sob a forma do *Motu proprio Ecclesia Dei Afflicta* do primeiro, uma suposta "*excomunhão*" dos quatro bispos consagrados, assim como de seus dois bispos consagradores, por "atos cismáticos"**.

Esse texto apresentava **além disso um segundo "*indulto pontifício*", destinado a seduzir** padres e leigos tradicionalistas apavorados, declarando-lhes que estavam autorizados – **sob condições extremamente restritivas, que, de fato, nunca serão integralmente aplicadas** – a celebrar, em certas circunstâncias, a Santa Missa segundo o rito pré-conciliar chamado de São Pio V.

Além disso, esse texto **instituía uma Comissão Pontifícia especial – a Comissão *Ecclesia Dei*, hoje dirigida pelo padre apóstata Castrillon Hoyos - destinada – após essa "*excomunhão*" pública – a acolher os clérigos "*tradicionalistas*" desejosos de se unir oficialmente ao bispo, apóstata público Karol Wojtyla**, pretendido "Papa" João Paulo II, e a receber oficialmente um "***status regularizado***" dentro da igreja Conciliar apóstata ao final desse acolhimento formal.

Essencialmente composta por clérigos desertores da Fraternidade São Pio X, **a "*Fraternidade São Pedro*" foi assim uma das primeiras comunidades de padres tradicionalistas a ser assim "*regularizada*" pela Comissão *Ecclesia Dei* dentro da igreja Conciliar** do bispo apóstata público Karol Wojtyla-João Paulo II, e de seu cúmplice o pseudo '*cardeal*' Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o padre apóstata público Joseph Ratzinger - desde abril de 2005 supostamente "*papa*" sob o nome de Bento XVI.

Três anos depois, Dom Marcel Lefebvre, Fundador da Fraternidade São Pio X, desapareceu de maneira estranha e inesperada **no dia 25 de março de 1991**.

O Capítulo Geral da Fraternidade São Pio X deveria ser convocado três anos depois, no início de julho de 1994, para eleger, após um mandato de doze anos, conforme seus estatutos, seu novo Superior Geral, o incumbente, o padre Schmidberger (o comparsa alemão do ex(?)-anglicano britânico Richard Williamson, ambos introduzidos na Fraternidade desde 1972), que havia sido imposto nesse papel em 1982 por Dom Lefebvre, contando bem em ver seu mandato renovado nessa ocasião, e assim, por mais doze anos, exercer seu domínio sobre a Fraternidade.

E sabemos que, para sua grande decepção, o padre Schmidberger foi, de fato, dispensado pelo Capítulo Geral da FSSPX durante essa eleição de 1994, que então preferiu Dom Bernard Fellay.

Portanto, foi após a morte de Dom Marcel Lefebvre, o Fundador da FSSPX, e cerca de 18 meses antes dessa importante eleição para o futuro da Fraternidade, período pré-eleitoral durante o qual as diversas « *sensibilidades* » clericais internas à FSSPX se posicionavam, que uma **revista católica tradicional norte-americana, *Fidelity*, muito próxima da *Fraternidade São Pedro*, decidiu publicar em outubro de 1992, um panfleto sobre a ação da Fraternidade São Pio X nos Estados Unidos sob o título « *A Fraternidade São Pio X está doente* » (cf. anexo).**

Sob este título, *Fidelity* publicou, de fato, **um dossiê contundente de FATOS circunstanciados e depoimentos assinados e confirmados, especialmente acusando as ações de Dom Williamson**, por muito tempo Superior do Seminário de Winona nos Estados Unidos, **e de um de seus protegidos, o padre Ramon Anglès**, que na época era Reitor em Kansas da Academia Santa Maria e Diretor do Colégio Santa Maria.

Apresentamos ao julgamento dos leitores, em anexo a esta mensagem – Dossiê *Ecclesia Dei Fidelidade* (em francês) – 1992 –, **a tradução francesa do essencial desse dossiê a carga publicado por *Fidelity*, dos fatos alegados e depoimentos assinados, assim como as respostas apresentadas por M. o padre Peter Scott, que havia acabado de suceder Dom Williamson na liderança do Distrito dos Estados Unidos da FSSPX** .

A partir de outubro de 1992, a revista ***Fidelity*** efetivamente dedicou **diversas edições sucessivas à publicação de todo esse dossiê, incluindo as respostas públicas fornecidas tanto pelo padre Ramon Anglès quanto pelas autoridades responsáveis da FSSPX**.

Já de fato, **desde outubro de 1992**, por meio de um artigo intitulado « ***A Fraternidade São Pio X está doente*** » (cf. sua tradução em francês em anexo A a esta mensagem – Dossiê *Ecclesia Dei Fidelidade* (em francês) – 1992 –), acendeu a pólvora nos meios católicos tradicionalistas dos Estados Unidos, **o Dr. Thomas Case, redator da revista *Fidelity*, que defendia o ponto de vista das comunidades católicas *Ecclesia Dei* criadas logo após as sagrações de Écône e as "*excomunhões*", revelou os** múltiplos atos nos Estados Unidos de Dom Williamson e de seu cúmplice, o padre Ramon Anglès, que, por suas incessantes provocações públicas – entre outras de caráter antissemita – desacreditavam a FSSPX nos Estados Unidos, assim como seu apostolado junto aos católicos americanos.

E os fatos relatados pelo Dr. Thomas Case são tão chocantes que o levam a fazer publicamente a pergunta:

"Richard Williamson e sua equipe estão naufragando a FSSPX com suas opiniões odiosas e obscuras…"

Aqui estão, de fato, alguns trechos desse artigo (o leitor poderá encontrar no anexo A a esta mensagem – Dossiê *Ecclesia Dei Fidelidade* (em francês) – 1992 –, a tradução francesa do texto integral), que abalou os meios católicos tradicionalistas dos Estados Unidos há quase 17 anos, **e acelerou seu rejeição visceral desde então à Fraternidade São Pio X neste país**, reação que surpreende e choca tanto o visitante católico tradicional europeu, que está ignorante do trabalho paciente de erosão do bispo à Rose[1] da Fraternidade São Pio X na América:

Início da citação dos trechos de « ***A FSSPX adoeceu*** », ***revista Fidelidade***, **out 1992**, por **Thomas Case**

…(..)…

A doutrina da salvação de Williamson é ainda mais restrita do que isso. "O padre Abel" ouviu várias vezes o bispo declarar que as mulheres servem apenas para trabalhar e para reprodução, e que nenhuma mulher pode ser salva. Ouvir mulheres em confissão é, portanto, uma perda de tempo.

As retiros para mulheres são piores do que inúteis. Não pode haver perdão para as filhas de Eva." "O que você faz com a Virgem Maria?" pergunta "o padre Abel." "Esse é o problema dela," diz o bispo Williamson.

Se a doutrina da salvação de Williamson é especial, sua doutrina sobre os judeus também é…(..)…

…(..)…

Em 1989, Williamson proferiu conferências no Canadá que causaram certa consternação, e ele foi alvo de uma investigação da Polícia Montada Canadense por possíveis crimes de negacionismo. Em Sherbrooke, Quebec, ele declarou, "Não houve um único judeu morto nas câmaras de gás. Tudo isso foi mentira, mentira, mentira. Os judeus inventaram o Holocausto para que nos prostremos diante deles e aprovemos o seu novo Estado de Israel... Os judeus inventaram o Holocausto, os protestantes tomaram suas ordens do diabo, e o Vaticano vendeu sua alma ao liberalismo."…(..)…

Williamson retornou aos Estados Unidos antes que a investigação da polícia canadense começasse, mas ***desde então publicações como Verbum, Angelus e a carta mensal de Williamson estão proibidas no Canadá.*** *Uma carta de Winona (3 nov. 1991) cita Os Protocolos dos Sábios de Sião, um grosso documento atribuído aos judeus, descrevendo um plano mestre dos judeus para dominar o mundo…*

…(..)…

*Em uma de suas Cartas (****1º de julho de 1991****), ele decreta que os princípios constitucionais de Liberdade, Igualdade e Democracia são responsáveis pelo aborto.*

…(..)…

A crítica às instituições americanas não para com o desprezo pelo nosso tipo de governo. ***Há vários anos, um ataque à Constituição dos EUA, aos Pais Fundadores e à "heresia Americanista" desmoralizou membros da Fraternidade e levou muitos deles à revolta. A Declaração de Independência e a Constituição trazem a marca e estão recheadas com as doutrinas da Maçonaria. A primeira emenda é taxada de "indiferentismo religioso," porque não estabelece a Igreja Católica. Esses ataques vêm do padre francês Jean-Luc Lafitte de RidgeField, Connecticut; do padre espanhol Angles de St Mary; do padre australiano Scott na sede da Fraternidade em St. Louis; e do bispo inglês Williamson em Winona. Não há nenhum americano detendo poder na Fraternidade nos Estados Unidos.***

Williamson, segundo o padre "Abel", reprova à América por ter um dia se separado do Império Britânico (caso contrário teríamos uma Igreja Anglicana estabelecida). Ele também trata os índios (das Índias) de imigrantes, *e acredita que o subcontinente deveria ter permanecido sob domínio britânico. Ele responsabiliza os americanos pelo desemprego na Inglaterra. Como bons coloniais, deveríamos dedicar nossa fortuna e nossa indústria aos mestres britânicos.*

Padre Ramon Anglès (FSSPX), protegido de Dom Williamson *(e atualmente em Dublin, superior de distrito da FSSPX para a Irlanda)*

…(..)…

Os extremistas políticos florescem na Academia São Pio X (internato K 12) e no colégio de St Mary, Kansas. Desde 1989, o padre Ramon Angles é o reitor das duas instituições. As crianças da Academia St Mary aprendem a odiar a forma americana de governo. As icônicas americanas são escarnecidas. A Estátua da Liberdade é ridicularizada como "uma prostituta francesa" (…)

Mas ***o padre Angles leva a crítica ainda mais longe. Parece que o bom governo encontra sua realização na ditadura antissemita da Alemanha Nazista. Em uma aberrante inversão do bem e do mal, o assassino em massa, o adorador do diabo, Adolf Hitler é transformado em um tipo de Rei Cristão. O padre Angles tem um apartamento cheio de trajes nazistas que ele mostra para os meninos privilegiados. Ele lhes mostra as adagas cerimoniais usadas pelos oficiais do Terceiro Reich. Está orgulhoso do Mercedes clássico que sua família possui, que um dia foi de propriedade de Adolf Hitler. Um estudante da academia foi convidado pelo padre Angles há dois anos. Em seu quarto do campus, Angles lhe ofereceu uma pizza e lhe mostrou um filme de propaganda nazista, O Triunfo da Vontade.***

O "Triunfo da vontade"[6], um dos filmes de propaganda do III Reich, produzido pela Sra. Leni Riefenstahl, e que o padre Angles gostava de mostrar em 1990, segundo os senhores Case, Joe Souther e Ted Remark.

Ele passou o filme novamente, parando em certos momentos, comentando com fervor e lendo a pilha de transcrições dos discursos de Hitler que tinha ao seu lado. Leni Riefenstahl, a produtora do filme e chefe da propaganda do Terceiro Reich, ainda vive e reside na América do Sul. O padre Angles a visita frequentemente (ele fala sobre isso com seus alunos) e se vangloria dessa intimidade.

A Sra. Leni Riefenstahl, a cineasta e propagandista do regime nazista, mulher da qual o padre Angles seria amigo, segundo o Sr. Case e o Sr. Joe Souther, e com quem ele mantinha contato regular no início dos anos 1990 (veja abaixo).

St. Mary's, Kansas, é uma cidade dominada pelo medo e pela controvérsia. Quando um padre ou um aluno da academia falava de "Manobras da Gestapo", ele queria dizer que uma tirania moral domina o campus, que as crianças são intimidadas, espancadas e dominadas por outras crianças que fazem parte de um grupo perfeccionista chamado Os Filhos de Maria. Ele quer dizer que as pessoas que não concordam com o padre Angles ou o contradizem de alguma forma são condenadas em púlpito, marginalizadas e até ameaçadas fisicamente. Treze alunos da Academia foram expulsos ou suspensos durante o ano letivo de 1990-91 por diversas imperfeições de sua parte ou de parte de seus pais. 37 outros foram retirados por pais desesperados ou banidos. A Comunhão foi negada a uma avó porque sua filha havia sido marginalizada. Uma criança foi forçada a ajoelhar-se na neve durante o auge do inverno por uma hora como punição por uma falta menor. Informantes sinalizam ao padre Angles quando notam uma mulher de calças na cidade. Ela e sua família são condenadas em púlpito. As crianças são instruídas a seguir o que os padres dizem e não o que seus pais dizem. Se eles seguirem, ao contrário, a autoridade de seus pais, são informados de que estão se dirigindo para o inferno. Diz-se que seus pais têm espíritos satânicos.

…(..)…

Alguns membros do crescente exército dos ostracizados, doentes e cansados de serem ameaçados pelo padre Angles, compraram armas para proteger suas famílias. Enquanto isso, os incondicionais da facção pró-Angles dizem que se as críticas continuarem "Haverá sangue nas ruas de St. Mary".

…(..)…

A reabilitação de Adolf Hitler não é apenas uma aberração do padre Angles. O primeiro padre americano ordenado pela FSSPX foi um certo padre Gregory Post. Um dia, ele pegou um voo e ao chegar no aeroporto de San José, Califórnia, estava completamente vestido com um uniforme da Waffen SS, com capacete, botas e suástica no braço. Os membros da Fraternidade de San José que o receberam no aeroporto ficaram indignados, o superior do distrito da Fraternidade teve que voar para San José para repreender o padre e contornar a situação.

…(..)…

Seja na França ou nos Estados Unidos, questiona-se se os movimentos católicos tradicionais são penetrados pela política ou vice-versa. No início deste século, a Ação Francesa antissemita apoiava a Igreja Católica como um bastião contra o liberalismo e o socialismo, mas muitos dentro da Ação Francesa eram simplesmente ateus de direita que usavam a Igreja para seus próprios fins. Nos Estados Unidos, muitos padres que formam o núcleo dos defensores do tradicionalismo eram originalmente membros do Movimento Católico Romano Ortodoxo (ORCM). O ORCM foi fundado e dirigido pelo padre Francis E. Fenton, que também era membro da direção da John Birch Society. A organização agora extinta, desmantelada por dissensões internas, as noções paranoicas do ORCM sobre uma infiltração comunista massiva do governo dos EUA e das estruturas educacionais ainda motivam muitos no movimento tradicional. Fenton agora é sedevacantista, enquanto a John Birch Society foi condenada por heresia americanista pelos líderes da FSSPX. Em movimentos sectários, políticos ou religiosos, seus aliados mais próximos rapidamente se tornam seus inimigos mais perigosos. Entre alguns, os medos políticos exagerados frequentemente constituem um credo mais forte do que a crença em Deus.

Desmerecer a religião de alguém por causa de suas opiniões políticas é um erro, exceto quando a religião desaparece atrás da política. Esse ponto foi atingido à esquerda quando os padres seculares da Nicarágua pegaram em armas pelos sandinistas, e quando a teologia da libertação desviou as formas e ritos católicos e aplicou-os a sacramentos marxistas de violência revolucionária. ***Ele é atingido à direita quando se ensina às crianças que Hitler era uma espécie de santo e que sua "Solução Final, se é que tal programa existiu, era uma solução cristã apropriada para o 'Problema Judeu'."***

…(..)…

Atualmente (1992), Williamson realiza um vigoroso lobby para que o padre Schmidberger seja nomeado superior geral da ordem (Nota: ele perdeu a eleição em 1993 para Bernard Fellay; um dos bispos excomungados da Fraternidade), e pode conseguir isso na próxima sessão. *Esta sessão resultará em um Conclave para a eleição de um Papa? O papa da Verdade descerá do céu? Será Williamson?*

Será uma ascensão meteórica para o inglês. Estudante de línguas em Cambridge, foi batizado em Écône em 1973. Três anos depois, foi ordenado sacerdote, e em 1988 consagrado bispo.

Um resumo de tudo o que foi dito aqui pode ser retirado de "The Belief of Catholics", de Ronald Knox: "Acreditar na doutrina católica sem acreditar na existência dessa autoridade infalível que garante que tudo está sob controle, não é a fé católica, mas uma série de opiniões especulativas. É a primeira infidelidade que conta." Dr. Thomas Case, ***Fidelity Magazine****, Outubro de 1992 «* ***A FSSPX ficou doente*** *»*

Fim da citação dos trechos de « ***A FSSPX ficou doente*** », ***Fidelity magazine***, **Outubro de 1992**, por **Thomas Case**.

Início da citação dos trechos de ***Fidelity Magazine*** — Dezembro, 1992, por **Thomas Case**.

« A carta de resposta do padre Ramon Anglès é publicada na íntegra no arquivo das Anexações (A e B) (*Dossiê Ecclesia Dei Fidelity (em francês) – 1992:* ***http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-26-B-00-Etats-Unis_Traduction_Fidelity_1992.pdf****). Uma outra carta de resposta do Dr. Case a refuta factualmente, com testemunhos assinados, nestes mesmos anexos. »*

Resposta do Sr. Case ao padre Anglès

"Eram Ted Remark e Joe Souther os dois jovens que assistiram ao filme de propaganda nazista O Triunfo da Vontade, no campus, no escritório privado do padre Anglès, em maio de 1990. Todos os detalhes desse evento, conforme registrados em meu artigo, são confirmados por um e outro desses dois alunos. Um terceiro aluno me declarou ter sido também convidado a assistir ao filme, mas que havia declinado o convite."

"Joe Souther se lembra do padre Anglès dizendo-lhe que a família Anglès possuía o Mercedes de Hitler. Uma confirmação posterior da posse desse Mercedes foi trazida a partir de uma conversa com o padre Pazat e Mark Mateyka que ocorreu em Phoenix."

"O padre Anglès também se vangloriou diante de Joe Souther de conhecer muito bem a propagandista nazista Leni Riefenstahl, a diretora de O Triunfo da Vontade, acrescentando que falava frequentemente com ela por telefone. Ted Remark também confirma que o padre Anglès lhe disse que ele e sua família eram amigos de Leni Riefenstahl. Na ocasião de uma segunda visita ao padre Anglès, este mostrou a Joe Souther um livro escrito por um coronel da Waffen SS contendo uma dedicatória assinada em relação ao padre Anglès. O padre Anglès declarou a Joe Souther que foi ele (Anglès) quem administrou os últimos sacramentos a esse coronel SS. Durante essa visita, Souther observou a presença de pilhas de literatura antissemita no apartamento. Memorabilia nazistas também estavam em destaque no apartamento de Anglès. Entre outras lembranças, Souther se lembra especialmente de ter notado adagas de cerimônia feitas de marfim e prata, usadas por oficiais superiores da SS."

Sr. Case - St. Mary, Kansas

"Queria informar e confirmar aos seus leitores que fui uma das pessoas que assistiram ao filme de propaganda nazista O Triunfo da Vontade. Uma carta foi colocada aqui em St. Mary em circulação, assinada pelo padre Anglès, que afirma que '... ele [o padre Anglès] nunca assistiu, nem possuiu, qualquer filme nazista...' O fato é que ele realmente nos fez assistir ao O Triunfo da Vontade, a mim e a um de meus amigos. Também tenho testemunhas que estavam presentes quando o padre Anglès me perguntou se eu queria assistir ao filme enquanto comíamos uma pizza. Elas saíram de sua reserva e estão prontas para

me apoiar em tudo isso."

Joseph Souther - St. Mary, Kansas

Fidelity se desqualifica (resposta do Padre Peter R. Scott)

O número de outubro da Fidelity Magazine publicou um artigo escandaloso sobre a Fraternidade São Pio X. Essa mistura sensacional de mentiras, boatos e ataques pessoais não merece nenhuma resposta. No entanto, para remediar o escândalo causado às almas inocentes e para demonstrar a falsidade dessas alegações, fazemos as seguintes observações.

O argumento do autor é dos mais simplistas. Uma organização em cisma está se transformando em seita e, por consequência, apresenta comportamentos seculares, caos e desordem. Antes mesmo de iniciar sua "investigação", ele já havia determinado que esse era de fato o caso da Fraternidade São Pio X. Aqui estão as principais acusações.

1) A FSSPX é um movimento de protesto em oposição à autoridade, condenado a nunca conseguir se reintegrar ao seio da Igreja por causa de suas posses de igrejas, propriedades, imóveis e hipotecas.

Desde quando uma ordem religiosa pode possuir seus próprios bens? Isso sempre foi o caso. A Fraternidade foi fundada em total respeito à legalidade e submissão a Roma, não como um movimento de protesto, mas para formar verdadeiros sacerdotes. O objetivo permanece imutável, mesmo que implique necessariamente uma oposição contínua à destruição modernista da Fé. A exclusão de vários sacerdotes sedevacantistas e rebeldes ao longo dos anos não refuta isso, mas, pelo contrário, constitui uma prova.

2) O 'cisma' de 1988 irrompeu a partir das declarações intransigentes e contraditórias do Arcebispo Dom Lefebvre.

Não existe nenhuma contradição entre tentar negociar com Roma Conciliar e reconhecer a infiltração maçônica e modernista que eventualmente pode paralisar qualquer negociação.

Não há nada de contraditório entre recusar a Nova Missa e admitir que ela não é "por si mesma inválida nem herética, quando celebrada de acordo com o rito indicado na edição romana." Nosso repúdio à Nova Missa baseia-se no perigo que ela representa para a Fé e na incorporação de um grande número de elementos protestantes e modernistas.

Não há nada de contraditório entre afirmar que o Vaticano II "deve ser entendido à luz da santa Tradição" e exigir uma revisão total da Declaração [conciliar] sobre a Liberdade Religiosa. Pois a luz da santa Tradição exclui certos elementos da Declaração sobre a Liberdade Religiosa e requer que outros sejam reformulados de uma maneira mais claramente católica.

Não há nada de contraditório entre aceitar reconhecer a função do Papa João Paulo II e denunciar a "manifestação blasfematória" de Assis, da qual ele deve assumir a responsabilidade.

3) O Arcebispo Dom Lefebvre transferiu precisamente os superiores que consideravam uma consagração episcopal um ato cismático formal e os substituiu por outros que consentiam na mesma, especialmente nos Estados Unidos.

Essa é uma acusação totalmente falsa. ***O único superior nos Estados Unidos que foi transferido (o padre Bolduc) o foi em 1984 por razões totalmente diferentes.*** *O Arcebispo Dom Lefebvre certamente consultou seus sacerdotes aos quais concedia sua confiança, mas* ***a falsidade dessa acusação é demonstrada pelo fato de que ele manteve seu segundo assistente, que era conhecido por ser hostil às consagrações (o padre Bisig).***

4) Uma campanha de propaganda de um ano e meio foi lançada em St. Mary, Kansas, antes das consagrações e imposta a todos os "fiéis", afirmando que o Papa havia perdido toda autoridade legal.

Isso é novamente uma acusação totalmente falsa, pois ninguém sabia, até esse momento, o que aconteceria. Na realidade, até maio de 1988, a maioria dos fiéis que assistia às missas dos sacerdotes da Fraternidade acreditava e esperava contra toda esperança que o Papa aprovasse as consagrações desejadas. O motivo pelo qual o número de pessoas que deixaram a Fraternidade após as consagrações foi tão baixo não se deve, de forma alguma, a qualquer lavagem cerebral (não é possível encontrar qualquer documentação que comprove tal propaganda imaginária), ***mas sim à confiança que as pessoas depositavam em seu bom pastor, à sua desconfiança em relação a Roma e à sua capacidade de perceber a injustiça com que o Arcebispo era tratado.***

5) Como Lutero, o Arcebispo Dom Lefebvre fundou sua própria igreja.

*Como pode-se comparar Lutero, cuja própria ataque à Igreja de Roma foi "***o verdadeiro reino do pecado, da morte e do inferno***," que levou ao seu cisma e heresia, ao Arcebispo* ***Dom Lefebvre, cuja razão de luta contra o modernismo residia em seu apego a Roma****? Muitas vezes ele repetia o quanto estava fortemente ligado à sua declaração de 1974, que começava com as palavras: "Nós aderimos de todo o nosso coração e de toda a nossa alma à Roma Católica, guardiã da Fé Católica, e a essas tradições que são necessárias para a manutenção dessa Fé, à Roma eterna, mestre da Sabedoria e da Verdade."*

6) As consagrações foram adiadas devido à compra do seminário de Winona (Minnesota).

Essa é uma acusação totalmente absurda. Como um tal evento, anunciado um ano antes, poderia depender da compra de uma propriedade em uma Fraternidade que possui tantas? De qualquer forma, o seminário foi comprado um ano completo antes de as consagrações ocorrerem, e não foi comprado por uma única pessoa também.

7) Dom Williamson, bispo para a América do Norte, é um sedevacantista, e o Arcebispo Dom Lefebvre contava com a audiência que essa questão recebia.

Dom Williamson é o bispo designado para os Estados Unidos, pois nenhum dos quatro bispos da Fraternidade tem jurisdição ou autoridade territorial (esta vem apenas do Papa), e ele também não é sedevacantista. Sua Carta aos Amigos e Benfeitores de 5 de março de 1992 constitui, ao contrário, uma refutação dessa posição. ***O Arcebispo, Dom Lefebvre, autorizou que essa questão da vacância da Sé fosse levantada de maneira especulativa, mas ele se recusou a se reconhecer, assim como a qualquer outra pessoa, a competência necessária para afirmá-la.***

8) Uma disputa entre patriotas americanos e fascistas europeus está rasgando a Fraternidade.

É certo que o padre Finnegan, de maneira totalmente irracional e injustificada, acusou sacerdotes não americanos de serem anti-americanos e antipatrióticos. *Na realidade, seus ensinamentos sobre a Realeza social de Cristo e sobre como isso se opõe diretamente às formas democráticas e liberais de governo, como se vê em todas as sociedades modernas, não diferem dos de outros sacerdotes americanos da Fraternidade sobre o mesmo tema.* ***Se lhe foi pedido que aceitasse sua transferência, foi porque se tornara evidente que suas críticas desmedidas a outros sacerdotes (como, destruidores da Fé, infiltrados comunistas) estavam causando divisão dentro da unidade sagrada da Fraternidade que nos é proporcionada pela autoridade central. Ao recusar reconhecer essa função e esse princípio à autoridade, ele, consequentemente, aceitava o princípio protestante do julgamento privado.***

9) Um novo padre (estrangeiro) chegará em breve a Post Falls.

Esse padre estrangeiro é ***o padre James Doran, um americano de Detroit****. Ele foi nomeado para Post Falls não para continuar uma luta contra o Americanismo, nem para ensinar a Única e Verdadeira Fé política. Nunca houve qualquer tipo de batalha sobre o Americanismo em Post Falls ou em qualquer outro lugar,*

nem nada político sobre sua nomeação, assim como sobre a Fé que ele prega. Se ele foi assim designado, foi para administrar e ser o pastor de nossa segunda maior paróquia nos Estados Unidos, tendo em vista sua experiência, capacidades e excelentes serviços em St. Mary, St. Louis e Kansas City.

10) Houve desperdício de dinheiro em Campbell, Califórnia.

A capela temporária e inadequada de Campbell foi vendida por 12 vezes o valor que pagamos para adquiri-la. A comuna de Campbell estava prestes a nos obrigar a vendê-la. Uma capela de substituição e um reitorado foram adquiridos a apenas 15 km de lá, o que era, de longe, a localização mais próxima possível. É claro que os fundos da venda foram utilizados para financiar as construções (uma nova igreja e os serviços do reitorado). Foi para nós um magnífico bônus se essa propriedade se tornou um centro de retiros e acampamentos, com muitos prédios em um local espetacular de 26 acres – tudo oferecendo as comodidades necessárias para uma vasta paróquia.

O padre Foley, que até então exercia a função de pároco, foi expulso da Fraternidade devido à sua recusa em respeitar a regra de vida comum à qual ele havia se comprometido antes de sua ordenação. Ele continuava a viver em sua própria casa e se recusava a aceitar qualquer um dos diferentes cargos que lhe foram propostos.

11) O padre Scott decidiu anunciar aos paroquianos de Omaha [Nebraska] que eles não teriam mais padres da Fraternidade.

Isso é falso. Nenhuma decisão dessa natureza jamais foi tomada. Essa missão estava estagnada há algum tempo devido à falta de entusiasmo por parte dos habitantes. Como resultado, a frequência das missas teve que ser temporariamente reduzida quando havia escassez de padres. Quando algumas famílias tentaram fechar essa missão, ela foi transferida para Lincoln [Nebraska], onde agora as coisas estão indo bem.

*12) **"Se você não está na Fraternidade, você não está na Igreja" é uma doutrina de Williamson ensinada no seminário e em St. Mary.***

*É uma proposta absurda. Não só a FSSPX não é sedevacantista, mas também admite e reconhece os bons feitos por muitos outros padres tradicionais independentes (**desde que não sejam sedevacantistas e que não façam qualquer compromisso com o modernismo da Igreja Conciliar**). Ela não afirma isso também em relação aos muitos padres e fiéis que ainda permanecem ligados ao Novus Ordo, e não afirma que não podem salvar suas almas (embora elas estejam em grave perigo devido à enganação do modernismo).*

13) As publicações da FSSPX, Verbum, Angelus e A Carta do seminário estão proibidas no Canadá.

Mais uma alegação totalmente gratuita e falsa.

14) Não existe um único americano em posição de poder na Fraternidade nos Estados Unidos.

Mais uma acusação completamente falsa. Cidadãos americanos ocupam posições de responsabilidade na Fraternidade nos Estados Unidos como assistentes do Superior do Distrito (padre Ward) e superiores ou priores locais em Dickinson, Armada, St. Louis, Kansas City, Browerville, Post Falls, El Paso (ou seja, em 7 dos 11 priorados).

15) As acusações virulentas feitas pelo "padre Abel" contra Dom Williamson.

***Declarações relatadas como "nenhuma mulher pode ser salva," "retiros para mulheres são piores que inúteis," "não pode haver perdão para as filhas de Eva," "os índios são umas bestas," "a América do Norte deveria ter permanecido sob a dominação britânica" nunca foram proferidas por Dom Williamson.** Além disso, seus comentários sobre os avanços da Nova Ordem Mundial nunca deram a entender a ocorrência de incidentes de violência política, mas constituem, em vez disso, uma posição sobre um mundo moderno oposto à Realeza social de Jesus Cristo.*

16) (Os pontos 16 a 23 são ***idênticos aos pontos tratados na carta do Padre Anglès****. Veja acima.)*

24) O padre Post chegou ao aeroporto de San Jose vestido com o grande traje de gala de um oficial SS alemão e teve que ser advertido por seu superior.

Isso é, mais uma vez, uma acusação completamente falsa, sem nenhum tipo de fundamento. ***Não existe também, dentro da Fraternidade, nenhuma "doença virulenta de ódio ou de hitlerismo." Mais uma vez, a Fraternidade não tem nada em comum com qualquer movimento político, muito menos com um movimento político que foi condenado pelo Papa Pio XI em 1937. Em nenhum momento foi ensinado às crianças de nossas escolas que o anticatólico furioso que foi Adolf Hitler era uma espécie de santo, ou que o genocídio seria uma solução cristã para o "problema judaico."***

25) ***Dom Williamson manobra continuamente com obstinação para ser eleito Superior Geral****, e para tentar então se tornar um antipapa.*

Outra afirmação totalmente falsa. O Arcebispo Dom Lefebvre deixou claro de maneira perfeitamente clara que o Superior Geral não deveria ser um dos bispos (uma outra violação da parte da direção da Fraternidade foi a eleição como Superior Geral da FSSPX de Dom Fellay em 1995 – Nota da Redação), a fim de evitar dar a impressão de que os bispos que ele consagrou possuíam alguma jurisdição. Ninguém que tenha, de alguma forma, familiaridade com Dom Williamson poderia imaginar que ele pudesse manobrar para obter qualquer cargo.

Que este artigo escandaloso e os rumores a ele associados sejam para nós uma oportunidade de fortalecer nossas convicções e redobrar nossos esforços para estabelecer a Realeza social de Nosso Senhor Jesus Cristo. Que nosso zelo pela Verdade, natural e sobrenatural, seja a grande motivação de nossas vidas. Tenham certeza de que, ao recusarmos qualquer compromisso com os erros modernistas da Igreja Conciliar, demonstraremos nossa verdadeira fidelidade à Igreja Católica, e que asseguraremos o advento de um verdadeiro renascimento que seja o triunfo do Coração Imaculado de Maria.

Padre Peter R. Scott – Superior do Distrito dos Estados Unidos – Fraternidade São Pio X *– Kansas City, Missouri*

Resposta de Mr. Case ao padre Scott

"O padre Scott não sabe que os atos de propriedade são objeto de registro público? O Registro do Condado de Winona, Minnesota, me informa que a propriedade do seminário São Tomás de Aquino foi adquirida em 31 de maio de 1988, um mês antes das consagrações. (E não um ano antes, como afirma o padre Scott.) O proprietário registrado no Registro é 'Seminário São Tomás de Aquino, uma sociedade anônima de Michigan; Dom Richard N. Williamson, St. Thom. Aq. Sem. Ass. Inc., Presidente.' Note que essa propriedade não é possuída pela FSSPX.

A Carta aos quatro futuros bispos do Arcebispo Dom Lefebvre ***foi enviada em 29 de agosto de 1987.*** *Em sua tonalidade, assim como em seus termos – "A Roma dos anticristos", por exemplo – este documento parece ser um documento de rompimento. Ele testemunha o fato de que o Rubicão havia sido cruzado, e as consagrações se tornaram iminentes.* ***E, no entanto, ainda se passaram 10 meses completos antes que os quatro novos bispos fossem consagrados. Foi durante esses 10 meses que Williamson estava negociando a compra da propriedade de Winona. O ato de propriedade foi finalmente registrado. Um mês depois, Williamson se tornou bispo. Assim, a acusação, proveniente de uma fonte anônima de alto escalão, segundo a qual as consagrações teriam sido adiadas pelas razões que apresentei em meu artigo, torna-se consistente. O ato de propriedade foi registrado em 6 de junho de 1988. Leia novamente a passagem do meu artigo que trata das datas dessas negociações de última hora e de seu repentino fracasso, e verifique como essas datas coincidem bem com a compra de Winona."***

Mr. Case – St. Mary, Kansas

Fim da citação dos trechos de ***Fidelity Magazine*** – dezembro de 1992, por **Thomas Case**

O leitor poderá tomar conhecimento em anexo a esta mensagem – Dossiê *Ecclesia Dei Fidelity* (em francês) – 1992 – da tradução francesa **integral do dossiê** da polêmica que este artigo do Dr. Thomas Case provocou nos Estados Unidos, **assim como das respostas, refutações e negativas integrais opostas a essas acusações pelo padre Ramon Anglès e pelas autoridades** da FSSPX encarregadas do distrito da América do Norte da FSSPX.

Assim, poderá constatar que **toda pessoa minimamente informada – e o "cardeal" Castrillon Hoyos, então Prefeito da *Sagrada Congregação para o Clero*, menos que ninguém – não poderia em nenhum caso ignorar os ensinamentos provocadores e públicos de Dom Richard Williamson, o ex(?)-anglicano britânico, o bispo da Rosa, tão próximo da *Fabian Society*,** o homem que – embora tenha sido devidamente alertado, assim como Dom de Galarreta, pela advertência canônica do padre Andrés Morello, Superior do Seminário de La Reja **–** se esforçava desde o final dos anos 80 para acolher em seu seminário de Winona, proteger, fazer ordenar e promover como professor em seu Seminário de Winona os clérigos predadores homossexuais Carlos Urrutigoity e Eric Ensey, e que ordenou o padre "***pédéRatz***" Marshall Roberts.

Todo católico sensato deve agora se perguntar claramente:

Quem é o britânico ex(?)-anglicano, filho de um pastor anglicano, Richard Nelson Williamson?

De onde ele veio?

Por que ele se juntou ao seminário de Écône em 1972?

Por que **ele buscou tão obstinadamente – e com perfeita eficiência – desmerecer tão profundamente, nos Estados Unidos, a obra** de preservação do sacerdócio sacramentalmente válido da Igreja Católica, providencialmente fundada por Dom Lefebvre?

Quais são a natureza e o objetivo de sua longa cumplicidade objetiva com o padre apóstata Castrillon Hoyos[7], que poderiam explicar a passividade tão longa deste último em relação a ele, apesar de suas ações?

Quais são a natureza e o objetivo de sua cumplicidade factual atual com o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, no sincronismo[8] da assinatura de 21 de janeiro, e sua provocação midiática negacionista, que agora designa toda a Fraternidade São Pio X, suas obras e seu apostolado para a próxima repressão dos braços seculares dos governos europeus e americanos?

Por que Dom Fellay ainda não expulsou da FSSPX, como as leis da Igreja lhe indicam, **o ex-anglicano, Dom. Williamson[9]–'*Cunctator*' à Rosa, o antigo protetor, ordenante e promotor obstinado em Winona dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey, e o ordenante do padre « *pédéRatz* » Marshall Roberts?**

Continuemos o bom combate.

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2009 virgo-maria.org

Anexos A & B:

Dossiê *Ecclesia Dei Fidelity* (em francês) – 1992: **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-26-B-00-Etats-Unis_Traduction_Fidelity_1992.pdf**

Dossiê de Referências *Virgo Maria* sobre o ex(?) anglicano da FSSPX, Dom Richard Williamson à Rosa

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-22-A-00-Pere_de_Mgr_Williamson_Pasteur_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-16-A-00-Mgr_de_Galarreta_compromis.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-09-A-00-Mgr_Fellay-protege-Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-01-E-00-Hoyos_au_secours_de_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-25-A-00-Decret_21_janvier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-23-A-00-Mgr_Williamson_Roberts.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-21-A-00-Sodomie_et_St_Pierre_Damien.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-09-A-00-Doctrine_sur_homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-A-00-Williamson_Camarilla.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-05-A-00-Abbe_Cekada_repond_Mgr_W.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-02-A-00-Diversion_de_Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-03-A-00-Abbe_Meramo-RC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

---

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-02-A-00-Mgr_Williamson_Blason_de_Luther.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-06-A-00-Hoyos_ment.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09_20-A-00-VM_Pages_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

---

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/006_2007/VM-2007-06-06/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Rore_refute_l_abbe_Calderon_2.pdf

http://rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-04-24-FR_Refutation_de_l_abbe_Calderon.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-B-00-Mgr_Williamson_tente_de_desarmorcer_VM_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-A-00-Abbe_Cekada_reordinations_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-28-A-00-Abbe_Cekada_refute_abbe_Calderon_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-B-00-Mgr_Williamson_Omission_d_Avrille_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-09-A-00-Hoyos_Versailles.pdf

Ver os Anexos A - e - B

---

[1] **Veja, ao final do artigo, a lista das referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?) anglicano da FSSPX, Dom Richard Williamson à Rosa, e sobre seu poder de perturbação estratégica dentro da Fraternidade.**

[2]**http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-25-A-00-Etrange_abbe_Angles-v1.pdf**

[3] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-B-00-Lettre_des_neuf.pdf**

[4] http://sspx.agenda.tripod.com/id9.html

[5] http://sspx.agenda.tripod.com/id10.html

[6] « *Aqui está um documentário de pura propaganda nazista, realizado durante uma gigantesca reunião em Nuremberg entre 4 e 10 de setembro de 1934, chamado "O Triunfo da Vontade", em referência à vontade de ferro que levou o Führer ao poder, à sua luta contra todos os seus inimigos internos e externos. Os historiadores, desde então, relativizaram amplamente a ascensão do ditador e provaram que ele conseguiu*

aproveitar o contexto histórico, bem como muitos apoios e circunstâncias. »

http://www.cinemovies.fr/fiche_film.php?IDfilm=16060

[7] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-09-A-00-Mgr_Fellay-protege-Mgr_Williamson.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-01-E-00-Hoyos_au_secours_de_Williamson.pdf

[8] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-25-A-00-Decret_21_janvier.pdf**

[9] **Veja abaixo a lista de referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de Virgo Maria sobre o ex(?)-anglicano da FSSPX, Dom Richard Williamson, o bispo britânico da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, e sobre seu poder de influência estratégica dentro da Fraternidade.**

Operação G.L.F. (Gricha-Lorans-Fellay): Fideliter se distancia de Dom Lefebvre

Segunda-feira, 10 de agosto de 2009

> ***"A Fraternidade está autorizada a se desviar** das escolhas prudenciais de seus superiores passados, **e até mesmo de seu fundador…**"*
> *"Ele fala do que fará enquanto viver **e cuida bem de não comprometer e vincular seus sucessores**."*
> *Fideliter* n°189, maio-junho de 2009

Dom Lefebvre traído pela conivência de Dom Fellay com a política de 'ralimã' da Grande Loja da França (GLF)

> ***"Eu vos conferirei esta graça, confiando que, sem demora, a Sé de Pedro seja ocupada por** um sucessor de Pedro perfeitamente católico, em cujas mãos podereis depositar a graça de vosso episcopado **para que ele a confirme."***
> *Dom Lefebvre[1], Carta aos futuros bispos, 29 de agosto de 1987*

Dom Lefebvre vinculou claramente seus sucessores no episcopado com compromissos fortes e inequívocos, em total oposição à política incerta e sinuosa, e às discussões **a portas fechadas**, estabelecidas por Dom Fellay, guiado por seu objetivo de traição, que o jornalista **Gérard Leclerc** revelou:

> *"Dom Fellay é partidário de uma aproximação que encerraria uma **situação anômala** e **insuportável a longo prazo**."*

A proteção agora flagrante que Dom Fellay e o padre de Cacqueray oferecem a um maçom da GLF, o padre Celier[2], apesar do escândalo público, mostra cada vez mais claramente a conivência da política em "três pontos" dirigida pela liderança da FSSPX com a política de rendição promovida ativamente pela maçonaria do R.E.A.A. (*Rito Escocês Antigo e Aceito*) para uma "reconciliação" da obra de Dom Lefebvre com as autoridades da igreja conciliar apóstata e globalista de Bento XVI, **"no momento em que o papa Bento XVI quer corajosamente remendar a túnica rasgada da Igreja[4]"** (nas palavras do maçom Jean-Luc Maxence, em seu prefácio ao livro "*Bento XVI e os tradicionalistas*" do padre Celier, publicado em sua própria editora), e assim erguer **"o edifício de uma reconciliação"[3]!**

Alguns nomearam essa política da direção da FSSPX como a **"política GLF" para Gricha-Lorans-Fellay**.

Com a aproximação da abertura das "discussões" doutrinais **a portas fechadas**, as manobras multiplicam-se nos meios de comunicação da FSSPX, sob o controle do grupo de infiltrados, para *preparar as mentes dos clérigos e fiéis para um acordo com Bento XVI*, que consistiria na aceitação do Vaticano II[4], interpretado "*à luz da Tradição*", assim como na aceitação da legitimidade e da validade do *Novus Ordo Missae*, o que já foi precedido pela celebração do *Motu Proprio* de 07/07/2007 por Dom Fellay.

Hoje, chamamos a atenção dos clérigos e dos fiéis para o desvio que começou a ocorrer na revista *Fideliter*, com um distanciamento sutil, mas novo e significativo em relação a Dom Lefebvre.

No número 189 (maio-junho de 2009), um artigo intitulado "Écône e Roma – Perguntas e Respostas", **relativiza as posições de Dom Lefebvre**, rotulando-as, de maneira bastante farisaica, como **"escolhas prudenciais"**. E, enquanto proclama sua fidelidade ao fundador, a revista abre caminho para uma 'emancipação' das orientações dadas pelo arcebispo.

O **método subversivo** é bem conhecido: consiste em proclamar ruidosamente sua fidelidade ao fundador, enquanto se *introduz uma retórica que exprime um distanciamento através de expressões relativistas*.

"Ele fala do que fará enquanto viver e se cuida bem de não comprometer e vincular seus sucessores", não hesita em escrever falsamente a *Fideliter*, enquanto Dom Lefebvre claramente deu aos futuros 3+1 bispos uma carta de missão que lhes impõe uma linha de ação, determinando que eles só deveriam confiar seu episcopado a um sucessor de Pedro **"perfeitamente católico"**.

É evidente que **Bento XVI não corresponde a esse critério**. A clareza é tamanha que seria preciso fechar os olhos para não enxergá-la. Dom Tissier de Mallerais chamou-o de *"super-modernista"* em 11 de novembro de 2009 (declaração censurada[5] pelos subversivos de Suresnes nos atos do colóquio *Pascendi*) e o padre Chautard (primeiro vigário de Saint Nicolas-du-Chardonnet) declarou sobre Bento XVI:

> *"...Vou lhes dar um exemplo: Bento XVI. Objetivamente, sua teologia não mudou desde os anos 60. Um pequeno exemplo para fundamentar esta afirmação: uma de suas principais obras, publicada pela primeira vez nos anos 70, foi reeditada e republicada em 2005, e o papa declarou que não tinha nada a mudar.*
>
> *Ora, em 62, e mesmo um pouco antes, pelo menos na época do Concílio, o jovem padre Ratzinger era considerado como pertencente à ala mais à esquerda, na Igreja.*
>
> *Sua tese de teologia foi inicialmente recusada por causa de seu modernismo (sendo classificado à esquerda). Hoje, sem que ele tenha mudado teologicamente de opinião, ele é classificado à direita. Teologicamente, ele não mudou, mas o referencial evoluiu consideravelmente..."* [6](Conferência sobre a subversão, 11 de maio de 2009, Instituto Universitário São Pio X)

Como a direção da FSSPX em Suresnes (que controla a *Fideliter*) considera os fiéis? Como tolos?

E esses clérigos que são sustentados pelo dinheiro dos fiéis e que os traem pelas costas, sacrificando a validade dos sacramentos e, portanto, a salvação das almas, traindo Nosso Senhor Jesus Cristo enquanto se revestem de uma devoção farisaica à Santíssima Virgem Maria?

Essa pequena camarilha, apoiada pela autoridade de Dom Fellay, acredita que conseguirá fazer com que clérigos e fiéis aceitem sua política pró-maçônica de integrar a FSSPX à Roma globalista?

Chegou a hora de **retirá-los de suas posições e restaurar a ordem na obra de Dom Lefebvre**, **para retomar o combate pela preservação do Sacerdócio sacrificial validamente sacramental e para levantar as verdadeiras questões doutrinais e sacramentais que a evolução globalista da igreja conciliar agora coloca em massa.**

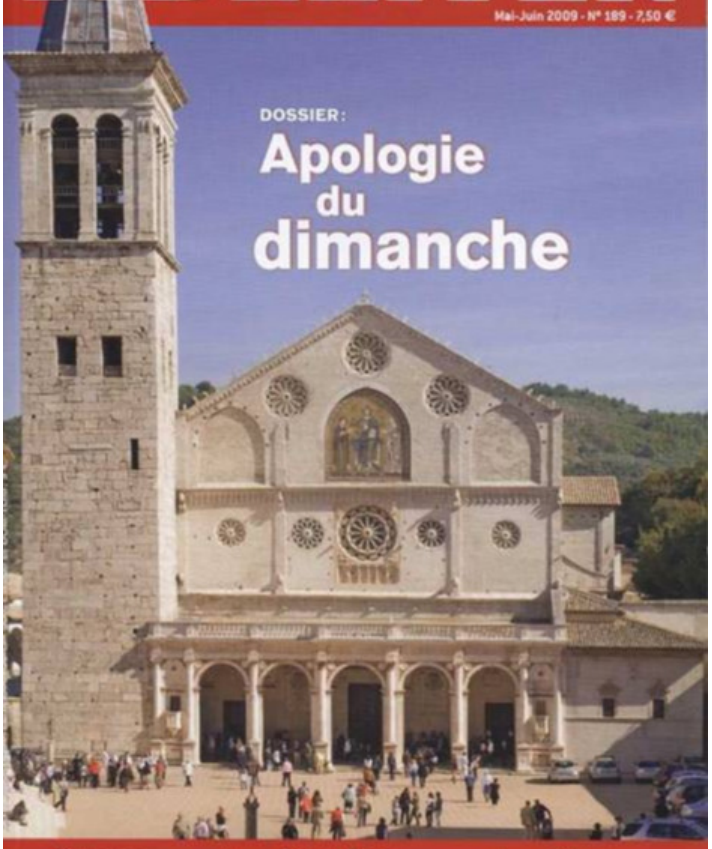
Continuemos o bom combate.

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2009 virgo-maria.org

FIDELITER

Mai-Juin 2009 - N° 189 - 7,50 €



DOSSIER :

Apologie du dimanche

Pèlerinage dans le Hoggar

Rome et Écône : questions et réponses

Culture : le roi Arthur

En ayant ces rapports avec Rome, la Fraternité ne s'écarte-t-elle pas des paroles de Mgr Lefebvre après les sacres ?

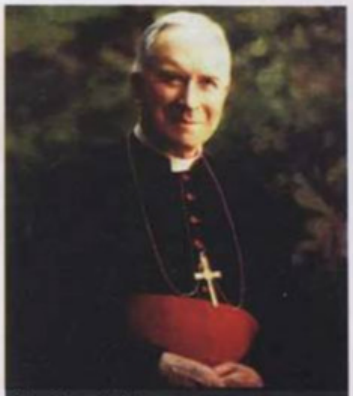
Dans un entretien accordé à *Fideliter* (n. 66 de novembre-décembre 1988), Mgr Lefebvre dit : « Nous n'avons pas la même façon de concevoir la réconciliation. Le cardinal Ratzinger la voit dans le sens de nous réduire, de nous ramener à Vatican II. Nous, nous la voyons comme un retour de Rome à la Tradition (...) Je ne peux pas beaucoup parler d'avenir, car le mien est derrière moi. Mais si je vis encore un peu et en supposant que d'ici à un certain temps Rome fasse un appel, qu'on nous revoie et reprendre langue, à ce moment-là c'est moi qui poserai les conditions. Je n'accepterai plus d'être dans la situation où nous nous sommes trouvés lors des colloques. C'est fini.

« Je poserai la question au plan doctrinal : « Est-ce que vous êtes d'accord avec les grandes encycliques de tous les papes qui vous ont précédés ? Est-ce que vous êtes d'accord avec *Quanta Cura* de Pie IX (...) ? Est-ce que vous êtes en pleine communion avec ces papes et avec leurs affirmations ? Est-ce que vous acceptez encore le serment anti-moderniste ? Est-ce que vous êtes pour le règne social de Notre Seigneur Jésus-Christ ? »

« (...) Tant que vous n'aurez pas accepté de réformer le Concile en considérant la doctrine de ces papes qui vous ont précédés, il n'y a pas de dialogue possible. C'est inutile. »

« Les positions seraient ainsi plus claires.

« Ce n'est pas une petite chose qui nous oppose. Il ne suffit pas qu'on nous dise : vous pouvez dire la messe ancienne, mais il faut accepter cela. Non, ce n'est pas que cela qui nous oppose, c'est la doctrine. C'est clair. »



Mgr Marcel Lefebvre

La Fraternité s'écarte-t-elle de ces paroles ?

1° A supposer qu'elle s'en écarte, elle aurait le droit de le faire sur certains points. Certes, la Fraternité ne peut s'éloigner ni de la Révélation, ni de ses statuts, ni de l'esprit de Mgr Lefebvre. Les membres de la Fraternité ne peuvent pas s'écarter de la volonté de leurs supérieurs respectifs, dans la mesure où ceux-ci ne mettent pas en jeu la foi et la morale. En revanche, la Fraternité est autorisée à s'écarter des choix prudentiels de ses supérieurs passés, voire de son fondateur, dès lors qu'elle reste fidèle à sa mission, et donc à son antilibéralisme contre-révolutionnaire. Mgr Lefebvre le savait bien, c'est pour cette raison qu'il dit : « Je ne peux pas beaucoup parler d'avenir, car le mien est derrière moi. Mais si je vis encore un peu… » Il parle de ce qu'il fera tant qu'il vivra et se garde bien d'engager et de lier ses successeurs.

2° De fait, elle s'en écarte sous un certain rapport et pas sous un autre. « C'est moi qui poserai les conditions », disait Mgr Lefebvre. C'est ce qu'a fait la Fraternité : c'est elle qui

a posé les préalables. « Je n'accepterai plus d'être dans la situation où nous nous sommes trouvés lors des colloques » : la situation n'est plus la même en effet. Ce en quoi la Fraternité s'est écartée, c'est que, là ou Mgr Lefebvre préconisait un questionnement d'ordre doctrinal, vingt ans après, la Fraternité a opté pour trois étapes, dont la première est à la fois disciplinaire et liturgique (liberté pour la messe), la deuxième disciplinaire (décret du 21 janvier), la troisième à la fois doctrinale et expérimentale (discussions doctrinales[1]).

En 1988 nous n'avions « pas la même façon de concevoir la réconciliation ». En 2009 il en est de même. Benoît XVI veut faire accepter le magistère conciliaire à la Fraternité, tandis que celle-ci veut le retour de Rome à la Tradition. Cependant, deux choses sont à noter : d'un côté, l'acceptation des deux préalables par Benoît XVI et une attitude tellement intéressée à la Tradition que le pape a perdu la confiance de nombreux évêques, prêtres et fidèles ultra-modernistes (tenir compte de cette réalité est un devoir d'humanité, de gratitude, voire de charité envers lui) ; d'un autre côté, la lettre du 10 mars a le mérite de montrer la volonté qu'a Rome de ne pas envisager de solution canonique avant l'éclaircissement des conflits doctrinaux. Ce faisant, Rome libère la Fraternité d'une menace qui pesait sur elle, celle d'un accord rapide et imprudent. C'est un peu comme si le pape avait fait siennes les paroles de Monseigneur : tant que la question doctrinale n'est pas résolue, « pas de dialogue possible » en vue d'une reconnaissance canonique ; le seul dialogue envisageable vise à résoudre d'abord la question doctrinale.

Enfin, obtenir que le centre de la catholicité réponde « oui » à la question que posait notre fondateur en son temps (« Est-ce que vous êtes pour le règne social de Notre-Seigneur ? »), c'est lui demander de croire. Or, comme le dit saint Paul : « Comment croira-t-on en celui dont on n'a pas entendu parler ? Et comment en entendra-t-on parler s'il n'y a pas de prédicateur ? Et comment seront-ils prédicateurs, s'ils ne sont pas envoyés ? » (Rm 10, 14-15). Certains doivent être envoyés pour parler.

Le refus d'accepter rapidement, tant que Benoît XVI est là et qu'il prend la direction qu'il prend, une situation canonique régulière, n'est-ce pas le signe d'un esprit schismatique et d'une méfiance maladive ?

Non. L'attitude à adopter en pareil cas est un choix sur des moyens en vue de la fin (le triomphe de la vérité), ce qui revient à dire qu'elle relève de la vertu de prudence. Or, la prudence nécessite 1° la mémoire de l'expérience : se souvenir des situations canoniques régulières qui ont tourné mal (sociétés ayant mis la vérité sous le boisseau) ; 2° la circonspection : notamment l'observation de l'impossibilité qu'a Benoît XVI aujourd'hui de vraiment diriger les évêques et de protéger qui que ce soit, s'il le voulait ; 3° la prévoyance du futur : ce futur ne peut paraître serein que si Rome renonce au concile.

Si la prudence est interprétée comme le signe d'un schisme et d'une méfiance, ce n'est pas en raison de l'acte prudentiel lui-même, mais parce que certains veulent bien apposer à cet acte une signification particulière. Cette signification, n'étant objectivement fondée sur rien, reste purement subjective et ne peut être perçue par les autres hommes.

Plus le temps passe et plus les choses donnent raison à la ligne de crête suivie par Mgr Lefebvre et la Fraternité – suivie avec humilité et paix de l'âme. ❖

1 - Cf. article p. 14, *Fideliter* 188 de mars-avril 1988.

© 2009 virgo-maria.org

---

[1] http://www.virgo-maria.org/Documents/mgr-lefebvre/1987_08_29_Lettre_aux_futurs_eveques.pdf

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-30-A-00-Jean_Luc_Maxence-Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-05-A-00-Suresnes-Loge_et_divan.pdf

[3] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2009/007_2009/VM-2009-07-27/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.html

[4] Cette exigence a été posée clairement par Benoît XVI dans sa lettre de mars 2009.

[5] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-22-A-00-Conciliarisation-rampante-de-la-FSSPX.pdf

[6] http://www.virgo-maria.org/Fichiers_Son/Dossier_Chardonnet/2009-05-11-Abbe_Chautard_La_Subversion-1-temps4640-Benoit_XVI.mp3

A proximidade perturbadora da GLF com o padre Celier não incomoda nem o padre de Cacqueray (FSSPX), nem Dom Fellay, Superior Geral da FSSPX[1]

Quarta-feira, 5 de agosto de 2009

Ainda nenhuma desculpa pública do padre de Cacqueray por ter ele mesmo promovido e espalhado amplamente, entre as famílias que frequentam as capelas da FSSPX, o livro do padre Celier *"Bento XVI e os Tradicionalistas"*, publicado por um maçom confesso e gnosticista antirreligioso.

Mais de uma semana após a ampla divulgação na Tradição da ligação entre a Grande Loja da França e o editor do padre Celier — e, portanto, da proximidade perturbadora da GLF — **nada aconteceu**:

- **Nenhuma dissociação pública do padre Régis de Cacqueray** do livro do padre Celier, *"Bento XVI e os Tradicionalistas"*, publicado por um maçom gnóstico confesso, com décadas de filiação à ***Grande Loja da França*** (GLF) e praticante regular do ***Rito Escocês Antigo e Aceito*** (REAA), para declarar publicamente que sua boa-fé foi enganada, e que desconhecia completamente essa qualidade do editor.

- **Nenhuma desculpa pública do padre Régis de Cacqueray por ter promovido e vendido pessoalmente em Nantes, e feito distribuir amplamente por toda a França**, durante os anos de 2007 e 2008, entre os fiéis e suas famílias que frequentam as capelas da Fraternidade, esse livro publicado por um maçom gnóstico e assumidamente antirreligioso, autor do livro *"A Loja e o Divã"*, publicado em outubro de 2008 pelas editoras esotéricas Dervy.

- **Nenhuma decisão disciplinar em relação ao padre Grégoire Celier por parte do padre de Cacqueray**, que, ao encobrir o escândalo público, **demonstra agora sua total solidariedade** com o editor maçônico.

- **Nenhuma medida de afastamento ou sanção por parte de Dom Fellay**, que parece ter mantido o padre Grégoire Celier em suas funções de conselheiro do padre de Cacqueray e dele próprio, e, além disso, **ainda o confirmou como membro da pseudo "Comissão Teológica" encarregada de engajar as pseudo "discussões doutrinárias" com as autoridades da Roma** antirreligiosa, "***Ecumênica***", globalista, maçônica e apóstata, liderada pelo mundialista e apóstata Ratzinger-Bento XVI.

Portanto, diante da recusa obstinada e desonrosa de Dom Bernard Fellay, Superior Geral da Fraternidade São Pio X, bem como do padre Régis de Cacqueray, Superior do Distrito da França da Fraternidade São Pio X, de qualquer declaração e esclarecimento público, e de qualquer reação e decisão essenciais frente às revelações factuais e documentadas apresentadas publicamente nas mensagens VM de 27 e 30 de julho de 2009:

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-30-A-00-Jean_Luc_Maxence-Celier.pdf

Toda pessoa de boa-fé é **obrigada a admitir que** foi com plena consciência que Mons. Bernard Fellay, Superior Geral da Fraternidade São Pio X, assim como o Pe. Régis de Cacqueray, Superior do Distrito da França da Fraternidade São Pio X, continuam a apoiar o padre Celier e a divulgar seu livro *Bento XVI e os Tradicionalistas*, editado pelo Sr. Jean-Luc Maxence, gnóstico e maçom membro da Grande Loja da França, confesso e convicto, **como ele mesmo revela em seu livro *A Loja e o Divã*, publicado no outono de 2008 pelas edições Dervy**.

Essa passividade e conivência vergonhosa para com o padre Grégoire Celier, por parte de Mons. B. Fellay, é ainda mais chocante e reveladora das intenções ocultas desse personagem, considerando que, há poucas semanas, ele ousou, sem qualquer hesitação, expulsar ignominiosamente, após mais de trinta anos de fiel ministério católico, o corajoso padre Basilio Méramo, por insistir em defender publicamente a Fé católica diante das abomináveis heresias que o suposto "bom papa Bento", o abominável padre apóstata e globalista Ratzinger, continua incessantemente a promover. Mons. Fellay tenta enganosamente e contra os fatos, há vários anos, fazer com que os clérigos e fiéis da Fraternidade São Pio X o vejam como "um homem íntegro" e "que busca restaurar a verdadeira tradição católica" dentro de sua igreja "ecumênica" conciliar, globalista, maçônica e apóstata.

Dezoito anos após a morte de Mons. Lefebvre, tornou-se, portanto, perfeitamente normal, dentro da FSSPX, ser publicado por um maçom (assumido e declarado!), e não por qualquer motivo, mas por um livro que trata da rápida adesão da FSSPX, obra de preservação do Sacerdócio **sacrificial** católico sacramentalmente válido, à Roma modernista, globalista, maçônica e apóstata, que de fato se propôs a missão de erradicar na terra o que resta desse Sacerdócio **sacrificial** autêntico de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. www.rore-sanctifica.org).

Do jeito que as coisas estão indo em Suresnes, quando o padre de Cacqueray se juntará ao pseudo-cardeal Barbarin para receber o Grão-Mestre da Grande Loja Nacional da França?

Já que, evidentemente, mais nada choca e tudo o que seria incompreensível para um católico tornou-se comum em Suresnes, por que o padre de Cacqueray deveria se incomodar com isso agora?

Eis o que revelou Emmanuel Ratier:

> *"Em 19 de junho, o cardeal Philippe Barbarin, arcebispo de Lyon e Primaz das Gálias, recebeu oficialmente o Grão-Mestre da Grande Loja Nacional Francesa, François Stifani, acompanhado do venerável mestre Bertrand Hayraud, Jacques Studer, grão-mestre provincial do Vale do Rhône, e Jean-Claude Tribout, responsável pela comunicação. É a primeira vez que ocorre um encontro oficial deste nível na hierarquia católica." — Faits & Documents, nº 280, 15 de julho a 31 de*

agosto de 2009, página 5.

Se, aos olhos do padre de Cacqueray, nada é mais importante do que se "*reconciliar*" com os amigos conciliares dos maçons, como o "*padre*" Barbarin[2], entende-se por que o padre Celier permanece tranquilamente protegido de qualquer sanção por parte de seus superiores "*teóricos*", e por que o Superior do Distrito da França da FSSPX o mantém como conselheiro pessoal, insistindo em mantê-lo nessa função.

No dia 5 de agosto de 2009, também foi publicada a notícia[3] da "renúncia" do padre Cériani, que expressou publicamente sua fidelidade a Mons. Lefebvre e sua rejeição ao suposto decreto de retirada das "excomunhões" de 21 de janeiro de 2009.

Para Mons. Fellay: os padres Méramo e Cériani, NÃO! Mas o padre Celier, publicado por um maçom declarado da Grande Loja da França, SIM!

Essa indulgência agora pública e confirmada das autoridades da FSSPX em relação à maçonaria e às *"conivências"* entre o padre Celier e um maçom gnóstico da Grande Loja da França **explica claramente a "caça às bruxas" contra Max Barret e sua carta semanal *Tychique,*** que Suresnes e o padre Régis de Cacqueray lançaram oficialmente no site *La Porte Latine*, o site oficial do Distrito da França da Fraternidade São Pio X.

APÓS ESSA CONIVÊNCIA PÚBLICA E CONSTANTE, ONDE SE ENCONTRA A *"SUBVERSÃO"*, SENÃO NO PRÓPRIO TOPO DA FSSPX?

Continuemos o bom combate

A Redação de *Virgo-Maria*

© *virgo-maria.org*

Variantes du photomontage du début du document *VM*

© 2009 virgo-maria.org

---

[1] **O qual ousou expulsar vergonhosamente e ignominiosamente, sem qualquer hesitação, o corajoso e sábio padre Basilio Méramo, que persistia em defender a Fé católica diante das heresias disseminadas incessantemente pelo padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.**

[2] Esse indivíduo foi "***ordenado***" **em Créteil, em 17 de dezembro de 1977**, como padre Conciliar, de acordo com o novo rito "***ecumênico***" Conciliar de ordenação **presbiteral**, elaborado por Bugnini-Dom Botte, e promulgado em 18 de junho de 1968 pelo bispo apóstata Montini-Paulo VI, **um rito sacramental presbiteral cuja validade sacramental é mais do que objetivamente MUITO DUVIDOSA.ons. Robert de Provenchères**, o bispo que o ordenou, foi ele próprio sagrado como bispo católico pelo bispo apóstata "*Cardeal*" Jean Villot, em 20 de novembro de 1966, pouco mais de um ano e meio antes da promulgação do novo rito Conciliar "*ecumênico*" de consagração **episcopal**, que é **CERTAMENTE TOTALMENTE SACRAMENTALMENTE INVÁLIDO** (cf. www.rore-sanctifica.org), e, portanto, pode-se presumir que esse bispo Conciliar que "***ordenou***" como padre Philippe Barbarin, em 17 de dezembro de 1977 em Créteil, segundo o novo rito Conciliar "***ecumênico***" de ordenação **presbiteral** MUITO DUVIDOSO, estava, então, em posse da ***potestas ordinis*** **episcopal** católica absolutamente necessária para ordenar validamente qualquer padre católico.

No entanto, o "***padre***" Philippe Barbarin foi "***consagrado***" pseudo-***"bispo"*** **em 22 de novembro de 1998 em Moulins**, de acordo com o novo rito Conciliar "***ecumênico***" de consagração **episcopal**, totalmente inventado por Bugnini-Dom Botte + Lécuyer, e promulgado em 18 de junho de 1968 pelo bispo apóstata Montini-Paulo VI, **um rito CERTAMENTE TOTALMENTE SACRAMENTALMENTE INVÁLIDO** (cf. www.rore-sanctifica.org), além de ter sido realizado por um pseudo-"***bispo***" Conciliar, **o jesuíta malgaxe Philibert Randriambololona**, pseudo ***"Consagrador principal"***, que também foi "***consagrado***" como pseudo-"***bispo***" em Antsirabé (Madagascar) **pelo mesmo rito episcopal totalmente inválido**, e que, portanto, estava **TOTALMENTE DESPROVIDO da** "***Potestas Ordinis***" **episcopal católica absolutamente necessária para consagrar validamente qualquer bispo católico**.

3 Image not found or type unknown

O mesmo vale para os outros dois pseudo-"*bispos*" Conciliares, pseudo-***"co-consagradores"*** de Philippe Barbarin em Moulins, em 22 de novembro de 1998, **André Quélen e Camille Labille**, ambos "***consagrados***" como pseudo-"***bispos***" segundo o mesmo novo rito Conciliar "***ecumênico***" de consagração **episcopal**, totalmente inventado por Bugnini-Dom Botte-Lécuyer, e promulgado em 18 de junho de 1968 pelo bispo

apóstata Montini-Paulo VI, **um rito CERTAMENTE TOTALMENTE SACRAMENTALMENTE INVÁLIDO**.

Consequentemente, o título que, com justiça e verdade, cabe a Philippe Barbarin é "***Sr. 'Padre' Philippe Barbarin***", Padre Conciliar apóstata, publicamente muito próximo da Maçonaria, **a "*Potestas Ordinis*" presbiteral católica permanecendo OBJECTIVAMENTE MUITO DUVIDOSA para esse "*Padre*" de Nosso Senhor Jesus Cristo**.

ESSE PERSONAGEM NÃO É DE FORMA ALGUMA UM VERDADEIRO BISPO CATÓLICO.

Na melhor das hipóteses, seu status é semelhante ao do padre apóstata Ratzinger, que hoje se autointitula Bento XVI.

[3] http://radiocristiandad.wordpress.com/2009/08/04/muy-triste-dimite-el-p-juan-carlos-ceriani-de-la-fsspx/

Pe. Ricossa perdeu a fala sobre *a invalidade intrínseca das sagrações Conciliares*, porque ele entendeu muito bem que isso significa a morte de sua teoria nebulosa do episcopado materialiter.

Domingo, 27 de setembro de 2009

REDIFUSÃO

Invalidade do novo rito de ordenações de 1968:

O Pe. Ricossa se opõe ao Pe. Cekada, rejeitando publicamente sua demonstração teológica da invalidade sacramental

Ordenações Conciliares inválidas: um fiel faz **duas perguntas muito precisas ao Pe. Ricossa. Depois do "sacerdócio provável" inventado por Dom Fellay, o Pe. Ricossa inventa o episcopado "provavelmente inválido"! A introdução das noções de probabilidade nos ritos de ordenação e consagração (revista do Pe. Portal) remonta a Gasparri (protegido do Cardeal Rampolla) e foi realizada em 1895, quando os Anglicanos, e seus cúmplices infiltrados na hierarquia romana, tentavam fazer com que o Papa Leão XIII reconhecesse suas falsas ordens como válidas (com o apoio discreto, mas eficaz, do Cardeal Rampolla)**

HOJE SOMOS **OBRIGADOS A REDIFUNDIR INTEGRALMENTE este dossiê *VM*** sobre a questão vital da invalidade sacramental do episcopado Conciliar atual, **privado hoje de toda *Potestas Ordinis* episcopal (Plenitude das Santas Ordens, de caráter ontológico)** que havíamos **inicialmente divulgado em 22 de junho último**, e que permaneceu desde então sem resposta.

A ***Potestas Ordinis*** é um caráter espiritual ontológico. Portanto, não se pode atribuir sentido a uma " ***Potestas Ordinis***" que seria apenas "*materialiter*": o caráter sacerdotal católico não pode, de fato, compreender a distinção *formaliter-materialiter*: mais de quarenta anos após a promulgação mentirosa por Montini-Paulo VI, em 15 de junho de 1968, da nova forma sacramental essencial INTRINSECAMENTE INVÁLIDA da consagração episcopal de rito católico latino, é agora por contágio inevitável, que todo o clero Conciliar está agora DESPROVIDO DE TODA ***Potestas Ordinis*** católica, e que, consequentemente, o Sacerdócio sacrificial católico autêntico está agora **tão ausente da igreja Conciliar atual quanto está da igreja Anglicana**. Portanto, é hoje a igreja Conciliar que não pode ser - **nem mesmo** "***materialiter***" - a Igreja Católica autêntica.

Mas este argumento incomoda enormemente as **Altas Lojas Maçônicas Rosacruz clericais, de inspiração Anglicana**, que elaboraram este novo rito, **assim como incomoda muito Ricossa**, cujo silêncio sobre este assunto lhes presta **o melhor serviço que estas Altas Lojas maçônicas possam esperar** de um clérigo que aparece assim, por seu próprio silêncio, como um de seus melhores aliados, já que, ao não revelar a realidade deste atentado dos piores inimigos da Igreja contra o Sacerdócio católico sacramentalmente válido em 1968, ele contribui para que as finalidades verdadeiras deste crime clerical permaneçam desconhecidas dos clérigos e dos fiéis, e os impede de compreender bem a realidade da situação contemporânea.

O Pe. Ricossa seria um ***"Dom Williamson" bis*** de um segundo anel da cisão, aquele cuja missão consistiria em recuperar os padres refratários ao ralimã da FSSPX para controlá-los e evitar que a questão, tão problemática para os meios maçônicos clericais, da invalidade INTRÍNSECA do novo rito das ordenações, seja finalmente levantada?

Desde mais de três meses, na verdade, **DOM Francesco RICOSSA** permanece totalmente em silêncio[1] frente às **DUAS PERGUNTAS PRECISAS FEITAS PUBLICAMENTE A ELE MESMO** por um fiel e publicadas em 28 de junho de 2009 por ***Virgo-Maria.org***, mesmo que no último ***Sodalitium***, o **Pe. Ricossa**, como um agente subversivo infiltrado no seio da Tradição Católica, se opõe agora publicamente ao **Pe. Cekada**, rejeitando no número 62 de ***Sodalitium*** (ver abaixo) a demonstração teológica deste último, publicada[2] por *www.rore-sanctifica.org*, da invalidade sacramental **INTRÍNSECA[3]** radicada na nova forma sacramental essencial da consagração episcopal de rito latino, promulgada por **Montini-Paulo VI** em 18 de junho de 1968, por sua triplamente mentirosa[4] pretensa "Constituição Apostólica" (*Pontificalis Romani*).

O **Padre Ricossa** - cujo conhecimento religioso e teológico e cultura são conhecidos por todos - diferentemente de seu confrade **Pe. Cekada**, que ele refuta sem motivo no ***Sodalitium n°62 (ver abaixo)*** - SE ABSTÉM até agora de publicar qualquer estudo teológico sobre os numerosos casos de **NULIDADE ABSOLUTA E FORMAL INTRÍNSECA** contidos na nova forma sacramental da consagração episcopal Conciliar de rito latino, uma nova forma abertamente **herética**[5] - cf. ***www.rore-sanctifica.org*** - inventada pelo trio diabólico **Dom Botte-Lécuyer-Bugnini e promulgada triplamente de forma mentirosa por** Montini-Paulo VI em 18 de junho de 1968.

POR QUE ESSE SILÊNCIO OBSTINADO DE RICOSSA SOBRE O CARÁTER INTRÍNSECO[6] **DA INVALIDADE RADICAL** da nova forma sacramental essencial, e por que rejeita ele sem motivo a demonstração teológica intrínseca do **Pe. Cekada** em seu número 62 de ***Sodalitium***?

Se isso não é subversão da parte do **Pe. Ricossa**, então o que é?

POR QUE RICOSSA SE ABSTÉM AINDA de publicar estudos sobre a SUBVERSÃO ANGLICANA, sua história e seus métodos, dentro da Igreja Católica desde 1830?

Do que ele tem medo?

EXAMINAREMOS PROFUNDAMENTE A POLÊMICA LEVANTADA SOBRE RAMPOLLA POR RICOSSA, UMA VEZ QUE A POSIÇÃO DO PADRE RICOSSA ESTÁ TOTALMENTE ESCLARECIDA DIANTE DE SUA ATITUDE FRENTE À INVALIDADE INTRÍNSECA DAS ORDENAÇÕES CONCILIARES, E DIANTE DA DEMONSTRAÇÃO DESTA INVALIDADE INTRÍNSECA ADMINISTRADA POR PE. CEKADA, E REJEITADA SEM MOTIVO PELO PADRE RICOSSA NO NÚMERO 62 DE ***Sodalitium*** (ver abaixo).

Ricossa defende - apesar das especificações irredutíveis do Magistério Católico lembradas pelo Pe. Cekada:

- **1°)** que existe hoje uma possibilidade de que **Joseph Ratzinger** esteja efetivamente revestido da plenitude do Sacerdócio Católico (*Potestas Ordinis episcopal*), e que, em particular, exista uma eventualidade de que ele esteja atualmente na posse da capacidade efetiva de transmitir validamente o caráter ontológico do Sacerdócio católico (desde que as outras condições de validade sacramental relacionadas ao rito implementado e ao requerente sejam atendidas)?
- **2°) Padre Ricossa** defenderia que a demonstração mínima e rigorosa estabelecida pelo **Pe. A. Cekada** seria logicamente de alguma forma incompleta ou deficiente? E neste caso, poderia ele explicar publicamente em que consistem essa incompletude e essas deficiências?

Segundo o **Padre Ricossa**, o uso direto dos princípios da lógica formal imediata (como o Princípio de identidade ou de não-contradição) aos dados certos do conhecimento (como os dados da Fé e da Revelação definidos pelo Magistério católico) deveria, para os clérigos e fiéis católicos, permanecer suspenso até uma eventual publicação futura da explicitação dessa lógica formal imediata por parte do Magistério católico?

Neste assunto, se os dados certos do conhecimento garantidos pelo Magistério Católico irredutível são (2 + 2), o clérigo ou fiel católico não poderia, portanto, se seguirmos **Ricossa**, afirmar legítima e autoritariamente (2+2=) 4, antes que o Magistério católico autêntico declare e publique ele mesmo (2+2)=4.

Parece, portanto, que existiria no pensamento de Ricossa uma possibilidade de que o Magistério Católico irredutível autêntico pudesse de alguma forma VIOLAR OS PRINCÍPIOS DE IDENTIDADE OU NÃO-CONTRADIÇÃO QUE FUNDAMENTAM A LÓGICA.

É por isso que muitos clérigos e fiéis estão ansiosos para conhecer as respostas às duas perguntas públicas feitas aqui acima ao **Pe. Francesco Ricossa**.

... a menos - o que não ousamos imaginar - que o objetivo real do **Padre Ricossa** seria simplesmente o de procurar semear o atentismo e a confusão nas fileiras dos muito raros católicos que continuam obstinados em combater para preservar sua FÉ e para identificar e desmascarar os "***lobos devastadores***" vestidos de pastores e, principalmente, o **Pe. apóstata Joseph Ratzinger**.

O Pe. Ricossa trava numa luta **muito coerente e objetivamente** muito lucrativa para os lojas Rosacruz.

Na última edição de *Sodalitium (n°62), ele apresenta:*

- primeiro, tenta branquear[7] o satanista da OTO, o Cardeal Rampolla, Secretário de Estado de Leão XIII, de sua filiação à alta maçonaria iluminista,
- e em segundo lugar, rejeita (sem nomear seu autor) a demonstração teológica da invalidade sacramental do novo rito de consagração episcopal de 1968, divulgada mundialmente pelo Pe. Cekada em 2006.

A análise **objetiva** das ações e escritos do Pe. Ricossa, parecendo sistematicamente querer preservar os planos dos piores inimigos internos da Igreja Católica, os faz parecer cada vez mais **coerentes e estruturados**, resultando **objetivamente** em proteger as redes Rosacruz que tão bem subverteram hoje a Igreja Católica e seu Clero, tanto quanto suas temáticas.

Lembremos que Roncalli era iniciado Rosacruz e que sua eleição em 1958 foi anunciada pelo beneditino subversivo **Dom Beauduin**[8] (um dos principais iniciadores do movimento litúrgico e do movimento para o atual "ecumenismo" Conciliar - **ou protestantização do Sacerdócio católico e destruição do caráter sacrificial deste Sacerdócio**), que era o patrocinador de outro beneditino, Dom Botte, que, com seu cúmplice o herético spiritain Padre Lécuyer, ousaria abolir radicalmente em 1968, sob a autoridade do Lazarista Franco-Maçom Bugnini, o rito tradicional da consagração episcopal católica, para substituí-lo por uma nova forma essencial, inteiramente inventada por eles, que torna voluntariamente absolutamente inválido a nova consagração sacramental episcopal, destruindo assim radicalmente o Sacerdócio **sacrificial** católico[9].

Depois de consultá-lo sobre a questão, **o CIRS[10]** (Comitê Internacional ***Rore Sanctifica***) nos informa que, **seguindo a linha do Cardeal Gasparri, o protegido do Cardeal Rampolla (iniciado Rosacruz), o Pe. Ricossa introduz o conceito teologicamente aberrante da probabilidade nos sacramentos (probabilismo sacramental)** com sua inovação no episcopado "provavelmente inválido":

> *"Por sua vez, Sodalitium (nº 57, pp. 45-46) adotou a antiga convicção do Padre Guérard des Lauriers, O.P., segundo a qual, embora se mantenha firmemente o princípio de que cabe à Igreja dar uma resposta definitiva sobre a questão, é preciso ao menos admitir a probabilidade da invalidade das consagrações episcopais realizadas segundo o novo rito."*

Esta inovação teológica do Pe. Ricossa se junta ao conceito nebuloso **lançado pelo Cardeal Gasparri em 1895 na revista do Pe. Portal[11]: *Revue Anglo-Romaine*, tomo I, p 481:** « ***De la valeur des ordinations anglicanes*** », **P.Gasparri**, a fim de justificar a ordenação ***sub conditione*** e **não mais* *absolute*** dos ministros Anglicanos.

> *"A falta de intenção é provável no foro externo, sem ser certa; além disso, a insuficiência dos ritos do Ordinal [Nota do Editor: Anglicano] é apenas provável, em graus e níveis diferentes para as três ordenações. A conclusão que parece decorrer desses princípios é que as ordenações anglicanas devem ser consideradas duvidosas (...). Talvez haja motivo, na minha humilde opinião, para modificar a prática seguida até agora e reordenar apenas sob condição os ministros anglicanos que retornam à Igreja Católica." — P. Gasparri, pp. 556-557*

Pe. Portal - Revue Anglo-Romaine - Cardeal Gasparri (protegido pelo F ? M ? Rampolla)

O **nos**

**

Cristeros mexicanos enforcados nos laços devido à traição pelo Cardeal Gasparri, o secretário de Estado do Vaticano.

Em nome da 'santa obediência' reivindicada por Gasparri, foi-lhes solicitado pelos clérigos do Vaticano que entregassem suas armas, e depois desarmados, foram massacrados sem piedade pelas autoridades maçônicas mexicanas.

Ressaltamos que **este argumento teológico do Cardeal Gasparri foi publica e radicalmente desaprovado de fundo pela argumentação do Papa Leão XIII** em 30 de novembro de 1896, ao publicar sua ***Bula Apostolicæ Curæ*, demonstrando** e declarando de maneira irredutível e infalível que as Ordens Anglicanas eram "completamente Nulas e totalmente Inválidas", ao mesmo tempo em que expunha as razões que não tinham nada a ver com a argumentação e os conceitos de Gasparri retomados hoje por Ricossa. *E quanto ao Pe. Portal, ele foi justamente e severamente sancionado[12] por Cardeal Merry del Val, em junho de 1908, sob o pontificado de São Pio X, como* VM *conta em um texto de 23 de outubro de 2006: "*Ele [o Cardeal]

esperou cinco anos antes de fulminar Portal. Nada permite sugerir que ele tenha desempenhado um papel nas tentativas abortadas de 1905 e 1907. Ele não era homem de ocultar seu golpe"

A causa está definitivamente encerrada para todo verdadeiro católico e os motivos teológicos reais infalivelmente desaprovados de uma vez por todas.

Para todo católico, clérigo ou fiel, o debate deve ser definitivamente encerrado de agora em diante.

É hoje evidente que os hereges clérigos Conciliares apóstatas que dirigem hoje a Cúria romana precisam esquebrar o mais rápido possível a Bula ***Apostolicæ Curæ*** de Leão XIII, assim como as cartas definitivas que ela miraculosamente trouxe sobre essa questão potencialmente mortal para a Santa Igreja, na perspectiva muito próxima de se tornar a incorporar organicamente e oficialmente à *High Church Anglicana* em sua nova igreja mundialista, "ecumênica" e apóstata Conciliar, quando, pela primeira vez desde o cisma e as heresias Anglicanas, **o Pe. apóstata Ratzinger-Bento XVI se prepara encontrar em breve** em Londres Sua Majestade Elizabeth II, Chefe da Igreja Anglicana e chefe do *Commonwealth* britânico sob os auspícios dos milhões de fiéis.

Ou, seguindo o astuto Cardeal Gasparri, o Padre Ricossa, retomando o conceito e o raciocínio falacioso deste último e vindo assim para o resgate dos apóstolos do Vaticano, também prevê a consagração *sub conditione* dos ministros Conciliares:

> *« Disso resulta que aquele que tivesse recebido o episcopado, o sacerdócio ou as outras ordens com o rito reformado ou recebido de um bispo consagrado com o rito reformado,* ***deveria ser ordenado novamente*** **“**sub conditione”. » Sodalitium n°62, p41

Gasparri era um protegido do cardeal Rampolla (iluminista satânico da O.T.O.), o mesmo cardeal que, **no mesmo número 62 de *Sodalitium***, Ricossa hoje procura **muito convincentemente** branquear as acusações de pertencer à maçonaria.

E é precisamente este mesmo conceito enganoso e não católico de '***probabilidade sacramental***' desenvolvido em 1895 pelo Cardeal Gasparri e desautorizado pelo argumento de '***Apostolicæ Curæ***', **que encontramos na boca de Dom Fellay[13] em 25 de março de 2007, entrevistado por S.I., diretora do site *Donec Ponam*…** Decididamente!

Qual toupeira de seu entourage teria ressuscitado as ideias enganosas do sutil Gasparri para o superior da FSSPX, tão pouco informado sobre essas questões históricas?

Dada a muito baixa formação teológica de Dom Fellay (que só trabalha com línguas vivas e passa seu tempo fazendo política vaticana modernista), é certo que não teria sido muito difícil fazê-lo engolir essa falsa noção teológica não católica e essa sutileza e astúcia clerical sobre esse assunto essencial.

Um fiel nos comunica **o e-mail público que enviou ao Padre Ricossa**, **após sua declaração publicada na página 45 do último número (n°62) de sua revista *Sodalitium***, fazendo-lhe duas perguntas públicas muito precisas:

Aqui está o texto do e-mail que nos foi enviado:

> **E-mail de um fiel de 19 de junho de 2009, enviado ao Padre Francesco Ricossa**
>
> **Cópia:** Padre Schoonbroodt, Padre Cekada, Dom Dolan, Dom Sanborn, Padre Belmont, Padre Méramo, Chautard, Padre Legal, Padre Seuillot
>
> **Título: EPISCOPADO: DUAS QUESTÕES PRECISAS AO PADRE RICOSSA**

Conteúdo:

« Em 25 de março de 2006, por ocasião do 15º aniversário da morte de Dom Lefebvre em 25 de março de 1991, o Padre A. Cekada publicou um estudo de teologia sacramental católica de 16 páginas intitulado "Absolutamente Nulo e Totalmente em Vão"[14]

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-26-FR-Cekada-Absolument_nul_et_entierement_vain.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-06-EN-Cekada_New_Episcopal_Consecration.pdf

Em 6 de junho de 2006, ele publicou até mesmo, sob o título "O Rito da Consagração Episcopal de 1968: Um Breve Resumo do Problema", um resumo de duas páginas[15].

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-06-06-FR-Cekada-resume-officiel_2_pages.pdf

O texto de 25 de março de 2006 constitui, por parte do Padre A. Cekada, uma demonstração teológica rigorosa e "mínima" da invalidade sacramental intrínseca radical, da forma essencial da nova consagração episcopal "ecumênica" e conciliar, imposta desde 18 de junho de 1968 por Montini-PaulVI à Igreja de rito latino pela promulgação, nessa data, de sua Constituição Apostólica Pontificalis Romani (da qual a revista Sodalitium não julgou útil mencionar os quarenta anos em 2008 - o que é extremamente revelador).

Em 27 de janeiro de 2007, o Padre A. Cekada publicou sob o título "Sempre Nulo e Sempre em Vão" um complemento de 11 páginas à sua demonstração de 25 de março, pelas quais refutava uma a uma todas as objeções que haviam sido levantadas contra sua demonstração mínima da invalidade sacramental intrínseca da nova consagração episcopal conciliar, mantendo a integralidade de sua demonstração[16].

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-01-27-FR_AbbeCEKADAToujoursNul-ReponsesAuxObjectionsJanv2007FRANCAIS1.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-01-27-EN_AbbeCEKEDAStillNull-RepliesToObjectionsJan2007ENGLISH.pdf

O Padre A. Cekada, baseando-se exclusivamente nos textos infalíveis e irreformáveis do Magistério da Santa Igreja, bem como do Magistério Pontifício, concluiu explicitamente e rigorosamente que esta nova "consagração" episcopal de rito latino, editada em 18 de junho de 1968 por Montini-PaulVI, deve ser declarada com toda a certeza de acordo com essas normas irreformáveis e infalíveis como "Absolutamente Nula e Completamente em Vão".

Ora, em maio de 2009, F. Ricossa escreve na página 45 (segundo parágrafo, coluna da esquerda) do número 62 da Revista Sodalitium (n°62, maio de 2009):

"Não está demonstrado com absoluta certeza que Joseph Ratzinger não foi consagrado validamente como bispo."[17]

http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=entry_view&iden=138

Em 28 de maio de 1977, o padre apóstata Joseph Ratzinger recebeu de Dom Joseph Stangl, bispo de Würzburg, a nova e totalmente inventada pseudo-"consagração" episcopal conciliar imposta desde 18 de junho de 1968 por Bugnini-Montini-PaulVI e foi então investido Arcebispo de

Munique.

Daí, após sua afirmação:

"Não está demonstrado com absoluta certeza que Joseph Ratzinger não foi consagrado validamente como bispo."

AS DUAS PERGUNTAS PRECISAS AQUI PÚBLICAS AO Padre Francesco RICOSSA:

Padre RICOSSA sustenta - apesar das especificações irreformáveis do Magistério Católico lembradas por Padre Cekada -

- 1°) que existiria hoje uma possibilidade eventual de que Joseph Ratzinger esteja efetivamente revestido da plenitude do Sacerdócio Católico (Potestas Ordinis episcopal) e, em particular, que existiria uma eventualidade de que ele esteja atualmente na posse da capacidade efetiva de transmitir validamente o caráter ontológico do Sacerdócio Católico (desde que as outras condições de validade sacramental relativas ao rito implementado e ao destinatário sejam atendidas)?

- 2°) O Padre RICOSSA sustentaria que a demonstração mínima e rigorosa estabelecida pelo Padre A. Cekada seria logicamente de alguma forma incompleta ou deficiente? E neste caso, poderia ele explicar publicamente em que consistiriam essa incompletude e essas deficiências?

Segundo Padre RICOSSA, o emprego direto dos princípios da lógica formal imediata (tais como o Princípio de identidade ou de não contradição) aos dados certos do conhecimento (como os dados da Fé e da Revelação definidos pelo Magistério Católico) deveria para os clérigos e fiéis católicos permanecer suspenso a uma eventual publicação futura da explicitação dessa lógica formal imediata por parte do Magistério Católico?

Neste caso, se os dados certos do conhecimento garantidos pelo Magistério Católico irreformável são (2 + 2), o clérigo ou o fiel católico não poderia então, se seguirmos Padre Ricossa, legitimamente e com autoridade afirmar (2+2=) 4, antes que o Magistério católico autêntico declare e publique ele mesmo (2+2)=4.

Parece, portanto, que existiria na mente de RICOSSA, uma eventualidade de que o Magistério Católico irreformável autêntico pudesse de alguma maneira VIOLAR OS PRINCÍPIOS DE IDENTIDADE OU NÃO CONTRADIÇÃO QUE FUNDAMENTAM A LÓGICA.

É por isso que muitos clérigos e fiéis estão ansiosos para conhecer as respostas às duas questões públicas aqui feitas ao Padre Francesco Ricossa.

... a menos que - o que não ousamos imaginar - o objetivo real do Padre RICOSSA seja simplesmente semear a atenção e a confusão nas fileiras dos tão raros católicos que continuam determinados a lutar para preservar sua FÉ e identificar e desmascarar os "lobos devastadores" vestidos de pastores, e em primeiro lugar, o padre apóstata Joseph Ratzinger? »

Anexo:

Soda-F62[1].pdf[18]

Fim do e-mail de um fiel

Não há dúvida de que as respostas do Padre Ricossa a essa dupla questão são muito aguardadas pelos clérigos e fiéis da tradição.

Outro fiel nos escreveu:

« Data 25 de junho de 2009 10:16

Assunto Carta do Sr. Winckler

Senhor Padre,

Não vejo como a carta do Sr. Winckler responde aos argumentos do Padre Ricossa. Esta carta mostra apenas que em Roma todos acreditavam na filiação do Cardeal Rampolla, modernistas ou não! O Sr. Winckler não apresenta argumento algum refutando os do Padre Ricossa; ele apenas relata uma convicção amplamente difundida nos meios tradicionalistas de Roma e de outras partes. O que o Padre Ricossa mostra é que essa convicção não era fundamentada. O "testemunho" do Sr. Winckler não constitui de forma alguma uma refutação de Ricossa.

Por outro lado, não acha um tanto tendencioso o fato de invocar a ausência de tratamento de um assunto (Avrillé ou Ricossa) como prova de uma intenção pecaminosa?

Isso dito, aprecio muito Virgo Maria.

Por favor, aceite, Senhor Padre, a expressão do meu profundo respeito. »

Convidamos este fiel a **reler atentamente** a carta do Sr. Winckler **publicada a pedido do Padre Guérard des Lauriers no primeiro número de sua nova revista *Cassiciacum***, não se trata de uma descrição aproximada de uma opinião geral em Roma, **mas de um testemunho pessoal que inclui fatos[19] dos quais ele fez parte**.

Negar isso seria o mesmo que acusar Winckler de manipulação e apresentar o Padre Guérard como um 'marionete' que publicava qualquer coisa... Seria essa a opinião do Padre Ricossa?

O Padre Ricossa, que não pode ignorar essa carta de Winckler publicada no primeiro número dos *Cadernos de Cassiciacum*, **a excluiu deliberadamente e intencionalmente de seu artigo em *Sodalitium* n°62.**

Por quê[20]?

Acreditamos que **objetivamente as verdadeiras intenções do Padre Ricossa agora transparecem muito claramente através da lógica de suas ações e publicações dos últimos anos**, que se apoiaram mutuamente.

No outono de 2007, a máscara do "muito tradicional" Dom Williamson caiu; em junho de 2009, seria a máscara de Ricossa que estaria caindo?

Quem ainda pode, conscientemente, financiar o Padre Ricossa e suas obras e colocar seu dinheiro em um destino tão duvidoso? Mesmo que ele peça uma quantia em dinheiro aos fiéis (segundo uma fonte, seria 500.000 euros):

« A assinatura para adquirir uma capela em Paris, lançada há um ano e meio, segue seu curso (quase um terço do total já foi arrecadado): continuamos fazendo um chamado à sua generosidade... para a maior glória de Deus. Todos os nossos fiéis parisienses rezam pelos benfeitores e por todas as suas intenções. » Sodalitium n°62, p56

Os fiéis estariam bem inspirados em esperar pelo esclarecimento ***agora absolutamente indispensável de suas posições inaceitáveis*** por parte do Padre Francesco Ricossa antes de investir seu dinheiro em suas empresas.

Continuemos o bom combate

A Redação de Virgo-Maria
© 2009 virgo-maria.org

---

[1] Um silêncio de fachada que disfarça um verdadeiro fervor do agente infiltrado Ricossa, do qual sabemos, por vários exemplos, que ele multiplica nos bastidores as iniciativas junto aos clérigos (notadamente os Padres Méramo e Cekada) para silenciar essa questão levantada por *Virgo-Maria*, e que é insuportável para ele.

[2] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-26-FR-Cekada-Absolument_nul_et_entierement_vain.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-01-27-FR_AbbeCEKADAToujoursNul-ReponsesAuxObjectionsJanv2007FRANCAIS1.pdf
http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-01-27_Abbe_Cekada_refute_Calderon.pdf
http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-01_Abbe_Cekada_replique_a_Celier.pdf

[3] **Demonstração de INVALIDADE INTRÍNSECA estabelecida de acordo com as próprias normas de validade intrínseca do sacramento das Santas Ordens e, mais precisamente, da consagração sacramental episcopal católica, da teologia moral e sacramental católica, tal como já editadas publicamente, infalível e definitivamente pelo Magistério da Santa Igreja.**

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-09-A-00-Mensonge_de_Paul_VI.pdf

http://www.rore-sanctifica.org

[5] Heresias referentes à processão do Espírito Santo e à negação da santidade Substancial incriada de Cristo, bem como a uma teoria anticatólica do Sacerdócio:

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-08-05-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_4_Les_Significations_heterodoxes_de_la_Forme_de_Montini_PaulVI_A.pdf

O Padre Ricossa sempre se recusou a examinar publicamente esses gravíssimos erros incorporados na nova forma essencial da consagração episcopal católica de rito latino, **imposta enganosamente por Montini-Paul VI em 18 de junho de 1968.**

[6] Quando Ricossa trata do episcopado conciliar, ele tem o cuidado de NUNCA TRATAR DE SUA INVALIDADE SACRAMENTAL **INTRÍNSECA**, abordando essa questão exclusivamente sob seu ângulo EXTRÍNSECO: (em substância) "Já que essa reforma sacramental foi introduzida e promulgada por um Pontífice católico 'materialiter' apenas e, consequentemente, com a autoridade necessária para promulgá-la, devemos considerar essa reforma sacramental como 'inválida', pelo menos até que o Pontífice, tendo finalmente se tornado Pontífice ' formaliter', a confirme, tendo assim o poder de confirmá-la validamente."

Onde se vê aparecer o sofisma da posição fundamental do Padre Ricossa, pois um verdadeiro Pontífice católico, "materialiter & formaliter" segundo o Padre Ricossa - se quisesse, com sua autoridade, validar (se fosse um verdadeiro Pontífice, não o faria) um sacramento ontologicamente inválido, ao confirmar essa abominação sacrílega de Paulo VI que é a nova consagração episcopal conciliar de 18 de junho de 1968 de Paulo VI - não teria o poder para isso e mostraria assim que ele próprio seria, por sua vez, um falso Pontífice ou um Pontífice de pura aparência, pois **NENHUM PAPA TEM O PODER DE VALIDAR UM SACRAMENTO QUE SERIA INVÁLIDO**: como, por exemplo, **NENHUM PAPA TERIA O PODER DE VALIDAR UM BATISMO que fosse pronunciado com a pseudo-forma sacramental essencial**

seguinte: "Eu te batizo em nome de DEUS" ou "Eu te batizo em nome de Jesus Cristo".

[7] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-22-A-00-Ricossa_Rampolla.pdf

[8] Ver as inúmeras mensagens de VM relacionadas a esse sinistro personagem.

[9] **Cf. http://www.rore-sanctifica.org**

[10] http://www.rore-sanctifica.org

[11] **Lembremos que o lazarista Portal, muito ligado a Lord Halifax, assinava com o pseudônimo "*Dalbus*" nas polêmicas teológicas clericais da época (início dos anos 1890)** para pretender falsamente ser o "*campeão*" da demonstração da invalidade radical das sagrações anglicanas, escolhendo para isso deliberadamente argumentos fracos e espúrios que sabia serem, na realidade, fáceis de refutar.

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2008/RORE_Communique-2008-10-21_Ordre_de_la_Corporate_Reunion.pdf, veja na página 26 a nota 44.

O CIRS também informou a respeito deste lazarista:

Parece que **o padre Portal, Lazarista (assim como Bugnini ?) foi secretamente sagrado bispo duas vezes e que, em seguida, ele mesmo sagraria outros:**

"Em 1926, entra no mosteiro beneditino de Amay-sur-Meuse.

Em 29 de dezembro de 1918, consagrado bispo por Mar Antoine (Lefébure). Em 7 de novembro de 1920, consagrado por Maran Mar Yosif Emmanuel II Thoma, patriarca da Igreja católica caldeia, assistido por Mar Antoine." **B. Persson**

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2008/RORE_Communique-2008-10-21_Ordre_de_la_Corporate_Reunion.pdf=

e ainda:

As consequências da sagração episcopal católica de Veneza estão ocultas, mas têm grande importância: é toda uma história oculta da Igreja católica e da preparação secreta remota do Vaticano II por redes clericais que começa a vir à tona.

Entre elas, a menos surpreendente é a do padre Portal, que teria sido consagrado bispo duas vezes em 1918 e 1920.

O padre Portal foi precisamente, junto com Lord Halifax, a figura chave e o coordenador do projeto de reconhecimento da suposta validade sacramental das Ordens Anglicanas pelo Papa Leão XIII.

Em 1895 e 1896, ele desempenhou um papel determinante, em conjunto com o cardeal Rampolla, secretário de Estado de Leão XIII, e com Mons. Gasparri, futuro secretário de Estado de Bento XV, para tentar fazer a Igreja católica renunciar à invalidade das ordenações anglicanas e assim abrir o caminho para uma " Corporate Reunion " da High Church Anglicana com a única Igreja de Cristo.

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2008/RORE_Communique-2008-09-24_Sacre_de_Mgr_Lee.pdf

[12] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-23-D-00-La_destitution_de_l_abbe_Portal_2.pdf

[13] **http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-06-03_Probabilisme_Mgr_Fellay.pdf**

[14] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-26-FR-Cekada-Absolument_nul_et_entierement_vain.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-06-EN-Cekada_New_Episcopal_Consecration.pdf

[15] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-06-06-FR-Cekada-resume-officiel_2_pages.pdf

[16] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-26-FR-Cekada-Absolument_nul_et_entierement_vain.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-06-EN-Cekada_New_Episcopal_Consecration.pdf

[17] http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=entry_view&iden=138

[18] http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=section_view&idev=1

[19] **Ele esclarece até em sua carta que frequenta um parente próximo do falecido cardeal de memória sinistra.**

[20] **Se Ricossa ousou assim truncar seu dossiê histórico publicado sobre a questão, expurgando a carta tão constrangedora do Sr. Winckler, publicada no primeiro número de *Cacissiacum* por vontade expressa do Padre Guérard des Lauriers, que lhe pediu seu testemunho pessoal para esse fim, não estamos em posição de pensar que Ricossa fez o mesmo com qualquer elemento ou documento que fosse excessivamente desfavorável à sua tese de reabilitação que ele quer absolutamente divulgar hoje?...**

Com que finalidade? …Servir a verdade? ...Realmente? ...E por que somente agora? ...As respostas se impõem por si mesmas, pois a finalidade perseguida é hoje ofuscante.

Invalidade do novo rito de sagração de 1968: o padre Ricossa se opõe ao padre Cekada ao rejeitar publicamente sua demonstração teológica sobre a invalidade sacramental radical deles.

Domingo, 28 de junho de 2009.

Sacramentos conciliares inválidos: um fiel faz **duas perguntas muito precisas ao Sr. Padre Ricossa**

Após o "sacerdócio provável" inventado por Dom Fellay, o padre Ricossa inventa o episcopado "provavelmente inválido"!

A introdução das noções de probabilidade nos ritos de ordenação e de consagração (revista do padre Portal) remonta a Gasparri (pupilo do cardeal Rampolla) e foi efetuada em 1895, no momento em que os anglicanos, e seus cúmplices infiltrados na hierarquia romana, tentavam fazer reconhecer como válidas suas falsas ordens pelo Papa Leão XIII (com o apoio discreto, mas eficaz, do cardeal Rampolla).

O padre Ricossa luta de forma **muito coerente e objetivamente** muito proveitosa para as lojas Rosacruzes.

Na última edição de *Sodalitium* (n°62), ele acaba de

- **primeiramente tentar isentar[1] o satanista da OTO, o cardeal Rampolla, secretário de Estado de Leão XIII, de sua associação à alta maçonaria iluminista,**
- **e, em segundo lugar, rejeitar (sem nomear seu autor) a demonstração teológica de invalidade sacramental do novo rito de consagração episcopal de 1968, divulgada mundialmente pelo padre Cekada em 2006.**

A análise **objetiva** das ações e escritos do padre Ricossa, que parecem sistematicamente querer preservar os planos dos piores inimigos internos da Igreja católica, faz com que ele apareça cada vez mais **coerente e estruturado**, resultando **objetivamente** em proteger as redes Rosacruzes que conseguiram subverter hoje a Igreja Católica e seu Clero, tanto quanto suas temáticas.

Lembremos que Roncalli era um iniciado Rosacruze, e que sua eleição em 1958 foi anunciada pelo beneditino subversivo **Dom Beauduin[2]** (um dos principais iniciadores do movimento litúrgico e do movimento para o "***ecumenismo***" conciliar atual - **ou protestantização do Sacerdócio católico e destruição do caráter sacrificial deste Sacerdócio**), que foi patrocinador de um outro beneditino, Dom Botte, o qual, com seu cúmplice o herético espirita Père Lécuyer, ousou abolir radicalmente em 1968, sob a autoridade do lazarista maçon Bugnini, o rito tradicional da consagração episcopal católica, para substituí-lo por uma nova forma essencial, inteiramente inventada por eles, que torna absolutamente inválida a nova consagração sacramental episcopal, destruindo assim radicalmente o Sacerdócio **sacrificial** católico[3].

Após termos consultado sobre a questão, **o CIRS[4] (Comitê Internacional *Rore Sanctifica***) nos informa que **inscrevendo-se na corrente do Cardeal Gasparri, o pupilo do cardeal Rampolla (iniciado Rosacruz), o padre Ricossa introduz o conceito teologicamente aberrante de probabilidade nos**

sacramentos (probabilismo sacramental) com sua inovação sobre o episcopado "provavelmente inválido":

> *« Por sua parte, Sodalitium (n° 57, pp. 45-46) assumiu a velha convicção do Padre Guérard des Lauriers o.p. de que, enquanto mantém firmemente o princípio de que cabe à Igreja dar uma resposta definitiva sobre a questão,* ***é preciso pelo menos admitir a probabilidade da invalidade das consagrações episcopais administradas segundo o novo rito****. » Sodalitium n°62, p. 41*

Essa inovação teológica do padre Ricossa se junta ao conceito nebuloso **lançado pelo Cardeal Gasparri em 1895 na revista do padre Portal[5]:** ***Revue Anglo-Romaine***, **tomo I, p. 481:** « ***Da validade das ordenações anglicanas*** », **P. Gasparri**, a fim de justificar a ordenação ***sub conditione*** e **não mais** absoluta **dos ministros anglicanos.**

> *"****A falta de intenção é provável no foro externo, sem ser certa;*** *enfim, que a insuficiência também dos ritos do Ordinário [NDLR: Anglicano]* ***é apenas provável****, em títulos e graus diferentes para as três ordenações.* ***A conclusão que parece decorrer desses princípios é que as ordenações anglicanas devem ser consideradas como duvidosas*** *(...). Pode haver motivo, a meu humilde ver, para modificar a prática seguida até agora e* ***reordenar apenas sub conditione*** *os ministros anglicanos que retornam à Igreja católica."* ***P. Gasparri****, pp. 556-557*

Padre Portal – Revue Anglo-Romaine – Cardeal Gasparri (protegido pelo FM Rampolla)

O **icanos.**

**

Cristeros mexicanos pendurados nas árvores, após sua traição pelo cardeal Gasparri, na época secretário de Estado do Vaticano. Em nome da 'santa obediência' exigida por Gasparri, foi solicitado a eles, pelos clérigos da época, que entregassem suas armas, e, em seguida desarmados, eles foram massacrados impiedosamente pelas autoridades maçônicas mexicanas.

Lembremos que **esta argumentação teológica do Cardeal Gasparri foi publicamente e radicalmente desmentida em sua totalidade pelo aparato argumentativo desenvolvido pelo Papa Leão XIII** em 30 de novembro de 1896, ao publicar sua ***Bula Apostolicæ Curæ***, **demonstrando** e declarando de forma irrefutável e infalível que as Ordens Anglicanas eram « ***Absolutamente Nulas e totalmente Vãs*** », **expondo as razões que nada tinham a ver com os argumentos e conceitos de Gasparri, repetidos hoje por Padre Ricossa**. Quanto ao padre Portal, ele foi justamente e severamente sancionado[6] pelo cardeal Merry del Val, durante o pontificado de São Pio X.

A causa está agora, para todo verdadeiro católico, definitivamente resolvida, e os motivos teológicos reais enunciados de forma infalível de uma vez por todas.

Para todo católico, seja clérigo, teólogo ou simples fiel, o debate deve, portanto, ser considerado encerrado sobre o assunto.

É hoje bem óbvio que a turba dos clérigos conciliares apóstatas que hoje dirige a Cúria romana, **mostra sua urgente necessidade de fazer esquecer o quanto antes a Bula *Apostolicæ Curæ* de Leão XIII** e também as claridades definitivas que ela trouxe milagrosamente sobre essa questão potencialmente mortal para a Santa Igreja, **na perspectiva muito próxima de incorporar orgânica e oficialmente a *High Church Anglicana* em sua nova igreja mundialista, « *ecumênica* » e apóstata conciliar, no momento** em que, **pela primeira vez, desde o cisma e as heresias anglicanas**, **o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI se prepara para se encontrar em breve em Londres com Sua Majestade Elizabeth II, Chefe da Igreja Anglicana, e chefe da Comunidade Britânica, sob os olhos cegos dos bilhões de ignorantes.**

Agora, seguindo o astuto Cardeal Gasparri, Padre Ricossa, retomando o conceito e o raciocínio falacioso deste, vem assim em socorro dos apóstatas do Vaticano, também preconiza hoje a consagração *sub conditione* dos ministros conciliares:

> *« Conclui-se que aquele que recebeu o episcopado, o sacerdo?cio ou as outras ordens com o rito reformado ou recebido de um bispo consagrado com o rito reformado,* ***deveria ser novamente ordenado “****sub conditione”*. » Sodalitium n°62, p. 41

Gasparri era um protegido do cardeal Rampolla (iluminista satânico da O.T.O.), o mesmo cardeal que, **no mesmo número 62 de *Sodalitium***, Padre Ricossa procura **hoje convenientemente** isentar de acusações de pertencimento à maçonaria.

E é ainda precisamente esse mesmo conceito enganoso e não católico de ‘***probabilidade sacramental***’, desenvolvido em 1895 pelo Cardeal Gasparri, e desmentido pelo argumento de ***Apostolicæ Curæ***, *que encontramos na boca de Dom Fellay[7] em 25 de março de 2007, interrogado pela Dra. S.I., diretora do site* Donec Ponam... Decididamente!

Qual tope do seu entorno teria, portanto, reavivado as ideias enganadoras do sutil Gasparri ao superior da FSSPX, tão mal preparado sobre essas questões históricas?

Dada a muito fraca cultura teológica de Dom Fellay (que só trabalha com as línguas vivas e passa seu tempo fazendo política vaticana modernista), é certo que não foi muito difícil fazer com que ele aceitasse essa falsa noção teológica não católica e essa astuta e sábia trapaça clerical sobre este assunto essencial.

Um fiel nos envia **o e-mail público que ele dirigiu a Padre Ricossa**, **após sua declaração publicada na página 45 do último número (n°62) de sua revista *Sodalitium***, a ele fazendo, a respeito disso, **duas perguntas públicas muito precisas**:

Aqui está o texto deste e-mail que nos foi enviado:

Email de um fiel de 19 de junho de 2009, endereçado ao Dom Francesco Ricossa

Cópia: padre Schoonbroodt, padre Cekada, Dom Dolan, Dom Sanborn, padre Belmont, padre Méramo, padre Chautard, padre Legal, padre Seuillot

Título: EPISCOPADO: DUAS QUESTÕES PRECISAS PARA O Padre Ricossa

Conteúdo:

*« No dia 25 de março de 2006, por ocasião do 15º aniversário da morte de Dom Lefebvre, ocorrida em 25 de março de 1991, o padre A. Cekada publicou um estudo de teologia sacramental católica de 16 páginas intitulado "Absolutamente Nulo e Totalmente Vão"**[8]***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-26-FR-Cekada-Absolument_nul_et_entierement_vain.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-06-EN-Cekada_New_Episcopal_Consecration.pdf

*No dia 06 de junho de 2006, ele publicou um resumo de duas páginas intitulado "O Rito da Consagração Episcopal de 1968: Um Breve Resumo do Problema"**[9]**.*

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-06-06-FR-Cekada-resume-officiel_2_pages.pdf

O texto de 25 de março de 2006 constitui, da parte do padre A. Cekada, uma demonstração teológica rigorosa e "mínima" da invalidade sacramental intrínseca radical da forma essencial da nova consagração episcopal "ecumênica" e conciliar, imposta desde 18 de junho de 1968 por Montini-Paulo VI à Igreja de rito latino pela promulgação nesta data de sua Constituição apostólica Pontificalis Romani (da qual a revista Sodalitium não achou sequer útil mencionar os quarenta anos em 2008 - o que é extremamente revelador).

*No dia 27 de janeiro de 2007, o padre A. Cekada publicou um complemento de 11 páginas à sua demonstração de 25 de março, intitulado "Sempre Nulo e Sempre Vão", pelo qual refutava uma a uma todas as objeções que haviam sido levantadas contra sua demonstração mínima da invalidade sacramental intrínseca da nova consagração episcopal conciliar, mantendo a integralidade de sua demonstração**[10]**.*

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-01-27-FR_AbbeCEKADAToujoursNul-ReponsesAuxObjectionsJanv2007FRANCAIS1.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-01-27-EN_AbbeCEKADAStillNull-RepliesToObjectionsJan2007ENGLISH.pdf

O padre A. Cekada, baseando-se exclusivamente nos textos infalíveis e irreformáveis do Magistério da Santa Igreja, assim como da Magistério Pontifical, concluiu explicitamente e rigorosamente que essa nova "consagração" episcopal de rito latino, editada em 18 de junho de 1968 por Montini-Paulo VI, deve ser declarada com toda certeza segundo estas normas irreformáveis e infalíveis como "Absolutamente Nula e Totalmente Vã".

No entanto, em maio de 2009, Padre F. Ricossa escreveu na página 45 (segundo parágrafo, coluna da esquerda) do número 62 da revista Sodalitium (n°62, maio de 2009):

*"Não está demonstrado com absoluta certeza que Joseph Ratzinger não foi validamente consagrado bispo."**[11]***

http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=entry_view&iden=138

No dia 28 de maio de 1977, o padre apóstata Joseph Ratzinger recebeu, de Dom Joseph Stangl, bispo de Würzburg, a nova e totalmente inventada pseudo-"consagração" episcopal conciliar imposta desde 18 de junho de 1968 por Bugnini-Montini-Paulo VI, e foi então nomeado Arcebispo de Munique.

Daí, após sua afirmação:

"Não está demonstrado com absoluta certeza que Joseph Ratzinger não foi validamente consagrado bispo."

AS DUAS QUESTÕES PRECISAS AQUI PUBLICAMENTE COLOCADAS AO Padre Francesco RICOSSA :

Padre Ricossa sustenta - apesar das especificações irreformáveis do Magistério Católico lembradas pelo padre A. Cekada -

- 1°) que existiria hoje uma possibilidade eventual de que Joseph Ratzinger esteja efetivamente revestido da plenitude do Sacerdócio Católico (Potestas Ordinis episcopale), e que, em particular, existiria uma eventualidade de que ele esteja, de fato, atualmente em posse da capacidade efetiva de transmitir validamente o caráter ontológico do Sacerdócio católico (reservadas as outras condições de validade sacramental referentes ao rito empregado e ao impetrante)?

- 2°) Padre Ricossa sustentaria que a demonstração mínima e rigorosa estabelecida pelo padre A. Cekada seria logicamente de alguma forma incompleta ou deficiente? E, nesse caso, poderia ele explicitar publicamente em que residiriam essa incompletude e essas deficiências?

Segundo Padre Ricossa, o uso direto dos princípios da lógica formal imediata (tais como o Princípio da identidade ou da não contradição) aos dados certos do conhecimento (tais como os dados da Fé e da Revelação definidos pelo Magistério católico) deveria, para os clérigos e os fiéis católicos, permanecer suspenso a uma eventual publicação futura da explicitação dessa lógica formal imediata por parte do Magistério católico?

No que tange a este assunto, se os dados certos do conhecimento garantidos pelo Magistério Católico irreformável são (2 + 2), o clérigo ou fiel católico não poderia, portanto, seguir a posição de Padre Ricossa, legitimamente e com autoridade, afirmar (2+2=) 4, antes que o Magistério católico autêntico declarasse e publicasse ele mesmo (2+2)=4.

Assim, pareceria que existiria, no pensamento de Padre Ricossa, uma eventualidade de que o Magistério Católico irreformável autêntico POSSA DE ALGUMA MANEIRA VIOLAR OS PRINCÍPIOS DE IDENTIDADE OU DE NÃO-CONTRADIÇÃO QUE FUNDAM A LÓGICA.

É por isso que muitos clérigos e fiéis estão ansiosos para conhecer as respostas às duas questões públicas aqui colocadas ao padre Francesco Ricossa.

... a menos - o que não se pode imaginar - que o verdadeiro objetivo de Padre Ricossa não seja simplesmente buscar semear a inação e a confusão nas fileiras dos poucos católicos que permanecem obstinados em lutar para preservar sua FÉ e para identificar e desmascarar os "lobos devoradores" vestidos de pastores, e, em primeiro lugar, o padre apóstata Joseph Ratzinger? »

Anexo:

Soda-F62[1].pdf[12]

Fim do email de um fiel

Não há dúvida de que as respostas do Padre Ricossa a esta dupla questão são muito esperadas pelos clérigos e pelos fiéis da tradição.

Um outro fiel nos escreveu:

« Data: 25 de junho de 2009 10:16

Assunto: Carta do Sr. Winckler

Padre,

Não vejo como a carta do Sr. Winckler responde aos argumentos do padre Ricossa. Esta carta mostra apenas que em Roma todos acreditavam na filiação do cardeal Rampolla, modernistas ou não! O Sr. Winckler não traz nenhum argumento que refute os de padre Ricossa; ele apenas menciona uma convicção amplamente difundida entre os meios tradicionalistas de Roma e de outros lugares. O que mostra o padre Ricossa é que essa convicção não era fundamentada. O "testemunho" do Sr. Winckler não constitui, de forma alguma, uma refutação a Ricossa.

Por outro lado, você não acha um pouco tendencioso o fato de invocar a ausência de tratamento de um assunto (Avrillé ou Ricossa) como prova de uma intenção pecaminosa?

Dito isso, aprecio muito o Virgo Maria.

Atenciosamente, padre, expresso meu profundo respeito.

Convidamos este fiel a **ler novamente** a carta do Sr. Winckler **publicada a pedido do Padre Guérard des Lauriers no primeiro número de sua nova revista *Cacissiacum***; não se trata de uma descrição aproximada de uma opinião geral em Roma, **mas de um testemunho pessoal que inclui fatos[13] dos quais ele foi parte.**

Negar isso seria acusar Winckler de manipulação e apresentar o Padre Guérard como um '*gogo*' que publicava qualquer coisa… Seria essa a opinião do padre Ricossa?

Padre Ricossa, que não pode ignorar esta carta de Winckler publicada no primeiro número dos *Cahiers de Cassiciacum*, **portanto a deliberou e intencionalmente a deixou de fora de seu artigo na *Sodalitium* n°62.**

Por quê[14]?

Acreditamos que **objetivamente as intenções reais do padre Ricossa agora transparecem muito claramente através da lógica de suas ações e publicações nos últimos anos**, que se apoiam mutuamente.

No outono de 2007, a máscara do "muito tradicional" Dom Williamson caiu; em junho de 2009, seria a máscara do Padre Ricossa que estaria caindo?

Quem ainda pode, em consciência, financiar o padre Ricossa e suas obras, e colocar seu dinheiro em um destino tão duvidoso? Mesmo quando ele pede uma quantia de dinheiro aos fiéis (segundo uma fonte, seria 500.000 euros):

> *« A subscrição para adquirir uma capela em Paris, lançada há um ano e meio, está em andamento (perto de um terço do total já foi reunido): ainda pedimos e mais do que nunca à sua generosidade… para a maior glória de Deus. Todos os nossos fiéis parisienses rezam pelos benfeitores e por todas as suas intenções. » Sodalitium n°62, p. 56*

Os fiéis estariam bem aconselhados a esperar a ***esclarecimento absolutamente indispensável de suas posições inaceitáveis*** por parte do padre Francesco Ricossa antes de investir seu dinheiro em suas empresas.

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© *2009 virgo-maria.org*

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-22-A-00-Ricossa_Rampolla.pdf

[2] Ver as inúmeras mensagens VM relativas a esse personagem sinistro.

[3] **Cf. http://www.rore-sanctifica.org**

[4] http://www.rore-sanctifica.org

[5] **Lembremos que o lazarista Portal, muito ligado a Lord Halifax, assinava com o pseudônimo "*Dalbus*" nas polêmicas teológicas clericais da época (início dos anos 1890), pretendendo falaciosamente se fazer o "*campeão*" da demonstração da invalidade radical das sagrações anglicanas, escolhendo para isso deliberadamente argumentos fracos e especiosos que sabia serem, na realidade, fáceis de refutar**.

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2008/RORE_Communique-2008-10-21_Ordre_de_la_Corporate_Reunion.pdf, ver na página 26, nota 44.

O CIRS indicou ainda a respeito desse lazarista:

Parece que **o padre Portal, Lazarista (assim como Bugnini), foi secretamente sagrado bispo em duas ocasiões e que, posteriormente, sagrou outros:**

"Em 1926, entrou para o mosteiro beneditino de Amay-sur-Meuse.
Em 29 de dezembro de 1918, foi consagrado bispo por Mar Antoine (Leféburе). Em 7 de novembro de 1920, foi consagrado por Maran Mar Yosif Emmanuel II Thoma, patriarca da Igreja Católica Caldeia, assistido por Mar Antoine." B.Persson

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2008/RORE_Communique-2008-10-21_Ordre_de_la_Corporate_Reunion.pdf

e ainda:

As consequências da sagração episcopal católica de Veneza são ocultas, mas de grande alcance: ***é toda uma história oculta da Igreja Católica e da preparação secreta e remota do Vaticano II por redes clericais que começa a vir à tona****.*

Entre esses acontecimentos, o menos surpreendente não é o do padre Portal, que teria sido sagrado bispo duas vezes, em 1918 e 1920.

Ora, o padre Portal foi precisamente, juntamente com Lord Halifax, a figura-chave e o coordenador do projeto de reconhecimento da suposta validade sacramental das Ordens anglicanas pelo Papa Leão XIII.

Em 1895 e 1896, desempenhou um papel determinante, em colaboração com o cardeal Rampolla, secretário de Estado de Leão XIII, e com Monsenhor Gasparri, futuro secretário de Estado de Bento XV, na tentativa de fazer com que a Igreja Católica renunciasse à invalidez das ordenações anglicanas, abrindo assim caminho para uma "Corporate Reunion" da High Church Anglicana com a única Igreja de Cristo.

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2008/RORE_Communique-2008-09-24_Sacre_de_Mgr_Lee.pdf

[6] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-10-22-FR_Communique-2006-10-22_La_Destitution_de_l_abbe_Portal.pdf

[7] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-06-03_Probabilisme_Mgr_Fellay.pdf

[8] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-26-FR-Cekada-Absolument_nul_et_entierement_vain.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-06-EN-Cekada_New_Episcopal_Consecration.pdf

[9] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-06-06-FR-Cekada-resume-officiel_2_pages.pdf

[10] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-26-FR-Cekada-Absolument_nul_et_entierement_vain.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-06-EN-Cekada_New_Episcopal_Consecration.pdf

[11] http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=entry_view&iden=138

[12] http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=section_view&idev=1

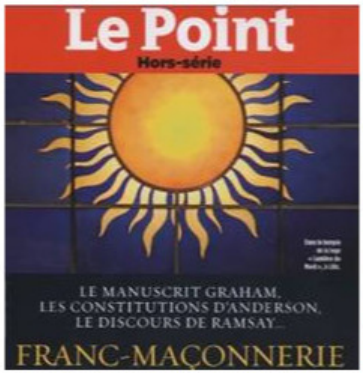
[13] Ele especifica até mesmo em sua carta que convive com um parente próximo do falecido cardeal de triste memória.

[14] Se Dom Ricossa ousou truncar seu dossiê histórico publicado sobre a questão, suprimindo a carta tão incômoda do Sr. Winckler, publicada no primeiro número de *Cahiers de Cassiciacum* por vontade expressa do Padre Guérard des Lauriers, que lhe havia solicitado esse testemunho pessoal para essa finalidade, não se tem o direito de pensar que Dom Ricossa fez o mesmo com qualquer elemento ou documento que fosse excessivamente desfavorável à sua tese de reabilitação, que ele insiste em divulgar hoje?

Com que propósito? … Servir à verdade? ... Realmente? ... E por que somente agora? ... As respostas se impõem por si mesmas, tão evidente é a finalidade buscada atualmente.

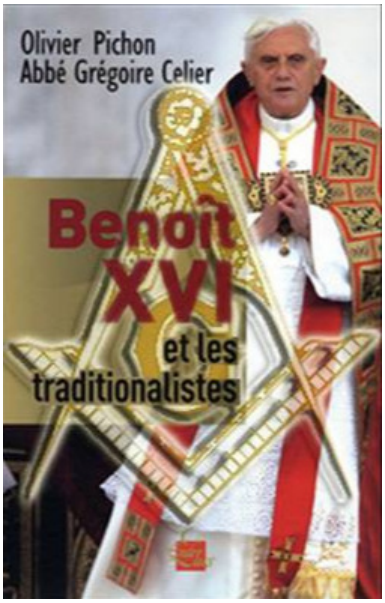
'Le Point': o editor-prefaciador do padre Celier[1] (FSSPX), J.L. Maxence[2], exibe seu maçonismo militante em uma tiragem nacional de 400.000 exemplares

Quarta-feira, 16 de setembro de 2009



Agora a medida está ao extremo, **em uma revista com tiragem superior a 440.000 exemplares[3]**, **o editor-prefaciador Maçom do padre Celier (FSSPX) para o seu** « ***Bento XVI e os Traditionalistas*** », **o livro-programa das relações de Dom Fellay com a Roma maçônica mundialista**, **proclama entusiasticamente seu militante maçonismo!**

E NENHUMA decisão foi tomada por Dom Fellay desde o desdobramento do escândalo público há um mês para **excluir o padre Celier da FSSPX e afastar o padre de Cacqueray de suas funções** por incompetência e apoio a atividades maçônicas subversivas dentro da própria FSSPX.



Pastiche simbolizando o livro-programa que aplica Dom Fellay, segundo os desejos da Grande Loja da França!

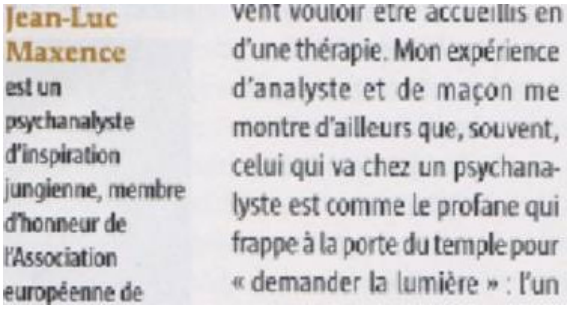
Você pode baixar o PDF **dos trechos** do documento do "Le Point" a partir de:

http://www.virgo-maria.org/Documents/Le-Point-N24-Sep-Oct-2009-FM_JL-Maxence.pdf

Em um **Hors-Série[4]** do semanário « *Le Point* »[5] n°24 (setembro-outubro 2009), Jean-Luc Maxence, o editor-prefaciador do padre Celier, para o livro-programa do alinhamento da FSSPX com a Roma Modernista

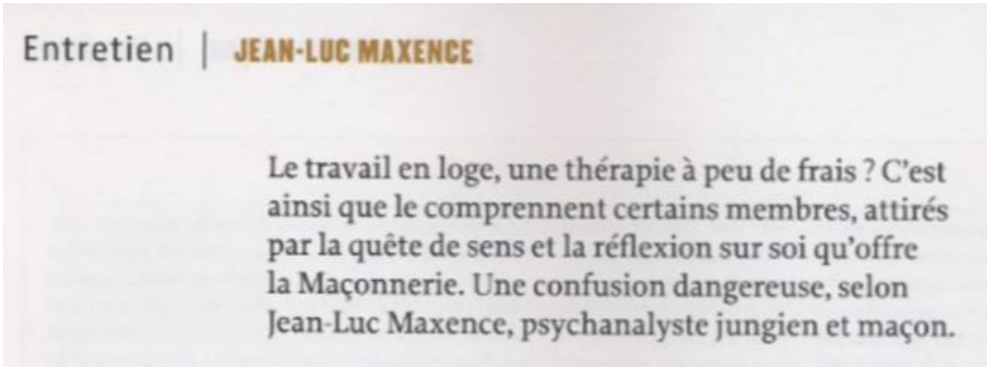
Maçônica e Mundialista, dá uma entrevista onde reafirma com orgulho sua pertença ativa à maçonaria:

« *Minha experiência como analista e maçom…* » (página 46)


Jean-Luc Maxence est un psychanalyste d'inspiration jungienne, membre d'honneur de l'Association européenne de

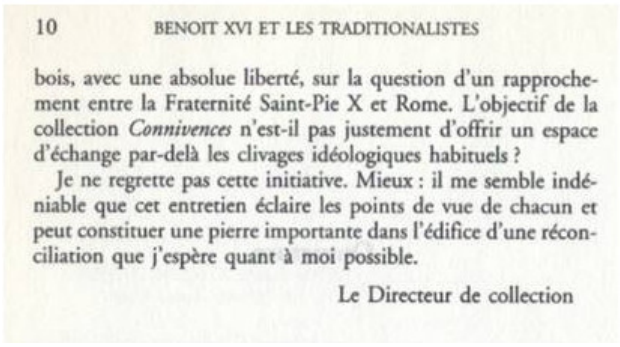
vent vouloir être accueillis en d'une thérapie. Mon expérience d'analyste et de maçon me montre d'ailleurs que, souvent, celui qui va chez un psychanalyste est comme le profane qui frappe à la porte du temple pour « demander la lumière » : l'un

« *Além de todas as opções, religiosas ou não, deve-se assimilar, digerir o conhecimento. Sem isso, a maçonaria não tem interesse* » (página 47)


Entretien | JEAN-LUC MAXENCE

Le travail en loge, une thérapie à peu de frais ? C'est ainsi que le comprennent certains membres, attirés par la quête de sens et la réflexion sur soi qu'offre la Maçonnerie. Une confusion dangereuse, selon Jean-Luc Maxence, psychanalyste jungien et maçon.

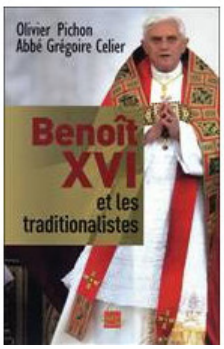
E é esse mesmo « ***psicanalista junguiano e maçom*** », membro ativo e entusiasmado « ***há décadas*** » da ***Grande Loja da França***, que prefaciou o livro do padre Grégoire Celier (FSSPX), *« Bento XVI e os Traditionalistas* », o livro-programa das relações de Dom Fellay e da FSSPX com a Roma Modernista Maçônica e Mundialista**, onde ele proclama seu desejo frenético de ver a «** reconciliação» da FSSPX com Bento XVI ocorrer rapidamente.


10 BENOIT XVI ET LES TRADITIONALISTES

bois, avec une absolue liberté, sur la question d'un rapprochement entre la Fraternité Saint-Pie X et Rome. L'objectif de la collection *Connivences* n'est-il pas justement d'offrir un espace d'échange par-delà les clivages idéologiques habituels ?

Je ne regrette pas cette initiative. Mieux : il me semble indéniable que cet entretien éclaire les points de vue de chacun et peut constituer une pierre importante dans l'édifice d'une réconciliation que j'espère quant à moi possible.

Le Directeur de collection



Prefácio do maçom J-L Maxence à obra do padre Celier: « Bento XVI e os Traditionalistas **»,** vendido pessoalmente em Nantes pelo padre de Cacqueray, Superior do Distrito da França, e difundido há mais de dois anos pela FSSPX em toda a França, livro que expõe a política maçônica do « *processo* » de Dom Fellay com a Roma Modernista, Maçônica e Mundialista.

Primeira pergunta a ser feita aos sacerdotes e aos bispos da FSSPX

É normal, segundo você, **que um padre da FSSPX, o padre Celier**, tenha podido – com os incentivos e a assistência de sua hierarquia – ***publicar e prefaciar*** um livro pró-alinhamento por um editor que já não fazia segredo de suas simpatias gnósticas antes de « ***sair do armário*** » revelando publicamente sua afiliação

maçônica à ***Grande Loja da França***?

Segunda pergunta a ser feita aos sacerdotes e aos bispos da FSSPX

É normal, segundo você, que **a direção do Distrito da França, sob a responsabilidade do padre de Cacqueray**, que não poderia ignorar as convicções gnósticas e as manobras, para dizer o mínimo, heterodoxas do senhor Jean-Luc Maxence, editor-prefaciador **do padre Celier, o conselheiro do padre de Cacqueray em Suresnes, tenha feito, há dois anos, uma intensa promoção do livro do padre Celier nos priorados da França**?

Terceira pergunta a ser feita aos sacerdotes e aos bispos da FSSPX

É normal, segundo você, que Dom Fellay – tão rápido em perseguir, até mesmo em dispensar abruptamente sacerdotes totalmente dedicados à continuidade da obra fundada por Dom Lefebvre (o grande esquecido do momento!) – **continue a tolerar um clérigo, o padre Celier, que, há muito, demonstra amplamente por seus escritos e manobras obscuras, mal dissimuladas sob múltiplos pseudônimos, que não tem lugar dentro da Fraternidade, *em todo caso, tal como a concebiam seu fundador e tal como devemos continuar a percebê-la*?**

Como é possível que, enquanto **o escândalo é agora público e amplamente conhecido há um mês** em todos os priorados da França (as reações de indignação não cessam de crescer e se multiplicar), **Dom Fellay ainda possa permanecer totalmente inativo e continuar protegendo com desvergonha o padre Celier, ao prosseguir uma política maçônica com Roma que recebeu a bênção do representante da *Grande* Loja da França**?

Por que Dom Fellay aplica uma política maçônica, **e a impõe de maneira ignominiosa, instaurando o terror, aos clérigos e aos fiéis que desejam permanecer fiéis a Dom Lefebvre, à sua obra de preservação do Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido, assim como à sua luta contra a Roma Apóstata, Modernista e Maçônica?**

A quem, portanto, obedece Dom Fellay?

A que está afiliado?

Agora, após um mês de apoio impassível ao padre Celier, totalmente comprometido neste escândalo público sem precedentes dentro da Fraternidade São Pio X, a questão deve ser colocada publicamente…

E a resposta começa a se delinear sozinha com evidência.

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2009 virgo-maria.org

Dossiê de Referências Virgo Maria sobre o padre Grégoire Celier e suas transgressões dentro da FSSPX

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-02-A-00-Question_sur_Mgr_Fellay.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-10-A-00-Fideliter-se-distancie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-22-A-00-Conciliarisation-rampante-de-la-FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-05-A-00-Suresnes-Loge_et_divan.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-30-A-00-Jean_Luc_Maxence-Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-25-B-00-Abbe_Celier_maitrise_de_philo.pdf

2009

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-12-B-00-Critique_de_B16_et_les_Traditionalistes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-11-C-00-Abbe_Celier_censure_Mgr_de_Galarreta.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-05-A-00-Celier_censure_Galaretta.pdf

Em Écône, o padre Celier lembra publicamente Dom Fellay à ordem, que se submete!

22 nov 2008

http://virgo-maria.info/wordpress/?p=148

A comunicação de Dom Fellay recuperada e desvirtuada pelo padre Lorans – Dom de Galarreta censurado pelo padre Celier.

7 julho 2008

http://virgo-maria.info/wordpress/?p=77

Dom Fellay silenciado pelos padres Lorans, Celier e outros infiltrados?

3 julho 2008

http://virgo-maria.info/wordpress/?p=72

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-08-A-00-Celier_patron_de_la_France.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-06-A-00-Chapitre_general_de_la_cartouche.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-05-A-00-Airiau_Apocalyptisme_Celier-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-29-A-01-Mgr_Williamson-cartouche_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-22-A-00-2_Apologues_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-21-D-00-Chaussee_Celier_agent.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-19-A-00-Celier_contre_Mgr_Tissier.pdf

2008

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-01-A-00-Celier_Dieu_Mortel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-C-00-Chaussee_denonce_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-B-00-Commission-theologique.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-29-A-00-Chaussee-n2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-28-A-00-Chaussee-n1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-17-A-00-Abbe-Celier-Jim-Morrison.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-11-A-00-FLASH-La_Rocque_et_MP.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM_2007-06-28-A-00-Abbe-Celier_censure_Mgr_Lefebvre.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-17-A-00-Flop_abbe_Celier_Montpellier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-15-A-00-Binome_Aulagnier_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-07-A-00-Qui_gouverne_la_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-A-00-Abbe_Celier_sans_argument_sur_les_sacres.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-B-00-Courriel_contre_livre_abbe_Ceilier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-05-A-00-Echec_politique_du_ralliement.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-03-B-00-Mgr_Williamson_lache_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-27-B-00-Fiasco_abbe_Celier_a_Toulouse.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-tissier/Mgr-Tissier-Libre-abbe-Celier.mp3

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-26-A-00-Mgr_Tissier_desavoue_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Analyse_ecrits_Tanouarn_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-25-A-00-Analyse_ecrits_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-23-A-00-Abbe-Celier_desavoue_par_un_eveque.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-18-A-00-Tour_de_France_Abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/005_2007/VM-2007-05-08/LFC_Sous-la-Banierre/viewtopic.php.htm?t=1578&sid=d45bcedf3bbaeaf6909e592122d705df&mforum=lelibreforumcat

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-08-B-00-SLB_sur_livre_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-05-B-00-Livre_Abbe_Celier_par_un_lecteur.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-02_Replique_a_Abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-04-B-00-Le_CIRS_replique_a_l_abbe_Celier.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-01_Abbe_Cekada_replique_a_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-03-A-00-Abbe_Cekada_replique_a_abbe_Celier_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-26-A-00-Abbe_de_la_Rocque_sur_le_Motu_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-12-A-01-Jean-Luc_Maxence_et_Celier_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-11-A-01-Derives_abbe_Celier_par_un_fidele.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-25-B-00-Revolution_liturgique_des_infiltres_V2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-25-A-00-de_La_Rocque_NOW_V2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-23-A-00-Orchestre_noir_de_la_FSSPX_V3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-21-A-00-Petipeu_rejette_le_rite_de_la_Rocque_V1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-15-A-00-Laguerie_denonce_de_La_Rocque_V1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-13-B-00-Traditio_denonce_de_La_Rocque_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-13-A-00-Abbe_Celier_diffuse_Opus_Dei_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-05-A-01-Rite_de_La_Roque.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-29-A-01-Role_abbe_Celier_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-26-A-01-Plan%20de%20Matraquage_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-17-A-00-Mgr_Fellay_censure_par_infiltres_5.pdf

2007

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-23-C-00-L_abbe_de_la_Rocque_pour_abandon_rite_de_Saint_Pie_V_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-07-20-1-00-Le_plan_Tanouarn_Celier_pour_diriger_la_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-07-11-1-00-Abbe_Celier_contre_LHR.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-25-1-00-Communique_de_Mme_Perol_recu_le_24_juin_2006.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-19-Rectificatif_de_la_petite_grammaire_du_GREC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-28-02-00-Rectificatif.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-17-3-00-Petite_grammaire_du_GREC_de_l_abbe_Lorans%20(1).pdf.pdf)

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-28-1-00-Abbe_Celier_Beaumont_contre_Mgr%20Lefebvre.pdf

2006

ATAQUES contra Virgo-Maria e atos do padre de Cacqueray

---

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Qui_veut_la_mort_de_Virgo_Maria_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-26-A-00-Jugement_du_refere.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Refere-2007-05-10.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-07-00-Des-pirates-informatiques-tentent-d-imposer-le%20silence-a-Virgo-Maria.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-14-C-00-Cacqueray_excommunication_heresie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-06-A-00-Abbe_de_Cacqueray_dissident.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-07-B-00-Cacqueray_perd_ses_nerfs.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-22-A-00-Abbe_de_Cacqueray-contre_VM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-08-A-00-Abbe_de_Cacqueray_aux_pretres.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page2.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page3et4.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page5a9.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-09-A-00-Avrille_insulte_abbe_Schoonbroodt.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Seldelaterre-N.68Hiver2009-Attaque_contre_abbe_Schoonbroodt.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-20-A-00-Mgr_Tissier-doutes-sur-Benoit_XVI.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-tissier/2009-02-28-Mgr_Tissier_de_Mallerais_a_abbe_Schoonbroodt.pdf

---

[1] **Cf no final do artigo, a lista de referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de Virgo Maria sobre o padre Celier, da Fraternidade São Pio X, e sobre seu poder de influência estratégica prejudicial dentro dessa Fraternidade**

[2] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-02-A-00-Question_sur_Mgr_Fellay.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-05-A-00-Suresnes-Loge_et_divan.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-30-A-00-Jean_Luc_Maxence-Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-12-A-01-Jean-Luc_Maxence_et_Celier_2.pdf

[3] http://fr.wikipedia.org/wiki/Le_Point

[4] Agradecemos calorosamente ao leitor que nos informou sobre esta publicação.

[5] http://www.virgo-maria.org/Documents/Le-Point-N24-Sep-Oct-2009-FM_JL-Maxence.pdf

Caso "Ricossa": Retificação do Padre Paladino

Sexta-feira, 30 de outubro de 2009

O padre Paladino comunica ao *VM* para publicação seu estudo corrigido desmascarando as imposturas do padre Ricossa sobre a interpretação do Apocalipse de São João.

Em decorrência da divulgação por *VM*[1] de um documento fornecido por um fiel, sobre a gestão financeira do padre Ricossa no *Instituto Mater Boni Consilii*, o padre Francesco Maria Paladino escreveu a *VM* no dia 29 de outubro de 2009, pedindo ao padre Schoonbroodt que publicasse sua retificação, o que é feito abaixo.

O padre Paladino junta, para divulgação pelo *VM*, um estudo corrigido de seu trabalho demonstrando como o padre Ricossa falsificou o pensamento do cardeal Billot sobre o *Apocalipse* e sua aplicação para o futuro, o superior de Verrua se esforçando para negar, seguindo os passos do exegeta modernista Corsini, que essa aplicação do texto do apóstolo São João ainda possa ser relevante para o futuro, relegando-o falsamente à condição de um texto destinado a interpretar a história anterior à Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Vamos publicar este estudo do padre Paladino em uma mensagem distinta desta, o assunto é importante, pois contribui para mostrar ainda mais que o padre Ricossa atua como um agente dos círculos conciliares, comportando-se, dentro da Tradição católica, em benefício dos inimigos da Igreja, para despojar os clérigos e os fiéis católicos de todas as armas que a divina Providência lhes deu para interpretar os acontecimentos excepcionais de nossa época. Ao despossuir os católicos das interpretações salutares das revelações das Santas Escrituras (Apocalipse) e das revelações explícitas posteriores de Nossa Senhora em La Salette, o padre Ricossa joga um jogo convergente com o do universitário Paul Airiau, emulador do antigo sacerdote defenestrado Émile Poulat, que tenta desqualificar os fiéis que seguiram Dom Lefebvre, chamando-os pelo neologismo (com intenção infamante) de "apocaliptistas".

Está ficando cada vez mais evidente que o padre Ricossa está, assim, jogando a favor dos inimigos da Igreja. Ele trabalha para mascarar a interrupção irreversível da sucessão apostólica na igreja conciliar, e para dissimular o enorme complô maçônico Anglicano-Rosacruz que produziu essa situação dramática para as almas.

Não podemos deixar de notar que o padre Ricossa observa um silêncio ensurdecedor diante das duas questões públicas que lhe foram feitas sobre a questão da invalidade intrínseca do novo rito de consagração episcopal (*Pontificalis Romani*, 1968). Sua atitude vale como um reconhecimento...

... e isso no momento em que o Padre Pierre-Marie de Kergorlay (Avrillé) acaba de tentar em vão salvar a famosa "demonstração de validade" do novo rito de consagração episcopal, a qual ele extraiu do modernista Dom Botte, na última edição 69 do "*Sel de la terre*". Esta última publicação surge, aparentemente, em um momento propício, quando começam as "traições doutrinais" de Dom Fellay com os teólogos conciliares em Roma (26 de outubro de 2009), a fim de tentar silenciar as questões dos clérigos da FSSPX que estão cada vez mais preocupados com a invalidade das consagrações episcopais no novo rito e com a interrupção da sucessão apostólica que disso decorre. A conscientização sobre a invalidade sacramental intrínseca do clero conciliar continua a se espalhar dentro da FSSPX, exatamente em contrapartida à política de traição da obra de Dom Lefebvre, que Dom Fellay persiste em implementar, seduzido pelas honras e pelo ouro do Vaticano. Após meados de setembro, segundo algumas fontes, Dom Fellay passou várias semanas em um luxuoso palácio em Roma, com as despesas pagas pelo Vaticano de Bento XVI... isso diz muito sobre os apetites de luxo e poder do superior da FSSPX e sobre seu jogo duplo diante dos fiéis.

O CIRS (Comitê Internacional *Rore Sanctifica*) nos informou que está finalizando sua refutação completa dessa última farsa do Padre Pierre-Marie, ele próprio visivelmente alimentado pelo Vaticano de Bento XVI, e que muito em breve a publicará em seu site.

Continuemos a boa luta.

A Redação de *Virgo-Maria*

© *virgo-maria.org*

RETIFICAÇÃO do senhor padre Francesco Maria PALADINO

Retificação ao Senhor Diretor da Redação de Virgo Maria,

Senhor padre Paul Schoonbroodt

Prezado Senhor padre,

Li, para minha grande surpresa, que eu teria enviado a você o documento tratando "*publicamente da gestão financeira dos bens do Instituto Mater Boni Consilii por seu superior cofundador, Dom Francesco Ricossa*". Porém, não fui eu quem lhe enviou esse documento, mas sim duas pessoas que o fizeram, sem meu conhecimento, por iniciativa própria, sem me pedir nem a opinião, nem a permissão. Quero esclarecer que esse documento, escrito há cerca de dois anos, não era público, pois me contentei em submetê-lo a algumas pessoas suspeitas sobre a gestão financeira do Instituto que se dirigiram a mim para pedir conselhos. Naquela época, havia transmitido esse documento aos padres do Instituto para alertá-los. Além disso, especifico que esse documento continha, originalmente, uma parte que dizia respeito à questão da falsificação feita pelo padre Ricossa em *Sodalitium* (n° 48) do pensamento do cardeal Billot sobre o Apocalipse, bem como outros assuntos. Em determinado momento, considerei que era mais oportuno separar os dois problemas e tratar, em primeiro lugar, da questão do Apocalipse em um artigo que, aliás, até hoje não foi divulgado, mas que agora será (veja o anexo). Não sei se a segunda parte sobre a questão financeira teria sido divulgada. Sua eventual publicação teria dependido do desenrolar dos acontecimentos. De qualquer forma, eu provavelmente teria revisado, corrigido e atualizado esse texto dois anos após sua redação inicial.

Fique assegurado, querido Senhor padre, dos meus sentimentos cordiais em Cristo e Maria.

Dom Francesco Maria Paladino.

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-22-B-00-Abbe_Ricossa-Finances.pdf

A confiança impossível a 100% para o Instituto *Mater Boni Consilii*, detido materialmente em 98% pelo padre Ricossa, que neutraliza a denúncia do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI

Quinta-feira, 22 de outubro de 2009

Desprovido de argumentos, o padre Ricossa se refugia no silêncio e **recusa-se a reconhecer a invalidade INTRÍNSECA** (sacramental e ontológica) do novo rito de consagração episcopal de **Dom Botte-Lécuyer-Bugnini de 18 de junho de 1968**, **limitando-se a aceitar apenas sua invalidade PURAMENTE EXTRÍNSECA, pois promulgado por um** « ***Papa*** » **(Montini-Paulo VI) simplesmente** ***Materialiter****[1]***,** que não tinha esse poder.

Uma carta do padre Paladino sobre as « *estranhas práticas financeiras do padre Ricossa…* »

Uma grande batalha começou após o caso Williamson, que permitiu desmascarar e neutralizar o bispo britânico próximo dos círculos *Fabiens* britânicos.

Virgo Maria direcionou seus holofotes e investigações para outra "***mole***" a serviço do campo inimigo da Tradição católica: o padre Ricossa, ex-membro da FSSPX e fundador do instituto *Mater Boni Consilii* em dezembro de 1985[2].

É preciso agora reconhecer que NENHUMA instituição fundada em reação ao Vaticano II e suas reformas escapou à infiltração eclesiástica. Todas foram alvo de um ataque inteligente e contínuo dos inimigos conciliares e das lojas que os dirigem, com o objetivo de tentar assegurar a ruína completa do Sacerdócio sacrificial católico, sacramentalmente válido.

Pela publicação do *Sodalitium* n°62, que busca reabilitar o maçom Rosecruz satanista da O.T.O., o cardeal Rampolla, o padre Ricossa **tentou acender uma polêmica para mascarar seu silêncio ensurdecedor diante das duas questões precisas que foram publicamente colocadas a ele pelo Virgo-Maria *e às quais ele se recusa obstinadamente a responder, e diante da demonstração por* Rore Sanctifica (C.I.R.S.) da invalidade INTRÍNSECA do novo rito de consagração episcopal de 1968**.

Esta invalidade **INTRÍNSECA** (e não **EXTRÍNSECA** por causa da papado supostamente '***formaliter***' e, portanto, desprovida de legitimidade para promulgar um rito), arruína completamente a famosa tese ***materialiter-formaliter*** da qual o padre Ricossa fez seu comércio há muito tempo, o clero conciliar atual, após quarenta anos de funcionamento deste rito inválido, **sendo hoje em sua grande maioria, e totalmente em relação aos seus pseudo-« *bispos* » atuais, completamente desprovido do Sacerdócio Sacrificial católico, à semelhança do falso clero Anglicano**.

O padre Ricossa se refugia no silêncio após as duas questões públicas muito precisas que foram feitas a ele pelo ***Virgo-Maria***, e **tenta várias manobras sorrateiras, incitando padres a se engajar em uma campanha contra *Virgo-Maria* e o padre Schoonbroodt, ou ainda tentando instrumentalizar o padre Cekada contra *Virgo-Maria*.**

O e-mail do padre Cekada chegou no meio da re-divulgação da mensagem *VM* de junho de 2009, na qual nós **constatamos** a oposição do padre Ricossa, expressa na n°62 de ***Sodalitium***, com as conclusões do estudo do padre Cekada.

Portanto, não interrompemos essa re-divulgação, pois não se trata de saber o que o padre Cekada pensa pessoalmente sobre o padre Ricossa, em um nível subjetivo ("***Considero o padre Ricossa e os padres do Instituto em alta estima.***", ele escreve), mas trata-se de **constatar que o padre Ricossa se opõe claramente por seus escritos da n°62 de *Sodalitium* citados por *Virgo-Maria*, aos escritos do padre Cekada que são**

públicos e que existem como tais, independentemente da "*alta estima*" deste último pelo padre Ricossa.

Portanto, há realmente uma oposição doutrinal com base nos dois escritos referentes à invalidade INTRÍNSECA do novo rito de consagração episcopal, e é disso que se trata.

Essa é a questão de fundo.

O padre Dom Francesco Maria Paladino questiona publicamente a gestão financeira dos bens do *Instituto Mater Boni Consilii* por seu superior cofundador, Dom Francesco Ricossa.

Recebemos **do padre Dom Francesco Paladino este documento que colocamos aqui em anexo.**

Ele trata da **gestão financeira do *Instituto Mater Boni Consilii* (IMBC) por seu Superior e cofundador, Dom Ricossa.**

Dom Ricossa solicita, de fato, por meio do padre Le Gal, **doações por parte dos fiéis parisenses que, segundo os documentos revelados por Dom Francesco Paladino, colocados aqui em anexo, devem ser colocadas sob seu controle pessoal exclusivo ou quase exclusivo.**

Ora, os fiéis puderam ver que, segundo tal arranjo financeiro, só poderiam ter uma "***confiança zero***" em Dom Ricossa, assim como não podem confiar em Dom Fellay, o antigo ecônomo da FSSPX, que adota sobre esses assuntos materiais e financeiros o mesmo comportamento ultra-clerical, em contradição formal com as sãs práticas tradicionais da Igreja Católica, conforme lembradas pelas propostas razoáveis do Padre Calmel.

O Padre Calmel tinha, de fato, uma visão mais equilibrada e preconizava que leigos e clérigos assumissem juntos a responsabilidade pelos meios materiais do culto, a fim de que, caso os clérigos venham a falhar (e eles não cessaram de fazê-lo nos últimos 40 anos), os locais de culto não sejam perdidos ao passar para as mãos do inimigo conciliar.

Agora, aguardamos que o padre Ricossa finalmente responda publicamente sobre o fundo das duas questões que lhe foram apresentadas, as quais aqui reiteramos uma vez mais, e **que ele esclareça enfim sua posição sobre a invalidade INTRÍNSECA do novo rito conciliar de consagração episcopal**:

Reiteramos essas duas perguntas precisas que permanecem sem resposta:

> *Dom RICOSSA sustenta - apesar das especificações irreformáveis do Magistério Católico lembradas pelo Sr. padre Cekada -*
>
> *- 1°) que existiria hoje a possibilidade eventual de que Joseph Ratzinger estivesse efetivamente revestido da plenitude do Sacerdócio Católico (Potestas Ordinis episcopale), e que, em particular, existiria uma eventualidade de que ele estivesse atualmente em posse da capacidade efetiva de transmitir validamente o caráter ontológico do Sacerdócio católico (sujeito a que as outras condições de validade sacramental relativas ao rito empregado e ao impetrante estivessem bem preenchidas)?*
>
> *- 2°) Dom RICOSSA sustentaria que a demonstração mínima e rigorosa estabelecida pelo padre A. Cekada seria logicamente de alguma forma incompleta ou deficiente? E, nesse caso, poderia ele explicitar publicamente em que consistiriam essa incompletude e essas deficiências?*

Desde 19 de junho de 2009, ou seja, há 3 meses, o padre Ricossa não trouxe nenhuma resposta a essas duas perguntas muito precisas, exceto polêmicas estéreis, ou mesmo calúnias suscitadas por intermédio de terceiros clérigos, na maioria.

E ao mesmo tempo, ele aguardaria que os fiéis lhe dessem 100% de confiança para lhe dar dinheiro?

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2009 virgo-maria.org

As estranhas práticas financeiras do padre Ricossa...

Queridos Christifideles (Fiéis de Cristo),

Desde 2006, o Instituto *Mater Boni Consilii* (IMBC) realiza a cada quinze dias uma missa em Paris, na casa da cultura armênia situada na 17 rue Bleue. Desde 2007, o padre Jocelyn Le Gal, sacerdote do IMBC, tem solicitado a generosidade dos fiéis para a compra de um local em Paris destinado a ser uma capela servida exclusivamente pelo Instituto e pretende reunir para esse fim a quantia de 500.000 euros. Assim, ele escreveu e distribuiu, no dia 21 de outubro de 2007, durante um discurso após a missa dominical, um texto de quatro páginas. Nesse discurso, e de forma bastante frequente em geral, **o padre Le Gal pede que se confie no Instituto. Contudo, a confiança não se pede nem se decreta. Ela se conquista**.

Ao final do documento de quatro páginas que visa solicitar os subsídios dos fiéis para a compra de um local em Paris, o padre Le Gal escreve: « *Permanecemos, é claro, à sua inteira disposição para qualquer informação adicional sobre este assunto* ». **Um fiel parisiense enviou um e-mail – do qual ele me fez parte – ao padre Le Gal a esse respeito. Aqui está o e-mail:**

> Senhor padre,
>
> Na carta de quatro páginas que você nos distribuiu sobre a compra de uma capela em Paris, você indica que podemos pedir mais esclarecimentos. No entanto, ao reler o texto, vários elementos me parecem precisar de algumas explicações: Segundo o documento, o dinheiro dos doadores será recebido por uma associação regida pela lei de 1901, fundada em 1985 e cujo sede está em Raveau. Mais adiante, você escreve que a capela parisiense será propriedade do Instituto *Mater Boni Consilii.* Como poderia existir na França uma associação regida pela lei de 1901 em 1985, dado que os quatro fundadores do Instituto deixaram a Fraternidade São Pio X em dezembro de 1985 e que você só conheceu Dom Guérard des Lauriers em Raveau em 1987?
>
> Como pode ser notado, você fala ora de uma Associação *Mater Boni Consilii*, ora do Instituto *Mater Boni Consilii*. Trata-se da mesma entidade? Além disso, você mencionou em outubro durante sua palestra após a missa uma SCI cujos membros exclusivos seriam padres do IMBC. Agora, se se trata de uma sociedade civil imobiliária, as doações são, necessariamente, feitas a pessoas privadas, mesmo que se trate de padres. E, se eu entendi corretamente, os doadores não terão legalmente nenhum direito de fiscalização. Além disso, se se trata de uma SCI, é a mesma que já existe na Itália ou é outra SCI criada na França?
>
> Agradecendo antecipadamente por sua atenção, asseguro-lhe, Senhor padre, meus sentimentos dedicados em Cristo e Maria.

O padre Le Gal nunca respondeu a este e-mail. Em contrapartida, após a missa parisiense do dia 2 de dezembro de 2007, ele pediu para falar em particular com este fiel. Essa conversa durou cerca de uma hora. Da conversa, eu relato apenas o que se refere diretamente ao e-mail. Durante essa conversa, **o padre pede para confiar no Instituto. Ou seja, devemos confiar nele e dar sem questionar sobre as condições da compra do local, o que traz graças, ou então não confiar e não dar, o que não é um pecado**. Nestas condições, pergunta-se por que o padre escreve que se

mantém "*à disposição para qualquer informação adicional*".

Nesse estágio, pode-se perguntar por que me envolvo nessa questão. Faço isso porque me pediram conselho e, além disso, parece-me que devo informar as pessoas interessadas sobre as informações que possuo para que elas possam tomar uma decisão com pleno conhecimento de causa. Soube que na Itália se acusa o Instituto de empregar métodos pouco claros nas áreas imobiliária e financeira. O dinheiro é recebido como doação por uma Associação *Mater Boni Consilii*, Onlus (que corresponde mais ou menos às associações regidas pela lei de 1901 na França) **e ele transita para uma sociedade do mesmo nome, que é uma SCI (sociedade civil imobiliária) da qual o padre Francesco Ricossa é proprietário em 98%.** O método parece ser o mesmo na França. Fomos informados de que esse procedimento foi utilizado para a recente compra da capela do Instituto em Lyon e tudo leva a crer que o mesmo se aplica ao projeto de compra de um local em Paris. De fato, **o dinheiro é recebido por uma associação regida pela lei de 1901 (associação *Mater Boni Consilii*) e o proprietário do local parisiense adquirido com os subsídios dos fiéis será, no final, uma SCI da qual padres do Instituto são os membros.**

Ora, **todo mundo sabe que uma SCI é uma sociedade com fins lucrativos** e que os proprietários exclusivos são os membros da sociedade. **Os doadores, portanto, não terão absolutamente nenhum direito, a menos que façam parte da SCI, perspectiva à qual o Instituto se opõe categoricamente.** O padre Le Gal, para justificar esse procedimento, também disse a este fiel que os padres do Instituto estão a serviço da Igreja e que, antigamente, a Igreja não queria que os fiéis se envolvessem em questões de dinheiro. A diferença é clara: **os fiéis davam à paróquia e não ao padre. Assim, se o padre morresse, traísse ou saísse, o dinheiro e os bens permaneciam com a paróquia, cuja gestão cabia à Igreja.** O padre não é a paróquia. Os padres passam, a paróquia permanece. **Ora, por um lado, o Instituto não é a Igreja e, por outro lado, a propriedade (o local parisiano que servirá como capela) será da propriedade pessoal de padres associados em uma sociedade civil imobiliária. Portanto, os "padres" serão a "paróquia".** Seria mais prudente e sábio, como ocorre em Rennes, Nantes, Chambéry e em outros lugares, **assim como havia preconizado o falecido padre Calmel, criar Associações São Pio V, das quais podem fazer parte tanto os padres quanto os fiéis e cujos estatutos especificariam explicitamente que são fundadas para missas não *una cum***. Esta solução tem a vantagem de evitar que os fiéis fiquem totalmente impotentes do ponto de vista legal se um problema surgir. **Mas nada impede que padres possam fazer parte da Associação São Pio V, ou até mesmo presidí-la (como acontece com o padre Philippe Guépin em Nantes).**

Essas considerações foram expressas publicamente por este fiel parisiense durante a palestra que se seguiu à missa do dia 21 de outubro. Como resposta, **o padre Le Gal declarou que era necessário confiar no Instituto, que era o que havia de mais sólido e seguro no momento atual.** Se os fiéis parisenses ainda assim desejam confiar no Instituto, **podem haver outras soluções, como por exemplo, comprar um local e alugá-lo ao Instituto por um euro simbólico.** Além disso, quem pode garantir a indissolubilidade do Instituto? **Apenas a Igreja católica possui as promessas de indissolubilidade e, apesar disso, atualmente enfrenta uma crise terrível.** E mesmo que o Instituto continue, o que garante que um ou outro dos padres proprietários do futuro local parisiano não irá, a qualquer momento, deixá-lo também? **Temos a triste experiência do padre Claude Barthe, a quem várias das pessoas que vão à missa não *una cum em Paris fizeram doações importantes para a compra do local na 86 rue de Grenelle***, *no VII arrondissement, e que perderam tudo desde a adesão a Bento XVI desse padre. Da mesma forma, os padres Lucien e de Blignières também receberam doações significativas de fiéis sedevacantistas antes de mudarem completamente de posição e se unirem a João Paulo II.*

Além disso, vários padres já deixaram o Instituto, incluindo Dom Franco Munari, um dos quatro fundadores e o primeiro superior do Instituto, que infelizmente se defenestrou, o padre Ercoli e, mais recentemente, o padre Nitoglia, outro dos quatro fundadores.

Os padres do Instituto me acusam de falar mal deles. Que eles saibam que eu não falei mal deles primeiro, mas que apenas confirmei e até muitas vezes moderei as inúmeras críticas que ouvi sobre eles: que eles têm um comportamento de seita, que mantêm os fiéis como reféns, que se consideram a Igreja, que tratam os fiéis como se fossem idiotas, que o padre Ricossa tem o comportamento de um guru, etc. Agora, considero, e repito, que **eu estaria falhando com meu dever se mantivesse silêncio por mais tempo.**

Oremos ao Bom Deus e à Santa Virgem para que as dificuldades presentes encontrem uma solução favorável.

Dom Francesco Maria Paladino, paladinromain@aol.com. Tel: 06-14-40-47-25

ANEXO:

O Instituto distribuiu por correio, em complemento ao número 60 de *Sodalitium*, outro texto de quatro páginas sobre a compra de uma capela em Paris, mas este texto não é exatamente o mesmo que o distribuído em outubro; nesta segunda versão, **não se fala mais de associação**; na primeira, dizia-se que **o dinheiro seria recebido por uma associação Mater Boni Consili, enquanto nesta versão fala-se apenas do Instituto**; por que essa mudança repentina? O que ela esconde?

Aqui estão as duas versões sucessivas:

Primeira versão (outubro de 2007, página 4 do folheto): « **É a Associação *Mater Boni Consilii* que receberá as doações. Trata-se de uma associação regida pela lei de 1901, criada pelo Instituto *Mater Boni Consilii* em 1985 e cujo sede social é: 350 Route de Mouchy, 58400 Raveau. É o Instituto *Mater Boni Consilii* que será o adquirente e proprietário do local.** Nós permanecemos, é claro, à sua inteira disposição para qualquer informação adicional sobre este assunto. »

Segunda versão (novembro de 2007, página 3 do folheto): « **É o Instituto *Mater Boni Consilii* que será o adquirente e proprietário do local**. Nós permanecemos, é claro, à sua inteira disposição para qualquer informação adicional sobre este assunto. Se você deseja que sua doação ao Instituto *Mater Boni Consilii* sirva especificamente para este projeto de capela, por favor, especifique: « Doação para uma capela em Paris ».

Além disso, ao final de ambos os folhetos, há uma parte para recortar. Na primeira versão, pode ler-se:

« **Eu desejo ajudar o Instituto Mater Boni Consilii a adquirir um local em Paris para fazer uma capela, fazendo à Associação *Mater Boni Consilii***:

- uma doação (…)
- um empréstimo (…)
- uma declaração de intenção (…) »

Na segunda versão (novembro de 2007), **toda menção à Associação *Mater Boni Consilii* desapareceu subitamente, como pode ser visto**:

« **Eu desejo ajudar o Instituto *Mater Boni Consilii* a adquirir um local em Paris para adaptar uma capela,** fazendo a ele:

- uma doação (…)
- um empréstimo (…)
- uma declaração de intenção (…) »

Outro fiel **também fez perguntas por e-mail sobre as condições da compra da capela parisiense; o padre Le Gal não deu nenhuma explicação, dizendo apenas: se você confia, faça a doação; se não, não é obrigado**.

---

[1] **O subentendido de uma tal posição** reside no seguinte: **Se a invalidade** deste novo rito sacramental de consagração episcopal **for SOMENTE PURAMENTE EXTRÍNSECA**, no dia em que o Papa *Materialiter* atual, ou um de seus sucessores, finalmente se tornar Papa ***Formaliter***, **bastará que ele confirme formalmente este novo rito de consagração episcopal para que, imediatamente, ele se torne VÁLIDO e deva ser considerado como tal por todos os católicos, clérigos e fiéis**. No entanto, isso seria impossível se este novo rito, **COMO JÁ FOI AMPLAMENTE DEMONSTRADO PUBLICAMENTE (cf www.rore-sanctifica.org), for INTRINSECAMENTE INVÁLIDO.**

Em sua última mensagem sobre o assunto, ***Virgo-Maria***, no entanto, **colocou todos os pingos sobre os 'is'** ao fazer publicamente ao Dom Ricossa **DUAS PERGUNTAS EXTREMAMENTE PRECISAS às quais ele ainda se recusa obstinadamente a responder:**

> Don RICOSSA sustenta – apesar das especificações irrefutáveis do Magistério Católico lembradas pelo Sr. padre Cekada –
>
> **— 1°) que existiria hoje uma possibilidade eventual de que Joseph Ratzinger estivesse efetivamente revestido da plenitude do Sacerdócio Católico (*Potestas Ordinis épiscopale*), e que, em particular, existiria uma eventualidade de que ele estivesse atualmente em posse da capacidade efetiva de transmitir validamente o caráter ontológico do Sacerdócio católico (sujeito a que as outras condições de validade sacramental relativas ao rito empregado e ao impetrante estivessem bem preenchidas)?**
>
> **— 2°) Don RICOSSA sustentaria que a demonstração mínima e rigorosa estabelecida pelo padre A. Cekada seria logicamente de alguma forma incompleta ou deficiente? E, nesse caso, poderia ele explicitar publicamente em que consistiriam essa incompletude e essas deficiências?**

De acordo com **padre RICOSSA**, a aplicação direta dos princípios da lógica formal imediata (como o Princípio de identidade ou de não-contradição) aos dados certos do conhecimento (como os dados da Fé e da Revelação definidos pelo Magistério católico) deveria, para os clérigos e os fiéis católicos, permanecer suspensa a uma eventual publicação futura da explicitação dessa lógica formal imediata por parte do Magistério católico?

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada-REDIFF.pdf

[2] http://www.sodalitium.eu/index.php?pid=17

Por meio de sua carta, um fiel coloca 14 padres da FSSPX diante do FATO da publicação-prefácio do livro-programa do padre Celier[1] por um maçom da Grande Loja da França

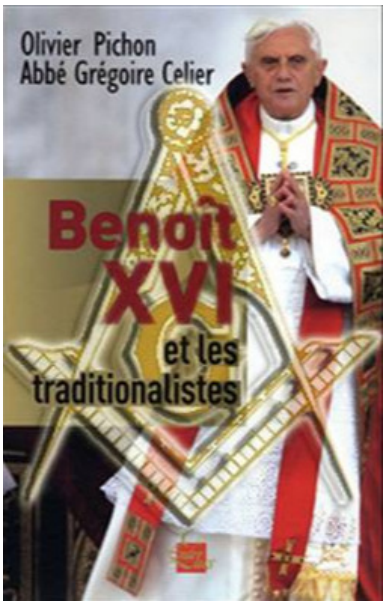
Domingo, 18 de outubro de 2009

Padres Beauvais, Berteaux, Billecocq, Boivin, Cadiet, Delagneau, Deren, François, Gainche, Knittel (François), Laguérie (Jacques), Ndong, Turpault, Verdet

O escândalo[2] da divulgação pelo padre de Cacqueray do livro-programa do padre Celier (“*Bento XVI e os tradicionalistas*”), editado e prefaciado por um maçom militante e declarado da Grande Loja da França, livro-programa que ditam a política que Mons. Fellay aplica nas relações da FSSPX com Roma, não para de ganhar proporções e de suscitar reações de oposição virulenta e indignação.

Agora, os fiéis se dirigem aos padres para pedir que eles respondam e reajam a essa colusão pública entre Mons. Fellay e a Grande Loja da França pela política maçônica que ele aplica.

A simples questão da obediência religiosa foi ultrapassada, pois esta não pode ser invocada para justificar a aceitação da política maçônica da Grande Loja da França dentro da obra de Mons. Lefebvre. Traído por Mons. Fellay, que contorna e engana, praticando ele mesmo a política do segredo maçônico para as “discussões” doutrinais com a “Máfia”[3] do Vaticano, o arcebispo-fundador vê sua obra ameaçada de destruição pelo bispo suíço que ele mesmo consagrou em 30 de junho de 1988. Mons. Fellay, respaldado pelo padre de Cacqueray, seu executor dócil, persiste, contra toda evidência, em manter em seu posto e conservar dentro da FSSPX, o padre Celier, que dissemina escritos abençoados e patrocinados por um representante da Grande Loja da França.



O livro de “turismo maçônico” do padre Celier que justifica o libertinagem doutrinal de Mons. Fellay com o super-modernista Bento XVI

A situação de Mons. Fellay apoiando o padre Celier apresenta uma analogia geométrica (embora o tema dos costumes não tenha absolutamente nada a ver com a questão das relações com Roma) com o que se chamou o caso público "F. Mitterrand", onde se observa um Presidente da República inerte, que mantém seu respaldo a um ministro da cultura totalmente desacreditado por seus escritos pessoais sobre sua "vida imoral".

Em um caso, em 2009, é possível ser adepto do "turismo sexual" no bairro de Patpong em Bangkok e ser ministro, representando a cultura francesa, sem qualquer sanção por parte da mais alta autoridade do Estado francês.

E no outro caso, é permitido a um padre da FSSPX, 18 anos após a morte do fundador, praticar o "turismo maçônico" ao ser editado e prefaciado por um maçom da Grande Loja da França, em um livro que define a "má política" de libertinagem doutrinal, com os modernistas do Vaticano de Bento XVI, que Mons. Fellay persegue obstinadamente, enquanto continua a pertencer à obra de Mons. Lefebvre.

Em ambos os casos, a autoridade apoia o insuportável, cada uma em seu domínio, e em ambas as situações, é pedido a todos que se submetam "em nome da obediência", civil em um caso, religiosa no outro.

No caso do "F. Mitterrand", a Fundação "Liberdade Política"[4] lançou uma petição pedindo a demissão do ministro; no caso "Celier-GLF", os fiéis pedem a destituição do padre Celier da FSSPX e o abandono dessa política maçônica com a Roma ecumênica globalista.

O padre Celier, editado e prefaciado por um maçom público e militante da Grande Loja de França e louvado e agradecido calorosamente por Mons. Tissier de Mallerais na revista *Le Sel de la terre*.

Ao mesmo tempo, Mons. Tissier de Mallerais não poupa elogios ao seu "colega", o padre Celier, amigo do maçom da Grande Loja de França, na *Sel de la terre*:

> "*Eu agradeço (…) ao padre Grégoire Celier pelos seus conselhos metodológicos (…) Graças ao que aprendi com todos eles na escola de São Tomás de Aquino, posso ousar dizer com o sábio rei Salomão: 'A sabedoria que aprendi deles sem disfarce, a comunico sem inveja, e não escondo seus tesouros' (Sb, VII, 13)*", Mons. Tissier de Mallerais, *Sel de la terre* n°69, verão de 2009, página 113.

A carta que reproduzimos abaixo levanta as perguntas certas aos padres da FSSPX. Portanto, os 14 padres destinatários estão perfeitamente informados de tudo isso desde 12 de setembro pelo menos, e convidamos os fiéis a se encontrarem com seus sacerdotes para fazer as mesmas três perguntas:

1. "É normal, na sua opinião, que um padre da FSSPX tenha podido – com os incentivos e a assistência de sua hierarquia – fazer ***publicar e prefaciar*** um livro pro-reunião por um editor que já não escondia suas simpatias gnósticas antes de 'sair do armário' ao revelar publicamente sua afiliação maçônica?

2. É normal, na sua opinião, que a direção do Distrito da França, que não poderia ignorar as convicções e manobras, por demais heterodoxas, do senhor Jean-Luc Maxence, tenha feito uma intensa propaganda do livro do padre Celier nas priorados da França?

3. É normal, na sua opinião, que Mons. Fellay – tão prompto a perseguir, ou mesmo a agradecer secamente aos padres totalmente dedicados à continuidade da obra fundada por Mons. Lefebvre (o grande esquecido do momento!) – continue a tolerar um clérigo que, há muito tempo, demonstra amplamente por seus escritos e suas manobras obscuras, mal disfarçadas sob múltiplos pseudônimos, que não tem lugar dentro da Fraternidade, *em todo caso, tal como era concebida por seu fundador e tal como devemos continuar a percebê-la*?" assinado por um fiel.

Continuemos a boa luta.

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2009 virgo-maria.org

Destinatários:

Senhores Padres Beauvais,

Berteaux,

Billecocq,

Boivin,

Cadiet,

Delagneau,

Deren,

François,

Gainche,

Knittel (François),

Laguérie (Jacques),

Ndong,

Turpault,

Verdet,

XXX, 12 setembro de 2009

Carta Aberta a Vários de Nossos Sacerdotes

“Lutem, filhos da luz, vocês que enxergam;

pois eis o tempo dos tempos, o fim dos fins.

A Igreja será eclipsada, o mundo estará em consternação.”

(Nossa Senhora de La Salette)

Senhores Padres,

Talvez vocês se lembrem da minha carta do dia 17 de março passado. Gostaria de acrescentar isto, pois agora a medida está cheia, e os sacerdotes leais que certamente são devem saber que a exasperação é equiparada à desolação na mente de um número crescente de fiéis, que se sentem com razão enganados, senão traídos.

O padre Celier fez ***publicar e prefaciar*** seu livro “*Bento XVI e os Tradicionalistas*” por Jean-Luc Maxence, psicanalista, gnóstico notório e (agora sabemos) maçom afiliado à Grande Loja da França. Este é um fato tão teimoso quanto escandaloso, cuja revelação necessária – datada do mês de julho passado – é devida a um site da Internet "excomungado" pela direção do Distrito da França... A qual direção, por sua vez, fez tudo o que pôde para divulgar este livro o mais amplamente possível, o que não deve surpreender quando sabemos que ela é dominada, *volens nolens*, pelo autor do referido livro e alguns outros de seus colegas que atuam com pertinácia no mesmo objetivo que ele: a reunião com a *seita gnóstica conciliar*. Coincidentemente, a obra não é senão um sorrateiro apelo ao super-modernista Bento XVI e à “reintegração” da Fraternidade Sacerdotal São Pio X no seio do que o autor pensa ser a Igreja; além do mais, o maçom mencionado, que recentemente revelou sua afiliação à GLF em um livro intitulado “*A Loja e o Divã* ”, defende a reunião em questão; finalmente, tal personagem primeiro se destacou como gnóstico, enquanto o padre Celier publicou, há pouco tempo, sob pseudônimo, um livro em que nega – contra toda evidência – a perenidade da gnose e ataca renomados combatentes contra ela (Jean Vaquié e

Étienne Couvert) com uma virulência e uma má-fé indignas de seu hábito.

Em vista do que precede, gostaria de lhes fazer as seguintes perguntas:

1. “É normal, na sua opinião, que um padre da FSSPX tenha podido – com os incentivos e a assistência de sua hierarquia – fazer ***publicar e prefaciar*** um livro pro-reunião por um editor que já não escondia suas simpatias gnósticas antes de ‘sair do armário’ ao revelar publicamente sua afiliação maçônica?

2. É normal, na sua opinião, que a direção do Distrito da França, que não poderia ignorar as convicções e manobras por demais heterodoxas do senhor Jean-Luc Maxence, tenha feito uma intensa propaganda do livro do padre Celier nos priorados da França?

3. É normal, na sua opinião, que Mons. Fellay – tão prompto a perseguir, ou mesmo a agradecer secamente aos padres totalmente dedicados à continuidade da obra fundada por Mons. Lefebvre (o grande esquecido do momento!) – continue a tolerar um clérigo que, há muito tempo, demonstra amplamente por seus escritos e suas manobras obscuras, mal disfarçadas sob múltiplos pseudônimos, que não tem lugar dentro da Fraternidade, *em todo caso, tal como era concebida por seu fundador e tal como devemos continuar a percebê-la*?

   A situação descrita acima é tão enorme, tão *incrível* que leva a levantar vários pontos adicionais:

   O *segredo* parece ter se tornado um modo de governo ordinário dentro da Fraternidade. Mons. Lefebvre não escondia dos fiéis seus sentimentos, seus temores, suas intenções, suas esperanças, suas desavenças com Roma e até mesmo seus arrependimentos, de onde a confiança que conseguiu conquistar deles. Porém, nada disso existe hoje. Contentamo-nos em anunciar ao rebanho não apenas que as “discussões” com Roma (cujos efeitos, oportunidade e até mesmo o caráter providencial são supostos ser evidentes) ocorrerão em *segredo*, mas também que será mantida *secreta* a lista dos participantes da Fraternidade nessas “discussões”! Isso não lembra o funcionamento de círculos ocultos e todo-poderosos, como o Grupo Bilderberg ou o Fórum de Davos, cujos membros (anônimos) tomam todas as decisões importantes para o mundo em absoluto *segredo*? *Isso não lembra, para dizer o mínimo, o funcionamento tradicional da “seita das seitas”? (veja acima).*

   Estamos cada vez mais legitimados a nos perguntar quais meios de "persuasão" dispõe o padre Celier – ajudado por alguns confrades – para dizer, escrever e fazer tudo o que deseja em nome de Menzingen e de Suresnes, por exemplo, ditando a política editorial dos meios de comunicação francófonos da Fraternidade. Assim, o site da Internet *La Porte Latine* se permite censurar sistematicamente as declarações nas quais seus responsáveis julgam que nossos bispos faltaram ao respeito a Bento XVI e à sua igreja conciliar! Além disso, desde que as grandes manobras de reunificação alcançaram seu ritmo de cruzeiro, são as palavras de Mons. Lefebvre hostis ao assalto do Vaticano II e aos seus instigadores que são expurgadas do referido site! Até onde, então, irá a desinformação praticada por esses elementos infiltrados ou desviados?… No entanto, todos os fiéis não são ingênuos, e muitos agora fazem saber disso, sob risco de serem denunciados como “desrespeitosos”, “desobedientes” e “sedevacantistas” (rótulo destituído de fundamento, mas com forte caráter estigmatizante, semelhante ao rótulo “integristas” que nossos inimigos externos adoram nos atribuir), ou ainda como “inimigos da caridade”, enquanto a verdadeira caridade passa pela verdade, incluindo – neste caso – a denúncia do escândalo público e de seus autores, quaisquer que sejam, mesmo que sejam validamente *padres para a eternidade*.

É um fato lamentável e constatado inúmeras vezes: todos os movimentos de luta contra-revolucionária acabam sofrendo manobras de entrismo e de infiltração mais ou menos coroada de sucesso. A Igreja una, santa, católica e apostólica está hoje eclipsada pelos modernistas e maçons que conseguiram infiltrar sua hierarquia desde a morte de São Pio X, e principalmente desde a de Pio XII. Como imaginar que a FSSPX, essa providencial canoa de salvamento do sacerdócio católico autêntico, possa estar a salvo de tais manobras, enquanto sua mera existência incomoda consideravelmente a contra-Igreja anticristã e atrasa a realização do projeto da religião noachida que os altos iniciados, incluindo aqueles do Vaticano apóstata, anseiam? Como não ver que essas manobras, agora comprovadas, estão prestes a dar frutos? Agora conhecemos o *quem*, o *onde*, o *quando*, o *como* e o *porquê*. Vamos preferir fechar os olhos, com medo de sermos considerados "subversivos" por… *os verdadeiros subversivos*, que naturalmente têm interesse em nos manter na cegueira, capitulação e obediência mal compreendida? Ou vamos seguir o exemplo dos clérigos da Fraternidade – até agora poucos – que tiveram a coragem de enfrentar a exclusão, a diabolização e a precariedade para não se submeterem ao inaceitável e manterem o rumo da Tradição católica, única garantia da manutenção da Fé de sempre e da salvação das almas? Como simples leigo e fiel comum, e na medida em que isso tenha a menor importância, eu já escolhi o meu lado, que não será nem o da Fraternidade São Pedro e Campos, nem o da GLF.

Peço que aceitem, Senhores Padres, a expressão da minha filial e deferente consideração *in Christo Rege et Maria Immaculata*.

Assinado por um fiel

Dossiê de Referências *Virgo Maria* sobre o padre Grégoire Celier e suas transgressões dentro da FSSPX

2009

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-02-A-00-Question_sur_Mgr_Fellay.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-10-A-00-Fideliter-se-distancie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-22-A-00-Conciliarisation-rampante-de-la-FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-05-A-00-Suresnes-Loge_et_divan.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-30-A-00-Jean_Luc_Maxence-Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-25-B-00-Abbe_Celier_maitrise_de_philo.pdf

2008

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-12-B-00-Critique_de_B16_et_les_Traditionalistes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-11-C-00-Abbe_Celier_censure_Mgr_de_Galarreta.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-05-A-00-Celier_censure_Galaretta.pdf

Em Écône, o padre Celier lembra ao ordem publicamente Dom Fellay, que se submete!

22 de novembro de 2008

http://virgo-maria.info/wordpress/?p=148

A comunicação de Dom Fellay recuperada e desfigurada pelo padre Lorans – Mgr de Galarreta censurado pelo padre Celier.

7 de julho de 2008

http://virgo-maria.info/wordpress/?p=77

Dom Fellay silenciado pelos padres Lorans, Celier e outros infiltrados?

3 de julho de 2008

http://virgo-maria.info/wordpress/?p=72

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-08-A-00-Celier_patron_de_la_France.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-06-A-00-Chapitre_general_de_la_cartouche.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-05-A-00-Airiau_Apocalyptisme_Celier-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-29-A-01-Mgr_Williamson-cartouche_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-22-A-00-2_Apologues_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-21-D-00-Chaussee_Celier_agent.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-19-A-00-Celier_contre_Mgr_Tissier.pdf

2007

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-01-A-00-Celier_Dieu_Mortel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-C-00-Chaussee_denonce_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-B-00-Commission-theologique.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-29-A-00-Chaussee-n2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-28-A-00-Chaussee-n1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-17-A-00-Abbe-Celier-Jim-Morrison.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-11-A-00-FLASH-La_Rocque_et_MP.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM_2007-06-28-A-00-Abbe-Celier_censure_Mgr_Lefebvre.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-17-A-00-Flop_abbe_Celier_Montpellier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-15-A-00-Binome_Aulagnier_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-07-A-00-Qui_gouverne_la_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-A-00-Abbe_Celier_sans_argument_sur_les_sacres.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-B-00-Courriel_contre_livre_abbe_Ceilier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-05-A-00-Echec_politique_du_ralliement.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-03-B-00-Mgr_Williamson_lache_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-27-B-00-Fiasco_abbe_Celier_a_Toulouse.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-tissier/Mgr-Tissier-Libre-abbe-Celier.mp3

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-26-A-00-Mgr_Tissier_desavoue_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Analyse_ecrits_Tanouarn_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-25-A-00-Analyse_ecrits_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-23-A-00-Abbe-Celier_desavoue_par_un_eveque.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-18-A-00-Tour_de_France_Abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/005_2007/VM-2007-05-08/LFC_Sous-la-Banierre/viewtopic.php.htm?t=1578&sid=d45bcedf3bbaeaf6909e592122d705df&mforum=lelibreforumcat

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-08-B-00-SLB_sur_livre_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-05-B-00-Livre_Abbe_Celier_par_un_lecteur.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-02_Replique_a_Abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-04-B-00-Le_CIRS_replique_a_l_abbe_Celier.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-01_Abbe_Cekada_replique_a_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-03-A-00-Abbe_Cekada_replique_a_abbe_Celier_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-26-A-00-Abbe_de_la_Rocque_sur_le_Motu_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-12-A-01-Jean-Luc_Maxence_et_Celier_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-11-A-01-Derives_abbe_Celier_par_un_fidele.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-25-B-00-Revolution_liturgique_des_infiltres_V2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-25-A-00-de_La_Rocque_NOW_V2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-23-A-00-Orchestre_noir_de_la_FSSPX_V3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-21-A-00-Petipeu_rejette_le_rite_de_la_Rocque_V1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-15-A-00-Laguerie_denonce_de_La_Rocque_V1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-13-B-00-Traditio_denonce_de_La_Rocque_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-13-A-00-Abbe_Celier_diffuse_Opus_Dei_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-05-A-01-Rite_de_La_Roque.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-29-A-01-Role_abbe_Celier_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-26-A-01-Plan%20de%20Matraquage_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-17-A-00-Mgr_Fellay_censure_par_infiltres_5.pdf

2006

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-23-C-00-L_abbe_de_la_Rocque_pour_abandon_rite_de_Saint_Pie_V_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-07-20-1-00-Le_plan_Tanouarn_Celier_pour_diriger_la_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-07-11-1-00-Abbe_Celier_contre_LHR.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-25-1-00-Communique_de_Mme_Perol_recu_le_24_juin_2006.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-19-Rectificatif_de_la_petite_grammaire_du_GREC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-28-02-00-Rectificatif.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-17-3-00-Petite_grammaire_du_GREC_de_l_abbe_Lorans%20(1).pdf.pdf)

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-28-1-00-Abbe_Celier_Beaumont_contre_Mgr%20Lefebvre.pdf

---

ATENTADOS contra *Virgo-Maria* e ações do padre de Cacqueray

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Qui_veut_la_mort_de_Virgo_Maria_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-26-A-00-Jugement_du_refere.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Refere-2007-05-10.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-07-00-Des-pirates-informatiques-tentent-d-imposer-le%20silence-a-Virgo-Maria.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-14-C-00-Cacqueray_excommunication_heresie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-06-A-00-Abbe_de_Cacqueray_dissident.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-07-B-00-Cacqueray_perd_ses_nerfs.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-22-A-00-Abbe_de_Cacqueray-contre_VM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-08-A-00-Abbe_de_Cacqueray_aux_pretres.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page2.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page3et4.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page5a9.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-09-A-00-Avrille_insulte_abbe_Schoonbroodt.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Seldelaterre-N.68Hiver2009-Attaque_contre_abbe_Schoonbroodt.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-20-A-00-Mgr_Tissier-doutes-sur-Benoit_XVI.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-tissier/2009-02-28-Mgr_Tissier_de_Mallerais_a_abbe_Schoonbroodt.pdf

---

[1] **Veja no final do artigo a lista de referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o padre Celier, da Fraternidade São Pio X, e sobre seu poder de prejudicar estrategicamente dentro dessa Fraternidade.**

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-02-A-00-Question_sur_Mgr_Fellay.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-05-A-00-Suresnes-Loge_et_divan.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-30-A-00-Jean_Luc_Maxence-Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-12-A-01-Jean-Luc_Maxence_et_Celier_2.pdf

[3] Maffia: termo usado por Mgr Lefebvre para qualificar o Vaticano modernista em 1987.

[4] Fundação, por sua vez, de orientação ideológica liberal.

O padre Paladino demonstra como o padre Ricossa falsificou o pensamento do cardeal Billot para proibir qualquer recurso ao Apocalipse nesses tempos anticristãos que estamos vivendo, e assim privar os fiéis da ajuda dos escritos de São João.

Quinta-feira, 26 de novembro de 2009

http://www.virgo-maria.org/Documents/PAROUSIE-BILLOT-RICOSSA_12-10-2009.pdf

O padre Francesco Paladino pede à *VM* que divulgue o estudo onde ele demonstra como o agente Ricossa distorce os textos do cardeal Billot para difundir as teses do exegeta modernista Corsini, e **neutralizar a Palavra de Deus que é o Apocalipse de São João, negando-lhe todo sentido para a época de pré-vinda do reino do Anticristo que estamos vivendo e contra o qual o grande Papa São Pio X nos alertou**.

O padre Ricossa presta à lojas Rosacruz anglicano-britânicas o notável serviço de neutralização da Tradição católica que apenas este padre poderia prestar, no lugar onde se encontra, e no tempo que é o nosso.

Agora é permitido dizer: "***Ricossa-Williamson-Pierre-Marie de Kergorlay: mesma luta! A da esterilização da Tradição católica***". Os três "***apóstolos***" do ***Sacerdócio*** "***probável***", conceito inventado por Gasparri, o secretário de Rampolla[1], a re-ordenação ***sub conditione*** "***caso a caso***", ou mesmo o "***Sacerdócio materialiter***". Esses clérigos atuam **nos FATOS** como excelentes agentes ocultos, mas muito eficazes para proteger o super-modernista[2] Ratzinger-Bento XVI e prolongar sua ação.

O padre Ricossa, negador do Segredo de La Salette, e contador de Mélanie Calvat, **quer ainda impedir os fiéis, privando-os do dom divino do Apocalipse, de compreender os caminhos do advento do Anticristo à frente do governo mundial, cujas premissas já observamos na atualidade**.

Após uma crise financeira que não cessa de se agravar desde a falência do Lehman Brothers em setembro de 2008, agora é conhecido que uma soma de produtos financeiros derivados tóxicos igual a quatro vezes o PIB mundial está nas mãos de **cinco bancos anglo-saxões**. **Em junho de 2009, o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, formando um dueto com as declarações de Jacques Attali em maio, proclamou até mesmo a urgência de instaurar um governo mundial.** No outono de 2009, a operação gripe/vacina está em pleno andamento em todo o planeta, enquanto o governo polonês, isolado, se opõe em um silêncio midiático revelador, e **o filo-maçom Dom Fellay avança seus planos em direção à integração da FSSPX à estrutura conciliar apóstata, liquidando assim a obra Sacerdotal de Dom Lefebvre.**

Tudo parece se acelerar, prenunciando mudanças geopolíticas e sanitárias sem precedentes, **que precipitarão a ruína das nações e a destruição dos povos, como anunciou a Santíssima Virgem Maria em La Salette no segredo que foi afastado dos fiéis pelo mesmo padre Ricossa**.

De fato, **por sua ação refletida e muito direcionada de minar os principais pontos de referência católica para a compreensão do sentido cristão da história** (Dom Guéranger), o padre Ricossa faz um trabalho objetivamente útil na preparação da vinda próxima do Anticristo, beneficiando seus profetas religiosos.

De forma perfeitamente coerente com essa empreitada de confusão das mentes, o padre Ricossa permanece mudo como um peixe sobre a ponta dirigente britânica anglicano-rosacruz, em forte conexão com os meios frankistas, que conceberam e organizaram historicamente essa destruição da Igreja Católica, e cujos elos dinásticos financeiros e políticos estão no cerne do globalismo político-financeiro que controla os bancos centrais e prepara um "***choque de civilizações***".

Vejamos agora os escritos traiçoeiros deste agente: **trata-se de um trabalho de ourivesaria a serviço OBJETIVO da Igreja Conciliar**. **O padre Ricossa tem claramente a função**, dentro da Tradição católica, **de retirar toda bússola a uma leitura sobrenatural dos eventos**, à luz da Revelação divina, inscrita nas Sagradas Escrituras, pela pena inspirada do "discípulo que Nosso Senhor Jesus Cristo amava", o Apóstolo São João, e explicitada pelas aparições mais penetrantes reconhecidas pela Igreja, como o segredo de La Salette.

O padre Francesco Paladino enviou à *VM* em 12 de novembro de 2009, o estudo disponível no link abaixo para que fosse divulgado.

http://www.virgo-maria.org/Documents/PAROUSIE-BILLOT-RICOSSA_12-10-2009.pdf

Os fatos se acumulam e, como mostra **o silêncio obstinado do padre Ricossa sobre a invalidade INTRÍNSECA radical** (**E NÃO EXTRÍNSECA**) do novo rito de consagração episcopal conciliar de 18 de junho de 1968, ele se recusa sempre a esclarecer sua posição sobre esse tema **MUITO PRECISO**, negando-se a responder claramente às duas perguntas muito específicas que lhe foram publicamente feitas há cinco meses sobre este assunto essencial. Seu comportamento parece cada vez mais como o de um agente encoberto que protege o clero pseudo-***clérigo*** conciliar inválido **para impedir que os clérigos e os fiéis percebam que a Igreja Conciliar não é a Igreja Católica** e **que a sucessão apostólica foi definitivamente quebrada na Igreja Conciliar latina, assim como está ausente da Comunhão Anglicana desde Cranmer** .

O padre Paladino intitula seu estudo: *"A FALSIFICAÇÃO DO PENSAMENTO DO CARDINAL BILLOT ou o Apocalipse segundo… o padre Ricossa"* e cita um escrito do **padre Ricossa, cuja tese falaciosa consiste em fazer crer que o Apocalipse se aplicaria apenas ao passado e de forma alguma aos eventos futuros, em particular aqueles do fim dos tempos**:

> «*Sobre o que, então, fala o Apocalipse, se não fala dos últimos tempos?* ***Ele é, como vimos, uma explicação de toda a revelação sobre Jesus Cristo, desde a criação até a fundação da Igreja***» p. 49, Padre Ricossa.

No entanto, como demonstra o padre Paladino, a partir dos mesmos escritos do cardeal Billot falsificados pelo padre Ricossa:

> «***Está claro que o Cardeal, em nenhum lugar, diz ou deixa mesmo subentender que o Apocalipse possa tratar do passado***.» Padre Paladino.

Lembremos que, com a publicação do *Sodalitium* nº 62 de seu artigo que visa reabilitar o maçom Rosacroix satanista da O.T.O., o cardeal Rampolla[3], **e, portanto, negar por esse meio a realidade da infiltração clerical Rosacruz histórica empreendida pelas lojas anglicanas iluminadas britânicas na Igreja desde o século XIX, e a compreensão desse complô histórico pelos fiéis**, o padre Ricossa tentou acender uma polêmica destinada também a mascarar seu silêncio ensurdecedor diante das duas perguntas específicas sobre a natureza INTRÍNSECA da invalidade das consagrações episcopais conciliares que lhe foram publicamente feitas pela *Virgo-Maria* desde junho de 2009[4] e às quais ele se recusa obstinadamente a responder, frente à demonstração desde agosto de 2005 por *Rore Sanctifica* (C.I.R.S.) dessa invalidade INTRÍNSECA do novo rito de consagração episcopal de 1968.

Essa invalidade INTRÍNSECA (e não apenas EXTRÍNSECA devido a uma suposta papalidade '***formaliter***' e, portanto, desprovida de legitimidade para promulgar um rito), arruína completamente a famosa tese ***materialiter-formaliter*** que o padre Ricossa tem feito da sua fonte de sustento há muito tempo, o falso «clero» conciliar atual, após quarenta anos de funcionamento desse rito inválido, sendo hoje em sua grande maioria, e na totalidade[5] entre seus pseudo-«*bispos*» atuais, **inteiramente desprovidos do Sacerdócio Sacrificial católico, à semelhança do falso clero anglicano.**

O padre Ricossa se resguarda no silêncio após as duas perguntas públicas muito precisas que *Virgo-Maria* lhe fez, enquanto tenta diversas distrações sorrateiras, incitando padres a se engajar em uma campanha contra *Virgo-Maria* e o padre Schoonbroodt, ou ainda buscando instrumentalizar o padre Cekada contra *Virgo-Maria*.

Lembremos o que *Virgo-Maria* escreveu em junho de 2009[6]:

> *« Hoje é bem evidente que a turba de clérigos conciliares apóstatas que dirige hoje a Cúria Romana demonstra sua necessidade urgente de fazer esquecer o mais rápido possível a Bula **Apostolicæ Curæ** de Leão XIII, assim como as claridades definitivas que ela miraculosamente trouxe sobre esta questão potencialmente mortal para a Santa Igreja, na perspectiva muito próxima de incorporar orgânica e oficialmente a High Church Anglicana em sua nova igreja globalista, " **ecumênica**" e apóstata conciliar, no momento em que, pela primeira vez desde o cisma e as heresias anglicanas, o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI se prepara para encontrar em breve em Londres Sua Majestade Elizabeth II, Chefe da Igreja Anglicana e chefe da Commonwealth Britânica, sob os olhos cegos de bilhões de ignorantes.*
>
> *Contudo, seguindo o astuto Cardeal Gasparri (o sutil protegido do Cardeal Rampolla), Dom Ricossa, repetindo o conceito e o raciocínio falacioso deste último que havia inventado a noção sofística de "**Sacerdócio provável**" e vindo assim em socorro dos apóstatas do Vaticano, preconiza hoje também a consagração **sub conditione** dos ministros conciliares:*
>
> «***Dessa forma, aquele que tiver recebido o episcopado, o sacerdócio ou os outros ordens com o rito reformado ou recebido de um bispo consagrado com o rito reformado, deverá ser novamente ordenado "***sub conditione***"***» Padre Ricossa *Sodalitium* n°62, p. 41.

Gasparri era um protegido do cardeal Rampolla (iluminista satânico da O.T.O.), o mesmo cardeal que, no mesmo número 62 de *Sodalitium*, Dom Ricossa busca hoje convenientemente limpar das acusações de pertencimento à maçonaria.

E é precisamente esse mesmo conceito capcioso e não católico de 'probabilidade sacramental' desenvolvido em 1895 pelo Cardeal Gasparri, e rejeitado pela argumentação contida na ***Apostolicæ Curæ***, que encontramos na boca do Monsenhor Fellay em 25 de março de 2007, interrogado pela Dra. S.I., diretora do site *Donec Ponam*… Decididamente!

Qual toupeira de seu círculo, então, teria reavivado as ideias capciosas do sutil Gasparri para o superior da FSSPX, tão pouco versado nessas questões históricas?

E tendo em vista a muito baixa cultura teológica de Dom Fellay (que apenas se dedica a línguas vivas e passa seu tempo envolvido em política vaticana modernista), é certo que não foi muito difícil para que ele aceitasse essa falsa noção teológica não católica e essa sutil e engenhosa trapaça clerical sobre este assunto essencial.

Um fiel nos comunicou **o e-mail público que enviou ao padre Ricossa, em resposta à sua declaração publicada na página 45 da última edição (n° 62) de sua revista *Sodalitium*, fazendo a ele duas perguntas públicas muito precisas a esse respeito:**

Aqui está o texto desse e-mail que nos foi enviado:

E-mail de um fiel, datado de 19 de junho de 2009, endereçado ao padre Francesco Ricossa

Cópia: padre Schoonbroodt, padre Cekada, Dom Dolan, Dom Sanborn, padre Belmont, padre Méramo, padre Chautard, padre Legal, padre Seuillot.

Título: EPISCOPADO: DUAS PERGUNTAS PRECISAS AO PADRE RICOSSA

Conteúdo:

« Em 25 de março de 2006, por ocasião do 15º aniversário da morte de Dom Lefebvre, ocorrida em 25 de março de 1991, o sr. padre A. Cekada publicou um estudo de teologia sacramental católica de 16 páginas intitulado "***Absolutamente Nulo e Totalmente Vão***"[8]

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-26-FR-Cekada-Absolument_nul_et_entierement_vain.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-06-EN-Cekada_New_Episcopal_Consecration.pdf

No dia 6 de junho de 2006, ele publicou mesmo, sob o título "***O Rito da Consagração Episcopal de 1968: Um Breve Resumo do Problema***", um resumo de duas páginas[9].

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-06-06-FR-Cekada-resume-officiel_2_pages.pdf

O texto de 25 de março de 2006 constitui, da parte do sr. padre A. Cekada, uma demonstração teológica rigorosa e "*mínima*" da invalidade sacramental **intrínseca** radical da forma essencial da nova consagração episcopal "ecumênica" e conciliar, imposta **desde 18 de junho de 1968 por Montini-Paulo VI à Igreja de rito latino com a promulgação, naquela data, de sua Constituição apostólica *Pontificalis Romani*** (da qual a revista *Sodalitium* não considerou nem mesmo útil mencionar os quarenta anos em 2008 - o que é extremamente revelador**).**

Em 27 de janeiro de 2007, o sr. padre A. Cekada publicou sob o título "*Sempre Nulo e Sempre Vão*" um complemento de 11 páginas à sua demonstração de 25 de março, pelas quais refutava uma a uma todas as objeções que haviam sido levantadas contra sua demonstração mínima da invalidade sacramental intrínseca da nova consagração episcopal conciliar, mantendo a integralidade de sua demonstração[10].

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-01-27-FR_AbbeCEKADAToujoursNul-ReponsesAuxObjectionsJanv2007FRANCAIS1.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-01-27-EN_AbbeCEKEDAStillNull-RepliesToObjectionsJan2007ENGLISH.pdf

O padre A. Cekada, baseando-se exclusivamente nos textos infalíveis e irreformáveis do Magistério da Santa Igreja, assim como do Magistério Pontifício, concluiu explicitamente e rigorosamente que essa nova "consagração" episcopal de rito latino, promulgada em 18 de junho de 1968 por Montini-Paulo VI, deve ser declarada, com toda a certeza, de acordo com essas normas irreformáveis e infalíveis, como "Absolutamente Nula e Totalmente Vã".

No entanto, em maio de 2009, Dom F. Ricossa escreve na página 45 (segundo parágrafo, coluna da

esquerda) do número 62 da Revista *Sodalitium* (n° 62, maio de 2009):

> *"Não está demonstrado com absoluta certeza que Joseph Ratzinger não foi validamente consagrado bispo."[11]*
> ***http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=entry_view&iden=138***

No dia 28 de maio de 1977, o padre apóstata Joseph Ratzinger recebeu, de Dom Joseph Stangl, bispo de Würzburg, a nova e totalmente inventada pseudo-"consagração" episcopal conciliar imposta desde 18 de junho de 1968 por Bugnini-Montini-Paulo VI, e foi então investido como Arcebispo de Munique.

Daí, após sua afirmação:

> *"Não está demonstrado com absoluta certeza que Joseph Ratzinger não foi validamente consagrado bispo.", Padre Ricossa, Sodalitium n° 62, p. 45.*

AS DUAS PERGUNTAS PRECISAS AQUI PUBLICAMENTE FEITAS AO DOM Francesco RICOSSA:

Dom RICOSSA sustenta - apesar das especificações irreformáveis do Magistério Católico lembradas pelo sr. padre Cekada –

- 1°) que existiria hoje uma possibilidade eventual de que Joseph Ratzinger esteja, de fato, investido da plenitude do Sacerdócio Católico (***Potestas Ordinis episcopale***) **e que, em particular, haveria uma eventualidade de que ele esteja atualmente em posse da capacidade efetiva de transmitir validamente o caráter ontológico do Sacerdócio católico (sob a condição de que as outras condições de validade sacramental referentes ao rito empregado e ao impetrante sejam devidamente atendidas)?**

- 2°) Padre RICOSSA sustentaria que a demonstração mínima e rigorosa da invalidade intrínseca da nova consagração episcopal conciliar estabelecida pelo padre A. Cekada seria logicamente de alguma forma incompleta ou deficiente? E, nesse caso, poderia explicitar publicamente em que residiriam essa incompletude e essas deficiências?

Segundo padre RICOSSA, o uso direto dos princípios da lógica formal imediata (como o Princípio da Identidade ou da Não-Contradição) nas verdades certas do conhecimento (como as verdades da Fé e da Revelação definidas pelo Magistério católico) deveria ser, para os clérigos e os fiéis católicos, suspenso a uma eventual publicação futura da explicação dessa lógica formal imediata por parte do Magistério católico?

Na matéria, se os dados certos do conhecimento garantidos pelo Magistério Católico irreformável são (2 + 2), o clérigo ou o fiel católico não poderia, seguindo o padre Ricossa, legitimamente e com autoridade afirmar (2 + 2 =) 4, antes que o Magistério católico autêntico declare e publique ele mesmo (2 + 2) = 4.

Parece, portanto, que existe no pensamento de padre RICOSSA uma eventualidade de que o Magistério Católico irreformável autêntico PODE DE ALGUMA MANEIRA VIOLAR OS PRINCÍPIOS DE IDENTIDADE OU DE NÃO- CONTRADIÇÃO QUE FUNDAMENTAM A LÓGICA.

É por isso que muitos clérigos e fiéis estão ansiosos para conhecer as respostas às duas perguntas públicas aqui apresentadas ao sr. padre Francesco Ricossa.

... a menos - o que não ousamos imaginar - que o verdadeiro objetivo de padre RICOSSA seja simplesmente semear o ativismo e a confusão nas fileiras dos católicos muito raros que permanecem obstinados em lutar para preservar sua FÉ e para identificar e desmascarar os "lobos devoradores" disfarçados de pastores, sendo o primeiro deles o padre apóstata Joseph Ratzinger?

E esclarecemos a esse respeito **para deixar todos os pingos sobre todos os "i"** na mensagem ***Virgo-Maria [7]*** de 22 de outubro de 2009:

*«Desprovido de argumentos, o padre Ricossa se resguarda no silêncio e se recusa a reconhecer a invalidade **INTRÍNSECA** (sacramental e ontológica) do novo rito de consagração episcopal de Dom Botte-Lécuyer-Bugnini de 18 de junho de 1968, limitando-se a aceitar apenas sua invalidade **PURAMENTE EXTRÍNSECA**, por ter sido promulgado por um "**Papa**" (Montini-Paulo VI) simplesmente **Materialiter**,* que não tinha esse poder.

O subentendido de tal posição reside no seguinte: Se a invalidade deste novo rito sacramental de consagração episcopal é SOMENTE PURAMENTE EXTRÍNSECA, no dia em que o "**Papa**" ***Materialiter*** atual, ou um de seus sucessores, se tornar finalmente **Papa *Formaliter*, bastará que ele confirme formalmente este novo rito de consagração episcopal para que ele imediatamente se torne VÁLIDO e deva ser considerado assim por todos os católicos, clérigos e fiéis. Ora, isso seria impossível se este novo rito, COMO JÁ FOI AMPLAMENTE PUBLICAMENTE DEMONSTRADO (cf www.rore-sanctifica.org), é INTRINSECAMENTE E INVÁLIDO.**"

Quanto a nós, como já dissemos em uma mensagem anterior[8], NÓS EXAMINAREMOS A FUNDO A POLÊMICA SUSCITADA A RESPEITO DE RAMPOLLA POR PADRE RICOSSA, **UMA VEZ QUE A POSIÇÃO DE PADRE RICOSSA ESTIVER COMPLETAMENTE ESCLARECIDA SOBRE SUA ATITUDE EM RELAÇÃO À INVALIDADE INTRÍNSECA DOS SACRES CONCILIARES**, E FRENTE À DEMONSTRAÇÃO DESSA INVALIDADE INTRÍNSECA APRESENTADA PELO SR. PADRE CEKADA, E REJEITADA SEM MOTIVO POR PADRE RICOSSA NO NÚMERO 62 DA ***Sodalitium*** (veja acima).

No dia 28 de novembro, o padre Ricossa dará conferências em Paris, enquanto seu representante, o padre Le Gal, se esforça em seus sermões na Rue Bleue para denunciar do púlpito o site ***Virgo-Maria***.

Essa pressa do padre Ricossa em intervir em Paris, após ter sido desmascarado há semanas pela *VM*, como tendo o comportamento de um agente conciliar em missão em meio hostil, mostra que o golpe foi sentido e que existe um transtorno e **uma crescente conscientização entre os fiéis sobre seu trabalho de minagem em questões doutrinárias ou sacramentais essenciais**.

Continuemos o trabalho de exposição das redes da subversão clerical incrustada dentro da Tradição católica.

Após a FSSPX e o convento dos dominicanos de Avrillé, é Verrua que agora aparece infiltrado pelo inimigo na pessoa de seu superior, o padre Ricossa. A conscientização sobre esta situação geral de infiltração das principais instituições da Tradição católica é um pré-requisito para qualquer reação eficaz e determinada para expulsar essas "toupeiras clericais" que trabalham para os inimigos da Fé católica e que esterilizam toda ação eficaz para a defesa dos verdadeiros sacramentos válidos e toda a difusão da Verdade entre as almas. Vamos desmascarar e expulsar, portanto, aqueles que Nosso Senhor Jesus Cristo chamava de " *lobos devoradores* ".

Em breve faremos novas revelações sobre a ação subversiva do padre Ricossa e sua coerência em um plano geral em benefício do Vaticano modernista de Ratzinger-Bento XVI.

Um leitor que estuda muito nos escreveu em 26 de outubro de 2009:

> *« Se você ainda não sabe, sobre o "Segredo de La Salette", permito-me respeitosamente informá-lo que Verrua sustenta que publicou "*UNIQUE E SEM COMENTÁRIOS os numerosos decretos do S. Ofício sob Leão XIII, São Pio X, Pio XI e Pio XII que condenam esse segredo (colocando-o no índice)*" [sic] e que lhe parece "um tanto forte" que, por essa razão, "nós o acusemos de estar contra a Santíssima Virgem"?* ***Quando iremos parar com essa brincadeira, calando definitivamente a boca desse organismo que, por suas mentiras, faz o jogo do inimigo?***
>
> *Respeitosamente seu IN CHRISTO REGE PER MARIAM » e-mail assinado por um fiel universitário.*

Continuaremos obstinadamente a denunciar as ações do padre Ricossa entre os fiéis, **a menos que ele retrate publicamente e formalmente seus erros tão perigosos para os fiéis que desejam permanecer católicos na atual tempestade, erros que continuaremos a estigmatizar com obstinação**.

Continuemos o bom combate.

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2009 virgo-maria.org

Lembrete dos textos publicados por Virgo Maria sobre o padre Ricossa

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-30-A-00-Rectificatif_abbe_Paladino.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-22-B-00-Abbe_Ricossa-Finances.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada-REDIFF.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-22-A-00-Ricossa_Rampolla.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-12-A-00-Abbe_Ricossa_30_ans_de_perdu.pdf

---

[1] O Cardeal Rampolla nega, ao contrário de todas as presunções acumuladas, a pertença à loja maçônica luciferiana da Ordo Templi Orientis (O.T.O.)

[2] Expressão de Monsenhor Tissier de Mallerais (11 de novembro de 2007 em Paris)

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-22-A-00-Ricossa_Rampolla.pdf

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada-REDIFF.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf

[5] Com exceção dos bispos sagrados nos ritos orientais católicos por bispos eles mesmos sagrados validamente, e paradoxalmente, dos bispos da Igreja patriótica chinesa.

[6] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada-REDIFF.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf

[7] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-22-B-00-Abbe_Ricossa-Finances.pdf

[8] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada-REDIFF.pdf

Trem de vida fácil da FSSPX na América do Sul

Sábado, 23 de janeiro de 2010

> "A FSSPX precisa de uma séria reforma." *Béthune*

O dinheiro antes da doutrina, os afagos a Bento XVI antes da luta de Dom Lefebvre, a simonia antes do estudo da invalidez certa e radical do novo rito conciliar "ecumênico" da consagração episcopal: "Sim, o que mais nos falta é dinheiro!" exclama o Padre Beauvais.

Béthune, um grande conhecedor da América, reage às revelações de *VM* sobre o financiamento da FSSPX na América do Sul por aristocratas homossexuais.

Ele acrescenta que o **trem de vida dos sacerdotes da FSSPX na América do Sul é fácil.**

Esse estado de coisas deve ser entendido como a consequência de uma perda do sentido do sobrenatural sob a liderança de Dom Fellay por mais de 16 anos.

Dom Fellay perdeu completamente o sentido da luta da Fé que Dom Lefebvre lhe havia deixado como herança.

Esse eclipse do combate da Fé progrediu à medida que Dom Fellay e seu grupo de infiltrados magnificavam o "diálogo" e as "negociações" com a igreja Conciliar "ecumênica", globalista, maçônica e apóstata, e **culpabilizavam os clérigos e os fiéis ao assimilar hipocritamente e impudentemente essa falsificação da Santa Igreja à verdadeira Igreja Católica, o que constitui todo o programa da *Grande Loja da França,* ao qual ele se conforma rigorosamente com determinação.**

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2010 virgo-maria.org

Blog de Béthune (19 de janeiro de 2010)

Na América do Sul, para a FSSPX, o dinheiro conta muito, mas não tem cheiro...[1]

O site internet Virgo-Maria acaba de publicar um artigo sobre o financiamento duvidoso da FSSPX na América do Sul:

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2010/001_2010/VM-2010-01-18/VM-2010-01-18-A-00-Donateurs_homosexuels_FSSPX.html

Esta questão me parece característica do comportamento da FSSPX nesta parte do mundo onde vivo, com retornos esporádicos à França, desde 1995.

Fui impressionado, de fato, pelo trem de vida fácil, para não dizer luxuoso, dos padres da FSSPX, que viajam de avião, se hospedam nos melhores hotéis, circulam de táxi, só vivendo em cidades, enquanto eu, pobre leigo, vivi a maior parte do tempo em minha rústica propriedade andina (Pitunilla, departamento de Ayacucho), sem aquecimento, sem eletricidade, sem vidros nas janelas da minha casa de adobe, comendo a mesma comida que os camponeses que trabalhavam comigo, me lavando na água do rio à temperatura da estação (3000 metros de altitude), usando "ojotas", sandálias feitas de pneus dos indígenas, viajando de

ônibus interprovincial e, na cidade, de "combis" (minibuses coletivos).

Esses padres, que não nomearei, gritavam escandalizados ao me ouvirem falar sobre o relato da vida cotidiana na montanha. A política parecia interessar-lhes infinitamente mais.

Constatando que os Andes (mas isso é geral na América Latina) estavam invadidos por seitas protestantes estadunidenses (transmissões da política dos EUA, através da USAID) e que a "igreja católica" oficial estava em plena decadência, apesar do fato de que a maioria dos camponeses andinos permaneciam ligados ao catolicismo, quis encontrar o padre Bouchacourt, Superior do Distrito da América do Sul da FSSPX, em Paris, em 2006. Falei a ele sobre o Peru, sobre a situação política e social, sobre os problemas da população, especialmente nas zonas rurais, sobre a "urbanização" vertiginosa (a capital Lima passou de 450.000 habitantes em 1945 para 10 milhões hoje, em um total de 25 milhões no Peru) e sobre minha vida como agricultor e botânico pioneiro. Propus-lhe enviar padres ou monges jovens para os Andes, onde é muito fácil se instalar e cultivar a terra com poucos recursos financeiros, como nós mesmos fizemos. Também fiquei impressionado com o fato de que a vida nos Andes é particularmente favorável à contemplação, e estava - e ainda estou - convencido de que a criação de mosteiros de contemplativos ali produziria frutos maravilhosos. O padre Bouchacourt voltou para a Argentina, de onde me escreveu mais tarde para explicar, de maneira cortês, que a vocação da FSSPX não estava lá.

Mais tarde, em 2008, encontrei o padre Beauvais, pároco de São Nicolás do Chardonnet, predecessor do padre Bouchacourt no Distrito da América do Sul. Ele repetia o mesmo discurso; quando me preparava para lhe dizer que a instalação de jovens padres no Peru era menos uma questão de dinheiro do que de fé e coragem, ele me interrompeu dizendo: "Sim, o que mais nos falta é dinheiro!"

Manifesta, os pobres em bens e espírito não interessam aos responsáveis da FSSPX.

O que me convenceu de que eu tinha razão foi, alguns meses depois, a leitura de um livro oferecido por amigos franceses:

No Peru - O Padre J.-M. Chouvenc, apóstolo dos Índios, de Th. Roth, C.SS.R. (Emmanuel Vitte, editor, Lyon-Paris, 1936), que narra a missão dos Redentoristas franceses (que chegaram ao Peru em 1884) na mesma região dos Andes que a minha (Ayacucho), nos anos 1930. Uma obra notavelmente documentada, redigida por um missionário que conhecia profundamente seu "campo de atuação".

O que eu sonhava e do que havia falado com os padres Bouchacourt e Beauvais, esses audaciosos missionários haviam realizado.

A FSSPX precisa de uma séria reforma. A menos que jovens padres ou monges decidam fazer secessão para fundar, junto aos raríssimos anciãos dissidentes, uma nova ordem religiosa, assim como São Francisco de Assis e São Ignacio de Loyola fizeram em sua época. Pois precisamos de novos santos.

Pierre-Olivier Combelles (Béthune)

Trecho do livro:

"Os índios quechuas, assim chamados por causa de sua língua, o "quechua", não habitam os vales tropicais da Floresta Virgem: eles estão lá apenas de passagem para cultivar e colher a coca e outros produtos; é nas altitudes, mais temperadas e até frias, que construíram suas vilas. No Peru, seu número é estimado em quase quatro milhões. Todos falam quechua, que é a língua primitiva dos habitantes incas. Nos centros mais populosos, onde a influência da instrução começa a se fazer sentir, o espanhol tende a substituir o quechua. Fora desses lugares, ou seja, em toda parte, os índios apenas falam e compreendem o quechua, pois, fora das prefeituras e das capitais de distrito, as escolas ainda são uma exceção. Assim, compreende-se quão necessário é para o missionário dominar o quechua e seus diferentes dialetos.

Dificilmente se pode imaginar o abandono espiritual em que vegetam os índios da Sierra. O pároco encarregado da paróquia não tem quase tempo ou talvez não se dê ao trabalho de visitar as áreas remotas; nas mais próximas do centro da residência, ele vai no máximo uma ou duas vezes por ano para celebrar as festas patronais. É então que os índios fazem batizar as crianças nascidas desde a última visita do pároco: um ou outro se confessará, e isso é tudo. A festa será uma ocasião para dançar e beber muito. Ela cessará assim que o índio gastar todo seu dinheiro e beber toda a sua "chicha" [NDLR: bebida fermentada de várias frutas: milho, "molle" (*Schinus molle*, árvore da família das Anacardiáceas), amendoim]; então ele voltará ao trabalho durante um ano até a próxima festa. Compreende-se que tais hábitos sufocaram toda vida cristã e favoreceram o surgimento de todos os vícios. O Pai Chouvenc faz o seguinte retrato: "O índio é suscetível, mentiroso, teimoso, rude, bêbado, preguiçoso, às vezes ingrato e de humor difícil... Todos esses defeitos decorrem da ignorância e da falta de educação mais do que da malícia. Em contato com a religião, ele muda, ele se eleva, ele se torna bom, virtuoso e santo... Saberemos, no dia do juízo, a que alto grau de virtude chegaram esses índios que a Providência colocou em uma condição tão humilde. Gosto de repetir: quanto mais vivo com eles, mais os amo."

Aqui estão as almas que o Divino Redentor confiava aos Filhos de São Alfonso [NDLR: São Alfonso de Ligório, patrono dos Redentoristas]. Elas tinham do cristão apenas o caráter impresso pelo batismo. A negligência lamentável do clero e a apatia deliberada dos brancos os mergulhavam na mais completa ignorância e no mais profundo aviltamento moral.

O único remédio que poderia salvar esse pobre povo eram as missões que, por sua própria natureza e pelas graças das quais são fonte, fariam dos índios não apenas homens conscientes de sua dignidade, mas cristãos convicto e fervorosos."

---

[1] http://pocombelles.over-blog.com/article-en-amerique-du-sud-pour-la-fsspx-l-argent-n-a-pas-d-odeur--43274161.html

O ‘cardeal’ Castrillón Hoyos[1] protege os ‘*padres*’ pedófilos

O fac-símile que compromete!

Quarta-feira, 31 de março de 2010

Dom Fellay qualificou no 04 de dezembro de 2007 em Flavigny[2] um prelado, o suposto ‘*cardeal*’, o padre Dario Castrillón Hoyos de « *ami très précieux* » (um ‘*amigo muito precioso*’), com quem manteve frequentes contatos ao longo dos anos, com o objetivo de fornecer-lhe a obra sacerdotal de Dom Lefebvre, e que hoje aparece publicamente, **como Prefeito, desde 1996, da *Sagrada Congregação Vaticana para o Clero***, encorajando abertamente os pseudo-« *bispos* » conciliares a proteger os ‘*padres*’ pedófilos que atuam em suas dioceses.

O suposto ‘*cardeal*’ padre Castrillón Hoyos *“parabeniza”* de fato um ‘*bispo*’ francês (Pican) ***“por não ter denunciado um padre à administração civil.”***

Recordemos os fatos:

- **1996:** São revelados os atos do padre René Bissey, sacerdote do diocese de Bayeux, acusado de um estupro e várias agressões sexuais a menores.
- **Outubro de 2000:** Em Bayeux, no Calvados, o padre René Bissey, pároco de Bayeux, é condenado a 18 anos de prisão por estupros e agressões sexuais.
- **15 de junho de 2001:** O procurador da República de Caen solicita, de 4 a 6 meses de prisão com suspensão da pena contra Dom Pierre Pican, para que este julgamento – o primeiro de um bispo por não-denúncia de um padre pedófilo – tenha uma "virtude pedagógica".
- **4 de setembro de 2001:** ‘Monsenhor’ **Pierre Pican**, ‘bispo’ de Bayeux-Lisieux, seu protetor, é condenado a **três meses de prisão com suspensão da pena por não-denúncia de crime**. O código penal, cujo artigo 434.3 estabelece a obrigação de denúncia a qualquer responsável de instituição, pública ou privada, sobre atos pedófilos, de qualquer natureza, contra menores de 15 anos. E ‘Dom’ Pican encobriu o ‘padre’ Bissey. "*Dossiê das oportunidades perdidas*", disse o procurador, para quem o comportamento de Pierre Pican é ainda mais censurável, pois ele **sabia perfeitamente que as vítimas tinham apenas de 6 a 13 anos**. Mais do que uma recusa em denunciar, o magistrado falou até mesmo de uma "*determinada forma de ocultação*".

Pierre Pican sabia perfeitamente que as vítimas tinham apenas de 6 a 13 anos (Le Monde)

- **8 de setembro de 2001**: **Carta de Castrillón-Hoyos a ‘Dom’ Pican para parabenizá-lo** por não ter denunciado o padre Bissey, o estuprador-predador de jovens de 6 a 14 anos.

je vous écris en tant que Préfet de la Congrégation pour le Clergé, chargé de collaborer à la responsabilité du Père commun sur tous les prêtres du monde.

Je vous félicite de n'avoir pas dénoncé un prêtre à l'administration civile. Vous avez bien agi, et je me réjouis d'avoir un confrère dans l'épiscopat qui, aux yeux de l'histoire et de tous les autres évêques du monde, aura préféré la prison plutôt que de dénoncer son fils-prêtre.

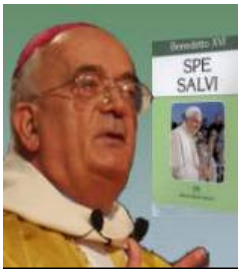
« *Parabenizo-o por não ter denunciado um padre à administração civil. Você agiu corretamente* » ‘cardeal’ Castrillón Hoyos ao ‘Dom’ Pican

- **26 de dezembro de 2001**: Apesar dessa condenação, ‘Dom’ Pican não faz uma retratação honrosa, mas pede às vítimas dos estupros que perdoem o ‘padre’ estuprador:

« Não apenas o bispo de Bayeux e Lisieux, Dom Pierre Pican, condenado em setembro a três meses de prisão com suspensão da pena por não-denúncia de abuso sexual de menores, não faz uma retratação honrosa, mas pede às vítimas dos atos pedófilos do padre René Bissey "um momento de perdão". Convidado na segunda-feira ao France Bleu Basse-Normandie, o prelato as interpela nesse sentido: "Às vítimas do padre Bissey, ousarei dizer: que tenham a paciência [...] de aproveitar todas as ocasiões para que um momento de perdão, talvez, possa ser formulado no íntimo de seu coração em direção ao autor”, declarou. Dom Pican, contudo, moderou seu discurso ao reconhecer que esse perdão provavelmente não poderia ocorrer “antes de anos”.

Interrogado sobre sua condenação, o prelato declarou:

“Tive a sensação, que persiste um pouco, das imensas limitações da justiça humana”. E acrescentou, para que se entendesse bem: “Não estou, de perto ou de longe, implicado nesta questão. Estou na qualidade de responsável.” Libération, 26 de dezembro de 2001



«Às vítimas do padre Bissey, ousarei dizer: que tenham a paciência [...] de aproveitar todas as ocasiões para que um momento de perdão, talvez, possa ser formulado no íntimo de seu coração em direção ao autor» ‘Dom’ Pican

O site progressista ***Golias*** publicou em sua capa o fac-símile **de uma carta devastadora de Castrillón Hoyos** que revela a proteção que ele oferece aos protetores de pedófilos:

Texto da carta de Castrillón Hoyos a ‘Dom’ Pierre Pican, ‘bispo’ de Bayeux-Lisieux.

« Excelentíssimo Reverendíssimo.

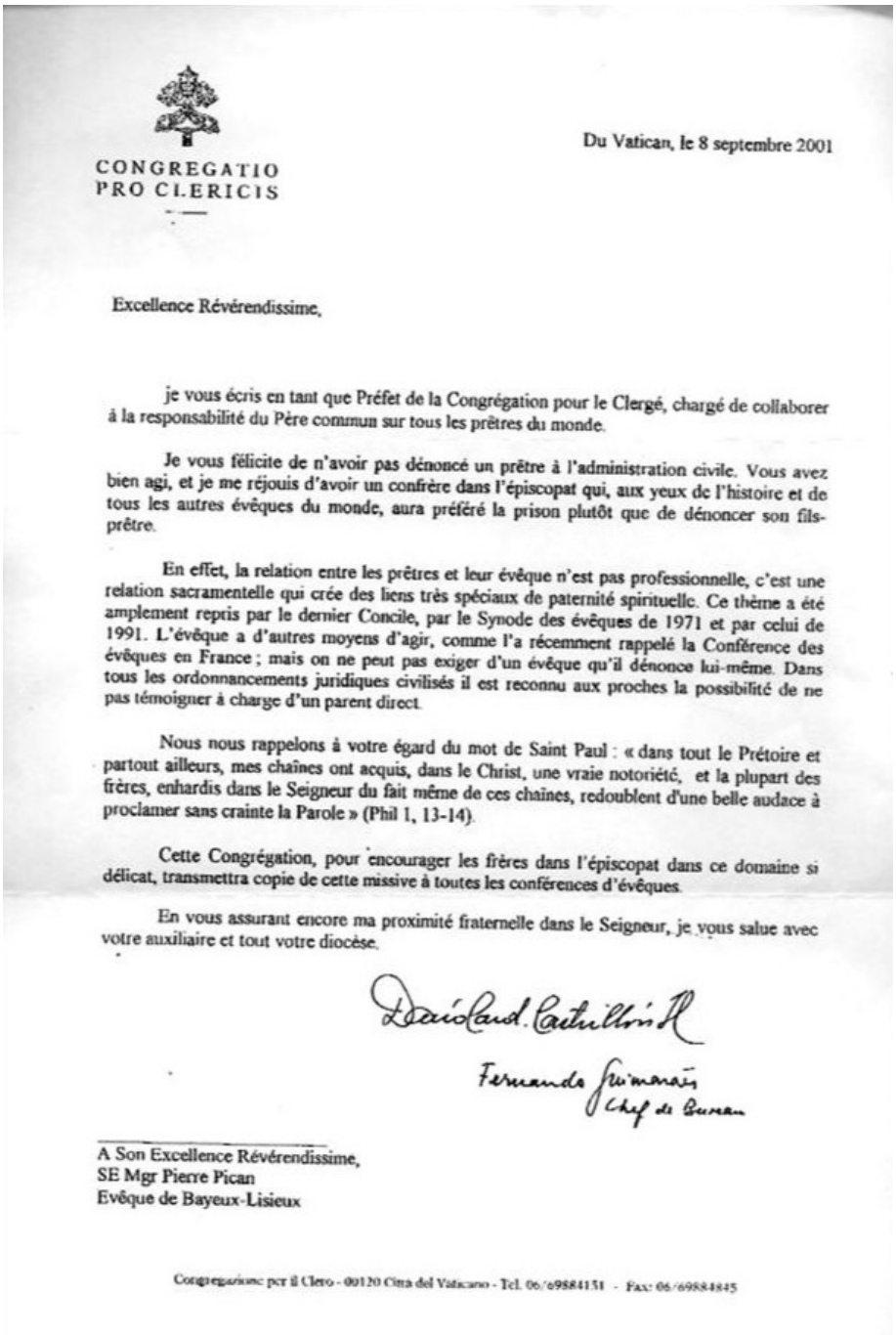
« Escrevo-lhe **como Prefeito da Congregação para o Clero**, encarregado de colaborar na responsabilidade do Pai comum sobre todos os sacerdotes do mundo.

Parabenizo-o por não ter denunciado um padre à administração civil. Você agiu corretamente, e alegro-me em ter um **colega no episcopado que, aos olhos da história** e de todos os outros bispos do mundo, **terá preferido a prisão a denunciar seu filho-padre**.

« De fato, a relação entre os padres e seu bispo não é profissional, é uma relação sacramental que cria laços muito especiais de paternidade espiritual. Este tema foi amplamente abordado pelo último Concílio, pelo Sínodo dos bispos de 1971 e pelo de 1991. O bispo tem outros meios de agir, como recentemente lembrou a Conferência dos bispos da França; mas não se pode exigir que um bispo denuncie a si mesmo. Em todos os ordenamentos jurídicos civilizados, é reconhecido aos próximos a possibilidade de não testemunhar contra um parente direto.

« Lembramos-lhe a palavra de São Paulo: "*no todo o Pretório e em toda parte, minhas correntes adquiriram, em Cristo, uma verdadeira notoriedade e a maioria dos irmãos, encorajados no Senhor pelo próprio fato dessas correntes, redobram de audácia para proclamar sem medo a Palavra*" (Filipenses I, 13-14)

« Esta Congregação, para encorajar os irmãos no episcopado nesta área tão delicada, transmitirá cópia desta missiva a todas as conferências de bispos. Assegurando-lhe ainda minha proximidade fraterna no Senhor, saúdo-o junto com seu auxiliar e todo a sua diocese.» Castrillón Hoyos, 8 de setembro de 2001



CONGREGATIO
PRO CLERICIS

Du Vatican, le 8 septembre 2001

Excellence Révérendissime,

je vous écris en tant que Préfet de la Congrégation pour le Clergé, chargé de collaborer à la responsabilité du Père commun sur tous les prêtres du monde.

Je vous félicite de n'avoir pas dénoncé un prêtre à l'administration civile. Vous avez bien agi, et je me réjouis d'avoir un confrère dans l'épiscopat qui, aux yeux de l'histoire et de tous les autres évêques du monde, aura préféré la prison plutôt que de dénoncer son fils-prêtre.

En effet, la relation entre les prêtres et leur évêque n'est pas professionnelle, c'est une relation sacramentelle qui crée des liens très spéciaux de paternité spirituelle. Ce thème a été amplement repris par le dernier Concile, par le Synode des évêques de 1971 et par celui de 1991. L'évêque a d'autres moyens d'agir, comme l'a récemment rappelé la Conférence des évêques en France ; mais on ne peut pas exiger d'un évêque qu'il dénonce lui-même. Dans tous les ordonnancements juridiques civilisés il est reconnu aux proches la possibilité de ne pas témoigner à charge d'un parent direct.

Nous nous rappelons à votre égard du mot de Saint Paul : « dans tout le Prétoire et partout ailleurs, mes chaînes ont acquis, dans le Christ, une vraie notoriété, et la plupart des frères, enhardis dans le Seigneur du fait même de ces chaînes, redoublent d'une belle audace à proclamer sans crainte la Parole » (Phil 1, 13-14).

Cette Congrégation, pour encourager les frères dans l'épiscopat dans ce domaine si délicat, transmettra copie de cette missive à toutes les conférences d'évêques.

En vous assurant encore ma proximité fraternelle dans le Seigneur, je vous salue avec votre auxiliaire et tout votre diocèse.

Dario Card. Castrillón H.

Fernando Guimarães
Chef de Bureau

A Son Excellence Révérendissime,
SE Mgr Pierre Pican
Evêque de Bayeux-Lisieux

Congregazione per il Clero - 00120 Città del Vaticano - Tel. 06/69884151 - Fax: 06/69884845

E Golias comenta:

« No fundo, o sistema está evidentemente desestabilizado uma vez que o segredo cuidadosamente enterrado vem à tona. Por um efeito curioso de espelho, as descidas afetivas e sexuais de uns desestabilizam os outros, mesmo quando não poderiam razoavelmente ser acusados das mesmas torpezas. De fato, o equilíbrio do sistema – hoje cada vez mais fragilizado – repousa em um nega recíproca e secretamente cúmplice onde ninguém tem interesse em levantar o véu. Mesmo que seja criminoso! E mesmo após a condenação de um padre por pedofilia e de seu bispo por tê-lo protegido!

Atesta, por exemplo, o documento que nosso jornal online www.golias.fr publica a seguir. ***Trata-se de uma carta oficial endereçada em 8 de setembro de 2001 a Dom Pican, na época bispo de Bayeux-Lisieux, recentemente aposentado. Este documento é enviado a ele pelo cardeal (colombiano) Castrillón Hoyos, que estava encarregado na época no Vaticano do dicastério da Congregação para o Clero*** *(ou seja, o responsável por todos os padres católicos ao redor do mundo, cerca de 410.000).*

O cardeal Castrillón Hoyos é próximo de Josef Ratzinger, pois também estava encarregado da Comissão « Ecclesia Dei », organismo criado para ajudar na aproximação com os integristas católicos.

A carta do prelato colombiano ocorre logo após a condenação de Dom Pican a três meses de prisão com suspensão da pena por ter « protegido » um padre pedófilo de sua diocese, o padre Bissey, que foi condenado a 18 anos de prisão. *Leremos com espanto que, em sua missiva,* ***o cardeal Castrillón Hoyos « parabeniza » o bispo francês « por não ter denunciado um padre à administração civil ».*** *E o responsável no Vaticano prossegue: « Alegro-me em ter um colega no episcopado que, aos olhos da história e de todos os outros bispos do mundo,* ***preferiu a prisão a denunciar seu filho-padre****».* **[3]**

Castrillón Hoyos esteve à frente da comissão *Ecclesia Dei* por mais de 10 anos, sendo também *Prefeito da Sagrada Congregação do Clero* (!). Ele trabalhou de forma muito próxima com Dom Fellay para estabelecer o processo de integração da FSSPX na Igreja Conciliar e nas falaciosas « ***discussões doutrinais*** ».

- **Esse é o meio eclesiástico que Dom Fellay aprecia e que ama tanto que gostaria de submeter todo o clero da FSSPX e das comunidades amigas a ele!**
- **É para isso que levam os "***diálogos com Roma***" aos quais Dom Fellay dedicou toda a sua energia desde a eleição do "***bom Bento XVI***", ao ousar vergonhosamente expulsar ignominiosamente da FSSPX os raros padres corajosos, como os padres Méramo e Cériani, que tentavam levantar objeções** diante dessa evidente política de traição criminosa da obra sacerdotal de Dom Lefebvre!
- **Esses são os "***amigos muito preciosos***" de Dom Fellay! "***Diga-me com quem andas, e te direi quem és***" !**

Dom Lefebvre havia rejeitado essa clique romana modernista corrompida até o osso, que ele chamava até de « **máfia** » e artífice da « ***decristianização*** ».

VM dedicou vários dossiês e uma página em seu site à Sra. Randy Engel, que publicou « *Le Rite de la sodomie* » dedicado às redes homossexuais na Igreja católica. Essas redes subversivas se cruzam com as dos clérigos pedófilos:

http://www.virgo-maria.org/Engel_pages/randy_engel.html

A cabeça dessa mesma suposta « ***comissão doutrinal*** » da FSSPX é o prelado argentino **Dom de Galarreta, que ordenou pessoalmente um clérigo homossexual[4] após ter coberto com sua autoridade o seminarista estuprador-predador pedófilo Urrutigoity.**

A corrupção inominável atual da alta hierarquia conciliar « *ecumênica* » globalista maçônica e apóstata agora contamina a terra e até mesmo o Céu!

Decididamente, as narinas de Dom Fellay são à prova de tudo!

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2010 virgo-maria.org

RAPPEL INDISPENSÁVEL

***Virgo-Maria* não poupou esforços – publicando diversos dossiês FATUAIS e cuidadosamente documentados** sobre a colonização da hierarquia conciliar por redes de clérigos homossexuais e pedófilos e sobre seus métodos – **para alertar a tempo as autoridades félonas da Fraternidade São Pio X sobre o estado moral deplorável dos clérigos apóstatas que dirigem o Vaticano** desde o pseudo "Concílio" Vaticano II, **aos quais essas autoridades félonas querem decididamente entregar a obra sacerdotal de Dom Lefebvre**, fundada para a preservação do Sacerdócio **sacrificial** católico sacramentalmente válido.

Para se convencer, basta **reler hoje** os seguintes dossiês:

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-17-A-00-Manteau_de_Noe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-23-A-00-Annonce_Dossier_Mme_Engel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-16-A-00-Mgr_de_Galarreta_compromis.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

ESTES AVISOS SALVADORES não tiveram outros efeitos senão provocar uma tempestade de calúnias contra *VM* por parte da turba dos maus clérigos enraizados na Tradição católica.

São esses mesmos maus clérigos (**sem dúvida manipulados pelos Rosacrucianos[5]) que exigem até hoje – cúmulo da hipocrisia, da absurdidade e da impiedade! – que os clérigos e os fiéis católicos continuem a reconhecer como supostos "*Papas legítimos*", "*Vigários na Terra de Jesus Cristo ÚNICO e ÚNICO MESSIAS de DEUS*" (simplesmente *Materialiter* ou não), intrusos impostores conciliares anticristos RC que não cessam, nessa suposta qualidade de "Vigários de Jesus Cristo, MESSIAS" que lhes é assim continuamente reconhecida, de apostatar publicamente e formalmente nas Sinagogas, a MESSIANIDADE[6] MESMO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO**!

É precisamente a obstinação do MANTENIMENTO – contra os FATOS públicos – dessa posição tão absurda quanto ímpia desses maus clérigos, que permite a MANIFESTAÇÃO em plena luz e em plena fúria destrutiva satânica do "MISTÉRIO da INIQUIDADE", este MISTÉRIO CLERICAL ensinado por São Paulo, cuja MANIFESTAÇÃO contemporânea atual realiza diante de nossos olhos o que São João profetizou há quase 2000 anos no capítulo XIII de seu Apocalipse, a saber **a ascensão da "BESTA da TERRA", esta BESTA RELIGIOSA conciliar que surge das aparências decepadas da Santa Igreja hoje eclipsada, esta "BESTA da TERRA", segundo São João, "com as duas coroas do Cordeiro e com a voz do Dragão" que "faz adorar a todos os habitantes da Terra", a "BESTA do MAR", ou seja, a "BESTA" atual do Globalismo inglês e americano, protestante, maçônico e anticristão, que desmantela e destrói hoje as nações cristãs.**

Recordemos o que descobrimos com espanto sobre o Cardeal americano de Boston John Joseph Wright, de 19 de abril de 1969 até 1979, *Prefeito da Sagrada Congregação do Clero* na Cúria romana, que em 1975 condenou Dom Lefebvre e pronunciou a dissolução de seu seminário de Écône, a partir da leitura da obra muito precisa e bem documentada de mais de 1.300 páginas "***The Rite of Sodomy, Homosexuality and the Roman Catholic Church***" da renomada e muito séria jornalista americana católica,

Sra. Randy Engel[7], e **que expusemos em 29 de dezembro de 2008[8]** aos leitores de *Virgo Maria*:

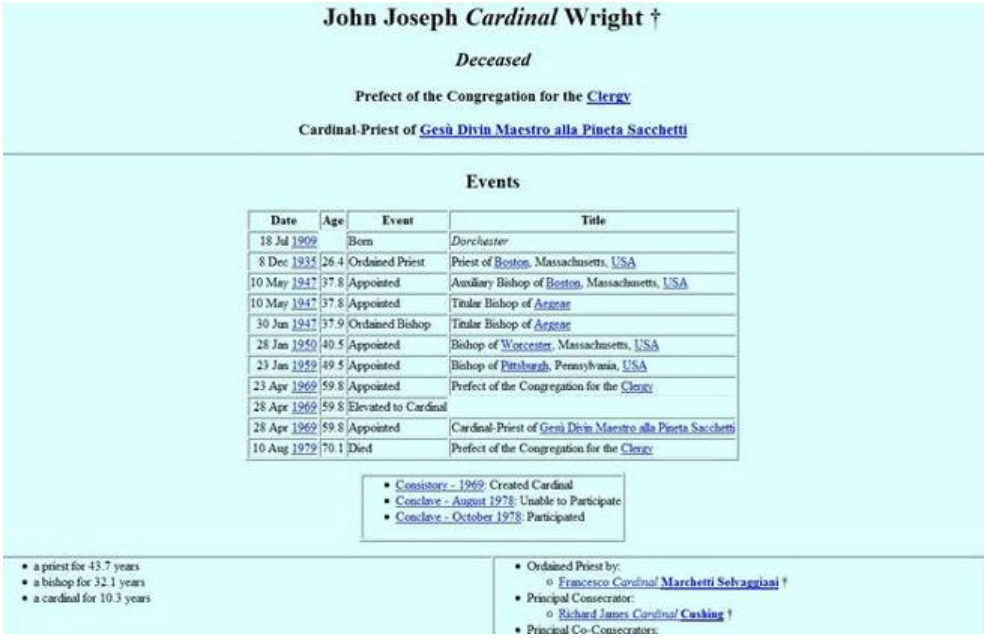
Início da citação do VM:

3 As redes homossexuais em ação no momento do Vaticano II: o caso do "cardeal" Wright. Seus abusos homossexuais, seu apoio ao entrismo no Vaticano II, sua ação contra Dom Lefebvre.

3.1 Os crimes de abusos homossexuais perpetrados pelo futuro 'cardeal' Wright, desde o pontificado de Pio XII.

Randy Engel aborda os crimes homossexuais cometidos pelo futuro '*cardeal*' Wright, uma das pessoas mais altas na hierarquia eclesiástica católica americana, sob o pontificado de Pio XII, **consagrado bispo em 30 de junho de 1947 pelo cardeal Cushing[9][13].**

Abaixo apresentamos um quadro da carreira eclesiástica do '*cardeal*' Wright:



John Joseph *Cardinal* Wright †

Deceased

Prefect of the Congregation for the Clergy

Cardinal-Priest of Gesù Divin Maestro alla Pineta Sacchetti

Events

Date	Age	Event	Title
18 Jul 1909		Born	*Dorchester*
8 Dec 1935	26.4	Ordained Priest	Priest of Boston, Massachusetts, USA
10 May 1947	37.8	Appointed	Auxiliary Bishop of Boston, Massachusetts, USA
10 May 1947	37.8	Appointed	Titular Bishop of Aegeae
30 Jun 1947	37.9	Ordained Bishop	Titular Bishop of Aegeae
28 Jan 1950	40.5	Appointed	Bishop of Worcester, Massachusetts, USA
23 Jan 1959	49.5	Appointed	Bishop of Pittsburgh, Pennsylvania, USA
23 Apr 1969	59.8	Appointed	Prefect of the Congregation for the Clergy
28 Apr 1969	59.8	Elevated to Cardinal	
28 Apr 1969	59.8	Appointed	Cardinal-Priest of Gesù Divin Maestro alla Pineta Sacchetti
10 Aug 1979	70.1	Died	Prefect of the Congregation for the Clergy

- Consistory - 1969: Created Cardinal
- Conclave - August 1978: Unable to Participate
- Conclave - October 1978: Participated

- a priest for 43.7 years
- a bishop for 32.1 years
- a cardinal for 10.3 years

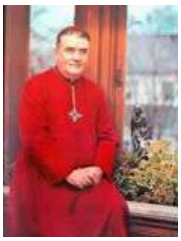
- Ordained Priest by:
  - Francesco *Cardinal* **Marchetti Selvaggiani** †
- Principal Consecrator:
  - Richard James *Cardinal* **Cushing** †
- Principal Co-Consecrators:

Trecho do site *Catholic-Hierarchy*

O '***cardeal***' Wright foi nomeado **prefeito da congregação para o clero por Montini-Paulo VI (também notório homossexual[10] e apelidado de** « ***La Montini*** ») em 28 de abril de 1969.

Após verificação, **Wright não consta na lista Pecorelli de 1978[11]**[14], o que não significa que ele não fosse maçom, mas **simplesmente que não estava inscrito no Grande Oriente da Itália**. Se, como é legítimo supor, ele pertencia à alta maçonaria britânica iluminista Rosacruz, essa ausência de inscrição é normal.

Para dar uma visão das ignomínias perpetradas por esses clérigos conciliares prevaricadores, a ***New Oxford Review*** selecionou um trecho onde Randy Engel descreve **uma cena muito dolorosa de abuso por clérigos bebendo refrigerante**, nos Estados Unidos, cena que envolve nominalmente '***Dom***' **John Wright** (ex-' ***arcebispo***' auxiliar de Boston) e um padre Page, assim como uma vítima chamada Bill Burnett (que posteriormente acusou os dois predadores homossexuais). **Esses fatos ocorreram entre 1952 e 1955, segundo Randy Engel*[15].***



O ‘*Cardeal*’ Wright, clérigo homossexual, prefeito da congregação para o clero (1969-1979)

« **Burnett declarou que o ritual do abuso começava com dois refrigerantes: um Coca-Cola para ele, um Coca-Cola com álcool para [o irmão Raymond] Page [seu tio] e [Dom] Wright**. Então Wright o despia, caía de joelhos diante do menino em pé e o cobria de beijos: … (…**[12])[16]** *LEIA MAIS NA ANEXO A*

Já em 1996, em um longo artigo intitulado « ***A esplêndida obsessão de Don Wuerl*** , publicado pela ***Mother’s Watch***, Randy Engel escrevia um texto (‘Dom’ Wuerl foi o secretário particular e protegido de Wright), « tratando das relações excepcionais que Wuerl mantinha com os membros da comunidade gay de Pittsburgh, que o chamam de “Donna” Wuerl… »._Randy Engel

Wright apresenta mais o perfil de um iniciado Rosacruz: **clérigo homossexual, ele exibia uma fachada de “ *tradicionalista*”, como denunciava Jean Madiran em *Itinéraires* em 1975:**

*« **O cardeal Wright passava, ou se fazia passar, por um tradicionalista**, um resistente, um herói clandestino, **um mártir anônimo, corajoso em segredo e secretamente sincero**. **Sem que ninguém pudesse perceber, tal a sua astúcia.** Na verdade, ele é como os outros prelados burocratas, está a serviço do partido que mantém a Igreja militante sob sua ocupação estrangeira. Como os outros cardeais-prefeitos, ele é a sombra risível de um cardeal da santa Igreja romana. Tendo pronunciado a rejeição, naturalmente não motivada, do recurso do padre Jamin, abandonando-o assim à vontade do partido eclesiástico local, ele ainda quis acrescentar a ordem de obedecer em todas as coisas aos mandamentos do bispo: o que é explicitamente juntar sarcasmo à iniquidade. Todos e cada um saberão, então, qual é, **por trás da sua máscara convencional, o verdadeiro rosto do cardeal risível**. »* Jean Madiran, *Itinéraires,* n°190, fevereiro de 1975, página 65

«***Se fazia passar por um tradicionalista***, um resistente, um herói clandestino, **um mártir anônimo, corajoso em segredo e secretamente sincero »**

Mas não é essa a imagem ilusória do Ratzinger-Bento XVI que Dom Fellay tentou “*vender*” aos fiéis e aos clérigos da FSSPX, seja em Paris em junho de 2007 ou em Flavigny em dezembro de 2007? Não é o mesmo arquétipo do “*bom*” Bento XVI impotente diante dos “*maus*” bispos, mas secretamente favorável à Tradição? **É esse mesmo “*artifício*” (palavra do padre Chautard, FSSPX) que o homossexual ‘*Dom*’ Wright conseguiu, por um tempo, fazer acreditar nos meios da Tradição católica e junto a Dom Lefebvre**.

E Jean Madiran prosseguia com a crítica ao ‘cardeal’ Wright em junho de 1978, a quem qualificava de “ *cardeal traidor*”, “*misérrimo*”, “*com autoridade moral igual a zero*”:

“Reaparição do cardeal risível

*Uma ou duas palavras de outro “catecismo”: O ensinamento de Cristo, subtítulo: catecismo católico para adultos, prefácio do cardeal Wright (mas sim!), publicado no início do ano pela Librairie Téqui (editora de antiga e boa reputação, mas recentemente comprada por Pierre Lemaire). Trata-se da “edição francesa”, ou seja, da “tradução para a língua francesa” de uma obra publicada em 1975 nos Estados Unidos. Haveria muito a dizer sobre este livro. Já é desconcertante o apoio que lhe dá **o cardeal Wright, personagem suspeito, com autoridade moral igual a zero**. Lembre-se: **é ele o cardeal risível**,* é ele a sombra risível de um cardeal da santa Igreja romana, **cujo disfarce caiu durante o caso Jamin [13]([17])**. É ele ainda quem foi um dos três cardeais traidores de 1975: aqueles que convocaram Dom Lefebvre a Roma, ocultando-lhe que o

faziam comparecer como juízes, por ordem do papa; contando a ele, ao contrário, que se tratava simplesmente de uma troca amigável de ideias **[14]([18]**). Este personagem miserável é, desde sei lá quantos anos, o prefeito inamovível da congregação romana para o clero, portanto responsável direto pela decomposição mental à qual o clero está hoje abandonado, sem socorro nem reação. Esta última responsabilidade, somando-se às anteriores, deveria impedi-lo de se envolver de qualquer maneira nos assuntos religiosos e, sobretudo, do catecismo. Ele é o exemplo perfeito do hierarca desqualificado."Jean Madiran, *Itinéraires*, n°224, junho de 1978, página 187

3.2 O papel de Wright na promoção da maçonaria, do B'naï B'rith, da ADL (Liga Anti-Difamação) e na entrada de observadores não católicos no Vaticano II

Mary Ball Martinez já denunciava Wright por seu ecumenismo em 1956 (página 693 do livro de Randy Engel) a respeito do Simpósio canadense intitulado ***« A Grande Ação da Igreja Cristã*** em 1956. O cardeal Cushing, seu consagrador, tinha aversão a assuntos teológicos, segundo Randy Engel (p. 692) (sic).

«***O Cardeal Cushing, assim como Spellman, se concentrava em construir imóveis e arrecadar fundos, e não em fazer proselitismo entre Protestantes, Judeus e Maçons***. ***Cushing foi homenageado como o Homem B'naï B'rith do ano das lojas judeu-maçônicas*** *e* ***Wright se entregou alegremente a uma associação de longo prazo com a Liga B'naï B'rith Anti-Difamação (ADL).*** *Em 1957, os B'naï B'rith de Worcester concederam um prêmio a Wright por seu "trabalho excepcional na Comunidade".*

Um dos amigos mais próximos de Wright em Worcester era Joseph L. Lichten, um dirigente da Liga B'naï B'rith Anti-Difamação. Foi por meio da influência de Wright que Lichten se tornou um observador Judeu durante o Concílio Vaticano II.

Dizia-se que um tio de Wright era um maçom de alto grau em Worcester, mas isso nunca foi confirmado publicamente.

É um fato notório que, no entanto, Dom (mais tarde cardeal) Wright mantinha relações muito íntimas com a Maçonaria e que promoveu o programa da Loja, um programa condenado por uma longa sucessão de papas, começando com o Papa Clemente XII em sua bula papal, *In Eminenti*, em 1738 e continuando com o Papa Leão XIII em sua carta encíclica *Humanus Genus*, em 1884.

Após Wright se tornar bispo de Pittsburgh, **ele entrou em uma fusão entre os Maçons e os Cavaleiros de Colombo ao integrar as Obras dos Cavaleiros e dos Nobres.»[15]**[19]*Randy Engel*

Pio XII criou a diocese de Worcester em 14 de abril de 1950, exclusivamente para Wright (Randy Engel, p. 697).

Essas redes eclesiásticas homossexuais se identificam e se estruturam visivelmente com uma certa homogeneidade de "afeições".

3.3 Os laços de Jacques Maritain com o 'cardeal' pedófilo Wright. Maritain e os círculos homossexuais.

Maritain conhecia bem Wright:

"Gilson and Maritain, through the university circles of Boston, brought much both to the secular society and to the local Catholic community: a renewed knowledge of Thomism, of metaphysics and of theology. Florian Michel notes that the connections with Maritain are not purely academic. Maritain knew Bishop John Wright, auxiliary bishop of Boston, well. Wright would go on to become Bishop of Worcester and Cardinal of the Curia. At a time when Maritain was contemplating his plans for the future, Bishop Wright played a little-known role in convincing him not to return to France: "Your work must be done here" he was told by the bishop. And Maritain followed this advice. (14). »[16][20]

Gilson e Maritain, por meio dos círculos universitários de Boston, trouxeram muito tanto para a sociedade secular quanto para a comunidade católica local: um conhecimento renovado do tomismo, da metafísica e da teologia. Florian Michel observa que as conexões com Maritain não são puramente acadêmicas. Maritain conhecia bem o Bispo John Wright, bispo auxiliar de Boston. Wright viria a se tornar Bispo de Worcester e Cardeal da Cúria. Em um momento em que Maritain contemplava seus planos para o futuro, o Bispo Wright desempenhou um papel pouco conhecido ao convencê-lo a não retornar à França: "Seu trabalho deve ser feito aqui", disse-lhe o bispo. E Maritain seguiu esse conselho. (14). »[17][21]

Maritain também foi um amigo muito próximo do bispo apóstata Montini-Paul VI, e foi o promotor da doutrina herética da liberdade religiosa durante o Vaticano II.

Segundo algumas fontes (a seguir), Jacques e Raïssa Maritain não teriam consumado seu casamento, embora nenhum voto religioso tenha sido pronunciado, o que é contrário aos princípios e finalidades do casamento católico ordenado à procriação.

"Raïssa se emociona com tudo, tem um caráter excessivo, certamente como **Jacques, uma vez que decidirão não 'consumar' seu casamento: é uma confissão mais ou menos consciente da homossexualidade de Jacques (amigo de Julien Green)? Patologia nervosa? Ou uma escolha respeitável também**? Pessoalmente, acho essa escolha um pouco extrema."**[18]**[22]

"**Ele compartilha certas coisas com Cocteau, talvez começando pela homossexualidade, assumida em Cocteau, sublimada no que Maritain chama de pureza com sua esposa**."**[19]**[23]

3.4 O 'cardeal' pedófilo Wright fez parte da comissão de três cardeais contra Dom Lefebvre.

Como resume um autor: "Lembramos dos contatos que ele teve ***com a famosa comissão romana composta pelos três cardeais Garronne, Tabera e Wright***. Dom Lefebvre teve a bondade de nos fazer viver todos esses eventos, no seminário de Écône. Ele nos transmitia seu pensamento. Ele redigia até artigos que Jean Madiran se honrava de publicar em **« Itinéraires »**."**[20]**[24]

É importante para a jovem geração que não vivenciou esse combate dos anos 1970 recordar que o 'cardeal' Wright esteve intimamente envolvido no processo da FSSPX, pois foi 'Dom' Wright quem aprovou os estatutos em 1970:

"A Fraternidade foi reconhecida oficialmente por S.E. Dom Charrière, bispo de Friburgo na Suíça, em 1º de novembro de 1970, e **os estatutos foram calorosamente aprovados por S.E. o cardeal Wright, Prefeito da Sagrada Congregação para o Clero.**" *Itinéraires*, n°278, dezembro 1983, página 158.

Essa aprovação de uma instituição tradicional por um clérigo tão suspeito quanto o '***Wright***' é típica das práticas dos Rosacruz. De fato, se o '***cardeal***' Wright aprovou tão calorosamente a fundação, é porque ele pensava que já poderia controlá-la, o que supõe que, desde a origem e sem o conhecimento de Dom Lefebvre, houvesse a presença de uma ***"mole de grosso calibre"*, conectada com a alta hierarquia maçônica Rosacruz conciliar, que tenha dado tal garantia ao clérigo homossexual Wright. Posteriormente, essa "***mole de grosso calibre***" provavelmente** cobriu a entrada dos dois infiltrados, vocações tardias, o ex(?)-anglicano britânico Richard Williamson e o alemão Franz Schmidberger, amigo de Ratzinger, em 1972 em Écône**. Quem era essa "***mole de grosso calibre***"?

Havia **ligações entre o '*cardeal*' americano Wright e seu contemporâneo britânico Malcolm Muggeridge (ex(?)-Fabiano)** que trabalhou durante algum tempo na costa leste dos Estados Unidos **?** Recordemos que **Muggeridge** foi o mentor do jovem anglicano britânico **Richard Williamson**, que se formou como ele em Cambridge, e foi ele quem decidiu pela conversão do jovem anglicano ao catolicismo tradicional. Convidamos nossos leitores a fazer pesquisas sobre esse assunto e nos comunicar os resultados.

Em seguida, **ele foi nomeado pelo invertido Montini-Paul VI (denunciado como pedófilo por Randy Engel no capítulo 19 de seu livro) como um dos membros da comissão cardinalícia que foi encarregada de inspecionar a obra de Dom Lefebvre e que concluiu com uma condenação da FSSPX, uma decisão de retirar a aprovação de 1970 e uma declaração de supressão canônica da FSSPX**.

"Dada a gravidade da matéria e na preocupação de que a investigação fosse conduzida independentemente de toda paixão, o Santo Padre instituiu, portanto, uma Comissão cardinalícia composta por três membros: ***o cardeal Gabriel-Marie Garrone****, prefeito da Congregação para a Educação Católica, presidente; o* ***cardeal John Wright, prefeito da Congregação para o Clero****, e o* ***cardeal Arturo Tabera****, prefeito da Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares. Essa Comissão recebeu como tarefa, primeiro, reunir as informações mais amplas e proceder a um exame de todos os aspectos do problema; em seguida, propor suas conclusões ao Soberano Pontífice."* Cardeal Villot, ROMA, 27 DE OUTUBRO DE 1975. SECRETARIA DE ESTADO N. 290.499/94

Publicamos em anexo **excertos do dossiê "A condenação selvagem de Dom Lefebvre" que foi publicada em 1975, em um número especial fora de série de *Itinéraires* (205 Ter, agosto de 1975)**, em particular o texto da condenação de Dom Lefebvre assinado por '***Dom***' Wright em 6 de maio de 1975, e então o apelo (de caráter jurídico suspensivo) enviado por Dom Lefebvre ao '***cardeal***' Staffa em 21 de maio de 1975 e, depois, a relação que fez Dom Lefebvre sobre esse assunto e sobre o comportamento enganoso da comissão, de ' ***Dom***' Wright em particular, em 30 de maio de 1975.

"APÓS *a condenação em maio de 1975 da Obra de Écône e da Fraternidade Sacerdotal São Pio X pelo Bispo de Friburgo* (*Suíça*) *por* ***solicitação da comissão dos três Cardeais Garronne, Wright e Tabera****, que surgiu de forma desconhecida, escrevi ao Papa Paulo VI que a condenação, supostamente, sobre pontos de doutrina – não deveria atingir senão minha pessoa e que a causa deveria ser julgada pela Congregação para a Doutrina da Fé* ([21][25])" Dom Lefebvre, 23 de fevereiro de 1979, em *Itinéraires*, n° 233, maio de 1979, página 7.

Fim da citação.

DOCUMENTOS QUE DEMONSTRAM A CULPA DE CASTRILLÓN HOYOS EM SEU ENCORAJAMENTO PARA COBRIR UM 'PADRE' PEDÓFILO EM CAEN

SOCIEDADE 07/10/2000 ÀS 05H08

Dezoito anos de prisão para o padre Bissey.

O advogado geral havia solicitado doze anos contra o padre culpado de abusos sexuais em menor.

SANTUCCI FRANÇOISE-MARIE

Caen, enviada especial

Dezoito anos. Essa é a pena imposta, na sexta-feira, após quatro horas e meia de deliberação, ao padre René Bissey, de 56 anos. No tribunal, o homem não se move, indescifrável e apagado; o tribunal colegiado de Caen o reconhece culpado de abusos sexuais contra um menor, de agressões sexuais contra três menores e de corrupção de sete menores. Onze meninos, mas especialmente um: a vítima principal, Ludovic R., de 26 anos, que esconde o rosto ao ouvir o veredicto. Alguns momentos depois, cercado de seus familiares em lágrimas, o jovem passa mal, e o servidor do tribunal deve chamar um médico. Após uma semana de intensos debates, após muitas audiências a portas fechadas e testemunhos públicos impressionantes para a Igreja Católica (Liberação de 5 de outubro), os jurados foram muito além da medida moderada sugerida pelo advogado geral.

René Bissey enfrentava vinte anos de reclusão. Éric Enquebecq, o advogado geral, havia solicitado doze anos. "Mas não vão muito além disso", disse ele em essência aos jurados, "senão, o acusado vai apelar e as vítimas terão que passar por isso novamente." Essa "tarifa" moderada, justificada pelo fato de que René Bissey "confessou tudo", que ele atingiu "o auge da degradação", não encontrou a aceitação do tribunal. Parece que ele retendeu especialmente as primeiras palavras do Ministério Público. Essa "linhagem de crianças escolhidas, dominadas e depois abandonadas após serem maculadas". Esses menores vulneráveis, que viveram "momentos de inferno" diante de um "sedutor, um carrasco".

Prudência retórica. Éric Enquebecq retoma longamente a história de Ludovic, que começa a chorar, baixa a cabeça, mas não quer sair. Ele precisa ouvir as palavras do advogado geral sobre esse "padre pouco atormentado por seu pecado", um padre cuja grande falha não foi falhar com seu sacramento, mas sim com "sua missão de educador". Estranha precaução, enquanto os debates mostraram, ao contrário, o quanto o uso da batina permitiu que René Bissey ganhasse a confiança de famílias muito religiosas. Essa prudência retórica estaria relacionada à investigação em curso envolvendo o bispo Pierre Pican? O superior hierárquico de Bissey, que estava ciente, mas não fez nada, está sendo processado por "não denúncia de crimes". Com a Igreja afastada, Bissey se torna subitamente um homem, um homem cuja "deviância inadmissível" foi alegremente confundida, durante toda a semana, pelo Ministério Público, advogados e especialistas, com a homossexualidade.

Um paralelo também estabelecido por Jacques Martial, o advogado de defesa. "A homossexualidade não é um delito, mas é difícil de viver. Imagine, então, a dificuldade de René Bissey, vítima desse outro distúrbio da sexualidade que é a atração por crianças." O advogado ataca duramente a Igreja Católica, que "após ter sufocado histórias desse tipo por séculos, acredita que pode se proteger jogando esse miserável na cova dos leões." Ele se refere a um cardeal do Vaticano, que pediu no início da semana que a pedofilia fosse classificada como "crime contra a humanidade". Enquanto Jacques Martial revisa as acusações uma a uma, contestando as agressões sexuais ou questionando a "coação" realmente exercida sobre Ludovic, este faz mudanças no saguão. Ele nunca falou publicamente, não o ouvimos porque seu depoimento, assim como o de outras vítimas, ocorreu a portas fechadas. Ele apenas confia, com grande cautela, "chegar ao final da maratona. Isso é tão difícil para mim. Mas o julgamento é bom. Como se eu tivesse realizado três quartos da terapia."

Cassação prevista. Antes de os jurados se retirarem para deliberar, René Bissey fala uma última vez. E pela primeira vez, ele expressa arrependimento. "Graças à prisão, graças ao julgamento e aos médicos, percebi que era um criminoso, palavra que até então havia recusado. Peço desculpas às famílias e às crianças." Mas Ludovic não está lá para ouvir. O advogado de Bissey já está no próximo passo: anuncia sua intenção de recorrer.

O padre Bissey: Um perverso pedófilo, segundo os especialistas psiquiatras.

CAEN (AP) -- No quarto dia do julgamento por pedofilia do padre René Bissey, diante do tribunal do Calvados em Caen, os especialistas psiquiatras testemunharam na quinta-feira, dizendo que o acusado é um "perverso pedófilo autêntico", que pensa "acima de tudo em si mesmo".

Para o doutor Louis Anne, um dos especialistas designados para estudar a personalidade do padre acusado de abusos e agressões sexuais contra 11 meninos, não há dúvida: "O Sr. Bissey é um perverso pedófilo autêntico". Ele demonstra uma "ausência total de moralidade, de culpa" e uma "indiferença total em relação às suas vítimas. Ele encara a situação, mas não é um doente".

O Dr. Philippe Leurteau, encarregado de uma contraprova, insistiu sobre o caráter obsessivo que as questões sexuais têm para o acusado, e sua maneira crua de percebê-las. "Esse homem não se considera anormal, ele é inteligente, calculador e pensa antes de tudo em si mesmo, antes de pensar nas vítimas".

O único elemento positivo para o acusado, que não expressou a menor emoção, é que "ele ainda se sente incomodado por ter abusado da confiança dos pais", acrescentou o Dr. Leurteau.

Anteriormente, magistrados e jurados ouviram o depoimento do Dr. René Girard, que viu em setembro de 1998 Yann, uma das vítimas do padre Bissey. Na época, Yann, com 22 anos e à beira do suicídio, havia revelado à polícia os atos pedófilos e as agressões sexuais do padre, dos quais havia sofrido por quase oito anos.

"Apesar da antiguidade dos fatos, ficou evidente nessa entrevista um grande desespero emocional, marcado por um sentimento de culpa", explicou o Dr. Girard.

Yann "não tinha apenas a impressão de ter sido maculado", mas também "a de não se pertencer mais". O jovem se viu "pego em uma relação da qual não conseguiu se desvincular. Yann me falou de sua dependência física, de sua dependência sexual". O jovem, que assistiu a todas as audiências desde o início do julgamento na segunda-feira, segurava o rosto entre as mãos.

"Você acha que este julgamento colocará um ponto final em seu drama?", perguntou um advogado da parte civil. "Não, mas isso o ajudará. Eu permaneço otimista quanto ao seu futuro, ele tem os meios para superar, mas precisará de ajuda", respondeu o psiquiatra. Então, pela primeira vez desde o início do julgamento, Yann esboçou um leve sorriso.

A audiência continuava com os argumentos, à tarde, dos advogados da parte civil.

15 de junho de 2001: O promotor de justiça de Caen pediu, na sexta-feira, 15 de junho, de 4 a 6 meses de prisão com suspensão da pena contra Dom Pierre Pican, para que este julgamento – o primeiro de um bispo por não denúncia de um padre pedófilo – tenha uma "virtude pedagógica".

Le Monde – 15 de junho de 2001

O promotor de justiça de Caen desejou conferir a este julgamento, o primeiro de um bispo por não denúncia de um padre pedófilo, "uma virtude pedagógica".

O promotor de justiça do tribunal correicional de Caen (Calvados) pediu, na sexta-feira, 15 de junho, de 4 a 6 meses de prisão com suspensão da pena contra Dom Pierre Pican, para que este julgamento – o primeiro de um bispo por não denúncia de um padre pedófilo – tenha "uma virtude pedagógica".

Em sua introdução, o magistrado, Jacques-Philippe Segondat, considerou que a audiência do dia era essencialmente "um julgamento de nossa época, marcado por uma confrontação entre a vontade de uma certa autoproteção das instituições e um mundo sedento de verdade e transparência". Para M. Segondat, nossos contemporâneos, "diante de todas essas instituições que regulam a vida social (...), querem uma transparência e uma verdade". O representante do Ministério Público observou que, em certas situações, "o segredo é, às vezes, banido porque assimilado a uma dissimulação".

Este julgamento "não é o julgamento da Igreja. É o único julgamento de um homem da Igreja que, segundo minha opinião, falhou em seu dever de denúncia previsto pelo código penal", explicou. O código penal, cujo artigo 434.3 impõe a obrigação de denúncia a qualquer responsável por instituição, pública ou privada, sobre atos pedófilos, de qualquer natureza que sejam, em relação a menores de 15 anos.

"UMA CERTA FORMA DE DISSIMULAÇÃO"

Após esclarecer esse ponto, o promotor concentrou-se em descrever o comportamento, e, consequentemente, o caráter de Pierre Pican.

"Dossiê das oportunidades perdidas", disse o promotor, para quem o comportamento de Pierre Pican é ainda mais criticável porque ele sabia perfeitamente que as vítimas tinham apenas de 6 a 13 anos. Mais do que uma recusa de denúncia, o magistrado se referiu até mesmo a uma "certa forma de dissimulação".

"Chocado" ao ouvir os dois superiores do padre Bissey, o vigário geral Michel Morcel e Dom Pican, classificarem seu subordinado como uma "macega humana", o promotor observou que eles consideraram apenas "a situação pessoal" do pedófilo.

"O tratamento deste caso", lamenta ele, "foi 'esperar para ver'". E criticou "o imobilismo, a inação do réu habitado pela secreta esperança de que tudo se resolveria sem intervenção".

Jacques-Philippe Segondat descreveu o bispo como "alguém um tanto psicorrígido" e estimou que o prelato "cometeu graves erros de julgamento várias vezes". Segundo ele, o bispo de Bayeux "tem dificuldades em se questionar" e se expressa apenas com "afirmações categóricas".

O promotor rejeitou qualquer possibilidade, no caso do bispo, de uma eventual qualificação de segredo profissional, de confissão ou de confiança. A jurisprudência relativa a este último segredo, que remonta a 1891, requer uma evolução "indispensável", observou o magistrado, que ressaltou, no entanto, que "não estamos em uma situação de confiança – ou então tudo seria 'confiança' e os clérigos teriam o direito de não dizer nada. Estamos em uma situação onde se pede explicações a alguém (...)".

Em suas conclusões, a defesa pediu a absolvição de Dom Pican. O julgamento foi adiado para deliberação em 4 de setembro.

LEMONDE.FR | 15.06.01 | 18h10, Com AFP, Reuters

---

[1] O padre Dario Castrillón Hoyos é apenas um simples padre católico desviado, ordenado validamente padre em 26 de outubro de 1952, mas supostamente "consagrado" *«bispo»* em 18 de julho de 1971 de acordo com a nova pseudo-"consagração" episcopal conciliar "ecumênica" globalista do dia 18 de junho de 1968, totalmente e radicalmente inválida (e qual que seja a intenção do bispo consagrador), pois especialmente herética e totalmente inventada pelos liturgistas modernistas conciliares apóstatas Dom Botte e Lécuyer, colocado sob a autoridade do maçom Lazarista Annibale Bugnini?(nome de código maçônico *BUAN*) pelo bispo apostata homossexual Montini-Paul VI (cf www.rore-sanctifica.org)**

http://www.catholic-hierarchy.org/bishop/bcashoy.html

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-02-26-A-00-Flavigny.pdf

[3] http://www.golias.fr/spip.php?article3794

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-16-A-00-Mgr_de_Galarreta_compromis.pdf

[5] Lembre-se de que a introdução de sectários homossexuais no clero católico é uma constante histórica das metodologias das lojas britânicas iluminadas satanistas Rosacruz, que até mesmo constituíram rituais satanistas secretos de magia sexual, pederastia e pedofilia (S.R.I.A., Golden Dawn, O.T.O, etc….) que inspiram suas iniciativas demoníacas.

[6] http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-09-A-00-Mgr_Lefebvre_apres_synagogue_v2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-07-A-00-Benoit_XVI_a_la_synagogue.pdf

http://www.nostra-aetate.org/La-lettre-Serviam/SERVIAM_025.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-02-24-B-00-Mgr_Lefebvre_scandalise_par_synagogue.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-02-18-A-00-1000_rabbins_soutiennent_Mgr_Fellay.pdf

http://resistance-catholique.org/documents/2008/RC_2008-05-28_La-visite-de%20Benoit-XVI-a-la-Synagogue-de-New-York.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-04-A-00-Benoit_XVI-et_les_Juifs.pdf

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080418_synagogue-ny_fr.html

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-19-A-00-Declarations_B16_en_Israel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-17-A-00-Benoit_XVI_renonce_convertir_juifs.pdf

[7] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-23-A-00-Annonce_Dossier_Mme_Engel.pdf**

[8] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf**

[9] http://www.catholic-hierarchy.org/bishop/bwright.html

[10] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf**

[11] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-C-00-Liste-Pecorelli.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/ListeAGNOLI_Pecorelli_version_1_3reduit.xls

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Agnoli-Liste.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Agnoli-Liste-Cardinaux.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Agnoli-Liste-sous-Jean_XXIII.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Agnoli-Liste-sous-Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Agnoli-Liste-sous-Pie_XII.pdf

[12] O Rito da sodoma, Randy Engel, p 698

[13] (4) Sobre o cardeal Wright, consulte nosso artigo: *Roma ocupada*, na ITINÉRAIRES, nº 190 de fevereiro de 1975, p. 64-69.

[14] (5) Todos os documentos são reproduzidos e comentados em nosso número especial: *A condenação selvagem de Mgr Lefebvre.*

[15] O Rito da sodoma, Randy Engel, p 692

[16] http://www.geocities.com/communaute_catholique_boston/Cheverus.doc

[17] http://www.geocities.com/communaute_catholique_boston/Cheverus.doc

[18] http://www.zazieweb.fr/site/fichelivre.php?num=5326

[19] http://www.zazieweb.fr/site/fichelivre.php?numIsbn=2627

[20] http://www.lechoixdesbibliothecaires.com/livre-63869-plaidoyer-pour-l-unite-la-vraie-fidelite-de-monseigneur-lefebvre.htm

[21] (1) Todos os documentos dessa época foram publicados na edição especial da revista ITINÉRAIRES intitulada: *A condenação selvagem de Mgr Lefebvre.* [Cf. tabela 1-338]

[22] http://www.liberation.fr/societe/0101349178-dix-huit-ans-de-prison-pour-l-abbe-bissey

[23] http://www.gayglobe.us/abbe-pedophile.html

[24] http://www.denistouret.fr/constit/Pican_Caen.html

Padre Ricossa[1] ataca La Salette para salvar a 'tese'

Segunda-feira, 15 de março de 2010

O padre Paladino questiona a mudança do padre Ricossa (um reviravolta de soutane?) sobre o Segredo de La Salette, que ele critica em 1999, depois de tê-lo defendido em 1986.

A motivação por trás dessa mudança, segundo Paladino, seria salvar a tese do **papa *materialiter/formaliter*** (agora desacreditada), **ameaçada pelas palavras de Nossa Senhora em La Salette**.

No dia 27 de novembro de 2009, o padre Paladino enviou esse e-mail para ***Virgo-Maria***:

> « ***Caro senhor cura,***
>
> ***Como você mencionou várias vezes a questão do Segredo de La Salette, é possível que você esteja interessado em ler o que escrevi nos números 28 e 29 da "La Voie". Lá você encontrará, entre outras coisas, o que o padre Ricossa escreveu em 1986 em apoio ao segredo, em completo contraste com o artigo escrito pelo mesmo padre Ricossa publicado em 1999 na revista "Sodalitium" nº 48 (páginas 57 a 59), que segue o artigo "A Apocalipse segundo Corsini".***
>
> ***Esteja certo, caro senhor cura, de meus sentimentos religiosos em Cristo e Maria.***
>
> ***Dom Francesco Maria Paladino*** »

O e-mail de Paladino incluía em anexo **o documento que estamos felizes em publicar em anexo ao presente *VM***.

Paladino destaca **o oportunismo do padre Ricossa**:

> « Depois disso, o padre Ricossa escreveu que "nós não podemos nos apoiar no Segredo de La Salette para apoiar nossa posição sobre a situação atual da Igreja, pois a menor das coisas é dizer que esse Segredo nunca foi aprovado pela Igreja; o artigo do padre Paladino não conseguiu demonstrar o contrário". Primeiro, nosso artigo não tinha como objetivo demonstrar que o Segredo havia sido aprovado pela Igreja, mas apenas dizer que esse Segredo ilustra a situação atual como o padre Ricossa mesmo escreveu na época. É descortês notar que, ao nosso conhecimento, esse último não se opunha à tese de *Cassiciacum* em 1986 enquanto, em 1999, ele se tornou um dos principais defensores dela? Pois bem, em 1986 o padre Ricossa era favorável ao Segredo e desde 1999 ele é contra. É legítimo se perguntar se essa não é a verdadeira razão de sua mudança de atitude. É verdade que ele já se defendeu dessa acusação, mas não se pode negar que o Segredo de La Salette não se ajusta realmente à tese de *Cassiciacum*. » **Dom Paladino**

Já comentamos o papel subversivo desempenhado pelo **diretor** da IMBC **em pontos fundamentais de travamento do combate atual pela sobrevivência da Traditio católica**:

- **Ele tentou reabilitar[2] o cardeal luciferiano Rampolla**, secretário de Estado de Léon XIII, membro da OTO, que quase sucedeu a este último no trono de Pedro no conclave de 1903. **Quando Dom Ricossa nos responder sem esquivas sobre o caráter INTRÍNSECO da invalidade sacramental CERTA e RADICAL da nova pseudo-***consagração* **episcopal "***ecumênica***" conciliar,** nós responderemos, como já dissemos, ponto por ponto **sobre as afirmações falsas do Cardeal Mariano Rampolla del Tindaro,** pois não queremos que este debate oculte para nossos leitores o combate essencial e vital da reconhecimento do caráter INTRÍNSECO desta invalidade sacramental CERTA E RADICAL).
- Ele tentou fazer crer aos fiéis que a Apocalipse[3] de São João não se refere a nada nem à situação atual, nem ao futuro imediato da Santa Igreja,
- E ele persiste em recusar-se a considerar **O CARÁTER INTRÍNSECO**[4] ESSENCIAL da INVALIDADE RADICAL da nova forma sacramental conciliar "***ecumênica***", totalmente inventada e herética da nova consagração episcopal conciliar do rito latino imposta em 18 de junho de 1968 pela suposta "***Constituição apostólica***" triplemente falsa *Pontificalis Romani* **(cf. www.rore-sanctifica.org) promulgada pelo bispo apóstata Karol Wojtyla João Paulo II. O site www.rore-sanctifica.org já tornou públicos** há várias anos **todos os FATOS e documentos magistérios irrefutáveis sobre o assunto, incluindo os estudos do padre Cekada,** e os numerosos outros estudos teológicos sacramentais dos outros colaboradores do CIRS desta invalidade radical e INTRÍNSECA**, muitas vezes mais completas do que as já decisivas por si mesmas do padre Cekada**.

A obstinação inacreditável no erro sobre o mesmo assunto dos Dominicanos de Avrillé e do padre Pierre-Marie (Geoffroy de Kergorlay) nos obrigou a iniciar pesquisas profundas para tentar fornecer explicações para essa obstinação, realmente incompreensível de parte de um dominicano, em recusar tratar fatos e considerar o Magistério infalível cujos documentos foram tornados públicos, **e, apesar disso, continuarem a difundir falsificações de Dom Botte e erros de Lécuyer entre os clérigos e fiéis da Tradição**.

Também nos perguntamos diante da ausência muito estranha de estudo do padre Ricossa sobre o mesmo assunto: **de fato, precisamos constatar com surpresa que, há quase cinco anos, NENHUM ESTUDO SACRAMENTAL sobre a INVALIDADE INTRÍNSECA desta nova forma sacramental episcopal conciliar e VITAL para a perpetuação do Sacramento sacrificial católico foi publicado na revista *Sodalitium***!

É absolutamente **IMPOSSÍVEL compreender ou admitir tal recusa pertinaz e obstinada** de sua parte em estudar ou fazer estudar essa questão **VITAL para o Sacramento sacrificial e a Santa Igreja** do caráter **INTRÍNSECO** da invalidade sacramental radical da nova pseudo-« *consagração* » episcopal conciliar « *ecumênica* », **quando todos os elementos foram colocados desde várias anos no lugar público pelo site www.rore-sanctifica.org**.

Será que devemos empreender no caso do padre Ricossa **o mesmo tipo de pesquisa que realizamos no caso de Geoffroy de Kergorlay[5], Père Pierre-Marie o.p. em religião**, com o objetivo de tentar iluminar eventuais motivações desse padre, que, por outro lado, é tão erudito, em recusar a verdade, que se tornou cada vez mais clara hoje, e em se obstinar em espalhar erros **susceptíveis de levar os combatentes católicos a perder o Sacramento sacrificial, os sacramentos válidos e a Fé católica para serem salvos** ?

Continuemos o bom combate

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2010 virgo-maria.org

Documento do Padre Paladino Artigos publicados na *Voz*

A Voz N°28: *SOBRE O SEGREDO DA SALETTE*

O Padre Ricossa, no número 48 do mês de abril de 1999 e nos seguintes da *Sodalitium* (edição francesa), publicou correções sobre o segredo da Salette. Em resumo, ele diz que o segredo foi colocado na Index e, portanto, não podemos lê-lo nem divulgá-lo. Esta posição suscitou muitas reações. O Padre Ricossa, no entanto, já havia sido refutado notavelmente em um artigo publicado muito antes de 1999.

Aqui está a parte do artigo em questão que trata justamente do segredo:

«« O SEGREDO

Recentemente, uma revista marial italiana conhecida, em resposta a uma carta de um padre leitor, afirmou que, não apenas o "segredo" de La Salette não nos deve interessar, mas mesmo que não existe. Esta afirmação anti-histórica é assim o resultado paradoxal de um crescimento de ataques (mesmo se eles são de boa fé) contra o segredo.

Na verdade, o que sabemos deste segredo? Antes de apresentar as provas, podemos antecipar e resumir assim as conclusões:

1) Além do mensagem pública, a Santíssima Virgem de La Salette revelou, primeiro a Maximin e depois a Mélanie, dois segredos distintos.

2) Esses segredos, que os crianças recusavam revelar, foram, por obediência, escritos e entregues a Pio IX.

3) Pio IX leu esses textos e os compartilhou com seu entorno (inclusive o Cardeal Lambruschini).

4) A aparição de La Salette foi aprovada em sua **totalidade**, como é evidente no Decreto Dogmático do Bispo de Grenoble, Dom de Bruillard, **com os Segredos incluídos**.

5) Mélanie Calvat, pequena pastora de La Salette que se tornou Irmã Maria da Cruz, revela publicamente e oralmente seu Segredo em 1858 e o escreve novamente em 1860, publica parcialmente em 1873 com a Imprimação do Bispo de Nápoles e em 1879 em versão integral com o *Imprimatur* do Bispo de Lecce, Salvatore Luigi conde Zola. Até o fim de sua vida, ela afirmará, em oposição aos seus contraditores, que o texto que divulgou transmite fielmente as palavras da Santíssima Virgem.

Voltemos aos diferentes pontos:

1) Como já vimos[6], após a frase "as nozes se tornarão amareladas e o vinho apodrecerá", a voz da Santíssima Virgem silenciou para Mélanie e não para Maximin. A mesma coisa aconteceu mais tarde por um período maior para Mélanie. Depois, Nossa Senhora retomou o "discurso público". (Jaouen, *La Salette - Um Dom de Jesus à Sua Igreja*, Ed. La Salette, Turim, página 59). Ao retornarem à vallis, na mesma noite da aparição, os meninos trocam essas palavras: "Hein! O que Ela te disse quando eu via suas lábios moverem-se, mas eu não ouvia nada? – Ela me disse algo, respondeu Mélanie, mas não quero te dizer: Ela me proibiu. – Ah, como estou feliz, Mélanie. Ah, também a ela disse algo, mas não quero te dizer também". E assim eles souberam estar investidos cada um de um segredo" (Jaouen, op. cit. página 64). Sem sucesso, por todos os meios, tentaram convencer os meninos a revelar esses segredos.

2) Como os meninos não queriam absolutamente revelar os segredos, o Cardeal de Bonald avançou justamente esse fato como dificuldade contra La Salette: não se pode julgar algo desconhecido! Em março e junho de 1851, ele pediu "o segredo e nada mais, o segredo puro e simples". O Cardeal de Lyon e o Bispo de Grenoble haviam alertado Roma. O último pediu então a Maximin e a Mélanie para escrever seus respectivos segredos. O primeiro o fez em 2 de julho de 1851 no bispo de Grenoble (o bispo o leu antes de selá-lo). Mélanie, no convento de Corenc, chora ao saber que precisa escrever o segredo e o reenvia para o dia seguinte. Ela o escreveu de 8h às 9h da manhã, sem interrupção. Apesar disso, ela se preocupa com datas esquecidas e obtém permissão para reescrever o texto, o que ela faz em 6 de julho em Grenoble,

interrompendo-se apenas para perguntar o significado de “infalível” e como se escrevia “cidade profana” e **“anti-cristo”**. O Bispo leu o texto em seu gabinete e saiu **emocionado e em lágrimas**. Naquela noite, dois delegados do Bispo partiam para Roma com os dois textos, pedindo a Pio IX, após uma leitura tão emocionante, **permissão para a aprovação** da aparição. Em vão, o Cardeal de Bonald, em 14 de julho, tentou convencer os meninos a lhe confessarem os segredos. Em 18 de julho, Pio IX recebeu em audiência os delegados. Continuando a narrativa, provo assim o ponto 3 (Jaouen escreve ainda, op. cit. página 92 - as novas informações são tiradas também da mesma obra, apesar de hostil a Mélanie, das páginas 86 a 94): “após a apresentação pessoal dos delegados que foi extremamente cordial, o Papa desenrolou as cartas que lhe foram apresentadas. Ele leu, primeiramente, o escrito de Maximin sem que seu rosto traísse alguma emoção: – aqui está a candura e a simplicidade de um filho – disse ele após ter terminado.

Os delegados responderam que os meninos eram dois jovens montanheses, admitidos havia pouco tempo em um instituto de educação. À leitura do escrito de Mélanie, eles viram o rosto do Papa mudar de expressão, seus lábios se contraírem, suas bochechas se inflarem como sob a influência de uma emoção forte. Uma vez que a leitura terminou, ele disse: “Devo reler essas cartas com mais calma. São flagelos que ameaçam a França, mas também a Alemanha, a Itália e a Europa toda é culpada e merece castigos. Não tenho mais medo da impiedade declarada do que da indiferença e do respeito humano. Não é sem motivo que a Igreja é chamada militante e vocês aqui veem o capitão!” Enquanto pronunciava essas últimas palavras, Pio IX colocou a mão no peito.

A atitude de Mélanie ao escrever, do Bispo de Grenoble e de Pio IX ao ler, nos revela a importância capital do segredo confiado a Mélanie e sua gravidade.

4) Em 7 de outubro, o Cardeal Lambruschini (que conhecia o segredo) confirmava, em nome de Pio IX, a aprovação de Roma[7] do decreto dogmático que o Bispo de Grenoble pensava tornar público. O Decreto do Bispo, que já citamos abundantemente[8], saiu em 10 de novembro de 1851. No decreto, o Prélat se expressa da seguinte maneira sobre o Segredo:

“Nossa postura nesses termos e nossos sentimentos foram esses, quando a Providência Divina nos forneceu a oportunidade de ordenar aos dois filhos privilegiados que enviassem seu *segredo* ao nosso Santíssimo Pai, o Papa Pio IX. Em nome do Vigário de Jesus Cristo, os pastores compreenderam que deveriam obedecer. Eles decidiram revelar ao Soberano Pontífice um segredo que haviam mantido até então com uma constância invencível e nada havia conseguido arrancar deles. Eles escreveram então separadamente, e depois dobraram e selaram sua carta na presença de pessoas respeitáveis que nós designamos como testemunhas, e encarregamos dois sacerdotes que tínhamos toda nossa confiança de levar a Roma essa missiva misteriosa. Assim caiu a última objeção que se fazia contra a aparência, saber que não havia segredo ou que esse segredo era sem importância, pueril mesmo, e que os filhos não queriam fazê-lo conhecer à Igreja”. Da aprovação do decreto, tiramos também a certeza da aprovação do segredo e de sua importância.

5) Agora, como já mencionado anteriormente, Mélanie, que recebeu o segredo, o tornou público. Isso é uma realidade que ninguém nega. Quem combate o texto do segredo, difundido em versão completa em 1879, pode avançar apenas dois argumentos: a) Mélanie, qual seja o motivo, mente. b) Mélanie não podia divulgar o segredo que a Igreja guarda secreto. Mas o primeiro argumento corre o risco de destruir toda a aparição de La Salette, aprovada pela Igreja, e o segundo é negado pela história: Mélanie nunca afirmou, mesmo nos primeiros dias, que seu segredo deveria ser confiado ao Papa. Ela o confiou, e não sem hesitações, nas circunstâncias já descritas. Ao contrário, Mélanie afirmou que a Santíssima Virgem lhe deu o dever de espalhar o segredo após 1858. Afirmação conforme às palavras conclusivas de toda a aparência que repetem duas vezes: “Bem, meus filhos, faça passar à todo o meu povo”.

AS OPOSIÇÕES AO SEGREDO

Não posso falar sobre o texto do segredo difundido por Mélanie (pode solicitar a brochura através do nosso instituto) sem abordar o obstáculo perigoso das oposições autorizadas a este texto. A lista é tão impressionante que quem não quisesse aprofundar o assunto se desanimaria em dar crédito às declarações de

Mélanie. Por amor à verdade, aqui está a série de oposições:

I) 1854: Monsenhor Ginoulhiac (1806 - 1875), novo Bispo de Grenoble, publica um decreto de confirmação ao de 1851, no qual, no entanto, ele dá aviso sobre as profecias divulgadas pelos viajantes (4 de novembro).

II) 1880: Depois da publicação do segredo em 1879 com a *Imprimatur* do Bispo de Lecce, o Cardeal Caterini, secretário do Santo Ofício, escreve duas cartas (8 e 14 de agosto), uma aos Pares de La Salette e uma ao Bispo de Troyes, Monsenhor Cornet. Nessas cartas, de caráter privado, o Cardeal pede para retirar a brochura, sempre que possível, das mãos dos fiéis, mas deixá-la aos padres para que eles aproveitem.

III) 1915: em 21 de dezembro, o S. Office emite um decreto dirigido ao Bispo de Grenoble que ordena não discutir ou tratar do segredo de La Salette.

IV) 1923: em 9 de maio, o Santo Ofício coloca à margem uma reedição do segredo em uma brochura com o título seguinte: "A aparição da muito Santa Virgem na santa montanha de La Salette no sábado 19 de setembro de 1846[9]. Simples reimpressão do texto integral publicado por Mélanie, com a *Imprimatur* de S. Exc. Monsenhor Salvatore Luigi conde Zola, Bispo de Lecce, seguida de alguns documentos de justificação, tudo publicado com a *imprimatur* do P. Lepidi O.P., Mestre do Sacro Palácio, Assistente Perpétuo da S. Congregação do Índex, dado em Roma em 6 de junho de 1922. Ed. Sociedade S. Augustin-Paris-Roma-Bruges, 1922"[10]. O catálogo do Índex escreve até mesmo: "La Salette. - A aparição da Santa Virgem, decreto de 9-3[11]-1923", deixando entender que a própria aparição havia sido condenada.

Os Pares da Congregação dos Missionários de La Salette adotam essa linha e sustentam que, de um lado, não há interesse em conhecer o segredo e que, de outro lado, ele é fruto de ilusão, senão de histeria.

RESPOSTAS AS OPOSIÇÕES AO SEGREDO DE LA SALETTE

Como eu disse, esta lista é tão impressionante que poderia levar um fiel a não abrir sequer a brochura do segredo publicado por Mélanie: Roma o condenou. Mas então é verdade que foi condenado? Salvo *meliori judicio*, parece que não, e vou me explicar, depois vou tentar encontrar o motivo (os motivos) dessa oposição ao segredo, para concluir mostrando a atualidade do segredo e a luz que ele projeta sobre a situação atual da Igreja.

I) O decreto do Monsenhor Ginoulhiac de 1854, depois de ter terminado a guerra, abre a porta ao SEGREDO de La Salette e se torna uma **prova a favor** do próprio segredo. Nesta ordem, de fato, o prelado se queixava do fato de que "se relatam detalhes das supostas profecias que seriam relacionadas à pessoa do Chefe do Estado [Napoleão III, que desde 1849 foi presidente da república e a partir de 1852 Imperador dos Franceses N.d.A.] e às destinos da França e da Igreja. (...) Mas felizmente nós vivemos sob um governo que é suficientemente seguro de si mesmo para não tremer diante das supostas confidências proféticas feitas a um criança [Maximin. Na realidade, é Mélanie em seu segredo que fala de Napoleão e que avisa o Papa a se desconfiar dele, com um coração duplo, e anuncia sua queda. N.d.A.] e bastante iluminado para perceber a inanidade dessas previsões, no ridículo que as acompanha! Parece que os avisos que lhe foram dados a esse respeito chegaram um pouco tarde. "Nós não esperamos que o evento mostrasse a falsidade desses oráculos para dizer isso"! Infelizmente para o Monsenhor Ginoulhiac, os FATOS o desmentem. O governo que ele dizia ser tão sólido e ao qual era muito fiel cairá com estrondo em 1870, exatamente um dia antes da queda de Roma Papal traida por Napoleão, ou seja, no dia 19 de setembro, aniversário... de La Salette!

II) A própria carta do Cardeal Caterini mostra bastante a razão pela qual se considera que não devem circular a brochura de Mélanie: **os repreensivos muito duros contra a imoralidade do clero com os quais começa o Segredo**. Palavras tão benéficas para o clero mesmo poderiam ser mal compreendidas pelos fiéis e criar escândalo. Hoje em dia, o escândalo é público, com a defecção da fé em muitos padres e mesmo a organização de congressos de "padres casados" nas colinas de Roma. Em seguida, o Cardeal Caterini diz ao Bispo de Lecce que suas cartas foram devidas às pressões dos **bispos franceses[12]**.

III) Mesmo o decreto de 1915 não emite um julgamento contra o segredo, mas sobre a oportunidade de falar sobre isso. Estávamos em guerra e as profecias do segredo, anunciando castigos contra Roma, Paris, Marselha e, em geral, a Itália e a França, poderiam ser exploradas como propaganda de guerra.

IV) Resta o decreto de 1923. Segundo alguns, a condenação se refere apenas a um falso da brochura feito por um certo Gremillon sob o pseudônimo de Mariavé. Em todo caso, faço observar que um livro posto na lista de obras proibidas não é sempre objetivamente mau, mas apenas que, **no mínimo**, a Igreja considera a publicação como inoportuna. Por exemplo, um livro foi assim posto na lista de obras proibidas, sob São Pio X, porque mostrava inoportunamente a fraqueza de Leão XIII com os liberais na França.

Também foram postos na lista de obras proibidas livros que defendiam Padre Pio contra seus perseguidores (reais e imaginários!) que eram membros da hierarquia. O Santo Ofício não resolvia o problema de Padre Pio, mas queria evitar (erroneamente ou corretamente) o escândalo dos fiéis. Da mesma maneira, a terceira parte do segredo de Fátima, exatamente como o segredo de La Salette, está mantida em segredo. Essa parte deveria ser revelada em 1960 no máximo, mas ela é atingida por uma proibição **de fato** mesmo que seja reconhecido que a Santíssima Virgem é a autora. E nós nos aproximamos assim das...

OS MOTIVOS DA OPOSIÇÃO AO SEGREDO DE LA SALETTE

Não afirmamos conhecer todos os motivos, nem julgar intenções. Nosso objetivo é apenas compreender um fato inexplicável: a luta contra uma aparição reconhecida como verdadeira.

I) **O liberalismo de alguns bispos** parece ser um primeiro motivo para tal oposição. Muitos bispos franceses, incluindo Dom Ginoulhiac, eram fieis ao ex-carbonário Napoleão III, tão maltratado pelo "Segredo". Eles também eram liberais católicos, como foi o caso de Dom Ginoulhiac, que, comentando o Syllabus de Pio IX, o elogiou tanto que fez o contrário do que ele dizia (Padre Morel. *Somme contre le catholicisme libéral*. t. I, p. 113-133). Não por acaso, Mélanie, tão combatida na França, sempre recebeu apoio dos bispos italianos, como testemunha Dom Zola: "Todos os prelados e outros dignitários eclesiásticos que conheci que conheceram o Segredo, todos sem exceção, emitiram um julgamento favorável sobre esse Segredo, seja em relação à sua autenticidade, seja em relação à sua origem divina, conforme as Escrituras, o que dá ao Segredo um caráter de verdade do qual ele é inseparável, a partir de agora. Entre esses Prelados, basta mencionar o Cardeal Riario Sforza, arcebispo de Nápoles, Ricciardi, arcebispo de Sorrento, Dom Petagna, bispo de Castellammare e outros prelados ilustres..." (Mons. Zola, carta de 5/3/1886).

Se Mélanie fosse a falsificadora como se diz, o santo Chanoine Annibale di Francia, o Cottolengo da Sicília, não teria pronunciado sua oração fúnebre[13] e não se teria autorizado a construir uma igreja no local de sua morte para enterrá-la com a inscrição: "morreu em odor de santidade".

II) **As censuras ao clero** que poderiam ser mal compreendidas. O santo Padre d' Ars diz bem que "quando se quer destruir a religião, começa a atacar os padres porque, onde não há mais padres, não há mais sacrifício"; no entanto, o Segredo não repreende os padres de uma maneira geral, mas sim os que são indignos, como infelizmente existe muita multidão.

III) **O caráter profético e apocalíptico** do Segredo que pode desconcertar o leitor. No entanto, Wilfrid escreve sem razão: "Tudo está dito lá, de fato, mas como numa página da Santa Escritura, com muita clareza para quem possui o sentido bíblico; com muita obscuridade também, como nos Livros inspirados, para deixar-nos o mérito da fé. Nele, constata-se, de fato, aparentes anacronismos e uma superposição de eventos, às vezes separados por intervalos de tempo bastante longos, que a Visão do Profeta mostra, como numa tela, num mesmo plano.

O Segredo de La Salette não é nada mais do que uma apocalipse Marial. Seu estilo mesmo se assemelha ao dos Profetas, pela forma cortante e a rigidez absoluta da doutrina. Na verdade, ele é como um desenvolvimento da apocalipse mesmo, desenvolvimento que chega agora à sua hora, para nos dar, em termos claros, o que nos interessa saber hoje sobre o que São João proclama, de uma necessidade absoluta,

para os homens dos Últimos Tempos: "Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro" (Ap, XXII, 7). "Bem-aventurado também aquele que guarda as palavras de Maria cujo Mensagem ilumina as do vidente de Patmos". (*In difesa del segreto de La Salette*, Roma, 1946, página 100).

IV) **Em contrapartida, a previsão de tudo o que parecia impossível se realiza diante de nossos olhos**: como veremos, é a terrível **crise da hierarquia da Igreja que vivemos atualmente**.

Esse anúncio terrível poderia, na época, parecer absurdo para as boas almas, mas era temível para aquele que conspirava para que a revolução entrasse na Igreja; essa revolução está agora no poder com o Concílio Vaticano II. Ou seja, em última análise, o diabo. O resultado foi o ocultamento do aviso da Santíssima Virgem. Assim como Jesus havia anunciado Sua Paixão para que, uma vez ocorrida, Seus discípulos não se escandalizassem, Maria também anunciou o **eclipse da Igreja[14]** para que, uma vez ocorrido, não nos escandalizássemos.

ATUALIDADE DO SEGREDO

Não é aqui o lugar para apresentar o texto do segredo. Em resumo, ele descreve em termos proféticos (e, portanto, às vezes obscuros) os eventos que dizem respeito à Igreja e ao Estado desde o século passado até o fim do mundo. Fala do Risorgimento[15] como sendo o início decisivo do ataque contra a Igreja, descreve a crise interna desta última, infiltrada e ocupada por seus adversários, anuncia um triunfo glorioso, mas de curta duração, da Igreja, e, por fim, trata da vinda do Anticristo com uma crise ainda pior e do triunfo definitivo de Cristo: “eis o tempo dos tempos e o fim dos fins”. Nada mais conforme com tudo o que já sabemos pela Sagrada Escritura e também pelas predições de santos. Do segredo, eu quero apenas destacar quatro frases terríveis, mas fundamentais para a compreensão de tudo o que ocorre na Igreja nos últimos vinte anos:

« PORQUE A VERDADEIRA FÉ SE APAGOU E A FALSA LUZ ILUMINA O MUNDO »
« A IGREJA TERÁ UMA CRISE TERRÍVEL »
« ROMA PERDERÁ A FÉ E SE TORNARÁ A SEDE DO ANTICRISTO »
« A IGREJA SERÁ ECLIPSEADA E O MUNDO ESTARÁ NA CONSTERNAÇÃO »

Se a Igreja não tivesse aprovado a mensagem de La Salette; e mais ainda: se os FATOS que estamos vivendo — com as verdades da fé sendo contraditas por aqueles que se declaram autoridades na Igreja — não nos confirmassem isso, jamais, verdadeiramente jamais, teríamos acreditado em tais palavras.

O segredo ilumina os eventos atuais e estes, por sua vez, confirmam o segredo; sem o segredo, a Fé sozinha e a teologia nos levariam às mesmas conclusões, mas o segredo amortece o amargor dessas conclusões: a Santa Virgem já havia dito.

A **eclipse da Igreja** não significa sua desaparecimento: Jesus prometeu que estaria com Ela até o fim do mundo, e que as portas do inferno não prevaleceriam contra Ela. Porém, **eclipse** quer dizer invisibilidade quase total. A Igreja existe, mas mal se vê; assim, como o Senhor anunciou, até os eleitos, se fosse possível, seriam então enganados. Eis aqui um tema de meditação para aqueles que negam o fato da defeção da autoridade, devido à necessidade (indiscutível) da visibilidade da Igreja.

CONFIRMAÇÕES VINDAS DE AUTORES COMPETENTES

Ao fim da aparição, antes de desaparecer, a Santíssima Virgem virou-se para Roma (Jaouen p. 334), para essa Roma que se tornaria "a sede do Anticristo".

Encontramos quase a mesma frase no exorcismo contra Satanás e os anjos apóstatas escrito por Leão XIII em pessoa e inserido no Ritual Romano - um dos livros litúrgicos oficiais da Igreja. A parte mais importante da frase em questão diz:

"Os inimigos astuciosos encheram de amargura a Igreja, esposa do Cordeiro Imaculado, e a banharam com absinto; eles puseram suas mãos ímpias em tudo o que ela tem de mais desejável. LA ONDE FOI ESTABELECIDO O SIEGO DO BEM-AVENTURADO PEDRO E A CADEIRA DA VERDADE PARA ILUMINAR AS NAÇÕES, LA ELES PUSERAM O TRONO DE SUA ABOMINÁVEL IMPIEDADE; E AFINQUE O PASTOR FOI ACOMETIDO, ELES PODERIAM DISPERSAR O REBANHO".

O que essa passagem faz alusão? Há duas soluções possíveis: Leão XIII está falando da tomada de Roma pelo exército italiano em 1870, ou ele profetiza exatamente o que está acontecendo agora: a Cadeira de São Pedro está ocupada pelo trono da impiedade. É sabido que Leão XIII conhecia o Segredo de La Salette. Também se diz que ele instituiu as orações após a missa (com a de São Miguel) em resposta a uma visão do demônio que pediu a Deus um prazo de 75 a 100 anos, além de um poder maior, para tentar destruir a Igreja. À luz desses eventos e do paralelo feito com La Salette, como também à força da expressão, podemos pensar licitamente que se trata de uma profecia sobre o que está acontecendo agora. Mas também no caso de uma descrição da tomada de Roma, não é inútil destacar a ligação entre a queda do poder temporal dos Papas - sonho realizado pelo liberalismo e pela Maçonaria - e a crise atual da Fé assim como da autoridade: dois laços entre uma das causas e a prefiguração.

Uma das causas: os Papas sempre proclamaram que o poder temporal é quase necessário à Santa Sé para sua própria liberdade espiritual, e é indubitável que, colocada em território inimigo e desprovida de uma sociedade católica, a Igreja se tornava muito mais vulnerável e permeável aos seus inimigos.

Prefiguração: como a queda de Jerusalém é utilizada por Jesus como símbolo da queda do mundo, podemos, da mesma forma, entender a queda de Roma como símbolo **não** da queda da Igreja (coisa impossível) mas de seu **eclipse** espiritual. O Segredo de La Salette e a história mostram essa ligação entre esses dois eventos catastróficos: a derrota militar da Papauté e a espiritual, a pouco mais de um século de distância. [Os liberais sabem se vingar: a Declaração herética sobre a liberdade religiosa do Vaticano II é datada de 7 de dezembro de 1965, o Syllabus é de 8 de dezembro de 1864].

O que é igualmente impressionante é o fato de que, como o segredo, mesmo o Exorcismo foi censurado após 1903, na frase citada acima em maiúsculas. Por quê?

Muito mais clara parece a confirmação que nos vem de Fátima, outra aparição reconhecida pela Igreja. Nesse caso também, o segredo (sua terceira parte) não é divulgado. O Bispo de Fátima-Leiria incumbiu o Padre Alonso († 1981) de recolher toda a documentação sobre Fátima e ele, após suas longas estudos, declarou a respeito do Terceiro Segredo: "agora nós nos perguntamos de maneira mais sugestiva e crítica: **o conteúdo** mesmo dessa terceira parte [do segredo. N.d.A.] não seria, talvez, a principal razão de sua não-publicação? [da parte do Vaticano]". (*La Verdad sobre el Sécreto de Fatima*; Centro Mariano, Madrid, 1976. p. 56). E não podemos nos perguntar a mesma coisa a respeito do Segredo de La Salette? Qual é o conteúdo do Segredo de Fátima? O Padre Alonso especifica: "é muito provável que o texto faça referências concretas à crise da Fé da Igreja e à negligência dos Pastores mesmos (...), às lutas intestinas no seio da própria Igreja e às insuficiências pastorais graves da mesma Hierarquia (...), às insuficiências da alta Hierarquia da Igreja"; e ele continua: "o texto inédito fala de circunstâncias concretas?"

É muito provável que ele não esteja falando apenas de uma verdadeira crise de fé na Igreja, mas que, COMO, POR EXEMPLO, O FATO DO SEGREDO DE LA SALETTE, haja referências mais concretas às lutas intestinas dos católicos [expressões para designar o estado de cisão! N.d.A.] ou aos erros dos padres e religiosos. Há talvez até referência aos erros [falhas, deficiências, deficiência, vir menos] DA ALTA HIERARQUIA DA IGREJA" (op. cit. páginas 72-75). O especialista oficial do Dom Venancio, Bispo de Fátima, reabilita assim o Segredo de Mélanie. Outros especialistas o seguem; cito o Padre Rebut: "Essas palavras [de Fátima] lembram as de Nossa Senhora proferidas em La Salette e em Pellevoisin a respeito da Igreja" (As mensagens da Virgem Maria, ed. Téqui. 1968).

CONCLUSÃO

Trata-se de conservar a fé nestes tempos de apostasia, pois sem a fé católica não se pode agradar a Deus nem alcançar a Vida Eterna. A Fé e o ensinamento infalível da Igreja nos bastam para rejeitar o engano e a heresia oferecidos por aquele que se disfarça de Anjo de luz. Mas, se sob perseguição, medo ou incredulidade, nos sentirmos perdidos, é reconfortante nos voltarmos para Maria como uma Mãe poderosa. Ela saberá salvar a Igreja e nossas almas. Nós A veremos também no Céu, resplandecente de luz e bondade, e compreenderemos melhor Suas palavras: "Vocês jamais poderão me recompensar pelo empenho que tive por vocês."

Fim da citação.

Quem é o autor deste artigo que também trata do segredo de La Salette? Ninguém menos que o padre Ricossa, que o publicou no número 12 de novembro de 1986 da *Sodalitium*, edição italiana (a francesa ainda não existia). Nós o traduzimos e até mantivemos os termos em negrito, em maiúsculas e em itálico. Apenas acrescentamos notas que nos pareceram oportunas.

É verdade que o padre Ricossa afirmou, no número 48 da *Sodalitium* (edição francesa), que "Nunca foi minha intenção, com este artigo, atacar as pessoas que, na luta atual contra o modernismo, utilizaram o 'segredo de La Salette' ou a 'Predição de São Francisco'. De fato, há muitos entre elas que eu venero e estimo muito sinceramente. Eu mesmo estive entre aqueles que consideravam o 'segredo', e aproveito a oportunidade para retratar o que escrevi no número 12 da *Sodalitium*, nas páginas 14 a 17, na medida em que isso está em contrariedade com os decretos da Santa Sé citados acima". Mas os argumentos que ele apresentou em 1986 nos parecem tão válidos que não é suficiente dizer que se muda de opinião sem apresentar argumentos contrários mais consistentes.

Em 1986, o padre Ricossa afirmava que havia quatro razões que motivavam a oposição ao segredo: 1º) O liberalismo de alguns bispos. 2º) A crítica ao clero. 3º) O caráter profético e apocalíptico. 4º) A previsão da crise na hierarquia da Igreja. Todas essas razões continuam válidas.

Sobre o fato de que essas condenações foram favorecidas por fortes oposições, especialmente por parte dos liberais, como ele mesmo havia demonstrado, podemos adicionar estas outras citações para corroborar essa certeza.

L'Osservatore Romano de 25 de dezembro de 1904, na época de São Pio X, afirma:

> ***"Mélanie revelou seu Segredo quando o tempo marcado chegou, embora soubesse que tal ato atrairia a ira daqueles que, perdidos em costumes, estavam encadeados ao carro maçônico".***

Dom Salvatore Luigi, conde Zola, explica o motivo dessa ira em uma carta ao Padre Kunzle, Diretor Geral dos sacerdotes adoradores, em 1896:

> *"A guerra e a oposição ao Segredo, assim como à sua verdade, começaram assim que foi tornado público... No início, essa guerra foi muito restrita: quando o opúsculo foi impresso em Lecce com a aprovação da minha cúria, a guerra se tornou feroz e sem trégua,* ***pois era sustentada por vários bispos da França****... Enquanto isso, agiu-se poderosamente junto à Santa Sé para que o opúsculo de Mélanie fosse colocado no Índex..."*.

O Padre Gouin afirma que *"para entender algo do que deve ter ocorrido nos meses seguintes, seria necessário também conhecer o estado de espírito de um certo número de bispos franceses que se preocupavam muito com as conquistas do laicismo e as ameaças de secularização, e que, perturbados pelos severos avisos do Segredo, consideravam que não era o momento de tornar públicas as críticas ao clero, que poderiam, talvez, servir de trampolim para as manobras anticlericais. Certamente foram eles que alertaram o entorno de Leão XIII. Bispos franceses (...) escreveram à Sagrada Congregação dos Bispos e dos Regulares, dizendo que, se não fossem retirados esses livros (os exemplares da brochura de Lecce) das mãos dos fiéis e se não fosse impedida a propaganda de tais livros, toda a França não enviaria mais o Dízimo de*

São Pedro”.

O padre Ricossa já havia respondido perfeitamente em 1986 ao argumento que tem mais valor para se opor ao segredo, ou seja, a inclusão no Índex de 1923[16]. Em 1999, ele se opõe aos seus próprios argumentos afirmando o seguinte:

> “Certamente, os decretos da Sagrada Congregação não são irreformáveis; no entanto, aqueles que não levam em conta as condenações emanadas da Sagrada Congregação do Índex ou de outras congregações romanas cometem uma falta (cf. proposição 8 dos modernistas condenada pelo decreto *Lamentabili*, DS 3408)”. (*Sodalitium*, n°48).

Estamos perfeitamente de acordo com o padre Ricossa[17]; no entanto, ele mesmo admite que esse tipo de decreto é reformável. Aos argumentos já fornecidos pelo padre em 1986, podemos acrescentar o que dizem, com mais precisão, alguns teólogos a esse respeito. Por exemplo, L. Ott escreve:

> “A forma ordinária e habitual da atividade doutrinal dos papas não é infalível[18]. As decisões das congregações romanas (Santa Sé, Comissão Bíblica) também não são infalíveis. No entanto, devem ser acolhidas com um assentimento interior (*assensus religiosus*) devido à obediência devida ao magistério doutrinal eclesiástico. A submissão exterior chamada *silentium obsequiosum*, ou seja, o silêncio respeitoso geralmente não é suficiente. Excepcionalmente, o dever da submissão interior pode cessar, quando um crítico competente, após um novo exame consciencioso de todos os motivos, chega à certeza de que a decisão se baseia em um erro” (Cfr D 1684, 2008, 2123). (L. Ott, *Précis de Théologie dogmatique*, Ed. Salvator, Mulhouse, p. 24).

Choupin e outros autores afirmam a mesma coisa. Choupin precisa que, mesmo quando há dúvida sobre o valor do decreto, é possível, de maneira adequada, se referir à congregação para esclarecer a dúvida; e mesmo, diante da evidência do erro, pode-se apenas manter o silêncio respeitoso sem assentimento interior. (Choupin, *Valeur des décisions doctrinales du Saint-Siège*, 1928, pp. 53, 83-95). Hoje, infelizmente, não se pode recorrer à Congregação do Índex, que, por sinal, nem existe mais na Igreja Conciliar. No entanto, em consideração aos argumentos apresentados pelo padre Ricossa, assim como aqueles dados por certos teólogos, parece-nos que existem hoje mais razões válidas para suspender prudentemente – aguardando o fim do eclipse – a aplicação do decreto e, portanto, não dar esse assentimento; além disso, devido à ausência dessa autoridade e, sobretudo, à atualidade do Segredo de La Salette, não vemos inconvenientes em torná-lo conhecido. A Santa Virgem não disse: *“Bem, meus filhos, façam-no chegar a todo o meu povo”*? Aliás, isso é o que muitos tradicionalistas, inclusive o padre Ricossa, fizeram!

Este último, ao apresentar sua demonstração em 1986, afirmou *salvo meliori judicio*. Não, não nos parece que o julgamento do padre Ricossa de 1999 seja melhor do que aquele que ele fez em 1986.

Dom Francesco Maria Paladino

Variações sobre o tema do *Segredo de La Salette*

Publicada no n° 29 de *La Voie*

O padre Ricossa, no número 55 da *Sodalitium* (página 30), publicou uma *breve resposta à revista La Voie* (número 28) *sobre o “Segredo de La Salette”*. A argumentação do superior do Instituto *Mater Boni Consilii* é, para dizer o mínimo, surpreendente quando afirma que «*os fiéis católicos não devem escolher entre o padre Ricossa* (1986) *e o padre Ricossa* (1999) *nem entre o padre Ricossa e o padre Paladino, mas* (que) *eles devem simplesmente abraçar as decisões da Igreja, que sempre foram, continuamente, de Leão XIII a Pio XII, contrárias ao segredo de La Salette*». Na realidade, a inclusão no Índex do opúsculo que reproduz o

Segredo ocorreu apenas durante o reinado de Pio XI. Nem sob os papados de Leão XIII, de São Pio X e de Bento XV[19], nem anteriormente sob o de Pio IX houve condenação. Ao contrário, existem provas de que pelo menos Pio IX e Leão XIII eram favoráveis ao Segredo, sem falar nos numerosos apoios e aprovações do episcopado.

Em seguida, o padre Ricossa afirma que «*o padre Paladino menciona certos teólogos (Ott, Choupin) segundo os quais, em circunstâncias muito raras, poderia suspender-se o assentimento interior normalmente devido aos decretos das congregações romanas. Supondo que este seja o caso do decreto contra La Salette, o fato permanece que todos os autores consideram que, mesmo nesse caso, é necessário manter o silêncio respeitoso, ou seja, a submissão exterior ao decreto, o que o padre Paladino se abstém de fazer*». Que normalmente é necessário dar assentimento interior aos decretos das congregações romanas e que, no caso em que isso não seja possível, pelo menos deve-se observar um silêncio respeitoso, concordamos plenamente com o diretor da *Sodalitium*. No entanto, no número 28 da *La Voie,* **ao retomar a argumentação** do padre Ricossa de 1986, que justamente destacava a atualidade do Segredo, ou seja, sua realização diante de nós, esclarecemos que a impossibilidade de recorrer atualmente à autoridade nos parece suficiente para justificar nossa atitude hoje e a de… o padre Ricossa ontem!

Decreto romano e reforma litúrgica

Nosso contraditor rejeita a acusação de incoerência quanto à sua recusa em utilizar a reforma litúrgica de Pio XII, pois, escreve ele, isso não é da mesma ordem. Concordamos com isso, mas trata-se aqui de uma analogia, isto é, do relacionamento de semelhança que existe entre duas coisas que são diferentes. O que é comum à reforma litúrgica de Pio XII e ao decreto sobre La Salette é que, em ambos os casos, se trata de decisões romanas que são reformáveis. No caso da reforma litúrgica, o padre Ricossa recusa aplicar na prática, a nosso ver, com razão, a decisão da autoridade, mas não no caso do decreto sobre o Segredo. Por que essa atitude contraditória? O diretor da *Sodalitium* tenta uma explicação quando escreve: «*Na verdade, há pelo menos uma diferença essencial entre os dois casos: a liturgia anterior a 1956 é certamente católica e aprovada pela Igreja, enquanto não se pode afirmar o mesmo do "Segredo de La Salette"*». Não vemos o que essa comparação quer demonstrar. Dada a crise horrível da Igreja, que também foi anunciada por Leão XIII[20], que estamos vivendo, a não caducidade da inclusão no Índex do opúsculo que reproduz o Segredo de La Salette, assim como a aplicação da reforma realizada sob Pio XII por Bugnini, nos parecem ambas inoportunas no momento presente. Quanto ao padre Ricossa, ele aceita hoje as medidas tomadas sobre o Segredo de La Salette, mas não aplica a reforma litúrgica de Bugnini; ora, ambas as decisões vêm, no entanto, das autoridades romanas.

Reformável e infalível

Como vimos, os decretos das Congregações são reformáveis e, na edição 48 de *Sodalitium* (abril de 1999), onde muda de posição sobre o Segredo, o padre Ricossa é forçado a admitir: «*Certamente,* escreve ele, *os decretos da Sagrada Congregação não são irreformáveis*». Mas ele acrescenta imediatamente: «*no entanto, aqueles que não levam em conta as condenações provenientes da Sagrada Congregação do Índice ou de outras congregações romanas se tornam culpáveis de falta (cf. proposição 8 dos modernistas condenada pelo decreto Lamentabili, DS 3408)*»[21].

Quanto à questão da infalibilidade das leis litúrgicas que a reforma de Pio XII levanta, parece-nos útil reproduzir o que escrevia o Padre Goupil: «É, portanto, impossível que uma lei universal da Igreja seja prejudicial à sociedade cristã. «Não pretendemos, no entanto, que a lei eclesiástica, boa de modo geral, não possa ter desvantagens particulares; mas dizemos que por ela o bem comum é assegurado, e que oferece sempre mais vantagens do que desvantagens. **Não dizemos que a lei eclesiástica seja em cada caso a melhor ou a mais oportuna, e é por isso que é permitido buscar respeitosamente sua modificação ou até mesmo a ab-rogação; mas dizemos que, tal como está, ela é útil ao bem das almas.**» (*A Regra da fé,* Paillard, 1931, p.70)

Claro que, se a autoridade estivesse presente, seria necessário recorrer a ela, e se essa autoridade confirmasse o decreto de 1923 sobre o Segredo de La Salette e a reforma de Pio XII de 1955, seria evidente que deveríamos nos submeter à sua decisão. De fato, em ambos os casos, não há nada de contrário à fé, o que de qualquer forma é impossível por parte da autoridade legítima. A esse respeito, alguns poderão nos acusar de adotar a mesma atitude da Fraternidade São Pio X. De fato, nos objetarão: a FSSPX rejeita as novas leis e orientações que emanam do Vaticano II; quanto a vocês, rejeitam a condenação do Segredo de La Salette e a reforma de Pio XII. No entanto, a equivalência aqui é apenas aparente, pois o que rejeitamos é reformável e, de qualquer forma, as decisões romanas de 1923 e de 1955 não são contrárias à fé, como vimos, enquanto o que deriva do Vaticano II é, de fato, contrário à fé, como a movimentação originada com o Monsenhor Lefebvre repetidamente afirma com razão.

Ignorância ou amnésia?

Mais adiante, o diretor do seminário São Pedro de Verona Mártir afirma que ele *« ignorava tudo ou quase tudo da literatura sobre esse assunto, e sobretudo dos textos da própria Santa Sé sobre o tema »*. Essa afirmação nos parece simplesmente incrível! De fato, após ter citado o decreto de 1915, aqui está o que o padre Ricossa escreveu em 1986:

> «*Resta o decreto de 1923* [que o autor do artigo havia citado anteriormente com todos os detalhes de data, local, etc.]. *Segundo alguns, a condenação refere-se apenas a um erro da brochura feita por um certo Gremillon sob o pseudônimo de Mariavé. De qualquer forma, observo que um livro colocado no Índice não é sempre objetivamente mau, mas que,* ***no mínimo****, a Igreja considera a publicação como inoportuna. Por exemplo, foi assim colocado no Índice, sob o papa São Pio X, o livro de seu grande amigo o padre Barbier, porque ele sinalizava inoportunamente a fraqueza de Leão XIII com os liberais na França. Foram também colocados no Índice livros que defendiam Padre Pio contra seus perseguidores (reais e não imaginários!) que eram membros da hierarquia. O Santo Ofício não resolvia o problema de Padre Pio, mas queria evitar (errada ou corretamente) o escândalo dos fiéis.*»

Após ter lido uma parte importante de seu artigo de 1986 traduzida na edição 28 de *La Voie* (2003), o padre Ricossa teria, de repente, esquecido o que escreveu há dezoito anos?

Mais adiante, o autor afirma que entre 1986 e 1999, ou seja, entre a publicação dos seus dois artigos, foram encontrados textos que haviam sido apresentados a Pio IX e que eram diferentes daquele publicado posteriormente por Mélanie. Concordamos que há uma dificuldade, mas é preciso notar que, como relata o próprio padre Ricossa em 1986, Pio IX, ao ler o texto apresentado por Mélanie, comenta:

> «*São flagelos que ameaçam a França, mas também a Alemanha, a Itália e toda a Europa é culpável e merece punições.*»

No entanto, no texto que supostamente foi lido por Pio IX e que foi encontrado nos últimos anos, não há nenhuma referência explícita à França, à Alemanha e à Itália. Como então explicar que Pio IX se refira a esses três países? De qualquer forma, o texto encontrado parece ser um resumo do Segredo onde se fala das terríveis punições futuras. Ademais, o padre Ricossa afirma que, na época, teve a "*estupidez*" de escrever que os opositores do Segredo eram todos liberais, quando havia também antiliberais. Concordamos, mas não é menos verdade que, entre os defensores do Segredo, encontramos personalidades de ambos os lados, evidentemente por razões diferentes.

O fato da crise

Posteriormente, o padre Ricossa escreve que «*não podemos nos apoiar no Segredo de La Salette para sustentar nossa posição sobre a situação atual da Igreja, pois o mínimo que se pode dizer é que este Segredo*

nunca foi aprovado pela Igreja; o artigo do padre Paladino não consegue demonstrar o contrário». Primeiro, nosso artigo não tinha o objetivo de demonstrar que o Segredo havia sido aprovado pela Igreja, mas apenas de afirmar que este Segredo ilustra a situação atual, como o próprio padre Ricossa havia escrito na época. É descortês notar que, até onde sabemos, ele não aderiu à tese de *Cassiciacum* em 1986, enquanto em 1999 ele se tornou um dos principais defensores dessa posição? De fato, em 1986, o padre Ricossa era favorável ao Segredo e desde 1999 ele se opõe a ele. Pode-se perguntar legitimamente se a adoção da tese guerardiana é a verdadeira razão de sua mudança de atitude. É verdade que ele já se defendeu dessa acusação, mas não se pode negar que o Segredo de La Salette não se alinha realmente com a tese de *Cassiciacum*.

Ao final de seu artigo de 2003, o superior do Instituto conclui:

> «*No máximo, posso conceder que as penas previstas pela lei para quem viola os decretos do Santo Ofício e do Índice não se aplicam mais na situação atual de Sede Vacante formalmente, e que não podemos invocar atualmente a Autoridade para resolver a questão de saber se as condenações passadas podem ser consideradas caducas, dado que as circunstâncias mudaram (pessoalmente, penso que não); é por isso que nunca recusei a absolvição a quem quer persistir em ler ou difundir o Segredo, apesar do decreto da Santa Sé, ao qual, ao contrário, minha opinião está plenamente de acordo.*»

Parece-nos totalmente irrealista afirmar que a mudança das circunstâncias, ou seja, nada menos que o Vaticano II, a nova missa, Assis, o beijo do Corão, a imposição do sinal de Shiva, o Buda no altar, a apostasia geral, etc., não permitem considerar como caducos os antigos decretos sobre La Salette.

> «*Do segredo, quero apenas ressaltar quatro frases terríveis, mas fundamentais para a compreensão de tudo o que acontece na Igreja há vinte anos:* "Porque a verdadeira fé se extinguiu e a falsa luz ilumina o mundo". "A Igreja terá uma crise horrenda". "Roma perderá a fé e se tornará a sede do Anticristo". "A Igreja será eclipsada e o mundo estará em consternação".

Se a Igreja não tivesse aprovado a mensagem de La Salette; ainda mais: se os FATOS[22] que vivemos – com as verdades da fé contraditórias por aqueles que se autodeclaram autoridade na Igreja – não nos confirmassem isso, nunca, realmente nunca, teríamos acreditado em tais palavras[23]. O Segredo ilumina os eventos atuais e estes últimos confirmam o Segredo; sem o Segredo, a Fé e a teologia sozinhas nos levariam às mesmas conclusões, mas o Segredo suaviza a amargura das conclusões: a Santa Virgem o havia dito.»

Isso é o que o padre Ricossa escrevia em 1986 com tanta convicção e talento! Se já havíamos abordado a questão do Segredo de La Salette na edição anterior e se respondemos novamente ao *Sodalitium* desta vez, não é por desejo de nos opor ao nosso confrade e compatriota, mesmo que, infelizmente, isso seja inevitável, mas porque estão em jogo questões que tocam diretamente à vida da Igreja militante, à sua *crise horrenda*.

Don Francesco Maria Paladino

---

[1] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-12-A-00-Abbe_Ricossa_30_ans_de_perdu.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-22-A-00-Ricossa_Rampolla.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada-REDIFF.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-22-B-00-Abbe_Ricossa-Finances.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-30-A-00-Rectificatif_abbe_Paladino.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-11-26-A-00-Abbe_Ricossa_obere_Apocalypse.pdf

[2] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-22-A-00-Ricossa_Rampolla.pdf**

[3] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-11-26-A-00-Abbe_Ricossa_obere_Apocalypse.pdf**

[4] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada-REDIFF.pdf

[5] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-12-04-A-00-CIRS_Avrille_Maronites.pdf**

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-communiques/communique_(2009-11-21)-Refutation_SdT_n70/RORE_Communique-2009-11-21_Refutation_SdT_n70.pdf)

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-communiques/communique_(2009-11-21)-Refutation_SdT_n70/RORE_Communique-2009-11-21_Refutation_SdT_n70_DIAPORAMA.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-communiques/communique_(2009-11-21)-Refutation_SdT_n70/SdT-n70-Maronites_Assemanus-P209-210-20091009.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-2006-02-notitiae_(ex_tomo_3)/2006-06-notitia_3-de_ordinatione_patriarchae/rs_notitia_3_de_patriarchae_2006_06.PDF

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-02-12-A-00-Canisy_Kergorlay.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/AvrilleOCR.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/Denis_de_Kergolay_L_Interallie.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/PointDeVue-N3208-13au19janvier2010-Kergorlay-Ambassade_Britannique.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/CANISY-02Avril2003p36-39n02854-POINTdeVUEIMAGESduMONDE.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/CANISY-22Aout1991p20-23n02247-POINTdeVUEIMAGESduMONDE.pdf

[6] Na primeira parte do artigo, que não reproduzimos, o autor trata da aparição em geral.

[7] De fato, Dom de Bruillard, em seu mandamento, publicado em 19 de setembro de 1851, apenas após os Segredos terem sido entregues a Pio IX, declara solenemente que: “A Aparição da Santa Virgem a dois pastores (…) possui em si todos os caracteres da verdade, e que os fiéis têm o direito de acreditar que é verdadeira e certa”. Louis Bassette, que relata isso em seu livro *O fato de La Salette*, Cerf, 1955, não pode ser

suspeito de conivência com o Segredo; no entanto, ele escreve: “Nada, nos **Segredos** lidos por Pio IX e comunicados por ele ao Prefeito da Congregação dos Ritos, o cardeal Lambruschini, secretário de Estado, se opunha a que o bispo diocesano emitisse seu julgamento”. Muito mais tarde, em 1936, o Promotor da Fé na Sagrada Congregação dos Ritos, Dom Natucci, confirmará que o Segredo publicado por Mélanie, não contendo visivelmente nada que fosse contrário à fé ou à moral, não era condenado” (De acordo com a carta do P. Sorrel ao Chanceler Million, de 29 de outubro de 1936).

[8] O autor, na primeira parte de seu artigo, cita vários documentos, incluindo o do bispo de Grenoble.

[9] Na realidade, o decreto do Index diz 1845 e não 1846.

[10] Para ser justo, no decreto a parte que vai de “com o *Imprimatur*” até “1922” é substituída por um “etc.”. Por que razão omitiram essa parte? Provavelmente porque não queriam registrar, erradamente ou corretamente, no texto do decreto, que este folheto já havia sido aprovado por bispos, dos quais um deles era mesmo *Assistente Perpetuo* do Index. Vale ressaltar também que o P. Lepidi estava ausente da sessão de condenação por motivo de doença.

[11] Simples erro de impressão, pois o decreto tem a data de 9-5-1923.

[12] Esse fato, relatado, entre outros, pelo Padre Gouin, dá uma ideia das pressões dos bispos franceses. Dom Zola, em resposta a uma carta do Cardeal Caterini pedindo que ele não confessasse nem dirigisse Mélanie nas vias espirituais, viajou a Roma para informar esse cardeal que estava vindo renunciar ao Santo Padre, com o motivo de que, “não podendo guiar a alma de uma pequena mulher como a pastora de La Salette, era bem menos capaz de dirigir um diocese tão vasto como o de Lecce”. Dom Caterini respondeu: “… Eu escrevi esta carta, forçado pelas circunstâncias. Olhe sobre minha mesa: veja esses volumes de cartas que chegam todos os dias da França contra Mélanie”.

[13] Aqui está um trecho dessa oração fúnebre publicada com o *imprimatur* de Dom Letterio de Messina: « Uma criatura angélica, um puro ideal de inocência e virtude, uma existência humana sem mancha, muito suave, cheia das mais santas aspirações de Deus, de sua glória e de seu amor eterno, passou por este vale de lágrimas…

« A ordem da Santa Virgem (de fazer saber a todo o seu povo o que Ela acabara de revelar)… determinou um outro tipo de vida para a jovem pastora. Ela foi como arrancada de sua querida solidão, levantada do esquecimento e do segredo de sua vida oculta, e se tornava investida de uma missão que deveria custar-lhe dores e lágrimas, ovacionamentos e desprezos, veneração e calúnias, e longas peregrinações de país em país… »

« Foi somente graças a uma contínua assistência sobrenatural que ela pôde resistir e perseverar até o fim... Mélanie sofreu toda a sua vida uma agonia espiritual, na expectativa de ver cumprir-se a palavra da Santíssima Virgem e surgirem os novos Apóstolos da Santa Igreja. Por outro lado, ela foi testemunha de que a devoção a Nossa Senhora de La Salette, por um desígnio de Deus, sofreu perseguições e às vezes parecia destinada a se eclipsar...

« Deus conhece os caminhos do coração e está escrito que belos são os caminhos da Sabedoria: *Viae ejus pulchrae*.

« Quando, na santidade de uma criatura, além da sólida virtude, se encontra um conjunto de vicissitudes, eventos e fatos intrínsecos e extrínsecos, nos quais o belo, o sublime e o patético impressionam, atraem e invadem o coração e a imaginação, então todo o homem é conquistado e levado à verdade.

« Acredito ter descoberto algo semelhante nesta vida e nas diversas peripécias vividas por esta eleita do Senhor, ao ponto de não saber se, em nossa época, houve no mundo outra que pudesse ser comparada a ela...

« Meu Deus! Assistimos a maneiras de agir incomuns! Tudo nesta criatura era novo e por vezes misterioso; certas virtudes que emanavam dela lembravam vidas de santos. A princípio, sua inocência tinha algo de encantador: era uma pomba muito pura que parecia ter sobrevoado todas as misérias humanas sem ter sido atingida por uma única mancha. Era um lírio perfumado de virgindade, era uma criança recém-saída das águas batismais e, no entanto, rica em prudência e sabedoria...

« O espírito de mortificação e de penitência que a dominava era singular nela. Sua alimentação era muito escassa, mal algumas mordidas. Antes de estar entre nós, ela passava cada semana três dias seguidos sem beber e dizia: “Há tantas grandes sedes no mundo!”.

« No dia de Páscoa, a vimos celebrar solenemente essa grande festa tomando a metade de um ovo... Seu sono não ultrapassava três horas e sempre sobre a terra nua, como vocês puderam constatar, minhas irmãs.

« O que diríamos das macerações de seu corpo virginal? O que significavam esses panos cobertos, nos ombros, de sangue fresco, que vocês tiveram a oportunidade de encontrar ao colocar suas roupas na lavagem? O que significava aquela mesa toda cheia de pregos dispostos em cruz, que causava calafrios e que conservamos com manchas de sangue desbotadas?

« No entanto, calma, serena, tranquila, consumida na virtude e no sofrimento, ela parecia exteriormente como se não sofresse de nada; graciosa e delicada em seu modo de andar, suas maneiras e seu discurso, e como se dentro dela os contrastes se harmonizassem, ela era recolhida e sociável, humilde e imponente, amável e reservada, forte e submissa, e parecia mais do que adulta e de idade madura, aquela que, no entanto, era uma criança...

« Onde eu gostaria de ter a linguagem de um anjo para falar de nossa Mélanie, é quando quero lhe dar uma ideia de seu fervoroso amor por Nosso Senhor Jesus Cristo e pela Santíssima Virgem Maria. Em verdade, sua vida foi uma vida de amor! Ela amava a Deus com um amor puro, e as chamas deste incêndio místico transpareciam ora mais, ora menos... ».

[14] É por isso que publicamos um livro intitulado *A Igreja Eclipsada*, que desenvolve em detalhes este aviso da Santa Virgem. Esta obra está sempre disponível (24 €, incluindo frete).

[15] A revolução maçônica italiana que levou à unidade da Itália e à tomada de Roma em 1870, tudo isso para eliminar o poder temporal do papa.

[16] É necessário notar, como já foi salientado na nota 4, que no decreto de condenação do opúsculo há um erro de data na menção do título; está marcado 1845 em vez de 1846. Pergunta-se se esse erro não anula a inclusão no Index, pois em La Salette, em 1845, não houve aparição. Além disso, como também foi destacado, o título do opúsculo não é citado em sua totalidade. No mínimo, esses vícios de forma nos permitem duvidar da validade do decreto em questão.

[17] No entanto, não vemos por que o padre Ricossa é tão rigoroso sobre este assunto. De fato, ele também faz parte desses sacerdotes que não aplicam a reforma litúrgica de Pio XII, e isso pelas mesmas razões que expomos no artigo *A obra de Bugnini* no final deste número. Ora, os motivos que nos inclinam a não aplicar as regras da nova Semana Santa são substancialmente os mesmos que nos fazem suspender o assentimento ao decreto do Index referente ao segredo de La Salette. Qual é, portanto, a razão que leva o padre Ricossa a ser tão legalista na questão de La Salette e tão realista em relação às reformas de Pio XII?

[18] Quando os autores afirmam que o papa, neste caso, não é infalível, não querem dizer que ele pode ensinar coisas que vão contra a fé, mas que suas decisões não estão estabelecidas de maneira definitiva ou irreformável. Se um papa pudesse dizer coisas contrárias à fé, como poderia Bento XV afirmar: “E esses Pontífices, quem ousará dizer que falharam, mesmo em um ponto, na missão que receberam de Cristo, de confirmar seus irmãos na Fé?” (*Principi Apostolorum*, de 5/10/1920).

[19] Em 21 de dezembro de 1915, sob Bento XV, a Santa Sé emitiu um decreto dirigido ao Bispo de Grenoble que ordena não discutir ou tratar do segredo de La Salette.

[20] « Onde foi instituído o séqüito do Bem-aventurado Pedro e a Cátedra da Verdade, ali colocaram o trono de sua abominação na impiedade, de modo que, o Pastor sendo atingido, o rebanho possa ser disperso. » Exorcismo de Leão XIII.

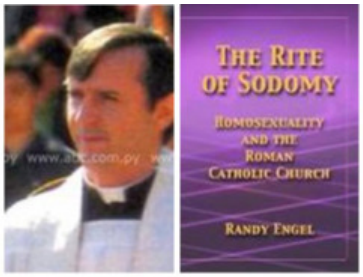
[21] Eis a proposição condenada: « Deve-se considerar como isentos de toda culpa aqueles que desprezam as condenações proferidas pela Sagrada Congregação do Index ou por outras Congregações RomanaS. » Já explicamos na edição 28 que, em casos muito raros, é permitido suspender a aprovação.

[22] De fato, *Contra factum non valet argumentum* (contra o fato, o argumento não vale) diz um princípio da filosofia. Que valem, portanto, os argumentos do padre Ricossa frente aos fatos que ele mesmo reconheceu? Os fatos teriam mudado em dezoito anos? Na verdade, se mudaram, foi para pior.

[23] É por isso que pensamos que, no início do século XX, havia antiliberais que se opunham ao Segredo de La Salette, pois não viviam o que se desenrola atualmente diante de nossos olhos. Assim, as previsões da Santa Virgem lhes pareciam inacreditáveis. E digamos, o padre Ricossa e nós, que não podemos ser acusados de liberalismo, ao menos esperamos isso, talvez não tivéssemos acreditado nesse segredo se tivéssemos vivido há um século.

A Opus Dei protege o padre abusador e predador homossexual Carlos Urrutigoity[1], desertor da FSSPX e protegido do 'bispo da Rosa' da Fraternidade, o ex(?)-Anglicano britânico Dom Richard Williamson[2]

Quinta-feira, 8 de abril de 2010



« ***OPUSTIGOITY*** »: A srta. Randy Engel[3], jornalista de investigação americana e católica, recentemente publicou um comunicado importante.

> *"O bispo da Opus Dei, Dom Rogelio Ricardo Livieres Plano, do diocese de Ciudad del Este (Paraguai), está dando asilo ao Padre Carlos Urrutigoity, abusador conhecido e fundador da Fraternidade São João (Society of St. John ou SSJ), bem como aos amigos deste último" R.Engel*

Dom Rogelio Livieres Plano, **protetor do padre abusador e predador Urrutigoity e de seus amigos**.

Na hora em que o caso dos redes de padres pedófilos protegidos obstinadamente por anos pelo Ratzinger-Bento XVI e Castrillon Hoyos[4] exploda por todo lado, fica evidente que **redes subversivas, homossexuais e protetoras de homossexuais se desenvolveram amplamente dentro da hierarquia conciliar**.

É preciso lembrar, a **lista detalhada de cerca de 120 prelados da Cúria então membros do *Grande Oriente d'Itália***, *publicada no* ***Osservatore Politico*** e em toda a imprensa italiana em 02 de setembro de 1978, há já 32 anos**, pelo jornalista Mino Pecorelli[5], lista cuja veracidade é comprovada pela observação da rapidez das carreiras eclesiásticas, espetaculares nas três últimas décadas, que foram as das maioria dos clérigos que lá figuravam, incluindo alguns nomes célebres ainda vivos (como Lajolo), mas hoje em geral mortos (Angelini, Baggio, Biffi, Bugnini, Casaroli, de Bonis, Laghi, Macchi, Marchisano, Marcinkus, Noé, Pappalardo, Pellegrino, Poletti, Rizzi, Suenens, Villot...)**.

É assim que agora é CERTO que redes de clérigos maçons iluminados e redes de clérigos pedófilos e protetores de pedófilos já colonizaram e infestam há muito tempo, senão décadas, até o topo da hierarquia da

Igreja Conciliar. E é hoje que esta realidade vergonhosa e cuidadosamente escondida emerge ao grande dia até no mundo midiático, que pode assim a seu bel prazer caluniar mortalmente a verdadeira e santa Igreja de Nosso Senhor, hoje totalmente "eclipsada" pela sétima seita conciliar, maçônica, "ecumênica", mundialista anticristã que se faz passar por ela.

DOSSIÊS INDISPENSÁVEIS

Virgo-Maria não poupará seus esforços - publicando numerosos dossiês FATOS e cuidadosamente documentados sobre a colonização da hierarquia conciliar por redes de clérigos homossexuais e pedófilos e sobre suas metodologias - para avisar à tempo as autoridades traídas da Fraternidade São Pio X do estado moral terrível dos clérigos apóstatas que dirigem o Vaticano desde o pseudo "Concílio" Vaticano II, aos quais essas autoridades traídas querem resolver entregar a obra sacerdotal de Dom Lefebvre, fundada para a preservação do Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido.

Para se convencer disso, basta **ler novamente** os seguintes dossiês:

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-17-A-00-Manteau_de_Noe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-23-A-00-Annonce_Dossier_Mme_Engel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-16-A-00-Mgr_de_Galarreta_compromis.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

ESSE ALERTAS SALVADORES não terão tido outros efeitos além de desencadear correntes de injúrias e uma tempestade de calúnias contra *VM* por parte da turba de maus clérigos incrustados na Tradução católica!

COMO QUALIFICAR - SENÃO DE SATÂNICO - ESTA ABOMINÁVEL REAÇÃO CLERICAL?

São esses mesmos maus clérigos (**provavelmente manipulados por Rosacruzes[6]) que exigem ainda hoje - em suma de hipocrisia, absurdez e impiedade! - que os clérigos e os fieis católicos continuem obstinadamente a reconhecer como supostos "Papas legítimos", "Vigários na Terra de Jesus Cristo o ÚNICO MESSIAS DE DEUS" (**simplesmente ***Materialiter*** ou não), de impostores conciliares anticristos R+C que não param, nesta suposta qualidade de "Vigários de Jesus Cristo, MESSIAS", de apostatar publicamente e formalmente nas Sinagogas, a MESSIANIDADE[7] DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO E NÃO CESSAM DE PROCLAMAR PUBLICAMENTE QUE *A ANTIGA ALIANÇA da PROMESSA do MESSIA*S PERDURARIA AINDA HOJE!

É precisamente a obstinação mesma da manutenção - contra os FATOS públicos - dessa posição igualmente absurda e ímpia desses maus clérigos que permite a MANIFESTAÇÃO em plena luz e em plena raiva destrutiva satânica do "MISTÉRIO de INIQUIDADE", esse MISTÉRIO CLERICAL ensinado por São Paulo, cuja MANIFESTAÇÃO contemporânea atual realiza sob nossos olhos, o que São João profetizou há cerca de 2000 anos no XIII capítulo de sua Apocalipse, a saber **a ascensão da "BESTA da TERRA", essa *BESTA RELIGIOSA* conciliar que surge utilizando a estrutura visível da Santa Igreja hoje eclipsada, essa "BESTA da TERRA", segundo São João, "com os dois chifres do Cordeiro e com a voz do Dragão" "que faz adorar a todos os habitantes da Terra", a "BESTA do MAR", isto é, a "BESTA" atual do Mundialismo inglês e americano, protestante, maçônico e anticristão, que desenha e destrói hoje as nações cristãs.**

A hora em que Dom Fellay, totalmente desonrado e regurgitando lama mais suja, apela a Écône no mesmo dia da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, os fiéis da FSSPX a "***porem com fervor***" para o tão bom " ***Bento XVI que sofre tanto***", mesmo quando esse personagem abominável modernista deixou, com a colaboração ativa de sua hierarquia conciliar, crianças sofrer durante anos com crimes sexuais cometidos por membros do clero conciliar impunes, e **que seu companheiro Castrillon Hoyos, o "amigo muito precioso[8] (sic) de Dom Fellay, elogiou[9] os pseudo-*'bispos'* conciliares que protegiam os infames violadores, a jornalista Randy Engel faz eclodir um novo escândalo** que vem manchar a hierarquia conciliar: a *Opus Dei* protegeu o ninho de clérigos homossexuais que é a *Sociedade de São João* e seu fundador, o padre violador e predador homossexual Urrutigoity, ordenado padre[10] por Dom de Galaretta[11] na Fraternidade Santo Pie X em Winona nos Estados Unidos.

Dom Fellay não reprime mais sua ardente vontade de integrar a Igreja Conciliar e sua hierarquia fortemente maçônica, ninho atual desses redes de clérigos pedófilos e pederastas, e ele aspira com todas as suas esperanças a um status de prelatura pessoal que seria o da *Opus Dei*.

Dom Fellay luta para obter o status dessa mesma instituição que protege atualmente uma sociedade de clérigos pederastas.

Agora que três testemunhos diferentes colocam em causa Ratzinger pela proteção que ele deu a clérigos pedófilos, Dom Fellay está no céu diante do ignóbil bávaro ao qual ele chama a "***porem com fervor***" e "***que sofre enormemente das ataques dos meios***".

E para Dom Fellay, o verdadeira sofrimento dos jovens crianças violadas não conta para nada?

Só conta para ele o suposto "sofrimento" do apóstata Ratzinger?

Assim, Dom Fellay obriga sua comissão doutrinal a "discutir" com os representantes do Vaticano modernista, que evidentemente são solidários com a *Opus Dei*, essa instituição de José Maria de Balaguer que protege atualmente o padre violador e predador homossexual Urrutigoity e seus amigos.

José Maria Escriva de Balaguer, fundador do Opus Dei

É isso que Dom Fellay fez da Fraternidade São Pio X, a obra sacerdotal fundada por seu consagrante Dom Marcel Lefebvre para a preservação e a perenidade do Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido, a FSSPX! QUALA IGNOMÍNIA!

Os pais protestam no Vaticano e acusam Ratzinger, sob a autoridade do qual clérigos conciliares pedófilos puderam violar impunemente seus filhos.

É até onde ele arrasta a obra fundada por Dom Lefebvre!

Imaginar que Dom Lefebvre pudesse continuar "conversando" com representantes de uma instituição que abriga protetores de pedófilos notórios e protetores públicos de pedófilos é impensável.

O que faria ter vomitado de nojo Dom Marcel Lefebvre, o bispo suíço Dom Bernard Fellay veio a fazer... e mesmo assim ele pede mais quando ele "convocou todos os fieis a orarem com fervor pelo Papa que sofre enormemente ataques dos meios", no dia de Páscoa em Écône!!!

É preciso acrescentar que, após várias anos de frequentação assídua (e muito obsequiosa!) de seu "amigo muito precioso", o entusiasta protetor de clérigos pedófilos, o pseudo-'cardeal' Castrillon Hoyos, Dom Fellay receberia as "melhores influências" e estaria na mesma escola, e parece que suas narinas começaram a gostar do cheiro mais nauseante dessa fossa conciliar.

Alinhar a FSSPX em um front unido e "fervoroso" com esses protetores de redes pedófilas e pederastas é uma decadência moral mais ignominiosa do que poderia ter imaginado o antigo superior dos Padres do Santo Espírito, Dom Lefebvre, em seus piores sonhos para sua obra.

Resta agora saber por quanto tempo os padres da FSSPX poderão continuar a suportar o cheiro podre desse purin espiritual que agora se derrama da direção episcopal de sua liderança, neste clima **mentiroso** imposto

freneticamente por Menzingen de "fervor" obsceno em uníssono com as ordens dos grandes mestres conciliares de proteção organizada de pedofilia e estupro de crianças ou seminaristas na Igreja Conciliar.

Até onde o sentido servil da obediência maçônica de tipo Milgram empurrará Dom Tissier de Mallerais, o secretário particular de Dom Lefebvre, a inspirar esse cheiro no silêncio?

Continuemos o bom combate
A Redação de *Virgo-Maria*

© *2010 virgo-maria.org*

Onde se encontra o predador pedófilo Urrutigoity!

Queridos amigos,

Na edição especial de 25 de março de 2010 da revista vídeo *The Vortex*, Michael Voris[12] recomenda a *Opus Dei* como uma das soluções para a crise atual dentro da Igreja Católica Romana[13]. No entanto, ele está errado em grande escala.

Na verdade, é o oposto. A *Opus Dei* contribui muito para a crise atual dentro da Igreja e isso em quase todos os domínios, incluindo o escândalo internacional de abusos sexuais.

Como fiéis católicos, podemos e devemos desempenhar nosso papel em oração e ação, com o objetivo de defender e promover a verdadeira Fé que foi transmitida pelos Apóstolos, mas deixar entender, como faz M. Voris, que a ação dos leigos, ajudada por cultos ou seitas como a *Opus Dei* - cujo nome é sinônimo de poder mundial e dinheiro -, constitui a solução dos problemas da Igreja, é tanto mal-avisado quanto perigoso. A Igreja Católica é, pela vontade de Deus, uma Igreja hierarquizada. Portanto, uma reforma autêntica e duradoura só pode começar no topo, ou seja, no nível da papalidade. Essa é a dura verdade, mas é a verdade, e seria sábio não sustentar outra coisa.

Quanto à *Opus Dei*, talvez M. Voris gostasse de explicar, em uma edição da sua revista vídeo, como e por que o bispo da *Opus Dei* Dom Rogelio Ricardo Livieres Plano, do diocese de Ciudad del Este (Paraguai), está dando asilo ao Padre Carlos Urrutigoity, predador pedófilo notório e fundador da Fraternidade São João (*Society of St. John* ou SSJ), além de seus amigos.

Queridos amigos, coloquem sua fé em Jesus Cristo, Nosso Senhor e Salvador, assim como na Igreja Uma, Santa e Apostólica que Ele fundou, e não na *Opus Dei*, nos Legionários de Cristo ou nas várias seitas e cultos criados dentro da Igreja pós-conciliar.

Nossa Senhora de Fátima, ore por nós.

Randy Engel

Comunicação de Imprensa Internacional da *U.S. Coalition for Life*

Um bispo da *Opus Dei* dá asilo ao culto pederasta da Fraternidade São João

Pittsburgh, Pensilvânia - A reinstalação e restauração da controversa Fraternidade São João (SSJ) na América do Sul, que inicialmente tinha sede nos Estados Unidos, é um dos exemplos mais revoltantes de malevolência eclesiástica oferecida atualmente pela Igreja Católica, declara Randy Engel, diretora da *U.S. Coalition for Life*.

Após anos de acusações credíveis de torpidez moral e graves irregularidades financeiras, a vergonhosa Fraternidade São João havia sido dissolvida pelo Bispo Joseph Martino, da diocese de Scranton, que lhe proibiu de se apresentar como "uma entidade eclesiástica da Igreja Católica Romana"; no entanto, ela encontrou proteção e conforto nos braços do Bispo Rogelio Ricardo Livieres Plano, bispo da *Opus Dei* e ordinário do diocese de Ciudad del Este, no Paraguai, destaca Engel.

No centro da controvérsia está a incardinação pelo Bispo Livieres do Padre Urrutigoity na diocese de Ciudad del Este, declara Engel, que acrescenta: A incardinação ocorreu apesar dos alertas repetidos que o Bispo Martino havia dirigido ao Bispo Livieres sobre o falta de castidade, a desobediência, o espírito de rebelião e as extravagâncias financeiras de Urrutigoity, que tornavam o interessado "inapto para o exercício de um ministério"; além disso, também apesar das garantias formuladas em março de 2006 pelo Arcebispo Orlando Antonini, Núncio Apostólico no Paraguai, e segundo as quais Urrutigoity (também seu colega e co-violador o Padre Eric Ensey) se encontravam temporariamente na diocese de Ciudad del Este, mas foram expulsos pelo Bispo Livieres. "… Parece que não resta nenhum rastro dessa fraternidade no Paraguai", disse então o Arcebispo Antonini. No entanto, isso se revelou não ser o caso, destaca a diretora da *U.S. Coalition for Life*.

Engel também destaca que em uma carta aberta de 17 de novembro de 2008 em defesa da SSJ e de Urrutigoity, Bispo Livieres indica que Urrutigoity é inocente das acusações contra ele, que nunca foi detido de "acusações graves e credíveis" contra ele e que a "campanha de difamação" que o visa "foi orquestrada por uma certa fonte". Eu acho que o arquivo demonstrará que as afirmações do bispo são inteiramente falsas, destaca ela.

Desde os primeiros dias após sua entrada como pensionista no Seminário Nossa Senhora Co-Rédemptrice de La Reja, na Argentina, que faz parte da Fraternidade São João XXIII (FSSPX), Urrutigoity foi acusado de manter amizades particulares e ter tendências homossexuais que o levavam a "empreender" outros seminaristas e um leigo que vivia no seminário, declara Engel.

Mais tarde, após um breve período no mosteiro de Córdoba (Argentina), Urrutigoity foi enviado para o Seminário Santo Tomás de Aquino (FSSPX) de Winona, no Minnesota (EUA), onde foi ordenado padre em 1989 e atribuído funções docentes, acrescenta ela.

Em 1997, pouco após ter sido excluído de Santo Tomás por "atividades subversivas" que consistiram em incentivar a criação de um novo ordem religioso, Urrutitoity agrediu sexualmente um seminarista que partiu junto com ele, o que o expôs a processos em direito canônico e direito civil, continua Engel. Infelizmente, acrescenta o autor, dois anos se passaram antes que o incidente fosse relatado às autoridades da FSSPX, e Urrutigoity e seus partidários já haviam encontrado um abrigo seguro no diocese de Scranton (Pennsylvania), dirigido pelo Bispo James Timlin, indica ela ainda.

É Timlin quem deu ao culto pederasta Fraternidade São João, recém-criada, seu estatuto canônico de "associação de fiéis", emprestou seu apoio financeiro à construção da "Cidade de Deus" deste culto - projeto que deveria atrair mais de cinco milhões de dólares em doações, mas nunca se realizou - e nomeou membros da SSJ aprovados da Academia São Gregório, escola secundária particular para meninos gerenciada pela Fraternidade São Pedro, declara ela.

Entre os muitos avisos sobre Urrutigoity que Timlin recebeu e ignorou, acrescenta Engel, estava uma carta confidencial de 10 de fevereiro de 1999 enviada por Dom Bernard Fellay, Superior Geral da FSSPX, que confirmava as acusações de abuso sexual contra Urrutigoity (veja acima), sem esquecer as acusações anteriores feitas contra o interessado no seminário de La Reja, destaca Engel.

Referindo-se novamente à carta de Dom Livieres de novembro de 2008, Engel nota que, embora em 2001, o Conselho de Supervisão Independente de Scranton tenha indicado que não havia acusações explícitas de relações sexuais quando Urrugoity dormia com os alunos da Saint-Grégoire, o bispo omitiu informar ao Conselho a recomendação definitiva de 21 de março de 2002, que concluía que "considerando a acusação credível feita pelo seminarista, a hábito reconhecido de Urrutigoity de dormir com meninos de todas as

idades e a avaliação preocupante do *Institute Southdown*, o Padre Carlos Urrutigoity deveria ser suspenso de todo ministério ativo e convidado a viver sozinho".

Mesmo após a diocese de Scranton ter sido nomeada em 2002 como co-advogado em um processo de abuso sexual movido por "John Doe", ex-aluno da Academia São Jorge, que acusava Urrutigoity e outro padre da SSJ, Eric Ensey, de o ter agredido sexualmente e pedindo um milhão de dólares em indenizações, e mesmo após o caso ter sido julgado em favor do reclamante, ao qual foram atribuídos 454.550 dólares em indenizações, Timlin continuou elogiando e apoiando a SSJ, exatamente como faz hoje Dom Livieres.

Não há dúvida de que estamos diante de um "culto à personalidade" que se desenvolveu em torno do encantador e carismático Urrutigoity, diz Engel, e sabemos que o interessado tem poderosas relações familiares, financeiras e eclesiásticas na Argentina e em Roma, o que explica o grau extraordinário de proteção e imunidade que ele gozou durante mais de vinte anos. Mas o que nos preocupa desde sempre é o equilíbrio físico, moral e espiritual dos crianças e adolescentes inocentes e vulneráveis que terão que enfrentar Urrutigoity por causa de sua nomeação na diocese de Dom Livieres, acrescenta Engel.

Acho que os católicos do diocese de Ciudad del Este têm perfeitamente o direito de exigir a revogação do projeto de ereção canônica da Fraternidade São João por parte de Dom Livieres e a iniciativa de um processo canônico visando reduzir o Padre Urrutigoity ao estado laico, destaca Engel. Se Dom Livieres recusar agir nesse sentido, essa tarefa caberá à Santa Sé e, finalmente, ao Santo Padre, diz ela.

A *U.S. Coalition for Life* promete sua assistência aos fiéis de Ciudad del Este oferecendo às organizações católicas e aos jornalistas do Paraguai e do resto da América Latina toda a documentação necessária para apoiar as acusações que ela apresenta contra o Padre Urrutigoity e a Fraternidade São João, diz Engel.

Também vamos contestar a isenção fiscal da SSJ em relação à receita que permite que ela receba fundos no Paraguai por meio de transferências desde os Estados Unidos por católicos mal informados, acrescenta ela.

Nenhum Urrutigoity, nem outro membro da Fraternidade São João, poderá praticar atos sodomíticos com o menor adolescente ou seminarista do Paraguai ou de qualquer outro lugar, se pudermos impedi-lo, diz a diretora da USCL, mas será possível agir nesse sentido apenas com a ajuda dos leigos e do clero católico da diocese de Ciudad del Este, além do Santo Padre.

Contato:

Randy Engel, Diretora, USCL Caixa Postal 315, Export, PA 15632 Linhas Telefônicas para Mídia - 724 – 327 – 7379 E-mail (e-mail) rvte61@comcast.net

---

Original em Inglês

Sent: Saturday, April 03, 2010 5:11 AM

Subject: RE: Warning - Michael Voris [The Vortex] Promotion of Opus Dei Is Dangerous to Your Faith

Please Circulate and Post

Dear Friends – In his March 25, 2010 Special Edition of *The Vortex*, Michael Voris recommends Opus Dei as one of the answers to the current crisis in the Roman Catholic Church.* He is dreadfully mistaken.

Just the opposite is true. Opus Dei is a major contributor to the current crisis in the Church at virtually every level including the current international sex abuse scandal.

We, as Catholic faithful can and must do our part, by both prayer and action, to defend and promote the true Faith handed down to us from the Apostles, but to suggest as Mr. Voris does, that the laity with the help of

cult/sects like Opus Dei, whose name is synonymous with worldly power and money, is the answer to the Church's problems, is both dangerous and ill advised. The Catholic Church is by God's design a hierarchical Church. As such, true and lasting reform must begin at the top with the papacy. It is a hard truth, but a truth nevertheless. To claim otherwise is not wise.

As for Opus Dei, perhaps Mr. Voris will dedicate a segment of *The Vortex* to explaining how and why Opus Dei Bishop Rogelio Ricardo Livieres Plano of the Diocese of Ciudad del Este, Paraguay, is currently harboring the notorious clerical pederast and sexual predator Father Carlos Urrutigoity, founder of the Society of St. John, as well as Urrutigoity's minions.

Friends, put your faith in Jesus Christ, Our Lord and Savior and in the One True, Holy and Apostolic Church that He founded, not in Opus Dei or the Legionaries of Christ or the numerous sects and cults that have developed in the post-Conciliar Church.

Our Lady of Fatima, Pray for us.

Randy Engel

Full text of Voris promotion of Opus Dei at http://www.youtube.com/watch?v=yjIKZxfY6D4.

Mr. Voris can be contacted at contact@realcatholictv.com.

U.S. Coalition for Life International Media Release

"Opus Dei Bishop Harbors Pederasty Cult of the Society of St. John"

Pittsburgh, Pennsylvania, "The relocation and restoration in South America of the formerly suppressed, U.S.-based scandal-ridden Society of Saint John (SSJ) is one of the most outrageous examples of ecclesiastical malfeasance facing the Catholic Church today," charges Randy Engel, Director of the U.S. Coalition for Life.

"Disbanded and forbidden from representing itself as 'a recognized ecclesial entity of the Roman Catholic Church' by Bishop Joseph Martino, of the Diocese of Scranton in November 2004, after years of credible accusations of moral turpitude and gross financial fraud, the disgraced Society of St. John has found protection and solace in the arms of Opus Dei Bishop Rogelio Ricardo Livieres Plano of the Diocese of Ciudad del Este, Paraguay," says Engel.

"At the heart of the controversy is Bishop Livieres' incardination of SSJ founder Fr. Carlos Urrutigoity into the Diocese of Ciudad del Este," says Engel. "The incardination took place despite repeated warnings from Bishop Martino to Livieres that Urrutigoity's unchastity, disobedience and outright rebellion, and financial extravagance made him "unfit for ministry," and despite assurances made in March 2006 by Archbishop Orlando Antonini, the Apostolic Nuncio of Paraguay, that Urrutigoity (and his accomplice and rapist Fr. Eric Ensey) were temporarily in the Diocese of Ciudad del Este, but had been sent away by Bishop Livieres. "… It seems that it does not remain any trace of this Society in Paraguay," reported Archbishop Antonini. "That turned out not to be the case," says the Coalition director.

“In his public letter of November 17, 2008, in defense of the SSJ and Urrutigoity,” says Engel, “Bishop Livieres states that Urrutigoity stands innocent of the charges against him; that there have never been any “serious and credible charges” against him; and that the “campaign of defamation” against him “was “orchestrated by one source.” “I believe that the record will show that the bishop’s assertions are incorrect on every count,” says Engel.

“From his earliest days as a seminarian at the Society of St. Pius X (SSPX) Seminary of Our Lady of Co-Redemptrix in La Reja, Argentina, Urrutigoity was accused of maintaining particular friendships, and of homosexual tendencies and acts against his fellow seminarians and layman living at the seminary,” says Engel.

“Later, after a brief stay at the priory of Cordoba (Argentina), Urrutigoity was shipped out of Argentina to the SSPX’ St. Thomas Aquinas Seminary in Winona, Minn. where he was ordained in 1989 and given a teaching position,” says Engel.

“In 1997, shortly after Urrutigoity was expelled from St. Thomas for ‘subversive activities,’ that is, secretly plotting a new religious order, he sexually molested a seminarian who had left with him – an action prosecutable under both canon law and civil law,” says Engel. “Unfortunately,” says Engel, by the time the incident was reported to SSPX authorities, two years had passed, and Urrutigoity and his followers had found safe haven in the Diocese of Scranton, Pennsylvania headed by Bishop James Timlin.”

“It was Timlin who gave the newly formed pederast Society of St. John its canonical standing as a ‘clerical association of the faithful’; lent his financial assistance to the building of the Society’s “City of God,” a project which attracted more than $5 million in donations but never materialized; and appointed the SSJ members as chaplains at St. Gregory’s Academy, a Catholic boys’ prep school operated by the Fraternity of St. Peter,” says Engel.

“Among the many warnings concerning Urrutigoity that Timlin received but ignored,” says Engel, “was a confidential letter dated February 10, 1999, from the SSPX Superior General Bernard Fellay confirming the charges of sexual abuse against Urrutigoity stated above, and citing earlier charges made at the La Reja Seminary.”

Referring back to Bishop Livieres’ letter of November 2008, Engel notes that “while in 2001 the Scranton Independent Review Board reported that there were no explicit allegations of sex while Urrutigoity was sleeping with students at St. Gregory’s, the bishop failed to report the Board’s final recommendation made on March 21, 2002 which stated **‘In view of the credible allegation from the seminarian, his admitted practice of sleeping with boys and young men, and the troubling evaluation by The Southdown Institute, Father Carlos Urrutigoity should be removed from active ministry; his faculties should be revoked; and he should be asked to live privately** (emphasis added)**.**’”

Engel reports that “Even after the Scranton Diocese in 2002 was named as a co-defendant in a $1million plus sex abuse lawsuit brought by “John Doe,” a former student at St. Gregory’s Academy, who charged Urrutigoity and another SSJ priest, Eric Ensey with sexual assault,” says Engel, “and the case had been settled in the plaintiff’s favor for $454,550, Timlin continued to praise and support the SSJ just as Bishop Livieres is doing today.”

“There is no doubt that there is a ‘cult of personality’ that has developed around the charismatic and charming Urrutigoity,” says Engel, “and it is well-known that he has powerful familial, financial and ecclesiastical connections in Argentina and Rome, which explains the extraordinary degree of protection and immunity he has enjoyed over the span of more than two decades.” “But our concern is, and always has been, for the physical, moral, and spiritual welfare of the vulnerable and innocent children and youth who will fall into Urrutigoity’s path as a result of his appointment to the diocese by Bishop Livieres,” says Engel

“I believe the Catholics of the Diocese of Ciudad del Este have every right to demand that plans for the canonical erection of the Society of St. John by Bishop Livieres be terminated and canonical procedures begun to return Fr. Urrutigoity to the lay state,” says Engel. “If Bishop Livieres refuses to take action in this matter, then the task falls to the Holy See and ultimately the Holy Father,” she says.

“The U.S. Coalition for Life pledges its assistance to the people of Ciudad del Este by freely providing to Catholic organizations and members of the media throughout Paraguay and South America all the documentation necessary to back up the Coalition’s charges against Fr. Urrutigoity and the Society of St. John,” Engel says.

“We also plan to challenge the Society’s IRS tax-deductible tax status which currently enables the Society to raise funds from clueless Catholics in the United States for shipment to Paraguay,” she says.

“Neither Urrutigoity nor any other member of the Society of St. John is going to bugger his way through any youth or seminarian in Paraguay or anywhere else if we can help it,” says the Director of the USCL, “but we can’t do it without the help of the Catholic laity and clergy of the Diocese of Ciudad del Este and the Holy See.”

- End -

Contact:

Randy Engel, Director USCLBox 315, Export, PA 15632
Media Phone Line - 724 – 327 – 7379
E-Mail (correo electrónico) rvte61@comcast.net

Dossiê das Referências Virgo Maria sobre o ex(?)Anglicano Britânico da FSSPX Dom Richard Williamson, "o Bispo da Rosa da Fraternidade"

E sobre seus males dentro dela.

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-10-A-00-Mgr_Williamson-et-Holland.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-01-23-B-00-Mgr_Williamson-et-Sharpe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-01-18-A-00-Donateurs_homosexuels_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-22-B-00-Reseau_Williamson-contre-Meramo.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-27-A-00-Abbe_Abrahamowicz.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-19-A-00-Famille_de_Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-18-A-00-Mgr_Williamson-retour_chez_les_Fabiens.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-23-A-00-Annonce_Dossier_Mme_Engel.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Randy-Engel/2006_Engel_Le-Rite-de-Sodomie_Chap5_L-Homintern_et_les-espions-de-Cambridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/20080929_CEKADA-vs-FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/1983-03-25_Lettre-des-Neuf-a-Mgr-Lefebvre.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-30-A-00-Lettre_du_Pere_Jean.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-26-A-00-Signes_union_Rome_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-29-A-00-Abbe_Schmidberger_prone_ralliement.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-26-A-00-Avrille_menace_Abbe_Schoonbroodt.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-28-A-00-Mgr_Williamson_et_les_9.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-26-A-00-Etats-Unis_Williamson_Angles.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-B-00-Lettre_des_neuf.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-22-B-00-
Mgr_Williamson_disparait_d_Argentine.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-22-A-00-
Pere_de_Mgr_Williamson_Pasteur_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-16-A-00-Mgr_de_Galarreta_compromis.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-09-A-00-Mgr_Fellay-protege-Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-01-E-00-Hoyos_au_secours_de_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-25-A-00-Decret_21_janvier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-23-A-00-Mgr_Williamson_Roberts.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-21-A-00-Sodomie_et_St_Pierre_Damien.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-09-A-00-Doctrine_sur_homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-A-00-Williamson_Camarilla.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-05-A-00-Abbe_Cekada_repond_Mgr_W.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-02-A-00-Diversion_de_Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-03-A-00-Abbe_Meramo-RC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-02-A-00-Mgr_Williamson_Blason_de_Luther.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-06-A-00-Hoyos_ment.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09_20-A-00-VM_Pages_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-18-A-00-Williamson-Loup.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-A-00-Williamson-Diaporama.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/006_2007/VM-2007-06-06/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier.htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Rore_refute_l_abbe_Calderon_2.pdf

http://rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-04-24-FR_Refutation_de_l_abbe_Calderon.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-B-00-Mgr_Williamson_tente_de_desarmorcer_VM_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-A-00-Abbe_Cekada_reordinations_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-28-A-00-Abbe_Cekada_refute_abbe_Calderon_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-B-00-Mgr_Williamson_Omission_d_Avrille_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-09-A-00-Hoyos_Versailles.pdf

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

[2] Cf no final do artigo a lista de referências eletrônicas das estudos factuais e documentados de Virgo Maria sobre o ex(?)-Anglicano da FSSPX, Dom Richard Williamson, "o Bispo britânico da Rosa da Fraternidade São Pio X" e sobre o seu poder de perturbação estratégica dentro da Fraternidade.

[3] http://www.virgo-maria.org/Engel_pages/biographie_randy_engel.html

http://www.virgo-maria.org/Engel_pages/randy_engel.html

http://www.virgo-maria.org/Engel_pages/publications-vm_randy_engel.html

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-31-A-00-Hoyos_protege_pedophile.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

[5] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-C-00-Liste-Pecorelli.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/ListeAGNOLI_Pecorelli_version_1_3reduit.xls

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Agnoli-Liste.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Agnoli-Liste-Cardinaux.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Agnoli-Liste-sous-Jean_XXIII.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Agnoli-Liste-sous-Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Agnoli-Liste-sous-Pie_XII.pdf

[6] Lembre-se de que a introdução de sectários homossexuais no clero católico é uma constante histórica das metodologias das lojas britânicas iluminadas satanistas Rosa+Croix, que até mesmo constituíram rituais satanistas secretos infames de magia sexual, pederastia e pedofilia (S.R.I.A., Golden Dawn, O.T.O, etc...) que lhes inspiram suas iniciativas demoníacas.

[7] http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-09-A-00-Mgr_Lefebvre_apres_synagogue_v2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-07-A-00-Benoit_XVI_a_la_synagogue.pdf

http://www.nostra-aetate.org/La-lettre-Serviam/SERVIAM_025.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-02-24-B-00-Mgr_Lefebvre_scandalise_par_synagogue.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-02-18-A-00-1000_rabbins_soutiennent_Mgr_Fellay.pdf

http://resistance-catholique.org/documents/2008/RC_2008-05-28_La-visite-de%20Benoit-XVI-a-la-Synagogue-de-New-York.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-04-A-00-Benoit_XVI-et_les_Juifs.pdf

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080418_synagogue-ny_fr.html

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-19-A-00-Declarations_B16_en_Israel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-17-A-00-Benoit_XVI_renonce_convertir_juifs.pdf

[8] Dom Fellay qualificou o 04 de dezembro de 2007 em Flavigny2 de "amigo muito precioso" um prelado, o suposto 'cardeal', o padre1 Dario Castrillón Hoyos, com quem ele frequentou assiduamente desde anos, com o objetivo de entregar a obra sacerdotal de Dom Lefebvre, e que hoje aparece publicamente, como Prefeito, desde 1996, da Sagrada Congregação Vaticana para o Clero, encorajando abertamente os pseudo-"bispos" conciliares a proteger os 'padres' pedófilos que atuam em seus dioceses.**

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-31-A-00-Hoyos_protege_pedophile.pdf

[9] **http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-31-A-00-Hoyos_protege_pedophile.pdf**

[10] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-16-A-00-Mgr_de_Galarreta_compromis.pdf**

[11] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-16-A-00-Mgr_de_Galarreta_compromis.pdf**

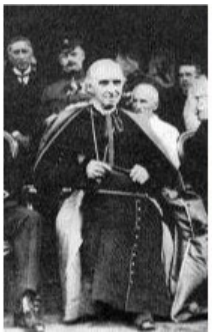
[12] M. Voris pode ser contatado pelo endereço de e-mail contact@realcatholictv.com.

[13] Versão integral no link http://www.youtube.com/watch?v=yjIKZxfY6D4.

1925-2010: Ratzinger-Bento XVI cumpriu[1] o plano[2] anglicano visando à extinção do Sacerdócio sacrificial católico

Sábado, 25 de setembro de 2010

Scoop : Carta do cardeal Mercier a Dom Beauduin de 15/02/1925



Nova peça **factual** no dossiê da subversão do Sacerdócio e da Igreja Católica pelos meios anglicanos.

O triunfo atual do plano de 1894 do satanista Rampolla[3] levado a cabo por Ratzinger-Bento XVI *em 2010 é saudado com alegria pelos meios reunidos* ***Ecclesia Dei***. O cardeal belga escreve a **Dom Beauduin em 15 de fevereiro de 1925**, para expressar o quanto apreciou o memorial do beneditino **(antigo membro do *Intelligence Service* britânico, assim como seria mais tarde Malcolm Muggeridge, o mentor do Monsenhor Williamson) que preconizava *«A Igreja anglicana unida, mas não absorvida»[4]*** e a instauração de um **Patriarcado Anglicano dentro da Igreja católica**: ***«Isso foi uma revelação para mim e, ao mesmo tempo, uma esperança. Até agora, eu nunca havia descartado, sem dúvida, a possibilidade de uma reunião da Igreja anglicana com a Igreja romana, mas não via nem pressentia nenhuma fórmula concreta para a realização» "Seu relato nos faz olhar e ver de maneira muito mais ampla... Tenho o pressentimento de que essa comunicação daria um passo gigantesco em direção à reunião com um grupo importante de anglo-católicos."***

E o cardeal Mercier acrescenta: ***«Os ingleses, pessoas práticas, atribuem muito mais importância a instituições do que a ideias.»*** Em suma, **o acordo prático antes do acordo doutrinal**!

Isso não lhe lembra nada? Não é esse o discurso do *IBP* e de um padre Laguérie? Não é também a ideia que o ex(?)-Anglicano, Monsenhor Williamson, destila habilmente há duas semanas, **fingindo combatê-la** e renovar sua lealdade a Monsenhor Fellay? **Patriarcado, Pallium, *«Corporate Reunion»*, reconhecimento de um falso clero (inimigo de sempre da Igreja católica e do Sacerdócio sacrificial católico)**, tantas palavras-chave que revelam o projeto real que Ratzinger-Bento XVI realiza diante de nossos olhos, **e aos olhos cegos dos maus "*católicos*" atuais, ignorantes e preguiçosos**.

No *VM* de 19 de setembro de 2010, revelamos, com base em um texto de arquivo desconhecido do cardeal Rampolla, escrito em 19 de setembro de 1894 ao padre Portal, **quanto esse luciferiano, que se tornou secretário de Estado do Papa Leão XIII, expôs com clareza desconcertante o plano de "*reunião em corpo*" dos anglicanos com a Igreja católica:**

> ***"o movimento intelectual iniciado em Oxford e que vai se desenvolver na comunhão anglicana entre homens de espírito elevado, muito eruditos na ciência das antiguidades, dos cristianismos e pesquisadores leais da verdade, fará desaparecer finalmente os velhos preconceitos, e, as sombras sendo dissipadas, trará à unidade visível da Igreja de Jesus Cristo a filha de Roma, a nobre raça dos ingleses"***

Não satisfeito com essa reunião com a Santa Igreja dos protestantes herdeiros **de Cranmer e das seitas Rosacruz, das quais o satanista John Dee foi o artífice**, o cardeal Félon levava a ideia até **reconhecer à Inglaterra anglicana uma supremacia e uma missão de desbravador para a Cristandade**.

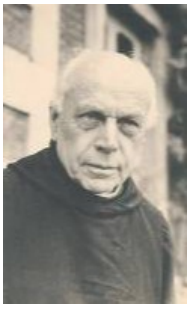
Ele desejava uma *«renascença religiosa geral»* com ***«a nação inglesa à frente desse salutar retorno do mundo à vida cristã»***.[5]

O cardeal Rampolla esteve no cerne da tentativa frustrada dos anglicanos de contornar o Papa Leão XIII entre 1895-1896, fazendo-o aceitar a validade das ordens anglicanas, que na realidade eram absolutamente sacramentalmente inválidas, **ou ao menos, fazendo retroceder a Igreja católica para que considerasse duvidosas o que sempre havia considerado até então como *"certamente inválidas"***. **Naturalmente, essa mesma operação de há mais de um século é novamente promovida hoje por maus clérigos liberais junto aos católicos que desejam permanecer fiéis ao verdadeiro sacerdócio** sacrificial católico sacramentalmente válido, assim como aos sacramentos válidos.

Foi de fato na época toda a operação do suposto ***"debate a ser aberto"*** iniciado pelo padre Portal, o astuto lazarista, **e posteriormente empreendido pela comissão de trabalho de Leão XIII, onde quatro dos oito membros já estavam a favor da causa anglicana.**

Monsenhor Gasparri, pupilo de Rampolla e futuro assassino dos cristeros mexicanos, estava, naturalmente, entre eles e atuava de forma bastante ativa nos bastidores.

Por um efeito do carisma da infalibilidade pontifical, **a assistência do Espírito Santo fez, no último momento, falhar de maneira espetacular a hábil e mortal manobra dos anglicanos Rosacruz, que visavam enganar Leão XIII**, a qual resultou, em 1896, na completa derrota dos conjurados anglicanos Rosacruz, culminando na confirmação solene da invalidade radical e certa das ordens anglicanas, pela Bula solene ***Apostolicæ Curæ*** de 1896, que trazia as marcas da infalibilidade do Pontífice romano.



Dom Beauduin, o mestre de Dom Botte e o amigo do Rosacruz Angelo Roncalli, futuro João XXIII.

Hoje apresentamos **uma nova peça histórica: o fac-símile da reprodução de uma carta do cardeal Mercier[6], o organizador das famosas "conversas de Malines" entre anglicanos e católicos em 1925.**

O cardeal belga escreve a Dom Beauduin em 15 de fevereiro de 1925, para expressar o quanto apreciou o memorial do beneditino que preconizava **«A Igreja anglicana unida, mas não absorvida» e a instauração de um «Patriarcado anglicano» constituído dentro da Igreja católica**:

> « ***Isso foi uma revelação para mim e, ao mesmo tempo, uma esperança.*** »
>
> *« Até agora, eu nunca havia descartado, sem dúvida, a possibilidade de uma reunião da Igreja anglicana com a Igreja romana, mas não via nem pressentia nenhuma fórmula concreta para a realização »*
>
> *« Seu relato nos faz olhar e ver de maneira muito mais ampla… Tenho o pressentimento de que essa comunicação daria* ***um passo gigantesco em direção à reunião com um importante grupo de***

anglo-católicos.»

É importante lembrar que **Dom Beauduin, ex-agente[7] do *Intelligence Service* britânico (1916), foi o pai da reforma litúrgica e do movimento ecumênico que deveria triunfar ambos no Vaticano II mais de cinquenta anos depois.**

Aux Journées
œcuméniques
de Chevetogne, en 1952.
Dom L. Beauduin entre
le P. Congar, o.p., et
le pasteur J. Courvoisier.
Derrière eux,
D. O. Rousseau
et l'archimandrite
E. Timiadis.

Dom Beauduin na abadia belga de Chèvetogne, com o padre Congar, futuro artífice do Vaticano II.

E o cardeal Mercier acrescenta:

« *Os ingleses, pessoas práticas, atribuem muito mais importância a instituições do que a ideias.* »

Em suma, o velho estratagema de **o acordo prático antes do acordo doutrinal**!

Isso não lhe lembra nada? Não é esse **o discurso do *IBP* e de um padre Philippe Laguérie?**

Não é ainda **a ideia que Monsenhor Williamson, o bispo da Rosa, destila habilmente há duas semanas, fingindo combatê-la e renovar sua lealdade a Monsenhor Fellay?**

« *Mas a questão permanece: Para obter de Roma essa regularização tão preciosa que somente Roma tem a autoridade para conceder, a FSSPX* ***poderia não se contentar com um acordo prático que, embora não negasse nenhuma doutrina católica, adiasse por enquanto as diferenças doutrinais*** *entre Roma e a FSSPX? Qual seria a necessidade de trair essas grandes verdades de salvação mencionadas acima? (...)*

« ***Mas por que deve ser assim? Uma questão interessante...*** » **Monsenhor Williamson, 11 de setembro de 2010**

« Quanto a esse "por enquanto", uma vez que se tivesse assinado um acordo prático, haveria uma euforia, não doutrinária, de todas as almas da Tradição que estariam encantadas em não sentir mais o frio, como o sentem atualmente, da desaprovação de Roma. Uma tal euforia tornaria difícil para a FSSPX recuar, se esse "momento" – como por acaso, é claro – se prolongasse por um tempo indefinido. » **Monsenhor Williamson, 18 de setembro de 2010**

Todo o jogo de reverso do agente Monsenhor Williamson, protegido dos meios fabianos britânicos, consiste em espalhar o veneno da tentação do ralimã, de um acordo prático, enquanto adota a postura vitoriana do puritano que pretende nunca ter pensado nisso e sempre tê-lo combatido.

Trata-se da **atitude de um clérigo *tartuffer* que se deleita em expor longamente e com complacência e deleite as tentações da carne, enquanto se ofende com os pecadores que sucumbem a elas (*"esconda esse seio que não posso ver!"* diz Molière). O método, muito britânico e hipócrita**, é o da manobra de reverso.

O ex(?)-anglicano Monsenhor Williamson, o bispo da Rosa da Fraternidade que supostamente se tornou hoje o porta-estandarte de um certo clã da "firmeza" doutrinária na Tradição: que engano e que farsa!

Assim, em algumas linhas, ele insinua a dúvida sobre a posição que coloca a aceitação integral da doutrina católica como pré-requisito para qualquer acordo:

> ***«Monsenhor Fellay mesmo respondeu (...) : " É evidente que todo acordo prático que não tiver como base um sólido fundamento doutrinal levaria diretamente ao desastre. Temos diante de nós tantos exemplos – a Fraternidade São Pedro, o Instituto do Cristo Rei e muitos outros. Eles estão todos bloqueados no nível da doutrina porque primeiro aceitaram um acordo prático"_***
>
> **«*Mas por que deve ser assim? Uma questão interessante...*»**

escreve o discípulo de Malcolm Muggeridge.

E então, na semana seguinte, ele apresenta o desejo de um acordo prático como uma expectativa dos fiéis:

> **«*"uma euforia"*, das *"almas da Tradição que estariam encantadas de não sentir mais o frio."***

Já em 21 de agosto de 2010, o pérfido britânico destilava esse mesmo sofisma:

> **«*Vindo da França e da Alemanha, são leigos que me disseram há algumas semanas que nos centros de Missa da FSSPX muitos dos fiéis só esperam e esperam um acordo como fruto das discussões.*»**

O acordo prático da FSSPX com a Roma modernista, uma suposta "***esperança***" (?) entre os fiéis segundo Monsenhor Williamson, como o "***Isso foi uma revelação para mim e, ao mesmo tempo, uma esperança***" do cardeal Mercier para a "***possibilidade de uma reunião da Igreja anglicana com a Igreja romana***"."

E em 2010, é um bispo, supostamente católico e tradicional, pertencente à nação dos *"Ingleses, pessoas práticas"* que vem sussurrar esses sofismas perniciosos e pérfidos.

Aqui está, portanto, **a carta do cardeal Mercier a Dom Beauduin, reproduzida no volume I da revista *Irenikon* (1931) editada por Dom Beauduin na Bélgica, antes de sua condenação e exílio por Pio XI:**

> **« 1. Documentos.**
>
> **Sobre as Conversas de Malines.**
>
> Um interlocutor eminente dessas Conversas afirmou (e temos essa afirmação de uma fonte muito autorizada) que um **certo memorial sobre «Os Patriarcas», apresentado na reunião de maio de 1925, desagradou a vários membros e comprometeu o resultado das negociações**.

Os artigos sobre «Os Patriarcas» publicados na *Irénikon-Revue* (agosto de 1926, pp. 239-244, e setembro de 1926, pp. 267-274) saíram da mesma pena que esse memorial, dos quais são apenas um resumo muito sucinto, mas fiel: entre outros trabalhos preparatórios, **o grande cardeal Mercier, desde 1923, havia solicitado ao autor um estudo sobre essa questão. A apreciação desfavorável citada acima atinge ao mesmo tempo a *Irénikon-Revue*, à qual, portanto, o mesmo reproche poderia ser dirigido.**

Para pôr fim a essas calúnias tendenciosas, publicamos abaixo uma carta do saudoso Cardeal, sem querer suprimir os elogios que sua bondade excessiva entrelaçou inseparavelmente às suas apreciações.

Arcebispado de Malines, 15 de fevereiro de 1925

Caro e Reverendíssimo Pai,

O verdadeiro pode não ser plausível. Por mais desejoso que eu estivesse de estudar de perto seu memorial, sobre o qual lancei um olhar rápido, foi apenas nesta tranquila manhã da Sexagésima, sob a proteção do grande Apóstolo, que consegui me conceder o tempo e a satisfação de ler de uma só vez seu belo trabalho. Que interessante, querido amigo! Para mim, leigo, foi uma revelação e, ao mesmo tempo, uma esperança. Até agora, nunca havia descartado, sem dúvida, a possibilidade de uma reunião da Igreja anglicana com a Igreja romana, mas não via nem pressentia nenhuma fórmula concreta para a realização e me resignava a abandonar esse sucesso coletivo à boa Providência.

Mas, desta vez, vejo em você um instrumento ativo dessa Providência divina.

Note que, desde nossa segunda Conversa de Malines, nossos amigos anglicanos nos pediam para estudar os meios possíveis de reunião, insistindo sobre o patriarcado de Cantuária e sobre o Pallium. Confesso que isso me fazia sorrir porque não compreendia a importância que se podia atribuir a algo que me parecia e que é hoje para nós um sinal honorífico, uma espécie de decoração pontifícia, o Pallium.

Seu relato nos faz olhar e ver de maneira muito mais ampla... Tenho o pressentimento de que essa comunicação daria um passo gigantesco em direção à reunião com um grupo importante de anglo-católicos. Os ingleses, pessoas práticas, atribuem muito mais importância a instituições do que a ideias. E, confesso, não se pode negar, se o nacionalismo exacerbado é um perigo, contido nos limites da subordinação e da unidade, é uma força.

Veja, querido amigo, graças a você, estamos saindo do sonho, finalmente entramos no domínio das realidades esperáveis, se não ainda dos fatos consumados.

+ D. J. Card. MERCIER,
arcebispo de Malines.

Realmente, o grande Desaparecido nos faz falta a cada dia mais. Que possamos sempre ser seus fiéis testemunhas e seus humildes discípulos.

Inglaterra.

REGRAS A SEREM OBSERVADAS PARA A SANTA RESERVA

> Para que a devida reverência seja concedida nos arranjos que envolvem a reserva do Pão e do Vinho consagrados para o uso dos doentes, os arcebispos e bispos concordam, na eventualidade de que a medida do *Prayer Book* se torne lei, em se manter às seguintes regras que se referem à interpelação das rubricas da nova forma alternativa do Ritual para a comunhão dos doentes.
>
> 1. O pão e o vinho consagrados e separados, de acordo com as diretrizes—

30 anos após o fracasso do complô anglicano para conseguir de Leão XIII o reconhecimento de suas ordens, os anglicanos voltam à carga com o cardeal Mercier.

“*Pessoas práticas*”, de fato, que não desistem, eles perseguem incansavelmente seu plano de subversão da Igreja católica.

Entretanto, Dom Beauduin sucedeu ao padre Portal. Os dois homens se conheceram bem e se frequentaram. Aqui está uma foto, onde ambos aparecem:

La Semaine de Bruxelles.
De gauche à droite, au premier rang : l'abbé Portal, Mgr Schyrgens, le métropolite Szeptickij, le cardinal Mercier, Mgr Van Caloen, dom Beauduin.

E o cardeal Mercier revela que a fórmula de acordo prático do Patriarcado apresentada por Dom Beauduin foi inicialmente promovida pelos anglicanos diante dele:

> *« Desde nossa segunda Conversa de Malines,* ***nossos amigos anglicanos nos pediam para estudar os meios possíveis de reunião, insistindo sobre o patriarcado de Cantuária e sobre o Pallium.*** *Confesso que isso me fazia sorrir porque não compreendia a importância que se podia atribuir a algo que me parecia e que é hoje para nós um sinal honorífico,* ***uma espécie de decoração pontifícia, o*** **Pallium** *».*

A ideia do Patriarcado é, portanto, uma ideia anglicana, que Dom Beauduin, ex-membro do Intelligence Service britânico, foi encarregado de propagar do lado católico.

80 anos depois, o usurpador Ratzinger-Bento XVI, mal eleito, ostenta o Pallium, insígnia do Patriarcado, durante sua cerimônia altamente simbólica de investidura como suposto ***papa***.

E ele aboliu em 2005 a tiara do brasão supostamente “*pontifical*”, enquanto repudiou em 2006 o título de “*Patriarca do Ocidente*” pertencente ao Soberano Pontificado católico.

Ratzinger-Bento XVI com a Rainha da Inglaterra, chefe da suposta " Igreja *" anglicana, ao mesmo tempo que estatutariamente chefe e Protetora da Maçonaria Escocesa***, descendente dos Windsors, que estão intimamente ligados desde o século XIX ao clã dos Rothschild de Londres.***

Que impressionante continuidade!

E como o plano de Ratzinger-Bento XVI se torna claro!

Em 2010, ele desempenha o papel de executor testamentário das vontades do falecido cardeal satanista Rampolla, dos desejos do padre lazarista Portal e do beneditino Dom Beauduin, assim como da "*esperança*" do cardeal Mercier ao acolher os anglicanos através do *Anglicanorum Coetibus* e visitar a Inglaterra e o suposto "*arcebispo*" de Cantuária.

Patriarcado, Pallium, "*Corporate Reunion*", reconhecimento público de um falso clero, e de um falso Sacerdócio (desde sua origem, inimigo mortal e hipócrita da Igreja católica e do Sacerdócio *sacrificial* católico), tantas palavras-chave que revelam o projeto real que Ratzinger-Bento XVI realiza diante de nossos olhos.

Os reunidos ***Ecclesia Dei*** aplaudem de acordo, como o padre de Tanoüarn, gritando triunfo da Igreja e o retorno das ovelhas perdidas.

***O sucesso do plano de 1894 de Rampolla, levado a cabo por Ratzinger-Bento XVI em 2010 e saudado com alegria pelos meios reunidos* Ecclesia Dei**

Na verdade, esses espíritos sem cultura e sem fé são os ingênuos seguidores **de um plano rosacruz anglicano com mais de 180 anos, lançado publicamente em Oxford em 1830 ("*o movimento de Oxford*") e relançado várias vezes pelos piores clérigos revolucionários, que foram pacientemente e habilidosamente infiltrados na Igreja católica**.

É esse mesmo plano global de subversão da Igreja católica, previsto para ser aplicado em grande escala, envolvendo as diferentes comunidades anglicanas do antigo Commonwealth, que já havia triunfado no concílio Vaticano II pela criação da "igreja [seita] Conciliar" sem um Sacerdócio sacrificial válido, **que**

agora foi retomado e adaptado ao nível do microcosmo da Tradição católica para enganar os clérigos e os fiéis da FSSPX e fazê-los desejar um "*acordo prático*" com a Roma proveniente do Vaticano II.

Por que não reproduzir, portanto, em um pequeno meio, um plano que funcionou tão bem ao alto nível do anglicanismo e ainda mais dentro da igreja de Roma? Tal parece ter sido a reflexão dos clérigos rosacruzes que presidiram a essas manipulações subversivas.

E Monsenhor Williamson, o bispo da Rosa da Fraternidade, inglês de "***espírito prático***", não pôde, evidentemente, deixar de repercutir, com uma indignação fingida, essa velha receita anglicana dentro da FSSPX.

Concluiremos constatando que o inimigo está mais presente do que nunca na Inglaterra, como já sabiam muito bem nossos ancestrais há séculos.

Trata-se de "*a pérfida Albión*", e que esta cabeça do atual globalismo queima hoje por acompanhar sua dominação geopolítica, financeira e econômica atual com uma dominação religiosa satânica também total.

A tradição católica que ainda recebe sacramentos válidos só sobreviverá desmascarando esse plano e os espiões, como o ex(?)-anglicano, Monsenhor Williamson, o bispo da Rosa da Fraternidade (ou seu pupilo o padre Anglès) que propagam essa subversão hipócrita e sistemática.

À semelhança de Santa Joana d'Arc, rompamos com essa tutela britânica de Monsenhor Williamson e seus companheiros anglicanos, e expulsemos simbolicamente o colonizador inglês **fora da França e da Tradição, desmascarando todos aqueles que são seus agentes**.

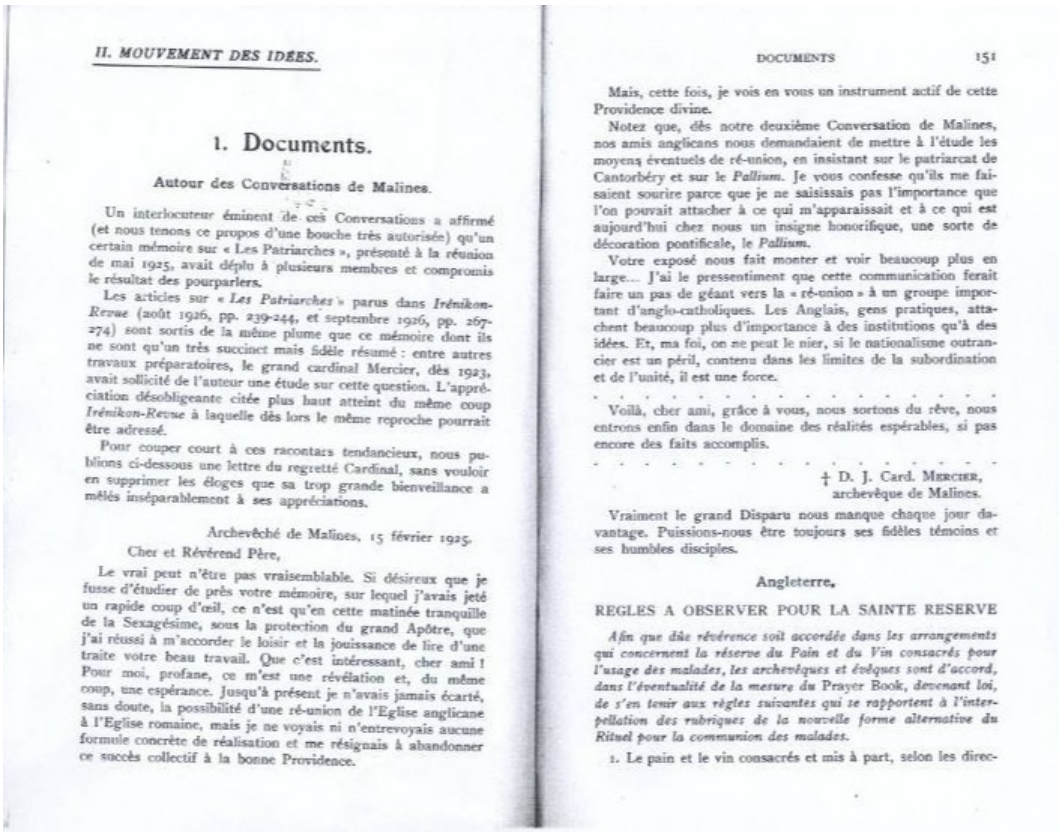
O caminho da sagração de Reims e da preservação da fé e dos sacramentos sacramentalmente válidos passa por aí.

Continuemos o bom combate

A Redação de Virgo-Maria

© 2010 virgo-maria.org

ANEXO A – Fac-símile da carta do cardeal Mercier a Dom Beauduin, em 15 de fevereiro de 1925, reproduzida no volume I da revista *Irenikon* (1931) editada por Dom Beauduin na Bélgica, antes de sua condenação e exílio por Pio XI.



II. MOUVEMENT DES IDÉES.

1. Documents.

Autour des Conversations de Malines.

Un interlocuteur éminent de ces Conversations a affirmé (et nous tenons ce propos d'une bouche très autorisée) qu'un certain mémoire sur « Les Patriarches », présenté à la réunion de mai 1925, avait déplu à plusieurs membres et compromis le résultat des pourparlers.

Les articles sur « *Les Patriarches* » parus dans *Irénikon-Revue* (août 1926, pp. 239-244, et septembre 1926, pp. 267-274) sont sortis de la même plume que ce mémoire dont ils ne sont qu'un très succinct mais fidèle résumé : entre autres travaux préparatoires, le grand cardinal Mercier, dès 1923, avait sollicité de l'auteur une étude sur cette question. L'appréciation désobligeante citée plus haut atteint du même coup *Irénikon-Revue* à laquelle dès lors le même reproche pourrait être adressé.

Pour couper court à ces racontars tendancieux, nous publions ci-dessous une lettre du regretté Cardinal, sans vouloir en supprimer les éloges que sa trop grande bienveillance a mêlés inséparablement à ses appréciations.

Archevêché de Malines, 15 février 1925.

Cher et Révérend Père,

Le vrai peut n'être pas vraisemblable. Si désireux que je fusse d'étudier de près votre mémoire, sur lequel j'avais jeté un rapide coup d'œil, ce n'est qu'en cette matinée tranquille de la Sexagésime, sous la protection du grand Apôtre, que j'ai réussi à m'accorder le loisir et la jouissance de lire d'une traite votre beau travail. Que c'est intéressant, cher ami ! Pour moi, profane, ce m'est une révélation et, du même coup, une espérance. Jusqu'à présent je n'avais jamais écarté, sans doute, la possibilité d'une ré-union de l'Eglise anglicane à l'Eglise romaine, mais je ne voyais ni n'entrevoyais aucune formule concrète de réalisation et me résignais à abandonner ce succès collectif à la bonne Providence.

Mais, cette fois, je vois en vous un instrument actif de cette Providence divine.

Notez que, dès notre deuxième Conversation de Malines, nos amis anglicans nous demandaient de mettre à l'étude les moyens éventuels de ré-union, en insistant sur le patriarcat de Cantorbéry et sur le *Pallium*. Je vous confesse qu'ils me faisaient sourire parce que je ne saisissais pas l'importance que l'on pouvait attacher à ce qui m'apparaissait et à ce qui est aujourd'hui chez nous un insigne honorifique, une sorte de décoration pontificale, le *Pallium*.

Votre exposé nous fait monter et voir beaucoup plus en large... J'ai le pressentiment que cette communication ferait faire un pas de géant vers la « ré-union » à un groupe important d'anglo-catholiques. Les Anglais, gens pratiques, attachent beaucoup plus d'importance à des institutions qu'à des idées. Et, ma foi, on ne peut le nier, si le nationalisme outrancier est un péril, contenu dans les limites de la subordination et de l'unité, il est une force.

. . . . . .

Voilà, cher ami, grâce à vous, nous sortons du rêve, nous entrons enfin dans le domaine des réalités espérables, si pas encore des faits accomplis.

. . . . . .

† D. J. Card. MERCIER,
archevêque de Malines.

Vraiment le grand Disparu nous manque chaque jour davantage. Puissions-nous être toujours ses fidèles témoins et ses humbles disciples.

Angleterre.

REGLES A OBSERVER POUR LA SAINTE RESERVE

Afin que dûe révérence soit accordée dans les arrangements qui concernent la réserve du Pain et du Vin consacrés pour l'usage des malades, les archevêques et évêques sont d'accord, dans l'éventualité de la mesure du Prayer Book, *devenant loi, de s'en tenir aux règles suivantes qui se rapportent à l'interpellation des rubriques de la nouvelle forme alternative du Rituel pour la communion des malades.*

1. Le pain et le vin consacrés et mis à part, selon les direc-

ANEXO B

Reino Unido: Programa da viagem de Bento XVI (16-19 de setembro)[8] na ocasião da beatificação do cardeal Newman

ROMA, Quarta-feira, 18 de agosto de 2010 (ZENIT.org) – O Vaticano publica hoje este programa da viagem de Bento XVI (16-19 de setembro) ao Reino Unido por ocasião da beatificação do cardeal John Henry Newman, no domingo, 19 de setembro de 2010, em Birmingham.

Quinta-feira, 16 de setembro de 2010: Edimburgo e Glasgow

Manhã: Roma-Edimburgo
08h10 - Partida de Roma (aeroporto de Ciampino) para Edimburgo (Escócia), chegada às 10h30 no aeroporto internacional, e cerimônia oficial de acolhida.
11h - Cerimônia oficial no Palácio Real de Holyroodhouse.
Visita de cortesia à S. M. Elisabeth II, rainha do Reino Unido.
11h40 - Encontro com as autoridades no parque do Palácio Real de Holyroodhouse, discurso de Bento XVI.
13h - Almoço com a comitiva papal na residência do arcebispo de Edimburgo.

Tarde: Glasgow-Londres
17h15 - Missa no Bellahouston Park em Glasgow. Homilia do Santo Padre.
20h - Partida de avião do aeroporto internacional de Glasgow para Londres.
21h25 - Chegada ao aeroporto de Londres Heathrow (Borough de Hillingdon).

Sexta-feira, 17 de setembro de 2010: Londres

08h - Missa privada na capela da nunciatura apostólica de Wimbledon (Borough de Merton).
10h - Encontro com o mundo da educação católica na capela e no campo esportivo do Collegio da St. Mary's University de Twickenham (Borough de Richmond). Saudações e discurso do Santo Padre.
11h30 - Encontro com os responsáveis de outras religiões na sala Waldegrave Drawing da St. Mary's University de Twickenham (Borough de Richmond). Discurso do Santo Padre.
16h - Visita de cortesia ao arcebispo de Cantuária no Palácio de Lambeth (Borough de Lambeth). Discurso do Santo Padre.

17h10 - Encontro com os representantes da sociedade civil, do mundo acadêmico, cultural e empresarial, com o corpo diplomático e os responsáveis de diferentes religiões no Westminster Hall (Cidade de Westminster). Discurso do Santo Padre.
18h15 - Celebração ecumênica na Abadia de Westminster (Cidade de Westminster). Discurso do Santo Padre.

Sábado, 18 de setembro de 2010: Westminster

09h - Encontro com o Primeiro-ministro no palácio arcebispal (Cidade de Westminster).
09h20 - Encontro com o vice-primeiro-ministro no palácio arcebispal (Cidade de Westminster).
09h30 - Encontro com o responsável pela oposição no palácio arcebispal (Cidade de Westminster).
10h - Missa na Catedral do Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo (Cidade de Westminster). Homilia e saudações do Santo Padre.
17h - Visita à casa de repouso St Peter's Residence (Borough de Lambeth). Discurso do Santo Padre.
18h15 - Vigília de oração pela beatificação do cardeal John Henry Newman em Hyde Park (Cidade de Westminster). Discurso do Santo Padre.

Domingo, 19 de setembro de 2010: Birmingham

08h - Saída da nunciatura apostólica de Wimbledon (Borough de Merton).
08h45 - Partida de helicóptero do Wimbledon Park (Borough de Merton) para Birmingham.
09h30 - Chegada ao heliponto próximo ao Cofton Park de Rednal, em Birmingham.
10h - Missa e beatificação do cardeal John Henry Newman no Cofton Park de Rednal, em Birmingham. Homilia do Santo Padre. Oração do ângelus. Discurso do Santo Padre.
13h10 - Visita privada ao oratório de São Filipe Neri em Edgbaston, Birmingham.
13h45 - Almoço com os bispos da Inglaterra, País de Gales e Escócia e com os membros da comitiva papal no refeitório da Casa Francis Martin do Oscott College em Birmingham.
16h45 - Encontro com os bispos da Inglaterra, País de Gales e Escócia, na capela da Casa Francis Martin do Oscott College em Birmingham. Discurso do Santo Padre.
18h15 - Cerimônia de despedida, aeroporto internacional de Birmingham. Discurso do Santo Padre.
18h45 - Partida de avião do aeroporto internacional de Birmingham para Roma.
22h30 - Chegada ao aeroporto romano de Ciampino.

Fuso horário:
Roma: +2 UTC
Reino Unido: +1 UTC

Referências VM relativas às ações constantes do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI para finalizar o plano britânico RC anglicano.

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-16-A-00-Rampolla-precurseur_de_Ratzinger.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-08-22-A-00-Russie-Enjeux_religieux_et_politiques.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-20-2-00-Ratzinger_abandonne_le_titre_de_patriarche_d_Occident.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-22-1-00-La_seduction_creation_d_un_patriarcat_tridentin.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_Annexe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-05-31-1-00-Le_mouvement_oecumenique_1949.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-05-17-Levada_officier_Anglicanisation.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-12-A-00-CSI_AngliCampos_v1-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos-Radical%20Orthodoxy-bibliography-2004-06-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-20-A-00-Chadwick_Reforme_Anglo-Tridentine_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-C-00-Tighe_commente_Anglicans_de_Tradition_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-D-00-Van_de_Pole_1_c.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-11-C-00-Rahner_Patriarcats_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-17-B-00-Angleterre-XVIIIe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-25-B-00-Van_de_Pole_2_a.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Van_de_Pol-1967-Chapitre_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-F-00-Les_observateurs_au_Concile.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-G-00-Lumen_Gentium.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-A-00-Van_de_Pol_3_a.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-15-A-00-Principes_Union_Anglicane.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-01-06-A-00-Cambridge_Vatican_II.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-16-A-00-Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Lettres_historico_critiques_au_sujet_du_.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/a606740200rosmuoft.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Plaquette_Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Rosmini_Center-5_Wounds_and_Vatican_II.pdf

http://www.virgo-maria.org/Fichier_Video/rosmini_messa/071118rosmini_messa flv

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-26-B-00-Rosmini-5_plaies-de-l-Eglise.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-16-A-00-40_propositions_de_Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-25-B-00-TAC_Anglicans_Rome.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-21-A-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n01.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-04-B-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n02.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-06-A-00-Anglicans_Femmes-eveques_n03.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-08-B-00-Anglicans-Rome_Accord-secret.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-B-00-Rome-prend-les-trads-Anglicans_n05.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-C-00-Noachisme_a_Lambeth.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-10-Anglicans-unis_Levada_au-TAC-n06.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-12-A-00-Anglicans-unis_Williams_desavoue_n07.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-13-A-00-RS_Ambrose_de_Lisle.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-communiques/communique_%282008-08-13%29-Ambrose_de_Lisle-v1/Communique-2008-08-13_Ambrose_de_Lisle-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-11-A-00-Ratzinger_et-piege_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-07-A-00-Williams_Homos_Mariage.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/rowan-gay.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Randy-Engel/2006_Engel_Le-Rite-de-Sodomie_Chap5_L-Homintern_et_les-espionsde-Cambridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-26-A-00-Signes_union_Rome_Anglicans.pdf

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-16-A-00-Rampolla-precurseur_de_Ratzinger.pdf

[2] Ler no final da mensagem numerosas referências *VM* relacionadas às ações constantes do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI para concluir o plano britânico Rosacruz anglicano.

[3] **http://cfnews.org/ch-ramp.htm**

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

http://www.the-savoisien.com/livres/Operation%20Rampolla%20-%20Secte%20de%20l%20OTO.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

[4] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf**

[5] Desde há quase um ano, o abade Ricossa se especializou na reabilitação do cardeal luciferiano Rampolla. O abade italiano de Verrua quer, sem dúvida, nos fazer acreditar que o tão bom cardeal Rampolla era satanista sem saber...!

[6] **O qual quase foi condenado por Americanismo.**

[7] **Assim como seria, duas décadas depois, Malcolm Muggeridge, amigo de sir Victor Rothschild e mentor do ex(?)-anglicano, graduado em Cambridge, Monsenhor Richard Williamson, o bispo da Rosa da fraternidade.**

[8] http://www.zenit.org/article-25145?l=french

Breve dossiê sobre a linhagem de Lopéz-Gastón e os brasileiros envolvidos com tal linhagem inválida e escandalosa

Sobre José Ramon López-Gastón

Nasceu em 1928 em Cuba. Estudou numa escola marista, da ordem religiosa de origem francesa dos Irmãos Maristas, na qual López-Gastón ingressou, mas em 1960 abandonou ela, e dois anos depois casou na Espanha, tendo 5 filhos. Com permissão da esposa dele, López-Gastón é ordenado sacerdote validamente pelo Bispo mexicano Moisés Carmona, então recém sagrado Bispo pelo Bispo Thuc. Poucos meses depois, morre Dom Carmona, e López-Gastón é sagrado invalidamente pelo falso bispo Guy Jean Tau Johannes de Mamistra Olivares. Conforme está em vários os sites, sustenta-se que ele teria depois sido sagrado sob condição por Jean-Gérard Roux, que alega ter sido sagrado por Thuc, mas quase todo o pseudo-clero conclavista põe em dúvida sua alegação, e quanto a outra alegação, de que ele teria sagrado sob condição López-Gastón, provavelmente é uma mentira que se espalhou em sites com conteúdo sobre conclavismo, conforme o próprio López-Gastón afirmou em carta, e essa é só uma das tantas inverdades que há em conteúdo desse tipo na internet. (Referências: 1, 2, 3).

Em 1994, López-Gastón, já com alguns falsos bispos sagrados por ele, participa ativamente do conclave em Assis, na Itália, que elegeu o sul-africano Victor von Pentz como papa, sob o nome de “Lino II”. Esse conclave teve a participação do brasileiro Homero Johas, fundador do grupo Coetus fidelium, que em seu blog já havia apoiado antes a legitimidade do papado reivindicado pelo americano David Bawden, sob o nome papal de “Miguel I”, cujo conclave contou com cerca de 6 pessoas, a maioria era familiares dele. Como o conclave em Assis não teve repercussão, como houve insatisfações com relação à eleição, pois alguns queriam López-Gastón como papa, e como o “papa” eleito, “Lino II”, não fazia nada, não agia como um papa, e com o tempo ele até deixou de dar notícias, cada vez menos havia quem legitimasse esse teatro que criou uma seita, como se vê pelo anúncio público de um dos “cardeais” de “Lino II”, Emmanual Koráb, sagrado invalidamente por López- Gastón, onde o “Cardeal” Koráb afirmou que a Sé estaria vacante por renúncia tácita de “Lino II” e que seria preciso realizar um outro conclave. (Referências: 1, 2, 3).

Em 1997, López-Gastón ordena o gnóstico perenialista Rama Coomaraswamy. Há indícios que Rama possuiu alguma influência considerável nesses meios conclavistas, obscuros e gnósticos. A cerimônia de ordenação contou com a presença do jesuíta mentiroso, modernista, judaizante e infiltrado Malachi Martin. (Referências: 1, 2, 3, 4).

Há razões suficientes para que se considere, ao menos, como duvidoso o pretenso episcopado de López-Gastón, razão pela qual suas ordenações e crismas devem ser tidas todas como inválidas, pois, na teologia católica, um sacramento duvidoso deve ser, na prática, considerado como inválido. Contudo, antes de demonstrarmos a invalidade do episcopado de López-Gastón devido sua linhagem duvidosa, vejamos alguns “bispos” sagrados por ele.

Emmanuel Koráb

Provavelmente esse é o mais curioso entre os bispos sagrados por López-Gastón, sagrado em 1994 durante o conclave em Assis, no qual participou ativamente, bem como participou da seita formada por tal conclave, sob o título de “Cardeal”. Há rumores que ele, antes mesmo de fazer o referido anúncio público, participou de um conclave obscuro e frustrado ocorrido, dessa vez, na Alemanha. Contudo, o que torna Koráb curioso é o seu passado. Seu nome civil é Lohelius Koráb, contado entre os agentes da STB, que é a KGB tcheca, ou seja, trata-se de um agente comunista, infiltrado no meio tradicional, como tantos outros para causar ainda

mais confusão entre os fiéis católicos, e assim ele tenta fazer, não só com sua posição conclavista, mas também com suas interpretações gnósticas e heréticas das Sagradas Escrituras. Depois de ter sido sagrado invalidamente por López-Gastón, começou alegar, sem prova e sem indício nenhum, que teria sido sagrado sob condição primeiro pelo Bispo Arrigo Pintonello, aposentado no Novus Ordo, e depois pelo Bispo Pavel Maria Hnilica, um jesuíta aposentado, modernista, ferrenho defensor, dentre outras falsas aparições, da demoníaca devoção condenada pela Igreja da "Divina Misericórdia". Hnilica também esteve envolvido no criminoso caso do Banco Ambrosiano, roubando mais de dois milhões de dólares, que foram depois encontrados em sua conta do Banco do Vaticano, e provavelmente era maçom também, tal como o dono do Banco Ambrosiano que também esteve envolvido nesse crime. Quando Koráb morreu, o ex- Padre da Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX), Rafael Trytek, que é ligado a Dom Sanborn e exerce seu apostolado na Polônia, fez um sermão na Santa Missa dando graças a Deus pela morte desse herege, servo do Anticristo. (Referências: 1, 2).

Gary Gonzalo Alarcón

Provavelmente participou do conclave de "Lino II". O que chama atenção nesse falso bispo é o seu desconhecimento básico de liturgia, o que evidencia que ele não teve o mínimo preparo sacerdotal, nunca passou por um seminário tradicional, como é o caso de quase todos pretensos clérigos que estão neste meio dito conclavista. Há uma foto desse senhor, Gary Alarcón, pretendendo, de maneira absurda, rezar Missa com a estola por cima da casula. Não se vê uma foto ou vídeo onde ele esteja usando a cruz peitoral, insígnia episcopal. Seu altar parece um oratório de mau-gosto, totalmente alheio às rubricas e aos costumes romanos. Seu neto, Miguel Alarcon, que se diz seminarista e não frequenta nenhum seminário, herdou também sua falta de bom-senso e respeito para com a sagrada liturgia, assim como "herdou" um "decreto de excomunhão" de Júlio Aonzo, de quem falaremos em seguida. (Referências: 1, 2, 3, 4).

Júlio Aonzo

Nasceu na argentina. Em Morgon, na França, ingressou na ordem capuchinha que seguia e segue Dom Lefebvre e a FSSPX, onde Aonzo obteve o nome religioso de "Frei Bernardo do Sagrado Coração". Em 1987, foi ordenado Padre por Dom Lefebvre e Aonzo foi imediatamente enviado para Argentina pelo seu superior, Frei Eugênio, para contribuir na fundação de um convento capuchinho em Mercedes, província de Buenos Aires. Esse convento foi financiado pelo engenheiro Roberto Gorostiaga, um dos pensadores mais liberais da Argentina na época do Vaticano II, curiosamente apoio a FSSPX e a financiou até romper com ela, ao ser realizadas as 4 sagrações de 1988, e depois foi o maior financiador do conclave que elegeu "Lino II". Com o rompimento com a FSSPX, o convento, antes chamado "São Pio X", passou a ser chamado de "São José", com o senhor Gorostiaga como presidente, e provavelmente foi ele a ponte para que López-Gastón sagrasse Aonzo. Há relatos que como "bispo" ficou mais soberbo, que era um imoral, visitava senhoras casadas na ausência de seus maridos e que abusava e humilhava o quanto podia dos que tentavam entrar em sua congregação, razão pela qual chegou a ficar praticamente vazia. Pouco depois da sua "sagração", envolveu-se com uma viúva e abandonou a vida religiosa, virou motociclista e, depois de uns anos, casou-se ela. Em 2020, é invalidamente ordenado e sagrado sob condição por Gary Alarcon, de quem separou-se logo após sua "sagração episcopal", o que fez com o Alarcon e seus seguidores começassem a sustentar que Júlio Aonzo não era verdadeiro bispo, alegando que ele tinha intenções malévolas ao receber as ordens – como se isso pudesse ser causa de invalidez ao receber as Ordens, mas desses conclavistas malucos, casados e sem formação tradicional pode-se esperar de tudo, menos coerência teológica. (Referências: 1, 2, 3, 4, 5).

José Franklin Urbina Aznar

Nascido em 1953 no México, na cidade de Navajoa, para onde fugiu depois de conseguir fiança para sair da cadeia em que esteve preso por abuso sexual infantil. Antes de se infiltrar no meio tradicional, era casado. Também participou ativamente do conclave de "Lino II". (Referência: 1).

Linhagem de José Ramon López-Gastón

A linhagem de López-Gastón supostamente vem de Dom Thuc, que teria sagrado Datéssen, que, por sua vez, teria sagrado Pierre Salle, que, por sua vez, teria sagrado Mamistra Olivares, que, por fim, teria sagrado López-Gastón. Vejamos um pouco sobre esses pretensos bispos que dizem descender da linhagem Thuc.

Christian Marie Datessen

Foi "Bispo-Abade" da União das Pequenas Igrejas Católicas (Petites Églises Catholiques – uma seita francesa que resultou da constituição civil do clero em 1970, seu corpo doutrinário é composto de galicanismo e jansenismo, possuem ligações com o cisma de Utrecht e com os véterocatólicos), bem como líder da Fraternidade de Nossa Senhora de Belém, Priorado de São José. Não sustentava a posição sedevacantista e tampouco se denominava "católico apostólico romano", provavelmente apostatou em um determinado tempo. (Referência: 1).

Pierre Salle

Foi "Bispo" da Igreja Siro-Antioquia na Europa (seita cismática). Era religioso da comunidade de Datessen. Ele teve uma infância difícil, pois, ao que parece, seus pais o espancavam com frequência desde criança, o que o levou a ter uma neurose depressiva com tendências suicidas. Ele também tinha problemas de saúde como perda de peso, escoliose, entre outros problemas. Mesmo assim, Datessen considerou-o apto para ser consagrado bispo e assim o fez, mas algum tempo depois da sagração, recebeu informações dos atestados médicos de Sallé da década de 1950 (quando tinha cerca de 30 anos) que mostravam que o mesmo não era apto sequer para a vida religiosa por causa de sua neurose depressiva. Acredita-se até que ele teve problemas com a justiça francesa, mas o motivo é desconhecido. A certidão de sagração era real, então a partir daí, Datessen começou a mentir, dizendo que nunca o sagrou porque Sallé era louco, mesmo havendo uma certidão da sagração de Sallé. Datessen divulgou os atestados médicos de Sallé para garantir sua versão e ainda acrescentou que o mesmo era homossexual. Por conta de um problema de castidade, talvez por ser mesmo homessexual, Pierre Salle imitou a atitude condenável de Orígenes e castrou-se a si mesmo. (Referência: 1).

Guy Jean Tau Johannes de Mamistra Olivares

Foi "Bispo" da Igreja Universal da Nova Aliança (Église Universelle de la Nouvelle Alliance – Templo iniciático de Alquimia dos irmãos maiores da Rosa-Cruz, possuindo ligações com o sínodo mundial dos bispos Gnósticos da O.T.O.A., Ordo Templi Orientis Antiqua). (Referência: 1).

CONCLUSÃO: Não parece haver prova documental nenhuma, seja foto ou vídeo, que Datéssen foi um Sacerdote válido e que Dom Thuc o sagrou bispo. Ao que tudo indica, Pierre Salle de fato tinha graves problemas psicológicos, não à toa o Bispo Dom Carmona sagrou novamente sob condição Peter Hillebrand, que teria já sido sagrado por Pierre Salle. Mas não se sabe se Dom Carmona não acreditava na validade da sagração de Pierre Salle por ele provavelmente ser senil. Tampouco há provas que esses falsos bispos hereges, gnósticos e imorais são ordenados Padres validamente, pois para que alguém possa ser sagrado bispo validamente ele precisa ser ordenado padre validamente, conforme ensina a maioria dos teólogos e conforme expõe o célebre teólogo e canonista jesuíta Felix Cappello em seu Tratado sobre o Sacramento da Ordem publicado em 1951: "A maioria dos teólogos e canonistas afirmam que o episcopado pressupõe essencialmente o sacerdócio, de modo que é invalidamente sagrado epíscopo aquele que ainda não é sacerdote (os que sustentam isso são Santo Tomas Aquino, São Roberto Belarmino, Vasguez, Giraldi, Schmalzgrueber, Berti, Hallier, Ysamborti, Pedro de Soto, Gregório de Valencia, etc.). [...] Todos aqueles doutores têm esta opinião pensam que o episcopado não é uma verdadeira ordem distinta da do sacerdócio. Quando essa doutrina é posta, segue-se natural e necessariamente que o episcopado é invalidamente conferido se o sacerdócio é omitido. [...] A ordenação episcopal confere pela sua natureza, quando leva em conta o poder episcopal propriamente dito, o poder de ordenar e confirmar, bem como o poder de consagrar e

abençoar ou cumprir as funções sagradas especiais canonicamente reservadas aos Bispos, mas não inclui eminentemente o sacerdócio e as outras ordens inferiores. Assim, o episcopado é apenas a extensão e o complemento do sacerdócio. Mas a extensão e o complemento de uma coisa não podem nem mesmo ser concebidas sem a própria coisa. [...] Os padres do Sínodo de Sardenha criticaram a ordenação de Ischyra e a invalidaram, 'porque ele não tinha sido sacerdote antes de ser promovido epíscopo' (Apolojf. 2.) [...] Na prática, portanto, a sagração episcopal, sem prévia ordenação sacerdotal, deve ser refeita condicionalmente" (Felix M. Cappello, S.J. – Tractatus Canonico – Moralis de Sacramentis, vol. IV – De Sacra Ordinatione, 1951). **Evidentemente é depois da ordenação sacerdotal que a sagração episcopal deve ser refeita condicionalmente, pois um Sacramento duvidoso na teologia católica é tido na prática como inválido. Um católico não pode receber Sacramento duvidoso, e a opinião contrária já foi condenada pela Igreja.**

Enfim, não é possível ter certeza moral da validade da linhagem episcopal de López-Gastón!

Alguns brasileiros que cooperam ou trabalham com todo esse falso-clero conclavista

Homero Johas

Foi já mencionado o seu nome. Ele ainda está vivo e reside no Rio de Janeiro. Foi fundador do Coetus,

um site de internet conclavista que aparentemente já não está mais ativo, mas que alguns anos atrás chegou a reunir um pequeno grupo de pessoas e também chegou a ser atendido pelo Bispo Pivarunas e pelo então Padre Pio Espina, que hoje é Bispo. (Referência: 1).

Padre Cristian, mais conhecido como Frei Tiago de São José

Esse falso frei carmelita já disse, em áudios, que tem trabalhado com padres e bispos conclavistas, defendeu o clero conclavista de maneira geral, afirmando que "eles não são nada malucos", mas já vimos que em realidade é justamente o contrário, e, nesses áudios, o Padre Cristian disse ainda que, em suas missões, ele estava preparando as pessoas para aceitarem o conclavismo e a idéia de eleger um novo papa. Tais ditos são as respostas para a questão, que veio a público, de que o clero conclavista está novamente se juntando para realizar mais um conclave em breve. Também em áudios, disse não ser um padre independente e que tem a aprovação e recebe Sacramentos e os Santo Óleos do pretenso bispo Michael French, que foi sagrado invalidamente pelo agente da KGB tcheca Emmanuel Koráb. Recentemente, Padre Cristian na inválida sagração realizada pelo falso bispo Júlio Aonzo, de quem já se falou, para sagrar bispo o José Vicente Ramón González Cipitria, provável administrador do blog "Sede de la sabiduria", do qual Padre Cristian é assíduo leitor. José Vicente foi ordenado padre invalidamente primeiro por Squetino, um judeu envolvido com vários escândalos morais e que descende da linhagem inválida de José Urbina, de quem já falamos, depois José Vicente foi novamente ordenado pelo imoralíssimo Pablo de Johas, que costuma usar fotos editadas para tentar mostrar que ele possui ordens religiosas, muitos padres, mas é tudo falso, mas, depois de tal ordenação, José Vicente se afastou de Pablo de Johas, que respondeu sustentando que ele havia retido sua intenção ministerial ao ordenar o José Vicente e que, portanto, ele não seria Padre. Eis a falta de bom-senso, honestidade e caráter dessa gente sectária e conclavista. José Vicente Ramón González Cipitria dizia que a Gary Alarcon era um falso bispo, o que fez com que Aonzo gravasse um vídeo acusando-o de mentiroso e caluniador, e agora, um ano depois, invalidamente o "sagra bispo", com a ajuda do Padre Cristian numa cerimônia bizarríssima. A cerimônia, que pretende ser uma Missa Pontifical, mas absurdamente sem um Subdiácono e os demais ministros necessários, onde cada um está com uma cor diferente em seu paramento, o Padre Cristian está usando uma dalmática dourada com um manípulo roxo, o acólito 2 está com uma alva, pois provavelmente o José Vicente inovou na liturgia usando sua sobrepeliz como se fosse uma tunicela ou dalmática, que um bispo deve usar em Missa Pontifical. Daria para escrever um livro dos erros dessa cerimônia, um completo desrespeito para com a sacra liturgia, na qual o Padre Cristian participou. (Referências: 1, 2, 3, 4, 5).

Franciscanos josefinos

São pretensos franciscanos do Ceará. De origem veterocatólica, com talvez ligação com a seita que se apresenta “Igreja Católica Brasileira”, tentaram se misturar com os sedevacantistas, possuem amizades com o Padre Cristian, que já recomendou fiéis irem às falsas “Missas” deles, e também atendia as “Irmãs Escravas de Maria Rainha da Paz”, uma congregação religiosa da Resistência, ligada a Dom Tomás de Aquino, sagrado por Dom Williamson. Há um religioso dessa congregação que havia sido invalidamente ordenado Padre por López-Gastón, o mesmo que chegou a receber ordens menores do Bispo Martin Dávila, do México. (Referências: 1, 2).

Charbel e Wagner

Ordenados pelo falso bispo George McLaughlin, sagrado por Bruno Amicarelli, que é mecânico e nas horas vagas pretende se fazer de bispo, e que foi sagrado por Jason Christopher Spadafore, mas, quando Bruno Amicarelli descobriu que Spadafore era um gnóstico ocultista, deixou-se sagrar sob condição por Patrick Craig Taylor, que foi quem sagrou o Spadafore. A linhagem primária de Taylor, que se diz um bispo de uma seita ortodoxa, vem de uma linhagem que remonta à seita veterocatólica, e ela acabou sendo objeto de estudado do Padre Cekada ao estudar a validade dessas linhagens veterocatólicas, onde concluiu em seu artigo, que tal linhagem que se espalhou nos EUA deve ser tida por duvidosa, portanto, inválida. Patrick Craig Taylor foi depois sagrado bispo, de novo invalidamente, mas agora “sob condição” pelo falso bispo Merrill Adamson, que foi sagrado por José Urbina, de quem já foi dito. Assim, os falsos padres Charbel e Wagner se dizem da linhagem Thuc, mas são tão inválidos quanto esses bispos gnósticos, hereges e infiltrados, e esses falsos padres que vivem no Brasil enganando os fiéis incautos são amigos do Padre Cristian, que cedeu para eles algumas missões dele, recomenda seus seguidores e terciários que vão às Missas desses falsos padres, e ainda cedeu uma casa para eles fazerem um seminário, mas, ao que parece, não deu certo, e os poucos seminaristas frequentam também as missões dos “franciscanos josefinos”, com os quais Charbel e Wager possuem amizade, este último, antes de ser seminarista no Seminário de Trento e durar não mais que 4 meses em tal seminário, até chegou a fazer parte de tal congregação “franciscana”. (Referência: 1).

Sobre Jean-Gérard Roux, López-Gastón e outros supostos Bispos da linhagem Thuc

Antes de iniciarmos o artigo, convém responder sobre a conveniência deste artigo que alguns podem vê-lo como mais um dossiê que não tem sua utilidade por supostamente não converter ninguém. Nada tenho a dizer senão lamentar por estes que criam uma falsa dicotomia **entre alertar os fiéis dos erros** e **conduzi-lo à verdade pelo testemunho e pregação** ou que desconhecem partes importantes da história da Igreja, como, por exemplo, o fato de que a crise atual na Igreja poderia ser adianta em séculos se o Papa Paulo IV não houvesse exposto no conclave que o elegeu os Cardeais heretizantes ou que favoreciam a heresia, como relatado pelo livro "Mistério da Iniquidade" publicado pelo Seminário São José. É necessário também expor às ovelhas os lobos que conduzem ao engano até mesmo pessoas que, como se mostrará no decorrer do artigo, tentam seguir uma vida carmelita tradicional e que por isso deveriam saber melhor reconhecer um lobo quando se deparam com um, mas desgraçadamente não é isso que vemos e Nosso Senhor novamente queixa-se pelos homens, especialmente católicos, que se perdem pela ignorância. Precaver as ovelhas do perigo faz parte também do conduzi-las à verdade.

INTRODUÇÃO À QUESTÃO DAS LINHAGENS EPISCOPAIS

Com a promulgação em 1968 do novo rito de sagração episcopal, os novos bispos de rito latino sagrados através dele não viriam a ser bispos de verdades e, portanto, tampouco poderiam ordenar e sagrar validamente mais padres e mais bispos, como demonstrou o Rev. Pe. Anthony Cekada em vários artigos como este: https://www.seminariosaojose.org/artigos/o-porqu%C3%AA-de-os-novos-bispos- n%C3%A3o-serem-bispos-de-verdade

No entanto, restou no rito latino dois principais Bispos que mantiveram linhagens episcopais certamente válidas: Dom Lefebvre e Dom Thuc. As linhagens episcopais de Dom Lefebvre são mantidas pelos Bispos lefebvristas na Fraternidade São Pio X (FSSPX) e na chamada Resistência. As linhagens episcopais de Dom Thuc, que por volta de 1980 passou a reconhecer a vacância da Sé Apostólica a partir de 1958, são supostamente mantidas por várias dezenas de supostos Bispos.

Diferentemente das linhagens episcopais de Dom Lefebvre que são em si ilícitas, devido aos Bispos lefebvristas manterem uma posição contrária à fé e à doutrina católica e aderirem a uma seita acatólica (a falsa igreja do Vaticano II), as supostas linhagens episcopais de Dom Thuc não são em si ilícitas, mas, com exceção de algumas poucas linhagens, padecem de graves problemas que fazem com que os católicos sejam obrigados a tê-las não somente como ilícitas, mas como inválidas.

As poucas linhagens episcopais que procedem de Dom Thuc, que certamente são válidas e lícitas, geralmente procedem **apenas de dois Bispos sagrados por ele**, que como ele não reconheciam como legítima a falsa Igreja do Vaticano II: Dom Moisés Carmona e Dom Guérard des Lauriers. Sobre a validade dessas duas sagrações, há este outro excelente artigo do Padre Anthony Cekada: https://www.seminariosaojose.org/artigos/a- validade-das-sagracoes-thuc

O PROBLEMA DAS SUPOSTAS LINHAGENS THUC

Quanto às linhagens que alegam proceder de supostos bispos sagrados por Dom Thuc, que não sejam os dois Bispos mencionados acima, em sua quase totalidade devem ser tidas pelos católicos por inválidas e – em sua totalidade – por ilícitas, como seria o caso dos primeiros bispos da igreja palmariana sagrados por Dom Thuc. Os principais motivos da quase totalidade das supostas linhagens Thuc serem consideradas como inválidas são justamente **a falta de provas ou documentos de que as sagrações ocorreram a partir de Dom Thuc** e

as circunstâncias obscuras e confusas em que supostamente essas sagrações ocorreram.

Não é absolutamente necessário, para a validade de uma ordenação, que haja provas ou documentos da ordenação em questão, mas dadas as circunstâncias em que as demais linhagens episcopais estão inseridas, pode-se facilmente reunir motivos para pôr dúvida sobre a validade de qualquer uma delas, já que há muitos casos hoje em que "bispos" e "padres" alegam que receberam as Ordens Sacras, mesmo com passado obscuro ou oculto, sem nenhuma formação tradicional, com doutrinas gnósticas, com moralidade duvidosa, com ligações políticas estranhas, etc. Alguém nesse caso, faria qualquer católico – com o mínimo de bom-senso – ter uma dúvida razoável ou fundamentada se realmente se trata de alguém que recebeu validamente o Sacerdócio ou Episcopado, e, se tal dúvida existe, ela já é em si a causa do católico não poder considerar como válida a Ordem dessa pessoa, pois é da doutrina católica que um Sacramento duvidoso seja tido pelo católico como um Sacramento inválido, tanto que a Igreja já condenou a idéia de que um católico poderia receber um Sacramento duvidoso. Pessoas duvidosas se arrogando serem sacerdotes católicos não é um fenômeno próprio desta crise atual na Igreja, há casos assim mesmo antes do Vaticano II, em que, por exemplo, agentes secretos se infiltraram no clero católico se vestindo de clérigos e cumprindo mais ou menos um papel para manter tal disfarce, porém esse é um fenômeno que hoje se encontra de maneira bem constante e clara no meio dito conclavista, cujos os supostos bispos arrogam serem da linhagem Thuc.

AS SUPOSTAS LINHAGENS THUC NO MEIO CONCLAVISTA

Como bem disse uma vez o bem-conhecido "Frei Tiago de São José": há vários infiltrados da CIA e da KGB nesse meio dito conclavista que é um movimento em que querem fazer do nada um papa. Curiosamente o referido "Frei carmelita" é um desses casos cuja história "sacerdotal" é obscura e confusa, assim como é o caso das suas quatro ordenações sacerdotais e de outras coisas mais envolvendo ele, e, portanto, não foi à toa que com o tempo passou a trabalhar com esse mesmo clero conclavista e a defendê-lo ferozmente, afinal semelhantes atraem semelhantes.

LÓPEZ-GASTÓN

Algumas das linhagens episcopais recomendadas pelo "Frei Tiago de São José", e com as quais ele afirma trabalhar atualmente, procedem da linhagem de Gary Alarcon (como o sr. José V. Ramón G. Cipitria) ou de José Urbina (como os "padres" Wagner e Charbel do Brasil), supostamente sagrado por López-Gastón. Há um bom documento demonstrando alguns dos inumeráveis motivos pelos quais a linhagem de López-Gastón deve ser tida como inválida:
https://mega.nz/file/If5yBBJb#DTueIRyN9UZplKU-gN9z_f5FMSDM-dt46nO9Z4COdpQ

O falecido Gary Alarcon mostrou em um vídeo uma carta que, segundo ele, teria ele recebido de seu sagrante, López-Gastón, em que este teria afirmado que é uma mentira que ele, López-Gastón, teria se deixado sagrar sob condição por um outro suposto bispo da linhagem Thuc, chamado Jean-Gérard Roux, como afirmam na internet e que nunca foi desmentido pelo senhor Roux.

Se o senhor Roux fosse realmente bispo válido e estivesse dizendo a verdade, então López-Gastón poderia ter sido bispo válido somente a partir do momento em que foi sagrado sob condição pelo sr. Roux, o que colocaria em dúvida as linhagens de Alarcon e Urbina, que o "Frei Tiago" reconhece como válidas, mas a invalidade dessas duas linhagens foi justamente demonstrada em um vídeo pelo já referido sr. Cipitria, que agora deixou-se sagrar pela linhagem do Alarcon:
https://mega.nz/file/EGpEBZbA#EG7QzsEx4G6YEb9jvdAlR92fjc52bKF1ZwS8iMFjArQ

Na mesma conclusão do sr. Cipitria chegou antes o sr. David Martinez, famosíssimo no meio hispânico conclavista e então fiel do sr. Squetino, suposto bispo sagrado por Urbina, que em um áudio ao sr. Cipitria ("ordenado sacerdote" por Squetino) põe em dúvida a linhagem de López-Gastón (e conseqüentemente de "Monsenhor" Squetino) por descender da "linhagem episcopal" do cabalista Jorge Caro da "igreja gnóstica":
https://mega.nz/file/RGQjnJpD#46PVTiqE0tEgybbxqVKPSvnYSRJV78cJGBqdcCPE5tQ

Não é nosso intuito reproduzir todas os escândalos envolvendo o senhor López-Gastón e as "linhagens episcopais" envolvendo ele, que em grande parte estão mencionadas com fontes no documento mencionado acima, mas convém mencionar ainda mais esta informação tirada desse documento: Dom Moisés Carmona não acreditava na validade de Pierre Sallé, que foi um pseudo-bispo do qual provém a "linhagem episcopal" de López- Gastón, tanto que ele depois sagrou sob condição Peter Hillebrand, "sagrado" antes por Pierre Sallé. Mais informações sobre o López-Gastón e as "linhagens episcopais" podem ser encontradas no referido documento acima.

Pelo que foi exposto, já seria suficiente para qualquer católico com bom-senso manter-se bem longe destas linhagens conclavistas, cujos inumeráveis problemas fazem com que nenhum grupo sedevacantista sério ou grande coopere com os que são envolvidos com elas, por mais que os sedevacantistas em geral concedem a possibilidade de se fazer um concílio geral imperfeito, mas nas circunstâncias corretas de modo que haja aceitação universal dos membros da Igreja.

JEAN-GÉRARD ROUX

Porém, convém trazer algumas informações a mais sobre o sr. Jean-Gérard Roux, que tem ganhado uma maior notoriedade no meio tradicional pela ajuda que tem dado ao desastroso e lamentável "Frei Tiago de São José", como se pode ver por esta imagem postada nas redes sociais pelas ditas carmelitas do "Frei Tiago de São José": https://mega.nz/file/ZX5iSABI#NuMcYm-dlcwrUdTPD58SJlSSzgltQ7RCUb7oFwQ9K8E

O senhor Eberhard Heller, fiel católico alemão que foi quem conseguiu as sagrações dos Bispos Moisés Carmona e Guérard des Lauriers, e que era amigo de Dom Thuc, em sua famosa revista tradicional Einsicht, desmente o sr. Roux que alegava ter sido sagrado em
18 de abril de 1982 por Dom Thuc na Itália, quando em realidade este estava na Alemanha junto com a família do sr. Heller, onde permaneceu até 01 de maio de 1982. Esse relato do sr. Heller pode ser lido no primeiro Anexo a esse texto.

Em francês, a quem interessar, há um "*curriculum vitae*" do sr. Jean-Gérard Roux, relatando sua "vida religiosa", seus feitos no meio tradicional, suas falsidades, escândalos, condenações na justiça, etc.: https://web.archive.org/web/20010423071758fw_/http:/www.geocities.com/Paris/8919/html/tartuffe/curricul.htm

Neste mesmo site, encontram-se outros escritos também em fracês sobre o sr. Jean- Gérard Roux:

- Sobre sua ligação com o pseudo-bispo Michael French (também recomendado pelo "Frei Tiago de São José"):
  https://web.archive.org/web/20010423064844fw_/http:/www.geocities.com/Paris/8919/html/tartuffe/frenchfr.ht
- Sobre um possível novo golpe:
  https://web.archive.org/web/20010423064536fw_/http:/www.geocities.com/Paris/8919/html/tartuffe/jeremy.htm
- Carta para alertar sobre ele:
  https://web.archive.org/web/20010423154134fw_/http:/www.geocities.com/Paris/8919/html/tartuffe/pastorale.h

ANEXO I – AVISO CONTRA UM SUPOSTO BISPO

Por **Eberhard Heller**

Fonte: https://catholicapedia.net/Documents/Einsicht/documents/FR/1994-02_EINSICHT_Jahrgang-23_Nummer-05_Februar-1994_FR_Pages21-22.pdf

Saído do chão como que por magia, apareceu neste verão um certo Sr. Roux, de Chaillac na França, que se apresentou como bispo ortodoxo e validamente sagrado aos católicos deslumbrados. Em sua sombra agita-se,

como de costume, a Sra. Adélaïde Hagen de Genève.

O Sr. Jean Roux, que declara ter nascido em Nice em 11.2.1951, afirma:

1. ter sido ordenado sacerdote em 1977 pelo seu primo, o bispo melquita da Europa, Dom Bernardier,
2. ter sido sagrado bispo, cinco anos mais tarde pelo referido Dom Bernardier,
3. ter sido de novo sagrado "*sub conditione*" por Dom Ngó-dinh-Thuc, em Loano, Itália, em 18 de abril de 1982 (cópia do certificado apresentado).

O que se pode acrescentar como comentário:

1. Investigações conduzidas em Paris junto da casa central dos melquitas revelaram que não se conhecia ninguém de nome Bernardier ou Roux que fosse sacerdote ou bispo.
2. Chegou-se ao mesmo resultado investigando em Nice, numa casa para idosos, gerida por melquitas russos, e onde deveria estar o Bispo B., que, no entanto, tinha 49 anos.
3. Todavia, entre os ortodoxos, assim como entre nós, existem clérigos girovagos ou "vagi" (vagantes, N. do T.), geralmente de origem duvidosa, cujo passado é difícil de explorar.
4. No dia em que o certificado afirma que Roux se encontrava em Loano, em 18 de abril de 1982, Dom Ngó-dinh-Thuc se encontrava em Munique com a minha família. Não foi senão no dia primeiro de maio que a Sra. Nor Rant, o Sr. Hiller e eu o acompanhamos até Nice, para onde regressou de avião.
5. Foi-me garantido que, além do testemunho que certifica que se realizou uma sagração episcopal "*sub conditione*", deve existir outra que não comporte esta cláusula adicional. No entanto, podemos interrogar-nos se a declaração feita por Roux ao n.º 2 corresponde a essa garantia.
6. Tanto mais que este bispo Roux, que ninguém conhece, só se apercebeu de que era católico 11 anos após a sua pretensa sagração.

Portanto, exorto clérigos e leigos a não colaborar com o Sr. Roux antes de ter podido provar que diz a verdade, o que é duvidoso, e que é católico. N.b.: Enviei esta advertência ao Sr. Roux pedindo-lhe que tomasse posição. A sua resposta datada de 13.11.1993 corrige o seguinte: Dom Bernardier nunca foi melquita e tampouco o sagrou cinco anos depois. Por outro lado, o sr. Roux mantém a sua narrativa de sagração em Loano por Dom Thuc. No entanto, Dom Thuc estava em Munique desde 29 de janeiro e só retornou em 1 de maio de 1982.

Quem é o "bispo" de Koráb? (2014)*

D. Contagem

quinta-feira, 24 de julho de 2014

Lema: *"Aquele que não conhece seu passado está condenado a repeti-lo."*

NT: Somente reproduzimos o artigo. As opiniões do autor sobre o sedevacantismo NÃO são as mesmas que as da Ação Restauracionista.

Introdução

Recentemente, alguns católicos tradicionais notaram o aumento das atividades de uma pessoa que aparece como "Bispo Lohelius Koráb" e começaram a questionar quem ele realmente é. Gostaria, portanto, de apresentar alguns fatos sobre sua pessoa neste artigo. Colocarei consistentemente a palavra "bispo" entre aspas em conexão com ele, porque não tenho certeza sobre a validade de sua ordenação episcopal, apesar de todas as garantias.

À medida que a crise na Igreja piora, os crentes que desejam permanecer ?éis aos ensinamentos imutáveis da Igreja e manter sua fé intacta enfrentam situações cada vez mais difíceis. Não há muitos católicos tradicionais neste país, mas mesmo entre eles há diferenças. Algumas dessas diferenças são pequenas, outras são pequenas e outras são cruciais. Como parte dessa divisão, também temos aqui crentes que a?rmam ser os chamados sedevacantistas, ou seja, católicos que sustentam a opinião de que os últimos papas (na maioria das vezes desde Pio XII) não foram papas válidos, e nem o atual papa em sua opinião. Essas pessoas ainda podem ser divididas em sedevacantistas “não dogmáticas” e “dogmáticas”. Os outros estão convencidos de que, para ser católico ou ser salvo, é preciso compartilhar a visão de que os últimos papas são hereges formais, eles perderam seu cargo e a Igreja está, portanto, em estado de sedevacância, ou seja, a sé papal está vaga. Tanto quanto posso julgar, os sedevacantistas "dogmáticos" prevalecem na República Tcheca.

Como em outros grupos sem exceção, entre eles há gente boa, gente educada, mas por outro lado também há gente mais simples ou manipulável. Não quero julgar nenhum deles neste pequeno artigo, nem quero escrever outra polêmica sobre o erro de sua posição. Sua experiência pessoal e a experiência de muitos outros é clara nessa direção. Um sedevacantista que se deixa convencer da falácia de sua posição é um fenômeno muito raro.

Este artigo não pretende, portanto, ser uma polêmica com a posição sedevacantista, porque muitos artigos e traduções de ambos os lados foram publicados em tcheco nos últimos anos sobre esta questão, e os debates estrangeiros nessa direção foram compreensivelmente muito mais numerosos na última década. Apenas como uma nota lateral, gostaria de salientar que mesmo aqui você pode encontrar pessoas muito fundamentadas teologicamente, como o bispo Sanborn ou P. Cekada, que, entre outras coisas, também são excepcionais porque suas polêmicas não são furiosos, mas práticos, não visam *ad hominem* e mantêm uma decência católica. Mas há outros, por exemplo, os irmãos Dimond, onde sua auto-apresentação é mais uma expressão de um distúrbio psicológico.

De qualquer forma, os católicos que optaram por se tornar sedevacantistas o ?zeram por livre escolha. No entanto, considero meu dever chamar a atenção deles para alguns fatos sobre uma pessoa que deseja moldá-los espiritualmente. O essencial pode ser encontrado no ?nal deste artigo. Para outros que não são sedevacantistas, permitir-me-ei uma breve apresentação do "bispo" Koráb.

Lohelius Koráb

Um dos pastores espirituais de um certo grupo de sedevacantistas locais é o suposto bispo Lohelius Koráb (*1961) de Opatovce perto de Svitav, que celebra a Santa Missa em sua casa e ao mesmo tempo começou a se deslocar regularmente para Frýdek-Místek para celebrar a Santa Missa também, onde alterna com Pe. By Rafal Trytek da Polônia. (Aqui observo que considero este padre polonês uma pessoa decente e educada.)

Emanuel Koráb em trajes civis

O nome civil de Lohelia Koráb é Emanuel Koráb. Como já mencionado, ele mora perto de Svitav, onde, segundo minhas informações, trabalha no escritório de empregos local. Mas qual foi o seu caminho para o sacerdócio? Os recursos são relativamente escassos nesse sentido.

Das informações disponíveis, pode-se inferir que Emanuel Koráb pediu originalmente ao bispo da Igreja Católica Velha para ser ordenado sacerdote nos dias da Tchecoslováquia socialista. Ele fez isso porque 1) ele não teve a oportunidade ou não queria entrar em um seminário regulamentado pelo Estado, 2) ele con?ou no fato de que a sequência de ordenação foi preservada intacta entre os católicos antigos. Ele também teria sido ordenado bispo pelo bispo da Igreja Católica Velha. Como ele se perfilou em relação à Tradição neste momento é desconhecido para mim.

Mais tarde, foi consagrado sacerdote e bispo pelo bispo José Ramon López-Gastón *sub conditione* em 26 de junho de 1994 em Assis, Itália. Posteriormente, segundo algumas fontes, ele foi consagrado como bispo *sob condição* em 1999 pelo bispo eslovaco Hnilica no Vaticano.

Isso por si só é muito variado, mas está longe de abranger toda a atividade de Emanuel Koráb. Então vamos olhar mais longe.

"Conclave" em Assis

Em 27 de junho de 1994, Emanuel Koráb assinou a "Declaração do Bispo de Assis" (aqui em tcheco). Nesta declaração, os signatários denunciam o Concílio Vaticano II como modernista, condenam o *Novus Ordo Missae* como inválido e ímpio e questionam alguns outros novos ritos. Como resultado, eles rejeitam os papas no cargo durante e após este concílio, incluindo o então válido Papa João Paulo II. e declarar vacante a Santa Sé. Por isso, consideram extremamente necessário dar à Igreja uma nova cabeça visível, dever que assumem para si. A declaração foi assinada pelos "bispos" José R. López-Gastón, Thomas C. Fouhy, José F. Urbina e (consagrado na véspera) Emanuel Koráb.

"Bispo" Koráb serve missa

Portanto, pelas razões acima, eles realizaram um "conclave" e em 29 de junho de 1994, elegeram um novo "Papa", Victor von Pentz, que assumiu o nome de Linus II. Naquela época, esse "papa" tinha 41 anos, e era interessante que ele pertencesse ao Rito Oriental. No entanto, este "papa" aparentemente não ocupou o cargo de acordo com as idéias de seus eleitores e, portanto, em 22 de abril de 2005, Dom Koráb enviou a Victor von Pentz uma carta na qual a?rma que o "papa" não está ativo no longo termo, contra o qual "o clero e o povo" se rebelam. Ele então calcula que o "papa" ocupa o cargo há dez anos e não emitiu praticamente nenhum documento o?cial, não nomeou cardeais, não beati?cou e canonizou ninguém etc. por motivos de saúde, uma vez que esta situação já não é sustentável.

Não sei se Koráb recebeu alguma resposta ou não, mas sei que hoje ele apresenta a coisa toda de tal forma que o "papa" Linus II. "silenciosamente resignado". Certamente não é importante para nós, eu menciono todo esse incidente apenas para ilustrar a mentalidade desse tipo de pessoa. Até onde sei, Koráb ainda está trabalhando duro para convocar um novo "conclave" e se comunicar com pessoas de todo o mundo.

Outro Emanuel Koráb

Pelo que foi escrito acima, penso que de uma forma breve e bastante reveladora poderíamos pelo menos conhecer os antecedentes dúbios da consagração deste "bispo" e seu equipamento de pensamento. Deixo de lado a análise de seus textos, que estão disponíveis publicamente, e alguns dos quais são no mínimo estranhos, veja por exemplo as Éclogas Bíblicas (aqui).

No entanto, há outro Emanuel Koráb, cujo passado é um pouco mais sombrio que o do obscuro "bispo" com uma mentalidade estranha.

Se pesquisarmos nos arquivos do StB, descobriremos que o Sr. Koráb era um agente da infame segurança secreta de estado comunista.

Extrato do volume StB (veja a última linha)

O extrato mostra que a data de registro do arquivo relevante é 25 de fevereiro de 1985. Segue-se o chamado tipo de volume. As abreviaturas que caracterizam o status da pessoa registrada são fornecidas nesta caixa. Emanuel Koráb é mantido como administrador do StB desde esta data. Aqui é necessário dizer que a categoria de con?dente (D), bem como a categoria de candidato a cooperação secreta (KTS), candidato a agente (KA) ou candidato a informante (KI) não são categorias de cooperação consciente no sentido da Lei n.º 451/1991 com base no veredicto do Tribunal Constitucional Coll. (a chamada lei de lustração). (Para descrever as categorias "trustee" e "agente" mais adiante no texto, uso o verbete do dicionário da Wikipedia.)

O con?dente não se comprometeu diretamente com a cooperação com o StB, não tinha um codinome o?cial (ou seja, não conhecia seu codinome, sob o qual seu vínculo foi registrado no serviço de inteligência). Suas atividades incluíam principalmente a transferência de informações de vários bancos de dados e registros aos quais ele tinha acesso no trabalho ou em outros lugares. Ele chamou a atenção para indivíduos e comportamentos anti-sociais, casos de conspiração e espionagem em empresas industriais, etc., cuidou do monitoramento do grupo conspiratório, também foi responsável por várias provocações anticomunistas, etc. O con?dente mais tarde se tornaria um funcionário do StB em posição superior (por exemplo, agente), e, portanto, em cargo de con?ança, foi monitorado e escrutinado.

O número de inscrição do maço de Emanuel Koráb no cadastro de maços é o número 22 190.

Na coluna "Nota", também encontramos uma informação interessante, a saber, que o volume foi retomado em 25 de fevereiro de 1985, e que aparentemente já estava estabelecido na época em que Emanuel Koráb cumpria o mandato de dois anos compulsório. tempo de serviço militar nos anos 1983-85 na unidade militar em Stará Boleslav.

Agente de Segurança Secreta de Estado

Passado apenas um mês, quando é mantido na categoria de con?dente do StB, torna-se agente do StB. Isso acontece em 29 de março de 1985, e há registro disso na declaração da coluna sobre a transferência para outro tipo de título. Ele foi registrado sob o codinome "Happy".

O agente era um colaborador secreto do StB, que se comprometia por escrito ou verbalmente à cooperação e mantinha comunicação (contato conspiratório) com o

comandante. Ele realizou várias tarefas especi?cadas de acordo com sua classi?cação em determinados grupos de acordo com habilidades, ocupação, de acordo com a natureza de seu campo, habilidades linguísticas, talento, etc. As tarefas eram de natureza diferente, mas principalmente informativas, documentais ou, por contrário, desinformação e decomposição. Ele era muitas vezes remunerado, mas também trabalhava de graça com a visão de um certo benefício da cooperação no futuro.

No caso de Emanuel Koráb, é razoável supor que sua cooperação com a segurança do segredo de Estado e sua inclusão diziam respeito à Igreja Católica e à luta contra ela.

Detalhe da declaração do agente Koráb

O arquivo em si não estava disponível para o autor deste artigo. No entanto, as informações disponíveis indicam que Emanuel Koráb foi destacado para o Ocidente como agente para monitorar as atividades da ordem religiosa beneditina na Itália. (NN 615, 01/01/1991, "O sonho europeu de Dienstbier - Lista de colaboradores StB na diplomacia")

Também é estranho que, de acordo com o extrato, o volume do agente Koráb já tenha sido destruído em 6 de dezembro de 1989. Portanto, acredito que havia um forte interesse em evitar que as informações dele fossem examinadas no futuro.

Conclusão

Há muito tempo tenho informações sobre o passado do "Bispo Lohelius Koráb" ou do agente "Stastný", sem antes precisar comentar sobre as atividades dessa pessoa. No entanto, desde recentemente o "bispo" voltou a se apresentar mais publicamente (entre outras coisas criticando o bispo Williamson) e se posicionar como uma autoridade moral e in?uenciar um círculo mais amplo de pessoas com seus artigos, e desde que fui perguntado sobre essa pessoa de vários lados, estou reagindo por este artigo. Gostaria também de acrescentar que algumas outras conexões de Emanuel Koráb podem ser interessantes desse ponto de vista. Também estou ciente de que alguns sedevacantistas tchecos rejeitam completamente esse homem, e acredito que seja exatamente porque conhecem seu passado. É necessário acrescentar que Koráb não é a única pessoa com um passado sombrio nos círculos católicos.

A questão é: a quem e o que o Sr. Koráb realmente serviu e ele serve?

A *Devotio Moderna* Nominalista Voluntarista e sua Origem Gnóstica

P. Basílio Méramo

Publicado em quarta-feira, 4 de janeiro de 2017 - por Gustavo Maldocena

É de suma importância ver a relação entre a chamada *Devotio Moderna*, cujo máximo expoente místico espiritual foi Tomás de Kempis (1380-1471), e a mística alemã (renana), cujo mestre (e daí o nome) é o dominicano Eckhart (1260-1328), comumente conhecido como Mestre Eckhart. Dito autor é um grande místico, mas lamentavelmente seu pensamento é gnóstico-cabálico, a tal ponto que se o pode considerar filosoficamente como o grande metafísico da Gnose.

A *Devotio Moderna* é uma corrente espiritual da Baixa Idade Média, nascida nos Países Baixos (Holanda), no final do século XIV. As origens vêm com a obra de Gerardo Groote (1340-1384), que fundou uma organização feminina chamada Irmãs da Vida Comum; um seguidor e colaborador, Florencio Radewijns (1350-1400), que se tornou sacerdote a instâncias do próprio Groote e continua a obra de seu mestre fundando uma congregação masculina com o nome de Irmãos da Vida Comum. Em 1378, inaugura em Windesheim, na Alemanha, um mosteiro formado por clérigos e leigos, dando nascimento à comunidade de canónigos regulares de São Agostinho. A espiritualidade é voluntarista, anti-especulativa, nominalista e moralista.

Ninguém pode desconhecer que o fundador da *Devotio Moderna*, Gerardo Groote, teve a influência do Mestre Eckhart; também não se pode ignorar que o protestantismo teve seu caldo de cultivo na *Devotio Moderna*, pois personagens como Erasmo de Rotterdam (1466-1536), João Calvino e Gabriel Biel (1410-1495) foram influenciados por este movimento, e este último chegou a ser diretor de um dos centros de estudo desta congregação e teve grande influência sobre Lutero.

Liturgia das Horas (manuscrito) de Gerardo Groote

Também não se pode ignorar que a *Devotio Moderna* está intimamente ligada ao voluntarismo teológico de Duns Scot (1265-1306) e inclusive ao nominalismo de Guilherme de Ockham (1295-1350).

O dano que o nominalismo, surgido da velha disputa escolástica dos universais, fazendo das essências puros nomes (daí o nome de nominalismo), causou à teologia e ao pensamento filosófico, que ainda hoje sofremos, não pode ser ignorado.

O mesmo conceito de *Devotio Moderna* está sinalizando a impronta de Ockham, que se contrapunha à Escolástica da escola antiga. Ockham, como é sabido, é a figura do nominalismo que remonta a Roscelino (1050-1121) e a Abelardo (1079-1142); e para que nos demos uma ideia de seu funesto voluntarismo nominalista, basta recordar o que dizia: “se Deus mandasse adorar uma burra, esse ato seria bom”, já que

toda a ordem moral, em seu acendrado voluntarismo, dependia da libérrima vontade de Deus e o que Deus decretasse, voluntária e livremente, é o bem, e o contrário é o mal; ou seja, que o bem e o mal dependem não da sabedoria, mas da vontade de Deus.

"O que Deus quer é necessariamente justo e bom, precisamente porque o quer; desta vontade procede a lei e todo valor ou qualificação moral. (…) Deus pode mudar o primeiro mandamento e, por exemplo, levando as coisas ao extremo, ordenar a um homem que o odeie, de sorte que tal ato viria a ser bom. (…) Igualmente o ódio ao próximo, o roubo, o adultério seriam meritórios se Deus o mandar." (Les Sources de la morale chrétienne, P. Servais-Théodore Pinckaers O. P., ed. du Cerf, Paris 1993. p. 256).

Haja visto maior estupidez e aberração conceitual-mental a qual se possa chegar, e tudo graças ao voluntarismo nominalista de um filho da Albânia, de um anglossaxônico em todo o seu esplendor.

Este voluntarismo atroz já havia sido refutado anteriormente por Santo Tomás de Aquino, quando qualificava de blasfemo o considerar que Deus, ao criar as coisas por um ato voluntário, não o fazia considerando sua inteligência e sabedoria. E assim diz: "Deus obra voluntariamente por ordenação de sua sabedoria." (I-II, q. 79-3).

E mais ainda, além de errôneo, é blasfemo: "Dizer então que a justiça depende da simples vontade, ou seja, que a vontade divina não procede segundo a ordem da sabedoria, o que é blasfemo." (De Ver. q.23, a.6). Com isto temos a condenação do voluntarismo teológico por Santo Tomás de Aquino.

O Padre Cornélio Fabro, do qual o Padre Meinvielle dissera: "É possível que, depois de sete séculos de tomismo, tão somente o P. Fabro tenha voltado a entender o ato de ser? É possível…?" (Elvio Fontana, In Memoriam Cornelio Fabro, ed. Verbo Encarnado San Rafael -Mendoza, Argentina- 1995, p.31); pois lamentavelmente a escola tomista, a partir de Cajetano e Bañez, foi mais caetanista e baneziana do que tomista. O P. Fabro, depois de referir-se ao nominalismo protestante de inspiração agostiniana e após catalogar o nominalismo como a tragédia espiritual mais grande em que caiu a razão humana e de fideísmo absoluto, que desvirtua a fé verdadeira, pretendendo que o que crê não entende nada, não raciocina, o que corresponde a uma óptica nominalista da qual nasceu o protestantismo, advertindo, apesar de si, sobre o nominalismo do autor da Imitação de Cristo, Tomás de Kempis, mas dando uma grande luz para nos pôr em guarda: "O autor da Imitação de Cristo –um autor desconhecido, sem dúvida muito profundo– mas nominalista: 'O que me importa a mim saber da Trindade? A mim me basta rezar à Trindade, o que me importa de fato discutir sobre as pessoas da Santíssima Trindade, quando não tenho a retidão mediante a qual agrado à Trindade?'" (La Crisi della Ragione nel Penseiro Moderno, Cornélio Fabro, ed. Forum, Udine, Itália 2007, p.43). Aqui vemos como o P. Fabro assinala o nominalismo do famoso Kempis.

O P. Servais Pinckaers, O.P., mostra como o nominalismo afetou a teologia moral dizendo: "Com o nominalismo, uma fossa profunda se cavou entre os moralistas modernos e a tradição patrística." (Ibídem, p.262), e além disso diz: "Deus é para Ockham a realização absoluta da liberdade, graças à sua onipotência. Deus não está, então, submetido a nenhuma lei, inclusive moral; sua vontade livre é a única causa e origem da moral." (Ibídem, p.261). E mostra a grande influência que teve: "As doutrinas de Ockham conheceram uma muito longa difusão e deram nascimento ao nominalismo que influenciará profundamente o pensamento ocidental neste tempo final da Idade Média." (Ibídem, p.251).

O mesmo autor, ao referir-se a Kempis, manifesta: "Também os espirituais, como por exemplo Tomás de Kempis na Imitação de Cristo, porão com frequência seus leitores em guarda contra a vaidade das especulações teológicas." (Ibídem, p.265).

Convém também dizer e recordar que toda a filosofia moderna tem uma grande impronta nominalista, além de gnóstico-cabálica. O Mestre Eckhart, não há que esquecê-lo, foi condenado pouco depois de morrer por suas proposições heréticas e, ainda assim, goza de grande fama como autor espiritual e místico, sendo ele, junto com seus dois discípulos Suso e Taulero, o tríduo da mística alemano-renana e ao qual haveria que associar Ruysbroeck (Rusbroquio 1293-1381), considerado por Groote e Tomás de Kempis como seu mestre,

e sobre o qual influencia o Mestre Eckhart.

Em seu livro Da Cabala ao Progressismo, o P. Meinvielle diz: “Abéllio, em La Structure Absolue, nos diz, repetindo a tese da Cabala, que ‘o problema do Indeterminado, chamado Supremo Brahma pelos hindus, Tem (o que não existe em forma) pelos egípcios, Ain-Sof pelos judeus, deidade de Deus pelo Mestre Eckhart e Undgrund por Jacob Boehme, se confunde com o da infinidade dos possíveis, e a suprema contingência aparece ali como resultado de uma determinação absoluta… A deidade nos aparece como a equivalência de um cheio absoluto e de um vazio absoluto’. Por aqui aparece que as gnoses, tanto antigas como modernas, são uma mistura dos mistérios de todas as religiões e tradições com um verniz de elementos também cristãos; todas têm uma mesma e única estrutura, calcada sobre o hinduísmo, parsisismo, religiões caldeas e egípcias, hermetismo e, inafavelmente, o molde fundamental da gnose cabalista.” (Da Cabala ao Progressismo, ed. Calchaquí, Salta 1970, p.294).

O Padre Fabro, sem entrar na questão da gnose nem da cabala, refuta o Mestre Eckhart por sua concepção filosófica e metafísica e que, por conseguinte, contamina sua teologia: “A tese correspondente de Eckhart é dada pela doutrina aviceniana bem conhecida: ‘ab uno non procedit nisi uno’. De Deus, intelligere puro, tudo o múltiplo criado procede necessariamente e de maneira unitária. Eckhart está consciente de que se afasta de Santo Tomás, e o diz: ‘Primo, dato quod Deus agat necessitate naturae tunc dico: Deus agit et producit res per naturam suam, scilicet Dei. Sed natura Dei est intellectus, et sibi esse est intelligere, igitur producet res in esse per intellectum’. Como Hegel, Eckhart ignora em Deus o momento da liberdade de escolha com respeito ao finito.” (Participação e Causalidade segundo Santo Tomás de Aquino, ed. Eunsa, Pamplona 2009, p.522). (Primeiramente, dado que Deus age necessariamente por sua natureza, digo então: Deus age e produz as coisas por sua natureza, a saber, a de Deus. Mas a natureza de Deus é intelectual, e seu ser é inteligir, portanto, produz as coisas em ser pelo intelecto.) Por isto Deus cria por sua natureza intelectual tão necessariamente como pensa. Por que Deus cria necessariamente (e não livremente), pois o faz tão necessariamente como pensa, dada sua natureza intelectual.

E mais adiante expressa: “… para Eckhart (e para Avicena), o esse é o fluxo de Deus e não entra em composição com a essência segundo a maneira do ato e da potência.” (Ibídem, p. 523).

O esse que constitui e faz ser o homem é um fluxo divino, é o que há de divindade no homem, a centelha divina como professa a cabala e a gnose.

Posto que: “O esse na criatura é outro com respeito à essência, mas não com respeito ao esse divino, e a essência é nada com respeito ao esse.” (Ibídem, p.524).

Tem-se assim que: “Na concepção de Eckhart (Avicena), o esse é a formalidade suprema, possuída totalmente por Deus, e que abarca as coisas como um fluxo, uma luz, o éter. (…) Assim, o esse, que é Deus, é completamente igual em todas as coisas. (…) É evidente que esta concepção não tem nada em comum com a distinção tomista de esse e essência nem com a doutrina de causalidade que segue dela.” (Ibídem, p.524, 525).

Segundo o exposto pelo P. Fabro, para Eckhart o ser (esse) é um fluxo divino no homem, é o que o homem tem de divino e isto é o mesmo que, por outro lado, ensina a gnose e a cabala; logo, metafisicamente falando, não se pode dar um maior suporte filosófico à gnose cabalista que faz do homem um ser divino, e é justamente isto que caracteriza a gnose cabalista, como o faz ver muito bem o Padre Julio Meinvielle. Por este mesmo motivo, Jean Borella, que é talvez o gnóstico mais grande de todos os tempos, superando inclusive René Guénon, que terminou sufita, ou seja, gnose muçulmana, enquanto ele permanece aparentemente católico, trinitário, pois compatibiliza a patrística e o mistério da Santíssima Trindade com a Gnose; tem uma grande admiração pelo Mestre Eckhart.

O fato de relacionar o nominalismo com Kempis, como faz o Padre Fabro, é de grande importância para compreender a influência do nominalismo na espiritualidade da *Devotio Moderna*, da qual Kempis é o máximo expoente ou sua quinta-essência.

Outro grande gnóstico e considerado pai da Filosofia Alemã é Nicolau de Cusa (1401-1464), que chegou a ser cardeal, foi um grande gnóstico cabalista e um dos discípulos da *Devotio Moderna*, educado pelos Irmãos da Vida Comum.

O P. Julio Meinvielle diz dele: "Nicolau de Cusa recebeu a influência da cabala, ao menos indireta, em várias correntes." (Da Cabala ao Progressismo, p. 230). E prossegue dizendo: "Para Nicolau de Cusa, na essência divina coincidem, se confundem, harmonizam e identificam todos os contrários: o todo e o nada, o ser e o não ser, o existir e o não existir, o criado e por criar. (…) Não sem razão o teólogo João Wenck, aristotélico de Heidelberg, reprovou a Cusa esta e outras frases de sabor panteístas parecidas com algumas que se encontram em Eckhart." (Ibídem, p.231).

Por isto o P. Fabro afirma: "Eckhart nos conduz diretamente até Nicolau de Cusa." (Ibídem, p.507).

Logo, se Nicolau de Cusa é considerado o pai da filosofia alemã, a qual culmina em Hegel como fruto, o Mestre Eckhart viria a ser o avô.

Outro personagem da *Devotio Moderna*, o sacerdote Gabriel Biel, que chegou a ser dos Irmãos da Vida Comum e faz parte deles, chegando a ser um de seus superiores; foi além disso discípulo de Guilherme de Ockham e seguidor de Duns Scot, tendo grande influência sobre Lutero, aprendendo os textos quase de memória.

O famoso humanista Erasmo de Rotterdam, e que poderíamos considerar precursor de Lutero, foi aluno em Deventer, dos Irmãos da Vida Comum e entra aos dezoito anos no mosteiro de Emaús de Steyn (perto de Gouda) dos canónigos regulares de São Agostinho, que participavam igualmente da espiritualidade da *Devotio Moderna*; os escritos de Erasmo ajudaram, tal como Lutero pregava aos quatro ventos.

Em meio a todo este ambiente nominalista, voluntarista e gnóstico, surge a figura de Kempis com sua Imitação de Cristo que, após um fundo espiritual e piedoso, responde a estes lineamentos, dada a impronta tão marcada que tem sobre a *Devotio Moderna* e Kempis, do voluntarismo nominalista e a mística gnóstica do Mestre Eckhart.

O nominalismo de Guilherme de Ockham penetra na *Devotio Moderna* de maneira inegável e reconhecível, como podemos ver aqui: "A Devotio moderna. Sobre este fundo, com mais sombras do que luzes da vida consagrada durante os séculos XIV e XV, destaca-se um movimento singular que ia ter notável influência: o movimento da Devotio moderna. Este é o nome que se utiliza para designar o movimento espiritual que partiu a finais do século XIV dos países baixos (Holanda) e, no curso do século XV, se propagou por toda a Europa, nomeadamente na Alemanha. Moderna é esta piedade na importância que dá à experiência, na ativação das forças afetivas e na formação do próprio domínio. Esta piedade prefere 'sentir a compunção, que não saber sua definição' (Im. Chr. I, 1, 9). Por este traço empírico situa a Devotio moderna na linha da via moderna do nominalismo da escolástica tardia…" (Alfredo López Amat, S.J. O Seguimento Radical de Cristo, Vol. I, ed. Encuentro, Madrid 1987, p.261).

Já dizia o P. Pinckaers em sua obra que citamos e que foi galardoada com o Prêmio do Príncipe de Liechtenstein em 1985, atribuído pela Universidade de Freiburg: "O pensamento de Ockham difundido pelo nominalismo constitui uma etapa de importância capital na história da teologia moral. (…) A moral de Ockham é a primeira moral de obrigação, dizemos nós. Até então, tanto da parte dos filósofos como dos Padres e dos teólogos, a questão moral era aquela da felicidade, a busca da verdadeira felicidade. (…) Com o nominalismo, um abismo profundo se cava entre os moralistas modernos e a tradição patrística. (…) Com o nominalismo assistimos a uma verdadeira revolução no universo moral, nas estruturas mentais que servem ao pensamento. (…) Se pode fazer começar o período moderno em teologia moral com Ockham, a partir do século XIV. O nominalismo, como nós o vimos, provocou uma ruptura profunda com as ideias morais da tradição anterior e pôs as bases das concepções e sistematizações dos séculos vindouros, concentrando a moral sobre a ideia e o sentimento da obrigação." (Les Sources … , p. 260, 262, 263, 264).

A impronta gnóstica da mística alemã do Mestre Eckhart sobre a *Devotio Moderna* e seu fundador Groote é inegável, tal como o podemos ver nos seguintes textos: “Quase todas as obras que percorrem a história da literatura devocional da Idade Moderna começam seu relato em um pequeno canto da Europa, situado nas margens do Baixo Reno. A finais da Idade Média surgiram duas correntes espirituais fundamentais das quais, com o correr do tempo, nasceriam as tendências devocionais de maior difusão durante os séculos XVI e XVII. Estas duas correntes foram: a conhecida como tradição mística renano-flamenga e, por outro lado, a Devotio moderna, que, até certo ponto, se derivou da corrente anterior, embora também estivesse enraizada nos ensinamentos dos Irmãos da vida comum e os canónigos de Windesheim. Esta eclosão espiritual deixou como legado um grande número de obras, nenhuma delas tão importante como a Imitação de Cristo, atribuída atualmente a Tomás de Kempis (1380-1471), se bem que durante muito tempo se pensou que havia sido escrita por Jean Gerson (1363-1429). O núcleo de dita obra –que acabaria convertendo-se em um clássico da literatura devocional mais editados e traduzidos– está centrado em lograr o desenvolvimento de uma vida interior para o espírito e em fomentar o desapego para o mundo, um profundo conhecimento dos próprios estados de consciência e uma imersão completa do crente em Jesus Cristo.” (A Tradução Cultural na Europa Moderna, Peter Burke e R. Po-Chia Hsia, edições Akal, 2010, Madrid, p.101).

E na página seguinte veremos a impronta gnóstica do Mestre Eckhart e com ele, da mística renano-flamenga: “As obras dos discípulos do Mestre Eckhart (1260-1327) –Johannes Tauler (1300-1361), Heinrich Suso (1295-1366) e Jan van Ruysbroeck (1293-1381)– também gozaram de uma presença importante durante as primeiras décadas de existência da imprensa; todas elas compartilhavam um mesmo traço: a convicção de que no mais fundo de cada pessoa residia a centelha divina, um pequeno espaço de unidade ontológica com Deus que só poderia ser reconhecido e experimentado através do afastamento do mundo. Posteriormente, os ensinamentos dos três discípulos do mestre Eckhart foram popularizados por Hendrik Herp ou Harphius (m. 1477), um divulgador de grande talento cujas obras alcançaram enorme sucesso ao ser publicadas tanto em latim como em várias línguas vernáculas europeias. Outra boa parte da merdestilação e transmissão de ditas obras corresponde a Denis Rijckel (1394-1471) –mais conhecido como Dionísio o Cartuxo–, um autor de textos devocionais muito popular e prolífico, que chegou a contar não menos de sete tratados fundamentais em seu haver. (…) Em torno da data da morte de Harphius e de Dionísio o Cartuxo, os estudos bíblicos começaram a renascer, pelo que não resulta surpreendente que um estudante pertencente aos Irmãos da vida comum profundamente influenciado pela Devotio moderna, se convertesse tempo depois, no principal estudioso da Bíblia de sua época: Erasmo de Rotterdam (1469-1536).” (Ibídem, p.102). Com isto, já se vê a conexão com Lutero, pois entre um e outro não há mais que um passo.

Outro autor diz: “As regiões renanas da Alemanha ocidental e dos países baixos constituem o foco principal desta corrente de misticismo, cuja primeira figura foi o mestre Eckhart (1260-1327). Foi um grande místico especulativo e formulou uma doutrina obscura e profunda sobre as relações de Deus com a alma, na qual existem proposições de inegável sabor panteísta, uma das quais foram condenadas depois de sua morte.” (José Orlandis, História da Igreja, ed. Palabra, Madrid 2012, p.312).

E mais adiante continua expondo: “Pela mesma época em que florescia a mística alemã, surgiu nos países baixos outra corrente espiritual, fruto também daquele clima propício a uma religiosidade mais interior e pessoal, que foi típico do final da Idade Média: a Devotio moderna. A mística e a Devotio tiveram entre si evidentes relações e pode considerar-se Ruysbroeck o Admiravel (1293-1381), muito influenciado pelo mestre Eckhart e inspirador por sua vez de Gerardo Groote, como o elo intermediário entre uma e outra.” (Ibídem, p.312).

Há que recordar o que diz outro autor sobre a influência mística de Eckhart na posterior *Devotio Moderna*: “À espiritualidade do Mestre se lhe tem dado indistintamente os nomes de dominicana e alemã. Dominicana, porque dominicano foi ele, dominicanos seus primeiros e mais influentes discípulos, e dominicanas a filosofia, a teologia e religiosidade institucional que contribuíram para a inspiração e construção do edifício doctrinal eckhartiano. E alemã, porque na Alemanha especialmente se propagou e desde a Alemanha passou a outras nações da Europa, nomeadamente aos países baixos, onde foi incansavelmente divulgada pelo beato João Ruysbroeck, religioso agostiniano, através do qual se transvasaram à Devotio moderna notáveis influências eckhartianas. Embora atualmente se diga e escreva com bastante frequência que a Devotio

moderna nasceu do resultado de uma atitude contestatária à mística alemã, parece suficientemente provado que não foi assim." (Estampas de Místicos, Família Dominicana, Vol III, ed. OPE, Caleruega, Burgos-Espanha, 1986, p.71).

Com tudo isto fica claro tudo o que afirmamos acerca da influência mística do Mestre Eckhart, que era gnóstico-cabálica, e sobre a *Devotio Moderna*.

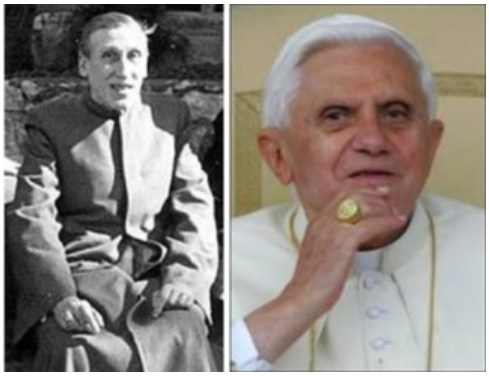
Basílio Méramo

Bogotá, 4 de Janeiro de 2017

Artigo Original disponível aqui

A "hermenêutica" coerente da ação de Ratzinger-Bento XVI lida à "luz" de René Guénon

Quinta-feira, 14 de outubro de 2010



Guénon, a ortodoxia e Bento XVI

Um leitor do *Virgo-Maria.org* nos envia este estudo " *Guénon, a ortodoxia e Bento XVI* ", que está circulando atualmente na internet.

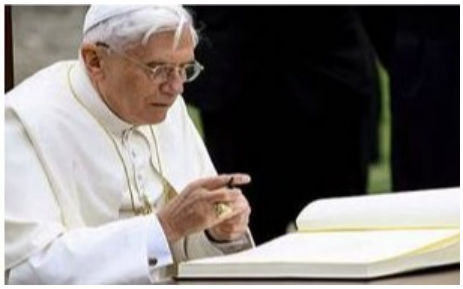
> *“Pensamos ter mostrado em todos os casos que a convergência entre Bento XVI e a hierarquia oficial da ortodoxia não é inteiramente fruto do acaso”* conclui o autor.

Aqui estão algumas citações importantes desses dois textos. Elas ilustram bem por que o programa de falsa restauração do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, que busca uma aproximação da igreja [seita] Conciliar com o anglicanismo, a ortodoxia e a FSSPX, encontra sua coerência no pensamento de René Guénon:

> "No campo teológico ou místico, os desvios gnósticos de certos ortodoxos começam frequentemente por divagações sobre o tema da divinização."
>
> Clemente de Alexandria "atribui doutrinas esotéricas a todas as escolas filosóficas da antiguidade, afirmando que estas (e mesmo, tão paradoxal quanto possa parecer, a escola epicurista) possuem, além de seus livros oficiais, livros secretos, que só divulgam aos membros de sua seita. Onde se vê que se há conspiração, ela está ainda mais presente neste **Clemente de Alexandria** do qual **Sernine** se declara, do que em **Couvert** ou **Jean Vaquié**..."
>
> "os modernistas ortodoxos (que, neste ponto, têm imitadores católicos conciliadores ou tradicionalistas) pegam uma citação dos padres gregos ou de místicos ortodoxos sobre a divinização ou sobre algum tema do mesmo gênero, extraem essa citação de seu contexto doutrinal e espiritual, e depois a manipulam até extrair uma tese gnóstica mais ou menos marcante."
>
> "que nem sempre é fácil distinguir entre um ortodoxo que, embora cismático, permanece até certo ponto doutrinalmente sadio, mas que, como todo ortodoxo, está preso à doutrina da divinização e que pode, ocasionalmente, expressá-la em termos exagerados de um ortodoxo gnóstico ou modernista que distorcerá essa doutrina em um sentido virtualmente maçônico."
>
> "Adicionemos que esses desvios são muito mais notáveis em países como a França do que em países ortodoxos como a Grécia ou a Rússia. E que mesmo na França, é mais a fração mais modernista ou mais gnóstica da ortodoxia que controla as revistas e as editoras."

"Vimos a importância da doutrina da divinização no pensamento ortodoxo, bem como a reinterpretação gnóstica que ela sofre pela corrente modernista dentro da ortodoxia."

"enquanto que nos meios católicos, os guenonianos se recrutariam mais nos meios conservadores ou até tradicionalistas, devido à insistência de **Guénon** sobre uma noção, relativamente distorcida por outros, de tradição, na ortodoxia, **Guénon** pode seduzir também (e talvez, de fato, prioritariamente) certos correntes modernistas, na medida em que, dentro do quadro ortodoxo, mesmo essas correntes mantêm uma forte referência à tradição, e que, como vimos, elas atribuem como a corrente esotérica um sentido gnóstico ao conceito de divinização, que desempenha um papel central em ambos os casos."



“Karl Rahner e **Bento XVI** são certamente gnósticos, mas não são por isso esoteristas, embora um estudo aprofundado mostraria convergências surpreendentes entre as teses da corrente guenoniana em um sentido amplo e a teologia, bem como a praxis do atual papa.”

“Observa-se uma forma de guenonização de alguns correntes da ortodoxia ocidental que poderíamos qualificar, de certa forma, como modernistas, mas que permanecem tradicionais em certos aspectos e que podem, igualmente, ter relação com os meios guenonianos católicos de tendência tradicional.”

“Certos ortodoxos perceberam bem o perigo representado pela obra de **René Guénon**: mas às vezes, um pouco como certos tradicionalistas, eles são tentados a relativizar o problema devido às posições conservadoras de **Guénon**, à sua referência à noção de tradição.”

“O pensamento de **René Guénon** converge estranhamente com as temáticas dos movimentos modernistas conservadores (e, às vezes, mesmo, menos conservadores): valorização das tradições religiosas não cristãs por si mesmas, temas panteístas ou panteizantes, uma certa forma de relativismo, um pathos da divinização do homem entendido em um sentido gnóstico, etc.”

“As contradições aparentes do papado de **Bento XVI** desaparecem como por mágica assim que se interpreta a partir de um ponto de vista mais ou menos guenoniano (referindo-se, aliás, a **Guénon** em si ou a um de seus discípulos como **Schuon** ou mais próximo de nós **Jean Borella**). Discussões com a FSSPX, interpretação do Concílio à luz da Tradição, reabilitação (muito) parcial do antigo rito, bem como a reabilitação e beatificação do ontologista **Rosmini** (é a abominação da desolação sobre a asa do Templo), concessões e diálogos em relação a religiões não cristãs, ecumenismo centrado não mais como anteriormente no protestantismo (desdenhado por **Guénon** e seus discípulos), mas no anglicanismo (tendência tradicional dentro do protestantismo, e ao mesmo tempo berço do esoterismo moderno com **Fludd** e afins), assim como sobre a FSSPX e a ortodoxia, com tendências tradicionais em plena conformidade com os cânones guenonianos da religião tradicional...”

> **“Bento XVI** (…) se move em um espaço de ação e de pensamento dentro do qual os princípios guenonianos permanecem princípios explicativos válidos.”
>
> “Uma outra explicação seria que **Bento XVI** (…) age sob a influência de organizações iniciáticas anteriores à pessoa e à obra de **René Guénon** (…)
>
> programa que elas pretendiam implementar mais tarde e que estão implementando atualmente através da pessoa de **Bento XVI**.”

Esses comentários ilustram a “hermenêutica” coerente da ação de um Ratzinger-Bento XVI lida à “luz” de René Guénon. E quão incultos e ingênuos são os meios que sustentam a fábula de um Ratzinger-Bento XVI “tradicionalista”, quando não estão sendo manipulados.

Como não cessamos de dizer há anos, estamos assistindo ao vivo, com este *Coagula* de Ratzinger-Bento com os anglicanos, os ortodoxos e a FSSPX, à realização de um plano (rosacruciano) concebido pelos altos iniciados. Estamos em pleno mistério da iniquidade.

Continuamos a boa luta.

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2010 virgo-maria.org

A ortodoxia moderna*

14 de setembro de 2010

O modernismo ortodoxo não se limita a um programa reformista, nas questões relacionadas aos sacramentos e, em particular, ao casamento ou ao novo casamento dos sacerdotes e dos bispos. Ele também contém uma parte mais teórica ou especulativa, mais teológica ou mais mística. No campo teológico ou místico, os desvios gnósticos de certos ortodoxos começam frequentemente por divagações sobre o tema da divinização. Neste tema, que sempre foi caro aos ortodoxos – e já antes da separação das igrejas, aos pais gregos – os modernistas começam por uma citação dos padres. Citações de padres ortodoxos que, em questões místicas, podem ter dificuldade em explicar seu pensamento devido ao caráter muito delicado de tudo que toca à mística e, portanto, usar expressões que devem ser tomadas com cautela e cujo sentido pode ser facilmente exagerado. Ou então – mas não importa, na verdade, os dois tendem ao mesmo objetivo – citações de padres que beiram a ortodoxia, como **Orígenes** ou **Clemente de Alexandria**. Este último, aliás, há muito

considerado santo e ainda considerado como tal entre os ortodoxos, foi, lembremos, retirado do martirológio romano por **Bento XIV** e ensinava uma teoria da gnose cristã compreensível em um contexto grego (onde a palavra gnose significa apenas conhecimento), mas, evidentemente, fácil, especialmente no atual contexto de depreciação generalizada da doutrina, de se tirar em um sentido herético, como se vê mesmo em ambientes católicos ou supostamente católicos com **Jean Borella** e seus émulos. Notemos a propósito que a recuperação do caso de **Clemente de Alexandria** por **Paul Sernine** (que o considera um dos dois grandes argumentos de seu livro patético) é das mais paradoxais, na medida em que este, mesmo que pregue uma noção de gnose ambígua (o que, por sua vez, torna ao menos paradoxal o ponto de vista de **Sernine**, que se espanta que se possa qualificar **Clemente** de gnóstico), condena o que considera como a falsa gnose e, na verdade, atribui doutrinas esotéricas a todas as escolas filosóficas da antiguidade, afirmando que estas (e mesmo, tão paradoxal quanto possa parecer, a escola epicurista) possuem, além de seus livros oficiais, livros secretos, que só divulgam aos membros de sua seita. Onde se vê que, se há conspiração, ela está ainda mais presente neste **Clemente de Alexandria** do qual **Sernine** se reclama, do que em **Couvert** ou **Jean Vaquié**... Mas deixemos isso de lado...

Assim, portanto, os modernistas ortodoxos (que, neste aspecto, têm imitadores católicos conciliadores ou tradicionalistas) tomam uma citação dos padres gregos ou de místicos ortodoxos sobre a divinização ou sobre algum tema do mesmo tipo, extraem essa citação de seu contexto doutrinal e espiritual e, em seguida, a manipulam até extrair uma tese gnóstica mais ou menos marcada. Notemos, aliás (e é por isso que devemos sempre ser cautelosos em nossos julgamentos), que nem sempre é fácil distinguir entre um ortodoxo que, embora cismático, permanece até certo ponto doutrinalmente são, mas que, como todo ortodoxo, está preso à doutrina da divinização e que pode, ocasionalmente, expressá-la em termos exagerados de um ortodoxo gnóstico ou modernista que distorcerá essa doutrina em um sentido virtualmente maçônico (mesmo que ele mesmo não seja necessariamente favorável à maçonaria, embora haja, na verdade, uma certa complacência em relação à maçonaria entre muitos clérigos ortodoxos modernistas), mas poderá, em certas ocasiões, especialmente de acordo com as pessoas a quem se dirige, se expressar em termos que poderiam parecer aceitáveis. Adicionemos que essas derivações são muito mais notáveis em países como a França do que em países ortodoxos como a Grécia ou a Rússia. E que mesmo na França, é mais a fração mais modernista ou mais gnóstica da ortodoxia que controla as revistas e editoras, de modo que ela, às vezes, é significativa apenas para si mesma.

Sobre este assunto da gnose e da ortodoxia, poderíamos também evocar a relação de certos meios ortodoxos (e, por exemplo, das edições "*L'âge d'Homme*") com René Guénon, mas deixamos este assunto para mais tarde.

Guénon, a ortodoxia e Bento XVI

12 de outubro de 2010

Tendo escrito anteriormente sobre a dimensão gnóstica da corrente modernista dentro da ortodoxia, resta-me falar sobre a relação da ortodoxia com **René Guénon** e a corrente que ele representa. Vimos a importância da doutrina da divinização no pensamento ortodoxo, bem como a reinterpretação gnóstica que ela sofre pela corrente modernista dentro da ortodoxia. No entanto, a doutrina da divinização desempenha também um papel importante no esoterismo em geral, e notadamente em **René Guénon** e seus discípulos. Esse fato, aliado à importância atribuída à tradição por **René Guénon** e a corrente que ele encarna, pode talvez explicar o outro fato de que muitos leitores de **Guénon** ou de seus epígonos se converteram à ortodoxia, e que, reciprocamente, certos meios ortodoxos se voltaram, embora não de maneira exclusiva, para **René Guénon**. No entanto, enquanto nos meios católicos os guenonianos se recrutam mais entre ambientes conservadores ou tradicionalistas, devido à insistência de **Guénon** em uma noção, relativamente distorcida por outro lado, de tradição, na ortodoxia, **Guénon** pode também seduzir (e talvez até prioritariamente) certos correntes modernistas, uma vez que, no quadro ortodoxo, mesmo essas correntes mantêm uma forte referência à tradição, e que, como já vimos, elas conferem, assim como a corrente esotérica, um sentido gnóstico ao conceito de divinização, que desempenha um papel central em ambos os casos. Todo movimento gnóstico, de

fato, não é necessariamente esotérico: por exemplo, **Karl Rahner** e **Bento XVI** são certamente gnósticos, mas não são por isso esoteristas, embora um estudo aprofundado mostraria convergências surpreendentes entre as teses da corrente guenoniana em um sentido amplo e a teologia, bem como a praxis do papa atual.

De qualquer forma, observa-se uma forma de guenonização de certos correntes da ortodoxia ocidental que poderíamos qualificar, em certo sentido, de modernistas, mas que permanecem tradicionais em certos aspectos e que podem muito bem estar em relação com os meios guenonianos católicos de tendência tradicional: cf., por exemplo, a publicação de obras de **Jean Borella** nas editoras *L'Age d'Homme*. Dito isso, assim como nos meios católicos, alguns ortodoxos perceberam bem o perigo que a obra de **René Guénon** representa: mas, por vezes, um pouco como certos tradicionalistas, eles são tentados a relativizar o problema devido às posições conservadoras de **Guénon**, à sua referência à noção de tradição, e às conversões que ele trouxe para suas igrejas, conversões que, aliás, às vezes resultaram *in fine* em uma tomada de distância em relação a **René Guénon** ou ao menos a certos aspectos de seu ensino – um pouco como uma Igreja será, afinal, menos severa em relação aos maçons, quando se dá conta de que de fato é parcialmente financiada por maçons.

Na verdade, no entanto, é preciso perceber que o pensamento de **René Guénon** converge estranhamente com as temáticas dos movimentos modernistas conservadores (e, às vezes, mesmo, menos conservadores): valorização das tradições religiosas não cristãs em si, temas panteístas ou panteizantes, uma certa forma de relativismo, um pathos da divinização do homem entendido de um modo gnóstico, etc.

Por exemplo, as aparentes contradições do pontificado de **Bento XVI** desaparecem como por mágica assim que se interpreta sob um ponto de vista mais ou menos guenoniano (referindo-se, aliás, a **Guénon** em si ou a um de seus discípulos como **Schuon** ou, mais perto de nós, **Jean Borella**). Discussões com a FSSPX, interpretação do Concílio à luz da Tradição, reabilitação (muito) parcial do antigo rito, bem como reabilitação e beatificação do ontologista **Rosmini** (é a abominação da desolação sobre a asa do Templo), concessões e diálogos em relação a religiões não cristãs, ecumenismo centrado não mais como anteriormente no protestantismo (desdenhado por **Guénon** e seus discípulos) mas no anglicanismo (tendência tradicional dentro do protestantismo e, ao mesmo tempo, berço do esoterismo moderno com **Fludd** e afins), assim como sobre a FSSPX e a ortodoxia, com tendências tradicionais em plena conformidade com os cânones guenonianos da religião tradicional...

Não se trata, por outro lado, de afirmar que **Bento XVI** seja guenoniano (pode até ser que o seja inconscientemente, devido a certas leituras, a falta de consciência disso) mas que ele se move em um espaço de ação e de pensamento no qual os princípios guenonianos permanecem princípios explicativos válidos e, talvez, os princípios explicativos mais simples que estão acessíveis ao católico médio.

Outra explicação seria que **Bento XVI** (voluntária ou involuntariamente, diretamente ou indiretamente) age sob a influência de organizações iniciáticas anteriores à pessoa e à obra de **René Guénon** e que teriam usado este último para expor sob uma forma vulgarizada uma parte do programa que elas pretendiam implementar mais tarde e que estão implementando atualmente através da pessoa de **Bento XVI** (qualquer que seja, por outro lado, o nível de responsabilidade pessoal deste último). Pensamos ter mostrado, em todo caso, que a convergência entre **Bento XVI** e a hierarquia oficial da ortodoxia não é inteiramente fruto do acaso.

*N.T.: O autor engloba com a palavra ortodoxia o que diz respeito a religião Ortodoxa. Não confundir com a ortodoxia Católica.

OS CAMINHOS PARA A RESTAURAÇÃO:
UM PLANO DE RECONSTRUÇÃO TRADICIONAL

Mateus Larsan
Líder da Ação Restauracionista

Após diagnosticados os problemas temporais e espirituais da modernidade, surge naturalmente, na consciência católica, o questionamento sobre como essas questões serão resolvidas. Trata-se de uma dúvida comum, que frequentemente inquieta o espírito dos fiéis e, por isso, demanda uma resposta clara e satisfatória.

O início do processo de Restauração dependerá da elevação da consciência individual por meio da exposição sistemática da tradição em oposição à modernidade. Os espíritos serão iluminados à medida que os efeitos da revolução se tornarem evidentes em suas vidas. Quando os homens reconhecerem os grilhões morais, sociais, espirituais e profissionais que os aprisionam, estarão mais propensos a reagir. Essa reação ocorrerá tanto no plano intelectual quanto no material.

No âmbito intelectual, o esforço divide-se entre **compreender** e **transmitir**. O trabalho de compreensão cabe aos agentes intelectuais, que devem aprofundar-se no entendimento da Restauração em si e em sua relação com a revolução. Já a transmissão busca disseminar, de maneira acessível, as conclusões alcançadas pelo núcleo do movimento, ampliando seu alcance entre as massas.

A reação material, por sua vez, pode ser esquematicamente dividida entre os âmbitos público e privado. A esfera privada, diretamente sob o controle de cada indivíduo, antecede a esfera pública, que abrange desde pequenas comunidades até o cenário global. Assim, a reação privada é o ponto de partida e um pré-requisito para qualquer ação pública.

Uma mobilização em larga escala só será possível quando os indivíduos estiverem habituados, de maneira consistente, a reagir em suas vidas privadas. Essa reação começa pelo **boicote**, entendido como a recusa em cooperar com os mecanismos da revolução. Diante da inviabilidade de demolição do estado moderno, resta anular sua ingerência na vida particular. Afastar a interferência da modernidade implica trabalhar para viabilizar uma existência fundamentada na tradição católica e livre da influência revolucionária. Esse objetivo requer uma busca ativa pela autossuficiência, pois, sem ela, qualquer reação mais ampla será inviável.

Embora evidente, é importante enfatizar que o futuro do movimento restauracionista encontra-se no meio rural, e não no urbano.

Aqueles que não possuem aptidão para o combate intelectual devem dedicar-se à Restauração material, que só será alcançada por meio de autonomia e autossustentabilidade. A modernidade depende da contínua desagregação das famílias e das comunidades; por isso, o movimento restauracionista deve concentrar esforços na união e na associação de seus membros. Enquanto alguns alcançarão a autossuficiência com facilidade, outros necessitarão de apoio — o que impõe aos mais abastados o dever moral de cooperar com os necessitados.

Como se infere da imagem após a tabela, todos precisam se aperceberem das duas artes: a arte liberal (intelectual) e a arte mecânica (prática). Progredindo e se aprofundando quanto mais se tenha a propensão para a determinada arte.

A Restauração é uma luta diária, enraizada no verdadeiro tradicionalismo católico, que se dá pelas vias intelectuais e materiais. No âmbito intelectual, exige um esforço contínuo para compreender sistematicamente os diversos aspectos da revolução e apresentar os resultados ao público de forma clara e acessível. No plano material, requer, primeiramente, a eliminação da influência revolucionária na vida privada e, em seguida, a construção de comunidades sólidas que possibilitem a expansão do movimento.

AS ARTES LIBERAIS E MECÂNICAS COMO ESTRATÉGIA RESTAURACIONISTA

VIDA INTELECTUAL	VIDA PRÁTICA
1. ENTENDER A CRISE	1. ENTENDER E SAIR DA CRISE RELIGIOSA
2. CONHECER A TRADIÇÃO	2. ENTENDER O PROBLEMA DA SOCIEDADE INDUSTRIAL
3. DESINTOXICAR-SE DA MODERNIDADE	3. DESVINCULAR-SE DO SISTEMA MONETÁRIO
4. PRODUZIR INTELECTUALMENTE	4. APRENDER AS ARTES MECÂNICAS VISANDO A AUTO-SUFICIÊNCIA
5. DEMOLIR INTELECTUALMENTE AS BASES DA MODERNIDADE	5. DAR O PRIMEIRO PASSO EM DIREÇÃO A VIDA RURAL
6. CRIAR TESES NOVAS CONTRA A MODERNIDADE AFIRMANDO A TRADIÇÃO	6. CONSOLIDAR A AUTONOMIA RURAL
7. EXPANDIR AS TESES PARA AS MASSAS ATRAVÉS DE AULAS, LIVROS E PRODUÇÕES AUDIOVISUAL	7. FORMAR COMUNIDADES E EXPANDIR O MOVIMENTO

CAMPO INTELECTUAL

1. ENTENDER A CRISE
2. CONHECER A TRADIÇÃO
3. DEVE SE DESINTOXICAR DA MODERNIDADE
4. PRODUZIR INTELECTUALMENTE
5. DEMOLIR INTELECTUALMENTE AS BASES DA MODERNIDADE DE MODO DIRETO
6. CRIAR TESES NOVAS CONTRA A MODERNIDADE AFIRMANDO A TRADIÇÃO
7. EXPANDIR AS TESES PARA AS MASSAS ATRAVÉS DE AULAS, EDITORAS E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL

CAMPO PRÁTICO

1. ENTENDER E SAIR DA CRISE RELIGIOSA
2. ENTENDER O PROBLEMA DA SOCIEDADE INDUSTRIAL
3. DESVINCULAR-SE DO SISTEMA MONETÁRIO
4. APRENDIZADO DAS ARTES MECÂNICAS VISANDO A AUTO-SUFICIÊNCIA
5. DAR O PRIMEIRO PASSO EM DIREÇÃO A VIDA RURAL
6. CONSOLIDAR A AUTONOMIA RURAL
7. FORMAÇÃO DE COMUNIDADES E EXPANSÃO

Carta aberta a Dom Fellay, de fiéis escandalizados por sua ação judicial penal contra o Padre Paul Schoonbroodt

Sábado, 23 de julho de 2011

O Padre Paul Schoonbroodt diante do altar, ele está sendo processado penalmente por Dom Fellay e o Padre Schmidberger por sua defesa inegociável do Sacerdócio sacrificial católico ontológico e da manutenção das sagrações de bispos no rito tradicional válido por consagradores eles mesmos válidos.

Desde que se tornou conhecida a **denúncia penal apresentada por Dom Fellay e o padre Schmidberger** junto ao Procurador do Rei da Bélgica contra o padre Schoonbroodt, o último " *excomungado* " vivo de 1988 tem recebido muito apoio de padres e fiéis, emocionados por esse ataque sem precedentes contra um sacerdote católico.

Fiéis da Holanda acabaram de assinar uma carta aberta a Dom Fellay, que estamos divulgando.

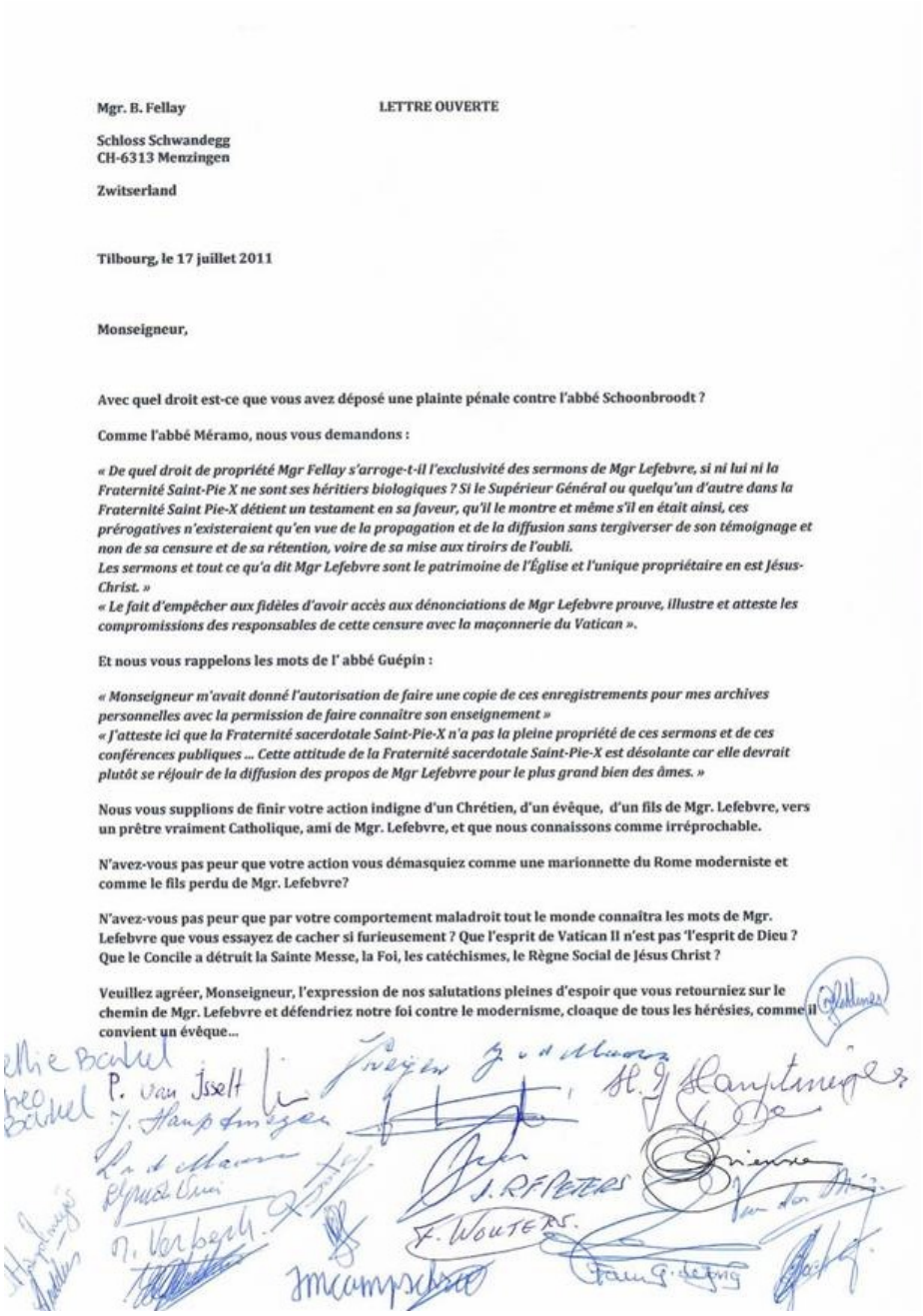
Esses fiéis católicos chamam Dom Fellay de ***"filho pródigo"*** de Dom Lefebvre, expressando sua indignação.

A reação de indignação internacional após a revelação da agressão judicial penal de Dom Fellay e do padre Schmidberger não para de crescer, e o padre Schoonbroodt recebe cartas e chamadas de encorajamento e apoio de vários países, da Europa e da América, incluindo os Estados Unidos.

Em todos os lugares, os clérigos e fiéis que o contatam estão indignados que Dom Fellay e o padre Schmidberger tenham ousado atacar um padre católico ordenado sob o pontificado do Papa Pio XII.

Aqui está o que esse grupo de fiéis holandeses que acaba de assinar uma carta aberta a Dom Fellay escreveu:

> *"Nós suplicamos que **finalize sua ação indigno de um Cristão, de um bispo**, de um filho de Dom Lefebvre, em relação a um padre verdadeiramente católico, amigo de Dom Lefebvre, e **que conhecemos como irrepreensível.** Você não tem medo de que sua ação o **desmascare como uma marionete do Roma modernista** e como **o filho pródigo de Dom Lefebvre**?"*



Mgr. B. Fellay

Schloss Schwandegg
CH-6313 Menzingen

Zwitserland

LETTRE OUVERTE

Tilbourg, le 17 juillet 2011

Monseigneur,

Avec quel droit est-ce que vous avez déposé une plainte pénale contre l'abbé Schoonbroodt ?

Comme l'abbé Méramo, nous vous demandons :

« De quel droit de propriété Mgr Fellay s'arroge-t-il l'exclusivité des sermons de Mgr Lefebvre, si ni lui ni la Fraternité Saint-Pie X ne sont ses héritiers biologiques ? Si le Supérieur Général ou quelqu'un d'autre dans la Fraternité Saint Pie-X détient un testament en sa faveur, qu'il le montre et même s'il en était ainsi, ces prérogatives n'existeraient qu'en vue de la propagation et de la diffusion sans tergiverser de son témoignage et non de sa censure et de sa rétention, voire de sa mise aux tiroirs de l'oubli.
Les sermons et tout ce qu'a dit Mgr Lefebvre sont le patrimoine de l'Église et l'unique propriétaire en est Jésus-Christ. »
« Le fait d'empêcher aux fidèles d'avoir accès aux dénonciations de Mgr Lefebvre prouve, illustre et atteste les compromissions des responsables de cette censure avec la maçonnerie du Vatican ».

Et nous vous rappelons les mots de l' abbé Guépin :

« Monseigneur m'avait donné l'autorisation de faire une copie de ces enregistrements pour mes archives personnelles avec la permission de faire connaître son enseignement »
« J'atteste ici que la Fraternité sacerdotale Saint-Pie-X n'a pas la pleine propriété de ces sermons et de ces conférences publiques ... Cette attitude de la Fraternité sacerdotale Saint-Pie-X est désolante car elle devrait plutôt se réjouir de la diffusion des propos de Mgr Lefebvre pour le plus grand bien des âmes. »

Nous vous supplions de finir votre action indigne d'un Chrétien, d'un évêque, d'un fils de Mgr. Lefebvre, vers un prêtre vraiment Catholique, ami de Mgr. Lefebvre, et que nous connaissons comme irréprochable.

N'avez-vous pas peur que votre action vous démasquiez comme une marionnette du Rome moderniste et comme le fils perdu de Mgr. Lefebvre?

N'avez-vous pas peur que par votre comportement maladroit tout le monde connaîtra les mots de Mgr. Lefebvre que vous essayez de cacher si furieusement ? Que l'esprit de Vatican II n'est pas 'l'esprit de Dieu ? Que le Concile a détruit la Sainte Messe, la Foi, les catéchismes, le Règne Social de Jésus Christ ?

Veuillez agréer, Monseigneur, l'expression de nos salutations pleines d'espoir que vous retourniez sur le chemin de Mgr. Lefebvre et défendriez notre foi contre le modernisme, cloaque de tous les hérésies, comme il convient un évêque...

A verdadeira razão do ataque judicial de Dom Fellay, orquestrado pelo padre Schmidberger, cúmplice do ex(?)-Anglicano, Dom Williamson, o bispo britânico *"à Rosa"* da Fraternidade, que manobra nas sombras, **é tentar arruinar e silenciar o padre Schoonbroodt e seus sites sobre a grave questão do desaparecimento do Sacerdócio católico sacramentalmente válido**.

A revelação e a demonstração factual – nunca refutada, e por uma boa razão – da invalidade intrínseca do novo rito conciliar de consagração episcopal *Pontificalis Romani*, promulgado em 1968, pelos sites do padre Schoonbroodt (www.rore-sanctifica.org), representam uma bomba atômica para a Igreja Conciliar e para as lojas rosacruz, sob comando anglicano-britânico.

Elas desferiram, em 18 de junho de 1968, há mais de 43 anos, um golpe que esperam letal contra o Sacerdócio sacrificial católico, e o sucesso completo, definitivo e irreversível desse ataque supõe a manutenção do silêncio cúmplice, hermético e constante dos clérigos sobre o assunto, aguardando que biologicamente, as últimas linhas episcopais válidas se extingam, tornando a transmissão do Sacerdócio irreversivelmente perdida.

É a este plano de silêncio e de negação da invalidade que colaboram decisivamente Dom Fellay e o padre Schmidberger, assim como o ex(?)-Anglicano, Dom Williamson, o bispo britânico *"à Rosa"* da Fraternidade,

o inimigo do Sacerdócio sacrificial católico.

A verdadeira tragédia – sem precedentes na História da Humanidade – nascida do Vaticano II em 18 de junho de 1968, que pesa desde então sobre o século XXI, é a desaparecimento progressivo, iniciado há 43 anos, e em breve inevitável e irreversível, do Sacerdócio sacrificial católico ontológico, sacramentalmente válido.

É o Sacerdócio Sacrificial católico de Nosso Senhor Jesus Cristo – e apenas ele – que fez aparecer na terra e que manteve na terra a FÉ católica entre os homens, FÉ católica – pura graça de Deus – que não é em nada e de modo algum "*natural*" para eles, e sem a qual "*ninguém pode ser salvo*".

Se, por nossa própria culpa, nosso próprio silêncio constante, nossa própria negligência e nossa própria inação, deixarmos que o Sacerdócio Sacrificial católico se rarefaça e desapareça, então estejamos certos de que em breve PERDEREMOS A FÉ CATÓLICA!

SE OS CLÉRICOS MANTIVEREM SEU SILÊNCIO CRIMINOSO E OBSTINADO ATUAL SOBRE ESTA DESAPARECIMENTO EM CURSO DO SACERDÓCIO SACRIFICIAL CATÓLICO, ELES SE CONSTITUEM ASSIM OS PIORES INIMIGOS DO VERBO ETERNO ENCARNADO QUE QUIZ DEIXAR SOMENTE AOS HOMENS SEU ÚNICO SACERDÓCIO SACRIFICIAL ONTOLÓGICO, PELO QUAL ELE QUIZ SE RENDER PERPETUAMENTE PRESENTE EM PESSOA ENTRE NÓS DESDE SUA GLORIOSA ASCENSÃO.

ESTES CLÉRICOS – POR SEU SILÊNCIO CRIMINOSO E OBSTINADO ATUAL SOBRE ESTA DESAPARECIMENTO EM CURSO DO SACERDÓCIO SACRIFICIAL CATÓLICO – ESTÃO TRABALHANDO ASSIM PARA A JUSTIFICAÇÃO DA QUESTÃO DE NOSSO SENHOR:

"QUANDO O FILHO DO HOMEM VOLTAR, ENCONTRARÁ AINDA FÉ NA TERRA?"

A EXTREMA RARIFICAÇÃO DO VERDADEIRO SACERDÓCIO SACRIFICIAL CATÓLICO ONTOLÓGICO, O TORNANDO MUITO DIFÍCIL DE SER ENCONTRADO NA TERRA, A FÉ CATÓLICA SERÁ ENTÃO MUITO DIFÍCIL DE SER ENCONTRADA NA TERRA, O QUE SIGNIFICA QUE MUITAS POUCAS PESSOAS SERÃO SALVAS.

O que pode ser pior para um católico do que ver o Sacerdócio católico e as linhas episcopais se extinguindo irremediavelmente?

Hoje, reconhecemos os piores inimigos da Igreja não pelo que fazem, MAS PELO QUE SE OBSTINAM A RECUSAR FAZER, ENQUANTO NÃO PODERIAM IGNORAR UM MINUTO QUE SEU PRIMEIRO DEVER O EXIGIRIA: aqueles que se obstinam – embora conheçam – a não querer tratar essa grave questão, negando-a ou minimizando-a, enquanto se trata do PROBLEMA VITAL nº 1 da Igreja católica hoje, comportam-se como os piores inimigos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

São os fiéis, em breve privados de sacramentos, inclusive dentro da FSSPX onde começam a aparecer "*padres*" não ordenados validamente, que irão estourar CONTRA O SILÊNCIO CRIMINOSO DE SEUS CLÉRICOS esta "bomba atômica" que os inimigos da Igreja tanto temem.

É por isso que Dom Fellay e o padre Schmidberger (acompanhados nas sombras pelo ex(?)-Anglicano, Dom Williamson, o bispo britânico *"à Rosa"* da Fraternidade) atacaram o padre Schoonbroodt na justiça penal do Rei da Bélgica, **para silenciar e arruinar – nas sombras, ou seja, sem que os fiéis saibam, o ÚNICO PADRE CATÓLICO QUE DEFENDE PUBLICAMENTE O SACERDÓCIO SACRIFICIAL ONTOLÓGICO SACRAMENTALMENTE VÁLIDO E QUE NÃO CEDE EM DENUNCIAR SEU DESAPARECIMENTO PROGRAMADO DESDE 43 ANOS** (18 de junho de 1968), INCLUINDO A COLABORAÇÃO DECISIVA E ATIVA DOS ATUAIS LÍDERES (o Padre Schmidberger, Dom Fellay…) DA FRATERNIDADE SACERDOTAL SÃO PIO X, fundada por seu amigo pessoal Dom Marcel Lefebvre, falecido em 25 de março de 1991.

Uma única diretriz **para conservar para vocês mesmos, para suas famílias e para seus filhos a FÉ católica**: alertem os fiéis sobre a perda do Sacerdócio e, portanto, dos sacramentos válidos, e questionem seus padres para que cessem de fugir de suas responsabilidades e **que, obedientes finalmente aos deveres de seu estado de clérigo**, se posicionem corajosamente e dignamente sobre esta questão crucial do Sacerdócio sacrificial ontológico válido **não cessando de denunciar seu desaparecimento programado desde 18 de junho de 1968, uma questão que condiciona todas as outras questões e da qual depende, antes de tudo, sua própria salvação eterna.**

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

2011 – virgo-maria.org

Texto da carta aberta dos fiéis a Dom Fellay

Dom B. Fellay CARTA ABERTA

Schloss Schwandegg
CH-6313 Menzingen
Suíça

Tilburg, 17 de julho de 2011

Monseigneur,

Com que direito você apresentou uma queixa penal contra o padre Schoonbroodt?

Assim como o padre Méramo, nós lhe perguntamos:

“Com que direito de propriedade Dom Fellay se atribui a exclusividade dos sermões de Dom Lefebvre, se ele nem a Fraternidade São Pio X são seus herdeiros biológicos? Se o Superior Geral ou alguém mais na Fraternidade São Pio X possui um testamento em seu favor, que o mostre e mesmo que assim fosse, essas prerrogativas existiriam apenas com a intenção da propagação e da difusão sem tergiversação de seu testemunho e não de sua censura e retenção, ou mesmo de colocá-los nos arquivos do esquecimento.”

“Os sermões e tudo o que Dom Lefebvre disse são o patrimônio da Igreja e o único proprietário é Jesus Cristo.”

“O fato de impedir que os fiéis tenham acesso às denúncias de Dom Lefebvre prova, ilustra e atesta as compromissos dos responsáveis por essa censura com a maçonaria do Vaticano.”

E lembramos as palavras do padre Guépin:

“Dom Lefebvre me havia dado autorização para fazer uma cópia dessas gravações para meus arquivos pessoais com a permissão de divulgar seu ensinamento.”

“Acredito que a Fraternidade Sacerdotal São Pio X não detém a plena propriedade desses sermões e conferências públicas... Essa atitude da Fraternidade Sacerdotal São Pio X é desoladora, pois deveria se alegrar com a divulgação das palavras de Dom Lefebvre para o maior bem das almas.”

Suplicamos que você encerre sua ação indigna de um cristão, de um bispo, de um filho de Dom Lefebvre, em relação a um padre realmente católico, amigo de Dom Lefebvre, que conhecemos como irrepreensível.

Você não tem medo de que sua ação o desmascare como uma marionete do Roma modernista e como o filho pródigo de Dom Lefebvre?

Você não tem medo de que, por seu comportamento desastrado, todos conhecerão as palavras de Dom Lefebvre que você tenta esconder com tanta fúria? Que o espírito do Vaticano II não é o espírito de Deus?

Que o Concílio destruiu a Santa Missa, a Fé, os catecismos, o Reinado Social de Jesus Cristo?

Por favor, aceite, Monseigneur, a expressão de nossas saudações cheias de esperança de que você retorne ao caminho de Dom Lefebvre e defenda nossa fé contra o modernismo, lodaçal de todas as heresias, como convém a um bispo...

Seguem as assinaturas dos fiéis

Dom Fellay e o padre Schmidberger apresentam diretamente uma queixa criminal contra o padre Paul Schoonbroodt ao Procurador do Rei dos Belgas

Quarta-feira, 13 de julho de 2011

À esquerda, Dom Fellay e seu novo "amigo" o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, e à direita o padre Schoonbroodt e seu verdadeiro amigo e confrère, o padre Vérité.

Desde 21 de junho de 2011, o Superior da FSSPX e o padre Schmidberger apresentaram uma queixa criminal ao Procurador do Rei da Bélgica contra o padre Schoonbroodt, o último "excomungado" vivo das sagrações de 1988.

Tomando como exemplo o antigo "bispo" conciliar de Liège, os atuais e antigos sucessores de Dom Lefebvre perseguem histericamente o sacerdote que fundou o carmelo de Quiévrain com a ajuda de Dom Lefebvre e que recebeu o apoio do arcebispo para construir sua igreja, apesar das perseguições civis que ele sofreu da parte da Igreja Conciliar.

Essa ação sem precedentes de Dom Fellay e do padre Schmidberger, justificada por sua vontade comum de bloquear a difusão da versão integral dos sermões de Dom Lefebvre que eles mantêm escondida há 20 anos, expõe à luz do dia que Dom Fellay e o padre Schmidberger agora trabalham para a Igreja Conciliar globalizada e maçônica e para o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.

Assim, manifestam publicamente suas intenções ocultas: Dom Fellay e o padre Schmidberger se comportam como verdadeiros inimigos determinados do padre Schoonbroodt enquanto, ao mesmo tempo, buscam ganhar as favores e a amizade do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI. O bispo suíço e o padre alemão, seu guru, escolheram claramente seu lado: o da Igreja Conciliar globalizada e maçônica e do rejeição da luta de Dom Lefebvre contra esta Igreja Conciliar apóstata para preservar o Sacerdócio Sacrificial Católico sacramentalmente VÁLIDO.

Os fatos :

Em **21 de junho de 2011**, o Procurador do Rei em Bruxelas liga para o padre Schoonbroodt e o convida a se deslocar a Bruxelas para uma reunião. **Ele recusa-se a informar o motivo de sua ligação, alegando a lei que proibiria essa revelação por telefone.** Mas, neste caso, por que o Procurador não envia uma carta?

Finalmente, o Procurador delega à polícia local da região de Steffeshausen a missão de ouvir o padre Schoonbroodt.

No **4 de julho de 2011**, **o padre Abrahamowicz visita o padre Schoonbroodt** e **o interroga sobre os processos judiciais dos quais ele é atualmente alvo por parte da FSSPX**.

Esse padre Abrahamowicz é, como já dissemos várias vezes, **o agente de Dom Williamson, o bispo negacionista *à la Rose*, o ex(?)-anglicano britânico, o chefe da subversão dentro da FSSPX.**

No **6 de julho de 2011**, o oficial de polícia local convoca **o padre Schoonbroodt, que é ouvido no dia 7 de julho**.

Durante essa audiência, o oficial de polícia revela ao padre que:

- **A associação São Pio X de Suresnes** (associação religiosa presidida pelo padre de Cacqueray na França em nome do Distrito da França da FSSPX) se estabeleceu com um advogado em Bruxelas e **processou o padre Schoonbroodt, constituindo-se parte civil.**
- **Dom Fellay, o padre Schmidberger e o Sr. Maximilien Krah** (co-gestor com Dom Fellay da sociedade financeira Della Sarto AG[1]), **também seriam denunciantes e seriam partes civis.**

O oficial de polícia declara ao padre **que ele foi designado pelo Procurador do Rei para interrogá-lo e que é proibido de lhe fornecer uma cópia da denúncia apresentada contra ele, ou mesmo de lê-la (sic).**

O oficial lê alguns trechos que ele selecionou.

O padre Schoonbroodt não foi autorizado a ler a denúncia, como já foi mencionado. E de acordo com as informações fornecidas pelo oficial da gendarmaria que o interrogava, haveria quatro denunciantes que se constituíram partes civis: a associação São Pio X em Suresnes, Dom Fellay (Menzigen), o padre Schmidberger (Stuttgart) e o Sr. Maximilien Krah.

E é com base nas informações que lhe foram fornecidas verbalmente pelo gendarme que o interrogava que:

Resultam **três acusações, na medida em que o padre Schoonbroodt pôde tomar conhecimento** delas, dada a ausência de acesso ao documento escrito da denúncia apresentada contra ele:

- **A associação São Pio X de Suresnes** acusa o padre Schoonbroodt de **roubo da propriedade intelectual que a FSSPX teria sobre os sermões públicos de Dom Lefebvre.**

- **Dom Fellay e Maximilien Krah** acusam o padre Schoonbroodt **de difamação por ter mencionado a associação financeira do bispo e do advogado de negócios** na gestão conjunta de várias sociedades de investimento.

- **Dom Fellay e Maximilien Krah** acusam ainda o padre Schoonbroodt **de racismo e xenofobia.**

Diante dessas acusações impressionantes por parte dos dois sucessores de Dom Lefebvre, o padre Schoonbroodt faz uma declaração na qual rejeita vigorosamente as acusações.

O padre então descobre que o Procurador teria sofrido pressões e **já teria designado um juiz de instrução para investigar a denúncia**, **o que infringe as regras que exigem que o Procurador se informe previamente antes de decidir sobre a validade da denúncia e seu interesse ou não, e, no primeiro caso, nomear um juiz de instrução antes de a remeter ao tribunal.**

Quem, dentro do sistema judicial belga, poderia ter ajudado Dom Fellay e o padre Schmidberger a acelerar o processo, permitindo que um juiz de instrução fosse nomeado antes de qualquer pré-investigação do Procurador, mesmo quando o padre Schoonbroodt ainda não teve conhecimento concreto da denúncia ou de seu texto exato?

Ressaltamos nesta cronologia **a ação da rede de Dom Williamson (proveniente de uma família anglicana, o bispo britânico negacionista *à la Rose* da FSSPX liderada por Dom Fellay à qual ele pertence)**, através da intervenção inesperada de seu agente **o padre Abrahamowicz**, **em um ponto intermediário entre a ligação do Procurador do Rei e a convocação pelo oficial de polícia.**

Evidentemente, este ataque **de Dom Fellay, acompanhado do padre Schmidberger** (infiltrado n°2) **e do Sr. Maximilien Krah, coincide com a iminente adesão oficial da FSSPX à Roma apóstata globalizada e maçônica, e está alinhado com a ação de Dom Williamson (infiltrado n°1) para se impor como líder do campo dos clérigos da recusa, buscando marcar e neutralizar após a cisão que se seguirá à adesão da FSSPX.**

Manteremos informados sobre os próximos desdobramentos do ataque de Dom Fellay e do padre Schmidberger contra o padre Schoonbroodt.

Dom Fellay e o padre Schmidberger demonstram, pela ignomínia de suas acusações judiciais, serem ainda piores do que os conciliares mais virulentos. Eles fazem ao padre Schoonbroodt o que os clérigos conciliares nunca se atreveram a fazer em razão dos seus escrúpulos referentes ao seu estado clerical.

O padre Schoonbroodt apela à generosidade dos fiéis para ajudá-lo financeiramente. Vítima de Dom Fellay, ele terá que arcar com despesas para contratar um advogado e defender seus direitos.

Em vez de doar dinheiro à FSSPX, o que permite a Dom Fellay usá-lo para atacar os padres que permanecem fiéis à Fé católica, façam suas doações ao padre Schoonbroodt.

Dados Bancários

TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA

Para:

BIC BPOTBEB1 IBAN BE73 0000 6641 2260
Banco da Correios em Bruxelas

Endereço do Senhor Padre Paul Schoonbroodt

Steffeshausen
B4790 Burg-Reuland
Bélgica

Ajude o padre Schoonbroodt financeiramente com suas doações

Dom Lefebvre acompanhado do padre Paul Schoonbroodt (à esquerda) e do padre alemão Jungbluth.

Procissão para a grande missa de domingo, 24 de abril de 1977, em Steffeshausen.

Também chamamos os leitores a orar à Santíssima Virgem Maria – Aquela a quem é dada, do Alto, a missão de esmagar a cabeça da Serpente – para que ela afaste e quebre as investidas de Dom Fellay (e do padre Schmidberger), que agora escolheu o lado dos inimigos da Igreja, traindo abertamente a obra de seu consagrante Dom Marcel Lefebvre, que buscava preservar a transmissão do verdadeiro Sacerdócio Sacrificial Católico, sacramentalmente VÁLIDO, e, assim, oferecer aos fiéis católicos os verdadeiros Sacramentos VÁLIDOS.

Continuemos a boa luta.

A Redação de Virgo-Maria.

---

[1] http://www.moneyhouse.ch/fr/u/dello_sarto_ag_CH-170.3.033.031-9.htm

[2] Lembremos que o padre de Cacqueray é o Presidente.

Padre Paul Schoonbroodt – Declaração Solene: Lançamento da luta pela preservação do Sacerdócio

Quinta-feira, 27 de outubro de 2011

Declaração do Senhor Padre Paul Schoonbroodt

Steffeshausen
Diocese de Liège
Bélgica

A todos os Bispos, sacerdotes e fiéis, católicos

Devido ao abandono da Fé pela Roma ecumênica e as instituições que a ela estão ligadas, decidi iniciar a luta pela preservação do Sacerdócio e da missa católica à luz da minha experiência como professor, padre e sacerdote ao longo de 53 anos, e ser o porta-voz dessa causa.

Invocando a proteção da Santíssima Virgem Maria, decidi realizar o que a morte inesperada de Dom Lefebvre interrompeu prematuramente e colocar um ponto final na questão da invalidade do Sacerdócio e dos sacramentos instituídos por Montini-Paulo VI.

Nos próximos meses, à luz da minha experiência sacerdotal e da graça do milagre eucarístico que me foi concedido, farei uma série de declarações públicas, escritas e orais, para mostrar onde a Igreja se encontra atualmente, indicar o caminho a seguir e colocar sacerdotes e fiéis diante de seu dever na atual situação de apostasia geral, de eclipse da Igreja e de desaparecimento organizado do Sacerdócio.

Confio nossa luta ao Sagrado Coração de Jesus, que apareceu a Santa Margarida Maria na Santa Hóstia.

17 de outubro de 2011, festa de Santa Margarida Maria Alacoque

Steffeshausen
Igreja do Sagrado Coração de Jesus
Padre Paul Schoonbroodt

2011 – virgo-maria.org

APPARICION DE N.S. A Sta MARGUERITE MARIE

A grande imprensa reconhece a exatidão das informações do *Virgo-Maria.org* e as divulga.

Sábado, 31 de dezembro de 2011

O Padre Paul Schoonbroodt, diretor dos sites *Virgo-Maria* e *Rore-Sanctifica*, processado judicialmente por Dom Fellay, pelos padres Schmidberger e Cacqueray, e M. Krah (FSSPX), criminalmente na justiça belga desde junho de 2011 por "roubo, difamação, racismo e xenofobia" (sic), vê sua obra de informações saudada e reconhecida pela grande imprensa como apresentando um relato "exato" dos debates e das oposições abertas dentro do clero da FSSPX.

O site VM *"cujas revelações se mostraram fundadas desde o início das negociações" — La Vie* de 22 de dezembro de 2011

É um dos primeiros.

Abundante em insultos, difamado e ostracizado por Dom Fellay e seu grupo de clérigos infiltrados (2%), que estritamente proibiram a leitura a seus fiéis e que assediaram judicialmente o seu diretor o Padre Paul Schoonbroodt, o site ***Virgo-Maria*.org vê reconhecida, por vários veículos influentes da imprensa oficial (na França (*La Vie*) e na Itália (*La Stampa*)), a exatidão de suas informações**.

Isso cheira ao fim do reinado de Dom Fellay, após 17 anos de uma tirania clerical de ferro, feroz e absurda, sem precedentes à frente da FSSPX. **Agora a contestação interna ultramarxista que ele enfrenta diante das lideranças do movimento (98%) é amplamente repercutida na grande imprensa**.

O site ***Virgo-Maria*.org**, que ele fez seu alvo e um site amaldiçoado e demonizado como nenhum órgão de informação religiosa jamais foi, é diretamente **citada como fonte de informação na grande imprensa da França e da Itália, com os links remetendo ao *VM* sendo dados diretamente pelos artigos que o citam**. Consternação e pânico entre os inúmeros tartufos que atuam nos falsos "***fóruns livres***" (*Forum catholique* de Xavier Arnaud, *FECIT* de Ennemond (dito "*O Papagaio de Suresnes*")/ Jacques-Régis du Cray e Austremoine / François-Xavier Peron, etc.), todos mantidos por artesãos da aliança: **sobrecarregados pela difusão das informações de *VM* por órgãos '*mainstreams*', eles não conseguem mais manter a feroz censura stalinista que impunham em seus fóruns**, e assistem impotentes à propagação da informação,

como os antigos dirigentes da República Democrática da Alemanha (R.D.A.) assistiam desmoronados à demolição do muro de Berlim que mantinha os alemães orientais em cativeiro.

A ruptura de Albano em outubro de 2011 e a proclamação salutar de Dom Tissier de Mallerais de sua vontade de consagrar livremente e independentemente da Roma modernista assinaram o fim **desta era de obscurantismo de 5 a 7 anos, onde pequenos potentados ridículos auto-proclamados, apoiados nas sombras por amigos e por plataformas** (como o G.R.E.C.), acreditaram que poderiam travar e monopolizar eternamente o debate dentro da Tradição e colocá-lo sob uma vigilância soviética. Agora, este ***'cortina de ferro'*** do catolicismo, imposto e controlado por Dom Fellay e seus capangas, está desmoronando e **as línguas se soltam**. **Pois Dom Fellay não é mais credível**:

- **nem internamente**, onde ninguém (exceto uma dezena de padres infiltrados e odiados por todos) quer sua aliança, seu ***Préambule doutrinário*** e o Vaticano II,
- **nem externamente**, onde o acontecimento de Albano é conhecido, o que mostra que Dom Fellay perdeu o controle de uma obra que não pode mais representar. **Dom Fellay não é de fato mais credível: traiçoeiro internamente e pequeno potentado sem poder externamente**. Os outros três bispos já estão trabalhando, aliás, no pós-Fellay, uma vez que a renúncia de Dom Fellay seja concretizada. A perspectiva do capítulo geral de julho de 2012 oferece, aliás, a oportunidade institucional para oficializar essa rejeição definitiva do Vaticano II e da aliança com a igreja Conciliar, abrindo o caminho para novas consagrações episcopais, adiadas por mais de 10 anos e tornadas vitais para garantir a sobrevivência da FSSPX e o renovamento do corpo episcopal da FSSPX. Este bispo camaleão, publicamente qualificado anteriormente pelo padre Cériani como "***trapaceiro mitrado***", levou a FSSPX a um desvio sem precedentes, tão distante de seu fundador e de sua missão, que um reencontro com o discurso e as orientações de Dom Lefebvre se tornou agora inevitável, a fim de evitar que ela afunde e perca sua identidade e sua missão. Em breve, haverá o retorno da estátua do comandante, Dom Lefebvre (cujo Dom Fellay, e os padres Schmidberger, Lorans, Celier, Nély e Pfluger pensavam ter enterrado para sempre as obras integrais), que sairá da tumba **e lhes exigirá contas**, vinte anos depois, como a figura simbólica de um conde de Monte-Cristo justiceiro, surgido do esquecimento e que vem interrogar além-túmulo Dom Fellay e os traidores que traíram sua obra e conspiraram com seu inimigo pessoal, o padre apóstata Ratzinger, para entregá-la e **transferir juridicamente todas as fundações e obras da FSSPX, ocultando essa traição sob um pseudo "*retorno ao seio da Igreja Católica*"**.

Coup sur coup, *La Stampa*, o equivalente italiano do *Figaro*, e em seguida o semanário *La Vie*, repercutiram as informações do *Virgo-Maria* sobre a marginalização de Dom Fellay e de sua política por 98% dos clérigos da FSSPX e pelos outros três bispos.

O vaticanista Tornielli (***La Stampa***) mencionou em 21 de dezembro de 2011 a publicação do *Virgo-Maria*:

"Um boletim informativo do site sedevacantista *Virgo Maria*.org fala abertamente sobre a possibilidade de que Fellay seja 'destituído' pelo capítulo de julho de 2012, que deve renovar as posições dentro da Fraternidade." *La Stampa*

E no dia 22 de dezembro de 2011, a jornalista Natalia Trouiller (***La Vie***) também ecoou *VM* ao destacar a precisão das revelações de *VM*, corrigindo assim a afirmação de Tornielli que insinuava informações anteriores incorretas de *VM* sem mencioná-las:

« **Segundo os sites sedevacantistas**, que raramente perdem uma oportunidade de jogar mais lenha na fogueira, mas **cujas revelações se mostraram fundamentadas desde o início das negociações**, **Dom Alfonso de Galarreta, Dom Tissier de Mallerais e Dom Williamson, os outros três bispos da Fraternidade, estão decididos a pressionar Dom Fellay a se demitir para substituí-lo pelo primeiro dos três**. **Uma afirmação que não teria nada de surpreendente** ao se observar a impressionante acumulação de vazamentos que marcaram **as negociações com Roma**, e **a extrema dificuldade que parece ter Dom Fellay em manter suas tropas** que divulgam de forma inadequada todas as informações sobre o processo em curso que possam sabotar as negociações. » *La Vie*

O surto de Albano e a rejeição da política de acolhimento de Dom Fellay e do P.D. (***Préambule Doutrinal***) resultaram em um acompanhamento mais rigoroso das tensões dentro da FSSPX pela grande imprensa e no recurso dos órgãos de imprensa oficiais às informações divulgadas por ***Virgo-Maria***, dado o silêncio opressivo de tipo stalinista imposto pelo tirano « ***manipulador*** » Dom Fellay, **pressionado a se demitir pelos três outros bispos, e temeroso de ter que renunciar a seus privilégios e ao seu conforto.**

Após esse avanço junto aos meios de comunicação da grande imprensa, e embora esses meios não compartilhem as mesmas posições, a relação de forças mudou.

Dom Fellay e os sacerdotes intrigantes que processaram o padre Paul Schoonbroodt na justiça penal belga em junho de 2011, para tentar ***«degolá-lo juridicamente*** **no silêncio geral que eles acreditavam ter conseguido por conta da suposta neutralização definitiva do site *Virgo-Maria* em decorrência de seu desvio da finalidade da lei estadunidense do DMCA sobre direitos autorais na internet**, e **que acreditaram poder enterrar ao mesmo tempo a questão decisiva da invalidade sacramental radical e absoluta das ordenações conciliares, terão que levar em conta a presença agora inegável**[1] **desse site, ao qual cada vez mais fiéis e clérigos católicos enviam agora testemunhos de gratidão**.

Agradecemos a todos os leitores que apoiaram o Sr. Padre Schoonbroodt e *VM* com suas orações e doações, pois hoje eles veem sua fidelidade recompensada.

Vamos continuar a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

2011 – virgo-maria.org

ANEXO – Artigos de *La Stampa* e de *La Vie* citando *Virgo-Maria.org*

***La Vie* – Natalia Trouiller – 22 de dezembro de 2012**[2]

Rumores de golpe de Estado em Tradiland

Natalia Trouiller - publicado em 22/12/2011

Enquanto fontes romanas confirmam que a resposta do superior da Fraternidade Sacerdotal São Pio X "responde sem responder**" a Roma, conforme a expressão do vaticanista Andrea Tornielli, parece que a oposição entre os ultraconservadores e moderados dentro do grupo lefebvrista se acirra.**

« ÉCÔNE: UMA RESPOSTA PARA GANHAR TEMPO
Pressionado por Roma, que esperava uma resposta "antes do final do ano" à sua proposta de preâmbulo doutrinal, Dom Fellay, o superior geral da FSSPX, enviou sua posição oficial a Roma, segundo a agência I Média que diz que esta resposta "não é uma verdadeira resposta": a resposta dos lefebvristas não é "nem negativa nem positiva", explica-se no Vaticano, "trata-se de uma documentação que não responde à questão colocada e que será analisada em janeiro próximo". O líder dos lefebvristas parece, de qualquer forma, ter muito com o que lidar em relação à resistência interna da Fraternidade. **Segundo os sites sedevacantistas**, que raramente perdem uma oportunidade de jogar mais lenha na fogueira, mas **cujas revelações se mostraram fundamentadas desde o início das negociações**, **Dom Alfonso de Galarreta, Dom Tissier de Mallerais e Dom Williamson, os outros três bispos da Fraternidade, estão decididos a pressionar Dom Fellay a se demitir para substituí-lo pelo primeiro dos três**. **Uma afirmação que não teria nada de surpreendente** ao se observar a impressionante acumulação de vazamentos que marcaram **as negociações com Roma**, e **a extrema dificuldade que parece ter Dom Fellay em manter suas tropas** que divulgam de forma inadequada todas as informações sobre o processo em curso que possam sabotar as negociações. »

***La Stampa* – Andrea Tornielli – 21 de dezembro de 2012[3]**

LA STAMPA

A Sociedade São Pio X entregou seu texto ao Vaticano:

um documento que não responde. E a ala dura anti-romana cresce na França

Tradução do original italiano:

« Tornielli - Cidade do Vaticano: Esperava-se, nos últimos dias, que a resposta dos lefebvristas ao "préambulo doutrinal" proposto pelo Vaticano chegasse. Exceto que, com certa surpresa, a resposta é... não há resposta. Não é a resposta que a Comissão *Ecclesia Dei* esperava (positiva, negativa ou com pedidos de esclarecimentos e alterações ao texto do preâmbulo sobre pontos específicos). O texto vindo da Fraternidade será agora estudado pela comissão presidida pelo cardeal William Levada e pelo secretário Guido Pozzo.

Como você deve lembrar, em setembro passado, a comissão *Ecclesia Dei* havia entregue nas mãos de Dom Fellay um preâmbulo doutrinal, resultado de negociações entre os Lefebvristas e a Santa Sé, pedindo que ele o aceitasse com vista ao reconhecimento canônico da Fraternidade São Pio X. Embora Bento XVI tenha levantado a excomunhão de quatro bispos que foram consagrados por Dom Lefebvre sem mandato papal, o grupo ainda é conservador e está em uma situação irregular do ponto de vista canônico.

O preâmbulo, que jamais foi publicado, não era um "é para aceitar ou rejeitar". A Santa Sé havia previsto a possibilidade de os Lefebvristas pedirem esclarecimentos e propusessem qualquer outra explicação. Em essência, no entanto, ele não poderia ser alterado, como o Vaticano exigiu – com vista a uma regularização pela criação de uma prelazia pessoal do Papa – que a Sociedade aceitasse a "profissão de fé" requerida para quem deseja assumir uma posição da Igreja. Foi solicitado que lhe fosse reconhecido como Magistério da Igreja a palavra final em disputas doutrinais.

Fellay, ao mesmo tempo em que omitiu a publicação do texto (provisório) do preâmbulo, antecipou, em pelo menos duas intervenções públicas – uma entrevista e um sermão – as dificuldades inerentes vistas no

preâmbulo pelos Lefebvristas. Como ele deixou claro que o texto não pode ser aceito. Muitos, em Roma e fora de Roma, consideraram as palavras de seu superior como um indício das dificuldades internas da Fraternidade: a linha de Fellay de fato recebeu fortes críticas da dissidência aberta pelos superiores dos diferentes Distritos, opostos ao acordo com a Santa Sé.

Agora o documento chegou, mas para o Vaticano não foi o que se esperava, pois é – explicam as fontes – uma "documentação", e não uma resposta. Em suma, Dom Fellay parece querer ganhar mais tempo, adiar a decisão, evitar se pronunciar em um sentido ou em outro, ou solicitar esclarecimentos e modificações possíveis do texto proposto pela Santa Sé.

Há algum tempo, rumores se multiplicam sobre o conflito interno na Fraternidade. Um boletim informativo do site sedevacantista ***Virgo Maria.org*** fala abertamente da possibilidade de que Fellay seja "destituído" pelo capítulo de julho de 2012 que deve renovar as posições dentro da Fraternidade. Mas o site é conhecido por ter fornecido, em outras ocasiões, informações sem fundamento.

Além das declarações delirantes contidas nesse boletim que fala de "apostasia" de Roma e do Papa, é inegável que uma forte dissidência interna, contrária ao acordo com Roma, aumentou nos últimos anos dentro do grupo de Lefebvre. Agora, devemos esperar para ver como reagir à "resposta que não responde" à Santa Sé.

Texto original :

I lefebvriani rispondono senza rispondere

È arrivata in Vaticano un testo della Fraternità San Pio X: una documentazione non una risposta. E in Francia cresce l'ala dura anti-romana

ANDREA TORNIELLI

CITTÀ DEL VATICANO

Era attesa in questi giorni, e la risposta dei lefebvriani al «preambolo dottrinale» proposto dalle autorità vaticane è arrivata nelle ultime ore. Solo che, con una certa sorpresa, **la risposta… non risponde. Non si tratta cioè della risposta che la commissione Ecclesia Dei si aspettava (positiva, negativa o con richieste di chiarimenti e modifiche del testo del preambolo su punti precisi). Il testo arrivato dalla Fraternità sarà ora studiato dalla commissione presieduta dal cardinale William Levada e dal segretario Guido Pozzo.**

Come si ricorderà lo scorso settembre la commissione Ecclesia Dei avevano consegnato nelle mani di monsignor Fellay un preambolo dottrinale, frutto dei colloqui tra lefebvriani e Santa Sede, chiedendogli di accettarlo in vista del riconoscimento canonico della **Fraternità San Pio X: nonostante Benedetto XVI abbia revocato le scomuniche ai quattro vescovi che Lefebvre aveva consacrato senza il mandato pontificio, il gruppo tradizionalista è ancora in una situazione irregolare dal punto di vista canonico.**

Il preambolo, mai pubblicato, non era un testo «prendere o lasciare». La Santa Sede aveva previsto la possibilità per i lefebvriani di chiedere chiarimenti e di proporre specificazioni ulteriori. Nella sostanza, però, non poteva essere mutato, in quanto il Vaticano chiedeva - in vista della regolarizzazione **attraverso la creazione di una prelatura personale dipendente dal Papa – che la Fraternità accettasse la «professione di fede» richiesta a chiunque assuma un incarico ecclesiastico. E chiedeva che riconoscesse come spetti al magistero della Chiesa l'ultima parola in caso di controversie dottrinali.**

Fellay, pur non avendo pubblicato il testo (provvisorio) del preambolo, ha però anticipato in almeno due occasioni pubbliche – un'intervista e un'omelia – le difficoltà che i lefebvriani vedono insite nel preambolo. Dicendo apertamente che così com'è quel testo non può essere accettato. In molti, a Roma e fuori **Roma,**

hanno considerato le parole del superiore come indice delle difficoltà interne alla Fraternità: la linea di Fellay è stata infatti oggetto di critiche forti e di aperto dissenso da parte dei superiori di vari distretti, contrari all'accordo con la Santa Sede.

Ora un documento è arrivato, ma non era ciò che in Vaticano ci si aspettava, perché si tratta – spiegano le fonti – di «una documentazione», non di una **risposta. Insomma, monsignor Fellay sembra voler prendere ancora tempo, dilazionare la decisione, evitare si pronunciarsi in un senso o nell'altro, o chiedere chiarimenti ed eventuali modifiche al testo proposto dalla Santa Sede**.

Si moltiplicano intanto, voci incontrollate sui dissidi interni alla Fraternità. **Una newsletter del sito sedevacantista *Virgo-Maria.org* parla apertamente della possibilità che Fellay venga «deposto» prima del capitolo che nel luglio 2012 dovrà rinnovare gli incarichi interni alla Fraternità.** Ma il sito è noto per aver dato, in altre occasioni, informazioni senza fondamento.

Al di là delle deliranti affermazioni contenute nella newsletter che parla dell'«apostasia» di Roma e del Papa, **è innegabile che un forte dissenso interno, contrario all'accordo con Roma, sia cresciuto in questi anni nel gruppo lefebvriano. Ora bisognerà attendere per sapere come la Santa Sede reagirà alla «risposta che non risponde».**

---

[1] A esse respeito, Max Barret achou inteligente divulgar, alguns dias antes do artigo de *La Stampa*, uma circular na forma de um aviso contra *VM*, direcionada a seus leitores, ressaltando uma confusão de datas sobre a participação do Padre Marziac em uma reunião em Paris, onde este reafirmou sua recusa a qualquer concessão doutrinária.

***VM* corrigiu esse detalhe menor, que não altera em nada a informação principal. Agora aguardamos que Max Barret, tão bem informado e tão preocupado com a aparente "*exatidão*", abandonando o essencial em prol do acessório (para – suprema vergonha – não ser suspeitado de "*sedevacantismo*" por clérigos infiltrados ou sob influência), nos comunique a cor das meias do Padre Marziac no dia de suas declarações...**

QUANDO MAX BARRET VAI FINALMENTE DECIDIR INFORMAR SEUS LEITORES QUE A MUITO GRAVE QUESTÃO DA INVALIDADE SACRAMENTAL DAS ORDENAÇÕES EPISCOPAIS CONCILIARES É PUBLICAMENTE EXPOSTA HÁ CINCO ANOS NAS EDIÇÕES SAINT REMI E NO SITE DO SR. PADRE SCHOONBROODT http://www.rore-sanctifica.org, AO MESMO TEMPO QUE É SISTEMATICAMENTE OCULTADA PELOS CLÉRIGOS DA FSSPX, E QUE OS CLÉRIGOS CONCILIARES QUE SE JUNTAM À FSSPX NÃO SÃO MAIS 'REORDENADOS' COMO SEMPRE FAZIA DOM LEFEBVRE, RESULTANDO EM MISSAS DE SÃO PIO V E SACRAMENTOS INVÁLIDOS NA FRATERNIDADE SACERDOTAL SÃO PIO X.

A QUESTÃO DA CONSPIRAÇÃO PARA O RÁPIDO DESAPARECIMENTO ORGANIZADO DO SACERDÓCIO CATÓLICO SACRAMENTALMENTE VÁLIDO O DEIXA DECIDIDAMENTE IMPASSÍVEL. QUE SANGUE FRIO!

[2] http://www.lavie.fr/chroniques/matinale-chretienne/rumeurs-de-coup-d-etat-a-tradiland-22-12-2011-22747_167.php

[3] http://vaticaninsider.lastampa.it/homepage/vaticano/dettaglio-articolo/articolo/lefebvriani-lefebvrians-lefebvrianos-vaticano-vatican-fellay-11012/

Dom Fellay perde o controle da FSSPX

Quarta-feira, 15 de fevereiro de 2012

A 5 meses do capítulo geral que deve virar a página após **17 anos de uma governança catastrófica, que agora se transforma no escândalo grotesco da Ditadura do Pai Ubu**, com a qual Dom Fellay se preparava para colocar o controle jurídico e financeiro da FSSPX sob a autoridade de Roma modernista dos apóstatas, **este último parece ter perdido o controle da FSSPX:** ele cancela reuniões teológicas públicas e evita o contato com a imprensa. Os "colaboradores" abandonam o barco. **Os dias de seu mandato à frente da FSSPX estão contados: um novo prelado pode assumir a liderança da FSSPX para gerenciar o pós-Fellay e trazer a Fraternidade Sacerdotal São Pio X de volta às orientações que lhe foram dadas por seu fundador após as sagrações de 1988. A questão de novas sagrações para garantir a sucessão episcopal à frente da FSSPX se torna cada vez mais pertinente, como Dom Tissier de Mallerais não cessa de afirmar há mais de três anos.** O bispo francês aparece cada vez mais como o '***fazedor de bispos***' e a questão dos nomes dos padres que poderiam ser escolhidos para serem sagrados e assumirem a liderança surge. Seria, claro, **uma nova geração mais jovem**, o padre Xavier Beauvais poderia estar entre eles.

Totalmente desafiado pelos 98% da FSSPX em sua política de alinhamento com Roma modernista, **Dom Fellay é forçado a renunciar à organização do congresso teológico *Si si No no* em Paris em janeiro de 2012. Os Superiores de Distrito agora atacam violentamente o Vaticano II em púlpito sem se preocupar**, o padre Bouchacourt fez uma crítica a esse funesto conciliábulo afirmando: "*Vaticano II apagou o espírito missionário na Igreja!*", "*Vaticano II é uma catástrofe!*" em Saint-Nicolas-du-Chardonnet diante de 5000 fiéis em Paris, no dia 12 de fevereiro de 2012.

A imprensa conciliar anuncia o fracasso das negociações sobre a doutrina com Roma.

Apenas os círculos favoráveis ainda defendem Dom Fellay, totalmente desacreditado, cuja autoridade agora é abertamente contestada dentro da FSSPX. Seus 17 anos de governo terminam em um terrível descrédito do combate de Dom Lefebvre, tornando-o um " has-been ", que só é apoiado pela velha guarda dos 2% de clérigos modernistas que o cercam. Mas essa guarda está se desmoronando: dois padres pró-alinhamento (padres Bernard Lorber e Kergal) acabaram de se desfazer da batina e de pedir ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI sua redução ao estado laical.

Dom de Galarreta retorna à Europa em março para se aproximar dos centros de decisão, aparecendo como o homem que poderia gerenciar a transição ordenada para o ***"pós-Fellay***, e salvar a FSSPX de uma cisão fatal à qual Dom Fellay a acossou com sua política suicida descontrolada, guiada pelo Vaticano do padre apóstata Ratzinger.

Dom Williamson continua suas tentativas de seduzir a nova maioria anti-alinhamento da FSSPX e se apresentar em seu papel predefinido de "recurso" frente ao programa neo-modernista de Dom Fellay.

Algumas semanas após a publicação de nossas revelações sobre o estado de ânimo e os jogos internos da FSSPX, devemos constatar que os fatos corroboram nossas análises.

O rejeição radical do texto secreto do "*preâmbulo doutrinário*" em Albano desencadeou uma onda de rejeição à política de Dom Fellay, empurrando-o a cada semana mais para a renúncia ao seu cargo de superior da FSSPX.

Ele ainda tenta, em vão, se segurar, como testemunha em Winona, em janeiro de 2012, seu reconhecimento de rejeição ao ***"preâmbulo doutrinário"*** **do qual ele ainda não revelou o texto (que grande e honesto cristão é esse bispo!!!)**. Mas essa manobra de última hora não pode esconder que ele perdeu o controle da FSSPX.

Um exemplo entre outros: após Albano, Dom Fellay teve que renunciar à organização do tradicional congresso teológico *Si si No no* (*Courier de Rome*) do mês de janeiro em Paris.

Este congresso só poderia expor à luz do dia os desentendimentos com sua política e a oposição dos clérigos da FSSPX ao Vaticano II. Também teria exposto Dom Fellay ao fogo das perguntas da imprensa francesa que viria entrevistá-lo. **Doravante, Dom Fellay está ausente para os jornalistas. Ele acaba de recusar responder aos jornalistas (conciliadores) de *La Vie*, que, no entanto, publicaram um dossiê considerável (e, apesar de tudo, relativamente equilibrado em meio ao viés conciliador) sobre a FSSPX.**

Após anos mantendo uma linguagem dupla de profunda desonestidade, Dom Fellay enfrenta hoje um profundo rechaço por parte dos clérigos da FSSPX, que não reconhecem mais nessas orientações ambivalentes a condução proposta pelo fundador, Dom Lefebvre, para sua obra.

Dezessete anos de autocratismo pessoal que, à primeira vista, nada parecia capaz de conter, cavaram um fosso entre a vocação da FSSPX e o caminho de integração na estrutura modernista da igreja Conciliar à qual Dom Fellay a empurrou. **O "preâmbulo doutrinal" secreto representou visivelmente "um passo longo demais" na operação vaticana de controle da obra de Dom Lefebvre pelos apóstatas anticristãos romanos, com a astúcia e a cumplicidade ativa de Dom Fellay: a operação de adesão fracassou.**

Portanto, o desafio agora para os outros bispos é **retirar Dom Fellay da jogada, evitando que, em uma tentativa desesperada, este bispo traidor precipite a FSSPX em uma cisão que seria a pior prova de sua história e que levaria à desintegração dos seminários e das escolas, um frágil equilíbrio que representa os fundamentos da obra de Dom Lefebvre.**

Recentemente, soubemos da saída da FSSPX **de dois clérigos pró-adesão, em condições que desonram (se isso ainda era possível) Dom Fellay:**

*"**Os padres Bernard Lorber e Kergall acabaram de deixar a FSSPX. Eles solicitaram a Roma sua redução ao estado laical**. No que diz respeito ao padre Lorber, não parece que haja mulheres na questão... Na verdade, haveria dois fatores: uma vocação sacerdotal não suficientemente estabelecida (?). Foi isso que ele alegou, contando que se viu envolvido pelo currículo das escolas da FSSPX sem realmente ter conhecimento da causa. **Já era hora, aos 45 anos, que ele tomasse plena consciência disso**. Mas eu tive um tio, sacerdote conciliador, que viveu com isso toda a vida. Ademais, **provavelmente, o padre Bernard Lorber também estava muito influenciado pela postura "fora da Igreja", mas também pelos correntes gnósticas, junto com seu irmão e o padre Celier.** Ele seguiu uma má evolução em meio à exaltação musical? A busca da beleza sem apego real à verdade pode ser fatal.*

*Para nos atermos aos fatos comunicados, após alguns meses de eremitério em uma casa na Calvados, ele apresentou à diocese de Lisieux **um pedido de redução ao estado laical, que o dispensaria imediatamente de suas obrigações sacerdotais**, e planeja se lançar na edição na Internet. Não recuperei o texto do e-mail que ele enviou na semana passada a 80 destinatários de seu antigo ambiente."* Enviado em 3 de fevereiro de 2012 por um correspondente bem informado.

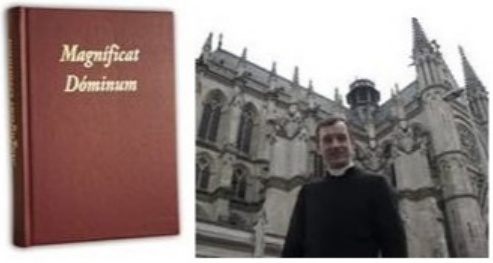
*"**Interrogado por mim, um padre de Rennes, ao ser questionado sobre a saída do padre Kergall ("há uma mulher?"), deu a resposta seguinte: "é pior!""*** Enviado em 4 de fevereiro de 2012 por outro correspondente bem informado.

O padre Lorber[1] havia sido vigário em Saint Nicolas du Chardonnet antes de ser enviado para a Alemanha, de onde foi repatriado de emergência, dois meses depois, devido a declarações feitas do púlpito que poderiam

ser processadas na Alemanha. **Transferido para Amiens, ele liderou uma busca por uma solução para uma capela com as autoridades locais que, enquanto se opunham ao "bispo" local, se encaixava muito bem nos contatos com Roma e a nunciatura para facilitar a adesão da FSSPX[2]:**

« Queremos assegurar ao Sumo Pontífice nossa adesão inabalável à Sede Apostólica e agradecer-lhe pelo ato corajoso realizado com a publicação do *Motu proprio Summorum Pontificum*, em julho do ano passado. » *Padre Bernard Lorber, setembro de 2008 (durante a visita de Ratzinger-Bento XVI à França)*

Especializado em canto gregoriano[3], seu livro de cantos "*Magnificat*" foi distribuído na maioria das capelas da FSSPX na França.



***Magnificat Dominum* - Padre Bernard Lorber FSSPX[4]**

Magnificat Dominum é um novo livro de canto litúrgico que substitui o anterior *Magnificat*, publicado em 2004. Com este livro, você pode participar dos cantos dos diferentes ofícios da liturgia católica: a missa, a recepção dos sacramentos, as vésperas, as adorações do Santíssimo Sacramento, as procissões, as orações, etc. A exaustividade de seu conteúdo nas diferentes áreas (canto gregoriano, hinos, ofícios) o torna o livro litúrgico mais completo atualmente.

O padre Lorber é uma das inúmeras vítimas da política deletéria de adesão perseguida durante anos pelo "truqueiro mitrado[5]", Dom Fellay. Se, longe de aprofundar os contatos com Roma modernista, Dom Fellay tivesse seguido as diretrizes dadas por Dom Lefebvre e trabalhado para levantar as verdadeiras questões, como a da invalidez do novo rito conciliar de consagração episcopal de 1968, e desenvolvido um verdadeiro apostolado, baseado na denúncia do Vaticano II e na rejeição de qualquer comprometimento com as autoridades conciliadoras, tal defecção talvez não tivesse ocorrido.

A imprensa conciliar agora destaca o fracasso das negociações doutrinárias da FSSPX com Roma, enquanto **o padre Barthe (transfuga pró-adesão a serviço de Ratzinger) se cala, nas ondas da *Radio Courtoisie*, após ter publicado em setembro um artigo elogioso sobre o *"preâmbulo doutrinal"* do qual parecia ter conhecimento, apesar de seu caráter secreto para os clérigos e os fiéis da FSSPX.**

« *O papa Bento XVI frente ao fracasso das negociações com os integristas* »

« ***Durante esta assembleia,*** os prelados membros da CDF analisaram as respostas que a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX) deu **ao Preâmbulo doutrinal** que lhes foi apresentado em setembro de 2011. Primeiro, a resposta inicial de Dom Fellay, chefe da FSSPX, dirigida ao Vaticano em dezembro de 2011, que levou a um pedido de esclarecimento. Depois, a segunda resposta enviada por Dom Fellay em meados de janeiro de 2012. **No entanto, segundo fontes** divulgadas pela agência I.MEDIA, essa segunda resposta não satisfez os membros da CDF. De fato, a FSSPX questiona uma grande parte do legado do Concílio Vaticano II. Oficialmente, segundo Dom Guido Pozzo, secretário da Comissão *Ecclesia Dei*, em contato com a *La Vie*, a fase de avaliação da resposta lefebvrista não terminou. **A decisão está entre as mãos de Bento XVI**. Mas é pouco provável que o papa se pronuncie de forma diferente dos bispos membros da Congregação para a Doutrina da Fé. »_ - *La Vie* Jean Mercier - publicado em 28/01/2012[6]

Os Superiores de Distritos da FSSPX agora atacam violentamente o Vaticano II do púlpito:

"Pregando em cada missa neste domingo, o padre Bouchacourt, superior do Distrito da América do Sul da FSSPX, fez um ataque ao funesto concílio durante seus sermões: 'Vaticano II apagou o espírito missionário na Igreja!', 'Vaticano II é uma catástrofe!', diante de 5000 fiéis em Saint-Nicolas-du-Chardonnet, em Paris. Ele acusou o Vaticano II pela descristianização da Europa e, atualmente, da América do Sul" **Enviado em 12 de fevereiro de 2012 por um fiel.**

Havíamos divulgado a carta de rejeição do ***"preâmbulo doutrinal"*** que o padre Bouchacourt enviou a seus sacerdotes em outubro de 2011, ao voltar de Albano. **Dom Fellay, na época, utilizou ameaças judiciais para tentar fazer desaparecer esse texto da Internet. Quatro meses depois, o ataque contundente ao Vaticano II ocorre no "farol da Tradição" em Paris, sem que Dom Fellay consiga mais se opor. Sinal dos tempos e que uma página foi virada.**

Essas dificuldades de bastião de Dom Fellay, na tentativa de retardar sua saída, não devem mascarar as verdadeiras questões que agora cabe aos outros bispos da FSSPX levantar, particularmente sobre a questão da invalidez das novas ordens conciliares, **começando pela invalidez sacramental radical e certa do novo rito conciliar de consagração episcopal promulgado desde 18 de junho de 1968, ou seja, há 43 anos!**

Continuemos a boa luta.

A Redação de *Virgo-Maria*

2012 – virgo-maria.org

---

[1] http://fr.gloria.tv/?media=20990 - 8 de fevereiro de 2009

[2] http://virgo-maria.info/wordpress/2008/09/11/la-derniere-provocation-de-labbe-lorber-il-instrumentalise-amiens-pour-aller-se-prosterner-devant-benoit-xvi-devant-saint-nicolas-du-chardonnet/

[3] O padre Lorber fundou a Schola Bellarmina: http://www.musique-liturgique.com/content/view/1/24/lang,fr/

[4] http://librairielasaintefamille.fr/Magnificat-Dominum-Abbe-Bernard-Lorber-FSSPX

[5] **Expressão do padre Cériani (r-FSSPX), expulso por Dom Fellay devido à sua fidelidade a Dom Lefebvre**.

[6] http://www.lavie.fr/religion/vatican/le-pape-benoit-xvi-face-a-l-echec-des-negociations-avec-les-integristes-28-01-2012-23538_17.php

O Grande Rabino Gilles Bernheim exige o reconhecimento do Vaticano II (incluindo *Nostra Ætate*) pela FSSPX

Segunda-feira, 1 de junho de 2009

O apóstata padre Ratzinger-Bento XVI destaca de sua parte em Israel que: "A *declaração* ***Nostra Ætate demonstra um patrimônio espiritual comum*** entre nossas duas comunidades."

Bento XVI aprova Gilles Bernheim: "Eu tenho a oportunidade de repetir que a ***Igreja Católica está completamente dedicada ao caminho escolhido pelo Concílio Vaticano II*** e à reconciliação entre cristãos e judeus. *A declaração* ***Nostra Ætate*** *demonstra um patrimônio espiritual comum entre nossas duas comunidades*." **Bento XVI, 12 de maio de 2009, Jerusalem Post**

No intervalo (12 de abril), Dom Fellay, influenciado pelo padre Lorans[1], inventa um mítico "complô judaico-progressista" contra Ratzinger-Bento XVI.

Le Figaro titula **"O Grande Rabino poupa Bento XVI"** e, apesar deste acordo evidente entre o rabinato e Ratzinger, **Dom Fellay inventa "um complô judaico-progressista" imaginário para justificar, por um lado, a continuidade de seu "processo" de pseudo-"discussões doutrinais" com as autoridades apóstatas do Vaticano**, e, por outro lado, **sua obstinada proteção a Dom Williamson, o bispo da Rosa[2] da Fraternidade, que ele se recusa a afastar da FSSPX, custe o que custar para os clérigos e os fiéis, ao mesmo tempo em que ele se atreve a expulsar injustamente da FSSPX o corajoso padre Méramo.**

A unidade entre o rabinato e o padre apóstata Bento XVI se afirma, ao contrário, de forma cada vez mais clara, com a "questão Williamson" tendo até provocado declarações que clarificaram ainda mais, se necessário, a determinação do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI em seu total apoio ao Vaticano II. Dom Lefebvre dizia que o Vaticano II "era um bloco", e **que era preciso escolher entre o Vaticano II e o Concílio de Trento.**

É por isso que **as declarações repetidas de Dom Fellay, pregando por um lado a fidelidade a Dom Lefebvre e a sua obra Sacerdotal, e violando por outro lado o VETO do fundador contra as falaciosas "discussões" com a Roma modernista apóstata, o levam a proferir afirmações cada vez mais mentirosas e incoerentes**, em um grande espaço que sua duplicidade tenta em vão mascarar.

Enquanto finge continuar a rejeitar o Vaticano II que hoje se atreve a declarar "aceitar em 95%", como denuncia o padre Méramo, o Superior da FSSPX se vê agora reduzido a propagar no mundo inteiro por meio de um folheto (LAB n°74) o ridículo mito de um suposto "**complô judaico-progressista**" que teria, segundo ele, o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI como alvo, e do qual, ele, Dom Fellay se consideraria o ardente defensor e protetor...

Essa fábula infantil e absurda foi amplamente divulgada pelo padre Lorans[3] em *Dici.org*. Haveria motivo para rir se tudo isso não fosse tão trágico e tão escandaloso!

Durante seu discurso de posse, Gilles Bernheim, Grande Rabino da França, colocou a FSSPX contra a parede exigindo dela a aceitação do Vaticano II:

> "Vemos quão difícil e terrivelmente atual é a tarefa quando ouvimos que **um bispo da Fraternidade São Pio X faz comentários abjetos, que outro bispo dessa Fraternidade reduz o negacionismo a uma opinião pessoal e que muitos membros da referida Fraternidade ainda rejeitam o Vaticano II e a declaração *Nostra Ætate sobre as relações com as outras religiões***. Estamos agradecidos à República Francesa por todos os esforços que ela realiza hoje nesse terreno tão sensível." [4] Grande Rabino da França, Gilles Bernheim, discurso de posse de 1 de fevereiro de 2009.

A resposta de **Dom Fellay em sua *Carta aos amigos e benfeitores* (LAB) da Páscoa (12 de abril de 2009) começa proclamando sua rejeição formal:**

> *« A Secretaria de Estado não encontrou nada melhor do que impor como condição necessária para a nossa existência canônica **a aceitação completa do que consideramos a principal fonte dos problemas atuais e contra a qual nos opomos desde sempre…** No entanto, eles como nós estão vinculados pelo juramento anti-modernista e todas as outras condenações da Igreja. Assim, **não aceitamos abordar o Vaticano II de outra forma que não seja à luz dessas declarações solenes (profissão de fé e juramento anti-modernista)** feitas diante de Deus e da Igreja. E se isso parecer incompatível, então **obrigatoriamente são as novidades que estão erradas**. Contamos com as discussões doutrinais anunciadas para esclarecer ao máximo esses pontos.»* Dom Fellay[1], 12 de abril de 2009, LAB n°74[5]

Então, Dom Fellay **imediatamente associa sua recusa a uma denúncia de um imaginário «complô judaico-progressista»** que teria como alvo o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI:

> « É bem claro que quem está realmente em questão é o Vigário de Cristo em **seu esforço de iniciar uma certa restauração da Igreja**. Há temor de uma aproximação entre a cabeça da Igreja e nosso movimento, há temor de uma perda dos ganhos do Vaticano II, e tudo é feito para neutralizar isso. **O que o papa realmente pensa[6]? Onde ele se posiciona? Judeus e progressistas exigem que escolha entre o Vaticano II e nós…**, a ponto de, para tranquilizá-los, a Secretaria de Estado não encontrar nada melhor do que impor como condição necessária para nossa existência canônica a aceitação completa do que consideramos a principal fonte dos problemas atuais e contra a qual nos opomos desde sempre… Dom Fellay[1], 12 de abril de 2009, LAB n°74

Alinhando-se 100% com as declarações do Grande Rabino da França, Gilles Bernheim, de 1º de fevereiro, o padre apóstata Bento XVI confirmou em Israel seu total apoio ao Vaticano II:

> *« Tenho a oportunidade de repetir que a* **Igreja Católica está completamente dedicada ao caminho escolhido pelo Concílio Vaticano II** *e à reconciliação entre cristãos e judeus.* **A declaração *Nostra Ætate*** *demonstra um patrimônio espiritual comum entre nossas duas comunidades*» **Bento XVI, 12 de maio de 2009, Jerusalem Post**[7]

Dom Fellay faz de forma bastante hipócrita como se não existisse uma total convergência de visão entre o rabinato e o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI para exigir da FSSPX a aceitação do Vaticano II, e do *Nostra Ætate* em particular.

Ao continuar **a querer manter entre os fiéis a ilusão da fábula infantil de um "bom Bento XVI" que teria iniciado a "restauração da Tradição", Dom Fellay acaba inventando um mítico "complô judaico-progressista"** contra o chefe da Igreja Conciliar, o que o desacredita e leva a FSSPX por um caminho

perigoso que só pode resultar em sanções do braço secular.

Essa política das falaciosas pseudo-«***discussões***» suicidas que Dom Fellay pretende engajar com as autoridades apóstatas do Vaticano, além do controle efetivo que ele ainda pode manter sobre a estrutura da Fraternidade, **compromete agora a destruição programada da obra de Dom Lefebvre de preservação do sacerdócio sacrificial católico,** assim como consome a traição por parte de Dom Fellay de seu consagrador e dos deveres primordiais de sua consagração.

A contradição de Dom Fellay, muito claramente evidenciada pela carta aberta do epistemólogo Arnaud-Aaron Upinsky a Dom Tissier, torna-se cada vez mais insustentável, a ponto de **Dom Fellay não se atrever mais a aparecer publicamente na França, tanto teme ser confrontado publicamente por fiéis indignados com sua traição e sua arrogância mentirosa e insultante, e, se a obrigatoriedade se impuser, ele agora se certifique de cercar seus deslocamentos e aparições públicas do mais absoluto silêncio e segredo.**

A vinda de Dom Fellay para celebrar a missa pontifical do peregrinação de Pentecostes em Villepreux no domingo, 31 de maio, foi cuidadosamente disfarçada por Suresnes, que não deixou vazar nada sobre o nome do celebrante. Fugindo do contato com os fiéis "fora da presença do Santíssimo Sacramento", Dom Fellay deu, segundo nossas informações, um sermão atemporal sobre o Espírito Santo, evitando abordar qualquer questão atual, e em seguida se apresentou em espetáculo ao final da cerimônia para pontificar e dar bênçãos, mas evitando toda discussão. A prefeitura de Villepreux teria manifestado sua hostilidade a esta peregrinação da FSSPX, proibindo qualquer uso de sonorização no acampamento. Após a proibição da praça de Montmartre pela prefeitura de Paris, devido à pertença de Dom Williamson à FSSPX. Dom Fellay continua fazendo os fiéis pagarem os amargos frutos de sua louca política romana, enquanto evita seu contato e sua contradição.

Continuemos a boa luta

A Redação de Virgo-Maria

© 2009 virgo-maria.org

O padre Lorans divulga no *Dici.org* a teoria do "complot contra Bento XVI e a FSSPX" reunidos

O padre Lorans, Diretor de Comunicação da FSSPX, o inventor diante de Dom Fellay da teoria do mítico "complô judaico-progressista" contra o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.

Em 5 de fevereiro de 2009, o padre Lorans espalhou a teoria de um suposto "**complô**" armada contra o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.

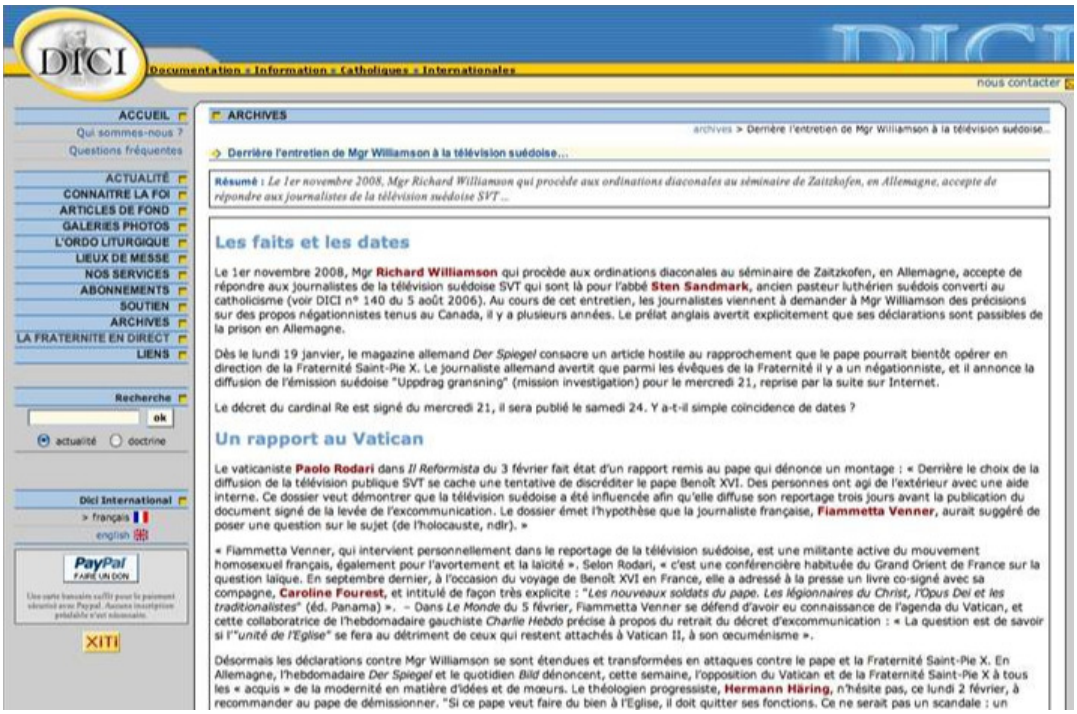
Esse tema ridículo foi retomado sem medo por Dom Fellay em 12 de abril de 2009 para denunciar um suposto "**complô judaico-progressista**" contra o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.

Aqui está o que o padre Lorans, responsável oficial pela comunicação da FSSPX, disse:

> « O vaticanista Paolo Rodari em *Il Reformista* de 3 de fevereiro fala sobre um relatório entregue ao papa que denuncia uma armação: «**Por trás da escolha da transmissão da televisão pública SVT está uma tentativa de desacreditar o papa Bento XVI**. Algumas pessoas agiram externamente com ajuda interna. Este dossiê quer demonstrar que a televisão sueca foi influenciada para que transmitisse seu relatório três dias antes da publicação do documento assinado de revogação da excomunhão. O dossiê levanta a hipótese de que a jornalista francesa, Fiammetta Venner, teria sugerido a questão sobre o assunto (do holocausto, nota do tradutor). » (...)

> *«Agora **as declarações contra Dom Williamson se espalharam e se transformaram em ataques contra o papa e a Fraternidade São Pio X**. Na Alemanha, a revista* **Der Spiegel** *e o periódico* **Bild** *denunciam, esta semana, a oposição do Vaticano e da Fraternidade São Pio X a todos os "ganhos" da modernidade em questões de ideias e costumes. »* **[8]**

Aqui está a captura de tela do site oficial internacional da FSSPX, ***Dici.org***:



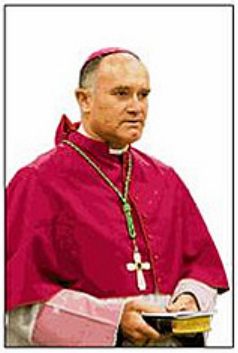
Publicação da muito oficial *Carta aos amigos e benfeitores* n° 74 de Dom Fellay, pelo site do Distrito da França da FSSPX. [9]

Esse documento, **que, além de um projeto iluminista, digno da lamentável credulidade de Dom Fellay na questão do iluminismo de Sra. Cornaz-Rossinière[10], chama à conversão da Rússia por uma falsa 3ª cruzada do Rosário, contém a famosa teoria do suposto "complô judaico-progressista" contra o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.**

District
Siège du District de France
Les textes officiels du District
Les Prieurés
Les lieux de culte
Les écoles
Les activités de l'année
Les dates importantes
Les pèlerinages nationaux
Les pèlerinages régionaux
Aumôneries
Maisons Personnes âgées
Mouvements de jeunesse
Retraites - Exercices
Oeuvres et Confréries
Tiers-Ordre St-Pie X
Tiers-Ordre Carmel
Vierge Pèlerine
Formation
Apologétique
Bibliothèque
Crise de l'Eglise - Textes
Disputatio
Sessions et Symposiums
Universités d'été
Communication
LAB Mgr Fellay
Bulletins et revues
Clovis-Fideliter
Communiqués de l'année
Diffusion et librairies
Espace annonces
Notes de lectures
Revue de presse
Sermons écrits
Audiothèque
Vidéothèque
Associations

Lettres aux amis et bienfaiteurs n° 74

Retour aux Lettres aux Amis et Bienfaiteurs



Mgr Fellay, Supérieur Général de la FSSPX

+Ave Maria !
Chers Amis et Bienfaiteurs,

Au moment où nous lancions une nouvelle croisade du Rosaire, lors ***de notre pèlerinage à Lourdes*** en octobre dernier, nous ne comptions certainement pas sur une réponse si rapide du Ciel à notre demande ! En effet, comme pour notre première supplique à laquelle notre bonne Mère du Ciel avait répondu si efficacement par l'intermédiaire du Vicaire du Christ et de ***son Motu Proprio sur la messe***

Diffusion et librairies
Espace annonces
Notes de lectures
Revue de presse
Sermons écrits
Audiothèque
Vidéothèque
Associations

ADEC
Associations Tradition
Chant Grégorien
Défense de la Foi
Grands saints oubliés
Mouvt. cath. des familles(MCF)
Sites indépendants
Société civile
SOS Mamans
International
La Maison Généralice
La FSSPX sur Internet
Les séminaires
Les Ordres religieux
Les écoles dans le monde
Les activités internationales
Communication - Presse
Les sites amis
Pour vous
Le Latin vivant
La messe de saint Pie V
La dévotion au Sacré Coeur
Les Prières diverses
Le Très Saint Rosaire
Bouquet spirituel 2006
Bouquet spirituel 2008
Spiritualité
Fonds d'écrans à choisir
Archives
Bulletins et revues archivés
Communiqués archivés
Editoriaux archivés
Entretiens archivés
Revue de presse archivée

© Copyright 2003-2009
laportelatine.org

+Ave Maria !
Chers Amis et Bienfaiteurs,

Au moment où nous lancions une nouvelle croisade du Rosaire, lors ***de notre pèlerinage à Lourdes*** en octobre dernier, nous ne comptions certainement pas sur une réponse si rapide du Ciel à notre demande ! En effet, comme pour notre première supplique à laquelle notre bonne Mère du Ciel avait répondu si efficacement par l'intermédiaire du Vicaire du Christ et de ***son Motu Proprio sur la messe traditionnelle***, il a plu à la Vierge Marie de nous octroyer une deuxième grâce avec plus de rapidité encore : dans la même visite à Rome, au mois de janvier, où je déposais ***le bouquet des 1.703.000 chapelets*** à l'intention du Souverain Pontife, je recevais des mains du Cardinal Castrillón Hoyos ***le décret de remise des "excommunications"***.

Nous avions demandé cela, dès l'an 2001, comme signe de bienveillance de la part du Vatican envers le mouvement traditionnel. Car depuis le Concile, tout ce qui est et veut être traditionnel dans la sainte Eglise supporte brimade sur brimade, jusqu'au refus du droit de cité. Cela a bien évidemment détruit, en partie voire totalement, la confiance envers les autorités romaines. Tant que cette confiance n'est pas partiellement rétablie, disais-je alors, nos relations resteront minimales. La confiance n'est pas seulement un bon sentiment, elle est le fruit qui naît naturellement lorsque nous reconnaissons dans ces autorités des pasteurs qui ont à cœur le bien de tout ce que nous appelons la Tradition. Et nos demandes préalables furent formulées dans ce sens. De fait, il est impossible de comprendre notre position et notre attitude envers le Saint Siège, si on ne veut pas inclure la perception de l'état de crise dans lequel se trouve l'Eglise. Il ne s'agit pas là d'un événement superficiel, ni d'une vision personnelle. Il s'agit d'une réalité indépendante de notre perception, reconnue par ces mêmes autorités de temps en temps, et vérifiée tant de fois dans les faits. Cette crise a des aspects multiples, variés, parfois profonds, parfois circonstanciels, et nous en souffrons tous. Les fidèles sont surtout frappés par les cérémonies de la nouvelle liturgie - hélas très souvent scandaleuses ! -, par la prédication ordinaire où sont prises des positions sur la morale en totale contradiction avec l'enseignement pluriséculaire de l'Eglise et l'exemple des saints. Les parents ont eu très souvent la douleur immense de constater la perte de la foi chez leurs enfants confiés à des instituts d'éducation catholiques, ou de déplorer leur ignorance presque totale de la doctrine catholique faute de catéchisme sérieux. Les religieux, en nombre incalculable, manifestent depuis les révisions de leurs constitutions, et après les recyclages postconciliaires, une perte de l'esprit évangélique, en particulier celui du renoncement, de la pauvreté, du sacrifice ; perte qui a eu pour conséquence presque immédiate une diminution telle des vocations que plusieurs ordres et congrégations ferment leurs couvents les uns après les autres, lorsqu'ils ne disparaissent pas purement et simplement. La situation de nombreux diocèses est pareillement dramatique.

Tout cela forme un ensemble cohérent et n'est pas arrivé par hasard, mais à la suite d'un concile qui s'est voulu réformateur, en prétendant mettre l'Eglise au goût du jour. On nous accuse soit de voir une crise là où il n'y en aurait pas, soit d'attribuer faussement à ce concile les résultats pourtant désastreux et extrêmement graves que chacun peut constater, soit encore de profiter de cette situation pour justifier une attitude incorrecte de rébellion ou d'indépendance.

Pourtant, que l'on prenne les textes des Pères de l'Eglise, du Magistère, de la liturgie, de la théologie à travers tous les temps : nous trouvons une unité à laquelle nous adhérons de tout notre cœur. Et cette unité doctrinale est fortement contredite, blessée, amoindrie dans la pratique par les lignes de conduite actuelles. Nous n'inventons pas une rupture, elle existe bien malheureusement, et il n'est qu'à voir la manière dont certains épiscopats nous traitent, même après le retrait des excommunications, pour constater combien est profond le rejet des modernes vis-à-vis de tout ce qui a saveur de Tradition, au point qu'il est impossible de ne pas donner à ce rejet le nom de rupture avec le passé.

Oui, autant nous avons été surpris par la parution du décret du 21 janvier, autant nous l'avons été aussi par la violence de la réaction des progressistes et de la gauche en général à notre encontre. Il est vrai qu'ils ont trouvé une occasion en or dans les malheureuses paroles de Mgr Williamson, qui leur ont permis par un amalgame fort injuste de maltraiter notre Fraternité considérée comme un bouc émissaire. En fait, nous avons été instrumentalisés dans une lutte encore beaucoup plus importante : celle de l'Eglise, qui porte bien son nom de militante, contre ces esprits mauvais qui rôdent dans les airs, comme dit saint Paul. Oui, nous n'hésitons pas à inscrire notre petite histoire dans la grande histoire de l'Eglise, dans celle de cette lutte titanesque pour le salut des âmes annoncée dès la Genèse, et décrite de manière si saisissante dans l'Apocalypse de saint Jean. Souvent cette lutte reste au niveau spirituel ; de temps en temps, du niveau des esprits et des âmes elle descend au niveau des corps et devient visible, comme dans les persécutions ouvertes.

Il faut savoir reconnaître, à travers ce qui s'est passé ces derniers mois, **un moment plus intense de cette lutte.** Et il est bien clair que celui qui en fin de compte est visé, c'est le Vicaire du Christ dans son effort de commencer une certaine restauration de l'Eglise. On craint un rapprochement entre la tête de l'Eglise et notre mouvement, on craint une perte des acquis de Vatican II, et on met tout en œuvre pour neutraliser cela. Qu'en pense vraiment le pape ? Où se situe-t-il ? Juifs et progressistes le somment de choisir entre Vatican II et nous..., au point que pour les rassurer la Secrétairerie d'Etat n'a rien trouvé de mieux que de poser comme condition nécessaire à notre existence canonique l'acceptation complète de ce que nous considérons comme la source principale des problèmes actuels et à quoi nous nous opposons depuis toujours... ... Cependant, eux comme nous sont tenus par le serment anti-moderniste et toutes les autres condamnations de l'Eglise. C'est ainsi que nous n'acceptons pas d'aborder Vatican II autrement qu'à la lumière de ces solennelles déclarations (profession de foi et serment antimoderniste) faites devant Dieu et l'Eglise. Et si cela paraît incompatible, alors forcément ce sont les nouveautés qui ont tort. Nous comptons sur les discussions doctrinales annoncées pour tirer au clair aussi profondément que possible ces points.

∴

Profitant de la nouvelle situation après le décret sur l'excommunication, qui n'a rien changé au statut canonique de la Fraternité, maints évêques essaient de nous imposer un cercle carré en exigeant de nous l'obéissance à la lettre du Droit Canon, en tout point, comme si nous étions parfaitement en ordre, alors qu'en même temps ils nous déclarent canoniquement inexistants ! Déjà un évêque allemand a annoncé qu'avant la fin de l'année, la Fraternité serait de nouveau hors de l'Eglise... Charmante perspective ! La seule solution viable, celle d'ailleurs que nous avions demandée, est celle d'une situation intermédiaire, forcément incomplète et imparfaite au plan canonique, mais qui soit acceptée comme telle sans constamment nous jeter à la face l'accusation de désobéissance ou de rébellion, sans lancer à notre égard des interdictions intenables. Car en fin de compte, l'état anormal dans lequel se trouve l'Eglise et que nous appelons état de nécessité, se voit prouvé une fois de plus dans l'attitude et les paroles de certains évêques à l'égard du pape et de la Tradition.

Comment les choses vont-elles évoluer ? nous n'en savons rien. Nous maintenons notre proposition d'accepter notre situation actuelle imparfaite comme provisoire, tout en abordant enfin les discussions doctrinales annoncées, en espérant qu'elles porteront de bons fruits.

∴

Mais sur ce chemin si difficile, devant les oppositions si violentes, **nous vous demandons, chers fidèles, encore une fois, de recourir à la prière. Il nous semble que le moment est venu de lancer une offensive d'envergure, profondément ancrée sur le message de Notre Dame à Fatima, dont elle-même a promis l'heureuse issue, puisqu'elle annonce qu'à la fin son Cœur Immaculé triomphera**. C'est ce triomphe que nous Lui demandons, par les moyens qu'elle demande elle-même, la consécration de la Russie à son Cœur Immaculé par le Pasteur Suprême et tous les évêques du monde catholique, et la propagation de la dévotion à son Cœur douloureux et immaculé. C'est pourquoi nous voulons lui offrir dans ce but, d'ici le 25 mars 2010, ***un bouquet de 12 millions de chapelets,*** comme une couronne d'autant d'étoiles autour de sa personne, **accompagné d'une somme équivalemment importante de sacrifices quotidiens** que nous aurons soin de puiser avant tout dans l'accomplissement fidèle de notre devoir d'état, et avec la promesse de propager la dévotion à son Cœur Immaculé. Elle-même présente cela comme le but de ses apparitions à Fatima. Nous sommes intimement persuadés que si nous suivons avec attention ce qu'elle nous demande, nous obtiendrons beaucoup plus que tout ce que nous n'oserions jamais espérer, et surtout que nous assurerons notre salut en bénéficiant des grâces qu'elle nous a promises.

Nous demandons par conséquent à nos prêtres aussi un effort particulier pour faciliter aux fidèles cette dévotion, en mettant l'accent non seulement sur la communion réparatrice des premiers samedis du mois, mais encore en incitant les fidèles à vivre dans une intimité très profonde avec Notre Dame en se consacrant à son Cœur Immaculé. Il serait bon aussi de mieux connaître et d'approfondir la spiritualité du grand héraut de l'Immaculée, **le Père Maximilien Kolbe**.

Comment les choses vont-elles évoluer ? nous n'en savons rien. Nous maintenons notre proposition d'accepter notre situation actuelle imparfaite comme provisoire, tout en abordant enfin les discussions doctrinales annoncées, en espérant qu'elles porteront de bons fruits.

∴

Mais sur ce chemin si difficile, devant les oppositions si violentes, **nous vous demandons, chers fidèles, encore une fois, de recourir à la prière. Il nous semble que le moment est venu de lancer une offensive d'envergure, profondément ancrée sur le message de Notre Dame à Fatima, dont elle-même a promis l'heureuse issue, puisqu'elle annonce qu'à la fin son Cœur Immaculé triomphera**. C'est ce triomphe que nous Lui demandons, par les moyens qu'elle demande elle-même, la consécration de la Russie à son Cœur Immaculé par le Pasteur Suprême et tous les évêques du monde catholique, et la propagation de la dévotion à son Cœur douloureux et immaculé. C'est pourquoi nous voulons lui offrir dans ce but, d'ici le 25 mars 2010, ***un bouquet de 12 millions de chapelets,*** comme une couronne d'autant d'étoiles autour de sa personne, **accompagné d'une somme équivalemment importante de sacrifices quotidiens** que nous aurons soin de puiser avant tout dans l'accomplissement fidèle de notre devoir d'état, et avec la promesse de propager la dévotion à son Cœur Immaculé. Elle-même présente cela comme le but de ses apparitions à Fatima. Nous sommes intimement persuadés que si nous suivons avec attention ce qu'elle nous demande, nous obtiendrons beaucoup plus que tout ce que nous n'oserions jamais espérer, et surtout que nous assurerons notre salut en bénéficiant des grâces qu'elle nous a promises.

Nous demandons par conséquent à nos prêtres aussi un effort particulier pour faciliter aux fidèles cette dévotion, en mettant l'accent non seulement sur la communion réparatrice des premiers samedis du mois, mais encore en incitant les fidèles à vivre dans une intimité très profonde avec Notre Dame en se consacrant à son Cœur Immaculé. Il serait bon aussi de mieux connaître et d'approfondir la spiritualité du grand héraut de l'Immaculée, **le Père Maximilien Kolbe**.

Notre Fraternité s'est consacrée au Cœur Immaculé il y a 25 ans cette année. Nous voulons renouveler cette heureuse initiative de **M. l'abbé Schmidberger** en y mettant toute notre âme, en ravivant nos cœurs dans cet esprit. Il est bien évident que nous n'avons pas l'intention de commander à la divine Providence ce qu'elle devrait faire, mais nous avons appris dans les exemples des saints et de l'Ecriture Sainte elle-même que les grands désirs peuvent faire hâter de façon impressionnante les desseins du bon Dieu. C'est avec cette audace que nous déposons aujourd'hui auprès du Cœur Immaculé de Marie cette intention en Lui demandant de vous prendre tous sous sa maternelle protection.

Dieu vous bénisse abondamment !

En la fête de la Résurrection glorieuse de Notre Seigneur Jésus Christ,
Winona, Pâques 2009.

+ Bernard Fellay

Inscrivez-vous à cette nouvelle croisade pour la consécration de la Russie

↪ *Inscription par internet au bouquet de 12 millions de chapelets*

Discurso do Grande Rabino da França Gilles BERNHEIM[11]

Cerimônia de Posse de 1º de Fevereiro de 2009 na Sinagoga da Vitória

Cerimônia de Posse

1º de Fevereiro de 2009 na Sinagoga da Vitória

Senhor Christian Frémont, Diretor de Gabinete representando o Senhor Presidente da República,

Senhoras e Senhores,

Queridos Amigos,

«Louvai ao Senhor porque ele é bom, a sua graça é eterna».

Louvemos o Senhor porque ele é bom e, por sua graça, estamos todos reunidos hoje para nos juntar e nos recolher na ocasião da minha posse como Grande Rabino da França. Reunirmo-nos, orar para que o Senhor nos dê, a Joël Mergui, Presidente do Conselho Central e a mim, a força, a coragem de erguer bem alto o estandarte que nos é confiado hoje. De elevar a imensa responsabilidade que agora temos em relação à comunidade judaica, assim como à comunidade nacional. Que o Todo-Poderoso nos dê o fôlego, a inspiração, a sabedoria para guiar, inspirar e unir. A sabedoria judaica reconhece profundamente que a eleição, assim como a ascensão a uma alta função, não é tanto um privilégio, mas antes e acima de tudo um acréscimo de encargos, uma responsabilidade formidável.

Os maiores entre nossos profetas tentaram se esquivar da missão sagrada, da responsabilidade que parecia irresistivelmente exigir deles. Moisés, Jeremias, Jonas, para citar apenas alguns, recuaram, apavorados pela imensidão da tarefa que sentiam se impor a eles, vendo suas vidas, seus espíritos e seus corpos definitivamente alterados, arrancados da tranquilidade. E isso para serem lançados na arena do mundo, de seus tormentos, de seus sofrimentos, aqueles dos homens, nossos irmãos.

Eu não me considero um profeta. Hesitei antes de me comprometer, mas levado pela sensação de urgência, de uma responsabilidade da qual não podia me esquivar, me candidatei. Não é a crença de que sou melhor do que outros, mas a convicção de que minha formação, as responsabilidades e experiências que tiveram lugar até agora me tornam a pessoa que deveria responder ao chamado. Responder ao chamado daqueles que esperavam uma mudança, respostas à urgência de novas e preocupantes situações.

A comunidade judaica confiou-me essa responsabilidade para a qual sou oficialmente investido hoje. Fui levado a esta função por uma ampla maioria dos votos. É um enorme encorajamento. Àqueles que não votaram em mim, àqueles que não tinham confiança, digo: não se trabalha, não se tem sucesso apenas com amigos. Estendo a mão para que possamos trabalhar juntos da melhor maneira possível, além das divergências. As diferenças são uma riqueza e, nesse sentido, um símbolo de sucesso. À imagem desta imensa assembleia convocada hoje nesta grande sinagoga para honrar também o querido Joël Mergui, para nos honrar, não como homens, mas como uma certa ideia da humanidade, do judaísmo que você, Joël, e eu queremos encarnar em um quadro de colaboração confiante e frutífera.

Vocês estão todos reunidos, sentados juntos, homens e mulheres de todos os horizontes, judeus e não judeus, para testemunhar uma esperança, para chamar juntos, sejam crentes ou não, uma bênção divina que possa tornar fértil a pesada tarefa que se inicia para mim, para nós, meu querido Joël. Esta imensa assembleia reunida em um mesmo sopro é fonte de bênção. De bênção e de paz. De esperança.

«Ah, como é bom e como é doce para os irmãos estarem juntos, unidos».

Este vasto aglomerado representa para mim um desejo e uma esperança compartilhados de renovação, de mudança, juntos. Estar sentado junto é um sinal de paz, de shalom. A paz é o cadinho da bênção.

O escolha que recaiu sobre mim é fonte de esperança para alguns, de surpresa para outros. Alguns podem ter a impressão de que sou uma personalidade atípica. Proveniente de uma família judia de estrita prática religiosa, fui formado pela escola laica e a escola judaica, pelo Seminário Israelita da França e pelas escolas talmúdicas em Israel. Além disso, considerei necessário adquirir um sólido conhecimento acadêmico em filosofia. Além disso, tenho o dever e a responsabilidade de cultivar relações frutíferas com homens e

mulheres de todos os horizontes culturais, políticos, sociais e religiosos dentro da República. Fui rabino de estudantes, de acadêmicos, depois rabino da comunidade que ora e se reúne aqui, nesta bela sinagoga. É também notório que mantenho, há muito tempo, especialmente no âmbito da Amizade Judáico-Cristã da França, um diálogo frutífero com altos dignitários da Igreja, mas também do Islã. Este diálogo tomou recentemente a forma de um livro em duas vozes com meu amigo, o Cardeal Barbarin, cuja presença aqui saúdo.

Não, eu não sou atípico. Eu simplesmente faço as coisas se moverem e destruo as ideias preconcebidas de aqueles que querem religiões fechadas sobre si mesmas. Nesse sentido, eu só estou me alinhando com as marcas de meus ilustres predecessores desde a instituição do Grande Rabbinato; todos notáveis eruditos em ciências religiosas assim como em ciências ditas profanas. Todos impregnados de uma sólida consciência democrática e republicana. Todos impulsionados por um igual senso de suas responsabilidades em relação a seus irmãos judeus, assim como em relação à comunidade nacional, e vivamente engajados no diálogo e na abertura ao outro, com o cuidado tanto de encontrar uma linguagem comum quanto de trabalhar para o bem comum.

É precisamente porque desejo me inscrever o mais próximo possível da vocação do Grande Rabinato da França, tal como ela tem se escrito nos últimos dois séculos, que os votos recaíram sobre o meu nome. A vida que vivi até hoje, com a ajuda e a bênção de Deus, me permite e me dá a capacidade de responder tanto quanto possível às expectativas multiformes e às urgências atuais da comunidade judaica da França. Nossa comunidade vive hoje sob a influência de duas forças contrárias. O retorno às raízes e a uma prática religiosa mais engajada, mais exigente para alguns. A assimilação galopante e maciça para outros; uma assimilação que nos perturba porque ameaça a própria dinâmica do serviço que Deus nos confiou para o benefício de todos os homens. A renúncia à riqueza de sua tradição por uma grande parte de nossos irmãos judeus é fonte de angústia e tristeza. É o risco de uma perda e de uma atingimento irreparável ao bem comum da humanidade, é o risco de um enfraquecimento, e que Deus nos livre, até mesmo a exaustão de uma tradição espiritual e de uma sabedoria que atravessou os séculos até nossos dias, apesar das terríveis provas e das incessantes perseguições sofridas pelo povo judeu.

Os desafios são urgentes e multiformes. Eu pude medir isso em meus contatos frequentes com meus colegas rabinos, durante minhas visitas pastorais das comunidades judaicas do Hexágono. O primeiro desafio é, obviamente, interno para o primeiro dos rabinos da França. Formar mais do que nunca os rabinos para saber se dirigir a todos os tipos de judeus, para falar uma linguagem que seja a deles. A sociologia das comunidades evoluiu amplamente. Trata-se de levar em conta a expectativa de muitos jovens de todos os ângulos, preocupados em se aproximar de uma prática e um estudo mais autênticos, mais ricos, e que esperam que se dirijam a eles com um discurso que atinja de perto suas preocupações em um mundo em perda de referências.

Temos um imenso desafio a enfrentar, e eu só poderei enfrentá-lo com vocês, meus amigos rabinos, cujo exemplo de devoção e vontade de ampliar a capacidade de influência e atração de nossa tradição é a garantia de nossa perenidade. O judaísmo ortodoxo consistorial que é representado pelo corpo rabínico aqui reunido deve ter respostas claras, iluminadoras sobre os problemas que afetam as pessoas em suas vidas mais próximas: condutas morais, rituais, sociais, econômicas…

Devemos lembrar incansavelmente os fundamentos de nossa vocação, enunciados, martelados por nossos profetas, como o exemplo do profeta Miquéias:

«Homem, foi-te dito o que é bom, o que o Senhor espera de ti, nada mais do que praticar a justiça, amar a bondade e andar humildemente com teu D-ieu».

É isso ser judeu.

Mas também enfrentamos o desafio de fazer com que o homem ocidental ouça algo que frequentemente é

fonte de mal-entendidos e que, ao mesmo tempo, nos parece gravemente ausente em nossos contemporâneos: o sentido dos rituais, o valor dos rituais. Não para converter, o judaísmo nunca teve uma vocação proselitista. A grandeza de uma religião não reside em seu poder de coerção, mas em sua capacidade de fazer pensar, inclusive aqueles que não creem nela. Hoje em dia, a ideia de que uma identidade pode ser expressa por gestos que chamamos de rituais: comer kosher, respeitar o shabbat, muitas vezes repugna o Ocidente e evoca apenas fanatismo e integralismo. Tudo que é da ordem da coerção prática e ritual geralmente aparece como antagonista a uma verdadeira vida espiritual. É necessário lembrar que as leis judaicas são feitas para ajudar o homem a alcançar sua humanidade e para promover a humanidade dos outros. Crescer e fazer crescer. Ser capaz de se relacionar e transmitir. Aprender a falar e a ouvir. Dar e receber. Saber olhar. Ser capaz de reparar um dano, todos os tipos de danos. Reconciliar. Dar tempo às coisas e aos encontros.

Pois se para nós, judeus, o único bagagem é o Livro, nossa Torá, a mensagem que ela nos pede para assumir não se situa em um futuro distante e improvável. Não, essa mensagem se realiza agora, no cotidiano de nossas vidas, no fôlego das crianças que estudam a Torá, fôlego sobre o qual, segundo a Tradição, nosso mundo repousa.

Para enfrentar todos esses desafios, precisamos de rabinos, de mestres, cada vez mais capacitados, impregnados de uma profunda erudição na Lei e na Tradição, mas também de uma cultura e uma pedagogia que permitam tornar a lei judaica mais próxima, intelectualmente e emocionalmente.

Os desafios que se impõem a nós também dizem respeito à necessidade vital de abertura e diálogo. Se a Igreja manifesta um novo e crescente interesse por suas origens, e um profundo desejo de trabalhar para reduzir a dramática fratura que separou judeus e cristãos ao longo de dois milênios, a sociedade civil também espera do povo judeu uma resposta às preocupações atuais. Precisamos atender a esses pedidos. Isso é também ser cidadão.

Nós, rabinos, devemos estar presentes diante do trabalho necessário de diálogo e amizade com o Islã. Continuar os encontros promissores já iniciados com dignitários e pensadores muçulmanos, como o Reitor Dalil Boubakeur, inspirando-me no comportamento das figuras rabínicas mais ilustres que atravessaram os séculos: de Maimônides ao Maharal de Praga, de Judá Halevi a S. R. Hirsch. Um enjeito vital.

Estou ciente de que assumo essa responsabilidade em um momento em que as sociedades, na França, em Israel e em todo o mundo, estão imersas em grandes preocupações que exigem, da parte dos responsáveis espirituais, esforços e uma vigilância reforçada.

Esta investidura ocorre em uma conjuntura econômica difícil. É claro que indivíduos e empresas estão ou estarão sendo afetados de maneira severa pela crise financeira e econômica. Que a precariedade espreita ou já atingiu pessoas ou setores da atividade econômica. Em tempos tão conturbados, cumprir nosso dever em relação ao próximo e à comunidade é mais necessário do que nunca. Dever de Tsedaká, dever de apoio financeiro, mas também moral e social.

Falei de preocupação. O Oriente Médio acaba de vivenciar um conflito não entre dois povos, mas entre Israel e o Hamas. Eu amo Israel, vibro com Israel, choro com Israel e meu apoio é inabalável. Meu amor por Israel é feito de paixão e de razão. No entanto, repugno a guerra e sou sensível a todos aqueles que são vítimas dela, sejam israelenses ou palestinos, enquanto desejam paz e fraternidade. Como Grande Rabino da França, quero convidar os fiéis de diferentes religiões e os homens e mulheres de boa vontade a fazer tudo o que estiver ao seu alcance para construir na França a fraternidade entre todos aqueles que aqui vivem, independentemente de sua religião, suas convicções políticas e sua opinião sobre este conflito.

Além da condenação vigorosa dos atos racistas, antissemitas e antimuçulmanos que ocorrem em nosso país, quero fazer um apelo a todas as pessoas que se sentem solidárias na França com israelenses e palestinos para se oporem ao desprezo, ao ódio e à violência. E desejo levar essa mensagem com as autoridades que representam todas as religiões.

Com todas as nossas forças, devemos orar para que o nome de Deus não seja invocado para a violência, para que surjam no Oriente Médio artífices da paz e da justiça e que se abram caminhos de perdão, reconciliação e coexistência.

Neste clima de crise e preocupação em que todos os homens de bem devem redobrar sua inteligência do coração e da mente em relação aos seus semelhantes, comprometo-me a me dedicar com ainda mais atenção às relações com os poderes públicos, os inspiradores e os formadores da opinião em nosso país.

Eu sei, Senhora Ministra, toda a atenção que o Presidente da República, o Primeiro-Ministro e você têm para com a comunidade judaica da França, e o quanto vocês se preocupam para que os judeus, que são um componente muito antigo e muito leal de nossa nação há muitos séculos, se sintam seguros, apreciados e ouvidos entre as numerosas identidades humanas que enriquecem nosso país.

Seja certa de que, por minha parte, nunca medirei esforços para que a nação França se orgulhe de seus judeus.

Assim como os judeus se orgulharam da França! Os judeus franceses e aqueles de todo o mundo. A França, com seus ideais dos iluministas, constituiu um farol, um polo de esperança quase messiânica. O patriotismo inabalável dos franceses de confissão judaica sempre esteve à altura do imenso valor atribuído à pátria França, que ostenta em suas frontões os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Inclusive para os judeus... Até a terrível fratura da Shoá e de Vichy. Ninguém pode subestimar as consequências da Shoá, não apenas para os judeus, mas também para todo o Ocidente. A destruição dos judeus da Europa afetou e afeta de maneira irrevogável toda reflexão ética, política ou religiosa. Ela assombra e continuará a assombrar para sempre toda consciência.

A responsabilidade do trabalho da memória recai sobre todos nós, franceses judeus e não judeus, todos cidadãos do mundo. Essa responsabilidade nos impõe a todos um trabalho de conhecimento dos fatos. Ela obriga cada um a ter sempre mais vigilância, para que nunca se repita esta incomensurável e única ferida à humanidade do homem que constituiu a barbárie nazista.

Vemos quão difícil e atual é essa tarefa quando ouvimos que um bispo da Fraternidade São Pio X faz comentários abjetos, que outro bispo dessa Fraternidade reduz o negacionismo a uma opinião pessoal e que muitos membros da referida Fraternidade ainda rejeitam o Vaticano II e a declaração Nostra Ætate sobre as relações com as outras religiões. Estamos agradecidos à República Francesa por todos os esforços que ela faz hoje nesse terreno tão delicado.

Assim como somos, todos nós franceses judeus, muito sensíveis à preocupação do Presidente da República e do Governo em manter relações justas, equitativas e calorosas com o Estado de Israel. Preocupação em empregar esforços significativos para garantir a própria existência do Estado de Israel, que vive, a cada dia, mais sob a ameaça dos mísseis nucleares iranianos. Preocupação, finalmente, em rastrear nas críticas feitas a Israel a parte infiltrada da monstruosa besta do racismo e do antissemitismo.

Acabo de destacar nossa gratidão a nossos líderes, agora me cabe dizer minha dívida perante meus predecessores e aqueles que me formaram.

Prestar homenagem a todos os Grandes Rabinos e Rabinos que, durante os anos sombrios da Ocupação, arriscaram suas vidas para proteger sua comunidade. Sua memória é para todos nós, uma fonte de bênção.

O Grande Rabino Jacob Kaplan, que por sua autoridade moral extraordinária, permanece até hoje como uma referência para o judaísmo francês.

O Grande Rabino René Samuel Sirat, a quem quero expressar aqui minha profunda estima pela maneira como assumiu sua função de Grande Rabino da França, e também por ter trabalhado depois na comunidade, e

além, com inteligência e discrição, sempre disponível para tantas causas importantes.

O Grande Rabino Joseph Haïm Sitruk, a quem quero render homenagem e saudar pelo seu carisma excepcional e sua coragem. Pretendo solicitar sua colaboração para que continue a beneficiar a comunidade judaica com seu saber e energia.

Quero lembrar o que devo aos responsáveis pelo movimento de juventude Yechouroun do qual sou oriundo, Théo e Edith Klein de memória abençoada, Liliane Ackermann de memória abençoada e o amigo que me é tão próximo, Henri Ackermann.

Ao meu mestre dos anos de estudo em Jerusalém, o Rav Yehiel Landa zal, cujo ensino inigualável abriu caminho para mim.

Agradecer a Barbara Schlanger, minha assistente há mais de doze anos, cujas qualidades raras e competência excepcional nunca falharam.

Quero também expressar minha afetuosa gratidão a Moïse Cohen por seu apoio exigente ao longo dos anos de sua presidência, e agradecer à comunidade da Victoire, seus responsáveis e cada fiel, por seu apoio e amizade valiosa.

Quero recordar a memória abençoada de meus pais. Uma tarefa difícil, sem dúvida. Um homem e uma mulher de alta nobreza, uma retidão na postura do corpo que refletia exatamente a retidão da alma.

Nobreza do ser, aristocracia da alma. Ser o mais elevado homem ou mulher no sentido do mais pleno respeito pelo tselem elokim, pela imagem de Deus que está em cada homem. Um casal curioso por tudo e amante do conhecimento. Eles transmitiram a seus dois filhos o gosto pela vida.

Quero assim render homenagem a esse judaísmo da Alsácia que é honrado com a inteligência do coração, do espírito e do conhecimento, pelos pais da minha esposa, por um amor às pessoas, a todas as pessoas e seus modos de vida.

Judaísmo da Alsácia que foi honrado pelas figuras eruditas e sábias de meus mestres, os Grandes Rabinos Henri Schilli e Ernest Gugenheim zal.

Minhas últimas palavras são para Joëlle, minha amada esposa, a exigência e a esperança da minha razão de ser. Joëlle que, todos os dias, me ensina a ler o curso da vida. Ao lado de nossos queridos filhos, Eliya, Orit, Noémie, Léa, que são nosso futuro, nossa felicidade e nossa mais alta responsabilidade.

Obrigado a cada um de vocês por sua presença tão calorosa e numerosa.

Agradeço a vocês.

Artigo do Figaro de 1º de fevereiro de 2009[12]

Williamson: o grande rabino poupa Bento XVI

Jean-Marie Guénois
01/02/2009 | Atualização: 22:25 |

Instalado ontem em Paris em suas funções, Gilles Bernheim criticou os comentários «abjetos» do bispo negacionista.

Image not found or type unknown

NÃO se enganar de alvo. Ontem, durante sua cerimônia de posse oficial, o novo grande rabino da França, Gilles Bernheim, recusou qualquer amalgame entre a Igreja católica e «um bispo da Fraternidade São Pio X», cujos comentários negacionistas qualificou de «abjetos». Em um discurso muito aplaudido sob as cúpulas da grande sinagoga da Victoire em Paris, cheia, ele não hesitou, apesar do contexto dessa polêmica, em saudar a presença do «meu amigo, o cardeal Philippe Barbarin», arcebispo de Lyon, que estava sentado atrás das autoridades da República, incluindo Michèle Alliot-Marie, ministra do Interior e dos Cultos.

«Ninguém pode subestimar as consequências da Shoá», lembrou o grande rabino que agora substitui Joseph Sitruk. A destruição dos judeus da Europa (…) continuará a assombrar para sempre toda consciência. A obrigação do trabalho de memória recai sobre todos nós, franceses judeus e não judeus, todos cidadãos do mundo. (…) Vemos como essa tarefa é difícil e como é de uma atualidade terrível quando ouvimos que um bispo da Fraternidade São Pio X proferiu comentários abjetos. Que outro bispo da Fraternidade reduz o negacionismo a opiniões pessoais e que muitos membros da referida Fraternidade ainda lamentam o Vaticano II e a declaração "Nostra Ætate" sobre as relações com as outras religiões.

O Papa «perturbado»

Exortando principalmente a comunidade judaica a criar uma nova unidade para «erguer» o judaísmo na França, ele concluiu a breve menção a esse caso, que continua a ser um assunto polêmico, com um apelo a «cada vez mais vigilância». Ontem, o porta-voz do governo francês, Luc Chatel, afirmou na Radio J: «O governo não pode condenar senão com a maior firmeza os comentários feitos pelos membros da Fraternidade São Pio X. Eles são inaceitáveis, abjetos, intoleráveis». Na hora em que se manifestava, em frente à Nunciatura Apostólica, um grupo de 70 pessoas da B'nai Brith França, uma ONG judaica humanista. Eles queriam expressar seu «indignação» sob as janelas do representante do Papa.

Bento XVI, «perturbado» por este «episódio muito doloroso», segundo seus próximos, no entanto não voltou sobre essa crise durante a oração dominical do angelus, já que havia condenado firmemente, na quarta-feira passada, o negacionismo. O cardeal Barbarin, por sua vez, considerou, no sábado, em RTL, «totalmente insuficientes» as desculpas dadas por Dom Williamson, o autor dos comentários negacionistas, pois não incluíam «nenhuma retratação».

O rabino David Rosen, conselheiro do grande rabinato de Israel, também observou que «o mal não está completamente reparado» mesmo após a retratação de Bento XVI e a expressão de sua «solidariedade» com os judeus. Ele espera «desculpas públicas» por parte de Dom Williamson, que se contentou em expressar em seu site na Internet «sinceros arrependimentos» pelas «sofrimentos» que suas «remarques imprudentes» causaram ao Papa.

Apesar da qualidade das relações entre o cardeal Philippe Barbarin e o grande rabino Gilles Bernheim, visíveis, ontem na sinagoga da Victoire em Paris onde também estavam várias personalidades católicas, o choque ainda é muito severo para as relações entre as duas religiões. Na Alemanha, por exemplo, o Consistório central dos judeus suspendeu formalmente seu diálogo com a Igreja católica.

Sem esquecer a ruptura, que continua viva, dentro da Igreja. O cardeal Re, que, por função, assinou o decreto que revogou a excomunhão, não escondeu, no sábado, que «o caminho para uma reconciliação total exigirá tempo». Porque a Fraternidade São Pio X «ainda deve mostrar que aceita o concílio» Vaticano II.

---

[1] Representante do G.R.E.C e do padre Barthe dentro da FSSPX.

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-18-A-00-Mgr_Williamson-retour_chez_les_Fabiens.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-19-A-00-Famille_de_Mgr_Williamson.pdf

[3] http://www.dici.org/actualite_read.php?id=1834

[4] http://gillesbernheim.blogspot.com/search?updated-max=2009-02-04T14%3A17%3A00%2B01%3A00&max-results=4

[5] http://www.laportelatine.org/communication/bienfait/74/francais/74.php

[6] Dom Fellay manifesta aqui toda a impudência de sua hipocrisia: é muito fácil para ele obter imediatamente a resposta a essa questão lendo atentamente as declarações oficiais do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, divulgadas pelos serviços de imprensa oficiais do Vaticano, como aquelas que regularmente apresentamos a nossos leitores, declarações oficiais que não apresentam, sobre esses temas cruciais, nenhum caráter de ambiguidade.

[7] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2009/005_2009/VM-2009-05-26/VM-2009-05-26-A-00-Benoit-XVI-soutient_Vatican-II.html

[8] http://www.dici.org/actualite_read.php?id=1834

[9] http://www.laportelatine.org/communication/bienfait/74/francais/74.php

[10] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-14-A-00-Mgr_Fellay_affaire_Rossiniere.pdf**

[11] http://gillesbernheim.blogspot.com/search?updated-max=2009-02-04T14%3A17%3A00%2B01%3A00&max-results=4

[12] http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2009/02/02/01016-20090202ARTFIG00041-williamson-le-grand-rabbin-epargne-benoit-xvi-.php

Cardeal Rampolla: por que o padre Ricossa busca hoje reabilitar um satanista Rosacruz?

Quarta-feira, 24 de junho de 2009

Um fiel escreveu ao padre Ricossa para perguntar sobre sua ação surpreendente, mesmo quando a pedido de Dom Guérard des Lauriers, **Marc Winckler havia produzido um testemunho preciso e contundente** no primeiro número dos ***Cahiers de Cassiciacum*, testemunho que passou despercebido por padre Ricossa**.

O padre Ricossa: o discurso de um infiltrado na Tradição católica?

Recebemos de um fiel o encaminhamento de um e-mail que ele enviou ao padre Ricossa, após a publicação do nº 62 de ***Sodalitium***, onde o responsável de Verrua tenta reabilitar o cardeal Rampolla, secretário de Estado do Papa Leão XIII, e membro secreto da seita satânica, ocultista e Rosacruz da OTO (*Ordo Templi Orientis*). Para o padre Ricossa, trata-se de uma fabulação.

E-mail de um fiel de 19 de junho de 2009, dirigido ao padre Francesco Ricossa

Cópia: padre Schoonbroodt, padre Cekada, Dom Dolan, Dom Sanborn, padre Belmont, padre Méramo, padre Chautard, padre Legal

Título: Sodalitium-Rampolla: o padre RICOSSA estaria sendo afetado por um Alzheimer?

Conteúdo:

« A ler:

« a carta-testemunho anexa **[1]** datada de 11 de fevereiro de 1977 de M. WINCKLER ao Padre Guérard des Lauriers o.p. (a pedido deste) e publicada em maio de 1979 nas páginas 101-105 do primeiro número dos Cahiers de Cassiciacum ....

« Dom Guérard des Lauriers e M. WIinckler, hoje infelizmente falecidos, teriam certamente se interessado e se edificado ao ler o dossiê histórico reunido pelo padre Ricossa para o último número, o nº 62, da revista Sodalitium. »

Anexos:

WINKLER-Carta_a_Dom_Guerard.pdf[2]

Soda-F62[1].pdf[3]

Fim do e-mail de um fiel.

Dom Guérard des Lauriers que pede ao Marc Winckler seu testemunho sobre Montini e Rampolla

Aqui está um trecho da carta de Marc Winckler, datada de 11 de fevereiro de 1977, que o Padre Guérard fez questão de publicar no primeiro número de sua revista Cassiciacum:

« Eu me lembro do tom misterioso que ele adotou - Dom PIGNEDOLI*, é dele que se trata - ao me falar sobre a grande revanche que se preparava****. Ele me contou ao longo do veto da Áustria, cujo resultado, para ele, foi mergulhar a Igreja durante meio século no obscurantismo e isolamento da Idade Média; ele insistiu sobre a necessidade de uma abertura e adaptação da Igreja; finalmente, ele me fez vislumbrar uma nova era, e muito em breve, e com um sucesso certo, graças àquele que conseguiria onde o Cardeal RAMPOLLA teve a infelicidade de falhar****.*

Eu o olhei com olhos grandes. Ele pensou que isso significava: "Mas quem é esse?" ; ele respondeu sem rodeios: "Você celebra a Missa para ele todas as quintas-feiras.".

Confesso que eu devia parecer bobo; e eu estava mesmo, pois estava a cento de milhas de imaginar o que esperavam de mim para o sucesso de MONTINI, o novo desejado das colinas temporais e das nações (unidas). » M. Winckler

---

Existem outros trechos em que Marc Winckler menciona Rampolla (veja a carta citada na íntegra em anexo).

Nossos leitores tiveram a oportunidade de descobrir, há mais de 20 meses, a ação muito perturbadora de Dom Williamson a serviço objetivo dos projetos *Fabiens* britânicos, assim como a simbologia Rosacruz de seu brasão episcopal. Já sabíamos que a FSSPX estava infiltrada por um agente do inimigo, na verdade aliado de Ratzinger-Bento XVI, para seduzir e subverter, dividindo e desorganizando, a resistência católica à revolução conciliar e aos inimigos da Igreja.

Em junho de 2009, descobrimos com espanto que esses círculos Rosacruz, que se empenha em destruir a Igreja há mais de um século e que quase conseguiu ter um "papa" próprio na pessoa do cardeal Rampolla, acabaram de encontrar um novo aliado objetivo na pessoa do padre Ricossa, diretor do instituto dos padres de

Verrua, que tenta uma reabilitação de Rampolla.

Verrua infiltrado em seu ápice? O padre Ricossa não trata de um tema secundário. Ao tentar negar a infiltração Rosacruz na conquista do alto clero da Igreja, por meio de Rampolla, membro da O.T.O., o padre Ricossa aborda um assunto capital e que toca a própria chave da compreensão da subversão da Igreja Católica ao longo de um século, na linha de frente da ofensiva inimiga que penetrou em sua hierarquia para derrubá-la. A questão da infiltração de Rampolla está, aliás, intimamente ligada à tentativa anglicana de 1895 de fazer reconhecer como válidos os ordens anglicanas, que, na verdade, são inválidas, e assim destruir o sacramento do sacerdócio católico da Nova e Eterna Aliança, fundado no Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Se esses clérigos se comportam por meio de seus escritos como aliados objetivos dos círculos iluministas Rosacruz, que são assim absolvidos por essas publicações clericais contemporâneas, o que devemos então pensar do *Instituto Mater Boni Consilii* e da realidade de seu controle pelo inimigo? Em dezembro de 1985, alguns padres italianos da *Fraternidade Sacerdotal São Pio X*, sociedade religiosa fundada por Dom Lefebvre, saíram da referida Fraternidade para fundar em Turim o *Instituto Mater Boni Consilii*. Trata-se de um "segundo anel" sob controle? pelo padre Ricossa?

Seria um falso bastião de resistência já colocado sob um controle oculto? E neutralizado como já está o mosteiro de Avrillé pelo duo dos Padres Innocent-Marie e Pierre-Marie? Avrillé também se destaca, assim como Verrua, pela ocultação dos trabalhos sobre a invalidade do novo rito de consagração episcopal de 1968 e pela ausência, por mais de 18 anos, de qualquer estudo sobre a infiltração anglicana na estrutura da Igreja Católica.

E a controvérsia do *Una cum* colocada como imperativo categórico para os fiéis? Um instrumento colocado em destaque com complacência pelo padre Ricossa diante dos fiéis, para dialetizar e dividir a resistência da Tradição e atomizar ainda mais as forças que se opõem ao Vaticano II há quarenta anos? Se realmente se trata de um "segundo anel", a ação do padre Ricossa deve ser relida e examinada com atenção.

Nesse caso, a situação da FSSPX, por mais dramática que pareça, seria ainda a menos comprometida, pois, embora a última esteja infiltrada por Dom Williamson (n° 1) e o padre Schmidberger (n° 2), assim como pela rede que eles estabeleceram, ainda não conhecemos estudos ou conferências de Dom Fellay que visem positivamente a favorecer redes Rosacruz (Rampolla).

É certo que, se essa fosse a realidade da infiltração em Verrua e na Tradição Católica, entenderíamos ainda melhor a importância dos meios e das redes, inclusive midiáticas, que o Vaticano modernista mobiliza para obter o apoio e a destruição da FSSPX, verdadeiro bastião ainda não absolutamente controlado em sua totalidade, enquanto, ao mesmo tempo, o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI goza de uma paz real em Verrua, como se já soubesse que não tinha nada a temer desse lado.

Estamos espantados, mas continuamos nossas investigações e nossa denúncia das infiltrações e das redes subversivas, onde quer que estejam.

Contamos a partir de agora observar com a maior vigilância as iniciativas do Padre Ricossa:

- após **o estudo heterodoxo sobre o Apocalipse de São João** que ele ousou publicar no *Sodalitium*, **visando confiscar ao combatente da Fé contra a Besta conciliar, a bússola que lhe era fornecida pela Sagrada Escritura,**
- após o **dossiê histórico truncado que ele publicou no *Sodalitium*, invocando as pseudo-« *condenações*» do Segredo de La Salette pelo Santo Ofício** (sem quaisquer correções posteriores após a publicação da monumental tese do Padre Corteville sobre o assunto), **visando negar ao combatente da Fé contra o Anticristo Conciliar, o auxílio das aparições mariais,**
- após sua **ocultação sistemática dos trabalhos teológicos recentes que demonstram a nulidade e a invalidade sacramental certa INTRÍNSECA, frente às normas infalíveis e irreformáveis do**

Magistério católico, da forma essencial da pseudo «*consagração*» episcopal «*ecumênica*» Conciliar imposta em 18 de junho de 1968 pela Constituição Apostólica triplamente factualmente mentirosa *Pontificalis Romani* do bispo apóstata Montini-Paulo VI, **e seu silêncio persistente sobre quarenta anos de desaparecimento do Sacerdócio ontológico sacrificial católico desde esse CRIME CLERICAL INOVADOR, e suas consequências sobre a situação atual da Santa Igreja.**

- enquanto a revista *Sodalitium*, que, cabe ressaltar, já publicou estudos históricos muito interessantes e bem feitos, **se recusou até hoje a abrir seriamente o dossiê histórico do Anglicanismo[4], e de suas relações com a Santa Sé e a Cúria, o que lhe teria permitido fazer a conexão com a ação do Cardeal Rampolla e de seus protegidos na questão da luta contra a infiltração na Santa Igreja Católica das falsas ordens anglicanas** e a gênese épica da bula infalível de Leão XIII ***Apostolicæ Curæ*** (1896), verdadeira Lepanto do Sacerdócio sacrificial católico,

decididamente a publicação de um tal dossiê histórico, elaborado de maneira parcial e tendenciosa por Padre Ricossa, visando a reabilitação de Rampolla, hoje ultrapassa qualquer medida... **assim como qualquer prudência, tanto a continuidade de sua ação faz hoje aparecer a finalidade ofuscante** – mesmo para os espíritos mais obtusos - perseguida com tanta tenacidade por seu autor.

Se a facção maçônica R+C que finalmente triunfou há 50 anos em Roma, desde o Vaticano II, tinha **necessidade de uma proteção eficaz que pudesse desarmar e neutralizar seus mais perigosos inimigos católicos, seria um Padre Ricossa que eles teriam que inventar, se ele não existisse...**

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© *2009 virgo-maria.org*

Trecho do VM de 25 de março de 2006[5]

A carta que M. Winckler endereçou ao R.P. Guérard des Lauriers em 11 de fevereiro de 1977.

Recordemos que Marc Winckler se encontrava regularmente com seu amigo de infância, Jean Vaquié. Pouco depois da morte deste, sua memória e seus trabalhos foram atacados em 1993 pelo padre Grégoire Celier, que desde então se tornou diretor da *Fideliter*, revista do Distrito da França da FSSPX, sob a autoridade do padre de Cacqueray.

No outono de 2003, foi publicada sob um pseudônimo (Paul Sernine, atribuído a este mesmo padre) *A palha e o sicômoro*, um panfleto que atacava violentamente Jean Vaquié e a Escola dos *Cahiers Barruel*. Esses cadernos, de fato, realizaram nas décadas de 1980 e seguintes, pesquisas e análises sobre a gnose e a subversão na Igreja sem paralelo desde os trabalhos de Dom Jouin. Eles eram calorosamente apoiados por Dom Lefebvre.

Marc Winckler relata como, após ter sido preso várias vezes pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, foi então, por uma reviravolta na situação, levado a frequentar de perto a Corte Pontifícia.

Aqui está o que ele escreve ao R.P. Guérard des Lauriers:

« Meu Reverendíssimo Pai,

« O senhor me pediu que colocasse por escrito o relato de algumas memórias romanas de há trinta anos.

« Os acontecimentos da guerra me levaram à Itália depois de diversas aventuras e desventuras, incluindo várias prisões pelos alemães, especialmente após um artigo no jornal, publicado em 1942,

que me designava como judeu. E lá estava um católico primeiro colocado em uma situação crítica, depois recebendo todo tipo de carinhos e honras quando a roda finalmente começou a girar. Ela começou a girar para mim na alegria espiritual, até o dia em que virou para o mal.

« Aproveitando do imenso privilégio na época da Correspondência Militar, que permitia enviar para a França e vice-versa a correspondência de muitos Monsenhores, Reverendos e Reverendíssimas de toda sorte (de hábito) residentes em Roma, fiz muitas amizades e aprendi muitas coisas, pois a Corte Pontifícia ainda era uma Corte. Em um meio termo entre o Oriente e o Ocidente, entre ontem e amanhã, ela estava cheia de sobrevivências e de sabores que não conhecemos mais desde que os Chefes de Estado são pessoas cercadas de dez tipos de polícias armadas, e transportados a uma velocidade louca em sortes de comboios de caixões blindados.

« Oficial intérprete de italiano, eu me dedicava às tarefas habituais nos Estados-Maiores. Eu ainda dispunha de algum tempo livre. »

Por meio de seus contatos, Winckler foi apresentado a **Dom Montini**, que não era outro senão o capelão da Associação dos Graduados Universitários em Roma. Na época, ele era Substituto no Secretariado de Estado.

« Meus novos amigos me fizeram um retrato entusiástico, acrescentando: "Ele é um dos nossos". Compreenda quem puder. Guardo uma lembrança deslumbrante dessas missas e dessas homilias, na extraordinária capela barroca da Sapienza, uma capela de contos de fadas, onde a assembleia calorosa criava uma espécie de atmosfera e uma graça sensível, sem que eu soubesse muito bem a que atribuí-las. Lamento não ter mantido nenhuma lembrança precisa de nenhum trecho dessas homilias; era vibrante, havia palavras que brilhavam como a luz em um alto vitral.

« Estávamos felizes e ele também. Ademais, a moda era a eloquência. O Soberano Pontífice reinante havia imposto involuntariamente seu estilo e cada um tentava ser esguio, ser asceta, ser místico, ter longas mãos (não sei se chegavam a dormir no chão). Em seu escritório, Dom MONTINI era ativo, direto e preciso. Ele gostaria que eu incentivasse, em Paris, a criação de uma associação semelhante à sua. Os graduados de Paris não precisaram de mim; em relação aos estudantes, eles mostraram, em 1968, do que eram capazes quando estavam bem impregnados e aquecidos ao ponto.

« O lobby que acreditou no início do século que conseguiria seu objetivo com o Cardeal RAMPOLLA, ou seja, alçar um de seus membros ao topo da Igreja para remodelá-la à sua própria imagem, esse grupo de pressão não havia desistido. E a esperança de vitória era tanto mais viva, a impaciência tanto maior, uma vez que as circunstâncias haviam jogado a seu favor desde a morte de S.S. PIO X.

« A revolução havia consolidado seu poder em um sistema financeiro prodigioso, na "vitória das democracias", em um império soviético fortalecido, em novos meios globais de propaganda e pressão, e no descrédito, devido ao colapso hitleriano, de tudo que se assemelhava ao anticomunismo; e na Igreja, no medo, para muitos bispos, religiosos e leigos, de parecerem derrotados ou atrasados.

« Lembro-me ainda das distinções estabelecidas por PIO XII em seu discurso de Natal de 1944 sobre a palavra "democracia". Isso, como se diz, não passou da rampa. E lembro-me da confissão desolada do Cardeal SUHARD, que havia seguido o conselho do Núncio de se alinhar ao Governo de Vichy, cuja "legitimidade" não era reconhecida pelo de França "Livre". O bom Cardeal não se recuperava do aperto de mão perdido. Quanto ao Cardeal TISSERANT, ele ruminava o que se tornara, durante o Concílio, o ponto de partida do decreto sobre a liberdade religiosa. Ele era, por sua vez, o chefe incontestável do "partido gaullista de sotaina", e tinha o olhar - se assim podemos dizer - sobre todos os bispos da França. Quem me contradirá se eu afirmar que RONCALLI e MONTINI devem a ele suas eleições ?

« Mas quem, em contrapartida, preparou há muito a possibilidade dessas eleições, das quais uma tornou possível a seguinte? É fácil responder, mas peço que considerem que é perigoso avançar por esse terreno. Compreendo perfeitamente a atitude cautelosa daqueles que preferem acreditar que foi o Espírito Santo

quem manifestou Sua própria escolha. Talvez Ele tenha manifestado de outra forma, talvez não tenha sido levado em conta, só o Bom Deus poderia nos dizer, uma vez que os Cardeais, segundo parece, se comprometem ao segredo...

« De qualquer forma, desde a chegada de Jacques MARITAIN como embaixador junto à Santa Sé, presente estúpido e cruel de Georges BIDAULT, eu havia deixado de servir a missa a Dom MONTINI. Pois, nesse contexto, os membros da associação não se intimidaram mais para afirmar seu progressismo . Meus amigos, digamos a palavra, eram francamente modernistas. MARITAIN havia invadido o grupo MONTINI, e não havia mais espaço senão para o humanismo integral. Eu havia fugido.

« Mas já que é um testemunho que você me pede, afirmo que havia em Roma exatamente o que você procura saber, e que me permite chamar de lobby montiniano ou grupo Rampolla, e que um Monsenhor ativo, com muitos conhecidos, que eu encontrava com frequência e por quem tinha uma sincera amizade, ao saber que eu havia sido apresentado a Dom MONTINI, que eu o admirava e que parecia estar o seguindo, acreditou, sem dúvida, que eu estava maduro o suficiente para dar um passo decisivo no caminho da eficácia.

« Lembro-me do tom misterioso que ele adotou - Dom PIGNEDOLI*, é dele que se trata - ao me falar da grande revanche que se preparava****. Ele me contou ao longo do veto da Áustria, cujo resultado, para ele, foi de mergulhar a Igreja durante um meio século no obscurantismo e isolamento da Idade Média; ele insistiu sobre a necessidade de uma abertura e adaptação da Igreja; finalmente, ele me fez vislumbrar uma nova era, e para muito em breve, e com um sucesso certo, graças àquele que conseguiria onde o Cardeal RAMPOLLA teve a infelicidade de falhar.***

« Eu o olhei com grandes olhos. Ele pensou que isso significava: "Mas quem é esse?" ; ele respondeu sem rodeios: "Você celebra a Missa para ele todas as quintas-feiras.".

« Confesso que eu devia parecer bobo; e eu estava mesmo, pois estava a centenas de milhas de suspeitar do que esperavam de mim para o sucesso de MONTINI, o novo desejado das colinas temporais e das nações (unidas).

« No entanto, era preciso que eu voltasse a mim. Era sério. O simpático Dom PICNEDOLI estava muito ligado a MONTINI, pois o seguiu em seu "honroso" afastamento milanês; atualmente, ele é cardeal encarregado de missões delicadas (como de persuadir os católicos do Vietnã a receber, em honra de Deus e pela paz, as tropas comunistas do Vietcong).

« Era 2 de janeiro de 1945, a noite caía; havia uma recepção na venerável residência do príncipe E. de NAPLES RAMPOLLA, e meu querido Dom me havia convidado. Era em um palácio luxuoso, de estilo 1880; os salões eram brilhantes, os candelabros reluziam, os hóspedes, os convidados respiravam conforto; as fragrâncias das jovens e das mulheres, o cheiro dos álcoois, dos cigarros loiros, toda essa atmosfera ao mesmo tempo suntuosa e mundana me afastava dos papalini, esses patrícios que, desde a tomada de Roma, haviam condenado a porta principal de seu palácio em sinal de protesto e desde então não haviam desfrutado das benesses da Casa de Saboia.

« Você já sabe, meu caro Pai, eu não respondi às investidas do "Venerável" príncipe que era, por assim dizer, o espelho para as perdizes do famoso 'lo' (lá também, "você me compreendeu"). Eu pensava, ao sair daquela recepção, no título de um pequeno livro italiano que eu lia na infância: "Le cose più grande di lui" (As coisas que o superam); e pensava ainda mais no famoso "Santo" de Fogazzaro...

« Sem dúvida houve, e haverá ainda, características de um tipo particular, capazes, ao desprezar lágrimas e sangue, de dizer: "Eu me arranjarei para..." e "Eu farei com que..."; mas levar a astúcia ao grau de perfeição que vemos hoje é um mysterium iniquitatis*, mistério tão poderoso que consegue deixar cegos e surdos até os melhores, sem esquecer os "santos" padres discípulos de S. Timoré... Eles não ouviram, por exemplo, falar das doenças e da estranha morte de PIO XII; e quando lhes são dadas provas, eles se*

apressam em recusá-las ou em fazer silêncio. Eles são os silenciosos da Igreja, os bons cachorrinhos mudos.

« Felizmente, ainda existem alguns " Domini canes " !

« Peço que aceite, etc. »

« Em 11 de fevereiro de 1977.

« Marc WINCKLER. »

Fim da citação

Essas confidências de Marc Winckler **lançam uma luz crua sobre a continuidade do plano dos meios Rosacruz, aos quais pertencia o cardeal Rampolla. Ele era, de fato, membro da O.T.O**. (*Ordo Templi Orientalis*, loja iluminada satânica Rosacruz de língua alemã, presente na Baviera e em Zurique, **filial das lojas iluminadas R+C britânicas**)

A Providência quis que a Igreja fosse protegida em 1903 da usurpação da cadeira de Pedro por um inimigo da Igreja, e Ela concedeu a imensa graça da eleição imprevista ao trono papal de um santo Pio X.

Quase 103 anos depois, a Igreja está em grande parte destruída, sobrevivendo apenas em um pequeno rebanho. **Providencialmente, Dom Lefebvre, ao fundar uma Fraternidade sacerdotal em nome do santo Papa, e depois pelos sacramentos de 1988, permitiu a transmissão e a salvaguarda do verdadeiro episcopado católico e do verdadeiro Sacerdócio de Melquisedeque.**

VM

---

[1] Reproduzimos a carta abaixo.

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf

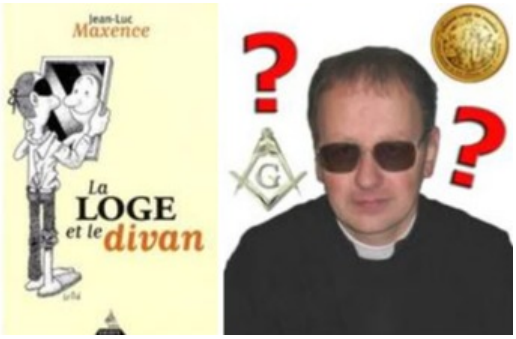
[3] http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=section_view&idev=1

[4] Ao contrário, a revista de Avrillé, *Sel de la Terre (n°68)*, acaba de publicar, pela primeira vez, um artigo de Christian Lagrave que demonstra as origens inglesas dos Rosacruz. Uma publicação como essa nunca foi realizada no *Sodalitium*.

[5] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2006/003_2006/VM-2006-03-25/VM_Reussir_avec_Montini%20_la_ou_Rampolla_a_echoue.htm

O padre Celier fez publicar seu « *Bento XVI e os Tradicionalistas* », disseminado pelo padre de Cacqueray, por um maçom gnóstico que se desvia do cristianismo

Sexta-feira, 31 de julho de 2009



O escândalo recai sobre o padre de Cacqueray[1] que obstinadamente protegeu, apesar de todos os avisos e de todos os alertas fundamentados, **um padre publicado por um autor maçom declarado, profundamente anti-católico e gnóstico**

No *VM* de 27 de julho de 2009[2], comentamos a publicação da obra pró-reunificação do padre Celier, por Jean-Luc Maxence, maçom declarado da ***Grande Loja da França***.

O livro publicado por **Jean-Luc Maxence, *A Loja e o Divã,*** expressa a confissão de sua pertença à maçonaria **há várias décadas**, o que significa **que ele era maçom durante o período em que foi um colaborador ativo de *Monde & Vie*, que na época era amplamente disseminado na FSSPX com a bênção de Dom Fellay e dos padres Aulagnier e de Cacqueray**.

Jean-Luc Maxence admite praticar a maçonaria do *REAA* (GLF) desde « *várias décadas* »

Aqui estão os trechos em que **o editor do padre Celier faz suas confissões:**

> *« A partir de onde falamos? Em nome de quem e de quê? Na maçonaria especulativa, diríamos: "Quais são seus graus e suas qualidades?" ... **Nem graus universitários, nem qualidades acadêmicas[3]**? Somente a ousadia, de certa forma autodidata, de uma longa prática, assim como diziam em nossa juventude de sessenta e oito, marxistas e anarquistas.*
>
> *É isso: ousamos nos expressar **em nome de uma experiência pessoal de vários anos de prática tanto no plano da psicanálise (**de inspiração junguiana e segundo as ferramentas da psicologia das profundezas) **quanto no plano da abordagem maçônica (segundo o Rito Escocês Antigo e Aceito para ser preciso).** Essa prática nos permite testemunhar a profunda utilidade de uma e outra abordagem. As duas vias, em última instância, nos permitem entender melhor a nós mesmos, realizar-nos, ou seja, nos aceitar mais para melhor amar o outro**, que esteja sozinho ou envolvido em uma comunidade de homens humanistas, espirituais e de boa vontade sincera**.*
>
> *Recusamos desde o início nos expressar de maneira abstrata e universitária, segundo conceitos ou dogmas aprendidos ao longo de nossa dupla peregrinação de Jano. **Dogmas e catecismos não são nossa obsessão. Somente o amor permanece nossa justificativa de ser. E nosso imenso sonho (nossa utopia?) de uma certa unidade reencontrada da humanidade**. » pp 55*

> *« Permanecemos voluntariamente nas deambulações rituais do REAA, por um lado, e no domínio junguiano, por outro. Nosso objetivo, de fato, consiste em refletir a partir de duas experiências vividas (há várias décadas em uma certa discrição voluntária). Não se trata de discorrer e ceder a palavras de encantamento ou a efeitos de retórica ou estilo! »* ***Jean-Luc Maxence, A Loja e o Divã*** *, pp 15 e 16*

Ao celebrar o « ***imensurável sonho (nossa utopia?) de uma certa unidade reencontrada da humanidade*** », Jean-Luc Maxence não faz outra coisa senão colocar em destaque **esse conceito maçônico maior e ilusório de** « ***unidade espiritual da espécie humana*** ».

É **a mesma força dessa ideia da religião do globalismo que o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI acaba de professar[4]** de maneira espetacular em sua terceira '***encíclica*****'** ***Caritas in Veritate*** (parágrafo 55), ao retomar esse pensamento do Vaticano II onde está amplamente presente (**cf. o colóquio da FSSPX e a conferência de Dom Tissier de Mallerais em outubro de 2004[5] em Paris**).

É porque o maçom Jean-Luc Maxence, editor do padre Celier, professa essa doutrina maçônica e gnóstica que o padre de Cacqueray (e Dom Fellay) permanecem obstinadamente em silêncio diante dessa terceira '*encíclica*' tão reveladora do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, como se quisessem silenciar qualquer críticas que possam incomodar seu alinhamento com os anticristos do Vaticano ocupado?

Segundo a contracapa do livro de Jean-Luc Maxence, ele « *ousa a transmissão de uma mesma gnose para um século novo* »

> *« **Do gabinete de reflexão ao gabinete do analista, do homem com o tapa-olho pedindo a Luz ao homem no espelho**, Jean-Luc Maxence identifica uma mesma estrela flamejante a seguir e **ousa a transmissão de uma mesma gnose para um século novo** »* Jean-Luc Maxence, *A Loja e o Divã*, 4ª de capa

O padre Celier publicou, sob o pseudônimo de Paul Sernine, em 2003, uma obra « ***A palha e o sicômoro*** » **para negar a existência da gnose** e ridicularizar os trabalhos decisivos do falecido Jean Vaquié sobre esse assunto.

No entanto, o editor desse mesmo padre Celier vem agora ousar « ***a transmissão de uma mesma gnose para um século novo*** ».

Que impostura!

O papel de manipulador e pequeno servo dos meios gnósticos das obediências maçônicas desempenhado pelo padre Celier aparece hoje à luz do dia.

Já em 2004, o padre de Cacqueray cobriu com sua autoridade a divulgação de « *A palha e o sicômoro* », elogiado na *Cor Unum*, a revista interna da FSSPX, e sancionou o padre Beaublat que havia, salutarmente, denunciado a impostura da obra do padre Celier.

O escândalo da revelação da pertença do editor do padre Celier à ***Grande Loja da França*** recai hoje sobre **o padre de Cacqueray, que se tornou solidário até o pescoço das manipulações do padre Celier, que serviam objetivamente os objetivos muito pouco cristãos de seu editor maçom**.

Jean-Luc Maxence desvia um católico perturbado para a maçonaria, e rejeita o « *dogmatismo* » religioso

O editor do padre Celier confessa:

> « ***Dogmas e catecismos não são nossa obsessão. Apenas o amor permanece nossa justificativa de ser*** »,

ao se expressar como o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, que evacuou o dogma católico (sacrifício expiatório da Cruz) e que nega toda reflexão teológica construída em um magma de amor: o sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo na Cruz tornou-se para este apóstata exclusivamente um puro « ***sacrifício de amor*** », **evacuando do Dogma católico da Redenção toda noção de Sacrifício de justiça e de reparação a Deus** , como explica de maneira muito adequada Dom Tissier em seu artigo publicado pela ***O Sal da Terra***[6]**, ao qual *VM* garantiu a divulgação[7] mais ampla.**

O deplorável capítulo 12 de *A Loja e o Divã* (páginas 113 a 117) apresenta o editor do padre Celier, lidando com um ex-católico atraído pela fé cristã, ao qual ele envia diretamente para a maçonaria iluminista do REAA, que ele julga ser « ***uma resposta frequentemente adequada*** » e « ***a expressão religiosa menos dogmática e menos 'totalitária'*** » *(sic)*.

Comentamos aqui esse capítulo 12, que ilustra bem as concepções de Jean-Luc Maxence e que permite avaliar o quanto esse maçom é estranho à Fé católica. E suas concepções errôneas, todas impregnadas de maçonaria e psicanálise, o conduzem a situações perfeitamente ridículas, que ele não teme descrever e destacar, como essa confissão em que J.L. Maxence descreve um pretensioso e hilário ‘rito de espera’ em seu gabinete, ou ainda o fato de que ele usa luvas brancas e as coloca sobre suas orelhas enquanto seu ‘paciente’ (que também é quem o paga) despeja obsessões sexuais em seu divã... O colapso no ridículo parece não ter mais limites...

Mas vamos dar a palavra ao editor do conselheiro pessoal do padre de Cacqueray, neste capítulo 12 que ele não teme intitular: *« O “caso” François V ou a parte divina perdida do homem – da via iniciática como relé da via analítica »*, marcando uma pretensão tanto mais grotesca e pomposa quanto é seguida de um relato de uma mediocridade estarrecedora:

> « Após uma sessão de análise de inspiração junguiana, François V..., trinta e dois anos, deitado no divã, acaba murmurando algumas nostalgias essenciais: “Eu fui ouvir na catedral ortodoxa, do outro lado da minha rua, um ofício religioso interminável que achei "super", tive a estranha sensação de finalmente me livrar de toda essa merda que estagnava em mim. Eu estava purificado, aliviado, sem limites...”
>
> Estranhamente, no exato momento dessa frase como uma confissão, tomei a firme decisão de falar a François sobre a via iniciática da maçonaria como uma pista adequada para seu futuro. A vida em grupo na loja, com objetivos fraternais e universais, me parecia de fato, para esse tipo de paciente, um universo promissor, capaz de atenuar naturalmente essa penosa bipolaridade exaltada, nas margens do sintoma maníaco-depressivo, que o colocava em grande sofrimento psíquico e físico. »

Esse paciente, cujo estado mental não é dos mais tranquilos, é, portanto, calorosamente recomendado pelo editor do padre Celier à armadilha da maçonaria.

> De fato, há três anos, em razão de duas sessões por semana, eu havia conseguido perceber sem dificuldade que ele não parava de atravessar períodos de euforias maravilhosas, durante os quais desejava violentamente todas as mulheres que encontrava em sua vida profissional (ele era funcionário de banco), e outros episódios de profundas depressões, de perda de todo desejo, de vontade de suicídio e de completo reclusão em sua bolha patológica.
>
> Cheio de complexos e conflitos, enquanto se apresentava bem e seu físico era bastante atraente, ele se recusava a prolongar qualquer relacionamento amoroso, considerando-se « muito burro » *(sic)*

para estabelecer uma relação séria e gratificante com alguém « de qualquer forma »….

Passando de um desencanto paralisante a um entusiasmo de muito curta duração, François V... me parecia se imobilizar em sua introspecção, convencido de que não « valia muito », claro.

Viciado em paixões desmedidas de concupiscência que o dominam sempre que ele cruza com uma mulher, o doente que se dirige ao gabinete de J.L. Maxence não corre o risco de receber a luz da Fé católica desse editor do padre Celier:

Filho único em uma família burguesa verdadeiramente abastada do ponto de vista financeiro, François V... dizia não ter sido infeliz entre uma mãe protetora que sempre lamentou não ter tido outro filho e um pai autoritário, mas também capaz de uma « amizade » *(sic)* reconfortante.

Em essência, a anamnese familiar de François não tinha, evidentemente, nada de realmente espetacular. A história de sua primeira infância, de sua infância, de sua adolescência, de seus primeiros desejos sexuais não acrescentava surpresas ao conformismo e mal deixava subentender indícios significativos sobre as causas de seus distúrbios como adulto perdido, balançando-se entre as montanhas-russas de seu comportamento excessivamente contrastado.

Como analista, eu estava muito perplexo quanto ao futuro. François V… me parecia dar voltas como um esquilo melancólico, colecionador de gravatas multicoloridas, prisioneiro de suas fobias repetitivas. Ele se proibia cada vez mais de qualquer relação com a desculpa de que « isso só poderia acabar mal ». Ele se trancava cada vez mais em si mesmo, somando a um onanismo obsessivo de adolescente retardado uma espécie de onanismo psíquico inquietante.

Esse personagem perdido junto a Jean-Luc Maxence parece realmente digno de pena, mas não se preocupe, ele caiu em boas mãos: o editor do padre Celier o precipitará em direção ao Templo maçônico!

Ele falava. E, no entanto, não parava de falar, de falar, em loop? Ele expressava o passo coxeante do homem de sofrimento em busca de abertura que liberta. Aproveitei, alguns dias depois, durante outra sessão, um longo silêncio da parte dele, enquanto tinha a sensação de que da fala de François o ato nunca surgiria, de que seus processos de defesa eram fortes demais, de que o túnel de suas bloqueios e obsessões nunca « explodiria » (um pouco como se faz para abrir uma fechadura secreta!), para lhe evocar a via maçônica sob um aspecto deliberadamente atraente.

Eu lhe aconselhei, sem medo, a bater à porta do Templo para encontrar outros “outros”, de certa forma, não exatamente alter ego, mas sim « estrangeiros » vindos de meios muito diferentes do dele. Eu tinha a intuição de que isso o « abalaria » em seu triste enclausuramento, e, sobretudo, que esse tipo de aventura espiritual responderia a sua atração pelas belas liturgias ortodoxas, pelos rituais em geral. Em sua família, eram católicos há gerações, mas não praticantes também há gerações. E, no entanto, François V... havia retornado várias vezes em suas falas no divã sobre a atração quase « numinosa » (sou eu quem a qualificava assim!) que sentia ao ouvir velhos padres de barba majestosa cantando, girando solene ao redor da iconóstase enquanto salmodiavam litanias roucas e magníficas.

Na verdade, François V... lamentava o adormecimento de sua parte religiosa, poderíamos dizer *grosso modo*. Mas ele também dizia ter medo do embrigadamento (a palavra era dele) dos dogmas católicos ou ortodoxos que parecia conhecer um pouco. Daí minha « indicação » maçônica, pouco ortodoxa, justamente, em relação a uma psicologia das profundezas, se é que posso dizer « muito ortodoxa ».

E o que você acha que aconteceu? Um milagre! A iniciação maçônica abriu as portas da felicidade para o doente depressivo que se apresentava complacentemente com seus delírios obsessivos diante do editor do

padre Celier, além de financiá-lo para ouvir suas asneiras:

> No entanto, o resultado não se fez esperar: logo após sua iniciação na Grande Loja da França, constatei em François uma evidente superação de suas inibições mais características e uma feliz reviravolta em sua vida de tédio.
>
> Alguns meses depois, ele decidiu interromper (ou fechar?) sua análise comigo e se casou com uma « irmã » da Grande Loja Feminina da França que tinha sido apresentada por um dos aprendizes de sua loja. Fiquei sinceramente feliz com essa evolução. Nas últimas notícias, o « final feliz » está cumprido e François V se tornou um pai de família dinâmico e, aparentemente, de humor igual e frequentemente alegre.
>
> No seu caso, parece que a via iniciática assumiu, em parte, o hábil papel da via analítica, com certo sucesso. O exemplo não é único, aliás. No entanto, não devo, aos meus olhos, teorizar cegamente (ou seja, aterrorizá-lo!) a partir dessa vignete clínica. Todavia, não é impossível identificar, a partir de outros exemplos desse tipo, as grandes linhas que podem permitir recapitular o porquê de uma tal « orientação »…
>
> Eu diria *grosso modo* que, para aconselhar um paciente no divã a ir « ver » o lado das lojas, é sem dúvida necessário que o paciente tenha expressado uma espécie de nostalgia do religioso, em outras palavras, um « regret do religioso » durante sua cura. Nesse caso, a maçonaria é sem dúvida uma resposta frequentemente adequada, pelo menos na França, pois parece, em nosso país, como já mencionamos anteriormente, a expressão religiosa menos dogmática e menos « totalitária » de nosso Ocidente cada vez menos cristão.

Neste texto, a insignificância disputa com um charlatanismo obscuro que vem adornar uma pretensão vã de proferir sentenças universais e de uma abrangência que se quer elevada:

> Naturalmente, podemos pensar em uma declaração divertida de Jacques Lacan: « Se a religião triunfa, é porque a psicanálise terá falhado[8] ! ». Mas não devemos perder de vista que essa afirmação é privilégio de um purista freudiano que recusa qualquer comparação possível entre a confissão católica e a sessão no divã. Para Lacan, a religião « é irrecebível » e a psicanálise não triunfará, « ela sobreviverá ou não » *(sic)*. Além disso, ele acrescenta: « Há uma verdadeira religião, que é a religião cristã », e « ela interpretará a Apocalipse de São João », « ela encontrará uma correspondência de tudo a tudo. Essa é mesmo sua função. »
>
> Na verdade, podemos sempre, na sequência, elevar e transpor o discurso lacaniano ao dizer: « se o caminho iniciático da maçonaria se impõe nos próximos anos, é também porque a psicanálise terá falhado ! ». Postulado tanto mais plausível se considerarmos, como já foi mencionado a respeito de Bruno Etienne, que, no coração do ateliê maçônico, trata-se sempre de se livrar de seu ego muito restrito para alcançar, por efeito da dinâmica de grupo, sua parte divina.
>
> Na realidade, opor divã e loja continua, em todos os casos, sendo estúpido. Nunca repetiremos o suficiente: toda confrontação desse tipo leva a um impasse, a uma estrada bloqueada. Os dois campos podem se cruzar sem nunca se sobrepor. É melhor, sem dúvida, concluir à maneira de Michel Maffesoli[9], que analisa com pertinência e grande talento a « pós-modernidade » e não cessa de nos lembrar que as jovens gerações, em geral monadas, se revelam em perpétuo movimento, mas nunca param de ter sede de iniciação. Na Europa, neste início de século, todas as formas rituais tornam-se buscas de integração « em uma globalidade plena ». Jean-Luc Maxence

Para o editor do livro pro-alinhamento do padre Celier, a maçonaria especulativa seria, portanto, uma « **expressão religiosa** » que seria « **adequada** », mesmo que ele preconize a '**reconciliação**' da FSSPX com Roma « ecumênica », mundialista maçônica do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.

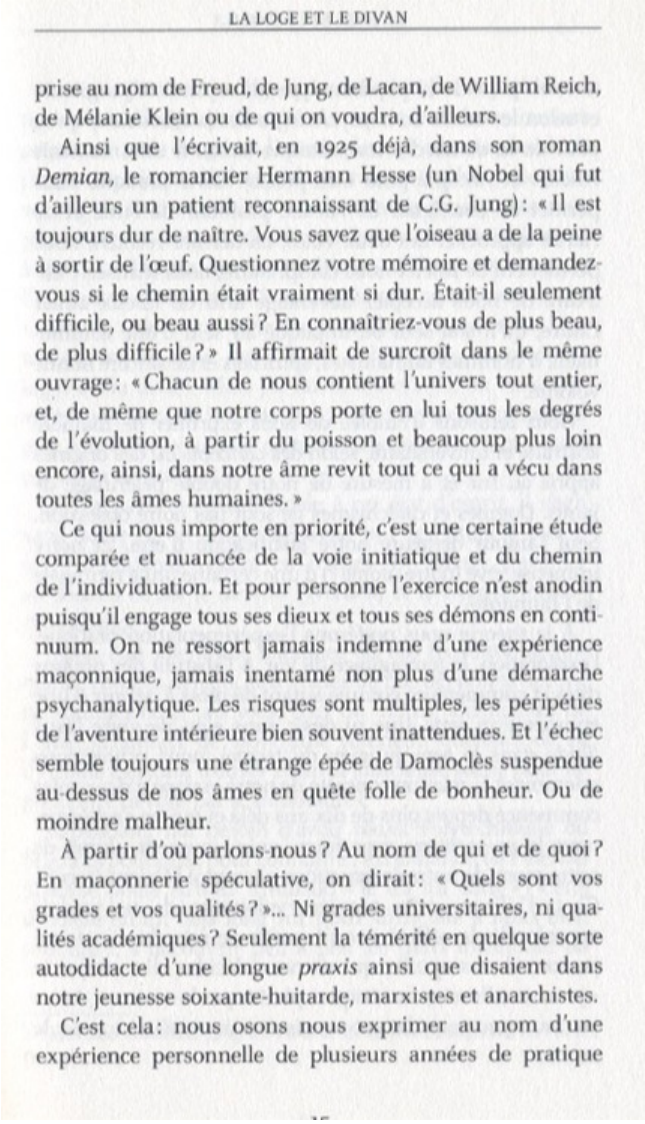
E para o padre de Cacqueray, a maçonaria seria também uma « resposta frequentemente adequada » e uma « expressão religiosa »?

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© *2009 virgo-maria.org*

Anexos – fac-símile dos textos citados neste VM e extraídos de « ***A Loja e o Divã*** » de Jean-Luc Maxence



LA LOGE ET LE DIVAN

prise au nom de Freud, de Jung, de Lacan, de William Reich, de Mélanie Klein ou de qui on voudra, d'ailleurs.

Ainsi que l'écrivait, en 1925 déjà, dans son roman *Demian*, le romancier Hermann Hesse (un Nobel qui fut d'ailleurs un patient reconnaissant de C.G. Jung): « Il est toujours dur de naître. Vous savez que l'oiseau a de la peine à sortir de l'œuf. Questionnez votre mémoire et demandez-vous si le chemin était vraiment si dur. Était-il seulement difficile, ou beau aussi? En connaîtriez-vous de plus beau, de plus difficile? » Il affirmait de surcroît dans le même ouvrage: « Chacun de nous contient l'univers tout entier, et, de même que notre corps porte en lui tous les degrés de l'évolution, à partir du poisson et beaucoup plus loin encore, ainsi, dans notre âme revit tout ce qui a vécu dans toutes les âmes humaines. »

Ce qui nous importe en priorité, c'est une certaine étude comparée et nuancée de la voie initiatique et du chemin de l'individuation. Et pour personne l'exercice n'est anodin puisqu'il engage tous ses dieux et tous ses démons en continuum. On ne ressort jamais indemne d'une expérience maçonnique, jamais inentamé non plus d'une démarche psychanalytique. Les risques sont multiples, les péripéties de l'aventure intérieure bien souvent inattendues. Et l'échec semble toujours une étrange épée de Damoclès suspendue au-dessus de nos âmes en quête folle de bonheur. Ou de moindre malheur.

À partir d'où parlons-nous? Au nom de qui et de quoi? En maçonnerie spéculative, on dirait: « Quels sont vos grades et vos qualités? »... Ni grades universitaires, ni qualités académiques? Seulement la témérité en quelque sorte autodidacte d'une longue *praxis* ainsi que disaient dans notre jeunesse soixante-huitarde, marxistes et anarchistes.

C'est cela: nous osons nous exprimer au nom d'une expérience personnelle de plusieurs années de pratique

tant au plan de la psychanalyse (d'inspiration jungienne et selon les outils de la *psychologie des profondeurs*) qu'au plan de la démarche maçonnique (selon le Rite Écossais Ancien et Accepté pour être précis). Cette pratique nous permet de témoigner de l'utilité profonde de l'une et de l'autre approche. Les deux voies, en dernier recours, nous permettent de mieux nous comprendre, nous réaliser, c'est-à-dire de nous accepter davantage afin de mieux aimer l'autre, qu'il soit seul ou impliqué au sein d'une communauté d'hommes humanistes, spirituels et de sincère bonne volonté.

Nous refusons d'emblée de nous exprimer de manière abstraite et universitaire, selon des concepts ou des dogmes appris au fur et à mesure de notre double pèlerinage de Janus. Dogmes et catéchismes ne sont pas notre obsession. Seul l'amour demeure notre justification d'être. Et notre immense rêve (notre utopie ?) d'une certaine unité retrouvée de l'humanité.

À la théorie nous préférons l'expérimentation pratique, l'exploration, le témoignage de vie. À l'abstrait des notions dites et commentées comme autant de mots à définir d'une énumération sans âme ni désir, sans élan de vivre (sans *libido* dans le sens jungien du terme), nous privilégions sciemment la relation concrète de notre *voyage à deux voies* commencé depuis plus de dix ans déjà et qui ne s'achèvera, nous le pressentons avec force, qu'au moment ultime de notre mort, de notre énigmatique passage à l'Orient éternel. C'est d'ailleurs cette manière volontaire de ne vouloir approfondir la réflexion qu'à partir de son cheminement personnel et singulier qui va nous décider, d'employer le « je » aux allures romantiques plutôt que le « nous », à nos yeux un peu trop distant et aristocratique, élitaire pour le moins.

compte d'avoir perdu ce que les religions vivantes ont donné, de tout temps, à leurs croyants, et aucun n'est véritablement guéri tant qu'il n'a pas retrouvé une attitude religieuse, ce qui n'a d'évidence rien à voir avec une confession ou l'appartenance à une Église. »

Demeurons volontairement dans les déambulations rituelles du REAA, d'une part, et en domaine jungien, d'autre part. Notre objectif, en effet, consiste à réfléchir à partir de deux expériences vécues (depuis plusieurs décennies dans une certaine discrétion volontaire). Pas de discourir et de céder à des paroles d'incantation ou des effets de rhétorique ou de style !

Revenons alors dans le cabinet de réflexion (ô mythe de la caverne de Platon) quand le profane devient philosophe par influence ambiante et obligation, de quelque manière... Que voit-il donc ? À partir de quels supports, de quels symboles, va-t-il entreprendre sa méditation introspective qui va l'aider ensuite à rédiger son « testament philosophique » personnel ? Les détailler n'est sans doute pas inutile si l'on veut y mettre en regard des matériaux de la clinique jungienne, des notions précises faisant corps avec la psychologie des profondeurs. Essayons, en partant de concepts en apparence assez logiques et simples à comparer.

Nous y avons déjà fait allusion : dans le cabinet de réflexion les éléments qui font symboles sont légion. Dans cette étonnante pièce, en général exiguë et sombre, le décor reste simple, pour ne pas dire fruste. Et si les plus vieux grimoires du R.E.A.A. (en l'occurrence le « Guide des Maçons écossais »), évoque une telle chambre de réflexion sans la décrire, le « Régulateur du Maçon » qui remonte à 1801, précise que ce local doit être fermé aux rayons du jour, et éclairé d'une unique lampe. De plus, les murs en seront noircis et chargés d'emblèmes funèbres, afin d'inspirer le recueillement, la tristesse et l'effroi. Mais, ce qui importe avant tout

CHAPITRE DOUZE

LE « CAS » FRANÇOIS V OU LA PART DIVINE PERDUE DE L'HOMME – DE LA VOIE INITIATIQUE COMME RELAIS DE LA VOIE ANALYTIQUE

Après une tranche d'analyse d'inspiration jungienne, François V..., trente-deux ans, allongé sur le divan, finit par me murmurer quelques nostalgies essentielles : « Je suis allé écouter à la cathédrale orthodoxe, de l'autre côté de ma rue, un office religieux interminable que j'ai trouvé "super". J'ai eu l'étrange sentiment de me retrouver enfin délivré de toute cette merde qui stagne en moi. J'étais purifié, délesté, hors limites... »

Étrangement, à l'instant précis de cette phrase en guise d'aveu, j'ai pris la ferme décision de parler à François de la voie initiatique de la franc-maçonnerie comme piste judicieuse pour son avenir. La vie de groupe en loge, aux visées fraternelles et universelles, me semblait en effet pour ce type de patient un univers porteur, capable d'atténuer comme naturellement cette pénible bipolarité exaltée, aux rives du symptôme maniaco-dépressif, qui le mettait en grande souffrance psychique et physique.

Depuis trois ans en effet, à raison de deux séances par semaine, j'avais pu repérer sans difficulté qu'il ne cessait de traverser vaille que vaille des périodes d'euphories merveilleuses au cours desquelles il désirait violemment toutes

les femmes qu'il croisait dans sa vie professionnelle (il était employé de banque) et d'autres épisodes d'abattements profonds, de perte de tout désir, d'envie de suicide et de complet repli dans sa bulle pathologique.

Bourré de complexes, de nœuds, alors qu'il présentait bien et que son physique était plutôt avantageux, il se refusait à prolonger quelque peu toute relation amoureuse, se jugeant « trop con » (*sic*) pour établir une relation sérieuse et épanouissante, avec quiconque « de toute façon »...

Passant d'un désenchantement paralysant à un enthousiasme de très courte durée, François V... me semblait s'immobiliser dans son introspection, persuadé qu'il était de ne pas « valoir grand-chose », bien entendu.

Fils unique dans une famille bourgeoise vraiment aisée sur le plan financier, François V... disait ne pas avoir été malheureux entre une mère protectrice qui avait toujours regretté de n'avoir pas un autre enfant et un père autoritaire mais capable aussi de « copinerie » (*sic*) réconfortante.

En substance, l'anamnèse familiale de François n'avait manifestement rien de bien spectaculaire. L'histoire de sa petite enfance, de son enfance, de son adolescence, de ses premiers désirs sexuels n'ajoutait nulle surprise au conformisme et ne laissait guère sous-entendre d'indices majeurs sur les causes de ses troubles d'adulte en perdition, balloté par les montagnes russes de son comportement trop violemment contrasté.

En tant qu'analyste, j'étais très perplexe quant au futur. François V... me semblait tourner en rond tel un mélancolique écureuil, collectionneur de cravates multicolores, prisonnier de ses phobies répétitives. Il s'interdisait de plus en plus toute liaison sous prétexte que « cela ne pouvait que finir mal ». Il se claquemurait en lui-même ajoutant à un onanisme obsessionnel d'adolescent attardé une sorte d'onanisme psychique inquiétant.

Il parlait. Et pourtant il ne cessait de parler, de parler, en boucle ? Il disait le pas claudicant de l'homme de souffrance en peine d'ouverture qui délivre. Je profitais, quelques jours plus tard, lors d'une autre séance, d'un long silence de sa part, alors que j'avais le sentiment que de la parole de François l'acte ne surgirait jamais, que ses processus de défense étaient trop forts, que le tunnel de ses blocages et de ses obsessions ne « sauterait jamais » (un peu comme on fait sauter une serrure secrète !), pour lui évoquer la voie maçonnique sous un jour volontairement attractif.

Je lui conseillais, sans crainte, de frapper à la porte du Temple afin d'y rencontrer d'autres « autres », en quelque sorte, non point des alter ego mais plutôt des « étrangers » venant de milieux très différents du sien. J'avais l'intuition que cela le « bousculerait » dans son enfermement triste, et, surtout, que ce type d'aventure spirituelle répondrait à son attirance pour les belles liturgies orthodoxes, pour les rituels en général. Dans sa famille, on était catholique depuis des générations mais non pratiquant depuis des générations également. Et pourtant, François V... était revenu plusieurs fois dans ses propos de divan sur l'attirance quasi « numineuse » (c'est moi seul qui la qualifiais ainsi !) qu'il éprouvait en écoutant chanter des vieux popes à la barbe majestueuse, tournant et retournant solennellement autour de l'iconostase en psalmodiant des litanies rauques et magnifiques.

En fait, François V... regrettait l'endormissement de sa part religieuse, pourrait-on dire *grosso modo*. Mais il disait aussi avoir peur de l'embrigadement (le mot était de lui) des dogmes catholiques ou orthodoxes qu'il paraissait connaître un peu. D'où mon « indication » maçonnique, peu orthodoxe, justement, au regard d'une psychologie des profondeurs, si j'ose dire « trop orthodoxe ».

Pourtant, le résultat ne se fit pas attendre : dès après son initiation à la Grande Loge de France, je constatais chez Fran-

çois une levée indéniable de ses inhibitions les plus caractéristiques et un heureux chambardement dans sa vie d'ennui.

Quelques mois plus tard, il décida d'interrompre (ou de refermer ?) sa tranche d'analyse avec moi et se maria avec une « sœur » de la Grande Loge Féminine de France que lui avait fait connaître un des apprentis de sa loge. Je fus franchement heureux de cette évolution. Aux dernières nouvelles, l'« happy » end est accomplie et François V est devenu un père de famille dynamique et, d'apparence, d'humeur égale et souvent joyeuse.

Dans son cas, semble-t-il, la voie initiatique a pris, pour une part, l'habile relais de la voie analytique, avec un certain bonheur. L'exemple n'est pas unique d'ailleurs. Cependant, il ne faut pas, à mes yeux, théoriser aveuglément (c'est-à-dire terroriser !) à partir de cette vignette clinique. Toutefois, il n'est pas impossible de relever, à partir d'autres exemples de ce genre, les grandes lignes qui peuvent permettre de récapituler le pourquoi d'une telle « orientation »...

J'avancerai *grosso modo* que pour conseiller à un patient sur le divan d'aller « voir » du côté des loges, il faut sans doute que le patient ait exprimé une sorte de nostalgie du religieux, autrement dit un « regret du religieux » au cours de sa cure. Dans ce cas-là, la franc-maçonnerie est sans doute une réponse souvent adéquate, au moins en France, car elle semble dans notre pays, comme nous l'avons déjà évoqué plus avant, l'expression religieuse la moins dogmatique et la moins « totalitaire » de notre Occident de moins en moins chrétien.

Naturellement, on peut songer à une amusante déclaration de Jacques Lacan : « Si la religion triomphe, c'est que la psychanalyse aura échoué[1] ! » Mais il ne faut pas perdre

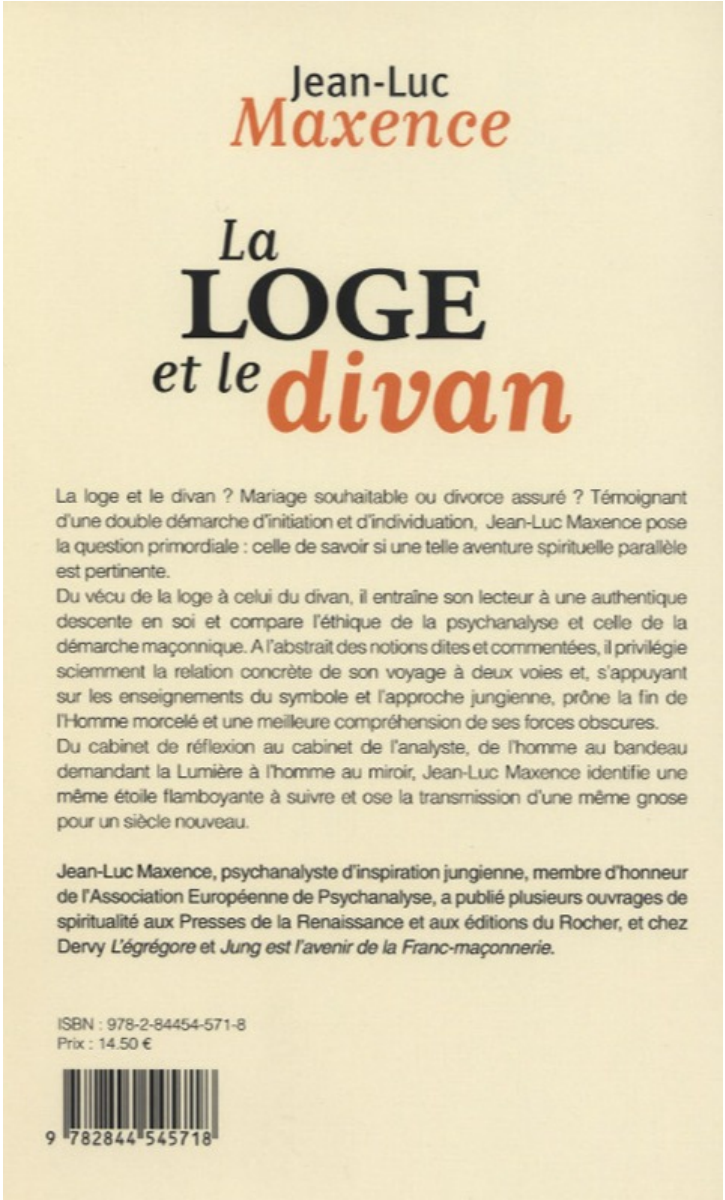
1. Jacques Lacan, *Le Triomphe de la religion*, précédé de *Discours aux catholiques*, Paris, Le Seuil.

de vue que cette affirmation est l'apanage d'un pur freudien qui refuse toute comparaison possible entre la confession catholique et la séance sur le divan. Pour Lacan, la religion « est increvable » et la psychanalyse ne triomphera pas, « elle survivra ou pas » (*sic*). D'ailleurs, ajoute-t-il, « Il y a une vraie religion, c'est la religion chrétienne », et « elle interprétera l'Apocalypse de saint Jean », « elle trouvera une correspondance de tout à tout. C'est même sa fonction. »

À vrai dire, on peut toujours, dans la foulée, grimer et transposer le propos lacanien en jetant : « si le chemin initiatique de la franc-maçonnerie s'impose dans les années à venir, c'est aussi que la psychanalyse aura échoué ! ». Postulat d'autant plus plausible si l'on estime, comme déjà évoqué à propos de Bruno Étienne que, au cœur de l'atelier maçonnique, il s'agit toujours de se délivrer de son ego trop étriqué pour atteindre, par l'effet de la dynamique de groupe, sa part de divin.

En réalité, opposer divan et loge demeure, dans tous les cas, stupide. Nous ne le répéterons jamais assez : toute confrontation de ce type aboutit à une impasse, à une route barrée. Les deux champs peuvent se recouper sans jamais se superposer. Mieux vaut sans doute conclure à la manière d'un Michel Maffesoli[1] analysant avec pertinence et grand talent la « post modernité » et ne cessant de nous rappeler que les jeunes générations, en général nomades, se révèlent en perpétuel mouvement mais n'arrêtent jamais d'avoir soif d'initiation. En Europe, en ce début de siècle, toutes les formes rituelles deviennent quêtes d'intégration « dans une globalité plénière ».

1. Michel Maffesoli, *Du nomadisme. Vagabondages initiatiques*, Paris, La Table ronde.



---

[1] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-22-A-00-Conciliarisation-rampante-de-la-FSSPX.pdf**

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf

[3] O que deveria corresponder ao calibre impressionante da bagagem intelectual e universitária do padre Célier, o famoso « *engenheiro higiênico IUT Bac+2* » da FSSPX, membro eminente da já célebre « *Comissão Teológica* » da FSSPX, oficialmente encarregada por Dom Fellay de conduzir, em nome da Fraternidade São Pio X, as pseudo-« *discussões doutrinárias* » A PORTAS FECHADAS com os especialistas da Roma modernista « *ecumênica* » mundialista maçônica apóstata.

[4] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-15-A-00-Benoit_XVI-mondialiste.pdf**

[5] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-15-A-00-Benoit_XVI-mondialiste.pdf**

[6] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-11-A-00-Mgr_Tissier_Sel_de_la_terre_V2.pdf**

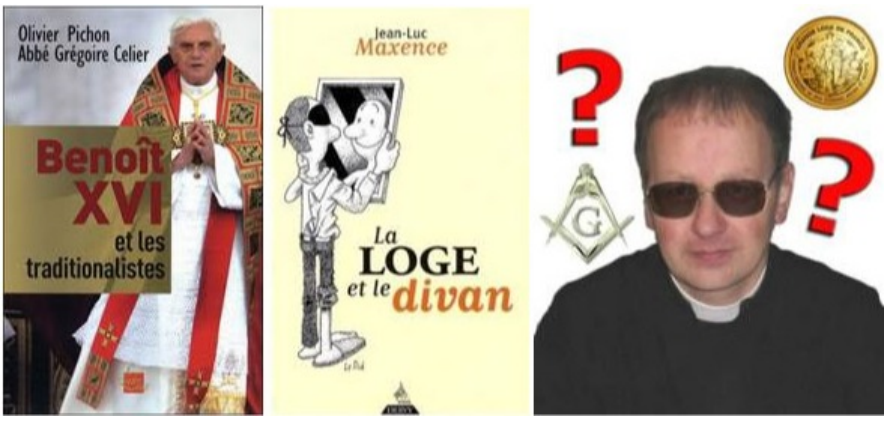
[7] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-09-A-00-Avrille_insulte_abbe_Schoonbroodt.pdf**

[8] Jacques Lacan, *O Triunfo da Religião*, precedido de *Discurso aos Católicos*, Paris, Le Seuil.

[9] Michel Maffesoli, *Do Nomadismo. Vagações Iniciáticas*, Paris, La Table ronde.

O padre Celier (FSSPX) publicado por um maçom declarado!

Segunda-feira, 27 de julho de 2009

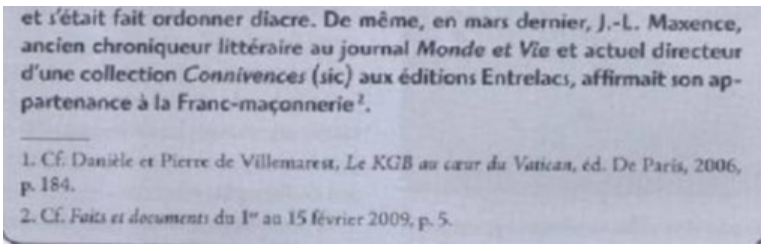


O editor do padre Celier, Jean-Luc Maxence, reconhece sua pertença à maçonaria (Grande Loja da França[1]). Agora, diante desses **fatos perturbadores**, todos se perguntam:

- **O padre Celier também seria maçom?**
- O padre Celier, **antigo diretor** da revista ***Fideliter*** e das edições ***Clovis*** por 13 anos, **seria ele também maçom?**
- **O padre Celier, conselheiro permanente do padre de Cacqueray, superior do Distrito[2] da França da FSSPX, seria ele também maçom?**
- **O padre Celier, membro da "*comissão teológica*" das pseudo-'*discussões*' doutrinais À *HUIS CLOS* entre a FSSPX e a '*Congregação para a doutrina da fé*' do Vaticano, seria ele também maçom?**

Na sua edição 249 (junho de 2009) do *Chardonnet* na página 8, o padre Beauvais repercute a informação publicada por Emmanuel Ratier (*Fatos & Documentos* n°269 – 1º a 15 de fevereiro de 2009 – página 5) que menciona a pertença de Jean-Luc Maxence à maçonaria:

> « ***em março passado, J.-L. Maxence, antigo cronista literário do jornal Monde et Vie e atual diretor de uma coleção Connivences (sic) nas edições Entrelacs, afirmava sua pertença à maçonaria*** »



et s'était fait ordonner diacre. De même, en mars dernier, J.-L. Maxence, ancien chroniqueur littéraire au journal *Monde et Vie* et actuel directeur d'une collection *Connivences* (sic) aux éditions Entrelacs, affirmait son appartenance à la Franc-maçonnerie[2].

1. Cf. Danièle et Pierre de Villemarest, *Le KGB au cœur du Vatican*, éd. De Paris, 2006, p. 184.
2. Cf. *Faits et documents* du 1er au 15 février 2009, p. 5.

E aqui está o trecho do ***Fatos & Documentos* n°269:**

> « ***Diretor por mais de dez anos do Centro de reinserção Didrot (toxicomania), Jean-Luc Maxence, que foi por muito tempo um colaborador regular da revista católica Monde & Vie, revela sua pertença maçônica (Grande Loja da França)*** em ***A Loja e o divã*** **(Dervy).** »

Um site apresenta ***A Loja e o divã*, de Jean-Luc Maxence**:

« A relação Maçonaria - psicanálise já foi explorada. Lembramos **de *Hiram e os filhos da Viúva*** de Michel Baron e de **A maçonaria sob o risco da psicanálise** do dueto Jacques Demoulin - Guidino Gosselin, publicado pelas edições **Luc Pire** (Bélgica).

A Loja e o divã* é assinado por Jean-Luc Maxence, já autor de *Jung é o futuro da maçonaria, e foi publicado pelas Edições Dervy. Os belgas se reivindicavam de Lacan, enquanto o francês é descrito como psicanalista de inspiração junguiana. Podemos imaginar que essa abordagem da dupla trajetória de Maxence é um pouco mais difícil de ler do que a última HQ maçônica.

Jean-Luc Maxence é também poeta; ele dirige a editora Nouvel Athanor. Ele também participou da ***Antologia da poesia maçônica e simbólica (Séculos XVIII, XIX e XX)***.

· ***A Loja e o divã*** de Jean-Luc Maxence (Dervy, 2008) disponível na **Amazon**

· ***Jung é o futuro da maçonaria*** de Jean-Luc Maxence (Dervy, 2004 & 2005) disponível na **Amazon** *ou na* **La Cale Sèche**

· ***Antologia da poesia maçônica e simbólica (Séculos XVIII, XIX e XX)*** (Dervy, 2007) disponível na **Amazon** *ou na* **La Cale Sèche**

· ***A maçonaria sob o risco da psicanálise*** de Jacques Demoulin e Guidino Gosselin (Luc Pire, 2008) disponível na **Amazon** *e na* **La Cale Sèche**

· ***Hiram e os filhos da Viúva*** de Michel Baron (Dervy, 2006) disponível na **Amazon** e na **La Cale Sèche**

Quarta-feira, 03 de dezembro de 2008

Jiri Pragman) »[3]

O padre Celier publicou em fevereiro de 2007, seu livro « *Bento XVI e os tradicionalistas* », um plégio frenético para condicionar os clérigos e os fiéis da Fraternidade São Pio X a uma rápida adesão ao padre

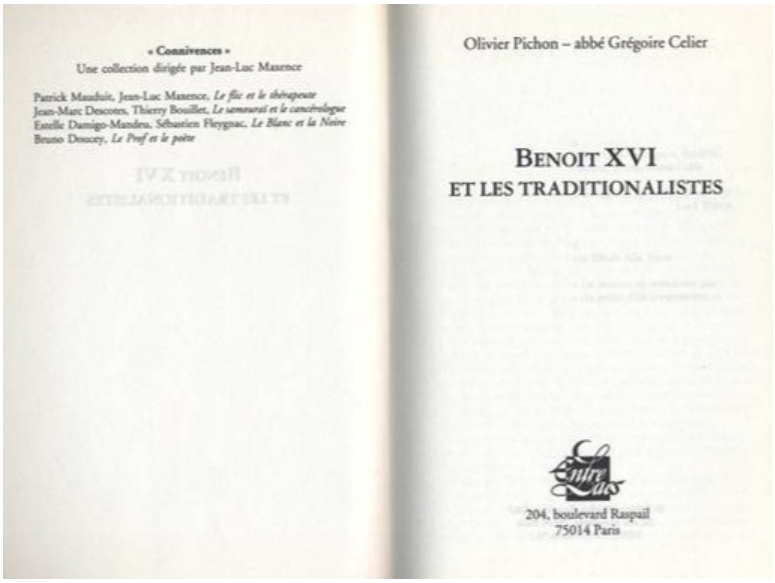
apóstata Ratzinger-Bento XVI, **na coleção *Connivences* das edições *Entrelacs***, a mesma que é alvo de ironia no *Chardonnet* de junho de 2009, **coleção que é dirigida pelo maçom Jean-Luc Maxence.**

Tendo entre seus jornalistas um maçom da Grande Loja da França, Jean-Luc Maxence, esse jornal *Monde & Vie*, muito influente no meio tradicionalista católico, foi adquirido por volta de 2005 por Olivier Pichon, fiel dos meios *Ecclesia Dei*, o próprio que aparece como entrevistador do padre Celier no livro editado por Jean-Luc Maxence para a adesão… não é **perturbador**?

Além disso, há pouco tempo, *Monde & Vie* muda de dono e, por volta de 2008, cai sob a influência do padre de Tanoüarn (primo do padre de Cacqueray), que se uniu a Bento XVI em 2006 e editou o padre Celier (também conhecido como Paul Sernine) em 2003 na questão da gnose. Essas coincidências entre esses poucos personagens recorrentes e visivelmente muito ligados tornam-se muito **perturbadoras**…

O padre de Cacqueray, primo do padre de Tanoüarn, se torna em 2007 o promotor frenético do livro pró-adesão do padre Celier, editado pelo maçom Jean-Luc Maxence… não é cada vez mais **perturbador**?

Você disse... conivências?...



Na introdução a este livro do padre Celier, **seu editor maçom Jean-Luc Maxence deixa claro o objetivo: favorecer a adesão da FSSPX ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.**

Este texto lhe parece « *útil* », ***« na hora em que o papa Bento XVI quer corajosamente remendar a túnica rasgada da Igreja*** »[4].

Ele especifica o sentido de sua intervenção:

> ***« o objetivo da coleção Connivences não é justamente oferecer um espaço de troca além dos clivagens ideológicos habituais? »* [5] e ainda: *« me parece indiscutível que esta entrevista ilumina os pontos de vista de cada um e pode constituir uma pedra importante no edifício de uma reconciliação que eu espero possível »* [6].**

De qual « ***pedra*** » se trata?

Daquela que Hiram previu inserir em sua obra de '***grande arquiteto***, a igreja conciliar ***"ecumênica"*** mundialista maçônico apóstata?

Como, então, não ver os laços óbvios que existem **entre o projeto declarado de um maçom da *Grande Loja da França*, Jean-Luc Maxence, querendo favorecer a adesão da FSSPX a Roma "*ecumênica*"**

mundialista maçônico apóstata e o papel subversivo desempenhado pelo muito obscuro padre Celier que dá esta entrevista e, **plenamente coberto por seu Superior do Distrito da França, o padre de Cacqueray, posteriormente assegura sua divulgação em duas campanhas de conferências na maioria dos priorados da FSSPX em toda a França**?

Como superior do Distrito da França da FSSPX, o padre de Cacqueray, como o *VM* documentou na época, tornou-se o cúmplice ativo e frenético da divulgação deste trabalho editado por um maçom declarado.

O *VM* até mencionou um testemunho relatando **que no priorado da FSSPX em Nantes, o padre de Cacqueray vendia ele mesmo o livro '*Bento XVI e os tradicionalistas*' aos fiéis**.

O padre de Cacqueray pessoalmente envolvido até o pescoço na divulgação da obra « *Bento XVI e os tradicionalistas* » editada por um maçom

É certo que é inexplicável que **o padre Grégoire Celier**, **o Iniciador[7] dos jovens ao '*deus mortal*' da apostasia**, o novo **'teólogo[8] higienista' IUT Bac+2[9] da FSSPX**, **amante especialista** do roqueiro satanista drogado Jim Morrison[10], o propagandista "*oficial*"[11] da adesão da FSSPX a Ratzinger tenha podido permanecer integrado ao estado-maior da FSSPX na França, após todos os escândalos aos quais se dedicou:

- ataque sorrateiro contra Jean Vaquier em **1993**,
- questão do livro iniciático do '***deus mortal***' (epitáfio ao roqueiro satanista Jim Morrison) em **1995**,
- questão Paul Sernine-Celier em **2003** para denegrir e tentar desacreditar aqueles que denunciavam a gnose, essa religião da maçonaria,
- questão padre Beaumont-*Fideliter* em **2005**, **colocando a doutrina católica do Cristo-Rei no lixo**, em razão dos imperativos da globalização,
- questão do artigo medíocre de *Fideliter* em **2007** que supostamente '***demonstrava***' a pseudo validade do novo rito dos sacramentos episcopais de 1968,
- **questão do café da manhã do dia seguinte às ordenações em Écone em junho de 2008, onde o padre Celier, publicamente, repreendeu Dom Fellay e o Superior da FSSPX se sentou miseravelmente em silêncio como um colaborador subalterno que acaba de ser chamado à ordem.**

E agora, em **2009**, o padre Celier aparece como editado por um maçom da ***Grande Loja da França.***

Diante de tal enormidade e de fatos tão **perturbadores**, todos agora se fazem as seguintes perguntas:

- O padre Celier também seria maçom?
- O padre Celier, ex-diretor da revista *Fideliter* e das edições *Clovis* por 13 anos, também seria maçom?
- O padre Celier, conselheiro permanente do padre de Cacqueray, superior do Distrito da França da FSSPX, também seria maçom?
- O padre Celier, membro da ***comissão teológica*** das pseudo-'***discussões***' doutrinais **À HUIS CLOS** entre a FSSPX e a 'Congregação para a doutrina da fé' do Vaticano, também seria maçom?

De quais apoios extraordinários beneficia, portanto, o padre Celier **para atravessar todos esses escândalos impunemente?**

Fatos perturbadores que suscitam interrogações legítimas entre os fiéis

Se o padre Celier fosse ele mesmo maçom, ou agente dos meios maçônicos, tornaria-se mais compreensível que ele tenha buscado desacreditar os trabalhos dos católicos tradicionalistas sobre a gnose. E se ele fosse maçom, a que loja estaria ligado? À loja *Alpina*, obediência suíça? Como alguns fazem insinuar.

O Padre Jean, capuchinho, denunciou publicamente em 11 de fevereiro de 2009, o padre Celier como sendo um antigo discípulo de um autor gnóstico conhecido:

> *« Na estrutura dessa organização subversiva, deve-se posicionar* ***nos postos superiores,*** *um antigo discípulo do professor Borella (Nancy), que, sob o pseudônimo de padre Michel Beaumont, ensina aos nossos fiéis em Fideliter (N° 163, p.20-25) que de acordo com a doutrina clássica dos papas, o Reinado Social de Nosso Senhor Jesus Cristo não é mais possível em nosso mundo de hoje.* » Padre Jean[12]

E o jogo do padre Celier torna-se, portanto, transparente; ele quer, como Jean-Luc Maxence, membro de ***la Grande Loge de France***, trazer « ***uma pedra importante no edifício de uma reconciliação*** » da FSSPX com o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.

É um fato sem precedentes que um padre da FSSPX seja editado por um membro da *Grande Loja da França*!

Essa situação escandalosa e inadmissível não pode permanecer sem consequências; **os clérigos e os fiéis estão agora em seu direito de exigir explicações públicas do padre de Cacqueray e de Dom Fellay, e sanções.**

Desde quando a Direção da FSSPX persegue os mesmos objetivos que os de ***la Grande Loge de France***, claramente expostos por um de seus membros mais atentos e declarado como tal, Jean-Luc Maxence?

Após um escândalo público como este, o padre Celier continuará a permanecer em função em Suresnes?

Se isso fosse o caso, mostraria então qual o verdadeiro poder do meio que compartilha os objetivos da *Grande Loja da França* dentro da Direção da FSSPX, no padre de Cacqueray e em Dom Fellay.

A questão vai muito além do destino pessoal do padre Celier, pois ela levanta diretamente a questão da profundidade da penetração da subversão dentro da própria Direção da FSSPX e de seus meios de comunicação.

Os leitores que leram o título '***A Loja e o divã***' certamente pensaram no papel surpreendente desempenhado por uma mulher psiquiatra junto à Direção da FSSPX há três anos.

Antiga diretora do site tradicional dedicado à FSSPX *Donec Ponam*, essa mulher, a Dra. S.I., já havia arrancado de Dom Fellay, no **25 de março de 2007**, palavras de uma tolice teológica insondável sobre a "

validade" sacramental das novas ordens conciliares, fazendo-o professar a falsa doutrina do "***sacerdócio provável***" e dos "**sacerdotes a priori *válidos***", várias vezes condenada infalivelmente pelo Magistério pontifício.

Ela conseguiu, então, literalmente subjugar o padre de Cacqueray, que começou a recitar poemas em público em homenagem ao nascimento de seu site, e quase hipnotizou o padre Beauvais, que lhe dedicou um sermão a Pio XII, anunciando com grande alarde o colóquio do muito suspeito **círculo *Thomas More*** sobre Pio XII, onde a mesma médica atuava sob o pseudônimo **d'Anne Garance**.

A incrível vulnerabilidade dos responsáveis da FSSPX a pessoas que entram repentinamente de fora e que se introduzem em tão pouco tempo junto aos tomadores de decisão é significativa de uma verdadeira degeneração da administração da obra de Dom Lefebvre e da ignorância e insuficiência de seus dirigentes.

Quando a política insana e suicida de adesão ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI e à sua igreja conciliar "***ecumênica***" mundialista maçônica, promovida e imposta por Dom Fellay, a qualquer custo, e primeiro ao custo da luta pela fé e da preservação da transmissão sacramentalmente válida do Sacerdócio **sacrificial** católico, acabar por colidir com a realidade dos fatos, essa vulnerabilidade inacreditável exigiria a destituição definitiva, ou **até mesmo a expulsão sem piedade, desses líderes sem juízo nem prudência, que assim, por suas deficiências e insuficiências obstinadas e arrogantes, colocaram em risco a obra de salvaguarda do Sacerdócio sacrificial católico de Dom Lefebvre.**

O santo Evangelho do VIII° domingo após Pentecostes louva, de fato, o administrador prudente.

A equipe atual de Direção da FSSPX sob a contínua influência de Dom Fellay terá absolutamente falhado, de maneira lamentável, e absurdamente cometeu malfeitos.

E, para concluir, é realmente surpreendente que em um número do ***Chardonnet*** dedicado à "***Subversão***" [13], tenhamos que **constatar a denúncia da pertença de Jean-Luc Maxence à maçonaria sem que seja feita qualquer menção ao padre Celier nem à publicação de seu livro entrevista "*Bento XVI e os tradicionalistas*" por parte deste editor maçom**, este verdadeiro plédio para fazer aceitar aos clérigos e aos fiéis da Fraternidade a rápida adesão da FSSPX ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.

Mas há algo ainda pior, pois é este mesmo número do ***Chardonnet*** de junho de 2009 que denuncia nominalmente, em uma nota especial, o site ***Virgo-Maria***, que seria, ao que parece, um "***caso de escola***" dessa "***Subversão***", enquanto é exatamente este site ***Virgo-Maria***, sucessor do site ***CSI-Diffusion***, que não cessou ao longo dos meses e anos de demonstrar, de maneira muito documentada e muito **factual**, o papel subversivo e insidioso do padre Celier por meio de numerosos artigos!

Ao pretender alertar os fiéis contra a « *Subversão* », o *Chardonnet* do padre Beauvais ousa assim – em uma inversão resolutamente demoníaca – questionar, com motivo de supostas « ***práticas subversivas*** », precisamente o principal site da internet que não cessa de denunciar o papel subversivo tão nocivo e bem real do padre Celier.

Seria então que agora o padre Beauvais, pároco de Saint Nicolas du Chardonnet, deseja cobrir o padre Celier?

Isso explicaria se ele **aceitou ir discutir com o pai do Padre Jean para virar seu filho contra ele, a fim de que o corajoso Padre Jean retorne à linha**, enquanto, ao mesmo tempo, este último havia sido colocado em isolamento no convento dos capuchinhos de Morgon por seu Superior, o ***Padre*** Antoine, e que parece ter cessado de denunciar o padre Celier, membro de um « *organograma subversivo* » e « *discípulo do gnóstico Borella* », segundo o Padre Jean, em sua carta pública[14]?

VM* prepara o dossiê de resposta às calúnias publicamente dirigidas contra o site *Virgo-Maria, publicadas sob a autoridade de Monsieur o padre Beauvais no boletim paroquial de Saint Nicolas, o

Chardonnet, ao inserir um excerto especial caluniando nominalmente ***Virgo-Maria*** em seu número de junho de 2009, dedicado então ao tema da « ***Subversão*** », e os leitores terão muitas surpresas **sobre a realidade da subversão clerical na FSSPX em Paris**.

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© *2009 virgo-maria.org*

---

[1] Na sua edição 249 (junho de 2009) do *Chardonnet* na página 8, o padre Beauvais repercute a informação publicada por Emmanuel Ratier (*Fatos & Documentos* n°269 – 1º a 15 de fevereiro de 2009 – página 5) que menciona a pertença de Jean-Luc Maxence à maçonaria.

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-22-A-00-Conciliarisation-rampante-de-la-FSSPX.pdf

[3] http://www.hiram.be/La-Loge-et-le-divan_a2020.html

[4] '*Bento XVI e os tradicionalistas*', Olivier Pichon, padre Grégoire Celier, edições Entrelacs, página 9

[5] '*Bento XVI e os tradicionalistas*', Olivier Pichon, padre Grégoire Celier, edições Entrelacs, página 10

[6] '*Bento XVI e os tradicionalistas*', Olivier Pichon, padre Grégoire Celier, edições Entrelacs, página 10

[7] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-01-A-00-Celier_Dieu_Mortel.pdf

[8] **Cf. Fórum católico:** (328673) ***Discussões doutrinais entre Roma e a FSSPX*** por **Dominique Bro (2007-10-05 15:33:54):**

http://www.leforumcatholique.org/printFC.php?num=328673

Cf. message VM du 16 octobre 2007 :

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-B-00-Commission-theologique.pdf

---

ATENÇÃO PARA VISUALIZAR CORRETAMENTE A NOTA N°9, Baixe (clique com o botão direito, "Salvar como") a fonte (Font) "**CELIER**"
após o download, descompacte e instale a fonte na pasta "Fonts" do seu computador. Por padrão: C:\WINDOWS\Fonts

[9] **segundo o *CV* divulgado na ocasião do lançamento de seu livro-entrevista realizado com Olivier Pichon « *Bento XVI e os tradicionalistas* » nas edições *Entrelacs* (Albin Michel), salão do livro 2007, citação:**

- 1976: *obtenção de um* ***bacalaureado científico; entrada no Instituto Universitário de Tecnologia de Saint-Denis (Seine-Saint-Denis)***.

- 1977: descoberta da Tradição católica durante o evento de Saint-Nicolas du Chardonnet.

- 1978: *obtenção de um* ***Diploma Universitário de Tecnologia "Higiene e segurança do trabalho" na Universidade de Paris-Nord*** .

- 1978-1979: trabalho ***em uma empresa de usinagem de urânio fornecendo a indústria nuclear e a aeronáutica*** .

[10] **Cf. mensagem VM de 17 de julho de 2007:**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-17-A-00-Abbe-Celier-Jim-Morrison.pdf

[11] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-15-A-00-Binome_Aulagnier_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-28-A-00-Chaussee-n1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-29-A-00-Chaussee-n2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-03-B-00-Mgr_Williamson_lache_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM_2007-06-28-A-00-Abbe-Celier_censure_Mgr_Lefebvre.pdf

[12] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2009/004_2009/VM-2009-04-30/VM-2009-04-30-A-00-Lettre_du_Pere_Jean.html

[13] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-22-A-00-Conciliarisation-rampante-de-la-FSSPX.pdf

[14] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2009/004_2009/VM-2009-04-30/VM-2009-04-30-A-00-Lettre_du_Pere_Jean.html

Cazaquistão: o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI prepara a “*unidade religiosa da humanidade*” para o Governo Mundial, um conceito anticristão maçônico e gnóstico.

Segunda-feira, 20 de julho de 2009

Bento XVI e Conciliários – Anglicanos – Ortodoxos – Islã – Budistas

Astana III: terceira reunião inter-religiosa no Cazaquistão em ASTANA = SATANA

"O Cazaquistão, nos últimos anos, desenvolveu ***uma plataforma espiritual exclusiva para o diálogo inter-religioso****. A necessidade e a importância da reconciliação entre as diferentes religiões são admitidas por muitas personalidades religiosas, que estão adotando diretrizes específicas para alcançar esse objetivo".* **Comunicação final adotada pelo “*cardeal*” Tauran, representante oficial de Bento XVI, 2 de julho de 2009**

*« **O cardeal Tauran** também citou a **declaração universal dos direitos humanos de 1948**, como “uma das expressões mais altas da consciência da história moderna” **Zenit,** **7 de julho de 2009***

«O papel dos líderes religiosos na construção de um mundo tolerante, na era da globalização: esse é o tema da reunião dos conciliários apóstatas, dos Anglicanos e dos Ortodoxos no Cazaquistão **de 1 a 2 de julho de 2009**[1], em Astana. **ASTANA é o anagrama de SATANA.**

O rabino Metzger participou dessa reunião de concórdia, ao lado do representante de Bento XVI, o cardeal Tauran, **o mesmo rabino que havia parabenizado publicamente e em voz alta em Israel Bento XVI em maio de 2009 por “*ter renunciado a converter os judeus*”**.

Pregação do Anticristo

Dom Fellay continua a espalhar a mentira nas fileiras da FSSPX, tentando fazer crer que o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI seria um “*restaurador*” da Santa Igreja:

> *« É necessário reconhecer, através do que aconteceu nos últimos meses, um momento mais intenso dessa luta. E é bem claro que aquele que, no final das contas, é visado, é o Vigário de Cristo* ***em seu esforço para iniciar uma certa restauração da Igreja****. Há um temor de um rapprochement entre a cabeça da Igreja e nosso movimento, teme-se uma perda dos avanços do Vaticano II, e faz-*

se tudo para neutralizar isso. ***O que o papa realmente pensa? Onde ele se situa?*** *Judeus e progressistas exigem que ele escolha entre o Vaticano II e nós… »* **Dom Fellay, LAB n°74, 12 de abril de 2009**

Enquanto seus meios de comunicação (*Dici*, *La Porte Latine*, *Nouvelles de Chrétienté*, *Fideliter*) **dissimulam cuidadosamente aos fiéis** que o mesmo padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, que acaba de revelar sua apostasia globalista de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Seu Reino Social universal ao chamar publicamente « à instauração urgente de uma autoridade política mundial, reconhecida por todos e dotada dos meios para fazer respeitar suas decisões[2] », enviou uma delegação oficial para uma reunião mundialista religiosa para definir « *o papel dos líderes religiosos na construção de um mundo tolerante, na era da globalização* ».

Apresentação do colóquio apóstata no site oficial do Instituto Pontifício Oriental

A mesa em anel para as 40 religiões em ASTANA, anagrama de SATANA

« Cazaquistão, AMANHÃ: em ASTANA **O III CONGRESSO DOS LÍDERES MUNDIAIS**

III Congresso dos Chefes das Religiões Mundiais e Tradicionais

Escrito pelo administrador

Terça-feira, 30 de junho de 2009

Uma troca de opiniões sobre os problemas do mundo de hoje para oferecer ideias para a reconciliação inter-religiosa em países específicos, assim como proporcionar considerações e conselhos: esse é o objetivo do ***III Congresso dos Chefes das Religiões Mundiais e Tradicionais*** **que será aberto amanhã em Astana, no Cazaquistão, até 2 de julho**. A reunião contará com a presença de delegações de várias religiões do mundo, convidados de honra e membros de agências internacionais (ONU, OCDE e UNESCO).

« O papel dos líderes religiosos na construção de um mundo tolerante, na era da globalização », esse será o tema do primeiro dia da reunião plenária. Moral, riqueza cultural e éticas globais; diálogo e cooperação; solidariedade, especialmente em tempos de crise, são os três temas que serão abordados no dia 2 de julho em três sessões separadas. Quanto ao mundo Cristão, delegações de Igrejas Católicas, Anglicanas e Ortodoxas Russas, da Igreja Ortodoxa de Constantinopla, da Igreja Ortodoxa Romena, das duas Igrejas Apostólicas Armênias e da **Federação Luterana Mundial**, estarão todas presentes.

A delegação do Vaticano será liderada por Jean-Louis Tauran, presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso. A Igreja Anglicana será representada pelo Bispo Nicholas Baines. A delegação da Igreja de Constantinopla será liderada pelo arcebispo metropolitano da França.

A pirâmide da "paz" em Astana, construída pelo arquiteto britânico Norman Foster. Essa construção é, evidentemente, uma manifestação da arte maçônica.

Os convidados do congresso incluirão também Ishmael Noko, secretário-geral da Federação Luterana Mundial e secretário-geral da União Mundial Luterana. O Islã será representado por delegações do Egito, Índia, Indonésia, Irã, Turquia, Líbia, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, China, Rússia, Quirguistão, Estados Unidos, Arábia Saudita e Paquistão. Haverá outros convidados, como o Sheikh Mohamed Sayed Al Tantawi (Grão-imame da Universidade de Al-Azhara) e Mohamed Ahmed Sherif (secretário-geral da World Islamic Call Society). **O judaísmo será representado por Yona Metzger, Rabino Ashkenazi de Israel, e Shlomo Amar, seu homólogo Sefardita**. As delegações budistas virão da China, Mongólia, Japão, Tailândia e Coreia do Sul; além de representantes do Shintoísmo, Hinduísmo, Taoísmo e Zoroastrismo.

Um documento final será elaborado para a adoção conjunta de todos os participantes. A apresentação do congresso de 2009, sob a égide das Nações Unidas, começou após o discurso, no ano passado, do Presidente Nazarbayev na Assembleia Geral das Nações Unidas.

Um comunicado: "*O Cazaquistão, nos últimos anos, desenvolveu* ***uma plataforma espiritual exclusiva para o diálogo inter-religioso****. A necessidade e a importância da reconciliação entre as diferentes religiões são reconhecidas por muitas personalidades religiosas, que estão adotando diretrizes específicas para alcançar esse objetivo*". »[3] **Comunicação final adotada pelo *"cardeal"* Tauran, representante oficial de Bento XVI, 2 de julho de 2009[4]**

E aqui está um trecho das declarações do 'cardeal' Tauran, representante de Bento XVI neste Assis-bis:

« O CARD. TAURAN EVOCANDO O PAPEL DAS RELIGIÕES PARA A UNIDADE DA FAMÍLIA HUMANA

Congresso dos responsáveis pelas religiões mundiais em Astana (Cazaquistão)

ROMA, Terça-feira, 7 de Julho de 2009 (ZENIT.org) - *« A unidade da família humana é o fundamento último de uma solidariedade mundial e a base para a busca de valores éticos comuns, que, felizmente, suscitam nos dias de hoje um interesse crescente »* .

É o que destacou o cardeal Jean-Louis Tauran, presidente do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso, durante sua intervenção na 3ª edição do Congresso realizado em Astana, a convite do presidente do Cazaquistão, Nursultan A. Nazarbayev, com representantes das maiores confissões religiosas do mundo e personalidades de importância internacional na política e cultura.

O encontro foi dedicado à reflexão sobre o papel das religiões na construção de um mundo de tolerância, respeito mútuo e colaboração. Três mesas-redondas permitiram aprofundar temas como o reconhecimento de valores éticos e espirituais para uma ética universal, os possíveis campos de diálogo e cooperação e as perspectivas de solidariedade, especialmente em tempos de crise, informa o *Osservatore Romano*, em 7 de julho.

« Os crentes retêm que a ética pode não apenas produzir normas de comportamento, mas também deve moldar a consciência humana e contribuir para descobrir as exigências da lei natural: devemos fazer o bem e evitar o mal», explicou o cardeal Tauran.

« É um princípio fundamental que se impõe a todos e que permite o diálogo entre pessoas de diferentes culturas e religiões.». « Como crentes, portanto, devemos conseguir indicar a nossos irmãos, homens e mulheres, que nossos valores são fundamentais para eles, a fim de encorajar a compreensão e o reconhecimento mútuos e a cooperação entre todos os membros da família humana».

O cardeal Tauran também citou a declaração universal dos direitos humanos de 1948, como *« uma das mais altas expressões da consciência da história moderna »* que, sem dúvida, contribuiu para tornar os homens e mulheres de nosso tempo *« conscientes do patrimônio de valores inerentes à família humana e sua dignidade »*.[5]

Esses **mentiras** e essas manobras de subversão **de Dom Fellay** à frente da FSSPX não conseguem mais mascarar **a adesão formal e solene do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI ao duplo projeto maçônico e gnóstico dos globalistas anticristãos para *« a unidade espiritual da humanidade »* e a instauração de um governo mundial**.

Astana III – Pirâmide da « reconciliação »: como no 'processo' de Dom Fellay?

Em contraste com Dom Fellay, **Dom Tissier de Mallerais**, após seu sermão de 30 de junho de 2002 nas ordenações de Écone, no qual já havia acusado, há sete anos, o bispo apóstata Wojtyla – João Paulo II, de querer estabelecer uma nova religião anticristã gnóstica e maçônica, **denunciou em outubro de 2004 em Paris, a igreja Conciliar « *ecumênica* » globalista apóstata como sendo « *a Besta da Terra* » profetizada pelo Apóstolo São João no capítulo XIII de seu Apocalipse**.

Continuemos a boa batalha

A Redação de Virgo-Maria

© 2009 virgo-maria.org

---

[1] Relatório sobre o site: http://seeker401.wordpress.com/2009/06/29/congress-of-world-religions-in-kazakhstan/

[2] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-15-A-00-Benoit_XVI-mondialiste.pdf**

[3] http://eurokaznews.blogspot.com/2009/06/3eme-congres-des-religions-du-monde.html

[4] Tradução em francês: http://www.pontificalorientalinstitute.com/news/world-news-of-the-eastern-church/kazakhstan-from-tomorrow-in-astana-iii-congress-of-world-leaders.html

[5] http://www.zenit.org/rssfrench-21504

A VERDADE SOBRE GALILEU – Etienne Couvert

[**22** *sexta-feira* mar 2019]

O caso Galileu pertence ao arsenal de mentiras e imposturas que os historiadores modernos forjaram com todas as peças por ódio a Jesus Cristo e a sua Igreja, com a intenção declarada de destruir a fé. Desde o começo de nossas pesquisas sobre a gnose, não cessamos de deparar com mentiras de tal maneira enraizadas nos espíritos que nossos estudos e argumentos provocam ainda reações de desconfiança e ceticismo da parte de cristãos sinceros que têm dificuldade de se libertar dos modismos intelectuais do "politicamente correto, do cientificamente correto, do religiosamente correto".

Este estudo sobre Galileu inscreve-se na seqüência daquilo que dissemos sobre os humanistas da Renascença, no capítulo II do nosso segundo volume: *A gnose contra a fé*, intitulado *Gnose e humanismo*. De maneira que é útil relê-lo antes de abordar nosso trabalho e ter presente o que desenvolvemos sobre o caráter fundamentalmente anti-cristão de tal humanismo.

A condenação do heliocentrismo. Sabemos que o culto de Mitra foi contraposto, desde os primeiros séculos cristãos, ao culto de Jesus Cristo. Mitra é o sol invencível (*Sol invictus*). Quase que se tornou o culto oficial do Império Romano sob Aureliano. Ora, os humanistas do Renascimento restauraram esse culto, mas em segredo, em seus conventículos íntimos. O sistema heliocêntrico, ensinado por Copérnico e retomado por Galileu, é uma manifestação da adoração do sol. Copérnico escreveu em *De revolutionibus orbium coelestium*: "In mundo vere omnium residet Sol. Quis enim in hoc pulcherrimo templo lampadem hanc in alio vel meliori loco poneret, quam unde totum simul possit illuminare. Si quidem non inepte quidam lucernam mundi, alii mentem, alii rectorem vocant, Trismegitum visibilem deum."

O Sol é, pois, para Copérnico, o Espírito do mundo, o Reitor dos mundos, um deus visível. A referência a Hermes Trismegisto é significativa. O Sol tem, em sua morada, sede em todas as coisas do mundo e o mundo é seu templo. Não se trata de uma definição do panteísmo?

Galileu precisa:

> "Parece-me que na natureza se acha uma substância muito volátil, muito tênue, muito rápida, que, espalhando-se pelo universo, penetra tudo sem obstáculo, aquece, dá vida e torna fecundas todas as criaturas animadas. Parece que os sentidos nos mostram que o corpo do Sol é o receptáculo desse "espírito", fora do qual se difunde sobre todo o universo uma imensa luz acompanhada desse espírito calorífico e, penetrando todos os corpos capazes de ser animados, dá-lhes vida e fecundidade."
> "O sol é um deus visível no centro do universo. Imóvel, ele penetra todas as criaturas, ele é a fonte da vida, ele anima todas as coisas. Sem sombra de dúvida é um culto solar que Copérnico e Galileu praticavam. À luz desses textos os juizes do Santo Ofício condenaram Galileu. Assim, abrem-se novas perspectivas sobre o intrincado caso Galileu."

Encerra-se a citação do nosso texto. Compreende-se, desse modo, que as considerações sobre os movimentos da terra e do sol são apenas pretextos para desenvolver um ensinamento fundamentalmente panteísta e as autoridades romanas não se enganaram a respeito. Aos 24 de fevereiro de 1616, o heliocentrismo de Copérnico era condenado pelo Santo Ofício. A justo título, como se viu. E para manifestar que os censores não eram patetas caídos em armadilhas, eles esclareceram que as proposições condenadas eram "absurdos em filosofia e formalmente heréticas", mas que eles não prejulgavam as considerações puramente astronômicas ou físicas.

O caso deveria estar encerrado. Sem outras conseqüências. Mas eles tinham diante dos olhos uma verdadeira seita, muito bem organizada.

A Academia dos Linceis. Essa academia funcionava como um clube maçônico, com uma fachada mundana, oficial, que atraía a alta sociedade romana promovendo conferências, concertos, banquetes e recepções diversas, e um núcleo operacional na casa de campo de Pedro Cesi, em Acquaspartia, próximo a Urbino. Os três mentores da seita são Pedro Cesi, Cesarini, mas sobretudo monsenhor Ciampoli, o grão-mestre dos Linceis, que veremos em ação mais adiante.

O programa é claríssimo. Eis a fórmula: "estabeleceremos por silogismos e experiências os paradoxos que aparecem completamente contrários aos dogmas sagrados."

Retenhamos bem a fórmula. As experiências ditas científicas, os raciocínios chicaneiros só têm um fim: destruir a fé, mudar a religião. A confissão é aguda.

Trata-se de lançar, tomando pretextos de ordem científica, como a disputa dos cometas, um ataque de grande estilo contra as bases intelectuais da cultura tradicional que prevalece em Roma. O que está em jogo é o prestígio e a legitimação intelectual dos Linceis. Ela será, pois, confrontada com a resistência do Colégio Romano dos Jesuítas, onde reinava o respeito à tradição aristotélica em filosofia e a vigilância sobre os princípios da fé católica.

Galileu é um membro eminente da Academia. Aos 17 de julho de 1620, durante uma sessão secreta em Acquaspartia, decidiu-se a denominada operação "Sarseide". Galileu devia preparar uma obra para denunciar a física aristotélica, tratada de puro "nominalismo", lançara o slogan: "O livro da natureza não foi escrito para ser lido somente por Aristóteles. Esse grande livro do mundo está ao alcance de todos. Os comentários de Aristóteles são como uma prisão da razão". Ele devia pôr sua autoridade a serviço da Academia para assegurar seu prestígio e sua legitimidade intelectual. Ele se pôs a trabalhar.

Entretanto, aos 17 de setembro de 1621, o cardeal Belarmino, enérgico prefeito do Santo Ofício, falecia. Enfim, podia-se aproveitar de uma grande liberdade para as "novidades".

Em 1622, o manuscrito do *Saggiatore* está em mãos dos linceis. Ele foi revisto e corrigido por Cesarini, depois pelo príncipe Cési, e o texto definitivo foi redigido por monsenhor Ciampoli, o grão-mestre. É uma máquina de guerra contra "os adoradores obstinados da Antigüidade", contra os jesuítas do Colégio Romano. A obra está plena de sarcasmo e zombarias contra eles. Maneja a arma do ridículo, apontada contra o Colégio Romano e contra o acatamento do princípio de autoridade da tradição, com as fórmulas fustigantes e insultantes contra "os patos incapazes de seguir os vôos das águias…"

Ora, para os jesuítas, o princípio de autoridade é mais sagrado que uma citação criticável. Era um valor de caráter religioso e um ponto fundamental da luta contra a heresia. Por isso, reagiram.

Achavam-se – disseram eles -, na obra, os átomos de Epicuro, as idéias de Demócrito, o nominalismo de Ockham, as elucubrações confusas de matriz pitagórica. Um panegírico dos autores pagãos com odor de ateísmo e dos autores católicos com odor de heresia. Um verdadeiro escândalo, portanto.

Um papa "inovador", Urbano VIII. Em 1623, ocorre um novo conclave… Monsenhor Ciampoli "trabalha" os cardeais, intriga e "faz" o papa Urbano VIII, na pessoa de Maffeo Barberini, o papa dos "inovadores", o amigo de Galileu. É uma explosão de alegria para os membros da Academia dos Lincei. Maffeo Barberini é um jovem, poeta, esportivo; diríamos hoje *pop*. Ele se apressa a colocar os lincei nos cargos mais importantes da corte. Monsenhor Ciampoli continua sendo um conselheiro íntimo e discreto.

O jovem sobrinho do novo papa, Francisco Barberini, é feito cardeal e dirige o pontificado. Ele será a alma penada do seu tio.

Ao longo das grandes festas e manifestações de júbilo organizadas pelos lincei para promover o novo papa, Galileu é recebido oficialmente como filósofo do Vaticano, em uma bela cerimônia, a 23 de abril de 1624. Barberini sabe que deve sua eleição ao grão-mestre dos lincei, mons. Ciampoli. Este conhece "os sinais do tempo". Para ele, esse pontificado é uma "admirável conjuntura".

Graças a ele, o mundo de Aristóteles está liquidado. Galileu é "o filósofo cristão moderno" que substitui o pagão Aristóteles no cume da nova cultura católica. Ele nomeia seus amigos e os de Galileu para a *Sapientia*, nova universidade romana, que ele dirige contra o Colégio Romano dos jesuítas.

A nova filosofia é apresentada à corte, do púlpito, nas academias e famílias da sociedade romana. Revolução cultural que permitia esperar para logo poder relançar a campanha em defesa da Copérnico condenado.

Urbano VIII dirigiu-se contra os jesuítas. Em 1627, recusou a canonização do cardeal Belarmino e impôs na ocasião a obrigação de esperar cinqüenta anos antes de iniciar um processo. Nomeou o cardeal Pedro de Berule, "o novo teólogo", o místico reformador da fé, grande inimigo dos jesuítas e grande amigo de Saint-Cyran. É ele que vai orientar os oratorianos da França na direção do jansenismo por dois séculos (2).

Ora, a 3 de novembro de 1624, em seu discurso inaugural do Colégio Romano, o Pe. Spinola condena fortemente as "tentativas de edificar um novo monumento humano de sabedoria". Ele compara a nova filosofia pagã dos inovadores à construção da torre de Babel. Os inovadores querem subir ao céu. São rebeldes contra Deus e a fé. Querem provocar a ruína da Igreja. Esse discurso teve grande repercussão.

Mas, nessa admirável conjuntura, não era fácil denunciar Galileu, o sábio católico oficial, o amigo íntimo do papa, o maior filósofo da Europa, amado, acariciado, adulado, respeitado e temido.

E enquanto o novo papa e seus amigos da Academia dos lincei preparavam essa revolução cultural, os jesuítas continuavam através da Europa sua obra de reconquista das províncias protestantes.

Nesse contexto, parece-nos conveniente reproduzir uma bela página do livro de Pedro Redondi que seguimos aqui passo a passo (3):

> "Não são petulantes e ruidosas manifestações de alegria de literatos inovadores e aristocratas progressistas romanos galvanizados pela eleição de um papa amigo de Galileu e intelectual refinado que preocupam os jesuítas. Mas é uma linha geral de abertura cultural e política improvisada cujos efeitos são contrários à linha de renovação e de luta da Igreja da Contra-Reforma fixada pelo Concílio de Trento. A Companhia de Jesus, que é o instrumento mais eficaz dessa linha de conduta, não é a vítima de uma estreita visão provincial e romana dos problemas que condiciona a maior parte dos seus inimigos na cúria. O fronte principal da luta contra a Reforma não sãos os corredores da cúria, nem os salões da academia, são as planícies e as cidades da Hungria e da Boêmia, onde os padres da Companhia, após os regimentos imperiais, alcançam a vitória; eles reconquistaram para Roma as igrejas profanadas pelos ritos protestantes, içaram os estandartes ornados do símbolo da eucaristia sobre os mosteiros das ordens religiosas decadentes e corruptas e confiscaram-nos para transformá-los em centros de reeducação religiosa, sem incomodar-se com reclamações romanas dos monges. O êxito dos jesuítas é impressionante, sobre o teatro principal da guerra de religião. Nos territórios há pouco resgatados dos protestantes populações inteiras regressam em massa ao catolicismo, por todos os meios, a todo preço…
> Consolidada pelas suas vitórias e pela consciência política e religiosa das suas dimensões mundiais, a Companhia de Jesus sabe que a fidelidade ao Império é a melhor garantia contra a Reforma. Ela desconfia das perigosas aberturas diplomáticas do novo pontífice em direção de um aventureiro sem escrúpulo como Richelieu, novo astro nascente da política européia."

O verdadeiro processo. Quando o livro do *Saggiatore* apareceu nas livrarias de Roma, o primeiro exemplar vendido foi comprado pelo Pe. Grassi, eminente professor do Colégio Romano. Ele era um homem de caráter irascível e explodiu de raiva na livraria. Depois anunciou uma resposta que jamais publicou.

Como se viu, Galileu havia sido recebido com grande pompa pelo papa em abril de 1624. Ora, no verão de 1624, o Pe. Grassi depositou no protocolo do Santo Ofício uma denúncia contra o *Saggiatore* por heresia contra a Eucaristia.

O texto dessa denúncia foi reencontrado por Pedro Redondi em um arquivo anexo ao processo de Galileu. Ele havia sido desentranhado desde o início do processo (4).

O Pe. Grassi sustentou duas acusações fundamentais contra Galileu.

O nominalismo de Ockham, segundo o qual as qualidades das coisas são apenas nomes, mas não existem na realidade. Se vejo a cor vermelha no objeto, essa cor está na minha percepção, mas não realmente no objeto. Se vejo a luz do sol, ela está na minha percepção, mas não no sol. Com efeito, é um absurdo.

O "atomismo" de Demócrito: se os átomos ou corpúsculos ou "mínima" constituem a substância do objeto, então as percepções sensíveis que são o produto dessas partículas, fazem também parte da substância da coisa.

Se, pois, nas espécies eucarísticas, as formas sensíveis do pão e do vinho subsistem após a consagração, é que a substância das mesmas continua presente. Por conseguinte, não ocorre transubstanciação, mas consubstanciação e a tese de Galileu não faz senão retomar a de Lutero e dos protestantes. Galileu, o filósofo oficial da corte pontifícia e o grande amigo do papa, não passa de um protestante camuflado…

Com efeito, as congregações gerais dos jesuítas sempre condenaram o "atomismo" em voga entre os humanistas e proibiram que fosse ensinado nos colégios da Companhia. Condenação renovada no curso do século XVII com uma notável insistência.

A 1º de abril de 1623, a Companhia de Jesus havia interdito o ensinamento da doutrina do atomismo nos colégios. Não se deve identificar a substância com a extensão e as qualidades. As partículas são apenas as medidas da matéria. O atomismo não passa de uma forma sutil de materialismo. Se é a matéria que produz as formas sensíveis e as qualidades das coisas, então ela é a criadora dessas formas; ela é então de natureza divina…

Essa condenação foi renovada em 1641, em 1643 e 1649.

Eis a forma protestante: "O pão e o Corpo de Cristo estão realmente, mas não substancialmente nem essencialmente presentes, por que se o pão não tinha mais substância, ele não seria mais nada e por conseguinte não seria nem sequer um sacramento." Vê-se aí a velha tentação nominalista.

Por onde se vê que os ensinamentos filosóficos, contrários ao bom senso e à razão, provocam conseqüências desastrosas nas afirmações da doutrina católica. O filósofo cristão não pode, pois, ensinar o nominalismo nem o atomismo sem atacar a fé.

A acusação era grave, e Galileu o compreendeu logo. Ficou com medo. Tentaram tranqüilizá-lo. Seu livro havia recebido *imprimatur* e aprovação entusiasta do papa. Ele creu poder esperar impunidade, mas a suspeita de heresia começava a circular pela cidade, não obstante a proteção do papa. Aconselhou-se a Galileu que não retrucasse, que guardasse silêncio; diríamos hoje, vulgarmente, que "enfiasse a viola no saco"; pois Galileu bem sabia que a acusação estava fundamentada e que o Pe. Grassi havia compreendido bem a intenção subjacente do autor.

A funda dos cardeais. Aos 18 de abril de 1631, na Capela Sixtina, em presença do papa Urbano VIII e durante a liturgia da Sexta-Feira Santa, o Pe. Grassi, eminente jesuíta, pronunciou uma oração solene que deve ter soado desagradavelmente aos ouvidos do papa:

> "Devemos deplorar, Reverendos Padres, uma terrível destruição e uma imensa ruína. O edifício que a Sabedoria Divina havia erigido com suas próprias mãos, esse templo eterno da paz entre Deus e os

> homens foi demolido por saqueadores ímpios, destruído, reduzido a pó. Com efeito, como é atroz assistir à cena da ruína iminente. Esses instrumentos, essas alavancas, esses operários, tudo está pronto para a espantosa empreitada de destruição…Os guardiães do templo, novos levitas, dormem um profundo sono. Mas o terror os desperta agora do profundo sono. A turba dos saqueadores avança. O véu do templo já está arrancado, quando a alma se separa de Cristo; toda a estrutura tomba e um tal ruído semelhante ao da morte, mesmo que estejam dormindo, os obriga a acordar. As coisas sagradas são tripudiadas, os altares profanados, o templo em ruína. Onde nos refugiaremos, onde, pergunto eu?"

Que se passava então? O exército sueco de Gustavo Adolfo percorria a Europa, destruindo, incendiando, assassinando tudo em sua passagem. Os exércitos imperiais estavam desamparados e impotentes diante de tal fúria. Gustavo Adolfo aproximava-se dos Alpes. A 7 de abril ele estava na Baviera, pilhando e saqueando os colégios dos jesuítas, condenando-os a fugir ou a esconder-se. A situação era grave e, entretanto, "os levitas dormiam". O papa, evidentemente, estava designado. Gustavo Adolfo ameaçava Roma. Reinava a insegurança. Era preciso dar um basta.

Várias vezes já os cardeais haviam censurado ao papa sua complacência com os hereges em Roma. Reclamava-se uma ação enérgica, uma cruzada católica contra a heresia e as novidades subversivas.

A 8 de março de 1632, o cardeal Borgia levantou-se, denunciou as fraquezas do papa e começou a ler um memorial "de grande importância para a religião e a fé". Repreendeu ao papa sua atitude conciliatória em face do rei da Suécia. Urbano VIII quis cortar-lhe a palavra e ameaçou-o de deposição. O próprio irmão do papa quis apanhá-lo a força, mas os outros cardeais agruparam-se em torno dele para protegê-lo. Foi um tumulto, um escândalo em pleno consistório.

O fato chegou ao conhecimento de todas as chancelarias. A Espanha reagiu imediatamente, protestou diplomaticamente contra as fraquezas do papa diante dos inimigos da religião, apoiou energicamente o cardeal Borgia, que se tornara o verdadeiro senhor do consistório. Cogitou-se a deposição do papa.

Alguns dias mais tarde, o imperador Habsburgo enviou a Roma seu conselheiro, o cardeal jesuíta Peter Pazmani que veio repetir ao papa as mesmas ameaças de Madri. O papa teve de prometer um maior rigor para a defesa da ortodoxia. "A admirável conjuntura" estava terminada.

O falso processo. Em março de 1632, Galileu publicava o *Diálogo,* honrado com um breve do papa e munido de *imprimatur*. Galileu aí retomava as teses de Copérnico sobre os movimentos da terra e as marés, com a autorização do Vaticano, sob a condição de não mesclar considerações sobre as Escrituras e apresentando-as como hipótese.

Galileu aproveitou o ensejo para retornar ao atomismo de Demócrito e atacar Aristóteles. Identificou a substância corporal com seus componentes materiais e quantitativos, reduzindo o real a seu valor numérico. Mas evitou empregar o vocábulo "átomo", bem como falar em "substância". Seu amigo e cúmplice, Campanella, cuja reputação de herético era notória, felicitou-o em uma carta de 3 de abril de 1632 por renovar os antigos pitagóricos e os adeptos de Demócrito. A carta tornou-se pública. A cumplicidade era evidente.

Uma denúncia foi enviada ao cartório do Santo Ofício. Imediatamente, o papa confiou o assunto a seu sobrinho, o cardeal Barberini. Ele não podia deixar o *affaire* em mãos do cardeal Borgia, prefeito do Santo Ofício, que o acusava abertamente de indulgência culpável e de falta de firmeza na obra da Contra-Reforma. Levar o caso ao Santo Ofício teria sido um verdadeiro suicídio político para o papa, um enorme escândalo, a prova da sua cumplicidade com os inovadores.

O cardeal sobrinho formou uma comissão especial independente do Santo Ofício. Assegurou-se a Galileu acerca das intenções benévolas do papa, seu grande amigo e o cardeal sobrinho explicou ao núncio de Florença, em uma carta de 25 de setembro de 1632: "As obras de Galileu foram entregues a uma comissão

particular com o cuidado de examinar e de ver se se poderia evitar seu envio à Sagrada Congregação do Santo Ofício". O papa precisou ao mesmo núncio que ele havia feito um grande favor a Galileu não submetendo tal matéria ao tribunal, mas a uma congregação particular, criada expressamente, o que era muito significativo.

Galileu foi intimado pelo cardeal sobrinho, incumbido da sua defesa. Ele devia reconhecer haver defendido a teoria de Copérnico, mostrar-se conciliador, não protestar: "O tribunal então poderá ser clemente com o acusado e Sua Santidade ficará satisfeito". Assim se fez. Galileu foi obrigado a proclamar publicamente em uma igreja a condenação do heliocentrismo já formulada antes contra Copérnico. Ele fez essa declaração a 22 de junho de 1633, para satisfação de todos. O papa deu-lhe um castelo como residência vigiada.

Mas o cardeal Borgia, indignado com a manobra, havia-se recusado a assinar o processo verbal. No dia seguinte, o Pe. Grassi foi exilado para Savóia. Impôs-se-lhe interdito de publicar qualquer material; como jesuíta fiel e obediente, submeteu-se. O texto da segunda denúncia contra o *Diálogo* desapareceu dos arquivos, assim como as atas das assembléias da Comissão Especial. A limpeza foi geral e bem feita.

Ponto final. O caso Galileu estava encerrado. O resto não passa de lenda, mito, mentira, impostura.

O fiasco de um pontificado. A última façanha, se assim se pode dizer, do papa Urbano VIII foi a fuga bem sucedida de Campanella.

Tomás Campanella, dominicano nascido na Calábria, em Stilo, possuía uma imaginação fecunda, conhecimentos extensos em cabala e alquimia, idéias tomadas de empréstimo a Joaquim de Fiore, uma atividade desordenada e furibunda.

Fazia-se chamar de "Messias", anunciava as catástrofes do fim dos tempos. Como suas predições tardavam a cumprir-se, imaginou urdir uma conspiração para expulsar os espanhóis do Reino de Nápoles. Ele havia comprometido numerosos fidalgos e trezentos monges. Mas ele foi detido a tempo e condenado à prisão em Nápoles.

Campanella havia continuado a cruzada contra a escolástica e contra Aristóteles. Mas Urbano VIII veio em seu socorro. Durante três anos, ele negociou sua libertação com a corte de Madri. Em vão. Finalmente, prometeu ao rei da Espanha que o faria julgar pelo Santo Ofício. O rei, sem desconfiança, entregou-lho em 1626, após 25 anos de prisão. Imediatamente, o papa concedeu-lhe a liberdade e admitiu-o em sua intimidade.

Campanella publicou uma *Apologia por Galileu* e uma *Defesa do sistema de Copérnico, não contrário à Escritura* em 1634. Sua obra-prima, se se pode dizer, foi a *A Cidade do Sol* em que ele pregava uma comunidade total de bens e de pessoas, na esteira da *Utopia* de Thomas Morus.

Mas suas heresias eram conhecidas. Sofria ameaças, recorria-se ao Santo Ofício. Em desespero de causa, Urbano VIII entendeu-se com o conde de Noilles, embaixador da França, para ajudá-lo a fugir, disfarçado de cavalheiro. Ele foi calorosamente recomendado a Richelieu e ao rei Luís XIII. Deste obteve uma pensão de 3.000 libras e fixou-se em Paris onde trabalhava na biblioteca do rei. Gabriel Naudé, bibliotecário chefe, agradeceu publicamente a Urbano VIII "em nome da ciência" haver protegido Campanella com sua autoridade. Ora, Naudé era membro da "Fraternidade Rosa Cruz", cujo palavra de ordem era: "Guerra ao papa, abolição do culto".

Quando a inquisição real de Nápoles se deu conta do subterfúgio, exigiu que lhe fosse devolvido seu prisioneiro. O papa recusou.

Conclusão. Em toda esta história há círculo vicioso. Humanistas, rosa-cruzes, lincei e outros formavam entre eles como uma vasta teia de aranha recobrindo toda a Europa. Esses homens estavam ligados por correspondências regulares e cumplicidades ativas, como acabamos de vê-lo.

O caso Galileu só pode ser compreendido realmente à luz de uma tragédia mais vasta, a tragédia do combate do protestantismo contra os dogmas da fé católica e contra a filosofia escolástica que é seu suporte necessário. Dava-se aparência de um ataque a Aristóteles e aos jesuítas do Colégio Romano. Na verdade, e de uma maneira astuta, trabalhava-se com encarniçamento por matar a fé nas almas.

Quando um papa é o eleito de um conchavo, quando sua eleição resulta de manobras subterrâneas, para dar o poder hierárquico a um amigo e cúmplice, este se acha uma situação muito desconfortável.

Urbano VIII não pode declarar sua intenção profunda. Uma vez instalado na cátedra de Pedro, é obrigado, por sua função magisterial a continuar ensinando as verdades de fé em que não crê mais e gostaria de destruir. Ele deve manobrar sutilmente entre aqueles que "fizeram" sua eleição, e lhe recordam sem cessar o que esperam dele, e o conjunto do clero romano fiel, que ignora essas manobras e se acha perplexo e ressabiado, diante de situações mal compreendidas.

É necessária uma singular aptidão para utilizar as fórmulas da fé católica, esvaziadas de suas substâncias, e colocá-las a serviço do panteísmo e da gnose.

Os mais perspicazes compreenderam. Foram os jesuítas do Colégio Romano, publicamente e violentamente atacados, também os cardeais indignados. Houve, em Roma, na ocasião, homens muito corajosos e enérgicos para dirigir-se firmemente contra um papa prevaricador. Mas houve também dois príncipes cristãos, o rei Filipe IV da Espanha e o imperador Fernando II de Habsburgo, que puseram todo o prestígio de sua autoridade e de seu poder contra Urbano VIII até ameaçando-o de deposição.

Bibliografia:

REDONDI, Pietro. *Galilée hérétique* (Ed. Galimard, 1985 e 2003). Seguimos passo a passo sua obra, resumindo-a fielmente tanto quanto possível. Quando publicada, essa obra foi objeto de críticas virulentas. A *Civilta Cattolica* dos jesuítas censurou-o por haver lançado uma hipótese gratuita podendo pôr em questão a formulação tradicional do caso Galileu". Em 1984, a Academia Pontifícia de Ciências havia publicado a documentação do Santo Ofício e afirmado que não havia nada inédito nos arquivos do Vaticano. Pietro Redondi respondeu: "O valor científico dessa afirmação não poderá evidentemente ser posto em discussão, porquanto os que a fazem guardam também a exclusividade da prova." Todavia, o *dossier* do caso Galileu é singularmente incompleto. Faltam-lhe as denúncias do Pe. Grassi e as deliberações da comissão especial, que foram destruídas. Pietro Redondi julgou que as correspondências privadas dos protagonistas do drama podiam fornecer as verdadeiras razões do processo assim como as intenções subjacentes de uns e outros. Quando uma comissão de peritos oficiais, escolhidos por uma autoridade política, é encarregada de um trabalho de pesquisa, ela não pode fornecer, infelizmente, senão uma "versão politicamente, cientificamente, religiosamente correta" diante da qual todos devem inclinar-se reverentemente. Sabemos hoje que essas versões "oficiais" são recheadas de mentiras e imposturas…

RANKE, Leopoldo. *Histoire de la Papauté pendant le XVI et le XVIIsiècles.* Ranke é um historiador protestante do século XIX. Quando sua obra veio a lume em Berlim, foi recebida com grande sucesso entre os protestantes e igualmente entre os católicos. Ranke pôde, graças às suas pesquisas históricas, restabelecer a verdade sobre o papado. Seu livro foi publicado na França em 1837 e novamente em 1848, em uma edição crítica por Alexandre de Saint-Chéron que lhe acrescentou notas e complementos históricos, onde o autor protestante claudicava. Essa obra foi recentemente reeditada, em 1986, na coleção "Bouquins" pela casa Robert Laffont. É indispensável ler essa obra para compreender como o caso Galileu se inscreve em um combate global empreendido pela Igreja para reconquistar a Europa do protestantismo com o apoio do imperador Habsburgo e os esforços dos colégios jesuítas.

[O texto de Etienne Couvert foi publicado por *Lecture et Tradition – Bulletin litteraire contrerévolutionnaire* , maio de 2006, Bordeaux. Traduzido pelo Pe. João Batista de Almeida Prado Ferraz Costa]

Artigo original

Docta Sanctorum Patrum - Papa João XXII

[1] Docta sanctorum Patrum decrevit auctoritas, ut in divinæ laudis officiis, quæ debitæ servitutis obsequio exhibentur, cunctorum mens vigilet, sermo non cespitet, et modesta psallentium gravitas placida modulatione decantet. Nam in ore eorum dulcis resonabat sonus. Dulcis quippe omnino sonus in ore psallentium resonat, quum Deum corde suscipiunt, dum loquuntur verbis, in ipsum quoque cantibus devotionem accendunt. Inde etenim in ecclesiis Dei psalmodia cantanda præcipitur, ut fidelium devotio excitetur; in hoc nocturnum diurnumque officium et missarum celebritates assidue clero ac populo sub maturo tenore, distinctaque gradatione cantantur, ut eadem distinctione collibeant, et maturitate delectent.

[1] A douta autoridade dos Santos Padres decretou que, nos ofícios divinos das Laudes, que são oferecidas em obséquio de serviço devido, a mente de todos fique vigilante, o discurso não tropece e a modesta gravidade dos salmodiantes recite com plácida modulação. Pois está escrito: “na boca deles ecoava um doce som”. E realmente o som dos salmodiantes ressoa doce quando acolhem Deus no coração, enquanto falam com palavras, e também com cantos acendem para Ele a devoção. Por isso se ordena que nas Igrejas de Deus a salmodia seja cantada, para que fique despertada a devoção dos fiéis; para isso o ofício noturno e diurno e as celebrações das Missas são cantadas pelo clero e pelo povo em tenor acabado e com modulação distinta, para que desfrutem dessa distinção e se deleitem com o acabamento.

[2] Sed nonnulli novellæ scholæ discipuli, dum temporibus mensurandis invigilant, novis notis intendunt, fingere suas, quam antiquas cantare malunt, in semibreves et minimas ecclesiastica cantantur, notulis percutiuntur. Nam melodias hoquetis intersecant, discantibus lubricant, triplis et motetis vulgaribus nonnunquam inculcant adeo, ut interdum antiphonarii et gradualis fundamenta despiciant, ignorent, super quo ædificant, tonos nesciant, quos non discernunt, immo confundunt, quum ex earum multitudine notarum adscensiones pudicæ, descensionesque temperatæ, plani cantus, quibus toni ipsi secernuntur, ad invicem, obfuscuntur. Currunt enim, et non quiescunt; aures inebriant, et non medentur; gestibus simulant quod depromunt, quibus devotio quærenda contemnitur, vitanda lascivia propalatur. Non enim inquit frustra ipse Boetius: "lascivus animus, vel lascivioribus delectatur modis, vel eosdem sæpe audiens emollitur, et frangitur".

[2] Mas há alguns discípulos de uma nova escola que, atentando somente na medida do tempo, ocupam-se com notas novas, mais preferindo forjar as suas notas do que cantar as antigas, sendo as peças eclesiásticas cantadas em semibreves e mínimas, e são tocadas com notas curtas. Entremeiam, ainda, as melodias com hoquetus, infestam-nas com discantes, intercalam-nas frequentemente com triplum e motetos vulgares, a ponto que com isso desdenhem os fundamentos do antifonário e do gradual, ignorem sobre o que edificam, desconheçam os tons, que não distinguem, aliás confundem, pois, a partir dessa multidão de suas notas, as ascensões pudicas e os descendimentos equilibrados do cantochão, com as quais os próprios tons são discernidos, ofuscam-se reciprocamente. Correm sim, mas não repousam; inebriam os ouvidos, mas não os curam; simulam com gestos aquilo que querem exprimir, com os quais, porém, a devoção a ser procurada é diminuída, a lascívia a ser evitada é propagada. Não sem razão, o próprio Boécio disse que "a alma lasciva ou se deleita com as modulações mais lascivas ou se enfraquece, quando ouvindo-as frequentemente, se despedaça".

[3] Hoc ideo dudum nos, et fratres nostri correctione indigere percepimus; hoc relegare, imo prorsus abjicere, et ab eadem ecclesia Dei profligare efficacius properamus. Quocirca de ipsorum fratrum consilio districte præcipimus, ut nullus deinceps talia, vel his similia in dictis officiis, præsertim horis canonicis, vel quum missarum solennia celebrantur, attentare præsumat. Si quis vero contra fecerit, per ordinarios locorum, ubi ista commissa fuerint, vel deputandos ab eis in non exemptis, in exemptis vero per præpositos seu prælatos suos, ad quos alias correctio, et punitio culparum, et excessuum hujusmodi, vel similium pertinere dignoscitur, vel deputandos ab eisdem, per suspensionem ab officio per octo dies, auctoritate hujus canonis, puniatur.

[3] Faz tempo que nós e os nossos Irmãos percebemos a necessidade de isso ser corrigido, banido e mesmo descartado, e mais eficazmente nos apressamos a eliminá-lo da própria Igreja de Deus. Por isso, por conselho dos próprios Irmãos, determinamos com rigor que ninguém, de agora em diante, ouse tentar tais coisas ou coisas a elas parecidas nos citados ofícios, sobretudo nas Horas Canônicas ou quando se celebram Missas solenes. Se alguém fizer algo em contrário, em força da autoridade deste Cânon, seja ele punido com a suspensão do [seu] ofício por oito dias pelo Ordinário dos locais onde isso for cometido, ou por delegados dele, no caso de subordinados, e nos não-subordinados por seus prepostos ou prelados, aos quais sabe-se pertencer a correção e punição das culpas e de tais excessos ou coisas parecidas, ou por pessoas por eles delegadas.

[4] Per hoc autem non intendimus prohibere, quin interdum diebus festis præcipue, sive solemnibus in missis, et præfatis divinis officiis aliquæ consonantiæ, quæ melodiam sapiunt, puta octavæ, quintæ, quartæ, et hujusmodi supra cantum ecclesiasticum simplicem proferantur, sic tamen, ut ipsius cantus integritas illibata permaneat, et nihil ex hoc de bene morata música immutetur, maxime quum hujusmodi consonantiæ auditum demulceant, devotionem provocent, et psallentium Deo animos torpere non sinant. Actum et datum, etc.

[4] Com isso, todavia, não pretendemos proibir que de vez em quando, particularmente nos dias festivos, ou nas Missas solenes e nos citados ofícios divinos, sejam acrescentadas ao canto eclesiástico simples algumas consonâncias que ressaltem a melodia, a saber, oitavas, quintas, quartas e coisas desse tipo, de tal modo, porém, que a integridade desse mesmo canto permaneça ilibada, e nada com isso seja tirado da música bem delineada, sobretudo quando tais consonâncias acariciem o ouvido, provoquem a devoção e não deixem entorpecer os ânimos dos que salmodiam a Deus. Decretado e dado, etc.

?A VERDADEIRA RIQUEZA E A ORIGEM DO DINHEIRO

Restaurando a visão clássica sobre a economia

Mateus Larsan, S.C.R.E.

Fundador da Ação Restauracionista

Revisão: Wladimir Caetano

Resumo: Este artigo busca elucidar, por meio da História, das Sagradas Escrituras e da Filosofia, o enigma da origem do dinheiro. Além da exposição das visões clássica e feudal da economia (síntese aristotélico-tomista), será apresentado um breve panorama do pensamento econômico, com algumas considerações sobre a origem do dinheiro e as consequências da monetização social. No fim, serão delineadas soluções que visem à reordenação econômica da sociedade.

Palavras-chave: economia; sociedade; moeda; dinheiro.

***

A VERDADEIRA ECONOMIA É INDISSOCIÁVEL DA MORAL

A Economia era estudada como um ramo da moral, ou seja, era pautada pelos valores morais do homem e sua visão de mundo. Ela não era tradicionalmente estudada como uma ciência eficientista e abstrata que buscasse guiar a sociedade para a máxima produção, fechando assim um circuito no qual o homem produzisse com o fim mesmo de produzir. Tampouco era estudada como a observação isenta e imparcial daquilo que o homem faz, sem o intuito de tecer juízos de valor nem direcionar a sociedade para algum fim determinado. A Economia só veio a ser entendida assim séculos depois de Santo Tomás de Aquino, já na modernidade. Antes disso, ela era o estudo daquilo que o homem faz tendo em vista a aquisição e utilização de recursos para a *oikos* e a *pólis*, sem deixar de considerar o âmbito moral.

DEFINIÇÕES DE ECONOMIA, CASA E FAMÍLIA

Antes de um aprofundamento na visão clássica da economia, é necessário desfazer certos equívocos comuns envolvendo idéias indissociáveis da economia real, como os conceitos de casa e família.

A palavra economia deriva do grego *oikonomía*, composição de *oikos*, que pode ser traduzido por "casa" ou "moradia", e *nomos*, que pode ser traduzido por "lei", "norma", "costume" ou "regra". Na acepção latina, *oeconomia* significa disposição, ordem, arranjo. Economia é, portanto, a lei da casa, ou como a casa deve ser organizada.

A ideia de casa (o *oikos* grego), tradicionalmente ligada ao conceito de família, sofreu um processo de ressemantização ao longo da modernidade.[1] Casa, nos nossos dias, é essencialmente o dormitório dos trabalhadores, os quais frequentemente têm relações de parentesco. Mas nem toda casa é formada por uma família. Casa também não tem mais o sentido clássico de propriedade ligada à terra, pois hoje as pessoas se mudam com muita facilidade. E casa também não é mais a construção destinada a reunir a família, visto que nos apartamentos modernos mal há espaço para os que neles residem.

O conceito de família também foi ressignificado. O que se entende hoje em dia por família – e ainda assim com controvérsias – é a família nuclear: pai, mãe e filhos.[2] Em seu sentido clássico, família é todo o agregado familiar: avôs, filhos, irmãos, primos, tios, netos, etc. Ou seja, ela é o coletivo de várias famílias nucleares unidas por antepassados em comum.[3]

Aristóteles observou que a palavra grega para casa sofreu mutações com o passar do tempo: para uma primeira geração, ela trazia um significado; para uma segunda geração, já era outro, e assim sucessivamente. Isso se dava porque os filhos expandiam a casa dos pais, a fim de comportarem as suas próprias famílias, e assim com os netos, etc.

AS DUAS FUNÇÕES DA ECONOMIA: AQUISIÇÃO E UTILIZAÇÃO DE RECURSOS

Aristóteles exemplifica algumas formas naturais de aquisição de recursos: a caça, a pesca, a agricultura, o pastoreio e o roubo. O filósofo chama a aquisição de recursos de crematística.[4] Ele ensina que os homens adquirem recursos para serem utilizados em suas *oikoi*. Então, para além da arte da aquisição, haveria também a arte da utilização – a culinária, a marcenaria, a domesticação de animais, etc. **Portanto, caberia à economia estudar como o homem adquire e utiliza os recursos à disposição para a sua *oikos.***

AS TROCAS

Em sua obra *Política*, Aristóteles diz que as *oikoi* se associam em tribos visando à mútua proteção, e que a natureza não distribui os recursos igualmente a todos: a uns concede certos bens em abundância, a outros provê com bens diferentes. E assim os homens naturalmente recorreriam às trocas, às quais o filósofo chamou de crematística domiciliar.

Aristóteles ensina que dentro da *oikos* não haveria trocas, pois tudo seria provido pelo *telestai*, o chefe da família. O objetivo das trocas, segundo o Estagirita, seria corrigir as deficiências da natureza e **alcançar a autossuficiência de cada *oikos**.** *O princípio regente das trocas nesse estágio do desenvolvimento civilizacional não seria, portanto, o da justiça ou equidade, mas o da* chreia *(?????), "necessidade", "uso" ou "utilidade". Ou seja: as* oikoi* trocariam bens entre si visando a suprir cada qual as suas próprias necessidades, e oferecendo o excedente uma para a outra sem a preocupação de alcançarem um equilíbrio matemático exato e preciso – afinal, todos ali pertencem ao mesmo povo e, por isso mesmo, desejam naturalmente a manutenção desse vínculo. Assim, eventuais diferenças de valor obtidas nas trocas, seja para mais ou para menos, seriam irrelevantes ou naturalmente equalizadas com o passar do tempo.

Segundo o antropólogo americano David Graeber, nesse estágio civilizacional não haveria a necessidade de um sistema preciso de contas, pois todos supririam as suas demandas, vendo-se uns aos outros como aliados de longo prazo. Então, o que A estivesse devendo para B num dado momento seria compensado no futuro com o que B tivesse a oferecer a A.[5]

A FILOSOFIA DE ARISTÓTELES E A ÉTICA NA JUSTIÇA

A obra aristótelica é inteiramente organizada segundo uma hierarquia: tudo é disposto do menor para o maior, do tangível para o intangível, do fundamento para as consequências. Antecedendo a política (que, por sua vez, antecede a economia), a ética em Aristóteles lhes dá fundamento. E, em certo sentido, é ela quem limita as outras duas. Sendo assim, antes de se entender a política e a economia, é necessário compreender o papel subordinante da ética.

Aristóteles faz duas grandes reflexões sobre economia e dinheiro em sua obra: a primeira em *Ética a Nicômaco*, livro V; a segunda em *Política*, livro I. Antes de tratar do dinheiro como instrumento de troca, o Estagirita faz reflexões sobre a natureza do dinheiro como unidade virtual de conta dentro do estudo da justiça distributiva e reparativa. Cabe aqui salientar que o estudo da justiça antecede o do dinheiro, e não o contrário.

Sintetizaremos de acordo com as definições de Jadir Antunes (2013), já que não é a pretensão deste artigo se alongar no estudo da justiça segundo Aristóteles.

A **justiça distributiva** tem sua esfera de ação na repartição dos bens da comunidade entre os seus membros. Esse é o caso da repartição dos bens comunitários adquiridos através de um empreendimento comum – como os saques provenientes da guerra. A **justiça corretiva** tem sua esfera de ação na correção das injustiças cometidas em transações privadas. Ao contrário da justiça distributiva, que tem como princípios a desigualdade natural de mérito e a proporcionalidade geométrica descontínua, a justiça corretiva tem como princípios a igualdade entre os homens e a proporcionalidade aritmética.

Logo, para haver a justiça, seria necessária certa comensurabilidade entre os bens medidos. É daí que surge a necessidade de uma medida de valor externa a esses mesmos bens. O dinheiro aparece então como unidade virtual de conta (UVC).

O DINHEIRO COMO UNIDADE DE CONTA

A necessidade de uma unidade virtual de conta surge em três momentos. O primeiro, dentro de uma sociedade tribal sem contato externo, quando há conflitos internos que exigem um cálculo bastante preciso. Por exemplo, quando um membro machuca o outro ou quando alguém causa um dano a uma propriedade coletiva. Digamos que João mate uma galinha de Pedro de modo intencional, e não acidental. Seria justo que o culpado pagasse apenas uma outra galinha? Não seria justo que ele pagasse mais do que uma galinha como forma de punição pelo seu crime? Isso é o que Aristóteles chamou de justiça corretiva – o quanto A tem de pagar a B. Tal caso se torna ainda mais complexo se A não tiver galinhas, mas apenas porcos, por exemplo. Quantos porcos equivaleriam a uma galinha? É nesse contexto que a humanidade necessitou criar um sistema de contas que pudesse mensurar os bens visando à justiça corretiva.

O segundo momento, ainda internamente à tribo, é quando há a necessidade de se fazer uma divisão dos frutos de um empreendimento coletivo, como um saque de guerra. Quanto seria justo que cada um recebesse de prêmio ou recompensa? Digamos que o butim fosse de gados, terras, escravos, frutas e peixes. Qual teria sido o empenho de cada um durante o empreendimento? Todos mereceriam receber tudo igualitariamente? Na falta de peixes para um, quantos peixes equivaleriam a quantas frutas?

Veja-se que o dinheiro como unidade virtual de conta é fruto de uma potência natural da inteligência humana. Todos os povos antigos buscavam usar certas coisas como unidade de medida com a qual pudesse comensurar os diversos objetos, fossem elas conchas, metais ou grãos. É por isso que Aristóteles afirma que o dinheiro é uma convenção, porque foi convencionado pelos homens para esse fim. Isso não quer dizer que em algum momento a unidade de medida não fosse usada também como pagamento, como se verá mais adiante. O importante aqui é entender as diferentes funções do dinheiro.

O terceiro momento em que a necessidade de uma UVC surge é quando diferentes tribos negociam entre si, povos distintos em cuja relação o interesse único e exclusivo seja o ganho material, e nada mais. É o caso, por exemplo, de Abraão com os hiititas, ao comprar a sepultura de Sara. Segundo o jesuíta Cornélio A. Lápide, magnífico comentador das Sagradas Escrituras, Abraão insistiu em não aceitar presentes dos hiititas pois não queria se misturar de modo algum com os povos idólatras; e também fez questão de que a compra fosse anunciada entre as tribos hiititas para que no futuro não houvesse confusão e a sepultura viesse a ser reclamada como de propriedade comunitária.

Conclui-se então que as unidades virtuais de conta surgem quando há uma necessidade de separar o que pertence a um e o que pertence a outro, quando o vínculo comunitário se encontra em segundo plano, e as posses materiais, em primeiro plano. Elas são uma potência natural da inteligência humana, atualizada espontaneamente em todas as sociedades; são tão naturais quanto o metro, o quilo, o côvado ou a jarda.

O DINHEIRO COMO MEIO DE TROCA

Abraão comprou a sepultura por 400 siclos de prata recém-pesada e de boa qualidade. Pesar essa mercadoria metálica ocasionalmente não era um grande problema. Contudo, com o comércio habitual entre os povos,

surgiu a necessidade de um método mais eficiente que garantisse o peso e a pureza do metal, a fim de se agilizarem as trocas. É assim que a moeda metálica passa a ser cunhada e a face do governante nela estampada. Na prática, isso significa que esse governante garantiria que aquele pedaço de metal teria um peso *x* e uma qualidade *y*.

A EVOLUÇÃO DO DINHEIRO ATÉ OS DIAS DE HOJE

Eventualmente, o dinheiro foi imposto pelos conquistadores aos povos conquistados com o intuito de se forçar a criação de mercados, inserindo-se as tropas conquistadoras dentro de sociedades fechadas, sobretudo para que houvesse uma rede de abastecimento a esses mesmos invasores. Assim surgiu a moeda de curso forçado, imposta por Alexandre, o Grande. Ressalta- se que aqui a moeda já não é mais um mero meio de troca, mas um instrumento de dominação.

Os romanos herdaram essa prática, e já durante o império começaram a desvalorizar as suas moedas, reduzindo o percentual de pureza enquanto mantinham o valor de face, efetivamente fraudando os portadores da moeda. Tal expansão da base monetária é chamada por alguns economistas de inflação. A prática da inflação da moeda continuou na Baixa Idade Média, tomando enormes proporções com o terrível Felipe IV da França.

No início da Renascença, com a criação do sistema bancário, iniciou-se a emissão do “ouro de papel”, os chamados certificados de depósito bancário, os quais equivaliam teoricamente a uma determinada quantidade de ouro supostamente depositada nos bancos. Rapidamente os banqueiros inventaram a reserva fracionária, outra modalidade de fraude na qual os depósitos não equivaliam ao montante circulante de certificados. Quando os depositantes descobriam que havia menos ouro do que o prometido, ocorriam as famosas corridas bancárias.

Esse foi resumidamente o desenvolvimento do sistema bancário até o surgimento da moeda puramente fiduciária, sem nenhum tipo de lastro. O seu marco definitivo se deu em 1971, quando o então presidente norte-americano Richard Nixon aboliu a conversibilidade do dólar em ouro.

A moeda fiduciária nos moldes modernos é o cúmulo da fraude, pois é em si mesma uma fraude. Ela não tem mais nenhum uso intrínseco à sua natureza e é inteiramente regida pelos governos e seus bancos centrais. A moeda moderna não tem mais nenhuma relação com a sua origem. Não é mais uma mercadoria universalmente aceita. É algo sem nenhum valor na sua criação e imposto a um povo com o intuito de controlá-lo e guiá-lo. É uma criação *ex nihilo* de banqueiros, uma estranha “riqueza” sem nenhum tipo de vínculo natural com a realidade.

A TEORIA DO VALOR INDUZIDO DA MOEDA, OU COMO O DINHEIRO ADQUIRE VALOR

Para a boa compreensão do surgimento do dinheiro como meio de troca, é necessário entender que o valor monetário não se encontra nos bens, mas nas convenções humanas a respeito deles.

Na esteira do pensamento de Aristóteles e Ezra Pound, o jurista e economista italiano Giacinto Auriti argumenta que a moeda seria uma convenção e só teria valor na medida em que fosse aceita por determinada comunidade. O dinheiro nasceria sem valor, e só adquiriria valor quando aceito. Na aceitação de um dinheiro, ocorreria uma dupla operação: num primeiro momento, a indução do valor do bem no dinheiro: com a realização da troca, o vendedor ficaria sem o bem, detendo somente a representação simbólica do valor desse mesmo bem; mas essa representação simbólica em si mesma só teria valor caso outra pessoa aceitasse a mesma convenção de que aquela quantidade de dinheiro vale tal bem. Auriti ilustra a explicação com a história de um homem que cai numa ilha deserta portando uma mala cheia de dólares e é desprezado ao tentar comprar comida dos selvagens com esse papel-moeda: como ninguém aceitou o seu dinheiro, ele não tem qualquer valor.

COMO SE DEU A MONETIZAÇÃO DAS MERCADORIAS? OU COMO O METAL VIROU DINHEIRO?

Explicado o funcionamento teórico do valor da moeda e esclarecido que o dinheiro não é uma coisa, mas uma convenção, tratarei agora da origem histórico-filosófica da monetarização dos bens.

Como o ouro e a prata deixaram de ser negociados como simples mercadorias e passaram a ser trocados como dinheiro ou, em linguagem econômica, como instrumento de troca? Esse é um fenômeno que certamente ocorreu em vários locais e em vários momentos, e provavelmente ocorreria de novo caso um grupo de homens selvagens fosse habitar uma ilha deserta.

Com Aristóteles, entende-se que todos os objetos têm uma dupla finalidade: o seu uso próprio e impróprio. O uso próprio da sandália é calçar os pés, o uso impróprio é a possibilidade de ser trocada por outro bem. Na economia baseada na *chreia* ("necessidade"), esse uso impróprio, limitado pelo tamanho das tribos, passou a ter com a expansão do comércio um uso potencialmente infinito, de modo que algumas mercadorias se tornaram mais valorizadas pelo seu fim impróprio do que pelo seu fim próprio. Então o homem deixou de desejar ter para usar, mas ter para trocar por outra coisa que, por sua vez, também pudesse ser trocada por ainda outra coisa. Ao se valorizar mais o fim impróprio que o próprio, houve um descolamento entre o valor intrínseco de um bem e o seu valor de mercado. Porque o ouro só pode ser valorizado enquanto ouro na medida do seu potencial produtivo, tendo um uso industrial ou ornamental. Mas o ouro enquanto objeto de riqueza pode ser infinitamente valorizado por quem valoriza infinitamente a riqueza. Eis aí a razão do descolamento entre valor de mercado e valor de uso.

Inicialmente, o valor de troca de um produto estava atrelado ao seu uso primário. O "lastro" do bem como instrumento de troca é o seu uso primário. A contumácia do uso secundário como sua finalidade primária é a perversão do objeto. É daí que surge a monetarização da mercadoria: quando o homem se habitua com as trocas entre tribos, as quais não visam mais à autossuficiência, e sim ao acúmulo de riquezas materiais através do comércio.[6] A autossuficiência é, por definição, limitada, mas o desejo desordenado de posse é ilimitado. **A monetarização da mercadoria, portanto, é consequência da transferência do desejo infinito e ilimitado para um bem finito e limitado.**

A VISÃO TOMISTA DO DINHEIRO

Santo Tomás de Aquino, em seu comentário à *Política* de Aristóteles, livro I, lição 8 diz:

> As riquezas que são adquiridas pela arte pecuniativa, isto é, a [arte] cambista, que é toda acerca do dinheiro, é infinita, o que pode ser demonstrado pelas seguintes razões. O desejo do fim, em cada arte, é infinito, enquanto que o desejo daquilo que se relaciona para com o fim não é infinito, mas possui um limite de acordo com a regra e a medida do fim, como a arte medicinal pretende sanar até o infinito, na medida em que induz a saúde, o tanto quanto pode. Ela não ministra, porém, os remédios o tanto quanto pode, mas segundo uma certa medida, tanto quanto isto for útil para a recuperação da saúde. O mesmo pode ser dito para com todas as demais artes.
>
> A razão disto consiste em que o fim é, segundo si, apetecível. Ora, o que é assim segundo si, quanto mais o for, mais o será.
>
> O dinheiro, porém, está para a arte pecuniativa cambista como um fim. O que ela pretende é a aquisição do dinheiro. O dinheiro, porém, não está para com a arte econômica como um fim, mas como algo que se ordena a um fim, que é o governo da casa. **Portanto, a arte pecuniativa busca o dinheiro sem fim, enquanto que a arte econômica busca o dinheiro com algum limite.**
>
> Embora as razões expostas pareçam indicar que haja limites para a [busca] das riquezas na arte econômica, o que entretanto se observa na realidade, é o oposto. Todos os ecônomos, de fato,

buscam aumentar o dinheiro ao infinito, querendo sempre mais dinheiro pelas coisas que são necessárias para o sustento da vida.

(…) A causa desta disposição que leva os dispensadores das casas à busca do aumento do dinheiro ao infinito consiste em que os homens se preocupam em viver de qualquer modo não, porém, em viver bem, que é o viver segundo a virtude. **Se, de fato, quisessem viver segundo a virtude, ficariam contentes com aquilo que fosse suficiente à sustentação da natureza.** Mas, abandonada esta busca, aplica-se cada um a viver segundo a sua vontade e, por isso, cada um busca adquirir aquilo pelo qual pode realizar a sua vontade. **Ora, como a concupiscência dos homens tende ao infinito, por isso desejam até o infinito aquilo com que podem satisfazer as suas concupiscências.**

Há alguns que tem a preocupação de bem viver, mas a este viver bem querem acrescentar tudo aquilo que pertence aos prazeres corporais, dizendo que a vida não é boa a não ser que o homem viva nestes prazeres corporais e, por isso, estes buscam as coisas pelas quais podem realizar estes prazeres corporais. E ora, isto parece ser possível aos homens pela multidão das riquezas e, portanto, todo o cuidado deles parece consistir na aquisição de muitas riquezas. [Estes homens, embora busquem de algum modo a vida virtuosa, não a buscam retamente e, por isso, acabam buscando o dinheiro ao infinito]. [Há outros ecônomos, entretanto, os quais, inteiramente esquecidos da vida virtuosa, ao contrário dos anteriores], pretendem usufruir dos prazeres corporais até o excesso e, por causa disso, buscam aquilo pelo qual podem satisfazer a tais excessos, que é a multidão das riquezas.

Há [finalmente, um terceiro tipo de ecônomos] que, às vezes, não conseguem apenas pela arte pecuniativa adquirir suficientemente aquilo pelo qual possam satisfazer o excesso das deleitações corporais. Buscam, por este motivo, adquirir as riquezas por outros meios e abusam, por isso, de qualquer potência, isto é, qualquer virtude, qualquer arte ou qualquer ofício, os quais passam a ser usados não segundo a sua natureza.

É assim que a fortaleza é uma virtude, cuja obra própria não é o ajuntamento do dinheiro, mas fazer o homem audaz para a luta e a defesa. **Se alguém, portanto, usa da fortaleza para juntar riquezas, não usa da fortaleza segundo a natureza. Semelhantemente, a arte militar é por causa da vitória e a arte médica, é por causa da saúde. Nenhuma destas duas é por causa do dinheiro. Há, porém, alguns que usam a arte militar e a arte médica, convertendo-as em instrumentos para a aquisição do dinheiro, transformando ambas estas artes em pecuniativas, isto é, aquisitivas de dinheiro, ordenando-as para o dinheiro como a um fim ao qual importa ordenar tudo o mais. E, por isso, está escrito em Eclesiastes: "e todas as coisas obedecem ao dinheiro".**

Existe, portanto, uma arte pecuniativa não necessária, aquela que adquire o dinheiro até o infinito e que faz do dinheiro o seu fim. **A causa pela qual os homens necessitam desta pecuniativa é a sua infinita concupiscência.** Há, também, outra pecuniativa necessária, que difere da anterior. Esta adquire o dinheiro até um determinado limite por causa de um outro fim, que é a posse do que é necessário à vida.

A arte econômica pertence propriamente às coisas que são segundo a natureza. Esta não é infinita como a primeira pecuniativa, mas possui os seus limites.[7]

Então segundo Santo Tomás e Aristóteles, o dinheiro como instrumento de troca não tem uma origem natural, mas psicológica, humana e convencional. Sendo impossível ao homem tudo possuir, ele projeta o seu vício num bem, pretendendo, segundo essa ilusão, dominar a tudo e a todos. Para que ele sacie a sua insaciável avareza, é necessário que mude o significado de riqueza: ao passo que a verdadeira riqueza se constitui de terra, família, gado, armas, a casa e tudo o mais que seja necessário e ordenado ao bem viver, a

falsa riqueza é simbolicamente representada pelo dinheiro e o desejo desenfreado de infinita satisfação da concupiscência transferido a esse objeto.

Contudo é fácil perceber o quão difícil é ter uma imensa quantidade de riqueza quando esta não é fácilmente acumulável. Há uma anedota de um homem que ouviu dizer que a propriedade era delimitada pela cerca. Ele então teve a brilhante idéia de cercar um pequeno espaço de um metro quadrado vazio e declarar que tudo o que estava "dentro" da cerca era sua propriedade – entenda-se "dentro" como tudo aquilo que normalmente se entende como "de fora".

Como um homem teria sozinho um milhão de cabeças de gado? Como ele cuidaria e protegeria bilhões de alqueires? De que serviria ter um oceano de milho? É evidente que este impulso natural de ter e possuir é limitado pela necessidade e utilidade. Então, para dar vazão ao desejo desordenado de tudo ter e a todos dominar, é necessário que a riqueza seja algo com a propriedade de ser infinitamente acumulável. Como tal objeto não existe na natureza, então o homem o inventou.

Quando a riqueza perde o seu sentido e finalidade original e se torna um objeto único – o dinheiro – ela vira um instrumento de controle de quem tem contra quem deseja. Quão conveniente é para o dono das minas de ouro que os homens aspirem a ouro! Quão conveniente é para a elite banqueira que os trabalhadores busquem o dólar que eles mesmos criam! Quão conveniente é para o dominador que ele mesmo produza o objeto de desejo do dominado!

O amor ao dinheiro é a raíz de todos os males (I Tm 6,10). Quando todos os homens buscarem na vida tão-somente dinheiro, tornar-se-ão escravos dos donos do dinheiro – os únicos que não o buscam, pois já o têm e o criam sem esforço.

Será possível ao homem construir um sistema em que seja possível fugir das maldições impostas por Deus quando da expulsão do Éden? *Tirarás da terra o sustento com trabalhos penosos todos os dias da tua vida (…) e comerás o pão com o suor do teu rosto* (Gn 3,19).

A usurocracia[8] é um sistema que permite a alguns homens viverem à custa de muitos. Alguns homens comem do suor do rosto alheio pois escravizam estes homens através da mágica da suposta "multiplicação" da riqueza através dos números.

QUAL É A REAL NECESSIDADE DO DINHEIRO?

Como visto até aqui, o dinheiro como instrumento de troca não era necessário nos intercâmbios iniciais entre povos. O conceito de "povo", entendido como uma grande família composta por várias famílias, caracteriza-se pela posse em ambundância: tanto grandes necessidades quanto grandes excedentes, e várias habilidades. Quando dois povos necessitavam fazer trocas (*crematística comercial*), o acordo era relativamente simples: um grupo desejava uma mercadoria que o outro possuía em excesso e oferecia em troca algo de que este necessitava.

Um exemplo histórico é a chegada dos portugueses ao Brasil, quando ofereceram objetos como espelhos em troca de ouro e pau-brasil. Esse tipo de troca não demandava o uso de dinheiro para viabilizá-la; bastava que as necessidades mútuas fossem reconhecidas e uma proposta de troca fosse apresentada. Em larga escala, trocas entre grandes entes, com múltiplas necessidades e bens em abundância, tendem a ser mais fáceis de se concretizar.

O PROBLEMA INESCAPÁVEL DE UMA ECONOMIA USURÁRIA

Entre os pensadores clássicos pré-renascentistas, era comum a visão de que a usura fosse um roubo e um grande mal à sociedade. Sendo o principal acrescido dos juros necessariamente maior do que o principal (P +

J > P), a usura é, em essência, a cobrança de mais moeda do que o inicialmente emprestado. O montante de capital disponível para empréstimo é limitado pelo capital já existente. Entretanto, a quantia exigida a título de juros não está limitada pelo total de dinheiro circulante. Isso significa que é possível haver mais dívida que moeda disponível. Não somente é possível como também é historicamente comprovado. Conclui-se que em uma economia usurária a quitação de todas as dívidas é impossível, pois as dívidas tendem a superar a quantidade total de moeda.

Na falta de moeda para a quitação de seus débitos, há uma solução temporária e duas definitivas: a temporária é a rolagem da dívida com o adiamento do pagamento e refinanciamento do débito anterior; as permanentes são ou o perdão ou a expropriação e escravização. Em suma: se as dívidas não forem perdoadas, as famílias serão obrigadas a pagá-las ou com os seus bens ou com os seu trabalho.

O COMÉRCIO COMO FATOR DE CORRUPÇÃO SOCIAL

Semelhantes efeitos ocorrem numa economia não usurária, mas por caminhos mais indiretos e com cadeias causais menos evidentes. Se o dinheiro existe, é então possível acumulá-lo. Considerando-se um estoque finito dele, a sua concentração nas mãos de alguns implica na escassez para os demais. Pela lei da oferta e da procura, o valor é maior quanto menor a abundância. Como dinheiro é igual a poder de compra, a concentração financeira implica em concentração do poder de compra.

Nenhuma profissão tem como finalidade primária o acúmulo de moeda, à exceção do comerciante, o qual não produz nada: sua especialidade é comprar mais barato e vender mais caro, visando ao acúmulo. Assim, o seu dinheiro comprará mais na medida em que mais o tenha. Porque o dinheiro se tornará mais valioso quanto mais raro for. Enquanto o comerciante acumula sem limites, os demais produtores só acumulam na medida do necessário.

Uma economia sem comerciantes é possível, ao passo que uma economia sem produtores não o é. Mas se o feitiço da moeda contaminar a sociedade e todos buscarem o enriquecimento financeiro, então os comerciantes se tornarão os mais poderosos. Aqueles que nada produzem possuirão tudo.

Vê-se portanto que uma sociedade regida pelo princípio da busca pelo dinheiro terá por consequência a ascensão social daqueles que menos produzem. Contudo, como a sociedade não vive do dinheiro e sim do trabalho, esse princípio tende a levar ou ao empobrecimento geral ou à criação de mecanismos de controle pela classe comercial contra a categoria dos trabalhadores.

Está posto que em uma economia monetizada haverá concentração de dinheiro nas mãos de uns em detrimento de outros. A história nos mostra que normalmente o que se deu foi o estabelecimento da usura, pois os produtores, buscando uma solução aparentemente viável, recorriam ao empréstimo sem perceber a armadilha que os aguardava.

Aceita a crematística comercial numa economia monetizada, a única forma de se manter a saúde social a longo prazo é, paradoxalmente, recusando o dinheiro ou limitando politicamente os seus efeitos.

CONSEQUÊNCIAS DA MONETARIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Quando a monetarização brota num tecido social, adentrando nas *oikoi*, o que se vê é a corrupção desse tecido. Quando o objetivo geral é a acumulação, então haverá a busca pela máxima eficiência na produção, o que implica em maximização de lucros e redução de custos, além da super-valorização dos bens materiais. O acúmulo é voltado então para o gozo específico de quem o realiza. Talvez inicialmente o acúmulo vise à satisfação de uma família em particular, mas, com o aprofundamento do princípio da acumulação desenfreada, chegar-se-á inevitavelmente ao deleite do indivíduo em detrimento da família. Isso resulta numa atomização da sociedade e no desprezo dos mais fracos e necessitados, como já se vê em países europeus nos quais idosos sofrem assassinato por eutanásia.

É preciso reconhecer que a monetarização trouxe inúmeros problemas até hoje insolúveis. E todas as teorias monetárias que resolvem um problema parecem inevitavelmente criar outro. Um dos debates mais antigos e fundamentais da economia permanece em aberto: ao estampar a sua própria imagem na moeda, o rei apenas garantiria o valor de face da moeda ou também reivindicaria a propriedade do dinheiro? Essa questão continua sem resposta satisfatória. Nenhum sistema monetário pareceu fornecer uma moeda que se mantivesse como meio de troca, sem transformar-se rapidamente num fim em si mesma.

O dinheiro tende a fortalecer o indivíduo em detrimento da família porque a moeda é facilmente possuída por ele, enquanto uma riqueza não monetária requer uma grande estrutura coesa e hierarquizada. Dada essa característica, a diferença entre muito dinheiro e pouco dinheiro é exclusivamente quantitativa, ao passo que a diferença entre uma grande e uma pequena riqueza em seu sentido tradicional não é somente quantitativa como também qualitativa.

Ilustrando: a estrutura para possuir um milhão ou um bilhão de dólares é a mesma; já para possuir o equivalente a um bilhão de dólares em riqueza tradicional – como terras, rebanhos ou uma força de trabalho massiva – é necessário um sistema complexo que envolva não apenas bens tangíveis, mas também habilidades técnicas avançadas e uma equipe coesa. Em suma, um homem idoso e doente pode facilmente ser um bilionário em dinheiro, mas jamais possuiria e administraria grandes rebanhos ou extensas propriedades sem apoio substancial.

Por meio dos juros compostos, um só indivíduo, utilizando apenas recursos intangíveis, como contratos e transações financeiras, pode acumular uma “riqueza” monetária muito superior à riqueza material de um povo inteiro. Um exemplo marcante disso é o chamado “empréstimo da Independência”, em que os Rothschilds concederam a Dom Pedro I uma quantia que nenhum governo estrangeiro daquela época possuía.

A monetização da sociedade viabiliza e facilita as trocas indiretas, que, por sua vez viabilizam um mercado de vícios. É muito mais fácil haver prostituição com o dinheiro do que sem ele; igualmente é muito mais fácil subornar um juiz com dinheiro do que com gado. O feminismo só é possível numa sociedade monetizada, como assim é provado pela história universal. Tudo isso se torna mais fácil quanto mais distante a moeda se encontra da mercadoria (ou da realidade). Quanto mais dissociado da verdadeira riqueza, mais líquido é o dinheiro.

A FALSA UNIDADE ADVINDA DO DINHEIRO

O escambo separa, enquanto o dinheiro unifica. Abraão não quis unidade com os hiititas, por isso fez um escambo. A habitualidade do comércio com povos estranhos é uma consequência do pecado original e da natureza decaída do homem, pois consiste em negociar para muito além da necessidade, tendo em vista a satisfação de sua concupiscência. Não há nada intrinsecamente errado em comercializar esporadicamente com povos estranhos, mas a habitualidade do comércio reflete a má inclinação humana.

O dinheiro como instrumento de troca foi criado dada a recorrência das trocas com povos distantes e distintos, movidas exclusivamente por ganhos materiais. A verdadeira questão não é quando o dinheiro surgiu, mas por que os homens se acostumaram a negociar com outros povos sem intenção de união. Esse hábito surgiu do amor ao dinheiro, da vontade desordenada de acúmulo infinito e da priorização do conforto sobre outros valores superiores.

O racíocínio é simples: Os homens inicialmente trocam com o objetivo de atingir a auto-suficiência; se continuam a trocar depois de atingida a auto- suficiência, já não é mais pela razão original; se o comércio deixa de ser esporádico, então se torna habitual; se o comércio se torna habitual, surge a necessidade do dinheiro para facilitar as trocas; e esta crematística comercial já não será guiada pela necessidade doméstica, mas por alguma outra intenção, pois, se não há nada que una os povos além dos bens e conforto material, a única coisa que fundamentaria essa habitualidade do comércio é o interesse terreno das coisas deste mundo.

É altamente provável que esse fenômeno tornasse a ocorrer em poucas gerações de homens selvagens numa ilha deserta. Pesquisadores ensinaram o conceito de dinheiro a macacos: rapidamente surgiram práticas como apostas e prostituição.[9] O homem, marcado pelo pecado, busca satisfazer às suas iniquidades, e quem quer os fins quer os meios. É necessário ao homem mau a viabilidade de sua malícia.

Não havia nada de reprovável em Abraão comprar dos hiititas a sepultura de Sara. Ao contrário, esse ato refletiu o seu desejo de manter-se puro e incontaminado diante de Deus. Foi um bom comércio de um justo com os iníquos, no qual Abraão obteve o que precisava e evitou um conflito. No entanto, ele não tinha nenhum interesse em manter relações com os hiititas, sequer pensou em criar um instrumento para estabelecer uma contínua relação materialista e comercial. O escambo, portanto, visou à separação.

Foi o homem amante de si mesmo, já possuído pelo amor à riqueza, que precisou monetizar os bens para viabilizar os seus intentos. O dinheiro proporcionou uma falsa unidade, baseada apenas em interesses materiais. O dinheiro pode unir os diferentes, mas de uma forma pervertida, fazendo com que coexistam apenas por meio do desejo de satisfazer às suas paixões.

O dinheiro não promove a verdadeira unidade entre os povos. Ela só pode ser alcançada por valores transcendentes e religiosos. Os homens, ao se aproximarem do mesmo Deus, tornam-se verdadeiramente um só povo. Mas ao se aproximarem uns dos outros por meio do comércio, só conseguem uma ilusão de unidade. Uma unidade falsa e pervertida em que todos coexistam, embora não tenham nada em comum entre si a não ser o desejo insaciável de satisfazer às suas paixões. O mesmo dinheiro que mensura bens diferentes também une homens diferentes. E assim, o dinheiro torna os homens escravos uns dos outros, na medida em que todos se tornam escravos de suas próprias paixões.

A VISÃO ECONÔMICA DA IGREJA

Até hoje um pensamento econômico sistemático não foi incorporado à doutrina católica. Durante os primeiros séculos da Igreja, até a conversão de Constantino, os católicos estavam um pouco ocupados sendo perseguidos e mortos. Depois disso, a prioridade foi o combate às heresias, algo que ocupou boa parte do tempo entre o Édito de Milão e a coroação de Carlos Magno. Tal combate ocorreu paralelamente à queda do Império Romano do Ocidente e conversão dos bárbaros. Da coroação de Carlos Magno até a crise do papado no início do segundo milênio, o período foi relativamente breve e marcado por turbulências, como as invasões islâmicas e os conflitos com a Igreja Oriental.

Já com a crise moral do clero a partir da virada do milênio, deu-se o início da decadência da nobreza e a crescente influência usurária dentro das estruturas eclesiásticas. Do Renascimento até os dias de hoje a situação só se agravou, tanto pelo aumento do problema quanto pela diminuição da capacidade reativa dos teólogos.

Em resumo, a Igreja, sempre ocupada com questões mais graves, como crises morais e teológicas, nunca considerou a economia como a origem dos problemas sociais. Por conta disso ela não desenvolveu um pensamento econômico sistemático, limitando-se a reagir a questões pontuais, sempre de forma fragmentada, sem abordar o todo.

Vê-se uma tentativa de combate ao liberalismo econômico no pontificado de Leão XIII, mas também de modo reativo, sem uma análise minuciosa da raiz da questão. E um combate tardio também, diga-se de passagem, travado após o triunfo revolucionário em boa parte do mundo.

Embora sejam necessários mais estudos para o aprofundamento e esclarecimento da história do pensamento (ou ausência de pensamento) econômico na tradição ocidental, até Santo Tomás de Aquino predominava o pensamento clássico aristotélico. No entanto, logo após o reinado de São Luís IX, iniciou-se uma profunda crise na França, marcada por desmandos dos reis na economia. Felipe IV, por exemplo, inflacionou excessivamente a moeda, reduzindo drasticamente o poder de compra. Foi nesse contexto que o Bispo Nicolau de Oresme e o Filósofo Jean Buridan se opuseram à teoria de que o rei poderia manipular a moeda a

seu bel-prazer. Eles desenvolveram uma teoria monetária que se distanciava da concepção convencional e jurídica da moeda, aproximando-se de uma compreensão de riqueza substancial.

Talvez de forma involuntária, Oresme e Buridan influenciaram o que viria a ser conhecido como mercantilismo, segundo a visão de muitos economistas. A escola mercantilista defendia uma aliança entre a burguesia e o rei, promovendo a ideia de que uma nação seria mais rica e poderosa quanto mais exportasse e menos importasse. Convenientemente, para maximizar o poder, o rei deveria subsidiar as exportações, enriquecendo a burguesia. Dentre os desdobramentos dessa escola, surgiu o metalismo, um pensamento econômico desenvolvido fortemente na Espanha, o qual associava riqueza ao acúmulo de metais preciosos, o que contrariava a visão clássica-feudal, aristotélico-tomista, de que o dinheiro deveria ser um meio, e não um fim em si mesmo.

Mais tarde, no século das revoluções protestantes, a flexibilização da atitude das autoridades eclesiásticas quanto ao combate à usura levou ao surgimento de novas ideias. Um pensador de origem huguenote, Bernard Mandeville, "libertou" a economia da moralidade, ao afirmar que o "vício privado" resultaria em "benefício público". Para ele, bastava que cada indivíduo buscasse o seu próprio interesse para que a sociedade prosperasse. Essa visão econômica intensificava a ruptura com os princípios clássicos, reduzindo a economia a uma espécie de "harmonia dos vícios". Seguindo essa linha, François Quesnay argumentou que a economia seria uma dimensão separada da moral e que ela deveria buscar as "leis naturais" (no sentido iluminista) que regeriam a sociedade. Sua visão influenciou profundamente Adam Smith, considerado o pai da economia moderna, que consolidou a ideia de uma economia orientada para a produção.

Ainda dentro dessa revolução econômica, John Locke contribuiu para o rompimento entre economia e política ao afirmar que os indivíduos possuiriam direitos naturais e que a sociedade deveria respeitá-los, incluindo a propriedade privada, um direito natural que antecederia a política. Dessa forma, Locke cortou o vínculo entre propriedade privada e bem comum, propondo uma teoria em que a propriedade seria absolutamente independente das leis do Estado e da Religião. Em sua obra, Locke plantou as sementes do liberalismo, segundo o qual cada indivíduo deveria ser livre para usar os seus bens como desejasse, sem restrições de lei divina, moral ou política.

A SOLUÇÃO

> *Todos os que criam, estavam unidos e punham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens, e distribuíam o preço por todos, segundo as necessidades de cada um. Todos os dias frequentavam em perfeita harmonia o templo, e, partindo o pão pelas casas, tomavam a comida com alegria e simplicidade de coração.* (At 2,44–46)

Mas, para mostrar que é o viver separadamente que é caro e causa pobreza, imaginemos uma casa com dez crianças, o homem e a esposa, em que ela trabalha na lã e ele traz seus ganhos de sua ocupação fora de casa. Agora, diga-me, de que forma eles gastariam mais? Tomando suas refeições juntos e ocupando uma só casa, ou vivendo separadamente? Claro, vivendo separadamente. Pois, se as dez crianças tivessem de viver separadas, precisariam de dez quartos, dez mesas, dez atendentes e uma renda proporcional a essa estrutura. Não é justamente por essa razão que, onde há grande número de servos, todos compartilham uma mesa para que as despesas não sejam tão grandes? Pois é assim: a ***divisão sempre leva à diminuição, a concórdia e o acordo levam ao aumento.*** — Homilia de São João Crisóstomo sobre Atos dos Apóstolos nº 11. Devido a esse comentário, Ludwig von Mises chamou o santo doutor de "comunista".

É necessário que os católicos tenham uma vida corretamente ordenada e coloquem a economia a serviço da família, da Pátria e de Deus. Também é necessário entenderem que o dinheiro é um meio, e não um fim em si mesmo. Santo Tomás ensina e Oresme corrobora que trocar o trabalho por dinheiro para trocar o dinheiro por pão não é algo mau em si mesmo. Considerando que vivemos num mundo mamônico, é possível traçar as seguintes atitudes para o católico fugir da perversão moderna da economia:

1. Reaprender a arte de adquirir recursos. O mundo ultra-financeirizado em que nós vivemos nos direciona para o caminho mais complexo em vez do mais simples. O homem moderno, para satisfazer à necessidade de comer, prefere antes arrumar um emprego que lhe exija mil compromissos e desgastes sem nenhuma relação com a comida de que necessista, tudo para que, no final do mês, ele troque o salário por alimentos. A economia tradicional é simples, direta e objetiva: torne auto-suficiente a sua *oikos*. Aprenda a plantar sua própria comida. É um jeito muito simples de se começar.

2. Reaprender a arte de utilizar os recursos. Em *Libido Dominandi*, o autor E. Michael Jones diz que até a Primeira Guerra Mundial 90% dos pães consumidos nos Estados Unidos eram produzidos dentro de casa. E dos 10% vendidos em padarias, a maior parte era de pão *gourmet*, não voltado para o consumo diário. Através de muita propaganda, o sistema capitalista-liberal-industrial nos adestrou a comprar tudo de que necessitamos. Mas não precisa ser assim. Até o início do século XX as famílias compravam basicamente só os insumos; elas mesmas produziam o que precisavam. Assim trabalhavam para si mesmas, economizando dinheiro e dignificando o trabalho doméstico da mulher, que é naturalmente mais voltada para a utilização dos recursos do que para a aquisição. Até a geração dos nossos avós era muito comum que as mulheres costurassem a própria roupa da família. Então, um meio de se restaurar a economia tradicional é reaprendermos a arte da utilização dos recursos.

3. Poupar em produtos, e não em dinheiro. As Sagradas Escrituras nos ensinam que quando José teve um sonho de sete anos de abundância e sete anos de escassez, ele não “guardou dinheiro”, mas construiu silos para estocar comida. Os produtos financeirizados estão sujeitos às flutuações do mercado e às determinações do governo. O brasileiro entende muito bem que a inflação resulta em menos comida para o lar. Uma solução muito simples é estocar comida, criando assim uma poupança que não esteja sujeita à inflação. Ao invés de guardar dinheiro para comprar comida amanhã, por que não comprar hoje a comida e guardá-la para amanhã?

4. Sair das cidades. Somente pelas três maneiras já expostas fica claro que é muito mais difícil fazer todas essas coisas dentro de um apartamento numa metrópole do que num terreno de interior. O preço médio de um apartamento de 40m² em São Paulo é 274 mil reais. Como criar filhos dentro de um apartamento? Onde estocar comida? Onde plantar tomates? Impossível. É muito provável que com menos dinheiro se compre uma terra na qual se alcance a autossuficiência. Segundo os estudos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), é possível ter uma casa com boa auto-suficiência a partir de 500m², através do *sisteminha da Embrapa.*[10]

5. Formar comunidades unidas pela religião e valores superiores. A evolução natural da humanidade é que, com o crescimento das famílias, os homens se organizem em tribos e as tribos em *pólis*. Não é possível ter tudo sozinho, mas é muito mais fácil e confortável ter, manter e administrar em união com outras pessoas do que só, como ensinou o grande São João Crisóstomo.

Não é a intenção deste artigo exaurir as formas de se restaurar uma economia tradicional, mas meramente apontar o problema e esboçar possíveis soluções. Há muitos outros fatores correlacionados, como segurança, educação domiciliar, etc., que não serão tratados aqui.

---

[1] Em poucas palavras, entende-se aqui modernidade como a inversão sistemática da ordem natural.

[2] No Brasil de hoje cerca de metade dos filhos cresce sem os pais.

[3] A Wikipédia apresenta uma definição breve e correta do termo: "*Oikos* (grego: ?????, plural: ?????) o equivalente ao termo "agregado familiar" na Grécia Antiga, é o conjunto de bens e pessoas que constituía a unidade básica humana prévia ao surgimento das primeiras *pólis* gregas, formado pela família em sentido amplo (além da família nuclear) incluindo esta, desde a cabeça do *oikos* (o *telestai*, geralmente homem sênior e, por isso, inspirador da figura do *pater familias* romano) até os aos ajudantes e os animais que viviam juntos no ambiente doméstico".

[4] Na obra aristotélica, crematística assume alguns sentidos; confira o gráfico apresentado no apêndice deste artigo.

[5] Cf. *Debt: the first 5000 years* (Brooklyn, New York: Melville House, 2011). Disponível em:

\https://archive.org/details/DebtTheFirst5000Years\. Acesso em: 26 nov. 2024.

[6] O mau comércio, segundo Aristóteles, é a crematística comercial, que é anti-natural.

[7] Excertos dos *Comentários de Santo Tomás de Aquino à Ética e à Política de Arisóteles*, volume 2. São Paulo: Associação Centro Hugo de São Vitor, 2020, p. 45–48.

[8] Termo empregado por Ezra Pound e Giacinto Auriti para designar o sistema político- financeiro baseado na usura.

[9] Cf. https://youtu.be/hHLhcyK1hgg; e também: https://www.youtube.com/watch? v=DUd8XA-5HEk

[10] Cf. https://www.youtube.com/playlist?list=PLKCjYHnFx7XMRXWbHLxktAcBFSAr3EZVW

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

ANTUNES, Jadir. "Aristóteles e a metafísica do dinheiro". Problemata: R. Intern. Fil. v.6, n. 3 (2015), p 85–110.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco.

ARISTÓTELES. Política.

AURITI, Giacinto. Artigo na Chiesa Viva - Dinheiro: Deus ou Mammon? -

https://www.chiesaviva.com/la%20moneta%20dio%20o%20mammona/la%20moneda%20dios%20o%20mammon.p

AURITI, Giacinto. Ordem Internacional do Sistema Monetário. https://archive.org/details/giacinto-auriti-ordem-internacional-do-sistema- monetario_202410

GRAEBER, David. Debt: the first 5000 years. Melville House, 2011. Acesso em:

<https://archive.org/details/DebtTheFirst5000Years/page/n3/mode/2up>.

HOFFMAN, Michael. Usury in christendom: the mortal sin that was and now is not. Independent History and Research, 2012.

JONES, Eugene Michael. Barren metal: a history of capitalism as the conflict between labour and usury. Fidelity Press, 2014. Acesso em:

< https://isidore.co/CalibreLibrary/Jones,%20Eugene%20Michael/Barren%20Metal_%20A%20History%20of%20Cap %20Jones,%20Eugene%20Michael.pdf>.

LAPIDUS, André. Metal, Money And The Prince - John Buridan And Nicholas Oresme After Thomas Aquinas – 1997: https://www.researchgate.net/publication/23645186_metal_money_and_the_p rince_-_john_buridan_and_nicholas_oresme_after_thomas_aquinas

LOMBARD, Jean. La cara oculta de la historia moderna. Dilifollac, 1989. NAISMITH, Rory (editor). Money and coinage in the Middle Ages. Brill, 2018.

PESCH, Heinrich. Liberalism, socialism, and christian social order: the christian concept of the state. The Edwin Mellen Press, 2001.

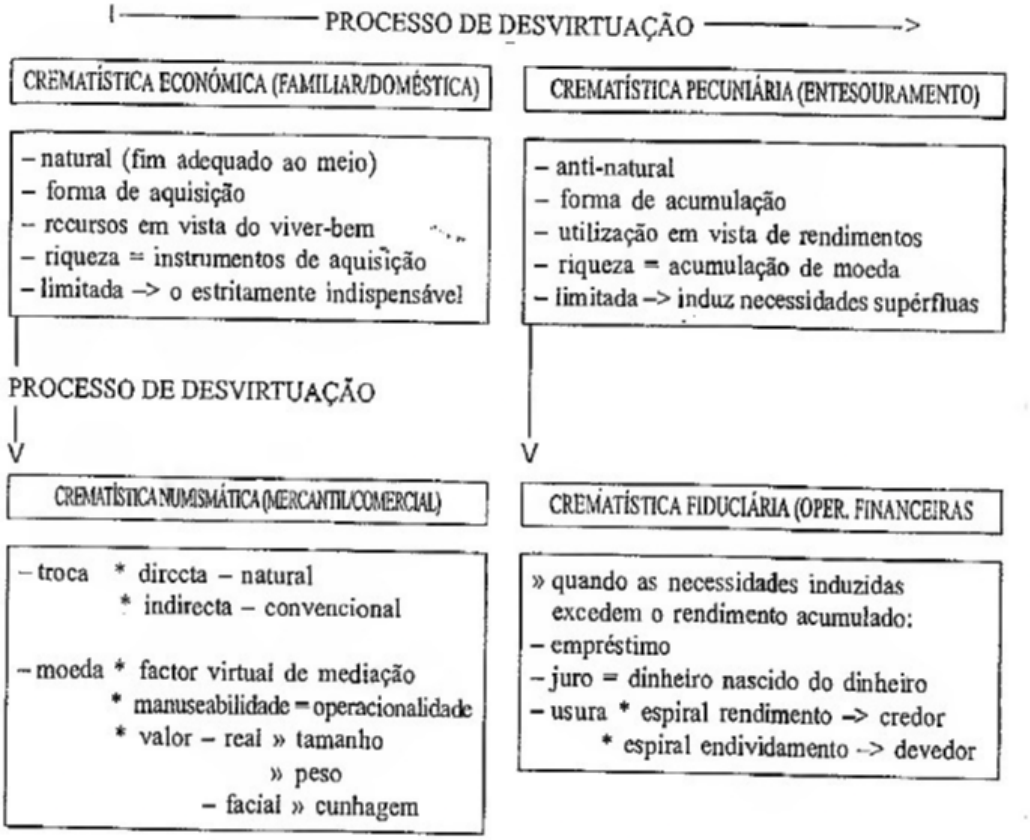
SANTO TOMÁS DE AQUINO. Comentários à Ética e à Política de Aristóteles.

Centro Hugo de São Vitor, 2020.

ANEXO

Explicação dos tipos de Crematística, constante nas notas do livro *A Política, Vega 1998, Edição Bilíngue.*

(28) Os diversos tipos de crematística, assim como o seu processo de desvirtuação, podem ser explicitáveis no seguinte esquema sinóptico:



A APARIÇÃO DA SANTÍSSIMA VIRGEM NA MONTANHA DE LA SALETTE

Tradução do material em arquivo pdf disponível no site Les Amis du Christ Roi de France

«ESTAS PÁGINAS FORAM ESCRITAS PELA PURA VERDADE»

Simples Reimpressão do Texto Integral publicado por Mélanie **com o Imprimatur de Sua Gr. Mgr Sauveur-Louis, Conde ZOLA, bispo de Leccè, em 1879, seguido de algumas peças justificativas.**

Tudo Publicado com o IMPRIMATUR do R. P. A. LEPIDI, O. P., Mestre do Sagrado-Palácio, Assistente Perpétuo da Congregação do Index, Emitido em Roma, 6 de Junho de 1922 «**Bem meus filhos, vocês fazerão chegar isso a todo o meu povo**». **SOCIEDADE SANTO AGOSTINHO Paris - ROMA - Bruges 1922**

- A Aparição da Santíssima Virgem na Montanha de La Salette em 19 de Setembro de 1846
- Documentos Justificativos
  - Carta De Dom Zola A M. Girard
  - Carta De Dom Zola a S. G. Dom Baillés, Antigo Bispo De Luçon
  - Carta de Mgr Petagna a S. G. Mgr Baillès, Ancien Évêque De Luçon
  - Carta de Mgr Zola a M. Amédée Nicolas, Advogado, Rue Sénac, 64, em Marseille
  - Mgr Zola, Bispo de Lecce, ao Sr. Amédée Nicolas, Advogado em Marselha

    - Carta de Monsenhor Zola, Bispo de Lecce, ao Abade Isidore Roubaud, em St-tropez (var)
    - Carta de Monsenhor Zola, Bispo de Leccè, ao R. P. Jean Kunzlé

- Histórico da Carta Caterini
- Autenticidade
- O Segredo de Mélanie foi Censurado por Roma?
- Oração à Santíssima Trindade

A Aparição da Santíssima Virgem na Montanha de La Salette em 19 de Setembro de 1846

I

No dia 18 de setembro, véspera da santa Aparição da Santíssima Virgem, eu estava sozinha, como de costume, cuidando das quatro vacas dos meus patrões. Por volta das 11 horas da manhã, vi um menino vindo em minha direção. Ao vê-lo, me assustei, pois parecia que todos sabiam que eu evitava qualquer tipo de companhia. Este menino se aproximou de mim e disse: «Menina, eu venho com você, também sou de Corps». A essas palavras, meu mau humor logo se manifestou, e, dando alguns passos para trás, eu disse:

> «Eu não quero ninguém; quero ficar sozinha».

Então, me afastei, mas o menino me seguiu dizendo:

> «Vamos, deixa-me ficar com você, meu patrão me disse para vir cuidar das minhas vacas junto com as suas; eu sou de Corps».

Eu me afastei dele, sinalizando que não queria ninguém; e depois de me afastar, sentei-me na grama. Lá, conversava com as pequenas flores do bom Deus.

Um momento depois, olhei para trás e encontrei Maximin sentado bem perto de mim. Ele disse imediatamente: «Cuida de mim, eu serei bem comportado». Mas meu mau humor não aceitou isso. Levantei-me com pressa e me afastei mais um pouco sem dizer nada, e voltei a brincar com as flores do bom Deus. Um instante depois, Maximin estava novamente ali, dizendo que seria bem comportado, que não falaria, que ficaria entediado se estivesse sozinho, e que seu patrão o havia mandado ficar comigo, etc... Desta vez, fiquei com pena dele, fiz sinal para que se sentasse, e

continuei brincando com as pequenas flores do bom Deus.

Maximin não tardou a quebrar o silêncio. Ele começou a rir (acho que estava zombando de mim); eu o olhei, e ele disse:

> «Vamos nos divertir, vamos brincar».

Não lhe respondi nada, pois era tão ignorante que não entendia nada sobre brincar com outra pessoa, já que sempre estive sozinha. Eu me divertia sozinha com as flores, e Maximin, se aproximando completamente de mim, só ria, dizendo que as flores não tinham ouvidos para me ouvir, e que devíamos brincar juntos. Mas eu não tinha nenhuma inclinação para o jogo que ele queria fazer. No entanto, comecei a falar com ele, e ele me disse que os dez dias que passaria com seu patrão logo acabariam, e que depois ele iria para Corps, para a casa de seu pai, etc...

Enquanto ele me falava, o sino de La Salette soou, era o Angelus; fiz sinal para Maximin elevar sua alma a Deus. Ele tirou o chapéu e ficou em silêncio por um momento. Depois, eu disse: «Você quer almoçar? — Sim, ele me disse. Vamos». Sentamo-nos; tirei do meu saco as provisões que meus patrões haviam me dado e, como de costume, antes de começar a comer meu pequeno pão redondo, com a ponta da faca, fiz uma cruz no pão e um pequeno furo no meio, dizendo: «Se o diabo estiver aqui, que ele saia, e se o bom Deus estiver aqui, que Ele permaneça», e rapidamente tampei o pequeno furo. Maximin começou a rir muito e deu um chute no meu pão, que escapou das minhas mãos, rolou até o pé da montanha e se perdeu.

Eu tinha outro pedaço de pão, que comemos juntos; depois jogamos um jogo; então, percebendo que Maximin precisava comer, indiquei-lhe um lugar na montanha coberto de pequenas frutas. Incentivei-o a comer, e ele foi imediatamente; comeu e trouxe muitas em seu chapéu. À noite, descemos juntos a montanha e prometemos voltar para cuidar das nossas vacas juntos.

No dia seguinte, 19 de setembro, encontrei-me no caminho com Maximin; subimos juntos a montanha. Achei que Maximin era muito bom, muito simples, e que de bom grado falava sobre o que eu queria falar; ele também era muito flexível, não insistindo em seu próprio ponto de vista; ele era apenas um pouco curioso, pois quando eu me afastava dele, assim que me via parada, corria rapidamente para ver o que eu estava fazendo e ouvir o que eu dizia às flores do bom Deus; e se não chegasse a tempo, perguntava-me o que eu havia dito. Maximin me pediu para ensiná-lo um jogo. A manhã já estava avançada; eu disse para ele colher flores para fazer o «Paraíso».

Começamos a trabalhar juntos; logo tínhamos uma quantidade de flores de várias cores. O Angelus da vila soou, pois o céu estava bonito, sem nuvens. Depois de dizer ao bom Deus o que sabíamos, disse a Maximin que devíamos levar nossas vacas a um pequeno planalto perto do pequeno ravina, onde haveria pedras para construir o «Paraíso». Levamos nossas vacas ao local designado, depois tomamos nossa pequena refeição; então começamos a carregar pedras e a construir nossa pequena casa, que consistia em um andar térreo, que supostamente era nossa habitação, e um andar acima, que segundo nós era o «Paraíso».

Este andar estava todo decorado com flores de diferentes cores, com coroas suspensas por hastes de flores. Este "Paraíso" era coberto por uma única e grande pedra, que havíamos coberto com flores; também penduramos coroas ao redor. Com o "Paraíso" terminado, ficamos olhando para ele; o sono veio sobre nós; afastamo-nos dali cerca de dois passos e adormecemos na grama.

II

A Bela Senhora se sentou no nosso «Paraíso» sem fazê-lo desabar.

Ao acordar e não ver nossas vacas, chamei Maximin e subi o pequeno monte. De lá, vendo que nossas vacas estavam deitadas tranquilamente, desci e Maximin subiu, quando de repente vi uma bela luz, mais brilhante que o sol, e mal pude dizer estas palavras: «Maximin, você vê ali? Ah! meu Deus!» Ao mesmo tempo deixei cair o bastão que tinha na mão. Não sei o que se passava em mim de tão delicioso naquele momento, mas me senti atraída, senti um grande respeito cheio de amor, e meu coração queria correr mais rápido que eu.

Olhei fixamente para aquela luz que estava imóvel, e como se ela se abrisse, percebi outra luz, muito mais brilhante e em movimento, e nessa luz uma belíssima Senhora sentada no nosso "Paraíso", com a cabeça nas mãos. Esta bela Senhora se levantou, cruzou moderadamente os braços olhando para nós e disse: «Aproximem-se, meus filhos, não tenham medo; **estou aqui para lhes anunciar uma grande notícia**!» Estas palavras doces e suaves me fizeram voar até ela, e meu coração queria se colar a ela para sempre. Chegando bem perto da bela Senhora, diante dela, à sua direita, ela começou a falar, e lágrimas começaram a cair de seus lindos olhos.

> «Se **meu povo** não quiser se submeter, sou forçada a deixar a mão de meu Filho agir. Ela é tão pesada e tão esmagadora que não posso mais segurá-la.

> «Há tanto tempo que sofro por vocês! Se eu quiser que meu Filho não os abandone, devo implorar a Ele sem cessar. E quanto a vocês, não dão importância. Podem rezar o quanto quiserem, jamais poderão recompensar a dor que tenho suportado por vocês.

> «Eu lhes dei seis dias para trabalhar, reservei o sétimo para mim, e vocês não querem me concedê-lo. É isso que torna o braço de meu Filho tão pesado.

> «Aqueles que conduzem as carroças não sabem falar sem colocar o Nome do meu Filho no meio. Essas são as duas coisas que tornam o braço de meu Filho tão pesado.

> «Se a colheita se estraga, é por causa de vocês.

> «Eu lhes mostrei isso no ano passado com as batatas; vocês não deram importância; pelo contrário, quando encontravam batatas estragadas, juravam e usavam o Nome do meu Filho em vão. Elas continuarão a se estragar, e no Natal não haverá mais nenhuma».

Nesse momento, tentei interpretar a palavra: *batatas*; achava que isso significava maçãs. A bela e bondosa Senhora, adivinhando meu pensamento, continuou assim:

> «Vocês não me entendem, meus filhos? - Vou lhes dizer de outra maneira».

> «Se a colheita se estraga, é por causa de vocês; eu mostrei isso a vocês no ano passado com as batatas, e vocês não deram importância; pelo contrário, quando encontravam batatas estragadas, vocês juravam e usavam o Nome do meu Filho em vão. Elas continuarão a se estragar, e no Natal não haverá mais nenhuma.

> «Se vocês têm trigo, não devem semeá-lo.

> «Tudo o que vocês semearem, os animais comerão; e o que crescer se transformará em pó quando vocês o colherem. Virá uma grande fome. Antes que a fome chegue, as crianças com menos de sete anos terão convulsões e morrerão nos braços das pessoas que as segurarem; os outros farão penitência pela fome. As nozes se tornarão ruins; as uvas apodrecerão».

Aqui, a bela Senhora que me encantava, ficou um momento sem falar; eu via, no entanto, que ela continuava, como se estivesse falando, a mover graciosamente seus lábios adoráveis. Maximin então recebia seu segredo. Em seguida, dirigindo-se a mim, a Santíssima Virgem me falou e me

deu um segredo em francês. Este segredo, aqui está na íntegra, conforme ela me deu:

III

> «Mélanie, o que vou dizer a você agora não será sempre um segredo: você poderá publicá-lo em 1858.
>
> «Os padres, ministros do meu Filho, os padres por sua má vida, por suas irreverências e impiedade ao celebrar os santos mistérios, pelo amor ao dinheiro, ao poder e aos prazeres, os padres se tornaram cloacas de impureza. Sim, os padres pedem vingança, e a vingança está suspensa sobre suas cabeças. Ai dos padres e das pessoas consagradas a Deus que, por suas infidelidades e má vida, crucificam novamente meu Filho! Os pecados das pessoas consagradas a Deus clamam aos céus e pedem vingança, e eis que a vingança está às suas portas, pois não há mais ninguém para implorar misericórdia e perdão pelo povo; não há mais almas generosas, não há mais ninguém digno de oferecer a Vítima sem mancha ao Eterno em favor do mundo [1].
>
> «Deus vai punir de uma maneira sem precedentes.
>
> «Ai dos habitantes da terra! Deus vai esgotar sua ira, e ninguém poderá escapar de tantos males reunidos.
>
> «Os líderes, os guias do povo de Deus, **negligenciaram a oração e a penitência**, e o demônio **obscureceu suas inteligências**; eles se tornaram essas estrelas errantes que o velho diabo arrastará com sua cauda para fazê-los perecer. Deus permitirá à velha serpente causar **divisões** entre os governantes, em todas as sociedades e em todas as famílias; sofrer-se-ão dores físicas e morais; Deus abandonará os homens a si mesmos e enviará castigos que se sucederão por mais de trinta e cinco anos.
>
> «A sociedade está à beira dos flagelos mais terríveis e dos maiores acontecimentos; deve-se esperar ser governada por uma vara de ferro e beber o cálice da ira de Deus.
>
> «Que o Vigário do meu Filho, o Sumo Pontífice Pio IX, não saia mais de Roma após o ano de 1859; mas que ele seja firme e generoso, que combata com as armas da fé e do amor; eu estarei com ele.
>
> «Que ele desconfie de Napoleão; seu coração é duplo, e quando ele quiser ser ao mesmo tempo Papa e imperador, Deus logo se afastará dele: ele é aquela águia que, sempre querendo se elevar, cairá sobre a espada que queria usar

para obrigar os povos a se submeterem.

«A Itália será punida por sua ambição ao querer sacudir o jugo do Senhor dos Senhores; será entregue à guerra; o sangue correrá de todos os lados; as igrejas serão fechadas ou profanadas; os padres e religiosos serão expulsos; serão mortos, e mortos de uma morte cruel. Muitos abandonarão a fé, e o número de padres e religiosos que se separarão da verdadeira religião será grande; entre essas pessoas, haverá até Bispos.

«Que o Papa se proteja contra os fazedores de milagres, pois chegou o tempo em que os prodígios mais espantosos acontecerão na terra e nos céus.

«No ano de 1864, Lúcifer, com um grande número de demônios, será solto do inferno: abolirão a fé aos poucos, até mesmo nas pessoas consagradas a Deus: eles as cegarão de tal maneira que, a menos que recebam uma graça especial, essas pessoas adotarão o espírito desses maus anjos: muitas casas religiosas perderão completamente a fé e perderão muitas almas.

«Livros ruins abundarão na terra, e os espíritos das trevas espalharão por toda parte um relaxamento universal em tudo o que diz respeito ao serviço de Deus; terão um grande poder sobre a natureza: haverá igrejas para servir esses espíritos. Pessoas serão transportadas de um lugar para outro por esses maus espíritos, até mesmo padres, porque não terão sido guiados pelo bom espírito do Evangelho, que é um **espírito de humildade, caridade e zelo pela glória de Deus**. Falsos mortos ressuscitarão e justos (*ou seja, esses mortos tomarão a figura das almas justas que viveram na terra, a fim de melhor seduzir os homens; esses chamados mortos ressuscitados, que não serão outra coisa senão o demônio sob essas figuras, pregarão um Evangelho contrário ao do verdadeiro Cristo Jesus, negando a existência do Céu, bem como as almas dos condenados. Todas essas almas parecerão unidas aos seus corpos*). Haverá em todos os lugares prodígios extraordinários, porque a verdadeira fé se extinguiu e a falsa luz ilumina o mundo. **Ai dos Príncipes da Igreja que estarão ocupados apenas em acumular riquezas, em proteger sua autoridade e em dominar com orgulho!**

«O Vigário do Meu Filho sofrerá muito, porque por um tempo a Igreja será entregue a grandes perseguições: será o tempo das trevas; a Igreja passará por uma crise horrível.

«A santa fé de Deus sendo esquecida, cada indivíduo desejará se guiar por si mesmo e ser superior aos seus semelhantes. Abolirão os poderes civis e eclesiásticos, toda ordem e justiça serão pisoteadas; só se verá homicídios, ódio, ciúmes, mentiras e discórdia, sem amor pela pátria nem pela família.

«O Santo Padre sofrerá muito. Estarei com ele até o fim para receber seu sacrifício.

«Os ímpios tentarão várias vezes tirar sua vida sem conseguir prejudicar seus dias; mas nem ele, nem seu sucessor..., verão o triunfo da Igreja de Deus.

«Os governantes civis terão todos um mesmo propósito, que será abolir e fazer desaparecer todo princípio religioso, para fazer **lugar ao materialismo, ao ateísmo, ao espiritismo e a todo tipo de vícios.**

«No ano de 1865, veremos a abominação nos lugares santos; nos conventos, as flores da Igreja estarão apodrecidas e o demônio se tornará como o rei dos corações. Que aqueles que estão à frente das comunidades religiosas se mantenham em alerta quanto às pessoas que devem receber, porque o demônio usará toda a sua malícia para introduzir nas ordens religiosas pessoas dedicadas ao pecado, pois os desordens e o amor aos prazeres carnais se espalharão por toda a terra.»

«A França, a Itália, a Espanha e a Inglaterra estarão em guerra; o sangue correrá pelas ruas; o francês lutará contra o francês, o italiano contra o italiano; depois haverá uma guerra geral que será aterradora. Por um tempo, Deus não se lembrará mais da França nem da Itália, porque o Evangelho de Jesus Cristo não é mais conhecido. Os ímpios desplegarão toda a sua malícia; matar-se-ão, massacrar-se-ão mutuamente, até dentro das casas.

«Ao primeiro golpe de sua espada fulminante, as montanhas e a natureza inteira tremerão de espanto, porque os desordens e os crimes dos homens atravessam a abóbada dos céus. Paris será incendiada e Marselha engolida; várias grandes cidades serão abaladas e engolidas por terremotos: **se acreditará que tudo está perdido**; só se verá homicídios, só se ouvirá barulho de armas e blasfêmias. Os justos sofrerão muito; suas orações, sua penitência e suas lágrimas subirão até o Céu, e todo o povo de Deus pedirá perdão e misericórdia, e pedirá minha ajuda e minha intercessão. Então Jesus Cristo, por um ato de Sua justiça e de Sua grande misericórdia para com os justos, ordenará a Seus anjos que todos Seus inimigos sejam mortos. De repente, os perseguidores da Igreja de Jesus Cristo e todos os homens dedicados ao pecado perecerão, e a terra se tornará como um deserto. Então se fará a paz, a reconciliação de Deus com os homens; Jesus Cristo será servido, adorado e glorificado; a caridade florescerá por toda parte. Os novos reis serão o braço direito da santa Igreja, que será forte, humilde, piedosa, pobre, zelosa e imitadora das virtudes de Jesus Cristo. O Evangelho será pregado por toda parte, e os homens farão grandes progressos na fé, porque haverá unidade entre os trabalhadores de Jesus Cristo, e os homens viverão na temeridade de Deus.

«Essa paz entre os homens não será longa: vinte e cinco anos de abundantes colheitas os farão esquecer que os pecados dos homens são a causa de todas as penas que vêm sobre a terra.

«Um precursor do anticristo, com suas tropas de várias nações, combaterá contra o verdadeiro Cristo, o único Salvador do mundo; derramará muito sangue e desejará **aniquilar o culto a Deus** para se fazer passar por um Deus.»

«A terra será atingida por todos os tipos de pragas (além da peste e da fome que serão gerais); haverá guerras até a última guerra, que será então travada pelos dez reis do anticristo, os quais terão todos o mesmo propósito e serão os únicos a governar o mundo. Antes que isso aconteça, haverá uma espécie de falsa paz no mundo; só se pensará em se divertir; os ímpios se entregarão a todos os tipos de pecados; mas os filhos da santa Igreja, os filhos da fé, meus verdadeiros imitadores, crescerão no amor a Deus e nas virtudes que me são mais queridas. Felizes **as almas humildes** guiadas pelo Espírito Santo! Eu lutarei com elas até que elas cheguem à plenitude da idade.

«A natureza clama por vingança contra os homens, e treme de espanto na expectativa do que deve acontecer à terra manchada de crimes.

«Tremam, terra, e vocês que professam servir a Jesus Cristo e que internamente adoram a si mesmos, tremam; pois Deus vai entregá-los ao Seu inimigo, porque **os lugares santos estão na corrupção**; muitos conventos não são mais casas de Deus, mas pastagens de Asmodeu e de seus.

«Será durante esse tempo que nascerá o anticristo, de uma religiosa hebraica, de uma falsa virgem que terá comunicação com a velha serpente, o mestre da impureza; seu pai será Ev.; ao nascer, vomitará blasfêmias, terá dentes; em uma palavra, será o diabo encarnado; emitirá gritos assustadores, fará prodígios, e não se alimentará de outra coisa senão impurezas. Terá irmãos que, embora não sejam como ele demônios encarnados, serão filhos do mal; aos 12 anos, se destacarão por suas corajosas vitórias; em breve, estarão cada um à frente de exércitos, assistidos por legiões do inferno.

«As estações mudarão, a terra produzirá apenas frutos ruins, os astros perderão seus movimentos regulares, a lua refletirá apenas uma fraca luz avermelhada; a água e o fogo darão ao globo terrestre movimentos convulsivos e horríveis terremotos, que engolirão montanhas, cidades, (etc.).»

«**Roma perderá a fé e se tornará a sede do anticristo.**

«Os demônios do ar, com o anticristo, realizarão grandes prodígios na terra e nos céus, e os homens se perverterão cada vez mais. Deus cuidará de Seus fiéis servos e dos homens de boa vontade; o Evangelho será pregado por toda parte,

todos os povos e todas as nações conhecerão a verdade!

«Faço um apelo urgente à terra: chamo os verdadeiros discípulos do Deus vivo e reinante nos céus; chamo os verdadeiros imitadores de Cristo feito homem, o único e verdadeiro Salvador dos homens; chamo meus filhos, meus verdadeiros devotos, aqueles que se entregaram a mim para que eu os conduza ao meu divino Filho, aqueles que eu carrego, por assim dizer, em meus braços, aqueles que viveram do meu espírito; enfim, chamo **os Apóstolos dos últimos tempos**, os fiéis discípulos de Jesus Cristo que viveram em desprezo do mundo e de si mesmos, na pobreza e na humildade, no desprezo e no silêncio, na oração e na mortificação, na castidade e na união com Deus, na sofrimento e desconhecidos do mundo. É tempo de que saiam e venham iluminar a terra. Ide, e mostre-se como meus filhos amados; eu estou com vocês e em vocês, desde que sua fé seja a luz que os ilumina nesses dias de infortúnio. Que seu zelo os faça como famintos pela glória e honra de Jesus Cristo. **Lutem**, filhos da luz, vocês, **pequeno número que vêem**; pois eis o tempo dos tempos, o fim dos fins.»

«**A Igreja será eclipsada**, o mundo estará na consternação. Mas eis Enoque e Elias cheios do Espírito de Deus; eles pregarão com a força de Deus, e os homens de boa vontade crerão em Deus, e muitas almas serão consoladas; eles farão grandes progressos pela virtude do Espírito Santo e condenarão os erros diabólicos do anticristo.

«Ai dos habitantes da terra! Haverá guerras sangrentas e fomes; pestes e doenças contagiosas; haverá chuvas de granizo terrível com animais; trovões que abalarão cidades; terremotos que engolirão países; ouvir-se-ão vozes nos ares; os homens baterão suas cabeças contra as paredes; clamarão pela morte, e de outro lado a morte fará seu suplício; o sangue correrá por todos os lados. Quem poderá vencer, se Deus não diminuir o tempo da provação? Pelo sangue, pelas lágrimas e pelas orações dos justos, Deus Se deixará aplacar; Enoque e Elias serão mortos; Roma pagã desaparecerá; o fogo do Céu cairá e consumirá três cidades; todo o universo será atingido de terror, e muitos se deixarão seduzir porque não adoraram o verdadeiro Cristo vivo entre eles. É tempo; o sol se obscurece; **a fé somente viverá.**

«Eis o tempo; o abismo se abre. Eis o rei dos reis das trevas. Eis a besta com seus súditos, proclamando-se o "Salvador" do mundo. Ele se elevará com orgulho nos ares para chegar ao céu; será sufocado pelo sopro do arcanjo São Miguel. Ele cairá, e a terra, que desde três dias estará em contínuas mudanças, abrirá seu seio cheio de fogo; ele será mergulhado para sempre com todos os seus nos abismos eternos do inferno. Então a água e o fogo purificarão a terra e consumirá todas as obras do orgulho dos homens, e tudo será renovado: Deus será servido e glorificado.»

IV

Depois, a Santa Virgem me deu, também em francês, a Regra de uma nova Ordem religiosa.

Após me ter dado a Regra dessa nova Ordem religiosa, a Santa Virgem retomou assim o discurso:

> «Se eles se converterem, as pedras e os rochedos se transformarão em trigo, e as batatas estarão semeadas pelas terras. Vocês fazem bem a sua oração, meus filhos?»

Nós dois respondemos:

> «Oh! Não, Senhora, não muito».
>
> «Ah! Meus filhos, é preciso fazê-la bem, à noite e pela manhã. Quando não puderem fazer melhor, digam um *Pater* e um *Ave Maria*; e quando tiverem tempo e puderem fazer melhor, digam mais.
>
> «Poucas mulheres um pouco mais velhas vão à Missa; as outras trabalham o domingo inteiro no verão; e no inverno, quando não sabem o que fazer, só vão à Missa para zombar da religião. Na quaresma, vão ao açougue como os cães.
>
> «Vocês não viram trigo estragado, meus filhos?»

Nós dois respondemos:

> «Oh! Não, Senhora».

A Santa Virgem dirigindo-se a Maximin:

> «Mas você, meu filho, deve ter visto uma vez perto do Coin, com seu pai. O homem da casa disse ao seu pai: Venham ver como meu trigo está estragando. Vocês foram até lá. Seu pai pegou dois ou três espigas na mão, as esfregou, e elas se transformaram em pó. Depois, ao voltarem, quando estavam a meia hora de Corps, seu pai lhe deu um pedaço de pão dizendo: “Aqui, meu filho, coma este ano, pois não sei quem comerá no próximo ano, se o trigo continuar estragando assim”.»

Maximin respondeu:

> «É verdade, Senhora, eu não me lembrava disso».

A Santíssima Virgem concluiu seu discurso **em francês**:

> **«Então, meus filhos, vocês farão isso chegar a todo o meu povo».**

A Senhora muito bela atravessou o riacho; e a dois passos do riacho, sem se virar para nós que a seguíamos (pois ela atraía a si por seu brilho e ainda mais por sua bondade que me embriagava, que parecia derreter meu coração), ela nos disse **ainda**:

> **«Então, meus filhos, vocês farão isso chegar a todo o meu povo».**

Então ela continuou a caminhar até o lugar onde eu tinha subido para ver onde estavam nossas vacas. Seus pés apenas tocavam a ponta da grama sem amassá-la. Chegando à pequena elevação, a bela Senhora parou, e rapidamente me coloquei na frente dela, para observá-la bem, e tentar saber qual caminho ela parecia inclinar mais a tomar; pois, era feito de mim, eu tinha esquecido tanto minhas vacas quanto os mestres com quem eu estava a serviço; eu estava apegada para sempre e sem condições à *Minha* Senhora; sim, eu queria nunca mais, nunca mais a deixar; eu a seguia sem segundas intenções, e com a disposição de servi-la enquanto eu vivesse.

Com *Minha* Senhora, eu achava que tinha esquecido o paraíso; eu só tinha o pensamento de servi-la bem em tudo; e eu acreditava que poderia fazer tudo o que Ela me dissesse para fazer, pois parecia-me que Ela tinha muito poder. Ela me olhava com uma ternura que me atraía para Ela; eu gostaria, com os olhos fechados, de me lançar em seus braços. Ela não me deu tempo para fazê-lo. Ela se elevou insensivelmente do chão a uma altura de cerca de um metro ou mais; e permanecendo assim suspensa no ar por um pequeno instante, minha bela Senhora olhou para o céu, depois para a terra à sua direita e à sua esquerda, então Ela me olhou com olhos tão doces, tão amáveis e tão bons, que eu acreditava que Ela me atraía para seu interior, e parecia que meu coração se abria ao dela.

E enquanto meu coração se fundia em uma doce dilatação, a bela figura de minha boa Senhora desaparecia pouco a pouco: parecia-me que a luz em movimento se multiplicava ou se condensava ao redor da Santíssima Virgem, para me impedir de vê-la por mais tempo. Assim, a luz tomava o lugar das partes do corpo que desapareciam aos meus olhos; ou parecia que o corpo de minha Senhora se transformava em luz ao se fundir. Assim, a luz em forma de globo se elevava suavemente em direção reta.

Não posso dizer se o volume de luz diminuía à medida que ela se elevava, ou se era o afastamento que fazia com que eu visse a luz diminuindo à medida que ela subia; o que sei é que permaneci com a cabeça erguida e os olhos fixos na luz, mesmo depois que essa luz, que continuava se afastando e diminuindo de volume, acabou por desaparecer.

Meus olhos se desviaram do firmamento, olhei ao redor e vi Maximin me observando. Eu disse a ele:

> «Mémin, deve ser o bom Deus do meu pai, ou a Santa Virgem, ou alguma grande santa».

E Maximin, levantando a mão para o ar, disse:

> «Ah, se eu soubesse!»

V

Na noite de 19 de setembro, nos retiramos um pouco mais cedo do que o habitual. Chegando na casa dos meus mestres, eu estava ocupada em prender minhas vacas e organizar tudo na estrebaria. Não havia terminado, quando minha senhora veio até mim chorando e me disse:

> «Por que, minha filha, você não vem me contar o que aconteceu com você na montanha?»

(Maximin, não encontrando seus mestres, que ainda não haviam terminado seus trabalhos, havia vindo até os meus e contado tudo o que viu e ouviu). Eu lhe respondi:

> «Eu queria lhe contar, mas queria terminar meu trabalho primeiro».

Um momento depois, fui para a casa, e minha senhora me disse:

> «Conte o que você viu; o pastor de Bruite (esse era o apelido de Pierre Selme, mestre de Maximin) me contou tudo».

Comecei e, na metade do relato, meus mestres chegaram dos campos; minha senhora, que chorava ao ouvir as queixas e ameaças de nossa terna Mãe, disse:

> «Ah! Vocês queriam ir colher o trigo amanhã; cuidem bem, venham ouvir o que aconteceu hoje com esta criança e com o pastor de Selme».

E, voltando-se para mim, disse:

> «Recomece tudo o que você me disse».

Eu recomecei; e quando terminei, meu mestre disse:

> «É a Santa Virgem, ou alguma grande santa, que veio em nome de Deus; mas é como se Deus tivesse vindo Ele mesmo: é preciso fazer tudo o que essa santa disse. Como vocês vão fazer para dizer isso a todo o seu povo?»

Eu respondi:

> «Você me dirá como devo fazer, e eu o farei».

Então ele acrescentou, olhando para sua mãe, sua esposa e seu irmão:

> «Precisamos pensar nisso».

Em seguida, cada um voltou às suas atividades.

Era depois do jantar. Maximin e seus mestres vieram à minha casa para contar o que Maximin havia dito a eles e para saber o que fazer:

> «Pois, disseram eles, parece-nos que é a Santa Virgem que foi enviada por Deus; as palavras que Ela disse fazem crer nisso. E Ela lhes disse para passar a mensagem a todo o seu povo; talvez esses filhos precisem percorrer o mundo inteiro para fazer saber **que todos devem observar os Mandamentos de Deus**, caso contrário, grandes desastres acontecerão conosco».

Após um momento de silêncio, meu mestre disse, dirigindo-se a Maximin e a mim:

> «Vocês sabem o que devem fazer, meus filhos? Amanhã, levantem-se bem cedo, vão os dois ao Senhor Cura e contem-lhe tudo o que viram e ouviram; expliquem bem como as coisas aconteceram: ele lhes dirá o que vocês devem fazer».

No dia 20 de setembro, no dia seguinte à aparição, parti cedo com Maximin. Chegando à paróquia, bati à porta. A empregada do Senhor Cura veio abrir e perguntou o que queríamos. Eu lhe disse (**em francês, eu que nunca o tinha falado**):

> «Gostaríamos de falar com o Senhor Cura». - «Queremos lhe contar, Senhorita, que ontem fomos cuidar das nossas vacas na montanha das Baisses, e depois de almoçar, etc., etc.» Contamos a ela uma boa parte do Discurso da Santíssima Virgem. Então o sino da igreja tocou; era o último sinal da Missa. O Senhor Abbé Perrin, Cura de La Salette, que nos ouviu, abriu a porta com estrondo: ele chorava; ele se batia no peito; disse-nos: «Meus filhos, estamos perdidos, Deus vai nos punir. Ah! Meu Deus, é a Santa Virgem que lhes apareceu!» E ele foi celebrar a Missa. Olhei para Maximin e para a empregada; então Maximin me disse: «Eu vou para casa do meu pai, em Corps». E nós nos separamos.

Não tendo recebido ordens dos meus mestres para me retirar imediatamente após falar com o Senhor Cura, achei que não faria mal em assistir à Missa. Assim, fui para a igreja. A Missa começou e, após o primeiro Evangelho, o Senhor Cura se voltou para o povo e tentou contar aos seus paroquianos sobre a aparição que havia ocorrido no dia anterior em uma de suas montanhas, e os exortou a não trabalhar mais aos domingos: sua voz era interrompida por soluços, e todo o povo estava emocionado. Após a Santa Missa, fui para a casa dos meus mestres. O Senhor Peytard, que ainda é o Prefeito de La Salette, foi lá me interrogar sobre o fato da aparição; e após se certificar da veracidade do que eu dizia, ele se retirou convencido.

Continuei a servir meus mestres até a festa de Todos os Santos. Depois fui colocada como pensionista nas freiras da Providência, em minha terra, em Corps.

VI

A Santíssima Virgem era muito grande e bem proporcionada; Ela parecia ser tão leve que com um sopro poderia ter sido movida; no entanto, Ela estava imóvel e bem posicionada. Sua fisionomia era majestosa, imponente, mas não imponente como os senhores terrenos. Ela impunha uma **temor respeitoso**. Ao mesmo tempo que Sua Majestade impunha **respeito misturado com amor**, Ela atraía para Si. Seu olhar era doce e penetrante; seus olhos pareciam conversar com os meus, mas a conversa vinha de um profundo e vívido sentimento de amor por essa beleza

encantadora que me derretia. A doçura de seu olhar, seu ar de bondade incompreensível faziam entender e sentir que Ela atraía para Si e queria se dar; era uma expressão de amor que não pode ser expressa com a língua de carne nem com as letras do alfabeto.

O vestido da Santíssima Virgem era branco prateado e todo brilhante; não tinha nada de material: era composto de luz e glória, variando e cintilando. Na terra não há expressão nem comparação para descrevê-lo.

A Santa Virgem era toda bela e toda formada de amor; ao olhá-la eu languia de desejo de me fundir nela. Em seus adornos, como em sua pessoa, tudo respirava majestade, esplendor, magnificência de uma Rainha incomparável. Ela parecia bela, branca, imaculada, cristalina, deslumbrante, celestial, fresca, nova como uma Virgem; parecia que a palavra Amor escapava de seus lábios prateados e todos puros. Ela me parecia como uma boa Mãe, cheia de bondade, amabilidade, amor por nós, compaixão, misericórdia.

A coroa de rosas que Ela tinha na cabeça era tão bela, tão brilhante, que não se pode imaginar; as rosas de várias cores não eram da terra; era uma reunião de flores que cercavam a cabeça da Santíssima Virgem em forma de coroa; mas as rosas mudavam ou eram substituídas; então, do coração de cada rosa saía uma luz tão bela, que encantava, e tornava as rosas de uma beleza radiante. Da coroa de rosas surgiam como ramos de ouro, e uma quantidade de outras pequenas flores misturadas com brilhos.

Tudo isso formava uma diadema muito bonita, que brilhava por si só mais do que nosso sol terrestre.

A Santa Virgem usava uma Cruz muito bonita pendurada no pescoço. Essa Cruz parecia ser dourada; digo dourada para não dizer uma placa de ouro; pois já vi algumas vezes objetos dourados com diversas nuances de ouro, o que criava um efeito muito mais belo aos meus olhos do que uma simples placa de ouro. Sobre essa bela Cruz toda brilhante de luz havia um Cristo, nosso Senhor, com os braços estendidos na Cruz. Quase nas duas extremidades da Cruz, de um lado havia um martelo, do outro uma tenaz. O Cristo era da cor da carne natural; mas brilhava com um grande esplendor e a luz que saía de todo Seu corpo parecia como espinhos muito brilhantes, que me feriam o coração com o desejo de me fundir n'Ele. Às vezes, o Cristo parecia estar morto: tinha a cabeça inclinada, e o corpo estava como que desfalecido, como se estivesse para cair, se não tivesse sido retido pelos pregos que O seguravam na Cruz.

Eu sentia uma profunda compaixão e gostaria de proclamar ao mundo inteiro **Seu amor desconhecido**, e infiltrar nas almas dos mortais o amor mais sentido e a gratidão mais viva por um Deus que não precisava de nós para ser o que Ele é, o que Ele era e o que Ele será sempre; e, no entanto, ó Amor incompreensível para o homem! Ele se fez homem e quis morrer, sim, morrer para melhor gravar em nossas almas e em nossa memória **o amor louco que Ele tem por nós**! Oh! Como sou infeliz por me sentir tão pobre em expressão para falar do Amor, sim, do Amor de nosso bom Salvador por nós! Mas, por outro lado, quão felizes somos por poder sentir melhor o que não conseguimos expressar!

Outras vezes, o Cristo parecia vivo; tinha a cabeça ereta, os olhos abertos, e parecia estar na Cruz por Sua própria vontade. Às vezes também parecia falar: parecia querer mostrar que estava na Cruz por nós, por amor a nós, para nos atrair para Seu Amor, que Ele sempre tem um amor novo por nós, que Seu Amor do começo e do ano 33 é sempre o de hoje e será sempre.

A Santa Virgem chorava quase o tempo todo enquanto me falava. Suas lágrimas caíam uma a uma lentamente até os joelhos e depois, como faíscas de luz, desapareciam. Eram brilhantes e cheias de amor. Eu gostaria de consolá-La e que Ela não chorasse mais. Mas parecia-me que Ela precisava mostrar suas lágrimas para melhor demonstrar Seu Amor esquecido pelos homens. Eu gostaria de me lançar em Seus braços e Lhe dizer:

> «Minha boa Mãe, não chore! Quero amá-La por todos os homens da terra».

Mas parecia-me que Ela me dizia:

> «Há tantos que não me conhecem!»

Eu estava entre a morte e a vida, ao ver de um lado tanto amor, tanto desejo de ser amada, e de outro lado tanta frieza, tanta indiferença... Oh! Minha Mãe, Mãe toda bela e toda amável, meu amor, Coração do meu coração!...

As lágrimas de nossa ternura Mãe, longe de diminuir Seu ar de Majestade, de Rainha e de Senhora, pareciam, ao contrário, embelezá-La, torná-La mais amável, mais bela, mais poderosa, mais cheia de amor, mais maternal, mais encantadora; e eu teria engolido Suas lágrimas, que faziam meu coração saltar de compaixão e amor. Ver chorar uma mãe e uma Mãe como essa, sem tomar todos os meios imagináveis para consolá-La, para transformar Suas dores em alegria, isso é compreensível! Ó Mãe mais do que boa! Você foi formada de todas as prerrogativas que Deus é capaz de conceder; você parece ter esgotado o poder de Deus; você é boa e depois boa com a própria bondade de Deus; Deus se expandiu em você, formando Sua obra-prima terrestre e celestial.

A Santíssima Virgem usava um avental amarelo. O que digo, amarelo? Ela tinha um avental mais brilhante que vários sóis juntos. Não era um tecido material, era um composto de glória, e essa glória era cintilante e de uma beleza encantadora. Tudo na Santíssima Virgem me carregava *fortemente*, e me fazia como deslizar para adorar e amar meu Jesus em todos os estados de Sua vida mortal.

A Santíssima Virgem tinha duas correntes, uma um pouco mais larga que a outra. Na mais estreita estava pendurada a Cruz da qual falei anteriormente. Essas correntes (pois é preciso dar o nome de correntes) eram como raios de glória de um grande brilho, variando e cintilando.

Os sapatos (pois é preciso dizer sapatos) eram brancos, mas um branco prateado e brilhante; havia rosas ao redor. Essas rosas eram de uma beleza ofuscante, e do coração de cada rosa saía uma chama de luz muito bela e muito agradável de se ver. Nos sapatos havia uma fivela de ouro, não ouro da terra, mas sim ouro do Paraíso.

A visão da Santíssima Virgem era ela mesma um paraíso completo. Ela tinha em Si tudo o que poderia satisfazer, pois a terra era esquecida.

A Santa Virgem estava rodeada por duas luzes. A primeira luz, mais próxima da Santíssima Virgem, chegava até nós; brilhava com um esplendor muito belo e cintilante. A segunda luz se estendia um pouco mais ao redor da Bela Senhora, e nos encontrávamos nela; era imóvel (ou seja, não cintilava), mas muito mais brilhante do que nosso pobre sol terrestre. Todas essas luzes não causavam dor aos olhos e não cansavam a vista.

Além de todas essas luzes, toda essa esplendor, ainda saíam grupos ou feixes de luzes ou raios de luz do Corpo da Santa Virgem, de suas vestes e de todos os lugares.

A voz da Bela Senhora era doce; encantava, fascinava, fazia bem ao coração: saciava, aplainava todos os obstáculos, acalmava, suavizava. Parecia-me que eu sempre gostaria de saborear Sua bela voz, e meu coração parecia dançar ou querer ir ao Seu encontro para se liquefazer Nele.

Os olhos da Santíssima Virgem, nossa terna Mãe, não podem ser descritos por uma língua humana. Para falar deles, seria necessário um serafim; seria mais, seria necessário o próprio idioma de Deus, o Deus que formou a Virgem Imaculada, Obra-prima de Sua onipotência.

Os olhos da augusta Maria pareciam mil e mil vezes mais belos que brilhantes, diamantes e as pedras preciosas mais procuradas; brilhavam como dois sóis; eram **doces** da própria doçura, **claros** como um espelho. Em Seus olhos se via o Paraíso; eles atraíam para Ela; parecia que Ela queria se dar e atrair. Quanto mais Eu a olhava, mais eu queria vê-La, quanto mais eu a via, mais eu a amava, e eu a amava com todas as minhas forças.

Os olhos da bela Imaculada eram como a porta de Deus, de onde se via tudo o que pode embriagar a alma. Quando meus olhos se encontravam com os olhos da Mãe de Deus, eu experimentava dentro de mim uma feliz revolução de amor e protesto de amá-La e de me fundir de amor.

Ao nos olharmos, nossos olhos falavam à sua maneira, e eu a amava tanto que eu gostaria de a abraçar no meio de Seus olhos que comoviam minha alma e pareciam atraí-la e fazê-la se fundir com a dEla. Seus olhos me causaram um doce tremor em todo o meu ser; e eu temia fazer o menor movimento que pudesse ser desagradável para Ela, mesmo que minimamente.

Essa única visão dos olhos da mais pura das Virgens teria sido suficiente para ser o Céu de um bem-aventurado; teria sido suficiente para fazer uma alma entrar na plenitude das vontades do Altíssimo entre todos os eventos que ocorrem no curso da vida mortal; teria sido suficiente para levar essa alma a fazer contínuos atos de louvor, agradecimento, reparação e expiação. Essa única visão concentra a alma em Deus e a torna como uma morta-viva, não olhando todas as coisas da terra, mesmo as coisas que parecem mais sérias, senão como brincadeiras de crianças; ela só gostaria de ouvir falar de Deus e do que diz respeito à Sua glória.

O pecado é o único mal que Ela vê na terra, Ela morreria de dor se Deus não a sustentasse. Amém. CASTELLAMARE, 21 de novembro de 1878

MARIE DE LA CROIX, Vítima de Jesus, nascida MÉLANIE CALVAT, Pastora de La Salette.

Nihil obstat : imprimatur.

Datura Lycii ex Curia Epli die 15 Nov. 1879 Vicarius Generalis, CARMELUS ARCH' COSMA

---

[1] Para a compreensão dos termos gerais deste "estilo profético", consulte a carta do Bispo Zola de 21 de maio de 1880 ao Abade Roubaud.

Documentos Justificativos

Relativos Ao Relato Da Aparição Da Santíssima Virgem Na Montanha De La Salette Em 19 De Setembro De 1846

Carta De Dom Zola A M. Girard

Diretor de «*La Terre Sainte*», em Grenoble

J. M. J., A. J.

6 de Janeiro de 1872

Meu Caríssimo Senhor,

Peço desculpas se estou sempre demorando a responder; mas minhas ocupações, bem como os sofrimentos que Deus se digna me conceder, nem sempre permitem que eu atenda aos meus desejos. Antes de tudo, agradeço pelos seus opúsculos sobre os Segredos de La Salette. Ao lê-los, experimentei grande alegria, pois fui edificado pela sua piedade e zelo, tão raros nesta época para a glória de Deus e de Sua Santa Mãe, assim como para a salvação das almas e o bem da sociedade.

Esta marcha a passos largos em direção a uma dissolução completa e está caindo no abismo para o qual os princípios de impiedade que a governam a precipitam. Abençoo-o, Senhor, por empregar sua vida e os talentos que Nosso Senhor lhe concedeu para combater esses erros, espalhar boas ideias e defender a justiça, a verdade e a religião. Sim, você presta um grande serviço à sociedade, e eu o encorajo a perseverar nesta santa missão de todo bom católico.

Quanto ao grande assunto de La Salette, que você tem no coração e para o qual me pede um testemunho sobre a Pastora da Santa Montanha, para confrontar os **opositores das revelações misteriosas e importantes de nossa divina Mãe**, e os **difamadores da virtuosa Mélanie**, vou lhe dizer o que, diante de Deus e de acordo com as luzes que Ele se digna me dar, penso sobre isso.

As obras do Senhor se confirmam por si mesmas: a palavra divina tem sua própria força, a verdade vive de sua própria vida; esse é o seu testemunho mais sólido. Todos os profetas são testemunhas desse fato: *Sancti per fidem vicerunt regna, operati sunt justitiam, adepti sunt repromissiones*, e é por isso que: *secti sunt, lapidati sunt, in occisione gladii mortui sunt* (Heb. II, 37). Aquele que procurar se convencer de uma palavra divina através de provas humanas ou pessoais, estará muito propenso a se enganar, uma vez que muitas vezes Deus, em Sua sabedoria, usa pessoas ímpias para revelar aos homens segredos sublimes. Balaão era um falso profeta, e Deus o usou para proferir aquela bela profecia sobre a vinda do Messias: *Orietur Stella ex Jacob et consurget virga de Israël*. (Num. 24). Caifás era um ímpio, mas porque naquele

ano ele era sumo sacerdote, Deus quis que ele profetizasse a necessidade da morte de Jesus Cristo para a salvação dos homens. *Prophetavit quia erat Pontifex anni illius*: e ele dizia ao sinédrio: *expedit vobis, ut unus homo moriatur pro populo, et non tota gens pereat*. (João XI, 51, 49.)

Em nossa época de infidelidade funesta e de iniquidade abominável, a Santíssima Virgem, a admirável distribuidora das graças divinas, a boa Mãe da misericórdia, para preservar não apenas a França, mas o mundo inteiro, das mais terríveis provações da ira de Deus, e para abalar os corações duros e obstinados, desceu a La Salette e, chorando, anunciou a grande notícia, deu Seus avisos, ameaçou a terra com terríveis castigos e previu as catástrofes dos últimos tempos do mundo.

Para publicar, a seu tempo, essas comunicações divinas, Ela usou duas crianças pequenas, dois pastores ignorantes e simples. Agora, desejaríamos basear a verdade dessas manifestações celestes nas qualidades morais das duas testemunhas ou em sua conduta atual? Que cegueira! Os caluniadores da boa e virtuosa Mélanie, ao tomar esse caminho para avaliar as verdades celestiais recentemente reproduzidas por você, não puderam evitar cair no erro e ao mesmo tempo faltar à caridade. Um homem sensato teria se contentado em colocar em prática os bons conselhos contidos nessas revelações; e um homem inteligente que quisesse assegurar-se de sua importância e caráter, o faria segundo as regras estabelecidas para tais verificações, sempre submetendo sua apreciação e toda a questão ao julgamento da Igreja, e especialmente à autoridade infalível de seu Chefe, o Pontífice Romano. Mas, meu Deus! que exame se pode fazer das verdades que estão conformes com a Santa Escritura e os documentos oferecidos pela história eclesiástica e que a Igreja admite e não cessa de recordar? Para provar a necessidade de se converter e levar à penitência, certificando as grandes e importantes comunicações de La Salette feitas por Mélanie, e para restaurar todo o valor dessas revelações um pouco abaladas pelas calúnias lançadas, como você me diz, contra essa pobre criança, não há necessidade de um certificado sobre sua boa conduta. Esse certificado que não é dado a você para emitir, nem a mim, nem a outros, embora conheçamos bem o que é a piedosa pastora, tenhamos certeza de que Deus o concede, pois Deus *judicat juste... et reddet unicuique secundum opera ejus* (Jer., S. Paul, S. Matthieu). Deus nunca deixa de fazer brilhar a verdade no momento certo, de defender a inocência contra todas as difamações. Então os caluniadores estarão na confusão, porque está escrito: *Salvos faciet filios pauperum et humiliabit calumniatorem* (Sl 71, 4).

Mas para aqueles que desejam apreciar com toda a sabedoria e segurança este documento que preocupa o público, temos mais do que um certificado a apresentar. São as circunstâncias pelas quais a Santíssima Virgem trouxe Mélanie ao nosso país; lá, ela foi conhecida por várias autoridades eclesiásticas, renomadas por sua grande santidade e profunda ciência; desde sua chegada, que remonta a quase cinco anos, ela está sob a tutela especial do venerável e sábio bispo deste diocese, Dom Petagna. Você ouviu falar dele em Marselha, onde esse santo bispo viveu durante seu exílio. Portanto, não acrescentarei nada ao que lhe foi dito sobre suas virtudes e talentos.

Certamente, esse grande bispo não cuidaria de forma tão paternal desta querida criança e não a protegeria, se ela fosse o que se atreve a se dizer... Esteja certo também de que este Pastor conhece perfeitamente a Pastora de La Salette, tanto no passado quanto no presente. Isso por si só refuta suficientemente as calúnias, pois Monsenhor não diminui seu zelo. Isso parece, para mim,

um certificado de fato que deve prevalecer sobre um certificado de palavras. No entanto, se os difamadores e as pessoas que se deixam enganar não são capazes de fazer essa simples reflexão e entender isso, resta-nos apenas orar por eles.

Assim, Senhor, você não precisa pedir a ninguém outros certificados sobre a boa e exemplar conduta de Mélanie, que em seu retiro **reza incessantemente por seus inimigos, os inimigos de Nossa Senhora de La Salette, aqueles da Igreja e da pobre França.** No entanto, seus detratores, cujas calúnias não podem prejudicar nem Mélanie, que se considera feliz por sofrer algo pela verdade, nem as divinas palavras reveladas em La Salette, que se certificam por si mesmas e que as contradições tornarão sempre mais brilhantes, deveriam ao menos respeitar as tristezas e as dores reais de nosso Soberano Pontífice, em vez de aumentá-las com seus falsos relatórios.

Oh! Temo que esses inimigos da verdade se façam um grande mal a si mesmos, assim que sua maldade chegar à audácia de agravar tão injustamente as tristezas do imortal e incomparável Pio IX. Oremos pela conversão deles; caso contrário, serão forçados a se contradizer e a confessar, contra sua vontade, para a glória de Deus e da verdade, que Deus está presente: *Digitus Dei est hic*.

Espero, Senhor, que você não tenha mais que se preocupar tanto com seus contraditores e com os caluniadores de Mélanie; e que então você continue a empregar seu zelo, seus talentos, sua forte pena, para combater, como faz em seu jornal e em seus livros, os infames princípios de irreligião e imoralidade do século, e a clamar ainda mais alto à sociedade, que se precipita cegamente em um abismo de perversidade, para que retorne e se converta com boa fé; caso contrário, não evitará nenhum dos males que lhe foram preditos. Pastores e ovelhas, todos pecamos e devemos nos santificar.

Essas são, Senhor, minhas ideias sobre o que é o tema de suas cartas: confio-as a você. Você poderá comunicá-las a quem achar conveniente. Sou estrangeiro à França e, portanto, ao seu idioma, e expressei-me como pude.

No entanto, espero que essas palavras sejam suficientes para tranquilizar os bons espíritos. Entretanto, você publicará esta carta somente na medida em que as circunstâncias exigirem. Isso é algo que me reservo o direito de julgar [2].

Sei que posso contar com sua discrição.

Finalmente, peço que me recomende ao bom Deus e aos Sacratíssimos Corações e aceite...

S. L. ZOLA, Abade dos Cônegos Regulares de Latrão.

---

[2] O Bispo Zola, em 22 de fevereiro de 1872, escreveu que autorizava a publicação desta carta (Nota do Sr. A. Nicolas).

Carta De Dom Zola a S. G. Dom Baillés, Antigo Bispo De Luçon

J. M. J. A. J.

29 de Janeiro de 1872.

Monsenhor,

Aquele que tem a honra de lhe escrever é o confessor extraordinário da boa Mélanie, Pastora de La Salette.

Cartas do senhor GIRARD, cujo Senhor conhece bem a piedade e o zelo, nos informaram que ousaram levar mentiras e calúnias sobre a conduta dessa pobre menina até nosso Santo Pai o Papa, que, infelizmente, já tem bastante com suas dores amargas e reais.

O digno bispo deste diocese, Dom PETAGNA, que a guarda sob sua tutela, ficou consternado ao saber dessa triste notícia; ele lhe escreverá assim que estiver um pouco restabelecido, para pedir que faça tudo o que sua sabedoria julgar útil, a fim de destruir as calúnias que estão sendo espalhadas por toda parte sobre esta querida criança.

Sua Grandeza até pede que se fale sobre isso ao Soberano Pontífice, para que seu coração paternal não sofra mais. Mas temendo demorar muito, ele me encarregou de lhe escrever antecipadamente e certificar-lhe de sua parte que, desde há quase cinco anos que Mélanie está nesta cidade, ela nunca a deixou; que ela é hospedada, alimentada e sustentada com o que é necessário por Dom PETAGNA, que sempre lhe dá cuidados verdadeiramente paternais; que Mélanie nunca pediu nem fez pedir dinheiro a ninguém, e se às vezes recebeu água da Santa Montanha e objetos de piedade, ela previamente enviou o dinheiro necessário para isso aos missionários de La Salette; enfim, que sua conduta sempre foi verdadeiramente religiosa e edificante, e que ela está sujeita em tudo e a todos ao seu bispo e a todos que têm autoridade sobre ela.

Aqui está, Monsenhor, a verdade em toda a sinceridade. Ela está diante de Deus como acabei de certificar-lhe da parte de Dom PETAGNA e da minha.

Vê-se que esta guerra é incitada pelo demônio, menos contra esta pobre e querida criança, que sempre foi perseguida, do que contra as revelações celestiais de La Salette, com o objetivo de destruí-las ou, pelo menos, enfraquecê-las para impedir o bem das almas e a conversão do mundo, se isso fosse possível.

Embora todos esses esforços não possam levar a nada, porque contra Deus e Sua palavra divina não há como resistir, no entanto, acredito que é nosso dever remover o véu da mentira que é lançado sobre a verdade e defendê-la contra as calúnias; deixando, no entanto, o resultado nas mãos de Deus, que sempre disporá de todas as coisas para sua maior glória e a salvação das almas.

Queira aceitar, Monsenhor, etc...

Carta de Mgr Petagna a S. G. Mgr Baillès, Ancien Évêque De Luçon

J. M. J.

Ce 5 de março de 1872.

Monsenhor,

Tendo tomado conhecimento das calúnias que foram espalhadas sobre a conduta da Pastora de La Salette, e que essas calúnias foram levadas até Sua Santidade o Papa Pio IX, fiquei profundamente aflito. Como a doença me impedia de escrever-lhe, encarreguei o Muito Reverendíssimo Padre Zola, Abade dos Cônegos Regulares de Latrão, seu confessor, de me substituir e de lhe pedir que fizesse todo o possível para que a verdade triunfasse sobre a mentira.

Hoje, só posso lhe afirmar o que o Reverendíssimo Abade Zola lhe escreveu, ou seja, que a piedosa Pastora é muito edificante em sua conduta; que, desde há cerca de cinco anos, a tenho sob minha tutela e que ela nunca deixou este local, e que não acumula dinheiro como se afirma, pois sou eu quem provê todas as suas necessidades, e que ela não é desobediente aos seus superiores.

Peço-lhe, portanto, Monsenhor, que faça conhecer a verdade ao Santo Padre, assim que julgar conveniente, para aliviá-lo da dor que essas calúnias lhe causam.

Receba, Monsenhor,...

Carta de Mgr Zola a M. Amédée Nicolas, Advogado, Rue Sénac, 64, em Marseille

Leccè, 5 de Janeiro de 1880

Senhor,

Estou realmente surpreso com o alvoroço que está acontecendo agora na França, por ocasião da publicação do relato e do Segredo de Nossa Senhora de La Salette. Alguns dias antes da chegada da sua carta, de 22 de dezembro passado, respondi a uma carta semelhante, escrita pelo Sr. Vigário Geral de... por ordem de seu bispo, que estava prestes a aplicar censuras canônicas ao opúsculo de Mélanie e às pessoas que o divulgavam em sua diocese.

Por minha parte, não consigo entender tal oposição suscitada na França pelo clero e até mesmo por bispos, a um escrito que já estava no domínio público. Falo do Segredo, pois o senhor não ignora que, **em 1873**, **o Sr. Abbé BLIARD** publicou, em Nápoles, o mesmo Segredo (embora com pequenas reservas), seguido por uma série de cartas sobre o mesmo assunto. Esse panfleto foi publicado **com a permissão e o imprimatur da cúria de Sua Eminência o Cardeal XYSTE RIARIO SFORZA, Arcebispo de Nápoles**, cuja santidade e sabedoria são bem conhecidas, mesmo na França.

O dito Segredo, em 1851, foi apresentado, em seu original, ao Soberano Pontífice, Pio IX, de santa memória, e a vários bispos e cardeais, e recentemente foi submetido a uma pessoa muito respeitável e digna de grande autoridade (e que não é conveniente nomear aqui), **e conforme sei muito bem, não foi de modo algum censurado nem criticado.**

Após tudo isso, eu teria cometido um grave erro ao recusar a licença para imprimir ao editor que me pedia para publicar o mesmo Segredo em 1879. O editor estava no seu direito; e eu mesmo, ou seja, minha cúria episcopal, nesta ocasião, apenas tinha que se conformar às regras e prescrições dadas pela Igreja; de fato, pela constituição de Pio IV, *Dominici gregis*, o bispo deve se opor apenas à publicação desses livros que *vel haeretici sunt, vel de haereticâ pravitate suspecti, vel cerce rnoribus, vel pietati nocent*.

Ora, você não encontraria nem poderia reprovar nada disso no escrito de Mélanie. Você se convenceria, ao contrário, de que ele é destinado e capaz de fazer o bem, de abalar os corações

endurecidos, de levar os maus de volta ao caminho certo e de fortalecer a fé nas almas mornas e vacilantes, ao som dos terríveis castigos com os quais um Deus vingador ameaça nossa sociedade corrupta.

Seria, talvez, uma questão de **prudência** e de **oportunidade**? Mas essa questão, que tinha toda razão de ser levantada quando se tratava de publicar o Segredo pela primeira vez, não tem lugar agora, uma vez que o mesmo Segredo já está, **há muito tempo, no domínio público, sem que nem a Santa Sé nem os bispos o tenham de alguma forma reprovado ou incriminado**. E pareceria realmente um despropósito recorrer ao Soberano Pontífice, antes que minha cúria tivesse concedido sua licença para impressão, enquanto esse livro, ao fazer sua primeira entrada no público, já havia sido publicado há vários anos, com a aprovação da cúria de um dos príncipes da Igreja, o Cardeal RIARIO SFORZA.

Em apoio a essas razões, que seriam suficientes por si mesmas para justificar a ação da minha cúria episcopal, gostaria de acrescentar algumas observações pessoais. Conheço bem de perto a piedosa Pastora de La Salette, que foi confiada aos meus cuidados espirituais desde 1868, quando eu era o Abade dos Cônegos Regulares de Latrão, em Santa Maria de Pie di Grotta, em Nápoles.

Desde essa época, tive a oportunidade de falar e tratar de Mélanie e de seu Segredo com prelados e cardeais que, na Igreja, eram altamente venerados por suas virtudes e prudência na administração do rebanho, tanto quanto por sua sabedoria no discernimento dos espíritos. Pois bem! Posso assegurar-lhe com minha consciência que o julgamento de pastores tão respeitáveis sempre foi muito favorável à boa Pastora. Omito os nomes de vários e cito apenas alguns que certamente são de seu conhecimento, a saber: o Cardeal XYSTE RIARIO SFORZA, Arcebispo de Nápoles, o Cardeal GUIDI, Monsenhor François-Xavier PETAGNA, Bispo de Castellamare di Stabia, Monsenhor Mariano RICCIARDI, Arcebispo de Sorrento.

O testemunho tão grave desses ilustres prelados sempre me confirmou nos meus sentimentos de estima por Mélanie, cujas virtudes e discernimento maduro e reflexivo, que são raros em mulheres, eu admirava. Além disso, tendo em mãos o manuscrito do Segredo há bastante tempo, sou testemunha do cumprimento das previsões que ele continha; e posso atestá-lo agora diante de Deus.

Portanto, estou convencido da autenticidade da revelação (ainda aguardando o infalível oráculo do Vigário de Jesus Cristo, a quem submeto inteiramente meu julgamento), pelas virtudes da feliz Pastora, pelo sentimento concordante de vários bispos e, sobretudo, pelo cumprimento das previsões. Sendo assim convencido, eu teria que lutar contra minha consciência para me opor à publicação do Segredo; enquanto a Santíssima Virgem manifestava a Mélanie sua vontade e declarava que ela poderia publicá-lo em 1858, eu não poderia dizer: “Eu proíbo que o publique”.

Mas, no Segredo fala-se da **"abominação que penetrou até o lugar santo... Ai de nós! Senhor, estas são verdades horríveis e muito tristes."** Mas o povo, infelizmente, não o ignora. Ele é testemunha, muitas vezes, das feridas que afligem e desolam a Igreja; os escândalos e desordens das pessoas consagradas a Deus não estão ocultos a seus olhos. Oh! Eu queimaria com prazer todas as páginas do Segredo, se pudesse assim envolver com um véu espesso e impenetrável todos esses desvios dos ministros de Deus, que armam Seu braço com os trovões de

Sua ira, e colocam nas mãos dos radicais as facas do massacre!

Não posso terminar esta carta sem lhe dizer mais uma palavra sobre a virtuosa Mélanie, essa alma privilegiada que na França é desprezada e acusada de invenção, extravagância e loucura. Esses senhores que costumam julgar e censurar tudo levianamente conhecem muito pouco sobre o que a envolve. Ora, assim como ela foi honrada na montanha pela Mãe de Deus, também foi honrada pelo Vigário de Jesus Cristo, LEÃO XIII, que, muito longe de desprezá-la ou condená-la, quis ouvi-la pessoalmente no ano passado e lhe concedeu uma audiência **privada**.

Nessa ocasião, ela permaneceu em Roma por cinco meses no convento das Salesianas (a Visitação). E foi nesse período que ela foi melhor conhecida e mais estimada, especialmente por essas boas religiosas que a cercavam, e que foram muito edificadas por suas virtudes e por sua sabedoria. Recebi atestados seguros de pessoas de grande autoridade durante minha estada em Roma, em setembro passado.

Essas informações, acredito, serão suficientes para responder à sua pergunta; se achar conveniente, você pode revelá-las a Sua Excelência Monsenhor o Bispo de Marseille, mas não a outros, nem publicá-las em meu nome.

Aceite, Senhor, a garantia da minha consideração muito distinta com a qual tenho a honra de ser

Seu muito humilde servo, SAUVEUR-LOUIS, Bispo de Leccè

Mgr Zola, Bispo de Lecce, ao Sr. Amédée Nicolas, Advogado em Marselha

VISCOVADO de LECCE

Lecce, 27 de Maio de 1880.

Meu caro Senhor Advogado,

Recebi sua boa carta do dia 21 deste mês, a qual me trouxe muita alegria por todas as informações que me forneceu; eu já estava a par de tudo o que havia ocorrido em... a respeito de La Salette, e do artigo verdadeiramente ímpio que parecia escrito pela mão do diabo.

Felicito-o pelo seu zelo em defender, propagar e fazer compreender bem o Segredo de La Salette. Continue a trabalhar pela glória de Deus e da Divina Maria; as almas piedosas se edificarão com o seu bom livro, os inimigos de La Salette serão confundidos; abençoo você e todos os seus piedosos trabalhos. Eu o acompanharei com minhas orações.

Visto que o conflito trouxe ao domínio público e religioso tudo o que concerne ao Segredo de La Salette, não tenho razão para me opor agora ao desejo que você manifesta de publicar minha carta do cinco de janeiro; se julgar que sua leitura possa trazer algum fruto, faça dela o que achar melhor perante Deus e perante os homens.

Finalmente, agradeço-lhe pelo que faz em relação à Semaine Religieuse de... e a mim; espero que suas diligências muito zelosas sejam coroadas de um sucesso bem favorável. Nossa Senhora de La Salette, que começou sua obra, a completará.

Recomendo-me às suas boas orações, pois muito preciso delas, e peço-lhe que aceite a renovada expressão da minha consideração respeitosa e distinta.

Seu muito humilde servo, SAUVEUR-LOUIS, Bispo de Lecce.

Carta de Monsenhor Zola, Bispo de Lecce, ao Abade Isidore Roubaud, em St-tropez (var)

VISCOVADO DE LECCE.

Lecce, 24 de Maio de 1880.

Senhor Cura,

Lamento profundamente a oposição que a França faz agora à mensagem celestial de La Salette. Estamos já à beira dos castigos terríveis que a Mãe de Deus nos ameaçou por causa das nossas prevaricações e, no entanto, preferimos rejeitar os avisos de uma Mãe tão terna e misericordiosa, em vez de aproveitar suas lições, único ato de nossa parte que poderia diminuir a intensidade dos flagelos com que nos ameaça a ira divina. Reconheço nisso a obra de nosso velho inimigo, que tem o maior interesse em explorar todos os meios, especialmente junto aos ministros de Deus, *ut videntes non videant et intelligentes non intelligant*.

Sua piedosa crença e sua devoção filial a Nossa Senhora de La Salette o levam a me pedir muitas coisas e informações sobre o Segredo de Mélanie; assim, vejo-me em um dilema ao querer satisfazê-lo por meio de uma simples carta.

No entanto, esforçar-me-ei para me conformar aos seus desejos tanto quanto me for possível.

Foi apenas no dia 3 de julho de 1851 que Mélanie escreveu seu Segredo pela primeira vez, no convento da Providência, em Correnc, por ordem de Monsenhor DE BRUILLARD, Bispo de Grenoble, na presença do Sr. DAUSSE, engenheiro-chefe das pontes e estradas, e do Sr. TAXIS, Cônego da catedral de Grenoble.

Mélanie preencheu três grandes páginas de uma só vez, sem dizer nada, sem perguntar nada. Ela assinou sem reler, dobrou seu Segredo e o colocou em um envelope. Ela endereçou assim:

«A Sua Santidade Pio IX, em Roma».

No dia seguinte, quatro de julho, o Segredo foi recopiado pela própria Mélanie, no bispado de Grenoble, com o objetivo de distinguir bem duas datas dos eventos que não devem ocorrer na mesma época. Mélanie, tendo colocado na primeira vez apenas uma única data, temia que, por esse motivo, o Papa não compreendesse bem, e que, consequentemente, houvesse um equívoco.

No dia 18 de julho, o Sr. GÉRIN, Cura da catedral de Grenoble, e o Sr. ROUSSELOT, Vigário Geral honorário, dois santos padres de idade avançada e muito respeitáveis em todos os aspectos, entregaram a Sua Santidade Pio IX as cartas de Monsenhor de Grenoble e as de Maximin e Mélanie contendo seus Segredos.

Mélanie não enviou a Sua Santidade Pio IX todo o Segredo que publicou recentemente, mas apenas tudo o que a Santíssima Virgem lhe inspirou na hora de escrever este importante documento, e além disso muitas coisas que poderiam concernir pessoalmente a Pio IX.

No entanto, com base em informações que lhe dou COMO MUITO PRECISAS, sei que as críticas dirigidas ao clero e às comunidades religiosas estavam contidas IDENTICAMENTE na parte do Segredo entregue a Sua Santidade Pio IX.

A feliz Pastora de La Salette comunicou posteriormente a várias pessoas algumas outras partes do Segredo, quando julgava que o momento oportuno para publicá-las havia chegado. Mas a publicação do segredo inteiro só foi feita no folheto escrito pela própria Mélanie e impresso em Lecce em 1879, a pedido e às custas de uma pessoa piedosa.

Em 1860, em Marselha, um dos diretores de Mélanie obteve um manuscrito do Segredo; ele me foi entregue em 1868, quando eu era o diretor espiritual de Mélanie, por ordem de Monsenhor PETAGNA, Bispo de Castellamare di Stabia. Em 30 de janeiro de 1870, Mélanie entregou ao Sr. Abade Félicien BLIARD esse mesmo documento, com sua declaração de autenticidade e sua assinatura, mas com pequenas reticências indicadas por pontos e por etc..., substituindo assim as partes do Segredo que ela não julgava dever ainda revelar. A parte referente aos sacerdotes e religiosos, quase toda, estava lá. O Sr. Abade BLIARD enviou uma cópia desse documento de Nice, em 24 de fevereiro de 1870, certificada como autêntica, ao Rev. Pe. SEMENNENKO, Consultor do Índice em Roma e Superior do Seminário Polonês. Ele fez o mesmo para vários dignitários da Igreja. No entanto, o Segredo da Pastora de La Salette já havia se espalhado por toda parte, em manuscrito, especialmente entre as comunidades religiosas e entre o clero.

Em 1873, o Sr. Abade P. BLIARD publicou esse documento, tal como o recebeu de Mélanie em 1870, com seus eruditos comentários, em um folheto intitulado: "Cartas a um amigo sobre o Segredo da Pastora de La Salette". Esse folheto foi publicado em Nápoles **com a aprovação dada em 30 de abril de 1873, pela cúria de Sua Eminência o Cardeal XYSTE RIARIO SFORZA, Arcebispo de Nápoles**. Eu mesmo posso certificar a autenticidade dessa aprovação, e também a autenticidade da carta que enviei ao Sr. Abade BLIARD, datada de 1º de maio de 1873, após minha promoção ao bispado de Ugento, carta que foi impressa na primeira página do referido folheto.

Monsieur C. R. GIRARD, erudito diretor de *La Terre Sainte*, em Grenoble, tendo recebido de M. BLIARD o Segredo de Mélanie, o publicou já em 1872 em seu livro intitulado: «Os Segredos de La Salette e sua importância». Este folheto foi apenas o primeiro de cinco opusculos muito

importantes que apareceram mais tarde, e que foram destinados, pelo mesmo autor, a justificar e confirmar as Revelações de La Salette, bem como defendê-las dos ataques de seus inimigos. Estas obras de M. GIRARD foram **honradas com o consentimento e a bênção de Sua Santidade Pio IX e os incentivos de vários teólogos e bispos católicos**. *L'Avenir Dévoilé*, em seu suplemento, também continha a Mensagem, quase conforme àquela publicada por M. F. BLIARD.

Devo ainda lhe dizer que, durante vários anos, sendo o Abade dos Cônegos Regulares de Latrão em Santa Maria de Piedigrotta, em Nápoles, na minha qualidade de Superior desta Ordem, tive a oportunidade de manter relações com prelados e príncipes muito respeitáveis da Igreja Romana. Eles estavam bastante bem informados a respeito de Mélanie e de seu Segredo; quase todos haviam recebido esse documento. Pois bem! **Todos**, sem exceção, fizeram um julgamento totalmente favorável a essa divina Revelação e à autenticidade do Segredo. Limito-me a citar, entre outros, Monsenhor Petagna, Bispo de Castellamare di Stabia, que teve sob sua tutela, durante alguns anos, a boa Pastora de La Salette; Monsenhor Mariano Ricciardi, Arcebispo de Sorrento; Sua Eminência o Cardeal Guidi; Sua Eminência o Cardeal Xyste Riario Sforza, Arcebispo de Nápoles... Esses santos e veneráveis Pastores sempre me falaram de forma a confirmar profundamente minha crença, agora inabalável, na divindade das Revelações contidas no Segredo da Pastora de La Salette. **Sei também, de FONTE CERTA, que nosso Santo Padre Leão XIII também recebeu esse mesmo documento INTEGRALMENTE.**

Não esqueço, meu caro senhor Cura, que o Segredo contém **verdades bem duras dirigidas ao clero e às comunidades religiosas**. Sentimo-nos com o coração oprimido e a alma toda aterrorizada ao nos depararmos com tais Revelações. Se me fosse permitido, perguntaria a Nossa Senhora por que ela não ordenou que fossem enterradas em um silêncio eterno. **Mas faremos perguntas Àquela que é chamada de Trono da Sabedoria?** Aproveitar suas lições, essa é toda a nossa tarefa.

No entanto, as queixas de nossa Mãe muito misericordiosa e as críticas dirigidas aos pastores e ministros do altar não são sem razão; e não é a primeira vez que o Céu dirige ao clero tais críticas destinadas a se tornarem públicas.

Encontramos isso nos Salmos, em Jeremias, em Ezequiel, em Isaías, em Miquéias, etc., nas obras dos Padres e Doutores da Igreja, nos sermões dos Bispos e dos autores sagrados, em várias revelações que foram feitas recentemente a santos e santas; nas cartas de santa Catarina de Siena, nos escritos de santa Hildegarda e de santa Brígida, da bem-aventurada Margarida Maria Alacoque, da irmã Natividade, da extática de Niederbronn, Elisabeth Eppinger, da irmã Marie Lataste, da serva de Deus Elisabeth Canori Mora, etc. Silencio as revelações de santa Teresa, de santa Catarina de Gênova, de Maria de Ágreda, de Catarina Emmerich, da Venerável Anna Maria Taigi e de várias outras.

É, no entanto, certo que não devemos tomar ao pé da letra os termos gerais referentes às críticas dirigidas ao clero e às comunidades religiosas; pois existe uma linguagem própria do estilo profético. Portanto, os termos do Segredo, assim como os termos proféticos dos nossos Livros Sagrados, não podem nos inspirar desprezo ou desconfiança para com aqueles que sempre terão direito ao nosso respeito, à nossa estima e à nossa confiança.

Nos alegramos, aliás, ao ver no seio da Igreja pastores e ministros resplandecentes pelo brilho da ciência e da santidade; quantas almas belas, quantas almas verdadeiramente nobres e generosas, cheias de caridade, ávidas de devoção e de sacrifícios, não encontramos ali? Talvez, senhor Cura, você que vê florescer ao seu redor tantos ministros fervorosos de Deus, terá dificuldade em compreender as revelações tão humilhantes e as palavras ameaçadoras e terríveis dirigidas pela augusta Mãe de Deus à falange sacerdotal! Ah! se fosse assim em toda parte! Mas não esqueçamos, senhor, que a Mãe Divina abrange com seu olhar o universo inteiro, e que seu olhar tão puro pode ser entristecido por muitas coisas que não podemos nem conhecer, nem sequer suspeitar, por mais penoso e humilhante que possa ser para nós ouvir as Revelações que caem dos lábios virginais dessa boa Mãe; peçamos a Ela que obtenha de Deus para nós a graça de recebê-las com gratidão e com fruto. Nada, exceto nossa docilidade, poderá diminuir a rigidez dos castigos que nos são reservados e apressar a vinda do reino da Justiça e da Paz.

Quanto ao segredo impresso em Lecce, asseguro-lhe que é idêntico àquele que me foi dado por Mélanie em 1869; ela apenas preencheu neste último as lacunas, aquelas pequenas reticências que, de resto, estavam longe de acrescentar ou retirar algo da substância deste documento. Eu mesmo o submeti à minha cúria episcopal, conforme as normas da Igreja, e meu Vigário Geral, não tendo encontrado nenhuma razão que pudesse se opor à publicação do Segredo, concedeu a licença de imprimir nos seguintes termos: «NIHIL OBSTAT, IMPRIMATUR», à pessoa que queria publicá-lo às suas custas e segundo suas piedosas intenções.

Essa aprovação, como se vê no final do folheto, foi dada em 15 de novembro de 1879. O folheto foi realmente e inteiramente escrito por Mélanie Calvat, Pastora de La Salette, também conhecida como Mathieu. Não é possível levantar dúvidas sobre a autenticidade deste folheto.

Aqui está agora o que diz respeito à pessoa de Mélanie. Esta piedosa menina, esta alma virtuosa e privilegiada que o espírito dos ímpios procurou aviltar, fazendo dela o objetivo de suas detestáveis e grosseiras calúnias e de seu orgulho desdenhoso, **posso atestar diante de Deus que ela não é, de maneira alguma, nem trapaceira, nem louca, nem iludida, nem orgulhosa, nem interesseira**. Tive, ao contrário, a ocasião de admirar as virtudes de sua alma, bem como as qualidades de seu espírito, durante todo esse período de tempo em que a tive sob minha direção espiritual, ou seja, de 1868 até 1873. Nesta última época, após minha promoção a Superior dos Cônegos Regulares no bispado de Ugento, não podendo mais me ocupar de sua direção, quis, no entanto, continuar com ela relações escritas. Posso afirmar que, até este momento, sua vida edificante, suas virtudes, seus escritos, gravaram profundamente em meu coração os sentimentos de respeito e admiração que devo guardar justamente a seu respeito. Nosso Santo Padre Leão XIII, em 1879, dignou-se honrar Mélanie com uma audiência privada e encarregou-a também da compilação das regras da nova Ordem, preconizada e reclamada por Nossa Senhora de La Salette e intitulada: «OS APÓSTOLOS DOS ÚLTIMOS TEMPOS». Para completar tal redação, a ex-pastora permaneceu durante cinco meses no convento das Salesianas, em Roma. Durante esse tempo ela foi melhor conhecida e mais estimada, sobretudo por essas boas religiosas, que deram testemunhos muito favoráveis sobre essa feliz Pastora de La Salette.

Sei, finalmente, por minhas informações, que o senhor NICOLAS, advogado em Marselha, estando em Roma no Sábado Santo de 1880, foi **encarregado por Sua Santidade Leão XIII de redigir um folheto explicativo do SEGREDO COMPLETO, PARA QUE O PÚBLICO O COMPREENDA**

BEM.

Essas informações bastarão, acredito, para confirmar sua crença. Teria muito mais a lhe dizer, mas não quero me alongar mais em uma carta sobre uma questão que só poderia ser tratada de forma digna e completa em um livro.

Receba, Meu Caro Senhor Pároco, os sentimentos de minha consideração respeitosa e distinta.

Seu muito humilde servo em Nosso Senhor. Assinado: † SAUVEUR-LOUIS, Bispo de Leccè

Carta de Monsenhor Zola, Bispo de Leccè, ao R. P. Jean Kunzlé

Diretor Geral dos Padres Adoradores da Suíça, da Alemanha e da Áustria-Hungria, em Feldkirch (Áustria)3

BISPADO DE LECCÈ

Leccè, 5 de Março de 1896.

Reverendíssimo Senhor Diretor,

Tendo meus sofrimentos físicos se acalmado um pouco, venho responder às suas duas cartas relativas ao Segredo de La Salette, contra o qual se diria que Satanás, o maldito, quer renovar seus ataques com uma violência ainda maior, visto que ele sabe muito bem que lhe resta pouco tempo, «*quia modicum tempus habet*» (Apoc. 12-12). Minha intenção não é fazer-lhe uma demonstração nem expor-lhe uma defesa do Segredo e da Pastora de La Salette que no-lo transmitiu.

Esta tarefa, eu a considerei como uma obrigação de consciência à qual satisfiz durante os últimos dezesseis anos que acabam de passar. Estas demonstrações, esta defesa encontram-se contidas em várias cartas que escrevi a diversas pessoas da França, cartas que foram em sua maioria entregues à publicidade, frequentemente sem meu consentimento nem uma permissão dada antecipadamente. Confesso, no entanto, que **todas essas cartas foram fielmente publicadas**, e neste momento não retrataria nenhuma das palavras que escrevi sobre este assunto e nessas diversas épocas. Limitar-me-ei, portanto, simplesmente hoje a afirmar-lhe os fatos tais como realmente se passaram, deixando-lhe o cuidado de encontrar nesta carta as respostas às suas perguntas e de extrair dela os motivos para a segurança de sua consciência.

Em 1868, Monsenhor PETAGNA, de feliz e saudosa memória, então santo e sábio Bispo de Castellamare di Stabia, confiou à minha direção espiritual Mélanie Calvat, hoje Irmã Maria DA CRUZ, que residia naquela época naquela cidade, e tinha como companheira uma religiosa da Compaixão de Marselha. Ambas estavam sob a tutela deste santo bispo. Fui encarregado desta direção de Mélanie até Fevereiro de 1876, época em que aprouve ao Senhor me chamar, apesar de minha grande indignidade (digo isto *coram Domino*), à sede episcopal de Ugento, de onde, quatro anos depois, fui transferido para a de Leccè.

Durante todo o tempo em que estive encarregado da direção de Mélanie, posso afirmar, sob juramento, ter sido sempre edificado pela conduta virtuosa e exemplar desta boa moça, como havia sido antes o próprio Monsenhor PETAGNA e outros muito dignos prelados que tiveram a oportunidade de conversar com ela. Ela nunca deu a mais leve ocasião para que pudesse ser considerada como uma iludida, uma orgulhosa, uma interesseira, ou pior ainda! como disseram ou escreveram seus adversários ou melhor, os adversários de La Salette na França.

Foi em 1869 (no mês de Maio, creio), que a própria Mélanie me entregou uma cópia do Segredo que a Santa Virgem lhe havia confiado. Eu já havia tomado conhecimento de algo por sua companheira passionista. Este Segredo, embora comunicado vários anos antes por Mélanie a seu confessor na França, havia até então permanecido secreto e desconhecido de todos. Mas depois que ela mo entregou e que deu extratos dele ao Sr. Abade BLIARD, por intermédio deste abade ele foi revelado na França, e conhecido de certa maneira em Roma: pois o Sr. Abade BLIARD enviou uma cópia manuscrita ao M. R. Padre SEMENENKO, Consultor da Congregação do Índex e Diretor do Seminário polonês, assim como a outros dignitários.

Mas, em 1872, pela primeira vez, foi editado pelos cuidados do Sr. GIRARD, de Grenoble, redator do jornal *A Terra Santa*. Depois em 1873, com a aprovação arquiepiscopal de Nápoles, foi reeditado naquela cidade e acompanhado de uma sábia carta explicativa do Sr. Abade BLIARD a seu respeito; finalmente em 1879, foi reeditado em Lecce com a aprovação de meu Vigário Geral, que, neste opúsculo de Mélanie, não encontrou nada contrário à fé e aos bons costumes.

Mas antes de passar a outra coisa, devo afirmar-lhe que todos os prelados e outros dignitários eclesiásticos de meu conhecimento que conheceram o Segredo, **todos sem exceção**, emitiram um juízo inteiramente favorável ao dito Segredo, seja em relação à sua autenticidade, seja do ponto de vista de sua origem divina, passada pelo crivo das Sagradas Escrituras, o que imprime ao Segredo um caráter de verdade que lhe é doravante inseparável. Entre estes prelados, basta-me nomear-lhe o Cardeal CONSOLINI; o Cardeal GUIDI; o Cardeal RIARIO SFORZA, Arcebispo de Nápoles; Monsenhor RICCIARDI, Arcebispo de Sorrento; Monsenhor PETAGNA, Bispo de Castellamare; e outros ilustres Prelados cujo nome não me vem à memória neste momento.

A guerra e a oposição ao Segredo assim como à sua verdade começaram assim que ele foi entregue à publicidade; rejeitava-se sobretudo a primeira parte relativa às reprovações dirigidas ao clero. No início esta guerra foi muito circunscrita; quando o opúsculo foi impresso em Leccè com a aprovação de minha cúria, **a guerra tornou-se encarniçada e sem trégua, pois era sustentada por vários bispos da França.**

Tive, nesta ocasião, muitos aborrecimentos e contrariedades a suportar, e a várias cartas que me chegavam da França e de outros lugares fui obrigado a responder para defender o Segredo, a boa Mélanie e também minha aprovação do opúsculo.

O pretexto desta guerra foi sempre o mesmo: "Se a veracidade do Segredo for aceita, dizia-se, é um descrédito que pesa sobre o clero já tão perseguido pelos sectários, o que a Santa Virgem não pode querer".

Enquanto isso, agiu-se poderosamente junto à Santa Sé, para que o opúsculo de Mélanie fosse colocado no índex. Vários disseram que nesta circunstância alguns cardeais se reuniram para emitir um julgamento sobre ele; quanto a este fato eu o ignoro absolutamente; **mas posso afirmar com certeza, e mesmo oficialmente, que todos os esforços para obter a proibição formal do opúsculo foram vãos.**

Somente, no final, para acalmar um pouco os prelados franceses que continuavam a fazer guerra ao Segredo, o cardeal CATERINI, secretário do Santo Ofício, escreveu uma carta, na qual dizia que a Santa Sé tinha visto com desprazer a publicação do Segredo (fazendo alusão sobretudo à parte concernente ao clero) e não julgava apropriado deixá-lo nas mãos dos fiéis.

Esta carta dizia para retirar, tanto quanto possível, estes exemplares das mãos dos fiéis. Eis tudo o que se pôde obter de Roma.

Mas os jornais, mentirosos como de costume, publicaram que o Santo Ofício acabava de lançar uma proibição absoluta do opúsculo, de onde surgiu logo nas almas fracas uma dúvida sobre a realidade mesma da aparição de Nossa Senhora de La Salette.

Na realidade, o opúsculo de Mélanie nunca foi colocado no Índex: manifestou-se somente a vontade de não vê-lo nas mãos dos fiéis, precisamente por causa da parte concernente ao clero; mas não houve nesta carta nenhuma palavra que pudesse invalidar a autenticidade deste mesmo Segredo nem o valor das profecias que ele continha[4].

Então, considerando como terminada a missão que aprouvera a Deus me confiar, a saber: certificar e defender a veracidade, a autenticidade e a divindade da Mensagem celeste, até hoje não quis responder às cartas que me chegavam especialmente da França e que me interrogavam sobre o Segredo e sobre as obras às quais ele faz alusão, em particular sobre a fundação da "Ordem dos Apóstolos dos Últimos Tempos" assim como sobre as regras dadas pela Rainha do Céu a Mélanie, no final do Segredo.

Este silêncio que guardei rigorosamente pôde fazer crer a vários que minha opinião e meu julgamento sobre a autenticidade e o valor intrínseco do Segredo haviam mudado, e que no fundo eu retratava tudo o que havia dito e escrito em seu favor. Não é nada disso.

E é precisamente para aniquilar essas suposições que me decidi desta vez a romper meu silêncio e a lhe escrever esta carta. Desta maneira todo mal-entendido, todas as falsas suposições cairão por si mesmas e darão lugar à verdade. **Meu julgamento diante do Senhor sobre o opúsculo, sobre o Segredo e todo o resto é o mesmo que antes. Ele é até mais inabalável, visto que, desde então, várias das predições que ele contém se realizaram.**

Promovido ao episcopado, tornava-se impossível para mim continuar a ser o diretor de Mélanie. A impossibilidade tornou-se ainda maior quando ela deixou sua residência em Castellamare para ir assistir na França sua velha mãe. Ela permaneceu lá até estes dois últimos anos. Ela então voltou para morar na Itália, mas nossas relações desde essa época têm sido por assim dizer nulas. No

entanto, posso afirmar com toda sinceridade que ela leva uma vida completamente solitária e edificante...

Acabo de expor-lhe tudo o que concerne a La Salette. Você pode, como já lhe disse, extrair com toda segurança as respostas às suas questões e submeter tudo com confiança ao julgamento cheio de sabedoria de seus superiores. Não lhes escreverei, no entanto, diretamente, embora você me expresse o desejo, visto que, direi, não tenho mais vontade de entrar em polêmica sobre este assunto. Vou voltar ao meu silêncio esperando que os eventos falem por si mesmos, como aliás já começaram a falar eloquentemente pela realização de uma parte das Profecias contidas no Segredo, objeto de tantas lutas. Ficaria, no entanto, grato se você quisesse me manter informado sobre o efeito produzido por esta carta, seja ele qual for.

Se você desejar esclarecimentos mais detalhados sobre este assunto, pode obter um interessante opúsculo:

"O Grande Golpe com sua data provável", publicado recentemente pelo Pároco de Diou (Allier), Sr. Abade COMBE.

No final deste opúsculo você encontrará diversos extratos de uma de minhas cartas escrita a um pároco francês em 1880. Eles foram fielmente reproduzidos e são exatos no que concerne a La Salette.

Como prova de maior autenticidade, aponho ao lado meu selo.

Seu muito humilde servidor em Jesus,

†SAUVEUR-LOUIS, Bispo de Leccè LUGAR DO SELO.

---

[3] Traduzida do italiano pelo Abade Roubaud, de St-Tropez (Var).

[4] A carta do Cardeal Caterini foi endereçada ao Bispo de Troyes, que, tendo recorrido à Índice, foi remetido à Inquisição e havia **ameaçado** Roma de retirar o óbolo de São Pedro se não fosse feito algo em seu favor. - Ao receber a carta do Cardeal Caterini, o Bispo de Troyes ficou consternado: pois, depois de ter dito para retirar o opúsculo das mãos dos fiéis, se, como afirmava o Bispo, o Segredo causava perturbação na França, o Cardeal acrescentava: **"mas mantenha-o nas mãos do Clero para que ele se beneficie"**.

Essa linha, por si só, provava a divindade do Segredo; pois não se mantém, mesmo para o bem, nas mãos dos sacerdotes, um opúsculo que não seria nada mais do que um panfleto. Não ousando, portanto, publicar essa carta, ele a envia a seu colega de Nîmes. O Bispo Besson não se incomoda com tão pouca coisa: ele suprime a linha, a substitui por **pontos**, e publica primeiro esse documento, que não era endereçado a ele, no *Semaine Religieuse de Nîmes* com os pontos engenhosos.

Observemos ainda que a carta do Cardeal Caterini não relatava de forma alguma a data da reunião do Santo Ofício, o que é rigoroso para todos os atos oficiais; pois **era uma carta particular de**

um subsecretário, assinada pelo Cardeal. **O subsecretário se desculpou mesmo com o Bispo Zola, dizendo que tinha sido forçado a mão**. (Nota do tradutor).

Histórico da Carta Caterini

O opúsculo de Melanie havia sido impresso em Leccè com o Imprimatur do Ordinário de Leccè em 15 de novembro de 1879.

Em 1880, Mons. CORTET, bispo de Troyes, sob o pretexto de que essa publicação "causava distúrbios na França", **solicitou sua inclusão no Índex**. Encaminhado ao Santo Ofício, todos os seus esforços para obter a condenação do opúsculo foram **infrutíferos**. Foi então que ele ameaçou Mons. CATERINI, secretário do Santo Ofício, de retirar o Óbolo de São Pedro, "se não fosse feito algo em seu favor". O Cardeal CATERINI enviou, portanto, a Mons. CORTET, uma carta cujo texto latino é o seguinte, tal como foi publicado em *L'Ami du Clergé* de 26 de agosto de 1897:

Reverendíssimo Padre,

Sua carta de 23 de julho último, relativa à publicação do opúsculo intitulado: "A aparição da Santíssima Virgem na montanha de La Salette", foi apresentada aos Eminentíssimos Padres, e comigo, aos Inquisidores, que julgaram dever responder a Vossa Paternidade que não agradou à Santa Sé que o referido opúsculo fosse tornado público: e, portanto, é Sua vontade que seus exemplares, onde quer que tenham sido divulgados, sejam, na medida do possível, retirados das mãos dos fiéis.....

Roma, 8 de agosto de 1880.

P. Card. CATERINI,

Tradução literal.

Muito Reverendo Padre,

Sua carta de 23 de julho último, relativa à divulgação do opúsculo intitulado "A Aparição da Santíssima Virgem na Montanha de La Salette", foi apresentada aos Eminentíssimos Padres, juntamente comigo, Inquisidores, os quais consideraram adequado responder a Vossa Paternidade que não agradou à Santa Sé que o referido opúsculo tivesse sido entregue ao público, e que, portanto, é sua vontade que, onde quer que tenham sido distribuídos, os exemplares sejam, tanto quanto possível, retirados das mãos dos fiéis.

Roma, 8 de agosto de 1880

P. Card. CATERINI

Observou-se que o texto fornecido por *L'Ami du Clergé* termina com reticências. Isso se deve ao testemunho do Sr. Abade Roubaud, de Saint-Tropez (Var), que afirma que, ao receber essa carta do Cardeal Caterini, Mons. Cortet ficou decepcionado. Pois, depois de dizer para retirar das mãos dos fiéis o opúsculo de Melanie, se, **como afirmava o Bispo**, "o Segredo causava distúrbios na França", o Cardeal acrescentava: **mas mantenha-o nas mãos do Clero para que ele se beneficie dele**"5.

Não ousando publicar essa carta, o bispo de Troyes a enviou ao bispo de Nimes, Mons. Besson, que em sua Semana Religiosa, de 5 de setembro de 1880, publicou o seguinte comunicado:

O Senhor Bispo de Nimes, como fizeram vários de seus colegas, denunciou à Sagrada Congregação da Inquisição um opúsculo recentemente publicado com o título: *A Aparição da Santíssima Virgem na Montanha de La Salette*, que conteria o Segredo de Melanie.

A Sagrada Congregação da Inquisição expressou seu julgamento sobre esse opúsculo em uma carta dirigida a Mons. o Bispo de Troyes, por Sua Eminência o Cardeal Caterini, Prefeito da referida Congregação. A importância dessa decisão NOS OBRIGA a torná-la conhecida sem demora:

Reverendíssimo Senhor,

A Sagrada Congregação da Inquisição recebeu da Congregação do Índex as cartas de Vossa Grandeza relativas ao opúsculo intitulado: *A Aparição da Santíssima Virgem na montanha de La Salette*. Os muito Eminentes Cardeais, junto comigo, **Inquisidores Gerais** da Fé, **consideram digno dos maiores elogios o zelo que Vossa Senhoria demonstrou ao denunciar-lhes esse opúsculo**. Eles desejam que Vossa Senhoria saiba que **a Santa Sé viu, com o maior desprazer**, a publicação que foi feita, e que sua **expressa** vontade é que os exemplares já disseminados entre os fiéis sejam retirados de suas mãos onde quer que isso seja possível.....

Roma, 14 de agosto

P. Card. CATERINI

As liberdades que Mons. Besson tomou em sua tradução da carta Caterini, para agravar seu significado, estão impressas em negrito. A carta seguinte de Mélanie ao Abade Roubaud reduz a sua justa medida a carta Caterini.

Castellamare, 25 de outubro de 1880. Meu muito Reverendo Padre,

Não se perturbe com tudo o que o demônio faz por meio dos homens; **Deus o permite para fortalecer a fé dos VERDADEIROS crentes**. As Personalidades a quem me dirigi em Roma pertencem, uma à Congregação do Índex e a outra à do Santo Ofício, ou da Inquisição, que é a mesma. Tanto um quanto o outro ignoravam a carta do Cardeal Caterini. É isso que os fez dizer que **é um partido que age independentemente do Papa e mesmo das Congregações do Índex e da Inquisição**.

As duas Personalidades das quais Melanie fala eram dois Cardeais, um dos quais era o Cardeal Ferrieri. Mons. Pennachi, Consultor do Índex, interrogado por Melanie, escreveu-lhe as mesmas declarações que as dos dois Cardeais.

Dessa carta de Mélanie, conclui-se que o Cardeal Caterini havia, por uma **simples carta particular**, envolvido erroneamente seus colegas do Santo Ofício e até mesmo a Santa Sé; **do que o secretário do Cardeal, que a havia redigido, pediu desculpas a Mons. Zola, acrescentando que havia sido forçado a agir assim**.

---

[5] Nota do Abade Roubaud, em sua tradução da carta do Bispo Zola ao R. P. Kunzlé.

Autenticidade

A Autenticidade do Relato da Aparição de Nossa Senhora de La Salette, tal como foi escrito por Mélanie sozinha e por ela publicado após 1858, de acordo com a data fixada pela Santíssima Virgem, primeiro por fragmentos, e finalmente **em sua integridade em 1879 com o Imprimatur do Ordinário de Leccè**, é-nos garantida **pelos testemunhos inigualáveis** que o Bispo de Leccè, Mons. Louis ZOLA, prestou solenemente à Mensageira de MARIA nas cartas acima e especialmente naquela de 24 de maio de 1880 ao Sr. Abade ROUBAUD e naquela de 5 de março de 1896 ao R. P. KUNZLE.

O texto deste Relato, tal como se encontra no início desta brochura, não é senão a reprodução exata, palavra por palavra, do texto de 1879 tal como foi reimpresso em Lyon por Melanie "com seus próprios clichês", no decorrer de 1904, ou seja, poucos meses antes de sua bem-aventurada partida nesta cidade de Altamura (Itália) na noite de 14 a 15 de dezembro de 1904.

É este mesmo texto que Mélanie, nesse mesmo ano de sua morte, quis ainda autenticar por estas duas últimas declarações de sua veracidade:

Carta de Melanie ao Sr. de La Rive, 16 de Outubro de 1904

Muito venerado Sr. de la Rive,

Sou-lhe muito grata por, neste tempo de fé morta, ter ousado publicar o Segredo da França cristã, **tal como eu o havia publicado em 1879**, com o Imprimatur de Monsenhor ZOLA, Bispo de Leccè (Itália) **e que eu fiz reimprimir este ano em Lyon**, antes de deixar a França.

Eu protesto veementemente contra um texto diferente que ousariam publicar após a minha morte. Eu ainda protesto:

1° contra as falsíssimas declarações de todos aqueles que ousaram dizer e escrever que eu bordei o Segredo;

2° Contra aqueles que afirmam que a Rainha da Sabedoria não disse para fazer o Segredo passar para todo o seu povo.

Este 18 de outubro de 1904, Melanie Calvat, Pastora de La Salette.

Extrato de Uma Carta Datada de 16 De Maio de 1904 e Endereçada por Mélanie ao Senhor Abade Henri Rigaux, Páraco de Argœuves (somme)

Encontrando-me agora na minha velhice, e pela graça de Deus gozando da inteira liberdade da minha alma, certifico diante da Majestade do Altíssimo, que o Segredo impresso em Lecce com o Imprimatur de Monsenhor ZOLA em 1879 é tal como o recebi da nossa doce Mãe Maria e tal como o dei em 1878 e uma segunda vez em 1879 a Sua Santidade Leão XIII.

Devo dizer que o Segredo foi aprovado por Sua Eminência o Cardeal Xyste RIARIO SFORZA, Arcebispo de Nápoles, por Monsenhor Mariano RICCIARDI, Arcebispo de Sorrento, por Sua Eminência o Cardeal GUIDI, por Monsenhor CONSOLINI, depois por Monsenhor PETAGNA, Bispo de Castellamare di Stabia, que foi a minha providência durante dezessete anos, isto é, até à sua santa morte.

Entre os Príncipes da Igreja que aprovaram o Segredo, esqueci-me de Sua Eminência o Cardeal FERRIERI que coloco em segundo lugar. Isso perfaz três Cardeais da Igreja Romana, todos muito sábios e sobretudo muito santos.

O Segredo de Mélanie foi Censurado por Roma?

No Boletim da Diocese de Reims de 25 de Maio de 1912, o Cónego Frézet afirmava o seguinte:

> "...Dizíamos de fato... que o tecido de grosserias e tolices publicado sob o título de Segredo de La Salette etc... ou de Segredo de Mélanie etc... **tinha sido colocado no Index, em 7 de Junho de 1901 e em 12 de abril de 1907**".

Sabendo que essas afirmações estavam erradas, o Marquês de la Vauzelle escreveu, em 6 de novembro de 1912, a Sua Eminência o Cardeal Luçon, Arcebispo de Reims. Por sua carta de 27 de novembro de 1912, Sua Eminência respondeu-lhe:

> "...Os artigos do Boletim reproduzem bem o meu próprio sentimento".

E o Cardeal acrescentava que transmitia ao **R. P. LEPIDI**, Mestre do Sacro Palácio, Membro do Santo Ofício e do Index, as três questões colocadas pelo Marquês de la Vauzelle, para saber se as inserções no Index, cujas datas o Boletim de Reims fornecia, visavam o opúsculo de Mélanie ou apenas as obras em que era citado e comentado. Sua Eminência informava-lhe além disso:

> "Assim que tiver a resposta do P. LEPIDI, se ele quiser responder-me, eu a farei chegar até você.

Em 19 de Dezembro de 1912, o Cardeal Luçon escreveu ao Marquês de la Vauzelle:

> Senhor Marquês,
>
> "Eis a resposta que recebo do R. P. LEPIDI às três questões colocadas em suas cartas de 6 e 25 de Novembro e 13 de Dezembro:
>
> "Eis o que me foi dado recolher por informações sérias sobre o assunto do Segredo de La Salette perante as Congregações Romanas, INDEX e SANTO

> OFÍCIO:
>
> 1° **O Segredo de La Salette nunca foi condenado** de uma maneira direta e formal pelas Sagradas Congregações de Roma.
>
> 2° Dois livros do Sr. Gilbert-Joseph-Émile Combe foram condenados pelo Index:
>
> Um em 1901: *O GRANDE GOLPE COM SUA DATA PROVÁVEL*, estudo sobre o Segredo de La Salette, acrescido da brochura de Mélanie e outras peças justificativas.
>
> O outro livro em 1907: *O SEGREDO DE MÉLANIE E A CRISE ATUAL*.
>
> Essas condenações dizem respeito direta e formalmente aos dois livros escritos pelo Sr. Combe e de modo algum ao Segredo. Peço a V. Ex.ª que aceite, etc...
>
> Vaticano, 16 de Dezembro de 1912. Albert LEPIDI, O. P.
>
> "Ao transmitir-lhe esta resposta, peço-lhe, Senhor Marquês, que aceite a expressão dos meus respeitosos sentimentos."
>
> L. J. Card. Luçon, Arceb. de Reims [6]"

No número de 31 de Dezembro de 1915 dos "*Acta Apostolicae Sedis*" apareceu, COMO EMANANDO DO SANTO OFÍCIO em data de 21 de Dezembro de 1915, um "Decreto" não portando a assinatura de nenhum dos Cardeais dignitários ou membros da Sagrada Congregação, mas somente a do seu notário Louis Castellano, e, além disso, sem nenhuma menção de data, nem do voto do "Decreto" em reunião da Congregação do Santo Ofício, nem de sua apresentação à aprovação do Papa Bento XV...

Ora, é verdade que este "Decreto" proíbe "tratar e discutir a questão do Segredo de La Salette". Mas ele não porta absolutamente nenhuma censura, nem sobre o opúsculo de Mélanie, nem sobre o Segredo em particular, nem nenhuma proibição de o possuir, de o ler e de o difundir.

Este "Decreto" deixa, portanto, os católicos em gozo das altas autorizações conferidas ao opúsculo de Mélanie pelos Imprimatur primeiro do Cardeal RIARIO SFORZA, Arcebispo de Nápoles, depois de Mons. ZOLA, Bispo de Lecce; sem contar as aprovações dos Cardeais FERRIERI e GUIDI, e mesmo do Papa Leão XIII que, não somente aceitou por duas vezes o opúsculo de Mélanie a ele oferecido pela autora, mas ainda encarregou o Sr. Amédée NICOLAS, advogado em Marselha,

> "de redigir uma brochura explicativa do Segredo inteiro a fim de que o público o compreenda bem".

ESTAS PÁGINAS FORAM ESCRITAS PARA A PURA VERDADE.

Romæ, die 6° Junii 1922.

Com a permissão da Autoridade eclesiástica

---

[6] A fotogravura deste documento se encontra na brochura *Le Secret de la Salette et le Bulletin du diocèse de Reims*, do Marquês de la Vauzelle.

Oração à Santíssima Trindade

COM A PERMISSÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

PARA OBTER A GLORIFICAÇÃO DE SUA HUMILDE SERVA, MÉLANIE CALVAT, PASTORA DE LA SALETTE.

Ó Santíssima Trindade! Fonte de toda a santificação, nós Vos oferecemos pelas mãos benévolas de Nossa Senhora de La Salette, Reconciliadora dos pecadores, nossas fracas reparações por tantas satânicas blasfêmias, por tantas profanações do Domingo e das festas de guarda, e por um orgulhoso desprezo do preceito absoluto da Oração, da Penitência e da Mortificação. Fazei que todos conheçam a imensidão do Vosso amor pelos homens, apreciem os celestiais tesouros que dá o perfeito renunciamento a si mesmo e ao mundo, e, consequentemente, subordinem as coisas terrenas à única obra necessária da salvação eterna.

Esses dons foram o apanágio de Mélanie, a fiel Mensageira da Rainha do Céu, e por seus méritos, Vos os pedimos. Concedei-nos suas virtudes de predileção, a humildade, a abnegação, a caridade, e, para manifestar sempre mais seu crédito junto à Vossa infinita Majestade, concedei que, por sua intercessão, nossas orações, cheias de fé, de confiança e de amor, alcancem a graça de..., conformando-nos, aliás, à Vossa divina vontade, seja qual for; agradecendo-Vos por todos os Vossos benefícios espirituais e temporais, para assim merecer ir em breve Vos adorar na eterna felicidade do Céu.

Assim seja. Que Jesus seja amado por todos os corações!

Três Pai-Nossos, Ave-Marias e Glórias, para a glória da adorável Trindade e em honra da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Roma, 6 de junho de 1922.

A BATALHA DE VOUILLÉ, 507

Tradução do material em arquivo pdf disponível no site Les Amis du Christ Roi de France

JEAN VAQUIÉ, Maio de 1988

- FIM DA ANTIGUIDADE, INÍCIO DA IDADE MÉDIA
- ÚLFILAS E O ARIANISMO VISIGODO
- GODEGÉSIL E O ARIANISMO BURGÚNDIO
- NOIVADO MEROVÍNGIO
- A POMBA E A ÂMBULA
- OS LÍRIOS SEM NÚMERO
- A PREPARAÇÃO SOBRENATURAL DA BATALHA
- VOCLADIS OU CARNAGE DOS GÓTICOS
- «PODEROSO EM AJUDA, MAS CARO EM PREÇO»
- O LEGADO

FIM DA ANTIGUIDADE, INÍCIO DA IDADE MÉDIA

Em 325 da nossa era, o Imperador Constantino, recentemente convertido, convoca o Concílio de Nicéia para decidir sobre a questão do arianismo. Trezentos bispos condenam a heresia de Ário e redigem a profissão de fé conhecida como *Símbolo de Nicéia*.

Em 381, o Imperador Teodósio convoca o Concílio de Constantinopla, que reitera a mesma condenação. Teodósio extirpa, em poucos anos, a heresia ariana dentro dos limites do Império Romano. Mas ela persiste na periferia.

O episódio final da história do arianismo merece ser contado. O último bispo ariano residente em Constantinopla deseja um dia administrar o batismo a um catecúmeno. Ele o faz pronunciando as palavras do ritual ariano:

> "Eu te batizo em nome do Pai, pelo Filho, no Espírito Santo".

A estas palavras, a água batismal desaparece completamente, deixando a piscina seca. A notícia desse milagre, rapidamente divulgada, reforça ainda mais a autoridade do Concílio.

Em 395, esse mesmo imperador Teodósio divide definitivamente o Império Romano entre seus dois filhos. Ele confia o Império do Ocidente a Honório, ainda criança, com residência em Roma. Ele atribui o Império do Oriente a Arcádio, com Constantinopla como capital. Essas duas metades do antigo império romano nunca mais serão reunidas. É o Império Romano do Ocidente que está destinado a desaparecer primeiro.

De fato, em 476, portanto, apenas um século após a decisão de Teodósio, o rei dos Hérulos, Odoacro, penetra em Roma e depõe o último sucessor de Honório, que levava o nome de Rômulo Augústulo, nome que lembra tanto o fundador de Roma quanto o primeiro imperador. Essa data marca o fim da Antiguidade e o início da Idade Média.

O Império do Oriente durará muito mais tempo. Ele desaparece em 1453 quando Maomé II destrona Constantino XI Paleólogo, último imperador do Oriente. Essa data marca o fim da Idade Média e o início dos *tempos modernos*.

Não era inútil relembrar sucintamente essas grandes decisões dos tempos históricos, antes de começar o relato de um evento que nos remeterá às nossas origens e, consequentemente, nos recordará nossa verdadeira identidade francesa e católica que tantos inimigos conspirados

gostariam de nos fazer perder.

No momento em que Odoacro põe fim ao Império Romano do Ocidente, o jovem Clóvis tem dez anos e Clotilde é uma menina de um ano. Uma nova era política começa, à qual essas duas crianças vão imprimir a marca de Jesus Cristo.

ÚLFILAS E O ARIANISMO VISIGODO

As decisões do Concílio Ecumênico de Nicéia, exploradas com diligência pelo Imperador Teodósio, o Grande, puseram fim ao arianismo que assolava o interior do Império. Mas em quais condições essa heresia se manteve entre os povos bárbaros que ocupam a periferia?

Um século antes, os godos se estabeleceram no vale do Danúbio: os ostrogodos na margem oriental e os visigodos na margem ocidental. Ora, esses dois povos praticam o arianismo devido às seguintes circunstâncias.

Eles foram evangelizados pelo bispo Úlfilas, que acabou por desfrutar de um imenso prestígio entre eles. Ele havia traduzido as Escrituras Sagradas para a língua gótica e, por causa disso, era considerado como um novo Moisés. Ora, ele aderiu ao arianismo sem medir bem, dizem, as consequências futuras dessa adesão. Os povos godos, tanto os do Oeste quanto os do Leste do Danúbio, seguiram cegamente seu novo Moisés. E assim se tornaram todos arianos. E permaneceram arianos enquanto as populações do interior do Império já não o eram.

Quando os godos deixaram suas residências danubianas e iniciaram suas migrações para o Sul e Oeste, para se aproximarem do Mediterrâneo e do Oceano, reintroduziram no Império um arianismo que havia sido extirpado cinquenta anos antes, principalmente pelo zelo católico de Teodósio.

Em 410, Alarico I, rei dos visigodos, aproveita a ausência de Honório, que está em Ravena, para tomar Roma. Ele se prepara para passar para a Sicília quando morre antes de realizar esse projeto. Seu sucessor, Ataulfo, faz a paz com Honório, que havia retornado a Roma. O Imperador cede-lhe a Gália Narbonense e a parte da Espanha situada ao norte do Ebro, o rio de Saragoça. A partir dessa primeira base, o reino visigótico se expande rapidamente para todo o vale do Garona. Essa é a origem do reino visigótico da Aquitânia, cuja capital é Toulouse.

Os primeiros reis visigodos da Aquitânia, embora permanecessem arianos, mantiveram boas relações com a população e o episcopado católicos. Essa política flexível se impôs aos visigodos durante todo o reinado de Honório, último imperador romano do Ocidente.

Mas quando Odoacro toma Roma e depõe Honório, a autoridade federativa do Império desmorona e Eurico, que se tornou rei dos visigodos após a morte de Ataulfo, aproveita para romper todos os laços de lealdade com Roma e expande os limites da monarquia visigótica, primeiro na Espanha, ao sul do Ebro, e depois na Gália, até o Loire e o Ródano. Ele sonha, aliás, em conquistar todo o resto da Gália, que a queda do Império Romano deixou sem defesa.

Ao mesmo tempo, Eurico retoma uma política de arianização. Ele impõe, sobre os territórios que ocupa na Gália, um jugo cada vez mais pesado. Exila os bispos que resistem a ele e proíbe que se substituam aqueles que morrem. Algumas sedes episcopais permanecem assim muitos anos sem titulares. As populações e o clero católicos suportam cada vez mais mal o autoritarismo ariano dos visigodos.

Eurico morre em 485 e Alarico II lhe sucede no trono visigótico de Toulouse. Ele está decidido a praticar uma política menos restritiva em relação aos católicos da Gália, mas não consegue desarmar a desconfiança deles. Pois os olhares dos galo-romanos agora se voltam para Clóvis e para os francos, cujos sucessos militares acabaram de mostrar a eficácia na defesa das fronteiras setentrionais. Lembra-se, pois foi apenas há quarenta anos, da ação decisiva de Meroveu nos Campos Cataláunicos na batalha que repeliu os hunos e que durou três dias, 20, 21 e 22 de setembro de 451.

O próprio Clóvis acaba de pôr fim ao reino anacrônico que havia sido constituído pelo general romano Siágrio, entre Troyes e as costas da Mancha, ele o expulsou de Soissons, sua capital, em 486.

Se deixarem os visigodos conquistar a Gália, eles a mergulharão novamente nos erros e desordens do arianismo, e isso ainda mais certamente porque os burgúndios são arianos e também ariano é Teodorico, rei dos ostrogodos (a não ser confundido com Teodósio, imperador de Roma e de Constantinopla). Teodorico acaba de expulsar Odoacro de Roma; ele próprio se instalou lá e exerce uma autoridade quase imperial. É realmente necessário conter a dominação dos príncipes arianos sobre a Gália. E quem pode fazer isso melhor do que Clóvis? É o que pensa São Remígio, que é arcebispo de Reims desde 461.

GODEGÉSIL E O ARIANISMO BURGÚNDIO

Os burgúndios também compartilham da heresia ariana, mas não foi Úlfilas que os levou a isso. Eles se instalaram no território galo-romano no início do século V, ou seja, no começo dos anos 400. A região que ocupam nos vales do Ródano e do Saône forma logo um reino cujas principais cidades são Lyon e Vienne. Na época de sua chegada à Gália, eles professam a religião católica. Só mais tarde eles passaram ao arianismo. Sua localização geográfica os tornou vizinhos dos visigodos arianos, que vimos se aproximaram do Ródano. Eles também são vizinhos dos ostrogodos, também arianos, que são mestres de Roma e que estendem sua dominação até a Provença. Esses dois poderosos vizinhos acabaram por arrastar os burgúndios ao arianismo.

O rei burgúndio Gondérico permaneceu católico. Mas, com sua morte em 476, uma luta pela sucessão começou entre seus quatro filhos: Godemaro, Quilperico, Gondebaudo e Godegésil (também conhecido como Godégisèle). Entre esses quatro herdeiros, a luta será particularmente acirrada entre Quilperico, que permaneceu católico, e Gondebaudo, que se tornou ferozmente ariano. Ora, é Gondebaudo que prevalece, fazendo perecer Quilperico e toda sua família, exceto as duas pequenas filhas, Crona e Clotilde, a quem poupa a vida, mas que, segundo nos conta Gregório de Tours, se tornam praticamente prisioneiras de seu tio Gondebaudo.

Quando Gondebaudo morre, é seu irmão Godegésil que se torna tutor e guardião de Clotilde, que permaneceu católica como seu pai e sua mãe, apesar das pressões exercidas sobre ela na residência burgúndia de Genebra.

Vimos que foi em 476, no mesmo ano da morte de Gondérico, o avô de Clotilde, que o rei dos hérulos, Odoacro, tomou Roma, saqueou a cidade e depôs o último imperador do Ocidente. Nesta data, notemos mais uma vez, Clóvis, nascido em 466, tinha 10 anos e Clotilde era uma pequena princesa no berço. Essas duas crianças estão destinadas a, em alguns anos, desempenharem um papel preponderante na instalação do regime feudal e cristão que substituirá o regime imperial romano. O desaparecimento do imperador e a vacância de um trono tão prestigioso não poderiam deixar de criar um vazio profundamente sentido pelas populações galo-romanas e góticas. A era da Antiguidade acaba de se fechar. Todo o Antigo Império tem consciência disso. Qual será o destino da Fé ortodoxa na nova era que começa? Essa é a pergunta que se faz o episcopado católico e, em particular, o mais santo de todos os bispos da época, São Remígio.

NOIVADO MEROVÍNGIO

Clóvis, rei dos francos desde fevereiro de 481, não deixava de manter relações diplomáticas com a corte dos reis burgúndios Gondebaudo e depois Godegésil. Seus embaixadores lhe traçavam um retrato lisonjeiro da jovem princesa católica Clotilde, órfã de pai e mãe, que vivia sob a rígida tutela de seus tios.

O romance sentimental de Clóvis e Clotilde faz parte da nossa epopeia nacional e cristã. Certamente, nele se encontram episódios bastante "terrestres", mas que não devem nos fazer esquecer a trama sobrenatural que lhes serve de base. Suas missões eram de uma importância capital e, evidentemente, foi o Céu que os fez se encontrar. Tudo indica que sentiram uma atração um pelo outro antes mesmo de se verem.

Clotilde tinha, junto a Clóvis, defensores particularmente eficazes: São Remígio e os eremitas de Ferrières.

- Podemos pensar que São Remígio, poderoso taumaturgo e místico em contínuo contato com Deus, atuou na circunstância sob a inspiração do Espírito Santo.
- O mesmo deve ser dito dos eremitas de Ferrières-en-Gâtinais. Este lugar era privilegiado há muito tempo, pois a Virgem Maria havia aparecido lá em vida, acompanhada de São José, São Saviniano e São Potenciano, os apóstolos de Senonais, numa noite de Natal. Ferrières está localizado no atual departamento de Loiret, a poucos quilômetros ao norte de Montargis. Eremitas se instalaram ali desde os primeiros anos da evangelização da Gália. Sabe-se que esses eremitas participaram diligentemente das negociações preparatórias do casamento de Clóvis. Onde a erudição profana vê apenas cálculos interessados e ambições eclesiásticas, preferimos ver disposições providenciais e, ao fazer isso, certamente estaremos mais próximos da realidade fundamental.

Clóvis sabe que a bela e piedosa princesa, que está se aproximando da maioridade, é bem guardada por seus rigorosos tutores. Ele quer enviar-lhe secretamente algumas cartas e joias para provocar uma primeira reação. Ele confia essa missão a um de seus oficiais particularmente fiel, eficaz e determinado.

O soldado, disfarçado de mendigo, chega a Genebra, residência de Godegésil. Ele assume uma expressão perplexa e começa a observar os hábitos de Clotilde. E em um belo domingo, ele vem esperá-la na saída da missa, em frente à igreja de São Pedro. Clotilde sai da igreja e vê esse mendigo que lhe parece singular. Mas ela se aproxima dele. O mensageiro, enquanto estende a mão para receber a esmola como convém a um mendigo, segura-a pelo manto com a outra mão para sussurrar algumas palavras ao seu ouvido. Clotilde o interrompe e diz:

> "Eu sei a verdade: você é uma pessoa de qualidade, disfarçada."

Então, em poucas palavras, ela marca um encontro para alguns dias depois.

Apenas, na véspera do encontro que decidirá o sucesso ou o fracasso de sua missão, um ladrão rouba do mensageiro a pequena bolsa que contém as joias enviadas por Clóvis. E é um homem bem embaraçado que chega ao encontro. Clotilde adivinha imediatamente o que aconteceu e lhe indica o lugar onde o ladrão escondeu as pedras preciosas. Depois, ela aceita o anel enviado por Clóvis e, rápida na decisão, confia ao mensageiro, em troca, o anel que ela mesma usa no dedo. O oficial parte, missão cumprida, não sem a ajuda da Providência.

Clóvis, que conhece perfeitamente a situação na corte burgúndia, não apressa as coisas e espera que uma oportunidade se apresente. No ano seguinte, na mesma época, ele envia a Genebra, não mais um mendigo desta vez, mas toda uma delegação para fazer o pedido oficial ao rei Godegésil, tutor de Clotilde.

O rei burgúndio é pego de surpresa. Clotilde, ao contrário do que ele poderia esperar, aceita imediatamente o pedido de casamento de Clóvis e junta-se imediatamente à delegação franca. Ela faz rapidamente entender aos francos que precisam partir o mais cedo possível. Eles não pedem outra coisa. Colocam a princesa em uma carruagem leve que parte imediatamente, escoltada por cavaleiros. Mas Clotilde acha o ritmo muito lento, ela pede um cavalo para poder adiantar-se aos perseguidores que Godegésil certamente enviará atrás dela. E lá vai ela em boa velocidade, cercada pela elite de seus futuros súditos.

Bem protegida, ela chega à Champagne. Quando Clóvis vê Clotilde pela primeira vez, ele é tomado de alegria. Ele não ousava imaginar tamanha distinção. O casamento ocorreu em 492, em Soissons, a cidade da qual Clóvis havia expulsado Syagrius alguns anos antes. A cerimônia foi realizada na igreja da Trindade e de Santa Sofia.

A POMBA E A ÂMBULA

O esposo da princesa católica não é batizado, e São Remígio sabe que essa situação é apenas transitória. A missão da Rainha será converter o Rei. Foi para isso que ela foi enviada para junto dele. Mas o Rei não é daqueles que mudam de opinião com discursos. Ele é feito para resistir às pressões e será necessário que o próprio Deus o convença. Assim, toda a elite do cristianismo galorromano que já havia conspirado para os noivados do Rei se coloca em oração:

- Santa Genoveva, que a Rainha encontra frequentemente;
- Os religiosos de Ferrières-en-Gâtinais;
- O eremita de Joye-en-Val, de quem falaremos em breve;
- E, sobretudo, São Remígio, o bispo de Reims, que há muito apostou em Clóvis com uma intuição que se assemelha muito a uma inspiração divina.

As orações sobem ao Céu, mas a conversão não vem. Os demônios do paganismo não largam facilmente sua presa. Percebe-se que será necessário uma provação.

A provação, Clóvis a encontrará na guerra contra os alamanos. A invocação ao "Deus de Clotilde", no campo de batalha de Tolbiac (496), é justamente um dos episódios mais populares de nossa História, pois decidiu não apenas o destino de uma batalha, mas o destino da França e até mesmo de toda a cristandade.

Clóvis invocou o verdadeiro Deus e não foi confundido. O início da derrota franca é contido. A batalha ganha um novo ânimo. Os alamanos são tomados pelo pânico. É a vitória de Tolbiac.

O Rei cumpre sua palavra. Ele é instruído por São Remígio, que o batiza e o sagra no dia de Natal de 496 nas fontes batismais de Reims. Privilégio inédito, é uma pomba que traz a Âmbula contendo o santo Crisma. Um privilégio que assemelha o batismo de Clóvis ao de Nosso Senhor no Jordão.

OS LÍRIOS SEM NÚMERO

Assim, o Rei tornou-se católico, como São Remígio sempre acreditou que aconteceria. No entanto, seu estandarte ainda era pagão: ele ostentava três crescentes. Nosso Senhor confiaria a Clóvis seu emblema pessoal: a flor-de-lis. Deixemos o historiador Nicole Gilles (1492) narrar este evento:

> "Lemos em alguns escritos que, nessa época, havia um eremita, homem prudente e de vida santa, que habitava numa floresta perto de uma fonte, no local atualmente conhecido como Joye-en-Val, na castelania de Poissy, perto de Paris. A dita Clotilde, esposa do rei Clóvis, tinha grande confiança nesse eremita e, por sua santidade, o visitava frequentemente e lhe supria as necessidades.
>
> "Um dia, estando o eremita em oração, um anjo apareceu a ele e lhe disse que deveria mandar apagar as armas dos três crescentes que Clóvis carregava em seu escudo (embora alguns dissessem que eram três sapos) e, em vez deles, colocar um escudo com campo de azul semeado de flores-de-lis de ouro, dizendo-lhe que Deus havia ordenado que os reis da França carregassem doravante tais armas.
>
> "O eremita revelou a visão à esposa de Clóvis. Ela imediatamente mandou apagar os três crescentes ou sapos e colocar as flores-de-lis, enviando-as a Clóvis, seu marido, que na época estava em guerra contra o rei Audoc, que havia vindo da Alemanha com grande número de homens, para a França e tinha seu cerco diante do lugar de Conflans Sainte Honorine, perto de Pontoise.
>
> "Clóvis combateu e obteve a vitória. Embora a batalha começasse na cidade, foi concluída na montanha, onde agora está a torre de Montjoye...
>
> "E em reverência ao envio das flores-de-lis, foi fundada na referida localidade um mosteiro de religiosos, chamado a Abadia de Joye-en-Val, em honra da santa Ampola e das ditas flores-de-lis enviadas a este grande Rei Clóvis."

Assim, as primeiras armas reais francesas apresentavam lírios sem número, simbolizando os inumeráveis súditos que se tornaram filhos adotivos do Rei. Cada francês tornou-se um pequeno lírio, ou seja, um pequeno príncipe.

Os princípios e seus emblemas estão agora estabelecidos. Resta apenas colocá-los em prática, ou seja, dar testemunho da Fé através das obras. Clóvis atacará a heresia com a determinação de um homem que leva a religião a sério. Em 500, com sua vitória em Dijon, ele impede qualquer tentativa dos burgúndios arianos de se expandirem para o norte.

Depois de, no seu flanco sudeste, imobilizar os burgúndios, Clóvis pensa em voltar-se contra o grosso das forças arianas, os visigodos da Aquitânia, cuja pressão sobre o Loire não para de aumentar e que correm o risco de cruzá-lo

A PREPARAÇÃO SOBRENATURAL DA BATALHA

Estamos no ano 506. Clóvis está casado há catorze anos e está prestes a iniciar a campanha contra os Visigodos, para a qual preparou seu exército material e moralmente. Ninguém dissimula que será uma grande empresa. Toda a cristandade da Gália aguarda ansiosa, pois o destino do confronto determinará a paz religiosa da Cristandade.

No entanto, Clóvis adoece gravemente, e seu estado piora rapidamente. Seus médicos desistiram de curá-lo. O casal real então recorre a São Severino, abade do mosteiro de Saint Maurice d'Agaune, no Valais (na atual Suíça). Mas por que São Severino? Por duas razões.

Primeiro, porque o santo abade tem a reputação de ser um taumaturgo, a quem se pode confiar um caso desesperado. Mas também porque Clóvis tem devoção a São Maurício, o general da "Legião Tebana", que foi dizimada em Agaune durante as perseguições imperiais e de quem São Severino, o atual abade, é, portanto, o representante. Clóvis lembra que, em 451, (há pouco mais de 50 anos) seu avô Meroveu travou uma batalha vitoriosa contra Átila, nos Campos Cataláunicos (ou Mauricianos), batalha que durou três dias, de 20 a 22 de setembro, exatamente nos dias aniversários da dizimação da legião tebana, que também durou três dias.

Clóvis envia alguns cavaleiros a Agaune para alertar São Severino e pedir-lhe que venha o mais rápido possível. Ao chegar junto ao rei doente, São Severino joga seu manto sobre ele e instantaneamente o cura. O enviado de São Maurício cumpriu bem sua missão. Este é um primeiro sinal que augura bem para a campanha que está para começar.

O exército franco dirige-se para Tours, com o objetivo de atravessar o Loire e encontrar os Visigodos de Alarico II, que vêm da Aquitânia e se dirigem para o norte. Tours é a cidade do ilustre São Martinho, apelidado de Apóstolo das Gálias, que morreu há pouco mais de um século. Mas a cidade ainda está cheia de sua lembrança. Clóvis quer ir à catedral para recomendar sua campanha ao santo e poderoso protetor. Ele envia uma delegação à frente, trazendo alguns presentes aos sacerdotes e anunciando sua visita.

Os delegados, para não interromper o ofício, param no fundo da nave e escutam a salmodia. Eles ouvem o versículo 40 do Salmo XVII, que diz:

> "Você me vestiu com força para a batalha; subjugou sob mim aqueles que se levantaram contra mim. Você fez meus inimigos se virarem e fugirem; eu destruí aqueles que me odiavam."

Este sinal celestial fortalece a fé e a coragem de Clóvis e de seu exército. Sentindo-se abençoados e protegidos por São Martinho e por Deus, eles atravessam o Loire com confiança renovada, prontos para enfrentar os Visigodos e defender a fé cristã na Gália.

Clóvis considerou o cântico desse versículo naquele momento específico como a resposta de São Martinho ao seu pedido de proteção. Veremos em breve como, após a vitória, ele expressou sua gratidão.

Os francos deixaram Tours. Eles atravessaram o Loire e agora estão na margem sul. Mas ainda é necessário atravessar o Vienne. Vamos deixar as crônicas falarem:

> «Clóvis então seguiu em direção ao rio Vienne, perto de Chinon. E as águas estavam tão altas que ultrapassavam as margens. Ele não conseguiu atravessar. Então parou e se acomodou ali. E do outro lado do rio estava Alarico. Clóvis fez uma oração e, enquanto os franceses procuravam encontrar uma passagem, um cervo apareceu repentinamente perto deles, saindo da floresta de Chinon. Os franceses começaram a caçá-lo e o perseguiram tanto que o cervo, maltratado, foi forçado a entrar na água do rio. E atravessou por um local onde podia caminhar sem nadar. Então, os franceses concluíram que era por ajuda divina e que Deus, através das orações de São Martinho, havia enviado milagrosamente o cervo para lhes mostrar o caminho e a passagem. Assim, deixaram o cervo ir e todos atravessaram o rio pelo local onde o cervo havia cruzado».

Os exércitos visigodos e francos logo se encontrarão. Os francos acampam a sete léguas a oeste de Poitiers. À noite, um globo de fogo se eleva do túmulo de São Hilário, que morreu em 367, há pouco menos de um século e meio, e esse globo de fogo se posa no topo da tenda de Clóvis. O grande doutor gaulês, que São Jerônimo chamava de «O Ródano da eloquência latina», assim manifestava seu encorajamento a Clóvis com um sol, que é o emblema dos doutores porque os doutores iluminam.

Assim, a jornada de Clóvis em direção às planícies de Vouillé foi marcada por sinais sobrenaturais de aprovação. Agora resta combater com energia e confiança.

VOCLADIS OU CARNAGE DOS GÓTICOS

O antigo nome da vila de Vouillé é Vocladis, que às vezes também é escrito Voclades. Em latim, *clades* significa desastre. E a sílaba *Vo* é uma das deformações possíveis de Goth. Traduzimos Vocladis como *carnificina dos Góticos*.

A História não conservou nenhuma anotação precisa sobre as fases dessa batalha. No entanto, parece que a questão foi resolvida bastante rapidamente.

Os dois reis inimigos estão presentes no campo de batalha e comandam suas tropas. Clóvis distingue rapidamente o pelotão que escolta Alarico II. Ele considera que a posição torna o Rei visigodo bastante vulnerável. Dirige-se diretamente a ele com sua própria escolta e o enfrenta pessoalmente. Um combate singular entre dois reis em plena batalha. Clóvis domina Alarico e o mata com suas próprias mãos, conquistando assim o «*spolia opima*» de seu adversário. Um feito muito raro, mesmo naquela época.

A morte de Alarico, que ocorre no início do combate, rapidamente chega ao conhecimento do exército visigodo. A notícia provoca hesitações nas fileiras e, pouco a pouco, uma verdadeira debacle. A vitória dos francos é esmagadora e proporciona a Clóvis, em toda a Gália, uma popularidade sem precedentes.

> «Este é o homem que precisamos para nos defender».

Os clérigos não são os menos satisfeitos.

A vitória de Vouillé, além de abrir a Clóvis as portas da Aquitânia, se soma às vitórias de Soissons sobre Syagrius, de Tolbiac sobre os Alamans e de Dijon sobre os Burgúndios. Em um único reinado, em poucos anos, as fronteiras naturais são desenhadas e atingidas. A Gália está agora liberada da autoridade romana, cuja representação tardia era Syagrius. Não precisa mais temer nem os invasores vindos da Germânia, agora contidos, nem a retomada das discórdias arianas. É tempo de tomar o nome de seu rei e se chamar França.

Uma questão surgiu para os historiadores modernos. A vila de Vocladis, que se tornou Voughié e depois Vouillé, é realmente o local da batalha durante a qual Alarico II foi morto por Clóvis? Várias vilas nas proximidades de Poitiers reivindicam essa honra, de modo que muito se discutiu sobre isso. Não podemos fazer melhor para resolver essa competição do que remeter ao trabalho de Auguste Longnon, *Géographie de la Gaule au Vè siècle*, Paris, 1878, Hachette, p. 576-587.

A. Longnon observa que Gregório de Tours resolve implicitamente o problema quando especifica que o «*Campus Vocladeusis*», ou seja, o campo de batalha de Vouillé, estava localizado a oeste de Poitiers, a uma distância equivalente a 15 quilômetros. Ora, entre as localidades em competição, apenas o Vouillé atual corresponde a essa distância. E A. Longnon conclui seu estudo escrevendo:

> «Não nos surpreenderá ver que concluímos aqui pela identidade de Vouillé com Vocladis».

«PODEROSO EM AJUDA, MAS CARO EM PREÇO»

Clóvis, que não é o guerreiro astuto e brutal descrito por alguns historiadores, tomou cuidado de manifestar publicamente sua gratidão aos santos padroeiros que o encorajaram e ajudaram.

Reconhecimento a São Hilário. Clóvis faz reconstruir a igreja e o mosteiro de São Hilário em Poitiers. Ele soube que São Hilário havia aparecido recentemente ao abade pedindo a reconstrução do mosteiro. Ao saber disso, Clóvis decide assumir o custo da reconstrução; uma resposta real ao «sol» de São Hilário, na véspera da batalha. Reconhecimento a São Martinho pelo precioso presságio, Clóvis funda em Tours uma abadia sob a invocação de São Maurício. A igreja abacial ainda existe hoje, mas agora está sob o vocábulo de São Julien.

Mas Clóvis quis fazer um presente mais imediato ao clero da catedral. Ele lhes dá o cavalo que montava na batalha de Vouillé. Em seguida, pensando com razão que os clérigos prefeririam uma quantia em dinheiro a um cavalo do qual não saberiam o que fazer, o rei decidiu resgatar o cavalo e depositou 100 sólidos de ouro diante da urna de São Martinho, depois montou novamente para partir. Mas o animal não se moveu, dando a impressão de que suas patas estavam coladas ao chão. Clóvis desceu para aumentar a quantia do resgate. Ainda assim, o animal se recusou a se mover. Foi necessário esperar que a quantia chegasse a 500 sólidos para que o cavalo de Vouillé decidisse partir. Clóvis então se despede do clero da catedral, declarando de forma bem-humorada:

> «São Martinho é poderoso em ajuda, mas caro em preço».

Clóvis demonstra que estava muito consciente da ajuda sobrenatural que havia recebido. Ele mandou construir em Paris a igreja de São Pedro e São Paulo na colina de Sainte Geneviève, no local da atual rua Clóvis (atrás do Panteão). Foi o ex-voto real da vitória.

Rapidamente, Clóvis colhe os frutos da vitória de Vouillé. Foi durante sua passagem por Tours, após a batalha, que ele recebeu do Imperador do Oriente Anastácio, os insígnias de Patrício e de Cônsul romano.

Em 511, o rei convocou um concílio em Orléans para resolver diversas questões relacionadas à Igreja da França. Foi o concílio de Orléans que estendeu a todo o reino as procissões das Rogações estabelecidas por São Mamerto no diocese de Vienne. As Rogações são realizadas durante os três dias que precedem a Ascensão. Elas visam conjurar os flagelos naturais que privam a terra de sua fertilidade. Quem mede os benefícios temporais das Rogações? Elas contribuíram fortemente para

forjar a civilização rural da Idade Média.

Foi no concílio de Orléans que Clóvis recebeu o título de «Filho mais velho da Igreja». Este título se estendeu posteriormente ao próprio reino.

O LEGADO

A batalha de Vouillé é um dos momentos mais significativos da história cristã. Pode ser comparada a outras grandes batalhas decisivas, como, por exemplo, a do Ponte Mílvio, em 312, onde Constantino exibiu pela primeira vez o *Labarum*, uma bandeira adornada com a Cruz e a inscrição que lhe havia aparecido no céu alguns dias antes: «*In hoc signo vinces*». Maxêncio, que tiranizava Roma, foi derrotado e se afogou no Tibre enquanto fugia. Constantino pôde promulgar no ano seguinte (313) o Édito de Milão, que concedia liberdade pública à Igreja. Era o fim das catacumbas.

Vouillé supera até mesmo o Ponte Mílvio em importância. Foi em Vouillé que a identidade feudal e católica da Idade Média se formou definitivamente. Se Clóvis tivesse sido derrotado, o arianismo teria prevalecido, transmitindo seu espírito para a nova era que se abria.

Mas em Vouillé, não há nenhum vestígio visível, nenhuma ruína venerável, nenhum diploma homologado. Apenas um nome, uma memória e uma lógica. Uma lógica que esperou quinze séculos para se desabrochar. Pois hoje, no *Campus Vocladeusis*, a batalha continua. A forma do combate pode não ser mais a mesma. Mas é a mesma causa. Excelentes escritores tradicionalistas atuais apontaram que os erros modernos são a ampliação da heresia de Ário. Este infame herege negava a divindade do Verbo, Sua coeternidade e Sua consubstancialidade. Ele retirava de Jesus Cristo Sua majestade divina, reduzindo-O a um mensageiro exemplar, colocando-O ao nível de um fundador de seita como Buda ou Zoroastro. É exatamente isso que ouvimos hoje.

O Vouillé de 507 definiu nossa identidade francesa e cristã. O Vouillé de hoje luta para que a redescubramos. Que os santos que conduziram Clóvis à vitória — São Martinho, São Remígio, São Hilário, São Maurício, Santa Clotilde, Santa Genoveva — se dignem nos conduzir também para lá amanhã.

A BATALHA PRELIMINAR

- Introdução
- 1. A Batalha Inferior
- 2. A Batalha Superior
- 3. A Batalha Preliminar

Introdução

Torna-se cada vez mais evidente que a luta contra-revolucionária ocorre em dois níveis.

1. – Primeiro, devemos lutar para conservar as últimas posições que nos restam. É evidente e necessário conservar nossas capelas, nossos poucos mosteiros, nossas escolas, nossas publicações, nossas associações e, mais geralmente, nossas esperanças de salvação e a ortodoxia de nossas doutrinas. Assim, estamos envolvidos em uma série de combates conservadores de pequena amplitude dos quais não podemos nos esquivar.

De fato, encontramos a menção desses combates na própria Escritura. São João Evangelista, sob o ditado de "Aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas", ou seja, sob o ditado de Nosso Senhor, dirige-se ao anjo da igreja de Sardes dizendo: "Esto vigilens et confirma cetera quae moritura erant", o que significa:

> "Seja vigilante e mantenha os restos que estavam prestes a perecer" (Apoc. III, 2).

Sabemos que a Igreja de Sardes corresponde ao nosso tempo. Portanto, essa admoestação "mantenha os restos" é dirigida a nós. O céu espera de nós essa salvaguarda dos restos. Isso formula nossa missão. Constitui nosso combate contra-revolucionário diário. Esta é a batalha inferior. É uma batalha defensiva, uma batalha de manutenção.

2. – Mas acima desses inúmeros compromissos conservadores, uma batalha ainda mais importante começou, cujo objetivo é a mudança do poder.

"**Eu reinarei apesar dos meus inimigos". Quem de nós teria esquecido essa promessa lacônica mas formal, que Nosso Senhor fez a Santa Margarida Maria em 1689?** Sozinha, ela poderia nos bastar. Mas foi renovada, durante os séculos XIX e XX, a um grande número de místicos, em particular à senhora Royer. E quando se considera que o juramento resulta da repetição da promessa, pode-se afirmar que o reinado do Sagrado Coração nos foi prometido com juramento. Podemos, portanto, estar seguros de que hoje Nosso Senhor opera misteriosamente conforme Seu modo habitual, com o objetivo de extirpar o poder da Besta e instaurar Seu próprio reinado. Essa misteriosa batalha, da qual Ele é o agente essencial, constitui a batalha superior, a do objetivo principal.

Essas duas batalhas respondem, ambas, à Vontade divina. Entende-se que não possamos eludir nenhuma delas.

Elas estão entrelaçadas porque são sustentadas pelos mesmos combatentes, que assim têm duas lutas diferentes a travar. É de suma importância distinguir essas duas lutas, pois não têm o mesmo

objetivo e, portanto, não são suscetíveis da mesma estratégia. Em particular, a parte que cabe a Deus e a que cabe aos homens diferem grandemente entre uma batalha e outra.

As incompreensões que se observam entre os líderes dos grupos provêm do fato de que a maioria vê apenas um único combate e confunde os objetivos secundários, que são os da batalha inferior, com o objetivo principal, que é o da batalha superior.

São precisamente as estratégias respectivas desses dois enfrentamentos sobrepostos que gostaríamos de examinar um pouco mais de perto.

1. A Batalha Inferior

Como conduzir a "batalha de manutenção"? Ela apresenta, devido às suas raízes históricas, um certo número de particularidades das quais decorrem, para os líderes de grupos, servidões táticas. Eles não podem se entregar a quaisquer ações. Suas iniciativas são circunscritas a certos limites. Servidões e limites que evocaremos em quatro parágrafos:

1. O dinamismo reacionário fundamental

As verdadeiras forças vitais da França sempre foram antirrevolucionárias. **O dom inicial dado ao nosso país foi a monarquia cristã. A república laica é um castigo causado pelos pecados do povo, "*propter peccata populi*". A tendência espontânea da França não é para a república, mas para a restauração.** Nossa Nação deseja, especialmente, retornar ao dom inicial. Esse é seu dinamismo fundamental.

Essa rejeição instintiva da revolução é particularmente perceptível hoje. Estamos assistindo, indiscutivelmente, a um renascimento das forças vitais. De modo que tradicionalistas, constatando a retomada do potencial reacionário, se consideram suficientemente poderosos para enfrentar, com sérias chances de sucesso, provas de força que os colocariam contra o poder revolucionário. E é preciso reconhecer que, em termos absolutos, eles têm razão, pois a reação elementar da nação, quando considerada isoladamente, é um fenômeno poderoso e particularmente atual.

No entanto, nos antípodas desse corrente fundamental, "o Adversário" teceu uma rede estreita de constrangimentos revolucionários que é totalmente artificial, mas que se impõe de maneira absoluta. O poder legal pertence a essa rede, e ainda mais o "poder oculto" que é seu conhecido inspirador.

A habilidade de nossos políticos, que é considerável, consiste essencialmente em fazer a França votar contra seu dinamismo fundamental. Esse é o principal trabalho deles, e é considerado admirável. **A França é como uma montaria dominada por um cavaleiro que só trabalha para exauri-la**. Ela não tem mais força para derrubá-lo. Enfim, a energia reacionária sempre renascente do nosso país é constantemente neutralizada, mutilada e invertida. As novas gerações antirrevolucionárias são ceifadas à medida que surgem. E a França avança de purificação em purificação. O "poder da Besta", embora essencialmente utópico por natureza, tornou-se, de fato, irreversível.

O atual aumento do dinamismo reacionário não deve nos iludir. Ele sofrerá o mesmo destino que os anteriores. Está sendo preparada uma nova purificação para ele.

Essa é a primeira particularidade da batalha inferior: **saber que ela é travada por uma minoria, vigorosa, é claro, mas humanamente impotente. É bom que os líderes de grupos tomem consciência dessa primeira dificuldade. O dinamismo reacionário fundamental é real, mas é neutralizado por um dispositivo revolucionário praticamente**

insuperável.

2. A má posição jurídica

Os tradicionalistas têm consciência de defender os direitos de Deus diante do poder da Besta. Eles tiram daí seu ardor e confiança. Mas eles imaginam facilmente que essa posição de princípio lhes confere, sobre o Estado laico, uma preeminência jurídica. Eles descem às ruas brandindo o Decálogo e o Evangelho, acusando o Estado de violá-los. Eles os opõem aos prefeitos, aos governadores e aos ministros, dizendo-lhes:

> "É seu dever, pelo direito divino, que está acima de todas as leis humanas, proibir o aborto, a eutanásia, as blasfêmias públicas nos espetáculos, a construção de mesquitas, a naturalização em massa dos muçulmanos... e todas essas coisas execráveis."

Mas como não ver que agora é tarde demais para sustentar tal discurso? Era preciso começar por se opor à laicização constitucional do Estado. Ora, precisamente, essa laicização foi alcançada, em 1958, **graças aos votos dos católicos**. Foram os católicos que inclinaram a balança para o lado da apostasia definitiva do Estado. Impulsionados por seus bispos, eles próprios manipulados pelo futuro cardeal Villot, então diretor do secretariado do episcopado francês, votaram em massa pela constituição laica que o general De Gaulle lhes propôs. **Não é mais a hora de exigir do Estado sem Deus o reconhecimento dos direitos de Deus**.

Na luta "dia a dia" que devemos travar, estamos reduzidos aos meios da legalidade laica que, além disso, se tornará cada vez mais rigorosa, reduzindo cada vez mais nossos meios de defesa.

Uma legalidade socialista está sendo estabelecida, na qual os cristãos e seu Deus serão considerados inimigos públicos. É compreensível que tal situação seja exasperante para os tradicionalistas e seus líderes de grupos.

No entanto, se sob o pretexto de fazer valer um direito divino, empreendermos contra o Estado laico uma guerra de princípios, transgrediríamos os limites da batalha inferior para entrar na zona de ação da batalha superior, que envolve uma estratégia diferente, como veremos.

3. A lamparina a ser mantida

A batalha dia a dia não é uma batalha de ruptura. As forças nela envolvidas não têm os meios para uma ruptura. Seu ministério próprio é o de salvaguardar "os restos que estavam prestes a perecer".

É necessário que o Mestre, quando Ele vier, nos encontre "vigilantes". Ele nos pede precisamente para não desaparecer, para não desperdiçar forças e vidas que são Suas e das quais Ele precisará.

Pois os combatentes da batalha inferior, como já observamos, são os mesmos que os da batalha superior, que visa à mudança do poder. Colocados, pela Providência, na charneira das duas fases, eles devem travar duas guerras que são simultâneas no tempo e diferentes quanto aos seus objetivos e estratégias.

Veremos que, na batalha superior, a parte de Deus domina tudo e obscurece totalmente a do homem. Mas vamos concluir daí que essa "parte divina" é negligenciável nos combates conservadores? Certamente que não. **Como poderíamos, sem a ajuda do Céu, sem a ajuda dos anjos e dos santos padroeiros, enfrentar as etapas obrigatórias de uma guerra civil e estrangeira que podem ser resumidas em poucas palavras: provocações, desestabilização, reféns, represálias, delação, tribunais populares, tribunais clandestinos, terror político, vinganças pessoais, inflação, falência, anarquia?**

Uma das condições essenciais para manter, ao menos, uma humilde lamparina durante este período complexo e severo é a constante elevação do espírito ao Céu, para obter a cada instante as proteções indispensáveis. A parte de Deus, portanto, não é negligenciável nas lutas de manutenção.

4. Uma estratégia de prudência

Em relação à condução da batalha conservadora, duas observações preliminares se impõem:

- essa batalha visa apenas objetivos secundários;
- nenhuma assistência divina excepcional lhe é prometida.

Portanto, a batalha inferior deve ser conduzida segundo os métodos habituais do governo humano. É São Tomás (se nossa memória não nos falha) que nos indicará o essencial dessa conduta.

Conta-se que uma noite ele chegou para passar a noite em um mosteiro onde estava ocorrendo a eleição do Abade. "Elegemos o mais sábio", disseram-lhe. São Tomás objetou:

"Se é o mais sábio, que ele ensine." Os monges repetiram a eleição. "Desta vez, elegemos o mais piedoso." "Se é o mais piedoso", disse ele, "que ele reze." Eles repetiram uma terceira vez. "Elegemos o mais prudente." "Se é o mais prudente, que ele governe."

A batalha conservadora deve ser conduzida com prudência. Ora, o mesmo São Tomás, em outra passagem, aceita, no caso de o povo ser gravemente tiranizado, a possibilidade de uma revolta sob certas condições que se resumem a isto: é necessário que o remédio, ou seja, a revolta, não seja pior do que o mal, ou seja, a tirania. Se a revolta causar mais inconvenientes do que vantagens, ela ultrapassa os limites da prudência e deve-se evitar recorrer a ela para não agravar a situação.

A atividade conservadora pode, em certos momentos, exigir atos de ousadia. A luta dos tradicionalistas já fornece alguns exemplos memoráveis e é provável que forneça outros. Dizemos apenas que esses atos de ousadia não devem ser "golpes de cabeça" e "golpes de sorte" tentados

levianamente. Devem conter uma base de reflexão e prudência. Isso é absolutamente incontestável.

Há uma diferença entre a virtude da força, que reside na alma, e a força física. **De que nos serve ter a alma cheia de força moral se não temos, nas mãos, nenhuma força material para usar? A virtude da força não nos dá por si só o poder de intervir**.

Quando o adversário está no máximo de seu poder e prepara uma nova purificação, o simples bom senso exige que recomendemos, não a inação, é claro, mas, mesmo assim, a prudência.

Conclusão

Acabamos de marcar a diferença entre, por um lado, os objetivos secundários, ou seja, a manutenção das últimas posições tradicionais que constituem o foco da batalha inferior, e, por outro lado, o objetivo principal, a saber, a extirpação do poder da Besta, que é o foco da batalha superior.

Muitos não quererão admitir essa distinção. Eles dirão, e já dizem: "Não há duas batalhas, há apenas uma. A mudança do poder só pode resultar da sucessão de pequenas vitórias elementares da luta dia a dia. Essa mudança é uma questão de longo prazo, nossa recuperação só pode ser muito lenta. É utópico esperar um desfecho abrupto".

Os líderes de grupos que raciocinam assim concentrarão seu esforço principal nos objetivos secundários, precisamente aqueles diante dos quais nossos adversários os esperam, fortalecidos por sua legalidade socialista.

Nossos adversários, de fato, procurarão, como costumam fazer, nos fazer perder a calma e nos levar à violência. E é provável que eles consigam, pelo menos em parte, fazendo assim cair grandes partes da defesa tradicional.

Madame Royer, apóstola da devoção ao Sagrado Coração e alma privilegiada, escreve profeticamente: "Os franceses chegarão aos limites do desespero". Essa expressão mostra bem que ela não prevê uma "lenta recuperação", mas uma sucessão de fracassos.

Esse é o prognóstico, bastante pessimista, é verdade, que se pode fazer em relação à batalha inferior. Vamos ver que o mesmo não se aplica à batalha superior, à qual chegamos agora.

2. A Batalha Superior

1 – Um duplo objetivo

A batalha superior tem um duplo objetivo:

- a extirpação do poder da Besta;
- a restauração do poder de direito divino.

No entanto, este duplo objetivo é radicalmente impossível de ser alcançado pela minoria reacionária atualmente existente, neutralizada que está pelo aparato maçônico.

E no entanto, sabemos, através das promessas feitas pelo Sagrado Coração a Santa Margarida Maria e a tantas outras almas privilegiadas, que esta batalha já está ocorrendo invisivelmente e que está progredindo inexoravelmente em direção ao seu fim vitorioso destinado a ela.

Que sabemos sobre o provável desenrolar desta batalha? Sabemos com certeza duas coisas:

- ela é conduzida pela mesma minoria que já está enfrentando a batalha inferior;
- ela terminará com um milagre de ressurreição.

Vamos examinar, em dois parágrafos, o lugar e o papel respectivos desta minoria e deste milagre.

A – O pequeno número

Aqueles que compreendem o plano de Deus e se esforçam para corresponder a ele formam, concordemos, esse "pequeno número" ao qual Nossa Senhora de La Salette apela quando diz "***combatam, filhos da luz, vocês, pequeno número que vê***".

Qual é, no plano sobrenatural, o significado desta minoria, e o que podemos esperar dela em nossa luta terrestre?

Deus sempre reserva um "pequeno número" em quem Ele coloca a Fé como reserva. Às vezes, Ele confia isso a apenas um homem. Por exemplo, Moisés tinha apenas seu cajado e sua fé para conduzir os hebreus para fora do Egito. Da mesma forma, Davi tinha apenas sua funda e sua fé para vencer Golias. Da mesma forma, na época da Encarnação, havia apenas uma família perfeita, a Sagrada Família, cujo chefe era São José.

Esta "reserva de fé" sendo estabelecida, Deus só intervém pessoalmente no último minuto, quando toda esperança humana está perdida. É evidente que um "Salvador" só salva quando tudo está perdido.

Para que o desdobramento do poder divino seja manifesto, a "reserva de fé" precisa ser reduzida a quase nada. Mas não deve desaparecer completamente.

Há aqui uma disposição providencial que precisa ser bem compreendida.

Pareceria, no entanto, que se não restasse absolutamente nada, absolutamente nenhuma fé, se Deus não tivesse mais nenhum "testemunho" na terra, Seu poder e Sua vitória seriam mais evidentes cada vez que Ele restaurasse Suas obras arruinadas pela negligência humana.

Mas é preciso entender bem que se Deus preserva uma base ínfima, um único homem, uma família única, um "pequeno número", é porque Ele não está fazendo hoje uma nova criação. Ele realiza Suas obras terrenas com "nada", mas não com o nada. Ele opera com pequenos restos, ou seja, com coisas insignificantes, com "nada" que lembra o nada do qual Ele criou o universo, mas esses "nadas" não são, no entanto, o nada.

Este é o papel sobrenatural do "pequeno número" evocado por Nossa Senhora de La Salette: **um resto ínfimo que Deus pretende usar para restaurar o que foi abolido**.

Qual é agora o seu valor na luta terrestre? E, antes de mais nada, podemos atribuir a ele um nível quantitativo?

O "pequeno número" do qual estamos falando é simplesmente uma minoria que Deus constitui por Si mesmo e cujo número Ele aumenta ou diminui conforme Lhe convém. **Ele recruta essa minoria onde Ele quer e não apenas entre aqueles que se consideram, corretamente ou não, a elite designada**.

Deve essa minoria se proibir de qualquer proselitismo para permanecer fechada? Tal restrição seria impossível de realizar e, aliás, não seria desejável. Um proselitismo moderado é necessário. Ele revela uma vitalidade saudável. Apenas é necessário que seja um proselitismo de detecção, limitando-se a descobrir almas já providencialmente preparadas, almas em "harmonia pré-estabelecida". Ele ultrapassaria seus limites normais se se transformasse em propaganda estridente, utilizando meios midiáticos.

Vamos tentar descobrir, tanto quanto possível, o papel do "pequeno número" na batalha superior. Mas entenderemos melhor esse papel após examinarmos em quais condições poderia ocorrer o "milagre da ressurreição" que o pequeno número precisamente deveria invocar.

B – Um milagre de ressurreição

Ao sintetizarmos as profecias privadas que os arquivos religiosos conservaram desde os primórdios da França cristã, rapidamente nos convencemos de que temos o direito de esperar, em favor da antiga monarquia hoje destruída, uma intervenção divina que podemos chamar de um milagre de ressurreição.

Quem, então, está prometido a essa ressurreição?

Primeiramente, é a Realeza abolida há 200 anos. Mas também é a França, que, privada de seu chefe, isto é, de sua cabeça, morreu para a graça como nação. **E é ainda a Igreja universal, caída sob o poder de seu adversário e que também se encontra em estado de morte mística**.

Para compreender o que deve ocorrer, somos naturalmente levados a nos voltar para a ressurreição-tipo, ou seja, a ressurreição de São Lázaro descrita no Evangelho de São João, capítulo XI. As quatro fases desse evento extraordinário nos sugerirão quais podem ser também as quatro fases da ressurreição da França real.

2 – As quatro fases da ressurreição de Lázaro

Primeira fase

Jesus, sabendo o que deve realizar, avança com deliberada lentidão em direção à casa de Lázaro em Betânia. Ele encontra Marta e imediatamente pergunta sobre seu nível de fé, pois essa é a condição prévia para a ressurreição daquele que acabara de morrer: "Eu sou a ressurreição e a vida... crês tu nisto?" E Marta responde: "Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo".

E ela acredita nisso, não apenas por adesão a uma doutrina magistral, que ainda não existia, mas ela crê por "fé humana", assim como Carlos VII acreditaria nas vozes de Joana d'Arc. **Essa ausência de ceticismo em Marta, essa confiança, abre caminho para o exercício do poder divino**.

Segunda fase

Jesus, então, estremece novamente em si mesmo e se aproxima do túmulo. Era uma caverna, e uma pedra estava colocada sobre a abertura para fechá-la. Jesus diz: "*Tollite lapidem*" (tirai a pedra). **Esse trabalho, de fato, não é incumbência de Deus, pois está ao alcance da força humana. Por isso, o Verbo Encarnado não se encarrega disso**.

Observamos também que a pedra é um obstáculo entre Jesus e o cadáver que Ele pretende trazer de volta à vida. Mais adiante, veremos qual é, na ótica específica de nossa interpretação, o significado desse obstáculo.

Terceira fase

Esta é a fase essencial. Jesus clama com voz forte: "Lazare, vem para fora" (*Lazaro veni foras*). Ele faz o que somente um Deus pode fazer: ressuscitar um morto. Encontraremos esta fase essencial também no processo de restauração.

Quarta fase

O morto saiu do túmulo, com as mãos e os pés amarrados com faixas, e o seu rosto envolto num sudário. Jesus disse-lhes: "Desatai-o e deixai-o ir" (*Solvite eum et sinite abire*). Mais uma vez, são

os homens que realizam esta ação, pois desatar as faixas não requer a intervenção divina.

Estas são as quatro fases da ressurreição-tipo: "*Ego credidi*" - "*tollite lapidem*" - "*veni foras*" e "*solvite eum*".

Ao aplicarmos esta distinção quadruplicada, iluminamos os eventos esperados e os tornamos mais compreensíveis. Isto é o que faremos em breve.

Testemunhamos um episódio menos espetacular, mas de significado semelhante, quando Jesus ressuscitou a filha de Jairo, uma menina de doze anos. "Tomando-a pela mão, disse em alta voz: 'Menina, levanta-te!' O espírito dela voltou, ela se levantou imediatamente, e Ele ordenou que lhe dessem comida" (Lucas 8:54-55).

Neste milagre também observamos a operação divina da ressurreição primeiro. Em seguida, apenas os homens fazem o que lhes compete: alimentar a menina ressuscitada. No milagre da ressurreição de Lázaro, o trabalho de alimentar a menina corresponde ao trabalho de desatar as faixas.

3 – As 4 Fases da Restauração

Ego credidi

Nós não evitaremos o teste preliminar da confiança. Acreditamos que Jesus é capaz de restaurar a monarquia que Ele próprio estabeleceu em Reims no passado? Muitos hoje não acreditam. Mas sempre haverá um "pequeno número" que acreditará. **Sobre eles repousa a responsabilidade não de realizar a restauração, mas de torná-la possível, de abrir caminho para ela. Para abrir esse caminho, é preciso começar por crer no poder e na misericórdia do Senhor**.

Omnipotens et misericors Dominus

Estamos numa situação muito semelhante à de Marta. Assim como ela, não seguimos uma doutrina magistral, já que a restauração da monarquia não é uma verdade de fé divina. Se acreditamos nisso, é apenas "de fé humana". A Igreja não nos obriga a isso, mas cremos porque provas racionais nos foram fornecidas.

Tollite lapidem

Não haverá intervenção divina antes de remover a pedra. Remover a pedra significa remover o obstáculo que impede Deus de intervir. E esse obstáculo é a insuficiência de nossos desejos e orações.

Como pode ser necessário pedir ao Nosso Senhor, com tanta insistência, por uma intervenção que Ele mesmo nos prometeu e deseja nos conceder? Essa é, no entanto, a economia da Graça, algo que pode surpreender nossa lógica humana.

Para nos ajudar a aceitar essa lógica da graça, observemos que o Verbo Encarnado, para quem o universo foi criado, está sujeito à necessidade de "postular", ou seja, reivindicar sua própria herança. "*Postula a me et dabo tibi gentes hereditatem tuam et possessionem tuam terminos terræ*" (Pede-Me, e Eu te darei as nações como herança e os confins da terra como tua possessão) (Salmo 2, 8). A herança lhe pertence por direito, mas para entrar em posse dela, Ele deve reivindicá-la.

Se o herdeiro de direito deve pedir sua herança, a *fortiori* nós, que somos tão insignificantes, devemos pedir por uma restauração à qual não temos direito estrito em justiça. Ela nos é prometida, é verdade, mas não nos é devida.

O Messias prometido sempre deve ser desejado. Ele não pode aparecer em um país que lhe manifesta indiferença. Sempre é necessário uma minoria que o espere. Já era necessário desejá-Lo sob o império da antiga lei. A mesma necessidade persiste hoje para nós, que esperamos Sua vinda em majestade: Ele deve ser desejado antes de todos os eventos que são prefigurações de Sua "segunda vinda".

Nas Escrituras, o Verbo Encarnado é frequentemente chamado de o Desejado das nações. Ele deve ser desejado, Ele e todos aqueles que Ele envia "nos tempos determinados", para prefigurá-Lo e prepará-Lo. E o Rei do Sagrado Coração é precisamente um desses.

Assim, Nosso Senhor nos convoca a um verdadeiro ministério de desejo. Ele nos permite participar, de acordo com nosso estado, no governo providencial sobre a cristandade em perigo.

Que atividade este ministério vai exigir de nós? Para abrir caminho à intervenção divina, é necessário que a soma dos desejos tenha atingido sua plenitude. Remover a pedra é eliminar o obstáculo entre Jesus e o cadáver. Portanto, é também cumprir a medida dos desejos e permitir que a ação divina se exerça.

Lazare veni foras

Não há restauração possível sem uma intervenção divina. Não há meio humano de ressuscitar, seja um cadáver de quatro dias, seja uma monarquia abolida há 200 anos e execrada por uma sociedade secreta mundialmente organizada.

Devemos estar bem convencidos de que a ressurreição que esperamos é primeiramente obra de Deus. Ela está destinada a proporcionar a glória de Deus, como já foi o caso na ressurreição de Lázaro: "Esta doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela" (João XI, 4).

Pois Deus é zeloso por Sua glória: "Não darei a minha glória a outrem" (Isaías XLII, 8). Ou ainda, no Deuteronômio V, 3: "Eu sou o Senhor teu Deus, forte e zeloso".

Deus reserva para Si a glória da ressurreição. Portanto, devemos nos humilhar diante d'Ele, para não lhe roubar nada de Sua glória.

Solvite eum

Após a ação de Deus, virá a nossa. Pois a nossa também virá, mas somente depois, como o desembaraço das faixas de Lázaro e como a refeição dada à filha de Jairo.

O que teremos a fazer então? Sem dúvida, muitas coisas. É até provável que 'a colheita seja abundante e os trabalhadores sejam poucos'. Mas as tarefas daquela época, não podemos conhecê-las agora. Estão fechadas nos segredos do futuro. O texto diz apenas: 'Deixai-o ir'. Esta expressão sugere que Deus dará ao Rei do Sagrado Coração uma inspiração em relação às novas circunstâncias. Só precisaremos nos deixar guiar.

Em suma, a 'batalha superior', aquela que tem como objetivo a mudança de poder, é travada apenas por Nosso Senhor. É sua obra pessoal.

E aliás, por quem mais poderia ser executada? De fato, trata-se principalmente de retirar seu poder da Besta, contra a qual o homem é impotente. É necessário ao mesmo tempo proceder como na segunda fundação de uma monarquia de direito divino. Todas causas que só podem ser operadas por Deus.

Contudo, o divino Mestre, como vimos, deseja que o 'pequeno número' intervenha para remover o obstáculo que se opõe à ação divina, e mesmo, até certo ponto, para desencadeá-la.

Demos o nome de 'Batalha preliminar' a todo esse trabalho preparatório. Este trabalho é um verdadeiro combate porque tem uma hostilidade geral a vencer. É esta fase preparatória que gostaríamos de aprofundar agora tanto quanto possível.

3. A Batalha Preliminar

Nossa análise finalmente nos permitiu distinguir três batalhas sobrepostas:

- A da manutenção, que está na base e que chamamos de 'inferior' por esse motivo;
- A da súplica, que chamamos de 'preliminar', pois abre o caminho;
- E finalmente a da mutação, que visa o objetivo principal e é de competência exclusivamente divina.

É a batalha do desejo e da súplica que nos interessa agora, nesta terceira e última parte.

A quem cabe e quem serão os combatentes? Cabe a essa minoria que assume ao mesmo tempo a manutenção. É preciso ser homem de ação para assumir a manutenção e homem de oração para participar da súplica. Conciliar essas duas atitudes é difícil, concordemos.

Já notamos essa característica, essencial do ponto de vista psicológico, pois ela explica as divergências na avaliação das prioridades.

O que devemos privilegiar, a ação ou a oração? Este é um problema que não podemos evitar. Não podemos negar: a situação é tal que está ocorrendo neste momento uma batalha terrestre retardadora, ao mesmo tempo que uma batalha celestial preparatória. E são os mesmos homens que estão envolvidos em ambos os combates.

Este problema da coabitação do agir e do orar no mesmo combatente é resolvido quando lembramos que há um tempo para tudo. Um tempo para a oração, que deve preceder, e um tempo para a ação, que deve seguir. Um tempo para a 'vida oculta' e um tempo para a 'vida pública'.

O que é certo é que a batalha da súplica é reservada ao 'pequeno número' que mantém a fé, não apenas na verdade do dogma, mas também na confiança das promessas de restauração. Esta confiança é necessária, pois o objetivo da súplica é precisamente obter a realização dessas promessas.

Agora, vamos ver contra quem é dirigida esta 'batalha preliminar'. Por mais estranho que pareça, ela é dirigida contra Deus.

É necessário fazer o assalto aos céus. **É Deus que devemos persuadir. E é Deus mesmo quem nos deu armas contra Ele. Essas armas são a oração, à qual devemos acrescentar a penitência, que dá asas à oração. Por meio delas, os obstáculos são removidos, a pedra do túmulo é retirada, e a decisão divina de mostrar misericórdia é finalmente tomada**.

No entanto, observamos precisamente que esta decisão divina está demorando. O Esposo tarda em vir. Todas as obras de Jesus Cristo na terra, tanto as eclesiásticas quanto as temporais, estão

sendo corroídas por dentro. Restam apenas as aparências e, no entanto, por enquanto, Deus não dá sinais claros de indignação. Isso significa que a plenitude dos desejos ainda não alcançou o máximo. Deus espera. A Escritura nos ensina que Ele é 'lento para a ira'.

Os combatentes da batalha preliminar são como as virgens prudentes que colocaram óleo em suas lâmpadas, o óleo da oração que vigia durante a noite. Mas o Esposo ainda tarda em vir porque a intensidade da súplica não é suficiente. Isso é um grave defeito a ser corrigido. Concordamos prontamente que precisamos orar, mas não o fazemos, pelo menos não com a intensidade necessária.

A Igreja nos faz repetir todas as manhãs, aos pés do altar, a invocação: '*Et clamor meus ad te veniat*' ('E que meu clamor chegue a ti'). Na verdade, nossa alma deve emitir um verdadeiro 'clamor'. Talvez um clamor coletivo um dia, mas com certeza um clamor individual hoje. No entanto, estamos longe disso. Nos contentamos com um desejo morno. E, nesse sentido, participamos da letargia espiritual geral.

Para romper a abóbada dos céus e fazer descer a potência e a misericórdia divinas, não seremos tratados de forma diferente do Mestre. **Pois foi o grito emitido por Nosso Senhor antes de entregar seu espírito que rompeu a abóbada dos céus e fez descer o Espírito Santo cinquenta dias depois. E esse grito foi arrancado pela dor. É temível que nosso clamor só atinja a intensidade necessária quando for arrancado de nós pela dor. No entanto, não tenhamos medo, mantenhamos a confiança. As graças necessárias sempre acompanham as provações**.

O estado de extrema angústia em que estamos diante da ruína iminente de todas as obras terrestres de Nosso Senhor Jesus Cristo gera uma verdadeira espiritualidade, isto é, uma forma particular de piedade. Pois nossa alma está ocupada apenas por essa angústia que apaga e supera todos os outros sentimentos. Tornou-se impossível para nós pensar em outra coisa, tal é a magnitude da situação. Deve ter sido também o estado de espírito de Joana d'Arc, que contemplava com tristeza 'a grande piedade do reino da França'.

Qual é o eixo dessa 'espiritualidade de combate'? Em que preocupações e em que esperança principal ela se centraliza? Tudo termina onde tudo começou. Os propósitos do reino muito cristão serão a ampliação da imagem de suas origens. A França e sua realeza terminarão no milagre como começaram. É o duplo zelo de nossa origem e de nosso destino que guiará nossa espiritualidade de combate, nossa devoção especial para tempos de crise.

"Iniquidade inundou a terra, ela é pura iniquidade. Quais santos devemos invocar?" exclama de repente Dom Caliste, no meio de um profundo silêncio, durante um serviço na Abadia de Cluny, em 1751, trinta e oito anos antes da Revolução.

Nós invocaremos os santos de nossas origens e aqueles que a Igreja nos dá como protetores. Eles nos ajudarão a produzir os frutos de seu espírito: São Denis, São Martinho, São Remígio, São Hilário, Santa Clotilde, Santa Genoveva, São Luís, Santa Joana d'Arc, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, patronos secundários da França.

Nós habitualmente invocaremos os santos anjos. Eles nos comunicarão seu desejo pela manifestação do Verbo Encarnado, que é chamado de '*Desiderium collium aeternorum*' (o desejado das colinas eternas). As colinas eternas são os anjos. Eles são chamados de colinas porque são eminências, cumes.

Os anjos são bons guias. Eles não se desviam. Eles não são movidos pelo espírito próprio, mas pelo Espírito Santo. Eles não fazem nada por si mesmos. Eles esperam tudo da impulsão de Deus, dos quais são apenas mensageiros: '*Benedicite Domine omnes angeli ejus – Potentes virtute, qui facitis verbum ejus – ad audiendam vocem sermonum ejus*' (Bendizei ao Senhor, todos os seus anjos, poderosos em força, que executam a sua palavra, obedecendo à voz de suas ordens) (Salmo 102, 20). Nada é mais recomendado hoje do que unir nosso desejo ao dos nove coros dos anjos. A união faz a força. Vamos atrai-los para nós.

Como atrair os anjos? Atraímo-los nos assemelhando a eles. Atraímos São Miguel pela humildade, que é sua virtude cardinal.

As devoções mais fortificantes são aquelas dirigidas à Pessoa de Nosso Senhor, a Seu Sagrado Coração, a Seu Precioso Sangue, a Sua Santa Face ('mostrai-nos Vossa Face e seremos salvos'), Sua Sagrada Cabeça como sede da divina Sabedoria. Cada um escolherá a devoção para a qual se sente mais naturalmente inclinado.

O Rei do Universo sempre recomendou que, para alcançá-Lo, passássemos pelo intermédio de Sua Mãe, a qual Ele instituiu como 'Mediadora de todas as graças' e que participa, como Rainha, de Seu governo.

A Virgem Maria é o 'pescoço' que conecta o 'corpo' místico à Sua 'cabeça'. Ela é chamada de 'Torre de Marfim' e 'Torre de Davi' porque o pescoço tem a forma de uma torre. Nos tempos modernos, ela se manifestou a testemunhas escolhidas, mostrando-nos sua preocupação e também sua angústia diante do aumento da iniquidade, cumprindo assim diante de nossos olhos a famosa profecia contida no Cântico dos Cânticos: '*Quæ est ista quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis ut castrum acies ordinata?*' ('Quem é esta que avança como a aurora, bela como a lua, resplandecente como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha?')

Quanto às práticas, podemos identificar três que estão particularmente em harmonia com a 'espiritualidade de crise' que é a nossa: a prática da Hora Santa, a Missa do primeiro sábado do mês e a Comunhão reparadora dos cinco primeiros sábados do mês.

A Hora Santa foi instituída por Nosso Senhor Jesus Cristo nas últimas horas de Sua vida terrestre. É realizada na noite de quinta para sexta-feira de cada mês e consiste na meditação da Santa Agonia no Jardim das Oliveiras. Dela se obtém grande força.

A Missa do primeiro sábado do mês foi solicitada pelo Sagrado Coração a Santa Margarida Maria. Ela possui grande eficácia para preparar a consagração da França ao Sagrado Coração, da qual podemos esperar um dilúvio de graças para nosso país.

A Comunhão reparadora dos cinco primeiros sábados do mês foi solicitada pela Virgem Maria a Lúcia de Fátima. Ela tem o significado de uma reparação e proporciona grandes benefícios espirituais.

Certamente, essas práticas não são fáceis, especialmente para pessoas que estão em atividade profissional. Além disso, é bem conhecido que o demônio se esforça para dificultá-las. Devemos superar essas resistências; elas fazem parte das exigências da guerra santa.

Exerçamos com constância este ministério da súplica e do desejo que nos é sugerido. Isso é o mais útil que podemos fazer, e muito, neste momento. E coloquemo-nos nessa atitude de expectativa que as Escrituras, e em seguida a liturgia, nos pedem tão frequentemente: '*Expectans expectavi Dominum*' ('Esperando, eu esperei no Senhor', Salmo 39, 2). De fato, pedimos, e então esperamos 'o tempo determinado'. **O próprio silêncio de Deus deve ser adorado, pois tem sua razão de ser que nos escapa**.

Três palavras para concluir: CONFIANÇA - CALMA - CONSTÂNCIA.

Jean Vaquié, Novembro de 1989.

A face oculta de um agente: o Padre Michael Sim (Redentoristas transalpinos)

Domingo, 30 de março de 2008

Artigo original disponível em Virgo Maria

- 1ª Parte: o « Dom Beauduin » da Tradição Católica – A « Santa União » ou « verdadeiro ecumenismo »
- Texto da 1ª Parte
- 1 O Padre Michael enviado em missão, « como a cena de um filme de espionagem » pelo 'cardeal' Gagnon em 8 de dezembro de 1987
- 2 Desde o 9 de março de 2008 e a posição de Dom Williamson, o Padre Michael teria mudado de ideia sobre a nova oração da Sexta-Feira Santa e não a aceitaria mais
- 3 A fundação dos Redentoristas desvia da Regra de São Afonso de Ligório: « é um motivo de vergonha »
    - Introdução

    - 3.1 Uma re-fundação que isola os monges em pequenas casas e não os reúne em uma única comunidade sob o mesmo teto
    - 3.2 Os Pais Innocent-Marie e Pierre-Marie muito ligados a esta fundação pouco conforme à Regra de São Afonso de Ligório

- 4 O Padre Michael encarregado de estabelecer um « diálogo » com o Patriarcado de Moscou
    - Introdução
    - 4.1 Contradizendo a Tradição Redentorista, os mosteiros do Padre Michael são bi-ritualistas
    - 4.2 O Padre Michael apresenta o bi-ritualismo Latino-Bizantino como a pedra angular de sua obra
    - 4.3 O Padre Michael se autocomissiona para uma ação prioritária em direção à Ucrânia, Bielorrússia e Rússia
    - 4.4 Segundo um jornal ucraniano, o Padre Michael gostaria de estabelecer um 'diálogo estável' com o representante do Patriarcado de Moscou na Ucrânia

- 5 A analogia entre o projeto do Padre Michael e o do beneditino Dom Beauduin, que foi condenado pelo Papa Pio XI
    - Introdução
    - 5.1 O mosteiro bi-ritualista (Latino- Bizantino) de Amay-sur-Meuse, fundado por Dom Beauduin em 1926
    - 5.2 Dom Beauduin preconiza a União e não as conversões individuais
    - 5.3 Os "Monges da União" de Dom Beauduin em 1925 que se assemelham à "Santa União" preconizada pelo Padre Michael em 2008
    - 5.4 Um ecumenismo de Dom Beauduin que pretende resultar em “algo mais do que a absorção ou a perda de identidade”: a “Santa União”?
    - 5.5 O Padre Michael realiza, 70 anos depois, o projeto de Dom Beauduin “de um novo mosteiro totalmente organizado em vista deste apostolado” [a união das Igrejas]
    - 5.6 Dom Beauduin apresenta sua obra como um "movimento de Oxford ampliado e universalizado", em uma filiação intelectual ao Anglicanismo. E não haveria uma conspiração?

    - 5.7 Para Dom Beauduin, o bi-ritualismo é o "meio pedagógico por excelência para os ocidentais se des-latinizarem". O Pai Michael adotou o mesmo método

- 6 Uma rede internacional anglo-saxônica de aparente firmeza que desenvolve suas conexões com os patriarcados orientais ortodoxos
- 7 O Padre Michael e sua fundação: um complemento estratégico óbvio no dispositivo do ex-Anglicano à Rosa, Monsenhor Williamson, para controlar a FSSPX, sua expansão para o Leste e seus sa
- Anexos
    - Anexo A: Entrevista com o Padre Michael por John Vennari (traduzido para português)
    - Anexo B: Entrevista com o Padre Michael por John Vennari (original en inglês)
    - Anexo C: Relatório da reunião do Padre Michael e do Bispo Ortodoxo, Monsenhor Auhustyn

1ª Parte: o « Dom Beauduin » da Tradição Católica – A « Santa União » ou « verdadeiro ecumenismo »

O Padre Michael: um homem duplo enviado em missão pelo '*cardeal*' Gagnon em 1987
Uma ação muito análoga a Dom Beauduin, a "mole" beneditina dos anos 1910-1960
***« Este projeto de fundação me apareceu como o tipo de cena de um filme de espionagem »* Padre Sim**
O Padre Sim, o homem que gostaria de « *estabelecer um diálogo estável entre as comunidades das duas religiões internacionais* » (Igreja Católica e Patriarcado de Moscou). Que farsa grotesca.
Um terreno de ação privilegiado: a Ucrânia

Um agente **abençoado e encorajado desde sua aparição em Ecône pela Roma modernista**: ele coleta informações ao se introduzir junto aos clérigos católicos mais fiéis a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Uma rede anglo-saxônica muito ativa internacionalmente, encarregada de desenvolver uma ponte para o Patriarcado de Moscou e as autoridades orientais cismáticas. O Padre Michael e seus subordinados redentoristas infiltrados completam o dispositivo do duo Williamson-Schmidberger para infiltrar e cercar a obra de preservação do Sacerdócio Sacrificial Católico fundada por Dom Lefebvre, assim como as « *comunidades amigas* ». Eles complementam a ação

do padre Schmidberger em direção aos países escandinavos.

Visivelmente, ao se deixar manobrar como um executor ingênuo, Dom Fellay não percebeu isso. A propósito, **Dom Fellay sabe algo sobre a gnose, o esoterismo e a conspiração eclesiástica dos inimigos da Igreja? Dom Fellay conhece a trajetória de Dom Beauduin e a gênese do ecumenismo?**

Em uma 2ª Parte (a ser publicada em breve), **mostraremos como Dom Fellay faz do « *Dom Beauduin sem saber* » e como a Roma apóstata, herdeira do Movimento de Oxford (projeto anglicano e Rosacruzes), tenta iludir Dom Fellay com um projeto de Patriarcado Tridentino** e uma perspectiva atraente de um papel histórico maior, mas fictício e mortal para o Sacerdócio Católico Sacrificial.

A muito recente consagração de 4 bispos na Ucrânia (divulgada em 23 de março), sem a concordância de Bento XVI-Ratzinger, cria uma nova situação na Ucrânia. Esses bispos são opostos à declaração de Balamand (1993), assim como o Padre Michael. A princípio, essa consagração parece valorizar a importância do Padre Michael junto a Dom Fellay. Vamos informar sobre esse assunto e revelar as manipulações que isso encobre.

Texto da 1ª Parte

No dia 9 de março de 2008[1], o Padre Michael anunciou publicamente em seu blog sua vontade de se juntar ao padre apóstata Bento-Ratzinger "***o mais rápido possível***". Emoção e espanto!

Chegam até nós reações. **Alguns clérigos estão atordoados, não acreditam no que estão ouvindo.**

As declarações escandalosas do Superior dos Redentoristas, que anuncia sua intenção de trair a obra de Dom Lefebvre, geraram um impacto no meio da Tradição católica.

Mas lamentamos acrescentar que os clérigos e os fiéis ainda não chegaram ao fim de sua decepção e espanto. Nossa investigação avança, e uma nova questão "***Michael***" explode, um caso dentro do caso: **pois por trás do escândalo da vontade de aliança do Padre Michael,** revela-se hoje uma rede inteira e uma ação de subversão em funcionamento há 20 anos.

Vejamos os fatos.

A fundação dos Redentoristas transalpinos recebeu uma bênção dupla: a de Dom Lefebvre, conhecida por todos, e a menos conhecida de... Roma conciliar na pessoa do 'cardeal' Gagnon, que nada mais é do que o homem de confiança e o enviado pessoal do bispo apóstata Wojtyla-JPII em 1987 junto a Dom Lefebvre, **que o "excomungaria" no ano seguinte, em 1988.**

O Padre Michael revela isso a John Vennari em 2006, em uma entrevista publicada em um site de sua congregação.

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-21-A-00-Redemptoriste_Ralliement.pdf

1 O Padre Michael enviado em missão, « como a cena de um filme de espionagem » pelo ‘cardeal’ Gagnon em 8 de dezembro de 1987

Após ser ordenado no novo rito presbiteral de *Pontificalis Romani* (1968) em 1978 na Austrália, o Padre Michael chegou a Ecône em março de 1987.

Ele declara de fato na entrevista que concedeu a Vennari do *Catholic Family News* em 2006 (ver abaixo em anexo):

> *« Foi em março de 1987 que eu cheguei a Ecône, na Suíça;* ***um sacerdote da Fraternidade São Pio X me havia enviado para me encontrar com o Arcebispo Lefebvre****. »*

Segundo nossas fontes confiáveis, esse sacerdote da Fraternidade, que estava então em contato com ele, e que o encaminhou a Dom Lefebvre, **não é outro senão o padre du Chalard (editor de *Si Si No No*)**. Lembre-se de que o padre du Chalard é o *factotum* do padre Schmidberger, cúmplice de Dom Williamson.

« Eu sentia a necessidade de encontrar o Arcebispo para discutir isso, ***assim como a minha ordenação que foi realizada de acordo com o Novus Ordo. Foi após estudar a questão que ele procedeu à minha reordenação condicional****. Foi para mim um grande alívio. »* declara o Padre Michael.

Isso demonstra claramente, por passagem, que **Dom Lefebvre duvidava fortemente da validade sacramental do novo rito conciliar de ordenação presbiteral ou episcopal**.

Dom Lefebvre não estava, portanto, satisfeito em considerar o Padre Michael **como um *« sacerdote provável »***, segundo a enormidade anatematizada pelos Papas, proferida em 25 de

março de 2007 por Dom Fellay no site (já desaparecido) de *Donec Ponam*.

> *« Foi durante essa estadia que o sacerdote tradicional e amigo pessoal do Arcebispo Lefebvre, o Padre Epiney, me visitou para sugerir a ideia de um retorno à Regra tradicional dos Redentoristas e de fundar um mosteiro tradicional redentorista. Ele me disse para perguntar ao Arcebispo. (...) Eu finalmente pedi uma audiência ao Arcebispo, que me disse para voltar no dia seguinte, 3 de dezembro de 1987. Compartilhei com ele a visita do Padre Epiney e o projeto de empreender uma fundação tradicional redentorista. O Arcebispo ficou em silêncio por um momento para refletir sobre a questão e me perguntou então: "Onde você gostaria de começar?" Eu respondi que não tinha ideia de como fazer isso. Foi então que ele me deu alguns conselhos e incentivos. Essa fundação tinha sua bênção. »* Padre Michael

Portanto, foi o padre Epiney quem **sugeriu a ideia de fundação, conforme a versão do Padre Michael**, e o Padre Michael obteve rapidamente a aprovação de Dom Lefebvre.

Duvidamos muito seriamente dessa versão dos fatos.

Seria certamente mais plausível que o Padre Michael tivesse ido encontrar o padre Epiney com seu projeto de refundação dos Redentoristas, e que, fortalecido por esse encontro com o pároco de Rides, ele tenha usado isso para tranquilizar Dom Lefebvre, apresentando o projeto como uma ideia do padre Epiney. O padre Epiney era o confidente de Dom Lefebvre, que lhe concedia total confiança.

> O padre Epiney teve Bernard Fellay como seu coroinha, e o conduziu ao Sacerdócio. **Desde a morte de Dom Lefebvre, Dom Fellay trata o padre Epiney como um pária e um inimigo, e o rejeita de Ecône,** proibindo-o de qualquer contato com a FSSPX. Quando sacerdotes ou seminaristas da FSSPX cruzam o padre Epiney nas ruas de Rides, eles nem o cumprimentam. Esse comportamento odioso de Dom Fellay em relação àquele que foi um pouco seu « pai no Sacerdócio » dá uma ideia das ambições que o consomem em contato com as influências perniciosas dos anti-Cristos do Vaticano, que ele se esforça por atrair a qualquer custo.

E é aqui que a história dessa fundação se torna rocambolesca e bastardizada.

Acontece que, **estranha coincidência para esse pedido do Redentorista a Dom Lefebvre, o *'cardeal'* Gagnon estava justamente em Ecône, então enviado pessoalmente pelo bispo apóstata Wojtyla-JPII** a Dom Lefebvre, devido às negociações que este último havia iniciado com Roma conciliar. O Padre Michael:

« Pouco depois, ***no dia 8 de dezembro, consegui me encontrar com o Cardeal Gagnon, então em visita a Ecône*** *como representante do papa. Compartilhei com ele o projeto da*

fundação. Fiquei muito surpreso com sua resposta. ***Ele também foi positivo. Ele declarou que os Redentoristas precisavam ser reformados;*** *que ele, como chefe da Comissão Pontifícia para a Família, tinha buscado, mas em vão, impor o silêncio ao Padre Redentorista Bernard Haring devido a seus ensinamentos não ortodoxos;* ***ele me disse ainda que deveríamos agir como Santa Teresa d'Ávila e trabalhar 'fora das estruturas' da Igreja*** » Padre Michael.

O '*cardeal*' Gagnon declarou ao Padre Michael no dia 8 de dezembro de 1987, *que ele deveria agir « como Santa Teresa d'Ávila e trabalhar 'fora das estruturas' da Igreja » (sic)*

Essa bênção do '***cardeal***' Gagnon é surpreendente: **ele encoraja a criação *às escondidas* de uma nova fundação fora da autoridade de Wojtyla-João Paulo II**, chegando a invocar o santo exemplo de Santa Teresa d'Ávila.

O Padre Michael então recebe total apoio do representante do falso papa, o bispo apóstata Wojtyla, esse '***anticristo***' (segundo Dom Lefebvre), inimigo de Nosso Senhor Jesus Cristo:

> *« Isso me pareceu ser o selo de Deus sobre a aprovação desse projeto. Lembro que pensei depois que ele era o representante pessoal do Papa junto aos tradicionalistas. Ele veio em nome do papa. Por que ele não me respondeu: "Ouça, jovem, você volta para sua província e faz o que é mandado"? Pelo contrário: ele me transmitiu uma indicação clara de sua aprovação. »* Padre Michael

E essa situação se torna cada vez mais suspeita quando o Padre Michael acrescenta:

> ***« Esse projeto de fundação me parecia então como o tipo de cena de um filme de espionagem em que a Autoridade dá sua aprovação ao empreendimento, mas, caso a missão dê errado, o Governo alegaria que nunca soube de nada. »***

« Tipo de cena de filme de espionagem »!

É nesse contexto que a fundação dos Redentoristas tradicionais foi batizada.

Mas trata-se de um patrocínio que a torna um **projeto bastardizado**.

A imagem do Padre Michael, essa de espionagem, remete ao meio dos serviços secretos dos quais o mundo anglo-saxão está muito impregnado.

Malcolm Muggeridge, o Mentor (ex?) Fabien do ex-Anglicano à Rosa, Dom Williamson, pertenceu ao Serviço de Inteligência britânico durante vários anos, na Segunda Guerra Mundial.

O beneditino belga, Dom Beauduin **(o grande amigo do RC Roncalli, que mais tarde se tornou João XXIII), também fez parte do Serviço de Inteligência durante a Primeira Guerra Mundial…**

Que coincidências, definitivamente!... Parece que as ordens católicas se tornaram uma especialidade dos serviços especiais de Sua Majestade, tão organicamente ligadas a Cambridge e Oxford quanto estão às altas lojas britânicas tão íntimas da High Church Anglicana.

A fundação dos Redentoristas transalpinos não é de forma alguma uma fundação sem ambiguidade, voltada para a salvaguarda do Sacerdócio sacrificial católico, como era a FSSPX no espírito de Dom Lefebvre, **mas é marcada, ao contrário, desde sua origem pela maior ambiguidade, devido à presença de dois Patrocinadores incompatíveis: um oficial e tradicional, em destaque, e o outro oculto, mas poderoso, revelado somente vinte anos depois pelo Padre Michael.**

Portanto:

Fundação tradicional, destinada a apoiar e expandir a ação da FSSPX, ou, ao contrário, fundação suspeita, pilotada na realidade por Roma modernista, destinada, depois de adquirir a custo baixo uma traiçoeira reputação de intransigência e rigor doutrinal, a infiltrar-se metódica e sistematicamente no meio da Tradição católica, e a captar os mais firmes resistentes para melhor neutralizá-los, antes de acabar por engendrar um movimento geral espetacular de ralliement à Roma conciliar apóstata **?**

Dois cenários opostos para uma única realidade.

Os elementos que vamos expor não favorecem a primeira hipótese, e **a muito recente profissão de fé raztingueriana do Padre Michael em 9 de março de 2008, delirante diante das realidades, conforta a segunda hipótese: a de uma fundação infiltrada junto à FSSPX, a serviço de objetivos ocultos**.

Recordemos essas recentes declarações indecentes do Padre Michael:

> « *Estamos trabalhando no ralliement. Se permanecermos em uma 'comunhão incompleta', eventualmente nos tornaremos uma organização completamente separada (...). Precisamos de um ralliement o mais rápido possível.* » [Respondendo a William of Norwich: Você deseja um ralliement com a Santa Sé?] « Sim, o mais rápido possível. Com essa intenção, o Papa Bento XVI publicou o *Motu proprio* em 7 de julho do ano passado. A missa antiga nunca foi

> anulada. O Papa nos chama ao ralliement. O Papa quer isso? Sim, o mais rápido possível **!** O Papa Bento XVI é o Vigário de Cristo. Cristo é Deus. Portanto, Deus também quer: ele nos diz através de seu Vigário na terra. Isso parece católico? » (…)
>
> « **Vocês ainda se opõem a Deus por muito tempo?** » [N.R.: **ou seja, ao** seu suposto representante, o padre apóstata **Ratzinger,** na boca do Padre Michael.] « e vocês serão filhos do demônio » *(…) « Temos uma pequena equipe. Nossos barcos são mais fáceis de manobrar. » (…) « não devemos mudar nossas consciências para **evitar** as dores e os julgamentos dos outros. »* ***[2]***

Essa origem bastardizada é confessada "*ingenuamente*" pelo Padre Michael, que não se choca com isso:

> *« É verdade que o Arcebispo tinha dado sua bênção ao empreendimento. Que o representante do papa o havia encorajado. »*

O que há de tão surpreendente em que o Padre Michael, depois de enganar o mundo da Tradição católica, acabe hoje por retornar sob a tutela das autoridades romanas apóstatas que abençoaram sua obra desde sua fundação?

O que é realmente surpreendente é que, até hoje, ninguém parece ter percebido – e muito menos se ter alarmado – desse duplo patrocínio bastardizado e antinômico em relação ao objetivo mesmo da FSSPX de preservar da ação letal da Roma apóstata a perpetuidade do verdadeiro Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido.

O caso parece ter passado tão melhor por ser de tal magnitude.

E a incapacidade dos meios da Tradição de compreendê-lo alcançou tal nível que o Padre Michael até se deu ao luxo de publicar em seu site a verdadeira história dessa bênção conciliar sobre uma obra que tem como objetivo oficial combater a Roma conciliar apóstata.

Pode-se imaginar um general encorajando um oficial a se juntar ao campo inimigo e a reforçá-lo com suas iniciativas?

Não, exceto se o oficial assim encorajado estiver em uma missão e, portanto, deva adquirir uma reputação suficientemente respeitável para adormecer as suspeitas.

---

[2] http://papastronsay.blogspot.com/2008/03/reply-to-william-of-norwich.html

2 Desde o 9 de março de 2008 e a posição de Dom Williamson, o Padre Michael teria mudado de ideia sobre a nova oração da Sexta-Feira Santa e não a aceitaria mais

No blog dos Redentoristas, **Oleg-Michael Martynov, responsável pelo *Una Voce* em Moscou, questiona o Padre Michael, no dia 11 de março**, sobre sua mudança de posição em relação à nova oração da Sexta-Feira Santa:

> *« Prezado Padre!*
>
> *Uma rumor circula aqui em Moscou dizendo que, **após a reação negativa de Dom Williamson, os Redentoristas Transalpinos decidiram mudar seu discurso e NÃO dizer a nova oração da Sexta-Feira Santa pela conversão dos judeus**, que haviam proclamado anteriormente adotar filialmente. Você pode confirmar ou, eu espero, desmentir esses rumores por um canal oficial?*
>
> *Atenciosamente e humildemente me recomendando às suas orações,*
>
> *Oleg-Michael Martynov,*
>
> *Una Voce Russia. »**[3]***

Anonymous said...
http://www.liturgy.co.nz/worship/matters.html has a history

Friday, February 22, 2008

Oleg-Michael Martynov said...
Dear Father!

If has been rumored here in Russia that after Bp. Williamson's negative reaction, the Trasnalpine Redemptorists have decided to go back on their word and NOT to say the new Good Friday Prayer for the Conversion of the Jews which they have claimed to filially adopt before. Can you confirm or, hopefully, deny these rumors in an official way?

Yours sincerely, and asking humbly for your prayers,
Oleg-Michael Martynov,
Una Voce Russia.

Tuesday, March 11, 2008

Post a Comment

Um site da internet publica a **foto de Martynov em Roma com Dom Rifan em 2007**[4]:

Dom Rifan e Oleg-Michael Martynov em Roma em 2007

Até o momento, o Padre Michael não respondeu a Oleg-Michael Martynov. A boa fé do Sr. Martynov não tem razões para ser contestada. Sua intervenção no blog, mesmo que expresse uma opinião oposta à nossa, como demonstra sua convivência com Dom Rifan, é **coerente com as posições pro-Ratzinger que lhe são características.**

Se essa mudança dos Redentoristas Transalpinos se confirmar, isso confirmaria o puro oportunismo que já se revela na declaração de vontade de ralliement do Padre Michael. Esse

homem não possui convicções evidentes e se declara pronto a rejeitar o que defendeu por mais de 20 anos.

Observamos também **a menção do ex-Anglicano, Dom Williamson, feita pelo Sr. Martynov, que sugere que os *Redentoristas Transalpinos* estão subordinados ao bispo britânico da Rosa**, o que não nos surpreende. **Mas isso demonstra a completa duplicidade do ex-Anglicano da Rosa, que de um lado se apresenta como o homem da recusa do ralliement e, do outro, estaria conduzindo o ralimado Padre Michael.**

Duplicidade, oportunismo e trabalho em rede, definitivamente tudo isso apenas confirma nossas análises de meses e testemunha a atividade feroz e a nocividade muito virulenta dessas redes anglo-saxãs dentro da FSSPX.

---

[3] http://papastronsay.blogspot.com/2008/02/solemn-prayers-of-good-friday.html

[4] http://hithlin.livejournal.com/2007/11/25/

3 A fundação dos Redentoristas desvia da Regra de São Afonso de Ligório: « é um motivo de vergonha »

Introdução

São Afonso de Ligório, um homem de uma estatura muito diferente do agente Padre Michael, que adulterou a Regra do santo para introduzir a habitação pessoal independente e o bi-ritualismo Latim-Bizantino.

São Afonso de Ligório produziu 156 escritos[5].

Esse santo é um monumento da história da Igreja que ofusca com sua personalidade e sua erudição o simples personagem do Padre Michael, cuja declaração de ralliement revela a ausência de princípios e um fraco senso moral; na verdade, ele age em função de outros objetivos que os que admite.

---

[5] http://jesusmarie.free.fr/alphonse.html

3.1 Uma re-fundação que isola os monges em pequenas casas e não os reúne em uma única comunidade sob o mesmo teto

Diante de um santo como esse, o mínimo que se poderia esperar de uma re-fundação da Ordem dos Redentoristas **não era se reivindicar, antes de tudo, a Regra primitiva dada por São Afonso de Ligório e o patrocínio do fundador da congregação no século XVIII?**

São Afonso é uma das maiores glórias da Igreja no século denominado das Luzes; é o autor de uma obra que se tornou um triunfo mundial (‘***As glórias de Maria***’), mas parece que **seus novos filhos zelosos anglo-saxões se preocupam mais** com os ritos orientais do que com seu fundador.

Parece que, se formos levar em conta um participante de um fórum americano (Angelqueen), **o Padre Michael desviou-se da Regra de São Afonso de Ligório em pontos essenciais:**

> *“Os Redentoristas Transalpinos, **que têm cerca de 50 membros**, representam uma interpretação muito rígida da Regra e do modo de vida redentorista. **Essa Regra não é exatamente a mesma que a de São Afonso de Ligório, e isso é motivo de vergonha.** Por exemplo, **não está indicado em lugar algum na Regra redentorista** que cada membro possa **viver separadamente em sua própria pequena célula afastada** (no estilo dos Camaldulenses), como é praticado na ilha de Papa Stronsay, que os*

> *Redentoristas Transalpinos possuem no Canal da Mancha."**[6]***

Aqui está **o isolamento dos monges em pequenas casas individuais que lhes dão liberdade de ação, sem as restrições da promiscuidade**:

Acima, vemos as pequenas casas construídas para garantir a cada monge um isolamento e liberdade de ação, libertando-o das obrigações da vida comunitária. Essa organização dos religiosos é contrária à Regra de São Afonso de Ligório.

> "**A vida rígida dos Redentoristas sempre foi vivida em comunidade e sob o mesmo teto** em mosteiros ou casas religiosas, **e não em pequenas células separadas**. Além disso, **não consegui encontrar** na regra original dos Redentoristas **qualquer referência à prática de um bi-ritualismo (para membros de rito Latino e Bizantino),** como praticam os Redentoristas transalpinos (todos reunidos em comunidade)."**[7]**
>
> *"**Seria preferível restabelecer** uma **ramo estrito dos redentoristas segundo a Regra** e a prática dos Redentoristas de antes do Vaticano II, quando contavam com mais de 16.000 membros. O Vaticano II destruiu a Ordem dos Redentoristas (-10.000 desde o Vaticano II), assim como destruiu a Ordem das religiosas Redentoristas cloistradas, que anteriormente seguiam um estilo de vida muito rígido e usavam um dos mais extraordinários hábitos religiosos (coloridos) do mundo. Tratava-se de uma túnica vermelha, um escapulário azul*

> *royal sobre o qual havia um medalhão de Jesus, com uma guimpe branca e um véu preto listrado de branco. No coro, as religiosas usavam capas de coro reais. Tudo isso desapareceu agora. Não consegui encontrar na internet um único mosteiro de religiosas Redentoristas que ainda use seu hábito tradicional. Na realidade, nas duas casas de religiosas Redentoristas que existem nos Estados Unidos, as freiras usam ou um vestido vermelho profundamente modificado...ou, no caso do mosteiro de Esposus, no estado de Nova York, estão até mesmo de civis. Restam apenas 25 religiosas redentoristas nos Estados Unidos, espalhadas por duas casas religiosas. A casa de St. Louis conta com cerca de 13 freiras, e a mais radicalmente liberal, aquela do estado de Nova York, cerca de sete religiosas. A média de idade está em torno de 75 anos nas duas casas.*
>
> *"A ordem dos padres e irmãos Redentoristas foi destruída desde o Vaticano II. Apesar de sua interpretação muito especial da Regra dos Redentoristas redigida por São Afonso, os Redentoristas Transalpinos representam provavelmente hoje a única ramificação da Ordem que permanece fiel tanto a São Afonso quanto à liturgia da Igreja Católica Romana."*
>
> **"Eu gostaria que houvesse um movimento que tentasse refundar uma ramificação tradicional das religiosas Redentoristas.**... mesmo que permaneçam cloistradas. Seria muito lamentável que suas tradições, assim como o único hábito que lhes pertencia, fossem perdidas. Em todo o mundo, elas não têm se importado em atrair vocações. *
>
> *"Essas mudanças radicais em seu modo de viver, assim como o abandono de seu hábito tradicional, são as causas."*[8]

---

[6] http://rorate-caeli.blogspot.com/2008/02/obey-with-submission.html

"The Transalpine Redemptorists, numbering about 50 members, represents a very strict interpretation of the Redemptorist rule and lifestyle. It isn't exactly the same as the original of St. Alphonsus de Ligouri, and that's ashame. For example, there's nowhere in the Redemptorist rule where each member lives in his own seperate little detached cell (in the style of the Camaldolese), as they do on Papa Stronsay Island in the British Channel which the Transalpine Redemptorists own."

[7] http://rorate-caeli.blogspot.com/2008/02/obey-with-submission.html

"The strict Redemptorist life was always lived in monasteries or religious houses with the community under one roof, not in little cells. Also, I have not been able to find any references to the original Redemptorists being bi-ritual (Latin and Byzantine rite members), as are the Transalpine Redemptorists (all in the 1 community)."

[8] http://rorate-caeli.blogspot.com/2008/02/obey-with-submission.html

“It would have been better to re-establish a strict branch of the Redemptorists according to the rule and practice of the Redeptorists before Vatican II, when they had grown to over 16,000 members. Vatican II has destroyed the Redemptorist Order (-10,000 since Vatican II), as well as the Redemptoristine Order of cloistered nuns which once had a very strict lifestyle and one of the most unique religious habits (color wise) in the world. It was a red tunic, royal blue scapular with a painted medallion of Jesus on the scapular, white wimple, and a black veil lined in white. IN choir, the nuns wore royal blye choir capes. That's all gone now. I have not been able to find on the internet 1 monastery of Redemptoristine nuns which still wear the original habit. INdeed, the two Redemptoristine houses in the USA, the nuns wear either a very modified red dress....or in the case of the monastery in Esposus, NY, the 7 aged nuns mostly wear layclothes. There are less than 25 Redemptoristine nuns left in the USA, in 2 houses. The house in St. Louis has about 13nuns, the more radically liberal house in New York, about 7. The average age of both houses in the mid 70's.

The Redemptorist Order of priests and brothers has been destroyed since Vatican II. Despite their peculiar interpretation of the Redemptorist Rule of St. Alphonsus, the Transalpine Redemptorists represent probably the only branch of the Order whcih is true to both St. Alphonsus, and to the liturgy of the Roman Catholic Church.

I wish there would be a movement to try to start a traditional branch of the Redemptoristine nuns...even though they are clositered. It would be sad to loose their tradition, as well as the unique habit they wore. World wide, they are doing very badly with regards to attracting vocations.

The radical changes in lifestyle and discarding the traditional habit are the causes”

3.2 Os Pais Innocent-Marie e Pierre-Marie muito ligados a esta fundação pouco conforme à Regra de São Afonso de Ligório

Os dominicanos de Avrillé, que afirmam querer reger e guiar as comunidades amigas da FSSPX, não deram nenhum alerta, nem tentaram corrigir essa deriva. **Parece que eles, na verdade, a validaram.** Aqui estão os Padres **Innocent-Marie e Pierre-Marie** presentes nos dez anos da fundação dos Redentoristas:

Aniversário de 10 anos da fundação dos Redentoristas Transalpinos em Joinville.

Os dois dominicanos estão presentes.[9]

---

[9] http://www.redemptorists.org.uk/red/mag/m54p2.htm

4 O Padre Michael encarregado de estabelecer um « diálogo » com o Patriarcado de Moscou

Introdução

Havendo caído espetacularmente a máscara ao pregar a reintegração geral à Roma conciliar apóstata, e tendo reconhecido ter fundado sua ordem com a bênção das mais altas autoridades dessa mesma Roma modernista « ***anticristã*** » (segundo Monsenhor Lefebvre), a ação do Padre Michael deve agora ser observada com atenção e analisada à luz da leitura das infiltrações na Tradição.

Começamos por **um aspecto da ação dos *Redentoristas Transalpinos* que nos pareceu dos mais estranhos**.

4.1 Contradizendo a Tradição Redentorista, os mosteiros do Padre Michael são bi-ritualistas

A fundação dos Redentoristas é, portanto, bastarda, mas **também é caracterizada por** uma missão bizarra: o biritualismo latino-bizantino **e a ação em direção aos países da Ortodoxia e do Oriente**.

No site da sua congregação, **o Padre Michael apresenta assim esta singular vocação** de seus *Redentoristas Transalpinos*:

> *« Os Redentoristas Transalpinos são **uma comunidade católica bi-ritualista de padres e monges** fundada em 1988 com a bênção de Monsenhor Lefebvre, corajoso defensor do Rito Latino. Sua vocação é viver **a regra monástica tradicional e a vocação dos Redentoristas que foram tragicamente abandonadas em 1969** e substituídas por uma regra modernista. A nova regra desencadeou mudanças sérias no pensamento. Uma nova mentalidade modernista se espalhou nos mosteiros e enfraqueceu a fé; isso **veiculou a aceitação entusiástica da Ostpolitik Vaticana, o acordo Vaticano-Moscou, o falso ecumenismo e a nova vergonha do acordo de Balamand (24 de junho de 1993), pelo qual os políticos da Igreja reconheceram as Igrejas ortodoxas cismáticas como 'Igrejas irmãs'**. »[10]*

Imediatamente é destacado o bi-ritualismo dessa congregação, sendo a autoridade de Monsenhor Lefebvre invocada para esse bi-ritualismo, enquanto no relato que o Padre Michael faz da intervenção de **Monsenhor Lefebvre (veja acima), não há em nenhum momento menção ao bi-ritualismo**.

O site prossegue questionando **o modernismo dos Redentoristas atuais** (*'A nova regra desencadeou mudanças sérias no pensamento.'*), e então **desvia imediatamente para a crítica da Ostpolitik vaticana** (*'isso veiculou a aceitação entusiástica da Ostpolitik Vaticana, o acordo*

Vaticano-Moscou, o falso ecumenismo e a nova vergonha do acordo de Balamand'), **assunto que não está diretamente ligado ao abandono da regra de São Afonso de Ligório**.

Além disso, este site está repleto de referências aos ritos Orientais e à declaração ecumênica de Balamand, **mas permanece muito discreto sobre São Afonso de Ligório.** Decididamente, tudo isso é muito estranho.

---

[10] http://www.redemptorists.org.uk/red/ecom.htm

The Transalpine Redemptorists are a bi-ritual Catholic community of priests and monks founded in 1988 with the blessing of Archbishop Marcel Lefebvre, courageous defender of the Latin Rite. Their vocation is to live the traditional monastic rule and vocation of the Redemptorists which were tragically abandoned in 1969 and replaced by a modernist rule. This new rule unleashed serious changes in thinking. A new modernist mentality spread through the monasteries and weakened the faith; this brought with it the enthusiastic acceptance of the Vatican Ostpolitik, the Vatican-Moscow Agreement, false ecumenism and the new shame of the Balamand Agreement (24 June 1993) by which church politicians have recognised the schismatic Orthodox Churches as equal "Sister Churches".

4.2 O Padre Michael apresenta o bi-ritualismo Latino-Bizantino como a pedra angular de sua obra

Na seção '***Nosso espírito e nossas convicções***', seria natural que o Padre Michael se reivindicasse do espírito de São Afonso de Ligório, mas não é isso que acontece.

Em vez disso, há **imediatamente a menção da declaração ecumênica de Balamand em 1993**. Inacreditável.

Conseguimos imaginar Dom Guéranger reestruturando os beneditinos na França após a Revolução e **não fazendo referência alguma a São Bento, mas partindo desbragadamente contra um texto que contesta uma situação particular, por exemplo, a unidade italiana?**

Conseguimos imaginar ainda os dominicanos de Avrillé **anunciando para sua fundação que vão criar um mosteiro bi-ritualista em Avrillé e que se dedicam prioritariamente à Rússia para reestruturar a Ordem dominicana** que caiu em desgraça por causa do modernismo?

Ou ainda, podemos imaginá-los ressaltando, como **seu '*espírito e convicção*', o rejeito de uma declaração ecumênica entre outras da igreja conciliar?**

Isso é sério e credível? Permite-se duvidar.

O mínimo que se pode dizer é que **essa fundação do Padre Michael é realmente singular e não é de maneira alguma tradicional em sua forma de agir**.

Além disso, essa **declaração de Balamand** que parece tão '***fundadora***' no « ***espírito e nas convicções*** » dos ***Redentoristas Transalpinos*** **data apenas de 1993** (dois anos após a **brusca e inesperada morte do Fundador da FSSPX, Monsenhor Lefebvre)**, **enquanto a nova fundação '*abençoada por Monsenhor Lefebvre*'** data de 1988 **(o ano das sagrações episcopais,** cinco anos antes).

Portanto, de forma alguma pode ter sido fundadora.

O que esconde tudo isso? **O que realmente quis abençoar Monsenhor Lefebvre? Certamente não o bi-ritualismo,** pois a "vocação do Oriente" só surgiu após a morte do fundador da FSSPX. Contudo, em uma frase de sua entrevista, o Padre Michael faz uma mescla engenhosa, mas falaciosa, entre a bênção de Monsenhor Lefebvre para a fundação em 1987 e o bi-ritualismo que lhe é posterior: « *Os Redentoristas Transalpinos são* ***uma comunidade católica bi-ritualista de padres e monges*** *fundada em 1988 com a bênção de Monsenhor Lefebvre.* » Há algo de padre Celier nesse religioso australiano.

4.3 O Padre Michael se autocomissiona para uma ação prioritária em direção à Ucrânia, Bielorrússia e Rússia

E a declaração prossegue:

> *« Em nossos mosteiros Redentoristas Transalpinos, a fé católica é preservada com um firme e humilde desprezo pela mentalidade modernista, pela nova liturgia e pelo falso ecumenismo.* ***Nossos pais lamentam que nenhum bispo de rito bizantino católico tenha sido nomeado para a Ucrânia Oriental e Central, para a Bielorrússia e para a Rússia****. Por temor e respeito humano, nem mesmo um padre foi publicamente nomeado para todas essas milhões de almas. Essas almas estão abandonadas em prol dos políticos da Igreja. Uma crise de coragem! O corajoso Patriarca Joseph choraria lágrimas de sangue! »[11]*

Notemos já uma crítica que o Padre Michael formula: « ***Nossos pais lamentam que nenhum bispo de rito bizantino católico tenha sido nomeado para a Ucrânia Oriental e Central, para a Bielorrússia e para a Rússia***. ». A quem o Padre Michael dirige essa crítica? A Monsenhor Lefebvre postumamente? A Monsenhor Fellay? Nesse caso, se ele solicita a nomeação de um bispo para o Leste, a quem ele pensa para esse papel? A si mesmo? A « Monsenhor Michael Sim »? Seria essa a razão de sua precipitação em se unir? *« O mais cedo possível »* escrevia, consumido pela impaciência, em 9 de março de 2008. Por que essa súbita urgência? Seria porque em 3 de março de 2008, 4 bispos greco-católicos ucranianos acabavam de ser consagrados sem o consentimento de Roma, e que **o Padre Michael via assim o mitra se afastando dele? Seria porque o Padre Michael gostaria de obter de Roma apóstata a mitra que a FSSPX não lhe concedeu?**

A formulação dessa declaração de princípio na internet também carece de medida e elevação, para uma definição solene dos princípios e fundamentos de um instituto religioso. Assemelha-se quase a uma polêmica e revela uma espécie de exaltação em aproximar as novas comunidades da igreja conciliar. Os próximos ao Padre Michael o descrevem, aliás, como uma pessoa de reações muito sentimentais e exuberantes. Isso é tudo o que se espera de um fundador de Ordem? De maneira muito contrastante, Monsenhor Lefebvre produziu uma introdução aos estatutos da FSSPX que é de outra natureza.

> *« Como para todos os Redentoristas, nossa finalidade é ajudar as almas que estão espiritualmente mais abandonadas. Não há almas mais abandonadas do que* ***aquelas que os políticos da Igreja privam, por força, de bispos, padres e da graça dos Santos Mistérios.*** *Portanto, onde não há outros pastores católicos, os Redentoristas Transalpinos desejam* ***ajudar o rebanho abandonado de Cristo na Ucrânia, na Bielorrússia e na Rússia, como fez Kyr Nicholas Charnetsky*** *»[12]*

Finalmente, **o campo de atuação dos Redentoristas Transalpinos é bastante vago: « *onde não há outros pastores católicos* ». Mas, na atual situação de destruição da Igreja, onde há pastores católicos?**

À la FSSPX ?

Mais **os bispos da FSSPX não têm uma atribuição territorial. O que significa que os Redentoristas Transalpinos atuarão onde a vontade do Padre Michael decidir, pois, conforme ele definiu, o campo de ação do Padre Michael é o planeta inteiro**.

Esse impreciso e surpreendente fluir na definição da vocação dos ***Redentoristas Transalpinos***, tal como surge de seu site, **oferece, portanto, uma ampla liberdade de manobra a esta comunidade que escolhe a priori se concentrar nas terras da Ortodoxia,** sem ligação com a ação de São Afonso de Ligório, o Fundador da Ordem no século XVIII, **e lhes permite** intervir à vontade na Indonésia ou na Ásia.

Neste ponto de nossas pesquisas, não podemos deixar de estar profundamente perturbados ao descobrir a leveza e **o espírito, afinal, muito pouco tradicional dessa fundação e as perguntas que ela suscita**.

É claro que uma fundação, tão mal assentada em sua vocação, deve ser capaz de, ou se prestar a manipulações, **ou já ter sido prevista desde a origem** com vista a um papel futuro que deverá ser desenvolvido em tempo hábil.

É isso que vamos examinar agora.

Segundo algumas fontes, o investimento dos Redentoristas Transalpinos na ação na Ucrânia remonta aos anos 2000. O n°108 de *Nouvelles de Chrétienté[13]* nos fornece algumas clarificações

sobre isso:

> *« Os primeiros contatos da Tradição com a Ucrânia estão ligados às viagens missionárias do* ***Monsenhor Rulleau, da Fraternidade Santo Pio X, que se tornou o Padre Bernard de Menton, OSB****. Desde a queda da cortina de ferro, ele percorreu vários países do Leste recentemente libertados do jugo comunista. Assim, algumas Irmãs Basilianas que emergiam das catacumbas puderam receber a ajuda da Fraternidade. Três delas se tornaram Oblatas da Fraternidade.* ***Os Padres Redentoristas também fizeram viagens de prospecção*** *– os redentoristas foram o apoio dos católicos ucranianos por séculos.* ***Foi através deles que o Padre Vasyl (Basile) Kovpak tomou conhecimento do movimento tradicionalista****.*

Sacerdote diocesano, pároco de duas paróquias, ele se preocupava com diversas mudanças ocorridas na Igreja da Ucrânia. Mas desejou ter tempo para se informar, e foi somente em 1997 que começou a nos encontrar. Ele veio várias vezes ao priorado de Varsóvia para ter um melhor entendimento da grave crise que abala a Igreja, e da qual ele não conseguira dimensionar devido ao isolamento dos países do Leste. Um elemento determinante foi a peregrinação que ele fez a Fátima, com as Irmãs Basilianas, organizada pelos redentoristas. Desde 1998, Monsenhor Sthelin viajava à Ucrânia a convite do Padre Vasyl para estabelecer relações sólidas. » Nouvelles de Chrétienté, nº108 – novembro – dezembro 2007

No início do século XX, uma ramificação Oriental dos Redentoristas foi fundada e alguns Padres viviam na Ucrânia. Esta ramificação oriental não tem relação com o projeto de mosteiro bi-ritualista do Padre Michael.

Assim, o Padre Kovpak, excomungado por Bento XVI - Ratzinger em novembro de 2007, inicialmente encontrou o Padre Michael, antes de descobrir a FSSPX.

---

[11] http://www.redemptorists.org.uk/red/ecom1.htm

In our Transalpine Redemptorist monasteries the Catholic faith is kept with a humble, firm refusal of the modernist mentality, new liturgy and false ecumenism. Our fathers lament the fact that no Catholic Byzantine Rite bishop has been appointed for any part of Central or Eastern Ukraine, for Belarus', or for Russia. Through fear and human respect, not even one priest has been publicly appointed for all these millions and millions of souls. These souls are abandoned for the sake of church politics. A crisis of courage! Courageous Patriarch Josyf would weep tears of blood!

[12] http://www.redemptorists.org.uk/red/eobject.htm

As for all Redemptorists our object is to come to the aid of the souls which are spiritually the most abandoned. There are none more abandoned than those whom church politicians forcibly deprive of bishops, priests and grace through the Holy Mysteries. Therefore, where there are no other

Catholic shepherds, the Transalpine Redemptorists wish to come to the aid of Christ's abandoned flock in Ukraine, Belarus' and Russia as did Kyr Nicholas Charnetsky

[13] http://www.dici.org

4.4 Segundo um jornal ucraniano, o Padre Michael gostaria de estabelecer um 'diálogo estável' com o representante do Patriarcado de Moscou na Ucrânia

No dia 3 de março de 2006, ocorreu um fato surpreendente: o Padre Michael, simples prior de uma fundação que reúne três casas, encontra-se com o Arcebispo de Lvov, na Ucrânia, e se vangloria de "*estabelecer um diálogo estável entre as comunidades das duas religiões internacionais*." **Desculpem, mas que audácia!**

Sozinho, o Padre Michael sente-se hoje investido da missão de representar a Igreja Católica diante do Patriarcado de Moscou!

É risível, tanto quanto surpreendente. **Já a abordagem seria incongruente por parte de Monsenhor Fellay, que é um bispo e Superior de uma organização muito maior, mas no caso do pequeno mosteiro de 30 monges da ilha de Papa Stronsay, essa pretensão se torna uma farsa.**

Mosteiro da ilha de Papa Stronsay, ao norte da Escócia: A capital do *« diálogo estável »* entre a Igreja Católica e o Patriarcado de Moscou? A pretensão do Padre Michael é grotesca e risível, a menos que ele esteja em uma missão dada por instâncias secretas.

É assim que um órgão de informação ucraniano apresenta os fatos.

Julguem por vocês mesmos. **Aqui está como um site ucraniano de informação reportou a visita do Padre Michael ao Arcebispo ortodoxo de Lvov:**

> *"Lviv – No dia 3 de março de 2006, o Arcebispo Auhustyn (Markevych) de Lviv e Halych recebeu o Padre Michael Mary (Sim), superior do Mosteiro do Golgotha na Escócia. Os monges deste mosteiro seguem o falecido Monsenhor Marcel Lefebvre e rejeitam as decisões do Vaticano II.*
>
> *O Padre Michael Mary contou ao **Arcebispo Auhustyn** a história da fundação e a vida moderna de sua igreja. Eles também conversaram sobre a situação na Ucrânia. Os monges escoceses estavam interessados na atitude dos cristãos ortodoxos em relação às outras igrejas, especialmente a Igreja Católica, e se era possível estabelecer um diálogo estável entre as comunidades das duas religiões internacionais.*
>
> *O Hierarca Augustin assegurou a seus hóspedes que, apesar de algumas tensões na sociedade ucraniana causadas pela próxima eleição parlamentar, a situação religiosa na Ucrânia permanece estável."[14]*

Ilustração do artigo ucraniano que reporta o encontro entre o Padre Michael e o Arcebispo Ortodoxo de Lviv na Ucrânia[15]

No fórum americano *Angelqueen*, o Padre Michael dará uma versão totalmente diferente, apresentando esse encontro como puramente acidental.

Ter sido algo que aconteceu por acaso, enquanto ele fazia compras em uma livraria, e o bispo ucraniano lhe teria oferecido bolos e chocolates enquanto ouvia o Padre Michael explicar que era um herege e cismático, o que o teria tranquilizado. Depois, o bispo e um colega do Padre Michael teriam trocado algumas boas piadas de paraquedistas em tom de brincadeira e se despedido como bons amigos. Essa é a versão do Superior dos *Redentoristas Transalpinos*. Parece um pouco simplista e feita para os ingênuos e, se nada mais aconteceu, cabe ao Padre Michael **explicar por que o órgão de informação ucraniano apresentou uma versão completamente diferente desse encontro e** relatou a intenção do Padre Michael de iniciar relações, um '*diálogo*', com os ortodoxos e o Patriarcado de Moscou.

---

[14] http://orthodoxy.org.ua/ru/node/1037

[15] http://orthodoxy.org.ua/ru/node/1037
ЛЬВОВ. Архиепископ Августин встретился с представителями католической старообрядческого церкви

У п'ятницю, 3 березня, архієпископ Львівський і Галицький Августин прийняв настоятеля Свято-Голгофського монастиря з Шотландії архімандрита Михаїла-Марію (Сіма). Ця католицька обитель є досить своєрідною і не схожа на всі інші, контрольовані Римом. Ченці Свято-Голгофського монастиря належать до так званих лефевристів, які є свого роду католиками-старообрядцями. Представники цієї релігійної течії не визнають рішень II Ватиканського собору, а отже, не визнають догмату про непогрішність римського понтифіка та не підтримують екуменізму (діалогу з Римом).

Гості розповіли владиці про історію створення та сучасний стан своєї обителі. Також була обговорена релігійна ситуація в Україні. Шотландське духовенство цікавилося, як ставляться православні християни до інших церков, зокрема до католицької, і чи можливе налагодження постійного діалогу між громадами двох світових релігій. Владика Августин

запевнив гостей, що не зважаючи на певне напруження в українському суспільстві, викликане парламентськими виборами, це не матиме ніяких негативних проявів на релігійну ситуацію в країні.

5 A analogia entre o projeto do Padre Michael e o do beneditino Dom Beauduin, que foi condenado pelo Papa Pio XI

Introdução

Sem outros elementos, a fundação ilegítima dos redentoristas, com a aprovação do representante do bispo apóstata Wojtyla-João Paulo II, **seu "espírito e convicção" desprovido de qualquer referência a Santo Afonso de Ligório, o Fundador da Ordem, mas orientado de forma muito incomum para o Oriente e as terras Ortodoxas,** destacado por esse encontro controverso sobre o qual **um órgão de informação ucraniano menciona a vontade de "diálogo" no mais alto nível dos *Redentoristas Transalpinos* com um representante do Patriarcado de Moscou,** tudo isso, posto em conjunto, parece extravagante, mas **faz todo sentido quando relacionado** com as ações de uma figura-chave, uma espécie de Pai do *ecumenismo*: o beneditino belga Dom Beauduin[16], que foi o Mentor de Dom Botte, o destruidor do rito latino de consagração episcopal pela "Constituição Apostólica" duplamente enganosa *Pontificalis Romani* de 18 de junho de 1968, do bispo apóstata Montini-Paulo VI (cf. www.rore-sanctifica.org), bem como o grande amigo pessoal do RC Angelo Roncalli, que mais tarde se tornaria João XXIII **e convocaria e abriria o Vaticano II**.

---

[16] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-22-1-00-La_seduction_creation_d_un_patriarcat_tridentin.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-20-2-00-Ratzinger_abandonne_le_titre_de_patriarche_d_Occident.pdf

5.1 O mosteiro bi-ritualista (Latino- Bizantino) de Amay-sur-Meuse, fundado por Dom Beauduin em 1926

De fato, **a fundação desses novos Redentoristas apresenta** várias semelhanças com a fundação do Beneditino Dom Lambert Beauduin na Bélgica, na abadia de Amay-sur-Meuse em 1926, após a quarta "*conversação de Malines*", reuniões "*ecumênicas*" sob Bento XV (mais um Bento!!!) com os anglicanos sob o patrocínio do Cardeal Mercier, Primaz da Bélgica, reuniões que estão na origem da política conciliar do **"*ecumenismo*", que não é outra coisa senão o programa da *protestantização* do sacerdócio católico ou ortodoxo, ou seja, o abandono na liturgia e nos sacramentos de seu caráter SACRIFICIAL ONTOLÓGICO para melhor agradar os protestantes,** assim como da política pós-conciliar de mutação radical das estruturas da Santa Igreja Católica em uma simples rede de "*Patriarcados*" associados[17]**, todas as políticas que estão no cerne da missão atribuída hoje ao padre apóstata Joseph Ratzinger-Bento XVI.**

A fundação por Dom Beauduin na Bélgica da abadia beneditina de Amay-sur-Meuse será condenada por Pio XI, **então Dom Beauduin será exilado na abadia de En-Calcat na França em 1931 e os monges deslocados para a abadia de Chevetogne em 1939.**

Chevetogne se tornará, a partir daí, um centro muito importante do "***ecumenismo***".

---

[17] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-13-B-00-Van_de_Pol_n4.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-12-B-00-Reunion_Ratzinger_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-A-00-Van_de_Pol_3_a.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-25-B-00-Van_de_Pole_2_a.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-D-00-Van_de_Pole_1_c.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-30-B-00-Ecole_de_l_abbe_Barthe_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-20-A-00-Chadwick_Reforme_Anglo-Tridentine_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Motu_Hilarant_Times_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-12-A-00-CSI_AngliCampos_v1-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-05-31-1-00-Le_mouvement_oecumenique_1949.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-13-3-00-La_FSSPX_unie_non_absorbee.pdf

5.2 Dom Beauduin preconiza a União e não as conversões individuais

Depois de ter professado um ensino católico na Universidade de Santo Anselmo em Roma após 1921, **o Beneditino Dom Lambert Beauduin**, ex-membro desde 1916 do *Intelligence Service* britânico, já havia se apaixonado pela nova causa da unidade com os Ortodoxos e depois, após as *Conversações de Maline* de 1924, com os anglicanos.

> *"O fato é absolutamente surpreendente. De fato, no que diz respeito aos cristãos separados, dom Lambert havia expressado diversas vezes uma opinião totalmente conforme às concepções católicas da época.* ***Ele não havia dito textualmente durante um retiro pregado em 1914: A Igreja é a verdade, ela só […] ; as outras não são sequer caricaturas, não são nada****" (retiro Maredret, 1914, 6ª conferência)****[18]***

E então: "***menos de oito meses bastarão para operarem uma mudança de ideias e fazerem nascer um projeto inédito***". Essa rápida virada de um clérigo apresenta analogias com os recentes 'ralimados' de hoje, que em poucos meses passam da oposição ao concílio Vaticano II à adesão a esse mesmo concílio. Um projeto inédito: com qual modelo? Aqui está:

> *"Beauduin também havia sido* ***informado sobre iniciativas surpreendentes - completamente esquecidas - de uma pessoa empreendedora, cuja função como precursor na liturgia ele havia apreciado.*** *Em 1887, dom Gérard Van Caloen, então monge de Maredsous*, estivera prestes a fundar, perto de Pérouse, uma ramificação de rito oriental dentro da ordem beneditina; quatro anos depois, ele proferiu no congresso católico de Marines um discurso que colocava de forma totalmente nova o problema das relações com o mundo ortodoxo: é preciso renunciar ao proselitismo e a uma política de conversões individuais, proclamou, evitar as controvérsias dogmáticas, aprender a se conhecer para derrubar os preconceitos" **[19]**

[18] *Dom Lambert Beauduin, visionário e precursor (1873-1960) – Um monge de coração livre.* Jacques Mortiau, Raymond Loonbeek. Edições do Cerf História. Edições de Chevetogne. 2005. Página 84

[19] *Dom Lambert Beauduin, visionário e precursor (1873-1960) – Um monge de coração livre.* Jacques Mortiau, Raymond Loonbeek. Edições do Cerf História. Edições de Chevetogne. 2005. Página 85

5.3 Os "Monges da União" de Dom Beauduin em 1925 que se assemelham à "Santa União" preconizada pelo Padre Michael em 2008

Dom Lambert Beauduin – O Padre Michael Sim

Assim, o biógrafo de Dom Beauduin apresenta a influência do modelo Anglicano de Patriarcato e a escolha do vetor do monaquismo para facilitar a “união das Igrejas” no Oriente:

> *“**Por sua vez, o cardeal Mercier, há dois anos, mantém diálogos francos e cordiais com anglicanos no âmbito do que se designará como ‘Conversações de Malines**’, revelando assim que existe outro tipo de relações com os cristãos separados além das disputas teológicas. Ora, aconteceu que **o arcebispo pediu ao padre Lambert que fizesse um estudo ‘sobre um modo de reunião possível com a Igreja anglicana’. Por sua parte, Beauduin comunicou ao cardeal um plano**, que gostaria de implementar.*

Após várias conversas, ***o arcebispo de Malines enviou em outubro de 1923 uma longa carta privada ao Santo Padre, na qual sugere a fundação de um mosteiro para a união dos cristãos.*** *O trabalho de aproximação, escreve ele substancialmente, exige especialistas organizados em equipe. Para assegurar a unidade de ação, é desejável que a missão seja confiada a uma ordem religiosa: os monges beneditinos parecem ser os mais qualificados* ***para esse apostolado.*** *A ideia foi exposta* ***pelo padre d'Herbigny a Pio XI, que se mostrou favorável.*** *Dom Lambert apressou-se a elaborar um documento que intitula: Projeto de Erigenda de um Instituto Monástico para o Apostolado da União das Igrejas."*

"Ao lê-lo, esse memorando de onze páginas datilografadas impressiona pela clareza de visão, inspirada, claro, pelos apelos de Szeptickyj, mas profundamente original, tanto pelas realizações que propõe quanto pelo espírito que o anima. A intuição básica vê ***na instituição monástica um meio particularmente apropriado para a aproximação da Igreja oriental, 'onde o monaquismo tem uma importância considerável****'. O novo mosteiro seria exclusivamente dedicado ao apostolado da unidade e tudo* ***-*** *formação, estudos, observâncias* ***-*** *seria concebido em função desses objetivos.* ***Seus membros não se chamariam beneditinos nem basilianos, mas 'Monges da União';*** *dependeriam diretamente da Santa Sé: Beauduin deseja isso para escapar ao controle* ***que poderia ser paralisante por parte do primaz da Ordem e da Congregação beneditina belga****.*

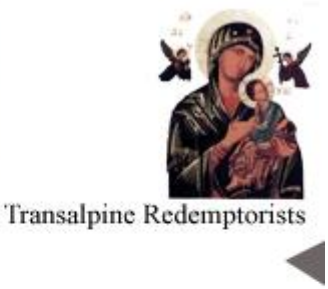
No plano prático, o Projeto de Erigenda se mostra realista. Imediatamente, não haverá fundação no Oriente, mas uma dupla implantação: em Roma para os estudos e para o fortalecimento dos laços com a Santa Sé, no Ocidente para o recrutamento e a captação de recursos. ***O caráter internacional da população monástica permitirá evitar o risco do nacionalismo.*** *A tarefa será dupla: primeiramente, por meio da oração* ***(litúrgica)****, da propaganda e do estudo, criar nos ocidentais um movimento a favor da unidade; por outro lado, no Oriente, realizar um trabalho de pesquisa, assistência temporária e, posteriormente, a fundação de um lar de vida litúrgica, monástica e científica.*

*Em um mundo católico estritamente unionista, ou seja, que vê a união apenas pelo retorno a uma Igreja romana que detém sozinha a verdade e não tem nada a mudar em si mesma, o Projeto de Erigenda já contém muitos traços de uma atitude ecumênica: a decisão de empreender uma ação '****lenta, pacífica e fraterna****', em uma 'atmosfera de confiança recíproca' e um clima de transparência, que não oculta as dificuldades; a preocupação com uma informação objetiva; sobretudo, a preocupação em descobrir os valores presentes no outro, a recusa de polemizar, a adoção de métodos científicos de crítica saudável,* ***a atenção favorável a iniciativas de aproximação entre confissões cristãs não católicas****. Pode-se notar: o caminho percorrido é enorme desde os ostracismos proferidos, há muito pouco tempo, por Beauduin*

> *em relação aos não católicos. A partir de agora, a obra da união das Igrejas será para ele 'preciosa entre todas'."* ***[20]***

O projeto de Dom Beauduin, que seus biógrafos resumem, deve ser comparado ao dos Redentoristas Transalpinos, que se assemelha a ele como um irmão mais novo. De fato, o site deles apresenta assim sua vocação:

> *"Nós lhe oferecemos a imagem da* ***Santa União*** *ou* ***verdadeiro ecumenismo*** *que vivemos em nosso mosteiro: a Unidade do Espírito Santo. Ao ler os breves relatos introdutórios dos diversos ritos católicos aos quais pertencem nossos monges e nossas religiosas, você verá que a Divina Providência nos constituiu como uma pequena imagem da Santa Unidade e Universalidade da Igreja Católica."****[21]***



2nd August 1988 - 2nd August 1998
The Feast of Saint Alphonsus
Tenth Anniversary of our Congregation
(Continued)

Let this issue of our Newsletter proclaim the ***Caritas Christi*** which has urged us onwards over these first ten years. We offer you a picture of the ***Holy Unia*** or ***true ecumenism*** which we live in our monastery: the Unity of the Holy Ghost. In reading the brief introductory accounts of the various Catholic rites to which our monks and nuns belong, you will see that Divine Providence has made us a small image of the Holy Unity and Universality of the Catholic Church.

A '<u>Santa União ou verdadeiro ecumenismo</u>', imagem do Padre Michael[22]

No mosteiro de Papa Stronsay, os seguintes ritos são praticados, uma vez que o site dos Redentoristas fornece um relato introdutório:

> Rito Maronita, Rito Sírio, Rito Russo, Rito Ruteno.[23]

Haverá muito a dizer sobre as semelhanças entre a reflexão teológica de Dom Beauduin e a do Padre Michael, os mesmos conceitos aparecem em ambos.

---

[20] *Dom Lambert Beauduin, visionário e precursor (1873-1960) – Um monge de coração livre.* Jacques Mortiau, Raymond Loonbeek. Edições do Cerf História. Edições de Chevetogne. 2005. Páginas 86-88

[21] http://www.redemptorists.org.uk/red/mag/m1p3.htm :

*"We offer you a picture of the **Holy Unia** or **true ecumenism** which we live in our monastery: the Unity of the Holy Ghost. In reading the brief introductory accounts of the various Catholic rites to which our monks and nuns belong, you will see that Divine Providence has made us a small image of the Holy Unity and Universality of the Catholic Church."*

[22] http://www.redemptorists.org.uk/red/mag/m1p3.htm

[23] http://www.redemptorists.org.uk/red/mag/mcontent.htm

5.4 Um ecumenismo de Dom Beauduin que pretende resultar em “algo mais do que a absorção ou a perda de identidade”: a “Santa União”?

Os biógrafos de Dom Beauduin sublinham a ideia ecumênica da benedicção que oferece uma alternativa à absorção:

> *“Na verdade, sob a capa de um historiador, Beauduin se comportou como eclesiólogo e ecumenista e deu um impulso à história.* ***Como eclesiólogo, ele tinha em mente uma Igreja descentralizada, que admitiria uma certa pluralidade de ritos, de disciplina e de governo, estendendo a uma parte da Igreja ocidental o que era reconhecido por Roma para as Igrejas orientais****; a ideia era particularmente interessante. Como ecumenista,* ***ele se destacava da mentalidade unionista vigente, que só contemplava a união na forma de um retorno****. Para sustentar sua posição teológica, ele fez uma história ao contrário, buscando fatos e documentos que demonstrassem que a fórmula de união que ele imaginara não era utópica, pois não era realmente nova.*
>
> *Era, portanto, uma certa concepção da unidade da Igreja, mais teológica do que histórica, que o inspirava, uma concepção que ele moldou em uma fórmula particularmente feliz e sugestiva. Ela se recomendava pelo fato de que* ***a forma de união preconizada não implicava para a Comunhão anglicana nem***

> ***naufrágio nem submissão**. O obstáculo psicológico, que poderia ser profundamente proibitivo, foi assim afastado. Colocar a carroça à frente dos bois, longe de ser uma insanidade, era, nesse caso, um método que poderia **fazer vislumbrar aos anglicanos que a inevitável e capital discussão dogmática, que deveria ocorrer cedo ou tarde, poderia resultar em algo mais do que a absorção ou a perda de identidade. De qualquer forma, a fórmula 'unida não absorvida' era carregada de uma direção.** Ela indicava uma via a ser explorada. A elaboração deste relatório levou, por outro lado, o padre Lambert a uma consciência mais clara da natureza universal de todo esforço em direção à unidade da Igreja: por razões teológicas e eclesiológicas, um trabalho de aproximação com os anglicanos não pode ser concebido independentemente de uma iniciativa análoga com os ortodoxos. O beneditino, que **até então, só se preocupara em estabelecer contatos com os orientais, manifestará agora um crescente interesse pelo anglicanismo**, enquanto sua reflexão teológica já o conduzia há algum tempo ao universalismo.*
>
> *Dom Lambert deixa Roma pouco após concluir a elaboração deste documento. Chegando **em 1921 na Cidade Eterna como professor de teologia, ele parte três anos e meio depois como fundador monástico e iniciador de uma obra inédita.** Ele escolheu colocar o mosteiro da União sob o sinal da Cruz vitoriosa, o que representa todo um programa." **[24]***

Em 16 de julho de 2005, um mês e meio antes de encontrar o padre apóstata Ratzinger, Dom Fellay fez uma declaração à Dici.org que se assemelha estranhamente ao pensamento de Dom Beauduin:

> *"Mais, especialmente, é preciso reconhecer que desde sua ascensão ao pontificado, Bento XVI tem uma ideia – que será uma ideia-chave de seu pontificado – que é a reunificação dos ortodoxos. O ecumenismo, é verdade, é sensivelmente reduzido. Mas esse conceito de unidade com os 'irmãos separados' não será 'nem uma absorção, nem uma fusão'. Então, qual é esse conceito de unidade para as autoridades romanas? 'Não será uma aglomeração de Igrejas', diz o cardeal Kasper, presidente do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos. De qualquer forma, isso não pode ser as duas coisas ao mesmo tempo, sob pena de contradição: absorção-fusão e aglomeração."* [25] Mons. Fellay, 16 de julho de 2005, Dici.org

Mons. Fellay parece não entender qual seria a alternativa à absorção-fusão; seria que, em julho de 2005, Mons. Fellay ainda não tinha sido apresentado ao projeto do Patriarcado Tridentino? Ou ele fingia não saber e tentava preparar os fiéis para essa ideia? Por outro lado, ele havia compreendido muito bem que a reunião da Roma conciliar com os Patriarcados Ortodoxos era a primeira

prioridade de Bento XVI-Ratzinger.

Um mês antes, em 13 de junho de 2005, em Bruxelas, Mons. Fellay já levantava a questão que está no coração da ação de Ratzinger, após ter estado no cerne da ação de Dom Beauduin:

> *"**Bento XVI tem uma ideia**. Ele mesmo anunciou que seria **uma das ideias-chave de seu pontificado**. Sobre essa ideia, ele vai concentrar toda sua energia e toda a energia da Igreja, que é **a reunificação dos ortodoxos.** Isso é bom. Eles são os mais próximos. Assim, o campo do ecumenismo é sensivelmente reduzido. Não falaremos mais muito sobre o diálogo inter-religioso como em Assis. Sim, mas... a ideia, que já era a de cardeal Ratzinger, é que para fazer essa reunificação – uma vez que os ortodoxos não aceitam a primazia de Pedro – é preciso voltar à concepção que se tinha do papa quando todos concordavam. Em outras palavras, **retornar ao conceito que se tinha do papa no primeiro milênio**. É uma ideia fortemente arraigada no cardeal Ratzinger, que agora se expressa em Bento XVI.*

Em Bari, durante o Congresso Eucarístico, ele disse muito claramente **que um dos objetivos de seu pontificado era a união com os ortodoxos.** Se fosse segundo a concepção católica, não teríamos nada a dizer. Mas o problema é que as autoridades romanas atualmente têm um conceito de unidade que eu gostaria de entender. **João Paulo II dizia que isso não seria 'nem uma absorção, nem uma fusão'.** O que pode ser essa unidade sem absorção nem fusão de dois seres que estão, por ora, separados?

O cardeal Kasper é mais explícito: 'Não será uma aglomeração de Igrejas', porque é uma concepção muito política, muito administrativa. Mas ainda nos perguntamos o que poderá ser. Como nessa expressão 'unidade na diversidade'; unidade significa um, diversidade significa vários, então 'o um no vários'? " [26] Mons. Fellay, 13 de junho de 2005, Bruxelas, Nouvelles de Chrétienté, nº 84, julho-agosto de 2005

Mons. Fellay parece ignorar completamente o projeto ecumênico de Dom Beauduin, arquitetado em círculos anglicanos e nas lojas anglo-saxônicas Rosacruz, do maquinário Patriarcal. Mas desde então, o padre Ratzinger provavelmente o esclareceu sobre "*o que isso poderia ser*", ao lhe fazer vislumbrar um posto e um papel histórico para Mons. Fellay à frente de um Patriarcado Tridentino cujas ambições devem ter se acendido por essa perspectiva de "promoção", o que explica seu zelo em fazer tudo para empurrar a FSSPX ao ralliamento, a impunidade que o padre Celier desfruta sendo um dos avatares.

Segundo fontes autorizadas, em 4 de dezembro de 2007 em Flavigny, Mons. Fellay elogiou na frente dos responsáveis pelas comunidades amigas as vantagens do *Patriarcat para a Tradição* e a *"larga autonomia"* que ele daria.

Mons. Fellay está, portanto, subjugado, colocado sob **hipnose ratzingueriena**, pelos encantos do projeto do Patriarcado Tridentino que não é nada menos do que a *reatualização* do

projeto de Dom Beauduin. **Mons. Fellay faz a obra de Dom Beauduin sem saber, como Monsieur Jourdain fazia prosa sem saber.**

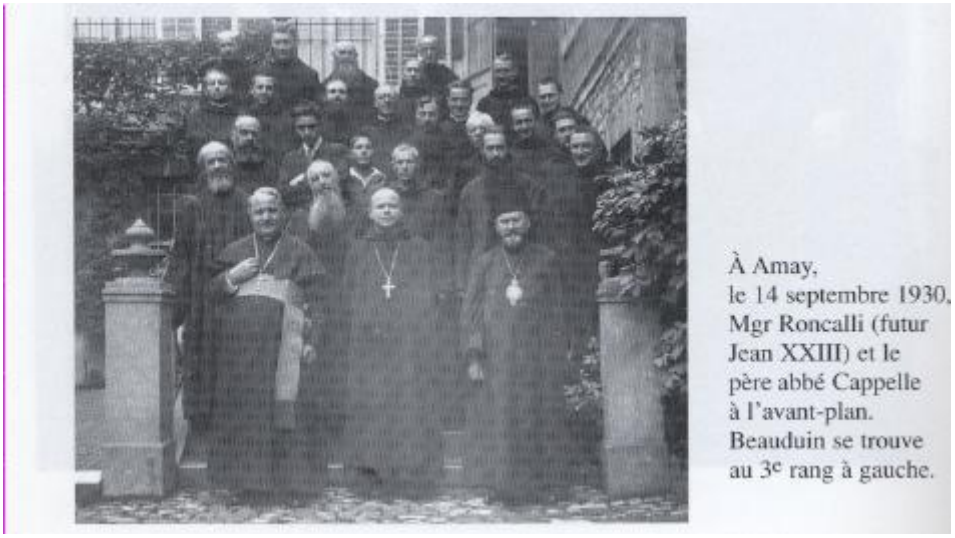
---

[24] *Dom Lambert Beauduin, visionário e precursor (1873-1960) – Um monge de coração livre.* Jacques Mortiau, Raymond Loonbeek. Edições do Cerf História. Edições de Chevetogne. 2005. Páginas 97-98

[25] http://qien.free.fr/2005/200500/20050716_fellay.htm

[26] http://qien.free.fr/2005/200500/20050613_fellay/20050613_fellay_09.htm

5.5 O Padre Michael realiza, 70 anos depois, o projeto de Dom Beauduin “de um novo mosteiro totalmente organizado em vista deste apostolado” [a união das Igrejas]



Dom Beauduin em Amay-sur-Meuse em 1930, com Mons. Roncalli. O malfazejo Padre Couturier encontrará sua ‘vocação’ ecumênica durante uma estadia em Amay-sur-Meuse.

> *“Em segundo lugar,* ***trata-se de se fazer uma alma oriental através da descoberta da cultura, da liturgia e da teologia orientais****, mas também tornando-se ‘família’ dos sentimentos, aspirações, esperanças, amores e ódios nascidos ao longo de dezesseis séculos* ***na alma dessas raças que não esquecem nada****. Segundo Dom Lambert* ***- este é o terceiro princípio —,*** *‘o sucesso da empreitada exige a fundação de um novo mosteiro totalmente organizado em vista deste apostolado. É indispensável, de fato, que tudo: atração e aptidões, formação, estudos, constituições, observâncias, ambiente, que* ***tudo, em uma palavra, conspire para nos fazer filhos adotivos do Oriente.*** *Pio XI, acrescenta, entendeu isso:* ***não se trata, em sua concepção, de anexar a um mosteiro já existente e dotado de suas próprias constituições e obras uma obra oriental adventícia ligada acessoriamente a uma abadia puramente ocidental. Atribuição gratuita e abusiva ao papa de uma posição formulada apenas no Projeto de erigenda: o Sumo Pontífice contentava-se com a designação, em certas abadias, de monges que se tornariam aptos para o trabalho da unidade. Os beneditinos, prossegue Dom Lambert, são como predestinados a assumir essa tarefa de aproximação.*** *‘O monaquismo, de fato, é uma instituição comum às duas Igrejas, anterior à separação, e possuidora de um patrimônio comum.* ***Além disso, o monaquismo ocidental tem suas origens no Oriente.****’ Por fim, colocaremos em prática ‘este espírito universal, ecumênico,* ***estranho às estreitezas do nacionalismo mal compreendido, transcendendo a todas as divisões étnicas, verdadeiro espírito dessa Igreja universal.*** *[...]* ***Façamos nós bizantinos com os bizantinos, e latinos com os latinos****.*
>
> *“Depois de ter formulado o objetivo e os princípios diretivos, Dom Beauduin contempla os meios de ação. ‘A liturgia diária, que é a alma da vida monástica [...] se tornará [...] um eco sempre prolongado da oração sacerdotal do Mestre’ pela unidade de seus. ”* ***[27]***

---

[27] *Dom Lambert Beauduin, visionário e precursor (1873-1960) – Um monge de coração livre.* Jacques Mortiau, Raymond Loonbeek. Edições do Cerf História. Edições de Chevetogne. 2005. Página 100

5.6 Dom Beauduin apresenta sua obra como um "movimento de Oxford ampliado e universalizado", em uma filiação intelectual ao Anglicanismo. E não haveria uma conspiração?

> *"A Semana de Bruxelas ocorre* ***de 21 a 26 de setembro de 1925.*** *Ela encontra um sucesso inesperado tanto pelo número de participantes quanto pela qualidade das conferências. Cinco ou seis exposições marcam o dia, enquanto uma liturgia em rito bizantino ressoa nas abóbadas de uma igreja, a cada dia diferente para sensibilizar vários bairros da capital. Reuniões musicais embelezam as noites.*
>
> *O aporte do congresso está principalmente em um impacto sobre as mentalidades: os problemas da união agora transbordam do círculo dos especialistas; vislumbra-se uma nova maneira de se comportar em relação aos irmãos separados; descobre-se que as sensibilidades diferentes têm cada uma sua legitimidade e seus limites.* ***Beauduin, por sua vez, torna-se mais consciente das ambiguidades de uma presença em meio ortodoxo de comunidades católicas de rito oriental: ele se manterá agora à distância de Szeptickyj.*** *O rumor do sucesso alcançado se espalha por outras*

> *cidades, que também desejam ter sua sessão. Dias* ***serão realizados em novembro em Liège e Verviers. Uma reunião em Louvain será marcada pelo testemunho, de uma beleza comovente,*** *de dois velhos operários da união dos cristãos, o padre Portal****[28]*** *e lord Halifax. “Eles enfatizaram, escreve dom Lambert, que* ***nossa obra pela união das Igrejas é para o Ocidente e para a Inglaterra assim como para o Oriente.*** *É essa afirmação especialmente que eu desejava, e principalmente eu desejava ligar por meio deles nossa ação ao movimento de Oxford ainda ampliado e universalizado.” Esta frase é de grande importância, pois mostra que, apesar da influência determinante de Szeptickyj e da orientação russa de Equidem verba, o fundador pretende, desde a abertura de Amay, realizar uma obra universal."* ***[29]***

---

[28] **Destituído em 1908 por ordem do Papa São Pio X por seu Secretário de Estado, o Cardeal Merry del Val:** cf: http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-10-22-FR_Communique-2006-10-22_La_Destitution_de_l_abbe_Portal.pdf

[29] *Dom Lambert Beauduin, visionário e precursor (1873-1960) – Um monge de coração livre.* Jacques Mortiau, Raymond Loonbeek. Edições do Cerf História. Edições de Chevetogne. 2005. Página 106

5.7 Para Dom Beauduin, o bi-ritualismo é o "meio pedagógico por excelência para os ocidentais se des-latinizarem". O Pai Michael adotou o mesmo método

*“Que prática, **senão a liturgia**, levará de forma mais segura a viver esse universalismo dia após dia? A participação na grande louvação que a Igreja celestial dirige ao Pai pelo Cristo ressuscitado é um elemento fundamental da vida interior ortodoxa. **Assim, dom Lambert concebeu seu mosteiro como um priorado latino onde o desdobramento de uma liturgia bizantina ensinaria os monges sobre a espiritualidade oriental:** “mesmo que não tivesse nenhuma aplicação em nosso raio exterior, escreve ele, ainda seria indispensável para o desenvolvimento interior de nosso ideal ecumênico.” Certamente, penetrar de dentro em outro universo religioso não se faz sem sofrimento; a coexistência dos dois ritos é o “meio pedagógico por excelência para os ocidentais se 'des-latinizarem' e para nossos confrades orientais apreciarem a liturgia latina”; **para os monges de Amay, a presença das duas capelas constitui todo um programa e é como o "sacramento", sinal eficaz de seu ecumenismo.** Estes dois ritos serão praticados em um espírito “supra-ritual **”**, sem predominância de um sobre o outro: ser grego com os gregos, latino com os latinos, a comunidade passando toda de uma liturgia para a outra ao longo do dia.” **[30]***

Voltaremos a esses pontos, cuja **ignorância por parte de Monsenhor Fellay** os tornou uma *presa ideal* para Ratzinger.

---

[30] *Dom Lambert Beauduin, visionário e precursor (1873-1960) – Um monge de coração livre.* Jacques Mortiau, Raymond Loonbeek. Edições do Cerf História. Edições de Chevetogne. 2005.

6 Uma rede internacional anglo-saxônica de aparente firmeza que desenvolve suas conexões com os patriarcados orientais ortodoxos

A história da fundação dos ***Redentoristas transalpinos*** pelo Padre Michael é bastarda: ela herda uma dupla paternidade. A primeira é oficial e enfatizada, trata-se da bênção de Monsenhor Lefebvre. **A outra é oculta, e revelada discretamente vinte anos depois**: ela carrega o selo da Roma conciliar e coloca o Padre Michael na posição de um viajante da tradição católica, concentrando-se nas terras da Ortodoxia.

Em seu site, o Padre Michael condena a ação ecumênica da abadia de Chevetogne. Mas **trata-se apenas de uma fachada, de uma condenação do que o beneditino conciliar Santogrossi [31], orientado na França pelo padre Barthe, chama de "*ecumenismo liberal*"**.

O dominicano conciliar, Monsieur[32] Charles Morerod, ator do 'diálogo' com os anglicanos, concorda no mesmo sentido, mas baseado em um trabalho acadêmico[33], em maio de 2005.

Essa posição, que não choca ninguém, uma vez que **os meios conciliares conservadores criticam agora o "*ecumenismo liberal*", serve como uma folha de figueira para o Padre Michael** a fim de tentar disfarçar (em vão!) sua ação de "verdadeiro ecumenismo" pela "***Santa***

União”: o Padre Michael espera assim obter um certificado de aparente firmeza.

Essa ação de mapeamento em direção ao Leste, **completa o dispositivo do trabalho do padre Schmidberger em relação aos países escandinavos, ao Norte,** e a promoção-ordenação acelerada do antigo **maçom Sven Sandmark para preparar a rede dos países escandinavos, durante a missa de São Nicolau do Chardonnet em agosto de 2006**.

Sandmark reconheceu ter pertencido à Maçonaria. Ele é integrado de forma espetacular à FSSPX, com trompetas e órgão, e recebe dispensas incríveis para ser **ordenado em menos de dois anos pelo padre Schmidberger na Alemanha**.

Portanto, é urgente que o padre Schmidberger lance este ex-maçom à ação em direção ao Norte da Europa.

A ação do **Padre Michael** parece hoje ter **sido programada para abordar o Patriarcado de Moscou e seus satélites (na Ucrânia, em particular) sob um verniz tradicional, que tenha a capacidade de tranquilizá-lo sobre as boas disposições da Roma Apostata em relação à sua própria liturgia latina tradicional.**

Voltaremos a esse aspecto na 2ª Parte.

[31] *«Para qual unidade? Um ecumenismo em busca de coerência»* Ansgar Santogrossi, Edições Hora Decima, novembro de 2005 – Prefácio pelo padre Barthe.

[32] Sua ordenação presbiteral é inválida.

[33] *«Tradição e Unidade dos Cristãos: o dogma como condição de possibilidade do ecumenismo»*, Charles Morerod, Edições Palavra e Silêncio, maio de 2005.

7 O Padre Michael e sua fundação: um complemento estratégico óbvio no dispositivo do ex-Anglicano à Rosa, Monsenhor Williamson, para controlar a FSSPX, sua expansão para o Leste e seus sa

O Padre Michael, embora tenha como língua materna a língua inglesa, assim como Monsenhor Williamson, destaca-se por um silêncio total sobre Monsenhor Williamson, que ele nunca menciona diante de seus interlocutores, nem para o bem nem para o mal, como se Monsenhor Williamson não existisse. Esse silêncio excessivo e pouco natural para ser honesto, na verdade, denuncia contatos que devem ser ainda mais seguidos, uma vez que compartilham a mesma língua materna e constatamos a complementaridade de suas ações.

Está claro que **a ação de grande amplitude do anglo-saxão Michael vem completar, como a peça de um quebra-cabeça, o dispositivo liderado por Monsenhor Williamson para dominar Monsenhor Fellay** e permitir a Roma estabelecer assim seu cenário de união com Monsenhor Fellay, assim como **seu esquema pós-unificação para a continuidade da ação ecumênica de uma "*Igreja Corporate ltd.*"** que coordenaria **uma federação de Patriarcados (Conciliar do Ocidente, Tridentino, Anglicano, Ortodoxo de Moscou, etc.) destinada, por um lado, a criar uma espécie de bloco contra o Islã em um "choque de civilizações" provocado, e por outro lado, a permitir a infiltração da FSSPX e dos Patriarcados Orientais para a extinção final e definitiva do Sacerdócio católico sacrificial.**

Voltaremos a esse tema na 2ª Parte.

Fontes autorizadas nos informam que **o Padre Michael tem uma grande intimidade com Monsenhor Fellay, que o trata como um próximo.**

O Padre Michael é, portanto, um dos homens que mais influenciam Monsenhor Fellay. Até o momento, isso era pouco conhecido, mas agora complementa a identificação da pequena rede da união que controla a liderança da FSSPX. Não são os centenas de padres da FSSPX que estão em questão, mas o pequeno núcleo concentrado na liderança. O peixe apodrece pela cabeça, diz o provérbio.

A seguir…

Continuemos o bom combate

A Redação de Virgo-Maria

Na segunda parte, mostraremos **como Monsenhor Fellay age como Dom Beauduin sem saber e como a Roma apóstata, herdeira do Movimento de Oxford, projeto anglicano e Rosacruz, tenta fazer parecer a Monsenhor Fellay um projeto de Patriarcado Tridentino** e uma perspectiva tentadora de um papel histórico importante, mas fictício e mortal.

A muito recente consagração de 4 bispos na Ucrânia (divulgada em 23 de março), sem o consentimento de Bento XVI-Ratzinger, cria uma nova situação na Ucrânia e, em um primeiro momento, parece valorizar a importância do Padre Michael diante de Monsenhor Fellay. Vamos informar sobre esse assunto e mostrar as manipulações que isso encobre.

Anexos

Anexo A: Entrevista com o Padre Michael por John Vennari (traduzido para português)

http://www.archconfraternity.com/News/Interview_Fr_Michael_Mary_2006.htm

Os Redemptoristas Transalpinos e a Arquiconfraternidade do Purgatório

Nota: John Vennari, o editor-chefe do Catholic Family News, entrevista o Padre Michael Mary, fundador e superior dos Redemptoristas Transalpinos, sobre sua comunidade religiosa e sobre o restabelecimento da Archiconfraternidade do Purgatório.

J. Vennari: ***Padre*** *Michael Mary, quando você se tornou Redemptorista?*

Padre Michael Mary: Entrei para os Redemptoristas aos dezessete anos e confirmei meus votos no final do meu noviciado em 1972. Segui o currículo dos estudos oferecidos pela província à qual pertencia e fui devidamente ordenado padre Redemptorista em agosto de 1978. Depois disso, preguei missões e também estive vinculado ao rito Bizantino Ucraniano.

J. Vennari: ***Como os*** *Redemptoristas Transalpinos foram fundados?*

Padre Michael Mary: Em março de 1987, cheguei a Ecône, na Suíça; um padre da Fraternidade São Pio X me havia enviado para me encontrar com o Arcebispo Lefebvre. Desde 1986, de fato, eu estava estudando o importante tema da nova e da antiga missa e havia chegado ao ponto em que não poderia mais, em consciência, continuar a celebrar a Missa do *Novus Ordo*, embora a tivesse celebrado desde minha ordenação em 1978. Sentia a necessidade de encontrar o Arcebispo para discutir isso, assim como minha ordenação que tinha sido realizada segundo o Novus Ordo. Foi após estudar a questão que ele procedeu à minha reordenação condicional. Isso foi um grande alívio para mim. Então, permaneci em Ecône pelos quinze meses seguintes.

Foi durante essa estadia que o sacerdote tradicional e amigo pessoal do Arcebispo Lefebvre, o Padre Epiney, me visitou para sugerir a ideia de um retorno à Regra tradicional dos Redemptoristas e de fundar um mosteiro redentorista tradicional. Ele me disse para fazer esse pedido ao

Arcebispo. Demorei um certo tempo para fazer esse pedido. Eu não tinha certeza de como isso poderia ser realizado. No entanto, finalmente pedi um encontro com o Arcebispo, que me disse para voltar no dia seguinte, 3 de dezembro de 1987. Compartilhei com ele a visita do Padre Epiney e o projeto de empreender uma fundação redentorista tradicional. O Arcebispo ficou em silêncio por um instante para refletir sobre a questão, e então me perguntou: “Onde você quer começar?” Eu respondi que não tinha ideia de como fazê-lo. Foi então que ele me deu alguns conselhos e encorajamentos. Essa fundação teve a sua bênção.

Pouco depois, em 8 de dezembro, pude conversar com o Cardeal Gagnon, que estava visitando Ecône como representante do papa. Compartilhei com ele o projeto de fundação. Fiquei surpreso ao ouvir sua resposta. Ele também estava positivo. Ele declarou que os Redentoristas precisavam ser reformados; que ele mesmo, como chefe da Comissão Pontifícia para a Família, havia tentado, mas em vão, silenciar o Padre Redentorista Bernard Haring devido aos seus ensinamentos não ortodoxos; além disso, ele me declarou que deveríamos agir como Santa Teresa de Ávila e trabalhar 'fora das estruturas' da Igreja, acrescentando a observação pessimista de que eu teria dificuldades para encontrar jovens dispostos a se comprometer com tal reforma. Isso me pareceu ser o selo de Deus sobre a aprovação desse projeto. Lembro-me de ter pensado depois que ele era o representante pessoal do Papa junto aos Tradicionalistas. Ele veio em nome do papa. Por que ele não me disse: “Escute, jovem, você volta para a sua província e faz o que lhe dizem”? Pelo contrário: ele me transmitiu uma indicação clara de sua aprovação. Esse projeto de fundação me pareceu então como uma cena de um filme de espionagem em que a Autoridade dá sua aprovação à empreitada, mas, caso a missão dê errado, o Governo diria que nunca soube de nada.

J. Vennari: ***E foi assim que você decidiu se tornar um Redenptorista tradicional ?***

Padre Michael Mary: Não, receio que não. É verdade que o Arcebispo tinha dado sua bênção à empreitada. Que o representante do papa a havia encorajado. Mas eu era apenas um australiano estrangeiro vivendo na Suíça, a milhares de quilômetros de casa. Como isso poderia ser realizado? Por onde eu começaria? E o mais importante, quem começaria comigo? Havia alguém que poderia me acompanhar nessa empreitada. Ele estava ciente do projeto, mas era apenas um seminarista da Fraternidade São Pio X, e não tinha certeza se aceitaria me acompanhar; e seu Diretor Espiritual não havia dado sua permissão. Assim, juntos, nos voltamos para Nossa Senhora de Fátima; Ela me tinha conduzido tão longe que deveria mostrar o caminho a seguir. A decisão foi, então, empreender uma peregrinação de Ecône a Fátima para rezar pela graça de tomar a decisão certa e nos consagrar ao Seu Coração Imaculado. A peregrinação incluiu uma novena de Missas. A primeira foi a Missa da meia-noite de Natal de 1987 e a nona foi a do primeiro sábado de janeiro de 1988.

Foi durante essa peregrinação que eu celebrei a Missa na gruta de Lourdes, nos altares localizados entre os corpos de Jacinta e Francisco. No último dia dessa novena, fomos de ônibus a Coimbra, onde fizemos companhia a Nossa Senhora por cerca de quinze minutos, meditando sobre os Mistérios do Santo Rosário, e à noite, sob a chuva, percorremos de joelhos o caminho de Lucie. Esse seminarista, que agora se tornou nosso Padre Anthony Mary, declarou-me que aceitaria se juntar ao projeto de fundação, com a condição de que seu diretor espiritual lhe concedesse sua bênção.

J. Vennari: ***E foi assim que essa bênção foi concedida ?***

Padre Michael Mary: Sim, Nossa Senhora fez mais do que o necessário. Ao voltar a Ecône, não apenas o Padre Anthony Mary recebeu sua bênção para se tornar o primeiro noviço, mas o Arcebispo anunciou à mesa que "a primeira pedra da fundação tinha sido consolidada" e que teríamos um lugar onde começar essa fundação! A Providência Divina havia colocado tudo em seu devido lugar.

Foi no dia 2 de agosto de 1988, na ilha de Sheppey, em Kent, na Inglaterra, que começamos.

J. Vennari: ***O que significa o termo "Transalpino" ?***

Padre Michael Mary: O termo Transalpino vem do fato de que inicialmente fomos fundados como Redenptoristas "Tradicionais". Essa denominação foi contestada pelos Redentoristas do *Novus Ordo*, que queriam se distanciar de nós. Eles alegavam que eram eles os "Redentoristas Tradicionais." Portanto, fomos obrigados a mudar nossa denominação. Por isso, para marcar bem a diferença entre nossa fundação e os outros Redentoristas relacionados, escolhemos a denominação de "Redentoristas Transalpinos."

Essa denominação de Redentoristas Transalpinos foi fruto de uma santa inspiração, pois se adequava, na verdade, melhor do que nossa primeira designação de "Redentoristas Tradicionais." "Redentoristas Transalpinos" se refere, de fato, aos Redentoristas que estavam sob a autoridade do Vigário Geral São Clemente Maria Hofbauer. Durante os anos de 1800, os Redentoristas foram separados em dois grupos: aqueles que estavam baseados em Pagani, no Reino de Nápoles, e aqueles que estavam além dos Alpes em Varsóvia e Viena; foram esses últimos que foram chamados de "Ramo Transalpino" da Congregação. Não pretendemos ser os únicos Redentoristas no mundo. Mas afirmamos constituir um ramo dos Redentoristas que começou durante essa crise da Igreja. É uma denominação que não diz muito aos fiéis católicos, mas que é muito significativa para os Redentoristas. Ela significa que, por enquanto, estamos "separados", mas que mantemos a esperança de que, no futuro, também estaremos reunidos, assim como os anteriores Redentoristas Transalpinos foram finalmente. Essa esperança de reunificação colocamos no dia em que os Redentoristas do *Novus Ordo* voltarão à Regra tradicional de São Afonso e à Missa Latina tradicional.

J. Vennari: ***Onde vocês estão localizados agora ?***

Padre Michael Mary: Estamos localizados na ilha de Papa Stronsay, nas ilhas Orkney, a cerca de 50 quilômetros da costa norte da Escócia. As ilhas Orkney estão situadas no 59º paralelo de latitude, o que equivale a estar a poucos quilômetros ao sul de Anchorage ou do Lago Athabaska e da Cidade Uranium no Canadá. Dentro do arquipélago das Orkney, nossa ilha, da qual somos os únicos habitantes, é uma das ilhas do Norte, localizada a cerca de 30 quilômetros ao norte da ilha principal das Orkney. Papa Stronsay mede aproximadamente um quilômetro e meio por quinhentos metros; ou cerca de 250 acres em baixa-mar. Estamos mais próximos da ilha vizinha de Stronsay, onde podemos encontrar facilidades locais como médico e opções para nos deslocarmos até a ilha principal das Orkney.

J. Vennari: ***A denominação de Papa Stronsay teria algum significado do qual você poderia nos falar?***

Padre Michael Mary: O termo “Papa” em Papa Stronsay significa uma ilha de padres, de monges pais, como na palavra latina para pai. Assim, nossa ilha tem sido chamada de “Papa” por mais de mil anos, talvez desde quinhentos anos. Ela já foi conhecida como Papa in Litia, Papa Minora, e foi chamada ao longo dos últimos séculos de Papa Stronsay devido à sua proximidade com nossa ilha vizinha de Stronsay.

Meu endereço detalhado é:

Padre Michael Mary, C.SS.R.,

Golgotha Monastery Island,

Papa Stronsay, KW17 2AR,

Ilhas Orkney, Escócia,

Grã-Bretanha.

Anexo B: Entrevista com o Padre Michael por John Vennari (original en inglês)

http://www.archconfraternity.com/News/Interview_Fr_Michael_Mary_2006.htm

Transalpine Redemptorists and the Purgatorian Archconfraternity

Note: Catholic Family News Editor John Vennari interviews Father Michael Mary, founder and superior of the Transalpine Redemptorists, about the religious community and the re-establishment of the Puragatorian Archconfraternity.

J. Vennari: *Father Michael Mary when did you become a Redemptorist?*

Father Michael Mary: At the age of seventeen I entered the Redemptorists and was professed at the end of my novitiate in 1972. I did the course of studies provided by the province to which I belonged and was duly ordained a Redemptorist priest in August 1978. After that time I preached missions and was also attached to the Ukrainian Byzantine rite.

J. Vennari: *How were the Transalpine Redemptorists founded?*

Father Michael Mary: In March 1987 I arrived at Econe in Switzerland, having been sent to meet Archbishop Lefebvre by a priest of the Society of St. Pius X. I had been studying the important subject of the New and Old Mass since January 1986 and had reached the stage of being unable in conscience to say the *Novus Ordo* Mass any longer: even although I had said it since my ordination in 1978. I needed to see the Archbishop to discuss the matter, of my ordination which had been in the Novus Ordo. Having examined the matter he proceeded to my conditional re-ordination. It was a great relief. I remained on at Econe during the next fifteen months.

It was during this time that the traditional priest and personal friend of Archbishop Lefebvre, Father Epiney, paid me a visit to propose to me the idea of returning to the traditional Redemptorist Rule and beginning a Traditional Redemptorist monastery. He told me to ask the Archbishop. It took some time to ask the Archbishop. I was not sure how it could be done. However I finally asked the Archbishop for an appointment and he told me to come the next day which was December 3, 1987. I explained about the visit of Father Epiney and the thought of beginning a traditional Redemptorist foundation. The Archbishop was silent for a little while thinking about the matter and then he asked

me: “Where will you begin?” I replied that I had no ideas on how to do this. He then gave me some advice and encouragement. The foundation had his blessing.

A few days later on December 8, I had an interview with Cardinal Gagnon who was visiting Econe as the representative of the Pope. I told him of the proposed foundation. His response was quite amazing for me to hear. He also was positive. He said that: The Redemptorists needed a reform; that he, as the head of the Pontifical Commission for the Family had tried to have Redemptorist Father Bernard Haring silenced for his unorthodox teaching but he had not had success; he said that we would have to be like St. Teresa of Avila and work ‘outside the structures’ of the Church and then he made the negative statement that I would have difficulty finding young people to enlist in such a reform. This appeared to me as God’s seal of approval on the project. I remember thinking later that that was the Pope’s personal representative to Traditionalists. He had come in the Pope’s name. Why did he not say to me: “Listen to me, young man, you get home to your province and do what you’re told”? Just the opposite: he left me with a clear indication of approval. The proposed foundation sounded like the kind of scene from a spy movie where the Authority is giving approval for the undertaking but if the mission goes wrong the Government would know nothing about it.

J. Vennari: *And so at that point did you decide to begin the traditional Redemptorist?*

Father Michael Mary: I’m afraid not. It is true the Archbishop blessed it. The Pope’s representative encouraged it. But I was a foreigner from Australia living in Switzerland thousands of miles from home. How could it be done? Where would I start? And more importantly, who would begin with me. There was one person who could begin with me. He knew of the project but he was a seminarian for the Society of St. Pius X and it was not sure that he wanted to begin; and his Spiritual Director had not given his permission. So we both turned to Our Lady of Fatima; She had led me thus far She must show the way ahead. It was therefore decided that we would make a pilgrimage from Econe to Fatima to pray for the grace to make the right decision and to consecrate ourselves to Her Immaculate Heart. The pilgrimage was to involve a novena of Masses. The first was the midnight Mass of Christmas 1987 and the 9th was the First Saturday of January 1988.

During the pilgrimage I offered Mass in the grotto at Lourdes, at the altars beside the bodies of Jacinta and Francisco. On the last day of the Novena we went by bus to Coimbra where we kept Our Lady company for fifteen minutes while meditating on the mysteries of the Holy Rosary and in the rain in the evening we made Lucy’s Mile on our knees. The seminarian, who is now our Father Anthony Mary, said he wanted to join me in the foundation if his Spiritual Director gave his blessing.

J. Vennari: *And the blessing was given then?*

Father Michael Mary: Yes. Our Lady had done more than was necessary. When we arrived back at Econe not only did Father Anthony Mary receive the blessing to be the first novice but the Archbishop announced at table that “the first stone of the foundation had been laid” we would have a place to begin the foundation! Divine Providence put everything in place.

We began on August 2, 1988 on the Isle of Sheppey in Kent, England.

J. Vennari: *What does "Transalpine" mean?*

Father Michael Mary: Transalpine comes from the fact that we were founded firstly as "Traditional" Redemptorists. This appellation was contested by the Novus Ordo Redemptorists who wanted us to be separate from them. They claimed that they were the "Traditional Redemptorists." We were forced to change our name. Therefore, to make a difference between our foundation and the parent body of Redemptorists we chose the name "Transalpine Redemptorists."

This name, Transalpine Redemptorist, was a holy inspiration because it is, in fact, better than the first name "Traditional Redemptorists." "Transalpine Redemptorists" refers to the Redemptorists who were under the Vicar General St. Clement Mary Hofbauer. During the 1800's the Redemptorists were separated into two groups: Those who were based in Pagani in the Kingdom of Naples and those who were across the Alps in Warsaw and Vienna; these latter being the "Transalpine Branch" of the Congregation. We do not claim to be the only Redemptorists in the world. But we claim that we are a branch of Redemptorists; begun during this crisis in the Church. It is a name that does not say a lot to the Faithful Catholics but it says a great deal to Redemptorists. It says: For the moment we are "separated" but we have the hope that in the future we will be reunited just as the earlier Transalpine Redemptorists were finally reunited. We see that hope for reunion when the Novus Ordo Redemptorists return to the traditional Rule of St. Alphonsus and the traditional Latin Mass.

J. Vennari: *Where are you now located?*

Father Michael Mary: We are located on the island of Papa Stronsay in the Orkney Islands which about 30 miles into the sea off the northern tip of Scotland. The Orkney Islands are on the 59th latitude which is equivalent to being a few miles south of Anchorage and about the same as Lake Athabaska and Uranium City in Canada. Within the Orkney archipelago our island, of which we are the only inhabitants, is one of the northern islands about 20 miles north of the Orkney Mainland. Papa Stronsay measures roughly one mile by one and a quarter miles; about 250 acres at low tide. We are closer to the neighboring island of Stronsay so we have local facilities like the doctor and travel to Orkney Mainland.

J. Vennari: *Has the name Papa Stronsay got some significance you could tell us about?*

Father Michael Mary: The "Papa" in Papa Stronsay signifies an island of priests, monastic Fathers as in the Latin word for Father. Thus our island has been called "Papa" for well over a thousand years, perhaps fifteen hundred years. It has been called Papa in Litia, Papa Minora the last centuries has called it Papa Stronsay because we are close to our neighboring island of Stronsay.

(…)

My address details are:

Father Michael Mary, C.SS.R.,

Golgotha Monastery Island ,

Papa Stronsay, KW17 2AR,

Orkney Islands, Scotland,

Great Britain.

Anexo C: Relatório da reunião do Padre Michael e do Bispo Ortodoxo, Monsenhor Auhustyn

(publicado inicialmente no Angelqueen nos Estados Unidos)

http://www.websitetoolbox.com/tool/post/apologia/vpost?id=994266&trail=42

During my recent visit to Lviv I met the Russian Orthodox Archbishop. This was subsequently reported on the Internet as 'dialogue.' Since there has been some postings about this I thought that I should tell anybody who is interested about the meeting.

It was in order to get some Old Slavonic copies of the Psalms that we visited the Russian Orthodox bookshop in Lviv. Since Vatican II is is now difficult to get copies of anything in Church Slavonic. The Russian Orthodox have these books and they are very handy; so we went to buy them. Seeing that we were foreigners the woman in the bookshop wanted us to meet the bishop. She insisted that it would only take a minute and that the bishop would like to meet us. We agreed. The bookshop is very small, really a kiosk, and the church and bishop's office are close by. We were taken up the stairs and into the bishop's antechamber. We first met an Orthodox priest who acted as a secretary.
He wanted to know who we were. It is the second time I had been in that room.

The first time was a couple of years ago to visit a nun whom we knew. She had been a Catholic nun in Ukraine but because of Vatican II and the confusion of Ecumenism she felt it was possible to leave the Catholic convent and join an Orthodox one; this is the sin of apostasy. She is a very intelligent person and has written several books etc. I wanted to visit her to see if she had anyone at all who was keeping contact with her since she committed her apostasy.

So I said to the priest on this occasion that we knew this particular nun. He in turn got her to come and visit us. She was slightly hostile at first because she had received a letter from us inviting her to return to the Catholic Church.

We talked together with the priest and nun for some time. They wanted to know how we lived here on Papa Stronsay and what our ideas were. Then they offered us a cup of tea and cakes. Our Ukrainian brother explained that we couldn't have anything to eat because we were fasting as it was our Lent. That caused alarm. 'What do Catholics fast?' The nun explained that Catholics do not fast. (That was perhaps her idea of Catholics.) When they heard that we fasted they wanted to know how we fasted and what we eat; being bi-ritual we follow the Byzantine fasting which was quite a shock to them. Here we see that the Vatican II discipline gives scandal not only to Traditional Catholics but also to the schismatics. This is a cause of Oriental Catholics deciding to join the schismatic Orthodox.

Then the bishop came.

We went through double doors into his office and sat down. He also wanted to know what we believe, how we live, what we follow. We told he we believe that the Russian Orthodox should be converted to the Catholic Church as was the policy of the pre Vatican II Church and the practise of Bishop Charnetsky. He listened quietly. He slightly peaked later when I told him that we did not agree with the Vatican giving the icon of Our Lady of Kazan to the Patriarch of Moscow; [that was when he stood up and waved his arms a bit and said it belonged to them and why should the Vatican not give back what was not theirs etc....]. We let that pass; he knew what we thought. Then he concluded that we Traditional Catholics had more in common with them than that Vatican does. He talked about only believing the Pope to be first among equals and proceeded to wind the conversation up giving us each the gift of a bar of Lviv's famous chocolate. He then wanted to have a photo taken with us. As we waited for the camera it was explained that the bishop's medals - those displayed and hanging in rows on the right side of the Wall-rug (over 20 of them) were awareded to him by his Church; and those arranged on the left side (another20 or so) were his civil awards. Then we were shown the photo of the bishop piloting a jet during the time that he was doing his Military Service and he told us that that he was a parachutist. Here our Brother Louis Marie replied that he too had been a parachutistist when he did his French Military service. Then to everyone's amazement the bishop suddenly seized him in a Russian bear hug exclaiming in a loud voice: Only parachutists know what it is to be alive!' [That must be a comment on how often Russian parachutes open!] Then he told a Russian parachutist's joke about the parachutist asking his commander what happens when falling if the second parachute doesn't open; to which the commander said, with an optimistic tone, that he would have the joy of free falling for the rest of his life! Br Louis had another in the French version about being told to keep his arm up in the air to save his watch. The atmosphere had changed quite suddenly he was very friendly. Then the priest arrived back with the camera and the photo was taken and we were given each a packet of paper icons. When we came out through the bishop's double doors the nun nodded as we left the ante-room for the corridor and thence to the street and the snow. That is the sum of it:

A visit to a bookshop for a few Psalm books in Old Church Slavonic. We met the Russian Orthodox Archbishop of Lviv and we told him what all Catholic priest would have told him before Vatican II. He knew our position and our intention for his soul and the souls of all those who followed him. He had heard a different story in Moscow the week earlier when a Vatican delegation went to wish the Patriarch of Moscow a happy Name day without telling him that they wanted the Russians to convert to the Catholic Church.

As for us we continue to pray that the Immaculate Heart of Mary will triumph over Russia converting her to the One True Church!

Fr Michael Mary, C.SS.R.

A IGREJA ESTÁ ECLIPSADA

LOUIS-HUBERT REMY

- O ECLIPSE
- POR QUE ESTE ECLIPSE?
- ANEXOS
  - ANEXO I: A VISIBILIDADE DA IGREJA
  - ANEXO II: UMA FORMULAÇÃO PRECIPITADA DE MONSENHOR LEFEBVRE EXPLORADA POR ALGUNS QUE SE DIZEM SEUS FILHOS (MAS SERÁ QUE SÃO?)
  - ANEXO III: O VERDADEIRO PENSAMENTO DE MONSENHOR LEFEBVRE
  - ANEXO IV: A MISSÃO PÓSTUMA DE SANTA JOANA D'ARC E O REINO SOCIAL DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO
  - ANEXO V: O GRANDE LOGRO DO CONCÍLIO VATICANO II
  - ANEXO VI: O TERCEIRO SEGREDO DE FÁTIMA
  - ANEXO VII: UMA ARMADILHA MONTADA PELO INIMIGO: O SEDEVACANTISMO

O ECLIPSE

> "*Gaude Maria Virgo, cunctas hæreses sola interemisti*" *Alegrai-vos, Virgem Maria* : *só vós destruístes todas as heresias*. Trecho da Missa *Salve, sancta parens*

A Santíssima Virgem Maria, Rainha da França, não desce do céu por nada. Em sua casa, em nossa casa, em La Salette, em três palavras sóbrias, Ela nos ensinou tudo.

Quem é melhor teólogo do que a Rainha do céu, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Mãe da Igreja? Quem será suficientemente louco para ousar não A escutar, ousar corrigi-La, ousar contradizê-La?

A Santíssima Virgem Maria poderia ter dito: "a Igreja será ABALADA, destruída, suprimida, perdida, demolida, enterrada, apagada, arruinada, exterminada". Ela não disse isso.

Ela poderia ter dito: "a Igreja será abatida, aniquilada, abolida, rebaixada, profanada, humilhada, abandonada". Ela não disse isso.

Ela poderia ter dito: "a Igreja será mudada, modificada, transformada, reformada, renovada, reavivada, renovada". Ela não disse isso.

Ela poderia ter dito: "a Igreja será obscurecida, entenebrecida, pulverizada, extinta, arrasada, entregue, derrubada, oprimida". Ela não disse isso.

Ela poderia ter dito: "a Igreja será escondida, dissimulada, esmagada, sufocada, desmantelada, seduzida, enganada". Ela não disse isso.

Ela poderia ter dito: "a Igreja será infiltrada, invadida, sitiada, cercada, contornada, alterada, corrompida". Ela não disse isso.

Ela poderia ter dito: "a Igreja desaparecerá, vacilará, titubeará, cambaleará". Ela não disse isso. Ela poderia ter dito: "a Igreja será OCUPADA". Ela não disse isso.

Cada uma dessas palavras, e a lista está longe de ser exaustiva, tem um sentido muito preciso e corresponde a uma realidade diferente. A Santíssima Virgem Maria não escolheu nenhuma dessas palavras.

A Santíssima Virgem Maria disse: "**A IGREJA SERÁ ECLIPSADA**".

Ela não disse mais nada.

Nenhuma outra expressão resume melhor a situação. Nenhuma outra expressão explica melhor a crise. Nenhuma outra expressão dá melhor a solução.

Aprendamos, portanto, a ler bem para entender bem, e meditemos com atenção sobre o seu ensinamento.

Uma eclipse é: "o desaparecimento parcial ou total de um astro, pela interposição de OUTRO" (Larousse), ou "a ocultação momentânea de um astro cuja luz é interceptada pela interposição de OUTRO ASTRO" (Quillet).

Essas duas definições nos falam de DOIS ASTROS, de luz, de interposição, de desaparecimento, de ocultação momentânea, parcial ou total.

O exemplo mais conhecido de eclipse é o do sol pela lua. O sol é ocultado e a luz do sol desaparece momentaneamente, parcial ou totalmente, pela interposição da lua. Só se vê a lua, astro morto.

O eclipse ocorre de maneira súbita e é surpreendente, espantosa, assustadora para quem não sabe. Mas uma eclipse não dura muito tempo.

O homem que assiste a uma eclipse apenas o sofre. Ele não pode fazer nada. Ele o contempla e espera, sem nada mudar, que ele termine. O retorno da luz é, no entanto, uma libertação. Tivemos um belo exemplo disso em 11 de agosto de 1999.

Retomemos cada termo e tentemos entender o que a Santíssima Virgem Maria quer nos fazer compreender:

1. Há dois astros (astro: corpo celeste). Um é eclipsado. O outro eclipsa. São dois astros, dois corpos celestes diferentes.

A Santíssima Virgem Maria nos diz que o astro que é eclipsado é a Santa Igreja.

A Santa Igreja é a sociedade de todos os cristãos unidos pela profissão de uma mesma Fé:

- a doutrina de Cristo,
- a observância de Sua Lei,
- o uso de Seus Sacramentos,
- e a submissão aos pastores legítimos que são o Papa e os bispos em sua comunhão. As quatro marcas da Santa Igreja são a Unidade, a Apostolicidade, a Santidade e a Catolicidade.

Ela é composta pela Igreja Militante, Padecente e Triunfante.

Portanto, o astro que eclipsa não é a Santa Igreja. É outra coisa, é outro corpo celeste.

Como é outro astro, ele não pode emanar da Santa Igreja, que é UNA.

A seita conciliar não é una, não é santa, não é mais apostólica [1], não é católica.

Além disso, este astro vem de outro lugar.

Então surgem duas perguntas: de onde ele vem? Quem é ele?

A resposta é evidente para aqueles que têm Fé: "Quem não está comigo, está contra mim". Ele só pode vir do Adversário.

2. É a luz da Santa Igreja que desaparece, que é ocultada. Estamos nas trevas. Não é a Santa Igreja que desaparece, que é ocultada: ela está apenas escondida e reaparecerá.

A palavra "ocultada" é interessante porque nos obriga a pensar em "ciências ocultas", em "ocultismo", que é a ciência das coisas ocultas, reservada a iniciados.

E como só há dois estandartes e dois campos, o de Nosso Senhor e o do Adversário, como não entender que o outro astro é o do Adversário, mestre das ciências ocultas?

3. Este desaparecimento, parcial atualmente, se tornará certamente total. Estaremos então nas trevas mais profundas. Só veremos o outro astro, que tomará todo o espaço e tentará passar-se pela Santa Igreja.

O ápice deve ocorrer quando se tentar substituir o decálogo de Deus pelo decálogo de Satanás. E se o eclipse for total, aparentemente não restará nada da Santa Igreja: a Tradição será ou martirizada ou obrigada a se esconder. Só nos restará o rosário, como vários videntes profetizaram.

4. Assim como durante uma eclipse solar, não se move e se espera o fim do eclipse. Pois no segundo que segue o ápice, a Luz retorna. O que alguns viram, dizendo: "quando tudo estiver perdido, tudo será salvo".

5. Este desaparecimento é momentâneo. Ele não dura. Temos certeza de que a luz da Santa Igreja retornará... ao fim da eclipse, obviamente.

O eclipse não pode permanecer fixo: "as Portas do Inferno não prevalecerão [2] contra Ela".

6. Outro aspecto de um eclipse é que ele acontece em silêncio, a tal ponto que, para definir a saída discreta e silenciosa de alguém, diz-se que ele se eclipsa.

Durante Sua Paixão, Nosso Senhor, diante de Caifás, o poder espiritual, "guardou silêncio" e respondeu a apenas uma pergunta, aquela que dizia respeito ao poder espiritual:

> "És Tu o Cristo, o Filho de Deus?".

Diante de Pilatos, o poder temporal, Ele se calava, e respondeu a apenas uma pergunta, aquela que dizia respeito ao poder temporal:

>

> "És Tu o Rei dos Judeus?".

Diante de Herodes, o espírito do mundo (as palavras "mundo" e "demônio" têm as mesmas letras), Ele se calava. Grande lição que Nosso Senhor nos ensina.

O demônio sufoca a voz da Igreja, ele persegue aqueles que pregam a Igreja, provando assim que ele é o mestre da seita conciliar.

Diante dos demônios que fazem grande barulho e que, por meio da mentira, tomam o lugar da Igreja de Nosso Senhor, colocando-se à frente e tendo a insolência de dizer: "eu sou a Igreja Católica", nosso papel é, para muitos, silenciar.

Somente alguns terão a vocação de defender a glória de Deus. Os outros deverão, na humildade e paciência, se preparar para reconstruir.

7. Eclipsar é "impedir completamente que apareçam, por um momento, qualidades geralmente brilhantes [3]". O objeto que é eclipsado não muda em nada e, portanto, a Santa Igreja não é de forma alguma modificada.

Ela foi feita para brilhar, pois é luminosa, e ainda mais: é luz [4]. Ela é o sol que não aparece mais, que não se vê mais. Sua luz não penetra mais... por um momento!

Durante um eclipse, apenas aqueles que estão no cone de sombra estão completamente conscientes dessa eclipse. O mesmo acontece com as trevas espirituais: apenas aqueles que têm a verdadeira fé e que são perseguidos podem compreender a eclipse da Igreja. Os outros não veem nada e não entendem nada.

8. Muitas vezes se diz que nossa época corresponde ao momento da Paixão de Nosso Senhor, e que a Igreja vive essa Paixão.

Parece, no entanto, que a Igreja e os Papas têm vivido a Paixão de Nosso Senhor desde a Revolução Francesa, e que desde o primeiro dia do Concílio Vaticano II, vivemos as aparências da morte.

Nossa época é, na verdade, a hora das trevas, a hora do poder de Satanás, a hora que precede a Ressurreição triunfal do Reino do Sagrado Coração.

A seita conciliar é a igreja das trevas, uma igreja de morte, a igreja de Satanás.

9. A eclipse começou no início do Concílio Vaticano II.

Citemos a importante confidência de Jean Guitton (amigo de Paulo VI) à sua secretária, Srta. Michèle Reboul:

>

> "A IGREJA CATÓLICA MORREU NO PRIMEIRO DIA DO CONCÍLIO VATICANO II. ELA DEU LUGAR À IGREJA ECUMÊNICA. ELA NÃO DEVERIA MAIS SE CHAMAR CATÓLICA, MAS ECUMÊNICA".

Jean Guitton diz com razão que, desde o primeiro dia do Concílio, uma outra igreja aparece, uma igreja que não é mais a Igreja Católica e que ele chama com justiça de igreja ecumênica.

Mas ele se engana ao dizer que a Igreja Católica está morta. Ela está simplesmente eclipsada.

No momento de morrer, o Cardeal Liénart terá uma expressão semelhante:

> "Humanamente, a Igreja está perdida".

Humanamente, sim. Mas a Igreja é divina, e Ela não pode estar perdida.

10. Para eclipsar o astro gigantesco que é a Santa Igreja, e para eclipsá-lo em toda a superfície da terra, foi necessário um astro ainda maior. É por isso que à seita conciliar se acrescentaram todos os inimigos da Igreja, astro horrível, disforme, feio, cuja monstruosidade será descoberta completamente quando o eclipse for total.

---

[1] Ler o estudo sobre o novo ritual das consagrações episcopais: "Os bispos consagrados segundo o novo rito são bispos?". ACRF, B.P. 2 - 44 140 Aigrefeuille.

[2] Prevalecer: ter a vantagem, ser superior, triunfar sobre, dominar, predominar, vencer.

[3] *Dicionário Hachette Sinônimos* p. 633 em "obscurecer".

[4] Como Nosso Senhor ("Assim como Jesus Cristo e Sua Igreja"), ela é "A luz do mundo" (João VIII, 12).

POR QUE ESTE ECLIPSE?

Nosso Senhor veio ao mundo para restabelecer o reino de Seu Pai e para destruir o do príncipe das trevas. Mas, "De acordo com o ensinamento dos apóstolos", diz a voz dos séculos,

> "um dia virá em que Satanás, cheio de raiva contra Jesus Cristo e os cristãos, reconquistará o terreno que perdeu, fortalecerá seu reinado e o estenderá amplamente. Então ele se lançará sobre Roma, porque ela é sua rival e a morada dos Pontífices. Ele a dominará, expulsará o Vigário de Jesus Cristo, perseguirá os verdadeiros fiéis e massacrará os religiosos e os sacerdotes". Cornelius a Lapide, Suarez, São Roberto Bellarmino. Citado por Dom Gaume [5], *La Situation*, p. 28, 1860.

"Pois este antigo inimigo, 'homicida desde o princípio' (João, VIII, 44), se levantou com veemência, 'disfarçado em anjo de luz' (II Cor. XI, 14), tendo por escolta a horda de espíritos perversos, percorre a terra em todas as direções, inserindo-se em todos os lugares: visando abolir o Nome de Deus e de Seu Cristo, visando roubar, fazer perecer e perder na condenação eterna as almas que deveriam ser coroadas pela glória eterna. O dragão maligno transfunde nos homens mentalmente depravados e corrompidos no coração um fluxo de abjeção: o vírus de sua malícia, o espírito de mentira, impiedade e blasfêmia, o sopro mortal do vício, da luxúria e da iniquidade universalizada.

> "A Igreja, esposa do Cordeiro Imaculado, está saturada de amargura e embebida de veneno por inimigos muito astutos; eles colocaram suas mãos ímpias em tudo o que ela mais deseja de sagrado. Onde foi instituída a sede do bem-aventurado Pedro e a cadeira da Verdade, ali colocaram o trono de sua abominação na impiedade; de modo que, atingido o pastor, o rebanho possa ser disperso. Ó São Miguel, chefe invencível, apresente-se ao povo de Deus que está em luta contra o espírito da iniquidade, dê-lhe a vitória e faça-o triunfar". *Exorcismo de Leão XIII contra Satanás e os anjos apóstatas*, 1884.

Toda essa seita conciliar é, portanto, mentira. Sua verdadeira origem e sua verdadeira natureza são o engano:

- num primeiro momento, esconder-se e fazer-se passar pela Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo;
- depois substituir a verdadeira Igreja, colocando-se em seu lugar;
- finalmente, esconder, perseguir e destruir a Santa Igreja.

É isso que ela tem feito nos últimos 40 anos. **SOB O FALSO PRETEXTO DE MUDANÇAS, ELA DESTRUIU TUDO.**

Ela destruiu a verdade, a teologia, os dogmas, os sacramentos, a liturgia, a disciplina, as elites, os combatentes, as missões, o ensino, as vontades, etc., tudo o que é necessário para a vida eterna.

Ela não ensina mais a mesma Fé. Ela destrói a verdadeira Fé. Ela substitui a única verdadeira finalidade, que é o amor de Deus, pelo amor ao homem.

Ela blasfema contra o primeiro mandamento, respeitando todas as outras religiões, cujo pai é o diabo.

Ela não combate mais os inimigos do nome cristão; pior, ela os chama de seus amigos.

Ela não é mais Una, não é mais Santa, não é mais Católica, não é mais Apostólica.

O que era bem se torna mal, o que era mal se torna bem; o verdadeiro se torna falso; o falso se torna verdadeiro. Não há mais pecado, exceto o de permanecer católico.

"A religião de Deus que se fez homem foi substituída pela religião do homem que se faz Deus". Ela não prega mais o *Solus Sanctus*, o *Solus Dominus*, o *Solus Altissimus*.

Ela passa seu tempo atacando a verdade conhecida, um dos seis pecados contra o Espírito Santo [6], pecados dificilmente perdoáveis.

Ela combate apenas um grupo, aqueles que querem permanecer fiéis à Igreja de sempre. Ela combate a Igreja Santa de sempre, acusando-a de múltiplas faltas.

Ela quer conquistar o mundo inteiro, usa todos os artifícios e sugestões para isso. Ela tentará fazer desaparecer todos os verdadeiros cristãos. É a igreja do anticristo.

As consequências desse ensinamento são muito graves. Existem duas igrejas. Duas igrejas opostas, adversárias, inimigas.

Só podemos viver em uma dessas igrejas, viver de uma delas. E quando acreditamos e fazemos o que sempre foi acreditado e feito, devemos rejeitar TUDO da outra.

Aliás, a outra igreja faz o mesmo, ela rejeita tudo o que não é ela.

Não podemos, sob pena de apostasia, aceitar qualquer parte da outra, por menor que seja.

Não podemos apenas reprovar uma ou duas de suas falhas, ou a liberdade religiosa, ou o ecumenismo, ou a autoridade, ou os sacramentos, ou...

Devemos reprovar TUDO, recusar TUDO.

Recusar seu "ensinamento", seu "catecismo", seus "dogmas", seus "rituais", seus "sacramentos", sua "hierarquia", seus "papas", etc., etc.

Observamos todos os dias que os fiéis e sacerdotes conciliares não possuem mais a Fé Católica. Eles perdem até mesmo as noções católicas de verdadeiro, falso, bem e mal.

Isso certamente se deve ao fato de que, fiéis e sacerdotes conciliares, nunca ou quase nunca se confessam (e, quando o fazem, que tipo de confissão é essa?). É evidente que:

A SEITA CONCILIAR NÃO É CATÓLICA. A SEITA CONCILIAR NÃO É A IGREJA CATÓLICA.

Para nós, RECUSAMOS QUALQUER ETIQUETA QUE NÃO SEJA CATÓLICA.

Não sejamos nem tradicionalistas, nem integristas, nem lefebvristas, nem sedevacantistas. Recusamos todas essas denominações, práticas para definir grupos, mas que nos mutilam e não correspondem à verdade.

Como dizia Dom Guéranger:

> "SEJAMOS CATÓLICOS E NADA MAIS QUE CATÓLICOS".

Esse deve ser nosso único estandarte que devemos erguer alto, esse deve ser nosso único grito que devemos proclamar com força, esse deve ser o único nome do qual devemos nos orgulhar.

Se amanhã Deus pedir a alguns para testemunharem até o martírio, eles terão, como seus antecessores, a única preocupação com a glória de Deus e reagirão com bravura.

Em geral, os primeiros mártires são clérigos, religiosos, religiosas, e isso por duas razões:

- a primeira, para satisfazer os pecados: a Justiça de Deus exige almas puras, consagradas, a exemplo de Nosso Senhor;
- a segunda, para ser um exemplo e dar coragem aos outros cristãos que terão merecido a graça do martírio.

Não devemos ser imprudentes, pois no passado, para cada um que sofria o martírio, dez apostatavam.

Já sem perseguição, quantos hoje apostataram por medo!

É preciso saber, finalmente, que o único meio de resistir é se abandonar com calma e confiança nos braços de Nosso Senhor Jesus Cristo. Suportar o martírio é sempre impossível, sempre miraculoso. A única coisa que nos é pedida é abandonar humildemente nossa vontade na Sua Santa Vontade. Com Ele podemos tudo, sem Ele não podemos fazer nada.

Então, não nos esqueçamos de que ainda não estamos na Igreja Sofredora ou Triunfante. Estamos na Igreja Militante, e pelo sacramento da Confirmação, somos os soldados de Jesus Cristo.

Não sejamos soldados de tempos de paz, não sejamos soldados de desfile ou de salão, não sejamos soldados da ação humanitária, não sejamos oprimidos, esmagados, chorões, efeminados; sejamos soldados valentes, felizes por combater por um tão grande Rei, por uma tão grande causa: Sua glória e nossa salvação eterna.

Não nos é pedido vencer. Temos apenas o dever de combater.

Sejamos já cristãos dignos de nossos antecessores, dignos dos maiores combates.

> "Concedei a todos aqueles que levam o nome de cristãos a graça de rejeitar o que é contrário a esse nome e de seguir o que lhe é conforme". (Coleta do III domingo após a Páscoa).

A Santíssima Virgem Maria realmente disse tudo e profetizou com este aforismo: a Igreja está eclipsada.

Pois, se continuarmos a refletir sobre o que é um eclipse, não há melhor maneira de explicá-lo do que com o eclipse do sol pela lua. E então!

Quando há eclipse, há desaparecimento parcial e depois total da verdadeira fonte luminosa.

O segundo astro (a lua) parece luminoso, mas de uma luz pálida, que não tem sua fonte em si mesmo, e que é apenas o reflexo da luz do sol.

Da mesma forma, a seita conciliar tem um pouco de luz, uma luz pálida, que não tem sua fonte nela, mas no que resta dela da Igreja Católica.

No início, a hierarquia conciliar era composta por uma hierarquia formada na Igreja Católica [7]. Foi a lua cheia, a lua de mel [8] da seita conciliar. Os líderes dessa hierarquia [9] aproveitaram que estávamos na lua [10], que éramos como a lua [11], para nos ensinar velhas tolices e até nos mostrar a lua em pleno meio-dia[12].

À religião e ao culto Católicos sucederam a igreja "catódica". Pois essa seita conciliar só tem fiéis e sucesso na presença da televisão, através da telinha que "normaliza" tudo: da "missa" televisionada aos comportamentos individuais e sociais, passando pelo pensamento único político e religioso. É a igreja-espetáculo. Resta dela, como do tubo catódico, apenas um grande vazio [13].

Mas com o passar dos anos e das reformas, a lua russa [14] apareceu, e a nova Pentecostes anunciada cheirou a queimado. Há muito tempo, não resta mais nada das jovens plantas, e mesmo elas cheiram a cadáver.

Compreendeu-se mais ou menos rápido que essa religião conciliar tinha apenas um objetivo: querer pegar a lua com os dentes [15] e nos pedir a lua [16]; queria nos fazer tomar a lua pelo sol.

Pouco a pouco, a luz do sol foi desaparecendo. À força de diminuir, o crescente da lua hoje é um pequeno crescente, pois crescer sem... e crer sem... sem Cruz [17], leva toda falsa religião a ser uma religião de morte, especialmente quando se quis suplantar a Religião da Vida combatendo-a até a morte.

Muito em breve chegará o dia em que a lua conciliar não dará mais luz [18]. Aparecerá então sua verdadeira natureza: um astro morto. Não se vê cada vez mais que essa religião conciliar é uma religião de morte, como a lua é um astro morto?

Ao "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" substituiu-se o:

> "eu sou o labirinto, o erro e a morte".

O sol está eclipsado, e se vivemos sem luz aparente, vivemos também sem calor. Para os mais corajosos, lutamos na tempestade e no frio, e estamos mornos porque a Verdadeira Religião está eclipsada.

Quanto aos conciliares, estão congelados, e mesmo para alguns, congelados. Talvez retomem vida com o retorno do sol, mas sua fé está tão gelada, glacial, que seu único contato esfria.

Alguns quiseram acreditar que podiam permanecer católicos indo à lua. Mas precisaram vestir trajes tão arriscados e complicados que foram vistos caindo muito rápido e, ao descobrirem que se enganaram de foguete, tentaram voltar; mas, como as virgens loucas, ou lhes faltou combustível, ou tinham um muito volátil, daí na prática um retorno sempre impossível.

Mas para que precisavam ir à lua?

Não entenderam nem mesmo que o que lhes restava de católico era herdado da Igreja Católica, e que tudo o que vinha da seita conciliar nunca teve nada de católico e não lhes trouxe nada, pelo contrário.

Não entenderam que se permanece católico apenas se se acredita integralmente e se faz completamente o que sempre foi acreditado e feito pelos católicos[19].

Não se pode ser católico no abstrato, enquanto se é um pouco menos, ou nada no concreto.

Por nada no mundo nos aliemos, pois "quando o sol se levantou, a planta, atingida pelo calor e não tendo raiz, secou". Mat, XIII, 6.

Preferimos andar ao sol, e dizemos aos conciliares: "tira-te do meu sol". Se sabemos que não há nada de novo sob o sol, preferimos viver a pleno sol.

> "Aparecerá no céu um grande sinal: uma mulher vestida de sol, a lua debaixo de seus pés". Apoc., XII, 2.

E "no final, seu Coração Imaculado triunfará": o sol que é Nosso Senhor Jesus Cristo retornará, reinando apesar de Seus inimigos, e Ela esmagará sob seus pés essa lua que é a seita conciliar.

Devemos rejeitar tudo o que vem desta contra-igreja. E isso absolutamente.

Obedeçamos às ordens de Nosso Senhor:

> "Que o vosso sim seja sim, e o vosso não seja não", "Quem não está comigo está contra mim".

Não podemos aceitar esses "papas" ("anticristos" como os chamava Dom Lefebvre), esses "bispos" (serão mesmo? depois dos simulacros de sagrações), esses "padres" que certamente não o são.

Tem-se o hábito de se fazer a pergunta:

> "Um papa pode ser herege?"

A verdadeira questão não é:

> "Um herege pode ser Papa [20]?"

Como um herege (excomungado) poderia ser o vigário, o representante de Nosso Senhor, o chefe de Sua Igreja?

Que não haja nada em comum, nenhum vínculo [21] com essa igreja. Fazer parte dela é abandonar a verdadeira religião de N.S.J.C., é apostatar.

O eclipse ainda não é total, mas será muito em breve. O que significa que toda aparência da antiga Igreja deve desaparecer. Ou seja, a luta ainda não terminou e os últimos combates próximos serão terríveis. **Depois dos demônios mentirosos virão os demônios assassinos.**

Chegamos à hora das trevas, e das trevas mais violentas, até os três dias anunciados. Nosso Senhor espera de nós que permaneçamos fiéis, sem medo, purificando nossa Fé e nossa vontade, vigiando e orando. Tudo isso foi permitido como castigo pelos nossos pecados, pela nossa mornidão, pela justa justiça de Deus. Convertamo-nos, ou todos pereceremos.

Um eclipse não dura. Ele é apenas efêmero. O astro que esconde a luz está condenado a desaparecer.

Após a hora final das trevas, voltará a plena luz, luz que será tanto mais brilhante quanto mais negra tiver sido a noite.

E desde o primeiro segundo em que essa luz retornar, todos os inimigos de Nosso Senhor serão cegados, derrotados.

Estamos certos, Ele venceu o mundo, Ele é nossa esperança. Sua santa Mãe até nos anunciou:

> "No final, meu Coração Imaculado triunfará [22]".

No final, obviamente.

Para nós, nada mudar do que sempre foi acreditado e feito. Quem além de Nosso Senhor ("Eu sou a luz do mundo" João VIII, 12) poderia nos salvar das trevas?

Só um Deus, só um Salvador pode nos salvar. Manter-se, manter-se calmos, confiantes, constantes, perseverantes, firmes.

Para nós, imitemos as virgens prudentes (Mat. XXV, 1-13). Como elas, vamos ao encontro do noivo. Embora Ele demore, Ele certamente virá. Ele virá no meio da noite, na hora mais escura. Ele será precedido de um grito, Anunciando-O. Como elas, tenhamos óleo, esse óleo das boas obras, especialmente do amor de Deus. As virgens imprudentes também tinham obras, mas não as de Deus. Estejamos prontos para entrar com Ele na sala das bodas.

Temamos ouvir essa terrível palavra:

> "Eu não vos conheço".

Continuemos a vigiar, pois não sabemos o dia nem a hora.

Em três palavras, a Santíssima Virgem Maria, Mãe da Igreja, disse tudo: A IGREJA ESTÁ ECLIPSADA.

Esta é a razão e o fundamento do combate Católico. "*Maria foi realmente criada por Deus para ser nossa estrela da manhã, nossa salvaguarda, nosso farol na tempestade* [23]".

Mantenhamos nosso olhar fixo em sua Estrela.

Pela Santíssima Virgem Maria, tudo está dito: nossa Fé é segura, nossa Esperança é garantida.

OBRIGADO, SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA. MANTENHAMOS FIRME, NOSSA LIBERTAÇÃO ESTÁ PRÓXIMA.

---

[5] Entende-se por que Mons. Gaume é odiado e perseguido pelo inimigo. Nunca citado, perseguido (seu *Compêndio do Catecismo* foi editado em 900.000 exemplares: nunca se encontra), ele escreveu 83 obras impossíveis de encontrar. Ele morreu em odor de santidade. Felizmente, 40 foram reeditados, solicitar à ACRF.

[6] Lembremos os outros cinco: a presunção, o desespero, a inveja da graça dos outros, a obstinação e a impenitência final. Opostos aos efeitos da graça do Espírito Santo, eles são mais difíceis de remeter do que os outros, porque excluem as disposições da alma pelas quais se faz a remissão dos pecados. (II, II, q. 14, a. 3). Não confundir com os pecados que clamam aos céus e provocam de maneira particular a vingança divina; é o homicídio, a sodomia, a opressão dos pobres, a retenção injusta do salário dos trabalhadores.

[7] Mas a segunda geração já não tem nada de católico. Ela é completamente ecumênica e carismática.

[8] O primeiro mês, os primeiros tempos do casamento.

[9] O primeiro mês, os primeiros tempos do casamento.

"Homens cheios de toda a espécie de astúcia e de fraude, filhos do diabo, inimigos de toda justiça, não cessareis de perverter os caminhos retos do Senhor? Eis que agora a mão de Deus está sobre vós; sereis cegos, privados por algum tempo da vista do sol". Atos 13, 11.

[10] Estar muito distraído, não ter a mente no que se diz ou se faz ao seu redor.

[11] Ter uma ingenuidade estúpida.

[12] Abusar da ingenuidade de alguém.

[13] Atualmente 2% de praticantes e em algumas dioceses menos de 1%. Ela é como o tubo de raios catódicos: vazia.

[14] Lua cheia acompanhada de geadas que queimam as plantas jovens.

[15] Querer fazer algo impossível.

[16] Pedir algo impossível.

[17] Somente a Santa Cruz de nossa Redenção nos salva.

[18] As atuais autoridades foram formadas no passado e, portanto, mantiveram certos aspectos católicos, mas as novas gerações de "bispos", de "cardeais", de "superiores" são completamente diferentes. O sucessor de "João Paulo II" será profundamente outro.

[19] Não são os católicos de sempre que apresentam problema. São os falsos católicos conciliares. Não é a missa de sempre que apresenta problema, é a nova. Não é a fé de sempre que apresenta problema, são todas as novidades.

[20] "Como um papa verdadeiro sucessor de Pedro, garantido pela assistência do Espírito Santo, pode presidir a destruição da Igreja, a mais profunda e a mais extensa de sua história, em tão pouco tempo, o que nenhum heresiarca jamais conseguiu fazer?" Mons. Lefebvre, *Le Figaro*, quarta-feira, 4 de agosto de 1976.

[21] nenhuma unidade: non una cum

[22] Triunfar: obter uma vitória completa e brilhante sobre todos os seus inimigos.

[23] Mons. Lefebvre, maio de 1965, *Cartas pastorais e escritos*, p. 211.

ANEXOS

ANEXO I: A VISIBILIDADE DA IGREJA

> «*A fé é uma, e tudo o que está fora desta unidade de fé não é fé*». São Hilário de Poitiers, primeiro doutor da Igreja.

> *A fé católica é de tal natureza que nada lhe pode ser acrescentado ou retirado ; ou a possuímos inteiramente, ou não a possuímos de modo algum. Tal é a fé católica : quem não a abraça firmemente não poderá ser salvo*. (Símbolo de Santo Atanásio).

Na sua entrevista ao *Figaro* de 3 de junho de 1998, Dom Fellay, superior da Fraternidade São Pio X, responde à pergunta do jornalista:

"*Alguns entre vocês não afirmam que a sé de Pedro está vaga*?

> Eles não são dos nossos. Nós não aceitamos essa afirmação. Eles pretendem resolver um problema, mas criam um ainda mais grave. De fato, o Papa realiza atos que foram anteriormente condenados pela Igreja; portanto, para salvar a infalibilidade pontifícia, afirmam que não há papa. Esta é uma posição fácil que, na realidade, dissolve a visibilidade da Igreja. Não podemos aceitá-la."

É triste ler tais linhas.

Primeiro, notemos a incoerência dos argumentos.

Dom Fellay reconhece que “o Papa realiza atos que foram anteriormente condenados pela Igreja”.

Esta frase é muito importante. É uma excelente constatação. É a mesma que fazemos.

Estes atos haviam obrigado Mons. Lefebvre a declarar:

>

> "A igreja que afirma tais erros (liberdade de consciência...) é ao mesmo tempo cismática e herética. Esta seita conciliar não é, portanto, católica. Na medida em que o Papa, os bispos, padres, fiéis aderem a esta nova igreja, eles se separam da Igreja Católica" (Ecône, 29/6/1976).

Reestudando longamente este problema da liberdade de consciência em seu livro *Dubia sobre a liberdade religiosa*, quatro vezes Mons. Lefebvre é obrigado a concluir pela heresia.

Historicamente, nunca houve papas praticando atos anteriormente condenados pela Igreja. Os jansenistas quiseram nos fazer acreditar nisso para Honório, Libério ou outros, mas estas supostas falhas foram demonstradas como falsas durante os trabalhos feitos para o Vaticano I.

Teologicamente, qual é esta nova afirmação, estudada e condenada pelo Vaticano I, que ensina que um Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo possa praticar atos que foram anteriormente condenados pela Igreja, portanto contrários à doutrina da Igreja?

Deve-se tirar uma única conclusão: se este "papa" pratica atos que foram anteriormente condenados pela Igreja, ele pratica atos falsos, merecendo até mesmo a nota de heresia. Ele é, portanto, falível.

Se ele não é infalível, como pode ser Papa?

Esperamos uma resposta clara, nítida, precisa por parte de Mons. Fellay a esta questão. Ele não pode se esquivar e nos deve, como bispo, um ensinamento coerente.

Mas e quanto à visibilidade?

Esta visibilidade da Igreja deve ser manifesta aos olhos de todos por quatro razões:

1° o bem dos fiéis que podem assim facilmente seguir os ensinamentos da Igreja e obedecer com toda segurança aos seus preceitos;

2° a necessidade para os fiéis, expostos a perder a fé, de poder discernir facilmente das seitas heréticas a Igreja católica cuja verdade é tão resplandecente;

3° a necessidade, para os infiéis que querem abraçar a fé católica, de poder facilmente reconhecer a Igreja católica;

4° enfim a glória de Jesus Cristo cujo reino sobre toda a terra brilha assim com um maravilhoso esplendor.

O Padre Hugon OP, em "*La vie spirituelle*" n°35, pp. 355-356 lembra este ensinamento constante da Igreja que:

>

> «Três princípios fundamentais constituem o corpo da Igreja:
>
> - um magistério visível e a profissão de uma mesma fé por todos os crentes;
> - um ministério visível e a comunhão de todos os fiéis no mesmo culto;
> - um governo visível e a obediência de todos os súditos aos mesmos pastores».

Resumem-se estes três princípios por uma fórmula simples: profissão da mesma fé, participação nos mesmos sacramentos, obediência aos mesmos pastores.

Pio XII, na encíclica "*Mystici corporis*", observa:

> "...Sim, certamente, a piedosa Mãe resplandece sem nenhuma mancha nos sacramentos, com os quais ela gera e nutre seus filhos, na fé que ela conserva sempre não contaminada, nas santíssimas leis pelas quais ela comanda..."

Desde Nosso Senhor Jesus Cristo e até 9 de outubro de 1958 (morte de Pio XII), tínhamos a mesma fé não contaminada, os mesmos sacramentos sem manchas, os mesmos bispos e portanto a mesma Igreja.

Estes três princípios tornam a Igreja visível, e até se tinha o hábito de abreviar estes princípios reduzindo a visibilidade à pessoa do Papa: onde está o Papa, aí está a Igreja.

Era um atalho justificado na Igreja em ordem, pois o Papa tinha a mesma fé até 9 de outubro de 1958, vivia dos mesmos sacramentos até 9 de outubro de 1958 e era a continuação da mesma hierarquia [24].

É o mesmo desde então?

É evidente que desde o Vaticano II, a seita conciliar transformou os sacramentos católicos. Tudo está repleto de modernismo e protestantismo.

Ela não professa mais a mesma fé. Sua doutrina é a expressão da heresia modernista e protestante.

A melhor prova é que ela combate, e com que violência, apenas aqueles que se recusam a mudar de sacramentos e de Fé.

Os amigos se tornaram inimigos, os inimigos se tornaram amigos. Isso prova mais que tudo que a seita conciliar não é a Igreja católica.

Resta o problema da hierarquia.

Como um "papa" não católico como João Paulo II, como uma hierarquia inimiga pode, por si só, sem a presença dos outros dois princípios mais importantes que são a Fé ensinada por Nosso Senhor Jesus Cristo e os sacramentos que Ele instituiu, representar a visibilidade da Igreja?

Reter apenas o atalho como princípio da visibilidade da Igreja e isso em uma igreja que não é mais católica (mesmo que ela queira nos fazer acreditar que é a igreja católica) é uma impostura, um engano.

Essas pessoas usurparam (usurpar: apoderar-se por violência ou por astúcia, de um bem, de uma dignidade, de um título que pertence a outro) os assentos que ocupam.

Eles, como nos havia anunciado a Santíssima Virgem Maria em La Salette, eclipsaram a Igreja.

Cabe a nós não mudar nada no que acreditamos e fazemos. Sabemos que a Santa Igreja não pode nem se enganar, nem nos enganar. A nós, não se pode reprovar nada.

Então reter apenas como critério da visibilidade, esse "papa" usurpador herético, essa hierarquia apóstata e inimiga, é enganar-se e é enganar aqueles que se ensina.

Mons. Fellay não resolve o problema da visibilidade. Por uma posição fácil, na realidade ele dissolve a visibilidade da Igreja. Ele cria um problema mais grave: fazer crer que a seita conciliar é a Igreja Católica. É o oposto do ensinamento de Mons. Lefebvre.

Oremos por Mons. Fellay, sua Fraternidade e seus padres.

---

[24] Se a visibilidade da igreja coincidisse com a pessoa do papa e, eventualmente, de sua corte pontifícia, que deveríamos dizer da época do grande cisma do Ocidente quando, em 39 anos, houve até "três papas" visíveis, cada um com sua corte de cardeais e bispos? A Igreja era mais visível com "três papas" em vez de apenas um?

ANEXO II: UMA FORMULAÇÃO PRECIPITADA DE MONSENHOR LEFEBVRE EXPLORADA POR ALGUNS QUE SE DIZEM SEUS FILHOS (MAS SERÁ QUE SÃO?)

Ela tem sua origem em uma má aplicação do princípio da não contradição. Vamos lembrar este princípio fundamental:

- sob sua forma metafísica: uma mesma coisa não pode, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, ser e não ser;
- sob sua forma lógica: é impossível afirmar e negar ao mesmo tempo a mesma coisa sob o mesmo aspecto.

Quando, em sua proclamação de 21 de novembro de 1974, Monsenhor Lefebvre declara:

> “Nós aderimos de todo coração, de toda alma, à Roma católica, guardiã da fé católica e de suas tradições necessárias à manutenção desta Fé, à Roma eterna, mestra de sabedoria e de verdade”.
>
> “Por outro lado, rejeitamos e sempre rejeitamos a Roma de tendência neo-modernista e neo-protestante que se manifestou claramente no Concílio Vaticano II e, após o Concílio, em todas as reformas que dele surgiram”.

Quando, na carta aos futuros Bispos de 29 de agosto de 1987, ele escreve:

> “A corrupção da santa Missa levou à corrupção do sacerdócio...”

nestes dois textos, Monsenhor Lefebvre não é suficientemente preciso, o que gera uma confusão mantida e desenvolvida por alguns que se apresentam como seus filhos ou que se dizem seus herdeiros.

Na verdade, a Santa Missa não pode ser corrompida. Ela é Santa por essência.

Se há algo que se chama de "missa" e está corrompido, é algo diferente da Santa Missa.

O mesmo vale para o sacerdócio. Ele não pode ser corrompido.

Se há algo que se chama de "sacerdócio" e está corrompido, é algo diferente. Pode haver homens corruptos no sacerdócio, mas o Sacerdócio da Santa Igreja não pode ser corrompido.

O mesmo se aplica a Roma. Ela não pode ser ao mesmo tempo católica e herética. A Roma atual, aliás, não se esconde: ela se diz conciliar. Ela é conciliar. Às vezes ela se diz católica, mas é uma usurpação. Ela não tem mais nada de católico, nem os dogmas, nem os sacramentos, nem os rituais (especialmente o da ordenação episcopal), nem a moral, nem a vida, nem o ensinamento, nem... etc. Tudo mudou.

Além disso, a Roma conciliar persegue os verdadeiros católicos, aqueles que não quiseram mudar nada em sua fé e em sua vida, que acreditam e fazem o que sempre foi acreditado e feito, sabendo que a verdadeira Igreja não pode se enganar nem nos enganar.

Essa perseguição em todos os lugares prova claramente que a Roma modernista, e portanto herética, não tem nada a ver com a Roma católica. É algo diferente.

Monsenhor Lefebvre sabia disso muito bem. Entendemos o que ele queria dizer e fazer.

É evidente que em seu pensamento, tanto Paulo VI quanto João Paulo II representavam a Roma modernista que ele condenava.

É evidente que em sua carta aos quatro futuros bispos, quando ele pede que permaneçam ligados à Sé de Pedro, não se trata de se apegar a João Paulo II, visto que ele especifica acima:

> "...confiante de que em breve o Trono será ocupado por um sucessor de Pedro perfeitamente católico, nas mãos do qual vocês poderão depositar a graça de seu episcopado para que ele a confirme".

Ao esclarecer isso, Monsenhor Lefebvre provou que não considerava João Paulo II católico. Ele até previa que J-P II era inconversível, aguardando um sucessor católico.

Infelizmente, sua declaração não foi clara o suficiente.

Foi explorada por alguns que querem fazer os fiéis acreditarem que estar ligado à Sé de Pedro é estar ligado a João Paulo II, o que vai contra o pensamento de Monsenhor Lefebvre, como acabamos de demonstrar.

Daí a confusão prática em que vivemos desde então.

Uma confusão alimentada e ampliada por alguns que ainda se dizem seus seguidores. Nem todos, mas alguns. Basta comparar o que o padre de Jorna escreve no editorial do número 111 da *Fideliter* p. 2:

> "Por fim, dirigindo-se aos futuros bispos em 29 de agosto de 1987, ele lhes escreveu:
>
> > 'Eu lhes suplico que permaneçam ligados à Sé de Pedro, à Igreja Romana, Mãe e Mestra de todas as Igrejas'".

E o padre de Jorna para a citação por aí.

Vamos reler a frase completa de Monsenhor Lefebvre:

> "Eu lhes suplico que permaneçam ligados à Sé de Pedro, à Igreja Romana, Mãe e Mestra de todas as Igrejas, na fé católica integral, expressa nos símbolos de fé, no catecismo do Concílio de Trento, de acordo com o que lhes foi ensinado em seu seminário. Permaneçam fiéis na transmissão desta fé para que o Reino de Nosso Senhor venha".

É muito diferente. Como qualificar uma tal manipulação? Que traição!

Daí a confusão no campo da Tradição. Daí a falta de firmeza doutrinal e prática. A falta de firmeza que levará um dia ou outro a graves traições, idênticas às anteriores. Este erro gerou um comportamento e uma tática de defesa, quando deveria ter sido uma ataque. É o campo da Verdade que deveria impor as regras do jogo.

Deveríamos ter lhes dito:

>

> "Vocês não são mais católicos. Vocês não são mais a Igreja Católica. Vocês se dizem 'Papa', são realmente? Vocês se dizem bispos, são realmente?"

E não:

> "Muito Santo Pai, deixe-nos experimentar a Tradição".

No final, Dom Lefebvre os chamou pelo verdadeiro nome: "Anticristo", mas era tarde demais, seus discípulos não entenderam.

Ele desejou ir mais longe antes de morrer?

O isolamento em que o encerraram então, deixa tudo supor [25].

E desde então? Como é pensável que os quatro bispos, excomungados pela seita conciliar após sua sagração, tenham sido recebidos em São Pedro, em Roma, com as honras condizentes com sua grandeza?

A excomunhão foi levantada?

Caso contrário, em que mentiras estamos vivendo? Um dia excomungados, no dia seguinte recebidos com solenidade. Por qual compromisso chegamos a isso?

Têm a mesma Fé?

Os quatro bispos não traíram a vontade de seu consagrador? Eles estão lutando a mesma luta que seu fundador?

Tiveram medo de que sua Fraternidade fosse tratada e perseguida como uma seita?

E para evitar os efeitos, preferiram encontrar um acordo com esses hereges?

Mas, sobretudo, estão em conformidade com a luta da Fé que Deus lhes pede?

Qual é a diferença em relação aos "ralliés*"?

Não devemos esquecer que o termo "ralliés" não é católico. O verdadeiro termo católico é apóstata.

---

[25] Aproveitemos para lembrar duas graves questões que fizemos e que permanecem sem resposta:

* Como explicar a ausência de seus filhos à sua cabeceira em seus últimos momentos? Nunca se viu um fundador não ser cercado, em sua agonia, por aqueles que lhe são caros. Havia algo a

esconder?
* Como é que nunca se falou do testamento de Mons. Lefebvre? É concebível por um minuto que ele não tenha feito testamento? Então?

Ainda esperamos as respostas!

* Ralliés - São os acordistas (rallimados). Aqueles que fazem o ralimã (Ralliement). Para entender o contexto do uso deste termo assista ao vídeo O Papa se ARREPENDEU do que fez - Ralliement, o desastroso acordo de Leão XIII com a Modernidade

ANEXO III: O VERDADEIRO PENSAMENTO DE MONSENHOR LEFEBVRE

Os inúmeros escritos de Monsenhor Lefebvre parecem por vezes contraditórios. É compreensível que ele tenha tido um discurso diferente dependendo de se dirigir às autoridades romanas, a um público amplo mal formado, a jornalistas confusos ou aos seus próximos.

Mas basta recorrer a eventos graves, como durante a *suspens a divinis*, ou das consagrações, para conhecer bem o seu pensamento mais seguro.

Recordemos alguns trechos do sermão que ele proferiu durante as ordenações sacerdotais de 29 de junho de 1976, logo após a *suspens a divinis*, texto suprimido em uma recente reedição [26] de seus discursos de 1976:

> "Este novo rito pressupõe uma outra concepção da religião católica, uma outra religião..., este novo rito é obra de uma ideologia diferente, de uma ideologia nova... Bem, nós não somos dessa religião, não aceitamos esta nova religião.
>
> "Nós somos da religião de sempre, nós somos da religião católica, não somos da religião universal, como eles a chamam hoje em dia. Já não é a religião católica.
>
> "Não somos dessa religião liberal, modernista, que tem seu culto, seus sacerdotes, sua fé, seus catecismos, sua bíblia - sua bíblia ecumênica. Nós não as aceitamos... não podemos aceitar essas coisas. É contrário à nossa fé... escolhemos não abandonar a nossa fé... o Papa recebeu o Espírito Santo não para fazer verdades novas, mas para nos manter na fé de sempre".

Essas palavras muito firmes foram confirmadas pelo prefácio de "*J'accuse le Concile*", escrito algumas semanas depois, onde se pode ler:

>

> "...temos o direito de afirmar que o espírito que dominou no Concílio... não é o Espírito Santo... Eles viraram as costas para a verdadeira Igreja de sempre... declaração herética... espírito não católico... conjuração estupefaciente... qual foi, na verdade, o papel do Papa nessa obra? sua responsabilidade? na verdade, ela parece esmagadora... é-nos impossível entrar nessa conjuração... uma única solução: ABANDONAR ESSAS TESTEMUNHAS PERIGOSAS".

Foi isso que ele fez, pois para Mons. Lefebvre, a seita conciliar não era a Igreja Católica.

Mas o documento essencial é a carta que ele enviou aos quatro futuros bispos.

Esta carta é certamente a mais importante que ele escreveu em toda a sua vida. Compreender-se-á facilmente.

Enviada dez meses antes das consagrações, ela deve ter sido maturada, refletida, meditada longamente, tanto a decisão era grave. Ele havia pensado em consagrar há muito tempo.

"Chegado ao limiar do juízo particular, consciente da sua salvação eterna e das contas a prestar", consciente das batalhas travadas pelos poderes do inferno contra o que foi a sua vida, o seu amor, ou seja, a defesa da Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, que ele via atacada de todos os lados, ele decidiu consagrar.

Ele sabia as consequências desse ato, e o que escreve para levar esses quatro jovens sacerdotes a "aceitar receber as graças do episcopado católico"?

Ele lhes apresenta a situação como ela é e que se vê "constrangido pela Divina Providência a transmitir a graça do episcopado que recebi".

E por quê?:

> "Para que a Igreja e o Sacerdócio católico continuem a subsistir para a Glória de Deus e a salvação das almas".

Para chegar a tal pedido, ele lhes apresenta primeiro o estado da Roma atual. Reavemos:

> "A cátedra de Pedro e os postos de autoridade em Roma, sendo ocupados por anticristos, a destruição do Reino de Nosso Senhor prossegue rapidamente no próprio Seu Corpo místico aqui em baixo, especialmente pela corrupção da Santa Missa, expressão esplendorosa do triunfo de Nosso Senhor pela Cruz "Deus reinou a partir do madeiro" e fonte de extensão de Seu Reino nas almas e nas sociedades".

> "Assim aparece com evidência a absoluta necessidade da permanência e da continuação do sacrifício adorável para que 'Seu Reino chegue'".
>
> "A corrupção da Santa Missa trouxe a corrupção do Sacerdócio e o declínio universal da Fé na divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo".

E mais adiante, ele especificará:

> "É isso que nos valeu a perseguição da Roma anticristã, dessa Roma modernista e liberal.
>
> "É por isso que, convencido de não cumprir senão a Santa Vontade de Deus..."

E os quatro aceitaram. Certamente após longas orações e meditações. Generosamente. Corajosamente. Eles devem meditar muito frequentemente sobre essa carta de seu fundador que lhes pede para assegurar a transmissão da Fé.

Eis o documento essencial do pensamento de Mons. Lefebvre. Ele se encontra no número especial de *Fideliter* dedicado às consagrações. Poderemos reler com proveito a conferência de Mons. Lefebvre, impressa em seguida e intitulada: "A obediência pode nos obrigar a desobedecer?", questão que poderia ser novamente muito atual.

E quanto à excomunhão?

Os anos passam e esquecemos.

É bom relembrar o que Mons. Lefebvre pensava a respeito.

No número especial de *Fideliter*, 29-30 de junho de 1988, dedicado às consagrações, encontramos na p. 18 os comentários que ele fez sobre sua excomunhão, durante a conferência de imprensa de 15 de junho de 1988 em Écône:

> "*L'Osservatore Romano* publicará a excomunhão, uma declaração de cisma, evidentemente. O que tudo isso quer dizer!
>
> "Excomunhão por quem? Por uma Roma modernista, por uma Roma que já não tem perfeitamente a Fé católica... Então somos excomungados por modernistas, por pessoas que foram condenadas pelos Papas anteriores. Então, o que isso pode significar? Somos condenados por pessoas que estão condenadas, e que deveriam ser publicamente condenadas. Isso nos deixa indiferentes. Isso obviamente não tem valor".

Com razão, Mons. Lefebvre estava orgulhoso de sua excomunhão. A Igreja Católica não podia permanecer em comunhão com a seita conciliar. E, acima de tudo, a seita conciliar não podia suportar a comunhão com a Igreja Católica. Prova evidente de que ela não é católica.

Relendo o número 65 da revista *Fideliter*, número no qual todos se regozijam da excomunhão (particularmente o Padre Aulagnier em seu editorial), lemos na p. 4 estas palavras de Mons. Lefebvre:

> "E por que nos excomungam? Porque queremos permanecer católicos, porque não queremos segui-los nesse espírito de demolição da Igreja. Já que você não quer vir conosco para contribuir para a demolição da Igreja, nós o excomungamos.
>
> - Muito bem. Obrigado. Preferimos ser excomungados. (Aplausos vivos e prolongados). Não queremos participar dessa obra terrível que se realiza há vinte anos na Igreja..."
>
> Então, caríssimos amigos, vocês enfrentarão todas essas dificuldades. Vocês serão perseguidos. Serão perseguidos porque querem permanecer fiéis à Igreja Católica de sempre. Porque querem permanecer fiéis ao Santo Sacrifício da Missa, aos sacramentos e ao ensino da Igreja".

E Mons. Lefebvre terminava lembrando a predição da Virgem de La Salette:

> "Roma perderá a Fé. Uma eclipse se espalhará sobre Roma".

Fiéis a esse pensamento muito claro, em 6 de julho de 1988, todos os superiores da Fraternidade São Pio X assinaram a carta publicada no número 64 de *Fideliter*, julho-agosto de 1988, da qual extraímos a seguinte frase:

> "Não pedimos nada melhor do que ser declarados *ex communione* do espírito adúltero que sopra na Igreja há 25 anos, excluídos da comunhão ímpia com os infiéis... seria para nós uma marca de honra e um sinal de ortodoxia diante dos fiéis. Estes têm, de fato, um direito estrito a saber que os sacerdotes a quem se dirigem não são da comunhão de uma contrafação de Igreja, evolucionista, pentecostal e sincretista".

Enfim, todas as pessoas informadas sabem que no final de sua vida Mons. Lefebvre dizia a quem quisesse ouvir:

>

> "Não é possível que esses 'papas' sejam os sucessores de Pedro".

Ele quis ir mais longe e ensinar mais?

É por isso que ninguém pôde se aproximar dele antes de morrer? É por isso que não temos o seu testamento?

TRADIDI VOBIS QUOD ET ACCEPI

---

[26] Não é a primeira vez que Mons. Lefebvre é censurado por seus sucessores. O que pensar disso?

ANEXO IV: A MISSÃO PÓSTUMA DE SANTA JOANA D'ARC E O REINO SOCIAL DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

Mons. Henri DELASSUS, 1913[27].

...Os Maçons atacam os muros da Igreja, mas ao mesmo tempo trabalham no interior de outros demolidores ainda mais nocivos. O *Syllabus* de Pio X e sua Encíclica sobre o Modernismo mostraram onde eles chegaram. Nas oito primeiras proposições que católicos, que mesmo sacerdotes formularam e ensinam em livros e revistas que, infelizmente, não têm poucos leitores, a própria autoridade das decisões doutrinais da Igreja é atacada. Nas onze seguintes, de IX a XIX, a inspiração e a inerrância da Sagrada Escritura são aniquiladas. De XX a XXVI, as noções de revelação, fé e dogma são transformadas, até serem destruídas. De XXVII a XXXVIII, a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua ciência, Sua expiação redentora, Sua ressurreição são negadas. Nas proposições XXIX a LI vem o ataque contra os sacramentos. Aquelas que vão de LII a LVII se elevam contra a Igreja, criação humana à qual Nosso Senhor nem mesmo teria pensado. Finalmente, de LVII a LXV, a exposição do evolucionismo, fundamento intelectual de tudo o que precede.

Vê-se que NADA DEVE PERMANECER EM PÉ. Não é mais uma heresia, como surgiram nos séculos anteriores, é, como diz Pio X em sua ansiedade e dor, "o resumo e o suco venenoso de todas as heresias, que tende a aniquilar o cristianismo [28]".

> "Todos esses erros", disse ainda o Papa, no mesmo consistório, "se propagam em folhetos, revistas, livros ascéticos e até em romances; eles se envolvem em certos termos ambíguos, sob formas nebulosas, a fim de enredar as mentes que não estão em guarda".

> O trecho a seguir (próximos 4 parágrafos) deve ser lido com muita cautela. Anne-Catherine Emmerich possui elementos gnósticos e cabalísticos em suas visões. Mantivemos o trecho para não ficar confusa a sequência do texto deste anexo. Recomendamos a leitura do material do Professor Orlando Fedeli sobre Anne-Catherine Emmerich disponível aqui

A Venerável Anne-Catherine Emmerich via nas fileiras dos homens assim aplicados a derrubar o edifício divino, sacerdotes e religiosos [29]. O Papa, em sua Encíclica, acreditou dever chamar a atenção do mundo católico sobre esse ponto. **É que, se a ação do sacerdote para o bem é infinitamente mais poderosa do que a do leigo, a perversão das ideias, quando propagada por ele, produz nos espíritos resultados muito mais desastrosos.**

No mês de julho desse mesmo ano de 1820, a Venerável disse: "Tive novamente a visão da igreja de São Pedro minada de acordo com um plano formado pela seita secreta. Mas também vi o socorro chegar no momento da maior angústia".

Várias vezes ela já havia dito ver a Santíssima Virgem vir em socorro da Igreja e cobri-la com sua proteção. No mesmo ano, no final de outubro, o estado da Igreja Católica lhe foi mostrado novamente sob a imagem da Basílica de São Pedro; e a guerra que lhe é feita lhe apareceu sob os traços que o Apocalipse de São João apresenta, que a Venerável não conhecia. No final dessa visão, ela assistiu novamente à intervenção da Santíssima Virgem. Ela viu os trabalhos da seita destruídos e todo o seu aparato queimado pelo carrasco em uma praça marcada de infâmia. Então a basílica completamente restaurada. Após outra visão, ela disse como essa restauração seria empreendida pelo clero e pelos bons fiéis, mesmo antes da derrota da maçonaria, mas então "COM POUCO ZELO". Esses sacerdotes e fiéis lhe pareciam não ter NEM CONFIANÇA, NEM ARDOR, NEM MÉTODO. "Eles trabalhavam como se ignorassem completamente do que se tratava, e isso era lamentável [A]". Não é isso de que hoje somos testemunhas tristes?

"Já toda a parte dianteira da igreja estava derrubada, só restava de pé o santuário com o Santíssimo Sacramento [B]. Eu estava acometida de tristeza. Então vi uma mulher, cheia de majestade, avançar na grande praça que fica diante da igreja. Ela tinha um amplo manto levantado sobre os dois braços. Ela se elevou suavemente no ar, pousou sobre a cúpula e estendeu sobre a igreja, em toda a sua extensão, seu manto que parecia irradiar ouro. Os demolidores haviam acabado de fazer uma pausa; mas quando quiseram retomar o trabalho, foi-lhes absolutamente impossível aproximar-se do espaço coberto pelo manto.

O comportamento de alguns, renovando os métodos utilizados há mais de cinquenta anos, não deixa dúvida. Será normal que uma pseudo autoridade paralela se imponha nos palanques e nos escritos, ensinando e impondo ideias opostas às de Mons. Lefebvre?

Como antigamente, eles são poucos, mas bem colocados, destroem mais seguramente a luta da Tradição do que nossos inimigos.

Há imbecis felizes, mas há também os que sabem muito bem o que estão fazendo. *Nihil novæ sub solæ.*

O Padre Delagneau, da Fraternidade São Pio X, diretor da revista *Marchons Droit* (n° 90, Abril-Maio-Junho 2000), revista escrita para aqueles que fazem os exercícios de Santo Inácio (portanto, para os mais fiéis), é obrigado a reconhecer que a segunda geração da Tradição não está convertida.

> "No entanto, aqueles que estavam reconstruindo começaram a trabalhar então com uma incrível atividade. Vieram eclesiásticos e leigos, homens de idade muito avançada, incapacitados, esquecidos, depois jovens fortes e vigorosos, mulheres, crianças, e o edifício logo foi inteiramente restaurado".

Há trinta a quarenta anos, Dom Guéranger escreveu no prefácio que deu à obra do Padre Poiré, *La triple couronne de la Vierge Marie*:

> "Se Deus salvar o mundo, e Ele o salvará, a salvação virá pela Mãe de Deus. Por ela, o Senhor extirpou os espinhos e os cardos da gentilidade; por ela Ele triunfou sucessivamente de TODAS as heresias; hoje, porque o mal chegou ao cúmulo, porque todas as verdades, todos os deveres, todos os direitos estão ameaçados de um naufrágio universal, é isso uma razão para acreditar que Deus e Sua Igreja não triunfarão mais uma vez? É preciso admitir, há matéria para uma grande e solene vitória; e é por isso que nos parece que Nosso Senhor reservou toda a honra a Maria; Deus não recua como os homens diante dos obstáculos. Quando os tempos tiverem chegado, a serena e pacífica ESTRELA DO MAR, Maria, se levantará sobre esse mar tempestuoso das tormentas políticas, e as ondas tumultuosas, espantadas de refletir seu doce brilho, tornarão a ficar calmas e submissas. Então só haverá uma voz de reconhecimento subindo em direção àquela que, mais uma vez, terá aparecido como o sinal de paz após um novo dilúvio".

Não esqueçamos, no entanto, que se Deus e a Santíssima Virgem Maria só desejam nos salvar, Aquele que nos deu a liberdade não pode declinar sua cooperação. Portanto, não podemos ser salvos sem nossa cooperação muito real, "SE TU QUISERES [30] ", disse a santa Donzela a Carlos VII e, em sua pessoa, à França a quem foi prometida a perenidade. Cabe a nós, portanto, apressar pela nossa obra a misericórdia divina.

A CONDIÇÃO sob a qual será permitido à França recuperar seu papel não é outra senão aquela que outrora foi intimada por Daniel a Nabucodonosor:

>

> "Teu reino te será devolvido depois que tiveres reconhecido que teu poder não vem do homem, mas de Deus".

Essas palavras resumem todo o ensino da santa Donzela.

QUANDO A FRANÇA TIVER FEITO ESSE ATO DE HUMILDADE E ARREPENDIMENTO, e Deus, fazendo brilhar SOBRE ELA Sua misericórdia, lhe tiver devolvido no mundo o lugar que Ele primeiro lhe havia dado, a Igreja se dirigirá a todas as nações com o convite que Davi fazia a seu povo, o de oferecer ao Senhor um imenso concerto de ações de graças (Sl. XCVII), pela salvação finalmente concedida.

I. Cantai ao Senhor um cântico novo, pois Ele fez maravilhas:

Sua mão direita lhe deu a vitória, bem como Seu braço infinitamente santo.

O Senhor fez brilhar sua salvação, revelou sua justiça aos olhos das nações; Ele se lembrou de sua misericórdia e de sua fidelidade para com a casa de Israel:

E todas as extremidades da terra contemplaram a salvação de nosso Deus!

II. Aclamai, pois, o Senhor por toda a terra, irrompe em júbilo e canta, Canta ao Senhor com a harpa, mistura a harpa à voz dos cânticos,

Ao som das trombetas e do shofar, soltai aclamações na presença do REI SENHOR.

"*QUANDO A FRANÇA TIVER FEITO ESSE ATO DE HUMILDADE E ARREPENDIMENTO*"

Pois a Revolução Francesa é um castigo, e um castigo merecido.

Da mesma forma, a Revolução conciliar é um castigo, e um castigo merecido.

Quando tivermos realmente compreendido isso e pedido humildemente perdão a Deus por nossos pecados, Ele fará brilhar Sua misericórdia. Não antes.

ORAÇÃO E PENITÊNCIA

---

[27] Epílogo (p. 501 a 505). Note bem que este escrito data de 1913. Este notável livro está disponível na ACRF.

[28] Essa aniquilação aparentemente ocorreu no Vaticano II, mas a Igreja se eclipsou e voltará mais bela, mais forte, com o Vigário de seu Fundador.

[29] É legítimo pensar que se houve sacerdotes (e em alto nível) para demolir a Igreja Católica antes do Vaticano II, também os há na "Tradição".

[30] E hoje, Ele quer reinar sobre a França e pela França sobre o mundo: essa é a mensagem ensinada por Mons. Delassus em todo este livro. É a solução querida por Deus. É a única solução.
[A] Como não pensar na luta da Fraternidade São Pio X?
O abade Delagneau da Fraternidade São Pio X, diretor da revista Marchons Droit (nº 90, Abril-Maio-Junho de 2000), revista escrita para aqueles que fazem os exercícios de Santo Inácio (portanto, para os mais fiéis), é obrigado a reconhecer que a segunda geração da Tradição não está convertida.
[B] "O santuário com o Santíssimo Sacramento". Esta frase pronunciada pela V. Catherine Emmerich em 1820, não é muito notável, hoje em dia que Pio X dá um impulso tão forte ao culto eucarístico?

ANEXO V: O GRANDE LOGRO DO CONCÍLIO VATICANO II

O Boletim do Grande Oriente da França nº 48, novembro-dezembro de 1964, p. 87, cita como referência de "posições construtivas e novas" esta intervenção feita durante a terceira sessão do concílio por um jovem bispo que depois fez uma carreira notável:

> "*É preciso aceitar o perigo do erro. Não se abraça a verdade sem ter uma certa experiência do erro. É preciso, portanto, falar do direito de buscar e errar. Reclamo a liberdade para conquistar a verdade*".

Esta declaração agradou tanto aos maçons que a sublinharam. Ela é muito grave. É de Mons. Wojtyla, bispo de Cracóvia.

Para um católico, não é a liberdade que gera a verdade, é Nosso Senhor. Não é a liberdade que seria primeira e levaria à verdade, mas é a verdade que torna livre:

> "*Se permanecerdes na Minha palavra, sereis verdadeiramente Meus discípulos e conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará*" João 8, 32.
>
> "*Mas nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é de Deus não nos ouve: é por aí que conhecemos o espírito da Verdade e o espírito do erro*" 1 João 4, 6

A ordem é:

1° Jesus Cristo, ensinado pela Igreja Católica; 2° a Verdade segura;

3° a Liberdade.

Para a seita conciliar, a sequência que se anunciava era: 1° a liberdade;

2° a verdade;

3° Jesus Cristo.

AQUI ESTÁ O LOGRO

Esta nova ordem é falsa, pois se tomarmos a liberdade em primeiro lugar, nem sempre temos em segundo a Verdade, mas a Verdade E, OU o erro. É isso que os verdadeiros iniciados sabiam. É com esse artifício que eles impuseram sua seita conciliar, destrutiva da Igreja Católica.

Podemos distinguir cinco fases em seu processo:

1. no início, é pedido "o direito de buscar e errar";
2. então, são ensinados erros ao mesmo tempo que a verdade, os poucos combatentes pela Verdade são identificados, confrontados, marginalizados;
3. depois, a Verdade é desqualificada, diz-se que ela está ultrapassada, torna-a inofensiva e faz passar o erro pela Verdade;
4. em seguida, a Verdade é perseguida até seu desaparecimento total: os demônios assassinos sucedem os demônios mentirosos;
5. e finalmente, o reino do erro é imposto.

É isso que vivemos há trinta anos: com a liberdade, a seita conciliar estabeleceu o erro, que eliminou o reino de Jesus Cristo, para substituí-lo pelo pseudo reino do Homem, que é o verdadeiro reino de Satanás.

Mons. Wojtyla e a seita conciliar inverteram tudo: os inimigos dos católicos se tornaram seus amigos.

> "A verdade é a única tolerante e jamais persegue ninguém, ela se limita a impedir de fazer o mal. O erro é essencialmente intolerante e, assim que se sente forte, escola, partido ou seita, quer manifestar seu poder suprimindo seus adversários, insultando-os, sobretudo impedindo-os de falar. O direito de falar, muito preconizado pelos liberais, a ponto de inscrevê-lo na constituição e fazê-lo o elemento privilegiado do parlamentarismo, só lhes parece aceitável se lhes assegurar as imunidades do monólogo e impedir toda crítica. O objeto que mais lhes agrada é o incensório para eles, e, para seus adversários, correntes ou mordaça". Mons. Fèvre, *Histoire critique du catholicisme libéral*, p. 546.

É exatamente a conduta da seita conciliar contra o restante dos católicos. Comportamento que prova que os católicos (aqueles que querem crer no que sempre foi crido e fazer o que sempre foi feito) estando do lado da verdade, os conciliares estão do lado do erro [31] , com a consequência de que a seita conciliar não é católica e, portanto, não é a Igreja Católica.

Mantenhamos vigilância para preservar o espírito de verdade. Um dos critérios que nos assegurará estar do lado da verdade é o que Mons. Fèvre sublinha: não perseguir ninguém, mas impedir de fazer o mal.

Um dos critérios que prova que se passou para o campo do erro é agir com intolerância, suprimindo os adversários, caluniando-os, insultando-os, impedindo-os de falar.

Em uma carta dos Amigos de Cristo Rei da França, enfatizamos longamente que o plano de Deus era intervir como Salvador e, portanto, triunfar quando tudo parecesse perdido, ou seja, depois que a eclipse da Igreja Católica tivesse sido total. Mas como Deus não reconstrói com nada, mas com nadas [32], cabe a nós merecer a graça de fazer parte desse pequeno número. E para isso, é preciso permanecer bons e verdadeiros católicos, como ensina a Venerável Elisabeth Canori Mora.

A provação do Concílio eliminou 9/10 dos católicos. A provação do N.O.M. e das revoluções litúrgicas ainda eliminou 9/10 daqueles que resistiam. As consagrações feitas por Mons. Lefebvre ainda eliminaram muitos boletins e líderes. Esse número ainda é muito grande.

Muitos demais sacerdotes e fiéis tradicionalistas estão mais apegados ao campo, digamos, ao espírito do mundo, do que ao campo, digamos, de Deus. De espírito materialista, medíocre, modernista, mundano, eles serão eliminados durante as próximas provações. Uma única solução: converter-se. Pois só há uma sanção: perecer.

> "Se não vos converterdes, todos perecereis como eles". Lucas XIII, 3.

Acordemos. A tibieza nos espreita. Um enorme cansaço, uma imensa torpor nos invade. Preparemos nossas lâmpadas, o noivo chega. Tenhamos reservas de óleo, isto é, de verdade, de caridade, de orações, de meditações, de boas obras.

A luta continua. Os inimigos do nome católico nos odeiam. Eles têm como chefe Satanás, que é o príncipe deste mundo. Estejamos ligados a Cristo, Rei do Mundo. Graves provações se anunciam. Estejamos prontos. Não tenhamos medo, Ele vencerá.

"Coragem, Confiança, Calma, Constância"

(Jean Vaquié).

Alguns, para resolver o problema da visibilidade e da sucessão apostólica, afirmam que João Paulo II seria "papa materialiter" mas não "formaliter".

Eles se baseiam para estabelecer essa distinção em São Roberto Belarmino (De Romano Pontifice L. II c.30)

> "...os Cardeais, quando criam o pontífice, exercem sua autoridade não sobre o pontífice, pois ele ainda não o é, mas sobre a matéria, isto é, sobre a pessoa que eles dispõem de certa maneira pela eleição, para que ela receba de Deus a forma do pontificado..."

De fato, no Papado, como no resto, pode-se distinguir matéria e forma, mas isso não quer dizer que uma possa existir sem a outra. Há distinção, não há separação.

E se esses "papas" são materialmente papas, a seita conciliar é materialmente a Igreja Católica. Então? nós, o que somos?

---

[31] Como acreditar por um minuto que os conciliares possam estar do lado da verdade? A seita conciliar está sem "a Vida". Ela gera a morte: 2% de praticantes na França, e em alguns departamentos 1%. E de que idade? E com que Credo?

[32] Ler, divulgar *A batalha preliminar* de Jean Vaquié e *O desfecho da perseguição* de Augustin Lémann, onde esses ensinamentos são os melhores desenvolvidos. Solicitar à ACRF.

ANEXO VI: O TERCEIRO SEGREDO DE FÁTIMA

> *Gaude Maria virgo, cunctas hæreses sola* _interemisti. Alegrai-vos Virgem Maria, vós sozinha destruístes todas as heresias. Missa *Salve Sancta parens*

De todos os inúmeros comentários feitos sobre a Revelação do terceiro segredo de Fátima, o do Padre Fabrice Delestre da Fraternidade São Pio X, publicado no *boletim São João Eudes* nº 56 (julho de 2000) do Padre Aulagnier, é o melhor documentado, o melhor construído e o mais convincente sobre a fraude vaticana:

João Paulo II, os cardeais Sodano e Ratzinger são mentirosos.

E, no entanto! Sua análise não vai longe o suficiente, não vai ao fundo. Vamos julgá-la.

A partir de documentos antigos sobre Fátima (particularmente das confidências da irmã Lúcia), ele nos prova que o texto está truncado e truncado no essencial, a saber, o anúncio de um *castigo de ordem espiritual caindo sobre toda a Igreja* (p. 5). Ele especifica esse castigo: *PERDA DA FÉ*. Examinando as palavras de Lúcia, em 26-12-1957, ele cita: *O demônio está travando uma BATALHA DECISIVA COM A VIRGEM... ele sabe que os religiosos e os sacerdotes arrastam muitas almas para o inferno* (p. 6)*. E ainda: Grave crise no interior da Igreja, até em seus mais altos cumes: o Papado! Ele lembra que o Cardeal Ratzinger em 1984 fazia referência ao Apocalipse de São João, concluindo (p. 8): essas profecias do Apocalipse não anunciam apenas uma luta material, física ou temporal dos inimigos de Deus contra a Igreja e os católicos, mas antes e acima de tudo, uma terrível luta espiritual visando à destruição da verdadeira fé em Deus e ao estabelecimento do reino universal da idolatria. Retraçando os trabalhos dos grandes especialistas, ele sublinha que todos falam de uma crise grandíssima do DOGMA DA FÉ. Ele demonstra o quanto essa manobra vaticana tem apenas um objetivo: a glorificação desmedida de João Paulo II (p. 16) e através dele a... glorificação do Concílio Vaticano II* (p. 17). Apoiando-se em La Salette, ele conclui com esta passagem de São Paulo (Efésios 5, 8-11): *Caminhai como filhos da luz... e não participeis das obras infrutíferas das trevas, mas antes condenai-as. Pois o que eles fazem em segredo, até mesmo se envergonha de dizer.*

Então ele nos diz: eles nos mentem, eles nos enganam. Tudo o que ele diz é verdade.

Mas nada mais. Ponto final. É triste.

Isso é insuficiente, muito insuficiente, gravemente insuficiente para a defesa da fé, objeto desta mensagem da Santíssima Virgem Maria.

Aprendi com minha mãe uma oração que recito todas as manhãs há mais de cinquenta anos, e que parece cada vez mais desconhecida:

> *Meu Deus, creio firmemente em todas as verdades que Vós nos revelastes e que Vós nos ensinais por Vossa Igreja, porque, sendo a Verdade mesma, Vós não podeis nem vos enganar nem nos enganar.*

Chama-se o ato de fé, e esse ato de fé me parece a primeira referência em toda a luta da fé.

Depois de ter repetido dezenas de milhares de vezes esse *nem Vós vos enganar nem nos enganar*, imaginem que eu acredito nele e mesmo que acredito FIRMEMENTE nele. E se eu voltar no tempo, parece-me que acredito nele desde sempre. Talvez seja porque meus pais também acreditavam firmemente nele? e que meus avós acreditavam nele? e que os verdadeiros católicos acreditam nele há muito tempo; e sempre firmemente.

Tenho a impressão de que essa oração é desconhecida em Écône; ou se alguns a conhecem, não acreditam nela; ou se alguns poucos acreditam nela, nenhum acredita FIRMEMENTE.

Pois esse *nem Vós vos enganar nem nos enganar* é um elemento capital do dogma da fé. É a primeira fórmula que se ataca para fazer perder a fé. Creio mesmo que é em toda época o marco para não perder a fé: o próprio da Igreja de Deus é nunca se enganar, nunca nos enganar. **Nunca se duvida na Igreja Católica.**

Desde Nosso Senhor Jesus Cristo até o Concílio Vaticano II, sempre vivemos na Verdade e desafiamos a nos provar um único engano da Igreja durante todo esse período.

Pelo contrário, desde o Vaticano II, somos enganados sem parar (sacramentos, ensino, vida, verdades, amigos, inimigos, etc., etc...). Sempre se duvida. Não é antes do Vaticano II que há problemas, é desde então.

E mais uma vez, essa revelação do terceiro segredo é um engano. E sobre algo essencial: uma mensagem da Santíssima Virgem Maria, a mensagem capital para nossa época. Não esqueçamos que nossa fé é nosso único verdadeiro tesouro: ela nos proporciona a vida eterna.

Quando vamos finalmente entender? Esta igreja que se engana e nos engana há mais de trinta anos não pode ser e não é a Igreja Católica. É um blasfêmia acreditar nisso: é apostatar. Pois é a igreja da mentira, é a igreja do enganador por excelência.

Mons. Lefebvre às vezes ensinava isso. Ele até era muito preciso ao chamar esses papas conciliares *de antecristos*. Ele morreu depois de repetir muitas vezes:

> *Não é possível que esses papas sejam os sucessores de Pedro.*

Desde sua morte, seus discípulos não dizem mais isso. Eles preferem citar palavras menos firmes. Cada vez mais, eles até dizem o contrário. E eles entram no mesmo processo que a seita conciliar: **eles nos enganam, eles mentem, pelo menos por omissão**.

E ninguém reage. Todos os defensores (?) da Verdade acham normal serem enganados. Que escândalo! Achar-se da verdade e não denunciar esse estado contínuo de mentiras!

Dizer que essa revelação do terceiro segredo é uma falsificação, um engano, sem acrescentar que esse engano, seguido de mil enganos anteriores, não pode emanar de católicos, deveria despertar os fiéis para esse aspecto não católico de não ensinar toda a verdade.

Dizer que há uma luta contra a fé, ataque ao dogma da fé, perda da fé, sem designar os chefes, os métodos, as fases sucessivas das batalhas, pior, sem combater os verdadeiros inimigos da fé, é trair. Os inimigos não são desconhecidos, ocultos. Os chefes que destroem a fé se chamam João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II. Seu campo se chama a seita conciliar. Seus generais são os "cardeais", Ratzinger em primeiro lugar. Seus oficiais são os "bispos". Seus aliados, os Dom Gérard, os ralliés (acordistas), já não são do campo católico; pior, eles odeiam, como seus novos amigos, aqueles que querem manter e acreditar firmemente. Todos são nossos inimigos e devem ser denunciados como tais.

Mas à força de viver com a mentira, sem ter a coragem de denunciá-la bem, a Fraternidade reage da mesma forma, e seus chefes, suas tropas se tornam por sua vez mentirosos. É lamentável ter que dizer que eles se enganam e nos enganam cada vez mais. Mente-se muito nos meios da Tradição. Com a consequência inevitável de que eles também destroem a verdadeira Fé.

Sim, Senhores Padres Aulagnier e Delestre, vocês mentem.

Vocês mentem por não terem dito o que acabamos de escrever, e mentem gravemente por citarem apenas uma passagem truncada da mensagem de La Salette, omitindo o tão fundamental e explícito *A IGREJA SERÁ ECLIPSADA.* Essas três palavras os incomodam porque elas dizem tudo e confirmam o *Gaude Maria virgo, cunctas hæreses sola interemisti.*

A Igreja Católica é UMA. Acreditando e fazendo o que sempre foi acreditado e feito, não se pode ser enganado, não se pode se enganar.

De onde vem essa teologia que admite duas igrejas?

Que heresia ensinar que se pode ser católico opondo-se ao "papa"! escolhendo o que nos agrada no ensinamento dos papas conciliares!

Citemos Pio XII ("*Vos omnes*" 10/09/1957):

>

> "Que, entre vós, não haja lugar para o orgulho do "livre exame", que remete à mentalidade heterodoxa mais do que ao espírito católico, e segundo o qual os indivíduos não hesitam em pesar ao peso de seu próprio julgamento mesmo o que vem da Sé Apostólica".

Objetar-se-á que não se faz um livre exame, mas que se examina o Magistério à luz da fé, e não à da própria razão: mas é precisamente aqui o absurdo, pois é o Magistério que é a regra próxima da fé, e não o contrário. Na Igreja Católica, Magistério e Tradição coincidem, e se, como hoje, eles se opõem, é um sinal evidente de que é um falso magistério.

A Igreja Católica é SANTA.

> *Que sociedade há entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão há entre a luz e as trevas? Que harmonia entre Cristo e Belial? Que parte tem o fiel com o infiel?* (II Coríntios VI, 14-15)
>
> *Caminhai como filhos da luz, porque o fruto da luz consiste em toda a bondade, justiça e VERDADE. Examinai o que é agradável ao Senhor; e não tomeis NENHUMA PARTE nas obras infrutíferas das trevas, mas antes CONDENAI-AS* (Efésios V, 8-11).

É assim que se permanece católico.

ANEXO VII: UMA ARMADILHA MONTADA PELO INIMIGO: O SEDEVACANTISMO

Aprendíamos antigamente que havia sete pecados capitais.

Nossa época que, como todo mundo sabe, é mais inteligente, mais extraordinária, mais notável, mais excelente, mais, mais, mais,... do que qualquer outra época, inventou um oitavo pecado capital, e tão mais capital que os sete outros estão esquecidos e ele se sobrepõe a tudo.

Ousemos dizer a palavra, ousemos escrevê-la: é o *sedevacantismo.*

Que coragem! Ousamos dizer o interdito!

Para alguns, se você é suspeito de ser *sedevacantista*, você é o pior inimigo [33]. Para outros, se você não o é, você é o pior adversário.

Não estaríamos ficando um pouco loucos? Tudo isso é bem católico?

No entanto, temos duas referências:

* a primeira se chama o ato de Fé que nos faz dizer:

> "Meu Deus, creio firmemente, TODAS as verdades que Vós nos reveláveis e que Vós nos ensinais por Vossa Igreja, porque, sendo a Verdade mesma, Vós não podeis nem vos enganar, nem nos enganar";

* a segunda, o ensinamento de São Paulo aos Gálatas (I, 6-8):

> "Admiro-me de que tão depressa vos deixásseis afastar daquele que vos chamou pela graça de Cristo, para passar a um OUTRO evangelho: não que haja outro, mas há alguns que vos perturbam e querem MUDAR O EVANGELHO DE

> CRISTO. Mas se nós mesmos, ou um anjo do céu vos anunciar um OUTRO evangelho diferente daquele que vos anunciamos, seja anátema".

Temos a certeza e a firmeza de que, acreditando e fazendo tudo o que sempre foi acreditado e feito, não podemos ser enganados nem nos enganar?

Entendemos que a seita conciliar ensina e vive um OUTRO evangelho?

Não. Nós não somos *sedevacantistas*.

NÓS SOMOS CATÓLICOS. Somos apenas católicos. Queremos ser completamente católicos.

E COMO SOMOS CATÓLICOS, RECUSAMOS TODA A RELIGIÃO CONCILIAR.

E ainda, não dizemos que a sé está vacante, mas que ela está ocupada e muito ocupada. Ocupada pelo "papa" da seita conciliar que não pode ser o Papa da Igreja Católica, ele que é o perseguidor da Fé Católica. Seria um blasfêmia.

Como a Santíssima Virgem Maria nos ensinou, a Igreja está eclipsada, Roma perdeu a Fé e a sé é ocupada por um anticristo. A sé é usurpada [34] por um usurpador, por um "anticristo" como Monsenhor Lefebvre costumava dizer.

Ao rejeitar toda a seita conciliar, é simples, claro, eficaz.

Ao reduzir a luta apenas ao *sedevacantismo*, vemos brigas cada vez mais incompreensíveis de supostos e pretenciosos teólogos que nos fazem mingaus filosófico-teológico-canônico-histórico-espiritual-intelectuais, mais ou menos, e mesmo mais do que menos, modernos indigestos, a favor ou contra o *sedevacantismo*, onde um gato não encontra seus filhotes, e onde todo mundo se excomuga sem se entender. Onde a um texto de 732.000 páginas [35] se acrescenta um complementar explicativo de outras 3.732.000 páginas que quer parecer sábio e que ninguém lê ou entende. Com um ar subentendido: "você não pode entender, é preciso ser teólogo para entender", todos nos dizem: "você é muito simplista, é mais complicado".

Tolos! pedantes! são vocês que complicam tudo. Não é simplista, é simples:

A IGREJA CATÓLICA NÓS CONHECEMOS, ELA NÃO ESTÁ PARA SER INVENTADA; A SEITA CONCILIAR NÓS CONHECEMOS, ELA NÃO É CATÓLICA. A FÉ CATÓLICA NÓS CONHECEMOS, ELA NÃO ESTÁ PARA SER INVENTADA; A FÉ CONCILIAR NÓS CONHECEMOS, ELA NÃO É CATÓLICA.

E todos nós escolhemos [36]:

- nós, a verdadeira Fé que proporciona a Vida eterna, a verdadeira Igreja que proporciona os verdadeiros sacramentos e o ensino da Verdade;
- eles, uma igreja que não proporciona os verdadeiros sacramentos, que ensina erros, e um simulacro de fé que não pode levar à Vida eterna.

Ponto final.

Não podemos resolver o problema gerado pela seita conciliar. Sejamos clérigos ou leigos, nenhum de nós trará a solução.

Só Deus pode fazê-lo. Deixemos que Ele o faça.

Não nos embaracemos com essa preocupação. Não adianta tentar resolver a crise. Aqueles que quiseram fazê-lo, elegendo um papa, perderam a cabeça.

Por outro lado, todos os dias, devemos viver em todos os nossos atos, pensar em tudo, como verdadeiros católicos. E aí está o nosso dever.

Não nos enganemos.

Não é a Santa Missa, o ensino de sempre que apresentam problema. Entre nós, não há dúvida sobre a verdade, a validade, etc...

O que apresenta problema é o N.O.M., o ensino conciliar.

Não sejamos desestabilizados por seus discursos, por seus ataques. Não seremos nós que desapareceremos.

Não serão eles que triunfarão.

Eles já estão, inclusive, condenados à morte.

Eles quiseram nos afastar do título que nos é mais caro, o de católico. Eles quiseram nos roubá-lo.

Eles quiseram nos ridicularizar com o nome de *sedevacantista*. Eles que são hereges e apóstatas. Eles quiseram nos fazer duvidar, enquanto mil dúvidas não fazem uma verdade. Não tenhamos medo. São eles amanhã que terão de prestar contas diante Daquele de quem zombam.

Somos nós que somos católicos.

São eles que não o são e que devem se converter.

> *A Fé Católica é de tal natureza que não se pode nada lhe acrescentar, nada lhe retirar; ou se a possui inteiramente, ou não se a possui absolutamente.*
>
> *Tal é a fé católica: quem não a aderir com FIRMEZA não poderia ser salvo.* Símbolo de São Atanásio.

---

[33] Fica-se estupefato de ter ouvido em um sermão que o sedevacantismo era uma maré negra horrível, temível, pior que a outra.

[34] Usurpar: apoderar-se, apropriar-se sem direito.

[35] Deve-se, no entanto, destacar que se alguns membros da Fraternidade São Pio X atacam o *sedevacantismo*, eles nunca produziram um escrito sobre a questão, pois sabem que não podem desenvolver um argumento escrito sem que haja uma refutação contundente.

[36] O CRITÉRIO DA ESCOLHA É A FÉ E NÃO A OBEDIÊNCIA. Obediência a quem? a hereges? a apóstatas? a perseguidores da verdadeira Fé?

A IMPOSTURA GUENONIANA

- O Traditionalismo, a Metafísica, o Simbolismo Heterodoxo de René Guénon
  - O Traditionalismo, a Metafísica, o Simbolismo Heterodoxo de René Guénon
- CAPÍTULO I - A TRADIÇÃO ORIENTAL DE RENÉ GUÉNON
  - 1 - Uma Tradição Oriental
  - 2 - Uma tradição que também é Escritura
  - 3 - Uma tradição metafísica
  - 4 - Uma tradição babeliana
  - 5 - Uma Tradição "não humana"
  - 6 - Uma Tradição Intemporal
  - 7 - Uma Tradição Infalível
  - 8 - Uma Tradição Esotérica
  - 9 - Conclusão da Primeira Parte
- CAPÍTULO II - A TRADIÇÃO APOSTÓLICA
  - 1 - A verdadeira Tradição transmite a verdadeira Revelação
  - 2 - O conteúdo da Tradição Primordial
  - 3 - As alterações pré-diluvianas da Tradição
  - 4 - O conteúdo da Tradição Noética
  - 5 - A Tradição Profana
  - 6 - A grande bifurcação
  - 7 - A nova estratégia
  - 8 - A reconstituição da Tradição Primordial

- CAPÍTULO III - A METAFÍSICA DE R. GUÉNON
  - 1 - Brahma, o princípio supremo
  - 2 - Ishwara, o deus semi-pessoal
  - 3 - A Tríade ou a pseudo-trindade
  - 4 - A Manifestação
  - 5 - Metafísica e religião
- CAPÍTULO IV - O SIMBOLISMO CRISTÃO DA CRUZ
  - 1 - A Cruz Latina
  - 2 - A Árvore da Cruz
  - 3 - Os Quatro Instrumentos
  - 4 - O Mistério da Cruz Brilha
  - 5 - A Parte Oculta da Cruz
  - 6 - As Cruzes dos Ladrões
  - 7 - O Cenário Simbólico da Paixão
  - 8 - O Verdadeiro e o Falso Simbolismo da Cruz
- CAPÍTULO V - O SIMBOLISMO METAFÍSICO DA CRUZ
  - 1 - A mutação do símbolo cruciforme
  - 2 - O simbolismo da natureza
  - 3 - A cruz absoluta
  - 4 - O homem universal
  - 5 - A linha dos marcos
  - 6 - A cruz tornada esfera
  - 7 - O aprisionamento da cruz
  - 8 - A crucificação ideal
- CAPÍTULO VI - O MITO DO ANDRÓGINO OU O DEMÔNIO SUBSTITUÍDO PELO CRISTO
  - 1 - Da cruz ao vórtice esférico universal
  - 2 - Uma forma humana no Meio Invariável
  - 3 - O Banquete Platônico
  - 4 - O Discurso de Aristófanes
  - 5 - A Bola Andrógina
  - 7 - A Bissecção

    - 8 - As Metades Atraentes
    - 9 - O Delírio Sagrado
    - 10 - As Síziges Gnósticas
    - 11 - Adam-Kadmon

- CAPÍTULO VII - A IMPOSTURA GUENONIANA: O MITO DO ANDRÓGINO OU O DEMÔNIO SUBSTITUI CRISTO
    - 1 - O Rebis Alquímico
    - 2 - O Sapateiro de Görlitz
    - 3 - Séraphitus - Séraphita
    - 4 - O Inconsciente Coletivo
    - 5 - A fascinação hermafrodita
    - 6 - A contaminação se espalha
    - 7 - O serpente Ouroboros
    - 8 - A substituição final

- CAPÍTULO VIII - A REFUTAÇÃO DO ANDRÓGINO
    - 1 - Ele os criou
    - 2 - Adjutorium Simile
    - 3 - Multiplicabo conceptus tuos
    - 4 - Caro de Carne Mea
    - 5 - Duo in Carne Una
    - 6 - Avançar mais além não é permitido

- ESOTERISMO E CRISTIANISMO EM TORNO DE RENÉ GUÉNON
    - Esoterismo e Cristianismo em torno de René Guénon

O Traditionalismo, a Metafísica, o Simbolismo Heterodoxo de René Guénon

O Traditionalismo, a Metafísica, o Simbolismo Heterodoxo de René Guénon

Tradição e Metafísica - "Tradição Oriental e Tradição Apostólica"

Os livros de René Guénon estão sendo reeditados a um ritmo crescente. O guenonismo está se espalhando por todas as escolas de pensamento com tendência tradicional. É fácil perceber a atividade de uma verdadeira rede guenoniana. No entanto, a peça central da doutrina de Guénon é indiscutivelmente "A Grande Tradição Primordial", à qual ele constantemente se refere. Um de seus discípulos, Jean Robin, recentemente publicou um livro muito erudito e elogioso, intitulado "René Guénon, Testemunha da Tradição" (Edições de la Maisnie, Paris, 1978).

Por outro lado, sabemos que a Santa Igreja é a "Guardiã da Escritura e da Tradição". Portanto, somos levados a comparar a Tradição invocada por Guénon com aquela preservada pela Igreja, a fim de examinar sua correspondência ou, pelo contrário, sua incompatibilidade. Na primeira parte, apresentaremos as grandes linhas da "tradição primordial", de acordo com R. Guénon, e na segunda, aquela da Igreja, cujo verdadeiro nome é a "Tradição Apostólica".

É claro que será a Guénon próprio que pediremos para definir a tradição da qual ele se torna o defensor. Certamente, ele fala dela abundantemente, mas sempre de maneira difusa, de modo que, para chegar a uma descrição exata e completa, seremos obrigados a recorrer a várias partes de sua obra. Dessa forma, destacamos as características essenciais da tradição estudada e dedicaremos um parágrafo a cada uma delas.

CAPÍTULO I - A TRADIÇÃO ORIENTAL DE RENÉ GUÉNON

1 - Uma Tradição Oriental

É no ensinamento esotérico, ou seja, oculto, das religiões islâmica, taoísta e hinduísta que Guénon encontra os elementos da "Grande Tradição Primordial" que ele deseja propagar no Ocidente.

> "No Islã, a tradição apresenta dois aspectos distintos, sendo um religioso, que está diretamente ligado ao conjunto das instituições sociais, enquanto o outro, o puramente oriental, é verdadeiramente METAFÍSICO." (Introdução geral ao estudo das "Doutrinas hindus", 2ª parte, capítulo III.)

Guénon nunca deixa de distinguir, em relação ao Islã, as instituições propriamente religiosas, que têm fontes judaicas, do fundo "tradicional" que não é judaico, mas oriental. É este fundo tradicional que é transmitido pelo sufismo e que forma a parte esotérica do Islã. Esta distinção deve ser mantida em mente. Na China, ele observa:

> "... por um lado, uma tradição METAFÍSICA, e por outro, uma tradição social... No entanto, o que é preciso ter cuidado é que a tradição metafísica, conforme é constituída na forma do Taoísmo, é o desenvolvimento dos princípios de uma tradição mais primordial, contida especialmente no Yi-King, e é dessa tradição primordial que surge inteiramente todo o conjunto de instituições sociais que é comumente conhecido como Confucionismo." (Introdução ao estudo das doutrinas hindus, 2ª parte, capítulo III).

Mas a quintessência da tradição primordial, Guénon a encontra no Hinduísmo:

> "Na Índia, estamos diante de uma tradição puramente METAFÍSICA em sua essência... o que aparece aqui muito mais claramente do que na tradição islâmica é a total subordinação das diversas ordens particulares em relação à metafísica, ou seja, ao domínio dos princípios universais." (Introdução ao estudo das doutrinas hindus, 2ª parte, capítulo III).

Observemos, por oportuno, o caráter metafísico que encontramos nas três ramificações islâmica, taoísta e hinduísta da tradição, pois precisaremos lembrar disso.

E em quais textos encontramos mais precisamente a tradição metafísica da Índia?

>

> "O nome Veda é aplicado, de forma geral, a todos os escritos fundamentais da tradição hindu: sabe-se, aliás, que esses escritos são distribuídos em quatro coleções que levam os nomes respectivos de 'Rig-Veda', 'Yajur-Veda', 'Sama-Veda' e 'Atharva-Veda'." (Introdução à Doutrina Hindu, 2ª parte, capítulo III).

Guénon limita a esses três componentes - islâmico, taoísta e hinduísta - as fontes da tradição primordial. Ele não menciona a fonte judaica. No entanto, precisamente, os judeus se declaram depositários de uma certa "Tradição Primordial", herança da Revolução Primordial. Se Guénon não menciona essa herança, é porque não a considera como parte da tradição que vigora no Oriente.

Portanto, existem duas tradições supostamente primordiais: a do Oriente e a dos judeo-cristãos. Qual das duas é a mais antiga e autêntica? É a do Oriente, nos diz Guénon:

> "A verdadeira situação do Ocidente em relação ao Oriente é, no fundo, apenas a de um ramo destacado do tronco." (Introdução ao Estudo das Doutrinas Hindus, 1ª parte, capítulo 1).

Portanto, para ele, o tronco antigo e autêntico é a tradição oriental; o "ramo destacado" é a tradição judaico-cristã do Ocidente.

Ao longo de toda a sua obra, Guénon fala em nome da "tradição oriental" da qual se considera um intérprete fiel, senão mesmo como o porta-voz autorizado. Ele afirma isso várias vezes, dizendo que os orientalistas que o precederam apresentaram uma tradição oriental vestida à maneira ocidental e muito distorcida, enquanto ele, ao contrário, se esforça para formular a versão autêntica dela.

Jean Réyor, nas "Etudes Traditionnelles" de janeiro-fevereiro de 1955, escreve o seguinte:

> "...ele tinha a convicção de que seu conhecimento da doutrina tradicional era extraído de uma fonte mais pura e mais primordial do que aquelas das quais seus antecessores orientalistas tinham bebido".

Consideramos agora R. Guénon como o intérprete rigoroso da tradição oriental, como é amplamente reconhecido.

2 - Uma tradição que também é Escritura

> "Digamos desde já que não estamos usando a palavra 'tradição' no sentido restrito em que o pensamento religioso do Ocidente às vezes opõe 'tradição' e 'escritura', entendendo por primeiro desses dois termos, de forma exclusiva, o que foi objeto apenas de transmissão oral. Pelo contrário, para nós, a tradição pode ser escrita tão bem quanto oral; a parte escrita e a parte oral formam dois ramos complementares da mesma tradição e não temos hesitação em falar de ESCRITURAS TRADICIONAIS." (Introdução ao Estudo das Doutrinas hindus, 2ª parte, capítulo III).

A massa documental na qual se expressa a tradição oriental é muito importante, pois inclui, além dos quatro grandes coleções de Veda e seus comentários, os textos do Yi-King para a China e os documentos sufistas para o Islã.

Nessa massa, será feita a distinção entre "Escritura" e "Tradição", como é feito nos arquivos judaico-cristãos? De fato, entre judeus e cristãos, a Escritura Sagrada é a transcrição imediata da Revelação Divina, autenticada como tal pelas autoridades religiosas da época e rigorosamente conservada posteriormente. A Tradição é o que, na Revelação divina, escapou à codificação escrita e foi transmitido primeiro oralmente, e depois por escrito após certo tempo.

No Oriente, tal discriminação não é feita, por muitas razões. Não há, na massa de documentos transmitidos, um núcleo central. Todas as partes têm o mesmo valor e autoridade em relação à inspiração que lhes deu origem.

Que nota, Guénon, intérprete dos orientais, vai atribuir a todo esse conjunto? Ele tinha várias opções. Ele poderia dizer: "Todo esse reservatório documental merece o nome de Escritura". Mas ele também poderia considerar que "todo o conjunto é 'Tradição'". Ele preferiu uma resposta mista, dando a todos esses tratados sem data a nota de "Escrituras Tradicionais".

Por que essa solução? Em primeiro lugar, porque o espírito oriental não é favorável a definições precisas que lhe parecem simplistas e distorcidas. Mas também é provavelmente para aproveitar as vantagens de ambas as denominações. Ele deseja manter a liberdade de interpretação que está associada a toda tradição, ao mesmo tempo em que reivindica a CANONICIDADE reservada à Escritura.

De fato, Guénon principalmente considera a nota tradicional de seus documentos. É a palavra "tradição" que retorna continuamente sob sua pena. No entanto, veremos, quando ele nos falar da "infalibilidade tradicional", que as vantagens de certa canonicidade não lhe são indiferentes.

3 - Uma tradição metafísica

A tradição se apresenta, portanto, em três formas principais: islâmica, taoísta e hinduísta. No entanto, observamos que a componente metafísica é a mesma nas três formas. Em outras palavras, a tradição transmite um único conteúdo conceitual que é de natureza metafísica.

O que se entende por metafísica na terminologia de Guénon? Eis o que ele escreve na Introdução ao Estudo das Doutrinas hindus:

> "…. na tradição hinduísta, o que aparece muito mais claramente do que na tradição islâmica é a TOTAL SUBORDINAÇÃO das várias ORDENS PARTICULARES em relação à metafísica, ou seja, ao domínio dos PRINCÍPIOS UNIVERSAIS".

Quais são essas "várias ordens particulares"? Descobrimos em outro lugar: são as instituições políticas, a filosofia e a religião.

Portanto, as instituições, a filosofia e a religião estão colocadas em total subordinação em relação à metafísica, ou seja, à tradição, já que observamos que a tradição transmite um conteúdo metafísico universalmente o mesmo. Assim, é na "tradição metafísica" que as instituições, a filosofia e a religião devem buscar sua inspiração, cada uma em sua parte.

Agora, vamos perguntar a Guénon quais são as razões pelas quais a metafísica é capaz de exercer sua hegemonia sobre "as várias ordens particulares".

Em primeiro lugar, é porque a metafísica é "o domínio dos PRINCÍPIOS UNIVERSAIS". É evidente que, se considerarmos essa definição como firmemente estabelecida, as várias ordens particulares terão que buscar seus princípios na metafísica, já que não existem princípios em nenhum outro lugar.

A segunda razão que justifica a supremacia da metafísica é seu modo de conhecimento.

A filosofia envolve a razão auxiliada pelos dados sensoriais. Enquanto a metafísica, como definida por Guénon, é PURAMENTE INTELECTUAL. Seu modo de conhecimento não é nem racional, nem sensorial; é uma INTUIÇÃO imediata, que se realiza após um treinamento de ordem CONTEMPLATIVA.

As obras de Guénon são em grande parte dedicadas a descrever essa via contemplativa, que ele também chama de "via metafísica".

A partir do fato de que o conhecimento metafísico é puramente intelectual, intuitivo e contemplativo, Guénon conclui que ele tem um caráter de "absoluta certeza": são suas próprias palavras:

> "A metafísica, que tem um caráter de ABSOLUTA CERTEZA, não pode admitir nada hipotético" (Introdução ao Estudo das Doutrinas Hindus, 2ª parte, capítulo VIII).

Assim, tradição e metafísica, no sentido de Guénon, são uma só. Podemos associar as duas palavras e falar indistintamente de tradição metafísica ou de metafísica tradicional.

Compreende-se que tal metafísica, ao mesmo tempo universal e absolutamente certa, constitua a fonte de inspiração comum da qual, no sistema guenoniano, instituições, filosofia e religião vêm buscar.

4 - Uma tradição babeliana

No sistema de Guénon, portanto, a tradição metafísica, por ser puramente intelectual, intuitiva e universal, exerce uma supremacia sobre a filosofia, que se move na zona inferior do racional e do sensorial. Agora vamos ver que ela também exerce uma supremacia análoga sobre a religião.

A supremacia da tradição sobre a religião é justificada, de acordo com Guénon, pela SENTIMENTALIDADE que constitui o fundo mental de toda religião no pleno sentido da palavra, requerendo a união de três elementos: o dogma, a moral e o culto. No entanto, cada um desses três elementos está impregnado de sentimentalidade.

O CULTO religioso é necessariamente de ordem sentimental, pois é devocional por definição. O DOGMA não pode ser puramente intelectual, já que é contaminado pela noção de salvação, na qual a emoção pessoal é o componente principal. Quanto à MORAL, também, uma vez que se trata não apenas de conhecimento puro, mas de comportamento prático no qual o sentimento (por exemplo, o altruísmo) desempenha um papel crucial.

Portanto, os três elementos constitutivos da religião são de ordem sentimental. Ao contrário, a "tradição metafísica", uma vez que não possui dogma, moral ou culto, mas apenas princípios abstratos, permanece puramente intelectual.

E, portanto, ela pode reivindicar, de acordo com este sistema, a hegemonia sobre a religião, assim como sobre a filosofia. O Oriente reconhece, de fato, essa hegemonia da tradição. Claro, lá se observam devoções religiosas, como o Brahmanismo, o Vishnuísmo e o Shivaísmo, mas isso se refere especificamente à devoção e não à religião no sentido judaico-cristão da palavra. É na tradição, e não na devoção de tipo religioso, que, na Índia, as instituições, a filosofia e até mesmo as ciências buscam seus princípios. Pelo menos assim era antigamente.

Depois de separar a religião da tradição e definir sua posição relativa, Guénon fará uma observação histórica que nos permitirá, por sua vez, uma importante dedução. Encontramos, ele observa, apenas uma única família espiritual que reúne os três componentes necessários para constituir uma religião, e esta é a família judaico-cristã, incluindo a parte puramente religiosa do Islã (a infraestrutura esotérica do Islã, que é o sufismo, pertencente à tradição e não à religião propriamente dita).

> "Em nenhum outro lugar encontramos as três partes que acabamos de caracterizar (dogma, moral e culto) reunidas." (Introdução ao Estudo das Doutrinas Hindus, 2ª parte, capítulo IV).

Essa observação de Guénon de que a tradição e a religião constituem DUAS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS DIFERENTES é extremamente perspicaz. Mas, então, ela nos leva a fazer uma pergunta que Guénon, aliás, não faz, pelo menos abertamente.

Em que época a família religiosa se separou da família tradicional? Em outras palavras, em que circunstâncias a religião judaico-cristã se separou do tronco tradicional antigo? Não vemos outro episódio histórico possível além da TORRE DE BABEL.

Quando, na segunda parte, estudaremos as dificuldades de transmissão da Revelação primordial, voltaremos nossa atenção para este episódio bíblico, que é de importância capital.

Observamos desde já que, após a confusão das línguas feita por Deus mesmo em Babel, as nações se dispersaram carregando uma tradição muito antiga. E é nessa mesma região que, algumas gerações depois, Deus fez a CHAMADA de ABRAÃO. Ele o retirou dessa antiga tradição para lhe confiar, a ele e a seus descendentes, uma Nova Revelação, e o fez o "Pai dos Crentes", ou seja, o Patriarca da "religião", cuja grande diferença, o próprio Guénon observa corretamente, é o contraste com a tradição metafísica. Portanto, é nessas circunstâncias que ocorreu a separação das duas famílias espirituais.

Naturalmente, não teremos a mesma opinião que Guénon sobre os fatos. Mostraremos, facilmente, aliás, e sem recorrer a subterfúgios, que a religião judaico-cristã constitui, na realidade, o tronco antigo; e é a tradição metafísica que é o ramo separado.

Achamos que, em última análise, e embora Guénon não o escreva explicitamente, a tradição oriental pode ser chamada de TRADIÇÃO BABÉLICA.

5 - Uma Tradição "não humana"

Uma das principais fontes da "Grande Tradição Primordial" de R. Guénon são os tratados védicos, complementados por seus comentários. Guénon nos ensina que esses tratados são veneráveis não apenas por sua antiguidade, mas principalmente pela natureza de sua inspiração.

A palavra "Vêda" é um termo sânscrito que deriva da mesma raiz indo-europeia que o verbo latino Videre = ver. Vêda significa "visão" e também "conhecimento". Isso nos sugere que os tratados védicos formam um vasto conjunto de visões.

> "No início, é sempre necessário recorrer a uma INSPIRAÇÃO DIRETA, pois não se trata de uma obra individual; não importa se a tradição foi expressa ou formulada por tal ou tal indivíduo, pois ele não é o autor disso, uma vez que essa tradição é essencialmente SUPRA-INDIVIDUAL. É por isso que a origem do Vêda é chamada apaurushêya, ou seja, NÃO HUMANA" (Introdução ao Estudo das Doutrinas Hindus, 3ª parte, capítulo II).

Neste trecho, Guénon resume muitos capítulos de sua obra. Ele menciona duas noções que são constantes em seu trabalho: uma certa MÉTODO (ou caminho) contemplativa; e o OBJETIVO final ao qual essa contemplação leva. Vamos examinar sucessivamente esse método e esse objetivo, pois foram os das visionários que podem ser considerados os escritores anônimos do Vêda.

O CAMINHO CONTEMPLATIVO preconizado por Guénon constitui uma inspiração "direta" e "supra-individual".

É um caminho DIRETO porque realiza, como já vimos, um conhecimento intuitivo. No vocabulário cristão, poderíamos falar de uma "infusão intelectual", ou seja, um conhecimento adquirido sem a mediação de qualquer percepção sensorial.

É também um caminho SUPRA-INDIVIDUAL porque opera uma transformação da personalidade. O visionário busca a contemplação não fora de si mesmo, mas dentro, ou seja, em seu âmago. Seu trabalho de introspecção consiste em despertar nele o germe que já está lá de forma latente, virtual e inconsciente. Após esse trabalho, o "eu" individual dá lugar ao "si" pessoal. O indivíduo se transforma em pessoa.

Então, o que é esse "si" pessoal ao qual se chega assim? É a participação elementar no PRINCÍPIO UNIVERSAL. É o ponto de contato que cada ser humano possui, sem saber, com o "Princípio Universal". O método contemplativo, que é dito metafísico, tem precisamente o efeito de fazer esse germe florescer. Após essa introspecção, o sujeito, que era simplesmente um indivíduo, tornou-se uma "pessoa" por sua participação consciente no "Princípio Universal" que é de natureza metafísica.

Essa é a VIA METAFÍSICA. Ela realiza uma "inspiração direta" porque é intuitiva. Ela também é "supra-individual" porque confere a verdadeira personalidade.

Quanto ao OBJETIVO final ao qual essa via metafísica conduz, é o "Princípio Universal". E é ele, precisamente, que nos é dito ser NÃO HUMANO. Infelizmente, essa designação, totalmente negativa, não revela sua verdadeira identidade. Seria uma força ou um espírito angelical? Seria um contato com a quintessência cósmica? Seria apenas uma revelação do homem para si mesmo, ou uma espécie de auto-revelação?

Não obtemos nenhuma resposta para essas perguntas. Guénon repetirá incansavelmente que a inspiração do Vêda é "não humana". Essa é a expressão consagrada; ele nunca formulará outra; ele não se deixará levar por divulgações intempestivas; ele se imporá essa disciplina de vocabulário com a rigorosidade que apenas um líder de Escola é capaz quando se trata de manter a linha. Portanto, chegaremos ao final dos vinte e quatro trabalhos do mestre sem saber exatamente o que é a origem não humana da tradição oriental. Ele apenas nos convidará, se quisermos saber mais, a seguir nós mesmos o caminho metafísico recebendo a INICIAÇÃO.

Em que a via metafísica difere da via mística seguida no cristianismo? Guénon explica em muitos lugares que não quer usar outras palavras além de "metafísica" para qualificar a via contemplativa oriental. Ele especialmente não quer usar a palavra "mística", pois a mística e o misticismo são noções e fenômenos religiosos, portanto, de uma ordem inferior. Essa precisão de vocabulário merece uma explicação, pois não é apenas convencional e prática, mas diz respeito à natureza das coisas.

Entende-se que Guénon tenha insistido em designar, por duas palavras diferentes, duas coisas tão diferentes de fato quanto a contemplação metafísica dos Orientais e a contemplação mística dos Cristãos, pois nem os objetivos nem os meios são os mesmos.

A contemplação metafísica dos Orientais leva ao "domínio dos princípios universais", passando pela busca ativa e até intensiva de uma semente inconsciente que está enterrada no âmago do ser humano.

A contemplação mística dos Cristãos leva ao Deus Pessoal e Criador, passando pelo vazio e pela passividade amorosa de uma alma que espera tudo de Cima.

Deve-se reconhecer que Guénon, ao distinguir essas duas vias e atribuir a cada uma um termo específico, mostra, mais uma vez, um discernimento incontestável. Ele tocou em uma realidade autêntica.

No entanto, devemos acrescentar do nosso lado que essas duas vias ainda têm pontos em comum. Mais precisamente, elas envolvem mecanismos mentais análogos. A via metafísica é, em última análise, apenas a via mística desviada de seu objetivo. Há, entre essas duas vias, a mesma diferença entre RELIGIOSIDADE NATURAL e a verdadeira religião.

O ser humano é naturalmente construído para a verdadeira religião. A natureza o predispõe à verdadeira religião. A natureza contém todos os mecanismos mentais necessários para receber a Revelação Divina e implementá-la. No entanto, esses mecanismos, providencialmente destinados a receber a Revelação do Alto, podem ser desviados, já que o ser humano possui o livre arbítrio, para as revelações de baixo. Se tivéssemos que dar um nome à via contemplativa oriental, a chamaríamos de via PSEUDO-MÍSTICA, para deixar bem claro que se trata, em suma, de uma imitação.

6 - Uma Tradição Intemporal

Certamente, a altíssima antiguidade dos tratados védicos não é indiferente para R. Guénon. Isso é muito compreensível. Não é sem importância, para uma tradição, produzir textos que estão entre os mais antigos que se pode encontrar. Mas acabamos de ver que essa antiguidade se torna de interesse secundário quando comparada à inspiração não humana dos textos. Essa inspiração os torna documentos que podem ser qualificados como REVELADOS, embora depois se possa perguntar por quem.

Guénon agora vai tirar, dessa origem não humana, um novo corolário. Ele atribui aos textos védicos uma atemporalidade que inicialmente será uma extensão de sua antiguidade, mas que acabará por substituí-la verdadeiramente.

Com sua aplicação habitual, ele nos faz notar que a tradição metafísica não é apenas antiga, mas intemporal. Ele não diz eterna, porque a eternidade é uma noção religiosa; ele fala de intemporalidade e não de eternidade. Ele não esquece que a metafísica se distingue da religião. Ela é superior a ela. Ela é o vasto quadro abstrato, a vasta envoltura intemporal.

> "A questão da data em que as diferentes partes do Vêda foram escritas parece verdadeiramente insolúvel e, aliás, sem importância real". (Introdução ao Estudo das Doutrinas Hindustânicas, 3ª parte, capítulo II)

> "É preciso considerar a tradição em sua integralidade e não há necessidade de perguntar o que, dentro dessa tradição, é primitivo ou não, pois trata-se de um conjunto perfeitamente coerente". (ibidem).

E por que o conjunto permanece perfeitamente coerente? É porque a fonte de inspiração é sempre a mesma; é a fonte não humana que, por isso, está absolutamente fora do tempo. Ela é a mesma hoje como era há dois ou três mil anos.

Mas então, será possível declarar "tradicional" dados recentes? Nada impede que isso seja feito, desde que esses novos dados sejam de fonte não humana, assim como já eram os antigos. Se essa condição for cumprida, as contribuições modernas não podem romper a homogeneidade da tradição. Eles se integram a ela sem dificuldades. Compreende-se que uma tradição tão expansível seja declarada intemporal.

> "As circunstâncias históricas, assim como outras contingências, não exercem nenhuma influência sobre o cerne da doutrina, que tem um caráter INTEMPORAL, e é evidente que a inspiração de que acabamos de falar pode ocorrer em qualquer época". (Introdução ao Estudo das Doutrinas Hindustânicas, 3ª parte, capítulo II).

7 - Uma Tradição Infalível

Da origem não humana, e portanto intemporal, da tradição oriental, R. Guénon deduz ainda uma nova consequência: sua INFALIBILIDADE. O capítulo XLV do livro "Vislumbres sobre a Iniciação" é intitulado "Da Infalibilidade Tradicional". Aqui estão alguns trechos desse capítulo.

> "...devemos ainda considerar outra questão, que é a da infalibilidade doutrinal; podemos fazê-lo colocando-nos no ponto de vista tradicional em geral... O que é propriamente infalível é a doutrina em si mesma e somente ela, e não os indivíduos humanos como tais; e se a doutrina é infalível, é porque ela é a expressão da verdade que, em si mesma, é absolutamente independente dos indivíduos que a recebem e a compreendem".

> "A garantia da doutrina reside, em última análise, em seu caráter não humano... A verdade não é feita pelo homem, mas ela se impõe a ele, não, no entanto, de fora, mas na realidade de dentro, porque o homem obviamente só é obrigado a reconhecê-la como verdade se, antes de tudo, a conhecer...".

Ora, ele a "conhece" no sentido técnico da palavra, quando a apreendeu diretamente pelo que é chamado de intuição metafísica. É esse tipo de infusão intelectual do qual falamos e que chamaríamos de pseudo-mística se pudéssemos usar aqui a linguagem cristã.

Portanto, tendo "conhecido" a verdade pelo caminho metafísico, ou seja, tendo-a assimilado diretamente, pode-se testemunhá-la infalivelmente. Guénon esclarece que não é o testemunho que é infalível, mas sim a tradição metafísica em si mesma. O testemunho só será infalível se for rigorosamente fiel.

Essa noção de infalibilidade aplicada assim à tradição oriental inevitavelmente vai chocar os católicos, acostumados a não ver nenhum abutre pairando sobre a infalibilidade do Pontífice Romano. No entanto, Guénon não quer justamente chocar os católicos, pois ele quer recrutá-los. Portanto, ele vai manter o princípio da infalibilidade na ordem da religião em geral, mantendo assim a infalibilidade do Pontífice Romano como um caso particular. Ele até a justifica, ligando-a à legitimidade canônica e à competência doutrinal.

Mas essa infalibilidade ele a limita à ordem religiosa e especifica que de forma alguma pode ser exercida na ordem tradicional. Pois qualquer pontífice religioso (por exemplo, o Papa dos cristãos) não possui, na ordem metafísica, legitimidade canônica nem competência doutrinal. Portanto, que

ele não venha contestar, na esfera metafísica, a infalibilidade da tradição, já que lhe é permitido o livre exercício da sua na ordem religiosa.

Assim, Guénon aplica em relação à Igreja a estratégia que lhe é habitual: "superpor-se sem opor-se". Estratégia que ele expressa nestes termos em seu livro "O Esoterismo de Dante":

> "...esotérico não equivale a heresia e uma doutrina reservada a uma elite pode se SUPERPOR ao ensino dispensado a todos os fiéis sem se OPOR".

8 - Uma Tradição Esotérica

Uma última questão se apresenta. A "Grande Tradição Imemorial" tem sido preservada, desde os tempos mais remotos, de uma maneira oculta, ou seja, esotérica? Tem ela sido perpetuada de era em era, enquanto permanece reservada a uma elite?

Como vimos, a tradição apresenta um modo de inspiração e um conteúdo metafísicos. Guénon afirma:

> "...em toda doutrina metafísica, há algo que SEMPRE SERÁ ESOTÉRICO, e é a parte do inexprimível que essencialmente toda concepção metafísica comporta" (Introdução ao Estudo das Doutrinas Hindus, 2ª parte, capítulo IX).

Portanto, a tradição terá, por assim dizer tecnicamente, uma parte esotérica. Há mistérios da tradição que permanecerão inacessíveis aos ministros das religiões pelo motivo muito simples de que esses ministros não seguem o caminho metafísico, mas apenas o caminho místico, e, consequentemente, suas fontes de inspiração permanecem secundárias, subordinadas e subsidiárias.

A religião, um fenômeno devocional e sentimental, se dirige ao grande público. Isso é o que Guénon expressa ao dizer que ela é de natureza exotérica. Ela é feita para as necessidades das multidões, entre as quais, nos dizem, ela realiza maravilhas. Mas precisamente as multidões não são capazes de compreender as sutilezas da metafísica, que, portanto, permanece oculta para elas.

No entanto, o sistema de Guénon não pretende privar inteiramente a religião de toda participação na tradição esotérica. Em um regime normal, pelo contrário, ou seja, quando a hierarquia dos valores é respeitada, a religião deve buscar o cerne de seus dogmas e símbolos na tradição metafísica.

Mas historicamente, essa inspiração nem sempre é respeitada, porque a religião quer voar com suas próprias asas e despreza o auxílio, embora tão necessário, da metafísica.

É isso que está acontecendo atualmente com a Religião Católica, que, aparentemente, se alimentava da fonte tradicional no passado, especialmente durante a Idade Média, mas que, infelizmente, desde o período do humanismo, perdeu o contato com a doutrina, a inspiração e as organizações tradicionais.

O Islã, por outro lado, apresenta uma disposição exemplar, na opinião de Guénon: ele mostra ao público uma impressionante fachada puramente religiosa e exotérica, de origem judaica, mas também possui, por trás dessa fachada, as escolas esotéricas do sufismo, onde a tradição oriental é perpetuada.

Se compreendemos bem o raciocínio de Guénon, a família espiritual judaico-cristã, que abandonou a "Grande Tradição Primordial" e se restringiu à religião exotérica, deveria retornar às suas raízes tradicionais e se aproximar do hinduísmo. A Igreja Católica, em particular, deveria possuir, como o Islã, seus círculos esotéricos e tradicionais.

Esta não é uma ideia nova. A maçonaria, há muito tempo, tem considerado um plano semelhante. A diferença é que ela se propõe como uma SUPER-IGREJA esotérica. Guénon mantém o mesmo plano geral, mas designa como ponto de encontro universal, não mais a maçonaria, mas a TRADIÇÃO ORIENTAL.

9 - Conclusão da Primeira Parte

A tradição oriental, da qual R. Guénon deseja se tornar o introdutor no Ocidente, nos é apresentada como uma HIPER-FILOSOFIA puramente intelectual, como uma HIPER-MÍSTICA que leva à certeza absoluta e como uma HIPER-RELIGIÃO universal.

A incompatibilidade desta tradição com a "Tradição Apostólica", da qual a Igreja é guardiã, é absolutamente evidente.

No entanto, não basta apenas constatar essa incompatibilidade; agora é necessário discernir qual das duas tradições é a mais antiga e autêntica; qual das duas transmitiu, ou ao contrário, perdeu, o depósito da Revelação Primordial e das que a seguiram. É a esta série de perguntas que gostaríamos de responder em uma próxima segunda parte.

CAPÍTULO II - A TRADIÇÃO APOSTÓLICA

No artigo anterior, observamos a incompatibilidade entre a tradição oriental e a Tradição guardada pela Igreja. Ambas têm o mesmo nome, mas não compartilham o mesmo conteúdo.

Agora é necessário discernir entre as duas, identificar qual verdadeiramente contém a Tradição Primordial e qual é apenas um desvio.

1 - A verdadeira Tradição transmite a verdadeira Revelação

Toda Revelação divina dá origem à "Escritura" e à "Tradição".

A Escritura é o que o profeta registra por escrito após ter ouvido diretamente de Deus. Ele confia seu escrito à autoridade religiosa da época, seja o Patriarca, o Juiz, o Sumo Sacerdote ou o Pontífice. Esses escritos são cuidadosamente preservados devido à sua origem divina. Eles são amplamente testados (pois discernem os espíritos) e eventualmente codificados, muitas vezes anos após sua criação. Juntos, eles formam as Sagradas Escrituras.

No entanto, o profeta não consegue registrar tudo; ele fala do que viu e ouviu. Seus ouvintes então transmitem oralmente esses preciosos vestígios de Revelação, e depois os escrevem por sua vez. Isso se torna a Tradição. Ela permanece dispersa em uma variedade de documentos, e é necessário discernir o que é revelado do que não é; pois o critério não é a antiguidade, mas a origem divina.

Se uma tradição é profana em sua origem, ou seja, se transmite apenas filosofia, ciência, história ou direito, ela não se torna revelada apenas pelo passar do tempo. O que é profano permanece assim, não importa quão antigo seja, e a Igreja não será sua guardiã.

A Revelação messiânica, trazida pelo próprio Nosso Senhor, deu origem à Escritura (o Novo Testamento) e à Tradição (a Tradição Apostólica).

Da mesma forma, antes disso, a Revelação mosaica (geralmente judaica) também deu origem à Escritura (o Antigo Testamento) e à Tradição (a Kabbalah).

Vamos ainda mais longe. No começo, nossos primeiros pais e os patriarcas que os sucederam receberam a "Revelação Primordial". No entanto, essa não deu origem à Escritura. Ela gerou apenas a "Tradição Primordial" ou "Patriarcal", que permaneceu oral por muitos séculos e nunca foi escrita como tal.

Ocorreu que a Tradição Primordial, que oralmente continha toda a Revelação, foi sujeita a graves alterações. Tradicões profanas, não reveladas, se misturaram a ela e acabaram por invadir, sufocar e apagar qualquer vestígio de verdadeira Tradição, ou seja, da verdadeira Revelação divina. A história da religião na Terra, até Abraão, é simplesmente a história das sucessivas alterações da

Tradição Primordial.

2 - O conteúdo da Tradição Primordial

Do ponto de vista geral dos escritores da Igreja, a Revelação feita por Deus a Adão e aos patriarcas que o sucederam continha quatro componentes essenciais: um Deus, uma Lei, um Culto e uma Profecia.

Um Deus - O Deus da Tradição é pessoal, criador e único. Ele é pessoal, permitindo uma relação com Ele; Ele não é uma força cega ou uma entidade abstrata; a religião primitiva não é panteísta. Deus é criador; Ele não tem força independente acima Dele; Ele é soberano mestre de tudo, portanto, criador de tudo. Deus é único; não há outro além Dele; a relação primitiva também não é politeísta.

Uma Lei - É implícita; é a regra de conduta colocada no coração do homem; é a voz da consciência; é a lei natural; portanto, não é revelada positivamente; mas quando Caim a transgride, Deus a lembra explicitamente; ela também é complementada por várias prescrições, como o preceito da procriação.

Um Culto - A lei do sacrifício é universal; consiste em confessar diante de Deus a própria insignificância; este é o fundamento do culto; antes não sangrento, tornou-se sangrento desde a queda, pois foi adicionada a necessidade de expiação; Abel entendeu isso, mas não Caim. O culto de Caim é uma oferta de ação de graças, agora insuficiente; não é aceito por Deus. O sacrifício de Abel é expiatório e, portanto, entra na tradição divina como tendo sido aceito por Deus.

Uma Profecia - É chamada de "Protoevangelho"; aqui está o texto. Deus fala com a serpente após o episódio da tentação original: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela; esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar." (Gênese, III, 15). Hoje, parte dessa profecia se realizou; sabemos que a descendência da mulher é Cristo e deduzimos que a descendência da serpente é o Anticristo. Nos tempos antigos, isso alimentou as meditações dos homens que "andavam com Deus", porque resumia a história do mundo; muitos estudiosos afirmam que esta profecia foi dada por Deus para sustentar a esperança dos primeiros homens, pois formula a esperança da Redenção.

Os "homens justos", como por exemplo Jó, meditaram por longos séculos sobre essas duas descendências, essas inimizades, esse "esmagamento da cabeça, essa mordida no calcanhar". Pode-se dizer que o Protoevangelho é a peça central da Tradição Primordial.

3 - As alterações pré-diluvianas da Tradição

As Escrituras dão, para o período que precedeu o dilúvio, o nome de dez patriarcas: Adão, Sete, Enos (foi durante o patriarcado de Enos que "começou-se a invocar o nome do Senhor", Gênesis, III, 26), Cainã, Maalalel, Jarede, Enoque (que "andou com Deus e não foi mais visto, porque Deus o arrebatou", Gênesis, V, 24), Matusalém, Lameque e Noé.

O Gênesis não diz se todos os dez contribuíram para enriquecer a Tradição Revelada. É certo para três deles: Enos, Enoque e Noé. Mas para os outros, não sabemos nada. Nem mesmo temos certeza de que historicamente, durante o período pré-diluviano, tenha havido apenas dez patriarcas. Pode ter havido outros, que as Escrituras não mencionam, contentando-se em nomear os principais. Os registros profanos da humanidade são silenciosos sobre esse assunto e, portanto, incapazes de nos informar. Assim, somos obrigados a recorrer aos registros religiosos, ou seja, aos textos da Bíblia, que pelo menos tiveram o mérito de nos revelar tudo o que é necessário para a salvação.

Também é certo que a humanidade pré-diluviana atraiu de Deus sérias reprovações. É interessante ver como elas foram formuladas:

> "O Senhor viu que a maldade dos homens era grande na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre somente para o mal" (Gênesis, VI, 5). Um pouco mais adiante: "E a terra estava corrompida diante de Deus e cheia de violência. Deus viu a terra e eis que estava corrompida, pois toda carne tinha corrompido o seu caminho sobre a terra. Então Deus disse a Noé: "O fim de toda carne veio perante mim, pois a terra está cheia de violência por causa deles" (Gênesis, VI, 11-13).

Portanto, uma repreensão geral: "os pensamentos de seus corações estavam sempre inclinados para o mal" e apenas duas especificações: "corrupção e violência". É pouco para descrever o estado da Tradição, mas é suficiente para nos convencer de que não havia mais nem Tradição nem Religião.

Em relação a Noé, pelo contrário, é dito o seguinte:

>

> "Mas Noé achou graça aos olhos do Senhor. Eis a história de Noé. Noé era um homem justo, íntegro entre os homens de seu tempo; Noé andava com Deus" (Gênesis, VI, 8-9).

Aqui também, as Escrituras dizem pouco, mas contêm muito; como de costume. "Noé andava com Deus" significa que ele praticava integralmente a Religião Revelada como a havia recebido. Portanto, é razoável pensar que ele conhecia a Tradição Primordial e suas quatro componentes essenciais: Um Deus, uma Lei, um Culto e uma Profecia. Ele foi o único a tê-la preservado e é essa Tradição que ele transmitirá a seus descendentes após o dilúvio.

4 - O conteúdo da Tradição Noética

Chama-se "Noaico" tudo o que se relaciona a Noé, pois em hebraico Noé é chamado Noach. Portanto, a tradição noaica é a tradição tal como Noé a deixou para seus descendentes após o dilúvio. Qual poderia ser o seu conteúdo?

Primeiramente, ela contém a Tradição Primordial e as quatro componentes que acabamos de mencionar.

Também contém o relato das palavras que Noé ouviu da boca de Deus antes do dilúvio, palavras que revelam o motivo da condenação da humanidade a esse castigo.

A tradição noaica também incluirá o discurso de Deus na saída da Arca, discurso que obviamente pertence à Revelação e contém o que chamamos de "Preceitos Noaicos". Enumeremos os principais:

1 - Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra; 2 - Dou-vos os animais como alimento, assim como vos dei a erva verde; 3 - Quem derramar o sangue do homem, pelo homem seu sangue será derramado, pois Deus fez o homem à Sua imagem. 4 - Estabeleço a minha aliança com os homens e coloco o meu arco na nuvem... 5 - Não haverá mais dilúvio para devastar a terra.

Noé constrói um altar e oferece a Deus um sacrifício sangrento, como Abel havia feito. Ele transmite, portanto, o culto primordial de tipo expiatório.

Todas essas razões permitem afirmar que a Tradição Primordial é lembrada, restaurada e até enriquecida. É essa Tradição enriquecida que deve, segundo o desígnio de Deus, guiar o repovoamento da terra.

Esse é o regime dessa primeira Aliança (aquela que nos é lembrada pelo arco-íris): a vontade de Deus é que a Religião primordial seja a Religião universal.

5 - A Tradição Profana

Somos levados a nos questionar. A Tradição que chegou à humanidade pós-diluviana, ou seja, aquela do período noaico, contém apenas os componentes de natureza religiosa que acabamos de enumerar? Elementos profanos e especialmente cosmológicos não se misturaram a ela?

É provável, embora não tenhamos prova positiva disso. No entanto, como veremos ressurgir tais noções após a dispersão na Torre de Babel, somos obrigados a perguntar de onde elas vêm.

A fonte que imediatamente vem à mente é, evidentemente, a ciência infusa de Adão. Deus concedeu a ele o dom da ciência infusa em seu estado de perfeição primitiva. E é óbvio que Ele o privou disso quando o expulsou do Paraíso Terrestre. No entanto, Adão não esqueceu o que havia aprendido, de modo que pôde transmitir aos seus descendentes muitos conhecimentos que hoje chamaríamos de cosmológicos. Esses conhecimentos primitivos não foram positivamente revelados. Eles também eram de uma ordem inferior aos conhecimentos religiosos derivados da Revelação.

Qual poderia ser o conteúdo dessa tradição profana? Estamos reduzidos a conjecturas, mas podemos pensar que ela transmitia noções como, por exemplo, o simbolismo dos quatro elementos constitutivos da criação material: terra, água, ar e fogo. Ela também transmitia noções de cronologia, ainda hoje chamadas de "tradicional", como a semana de sete dias, os doze signos do Zodíaco que formam o quadro dos doze meses do ano.

Certamente também se misturou aí toda uma sabedoria puramente humana, nascida da experiência e da reflexão, ditados populares, memórias históricas, tudo formulado com mais ou menos lirismo.

Assim, a mesma palavra "Tradição" abrange dois fluxos paralelos ou, melhor dizendo, superpostos.

O fluxo superior é a Tradição Primordial propriamente dita, ou seja, a parte religiosa. Nele encontramos apenas elementos revelados. É a parte espiritual, tratando de um Deus justo e bom, de uma lei difícil de seguir, de um culto difícil de praticar, de uma profecia difícil de entender. É a parte espiritual do fluxo tradicional, mas também aquela que, historicamente, tende mais a se sublimar, a evaporar, a cair em desuso, devido precisamente às suas dificuldades.

O fluxo inferior é a tradição profana. Ela merece esse nome de tradição por seu modo de propagação oral; mas tem um conteúdo completamente diferente. Ela transmite noções mais humanas, menos elevadas, mais práticas. Ela vai ofuscar e apagar a Tradição religiosa e prevalecer sobre ela; a história vai provar isso.

A diferença entre esses dois fluxos tradicionais é resumida por uma fórmula já antiga: a tradição cosmológica ensina como vai o céu, enquanto a Tradição religiosa ensina como se vai ao Céu.

6 - A grande bifurcação

A linha reta dos marcos tradicionais foi abandonada em algum momento da história antiga, por uma multidão imensa, e mais, pela quase totalidade da humanidade. A grande bifurcação ocorreu no momento do episódio da Torre de Babel. Esse episódio, portanto, muito importante, precisa ser examinado com atenção no texto bíblico. A narrativa não é longa, pois contém apenas nove versículos (Gên. XI, 1-9).

As circunstâncias gerais são expressas de forma lacônica:

> "A terra tinha uma única língua e as mesmas palavras. Partindo do Oriente, encontraram uma planície na terra de Sinar e ali se estabeleceram".

Assim, ao chegarem a essa planície, os homens procedem a uma importante inovação técnica. Eles fabricam novos materiais:

> "Eles disseram uns aos outros: Vamos, façamos tijolos e cozamos no fogo. E usaram tijolos em vez de pedras e betume em vez de argamassa".

Esses detalhes materiais têm seu interesse, mas vamos deixá-los de lado para chegar ao essencial.

Apenas um versículo é suficiente para o escritor sagrado definir o projeto de construir uma nova cidade, sob um novo status:

> "Disseram ainda: Vamos construir uma cidade e uma torre cujo cume alcance o céu; e celebremos nosso nome antes de sermos dispersos por toda a terra".

Este é o famoso grande projeto de Babel. É conciso, mas veremos que é pesado de consequências.

À primeira vista, no entanto, e se nos contentarmos com uma leitura rápida, os homens de Babel não parecem meditar um desígnio criminoso, pelo contrário: eles se proclamam felizes com sua unidade e fazem tudo para preservá-la. O que poderia ser mais louvável?

Mas a concisão bíblica resume um projeto na realidade muito amplo; é um verdadeiro plano de civilização; ele envolve o futuro a longo prazo; é uma grande mudança que está sendo feita.

Vamos encontrar neste plano os elementos constitutivos da Tradição Primordial transmitida por Noé em sua forma noaquita? Se ela foi fielmente perpetuada, é ela que deveria inspirar o projeto. Deveríamos ser capazes de reconhecer não apenas as quatro componentes da Revelação Primitiva, mas também alguns vestígios dos preceitos noaquitas. No entanto, precisamente, não encontramos nem mesmo um traço mínimo deles.

Não se menciona Yahveh, ao qual Noé tinha oferecido um holocausto. No entanto, devemos notar que os homens de Babel estão claramente animados por um zelo religioso inegável, já que desejam que a torre alcance o céu. Porém, eles falam do céu, um termo neutro, e não mais de Yahveh, o Deus pessoal. Poderíamos dizer hoje que são teístas ou panteístas. Além disso, a torre alcança o céu, mas para quem ela é construída? O texto diz: "Faciamus Nobis turrim". Ela é feita para os homens. Isso não é já o que chamamos de antropocentrismo religioso. O que é certo é que Yahveh não é mais mencionado.

A lei natural, inscrita no coração do homem, obviamente não é mencionada no projeto de Babel. Mas isso se compreende, pois ainda é tácita e ainda não foi promulgada artigo por artigo, como será no Sinai.

O culto expiatório está totalmente ausente das preocupações babilônicas. No entanto, fazia parte integrante da Tradição, aquele sacrifício expiatório. Noé o transmitiu, vindo de Abel, na saída da arca, já que ele construiu um altar para seu holocausto. Agora, não se fala mais de um altar, mas de uma torre. Esta torre é uma manifestação de religiosidade, certamente, mas de uma religiosidade na qual Deus não tem mais parte e que segue singularmente o caminho de se tornar "metafísica". Até nos perguntamos se uma torre tão alta não corresponde a uma ideia de desafio e se seu verdadeiro propósito não seria desafiar Deus.

A profecia das duas descendências, chamada de Protévangile, também está ausente. Eles não falam mais em manter uma linha reta apesar das contestações. O que os preocupa é a união. Por quê? Porque uma das duas descendências desapareceu; não conta mais; não há mais luta, mas unidade. A cidade que estão construindo se tornará a capital da humanidade única e indivisível. A "descendência da mulher" está eclipsada.

Em resumo, somos impressionados pelo modernismo das concepções de Babel: religiosidade ecumênica, culto sem altar, cidade humanitária. A Religião revelada desapareceu completamente. Em seu lugar, os homens propõem o que chamaríamos de antropocentrismo: "faciamus nobis civitatem, celebramus nomen nostrum". Façamos uma cidade, celebremos nosso nome.

Assim, a Tradição Primordial é obliterada pela segunda vez. E essa segunda obliteração teria sido tão grave quanto aquela que justificou o dilúvio se Deus não tivesse intervindo para encerrar a experiência de Babel.

> "Mas o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão estavam construindo, e disse: 'Eis que este é um povo único e uma única língua para todos; eles começaram a fazer isso e não abandonarão seu plano até que o

> tenham realizado" (Gên. XI, 6).

Assim, Deus prevê que os princípios sobre os quais se baseia o grande plano em execução levarão a consequências detestáveis. Agora que começaram, não vão parar mais.

Então, vamos tentar discernir até onde o plano babilônico teria chegado. Obviamente, teria sido em prol da descendência da serpente que a unanimidade se formou ao pé da torre em construção. A descendência da mulher se escondeu. Portanto, o objetivo inevitável da cidade só poderia ser "o poder da Besta". Um poder sob o qual toda a humanidade teria sido obrigada a viver até o fim dos tempos; ainda estaríamos sob ele.

Aqui está a continuação da deliberação divina, marcada pelo plural:

> "Portanto, venham. Descendamos e confundamos aqui mesmo a língua deles, de modo que ninguém entenda a fala do seu próximo. Foi assim que o Senhor os dispersou dali por toda a terra, e eles cessaram de construir a cidade. Por isso foi chamada Babel, porque ali o Senhor confundiu a língua de toda a terra, e dali o Senhor os dispersou por toda a terra" (Gen. XI, 8-9).

O que chama atenção aqui é a vontade claramente expressa, e também pesada, de Deus de impedir a todo custo o empreendimento em curso. É Ele quem confunde deliberadamente as línguas. É Ele quem dispersa deliberadamente as nações. Há uma religião que Deus não quer e uma unidade que Deus não quer.

Também notemos que Deus agiu diretamente, ou seja, milagrosamente, sem recorrer às causas secundárias. De fato, Ele agiu por misericórdia. Como assim? Agora sabemos, pelo Apocalipse, que Deus concederá um poder universal à Besta em virtude de sua vitória sobre os homens pela tentação; esse poder é devido a ela com toda justiça; portanto, Deus, que é justo para com todas as criaturas, lhe concederá. Mas esse poder durará apenas um período muito curto e apenas no fim dos tempos: isso é o que chamamos de tribulações do Anticristo. A intervenção de Deus em Babel foi uma misericórdia, pois poupou à humanidade séculos sob o domínio da Besta.

Agora conhecemos o estado da tradição no momento da dispersão. Toda a sua parte revelada e religiosa desapareceu. Então, de que se compõe o patrimônio comum que as nações vão carregar, cada uma em seu continente? Este patrimônio comum inclui, em primeiro lugar, o antropocentrismo e a religiosidade que acabamos de descrever. Também inclui a tradição profana e cosmológica herdada de tempos imemoriais e que se propagou pelo mesmo caminho tradicional, paralelamente à Tradição Primordial revelada.

Um homem, mais uma vez, fez uma exceção e não sucumbiu à contaminação da ideologia de Babel. Este homem é o patriarca Héber, o ancestral epônimo dos hebreus, um dos antepassados de Abraão. "Epônimo" significa "aquele que coloca seu nome sobre".

Lemos em "Les Patriarches", de Dom de Monléon, na nota do primeiro capítulo, o seguinte: "Se acreditarmos numa tradição que conta com a autoridade de Santo Agostinho (A Cidade de Deus I-XVI-II), de Santo Efrém e de muitos outros, Héber não teria participado da construção da Torre de Babel. Por causa disso, ele e os seus conservaram a língua original da humanidade (que, segundo os antigos, era o hebraico) e mereceram tornar-se o povo escolhido de Deus". Héber desempenhou, na turbulência de Babel, o mesmo papel que Noé desempenhou no dilúvio.

7 - A nova estratégia

Sabe-se que o gênero humano foi colocado sob o regime das "inimizades" em virtude do decreto pronunciado por Deus na saída do paraíso terrestre. Devia, portanto, sempre haver "Abel" e "Caim", vivendo lado a lado, na espera do triunfo da "descendência da mulher" que deveria esmagar "a cabeça da serpente". Tal era o regime. A Religião do Verdadeiro Deus era universal, embora universalmente combatida. Nenhum decreto divino havia ainda estabelecido um "Povo eleito". Esse era o regime da primeira Aliança.

Ora, aqui está agora a segunda vez que a Religião revelada sofre uma degradação completa: a primeira antes do dilúvio, a segunda antes de Babel. Uma palavra de Nosso Senhor torna-se irresistivelmente presente na memória:

> «Jerusalém, quantas vezes Eu quis reunir teus filhos como a galinha reúne sua ninhada sob suas asas e tu não quiseste» (Lucas, XIII, 34).

Vê-se que a mesma censura já havia sido incorrida, em duas ocasiões, pela humanidade inteira, muito tempo antes.

Após a dispersão das nações, vê-se Deus tomar lentamente todas as disposições necessárias para uma nova estratégia. Esta dispersão, de fato, evita a incrustação do mal, mas não restaura a Tradição. Certamente, a descendência da serpente não tem mais uma capital civil e religiosa, uma vez que Babel está deserta, mas ela domina em toda parte de maneira difusa.

É Deus agora quem vai construir sua própria cidadela para ali manter e concentrar sua própria religião. Ela será conservada ali, em uma situação defensiva, até o grande momento da "Vocação dos Gentios", quando ela sairá para conquistar o mundo:

> «Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus» (João, IV, 22).

O corolário inevitável da confusão e dispersão babilônica é a vocação de Abraão. Não há mais outro meio, para perpetuar a Verdadeira Religião, do que constituir um povo-cidadela que seja seu guardião. Mas de que esse povo seria o guardião, se não há mais nada a guardar? Ora, a apostasia é geral e irreversível, não há, portanto, mais nada a guardar. É necessário que Deus reconstitua, ao mesmo tempo, a Tradição Primordial; é preciso proceder a uma nova Revelação que será a repetição da primeira, é preciso refazer tudo do nada. Pacientemente, Deus, novamente, revela-se

a Abraão, Isaac e Jacó, visando reconstituir a Tradição perdida.

Vimos que, no auge da apostasia babilônica, um homem fez exceção heroicamente: era Héber. Durante o período que se seguiu à vocação de Abraão, e antes de Moisés, encontra-se também uma exceção análoga, é "o santo homem Jó". Ele sabia muitas coisas, por exemplo, esta:

> «eu sei que o meu Redentor ("Redemptor" no texto da Vulgata) vive e que aparecerá no último dia sobre a terra...» (Jó, XIX, 25).

Onde Jó foi buscar essa esperança em um Redentor, senão no Protoevangelho que a Tradição Primordial, esquecida por todos, havia lhe transmitido. No entanto, não foi Jó que Deus escolheu para se tornar o ancestral do Povo eleito, porque ele não era judeu. Geralmente se atribui ao livro de Jó uma data anterior à do Gênesis.

8 - A reconstituição da Tradição Primordial

Moíses é encarregado de receber a nova Revelação pela qual Deus reconstitui a Tradição Primordial esquecida. Mas, desta vez, a Revelação é registrada por escrito: é a Escritura Sagrada. Ao mesmo tempo, uma organização sacerdotal é criada, que cuidará, entre outras funções, da conservação literal da Escritura. E as gerações futuras só terão a louvar o rigor com que essa conservação será realizada.

Hoje conhecemos a Tradição Patriarcal, não diretamente e oralmente, mas através da Escritura. Como sabemos o que Deus disse a Adão, depois a Noé? Certamente não é pela Tradição, pois ela foi alterada e até esquecida. É pela Escritura. Aqueles, portanto, que não aderem à Escritura, como é o caso dos hinduístas, conhecem da Tradição apenas o que restou em Babel, ou seja, a parte profana, cosmológica e recente; a parte que não tem valor para a salvação; é por isso que eles ignoram a salvação e a substituem pela libertação.

Moisés conheceu vestígios da Tradição Primordial semelhantes aos que acabamos de descobrir em Jó? É provável. Mas o que é certo, em todo caso, é que Deus, por uma inspiração explícita, preencheu lacunas irreparáveis e reconstituiu arquivos religiosos que a humanidade foi incapaz de transmitir.

Se há no mundo, hoje, uma instituição capaz precisamente de falar da Tradição Primordial e de apresentar seu conteúdo, é a Igreja. Não há outra.

Quando o hinduísmo diz: "A Igreja esqueceu a Tradição; somos nós que a conservamos", está errado. Na realidade, é exatamente o contrário. Todas as religiões pagãs (e não apenas o hinduísmo) abandonaram a linha reta dos marcos tradicionais antes de Abraão e antes da Escritura. Portanto, elas possuem da Tradição apenas a versão babilônica que, justamente, Deus não quis.

A superioridade da tradição pagã (hinduísta ou hermética) sobre a Tradição apostólica é uma afirmação sem fundamento. Mas ela é repetida com tal segurança e por alto-falantes tão poderosos que abafa toda outra palavra e passa comumente por uma verdade evidente.

CAPÍTULO III - A METAFÍSICA DE R. GUÉNON

Após expor as grandes linhas da Tradição hinduísta tal como apresentada por R. Guénon no conjunto de suas obras, e depois as da Tradição Primordial tal como perpetuada até os dias de hoje pela Tradição Apostólica, da qual a Igreja é guardiã, e após constatar que essas duas tradições são incompatíveis senão mesmo antagônicas, vamos examinar hoje, ainda nas suas grandes linhas, visto que não podemos entrar em detalhes, embora interessantes, a doutrina metafísica de R. Guénon.

Ela é desenvolvida principalmente na obra intitulada "Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus", publicada em 1930. Mas também encontramos elementos dessa doutrina em "O Homem e seu Devir segundo o Vedanta" e em "O Reino da Quantidade". No entanto, é essa doutrina metafísica que constitui, explícita ou implicitamente, o fundo comum de toda a sua obra; pode-se dizer que ela orienta todas as suas partes.
Essa doutrina fundamental é o que chamamos de hinduísmo. Mas R. Guénon também lhe dá dois outros nomes:

"Toda a tradição hindu é essencialmente fundada no Veda; poderia, portanto, ser chamada de vedismo; e o nome de Bramanismo também lhe convém em todas as épocas; não é senão o desenvolvimento da doutrina contida em princípio no Veda, palavra que significa, aliás, propriamente o conhecimento tradicional por excelência". (Int. Et. Doc. Hind., IIIª parte, capítulo I).

1 - Brahma, o princípio supremo

No topo da hierarquia divina, situa-se Brahma, que é o Princípio Supremo absolutamente universal e absolutamente indeterminado. Ele está isento de qualquer característica; não tem nenhuma atribuição positiva e está além de qualquer qualificação, além de qualquer distinção. Ele é a Unidade absoluta. Brahma é o assento de todas as possibilidades não manifestadas. Ele é tanto O SER quanto O NÃO-SER. Ele transcende tanto a matéria quanto o espírito, sendo o princípio comum a ambos.

Dois pontos precisam ser observados para uma boa compreensão do que se segue. Primeiro, a palavra "Brahma", quando se refere ao Princípio Supremo, é escrita no gênero neutro e sem acento circunflexo; encontraremos outra palavra com uma ortografia e um significado diferentes. Em segundo lugar, a Criação Universal é chamada de manifestação no Vedismo, um nome completamente lógico, já que a manifestação não é criada a partir do nada; portanto, ela é de fato uma manifestação, entre um número infinito de outras igualmente possíveis, do Princípio Supremo.

R. Guénon então responde a uma pergunta que inevitavelmente surge: Brahma deve ser concebido como um Deus pessoal ou como uma entidade abstrata?

> "Do ponto de vista metafísico, deve-se dizer que este Princípio é ao mesmo tempo impersonal e pessoal, dependendo do aspecto sob o qual é considerado: impersonal, ou se preferir, supra-pessoal em si mesmo; pessoal em relação à manifestação universal, mas obviamente sem que essa 'personalidade' divina apresente qualquer caráter antropomórfico" (Int. Et. Doc. Hind., capítulo III).

É preciso reconhecer que o que domina muito na descrição desta primeira entidade divina são os caracteres impersonais e metafísicos. Se uma certa personalidade está incluída, é como uma possibilidade. Além disso, é-nos dito que a supra-personalidade (virtual e eventual, aliás) de Brahma não é de forma alguma semelhante à do homem; e de fato veremos mais adiante que se houver "personalidade", ela é mais do tipo angélico.

Aqui estão algumas notas sobre Brahma, coletadas em todas as obras de R. Guénon:

> "A manifestação universal como um todo é rigorosamente nula em relação à sua infinitude" "Brahma é ativo, mas apenas em princípio, portanto, não ativo, porque essa atividade não lhe é essencial e inerente, mas é para ele apenas eventual e contingente" (Int. Et. Doc. Hind.).

> "Brahma é sem dualidade e, fora dele, não há nada, nem manifestado nem não manifestado. O mundo, entendido por esta palavra como a manifestação universal, só pode ser distinguido de Brahma de maneira ilusória, enquanto, por outro lado, Brahma é absolutamente distinto daquilo que ele permeia".

> "O Supremo Brahma é não qualificado em sua total infinitude, compreendendo tanto o Ser (ou as possibilidades de manifestação) quanto o Não-Ser (ou as possibilidades de não manifestação). Ele é, portanto, o princípio de ambos, além de ambos, ao mesmo tempo em que os contém igualmente". (O Homem e seu Destino segundo o Vedanta, capítulo XXI).

R. Guénon não revela qual foi a origem histórica de tal teodicéia. Ele simplesmente diz que está contida no Veda e, portanto, pertence à mais antiga tradição. Mas ele fornece uma explicação filosófica. Ele retoma um axioma muito antigo que já se encontra nos mais antigos filósofos, a saber: "Tudo o que existe é limitado". Não podemos deixar de concordar com esse axioma; mas o que se segue é menos evidente. O vedismo, que não adere à Revelação e, portanto, não aceita a ideia de um Deus que faz exceção a essa regra, torna-se prisioneiro de sua lógica. Tudo o que existe é limitado; ora, Deus existe, não se pode duvidar disso; portanto, este Deus, que necessariamente existe, deve ser necessariamente limitado. Mas então a mente humana não pode se contentar com tal Deus. Portanto, é absolutamente necessário um Deus ilimitado (nós diríamos infinito) que será colocado além de toda existência para salvaguardar sua infinitude: daí Brahma, Princípio absoluto e universal, transcendendo tanto o Ser quanto o Não-Ser, e sede de todas as possibilidades não manifestadas.

Qualquer cristão entenderá que tal Deus não é de forma alguma o de sua Religião: o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, que se revelou dizendo:

> "Eu sou aquele que sou" (Je suis Celui qui suis).

O verdadeiro Deus é ao mesmo tempo existente e infinito. A definição ensinada às crianças no catecismo também é válida para os mais sutis metafísicos:

>

> "Deus é um Ser infinitamente bom e infinitamente perfeito, criador e soberano senhor de todas as coisas".

2 - Ishwara, o deus semi-pessoal

Imediatamente abaixo de Brahma, vem uma segunda entidade divina: Ishwara, cujo papel é finalmente bastante fácil de entender. Enquanto Brahma era o assento de todas as possibilidades não manifestadas, Ishwara contém apenas uma possibilidade única, a da manifestação atual, o universo em que vivemos. Ishwara contém a manifestação como virtualidade. Ele é a possibilidade imediata de manifestação. Enquanto Brahma contém virtualmente todos os mundos, Ishwara contém virtualmente apenas o nosso.

Ishwara ainda participa da natureza de Brahma, pois ainda é apenas virtualidade. Mas ao mesmo tempo, ele pertence, pelo menos parcialmente, à manifestação, já que, embora não a traga à existência, ainda a contém em potência.

Ishwara possui, portanto, um menor grau de universalidade do que Brahma. René Guénon diz que "Ishwara é qualificado, ou seja, concebido distintamente". Esta entidade divina é capaz de receber atributos divinos; mas ainda os contém apenas como possibilidades.

Ishwara não é individualizado. Ele constitui por si só uma manifestação informal.

> "Ishwara, embora não seja individualizado por si só, pertence aos seres individuais, aos quais ele comunica a possibilidade de participação nos atributos divinos, ou seja, na própria natureza do Ser universal, princípio de toda existência". (O Homem e seu destino segundo o Vedanta, capítulo VII).

> "Em si mesmo, Ishwara é independente de toda manifestação, da qual, no entanto, é o princípio, sendo o Ser Supremo." ("O Homem e seu destino..." - capítulo X).

> "O termo sânscrito que pode ser traduzido da forma menos incorreta como Deus não é Brahma, mas Ishwara" ("O Homem e seu destino...", capítulo I).

R. Guénon atribui a Ishwara a Personalidade Divina, dizendo que ele é a personificação de Brahma. Mas ele faz a mesma observação sobre a supra-personalidade de Brahma: não há questão de atribuir à "Pessoa" de Ishwara a menor traço de antropomorfismo.

Ishwara é o ordenador da manifestação:

> "enquanto permanece ele mesmo não agindo na plenitude de sua atividade principial." ("O Homem e seu destino...").

Portanto, aqui está uma entidade divina cuja essência é servir de intermediário entre o Princípio Supremo e a manifestação. Mas então somos tentados a atribuir a ele um papel demiúrgico, ou seja, o papel de um agente organizador da materia prima. Mas R. Guénon se opõe a isso observando que, em seu sistema, não há materia prima no sentido em que existe nos sistemas dualistas. A metafísica védica é não dualista, pois a matéria e o espírito não são independentes; e eles não são independentes porque ambos pertencem a um Princípio Supremo comum.

3 - A Tríade ou a pseudo-trindade

Vamos descer mais um degrau na escala das entidades divinas e nos aproximarmos da manifestação.

> "Ishwara é considerado sob uma tríplice aspectação principal, que constitui a Trimurti ou Triple Manifestação" (Int. Et. Doc. Hind., terceira parte, capítulo VII).

As três novas entidades divinas que vamos descrever agora pertencem à manifestação. Esses três deuses estão plenamente inseridos na ordem da existência. Mas então eles são limitados, de acordo com o famoso princípio de que "tudo o que existe é limitado". Esses três deuses são Brahmâ, Vishnu e Shiva.

Brahmâ é o primeiro elemento da Trimurti. Mas este novo Brahmâ é do gênero masculino e é escrito com um acento circunflexo no último "a". Porque não se trata mais do Brahma (no neutro e sem acento) que encontramos como princípio supremo. Este Brahmâ, no masculino, é o Princípio produtor de todos os seres que constituem a manifestação. Ele é o reflexo, na natureza física, do Supremo-Brahma da metafísica.

À primeira vista, poderíamos considerá-lo como equivalente ao Pai Criador da teologia cristã. Mas seria um Pai Criador de uma espécie muito particular, já que viria em terceiro escalão e teria, acima dele, primeiro Ishwara, o Ser Supremo semi-pessoal, e depois Brahma no neutro, Princípio Supremo absolutamente metafísico.

O segundo elemento da Trimurti é Vishnu, que é o reflexo de Ishwara como princípio animador e conservador dos seres da manifestação. Se quiséssemos continuar a analogia com a Trindade cristã, poderíamos ver em Vishnu o Filho Redentor. Mas a comparação não poderia ir além de aparências puramente formais, Vishnu sendo membro de uma trindade que está longe de ser soberana.

O terceiro elemento da Trimurti Védica é Shiva, que é outro reflexo de Ishwara como princípio transformador da manifestação. Durante toda transformação, ocorre uma fase de destruição em que o antigo estado das coisas é aniquilado para dar lugar ao novo. Compreende-se por que Shiva se tornou, na opinião popular, o princípio destrutivo que é tão facilmente visto em ação na natureza. Aqui também, poderíamos ver alguma semelhança entre Shiva e o Espírito Santo Santificador do Cristianismo. Neste caso, a comparação seria menos improvável, já que toda

santificação exige uma fase preliminar de mortificação. Mas uma Trimurti que vem em terceiro grau de subordinação não pode ser comparada de maneira útil à Trindade soberana.

René Guénon observa que, no Hinduísmo como é praticado na Índia, essas três divindades, Brahmâ, Vishnu e Shiva, têm sido objeto, cada uma separadamente, de devoções populares. Alguns honram especialmente Vishnu, cuja ação conservadora e estabilizadora lhes proporciona algum conforto. Outros se dedicam a Shiva, que facilita o aprimoramento pessoal.

Assim, observadores superficiais puderam falar do Brahmanismo, do Vishnuísmo e do Shivaísmo como sendo religiões separadas, e isso com tanto mais verossimilhança quanto essas devoções têm seu próprio público particular. O Vishnuísmo dá muita importância aos ritos exteriores. É mais popular e mais difundido do que o Shivaísmo, que, por dar ênfase à transformação, favorece o ascetismo e a vida contemplativa.

R. Guénon observa com insistência, e ele deve estar correto, que não se trata de religiões distintas, pois uma mesma metafísica fundamenta todas as devoções. A elite do hinduísmo, ao contrário, professa a unidade do Princípio Supremo, que é comum, mais ou menos abertamente, mais ou menos secretamente, a essas várias práticas devocionais, as quais têm um único e mesmo código tradicional, o Veda.

4 - A Manifestação

A doutrina védica, como vimos, chama de manifestação o que chamamos de Criação. A manifestação é o local de uma dualidade fundamental:

> "Aqui devemos começar com a primeira de todas as dualidades cósmicas, aquela que está no princípio da existência ou da manifestação universal. Esta dualidade é a de Purusha e Prakriti, segundo a doutrina hindu, ou para usar outra terminologia, a da essência e da substância" (O Reino da Quantidade, capítulo I).

Prakriti é a substância universal, indiferenciada e não manifestada em si mesma, mas da qual todas as coisas surgem por meio de modificações. Essa substância universal é constitutiva de todos os seres diferenciados, até mesmo dos seres espirituais. Por exemplo, a consciência individual participa de Prakriti como essa consciência é uma substância espiritual. É evidente que também é Prakriti que constitui a substância fundamental dos cinco elementos materiais: éter, ar, fogo, água e terra.

Na doutrina hindu, há um princípio complementar a Prakriti. Esse princípio é Purusha, que pode ser chamado de essência:

> "Todas as coisas manifestadas são produzidas por Prakriti. Mas, sem a presença de Purusha, essas produções teriam apenas uma existência puramente ilusória" (Int. Et. Doc. Hind., terceira parte, Capítulo XI). Portanto, é Purusha quem dá forma à substância universal constituída por Prakriti. Purusha permite que Prakriti se diferencie e dê origem a seres individuais. Estes são os dois polos da manifestação: substância e essência.

Essa divisão bipolar é bastante desconcertante para nossa mentalidade ocidental. Toda a nossa filosofia é, felizmente, marcada por concepções que derivam, em última instância, do Gênesis: "No princípio, Deus criou o céu e a terra". O céu, ou seja, o mundo dos espíritos, e a terra, ou seja, o mundo dos corpos. Os dois constituintes que estamos acostumados a distinguir na criação são espírito e matéria. Reconheçamos que fomos ajudados pela Revelação.

Os dois polos da manifestação hindu não são os mesmos. Purusha, que é a essência, não se confunde com o espírito: ele é apenas o agente que permite a individualização dos seres; é o agente que constitui as "essências" particulares.

Por sua vez, Prakriti, que é a substância universal, não pode ser assimilada à matéria como a entendemos, pois Prakriti, como vimos, constitui até mesmo a consciência individual. Prakriti é, portanto, tanto a substância espiritual quanto a substância material.

Somos desorientados, pobres ocidentais, por essas doutrinas cujos conceitos apresentam ora pontos de coincidência com os nossos, ora pontos de divergência. Também o somos porque elas enfatizam mais a união dos contrários do que sua distinção. Por exemplo, como não ficar surpreso quando R. Guénon, após expor o bipolarismo da manifestação, apressa-se em observar que essa divisão bipolar não afeta de forma alguma o caráter não dualista da metafísica hindu: de fato, ele diz, Prakriti e Purusha têm um princípio comum de ordem universal em que ambos estão igualmente contidos. O princípio universal, nós o conhecemos, é Brahma, o Princípio Supremo.

Aqui, não podemos deixar de nos perguntar se o sistema metafísico de R. Guénon é panteísta? Ele próprio rejeita essa acusação, o que obviamente o incomoda muito se ele quiser, como frequentemente repete, se sobrepor ao catolicismo sem se opor a ele. No entanto, podemos observar que a transcendência do Princípio Supremo nunca é expressa claramente. Além disso, a noção de criação ex nihilo, embora verbalmente admitida, não é definida corretamente. Essa questão do panteísmo, se seria ou não incluída na tradição hinduísta, precisa ser tratada separadamente.

5 - Metafísica e religião

R. Guénon pratica uma metafísica que não se enquadra na definição comum. Ele próprio explica isso. Devemos entender bem sua definição, pois em alguns pontos ela se assemelha à da religião e, em outros, dela se afasta consideravelmente.

A física, no sentido antigo da palavra, é o estudo da natureza material que está ao alcance dos nossos sentidos. A metafísica, no sentido clássico, é a ciência das generalidades sugeridas pela observação da natureza e pela consideração de seus mistérios, como, por exemplo, a essência e a existência, o espírito e a matéria, a vida e a morte; essa é a definição dos antigos, cuja filosofia ocidental seguiu.

Fiel intérprete do hinduísmo, Guénon amplia consideravelmente a abrangência da ciência metafísica tal como ele mesmo a pratica. Para ele, ela não compreende apenas a metafísica clássica, que é essencialmente uma ontologia, ou seja, uma ciência do ser. Ela se estende ao conhecimento do Princípio Supremo em si mesmo, que está situado, como agora sabemos, além do ser, pois é ao mesmo tempo o ser e o não ser, sendo o lugar das possibilidades que ainda não vieram à existência.

Como uma ciência tão sublime é possível? É possível no hinduísmo, diz Guénon, porque lá são utilizados métodos de meditação que fornecem acesso direto ao Princípio Supremo. O sujeito que medita de acordo com esses métodos e dentro de todo esse ensinamento alcança um conhecimento não mais discursivo, ou seja, obtido através de construção racional, mas um conhecimento intuitivo, imediato e sem intermediários do Princípio Supremo diretamente apreendido. Tal conhecimento intuitivo é um fenômeno psicológico também descrito em outras religiões e disciplinas e chamado de intuição intelectual.

Essa intuição intelectual é difícil de obter. É reservada para sujeitos de elite. Deve até mesmo ser mantida em segredo. Ela é alcançada principalmente pela iniciação e, portanto, tem um caráter esotérico, ou seja, oculto. Por meio dessas precauções, o sujeito meditante chega à identificação com o objeto de suas meditações. Ele acaba por se identificar com o Princípio Supremo metafísico em si mesmo.

Como o objeto de tal meditação é metafísico, é lógico que o método contemplativo que permite alcançá-lo também seja chamado de metafísico. Uma grande parte do trabalho de Guénon será dedicada à descrição dos caminhos metafísicos, que ele nos dirá serem puramente intelectuais, entendendo por isso que não são devocionais nem sentimentais.

No entanto, como vimos, no hinduísmo também existem divindades que são menos elevadas que o Princípio Supremo. São as divindades que são objetos de devoção popular, como Brahmâ, Vishnu e Shiva, para citar apenas as três principais. E aqui está um ponto essencial de sua argumentação:

R. Guénon reserva o nome de religião ao culto prestado às divindades que pertencem à existência manifestada. O Deus dos cristãos faz parte dessas divindades, pois também está na ordem da existência. A esses tipos de deuses, presta-se um culto religioso, devocional, sentimental e popular.

Quanto às vias contemplativas que conduzem ao contato com os deuses da ordem existente, obviamente não podemos chamá-las de metafísicas, já que seu objeto não é metafísico. Elas serão chamadas de vias místicas. Conduzindo a um objeto inferior, as vias místicas serão logicamente consideradas inferiores às vias metafísicas.

Além disso, como a "Religião" não é reservada a sujeitos de elite, mas é popular, ela será chamada de exotérica, ou seja, pública.

Em resumo, a metafísica, por envolver a intuição puramente intelectual e progredir através da iniciação e do esoterismo, será declarada superior à simples religião, que será qualificada como mística, devocional e exotérica.

Essa superioridade da metafísica sobre a Religião é totalmente arbitrária, pois deriva apenas da divisão da divindade em duas partes, uma das quais (aquela que é objeto da Religião) permanece no domínio da existência, enquanto a outra (aquela que é objeto da metafísica) é expulsa para uma zona muito alta de "possíveis não manifestados".

Essa superioridade da metafísica sobre a Religião é uma das peças-chave da doutrina de Guénon e, portanto, da doutrina hinduísta da qual ele é o doutor para o Ocidente. Ela é encontrada, de uma forma ou de outra, em todos os seus livros. E compreende-se que seja essencial para ele, pois é a posição dominante que lhe permite fazer da religião em geral e especialmente da Religião Cristã um caso particular do sistema metafísico considerado mais vasto, mais compreensivo, mais inteligente.

Mas a Religião do Verdadeiro Deus já, em outras épocas e especialmente nos tempos patrísticos, demonstrou que não permite que a armadilha metafísica se feche sobre ela.

É isso que tentaremos mostrar nos próximos artigos, se nos for permitido, onde trataremos do mecanismo da iniciação, do simbolismo da Cruz, dos ciclos cósmicos, da angelologia e da estratégia guenoniana.

CAPÍTULO IV - O SIMBOLISMO CRISTÃO DA CRUZ

"O Simbolismo da Cruz" é o título de uma obra publicada em 1931 por René Guénon, um dos principais propagadores das doutrinas islâmicas e hinduístas no Ocidente. No entanto, muitos católicos estão muito perturbados com a argumentação desenvolvida nesta obra. Eles ficam com a impressão de que a Igreja romana tem uma compreensão bastante incompleta do sentido espiritual contido no emblema da Cruz.

De fato, se acreditarmos na obra de R. Guénon, o significado profundo e real da Cruz teria se conservado intacto, não na Igreja católica, mas no Islã e nas religiões da Índia e da China. E é lá que os católicos tradicionais deveriam buscá-lo.

É evidente que não podemos ficar com essa impressão tão desagradável quanto falsa. Uma justificativa do simbolismo cristão da Cruz se impõe. Portanto, antes de expor o simbolismo da Cruz tal como ensinado por Guénon, é necessário, para que se possa estabelecer uma comparação, expor primeiro tal como ele foi transmitido, desde os Apóstolos, na crença cristã mais certa.

1 - A Cruz Latina

Antes de tudo, qual foi a forma da verdadeira Cruz? A forma sobre a qual todas as gerações de cristãos meditaram é, evidentemente, a da Cruz histórica de Nosso Senhor. Eles não meditaram sobre uma Cruz ideal imaginada por eles, mas sobre a Cruz real do Calvário. Ora, a forma tradicional da Cruz é a chamada Cruz Latina, ou seja, aquela em que a viga vertical supera, em direção ao alto, a viga horizontal em cerca de um terço da sua altura.

No entanto, essa não era a forma do instrumento de suplício utilizado pelos romanos para os escravos criminosos. Eles haviam introduzido na Palestina uma Cruz em forma de T, na qual o eixo vertical não se elevava acima da barra transversal. Assim, inscrevia-se o T (a letra tau do alfabeto grego) na camisola dos condenados. O tau havia se tornado sinônimo de morte infamante.

Os Padres da Igreja sabiam muito bem de tudo isso. Eles conheciam a existência da cruz em tau para as crucificações, especialmente a dos escravos. E, no entanto, eles não se opuseram à tradição da "Cruz Latina". Por que isso? Primeiro porque não se pode excluir que a Cruz do Gólgota tenha tido efetivamente a forma mais tarde chamada de "latina". É até provável, já que tal tradição é verdadeiramente muito geral. Pode-se compará-la à tradição, transmitida pela iconografia mais antiga, da barba usada por Nosso Senhor.

Além disso, encontra-se nos Padres outra resposta à objeção do tau:

> "Supondo mesmo", dizem eles, "que as duas vigas estivessem dispostas uma sobre a outra à maneira do tau, a inscrição da Cruz, que foi acrescentada por ordem de Pilatos, era suficiente, por si só, para dar ao conjunto a forma da 'Cruz Latina'." Portanto, pode-se considerar a Cruz Latina como a forma historicamente mais provável, esteticamente a mais equilibrada e simbolicamente a mais completa, ao mesmo tempo que a mais simples. Forma, portanto, sobre a qual foi legítimo, e ainda é, basear a meditação cristã do simbolismo da Cruz.

2 - A Árvore da Cruz

É uma prática constante, desde os primórdios do cristianismo, comparar a Cruz do Calvário à árvore do Paraíso. Escritores religiosos frequentemente falam da Árvore da Cruz.

No entanto, essa comparação apresenta uma dificuldade, pois no Jardim do Éden, Deus plantou não uma, mas duas árvores: o lignum vitae, a árvore da vida, que estava no meio do jardim, e o lignum scientiae boni et mali, a árvore do conhecimento do bem e do mal, em um local não especificado nos textos. A qual dessas duas árvores a Cruz do Calvário será comparada?

Os autores cristãos são unânimes em resolver essa dificuldade ao fazerem da Cruz de Nosso Senhor a recapitulação das duas árvores do Paraíso. Eles até mesmo justificam que ela era feita de duas vigas e, portanto, provavelmente de duas árvores diferentes, talvez até mesmo de duas essências diferentes. Observa-se que a Arca de Noé foi construída com madeiras resinosas e que a Arca da Aliança era feita de madeira de acácia. Assim, a Cruz é a verdadeira Arvore da Vida. O fruto que ela deu foi o "Filho do Deus Vivo", Ele mesmo o Caminho, a Verdade e a Vida, e também o "Pão Vivo descido do Céu". O paralelo é inegável.

A Cruz também é a verdadeira árvore do conhecimento do bem e do mal. Ela tem um lado direito e um esquerdo que são o direito e o esquerdo de Nosso Senhor. A direita é o lado da eleição divina, a esquerda é o lado da reprovação. O conhecimento do bem é o conhecimento de Cristo que nos é ensinado pelo arrependimento do bom ladrão. O conhecimento do mal é o conhecimento do Anticristo que nos é mostrado pela obstinação do ladrão mau.

As duas árvores plantadas por Deus no Jardim do Éden eram apenas prefigurações, talvez distantes e misteriosas, mas precisas da Cruz do Gólgota, que as recapitula enquanto respeita sua dualidade, já que era feita de duas vigas.

3 - Os Quatro Instrumentos

É comum observar que há uma simetria entre, por um lado, o consumo do fruto proibido pelo primeiro Adão, no início da humanidade, e, por outro lado, a crucificação do Novo Adão na colina de Jerusalém. Esses dois episódios, ambos relatados com solenidade nas Escrituras, correspondem entre si.

"Assim como quatro instrumentos", escreveu Santo Ambrósio, "serviram para nossa queda: Adão, Eva, a serpente e a árvore, da mesma forma, quatro instrumentos serviram para nossa redenção: Jesus, Maria, José e a Cruz".

Santo Ambrósio utiliza aqui a palavra "instrumento"; nós diríamos mais comumente que são agentes ou ministros. Ele acredita que essas duas séries de quatro agentes se correspondem.

Adão corresponde a Jesus, que é chamado desde sempre de "Novo Adão". Jesus assume todas as consequências do consumo do fruto proibido pelo primeiro Adão e expira exclamando "está consumado".

A correspondência também é muito clara entre Eva e Maria. Eva foi "a auxiliadora semelhante a ele" que Deus modelou para o primeiro homem. Da mesma forma, Maria é a auxiliadora que Deus preparou para "o primogênito de toda a criação", que é Jesus. A Igreja reconhece em Maria as funções de Co-redentora e lhe concede o título de "Auxiliadora", pois ela é a auxiliadora de Jesus. O comportamento de Maria junto a Jesus é como o simétrico daquele de Eva junto a Adão. Maria auxilia a reverter o que Eva auxiliou a desfazer.

É mais surpreendente comparar São José com a serpente. No entanto, essa é a posição que Santo Ambrósio lhe atribui em sua enumeração. A virtude essencial de São José é a prudência. Ele também possui a disciplina do silêncio. No entanto, existem dois tipos de prudência: a prudência segundo o espírito e a prudência segundo a carne.

A prudência segundo o espírito é aquela que se alia à simplicidade da pomba, conforme o preceito: "Sejam prudentes como a serpente e simples como a pomba". Esta prudência segundo o espírito reserva-se, como fez o primeiro José, o Patriarca, ao reservar o trigo para o Faraó. Ela se oculta, é verdade, mas não se esconde, pois é simples. E qual é o trigo que São José tinha que esconder? Esse trigo é Nosso Senhor Jesus Cristo, que ele guardou no Egito até que os inimigos da Criança desaparecessem. Com sua prudência [e com seu silêncio sobre o nascimento miraculoso de Jesus, do qual ele nunca falou], São José enganou a serpente, ele agiu astutamente. Ele é o "agente" mais diretamente oposto à serpente.

Restaria, se ainda não o tivéssemos feito, comparar entre si os quartos "instrumentos" da enumeração ambrosiana: a árvore do Paraíso e a da Cruz. Agora conhecemos sua correspondência.

A literatura cristã é rica em meditações de todas as épocas sobre essa comparação entre as duas árvores. Podemos contemplar indefinidamente esses símbolos sem nunca nos cansarmos.

4 - O Mistério da Cruz Brilha

> "Os estandartes do Rei avançam. Aqui resplandece o mistério da Cruz".

A Cruz é o resumo simbólico dos três grandes mistérios da fé, que são: a Santíssima Trindade, a Encarnação e a Redenção. O cristão que traça sobre si o sinal da Cruz o faz pronunciando o nome das Três Pessoas divinas, em uma ordem que se harmoniza perfeitamente com a forma da Cruz latina.

A parte superior da viga vertical, voltada para o céu, corresponde ao Pai Criador, também chamado de Pai Celestial. A parte inferior dessa mesma viga, afundada no solo, corresponde ao Filho Redentor que desceu à Terra. A viga horizontal, situada entre as duas partes da viga vertical e apoiada nelas, corresponde ao Espírito Santo Santificador, que procede do Pai e do Filho. Assim, a Cruz simboliza claramente e simplesmente O MISTÉRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE.

Vamos considerar mais especificamente a viga vertical. Por sua verticalidade mesma, ela simboliza a geração eterna e celestial do Verbo, ou seja, sua FILIAÇÃO DIVINA. Ela marca a origem e a natureza divina do "Filho de Deus". Ela também realiza, uma vez que não há vida senão em Deus, o verdadeiro lignum vitae do jardim do Éden.

Mas a viga vertical simboliza ainda outra coisa, é a DIVINA PATERNIDADE que Nosso Senhor Jesus Cristo exerce sobre o século futuro, conforme a profecia de Isaías:

> "Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, o governo está sobre os Seus ombros, e Ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade (Pai do século futuro), Príncipe da Paz". [Isaías 9:5]

Essa "paternidade" de Jesus não deve nos surpreender. Ela não deixa dúvidas. É mencionada nas ladainhas do Santo Nome de Jesus.

Agora vamos direcionar nossa atenção para a viga horizontal. Observamos o símbolo da igualdade humana que o "Filho do Homem" assumiu. Ela simboliza a FRATERNIDADE HUMANA de Nosso Senhor Jesus Cristo e Sua natureza humana. Já vimos que a viga horizontal, dividida em duas pela viga vertical, possui uma direita e uma esquerda. Portanto, é adequada aos braços de um juiz que recompensa com sua mão direita e condena com sua mão esquerda. Ela realiza mais especificamente o lignum scientiæ boni et mali do Gênesis.

Depois de considerarmos as duas vigas separadamente, olhemos novamente para a Cruz como um todo. Ela simboliza primeiramente a ENCARNACÃO, já que a parte descendente divina se une com a parte horizontal humana.

Mas ela também simboliza a REDENÇÃO, pois foi o instrumento da "elevação" do homem-Deus. Foi quando Ele foi pregado nela que Nosso Senhor começou a ser elevado da terra.

> "Quando Eu for elevado da terra, atrairei todos a Mim".

Este começo de elevação ocorreu na própria Cruz. Portanto, a Cruz não é apenas o caminho da descida do Verbo Encarnado, mas também o caminho da ascensão do homem redimido. É por isso que muitos comentaristas e contemplativos viram, na escada de Jacó, ao longo da qual os anjos subiam e desciam, uma figura da Cruz.

Agora, deixemos de lado a Cruz histórica do Calvário para considerar "o Sinal do Filho do Homem", do qual Jesus mesmo profetizou a aparição nos céus nos últimos dias. Esse sinal não é outro senão a Cruz que marcou Seu ombro, conforme dito em Isaías:

> "O símbolo de Sua autoridade está sobre Seu ombro". [Isaías 9:6].

5 - A Parte Oculta da Cruz

O Divino Mestre providenciou tudo com antecedência para que a sua cruz estivesse de acordo com a postura que ele desejava adotar no momento de sua morte. Desejando estender os braços em cruz, por diversas razões, Ele, em Sua providência, fez com que Seu instrumento de suplício tivesse a forma de uma Cruz. Não foi Ele quem se moldou à Cruz, mas a Cruz que foi moldada a Ele. Podemos dizer, então, que a Cruz é a sombra de Jesus. Ela esquematiza Seu corpo físico e simboliza Seu corpo místico, que é a Igreja. A Cruz é a forma espiritual da Igreja.

A Cruz apresenta uma parte aérea que é visível e uma parte enterrada que não é vista. A parte aérea visível é o coro dos batizados que receberam o sacramento publicamente. A parte enterrada e invisível é o coro daqueles que entrarão no Céu apenas com o batismo de desejo. Somente Deus os conhece; eles formam uma Igreja enterrada em Seu coração.

6 - As Cruzes dos Ladrões

A Cruz histórica de Jesus foi cercada por personagens, circunstâncias e objetos destinados a enriquecer seu significado. Foi assim que outras duas cruzes foram erguidas ao mesmo tempo, uma de cada lado. Elas também estão repletas de ensinamentos.

Já descobrimos um primeiro significado para essas duas cruzes. Elas nos permitiram identificar a viga horizontal da Cruz central, que de fato está dividida em duas metades, uma apontando para o bom e outra para o mau criminoso; assim, ela sozinha reconstitui a árvore do conhecimento do bem e do mal.

Agora vamos descobrir um novo significado para essas duas cruzes. Pois o mesmo objeto material pode simbolizar várias ideias diferentes dependendo do ponto de vista sob o qual é considerado. Essa pluralidade de significados é uma das características da dissertação simbólica.

Primeiro, vamos responder a uma pergunta. Qual foi o lado do bom ladrão? Os textos evangélicos não especificam isso. Os quatro Evangelistas apenas dizem que um dos criminosos estava à direita e o outro à esquerda; mas eles não dizem como estavam distribuídos. No entanto, é tradicional que o bom ladrão estivesse à direita. E de fato há uma conveniência lógica nisso. A direita é, em todos os textos dos dois Testamentos, o lado da eleição divina. É uma questão de fé que Nosso Senhor está sentado à direita do Pai: "está à direita do Pai". Por outro lado, a esquerda é o lado "sinistro". É o lado da reprovação divina.

As posições relativas dos três personagens estando assim determinadas, será mais fácil refletir sobre as verdades religiosas que eles nos ensinam. Observamos imediatamente que os três crucificados eram três filhos de Adão. Todos eles tinham o Primeiro Homem como ancestral comum. "O Filho do Homem" estava, portanto, "entre seus irmãos"; a fraternidade humana, que já era buscada por Ele na Encarnação e que é simbolizada pela viga horizontal, é reafirmada, continuada e confirmada na obra da Redenção.

Agora somos impressionados por outra característica significativa: os dois ladrões são dois irmãos separados, e são separados pela Pessoa de Jesus Cristo, em relação ao qual eles se comportam de maneira diferente. Essa separação constitui a imagem e o prelúdio do juízo final, no qual "Aquele que foi pendurado na árvore" separará as ovelhas dos bodes. A Ele foi dado o poder de separar, de acordo com a sentença contida em São João:

> "O Pai não julga ninguém, mas confiou ao Filho todo o julgamento, para que todos honrem o Filho como honram o Pai" [João 5:22].

Meditamos ainda mais profundamente sobre esse mesmo mistério. Os dois ladrões simbolizam dois "corpos místicos" que também estão separados. Mas isso requer uma explicação. Vimos anteriormente que a Cruz de Nosso Senhor forma como Sua sombra e representa Seu Corpo místico, ou seja, a Igreja. Considerando agora, não mais a Cruz de Jesus, mas apenas a pessoa do bom ladrão, encontramos nele essa mesma Igreja sob uma outra aparência. De fato, naquela mesma noite, ele será o primeiro redimido da Igreja triunfante. Portanto, ele é o símbolo do Corpo místico de Cristo.

Isso é especialmente impressionante quando o comparamos à pessoa do mau ladrão, que, por sua vez, representa o corpo místico do Anticristo. É certo que essa noção de "corpo místico do Anticristo" não é comumente expressa na literatura eclesiástica. Mas, afinal de contas, ela também não está em contradição com "a analogia da fé" e até tem fortes apoios a seu favor. Portanto, o Divino Mestre está na Cruz com Sua Esposa mística à Sua direita e "a Besta" à Sua esquerda.

Continuemos nossa análise simbólica. Os três filhos de Adão, diferentes entre si, sofrem um destino semelhante. Um é o juiz justo, os outros dois são julgados. E os dois julgados são irmãos inimigos. Eles, juntos, representam toda a humanidade. A identidade de seu destino marca visivelmente a universalidade da lei do sacrifício. Nem os bons nem os maus podem escapar dela. Essa grande lei de nossa condição terrestre é simbolizada pelas três cruzes.

7 - O Cenário Simbólico da Paixão

Outros símbolos, alguns vivos, outros materiais, cercavam a Cruz e recebiam dela seu significado como uma iluminação. Eles são de uma riqueza prodigiosa e aqui só podemos fazer uma breve enumeração. A Co-redentora ocupa o lugar principal neste cenário simbólico, pois nela não há pecado original nem pecados atuais. É a pomba que reproduz de forma mais perfeita a inocência do Cordeiro imolado. Ela não sofre a Paixão física, reservada a seu Filho, mas a Paixão mística. Ela também é uma imagem da Igreja e mais do que uma imagem, pois é a Mãe dela.

Nenhum dos personagens que testemunharam a Crucificação teve que sofrer uma morte violenta. Nosso Senhor os protegeu assumindo isso sobre Si. É assim que São João, o único dos Apóstolos presente no Calvário, também é o único que não morreu como mártir. Jesus se substitui ao homem sob os golpes do Rigor de Deus.

O Centurião, que não era judeu mas romano, foi o primeiro a confessar a divindade de Jesus:

> "E o centurião, que estava defronte dele, vendo que expirara assim clamando, disse: 'Verdadeiramente este homem era Filho de Deus'." [Marcos 15:39].

Portanto, o centurião foi o primeiro a responder ao chamado dos gentios.

Entre os instrumentos materiais que participam do cenário simbólico da Cruz, o mais prestigioso é a Coroa de Espinhos. Esta coroa é aquela que Nosso Senhor adquiriu por direito de conquista. Ela se adiciona àquela que Ele já possuía por direito de nascimento em Sua qualidade de "Filho de Davi". A Coroa de Espinhos do Calvário é composta pelas mesmas espinhas que a prevaricação de Adão gerou sobre a terra.

> "A terra produzirá espinhos e cardos..." (Gênesis, III, 18).

Esses antigos espinhos da falta original, Jesus as transformou em uma coroa e em uma realeza.

Os três cravos que fixaram Jesus na Cruz foram figurados pelas três flechas com as quais Joabe matou Absalão, que era precisamente "Filho de Davi", mas um filho rebelde contra seu pai. Portanto, Nosso Senhor recebeu as três setas destinadas a um filho rebelde. Mais uma vez, mesmo

inocente, Ele desempenhou o papel de Absalão, ou seja, de um culpado.

Quanto às Cinco Chagas, duas nos pés, duas nas mãos e uma no coração, também foram figuradas na história de Davi na forma dos cinco seixos com os quais ele se armou para combater Golias. Ele usou apenas um, mas os destinou todos os cinco a ele, se necessário. Jesus recebeu os cinco seixos destinados ao inimigo do povo de Deus, Golias, cujo nome contém todas as letras necessárias para formar a palavra Golgota.

O "Caminho da Cruz" consiste em quatorze estações que os Cristãos meditam incansavelmente e nas quais se pode ver uma profecia da vida da Igreja e das tribulações que ela suporta.

As Sete Palavras pronunciadas por Jesus na Cruz e solenemente relatadas pelos Evangelistas, são por si só carregadas de um significado abundante. Muitos comentários são dedicados a elas. É bom enumerar pelo menos as primeiras palavras: Pai... Perdoa... Hoje... Eli... Tenho sede... Está consumado... Pai, em tuas mãos...

O Precioso Sangue foi chamado assim porque é a moeda, o ouro precioso, que pagou nosso resgate. O Túmulo é aquele de um homem rico, José de Arimatéia, membro do conselho. Ele convém a este outro "homem rico" que acabou de pagar um resgate tão prodigioso. A Manjedoura de Belém, ao contrário, foi a de um pobre, o que condizia com o Menino Jesus assumindo a condição humana após ter desfrutado da condição divina.

8 - O Verdadeiro e o Falso Simbolismo da Cruz

O simbolismo religioso é uma forma particular de raciocínio que nos permite compreender o mundo espiritual ao observar o mundo material. Isso se deve ao fato de o Criador ter estabelecido uma harmonia entre as coisas visíveis e as invisíveis, conforme expresso na profissão de fé cristã: "Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis". O mundo físico é a imagem do mundo espiritual. Esse é o cerne da "dissertação simbólica".

Dentro dessas "coisas invisíveis", devemos incluir não apenas o mundo espiritual (ou seja, dos anjos e das almas), mas também toda a ordem sobrenatural, pois ela também é invisível aos olhos físicos.

A ordem sobrenatural também é conhecida como a ordem da Graça. Mas o que é Graça? É uma ajuda espiritual concedida aos seres humanos para que possam alcançar as finalidades gloriosas para as quais foram destinados, mas que, por diversas razões, não podem alcançar apenas com suas próprias forças naturais.

De onde vem essa ajuda espiritual, misericordiosa e gratuita? Ela é derivada dos Tesouros da Graça, que são os méritos acumulados pela Paixão de Cristo, ou seja, pela Cruz.

Há uma graduação entre os três ordenamentos. O mais inferior é a ordem da natureza, cujo conhecimento deriva do decreto da Criação do nada. Em seguida, vem a ordem sobrenatural, cujo status é resumido pela Cruz. Por fim, no topo das Obras Divinas, está a ordem da Glória, que será definitiva e resultará de outro decreto já anunciado no Apocalipse:

> "E Aquele que estava assentado no trono disse: 'Eis que faço novas todas as coisas'". (Apocalipse XXI - 51).

A Cruz, que governa a ordem da Graça, está, portanto, intermediária entre a natureza e a Glória. É ela que permite que o universo saia do estado natural e alcance seus fins: "O mundo geme e sofre as dores do parto". Assim, a Cruz não é apenas um símbolo que permite aos homens entender o mundo dos espíritos e da Graça, mas também é o instrumento eficaz pelo qual Jesus torna possível o decreto divino de renovação final. A Cruz contém em si o Reino eterno. A Cruz é o instrumento da salvação.

Toda a inteligência da Cruz resulta de sua posição intermediária entre a natureza e a Glória. Portanto, para fornecer uma interpretação correta de seu simbolismo, é necessário primeiro admitir os grandes mistérios e dogmas da Fé cristã, dos quais vimos que ela é um resumo. Não se compreende a Cruz se não se conhecem os mistérios que ela resume.

O SIMBOLISMO METAFÍSICO DA CRUZ, que R. Guénon nos propõe agora, é totalmente diferente. A "cruz metafísica" não é mais o instrumento de dor que opera a transição da natureza para a Glória. Ela se torna um sistema de coordenadas retangulares que fornece a situação recíproca das grandes forças cósmicas e que permite observar a harmonia universal, o que é, de fato, exato, mas é apenas uma pequena parte do verdadeiro simbolismo da Cruz. R. Guénon aceita os dogmas cristãos apenas verbalmente (e mesmo assim) mas não lhes reconhece valor absoluto. Para ele, são apenas formas aproximadas e populares de uma metafísica muito mais vasta e abrangente, metafísica que, segundo ele, é revelada pela iniciação.

Seu deus não é, como o nosso, o Deus Vivo de Abraão, Isaque e Jacó. É um princípio abstrato, uma construção da mente, chamado PRINCÍPIO SUPREMO e definido como o locus geométrico de todas as possibilidades, sejam elas manifestadas ou virtuais. É a esse deus que a "cruz metafísica" conduz, seguindo uma ascensão iniciática.

O universo de Guénon, portanto, está privado da Cruz operativa de Jesus Cristo, e, consequentemente, também privado do último fim que ela proporciona: o Reino dos Céus. Esse universo agora só pode evoluir em eternos recomeços, dos quais o homem só pode escapar pela fusão com um "Princípio Supremo" tanto mais imutável quanto estiver fora da existência.

Veremos em breve por meio de quais mecanismos, aliás muito inteligentes como sempre, e muito habilidosos, Guénon passa da Cruz de Cristo para a cruz metafísica.

CAPÍTULO V - O SIMBOLISMO METAFÍSICO DA CRUZ

O "Simbolismo da Cruz" de René Guénon é um livro que deve ser lido várias vezes para ser plenamente compreendido. Uma leitura superficial não é suficiente para assimilar a demonstração muito elaborada que ele contém. Sem dúvida, o pensamento expresso é lógico e homogêneo, mas a linguagem não é clara. O autor não define claramente as noções constitutivas de seu raciocínio; intencionalmente ou não, ele desfoca seus contornos e os envolve em neblina. Seu estilo é neutro, geral e abstrato. No entanto, ele sabe manter a mente em uma atitude elevada e proporcionar-lhe uma deliciosa vertigem.

Portanto, é compreensível ter sido cativado inicialmente. Mas também é necessário refletir e não seria bom ficar apenas com uma primeira impressão que, na maioria das vezes, é ao mesmo tempo estranha e agradável. Nosso trabalho será dissipar esse embalo e mostrar as finalidades positivamente heterodoxas das teses de Guénon.

1 - A mutação do símbolo cruciforme

No capítulo anterior, resumimos bastante o simbolismo da Cruz cristã, conforme geralmente aceito na Igreja Católica. Hoje, estamos analisando um livro de R. Guénon onde o sentido do símbolo cruciforme é interpretado de maneira completamente diferente.

O livro de René Guénon é intitulado "O Simbolismo da Cruz". Foi publicado em Paris pela Editora Vega em 1931 e teve várias reedições desde então. É o desenvolvimento de uma tese inicial que foi publicada, em uma série de artigos, durante os anos de 1910 e 1911, na revista "A Gnose", revista fundada pelo próprio Guénon. Portanto, trata-se de uma posição já antiga, mas que foi mantida posteriormente e continuou a interessar muitos leitores. É a posição de toda uma escola que ainda a mantém hoje. Portanto, o problema é perfeitamente atual.

O livro é precedido por uma dedicatória muito instrutiva que foi fielmente reproduzida em todas as edições posteriores. Aqui está o texto:

> "Ao venerado Sheikh Abder-Rahman Elish El-Kebir, o iluminado, o rei, o do Magrebe, a quem se deve a primeira ideia deste livro. - Cairo, 1329-1349-H".

Esta dedicação já contém dois elementos interessantes. Primeiramente, observamos que "a primeira ideia deste livro é devida" a um dignitário muçulmano. Pois sabemos, além disso, que este Sheikh Elish é aquele que patrocinou a entrada de Guénon na religião de Maomé; ele é, de certa forma, seu padrinho e catequista no Islã.

Em seguida, notamos, no final da dedicação, duas datas no calendário da Hégira. O que significam? O ano 1329-H corresponde aos anos 1911-1912 da era cristã. Foi precisamente em 1912 que R. Guénon ingressou na religião islâmica, recebendo "a Baraka", ou seja, a bênção do Sheikh Elish. E o ano 1349-H corresponde aos anos 1930-1931 da era cristã. É nesse período, estabelecido definitivamente no Cairo, em terra muçulmana, que R. Guénon escreve e conclui o manuscrito do "Simbolismo da Cruz" na versão definitiva que estamos analisando aqui.

Portanto, não há dúvida de que a doutrina que nos será exposta é a professada entre os muçulmanos. E vemos que R. Guénon não esconde sua fonte de inspiração. Ele a menciona, não apenas em sua dedicação, mas também em suas notas de rodapé. Assim, ele cita este juízo expresso por uma grande figura islâmica: "Se os cristãos têm o sinal da cruz, os muçulmanos têm a doutrina."

A opinião de que os Ocidentais em geral e os Cristãos em particular não compreendem seus próprios símbolos é cara a R. Guénon. Ele a expressa desde seu primeiro trabalho, "Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus". Ele diz:

> "Ver no símbolo tudo o que ele realmente é, e não apenas sua contingência exterior; é necessário saber ir além da letra para libertar o espírito."

> "Ora, é precisamente isso que os ocidentais geralmente não fazem...; a mentalidade ocidental, em sua generalidade, deturpa espontaneamente aqueles que encontra em seu caminho.

> "Tomar o próprio símbolo pelo que ele representa, por incapacidade de elevar-se até sua significação puramente intelectual, é, no fundo, a confusão na qual reside a raiz de toda idolatria, no sentido próprio dessa palavra, no sentido que o islamismo lhe dá de maneira especialmente clara.

> "O símbolo não passa então de uma 'ídolo', ou seja, de uma imagem vã, e sua preservação é apenas 'superstição' pura, enquanto não encontrar alguém cuja compreensão seja capaz de restituir-lhe o que perdeu, ou pelo menos o que ele não contém mais senão no estado de possibilidade latente". (Introdução ao Estudo das Doutrinas Hindus, 2ª parte, capítulo VII).

É exatamente essa a intenção de R. Guénon em relação ao simbolismo da Cruz: restituir-lhe o que teria perdido devido à incapacidade intelectual, à idolatria e à superstição dos "Ocidentais", ou seja, dos católicos. Ele vai proceder à mutação do símbolo cruciforme. Ele vai devolver a ele o significado original que os cristãos teriam feito perder.

Um de seus comentadores mais confiáveis, Robert Amadou, confirma essa vontade de transformação simbólica que anima R. Guénon. Ele se expressa assim no prefácio da edição de 1957 (Edições 10-18) do "Simbolismo da Cruz":

> "Com R. Guénon, que também deseja penetrar no simbolismo da cruz, tudo muda: a perspectiva, o método, as fontes de informação e, ousaria dizer, até mesmo o assunto".

Assim, somos avisados de que vamos interpretar a Cruz de uma maneira que não é cristã. Conhecemos, por outro lado, as disposições de espírito de R. Guénon em relação à nossa religião. Ele quer, frequentemente declara, que suas doutrinas se sobreponham às da Igreja sem se oporem a ela. É por isso que a Cruz cristã será considerada por ele como uma versão particular do símbolo cruciforme universal. Vamos ver precisamente o que essa pretensão vale.

2 - O simbolismo da natureza

A doutrina de que há uma semelhança entre a criação material e a criação espiritual é uma daquelas que a Igreja Católica herdou da Sinagoga dos Judeus. "O que está embaixo é como o que está em cima". A mesma noção também é encontrada em uma expressão cuja origem se perde no horizonte: "O mundo dos corpos é a imagem do mundo dos espíritos". A mais bela dessas formulações é esta: "O céu que vemos é a imagem do céu em que acreditamos".

Há indiscutivelmente uma simetria entre os diversos graus da existência. Por que é assim? O simbolismo da natureza decorre da harmonia que Deus estabelece entre as diversas partes de Suas obras. As obras de Deus se chamam e se recordam. A Igreja Católica é particularmente consciente dessa harmonia, pois a considera uma das provas naturais da existência de Deus. Entre as criaturas, aquela que melhor manifesta a correspondência do que está embaixo com o que está em cima é o homem, criado precisamente à imagem e semelhança de Deus.

No livro que desejamos analisar, R. Guénon aplica esse princípio do simbolismo universal. Ele escreve, por exemplo: "Toda a natureza é o símbolo das realidades transcendentes" (Capítulo IV). Nada é mais exato. E se discordamos dele, certamente não é do princípio em si. Mas é da maneira como ele o aplica.

É uma doutrina perfeitamente correta a do simbolismo da natureza. O universo é de fato um livro que devemos ler. A criação é o símbolo do pensamento do Criador.

Desde a mais remota antiguidade, os homens tentam resumir este imenso símbolo por meio de sinais gráficos simples que esquematizam a harmonia universal, ou seja, a semelhança do que está embaixo com o que está em cima. E a esses sinais também foi dado o mesmo nome de símbolos. Eles reúnem, de fato, um significado "inferior" e um significado "superior", destacando sua harmonia.

Os mais conhecidos desses símbolos gráficos são o Tai-ki dos chineses, que é um disco bicolor associando os dois princípios Yin e Yang, o Selo de Salomão formado por dois triângulos contrários, e a Árvore sefirótica imaginada pelos judeus da Diáspora.

Muitos autores, incluindo R. Guénon, incluem o símbolo cruciforme entre esses gráficos de síntese destinados a resumir tanto Deus quanto o universo. E de fato, não se pode contestar a antiguidade desse símbolo cruciforme. No entanto, também não se pode contestar duas importantes características. Primeiro, sua distribuição é muito dispersa. A cruz pré-cristã não foi monopolizada por nenhuma religião específica e é encontrada em vários países, figurando entre outros

emblemas.

E então, os exemplares que foram descobertos são raros. Três historiadores da antiguidade, R. Christinger, J. Eracle e P. Solier, em um trabalho coletivo, "A Cruz Universal", relatam alguns exemplares na Ásia, no Egito e no México. Mas enfim, não se pode dizer que o símbolo cruciforme tenha sido realmente muito difundido antes do Cristianismo. Essa disseminação e essa raridade demandariam uma interpretação sobre a qual talvez possamos voltar ocasionalmente.

É precisamente este símbolo cruciforme que R. Guénon vai estudar, de forma abstrata e sem atribuir-lhe uma idade. Ele vai examiná-lo sob todos os ângulos e mostrar que este emblema destaca particularmente bem a harmonia que existe entre as camadas inferiores e superiores da hierarquia dos seres. Da nossa parte, observaremos que durante sua análise, Guénon substitui a Cruz histórica de Nosso Senhor por uma cruz dita metafísica, que não é um enriquecimento como ele declara, mas sim um incontestável empobrecimento.

3 - A cruz absoluta

René Guénon vai meditar sobre a cruz para descobrir seu significado profundo. Em uma única figura, ele observa - e com razão - que ela resume dois termos simétricos que são, por um lado, toda a natureza física e, por outro lado, as realidades transcendentes. Vamos examinar sucessivamente cada um dos dois termos do símbolo cruciforme de acordo com a interpretação de Guénon. Primeiro, vamos ver como a cruz representa, segundo ele, toda a natureza física; então, veremos o que ele entende por "realidades transcendentes".

Para representar o universo, ele considera que não podemos nos contentar com a Cruz histórica de Jesus Cristo porque ela é contingente e, sendo uma figura plana, não abarca todas as dimensões do cosmos. É necessário uma cruz "no espaço".

> "O simbolismo das direções do espaço é exatamente aquele que teremos que aplicar no que se segue... A cruz tridimensional constitui, de acordo com a linguagem geométrica, um sistema de coordenadas ao qual todo o espaço pode ser relacionado; e o espaço simbolizará aqui o conjunto de todas as possibilidades, seja de um ser particular, seja da Existência Universal." (Capítulo IV)

Esta é a cruz sobre a qual a meditação de Guénon se concentrará daqui para frente: um sistema de coordenadas tridimensionais. Ele a chama de cruz absoluta, sugerindo assim que a Cruz de Nosso Senhor é uma "cruz relativa", e observando que o símbolo cruciforme transformado dessa forma possui uma compreensão muito mais ampla do que a cruz plana do Cristianismo. Uma compreensão mais ampla não apenas no espaço, mas também no tempo.

De fato, as três dimensões - altura, comprimento e largura - imediatamente dão origem a seis direções: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para frente e para trás. Se, a uma distância igual do centro, marcarmos um ponto esquemático em cada uma dessas três direções, obteremos seis pontos equidistantes de um sétimo ponto central. Os seis pontos representam os seis dias da criação, e o sétimo ponto, no centro, representa o dia de descanso do Criador. Assim, a cruz "no espaço" resume o septenário do tempo, ou seja, a Obra dos Seis Dias completada pelo dia do Sabbat.

Aqui, Guénon não despreza a ajuda de são Clemente de Alexandria, já que ela vai, por enquanto, na mesma direção que a dele:

>

> "De Deus, Coração do universo, partem as extensões indefinidas que se dirigem, uma para cima, outra para baixo, uma para a direita, outra para a esquerda, uma para a frente e outra para trás. Direcionando Seu olhar para essas seis extensões como se fossem sempre um número igual, Deus completa o mundo. Ele é o começo e o fim, o alfa e o ômega; Nele se completam as seis fases do tempo, e é Dele que elas recebem sua extensão indefinida: é o segredo do número sete" (São Clemente de Alexandria).

São Clemente apenas expressa aqui uma verdade cosmológica evidente ao notar que o universo se estende segundo os quatro pontos cardeais complementados pela dimensão vertical. E ele estabelece uma relação entre essa disposição geral do mundo e o pensamento divino. É inegável que encontramos, no universo, uma geometria cruciforme, ou seja, uma geometria tridimensional. Na mente divina, houve "uma ideia de cruz", durante a criação do mundo, conforme estabelecido no espaço e no tempo.

Nesse sentido, a cruz absoluta e metafísica é um bom resumo do universo. Mas ela não nos tira da ordem da natureza. Se a transcende, é mais como uma extensão segundo o mesmo padrão. Ela não a transcende, a estende. Ela não a contém, a perpetua.

Não podemos continuar nossa análise sem observar que agora estamos diante de duas cruzes diferentes: a Cruz simples de Nosso Senhor, que está "no plano", e a chamada cruz "absoluta", que está "no espaço" e pode ser considerada como um múltiplo da cruz simples. Qual das duas é primordial no pensamento divino? A cruz absoluta de R. Guénon ou a cruz simples do Calvário? Qual delas vai simbolizar mais precisamente os três grandes mistérios da Santíssima Trindade, da Encarnação e da Redenção? Qual delas é "o sinal do Filho do Homem"?

A cruz metafísica é capaz de simbolizar o mistério da Santíssima Trindade? Ela não é totalmente inadequada para isso, uma vez que possui três dimensões; no entanto, as posições relativas do Filho e do Espírito Santo não são exatas. Ao contrário, a cruz histórica de Jesus é um símbolo trinitário perfeito. O Pai é representado pelo braço superior. O Filho, que assumiu sua substância da terra, é representado pelo braço inferior, plantado na terra. E o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, é representado pelo braço horizontal, que ocupa precisamente uma posição intermediária. É esse símbolo trinitário, assim perfeitamente realizado, que reproduzimos quando traçamos o Sinal da Cruz.

A cruz metafísica de R. Guénon é capaz de representar o mistério da Encarnação? Ela representa corretamente o espaço e o tempo do universo no qual o Verbo deve descer; também simboliza algumas abstrações metafísicas como, por exemplo, a união dos complementares. Mas sua significância termina aí; ela representa corretamente apenas as coisas da natureza. Porque é uma figura rotativa, sendo fixada apenas arbitrariamente pelas convenções humanas que determinam o norte; portanto, ela permanece como um símbolo giratório, assim como o cata-vento do qual ela tem forma; podemos transformá-la em uma esfera, como veremos em breve; ela continua sendo um símbolo indiferenciado e é por sua plasticidade que R. Guénon a aprecia. Em resumo, a cruz metafísica é um bom resumo da natureza física e de suas extensões filosóficas. Mas não se deve pedir a ela que lembre a ordem da Graça.

Assim que tentamos fazê-la simbolizar a Encarnação, percebemos sua incapacidade: a terra é representada na cruz tridimensional pelo plano horizontal formado pelos pontos cardeais, enquanto o Logos é representado pelo braço vertical da cruz. É a travessia do plano horizontal pela barra vertical que simboliza a Encarnação; o elemento divino é uma linha e o elemento humano é um plano.

A Cruz histórica de Nosso Senhor figura o mistério da Encarnação de uma maneira muito mais simples, homogênea e magistral, pela interseção dos dois únicos ramos: o vertical representa a natureza divina e o horizontal, a natureza humana. Além disso, é a presença do Homem-Deus na Cruz que lhe confere sua orientação. Esta orientação não é mais uma questão de convenções humanas, mas decorre da escolha divina. A Cruz histórica não é um símbolo que pode ser variado à vontade; não é giratória e indiferenciada; apresenta uma frente e um verso, uma direita e uma esquerda, à imagem do Verbo Encarnado. É Ele quem dá sentido a toda a criação, um "sentido" que a cruz absoluta é incapaz de representar.

A cruz metafísica guenoniana é capaz de simbolizar o mistério da Redenção? Basta observar a cruz tridimensional para fazer uma constatação crucial; ela é inadequada para a crucificação. É impossível pregar um crucificado nos ângulos de um gibão desse tipo; é uma disposição que não convém para isso. Para poder fixá-lo na madeira, é necessário primeiro reconstituir uma superfície plana e, portanto, se livrar completamente de uma das duas dimensões horizontais: a parte da frente porque atrapalha a fixação, e a parte de trás porque não tem mais utilidade nem sentido simbólico. Finalmente, reconstituímos a cruz simples e plana do Calvário.

Se, apesar de tudo, quisermos usar a cruz absoluta para realizar um sacrifício redentor, somos obrigados a subjugar a vítima com cordas, seja nos ângulos, seja em um dos ramos. Mas então, estamos realizando uma pendura. Acabam-se as Cinco Chagas, acaba-se o Precioso Sangue.

Poder-se-á objetar que é possível, em última análise, realizar um sacrifício sem derramamento de sangue, uma vez que é a morte da vítima que é oblata e propiciatória. Mas mesmo nessa hipótese extrema, a cruz absoluta não serve. Em qual das quatro forcas vamos pendurar a vítima? Qual delas tem precedência? Para nos livrarmos do dilema, escolheremos a solução de pendurar quatro vítimas, até mesmo devemos dizer, quatro avatares. E se quisermos apenas uma, não precisamos de quatro forcas. Decididamente, a cruz absoluta não quer um Redentor.

Mas o sistema filosófico e religioso de R. Guénon também não precisa de um Redentor. Ele não o inclui, e a cruz absoluta até mesmo o livra de uma preocupação incômoda.

Agora, medimos a distância que separa a Cruz histórica do divino Mestre, simples de forma e rica de significado, da cruz metafísica giratória e indiferenciada de nosso filósofo. Essa distância aumentará ainda mais quando testemunharmos as mutações da cruz absoluta.

4 - O homem universal

Acabamos de ver que a cruz absoluta resume o universo visível. Segundo o princípio geral do simbolismo, ela também deve representar uma realidade transcendente. Essa realidade transcendente, Guénon nos diz, é "O homem universal". Aqui está a definição que ele dá:

> "É o ser total, incondicionado e transcendente em relação a todos os modos particulares e determinados de existência, e até mesmo em relação à Existência pura e simples, ser total que designamos simbolicamente como o homem universal".

Ele ainda dá uma definição mais sucinta:

> "O homem universal é o princípio de toda a manifestação" (cap. II).

Ele observa que essa expressão de Homem Universal é usada especialmente no Islã. Mas a própria noção é encontrada, em várias formas, em outras religiões. Por exemplo, entre os cabalistas da Diáspora, ele é chamado de Adam-Kadmon; nas doutrinas do Extremo Oriente, ele é encontrado como Wang, o rei; entre os cristãos, ele diz, é o logos.

O leitor apressado, que não terá tempo para aprofundar, ficará tranquilizado por esta definição na qual ele pensará reconhecer os traços essenciais do Verbo Encarnado, que de fato é o arquétipo da humanidade. Ele dirá a si mesmo que Guénon não se afasta fundamentalmente do cristianismo. E ele continuará sua leitura sem desconfiança. Ele aceitará uma doutrina que lhe é apresentada com grande habilidade, mas que é, no entanto, muito diferente daquela da Igreja.

O Homem universal, nos diz Guénon, é o princípio da manifestação. Essa essência de todas as coisas, ele também a chama de Eu universal. E ele adiciona que cada homem, tomado individualmente, participa dessa essência universal e possui, portanto, "o Eu" em si mesmo pessoalmente: a essência universal está virtualmente presente no âmago de cada homem e constitui sua personalidade.

> "O Eu é o princípio transcendente e permanente do qual o ser manifestado, o ser humano, por exemplo, é apenas uma modificação transitória e contingente, modificação que de forma alguma pode afetar o princípio." (Cap. 1).

Assim, cada homem é, em seu âmago, uma modificação transitória do princípio transcendente universal. O princípio transcendente está contido no homem apenas de forma virtual. Ele está mascarado e como que incrustado pelos acidentes contingentes da existência manifestada. E são esses acidentes transitórios que constituem o ego individual de cada um: são os detritos existenciais que formam a individualidade humana.

Podemos resumir essa teoria dizendo que a essência universal está presente no Eu pessoal e que apenas o ego individual pertence à manifestação e à existência.

Assim, possuímos a chave da vida espiritual no sistema de Guénon. Consiste em separar o que é essencial no homem, ou seja, o Eu pessoal, do que é acidental, ou seja, o ego individual. Para isso, o homem deve ser capaz de se reduzir a um estado não transitório, a um estado não manifestado. Esse estado é necessariamente extra-individual, pois o que é individual é precisamente contingente e transitório.

A obtenção desse estado não manifestado e extra-individual é chamada de libertação. Também é chamada de realização.

Como se alcança a libertação ou realização? Isso é alcançado através dos processos de meditação e contemplação, que são chamados de vias metafísicas. Essas vias, ou métodos, são chamadas metafísicas porque levam o homem que as pratica a participar da essência universal que é "metafísica", uma vez que está acima da existência física.

Quando ele é "realizado", o homem pessoal se une ao homem universal e se torna um só com ele. Ele não é mais distinguível, pois é o homem universal que estava virtualmente oculto dentro do homem durante seu estado de individualização. A "libertação" ou "realização" apenas despojou o "eu" da casca do "eu" que o envolvia.

Agora, em posse de seu conceito de Homem Universal (uma noção complexa, aliás, pois engloba tanto o tipo quanto os inúmeros espécimes surgidos do tipo), o autor do Simbolismo da Cruz faz uma constatação de natureza arqueológica:

> "A maioria das doutrinas tradicionais simboliza a realização do Homem Universal por um sinal que é em toda parte o mesmo, é o sinal da cruz" (Capítulo III).

De fato, como vimos, podemos admitir a existência de cruzes pré-cristãs em um pequeno número de exemplos. Essas cruzes realmente simbolizavam o Homem Universal na mente dos antigos que as veneravam? Isso é algo a se considerar? Podemos nos perguntar se Guénon não é ele mesmo o inventor dessa interpretação e se ele não aproveitou essa oportunidade para encontrar cruzes religiosas antes da existência do Calvário. De qualquer forma, ele adota a cruz como tendo sido, desde sempre, o símbolo do Homem Universal. Devemos reconhecer, além disso, que certa lógica o apoia, já que o símbolo cruciforme esquematiza, de fato, um homem com os braços estendidos horizontalmente. Como será realizada a incorporação do homem cruciforme com a cruz absoluta? Isso só é possível se o homem que se deseja fazer coincidir com a cruz possuir, como ela, quatro

braços. Este é o caso, precisamente, de certas divindades da Índia. Mas Guénon parece não ter se preocupado com essa dificuldade; ele não a menciona. É verdade que ele raciocina no abstrato. Sua cruz absoluta é abstrata porque é um sistema de coordenadas tridimensionais. Quanto ao seu Homem Universal, ele é transcendente. É fácil para duas nuvens se interpenetrarem. No entanto, devemos notar que Guénon sente a necessidade de associar o homem-tipo com a cruz, que se torna assim o símbolo único representando tanto o universo físico quanto o homem metafísico. A cruz absoluta agora pode ter um segundo nome: cruz metafísica.

No entanto, o homem real não se ajusta facilmente à cruz absoluta. Portanto, não é o homem real que será colocado lá. Para proceder a esta adaptação difícil, em outras palavras, para realizar a crucificação ideal do homem-tipo na cruz do Cosmos, R. Guénon os submete a uma série de metamorfoses que os identificarão.

5 - A linha dos marcos

Antes de testemunhar as metamorfoses da cruz metafísica e do homem universal, devemos esclarecer, na penumbra esotérica no meio da qual avançamos, alguns marcos capitais de nossa religião, para não nos perdermos no caminho.

Primeiramente, recordemos que o Princípio Supremo do guenonismo não é Deus. Certamente, ele apresenta alguns caracteres, como a infinitude e a unidade. Mas é um princípio abstrato e não mais o "Deus Vivo" das Escrituras Sagradas. O Princípio Supremo não é bom, não é criador, nem mesmo existente. Ele é, repitamos, a Possibilidade universal. Certamente, a religião de Guénon inclui um deus criador, mas é um deus "contingente", pois pertence ao domínio da existência; Ele é, portanto, já um ser diferenciado; assim, perde a infinitude e a unidade.

A manifestação não é a criação. O universo dito "manifestado", no sistema guenoniano, surge do Princípio supremo por uma sucessão de emanações automáticas. Enquanto a criação do tipo cristão é realizada por Deus ex nihilo. Deus fez o mundo aparecer onde não havia nada. E, consequentemente, a criação permanece eternamente distinta do Criador; ela pode ser "glorificada" posteriormente, mas nunca será totalmente "divinizada". Pode haver fusão com Deus, mas nunca confusão.

Quanto ao Homem Universal, ele é apresentado como o arquétipo da humanidade. Ele ocupa, na metafísica de R. Guénon, uma posição análoga ao Verbo Encarnado em nossa religião. Mas ele é descrito como andrógino, ou seja, como "homem-mulher". Em um próximo capítulo, estudaremos essa noção de androginia e veremos que ela está muito distante das concepções cristãs tradicionais.

A realização, ou "libertação", não é a "visão beatífica". Na doutrina cristã, a visão beatífica é Deus fazendo Sua morada na alma que se esvaziou de si mesma para receber "o Hóspede divino". A realização metafísica, pelo contrário, seria o florescimento de um princípio transcendente já presente no homem desde o nascimento.

Veremos também que os "fins últimos" são muito diferentes nas duas doutrinas. A teoria dos Ciclos prevê um eterno recomeço, ou seja, uma reconstituição periódica do estado primordial por um mecanismo natural e automático. Ela é, portanto, incompatível com a noção cristã do Reino dos Céus, que é a passagem de toda a criação para um estado novo e definitivo, uma passagem que requer uma intervenção divina excepcional.

Se é necessário manter essas distinções e definições em mente, é porque R. Guénon nunca ataca diretamente os dogmas cristãos, de modo que nunca suscita desconfiança em seus leitores, especialmente os leitores apressados que todos nós somos mais ou menos hoje em dia. Ele parece até mesmo, a princípio, adotar os grandes princípios cristãos, mas é para transformá-los depois sob

o pretexto de lhes dar um sentido mais profundo.

6 - A cruz tornada esfera

Quando um cristão medita sobre a Cruz, a condição essencial que ele deve respeitar é manter o objeto de sua meditação conforme as Escrituras e a Tradição o apresentam. A Cruz histórica é verdadeiramente um dado da Revelação. As mudanças que a imaginação poderia trazer à cena do Calvário levariam a erros na interpretação simbólica. Não há necessidade de transformar o símbolo para compreendê-lo. Pelo contrário, o mistério da Cruz revela sua substância apenas se respeitarmos suas formas materiais.

Por sua vez, R. Guénon tem diante dos olhos, para meditar, uma cruz que ele mesmo compôs. Ele não está obrigado a respeitar sua forma inicial. E como ela não está carregada de relíquias divinas, humanas e históricas, ele é obrigado a transformá-la para extrair todas as combinações e significados dos quais ela é suscetível.

Não é surpreendente que R. Guénon, como o conhecemos agora, tenha buscado o profundo significado da Cruz nas doutrinas da Índia. As três dimensões da cruz absoluta representam, segundo ele, os três Gunas hindus. Qual definição ele dá para os gunas?

O primeiro é sattwa, que denota "a conformidade com a essência pura do Ser". É a luz do conhecimento e também é a tendência ascendente.

O segundo é rajas, que denota "a expansão do ser em um estado determinado", ou seja, o desenvolvimento de suas possibilidades em certo nível de Existência. É a tendência expansiva em todo o plano horizontal. O terceiro é tamas, que denota a escuridão e a ignorância. É a raiz tenebrosa do ser considerado em seus estados inferiores. É a tendência descendente.

Em resumo: rajas representa as duas dimensões do plano horizontal; sattwa é o eixo ascendente e tamas é o eixo descendente.

R. Guénon conclui essa tripla definição escrevendo:

> "Agora podemos ver sem dificuldade a relação de tudo isso com o simbolismo da cruz, seja esse simbolismo considerado do ponto de vista puramente metafísico ou do ponto de vista cosmológico, e seja sua aplicação feita na ordem macrocósmica ou na ordem microcósmica" (Capítulo V).

Observamos imediatamente que ele se contenta em dar à cruz um significado metafísico e um significado cosmológico, mas nem sequer toca no sentido sobrenatural que os cristãos lhe reconhecem. Sua cruz, portanto, é apenas uma extensão ideal da natureza, mas não pertence à

ordem da graça.

Então começa a transformação da cruz metafísica. E esta transformação é inspirada, como se poderia esperar, pelo livro sagrado do hinduísmo: o Veda. O Veda ensina que, no princípio, havia "a indiferenciação primordial". Tudo era "tamas", ou seja, escuridão. Mas então o Supremo Brahma ordenou uma mudança. E tamas assumiu a qualidade (ou seja, a natureza) de "rajas", intermediário entre a escuridão e a luz. E rajas, tendo recebido novamente uma ordem, assumiu a qualidade de "sattwa". Assim diz o livro sagrado da Índia.

Essa conversão primordial dos três gunas, R. Guénon vai representar graficamente:

> "Se considerarmos a cruz tridimensional como traçada a partir do centro de uma esfera, a conversão de tamas (eixo descendente) em rajas (plano horizontal) pode ser representada como descrevendo a metade inferior da esfera, do polo ao equador. E a conversão de rajas em sattwa (eixo ascendente) como descrevendo a metade superior da esfera, do equador ao outro polo" (Capítulo V).

A cruz absoluta, portanto, se converteu em uma esfera pela rotação dos eixos. Agora, cruz e esfera estarão intimamente ligadas no simbolismo de R. Guénon, e não se saberá mais qual engendra a outra. Uma equivalência acabará sendo estabelecida entre cruz e esfera, que apresentarão, em suma, o mesmo significado simbólico.

Acabamos de criar, diante de nossos olhos, um símbolo complexo que associa a cruz e a esfera. Este símbolo terá pelo menos uma forma fixa e claramente definida? De jeito nenhum, ele permanecerá essencialmente uma noção abstrata. E nos é explicado por quê:

> "Para transmitir a ideia de totalidade, a esfera deve ser, além disso, como já dissemos, indefinida, assim como são os eixos que formam a cruz e que são três diâmetros retangulares da esfera" (Capítulo VI). Portanto, vamos construir raciocínios simbólicos sobre uma figura em movimento, pois a esfera está ela mesma em constante expansão indefinida.

> "A esfera, sendo constituída pelo próprio raio de seu centro, nunca se fecha, esse raio sendo indefinido e preenchendo todo o espaço por uma série de ondas concêntricas, cada uma reproduzindo as duas fases de concentração e expansão da vibração inicial" (Capítulo VI).

7 - O aprisionamento da cruz

O simbolismo que será exposto daqui em diante é o da cruz tridimensional cercada pela esfera. Em suma, é um novo emblema que poderíamos chamar de cruz-esfera. Ele não exclui a cruz cristã. Ele a preserva, mas a modifica ao implantar um braço adicional e, principalmente, ao circunscrevê-la em um globo, por mais nebuloso que seja. Ela não tem mais seu simbolismo próprio. Agora ela está aprisionada. Algo ainda vago, a esfera indefinida e expansiva, foi sobreposta suavemente à cruz, sem se opor a ela.

Agora vamos passar da cruz para a esfera, às vezes considerando-os separadamente, às vezes observando-os juntos. O que chama a atenção de R. Guénon quando ele observa sua cruz metafísica é que ela é particularmente apta a simbolizar a união dos complementares. Na filosofia hinduísta que ele sempre tem em mente, existem dois complementares típicos e essenciais dos quais todos os outros são derivados por um processo de degradação. Esses dois princípios complementares são "Purusha" e "Prakriti", que ocupam os dois polos da manifestação. O fator ativo da manifestação é Purusha; também é o elemento masculino. R. Guénon atribui a ele, no simbolismo da cruz metafísica, o eixo vertical. O fator passivo universal é Prakriti, também é o elemento feminino. Ele atribui a ela o plano horizontal. A conclusão é óbvia: a interseção desse eixo com esse plano simboliza a união dos complementares. Não discordamos disso; há uma correspondência totalmente exata aqui.

Mas, por outro lado, o cristão que olha para a cruz cristã percebe que seu simbolismo, nesse aspecto também, é muito mais elevado, pois não apenas expõe uma verdade natural ou mesmo metafísica, mas revela um mistério de ordem sobrenatural; revela uma complementaridade na ordem da graça e até na ordem da glória, pois a cruz representa a união da natureza divina com a natureza humana, enquanto Purusha e Prakriti são apenas generalizações metafísicas. Em suma, a cruz cristã realmente contém um simbolismo metafísico, mas esse simbolismo é superado, aqui como sempre, por seu simbolismo sobrenatural. E é precisamente porque é superado que ele se torna evidentemente secundário e tende a ser esquecido.

No entanto, a ambição de R. Guénon não é de forma alguma revitalizar um simbolismo metafísico da cruz que teria sido esquecido ou negligenciado. É subordinar o simbolismo religioso ao simbolismo metafísico. Consiste em afirmar que o significado religioso da cruz é apenas um caso particular de seu vasto significado metafísico. E é a essa pretensão que o cristão absolutamente não pode concordar.

Observemos, de fato, a cruz absoluta sem levar em conta a esfera envolvente. Qual poderia ser seu significado do ponto de vista cristão? É feita de duas cruzes contrapostas e entrelaçadas uma na outra, de duas cruzes que teriam em comum seus eixos verticais. Se convidamos os cristãos a adotar essa cruz dupla, é porque atribuímos a Jesus Cristo uma das duas cruzes. Mas então a quem atribuímos a outra? Nosso Senhor vai compartilhar o lugar com outro crucificado? E quem é esse

"colega" que não é nomeado? Esse colega não seria "o adversário"? Há um símbolo absolutamente inaceitável para qualquer cristão minimamente perspicaz. Nosso Deus é um "Deus ciumento" que não compartilha Sua glória: "Não darei a Minha glória a outrem". E o cristão também não está disposto a compartilhar sua adoração, especialmente quando não lhe dizem com quem!

Agora consideremos a cruz absoluta dentro de sua esfera. A "cruz-esfera" é um emblema inaceitável para os cristãos, pois o verdadeiro lugar de Cristo não está dentro da esfera, seja a esfera do universo ou a da terra. A Cruz de Cristo deve, sem dúvida alguma, dominar a esfera. "E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim" (João, XII, 32). Essa atração universal é precisamente uma das operações da Graça e uma das características da ordem sobrenatural. A elevação da terra começou no Calvário e foi completada na Ascensão. Ela deve ser claramente evidenciada no autêntico simbolismo da Cruz.

Decididamente, a cruz absoluta, quer a consideremos sozinha ou envolta em sua esfera, não pode simbolizar, para um cristão, senão a vontade de dar a Cristo um lugar secundário, de dominá-lo e até de aprisioná-lo.

8 - A crucificação ideal

Notamos anteriormente que é impossível pregar um homem real na cruz tridimensionalmente. Mas qual é esse atrativo inconsciente em direção ao Cristianismo que secretamente domina suas mentes e leva R. Guénon e seus inspiradores islâmicos e hindus a imaginar um homem ideal, ainda assim, capaz de ser colocado na prestigiosa cruz?

De qualquer forma, as regras do simbolismo o levam a buscar uma "realidade transcendente" que coincida com a cruz-esfera, resumo do cosmos, e a mostrar, por essa coincidência, a harmonia do que está abaixo com o que está acima.

Essa realidade transcendente, ele já nos descreveu, é o Homem Universal. Esse arquétipo, não sendo mais um homem real, torna-se muito mais maleável e mais fácil de integrar à cruz metafísica.

A cruz metafísica é bipolar, como vimos: ela apresenta um eixo ativo e um plano passivo. Mas precisamente, o homem universal também é ao mesmo tempo ativo e passivo. Pois nos é ensinado que ele é andrógino. Ele é necessariamente ao mesmo tempo homem e mulher, já que é universal, portanto absoluto, portanto recapitulativo. E pelo fato de ser andrógino, o Homem Universal também é, simbolicamente, esférico, como nos será explicado.

> "Na totalização do ser, os complementares devem estar em perfeito equilíbrio, sem nenhuma predominância de um sobre o outro. Deve-se notar, além disso, que a esta "andrógine" é geralmente atribuída simbolicamente a forma esférica, que é a menos diferenciada de todas, já que se estende igualmente em todas as direções, e os Pitagóricos a consideravam como a forma mais perfeita e como a figura da totalidade universal" (Cap. VI).

Sendo tanto bipolar (como a cruz absoluta) quanto esférico, o Homem Universal poderá se integrar na cruz esférica e assim realizar a Crucificação Ideal, a "proto-crucificação" metafísica da qual aquela do Calvário será apenas a aplicação em um caso particular. Assim, temos novamente um homem na cruz sem que saibamos ainda muito bem se ele coabita com Nosso Senhor ou se O substitui.

Mas é hora de interromper esses desenvolvimentos, talvez um pouco abstratos. Continuaremos em um próximo capítulo, onde estudaremos essa curiosa noção de androginia, mostrando que ela é totalmente estranha à Tradição Apostólica.

CAPÍTULO VI - O MITO DO ANDRÓGINO OU O DEMÔNIO SUBSTITUÍDO PELO CRISTO

1 - Da cruz ao vórtice esférico universal

Continuamos nossa análise do livro de R. Guénon, «O Simbolismo da Cruz». Onde estávamos? Observamos as mutações que o autor impôs à cruz cristã. Essas mutações lhe permitiram, como vimos, subordinar o significado sobrenatural da cruz a um outro significado que ele declarou mais elevado e ao qual deu o nome de simbolismo metafísico. A cruz redentora tornou-se, assim, para ele, o caso particular de um emblema metafísico considerado mais essencial.

Vimos também que, para obter esse resultado, Guénon começou por adicionar à cruz histórica de Nosso Senhor um terceiro braço que a torna inapta para receber um crucificado e que a transforma em um sistema de coordenadas retangulares em três dimensões. A esse sistema ele dá o nome de cruz absoluta.

Depois, ele procedeu a uma segunda transformação. Ele aumentou o número de raios até o infinito, submergindo assim a cruz inicial em sua própria multiplicação. Finalmente, ele colocou, ao redor desse feixe de raios, uma esfera envolvente. A essa associação da cruz e da esfera, ele dá agora o nome de Vórtice Esférico Universal, que simboliza a existência total.

Mas o vórtice não é uma figura fixa e estável. É um símbolo pulsante, animado por uma ondulação permanente sob o efeito das vibrações do centro. A esfera do vórtice é formada pela propagação, sobre os inúmeros raios, das ondas cuja origem é o centro. Apesar de suas vibrações, no entanto, o centro é chamado, como nas religiões do Extremo Oriente, o Meio Invariável.

Mas então, quem colocaremos no centro do vórtice? Pois é necessário haver uma forma humana ali. O Cristo, antigo ocupante da Cruz, deixou um lugar vazio que permanece impregnado de uma nostalgia incontestável. A esse Cristo que foi destituído, é preciso substituir por uma figura mais geral. Será o Homem Universal, porque, nos garantem, ele é encontrado em todas as religiões. E ele será andrógino para ser mais "total".

Eis então o andrógino destronando o Cristo no centro simbólico do mundo e instalando-se no vórtice em uma crucificação ideal. Mas Guénon vai expor as condições que o andrógino deverá cumprir para ter uma representatividade absolutamente universal. Seu raciocínio vale a pena ser examinado, pois revela o significado profundo que ele atribui ao andrógino.

2 - Uma forma humana no Meio Invariável

Aqui estão, primeiramente, os termos em que R. Guénon define o homem universal:

> "O homem universal, na medida em que é representado pelo conjunto 'Adão-Eva', tem o número de Allah. Esse número, que é 66, é dado pela soma dos valores numéricos das letras que formam os nomes Adam wa Eawa. Segundo o Gênesis hebraico [1], o homem, criado macho e fêmea, ou seja, em um estado andrógino, é 'à imagem de Deus'. O estado andrógino original é o estado humano completo no qual os complementares, em vez de se oporem, se equilibram perfeitamente" (O Simbolismo da Cruz, cap. III).

O homem universal assim definido será simbolicamente colocado no Meio Invariável. É aí, de fato, que o andrógino se coloca logicamente, ou seja, no centro do vórtice esférico universal, que nada mais é do que o antigo centro metamorfoseado da Cruz cristã.

Guénon agora vai elevar suas considerações metafísicas a um novo patamar. Ele vai considerar esse "Meio Invariável" não mais como o centro da humanidade apenas, mas como o centro do universo inteiro, com todos os seres materiais e espirituais que o compõem. Ele constata então que o andrógino, embora represente validamente toda a humanidade por ser bissexuado, não pode representar o universo inteiro.

Para representar adequadamente a totalidade universal, é necessário um símbolo que não seja mais bissexuado, mas completamente assexuado, totalmente neutro. Em toda lógica, seria necessário até mesmo um símbolo absolutamente desprovido de antropomorfismo e geocentrismo. Ouçamos Guénon nos explicar o porquê.

> "Devemos agora insistir em um ponto que, para nós, é de importância capital: é que a concepção tradicional do ser, tal como a expomos aqui, difere essencialmente de todas as concepções antropomórficas e geocêntricas das quais a mentalidade ocidental se liberta com tanta dificuldade... A metafísica pura não pode, de maneira alguma, admitir o antropomorfismo" (O Simbolismo da Cruz, Cap. XXVI).

Ele frequentemente retorna a essa ideia, que é realmente importante em termos de simbolismo:

> "A humanidade, do ponto de vista cósmico, desempenha realmente um papel central em relação ao grau de existência ao qual pertence, mas apenas em relação a esse e, evidentemente, não em relação ao conjunto da Existência universal, na qual esse grau é apenas um entre uma multidão indefinida, sem nada que lhe confira uma situação especial em relação aos outros" (O Simbolismo da Cruz, Cap. XXVIII).

Um símbolo antropomórfico, portanto, não é suficiente, ele pensa, para significar a existência universal em sua totalidade. Nesse ponto do raciocínio, poderíamos esperar ver erigir, como símbolo de totalidade, um ser ou pelo menos uma entidade teórica, que não seria nem antropomórfica, nem geocêntrica e que seria desprovida de qualquer distinção sexual. Ora, os cristãos conhecem precisamente um ser que preenche essas condições e que, portanto, seria notavelmente adequado para preencher esse papel: é Lúcifer.

Não é exatamente esse ser que Guénon vai escolher, ele que é sempre tão lógico na condução de seus raciocínios. Desta vez, ele vai hesitar diante de uma dedução tão extrema e retornará, para desempenhar o papel de símbolo central, a uma entidade antropomórfica, mais especificamente ao andrógino. Ele explica suas razões, mas é surpreendente constatar que elas residem essencialmente em uma conveniência de linguagem.

> "Se todo antropomorfismo é nitidamente antimetafísico e deve ser rigorosamente descartado como tal, um certo antropocentrismo pode, por outro lado, ser considerado legítimo" (O Simbolismo da Cruz, cap. XXVIII).

E esse antropocentrismo, acrescenta Guénon, pode ser considerado legítimo porque, na linguagem corrente, a noção de homem é suscetível de "transposições analógicas". Assim, diz ele, é possível distinguir quatro graus muito diferentes: o homem ordinário ou comum, o homem verdadeiro ou perfeito, o homem transcendente que adquiriu a imortalidade virtual e, finalmente, o Homem Universal que adquiriu a imortalidade real por ter se identificado com o arquétipo.

> "Não pode haver questão de antropocentrismo senão em um sentido restrito e relativo, mas ainda assim suficiente para justificar a transposição analógica que dá lugar à noção de homem e, portanto, à denominação mesmo de Homem Universal" (O Simbolismo da Cruz, cap. XXVIII).

É, portanto, em virtude de uma transposição analógica que Guénon fará com que uma figura de homem, o andrógino, desempenhe o papel simbólico central, embora esse papel esteja, na metafísica pura, acima da condição humana ordinária e comum. Assim, retornamos ao andrógino,

como uma aproximação necessária, para representar, no centro da cruz absoluta que se tornou vórtice esférico, não apenas a humanidade, mas toda a existência universal.

Esse é o Homem Universal, andrógino desencarnado, descrito por R. Guénon. Sua natureza, o cristão compreende bem, é mais angélica do que humana. Seu papel simbólico, no sistema que expomos, situa-se entre o Céu e a Terra, na interseção do plano horizontal da expansão e do eixo vertical da extensão:

> "O Céu e a Terra sendo dois princípios complementares, um ativo e o outro passivo, sua união pode ser representada pela figura do andrógino" (O Simbolismo da Cruz, cap. XXVIII).

3 - O Banquete Platônico

Mais de onde vem então esse famoso andrógino para constituir um símbolo tão importante? É evidente que R. Guénon não descobriu por si mesmo nem a noção nem o nome. Encontramos divindades híbridas nas mitologias mais arcaicas. Assim, os antigos gregos conheciam o personagem de Hermaphrodite, filho de Hermes (Mercúrio) e de Afrodite (Vênus); uma ninfa, que se apaixonou por ele sem esperança, implorou aos deuses para que seus dois corpos se tornassem um só ser; e ela foi atendida. Hermaphrodite é, portanto, o ser misto formado pela fusão do filho de Mercúrio e de uma ninfa.

René Guénon, que aliás foi seguido por toda a escola esotérica moderna, retomou essa ideia de uma divindade híbrida, mas ele lhe dá uma importância que nunca teve, pois ele faz da androginia uma característica semi-cósmica ao mesmo tempo que meio-divina.

Entendemos por escola esotérica essa família espiritual à qual antes da guerra de 39-45 se dava o nome de "movimento ocultista". O movimento ocultista persistiu e hoje está em plena vigência; a doutrina fundamental permanece a mesma, apenas mudou de apresentação, precisamente sob a influência, em grande parte, de R. Guénon. À epíteto esotérico, também seria necessário adicionar outros, pois essa escola é também hermética, gnóstica, alquímica, ao mesmo tempo que vedantista e sufista, e muitas outras coisas ainda. Mas é difícil dizer tudo de uma vez, e nos pareceu que o nome de escola esotérica era o mais adequado para resumir todos esses caracteres.

Os membros dessa perigosa escola de pensamento consideram o andrógino como uma das noções mais constantes que herdaram da "Tradição Universal" ou, pelo menos, do que eles chamam assim. Pois sabemos que a chamada tradição universal difere claramente, em seu conteúdo e em suas modalidades, da Tradição Apostólica, cuja guardiã e mestra é a Igreja.

Quando desejam fornecer provas da antiguidade e seriedade da tradição andrógina, os esoteristas modernos citam o Banquete de Platão. Sabemos que essa obra ilustre relata os discursos pronunciados pelos convivas de um banquete solene (em grego, symposion, e em latim, convivium) oferecido pelo comediante Agaton a seus amigos, para celebrar com eles a coroa de tragédia que acabara de ser concedida a ele. A obra se chama "O Banquete". Sendo Platão o narrador, fala-se do "Banquete de Platão"; mas também se diz "O Banquete de Agaton", pelo nome do anfitrião, na casa do qual ocorreu a recepção.

Foi decidido que os discursos de todos os convivas, neste "jantar-debate", girariam em torno do tema do amor. Cada um o tratou de acordo com suas inclinações: alguns de forma humorística e fantasiosa, outros de maneira profunda e filosófica. Aristófanes, o autor cômico, que estava presente no banquete, tratou do tema do andrógino. Como veremos, ele não hesitou em desencadear o riso.

4 - O Discurso de Aristófanes

"Sim, é minha intenção", começa Aristófanes, "falar em outro sentido... Minha opinião é, de fato, que os homens não têm absolutamente conhecimento do poder do amor... não há deus que seja mais amigo do homem do que ele... Vou me esforçar, então, para revelar a vocês qual é o seu poder; e, em vocês, os outros, por sua vez, encontrarão quem os instrua."

"Mas o que vocês devem aprender em primeiro lugar é qual é a natureza do homem e quais foram suas provações. Pois, de fato, em tempos antigos, nossa natureza não era idêntica ao que vemos que é agora, mas de outro tipo."

"Saibam, em primeiro lugar, que a humanidade compreendia três gêneros e não dois: macho e fêmea, como agora. Não, havia também um terceiro, que combinava os dois anteriores e cujo nome ainda persiste até hoje, embora a coisa tenha desaparecido. Naquele tempo, o Andrógino era um gênero distinto e que, tanto na forma quanto no nome, combinava os dois anteriores, tanto o macho quanto a fêmea. Hoje em dia, pelo contrário, é apenas um nome carregado de ridicularização".

Aqui é geralmente onde os esoteristas modernos interrompem sua citação do "Banquete de Agaton". Este início de citação é suficiente para mostrar que Platão recolheu a tradição androgínica e a transmitiu fielmente. Eles estão certos em parar por aí em sua citação, pois geralmente são partidários da origem e dos objetivos androgínicos do homem, e se continuassem o discurso de Aristófanes, arruinariam a seriedade da tradição na qual se baseiam.

5 - A Bola Andrógina

"Em segundo lugar," continua Aristófanes (conforme transcrito por Platão), "a forma de cada um desses homens era de uma só peça, com as costas redondas e os flancos esféricos. Eles tinham quatro mãos e pernas em número igual ao das mãos. Em seguida, acima de um pescoço de perfeita redondeza, dois rostos absolutamente idênticos entre si; enquanto a cabeça, adjacente a esses dois rostos opostos um ao outro, era única. Eles tinham quatro ouvidos; suas partes vergonhosas em dobro. Todo o resto, enfim, de acordo com o que isso permite imaginar.

"Quanto à sua marcha, ou era em linha reta, como agora, em uma das duas direções que tinham em mente, ou, quando tinham vontade de correr rapidamente, então se assemelhava a esse tipo de pirueta, onde, por uma revolução das pernas que retorna à posição vertical, fazem a cambalhota. Como, naquela época, tinham oito membros para servir de apoio, ao fazer a cambalhota, avançavam rapidamente."

Em seguida, vem um parágrafo onde se percebe que a origem da noção andrógina não se encontra na filosofia recente, mas sim na antiga mitologia politeísta; uma origem antiga que aparentemente não intimidou muito o espírito satírico de Aristófanes.

7 - A Bissecção

"E por que agora os gêneros eram três e assim constituídos? Porque o gênero masculino era originalmente uma prole do sol; o gênero feminino, da terra; e aquele que participa dos dois, uma prole da lua, já que a lua também participa dos dois outros astros. E se eles eram justamente orbiculares (em forma de onda), tanto em sua estrutura quanto em sua marcha, era por causa de sua semelhança com esses pais.

"Eles eram, consequentemente, seres de uma força e vigor prodigiosos. Seu orgulho era imenso: eles até mesmo se voltaram contra os deuses. A história de Ephiate e Otus contada por Homero, suas tentativas de escalar o céu, trata-se dos homens daquela época: eles queriam, de fato, desafiar os deuses". Aristófanes vai agora nos contar sobre a bissecção, ou seja, a divisão em duas metades, de nossos supostos antepassados andróginos. Zeus, ele nos revela, tomou a palavra e disse:

"Se eu não me engano, conheço um meio para que haja homens e, ao mesmo tempo, que estes ponham fim à sua indisciplina, pois terão sido enfraquecidos. Eu, de fato, vou cortar cada um deles ao meio; e assim, ao mesmo tempo em que serão mais fracos, também nos trarão mais, porque seu número terá aumentado. Assim, eles andarão em linha reta sobre suas pernas. Mas se, no entanto, os virmos persistindo em sua arrogância e não quiserem nos deixar em paz, então eu os cortarei novamente ao meio, de modo que daqui em diante avancem com uma única perna, pulando."

8 - As Metades Atraentes

E eis que Aristófanes decide misturar um pouco de filosofia à sua bufonaria; mas é de tal forma que não se sabe onde começa uma e onde termina a outra.

"Nessas circunstâncias", continua ele, "a divisão havia duplicado o ser natural. Então, cada metade suspirando pela sua outra metade, a alcançava. Agarrando-se um ao outro, entrelaçados, se esforçando para se tornarem um só ser, as metades acabavam caindo ambas de exaustão".

Então Aristófanes começa a dissertar sobre as consequências psicológicas atuais dessa origem comum do homem e da mulher. Ele explica, por essa origem andrógina, não apenas o atrativo recíproco natural deles, mas também as inversões patológicas desse atrativo. Aqui está sua explicação: ele relata que as metades do andrógino, assim amputadas e vagando, às vezes se enganavam de parceiro e acabavam, por acaso, não em uma metade complementar, mas em uma metade idêntica. Mas o atrativo era tão grande que elas se agarravam mesmo assim com a mesma energia. Não surpreenderá ninguém dizer que Aristófanes, bordando nesse tema, obtém efeitos de uma hilaridade enorme.

Pode-se, depois disso, afirmar, como fazem a maioria dos esoteristas contemporâneos, que Platão, que é afinal o verdadeiro redator dos discursos de Aristófanes, concordava com a realidade de nossa ascendência andrógina? Tal dedução é totalmente inverossímil, dada a ironia com que ele usa. É mais lógico pensar que Platão se contentou em relatar uma antiga lenda, mas que, no entanto, não acreditava em sua verdade fundamental; e é por isso que ele acabou ridicularizando-a.

9 - O Delírio Sagrado

O antigo mito certamente existiu como uma lenda transmitida. Os escritores da escola esotérica moderna se empenharam em identificar suas várias manifestações. Nas teogonias da antiguidade pagã, eles as descobrem principalmente em três níveis.

Muitas vezes, observam eles, há uma incontestável androginia dentro da própria divindade criadora, pelo menos nas teogonias que apresentam tal divindade. Nas outras; é o agente demiúrgico que exibe características de bissexualidade.

Esses mesmos traços são ainda mais fáceis de identificar nas divindades secundárias, aquelas comumente chamadas de ídolos. Relatamos o caso mais típico, o do filho de Hermes e Afrodite, que foi associado a uma náiade. Da mesma forma, "o panteão do Egito antigo é rico em divindades ambíguas", escreve Jean Libis em seu livro "O Mito do Andrógino" (Berg-International, Paris, 1980).

Quanto às lendas sobre a origem da humanidade, muitas vezes revelam a existência de um antepassado fabuloso e híbrido, quando não toda uma raça primitiva que é andrógina, como no caso do mito registrado por Platão no "Banquete".

Pode-se admitir, de fato, que as religiões antigas elaboraram e transmitiram essa ideia de uma androginia primordial, tanto divina quanto humana, mesmo que essa noção não seja tão antiga e universal como afirmam os representantes da escola esotérica. Vamos aceitar isso em princípio, mesmo que possamos discutir depois a sua antiguidade e universalidade, se necessário.

Resta saber qual é a origem dessa noção. Ela claramente se relaciona com a mesma inspiração que todos os outros mitos pagãos. Mas qual é essa inspiração? Por quem, então, todos esses mitos foram inspirados? Essa é uma pergunta que certamente não é nova. A resposta que a Igreja dava antigamente foi obscurecida sob o efeito das objeções da filosofia profana. Nós tratamos esse assunto no capítulo XXIII de nosso "Resumo de Demonologia", intitulado "Os demônios do paganismo antigo". [2]

Qual é então a resposta da Igreja a essa pergunta? As divindades do paganismo são demônios. O paganismo divinizou os vícios e os adorou. Isso é resumido neste versículo dos Salmos: "Todos os deuses das nações são demônios" (Sl, XCV, 5). Por trás das ídolos, através da boca das Pitonisas e das Sibilas, eram demônios que falavam, proferindo o que era necessário para perpetuar o culto. O delírio sagrado dos adivinhos e das adivinhas é apenas uma forma do que agora chamamos, na terminologia cristã, de "falsa mística".

E o que é a falsa mística? É essa mística híbrida que resulta da colaboração entre a inspiração demoníaca e a imaginação humana. Não há dúvida de que a androginia primordial que aparece nos mitos das teogonias e das cosmogonias das nações pagãs tem sua origem na falsa mística,

aquela que é, em última análise, dirigida pelos demônios.

Isso é ainda mais plausível porque o andrógino, no qual os dois sexos se neutralizam, já possui, por isso mesmo, uma semelhança inicial com a natureza angélica, que precisamente não é feita para a reprodução, e que é ainda, como sabemos, a dos demônios.

10 - As Síziges Gnósticas

O antigo mito, portanto, foi suficientemente vívido para chegar até nós. E ainda assim, sempre encontrou oposição em seu caminho. Isso prova que não foi unanimemente aceito como se diz. A escola esotérica moderna, tão favorável ao antigo andrógino, não discorda disso. Ela até mesmo o destaca, como é o caso especialmente com Jean Libis, cuja obra citamos. Os três adversários geralmente mencionados são: o legalismo, o judaísmo mosaico e a Igreja Católica.

O legalismo da cidade antiga, na Grécia, como em Roma e em todos os lugares, não tinha piedade das infelizes crianças que nasciam com os dois sexos: elas eram executadas. Essa severidade prova que, aos olhos da consciência cívica, o eventual preconceito religioso que poderia favorecer esses "vestígios ancestrais" não pesava muito. O que se via oficialmente na bissexualidade era principalmente uma deformidade e não um resquício sagrado.

O judaísmo mosaico da Sinagoga sempre foi hostil ao andrógino, tanto em Deus quanto em Adão. E os esoteristas nos dão como razão dessa hostilidade que o judaísmo estava sobrecarregado por uma misoginia, ou se preferir, por uma androcracia, que no fundo era apenas uma desvio e uma anomalia passageira. Quando, após a dispersão do povo judeu, dizem eles, uma maior liberdade de pensamento foi recuperada, o andrógino logo reapareceu nos diversos fluxos da mística judaica.

Por fim, a Igreja sempre se mostrou muito desfavorável à noção andrógina. Os representantes da escola esotérica veem a causa disso na misoginia que ela teria herdado da Sinagoga.

Esses foram os três principais inimigos do andrógino. Esses foram aqueles que o combateram. Portanto, é através das vias esotéricas da Gnose que ele sobreviveu, anteriormente e posteriormente ao estabelecimento da Igreja. A antiga lenda assumirá, nos diversos sistemas gnósticos, novas formas. Não podemos descrevê-las todas e tomaremos apenas um exemplo, o da doutrina de Valentin [3].

A teologia de Valentim envolve um sistema de oito divindades primordiais, ao qual ele dá o nome de Ogdoade. Mas esta Ogdoade se reduz a apenas quatro divindades, porque elas são associadas em pares. Vamos pedir a São Ireneu, um dos grandes adversários da gnose, que nos descreva esse sistema: "Eis aqui a Ogdoade primordial, raiz e substância de todas as coisas, que os gnósticos chamam por quatro nomes: Abismo, Inteligência, Logos e Homem. Cada um desses princípios, de fato, é de duplo sexo".

Havia apenas quatro nomes para oito divindades, porque elas estavam em casais. Estas eram as quatro Sízíges valentinianas. A palavra "sízige" significa "casal". O Abismo formava um par com o Silêncio, a Inteligência com a Verdade, o Logos com a Vida. E o Homem tinha a Igreja como esposa.

Os esoteristas modernos ressuscitaram essas quatro sízíges gnósticas, felizes por encontrar esses quatro andróginos, para fazer a conexão com as elaborações "místicas" da Idade Média.

11 - Adam-Kadmon

Se, sob o império da antiga lei, os Doutores da Sinagoga conseguiram afastar da religião judaica essa noção turva e prejudicial do andrógino, o mesmo não aconteceu, após a ruína de Jerusalém, com os Rabinos que organizaram as novas comunidades. Os mitos pagãos, antes mantidos de maneira mais ou menos precária à margem, tornaram-se, entre os contemplativos da Diáspora, verdadeiros temas de meditações místicas. Dois desses temas são inspirados, de perto e de longe, no antigo Hermafrodita. São eles: Adam-Kadmon e a árvore sefirótica.

Adam-Kadmon é o equivalente judaico do "Homem Universal" do Islã. É considerado o arquétipo da humanidade no pensamento divino; muitas vezes é representado como andrógino ou, melhor dizendo, assexuado. Adam-Kadmon é uma entidade teológica; não deve ser confundido com o Adão terrestre descrito no Gênesis por Moisés. Adam-Kadmon é um homem teórico e arquetípico.

Mas o primeiro homem terrestre, também ele, o Adão do Gênesis, é declarado andrógino nos comentários bastante livres que formam a literatura cabalística. Às vezes, Adão e Eva são representados como formando originalmente um único ser, análogo ao andrógino de Aristófanes; às vezes, é apenas Adão que é homem à direita e mulher à esquerda, antes de ser dividido por Deus em duas metades. Em todos esses comentários androgínicos, o texto hebraico do Gênesis é amplamente transgredido e serve apenas para justificar elucubrações sem regra.

O segundo tema cabalístico no qual o andrógino aparece é a árvore sefirótica. Mais do que uma árvore, é um esquema que reúne as famosas Dez Sefirot. No singular, cada Sephira pode ser definida de duas maneiras. Uma Sephira é um número divino criador: Deus teria feito suas obras ao pronunciar certos números cuja mera evocação possuía um poder criativo. Mas uma Sephira também é um atributo divino, mais ou menos personificado.

O gráfico que reúne as dez sefirot apresenta, grosso modo, a forma de uma árvore; daí o nome "árvore sefirótica". Diz-se que as entidades das quais são compostas podem ser divididas em dois grupos: o grupo masculino à direita e o grupo feminino à esquerda.

Assim, a árvore sefirótica é andrógina, tendo um lado masculino e um lado feminino. Em suma, entre os judeus da Diáspora, encontramos a androginia não apenas no ancestral comum dos homens, mas também em Deus, como vimos nos mitos do paganismo.

Seria isso a conservação de um vestígio da antiguidade gentílica, ou seria uma nova elaboração dos contemplativos da cabala? É essa segunda hipótese que é sugerida no livro de Scholem "Os Grandes Correntes da Mística Judaica".

Veremos, em nossa refutação, que o texto do Gênesis de forma alguma obriga a concluir a androginia de Adão. Pelo contrário. Pois, em um próximo capítulo, após completarmos a linha que

conduziu o andrógino até os nossos dias, faremos a crítica deste ponto de vista da ortodoxia cristã e tentaremos determinar de que inspiração esse estranho mito pode ser fruto.

Notas

1. Essa alegação de Guénon é uma mentira; na verdade, o Gênesis (I, 27) diz: "macho e fêmea os criou" (Nota do Editor).
2. Edição Saint-Rémi.
3. Heresiarcas gnóstico do século II d.C.; Nasceu no Egito e ensinou em Roma (Nota do Editor).

CAPÍTULO VII - A IMPOSTURA GUENONIANA: O MITO DO ANDRÓGINO OU O DEMÔNIO SUBSTITUI CRISTO

1 - O Rebis Alquímico

Por qual nome devemos designar o estado híbrido do "homem-mulher", que se diz ser nosso ancestral? Deve-se dizer androgynat, androgynité ou androgynie? Na literatura gnóstica e esotérica contemporânea, encontramos alternadamente essas três denominações. Escolheremos androgynie, por analogia com a palavra já antiga de misoginia que apresenta a mesma desinência.

Os representantes da escola guenoniana se dedicaram a encontrar a linhagem andrógina entre os autores religiosos e principalmente profanos da Idade Média. Eles não tiveram grande dificuldade em encontrá-la lá. Embora totalmente contrária ao espírito realista do Cristianismo, a fábula que nos ocupa perpetuou-se entre pensadores que hoje chamaríamos de marginais e que tiveram, mais ou menos gravemente, conflitos com as autoridades eclesiásticas e reais.

Entre os adeptos e propagadores dessa ideia tão pouco cristã, geralmente se cita Marsilio Ficino, que foi cônego da catedral de Florença, no século XV. Ele era um apaixonado neoplatônico e professava grande admiração pelo conteúdo mítico do "discurso de Aristófanes" no Banquete de Agatão, discurso que ele levava muito a sério. Para ele, não havia dúvida de que existisse uma androgynie arquetípica e que esses seres híbridos, redondos e poderosos, fossem nossos verdadeiros ancestrais.

Que o mito do andrógino também seja encontrado, e com mais razão ainda, entre os alquimistas, não surpreenderá ninguém. No entanto, é preciso saber que o andrógino alquímico apresenta duas características. Em primeiro lugar, ele aparece em formas particularmente enigmáticas e geralmente é necessário saber descobri-lo através de circunlóquios estranhos; isso é de se esperar quando se conhece os hábitos de linguagem tão peculiares desses escritores. E em segundo lugar, ele assume uma natureza não mais teológica, mas cosmológica, pois os alquimistas estão principalmente orientados para a filosofia do cosmos.

Entre os nomes que dão ao seu andrógino, um dos mais frequentes é o de Rebis, literalmente "a coisa dupla". E a coisa dupla é encontrada em toda parte na natureza, porque o cosmos é, para os alquimistas, um imenso andrógino, com sua polaridade masculina e sua polaridade feminina. Essa dupla polaridade se reflete em todos os níveis do universo.

Não podemos seguir aqui, em detalhes, toda a linhagem andrógina entre os hermetistas, alquimistas e rosacruzes da Idade Média. E reconhecemos as evidências de erudição conforme reunidas pela escola esotérica atual, que de fato elucidou muito bem essa filiação clandestina.

Mas, é claro, mesmo aceitando a existência e as modalidades dessa "tradição andrógina", afirmamos que ela não pertence à verdadeira Tradição apostólica da qual a Igreja é guardiã. O andrógino é certamente transmitido por uma tradição, mas não é a autêntica Tradição cristã, à

qual esse mito sempre permaneceu estranho.

2 - O Sapateiro de Görlitz

No início do século XVII, na época em que Henrique IV e Luís XIII reinavam na França, foram publicadas na Alemanha as estranhas visões de Jacob Böhme, o famoso sapateiro de Görlitz, uma pequena cidade prussiana na Silésia, às margens do rio Neisse, aproximadamente equidistante de Leipzig e Breslau.

O "Philosophus teutonicus", como ele foi chamado, expõe em seus escritos os dados místicos com os quais sua natureza exaltada o agraciou. Ele mesmo os considera autênticas revelações divinas, pelo menos é isso que ele diz. Mas, do ponto de vista do cristão, elas indubitavelmente pertencem à categoria da falsa mística.

Segundo as supostas revelações de Jacob Böhme, Adão teria sido originalmente andrógino. Ele possuía, escreve ele, os dois "tintes sexuais", o que lhe conferia a "totalidade humana", ou seja, a plenitude da força orgânica, juntamente com o conhecimento das coisas ocultas. Em seguida, ele teria cometido um erro ao se deixar envolver pelo sono. A punição por esse erro foi sua separação de Eva. Devido a essa mutilação, Adão perdeu sua força física e seu conhecimento místico. Ele se tornou um animal. Por outro lado, Eva, por não ter, como tal, participado do erro de Adão, pôde desempenhar junto a ele o papel de uma companheira reparadora, representando a divina Sophia.

Portanto, para Böhme, o erro precede a separação dos gêneros, enquanto no texto do Gênesis é o oposto: o erro ocorreu quando os gêneros já estavam distintos. Também se observam muitas outras divergências. É evidente que J. Böhme utiliza a Escritura de uma maneira extremamente livre, e nos perguntamos como ele poderia acreditar na autenticidade divina de suas visões.

De qualquer forma, o andrógino faz, com ele, uma nova aparição. Mas não é mais como uma reminiscência de um mito do passado; é como uma nova e atual dada mística.

As "revelações" de J. Böhme transportam a androginia até o seio da Divindade. A escola esotérica moderna o cita com grande seriedade e o "philosophus teutonicus" é considerado um dos grandes doutores da mística universal. Mircea Eliade o menciona em seu "Méphistophélès et l’Androgyne". Ele escreve o seguinte no capítulo II (página 147):

> "Para Böhme, o sono de Adão representa a primeira queda. Adão se separou do mundo divino e 'imaginou-se' submerso na Natureza, e, por esse fato, degradou-se e tornou-se terreno. A aparição dos sexos é uma consequência dessa primeira queda".

Essas mesmas ilusões de clarividência se reproduziram em muitos iluminados dessa época e se perpetuaram até os dias de hoje. Não podemos enumerar aqui toda essa floração de falsa mística. Mencionaremos apenas o caso muito típico de Emanuel Swedenborg.

Ele era filho de um bispo luterano da Suécia. Ele escreveu principalmente na segunda metade do século XVIII, ou seja, mais de um século após J. Böhme. Ele afirma ter desfrutado inúmeras visões de Deus e dos anjos e ter tido conversas intermináveis com eles. Ele publica o relato delas em muitas obras, nas quais todos aqueles que gostam do encanto onírico se regozijam: "Os Segredos Celestes", "Coisas Ouvidas e Vistas no Céu e no Inferno", "A Jerusalém Celeste", "A Ciência Angélica e o Amor Divino", "A Verdadeira Religião Cristã ou a Teologia da Nova Igreja".

Emanuel Swedenborg declara que veio trazer à terra o sentido espiritual das Escrituras até então desconhecido. Entre suas revelações, destaca-se o andrógino, e é por essa razão que o mencionamos aqui. Estamos diante de um novo andrógino, que não é mais tradicional, mas místico desta vez. J. Böhme e E. Swedenborg não herdaram a ideia androgínica de uma tradição anterior. Eles a reinventaram completamente. Ela está presente neles "em estado nativo", para usar a linguagem dos alquimistas. Eles a receberam por revelação direta. E, curiosamente, o novo andrógino "místico" coincide em todos os aspectos com o antigo andrógino "tradicional". Em suma, esses dois visionários se comportaram como os adivinhos da Antiguidade pagã quando revelavam, em nome dos deuses, ou seja, dos demônios ocultos por trás das ídolos, os mitos e as genealogias das divindades do Olimpo. Böhme, Swedenborg e todos os outros nos revelam o mesmo mito porque têm, séculos depois, os mesmos inspiradores, vindos do Poço do Abismo.

3 - Séraphitus - Séraphita

Sabemos da grande influência que as visões de J. Böhme e os livros de E. Swedenborg exerceram sobre a primeira geração dos românticos alemães. Entre os temas que eles emprestaram do "Philosophus teutonicus", podemos destacar o do andrógino. É graças aos românticos alemães que esse mito, ao mesmo tempo antigo e novo, ganhou uma extensão popular.

Aqui apresentaremos apenas um exemplo desses empréstimos, embora haja muitos outros para citar. François Xavier Baader (1765-1841), inicialmente naturalista, tornou-se depois filósofo e lecionou na Universidade de Munique. Seu sistema apresenta uma extraordinária mistura de misticismo e sã crítica. Ao que parece, ele tinha uma inclinação pessoal pelo Catolicismo, desde que estivesse livre do papado, e ele colocava a Igreja Grega muito acima da Igreja Latina.

É evidente que F.-X. Baader tinha elementos para atrair as simpatias da escola esotérica moderna. Jean Libis, no livro "O mito do andrógino", cita dele a seguinte frase, bastante característica de fato:

> "O amor só é verdadeiro se o homem e a mulher não são interiormente nem homem nem mulher."

Uma concepção singular. F.-X. Baader acreditava que nosso esforço na terra deveria ser acelerar a restauração, inevitável aliás, de nossa androginia primordial. Pois começou-se a falar, um pouco por todo lado, de uma androginia escatológica, isto é, da androginia considerada como o último fim do homem: quando chegar a restauração de todas as coisas, os homens se tornarão novamente, como antes da queda, seres híbridos, portanto perfeitos, poderosos e felizes. F.-X. Baader não é o único escritor romântico alemão que foi fascinado pelo andrógino. Jean Libis, que examinou cuidadosamente o assunto, também cita Karl Ritter:

"Os pensadores românticos, mais receptivos do que seus antecessores às solicitações do inconsciente, às vezes sentiram profundamente, sem no entanto procurar teorizar de forma sistemática, a tragédia existencial que transparece na condição sexual do homem. Assim, para Karl Ritter, a diferença dos sexos é a causa de todos os nossos males, de tal forma que apenas a futura vinda do androgino é capaz de abolir nosso infortúnio ontológico." (O Mito do Andrógino, página 223).

Interrompendo aqui os exemplos dos escritores românticos alemães, chegamos a um romance francês de Balzac, intitulado "Séraphita". O herói deste romance é simplesmente um hermafrodita, cujo nome é duplo; ele se chama "Séraphitus-Séraphita".

Quanto à heroína, ela se chama Minna e está apaixonada por Séraphitus, de quem irradia uma beleza transcendente:

"Nenhum tipo conhecido", escreve Balzac, "poderia dar uma imagem dessa figura majestosamente masculina para Minna, mas que, aos olhos de um homem, eclipsaria, por sua graça feminina, as mais belas cabeças devido a Rafael". E Balzac nos faz redescobrir, nos desenvolvimentos que se seguem, que a essência de seu herói é propriamente angelical, daí seu nome "Séraphitus-Séraphita". É, para concluir, um anjo descido à terra; um anjo ou melhor um demônio.

Entre os continuadores franceses deste tema "romântico alemão", não podemos deixar de mencionar Josephin Peladan (falecido em 1918), que se deu o título de "Sâr" e cujas ideias ocultistas e rosacrucianas são conhecidas. Ele escreveu cerca de vinte obras, incluindo um romance intitulado precisamente "O Andrógino". É mais um manifesto ideológico que trata da origem e das finalidades androgínicas do homem.

4 - O Inconsciente Coletivo

A ideia andrógina, proveniente dos recônditos da História, alimentada pelos falsos místicos de todos os tempos e especialmente pelos iluminados que precederam o romantismo, agora será tratada como objeto de estudo por acadêmicos de todas as esferas, que lhe conferirão uma aparência inteiramente científica. Eles aplicarão a este objeto de estudo os métodos mais modernos da arqueologia, da etnologia, da psicologia e das disciplinas da vida.

Não podemos descrever aqui todos os esforços de investigação que foram empreendidos nesse sentido. O mais conhecido desses investigadores é o erudito suíço Carl Gustav Jung, o continuador de Freud. Sua doutrina e seus métodos são bem conhecidos. Ele estuda todos os mitos (incluindo o mito do andrógino entre eles) como expressões da psicologia coletiva. Os mitos são, para ele e sua escola, apenas formulações desse inconsciente coletivo que permeia toda a história humana.

Segundo ele, os mitos expressam, sob formas mais ou menos poéticas ou esquemáticas, as nostalgias passadas, os medos ancestrais, os desejos e as pulsões subterrâneas duradouramente sentidas pela humanidade. O inconsciente coletivo seria o veículo que transportaria, de geração em geração, essas nostalgias, esses medos, esses desejos e essas pulsões.

E qual é a faculdade psicológica que poderá sondar esse fluxo e extrair da reserva assim transportada? É a faculdade mística dos contemplativos. Os contemplativos de todas as épocas, de qualquer religião a que pertençam, quando colocados em contato, por meio dos vários processos de meditação intensa, com o inconsciente coletivo, extraem dele e conseguem formular os temas que esse inconsciente transportou até eles. São essas formulações que constituem os mitos. E esses mitos são sempre os mesmos, indefinidamente reformulados, porque, embora os contemplativos se sucedam e se renovem, o inconsciente coletivo, ele, permanece idêntico a si mesmo.

E assim, de acordo com esses acadêmicos universitários, o inconsciente coletivo é suficiente. Não há necessidade de imaginar, como fazem os cristãos, inspiradores externos ao homem. Não há necessidade de dividir a mística em verdadeira e falsa mística, de acordo com a qualidade do inspirador eventual. Há apenas uma única e mesma mística universal, que não é outra coisa senão o estado em que o contemplativo se encontra, qualquer que seja sua confissão, quando se concentra e deixa o inconsciente coletivo falar nele. O andrógino é precisamente um desses mitos, transmitido sub-repticiamente e expresso periodicamente. Portanto, tem uma origem natural.

Com a origem natural do mito do andrógino agora estabelecida (pelo menos na mente desses autores), uma nova questão surge. Como vamos interpretar o próprio mito? Qual é o seu significado? O que aconteceu historicamente para que o inconsciente coletivo fosse tão fortemente impressionado e para que ele transmitisse um mito andrógino tão distante do estado atual das

coisas?

O mito prova duas coisas, nos dizem os estudiosos esotéricos. Ele prova uma lembrança e ele prova um desejo. Primeiro, prova que a humanidade conserva inconscientemente a lembrança de um estado primitivo de tipo híbrido. E depois, prova que ela sente o desejo de retornar, em um futuro impreciso, a esse estado híbrido para ser aliviada de um desequilíbrio atualmente experimentado.

O cristão que examina essas doutrinas com um olhar crítico também faz uma pergunta. Acabamos de ser provados quanto à existência de um mito e sua antiguidade. Mas devemos concluir que o ancestral andrógino realmente existiu? Pois é muito possível que ele seja (considerando apenas considerações naturais) não uma verdadeira lembrança, mas uma construção imaginativa provocada por um certo desconforto, sem que haja originalmente uma lembrança pré-histórica.

Os esoteristas não respondem claramente a essa pergunta. Eles deixam seus leitores na expectativa. Mas eles não excluem um andrógino pré-histórico e consideram a universalidade e a antiguidade da lenda como uma forte presunção a favor disso. Vimos que o cristão dá a essa universalidade e antiguidade uma explicação completamente diferente. E vamos voltar a isso em nossa conclusão.

Por outro lado, o que os esoteristas afirmam firmemente é a verdade "metafísica" da androginia arquetípica no pensamento divino. Para Mircea Eliade, a androginia ancestral, embora não seja cientificamente demonstrável, é muito provável filosoficamente. Isso ocorre porque é ordenado pela androginia divina, que para ele não deixa dúvidas por uma razão muito simples: ela realiza a harmonia dos contrários.

> "A perfeição, portanto, 'O Ser', consiste essencialmente na unidade-totalidade. Tudo o que 'é por excelência' deve ser total, envolvendo a coincidentia oppositorum em todos os níveis e em todos os contextos... Como a androginia é um sinal distintivo de uma totalidade originária na qual todas as possibilidades estão reunidas, o homem primordial, o ancestral mítico da humanidade, é concebido, em muitas tradições, como andrógino" (Méphistophélès et l'Androgyne, páginas 155 e 160).

Ele é "concebido" como andrógino pela tradição, mas não nos afirmam que ele realmente o foi. Mas o que é andrógino com certeza é o modelo divino em conformidade com o qual o ancestral foi criado.

Quanto à androginia futura da humanidade, no retorno à era dourada, algumas interpretações a envolvem em circunlóquios que demonstram grande maestria linguística. Em outros casos, ela é claramente afirmada e profetizada:

>

> "Assim, Kosta Axelos não hesita em nos dizer que talvez estejamos nos encaminhando para um estado de transsexualidade, sendo o problema, no entanto, saber se estamos nos dirigindo para o estabelecimento do hermafroditismo, portanto, para um estado bi-sexuado, ou para um estado a-sexuado" (citado por Jean Libis em "Le Mythe de l’Androgyne", página 152).

5 - A fascinação hermafrodita

Pode-se dizer que a noção andrógina exerce uma verdadeira fascinação sobre os membros da escola esotérica contemporânea. Tornou-se um dos temas mais constantes de sua doutrina, um dos mais frequentemente encontrados. Então, quais benefícios eles esperam disso? Veremos que são muitos.

Mas vamos primeiro listar alguns dos escritores recentes que estudaram esse mito. Todos o fizeram com um espírito de investigação científica, é claro, pois essa é a moda do dia, mas sem deixar de manifestar sua incontestável adesão.

Os dois pensadores que mais vigorosamente reavivaram a ideia andrógina (um pouco esquecida durante a grande moda das doutrinas transformistas) são René Guénon e Julius Evola. Nenhum dos dois dedicou uma obra exclusivamente a essa questão, mas ambos a abordaram em seus trabalhos em geral. Evola retorna especialmente a ela em dois de seus livros "A Metafísica do Sexo" e "A Tradição Hermética". Quanto a Guénon, ele fala sobre isso em toda a sua obra e especialmente em "O Simbolismo da Cruz", pois coloca o andrógino no centro do "Vórtice Esférico Universal", que, segundo ele, é a forma mais perfeita da cruz.

Guénon e Evola foram seguidos por toda uma escola. Primeiramente, em 1938, destacamos o trabalho de Jean Halley des Fontaines, "La notion d’androgyne dans quelques mythes et quelques rites". Em seguida, temos um livro frequentemente citado, "Hermaphrodites" de Marie Delcourt, publicado pelas Presses Universitaires de France, Paris, em 1958. Depois, em 1962, pela editora Gallimard, na coleção "Idées", o livro de Mircea Eliade, "Méphistophélès et l’androgyne".

"Les Hermaphrodites" de Carris Beaume e G. Busquet, pela J.C. Simoen Éditions, foi publicado em 1978. No mesmo ano, pela editora Aubier, J.H. Maertens publicou "Le corps sexionné"; o título em si já indica claramente as duas ideias de "sexo" e "seção".

Um livro extenso de Jean Libis, muito bem documentado, foi lançado pela Berg-International em 1980, na coleção "L’Ile Verte": "Le mythe de l’androgyne". Ele aborda a questão de forma muito abrangente e, ao mesmo tempo, não esconde sua adesão ao mito. Sua conclusão, muito característica da escola que estamos estudando, merece ser citada:

> "Dessa forma, o andrógino é o alfa e o ômega da história do mundo. E quando a exigência de cientificidade vem desencantar o conteúdo dos mitos, mostrando o caráter precário e caduco de nossas 'explicações', o andrógino, movido por alguma instância poderosa do inconsciente coletivo, se aloja nas construções da literatura, nas produções das artes plásticas. Melhor ainda, ele ressurge no próprio terreno que pretendia reduzi-lo, no terreno da desmistificação; nesse sentido, seu sucesso dentro das teorias psicanalíticas é o sintoma de sua vivacidade".

Muitos outros pensadores dessa mesma escola trataram do andrógino incidentalmente, em obras onde não é o assunto principal. Por exemplo, Mircea Eliade em "Mythes, rêves et Mystères". Outro autor frequentemente citado é A. Nygren, em "Eros et Agapé" (Aubier, Paris, 1952). Não podemos esquecer a documentação sempre precisa de Serge Hutin em "Histoire des Roses-Croix" (Paris, 1955).

Todos os livros relacionados à alquimia contêm seu capítulo sobre o andrógino. Aqueles dedicados à "alquimia operativa" falam do andrógino cósmico e até da pan-androginia universal. E os livros sobre "alquimia espiritual" descrevem longamente a reconstituição do andrógino primordial por meio da contemplação hermética.

A maçonaria, como se pode imaginar, não fica imune à fascinação hermafrodita. É até provável que a estimule e a oriente. Aqui está um trecho da publicação "Points de vue initiatiques" de 1982, n° 44, página 52. O autor apresenta os dois santos João, o Evangelista e o Batista, como formando juntos o andrógino johânico:

> "Leonardo da Vinci nos lembra o caráter solar de São João Evangelista, portador de luz, encarnação do Fogo-princípio e que, unido ao Batista, realiza o andrógino primordial, produto puro da Beleza, nascido da harmoniosa conjunção do divino e do humano, da encarnação divina no humano."

> «E pode-se refletir sobre o significado que Leonardo da Vinci atribuía, como um conhecedor dos arcanos da Cabala, a esse andrógino johânico também encarnado em seu Dionísio e em sua Mona Lisa».

Este trecho da revista maçônica "Points de vue initiatiques" mostra que o andrógino, na mente de seus adeptos, não é de forma alguma uma unidade procriadora; não é um germe; não é uma família virtual; é, ao contrário, um casal deliberadamente estéril; ele alcança seu equilíbrio por meio de autocontemplação. Já encontramos essa esterilidade do andrógino; ela é importante e voltaremos a ela.

6 - A contaminação se espalha

A androginia se espalha até mesmo pela literatura católica. Em "La charité profanée", o Professor Jean Borella adota essa noção e pretende inseri-la no raciocínio teológico. Ele faz o mesmo com a alquimia, a gnose e muitos outros elementos doutrinários que ele empresta da escola esotérica.

Primeiramente, observamos que Jean Borella é favorável à androginia ancestral:

> "A relação pré-existente ao êxtase dos amantes, na verdade, está fundamentada na pré-existência do andrógino primordial, no qual homem e mulher estão unidos no início do mundo" (página 308).

> "Se no 'êxtase' a natureza suspira pela unidade do andrógino, na 'amizade', a natureza suspira pela singularidade da essência 'humanidade' repetida na multiplicidade dos sujeitos individuais" (p. 307).

O mesmo autor também adota a ideia da androginia de Cristo. Ele escreve, em nota nas páginas 310 e 311:

> "A sacralização do êxtase é o casamento; a relação de unidade, de acordo com a estrutura do amor em geral, é assumida por Cristo, em sua função de Andrógino celestial".

O Professor J. Borella até mesmo enuncia uma ideia, expressa bastante raramente, a androginia de Maria:

> "Nesse sentido, a realidade mais profunda do ser mariano não é a natureza feminina, mas além da distinção masculino-feminino" (página 344 em nota).

Finalmente, para o Professor Borella, a vida mística de cada alma consiste na "reconstituição do andrógino primordial", como é dito em toda parte pelos adeptos da mística universal:

> "Segundo a natureza, o êxtase manifesta a polaridade cósmica masculino-feminino, cujo protótipo simbólico é a polaridade do céu e da terra. A energia do êxtase, que atrai os sexos um para o outro, tem seu princípio no desejo de reconstituir o andrógino primordial. Como tal, esse amor não é amor por uma pessoa, mas pela natureza masculina ou feminina" (página 305).

Este trecho deve ser associado ao seguinte:

> "Também em nós mesmos é necessário restaurar o andrógino primordial através da 'metanoia' do 'eu' que se desvia da psique fascinadora e se volta para o sol espiritual" (página 312).

A adesão do Professor J. Borella a esse tema essencial da escola esotérica não deixa absolutamente nenhuma dúvida. Mas ele não é o único. Janine Chanteur publicou recentemente um livro intitulado "Platão, o desejo e a cidade". O Professor Claude Rousseau dedicou a este livro um artigo analítico na "La Pensée Catholique" de março-abril de 1981, nº 191, e neste artigo, ele parabeniza Janine Chanteur por uma passagem que lhe agradou e "onde ela restitui ao mito do andrógino sua sutil verdade, até então imperceptível pelos comentaristas".

Quanto a nós, sobre o andrógino, não falamos de "verdade sutil", mas de sutil erro.

7 - O serpente Ouroboros

O andrógino é frequentemente descrito por seus adeptos com traços tipicamente angelicais, muitas vezes por meio de alusões nebulosas, mas às vezes de forma muito clara. Podemos citar muitos exemplos desse "angelismo". Jean Libis nos fornece dois exemplos. O primeiro é dedicado ao hermafrodita na arte medieval; este parágrafo é longo, eliminamos as partes secundárias para manter apenas as proposições principais, ou seja, o cerne do raciocínio.

Na arte medieval, portanto, para a representação do andrógino:

> "O tema do anjo será o terreno preferido. O anjo reúne certas tendências fundamentais da psique: anulação de qualquer sexualidade distintiva, harmonização dos princípios masculino e feminino, conciliação do poder e da graça. Não há dúvida de que o artista, empenhado na angelologia, tinha em mente a imagem dupla de um espírito autoritário e de uma tendência feminina" (O mito do andrógino, página 155).

O autor observa que a natureza angelical coincide perfeitamente com o estado hermafrodita. Um segundo trecho do mesmo livro é dedicado ao demônio andrógino, também na arte medieval:

> "Uma serpente mordendo o próprio rabo é a figura dessa erótica fechada sobre si mesma sem perda ou borrão. Reconhece-se aqui a imagem antiga da Serpente Ouroboros hermafrodita e símbolo da eternidade" (página 210).

A palavra "ouroboros" significa "aquele que se come".

Se ele é um anjo, o andrógino também é necessariamente estéril: os anjos não se reproduzem. De fato, em nenhum dos trabalhos que citamos anteriormente, se fala da prole do andrógino; ele não é feito para isso; ele não é feito para se dividir em dois e, assim, se tornar produtivo; ele é feito, ao contrário, para permanecer ele mesmo, em vista da contemplação interna e mútua, em vista do êxtase amoroso permanente.

Os romancistas frequentemente falam mais livremente do que os doutrinadores, que pesam suas palavras. O Sr. Tournier escreveu um romance que intitulou "Os Meteoros". Nele, ele opõe um casal misto tradicional, enfrentando as angústias da vida, e um casal formado por dois irmãos gêmeos.

Quando questionado por um jornalista do "Le Monde" sobre seu romance, o Sr. Tournier atribuiu ao seu casal de gêmeos as características do andrógino: "Casal indiscernível", disse ele, "casal identitário, estéril, eterno, inalterável", e J. Libis comentou assim a resposta de Tournier ao jornalista do "Le Monde":

> "No imaginário de Tournier, os gêmeos são um dos avatares da unidade dual, arquetípica, sexualmente autossuficiente, transgredindo assim as leis biológicas da reprodução e, ao mesmo tempo, escapando à obra do Devir. Não estamos longe aqui do sonho dos alquimistas e de seu simbolismo hermafrodita" (página 210).

O andrógino não pode ter descendentes. Se, portanto, nosso ancestral fosse um desses seres híbridos, como ele se reproduziria? No entanto, nenhuma das inúmeras dissertações que se pode ler hoje faz essa pergunta, pois, no fundo, todas elas evoluem no sonho, na "imaginação" e, para dizer a verdade, na fascinação. Escapando a essa fascinação, o cristão sensato não pode deixar de colocar o problema e, ao mesmo tempo, dar-lhe as duas únicas soluções que ele é capaz de receber.

Ou então haveria auto-fecundação do híbrido, mas então por que os animais superiores não são também hermafroditas, já que eles "antecipam" o homem?

Ou seria a hetero-fecundação de um andrógino por outro que resolveria o problema da procriação. Mas então por que eles teriam sido híbridos se deveriam se comportar como se não o fossem?

O cristão sensato logo percebe que a hipótese andrógina acarreta consequências ilógicas e irreais. Irreais, de fato, pois a natureza não nos sugere em absoluto a ideia de uma androginia primordial. Ela nos fornece apenas evidências da distribuição universal dos animais superiores em dois gêneros distintos.

A biologia e a genética em si, apesar de algumas esperanças rapidamente frustradas, não vêm em auxílio do andrógino. E os representantes da escola esotérica invocam-nas apenas com a maior prudência, pois não lhes são favoráveis.

De que pensamento, de que inteligência, então, surgiu tal mito? Temos uma pista, pois a única consequência certa da androginia ancestral, se por acaso tivesse existido, teria sido esta: nunca teria havido o que a Sagrada Escritura chama de a descendência da mulher (semen illius, semen mulieris, Gen., III, 15), pelo motivo muito simples de que não haveria mulher.

Então, quem é a "descendência da mulher"? Os exegetas católicos são unânimes: essa expressão designa principalmente Cristo e secundariamente Maria. Cristo, de fato, é o único personagem da criação que pode ser chamado propriamente de "descendência da mulher", pois segundo a carne, ele tem apenas uma mãe e nenhum pai.

Indubitavelmente, a inteligência que, século após século, rumina em si mesma essa androginia estéril e a sugere aos "adivinhos" de todas as épocas, é a serpente erguida contra a "descendência da mulher" por um ódio implacável. "Se ao menos o primeiro homem tivesse sido andrógino!"

8 - A substituição final

O "Primeiro Adão", aquele do Jardim do Éden, nos é apresentado como um ser híbrido, meio homem, meio mulher. Veremos, em sua refutação, quais dificuldades insuperáveis encontramos nessa afirmação absolutamente infundada. E agora, segundo essa mesma escola esotérica, o que dizer do "Segundo Adão", ou seja, de Nosso Senhor Jesus Cristo? Logicamente, ele também deve ser andrógino, e até mesmo a fortiori, já que ele é o homem perfeito, servindo como modelo para o Primeiro Adão.

Alguns autores, que não são intimidados pelos textos sagrados, afirmam categoricamente: o Nazareno era andrógino. No entanto, aqueles que estão mais conscientes da impossibilidade de tal afirmação se contentam em sugerir que Jesus Cristo escondia em si traços de caráter totalmente femininos e, portanto, era secretamente andrógino.

Mas é evidente que as Escrituras não se prestam a uma exegese desse tipo. Quando mencionam o Verbo Encarnado, sempre O atribuem o gênero masculino. É um Filho que os profetas predisseram: "Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado" (Isaías, IX, 6).

É um Filho que é anunciado a Maria pelo Anjo Gabriel:

> "Você dará à luz um filho e lhe dará o nome de Jesus" (Lucas, I, 30).

E uma última vez, antes de encerrar a Revelação pública, o Apocalipse repete a mesma afirmação: "Então o dragão se posicionou diante da mulher que estava para dar à luz... E ela deu à luz um filho homem (filium masculum)" (Apocalipse, XII, 4-5).

Essa mulher, de acordo com o consenso dos exegetas, é a Mãe do Verbo Encarnado.

Assim, obrigados a reconhecer a masculinidade de Jesus Cristo, os autores esotéricos mais prudentes remontam a androginia até ao pensamento divino. Para eles, o primeiro pensamento divino da Encarnação é o andrógino. É por meio dele que toda a criação externa começou. Cristo e Maria vieram depois, cada um em um gênero definido, como derivados de um único andrógino arquetípico. Assim como Adão e Eva, no Paraíso, provêm, segundo eles, de um mesmo andrógino terrestre, então Cristo e Maria seriam o resultado da "divisão ideal" do arquétipo andrógino celestial.

Jean Libis, em seu livro "O Mito do Andrógino", resumiu todos esses autores afirmando, em sua conclusão:

>

> "Assim, o andrógino é o Alfa e o Ômega da história do mundo" (página 273).

Encontraremos facilmente, nos trabalhos da mesma escola, afirmações nesse mesmo sentido. O arquétipo universal, aquele que é encontrado em tudo, é, nos dizem, o andrógino.

Agora, ultrapassar Cristo, interpor-se entre Deus e Ele, substituir-se a Ele, essa é precisamente a posição que Lúcifer cobiça. Sob o nome de andrógino, ele se atribui essa posição e a faz atribuir por alguns homens.

Não estaremos entre aqueles. Em nossa religião, não há outro arquétipo senão Jesus Cristo. Ele é o "Primogênito de toda a criação". Ele é a "Pedra angular", o "princípio e o fim". Ele mesmo disse de Si mesmo: "Eu sou o Alfa e o Ômega". Não há outro.

Não podemos deixar de aplicar à escola esotérica estas palavras de Santo Atanásio:

> "Qual é a sua loucura ao proferir palavras que não foram ditas e ter pensamentos que são contrários à piedade?"

Em um próximo e último capítulo desta série dedicada ao simbolismo da cruz, mostraremos a incompatibilidade do mito do andrógino com a religião de Nosso Senhor Jesus Cristo.

CAPÍTULO VIII - A REFUTAÇÃO DO ANDRÓGINO

1 - Ele os criou

Os representantes da escola esotérica moderna invocam, em favor da doutrina androgínica, dois tipos de provas: provas autênticas pagãs (sem valor para os cristãos) e supostas provas cristãs (que também não têm valor).

As provas autênticas pagãs não deixam dúvidas. Elas podem não ser tão numerosas e incontestáveis como afirmam seus defensores, mas, enfim, elas existem. A mitologia antiga e a falsa mística de nossa época transmitem incontestavelmente uma certa ideia androgínica, seja ela demiúrgica, ancestral ou escatológica. Nós as examinamos amplamente em nossos artigos anteriores.

As supostas provas cristãs são de dois tipos: primeiro, provas "patrísticas", retiradas, portanto, dos Pais da Igreja; em segundo lugar, provas "escriturísticas", retiradas, portanto, da Sagrada Escritura. As provas que nossos adversários pensam tirar dos Pais da Igreja se reduzem, finalmente, a uma única: a estranha opinião de São Gregório de Nissa. Em seu tratado "Da Formação do Homem", São Gregório emite, sobre Adão, uma série de opiniões que ele recolhe de diversos lugares, que ele não critica suficientemente e que foram reconhecidas como falsas posteriormente. Ele pensa, por exemplo, que, criado à imagem de Deus, Adão foi inicialmente, como Ele, um ser puramente espiritual; na primitiva ideia de Deus, o recrutamento dos homens deveria ocorrer como o dos anjos, por criação individual e não por procriação; e Deus teria criado a geração sexuada apenas porque previa a queda; o primeiro corpo de Adão teria sido desprovido de sexo. Tudo isso, vê-se, não é muito coerente, e nos perguntamos se esta é realmente o verdadeiro pensamento de São Gregório de Nissa.

Exceto por essa exceção, a androginia ancestral não é encontrada na patrologia e nunca foi ensinada na Igreja, nem pela Escola, muito menos pelo Magistério. Os documentos comumente utilizados hoje atestam isso. O "Dictionnaire des Connaissances Religieuses" estabelece o tom no artigo "Adão":

> "Ele os criou homem e mulher, diz o Gênesis. Trata-se de dois seres distintos e não de um único ser que teria sido homem e mulher ao mesmo tempo. Um mito desse tipo, que ocorre em outros lugares, não está na Bíblia." (Volume I, Col. 81).

O "Dictionnaire de Spiritualité" simplesmente afirma a tradição de que Adão foi criado como adulto, capaz de trabalhar e procriar. Ele rejeita a tese de que Adão foi criado como criança e não menciona uma única palavra sobre uma eventual androginia. Nem mesmo menciona a opinião de São Gregório de Nissa, que foi abandonada desde então.

O "Dictionnaire de Théologie" de Vacant et Mangenot não faz absolutamente nenhuma alusão à hipótese androgínica e se contenta em refutar duas opiniões errôneas:

1. A opinião de que nossos primeiros pais teriam sido criados de tamanho gigantesco;
2. Aquela que afirma que originalmente eles teriam sido cegos, baseada no fato de que "seus olhos se abriram" após a queda. Em suma, a hipótese androgínica é absolutamente estranha à Tradição Apostólica e ao ensinamento do Magistério. Vamos agora passar às chamadas "provas escriturais", ou seja, aquelas que são diretamente tiradas do texto das Escrituras. Veremos que todos os trechos que são apresentados por nossos oponentes como provando a androginia de Adão podem muito bem, e até preferencialmente, ser compreendidos no sentido que sempre foi o da Tradição apostólica.

E no entanto, eles os invocam como suas fontes mais sólidas. E ao insistirem com tanta convicção, acabaram por criar uma espécie de má consciência, neste aspecto, até mesmo entre os católicos mais tradicionais, muitos dos quais chegam a se perguntar se a Sagrada Escritura realmente não contém uma vaga ideia androgínica. Portanto, queremos mostrar que não apenas o Gênesis não contém nada que favoreça tal mito, mas também prova de maneira indiscutível que os gêneros masculino e feminino foram distintos desde o início.

Vamos retomar a história da criação de Adão desde o início, para não deixar nada obscuro. O texto do Gênesis primeiro enuncia a decisão divina de produzir, após os animais aquáticos, aéreos e terrestres, uma nova criatura:

> "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gênese, I, 26).

Em seguida, veio a execução desse decreto:

> "E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou" (Gênese, I, 27).

As palavras "homem" e "ele" estão no singular, porque se trata do homem em geral, ou seja, tanto da mulher quanto do homem. A mulher, assim como o homem, é criada à imagem de Deus. A semelhança com Deus é comum a eles. Por isso, o texto diz: Ele o criou. Trata-se da espécie humana como um todo.

Observemos imediatamente que não há menção de qualquer androginia primordial. Se ela realmente tivesse existido, é aqui neste ponto da narrativa que a veríamos aparecer, pois depois só se fala dos gêneros separados.

No entanto, por razões que tentaremos compreender, Adão é inicialmente criado sozinho, masculino mas sozinho. E é precisamente porque Adão é masculino e sozinho (portanto, incapaz de procriar) que Deus toma uma nova decisão:

"Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe uma auxiliadora semelhante a ele" (Gênesis, II, 18). "Non est bonum esse hominem solum; faciamus ei adjutorium simile sibi".

É absolutamente evidente que se, nesta fase da criação, Adão tivesse sido andrógino, Deus teria se expressado de maneira completamente diferente. Ele teria dito algo como: "Não é mais bom que o homem e a mulher permaneçam juntos em um só corpo; separemo-los". Pelo contrário, ele diz Façamos uma ajuda; é a decisão de produzir uma criatura que ainda não existe. "Faciamus". E, portanto, é uma prova de que o homem, como ele ainda é, masculino e sozinho, não está completo, pois ele precisa de uma ajuda. São tantas certezas de que ele não é andrógino.

Quando, após expor os projetos divinos de suscitar um gênero humano, o Escritor Sagrado chega à narrativa da criação propriamente dita do homem, ele só usa o plural:

> "Ele os criou macho e fêmea. E os abençoou e disse: crescei e multiplicai-vos e enchei a terra e sujeitai-a e dominai sobre..." (Gênesis, I, 28).

Todos os pronomes e todos os verbos estão no plural. Deus, muito claramente, está se dirigindo a personagens que desde o início são distintos.

Já estamos certos, a partir desse "primeiro relato" da criação do homem, aquele do capítulo I (Gênese, I, 26-31), de que Adão nunca foi andrógino. E veremos que o "segundo relato", aquele do capítulo V, traz novas evidências na mesma direção.

Mas somos obrigados, ao longo do caminho, a combater também outra ideia, inevitavelmente contida nas teses andrógines. É a ideia de que a separação dos dois gêneros masculino e feminino (separação que, nessas teses, ocorreu em um segundo momento quando a androginia chegou ao fim) é uma malformação essencial, uma "ferida ontológica", conforme sua expressão. Para eles, é essa separação dos gêneros em si que é ruim, e não o uso desregrado que podemos fazer dessa distinção dos gêneros.

Para esses esoteristas, a separação dos gêneros masculino e feminino é patológica. Mas não é apenas, curiosamente, uma malformação acidental, é uma malformação "ontológica", nos é afirmado, ou seja, pertence à nossa essência. Eles expressam essa ideia por meio de formulações extremamente variadas. A distinção dos sexos é, para eles, uma "tragédia existencial", um "tormento ontológico", uma desgraça, um "escândalo ontológico", um "mal-estar irreduzível", uma "angústia fundamental", um "drama da existência". O homem, escreve Jean Libis em seu livro "O mito do andrógino", "é um andrógino cuja unidade se desfez".

Observemos imediatamente que essa noção de malformação essencial não se harmoniza bem com a suposta androginia primordial tão ardentemente defendida em outros lugares. Afirmar a separação essencial dos dois gêneros (por mais desagradável que seja) é ao mesmo tempo negar sua união original em um andrógino. Portanto, já há aqui uma primeira incoerência interna. Mas ela está perdida no espetáculo efervescente das imagens líricas.

E há também uma contradição com o texto sagrado sobre o qual se pretende basear, já que, como acabamos de ver, Deus abençoou o primeiro casal no estado de sujeitos separados: "E Deus os abençoou". Se Ele os abençoou, é porque não havia neles nem malformação, nem tormento, nem tragédia, nem escândalo, nem mal-estar, nem angústia, nem exílio, como gostam de nos dizer.

Conscientes dessa incoerência e contradição, as mentes mais inteligentes entre os esoteristas frequentemente deixam na sombra a androginia positivamente ancestral de Adão, decididamente difícil de sustentar, e a empurram "para cima" da criação terrestre; eles preferem falar de uma androginia celestial; portanto, ela não é mais ancestral, mas arquetípica; quando o logos pensou em uma união com a criatura, sua ideia típica teria sido, nos é dito, o andrógino. Este é o princípio que eles estabelecem.

Mas então perguntamos por que a realização terrena dessa ideia de encarnação andrógina não foi conforme ao princípio cogitado. Unidos no céu no pensamento divino, o homem e a mulher se encontram separados na terra em uma malformação ontológica. Se a separação é ontológica, como ela pode ao mesmo tempo ser uma malformação? Para associar essas duas coisas, é imperativo supor que o Criador (ou o demiurgo, como eles frequentemente dizem) mal realizou seu projeto.

Mais uma vez, nos encontramos diante do mesmo problema: de que inteligência surge então essa ideia do "escândalo ontológico" da separação dos gêneros que ouvimos repetir incessantemente pelos representantes da escola esotérica moderna? O casal humano seria ontologicamente mal feito. O cristão que está um pouco treinado no discernimento dos espíritos reconhece que essa ideia só pode surgir na mente daquele que é homicida desde o princípio. O Nome Deles é Adão.

O Gênesis contém, no início do capítulo V, o que é chamado de segundo relato da criação do homem. Ele confirma integralmente tudo o que acabamos de dizer. Encontramos novamente a semelhança divina comum ao homem e à mulher e também encontramos a distinção dos gêneros:

> "No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez..." (Gênesis, V, 1).

Novamente, trata-se da criação da espécie humana em geral. O singular é usado aqui porque não há motivo para distinguir entre homem e mulher, já que a semelhança divina é comum. Até hoje, e em todas as línguas, frequentemente dizemos "o homem" para nos referirmos indistintamente ao homem e à mulher.

Então veio a distinção dos gêneros. São as mesmas palavras que no primeiro relato:

> "Ele os criou homem e mulher e os abençoou... no dia em que foram criados" (Gênesis, V, 2).

Aqui, encontramos o plural em todos os lugares porque as duas criaturas estão separadas.

No entanto, uma expressão pode causar dificuldade: "...e ele chamou o nome deles de Adão". Literalmente, isso significa: "E ele chamou o nome deles de Adão". Portanto, é o nome de ambos, pois "eorum", mais uma vez, está no plural; ambos têm o mesmo nome. Mas então é surpreendente que o nome de Adão se aplique tanto a um quanto ao outro.

No entanto, observemos o seguinte: Adão não era originalmente um nome próprio, era um nome genérico. Aqui está a definição dada pelo Dicionário de Teologia de Vacant:

> "Adam = nome hebraico que significa homem, como a palavra grega "anthropos" e a palavra latina "homo", mas que se tornou, por apropriação, o nome pessoal daquele que foi o primeiro homem e o pai da humanidade".

Não é surpreendente, portanto, que em hebraico o nome seja único para sujeitos que já são distintos. Quisemos destacar essa particularidade do "segundo relato" da criação do homem porque os defensores do andrógino às vezes o usam como prova de sua tese. Eles argumentam que o nome é o mesmo para afirmar que os dois sujeitos eram um só. Vemos que a linguística, não apenas não impõe tal conclusão, mas até a desaconselha.

2 - Adjutorium Simile

A criação de Eva dá origem, como a de Adão, a uma decisão divina seguida de todo um processo de execução. A decisão divina é formulada assim nas Escrituras: "Faisons lui une aide semblable à lui" (Gênesis 2:18). "Adjutorium" contém uma ideia de dependência e "simile" contém, pelo contrário, uma ideia de semelhança.

Todos os exegetas concordam que essa é a definição da esposa em relação ao homem e também a definição de Maria em relação a Cristo, porque Adão e Eva são figuras antecipadas de Jesus e Maria. A execução do decreto será precedida por um episódio curioso, mas extremamente importante: a parada dos animais diante de Adão, parada que deveria permitir a ele dar nomes a todas as espécies animais. Esta parada dos animais serviu também para outra coisa: Adão pôde assim convencer-se de que não encontraria, entre os animais, essa ajuda semelhante a ele de que ele sentia necessidade, mesmo que fosse para cumprir sua vocação de procriação:

> "Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra" (Gênesis 1:28).

Este episódio preparatório não é favorável à tese androgínica. Citemos primeiro o comentário de Fillion sobre este versículo:

> "Mas ele não encontrou nenhuma ajuda para Adão que fosse semelhante a ele" (Gênesis 2:20).

"É como se pudéssemos ver, comenta Fillion, algo da tristeza que Adam mesmo sentia ao constatar seu isolamento". Não se pode deixar de observar que se, naquele momento, Adão fosse andrógino, ele não teria buscado a ajuda semelhante a ele fora de si e nas raças animais, já que ele teria possuído esse ser semelhante dentro de si.

Então vem a famosa cena do sono de Adão (um estado de letargia extática, aliás, acreditam a maioria dos exegetas), da retirada de sua costela e da formação de Eva, por Deus, com a ajuda dessa costela. Os defensores da androginia de Adão pensam encontrar, nesse trecho, a justificativa essencial de sua tese: "Vocês veem bem", dizem eles, "que se trata apenas da divisão do Adão primitivo e andrógino em duas metades sexualmente diferentes." Veremos que, ao contrário, as circunstâncias da criação de Eva não são de forma alguma favoráveis à interpretação andrógina.

A criação de Eva é o último episódio da Criação do mundo. Somente após a aparição da primeira mulher é que o texto das Escrituras anuncia o fechamento da Obra dos Seis Dias (o Hexameron):

>

> "E houve uma tarde e houve uma manhã; este foi o sexto dia. Assim foram acabados os céus e a terra" (Gênesis 1:31; 2:1).

Além disso, a criação de Eva possui todas as características de uma obra criadora. Eis o texto:

> "Et ædificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adam, in mulierem" Literalmente: "E o Senhor Deus construiu a costela que ele havia retirado de Adão, em mulher" (Gênesis 2:22).

Eva, de fato, não pré-existe em Adão; ela precisa ser "construída"; ela precisa ser formada. Deus realiza essas obras a partir do nada; Ele fez a Criação "do nada"; a costela de Adão é "um nada" do qual Ele cria uma mulher do zero. Somente o poder criativo de Deus é capaz de tal "construção".

Na hipótese androgínica, teria sido completamente diferente. Do que se trataria, afinal? Da separação de dois seres pré-existentes e apenas juntos em um único indivíduo. Não haveria, então, necessidade de retirar uma costela. Não haveria necessidade de "construir" uma mulher, uma vez que, por definição, ela já existiria, unida a Adão. Teria havido "separação", mas não "construção".

É evidente, a partir deste relato muito claro do Gênesis, que Eva foi retirada não de um andrógino no qual ela teria pré-existido e coabitado, mas de um homem no qual ela não existia.

E é precisamente essa origem que os esotéricos não querem admitir, e isso porque eles também não querem admitir a autoridade do marido e do pai de família. Então, eles buscam uma origem igualitária para a mulher e o mito andrógino serve como base para eles, supostamente "baseado nas Escrituras".

E no entanto, a autoridade do marido sobre a esposa, no plano de Deus, não deixa absolutamente nenhuma dúvida. A repreensão e o castigo infligidos a Adão, após a queda, provam que o homem é investido de autoridade e carrega a responsabilidade.

A repreensão, primeiro. Deus disse:

> "Quia audisti vocem uxoris tuæ" "Porque ouviste a voz de tua esposa" (Gênesis 3:17).

Um marido não deve "ouvir a voz de sua esposa", ou seja, obedecer a ela. É certamente difícil manter-se firme; a autoridade não é algo fácil de exercer.

O castigo, então:

>

> "Maledicta terra in opere tue" "Maldita seja a terra por causa de tua ação" (Gênesis 3:17).

É a tua ação (opere tue, a ação de Adão) e não a vossa ação, que motiva a punição; é Adão quem é responsável. Quanto à maldição, ela se estende à terra inteira, sobre o governo da qual a autoridade de Adão também se estendia. Mesmo agora, após tantos milênios, ainda se fala sobre "o pecado de Adão".

A mesma posição relativa do homem e da mulher sempre foi mantida. Na cerimônia de casamento, a Igreja faz o celebrante ler a Epístola de São Paulo aos Efésios:

> "Irmãos, que as mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja. Assim como a Igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres devem estar em tudo sujeitas a seus maridos. E vós, maridos, amai vossas mulheres, assim como Cristo também amou a Igreja e Se entregou por ela" (Efésios 5:22-33).

É esta autoridade que constitui o fundamento da família. E a família é a imagem do reino dos céus. A vida familiar, quando há harmonia, já é um pouco o céu na terra. Quantas vezes Nosso Senhor expressou essa comparação: "O reino dos céus é semelhante a um pai de família que...". E que jugo Cristo impõe à Igreja, Sua esposa: "Meu jugo é suave e Minha carga é leve"!

Os defensores do andrógino não admitem essa doutrina. Eles acusam a Igreja de misoginia, seu suposto ódio às mulheres. Eles até mesmo criticam toda a teologia trinitária por misoginia, argumentando que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são todos personagens masculinos. Isso, dizem eles, é um resquício antigo de androcracia.

É fácil responder a essa acusação de misoginia destacando a veneração dos cristãos por Maria. Ela é honrada com um culto especial ao qual se dá o nome de hiperdulia, para distingui-lo do culto prestado aos santos comuns, que é um simples culto de dulia.

E já que acabamos de revisitar as cenas do Gênesis, observemos as atenções e cuidados que o Criador mostrou para com nossa mãe Eva, "Mãe de todos os viventes" (Gênesis 3:20). Primeiramente, ela não nasceu diretamente da terra bruta; há um intermediário entre ela e a terra, que é seu marido, desempenhando aqui um papel de proteção. Além disso, Adão foi formado fora do Paraíso; ele foi levado para o jardim do Éden após ser tirado da terra: "O Senhor Deus levou o homem e o colocou no jardim" (Gênesis 2:15). Eva, ao contrário, nasceu no próprio Paraíso.

Tudo isso não é um sinal claro de um tratamento privilegiado para a mulher? Foi uma antecipação e anúncio da "plenitude de graça" reservada a Maria. Quem jamais medirá a veneração de Jesus por Sua Mãe: a Paixão física sofrida por Cristo foi poupada a ela; Maria só teve que enfrentar a Paixão mística. É claro que, no plano de Deus, as mulheres não são as mais desfavorecidas.

Quanto à autoridade na família, também é claro que pertence ao esposo e ao pai. Esta é a doutrina correta. Mas nossa época não a suporta mais. E falar dessa maneira na era do homem revoltado é correr o risco de ser um dia repudiado e linchado.

3 - Multiplicabo conceptus tuos

Os defensores do andrógino falam da separação dos gêneros masculino e feminino como uma "malformação ontológica", uma "tragédia existencial", um "drama do exílio". A Igreja também reconhece essa mesma tragédia, mas não lhe atribui a mesma causa e não administra o mesmo remédio.

A tragédia em questão é o desejo descontrolado dos dois gêneros um pelo outro. Os esotéricos acreditam que o descontrole vem da própria separação dos gêneros. Para eles, é essa separação que é anormal. Dizem que ela cria uma tensão; para abolir essa tensão, seria necessário acabar com a separação. A tensão diminuiria a zero em seres híbridos, já que os dois pólos se encontrariam. Esse é o cerne do seu raciocínio.

A Igreja, por outro lado, ensina que a separação dos gêneros é boa, que remonta à origem, e que foi abençoada por Deus. Ensina também que o atrativo mútuo é bom em si mesmo, desde que seja disciplinado e subordinado à missão procriadora.

O que cria a tensão desagradável é a queda do primeiro homem. E toda a doutrina cristã remete ao relato, misterioso certamente, mas esclarecedor, do Gênesis. Logo após o consumo do fruto proibido, Adão e Eva perceberam esse desequilíbrio. Logo veremos por que ele ocorreu primeiro. Eles sentiram a necessidade de fazer cintos porque agora se sentiam privados de uma certa vestimenta espiritual que antes os envolvia.

Então, o que aconteceu? Aconteceram duas coisas, aliás, ligadas entre si. Primeiro, a alma acabara de perder seu domínio sobre o corpo, que se tornara tirânico. Mas também o Espírito Santo ficou triste e se retirou. Ora, é obra do Espírito Santo vestir; reconhece-se a antiga expressão: "O Pai nutre, o Filho sacia e o Espírito Santo veste". Com a retirada do Espírito Santo, a vestimenta espiritual do homem desapareceu. Além dos cintos (perizomata) de origem vegetal feitos espontaneamente pelo homem, Deus acrescentou túnicas (tunicas pelliceas) de pele animal, símbolo dessa disciplina agora necessária e que o Decálogo deveria formular com precisão quando o momento chegasse.

Na repreensão que ele dirige a Eva, Deus lhe anuncia "Multiplicabo conceptus tuos". "Multiplicarei os teus conceitos" (Gên. III, 16). Assim, o atrativo, agora anárquico, dos gêneros um pelo outro, levará a uma proliferação excessiva, poderíamos até dizer patológica.

Para a doutrina eclesiástica, portanto, as causas do descontrole da função procriadora são a retirada de Deus e a inversão das potências que compõem o homem. E o remédio para esse

descontrole, quando pode ser imposto, é a disciplina formulada no Decálogo.

É interessante questionar por que o desequilíbrio resultante da queda afetou prioritariamente a função procriadora. Por que essa em particular e não outra função? A razão mais plausível é esta: entre as faculdades humanas, essa função é a que mais necessita da tutela divina, porque é a função que prolonga o poder criativo de Deus. Quando a tutela divina se tornou mais distante, devido ao entristecimento de Deus, foi a função procriadora que foi mais gravemente e primeiro perturbada.

Os adeptos da androginia perdida raciocinam de forma completamente diferente. Atribuem ao "drama do exílio" uma causa completamente diferente e propõem uma solução completamente diferente. Para eles, o desequilíbrio é ontológico, ou seja, depende do nosso ser, e, portanto, o remédio também é ontológico, ou seja, só pode ocorrer quando houver uma mudança em nosso ser. O equilíbrio será restabelecido pela reconstituição do andrógino primordial. Portanto, não é neste mundo que tal reconstituição pode ocorrer. Consequentemente, é adiada para o futuro, quando haverá a reconstituição total do universo. Enquanto isso, um alívio temporário é prometido àqueles que conseguirem reconstituir o andrógino primordial em si mesmos e em espírito, ou seja, agir espiritualmente como andróginos.

Assim, uma verdadeira mística andrógina foi constituída. Ela vai desde os exercícios do "amor cortês" herdados dos "tribunais de amor" da Idade Média até as práticas tântricas mais sofisticadas. Para compreender esse tipo de mística, seria necessário ter tempo para explicar os métodos pelos quais se pode fazer a "kundalini" subir da região lombar à região cervical, pois esse é, em última análise, o objetivo dessas supostas místicas.

Os defensores da mística andrógina acusam a Igreja de pudicícia. Dizem que ela desvia o olhar da questão sexual e, por isso, fracassou totalmente em resolver essa questão. A sexualidade, eles proclamam, saiu da mente de Deus. Certamente, podemos responder. Mas o que não saiu da mente de Deus foi a perversão e a anarquia da sexualidade; estas, pelo contrário, surgiram da mente do demônio.

Quanto à mística andrógina, veremos um dia se ela terá sucesso e em que terá sucesso, onde a Igreja, aparentemente, falhou.

4 - Caro de Carne Mea

Os defensores do andrógino sempre buscaram evidências de sua tese na Escritura Sagrada, tanto para sustentá-la com argumentos que não derivassem do paganismo quanto para mostrar que a Igreja era fundamentalmente andrógina, embora não a proclamasse abertamente. As palavras proferidas por Adão quando ele avistou pela primeira vez a companheira que Deus acabara de trazer a ele lhes fornecem, eles estimam, um motivo de triunfo. Vamos ver o que isso significa.

Então Adão disse:

> "Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne. Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada" (Gên. 2:23).

"Você vê," dizem nossos oponentes, "Eva é o resultado de uma extração e de uma partilha da mesma carne; portanto, Adão era andrógino como nós afirmamos."

É fácil responder a eles. Certamente, Eva foi extraída de Adão em termos de sua substância. Mas essa extração de uma parcela de substância foi complementada por uma edificação (ædificavit), ou seja, por uma transformação, como vimos que faz parte do grande processo da Criação. Eva não pré-existia em Adão, como exigiria a tese andrógina; ela teve que ser moldada, criada. Portanto, não houve simples bipartição, simples separação de dois seres justapostos.

O sentido literal das palavras de Adão é perfeitamente compreensível sem recorrer a explicações andróginas. Por que ele lança sua famosa exclamação: "Osso dos meus ossos e carne da minha carne"? É simplesmente porque ele finalmente encontra o que procurou em vão durante o desfile dos animais. Nenhuma fêmea animal era osso dos seus ossos e carne da sua carne, e portanto nenhuma era adequada para se tornar sua "ajuda", especialmente na função procriadora.

Desta vez, ele tem diante dele uma companheira que é de sua própria espécie. Eis como L.-CI. Fillion comenta as palavras de Adão:

> "O tom é todo alegre e a linguagem poética, em contraste com o desfile dos animais. Ele sabe que Eva é aliada a ele por meio de uma parentesco muito próximo e tira daí o nome genérico que ela terá".

Não há necessidade, para explicar as palavras de Adão, de imaginar uma androginia primitiva.

Então, que "nome genérico" Adão dá à sua esposa? Ele a chama de "virago", porque, diz ele, ela foi tirada do homem. "Virago", de fato, pode ser interpretado como a contração de "viri-imago", ou seja, imagem de homem. Eva é feita da substância de Adão, mas também é feita à sua imagem. Ela é seu equivalente, sua cópia e seu reflexo. Ela realiza a semelhança desejada por Deus: "Faremos uma ajuda semelhante a ele".

Em vez de "virago", uma antiga tradução latina do Gênesis trazia "vira", que é a forma feminina de "vir", reproduzindo assim a simetria que existe no texto hebraico entre "isch" (homem) e "ischah" (mulher). Uma antiga tradução francesa traduzia "vira" por hommesse, para usar, por imitação do latim e do hebraico, uma forma feminina de homem (o texto grego dos Setenta é menos claro, pois traz "andros" para homem e "guné" para mulher, mas essas duas palavras não têm semelhança entre si).

Em todas essas correspondências, "vir-vira", "vir-virago", "isch-ischah", "homem-hommesse", encontramos uma ideia de simetria, de reflexo e de imagem, mas não encontramos as noções de pré-existência e de bipartição, como seria necessário para sugerir a androginia. Mais uma vez, portanto, Eva foi tirada de um Adão-homem e não de um Adão-andrógino.

5 - Duo in Carne Una

Chegamos agora à última tentativa dos androginistas e veremos que ela está destinada ao mesmo fracasso. Eles se agarram, uma última vez, ao famoso verso que todo mundo conhece de cor:

> "Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá (adha erebit) à sua esposa (uxori) e serão os dois em uma só carne". "E erunt duo in carne una" (Gen., II, 24).

Eles pegam a expressão "duo in carne una" para lhe dar, desta vez, um sentido literal que não lhe convém. "Dois em uma só carne", essa é de fato a definição do andrógino, dizem eles. O casal humano, e mais precisamente o ato de se unir, reconstituem o andrógino adâmico.

Há aqui um erro muito grosseiro de interpretação. Nunca tal exegese foi aceita ou mesmo expressa na Igreja. O sentido literal aqui é completamente ininteligível, como vamos mostrar. É por causa de seu casamento que os cônjuges agora possuirão a mesma carne (erunt duo in carne una)? Diremos que eles têm o mesmo corpo? Claro que não, pois os dois corpos permanecem separados. Diremos então que os dois corpos são feitos da mesma substância carnal? Essa comunidade de substância não é específica dos cônjuges, pois ela se encontra em dois seres humanos escolhidos ao acaso.

Portanto, estamos nos desviando se procuramos aqui o sentido literal. É evidente que o vínculo que une os cônjuges não é o da unidade de substância. Se o texto fala de uma só carne, é por outra razão. A compreensão deste trecho do Gênesis é dada no Evangelho. Vamos reproduzi-lo na íntegra porque é muito importante.

Os fariseus se aproximam de Jesus e lhe fazem esta pergunta

> "É permitido a um homem repudiar sua esposa por qualquer motivo? Jesus respondeu-lhes: 'Não lestes que aquele que os criou, desde o princípio, os fez homem e mulher e disse: Por isso deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne? Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe.'" (Mateus, XIX, 3-6)

Nosso Senhor compara os laços que unem os cônjuges com os laços particularmente indissolúveis que uniam Adão e Eva. Os cônjuges encontram-se espiritualmente na situação recíproca em que Adão e Eva se encontravam fisicamente. Não se pode separar espiritualmente os cônjuges mais do

que se poderia dissociar fisicamente nossos primeiros pais, que tinham o privilégio único, nunca reproduzido desde então, de possuir uma carne única.

Se Nosso Senhor evoca o exemplo de Adão e Eva, não é para sugerir que os cônjuges adquiram, em virtude do seu casamento, uma substância carnal única que não teriam possuído anteriormente, é para dar uma imagem da força e da indissolubilidade do laço que os une. É, aliás, a conclusão da resposta que ele dá aos fariseus.

Se insistimos, é porque estamos tocando no ponto sensível que é o mais atacado pelos andróginos. Há, neste texto, uma comparação entre dois estados análogos: o estado físico do primeiro casal humano e o estado espiritual de todos os outros casais. Os dois termos desta comparação são separados na Gênesis pelo advérbio "quamobrem" e no Evangelho por "propter hoc". Estas palavras, que significam "em razão de..., por causa de..." fazem a charnière entre os dois termos da analogia e seu significado desenvolvido é o seguinte:

> «Devido ao estado no qual o primeiro homem e a primeira mulher foram criados».

O comentário de L.-Cl. Fillion nos convencerá definitivamente:

> «Todas as outras relações, todos os outros vínculos, mesmo os mais íntimos, cederão às relações e aos laços estabelecidos pelo casamento. A coesão criada por essa força é a maior possível... Conclusão final de Jesus: que o homem se abstenha de romper pela divórcio a unidade tão estreita que Deus Ele mesmo estabeleceu entre os dois primeiros cônjuges».

Assim, esta mesma expressão bíblica «duo in carne una» é interpretada pela Igreja como significando a indissoluabilidade espiritual do casamento e pelos andróginos como a reconstrução física do andrógino adâmico. Essa reconstrução é o elemento introdutório de um certo caminho místico que leva às práticas mais sofisticadas do ioga, tântrico ou outro.

6 - Avançar mais além não é permitido

Acreditamos ter mostrado que os argumentos a favor da androginia de Adão não têm valor algum. Agora é necessário examinar aqueles que a mesma escola esotérica ainda avança em relação a uma pretendida androginia arquetípica, sediada no próprio seio da Divindade. Os doutrinários desta escola estimam que, de duas coisas uma, ou bem Cristo seria ele mesmo andrógino como sendo o modelo de Adão, ou bem existiria um demiurgo andrógino, mais primitivo e mais essencial na mente divina, do qual Cristo e Sua Mãe não seriam mais do que os produtos da bipartição.

Reduzamos, portanto, nossas ambições e vejamos apenas de que maneira os esoteristas estabelecem seu raciocínio. Eles o baseiam em uma constatação inicial que é correta, ou seja, que no casal humano, o homem provém de um pensamento divino de justiça e a mulher de um pensamento divino de misericórdia. E de fato, não há nada a dizer sobre isso. Mas eles vão tirar desta constatação correta consequências que já não o serão.

O arquétipo universal, dizem eles, deve reunir, associar e harmonizar a justiça e a misericórdia que são os dois grandes atributos divinos. Portanto, para eles, o arquétipo universal não pode ser senão andrógino, reunindo assim a justiça e a misericórdia, o princípio masculino e o princípio feminino.

Existem duas contradições ali, cuja refutação completa nos levaria a longas considerações teológicas, porque elas introduzem perturbações nas relações entre o Criador e a criatura. Digamos apenas, para nos resumir, que o andrógino arquetípico substitui a hierarquia normal do Criador e da criatura por uma relação de igualdade. O elemento masculino, de fato, representa o Criador, e o elemento feminino, a criatura. Mas no seio de um andrógino, não existe qualquer precedência, qualquer prioridade cronológica, do primeiro sobre o segundo, e portanto nenhuma hierarquia entre o representante do Criador e o da criatura. Assim se pode resumir a principal perturbação teológica introduzida pela androginia arquetípica. Mas ela ainda provoca outras e tudo isso nos levaria muito longe.

A escola esotérica, que também podemos chamar de escola gnóstica, está, mais uma vez, em contradição com a doutrina da Igreja, a qual ensina que o arquétipo universal é o Cristo, a Palavra Encarnada, e que o Cristo não é andrógino: «Um filho nos nasceu; um Filho nos foi dado». Não há outro nome que Jesus pelo qual possamos ser salvos.

Aqui toca-se no dedo a diferença essencial entre o pensamento cristão e o pensamento gnóstico. O pensamento cristão medita a Revelação que lhe foi dada, mas não vai além; quando se depara com um mistério, contempla-o sem tentar penetrá-lo. Tal é a postura realista.

O pensamento gnóstico é guiado por uma intenção de conhecimento a todo custo, não admite ser limitado pelo mistério, quer entender até mesmo o que está acima das forças da razão humana; então, quando a Revelação não fornece explicações, ele as inventa conforme o "próprio espírito", quando não se deixa inspirar pelo "mau espírito", o que acontece frequentemente.

E aqui é o que ela faz. A escola gnóstica atual vê muito exatamente que o homem é resultado de um pensamento divino de justiça e a mulher de um pensamento divino de misericórdia, mas então ela prolonga essa constatação exata com uma invenção explicativa: associa esses dois pensamentos divinos para criar um andrógino arquetípico, apesar das idiotices e sacrilégios aos quais conduz tal mito. Porque, afinal, aqui está uma entidade, um fantasma que vem se interpôr entre o Cristo e Deus e ocupar precisamente o lugar que Lúcifer ambiciona.

Vamos agora raciocinar como cristãos. A coexistência da justiça e da misericórdia é obviamente muito misteriosa, pois, de certa forma, elas se opõem. Na Santíssima Trindade, há a distinção das pessoas e a unidade da substância: o Pai é distinto do Filho e do Espírito Santo, mas o Pai não é "algo diferente" do Filho e do Espírito Santo, como afirma vigorosamente São Atanásio em seu símbolo. Em Deus, tudo é simples. Há o atributo da justiça e o atributo da misericórdia. Mas a justiça não é algo diferente da misericórdia. Estes são mistérios que devemos apenas contemplar, sem inventar um andrógino sob o pretexto de torná-los inteligíveis.

Pio IX, em sua allocução "Singulari quidem" de 9 de dezembro de 1854, trata justamente desta questão dos relacionamentos entre a justiça e a misericórdia:

> «Longe de mim, veneráveis irmãos, que nos atrevamos a colocar limites à misericórdia de Deus, que é infinita; longe de nós que queiramos sondar os conselhos e julgamentos ocultos de Deus, abismos imensos onde a mente do homem não pode penetrar... Quando, livres das restrições físicas, vermos Deus como Ele é, compreenderemos qual elo estreito e belo une em Deus a misericórdia e a justiça. Agora que estamos nesta moradia terrena, acreditem firmemente, segundo a doutrina católica, que há um Deus, uma Fé, um batismo; ir além em nossas pesquisas não é mais permitido».

Estas palavras de Pio IX contêm mais verdadeira sabedoria, mais cultura religiosa, mais experiência sobrenatural do que todas as grotescas e blasfemas invenções da gnose, antiga e moderna.

Terminamos nossa série de cinco capítulos sobre o tema do simbolismo da Cruz. O primeiro estava reservado para o significado sobrenatural da Cruz do Calvário.

O segundo apresentava o simbolismo metafísico que R. Guénon dá à Cruz, após sofrer transformações que a desfiguram completamente.

Depois, fomos levados a dedicar dois capítulos ao mito do andrógino porque R. Guénon, tendo excluído Cristo da cruz metafísica, nele faz figurar o homem universal que descreve como

andrógino; o estudo deste mito nos pareceu necessário para explicar o verdadeiro sentido do simbolismo metafísico da cruz. O último capítulo está reservado, para encerrar, à refutação de um mito que é absolutamente estranho à Tradição apostólica.

Não há outro arquétipo além de nosso Senhor Jesus Cristo.

> «Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele todas as coisas foram criadas, as que estão nos céus e as que estão na terra... Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem nele. Ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja, ele que é o início... Pois agradou ao Pai que toda a plenitude habitasse nele... Digo isto para que ninguém vos seduza com argumentos persuasivos» (Col. I, 15-19 e II, 4).

ESOTERISMO E CRISTIANISMO EM TORNO DE RENÉ GUÉNON

por Marie-France JAMES
(Novas Edições Latinos, 1981)

Esoterismo e Cristianismo em torno de René Guénon

O trabalho de Marie-France James pertence àquelas ferramentas de formação cujo estudo é necessário. Ele descreve um dos perigos mais temidos hoje em dia, que é o progresso sorrateiro do esoterismo gnóstico e oriental. Essa doutrina esotérica é professada por equipes de acadêmicos de alto valor cuja erudição podemos admirar, mas cujos julgamentos não devemos adotar. A preparação dessas equipes, atualmente em plena atividade, remonta à época de R. Guénon.

É precisamente a história dessa preparação que M.F. James retoma. Ela o faz com uma incrível minúcia que confere ao seu trabalho um grande valor documental. Encontramos nele, sobre o passado gnóstico e maçônico de Guénon, detalhes que não são encontrados em nenhum outro lugar. As informações que ela publica abrangem desde o início do último século até os dias mais recentes. No entanto, seu livro foi publicado em 1981. Portanto, nada está desatualizado ou inútil neste trabalho. Muitos trechos são resultado de uma investigação pessoal junto aos interessados.

Este livro não é difícil de ler, pois contém, em grande número, notas pitorescas e psicológicas que dão vida e até mesmo agitação aos personagens. No entanto, as questões doutrinárias aqui debatidas são ainda assim sutis e exigem certa atenção. Portanto, este trabalho é dirigido principalmente a executivos, redatores de artigos, homens reflexivos, pessoas consultadas que precisam julgar e entender bem o que está acontecendo invisivelmente. Para eles, é verdadeiramente uma obra fundamental que um dia precisarão possuir, assim como é necessário possuir "Integralismo e Catolicismo Integral" de Ponlat, apesar de alguns julgamentos contestáveis.

Marie-France JAMES expõe as vicissitudes de uma batalha filosófica e religiosa de importância capital: a de R. Guénon contra a ortodoxia cristã, durante os anos que antecederam e seguiram a Primeira Guerra Mundial. Ela estuda principalmente, nesse confronto espiritual, dois teatros de operações. O primeiro é a tentativa de penetração da metafísica oriental dentro da teologia tomista. O segundo é a inoculação do temível "fermento de malícia" que constitui o esoterismo cristão.

René Guénon esperava convencer os neo-tomistas da época, liderados por Jacques Maritain, a adotar sua metafísica vedantista. E uma vez que essa metafísica fosse aceita, todo o resto de sua doutrina teria "passado" muito facilmente. Mas Maritain, inicialmente cortês, logo percebeu a armadilha e se opôs a Guénon de forma tão perspicaz quanto a de Tomás de Aquino. E certamente não foi o único; mas deixemos aos leitores de M.F. James a surpresa de descobrir os outros.

Quanto ao esoterismo cristão, essa úlcera que está corroendo as bases da Religião, não foi inventado por R. Guénon; é uma ideia muito antiga da maçonaria. Mas ele soube dar a ela uma

singular sedução. Também aqui houve cristãos vigilantes e instruídos, especialmente na revista "La R.I.S.S." de Monsenhor Jouin, para desmontar o sistema guenoniano e recusar-se a aceitá-lo. Será lido com interesse os grandes momentos dessa batalha e a descrição das personalidades coloridas que nela se enfrentaram.

René Guénon não se contentava em expor sua metafísica vedantista e seu esoterismo universal; ele também havia declarado guerra não apenas a todo o conjunto do materialismo moderno, mas também a algumas formas mais ou menos charlatãs do espiritualismo contemporâneo, em particular ao teosofismo de Madame Blavatsky e ao espiritismo de Alan Kardec. E suas declarações, apresentadas por ele com um talento magistral, é preciso reconhecer, lhe valeram muitos amigos entre os católicos de tendência tradicional que lutavam contra esses mesmos inimigos materialistas, teosofistas e espíritas. A tríplice crítica de Guénon provocou aplausos quase unânimes. Os mais entusiasmados desses aplausos foram os de Léon Daudet na Action Française.

Mais nem todos foram seduzidos pelas justas críticas guenonianas. Marie-France James cita abundantemente passagens escritas por eruditos religiosos de todos os ordens, especialmente dominicanos e jesuítas, para os quais a parte crítica da doutrina de Guénon não poderia servir de pretexto para a adoção de todo o seu orientalismo. Falando dessas críticas feitas ao mundo moderno, o Reverendo Padre Bernard Allo conclui: "tudo isso não deve ser suficiente para os católicos o considerarem um aliado; nossa ingenuidade tem limites".

Será lido com interesse a história da colaboração de Guénon na revista "Regnabit" do Reverendo Padre Anizan e na "Sociedade para o Radiante Intelectual do Sagrado Coração". Apesar de sua obstinação, apesar de seus sucessos iniciais, apesar das fiéis amizades estabelecidas, ele nunca conseguirá realmente penetrar nos círculos católicos. E se, em 1930, ele parte para o Egito, é em grande parte porque falhou na França nesse trabalho de penetração. Ele sente que o momento não é oportuno.

Estabelecido no Cairo, cercado de muçulmanos, ele observa de longe seus amigos europeus, reunidos em torno da revista "Les Études Traditionnelles". Eles tomam o tempo para educar uma elite formada em suas doutrinas. Guénon morreu em 1951, há mais de 30 anos. Hoje, essa elite, que tanto lhe faltou em vida, tornou-se operacional e está voltando para atacar uma Igreja agora desmobilizada e desmoralizada pelo Concílio. É hora de nós nos instruirmos e estudarmos a documentação oferecida por Marie-France James.

Toda a parte central de seu livro milita no sentido da INCOMPATIBILIDADE da doutrina guenoniana com o cristianismo. Pelo menos é isso que ela expressa com perseverança na grande maioria de seus desenvolvimentos. E essa é a opinião que se obtém de seu livro quando não se lê nem a introdução nem a conclusão.

No entanto, a introdução de Jacques-Albert Cuttat e a conclusão de Marie-France James claramente têm como objetivo levar o leitor a modificar esse julgamento de incompatibilidade.

Jacques-Albert Cuttat não esconde que é discípulo de René Guénon. Mas ele pretende trazer, à doutrina do Mestre, um corretivo que a torne aceitável pelos católicos. Bastaria, como já faz outro guenoniano, Frithjof Schuon, personalizar um pouco mais o Deus metafísico e abstrato do

vedantismo para fazê-lo entrar, de qualquer maneira, na construção teológica cristã. Com essa adaptação, Jacques-Albert Cuttat faz René Guénon ressurgir entre os tradicionalistas com uma nova força. E ele conclui sua introdução escrevendo:

> "Mas esse passado pouco cristão não deve ocultar o fato de que Guénon é um dos raros gênios espirituais do nosso século. Isso significa que desejo a ele muitos leitores. O trabalho de Mademoiselle James certamente contribuirá para isso."

E quatrocentas páginas adiante, em sua conclusão, Mademoiselle James mesma conduz seu leitor de volta à doutrina de seu prefaciador. Ela escreve:

> "Jacques-Albert Cuttat busca sugerir a ideia, o projeto de uma 'convergência' que aparece sob os traços de uma 'síntese assomptiva' envolvendo de ambos os lados uma 'recapitulação por superação in Christo'... É assim que Jacques-Albert Cuttat, em consonância com o espírito do Vaticano II, convida os cristãos de hoje a se envolverem em uma abordagem de síntese assomptiva, ou seja, a prefigurar em si mesmos, a partir de um nível de profundidade o mais próximo possível do do Oriental, a mudança interna esperada dele".

Do livro de Marie-France James, portanto, destacaremos toda a parte DOCUMENTAL, que é considerável, pois prova o que ainda era muito discutido, ou seja, "esse passado gnóstico e maçônico de Guénon". Mas recusaremos o convite à "síntese assomptiva" proposta por Jacques-Albert Cuttat, porque, em última análise, constitui uma séria poluição para a nossa Santa Religião, à qual não podemos consentir.

A OPERAÇÃO ANGLO-TRIDENTINA

O projeto Anglo-Tridentino dos padres Barthe-Lorans-Cacqueray explicado e apoiado por um Anglicano.

Terça-feira, 5 de dezembro de 2006

Artigo original: Virgo Maria

- INTRODUÇÃO
- 1 - O JULGAMENTO INFALÍVEL DO PAPA LEÃO XIII SOBRE A SEITA ANGLICANA E SUAS ORDENS INVÁLIDAS
- 2 - O "PRIMAZ" DO TAC, JOHN HEPWORTH, O "DOM FELLAY" ANGLICANO, CONFIRMA SUA NEGOCIAÇÃO COM RATZINGER PARA A CRIAÇÃO DE UMA "IGREJA CATÓLICA DE RITO ANGLICANO" NA IGREJA CONCILIAR
- 3 - AS CONVERGÊNCIAS DO REVERENDO CHADWICK E DOS PADRES BARTHE, LORANS E DE CACQUERAY NO PROJETO RATZINGUERIANO
  - INDRODUÇÃO
  - 3.1 - A CONSERVAÇÃO BARTIANA DO VATICANO II E O ABANDONO ANGLICANO DAS « CRISPATIONS »
  - 3.2 - O « SUPERAMENTO INCLUSIVO » BARTIANO DOS DEBATES DOUTRINÁRIOS LEVANTADOS PELO VATICANO II E A REJEIÇÃO ANGLICANA DA « POLÊMICA INTEGRISTA »
  - 3.3 - O « TRADITIONALISMO ESCLARECIDO » DE RATZINGER SEGUNDO BARTHE DECIFRADO PELA « SUTILEZA » ANGLICANA
  - 3.4 - UM «ECUMENISMO» BARTENIANO DO «MUNDO TRADICIONAL» DESDOBRADO DO MODELO HISTÓRICO DA «REFORMA DA REFORMA»

ANGLICANA OPERADA PELOS TRACTARIANOS NO SÉCULO XIX E SEUS HERDEIROS DO TAC EM 20

- 4 - A « REFORMA DA REFORMA » INICIADA POR RATZINGER E PROMOVIDA PELO PADRE BARTHE E O REVERENDO CHADWICK
  - 4.1 - O PADRE BARTHE E YVES CHIRON ANUNCIAM O INÍCIO DA « REFORMA DA REFORMA »
  - 4.2 - A PRIMEIRA EVOCATÓRIA PÚBLICA DA “REFORMA DA REFORMA” PELO PADRE RATZINGER EM 1995
  - 4.3 - AS REDES DE INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO TEOLÓGICO ANGLICANO RADICAL ORTHODOXY AO SERVIÇO DA "REFORMA DA REFORMA" DO PADRE RATZINGER

- CONCLUSÃO
- ANEXOS
  - ANEXO I - OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS, ORTHODOXIA RADICAL, PROMOVIDOS PELA CAMBRIDGIANA CATHERINE PICKSTOCK, O PADRE BARTHE E O REVERENDO CHADWICK
  - ANEXO II - GRÉGORY SOLARI, O EDITOR DE CATHERINE PICKSTOCK, GOSTA MUITO DA INGLATERRA E DA « CRISTANDADE EM MINIATURA » QUE REPRESENTA AOS SEUS OLHOS O ANGLICANISMO
  - ANEXO III - QUEM É O REVERENDO CHADWICK?
  - ANEXO IV – TEXTO DO REVERENDO CHADWICK DESCREVENDO ‘SEU ESPÍRITO’

INTRODUÇÃO

Missa inválida anglicana

tradicional em Filadélfia (EUA) em 2006

O Reverendo **Chadwick**, ex-membro do Cristo-Rei e ordenado por um ex-membro de Palmar de Troya, explica e promove o projeto de « reforma da reforma » e *Radical Orthodoxy*.

O Sr. John Hepworth, o « Fellay anglicano », 'Primaz' do TAC,[1] confirma a negociação anglicana de Ratzinger em torno da criação de uma *"Igreja Católica de rito anglicano"*

Um ex-membro do Instituto do Cristo-Rei do Sr. Wach, o Reverendo Chadwick, membro do TAC, estabelece-se na França para promover o projeto Anglicano do padre Ratzinger. Formado no Instituto do Cristo-Rei do Sr. Wach, ele divulga o projeto Anglo-Tridentino de « reforma da reforma » que o padre Barthe tem se esforçado para promover há quase nove anos na França. Aqui está o nosso estudo sobre este tema da operação *Anglo-Tridentina* : a aplicação do modelo da « reforma da reforma » anglicana à FSSPX e à Tradição Católica.

Continuemos o bom combate

padre Michel Marchiset

---

[1] TAC: Traditional Anglican Communion

1 - O JULGAMENTO INFALÍVEL DO PAPA LEÃO XIII SOBRE A SEITA ANGLICANA E SUAS ORDENS INVÁLIDAS

Antes de adentrarmos neste estudo fundamental, que completa os estudos anteriores sobre as relações entre a questão anglicana e as negociações atuais da FSSPX com o padre **Ratzinger**, relembramos trechos de um texto promulgado infalivelmente pelo **Papa Leão XIII** em 1896, trata-se de *Apostolicae Curae*.

Parece, à luz de todos os fatos que vamos enumerar, que os responsáveis atuais pela obra de preservação do Sacerdócio fundada por **Dom Lefebvre**, a FSSPX, tenham esquecido ou fingem ignorar esse fato. Aqui visamos diretamente **Dom Fellay** e o padre **de Cacqueray**.

> *« Os ingleses, de fato, pouco tempo depois de se retirarem do centro da unidade cristã, introduziram publicamente, sob o reinado de Eduardo VI, na colação das Ordens sagradas,* ***um rito absolutamente novo****;* ***eles perderam, em consequência, o verdadeiro sacramento da Ordem tal como Cristo o instituiu e, ao mesmo tempo, a sucessão hierárquica****: tal já era a opinião comum, confirmada mais de uma vez pelos atos e pela constante disciplina da Igreja. (...)*
>
> *Foi, portanto, com benevolência que consentimos em um* ***novo exame da questão, a fim de afastar no futuro, pela autoridade indiscutível deste novo debate, qualquer pretexto para a menor dúvida. (…)***
>
> *Tudo o que precede, Nós o meditamos longa e cuidadosamente Nós mesmos primeiro, depois com Nossos Veneráveis Irmãos juízes da Suprema. Nós até mesmo convocamos especialmente esta assembleia em Nossa presença, na quinta-feira, 16 de julho passado, na festa de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Eles foram unânimes em reconhecer que a causa proposta já havia sido há muito plenamente instruída e julgada pela Sé Apostólica; que a nova investigação aberta a este respeito não fez senão demonstrar de forma mais*

> *luminosa com quanta justiça e sabedoria a questão havia sido resolvida. Contudo, julgamos conveniente adiar Nossa sentença, a fim de melhor apreciar,* ***a oportunidade e a utilidade*** *de pronunciar novamente a mesma decisão por Nossa autoridade e para invocar sobre Nós, do céu, por Nossas súplicas, uma maior abundância de luz.*
>
> *Considerando então que esse mesmo ponto de disciplina, embora já definido canonicamente, está sendo novamente discutido por alguns - qualquer que seja o motivo da controvérsia - e que disso poderia resultar um erro funesto para um grande número de pessoas que pensam encontrar o sacramento da Ordem e seus frutos onde eles absolutamente não estão, pareceu-nos bom, no Senhor, publicar Nossa sentença.*
>
> *Por isso, conformando-nos com todos os decretos de Nossos predecessores relativos à mesma causa, confirmando-os plenamente e renovando-os por Nossa autoridade, de Nosso próprio movimento e com ciência certa, Nós pronunciamos e declaramos que* ***as ordenações conferidas segundo o rito anglicano foram e são absolutamente vãs e inteiramente nulas.*** **Papa Leão XIII, Apostolicae Curae, 1896**

A pretensa Igreja Anglicana é, portanto, simplesmente uma seita composta de simples leigos. O pretenso arcebispo de Cantuária, o **Dr. Williams**, que o padre **Ratzinger** acaba de receber com grande pompa, é um simples leigo. Negar isso seria opor-se a um ensinamento da Igreja pelo qual o **Papa Leão XIII** empenhou sua infalibilidade pontifícia.

Em 1976, Dom Lefebvre reagiu fortemente à visita do pretenso arcebispo de Cantuária a Montini-Paulo VI, e ele lembrou, invocando Leão XIII, que esse pretenso arcebispo é um simples leigo e que era "inconcebível" que o Papa pudesse ter-lhe pedido para abençoar a multidão de cardeais e bispos.

> *« Mas é onde estamos agora. Se nos dizem hoje que podemos fazer intercomunhão com os protestantes, que não há mais diferença entre nós e os protestantes, bem! Isso não é verdade. Existe uma* ***diferença imensa****. É por isso que realmente ficamos estupefatos ao pensar que se fez com que o* ***arcebispo de Cantuária — que não é sacerdote, pois as ordenações anglicanas não são válidas, o Papa Leão XIII declarou isso oficial e definitivamente, e que é herege, como são todos os anglicanos*** *(lamento, mas já não gostamos mais desse nome, mas essa é* ***a realidade****, não é para insultar que o utilizamos, e eu só peço sua conversão) — ao pensar, portanto, que ele é* ***herege*** *e que foi solicitado a abençoar com o Santo Padre a multidão de cardeais e bispos presentes na igreja de São Paulo. Isso é algo absolutamente inconcebível! Inconcebível!»* [18] *Dom Lefebvre, Sermão da missa em Lille, 29 de agosto de 1976*

Gostaríamos de saber se **Dom Fellay** e o padre **de Cacqueray** estão dispostos a reconhecer por escrito a invalidade das Ordens Anglicanas. A situação na qual eles colocaram a FSSPX ao engajar-se em um "processo" de "reconciliação", que é demonstrado abaixo ser de inspiração anglicana, exige essa necessária clarificação por parte do sucessor de **Dom Lefebvre** e de seu subordinado para o Distrito da França, o padre **de Cacqueray**.

---

[18] Veja a foto do padre Barthe em uma conferência em Oxford, no colégio anglicano onde o CIEL se reunia: http://www.ciel2006.org/2.html.

2 - O "PRIMAZ" DO TAC, JOHN HEPWORTH, O "DOM FELLAY" ANGLICANO, CONFIRMA SUA NEGOCIAÇÃO COM RATZINGER PARA A CRIAÇÃO DE UMA "IGREJA CATÓLICA DE RITO ANGLICANO" NA IGREJA CONCILIAR

Remetemos às nossas duas análises anteriores sobre a negociação paralela de **Ratzinger**: FSSPX/Anglicanos:

- FSSPX+Anglicanos: A Porta Flamínia de Dom Fellay (21 de novembro de 2006)[2]
- Dom Fellay enganado ou consentido: Ratzinger negocia um Indulto e uma prelazia pessoal para integrar os Anglicanos 'tradicionais' com seus ritos (27 de novembro de 2006)[3]

O que foi revelado pelo Professor **William Tighe**, citado por **Ruth Geldhill** do *Times*, agora está confirmado pelo próprio **John Hepworth**, o "Primaz" dos Anglicanos tradicionais do TAC. O

reverendo **Chadwick**, membro do TAC, explica que ele está conduzindo uma negociação com Roma e que os atuais responsáveis do Vaticano o encorajam a manter sua identidade anglicana:

> *«Seremos absorvidos por Roma? Os católicos romanos (...) nos encorajaram a manter nosso patrimônio anglicano. Um autor escreveu, com emoção, que o TAC busca "obter a comunhão (com a Santa Sé) enquanto preserva essas tradições veneráveis de espiritualidade, liturgia, disciplina e teologia que constituem a herança secular das comunidades anglicanas em todo o mundo". J. Hepworth citado por Chadwick*

O *Times* mencionou uma estrutura canônica, bem como um Indulto Anglicano, que foram colocados sobre a mesa de Ratzinger em 16 de novembro de 2006. **Hepworth** confirma:

> "*Existem dois documentos na fase final de preparação. O primeiro é um 'plano pastoral' que tem como objetivo 'verificar a TAC como um interlocutor digno junto à Igreja Católica Romana' e estabelecer os 'níveis desejados de reconhecimento por Roma tanto antes quanto depois do ato de plena comunhão'. Se o documento receber a aprovação de toda a Comunhão, ele será formalmente apresentado à Santa Sé, e um processo mais formal será estabelecido. (...) O segundo documento é uma proposta formal da TAC à Santa Sé para se tornar uma 'Igreja de Rito Anglicano' sui juris em comunhão com a Santa Sé.*" — J. Hepworth citado por Chadwick.

Essas declarações de Hepworth confirmam o que foi escrito em 27 de abril de 2005 por um blog dos Anglicanos liberais:

> "*O papa **Bento XVI** recentemente apelou à unidade dos Cristãos, mas tal mensagem é desviada por suas relações com grupos que trabalham para deixar a Comunhão Anglicana. Ele recentemente teve reuniões com representantes da TAC (Traditional Anglican Communion), um grupo que representa 400.000 anglicanos conservadores que têm más relações com Canterbury. **Ele também recebeu o apoio do Conselho Anglicano Americano**, o grupo que espera retirar as Igrejas Americanas e Canadenses da Comunhão.*"
>
> ***Tentativas anteriores de reuniões com o TAC foram bloqueadas pelo papa João Paulo II** porque ele achava que tal iniciativa poderia comprometer as relações com Canterbury e a Comunhão Anglicana. **Mas o novo papa apoiou esse movimento, aparentemente na esperança de que o TAC pudesse ser considerado uma Igreja Católica de rito Anglicano em comunhão com Roma**. Se este novo papa está realmente interessado na*

> *unidade, então ele faria bem em não apoiar grupos que trabalham para fragmentar outras Igrejas.»* ***[4]***

O projeto que **Dom Beauduin** redigiu em 1925, em seu memorando *A Igreja Anglicana unida, não absorvida***[5]**, e que o **cardeal Mercier** leu na quarta conferência de Malines em 1925, começou a ganhar forma em 2006, sob a direção do padre **Ratzinger**.

Mas antes de iniciar oficialmente a implementação dessa estrutura Anglicana dentro da Igreja conciliar, o padre Ratzinger acelera o processo para capturar a FSSPX (Fraternidade Sacerdotal São Pio X) e assumir o controle, para que ela não possa se opor à continuação da Operação Rampolla. Dom Fellay e o padre de Cacqueray são os arquitetos desse plano, que favorecem multiplicando iniciativas (operação DVD, a impostura do "buquê" espiritual, conferências de duplo sentido em Villepreux, a conferência da Mutualité do padre de Cacqueray em 29 de setembro, etc.) com o objetivo de enfraquecer a FSSPX, fundada por Dom Lefebvre, e preparar os espíritos para uma assinatura com Roma.

---

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf

[4] http://religiousliberal.blogspot.com

[5] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

3 - AS CONVERGÊNCIAS DO REVERENDO CHADWICK E DOS PADRES BARTHE, LORANS E DE CACQUERAY NO PROJETO RATZINGUERIANO

INDRODUÇÃO

O Reverendo **Chadwick** realiza um trabalho pedagógico de explicitação e vulgarização do projeto Ratzingueriano de criação de uma estrutura multipolar de entidades tradicionais (Patriarcados) em uma abordagem comum de "tradicionalismo esclarecido". É esse projeto que a CSI-Diffusion havia designado pelo termo AngliCampos[6], ou que desde então identificamos como uma associação de Patriarcados. Trata-se de reunir todas as forças religiosas (FSSPX, partes tradicionais ou conservadoras da Igreja conciliar, movimento TAC dos Anglicanos, Patriarcados ortodoxos, etc.) em uma espécie de super-Igreja conciliar cuja High Church Anglicana já oferece um modelo. Evidentemente, para levar a cabo tal projeto, é necessário evitar a questão do Sacerdócio e de sua valid[illegible]. É isso que o padre **de Cacqueray** e o padre **Lorans** se esforçam para fazer, nu[illegible]stão e exaltando a luta pela Missa.

Falsa elevação em uma "missão" anglicana inválida (Filadélfia 2006)

O Reverendo **Chadwick** expressa, em termos diferentes, o que o padre **Barthe** e o padre **de Cacqueray** já descreveram de forma ampla, ou seja, esse projeto Ratzingueriano de "retorno à Tradição". Para nosso estudo, recorremos ao discurso do padre **Barthe** no terceiro congresso dos Mutins em 20 de novembro de 2006 na Mutualité em Paris, a suas recentes intervenções no *Forum Catholique* e a alguns de seus artigos na revista *Catholica*. Fazemos também referência à obra do padre Barthe *Quel chemin pour l'Eglise**[7]***, publicada em setembro de 2004 na França pelas edições *Hora Decima*. Esta obra foi, aliás, traduzida para o inglês sob o título *Beyond Vatican II* e publicada pela Roman Catholic Books[8].

Quanto ao padre **de Cacqueray**, citamos principalmente o texto de sua conferência do dia 29 de setembro de 2006 na mesma sala da Mutualité em Paris. Alguns podem se espantar com essa justaposição entre os comentários do cronista religioso de *Catholica* e os do atual superior de Distrito da França da FSSPX. Para entender como essa convergência pôde se tornar possível, é

necessário considerar o papel do padre **Barthe** e a importância do G.R.E.C., assim como a atividade persistente do padre **Lorans**, que frequenta bastante o padre **Barthe**. O padre **Barthe** foi capelão do *Instituto Cardinal Pie*, uma organização, no mínimo, estranha, fundada por **Bernard Dumont**, que teve seu máximo impacto na década de 1980. Para conhecê-la melhor, remetemos ao trabalho *« Autorité et charisme: histoire et fonctionnement d'un petit groupe traditionaliste entre 1973 et 1986 »* apresentado por **Anne Perrin** para o Diploma de Ciências Religiosas, em 1999.

Como revela a página da internet[9] de introdução de sua obra *Beyond Vatican II*, **o padre Barthe possui um celebret emitido diretamente pelo Vaticano, o que lhe garante um uso exclusivo do rito de São Pio V**. Isso demonstra sua importância para os dirigentes do Vaticano, uma vez que ele desfruta de uma situação privilegiada, concedida além da autoridade dos "bispos" da França, conferindo-lhe um-status único no país. Como é possível que o padre Barthe tenha sido traduzido para o inglês? Isso é um fato raro na Tradição.

Vamos perceber essa coerência entre os defensores do rito Tridentino e os Anglicanos por meio de alguns eixos principais. Estamos nos referindo à Operação Anglo-Tridentina.

---

[6] http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

[7] http://www.hora-decima.fr/Livre.php3?id_rubrique=3

[8] http://www.booksforcatholics.com/mm5/merchant.mvc?Screen=PROD&Store_Code=B&Product_Code=1929291833&Category_Code=

[9] http://www.booksforcatholics.com/mm5/merchant.mvc?Screen=PROD&Store\Code=B&Product\Code=1929291833&Category\Code=

3.1 - A CONSERVAÇÃO BARTIANA DO VATICANO II E O ABANDONO ANGLICANO DAS « CRISPATIONS »

Procissão no início de uma "missão" anglicana inválida (Filadélfia 2006)

O padre **Barthe** reconhece que o padre Ratzinger vai conservar o Vaticano II, desautorizando assim a *Tabula rasa* de Dom Tissier de Mallerais[10] e afirmando que os debates doutrinários decorrentes da reforma litúrgica de Montini-Paulo VI seriam adiados:

> *« Mas que não nos enganemos: nem em matéria de teologia do culto cristão, nem mais geralmente, se trata para Bento XVI de um retorno a Pio XII, como se o Vaticano II não tivesse ocorrido. Se a lacuna do Vaticano II for fechada, será antes de fato, adiando para mais tarde as questões levantadas pelos debates doutrinários em torno da reforma de Paulo VI e outras. »* padre Barthe, 20 de novembro de 2006

O reverendo **Chadwick** se une a essa preocupação do padre Barthe, propondo o modelo anglicano tradicional que soube evitar as « crispations » diante das questões levantadas pelo Vaticano II:

> *« A Comunhão Anglicana Tradicional é um movimento de reação, assim como suas análogas no catolicismo romano, uma reação contra a dissolução de todo princípio doutrinário ou valor moral. Mesmo assim, não adotou uma atitude crispada em relação aos ensinamentos do Vaticano II sobre o ecumenismo, a teologia da Igreja e do Episcopado e sobre a liberdade religiosa. »* Reverendo Chadwick

---

[10] Em branco no original

3.2 - O « SUPERAMENTO INCLUSIVO » BARTIANO DOS DEBATES DOUTRINÁRIOS LEVANTADOS PELO VATICANO II E A REJEIÇÃO ANGLICANA DA « POLÊMICA INTEGRISTA »

Para pôr fim aos debates doutrinários surgidos a partir do Vaticano II, o padre **Barthe** inventa a expressão « superamento inclusivo » para designar o que corresponde simplesmente à dialética hegeliana: tese progressista, antítese tradicionalista e síntese ratzigueriana:

> *« Estamos diante, creio eu, do que poderia ser qualificado como um "franchissement" "positivo", ou seja, uma tentativa de síntese das posições em confronto, mas, e isso é capital, com uma relativização da posição "progressista", ao mesmo tempo em que se conserva parte de seus aportes. Trata-se da mesma tentativa de superamento inclusivo que foi realizada pelos PP. Ignace la Potterie, Henri de Lubac, Hans Urs von Balthasar, e Joseph Ratzinger, contra o historicismo da crítica bíblica racionalista. O principal ângulo de ataque de Joseph Ratzinger na questão bíblica foi o de uma "reforma da reforma", ou seja, uma "crítica da crítica". O legado da crítica bíblica não foi rejeitado, mas relativizado e integrado em uma concepção mais ampla da inspiração. E assim por diante: o diálogo inter-religioso não foi evacuado, mas*

> *integrado no "diálogo das culturas". Com, em pano de fundo, um projeto teológico – e a longo prazo magisterial – muito inteligente, mas arriscado. »* padre Barthe, 20 de novembro de 2006

Assim, o padre **Barthe** louva a « relativização » das posições doutrinárias, brincando com uma suposta flexibilidade da doutrina, em oposição a toda a Tradição da Igreja. Abra um Denzinger, você constatará que um concílio da Igreja católica frequentemente procede pela proclamação de anátemas, pois a preocupação com a verdade e a interpretação precisa, fiel e rigorosa do depósito da Fé exige que o erro seja claramente identificado. A semântica que, aliás, permeia a prosa do padre **Barthe** (processo, franchissement positif, relativização, superamento inclusivo, etc.) trai essa predisposição ao vagabundear doutrinal, à evasão das conclusões vinculativas da lógica, ao « relativismo » que permite todos os sofismas e do qual a maçonaria fez um de seus princípios fundadores, que lhe permite colocar todas as religiões e suas doutrinas em um mesmo plano e

Círio pascal e coro em uma "missão" anglicana inválida (Filadélfia 2006)

Agora, como zelador de uma tradição religiosa de origem britânica, a qual é fortemente influenciada pelo espírito da Maçonaria, em particular a Rosecruz, o reverendo **Chadwick** se alinha a essa preocupação do padre **Barthe**, ao propor o modelo anglicano tradicional que defende a « moderação » e permite evitar as « crispations », ao se reorientar à piedade litúrgica:

> *« Sua posição (na Comunhão Anglicana Tradicional) é caracterizada por um espírito mais conservador do que "tradicionalista" ou "integrista". É um espírito fortemente ancorado na moderação anglo-saxônica e em nosso desejo de diálogo razoável e racional. »*
>
> *« O espírito de revolta e da polêmica integrista nos é estranho. Vimos, aliás, da velha Inglaterra e de suas missões históricas na Austrália, nas Américas, na Índia, na África e em alguns outros lugares. O espírito anglicano permanece firmemente enraizado em uma piedade litúrgica de acordo com os ritos da Missa*

> *e do Ofício Divino. »*
>
> Révérend Chadwick

Obedecendo à influência do padre **Lorans**, comparsa do padre **Barthe** no G.R.E.C., o padre **de Cacqueray** vai relatar, no dia 27 de setembro de 2006, a ilusão de um **Ratzinger** em posição de recuo em relação ao Vaticano II:

> *« É certo que o discurso programático que o papa pronunciou diante da Cúria em 22 de dezembro de 2005 é um discurso que, evidentemente, revela um constrangimento nessa defesa do concílio à qual ele se empenha. O papa, afinal, se vê obrigado a defender o concílio. »*
>
> *« O enfraquecimento das posições da Roma conciliar se manifesta através dessa necessidade de defender o concílio. »*
>
> *« O papa revelou a fraqueza do concílio Vaticano II. »* padre de Cacqueray, 27 de setembro de 2006[11]

Procure por "moderação" ou "franchissement positif" nos anátemas dos concílios da Ásia Menor, e você não encontrará, assim como nas condenações solenes por **Pio IX** dos princípios da sociedade revolucionária em *Quanta Cura* e no *Syllabus* em 1864. Esse espírito de "moderação", de "superamento inclusivo" em matéria doutrinária é estranho à Tradição católica, pois é a porta por onde entram e se instalam todas as heresias. Citemos apenas como exemplo as definições insuficientemente precisas da dupla natureza humana e divina de Nosso Senhor por **Cyrille de Alexandria**. Essas definições, irrepreensíveis no sentido estrito, no entanto, permitiram que os monoficitas e, mais tarde, os monotelitas se reclamassem delas. As Igrejas orientais, e assim as almas, pagaram um alto preço pelo cisma de muitos fiéis no século IV e, em seguida, nos dois séculos seguintes e até 1968, consequência última, uma vez que o Padre **Joseph Lécuyer**, o teólogo do novo rito de consagração episcopal, ainda se baseou nessas falsas justificativas do sentido teológico de uma nova forma herética, retomadas na literatura pseudo-canônica de Alexandria[12].

---

[11] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-12-E-00-DIAPO_Oeuvre_de_Mgr_Lefebvre_trahie_par_Menzingen.pdf

[12] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-08-05-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_4_Les_Significations_heterodoxes_de_la_Forme_de_Montini_PaulVI_A.pdf

3.3 - O « TRADITIONALISMO ESCLARECIDO » DE RATZINGER SEGUNDO BARTHE DECIFRADO PELA « SUTILEZA » ANGLICANA

Incenso de um diácono em uma « missa » anglicana inválida

(Filadélfia 2006)

O padre **Barthe** inventa a expressão « traditionalismo esclarecido » para designar a « intuição pessoal » de **Ratzinger**. Ele encontra uma correspondência contextual com o « progressismo moderado » de **Roncalli-Jean XXIII**. A escolha do termo « esclarecido » na boca do padre **Barthe** não é inocente, pois essa palavra evoca o século das Luzes e seus déspotas « esclarecidos », acompanhados de um desprezo pelo povo, ou seja, pelos fiéis.

> *« De fato, os talentos psicológicos, intelectuais e espirituais respectivos, extremamente distintos (pelo menos à primeira vista) de João XXIII e Bento XVI se mostram idênticos no fato de terem sabido e saberem fazer corresponder*

> *suas intuições pessoais próprias – um progressismo moderado para Roncalli; um traditionalismo esclarecido para Ratzinger – aos eventos, aos contextos, às expectativas, conscientes ou não, expressas ou não, de uma parte significativa da Igreja.* » padre Barthe, 20 de novembro de 2006

Quanto ao reverendo **Chadwick**, ele destaca a « sutileza » anglicana, desconhecida no continente europeu e que permite superar as « ideias recebidas ». É essa sutileza que permite ao reverendo **Chadwick** decifrar o projeto de **Ratzinger** e encorajá-lo a desejar vincular o TAC à sua superestrutura multipatriarcal. Essa sutileza anda de mãos dadas com o desprezo pelos fiéis, assimilados a uma « massa de cristãos superficiais »:

> *« Afinal, o anglicanismo é algo de tão fino e sutil. A maioria das pessoas, cristãs e não cristãs, não têm a capacidade de reflexão ou a curiosidade intelectual para ultrapassar as ideias recebidas. Não somos suficientemente demagogos ou intolerantes para interessar a massa dos cristãos superficiais.* » Reverendo Chadwick

3.4 - UM «ECUMENISMO» BARTENIANO DO «MUNDO TRADICIONAL» DESDOBRADO DO MODELO HISTÓRICO DA «REFORMA DA REFORMA» ANGLICANA OPERADA PELOS TRACTARIANOS NO SÉCULO XIX E SEUS HERDEIROS DO TAC EM 20

Nós acabamos de ver os princípios da metodologia do padre **Barthe** à luz do espírito anglicano. Agora, vamos examinar o projeto de recomposição ratzinguiano do «mundo tradicional» que expõe o padre **Barthe**, à luz da experiência histórica anglicana e de suas pretensões atuais, conforme testemunha o reverendo **Chadwick**. Para isso, é útil recordar que o TAC, do qual o reverendo **Chadwick** faz parte, é o herdeiro da High Church (Alta Igreja), também chamada de anglo-católica, que, através do movimento de Oxford do meio do século XIX e dos Tractarianos do Pastor **Pusey**, operou uma re-tradicionalização do anglicanismo, a ponto de retomar do catolicismo muitos

aspectos de suas devoções e de suas belezas litúrgicas. Uma falsa «Missão» anglicana pode hoje dar a ilusão de uma missa tradicional católica, mas é totalmente inválida e vazia de todo sacramento.

> *«Nossa tradição viveu a crise do século dezesseis. Ela atravessou as polêmicas dessa época, para começar a estudar os Padres da Igreja, redescobrir as riquezas da tradição católica de todos os séculos e - finalmente - proceder a uma restauração litúrgica e espiritual. É o legado dos Caroline Divines e do movimento de Oxford. O TAC apenas continua esse movimento de restauração católica com um espírito nórdico e sóbrio.»* Reverendo Chadwick

Desde esse desenvolvimento da High Church, a Comunhão Anglicana conheceu uma deriva liberal que dá lugar a todos os excessos: ordenação de mulheres sacerdotes, consagração de mulheres bispos, clérigos ostensivamente homossexuais, etc. De modo que o TAC se encontra hoje, em relação à Comunhão anglicana, na mesma situação da High Church em relação ao anglicanismo ress

Epístola e Evangelho em uma «missa» anglicana inválida (Filadélfia 2006)

No 2° Carrefour Apostólico na Mutualité, o padre **Barthe** desenvolve o sofisma de um paralelismo entre o fim do Pontificado de **Pio XII** e o fim do mandato de **Wojtyla-João Paulo II**. Ele prossegue com a comparação de **Roncalli-João XXIII** e **Ratzinger-Bento XVI**, desconsiderando as circunstâncias históricas que lançam dúvidas sobre a eleição regular de **Roncalli** em 1958[13] e excluindo implicitamente qualquer consideração doutrinal ou sacramental.

> *«Roncalli foi eleito, grosso modo, porque os cardeais, incluindo conservadores, queriam sair do estilo da última parte do reinado de Pio XII, considerado muito rígido, enclausurado, desejavam sair de um "demasiado" de governo pontifical; Ratzinger foi eleito, inversamente, porque o colégio cardinalício queria sair do "pouco demais" de governo do fim do pontificado de João Paulo II.»* Padre Barthe, 20 de novembro de 2006

O reverendo **Chadwick** alega a analogia entre o anglicanismo e a Igreja conciliar, ambos divididos entre liberais e conservadores:

> *«Hoje, a identidade anglicana se expressa praticamente da mesma forma que o catolicismo romano contemporâneo entre o "liberalismo" e o catolicismo "conservador".»* Reverendo Chadwick

Mas para **Chadwick**, a parte tradicional retornaria a um catolicismo que desativaria a revolta de **Cranmer** (no século XVI).

> *«Simplesmente, nós da TAC retornamos ao catolicismo que hoje está expurgado das corrupções que foram as causas da revolta de Lutero, de Cranmer e dos outros Reformadores.»* Reverendo Chadwick

E o reverendo **Chadwick** destaca a identidade de espírito entre a TAC e **Ratzinger**:

> *«Buscamos desenvolver e seguir um espírito que não é muito diferente do que o papa Bento XVI claramente procura promover - isto é, o espírito litúrgico em uma Igreja fiel à mensagem de Cristo, espiritual e missionária.»* Reverendo Chadwick

Orações no altar após a leitura do Evangelho em uma «missa» anglicana inválida (Filadélfia 2006)

Prosseguindo com a descrição dessa mesma clivagem entre conservadores de 2005 e progressistas de 1958 dentro da Igreja conciliar, o padre **Barthe** insinua que **Ratzinger** poderia provocar uma reavaliação do Vaticano II:

> *«Os cardeais de 1958 não queriam o concílio Vaticano II, ao menos não como ele ocorreu; os cardeais de 2005 não queriam o fim do Vaticano II... O ritmo da minha frase gostaria que eu concluísse: ... tal como vai se desenrolar.»* Padre

> Barthe, 20 de novembro de 2006

No entanto, essa reavaliação não seria de forma alguma uma *«tabula rasa»* do Vaticano II:

> *«Mas que não se engane: nem em matéria de teologia do culto cristão, nem mais geralmente, se trata para Bento XVI de um retorno a Pio XII, como se o Vaticano II não tivesse ocorrido.»* Padre Barthe, 20 de novembro de 2006

Essa reinterpretação do Vaticano II, que evitaria colocá-lo em questão, poderia então se inspirar na metodologia anglicana, cujas riquezas o reverendo **Chadwick** nos exalta:

> *«Trata-se do retorno a uma vida litúrgica cuidada, autêntica e sóbria e, ao mesmo tempo, o retorno à teologia dos Padres da Igreja e sua visão profundamente bíblica.»* Reverendo Chadwick

Aqui está bem expresso, e tudo isso se realiza não em um espírito de Fé, mas através do diálogo e da razão:

> *«Sobretudo, o gênio do espírito anglicano, tal como foi desenvolvido no século XVII, é sua capacidade de dialogar e raciocinar. A fé vai de mãos dadas com a razão, uma noção particularmente cara ao papa Bento XVI. Os convertidos do anglicanismo ao catolicismo romano geralmente enfrentaram muitas dificuldades, pois as duas tradições são semelhantes, mas ao mesmo tempo distantes uma da outra. Nosso racionalismo se opõe ao espírito do fideísmo cego dos conservadores católicos romanos e ao "culto da feiura" dos "progressistas". (...)*

Poderíamos adicionar o conservadorismo tolerante, pois os anglicanos preferem o diálogo e o uso da razão às polêmicas onde cada parte acredita possuir a verdade. Estamos muito ligados à moderação e à busca do meio-termo (via média) entre os extremos.» Reverendo Chadwick

Assim como o padre **Barthe** fala de "tradicionalismo esclarecido" a respeito de **Ratzinger**, o reverendo **Chadwick** aborda o tema do "conservadorismo tolerante". Com o devido tempo, a recente visita do **Dr. Williams**, o suposto arcebispo de Cantuária, ao Vaticano em 23 de novembro de 2006, e a oração de **Ratzinger** voltada para Meca em 30 de novembro de 2006, na mesquita azul de Istambul, parecem sugerir que a expressão "conservadorismo tolerante" é mais apropriada para designar o sucessor de **Wojtyla**, e que o reverendo **Chadwick** usou uma formulação mais precisa. A retórica do padre **Barthe** ainda precisa de alguns progressos, e, para melhor se

impregnar do "espírito sutil" próprio dos anglicanos, o cronista religioso de *Catholica* poderia realizar alguns estágios complementares em Oxford ou Cambridge, entre duas reuniões do G.R.E.C. do padre **Lorans**.

Para ilustrar o projeto de **Ratzinger**, conforme ele o compreende, o padre **Barthe** recorre à imagem de uma «remontagem de dentro», aplicando-a prioritariamente à questão litúrgica:

> *«Se é verdade que a nova liturgia foi a transposição cultual da perturbação eclesiológica do evento Vaticano II, é claro que, ao contrário, a "remontagem de dentro" estimada por Bento XVI se manifesta, antes de tudo, por uma resacralização da liturgia.»* Padre Barthe, 20 de novembro de 2006

E o padre **Barthe** afirma que **Ratzinger** buscaria o apoio das forças da Tradição católica para sustentá-lo em sua reavaliação do Vaticano II:

> *«Um nó une dois elementos do pensamento ratzinguiano:, por um lado, uma crítica implícita, em forma de "boa interpretação", da reforma de Paulo VI, ao menos como se desenvolveu no campo; e, por outro lado, um desejo mais ou menos acentuado, conforme o caso, de "ecumenismo" em direção ao mundo tradicional, considerado como um conservatório da liturgia e da doutrina de "antes".»* Padre Barthe, 20 de novembro de 2006

Portadores de candeias em uma «missa» anglicana inválida (Filadélfia 2006)

E, chegamos, assim, ao verdadeiro objetivo do padre **Barthe**: trata-se de unir toda a Tradição católica, qualificada como «polo tridentino», ao redor de **Ratzinger**:

> *«Para dar uma nota "política", eu diria que tudo empurra os dois polos tridentino e ratzinguiano, certamente muito desiguais quanto à sua importância numérica, não para se fundirem, mas para estabelecer uma frente comum, tanto do ponto*

> *de vista da missão pastoral nas dioceses francesas em processo de desertificação, quanto do ponto de vista da liturgia.»* Padre Barthe, 20 de novembro de 2006

E o padre **de Cacqueray** se apresenta para apoiar essa «frente comum» dos polos tridentinos e ratzinguianos, precipitando nela a obra de preservação do Sacerdoce de **Mons. Lefebvre**:

> *«Se a Fraternidade mudar de estratégia e adotar os acordos práticos, porque, afinal, a questão é essa: teremos mais chance de obter a progressão da Tradição aceitando agora uma evolução canônica?»*
>
> *«A luta que travamos é a luta pelo retorno de Roma à sua Tradição.»*
>
> *«E, no final, esta é a única questão que nos importa: qual é a maneira de pôr fim a esta horrível crise da Igreja e fazer com que Roma recupere sua Tradição.»* **Padre de Cacqueray**, 27 de setembro de 2006

Mas qual será então o meio para o padre **Barthe**? Ele propõe, então, a ideia de «reforma da reforma» e insinua o *Motu proprio* para a «liberalização» do rito de São Pio V:

> *«Certamente, se, por um lado, em certos lugares, paróquias, comunidades, a "reforma da reforma" for suficientemente longe para oferecer aos católicos ligados ao rito tridentino a possibilidade de participar de cerimônias dando um espaço considerável às formas tradicionais, e se, por outro lado, a liberalização do rito de São Pio V for suficientemente significativa, o movimento de transição seria consideravelmente acelerado.»* Padre Barthe, 20 de novembro de 2006

O reverendo **Chadwick** se inscreve na mesma perspectiva e dobrou a extensão das facilidades concedidas ao «polo tridentino» em relação aos anglicanos do TAC. Para o reverendo **Chadwick**, o futuro documento de *Motu proprio* tão aguardado pelos padres **Lorans** e **de Cacqueray**, assim como por **Mons. Fellay**, simbolizará a «unidade na diversidade».

> *«Conhecemos nossas fraquezas e nossas forças, e confiamos que a Igreja católica romana contemporânea irá assumir essas diferenças, assim como com aqueles que se apegam à tradição tridentina. É apenas hoje que a Igreja católica romana começa a conceber a unidade na diversidade, à luz da possibilidade de que Bento XVI publique um documento para liberar o uso do rito pré-conciliar para aqueles que o desejam. É incrível que alguns bispos franceses não*

> *consigam tolerar a presença de dois ritos na Igreja, enquanto a missa chamada de Paulo VI não é uniforme entre duas paróquias da mesma diocese! O "glasnost" e a "perestroika" que estão chegando à Igreja só podem encorajar os católicos anglicanos em nossa busca por unidade.»* Reverendo Chadwick

Assim, vemos pela convergência, senão a identidade dos discursos, quão próximo é o projeto do padre **Barthe** de reunir a Tradição católica (inclusive a FSSPX) ao redor de **Ratzinger**, do mesmo modelo que o desenvolvimento da High Church e de seu sucedâneo contemporâneo, o TAC, em relação à Comunhão Anglicana.

O pivô de tal estratégia, é por isso que foi sugerido a **Mons. Fellay** e ao padre **de Cacqueray** que se envolvessem no pré-requisito da «liberalização» do rito de São Pio V. Hoje, vemos a manifestação dessa implementação da estratégia do padre **Barthe** quando as autoridades da FSSPX [illegible] ilhão de terços ou durante o lançamento da [illegible]embro de 2006.

«*Ecce Agnus Dei*» em uma «missa» anglicana inválida (Filadélfia 2006)

Este mesmo padre **de Cacqueray** que se atreve a afirmar que **Ratzinger** teria agora se unido a **Mons. Lefebvre** em seu diagnóstico sobre a revolução na Igreja. O padre **de Cacqueray** repercute o discurso que lhe é apresentado pelo padre **Lorans**, membro do G.R.E.C. Isso aconteceu em 27 de setembro de 2006 na Mutualité em Paris:

> *«Paulo VI, primeiro mitigado, depois o papa João Paulo II e então **Bento XVI**, que finalmente vão apresentar o mesmo diagnóstico que foi inicialmente feito por Mons. Lefebvre e, em seguida, pela Fraternidade.»*
>
> *«Vemos claramente (...) Roma atualmente (...) o papa e os principais de seus colaboradores reconhecem essa crise da Igreja que Mons. Lefebvre havia diagnosticado e percebido muito tempo antes. Vemos claramente **essa***

> ***necessidade em que Roma se encontrou de se alinhar com o que Mons. Lefebvre havia dito.***» Padre de Cacqueray, 27 de setembro de 2006, Paris

E o reverendo **Chadwick** aprova a integração da FSSPX dentro da Igreja conciliar. Ele coloca diretamente em paralelo esse «processo de integração» e essa «reforma da reforma», da qual ele diz explicitamente que tem seu modelo anglicano na «reforma da reforma» de **Cranmer** operada pela High Church no século XIX.

> *«Acredito na reforma da reforma, como fizemos no anglicanismo. É preciso antes de tudo restaurar a missa voltada para o oriente – que esses altares supérfluos nas igrejas desapareçam pouco a pouco! O rito de Pio V deve estar disponível para aqueles que o desejam e o conhecem. Para os outros católicos, é necessário um rito simples, sóbrio e fácil de seguir – mas não banal ou que tenha o efeito de matar o espírito daqueles que assistem.*
>
> *Pessoalmente, não gosto da Fraternidade São Pio X – e sofri demais com certos padres e superiores de comunidade – mas todos têm seu lugar na Igreja católica romana. Acredito que as polêmicas acabarão gradualmente se dissipando.*
>
> *Para comparar essa situação com a nossa no século XIX, é preciso conhecer um pouco da história do anglicanismo. A restauração começou pela doutrina no século XVII e, em seguida, na expressão litúrgica no século XIX. A high church influenciou a low church. Igrejas anglicanas que se assemelham a templos calvinistas são muito raras na Inglaterra. Os altares da Catedral de Cantuária são de pedra e voltados para o oriente. As igrejas anglicanas "moderadas" têm a aparência do que teria sido visto como extremamente high church na década de 1860. Espero ver o mesmo processo na Igreja católica romana, não apenas entre os tradicionalistas, mas também entre os inúmeros jovens padres diocesanos que aspiram a algo além da época passada das décadas de 1960 e 70...*
>
> *«Acredito que uma parte de nossa vocação anglicana é fazer conhecida nossa experiência para mostrar que uma restauração é possível, mesmo que leve tempo.»* Reverendo Chadwick[14]

Mons. Lefebvre certamente teria se surpreendido ao ouvir um anglicano defender a integração da FSSPX dentro da Igreja conciliar, assim como ao ouvir que suas lutas contra a liberdade religiosa, o ecumenismo e a colegialidade não eram nada mais do que «polêmicas» destinadas a se dissipar.

Mas **Mons. Lefebvre** teria ficado ainda mais escandalizado ao descobrir que seu sucessor à frente da FSSPX, **Mons. Fellay**, está desdobrando a maior energia para entrar nesse esquema inspirado no modelo anglicano do Pastor **Pusey** e dos Tractarianos.

Último evangelho em uma «missa» anglicana inválida (Filadélfia 2006)

O padre **de Cacqueray** apresenta a suposta vontade de Roma de restabelecer um uso do rito de São Pio V como «incompressível» e sem problemas, não suscitando nenhuma suspeita sobre as intenções ocultas de tal plano:

> *«A missa de São Pio V conheceu uma nova expansão que parece ter se tornado incompressível.*
>
> *Há um fenômeno de expansão da missa de São Pio V que ocorre em torno da Fraternidade; quero falar, naturalmente, dos institutos Ecclesia Dei, onde os padres celebram a missa de São Pio V.*
>
> *De certa forma, o fenômeno de expansão de São Pio V parece incompressível.»*
>
> *«Há um movimento a favor da missa de São Pio V que vem de Roma. É possível que, durante a vida desse papa, cheguemos a uma liberdade para a missa de São Pio V. A liberdade parece dever ser concedida.»*
>
> *«Hoje, há algumas nuances no discurso romano que mostram que Roma não se sente mais tão segura em manter um discurso de condenação. O papa Bento XVI falou a Mons. Fellay sobre o venerável Mons. Lefebvre. O papa Bento XVI reconheceu que havia um caso de necessidade para a França e a Alemanha.»*
> Padre de Cacqueray, 27 de setembro de 2006, Paris[15]

O plano que descreve o padre **Barthe** é inteligente. Não foi ele quem o concebeu, mas ele se baseia na experiência anglicana, e o cronista religioso de *Catholica* se tornou seu agente discreto desde pelo menos 1997. Após sua expulsão da FSSPX e seu fracasso na organização da rede do *Instituto Cardinal Pie* nos anos 1980, o padre **Barthe** procurou uma nova atividade.

Pretendendo estar em um estado de «*apesanteur canonique*», desprovido de uma verdadeira carga paroquial, ele teve quase tempo integral para desenvolver uma atividade multi-tentacular voltada para a criação de uma rede com o objetivo de capturar a FSSPX e garantir o sucesso da «reforma da reforma». Não dispondo visivelmente dos recursos que vêm com uma paróquia ou

com a pertença a um Instituto ou a uma Fraternidade, nos questionamos sobre as fontes de financiamento de toda essa atividade do padre Barthe.

Ele esteve envolvido, quase desde a fundação do G.R.E.C. do padre **Lorans** em 1998, e depois participou de colóquios públicos organizados por seus comparsas, os padres **de Tanoüarn** ou **Lorans**. Ele agiu durante a revolta dos Mutins contra **Mons. Fellay** no verão de 2004, e depois participou do congresso dos mutinos em 6 de fevereiro de 2005, ajudou o padre **de Tanoüarn** a lançar o Centro São Paulo logo após sua expulsão, e seu nome também está ligado à criação do Instituto do Bom Pastor[16]. Ele reapareceu em encontros na Mutualité em novembro de 2005 e novembro de 2006.

Participa ativamente do C.I.E.L. (Centro Internacional de Estudos Litúrgicos)[17], e proferiu em setembro de 2006 uma conferência[18] em Oxford, em um colégio anglicano. Ele participa assiduamente do G.R.E.C., onde pronunciou em 28 de abril de 2006 uma conferência («Proposição para uma paz na Igreja») que, por assim dizer, dá a «folha de rota» de **Mons. Fellay[19]**. O número 93 de *Catholica* (outono de 2006) publicou o texto dessa intervenção. **Emmanuel Ratier** escreve em *Faits et documents* que o padre **Barthe** é um amigo pessoal de **Ratzinger**.

Ao afirmar que **Mons. Fellay** aplica o que o padre **Barthe** explicita, o padre **Lorans**, seu parceiro n lo como um elo de ligação, acreditamos que não estamos longe da verdade.

Mons. Fellay com a carta de junho de 2006 de Castrillon Hoyos que lhe propõe um «status canônico» inesperado

É necessário, de fato, nuancear essa afirmação, pois a rede alemã liderada pelo padre **Schmidberger** também é ativa. Além disso, não devemos esquecer o papel obscuro de **Mons. Williamson**, cuja função consiste em monitorar, contatar e neutralizar qualquer reação que se mostre um pouco mais perigosa. Teremos a oportunidade de voltar à falsa oposição estéril de **Mons. Williamson**, pois aqui também a perspectiva anglicana se revela frutífera para entender melhor os papéis ocultos e as estratégias secretas que influenciam a FSSPX desde a morte de **Mons. Lefebvre**.

Se tivéssemos que ilustrar o padre **Barthe** tomando como exemplo um dos homens de redes que ajudaram a impulsionar a revolução da Igreja antes do Vaticano II, entre o padre **Portal**, **Dom Beauduin**, **Dom Botte** ou outros, destacaríamos a figura do Padre **Couturier**. Também dispensado de todo ministério, ele se dedicou inteiramente ao ecumenismo. O reverendo **Chadwick** presta, aliás, homenagem ao padre **Portal** e ao Padre **Couturier**.

Depois de tudo que acabamos de citar e dos outros textos do site *Civitas Dei*[20], é mais do que certo que o reverendo **Chadwick** irá apoiar totalmente a operação DVD «Rito de São Pio V» que será lançada pelo padre de Cacqueray, ao lado do padre de La Rocque, em sua conferência de im s.

Procissão de saída em uma «missa» anglicana inválida (Filadélfia 2006)

---

[13] Sobre esta questão, ler: http://www.mostholyfamilymonastery.com/siri_election.html

Malachi Martin se expressou sobre a questão. Um diário italiano da época relatou uma fumaça inicialmente branca que se tornou preta trinta minutos depois. Uma explicação constrangedora foi dada tentando justificar o fato por um erro nos fornos. Desde então, um relatório desclassificado do FBI confirmou a eleição do Cardeal Siri. Mais recentemente, em setembro de 2004, o Padre Charles-Roux, cujo pai foi embaixador da França junto ao Vaticano até a Segunda Guerra Mundial, fez confidências à Inside the Vatican, revelando que a eleição de Roncalli foi irregular e que Roncalli quis mostrar isso ao escolher o nome de um antipapa do século XV:

"Houve certas irregularidades sobre a eleição durante aquele **conclave de 1958**, como o Cardeal Tisserant reconheceu. Alguns dizem que Agagianian foi eleito, outros **Siri**, outros algum outro cardeal, e que o camerlengo (camarista) então **anulou a eleição**. De qualquer forma, **tenho certeza de que João XXIII escolheu seu nome, o nome de um antipapa do século XV, de forma bastante consciente, para mostrar que havia sido eleito irregularmente**." – Fr. Charles-Roux, *Inside the Vatican*, 09/04, p. 41. O Pe. Roux era um sacerdote que celebrou a Missa no set de *A Paixão de Cristo*.

[14] http://perso.orange.fr/civitas.dei/blog_fr.htm

[15] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-12-E-00-DIAPO_Oeuvre_de_Mgr_Lefebvre_trahie_par_Menzingen.pdf

[16] O padre de Tanoüarn agradece-lhe por ter possibilitado o estabelecimento de contatos com Roma.

[17] http://www.ciel2006.org/

[18] Ver a foto do padre Barthe em conferência em Oxford no colégio anglicano onde se reunia o CIEL: http://www.ciel2006.org/2.html

[19 http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-A-00-Le_plan_melchito_chinois_de_Mgr_Fellay.pdf

4 - A « REFORMA DA REFORMA » INICIADA POR RATZINGER E PROMOVIDA PELO PADRE BARTHE E O REVERENDO CHADWICK

4.1 - O PADRE BARTHE E YVES CHIRON ANUNCIAM O INÍCIO DA « REFORMA DA REFORMA »

Saindo da sombra e agora intervindo diretamente sob seu nome no *Forum Catholique*, o padre **Barthe** publica em 23 de novembro de 2006 um breve artigo[21] intitulado « A reforma da reforma começou? » sobre a nota de **Arinze** para que o « *pro multis* » do **cânon** do rito de **Montini-Paul VI** deixe de ser traduzido como « para todos » para ser traduzido como « para muitos » nas edições vernáculas do missal. E o padre **Barthe** conclui:

> *« Tudo isso mostra principalmente que a liberalização anunciada da missa tridentina faz parte de um projeto muito mais amplo que, se conseguisse se concretizar, visaria remodelar o novo missal. » padre Barthe, 23 de novembro de 2006*

Em 25 de novembro de 2006, **Yves Chiron**, admirador de **Hans Urs von Balthasar**, retoma a informação em sua carta n°100 de *Alethia*[22]. Ele também anuncia o início da « reforma da reforma » e a vê como uma saída « por cima ». Saída por cima? ou saída da Igreja conciliar para a Alta Igreja? Eis um autor que se deixa levar pelo grande esquema anglicano, a menos que seja consentido.

Num grande mimetismo que deve alegrar o padre **Barthe**, o padre **de Cacqueray** segue o caminho e faz publicar um comentário no site oficial do Distrito da França da FSSPX.[23] Ele afirma ver nisso « *uma pequena bomba teológica e litúrgica no perímetro da "Igreja conciliar"* ». Ele não compreendeu bem que, longe de ter efeitos devastadores na Igreja conciliar, essa decisão romana contribuirá para fazer aplicar o plano de inspiração anglicana descrito pelo padre **Barthe** e fará a FSSPX entrar em uma estrutura inválida onde a FSSPX estará sob a mesma autoridade que a futura « *Igreja católica de rito Anglicano* » que está em negociação atualmente entre **Ratzinger** e **John Hepworth**, o « Monsenhor Fellay anglicano ».

No dia 2 de dezembro, o padre **Barthe** intervém novamente no mesmo *Forum Catholique* para, citando um artigo de Stéphane Wailliez que será publicado, fazer revelações sobre a forma que a promulgação do *Motu Proprio* e a reforma da reforma por **Ratzinger** poderiam assumir[24]:

> *« Podemos imaginar que Bento XVI apoie a reforma da reforma através de uma celebração em uma paróquia romana, em latim, de frente para o Senhor e, melhor ainda, que o futuro documento liberalizando a missa tridentina seja acompanhado por uma celebração dessa missa pelo próprio papa? » padre Barthe, 2 de dezembro de 2006*

Muito bem informado por Roma, pois é um « manipulador de cordas » privilegiado e particularmente ativo desde 1997, o padre **Barthe** nos apresenta aqui uma informação obtida nas melhores fontes. Essa promulgação ocorreria também no dia 8 de dezembro de 2006, para a festa da Imaculada Conceição? Seria o « milagre » do Buquê!

---

[21] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=239427

[22] http://www.aletheia.free.fr/-/2006/aletheia100.htm

[23] http://www.laportelatine.org/district/france/bo/arinzepromultis/promultis.php

[24] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=242532

4.2 - A PRIMEIRA EVOCATÓRIA PÚBLICA DA “REFORMA DA REFORMA” PELO PADRE RATZINGER EM 1995

Citamos aqui o estudo “*L’AngliCampos*” da CSI-Diffusion[25], publicado em 5 de julho de 2005 e que divulgamos em nosso site. Os anexos citados no estudo da CSI-Diffusion encontram-se no documento “*L’Anglicampos*”.

Início da citação da CSI-Diffusion

4.2.1 - Um personagem ativo: Robert Moynihan, diretor da revista em inglês *Inside the Vatican*

Antigo aluno da universidade de Yale (universidade conhecida por ser o berço da sociedade Skull & Bones, da qual a família **Bush** e **John Kerry** são membros), **Robert Moynihan** realizou uma tese de doutorado sobre “A influência de **Joaquim de Flore** sobre os primeiros franciscanos”. Além disso, ele deu conferências sobre esse tema na universidade de Yale em 1984 e na American Academy de Roma em 1986. **Joaquim de Flore** é conhecido por ser apreciado nos círculos gnósticos.

Correspondente de mídias americanas (CNN, Time Magazine,...), ele dirige a revista *Inside the Vatican*, que tem sua sede em Roma e se propõe a estar muito bem informada sobre as questões que são discutidas dentro da Cúria romana.

R. Moynihan é também autor de um trabalho: “Uma nova *Inquisitio*? Uma história da Congregação para a Doutrina da Fé sob o cardeal **Joseph Ratzinger**”. A esse título, ele foi levado a encontrar-se muito frequentemente com **Ratzinger** e contatos privilegiados foram

estabelecidos.

Desde 1995, o padre **Ratzinger** explica a **Robert Moynihan** que acabou de receber uma nota que parece ter suas bênçãos e que recomenda uma reforma litúrgica para corrigir a situação catastrófica decorrente da implementação do *Novus Ordo Missae* de **Montini**.

> *« Ratzinger, de forma repetida, declarou sua grave preocupação a respeito da prática litúrgica católica romana (...) e seu desejo de que os problemas fossem tratados um dia por uma "reforma da reforma".*
>
> *« A posição de Ratzinger não é que o Concílio Vaticano II foi um erro ou que ele mesmo foi a causa dos abusos e escândalos litúrgicos que se seguiram, mas que o Concílio Vaticano II foi, por vias substanciais, traído. »*
>
> *« Ratzinger declarou ao jornalista católico italiano, Vittorio Messori, em 1984, que "em suas decisões oficiais, em seus documentos autênticos, o Vaticano II não poderia ser responsabilizado por essa evolução que, ao contrário, contradizia radicalmente tanto o espírito quanto a letra dos Pais conciliares". »*
>
> *« Ratzinger disse que estava muito impressionado por um artigo que lhe havia sido recentemente enviado para revisão. O artigo clamava por um "novo movimento litúrgico" e por uma "reforma da reforma" do Concílio Vaticano II. »*
>
> *« Mas o autor afirmava que um simples retorno à antiga Missa, como proposto pela Fraternidade São Pedro e outros, não constituía a solução para o problema. » Ratzinger continuou. « Ele disse que devemos, afinal, prosseguir com a reforma litúrgica como isso foi desejado precisamente pelo Concílio. Pois, ele argumentava, a reforma litúrgica efetuada pelo Concilium pós-conciliar (a comissão especial sobre a liturgia criada por Paulo VI para realizar a reforma litúrgica) não corresponde à Constituição sobre a liturgia do Concílio. »*
>
> *« Então ele explica o que uma reforma litúrgica seria se fosse desenvolvida de acordo com as diretrizes do texto conciliar. Suas ideias são muito interessantes e muito precisas. »*
>
> *« E ele argumenta que isso poderia, potencialmente, trazer paz entre as correntes liberais e conservadoras na Igreja (...) É um projeto que merece um estudo mais aprofundado, eu diria... » **Ratzinger**, sobre 4 de julho de 1995, reportado por **Robert Moynihan** (ver Anexo I).*

Assim, desde 1995, **Robert Moynihan** é informado por **Joseph Ratzinger** sobre o que se tornará o período pós **João Paulo II**. Dois a três anos depois, a equipe de Cambridge, especialmente **Catherine Pickstock**, começa a publicar sobre esse tema e rapidamente ganha visibilidade através do congresso de *Christi fidelis*, além de diversas revistas, incluindo a revista *Catholica* do

padre **Barthe**.

Robert Moynihan também se destacou ao intitular, na *Inside the Vatican*, “O amante dos amantes” logo no dia seguinte à eleição do padre **Ratzinger**. Ele imediatamente publicou artigos que mostravam as rápidas mudanças de atitude da ortodoxia em relação a Roma em favor do ecumenismo. Ele se aliava, assim, aos trabalhos do dominicano de Cambridge, o Padre **Adrian Nichols**, cujo número de maio de 2005 publica o último artigo sobre uma reunião da Igreja conciliar com os ortodoxos. Neste artigo, **Nichols** chega a detalhar a forma que a Cúria romana poderia assumir, caso a papalidade fosse rebaixada ao nível de um patriarcado latino, em uma federação com os ortodoxos e anglicanos.

Robert Moynihan é, portanto, um membro ativo e proeminente da rede de **Ratzinger** e suas ramificações anglicanas de Cambridge.

Fim da citação da CSI-Diffusion

---

[25] http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

4.3 - AS REDES DE INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO TEOLÓGICO ANGLICANO RADICAL ORTHODOXY AO SERVIÇO DA "REFORMA DA REFORMA" DO PADRE RATZINGER

Citamos aqui o estudo "*L'AngliCampos*" da CSI-Diffusion[26], publicado em 5 de julho de 2005 e que disponibilizamos em nosso site. Os anexos citados no estudo da CSI-Diffusion encontram-se no documento "*L'Anglicampos*".

Início da citação da CSI-Diffusion

4.3.1 - O entrismo de Catherine Pickstock nos meios conservadores conciliares e *Ecclesia Dei*

Uma boa ilustração nos é fornecida pela promoção de **Catherine Pickstock** durante o colóquio de *Christi fideles* em 15 de maio de 1999 em Nova York. Organizado pela corrente *Ecclesia Dei* favorável ao rito tridentino, o Pai Mole, de 83 anos, apresenta **Catherine Pickstock** como a " **Catherine de Cambridge**" que poderia salvar o rito tradicional, assim como **Santa Catarina de Siena** restaurou a Papacidade em Roma. Em seguida, o **cardeal O'Connor**, presente no congresso, a apresenta em seu sermão na Catedral de São Patrício como a "**John Henry Newman** do nosso tempo". Seu livro "Após ter escrito: a consumação litúrgica da liturgia" (1998) é

apresentado como a defesa mais rigorosa e fiel do rito Romano em uma geração. (Ver Anexo F).

Então, ainda durante o mesmo congresso, o irmão **Perricone**, organizador de *Christi fideles*, anuncia o desejo do **cardeal O'Connor** de encontrar **Catherine Pickstock**, e também transmite a mensagem de que o **cardeal Ratzinger** queria encontrá-la e discutir sua tese na primeira oportunidade possível (Ver Anexo F).

Para **Catherine Pickstock**, os reformadores litúrgicos do Concílio Vaticano II "não apenas destruíram a beleza e o mistério e a importância teológica da Missa, mas também contribuíram para a destruição da civilização que a liturgia do Rito Romano havia construído". Ao criticar os reformadores de 1969, que apenas "consideraram a Missa como um texto que necessitava de um bom editor", ela afirma que a Missa é um "poema doxológico repleto de uma finalidade transcendente pela qual o homem luta com a realidade chocante da encarnação e do sacrifício". Tal jargão modernista se tornou comum nos meios conciliares e traduz os avanços das influências gnósticas que cobriram os vestígios da cultura teológica católica precisa e rigorosa, que sempre foi a da Igreja até sua subversão e eclipses pela Igreja conciliar.

Embora critique os reformadores de 1969 e do NOM, **Catherine Pickstock** não defende o retorno ao antigo rito tridentino. De fato, segundo ela, "quando os neo-tradicionalistas hoje falam de restabelecer o antigo Rito Romano, devem compreender que o rito na cultura de hoje tomará uma forma diferente e terá um impacto diferente daquele que tinha quando era a norma." (Ver Anexo F).

Trata-se, portanto, de uma reforma da reforma que foi o NOM e não de um restabelecimento do rito católico tridentino. Neste ponto, as declarações públicas de **Catherine Pickstock** em Nova York são idênticas às palavras que o cardeal **Ratzinger** proferiu a **Robert Moynihan** em 1995 em Roma, em seu escritório da Congregação para a Doutrina da Fé. Vale a pena notar que essa ideia de uma reforma que seria mais tradicional sem voltar à Tradição da Igreja também é desenvolvida em um plano mais geral, e não apenas litúrgico, pelo padre **Barthe** na edição 747 (14 de maio de 2005) de *Monde et Vie*, quando ele declara:

> *« Bento XVI está pronto para conceder a "liberdade" ou uma grande liberdade ao rito tridentino, desde que os tridentinos reconheçam a legitimidade do rito montiniano... Portanto, na minha opinião, os tradicionalistas devem responder substancialmente a Bento XVI: estamos prontos para celebrar um rito "paroquial" e até favorecê-lo ao máximo, desde que não se trate mais do rito reformado, mas de uma reforma do rito reformado, por exemplo, com o cânon romano, ofertório sacrificial e missa "de frente para Deus". Padre* ***Barthe***

Já na primavera de 2004, em um artigo da *Catholica* intitulado "Transição para uma saída", o padre **Barthe** delineava as grandes linhas da aplicação dessas teorias compartilhadas com **Catherine Pickstock**:

> *« Trata-se de se curar por etapas do espírito que presidiu à confecção da nova liturgia. Esse projeto de evolução do rito reformado em direção ao rito não reformado ganha, aliás, espaço nas mentes sob o tema da "reforma da reforma". Para aqueles que o mencionam, consistiria, como a expressão indica, em reformar o rito de Paulo VI com base na tradição litúrgica romana, ou seja, concretamente em direção ao rito de São Pio V, que permanece a referência obrigatória. »*
>
> *« É necessário que a intenção perseguida, a "retraditionalização" do rito, qualifique positivamente as etapas que, consideradas em si mesmas, poderiam parecer marcadas por uma secularização excessiva. Essas etapas serão perfeitamente admissíveis para todos, em função do fim buscado, ou seja, o retorno a um rito que se torne lex orandi, profissão de fé cultual. Uma liturgia em processo de "traditionalização" já é uma liturgia tradicional. »*

Esse estado de espírito não é católico e essa fórmula anticatólica marcará época: « uma liturgia em processo de retraditionalização já é uma liturgia tradicional », diante desse Lego litúrgico desrespeitoso a Deus, **Dom Guéranger** deve estar se revirando em sua tumba!

Então, o padre **Barthe** continua em seu artigo a aplicação dos princípios de **Catherine Pickstock**:

> *« Em si, esse reconhecimento por parte dos responsáveis eclesiais, ou pelo menos essa parte dos responsáveis que qualificamos de "decepcionados com o Concílio"(...), poderia parecer inaceitável: na medida em que os contrários seriam admitidos em igualdade, isso pareceria ratificar o fato de que a Igreja está em um estado de ecumenismo. Na verdade, seria o caso se isso ocorresse, todas as coisas permanecendo como estão, em uma casa comum onde as propostas incompatíveis (...) teriam direito de existência e expressão por si mesmas. Mas precisamente a essência de todo processo de transição é ser um passe desejado para outro estado, neste caso, uma nova situação eclesial. »*
> Padre ***Barthe.***

Assim, os princípios da Radical Orthodoxy visam levar os católicos fiéis à Tradição a um lugar indefinido, mas que não seria, de forma alguma, um retorno à Tradição.

4.3.2 - O eco da Radical Orthodoxy na França na revista *Catholica* (padre Barthe)

O padre **Barthe** e **Bernard Dumont** são, sem dúvida, os que mais divulgaram na França os autores e as ideias da *Radical Orthodoxy*. Reproduzimos aqui vários artigos publicados em sua revista *Catholica*.

(…)

Já aparecendo em destaque entre os rebeldes que tentaram subverter a FSSPX em Paris de agosto de 2004 até o fracasso do congresso dos rebeldes em 6 de fevereiro de 2005 na Mutualité, o padre **Barthe** desenvolveu toda uma rede de influência dentro dos círculos parisienses. Depois de ser afastado da FSSPX por sedevacantismo no início dos anos 80, o padre **Barthe** participou com **Bernard Dumont** da muito curiosa aventura do Instituto Cardinal Pie (ICP) (veja a dissertação de Anne Perrin intitulada "Autoridade e carisma", dirigida por **Jean Bauberot** e defendida na presença de **Emile Poulat** em 1999). Parece que a partir dos anos 1998, ele se tornou o porta-voz das ideias ratzinguianas e da *Radical Orthodoxy* na França, ou seja, a "reforma da reforma". Ele se proclamou *Una Cum* durante a recente eleição do padre **Ratzinger**, e foi imediatamente impulsionado para a cena nacional pelos 'Hors Série' do *Figaro* (**Michel de Jaeghere**) e *Monde et Vie* (**Olivier Pichon**). Vale ressaltar que **Michel de Jaeghere** acabou de assumir recentemente o controle da associação São Francisco de Sales, que administra todo um patrimônio imobiliário parisiense e dispõe de um montante financeiro apreciável.

Aqui estão alguns dos artigos de *Catholica* dedicados à Radical Orthodoxy:

- 'Entrevista: liturgia e filosofia' **Catherine Pickstock** (*Catholica* N°61 – outono de 1998)
- 'Duas contribuições' **Catherine Pickstock**, incluindo sua intervenção no congresso de *Christi Fideles* em 15 de maio de 1999 em Nova York (*Catholica* N°65 – outono de 1999) *(Anexo A)*
- 'Programa de *Radical Orthodoxy*' por **Russel R. Reno** (publicado em inglês pela *First Things* em fevereiro de 2000, e depois traduzido para o francês pela *Catholica* em janeiro de 2001 no N°70) *(Anexo C)*
- '*Radical Orthodoxy*' **Jean-Paul Maisonneuve** (*Catholica* N°84 – verão de 2004) *(Anexo D)*

4.3.3 - As edições *Ad Solem* de Grégory Solari, editor genebrico dos autores gnósticos (J. Borella) e dos autores anglicanos da High Church (C. Pickstock)

As edições *Ad Solem* publicaram obras que desenvolvem influências muito direcionadas. Primeiramente, notamos a presença de **Jean Borella** no catálogo. Denunciado por **Jean Vaquié** em um *Cahier Barruel* (A escola moderna do esoterismo cristão), **Jean Borella** é conhecido por ser um escritor gnóstico, adepto do sistema ternário e das diversas teorias próprias do esoterismo. O escândalo provocado em setembro de 2003 pela publicação de *« A palha e o sicômoro »* sob a pena do padre **Grégoire Celier**[27], (…) dentro da FSSPX, fez com que nossos leitores conhecessem a infiltração de **Jean Borella** no Instituto São Pio X, na época do padre **Lorans**. Foi necessária uma intervenção de **Mons. Lefebvre** para pôr fim a essa infiltração.

Entre os outros autores no catálogo da *Ad Solem* figura o Pai **Gitton**, com prefácio do cardeal **Ratzinger**. O Pai **Michel Gitton** dirigiu a revista *Résurrection*, onde se formaram os fundadores da edição francesa de *Communio*. Esta revista desenvolve o pensamento do teólogo alemão **Hans Urs von Balthazar**, apreciado por **Ratzinger** e também pelos defensores da *Radical Orthodoxy.* Entre eles está **Jean-Luc Marion**, filósofo francês que colabora com **John Milbank** em diversos

trabalhos. Ele é próximo da *Radical Orthodoxy*.

Ag Solem publica também **Newman** e **Mestre Eckhart**, e, claro, os autores de *Radical Orthodoxy* (**Catherine Pickstock**,...). *Ad Solem* apresenta também em seu catálogo uma obra do dominicano **Aidan Nichols**, de Cambridge.

4.3.4 - O eco da Radical Orthodoxy na França na revista *Kephas* (padre Bruno Le Pivain)

O padre **Bruno Le Pivain** edita a revista *Képhas*, que se propõe a ser uma revista intelectual de boa qualidade do meio *Ecclesia Dei*. Ele está associado a **Grégory Solari**.

« Kephas – padre Bruno Le Pivain

Vocês também publicam muito sobre a liturgia. Pode-se notar, entre outros, a obra do Pai Aidan Nichols, Liturgia e modernidade, *a versão francesa de L'esprit de la liturgie do Cardeal Ratzinger, que causou grande alvoroço, e recentemente este livro do Pai Gitton, Initiation à la liturgie romaine , mas também Pierre Gardeil e Olivier Thomas Venard, bem conhecidos dos leitores de* Kephas. Seria exagero imaginar o seu trabalho de editor, *mutatis mutandis*, *como uma « busca eucarística », expressão emprestada à obra de Catherine Pickstock sobre santo Tomás de Aquino e a eucaristia?*

Grégory Solari

Dixit et facta sunt ! Que a palavra realize o que diz, que a palavra faça existir diante do leitor o que ele lê: este é, no fundo, o desejo secreto de todo editor, pelo menos o meu! No livro que você cita, Catherine Pickstock mostra admiravelmente como a linguagem, e portanto toda palavra, participa das palavras da consagração. Nas palavras de Cristo, a linguagem humana - e nela toda a cultura humana - se funde com o *Logos* divino e nos torna « co-celebrantes em todas as palavras que pronunciamos ».

Nesse aspecto, Pierre Gardeil e Olivier-Thomas Venard têm um lugar especial em nosso catálogo. Cada um, à sua maneira, procurou mostrar a dimensão « eucarística » da cultura. Pierre Gardeil ao visitar grandes obras literárias, teatrais ou cinematográficas em seus *Quinze regards sur le corps livré* e *Mon livre de lectures*. Olivier-Thomas Venard ao desvelar a poética da teologia de santo Tomás de Aquino, fazendo em três movimentos (que corresponderão a três dimensões - literária, filosófica, teológica - de seu livro) a prosa da Suma se entrelaçar ao eixo diáfano do *Adoro te devote*. Isso diz respeito ao aspecto « teórico », no sentido da *theoria* dos Padres.

Mas a eucaristia contemplada em suas extraordinárias implicações culturais (e até políticas no livro de William Cavanaugh, *Eucaristia e Globalização*) é também e antes de tudo aquela que é celebrada hoje na liturgia. E aqui, é necessário constatar que há uma discrepância, uma desnivelamento entre a *praxis* e a *theoria*. A linha litúrgica que você menciona tenta contribuir para a redução dessa discrepância na prática, sem opor rito contra rito, embora com David Jones e todos os artistas, poetas, escritores que fizeram uma súplica ao papa Paulo VI no Times de 6 de junho de 1971, acreditamos que a manutenção, ou a possibilidade, da celebração do rito dito «

tradicional » nas grandes cidades ou grandes santuários da Igreja do Ocidente é a única maneira para a Europa não perder completamente sua memória, e assim a especificidade de sua cultura. Também espero que um dia o que o cardeal Ratzinger, entre outros, disse seja realizado... » (*Kephas* – fevereiro 2004) *(Anexo J)*

Fim da citação de CSI-Diffusion

4.3.5 - O Reverendo Chadwick elogia a Radical Orthodoxy

Em seu site, o representante do TAC na França faz um elogio contundente a este movimento teológico cambrígiano.

> *“A primeira coisa que vou compartilhar com os leitores é o resultado de algumas das coisas que andei lendo na Internet, particularmente Radical Orthodoxy e o Emerging Church movimento.*
>
> *Obviamente, as teorias bastante convolutas de Milbank e dos 'emerging churchers' levantarão sobrancelhas entre as pessoas leigas comuns! Nem tudo que essas pessoas dizem está certo, e estou ciente de que é perigoso se deixar guiar pela opinião ou ensino de uma única fonte ou pessoa.*
>
> *O que é interessante na Radical Orthodoxy é que ela tenta contornar muitos dos erros que levaram à atual ruptura entre modernidade e tradição. Ao retroceder, encontramos muitos dos problemas atuais nas tendências medievais e anteriores em teologia e filosofia. Buscamos o que é saudável e duradouro, e construímos a partir disso para uso na missão entre nossos contemporâneos.*
>
> *A Radical Orthodoxy pode ser percebida como um renascimento da teologia após o colapso do escolasticismo decadente, a Reforma e a Contra-Reforma. É uma abordagem abrangente da teologia, incluindo a contribuição da arte e da cultura. Mas, a Radical Orthodoxy é limitada por assumir as características de um sonho romântico. É o produto do academismo baseado na universidade e não da vida de uma Igreja, e assim corre o risco de se tornar uma nova 'escolástica' clerical (mesmo que a maioria de seus protagonistas sejam leigos). No entanto, é uma contribuição valiosa para nosso pensamento e compreensão da vida litúrgica onde ainda é autêntica. O Movimento de Oxford também começou como um movimento acadêmico, mas nunca esteve totalmente desvinculado da realidade pastoral.”* Reverendo Chadwick[28]

Bernard Dumont, o padre Barthe e o reverendo Chadwick se encontram assim na mesma linha teológica que fornece os fundamentos da "reforma da reforma".

---

[26] http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

[27] Autor, em novembro de 2003, sob o pseudônimo de Paul Sernine, de um panfleto, *A Palha e o Sicômoro*, tentando negar a existência da gnose ao longo dos séculos e seu papel atual em meios tradicionais, como havia enfatizado os *Cahiers Barruel* de Jean Vaquié, falecido em 1992.

[28] http://perso.orange.fr/civitas.dei/theology.htm

CONCLUSÃO

Em conclusão a este estudo que vem complementar os dois estudos anteriores sobre este tema, mencionamos os pontos seguintes:

- A “reforma da reforma” é uma reiteração da anterior “reforma da reforma” anglicana do movimento de Oxford e dos Tractarianos.
- Esta operação visa instaurar um bipartidismo: Alta Igreja tradicional e Baixa Igreja liberal dentro da Igreja conciliar, à semelhança da maçonaria (Alta Loja iluminista e Baixa Loja liberal).
- As questões doutrinárias são tratadas pelo relativismo e pela “moderação”, com ênfase na liturgia.
- Um fundamento doutrinário, ao mesmo tempo platônico e agostiniano, é desenvolvido por alguns acadêmicos de Cambridge desde cerca de 1990, trata-se de *Radical Orthodoxy*, que faz da Eucaristia um tema central.
- Esta operação se opera, tanto do lado anglicano quanto do lado conciliar, com base em uma hierarquia eclesiástica totalmente inválida. Esta invalidade é certa desde Cranmer para os Anglicanos, e se tornou quase certeza desde 1968 para a Igreja conciliar (rito inválido de consagração episcopal de 1968).
- O projeto de “reforma da reforma” é utilizado para polarizar a FSSPX sobre a questão da missa e atraí-la para a armadilha de um alinhamento, o que permitiria a Ratzinger assumir o controle e silenciá-la.
- Mons. Fellay mergulha de cabeça na armadilha. Ele coloca como pré-requisito em 2001 o pedido de “liberação” do rito de São Pio V, sem se preocupar com a questão da validade das Ordens de quem celebra o rito.
- Mons. Fellay, aparentemente muito lento em agir segundo Roma, o padre Lorans, ligado ao padre Barthe, acende a chama de uma revolta contra Mons. Fellay em julho de 2004, instigando o padre Laguérie à revolta em Bordéus, sendo seguido pelo padre de Tanoüarn em Paris.
- Apesar da intervenção de Mons. Williamson para relançar a revolta em outubro de 2004 em Paris, essa operação falha e os rebeldes são expulsos da FSSPX em março de 2005.
- O padre Barthe é o homem das sombras de todas essas ações de redes e de influências ao redor e dentro da FSSPX.
- O G.R.E.C. constitui o laboratório onde se preparam e se implementam as estratégias, em torno do padre Lorans e do padre Barthe.
- A eleição de Ratzinger em 19 de abril de 2005 marca o início da realização da “reforma da reforma”, e Mons. Fellay, estimulado pelo padre Schmidberger, inicia um “processo” de alinhamento a Ratzinger.
- Paralelamente, Ratzinger avança em suas negociações com os Anglicanos do TAC e seu “Primaz” John Hepworth, com a finalidade de lhes conceder o uso de seus ritos e a criação de uma “Igreja católica de rito Anglicano”, realizando o projeto descrito por Dom Beaudin em 1925 nas conversas de Malines.

- Desde a reeleição de Mons. Fellay, o padre Lorans apoia fortemente a difusão da operação do “buquê”. Mons. Fellay, comprometido em suas negociações secretas com Castrillon Hoyos, adota uma linguagem dupla e mente publicamente na Radio Courtoisie em 12 de outubro de 2006.
- Mons. Williamson, que sempre foi notavelmente misterioso sobre toda essa subversão anglicana, tenta silenciar a questão da invalidade do rito de consagração episcopal instaurado em 1968, o que permite a Roma e ao padre Schmidberger ganharem tempo para fazer a FSSPX se alinhar.
- Ao longo das análises que progridem, a marca anglicana aparece agora em toda parte na ataque ao Sacerdócio católico sacramentalmente válido:
- Na implementação do novo rito de consagração episcopal em 1968
- No projeto de “reforma da reforma” e seu substrato teológico: Radical Orthodoxy
- Nas redes que atuam para a execução do plano de destruição do Sacerdócio
- Na subversão (Rebeldes e G.R.E.C.) da FSSPX para obter a extinção do Sacerdócio

A operação Anglo-Tridentina para ludibriar a FSSPX é um dos aspectos, o último, da Operação Rampolla[29].

---

[29] http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

ANEXOS

ANEXO I - OS FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS, ORTHODOXIA RADICAL, PROMOVIDOS PELA CAMBRIDGIANA CATHERINE PICKSTOCK, O PADRE BARTHE E O REVERENDO CHADWICK

Citamos aqui o estudo "*L'AngliCampos*" da CSI-Diffusion[30], publicado em 5 de julho de 2005 e que publicamos em nosso site. Os anexos citados no estudo da CSI-Diffusion encontram-se no documento "*L'Anglicampos*".

Início da citação da CSI-Diffusion

6.1 - Algumas figuras principais da Orthodoxia Radical

6.1.1 - John Milbank

« Pai fundador do movimento Orthodoxia Radical, John Milbank é desde setembro de 2004 professor de religião, política e ética na Universidade de Nottingham (Reino Unido). Nascido em 1952 ao norte de Londres, este anglo-católico lecionou nas universidades de Lancaster, Cambridge e Virginia (nos Estados Unidos).

Seu livro fundamental "Theology and Social Theory" lançou uma reflexão profunda sobre a secularização e a alternativa oferecida pela teologia cristã. » ***Denis Sureau Presidente das edições de l'Homme Nouveau***

6.1.2 - Catherine Pickstock

Teóloga anglicana da ramificação tractariana da Alta Igreja, a ramificação anglo-católica (ver Anexo A).

« Eu nasci em Nova York, mas fui criada em Islington, depois em Highbury, ao norte de Londres, e fui à escola em Highgate. Sou filha única. Minha pertença religiosa é complexa: segundo a convenção judaica, sou inteiramente judia. Mas do lado do meu pai, somos de uma linhagem de socialistas e sindicalistas metodistas de Derbyshire. Meus avós paternos me introduziram muito jovem à liturgia na tradição anglicana. » ***Catherine Pickstock***

« Nós três somos, com certeza, herdeiros das tradições da Alta Igreja anglicana e também das do movimento de Oxford, e percebemos a Orthodoxia Radical como parte de uma tentativa de revigorar o pensamento anglo-católico[31]*, embora em aliança com muitos católicos romanos. Uma grande parte dos temas de nossa obra constitui o prolongamento de tendências anteriores da teologia anglo-católica: o sacramentalismo, por exemplo, e o encarnacionismo, assim como o interesse por Platão, a insistência de que a salvação consiste na pertença à Igreja concebida como a verdadeira sociedade, e o compromisso com a política socialista. »* ***Catherine Pickstock***

« De forma alguma apoio a posição de Monsenhor Lefebvre, que é leal às tradições da Contra-Reforma e politicamente muito conservadora. » ***Catherine Pickstock***

« A posição de Monsenhor Mannion e do Padre Nichols tem toda a minha simpatia. » ***Catherine Pickstock***

« Sou favorável à ordenação das mulheres, bem como à sua participação integral em cada aspecto da liturgia. » ***Catherine Pickstock***

« Esta jovem teóloga e filósofa anglo-católica britânica, ex-aluna de John Milbank, ensina em Cambridge.

Especialista em Platão e Santo Agostinho, ela é autora de uma tese (After writing, a ser publicada em francês sob o título de Lettre morte) que mostra como a eucaristia oferece uma resposta definitiva aos problemas da filosofia da linguagem (notadamente aqueles levantados por Jacques Derrida).

À cidade "laica" que corta o homem de sua participação em Deus, ela opõe a visão cristã-social de uma cidade litúrgica. A participação em Deus implica uma participação social. O renovamento do

homem interior é acompanhado do renovamento da comunidade humana, a partir da Igreja concebida como o local inicial dessa comunidade renovada. Ora, é pela liturgia que o homem e, consequentemente, a sociedade experimentam a participação em Deus e rompem a monotonia da vida secular. » ***Denis Sureau Presidente das edições de l'Homme Nouveau***

6.1.3 - William T. Cavanaugh

« Jovem, leigo e teólogo.

A América, sempre nos surpreenderá. Para prova, William T. Cavanaugh. Primeira originalidade: este jovem teólogo profissional é um leigo, casado, pai de três filhos, Finnian, Declan e Eamon. Uma originalidade, visto da França, onde os teólogos de profissão são quase todos clérigos e onde os bachareis não se lançam em estudos universitários de teologia. E foi isso que Bill fez, de forma brilhante, acumulando diplomas e prêmios de excelência, primeiro na University of Notre Dame (em Indiana), depois em Cambridge, na Inglaterra, onde passou dois anos e descobriu as alegrias britânicas do remo.

Segunda originalidade: Bill não se contenta em defender um catolicismo ativo na cidade. Ele o vive. Antes de retornar ao país para completar seus estudos, decidiu partir para as favelas de Santiago do Chile, a fim de ajudar na construção de habitações. Ele descobriu lá uma Igreja confrontada com a miséria e a violência. Dessa experiência nascerá seu primeiro livro, Torture et Eucharistie (tradução em francês a ser publicada em breve pela Ad Solem), uma reflexão fascinante de teologia política.

Terceira originalidade: o catolicismo de Bill é universal. Se ele ensina agora na Universidade de Saint-Thomas, em Saint-Paul, no estado de Minnesota, seu segundo livro foi publicado em francês pelas edições genebinas Ad Solem: "Eucharistie et mondialisation". Sua versão reescrita em inglês foi publicada posteriormente por um editor escocês sob o título "Theopolitical Imagination" (T & T Clark 2002). A Igreja transcende as fronteiras. Apaixonado por esses trabalhos, o arcebispo de Granada está prestes a publicá-los em espanhol.

Quarta originalidade: a reflexão teológica de Bill avança em interação permanente com os teólogos de outras confissões, como seu antigo orientador de tese, Stanley Hauerwas, um menonita. E ele é um companheiro de jornada dos pensadores anglicanos do movimento Orthodoxia Radical (Milbank, Pickstock, Ward).

Em 2003, Bill assinou, com mais de uma centena de teólogos americanos, um apelo contra a guerra no Iraque. Seu próximo livro desmontará o Mito da violência religiosa. E se o renascimento teológico no século XXI viesse do outro lado do Atlântico? » ***Denis Sureau Presidente das edições de l'Homme Nouveau***

6.2 - O que é Orthodoxia Radical?

Trata-se de um movimento teológico lançado por acadêmicos anglicanos de Cambridge no início dos anos 1990, e que desde então não cessou de se expandir em meios religiosos muito diversos,

suscitando hoje uma federação de defensores entre os anglicanos e figuras da movimentação conservadora ou Ecclesia Dei da Igreja conciliar.

« A circulação, em 1997, de dois manifestos com títulos provocadores, "Orthodoxia Radical: Vinte e Quatro teses" (!) e "Orthodoxia Radical: Vinte teses mais", assim como a publicação, em 1998, de um compêndio intitulado "Orthodoxia Radical - Uma nova teologia" [2] provocou uma controvérsia no mundo acadêmico e eclesiástico anglófono que pode surpreender em uma época pobre em adversidade e rica em indiferença. Rejeitada por alguns por sua arrogância e sua suposta orientação reacionária, e saudada por outros como o maior movimento desde a "nova teologia", a Orthodoxia Radical se apresenta como o único movimento teológico contemporâneo capaz de devolver à teologia o status que lhe cabe, ou seja, "reivindicar o mundo situando suas preocupações e atividades em um quadro teológico [...] isto é, em termos de Trindade, de cristologia, de Igreja e de Eucaristia [... e], frente ao colapso secular da verdade [...], reconfigurar a verdade teológica". [3] Se seus defensores e opositores concordam em uma coisa, é que este é o movimento teológico contemporâneo mais debatido em terras anglo-saxônicas. (...)

O realismo teológico professado pela Orthodoxia Radical pretende ser novo, na medida em que busca retomar e aprofundar a filosofia cristã historicista e pragmática (na esteira de Maurice Blondel) e a "nova teologia" (na influência de Marie-Dominique Chenu, Henri de Lubac e Hans Urs von Balthasar), ao mesmo tempo em que rejeita o caminho da teologia natural tal como se desenvolveu desde a época de John Duns Scot (1266-1308) e Guilherme de Ockham (c. 1288/89-1349). (...)

A Orthodoxia Radical reveste-se de um duplo interesse para a teologia e a filosofia católica contemporânea. Por um lado, esse movimento se posiciona, acima de tudo, em relação à produção filosófica e teológica francesa contemporânea, em primeiro lugar a fenomenologia de Jean-Luc Marion e Michel Henry. Por outro lado, visa reatar e aprofundar o pensamento de Maurice Blondel e da "nova teologia", cuja herança, segundo os autores "radical-ortodoxos", não foi assimilada pela teologia católica do século XX. » ***Adrian Pabst****, Introdução à teologia de John Milbank e à "Orthodoxia Radical" (Anexo E)*

6.2.1 - Histórico

« Depois de sete séculos de deriva cultural, três séculos de obscuridade espiritual, (...) surgem ***flores tão frescas quanto na manhã do mundo****. A fé da Orthodoxia Radical, nascida em Cambridge* ***para a honra da Igreja anglicana*** *e reunindo cada vez mais pensadores de diferentes confissões cristãs, é prova disso. »* ***J.P. Maisonneuve*** *(Catholica N°84 – verão de 2004) (Anexo D)*

« O movimento (Orthodoxia Radical) foi lançado por mim, John Milbank (meu orientador de tese) e Graham Ward, que na época era o decano de Peterhouse. » ***Catherine Pickstock*** *(Anexo A)*

6.2.2 - Doutrina

« **Nós nos inscrevemos no movimento iniciado pela *Nova Teologia* na medida em que acreditamos que existe em todas as mentes criadas, tanto angélicas quanto humanas,**

um desejo natural inato pelo sobrenatural. *E vamos tão longe a ponto de afirmar (o que já era sugerido pela teologia de Henri de Lubac) que* ***não existe ser livre e racional que não tenha como finalidade a visão beatífica****. Acreditamos ainda que tal ser, livre e racional, manifesta (ainda que por uma espécie de necessidade estética) o caráter aporético da Criação - ou seja, o fato de que a Criação provém inteiramente do ser divino enquanto existe realmente em sua própria ordem. (...) Sem uma tal ontologia, não pode haver uma verdadeira valorização do "temporal" e do "encarnado". A matéria encontra-se assim paradoxalmente evacuada, vazia de sua substância para revelar o nada que ela encobria.* ***A temporalidade e a matéria encontram seu justo valor somente quando lhes foi retirada toda autonomia própria, para que dependam apenas da eternidade da qual recebem seu ser por participação.*** *O reconhecimento dessa participação metafísica constitui também o verdadeiro fundamento da participação social. Pois se acreditamos que temos uma origem comum e uma finalidade comum, então torna-se ontologicamente possível aos seres humanos viverem juntos em harmonia. »*

Crítica da modernidade

« A modernidade se define por um certo modo de teologia que refutamos e que tem suas raízes na Idade Média. Essa teologia atribui aos seres humanos dois fins bem distintos: um natural, outro sobrenatural, o que gerou, como Henri de Lubac destacou, tanto um humanismo desprovido de religião quanto uma religião separada de todo prolongamento e de todo enraizamento no domínio cultural. Para um humanismo sem religião, o real acabará por ser reduzido exclusivamente ao que o homem pode controlar plenamente. Por falta de se dar uma razão suficiente para se valorizar, esse humanismo culminará, de forma natural, em uma forma de anti-humanismo de caráter nihilista. **Da mesma maneira, uma religião desprovida de cultura terá uma ideia puramente formal e extrínseca da salvação, e será tentada a ver na Igreja apenas uma espécie de organização destinada a administrar a medicina da *graça.*** *Não vemos nada de inevitável no fenômeno da secularização da sociedade e não nos resignamos a esse estado de coisas. Para nós, a secularização é a criança natural de uma falsa teologia e de uma falsa eclesiologia. Está ao alcance da teologia inverter esse processo, que, em última análise, é intelectual, mesmo que a mentalidade gerada por esses modos de pensamento esteja profundamente enraizada na prática social. »* ***John Milbank****, entrevista concedida à l'Homme Nouveau, n° 1320*

« É de certa forma, em 443 páginas, JOHN MILBANK, Theology & Social Theory. Beyond Secular Reason [Teologia e Teoria Social. Além da Razão Laica], Blackwell, Oxford, 1990, o programa inicial do movimento Orthodoxia Radical e que indica seu principal objetivo: ***enfrentar o suporte operacional da secularização que constituem as ciências humanas, e substituí-las pela reflexão social cristã concebida como uma espécie de teologia da libertação de tipo ocidental e certamente não marxista****. J. Milbank recusa a concepção clerical da Igreja (que ele chama de integralismo), critica a sociologia da religião baseada no positivismo - especialmente a de Talcott Parsons e seus discípulos — e rejeita a versão rahneriana do que ele denomina integralismo (natureza e graça), que se desviou na teologia política germânica e latino-americana. Para ele, Rahner deve ser afastado devido à sua negação do sobrenatural, enquanto* ***a "versão francesa" do integralismo pode constituir a base de uma verdadeira concepção da cidade alternativa*** *("the other City"). Assim, ele se coloca sob o patrocínio de Blondel, de Lubac e Urs von Balthasar (mas não de Congar, que o deixa um pouco perplexo). Embora haja muito a*

discutir sobre tudo isso, devemos destacar, antes de tudo, a intenção: « Este livro [...] é pensado para superar o pathos da teologia moderna [...], a falsa humildade, um defeito necessariamente fatal, pois se a teologia reduz sua pretensão a ser apenas um metadiscurso, ela se torna incapaz de articular a palavra do Deus criador e se transforma em oráculo de uma ideia acabada, como o estudo histórico, a psicologia humanista ou a filosofia transcendental. » ***Bernard Dumont*** *(Catholica N°70 – verão de 2004) (Anexo C)*

*« **O movimento Orthodoxia Radical, nascido em Cambridge, conquistou em dez anos uma importância capital no mundo teológico anglo-saxão**. Enquanto a inteligência católica francesa parece anêmica, enfraquecida, incerta, **o audacioso esforço intelectual de nossos amigos do outro lado do Canal brilha por sua perspicácia e profundidade**. **Com eles, acreditamos que o mundo está antes de tudo doente de secularização**, e que apenas uma crítica "radical" de ordem teológica poderá traçar caminhos para sair dessa situação.*

O processo de secularização foi desencadeado há mais de seis séculos. A Orthodoxia Radical identifica suas primeiras expressões em certos teólogos medievais e, em seguida, examina com lucidez sua evolução. No ponto de partida, está o projeto de pensar a ordem natural, o homem e a sociedade de forma independente (e depois, em um segundo momento, contra) a revelação da ordem sobrenatural. Esse programa assume diversas formas: desde a progressiva marginalização da teologia até a reconstrução abstrata de um homem separado de sua vocação sobrenatural em uma sociedade que aprende a funcionar como se Deus não existisse. Isso implica, como Péguy vislumbrou, mutilar o homem concreto com toda a riqueza de suas experiências. Deus é assim expulso de todos os domínios da vida. Mas, uma vez que Deus está em todo lugar, a ausência de Deus é o nada. Conceber a criação sem a participação no ser divino que a funda conduz diretamente ao nihilismo.

*São Tomás de Aquino tem essa fórmula que merece ser longamente meditada: tudo o que se diz de verdadeiro vem do Espírito Santo. Em linguagem mais técnica, **John Milbank e seus amigos recordam que, na grande visão patrística e medieval, fé e razão supõem uma participação no intelecto de Deus.** É por isso que somente a fé pode restaurar nossa razão natural; e, reciprocamente, um bom uso da razão é impossível sem uma fé ao menos implícita.*

Este lembrete está subjacente ao tema da evangelização da *cultura. Nos anos trinta, os jocistas tinham como ideal "refazer a sociedade cristã". Isso implica também "refazer uma cultura cristã". Isso é verdadeiro no sentido estrito que se dá hoje à palavra cultura: as artes e as letras. A este respeito, deve-se alegrar com o formidável sucesso de A Paixão de Cristo, o filme de Mel Gibson, e dos múltiplos Oscars atribuídos ao último filme da trilogia O Senhor dos Anéis, **a incrível epopeia de Tolkien que pode contribuir para reevangelizar a imaginação**. Mas isso é ainda mais verdadeiro no sentido amplo da cultura. Assim, é especialmente importante refazer uma economia cristã: uma economia que integre o dom, o exercício das virtudes – incluindo uma justiça preocupada com os pobres – e a busca de outros objetivos além da produção e consumo de riquezas materiais. Esta abordagem pressupõe, antes de tudo, uma crítica radical das pseudo-ciências sociais (começando pela chamada "ciência econômica" moderna) que não são nada mais que teologias heréticas.*

Quem fala de cultura fala de culto. Se toda cultura só faz sentido como participação em Deus, ***a sociedade humana deve render culto a seu Criador e Redentor****. Uma ordem verdadeiramente cristã é uma ordem litúrgica.* ***Uma civilização verdadeiramente cristã*** *– e, portanto, autenticamente cristã –* ***é impregnada de ritos e rituais****. "Dêem-nos ritos!" exclamava o poeta Rilke.* ***A liturgia*** *não é um passatempo de domingo: é a atividade humana por excelência, no coração da cidade,* ***no centro de nossas vidas****.* ***A importância que lhe reconhecemos é outro ponto de encontro com os teólogos radical-ortodoxos****: "O culto litúrgico não tem como objetivo principal melhorar a qualidade de nossa vida coletiva, ele é a própria coroação dessa vida coletiva. Trabalhamos, que queiramos ou não, para a edificação de uma sociedade fundamentada na justiça quando, do excedente de nossa produção, fazemos coletivamente uma obra de beleza, visível ao olhar de Deus" (****Catherine Pickstock****, prefácio à Orthodoxia Radical, Ad Solem 2004).*

Essa confrontação com as angústias e questões de nossos contemporâneos é um eixo chave. Pois não se trata de ser "antimoderno" ou "pós-moderno", "conservador" ou "progressista": trata-se, a partir dos recursos próprios de nossa fé, de mostrar que somente uma teologia fortemente enraizada no melhor de sua tradição patrística e medieval é capaz de discernir o positivo do negativo na modernidade. Este *programa já era o dos tomistas da primeira metade do século XX. Ele é bem diferente das tentativas sucessivas e impotentes de teólogos que pensam poder se apoiar na modernidade e seus avatares (as ciências sociais, a experiência dos crentes, etc.) para repensar a fé.*

Contrariamente ao que se poderia temer, ***a afirmação voluntária do poder da fé*** *não produz uma crispação identitária, mas, ao contrário,* ***relança o ecumenismo****. Não o ecumenismo por baixo, na busca do menor denominador comum. Mas um ecumenismo por cima, onde os pontos de divergência surgidos desde a Reforma são colocados em seu devido lugar.* ***Particularmente promissora a esse respeito é a redescoberta, por teólogos protestantes, da obra de Santo Tomás de Aquino. Desde a origem, como destaca Catherine Pickstock, a orthodoxia radical se descobriu como ecumênica****: "Seus primeiros adeptos eram anglicanos e católicos romanos. Mas agora conta com simpatizantes de todos os horizontes da família cristã, ortodoxos orientais, metodistas, batistas, presbiterianos. O interesse desses últimos é surpreendente na medida em que nosso Movimento se apresenta como abertamente católico. É, no entanto, importante notar que hoje muitas Igrejas protestantes buscam reencontrar uma catolicidade mais ampla. Aqueles que criticaram, de forma um tanto leviana, o que chamaram de 'antiprotestantismo' do Movimento ignoram a pertinência de suas aspirações ecumênicas. Ele convida protestantes e católicos a examinarem os pontos que os dividem e a se perguntarem em que medida seus desentendimentos não resultam de interpretações errôneas de certas tendências extremas que surgiram no crepúsculo brilhante do pensamento escolástico. Essa proposta não tem nada de particularmente original em si mesma. Ela subjaz a boa parte da reflexão teológica do século XX, tanto protestante quanto católica. Estamos simplesmente buscando torná-la mais explícita" (id.).*

Outro ponto de convergência com o catolicismo social é a vontade afirmada pela Orthodoxia Radical de demonstrar como a participação em Deus implica necessariamente uma participação social no plano terreno. Como escreve Catherine Pickstock, "o cristianismo que deseja renovar o homem individual, o homem interior, também tem

a tarefa de renovar a própria comunidade humana” e é “a própria Igreja que deve ser o local inicial dessa comunidade renovada” (id.). Essa perspectiva nos entusiasma. Não a você? **Denis Sureau**, ***Presidente das edições de l’Homme Nouveau***

*Catherine Pickstock escreve: “**O culto litúrgico** não tem como objetivo principal melhorar a qualidade de nossa vida coletiva, ele **é a própria coroação dessa vida coletiva**. **Trabalhamos, que queiramos ou não, para a edificação de uma sociedade fundada na justiça quando, do excedente de nossa produção, fazemos coletivamente uma obra de beleza, visível ao olhar de Deus**.”*

"*Precisamos reencontrar **o sentido de um verdadeiro ritual litúrgico, ou seja, a sensação de algo belo e constantemente repetido**, embora de uma maneira a cada vez diferente. Precisamos reencontrar a sensação de que nosso trabalho e nossa vida coletiva só podem encontrar seu cumprimento em uma oferta litúrgica a Deus. E acima de tudo, precisamos nos impregnar dessa sensação de que a caridade (...) não é, em última análise, senão uma troca de dons; pois **se o trabalho humano produz mais do que o necessário, essa abundância,** longe de servir para encher os cofres de um velho avarento, **deve ser alegremente oferecida a Deus, a esse Deus que alimenta o jogo dessa troca de dons entre o divino e o humano**. É unicamente dessa forma que poderemos reencontrar o radicalismo da ortodoxia.” **Catherine Pickstock**, prefácio à Orthodoxia Radical, Ad Solem, 2004*

Fim da citação da CSI-Diffusion

---

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf

[30] http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

[31] NdT: anglo-catolicismo é sinônimo de anglicanismo.

ANEXO II - GRÉGORY SOLARI, O EDITOR DE CATHERINE PICKSTOCK, GOSTA MUITO DA INGLATERRA E DA « CRISTANDADE EM MINIATURA » QUE REPRESENTA AOS SEUS OLHOS O ANGLICANISMO

Citamos aqui o estudo « *L'AngliCampos* » da CSI-Diffusion[32], publicado em 5 de julho de 2005 e que publicamos em nosso site. Trata-se da entrevista com Grégory Solari, editor de **Catherine Pickstock** em Genebra (Edições Ad Solem). Este texto foi publicado na edição de abril-junho de 2004 da revista Kephas (movimento da FSSP). 'Editor católico em Genebra: por uma cultura eucarística' – Entrevista[33] de **Grégory Solari** com o padre **Bruno Le Pivain** (Kephas – Fevereiro de 2004)

« Kephas

Para além de Newman, se distingue também uma "filiação anglófila" muito presente em seu catálogo, tanto por meio de obras sobre a obra de Tolkien, quanto pela atenção dada ao

movimento teológico anglo-saxão Radical Orthodoxy ou a um escritor como David Jones. Esse movimento tem uma história?

Grégory Solari

Sim, a minha! Perdoe-me esta digressão pessoal, mas não há outra razão. Sempre pensei que existia uma "climatologia" ou uma "geografia" da alma, ou seja, que algumas paisagens, algumas regiões, refletem seu ser próprio ou o revelam. Para mim, essa região "icônica" sempre foi a Inglaterra. Isso vai chocar seus leitores franceses. Como assim, a pérfida Albión em vez da doce França!? Sim, mas a Albión que não é mais tão pérfida assim, é a terra Branca, como era chamada na Idade Média, a terra de Arthur, da civilização de Northumbria, onde, durante vários séculos (entre os séculos VII e X), a cultura antiga herdada de Roma foi preservada e cultivada nos mosteiros anglo-saxões, e depois retransmitida por homens como Alcuin de York, que Carlos Magno chamou para sua corte para criar em Aix-la-Chapelle o centro de onde partiriam os missionários que iriam reevangelizar a Europa pela fé e pela cultura.

O cisma de Henrique VIII certamente contribuiu para isolar a Inglaterra ainda mais. No entanto, ela permaneceu uma « Cristandade em miniatura », que, embora tenha perdido sua comunhão eclesial com Roma, também escapou de outros males, como a Revolução Francesa, que fez a França perder a homogeneidade de sua fé e de sua cultura. Em homens como Newman, Tolkien, C.S. Lewis, G.K. Chesterton, Christopher Dawson, David Jones, ou ainda os protagonistas do Movimento *Radical Orthodoxy* liderado por John Milbank e Catherine Pickstock, encontramos em suas vidas ou em seus pensamentos essa unidade da fé e da cultura necessária para realizar a nova evangelização.

---

[32] http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

[33] http://www.revue-kephas.org/04/2/Solari123-132.html

ANEXO III - QUEM É O REVERENDO CHADWICK?

Segundo a informação de 9 de julho de 2004 de um fórum que o Reverendo Chadwick não desmentiu, ele foi « ordenado » diácono no Instituto do Cristo-Rei, depois *« foi ordenado por Monsenhor Terrasson (antigo do Palmar de Troya). Ele foi consagrado bispo (2000) por Monsenhor Lucien-Cyril Strijmeersch (belga falecido) que acumulava um certo número de consagrações (Jean Gérard Roux, André Enos, Philippe De Coster). Monsenhor Chadwick afirma ter sido reordenado sacerdote por um bispo da sucessão Duarte-Costa (um bispo brasileiro excomungado fundador da Igreja católica apostólica brasileira) »*

Ele responde então, por conta própria, em um fórum público na internet em 5 de abril de 2006:

> *« Sou sacerdote anglicano da "Communion Tradicional Anglicana" (TAC) desde 9 de agosto de 2005. Consequentemente, não tenho nada a ver com os meios tradicionalistas mais ou menos católicos romanos. Não procuro exercer nenhum ministério em seus meios. Estou perfeitamente em ordem canônica com a Igreja (não romana) à qual pertenço (...) Renunciei ao exercício do episcopado para servir a TAC como simples sacerdote. Portanto, sou um simples sacerdote (...) Perdi minha incardinação no Instituto do Cristo-Rei por ter aderido a uma igreja não católica romana em 1995. Nunca recebi uma sentença 'ferendae sententiae'. Estou certamente excomungado 'latae sententiae'. Portanto, não recebo nenhum sacramento da Igreja católica romana ».*

Nesse mesmo fórum, o reverendo Chadwick anunciou nessa data que iria se casar, segundo as normas da Igreja anglicana, dois meses depois.

ANEXO IV – TEXTO DO REVERENDO CHADWICK DESCREVENDO ‘SEU ESPÍRITO’

Reverendo Chadwick

http://perso.orange.fr/civitas.dei/

Este site é mantido pelo padre Anthony Chadwick, um sacerdote da *Traditional Anglican Communion*.

Esta comunhão anglicana, independente de Canterbury, é uma entidade internacional que se compõe de várias centenas de milhares de fiéis distribuídos em 33 dioceses em 44 países, falando mais de 7 idiomas, sendo o inglês o menos falado. Ela está em diálogo com a Igreja católica romana há cerca de quinze anos.

O anglicanismo clássico da "alta igreja" representa, portanto, uma visão profundamente católica, muito próxima da Igreja católica romana em matéria de doutrina e prática litúrgica. As diferenças estão principalmente no nível cultural e espiritual. A visão da TAC consiste essencialmente em um desejo de reconciliação na diversidade.

Encontramos pontos de profundo acordo com o ensinamento do Papa Bento XVI e com sua vontade de desfazer o espírito de ideologia que reina há mais de 40 anos em todos os meios do cristianismo ocidental, especialmente promovendo a harmonia entre a fé e a razão.

Esta página descreve brevemente o espírito da Comunhão Anglicana Tradicional (TAC), seus objetivos e o que poderia interessar um crente francês de determinado temperamento.

O que distingue o anglicanismo clássico em nosso tempo é muito sutil, rompendo com todas as ideias preconcebidas ao longo dos séculos em um país que conhece apenas o catolicismo romano e o protestantismo histórico segundo as bases estabelecidas por João Calvino e Martinho Lutero. Mas, não são os franceses que têm os maiores protagonistas do ecumenismo, a saber, os padres

Paul Couturier (1881-1953) e Fernand Portal (1855-1926)?

O grande teólogo Louis Bouyer, ex-luterano convertido ao catolicismo, tinha um grande interesse pelo anglicanismo para redescobrir as bases de um renovo na Igreja católica. O anglicanismo sempre esteve no centro da reflexão e do movimento ecumênico, especialmente entre teólogos franceses como Henri de Lubac e Yves Congar.

O anglicanismo contemporâneo atravessa uma crise terrível, muito pior do que no catolicismo pós-conciliar, o que põe fim ao movimento de aproximação iniciado pelos arcebispos de Canterbury e pelos papas João XXIII e Paulo VI. Os desafios são diferentes, mas as ideologias de "direita" e "esquerda" se reúnem no anglicanismo assim como no catolicismo romano na França. O resultado é o mesmo: menos de 5% de prática entre os batizados, sendo que a maioria já ultrapassou a idade da aposentadoria.

A Comunhão Anglicana Tradicional é um movimento de *reação*, assim como seus análogos no catolicismo romano, uma reação contra a dissolução de todos os princípios doutrinários ou valores morais. No entanto, não adotou uma atitude tensa em relação aos ensinamentos do Vaticano II sobre o ecumenismo, a teologia da Igreja e do Episcopado, e sobre a liberdade religiosa. Sua posição é caracterizada por um espírito mais conservador do que "tradicionalista" ou "integrista". É um espírito fortemente enraizado na *moderação* anglo-saxônica e em nosso desejo de diálogo razoável e racional.

Nosso espírito foi moldado por nossa história e por nossa experiência. Nossa tradição viveu a crise do século dezesseis. Ela atravessou as polêmicas daquela época, para se dedicar ao estudo dos Pais da Igreja, redescobrir as riquezas da tradição católica de todos os séculos e, finalmente, promover uma restauração litúrgica e espiritual. É o legado dos *Caroline Divines* e do movimento de Oxford. A TAC apenas continua esse movimento de restauração católica em um espírito nórdico e sóbrio.

Abandonei a ideia de fazer uma "loja" ou capelania em um sentido formal. A razão é simples: tal abordagem é prematura. O cenário religioso na França se divide entre as expressões vividas no catolicismo romano e no seio dos grupos reacionários. Há uma minoria protestante entre as igrejas reformadas históricas e as comunidades evangélicas importadas dos Estados Unidos, mais ou menos inculturadas aqui. Alguns franceses se converteram à Ortodoxia, mas essa abordagem requer uma adaptação cultural radical da qual a maioria de nós não é capaz, espiritual ou afetivamente. O anglicanismo permanece amplamente desconhecido, uma questão de algumas igrejas e capelanias discretas, voltadas para turistas e expatriados ingleses, sob a jurisdição da Igreja da Inglaterra.

Finalmente, o anglicanismo é algo tão sutil e refinado. A maior parte das pessoas, cristãs e não cristãs, não tem a capacidade de reflexão ou a curiosidade intelectual para ir além das ideias preconcebidas. Não somos suficientemente demagogos ou intolerantes para interessar a massa de cristãos superficiais. Talvez, em um nível pessoal, eu não tenha uma grande aptidão para o ministério pastoral que envolve adaptações a estratégias "comerciais" junto aos "clientes". Conheci as paróquias "à moda antiga", mas tudo isso mudou agora com o espírito "tecnocrático" e "burocrático", além da escassez de clérigos e fiéis bem formados.

Há tentativas por parte da Igreja Episcopal Americana e da Igreja da Inglaterra de divulgar o anglicanismo nos meios francófonos. Em particular, há alguns ensaios escritos por Monsenhor Pierre Whalon, Bispo da Convocação da Igreja Americana na Europa. Há também um sacerdote francês da Igreja Americana na Gironda que mantém um blog - Episcopaliens francophones (não atualizado) e seu site paroquial. Sua posição é mais "moderna" do que a nossa, mas merece ser lida. A igreja Saint Michel em Paris da Igreja da Inglaterra estende seus ministérios entre os franceses. Um artigo testemunha o interesse em divulgar o anglicanismo entre os francófonos no Canadá, na França, nas antigas colônias e nas missões.

Ao contrário das Igrejas na Inglaterra e nos Estados Unidos que têm missões na Europa, caracterizadas por um espírito "moderno" e liberal ou "evangélico", a TAC está fortemente ligada ao movimento católico fundado por Newman, Keble, Pusey e vários outros. Essa dimensão do anglicanismo permanece desconhecida na França, bem como suas sensibilidades litúrgicas e espirituais.

Como falar de uma *identidade* anglicana quando se afastou dos princípios da Reforma protestante e dos formularios da "*low church*"? A TAC é realmente anglicana, em vez de "velha-católica"? A identidade anglicana também foi estreitamente associada ao *Estabelecimento* do estado inglês. É tão difícil imaginar o anglicanismo sem o Estado inglês quanto o galicanismo sem Luís XIV e Bossuet! É inegável que a eclesiologia de *comunhão* do anglicanismo teve uma grande influência na Igreja católica romana na época do Vaticano II.

Hoje, a identidade anglicana se expressa praticamente da mesma forma que o catolicismo romano contemporâneo, entre o "liberalismo" e o catolicismo "conservador". Simplesmente, nós, da TAC, retornamos ao *catolicismo* que hoje está expurgado das corrupções que foram as causas da revolta de Lutero, Cranmer e outros reformadores. Buscamos desenvolver e seguir um espírito que não é muito diferente do que o Papa Bento XVI claramente busca promover - ou seja, o espírito litúrgico em uma Igreja fiel à mensagem de Cristo, espiritual e missionária.

Uma igreja *low-church* preparada para a Ceia - para contrastar com o estilo *high-church*. Nela, a Eucaristia é celebrada do lado esquerdo. Essa maneira, em voga na *low-church* até a introdução da celebração de frente para o povo na década de 1960, é rara desde os avanços do movimento católico no anglicanismo. É importante notar que não há cruz ou candelabros sobre a mesa.

Um dos primeiros altares da época ritualista (c. 1860)

O espírito de revolta e de polêmica integrista nos é estrangeiro. Nós viemos de longe: da velha Inglaterra e de suas missões históricas na Austrália, nas Américas, na Índia, na África e em alguns outros locais. O espírito anglicano permanece firmemente enraizado em uma piedade litúrgica de acordo com os ritos da Missa e do Ofício Divino. O anglicanismo nunca precisou de uma pluralidade de devoções não litúrgicas ou de mau gosto em sua iconografia, e ainda menos de um "*mercado de bondieuseries*". Essa não é a nossa forma de agir.

É necessário também, com toda honestidade, dizer que a identidade anglicana é fraca. Assim como o "catolicismo sem papa" tradicionalista, o anglicanismo do *Continuum* teve muita dificuldade em se manter unido. O leitor pouco familiarizado com o anglicanismo se depara não com uma contestação unida, mas com uma variedade de grupos, cada um com seus próprios sotaques, sem mencionar as rivalidades pessoais entre bispos, que também desempenharam um papel nesse esfacelamento. A situação está melhorando nos Estados Unidos, onde as grandes Igrejas do *Continuum* começam a se unir e a enterrar suas diferenças.

O grande desafio para nós consiste em fortalecer essa unidade a fim de encontrar a comunhão com Roma. Precisamos nos unir em torno do Sucessor de São Pedro, mantendo nossa identidade espiritual, nosso legado litúrgico, espiritual e teológico. O que o anglicanismo pode trazer à Igreja universal?

Primeiro, conservamos uma expressão católica que não foi influenciada pelo ultramontanismo (exagero da autoridade do Papa) ou pelas tendências espirituais e teológicas da época barroca e do século XIX. Nosso catolicismo é um catolicismo do norte, que não encontra uma simpatia natural com o catolicismo da cultura latina. Sofremos as influências do protestantismo, cujas algumas dimensões são saudáveis (por exemplo, o amor pelas Sagradas Escrituras). Assim como os alemães, mantivemos nosso amor pela música e pela beleza sóbria, um senso de bom gosto e harmonia. O verdadeiro gênio do anglicanismo é o Ofício Divino segundo o *Prayer Book* de Cranmer. Ele é ainda mais simples do que a *Liturgia das Horas* de Paulo VI, muito fácil de seguir pelos fiéis.

Acima de tudo, o gênio do espírito anglicano, tal como foi desenvolvido no século XVII, é sua capacidade de dialogar e raciocinar. A fé anda de mãos dadas com a razão, uma noção particularmente querida ao Papa Bento XVI. Os convertidos do anglicanismo para o catolicismo romano geralmente enfrentaram muitas dificuldades, pois as duas tradições são semelhantes, mas, ao mesmo tempo, distantes uma da outra. Nosso racionalismo se opõe ao espírito do fideísmo cego dos conservadores católicos romanos e ao "culto da feiúra" dos "progressistas".

Trata-se do retorno a uma vida litúrgica cuidada, autêntica e sóbria e, ao mesmo tempo, do retorno à teologia dos Pais da Igreja e sua visão profundamente bíblica.

Podemos acrescentar o *conservadorismo tolerante*, pois os anglicanos preferem o *diálogo* e o uso da *razão* às polêmicas onde cada parte acredita possuir a verdade. Estamos muito ligados à *moderação* e à busca do meio-termo (via media) entre os extremos.

Conhecemos nossas fraquezas e forças, e confiamos que a Igreja católica romana contemporânea assumirá essas diferenças, assim como acontece com aqueles que se apegam à tradição tridentina. Somente hoje a Igreja católica romana começa a conceber a unidade na diversidade, evidenciada pela possibilidade de que Bento XVI publique um documento para liberar o uso do rito pré-conciliar para aqueles que desejam. É incrível que alguns bispos franceses não consigam tolerar a presença de dois ritos na Igreja, embora a missa dita de Paulo VI não seja uniforme entre duas paróquias de seus diocesanos! O "glasnost" e a "perestroika" que estão chegando à Igreja podem apenas encorajar os católicos anglicanos em nossa busca por unidade.

Quanto às relações entre a TAC e Roma, o que interessaria aos católicos franceses, temos essas palavras de nosso arcebispo, Monsenhor John Hepworth (início de 2006):

> *Seremos absorvidos por Roma? Os católicos romanos (...) nos encorajaram a manter nosso legado anglicano. Um autor escreveu, com emoção, que a TAC busca "obter a comunhão (com o Santo Sé) enquanto mantém essas tradições veneradas de espiritualidade, liturgia, disciplina e teologia que constituem o legado multi-secular das comunidades anglicanas em todo o mundo".*

Nós buscamos ser "católicos-anglicanos", ou seja, valorizar nosso anglicanismo enquanto estamos visivelmente unidos à Igreja católica completa, uma união que nossos formulários já mencionaram.

(...) Há dois documentos em fase final de preparação. O primeiro é um "plano pastoral" que tem como objetivo "verificar a TAC como um interlocutor digno com a Igreja católica romana" e estabelecer os "níveis desejados de reconhecimento por Roma tanto antes quanto depois do ato de plena comunhão".

Se o documento receber a aprovação de toda a Comunhão, ele será formalmente apresentado ao Santo Séu, e um processo mais formal será estabelecido. (...)

O segundo documento é uma proposta formal da TAC ao Santo Séu para se tornar uma "Igreja de Rito Anglicano" sui juris em comunhão com o Santo Séu".

O diálogo continua discretamente, e segundo um sacerdote católico romano nos Estados Unidos: *De acordo com o que aprendi por várias fontes, a Congregação para a Doutrina da Fé em Roma está trabalhando para preparar propostas para futuras relações com organizações e grupos anglicanos de orientação católica ortodoxa, com as igrejas anglicanas "continuing", bem como com grupos e "fraternidades" luteranas de orientação católica na Europa e a Igreja Católica Nórdica na Noruega.*

Foi necessário um Papa alemão para começar a entender essas aspirações! Avançamos com confiança e fé em direção à unidade desejada por Cristo - *ut omnes unum sint*!

A PROPÓSITO DA CONTRA-IGREJA

SOBRE AS DIFICULDADES DOUTRINÁRIAS COLOCADAS PELO ESTUDO DA "CONTRA-IGREJA".

- Introdução
- A doutrina das inimizades
- Pluralismo, Sincretismo e Ecumenismo
- Os dois corpos místicos
- A verdadeira e a falsa mística
- A natureza do paganismo antigo e moderno
- A natureza da iniciação
- O problema do esoterismo
- As dificuldades da Cabala
- Conclusão

Introdução

Para avançar os conhecimentos relativos à "Contra-Igreja", estamos enfrentando problemas que, quanto ao fundo, não são novos, mas que hoje assumem formas novas.

A geração anterior - a de Monsenhor Jouin e Léon de Poncins - já os encontrou. Mas estava preocupada com as modalidades atuais desses problemas. Ela lidava com o que era mais urgente e visava principalmente o que então se chamava de "ações antinacionais". Por necessidade, ela negligenciou a infraestrutura religiosa dessas ações. Nós teríamos feito o mesmo.

No entanto, como o inimigo avançou, hoje temos que enfrentar principalmente "ações antirreligiosas". É necessário, portanto, aprofundar nosso campo de investigação (diríamos, nosso campo operacional) e utilizar, consequentemente, métodos mais penetrantes.

Façamos um rápido inventário das áreas de penetração que desejamos explorar e dos critérios que pensamos aplicar.

A doutrina das inimizades

Os historiadores da maçonaria ensinam comumente que suas congregações remontam às origens da humanidade. Não se pode deixar de concordar, em princípio, com tal declaração de antiguidade, que é de fato confirmada pelos arquivos da Igreja.

A Sagrada Escritura revela a existência, desde o início, de uma anti-religião. Entre essas duas tradições primordiais, a Escritura declara que sempre existirá uma INCOMPATIBILIDADE irremediável.

Essa incompatibilidade das duas religiões é objeto de uma revelação sem ambiguidade. É um verdadeiro decreto que está contido na sentença de condenação da serpente:

> "INIMICITIAS ponam inter te et mulierem, et semen tuum et semen illius". "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela". Gênesis 3:15.

Esta é a doutrina das duas POSTERIDADES e de suas INIMIZADES. A palavra posteridade é repetida duas vezes no texto porque se trata de duas "sementes" que não têm nada em comum.

Os filósofos da maçonaria não admitem essa noção de INCOMPATIBILIDADE irreversível porque afirmam que seus colégios de sábios estão na origem de todas as religiões, sem exceção. E, se podemos concordar com o princípio da antiguidade da "contra-igreja", somos obrigados a contestar a escola maçônica todas as vezes que ela mistura as fontes das duas tradições e mantém (e isso é constante nela) a confusão entre as duas "sementes".

Além disso, submetidos apesar de si mesmos ao decreto divino, os historiadores maçons praticam de fato a velha inimizade e fazem uma guerra implacável à verdadeira Igreja, de modo que as duas religiões são, de fato e de direito, inimigas desde a origem.

A posteridade da mulher é a posteridade de nossa Mãe Eva, é a Nova Eva, a Virgem Maria e Nosso Senhor Jesus Cristo, sinal de contradição:

> "Signum cui contradicetur" Lucas 2, 34. É também a Santa Igreja.

A posteridade da serpente são as falsas religiões, a "contra-igreja", corpo polimorfo cujo chefe será o Anticristo, chegando por último, no fim dos tempos.

Encontramos as duas posteridades e suas inimizades sob diversas formas em todo o patrimônio doutrinal eclesiástico. Aqui está um texto muito interessante de São Paulo sobre a incompatibilidade dos dois cálices:

> "*Non potestis calice Domini bibere et calice dæmoniorum*." "Não podeis beber ao mesmo tempo do Cálice do Senhor e do cálice dos demônios." 1 Coríntios 10, 21.

Aqui está outro onde ele proíbe o comércio entre a luz e as trevas:

> "*Nolite jugum ducere cum infidelibus ; quæ enin participatio justiciæ cum iniquitate ? Aut quæ societas luci ad tenebras ? Quæ autem conventio Christi ad Belial ? Aut quæ pars fideli cum infideli ?*" "Não vos prendais a um mesmo jugo com os infiéis. Pois que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? Que comunhão pode existir entre a luz e as trevas? Que acordo há entre Cristo e Belial? Que sociedade tem o fiel com o infiel?" 1 Coríntios 6, 14-15.

São Luís Maria Grignion de Montfort invoca essas inimizades entre os membros das duas cidades como base de sua espiritualidade. Mas também podemos invocá-las como critério de discernimento; por exemplo, ao analisar o ecumenismo, seus fundamentos doutrinários e os motivos de seus partidários.

Se a Igreja da Terra é MILITANTE, é precisamente por causa das inimizades e incompatibilidades que se opõem às duas posteridades anunciadas no Gênesis. É uma doutrina antiga, universal e segura que Jesus e Belial não estão destinados a se abraçar, mas sim a se combater.

É precisamente esse espírito de INCOMPATIBILIDADE que traremos para o estudo da "contra-Igreja". Nisso, estaremos apenas correspondendo à hostilidade irreconciliável dos maçons "contra todos os que dogmatizam"; isto é, contra todos os que têm fé.

Pluralismo, Sincretismo e Ecumenismo

As congregações maçônicas afirmam constituir uma SUPER-RELIGIÃO ESOTÉRICA cujo papel é inspirar clandestinamente todas as religiões exotéricas. E elas trabalham efetivamente nesse sentido há várias décadas.

Imediatamente se percebe que essa manobra pode resultar, dependendo do temperamento dos executores, em duas tendências:

1. O PLURALISMO, que enfatiza o particularismo das religiões periféricas;
2. O SINCRETISMO, que busca enriquecer cada vez mais o fundo comum das noções universais.

Na verdade, as duas tendências se alternam como uma pulsação, e a manobra avança.

Desde que, por ocasião do último Concílio, os progressistas assumiram o poder no Vaticano, a Igreja tem sido arrastada para essa manobra "pluralo-sincrética". As duas tendências já alcançaram conquistas significativas.

O pluralismo deu origem às igrejas nacionais (graças ao uso das línguas nacionais na liturgia e às conferências episcopais nacionais), que agora evoluem em velocidades diferentes e, portanto, se diferenciam cada vez mais.

O sincretismo teve que mudar de nome para não assustar os fiéis: adotou-se o termo "ecumenismo", cujo significado precisou ser desviado; etimologicamente, "católico" e "ecumênico" são equivalentes e significam universal; no novo vocabulário, ecumenismo denota um universalismo ainda mais amplo do que o do catolicismo; é o "todo" do qual o pequeno catolicismo de antigamente era apenas uma "parte", e esse "ecumenismo sincretista" leva a Igreja por dois caminhos:

- Concessões,
- e empréstimos,
  primeiro às confissões cristãs imediatamente ao seu redor e depois às religiões não-cristãs. As negociações estão em curso.

Gostaríamos de observar esquematicamente, por falta de espaço, que essa manobra pluralo-sincrética não é de forma alguma, absolutamente não é conforme à estratégia divina, que opera em sentido diametralmente oposto. Vamos nos contentar em lembrar as duas características que revelaram esse plano:

- a confusão de Babel
- e a vocação de Abraão.

A confusão de Babel

A unidade da raça humana estava estabelecida; em particular, havia apenas uma língua. Mas com o rápido crescimento demográfico, sentia-se a iminência de uma desintegração; daí a ideia de uma cidade capital, de uma torre e de um monumento para materializar no futuro a unidade da espécie humana. A princípio, tudo parecia muito louvável nesse empreendimento, já que visava manter para sempre uma unidade já alcançada.

Foi então que Deus mesmo interveio. Ele não queria essa unidade e a destruiu. O texto do Gênesis é absolutamente claro e formal. E por que Deus não queria essa unidade? Porque era puramente humana:

- construamos NÓS uma cidade,
- façamos NÓS um monumento.

Quanto à Torre, eles a fazem subir até o céu, é claro, mas é com esse mesmo zelo que São Paulo um dia reprovará os fariseus:

> "Eu lhes dou este testemunho: eles têm zelo por Deus, mas não conforme ao conhecimento."

E é Deus mesmo quem opera a distinção e a confusão das línguas por uma espécie de decreto solene:

> "*Venite igitur, descendamus, et confundamus ibi linguam eorum, ut non audiat unusquisque vocem proximi sui.*" "Vamos, pois, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entendam mais a linguagem um do outro." Gênesis 11, 7

A vocação de Abraão

Este episódio extremamente importante está contido em três versículos: Gênesis 12, 1-3. Deus escolhe para Si um povo e o SEPARA dos outros povos, e essa separação (que é o complemento e a contrapartida da confusão de Babel) é definitiva.

A "Vocação dos Gentios", mais tarde, não alterará essa estratégia de separação; ao contrário, a fortalecerá. Pois Israel do Antigo Testamento era um povo carnal cuja separação era "defensiva"

(para manter uma raça pura para formar o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo), enquanto Israel do Novo Testamento é um "povo espiritual" destinado a formar o "Corpo Místico de Cristo". E com o auxílio da Graça concedida, Israel espiritual tem uma missão "ofensiva" de conquista.

Mas a separação permanece. Haverá "um só rebanho e um só pastor" quando a conquista estiver completa. **Só há unidade na Verdade**. É fácil entender que tal estratégia exclui qualquer "pluralo-sincretismo", qualquer manobra de concessão e empréstimo. Católico, ecumênico e universal têm o mesmo significado. A religião de Nosso Senhor é católica porque é feita para todas as nações, as quais, por sua vez, estão em harmonia pré-estabelecida com ela.

Os dois corpos místicos

Ao prosseguirmos com nossa análise profunda, inevitavelmente encontraremos as áreas de fricção entre os dois "Corpos Místicos":

- o Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja,
- e o corpo místico do Anticristo.

Trata-se aqui de saber se podemos aplicar o termo "corpo místico" ao extraordinariamente polimorfo conjunto das falsas religiões, seitas e todas as congregações heterodoxas.

Esta aplicação levanta de fato uma questão. Pois, enquanto a realidade do Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo é amplamente ensinada (veja a encíclica de Pio XII "*Mystici Corporis Christi*" de 29 de junho de 1943), a do corpo místico do anticristo não o é.

E isso ocorre por duas razões:

1) A Escola não se pronunciou sobre a personalidade do Anticristo, que muitos teólogos apresentam como um ser coletivo; eles o veem como o tipo de um gênero cujos exemplares aparecem de tempos em tempos ao longo da história (como Antíoco, Nero, Átila, Hitler...). É evidente que, nessa hipótese, hesita-se em qualificar como "corpo" um conjunto que não tem uma única cabeça.

Mas responderemos que esses exemplares de um mesmo gênero são mais figuras, ou melhor, prefigurações, precursores do verdadeiro e pessoal Anticristo, aquele de quem as Escrituras anunciam que presidirá às tribulações finais da Igreja. Nesse caso, o corpo das seitas teria de fato uma cabeça única, embora aparecendo no final. Vamos justificar nossa posição com esta citação de São João:

> "Como vocês ouviram que o anticristo está para vir, assim agora já surgiram muitos anticristos." 1 João 2, 18.

As prefigurações não anulam o personagem final.

2) A segunda razão que faz hesitar em falar do corpo místico do anticristo é o estado de guerra incessante que existe entre os membros desse corpo. Onde está a sua unidade, argumenta-se, se ele está se dilacerando.

Respondemos observando que se trata de fato deste "reino dividido contra si mesmo" do qual nos fala o Divino Mestre. É de fato um "reino", mas sua unidade é negativa; é feita de ódio contra o inimigo comum que é Jesus; os membros só se reconciliam à custa do "Justo". E ele está "dividido

contra si mesmo" porque o demônio governa pela rivalidade dos membros; é até um dos seus grandes princípios de governo.

Portanto, teremos argumentos a favor da existência de um verdadeiro "corpo místico do anticristo", certamente monstruoso, mas antagonista ao do Cristo. Aproveitaremos o fato de que o assunto é teologicamente livre.

Uma resposta afirmativa a esta questão é ainda mais necessária porque somos convidados pelos próprios maçons. Eles apresentam a iniciação como tendo, entre outros efeitos, o de introduzir o adepto em um corpo espiritual, em uma instituição espiritual imemorial; e eles até fazem dessa incorporação uma das condições para a validade da iniciação. Portanto, eles realmente sentem a existência de um corpo espiritual. A questão que abordamos aqui não é, portanto, ociosa.

A verdadeira e a falsa mística

A avaliação do limite entre a verdadeira e a falsa mística é muito difícil. No entanto, constantemente precisamos dela ao estudar as seitas.

O comércio da alma humana com o mundo dos espíritos através das vias particulares da mística (vias que variam em intensidade e natureza, desde a simples elevação da alma... pela oração), desempenha um papel significativo tanto na verdadeira quanto na falsa religião. Encontramos até mesmo a falsa mística na origem das doutrinas filosóficas ("iluminação" de muitos filósofos). **Ela é encontrada até mesmo na origem de certas descobertas científicas**. Há toda uma zona que não podemos deixar de explorar, pois é por ela que as doutrinas demoníacas penetram na sociedade.

O mundo dos espíritos, de fato, está dividido em dois campos: **o dos espíritos fiéis e o dos espíritos reprovados**.

Cada vez que um indivíduo (um orador, um cientista, um filósofo, um monge ou um simples membro do *vulgum pecus*) recebe uma inspiração mística, em qualquer grau, surge a questão de qual é a sua origem.

Esse assunto foi colocado em comunicação com seu próprio metapsiquismo (nesse caso, ele é tanto inspirado quanto inspirador), ou com um bom espírito, ou com um espírito ruim? Ou ainda, esse fenômeno é complexo?

Essa questão se coloca para nós a cada passo. É a do **DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS**. Ora, a faculdade de discernimento é um carisma. E a Providência não distribui esse dom de maneira muito ampla. Mesmo na ausência de um dom pessoal, o Bispo desfruta *ipso facto* da faculdade de discernimento quando, no exercício de suas funções e mediante o respeito das formas canônicas, ele examina uma causa sobrenatural. Nesse caso, Deus lhe deve Sua assistência e Ele obviamente a lhe dá.

Infelizmente, o Bispo moderno, por toda sorte de razões, abstém-se de examinar canonicamente as causas sobrenaturais que lhe são submetidas. Elas evoluem, portanto, de uma maneira anárquica e exuberante, e, por falta de proteção, a maioria delas se polui irremediavelmente.

Ora, a história das seitas está impregnada de falsa mística. Ela é um tecido de êxtases que, por serem falsos, não deixam de imprimir orientações muito precisas. Portanto, é impossível expor inteligivelmente essa história se nos proibimos toda apreciação, toda estimativa, todo julgamento de valor sobre o sentido dessas orientações e, portanto, sobre a natureza da mística que está na

sua origem. Ela é autêntica e vem, portanto, do Céu. Ou então, é falsa e vem do "buraco do abismo"?

Para responder a esta pergunta, que continua a surgir, sempre houve dois recursos: uma atitude *a priori* e um exame *a posteriori*.

- A atitude *a priori* é o que se chama de "a finura do anjo". É essa posição de desconfiança que detecta o mal onde quer que esteja, mas sem experimentá-lo; permanece-se como observador externo. Portanto, exclui a curiosidade experimental, que sempre leva ao atolamento. Aquele que, por exemplo, deseja se misturar com os ocultistas para conhecê-los melhor, abandona por consequência sua independência de espírito como observador verdadeiramente objetivo.
- O exame *a posteriori* é o dos frutos: "*Pelos seus frutos os conhecereis*". Dessa forma, por exemplo, poderemos examinar os frutos do pentecostalismo de hoje:

> "*Nolite omni spiritui credere sed probate spiri us si ex Deo sint*". "Não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus." (I São João IV:I)

A natureza do paganismo antigo e moderno

Outra série de problemas nos aguarda: em que medida o paganismo antigo é o culto dos maus espíritos e em que medida contém vestígios da Religião Primordial revelada a Adão e aos patriarcas que se sucederam até Abraão? Tentemos responder a essas duas questões.

Façamos uma primeira constatação: *os deuses do politeísmo antigo são indubitavelmente demônios*. Citemos alguns dos numerosos textos da Escritura que podem ser invocados nesse sentido.

> "*Quoniam omnes dii gentium dæmonia*". "Pois todos os deuses das nações são demônios". Salmo XCV, 5.

> "*Et commisti sunt inter gentes, et didicerunt opera eorum ; et servierunt sculptilibus eorum et factum est illis in scandalum. Et immolaverunt filios suos et silias suas dæmoniis*". "Misturaram-se com as nações e aprenderam suas obras. Serviram seus ÍDOLOS, que se tornaram uma armadilha para eles. Sacrificaram seus filhos e suas filhas aos DEMÔNIOS." Salmo CV, 35-37.

> "*Provocaverunt eum in diis alienis, et in abominationibus ad iracundian concitaverunt. Immolaverunt dæmoniis, ut non Deo, diis quos ignorabant*". "Provocaram o ciúme de Deus com deuses estrangeiros; irritaram-no com abominações; sacrificaram a DEMÔNIOS que não são Deus, a deuses que não conheciam". Deuteronômio XXXII, 16-17.

> "*Sed quæ immolant gentes, dæmoniis immolant, et non Deo. Nolo autem vos socios fieri dæmoniorum*". "Mas o que os pagãos imolam, é aos DEMÔNIOS que o imolam, e não a Deus. Ora, não quero que vos torneis associados dos DEMÔNIOS". I Coríntios X, XX.

Uma primeira constatação, portanto: o culto aos ídolos é fundamentalmente um culto prestado a demônios. As adivinhações dos adivinhos são impregnadas de falsa mística. São falsas revelações que elaboraram as religiões antigas.

Eis, então, o homem pagão adorando poderes espirituais decaídos. Esses poderes espirituais, ele vai encontrá-los dentro de si mesmo: são os VÍCIOS. A mesma idolatria, portanto, vai representar um demônio exterior e um vício interior. Cada homem reconhecerá em si uma divindade interior, um Apolo ou um Mercúrio; cada homem possuirá sua Cibele interior ou sua Astarté. As virtudes também foram divinizadas. Elas se transformaram em vícios devido à sua divinização, que lhes fez perder sua "discrição", ou seja, seu equilíbrio recíproco. Em suma, os pagãos divinizaram os vícios e os adoraram.

O culto politeísta da Antiguidade é, portanto, simultaneamente, o culto dos espíritos malignos e o culto dos homens que se tornaram espíritos malignos. Encontramos hoje essa dualidade de natureza, não apenas nos cultos pagãos que são sobrevivências da Antiguidade (como é o caso, por exemplo, do culto Vodu), mas também nas elaborações religiosas modernas que buscam aliar a adoração das forças interiores do homem com as das forças cósmicas.

Em que medida, agora, uma vez que essa é a segunda subquestão de nosso problema, o paganismo contém vestígios da Religião Primordial revelada a Adão e aos Patriarcas que se sucederam até Noé e depois Abraão? Contentemo-nos aqui em colocar a questão, sem respondê-la por enquanto, pois ela é complexa. Tanto mais complexa quanto o paganismo continha, não apenas traços do monoteísmo original (ainda é preciso saber quais), mas também influências judaicas.

Por esses vestígios muito antigos e por essas influências mais recentes, Deus preparava os Gentios para receber a Religião do Verbo Encarnado, quando chegasse o dia. E se o paganismo, enquanto religião dos demônios, se insurgiu contra Jesus, em compensação, ele havia conservado elementos suficientemente bons para compreender uma nova pregação que se ligava a sua própria antiguidade. Ele havia, em particular, conservado a inteligência do sacrifício propiciatório, ou seja, do mecanismo pelo qual se carrega a vítima com os males dos quais se quer se livrar (o bode expiatório). Essa inteligência permitiu aos pagãos compreender um processo idêntico, o da Redenção.

São Paulo encontrou, entre os atenienses, esses vestígios e essa nostalgia:

> "*Viri Atheniensis, per omnia quasi superstitiosores vos video. Praeterieus enim, et videns simulacra vestra, inveni et aram in qua scriptum erat: Ignoto Deo. Quod ergo ignorantes colitis, hoc ego annuntio vobis*". "Atenienses, vejo que em tudo sois muito religiosos. Passeando e observando os vossos monumentos, encontrei um altar com esta inscrição: 'Ao Deus Desconhecido'. Aquele a quem, sem o conhecer, prestais culto, é esse que eu vos anuncio." Atos, XVII, 22-23.

Não é sem interesse analisar o mais profundamente possível a natureza complexa do paganismo antigo no momento em que vamos ter que analisar também toda sorte de sincretismos e gnosticismos na composição dos quais o velho paganismo certamente não está ausente.

A natureza da iniciação

Um problema muito delicado vai se apresentar novamente: **o da natureza da Iniciação**.

Não há dúvida de que sempre que há MISTÉRIO, há realmente INICIAÇÃO. O que é ruim ou bom não é a iniciação propriamente dita, mas o mistério ao qual se adere por meio da iniciação.

Ora, existem os “Mistérios do Alto” e os “Mistérios de Baixo”.

O iniciado maçônico, que é “iluminado” pela falsa luz, é introduzido no mundo das trevas do espírito, ele vai de ilusões em ilusões; ele entrou nos “Mistérios de Baixo”.

Mas não há dúvida de que o cristão recebe no Batismo uma incontestável iniciação. Os outros dois Sacramentos que imprimem na alma um caráter indelével, ou seja, a Confirmação e a Ordem, são os graus ascendentes dessa iniciação cristã? É uma questão interessante que apenas mencionaremos aqui.

A noção de iniciação cristã é muito antiga e muito segura. Compreende-se muito bem que a aquisição de um caráter indelével como o do Batismo não seja a simples adesão mental a uma doutrina. É uma operação que tem algo de divino e misterioso: uma mancha é lavada, uma marca de pertencimento é impressa. E também se entende que o termo iniciação lhe convém, pois a filiação adotiva na família de Deus que se realizou, inicialmente é apenas de direito; é um simples começo (*initium*); ela só se tornará efetiva quando tiver dado frutos, isto é, provado seu valor. Até aí, tudo está claro.

Só que! Os heresiarcas da contra-Igreja (e especialmente seu grande mestre invisível) trouxeram a confusão entre a iniciação aos mistérios do Alto e a iniciação aos mistérios de Baixo. Ora, eles reclamam a equivalência entre as duas iniciações. Ora, e isso é o mais frequente, eles subordinam a iniciação cristã à deles, que declaram anterior no tempo e superior em hierarquia. Eles lançaram assim sobre a palavra e sobre a coisa um tal descrédito que os cristãos, por prudência, abandonaram a palavra.

> "Pratique a iniciação! Você está do lado errado. Rejeite tudo o que é rotulado como iniciação! Então você estará a salvo do perigo."

Essa prudência, é preciso reconhecer, prestou grandes serviços ao manter os fiéis afastados da confusão que era precisamente buscada pelas seitas. Mas é desejável hoje ir ao fundo das coisas e estabelecer como princípio que o que é ruim não é a iniciação em si, mas o mistério tenebroso ao qual, de fato, se adere nas "congregações iniciáticas".

O problema do esoterismo

As diversas congregações iniciáticas, cujo conjunto forma o que se chama de "contra-Igreja", dispensam aos seus adeptos um ensinamento ESOTÉRICO, ou seja, oculto. De acordo com a etimologia, essa palavra, de origem grega, significa "interior" (em oposição a "exotérico", que quer dizer "exterior", ou seja, público e oficial).

Uma doutrina merece o nome de esoterismo, no sentido etimológico, desde que não seja destinada ao grande público e, portanto, seja reservada a um círculo restrito, independentemente de seu conteúdo substancial. Pode-se imaginar, teoricamente ao menos, um esoterismo católico reservado aos fiéis e oculto aos profanos, assim como um esoterismo luciferiano reservado aos adeptos e oculto aos cristãos. Em ambos os casos, a palavra esoterismo é utilizável no sentido etimológico, pois trata-se de um mesmo modo de difusão restrita.

O problema do esoterismo se desdobra em duas subquestões:

1. A palavra "esoterismo" manteve seu sentido etimológico na linguagem moderna corrente?
2. Pode-se qualificar a doutrina cristã como esotérica:
   - no sentido etimológico
   - no sentido corrente

Veremos, por fim, que esse problema não pode ser negligenciado, pois há numerosos inimigos da Igreja que o complicaram gravemente para tirar proveito da confusão.

Comecemos, então, procurando o sentido corrente da palavra em questão em um dicionário moderno:

ESOTERISMO: (do grego *esoterikos* - interior) "que é ensinado apenas aos iniciados"

- Os discípulos de Pitágoras teriam sido divididos em exotéricos e esotéricos; os primeiros, simples postulantes, os segundos, iniciados completamente na doutrina do mestre.
- Em Platão e Aristóteles, os termos esotérico e exotérico não se aplicam mais às pessoas, mas apenas às doutrinas. Em Platão, haveria uma dupla filosofia: uma acessível a todos e exposta na forma dos "Diálogos" que conhecemos; a outra, mais técnica, reservada apenas aos iniciados. Aristóteles, por sua vez, divide suas obras em esotéricas ou "acroamáticas" e em exotéricas. Os comentaristas admitem que essa distinção não se refere nem às questões nem às suas soluções, mas à forma e aos métodos de exposição. Nos trabalhos exotéricos, são apresentados apenas os argumentos mais claros; nos trabalhos esotéricos, são reservados os mais obscuros, que às vezes são os mais decisivos. Essa ideia de uma doutrina misteriosa reservada aos iniciados seduziu muitas mentes e, atualmente, formaram-se numerosas sociedades esotéricas.

CIÊNCIAS OCULTAS: Chama-se "ciência esotérica" a parte misteriosa da ciência cabalística, da qual os magos eram os depositários e que eles só revelavam aos iniciados depois que estes tivessem passado pelos rituais de iniciação. Os manuscritos que contêm os elementos dessa ciência são conhecidos pelo nome de chaves ou clavículas. Esse ensinamento era transmitido de forma oral ou escrita, incluindo a chave do tarô, a explicação dos arcanos e das tradições da cabala e da magia, o rito dos mistérios sagrados, etc. Os segredos ou alegados segredos da alquimia, pelo conhecimento dos quais o iniciado adquire poderes mágicos, também fazem parte do ensino esotérico.

Essa definição, retirada do dicionário Larousse, certamente não ignora o sentido etimológico, utilizado outrora pelos filósofos gregos. Mas ela mostra que, hoje em dia, a palavra "esoterismo" adquiriu um conteúdo substancial de caráter ocultista, do qual é impossível livrá-la.

Portanto, respondemos à primeira subquestão que nos colocamos.

Antes de respondermos à segunda subquestão, vamos nos perguntar por que o termo em questão se degradou e se sobrecarregou com um conteúdo negativo.

A "contra-Igreja" inicia seus adeptos (é uma noção básica) nos Mistérios de Baixo. Ela se esforça para arrastá-los para o coro dos demônios; esse é seu verdadeiro objetivo; mas esse objetivo é contrário não apenas à ordem da NATUREZA, mas também à ordem da GRAÇA.

Ele é contrário à natureza. Não se pode revelá-lo a nenhum homem, mesmo não cristão; os verdadeiros deuses do paganismo são demônios que "foram homicidas desde o princípio"; portanto, eles são repugnantes para todo homem e até mesmo aterrorizantes quando mostram seu verdadeiro rosto; por isso, os deuses do paganismo eram disfarçados de homens; os verdadeiros mestres se escondiam; daí o esoterismo dos "mistérios pagãos".

O verdadeiro objetivo da contra-Igreja está em contradição com a ordem da Graça inaugurada pelo advento do cristianismo; a dissimulação do verdadeiro objetivo é, portanto, ainda mais necessária do que no regime pagão; pois não se trata mais de esconder o verdadeiro mestre; é necessário que o adepto, que é cristão de início, mude de mestre; é preciso até mesmo fazê-lo adotar um mau mestre depois de ter conhecido um bom. Se lhe revelassem de imediato o verdadeiro objetivo, ele se recusaria a ir; vai-se apresentar-lhe uma doutrina travestida, complicada, escondida, em uma palavra, esotérica, que deve operar nele uma inversão completa.

Essa é, desde a fundação da Igreja, a razão psicológica profunda da "codificação" das doutrinas anticristãs; elas não podem se mostrar como realmente são, porque provêm do "poço do abismo".

É assim que o esoterismo, que de fato pode ter servido outrora como método didático para os antigos filósofos, carregou-se prodigiosamente, já no final da antiguidade, mas especialmente desde o início da era cristã, de um conteúdo substancial verdadeiramente luciferiano.

Agora podemos responder à nossa segunda sub-questão: pode-se qualificar a doutrina cristã como esotérica, seja no sentido etimológico, seja no sentido corrente atual?

Podemos eliminar imediatamente o sentido corrente atual. **A Religião de Nosso Senhor obviamente não é esotérica no sentido definido pelo dicionário, que está carregado de ocultismo, magia e todas as falsas aparências do pensamento infernal**.

Vejamos agora se ela não conteria um certo esoterismo no sentido etimológico da palavra, ou seja, uma progressividade didática. Se existe um ensinamento reservado, ele pode se esconder em duas ordens de relações:

- as relações exteriores da Religião com os profanos,
- as relações interiores dos fiéis com a hierarquia.

Nas relações da Religião com os profanos do exterior, Nosso Senhor afirmou Ele mesmo várias vezes que Sua doutrina era pública e não oculta. Contentemo-nos em citar aqui os três principais textos nesse sentido:

- "E Ele lhes dizia: Acaso se traz a lâmpada para colocá-la debaixo do alqueire ou debaixo da cama? Não é para colocá-la no velador? Pois não há nada oculto que não deva ser revelado, nem nada escondido que não deva vir à luz". Marcos IV:21-22
- "O que vos digo nas trevas, dizei-o à luz do dia; e o que ouvis ao ouvido, pregai-o sobre os telhados". Mateus X:27
- "O sumo sacerdote, então, interrogou Jesus acerca de Seus discípulos e de Seu ensino. Jesus lhe respondeu: Eu tenho falado abertamente ao mundo; Eu sempre ensinei nas sinagogas e no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada falei em segredo". João XVIII:19-20

Não há, portanto, em nossa religião, nenhum segredo institucional, nenhum esoterismo colegial. O Credo dos Doze Apóstolos não contém cláusulas confidenciais e todas as "verdades de preceito" que dele saíram posteriormente se impõem a todos, abertamente. Elas são as mesmas para os sábios e para os humildes. Os humildes parecem até não ser os mais mal-aquinhoados, pois está escrito:

> "Eu vos dou graças, Senhor, porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos." Mateus XI:25

A Religião de Nosso Senhor, portanto, não teme a publicidade, a divulgação. O proselitismo, aliás, lhe é recomendado:

> "Ide, ensinai a todas as nações..."; "...Pregai a tempo e fora de tempo..."

Mas uma recomendação de sentido contrário lhe é igualmente feita, tão universalmente conhecida quanto as anteriores:

>

> "*Nolite dare sanctum canibus...*" Math VII, 6. "Não deis o que é santo aos cães, nem lanceis vossas pérolas aos porcos, para que não as pisem com os pés e, voltando-se contra vós, vos despedacem."

O que se deve entender por "*sanctus*" (o que é santo)?

Todos os comentaristas concordam em dizer que são os sacramentos, mas também as verdades Evangélicas.

E o que se deve entender por "cães" e "porcos"?

São os homens gravemente indignos e, sobretudo, endurecidos, aqueles que diríamos hoje que ultrapassaram o limite da reversibilidade, que são irrecuperáveis. Os cristãos prestarão contas dos tesouros temíveis que guardam. **Se a Igreja não teme as divulgações, ela teme as profanações**.

Mas podemos dar a esse temor e às precauções que ele justifica o nome de esoterismo, entendido no sentido de procedimento didático?

É preciso reconhecer que esse não é o uso comum. Trata-se mais, de fato, de uma disciplina do que de um segredo.

Examinemos, depois disso, se um certo esoterismo não se infiltraria nas relações dos fiéis com a hierarquia?

Podemos responder imediatamente de forma negativa. Não existe um colégio esotérico na Igreja Católica, o que é fácil de entender após os preceitos evangélicos que acabamos de citar. "Eu não ensinei em segredo".

Resta-nos uma área a explorar, a da doutrina, pois ela apresenta capítulos extremamente difíceis de compreender e cuja inteligência parece reservada a uma elite. Expliquemo-nos sobre esse ponto.

É um velho adágio que o homem pode encontrar Deus em três livros:

- A Bíblia,
- A Criação,
- E em si mesmo (esse livro nunca estando fechado para ninguém).

No entanto, a Bíblia apresenta uma multidão de OBSCURIDADES RELIGIOSAS. Muitos de seus Livros são muito difíceis de compreender ou só podem ser compreendidos por clérigos extremamente eruditos: por exemplo, os "Profetas", o Livro de Jó, o "Cântico dos Cânticos" cuja exegese é tão espinhosa, alguns Salmos, alguns dos quais ainda são totalmente incompreensíveis... etc...

Essas obscuridades, juntamente com os Três Grandes Mistérios (Trindade, Encarnação, Redenção), constituem um esoterismo propriamente dito?

Sem dúvida, a Hierarquia reserva-se o direito de fornecer um comentário autorizado sobre as Sagradas Escrituras, porque a interpretação dos Livros Sagrados requer absolutamente a inspiração do Espírito Santo, que é dada em virtude das Promessas de Assistência. Mas esse comentário interpretativo não é mantido em segredo, muito pelo contrário, é elaborado pela Autoridade Doutrinária, mas não permanece como seu domínio reservado.

O "Livro da Criação" apresenta um problema um pouco mais sutil. A natureza material, de fato, é um manto que revela a existência de Deus, mas que, ao mesmo tempo, a oculta. Ela é constituída por uma grande quantidade de obras distintas nas quais o Criador colocou semelhanças com Ele mesmo e entre as quais Ele colocou harmonia. Ela é formada por uma sucessão de reflexos decrescentes que são chamados de símbolos.

Quando se consegue remontar a cadeia dos símbolos, pode-se adivinhar o modelo que está na origem de todos. No desenrolar do tempo, as obras de Deus se lembram e se anunciam umas às outras. O Simbolismo da Criação não é um simples procedimento de ensino utilizável por poetas imaginativos ou leitores hábeis. Ele pertence à natureza das coisas. É o resultado da harmonia que Deus coloca entre as diversas partes de suas obras.

Ora, essas correspondências, esses reflexos, esses ajustes harmoniosos são difíceis de perceber; alguns são luminosos, outros verdadeiramente obscuros; eles não são igualmente apreensíveis por todos. Mas a percepção do simbolismo não é proibida a ninguém; ela é até recomendada como sendo uma das fontes do conhecimento de Deus. Não se pode, portanto, dizer que haja aí um esoterismo no sentido comum do dicionário.

Pensamos agora ter respondido à questão que nos colocamos: "Pode-se qualificar a doutrina cristã de esotérica, seja no sentido etimológico, seja no sentido comum?"

A resposta é negativa. Certamente, nossa religião encerra as obscuridades que Deus colocou Ele mesmo no Livro da Revelação e no da Criação, mas trata-se:

- nem de um esoterismo de disfarce, como aquele que se encontra nas congregações iniciáticas da contra-Igreja,
- nem de um esoterismo deliberadamente introduzido por razões didáticas por um colégio sacerdotal.

Além disso, a meditação sobre as obscuridades das Escrituras e os símbolos da natureza introduz nos mistérios do Alto, como um exemplo vai nos mostrar:

No momento da Crucificação, houve trevas da sexta à nona hora e Nosso Senhor expirou na nona hora.

Que harmonias essas precisões numéricas querem nos fazer compreender?

- O número 6 é aquele sob o qual Adão foi retirado do limo da terra, o "Sexto Dia"; no entanto, no Calvário, Nosso Senhor lava a culpa do sexto dia com o Precioso Sangue;
- Quanto ao número 9, é o da Santíssima Trindade (3 x 3); esse número 9 preside a morte do "Filho do Homem" porque:

- "Ninguém pode ver a Deus e Viver",
- "Nursumque ait : Non poteris videre faciem mean ; non enim videbit ne homo et vivet."
- "Você não poderá ver a Minha face, pois nenhum homem pode Me ver e viver". Êxodo 33:20

Há nesses dois números, 6 e 9, as trevas da Paixão, um simbolismo de precisão, riqueza e majestade extraordinárias. Mas não somos obrigados a aderir a isso, mesmo a ser sensíveis a isso. Não se trata de uma verdade de preceito, mas de um suplemento de convicção que alguns captam e outros não.

Mas podemos falar de esoterismo?

Certamente não teria o conteúdo substancial daquele dos "mistérios de baixo".

Se expusemos por tanto tempo os dados desse problema do esoterismo, é porque os escritores da contra-Igreja multiplicam as obras sobre "o simbolismo oculto da Religião Cristã". Citamos apenas três para nos limitarmos:

- De René Guénon: "O Simbolismo da Cruz"; "O Esoterismo de Dante"
- De Julius Evola: "O Mistério do Graal"

Vamos resumir o raciocínio deles dessa forma. Ao dirigirem-se aos cristãos, eles lhes dizem essencialmente:

> "Vocês racionalizaram sua religião. Perderam o sentido de seus símbolos. Mas nós, nós os conservamos. Eles estão contidos em nosso ESOTERISMO. Podemos ensiná-los novamente a vocês. Venham redescobri-los conosco."

Deve-se responder a este convite?

Certamente não. Pois, sem dúvida, encontraríamos os símbolos cristãos no esoterismo da contra-Igreja, porém revestidos de um sentido desviado, ambíguo, capaz de manter a confusão.

Temos tudo o que precisamos sem mudar de campo. O patrimônio doutrinal da Igreja já contém abundantes meditações sobre as dificuldades das Escrituras e sobre os símbolos da Criação. O Tesouro não está escondido; todos os batizados têm acesso a ele.

As dificuldades da Cabala

A sinagoga dos judeus, como agora a Igreja dos gentios, era outrora guardiã da ESCRITURA e da TRADIÇÃO.

A Escritura foi preservada com fidelidade perfeita; não se pode negar aos judeus o escrupuloso respeito pela "letra".

Mas a Tradição, ou Cabala, foi profundamente corrompida. Nosso Senhor frequentemente reprovava esse declínio aos sacerdotes; um único exemplo nos bastará aqui, embora haja muitos outros:

> "E vocês, por que transgridem o mandamento de Deus por CAUSA DA SUA TRADIÇÃO." Mateus, XV, 2-3.

A Tradição originalmente continha textos veneráveis nos quais vestígios de Revelação divina foram reconhecidos, mas que não foram incorporados, por várias razões, nos cânones aceitos; eles incluíam relatos históricos, orações, escritos místicos e compilações jurisprudenciais, incluindo alguns julgamentos atribuídos a Moisés. Certamente, este tesouro documental seria valioso até hoje, se pudéssemos identificá-lo entre o restante.

No entanto, a Tradição se sobrecarregou e ampliou desmesuradamente ao longo do tempo, incorporando lendas, comentários nos quais se infiltraram noções pagãs e dados místicos sem controle.

Todo esse conjunto foi transmitido em bloco, o bom e o mau juntos, sob o nome de Cabala. Os vestígios de Revelação agora estão afogados em uma literatura humana, por vezes exuberante. Compreende-se a desconfiança inicial que isso despertou entre os líderes da Igreja e defensores da ordem.

No entanto, será correto rejeitar integralmente, sem exame, a TRADIÇÃO religiosa dos judeus contida na CABALA? Ou seria possível, ao menos em princípio, extrair elementos autênticos, se existirem?

Alguns pensadores de origem cristã, especialmente no século XVI, tentaram isolar os elementos autênticos que estão presentes desde o início nessa massa e reconstruir uma "Cabala cristã". Essas tentativas, sobre as quais precisaremos voltar, foram decepcionantes. Elas incluíram em sua reconstrução dados do paganismo, panteísmo e falsa mística. Desde então, a Cabala, junto com a Gnose, faz parte do grande reservatório que alimenta as doutrinas maçônicas.

Esses exemplos confirmam a dificuldade de fazer essa discriminação. Embora a Cabala contenha vestígios de uma tradição autêntica, a desconfiança clássica em relação a ela é totalmente justificada.

No entanto, é verdade que essa discriminação seria muito desejável na hipótese da conversão dos judeus, que São Paulo nos deixa esperar antes do fim dos tempos.

Conclusão

Este relatório preliminar apenas enumerou problemas, esboçou métodos e anunciou estudos mais aprofundados. Assim, somos agora levados a frequentar a terrível zona de contato entre os dois exércitos inimigos, entre as duas "descendências".

É aqui que, através de um trabalho de esclarecimento, queremos desmascarar as artimanhas do adversário, perseverando assim na linha traçada por São Paulo quando escreveu aos Coríntios:

> "Essas pessoas são falsos apóstolos, trabalhadores fraudulentos que se disfarçam de apóstolos de Cristo. E não é de admirar, pois até Satanás se disfarça de anjo de luz." II Coríntios 13-14

Não somos os primeiros, e aqueles que nos precederam nos deixaram métodos de investigação que se mostraram eficazes. No entanto, será necessário acrescentar algumas regras adequadas à fase atual do conflito em que nos encontramos.

O exército inimigo inicialmente infiltrou a sociedade civil; foi nesse campo de operações que nossos antecessores enfrentaram principalmente. Os critérios relacionados às formas dos organismos subversivos foram suficientes para eles; identificavam-nos pelas suas aparências externas, o que já era bastante eficaz. Se encontravam vestígios de iniciação ou Cabala, o organismo examinado era imediatamente considerado comprometido. É preciso reconhecer que, com esses critérios, não cometeram graves erros de avaliação no combate predominantemente político que travaram.

Hoje, a "contra-Igreja" invadiu a esfera religiosa e trabalha para misturar suas doutrinas e estruturas com as da Igreja; formou-se uma confusão inextricável. Se nossa ambição é esclarecer o campo de batalha, evitando armadilhas e disfarces, precisamos de regras de discriminação que vão além da essência das coisas, já que as formas tendem a se fundir.

Quanto à iniciação, o que diremos?

Se recusarmos qualquer forma de iniciação, estamos negando, ao mesmo tempo, o caráter incontestavelmente iniciático dos três Sacramentos da Igreja que imprimem um caráter na alma: o Batismo, a Confirmação e a Ordem.

Então, o que diremos para distinguir as boas iniciações das más? Perguntaremos: a qual mistério a iniciação dá acesso? É aos mistérios do Alto ou aos mistérios do Baixo? Um critério não apenas formal, mas essencial.

Quanto ao esoterismo, o que diremos ainda?

O que é repreensível não é esconder algo (São José escondeu com sucesso o nascimento milagroso de Jesus, tornando assim possível nossa Redenção), mas esconder o mal: é exatamente o que faz a contra-Igreja, cujo tesouro esotérico é o demônio, ocultando-se sob um ensinamento confuso.

Pelo contrário, o Tesouro esotérico da Igreja é Jesus, oculto na Santa Eucaristia e também nas obscuridades religiosas das Escrituras; da mesma forma, a Criação é o símbolo ou, mais precisamente, o cofre onde está guardada uma jóia, o Verbo Encarnado.

Quanto à Cabala, não deve ser rejeitada inteiramente: é necessário extrair dela a boa tradição patriarcal e mosaica; este trabalho se tornará particularmente necessário no dia em que, de acordo com as previsões de São Paulo, os judeus (pelo menos em parte) se converterem; eles devem recuperar essa parte do patrimônio que por tanto tempo permaneceu oculta.

A TRADIÇÃO GNÓSTICA NA INGLATERRA

Autor: ETIENNE COUVERT

LEITURA E TRADIÇÃO, N° 373-374, MARÇO-ABRIL 2008, P. 6-31

- A Inglaterra Gnóstica – Estudo de Étienne Couvert
- Introdução
- A Gnose dos Humanistas
- O "caso" Shakespeare
- A gnose dos Utopistas
- As fontes inglesas da maçonaria
- A gnose dos Românticos
- A gnose contemporânea
- Notas Bibliográficas

A Inglaterra Gnóstica – Estudo de Étienne Couvert

Étienne Couvert acaba de realizar **um estudo sobre a tradição gnóstica na Inglaterra** e convida à sua ampla divulgação, o que fazemos aqui.

De fato, ele traz uma contribuição útil aos trabalhos que estamos realizando para **atualizar as raízes da conspiração histórica *anglicano-rosacruz* que conseguiu repudiar totalmente a forma sacramental essencial** antiga, venerável e imutável há mais de 1700 anos, do rito latino, **da consagração episcopal católica**, em vigor na Igreja católica até **18 de junho de 1968**, **para lhe substituir então** (***Pontificalis Romani***) **por um novo rito « *ecumênico* » totalmente fabricado em 1968 para – ao privá-lo voluntariamente (de forma a melhor agradar os *observadores-colaboradores* Anglicanos e Luteranos dos reformadores do *Consilium* litúrgico) da expressão unívoca da sua *Potestas Ordinis* episcopal – ser assim voluntariamente tornado inválido segundo as normas imutáveis da teologia sacramental dos Santos Ordens sacrificiais católicas**.

Assim privado há mais de quarenta anos de sua transmissão sacramental válida, o verdadeiro Sacerdócio sacrificial católico praticamente desapareceu da Igreja Católica de rito Latino, transformando agora na sua quase totalidade **o clero sacrificial católico desse rito latino em um pseudo-« *clero* » não-sacrificial do tipo « *neo-anglicano* »** totalmente desprovido de sua ***Potestas Ordinis*** católica, **ou seja, de seus poderes sacrificial e sacramentais católicos.**

Na hora em que os estudos sobre a infiltração precoce da FSSPX por um ex-anglicano britânico, Dom Williamson, progridem e são agora mundialmente conhecidos, o trabalho de Étienne Couvert contribui para revelar **um cenário que foi pouco explorado até hoje.**

Essa curiosa falta de curiosidade eclesiástica sobre o anglicanismo no século XIX, e sobre suas conexões com a gnose, seria realmente um acaso?

Comitê Internacional *Rore Sanctifica*

Introdução

A gnose entrou tardiamente na Inglaterra. Ela foi introduzida pelos Humanistas do Renascimento apenas no século XVI. Já expusemos as grandes teses desse humanismo renascentista e suas relações com a Gnose em nosso estudo "Gnose e Humanismo" (Étienne Couvert, *A Gnose contra a Fé*, cap. II, Ed. de Chiré, 1989).

É necessário recordar as orientações principais dessa gnose e seu impacto na Inglaterra.

Ela se caracteriza por uma **exaltação do homem**, uma busca apaixonada de seu desenvolvimento na multiplicidade de **prazeres** "que temperam a vida", segundo Thomas More. O absoluto desprezo por toda ascese, toda privação e todo sacrifício. Aceita-se imitar Jesus em suas virtudes naturais, mas rejeita-se toda uma parte do Evangelho que pede uma superação de si. A religião dos Humanistas se reduz à sabedoria antiga, com uma noção inteiramente pagã de perfeição e nobreza.

Conhecem-se as imprecações de Erasmo contra os monges:

> "*esta raça de homens do mais baixo escalão, mal formados pela malícia, tão negros, tão infectos, tão abjetos quanto o escaravelho. Sua escuridão assusta, seu zumbido ensurdece, seu odor é repugnante.*"

Mas na Inglaterra, esse desprezo pela vida religiosa se combina bem com o respeito pelos costumes, tradições, ritos e hábitos na vida familiar e mundana, com uma preocupação pela respeitabilidade nas maneiras de se comportar. Conservam-se os quadros sociais e religiosos, mas a inteligência já está distorcida e sonha com um mundo onde todas essas barreiras sociais e limitações serão desfeitas, um mundo de prazeres sem restrições, o mundo da Utopia. Thomas More foi condenado ao martírio por fidelidade ao caráter sagrado do matrimônio, mas toda sua vida ele sonhou com um mundo onde o matrimônio não existiria mais.

Uma atitude bem britânica é a de **humor**, que consiste em encarar as coisas da vida com um sorriso, uma espécie de ironia sarcástica que, aplicada aos princípios religiosos, à doutrina moral, se torna corrosiva. Isso faz perder o gosto pela verdade, a firmeza do pensamento, as exigências e necessidades da ordem. Dissolve a energia do caráter e deixa o espírito desarmado diante dos propagadores de heresia e da revolta social ou religiosa.

A essa ironia se soma uma simpatia benevolente por aqueles que pregam heresias. O bispo Gardiner, amigo de Thomas More, escreve:

>

> "*Quando Robert Barnes foi acusado, eu o conhecia bem e não era considerado seu inimigo, e mesmo assim, graças a Deus, nunca estive bem disposto para opiniões tão estranhas quanto aquelas que ele e outros logo começaram a proclamar loucamente. Mas, como não havia malícia neles e eles tinham conosco conversas nas quais se encontrava um certo sabor de ciência, eu estava familiarizado com esse tipo de gente e estava então triste pelo destino de Barnes.*" Gardiner acrescenta à parte: "*Quase todos os que se tornaram famosos (como protestantes) foram minhas relações pessoais. Eu amei esses homens e sempre odiei suas opiniões malignas desde o início.*"

Isso é o que chamamos de "um estado de espírito humanista". Esses pregadores de heresia são verdadeiramente simpáticos, mas por que sustentam opiniões tão estranhas? opiniões monstruosas? Eles são cultos, cheios de bondade; têm uma conversa tão agradável! Gardiner escreve a seu amigo Somerset:

> "*Fui tão bem disposto quanto qualquer um em relação ao nome de Erasmo, mas nunca estudei seu livro até agora e agora estou de acordo com aqueles que disseram: Erasmo pôs os ovos e Lutero os chocou.*"

Os malignos foram maravilhosamente encorajados por este livro em todas as opiniões monstruosas que se manifestaram recentemente.

A amizade aos poucos irá quebrar a resistência de Gardiner, que acabará por concordar com as opiniões "monstruosas e tão estranhas".

Assim se fazem as Revoluções. Toda a elite intelectual e religiosa da Inglaterra havia gradualmente assimilado os projetos reformistas e estava totalmente preparada para assegurar seu sucesso bem antes do Cisma. Os historiadores costumam nos contar a disputa de Henrique VIII com Roma a respeito de seu divórcio, apresentado como a causa do Cisma. Se essa disputa foi a ocasião que favoreceu a ruptura, **ela já estava na mente das pessoas antes e não encontrou uma resistência enérgica por parte do país.**

Pode-se comparar o caso da Inglaterra com o da França na mesma época. Todo o país se levantou contra a Reforma, com uma energia feroz, após ter assassinado dois reis, incapazes de restabelecer a ordem no reino.

A Gnose dos Humanistas

Esse "estado de espírito humanista" se manifesta em Thomas More, cuja formação foi profundamente distorcida pela ideologia reformista, tal como se encontra em seu verdadeiro testamento: *A Utopia*. Ele já demonstra isso em sua atitude em relação aos Protestantes. Por conta de sua função de Chanceler, ele deve persegui-los, mas o faz com muita cautela e suavidade. Ele favorece sua fuga, declarando compreender seu desejo de encontrar um abrigo mais adequado. Chega a acolher em sua casa certos hereges, como Simon Grynoeus, e a ajudá-los financeiramente e com conselhos para afastá-los da polícia real.

A formação inicial de Thomas provém de sua admiração pelos humanistas italianos. Em 1505, ele publica uma biografia de Pico da Mirandola. Apresenta-o como seu modelo e pede que ele expresse os próprios movimentos de seu espírito. O mundo é revestido de uma nova beleza ao amanhecer do Renascimento. Em sua obra subsequente, em *A Utopia*, em sua controvérsia com Lutero, no seu Diálogo do conforto na provação, encontramos essa exaltação de um mundo que recuperou sua harmonia e uma redução final do mal no bem, que é a forma apenas levemente modificada do retorno à Unidade Primordial celebrada por todos os gnósticos.

Pico da Mirandola introduziu entre os humanistas italianos os temas da Cabala judaica, e estes surgiram a partir de então na literatura (Étienne Couvert, *A Gnose contra a Fé*, p. 52).

More leu Petrarca e reteve seu desprezo pela escolástica e sua admiração por Platão. Ele também leu Marsilio Ficino de Pádua. Foi nesse contexto que encontrou essa identificação da Sabedoria cristã com a Sabedoria antiga, destinada a se reunir em uma manifestação única da alma, centelha divina, já religiosa por sua natureza, referindo-se à Epístola aos Romanos (cap. 1 a 8) e ao Neoplatonismo.

More comungou intensamente com essas novas ideias. Ele foi iniciado por seus amigos Th. Linaere e, sobretudo, John Colet.

Este último, que More escolheu como amigo e conselheiro, tinha todo o potencial de um Lutero. Ele se ligou ao rei Henrique VII Tudor, que o nomeou deão de São Paulo em Londres, aos 36 anos. Para Erasmo, ele era "uma das grandes luzes do clero". Ele havia lido Platão e Plotino. Visitou todos os altos lugares do Humanismo na Itália. Pouco conformista e convencido de que era preciso sacudir a poeira da velha religião, ele se instalou em 1496 em Oxford, onde explicou as epístolas de São Paulo segundo uma exegese intuitiva que provocou violentas controvérsias. Ele criticou violentamente os monges. Em 1521, ele quase se aliou a Lutero, mas Erasmo o dissuadiu.

Foi ele quem arrastou More contra a escolástica. Fazendo falar seu herói com quem se identificava:

> "*Ele não deixou passar nenhuma dessas armadilhas capciosas da escolástica. Não havia nada que ele odiasse mais do que isso. Essas sutilezas, dizia ele, não têm outro objetivo senão humilhar pessoas muito instruídas, mas ignorantes dessas banalidades.*"

Os Humanistas se empenharam em multiplicar as traduções da Bíblia em línguas vernáculas, com variantes e diversas interpretações. Antes disso, a Igreja só reconhecia a *Vulgata* de São Jerônimo como seu texto oficial.

No século anterior, Wiclef e seus discípulos haviam disseminado no povo traduções que questionavam as tradições teológicas, provocando múltiplas discussões e polêmicas. Um concílio de Oxford, em 1402, proibiu sob penas severas a disseminação de qualquer tradução que não tivesse sido previamente aprovada por um sínodo diocesano ou por um concílio provincial.

Tyndale publicou em Worms em 1526 uma tradução do Novo Testamento em 6.000 exemplares que rapidamente chegaram à Inglaterra. As notas dessa tradução eram **violentamente anti-romanas e veiculavam o pensamento de Lutero**.

Erasmo havia publicado em Londres seu *Elogio da Loucura*. Um jovem professor da Universidade de Louvain, Martin Van Dorp, desde 1514, escreveu a Erasmo uma protestação indignada:

> "*Há veneno nas tiradas da Loucura e seus sarcasmos lançam descrédito sobre a religião. Quanto ao Novo Testamento, o que temos já é suficiente há quinze séculos. Para que mudá-lo? Cuidemos dessas fontes gregas seguramente envenenadas pelos ortodoxos... Se é verdade que se pode melhorar o texto da Vulgata, o que restará da autoridade da Escritura? Isso se entende como a autoridade de todos os raciocínios que se apoiam em uma ou outra proposição da Escritura. Portanto, todos aqueles que discutiram sobre o texto da Vulgata estão errados? Os concílios gerais e suas definições estão ameaçados?* ***É todo o edificado doutrinal da Igreja que está abalado desde a base por aqueles que preveem o retorno aos textos originais da Escritura.***"

A acusação era grave.

Van Dorp havia compreendido bem que essa paixão súbita pela Escritura Sagrada e essa aparente veneração pelo livro da Bíblia escondiam uma **vontade perversa de demolir a Tradição teológica e os dogmas da Igreja Romana**.

Thomas More empreendeu ajudar seu amigo Erasmo. Ele se opôs severamente à Constituição de Oxford, a qual ele designou como o instrumento do infortúnio e um meio de opressão contra a liberdade. Os bispos, disse ele, "temem que espíritos insubordinados retirem mais mal dessas traduções". Essa preocupação, More não a sente. Em seu Diálogo sobre Tyndale, ele acrescenta: "Independentemente da malícia ou da loucura de aqueles que fazem surgir o mal de uma coisa boa

e destinada ao bem de todos, nunca se deveria, por essa única razão, abolir o que pode ser tão proveitoso". More se indigna com a pusilanimidade de certos líderes religiosos: "Pois, se o abuso de uma boa coisa deve ser a causa para que ela seja abolida e retirada daqueles que poderiam usá-la, Cristo teria feito melhor em nunca nascer nem trazer a fé ao mundo". **Que importa se as heresias sempre irromperam a respeito dos textos sagrados interpretados por espíritos orgulhosos, demasiado confiantes em seu próprio saber**: "Se as coisas boas são feitas para avançar, não devemos, de toda necessidade, ousar abandoná-las aos riscos da aventura?"

Eis um texto que soa estranhamente aos ouvidos modernos, acostumados a ouvir hoje os refrões da Igreja conciliar: Avançar – Não ter medo – Aceitar os riscos do mundo moderno – Saber se adaptar às necessidades de hoje – Enfrentar os desafios – Ousar se engajar em novos caminhos, etc.

A Humanidade está em marcha rumo à sua Deificação. Temos que "pegar o trem em movimento", não olhar para trás nem contar os estragos e se o ensinamento de Jesus Cristo não se inscreve nesse processo, será rejeitado. Tal é a religião dos Humanistas e nomeadamente a de Thomas More, como ele acabou de nos dizer. **Tal é hoje a religião da Igreja conciliar que aceita ainda o culto de Jesus Cristo somente a serviço do culto do Mundo**. Porém, infelizmente! Para todos eles, Cristo afirmou: "Não vim para salvar o mundo" e "Meu reino não é deste mundo".

Nesse mesmo *Diálogo sobre Tyndale*, More continua a desenvolver seu pensamento sobre a tradição viva que abraça com flexibilidade os aspectos concretos da vida. Ele apresenta com facilidade as questões de desenvolvimento e evolução das verdades reveladas e dos rituais: "Deus não revela seus segredos de uma só vez, escreve ele. Segundo as épocas, segundo os tempos, a verdade aparece mais ou menos desvelada pela Sabedoria e pela Bondade divina. Se se trata dos rituais a serem observados, essa mesma prudência providencial permite também a variedade, a mutação e a mudança... Segundo aprouver à sua Majestade ver que tal coisa é conhecida ou forte na sua Igreja, Deus tempera suas revelações e as insinua nos corações dos fiéis para fazê-los concordar sobre os mesmos pontos".

André Prévost, em sua biografia de Thomas More, aproximou esses textos do discurso proferido por João XXIII, em 11 de outubro de 1962, na abertura do Concílio Vaticano II: "Outro é o depósito da Fé, ou seja, as verdades que contém nossos veneráveis dogmas, outro é o modo segundo o qual essas verdades recebem a formulação que permite expressar o mesmo sentido e a mesma ideia. É a esse modo de expressão que se deverá prestar uma atenção extrema e trabalhar com perseverança". **Ou seja, esforçar-se para modificar os textos da Fé, pretendendo conservar o mesmo sentido. ESTA PRETENSÃO É UMA MENTIRA E UMA IMPOSTURA.**

André Prévost apresenta Thomas More como um modernista *avant la lettre* e um precursor do Concílio Vaticano II. Ele o glorifica, aliás...

O "caso" Shakespeare

Em 1598, foi preso em Angoulême um mago chamado Beaumont. Ele foi julgado em Paris e encarcerado no castelo de Chinon. O historiador J.A. de Thou relata em suas "Memórias", no livro VI, que ele pôde assistir, sem ser visto, a um interrogatório do mago:

> *«A magia da qual ele se dizia praticante era a arte de conversar com esses gênios que são uma parte da divindade... Os sábios que se dedicam a fazer o bem, comandam os gênios, conhecem por seu comércio os segredos da natureza mais ocultos, ignorados pelo resto da humanidade e dos quais ninguém jamais escreveu, ensinam os homens a conhecer o futuro, os meios de evitar os perigos, de recuperar o que perderam, de passar de um lugar a outro em um instante... Ele acrescentou que conversava com os espíritos celestiais, habitantes do ar, que, benevolentes por natureza, são capazes apenas de fazer o bem... Que o mundo estava cheio de sábios que se dedicavam a essa sublime filosofia, que havia na Espanha, em Toledo, em Córdoba, em Granada e em muitos outros lugares, que outrora era célebre na Alemanha, que na França e na Inglaterra ela se conservava em certas* ***famílias ilustres****, e que não se admitia ao conhecimento desses mistérios senão* ***pessoas escolhidas*** *por temor de que, pelo comércio com os profanos, a inteligência desses grandes segredos não passasse à plebe e a pessoas indignas».*

Pode-se relacionar esse testemunho a um relato de uma reunião secreta que preparou o movimento jansenista, cerca de vinte anos depois, que publicamos (Etienne Couvert: *Da Gnose ao Ecumenismo*, 2ª ed., p. 64 e seg.). Encontramos as mesmas expressões: as verdades, a obra, os eleitos, os profanos. **Trata-se exatamente de redes ocultistas, ou seja, gnósticas, que funcionavam regularmente por toda a Europa.**

Em 1584, foi publicado em Londres uma obra de Reginald Scot intitulada: *The Discovery of Witchcraft*. O autor enumera, na página 451, as obras que eram lidas entre os magos:

> *«Os encantadores ainda têm hoje livros com os nomes de Adão, Abel, Tobias, Enoque, o qual Enoque é considerado por eles como o mais divino dos confrades nessas matérias. Eles também têm livros que dizem ter sido feitos por Abraão, Arão, Salomão. Eles têm livros de Zacarias, de Paulo, de Honório, de Cipriano, de Jerônimo, de Jeremias, de Alberto e de Tomás e também dos Anjos Riziel, Hazael e Rafael».*

Retenhamos a passagem **de alguns livros gnósticos** bem conhecidos hoje: o livro de Adão, manual básico dos Sabianos ou Mandianos, que apresentamos com precisão (Etienne Couvert: *A Gnose em Questão*, p. 174: nota sobre os Sabianos), o livro de Abraão, manual básico dos Zoroastrianos (Etienne Couvert: *A Gnose Universal*, p. 64), o livro de Enoque, que foi encontrado nas cavernas de Qumran, o Evangelho de Tomás, bem conhecido atualmente, entre outros...

Onde se vê que as redes ocultistas mantiveram ao longo dos séculos os manuais dos primeiros gnósticos e se mantiveram fiéis à gnose primitiva, a de Simão, o Mago.

Retornemos ao testemunho de Beaumont. **Na Inglaterra, ilustres famílias preservaram as tradições ocultistas**, como a dos condes de Derby.

Abel Lefranc demonstrou, com um luxo de provas notáveis, que **o nome de Shakespeare era o pseudônimo literário do conde William Stanley**, que utilizou o sobrenome de um ator da companhia teatral que ele financiava. Este conde havia percorrido a Europa em busca das redes de magos e ocultistas, cujas atividades ele conhecia perfeitamente, e suas peças de teatro tinham como objetivo disseminar essa moda na Inglaterra.

O mestre dos magos, em Londres, chamava-se John Dee. Ele se apresentava como astrônomo, ou seja, astrólogo e alquimista. Viveu de 1527 a 1608. Ele foi o **conselheiro íntimo da rainha Elizabeth**, que o considerava muito e lhe deu, em 1595, o título de "Wardenship" do colégio de Manchester, muito querido pela família Derby.

Encontrou-se a agenda de John Dee. Ela continha numerosas referências ao conde de Derby. O pai de William, Henrique Stanley, já havia estabelecido relações íntimas com o famoso mago. Seu filho, William, o encontrava regularmente entre 1595 e 1597. Por exemplo, em 13 de setembro de 1595, John Dee janta na Russel House com o conde de Derby e dois outros convidados, incluindo um alemão, Staltfeld. Em 20 de janeiro de 1596, ocorreu um encontro na casa de Dee, com William Stanley, Lady Gérard, sir Richard Molynox e sua esposa, Mr Haughten e outros.

Uma parte considerável da aristocracia inglesa se dedicava ao ocultismo e à magia. Além da família Stanley, contavam-se o conde de Oxford, sogro de William, Lord Sidney, sir Walter Raleigh, o conde de Essex, de Leicester, Lord Burgley, Lord Pembroke, o marquês de Northampton. O castelo de Russel House funcionava como um hub para as redes ocultistas **em conexão com aquelas do continente**.

Com a morte de Elizabeth, o rei Jaime I Stuart lhe sucedeu. Durante uma viagem que fez para se casar com uma princesa dinamarquesa, ele enfrentou várias violentas tempestades no caminho de ida e volta. Ele acreditou ser vítima de um enfeitiçamento e, ao chegar a Londres, renovou e agravou as leis contra magos e bruxas. Sem indulgência ou fraqueza, ele os perseguiu energicamente desde o início de seu reinado. Ele fez queimar a obra de Reginald Scot, da qual falamos, mas ficou **estupefato e indignado por ter que se confrontar com a nobreza inglesa, toda influenciada pelo ocultismo**. Ele considerou necessário se justificar, escrevendo uma obra de Demonologia (Daemonologia, in form of a dialogo divided into three books, written by the high and mighty Prince James by the grave of Good King of England, Scotland... Londres, 1603).

> «***A terrível abundância, nessa época e nesse país, desses detestáveis escravos do diabo, os bruxos e encantadores****, escreve ele em no prefácio, me fez, bem-amado leitor, a terminar às pressas o tratado que apresento».*

O conde William Stanley Shakespeare decidiu responder ao rei Jaime I e esforçou-se para justificar os magos em sua última peça de teatro: ***A Tempestade***, que nunca foi apresentada em público durante seu reinado. Ela constitui seu **Testamento**. O herói da peça, Próspero, utiliza a magia para o triunfo do bem e da justiça, visando legitimar o uso dessa magia e apresentar sua apologia. Ele protesta contra o ódio que a magia provoca.

Aqui está um comentário sobre esta obra por F. V. Hugo, que resume bem todo o pensamento de Shakespeare:

> *«Shakespeare não rejeitou a tradição da Bíblia e da Lenda, ele as ostentou. Ele não contestou o mundo invisível, ele o reabilitou. Ele não negou o Poder sobrenatural do homem, ele o santificou. Jaime I havia dito: Anátema aos espíritos; Shakespeare diz: Glória aos espíritos. Shakespeare acreditava profundamente no mistério. Convencido de que há um mundo intermediário entre o homem e Deus, Shakespeare foi convidado, pela própria lógica, a reconhecer a existência de todas as criaturas que o Panteísmo da Renascença preenchia com sua presença. Há espaço no infinito para todas as criaturas de todas as Teogonias!*
>
> *«Shakespeare vinga as fadas das calúnias do fanatismo papal ou puritano. Ele restitui a essas criaturas tutelares o esplendor que a velha fé celta lhes atribuía na ordem dos seres. No teatro de Shakespeare, as fadas, por tanto tempo desconhecidas, tornam-se novamente as guardiãs encantadoras da Natureza. "A Tempestade" é a resolução suprema sonhada por Shakespeare para o drama sangrento do Gênesis. É a expiação do crime primordial. O país para onde nos transporta é um terreno mágico onde a condenação é anulada pela clemência e onde a reconciliação definitiva ocorre pelo esquecimento fratricida. E, ao final da peça, quando o poeta emocionado joga Antônio nos braços de Próspero, ele fez com que Caim fosse perdoado por Abel».*

Durante este texto, ressaltamos todas as fórmulas mais clássicas da gnose.

Todo o teatro de Shakespeare está impregnado de ocultismo e magia: há dados sobre astrologia em *Rei Lear*, sobre os movimentos dos astros, a música das esferas; em *O Mercador de Veneza*, sobre o papel preponderante atribuído ao sol, que se alinha bem com as teorias copernicanas da época; sobre a influência de cometas e estrelas em relação ao destino humano; sobre o papel da feitiçaria em *Macbeth*; sobre as múltiplas menções a fadas, demônios, gênios e espectros, presságios e predições que encontramos em diversas obras como *O Sonho de Uma Noite de Verão, Rei Lear, Hamlet, Júlio César, Romeu e Julieta*, etc.

> *«Pode-se dizer, de certa forma, que Shakespeare era pagão», explica Chesterton, «no sentido de que ele nunca é tão grandioso quanto quando descreve os grandes espíritos acorrentados. Suas peças mais sérias são um Inferno».*

Não, Sr. Chesterton! William Stanley-Shakespeare não era um pagão, mas um satânico, e é por isso que seus personagens evoluem em um mundo infernal. «O que não é um acaso», continua Chesterton, «é que, em Shakespeare, o número de loucos é tão grande. Dizem que ele os colocava lá para clarear um pouco o fundo sombrio de seus dramas. Eu penso que era para torná-lo ainda mais escuro». Evidentemente, **quando se vive em um Inferno, acaba-se por enlouquecer, e isso é um retorno justo das coisas...**

«Para *Hamlet*, a Dinamarca é uma prisão, e para Shakespeare, o mundo é uma prisão», observa Chesterton. De fato, todo o monólogo de *Hamlet* é um apelo ao suicídio: Ser ou não ser, eis a questão!... **Que não. Não escolhemos nossa existência, recebemo-la; e se decidimos não ser, nos resta apenas o suicídio**:

> *«Nossa alma não pode suportar os golpes agudos da fortuna cruel ou se armar contra um dilúvio de dores e, ao combatê-las, pôr fim a elas, prossegue Hamlet. Morrer é dormir, nada mais, e por esse sono terminamos com os sofrimentos do coração e com as mil dores legadas pela natureza à nossa carne mortal. Dormir... dormir, dormir!...»*

Esse é o fundo último do pensamento de William Stanley-Shakespeare!

Finalmente, Paul Arnold publicou um **estudo completo sobre as fórmulas e expressões gnósticas e esotéricas disseminadas por todo o teatro de Shakespeare**. Nessa obra, o remetemos à nossa bibliografia.

A gnose dos Utopistas

Bacon e a "Nova Atlântida"

O jovem Francis Bacon veio estudar em Paris, aos dezesseis anos. Ele seguiu no Collège de France os ensinamentos de Ramus. De fato, por volta de 1540, Pierre de la Ramée, conhecido como Ramus, havia defendido em Poitiers uma tese contra a onipresença de Aristóteles e foi admitido como mestre em artes. Em 1543, ele publicou sua tese sob o título "Aristotelæ animadversiones". Ele foi perseguido pelos doutores da Sorbonne. Ele havia formado discípulos no Collège de Presle, mas em 1551, o cardeal de Lorena lhe conseguiu uma cadeira de filosofia no Collège de France. Sob o pretexto de combater a escolástica, Bacon afirmou que todas as nossas ideias eram falsas e que era necessário refazer o entendimento. **Assim, ele minou a filosofia cristã.** Ele preparou um modelo de Enciclopédia que, sob a aparência de um repertório científico, não é mais que um instrumento para moldar mentes. Ele subordinou a inteligência aos sentidos. Ele distinguiu duas almas no homem, uma divina, o pneuma dos gnósticos, e outra material que é suficiente para as necessidades da natureza. **Dessa forma, ele deu origem às escolas modernas do sensualismo, do materialismo e do positivismo.** François Bacon, em seus escritos, apenas reproduziu o ensinamento de Ramus.

De volta à Inglaterra, Bacon tornou-se Guardião do Grande Selo sob a rainha Elizabeth, depois *Solicitor Geral* e *Attorney Geral* ou Chanceler sob o rei Jaime I, que o nobiliou sob o nome de Lord Verulam, Visconde de St-Alban.

Sua obra-prima é "A Nova Atlântida", concebida na sequência de "A Utopia" de Thomas More. Ela teve várias edições, em 1627 e 1638. Seu prefaciador, W. Rawley, a apresenta da seguinte forma:

> *«Sua Senhoria pensava em compor nesta fábula um corpo de leis destinadas a dar a forma ideal do melhor estado, a ser como o melhor modelo de uma República (Commonwealth). Esta fábula foi inventada para permitir a Bacon traçar o modelo, a descrição de um Colégio Acadêmico, instituído para a interpretação da Natureza, para a produção de grandes e maravilhosas obras com o objetivo de fazer o bem aos homens. A referida instituição leva o nome de "Casa de Salomão" ou "Colégio do trabalho dos seis dias". O fim que propõe nossa instituição (Casa ou Templo de Salomão) é* ***o conhecimento das causas*** *, a* ***noção secreta*** *das coisas, a ampliação dos limites do império humano, de modo a tocar em todas as coisas possíveis.*

O governador da Ilha, sentado em sua cadeira presidencial, começa assim sua introdução:

> *«Nós outros, insulanos de Ben-Salem, temos isso de particular, graças à nossa situação solitária, graças ao segredo que impomos aos nossos "viajantes", graças à rara admissão "de estrangeiros" (profanos) entre nós, conhecemos a maior parte do mundo habitado e permanecemos nós mesmos desconhecidos... Eu vou revelar-lhe, por amor de Deus e dos homens, o verdadeiro fundamento da Casa de Salomão. Eu lhe exporei o objetivo, os procedimentos, vou descrever os instrumentos que utilizamos. Vou lhe dizer os empregos atribuídos aos Fellows, as ordenações e os rituais que observamos».*

Assim como seu predecessor na Chancelaria, Thomas More, Francis Bacon continua suas pesquisas com o intuito de **institucionalizar as redes ocultistas**, já em funcionamento como vimos. Um século depois, será a criação finalmente da Sociedade Maçônica, como veremos em breve.

Mas aqui está um texto fundamental da "Nova Atlântida" que nos dará a chave de toda a subversão atual.

> *«Fiz a conhecer um comerciante da cidade. Ele se chamava Joabin. Era um judeu circuncidado. Em Ben-Salem, que os deixa livres para praticar sua religião, o que fazem ainda melhor porque são animados por todas as outras disposições que os de outros países. Estes últimos* ***odeiam o nome de Cristo e alimentam um sentimento secreto de vingança contra os povos cristãos*** *. Os judeus de Ben-Salem, ao contrário, reconhecem no Salvador vários atributos. Eles amam extremamente a nação de Ben-Salem. O judeu de quem lhe falo estava disposto a reconhecer que Cristo nasceu de uma virgem, que era mais que um homem. Ele contava como Deus o fez o príncipe dos Serafins, guardião de seu trono. Os judeus de Ben-Salem também chamam Cristo de "Via Láctea" e "Elí do Messias". Eles lhe dão outros grandes nomes. Embora essas qualificações o façam um ser inferior à Majestade divina,* ***elas diferem completamente*** *da linguagem dos judeus estrangeiros a Ben-Salem. Quanto a esta ilha, Joabin não poupava elogios. Ele gostava, conforme as tradições dos judeus da ilha, de acreditar que o povo de Ben-Salem era da geração de Abraão e descendia de outro de seus filhos chamado Nachuram. Eles acreditam que, em virtude de uma secreta cabala ("by a secret cabala"), Moisés é o verdadeiro autor das leis em vigor na ilha. Eles acreditam que, quando o Messias subir ao seu trono em Jerusalém, o rei de Ben-Salem se sentará aos pés do Messias da Cabala, enquanto os outros reis se manterão a uma grande distância».*

Os judeus cabalistas entenderam muito bem que não era possível derrubar o Cristianismo destruindo todas as igrejas e massacrando todos os cristãos. Era necessário, portanto, absorver o Cristianismo no Judaísmo, preparar os cristãos para viver e pensar judaicamente, apresentar-lhes o Cristo como um Anjo, enviado por Deus para anunciar a vinda do Verdadeiro Messias de Israel. Em suma, trazê-los a uma

exegese judaico-cristã, aquela que desenvolvemos em um estudo anterior (Etienne Couvert: *A Verdade sobre os Manuscritos do Mar Morto*, 2ª ed., p. 82 e ss). e à prática dos Judeus-cristãos, considerados como "Temerosos de Deus", prosélitos, "Gerim".

Essa é a razão de ser das Amizades judaico-cristãs. Essa é a explicação de toda a atitude atual do Vaticano em relação ao Judaísmo. Os cristãos devem se preparar para reconhecer o futuro Messias de Israel, quando ele aparecer em breve em Jerusalém e adorá-lo. Mas sabemos que se tratará do Anticristo.

Milton e "O Paraíso Perdido"

Milton era calvinista em 1640, mas, já em 1655, ele havia se libertado completamente de todos os sistemas religiosos. Sabemos que ele dominava o hebraico e o yiddish, que havia lido o Talmude e os rabinos da Idade Média. Ele os citou longamente em seus panfletos, já em 1642, em sua "*Apologia para Smectymnus*".

Para Milton, Deus é o Todo. A aparição dos seres separados corresponde a um desapego, a uma **libertação de Deus**. Isso é o que ele chama de livre-arbítrio, mas inscrito em um sistema panteísta, que constitui o ponto central de "O Paraíso Perdido" e de seu tratado sobre "Doutrina Cristã". Essa libertação de Deus só pode se realizar por meio de um "recuo de Deus sobre si mesmo". Tese cabalista bem conhecida. É Deus quem nos diz:

> *«O abismo é sem limite, porque eu sou aquele que preenche o infinito e o espaço não está vazio. - Embora eu me retire, eu que nada limita - e não exerço minha força que é livre - de agir ou não agir, a necessidade e o acaso - não me tocam e minha vontade é meu destino» (Paradise Lost, VII, 170).*

Deus é o infinito imutável, inconhecível e não manifestado. É o En Sof, o "sem fim" do Zoar, é também "Ayn", o "Nada", que nos é, portanto, inconhecível. O filho de Deus é o finito, o ser expresso e manifestado pela emanação. Estamos sempre na lógica da Cabala. Todas as almas formam uma unidade com a alma por excelência. Todos os seres são "Uma primeira matéria". Nosso corpo é feito da substância divina; a matéria dos seres é de origem divina. A matéria é "de Deus e em Deus", ela contém em si todas as possibilidades de vida e inteligência. É dela que surgem todos os seres, de tal forma que não há diferença entre as coisas inanimadas e os animais, entre os animais e os homens, entre o homem e os espíritos, já que tudo é feito da substância de Deus. Tudo surge da matéria. Esta doutrina é ao mesmo tempo **panteísta e materialista**.

Milton é um apaixonado, **violentamente revoltado contra a teologia, contra Deus, contra tudo que é clérigo e obra do clérigo**, pelo que manifesta um desprezo insultante, uma animosidade pessoal e orgulhosa que permeia todos os seus panfletos.

Uma vez que Deus é tudo, ele também é o Mal. Satanás confirma: «O filho de Deus, eu também sou» («The son of Good I also am» (IV, 518). É Deus quem eleva à Glória os Bons e afasta de si os maus, que são uma parte dele mesmo. Daí se vê que o livre-arbítrio pregado por Milton não se

exerce em relação aos bens da natureza, mas em relação a Deus. Estamos, por nossa emanação, liberados de toda lei externa a nós mesmos, pois possuímos em nós a verdade. É preciso **abolir o Decálogo**: «A lei mosaica, escreve ele, toda ela é abolida, estamos desvinculados de toda obrigação ao Decálogo, assim como do resto da lei».

Assim se obtém a justificativa de todos os instintos. Essa liberdade de toda religião ("**A Liberdade Religiosa**") demonstra **a inanidade das igrejas e dos sacerdotes**. «Cada crente tem o direito de interpretar as Escrituras por si mesmo, pois ele tem o espírito como guia e o Espírito de Cristo está nele». Portanto, é necessário expulsar os sacerdotes das Universidades: «A dizer verdade, seria muito melhor que não houvesse um único teólogo nas Universidades e que não houvesse mais teologia de Escola vinda deles, esse câncer da religião».

Daí a Democracia: «As assembleias livres do povo são de Deus. Todos os reis devem sua soberania ao povo apenas e são responsáveis diante dele». Consequência última do Panteísmo **já que Deus é Tudo**. **Essa é a verdadeira lógica de todos os sistemas democráticos...**

"O Paraíso Perdido" de Milton foi incluído no Index pelo papa Bento XIV. Milton também escreveu uma "Lógica" de acordo com Ramus e uma biografia desse filósofo. Ataque dirigido contra as Universidades de Oxford e Cambridge. Mas é interessante notar a influência considerável de Ramus sobre os escritores ingleses. Já vimos isso em relação a Francis Bacon (Etienne Couvert, *A Gnose contra a Fé*, p. 89).

Podemos resumir assim o pensamento de Milton:

1°) A teoria da criação por retraimento, emprestada do Zohar,

2°) A concepção de um demiurgo, distinto do Deus absoluto, emprestada de todas as Gnoses,

3°) O livre-arbítrio que nos liberta da sujeição a Deus,

4°) O caráter divino da matéria, que é a natureza do grande Todo e que produz as formas de todos os seres,

5°) A ideia de que, portanto, não há diferença entre o corpo e a alma.

As fontes inglesas da maçonaria

A Gnose, como dissemos, apareceu tardiamente na Inglaterra com os Humanistas da Renascença. Eles se inspiraram em escritores italianos e franceses, como Pico de la Mirandole, Marsílio Fícoli, Ramus e outros. Assim, eles estabeleceram contato com as redes ocultistas do continente, como vimos.

Todos sonharam com um mundo ideal, desde a ilha da Utopia até a ilha de Ben-Salem e o Paraíso recuperado. Um mundo ideal, do qual **eles, os Humanistas, permaneceriam os mestres, reunidos em uma Sociedade acadêmica e secreta que lhes concederia o poder universal que almejavam**. Eles levaram dois séculos de projetos elaborados com dificuldade até chegarem à solução da Franc-Maçonaria.

Robert Fludd (1574-1637), médico em Londres, tornou-se célebre na Inglaterra ao defender os Rosacruzes. Em suas obras intituladas: *A história do Macrocosmo*, publicada em 1617, e *Filosofia Mosaica*, publicada em 1638, e depois em Londres em 1659, **ele ensina a doutrina da Cabala**. Suas referências são Hermes Trismegistus, frequentemente citado, Porfírio e Jâmblico, Santo Agostinho...

Fludd não entende bem o que é a Cabala. Às vezes, confunde o "Zoar" ou o "Bahia" com rabinos.

Mas **ele assimilou a doutrina muito bem**. Em *Filosofia Mosaica*, ele escreve: «Os rabinos mais célebres e os cabalistas mais profundos demonstram que as naturezas opostas provêm de uma única causa eterna, que Deus é essa Unidade pura e católica que inclui e compreende em si toda multiplicidade». Mais adiante: «Deus está inteiro em tudo. É Ele quem age, e sem intermediários, em cada criatura... Tudo se faz de uma matéria-prima que é a substância de Deus... Deus enviou seu sopro sobre o "Nada" e o "Vazio"; por "Nada" e "Vazio", entende-se uma sombra sem vida que até Moisés chamava de "Terra vazia"... O Espírito de Deus está no Sol, porque o Sol é a conservação particular do Espírito divino e da Substância divina em seu modo ativo». Mais adiante: «Que a Terra é a Mãe de todos os corpos e que as influências das estrelas são como os espermas do céu projetados na matéria da Terra».

Pedimos desculpas por repetirmos incansavelmente tais elucubrações, repetidas dos gnosticismo dos primeiros séculos; mas é preciso lembrar aqui o culto do Sol divinizado, o culto da Terra Mãe, a matéria divina do nosso ser... Os temas reiterados de todas as Gnoses...

Um discípulo de Fludd, Elias Ashmole (1617-1692), foi admitido pela primeira vez, em 1646, como "maçon acepto" e se afiliou, em 16 de outubro de 1648, à pequena loja de Warrington, no Lancashire. Primeira tentativa de Maçonaria.

Após a revogação do Édito de Nantes, os protestantes franceses refugiaram-se principalmente na Inglaterra. Foram mal recebidos pelo rei Carlos II Stuart, mas, a partir da Revolução de 1688 e a ascensão de Guilherme de Orange, eles chegaram em grande número. Receberam pensões e cargos no novo governo e se dedicaram completamente ao novo regime. Formaram um conjunto coeso e solidário. Reuniam-se regularmente na "Taberna do Arco-Íris" e criaram lá uma agência internacional de informação. Em suas publicações, exaltam a Inglaterra em sua literatura, suas ciências, sua filosofia.

«Que se algum dia, dizia César de Missy em um sermão, nos viram em grupos sentados triste ao lado do fluxo de uma impura Babilônia, essa Babilônia foi a França, nossa pátria madrasta, e não a Inglaterra, que é para nós uma segunda pátria, digna desse belo nome, uma Judéia, uma Jerusalém, uma Sião. Feliz litoral que o Tamisa rega!» **Sempre o mesmo sonho de um reino messiânico**. Londres é a Jerusalém provisória esperando o retorno do Povo eleito à Terra Prometida, liberada pela Inglaterra.

A partir desse momento, de 1690 a 1710, os publicistas ingleses inundam o continente com livros socinianos, arminianos, deístas, ateus, materialistas, blasfemos, mágicos, místicos, druídicos, egípcios e babilônicos. Tyndale escreve um «Cristianismo tão antigo quanto a Criação», Toland um «Cristianismo sem mistérios». John Toland afirma querer vincular o Cristianismo a uma religião mais essencial e primitiva. Ele chega a apresentar um ritual e compõe orações que parecem imitar as da missa com invocações à filosofia. Ele prepara os ritos da futura sociedade maçônica.

Então, em 1717, é criada a Franc-Maçonaria, ponto culminante de todos os ensaios anteriores. Ela reunirá em uma sociedade universal as redes gnósticas e ocultistas espalhadas por toda a Europa. **A partir de agora, a história da subversão religiosa se confunde com a das lojas**, bem conhecida dos historiadores. Nós paramos aqui nossa exposição.

A gnose dos Românticos

Mostramos, em um estudo anterior (Etienne Couvert, *A Gnose contra a fé*, cap. IV), que **o movimento romântico do século XIX foi uma explosão formidável da Gnose em toda a Europa**. A Inglaterra também conheceu tal **literatura satânica e blasfema**. Eram apenas punhos levantados e estendidos em direção ao céu, vociferações ímpias, exageros verbais, imprecações furiosas, zombarias atrozes e furibundas...

Comecemos por **William Blake** (1757-1827). Já em 1793, em seu *Casamento do Céu e do Inferno*, ele restabelece o instinto da carne como expressão da energia vital. Ele vê no suposto pecado original o valor fundamental da vida. Ele afirma: «O homem não tem um corpo distinto de sua alma; a energia emana do corpo e não tem limites que não sejam nossos tabus cristãos, que decoramos com o nome de razão». A castidade é um crime contra a natureza.

Em seu poema intitulado "Jerusalém":

> *«Quando Satanás tensionou seu arco pela primeira vez, Ele libertou os homens do mito do pecado original Inventado por hipócritas moralizadores, pelos fracos que buscam dominar os fortes pela astúcia.»*

É toda a filosofia de Nietzsche.

Em seu poema: "O Evangelho Eterno", ele escreve:

> *«Tu és Homem, Deus não é mais. Aprende a adorar tua própria humanidade.»*

Blake frequentemente faz referência a Swedenborg. Para ele, os demônios são uma categoria de anjos que presidiam à energia e à imaginação. Jesus Cristo é seu inimigo declarado:

> *«A visão de Cristo que tu realmente vês é o maior inimigo da minha visão.»*

Ele continua a **denunciar os sacerdotes como inimigos de todos os homens**. A criação é uma sombra, uma ilusão, uma piada do Todo-Poderoso.

Lord Byron (1788-1824) compôs uma épica satanista. Satanás é um herói épico digno de admiração e um estado de alma a imitar. Com *Manfred* (1817), *Don Juan* (1818) e *Caim* (1818), Byron exerceu uma influência considerável sobre todo o movimento romântico.

Manfred é o desesperado que se deleita em sua própria maldição. Ele desafia Deus, ele desafia o Inferno, ele é seu próprio algoz. Ele não se acalma mesmo no momento supremo: «Não é a um ser como Tu que vou vender minha alma. Venha! Eu morrerei sozinho, como vivi. Eu vos desafio todos. Não sairei daqui enquanto me restar um sopro para expressar o meu desprezo por vocês.»

Em *Caim*, Lúcifer é o personagem central do poema. Ele se ergue contra Deus: «Deus venceu, que ele reine! Nós somos almas que ousam olhar o Todo-Poderoso de frente em sua eternidade e dizer-lhe que **o Mal, sua obra**, não é um Bem», e mais adiante: «Eu não tenho nada, não quero nada ter em comum com ele».

Caim era um personagem cético e desiludido, sofrendo pela estranha disparidade entre suas aspirações e sua condição humilhante, sempre em oposição ao **Criador, responsável pela injustiça que reina no mundo**.

> *«A serpente dizia a verdade. Ela era a árvore do Conhecimento. Ela era a Árvore da Vida. O conhecimento é bom, a vida também. Onde está então o Mal?»*

E para alinhar seus atos com suas palavras e pensamentos, Byron se tornou, na Itália, cúmplice dos revolucionários. Ele se afiliou aos **Carbonari**, onde ocupou cargos importantes. Ele apoiou seus afiliados em suas tentativas de revolta: «Nós vamos lutar um pouco no próximo mês, escreve ele. Se os Hunos (ou seja, os austríacos) não cruzarem o Pó e mesmo que cruzem, não posso dizer mais nada...» Em outra ocasião, ele triunfa:

> *«Estamos aqui à beira de um belo alvoroço. Eles cobriram os muros da cidade, esta noite, com inscrições deste tipo: Viva a República! Morte ao Papa!... A polícia passou a tarde toda à procura dos culpados, mas ainda não conseguiu colocá-los nas mãos dela. Eles devem ter trabalhado a noite toda, pois os "Viva a República" e os "Morte ao Papa e aos padres" são inúmeros e estão pregados em todos os palácios...»*

Tudo isso se passava em Ravena, mas o que ele não sabia é que a polícia austríaca o vigiava diariamente e seguia passo a passo seus gestos. À sua chegada a Pisa, se nota: "O célebre poeta, lord Byron, que, se não tivesse a reputação de ser um louco, mereceria que toda a polícia da Europa tivesse seus rastros, alugou o palácio...". A respeito de uma obra sobre Dante: "A obra não é certamente concebida em um espírito favorável ao nosso governo nem a qualquer governo italiano. Ela parece destinada a despertar os sentimentos hostis da população, que já são demasiadamente hostis. Byron faz de Dante seu porta-voz e o profeta das liberdades democráticas (Etienne Couvert, 'A verdade sobre Dante. Dante e a Gnose', na *Leitura e Tradição*, n°358, dezembro de 2006), como se essas liberdades devessem ser a salvação da Itália".

A influência de Lord Byron no romantismo francês foi considerável. Toda uma gestação satânica francesa é tirada dos poetas ingleses: *Eloa*, de Vigny, inicialmente intitulado *Satan*, a *Queda de um*

anjo de Lamartine, e a *Fim de Satan* de Victor Hugo.

"A ti, Byron, cantor do inferno e do nada", exclama Jules Vavre. "Seu gênio condenava ao inferno sua lira divina", diz Vigny.

Lamartine, em sua *Meditação ao Homem*, dedicada a Byron, escreve:

> "*Tu, cujo verdadeiro nome o mundo ainda ignora Espírito misterioso, mortal, anjo ou demônio, quem quer que sejas, Byron, bom ou fatal gênio, Eu amo em teus concertos, a selvagem harmonia.*
>
> Os gritos do desespero são os concertos mais doces. O mal é teu altar e o homem é a vítima.
>
> Teu olhar, como Satã, mediu o abismo;
>
> E tua alma, mergulhando longe da luz e de Deus, disseram à esperança um eterno adeus!"

Byron havia encontrado seu amigo Shelley, durante uma viagem à Suíça. Eles iniciaram conversas onde compartilhavam os mesmos sentimentos. Shelley ensinava uma gnose panteísta, uma espécie de êxtase divino, de louca embriaguez ao contato com o imenso universo, no qual ele não conseguia mais distinguir a causa do efeito nem entender se Deus estava na natureza ou se a natureza não era Deus em pessoa.

Shelley (1792-1822) havia sido estudante em Oxford, mas após ter escrito uma obra intitulada *Necessidade do Ateísmo*, ele foi expulso, em 1812, com apenas vinte anos. Morreu dez anos depois em um naufrágio.

O romancista Paul Bourget, em sua juventude, foi bastante atraído pela Inglaterra e sua literatura. Ele passou longos períodos lá. Mas, mais tarde, após reflexão cuidadosa, compreendeu tudo que essa literatura tinha de espúrio e perverso.

Aqui está como ele resume os poemas de Shelley:

> "*Na primeira página dos versos de Shelley, poderia-se escrever esta frase tão frequentemente citada do sutil Amiel: Uma paisagem é um estado de alma. A mágica suprema dessa imaginação é que, de fato, todos os objetos se espiritualizam para ela e se humanizam, mas essa espiritualidade não é o resultado nem de um simbolismo, nem de uma comparação. Shelley considera que há entre nossa alma e a natureza, não uma analogia, mas uma identidade. Um* ***pensamento difuso*** *se agita na menor partícula deste imenso universo e*

> *esse pensamento não é diferente do nosso pensamento. Uma sensibilidade obscura palpita no que chamamos as coisas e essa sensibilidade não difere da nossa senão pelo grau. Quando comparamos uma emoção de nosso coração a um aspecto do mundo visível, apenas reconhecemos a* ***unidade secreta*** *que liga umas às outras as diversas* ***manifestações da vida universal****."*
>
> *"Após uma leitura prolongada dessa poesia, ocorre um deslocamento singular no pensamento. Deixa-se de perceber os homens e as coisas em seu caráter individual; é uma única alma que se revela, da qual todos os seres e todas as coisas traduzem a eterna aspiração. É um vasto* ***coração do universo*** *que se manifesta em presa a um desejo infinito que nunca conseguirá satisfazer. É esse doloroso, esse* ***imenso espírito*** *que é a realidade suprema e nós não somos, nós, mais que as* ***sombras*** *de um sonho nesta vida onde* ***tudo não passa de aparência****" ("onde nada é, mas todas as coisas parecem - e nós, as sombras do sonho").*

Nós destacamos, ao longo deste texto, todas as expressões mais clássicas da gnose panteísta.

A gnose contemporânea

A partir do século XX, os escritores gnósticos são legião na Inglaterra. Parece-nos fastidioso enumerar livros e expor doutrinas já bem conhecidas de nossos leitores.

Aqui está, por exemplo, o caso de **Aldous Huxley**. Sua obra se estende pela primeira parte do século. *Contraponto* em 1928, *O anjo e a festa* em 1929. Mas já em 1930, Huxley passa por sua crise de misticismo, como muitos outros, ou seja, ele **passa ao Ocultismo e à Gnose**. Ele lê o pseudo-Denys, Joaquim de Fiore, Meister Eckhart e toda a infinidade de autores da seita. Temos, em 1936, *A paz das profundezas, A Eternidade reencontrada* e, finalmente, sua obra-prima *A Filosofia Eterna* (The Perennial Philosophy) em 1946.

Huxley se volta para a Ásia, se apaixona pelas filosofias orientais e fica surpreso ao encontrar os temas habituais de toda Gnose: amor aos homens, não-violência, esquecimento do seu "eu", busca do aniquilamento da pessoa no "Tu" absoluto, o "Tat" dos Vedas, o oceano sem margens do divino.

"O Tu" é idêntico a "isso" e o "isso", segundo a fórmula sânscrita "Tat twam asi", idêntico ao "Tu", é idêntico ao Absoluto, o fundamento eterno, o Atman do Hinduísmo.

O "Logos eterno" é o fundamento absoluto, o abismo que absorve, engloba meu miserabilismo. Este divino, no qual o homem deve se perder, Huxley o chama de "the Ground".

A criação não é um ato livre e gratuito de Deus; é uma “queda da Unidade na sua Dualidade”: o relato da Gênesis, para ser adequado à nossa experiência, deve ser modificado. Em primeiro lugar, deveria ser posto em manifesto que a Criação, ou seja, a passagem incompreensível do Uno não manifestado à multiplicidade manifestada (em linguagem clara, de Deus ao Mundo), não é apenas o prelúdio e a condição necessária da queda (“em certo grau é a queda”), em um sentido, é **a Queda**! A criação é, portanto, **o pecado original de Deus**. Não há salvação para o homem senão na evasão do temporal, o retorno da multiplicidade ao seio da Unidade. O que os gnósticos de todos os tempos chamaram de retorno à unidade primordial. Estamos, portanto, em um domínio já bem conhecido. Huxley se contentou em renovar as fórmulas por meio de empréstimos das expressões orientais.

Encontramos, em outro filósofo inglês, Whitehead, uma definição da **Trindade gnóstica** totalmente original e sutil. O Pai, para os gnósticos, é **a fonte do ser** sem existência positiva, é, portanto, A NATUREZA PRIMORDIAL, mundo das essências e dos desejos impotentes.

O Filho, é o Demiurgo, incarnado no mundo, é A NATUREZA CONSEQUENTE. O Espírito corresponde à A NATUREZA SUBJETIVA de Deus que modifica a criatividade divina enriquecendo-a.

Mas tudo isso não passa de puro paradoxo, pois o Deus criador é ao mesmo tempo uma criatura infinita em sua virtualidade, mas fúria em sua perfeição. Ora, esta atividade é sobreabundante, em perpétua mobilidade, ela é a atualização do fluxo universal. Estamos sempre em **pleno**

panteísmo.

Encerramos aqui nosso estudo. Sabemos, de fato, que nossos leitores que penetraram bem a essência da Gnose, são capazes por si mesmos de detectar suas manifestações em todos os escritores anglo-saxões que, hoje, inundam o mundo com suas produções satânicas, desde *O Código Da Vinci* **até as séries de Harry Potter e o mundo de Nárnia... onde pululam os feiticeiros, os magos e os demônios...**

Etienne COUVERT

Notas Bibliográficas

Não existe uma obra abrangente sobre o tema. Tivemos que nos contentar com monografias. No entanto, destacamos um excelente artigo de Marcel Signac: “A revanche de Erasmo”, publicado em *Les Écrits de Paris* de outubro de 1969.

- Pierre Janelle: *A Inglaterra católica à véspera do Cisma* (Beauchesne, 1935).

Sobre os Humanistas:

- G.K. Chesterton: *Chaucer*, traduzido do inglês por Roland Bourdariat (N.R.F. Gallimard, 1957).
- André Prevost: *Thomas More e a crise do pensamento europeu* (Mame, 1969). Obra essencial. O autor mostra bem que **Thomas More foi um modernista antes da letra e um precursor do Concílio Vaticano II**, e aproxima seu pensamento do de Teilhard de Chardin.
- Émile Dennenghem: *Thomas Morus e os Utopistas do Renascimento* (Plon, 1927).
- André Merlaud: *Thomas More* (Ed. SOS, 1973).

Sobre Shakespeare:

- Abel Lefranc: *Sob a máscara de William Shakespeare* (2 volumes) (Payot, 1919). Obra notável. O autor estuda com minúcia as redes ocultistas da época.
- Jacques Boulenger: *O Caso Shakespeare* (Champion, 1919).
- Paul Arnold: *Chave para Shakespeare. Esoterismo da obra shakespeariana* (Vrin, 1977).

Sobre os Utopistas:

- J. Vialatoux: *A cidade de Hobbes, teoria do Estado totalitário. Ensaio sobre a concepção naturalista da Civilização* (Lecoffre-Gabalda, 1933), contém um longo estudo sobre Francis Bacon.
- L. Hacault: *A Nova Atlântida. Francis Bacon, cabalista, Rosa-Cruz* (Revue Internationale des Sociétés Secrètes, maio de 1912).
- Denis Saurat: *Milton e o materialismo cristão na Inglaterra* (Rieder, 1928).
- A. Geffroy: *Estudo sobre os panfletos políticos e religiosos de Milton* (Desobry, 1848).

Sobre as fontes da Maçonaria:

- Bernard Faÿ: *A Maçonaria e a revolução intelectual do século XVIII* (Ed. de Cluny, 1942).
- Max Doumic: *O Segredo da Maçonaria* (Librairie Académique Perrin, 1926), que se interessa principalmente por seu desenvolvimento na Inglaterra.

Sobre os românticos:

- Claudius Grillet: *O diabo na literatura do século XIX* (Ed. Vitte, 1935).
- G.K. Chesterton: *William Blake* (Nova Edição Oswald, 1982). Traduzido do inglês por Francis Bourcier.
- Gilbert Martineau: *Lord Byron. A maldição do Gênio* (Tallandier, 1984).
- Roger Boutet de Monvel: *A vida de Lord Byron* (Plon, 1924).
- Paul Bourget: *Estudos ingleses* (Plon, 1906).

Sobre os contemporâneos:

- Charles Moeller: *Literatura do século XX e Cristianismo. I: O silêncio de Deus* (Casterman, 1947). O capítulo sobre Aldous Huxley.
- Maurice Nedoncelle: *A Filosofia religiosa na Grã-Bretanha de 1850 até hoje* (Bloud et Gay, 1934).

ABREVIADO DE DEMONOLOGIA

Aplicação da Demonologia Cristã à crise da Sociedade Contemporânea.

- INTRODUÇÃO
- I. A CIÊNCIA DO BEM E A CIÊNCIA DO MAL
- II. OS ANJOS E OS HOMENS NO PENSAMENTO DIVINO
- III. A NATUREZA ANGÉLICA DOS DEMÔNIOS
- IV. AS HIERARQUIAS ANGÉLICAS
- V. AS CIRCUNSTÂNCIAS DA PROVA
- VI. O RECRUTAMENTO DOS REVOLTADOS
- VII. O ABANDONO DAS MORADIAS
- VIII. UMA BATALHA NOS CÉUS
- IX. O TRONO ACIMA DAS ESTRELAS
- X. OS DOIS INFERNOS DA ANTIGA LEI
- XI. A INFESTAÇÃO DA TERRA
- XII.O PRÍNCIPE DESTE MUNDO
- XIII. O DIA DO HOMEM
- XIV. OS COMBATES SINGULARES
- XV. A POSTERIDADE DA SERPENTE
- XVI. HOMICIDA E MENTIROSO
- XVII. O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS
- XVIII. O MACACO DE DEUS
- XIX. OS DEMÔNIOS DO PAGANISMO ANTIGO
- XX. GOG E MAGOG
- XXI. OS AUXILIARES
- XXII. OS AVANÇOS E OS RECUOS

- XXIII. OS PODERES DO ANTICRISTO
- XXIV. O GEENA DE FOGO
- XXV. O NÚMERO DA BESTA
- XXVI. OS SINTOMAS DA INFLUÊNCIA LUCIFÉRICA
- CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

Qual pode ser, em nossa época, a utilidade de um estudo sobre a demonologia cristã? Um exame, mesmo superficial, do estado do mundo em suas relações com o Criador, nos persuade facilmente de que as forças do mal estão no auge de seu poder: elas nunca foram tão grandes nem tão universalmente organizadas.

Ora, a sociedade humana está submetida a uma evolução cujos órgãos motores residem nas altas instâncias das congregações iniciáticas. Mas é evidente que os membros dessas altas instâncias buscam sua inspiração na mística luciferiana. Para conhecer, tanto quanto possível, a estratégia mundial que está sendo assim aplicada, é preciso escrutinar, da melhor forma possível, as ambições do espírito maligno que é, em última análise, o inspirador dessa falsa mística.

Portanto, se quisermos entender o funcionamento e a ideia de manobra política e religiosa das confrarias iniciáticas, tornou-se necessário conhecer o comportamento habitual dos espíritos decaídos. Isso é o que tentamos fazer no trabalho que se segue.

> *Essa tradução foi feita a partir do livro em francês dispoinível aqui*

I. A CIÊNCIA DO BEM E A CIÊNCIA DO MAL

A Sagrada Escritura dá aos demônios denominações muito diversas. Vamos tentar ter uma ideia da frequência com que são mencionados. Isso nos dará uma primeira opinião sobre a importância que lhes é atribuída no ensinamento divino.

Um instrumento de trabalho valioso nos permitirá realizar esse levantamento: é o **Dicionário das Concordâncias**. Todas as palavras encontradas no texto da Escritura foram contadas com rigor. Cada palavra da Bíblia é um artigo neste curioso dicionário, com referências aos trechos em que é utilizada. Será fácil para nós totalizar os trechos escriturísticos nos quais os demônios aparecem, seja qual for a denominação pela qual são designados.

Diversas denominações dos demônios	Antigo Testamento	Novo Testamento
Diabolus	6	34
Satanas	13	33
Draco	36	12
Serpens	26	16
Leviathan	6	0
Béhémoth	1	0
Belial	12	1
Baal	46	1
Beelzebuth	4	7
Beelphegor	6	0
Mammon	0	4
Malus-Malum	651	44
Bestia	0	33 (Apocalipse)
Infernum	58	11
Géhenne	1	10
Tartare	0	1
Total: 1073	866	207

Este total de 1.073 menções nas Escrituras não inclui os versículos em que os demônios são designados por locuções compostas, pois essas locuções não estão nos dicionários de concordância. Exemplos disso são: os espíritos de malícia, as legiões do orgulho, as potestades das trevas, os espíritos de rebelião, os filhos da ira, os filhos da perdição, o Príncipe deste mundo, o adversário.

No entanto, essas expressões ocorrem com frequência no texto sagrado. Se pudéssemos contá-las também, elas aumentariam significativamente o total que acabamos de encontrar.

Para ser completo, seria necessário ainda listar, o que é impossível, todas as alegorias e parábolas em que os demônios são mencionados por imagens, como a do semeador do joio ou a do ladrão que entra na casa. É concebível que haja muitas delas.

Portanto, as Sagradas Escrituras nos trazem uma revelação abundante sobre os espíritos malignos. Este ensinamento é precioso, pois esses espíritos pertencem ao mundo invisível. Não podemos observá-los através da experiência sensorial e só podemos conhecê-los através da revelação.

Assim, as Escrituras contêm não apenas **a ciência do bem**, ou seja, a ciência de Deus, mas também **a ciência do mal**, ou seja, a ciência do inimigo de Deus, que é também o inimigo da humanidade. E esta ciência do mal é tão necessária quanto a ciência do bem, pois nos ensina a natureza e as obras dos inimigos invisíveis contra os quais devemos lutar durante nossa perigosa jornada na terra.

As Escrituras, transmitidas pelos Padres, pela Liturgia e pelo Magistério, não revelam apenas o Verbo Encarnado, mas também seu adversário; uma revelação que é absolutamente indispensável para nós. Se tudo o que se refere ao demônio fosse removido dela, metade de seu conteúdo seria retirado. Portanto, é surpreendente o pouco destaque dado ao "Adversário" nos discursos da Igreja conciliar.

A presença espiritual dos demônios na Terra constitui o que São Paulo chama de "**mistério da iniquidade**". Este mistério tem sido, desde sempre, o terrível problema do mal para os seres humanos. Esse problema imemorial tem sido a pedra de tropeço para muitos filósofos e fundadores de religiões que não souberam resolvê-lo corretamente, privados que estavam da verdadeira e autêntica Revelação divina.

II. OS ANJOS E OS HOMENS NO PENSAMENTO DIVINO

O homem tem três inimigos a temer: **o demônio, o mundo e ele mesmo**. É sobre o primeiro desses três inimigos, o demônio, que vamos focar nossa investigação. Vamos estudar o confronto entre homens e demônios. Esse é o tema deste estudo.

Os demônios são anjos expulsos do céu. Eles mantiveram, em grande parte, sua natureza angelical. Para conhecer nossos inimigos, precisamos primeiro compreender a natureza angelical. Mas para estudar a natureza angelical, precisamos remontar ao início da criação.

> "No princípio, Deus criou o céu e a terra" (Gên. I, 1).

Neste texto, de acordo com a maioria dos comentaristas, a palavra "**Céu**" refere-se ao conjunto dos espíritos celestiais; refere-se ao mundo dos espíritos invisíveis, ou seja, os anjos. E a "**Terra**" refere-se ao conjunto do mundo material, incluindo o homem, que faz parte dele, uma vez que o Criador formou o corpo humano a partir da terra.

Todas as criaturas pertencem ou ao mundo dos espíritos, ou ao mundo dos corpos. Do texto do Gênesis fica claro que Deus não criou um **mundo intermediário**. No entanto, a maioria dos gnósticos hoje ensina, mais ou menos abertamente, a existência de um mundo intermediário. Os cristãos devem estar alertas contra essa noção equivocada de "mundo intermediário".

Esses dois mundos, o mundo invisível dos anjos e o mundo visível dos humanos, Deus os criou ao mesmo tempo. "Aquele que vive na eternidade criou todas as coisas simultaneamente" (Eclesiástico XVIII, 1).

Ele criou de uma vez todos os anjos, e ao mesmo tempo fez surgir do nada, igualmente de uma vez, toda a substância de que ele precisaria, e formou o que é chamado de caos. Esse caos, que não era desordem, mas apenas a matéria informe do universo, ele organizou ao longo de seis intervenções divinas, onde ainda exercia seu poder criativo. Essas seis operações divinas sucessivas são os seis dias da criação. Os seis dias criativos são chamados de "Hexameron".

Portanto, foi "no princípio" que os anjos foram criados. Para corroborar essa crença totalmente universal na Igreja, invoca-se especialmente estes três versículos do livro de Jó:

>

> "*Quem fixou as dimensões da Terra? Você sabe? Quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre o que estão fundadas suas bases, ou quem colocou sua pedra angular, quando* ***as estrelas da manhã*** *cantavam juntas e todos* ***os filhos de Deus*** *davam gritos de alegria.*" (Jó XXXVIII, 5-7)

Os "filhos de Deus" e os "astros da manhã" são os anjos. Eles são chamados "da manhã" precisamente porque foram criados no início.

Com este ponto bem estabelecido, avancemos em nosso raciocínio. Os meios pelos quais Deus realiza Suas obras exteriores são chamados de Seus caminhos. O que nos revela a Escritura sobre os caminhos de Deus?

> "*Universæ viæ Dornini rnisericordia et veritas. Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade*" (Salmo XXIV, 10 Vulgata).

Esta ideia de que existe uma dualidade e um equilíbrio entre misericórdia e verdade é repetida nas Sagradas Escrituras com uma insistência que não pode passar despercebida e que certamente tem um significado.

Apenas para observar adequadamente essa insistência, é necessário recorrer à versão latina da Vulgata, pois traduções francesas, provavelmente para evitar monotonia na expressão, traduzem 'misericordia' e 'veritas' por uma série de termos aproximativos, o que impede de notar a repetição presente no próprio texto. Aqui estão alguns dos trechos mais notáveis:

> I. "Que a Vossa misericórdia e a Vossa verdade me sustentem sempre" (Salmo XXXIX, 12).

> II. "Carregue a Vossa misericórdia e a Vossa verdade para guardá-lo" (Salmo LX, 8).

> III. "A misericórdia e a verdade se encontraram" (Salmo LXXXIV, 11).

> IV. "A misericórdia e a verdade preparam o bem" (Provérbios XIV, 22).

> V. "A misericórdia e a verdade redimem as iniquidades" (Provérbios XVI, 6).

> VI. "A misericórdia e a verdade vigiam sobre o rei" (Provérbios XX, 28).

Todos esses trechos são resumidos pelo verso que citamos primeiro. Vamos revisá-lo agora, pois é importante mantê-lo em mente:

> "*Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade*" (Salmo XXIV, 10).

Isso significa que, entre as obras de Deus, algumas são especialmente relacionadas à Sua misericórdia, enquanto outras são destinadas a manifestar mais especificamente Sua verdade.

Agora, vamos definir o que são a verdade e a misericórdia de Deus. A **verdade** de Deus é sua **rigorosidade**. Os comentaristas equiparam a verdade de Deus à sua **justiça**. Frequentemente, os termos verdade e justiça são usados de forma intercambiável. A justiça de Deus é rigorosa, exata, ou seja, verdadeira. Ela retribui a cada um conforme o que é devido e "não faz acepção de pessoas". Ela demanda ser satisfeita com rigor.

Por outro lado, a **misericórdia divina** inclui tudo que está relacionado à Sua bondade, benignidade, condescendência, afeição e predileção. Enquanto a justiça (ou verdade) de Deus define a regra, a misericórdia governa a exceção. É a misericórdia que inspira todas as ternuras do coração divino. Ela preside as preferências. Há uma criatura que personifica de maneira eminente a misericórdia divina, e essa é a Virgem Maria. Deus a encheu da "plenitude de Suas graças". Ela é a criatura de predileção por excelência.

Mas então, como Deus, que "não faz acepção de pessoas" segundo Sua justiça, pode ter preferências segundo Sua misericórdia? Estamos definindo misericórdia como injustiça? Como a misericórdia e a verdade de Deus são compatíveis? Certamente, isso é muito misterioso. A este mistério se aplica a famosa sentença das Escrituras:

> « *Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os Meus caminhos. Tão altos quanto os céus são superiores à terra são os Meus pensamentos superiores aos vossos pensamentos e os Meus caminhos aos vossos caminhos*. » (Isaías LV, 8).

E ainda assim, não devemos interpretar este mistério como se houvesse em Deus o menor vestígio de injustiça, isto é, de mal. São Paulo, antecipando a objeção, afirma claramente:

>

> « *Há injustiça em Deus? De modo algum! Pois Ele disse a Moisés: 'Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia, e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão.*'» (Romanos IX, 15).

Deus, que é justo para com cada uma de Suas criaturas, manifesta preferências por algumas sem causar prejuízo às outras. Este é todo o sentido da parábola dos trabalhadores da última hora. Deveríamos nós, então, ter um olhar invejoso porque Deus é bom? Não há no coração de Deus o menor traço de injustiça nem o menor traço de mal.

Agora sabemos que Deus faz tudo, seja conforme Sua misericórdia, seja de acordo com Sua justiça. Com esse entendimento, vamos compreender melhor o que a natureza angélica pode representar em comparação com a natureza humana.

Os **anjos** têm origem em um pensamento divino de **justiça** (também chamada de verdade). Eles adoram especialmente a verdade de Deus, Sua justiça, ou seja, Sua rigorosidade. Em troca, Deus glorifica neles a **inocência**, a impecabilidade. Os anjos são colocados ao redor de Deus para serem Seus mensageiros rigorosos:

> "*Bendizei ao Senhor, todos vós, seus anjos, poderosos em força, que executais as suas ordens, obedecendo à voz da sua palavra*" (Introito da Missa votiva dos anjos).

Por outro lado, os **homens** têm origem em um pensamento divino de **misericórdia**. O que atrai sua gratidão é a misericórdia de Deus. Em troca, Deus glorifica neles não mais a inocência como nos anjos, mas o **arrependimento**.

Essa aplicação da distinção entre misericórdia e verdade aos homens e aos anjos pode parecer simplista. De fato, é simplificadora. No entanto, é ela, em última análise, que explica por que os homens foram redimidos enquanto os anjos não o foram.

III. A NATUREZA ANGÉLICA DOS DEMÔNIOS

Conhecendo agora a origem dos anjos e dos homens no pensamento divino, entenderemos melhor as razões de suas diferentes naturezas.

A substância espiritual constitutiva dos anjos reflete a simplicidade da verdade de Deus. Os anjos são feitos de uma **substância espiritual simples**. Eles não são seres compostos como os humanos. Desta simplicidade constitutiva, a inteligência angélica retira seus dois principais traços: a prontidão e a retidão.

A inteligência angélica se exerce com **prontidão**. Não há partes diversas a conciliar, não há deliberação prévia, portanto não há hesitação. Anjo significa mensageiro. Os anjos são criados para serem mensageiros rápidos. Naturalmente rápidos, eles também são rápidos em suas deduções. Eles veem, com um único olhar da mente, as últimas consequências de suas decisões. Por isso, frequentemente se diz que seu pensamento não é discursivo.

A inteligência angélica também se exerce com **retidão**. Julga com retidão, ou seja, com uma lógica perfeita. Ela aprecia, em Deus, o que é rigoroso.

Assim, feitos de prontidão e retidão, os anjos foram criados **livres**. Deus quer que eles adiram livremente às leis que Ele estabeleceu para regular suas atividades.

O que acontecerá se os anjos, fazendo uso indevido dessa liberdade, vierem a transgredir a lei divina, ou seja, a prevaricar? Eles sofrerão um castigo, naturalmente, mas ainda assim manterão sua natureza angélica, que não lhes é retirada, pois "Deus não se arrepende do que fez". Eles preservarão sua prontidão e retidão constitutivas.

No entanto, essa prontidão e retidão serão desviadas de seu propósito. Elas serão distorcidas. Elas serão usadas de maneira contrária à sua atividade normal. A natureza angélica permanecerá, mas sofrerá uma distorção.

Vimos que, devido à prontidão de sua inteligência, não há hesitação nos anjos. Da mesma forma, não haverá arrependimento nos demônios. Eles verão, com um único olhar, as consequências de sua decisão. E se eles prevaricarem, é porque preferem a si mesmos a Deus com uma vontade obstinada. A penetração de sua inteligência deveria precisamente evitar qualquer movimento de revolta ao mostrar-lhes o resultado final.

Aqui temos um dos traços essenciais da "mentalidade" demoníaca: a obstinação. Tudo o que os demônios fazem volta-se contra eles; eles sabem disso e mesmo assim o fazem. Eles não querem

retroceder nem mesmo parar no caminho. Lembremos aqui o provérbio cristão bem conhecido: "*errare humanum est, perseverare diabolicum*".

A obstinação é, de fato, diabólica. É assim nos demônios, mas também o é nos homens.

Sobre este assunto, citemos um trecho de São Basílio:

> "*Os anjos receberam sua natureza pelo Verbo; sua santidade lhes foi adicionada pelo Espírito Santo. Não foi pelo exercício progressivo das virtudes que os anjos se tornaram dignos de receber o Espírito Santo, mas sim por um dom gratuito que receberam a santidade, um dom adicionado à sua natureza no momento da criação e penetrando seu ser; por isso, eles só podem pecar com* ***dificuldade***."

Que vai acontecer com a retidão da inteligência angélica nos demônios? Ela permanecerá neles, mas será agora usada de maneira distorcida. Tornar-se-á a **lógica intempestiva** tão característica das decisões demoníacas. O demônio continua sendo um lógico com deduções rigorosas porque essa é sua natureza de anjo. No entanto, devido à prevaricação, **não há mais verdade nele**. O mecanismo de seu raciocínio permanecerá o mesmo, mas o conteúdo de seu pensamento será alterado. Ele aplicará um raciocínio lógico a pensamentos falsos.

Quando raciocina, o demônio já sabe de antemão a qual conclusão deseja chegar. E esta conclusão é obviamente falsa, uma vez que não há mais verdade nele. Assim, há duas possibilidades:

- ou então ele é obrigado a começar com um postulado correto, mas então ele fará uma série de desvios imperceptíveis para chegar à conclusão que foi preestabelecida;
- ou então, quando possível, ele vai estabelecer um postulado falso para chegar à conclusão que ele se propôs, depois de um raciocínio de lógica impecável.

É preciso ter cuidado ao iniciar uma conversa com um lógico assim, pois já se está derrotado de antemão. A lógica do demônio é a lógica da revolta, uma revolta que ele vai prolongar até suas últimas consequências, até suas extremidades mais loucas.

A escuridão dos demônios invadiu toda a sua substância espiritual porque é homogênea e não apresenta nenhuma ruptura capaz de limitar a invasão. Os anjos não são seres frágeis e quebradiços. Deus lhes deu uma **solidez** que os protegia de qualquer perturbação, se sua livre vontade tivesse permanecido boa. Aos anjos revoltados foi necessário um alto grau de malícia e uma vontade prodigiosa para preferir as trevas à luz. Compreende-se que Deus não esteja obrigado a lhes mostrar misericórdia.

A "mentalidade" demoníaca possui, por sua natureza angélica, dois traços essenciais: a obstinação e a lógica. Devemos esperar encontrar esses dois traços nos hábitos mentais daqueles humanos que se tornam imitadores dos demônios. Todos aqueles que Lúcifer arrasta se tornarão obstinados e raciocinadores.

IV. AS HIERARQUIAS ANGÉLICAS

Não podemos avançar mais sem expor a doutrina da Igreja sobre a estrutura das hierarquias angélicas, conforme se apresentava antes da reprovação de uma parte dos anjos. Pois é essa estrutura inicial que nos iluminará sobre a composição da massa dos demônios.

A descrição das hierarquias celestes gerou algumas hesitações, como muitas outras noções religiosas. Foi necessário que o Magistério interviesse para distinguir o verdadeiro do falso no meio das diversas opiniões.

Finalmente, é a doutrina de São Dionísio Areopagita, aquela que foi primeiramente expressa, que acaba por triunfar. São Dionísio afirmava que sua doutrina sobre os anjos se baseava nos ensinamentos de São Paulo. Mais tarde, ela recebeu o apoio de Santo Agostinho e, de forma decisiva, do Papa São Gregório Magno.

Segundo São Dionísio, os anjos são divididos em três hierarquias.

A **primeira hierarquia** é a mais próxima de Deus. Ela inclui, por sua vez, três coros: o coro dos serafins, o dos querubins e o dos tronos.

- Os serafins são arcanjos que queimam com o fogo do amor de Deus. Eles inflamam com este fogo os arcanjos que estão abaixo deles.
- Em seguida vem o coro dos querubins. Sua inteligência difere da dos serafins. Eles estão cheios do conhecimento de Deus. O que os alimenta é mais o conhecimento do que o amor de Deus. Por sua vez, eles refletem esse conhecimento divino e iluminam os coros inferiores.
- Depois vem o coro dos tronos, cujo traço essencial é a solidez. Este nome de tronos lhes foi dado precisamente porque Deus gosta de descansar sobre a sua robustez como se descansa sobre um trono estável. Pode-se dizer então que os tronos têm a honra de sustentar Deus.

A **segunda hierarquia**, que vem abaixo, inclui os três coros das dominações, das virtudes e das potestades.

- O coro das dominações. As dominações são arcanjos sobre os quais não se pode exercer pressão. Eles são livres de qualquer influência. Por isso, são intermediários da autoridade divina até mesmo para os outros coros, inclusive aqueles que estão acima deles. Às vezes se diz que eles têm funções de ordem militar.

- O coro das virtudes. Estes espíritos difundem a força divina aos coros inferiores. Diz-se que é pelas "virtudes celestiais" que ocorrem os milagres, os quais são verdadeiras manifestações da força divina, alterando as leis da criação em casos particulares.
- O coro das potestades. Alguns comentaristas afirmam que as potestades recebem a guarda das cidades terrenas, das grandes instituições, das nações e das entidades constituídas.

A **terceira hierarquia** é a mais distante de Deus. Ela inclui, como as duas anteriores, três coros: o coro das principados, o dos arcanjos e o dos anjos.

- Os anjos e os arcanjos apresentam uma particularidade linguística que deve ser destacada. Trata-se do fenômeno bem conhecido da parte sendo tomada pelo todo. Na linguagem comum, damos o nome de "anjos" a todos os espíritos celestes sem distinção de hierarquia. Neste sentido, um serafim é um anjo. Estamos generalizando a denominação de "anjo", que é estritamente precisa apenas para o coro inferior. O mesmo fenômeno ocorre com a palavra "arcanjo". Chamamos assim todos os espíritos celestes que são superiores aos "anjos no sentido estrito". Por exemplo, falamos do arcanjo Gabriel, entendendo que ele pertence indubitavelmente a um coro muito superior ao dos "arcanjos no sentido estrito".

Por que esse hábito de linguagem? Provavelmente porque ficamos muito tempo na incerteza quanto à verdadeira composição das hierarquias celestiais. Por muito tempo, os confundimos sob a mesma denominação, o que não é substancialmente incorreto, uma vez que todos têm a mesma natureza espiritual.

Vamos agora colocar outra questão. De onde vêm os nomes dos coros angelicais? Todos eles vêm das Escrituras Sagradas. Anjos e arcanjos são mencionados em cada página do Antigo e do Novo Testamento. Serafins e querubins são assim nomeados pelos livros proféticos. Quanto aos outros cinco nomes, são encontrados nas Epístolas de São Paulo aos Efésios e aos Colossenses:

> « ...*Ele que é o cabeça de todo Principado e de toda Potestade* » (Colossenses 2:10).

> « ...*acima de todo Principado, e Potestade, e Virtude, e Dominação*... » (Efésios 1:21).

Poderíamos, evidentemente, entrar em muitos outros detalhes interessantes. No entanto, quisemos apenas expor o necessário para compreender a composição do colégio dos demônios. Pois veremos mais adiante que no inferno encontramos anjos de todos os nove coros. Assim, a população do inferno é composta por elementos muito diversos entre si. Encontramos grandes serafins caídos, assim como simples anjos que seguiram na rebelião. Essa ampla escala de capacidades espirituais não deixa de influenciar, primeiro, o comportamento dos demônios entre si

e, depois, o comportamento deles em relação aos humanos. Portanto, a digressão que fizemos foi indispensável.

É necessário fazer uma precisão aqui. Os demônios mantêm entre si as diferenças hierárquicas que tinham no Céu. No entanto, todos, independentemente de seu posto, sofrem de uma degradação geral em relação aos espíritos que permaneceram fiéis. Um anjo mal, hierarquicamente superior por natureza a um bom anjo, está sujeito ao poder deste último.

V. AS CIRCUNSTÂNCIAS DA PROVA

É uma verdade de fé que: uma parte dos anjos se afastou de Deus e mantém uma hostilidade eterna em relação a Ele. Surge então uma pergunta inevitável: em que circunstâncias esses anjos se afastaram de Deus? Qual foi a prova que levou a essa prevaricação dos anjos? A prevaricação é a recusa de cumprir suas obrigações.

A natureza dessa prova não é claramente conhecida. Estamos reduzidos a hipóteses. Escolhemos aquela das hipóteses que melhor coordena os conhecimentos certos sobre os anjos e sobre o Verbo Encarnado. É bem evidente que os anjos sabiam, desde o início, da precariedade de sua situação e de seu status. Eles sabiam que tinham sido tirados do nada por Deus e que, portanto, de certa maneira, se encontravam suspensos entre Deus e o nada, enquanto não fossem, de uma forma ou de outra, integrados a Deus. A estabilização de seu estado bem-aventurado só poderia resultar de sua participação na vida divina.

Os anjos se encontravam, era evidente, em uma situação transitória e preparatória. Os teólogos dizem, com muita razão, que eles estavam em estado de via e acrescentam que tinham consciência disso.

Os comentaristas concordam que os anjos já possuíam uma profunda ciência de Deus. Assim, distinguiam as Três Pessoas da Santíssima Trindade. Conheciam o Logos como agente do poder exterior de Deus. Mas até onde ia essa ciência? E, em particular, poderiam eles conhecer antecipadamente a misteriosa Encarnação do Logos?

Foi nesse "estado de via", nessa situação de expectativa, que os anjos assistiram à "Obra dos seis dias", ou seja, à Criação do universo material e à criação do homem. Foi então que veio a sua prova. Eis em que consistiu.

Para provar os anjos, Deus lhes mostra, por antecipação, a imagem do Verbo Encarnado, que deveria ser, quando a plenitude dos tempos estivesse cumprida, o Adorador supremo de Deus e o Mediador universal entre Ele e a Criação, em suma, o Pontífice e o Rei do Universo visível e invisível. E Ele lhes mostrou também a mulher privilegiada que deveria ser a Mãe desse Homem-Deus.

Pode-se pensar que, diante desse espetáculo, um imenso estremecimento percorreu as hierarquias celestes e que uma prodigiosa emoção as paralisou. Assim, o Homem-Deus que lhes era mostrado se interporia um dia entre a Criação e a Divindade. Seria Ele quem asseguraria a mediação. Seria Ele quem transmitiria a Deus a adoração das criaturas celestes e terrestres. Seria Ele também quem dispensaria a ajuda sobrenatural sem a qual a participação na vida divina não é realizável.

Diante Dele, todas as hierarquias angélicas deveriam se inclinar como sendo a principal figura do universo.

Os anjos, que nunca haviam conhecido ninguém entre eles e o Todo-Poderoso, e que já lhe dirigiam diretamente suas adorações, teriam que se inclinar diante do trono universal do Verbo Encarnado, não apenas para lhe confiar suas adorações, mas também para receber Dele, em seu "estado de via", a graça necessária para sua santificação.

Seria necessário ser um anjo para medir a tensão e a efervescência que percorreu a corte celestial ao anúncio de um decreto tão misterioso e diante de uma mutação tão grande.

Lúcifer recusou a soberania do Verbo Encarnado. Sua lógica implacável ditou-lhe uma decisão aterradora. Ele recusou sua submissão ao "Adorador Supremo" porque, estando ele próprio colocado no topo das hierarquias espirituais, queria transmitir diretamente a Deus, como sempre havia feito, sua própria adoração, que era exemplar.

E ele recusou receber, do "Mediador Universal", a ajuda graciosa necessária para sua adoção divina porque se considerava capaz de alcançar a santificação apenas pelas virtudes naturais com as quais estava abundantemente dotado.

Além disso, ele não queria depender de um Homem-Deus que não seria um puro espírito, pois tiraria da terra a substância de seu corpo. Mais radical ainda foi sua recusa em se inclinar diante da "Mãe de Deus", que seria uma criatura meramente humana e que se pretendia lhe impor como Rainha dos Anjos.

Alguns comentaristas e alguns místicos pensam até que Lúcifer pecou venialmente ao recusar a supremacia do Verbo Encarnado, mas mortalmente ao recusar a da Mãe de Deus. Ele, Lúcifer, estimava que, logicamente e, portanto, justamente, era ele quem deveria ser designado para se tornar o adorador supremo e o mediador universal por meio de quem a participação na vida divina deveria ocorrer. Em suma, o Homem-Deus lhe tomava o lugar que ele, Lúcifer, acreditava ser seu por direito. Tais foram seus pensamentos nesta prova crucial.

Compreende-se que essa prova tenha implicado, para um anjo, uma certa dificuldade. Mas não era impossível de superar. Não era mais difícil, para um anjo, inclinar-se diante de um Homem-Deus do que é difícil para um homem inclinar-se diante de uma hóstia que, em suas aparências, é apenas um produto vegetal. Além disso, a inteligência angélica foi feita para perceber, num instante, as consequências a longo prazo da revolta.

É ao Verbo Encarnado que se dirige o famoso "*non serviam*" de Lúcifer. Esse "non serviam" repercutiu, de eco em eco, entre os anjos e os homens. Nosso Senhor o ouviu ao seu redor quando veio à terra, como Ele mesmo disse nesta parábola:

"Um homem de alta nobreza foi para um país distante para tomar posse do reino e depois voltar... Mas os cidadãos daquele país o odiavam e enviaram uma delegação atrás dele para dizer: 'Não queremos que este homem reine sobre nós.'"

> "*Não queremos que este homem reine sobre nós.*" (Lucas XIX, 12-14).

VI. O RECRUTAMENTO DOS REVOLTADOS

E então, Lúcifer percorreu os nove coros dos anjos para constituir um partido, a fim de fazer pressão sobre Deus pelo número. Que discurso fez a todos esses espíritos? Conhecemos os dois grandes temas que ele desenvolvia: "Eu serei como Deus" e "vocês serão como deuses".

Recusando a supremacia universal do Homem-Deus, Lúcifer é levado pela fatalidade de sua insubmissão e se comporta como se fosse o Anjo-Deus. Sua lógica implacável lhe inspira uma audácia implacável: ele exige poder e culto. Ele percorre os nove coros pregando sua revolta e ao mesmo tempo sua supremacia. E os nove coros são tocados pela efervescência e pela contaminação; nenhum coro é poupado, nem o mais elevado, dos serafins, nem o mais baixo, dos anjos. Lúcifer fez adeptos em todos os lugares. Mas nenhum coro também sucumbiu por completo.

Qual é a proporção dos anjos que tomaram o partido de Lúcifer revoltado? Alguns comentaristas das Escrituras pensam que um terço dos anjos se deixou levar à prevaricação; eles se baseiam na seguinte passagem do Apocalipse:

> "*...de repente viu-se um grande dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres, e sobre suas cabeças sete diademas; com sua cauda ele arrastou um terço das estrelas do céu e as lançou sobre a terra.*" (Apoc. XXII, 3-4).

Contrariamente ao partido luciferiano, encontraram-se anjos dos nove coros para manter a consciência de seu nada original e para aceitar a graça necessária para sua santificação, daquele Homem-Deus cuja corte celestial acabara de receber a Revelação.

Sabe-se que um herói se destacou entre todos, São Miguel, chamado de 'arcanjo', mas que certamente era muito mais que um arcanjo. À divisa do herói do orgulho, 'serei como Deus', ele opôs a divisa da humildade, '*Quis ut Deus*? Quem é como Deus?'.

Isso se tornou um lema e circulou nos nove coros. Os anjos fiéis não apenas reconheceram o Verbo Encarnado como seu mestre, mas também começaram a desejar ardentemente a sua vinda com o zelo fervoroso que os anjos podem demonstrar. E é por isso que o Ungido do Senhor, esse primeiro personagem da Criação, é chamado na Sagrada Escritura de 'o desejado das colinas eternas' (Gên. XLIX, 26).

Quem são as 'colinas eternas'? São os anjos fiéis que a humildade elevou e que se tornaram 'eminências'. Quanto ao 'desejado' em si, é o Ungido do Senhor.

E por que os anjos O desejaram? É porque Deus não deseja descer se permanecermos indiferentes a Ele. Ele deseja ser desejado, pois Ele não quer forçar ninguém. Ele revela Seus planos para que ansiemos pela sua realização. É uma lei misteriosa da ação divina à qual o Ungido mesmo se submete, já que o Pai O invoca nestes termos:

> "Pedes-me, e eu te darei as nações por herança e os confins da terra por tua posse." (Salmo II, 8)

Assim, o Verbo Encarnado Ele mesmo é obrigado a pedir (postular) uma herança que lhe é destinada. Os anjos foram submetidos à mesma lei, e é por isso que o Ungido do Senhor é chamado de "o desejado das colinas eternas".

VII. O ABANDONO DAS MORADIAS

Conhecemos, pela Epístola de São Judas, uma das formas da revolta dos anjos. É importante notar cuidadosamente porque suas consequências são vistas na terra e em todos os tempos, nos comportamentos dos homens e nos agrupamentos humanos que o demônio inspira.

Ao falar dos anjos caídos que Jesus mantém acorrentados para o dia do Julgamento, São Judas faz referência a uma circunstância particularmente importante de sua rebelião. Ele menciona:

> "*esses anjos que não conservaram a sua posição original, mas abandonaram a sua própria morada*" (Judas,V-6).

São Judas expressa aqui duas ideias, ligadas mas distintas: pelo termo "posição original", ele indica a deserção de sua função; e pelo termo "morada", a ideia de abandonar sua residência. Os anjos revoltados não se contentaram mais com os principados que Deus lhes confiou; eles ambicionaram mais alto. Então, abandonaram sua morada, ou seja, se excluíram da hierarquia angelical e formaram um partido que contestava os poderes do Verbo Encarnado, exigindo substituí-lo por um espírito puro que não tivesse nada a ver com a matéria.

No linguajar humano, poderíamos dizer que os maus anjos, no início de sua revolta, "saíram às ruas". Eles invadiram os pátios do céu para se engajar numa verdadeira manifestação de desobediência e reivindicação.

Por que esse abandono dos principados e moradas pode nos interessar hoje? Porque marcou permanentemente a psicologia demoníaca. O demônio agora persistirá na lógica desse abandono primordial. Ele se encontra sem função e sem um lugar designado. Com ele, todos os anjos revoltados se tornaram estrelas errantes. Esta forma de rebelião se tornou para eles uma característica adquirida e definitiva:

> "*Estrelas errantes, para as quais estão reservadas as densas trevas da escuridão para a eternidade*" (Jude, XIII).

Eles praticam o errar como seu modo de exercer poder: estar presente em todos os lugares "procurando a quem devorar". Um dos primeiros versículos do livro de Jó descreve este comportamento errante em termos concretos:

> "*Então Yahweh disse a Satanás: De onde vens? Satanás respondeu a Yahweh, dizendo: De percorrer a terra e de andar por ela.*" (Jó I, 7)

Os espíritos caídos são seres errantes. A peregrinação é o destino dos inquietos. Após o assassinato de Abel, Caim foi condenado por Deus à errância:

> "...serás errante e fugitivo sobre a terra." (Gênesis IV, 12)

Os demônios, de idade em idade, vão comunicar esse gosto pela ubiquidade aos homens que têm sob sua influência. O espírito gyrovague denota uma influência maligna; não é outra coisa senão o horror e o medo de se confrontar consigo mesmo. É o sintoma das consciências que não estão em paz. É uma forma dessa inquietação indelével que atormenta os espíritos rebeldes, sejam anjos ou homens.

Muitas vezes, os problemas começam pela falta de residência: antigamente pela ausência dos bispos em suas catedrais, hoje pela ausência das mães em seus lares.

O sábio das Escrituras, ao contrário, "permanece debaixo de sua figueira", ou seja, contenta-se com sua posição e sua morada. Não aspira a estar em todos os lugares ao mesmo tempo porque não deseja controlar tudo. Ele possui o espírito de estabilidade que favorece a contemplação e proporciona a companhia de Deus. Na cristandade da Idade Média, muitos mosteiros adicionavam ao três votos usuais o voto de estabilidade.

VIII. UMA BATALHA NOS CÉUS

Abandonando então seus principados e suas moradas, os anjos revoltados se reúnem no pátio do céu. É lá que ocorrerá a grande batalha.

> "*E houve uma guerra no céu: Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão; e o dragão e seus anjos lutaram, mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se encontrou nos céus.*" (Apocalipse XII, 7-8)

Nessa época, ainda não havia inferno nem sheol. Foi no próprio céu que o combate aconteceu, no que chamamos de pátio para usar uma expressão concreta.

O dragão é Lúcifer. Ele é cheio de si mesmo, de uma inteligência prodigiosa, de uma lógica impecável, de uma vontade implacável, de uma atividade incessante, de uma habilidade manobrista temível. Ele sabe que é extremamente poderoso.

E como suas tropas são numerosas, ele pode pensar que irão dominar o partido dos humildes e dos obedientes. Eles vão vencer. E é preciso reconhecer que, conforme o estado das forças naturais que estão em jogo, talvez isso pudesse ter acontecido.

IX. O TRONO ACIMA DAS ESTRELAS

Vamos agora observar Lúcifer e seus anjos, expulsos para as trevas exteriores. Eles não vão se mover livremente dispersos por lá. Mas antes de examinarmos em que lugar e sob quais condições eles serão confinados, precisamos tentar entender quais são as disposições espirituais dos anjos caídos ao saírem do céu.

Já sabemos que sua natureza angelical não lhes foi tirada, apenas se obscureceu. Mas agora adquiriram um caráter específico. Eles vão permanecer firmemente na lógica da rebelião, levando o espírito de revolta às suas consequências mais terríveis.

Um texto crucial do profeta Isaías descreve as ambições de Lúcifer. No capítulo XIV, o profeta contempla, no futuro, a queda final do grande dragão e expressa sua perplexidade diante da queda de um espírito originalmente tão elevado:

> "*Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da aurora! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!*" (Isaías XIV, 12)

O profeta chama Lúcifer de "filho da aurora" porque ele foi criado, como todos os anjos, no começo, ou seja, no alvorecer do mundo.

E Isaías se surpreende com essa queda ao compará-la com as ambições inimagináveis que Lúcifer alimentava enquanto incitava os anjos a abandonar sua própria morada:

> "*Tu dizias no teu coração: 'Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono e me assentarei no monte da assembleia, nas extremidades do norte; subirei acima das nuvens mais altas e serei semelhante ao Altíssimo.*'" (Isaías XIV, 12-15)

Aqui não temos apenas o programa da revolta dos anjos. O texto de Isaías também revela o plano que agora será o de Lúcifer em sua ação entre os homens.

Seria necessário contar com a assistência do Espírito Santo para compreender o significado de imagens como "acima das estrelas de Deus", "a montanha do testamento", "os flancos do Aquilão", "acima das altas nuvens".

Mesmo não as compreendendo perfeitamente, devemos manter essas expressões proféticas em mente. Elas certamente tiveram ou terão sua aplicação ao longo da história humana, pois nenhuma palavra de Deus retorna a Ele sem ter sido executada.

Como o grande dragão pode nutrir ambições tão grandiosas? Como pode escalar a montanha do testamento? Como pode estabelecer seu trono acima das nuvens? Como pode sair como conquistador dos flancos do Aquilão? Por quem pode ser adorado como semelhante ao Altíssimo? Sobre quem pode exercer essa supremacia na qual ele acredita estar destinado?

Essas pretensões são ainda mais impossíveis de serem realizadas neste momento, pois o séquito dos réprobos agora serpenteia nas trevas exteriores em direção ao abismo que lhes está destinado.

X. OS DOIS INFERNOS DA ANTIGA LEI

Qual é a condição dos demônios no abismo para onde foram lançados?

Este abismo ocupa uma posição inferior. Para acessá-lo, conforme todos os textos das Escrituras, é necessário descer. É o abismo inferior. São João fala do "poço do abismo" e de sua chave:

> "*E viu-se descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo*" (Apocalipse XX, 1).

Este local inferior é chamado de inferno. Mas também recebe outros nomes. São Pedro o chama de Tartaro:

> "*Pois Deus não poupou os anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no Tartaro, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo*" (II Pedro II:4).

Podemos entender mais precisamente a situação deste Tartaro? Falando de Sua Ressurreição que Ele anunciava para o terceiro dia após Sua morte, Nosso Senhor se expressou da seguinte maneira:

> "*Esta geração perversa e adúltera pede um sinal, mas nenhum sinal lhe será dado, senão o sinal do profeta Jonas. Pois, assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra.*" (Mateus XII, 39-40)

Os comentaristas entendem que a expressão "no coração da terra" não se refere apenas ao Seu túmulo, mas também, e principalmente, ao inferno nas profundezas do qual a alma de Nosso Senhor permaneceu por três dias.

Por que os textos sagrados frequentemente mencionam os infernos no plural? Porque, sob o regime da Antiga Lei, existiam dois infernos: o inferior e o superior.

O inferno inferior é o abismo que recebe os demônios e as almas dos criminosos. É um lugar onde se suporta a pena do dano, que consiste em não ver a Deus e, portanto, viver sem sol, nas trevas. Lá também se sofre a pena do fogo.

O inferno superior é aquele que recebe as almas dos justos. Nas Escrituras, ele é chamado em hebraico de Sheol e em grego de Hades. Os escolásticos mais tarde o chamaram de *limbus patrum* ou "limbo dos patriarcas". É esse mesmo Sheol que é designado pela expressão figurativa "o seio de Abraão". Poderíamos dizer "o colo de Abraão", onde os justos falecidos eram supostamente recebidos para se sentarem no colo do Pai dos crentes, ou se refugiarem sob seu manto.

Os habitantes do Sheol também são privados da visão de Deus. No entanto, eles são iluminados pela esperança de um dia desfrutá-la quando os tempos estiverem cumpridos. Assim, eles não vivem nas trevas como os condenados, mas na penumbra. O Sheol não é um lugar de infelicidade. A alma lá vegeta em um sono pacífico. A antiga liturgia romana, no momento do "memento" pelos mortos, ainda fala daqueles que dormem no sono da paz: "*qui dormiunt in somno pacis*".

O que sabemos do Sheol pelas Escrituras nos permite defini-lo como um antessala do Céu. As almas dos justos lá aguardam a abertura do céu. No entanto, não há dúvida de que pertence aos infernos. É uma morada inferior, não se sobe ao Sheol, mas desce-se até ele. Ele é vizinho do abismo dos demônios. O homem santo Jó, por exemplo, lamenta-se por sua alma desafortunada e diz:

> "*que ela desceu às portas do Sheol*" (Jó XVII, 16).

Os Provérbios falam das "*...profundezas do Sheol*" (Provérbios XIX, 18).

O profeta Isaías também menciona o "*Sheol e suas profundezas*" (Isaías XIV, 9). É certo que o Sheol é próximo ao abismo.

Aprendemos isso diretamente da boca de Nosso Senhor:

> "*Ora, aconteceu que o pobre Lázaro morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. O rico também morreu e foi sepultado. No inferno, ele levantou os olhos, estando em tormentos, e viu de longe Abraão e Lázaro no seu seio.*" (Lucas XVI, 22-24).

Tudo está bem ponderado neste texto de São Lucas. O pobre Lázaro está de fato "no seio de Abraão", ou seja, no Sheol, enquanto o rico está realmente no inferno. O rico "levanta os olhos" porque o inferno está mais abaixo do que o Sheol. No entanto, ele consegue avistá-lo de longe porque o Sheol é, se não próximo, pelo menos vizinho ao abismo onde ele se encontra.

E por que o Sheol e o abismo são vizinhos? Porque o Sheol é a antecâmara do céu e logicamente deveria estar próximo ao céu. No entanto, está precisamente ao lado do abismo. Por quê? Porque ainda não há Céu para as almas dos justos falecidos. E se não há Céu para os humanos, é porque o Verbo Encarnado ainda não veio "preparar-lhes um lugar junto do Pai". Este é o que Ele deve fazer durante o tempo entre a Ressurreição e a Ascensão.

> "*Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se assim não fora, eu vo-lo teria dito, pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo...*" (João XIV, 1-3).

E ainda estaríamos sob o regime do Sheol da antiga lei se o Salvador não tivesse vindo. Pois afinal, de que o Salvador nos salvou? Ele nos salvou do inferno. Se Ele não nos tivesse resgatado, os justos entre nós estariam destinados ao sono e à penumbra do Sheol, privados da visão beatífica.

Foi a visita de Jesus Cristo aos infernos que pôs fim ao regime de espera que era o Sheol. Como dizem os Padres da Igreja, Ele desceu aos infernos para evangelizar os justos, ou seja, para "anunciar-lhes a boa nova do Reino". Ele lhes anunciou que um lugar havia sido preparado para eles, que o reino eterno estava prestes a se abrir para eles e que em breve entrariam com Ele no dia da Ascensão.

XI. A INFESTAÇÃO DA TERRA

São Pedro nos ensina que os demônios, no inferno, são guardados em reserva para o julgamento (II Pedro II, 4). São Judas retoma a mesma ideia em um texto que já citamos por outro motivo:

> "*Jesus retém para o julgamento do grande dia, presos com cadeias eternas, os anjos que não conservaram a sua posição original, mas abandonaram a sua própria morada*" (Judas VI).

Portanto, antes que o julgamento do grande dia aconteça, os demônios são considerados "em reserva". Certamente, suas cadeias são eternas, o que significa que seu estado de condenação não será revisto. Mas seu destino final só será imposto pelo julgamento final. Eles então enfrentarão a segunda morte e serão lançados no lago de fogo:

> "*Então, a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo*" (Apocalipse XX, 14).

Portanto, é somente após o julgamento final que os demônios terão os cadeados fechados sobre eles

> "*com a chave que fecha e ninguém pode abrir*" (Apocalipse III, 7).

XII.O PRÍNCIPE DESTE MUNDO

Não há dúvida de que Adão foi constituído, desde o início, Rei e Pontífice: este é o ensinamento constante da Escola. E se não fosse pelo drama da queda, ele teria conservado essa dupla prerrogativa até a "plenitude dos tempos", isto é, até o dia da Vinda do Verbo Encarnado, que é o verdadeiro Rei-Pontífice da criação. O "primeiro Adão" estava destinado apenas a anunciar e preparar a vinda do "Ungido do Senhor", que também é chamado de "Novo Adão".

Vimos que Satanás recebeu o poder de vaguear na atmosfera terrestre ao redor de nossos primeiros pais para prová-los. Uma prova era necessária para que os anjos fossem confirmados em seu estado e morada celestiais. Da mesma forma, uma prova era necessária para que o homem fosse confirmado em seu estado de perfeição original.

Certas almas místicas foram privilegiadas ao ver que Adão e Eva, usando sua liberdade, inicialmente cometeram faltas veniais espontaneamente, ou seja, sem serem instigados por uma influência demoníaca. Essas faltas veniais deram a Satanás um pretexto e, como um direito, para se aproximar deles e tentá-los; elas constituíam uma abertura pela qual ele entrou.

Portanto, eis Satanás espionando Adão, que é uma préfiguração do Ungido futuro, do qual ele recebeu o anúncio e que ele odeia desde sua expulsão do céu. Ele pede a Deus permissão para colocar Adão à prova. Como muitos milênios depois ele ainda pedirá a Deus permissão para colocar os Apóstolos à prova: é este episódio que Nosso Senhor relata dizendo:

> "*Eis que Satanás pediu para vos peneirar como o trigo*" (Lucas, XXII, 31).

Em que árvore a serpente apareceu? Ela apareceu precisamente na árvore do "conhecimento do bem e do mal", cujo fruto deveria fazer com que nossos primeiros pais compreendessem que no universo existia não apenas um Deus Bom, mas também um adversário do Deus Bom, um adversário gerador do mal. Esta árvore era boa por si mesma, como tudo o que saía das mãos de Deus. E seu fruto deveria ser consumido um dia pelo homem, quando o tempo estivesse certo. Mas o que foi nefasto foi a seu consumo prematuro.

O demônio estava ansioso para fazer o primeiro homem cair. Ele é de natureza febril, como vimos, e sempre quer antecipar os planos de Deus. Mas também, ao se apressar, ele queria surpreender o homem em um momento em que sua maturidade para consumir tal fruto ainda não estava realizada.

Os Doutores estão certos em dizer que a falta de Adão foi inconcebível. Ela constitui um verdadeiro mistério. Mas o que muitas vezes se esquece é que sua penitência também foi inconcebível. Quando nosso primeiro pai assistia ao progressivo declínio de sua família, da sociedade humana, do mundo animal, do mundo vegetal, e via em si mesmo a origem de toda essa desordem, ele sofria uma penitência de uma terrível gravidade, especialmente para ele que havia conhecido a isenção de todos esses males. Devemos lamentá-lo como se lamenta um pai infeliz, e não o oprimir como muitas vezes se faz. Pois quem entre nós poderia se vangloriar de ter feito melhor em seu lugar?

A falta agora foi cometida. Adão desceu de seu trono real e pontifical. Quem se sentará agora neste trono deixado vago?

Na ordem da natureza, é a lei do mais forte. Aquele que substitui o vencido em seus direitos é o vencedor. Portanto, é Satanás que substituirá Adão como rei e pontífice. Mas Satanás é um puro espírito: ele é invisível ao olho humano, não pode reinar abertamente; ele só pode exercer uma principado invisível. E é porque ele está muito realmente investido deste principado invisível que Nosso Senhor falará dele como sendo o Príncipe deste mundo.

Para que este principado invisível de Satanás sobre o mundo se concretize visivelmente, será necessário que ele consiga se materializar em um homem, realizando assim uma espécie de encarnação. Esta "personificação humana" de Satanás será o Anticristo. Não haverá verdadeira encarnação, é claro, mas sim uma possessão demoníaca em seu grau mais alto.

Agora sabemos que o Anticristo só deve aparecer no fim dos tempos. Durante o curso da História Humana, este Anticristo terá, no entanto, prefigurações. Haverá maus reis que se levantarão e, nas falsas religiões, maus pontífices que se comportarão, todas as proporções guardadas, como anticristos. Uma das primeiras prefigurações do Anticristo foi realizada pelo personagem Nimrod.

Na ordem da Graça, o verdadeiro titular do trono de Adão é o Verbo Encarnado. O "primeiro Adão", antes da queda, não fazia mais do que ocupar o lugar e preparar os homens para a Vinda do Novo Adão. É para ele que é feito o trono universal; o reino é feito para o rei. Esta transmissão em duas fases, uma fase preparatória e uma fase definitiva, é lembrada no seguinte trecho do Evangelho:

> "*Um homem de alta nascença veio a uma terra longínqua para tomar posse do reino e para lá retornar posteriormente*" (Lucas XIX, 12).

Este homem de alta nascença é Nosso Senhor. Durante sua vinda de humildade, ele veio pela primeira vez para tomar posse do reino, por direito. Depois, ele subiu "à direita do Pai" para esperar "a plenitude dos tempos". Durante sua vinda de Majestade, ele retornará para exercer de fato a realeza eterna.

O principado invisível de Satanás sobre o mundo, que Nosso Senhor lhe reconhece quando lhe dá o título de "Príncipe deste mundo", não é, em definitivo, senão o de um usurpador. São Bernardo viu muito bem sua precariedade quando escreve:

> "*Assim, esse tipo de poder que o demônio adquiriu sem justiça, que ele mesmo usurpou com malícia, não deixa de lhe ter sido atribuído com justiça. Mas se era justo que o homem fosse escravo, a justiça não estava nem do lado do homem, nem do lado do demônio; ela estava toda do lado de Deus*." (São Bernardo, Sobre os erros de Abelardo).

XIII. O DIA DO HOMEM

O sétimo dia é o dia do homem. Como assim?

Quando Deus terminou "A Obra dos Seis Dias", Ele descansou, ou seja, Ele cessou de exercer Seu poder criador:

> "*E Deus descansou no sétimo dia de todas as obras que Ele havia feito*" (Gênesis II, 2).

Sua última obra criadora é a formação de Nossa Mãe Eva.

A partir de agora, começa o sétimo dia. A criação é provida de um dinamismo interno e de uma força de inércia inicial. Deus se retira dela como Criador e deixa apenas Sua Providência. Agora cabe ao homem fazer suas obras e suas provas. Deus vai confrontá-lo com um adversário espiritual contra o qual ele deve se defender. A prova será difícil porque a recompensa deve ser grandiosa. **Nada é medíocre em Deus**.

Não atribuamos a Deus uma doçura sem virilidade. O processo da tentação não está isento de uma certa rigidez:

> "*Porque você era agradável a Deus, era necessário que a tentação viesse testá-lo*" (Tob. XII, 13).

E inversamente:

> "*O Senhor, vosso Deus, vos tenta para que apareça visivelmente se vocês O amam*" (Deut. XIII, 3).

Será necessário um combate, pois, sem combate, não há recompensa:

> "*Aquele que luta na arena não será coroado a não ser que tenha lutado legitimamente*" (Tim. II, 5).

>

> "*Bem-aventurado o homem que sofre a tentação, porque depois de ter sido testado, ele receberá a coroa de vida que Deus prometeu àqueles que O amam*" (Tiago I, 12).

O agente da prova, o adversário deste combate, é Satanás:

> "*O demônio, vosso inimigo, ronda em volta de vocês como um leão rugindo, buscando a quem possa devorar*" (I Pedro V, 8).

Temos um exemplo da mão vigorosa de Deus no caso do Rei Saul, a quem Ele deseja punir por uma falta grave:

> "*O Espírito do Senhor se retirou de Saul, e um espírito mau do Senhor se abateu sobre ele. Os servos de Saul disseram: Eis que um espírito mau de Deus se abate sobre você*" (I Samuel XVI, 14-15).

> "*No dia seguinte, um espírito mau enviado por Deus se abateu sobre Saul, e ele teve convulsões em meio à sua casa*" (I Samuel XVIII, 10).

Algum tempo depois ainda:

> "*Então o espírito mau do Senhor estava sobre Saul, enquanto ele estava em sua casa*" (I Samuel XVIII, 10).

A expressão "um espírito mau de Deus" é lacônica mas clara. Os espíritos de malícia, por mais reprovados que estejam, não deixam de ser, como no tempo em que eram anjos, "obedientes à Sua voz e aos Seus mandamentos", mas agora por força.

Portanto, é dada permissão aos demônios para deixar o inferno e retornar à terra. Eles não retornarão todos ao mesmo tempo. Eles serão chamados por Deus na proporção das faltas humanas que serão cometidas, ou seja, dos direitos que os homens abandonarão sobre si mesmos aos demônios.

Portanto, é lógico pensar que o número de demônios que assombram a terra é cada vez maior. É isso que parece estar acontecendo de fato. Algumas almas místicas dizem, por terem observado em suas visões, que no fim dos tempos, quase não restarão demônios no inferno. Eles estarão,

quase em sua totalidade, na terra.

Ao chegarem à terra, enquanto procurarem quem devorar, os demônios vão se afeiçoar a certos lugares específicos? Seu elemento de predileção será, sem dúvida, o elemento do ar. Quando São Paulo quer nos fornecer detalhes sobre nossos tentadores, ele nos diz:

> "*Vós agíeis outrora segundo o príncipe desta potência do ar, segundo o espírito que agora opera nos filhos da desobediência*" (Efésios II, 2).

Compreende-se que os seres espirituais que permaneceram como demônios se afeiçoam ao elemento aéreo:

> "*Pois não temos de lutar apenas contra a carne e o sangue, mas contra os príncipes, contra as potestades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os espíritos de malícia espalhados nos ares*" (Efésios VI, 12).

A expressão de São Paulo é mesmo forte, pois ele diz "*in cælestibus*", ou seja, "na atmosfera". Todas as substâncias materiais, e não apenas o ar, podem servir de suporte a demônios. É por isso que é necessário exorcizar as matérias, como o sal e a água, que são usadas para os Sacramentos. Sabe-se, assim, que eles se afeiçoam a lugares áridos. Quem não guarda na memória a frase evangélica: "Quando um demônio sai de um homem, ele vai pelos lugares áridos, buscando descanso".

XIV. OS COMBATES SINGULARES

Durante toda a duração do "dia do homem", ou seja, até o fim dos tempos, o príncipe deste mundo conduzirá, contra a humanidade, uma luta tanto coletiva quanto individual.

Coletivamente, ele atacará as instituições temporais e espirituais, seja infestando aquelas que existem fora de seu domínio, seja criando organismos dos quais será o fundador e mestre. Estudaremos essa forma coletiva de luta mais adiante.

Individualmente, ele investirá contra cada homem em particular, girando ao seu redor sem lhe dar trégua. É essa forma individual de batalha que vamos observar agora.

Eis, portanto, homens e demônios frente a frente em inumeráveis combates singulares. Mas os adversários são muito diferentes. Os demônios são espíritos simples, outrora límpidos e agora perturbados. Os homens, ao contrário, são compostos de duas substâncias: uma carnal, que é apenas uma forma especial de matéria, e outra espiritual, análoga à dos anjos. Cada combate singular envolve um atacante, ou seja, um ou mais demônios, e um atacado, ou seja, um homem, esteja ele ainda intacto ou já ferido.

Vejamos primeiro o comportamento do demônio atacante. Ele atacará preferencialmente o corpo ou a alma? Deus não lhe deu poder direto sobre o corpo humano. De acordo com as leis naturais, um demônio não pode matar um homem. Mas ele pode colocá-lo progressivamente em um estado de decadência que levará à morte.

É assim, por exemplo, que ele pode sugerir ao homem que se suicide. Todos sabem que ele frequentemente consegue isso.

Quais são os poderes do demônio sobre a alma humana? Novamente, de acordo com as leis da natureza, o demônio também não tem o poder direto de matar a alma. Matar uma alma significa obter seu consentimento para uma revolta deliberada e obstinada contra Deus. Ora, existe na alma humana um foro interno no qual o demônio não pode entrar. Ele não pode adivinhar o pensamento íntimo de uma alma que se refugia "no foro interno". E, portanto, não pode obter dela, se a alma não consentir, a obstinação que a mataria.

Se o demônio não tem poderes diretos sobre o corpo ou a alma, como ele vai atacar o homem? Ele vai mirar na parte frágil, ou seja, na zona de sutura entre a alma e o corpo. Todos os mestres da vida espiritual ensinam que essa zona sensível é a imaginação. É na imaginação que as sensações, provenientes dos órgãos sensoriais, se transformam em pensamentos. Eles acrescentam que o demônio tem o poder de exacerbar a imaginação; ele pode intensificar as imagens sensoriais para

intensificar os pensamentos que resultam delas e, assim, criar paixões que são forças psicológicas indisciplinadas e violentas. As paixões eróticas são as mais típicas dessas paixões, mas não são as únicas. Existem também todas as ambições, aquelas que derivam do dinheiro, do poder, das honras. Existem também os prazeres artísticos e intelectuais que podem se inflamar em paixões desordenadas. Portanto, é nessa zona da imaginação sensível que o demônio vai concentrar seus esforços. É por essa zona de fragilidade que ele vai entrar na alma.

Vejamos agora quais podem ser os comportamentos da alma assim atacada.

Em seu combate singular, a alma humana possui um refúgio interior e também recebe uma ajuda exterior.

O refúgio interior, nós o conhecemos, é o foro interno, ou seja, a parte superior da alma, aquela que é orientada para Deus. O demônio não tem acesso natural a ele. Mas a alma, porque possui livre-arbítrio, tem o poder de abrir livremente seu foro interno à influência do demônio. Uma vez que o demônio tenha entrado na alma pela porta baixa da imaginação sensível, ele só precisará se tornar sedutor e obter a entrada do foro interno para manter uma conversa íntima com a alma.

O resultado do combate individual dependerá, portanto, da vontade livre da alma. Pois o foro interno não é radicalmente impenetrável. Ele está sob a dependência da vontade. Ele permanece uma fortaleza na medida em que a vontade mantém a porta fechada. A alma pode renunciar à desconfiança, ceder à sedução e se abrir à conversa demoníaca.

Mas então a malícia, que entrou na alma pela exaltação das imagens sensíveis, vai invadir a zona racional e dar origem, no homem sem vontade, à malícia do espírito. Essa é a malícia favorita dos intelectuais. O catecismo do Concílio de Trento (Ed. Itinéraires, p. 548) chama a atenção para essa malícia do espírito. Ele diz que compreende as paixões que "pertencem à parte superior da alma. Elas são tanto mais perigosas e mais criminosas quanto a razão e o espírito estão acima da natureza e dos sentidos."

Essa malícia do espírito é muito difundida nas sociedades de pensamento e nas confrarias iniciáticas, onde é considerada, não como uma malícia, mas como uma virtude.

Entregue às suas próprias forças humanas, a alma é capaz de resistir ao ataque dos demônios? Os padres do Concílio de Trento não pensam assim:

> "*Quem ousará, depois disso, se crer em segurança com suas próprias forças?*".

Por isso, Deus concede uma ajuda exterior:

> "*Temos, para nos ajudar, um Sumo Sacerdote que pode compadecer-se das nossas fraquezas, tendo ele mesmo sido tentado e provado em todas as coisas*"

> (Hebreus IV, 15).

São Paulo aqui ecoa o antigo ensinamento dos salmos:

> "...*Quem é um rochedo, senão o nosso Deus? ...Quem me faz manter-me firme nas minhas alturas; quem prepara minhas mãos para o combate e meus braços para o arco de bronze*" (Salmo XVII, 32-35).

Também é conhecida a célebre frase de São Paulo:

> "*Nenhuma tentação vos sobreveio, exceto a humana; e Deus, que é fiel, não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; mas, com a tentação, proverá também uma saída feliz, dando-vos o poder de suportá-la*" (I Coríntios X, 13).

Esse poder de resistir nos é enviado do Céu por Jesus Cristo.

Os combates singulares são necessários porque uma prova é necessária neste mundo, que é essencialmente provisório e probatório.

> "*Aquele que luta na arena só será coroado depois de ter combatido legitimamente*" (II Timóteo II, 5).

> "*Bem-aventurado o homem que suporta a tentação, porque, depois de ser aprovado, receberá a coroa da vida que Deus prometeu aos que o amam*" (Tiago I, 12).

Os combates singulares têm um grande peso na evolução do mundo. É dos seus sucessos ou fracassos que dependem os direitos do demônio para infestar também as instituições temporais e espirituais. Sem essas vitórias individuais, ele não poderia um dia fincar a bandeira do Anticristo na sociedade humana. Não nos surpreendamos de sofrer individualmente com a invasão coletiva de Satanás, pois somos em parte responsáveis por isso. Todos punidos porque todos culpados.

XV. A POSTERIDADE DA SERPENTE

Dirigindo-se para a serpente, após o episódio da tentação, Deus lhe disse:

> "*Eu porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela*" (Gênesis III, 15).

O que devemos entender por esse termo um tanto misterioso de "descendência"? O texto da Vulgata usa a palavra "semen", literalmente "semente", que é comumente traduzida por "descendência" ou "prole". Portanto, há duas descendências: a da mulher e a da serpente.

Segundo a opinião tradicional, a descendência da mulher designa Nosso Senhor Jesus Cristo. De fato, a identificação de Nosso Senhor com a "Descendência da mulher" se justifica de duas maneiras. Em primeiro lugar, porque a mulher por excelência é Maria, cuja descendência é precisamente o objeto da inimizade da serpente. E, em segundo lugar, porque a descendência por excelência de Eva é N.S.J.C, de quem ela é a ancestral e que é, quanto a Ele, seu mais ilustre e perfeito descendente.

Mas quem é, então, a descendência da serpente? A serpente não tem descendência humana. Portanto, só pode tratar-se de uma filiação espiritual. A personagem que será mais conforme a essa filiação espiritual da serpente será o Anticristo.

Antes que o Anticristo venha, a filiação espiritual da serpente será transmitida de geração em geração. É justamente isso que Nosso Senhor afirma quando diz aos seus contraditores:

> "*O Pai de vocês é o Diabo, e vocês querem cumprir os desejos do seu pai*" (João VIII, 44).

Não poderia ser mais claro: os contraditores de Jesus pertencem à "descendência do serpente".

Cristo e o Anticristo são, portanto, as duas "descendências" mencionadas em Gênesis. Apenas eles são também o tipo de duas descendências entendidas desta vez coletivamente. Eles são os modelos de duas "linhagens", ou seja, de dois "corpos místicos".

O corpo místico de Cristo pode ser considerado como a "descendência da mulher". De fato, foi a nova Eva que o gerou, como é dito em vários lugares e em particular neste curioso versículo:

> "*Numquid Sion : Homo et homo natus est in ea, et ipse fundavit eam Aitissimus*" (Ps LXXXVI, 5 Vulg.).

> "*Mas de Sião se dirá: 'Um Homem e um homem nasceram nela, pois é o Altíssimo quem a fundou*'."

A cidadela de Sião é uma imagem da Virgem. Os dois homens que ela gerou são, um Cristo e o outro seu Corpo Místico — *Homo et homo*.

> "*Adão chamou sua mulher de Eva, pois ela foi a mãe de todos os viventes*" (Gênesis 3:20).

A descendência de Eva está assim dividida inteiramente em dois corpos místicos, o de Cristo e o do Anticristo. Eva é a ancestral tanto de um como do outro.

Entre essas duas descendências, entre essas duas sementes, deve existir inimizade até a extinção de um dos antagonistas, ou seja, até o fim dos tempos, quando o Anticristo será derrotado pelo esplendor do Advento majestoso de Jesus Cristo. Foi Deus quem estabeleceu essas inimizades: "Porei inimizades" (Gênesis 3:15). Portanto, existe uma rivalidade fundamental entre o Homem-Deus e o Grande Dragão. Essa rivalidade já motivou a expulsão de Lúcifer do Céu. Agora ela continua na terra.

Assim que a serpente obteve sua primeira vitória terrena, Deus anunciou que suscitaria contra ela um "germe" misterioso que acabaria triunfando sobre ela. Um descendente distante da mulher que a serpente havia enganado esmagaria sua cabeça: "Ele te ferirá a cabeça" (Gênesis 3:15). Este texto crucial, embora breve, é chamado de protoevangelho porque anuncia a vinda daquele que deve destruir a obra da serpente. Esta profecia alimentou a meditação dos Grandes Patriarcas que viveram sob a Lei Natural e foi transmitida até o tempo de Abraão. Foi então que Deus especificou a Abraão que esta profecia se cumpriria em sua própria descendência.

Duas religiões, surgidas desse antagonismo, vão se originar entre os filhos de Adão: a religião de Abel e a religião de Caim. Elas diferem pelos ritos de suas oferendas, que são os sintomas de dois espíritos diferentes.

O rito de Abel, inspirado pela ideia da universalidade da lei do sacrifício, ainda é reivindicado pela Igreja Católica como sendo o rito primordial da Verdadeira Religião. Esta reivindicação é particularmente clara no cânon da Missa Romana, na oração *Supra quae propitio* que o celebrante

recita após a consagração. Esta oração marca a conexão da Santa Missa com o sacrifício de Abel e com a Tradição primordial.

Como se sabe, o rito de Caim não foi aceito por Deus. Caim, o filho mais velho de Adão, foi o primeiro representante da "descendência espiritual" da serpente: "Caim era do maligno" (I João III, 11). Seu rito de oferta contém em si todas as religiões falsas, porque, embora possa mostrar algum zelo por Deus, "esse zelo não é conforme o conhecimento" (Romanos X, 2).

Este mesmo demônio, cuja descendência espiritual já proliferava nos tempos de nossos primeiros pais, ainda estava ativo muitos milênios depois, na época de Nosso Senhor:

> "*O pai de vocês é o diabo, e vocês querem realizar os desejos de seu pai*" (João 8:44).

É evidente que esta mesma serpente ainda trabalha entre nós hoje recrutando seu corpo místico, que só estará completo na morte do Anticristo.

Essa doutrina das duas descendências, que é um dos elementos mais antigos da Revelação divina, é especialmente importante de conhecer hoje. Pois os adversários da Igreja fazem muito barulho em torno da famosa tese da Unidade Transcendente das religiões. Esta tese, também muito antiga, é uma concepção da mente. **É uma invenção de tipo gnóstica**. Não corresponde à realidade. Está em contradição com a Tradição apostólica e com os textos mais antigos da Revelação divina.

Na realidade, desde o início da humanidade, existe uma dualidade fundamental das religiões. A história dos homens na terra é a história da formação lenta de dois corpos místicos, dos quais, após a ressurreição da carne, um será o dos cordeiros e o outro o dos bodes.

> "*Quando o Filho do Homem vier em Sua glória, e todos os anjos com Ele, então Se assentará no trono da Sua glória; e todas as nações serão reunidas diante d'Ele, e Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes* " (Mateus XXV, 31-32).

Agora devemos responder a uma objeção. Nós demos à "descendência da serpente" o nome genérico de "corpo místico do Anticristo". Certamente, este nome não é comum. Mas também não é inadequado nem blasfemo.

Chamar isso de corpo não implica necessariamente que o corpo assim designado seja perfeito em suas proporções e aparência. Um corpo pode ser disforme, como é especificamente o caso da Besta do Apocalipse com suas sete cabeças e dez chifres; por mais monstruoso que seja, ainda assim é um corpo, então por que negar-lhe esse nome.

Quanto ao qualificativo "místico", ele significa oculto: pode ser aplicado aos adeptos e aos precursores do Anticristo, cujo conjunto permanece invisível até que seja reunido para o Julgamento. A palavra "místico" não está reservada apenas às coisas de Deus, uma vez que falamos de mística verdadeira e falsa.

Em resumo, a expressão "corpo místico do Anticristo", embora pouco utilizada, não é inadequada nem blasfematória. É evidente que o corpo místico de Cristo resplandece de perfeição, enquanto o do Anticristo é horrendo, é uma horda e um monstro, mas ainda assim é um corpo. A Escritura usa o mesmo termo "Semen" (Semente) para designar duas descendências antagônicas, uma boa e outra má.

XVI. HOMICIDA E MENTIROSO

A Escritura Sagrada nos faz ainda uma revelação muito importante sobre a personalidade do demônio:

> "*Ele foi homicida desde o princípio e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira*" (João VIII, 44).

Assim, o homem terá que lutar contra um espírito que se apresentará alternadamente como homicida e como mentiroso. E ele adotará esse duplo comportamento não apenas em relação a cada indivíduo em particular, mas também em relação à sociedade humana como um todo, ao longo de sua história. Vamos examinar sucessivamente as ações do demônio como homicida e depois como mentiroso.

Para realmente agir como homicida, o demônio está sujeito a duas condições: primeiro, ele precisa da permissão de Deus; segundo, ele precisa da cooperação mais ou menos explícita do homem que ele escolheu como alvo. Pois Satanás é como um cão mantido na coleira; é Deus quem segura a coleira e regula seu comprimento; quanto ao homem, ele pode permanecer afastado ou, ao contrário, se aproximar do cão e ser mordido.

No parágrafo XIV, resumimos as modalidades da ação homicida do demônio sobre as almas individuais. Mas o adversário do gênero humano também opera sua obra de morte sobre a alma das nações, ao insuflar seus erros no espírito de seus governantes e conselheiros; pois a alma de uma nação é seu governo. O que ele faz para isso? Ele os leva à falsa contemplação; ele obscurece, em sua inteligência, a lembrança da Revelação verdadeira; ele lhes sugere uma teosofia da qual ele mesmo é o deus. Assim, ele leva as nações, por meio de seus governantes, a se degradarem, a se dilacerarem e a se perderem.

Esta atividade destrutiva de Satanás sobre a mentalidade e as decisões dos governantes não deve fazer esquecer os poderes homicidas que ele e os seus possuem também, embora indiretamente, sobre nosso corpo. Eles têm, de fato, horror do corpo humano, que lhes lembra o do Verbo Encarnado, à imagem do qual ele foi feito e que foi a causa de sua queda. Desde então, eles só pensam em ferir os corpos. No entanto, eles só têm esse poder com a permissão de Deus. É o caso, por exemplo, dessa mulher, "uma filha de Abraão que o demônio tinha curvada há dezoito anos" (Lucas XIII, 16).

Os demônios também podem, embora não tendo nenhum poder direto sobre os corpos, destruí-los indiretamente, de muitas maneiras e, em particular, usando os homens uns contra os outros. O demônio também poderá, sempre com a permissão divina, agir sobre a integridade e a própria vida das nações. De acordo com São Atanásio, é Satanás quem fala pela boca do rei da Assíria quando ele diz:

> "*Pela força de minhas mãos eu fiz isso, e por minha sabedoria, pois sou inteligente! Eu desloquei as fronteiras dos povos. Eu pilhei seus tesouros e, como um herói, derrubei do trono aqueles que lá estavam sentados. Minha mão agarrou como um ninho a riqueza dos povos. E como se apanha um ovo abandonado, eu apanhei toda a terra...*" (Isaías X, 13-14)

Assim, Satanás pode "deslocar as fronteiras das nações". Ora, pode-se deslocar as fronteiras das nações com duas intenções diferentes. As nações fiéis a Deus, Satanás não descansará até tê-las mutilado e fracionado; ele até mesmo poderá fazê-las desaparecer. Quanto às nações que tomaram o seu partido, Satanás as conduzirá à hipertrofia: daí essas nações gigantescas, monstruosas e ameaçadoras que sempre rodearam as fronteiras do povo de Israel e das quais só Deus pode defendê-lo. Assim, ele exerce sua incansável atividade homicida sobre as almas e os corpos dos indivíduos e dos povos.

Ora, enquanto homicidas, os demônios são evidentemente aterrorizantes e horrendos; sob esse aspecto, eles não atrairão o homem, mas, ao contrário, o farão fugir. Deus pode obrigá-los a se mostrarem a nós nesse estado repugnante que é o de sua verdadeira natureza, a fim de nos inspirar um temor salutar.

Portanto, se os demônios nunca tivessem aparecido senão sob essa forma de seres assassinos, eles não teriam feito nenhum adepto e, finalmente, não teriam exercido nenhuma influência no mundo. É por isso que eles se tornam sedutores e se transformam em "anjos de luz". A expressão é de São Paulo:

> "...*Satanás mesmo se disfarça em anjo de luz*" (II Coríntios XI, 14).

O personagem de Labão, o tio de Jacó, é uma das figuras de Satanás disfarçado de anjo de luz. Labão, como se lembra, impôs a Jacó uma longa tirania. Ora, o nome de Labão significa "pintado de branco", significado que sugere perfeitamente a ideia de uma brancura emprestada e superficial.

Como Satanás se apresenta ao homem disfarçado de anjo de luz? Ele se aproxima como um auxiliar atencioso; ele traz promessas; sugere um ideal elevado; ele esclarece os mistérios divinos; ele ajuda a desvendar os segredos da natureza. Mas a ajuda que ele oferece é ilusória; suas promessas são secretamente acompanhadas de condições mortais; o ideal elevado que ele propõe é excessivo e desvia a alma de sua verdadeira vocação; e quando ele pretende esclarecer os

mistérios divinos, é para colocar-se no lugar de Deus.

Entende-se a insistência das Escrituras em nos alertar contra esse disfarce.

> "*Não acreditem em todo espírito, diz São Paulo, e abstenham-se de toda aparência de mal.*"

O conhecimento dessa capacidade de disfarce do demônio é uma das informações mais importantes e também mais características da demonologia cristã.

XVII. O DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS

Uma vez que o demônio pode se "pintar de branco" e se passar por um anjo, como vamos distinguir os bons dos maus espíritos, as boas das más influências? Fazer essa distinção é realizar o que se chama o discernimento dos espíritos.

A capacidade de discernimento dos espíritos não é natural para nós. No entanto, o homem pode possuí-la excepcionalmente como um dom da graça. Então, ela constitui o discernimento infuso, que é um carisma. Essa capacidade é comparável, em seu mecanismo, ao instinto dos pássaros migratórios que se orientam sem referências. A alma agraciada com o discernimento infuso pode, na ausência de qualquer sintoma visível, farejar as trevas mesmo quando estão cobertas por um disfarce de luz.

Mas então, qual será o recurso da grande maioria dos homens que não são agraciados com esse carisma? Os Mestres da vida espiritual reuniram o que se chama as "regras do discernimento dos espíritos".

As regras de discernimento dos espíritos foram refinadas desde a época do Antigo Testamento até os nossos dias. Esse refinamento prova que os demônios estão cada vez mais intimamente misturados aos homens, seja pelo aumento do número daqueles que assombram a terra, seja porque eles acentuam sua sutileza e aperfeiçoam sua arte de penetrar em nossos espíritos. O Cardeal Pierre d'Ailly, já no início do século XV, em seu extenso tratado das Falsas Profecias, observava que "o mundo está em declínio, o Anticristo se aproxima e as imaginações doentias, as ilusões perigosas proliferam".

Sob o domínio da Antiga Lei, a regra de discernimento dos espíritos era simples e rústica porque era suficiente: os bons espíritos levam a obedecer a Deus e os maus a desobedecê-lo. E referia-se à regra do Gênesis:

> "*Porque comeste da árvore da qual Eu te ordenei que não comesses*" (Gên. III, 17).

A serpente, espírito maligno, havia instigado a desobediência à Lei. Tal era o critério simples e saudável.

Após a Vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, os demônios vão aperfeiçoar sua arte; também será necessário aperfeiçoar a análise. São Paulo enumera os diversos elementos do diagnóstico das

boas e más influências espirituais. Os maus espíritos utilizam os caminhos da carne:

> "*Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, brigas, ciúme, iras, rivalidades, dissensões, facções, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas*" (Gál. V, 19-21).

Estas são as obras da carne às quais os demônios se esforçam para empurrar o homem. Eis agora como se reconhecem as influências divinas, que São Paulo também chama de "obras do Espírito":

> "*Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio... E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências*" (Gál. V, 22-24).

Como se vê, São Paulo enuncia regras de discernimento baseadas em critérios morais. São João fornece critérios doutrinais:

> "*Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus; este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que havia de vir*" (I João IV, 2-3).

A partir de então, os dois critérios apostólicos, de São Paulo e de São João, só precisarão ser desenvolvidos pelos mestres da vida espiritual.

Este desenvolvimento começa no período patrístico. Orígenes faz o seguinte raciocínio: Satanás aproveita-se dos primeiros movimentos suscitados em nós por nossa natureza pecaminosa. Ele primeiro deixa esses movimentos operarem em nós e por nós, e assim encontra neles uma desculpa e um direito de nos tentar e nos empurrar mais adiante no caminho que nós mesmos escolhemos; ele encontra ao mesmo tempo um meio de dissimular sua influência; acreditamos assim continuar por nós mesmos o que começamos sozinhos.

Os Padres também constatam os efeitos psicológicos do bom e do mau espírito: o bom espírito gera paz e humildade; o mau espírito gera tristeza, perturbação, indecisão e preguiça.

São Tomás de Aquino trata metodicamente da questão do discernimento dos espíritos. Ele se dedica a distinguir o que, em nossa vida interior, diz respeito à nossa liberdade e o que diz respeito à influência de Satanás, que age principalmente utilizando nossos sentidos e nossa imaginação. Ele também enumera algumas regras para diferenciar os verdadeiros e os falsos profetas. Os verdadeiros, acima de tudo, não se atribuem sua missão; eles a recebem de Deus. Os falsos

profetas se atribuem seu próprio mandato, eles têm horror ao santo Nome de Jesus, eles incitam primeiro ao bem e depois rapidamente desviam para o mal.

O autor anônimo de "A Imitação" faz recair o discernimento dos espíritos sobre a distinção entre a natureza e a graça. A natureza busca a si mesma, ela quer perdurar, ela hipertrofia o ego, ela não traz senão consolações exteriores. A graça age para Deus, que é seu fim, ela modifica o ego, ela traz consolações espirituais e interiores. Mas "A Imitação" não esquece o demônio: ele vem conosco com as coisas da natureza, ele as acompanha.

São Inácio de Loyola é um dos últimos a vir como doutor do discernimento. Ele expressou suas regras em seu livro de Exercícios. A grande difusão desses "Exercícios" tornou suas regras clássicas. São Inácio distingue primeiro a "vida purgativa" e a "vida iluminativa". Ele dedica a primeira semana dos exercícios ao estudo da vida purgativa e enumera catorze regras "para discernir os movimentos que os diferentes espíritos excitam na alma, a fim de agradar os bons e repelir os maus". A segunda semana trata da vida iluminativa e é concluída por oito outras regras "para melhor discernir os espíritos".

Qual é essencialmente o critério ignaciano do discernimento dos espíritos? Os maus espíritos produzem na alma estados de desolação: eles criam tristeza, desespero, perda de confiança em Deus; não se deve tomar decisões quando se está nesses períodos de desolação, pois nada de bom se faz sob a influência dos demônios. Ao contrário, os bons espíritos produzem na alma estados de consolação, que incluem alegria espiritual e calma interior, misturados com lágrimas de arrependimento.

No entanto, São Inácio conhece as falsas desolações que não são outras que esses estados de secura tão bem descritos por São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila. Essas "falsas desolações" vêm de Deus para a purificação da alma. Ele também conhece os estados de falsas consolações que vêm do demônio e que consistem em um contentamento consigo mesmo e um sentimento de complacência.

É fácil constatar que as regras ignacianas de discernimento dos espíritos têm principalmente como campo de aplicação o trabalho de introspecção pessoal. Elas são eminentemente subjetivas.

Pode-se aplicá-las quando se trata de discernir de que espírito pertencem obras doutrinais? Podem elas ajudar a reconhecer se tal produção intelectual vem do Céu ou, ao contrário, sai do poço do abismo? Nesse caso, elas são insuficientes, e é apenas a análise objetiva das doutrinas expostas que pode revelar o espírito.

No entanto, pode-se aplicar as regras ignacianas à impressão interior, de ansiedade ou de calma, que as obras de doutrina produzem no espírito dos leitores. Elas servem então para confirmar os resultados da análise objetiva. Mas com a condição de que a experiência seja continuada por um período suficientemente longo, isso para eliminar os fenômenos de euforia passageira. As obras de falsa mística, em particular, podem gerar uma piedade intensa mas efêmera.

XVIII. O MACACO DE DEUS

Observemos agora o demônio em seu comportamento como imitador de Jesus Cristo. O demônio é ciumento de Nosso Salvador, a quem ele reprocha por ter-lhe roubado o primeiro lugar na criação. E, como todos os seres ciumentos, ele não desvia os olhos daquele que é o objeto de sua inveja.

Mas, por outro lado, Satanás não pode inovar, pois Nosso Senhor conserva a iniciativa em tudo. Sua inveja, portanto, fará dele o imitador de Jesus Cristo. Vamos ver em que condições.

O demônio, como vimos, trabalha para edificar na terra seu poder e sua religião. Ele obviamente tem a escolha entre duas táticas.

Ele pode edificar os órgãos de seu principado em total independência, criar seus lugares altos, suas dinastias devotas, seus santuários; ele pode estabelecer seus próprios ciclos cronológicos, seus ritos de oferta, seu simbolismo, suas vias meditativas, e isso diante do edifício de Cristo e para desafiá-lo e zombá-lo. É mesmo a tática que melhor convém a um ser tão impregnado de "próprio espírito" e tão ativo.

Infelizmente, os homens possuem uma religiosidade natural e um respeito natural pela autoridade que são feitos para Deus e para seus enviados. Portanto, eles se adaptarão com dificuldade a órgãos independentes construídos em outro modelo, com vistas a outra finalidade, e para o benefício de outro mestre.

Sem abandonar totalmente a tática independente à qual ele certamente gosta de retornar, Satanás, portanto, seguirá uma tática de imitação que lhe facilitará singularmente a tarefa. Ele penetrará, coberto com a pele de um cordeiro, nas instituições feitas para Deus e nas quais ele se fará passar por Deus, graças a esse poder de disfarce que acabamos de examinar.

Em resumo, ele generalizará a estratégia pela qual conseguiu destronar Adão, quando se mostrou na árvore plantada por Deus. Todas as autoridades vêm de Deus. O demônio as usurpará todas sucessivamente. Ele concretizará progressivamente seus direitos virtuais de Príncipe deste Mundo. Ele agirá da mesma forma com a religião primordial revelada por Deus. Ele a fragmentará e penetrará nos pedaços. E quando ele tiver penetrado em todas as autoridades e em todas as instituições divinas, ele dirá: "A casa é minha, é Deus quem deve sair".

A necessidade dessa estratégia parasitária aparece especialmente no campo da religião. Não há dúvida de que Deus estabeleceu a natureza humana com o objetivo de comunicar-lhe a Revelação. Ele coordenou tudo nas faculdades humanas para que, quando a hora chegar, o homem acolha, sem dificuldade, a Religião do Verdadeiro Deus. Dá-se o nome de religiosidade natural a esse conjunto de faculdades nativas. Os teólogos falam, no mesmo sentido, da "virtude natural da religião".

Além disso, Deus estabeleceu o homem em um universo que, também, sugere ao espírito a noção de um Mestre diante do qual é apropriado prostrar-se. Seria muito interessante estudar todas as propensões religiosas da natureza humana. Aqui podemos apenas enumerar algumas delas. Observa-se em toda parte, por exemplo, o sentido da genuflexão ou da inclinação, pelos quais, para honrar alguém grande, o homem se diminui. O gosto pela prosternação já é um simulacro de aniquilamento diante daquele que nos tirou do nada; simulacro de aniquilamento levado ainda mais longe pelo sacrifício de uma vítima: "sacrifício" significa "devoção" no sentido etimológico. Também se nota o atraente pelos lugares altos da natureza, especialmente quando um episódio sagrado já se desenrolou lá. Da mesma forma, o sentido de respeitar os momentos fortes que retornam no ciclo anual. Também se observa a propensão geral à contemplação natural com sua fase preparatória necessária: a mortificação dos sentidos.

Essas inclinações espontâneas da religiosidade natural são feitas para culminar na Verdadeira Religião do Deus que primeiro se faz desejar e que depois se revela.

É nessa religiosidade que o demônio quer penetrar. Mas ela não é feita para ele. Portanto, para se introduzir nela, será necessário que ele se disfarce daquele para quem a religiosidade é feita. Ouçamos Bossuet falar sobre essa substituição:

> "*O demônio abole o conhecimento de Deus, e por toda a extensão da terra, ele se faz adorar em seu lugar... Ele sempre afetou fazer o que Deus fazia, como um súdito rebelde que afeta a mesma pompa que seu soberano... Ele não teve seus altares e seus templos, seus mistérios e seus sacrifícios, e os ministros de suas impuras cerimônias que ele fez, tanto quanto possível, semelhantes àquelas de Deus, porque ele é ciumento de Deus e quer parecer em tudo seu igual.*"
> (Bossuet, Primeiro sermão sobre os demônios).

O paroxismo dessa substituição do dragão por Deus, na religião, é realizado nas circunstâncias que Nosso Senhor deixa prever a seus apóstolos de todos os tempos:

> "Mais ainda, a hora vem em que qualquer um que vos matar imaginará render culto a Deus" (João XVI, 2).

As falsas religiões colocam em prática a religiosidade natural comum a todos os homens, de modo que seus adeptos acreditem sinceramente render culto a Deus, que é o centro normal dessa religiosidade. Mas, na realidade, eles são colocados sob a influência espiritual de Lúcifer. É assim que por trás de cada ídolo pagão se esconde um demônio. Quando chega um apóstolo de Nosso Senhor e se aproxima demais, o demônio inspirador sugere matá-lo. E os adeptos o matam, imaginando render culto a Deus.

XIX. OS DEMÔNIOS DO PAGANISMO ANTIGO

Na antiguidade, apenas os judeus praticavam a Religião do Verdadeiro Deus. Todas as outras nações, que a Escritura reúne sob o nome de Gentios, praticavam a religião pagã. O paganismo da gentilidade estava sob a dependência de Satanás.

Antes da vinda de Nosso Senhor à terra, Satanás exercia uma incontestável principado sobre os reinos e sobre a religião. E é com justiça que ele era chamado o Príncipe deste Mundo. São João fala daquele

> "*que é chamado o diabo e Satanás e que seduziu toda a terra (universum orbem)*" (Apoc. XII, 9).

Não é que Deus quisesse positivamente e expressamente esse estado de coisas, mas porque Ele o tolerava, por razões misteriosas que se reúnem sob o nome de "mistério da iniqüidade". Pois há o que Deus quer, e há o que Ele tolera. Como um Deus pode tolerar o que Ele não quer? Isso se deve ao fato de Ele nos deixar nosso livre-arbítrio.

No entanto, o paganismo das nações não era uma religião homogênea. Era feito de correntes e elementos diversos, onde o principado de Satanás não pesava igualmente em todos os lugares. Os textos do Antigo Testamento nos apresentam os ídolos do paganismo, ora como representações das paixões humanas, ora como demônios divinizados.

Os ídolos são demônios divinizados. O texto mais famoso e mais formal é o seguinte:

> "*Todos os deuses das nações são demônios*" (Sl. XCV, 5).

Poderíamos citar muitos outros trechos, talvez não tão lacônicos, mas igualmente formais. Eis alguns deles.

Conhecemos o paganismo principalmente pelas repreensões que Deus dirige ao povo judeu. Ele os repreende justamente por adorarem às vezes os ídolos das nações e dá as razões de suas repreensões:

>

> "*Os hebreus se misturaram com as nações e aprenderam suas obras. Eles serviram seus ídolos, que se tornaram uma armadilha para eles. Eles sacrificaram seus filhos e suas filhas a demônios*" (Sl. CV, 35-37).

Encontramos no Deuteronômio um trecho no mesmo sentido:

> "*O povo de Deus abandonou o Deus que o formou e desprezou a rocha de sua salvação. Eles excitaram a inveja de Deus com deuses estrangeiros; eles o irritaram com abominações; eles sacrificaram a demônios que não são Deus, a deuses que eles não conheciam, deuses novos, que vieram recentemente, diante dos quais seus pais não tremiam*" (Deut. XXXII, 15-17).

No momento da Vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, o paganismo permaneceu como havia sido desde os tempos antigos, e São Paulo dá aos ídolos a mesma definição que os livros do Antigo Testamento:

> "*Eu digo que o que os gentios sacrificam, eles o imolam a demônios e não a Deus. Ora, eu não quero que vocês estejam em comunhão com os demônios. Vocês não podem beber ao mesmo tempo do cálice do Senhor e do cálice dos demônios. Vocês não podem participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios*" (I Cor. X, 20-21).

Eis um segundo texto onde o mesmo julgamento é expresso sob outra forma:

> "Não vos prendais ao mesmo jugo com os infiéis. Pois qual é a sociedade entre a Justiça e a iniquidade? Ou o que tem em comum a Luz com as trevas? Qual é a concórdia entre Cristo e Belial?... Qual é a relação entre o Templo de Deus e o das ídolos?*" (II Cor. VI, 14-16).

Em seguida, São Atanásio, no século IV, ao celebrar a vitória da Religião de Jesus Cristo, ainda confirma essa assimilação dos ídolos aos demônios:

> "*Todas as nações abandonam os ídolos e reconhecem o Verdadeiro Deus, Pai de Cristo. Os prestígios dos demônios são destruídos e apenas o Verdadeiro Deus é adorado em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.*"

Mas dissemos que a Escritura também define às vezes os ídolos dos gentios como representações das paixões humanas. De fato, o paganismo comportava uma certa construção filosófica porque havia pensadores que queriam coordená-lo. Os gentios instruídos haviam divinizado as poderosas paixões humanas e lhes haviam erguido estátuas. É por isso que o escritor sagrado pode reprovar-lhes o culto à obra de suas mãos. São Paulo, por exemplo, condena àqueles:

> "*que têm trocado o Deus Verdadeiro pelo engano e que têm adorado a criatura em preferência ao Criador*" (Rom. I, 25).

Os profetas, muito antes, falavam da mesma maneira:

> "*Tu tomaste tuas joias feitas do Meu ouro e da Minha prata que Eu te tinha dado, e fizeste delas imagens de homens (paixões humanas divinizadas)... e puseste diante delas o Meu óleo e o Meu incenso*" (Ez. XVI, 17-18).

O óleo e o incenso que Me são destinados, mas que tu desvias em benefício das "imagens de homens".

> "*A terra deles está cheia de ídolos. Eles se prostram diante da obra de suas mãos, diante do que seus dedos fabricaram*" (Is. II, 8).

Agora precisamos notar que entre os "demônios" e as "paixões humanas", não há diferença. Pois as paixões são os demônios interiores do homem. E os demônios, astros errantes, não são outra coisa senão "paixões errantes". Assim, o paganismo realizava essa conivência humano-demoníaca da qual falamos. E resume-se fielmente o paganismo dizendo que ele divinizou os vícios e os adorou.

Dissemos que o paganismo não era homogêneo e que nele encontrávamos diversos correntes onde a influência de Satanás pesava de forma diferente. Deus, de fato, permanece o mestre do paganismo assim como é o mestre de tudo. Satanás é apenas um ministro. E não apenas ele é ministro, mas também é imitador de Deus. Desde então, não nos surpreendemos ao descobrir, no próprio seio do paganismo, ainda que demoníaco, uma preparação evangélica.

O mesmo São Paulo que condena a frequentação dos cultos idólatras, dando como motivo que os sacrifícios lá são oferecidos a demônios, esse mesmo São Paulo é o primeiro a reconhecer a "preparação evangélica" que se operou no seio do paganismo.

Ele sabia reprovar aos gentios o desprezo por Deus:

>

> "*...porque, tendo conhecido a Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças; antes se perderam em seus vãos raciocínios, e seu coração insensato se encheu de trevas*" (Rom. I, 21).

Mas São Paulo também soube, ao chegar a Atenas, compreender o que Deus tinha feito para preparar os gentios a receber a evangelização:

> "*Paulo, em pé no meio do Areópago, disse: Athenienses, em tudo vejo que sois notavelmente religiosos. Pois, passando e olhando o que é do vosso culto, encontrei até um altar com esta inscrição: Ao deus desconhecido. Aquilo que adorais sem conhecer, é isso que eu vos anuncio*" (Atos XVII, 22-23).

Os primeiros bispos evangelizarão os gentios levando em conta essa dupla natureza do paganismo. Entre tantos carismas com que Deus os havia provido, o discernimento dos espíritos foi um dos mais necessários, pois tiveram que desentranhar, na antiga religião pagã, tão enraizada nos gentios, o que devia ser rejeitado como pertencente ao demônio e o que devia ser conservado como anunciando "o deus desconhecido". Deus não permitiu que os demônios pervertessem totalmente a religiosidade natural, nem que abolissem completamente a Tradição Primordial, nem que fizessem esquecer totalmente o anúncio de um Salvador.

XX. GOG E MAGOG

Nós já falamos sobre o "corpo místico do Anticristo". Este corpo místico aparece, no Apocalipse, sob o nome da Besta. Assim como o corpo místico de Cristo é belo e harmonioso, a Besta é horrenda, disforme e complicada.

A Besta sobrevive aos homens que a constituem na terra e que lhe dão apenas sua contribuição efêmera. Ela está, além disso, crescendo e só alcançará suas dimensões definitivas na vinda do Anticristo, de quem ela é apenas o veículo e o órgão de preparação.

A Besta é constituída por todos os artífices do poder terrestre de Satanás: os reis maus, os falsos profetas e seus seguidores. Ela é o conjunto dos maus príncipes e das falsas religiões, e é por isso que é tão grande e disforme. Uma de suas monstruosidades é ser dupla. Ela se apresenta alternadamente, e até simultaneamente às vezes, sob o aspecto de Gog e sob o de Magog.

A palavra "Gog" tem o sentido de "cobertura". Designa as forças satânicas cobertas, ou seja, dissimuladas, as forças que são difíceis de identificar como malignas. Gog tem, portanto, o sentido de astúcia.

Magog significa "sem cobertura", ou seja, sem dissimulação. Designa as forças abertamente hostis a Deus e ao seu Ungido. Magog, portanto, tem o sentido de violência cínica e explícita.

Sobre o sentido que se pode atribuir a Gog e a Magog, Santo Ambrósio se expressa da seguinte forma:

> "*Por Gog, que se interpreta como cobertura, são designados aqueles que escondem sua malícia, parecendo justos aos olhos dos homens, enquanto são malignos em seu espírito. Por Magog, que se interpreta como 'saindo do teto', são designados aqueles que, espalhando-se para fora do teto de seu coração em malícias abertas, mostram a todos que são ímpios.*"

E é exatamente isso que se observa, de fato, na terra. O demônio age sempre alternando ou associando astúcia e violência. Dois capítulos de Ezequiel são inteiramente dedicados a Gog e Magog, os capítulos XXXVIII e XXXIX. Deus fala a Gog e lhe diz:

> "*Naquele dia, pensamentos se elevarão em teu coração, e tu conceberás um mau desígnio. Dirás: Subirei contra uma terra sem defesas; irei contra esses homens tranquilos que habitam em segurança, que têm moradias sem muralhas, que não têm nem trancas nem portas*" (Ezequiel XXXVIII, 10-11).

Tal é a atividade de Gog, oculta e dissimulada, que se apodera sorrateiramente das moradias sem trancas.

Magog é, originalmente, o nome de um dos sete filhos de Jafé. O profeta Ezequiel o emprega em outro sentido. Ele faz de Magog o país que serve de refúgio para Gog e de onde ele parte à frente de seus povos. Em sua marcha conquistadora, Gog, o astuto, toma como ponto de partida Magog, o país da violência. Os capítulos XXXVIII e XXXIX de Ezequiel devem ser lidos atentamente; eles fornecem uma visão profética sobre as grandes guerras mundiais modernas.

A astúcia e a violência também aparecem, mas sob outro nome e sob outra forma, no livro de Jó. Este livro, um dos mais antigos da Sagrada Escritura, descreve duas Bestas: Beemote, a besta violenta que corresponde ao gênio homicida de Satanás, e Leviatã, a besta astuta que corresponde ao seu gênio da mentira.

Beemote habita em terra firme. É um animal enorme que é construído para exercer uma força brutal.

> "*Vê o Beemote, ele se alimenta de erva, como o boi. Vê, pois, sua força está nos seus lombos, e seu vigor nos músculos de seus flancos. Ele levanta sua cauda como um cedro; os nervos de suas coxas formam um feixe sólido... As montanhas produzem para ele pastagem; ao seu redor brincam todas as feras do campo... Será que alguém pode capturá-lo de frente com redes e perfurar-lhe as narinas?*" (Jó 40:15-24).

O escritor sagrado nos faz notar bem a força sobre-humana desta gigantesca besta. Não se trata de vencê-la com meios meramente humanos.

Leviatã é concebido em um modelo totalmente diferente. É um monstro aquático, vive no mar e esconde sua força sob uma sedução resplandecente:

> "*Poderás pescar o Leviatã com um anzol e prender-lhe a língua com uma corda? Colocarás um junco em suas narinas? Brincarás com ele como com um passarinho? Amarrá-lo-ás para divertir tuas filhas?... Não quero deixar de mencionar a força de seus membros, a harmonia de sua estrutura... Magníficas são as linhas de suas escamas, como selos firmemente ajustados... Seus espirros fazem brilhar a luz, seus olhos são como as pálpebras da alva... Seu coração é duro como a pedra, duro como a mó inferior... Ele faz o abismo ferver como uma panela, transforma o mar em um vaso de perfume. Deixa atrás de si um rastro de luz... Enfrenta tudo que é elevado, é o rei dos mais orgulhosos animais*" (Jó 41:1-26).

Leviatã é verdadeiramente a imagem de Satanás disfarçado em anjo de luz: coração duro e arrogante, mas que se envolve de harmonia, aurora e perfume. Esses dois símbolos bíblicos de Beemote e Leviatã não são meras imagens vãs. De fato, ao longo da história, muitos reis maus e "mestres da mentira" se encontraram, que foram, para o povo de Deus, espiritual mas realmente, Beemotes e Leviatãs.

XXI. OS AUXILIARES

Não há dúvida de que o príncipe deste mundo se faz ajudar. Em seu governo, ele se assegurou de auxiliares. Ele os conta entre os demônios e entre os homens.

Vejamos primeiro de que tipo de auxiliares ele pode dispor entre os demônios. Uma página de Santa Francisca Romana vai nos informar sobre certos membros de seu governo e sobre as modalidades do império que ele pode exercer sobre eles. Este trecho é tirado de seu Tratado do Inferno. Esta obra não pertence obviamente nem à Revelação privada nem ao Magistério. No entanto, dado a personalidade de Santa Francisca Romana e seu prestígio na Igreja, deve-se conceder ao que ela escreve uma séria atenção:

> "*Durante a queda dos anjos maus, um terço permaneceu nos ares, outro terço permaneceu na terra, e o último terço caiu no inferno. Essa diferença provém da diferença da falta cometida*".

> "*Lucifer é o monarca dos infernos, mas um monarca acorrentado e mais infeliz que todos os outros; ele tem sob si três príncipes aos quais todos os espíritos infernais divididos em três corpos estão sujeitos pela vontade de Deus.*"

> "*O primeiro desses três príncipes é Asmodeu; ele era um querubim no céu. Ele preside aos pecados desonestos.*"

> "*O segundo é Mammon; era um trono. Ele é o demônio do dinheiro*.

> "*O terceiro é Belzebu; ele pertencia ao coro das dominações; agora está estabelecido sobre os crimes que a idolatria gera*.

> "*Esses três chefes, assim como Lúcifer, nunca saem de sua prisão, mas, quando Deus lhes permite, eles enviam à terra legiões de demônios subordinados. Os*

> *demônios subordinados do inferno estão classificados no abismo seguindo a ordem hierárquica: querubins, serafins, etc. Encontramos essas mesmas hierarquias entre os demônios que habitam a terra e os ares, mas eles não têm chefe e vivem em uma espécie de igualdade. São eles que fazem mal aos homens e, por esse meio, diminuem sua confiança na Providência, fazendo-os murmurar contra a vontade de Deus.*"

> "*Os demônios que vivem na terra se consultam e se ajudam mutuamente para perder as almas. A única maneira de escapar desse complô infernal seria levantar-se prontamente da primeira queda, e é precisamente isso que não se faz.* ***Nada paralisa melhor os esforços dos demônios e lhes causa maior tormento do que pronunciar o santo nome de Jesus****. Quando as almas vivem no hábito do pecado mortal, os demônios se instalam em seu coração; mas quando recebem a absolvição, eles se retiram rapidamente e se colocam ao lado delas para tentá-las novamente; porém, seus ataques são menos intensos, e quanto mais se confessam, mais eles perdem suas forças.*"

Mélanie Calvat, a pastora de La Salette, retomou, muito tempo depois, a ideia desse "Conselho dos Três Ministros" que cercam e assistem Lúcifer; ela traz, portanto, a Santa Francisca Romana uma confirmação mais recente e não negligenciável.

Vamos agora ver quais podem ser, entre os homens, os auxiliares do príncipe deste mundo. É certo que ele se assegurou de inúmeras cumplicidades. Ele teve, na terra, seus filósofos, seus contemplativos, seus poetas, seus fundadores de religiões, suas congregações iniciáticas, suas dinastias de reis devotos a ele. Em suma, ele realizou, no nível coletivo, a mesma simbiose humano-demoníaca que no nível individual. Ele exerceu, sobre a sociedade humana de todos os tempos, uma tentação coletiva à qual ela sucumbiu. Existem inúmeros institutos de malícia que formam uma vasta contra-igreja com dimensões planetárias.

As poderosas imagens do Apocalipse nos revelarão esses auxiliares e nos mostrarão em ação.

A "besta" do Apocalipse simboliza o corpo místico do Anticristo. É o conjunto formado, ao longo dos séculos, pelos adeptos e auxiliares do Príncipe deste mundo, por todos aqueles que o ajudaram a realizar seu poder e a estabelecer sua religião. Esse corpo místico é tão monstruoso quanto a Igreja é harmoniosa. É assim, por exemplo, como acabamos de ver, que a besta é dupla, manifestando dessa forma sua duplicidade, ao mesmo tempo que sua monstruosidade.

Essa duplicidade é um de seus traços mais constantes; ela aparece com clareza particular no Apocalipse. São João vê sucessivamente duas bestas; a primeira vem do mar:

>

> "*Então vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os chifres dez diademas, e sobre as cabeças nomes de blasfêmia*" (Apocalipse XIII, 1).

A segunda vem da terra:

> "*Depois vi subir da terra outra besta, que tinha dois chifres como de cordeiro e falava como dragão*" (Apocalipse XIII, 11).

A besta, sob qualquer uma de suas formas, é acompanhada por diversos personagens que agem sob sua dependência e exercem poder vindo dela. Aqui estão os principais cúmplices da besta.

Primeiramente, nota-se o falso profeta:

> "*que, pelos milagres que ele tinha poder para fazer em presença da besta, enganou os habitantes da terra, dizendo-lhes que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia*" (Apocalipse XII, 14).

Pode-se perguntar quem é historicamente esse personagem? Provavelmente, podemos aplicar a regra comum a ele. Sua manifestação principal ocorrerá no advento do Anticristo, que será acompanhado pelo falso profeta para ser aclamado. Mas ele teve prefigurações em eras anteriores. Pois a terra conheceu muitos "falsos profetas". Um dos mais típicos é Maomé. Um dos mais recentes é Karl Marx, que foi precisamente chamado de "profeta dos tempos modernos".

São João também descreve uma auxiliar feminina do Príncipe deste mundo:

> "*A mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada de ouro, e de pedras preciosas, e de pérolas; tendo na mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição*" (Apocalipse XVII, 4).

Esta mulher sentada sobre a besta escarlate é uma das figuras marcantes do Apocalipse. A besta, portanto, sustenta a mulher e lhe serve de trono. É a besta que comunica à mulher seu poder.

O escritor sagrado mesmo esclarece o significado simbólico dessa personificação feminina. O anjo lhe disse:

>

> "*Venha, eu lhe mostrarei o julgamento da grande prostituta que está sentada sobre muitas águas, com a qual os reis da terra se prostituíram, e os habitantes da terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição*" (Apocalipse XVII, 1-2).

Assim, a mulher, que nos foi mostrada pela primeira vez "sentada sobre a besta", agora está "sentada sobre muitas águas". Qual é, então, o significado dessas muitas águas? São João nos revela isso alguns versículos mais adiante:

> "*As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas...*" (Apocalipse XVII:15).

Portanto, é sobre as multidões que a grande prostituta está sentada. É da multidão que ela tira seu poder. Essa mulher representa, portanto, qualquer Estado cuja autoridade vem de baixo. **"A Grande Prostituta" é, em suma, o nome que o Apocalipse dá ao poder do "povo soberano"**.

O profeta de Patmos, como é chamado São João, nos faz descobrir ainda outro auxiliar terrestre do Príncipe deste mundo, que é a Grande Babilônia. Eis como ele se expressa:

> "*Esta mulher estava vestida de púrpura e de escarlata e adornada com ouro, pedras preciosas e pérolas. Ela segurava na mão uma taça de ouro cheia de abominações e das impurezas da sua prostituição. Na sua testa estava escrito um nome misterioso: Babilônia, a Grande, mãe das prostituições e das abominações da terra*" (Apocalipse XVII, 4-5).

E pode-se saber o que há de abominável no reinado dessa mulher sobre a grande cidade de Babilônia? Sabemos especialmente que é um reino confuso e composto, um poder sem homogeneidade. Ali se misturam o mercantilismo e a tirania.

O reinado da besta que é montada pela mulher vestida de púrpura apresenta todos os traços do que chamamos de capitalismo. São João enumera as mercadorias que estão nos navios dos comerciantes da Grande Babilônia:

> "*carregamentos de ouro e prata... de linho fino, de púrpura, de seda e de escarlate... de toda espécie de madeira de jacarandá, de todo tipo de objetos de marfim, de objetos de madeira muito preciosa, de bronze, de ferro e de mármore... e de canela, de especiarias, de perfume, de mirra, de incenso, de vinho, de azeite, de flor de farinha, de trigo, de bois, de ovelhas, de cavalos, de*

> *carros, e de escravos, de corpos humanos*" (Apocalypse XVIII, 12-13).

Na Grande Babilônia, compram-se e vendem-se até mesmo "almas de homens".

Aqui está agora a descrição, resumida mas precisa, dos regimes estabelecidos pela "besta da terra":

> "*Ninguém podia comprar nem vender, sem ter a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome*." (Apocalipse XIII, 17).

Não se poderia pensar que estamos diante do futuro socialismo absoluto e universal, onde de fato ninguém poderá subsistir se não possuir os cartões oficiais e se seu número não estiver marcado nos registros da besta?

O regime do dragão também se caracteriza pela proclamação enfática do progresso material como uma conquista definitiva. É isso que declara, por exemplo, o anjo da igreja de Laodicéia, que representa precisamente o período do Anticristo:

> "*Eu sou rico, conquistei grandes riquezas e de nada tenho falta*" (Apocalipse III, 17).

E ele declara isso antes de ouvir de Deus:

> "*Mas você não sabe que é infeliz, miserável, pobre, cego e nu*" (Apocalipse III, 17).

Já enumeramos, como acólitos da besta, o falso profeta, a mulher vestida de púrpura e a Grande Babilônia. Mas a Escritura Sagrada menciona outros. São, por exemplo, "as sete cabeças e os dez chifres". Os chifres são símbolos do poder governamental. São João explica, em termos proféticos, o que podem representar esses dez chifres:

> "*E os dez chifres que viste são dez reis que ainda não receberam um reino, mas receberão autoridade como reis por uma hora, juntamente com a besta. Estes têm um mesmo propósito e entregam o seu poder e autoridade à besta*." (Apocalipse XVII, 12-13).

XXII. OS AVANÇOS E OS RECUOS

Aqui estão, então, os dois corpos místicos em presença: a Igreja e a Besta. Nós examinamos os vários aspectos da besta e o comportamento dos demônios que a compõem ou, melhor dizendo, a estimulam. Agora precisamos observar as fases e a fisionomia do próprio confronto. Após estudar os combatentes, devemos estudar o desenvolvimento da batalha.

Primeiramente, ouçamos o Papa Leão XIII, desde as primeiras palavras da encíclica *Humanum Genus*, descrever os dois campos inimigos:

> "*Desde que, pela inveja do Demônio, o gênero humano se separou miseravelmente de Deus, ao qual era devedor do chamado à existência e dos dons sobrenaturais, ele se dividiu em dois campos inimigos, que não cessam de lutar, um pela verdade e pela virtude, o outro por tudo o que é contrário à virtude e à verdade.*"

Qual é então a situação dos dois chefes? Cristo já apareceu na terra onde criou instituições espirituais. Ele organizou hierarquicamente a milícia de seu corpo místico. No entanto, Ele não está visivelmente na terra. Ele permanece invisível, sentado 'à direita do Pai'.

Quanto ao Anticristo, ele também está invisível por enquanto. Ele só aparecerá no fim dos tempos, por um período muito breve, e será imediatamente derrotado, ele e a besta.

Os dois corpos místicos, devido à situação de seus respectivos chefes, são comparáveis a dois gêmeos, onde um 'se apresenta bem', a cabeça saindo antes do corpo, e o outro 'se apresenta mal', a cabeça saindo por último. Um está vivo, o outro será natimorto. Esta comparação não é desprovida de interesse porque explica a posição relativa dos dois chefes e antecipa o estado dos dois corpos místicos pela eternidade.

Vamos agora examinar os objetivos de guerra dos dois chefes que acabamos de situar em relação às suas tropas. Observemos que, ao descrever um combate, será conveniente para nós recorrer a imagens e termos de ordem militar.

Comecemos pelos objetivos de guerra de Satanás. O que importa acima de tudo para ele é preparar o reinado de seu 'representante', o Anticristo, pois esse reinado será sua manifestação principal; marcará o ápice de seu poder terreno. É por esse sucesso fugaz que ele trabalha, pois, após esse único sucesso, nenhum outro será possível para ele.

Os objetivos de guerra de Nosso Senhor se resumem em uma palavra: Ele deseja reinar. Ele aspira exercer a realeza para a qual foi enviado. Mas Ele deseja reinar tanto na terra quanto no Céu. Se fosse suficiente para Ele reinar apenas na terra, dada a superioridade de Seu poder, Satanás teria sido vencido e expulso há muito tempo. No entanto, como Cristo também deseja reinar no Céu sobre a Igreja triunfante, Ele deve permitir que Seus súditos celestiais completem suas fileiras, passando pelo teste terrestre cada um a seu tempo. Ele se empenha, portanto, em respeitar a lentidão desejada. Ele modera Seus esforços para mantê-los em quase igualdade com os de Seu adversário. Ele porá fim às hostilidades e decidirá obter a vitória definitiva quando o número dos eleitos estiver completo.

Portanto, a batalha entre os dois corpos místicos não será o avanço regular e lento da Igreja. Pelo contrário, apresentará flutuações como se estivesse sujeita

> "aos caprichos da guerra".

Cada vitória parcial de Nosso Senhor será seguida por um contra-ataque do demônio, que reunirá suas energias e se vingará. Poderemos observar, para cada um dos dois campos, uma alternância entre derrotas e vitórias, avanços e recuos. E algumas dessas flutuações poderão até ter uma amplitude considerável. Por exemplo, após a edificação da Cristandade na Idade Média, a Igreja, a partir do Renascimento, só experimentou divisões e retrocessos, até a situação atual que constitui, segundo muitos observadores,

> "*a abominação da desolação no lugar santo, de que falou o profeta Daniel*" (Mateus XXIV, 15).

Quando Nosso Senhor tiver edificado um lugar elevado, Satanás não descansará até ter conseguido que este lugar seja ocupado pela besta. Quando Nosso Senhor tiver obtido uma vitória para marcar um ponto alto, Satanás estará à espreita da reaparição deste mesmo ponto alto no ciclo, para retaliar violentamente, como um inimigo invejoso e imitador. No entanto, apesar dessa quase igualdade de forças que resulta em flutuações tão graves, Nosso Senhor mantém no combate duas prerrogativas absolutas. Em primeiro lugar, Ele mantém a iniciativa das operações e, além disso, reserva para Si a vitória final.

É Jesus Cristo quem mantém a iniciativa. É Ele quem semeia o bom grão, e o inimigo só vem depois espalhar o joio (Mateus XIII, 24-25). É Ele também quem realiza primeiro a Sua Vinda à terra, em um momento em que os demônios não o esperam:

> "*Tu és o Filho de Deus, vindo para nos atormentar antes do tempo*" (Mateus VIII, 29).

"Antes do tempo", isto é, antes da data final do Juízo Final. Pode-se dizer, com toda a verdade, que Jesus Cristo, como faz um general sagaz, atacou de surpresa.

Quanto à vitória final, é evidente que ela está assegurada para o Filho do Homem. É reconfortante saboreá-la antecipadamente:

> "Pois já está em ação o mistério da iniquidade; somente aquele que até agora o retém, o fará até que seja tirado do meio. E então será revelado o ímpio, a quem o Senhor Jesus destruirá com o sopro de sua boca e exterminará com o esplendor de sua vinda" (II Tessalonicenses II, 7).

Mas esta aparição triunfal do Verbo Encarnado só ocorrerá após a apostasia geral e a vinda do "ímpio", também chamado de "filho da perdição". Enquanto aguardamos os tempos designados, o mistério da iniquidade opera na Igreja, isto é, a lenta maturação deste abscesso formidável. Assim, a vitória efêmera do Anticristo será imediatamente seguida pela vitória definitiva de Cristo.

Até o fim, a batalha entre os dois chefes e seus dois corpos místicos, a Igreja e a Besta, será uma sucessão de derrotas e vitórias, alternadas e opostas.

XXIII. OS PODERES DO ANTICRISTO

As flutuações da batalha apresentam certa periodicidade, pois os ataques se sucedem e se repetem. Porém, essa periodicidade não é regular cronologicamente, porque o tempo divino é espiritual. Ela consiste no fato de que todos os triunfos da Igreja se assemelham ao triunfo final de seu Chefe, do qual são anúncio; eles formam, em suma, uma mesma família. Da mesma forma, todas as "horas sombrias" se assemelham à morte do Homem-Deus na cruz, que é a hora sombria por excelência.

É Nosso Senhor quem deu a definição de todas essas horas sombrias quando definiu a Sua própria. E em que termos Ele a definiu? Àqueles que vieram prendê-Lo no jardim do Getsêmani, Ele declarou:

> "*Enquanto cada dia Eu estava convosco no templo, não pusestes as mãos sobre Mim. Mas esta é a vossa hora e o poder das trevas*" (Lucas XXII, 53).

Durante o período das tribulações finais, sob o reinado do Anticristo, toda a Terra experimentará, por sua vez, "a hora e o poder das trevas".

Mas desde hoje, em nossa época de obscurecimento da Igreja, devido à grande semelhança dessa crise com aquela das tribulações finais, podemos legitimamente pensar que alcançamos uma dessas horas sombrias definidas pelos termos: Hora e poder das trevas.

Agora, precisamos falar sobre a personalidade misteriosa e aterradora do Anticristo.

Não será propriamente uma encarnação do diabo. Ele será apenas um homem possuído, um homem dominado pela máxima possibilidade de possessão. Assim, será apenas uma "imitação" de encarnação.

Antes de aparecer na Terra, ele terá tido prefigurações, ou seja, predecessores que se assemelhavam a ele. Outras figuras semelhantes o terão precedido, animadas pelo mesmo espírito, mas desempenhando papéis historicamente menos importantes.

São João Evangelista amplia ainda mais a qualificação de anticristo. Ele a atribui a todo aquele que não reconhece Jesus como o Cristo:

> "*Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo, aquele que nega o Pai e o Filho*" (I João II, 22).

E também:

> "*Todo espírito que não confessa Jesus não é de Deus; mas é o espírito do anticristo*" (I João IV, 3).

E esse espírito de negação, diz São João, é muito difundido:

> "*Assim como ouvistes que vem o anticristo, já muitos anticristos têm surgido*" (I João II, 18).

Sem dúvida, esse "espírito do anticristo" está amplamente disseminado. Mas não se deve concluir que o nome e a ideia abrangem apenas um fenômeno coletivo. A vinda de um homem possuído, personificando esse espírito em sua essência máxima e merecendo o título, é indubitável. Em um trecho que já conhecemos, São Paulo chama esse personagem de ímpio:

> "*...então será revelado o ímpio...*" (II Tessalonicenses II, 7).

Em outro trecho, ele o designa como Filho da perdição:

> "*Ninguém, de maneira alguma, vos engane; porque não será assim sem que venha primeiro a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, o adversário que se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou é objeto de adoração, de modo que se assentará no santuário de Deus, apresentando-se como Deus" (II Tessalonicenses II, 3-4).

A ideia de um personagem que consolidará em suas mãos o poder combinado do homem e do demônio é frequentemente encontrada nos profetas do Antigo Testamento.

Em um trecho que já citamos por outras razões, Isaías revela o domínio universal que o anticristo conseguirá reunir sob seu controle:

>

> "*Eu segurei o universo como se fosse um ninho na minha mão, e como se recolhe ovos abandonados, eu recolhi toda a terra*" (Isaías 10, 14).

O ensinamento das Escrituras sobre o Anticristo é claro: o personagem principal virá por último, mas antes disso terá muitas prefigurações. Esta é a doutrina da personalidade do Anticristo. Ela é segura e pode ser aceita sem medo. Ela se opõe à doutrina menos sólida e cada vez mais abandonada que faz do Anticristo um ser coletivo, baseando-se apenas nestas poucas palavras de São João:

> "*Já muitos anticristos têm surgido*" (I João II, 18).

Será impossível lutar apenas com armas humanas contra o Anticristo e todos os seus auxiliares. Somente o poder de Cristo aparecendo em pessoa será capaz de triunfar sobre ele. São João enumera, resumindo, os poderes que lhe serão concedidos por um tempo:

> "*A besta que vi era semelhante a um leopardo... O dragão deu-lhe o seu poder, o seu trono e grande autoridade... e toda a terra se maravilhou após a besta, dizendo: 'Quem é semelhante à besta e quem pode pelejar contra ela?' E foi-lhe dada uma boca que proferia grandes blasfêmias, e foi-lhe dado poder para agir durante quarenta e dois meses... E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los; e foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação. E todos os habitantes da terra o adorarão...*" (Apocalipse XIII, 2-8).

Conhece-se as circunstâncias da morte do Anticristo? São Paulo descreve sucintamente quando, falando dos últimos tempos, diz o seguinte:

> "*E então será revelado o ímpio, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro da sua boca e destruirá com o esplendor da sua vinda*" (II Tessalonicenses II, 8).

As profecias da revelação privada são ricas em detalhes sobre este golpe fulminante que livrará a humanidade do demônio aparecendo no máximo de seu poder. Citemos uma dessas informações mais antigas:

> "*Quando o filho da perdição tiver cumprido todos os seus desígnios, ele reunirá seus seguidores e lhes dirá que quer subir ao céu. No momento dessa ascensão, um raio o atingirá e o fará morrer*" (Santa Hildegarda).

Nossa Senhora de La Salette se expressa de maneira semelhante:

> "*Eis o tempo; o abismo se abre; eis o rei dos reis das trevas. Eis a besta com seus seguidores, dizendo-se o salvador do mundo. Ele se elevará orgulhosamente no ar para subir até o céu; será sufocado pelo sopro de São Miguel Arcanjo. Ele cairá, e a terra, que durante três dias estará em contínuas convulsões, abrirá o seu seio cheio de fogo; ele será afundado para sempre com todos os seus nos abismos eternos do inferno.*"

E quanto aos auxiliares do Anticristo sobre os quais falamos? Alguns terão desaparecido antes dele, e eles também terão tido um fim repentino e total. Não se cansa de reler o grandioso quadro que São João traça da Queda da Grande Babilônia:

> "*Ela caiu, caiu, Babilônia, a Grande! Ela se tornou morada de demônios, abrigo de todo espírito impuro, refúgio de todo pássaro impuro e odiável... Mantendo-se à distância por medo dos tormentos, eles dirão: Ai, ai! Ó grande cidade, Babilônia, ó poderosa cidade, em uma hora veio o teu julgamento?*" (Apocalipse XVIII, 2-10).

XXIV. O GEENA DE FOGO

Agora nos restam alguns pontos de demonologia a serem esclarecidos. Quando desceu aos infernos, Nosso Senhor libertou os justos da Antiga Lei que estavam retidos no Sheol, aguardando a abertura do Céu. Tendo o Céu sido aberto para os justos por Jesus Cristo, Ele finalmente os introduziu lá.

No entanto, o Sheol não foi suprimido. Nós o chamamos de limbo. E ele ainda abriga, sob este novo nome, as almas dos inocentes que morreram sem o batismo.

O regime do inferno também não foi modificado. Ele permanece o lugar onde os demônios "são retidos aguardando o julgamento". Mas eles podem sair, com a permissão divina, para vir tentar os homens na terra, sem, no entanto, serem libertados de "suas correntes eternas".

É o juízo final, após a Ressurreição da carne, que estabelecerá o regime definitivo dos infernos. Jesus então lhes dá o nome de Geena:

> "*Serpentes, raça de víboras, como escapareis da condenação da Geena?*" (Mateus XXIII, 33).

Ou ainda:

> "*Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temei antes aquele que pode perder a alma e o corpo na Geena*" (Mateus X, 28).

De onde vem essa palavra Geena, praticamente desconhecida no Antigo Testamento? O dicionário dá a seguinte definição:

> "*Era originalmente o nome de um gracioso vale a sudeste de Jerusalém, chamado Ge-Hinom. No entanto, a partir do tempo de Salomão, os israelitas sacrificaram crianças a Moloque. E foi precisamente no vale de Ge-Hinom que eles praticaram esses sacrifícios. Em seguida, veio a deportação para a Babilônia. Após o retorno do cativeiro, eles tiveram tanta aversão ao local que havia sido palco desse culto bárbaro e ímpio que o transformaram em um depósito de lixo público onde foram jogados os cadáveres de animais e imundícies. Como era necessário, para consumir tudo isso, manter um fogo*

> *perpétuo, o local se tornou um "vale ardente" ou Geena de fogo. E a palavra passou para a linguagem corrente para designar o inferno*".

Os homens condenados entrarão na Geena com seus corpos ressuscitados. A entrada na Geena constitui para os condenados, assim como para os demônios, a segunda morte, definida por São João como "o lago ardente de fogo e enxofre" (Apocalipse XXI, 8).

Quem julgará o Universo? É o Pai ou é o Filho? É o Filho, pois o Universo é o Reino que Lhe foi dado pelo Pai. É a Sua herança, o Evangelho de São João ensina expressamente o julgamento do Universo pelo Filho:

> "*Além disso, o Pai não julga ninguém, mas entregou ao Filho todo o julgamento*" (João V, 22).

XXV. O NÚMERO DA BESTA

Ainda nos resta perguntar a nós mesmos uma última questão. "O número da besta", declara São João na Apocalipse, é 666. Por que esse número e qual é sua significância? Aqui está o texto básico:

> "*É aqui a sabedoria. Que aquele que tem inteligência conte o número da besta; pois é um número de homem e esse número é seiscentos e sessenta e seis*" (Apoc. XIII, 18).

Qual é o problema? O Escritor sagrado enuncia o número da besta e nos convida a interpretá-lo. É isso que tentaremos fazer, deixando-nos guiar por tudo o que já foi escrito sobre esse assunto.

A ideia que imediatamente vem à mente é procurar a interpretação do número da besta utilizando os valores numéricos das letras do alfabeto hebraico. Para isso, é necessário reunir os mots cujo valor numérico das letras chega a um total de 666. Então, resta apenas escolher, entre os mots hebraicos assim reunidos, aqueles cujo significado pode mais razoavelmente se relacionar à Besta como ela é descrita na Apocalipse. Portanto, estamos reduzidos a um problema de cálculo quase mecânico. Essa metodologia é a correta? Não parece ser, pois o texto de São João nos aconselha a fazer prova de sabedoria e inteligência.

É aqui a sabedoria, dizem-nos: para entender o significado do número da besta, primeiro é preciso ter sabedoria. O que é a sabedoria? É o gosto pelos princípios. Portanto, nesta matéria, deve-se evitar as complicações da ciência profana e manter-se aos grandes princípios da sabedoria divina, tanto quanto os conhecemos.

São João também nos pede para fazer prova de inteligência. E a característica da inteligência, no sentido religioso desse termo, é a de distinguir. E a distinção fundamental é a do bem e do mal. Precisamente, vamos ver que aqui teremos que conviver com a fronteira entre o bem e o mal. É por isso que precisaremos de inteligência.

O Escritor sagrado nos coloca na senda certa ao dizer que 666 é "um número de homem". De fato, poderíamos esperar que a besta fosse mais adequada com "um número de anjo", já que o demônio é um espírito. Portanto, estamos sendo avisados de que não é o caso. É nos números que concernem ao homem que devemos procurar.

São Bento o Venerável e Santo Alberto Magno acreditavam que esse "número de homem" se referia ao sexto dia da Criação, no qual Adão foi formado da areia da terra. Vamos tentar entender o mecanismo dessa significância. Após a formação do homem, Deus declara que tudo o que Ele fez é bom:

>

> "*E Deus viu tudo o que Ele havia feito, e eis, isso era muito bom*" (Gênesis I, 31).

Estamos na extremidade do sexto dia. Fazemos uma primeira observação: o número seis não designa, portanto, originariamente uma coisa má, pelo contrário, pois Adão, constituído mestre da terra, é a mais bela obra do Criador. Concorda-se até em pensar que o número seis simboliza a perfeição das coisas terrestres. Ele constitui "a marca" de Adão, pois é o número de sua origem. O homem é fundamentalmente "a criatura do sexto dia".

O número seis contém uma perfeição natural, mas ainda lhe falta a santificação que o número sete traz imediatamente após. É o sétimo dia que é santificado:

> "*E Deus abençoou o sétimo dia e Ele o santificou*" (Gênesis II, 3).

O número sete é o da natureza santificada. É o número do Sábado e, portanto, não se adequava para designar o demônio, que havia precisamente recusado a santificação.

No sétimo dia, o homem já possui uma religião, enquanto o sexto dia era o da Criação sem sábado, sem religião, privado de santificação, reduzido às forças e aos ritmos da natureza sozinha. É portanto bem "o seis" que está mais em harmonia com o naturalismo dos anjos caídos, que só acreditam em suas próprias forças, como já observamos acima.

Agora compreendemos por que é o número seis que está na base do "número de homem" escolhido para marcar a besta. Mas o que não compreendemos é que esse número, bom na origem, agora designa uma besta má. Portanto, houve, a um certo momento, um inversão de significado do seis.

Este inversão foi operado pela revolta de Lúcifer. É precisamente essa revolta que transformou em mau o que era bom e que colocou acima o que deveria ter permanecido abaixo. Esta inversão da ordem primitiva sofreu a maldição divina. Deus amaldiçoou o que Ele acabara de abençoar. E a maldição de Deus contra Satanás foi reiterada três vezes: daí o número de três dígitos que simboliza essa maldição, 666.

A primeira maldição é aquela que expulsou Lúcifer do Céu por não ter querido se inclinar diante do Homem-Deus. Ela corresponde ao número seis ocupando o lugar das unidades.

A segunda maldição é aquela que Deus pronunciou contra a serpente:

> "*Porque tu fizeste isso, és amaldiçoado entre todas as bestas dos campos*" (Gênesis III, 14).

O adversário quis envolver o homem na sua guerra. A segunda maldição corresponde ao número seis ocupando o lugar das dezenas, pois há uma agravamento da maldade, e portanto do castigo.

A terceira maldição é aquela que Deus pronunciará no momento da morte do Anticristo para punilo por se ter equiparado ao Filho do Homem. Ela corresponde ao lugar das centenas, pois há um novo agravamento na audácia.

Seiscentos e sessenta e seis resume a tripla maldição que é o justo salário da revolta de Lúcifer contra o Verbo Encarnado, princípio e fim da criação. Não é um "número de anjo"; é um "número de homem" (*numerus hominis*). Ele reitera três vezes o número de Adão, que é a obra do sexto dia. Aquela que fez Adão cair é punido sob o número de Adão.

Se nos restringirmos à letra do texto apocalíptico, o número 666 é propriamente o da besta. Mas é costume considerar esse número também pertencente ao Anticristo, pois esse personagem recapitulativo sintetiza a besta de qual ele é a cabeça.

XXVI. OS SINTOMAS DA INFLUÊNCIA LUCIFÉRICA

Os demônios obviamente comunicam seus comportamentos mentais a todos os seres humanos que inspiram. Esses comportamentos, que acabamos de examinar ao longo deste "Resumo", os veremos reaparecer no mecanismo das "instituições de malícia" que formam, na terra, o corpo monstruoso da besta. Agora vamos listar as inclinações mentais mais importantes assim comunicadas pelos demônios a certas instituições humanas, como por exemplo as redes iniciáticas, os partidos revolucionários e as falsas religiões. As pessoas que não são versadas nessas questões realmente precisam conhecer os principais sintomas pelos quais se reconhece a influência demoníaca nas várias instâncias do mundo moderno.

Quando falamos da influência demoníaca que prevalece nas irmandades iniciáticas e nas sociedades de pensamento, não pretendemos que os demônios se manifestem positivamente e venham explicitamente ditar suas instruções. Estamos apenas dizendo que, sob o efeito da mística iniciática, é criada uma cooperação entre o homem e os demônios. A conivência do homem é sempre necessária para que a influência demoníaca se exteriorize. A influência infernal se mistura ao pensamento humano, onde aparece como um dos dois elementos constitutivos de uma verdadeira sinergia humano-diabólica. Era muito importante esclarecer este ponto antes dos desenvolvimentos que se seguirão.

1. UMA AÇÃO PLURIMILENAR

Observemos primeiro que a ação dos demônios se exerce sobre a terra desde as origens, ou seja, há vários milênios. São os mesmos espíritos caídos que rondaram as Sibilas, as Pítias, os falsos místicos do paganismo, depois os hereges do cristianismo, depois os grandes doutrinadores da maçonaria e da revolução. Esses maus espíritos operam com grande continuidade. Eles adquiriram uma experiência prodigiosa e implementam uma estratégia de muito longo prazo, preparando seus golpes vários séculos adiante. Entende-se então, por exemplo, que os mesmos erros religiosos reaparecem periodicamente, pois têm os mesmos inspiradores em todas as épocas. Entende-se o renascimento atual do gnosticismo.

Em seu livro, A Nova Assembleia dos Filósofos Químicos, Claude d'Ygé, ele próprio favorável ao espírito alquímico, expressa-se assim:

> "*É o mesmo demônio que inspirou os Alquimistas do passado e que continua a inspirar os de agora*" (p. 35).

2. O GÊNIO DA GUERRA

O comportamento do demônio e, portanto, também dos organismos que estão sob sua dependência, não é ditado por uma doutrina homogênea, porque a homogeneidade da doutrina é a consequência de sua verdade. Ora, "não há verdade nele". Portanto, ele não é embaraçado pelo que os cristãos chamam de "analogia da fé". Ele muda de rumo sem dificuldade. Ele opera até mesmo, na maioria das vezes, em várias direções diferentes, e ao mesmo tempo.

O demônio é motivado por um pensamento de ordem estratégica e não doutrinal. Nele, a coesão existe apenas na guerra que ele trava contra o Verbo Encarnado. Ele possui certamente uma lógica incontestável, mas é uma lógica belicosa, que não teme contradições e reviravoltas. A espinha dorsal do pensamento demoníaco é a guerra contra Jesus Cristo e Sua realeza universal.

Da mesma forma, em última análise, a coesão dos membros da besta é assegurada, não por uma única e mesma doutrina, mas pela existência de um inimigo comum a todos os membros. E esse inimigo comum é Nosso Senhor Jesus Cristo.

3. O NATURALISMO DOS DEMÔNIOS

Os demônios querem ignorar a graça e pretendem alcançar a participação na vida divina apenas com as forças de sua natureza angelical.

Deste naturalismo demoníaco decorre, por exemplo, as doutrinas da gnose moderna em relação à transfiguração do mundo. Pois muitos neo-gnósticos aceitam a ideia cristã da glorificação final do universo. É até essa transfiguração que forma a essência da Alquimia. Mas eles veem essa mutação como sendo um florescimento natural do universo.

A doutrina cristã, por outro lado, ensina que, para passar do estado de natureza para o estado de glória, duas operações são necessárias: primeiro a Redenção que exigiu o sangue de um Deus e depois a intervenção soberana do Criador que modifica o universo por um decreto anunciado nos últimos versos do Novo Testamento:

> "*E aquele que estava sentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas* " (Apocalipse XXI, 5).

São duas operações que são totalmente impossíveis apenas com forças naturais.

4. O TEÍSMO DOS DEMÔNIOS

> "*Tu acreditas, diz São Tiago, que há um Deus, fazes bem; os demônios também acreditam...*" (São Tiago II, 19).

O demônio tem mantido audiência com Deus sob certas condições; este é um privilégio que ele manteve em virtude de sua natureza angelical. Ele ainda pode se aproximar do trono de Deus para reivindicar o exercício dos direitos que adquire sobre os homens todas as vezes que os faz sucumbir. É assim que ele "reivindicou" os apóstolos para peneirar como o trigo. Ao se aproximar de Deus desta maneira, ele manifesta sua crença em Deus, ou seja, um certo teísmo.

Da mesma forma, entre os homens, muitos grandes inimigos da fé são teístas e pretendem se aproximar de Deus. O tipo perfeito desses inimigos da fé é Voltaire. Este teísmo, do qual tantas religiões se contentam, não vem de Deus, mas do diabo. São Paulo já reprovava seus contemporâneos por isso quando dizia deles:

> "*Dou-lhes a justiça de que têm zelo por Deus, mas não é segundo o conhecimento.*"

Não basta reconhecer a existência de um Deus, é preciso também professar que só se pode alcançá-lo através da mediação de Nosso Senhor:

> "*Ninguém vai ao Pai senão por Mim.*"

5. O GOVERNO PELA RIVALIDADE DOS MEMBROS

O demônio só sabe semear a discórdia e é pela discórdia que ele reina. Se o vemos unificar, é porque ele quer levar à luta. E ele age assim tanto nas pequenas quanto nas grandes coisas.

É assim que ele pretende chegar ao reino universal jogando uns contra os outros os grandes impérios que, no entanto, todos dependem dele. Ele lançou a suástica, que é um de seus emblemas, contra a estrela vermelha, que também lhe pertence. Ele ainda prepara o confronto da estrela vermelha contra as estrelas yankees, que são as de Mammon, seu ministro. O campeão desses formidáveis testes "eliminatórios" exercerá a hegemonia mundial sob a direção do Anticristo. Ele terá realizado seu império governando pela rivalidade dos membros.

6. A DEMONOLOGIA DO DEMÔNIO

Houve, como vimos, anjos dos nove coros que prevaricaram. De modo que os demônios são muito desiguais em inteligência e malícia. Seu chefe usa essas desigualdades não apenas para reinar no inferno, mas também para exercer sua principado sobre a terra.

Os demônios inferiores são grosseiros e só sabem se mostrar aos homens sob formas repulsivas. Os demônios dos coros superiores, mais sutis e psicólogos, são hábeis em se disfarçar de anjos de luz.

Assim, Satanás pode assustar os homens fazendo intervenções de demônios hediondos e aterrorizantes. E depois os tranquiliza e atrai enviando-lhes grandes querubins caídos que sabem se revestir de charme.

Na maioria das congregações iniciáticas, sob a inspiração suave de Satanás, incentiva-se a desconfiar dos demônios inferiores. Apresenta-se uma verdadeira demonologia.

Uma demonologia enganosa à qual se deve ter muito cuidado para não se deixar enganar. Não há seita, por mais luciferiana que seja, que não professe o medo dos demônios.

Este fenômeno é extremamente importante e generalizado. Explica que religiões inteiras, embora inspiradas por Lúcifer, possuem todo um arsenal de exorcismo. O observador superficial pode fazer essa reflexão: "Essas religiões não podem depender do diabo, pois exorcizam os demônios". Deve-se saber que se pode pertencer inconscientemente ao diabo enquanto se teme os demônios.

Os escribas do tempo de Jesus sabiam que se pode expulsar demônios por Belzebu.

A demonologia de Lúcifer e seus seguidores é muito pouco conhecida. E, no entanto, é fácil medir o quanto ela pode induzir ao erro.

7. A IMITAÇÃO DE CRISTO

O demônio não tira os olhos Daquele que é objeto de seu ciúme: o Verbo Encarnado. Subjugado por Ele, o demônio o imita, mas o deforma. Por isso, ele é comumente referido como

> "*o macaco de Deus*".

E vemos avançar, lentamente e com cautela, para o altar da grande catedral cristã, um falso Cristo, ora filósofo, ora revolucionário, ora iniciado, ora avatar, ora demiurgo. Até que um dia ele se vira para ser adorado como o grande mediador entre Deus e os homens ou mesmo simplesmente como Deus.

Esta amarga nostalgia de Cristo, Lúcifer a comunica aos órgãos terrestres que ele controla. Encontramo-la, por exemplo, na maçonaria, que gosta de adornar seus templos com emblemas que foram emprestados do cristianismo, mas que foram desviados de seus significados.

8. A REABILITAÇÃO DE LÚCIFER

O príncipe das legiões infernais tende invencivelmente a se reabilitar. Ele gostaria de recuperar o estado em que se encontrava antes de ser expulso do paraíso celestial.

Ou ele reclama que foi injustamente reprimido por um Deus despótico.

Ou ele reivindica o benefício da Misericórdia Divina à qual sua natureza angelical não lhe dá direito.

O espírito de reabilitação de Lúcifer é muito difundido nas seitas iniciáticas. É uma das provas mais certas da docilidade às influências luciferianas.

9. A SUPOSTA NECESSIDADE DO MAL

Muitos neo-gnósticos ensinam a necessidade do mal e, portanto, de Satanás.

Certamente, nos concedem, o poder diabólico é aquele que resiste a Deus. Mas essa resistência é necessária, acrescentam. É necessária ao próprio Deus, pois é graças a ela que Deus pode Se manifestar. É preciso uma força antagonista para que o eco da Palavra nasça. É preciso uma oposição que dê a Deus a réplica. De modo que o poder diabólico se torna, em colaboração com Deus, cocriador do Universo.

Segundo os neo-gnósticos, o arquétipo do diabo se encontra no pensamento divino. De modo que o mal está localizado no próprio Deus. Observado de uma altura suficiente, nos dizem, o bem e o mal se equilibram, se neutralizam e se confundem.

Tais raciocínios obviamente não se acomodam à lógica tradicional. Eles são baseados em uma lógica que admite a coincidência dos contrários, a famosa *coincidentia oppositorum*. Esta lógica, que obviamente saiu do poço do abismo, é atualmente ensinada, como indispensável ao avanço das ciências, em muitas sociedades de pensamento e é defendida por ardentes e imperiosos doutrinadores.

10. A ILUSÃO CÓSMICA

O demônio, como vimos, odeia o corpo humano que ele não cessa de mutilar. Mas ele também odeia, por extensão, a matéria, com a qual ele não tem nada em comum. Assim, ele vai sugerir, aos contemplativos e filósofos que o escutam, que o universo material é uma ilusão. Ele é "a Maya", ou seja, uma simples "aparência" já que não há realidade além do absoluto. Daí surgem todas essas doutrinas orientais de aniquilação do cosmos e, por extensão, da humanidade terrestre. O homem deve aspirar a retornar ao absoluto para sair deste mundo da ilusão.

O que tudo isso significa nas concepções cristãs? Certamente, o universo material, na forma que o conhecemos, é efêmero. Ele é transitório e não foi feito para durar. **Ele está destinado a ser transformado quando Deus pronunciar o decreto profetizado no Apocalipse**:

> "*Eis que faço novas todas as coisas*" (Apoc. XXI, 5).

Mas, por ser transitório, o universo físico não é menos real. Ele foi criado do nada, *ex nihilo*, e, portanto, distingue-se do nada por sua própria natureza.

A aniquilação universal dos contemplativos orientais é o reflexo, no pensamento humano, do ódio de Satanás pela matéria. Sob o pretexto de ir ao fundo das coisas, ela não é mais que uma elaboração da falsa mística, ou seja, em última análise, do pensamento de Lúcifer.

11. AS PEDRAS DE REUTILIZAÇÃO

O príncipe deste mundo constrói seu templo universal com pedras que provêm da demolição da catedral cristã. São pedras reutilizadas. Os observadores superficiais se surpreendem ao ver tantos símbolos cristãos nesse templo e concluem que, no fundo, o templo gnóstico do Anticristo também é cristão, assim como as pedras que o constituem.

E os prosélitos que querem fazer os cristãos entrarem no templo da religião universal não deixam de lhes mostrar que ele é construído com pedras cristãs, mas dispostas de maneira mais inteligente, segundo eles, menos ao acaso, mais sublimadas do que estavam na velha construção. É de se desejar que os cristãos não se deixem seduzir por essa semelhança. Pois, se o templo gnóstico lembra materialmente o Cristo, o espírito que ali se abriga é o do Anticristo.

12. EXOTERISMO E ESOTERISMO

É com razão que os demônios são chamados de "as potências ocultas". Em suas evoluções na sociedade humana, são obrigados a se esconder porque nossa natureza manifesta uma apreensão instintiva da morte, da qual os demônios são os provedores, e, mesmo decaída, ela conserva o medo das trevas. Eles são, portanto, forçados a dissimular sua presença e suas atividades. Nas associações e confrarias que inspiram, praticam um misticismo de grande habilidade e nunca expõem abertamente seu objetivo de guerra. Eles os disfarçam de maneira diferente, dependendo dos graus da iniciação. A verdadeira natureza luciferiana da iniciação é cuidadosamente ocultada dos adeptos dos graus inferiores.

Essas doutrinas, tranquilizadoras na maneira como são apresentadas, mas luciferianas nas consequências que acarretam, são veiculadas nas congregações iniciáticas onde recebem o nome de doutrinas esotéricas, palavra que evoca a ideia de um uso interno.

Claro, sua essência luciferiana quase nunca é percebida como tal, mesmo pelos iniciados, a maioria dos quais é movida pela ideologia ou pela ambição, mas que não suportaria a ideia de estar subordinada ao demônio; de fato estão, mas não têm uma consciência clara disso. As sociedades iniciáticas e suas doutrinas são comparáveis a um grande micélio invisível, ou pouco visível, de onde emergem, de tempos em tempos, os grandes cogumelos das religiões ditas exotéricas, isto é, "de manifestação exterior", destinadas ao grande público. Os iniciados consideram que o exoterismo das religiões oficiais é uma versão vulgarizada, simplificada, transitória, do esoterismo iniciático, que é considerado muito mais profundo, mais essencial, mais verdadeiro e mais próximo das realidades espirituais.

Segundo os iniciados, a Religião Católica não é exceção a essa regra. Ela também é uma religião exotérica e, portanto, supõe uma infraestrutura esotérica da qual é apenas uma emanação. No entanto, a Religião Católica se emancipou dessa antiga infraestrutura esotérica e tomou sua independência (em uma época, aliás, controversa). De modo que hoje desconhece e negligencia seu próprio esoterismo, o que lhe é extremamente prejudicial, acrescentam com comiseração. O trabalho das sociedades iniciáticas contemporâneas, portanto, consiste em devolver à Religião Católica a consciência e o conhecimento desse esoterismo original que ela perdeu. Essa é a missão (?) que as atuais redes do esoterismo cristão se atribuíram.

É bem evidente que **os católicos fiéis não raciocinam assim** de forma alguma. Pois, se a Religião de Nosso Senhor se deixar contaminar por essa concepção de um esoterismo subjacente, ela vai simplesmente se enxertar no esoterismo mundial, que está precisamente em processo de unificação e que vimos que, fundamentalmente, não é outra coisa senão a rede das "potências ocultas", ou seja, dos demônios.

O par "exoterismo-esoterismo" tem origens maçônicas muito antigas e constitui, em particular, um dos elementos essenciais da doutrina guénoniana. É uma noção que é mortal para a conservação dos dogmas e dos sacramentos católicos e que, evidentemente, também surge do poço do abismo.

13. PLURALISMO E SINCRETISMO

Vimos que o demônio é um espírito belicoso que se dedica à guerra contra o Verbo Encarnado. Ele naturalmente comunica essa belicosidade aos órgãos terrestres onde sua influência se faz sentir.

Ora, aquele que faz a guerra propõe-se um objetivo final precedido por objetivos secundários e intermediários, pois nunca se pode alcançar o objetivo final já no primeiro ataque. Só se consegue isso por etapas. Essa é uma lei da guerra.

O objetivo final de Satanás é duplo, como vimos. Primeiramente, é a realização do império do mundo sob o cetro do Anticristo. E também é o estabelecimento da religião universal que terá Lúcifer, pelo menos, como "mediador" e, provavelmente, como deus.

O objetivo secundário e intermediário é a instalação transitória do pluralismo das religiões. É a fase preparatória. É necessário primeiro reunir os pontífices das religiões exotéricas em uma mesa redonda, em plena igualdade. O pontífice romano não escapa a essa necessidade. Ele é convidado a se sentar com seus confrades das outras religiões. E é até ele, como um cooperador dócil das diretrizes iniciáticas, que convocou a primeira reunião pluralista já vista nesta terra, a famosa reunião de Assis.

Esse mesmo pontífice romano não se contenta em praticar o pluralismo externo em relação aos seus confrades de outras religiões, ele também implementa o pluralismo interno na própria Igreja Católica: o progressismo, o carismatismo... até mesmo o tradicionalismo são tolerados e simultaneamente incentivados dentro do mesmo redil romano. Há sempre um único pastor na Igreja, mas vê-se ali pastarem vários rebanhos. É o regime do pluralismo, como na maçonaria e em sua imitação.

A fase pluralista não deve ser nem ignorada nem mal executada. Os grandes estrategistas do ecumenismo insistem na necessidade da prática exotérica. Não há progresso no caminho esotérico se não se pratica primeiro, o mais seriamente possível, uma das "vias exotéricas". Você é cristão? Pratique primeiro com zelo sua religião cristã, se quiser progredir depois no caminho iniciático. Essa é, em particular, a teoria de R. Guénon e de seus adeptos modernos. Daí o zelo exemplar dos neo-gnósticos dentro do tradicionalismo católico.

Enquanto as religiões exotéricas se acostumam a viver sob o regime pluralista, tanto externamente quanto internamente, as redes iniciáticas preparam a fase final, que é o sincretismo.

Todos os elementos da religião única e universal estão reunidos. Múltiplas publicações dão uma primeira visão disso, até mesmo com uma extraordinária volubilidade. De modo que o pluralismo se torna uma etapa cada vez mais superada e o sincretismo é cada vez mais real. Esse sincretismo, semi-oculto e semi-público, conseguirá se desocultar totalmente?

Para que isso ocorra totalmente, seria necessário que Lúcifer pudesse se desocultar completamente e despir-se de suas vestes de falso Cristo para aparecer em sua qualidade de anjo revoltado contra Deus. Ele conseguirá fazer isso algum dia? É possível. Mas ainda estamos muito longe desse momento para que possamos ter uma ideia do que acontecerá então.

Por enquanto, ainda estamos na fase do pluralismo das religiões. No entanto, vemos surgir, nos documentos, aliás, abundantes, provenientes das redes iniciáticas, a fase sincrética, ou seja, a da gnose universal, que nada mais é do que a "teologia" da religião luciferiana.

14. SEPARAR, UNIR

O demônio, que não tem nenhuma ortodoxia no pensamento, pois nele não há verdade, mas que possui o gênio da guerra, se empenha, de era em era, em separar o que Deus une e unir o que Deus separa, a fim de contrariar e frustrar, a cada momento, a realização dos planos de Deus. Esse é um dos traços pelos quais se reconhece sua ação sobre seus adeptos humanos. Poderíamos citar numerosos exemplos desse comportamento. Vamos nos contentar com apenas um, que consideramos típico, ao término deste estudo que se quer sucinto. Deus une os esposos; o demônio não descansa até que os separe pelo divórcio. Deus separa os sexos com vistas à procriação; o demônio pretende uni-los nesse ser mítico do Andrógino, tão caro aos nossos esoteristas cristãos.

15. FORÇAS PRESENTES

Finalmente, a expulsão dos demônios que infestam a sociedade está além das forças humanas. Lidamos com seres espirituais que são mais poderosos do que nós na ordem da natureza. Ao permitir que os espíritos revoltados e banidos do céu contaminassem a terra, Deus colocou os homens em uma situação da qual só podem se libertar com a ajuda do Verbo Encarnado.

Essa relação relativa entre demônios e homens se reflete até nos detalhes das lutas religiosas e políticas. Aqueles que, por exemplo, atacassem a maçonaria (que é um dos institutos mais típicos de malícia de que falamos) apenas com meios humanos estariam condenados à derrota antecipada; seriam eles os que seriam extirpados. **Não se pode resistir às forças demoníacas da terra sem contar com a ajuda de Deus**. No entanto, essa condição geralmente não é preenchida, por diversas razões. Isso explica os fracassos de que nossa História nos oferece tantos exemplos.

O comportamento habitual dos demônios em relação aos homens ainda apresenta dois problemas importantes que precisariam ser estudados:

- O primeiro é o poder dos demônios sobre as forças físicas, ou seja, sobre a matéria e sobre as energias das quais a matéria é sede, especialmente as energias vibratórias. Esse

problema nos levaria a examinar tudo relacionado à magia.
- O segundo é o domínio demoníaco sobre o corpo humano, ou seja, as possessões e infestações demoníacas. Isso nos levaria a estudar os exorcismos, que hoje em dia se tornaram quase impossíveis de realizar.

Mas esses dois capítulos exigiriam desenvolvimentos incompatíveis com as dimensões necessariamente limitadas deste resumo. São dois temas que precisam ser tratados separadamente e em sua própria extensão.

CONCLUSÃO

Neste resumo, reunimos as noções de demonologia que podem contribuir para a compreensão do mundo moderno e da profunda patologia que o permeia. Agora sabemos que as forças organizadas pelos demônios na humanidade estão no auge de seu poder. A malícia deste século é positivamente irreversível. Lúcifer tem trabalhado nisso por milênios em todos os continentes. Atrasado por um tempo pela contraofensiva vitoriosa da Igreja, ele se reergueu e agora reconstruiu forças de simbiose humano-demoníacas mais poderosas do que eram na antiguidade pagã. E o segundo estado do mundo tornou-se pior do que o primeiro.

A manifestação do Anticristo não está distante.

No entanto, antes que esse "filho da perdição" se manifeste na terra, um tempo de repouso, um interlúdio reconfortante que já recebeu o nome de "REINO DO SAGRADO CORAÇÃO", foi profetizado há muito tempo.

Este é o tempo durante o qual a Igreja recuperará suas forças para suportar as tribulações finais que acompanharão o reinado do Anticristo.

Mas os cristãos, se estivessem reduzidos apenas às forças humanas, seriam completamente impotentes para promover esse tempo de restauração. Eles não têm o poder de superar redes luciferianas de tal poder e ubiquidade. Costumamos repetir entre nós mesmos: "Humanamente, tudo está perdido".

Portanto, somos obrigados a nos voltar para o céu, onde reside nosso último recurso. No entanto, precisamente, a ajuda do céu nos foi prometida. Todas as revelações, tanto privadas quanto públicas, nos asseguram isso. Mas é necessário, para obter esse socorro, que o solicitemos com insistência suficiente. Sabemos que Deus está disposto a nos socorrer através de uma manifestação milagrosa de Sua onipotência em favor da Igreja, que é Sua obra na terra, e da França, que é a filha mais velha da Igreja e Seu braço secular. Mas também sabemos que Deus coloca uma condição para Sua intervenção. **Essa condição é que a soma de nossos desejos alcance a medida plena**.

Resta-nos agora decidir Deus e arrancar-Lhe o milagre que Ele está disposto a nos conceder.

Pois nosso Deus, que pode desdobrar forças incommensuráveis, é ao mesmo tempo um Deus que se deixa persuadir e que nos deu armas contra Ele: a oração e a penitência, que dá asas à oração.

No céu, do qual estamos separados apenas por uma nuvem, existem dois tronos. O mais elevado é o do Verbo encarnado, Rei do universo, para quem tudo foi feito. O outro trono pertence à Rainha sua mãe. Prostremo-nos diante desses príncipes cheios de majestade, mas também de magnanimidade. Mostremos perseverança, pois o mal é tão profundo.

Seremos consolados além de nossas esperanças, pois as generosidades de um Rei tão grande serão reais.

A mãe de Dom Williamson, adepta da seita gnóstica protestante "Ciência Cristã"

A mãe de Dom Williamson[1], adepta da seita gnóstica protestante "Ciência Cristã"[2], religião do Milner Group[3] (Círculo de Estudos Britânico, ligado ao clã Rothschild), cabeça do imenso Império Vitoriano e matriz histórica do atual globalismo[4] anglo-saxão.

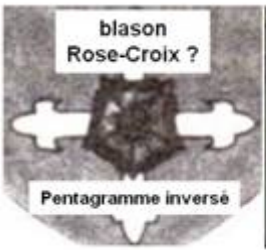
Terça-feira, 19 de maio de 2009.

Artigo original disponível no site Virgo Maria.

- Introdução
- 1. Novos elementos biográficos sobre Monsenhor Williamson, por sua governanta durante 20 anos
- 2. A doutrina gnóstica da « Ciência Cristã » da qual sua mãe era uma fervorosa adepta
- 3. A «Ciência Cristã», religião do Milner Group[9], componente histórico da Round Table britânica
- 4. O discurso de Dom Williamson para absolver Ratzinger-Bento XVI de suas heresias: uma teoria da «Ciência Cristã» aplicada dentro da FSSPX?

- 5. Perguntas aos três outros bispos sagrados por Dom Lefebvre em 1988
- Anexos
  - Anexo 1 – Trechos traduzidos de um artigo do Daily Mail
  - Anexo 2: Artigo da Wikipedia sobre a seita da Ciência Cristã[21]
  - Anexo 3: Dossiê das Referências Virgo Maria sobre o ex(?) Anglicano Britânico da FSSPX Dom Richard Williamson à Rosa
- Referências

Introdução



Helen Williamson, falecida em 2000, era uma personalidade forte e uma fervente discípula de Mary Baker Eddy.

Sra. Edna Andrews, governanta da família Williamson durante 20 anos, revela o passado oculto do Monsenhor Richard Williamson.

Monsenhor Williamson escolheu para seu brasão episcopal um símbolo Rosacruz[5], muito semelhante ao da ***Round Table*** britânica.

Monsenhor Williamson sempre manteve **um profundo silêncio sobre sua infância e sua família**, e essa ocultação muito suspeita em um bispo supostamente católico não faz mais do que atrair ainda mais a atenção sobre seu passado.

Mas o véu começa a se rasgar.

Os elementos que publicamos hoje provêm de **pesquisas da imprensa britânica sobre o ex-anglicano, filho de pastor anglicano, em razão de suas declarações negacionistas provocantes na televisão sueca**.

Essas informações agora são retomadas no **artigo biográfico da Wikipedia** dedicado ao bispo britânico.

Essas informações são essenciais para continuar a delinear a verdadeira personalidade de Monsenhor Williamson, o estranho bispo da Rosa[1] da Fraternidade, seu passado e suas origens, para melhor esclarecer **a ação desse agente do « plano Fabien » que supervisiona a operação de infiltração e de subversão clerical da FSSPX desde sua fundação.**

São as recentes declarações de **sua antiga governanta Sra. Edna Andrews ao *Daily Mail* em 7 de fevereiro de 2009** que, tendo-o conhecido muito bem, dissipam essa densa cortina de fumaça para **revelar alguns detalhes preciosos sobre as origens familiares de Monsenhor Williamson.**

1. Novos elementos biográficos sobre Monsenhor Williamson, por sua governanta durante 20 anos

Monsenhor Richard Williamson nasceu da **união de Mr. Williamson, um protestante escocês, comprador chefe na *Marks & Spencers*, que faleceu em 1987, e de Mme Helen Williamson, que morreu aos 93 anos em 2000, adepta da seita protestante "*Christian Science* ", nascida em Paris de pais americanos abastados**.

No momento de seu encontro, **Mr. Williamson pai era comprador de artigos de lingerie na *Marks & Spencers*, onde terminaria sua carreira frustrado por não ter sido integrado ao Conselho de Direção**, para grande desapontamento de sua esposa, furiosa com seu fracasso.

> « *Segundo ela, foi porque ele não era judeu, lembra Mme Andrews. Eu nunca ouvi Mr. Williamson dizer isso, mas* ***Mme Williamson, por outro lado, não deixava de ressaltar.*** »

A família Williamson viveu no **Buckinghamshire, em uma casa confortável, com a governanta, Mme Edna Andrews, hospedada em seu próprio chalé na propriedade, durante vinte anos até 1977**.

Harry, irmão mais velho de Monsenhor Williamson, trabalha na City de Londres, após uma carreira abreviada na *Marks & Spencers*, e Tom, o mais novo, entrou na indústria cinematográfica na Nova Zelândia.

Mme Helen Williamson era uma « ***mulher de grande caráter*** » que, segundo Mme Andrews,

> « ***fazia as regras na casa*** », « *Mme Williamson era uma grande dama e uma talentosa pianista, mas tinha opiniões muito firmes, assim como Richard, suponho* », declara Mme Andrews.

Richard Williamson, orgulho da família, **obteve uma bolsa para estudar literatura inglesa na Universidade de Cambridge, após ter estudado em Winchester.**

Ele ensinou francês em Gana de 1963 a 1965, e foi professor no St Paul's até 1970.

> *« Brilhante linguista,* ***ele lecionou em outros idiomas além do inglês, incluindo o alemão****. "Williamson foi um mestre muito apreciado, uma espécie de não-conformista que se mergulhava entusiasticamente na vida da escola. Ele foi treinador de remo, animador de clubes de discos e de ópera". "Era, assim como sua mãe, uma pessoa de convicções fortes (...).* ***Essas convicções eram tão fortes que nada saiu como previsto quando ele tentou se tornar sacerdote no Oratório de Brompton, a tal ponto que ele foi embora após alguns meses****. "*

O Oratório de Brompton foi fundado por discípulos de Newman que o seguiram em sua conversão ao catolicismo.

Richard Williamson foi recebido na igreja católica em transformação **por um « *conservador* » Conc**

O Oratório Conciliar de Brompton (Londres), de onde Richard Williamson foi dispensado em 1971.

Segundo Mme Andrews,

> ***« ele pensava em se tornar sacerdote e vivia essencialmente em um pequeno mundo só seu. Ele era o mais bonito dos três irmãos, mas nunca teve uma namorada. Para ser honesta, tenho que dizer que achava que ele era homossexual*****. »**

E **o futuro Monsenhor Williamson forneceu à sua governanta um livro considerado um clássico da literatura erótica:**

> *« Era um garoto tão amável, tão reflexivo e tão compreensivo.* ***Lembro-me da época em que todos os jornais falavam do livro "O Amante de Lady Chatterley". Eu era jovem na época, e disse a ele que não conseguia encontrá-lo em Beaconsfield; então ele me enviou um exemplar de Cambridge****. »*

O *Daily Mail* traz críticas muito severas sobre Richard Williamson:

> *« **“ Ele é terrivelmente vaidoso**; isso se nota nas roupas que usa e no corte de sua batina”, declara uma de suas conhecidas católicas.*
>
> *“ Ele está sempre* ***extremamente elegante e bem vestido, frequentemente rodeado de jovens muito bem cuidados que o veneram. Ele adora ser o centro das atenções****.”*
>
> *E ainda: “****Mas o bispo, descrito como “ inteligentemente arrogante ” por um católico proeminente, tem opiniões provocativas sobre todo tipo de assunto****.”*

2. A doutrina gnóstica da « Ciência Cristã » da qual sua mãe era uma fervorosa adepta

Mary Baker Eddy

De acordo com as próprias palavras de **Mary Baker Eddy**, extraídas de sua obra, ***Manual da Igreja-Mãe, artigos de fé***, a doutrina da "***Ciência Cristã*** " professa o princípio da ***Sola Scriptura***, típico dos protestantes que rejeitam o Magistério da Igreja:

> "*nós tomamos* ***a Palavra inspirada da Bíblia como nosso guia suficiente para alcançar a vida eterna*** ".

A seita também apresenta o pecado como isento de qualquer culpa e responsabilidade do pecador, tratando-se simplesmente de uma "***compreensão espiritual que afasta o mal como irreal*** ".

Essa afirmação implica uma negação implícita do pecado original herdado da culpa de Adão e Eva, pois o pecado original, como mal, é considerado "***irreal*** ".

A doutrina professa o salto pela "***compreensão*** ", o que ilustra **a doutrina gnóstica de salvação pela conhecimento**.

Assim,

>

> "*a crucificação de Jesus e sua ressurreição* ***serviram para elevar a fé até a compreensão da Vida eterna, ou seja, da totalidade da Alma, do Espírito e do nada da matéria*** ".

O Sacrifício da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo não é, portanto, expiatório e redentor pelo resgate dos pecados, mas **torna-se salutar porque proporciona uma "compreensão" das realidades sobrenaturais**.

Nosso Senhor Jesus Cristo é, portanto, apresentado como o "gnóstico" por excelência, aquele cujo conhecimento se elevou mais alto.

Também notamos o desprezo pela **matéria, que é considerada como um "nada"**.

Essa visão gnóstica da salvação e da natureza de Jesus Cristo é característica da doutrina da Ciência Cristã, que enfatiza a importância da compreensão espiritual e da busca do conhecimento divino.

De acordo com a Wikipedia,

> **"*Mary Baker Eddy vê o mal como um 'erro' que pode ser dissipado graças a uma melhor compreensão espiritual.*"**

Essa concepção falsa leva à **afirmação de uma salvação, não pelo perdão dos pecados, resgatados por Nosso Senhor Jesus Cristo e condicionados a uma contrição pelo pecador, mas por uma conhecimento, na linha das doutrinas gnósticas**:

> **"*o homem deve ser inteiramente espiritual e tão perfeito quanto seu criador. Daí se segue que o homem mortal, doente e pecador, tal como aparece aos sentidos físicos, é uma representação falsa do homem, uma concepção material errada do que ele é realmente.*"**
>
> **"*A matéria em si é considerada irreal e uma distorção da verdadeira realidade espiritual, 'não como uma substância criada por Deus, mas como um modo limitado da percepção humana'.*"**

Outro aspecto gnóstico muito revelador é **a doutrina do andrógino**, pois **a "Ciência Cristã" reconhece "em Deus um aspecto masculino e feminino", "Deus o Pai-Mãe"**.

As doutrinas gnósticas, retomadas universalmente pelas seitas iluministas satânicas britânicas R+C dos séculos XIX e XX, ensinando todas mais ou menos a pretensa natureza andrógina de Deus, revelam todas assim suas profundas influências vindas da

cabala judaica, caracterizada precisamente por essas concepções andróginas particularmente perversas e anti-cristãs.

Sabe-se, por exemplo, que **nos anos 1840, um iluminado chamado Louis Ganneau, percorria a *intelligentsia* parisiense romântica, pretendendo ser o avatar encarnado da verdadeira divindade andrógina: o MAPA ou "Mãe-Amor-Pai", noção muito próxima daquela de "Deus, o Pai-Mãe" difundida uma geração mais tarde pela iluminada Marie-Baker-Eddy e sua "Ciência Cristã"**.

"Mapa", pseudônimo de um escultor francês, Ganneau, que fundou em Paris, por volta de 1840, uma seita chamada Evadista (de Eva e Adão). Seu "nome de guerra", Mapa, vinha de *mater* e *pater*_; el eus". [6]

Eliphas Levi

Adicionemos - para melhor perceber a conexão - que **Louis Ganneau foi o "guru" do diácono deposto Louis-Alphonse Constant**, que se tornou o mago R+C Eliphas Levy[7], o qual, após longas estadias na Grã-Bretanha e contatos com o escritor **illuminista satanista britânico Edward Bulwer-Lytton (autor, além do famoso "Os Últimos Dias de Pompeia", do romance famoso "Zanoni" - mago R+C), influenciou profundamente o renascimento das lojas satânicas iluministas R+C britânicas na segunda metade do século XIX, sendo em particular a origem da criação das muito famosas SRIA (Societas Rosicruciana in Anglia) e Golden Dawn (The Hermetic Order of the Golden Dawn of Outer), onde o famoso mago satanista britânico R+C, ex-aluno de Cambridge, Aleister Crowley, começou no ocultismo e satanismo.**

Aleister Crowley

Eliphas Levy faleceu brutalmente (teria sido esfaqueado) em seu oratório no mesmo dia em que Aleister Crowley, o famoso mago satanista britânico, ex-aluno de Cambridge e familiar dos meios mais poderosos do Reino Unido, nasceu. Crowley afirmou durante toda a sua vida ser a reencarnação de Eliphas Levy, o mago que, ex-diácono católico deposto, devia sua "conversão" satanista iluminada inicial ao MAPA andrógino, Louis Ganneau.

Toda a cristologia desta seita "Ciência Cristã" é herética e retoma as teorias heréticas dos III e IV séculos, condenadas várias vezes pelos concílios da Ásia Menor.

O adocionismo ou as teorias nestorianas[8] não estão longe:

> *"O "Cristo" é percebido como **um princípio espiritual que Jesus (o homem) expressou em tal grau que pode ser chamado de "Jesus Cristo".** O mesmo "Cristo", ou consciência divina, estaria presente e ativo em qualquer pessoa disposta a reconhecê-lo, trazendo assim uma melhor compreensão espiritual.".*

E outro aspecto importante para o comentário seguinte,

> ***"A "Ciência Cristã" considera que a doença e todas as outras dificuldades não têm realidade - ou seja, não são criadas por Deus - e portanto podem ser vencidas pela oração:"** "A oração que reforma os*

> *pecadores e cura os doentes é uma fé absoluta no fato de que tudo é possível a Deus - uma compreensão espiritual de Deus, um amor desinteressado."[17]*

Esses aspectos da "Ciência Cristã" ilustram claramente as influências gnósticas e heréticas presentes na doutrina da seita, bem como o foco na cura através da oração e da fé em Deus, como discutido anteriormente.

O sociólogo Vilfredo Pareto, famoso,

> *"vê uma espécie de 'tautologia' nesta abordagem que afirma que 'uma ideia que não existe para a pessoa seria inexistente para ela' e acrescenta que* ***os conceitos como a doença e a morte se impõem de qualquer maneira aos indivíduos, mesmo que procurem escapar deles****. Como consequência, ele vê na* ***'Ciência Cristã' uma religião 'totalmente em guerra contra qualquer pensamento científico'****'[23].*

E Pareto,

> *"vê na 'Ciência Cristã' um exemplo de 'religião combinada com a metafísica mais avançada, que pode ser definida como um tipo de 'hegelianismo bíblico'"* **[12]*. De acordo com o teólogo Richard Bergeron, 'a 'Ciência Cristã' oferece uma visão monista e emanativista do mundo: ensina o caráter ilusório da matéria, que é apenas uma projeção do espírito, e do mal, que é apenas uma projeção da consciência falsa'"[13]. Quanto à obra 'Ciência e Saúde', ele a julga como 'uma estranha mistura de elementos da filosofia de Hegel e Berkeley e da terapia mental de Franz Mesmer e Phineas P. Quimby'"****[14].***

Portanto, é neste universo de doutrinas gnósticas que Dom Williamson foi imerso por sua mãe, que "tinha opiniões muito definidas". E Richard Williamson, "era, assim como sua mãe, uma pessoa com convicções fortes", como afirma sua governanta, Sra. Edna Andrews.

Essas observações sobre a "Ciência Cristã" mostram como a seita tem aspectos gnósticos e conflitos com o pensamento científico, bem como influências de várias fontes filosóficas e espirituais. A formação de Richard Williamson nesse contexto pode ter contribuído para suas convicções fortes e sua visão de mundo posteriormente como bispo.

3. A «Ciência Cristã», religião do Milner Group[9], componente histórico da Round Table britânica

Após destacar os aspectos gnósticos da doutrina da ***Ciência Cristã***, é muito esclarecedor conhecer as conexões históricas intrigantes da seita ***Ciência Cristã*** com a ***Round Table*** **britânica e americana**.

Essas conexões são reveladas - desde 1981 em seu livro que ele quis póstumo "*The Anglo-American Establishment*" - por uma autoridade do mundo universitário americano, o Professor Carroll Quigley (1910-1977), antigo mentor de Henry Kissinger e Bill Clinton na Georgetown University:

> *"The existence of an American Round Table was disclosed in The Anglo-American Establishment by Carroll Quigley, a professor (now deceased) in the School of Foreign Service at Georgetown University and the mentor of President Bill Clinton:*
>
> *"In the middle of 1890s Rhodes had a personal income of at least a million pounds sterling a year (then about $5,000,000) which was spent so freely for his mysterious purposes that he was usually overdrawn on his account. ...These purposes centered on his desire to federate the English-speaking peoples and to bring all the habitable portions of the world under their control. For this purpose Rhodes left part of his great fortune to found the Rhodes Scholarships at Oxford...The power and influence of the Rhodes-Milner group in British imperial affairs and in foreign policy since 1889, although not widely recognized, can hardly be exaggerated...The American branch of this English Establishment extended much of its influence through five American newspapers (The New York Times, New York Herald Tribune, Christian Science Monitor, The Washington Post, and the lamented Boston Evening Transcript)."[10]*

Tradução

> *« No início da década de 1890, a renda pessoal de Rhodes somava, no mínimo, um milhão de libras esterlinas por ano (além dos cinco milhões de libras de descoberto bancário que ele gastava tão facilmente para fins misteriosos. [...] Esses fins estavam relacionados ao seu desejo de federar os povos de língua inglesa e colocar sob seu controle todas as partes habitáveis do planeta. Para esse fim, Rhodes destinou uma grande parte de sua imensa fortuna à fundação das bolsas de estudo Rhodes em Oxford [...] Não se pode exagerar, embora sejam relativamente pouco reconhecidos, o poder e a influência que o grupo Rhodes-Milner exerceu a partir de 1889 sobre os assuntos imperiais e a política externa da Grã-Bretanha [...] A ramificação americana da companhia inglesa estendia uma grande parte de sua influência sobre cinco jornais americanos (o New York Times, o New York Herald Tribune, o Christian Science Monitor, o Washington Post e o lamentado Boston Evening Transcript)*. »**[11]**

Lord Alfred Milner (1854 – 1925)

Outra informação capital revelada por Quigley: a *Ciência Cristã* tornou-se a religião do “ ***Milner Group***”, na morte de Alfred Milner, ou seja, da atual ***Round Table*** britânica, que se esconde por trás da *Société Fabienne*:

> *“We shall generally call the organization the “Rhodes Secret Society” before 1901 and “the Milner Group” after this date, but it must be understood that both terms refer to the same organization” Carroll Quigley, The Anglo-American Establishment, Page 4, GSG & Associates Publishers, 1981*
>
> *“Other writings of Fisher’s resulting from his work with the Milner Group are his “Imperial Administration” in Studies in History and Politics (1920) ; his An International Experiment, dealing with the League of Nations (1921); The Common Weal, dealing with the duties of citizenship (1924); and Our New Religion (1929), dealing with Christian Science. In connection with this last book, it might be mentioned that Christian Science became the religion of the Milner Group after Milner’s death. Amon others, Nancy Astor and Lord Lothian were ardent supporters of the new belief. Christian Science was part of the atmosphere of Cliveden.” Carroll Quigley, The Anglo-American Establishment,*

> *Page 70, GSG & Associates Publishers, 1981*

Tradução

> *« De uma maneira geral, chamamos essa organização de « Sociedade Secreta Rhodes » antes de 1901 e **« Milner Group » após essa data**, mas é importante perceber que esses dois nomes se referem à mesma organização » (**Carroll Quigley**, The Anglo-American Establishment, página 4, GSG & Associates Publishers, 1981).*
>
> *« Outros escritos inspirados em Fischer por sua colaboração com o grupo Milner: « Administração Imperial », que aparece em Studies in History and Politics (1920); Experimento Internacional, que trata da Liga das Nações (1921); The Common Weal, que aborda os deveres do cidadão (1924); finalmente, Nossa Nova Religião (1929), que tem como tema a "Ciência Cristã" (Christian Science). A respeito deste último livro, notamos que **a "Ciência Cristã" tornou-se a religião do grupo Milner após a morte deste**. Nancy Astor e Lord Lothian, entre outros, eram fervorosos adeptos dessa nova crença. A "Ciência Cristã" fazia parte da atmosfera de Cliveden. » (**Carroll Quigley**, The Anglo-American Establishment, página 70, GSG & Associates Publishers, 1981).*

Quando se fala da ***Round Table***, é necessário entender **a imbricação, desde a origem dessa sociedade com o clã Rothschild, que já trabalhava muito estreitamente com Cecil Rhodes, e que participava do financiamento de sua empresa.**

Cecil Rhodes

É muito improvável que Sra. Williamson tenha tido esse nível de relacionamento social com essa sociedade muito fechada da ***Round Table*** e da ***Fabian Society***. Mas, por outro lado, **de suas fortes convicções, o jovem Richard Williamson foi imerso em conceitos e falsas doutrinas que eram amplamente compartilhados pelos círculos muito fechados dessas sociedades mundialistas.**

E é muito mais provável que **seu mentor, Malcolm Muggeridge[12],** que trabalhou de forma próxima no MI6 britânico em Paris, em 1946, com Victor Rothschild[13] e que estava ligado por sua esposa, sobrinha de Beatrice Webb[14], à ***Fabian Society***, **tenha pelo menos estado em contato, senão introduzido, na *Round Table***.

Em seguida, conhecendo a trajetória muito original do jovem Richard Williamson que ingressou na FSSPX em 1972, **Malcolm Muggeridge e os poderosos personagens que ele frequentava, teriam buscado usá-lo como o agente de uma infiltração dentro da obra de Dom Lefebvre? A questão é inquietante.**

Assim como é também inquietante que, após a mundialização de suas provocações negacionistas premeditadas, Dom Williamson não tenha sido de maneira alguma perseguido e que o promotor alemão encarregado do caso não tenha decidido – **ao contrário de sua intenção pública inicialmente declarada** – solicitar oficialmente sua extradição para a Alemanha, logo após Dom Williamson ter ameaçado recorrer à proteção da Câmara dos Lords britânica.

Existiria uma conexão clã Rothschild – Williamson – *Round Table*?

Se essa conexão não está estabelecida, por outro lado a conexão clã Rothschild – *Round Table* está.

Remetemos também, a esse respeito, o leitor ao dossiê de *VM* que retoma a tradução do texto da Sra. Randy Engel sobre os «***Apostles*** », espiões de Cambridge[15] e Victor Rothschild.

4. O discurso de Dom Williamson para absolver Ratzinger-Bento XVI de suas heresias: uma teoria da «Ciência Cristã» aplicada dentro da FSSPX?

O sofisma do « *mentevacantismo* » do qual seria afetado o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, sofisma inventado por Dom Williamson[16], o bispo da Rosa da Fraternidade, seria uma emanação das teorias da seita protestante chamada ***Ciência Cristã*, da qual sua mãe estava impregnada?**

Dom Williamson assimila o « ***ecumenismo*** », **não a uma doutrina e a um método cuja gênese histórica muito racional deve ser estabelecida** (Anglicanos e Conferências de Lambeth, Dom Beauduin, Padre Congar, etc.) **mas sim como uma « *doença mental* »** que teria contaminado as mentes como um vírus ou uma patologia:

> ***« As pessoas hoje estão impregnadas de ecumenismo, estão impregnadas da ideia de que a verdade não tem importância.»***

Em seguida, essa suposta « *doença* » – **que assim exime oportunamente a responsabilidade da pessoa** que é declarada afetada – **é considerada incurável**:

> *« as pessoas estão muito doentes. Quando você está diante de um enfermo muito doente, há um tratamento forte que você gostaria de lhe dar, **mas você não pode porque ele está muito doente** »,*

o que equivale a negar a contribuição de um argumento e de um trabalho de pesquisas teológicas e históricas sobre a questão.

É assim que a Igreja sempre combateu a heresia. **Ela nunca falou da « *doença* » de Ário, mas especificou a falsidade das teses e as condenou, assim como condenou a pessoa de Ário, considerando-o plenamente responsável por sua doutrina herética.**

Há anos, Dom Williamson se esforça para espalhar na FSSPX a teoria pueril e intrigante, para um antigo fellow de Cambridge, de um « ***espírito doente de Bento XVI*** ».

De acordo com o bispo da Rosa da fraternidade, o espírito de Ratzinger estaria de fato « ***mal orientado*** », « ***torcido*** », **não devido ao seu kantismo filosófico, mas porque estaria « *doente* », o que o impediria de ver a verdade, e, portanto, o inocentaria de suas abomináveis heresias:**

> *« As pessoas hoje estão impregnadas de ecumenismo, estão impregnadas da ideia de que a verdade não tem importância. Todas as religiões que fazem você se sentir bem são consideradas boas, portanto banir qualquer religião é injusto e desleal, é "não legal", vai contra a ideia de ser "legal", de ser "humano". Você dificilmente pode banir hoje, porque isso não será aceito. É um exemplo, como você dizia, de se adaptar ao seu público. Então você não poderia dizer isso hoje, as pessoas estão muito doentes. Quando você está diante de um enfermo muito doente, há um tratamento forte que você gostaria de lhe dar, mas você não pode porque ele está muito doente. Algumas pessoas estão doentes demais para poderem passar pela operação de que precisam; a operação as mataria. É preciso fazer algo que as pessoas possam receber, hoje em dia não se pode dizer à maioria das almas as verdades que elas podem "digerir". »*[17] Dom Williamson, 12 de junho de 2008

Dom Williamson **formula muito explicitamente esse sofisma em uma entrevista à *The Angelus*,** sendo as declarações registradas por *Stephen L.M. Heiner:*

> *“Because modern minds are very sick, as minds, and Benedict XVI has a modern mind, like millions and millions of modern people, including churchmen, around him.*
>
> *Firstly, in what does the sickness consist, and secondly, how can Benedict XVI not be aware of it?*
>
> *The sickness consists in believing that there is no fixed, objective truth which absolutely excludes error. For example, I may believe that 2 and 2 are 4, but I will believe that they can also be 5 or 6 or 600,000 or whatever. The “truth” is*

> *what my mind makes it. But the mind is made for objective truth like lungs are made for oxygen, so just as lungs without external oxygen are sick to death, so a mind with no external truth is sick to death."[18] Dom Williamson, 2 octobre 2006*

Tradução

> *« Os espíritos modernos estão muito doentes, e Bento XVI tem um espírito moderno, como milhões e milhões de modernistas ao seu redor, incluindo clérigos.*
>
> ***Primeiro, em que consiste essa doença? Em seguida, como pode Bento XVI estar ciente disso?***
>
> *Essa doença consiste em acreditar que não existe uma verdade fixa e objetiva que exclua absolutamente o erro. Assim, eu posso acreditar que dois e dois somam quatro, mas também que podem ser cinco ou seis ou até 600.000 ou qualquer outro número. A "verdade" é o que, na verdade, minha mente faz dela. Mas a mente é feita para a verdade objetiva, assim como os pulmões são feitos para o oxigênio; por isso, uma mente sem verdade externa está tão mortalmente doente quanto estariam pulmões sem oxigênio. »*[19] (Dom Williamson, 2 de outubro de 2006).

Bento XVI seria modernista porque teria « ***o espírito doente*** »?

Então, bastaria que ele « ***se curasse*** » de sua ***« doença*** » para se tornar um papa que professa a pura doutrina católica.

Não é isso a aplicação direta das teorias gnósticas de Sra. Mary Baker Eddy sobre a cura proporcionada pela "*Ciência Cristã*"?

Assim, vemos como essa apresentação falaciosa e idealista da realidade por Dom Williamson, em oposição ao método realista de verdade da Igreja, permite evitar que os verdadeiros problemas sejam levantados e as verdadeiras responsabilidades sejam denunciadas: **ela inocenta o padre apóstata-Ratzinger-Bento XVI de suas heresias abomináveis e o isenta de suas responsabilidades pessoais e de sua vontade obstinada de subverter todos os Dogmas Católicos e erradicar a verdadeira Fé Católica da face da terra.**

A posição do bispo da Rosa da Fraternidade sobre essa questão crucial, portanto, apresenta analogias profundas **com as falsas teorias gnósticas da Sra. Mary Baker Eddy**, que considera que o mal – assim como a doença – seria simplesmente ***« irreal*** », e que poderia ser « ***curado*** » pela oração, entendida como uma « ***espiritualização do pensamento*** » que possibilitaria dissipar esse mal ou essa doença, os quais estariam no domínio da « *ilusão* » ou do « *erro* ».

Essa abordagem do modernismo da Igreja Conciliar pela teoria da « ***doença*** » permite muito convenientemente a Dom Williamson afastar, com um simples gesto, os necessários trabalhos de estudos e de argumentação lógica que deveriam expor com rigor e clareza os erros, para assim poder confundi-los melhor.

É muito significativo comparar a abordagem de Dom Tissier, que disseca teologicamente e racionalmente o pensamento herético do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI (conferência de 11 de novembro de 2007 e artigo do ***Sel de la terre*** n° 67), com a de Dom Williamson, que não produz qualquer tipo de início de estudo teológico científico e rigoroso e **que propaga incansavelmente o discurso absurdo da soi-disante « *doença* » dos espíritos modernistas, discurso particularmente desmobilizador em relação a esses trabalhos tão necessários, embora tão tediosos.**

Essa comparação é muito reveladora e bastante acusatória para o bispo da Rosa da FSSPX, que aparece hoje como **o elo muito ativo, mas não declarado, das elucubrações da Sra. Mary Baker Eddy dentro da própria FSSPX, para melhor desmobilizá-la diante das seduções e dos ataques insidiosos do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, repetidos dentro da própria Fraternidade por seus numerosos clérigos cúmplices infiltrados.**

Seu sermão das ordenações de Écone de 2007 foi típico a esse respeito, e é alarmante que, segundo nossas fontes, **o ingênuo e um tanto ignorante Dom Fellay, tão cheio de si, tenha se deixado enganar – sem dúvida por essas razões – o que o levou a pronunciar um elogio ao britânico, discípulo de Malcolm Muggeridge, durante o jantar que se seguiu.**

O que não fariam crer ao ignorante Dom Fellay, uma vez que visivelmente ele não estuda nada, exceto as línguas vivas?

5. Perguntas aos três outros bispos sagrados por Dom Lefebvre em 1988

Com base nos elementos FACTUAIS que *VM* não cessa de acumular: sobre as origens de Dom Williamson (pai - pastor anglicano, mãe - adepta da "Ciência Cristã", discípulo do ex(?)-Fabiano Malcolm Muggeridge, protetor, ordenante e promotor de clérigos predadores-estupradores homossexuais, etc.), **o Dom Lefebvre teria escolhido o padre Richard Williamson como candidato ao episcopado?**

Se Dom Lefebvre tivesse aprendido ESTES FATOS após as sagrações, teria mantido Dom Williamson dentro da FSSPX?

Os clérigos e os fiéis que conheceram Dom Lefebvre sabem que ele não teria – **ao contrário de Dom Fellay, que, por sua inação voluntária obstinada, se torna agora o CÚMPLICE ATIVO de Dom WILLIAMSON – permanecido inerte em relação a revelações tão surpreendentes.**

Ele teria **investigado pessoalmente e, após a confirmação dos fatos, teria tomado decisões radicais.**

Por que, então, **nem Dom Fellay, nem Dom Tissier de Mallerais, nem Dom de Galarreta, se atrevem a se levantar para defender o rebanho católico que lhes foi confiado, e, portanto, para questionar e denunciar publicamente o bispo da Rosa, Dom Williamson, o infiltrado n° 1 na Fraternidade São Pio X desde 1972 junto a Dom Lefebvre, e exigir sua expulsão?**

Por que uma tal passividade culpada que agora coloca em perigo a FSSPX, considerando que o escândalo de Dom Williamson ultrapassou todos os limites?

Enquanto esse bispo britânico, ex-anglicano, sente **a infiltração do iluminismo britânico anti-cristão a céu aberto?**

Os três bispos estão esperando que seja Deus mesmo quem intervenha para pôr fim brutal a esse escândalo sem precedentes?

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2009 virgo-maria.org

Anexos

Anexo 1 – Trechos traduzidos de um artigo do Daily Mail

Trechos traduzidos de um artigo do *Daily Mail* de 6 de fevereiro de 2009, publicando as revelações da antiga governanta de Mgr Williamson

http://www.dailymail.co.uk/news/article-1137162/Does-outcast-bishop-denies-Holocaust-grudge-M-S.html

O bispo reprovado que nega o Holocausto ***tem uma mágoa contra a Marks & Spencer[20] ?***

por GEOFFREY LEVY

Última atualização: 6 de fevereiro de 2009 às 08h06

Helen Williamson, que morreu aos noventa e três anos, era uma mulher encantadora e compromissada com a moral cristã, que ia regularmente à igreja e era muito amada por seus vizinhos.

Muitos deles estavam, aliás, presentes em seu funeral, celebrado na igreja de Santa Maria em Beaconsfield, no Buckinghamshire. Um momento marcante da cerimônia foi a leitura, por seu filho mais velho Harry, da breve história de sua vida, que ela mesma havia escrito.

Nascida em Paris de pais americanos ricos, ela se casou com um inglês que, na época, era comprador de artigos de meia na Marks & Spencer. Em seguida, estabeleceu-se no Buckinghamshire e criou três filhos que estavam destinados a ter sucesso na vida. Tudo isso é muito respeitável até aqui.

Mas, neste dia, entre os fiéis, erguia-se a alta silhueta de seu filho mais novo Richard, bispo católico, aquele que acabou de fugir da Argentina.

Ele foi recebido calorosamente por velhos amigos, como Edna Andrews, que havia sido a governanta da família durante vinte anos e que o viu crescer, depois fazendo a alegria da família ao conseguir uma bolsa para estudar literatura inglesa na Universidade de Cambridge.

Naquele dia de verão de 2000, (...).

(...) Sra. Andrew, de ascendência escocesa e com a idade de oitenta e um anos na época, reconheceu ter ficado chocada com algumas declarações de Richard.

« É tão triste, declarou ela. Ele era um garoto tão reflexivo, que vinha tomar café e conversar comigo. Eu não entendo o que aconteceu com ele. »

(...)

Acúmulo de ressentimentos

(...)

Mme Andrews contou uma curiosa história. Ela viveu, portanto, na casa dos Williamson, em Beaconsfield, onde moravam em uma bela casa, e tinha sua própria casa de campo na propriedade. O dinheiro, disse ela, « vinha principalmente de Mme Williamson, que era filha única e cujo pai – trabalhando na indústria do couro – fabricava selas de bicicleta, entre outros objetos ».

Seus pais americanos haviam se estabelecido em Paris, onde se encontravam durante a ocupação alemã.

Durante quase toda a sua vida ativa, Sr. Williamson, escocês protestante, trabalhou como comprador na Marks & Spencer, uma empresa com fortes raízes judaicas. Ele era talentoso e trabalhava duro, por isso foi promovido a comprador chefe na sede da companhia na Baker Street.

Mas, para consternação de sua esposa, uma mulher de grande caráter que, segundo Mme Andrews, « fazia a lei na casa », ele nunca foi convidado a fazer parte do conselho de administração. « Segundo ela, foi porque ele não era judeu, lembra Mme Andrews. Eu nunca ouvi o Sr. Williamson dizer isso, mas Mme Williamson não deixava de enfatizar. »

Para agravar a situação, Harry, o filho mais velho, havia se juntado ao pai como funcionário da Marks & Spencer, na Baker Street. (Tom, o caçula, deveria entrar na indústria cinematográfica e emigrar depois para a Nova Zelândia.)

« Eu me lembro daquele dia em que Harry entrou em uma terrível raiva e bateu a porta da entrada com força, declara Mme Andrews. Não lhe deram a promoção que ele achava que merecia. Sua mãe não teve dúvidas: ela disse que, se ele não a obteve, foi porque ele era goy. »

Harry deixou a famosa empresa da High Street e encontrou um emprego na City, mas o ressentimento de sua mãe contra a Marks & Spencer nunca deveria diminuir.

Esse ressentimento era tão intenso que, quando seu marido se aposentou da Marks & Spencer, aos sessenta anos, ela recusou o convite da empresa para o coquetel organizado na sede, durante o qual M. Williamson deveria receber uma bandeja de prata como presente de despedida.

« Mme Williamson era uma grande dama e uma pianista talentosa, mas tinha opiniões muito firmes, assim como Richard, eu suponho », declara Mme Andrews.

« Francamente, não acho que ele se preocupasse muito com o que acontecia na carreira profissional de seu pai e de seu irmão. Na época, ele pensava em se tornar padre e vivia essencialmente em um pequeno mundo só dele. Ele era o mais bonito dos três irmãos, mas nunca teve uma namorada. Para ser honesta, devo dizer que acreditava que ele era homossexual. »

« A Noviça Rebelde é um filme pornográfico »

(…)

Mas o bispo, descrito como « inteligentemente arrogante » por um eminente católico, tem opiniões provocativas sobre todos os tipos de assuntos.

Assim, segundo ele, o uso de calças por mulheres constituiu « uma ofensa à sua feminilidade », e o feminismo estaria « intrinsecamente ligado à feitiçaria e ao satanismo ».

Quanto à frequência da universidade por mulheres, ela se insere, segundo ele, « no contexto geral do ataque massivo contra a natureza de Deus, que caracteriza nossa época ». Estranhamente, ele também descreve o filme A Noviça Rebelde como sendo uma « marshmallow pornográfico que apodrece as almas ».

Ele escreveu: « Podemos imaginar que essa Julie Andrews continuaria com o Capitão se o casamento deles deixasse de ter seu charme? Ela não se divorciaria levando os filhos embora para transformá-los em seus brinquedos? Esse tipo de filme romântico não é propriamente pornográfico, mas é virtualmente pornográfico; em outras palavras, contém todos os elementos da pornografia, prontos para se manifestar. »

(…)

Ele descreve « a mentalidade de ter compaixão pelos homossexuais e um profundo pesar por Lady Di » como parte da « apostasia de nosso tempo ».

É quase assustador pensar que esse homem é produto da melhor educação que a Inglaterra pode oferecer, mas também que ele lecionou em St. Paul's, uma de nossas « public schools » mais renomadas.

Depois de Winchester School e Cambridge, ele lecionou brevemente no Gana. Então, em setembro de 1965, chegou a St. Paul's, onde foi professor durante cinco anos.

Brilhante linguista, ensinou em outros idiomas além do inglês, incluindo o alemão.

« Terrivelmente vaidoso »

Ontem, nessa escola, todos ficaram estarrecidos, ou até mesmo um pouco perplexos, com a reviravolta que os eventos tomaram. Pois, embora não houvesse mais nenhum dos

contemporâneos do interessado lá, a consulta aos registros e ao diário da instituição mostra que Williamson foi um mestre muito apreciado, uma espécie de não-conformista que se mergulhava entusiasticamente na vida escolar. Ele foi treinador de remo, organizador de clubes de discos e ópera, e quando circulava a notícia na escola de que ele iria falar em um clube de discussão, a sala estava cheia.

« O interesse não se devia tanto ao humor irônico com que ele apimentava suas intervenções – destaca o jornal da escola em um artigo de despedida escrito no momento da partida do interessado para o sacerdócio, em 1970 – mas à originalidade e sinceridade de suas convicções, que ele sustentava com firmeza, expressava de forma incisiva e defendia com maestria. Mesmo aqueles que percebiam os preconceitos subjacentes a algumas de suas opiniões nunca duvidaram dessa sinceridade ». É bastante interessante notar que, além do brilho, os preconceitos de Williamson foram assim notados.

Mas ele era, assim como sua mãe, um ser de convicções firmes (anos mais tarde, deveria declarar que o Papa João Paulo II, que o excomungara, não entendia « muito sobre o catolicismo »). Essas convicções eram, aliás, tão fortes que nada aconteceu como o planejado quando ele tentou se tornar padre no Oratório de Brompton, a tal ponto que ele abandonou após alguns meses.

Foi então que ele encontrou Lefebvre, que o ordenou em sua seita na Suíça. Com essa ordenação, Williamson saltou do protestantismo de seu pai (sua mãe era uma cientista cristã) para o conservadorismo católico extremo.

À medida que os anos passavam, enquanto trabalhava no Canadá, nos Estados Unidos, na França e, mais recentemente, como reitor de um seminário na pequena cidade argentina de La Reja, suas opiniões continuavam a se radicalizar e suas manias a se definir.

Como ele encontrou um público mais amplo graças à Internet, onde tem seu blog, e às entrevistas de televisão, sua atitude mudou significativamente.

« Ele é terrivelmente vaidoso; isso é perceptível nas roupas que ele usa e no corte de sua batina », declara uma de suas conhecidas católicas.

« Ele está sempre extremamente elegante e bem vestido, frequentemente cercado por jovens muito bem cuidados que o veneram. Ele adora ser o centro das atenções ».

« Problemas com sua sexualidade »

Outros questionam sua percepção, para dizer o mínimo estranha, de filmes românticos, como A Noviça Rebelde.

Um inglês, católico de longa data, declara: « É manifestamente um homem muito irritado, pronto para reagir ao menor sinal de provocação. Já faz tempo que tenho dúvidas sobre sua sexualidade, pois ele exala veneno sempre que é mencionada a homossexualidade. Ele está absolutamente obcecado por qualquer forma de desvio sexual. »

Tudo isso entristece a antiga governanta dos Williamson, que deixou a família para se casar em 1977 e atualmente é viúva.

« Isso não parece de forma alguma o Richard que conheci, diz ela. Ele era um garoto tão gentil, tão reflexivo e tão compreensivo. Lembro-me da época em que todos os jornais falavam do livro O Amante de Lady Chatterley. Eu era jovem naquela época e lhe disse que não conseguia adquiri-lo em Beaconsfield; então ele me enviou um exemplar de Cambridge.

« E quando seu pai morreu em 1987, deixando-lhe um pouco de dinheiro (7.000 libras esterlinas), ele me escreveu uma carta charmosa à qual estava anexo um cheque representando metade desse valor.

« Isso me lembrou uma conversa que tivemos um dia em que ele havia voltado de Cambridge e me perguntou se eu achava que ele seria um bom padre. Eu respondi: “Não, porque você foi criado com uma colher de prata na boca”. Ele apenas riu. »

(…)

Assim como na época em que lecionava em St. Paul’s, Richard Williamson está convencido do que diz, (…)

Anexo 2: Artigo da Wikipedia sobre a seita da Ciência Cristã[21]

Ver artigo

Anexo 3: Dossiê das Referências Virgo Maria sobre o ex(?) Anglicano Britânico da FSSPX Dom Richard Williamson à Rosa

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-30-A-00-Lettre_du_Pere_Jean.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-26-A-00-Signes_union_Rome_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-29-A-00-Abbe_Schmidberger_prone_ralliement.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-26-A-00-Avrille_menace_Abbe_Schoonbroodt.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-28-A-00-Mgr_Williamson_et_les_9.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-26-A-00-Etats-Unis_Williamson_Angles.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-B-00-Lettre_des_neuf.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-22-B-00-Mgr_Williamson_disparait_d_Argentine.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-22-A-00-Pere_de_Mgr_Williamson_Pasteur_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-16-A-00-Mgr_de_Galarreta_compromis.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-09-A-00-Mgr_Fellay-protege-Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-01-E-00-Hoyos_au_secours_de_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-25-A-00-Decret_21_janvier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-23-A-00-Mgr_Williamson_Roberts.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-21-A-00-Sodomie_et_St_Pierre_Damien.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-09-A-00-Doctrine_sur_homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-A-00-Williamson_Camarilla.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-05-A-00-Abbe_Cekada_repond_Mgr_W.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-02-A-00-Diversion_de_Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-03-A-00-Abbe_Meramo-RC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-02-A-00-Mgr_Williamson_Blason_de_Luther.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-06-A-00-Hoyos_ment.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09_20-A-00-VM_Pages_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-18-A-00-Williamson-Loup.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-A-00-Williamson-Diaporama.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/006_2007/VM-2007-06-06/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier.htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Rore_refute_l_abbe_Calderon_2.pdf

http://rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-04-24-FR_Refutation_de_l_abbe_Calderon.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-B-00-Mgr_Williamson_tente_de_desarmorcer_VM_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-A-00-Abbe_Cekada_reordinations_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-28-A-00-Abbe_Cekada_refute_abbe_Calderon_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-B-00-Mgr_Williamson_Omission_d_Avrille_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-09-A-00-Hoyos_Versailles.pdf

Referências

[1] **Veja no final do artigo a lista das referências eletrônicas de estudos factuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?)-Anglicano da FSSPX, Dom Richard Williamson, o bispo britânico à Rosa da Fraternidade São Pio X e sobre seu poder de subversão estratégica dentro da Fraternidade.**

[2] Veja o anexo a esta mensagem.

[3] Cf. « *The Anglo-American Establishment* » (1981) por Carroll Quigley (1910-1977),

Professor de História Política (Harvard, Princeton, Georgetown University), historiador (e membro) do ***Council on Foreign Relations (CFR)***, autor do famoso « ***Tragedy and Hope: a Modern History of our World*** ». que, em seu livro publicado em 1981, **que ele desejava póstumo**, **foi o primeiro historiador da *Round Table* britânica de Oxford, que reunia de imediato – sob uma forma « *discreta* » – as maiores potências financeiras britânicas, que foi constituída, em torno de Cecil Rhodes, por Lord Milner, Lord Balfour, Lord Rothschild, Lord Astor e alguns outros**.

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-26-A-00-Signes_union_Rome_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-29-A-00-Abbe_Schmidberger_prone_ralliement.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

[4] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-26-A-00-Signes_union_Rome_Anglicans.pdf**

[5] **http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

[6] http://books.google.fr/books?id=_tNfDo24ZrkC&pg=PA29&lpg=PA29&dq=mapa+Ganneau&source=bl&ots=X6cqfWEPA4&sig=nMF1fWO5CoMxJDUv-ahIUgkj1TA&hl=fr&ei=-RMTSsj1M9zKjAfnn7CxBA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1#PPA30,M1

[7] http://www.answers.com/topic/eliphas-levi

[8] É interessante observar que são justamente essas heresias cristológicas que são expressas e enfatizadas na nova forma sacramental essencial, sacramentalmente radicalmente inválida (cf. www.rore-sanctifica.org), da consagração episcopal « *ecumênica* » Conciliar, totalmente inventada por seus idealizadores Dom Botte-Lécuyer-Bugnini, e imposta em 18 de junho de 1968 a toda a Igreja de rito latino pelo bispo apóstata Montini-Paulo VI, e que continua em vigor desde então no interior da « *ecumênica* » igreja Conciliar apóstata.

[9] **Cf. « *The Anglo-American Establishment* » (1981) por Carroll Quigley (1910-1977),**

Professor de História Política (Harvard, Princeton, Georgetown University), historiador (e membro) do ***Council on Foreign Relations (CFR)***, autor do famoso « ***Tragedy and Hope: a Modern History of our World*** ». que, em seu livro publicado em 1981, **que ele desejava póstumo**, **foi o primeiro historiador da *Round Table* britânica de Oxford, que reunia de imediato – sob uma forma « *discreta* » – as maiores potências financeiras britânicas, que foi constituída, em torno de Cecil Rhodes, por Lord Milner, Lord Balfour, Lord Rothschild,**

Lord Astor e alguns outros.

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-26-A-00-Signes_union_Rome_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-29-A-00-Abbe_Schmidberger_prone_ralliement.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

[10] http://watch.pair.com/roundtable.html

[11] http://watch.pair.com/roundtable.html

[12] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

[13] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf**

[14] Fundadora oficial, junto com seu esposo Sidney, em 1884, da Fabian Society.

[15] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf**

[16] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-18-A-00-Williamson-Loup.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-A-00-Williamson-Diaporama.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

[17] http://qien.free.fr/2008/200806/20080612_mgr.williamson.interview.htm

[18] http://qien.free.fr/2006/200610/20061002_williamson.htm

[19] http://qien.free.fr/2006/200610/20061002_williamson.htm

[20] Rede britânica de grandes magazines.

[21] http://fr.wikipedia.org/wiki/Science_chrétienne

ANGLICANISMO E IGREJA ROMANA

A SUBVERSÃO DA IGREJA CATÓLICA PELO ANGLICANISMO

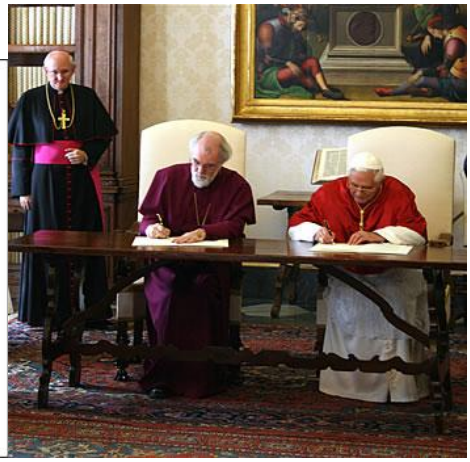
PÈRE VAN DE POLE N°2 EM 1967

Um importante estudo de 1967, por um professor da Universidade Católica de Nimègue

Sexta-feira, 25 de maio de 2007

- INTRODUÇÃO
- O SIGNIFICADO DO MOTU PROPRIO TRIDENTINO À LUZ DO ANGLICANISMO. DE ROMA A CANTERBURY PASSANDO POR CHARTRES?
- APARENTEMENTE, NINGUÉM NOTOU DESDE HÁ MESES UMA IGNORÂNCIA ESTONTEANTE DA QUESTÃO ANGLICANA POR PARTE DO PADRE LORANS
- O ANGLICANISMO: UM LABORATÓRIO TRABALHANDO NA SUBVERSÃO DA IGREJA CATÓLICA DESDE O SÉCULO XIX
- CAPÍTULO II - O ANGLICANISMO E A IGREJA ROMANA
  - INTRODUÇÃO
  - I. AS CONFERÊNCIAS DE 1867 E 1878
  - II. A CONFERÊNCIA DE 1888 E A INFALIBILIDADE
  - III. A CONFERÊNCIA DE 1897 E AS ORDENAÇÕES ANGLICANAS
  - IV. A CONFERÊNCIA DE LAMBETH DE 1908
  - V. A CONFERÊNCIA DE 1920 E O APELO DE LAMBETH
  - VI. A CONFERÊNCIA DE 1930 E AS CONVERSAÇÕES DE MALINES
  - VII. A CONFERÊNCIA DE LAMBETH DE 1948
  - VIII. MELHORIA DAS RELAÇÕES DESDE 1949

INTRODUÇÃO



O *Motu Proprio* Tridentino antes do *Indulto* Anglicano para « D. » Hepworth?
Ratzinger, o homem do *Motu Proprio* anunciado é o executor do Plano Anglicano-Rosacruz
De Roma a Canterbury passando por Chartres?

Confirmando a 'falsa' confidência (suprimida) do padre de Tanoüarn no *Forum Catholique*, *Le Figaro* de 25 de maio de 2007 cita o mesmo padre Pozetto, ao qual se referia com constrangimento o padre do Centro Saint-Paul, e revela que um comunicado está pronto para uma possível publicação do *Motu Proprio* no Pentecostes. O Figaro confirma assim nossas informações, onde o considerávamos ao retomar, nomeadamente, as informações do *Times Anglican*.

UMA IGNORÂNCIA ESTONTEANTE DA QUESTÃO ANGLICANA POR PARTE DO

PADRE LORANS

Começamos a publicação dos trechos importantes do **livro fundamental « *A Comunhão Anglicana e o Ecumenismo de acordo com os documentos oficiais* » do *Père Van de Pole* em 1967 sobre o ecumenismo e o papel chave que o Anglicanismo desempenhou (remetemos às seções[1] muito documentadas que o CIRS dedicou ao Anglicanismo na biblioteca digital de seu site. Os documentos ali presentes são muito frequentemente difíceis de encontrar)**.

Após publicar o **capítulo 1** que trata da **importância ecumênica do Anglicanismo**, agora compartilhamos o **capítulo 2** que expõe as **relações entre o Anglicanismo e a Igreja Romana** .

Este texto é muito importante para compreender a ação do padre Ratzinger à frente da **Igreja conciliar que agora se pode qualificar de Igreja neo-Anglicana**.

---

[1] e também http://www.rore-sanctifica.org/biblio-num-14.html

O SIGNIFICADO DO MOTU PROPRIO TRIDENTINO À LUZ DO ANGLICANISMO. DE ROMA A CANTERBURY PASSANDO POR CHARTRES?

A próxima publicação anunciada do ***Motu Proprio*** (Pentecostes 2007? *Le Figaro* de 25 de maio[2] parece anunciá-la. Em nossa mensagem VM de 24 de maio de 2007, já havíamos mencionado[3] isso e agora somos convidados a aprofundar este estudo das redes Anglicanas e de sua ação determinante sobre o Vaticano ocupado por um **usurpador apóstata anticristo**.

E isso ainda mais porque **os círculos Anglicanos estão muito ligados às altas lojas maçônicas britânicas do iluminismo Rosacruz.**

É à luz desses elementos que se pode compreender melhor a subversão do *Motu Proprio* e o projeto de *« reforma da reforma »* que visa capturar a FSSPX, **a obra de D. Lefebvre de Salvaguarda do verdadeiro Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido**, em uma armadilha digna da sutileza da subversão anglicana.

Lembramos que mencionamos em nossa mensagem VM[4] de 24 de maio de 2007 a qualidade da informação do *Times* e a **minuciosidade com a qual esse órgão do Anglicanismo acompanha de perto a questão do *Motu Proprio*** e as tentativas de Ratzinger de tomar o controle da FSSPX dirigida por D. Fellay.

Em 3 de janeiro de 2007, também escrevemos:

> **« Um estudo de 1967**, elaborado por um professor da Universidade Católica de Nimègue
>
> **« A Comunhão anglicana como protótipo da 'Igreja futura'**

> É absolutamente aterrador que textos como os do **Padre Van de Pol nunca (até onde sabemos) tenham sido objeto de estudos e comentários pelos monges e teólogos da Tradição desde sua publicação em 1967, ou seja, há já 40 anos!**
>
> Este documento oferece uma perspectiva sobre o ecumenismo e apresenta as consequências inevitáveis que decorrem da *praxis* ecumênica. Ele destaca toda a importância do papel do anglicanismo na criação da reunião das Igrejas que dará origem a uma « ***Comunhão*** » **denominada « *Igreja futura* »**.
>
> Trata-se, na realidade, da realização concreta da estrutura que será o vetor da religião universal tão preparada pelas lojas maçônicas.
>
> **Como é possível que a revista *Le Sel de la terre*, dirigida pelo Padre Pierre-Marie (Geoffroy de Kergorlay), nunca tenha publicado estudos sobre o papel fundamentalmente subversivo desempenhado pelo modelo da Comunhão anglicana para o projeto ecumênico como tem sido incansavelmente perseguido há mais de 50 anos pelo que se tornou a Igreja conciliar?**
>
> Este documento é assinado pelo Padre Van de Pol, doutor em teologia, professor na Universidade Católica de Nimègue. Intitulado « *A Comunhão Anglicana e o Ecumenismo de acordo com os documentos oficiais* », é prefaciado por D. Willebrands e traduzido do neerlandês por um Padre beneditino. » Mensagem VM de 3 de janeiro de 2007

---

[2]

http://www.lefigaro.fr/france/20070525.FIG000000219_messe_en_latin_les_pelerins_de_pentecote_dans_l_attente.html

« À vésperas dos peregrinares de Pentecostes, os "tradis" esperam ansiosamente a liberalização do rito tridentino (…)

ALLELUIA ou « *digitus in oculo usque ad cudam* » ? À vésperas dos peregrinares tradicionalistas de Pentecostes entre Paris e Chartres, os católicos ligados à missa tridentina em latim dividem-se entre a esperança, o fatalismo e a ironia. O *motu proprio*, esse texto de Bento XVI que virá liberalizar o rito antigo, já deveria ter sido publicado há mais de um ano. Ele ainda é esperado hoje. No site leforumcatholique.org, destinado ao "tradiland", um certo Corvex não sabe mais « se deve rir, chorar ou bater a cabeça nas paredes ».

Nos últimos dias, porém, apoiando-se em declarações recentes do cardeal Castrillon Hoyos - encarregado do relacionamento com os tradicionalistas - os rumores voltaram a correr. O texto de algumas páginas, acompanhado para os bispos de uma carta explicativa, seria publicado antes do final de maio. Bento XVI daria aos apenas párocos a responsabilidade de aceitar ou não uma missa

tridentina em sua paróquia, e o texto não diria nada sobre os lefebvristas.

Dessa forma, alguns se permitem sonhar novamente. Capelão da peregrinação da Cristandade que celebra este ano seus vinte e cinco anos (Paris-Chartres, em comunhão com Roma), o padre François Pozetto se alegra. **Um comunicado está até pronto, caso seja necessário**. *« Seria formidável! A expectativa é tão grande do lado de nossos peregrinos... »*

Se o texto for publicado como esperam, a atmosfera deverá estar bem positiva. Tanto mais que os organizadores esperam uma forte participação. Olivier de Durat, presidente de Notre-Dame de Chrétienté, anuncia cerca de 7.000 peregrinos, uma centena de seminaristas e tantos padres. O bispo de Chartres, Michel Pansard, os acolherá na segunda-feira para uma missa solene. » Sophie de Ravinel, *Le Figaro*, 25 de maio de 2007

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-24-A-00-Rumeurs_Motu_Pentecote.pdf

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-D-00-Van_de_Pole_1_c.pdf

APARENTEMENTE, NINGUÉM NOTOU DESDE HÁ MESES UMA IGNORÂNCIA ESTONTEANTE DA QUESTÃO ANGLICANA POR PARTE DO PADRE LORANS

Não só a revista ***Le Sel de la terre*****, sob a direção do antigo Anglicano (variante metodista) D. Williamson, nunca estuda o Anglicanismo**, como também descobrimos com espanto uma ignorância incrível sobre esses círculos por parte do padre Lorans.

Cada um pode constatar a ignorância total do padre Lorans nas questões anglicanas.

O Diretor de Comunicação da FSSPX afirma que as cinco conversas de Malines, iniciadas por Lord Halifax e o Cardeal Mercier (1923-1925), teriam parado devido à condenação das ordenações anglicanas, enquanto tal condenação foi pronunciada em 1896 por Leão XIII na sua Bula *Apostolicae Curae*.

> *« Padre Lorans – Houve aproximações no início do século XX, o que se chamou de conferências de Malines entre Lord Halifax e o Cardeal Mercier, e depois o movimento de Newman, e quando houve a declaração de que as ordenações não eram válidas entre os anglicanos, isso marcou, as conversas tiveram que parar... Os suecos seguiram esses movimentos? »****[5]* **Padre Lorans, 29 de julho de 2006**

Abbé Lorans – Avez-vous des relations avec les Anglicans et spécialement avec la High Church ?

Pasteur Sandmark – J'ai visité quelques monastères anglicans et j'ai un bon ami qui est prêtre dans la High Church au Canada. Lorsque je suis allé le voir, nous avons vécu ensemble des choses très intéressantes : nous avons annoncé par voie de presse que nous allions célébrer la grande messe suédoise à Calbury et, quand nous l'avons célébrée, l'église était pleine de suédois canadiens. Pour la première fois depuis 70 ans, ils avaient la messe solennelle telle qu'on la pratique en Suède, issue du catholicisme traditionnel. Il faut bien comprendre que la messe traditionnelle de l'Eglise suédoise est très très similaire à la messe de saint Pie V, avec les chants grégoriens.

Abbé Lorans – Il y a eu des rapprochements au début du XXe siècle, ce que l'on a appelé les conférences de Malines entre Lord Halifax et le Cardinal Mercier, et puis le mouvement de Newman, et quand il y a eu la déclaration que les ordinations n'étaient pas valides chez les anglicans, cela a marqué, les conversations ont dû s'arrêter... Les Suédois ont-ils suivi ces mouvements ?

Pasteur Sandmark - Oui, j'ai suivi cela. Lorsque j'ai rendu visite à cet ami au Canada, nous sommes allés dans une petite chapelle des Montagnes Rocheuses où nous avons rencontré un prêtre catholique irlandais. Il nous a demandé d'où nous venions. Quand mon ami lui a dit qu'il était anglican, il lui a répondu : « Vous n'avez donc pas la succession apostolique ! ». Il m'a posé la même question et je lui ai dit que je venais de l'Eglise luthérienne suédoise : « Oh vous, vous avez la succession apostolique ! » s'est-il alors écrié.

Ceci, c'était la position du prêtre irlandais. Mais j'ai étudié plus à fond les relations entre l'Eglise catholique et l'Eglise anglicane et je pense que l'Eglise suédoise est exactement dans la même position que l'Eglise anglicane : je suis certain que nous n'avons pas la succession apostolique. C'est la question la plus difficile que j'ai eu à résoudre. Quand j'ai découvert de manière certaine que j'avais été floué, que la messe que je célébrais n'avait pas la transsubstantiation et que, durant l'élévation, avec l'encens, j'ai dû me dire : « Oh ma succession n'est pas valide ! Ce n'est donc pas la messe ! », ce fut pour moi extrêmement difficile.

Image not found or type unknown

De fato, a condenação das Ordens Anglicanas ocorreu em 1896 sob o Papa Leão XIII, enquanto as conversas de Malines ocorreram entre 1923 e 1925 sob o Papa Pio XI.

Portanto, não foi a notícia da condenação das Ordenações Anglicanas que, como sugere o padre Lorans, teria ocorrido em 1925 e encerrado as conversas de Malines. **O antigo diretor do Instituto Universitário São Pio X e do seminário internacional de Ecône comete um anacronismo de 30 anos em uma questão crucial para a compreensão da situação atual!**

No entanto, essa grave questão foi amplamente debatida e exposta, especialmente pelos trabalhos do Comitê Internacional *Rore Sanctifica* desde **há quase 12 meses antes da entrevista do padre Lorans**.

Desde o início de 2005, o site CSI-Diffusion, tanto criticado pelos padres de Suresnes, já havia destacado e enfatizado o papel fundamental dos Anglicanos na Revolução dentro da Igreja.

---

[5] – Rubrica 'Documentos' e depois entrevista com o Pastor Sandmark de julho de 2006.

O ANGLICANISMO: UM LABORATÓRIO TRABALHANDO NA SUBVERSÃO DA IGREJA CATÓLICA DESDE O SÉCULO XIX

Portanto, compartilhamos com vocês este capítulo n°2 do livro do Padre Van de Pole que expõe as relações entre o Anglicanismo e a Igreja Romana. A leitura desses relatórios é essencial para compreender a subversão da Igreja Católica pelo Anglicanismo.

Esse histórico das conferências de Lambeth revela como, nos círculos Anglicanos, são elaborados os princípios que depois subverterão a Igreja Católica durante o Concílio Vaticano II.

Um ponto importante:

> **« A posição anglicana resulta mais da aceitação dos princípios fundamentais da Reforma. No entanto, esses princípios foram conscientemente aliados à abertura, tipicamente anglicana, a todas as contribuições, antigas ou modernas, do humanismo e do estudo científico das fontes. Estas incluem, em primeiro lugar, a Sagrada Escritura, mas também os escritos dos Pais da Igreja, os decretos dos Concílios da Igreja indivisa, os livros litúrgicos e todas as outras fontes onde podem ser aprendidos « os verdadeiros fundamentos da Igreja de Deus ».**
>
> ***Resulta que a Igreja anglicana nunca se deu ao trabalho de precisar bem o conteúdo da fé. Ela sempre manteve uma distinção muito clara***

> ***entre o conteúdo central e essencial da fé apostólica e a elaboração teológica detalhada, entre os dados imutáveis e permanentes e a interpretação teológica de seu valor passageiro, insuficiente e transitório. Ela sempre manifestou aversão às especulações abstratas distantes dos fatos solidamente estabelecidos*** » Padre Van de Pol, 1967

Nesta descrição da Igreja Anglicana, vemos o retrato da Igreja conciliar sob o governo do padre Ratzinger. O « conteúdo da fé » desse apóstata é, no mínimo, vago, o que permite todas as ambiguidades e o reinado do erro.

Continuemos a boa luta

Padre Michel Marchiset

CAPÍTULO II - O ANGLICANISMO E A IGREJA ROMANA

A COMUNHÃO ANGLICANA E O ECUMENISMO: SEGUNDO DOCUMENTOS OFICIAIS

W. H. VAN DE POL
Doutor em teologia, professor na universidade **católica** de Nimègue
Prefácio por D. Willebrands
Tradução do neerlandês por Dom André Renard, **O.S.B.**
Editora du Cerf, 29, bd Latour-Maubourg, Paris **1967**

N.T.: Discordamos do autor do texto em muitos pontos, porém muitas informações fornecidas no documento são fundamentais para entender o problema.

INTRODUÇÃO

Nossa análise do anglicanismo contemporâneo se concentrará, em primeiro lugar, em sua atitude em relação a Roma, conforme expressa nos relatórios das Conferências de Lambeth.

A escolha deste ponto de partida justifica-se pelo fato de que o anglicanismo só começou a se desenvolver em uma forma particular de cristianismo, com uma fisionomia própria, **a partir da ruptura entre Roma e Canterbury**[6].

O observador imparcial dificilmente pode decidir qual das duas partes rompeu com a outra: foi Canterbury? Foi Roma? É provável que ele pense que ambas as partes tiveram sua cota de responsabilidade na ruptura. O mesmo se aplica a outras rupturas: a de Roma e Constantinopla, a de Roma e a Reforma, e também a de Roma e a comunidade velho-católica. Em todos esses casos, as Igrejas separadas culpam Roma pelo peso total da responsabilidade por ter lançado a excomunhão, enquanto Roma, por sua vez, está convencida de que a excomunhão foi provocada pelas outras partes e que era plenamente justificada.

Não se pode negar que a ruptura entre Roma e Canterbury trouxe mudanças profundas na Igreja da Inglaterra e que, a muitos aspectos, constituiu um verdadeiro começo. Antes dessa ruptura, *a Ecclesia anglicana*, a Igreja da Inglaterra, estava em comunhão com a Sé de Roma, em perfeito acordo com a Igreja do Ocidente em todos os domínios da doutrina, liturgia, prática eclesiástica, espiritualidade, vida religiosa, direito canônico e língua eclesiástica.

Apesar da ênfase na continuidade com a Igreja anterior à Reforma, **a Igreja da Inglaterra se desenvolveu, após a ruptura com Roma, nessa nova forma de cristianismo que se denomina anglicanismo**. Isso permitiu que a Reforma desempenhasse um papel mais importante no anglicanismo e deixasse marcas incomparavelmente mais profundas do que alguns grupos, tanto dentro quanto fora do anglicanismo, pensam e reconhecem.

Uma coisa nos surpreende imediatamente ao empreendermos a análise da atitude anglicana conforme expressa nos relatórios de Lambeth. De fato, **a Igreja de Roma nunca é chamada de Igreja Católica**. Isso não deve nos surpreender. **A Igreja da Inglaterra e as outras Igrejas da Comunhão Anglicana se renunciariam, se identificassem a Igreja de Roma com a Igreja Católica, colocando-se assim fora dela. Elas concordam nesse ponto com todas as outras Igrejas**, tanto do Oriente quanto do Ocidente, que não estão em comunhão com a Sé Apostólica, pois não acham que devem aceitar as pretensões particulares dessa Sé.

Nos rapports de Lambeth, a Igreja em comunhão com Roma é geralmente designada pelas expressões « Igreja romana » ou « Igreja de Roma ». Os Relatórios de 1897, 1908 e 1920 preferem o título de « Comunhão latina »; os de 1930, 1948 e 1958, a denominação « Igreja católica romana ».

Essa **incerteza na terminologia** revela uma busca e um gropamento para encontrar **o lugar** que, segundo a concepção anglicana, pode ser **atribuído sem inconveniente à Igreja de Roma entre as outras Igrejas.**

É importante para a compreensão exata do anglicanismo observar que essa questão terminológica não se cruza com a que divide Constantinopla e Roma, ou seja, qual das duas é a autêntica Igreja, isto é, qual é a única Igreja católica. Uma questão semelhante não pode ser levantada no anglicanismo. De fato, segundo a eclesiologia anglicana, **nenhuma Igreja particular tem o direito de se considerar a única Igreja autêntica, pois todas as comunidades de batizados são verdadeiras Igrejas, desde que a Palavra de Deus seja anunciada e que os sacramentos do batismo e da Ceia sejam administrados nelas**. Além disso, **nenhuma Igreja neste mundo pode ser chamada de « verdadeira » Igreja, no sentido de Igreja infalível, isenta de erro, e de Igreja perfeita, sem mancha ou ruga**. Na terminologia anglicana, a expressão « verdadeira Igreja » designa uma Igreja « real » ou « autêntica ». A rigor, só há uma única « verdadeira » Igreja, a saber, a Igreja que está edificada sobre o fundamento lançado pelos Apóstolos. É suficiente saber que a Igreja à qual se pertence, in casu a Igreja anglicana, pertence a essa verdadeira, autêntica e real Igreja apostólica de Cristo.

O artigo 1º do direito eclesiástico anglicano, em sua revisão de 1959, declara que

a Igreja da Inglaterra (...) pertence à verdadeira Igreja apostólica de Cristo e, conforme o que exige nosso dever em relação a esta Igreja da Inglaterra, estabelecemos e ordenamos que nenhum de seus membros terá a faculdade de sustentar ou afirmar o contrário[7].

Essa declaração parece ser um aviso direcionado a certos anglo-católicos romanizantes que, às vezes, dão a impressão de ver na Igreja da Inglaterra pouco mais do que uma simples expressão ou uma ramificação da Igreja católica.

No vocabulário anglicano, as expressões « Igreja católica » ou « Igreja universal » abrangem toda a comunidade de todos os cristãos crentes e batizados. Edificada sobre Cristo, seu único fundamento, ela é, devido ao pecado e à inclinação ao erro dos homens, *by schisms rent asunder, by heresies distrest*, como canta um hino (« dilacerada pelos cismas, afligida pelas heresias »). É por isso que ela sempre precisa de reforma e renovação, segundo o adágio dos reformadores: *ecclesia reformata semper reformanda*, **uma Igreja reformada sempre precisa de uma nova reforma.**

---

[6] Veja acima p. 35.

[7] «A Igreja da Inglaterra ... pertence à verdadeira e apostólica Igreja de Cristo; e, como nosso dever para com a mencionada Igreja da Inglaterra exige, nós constituímos e ordenamos que nenhum membro dela terá liberdade para manter ou manter o contrário». (Canon *Law Revision 1959*, Londres, 1960, p. 2.)

I. AS CONFERÊNCIAS DE 1867 E 1878

Em breve, um século terá se passado desde a realização da primeira Conferência de Lambeth em 1867. Cerca de uma centena de bispos anglicanos participaram. Desde o início dessa Conferência, surgiu diante dos olhos dos bispos reunidos **a visão da unidade, finalmente restaurada, de todos os cristãos**. As forças de coesão que haviam unido as Igrejas do anglicanismo em uma Comunhão anglicana deveriam, com o tempo, se expandir para círculos cada vez maiores, até que um dia **toda a cristandade** recebesse novamente o dom de Deus, « o dom rico em bênçãos da Unidade na Verdade ». Assim se expressava a primeira carta pastoral coletiva que foi dirigida pelo episcopado da Comunhão anglicana, reunido em 1867, « aos fiéis em Cristo Jesus, aos sacerdotes, diáconos e leigos da Igreja de Cristo em comunhão com a **ramificação anglicana da Igreja católica** ».

Já nesta primeira encíclica, discutiu-se a atitude em relação a Roma, mas de forma puramente negativa:

> *Nós vos exortamos instantes a vos guardardes, vós e os vossos, das superstições crescentes e das outras adições pelas quais a verdade de Deus tem sido obscurecida ultimamente. É o caso, em particular, da **pretensão à soberania universal sobre a herança de Deus que o Sede de Roma reclama para si**, assim como da **elevação de fato da Bem-Aventurada Virgem Maria ao posto de mediadora no lugar de seu Filho divino**, e a oração a ela como se fosse alguém que intercede entre Deus e os homens. Preservai-vos de tais coisas, rogamos-vos, sabendo bem que Deus ciumento não dá sua honra a ninguém mais**[8]**.*

A encíclica publicada pela segunda Conferência de Lambeth em 1878 expressa-se de maneira análoga em relação à Sé de Roma:

*O fato de que em tantas Igrejas e comunidades cristãs ao redor do mundo se levanta uma protestação solene contra **as usurpações da Sé de Roma**, bem como contra as doutrinas novas promulgadas por sua autoridade, é um motivo de reconhecimento ao Deus todo-poderoso. A simpatia da Igreja anglicana vai para as Igrejas e os fiéis que protestam contra esses erros e que, às vezes, suportam dificuldades particulares tanto devido aos ataques da incredulidade quanto às pretensões de Roma.*

Reconhecemos apenas um único Mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que está acima de todas as coisas, Deus eternamente. Rejeitamos como contrária às Escrituras e à verdade católica toda doutrina que pretenda subtrair à Majestade divina algo da plenitude da bondade que reside nele (Cristo) e que deu um valor infinito ao sacrifício imaculado que ele ofereceu uma vez por todas, na Cruz, pelos pecados do mundo inteiro.

Por isso, é nosso dever sinalizar aos fiéis que o ato realizado pelo bispo de Roma, no Concílio Vaticano no ano de 1870 – ato pelo qual, com base em uma ***pretendida infalibilidade****, ele se arrogou uma supremacia sobre todos os homens em matéria de fé e moral – é uma invasão das prerrogativas do Senhor Jesus Cristo****[9]***.

Embora a questão da união com Igrejas não anglicanas não tenha sido ainda debatida durante a segunda Conferência de Lambeth, a ideia de fixar um dia de oração pela unidade dos cristãos foi proposta. A encíclica de 1878 terminava expressando a esperança de que os cristãos do mundo inteiro tomassem conhecimento de seu conteúdo e manifestassem sua opinião sobre ele:

Não pretendemos ser os mestres da herança de Deus. No entanto, recomendamos os resultados desta Conferência à consideração de nossos irmãos, iluminados pelo Espírito Santo de Deus. E pedimos na oração que todos aqueles que, espalhados pelo mundo, invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, possam ser um em espírito, possam estar unidos em uma ***fellowship****, possam guardar firmemente a fé que foi transmitida aos santos, e que adorem seu único Senhor em um espírito de pureza e amor****[10]***.

---

[8] «Além disso, pedimos que se protejam a si mesmos e aos seus contra as crescentes superstições e adições com as quais, nestes últimos dias, a verdade de Deus foi sobreposta; como de outra forma, especialmente pela pretensão à soberania universal sobre a herança de Deus afirmada pela Sé de Roma, e pela exaltação prática da Bem-Aventurada Virgem Maria como mediadora em lugar de seu Divino Filho, e pelo endereçamento de orações a ela como intercessora entre Deus e o homem. De tais coisas, cuidem, pedimos-lhe, sabendo que o Deus ciumento não entrega Sua honra a outro" (*The Six Lambeth Conferences*, Londres, 1920, p. 50).

[9] «O fato de que um protesto solene seja levantado em tantas Igrejas e comunidades cristãs em todo o mundo contra as usurpações da Sé de Roma e contra as novas doutrinas promulgadas por sua autoridade é motivo de agradecimento ao Deus Todo-Poderoso. Toda simpatia é devida da Igreja Anglicana às Igrejas e indivíduos que protestam contra esses erros e que, talvez, estejam enfrentando dificuldades especiais devido aos ataques da descrença, assim como pelas pretensões de Roma.

«Reconhecemos apenas um Mediador entre Deus e o homem - o Homem Cristo Jesus, que está acima de todos, Deus bendito para sempre. Rejeitamos, como contrário às Escrituras e à verdade católica, qualquer doutrina que estabeleça outros mediadores em Seu lugar, ou que diminua a Majestade Divina da plenitude da Divindade que habita Nele, e que conferiu um valor infinito ao Sacrifício imaculado que Ele ofereceu, uma vez por todas, na Cruz pelos pecados de todo o mundo.

«Portanto, é nosso dever advertir os fiéis que o ato realizado pelo Bispo de Roma, no Concílio Vaticano, no ano de 1870 - pelo qual ele afirmou uma supremacia sobre todos os homens em

questões de fé e moral, com base em uma suposta infalibilidade - foi uma invasão dos atributos do Senhor Jesus Cristo » (Ibid., p. 94).

[10] «Não afirmamos ser senhores da herança de Deus, mas recomendamos os resultados desta nossa Conferência à razão e à consciência de nossos irmãos, conforme iluminados pelo Espírito Santo de Deus, orando para que todos, em todo o mundo, que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo possam estar unidos em um só pensamento, possam estar unidos em uma só comunhão, possam manter a Fé uma vez entregue aos santos, e adorar seu único Senhor em espírito de pureza e amor». (Ibid., p. 98).

II. A CONFERÊNCIA DE 1888 E A INFALIBILIDADE

A atitude da Comunhão anglicana em relação à Igreja de Roma tomou uma direção mais ecumênica pela primeira vez durante a terceira Conferência de Lambeth em 1888. O contexto foi o relatório sobre a *Home-reunion* (reunião interna no mundo de língua inglesa). Esse relatório foi apresentado pela primeira das três comissões designadas no início da sessão para relatar as relações já existentes ou a serem estabelecidas com diversas Igrejas cristãs ao redor do mundo. Foi o primeiro verdadeiro esforço ecumênico de grande escala desde a desunião das Igrejas[11].

Com grande pesar, a comissão foi da opinião de que, nas circunstâncias atuais, é ***sem utilidade tratar da questão da união com nossos irmãos da Igreja romana****. Ela percebe, de fato, que qualquer proposta nesse sentido não seria considerada pelas autoridades dessa Igreja sem uma submissão total da nossa parte às* ***pretensões de autoridade absoluta****, e uma* ***aceitação dos outros erros, doutrinais e disciplinares****, contra os quais fomos obrigados a protestar por três séculos por fidelidade à Palavra de Deus e aos verdadeiros princípios de Sua Igreja***[12]**.

Essa citação fornece um ponto de partida de grande interesse. Foi redigida com termos escolhidos intencionalmente e com cuidado. Ela evoca claramente e sem rodeios **o princípio e o critério que determinam a atitude em relação a Roma**. Sem dúvida, os relatórios de Lambeth demonstrarão a presença, entre os bispos da Comunhão anglicana, de uma crescente atenção à possibilidade de uma aproximação entre Cantorbéry e Roma. No entanto, não se deve concluir que as Igrejas anglicanas estão, por sua parte, modificando suas posições de princípio.

Tanto dentro das Igrejas anglicanas quanto fora delas, há uma opinião de que não haveria nada em comum entre as duas rupturas: aquela que separou Cantorbéry e Roma, e aquela que dividiu a Reforma e a Igreja de Roma. Essas duas rupturas seriam de natureza totalmente diferente e, portanto, seria necessário descobrir entre elas apenas uma coincidência mais ou menos acidental. Tal visão tem o duplo defeito de contrariar a realidade histórica e de impossibilitar a compreensão dos motivos profundos e das intenções reais que inspiram as declarações e propostas anglicanas. É verdade que, devido ao seu maior respeito pela realidade histórica, as Igrejas anglicanas apresentam uma semelhança exterior mais marcante com a Igreja de Roma do que outras Igrejas da Reforma. Não se segue, como o próximo capítulo mostrará, que elas devem ser classificadas entre as Igrejas de «tipo católico».

Pode-se observar a presença, nas Igrejas anglicanas, de vários pontos externos que, ausentes nas outras Igrejas da Reforma, aparentam uma semelhança com a Igreja de Roma. No entanto, uma investigação teológica mais atenta revela que esses pontos de semelhança recebem das autoridades oficiais do anglicanismo uma interpretação que **se baseia em uma concepção das**

Escrituras, do Evangelho e da fé cristã (conscientemente ou não) em perfeita harmonia com os princípios fundamentais da Reforma.

Isso não é bem compreendido sem um conhecimento suficiente da natureza, da mentalidade, da atitude interior e da espiritualidade da Reforma. Sem uma certa familiaridade com o protestantismo continental, os anglicanos nem sempre percebem **o quanto eles são «protestantes»**.

A interpretação evangélica e reformada dos pontos de semelhança com as Igrejas "católicas" se impõe especialmente a quem negligencia as opiniões particulares em favor das declarações oficiais.

Alguns observadores católicos romanos concluem, erroneamente, que os anglicanos carecem de princípios, lógica e até mesmo de boa fé. Esse julgamento baseia-se em um equívoco, causado pelos defensores de posições extremas tanto dentro quanto fora do anglicanismo. De fato, os anglo-católicos mais avançados, assim como os protestantes mais radicais, negam à Igreja anglicana a sua estreita relação com a Reforma.

Voltemos agora ao trecho do relatório de Lambeth de 1888 que se refere à Igreja Católica. Nele, há um duplo rejeição.

A primeira rejeição diz respeito à **"pretensão romana à autoridade absoluta"**. **O anglicanismo compartilha essa postura com todas as outras Igrejas não romanas.**

O que pode não ser imediatamente aparente é que essa rejeição se dirige tanto a qualquer outra Igreja que reivindique para si mesma ou para sua confissão uma autoridade exclusiva e absoluta.

Essa rejeição anglicana deve ser compreendida à luz de uma tradição secular que começa com as duas apologias clássicas de Jewel (1562) e de Hooker (1594)[13]. Seguem-se os inúmeros tratados do século XVII, a era de ouro da teologia anglicana, onde floresceram **os teólogos carolinos** (*Caroline Divines*). Finalmente, atualmente, numerosas publicações defendem o ponto de vista anglicano autêntico contra possíveis desvios, seja no lado protestante ou católico-romano.

O recurso à tradição anglicana revela que o motivo principal para a rejeição de qualquer pretensão à autoridade absoluta reside na **convicção firme de que a autoridade absoluta pertence exclusivamente à "santa Palavra de Deus" que fala nas Escrituras Sagradas.**

O anglicanismo não nega que, iluminada pelo Espírito Santo, a Igreja tenha, na prática e em termos essenciais, desfrutado de uma certa "infallibilidade" na pregação da Palavra de Deus e na proclamação do testemunho dado a Cristo pelas Escrituras. O que nega é que essa infalibilidade exista sempre ***per se***, ou que as autoridades eclesiásticas possam reivindicar essa infalibilidade como uma qualidade que lhes pertence por si mesmas. A infalibilidade reside sempre na Palavra de Deus e deve sempre ser referida a ela.

A concepção dos reformadores sobre o lugar e o papel da Palavra de Deus, viva, criadora e em todas as coisas exclusivamente determinante, era compartilhada pelos teólogos anglicanos clássicos[14]. Nesse aspecto, a teologia anglicana também parte do princípio da ***sola Scriptura***,

entendido em seu sentido original e positivo.

Consequentemente, **o anglicanismo não reconhece a nenhuma hierarquia eclesiástica, nem a uma declaração oficial, o direito de pretender uma autoridade infalível e absoluta. Nesse ponto crucial, o anglicanismo não se alinha definitivamente com as Igrejas de tipo "católico": nem com a de Constantinopla, nem com a de Roma.**

A posição anglicana resulta mais da aceitação dos princípios fundamentais da Reforma. No entanto, esses princípios foram aliardos conscientemente à abertura, tipicamente anglicana, a todas as contribuições, antigas ou modernas, do humanismo e do estudo científico das fontes. Essas incluem, em primeiro lugar, as Sagradas Escrituras, mas também os escritos dos Pais da Igreja, os decretos dos Conselhos da Igreja indivisa, os livros litúrgicos e todas as outras fontes onde se pode aprender "os verdadeiros fundamentos da Igreja de Deus".

Resulta daí que a Igreja anglicana nunca se deu ao trabalho de precisar bem o conteúdo da fé. Ela sempre manteve uma distinção muito clara entre o conteúdo central e essencial da fé apostólica e a elaboração teológica avançada em seus detalhes, entre os dados imutáveis e permanentes e a interpretação teológica de seu valor passageiro, insuficiente e transitório. Ela sempre manifestou repugnância a especulações abstratas distantes dos fatos solidamente estabelecidos.

O anglicanismo sempre manteve sua abertura a correções e novos pontos de vista. Ele vive de uma série de legados acumulados: o legado da Igreja indivisa, o legado do humanismo, o legado da Reforma do século XVI, e aquele que é constituído por tudo o que os séculos posteriores transmitiram de experiências inéditas e de noções renovadas.

O apelo à tradição não significa que esta seja, no anglicanismo, uma fonte distinta, igual ou superior à Escritura. No entanto, para quem deseja formar uma opinião bem fundamentada sobre o que a Escritura quer dizer quando fala das formas que a vida cristã assumiu progressivamente ao longo dos primeiros séculos, somente a tradição permite ver qual foi o papel da Palavra de Deus desde as origens na disciplina da Igreja.

Semelhante respeito pela antiguidade e mesmo apreciação dos "verdadeiros princípios da Igreja de Deus" também se encontram nos escritos dos Reformadores do século XVI, notadamente em Melanchton, Bucer e Calvino, e, nos séculos posteriores, em Hugo de Groot (Grotius), por exemplo, e em todos os teólogos que possuem uma vasta erudição teológica e um conhecimento das fontes da antiguidade cristã.

Desde seus primórdios, a Reforma lidou com uma tensão entre os líderes e o povo. Movimentos fanáticos e outros correntes extremistas surgiram do povo que se deixava levar pelo **desgosto por tudo o que podia lembrar o papismo abominável**. Instintos populares desse tipo continuam sua ação oculta e se expressam a todo momento na Inglaterra no slogan *No popery*. Diante de tais formas de extremismo, os reformadores anglicanos, assim como os do continente, sempre se reivindicaram da tradição da Igreja antiga e do sentimento comum dos Pais.

O que se ouve frequentemente afirmar, hoje em dia, é que o anglicanismo se distingue do cristianismo proveniente da Reforma por seu recurso à autoridade normativa da antiguidade na

interpretação da Escritura em questões relacionadas à organização eclesiástica, aos ministérios e à liturgia. Em realidade, o recurso à autoridade normativa da antiguidade não é de forma alguma característico do anglicanismo. Não pode ser usado para distingui-lo das Igrejas oriundas da Reforma. Não permite classificá-lo entre as Igrejas que, por sua concepção de autoridade e por sua atitude em relação à Escritura e à tradição, são completamente estranhas ao anglicanismo autêntico dos documentos oficiais.

O texto de 1888, citado acima, expressava também uma segunda recusa. Além das pretensões a uma autoridade absoluta, rejeitava ainda "outras erros tanto teóricos quanto práticos". Esses erros não são citados nominalmente no texto. No entanto, é importante que nos representemos claramente a natureza e a importância dos erros aqui mencionados.

Os bispos reunidos certamente tiveram em mente, em prioridade, **os erros romanos que são condenados pelos 39 Artigos da Igreja da Inglaterra**. Esses *Artigos da religião*, às vezes ironicamente chamados de *artigos de divisão*, são considerados por alguns anglicanos como um documento obsoleto, vestígio de uma época passada. Não obstante, o direito eclesiástico anglicano, revisado em 1959, considera-os uma fonte autorizada da doutrina professada pela Igreja da Inglaterra:

> *Artigo A, 5: A doutrina da Igreja da Inglaterra baseia-se nas Sagradas Escrituras e nos ensinamentos dos antigos Pais e dos Concílios da Igreja que estão de acordo com essas Escrituras. Esta doutrina se expressa particularmente nos* 39 Artigos de religião*, no* Livro de Oração Comum* e no Ordinal**[15]**.

Perguntemo-nos quais são os ensinamentos e as práticas que são rejeitados pelos 39 Artigos como erros da Igreja romana.

Os artigos 9 a 21, inclusivamente, condenam de forma indireta diversos ensinamentos relacionados ao pecado original, ao livre-arbítrio, à justificação, às boas obras, ao pecado cometido após o batismo, à eleição e à predestinação, à obtenção da salvação eterna, à Igreja e à autoridade na Igreja. Todas essas doutrinas são consideradas como erros romanos. **Sobre todos esses pontos, o anglicanismo se posicionou, com plena convicção e perfeita consciência, ao lado da Reforma, contra a Igreja de Roma.** Sem dúvida, às vezes se buscou mostrar que esses artigos fundamentais podem ser interpretados de uma maneira que se conforma às declarações e ao ensino do Concílio de Trento. Mas se essa interpretação fosse válida, se concluiria que a doutrina da Reforma também se alinharia, nesses pontos fundamentais, com a da Igreja de Roma. Não se deve, no entanto, concluir que as Igrejas anglicanas se posicionam ao lado da Igreja de Roma, pois a doutrina dos artigos 9 a 21 é uma doutrina puramente reformada. Retornaremos a esse ponto no próximo capítulo.

É a partir do artigo 22 que **os erros romanos** aparecem claramente designados. Este artigo é intitulado "do Purgatório". Aqui está a tradução:

> *A doutrina romana sobre o purgatório, as indulgências, o culto e a adoração tanto das imagens quanto das relíquias, e também a invocação dos santos, é algo frívolo, uma ideia quimérica e desprovida de fundamento nas Escrituras e que é, na verdade, contrária à Palavra de Deus***[16]**.

A devoção ao sacramento da Eucaristia que se desenvolveu na Idade Média é rejeitada no final do artigo 25:

> *Os sacramentos não foram instituídos por Cristo para serem contemplados e transportados, mas para que os utilizemos como convém***[17]**.

A doutrina da transubstanciação é rejeitada no artigo 28: "Da Ceia do Senhor":

> ***A transubstanciação (ou a mudança da substância do pão e do vinho) na Ceia do Senhor não pode ser provada pela Sagrada Escritura. Ela é contrária às claras expressões da Escritura, destrói a essência do sacramento e gerou muitas superstições[18]***.

O mesmo artigo termina declarando mais uma vez que "o sacramento da Ceia do Senhor não foi destinado, pela instituição de Cristo, a ser reservado, transportado, elevado ou adorado"[19].

Por fim, o artigo 31, em termos contundentes, se posiciona **de maneira clara com a Reforma continental contra a doutrina romana do sacrifício da missa:**

> *A oferta de Cristo feita uma única vez é essa perfeita redenção, propiciação e satisfação por todos os pecados do mundo, originais e atuais. E não há outra satisfação para o pecado que não seja essa. É por isso que os sacrifícios das missas, nos quais se dizia comumente que o sacerdote oferecia Cristo pelos vivos e pelos mortos, para obter a remissão da pena ou da culpa, eram fábulas blasfematórias e enganosas perigosas*[20].

A semelhança da Reforma continental, o anglicanismo viu na celebração da "Ceia do Senhor" um ofício de comunhão (the Holy Communion). **A Ceia é o memorial da morte na Cruz do Filho único de Deus, Jesus Cristo**, que, como diz o Cânon anglicano, *por meio da oferta de si mesmo feita uma única vez, ali (na Cruz) cumpriu um sacrifício, uma oblação e uma satisfação plenas, perfeitas e suficientes, pelos pecados do mundo inteiro, e que instituiu, e recomendou em seu santo Evangelho que continuássemos, um memorial perpétuo dessa preciosa morte até que ele retorne***[21]**.

Frequentemente, recorre-se a esse texto litúrgico para provar o caráter sacrificial do ofício anglicano de comunhão. Isso nos obriga a perceber que **é a noção reformada de sacrifício que predomina aqui**. De fato, o sacrifício consiste, nesta liturgia, principalmente, em louvor e ações de graças, e secundariamente, em uma consagração geral de si mesmo a Deus. A oração anglicana após a comunhão pede, de fato, a Deus para "aceitar este sacrifício de louvor e ações de graças" e, mais adiante: "Oferecemos e apresentamos, Senhor, a nós mesmos, nossa alma e nosso corpo, em um sacrifício razoável, santo e vivo"[22].

O anglicanismo opôs à doutrina e à prática da Igreja romana uma nova concepção do caráter sacrificial da Ceia. Essa nova concepção destaca a suficiência do sacrifício de Cristo, no sentido de que a Missa **não pode, em hipótese alguma, ter um caráter propiciatório** e que, muito menos, pode ser considerada um sacrifício no sentido verdadeiro e próprio da palavra[23].

O Dr. Carpenter, atualmente bispo de Oxford, publicou em 1955 uma nova edição revisada do excelente comentário de Bicknell sobre os *39 Artigos*. De acordo com este comentário, o artigo 31 não rejeitaria a doutrina do sacrifício eucarístico, mas condenaria apenas os abusos populares comuns nesse domínio[24]. O mesmo se aplicaria aos abusos condenados nos outros artigos mencionados anteriormente.

O comentário trata de cada um dos artigos, fazendo esforços meritórios, por um lado, para absolver a Igreja católica dos erros que lhe foram imputados erroneamente, e por outro lado, para enfatizar que o sentido original dos *39 Artigos* é católico. Assim, faz-se anteceder do título “o sacrifício eucarístico” o sexto parágrafo do capítulo que trata dos Artigos relacionados à sagrada comunhão. O caráter sacrificial da sagrada Eucaristia é literalmente mantido e é concebido de uma forma mais "católica" do que os autores dos *39 Artigos* teriam desejado. Pode-se ver aí a marca de uma **evolução progressiva da teologia anglicana na direção do catolicismo**. **Considerando-se, além disso, o desenvolvimento recente da teologia sacramental dentro da Igreja católica, pode-se falar de uma aproximação.**

Não obstante, o comentário de Bicknell e Carpenter continua a ser adversário das declarações do Concílio de Trento sobre a missa, embora não pareça ignorar as divergências que existem nesse campo entre os teólogos católicos. Carpenter não tem objeções a fazer à concepção que vê na missa uma representação do sacrifício da Cruz até o retorno de Cristo. No entanto, ele nega explicitamente que o sacrifício da missa seja "vere propitiatorium" e um "verum et proprium sacrificium". O autor também reconhece **que deve-se buscar na diferença das interpretações do caráter sacrificial da missa uma das principais razões que motivaram a declaração de 1896 sobre a invalidez das ordenações anglicanas:**

> ***O recente rejeição por Roma de nossas ordenações (orders) baseia-se na nossa recusa em aceitar uma doutrina que vê na Eucaristia um sacrifício que se acrescenta àquele do Calvário. A protestação levantada pelo nosso artigo manterá toda a sua atualidade enquanto essa doutrina continuar a ser ensinada, por mais refinada que seja a sua forma*[25].

Sairia do escopo deste capítulo aprofundar a diferença que, segundo os artigos citados, separa Roma e Canterbury. O objetivo do presente capítulo se limita, de fato, a expor a atitude oficial da Comunhão anglicana em relação à Igreja de Roma.

Quanto ao relatório de 1888, é útil indicar para finalizar que a encíclica de introdução estabelece uma comparação entre a Igreja do Oriente e a Igreja latina:

> *Constatamos com gratidão que (do lado do Oriente) não se ergue nenhum dos obstáculos que bloqueiam o caminho para a comunhão com os latinos: nem a promulgação do dogma segundo o qual a infalibilidade da Igreja se concentra na pessoa do Sumo Pontífice, nem a doutrina da Imaculada Conceição, nem qualquer outro dos dogmas impostos por decreto de concílios papais. A Igreja de Roma sempre tratou sua irmã do Oriente de forma injusta. Ela envia seus bispos como intrusos nos antigos dioceses e continua a aplicar um método de proselitismo ativo***[26]**.

---

[11] O relatório da comissão tem o título: «Relatório do Comitê nomeado para considerar quais passos (se houver) podem ser tomados corretamente em Nome da Comunhão Anglicana em direção à Reunião dos Vários Corpos nos quais o Cristianismo das raças de língua inglesa está dividido» (Cf. Ibid., pp. 156 e ss).

[12] «O Comitê, com profundo pesar, sentiu que, nas circunstâncias atuais, era inútil considerar a questão da Reunião com nossos irmãos da Igreja Romana, estando dolorosamente ciente de que qualquer proposta de reunião seria considerada pelas autoridades daquela Igreja apenas com a condição de uma completa submissão de nossa parte a essas reivindicações de autoridade absoluta e à aceitação de outros erros, tanto na doutrina quanto na disciplina, contra os quais, em fidelidade à Santa Palavra de Deus e aos verdadeiros princípios de Sua Igreja, temos estado obrigados a protestar por trezentos anos » (Ibid., p. 159).

[13] J. Jewel, *Uma Apologia da Igreja da Inglaterra*, 1562; *As Obras de John Jewel*, ed. pela Parker Society, Cambridge, 1848, vol. I, pp. 81-552. R. Hooker, *Tratado sobre as Leis da Polidade Eclesiástica*, livros I-IV, 1594; livro V, 1597; livros VI-VIII, póstumos 1648, 1662 e 1648 (edição moderna em 2 vol., Biblioteca Everyman's, Dent and Sons, Londres, 1907). Sobre Jewel, veja também J.E. Booty, *John Jewel como Apologista da Igreja da Inglaterra*, Londres, 1903.

[14] Sobre a natureza e o conteúdo deste testemunho fundamental, tesouro comum a todas as Igrejas da Reforma, veja: W.H. VAN DE POL, *Het Getuigenis van de Reformatie*, Roermond, 1960 (tradução alemã: *Das Zeugnis der Reformation*, Essen, 1963).

[15] «A doutrina da Igreja da Inglaterra está fundamentada nas Santas Escrituras e nos ensinamentos dos antigos Pais e Conselhos da Igreja que são concordes com as referidas Escrituras. Em particular, tal doutrina pode ser encontrada nos Trinta e Nove Artigos da Religião, no Livro de Oração Comum e no Ordinal» (*Canon Law Revision* 1959, p. 10).

[16] «A Doutrina Romana a respeito do Purgatório, Perdões, Adoração e Veneração, tanto de Imagens quanto de Relíquias, e também a invocação dos Santos, é uma coisa vã, inventada em vão e sem garantia nas Escrituras, mas que, pelo contrário, é repugnante à Palavra de Deus». Os *Artigos da Religião* estão impressos nas edições correntes do *Livro de Oração* da Igreja da Inglaterra. Tradução francesa parcial de G. Coolen, *História da Igreja da Inglaterra*, Paris, 1932, pp. 182-191. O art. 22 está na página 186 e ss.

[17] «Os Sacramentos não foram instituídos por Cristo para serem apenas contemplados ou carregados, mas para que os utilizemos devidamente», art. 25 (Coolen, p. 187).

[18] «A transubstanciação (ou a mudança da substância do Pão e do Vinho) na Ceia do Senhor não pode ser provada pelas sagradas Escrituras; mas é repugnante às palavras claras das Escrituras, subverte a natureza de um Sacramento e deu ocasião a muitas superstições», art. 28 (Coolen, p. 188).

[19] «O Sacramento da Ceia do Senhor não foi, por ordenação de Cristo, reservado, carregado, levantado ou adorado»; art. 28 (Coolen, p. 188).

[20] «A Oferta de Cristo, feita uma vez, é a perfeita redenção, propiciação e satisfação por todos os pecados de todo o mundo, tanto os originais quanto os atuais; e não há outra satisfação pelo pecado, senão essa única. Por isso, os sacrifícios das Missas, nos quais se dizia comumente que o Sacerdote oferecia Cristo pelos vivos e pelos mortos, para ter remissão da pena ou da culpa, eram fábulas blasfemas e enganos perigosos»; art. 31 (Coolen, p. 189).

[21] «(Jesus Cristo) que fez ali (na sua Cruz), pela sua única oblação de si mesmo uma vez oferecida, um sacrifício pleno, perfeito e suficiente, oblação e satisfação, pelos pecados de todo o mundo; e instituiu, e em seu santo Evangelho nos ordenou, que continuemos uma memória perpétua de sua preciosa morte até sua vinda novamente» (*Livro de Oração Comum*, *A Ordem para a Administração da Ceia do Senhor ou da Santa Comunhão*).

[22] «...aceitavelmente, para aceitar este nosso sacrifício de louvor e ação de graças... E aqui oferecemos e apresentamos a Ti, ó Senhor, a nós mesmos, nossas almas e corpos, para ser um sacrifício razoável, santo e vivo para Ti» (Ibid.).

[23] O Concílio de Trento, sessão XXII (17 set. 1562), trata da doutrina do Santo Sacrifício da Missa (Denzinger 937a - 956). Cap. 2 «Sacrificium visibile esse propitiatorium pro vivis et defunctis». Can. I «Se alguém disser que na Missa não é oferecido a Deus um verdadeiro e próprio sacrifício, ou que a oferta não é outra coisa senão dar-nos Cristo para se comer A.S.» (anátama seja).

[24] E.J. BICKNELL-H.J. CARPENTER, *Os Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra*, Londres, 3ª ed., 1953, p. 417: «Assim, este Artigo tem seu olhar em toda parte sobre os abusos medievais e sobre a tentativa do Concílio de Trento de protegê-los tanto quanto possível».

[25] «Como vimos, a mais recente negação romana de nossas ordens baseia-se em nossa rejeição de qualquer visão que considere o sacrifício da Eucaristia adicional ao de Calvário. Enquanto tal ensino for promovido, por mais refinada que seja a forma, o protesto de nosso Artigo não ficará ultrapassado» (Ibid., p. 418).

[26] «Refletimos com gratidão que não existem barreiras, como as apresentadas à comunhão com os latinos pela sanção formulada da Infallibilidade da Igreja residindo na pessoa do supremo pontífice, pela doutrina da Imaculada Conceição e outros dogmas impostos pelos decretos dos Conselhos Papais. A Igreja de Roma sempre tratou sua irmã Oriental injustamente. Ela intromete seus Bispos nas antigas Dioceses e mantém um sistema de proselitismo ativo». (*The Six Lambeth Conferences*, p. 115).

III. A CONFERÊNCIA DE 1897 E AS ORDENAÇÕES ANGLICANAS

A Conferência de Lambeth de 1897 não delegou mais a questão da unidade cristã a três comissões distintas como anteriormente. Daqui em diante, há apenas uma única comissão, e essa maneira de proceder tornou-se a norma nas Conferências subsequentes, embora uma maioria, ao que parece, desejasse ver a comissão ecumênica dividida em várias subcomissões.

A comissão ecumênica de 1897 tinha a tarefa de "estudar e relatar sobre a questão da unidade cristã, tocando: a) as Igrejas do Oriente; b) a Comunhão latina; c) os outros grupos (*Bodies*) cristãos"[27]. Um parágrafo separado foi, portanto, dedicado à Igreja católica, como se tornou habitual até os dias de hoje.

Esse parágrafo, em 1897, dizia respeito exclusivamente à questão das ordenações anglicanas (*ordinations*). Sabe-se que essas ordenações foram declaradas inválidas por Leão XIII, no ano anterior, na Bula *Apostolicae curæ* de 13 de setembro de 1896.

Conformando-se a todos os decretos de seus predecessores sobre a mesma causa, confirmando-os plenamente e renovando-os por sua autoridade, o papa declarou:

> **"Por nosso próprio movimento e por ciência certa, pronunciamos e declaramos que as ordenações conferidas segundo o rito anglicano foram e são absolutamente vãs e inteiramente nulas, *irritas prorsus fuisse et esse omninoque nullas*"**[28].

A possibilidade de uma aproximação e união entre Roma e Canterbury foi considerada pela primeira vez. Este início, no entanto, não foi feliz e promissor. Do ponto de vista ecumênico, há aqui um problema extremamente delicado, e por várias razões.

É claro, em particular, que a questão não é de natureza puramente jurídico-canônica. A declaração pontifical não tinha apenas o objetivo de recordar que a ordenação recebida na Igreja anglicana não era suficiente para conferir o poder de exercer o ministério na Igreja católica.

Uma exclusividade desse tipo também existe na Igreja anglicana, como pode ser visto no Ordinal de 1549. A prefa do Ordinal afirma, de fato, que "ninguém pode ser considerado legítimo bispo, sacerdote ou diácono na Igreja da Inglaterra se não tiver recebido o poder e não tiver sido ordenado de acordo com o rito do Ordinal, e se não tiver recebido anteriormente uma ordenação por um bispo"[29]. A prática da Igreja da Inglaterra demonstra que essa regra tem valor jurídico apenas dentro da referida Igreja e não pretende fazer nenhum julgamento sobre a validade dos ministérios e das ordenações das outras Igrejas[30].

As palavras "*irritas prorsus fuisse et esse omninoque nullas*" deixam claro que não se trata de ilicitude, mas de nulidade. A palavra *irritas* significa **inválido no sentido de desprovido de efeito, sem propósito e vão**; assim, as expressões omninoque nullas repetem de forma redundante que **as ordenações são, em si mesmas, totalmente nulas e sem qualquer valor** (em inglês: *totally nul and void*). Portanto, a declaração pontifical não tem um caráter histórico ou canônico, mas **ontológico**. O papa quer dizer com isso que as ordenações em questão não produzem, em nenhum aspecto, na ordem sobrenatural, os efeitos que pretendem produzir.

Isso não é pouca coisa. Compreendemos muito melhor o que isso implica, agora que ultrapassamos o estágio polêmico e apologético e que buscamos uma abordagem ecumênica. Isso significa que uma Igreja existiu durante vários séculos, que possui milhões de membros, que, em seu seio, dia após dia, uma multitude de ministros ordenados **pensa estar cumprindo** a tarefa que Cristo lhes confiou, mas que, segundo o julgamento de outra Igreja, **não é realmente uma Igreja**, e mais, **que está em ilusão ao imaginar que seus ministros falam e agem pela autoridade de Cristo e que seus sacramentos têm a significação e a eficácia que ela lhes atribui e que ela, de boa fé, espera deles.**

O batismo administrado por um eclesiástico anglicano constitui apenas uma exceção aparente. De fato, se a Igreja de Roma reconhece sua validade, não é porque o ministro da Igreja anglicana tenha recebido uma ordenação válida e administre o sacramento na qualidade de ministro de uma verdadeira Igreja. É unicamente porque, segundo a doutrina da Igreja romana, **todo batismo é válido, independentemente do ministro**, desde que seja conferido com água acompanhada da fórmula sacramental, e que a pessoa que baptiza tenha a intenção de "fazer o que faz a Igreja". **A eventual reconhecimento de um batismo “não católico” não prova, portanto, nada em favor do ministério e dos sacramentos da Igreja em questão.**

O que pode fazer uma Igreja que é atingida por uma declaração tão destrutiva quanto a da invalidade de suas ordenações? Sem dúvida, ignorar essa declaração e não levar em conta.

A Igreja que aceitaria tal declaração reconheceria, por esse fato, que não é uma Igreja no verdadeiro sentido da palavra e rebaixaria **seu ministério sacramental ao nível de cerimônias desprovidas de conteúdo**. **Ela renunciaria, por esse mesmo fato, à sua própria existência** . Em sua resposta detalhada de 28 de março de 1897, os arcebispos de Canterbury e de York escreveram sobre a declaração de nulidade de suas ordenações que ela era "uma carta escrita com a intenção de derrubar todo o nosso status eclesiástico"[31].

Os dois escritos, a carta do papa e a resposta dos arcebispos anglicanos, mostram que a questão pode ser abordada de diferentes ângulos. O papa examina a questão a partir da prática da Igreja e da teologia moral sobre a forma e a intenção que são exigidas para a validade das ordenações. Os arcebispos adotam um ponto de partida tipicamente reformado; eles partem, de fato, da Sagrada Escritura e da tradição da Igreja antiga. Além disso, eles acreditam que o papa não levou em conta a intenção geral, expressa na introdução ao Ordinal de 1549, que visava perpetuar os ministérios dos bispos, sacerdotes e diáconos que existem na Igreja desde a era apostólica. O papa, por sua vez, enfatiza a intenção pessoal dos compiladores do Ordinal e dos bispos que procederam às ordenações durante os reinados de Eduardo VI e Elizabeth I.

O papa fundamenta sua conclusão em dois fatos. O primeiro é que **o Ordinal de 1549 omitiu intencionalmente certos trechos do rito romano, e o segundo, que o ofício eucarístico não possui mais, no *Book of Common Prayer*, o caráter do sacrifício da missa, mas se apresenta como um ofício de comunhão**. A combinação desses dois fatos levou o papa à conclusão de que **a intenção dos compiladores não se concentrou no que é necessário à validade. A fórmula: "Receba o Espírito Santo", teria, portanto, adquirido um novo sentido que tornaria inválida a forma da ordenação.**

O padre Francis Clark, S.J., tentou recentemente lançar alguma luz na discussão conduzida pelas duas partes desde 1896, focando em uma análise minuciosa da noção de intenção e dos argumentos baseados nessa noção na carta apostólica[32]. Ele também fornece uma visão abrangente dos escritos publicados de ambos os lados sobre a questão[33].

Voltaremos em nosso último capítulo para discutir o problema da validade das ordenações anglicanas, levando em conta a atual situação ecumênica. Aqui, nos limitaremos a expor a atitude adotada pela Conferência de Lambeth em 1897 em relação à declaração pontifical sobre a invalidação dessas ordenações.

A resposta conjunta dos arcebispos de Canterbury e de York é mais histórica do que dogmática. Eles viam de forma completamente diferente as consequências que resultaram da Reforma para a Igreja da Inglaterra, e estavam da opinião de que a carta apostólica apresentava uma imagem imprecisa das coisas. Além disso, acreditam que, se as objeções formuladas contra a forma e a intenção do Ordinal de 1549 fossem justificadas, **também se poderia provar historicamente que a Igreja de Roma passou por períodos em que suas ordenações não satisfaziam à forma requerida (*Accipe Spiritum Sanctum*) nem à matéria exigida (imposição das mãos), o que deveria resultar na invalidez de suas próprias ordenações:**

Assim, o papa aniquila suas próprias ordens ao remover toda validade às nossas; é assim que ele condena sua própria Igreja. Esse grande perigo de nulidade ameaçou a Igreja romana desde o dia em que o papa Eugênio IV introduziu uma nova matéria e uma nova forma de ordem sem mencionar aquelas que são a verdadeira matéria e a verdadeira forma deste sacramento. Ninguém, de fato, sabe quantas ordenações podem ter sido realizadas, conforme a doutrina deste papa, sem a imposição das mãos, e sem a forma que se adequa ao sacramento. O papa Leão XIII exige o uso de uma forma desconhecida aos bispos de Roma, seus predecessores, e a intenção que ele reclama ao mesmo tempo é defeituosa no catecismo da Igreja Oriental[34].

Ao olhar para as coisas do ponto de vista anglicano, seria precisamente a Igreja de Roma que, durante a Idade Média, caiu de uma inovação a outra, enquanto a Igreja da Inglaterra restabeleceu a ordem antiga de acordo com os requisitos da Palavra de Deus e dos princípios autênticos da Igreja de Deus. É evidente que, em tudo isso, Roma e Canterbury partiram de normas e concepções de autoridade radicalmente diferentes. Assim, nenhum dos argumentos apresentados alcançou seu objetivo junto ao partido oposto. O padre Clark já observava isso:

As mentes pouco preparadas para admitir que o magistério oficial da Igreja católica romana e o ensino reconhecido de seus teólogos fornecem um guia seguro nessas questões de teologia sacramental, não aceitarão a validade de minhas premissas (ou seja, as premissas católicas)[35].

A discussão sobre a validade das ordenações anglicanas não levará a nada enquanto se restringir estritamente ao tema das ordenações em si. Ela beneficiaria ao se situar em um nível eclesiológico tão amplo quanto possível. Será inútil reabrir o debate sobre a validade das ordenações anglicanas enquanto não se alcançar **um acordo sobre a maneira de conceber a essência, a estrutura, o exercício e a autoridade da Igreja, assim como sobre a natureza e a disciplina dos sacramentos** (em particular da Eucaristia) e, em estreita conexão com isso, sobre a natureza do sacerdócio.

Na realidade, nunca houve um diálogo sobre essas questões. Na época pré-ecumênica, as Igrejas se combatiam, não dialogavam. A carta apostólica *Apostolicæ curæ* e a resposta anglicana foram ambas monólogos, cujas conclusões estavam fixadas antes mesmo de qualquer troca de ideias com a outra parte.

Um diálogo ecumênico sobre essa matéria ainda é possível? Pode-se questionar se Leão XIII não o excluiu de antemão pela conclusão de sua carta. Ele escrevia, de fato:

> *Decretamos que esta carta e tudo o que ela contém não **poderá jamais** ser acusada de adição, supressão, falta de intenção de nossa parte ou qualquer outro defeito; mas que ela será **sempre válida e em toda sua força,** que deverá **ser inviolavelmente observada por todos**, independentemente do grau ou precedência que se tenha, seja em juízo ou fora dele; declarando vã e nula toda e qualquer adição que possa ser feita por quem quer que seja, qual seja sua autoridade e sob qualquer pretexto, conscientemente ou por ignorância, e nada contrário deverá criar obstáculo a isto*[36].

Todas as possibilidades imagináveis estão aqui citadas e excluídas de forma definitiva. Uma brecha permanece: é que o texto foi redigido em um estilo curial ao qual talvez não se atribua em Roma a importância que muitas vezes se imagina em outros locais, **e que essa forma de pretensão à autoridade perde seu sentido em nossa época.**

De qualquer forma, **não temos aqui uma definição dogmática infalível, mas uma norma disciplinar que por si só não é infalível.** Essa declaração exige, enquanto permanecer em vigor, que seja observada por todos aqueles que estão sob a jurisdição do papa.

Não é impossível, no entanto, que, com a mudança das circunstâncias, as relações entre as duas Igrejas possam melhorar. Fatos e pontos de vista novos podem surgir, que tornariam desejável, ou mesmo necessário, um novo exame das ordenações anglicanas. É provável que, dada a difusão do espírito ecumênico, o papa não se sinta vinculado pelas decisões tomadas por seus predecessores em relação ao que é permitido e ao que é proibido na esfera ecumênica.

> **Não estamos de acordo com o que diz o autor no parágrafo anterior.**

Isso não quer dizer que a questão das ordenações anglicanas não seja um dos mais espinhosos problemas do ecumenismo. Parece-me que a declaração de invalidade se apoiou em fatos históricos realmente desfavoráveis. O principal desses fatos é que os autores do Ordinal de 1549, assim como os bispos dos reinados de Eduardo VI e Elizabeth I, reconheceram bem o fundamento escritural e a origem apostólica do triplo ministério de bispos, sacerdotes e diáconos, mas que, na verdade, tiveram uma concepção reformada do sacerdócio e das ordenações. Algumas publicações recentes, baseadas em um estudo das fontes, apenas confirmaram essa constatação. O luterano americano Cari Mayer, especialista em história eclesiástica, chega à seguinte conclusão:

> *Matthew Parker foi consagrado arcebispo (de Canterbury) em 17 de dezembro de 1559 na capela de Lambeth. William Barlow, John Scory, que fez o sermão de instalação, Myles Coverdale e John Hodgkins participaram do rito solene. Nem Matthew Parker, nem a rainha, nem ninguém mais se preocuparam em consagrá-lo na sucessão apostólica. Ele foi consagrado por bispos em razão da dignidade da função, não para obedecer à necessidade de manter uma continuidade ininterrupta. A sucessão apostólica só se tornou mais tarde uma preocupação dos homens da Igreja*[37].

Seria possível estabelecer, com muitas provas a apoiar, que havia alguns “romanos” entre os bispos do reinado de Elizabeth. No entanto, a grande maioria deles era, em suas concepções e de fato, zwinglianos, calvinistas, puritanos ou luteranos. Parece-me excluído que esses bispos tenham podido ter, pessoalmente, durante as funções de uma consagração, a intenção “católica” de consagrar bispos ou ordenar sacerdotes e diáconos, o que é exigido pela Igreja de Roma como absolutamente necessário para a validade dessas ordenações. **Portanto, é preciso perguntar-se se, e em que medida, a interpretação pessoal da intenção fixada pela Igreja tem algum efeito sobre a validade da ordenação.**

O Dr. Norman Sykes, historiador da Igreja em Cambridge e depois reitor de Winchester (faleceu em 1961), reuniu inumeráveis materiais extremamente importantes destinados a esclarecer a concepção anglicana dos ministérios. Ele publicou essa documentação na obra intitulada *Old Priest and New Presbyter*[38]. Segundo esse autor, o anglicanismo do século XVI, ao continuar a usar a palavra "sacerdote", não a viu como *sacerdos*, mas como *presbyter* no sentido reformado da palavra.

Perguntemo-nos agora qual foi a reação da Conferência de Lambeth de 1897 à carta *Apostolicæ curæ*.

O parágrafo que aborda este assunto no relatório apresentado pela comissão ecumênica começa destacando que o papa Leão XIII manifestou em uma série de documentos seu desejo pela unidade cristã. "Infelizmente, ele declarou que a única base possível era o reconhecimento de sua supremacia papal como sendo de direito divino"[39]. A comissão aproveita a carta do papa sobre as ordenações anglicanas e a resposta dos arcebispos de Canterbury e de York para observar o seguinte:

> *Embora a controvérsia seja um método que raramente favorece a unidade, há, no entanto, razões para se mostrar grato: pelo tom cortês com que essa discussão foi conduzida; pelo fato de que o papa deixou de lado muitas coisas que eram irrelevantes para a questão e de valor duvidoso, mas que anteriormente tornavam a discussão sem saída; pela delimitação do alcance da controvérsia a alguns pontos bem definidos; pela ampla documentação que reúne os resultados de muitas pesquisas; e, finalmente, pelo desejo, manifestado de parte a parte, de buscar entender-se e evitar conscientemente os preconceitos. O desenvolvimento desse espírito dá valor mesmo a uma controvérsia; encaramos com total confiança o resultado de uma controvérsia desse tipo*[40].

Esse trecho expressa bem a mentalidade ecumênica que caracteriza o anglicanismo até hoje. O ecumenismo, para os anglicanos, é **mais uma atitude do que um sistema, mais uma intuição do que um plano preestabelecido**. Ele avança buscando e tateando. Espera pouco, senão nada, da polêmica e da teologia da controvérsia. A tarefa da Igreja anglicana é descobrir novas possibilidades, estabelecer novas relações amistosas que possam gerar **resultados práticos sem se esgotar em considerações teóricas sem fim.** Sempre que surgem dificuldades insuperáveis, as Igrejas anglicanas esforçam-se para tirar o bem do mal; **nunca fecham a porta ao sair, esperam pacientemente que uma oportunidade mais favorável se apresente e olham para o futuro com esperança.**

A atitude ecumênica adotada pela Conferência de Lambeth em 1897 em relação à Igreja católica não a impediu de demonstrar sua simpatia pelas minorias protestantes que precisam lutar pela liberdade nos países católicos, nem por certos grupos dentro da Igreja de Roma, que "se esforçam para se libertar da autoridade usurpada da Sé de Roma, assim como nós que, há três séculos, reconquistamos nossa liberdade"[41]. A Conferência de Lambeth expressou particular simpatia pelos esforços realizados, então, no México e em outros lugares, para estabelecer uma hierarquia nacional e autônoma, "e também pelos homens sérios e corajosos da França, da Itália, da Espanha e de Portugal que foram levados a se libertar do fardo das condições ilegais exigidas pela Igreja de Roma para a recepção dos sacramentos"[42]. Essas palavras da encíclica de introdução são extraídas de uma das resoluções adotadas pela Conferência. A mesma resolução termina com as seguintes palavras:

> *Continuamos a observar esses movimentos com profundo e inquieto interesse, e oramos para que sejam abençoados e guiados pelo Deus todo-poderoso*[43].

O princípio fundamental da atitude em relação à Igreja de Roma é estabelecido no parágrafo referente à comunidade latina por meio de uma reprise quase textual do trecho de 1888 já citado anteriormente[44].

Assim, chegamos às Conferências de Lambeth mais recentes. Observe-se que a atitude da Comunhão anglicana em relação à Igreja de Roma segue **uma melhora lenta e contínua**. É importante notar, no entanto, que os bispos anglicanos atribuem essa melhoria principalmente a **mudanças encorajadoras que, para sua alegria, acreditam poder constatar na Igreja de Roma**. Em sua opinião, a fonte da desavença não está de seu lado.

As Igrejas anglicanas, em conformidade com todas as outras Igrejas, veem na Igreja de Roma a única que merece severas críticas do ponto de vista cristão comum. Todas as Igrejas atribuem as divisões exclusivamente a Roma. A esperança que têm de restaurar a unidade é alimentada principalmente pela expectativa de **ver a Igreja de Roma finalmente compreender que precisa, em muitos pontos, de uma revisão e renovação,** para que, no que diz respeito a ela, **possibilite a reconciliação, o aproximamento e a reunião que há tanto tempo desejam as outras Igrejas.** Aos olhos do anglicanismo, assim como de todas as Igrejas surgidas da Reforma, a união com a Igreja de Roma está subordinada à vontade desta última de se submeter à Palavra de Deus não adulterada. Sempre que se consultam sobre o estado da questão, os bispos anglicanos observam no céu ecumênico os sinais preditivos de um novo dia. Eles os esperam "mais do que um vigia espera a aurora" (Salmo 130:6).

---

[27] «Relatório do Comitê nomeado para considerar e reportar sobre o assunto da Unidade da Igreja em sua relação: (a) às Igrejas do Oriente; (b) à Comunhão Latina; (c) a outros corpos cristãos» (Ibid., p. 243 et ss).

[28] «Portanto, concordando inteiramente com os decretos dos Pontífices predecessores nesta mesma causa, e confirmando e renovando plenamente com nossa autoridade, motu proprio, por ciência certa, proclamamos e declaramos que as ordenações realizadas pelo rito anglicano, **foram e são totalmente nulas...** » (Dz, 1966; trad. francesa: Cartas apostólicas de Leão XIII, Ed. Bonne Presse, tomo V, p. 75).

[29] «E, portanto, na medida em que essas ordens devam ser continuadas, e respeitosamente usadas e reconhecidas nesta Igreja da Inglaterra, é necessário que nenhum homem (não sendo neste momento Bispo, Sacerdote ou Diácono) execute qualquer uma delas, exceto se for chamado, testado, examinado e admitido, de acordo com a forma a seguir» (*Os Primeiros e Segundos Livros de Oração do Rei Eduardo VI*, Ed. Everyman's Library, Londres, reimpressão 1927, p. 292).

[30] Veja, por exemplo, N. Sykes, *Antigo Sacerdote e Novo Presbítero*, Cambridge, 1956, cap. II: «Uma paridade de ministros afirmada», p. 30 e ss, e cap. III: «Uma imparidade de ministros defendida», p. 58 e ss. Cf. C. Meyer, *Elizabeth I e o assentamento religioso de 1559*, St. Louis, EUA,

1960, pp. 75 e ss.

[31] «Que visava derrubar nossa posição total como Igreja» (Ordens Anglicanas, reimpressão 1957, p. 23). Na edição em latim, p. 21: «Quae totum nostrum statum ecclesiasticum subvertere conarentur». O texto da edição francesa (1897) foi utilizado aqui (parágrafo I, p. 7).

[32]F. Clark, *Ordens Anglicanas e Defeito de Intenção*, Longmans, Londres, 1956.

[33]F. Clark, obra citada, pp. 203 e ss.

[34]«Assim, ao derrubar nossas ordens, ele (o Papa) derruba todas as suas e pronuncia sentença sobre sua própria Igreja. Eugênio IV, de fato, colocou sua Igreja em grande perigo de nulidade quando ensinou um novo assunto e uma nova forma de Ordem e deixou o real sem nenhuma palavra. Pois ninguém sabe quantas ordenações podem ter sido feitas, segundo seu ensino, sem qualquer imposição de mãos ou forma apropriada. O Papa Leão exige uma forma desconhecida pelos bispos romanos anteriores e uma intenção que é defeituosa nos catecismos da Igreja Oriental» (*Ordens Anglicanas*, p. 60; edição francesa 1897: pp. 43-44).

[35] «Aqueles que não estão preparados para admitir que o *magistério* oficial da Igreja Católica Romana e o ensino aprovado de seus teólogos fornecem orientação segura nessas questões de teologia sacramental, não aceitarão a validade das minhas premissas» (Clark, obra citada, p. 202).

[36] «As presentes letras e tudo o que nelas está contido não poderão em nenhum momento ser notados ou impugnados por defeito de subreptício ou obreptício ou de nossa intenção, ou por qualquer outro defeito; mas sempre serão válidas e estarão em sua força e devem ser observadas por todos de qualquer grau e preeminência, inviolavelmente em juízo e fora dele; também declaramos nulo e sem efeito se, em contrariedade a isto, por qualquer um, de qualquer autoridade ou pretexto, deliberadamente ou ignorando, ocorrer tentar» (ASS, 29, 1896-1897, p. 203, e Ordens Anglicanas, p. 31; trad. francesa: Cartas Apostólicas de Leão XIII, Ed. Bonne Presse, tomo V, pp. 75 e 77).

[37] «No dia 17 de dezembro, Matthew Parker foi consagrado na Capela de Lambeth. William Barlow, John Scory, que também pregou o sermão de instalação, Myles Coverdale e John Hodgkins participaram do rito solene. Nem Matthew Parker, nem a rainha, nem outros estavam preocupados que ele fosse consagrado na «Sucedência Apostólica». Ele foi consagrado por bispos devido à dignidade do ofício, não por causa da necessidade de manter uma continuidade direta. A sucedência apostólica tornou-se a preocupação dos clérigos de uma geração posterior» (Carl MEYER, *Elizabeth I e o Assentamento Religioso de 1559*, St. Louis, EUA, 1960, p. 82).

[38] N. Sykes, *Antigo Sacerdote e Novo Presbítero*, Cambridge, University Press, 1956, 2ª edição 1957.

[39] «...mas, infelizmente, afirmando como sua única base o reconhecimento da supremacia papal como um direito divino» (*The Six Lambeth Conferences*, p. 246).

[40] «Embora a controvérsia raramente seja um método de promover a unidade, há motivos para agradecer pelo tom cortês com que grande parte dessa controvérsia tem sido conduzida; pelo

abandono pelo Papa de muitos assuntos irrelevantes e espúrios que anteriormente tornavam a discussão desesperadora; pela limitação da esfera da controvérsia a pontos definidos; por uma grande quantidade de literatura auxiliar que incorpora os resultados de muitas pesquisas; e pelo desejo demonstrado de ambos os lados de entender e não distorcer conscientemente um ao outro. Se esse espírito aumentar, mesmo a controvérsia não terá sido em vão; e aguardamos a resultado de tal controvérsia com inteira confiança» (Ibid., p. 246).

[41] «Reconhecemos com grande simpatia os esforços que estão sendo feitos para escapar da autoridade usurpada da Sé de Roma, assim como nós mesmos recuperamos nossa liberdade há três séculos» (Ibid., p. 194).

[42] «Com os corajosos e dedicados homens da França, Itália, Espanha e Portugal que foram levados a se libertar do fardo dos termos ilegais de Comunhão impostos pela Igreja de Roma» (Ibid., p. 194).

[43] «Continuamos a observar esses movimentos com profundo e ansioso interesse, orando para que sejam abençoados e guiados pelo Deus Todo-Poderoso».

[44] Veja p. 52.

IV. A CONFERÊNCIA DE LAMBETH DE 1908

O relatório da comissão ecumênica da Conferência de 1908 foi introduzido por uma consideração geral. Nele se recordava a 34ª resolução da Conferência anterior (1897): “Toda oportunidade deve ser aproveitada para destacar que o desígnio divino da unidade visível entre cristãos faz parte da revelação”[45].

Partindo dessa dado revelado, a comissão considerava que deveria tirar uma consequência prática sobre uma condição importante que deve ser respeitada em todo projeto de reunião futura. De fato, em todas as tentativas de união entre Igrejas particulares, estas correm o risco de restringir seu horizonte ecumênico a seus problemas limitados e de negligenciar a perspectiva do todo. É por isso que a comissão propõe à Conferência a adoção da seguinte resolução:

> *A Conferência reafirma a resolução da Conferência de 1897 (segue o texto da resolução 34). Além disso, deseja afirmar que **em todos os projetos de união e intercomunhão**, o cumprimento final do desígnio de Deus deve permanecer diante de nossos olhos como **o objetivo que buscamos**, e que é necessário executar o que pode avançar a reunião de toda a cristandade e abster-se de fazer qualquer coisa que possa retardá-la ou impedi-la*[46].

Essa resolução é de natureza concreta e prática, não abstrata e teórica; ela está destinada a guiar a ação. Pode-se, portanto, considerar como **a diretriz essencial e o princípio próprio que orientam as Igrejas anglicanas em seu pensamento e ação no plano ecumênico**. Este princípio fundamental e de importância primária para qualquer trabalho ecumênico válido já era claramente percebido pelos bispos da Comunhão anglicana muito antes do início do atual movimento ecumênico.

Os anglicanos permaneceram fiéis a esse princípio. Sem uma noção exata desse princípio, muitas vezes é difícil compreender a maneira como os anglicanos abordam a problemática ecumênica, assim como sua atitude em relação às outras Igrejas. É na linha desse princípio que se devem ler as considerações expressas no relatório da comissão sobre "a Comunhão latina".

A comissão de **1908** acreditava poder constatar **três mudanças importantes** nas relações da Igreja latina com todo o mundo cristão:

1. a entrada mais livre dos teólogos romanos no campo **da ciência moderna**...;

2. a tendência de um grande número de cristãos, que não pertencem à Comunhão católica romana, e muitas vezes nem mesmo são membros das Igrejas episcopais, de considerar com uma esperança simpática essa grande Comunhão, como dando corpo a aquele ideal que em grande parte falta a muitas seitas cristãs hoje em dia; isso ainda mais porque um **novo espírito de liberdade intelectual, reforma eclesiástica e social está agitando a Igreja romana**...;
3. ao mesmo tempo, um **interesse crescente** manifesta-se na literatura corrente da Igreja romana **pelas práticas das outras Igrejas**, a nossa em particular, interesse que às vezes é acompanhado do **sentimento das deficiências da própria Igreja latina, para as quais se deve buscar um remédio fora**[47].

Esses **mudanças** e outras desse tipo continuam a se desenvolver até hoje; tornaram-se coisa **evidente** para todo observador bem-disposto e imparcial. Desde 1908, os bispos anglicanos as discerniram, e desde essa data concluíram que "esses sintomas davam boas esperanças para o futuro"[48]. No entanto, mantinham a opinião já expressa nas Conferências anteriores, a saber que *nas circunstâncias presentes, é inútil considerar a questão de uma intercomunhão possível com nossos irmãos da Comunhão romana; toda proposta desse tipo só seria aceita sob condições inaceitáveis para nós*[49].

Isso não impediu que os bispos anglicanos desejassem insistir em sua convicção de que ***nenhum projeto de união poderá ser considerado satisfatório se deliberadamente deixar de fora as Igrejas da Comunhão latina.*** Em consequência, eles (os dirigentes da comissão) desejam, em lugar nenhum mais do que aqui, insistir junto a nossos representantes no exterior sobre a importância de, enquanto mantêm firmemente nossa própria posição, testemunhar **toda a cortesia cristã às Igrejas desses países e suas autoridades eclesiástic**as; eles também querem dizer o quanto é desejável que todos os capelães escolhidos para exercer um ministério na Europa ou em outros lugares recebam a instrução de manifestar essa **cortesia**[50].

Finalmente, os membros da comissão dedicaram uma exposição detalhada à delicada questão dos casamentos mistos celebrados no exterior. Os bispos alertam sobre as consequências decorrentes dos casamentos com católicos romanos, pois entre as garantias exigidas nesse caso pela Igreja católica romana está a promessa de que os filhos que nascerem dessa união serão educados "em uma religião que a parte anglicana não pode aceitar em consciência"[51].

A encíclica da Conferência de 1908 não menciona em momento algum a Igreja de Roma. Esta, sem dúvida, deve ter estado presente na mente dos bispos durante a redação, como atestam as declarações que parecem ser formuladas em sua direção, por exemplo, quando os bispos consideram necessário especificar: "Pertencemos a uma Igreja que (...). é a Igreja dos homens livres e que os educa na compreensão da liberdade da qual Cristo nos libertou"[52]. Ou ainda: "Não podemos pensar em alienar, em nome da paz, os bens dos quais somos feitos administradores. Menos ainda podemos desejar que os outros sejam infiéis às obrigações que consideram não menos sagradas"[53].

A posição da Conferência de 1908 em relação aos casamentos com católicos romanos resultou na adoção de uma resolução específica:

> *Desejamos dar aos membros de nossa Comunhão um severo aviso contra os casamentos celebrados com católicos romanos nas condições impostas pelo direito canônico atual de Roma, especialmente porque entre essas condições está a celebração do casamento sem nenhuma oração ou invocação das bênçãos divinas, e a promessa de que os filhos da parte anglicana serão educados em uma religião que ela mesma não pode aceitar*[54].

Do lado anglicano, existem dois principais ressentimentos contra a Igreja de Roma. O primeiro diz respeito às disposições paralisantes que as minorias protestantes devem suportar em certos países católicos. O outro ressentimento refere-se à prática de casamentos mistos. **A ideia que a Igreja de Roma tem de si mesma, como possuidora da verdade pura e completa, e das outras Igrejas, como estando em erro**, não é, aos olhos dos anglicanos, um motivo suficientemente fundamentado para impor a alguém uma condição que, em consciência, ele não pode aceitar.

A Igreja de Roma deveria ser a primeira a condenar uma promessa contrária à convicção religiosa pessoal. O que pode resultar disso é apenas uma falta de sinceridade. Os anglicanos acreditam que, ao exigir tal promessa da parte não católica, a Igreja de Roma demonstra que não considera necessário levar em conta outra convicção religiosa, a qual não possui, aos seus olhos, valor real e positivo.

---

[45] «Que cada oportunidade seja aproveitada para enfatizar o propósito divino da unidade visível entre os cristãos, como um fato de revelação» (*The Six Lambeth Conferences*, p. 205).

[46] «Esta Conferência reafirma a resolução da Conferência de 1897 que (segue a resolução 34, 1897). Deseja ainda mais afirmar que em todos os projetos parciais de reunião e intercomunhão o objetivo final do propósito divino deve ser mantido em vista; e que deve-se ter cuidado para fazer o que avança a reunião de toda a Cristandade e abster-se de fazer qualquer coisa que atrase ou impeça isso» (Ibid., p. 331, resolução 58).

[47] «(1) Eles notam a entrada mais livre de teólogos católicos romanos no campo geral da erudição moderna...; (2) eles notam a tendência de muitos que não pertencem à Comunhão Católica Romana, ou, de fato, em muitos casos, membros de qualquer Igreja episcopal, de olharem com esperança simpática para aquela grande Comunhão como incorporando ideais que julgam ausentes em grande parte do cristianismo setorial de hoje, e isso tanto mais quando veem um novo espírito de liberdade intelectual e reforma eclesiástica e social agitando-se dentro de suas fronteiras; (3) ao mesmo tempo, percebem na literatura atual da Igreja Católica Romana um crescente interesse nas preocupações práticas de outras Igrejas, e não menos da nossa, que às vezes é acompanhada com uma sensação de deficiências na própria Igreja Latina para a qual um remédio terá que ser buscado fora» (Ibid., p. 426; trad. francesa por J. de la SERVIÈRE em *Études*, tomo 117, 5 out. 1908, p. 24).

[48] «Essas indicações iluminam as perspectivas para o futuro» (Ibid., p. 426).

[49] «...que nas circunstâncias atuais é inútil considerar a questão da possível intercomunhão com nossos irmãos daquela Comunhão, tendo em vista o fato de que nenhuma proposta desse tipo seria considerada, exceto sob condições que seriam impossíveis para nós aceitar» (Ibid., p. 426; trad. cite nota 43, p. 26).

[50] «No entanto, desejam registrar sua convicção de que nenhum projeto de união pode ser considerado satisfatório que deliberateiramente exclua as Igrejas da Comunhão Latina; e em nenhum lugar mais do que aqui eles enfatizariam a importância do cultivo de relações de cortesia amigável por parte de nossos representantes no exterior em relação às autoridades eclesiásticas nos países onde vivem, e a desejabilidade de que todos os capelães escolhidos para servir no continente europeu e em outros lugares sejam instruídos a mostrar essa cortesia» (Ibid., p. 426).

[51] «em um sistema religioso que o pai anglicano não pode aceitar conscientemente» (Ibid., p. 427).

[52] «Pertencemos a uma Igreja que, nas palavras de um de nossos membros que já descansou, é a Igreja dos homens livres, educando-os para o conhecimento da liberdade com que Cristo nos libertou» (Ibid., p. 295).

[53] «Não ousamos, em nome da paz, trocar essas coisas preciosas das quais fomos feitos mordomos». Cf. texto II p. 23. (Ibid., p. 315).

[54] «Desejamos ardentemente advertir os membros de nossa Comunhão contra o contrato de casamentos com católicos romanos nas condições impostas pelo moderno direito canônico romano, especialmente porque essas condições envolvem a realização da cerimônia de casamento sem qualquer oração ou invocação da bênção divina, e também uma promessa de que seus filhos sejam educados em um sistema religioso que eles mesmos não podem aceitar» (Ibid., p. 333, resolução 67; trad. citada, p. 26).

V. A CONFERÊNCIA DE 1920 E O APELO DE LAMBETH

A Primeira Guerra Mundial retardou a convocação da sexta Conferência de Lambeth. Essa conferência se reuniu em 1920, no início de uma época marcada por condições sociais e religiosas totalmente novas. Um novo vento soprava tanto nas Igrejas cristãs quanto na vida dos povos e Estados. Um grande esforço foi feito, logo após a Primeira Guerra Mundial, para promover a fraternidade entre os povos e estabelecer uma paz duradoura, fundamentada no direito internacional. Esse esforço foi apoiado pelas Igrejas por meio da “Aliança Universal para a Amizade Internacional das Igrejas”. (Essa Aliança entrou, em Amsterdã em 1948, no Conselho Ecumênico das Igrejas, assim como o Conselho Internacional das Missões em 1961).

O ano de 1920 viu serem implementados os primeiros preparativos que deveriam inaugurar o nascimento definitivo do movimento ecumênico com a convocação de conferências internacionais, a conferência *Life and Work* em Estocolmo em 1925 e a conferência *Faith and Order* em Lausanne em 1927. O movimento ecumênico estava, assim, realmente em andamento.

Ao olharmos para o período entre as duas guerras mundiais, temos a impressão de que só conseguimos vislumbrar um primeiro começo, uma primeira tentativa de orientação, um prelúdio provisório à transformação profunda da qual participamos hoje em todos os domínios, particularmente no da vida religiosa e eclesiástica. Na história do movimento ecumênico, o ano de 1920 representa apenas um início, mas um início que teria consequências de grande alcance.

Parece que uma segunda guerra mundial foi necessária para sacudir as Igrejas e os povos e fazê-los compreender que um retorno à época anterior à guerra estava excluído, que a construção de um futuro, em muitos aspectos totalmente novo, era uma necessidade. A terceira assembleia do Conselho Ecumênico das Igrejas em Nova Délhi provou, de maneira evidente, que a concepção ecumênica ganhou quase todas as Igrejas. **Esse desenvolvimento do ecumenismo suscita nossa estima e admiração** pela iniciativa que foi tomada em 1920 pela Comunhão anglicana, quando lançou o Apelo de Lambeth a todos os cristãos sem distinção. (Esse apelo será objeto de um capítulo distinto.)

A Igreja de Roma não foi mencionada uma única vez, nem na encíclica, nem nas 80 resoluções adotadas pela Conferência de 1920. No entanto, no relatório da comissão ecumênica, a terceira parte, que trata da atitude em relação à união com as Igrejas episcopais, começa com uma declaração sobre a "Comunhão latina":

> *Sua comissão é da opinião que é impossível estabelecer um relatório sobre a união entre as Igrejas episcopais sem mencionar a Igreja de Roma, mesmo que nenhuma resolução deva ser proposta a seu respeito. Não podemos fazer melhor do que retomar para nós os termos do relatório de 1908, que nos lembra que "nenhum projeto de união poderá jamais cumprir o desígnio divino se não incluir, em última análise, a grande Igreja latina do Ocidente, à qual nossa história foi intimamente entrelaçada no passado, e à qual ainda está unida por muitos pontos de fé e tradição". Mas nos damos conta de que "toda avance nesse sentido nos é, por enquanto, interditada pelas dificuldades que não criamos nós mesmos e que não podemos dissipar por nós mesmos". Se algum dia a Igreja de Roma manifestar o desejo de discutir as condições de uma reunião, estaremos prontos para acolher favoravelmente tais discussões. Queremos ainda chamar brevemente a atenção para os movimentos que ocorrem na Igreja de Roma e que podem dar frutos no futuro*[55].

O relatório menciona uma série de fatos no plano das relações humanas, dos quais se conclui que uma mudança favorável está ocorrendo em muitos católicos romanos em sua atitude, apreciação e estima em relação aos cristãos não romanos. Os contactos que remontam aos anos da guerra parecem ter contribuído amplamente para "um melhor conhecimento e uma melhor compreensão das posições recíprocas". A exposição chega à seguinte conclusão:

É claro que nenhum passo adiante pode ser dado atualmente; mas os fatos assinalados acima podem contribuir para criar no futuro uma situação totalmente diferente[56].

Essa citação fala por si mesma. A Comunhão anglicana inclui a Igreja de Roma em sua reflexão e em seus esforços ecumênicos. Ela mantém intencionalmente a porta aberta nesse sentido. Acompanha com interesse o que ocorre dentro da Igreja de Roma. Ela espera poder em breve vislumbrar sinais que tornem possível a abertura de relações oficiosas, ou mesmo oficiais. Ela permanece constantemente atenta a qualquer sinal favorável vindo de Roma, pronta para saudá-lo imediatamente com alegria.

---

[55] «Seu Comitê sente que é impossível fazer qualquer Relatório sobre a Reunião com Igrejas Episcopais sem alguma referência à Igreja de Roma, mesmo que não tenha resolução a propor sobre o assunto. Não podemos fazer melhor do que adotar as palavras do Relatório de 1908, que nos lembra do "fato de que não pode haver cumprimento do propósito divino em qualquer esquema de reunião que não inclua, em última análise, a grande Igreja Latina do Ocidente, com a qual nossa história esteve tão intimamente associada no passado, e à qual ainda estamos ligados por muitos laços de fé e tradição comuns". Mas nos damos conta de que - para continuar a citação - "qualquer avanço nessa direção está atualmente barrado por dificuldades que não criamos e que não podemos remover por nós mesmos". No entanto, se a Igreja de Roma em algum momento desejar discutir condições de reunião, estaremos prontos a acolher tais discussões. Além disso, desejamos indicar muito brevemente que estão ocorrendo movimentos na Igreja de Roma que podem ser frutíferos no futuro...» (*A Conferência de Lambeth de 1920*, p. 144).

[56] «É óbvio que nenhum passo adiante pode ser dado ainda; mas os fatos assim referidos podem ajudar a criar, no futuro, uma posição muito diferente» (Ibid., p. 144).

VI. A CONFERÊNCIA DE 1930 E AS CONVERSAÇÕES DE MALINES

A comissão ecumênica da sétima Conferência de Lambeth reafirmou, apoiando-a, a declaração já feita em 1908 e 1920: nenhum projeto de união pode, em última análise, realizar o desígnio de Deus que, conscientemente ou não, negligencie a grande Comunhão latina. Desde as origens do movimento ecumênico, as Igrejas da Comunhão anglicana observaram bem **que nenhuma unidade cristã pode ser completada se a Igreja de Roma não estiver incluída ou não se deixar incluir.**

Assim, a comissão acrescenta, em 1930, à declaração das duas Conferências anteriores a seguinte precisão complementar:

> *Por mais fracas que possam parecer agora as chances de alcançar um tal ideal, o sentimento da comissão é que, em toda tentativa de reunião, deve-se ter em vista* ***a unidade da Igreja inteira****; e* ***ela não abandona a esperança de que a atitude da Igreja de Roma, ao menos em algumas partes do mundo, possa mudar em um futuro relativamente próximo***[57].

Além disso, o parágrafo dedicado à Igreja de Roma (**denominada desta vez: Igreja católica romana, e não mais: Comunhão latina**) se situa **inteiramente sob o signo das Conversações de Malines**, que ocorreram de 1921 a 1925 entre alguns católicos romanos e alguns anglicanos[58]. Em certo sentido, é permitido considerar essas Conversações como um resultado do Apelo de Lambeth, apesar de seu caráter estritamente privado. Os termos que introduzem o parágrafo sobre a Igreja católica parecem sugerir que uma cópia do Apelo de Lambeth foi enviada ao papa em 1920 e "que uma resposta polida foi recebida". Após essa breve alusão, o relatório trata imediatamente das Conversações de Malines: "A coisa mais importante que temos a comunicar consiste nas Conversações que ocorreram em Malines, de 1921 a 1925, sob a presidência do cardeal Mercier". O relatório insiste fortemente no fato de que tanto o arcebispo de Canterbury quanto o cardeal Mercier declararam explicitamente que os participantes dessas Conversações não receberam nenhum mandato de suas respectivas Igrejas e não podiam, portanto, ser considerados seus representantes oficiais. O objetivo dessas conversas era simplesmente um "aproximamento dos corações".

É conhecida a amizade íntima que unia o cardeal Mercier e Lord Halifax. Mas não a eles se deve atribuir o fracasso final das Conversações, sua cessação, nem, principalmente, a profunda decepção sentida por alguns dos participantes anglicanos (notavelmente por Walter Frere, famoso liturgista anglo-católico, bispo de Truro de 1923 a 1938). Após a morte do cardeal Mercier em 1926, Roma proibiu a continuação das Conversações. Pouco depois, em 6 de janeiro de 1928, foi publicada a encíclica ***Mortalium animos***, **da qual não se pode dizer que saudou com alegria o nascimento do movimento ecumênico, nem que manifestou um verdadeiro interesse por seu desenvolvimento futuro.** A esse respeito, é importante notar que Roma, posteriormente, demonstrou uma compreensão crescente e um interesse mais positivo.

A comissão ecumênica da Conferência de 1930 não se deixou, entretanto, desanimar pelos reveses sofridos. Ela manteve firmemente sua convicção de que conversas e conferências ecumênicas mantêm seu valor, quando conduzidas com lealdade, e "lamentou profundamente que, por decisão do papa, todos os encontros desse tipo fossem proibidos e que não fosse permitido aos católicos romanos participar das conferências sobre a unidade. Diversas razões nos autorizam a crer que a mesma decepção é sentida por mais de um membro da Igreja de Roma"[59].

---

[57] «Por menor que possa ser a perspectiva, neste momento, de se alcançar tal ideal, o Comitê sente que em qualquer tentativa de Reunião a unidade de toda a Igreja deve estar em suas mentes, e não está sem esperança de que a atitude da Igreja de Roma possa mudar em algumas partes do mundo, ao menos, no futuro não muito distante» (*A Conferência de Lambeth de 1930*, p. 131).

[58] Veja: *As Conversas em Malines* 1921-1925 (Relatório apresentado ao Arcebispo de Cantuária pelos Membros Anglicanos), Milford, Londres, 1926 (o texto inglês e a versão francesa estão dispostos lado a lado); *As Conversas em Malines 1921-1925* (documentos originais publicados por **Lord HALIFAX**), Allan, Londres, 1930 (os textos são publicados na língua em que foram apresentados durante as Conversas); W.H. FRERE, *Recordações de Malines*, Centenary Press, Londres, 1930; J. DE BIVORT DE LA SAUDÉE, *Anglicanos e Católicos. O problema da união anglo-romana* (1833-1933), Plon, Paris, 1948.

[59] «...lamentamos muito que, pela ação do Papa, todas essas reuniões tenham sido proibidas, e os católicos romanos tenham sido proibidos de participar de conferências sobre Reunião. Esse lamento, acreditamos, é compartilhado por muitos membros da Igreja de Roma» (*A Conferência de Lambeth de 1930*, p. 131).

VII. A CONFERÊNCIA DE LAMBETH DE 1948

Tal era a situação no momento em que estourou a segunda guerra mundial. Devido aos eventos, não foi possível reunir uma nova Conferência em Lambeth até **1948**, ano em que foi fundado **o Conselho Ecumênico das Igrejas**. Pela primeira vez, percebemos um tom um tanto amargo no parágrafo dedicado à Igreja católica romana. Sem dúvida, este texto se abria mais uma vez com a declaração: nenhum projeto de reunião pode pretender realizar o desejo de unidade desejado por Deus se não incluir a Igreja de Roma. No entanto, a comissão acrescentou o seguinte:

> *Mas a carta encíclica sobre os meios de promover a unidade (Mortalium animos) publicada pelo papa Pio XI em 1928 mostrou uma vez mais, com toda a clareza desejável, que* ***a única metodologia de reunião que Roma quer admitir é a submissão à papalidade. Durante os vinte anos que se passaram, não houve o menor indício de uma diminuição dessa exigência. Por outro lado, é impossível para as Igrejas da Comunhão anglicana aceitá-la****. Deve-se lembrar que, além da questão da posição da papalidade, ainda existem divergências muito graves de fé e disciplina entre nós e a Igreja católica romana, que fazem com que, no momento,* ***iniciativas visando à intercomunhão tenham poucas chances de ter sucesso***[60].

A comissão então recorda as Conversações de Malines, e o *monitum* de 5 de junho de 1948, **que proibia os católicos de realizarem reuniões ecumênicas com outros cristãos**, mas também a frutífera colaboração que se estabeleceu entre católicos e protestantes durante a guerra mundial, tanto na Inglaterra quanto no continente, e ainda os apelos repetidos do papa à cooperação de todos os cristãos em nível social e internacional. A comissão então acrescenta:

> *Mas, para falar francamente, estamos constrangidos pela aparente contradição entre esses convites gerais à cooperação frequentemente dirigidos pelo papa, e a atitude de muitos católicos romanos em diversos países, quando se trata de estabelecer programação concreta. Também houve decepção pelo fato de que certos relatórios, algumas formas de cooperação que surgiram em vários países durante a guerra e que pareciam cheias de futuro, não tenham sido continuadas. Embora a cessação desses relatórios em determinados países*

> *possa ter sido puramente acidental, permanecemos sinceramente perplexos. De fato, podem surgir dificuldades relacionadas à **interpretação e aplicação da liberdade religiosa**, e outras dificuldades de toda sorte*[61].

A comissão concluiu sua crítica à atitude católica destacando exceções notórias a essa recusa de cooperar: **amizades pessoais, contatos em eventos sociais e filantrópicos**. Também se alegrou que os católicos pudessem se unir, em certas ocasiões, a outros cristãos na recitação da oração do Senhor.

O texto da comissão terminava com a seguinte conclusão:

> *"Temos consciência da urgente necessidade de uma cooperação entre católicos romanos e outros cristãos em uma base comum que não touche às questões fundamentais de constituição eclesiástica ou de doutrina que nos dividem. Acreditamos que ainda há um campo muito amplo fora da fé e da constituição eclesiástica. É por isso que daríamos grande importância a qualquer esclarecimento adicional da parte católica romana sobre a maneira de realizar tal cooperação, e ficaríamos gratos se pudéssemos encontrar um meio de torná-la plenamente eficaz. Acreditamos que do lado anglicano, nenhum esforço será negligenciado*[62].

As Igrejas anglicanas mostrar-se-ão, durante um quarto de século, os defensores incansáveis da prioridade de *Faith and Order* sobre *Life and Work*. **Estão persuadidas, de fato, de que a questão ecumênica diz respeito, em última análise, à restauração da unidade de fé e da comunhão eclesiástica**. Portanto, é lamentável que, precisamente em suas relações com Roma, tenham se visto constantemente afastadas para um nível de cooperação puramente prática.

Embora a porta tenha permanecido aberta nesse sentido, pode-se dizer que a Conferência de Lambeth de 1948 marcou o ponto mais baixo nas relações entre Canterbury e Roma.

---

[60] «Mas a Carta Encíclica sobre o fomento da união (Mortalium Animos), emitida pelo Papa Pio XI em 1928, deixou imediatamente claro que o único método de reunião que Roma aceitará é o de submissão ao Papado. Não há sinais de qualquer diminuição dessa exigência nos últimos vinte anos. E também não há possibilidade de aceitação por parte das Igrejas da Comunhão Anglicana. Deve-se lembrar que, além da questão da posição do Papado, ainda existem divergências sérias em fé e prática entre nós e a Igreja Católica Romana, que tornam a perspectiva de abordagens esperançosas para a intercomunhão pouco promissora para o presente» (*A Conferência de Lambeth de 1948*, II, p. 66).

[61] «Mas estamos francamente perplexos com a aparente contradição entre esses repetidos convites gerais à cooperação que o próprio Papa emitiu e a atitude de muitos católicos romanos em países específicos quando se trata de programas definidos. Também tem sido uma decepção

que certos relacionamentos cooperativos que pareciam promissores em alguns países durante a guerra não foram mantidos. O fato de não serem mantidos em países específicos pode ser puramente acidental, mas estamos genuinamente perplexos. Dificuldades ocorrem sobre o significado e a aplicação da liberdade religiosa; e há outras dificuldades de vários tipos» (Ibid., p. 67).

[62] «Estamos conscientes da urgente necessidade de cooperação entre católicos romanos e outros cristãos em um terreno comum onde as questões finais de organização da Igreja e doutrina que nos dividem não sejam levantadas. Acreditamos que a área, fora do campo da fé e da ordem, é muito grande. Portanto, valorizaríamos enormemente uma maior explicação da parte católica romana sobre a maneira de tal cooperação e ficaríamos agradecidos se pudesse ser encontrado um caminho para torná-la plenamente eficaz. Sentimos que nenhum esforço será poupado da parte dos membros da Comunhão Anglicana» (Ibid., p. 68).

VIII. MELHORIA DAS RELAÇÕES DESDE 1949

A Conferência de 1958

A situação começou a melhorar a partir de dezembro de 1949, devido à publicação em Roma de uma instrução que exortava todos os bispos "não apenas a velar diligentemente e eficazmente sobre todo esse movimento (em vista da unidade cristã), mas também a promovê-lo e dirigi-lo com prudência"[63].

Essa instrução marca um **ponto de virada decisivo na atitude do Vaticano em relação ao movimento ecumênico**. **Ela é a origem da melhoria lenta, mas contínua, que, desde 1950, e em particular sob o pontificado de João XXIII, tem ocorrido nas relações entre a Igreja de Roma e as outras Igrejas cristãs.**

A melhoria assim inaugurada foi registrada com satisfação pelo relatório apresentado pela comissão ecumênica na Conferência de Lambeth de 1958:

> “Embora a Igreja católica romana mantenha sua convicção de que o único objetivo da reunião seja a submissão à papalidade, alguns sinais, que são bem-vindos, mostram que as autoridades romanas reconhecem mais a importância do movimento ecumênico[64].

O relatório, em consequência, dedicou uma breve análise à instrução do Santo Ofício sobre o diálogo ecumênico e ressaltou **a participação crescente dos fiéis de todas as Igrejas na Semana Universal de Oração pela Unidade Cristã**, de 18 a 25 de janeiro, “**com uma ampla aprovação das autoridades católicas romanas**”[65].

A comissão manifestou seu acordo com a fórmula da intenção de oração proposta pelo **presbítero Couturier** para a Semana da Unidade. **Essa fórmula exclui qualquer a priori quanto ao caminho da unidade**, uma vez que a oração pede que a unidade dos cristãos se realize “como Cristo a quer e pelos meios que Ele desejar”. A comissão é da opinião de que “a observância simultânea dessa Semana pelos católicos romanos e pelos membros de outras Igrejas é uma contribuição valiosa à busca da unidade”[66].

Esse era, portanto, em 1958, o estado das relações entre a Comunhão anglicana e a Igreja de Roma, após **mais de meio século de oração, expectativa, reflexão e ação.**

Os anos transcorridos desde então testemunharam profundas mudanças na situação ecumênica, graças ao interesse, à compreensão e à caridade do papa João XXIII em relação ao movimento ecumênico. **O Concílio Vaticano II, que deveria abrir-se em 11 de outubro de 1962, tinha como principal objetivo o renovamento interior da Igreja de Roma.** Mas sabe-se que o papa também o via como uma contribuição essencial para a promoção da unidade cristã.

Não faltam sinais que atestam que a melhoria das relações não se deve apenas à celebração do Concílio em si. Pode-se pensar também em todo o trabalho desencadeado pelas comissões pré-conciliares, que deve continuar posteriormente. Pode-se ainda considerar o Secretariado para a Unidade, presidido pelo cardeal Bea, que tem por tarefa manter relações com os representantes das outras Igrejas. Um secretariado semelhante foi, aliás, instituído na própria Inglaterra. Por fim, deve-se pensar na presença de observadores anglicanos no segundo Concílio do Vaticano como um sinal manifesto do estreitamento em curso. **A história nos dirá a participação dos observadores anglicanos no trabalho conciliar.**

É com uma impaciência cheia de esperança que aguardamos a próxima reunião da Conferência de Lambeth. Esta está prevista para o verão de 1968, portanto menos de três anos após a conclusão do Concílio Vaticano. A obra realizada pelo Concílio em favor da unidade, e em particular o decreto sobre o ecumenismo, com sua menção especial à Comunhão anglicana[67], não deixará de suscitar entre os bispos reunidos em Lambeth uma nova reflexão sobre o problema das relações entre o anglicanismo e a Igreja romana[68].

---

[63] Texto em latim: AAS. 42 (1950), pp. 142-147 (a citação está na página 143). Trad. francesa: *Irénikon* 23 (1950), pp. 221-228, DC, 47 (1950), col. 329-335. (A frase citada está no início do n° I: Irénikon, p. 223 e DC, col. 331.)

[64] «Embora a Igreja Católica Romana mantenha sua convicção de que o único objetivo da reunificação deve ser a submissão ao Papado, há alguns sinais bem-vindos de um reconhecimento crescente por parte das autoridades romanas da importância do Movimento Ecumênico» (*A Conferência de Lambeth de 1958*, II, p. 48).

[65] «Com muito aval oficial católico romano» (Ibid., p. 49).

[66] «As observâncias simultâneas desta Semana por católicos romanos e por membros de outras Igrejas são uma valiosa contribuição para os esforços em direção à unidade» (Ibid., p. 49).

[67] Concílio Vaticano II, Decreto *Unitatis Redintegratio*, § 13 (início do capítulo III). (Nota do tradutor.)

[68] As cinco últimas frases deste capítulo foram adaptadas à situação pós-conciliar. (Nota do tradutor.)

As Heresias da Gnose do Professor Jean Borella

Abade Basilio MERAMO
Prefácio de S.E. Mons. Bernard Tissier de Mallerais
Edições
Os Amigos de São Francisco de Sales

- Prefácio
- Introdução
- Capítulo 1: Heresia referente à divindade do espírito do homem
- Capítulo II. Heresia relativa à ordem sobrenatural e ao pecado original
- Capítulo III. Heresia sobre a visão beatífica
- Capítulo IV. Origem filosófica dessas heresias
- Capítulo V. Heresia sobre a graça
- Conclusão
- Contracapa

Prefácio

Monsieur l'Abbé Basilio Meramo, prior do priorado San Ezequiel Moreno Diaz de Bogotá, Colômbia, nos propõe uma crítica simples, mas radical, da gnose do professor Jean Borella, professor na Universidade de Nancy, conforme ele expõe em sua obra "La charité profanée", publicada em 1979 em Paris pela Editora du Cèdre.

O abade Meramo não tenta fazer um resumo ou uma síntese do pensamento difícil e obscuro do professor, mas analisa certos temas e os ilumina à luz do magistério da Igreja: uma iluminação reveladora de sua heterodoxia, pois vários pensamentos centrais da gnose de Monsieur Borella caem sob o golpe de condenações passadas de erros análogos a eles.

O leitor terá uma primeira ideia desta gnose ao percorrer o índice desta brochura. Para apresentar mais precisamente esta gnose, basta ler o que o professor escreveu em 1994 em seu artigo comprimido e condensado, publicado por Eric Vatré na obra coletiva intitulada "La droite du Père, enquête sur la Tradition catholique aujourd'hui" (Guy Trédaniel Editeur). Depois de expor que foi um leitor assíduo, até mesmo discípulo, de três gnósticos: René Guénon, Frithjof Schuon e o abade Stéphane, M. Borella expõe suas principais ideias sobre a revelação divina, o pecado original, a fé e a ordem sobrenatural.

Aqui está:

O pecado original é "a vontade do ser condicionado de se conhecer como tal" (p.27); e para ressurgir do pecado de Adão, trata-se de "devolver ao conhecimento sua virtude operadora e sua eficácia salvífica" (p.27): não é essa a mais bela profissão do intelectualismo gnóstico para o qual o pecado é um erro intelectual e a salvação uma questão de conhecimento e não de virtude?

O autor não é mais católico no que diz respeito à religião revelada, pois ele admite "a origem divina das revelações (note esse plural) a partir da condição insuperável da revelação de Cristo" (p.51), assim como "a presença de um elemento central propriamente divino nas religiões não cristãs" (p.24), devido à bondade salvífica divina, à existência dos Sábios e à estética humanamente ininventável das religiões (p.24-25)...

Além disso, o Sr. Borella professa que "a inteligência, em sua essência pura, ultrapassa a ordem da natureza... (e) é em si mesma ordenada ao transcendente" (p.58); ele nega, assim, a essência propriamente sobrenatural e totalmente gratuita da vida divina infundida sobrenaturalmente na alma pelo batismo. Da mesma forma, ele afirma que "o conhecimento na fé, no que consiste a verdadeira gnose, não deve ser concebido como infusão de uma graça particular, como um evento místico extraordinário", mas que ela "é capaz de atualizar (ou seja, de colocar em atividade) a capacidade sobrenatural (da inteligência) ou, pelo menos, de levar a inteligência a produzir um ato cognitivo que começa a revelar à própria inteligência sua própria natureza deiforme" (p.58). Isso equivale ainda a negar a distinção entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, a eclipsar a gratuidade da graça e a ocultar a sobrenaturalidade essencial da graça santificante e da virtude da fé... que existem no recém-nascido desde seu batismo!

O abade Meramo administra o contra-veneno para esses erros: o magistério da Igreja e a doutrina do Doutor Comum, São Tomás de Aquino; ao fazer isso, ele consegue destacar os elementos fundamentalmente inadmissíveis da gnose em questão, expondo-os como devem ser.

O professor Borella teve péssimas leituras na juventude; não o imitemos, leiamos o abade Meramo.

Menzingen, 21 de janeiro de 1996

+ Bernard Tissier de Mallerais

Introdução

Aquele que se der ao trabalho de fazer uma leitura aprofundada do livro do professor Borella: "A Caridade Profanada" (edições du Cèdre, Paris 1979), ainda que admire sua erudição e acuidade intelectual, deve, no entanto, reprovar os erros de sua gnose, que são verdadeiras heresias, embora muito sutis, pois estão entrelaçadas no belo quadro dos Padres da Igreja e de outros santos Doutores.

A gnose leva o professor Borella a formular heresias relativas ao pecado original, à divindade do espírito do homem, às exigências do sobrenatural, à visão beatífica, à ordem sobrenatural e à graça.

Para Borella, como para todos os gnósticos, tudo o que no homem está acima da natureza psíquica, ou seja, o espírito, pertence ao divino e ao sobrenatural; esse é o erro fundamental da gnose e a origem de todas as suas heresias.

Borella afirma:

> "O homem é então, por natureza, alma vivente, e é essa natureza atual que ele transmite aos seus descendentes, tudo o que ultrapassa essa natureza psíquica pertencendo à sobrenatureza" (p. 118).

Segundo a antropologia de Aristóteles, assimilada pela Igreja Católica graças a São Tomás de Aquino, o homem é composto por dois princípios substanciais: a alma e o corpo. A alma exerce uma função animal de animar o corpo e uma função espiritual pela qual ela pertence ao mundo dos espíritos, como fazem os anjos.

A antropologia tripartite do platonismo de São Paulo, dos Padres gregos, etc., considera que há três elementos no homem: o corpo, a alma (psique) e o espírito (pneuma). Ela é conciliável com a doutrina tomista se unirmos a psique e o pneuma em uma só realidade, a alma.

A Igreja, como veremos, condenou em 1312 o tripartismo quando ele rompe a unidade da alma humana em dois princípios distintos, a psique e o pneuma. A Igreja considera que é a alma toda, e não apenas a "psique", que é a "forma" do corpo; essa verdade filosófica deve ser afirmada se quisermos justificar a unidade do ser humano e a conveniência da ressurreição dos corpos, reunidos novamente ao seu espírito, e se quisermos evitar os erros gnósticos.

Ora, o professor Borella professa o tripartismo:

> "o homem é composto de três substâncias: o corpo, a alma e o espírito" (p. 167).

De tal forma que o corpo corresponde ao sôma, a alma à psique e o espírito ao pneuma. Esse espírito (ou pneuma), que se encontra na essência da alma, é divino; eis o erro gnóstico.

Capítulo 1: Heresia referente à divindade do espírito do homem

A gnose e o professor Borella afirmam justificar, por meio dessa antropologia tripartida, a divindade do espírito humano. A realidade divina do espírito é sutilmente afirmada neste texto: "se o espírito é o que há de divino no homem, não podemos admitir que em Jesus Cristo ele seja Deus em si mesmo?" (p. 186), ou formulada de forma clara aqui: "Em outras palavras, e para falar claramente, no fundo do ser criado, em seu coração mais íntimo, há algo não criado e divino" (La Pensée Catholique, No 180, p. 55). Além disso, para completar o infortúnio, segundo a gnose, a pessoa humana é divina, pois "a essência da pessoa humana é espiritual e não psíquica" (p. 149), e como o professor Borella considera sobrenatural tudo o que está acima do psique, a pessoa humana, que é espiritual, também é sobrenatural e divina, o que lhe permite concluir que o homem tem "um Eu divino, polo da peregrinação espiritual, que nos dá um novo Eu humano sobrenatural" (p. 138).

Para a gnose, a pessoa (o Eu pessoal) é o ser espiritual, o rosto de Deus, como o senhor Borella manifesta em sua linguagem confusa: "esse rosto de Deus que só eu vejo, esse rosto de Deus desconhecido por todas as outras criaturas, visível apenas para meu ser espiritual, ou melhor, que é esse ser em si mesmo, que é a pessoa verdadeira, esse segredo que constitui o ser pessoal como tal, que institui a pessoa no ser" (p. 138).

O fundamento da pessoa, o constituinte essencial, é o Eu divino: "o Eu divino, fundamento único de nossa pessoa" (p. 142)....

Para a gnose, o intelecto é uma faculdade naturalmente sobrenatural, como afirma o professor Borella: "O intelecto designa uma faculdade de conhecimento 'naturalmente sobrenatural'" (p. 161), também ao explicar o sentido que as realidades sobrenaturais podem ter para o homem: "é pelo intelecto naturalmente sobrenatural que as realidades sobrenaturais têm significado para um ser natural, caso contrário, elas permanecem como se não fossem" (p. 161). Isso significa que se não houvesse algo sobrenatural ou divino no homem (espírito-intelecto), o sobrenatural perderia todo o seu significado; portanto, é do intelecto naturalmente sobrenatural que as realidades sobrenaturais derivam seu significado. Essas são as conclusões da antropologia (gnóstica) do senhor Borella:

> "Fiel às conclusões de nossa antropologia, propomos considerar as coisas da seguinte maneira - uma vez admitidas as variações marginais de vocabulário. O espírito designa a vida divina na criatura, conforme sua dimensão mais interior..." (p. 161).

Dessa forma, o professor Borella reafirma a concepção herética da gnose que faz do homem um Deus:

> "O homem não é apenas Deus para o mundo, mas também em si mesmo" (p. 144).

Além disso, o intelecto, segundo a gnose, tem como essência o conhecimento divino:

> "Neste texto famoso (Rom. 7, 22-25), o intelecto aparece claramente em sua natureza verdadeira: ele é, por essência, conhecimento divino" (p. 162).

O professor Borella, com sua antropologia gnóstica tripartida, cai no grande erro do apolinarismo, embora pretenda evitá-lo, pois nega que a alma intelectual seja humana, considerando que a natureza humana de Cristo é constituída pelo corpo e pela alma animal (ou sensitiva), enquanto a alma intelectual (o espírito) é divina, sendo ela que constitui a pessoa. O erro de Borella reside no fato de ele confundir a noção metafísica de 'esse' (o ser) com a da alma intelectual ou espiritual (o espírito), o que, aplicado a Jesus Cristo, o leva a renovar a heresia de Apolinário.

Monsieur Borella explica seu ponto de vista através da seguinte reflexão:

> "O princípio inteligente e livre é o noûs ou pneuma, identificado com a pessoa. Daí resulta que Cristo não possui um noûs humano; ele possui, como homem, apenas um corpo e uma alma animal. Quanto ao noûs em Cristo - é assim que o tricotomismo [1] de Apolinário resolve essa dificuldade cristológica - é o Verbo ele mesmo: 'A humanidade de Jesus Cristo é composta por um corpo (sôma) e uma alma animal (psyché), sendo o Verbo ele mesmo seu noûs e pneuma'... Vemos toda a complexidade da questão, e se alguém seguiu nossa exposição de antropologia, entenderá que talvez haja uma maneira de considerar a doutrina apolinariana que não seja claramente herética: se o espírito é o que há de divino no homem, não podemos admitir que em Jesus Cristo ele é Deus ele mesmo?" (p. 186).

Para o professor Borella, a forma de evitar a heresia de Apolinário é seguir a antropologia gnóstica tripartida que distingue no homem o corpo (sôma), a alma (psyché - alma animal ou sensitiva) e o

espírito (pneuma, noûs - alma intelectiva ou espiritual), de modo que o espírito é sempre divino e não criado, embora reduzido a uma centelha devido ao pecado original. Assim, a humanidade de Jesus Cristo é constituída pelo corpo e pela alma animal, enquanto a divindade é constituída pelo espírito (alma intelectual), que por sua vez se identifica com a pessoa divina do Verbo. O erro metafísico do professor Borella poderia ser mais grave teologicamente, sendo uma heresia comparável apenas à de Apolinário, bispo de Laodiceia.

Para lembrar qual foi o erro da heresia apolinarista, citamos o artigo do Dicionário de Teologia Dogmática de P. Parente:

> "Apolinário começou combatendo o arianismo, sustentando que Cristo era verdadeiramente Deus encarnado, ou seja, o Verbo, Filho de Deus unido à natureza humana. E para melhor defender a união entre o elemento divino e o elemento humano, ele segue o conceito de uma natureza humana apenas composta de carne e alma sensível: nessa natureza, o Verbo assume a função da alma intelectiva (= noûs)."

É exatamente isso que Monsieur Borella propõe, nem mais, nem menos.

No Dicionário de Teologia Católica, encontramos exatamente a mesma coisa:

> "Apolinário o Jovem começou por ser um dos campeões do Concílio de Niceia, um dos companheiros de armas de Santo Atanásio. Mas seu ardor em combater o arianismo o levou ao erro oposto... e apoiando-se, como era um helenista refinado, na tricotomia platônica, ele negou ao Redentor, se não um corpo humano com a alma sensível que o anima, pelo menos uma alma racional, noûs ou pneuma, pois assim, segundo Apolinário, a própria divindade o substitui" (T.I, col. 1506).

A condenação da doutrina de Apolinário foi formulada pela Igreja nos seguintes termos:

> "Também Apolinário, que, entendendo que se negar que a alma, que anima o corpo em Cristo, não teria existido lá na verdadeira humanidade, colocou apenas a alma sensitiva, mas o Verbo de Deus detinha o lugar da alma racional." (DS 1343)

A tripartição antropológica da gnose do professor Borella não é apenas um erro filosófico, mas também uma heresia:

> "Que qualquer um que se atreva doravante afirmar, defender ou sustentar obstinadamente que a alma racional ou intelectiva não é por si mesma e essencialmente a forma do corpo humano, seja considerado herege." (DS 902), declarado no 15º Concílio Ecumênico em 1312.

E que não se diga que ele não fala do espírito, que é precisamente o assunto aqui, já que o 12º Concílio Ecumênico de 1215 considera o espírito igual à alma intelectual ao afirmar:

> "O criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, espirituais e corporais, que pela sua virtude onipotente criou simultaneamente desde o início do tempo, do nada, ambas as criaturas, espiritual e corporal, comum de espírito e corpo constituído." (DS 800)

Além disso, se a alma intelectual não fosse espiritual ou não fosse espírito, sua imortalidade seria negada, o que também é condenado:

> "Damos sentença de condenação e rejeição contra todos os que afirmam que a alma intelectual é mortal..." (DS 1440)

A alma intelectual ou racional é imortal por ser espiritual (ou espírito).

E se separarmos a alma intelectual da alma psíquica, como faz a gnose, afirmamos que a alma intelectual (espírito) não é a forma do corpo, e então caímos na condenação anterior que reprova como herética a afirmação de que a alma intelectiva não anima o corpo humano essencialmente por si mesma.

A condenação atinge como um raio fulminante a tripartição gnóstica do professor Borella, que separa no homem a alma intelectual (espírito) da alma psíquica do corpo humano (alma sensível ou animal) e nega que a alma intelectual (espírito) seja a forma do corpo, caindo assim sob a condenação de herético (Ds. 902). Não há escapatória para a gnose de Borella.

A gnose não admite que a alma intelectual (espírito) seja o princípio de vida do corpo humano, o que não pode ser negado sem que haja erro contra a fé (cf. Ds. 2833), e por essa razão a condenação do XV Concílio Ecumênico de Viena é definitiva (Ds. 902).

---

[1] Significa que o homem é composto por três substâncias: o corpo, a alma e o espírito, conforme o próprio Borella (cf. p. 167).

Capítulo II. Heresia relativa à ordem sobrenatural e ao pecado original

A ordem sobrenatural é desnaturada pelo professor Borella. Eis o que ele afirma:

> "E no entanto, esse espírito que nos é dado pela graça também faz parte da nossa natureza, mas de uma natureza de alguma forma sobrenatural" (p. 160).

Dizer que o espírito dado pela graça faz parte da natureza do homem e que essa natureza é, de certa forma, sobrenatural, é negar a distinção fundamental e absoluta entre a natureza e a graça. É divinizar o homem, como pretende a gnose, quando ela considera o espírito como algo divino, e que confirmamos com a seguinte afirmação que Borella tira de Filão de Alexandria:

> "...cada um de nós participa diretamente da vida divina pela comunicação que recebeu do pneuma divino no nascimento" (p. 160).

Quando o professor Borella fala da graça, ele a considera em função da engrenagem gnóstica. A graça não seria um dom sobrenatural gratuito que nos comunica a natureza de Deus, mas ela viria atualizar o que há de divino no homem, ou seja, seu espírito:

> "O espírito designa a vida divina na criatura, segundo sua dimensão mais interior, cuja atualização depende rigorosamente da graça de Cristo" (p. 161) [2].

Eis uma das heresias da gnose do professor Borella.

Não só ele não distingue a ordem natural da ordem sobrenatural, erro da gnose que evidencia seu radicalismo monista, mas também a graça está em função da divindade do espírito do homem.

A fé é então falsificada pela gnose: quando Borella fala de fé, não se trata da fé católica, mas da fé considerada como consciência religiosa - como diria algum modernista ecumênico - nem mais nem

menos:

> "Disso resulta que somente a consciência religiosa (isto é, a fé) pode deter a entropia natural da alma humana" (p. 58).

A fé considerada como consciência religiosa - segundo o próprio Borella - é a fé que se identifica com a consciência espiritual: "A consciência espiritual ou religiosa" (p. 58), isso não é apenas um erro, mas uma heresia (ver Ds. 2075-2082).

A oração também será desnaturada pela gnose.

Segundo o Sr. Borella, a oração é um meio pelo qual o homem recupera a extensão de sua divindade que é reduzida à sua expressão mais simples:

> "A oração é o ato pelo qual o intelecto realiza sua natureza deiforme..." (p. 397). "Toda oração é, portanto, uma gnose, toda gnose é uma oração" (p. 398).

A graça e os sacramentos, segundo a gnose, servem para alimentar, sustentar e reativar - conforme o caso - o que há de divino no homem. De acordo com a gnose de Borella, a graça necessariamente pressupõe um mínimo de divindade no homem: o espírito. Para o professor Borella, uma natureza puramente humana é inconcebível, a natureza humana deve ter algo de divino que lhe permita captar e atingir a Deus; caso contrário, toda a realidade do mundo divino e sobrenatural não teria nenhum significado para o homem. O núcleo do raciocínio do Sr. Borella é refletido pela seguinte frase, na qual ele pretende evitar dois erros: o sobrenatural e o naturalismo.

> "Além disso, haveria sobrenatural ao querer acrescentar ao homem uma dimensão espiritual sem raiz em seu próprio ser. Ou então, inversamente, cairemos na naturalização do sobrenatural, que virá apenas responder aos desejos ou necessidades do ser humano" (p. 102).

Aqui temos o núcleo e a razão pela qual o professor Borella e a gnose se veem obrigados a introduzir "algo de divino" no homem, pois não se pode atribuir nenhuma dimensão espiritual (mesmo sobrenatural e divina) ao homem sem que ela tenha sua raiz em seu próprio ser. Por isso, o Sr. Borella afirma:

> "É preciso apreender o sobrenatural na própria natureza, como o destino que ela carrega em si e que deve realizar" (p. 102).

A consideração tripartite do homem é, portanto, essencial para a gnose, para a qual o espírito é divino; caso contrário, o homem não pode ser nem imagem de Deus (imago Dei) nem capaz de Deus (capax Dei) para poder alcançar a visão beatífica.

Segundo a doutrina católica, a graça divina confere o divino sem pressupor nada de divino no homem, pois a graça é por si mesma o princípio e o germe da vida divina em nós; a graça, dom gratuito e sobrenatural, nos comunica uma participação na natureza divina, elevando diretamente a natureza humana, e mais precisamente a essência da alma e suas faculdades espirituais a um estado sobrenatural. A ação da graça no homem não tem outra raiz senão a natureza humana e sua "potência obediencial", ou seja, sua capacidade de obedecer a Deus para ser assim elevada como Deus quer. Por outro lado, para o professor Borella, a graça atualiza o que há de divino no homem. A heresia dessa concepção gnóstica da graça é evidente. Os sacramentos são simples instrumentos para ativar a divindade do espírito que foi reduzida a uma realidade pontual, em germe:

> "Sem dúvida, nossa pessoa imortal está virtualmente em nós, mas só poderemos atualizá-la a partir de uma realidade sobrenatural em ato. Ora, para um cristão, não há outra realidade sobrenatural em ato senão a dos sacramentos que a Igreja nos comunica" (p. 148).

Para a gnose do Sr. Borella, a graça é um reativador da divindade do homem (reduzida a uma dimensão ínfima e pontual) que é a do espírito.

A queda do pecado original é inteiramente falsificada pela concepção gnóstica do homem que quer possuir o que ele era, ou seja, que quer possuir a divindade, sabendo que ele já era divino. Para explicar o pecado original, o professor Borella diz:

> "A serpente afirma que, ao comer o fruto, Adão e Eva serão 'como deuses'. No entanto, eles já são 'como Deus'. Mas, sob a figura do fruto, o teomorfismo interior do sujeito aberto a Deus é apresentado como um objeto exterior e fechado que é preciso abrir e comer para possuir o seu segredo. Desejar o que já se é, é perder essa natureza *ipso facto*, é introduzir em si a dualidade e a divisão" (p. 144).

O pecado original não é a perda da graça e do estado de justiça original:

> "a queda original que é essencialmente perda do ser no ter: 'O que se era, quis-se possuir', disse um velho mestre" (p. 92). "A queda original é a origem de toda queda: é a queda do eu no psíquico em que consiste o eu. É a passagem de uma consciência unitiva de ser para uma consciência distintiva de ter" (p. 147).

Mais uma heresia do professor Borella. É uma reinterpretação intelectualista da falta original que foi uma falta moral, não um erro intelectual. Querer ser ou ter o que já se é, é um erro, mas não uma falta. Ao contrário, **desobedecer ao preceito divino e desejar "ser como Deus, conhecendo o bem e o mal" (cf. Gên 3, 5), é uma falta moral de desobediência e de orgulho**, como ensina o catecismo de São Pio X. Tocamos aqui a nota característica de toda gnose, que é eliminar o pecado, substituindo-o por um erro do homem sobre sua própria estrutura metafísica. Rejeitemos essa heresia!

---

[2] Texto parcialmente citado na página 8.

Capítulo III. Heresia sobre a visão beatífica

Encontramos outra heresia no professor Borella quando ele equipara a visão beatífica à contemplação de si mesmo; uma vez que nosso intelecto é deificado pela gnose:

> "Para o intelecto deificado, contemplar a Santíssima Trindade é contemplar a si mesmo. A ousadia desta formulação parecerá sem dúvida excessiva" (p. 404).

Não é apenas ousado até a heresia afirmar tal coisa. É o cúmulo do narcisismo e é diabolicamente rebuscado. Assim, para o bem-aventurado, contemplar a Santíssima Trindade é contemplar a si mesmo! Para afirmar tal barbaridade, é preciso ser iluminado por Lúcifer.

Na gnose, a visão beatífica é sutilmente deformada; **a visão beatífica consiste em ver a essência de Deus e não em nos contemplarmos a nós mesmos em Deus**, como afirma o professor Borella. Podemos nos perguntar como tal erro é possível. Obteremos a resposta na explicação do próprio Borella:

> "A gnose, de fato, é o conhecimento perfeito onde o sujeito conhecedor está totalmente unido ao objeto conhecido, porque, conhecendo como é conhecido, o conhecimento que ele tem de Deus e o conhecimento que Deus tem dele são um único e mesmo conhecimento" (p. 394).

Realmente, é preciso ser obstinado na fantasia do erro, incapaz de receber a luz, para não perceber tal barbaridade, comparável apenas ao orgulho satânico querendo ser igual a Deus.

O autor atinge o cúmulo da heresia e da aberração ao identificar a visão da Santíssima Trindade com a visão da essência do homem. Isso não pode ter outra origem senão a inspiração diabólica que, disfarçando-se de anjo de luz, espalha o reino do erro e das trevas, dizendo:

> "Nós o vimos, e São Evágrio o repete incansavelmente, apenas o intelecto, e o intelecto perfeitamente despojado, é capaz de ver a Trindade. Mas é ainda preferível dizer que tal intelecto é 'vidente da Santíssima Trindade', ou seja, que esta visão é sua própria essência" (p. 405).

Pobre São Evágrio! citado para creditar, por sua santidade, a gnose demoníaca; pois segundo a gnose do professor Borella, é isso a visão beatífica! Em sua obra, ele se permite recapitular esta teoria da seguinte maneira:

> "Retomando os termos de nosso estudo, diremos que a obra própria da caridade é pneumatizar o intelecto, e que a pneumatização do intelecto o torna capaz de receber o dom da sabedoria ou da gnose. Ora, o dom da sabedoria, na medida em que é perfeitamente atualizado pela criatura, corresponde nela ao estado de deificação" (p. 410).

São Paulo também não escapa à reinterpretação! Coitado dele! O professor Borella o agarra para reafirmar sua heresia sobre a deificação do homem segundo a gnose:

> "A palavra de São Paulo significa apenas isto: nossa deificação é uma consequência do conhecimento que Deus tem de nosso ser; ou ainda: ser deificados, tornar-se conformes à imagem do Filho - conformes fieri imaginis Filii - é identificar-se ao conhecimento que Deus tem de nós desde toda a eternidade: a gnose eterna que Deus tem de nós é nossa deificação" (p. 411).

Em sua linguagem gnóstica, Borella identifica deificação com visão da essência do homem.

E para concluir, o professor Borella não se contém no desdobramento de sua erudição gnóstica, que se alimenta, entre outras coisas, além da cabala, do hinduísmo, ao qual ele se refere para reafirmar:

> "o intelecto nu é aquele que é consumido na visão de si mesmo e que mereceu comungar com a contemplação da Santíssima Trindade" (p. 405).

A explicação aberrante de um erro e heresia semelhantes se encontra na recusa, pela gnose, da analogia entre o intelecto criado (humano) e o intelecto incriado (de Deus). A gnose substitui o que é apenas uma analogia por uma univocidade, uma identidade de natureza; o intelecto humano se identifica com seu protótipo divino:

> "O intelecto, dizemos, se identifica com sua natureza sobrenatural, seu protótipo 'in divinis'" (p. 405).

A consequência dessa univocidade é uma concepção errônea da visão beatífica de Deus pelos bem-aventurados do céu, que é um dos mistérios mais elevados da ciência espiritual e é pervertido pela gnose. O salmo 35, versículo 10, diz **"In lumine tuo videbimus Lumen", "em tua luz**

veremos a Luz"; o que os Pais interpretam como uma luz criada por Deus que eleva a inteligência dos bem-aventurados e lhes permite aplicar sua inteligência à essência divina que é Luz incriada, sem serem cegados por ela.

O professor Borella, por sua vez, afirma erroneamente que "Deus só pode ser visto por Ele mesmo, vendo-se em Sua própria luz" (p. 406). Com isso, fica claro que, segundo a gnose, o intelecto do homem que vê Deus face a face é o intelecto divino; o próprio intelecto de Deus, pois, se não fosse assim, ele não poderia ver Deus.

A explicação desta concepção enraíza-se principalmente na seguinte alegação:

> "Todo conhecimento é conhecimento do que é. Portanto, é ao mesmo tempo discernimento do ser e do nada, do real e do ilusório. Ora, em última instância, o ser é Deus" (p. 406).

Aqui se revela plenamente o monismo metafísico de Borella. Dizer que o ser, em última instância, é Deus, é apagar de um traço de pena a distinção metafísica entre o Ser de Deus e o ser das criaturas que constituem o universo. Uma coisa é o Ser em plenitude ou Plenitude do Ser (o ipsum esse subsistens, o ser subsistente por si mesmo) que é Deus, o "Ens per essentiam", e outra coisa são os seres criados que são seres por participação, "ens per participationem" [3]. Portanto, o conhecimento não se reduz a Deus, pois em primeiro lugar, naturalmente, conhecemos as coisas. Mais precisamente, conhecemos os seres sensíveis, todas as coisas que vemos, e a partir delas, chegamos naturalmente a um certo conhecimento de Deus. Estas são as "cinco vias" de São Tomás de Aquino para provar a existência de Deus e descobrir suas principais perfeições a partir da realidade criada: "ad invisibilia per visibilia". Deus não é evidente; é por essa razão que Ele é objeto de demonstração, como ensina a Igreja (Ds. 2812, 3538, 3892). **O conhecimento de Deus não é intuitivo, nem a priori (como pretendem a gnose e o ontologismo), mas demonstrativo e a posteriori** (Ds 3622).

---

[3] Participação segundo São Tomás e não como falsamente entendido pela gnose.

Capítulo IV. Origem filosófica dessas heresias

Identificamos duas fontes filosóficas envenenadas das ideias do professor Borella: **seu nomismo metafísico e seu ontologismo**.

O monismo metafísico do Sr. Borella é entitativo; ele se situa na ordem do esse (ser), como o monismo de Mestre Eckhart; não é um monismo grosseiro no nível da natureza ou da essência, mas no nível do ato de ser. Mestre Eckhart caiu nesse erro, pois para ele há apenas um único esse, o de Deus (o esse divino). Cada coisa recebe sua própria natureza e essência, mas o ser lhe vem de Deus como por emanação. A esse respeito, pode-se consultar "Participação e Causalidade" (Paris, 1961), do Padre Fabro, que explica o erro de Eckhart e de seu panteísmo. Limitaremo-nos apenas a algumas citações.

> "O esse na criatura é outro em relação à essência, mas não em relação ao esse divino" (op. cit. p. 586), afirma Eckhart. "Na concepção de Eckhart (Avicena), o esse é a formalidade suprema, possuída totalmente por Deus, e que abarca as coisas como um fluxo, uma luz, o éter" (Ibid., p. 587). "Para ser exato, é preciso dizer que o esse e a essentia em Eckhart não são de forma alguma o esse e a essentia tomistas, pois Eckhart só reconhece um único ato verdadeiro, Deus, enquanto para São Tomás cada criatura possui seu próprio ato formal (a essentia) e seu próprio ato real (o esse - actus essendi)" (Ibid., p. 587). "Assim, o esse, que é Deus, está igualmente em todas as coisas" (Ibid., p. 587), diz Eckhart. "Na exata medida em que o ser humano adquire uma consciência ontológica do dom do ser, ele deixa o Ser divino fluir nele" (p. 419).

Borella se deleita em Eckhart: ele considera que realizou a síntese entre o tomismo e o agostinianismo (cf. p. 131), o que é falso. Como observa o Padre Meinvielle:

> "São Tomás produziu uma síntese inédita onde culmina todo o pensamento anterior e a realização mais grandiosa do pensamento cristão." ("Da Cabala ao Progressismo", ed. Calchaqui, Salta, 1970, p. 201).

São Tomás sintetiza assim toda a filosofia de seu tempo, tanto o pensamento grego (Platão e Aristóteles) quanto o dos Padres da Igreja, e por essa razão é chamado de Doutor Comum da Igreja Católica (*Doctor communis*).

Mestre Eckhart, a quem Borella admira e cuja doutrina segue, foi condenado por seus erros; seu ensino contém 17 proposições heréticas e 11 proposições suspeitas de heresia (Ds. 979), que são a consequência direta de sua gnose.

O entendimento ou intelecto do qual o professor Borella tanto fala não é nada mais do que o de seu mestre Eckhart, que foi condenado como uma heresia:

> "Algo existe na alma que é incriado e incriável; se toda a alma fosse tal, seria incriada e incriável, e isso é o intelecto" (Erro de Mestre Eckhart: Ds. 977).

É por isso que Borella diz que:

> "O intelecto é, segundo a expressão de F. Schuon, naturalmente sobrenatural. Ele testemunha, no próprio homem, algo que ultrapassa tudo o que encontramos até agora, e particularmente os limites de nossa natureza individual" (p. 130).

Segundo a gnose, nosso ser espiritual (espírito ou pneuma) é de origem divina, é como um raio da divindade recebido individualmente em cada natureza (corpo e alma), daí a tripartição antropológica da gnose: espírito, alma e corpo. O espírito, afirma Borella, não pode ser conhecido de maneira natural:

> "Na realidade, não temos, na ordem da natureza, uma verdadeira consciência de nosso ser espiritual" (p. 130).

Entra em cena curiosamente o pecado original, intelectualizado, como vimos, pelo professor Borella. O espírito só pode ser entrevisto pela atividade intelectual, mas só pode ser verdadeiramente conhecido através da gnose, devido à queda original que mergulhou o espírito na materialidade individual:

> "A esfera pneumática não mais envolve as esferas anímica e corporal... o pecado original é a causa de uma segunda descida cósmica, ao nível do corporal" (p. 117); "A ingestão pecaminosa do fruto proibido opera a inversão da estrutura antropológica" (p. 145), "Desde então, a vida, ou seja, a comunicação com o espírito, está perdida. Resta apenas o conhecimento teórico" (p. 146). Segundo a gnose, antes do pecado original, o homem (o Adão primitivo) é tal que podemos figurá-lo sob a forma de uma esfera, a do espírito, que compreende em si uma outra esfera menor, a do psiquismo, encerrada em um ponto, centro das duas esferas anteriores, e correspondente ao corpo" (p. 117).

Após o pecado original, a condição do homem se inverteu:

> "...a ordem das esferas antropológicas está, portanto, invertida; a esfera corporal envolve a esfera anímica, que por sua vez envolve a esfera pneumática" (p. 118).

O espírito minimizado é assim reduzido à sua mais simples expressão, mas não destruído, de tal forma que o homem não perde sua forma divina: o espírito.

> "A dimensão espiritual do homem, que o envolvia como uma aura de glória, isto é, que irradiava a deiformidade de sua natureza, esta dimensão não desapareceu; ela está reduzida a uma marca pontual, portanto a um germe ou ainda ao estado virtual: o homem não possui mais a atualidade disso (será necessária a vinda de Cristo para abrir a porta do nosso céu interior)" (p. 118).

As heresias do professor Borella atingem aqui seu ápice, na deformação da obra redentora de Nosso Senhor Jesus Cristo. Este não faz nada além de revelar a divindade interior do homem, assim como diria João Paulo II:

> "O Cristo... manifesta plenamente o homem ao homem" (Veritatis splendor, Nº 2).

Esta é a trajetória do Vaticano II, seguida por João Paulo II:

> "O Concílio Vaticano II, em sua análise penetrante 'do mundo contemporâneo', atinge o ponto mais importante do mundo visível: o homem, ao descer, como Cristo, às profundezas das consciências humanas, chegando até o mistério interior do homem" (Redemptor hominis, Nº 8).

O ontologismo é a segunda fonte filosófica envenenada da qual o professor Borella se nutre. O ontologismo de sua gnose é evidente; seu erro consiste na ideia inata do ser infinito ou absoluto (Deus), ou seja, a ideia de que o homem tem a intuição radical e primeira da ideia de Deus. O ontologismo é um erro metafísico grave, assim como um erro teológico que destrói o caráter sobrenatural da visão beatífica ou intuição de Deus.

O ontologismo é um erro que foi explicitamente condenado pela Igreja:

>

> "immediata Dei cognitio, habitualis saltem, intellectui humano essentialis est, ita ut sine ea nihil cognoscere possit: siquidem est ipsum lumen intellectuale" (Erros dos Ontologistas: "1. Um conhecimento imediato de Deus, pelo menos habitual, é essencial à inteligência humana, de tal forma que ela não pode conhecer nada sem ele: esse conhecimento é a própria luz do intelecto." Ds. 2841).
>
> "Esse illus, quod in omnibus et sine quo nihil intelligimus, est esse divinum" ("2. Esse ser que conhecemos em todas as coisas e sem o qual não conhecemos nada é o ser divino." Ds. 2842).
>
> "Universalia a parte rei considerata a Deo realiter non distinguuntur" ("3. Os universais, na sua realidade objetiva, não se distinguem realmente de Deus." Ds. 2843).
>
> "Res creatæ sunt in Deo tamquam pars in toto, non quidem in toto formali, sed in toto infinito, simplicissimo, quod suas quasi partes absque ulla sui divisione et diminutione extra se ponit" ("4. As coisas criadas estão em Deus como a parte no todo, não certamente no todo formal, mas no todo infinito, perfeitíssimo, que coloca fora de si suas quase-partes, sem nenhuma divisão ou diminuição de si mesmo." Ds. 2846).

Que não nos digam que o senhor Borella não professa esses erros; para nos convencermos disso, basta lembrar algumas de suas afirmações:

> "Dissemos que o conhecimento, ato do intelecto, era percepção direta e unitiva do ser" (p. 124). "Ora, em última instância, o ser é Deus. Sob esse aspecto, todo conhecimento é conhecimento de Deus" (p. 406).

O ontologismo de Borella é manifesto; não há como escapar disso. Convém, portanto, lembrar que Rosmini foi condenado em 1887 pelo mesmo erro:

> "In ordine rerum creatarum immediate manifestatur humano intellectui aliquid divini in se ipso, huiusmodi nempe, quod ad divinam naturam pertineat" (Erros de Rosmini: "1. Na ordem das coisas criadas, manifesta-se imediatamente à inteligência humana algo de divino em si, tal que pertence à natureza divina." Ds. 3201).

> "Esse, quod homo intuetur, necesse est, ut sit aliquid entis necessarii et œterni, causœ creantis, determinantis ac finientis omnium entium contingentium: atque hoc est Deus" ("5. O ser, objeto da intuição do homem, é necessariamente algo do ser necessário e eterno, da causa criadora, determinante e final de todos os seres contingentes: e isso é Deus." Ds. 3205).

Há outros erros pelos quais Rosmini foi condenado; eles têm uma semelhança com os erros do professor Borella e do Mestre Eckhart, que faz pensar em uma mesma causa, a gnose:

> "In natura igitur universi, id est in intelligentiis, quæ in ipso sunt, aliquid est, cui convenit denominatio divini non sensu figurato, sed proprio; est actualitas non distincta a reliquo actualitatis divinæ" ("Portanto, na natureza do universo, isto é, dos seres inteligentes que nele estão, há algo ao qual convém a denominação de 'divino', não no sentido figurado, mas próprio; uma atualidade não distinta do restante da atividade divina." Ds. 3203).
>
> "Entia finita, quibus componitur mundus, resultant ex duobus elementis, id est, ex termino reali finito et ex esse initiali, quod eidem termino tribuit formam entis" ("Os seres finitos dos quais se compõe o mundo resultam de dois elementos, a saber, de um termo real e finito e do ser inicial que dá a forma de ser a esse mesmo termo." Ds. 3208).
>
> "A distinção entre o ser absoluto e o ser relativo não é aquela que intervém entre substância e substância, mas é muito maior. Com efeito, o primeiro é absolutamente ser, o segundo é absolutamente não ser; mas este último é relativamente ser. Ora, quando se considera um ser relativo, não se multiplica o ser absolutamente; portanto, falando absolutamente, o absoluto e o relativo não são uma única substância, mas um único ser; e, nesse sentido, não há nenhuma diversidade de ser, ao contrário, há uma unidade de ser." (Ds. 3213).
>
> "Deus faz uma única coisa ao criar, que é colocar integralmente todo o ato de ser das criaturas: portanto, esse ato não é propriamente feito, mas colocado." (Ds. 3217).

O fundamento da doutrina desses erros condenados é o mesmo que o de Borella e do Mestre Eckhart: **é a gnose**.

Capítulo V. Heresia sobre a graça

A última heresia da gnose, que poderia muito bem ser a primeira, encontramos na definição da exigência da visão beatífica que, segundo a gnose, é uma exigência da pessoa humana, de sua transcendência, ou seja, da dignidade que o espírito divino lhe confere. É aqui que se evidencia o caráter gnóstico do erro bastante atual que é o personalismo:

> «Por um lado, a Escritura ensina que conheceremos Deus "como Ele é". Por outro lado, é a própria natureza humana que exige tal conhecimento» (p. 412).

Borella renova aqui a heresia de Bayo ou Michel de Bay (em 1567), que faz da beatificação uma exigência da natureza da pessoa humana. Exigência que está latente em todo o personalismo. É a exigência da transcendência da pessoa humana.

A realização da pessoa humana, tanto para a gnose quanto para o personalismo, é dada somente em Deus, como provam os seguintes textos do professor Borella, os quais demonstram, mais uma vez, a confusão entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, bem como a exigência desta última para a pessoa humana:

> «Não podemos nos tornar nós mesmos senão em Deus» (p. 82),

o que concorda com as seguintes ideias:

> «o homem é um ser em devir» (p. 101); «a natureza atual do homem não é sua verdadeira natureza» (p. 102); «até o momento em que ela (a pessoa) se cumpre na Pessoa divina que, sendo a personalidade por excelência, a essência mesma de toda pessoa, lhe confere finalmente sua verdadeira identidade» (p. 135); «Último paradoxo e o mais fundamental de todos, nesta busca do eu, não é ele que devemos visar, mas o próprio Deus, não a pessoa humana, mas a Pessoa divina que, Sozinha, conhece nosso verdadeiro eu; porque nosso eu não é nada mais do que esse próprio conhecimento... É pela graça da Identidade suprema que cada um realiza sua própria identidade» (p. 148).

A gnose não faz distinção entre o ser criado à imagem e semelhança de Deus e o ser que é a imagem e semelhança de Deus; além disso, Borella afirma:

> «O homem é a imagem de Deus» (p. 144).

Ora, isto pertence exclusivamente ao Verbo, ao Logos divino, ao Filho de Deus e não ao homem. Pois, como observa bem São Tomás:

> «Para designar a imperfeição da imagem no homem, o homem não é apenas chamado imagem, mas à imagem de, por meio do qual se designa um movimento que tende à perfeição. Mas ao Filho de Deus não se pode dizer que é à imagem de, porque é a perfeita imagem do Pai», S. Th. I, q. 35, a. 2, ad 3.

Existem duas classes de imagens: a imagem perfeita, que é aquela que procede do modelo segundo a mesma natureza, e a imagem imperfeita (ou imprópria), que, sem proceder segundo a mesma natureza, é de uma natureza distinta do modelo. Por essa razão, São Tomás ensina:

> «a imagem de algo se encontra de duas maneiras em alguma coisa. De um modo, em uma coisa de mesma natureza segundo a espécie: como a imagem do rei se encontra em seu filho. De outro modo, em uma coisa de outra natureza: como a imagem do rei se encontra em uma moeda. Da primeira maneira, o Filho é a imagem do Pai; da segunda maneira, diz-se que o homem é a imagem de Deus» (S. Th., Ibid.).

Além disso, o professor Borella sustenta que:

> «A semelhança indica então a pessoa espiritual» (p. 144),

uma vez que a semelhança é a consequência da imagem; ela está implicada:

> «Ela (a semelhança) é nomeada em segundo lugar porque é como uma consequência da imagem, ela está implicada pela imagem. É por isso que, às vezes, a imagem é mencionada sozinha» (p. 144).

Assim, o professor Borella pode falar de imagens semelhantes, uma vez que a imagem é conforme ao seu modelo divino, o que significa:

> «que, em sua natureza, o homem se assemelha a Deus» (p. 144).

Como acabamos de ver, é a mesma heresia na qual caem João Paulo II e o Vaticano II. É o erro fundamental da "nova teologia" e da salvação universal, denunciado pelo professor Dormann em seu livro:

> "A Estranha Teologia de João Paulo II e o Espírito de Assis" (ed. Fideliter, 1992, p. 104).

O professor Borella afirma não apenas que o homem, imagem de Deus, em sua natureza se assemelha a Deus, mas ainda que ele é Deus em si mesmo, como vimos em um texto já citado, mas que nos parece bom recordar aqui:

> «O homem é, portanto, não apenas Deus para o mundo, mas ainda em si mesmo» (p. 144).

Portanto, a visão beatífica não é nada mais do que o conhecimento que Deus tem do nosso eu:

> «a Pessoa divina que Sozinha conhece nosso verdadeiro eu, porque nosso eu não é nada mais do que esse próprio conhecimento» (p. 144).

O baianismo é, portanto, o erro no qual cai a gnose do professor Borella. O baianismo busca as raízes de seu erro na confusão entre a ordem natural e a ordem sobrenatural. Bayo, em um de seus erros, considerava que

> «a justiça original era própria do homem como parte integrante de sua natureza, entretanto, era um dever e não um dom gratuito» (Dict. de Théol., P. Parente, p. 46).

O professor Borella, ao falar do ‘estado primitivo’, do ‘homem primitivo’... cai no mesmo erro ao considerar o estado de justiça original como parte integrante de sua natureza.

A heresia de Bayo foi condenada pela Igreja:

>

> «A elevação e exaltação da natureza humana à participação na natureza divina era devida à integridade do estado primitivo e deve, portanto, ser dita natural e não sobrenatural» (Erros de Bayo: «21. A exaltação e elevação da natureza humana à participação na natureza divina era devida à integridade do estado primitivo e deve, portanto, ser dita natural e não sobrenatural.» Ds. 1921).
>
> «É absurda a opinião daqueles que dizem que o homem foi, desde o início, elevado acima da condição de sua natureza por um dom sobrenatural e gratuito, para honrar a Deus sobrenaturalmente pela fé, esperança e caridade» (Ds. 1923).
>
> «Integritas primæ creationis non fuit indebita humanæ naturæ exaltatio, sed naturalis eius conditio» «26. A integridade da primeira criação não foi uma elevação indevida da natureza humana, mas sua condição natural.» (Ds. 1926).

Todas as expressões tais como:

> «A substância humana é capaz, por si mesma, de um comportamento quase divino» (p. 43), «o espírito designa a vida divina na criatura», «o intelecto naturalmente sobrenatural»... (p. 161)

continuam a confusão do natural com o sobrenatural.

Como podemos nos defender da acusação de baianismo quando lemos afirmações como as que acabamos de ver:

> «E, no entanto, esse espírito que nos é dado na graça também faz parte de nossa natureza, mas de uma natureza de certa forma sobrenatural» (p. 160).

Uma de duas: ou nosso espírito natural já é sobrenatural e a graça apenas o coloca em ato, e isso é o erro de Bayo, que o Sr. Borella professa; **ou nosso espírito não é sobrenatural, não tem nenhuma capacidade positiva em relação ao sobrenatural, e a graça o eleva acima de sua natureza: isso é a doutrina católica**.

É absolutamente necessário distinguir três diferentes espíritos ou pneuma: o Pneuma divino, que é o Espírito Santo e sua ação; o pneuma humano encontrado em São Paulo, que é o espírito humano elevado pela graça; e finalmente o pneuma humano dos filósofos, que é simplesmente o espírito, a parte espiritual da alma humana, constitutivo da natureza do homem.

O professor Borella esmaece os limites que separam esses três espíritos: essas são suas duas principais erros fundamentais ou heresias monumentais.

Esses erros de Borella foram igualmente condenados pela Igreja na pessoa de Quesnel, que faz da graça uma exigência da natureza, e na reprovação do concílio de Pistóia, onde é mencionada a condenação de Bayo e de Quesnel.

> «Gratia Adami est sequela creationis et erat debita naturæ sanæ et integræ», «A graça de Adão é uma consequência da criação e era devida à natureza sã e íntegra» (Ds. 2435),

dizia Quesnel, e a Igreja o condenou:

> «A doutrina do Sínodo de Pistóia sobre o estado de feliz inocência, tal como a apresenta em Adão antes do pecado, a saber, abrangendo não apenas a integridade, mas também a justiça interior com o impulso para Deus através do amor de caridade, e a santidade primitiva restaurada de outra maneira após a queda; na medida em que, considerada em seu conjunto, insinua que esse estado foi uma consequência da criação, devido em virtude de uma exigência natural e da condição da natureza humana, e não um benefício gratuito de Deus (é): falsa, já condenada em Bayo (1901 ss) e em Quesnel (2434 ss), errônea, favorecendo a heresia pelagiana» (Ds. 2616).

Conclusão

Podemos dizer que os erros da gnose do professor Borella se resumem em quatro grandes heresias, além do fato de que ele renova e cai nos erros do ontologismo e do monismo metafísico. São eles:

1. A heresia relativa à divindade do espírito do homem.
2. A heresia sobre a ordem sobrenatural e o pecado original.
3. A heresia relativa à graça.
4. A heresia relativa à visão beatífica.

Para o professor Borella, a gnose é o conhecimento que Deus tem de nós em sua essência divina. Chegar a esse conhecimento que Deus tem de nós é alcançar a visão beatífica: portanto, conhecer a essência de Deus e conhecer como Deus nos conhece em sua essência divina é uma só e mesma coisa. Em conclusão, Borella afirma:

> "Finalmente, a gnose pura é, em sua essência, a obra do amor pelo qual nos abrimos à gnose que Deus tem de nós mesmos" (p. 390).

A gnose suprema (epignosis - superconhecimento), ou seja, o ápice do conhecimento esotérico (oculto ou secreto, chamado eufemisticamente de interior ou espiritual), culmina na identificação cognitiva de Deus e do homem na essência divina, a ponto de inverter a noção de visão beatífica, dizendo que não é o homem que conhece a Deus, mas Deus que se conhece no homem:

> "...na superconhecimento, na gnose suprema, não sou realmente eu quem conhece a Deus, mas Deus que se conhece em mim mesmo" (p. 392).

Essa é a famosa gnose de Borella, supostamente católica. Na realidade, a síntese especulativa do professor Borella é praticamente insuperável; ele sintetiza e integra habilmente, com uma sutileza diabolicamente genial, a gnose ancestral (tradição perversa gnóstico-cabalística) com os mistérios mais sublimes da Santíssima Trindade e da Encarnação, com o objetivo de fazê-la passar por católica e tornar mais difícil a detecção do erro sutilmente destilado.

> Resumindo a gnose do professor Borella, podemos afirmar que ela é incompatível com a doutrina e o dogma da Igreja Católica Apostólica Romana.

Não esqueçamos que é por meio da gnose que Satanás, pai do erro, do engano e da mentira, se manifesta sob as aparências do anjo de luz para corromper a noção metafísica de Deus e falsificar

a verdade e os mistérios mais sublimes da religião católica.

A gnose do professor é falsa e herética; disso não há a menor dúvida.

Contracapa

A gnose leva o professor Borella a formular heresias relacionadas ao pecado original, à divindade do espírito humano, às exigências do sobrenatural, à visão beatífica, à ordem sobrenatural e à graça.

Dessa maneira, Borella reafirma a concepção herética da gnose que faz do homem um Deus.

A gnose não admite que a alma intelectual (espírito) seja o princípio de vida do corpo humano, o que não pode ser negado sem incorrer em erro contra a fé.

A gnose não faz distinção entre o ser criado à imagem e semelhança de Deus e o ser que é a imagem e semelhança de Deus.

O professor Borella afirma não apenas que o homem, imagem de Deus, em sua natureza se assemelha a Deus, mas também que ele é Deus próprio...

O baianismo é outro erro no qual a gnose do professor Borella cai. O baianismo tem suas raízes na confusão entre a ordem natural e a ordem sobrenatural. Bayo, em um de seus erros, considerava que "a justiça original era própria do homem como parte integrante de sua natureza, contudo era um dever e não um dom gratuito".

Esses erros de Borella também foram condenados pela Igreja na pessoa de Quesnel, que faz da graça uma exigência da criatura, e na reprovação do Concílio de Pistóia, onde é mencionada a condenação de Bayo e de Quesnel.

ISBN 3-905519-13-5

---

[1]Significa que o homem é composto por três substâncias: o corpo, a alma e o espírito, conforme o próprio Borella (cf. p. 167).

[2] Texto parcialmente citado na página 8.

[3]Participação segundo São Tomás e não como falsamente entendido pela gnose.

BENTO XVI E OS TRADICIONALISTAS

Síntese do trabalho perseverante do padre Celier que leva à ruína da obra de Monsenhor Lefebvre

Sexta-feira, 15 de junho de 2007

Artigo original disponível no site Virgo Maria

- INTRODUÇÃO
- 1 - UMA REAÇÃO BEM TARDIA DOS BISPOS DA FSSPX CONTRA O PADRE CELIER
- 2 - OPOSIÇÕES FUNDAMENTAIS ENTRE, POR UM LADO, O PENSAMENTO DO PADRE CELIER E, POR OUTRO, O DE MONSENHOR LEFEBVRE E OS ENSINAMENTOS DA IGREJA E DA SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA
    - INTRODUÇÃO
    - 2.1 - NEGAÇÃO PELO PADRE CELIER DO SENTIDO SOBRENATURAL E APOCALÍPTICO DA SITUAÇÃO PRESENTE
    - 2.2 - ELIMINAÇÃO PELO PADRE CELIER DA RESPONSABILIDADE HISTÓRICA DOS INIMIGOS DA IGREJA NA REVOLUÇÃO CONTRA A IGREJA
    - 2.3 - OCULTAÇÃO PELO PADRE CELIER DO PAPEL DA MAÇONARIA NA REVOLUÇÃO CONTRA A IGREJA
    - 2.4 - PROMOÇÃO PELO PADRE CELIER DE UM ESTADO DE ESPÍRITO NATURALISTA E RECOMENDAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DO LIBERALISMO PARA SERVIR À LUTA DA TRADIÇÃO
    - 2.5 - NEGAÇÃO PELO PADRE CELIER DO CARÁTER PROVIDENCIAL DA OBRA DE MONSENHOR LEFEBVRE
    - 2.6 - CULPABILIZAÇÃO PELO PADRE CELIER DA FSSPX DIANTE DA “VERDADEIRA IGREJA ATUAL”

    - 2.7 - OCULTAÇÃO PELO PADRE CELIER DO ATENTADO CONTRA OS SANTOS ORDENS E RECOMENDAÇÃO DA « REFORMA DA REFORMA »
    - 2.8 - RECURSO A DEUS RESERVADO PELO PADRE CELIER SOMENTE PARA JUSTIFICAR A DESAPARECIMENTO DA FSSPX
    - 2.9 - NEGAÇÃO PELO PADRE CELIER DA EXPECTATIVA DA AÇÃO PROVIDENCIAL DE NSJC E DA TSVM PARA REVERTER A REVOLUÇÃO CONTRA A IGREJA
    - 2.10 - NEGAÇÃO PELO PADRE CELIER (-BEAUMONT) DA ATUALIDADE DA DOUTRINA POLÍTICA E SOCIAL DO CRISTO-REI COMO SOLUÇÃO PARA A REVOLUÇÃO CONTRA A IGREJA

- 3 - OS PADRES AULAGNIER E RIFAN, PAIS DA POLÍTICA ATUAL DE MONSENHOR FELLAY, A DA “DUAS PRÉ-CONDIÇÕES”
    - 3.1 - O PADRE AULAGNIER REIVINDICA, COM O PADRE RIFAN, A PATERNIDADE DAS “DUAS PRÉ-CONDIÇÕES”
    - 3.2 - O PADRE AULAGNIER ELOGIA A COMUNICAÇÃO NA FSSPX
    - 3.3 - O PADRE AULAGNIER APRESENTA CAMPOS COMO O FRUTO, A REALIZAÇÃO DAS “DUAS PRÉ-CONDIÇÕES” QUE ELE FEZ ADOTAR POR MONSENHOR FELLAY

- 4 - COMO OS PADRES AULAGNIER E CELIER CULPABILIZAM E DESPREZAM OS FIÉIS DA OBRA DE DOM LEFEBVRE
    - 4.1 - O DISCURSO CULPABILIZADOR DA DUPLA AULAGNIER-CELIER SOBRE A ‘REGULARIZAÇÃO’ E A ‘PEQUENA IGREJA AUTOCÉFALA’
    - 4.2 - OS FIÉIS À FÉ COM CATÓLICOS DESPREZADOS PELOS DOIS EMISSÁRIOS DO PADRE RATZINGER

- 5 - AS “ATITUDES MODERNISTAS” DO PADRE CELIER. SUA BIOGRAFIA OCULTADA EM SEU LIVRO. O LADO OCULTO DO PADRE CELIER
    - 5.1 - UM PADRE CELIER QUE ATACA SOB PSEUDÔNIMOS PONTOS ESTRATÉGICOS DA OBRA DE DOM LEFEBVRE E DA LUTA CATÓLICA
    - 5.2 - A PREDILEÇÃO DO PADRE CELIER POR FORMAS DIALOGADAS, MÉTODO INVENTADO PELOS SOFISTAS GREGOS, MESTRES EM MANIPULAÇÃO INTELECTUAL
    - 5.3 - A CULTURA ‘POP & ROCK’ AINDA VIVA DO PADRE CELIER
    - 5.4 - EM 1991, DOM FELLAY DENUNCIA OS PERIGOS DO ROCK

    - 5.5 - EM 2003, O PADRE CELIER, EM CONIVÊNCIA COM O PADRE DE TANOÜARN, CONDUZIU UM ATAQUE DISFARÇADO CONTRA A OBRA ANTI-ESOTERISMO CRISTÃO DE JEAN VAQUIÉ
    - 5.6 - NA PRIMAVERA DE 2004, AS QUESTÕES PÚBLICAS PARA OS PADRES DE TANOÜARN E CELIER
    - 5.7 - EM 2007, A PROPAGAÇÃO DOS FALSOS ARGUMENTOS DO BENEDITINO CONCILIAR SANTOGROSSI A FAVOR DA SUPOSTA VALIDADE DO NOVO RITO DE CONSAGRAÇÃO EPISCOPAL E APESAR DE TODAS AS REFUTAÇÕES

- 6 - O NATURALISMO SUBSTANCIAL DO PENSAMENTO DO PADRE CELIER
    - 6.1 - UM NATURALISMO JÁ ESTIGMATIZADO NA PUBLICAÇÃO DE SEU LIVRO ‘LE DIEU MORTEL’ EM 1995
    - 6.2 - O PADRE CELIER, SUPOSTO DISCÍPULO DE DOM LEFEBVRE, PROMOVE E FAVORECE OS PRINCÍPIOS LIBERAIS E MODERNISTAS EM 2007
    - 6.3 - COMO UM NATURALISTA MODERNISTA, O PADRE CELIER RIDICULARIZA O SENTIDO CATÓLICO SOBRENATURAL E PROVIDENCIALISTA DA HISTÓRIA, OU SEJA, O SENSUS FIDEI
    - 6.4 - A PRETENSÃO FALACIOSA DO PADRE CELIER DE SE INSCREVER NA REALIDADE HISTÓRICA QUE O CONTRADIZ
    - 6.5 - O PADRE CELIER DESENVOLVE UMA FANTASIA DE TIPO AÇÃO CATÓLICA DEGENERADA QUE SE OPÕE AOS PADRES E A SÃO TOMÁS
    - 6.6 - JÁ EM 1884, O PAPA LEÃO XIII TRAÇAVA PARA NOSSA ÉPOCA UMA PERSPECTIVA APOCALÍPTICA, TOTALMENTE ESTRANHA À FANTASIA DO PADRE CELIER
    - 6.7 - EM OPOSIÇÃO AO SENTIDO MÍSTICO DO PAPA LEÃO XIII, A IMAGEM PUERIL DO PETROLEIRO E O PROJETO NATURALISTA DOS PADRES CELIER E AULAGNIER
    - 6.8 - O ATAQUE SEM PRECEDENTES CONTRA OS SANTOS ORDENS PERPETRADO EM 18 DE JUNHO DE 1968, ANTECIPADO PELO PAPA LEÃO XIII 84 ANOS ANTES
    - 6.9 - LA SALETTE, O PAPA LEÃO XIII, FÁTIMA RIDICULARIZADOS PELA EXPRESSÃO ‘FALACIOSO PRETEXTO DE QUE « DEUS PROVERÁ »’ DO PADRE CELIER
    - 6.10 - MONSENHOR LEFEBVRE INVOCAVA LA SALETTE E AS PROFECIAS

- 7 - AS BASES NATURALISTAS, O MÉTODO MODERNISTA E A DOUTRINA ANTI-TUTIORISTA DOS « DOIS PRELIMINARES » INSPIRADOS PELOS PADRES AULAGNIER E RIFFAN

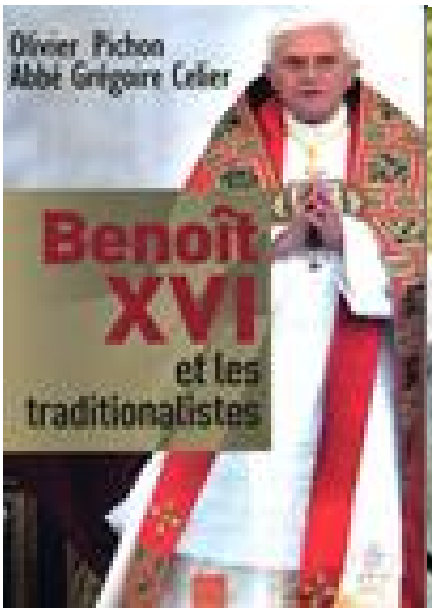
    - 7.1 NATURALISMO E MODERNISMO SUBJACENTES AOS « DOIS PRELIMINARES » DOS PADRES AULAGNIER E RIFFAN
    - 7.2 - A DOUTRINA ANTI-TUTIORISTA DOS « PADRES PROVÁVEIS A PRIORI » ATRIBUÍDA AO MONSENHOR FELLAY PELO SITE DONEC PONAM
    - 7.3 - OS FRUTOS PRÁTICOS DO TRABALHO DO PADRE CELIER EM PERPIGNAN: A CONFUSÃO DOS SACERDÓCIOS

- 8 - UM INSPIRADOR NAS SOMBRAS: O PADRE BARTHE. O GRANDE ARQUITETO DESSA SUBVERSÃO DA FSSPX?
    - 8.1 - O ECLIPSE DO PADRE BARTHE NO MOMENTO EM QUE O PADRE CELIER LANÇA UMA OFENSIVA MIDIÁTICA DENTRO DA FSSPX
    - 8.2 - O PADRE BARTHE PROMOVE O ARTIFÍCIO DO FRONT COMUM RATZINGUÉRIEN-TRIDENTINO EM FUNDO ANGLICANO DA ‘REFORMA DA REFORMA’
    - 8.3 - O PADRE BARTHE E O PADRE DE CACQUERAY (CELIER?) FAZEM DO « PRO MULTIS » O PONTO DE PARTIDA DA ‘REFORMA DA REFORMA’
    - 8.4 - OS PADRES CELIER E BARTHE PRECONIZAM A "RETRADITIONALIZAÇÃO" DO NOVUS ORDO MISSAE (NOM)

- 9 - MELHOR QUE DEUS E NOSSA SENHORA, OS PADRES CELIER E AULAGNIER « VÃO PROVIDENCIAR » ?
    - 9.1 - O PADRE AULAGNIER, NOVO SÃO JOÃO BATISTA DO PROFETA CELIER?
    - 9.2 - O EXORCISMO DO PAPA LEÃO XIII DIANTE DAS SEDUÇÕES DAS FORÇAS DAS TREVAS

INTRODUÇÃO

O binômio Aulagnier-Celier afirma dirigir Monsenhor Fellay e a FSSPX, e os conduz rapidamente à sua ruína. A colusão das teses do padre Celier e do padre Barthe deve deixar pensar que este último seria o teórico externo dessa queda favorecida dentro da FSSPX pelo padre Celier? O



mente anti-Providencial do livro do

O padre Celier desenvolve uma ilusão sedutora que é a antítese de Nossa Senhora de La Salette. O padre Celier ridiculariza o sentido Providencial e sobrenatural ao designar este como um « *fallacioso pretexto de 'Deus fornecerá'* » (sic), enquanto o último texto de Monsenhor Lefebvre lhe opõe o Apocalipse e o « *Veni Domine Jesu* ».

Quase 50 páginas de análise do último livro do padre Celier e uma evidência sob a forma de tabelas de citações das oposições fundamentais entre, por um lado, as ideias do padre Celier e, por outro lado, as intenções de Monsenhor Lefebvre e os ensinamentos da Igreja ou de Nossa Senhora de La Salette.

'*Regulariza*'-se uma obra Providencial? A *fortiori* com « ***a Roma dos anticristos*** » (Monsenhor Lefebvre). O livro do padre Celier compara a FSSPX (que Monsenhor Lefebvre considerava uma 'obra Providencial') a um 'pequeno verme' e aquele que a dirige, Monsenhor Fellay, a um '*garça*'.

1 - UMA REAÇÃO BEM TARDIA DOS BISPOS DA FSSPX CONTRA O PADRE CELIER

Monsenhor Tissier de Mallerais e Monsenhor Williamson **acabam de condenar publicamente o padre Celier e seu último livro « *Bento XVI e os Tradicionalistas* », e Monsenhor Fellay em Paris lhe nega ostensivamente seu apoio** público ao evitar citá-lo e saudá-lo durante sua última apresentação pública em 7 de junho em Paris. Isso não impede, de modo algum, o padre Celier, com o apoio ativo de seu superior do Distrito da França, o padre de Cacqueray, de percorrer hoje o país para assegurar nos priorados franceses da Fraternidade a promoção desse livro que convida a Fraternidade a se unir « ***à Roma dos anticristos*** », segundo os próprios termos de Monsenhor Lefebvre em sua carta de missão aos quatro bispos da Fraternidade (cf. *Carta solene dos fiéis aos quatro bispos* e últimas mensagens VM).

Monsenhor Williamson descobre assim publicamente hoje que este personagem « *tem toda a aparência de um modernista consumado* », enquanto é este mesmo bispo (antigo anglicano - variante metodista), **companheiro discreto do padre Schmidberger[1],** que, censor do Comitê de leitura da revista *Le Sel de la Terre* dos dominicanos de Avrillé, **não cessa de intervir discretamente e obstinadamente para proteger este « *modernista consumado* », em particular para preservá-lo das reações salutares da revista dos dominicanos** que suscitam, a justo título, seus escritos insuportáveis para todo católico fiel à obra de Monsenhor Lefebvre.

Pois os escritos publicados pelo padre Celier, antigo Professor de Filosofia na classe de terminal do Colégio de Châteauroux da FSSPX, sempre se distinguiram ao longo dos anos pelo seu modernismo e seu naturalismo feroz, sem que seus superiores da Fraternidade manifestassem a menor reprovação a seu respeito.

Muito pelo contrário, apesar de seus escritos indefensáveis, seus superiores asseguraram com impavididade sua promoção, **elevando-o até a cabeça do sistema de comunicação francês da FSSPX, confiando a ele a responsabilidade há 13 anos da revista *Fideliter* e das edições *Clovis***.

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-23-A-00-Orchestre_noir_de_la_FSSPX_V3.pdf

2 - OPOSIÇÕES FUNDAMENTAIS ENTRE, POR UM LADO, O PENSAMENTO DO PADRE CELIER E, POR OUTRO, O DE MONSENHOR LEFEBVRE E OS ENSINAMENTOS DA IGREJA E DA SANTÍSSIMA VIRGEM MARIA

INTRODUÇÃO

A análise do livro do padre Celier, de seus escritos anteriores, e a confrontação com os ensinamentos de Monsenhor Lefebvre, do Magistério da Igreja ou das revelações de Nossa Senhora nas aparições reconhecidas pela Igreja, revela um retrato das ideias do padre Celier impressionante.

De fato, por trás da fachada oficial de responsável da FSSPX que ele tenta apresentar de si mesmo, aparece uma figura que age sob pseudônimos e cujo pensamento, em suas afirmações, repousa implicitamente sobre fundamentos naturalistas radicalmente incompatíveis com a obra de Monsenhor Lefebvre.

Para compreender isso, é necessário ler atentamente o padre Celier, isolar em seu pensamento o que constitui, de certo modo, os arcos-botantes deste e meditá-los à luz do que diz Monsenhor Lefebvre assim como a Igreja.

Desse trabalho, que será detalhado posteriormente, surgem algumas grandes linhas que resumimos, inicialmente, em algumas tabelas.

O padre Celier nega, de fato, um sentido sobrenatural e apocalíptico da situação presente do mundo e da Igreja. Ele afirma que a Igreja vive uma crise, mas nunca fala de Revolução contra a Igreja, e, fora de toda referência às Sagradas Escrituras, fora de toda história da salvação, fora de toda profecia dos castigos anunciados, ele descreve uma ‘visão fantasiosa do futuro’, onde, ‘sem violência’, ‘progressivamente’, a Igreja conciliar retorna à Fé católica. Para tornar possível essa ‘pura fantasia’, teve que afastar toda ideia de um complô histórico contra a Igreja, e toda ideologia gnóstica que pudesse ter motivado tal projeto anti-católico de destruição da Igreja; daí sua crítica mascarada sob o pseudônimo de Paul Sernine aos trabalhos de Jean Vaquié, que revelavam essas manobras subversivas contemporâneas dos meios do esoterismo cristão. Da mesma forma, o padre Celier oculta o papel da Maçonaria na Revolução contra a Igreja; é simples, ele nunca fala disso em seu livro que pretende explicar o período conciliar. Para tomar um exemplo, a afiliação maçônica de Bugnini, sobre a qual Michael Davies insiste particularmente, o padre Celier a silencia.

Já promotor de um espírito naturalista por meio de sua obra de 1995, ‘O Deus mortal’, o padre Celier aparece em 2007 totalmente impregnado de um espírito naturalista, espírito que ele difunde por meio de seu livro. Procure o sobrenatural, você não o encontrará; ele reduz tudo a esquemas humanos, imagens triviais (petroleiros, resíduos nucleares, etc.), nunca falando da Santíssima Virgem Maria, expressando-se como se o mundo das Sagradas Escrituras não fizesse parte de seu universo mental. Se compararmos seu escrito com os de Monsenhor Lefebvre, onde as citações bíblicas emergem, ou ainda com os de um cardeal Pie, o contraste é total e brutal. No entanto, ele

não hesita em expor sua sempre viva cultura de música pop e rock, que Monsenhor Fellay denunciou em 1991 como perigosa e sujeita às influências satânicas.

O padre Celier nega o caráter sobrenatural da obra de Monsenhor Lefebvre, a FSSPX, zombando do "imobilismo de tipo providencialista" ou ainda falando de "falacioso pretexto" a respeito da invocação 'Deus proverá', afirmações que estão em oposição aos textos de Monsenhor Lefebvre. O arcebispo afirma no preâmbulo dos estatutos da FSSPX o caráter Providencial da obra que ele fundou. Mas é verdade que o arcebispo age como fundador, enquanto o padre Celier parece ser um destruidor dessa obra. Tendo negado o caráter Providencial da FSSPX, o padre Celier se empenha em culpar os fiéis dela, lançando sobre eles o vocábulo de "autojustificação" e fazendo como se a verdadeira Igreja católica fosse a Igreja conciliar e como se a verdadeira preocupação fosse que a FSSPX se tornasse o que o padre Aulagnier chama de uma "pequena Igreja auto-céfala", enquanto Monsenhor Lefebvre sempre afirmou ser fiel à Igreja de sempre e que não poupou palavras duras para condenar a Igreja conciliar, cujos membros "deixaram a Igreja", segundo suas próprias palavras em 1987.

O padre Celier vai, como mostrou seu artigo medíocre na *Fideliter* em abril de 2007, ocultar o atentado de 1968 contra as Santas Ordens católicos. Em seguida, ele vai favorecer o projeto anglicano-ratzingeriano de *« reforma da reforma »*, do qual o padre Barthe é o agente dentro da Tradição.

Embora fundamentalmente naturalista, o padre Celier, no entanto, recorrerá à invocação da vontade de Deus para introduzir a ideia do desaparecimento da FSSPX. Seria perder uma batalha para vencer a guerra! Em nome do Céu! e do espírito de sacrifício, sem dúvida! Podemos imaginar muito bem o padre de Cacqueray (tornado aparentemente o discípulo do padre Celier), com a piedade nos lábios, pregando sobre este tema. Renunciar à luta de Monsenhor Lefebvre em espírito de sacrifício, mas para obter uma "chuva de graças". É isso que o discurso do padre Celier prepara: a destruição da FSSPX.

Em seu projeto 'fantasioso' de retorno progressivo da Igreja conciliar à Tradição, o padre Celier nega a expectativa da ação providencial de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santíssima Virgem Maria na história para reverter o triunfo dos "discípulos de Satanás" de que fala Monsenhor Lefebvre. O fundador não cessava de colocar suas esperanças nisso; o padre Celier vê nisso um "*fallacieux prétexte*" (pretexto falacioso). Falacioso! O que logicamente significaria que Monsenhor Lefebvre era um mentiroso. Falacioso! E o mesmo se aplica às profecias de Nossa Senhora de La Salette: "*fallacieux prétexte* do 'Deus proverá'"?

E, como corolário do que foi mencionado, o padre Celier, sob o pseudônimo do padre Michel Beaumont em 2005, ataca a doutrina política e social de Nosso Senhor Jesus Cristo. Monsenhor Lefebvre tornou isso a pedra angular de sua luta, e Nossa Senhora anuncia os "novos reis cristãos" em La Salette. Mas para o padre Celier, trata-se de um "conceito inoperante" que corresponde a um "estado da Igreja que definitivamente desapareceu no passado". Ratzinger não poderia ter falado melhor. Mas esses dois homens se entendem perfeitamente bem.

Além disso, em 13 de junho de 2006, em Montpellier, o padre Celier revelou que participa de um "pequeno grupo" com "dois bispos [conciliários]". Finalmente, tudo fica claro. Será que isso é com

o consentimento de Monsenhor Fellay?

Vamos, portanto, descobrir nesta análise uma ação coesa e persistente do padre Celier ao longo de quase 15 anos, para favorecer esse estado de espírito naturalista que leva à destruição dos próprios fundamentos da obra de Monsenhor Lefebvre. Também constatamos que o padre Celier conduz, sob pseudônimos, lutas muito direcionadas sobre assuntos cruciais: negação da subversão (gnose) e envio ao limbo da doutrina do Cristo-Rei. Não se trata de um acaso, mas de um projeto deliberado. Esses assuntos-chave são, de fato, os arcos-botantes da luta de Monsenhor Lefebvre.

Com base neste dossiê e nas análises que o precederam nos últimos meses, temos o direito não apenas de questionar o que o padre Celier está fazendo à frente da revista Fideliter e das edições Clovis, mas também e, acima de tudo, o que este padre está fazendo dentro da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, dentro da obra de Monsenhor Lefebvre.

E, em seguida, quem o cobriu e o protegeu para permanecer por 13 anos nesta posição estratégica e realizar tal trabalho de minagem? Quem?

2.1 - NEGAÇÃO PELO PADRE CELIER DO SENTIDO SOBRENATURAL E APOCALÍPTICO DA SITUAÇÃO PRESENTE

Padre Celier	Monsenhor Lefebvre	Magistério da Igreja – Mensagens da Santíssima Virgem Maria

« *As décadas que se aproximam nos farão assistir em direto a um fenômeno histórico que é ao mesmo tempo ordinário em seu fundo e inédito em seu objeto concreto.* ***A Igreja vai, de fato, digerir o grande pedaço que é o Concílio com suas consequências****. A meu ver, existem na reforma conciliar alimentos absolutamente inassimiláveis pela Igreja, que colocam em risco a coerência de sua doutrina e de sua vida. Eu penso que* ***a Igreja vai proceder com essas partes inassimiláveis como se faz com os resíduos nucleares: vamos envolvê-los em um casulo de concreto impermeável, e então enterrá-los profundamente e afastados****, para que não façam mal a ninguém. Para o restante do que se disse e fez nos últimos quarenta anos, depois de ter sido purgado de seu mau espírito,* ***isso terá lugar em uma nova síntese ancorada na tradição****, o que permitirá à Igreja recuperar uma nova juventude missionária.* ***Sim, eu acredito que isso vai acontecer assim****. »*

*« O que eu considero útil fazer é mostrar **que um tal processo de restauração progressiva da fé é possível, e desde agora, e sem provocar uma nova revolução violenta**, e com os homens de hoje. *» p 212

« Fazendo eco aos Papas antes de 60 que profetizaram sobre os infortúnios que viriam à Igreja, se não fossem ouvidos e se fizessem vista grossa às suas condenações, fazendo **eco às profecias de Nossa Senhora de La Salette** e de Nossa Senhora de Fátima, esforcemo-nos para reconstruir a Igreja sobre princípios eternos ensinados pelo Magistério da Igreja durante quase vinte séculos, reprovando os erros da Revolução liberal e modernista, ainda que sejam validados por aqueles que ocupam a Sé de Pedro » 7 de junho de 1988

« Este agrupamento lança uma luz tão fulgurante sobre a ***Revolução doutrinária*** *inaugurada oficialmente na Igreja pelo Concílio e continuada até hoje, que não podemos deixar de pensar no "****Trono de iniquidade****" predito por Leão XIII, ou na* ***perda da fé de Roma*** *predita por Nossa Senhora em La Salette.*

A difusão e a adesão das autoridades romanas aos erros maçônicos *que foram condenados inúmeras vezes por seus predecessores é um* ***grande mistério de iniquidade que arruína em seus fundamentos a fé católica » 30/10/1988***

« No ano de 1865, veremos **a abominação** nos lugares sagrados; nos conventos, as flores da Igreja estarão putrefatas e o demônio se tornará como o rei dos corações. Que aqueles que estão à frente das comunidades fiquem em guarda para as pessoas que devem receber, porque o demônio usará de toda a sua malícia para introduzir nos ordens religiosas pessoas entregues ao pecado, pois os desordens e o amor pelos prazeres carnais serão espalhados por toda a terra.

« A França, a Itália, a Espanha e a Inglaterra estarão em guerra; o sangue correrá nas ruas; o francês lutará com o francês, o italiano com o italiano; depois haverá uma **guerra geral** que será **assombrosa**. Por um tempo, Deus não se lembrará mais da Itália nem da Inglaterra, **porque o Evangelho de Jesus Cristo não é mais conhecido**. Os ímpios desdobrarão toda a sua malícia; haverá homicídios, e se massacrarão mutuamente até em suas casas.

« Ao primeiro golpe de sua espada fulminante, **as montanhas e toda a natureza tremerão de horror**, porque os desordens e os crimes dos homens furarão a abóbada dos céus. Paris será queimado e Marselha será submersa; várias grandes cidades serão abaladas e submersas por terremotos; acreditar-se-á que **tudo está perdido**; não se verá senão homicídios, não se ouvirá senão ruídos de armas e blasfêmias »

2.2 - ELIMINAÇÃO PELO PADRE CELIER DA RESPONSABILIDADE HISTÓRICA DOS INIMIGOS DA IGREJA NA REVOLUÇÃO CONTRA A IGREJA

Padre Celier	Monsenhor Lefebvre	Magistério da Igreja – Mensagens da Santíssima Virgem Maria

Diante da reflexão de Olivier Pichon (« **A retórica do complô universal e todo-poderoso que floresce em círculos próximos à Fraternidade São Pio X participa dessa mentalidade que parece doentia**. »), o padre Celier responde:

« É difícil, no barulho da batalha, não exagerar em tal ou tal coisa. Às vezes, podemos acabar procurando um pelo em ovo, se detendo em coisas que não valem a pena: é humano. » p 237

« *Acreditamos que o mal, sob a forma de "gnose", seria como eterno, indestrutível e todo-poderoso... Um estado de espírito assim é profundamente anti-católico.* » Paul Sernine (Padre Celier) em *A Palha e o Sico*, p. 55.

« *Eu sinceramente acredito que você é o único entre os escritores, mesmo os chamados tradicionalistas, que vê claramente e denuncia com perfeita justificação a empresa diabólica e maçônica que está se realizando atualmente pelo Vaticano e a grande maioria dos bispos. O plano anunciado nos Atos da Alta Venda e publicado por ordem do Papa Pio IX se realiza hoje diante de nossos olhos.* »

« Uma rede muito bem organizada controla toda a atividade da cúria, interna e externa. **O papa é um instrumento dessa máfia que ele mesmo estabeleceu e com a qual ele simpatiza.** Não podemos esperar nenhuma reação dele; pelo contrário. O anúncio da reunião das religiões em Assis em outubro, decidido por ele, é o cúmulo da impostura e do insulto a Nosso Senhor. »

« No ano de 1864, Lúcifer, com um grande número de demônios, será solto do inferno: eles **abolirão a Fé** pouco a pouco, mesmo nas pessoas consagradas a Deus; eles os cegarão de tal maneira que, a menos que recebam uma graça particular, essas pessoas adotarão o espírito desses maus anjos; várias casas religiosas perderão **totalmente** a Fé e perderão muitas almas.

« Os **maus livros abundarão na terra**, e os espíritos das trevas espalharão por toda parte um **relaxamento universal** em tudo que se refere ao serviço de Deus; eles terão um grande poder sobre a natureza; haverá igrejas para esses espíritos. Algumas pessoas serão levadas de um lugar para outro por esses espíritos malignos, e até mesmo padres, porque não serão conduzidos pelo **bom espírito do Evangelho**, que é o **espírito de humildade, caridade e zelo pela glória de Deus**. Fará ressuscitar mortos e justos. Haverá prodígios em toda parte porque **a verdadeira Fé se apagou e a falsa luz ilumina o mundo. Maldito sejam os Príncipes da Igreja que só se ocuparão em acumular riquezas sobre riquezas, em preservar sua autoridade e em dominar com orgulho.** »

2.3 - OCULTAÇÃO PELO PADRE CELIER DO PAPEL DA MAÇONARIA NA REVOLUÇÃO CONTRA A IGREJA

Padre Celier	Monsenhor Lefebvre	Magistério da Igreja – Mensagens da Santíssima Virgem Maria
Nenhuma ocorrência das palavras maçonaria, maçônico ou maçons no livro 'Bento XVI e os tradicionalistas'. *« Devemos pensar que os Cadernos Barruel retomam essa tática? Em alguns meses, alguns anos, não nos revelarão que a **gnose** não é mais que um fruto da imaginação dos três redatores de Lyon e que milhares de ingênuos foram vergonhosamente enganados? » Avenir d'une illusion, 1993* A afiliação de Bugnini à maçonaria é ocultada pelo padre Celier em seu livro '*Bento XVI...*'	« **Discípulos de Satanás**, que persegue com seu ódio Nosso Senhor Jesus Cristo, **resolveram acabar com a cristandade, com a ordem cristã, com o reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a sociedade, e fomentaram distúrbios até o momento em que puderam destruir, de fato, este reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre as sociedades.** Eles esperavam bem, com isso, **arruinar a obra de Nosso Senhor Jesus Cristo**: é o que diz o papa Leão XIII em sua encíclica *Humanum genus* a respeito dos maçons. Ele diz: **o objetivo principal deles é destruir todas as instituições cristãs**. Todas as instituições cristãs! Esse é o seu objetivo » 30/10/1988	« Todas as seitas que, embora diferenciem umas das outras pelo nome, rituais, forma, origem, se reúnem e estão de acordo entre si pela analogia do objetivo e dos princípios essenciais... idênticos à Maçonaria, que é para todas as outras como o ponto central de onde procedem e onde chegam. » Leão XIII, *Humanum Genus*

2.4 - PROMOÇÃO PELO PADRE CELIER DE UM ESTADO DE ESPÍRITO NATURALISTA E RECOMENDAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DO LIBERALISMO PARA SERVIR À LUTA DA TRADIÇÃO

Padre Celier	Monsenhor Lefebvre	Magistério da Igreja – Mensagens da Santíssima Virgem Maria

« Roma certamente terá a ideia de utilizar, para essa promoção da tradição, os próprios argumentos progressistas: liberdade, riqueza de escolha, antiguidade dos textos, o que sei! Isso, a meu ver, seria um primeiro meio para que o motor da Igreja volte a funcionar na direção certa. Durante quarenta anos, o motor funcionou ao contrário. A fé, a hierarquia, a obediência, a devoção ao papa e aos bispos serviram para alimentar a autodestruição da Igreja: isso é o que Monsenhor Lefebvre chamava de "o golpe de mestre de Satanás", ou seja, destruir a Igreja por um mau uso das próprias regras da Igreja. Deveria, ao contrário, que tudo na Igreja agora sirva para restaurar a tradição, incluindo, eventualmente, os argumentos clássicos do liberalismo. » p 200	*« Para manter e proteger a fé católica dessa praga do liberalismo, este livro me parece chegar em boa hora, ecoando as palavras de Nosso Senhor: **« Aquele que crer será salvo; aquele que não crer será condenado »**, é essa fé que o Verbo de Deus encarnado exigiu de todos se querem ser salvos. É ela que Lhe causou a morte e, em seguida, a dos muitos mártires e testemunhas que a professaram. Com o liberalismo religioso, não há mais nem mártires, nem missionários, mas **liquidatários da religião**, ao redor do cachimbo de uma paz puramente verbal!* *Longe de nós esse **liberalismo, coveiro da Igreja católica**.* *Seguindo Nosso Senhor, levantemos a bandeira da Cruz, único sinal e única fonte da Salvação.* *Que Nossa Senhora de Fátima, no sexagésimo aniversário de sua aparição, queira abençoar a difusão deste livro que ecoa suas previsões. » 13/01/1987*	**« Os sacerdotes, ministros do meu Filho, os sacerdotes, por sua má vida, por sua irreverência e sua impiedade ao celebrar os santos mistérios, pelo amor ao dinheiro, à honra e aos prazeres, os sacerdotes tornaram-se cloacas de impureza. Sim, os sacerdotes pedem vingança, e a vingança está suspensa sobre suas cabeças. Ai dos sacerdotes e das pessoas consagradas a Deus, que, por suas infidelidades e sua má vida, crucificam de novo meu Filho! Os pecados das pessoas consagradas a Deus clamam ao Céu e chamam a vingança, e eis que a vingança está à porta, pois não há mais ninguém para implorar misericórdia e perdão pelo povo; não há mais almas generosas, ninguém digno de oferecer a Vítima sem mancha ao Eterno em favor do mundo.** "**Deus vai atingir de uma maneira sem precedentes. Ai dos habitantes da terra! Deus vai esgotar Sua ira, e ninguém poderá escapar de tantos males reunidos. » La Salette**

2.5 - NEGAÇÃO PELO PADRE CELIER DO CARÁTER PROVIDENCIAL DA OBRA DE MONSENHOR LEFEBVRE

Padre Celier	Monsenhor Lefebvre	Magistério da Igreja – Mensagens da Santíssima Virgem Maria

« (…) Tentamos não deixar passar oportunidades favoráveis, a não nos manter em um imobilismo, o que seria mortal para nós e para a Igreja. Falo de um ***imobilismo de tipo providencialista****, que consistiria em não fazer o que está ao nosso alcance para contribuir para resolver a crise, sob* ***o fallacieux prétexte que "Deus fornecerá"****. Portanto, inscrevemos nossa ação na realidade histórica, circunstancial, de hoje. »* p 212

« Nenhuma obra humana é necessária em si, e a *fortiori* na Igreja. **A Fraternidade São Pio X é uma obra simplesmente humana »** p 225

« Para assegurar nossa dominação sobre os fiéis, o mais simples seria declarar que Roma não está mais em Roma, que a Igreja está totalmente corrompida e que a Fraternidade São Pio X representa agora a Arca da salvação escolhida por Deus. *Estaríamos então tranquilos, e nossa "pequena loja" funcionaria sem sobressaltos nem dificuldades. Mas uma perspectiva assim nos horrorizaria, a rechaçamos com todas as nossas forças. »* p 237

O padre Celier permite, aliás, que seu entrevistador, Olivier Pichon, compare o sucessor de Monsenhor Lefebvre (Monsenhor Fellay) a uma 'garça' e o combate de Monsenhor Lefebvre (estado atual da FSSPX) a um 'verme'.

« 1965-1990 é o período do colapso do sacerdócio católico. 1970-1990. ***A Providência, em Sua Sabedoria infinita, suscita uma obra de restauração do sacerdócio católico****, a fim de preservar os tesouros que Jesus Cristo confiou à Sua Igreja, a fé em sua integridade, a graça divina por meio de Seu Sacrifício e Seus sacramentos, e os pastores destinados à dispensa desses tesouros de vida divina. (…) » Prefácio dos estatutos da FSSPX*

« Manifesta evidência da bênção sobre ***a Obra à qual Deus vai confiar a Arca da Aliança do Novo Testamento****. "Hic est calix sanguinis Mei, novi et aeterni testamenti" Tal é o objetivo de nossas constituições.* ***Que elas sejam o objeto de nossas meditações****, sob o olhar de Maria, Mãe do Sacerdote. » Prefácio dos estatutos da FSSPX*

« Se tomamos a decisão de levar este combate e resistir a todas as pressões que são feitas, inclusive dentro da Igreja, para nos desviar do reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo, é porque nos pareceu indispensável, para defender nossa fé, colocar em prática o reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo. E não é isso o **objetivo da nossa fé, fazer reinar Nosso Senhor Jesus Cristo sobre nós, sobre nossas famílias, em nossas cidades**? *Oportet ilium regnare*, diz São Paulo, é necessário que Ele reine, é necessário que Nosso Senhor Jesus Cristo reine » 30/10/1988

2.6 - CULPABILIZAÇÃO PELO PADRE CELIER DA FSSPX DIANTE DA “VERDADEIRA IGREJA ATUAL”

Padre Celier	Monsenhor Lefebvre	Magistério da Igreja – Mensagens da Santíssima Virgem Maria

« **Para nós, a Igreja consiste na realidade de hoje, no papa de hoje, nos bispos de hoje.** Como qualquer um, devemos cuidar para não nos deixarmos levar por este caminho de autojustificação: mas isto não está nos nossos princípios, nem nas nossas intenções, nem na nossa ação real. »

« **Roma perdeu a fé**, meus caros amigos. **Roma está na apostasia**. Não são apenas palavras, não são palavras ao vento que eu lhes digo. **É a verdade. Roma está na apostasia**. Não se pode mais confiar nesse mundo, **ele deixou a Igreja**, **eles deixaram a Igreja, estão deixando a Igreja. É certo, certo, certo.** » 04/09/1987

« A partir de agora, seremos cada vez mais obrigados a agir considerando essa nova Igreja conciliar como não católica » 29/01/1986

« Por outro lado, se nos parece certo que a fé ensinada pela Igreja durante vinte séculos não pode conter erro, **temos muito menos a certeza absoluta de que o papa seja realmente papa**. A heresia, o cisma, a excomunhão *ipso facto*, a invalidade da eleição são causas que, eventualmente, **podem fazer com que um papa nunca tenha sido ou não seja mais**. Nesse caso, evidentemente muito excepcional, **a Igreja se encontraria em uma situação semelhante à que conhece após a morte de um soberano pontífice**.

Porque, afinal, um problema grave se coloca à consciência e à fé de todos os católicos desde o início do pontificado de Paulo VI.

Como pode um papa verdadeiro sucessor de Pedro, seguro da assistência do Espírito Santo, presidir à destruição da Igreja, a mais profunda e extensa de sua história, em tão pouco tempo, algo que nenhum herege jamais conseguiu fazer?

A esta pergunta teremos que responder um dia » 02/08/1976

« Roma perderá a Fé e se tornará a sede do anticristo »

"**A Igreja será eclipsada**, o mundo estará na **consternação**. »

2.7 - OCULTAÇÃO PELO PADRE CELIER DO ATENTADO CONTRA OS SANTOS ORDENS E RECOMENDAÇÃO DA « REFORMA DA REFORMA »

Padre Celier	Monsenhor Lefebvre	Magistério da Igreja – Mensagens da Santíssima Virgem Maria
« Se Roma quisesse favorecer essa « ***retraditionalização****», **ela teria o recurso, para neutralizar seus adversários, de usar os próprios princípios da nova liturgia.** E, em primeiro lugar, seu caráter muito aberto. Nos rituais, tudo agora é opcional: são propostas inúmeras variantes.* ***Roma poderia então adicionar a oferta tradicional entre as escolhas possíveis.*** *»*	*« Este agrupamento lança uma luz tão fulgurante sobre a* ***Revolução doutrinária*** *oficialmente inaugurada na Igreja pelo Concílio e continuada até hoje, que não podemos deixar de pensar no "****Trono de iniquidade****" predito por Leão XIII, ou na* ***perda da fé de Roma*** *predita por Nossa Senhora em La Salette. »* 30/10/1988	***« A Igreja, esposa do Cordeiro Imaculado, aqui está saturada de amargura e abrevada de veneno, por inimigos muito astutos; eles lançaram suas mãos ímpias sobre tudo o que ela deseja de mais sagrado.*** ***Lá onde foi instituído o Trono do Bem-aventurado Pedro, e a Cátedra da Verdade, lá eles puseram o trono de sua abominação na impiedade***; de modo que, atingido o Pastor, o rebanho possa ser disperso »* Papa Leão XIII, Exorcismo contra Satanás e os anjos apóstatas, 1884.

2.8 - RECURSO A DEUS RESERVADO PELO PADRE CELIER SOMENTE PARA JUSTIFICAR A DESAPARECIMENTO DA FSSPX

Padre Celier	Monsenhor Lefebvre	Magistério da Igreja – Mensagens da Santíssima Virgem Maria

« Mesmo que a Fraternidade São Pio X desaparecesse, eu não perderia a esperança na luta pela tradição. Para parafrasear uma frase famosa, se, pela desaparecimento da Fraternidade, « a tradição perdesse uma batalha, não teria, no entanto, perdido a guerra ». E no dia da vitória, acredito que nos lembraremos da contribuição decisiva que a Fraternidade São Pio X terá dado. Portanto, **sim, estou disposto a considerar a desaparecimento da Fraternidade São Pio X, se assim for a vontade ou a permissão de Deus. »**	« No dia em que o papa voltar à Tradição, é claro que ele só poderá contar com a Fraternidade e com aqueles que trabalham como a Fraternidade, **com aqueles que têm os pensamentos e os princípios** da Fraternidade, em suma, **católicos**, para dizer o mínimo. Se ele quiser reconstruir a Igreja católica, onde encontrará apoio? Onde? Isso é obrigatório, é impossível de outra forma. Não é para nos vangloriar, não é para vangloriar a Fraternidade, mas, o que você quer, é assim, é um fato. É por isso que devemos ter confiança. Se o bom Deus não quer que eu faça bispos, eu pedi a Ele, bem, que Ele me faça morrer antes. Meu sepulcro está pronto! Não é difícil, não me resta muito tempo de vida. Não é difícil para o bom Deus me fazer morrer antes. Posso ser assassinado. Posso ter um acidente de carro. Posso ter qualquer coisa, não é difícil, uma doença qualquer. Vamos ver como será. Então, reze, e continuemos a rezar. **Contemos, no entanto, com Nossa Senhora de Fátima.** » 04/09/1987	

2.9 - NEGAÇÃO PELO PADRE CELIER DA EXPECTATIVA DA AÇÃO PROVIDENCIAL DE NSJC E DA TSVM PARA REVERTER A REVOLUÇÃO CONTRA A IGREJA

Padre Celier	Monsenhor Lefebvre	Magistério da Igreja – Mensagens da Santíssima Virgem Maria

*« Falo de um **imobilismo de tipo providencialista**, que consistiria em não fazer o que está ao nosso alcance para contribuir para resolver a crise, sob **o fallacieux prétexte que "Deus proverá"**. Portanto, inscrevemos nossa ação na realidade histórica, circunstancial, de hoje. »* [padre Celier] » p 212	« Oh! é impossível! Não conseguiremos, é muito difícil, nunca conseguiremos dominar as pessoas que atualmente dirigem nosso país, nunca conseguiremos derrubá-las! » — Mas é preciso contar com a graça do bom Deus! O bom Deus está conosco, o bom Deus quer reinar, o bom Deus quer o bem das almas: portanto, se os católicos se unirem, rezarem, fizerem sacrifícios e militarem em favor do reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo, devemos contar com a graça de Nosso Senhor, com a ajuda da Santíssima Virgem Maria, que é forte como um exército em batalha, com a ajuda dos santos, de São Miguel Arcanjo, de todos os santos do país, de São Nicolau de Flüe, aqui, de São Maurício: invoquemos eles e peçamos que nos ajudem para que Nosso Senhor Jesus Cristo reine em nossos países, para salvar as almas das gerações futuras, salvar nossas almas e restituir nossos países ao doce reinado de Nosso Senhor. » 30/10/1988	**« Os justos sofrerão muito, suas orações, sua penitência e suas lágrimas subirão até o Céu, e todo o povo de Deus pedirá perdão e misericórdia, e pedirá minha ajuda e minha intercessão.** "Então Jesus Cristo, por um ato de Sua justiça e de Sua grande misericórdia pelos justos, ordenará a Seus anjos que **TODOS Seus inimigos sejam mortos**. De repente, os perseguidores da Igreja de Jesus Cristo e todos os homens dedicados ao pecado perecerão, e a terra se tornará como um **deserto**. Então haverá paz, a reconciliação de Deus com os homens; Jesus Cristo será servido, adorado e glorificado; a caridade florescerá em toda parte. Os novos reis serão o braço direito da Santa Igreja, que será forte, humilde, piedosa, pobre, zelosa e imitadora das virtudes de Jesus Cristo. O Evangelho será pregado em toda parte e os homens farão grandes progressos na Fé, porque haverá unidade entre os trabalhadores de Jesus Cristo e os homens viverão na temor de Deus. » Nossa Senhora, La Salette.

2.10 - NEGAÇÃO PELO PADRE CELIER (-BEAUMONT) DA ATUALIDADE DA DOUTRINA POLÍTICA E SOCIAL DO CRISTO-REI COMO SOLUÇÃO PARA A REVOLUÇÃO CONTRA A IGREJA

Padre Celier	Monsenhor Lefebvre	Magistério da Igreja – Mensagens da Santíssima Virgem Maria

« Não vamos reconstruir de todas as peças um estado da Igreja que desapareceu definitivamente no passado. As décadas que vêm, portanto, nos farão assistir em direto a um fenômeno histórico que é ao mesmo tempo ordinário em seu fundo e inédito em seu objeto concreto. *A Igreja vai, de fato, digerir o grande pedaço que é o Concílio com suas consequências.* » p 212

« Se, em virtude da atual globalização, qualquer país, tornado um simples território da "aldeia global", está inserido em uma entidade política onde os católicos são claramente minoria, como a doutrina clássica dos papas que pede que um país majoritariamente católico reconheça o reinado de Cristo em suas instituições políticas ainda seria possível? Nesta hipótese, **assistiríamos à desaparição radical da noção de uma "sociedade majoritariamente católica" e, portanto, por consequência, do conceito de Estado católico, no sentido em que o entendiam os papas.**

(…) Mas será simplesmente uma particularidade histórico-cultural, não mais um **Estado católico** em sentido estrito, **este conceito tendo se tornado inoperante pela desaparecimento de seu fundamento (a "sociedade majoritariamente católica") engolido no grande magma da globalização. »**

« Na verdade, os centros de poder estão progressivamente se despolitizando, para se orientar em uma espécie de gestão administrativa de um espaço público (…). Ora, uma administração puramente pragmática, voltada para a eficácia técnica e a proteção dos direitos individuais, é, por definição, incapaz de definir um bem comum virtuoso, *a fortiori* de dizer qual é a verdadeira religião. »
Padre Celier-Beaumont, *Fideliter* n°163, janeiro de 2005

« A mesma coisa se aplica aos Estados. Mas não devemos ter medo de assumir responsabilidades. Isso não é fazer má política, não é fazer política de partidos, **é simplesmente buscar o reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo, o reinado social de Nosso Senhor.** Portanto, devemos rezar por isso e encorajar todos aqueles que conhecemos, todos os nossos amigos que são capazes de assumir mandatos, nas comunidades, nas cidades, no Estado, a se candidatar. [...] Sem formar partidos especiais, mas que sejam, como diz São Pio X, **o partido de Deus, o partido de Nosso Senhor Jesus Cristo. Este é o que essa festa do Cristo-Rei nos lembra; e [ela] nos pede para agir corajosamente, como dizia Joana d'Arc em sua luta: "Nós lutamos, nós oramos, e Deus dará a vitória".**

« Oh! é impossível! Não conseguiremos, é muito difícil, nunca conseguiremos dominar as pessoas que dirigem atualmente nosso país, nunca conseguiremos derrubá-las! » — Mas é preciso contar com a graça do bom Deus! O bom Deus está conosco, o bom Deus quer reinar, o bom Deus quer o bem das almas: portanto, se os católicos se unirem, rezarem, fizerem sacrifícios e militarem em favor do reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo, devemos contar com a graça de Nosso Senhor, com a ajuda da Santíssima Virgem Maria, que é forte como um exército em batalha, com a ajuda dos santos, de São Miguel Arcanjo, de todos os santos do país, de São Nicolau de Flüe, aqui, de São Maurício: invoquemos eles e peçamos que nos ajudem para que Nosso Senhor Jesus Cristo reine em nossos países, para salvar as almas das gerações futuras, salvar nossas almas e restituir nossos países ao doce reinado de Nosso Senhor. » 30/10/1988

« Os novos reis serão o braço direito da Santa Igreja, que será forte, humilde, piedosa, pobre, zelosa e imitadora das virtudes de Jesus Cristo. O Evangelho será pregado em toda parte e os homens farão grandes progressos na Fé, porque haverá unidade entre os trabalhadores de Jesus Cristo e os homens viverão na temor de Deus. » La Salette

3 - OS PADRES AULAGNIER E RIFAN, PAIS DA POLÍTICA ATUAL DE MONSENHOR FELLAY, A DA “DUAS PRÉ-CONDIÇÕES”

3.1 - O PADRE AULAGNIER REIVINDICA, COM O PADRE RIFAN, A PATERNIDADE DAS “DUAS PRÉ-CONDIÇÕES”

Em 29 de março de 2006, na ITEM (n°86), o padre Aulagnier reivindicava a paternidade da política das duas pré-condições:

> *« Eliminar a excomunhão e devolver à missa de São Pio V toda a sua liberdade seria, de fato, mudar a atmosfera na Igreja, nas dioceses e em Roma mesmo. Aqui está a que devem responder “essas duas pré-condições”. Elas são necessárias.* ***Estou bem posicionado para dizer isso. Com Monsenhor Rifan, somos nós dois que as sugerimos, em 13 de janeiro de 2002. Monsenhor Fellay, nesta reunião, ficou bem calado…*** *Se Roma satisfizesse esses dois pontos, isso seria realmente “tomar atos públicos em favor da Tradição”.* Padre Aulagnier, 29 de março de 2006, Item[2] n°86

Monsenhor Fellay ficou em silêncio!!!

E são o padre Aulagnier e o padre Rifan da época, que desde então se tornaram os ralimados-apóstatas de Campos, aqueles mesmos que entregaram os fiéis católicos brasileiros de Monsenhor Castro-Meyer ao bispo apóstata Wojtyla-João Paulo II, preocupando-se tão pouco com a luta deste para a preservação do Sacerdócio católico sacramentalmente válido, que são os pais das “*duas pré-condições*” introduzidas na política da FSSPX!

Assim, são esses dois ralimados à Roma dos “*anticristos*,” segundo a própria expressão de Monsenhor Lefebvre em sua carta de missão aos quatro bispos que ele consagrou em Écone em 1988 (cf. *Carta solene dos fiéis aos quatro bispos da Fraternidade*), e **que, servindo hoje esses mesmos “*anticristos*” que estão em Roma, introduziram este veneno mortal no fruto da**

FSSPX!

Já comentamos os frutos venenosos da política das "***duas pré-condições***" para a FSSPX, **tendo como primeiro efeito o início da ruína da FSSPX**: *« saída de um fiel em cada 5 nas capelas da FSSPX, divisões exacerbadas, descrédito dos responsáveis da mídia,* ***clima de intimidação mantido pelas hierarquias paralelas dentro da FSSPX****, perda da chama conquistadora e deserção dos mais jovens, perda do sentido sobrenatural, evitamento pavloviano de toda atualização do combate doutrinal da FSSPX à luz dos novos fatos, ausência de estudos de fundo, afastamento do espírito do fundador,* ***discurso teológico aberrante****, eclesiologia insustentável, etc. »*

---

[2] http://la.revue.item.free.fr/regard_monde290306.htm

3.2 - O PADRE AULAGNIER ELOGIA A COMUNICAÇÃO NA FSSPX

E o padre Aulagnier elogia a comunicação da FSSPX em março de 2006.

Ora, quem dirige essa comunicação em 2006 são **os padres Lorans, Sélégny, Celier e de La Rocque**.

Eles, de fato, controlam *Dici*, *Nouvelles de Chrétienté*, as edições *Clovis*, *Fideliter* e a *Carta aos nossos irmãos sacerdotes*. **Enfim, o excluído da FSSPX, cuja decisão de demissão por parte de Monsenhor Fellay foi ratificada por unanimidade pelos 40 capitulantes do Capítulo Geral de julho de 2006, o padre Aulagnier agora vem fazer o elogio público da comunicação organizada pela rede dos infiltrados modernistas**:

> *« É necessário que as coisas estejam claras na mente dos fiéis.* ***A comunicação está hoje bem assegurada na FSSPX e com bom senso. É isso*** » Padre Aulagnier, 29 de março de 2006, Item[3] n°86

Já demonstramos o suficiente, não apenas com a manipulação sacrílega do “***buquê espiritual***” e as mentiras públicas de Monsenhor Fellay que se seguiram (Paris, 18 de outubro de 2006, e Lausanne, 29 de abril de 2007), **quão essa comunicação destrói o trabalho de Monsenhor Lefebvre e a credibilidade da obra sacerdotal que ele fundou, comprometendo fundamentalmente seu objetivo de preservação do Sacerdócio sacramentalmente válido.**

---

[3] http://la.revue.item.free.fr/regard_monde290306.htm

3.3 - O PADRE AULAGNIER APRESENTA CAMPOS COMO O FRUTO, A REALIZAÇÃO DAS “DUAS PRÉ-CONDIÇÕES” QUE ELE FEZ ADOTAR POR MONSENHOR FELLAY

O padre Aulagnier é o pai do *ralliement* de *Campos*, sobre o qual não poupa elogios.

Sabemos o que esse *ralliement* resultou, ao destruir a magnífica luta de Monsenhor de Castro-Mayer, co-consagrador dos quatro bispos da FSSPX em 30 de junho de 1988 na pradaria de Écone.

E o padre Aulagnier destaca a relação direta entre, por um lado, essas “*duas pré-condições*” que ele conseguiu inocular na política da FSSPX e, por outro lado, o ‘*excelente*’ exemplo do ralliement-apostasia de Campos:

> *« Sim! É preciso saber e dizer que essas duas pré-condições já foram praticamente aceitas por Roma no caso de Campos.*
>
> *Aqui está o que Monsenhor Fellay pede. Esta é a razão das “suas duas pré-condições”, diz ele. Aqui está que Roma respondeu perfeitamente no caso de*

> *Campos. Foi o que Monsenhor Rifan nos explicou durante sua passagem pela França. O que Monsenhor Fellay exige legitimamente, Roma o queria e permitiu em Campos, com nossos amigos...*
>
> *Mas, Monsenhor, a experiência de Campos está aí. Esses sacerdotes fazem um excelente trabalho. Eles não mudaram de missa, não mudaram de catecismo. Eles ensinam sempre a mesma verdade. Como no tempo de Monsenhor de Castro Mayer. Já a partir daí "as condições práticas estão reunidas para permitir uma lição de fatos completa e inteira, ou seja, convincente" (...)*
>
> *Lá, Monsenhor, em Campos os sacerdotes de Monsenhor Rifan não estão mais em "liberdade vigiada, nem apenas "autorizados a se manifestar apenas com parcimônia de aqui e ali, como uma gota a conta-gotas". Não, eles têm "ponta de rua". Eles se manifestam com toda liberdade. Eles até construíram e abriram um novo seminário, que tem até uma boa aparência... »* Padre Aulagnier, 29 de março de 2006, Item[4] n°86

O padre Aulagnier finge considerar o padre Celier como o porta-voz da FSSPX e faz seu elogio.

Ao mesmo tempo em que o padre Celier é marginalizado por Monsenhor Fellay, que, em sua última apresentação pública em Paris no dia 7 de junho de 2007, o ignorou de forma soberana e ostensiva, enquanto Monsenhor Tissier de Mallerais o colocou no Índice e Monsenhor Williamson o acusa de "***modernismo consumado***" e pede ao padre de Cacqueray para "***agir***" contra ele, o padre Aulagnier da IBP persiste em considerar o padre Celier como o porta-voz da FSSPX e de Monsenhor Fellay.

---

[4] http://la.revue.item.free.fr/regard_monde290306.htm

4 - COMO OS PADRES AULAGNIER E CELIER CULPABILIZAM E DESPREZAM OS FIÉIS DA OBRA DE DOM LEFEBVRE

4.1 - O DISCURSO CULPABILIZADOR DA DUPLA AULAGNIER-CELIER SOBRE A ‘REGULARIZAÇÃO’ E A ‘PEQUENA IGREJA AUTOCÉFALA’

Ele vai ainda mais longe, afirmando que o padre Celier estaria em sintonia com « *todos os padres da FSSPX* » ao desejar a « *regularização* »:

> *« A grande vantagem do livro de Monsieur padre Celier e Olivier Pichon « Bento XVI e os tradicionalistas », é sua clareza sobre um assunto capital: a normalização da situação canônica da FSSPX com Roma ou melhor sua « **regularização** canônica ». Já analisei o pensamento de Monsieur padre Celier sobre esse assunto em um olhar anterior. (cf. n° 129 de 12 de maio). **Ele afirma que todos os membros da FSSPX** são **favoráveis** a essa **regularização**. Para todos eles, **é uma questão de fé**. Não se trata **de se separarem da Igreja**, nem de criarem **uma « pequena igreja » autocéfala** »*

Todos os membros da FSSPX desejariam **se ‘*regularizar*’ pelo padre apóstata Ratzinger?**

Que ousadia!

Enquanto a campanha do padre Celier na França é um verdadeiro fracasso, e que agora dois bispos o rejeitam assim como a grande maioria dos priorados, que o Superior o marginaliza ao

ignorá-lo suberbamente durante sua última apresentação pública em Paris, **aí estão os padres Aulagnier e Celier para nos explicar benignamente que *« todos os membros da FSSPX »* gostariam de um acordo com Roma.**

O que significa **esse discurso culpabilizador? *'regularização'***?

Como se um casal que vivesse no pecado desejasse '*regularizar*' sua situação?

Se *'separar da Igreja'*? Mas quem se separa da Igreja?

Segundo as palavras solenes do próprio Dom Lefebvre, que todos podem ouvir ao abrir o site *Virgo-Maria*, são Ratzinger e seus séquitos apóstatas que *« deixaram a Igreja, que deixam a Igreja... »* e por quê?

Porque, segundo Dom Lefebvre, *« Roma perdeu a Fé... é certo... certo ! ».*

E é a essas pessoas « *que falharam na fé* » - para retomar o termo da Bula de Paulo IV (*Cum ex apostolatum Officio,* que ainda é lembrada no Código de Direito Canônico de São Pio X, editada em 1917) suberbamente ignorada pelos clérigos em questão - a essas pessoas que *de fato* deixaram a Igreja, que a FSSPX deveria vir pedir para ser « *regularizada* »?

Parece um sonho.

Podemos imaginar a reação de Santo Atanásio ou de Santo Hilário de Poitiers se em seu tempo um equivalente da dupla Aulagnier-Celier tivesse vindo aconselhar-lhes a pedir aos bispos arianos sua '*regularização*'?

Qual não teria sido a vigorosa reação desses santos bispos, confessores da Fé! Eles com certeza não teriam se confiado a eles sua « *comunicação* »!

Da mesma forma, o padre Celier, **criação do padre Aulagnier, ao qual deve toda sua carreira eclesiástica**, confirma essa semântica e ainda acrescenta que assim a '*FSSPX regularizada*' se fundamentaria na « *profissão integral da Fé* »:

> *« ...Não, a vontade da Fraternidade São Pio X, de forma unânime, é de conseguir um dia, o mais rápido possível, uma **regularização** canônica baseada na profissão integral da fé: simplesmente porque isso faz parte de nossa vontade de estar plenamente ligados à Igreja católica »* Padre Celier, *Bento XVI e os tradicionalistas,* p. 206

O padre Aulagnier acrescenta: **se a FSSPX não prosseguisse essa política mortífera e não pedisse sua *'regularização'*, criaria uma « '*pequena igreja*' *autocéfala ».***

Ao consagrar em 1988, Dom Lefebvre alguma vez disse que queria criar uma « ***'pequena igreja' autocéfala*** »?

Evidentemente não.

Ele se defendeu energicamente contra isso, esclarecendo, publicamente em inúmeras ocasiões, as razões superiores que o levaram a consagrar os quatro bispos atuais da FSSPX para o bem das almas e a sobrevivência do Sacerdócio católico autêntico: « ...***agora que os tronos de Roma estão ocupados por anticristos...*** ».

E essa pretensão ridícula já foi reivindicada pelos bispos da FSSPX desde então? Evidentemente não.

Aqui está o que Dom Lefebvre respondia antecipadamente ao discurso culpabilizador dos padres Aulagnier e Celier, que já foi sustentado pelo 'cardeal' Gagnon diante do fundador de Écone: « *Eminência, **não somos nós que fazemos uma Igreja paralela**, pois **continuamos a Igreja de sempre**, é **vocês que fazem a Igreja paralela ao terem inventado a Igreja do Concílio** ».*

Aqui está a citação do arcebispo na véspera da consagração dos quatro bispos:

> *« A imprensa anunciou: acordo entre Dom Lefebvre e o Vaticano. Parece que as coisas estão se arranjando, que tudo vai se resolver. Pessoalmente, como já lhes disse, eu ia com desconfiança. Sempre senti um sentimento de desconfiança e devo confessar que sempre pensei que tudo o que eles faziam era para **nos reduzir, a aceitar o Concílio e as reformas pós-conciliares**. Eles não podem admitir, e aliás o Cardeal disse isso recentemente em uma entrevista a um jornal alemão: «Não podemos aceitar que haja grupos, após o Concílio, que não aceitem o Concílio e as reformas que foram feitas após o Concílio. Não podemos admitir isso». O Cardeal repetiu isso várias vezes: «Monsenhor, só há uma Igreja, não pode haver Igreja paralela». Eu lhe disse: «Eminência, não somos nós que fazemos uma Igreja paralela, pois continuamos a Igreja de sempre; é você que faz a Igreja paralela ao ter inventado a Igreja do Concílio, aquela que o cardeal Benelli chamou de **Igreja conciliar**, é você que inventou **uma nova igreja**, não nós. É você que fez **novos catecismos, novos sacramentos, uma nova missa, uma nova liturgia**, não somos nós. Nós, continuamos o que foi feito anteriormente. Não somos nós que fazemos uma nova igreja». »[5]* Dom Lefebvre, conferência de imprensa em Écone, 15 de junho de 1988

Tais palavras são suficientes para condenar o padre Celier, do qual podemos nos perguntar por que ele ainda pertence à obra de Dom Lefebvre. Seu lugar não seria na IBP, com os homens que fizeram toda a carreira desse sacerdote que se distingue na Fraternidade São Pio X por seu naturalismo e seu modernismo desenfreado?

---

[5] http://www.virgo-maria.org/Documents/mgr-lefebvre/1988_06_15_Conference_de_presse_de_Mgr_Lefebvre.htm

4.2 - OS FIÉIS À FÉ COM CATÓLICOS DESPREZADOS PELOS DOIS EMISSÁRIOS DO PADRE RATZINGER

Que desprezo pelos fiéis e por Dom Lefebvre! Acusá-los de não estarem '*regularizados*'.

Para aqueles que hoje lutam arduamente diante dos denegrimentos e das ofensas, para aqueles que desdobram tesouros de piedade no silêncio, para todos esses fiéis enfermos que oferecem seus sofrimentos, para todos que suportam sacrificadamente os custos da educação dos filhos, para todos aqueles que em várias partes do mundo percorrem centenas de quilômetros para receber realmente o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo validamente consagrado, e não falsos sacramentos inválidos e sacrílegos, para todos que enfrentam a exclusão imposta por suas próprias famílias, enfim, para todos os humildes e pequenos **que tentam com coragem e piedade conservar sacramentos válidos e orar e trabalhar pela sua própria salvação e pela restauração da Igreja católica**.

E agora, eis que um privilegiado, um homem do *establishment* do padre apóstata Ratzinger, o padre Aulagnier, e seu protegido, que deve toda sua carreira eclesiástica a ele, o padre Celier, vêm com uma ousadia incompreensível reprochar aos fiéis de não estarem « *regularizados* », exigindo que finalmente considerem ser '*plenamente ligados à Igreja católica*', que não '*se separem da Igreja*', que não '*criem uma pequena Igreja autocéfala*'.

Esses dois clérigos realmente não têm vergonha.

Que desprezo e que condescendência para os fiéis católicos por parte desses dois eclesiásticos.

E o cúmulo do desprezo e da ironia é alcançado quando eles justificam seu discurso insuportável e anticatólico apelando à '*profissão integral da fé*', e fazem disso uma ' *questão de fé*'.

E são esses dois emissários do apóstata Ratzinger que ousam vir falar da Fé Católica?

Após a recente e pública apostasia deste último na mesquita azul de Istambul, sua assinatura com o pretenso arcebispo de Cantuária, alto dignitário das lojas iluministas britânicas, após seu sutil rejeito modernista do limbo, após seus discursos incrivelmente ecumênicos que se sucedem semana após semana no site oficial do Vaticano, etc. !!!

Quão longa é a lista e todos os dias se enriquece com negações da fé católica por esses ***Anticristos*** que ocupam Roma!

E o padre Aulagnier, que, para aplicar suas próprias palavras, hoje se encontra nesta '*grande Igreja* ' mãe, e não '*autocéfala*', **está agora às ordens desses apóstatas dos quais se encontra de fato plenamente solidário.**

Quanto ao padre Celier, se ele aspira apenas a uma coisa, é poder finalmente ser reconhecido por Roma, por que ele não parte imediatamente para a IBP de seus grandes amigos, os padres Laguérie e Tanoüarn?

Por que ele se empenha tanto em arrastar para seu próprio naufrágio na Fé toda a estrutura da Fraternidade São Pio X, obra providencialmente fundada por Dom Lefebvre há 37 anos para a preservação do Sacerdócio católico sacramentalmente válido?

Os padres Aulagnier e Laguérie de fato o apreciam tanto e amam tanto seu livro, que não deixariam de se alegrar em recuperar um tão « *bom elemento* », tão zeloso por estar '*plenamente ligado à Igreja católica*'.

O padre Celier, assim, reataria com suas ardências da adolescência conciliar, antes de descobrir a « *Tradição* », ardências que ele talvez nunca tenha abandonado e que o faziam colocar a submissão à « *Santa Sé* » acima de tudo, inclusive da Fé imune a heresias:

> *« Até os dezenove anos, não tenho uma hora de « tradicionalismo » a me reprochar.* ***Para mim, a obediência ao papa é algo absolutamente fundamental****, e eu não imaginava que um católico pudesse desobedecer ao Santo-Pai. »* Padre Celier, *Benoît XVI et les traditionalistes*, p. 31

5 - AS “ATITUDES MODERNISTAS” DO PADRE CELIER. SUA BIOGRAFIA OCULTADA EM SEU LIVRO. O LADO OCULTO DO PADRE CELIER

Examinemos agora a biografia escondida do padre Celier, aquela que ele não revela em seu livro ‘ *Bento XVI e os tradicionalistas*’.

5.1 - UM PADRE CELIER QUE ATACA SOB PSEUDÔNIMOS PONTOS ESTRATÉGICOS DA OBRA DE DOM LEFEBVRE E DA LUTA CATÓLICA

Lembramos que o padre Celier **organizou suas publicações em parte duplas recorrendo a pseudônimos:**

- Desde 1993, primeiramente sob sua própria assinatura, Grégoire Celier, **na editora « *Grichat, la nuit tous les chats sont gris* », ele publica sob o manto** um opúsculo que intitula, ao emprestar o título de uma obra célebre de Sigmund Freud, **« *l’Avenir d’une illusion* », para tentar ridicularizar a obra de Jean Vaquié, falecido um ano antes, que analisava e denunciava a Penetração da Gnose anticristã e de seus agentes nos meios da Fraternidade, e que por isso recebeu o apoio público de Dom Lefebvre** (cf. mensagens VM anteriores). Este texto é acompanhado de **um aviso muito surpreendente da parte de um sacerdote católico**, proibindo qualquer reprodução e difusão, **mas convidando fortemente seus leitores a reformular seus argumentos, evitando cuidadosamente citá-lo**. Essa metodologia é, de fato, mais familiar aos círculos da extrema esquerda trotskista do que aos padres da FSSPX.
- No final de 1994, ele publica sob seu nome uma obra dialogada de tipo filosófico intitulada « ***Le Dieu Mortel*** », sob copyright « ***Grichat and his keatons*** », obra onde ele dá livre curso a seu naturalismo e a seu modernismo intrínsecos, que hoje parece que Dom Williamson descubre. **É para proteger os alunos e os fiéis das reações, salutárias tanto para eles quanto para os dominicanos de Avrillé, que Dom Williamson exigirá por escrito em 1995 a auto-censura da revista *Le Sel de la Terre*** (cf. mensagens VM anteriores).
- Em 2003, ele publica sob o pseudônimo de « ***Paul Sernine*** » (anagrama de Arsène Lupin que ele descobre no romance de Maurice Leblanc « *Dorothée, danseuse de cordes* ») nas edições « *Servir* », dirigidas pelo padre de Tanoüarn, um pequeno livro intitulado « ***La***

Paille et le Sycomore », onde ele retoma e dilui a brochura que havia publicado sob seu nome em 1993 « *l'Avenir d'une illusion* » para se entregar a um ataque em regra - **partindo de uma citação truncada e extraída de seu contexto -** dos trabalhos anti-gnósticos dos Cahiers Barruel e, sobretudo, dos de Etienne Couvert, **para melhor desqualificar, por esse meio, a obra de Jean Vaquié que ainda fazia obstáculo à penetração da Gnose** anticlériga camuflada **nos meios da FSSPX** e entre suas publicações.

- Em 2004, finalmente, diante das vivas reações suscitadas por esse livro nos meios tradicionais próximos da FSSPX, ele publica **sob o mesmo pseudônimo, em uma gráfica, tomando o nome de um editor dos meios de extrema esquerda (edições do *Zébu*), um fascículo intitulado « *Paul Sernine responde a seus leitores* »**, onde se apresenta como vítima inocente dos espíritos fanáticos e integristas.
- Na primavera de 2005, sob a assinatura de « ***Padre Beaumont*** », ele publica na revista *Fideliter*, que dirige, um artigo onde **não hesita em declarar agora obsoleto o ensino irreformável da Igreja sobre a Realeza Social de Nosso Senhor** frente à « *Globalização* ».
- Finalmente, em abril de 2007, **sob sua própria assinatura, ele publica em sua revista *Fideliter* um artigo-panfleto « *Da validade dos sacramentos* », onde tenta de maneira desajeitada e bastante grosseira – sem qualquer referência - defender a validade sacramental dos sacramentos conciliares,** texto em que demonstra sua profunda nulidade em relação ao domínio da teologia moral católica e sua ignorância crassa sobre a questão dos ritos orientais, assim como seu desconhecimento total do assunto e das publicações e refutações já publicadas sobre a questão. Neste artigo, ele retoma os falsos argumentos do beneditino conciliar promovido pelos padres Barthe e de Tanoüarn, já refutados desde agosto de 2006. O padre Celier faz como se nada fosse, e inocula assim na FSSPX, através de *Fideliter*, os falsos argumentos propagados pela IBP.

5.2 - A PREDILEÇÃO DO PADRE CELIER POR FORMAS DIALOGADAS, MÉTODO INVENTADO PELOS SOFISTAS GREGOS, MESTRES EM MANIPULAÇÃO INTELECTUAL

Sabe-se que as obras de Platão que nos chegaram, nas quais ele combate a escola dos sofistas de seu tempo, se apresentam **sob uma forma dialogada**.

A razão é que, precisamente, esse método de diálogos entre duas ou três personagens era o que os sofistas usavam sistematicamente para manter cativos os espíritos de seus leitores diante de suas acrobacias intelectuais enganosas, parecendo assim « *demonstrar* » e fazer-lhes admitir de forma « *suave e amigável* » o que eles haviam escolhido previamente fazer com que aceitassem.

É esse mesmo método, inventado pelos sofistas gregos, que o padre Celier escolheu deliberadamente, tanto para sua obra de « *Filosofia* » « *Le Dieu Mortel* » quanto em seu último livro « Bento XVI e os tradicionalistas », sem dúvida para melhor fazer aceitar a seus jovens alunos e a seus leitores suas próprias concepções, para dizer o mínimo, heterodoxas.

Esse método dos diálogos, utilizado ocasionalmente em **temas que tratam de questões importantes, permite de fato, de maneira descontraída, fazer passar, de forma quase subliminar ao longo do discurso, para o leitor relaxado e insuficientemente atento,**

falsos princípios decisivos, envoltos em uma formulação habilidosa que parece natural, para melhor depois desenvolver e desdobrar as consequências ao longo do diálogo, e assim levar « *de maneira natural* » o interlocutor — ou seja, seu leitor — a considerar como aceitáveis, possíveis ou viáveis, conclusões que ele teria rejeitado imediatamente com horror. Essa foi também a método de predileção de grandes destruidores da Fé católica e de grandes hereges ao longo dos primeiros séculos da cristandade, posteriormente adotado com o mesmo objetivo pelos mestres da « *Arte Real* ».

É interessante constatar a forte inclinação do padre Celier por esse método dos « *diálogos* » sofísticos assim que ele aborda os grandes desafios da Fé em suas publicações!

Mas, é claro, assim como ele afirma em seu último livro adotar os princípios e métodos dos liberais para melhor usá-los contra eles, ele alegará que fez essa escolha pela boa causa.

Nihil novi sub sole !

5.3 - A CULTURA ‘POP & ROCK’ AINDA VIVA DO PADRE CELIER

> “ Image not found or type unknown Image not found or type unknown *« Eu lhe indico que existe uma revista de hip hop, de música rap, se preferir, que se chama Respect Magazine e que pode ser encontrada nas bancas. » Padre Celier, ‘Bento XVI e os tradicionalistas’’, 2007*

> “ ‘*Bento XVI e os tradicionalistas*’ : *uma « obra-prima pura? »* alguns trechos escolhidos e chocantes.

Uma declaração infeliz do padre Pfluger que qualifica o livro do padre Celier de ‘*obra-prima pura*’

O padre Pfluger, embora apresente o livro do padre Celier como uma « ***obra muito pessoal*** », comete a imprudência de qualificar o livro do padre Celier de « ***obra-prima pura*** ».

Um « *obra-prima pura* »?

Por causa, sem dúvida, do fino conhecimento dos grupos de Rock e Pop do padre Celier?

É com espanto que se descobre o padre Celier exibindo em seu livro um conhecimento profundo e muito atualizado dos grupos *Pop & Rock* que embalaram sua adolescência:

> “ *« GC: É verdade que alunos de Balzac, que têm mais ou menos minha idade, se destacaram na música, na esteira da onda punk, especialmente do grupo inglês* ***Sex Pistols****.* ***Podemos citar Daniel Darc, cantor do grupo Taxi Girl (um***

> ***grupo formado em Balzac), que recentemente fez seu retorno musical após anos de errância****; o franco-iraniano Mirwais Ahmadzai,* ***outro membro do Taxi Girl****, que produziu dois discos da cantora Madonna; por fim, ainda na minha faixa etária,* ***Catherine Ringer, a cantora dos Rita Mitsouko****, que também foi brevemente aluna de Balzac nessa época. Não participei pessoalmente desse tipo de aventuras: o colégio era grande (2.500 alunos) e eu tinha outras preocupações. Mas isso manifesta em que surpreendente caldo cultural pude evoluir entre 10 e 17 anos.*
>
> *OP: Você teve contato com drogas?*
>
> *GC: Evidentemente. Elas estavam muito presentes. Um dos alunos da minha classe, por exemplo, já estava seriamente viciado em heroína. Podemos dizer que vivi uma época de transição, entre um* ***uso que poderíamos chamar de "lúdico" e elitista, aquele dos beatniks, dos hippies, do Summer of Love*** *, e o consumo de massa atual. Já que falamos de música, é preciso lembrar da hecatombe que ocorreu ao redor das drogas durante meus primeiros anos de colégio. Em 1969, morre* ***Brian Jones, um dos Rolling Stones****. Em 1970, morrem sucessivamente* ***Jimi Hendrix e Janis Joplin****. Finalmente, em 1971, morre em Paris* ***Jim Morrison****, o cantor dos* ***Doors****, que será enterrado no Père-Lachaise, onde desde então é cercado por um verdadeiro culto. Esses grupos musicais e essas mortes eram, obviamente, para meus colegas assuntos de conversa frequentes. »* Padre Celier, *Bento XVI e os tradicionalistas*, páginas 25-26, Edições *EntreLacs*, 2007

Mais de 30 anos após sua adolescência e mais de 20 anos após sua ordenação, o padre Celier parece muito informado sobre a continuidade da carreira das estrelas do Rock – **as quais frequentemente não se escondem de praticar abertamente e ativamente cultos satânicos** - que entusiasmavam seus amigos no colégio: '*Daniel Darc, cantor do grupo Taxi Girl (um grupo formado em Balzac), que recentemente fez seu retorno musical após anos de errância*'.

Durante seus trajetos entre Étampes e Compiègne, o padre Celier continuaria ouvindo música Rock em 2007?

Talvez ele mesmo considerasse sua missa « *Pie-Paul* » como a que ele propõe em seu livro, tal como é mostrada neste vídeo onde aparece o padre Ratzinger:

https://www.youtube.com/embed/e1cDAmZPb8M?si=JtStlT1CTqiqaRs_

O padre Celier fez questão de informar a seu interlocutor, algumas páginas antes, sobre seu excelente conhecimento atual das últimas publicações nas bancas das revistas de rap:

> *« GC: A propósito,* ***eu lhe indico que existe uma revista de hip hop, de música rap, se preferir, que se chama Respect Magazine e que pode ser encontrada nas bancas*** *» Padre Celier, Bento XVI e os tradicionalistas, páginas 25-26, Edições EntreLacs, 2007*

O padre Pfluger também aprecia estar tão bem informado sobre a evolução das estrelas do Rock desde a década de 1970 e sobre a atualidade da música rap nas bancas?

É com tais considerações que ele formou seu julgamento de *« obra-prima pura »*?

Como Dom Fellay e o padre de Cacqueray aceitam se deixar desacreditar por um padre que se pretende seu porta-voz auto-proclamado?

É este o espírito sobrenatural que se espera de um sacerdote?

Como conciliar uma vida sacerdotal piedosa e o cultivo de uma tal cultura musical, **tão frequentemente ligada a cultos satânicos, que resultaram em múltiplos suicídios de adolescentes**?

É neste espírito que Dom Lefebvre fundou sua obra de preservação da transmissão do Sacerdócio católico sempre válido?

É este o padre que Dom Fellay teria escolhido para ser seu porta-voz?

Tudo isso é insensato; o padre Celier se desacredita e desacredita a FSSPX ao promover uma tal cultura musical e a leveza com que aborda essa atmosfera de seus anos de juventude.

Como o Superior do Distrito da França, o padre de Cacqueray, e como o Superior da FSSPX, Dom Fellay, podem continuar a aceitar que um personagem que desacredita tanto a obra de Dom Lefebvre possa se auto-proclamar seu porta-voz e, mais ainda, o interlocutor da mídia sobre o assunto muito sério das relações da FSSPX com Roma?

5.4 - EM 1991, DOM FELLAY DENUNCIA OS PERIGOS DO ROCK

Em uma conferência proferida no dia 7 de outubro de 1991, Dom Fellay denunciou os perigos do rock e as influências satânicas que cercam essa música.

Retornaremos a este assunto.

5.5 - EM 2003, O PADRE CELIER, EM CONIVÊNCIA COM O PADRE DE TANOÜARN, CONDUZIU UM ATAQUE DISFARÇADO CONTRA A OBRA ANTI-ESOTERISMO CRISTÃO DE JEAN VAQUIÉ

Ao publicar, em novembro de 2003, « ***La Paille et le sycomore*** », o padre Celier iniciou, sob o pseudônimo de Paul Sernine, uma luta contra o trabalho muito importante de **Jean Vaquié, que denunciava as infiltrações gnósticas (esoterismo cristão) dentro da Tradição católica**.

Já publicamos um dossiê muito extenso sobre esse assunto. Vamos retomar essa crítica que foi feita ao padre Celier pelo autor do artigo.

Início da citação do documento de análise dos escritos dos padres de Tanoüarn e Celier (páginas 46 e 47):

« 5.2.1 Analogias entre o criticismo de Kant e os métodos de Sernine

5.2.1.1 O método crítico Emmanuel Kant, constando as dificuldades da ciência metafísica e as oposições entre seus diferentes especialistas, propôs estudar as condições de possibilidade de tal

ciência, sem se posicionar a favor de uma ou outra de suas escolas, e sem resolver as questões que ela levantava, exceto pelo recurso a verdades necessárias para o estabelecimento do edifício moral.

Em suas ataques caluniosos contra os *Cahiers Barruel*, **Paul Sernine pretende,** sem tomar posição sobre as diferentes questões que podem ser levantadas pelo estudo da gnose e dos movimentos gnósticos, **mostrar a impossibilidade de tal estudo, seu objeto, a gnose, não tendo a unidade necessária para ser objeto de um estudo científico.**

5.2.1.2 Posições implícitas e interpretação das obras

Esses dois autores, na verdade, são levados, pelas circunstâncias, a direcionar suas críticas de acordo com certas opiniões sobre as questões estudadas pela ciência da qual negam a possibilidade. No entanto, essas opiniões não serão explicitamente expostas, mas estarão implícitas no relato que fornecerão. **Daí a possibilidade de várias interpretações dessas obras**. Por exemplo, a crítica da razão pura poderá ser interpretada no sentido do realismo ou no sentido do idealismo; além disso, será muito popular entre alguns defensores do positivismo. Da mesma forma, *La Paille et le Sycomore* se presta a diferentes interpretações.

Notemos ainda que as diferentes interpretações podem cada uma ter um certo fundamento na obra.

5.2.2 O tradicionalismo metodológico do príncipe Sernine ou: Sernine e os papagaios

Não pretendemos, de forma alguma, acusar o Sr. Sernine de heresia, e esperamos que o Sr. Sernine, por fidelidade aos papas do século XIX, rejeite os erros do tradicionalismo. Isso é o que a leitura de ***Le Dieu mortel*, escrito por Grégoire Celier**, o Dr. Jekyll do príncipe Sernine, nos faz esperar, que **peca mais por racionalismo do que por tradicionalismo** e não leva em conta as decisões da congregação do índice.

No entanto, **o Sr. Sernine despliega, ao menos em sua última obra, uma interpretação do magistério inspirada pelo tradicionalismo.** Sem dúvida, esta última não contém heresia explicitamente: mas **ele emprega implicitamente seus critérios para determinar o alcance dos textos do magistério. Isso lhe permite uma interpretação minimalista do magistério da Igreja** (veja o que foi escrito anteriormente sobre esse assunto na análise da revista *Certitudes*).

Fim da citação do documento de análise dos escritos dos padres de Tanoüarn e Celier.

Este dossiê sobre os padres Celier e de Tanoüarn **também continha uma série de questões públicas que permaneceram sem resposta da parte desses dois autores, prova de seu extremo constrangimento**.

Essas questões públicas, é claro, permaneceram sem resposta.

No entanto, não perderam sua pertinência nem sua atualidade.

Isso revela o caráter falacioso da proposta do padre Celier que apelava para « ***abrir um debate*** ».

5.6 - NA PRIMAVERA DE 2004, AS QUESTÕES PÚBLICAS PARA OS PADRES DE TANOÜARN E CELIER

Esses dois padres ***não podem senão responder com*** **SIM** ***a cada uma dessas questões***. Qualquer outra resposta significaria que eles se colocam acima da autoridade dos bispos, seus superiores, ou do Magistério da Igreja.

Os padres Celier e de Tanoüarn reconhecem que a história humana se reduz a uma luta irredutível entre a Cidade de Deus e a Cidade de Satanás?

> « Em primeiro lugar, este livro se inscreve na linha de *Duas cidades* de Santo Agostinho ou na mais recente *Teologia da História* do Padre Calmel. Ele descreve, sem maniqueísmo, a luta irredutível entre a Cidade de Deus e a Cidade de Satanás ao longo da história e seu paroxismo em nosso século. » Dom Alfonso de Galaretta, Madrid, na Festa de Deus 1998, prefácio a *De la cabale au progressisme* do padre Julio Meinvielle.

> « Para completar, o Sr. Vaquié chega até a remontar a “gnose” ao Dilúvio no tempo de Noé e à construção da Torre de Babel... Não querendo ficar atrás, o Sr. Raynal não hesita em fazê-la começar no *Non serviam* de Lúcifer. » Paul Sernine (Padre Celier) em *La Paille et le Sycomore*, p. 38.

Os padres Celier e de Tanoüarn reconhecem que dessa oposição entre as duas Cidades decorre uma trama oculta e real que não é outra

senão a oposição entre a tradição católica que é verdadeira e a tradição gnóstica que é falsa?

> « A trama oculta e real da história é a oposição entre a verdadeira tradição e a falsa tradição. O apogeu da cidade de Satanás, cidade do homem, cidade da revolução, é o triunfo – por enquanto –, da falsa tradição dentro da Igreja, apresentada como a verdadeira Cidade de Deus pelos teólogos e pela hierarquia católica. » Dom Alfonso de Galaretta, Madrid, na Festa de Deus 1998, prefácio a *De la cabale au progressisme* do padre Julio Meinvielle.

Os padres Celier e de Tanoüarn reconhecem que o fundo filosófico e teológico do erro gnóstico impregna toda a história humana?

> « […] O resultado: a Igreja e a fé estão a serviço da cidade naturalista, humanista, revolucionária, e na prática a serviço do amor de si mesmo que chega ao desprezo por Deus, a serviço da cidade do diabo.

> O padre Jules Meinvielle nos dá a explicação, a sequência lógica e histórica; ele nos mostra, com um olhar tomista, o fundo filosófico e teológico do erro gnóstico que impregna tudo e é o contrário da verdade católica. » Dom Alfonso de Galaretta, Madrid, na Festa de Deus de 1998, prefácio a *De la cabale au progressisme* do padre Julio Meinvielle.

> « Contestamos […] o fato de reduzir todos os erros a uma “gnose” indefinidamente plástica e maleável que transcenderia o tempo e o espaço. » Paul Sernine (Padre Celier) em *La Paille et le Sycomore,* p. 29.
>
> « […] a única revisão que ele teria que fazer, se aceitasse nossos argumentos, seria abandonar essa ideia de uma “gnose” transhistórica. » Paul Sernine (Padre Celier) em *La Paille et le Sycomore,* p. 29.
>
> « De maneira alguma […] existe aos olhos dos papas essa “gnose” transhistórica que federaria todos os erros da história da humanidade e seria sua fonte. » Paul Sernine (Padre Celier) em *La Paille et le Sycomore*, p. 82.
>
> « […] ressalta portanto o ensurdecedor silêncio dos papas sobre uma “gnose eterna” que causaria, explicaria e reuniria todos os erros da história da

> humanidade. Este silêncio é suficiente para demonstrar definitivamente a inexistência dessa "gnose". » Paul Sernine (Padre Celier) em *La Paille et le Sycomore*, p. 29.

Os padres Celier e de Tanoüarn reconhecem que o fundo filosófico e teológico do erro gnóstico é o contrário da verdade católica?

> « [...] O resultado: a Igreja e a fé estão a serviço da cidade naturalista, humanista, revolucionária, e na prática a serviço do amor de si mesmo que chega ao desprezo por Deus, a serviço da cidade do diabo.

O padre Jules Meinvielle nos dá a explicação, a sequência lógica e histórica; ele nos mostra, com um olhar tomista, o fundo filosófico e teológico do erro gnóstico que impregna tudo e é o contrário da verdade católica. » Dom Alfonso de Galaretta, Madrid, na Festa de Deus de 1998, prefácio a *De la cabale au progressisme* do padre Julio Meinvielle.

> « Ao afirmar que o mal, sob a forma de "gnose", seria como eterno, indestrutível e todo-poderoso... Um tal estado de espírito é profundamente anticatólico. » Paul Sernine (Padre Celier) em *La Paille et le Sycomore*, p. 55.

Os padres Celier e de Tanoüarn reconhecem que a nova religião do Vaticano II forma uma pura gnose?

> « Concluo: tanto em seus dogmas quanto em seu culto, a nova religião esvaziou nossa religião católica de sua substância... Essa nova religião não é outra coisa, caros fiéis, senão uma gnose. Acredito que esta é a palavra que a caracteriza perfeitamente, uma vez que se trata de uma religião sem pecado, sem justiça, sem misericórdia, sem penitência, sem conversão, sem virtude, sem sacrifício, sem esforço, mas simplesmente uma autoconscientização. É uma religião puramente intelectualista, é uma pura gnose. » Dom Tissier de Mallerais, Écône, sermão das ordenações em 29 de junho de 2002.

> « A verdadeira gnose é cristã. » Padre Guillaume de Tanoüarn em *Certitudes*, n° 4, p. 21.

Os padres Celier e de Tanoüarn rejeitam com horror a religião naturalista e intelectualista do Vaticano II, como contrária à religião católica?

> « Rejeitemos com horror, caros fiéis, caros ordenandos, esta religião naturalista, intelectualista, que não tem nada a ver com a religião católica. » Dom Tissier de Mallerais, Écône, sermão das ordenações em 29 de junho de 2002.

Os padres Celier e de Tanoüarn denunciam os perigos de uma infiltração dentro da tradição católica de pessoas com a mente pervertida vindas das águas turvas da Gnose? Denunciam a ação sorrateira dos meios incrédulos “de direita” para minar de dentro o bloco da tradição católica?

> « Mas em nossos seminários e na quase totalidade de nossos priorados, estamos totalmente opostos a este mundo que navega nas águas turvas da Gnose. É preciso, infelizmente, reconhecer que essas pessoas de espírito pervertido conseguem penetrar em meios que se defendem menos bem. Estou perfeitamente de acordo com esta infiltração perigosa. **Sinto muito que uma ação sorrateira esteja sendo conduzida por esses meios incrédulos “de direita” para minar o bloco da tradição católica**. Agradeço-vos por chamar novamente minha atenção para esse tipo de problema. » Dom Marcel Lefebvre, Écône, 16 de setembro de 1997, citado em É. COUVERT, *La Gnose en question*, p. 157.

Em 2004, *Liber amicorum* para os sessenta anos de Alain de Benoist (fundador do GRECE) com a participação do padre Guillaume de Tanoüarn.

« Vimos ativistas pagãos começarem a participar das peregrinações de Cristianismo Solidariedade, depois alguns quadros do GRECE se declarando católicos e explicando isso na *Résistance*, revista mais próxima dos meios satanistas do que do arcebispo de Paris.

Então *Fideliter*, revista oficial dos lefebvristas, publica artigos de pessoas próximas ao GRECE, até mesmo Jean Mabire, um fanático pagão organizador de solstícios segundo os rituais das SS.

Os pagãos do GRECE parecem querer seduzir os integristas buscando críticas comuns à evolução da Igreja católica... Encontramos uma coorte de autores da Nova Direita, começando pelo guru Alain de Benoist, Arnaud Guyot-Jeannin, Laurent Ozon, Jean Rémy, Charles Champetier, Pierre Le Vigan. Em contraponto aos autores católicos tradicionalistas liderados pelo padre Guillaume de

Tanoüarn, um padre lefebvrista cuja batina é visível durante os colóquios do GRECE, assim como por Alexis Arette, o líder camponês e católico do FN, Claude Polin e Claude Rousseau, acadêmicos e membros do conselho científico do FN. » René Monzat, *Ras l'Front*, n° 68, set.-out. 1999 (http://www.raslfront.org/journaux/68/68_2.html).

Os padres Celier e de Tanoüarn rejeitam e condenam as obras de Jean Borella, como contrárias à fé católica, por estarem impregnadas de gnose?

> « É verdade que o padre X... esteve ligado a este meio perigoso de Nancy e não é certo que ele esteja completamente distanciado. » Dom Marcel Lefebvre, Écône, 16 de setembro de 1997, citado em É. COUVERT, *La Gnose en question*, p. 157.

Os padres Celier e de Tanoüarn fazem suas a condenação de toda sociedade iniciática pela Igreja?

> « Todas as seitas que, embora diferem umas das outras pelo nome, rituais, forma, origem, se reúnem e estão de acordo entre elas pela analogia do objetivo e dos princípios essenciais... idênticos à Maçonaria, que é para todas as outras como o ponto central de onde procedem e onde chegam. » Leão XIII, *Humanum Genus* 1884.

5.7 - EM 2007, A PROPAGAÇÃO DOS FALSOS ARGUMENTOS DO BENEDITINO CONCILIAR SANTOGROSSI A FAVOR DA SUPOSTA VALIDADE DO NOVO RITO DE CONSAGRAÇÃO EPISCOPAL E APESAR DE TODAS AS REFUTAÇÕES

Retomamos um trecho do comunicado[6] de 2 de maio de 2007 do Comitê Internacional *Rore Sanctifica*: Resposta ao desassossego de um partidário da validade: o padre Celier (FSSPX) (*Fideliter* n°177 maio-junho de 2007).

Início do comunicado do CIRS

Em resumo: o método anglicano e modernista do padre Celier

O artigo que o padre Celier publicou na revista *Fideliter* (n°177), onde ele pretende demonstrar a validade do novo rito de consagração episcopal, constitui um verdadeiro amontoado de sofismas extraídos em mais de 50% dos falsos argumentos do beneditino conciliar Ansgar Santogrossi, promovido pelo padre de Tanoüarn na edição n°6 da revista *Objections* em junho de 2006, e que já havíamos amplamente refutado em agosto de 2006.

O padre Celier adota uma abordagem comum aos anglicanos e protestantes ao questionar uma suposta insuficiência da forma essencial da ordenação presbiteral tradicional, buscando se libertar dos dois critérios que a Constituição apostólica *Sacramentum Ordinis* do Papa Pio XII impõe sobre a forma essencial de um rito de ordenação.

O padre Celier finge ignorar a heresia transitiva uncionista e anti-trinitária contida na nova forma sacramental essencial identificada por Montini-Paul VI e ignora também a intenção anti-católica manifestada publicamente pelo pai da reforma, o sacerdote lazarista maçom Annibale Bugnini, dito « ***Buan*** » de seu nome de código maçônico.

O padre Celier confunde (ignorância voluntária ou incompetência teológica?) as três noções distintas de ***potestas ordinis*** episcopal (poder de ordem episcopal), ***potestas ordinandi*** (poder para ordenar) e ***gratia ordinis*** episcopal (graça episcopal). O poder de ordem episcopal inclui o poder de ordenar, bem como o poder de confirmar. Tal como um modernista, o padre Celier inventa conceitos como « fórmula », em vez dos termos precisos da teologia católica (forma sacramental essencial). Ao final dessa compilação de sofismas, o padre Celier inicia uma fuga em frente digna da tradição quase-gnóstica, afirmando que a pronúncia de uma « fórmula um pouco vaga » por lábios episcopais é suficiente para garantir a consagração sacramentalmente válida de um bispo.

Sob o ponto de vista meramente racional, o artigo do padre Celier viola, por um lado, as regras da lógica e, por outro, as regras científicas estabelecidas para os trabalhos teológicos ou universitários: ausência de citação das fontes, ausência de notas, imprecisão no vocabulário.

Lembramos que o beneditino conciliar Santogrossi, em seu artigo do qual o padre Celier extrai abundantemente sua argumentação, cometeu duas citações falsas em junho de 2006 com a intenção de enganar seus leitores:

a) Ele havia omitido a palavra « *fideliter* – fielmente » em sua citação da forma do diaconato, com o objetivo de igualar a graça de ordem ao poder de ordem.

b) Ele havia dado a impressão de que na forma tradicional episcopal identificada pelo Papa Pio XII estaria *« comple in presbytero tuo »*, em vez de *« comple in sacerdote tuo »*, porque queria provar ao leitor etimologicamente que mesmo a forma antiga fala de *« velho »*, enquanto na verdade se refere ao Sacerdócio.

Revelamos esses truques em nossa refutação do texto de Santogrossi publicada em agosto de 2006[7].

Neste comunicado, refutamos as três principais conclusões errôneas que o padre Celier estabelece ao final de seu pequeno artigo.

Com um defensor assim, a causa da validade que outros clérigos mais competentes que o padre Celier (Padre Pierre-Marie, por exemplo) têm em vão tentado defender[8], essa causa vai desmoronar ainda mais rapidamente. O padre Celier poderia, por seu artigo, pela confusão de sua argumentação, por seu embaraço e seu amadorismo, ter conseguido desacreditar a posição dos defensores da impossível validade sacramental dessa nova consagração episcopal promulgada por Montini Paulo VI no dia 18 de junho de 1968.

Até o momento, não lemos sob a pena de um sacerdote ou de um bispo da FSSPX, à qual pertence o padre Celier, uma refutação ou simplesmente uma discussão de nossos argumentos que seja de bom nível e séria, à altura da importância capital desta questão.

Fim do comunicado do CIRS

---

[6] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-02_Replique_a_Abbe_Celier.pdf

[7] http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-2006-02-notitiae_(ex_tomo_3)/2006-08-annexe-refutation_de_santogrossi/rs_annexe_refutation_de_santogrossi_2006_08.pdf

[8] Sobre a qual o Padre Pierre-Marie está atualmente tentando voltar atrás.

6 - O NATURALISMO SUBSTANCIAL DO PENSAMENTO DO PADRE CELIER

6.1 - UM NATURALISMO JÁ ESTIGMATIZADO NA PUBLICAÇÃO DE SEU LIVRO ‘LE DIEU MORTEL’ EM 1995

Aqui está o que escrevia em 1995 o Chasseur, em resposta ao livro ‘***Le Dieu mortel***’, em um artigo destinado ao « *Sel de la Terre* », cujos dominicanos de Avrillé, **sob a pressão de Dom Williamson**, o protetor das sombras do padre Celier, censuraram os trechos mais decisivos (indicamos **em azul** os trechos censurados a pedido pessoal de Dom Williamson):

> *« **Grégoire Celier** desconhece a natureza que exalta: pois essa natureza é política, e sua perfeição não é uma obra pessoal, mas sim a obra da educação. Para ele, ao contrário, é no homem que se encontra a sabedoria: "O filósofo é esse alquimista que se lança em uma busca espiritual, em busca do verdadeiro, do bem, do belo, e que, por essa pesquisa, torna-se um outro homem, despindo-se progressivamente de suas mesquinharias, de seus preconceitos absurdos, para abrir-se ao ser e levar uma vida plenamente humana, segundo todas as exigências da razão [...] A sabedoria se encontra no homem, se ao menos ele assumir plenamente sua natureza” (p. 293 a 298). »*

E ainda:

> « Em Le Dieu Mortel, a serva se considera uma rainha, que exige sem socorrer, que faz morrer sem dar uma outra vida superior.
>
> *Não, verdadeiramente, **este livro peca gravemente por naturalismo**. **Ele nos engana** ao nos propor uma sabedoria puramente humana, sem nunca nos falar da única verdadeira sabedoria: a Teologia, da qual a filosofia não é mais que a serva desde a Revelação. **Ele nos engana** ao prometer saciar nossa sede*

> *de conhecimento, e nos deixar finalmente no meio de um árido deserto.* ***Ele nos engana*** *ao querer fazer de nós Sócrates do século XX, como se sua filosofia naturalista pudesse sozinha convencer e salvar o mundo em perdição.* ***Ele nos engana*** *ao agir como se Deus não tivesse falado para ensinar não apenas as verdades sobrenaturais, mas também certas verdades naturais, para que elas fossem conhecidas mais facilmente por um maior número e sem risco de erros.* ***Ele nos insulta*** *ao nos falar como se fôssemos pagãos do século V a.C., sem levar em conta nosso caráter batismal.* ***Ele nos insulta*** *ao nos propor uma sabedoria puramente pagã, em vez de nos convidar à santidade.* ***Ele nos engana*** *ao nos propor sermos plenamente humanos apenas pelo auxílio de nossa razão, como se o pecado original não houvesse ferido nossa natureza e tornado impossível, sem o auxílio da graça, nossa perfeição natural (cl. I II 109. 2. 4. 8).* ***Ele nos despista*** *ao nos assegurar que é dentro de nós mesmos que encontraremos o bom caminho.* ***Ele nos despista*** *ao nos fazer crer que podemos ser plenamente humanos sem sermos santos; ao falar de religião sem nos guiar para a única verdadeira, ao nos propor sempre o humano, e nada além do humano, ao secularizar a caridade e toda a vida humana (cf. p. 123 e 297).*
>
> *Em resumo, segundo a palavra de* ***Meinvielle****,* ***este livro perde nossa alma****: « A filosofia sozinha, não apenas não salva o homem, mas o perde. A natureza humana e a razão humana não apenas não salvam o homem, mas o perdem » (in De Lamennais à Maritain, p. 295).*
>
> *Pergunta-se se o autor da Bibliografia antiliberal leu os autores que recomendava há dez anos (é verdade que dez anos podem levar ao esquecimento e proporcionar a oportunidade de encontrar muitas pessoas). Nenhum deles teria ecoado os elogios indevidos que se seguiram à publicação de Le Dieu mortel; eles teriam, ao contrário, gritado ao perigo e denunciado o responsável. Citamos* ***Meinvielle****. Citamos também* ***Gregório XVI*** *em 1832: « Abraçando principalmente com nossa afeição paternal aqueles que se dedicam às ciências eclesiásticas e às questões de filosofia, exortai-os fortemente a ter cuidado para que,* ***querendo apoiar-se apenas nas forças de seu espírito****, não se afastem da verdade e não se deixem levar pelo caminho dos ímpios. Que se lembrem de que Deus é o guia da Sabedoria e o reformador dos Sábios (Sab. VII 15) e que não se pode conhecer a Deus sem Deus, que ensina aos homens, pelo Verbo, a conhecer Deus » (Mirari Vos).*
>
> O **cardeal Pie** não tinha palavras suficientemente duras para condenar esse tipo de escrito. >>

E ainda:

>

> *« Mas deixemos o **cardeal Pie** apreciar o vinho dessa sabedoria filosófica que nos é apresentada: « Quereis que a filosofia não dependa senão da razão: e queria Deus que ela sempre dependesse! Pois o que nosso concílio (Concílio de Périgueux) reprova à vossa filosofia é ser uma Insurreição flagrante contra os ensinamentos e preceitos da própria razão. Certamente Deus deu a razão ao homem para o conduzir, para o governar. **Mas se o primeiro uso que a razão faz de si mesma resulta em esclarecer sua própria fraqueza, se o esforço mais nobre e o triunfo mais legítimo da razão é entregar o homem aos braços da fé, chamará alguém de racional uma filosofia que se recusa obstinadamente a ouvir as conclusões mais imperativas da razão?** […]*
>
> « Não conheço também um papel muito glorioso para a filosofia se nos colocar em relação a todas as coisas, exceto àquelas sobre as quais seremos examinados e julgados. ***Afastem-se da filosofia humana que se declararia completamente estranha à questão da última finalidade e da felicidade eterna do homem!*** »
>
> *Já ouvimos **Gregório Celier** clamar que lhe fazemos um mau julgamento, que ele não deve ser confundido com os filósofos racionalistas do século XIX porque não opõe a filosofia à teologia, a razão à fé, mas que teve muito cuidado em distingui-las bem. Uma defesa tal não teria emocionado o santo bispo de Poitiers, que sabia, sem dúvida, melhor sua teologia e sua filosofia: « Sem dúvida, a filosofia e a teologia são ciências distintas; mas, uma coisa é a distinção, outra coisa é a separação, a oposição, a incompatibilidade. A filosofia difere da teologia, assim como a razão difere da fé, assim como a natureza difere da graça. Assim como a fé não se impõe em toda parte à razão, e que há um certo exercício possível e real das faculdades naturais sem a intervenção da graça (definido desde então pelo Vaticano I; cf. Sel de la Terre n° 5 e 6), da mesma forma há uma certa ordem de ciências humanas que podem existir e se desenvolver sem a ajuda direta da doutrina revelada. Este princípio não tem nada de surpreendente e deve ser aceito por todos. **Mas imaginar e construir um sistema geral, um curso completo de filosofia que permaneça tão exclusivamente na esfera da natureza e tão rigidamente fora de qualquer relação com a ordem sobrenatural que não seja mesmo um caminho em direção às doutrinas mais elevadas de uma religião divina, que não deixe sequer suspeitar que Deus pôde ter conversado com os homens, e que realmente o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade; esse procedimento, seja qual for e quaisquer outras qualificações que se lhe devam dar, não só não é cristão, não é religioso, como diremos em breve, mas não é mesmo filosófico, pois não é conforme à razão natural do homem** […] »*

Depois:

*« Mais longe, o **Cardeal Pie** fala **do direito do batismo em impor uma doutrina**, acrescentando: « Qual traição do batismo mais completa e mais absoluta do que se adotar teoricamente e praticamente a plena liberdade de pensar, de falar, de viver, de agir como se não se tivesse sido batizado? [...] **A filosofia separada da fé faz** **do batizado um apóstata, uma vez que pretende lhe constituir o direito e até mesmo o dever de falar, de agir e de viver em uma abstração real e prática da ordem sobrenatural e dos ensinamentos da fé**. »*

*« É toda a Sinodal que deveria ser citada e lida por **Grégoire Celier**, particularmente, uma vez que é professor de filosofia, o severo aviso que o **Cardeal Pie** dirige àqueles que têm essa responsabilidade:*

*(...) ele falou de tudo, de Deus, da alma, do corpo, da origem do homem, de suas faculdades, de seu destino, da vida presente, da vida futura, e não uma vez ele pronunciou, com a ênfase de um crente, o nome do Deus feito homem; não uma vez ele apresentou a seu discípulo os caracteres racionais e razoáveis da fé cristã; ele desertou toda a sua vida como um pagão, como um infiel; e enquanto a religião pede para regular e santificar todos os estados, ele preencheu o mais nobre, o mais augusto, o mais divino de todos os estados humanos sem nunca fazer um ato positivo de religião; ou melhor, ele sempre manteve a verdade cativa, oprimida em seu silêncio injusto; **toda a sua filosofia, longe de conduzir a Jesus Cristo, pareceu tendenciar e conseguiu apenas suprimir Jesus Cristo, torná-lo inútil; toda a sua sabedoria humana teve como resultado aniquilar e, como fala São Paulo, evacuar a cruz do Salvador, fazendo os homens justos apenas pela lei de sua natureza, seu ensinamento os desapegou de Jesus Cristo e os fez cair de sua graça.** Ah! « se todos aqueles que disserem **Senhor**, não serão admitidos por isso no reino dos céus », quão assegurados estão aqueles de ouvir a terrível palavra: Nescio vos, que não quiseram sequer invocar, que não quiseram sequer pronunciar o nome do **Senhor Jesus**! "*

*Pensamos, para concluir, que aquele que não tem nem mesmo a coragem de assinar Padre **Grégoire Celier**, **faria melhor em assumir primeiro e plenamente sua missão de homem essencialmente sobrenatural, da qual o mundo enfermo tanto necessita hoje.** Pois se atualmente se trava « a última batalha para que o homem permaneça um animal razoável », é claro que a vitória passa, antes de tudo, pela conversão sobrenatural e direta ao único verdadeiro Deus. Os modernistas contam com numerosos defensores do homem; **sejamos aqueles de Deus: assim salvaremos o homem**»*

6.2 - O PADRE CELIER, SUPOSTO DISCÍPULO DE DOM LEFEBVRE, PROMOVE E FAVORECE OS PRINCÍPIOS LIBERAIS E MODERNISTAS EM 2007

Reproduzindo esquemas que lembram estranhamente as reflexões do padre Barthe, tanto em seus temas quanto em suas expressões e métodos, o padre Celier introduz os conceitos típicos do projeto anglicano-ratzingeriano de "reforma da reforma", essa atualização dentro da Igreja conciliar do movimento Tractariano de tipo anglo-católico e *High Church* do pastor Pusey e de Lord Halifax no século XIX.

> *"Se Roma quisesse promover essa 'retradição', teria o recurso, para neutralizar seus adversários, de usar os próprios princípios da nova liturgia. E, em primeiro lugar, seu caráter muito aberto. Nos ritos, tudo está à escolha agora: são propostas muitas variantes. Roma poderia então adicionar o ofertório tradicional entre as escolhas possíveis." Padre Celier, Bento XVI e os tradicionalistas, p. 199-200*

O padre Celier preconiza adotar os próprios princípios do liberalismo, condenados pela Igreja, para defender a Tradição:

> *"Roma certamente terá a ideia de usar, para essa promoção da tradição, os argumentos progressistas: liberdade, riqueza da escolha, antiguidade dos textos, o que quiser! O que, a meu ver, seria um primeiro meio para que o motor da Igreja comece a funcionar corretamente. Durante quarenta anos, o motor funcionou de forma errada. A fé, a hierarquia, a obediência, a devoção ao papa e aos bispos serviram para alimentar a autodestruição da Igreja: é o que Dom Lefebvre chamava de 'o golpe de mestre de Satanás', ou seja, destruir a Igreja através do mau uso das próprias regras da Igreja. Pelo contrário, tudo na Igreja deveria agora servir para restaurar a tradição, incluindo, eventualmente, os argumentos clássicos do liberalismo." Padre Celier, Bento XVI e os tradicionalistas, p. 200-201*

Que escândalo por parte de um membro da FSSPX!

Necessita-se lembrar com **quanta severidade e dureza Monseigneur Lefebvre mesmo condenava o que chamava de " *peste do liberalismo* "**?

> *« Para preservar e proteger a fé católica dessa peste do liberalismo, este livro me parece chegar em boa hora, ecoando as palavras de Nosso Senhor: **«Aquele que crer será salvo, aquele que não crer será condenado»**, é essa fé que o Verbo de Deus encarnado exigiu de todos se desejam ser salvos. Foi ela que lhe valeu a morte e, a seu seguimento, a de todos os mártires e testemunhas que a professaram. Com o liberalismo religioso, não há mais mártires, nem missionários, mas **desreguladores da religião**, ao redor do cachimbo de uma paz puramente verbal!*
>
> *Longe de nós este **liberalismo, coveiro da Igreja católica**.*
>
> *À semelhança de Nosso Senhor, levantemos a bandeira da Cruz, único sinal e única fonte da Salvação.*
>
> *Que Nossa Senhora de Fátima, no septuagésimo aniversário de sua aparição, digne-se a abençoar a difusão deste livro que ecoa suas previsões.*
>
> *Ecône, 13 de janeiro de 1987,*
>
> *na festa do Batismo de Nosso Senhor*
>
> ***† Marcel LEFEBVRE »[9]***

E o padre Celier continua a **convidar seus leitores a colocar suas esperanças em um « *espírito liberal* »:**

> *« Esta experiência da tradição significaria, portanto, de um lado, deixar por espírito católico a Fraternidade São Pio X ser o que é (portanto, permitir que critique abertamente o Concílio), do outro lado, proteger essa mesma Fraternidade das ameaças progressistas,* ***ao menos por espírito liberal.*** *»* Padre Celier, *Bento XVI e os tradicionalistas*, p. 204

E mais adiante, **embora não possa ignorar que nunca, na história do catolicismo, o espírito liberal, que é uma astúcia dinâmica de Satanás concebida para a ruína da Santa Igreja, várias vezes desmascarada pelos Papas, se virou, de fato, contra si mesmo para restringir sua própria influência destrutiva da Igreja:**

> *« E essa « experiência » contribui metodicamente e ao longo do tempo* ***para aumentar a parte católica de Roma e restringir sua parte liberal*** *»* Padre Celier, *Benoît XVI et les traditionalistes*, p. 204

Em sua última carta pública **a menos de um mês de sua morte, Monseigneur Lefebvre desmascara este espírito liberal maçônico**.

Longe de considerar recorrer a ele um segundo na tola esperança de *« aumentar a parte católica de Roma »*, ele condena esta « *Roma que perdeu a Fé* », como havia anunciado A Santíssima Virgem Ela mesma em La Salette, assim como ele mesmo lembra:

> ***« O ÚLTIMO TEXTO DE MONSEIGNEUR LEFEBVRE***
>
> *Apresentação do primeiro número da*
>
> ***DOCUMENTAÇÃO SOBRE A REVOLUÇÃO NA IGREJA***
>
> *Senhor Padre Giulio Tam, membro da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, de origem italiana, recebendo diariamente o Osservatore Romano, jornal oficial da Curia Romana, achou conveniente, para a informação de seus confrades, coletar os trechos mais significativos dos discursos do Papa e das autoridades romanas sobre os assuntos mais atuais.*
>
> *Esta reunião lança uma luz tão fulgurante sobre a* ***Revolução doutrinária*** *oficialmente inaugurada na Igreja pelo Concílio e continuada até os dias de hoje, que não se pode evitar pensar no "****Trono de iniquidade****" predito por Leão XIII, ou* ***na perda da fé de Roma predita por Nossa Senhora em La Salette****.*
>
> ***A difusão e a adesão das autoridades romanas aos erros maçônicos*** *condenados diversas vezes por seus predecessores é um* ***grande mistério de***

> ***iniquidade que arruína em suas fundações a fé católica***.
>
> *Esta dura e penosa realidade nos obriga em consciência a* ***organizar por nós mesmos a defesa e a proteção da nossa fé católica.*** *O fato de estar sentado nos tronos da autoridade não é mais, infelizmente! uma garantia da ortodoxia da fé daqueles que os ocupam.* ***O Papa[10] ele mesmo agora espalha sem interrupção os princípios de uma falsa religião, que resulta em uma apostasia geral.*** *»*

E segundo o padre Celier, seria então nas maravilhas do *« espírito liberal »* maçônico que a FSSPX deveria colocar suas esperanças de restauração da Tradição católica?

É essa a concepção do padre de Cacqueray, Superior do Distrito da França, seu Superior hierárquico, que faz ativamente a promoção das turnês do padre Celier nos priorados da França da Fraternidade?

Este padre Celier é perigoso. É um lobo introduzido no rebanho.

---

[9] http://www.virgo-maria.org/Documents/mgr-lefebvre/1987_01_13_Ils_L_ont_decouronne.htm

[10] Um verdadeiro Sumo Pontífice não pode disseminar os princípios de uma falsa religião. Trata-se de um usurpador, não eleito canonicamente. Leia sobre isso a bula do Papa Paulo IV.

6.3 - COMO UM NATURALISTA MODERNISTA, O PADRE CELIER RIDICULARIZA O SENTIDO CATÓLICO SOBRENATURAL E PROVIDENCIALISTA DA HISTÓRIA, OU SEJA, O SENSUS FIDEI

O padre Aulagnier apoia **o padre Celier, que coloca como uma premissa indiscutível para seu discurso a negação desse sentido sobrenatural cristão da história, afirmado tanto pelas Santas Escrituras, pelo Magistério e pelas profecias de Nossa Senhora.**

> *« Senhor padre Celier diz isso claramente em uma página muito bonita de seu livro, a mais bonita talvez, a página 212.*
>
> *« (...) Tentamos não deixar passar as ocasiões favoráveis, de não nos mantermos no imobilismo, o que seria mortal para nós mesmos e para a Igreja. Falo de um **imobilismo de tipo providencialista**, que equivaleria a não fazer o que está ao nosso alcance para contribuir na resolução da crise, sob **o falacioso pretexto de que "Deus proverá"**. Portanto, inscrevemos nossa ação na realidade histórica, circunstancial, de hoje. »* [padre Celier] »Padre

> Aulagnier, 29 de março de 2006, Item[11] n°86

Essa afirmação do padre Celier **é capital**.

Ela não constitui, como afirma o padre Aulagnier, a *« mais bela página de seu livro »*, mas revela a chave de toda a sua abordagem. **O padre Celier fundamenta seu projeto de aliança em uma negação deliberada da interpretação católica sobrenatural da situação atual.**

Ele afirma: '***Portanto, inscrevemos nossa ação na realidade histórica, circunstancial, de hoje.***'

Ora, do que se trata, senão de **eliminar toda a referência às Santas Escrituras, ao Magistério, às profecias**? O padre Celier ridiculariza o '*imobilismo de tipo providencialista*'.

O '*tipo providencialista*' é desqualificado para ele.

Mas o que nos ensinam Nosso Senhor Jesus Cristo e Sua Igreja, senão a conceber a história como essencialmente providencialista, ou seja, totalmente subordinada à Providência Divina onipotente?

---

[11] http://la.revue.item.free.fr/regard_monde290306.htm

6.4 - A PRETENSÃO FALACIOSA DO PADRE CELIER DE SE INSCREVER NA REALIDADE HISTÓRICA QUE O CONTRADIZ

Realidade histórica e circunstancial'?

Vimos como o padre Celier **se evita cuidadosamente de levar em conta em nenhum momento os fatos históricos que cercam a confecção e a promulgação em 18 de junho de 1968 de *Pontificalis Romani*.**

- **Ele já estudou Dom Botte, o Padre Lécuyer?**
- **Ele já estudou a ação primordial dos anglicanos?**
- **Ele já leu Dom Beauduin?**
- **É isso que se chama de fazer uma obra de realismo? de história?**

Este padre ainda é credível?

6.5 - O PADRE CELIER DESENVOLVE UMA FANTASIA DE TIPO AÇÃO CATÓLICA DEGENERADA QUE SE OPÕE AOS PADRES E A SÃO TOMÁS

Na verdade, sua abordagem é anacrônica, puramente fantasiosa, desconectada, tanto dos fatos históricos que ele absolutamente não quer levar em conta, quanto do sentido sobrenatural e das bases escriturísticas, patrísticas e magisteriais.

Ela não se apoia em nada além de uma dinâmica própria de ilusão, otimismo ingênuo, que permite todas as manipulações, o mesmo irrealismo ingênuo dos profetas da felicidade que floresceram nos meios da Ação Católica degenerada nos anos 1960 e seguintes ao Concílio… Com os magníficos frutos que se pode colher desde então.

Essa abordagem é típica da época modernista.

Ela é totalmente estranha e contrária ao pensamento e à Fé católica, que buscam na escrutinação dos sinais dos tempos, na meditação das profecias divinas, a compreensão do sentido dos eventos históricos que vivemos.

Portanto, essa abordagem está diametralmente oposta à dos autores antiliberais, como o Monsenhor Gaume, que nos lembra precisamente que « *o cristão reflexivo compara os fatos com o que é predito* ».

Agindo assim, o padre Celier se revela para o que ele é.

Pior do que um modernista, ele é verdadeiramente um naturalista. E sabemos muito bem **onde estão os caldeirões que preparam essas poções naturalistas mortais** para a Fé dos católicos, tantas vezes condenadas pelos Papas.

Já seu livro '*O Deus mortal*' nos havia ensinado isso.

E as refutações publicadas ou ocultadas por Avrillé (sob a pressão de Monsenhor Williamson, - o antigo anglicano, variante metodista - seu discreto e eficaz protetor em Avrillé), nos revelavam um pensamento completamente estranho ao mundo das relações entre o natural e o sobrenatural, tal como podemos descobri-lo em Santo Tomás de Aquino ou nos Padres da Igreja.

O padre Celier é estrangeiro a esse mundo católico. Leia seus textos; eles buscam ser puramente racionalistas. **Você procura em vão as citações dos Padres ou das Santas Escrituras; a vida espiritual não ali afloram, está ausente.**

Sintoma significativo, a Santíssima Virgem Maria nunca é mencionada pelo padre Celier!

Ora, o cristão vive em uma história que possui sua dupla dimensão natural e sobrenatural.

Ele escrutina as Santas Escrituras para descobrir o sentido da situação presente?

Ele (o católico) medita o livro do Apocalipse. Ele escuta as profecias reconhecidas pela Igreja, está atento aos ensinamentos do Magistério que oferecem esclarecimentos instrutivos sobre o sentido dos eventos.

O católico sabe que Deus é o mestre da história, que a Igreja, Corpo místico de Nosso Senhor Jesus Cristo, revive ao longo da história a vida terrena Daquele que é seu Esposo e seu Chefe.

E hoje a Igreja, Corpo místico de Nosso Senhor Jesus Cristo, vive Sua Paixão e Seu sepultamento neste grande mistério que Ele permite, o Mistério de iniquidade.

6.6 - JÁ EM 1884, O PAPA LEÃO XIII TRAÇAVA PARA NOSSA ÉPOCA UMA PERSPECTIVA APOCALÍPTICA, TOTALMENTE ESTRANHA À FANTASIA DO PADRE CELIER

O que nos ensina, de fato, o Papa Leão XIII sobre nossa época?

Em seu exorcismo, ele faz em 1884 declarações de uma gravidade excepcional que nenhum Papa havia feito antes dele.

Seus escritos remetem ao Apocalipse e aos textos das Santas Escrituras que evocam os tempos do fim:

> *« Ora, eis que este antigo inimigo, "homicida desde o princípio" (Jo. VIII, 44), levantou-se com veemência, "disfarçado em anjo de luz" (II Cor. XI, 14), tendo por escolta a horda de espíritos perversos, percorre a terra por todos os lados e em toda parte se insere: com a finalidade de abolir o nome de Deus e de Seu Cristo, com a finalidade de roubar, fazer perecer e perder na danação sem fim, as almas que deveriam ser coroadas pela glória eterna. O dragão maléfico transfunde, nos homens mentalmente depravados e corrompidos pelo coração, um fluxo de abjeção: o vírus de sua malícia, o espírito de mentira, de impiedade e de blasfêmia, o sopro mortal do vício, da luxúria e da iniquidade universalizada. »* Papa Leão XIII

Que quadro impressionante e que guia hoje para compreender o espetáculo que nos oferece tanto a sociedade civil quanto a sociedade religiosa.

Avançando mais, com mais precisão, **o Papa Leão XIII descreve em termos extraordinários um ataque contra a Igreja que é único e, portanto, sem precedentes:**

> *« A Igreja, esposa do Cordeiro Imaculado, aqui está saturada de amargura e abrevada de veneno, por inimigos muito astutos; eles levantaram suas mãos ímpias sobre tudo o que ela mais sagrado deseja.*
>
> ***Onde foi instituído o Sede do Bem-aventurado Pedro, e a Cátedra da Verdade, ali eles colocaram o trono de sua abominação na impiedade; de modo que, atingido o Pastor, o rebanho possa ser disperso ;*** **» Papa Leão XIII, Exorcismo contra Satanás e os anjos apóstatas, 1884.**

6.7 - EM OPOSIÇÃO AO SENTIDO MÍSTICO DO PAPA LEÃO XIII, A IMAGEM PUERIL DO PETROLEIRO E O PROJETO NATURALISTA DOS PADRES CELIER E AULAGNIER

Desse '*inimigos muito astutos*'?

Os padres Aulagnier e Celier falam-nos desses '*inimigos muito astutos*'?

De jeito nenhum. Em nenhum momento!

Ao ouvi-los, **deveríamos navegar na confiança e na felicidade.**

Segundo o padre Celier, Roma estaria prestes a '*dar o golpe de leme*' salutar.

Segundo o padre Aulagnier, Roma já o teria dado.

Mas será realmente o caso de imaginar um '*golpe de leme*'? Será que devemos nos deixar embalar pela imagem pueril do petroleiro que nos dá o padre Celier no início de seu capítulo sobre a escandalosa e ímpia '***missa pipaule***'?

Imagem pueril do petroleiro do padre Celier na página 184 de *'Bento XVI e os tradicionalistas'*

Lembremos que o padre Celier já conseguiu **fazer repetir essa imagem infantil pelo jovem padre de Cacqueray** durante a incrível conferência[12] pró-aliança da Mutualidade em Paris no dia 27 de setembro de 2006, pelo Superior de Distrito da FSSPX, **que agora age como um perfeito refém do padre Celier, cobrindo e endossando tudo o que lhe pede o padre modernista**.

> « *Fraqueza? Juventude? Chantagem? Não saberia qual.* » declara Monsenhor Williamson.

'***Golpe de leme***', segundo o padre Celier?

Enquanto Monsenhor Fellay, mesmo que as palavras do prelado estejam longe de evocar todos os remédios, oferece uma solução diferente desta imagem naturalista, ao declarar que a situação atual seria superada por santos e santidade como Deus sempre fez.

A menos que a mensagem não declarada do padre Celier seja esta?:

- reconhecer nele um santo, um homem habitado por um verdadeiro sentido sobrenatural, um grau muito elevado de piedade, dando o exemplo de uma bela humildade, um tal despojamento, uma tal ascese e um tal espírito de penitência, e favorecido de tal predileção divina que os fiéis deveriam imediatamente reconhecer nele o homem de Deus, o profeta tão esperado, **um verdadeiro profeta de felicidade escolhido por Deus para salvar a FSSPX e finalmente indicar como *'regularizá-la'***!

---

[12] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-12-D-00-Tentations_abbe_Lorans.pdf

6.8 - O ATAQUE SEM PRECEDENTES CONTRA OS SANTOS ORDENS PERPETRADO EM 18 DE JUNHO DE 1968, ANTECIPADO PELO PAPA LEÃO XIII 84 ANOS ANTES

'Eles levantaram* [esses inimigos muito astutos] *suas mãos ímpias sobre tudo o que ela de mais sagrado deseja'

O que é isso se não o Sacerdócio de Melquisedeque sacramentalmente válido, dotado de seus verdadeiros poderes sacramentais E SACRIFICIAIS autênticos, Tesouro e Vida mesma da Santa Igreja?

Poderia existir, de fato, algo que fosse, para a Santa Igreja de Nosso Senhor, mais sagrado do que a preservação da plenitude das Santas Ordens dotada de seus verdadeiros poderes sobrenaturais sacramentais e SACRIFICIAIS segundo o Sacerdócio Eterno de Melquisedeque para perpetuar o Santo Sacrifício de Nosso Senhor da Nova e Eterna Aliança selada com Seu Sangue mesmo?

Poderia existir algo mais sagrado?

A resposta só pode ser NÃO.

De fato, sabemos agora, **pelos numerosos fatos estabelecidos e documentos autênticos revelados agora publicamente** pelo Comitê *Rore Sanctifica*, **disponíveis para download em**

todo o mundo, que o atentado criminoso contra a validade sacramental das Santas Ordens Católicas ocorreu em 18 de junho de 1968, e **que foi premeditado e perpetrado pelo quarteto satânico dos clérigos apóstatas Montini-Bugnini-Dom Botte-Lécuyer.**

Portanto, é o Sacerdócio de Melquisedeque, sua validade sacramental E SACRIFICIAL que se tornou o alvo dos '*inimigos muito astutos*' da Igreja.

São clérigos pouco barulhentos que, no alvoroço pós-conciliar, premeditaram e perpetraram este ataque sem precedentes e mortal contra o Sacerdócio católico, na esperança secreta de provocar sua extinção ao longo do tempo e do silêncio.

Isso é revelado por toda a história do anglicanismo e pela instauração do novo rito de consagração episcopal.

E o Papa Leão XIII precisa:

> « ***Onde foi instituído a Sede do bem-aventurado Pedro, e a Cátedra da Verdade, ali eles colocaram o trono de sua abominação na impiedade****; de modo que, atingido o Pastor, o rebanho possa ser disperso* » Papa Leão XIII

De fato, tal atentado não pôde ser finalmente perpetrado a menos que *o 'trono de sua abominação'* tenha sido colocado precisamente onde foi '*instituído o Sede do bem-aventurado Pedro*'.

Mas o padre Aulagnier já estudou a grave questão dos sacramentos? Quanto tempo ele dedicou a esse estudo?

Ou ele permaneceu ignorante sobre essa questão VITAL?

O padre Celier, que acaba de se destacar pela nulidade de seu artigo-panfleto sobre o assunto, sabe ler?

Ele leu as refutações de todas as suas afirmações?

Ou prefere preservar sua impressionante ignorância e incompetência teológica que revelam seus escritos sobre essa questão?

A situação é, portanto, única, ainda mais grave do que nos tempos do arianismo, devido a esse atentado criminoso contra a validade sacramental das Santas Ordens Católicas, e mais particularmente do Episcopado, que ocorreu em 18 de junho de 1968 e que fere mortalmente desde então a transmissão sacramentalmente válida do autêntico Sacerdócio de Melquisedeque dotado de seus verdadeiros poderes SACRIFICIAIS.

6.9 - LA SALETTE, O PAPA LEÃO XIII, FÁTIMA RIDICULARIZADOS PELA EXPRESSÃO ‘FALACIOSO PRETEXTO DE QUE « DEUS PROVERÁ »’ DO PADRE CELIER

Do que se trata, senão simplesmente de permanecer católico, de pertencer à Igreja e de preservar o depósito do Sacerdócio sacramentalmente válido COM SEUS PODERES SACRIFICIAIS AUTÊNTICOS PARA QUE A ORDEM DE MELQUISEDEQUE, SELADA NO SANGUE DE NOSSO SENHOR, NÃO DESAPAREÇA DO RITO LATINO?

É esse depósito que ***os inimigos mais astutos*** da Igreja católica (**os satanistas Rosacruz**) quiseram destruir.

E o que nos diz o padre Aulagnier sobre esta imensa luta?

O que nos diz a dupla dos padres Aulagnier-Celier sobre esta batalha apocalíptica da qual o Papa Leão XIII nos traça um quadro impressionante e inspirado das Santas Escrituras?

Nada! NENHUMA PALAVRA!

Estes padres fazem política eclesiástica, e se guardam bem de se situar na encarnação histórica à qual as Santas Escrituras e as profecias da Santíssima Virgem Maria em La Salette e Fátima nos convidam incessantemente.

> *« Orem ao Deus da Paz para que Ele esmague Satanás sob nossos pés, a fim de que ele não possa mais, nem manter os homens cativos, nem prejudicar a Igreja. Ofereçam nossas orações na presença do Altíssimo, para que "sobre nós venham rapidamente as misericórdias do Senhor" (Sl. LXXVIII, 8), e que vocês apreendam o dragão, a antiga serpente que é o diabo ou Satanás, e que, associado no abismo, **não seduza mais** as nações" (Apoc. XX, 3).*
>
> *Assim, confiando em sua proteção e em seu patrocínio, pela autoridade sagrada de nossa mãe, a Santa Igreja, é com toda confiança que nos comprometemos a repelir, em nome de Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor, as infestação da astúcia diabólica.»*

Mas frente a esse plano sobrenatural da história da Salvação, essa visão conforme ao Apocalipse, o padre Celier usa a zombaria, não apenas sua "***visão fantasiosa do futuro***", para retomar o contundente julgamento de Monsenhor Tissier de Mallerais, mas ignora soberbamente essa visão de Fé, e **ainda por cima, ridiculariza os fiéis que esperam de Deus a solução para o tempo de apostasia que vivemos**.

É portanto essa sua concepção do Sacerdócio e dos deveres que ele tem tanto para com a Santa Igreja e Seu Magistério quanto para com as almas que, para sua desgraça, foram hoje confiadas a ele?

> *« Falo de um **imobilismo de tipo providencialista**, que equivaleria a não fazer o que está ao nosso alcance para contribuir para resolver a crise, sob **o falacioso pretexto de que "Deus proverá"**.* Padre Celier, *Benoît XVI et les traditionalistes*, p. 212

Ora, ao contrário, Monsenhor Lefebvre considerava sua obra como Providencial, como de « *tipo providencialista* », para retomar a expressão do padre Celier.

Monsenhor Lefebvre proclamava, de fato, que **era a Providência Divina que lhe confiara sua missão de fundar sua obra de preservação do autêntico Sacerdócio católico** sacramentalmente válido.

E agora aqui está o padre **Celier que ousa, sem qualquer prudência, zombar desse espírito "*providencialista*"**.

Aqui está o que escrevia Monsenhor Lefebvre em 2 de junho de 1988 em Roma:

> *« Os colóquios e encontros com o cardeal Ratzinger e seus colaboradores, embora tenham ocorrido em uma atmosfera de cortesia e caridade, nos*

> *convenceram de que **o momento de uma colaboração franca e eficaz ainda não chegou**, dado que o objetivo dessa reconciliação não é de forma alguma o mesmo para o Santo Sé que para nós. Acrescentei: "É por isso que nos daremos nós mesmos os meios para continuar a obra que a Providência nos confiou." »*[13]* Monsenhor Lefebvre, coletiva de imprensa em Ecône, 15 de junho de 1988

E na prefaça aos estatutos da FSSPX em 1991, aqui está como Monsenhor Lefebvre declara solenemente que sua obra é eminente providencial e "*depositária da Arca da Nova Aliança, o Sacerdócio de Melquisedeque*", e por quê?

Porque, em sua Sabedoria infinita, Deus assim o quis!

> *« 1965-1990, é o período do colapso do sacerdócio católico. 1970-1990. **A Providência em Sua Sabedoria infinita suscita uma obra de restauração do sacerdócio católico**, a fim de preservar os tesouros que Jesus Cristo confiou à Sua Igreja, a fé em sua integridade, a graça divina através de Seu Sacrifício e de Seus sacramentos, e os pastores destinados à dispensação desses tesouros de vida divina. (...)*
>
> *Manifestação evidente da bênção sobre **a Obra à qual Deus vai confiar a Arca da Aliança do Novo Testamento**.*
>
> *« Hic est calix sanguinis Mei, novi et aeterni testamenti. »*
>
> *Tal é o objetivo de nossas constituições. **Que sejam objeto de nossas meditações**, sob o olhar de Maria, Mãe do Sacerdócio.*
>
> *Ecône, 20 de março de 1990*
>
> *+ **Marcel Lefebvre**, Fundador da Fraternidade Sacerdotal São Pio X »[14]*

Quanto tempo o padre Celier terá meditado este texto, como pedia Monsenhor Lefebvre, antes de escrever seu abominável livro?

Lemos por meio da pena de Monsenhor Lefebvre que **pela obra Providencial da FSSPX, Deus precisamente providenciou o colapso do Sacerdócio católico.**

E é essa concepção que o padre Celier ridiculariza e critica ao falar de *« tipo providentialista »* e de *« falacioso pretexto de que "Deus proverá" »*.

Um falacioso pretexto, o discurso de Monsenhor Lefebvre! Que impudência e que mentalidade puramente naturalista da parte do padre Celier!

E ele ainda pertence à FSSPX? Além disso, à frente da revista *Fideliter* e das edições Clovis?

E esse escândalo persiste há 13 anos? Graças à proteção constante do tandem Schmidberger-Williamson, seus protetores eficazes, determinados e discretos.

Nesta zombaria, o « ***Deus proverá*** » é portanto qualificado de « ***falacioso pretexto*** » pelo padre Celier. Frente a esse padre naturalista, aqui está a invocação do Apocalipse e do « ***Veni Domine Jesu*** » por **Monsenhor Lefebvre em março de 1991**:

> « *São João termina seu Apocalipse com este apelo* "***Veni Domine Jesu***", ***Venha Senhor Jesus, apareça finalmente nas nuvens do Céu, manifeste todo o seu Poder, que seu Reino seja universal e eterno***.
>
> **Ecône, 4 de março de 1991**, Marcel Lefebvre »[15]

E o padre Celier nos entrega sua visão do futuro:

> « Grégoire Celier: (...) **Não vamos reconstruir do zero um estado da Igreja que desapareceu definitivamente no passado.** As décadas que se seguem vão nos fazer assistir em tempo real a um fenômeno histórico ao mesmo tempo ordinário em seu fundo e inédito por seu objeto concreto. **A Igreja vai, de fato, engolir o grande pedaço que é o Concílio com suas consequências, e digeri-lo**. Na minha opinião, existem na reforma conciliar nutrientes absolutamente inalcançáveis pela Igreja, que colocam em risco a coesão de sua doutrina e de sua vida. Penso que **a Igreja vai proceder com essas partes inalcançáveis como fazemos com resíduos nucleares: té derramamos em um bloco de concreto estanque, e depois enterramos profundamente e afastadamente**, para que não façam mal a ninguém. Para o restante do que foi dito e feito nos últimos quarenta anos, após terem sido purgados de seu mau espírito, **isso vai ter lugar em uma nova síntese ancorada na tradição**, o que permitirá à Igreja recuperar uma nova juventude missionária. **Sim, eu acredito que isso vai acontecer assim.**
>
> *Olivier Pichon: Isso corresponde ao que você disse sobre o Vaticano II: que se trata para você, simultaneamente, de esquecer, de superar e de expor «com reverência». Você pode desenvolver essas ideias, a fim de descrever em que sentido você considera possível esse golpe de leme do capitão Bento XVI (ou de um de seus sucessores)?*
>
> *Grégoire Celier: Eu insisto primeiro em um ponto. Não sou nem um adivinho nem um profeta. Portanto, é impossível para mim descrever* ***um processo***

> ***futuro que depende essencialmente das pessoas e das circunstâncias**. Por outro lado, **não recebo nenhuma informação confidencial**, nem da Cúria romana, nem **de Monsenhor Fellay**. **Trata-se pura e simplesmente de reflexões pessoais, sem qualquer outra pretensão.** O que acho útil fazer é mostrar **que um tal processo de restauração gradual da fé é possível, e desde agora, e sem provocar uma nova revolução violenta**, e com os homens de hoje. Bento XVI e os tradicionalistas*, p. 212

De maneira alguma, o padre Celier quer *« um estado da Igreja que desapareceu »*. Segundo ele, esse desaparecimento seria *« definitivo »* (o que *de Fé* é impossível para qualquer católico, pois seria contrário à promessa formal e incondicional de Nosso Senhor: *Non praevalebunt portae infernorum*).

Ora, a Santíssima Virgem Maria nos diz:

> « ***Jesus Cristo será servido, adorado e glorificado; a caridade florescerá por toda parte** (...) ».*

Ela nos fala da restauração da Cristandade, pelo restabelecimento do reinar de Cristo, o que significa a unção real:

> « ***Os novos reis serão o braço direito da Santa Igreja, que será forte, humilde, piedosa, pobre, zelosa e imitadora das virtudes de Jesus Cristo.*** ».

Este anúncio de Nossa Senhora é precisamente a antítese dos textos do padre *Beaumont-Celier*, que na *Fideliter* ousa se opor à realeza política e social de Nosso Senhor Jesus Cristo, ensinamento que, no entanto, é irrefutável do Magistério pontifício, sob a alegação de uma nova situação criada pela globalização.

Aqui está o que Monsenhor Lefebvre respondia antecipadamente aos detratores da restauração da Cristandade, como o padre Celier hoje:

> « Discípulos de Satanás resolveram acabar com a cristandade.
>
> ***Por que uma nova festa?***
>
> *Por que o papa Pio XI achou bom adicionar ao calendário litúrgico uma festa particular para Cristo-Rei? Foi realmente necessário? A realeza de Nosso Senhor*

Jesus Cristo não estava suficientemente significada em todas as festas do ano litúrgico? De fato, se lermos os textos litúrgicos da festa do Natal, da festa da Epifania, das grandes cerimônias da Semana Santa, com mais razão a festa da Páscoa e a festa da Ascensão, a realeza de Nosso Senhor é constantemente afirmada. Essas festas apenas manifestam o reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo e Seu reino.

Então, por que adicionar esta festa de Cristo-Rei? É porque ***os homens quiseram destruir o reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo****, depois que durante muitos séculos, os príncipes, os chefes de Estado reconheceram a realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo.* ***Discípulos de Satanás****, aquele que persegue com seu ódio Nosso Senhor Jesus Cristo,* ***resolveram acabar com a cristandade, com a ordem cristã, com o reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a sociedade, e fomentaram distúrbios até o momento em que puderam de fato destruir esse reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre as sociedades.*** *Eles esperavam com isso* ***arruinar a obra de Nosso Senhor Jesus Cristo****: é isso que diz o papa Leão XIII em sua encíclica Humanum genus a respeito dos maçons. Ele diz:* ***o objetivo principal deles é destruir todas as instituições cristãs****. Todas as instituições cristãs! Este é seu objetivo.*

Eles não poderiam conseguir isso enquanto a sociedade fosse cristã, enquanto os príncipes e os governantes fossem cristãos. Portanto, foi necessário ***destruir esses governos****, destruir aqueles que defendiam a realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Um clima de apostasia

Não apenas eles tiveram o intuito de destruir as instituições cristãs, mas quiseram, com isso, destruir o reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo nas almas e criar este ***clima de apostasia geral****. O fato de que as instituições não são mais cristãs, o fato de que Nosso Senhor Jesus Cristo não reina mais nas instituições, cria necessariamente* ***um clima de apostasia, um clima de ateísmo****.*

Esse clima de ateísmo atinge então as famílias pela educação, por todos os meios poderosos que o Estado tem à sua disposição para ***arruinar a fé nas famílias cristãs****. Assim, vimos a apostasia se espalhar gradualmente na sociedade. E se as famílias se tornam apostatas, se nas famílias não reinam mais Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua lei e Sua graça, então* ***as vocações também desaparecem****, e é bem isso que eles esperavam; eles esperavam atingir a Igreja através das famílias cristãs e, assim, alcançar, os seminários, os noviciados, as congregações religiosas. Infelizmente! Eles conseguiram.*

Agora poderíamos dizer em verdade que **as autoridades da Igreja[16] estendem a mão a eles**, *e os ajudam nessa apostasia, pela afirmação dessa*

> *liberdade religiosa. »[17]* Mons. Marcel Lefebvre, Ecône, 30 de outubro de 1988

O discurso de Monsenhor Lefebvre está **em oposição ao de padre Celier**.

Monsenhor Lefebvre denuncia a destruição da Cristandade como sendo a obra dos discípulos de Satanás, da maçonaria condenada pelo Papa Leão XIII.

O padre Celier nunca fala disso.

O padre Celier, ao contrário, apresenta essa subversão como uma « ***crise*** », vocabulário neutro que apaga toda ideia de responsabilidade, como se fosse um processo fatal, da « ***culpa do acaso*** », de uma responsabilidade coletiva, **de um clima geral inexplicável, enquanto se trata da implementação deliberada, paciente e contínua de um plano revolucionário, de uma conspiração tal como já é denunciado nas Santas Escrituras**.

Nossa Senhora fala de uma « ***nova síntese ancorada na tradição*** »? De maneira alguma, ela fala de um triunfo da Igreja da forma mais tradicional que existe, e **no âmbito de uma Cristandade real restaurada**.

Não se fala de *« nova síntese »*, nem de simples *« ancoragem »* na tradição, mas isso significa a tradição plena e inteira.

O cúmulo da **trivialidade e do espírito naturalista, hermético a qualquer referência escritural** é alcançado quando o padre Celier evoca os « ***resíduos nucleares*** ».

Portanto, outra surpresa, a Igreja vai « ***solidificar*** » os erros do Vaticano II em uma « ***manta de concreto estanque*** »! Esta metáfora é ridícula e anti-histórica.

De fato, **a Igreja, pela voz dos Papas e dos concílios, sempre procedeu anatemizando as heresias e excomungando *vitandis* os hereges de todos os tipos. Ela não os tratou de forma alguma pelo esquecimento.**

O padre Celier estaria influenciado por uma eclesiologia modernista?

O padre Celier descreve um *« processo de restauração progressiva da Fé »* e *« sem provocar uma nova revolução violenta »*.

Ora, Nossa Senhora nos anuncia a violência levada a um grau de paroxismo aterrador:

> *"No ano de 1865, verá **a abominação** nos lugares santos; nos conventos, as flores da Igreja estarão putrefatas e o demônio se tornará como o rei dos corações. Que aqueles que estão à frente das comunidades se cuidem das pessoas que devem receber, porque o demônio usará toda sua malícia para*

> *introduzir nas ordens religiosas pessoas entregues ao pecado, porque os desordens e o amor aos prazeres carnais estarão espalhados por toda a terra.*
>
> "*A França, a Itália, a Espanha e a Inglaterra estarão em guerra; o sangue correrá nas ruas; o Francês lutará contra o Francês, o Italiano contra o Italiano; em seguida haverá uma* ***guerra geral*** *que será* ***terrorífica****. Por um tempo, Deus não se lembrará mais da França nem da Itália,* ***porque o Evangelho de Jesus Cristo não é mais conhecido****. Os ímpios utilizarão toda a sua malícia; matar-se-á, massacrar-se-á mutuamente até dentro das casas.*" [18] Nossa Senhora a Mélanie, La Salette

Ao contrário da proposição audaciosa e odiosa do padre Celier, a Santíssima Virgem Maria declara em seu segredo a Mélanie (La Salette):

> "*No primeiro golpe de sua espada fulminante,* ***as montanhas e toda a natureza tremerão de assombro****, porque os desordens e os crimes dos homens atravessarão a abóbada dos céus.* ***Paris será queimada e Marselha será afundada****; várias grandes cidades serão abaladas e submergidas por terremotos; acreditar-se-á que* ***tudo está perdido****; só se verá homicídios, só se ouvirá barulho de armas e blasfêmias.*
>
> "***Os justos sofrerão muito****, suas orações, sua penitência e suas lágrimas subirão até o Céu, e todo o povo de Deus pedirá* ***perdão e misericórdia****, e pedirá* ***minha ajuda e minha intercessão****.*
>
> "*Então Jesus Cristo, por um ato de Sua justiça e de Sua grande misericórdia para os justos, ordenará a Seus anjos que* ***TODOS os Seus inimigos sejam mortos*** *. De repente, os perseguidores da Igreja de Jesus Cristo e todos os homens entregues ao pecado perecerão, e a terra se tornará como um* ***deserto****. Então se fará a paz, a reconciliação de Deus com os homens; Jesus Cristo será servido, adorado e glorificado; a caridade florescerá em toda parte. Os novos reis serão o braço direito da Santa Igreja, que será forte, humilde, piedosa, pobre, zelosa e imitadora das virtudes de Jesus Cristo. O Evangelho será pregado por toda parte e os homens farão grandes progressos na Fé, porque haverá unidade entre os operários de Jesus Cristo e os homens viverão na temor de Deus. » [19] Nossa Senhora a Mélanie, La Salette*

Segundo a Santíssima Virgem Maria, é de Nosso Senhor Jesus Cristo que devemos esperar a resposta aos tempos de prova que estamos vivendo e não de mirabolantes, mas miseráveis cálculos de política eclesiástica, como afirma sem vergonha o padre Celier.

Nosso Senhor Jesus Cristo « ***matará todos os seus inimigos*** », **nos anuncia Sua Santíssima Mãe.**

Esta profecia também está **relacionada à profecia dos três dias de trevas, que tem sido continuamente retomada pela tradição profética católica**.

E a **Santíssima Virgem Maria nos convida a nos colocarmos sob Sua proteção**, pois é ela quem lutará nesses tempos de sedução e de provas:

> *"Antes que isso aconteça, haverá uma espécie de **falsa paz** no mundo; não se pensará em outra coisa senão em se **divertir**; os ímpios se entregarão a todo tipo de pecados. **Mas os filhos da Santa Igreja, os filhos da Fé, meus verdadeiros imitadores, crescerão no amor de Deus e nas virtudes que mais me são queridas. Bem-aventuradas as almas humildes guiadas pelo Espírito Santo! Eu lutarei com elas até que alcancem a plenitude da idade.***
>
> *"A natureza clama por **vingança** em relação aos homens, e treme de espanto diante do que deve acontecer à terra manchada de crimes. **Treme**, terra, e vós que fazeis profissão de servir a Jesus Cristo e que adorais a vós mesmos, tremam; porque Deus vai vos entregar a Seu inimigo, porque os lugares santos estão na corrupção; muitos conventos já não são mais as casas de Deus, mas pastagens de Asmodeu e de seus seguidores. »[20] Nossa Senhora a Mélanie, La Salette*

Constatamos que, confrontadas com o Magistério e com as profecias de Nossa Senhora, as teses do padre Celier são radicalmente incompatíveis com o sentido católico da história da Salvação.

---

[13] http://www.virgo-maria.org/Documents/mgr-lefebvre/1988_06_15_Conference_de_presse_de_Mgr_Lefebvre.htm

[14] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2006/002_2006/VM-2006-02-07/VM-2006-02-04-A00-Statuts_FSSPX+votants.htm

[15] http://www.virgo-maria.org/Documents/mgr-lefebvre/1991_03_04_le_dernier_texte_de_Monseigneur_%20LEFEBVRE.htm

[16] Nota de VM: Trata-se da Igreja conciliar, que não é a Igreja católica. Se as autoridades colaboram, ajudam nesta apostasia, é porque elas mesmas se colocaram de fato fora da Igreja (novamente, leia a bula do Papa Paulo IV).

[17] http://www.virgo-maria.org/Documents/mgr-lefebvre/1988_10_30_Mgr_Lefebvre.htm

[18] http://www.virgo-maria.org/Documents/la-salette/secretsalette.htm

[19] http://www.virgo-maria.org/Documents/la-salette/secretsalette.htm

[20] http://www.virgo-maria.org/Documents/la-salette/secretsalette.htm

6.10 - MONSENHOR LEFEBVRE INVOCAVA LA SALETTE E AS PROFECIAS

Em oposição ao padre Celier, **Monsenhor Lefebvre invoca em 29 de janeiro de 1988 (em uma carta a Jean Madiran) as profecias de La Salette e o exorcismo do Papa Leão XIII para descrever a situação atual da Igreja conciliar**:

> *« O plano anunciado nos Atos da Alta Venda e publicado por ordem do papa Pio IX se realiza hoje diante de nossos olhos. Estive na semana passada em Roma, chamado pelo cardeal Gagnon, que me entregou a carta que lhe comunico em anexo. Uma rede muito bem organizada controla toda a atividade da cúria, interna e externamente.*
>
> ***O papa[21] é um instrumento dessa máfia [2] que ele criou e da qual simpatiza***. Não se pode esperar nenhuma reação da parte dele; ao contrário. O anúncio da reunião das religiões em Assis em outubro, decidido por ele [3], é o cúmulo da impostura e do insulto a Nosso Senhor. **Roma não é mais a Roma católica. As profecias de Nossa Senhora de La Salette e de Leão XIII em seu exorcismo [4], se realizam. "Lá onde foi instituído o Sede do bem-aventurado Pedro, e a Cátedra da Verdade, ali eles colocaram o trono de sua abominação na impiedade; de modo que, atingido o Pastor, o rebanho possa ser disperso..."**
>
> *É Leão XIII também quem proibiu o "congresso das religiões" que deveria ter ocorrido em Paris em 1900 em ocasião da Exposição Universal, como ocorreu em Chicago em 1893.*
>
> *Vocês verão, na resposta a nossa carta, que o cardeal Ratzinger se esforça mais uma vez para dogmatizar o Vaticano II.* ***Temos a lidar com pessoas que não têm nenhuma noção da Verdade. Cada vez mais seremos forçados a agir considerando esta nova Igreja conciliar como não católica. »[22]***

Que condenação para a « ***visão fantasiosa do futuro*** » **do padre Celier, que, por seu naturalismo e sua redução do que ele impropriamente chama de « *crise* » (trata-se, na verdade, de uma revolução cujos responsáveis são conhecidos), tenta criar a ilusão de uma fatalidade que seria superada por meios humanos de simples negociações entre pessoas bem intencionadas.**

E Monsenhor Lefebvre **voltará mais uma vez a La Salette em 1988, o ano mesmo das ordenações dos quatro bispos em Ecône**:

> *Na Fideliter n° 65 de setembro-outubro de 1988, páginas 3 a 6, é citado seu sermão de domingo, 10 de julho, na Étoile du Matin, em ocasião da* ***missa solene celebrada pelo padre Bernard Lorber, ordenado em 29 de junho anterior****:*
>
> (...) Peçamos isso sobretudo à Virgem Maria, nossa Boa Mãe do Céu, Nossa Senhora de Fátima, que nos anunciou todos esses males que cairiam sobre a Igreja, caso ela não consagrasse o mundo ao seu Coração Imaculado. ***Atualmente encontramos essa situação. A Virgem de La Salette também previu: Roma perderá a Fé. Uma eclipse se espalhará sobre Roma[23]. Constatamos isso com muita dor. (…)[24]***

Monsenhor Lefebvre falava novamente de La Salette em seu prefácio à obra « ***Pedro, amas-me?*** », **livro que o padre Celier exclui do catálogo das edições *Clovis*, tanto esse texto aprovado por Monsenhor Lefebvre o incomoda e incomoda o projeto de aliança da pequena rede dos infiltrados modernistas:**

> ***POSFÁCIO de « Pedro, amas-me? ».***
>
> *[…]*
>
> *Ecoando os Papas de antes de 60 que profetizaram sobre os males que viriam à Igreja, se não fossem ouvidos e se fizessem desconsideração de suas condenações, ecoando as profecias de Nossa Senhora de La Salette* ***e de Nossa Senhora de Fátima****, esforcemo-nos para reconstruir a Igreja sobre princípios eternos ensinados pelo Magistério da Igreja durante quase vinte séculos,* ***reprovando os erros da Revolução liberal e modernista, ainda que estes sejam validados por aqueles que ocupam o Sede de Pedro****. [25]*
>
> *[…]*
>
> Marcel Lefebvre

> **Arcebispo emérito de Tulle**
>
> **Fundador da Fraternidade São Pio X**
>
> **Ecône, 7 de junho de 1988**

---

[21] Não pode se tratar de um verdadeiro Sumo Pontífice, mas de um usurpador, pois um Papa não pode errar na Fé.

[22] http://www.virgo-maria.org/Documents/mgr-lefebvre/1988_01_29_Lettre_a_Jean_MADIRAN.htm

[23]A citação exata do segredo para Mélanie Calvat (La Salette) é que « a Igreja será eclipsada ». Consequentemente, é muito provável que Dom Lefebvre tenha feito aqui uma interpretação pessoal desse trecho.

[24]

[25] http://www.virgo-maria.org/Documents/mgr-lefebvre/1988_07_07_POSTFACE_de_Pierre_M_aimes-tu.htm

7 - AS BASES NATURALISTAS, O MÉTODO MODERNISTA E A DOUTRINA ANTI-TUTIORISTA DOS « DOIS PRELIMINARES » INSPIRADOS PELOS PADRES AULAGNIER E RIFFAN

7.1 NATURALISMO E MODERNISMO SUBJACENTES AOS « DOIS PRELIMINARES » DOS PADRES AULAGNIER E RIFFAN

Essas teses não vêm de Deus, elas não são de forma alguma inspiradas pelo Espírito Santo.

Elas procedem de um espírito adúltero ao se opor ao ensinamento da Igreja católica e a seus convites para escrutar os sinais dos tempos de provações que vivemos.

Essas teses são substancialmente naturalistas.

Elas se inscrevem em oposição a essa visão sobrenatural da história da Salvação e **revelam o modernismo pelo método utilizado pelos padres Aulagnier e Celier, inspirado pelo padre Barthe, para propagá-las.**

Essa concepção naturalista está subjacente à política dos « *dois preliminares* » inoculados pelos padres Aulagnier e Riffan junto à Direção da FSSPX, ou seja, Monsenhor Fellay.

Para isso, elas acrescentam a essa inspiração naturalista que constitui a trama, **a inversão diabólica do « *rito de São Pio V primeiro* », que toma o lugar do « *Sacerdócio válido primeiro* », verdadeiro objetivo da obra providencial fundada por Monsenhor Lefebvre para sua preservação.**

Metaforicamente, essa inversão desloca o combate para a preservação das maçãs (que são as missas católicas sacramentalmente válidas) em detrimento da preservação do pé de maçã que é o episcopado.

Monsenhor Lefebvre PROVISORIAMENTE salvou o episcopado católico sacramentalmente válido do rito latino, mas os padres Aulagnier e Celier ocultam esse fato maior.

Eles reduzem, ao contrário, a luta de Monsenhor Lefebvre **à preservação do rito tradicional da Santa Missa e não à preservação do Sacerdócio sacramentalmente válido.**

7.2 - A DOUTRINA ANTI-TUTIORISTA DOS « PADRES PROVÁVEIS A PRIORI » ATRIBUÍDA AO MONSENHOR FELLAY PELO SITE DONEC PONAM

A partir do momento em que a inversão satânica é operada (rito da missa e não mais o episcopado sacramentalmente válido) **e que o sentido católico da história da Salvação foi repudiado** para ser substituído por uma fantasia idealista e naturalista anacrônica, **só resta justificar os « *sacramentos bastardos* » denunciados por Monsenhor Lefebvre em 1976, pelo seguinte sofisma:** *« Devemos insistir na probabilidade da validade de uma ordenação »* e declarar que *« **Os fiéis**, por sua vez, **deverão** partir do **princípio** **a priori** de que esses padres são **validamente ordenados** porque a invalidade da ordenação permanece uma exceção. **Portanto, deverão considerar que uma ordenação, mesmo moderna, é válida**. »* como atribuído ao Monsenhor Fellay pelo site *Donec Ponam* em sua entrevista de 25 de março de 2007.

Ora, o conceito de « ***padre a priori provavelmente válido*** » foi formalmente condenado pelo Papa Inocêncio XI[26] em 1679 e o de « probabilidade de validade de um sacramento » também foi condenado pelo Papa Leão XIII[27] em 1878 (cf. mensagem anterior de VM).

Assim, à inversão diabólica e à « ***visão fantasiosa do futuro*** » e naturalista, **vem então se adicionar a negação do tutiorismo, que sempre foi e é a doutrina infalível e irrefutável da Igreja em matéria sacramental**.

O ciclo está, portanto, fechado; e, ao preço dessa tripla traição, só resta embalar os fiéis na **sedução** e na ilusão sobre a Igreja conciliar e **iniciar a confusão final dos Sacerdócios da « *reforma da reforma* », que era o objetivo inicial**.

[26] Cf. http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-06-03_Probabilisme_Mgr_Fellay.pdf

[27] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-04-A-00-Mgr_Fellay_Donec_Ponam.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-09-D-01-Mgr_Fellay_a_recu_la_lettre_1.pdf

7.3 - OS FRUTOS PRÁTICOS DO TRABALHO DO PADRE CELIER EM PERPIGNAN: A CONFUSÃO DOS SACERDÓCIOS

LA CONFUSION DES SACERDOCES A PERPIGNAN

http://tradicio.over-blog.com/

‘prêtre’ rallié ‘*a priori probable*’
célébrant dans le rite de Saint Pie V

‘évêque’ ‘*a priori probable*’ de Perpignan

Publicité pour la Conférence de l’abbé Celier sur sa ‘vue fantaisiste du futur’ et anti-La Salette

http://tradicio.over-blog.com/

8 - UM INSPIRADOR NAS SOMBRAS: O PADRE BARTHE. O GRANDE ARQUITETO DESSA SUBVERSÃO DA FSSPX?

A temática vulgarizada pelo padre Celier em seu livro **desenvolve, até mesmo mantendo às vezes o vocabulário, o discurso mais sutil que destila o padre Barthe em suas crônicas de *Catholica* ou em suas conferências.**

8.1 - O ECLIPSE DO PADRE BARTHE NO MOMENTO EM QUE O PADRE CELIER LANÇA UMA OFENSIVA MIDIÁTICA DENTRO DA FSSPX

Primeira observação, **até o final de dezembro de 2006, o padre Barthe foi muito ativo, aparecendo cada vez mais na cena. E já em janeiro de 2007, ele desaparece.**

Mas onde foi parar o padre Barthe? Por que este silêncio?

Observamos que **o eclipse do amigo de Ratzinger, o padre Barthe, coincide com o aumento da presença do padre Celier na cena midiática da FSSPX**.

Para comentar a apostasia da mesquita azul e, em seguida, especialmente para lançar seu livro, **tudo parece indicar que existe uma divisão de papéis entre o teórico da pedagogia da '*reforma da reforma*' e o diretor da revista *Fideliter*.**

E o discurso do padre Celier, de certa forma, assume o papel dentro da FSSPX que o padre Barthe ocupa fora dela.

Recordemos o que escrevemos em 5 de dezembro de 2006, quando denunciávamos essa colusão entre o padre Barthe e as declarações do padre de Cacqueray (sob a influência do padre Celier) no final de setembro de 2006.

8.2 - O PADRE BARTHE PROMOVE O ARTIFÍCIO DO FRONT COMUM RATZINGUÉRIEN-TRIDENTINO EM FUNDO ANGLICANO DA ‘REFORMA DA REFORMA’

Início da citação do VM de 5 de dezembro de 2006:

Para ilustrar o projeto de **Ratzinger**, tal como ele o entende, o padre **Barthe** recorre à imagem de uma « ***subida de dentro*** », **aplicando-a prioritariamente à questão litúrgica**:

> *« Se é verdade que a nova liturgia foi a transposição cultual da convulsão eclesiológica do evento Vaticano II, é claro que, ao contrário, a “subida de dentro” de que fala Bento XVI se manifesta, em primeiro lugar, por uma* ***resacralização*** *da liturgia. »* Padre Barthe, 20 de novembro de 2006

E o padre **Barthe** afirma que **Ratzinger** buscaria o apoio das forças da Tradição católica para sustentá-lo em sua contestação ao Vaticano II:

> *« Um nó une dois elementos do pensamento ratzingueriano: de um lado, uma crítica implícita, sob a forma de "boa interpretação", da reforma de Paulo VI, pelo menos tal como se desenvolveu na prática; e de outro lado, um desejo mais ou menos marcado de um "ecumenismo" em direção ao mundo tradicional, considerado como um conservatório da liturgia e da doutrina do "antes". »* Padre Barthe, 20 de novembro de 2006

Portadores de círios em uma "*missa*" anglicana inválida (Filadélfia 2006)

E, chegamos aqui ao verdadeiro objetivo do padre **Barthe**, **trata-se de unir toda a Tradição católica, qualificada de** « ***pólo tridentino*** », em torno de **Ratzinger**:

> "*Para dar uma nota "política", direi que* ***tudo leva os dois polos tridentino e ratzingueriano****, embora muito desiguais em termos de importância numérica, não a fundir, mas a estabelecer uma frente comum, tanto do ponto de vista da missão pastoral nas dioceses francesas em processo de desertificação, quanto* ***do ponto de vista da liturgia****.*" Padre Barthe, 20 de novembro de 2006

E o padre **de Cacqueray** apressa-se em apoiar esse "*frente comum*" dos polos tridentino e ratzingueriano **junto com a obra de preservação do Sacerdócio de Monsenhor Lefebvre**:

> *« Se a Fraternidade mudar de estratégia e adotar os acordos práticos, porque, afinal, essa é a questão, temos mais chances de conseguir a progressão da Tradição aceitando agora uma evolução canônica »*

> *« A luta que travamos é a luta pela volta de Roma à sua Tradição »*
>
> *« E, finalmente, é a única questão que nos importa, qual é a maneira de pôr fim a essa horrível crise da Igreja e que Roma recupere sua Tradição. »* **padre de Cacqueray**, 27 de setembro de 2006

Mas qual será, portanto, o meio para o padre **Barthe**? Ele então promove a ideia da "***reforma da reforma***", e sugere o *Motu proprio* para a "***liberalização***" do rito de São Pio V:

> *« Certamente, se por um lado, em certos locais, paróquias, comunidades, a "* ***reforma da reforma*** *" avançar o suficiente para oferecer aos católicos ligados ao rito tridentino a possibilidade de participar de cerimônias, fazendo um espaço considerável para as formas tradicionais, e se, por outro lado, a* ***liberalização*** *do rito de São Pio V for bastante significativa, o movimento de transição seria consideravelmente acelerado. »* Padre Barthe, 20 de novembro de 2006

O reverendo **Chadwick** se inscreve na mesma perspectiva e na dupla **de uma extensão das facilidades concedidas ao "*polo tridentino*" em relação aos anglicanos do TAC.** Para o reverendo **Chadwick**, o futuro documento do *Motu proprio* tão aguardado pelos padres **Lorans** e **de Cacqueray**, assim como por **Monsenhor Fellay**, simbolizará a "***unidade na diversidade***".

> *« Conhecemos nossas fraquezas e nossas forças, e confiamos que a Igreja católica romana contemporânea irá assumir essas diferenças como com aqueles que se apegam à tradição tridentina. É somente hoje que a Igreja católica romana começa a conceber a unidade na diversidade, à evidência da possibilidade de que Bento XVI emita um documento para liberar o uso do rito pré-conciliar para aqueles que o desejam. É incrível que alguns bispos franceses não consigam tolerar a presença de dois ritos na Igreja, enquanto a missa chamada de Paulo VI não é uniforme entre duas paróquias de suas dioceses!* ***As "glasnost" e "perestroika" que estão chegando à Igreja não podem senão encorajar os católicos anglicanos em nossa busca de unidade****. »* Reverendo Chadwick

Assim, vemos pela convergência, senão pela identidade dos discursos, quão significativo é o projeto do padre **Barthe** de reunir a Tradição católica (incluindo a FSSPX) em torno de **Ratzinger**, **procede do mesmo modelo que o desenvolvimento da *High Church* e seu sucedâneo contemporâneo, o TAC, em relação à Comunhão Anglicana.**

O pivô de tal estratégia (é por isso que foi sugerido a **Monsenhor Fellay** e ao padre **de Cacqueray**) é lançar-se no preliminar da "*liberalização*" do rito de São Pio V.

Vemos hoje a manifestação dessa implementação da estratégia do padre **Barthe** quando as autoridades da FSSPX **lancam a impostura sacrílega do "*buquê*" espiritual do milhão de terços ou durante o lançamento da operação DVD do "*kit da missa tradicional*" pelo padre de Cacqueray em 7 de dezembro de 2006.**

Fim da citação do VM de 5 de dezembro de 2006[28]

---

[28] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

8.3 - O PADRE BARTHE E O PADRE DE CACQUERAY (CELIER?) FAZEM DO « PRO MULTIS » O PONTO DE PARTIDA DA 'REFORMA DA REFORMA'

Nós também vemos que o padre Barthe anuncia uma ***remodelação*** do novo missal.

É exatamente isso que o padre Celier deseja ao preconizar a inserção do ofertório tradicional na escolha dos textos do novo missal e na prática da ***missa pipaule***:

Início da citação do VM de 5 de dezembro de 2006

Saindo das sombras e intervindo diretamente sob seu nome no *Forum Catholique*, o padre **Barthe** publica, em 23 de novembro de 2006, um curto artigo [21] intitulado ***« A reforma da reforma começou? »*** sobre a nota de **Arinze** para que o **« pro multis »** do **cânon** do rito de **Montini-Paul VI** deixe de ser traduzido por **« para todos »** e passe a ser traduzido por **« para muitos »** nas edições vernáculas do missal. E o padre **Barthe** conclui:

> *« Tudo isso mostra, sobretudo, que a liberalização anunciada da missa tridentina faz parte de um projeto muito mais amplo que, se concretizado, visaria remodelar o novo missal. »* Padre Barthe, 23 de novembro de 2006

Em 25 de novembro de 2006, **Yves Chiron**, admirador de **Hans Urs von Balthasar**, retoma a informação em sua carta n°100 de *Alethia* [22]. Ele também anuncia o início da ***reforma da reforma*** e vê nisso uma saída ***por cima***. Saída por cima? **ou saída da Igreja conciliar para a Alta Igreja?**

Aqui está um autor que se deixa levar pelo grande esquema anglicano, a menos que seja conivente.

Em um grande mimetismo que deve alegrar o padre **Barthe**, o padre **de Cacqueray** segue o exemplo e faz publicar um comentário no site oficial do Distrito da França da FSSPX [23]. Ele afirma ver nisso *« uma pequena bomba teológica e litúrgica no âmbito da Igreja conciliar »*. Ele não percebeu que, longe de ter efeitos devastadores na Igreja conciliar, essa decisão romana contribuirá para aplicar o plano de inspiração anglicana descrito pelo padre **Barthe** e fará com que a FSSPX entre em uma estrutura inválida onde a FSSPX será colocada sob a mesma autoridade da futura *« Igreja Católica de rito Anglicano »* atualmente em negociação entre **Ratzinger** e **John Hepworth**, o « Dom Fellay anglicano ».

Em 2 de dezembro, o padre **Barthe** intervém novamente no mesmo *Forum Catholique* para, citando um artigo de Stéphane Wailliez que está para sair, fazer revelações sobre a forma que a promulgação do *Motu Proprio* e a reforma da reforma por **Ratzinger** poderiam tomar [24]:

> *« Podemos imaginar que Bento XVI apoie a reforma da reforma com uma celebração em uma paróquia romana, em latim, voltado para o Senhor e, melhor ainda, que o futuro documento liberalizando a missa tridentina seja acompanhado de uma celebração dessa missa pelo próprio papa? »* Padre Barthe, 2 de dezembro de 2006

Muito bem informado por Roma, pois é um ***puxador de cordéis*** privilegiado e particularmente ativo desde 1997, o padre **Barthe** nos apresenta uma informação extraída das melhores fontes. Essa promulgação ocorreria também em 8 de dezembro de 2006, para a festa da Imaculada Conceição? Seria o ***milagre*** do Bouquet!

Fim da citação do VM de 5 de dezembro de 2006

---

[29] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

8.4 - OS PADRES CELIER E BARTHE PRECONIZAM A "RETRADITIONALIZAÇÃO" DO NOVUS ORDO MISSAE (NOM)

A colisão entre o padre Celier e o padre Barthe é total para promover o que eles chamam de « *retraditionalização* » do Novus Ordo Missae de 1969:

Início da citação do VM de 5 de dezembro de 2006

Já na primavera de 2004, em um artigo de *Catholica* intitulado « Transição para uma saída », o padre **Barthe** delineava as grandes linhas da aplicação dessas teorias compartilhadas com **Catherine Pickstock**:

> *« Trata-se de curar-se, passo a passo, do espírito que presidiu à confecção da nova liturgia. Este projeto de evolução do rito reformado para o rito não reformado ganha terreno nas mentes sob o tema da "reforma da reforma". Para aqueles que o mencionam, consistiria, como a expressão indica, em reformar o rito de Paulo VI com base na tradição litúrgica romana, ou seja, concretamente em direção ao rito de São Pio V, que permanece a referência obrigatória. »*
>
> *« É necessário que a intenção perseguida, a "retradicionalização" do rito, qualifique positivamente as etapas que, consideradas em si mesmas, poderiam aparecer como marcadas por uma secularização excessiva. Essas etapas serão perfeitamente admissíveis para todos, em função do fim buscado, ou seja, o retorno a um rito que se tornou novamente lex orandi, profissão de fé cultual. Uma liturgia em curso de "tradicionalização" já é uma liturgia tradicional. »*

Esse estado de espírito não é católico e esta fórmula anticatólica ficará marcada: « ***uma liturgia em curso de retraditionalização é já uma liturgia tradicional*** » diante deste Lego litúrgico desrespeitoso a Deus, **Dom Guéranger** deve se revirar em sua sepultura!

Fim da citação do VM de 5 de dezembro de 2006[30]

O padre Celier preconiza a « ***retradicionalização*** » do NOM:

> *« Se Roma quisesse favorecer essa « **retradicionalização** », ela teria o recurso, para neutralizar seus adversários, de utilizar os próprios princípios da nova liturgia. E, em primeiro lugar, seu caráter muito aberto. Nos ritos, tudo está agora à escolha: são propostas numerosas variantes. **Roma poderia então adicionar a oferta tradicional entre as escolhas possíveis.** »* Padre Celier, *Benoît XVI et les traditionalistes*, p. 199-200

E ele ousa tomar Dom Guéranger como modelo, **mesmo sabendo que Dom Guéranger excluía toda liturgia que não tivesse 200 anos de idade**.

Esse termo « ***retradicionalização*** » é falacioso, pois isso **sugere que este rito de 1969 foi tradicional e poderia se tornar novamente**.

É falso, trata-se de um rito artificial inventado pelos reformadores litúrgicos modernistas anticristãos do pós-Vaticano II, sob a liderança de seu chefe, o padre lazarista Annibale Bugnini, conhecido como *Buan* pelo seu nome de código de " *irmão* " maçom, elaborado em palacetes de luxo, e inspirado em parte pela suposta *Tradição apostólica* falsamente atribuída a *Hippolyte de Roma*, totalmente " *reconstruída* " por seu cúmplice, o Beneditino Dom Botte, reconstrução que o Padre Bouyer (embora ele mesmo modernista) já qualificava em 1966 como *« a risada dos sábios ».*

---

[30] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

9 - MELHOR QUE DEUS E NOSSA SENHORA, OS PADRES CELIER E AULAGNIER « VÃO PROVIDENCIAR » ?

9.1 - O PADRE AULAGNIER, NOVO SÃO JOÃO BATISTA DO PROFETA CELIER?

E aqui tocamos no fundo do projeto naturalista que sustenta todo o livro *Bento XVI e os tradicionalistas* e a ação de um padre Aulagnier com sua política dos '***dois pré-requisitos***': **trata-se de uma pura vontade humana que pretendia, por si mesma, resolver a situação da Igreja nestes tempos de Apocalipse por meio de simples negociações entre pessoas de boa companhia**. Tudo isso é **grotesco!**

Quando o padre Celier fala do « ***falacioso pretexto de que "Deus providenciará"*** », o que ele quer dizer?

Uma vez que para ele seria falacioso que Deus providenciasse, então é porque ele, o padre Celier, vai providenciar. **Não devemos recorrer a Deus, não devemos esperá-Lo, uma vez que temos o padre Celier e que ele entendeu perfeitamente como resolver a situação da Igreja conciliar. Seria essa a mensagem que o padre Celier quer nos fazer entender?**

O padre Celier quer nos fazer entender que, melhor do que a Muito Santa Virgem Maria que falou em La Salette e depois em Fátima, melhor do que São Miguel ao qual o Papa Leão XIII nos pediu que aguardássemos que ele '*esmagasse Satanás sob seus pés*', devemos recorrer ao '*dieu mortel*', ao padre Celier?

Seria ele, então, o homem da situação? E o padre Aulagnier seria de certa forma o São João Batista deste padre Celier na FSSPX?

Ele seria « *a voz que clama no deserto* » e que « *endireita os caminhos do padre Celier* » e que, em editoriais do *Item*, nos guia para a mensagem do padre Celier?

Nossa Senhora anuncia os dois profetas Enoque e Elias:

> "***A Igreja será eclipsada***, *o mundo estará na* ***consternação***. *Mas* ***aqui estão Enoque e Elias, cheios do Espírito de Deus; eles pregarão com a força***

> ***de Deus**, e os homens de boa vontade acreditarão em Deus, e muitas almas serão consoladas; eles farão grandes progressos pela virtude do Espírito Santo e condenarão os erros diabólicos do anticristo » [31] Nossa Senhora a Mélanie, 1846, La Salette*

Deve-se entender que os padres Aulagnier e Celier **se consideram Enoque e Elias?**

O grotesco dessa situação é avassalador.

Monsenhor Lefebvre teria esperado que ela alcançasse tais proporções antes de '***agir***'?

Certamente que não.

---

[31] http://www.virgo-maria.org/Documents/la-salette/secretsalette.htm

9.2 - O EXORCISMO DO PAPA LEÃO XIII DIANTE DAS SEDUÇÕES DAS FORÇAS DAS TREVAS

Diante desse ataque naturalista em seu fundamento e modernista em seu método, contra a obra de Monsenhor Lefebvre e a transmissão do Sacerdócio católico sacramentalmente válido, preferimos recorrer ao que diz o Papa Leão XIII frente aos lobos disfarçados de ovelhas que realizam o mistério da iniquidade.

Aqui estão as palavras de Leão XIII, ele não fala de petroleiro, nem de '***garça***' e nem de '***ouriço***', **ele fala como um verdadeiro Pastor faz, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo:**

> *« Assim, portanto, dragão maldito e toda legião diabólica, nós te exorcizamos pelo Deus + vivo, pelo Deus + verdadeiro, pelo Deus + Santo, por esse Deus que tanto amou o mundo ao ponto de lhe dar Seu Filho único, para que todo aquele que crê Nele não pereça, mas tenha a vida eterna (João III, 15).*
>
> ***Cessa de enganar** as criaturas humanas e de lhes derramar o veneno da condenação eterna. Cessa de prejudicar a Igreja e de obstruir sua liberdade. Retrocede, Satanás, inventor e **mestre de toda a enganação**, inimigo da salvação dos homens. Cede teu lugar ao Cristo em quem não encontraste nada de tuas obras. Cede lugar à Igreja, una, santa, católica e apostólica, que Cristo adquiriu ao preço de Seu Sangue. Inclina-te sob a mão poderosa de Deus, treme e foge à invocação que fazemos do santo e temível Nome desse Jesus que faz tremer os infernos, a quem estão submetidas as virtudes dos Céus e as Potestades e as Dominações, que os Querubins e Serafins louvam em um concerto sem fim, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor, Deus dos exércitos. »*

Continuemos a boa luta

Padre Michel Marchiset

DOM ANTONIO DE ALMEIDA LUSTOSA

(ARCEBISPO DO PARÁ)

DOM MACEDO COSTA

BISPO DO PARÁ

CRUZADA DA BOA IMPRENSA * RIO

INSTITUTO PEDAGOGICO SALESIANO S. VICENTE
CAMPO GRANDE
Caixa Postal 126

Declaramos que toda a doutrina contida neste livro, todas as expressões que nele empregamos em nada devem discrepar dos ensinamentos da Santa Igreja. Tal o nosso desejo, pois acatamos com o maior respeito os Juizos da Mestra Infalivel da verdade.

O AUTOR.

BIBLIOTECA DOM BOSCO
Campo Grande

278.41
M 92 Qad.
ex 3

INSTITUTO PEDAGÓGICO SALESIANO S. VICENTE
CAMPO GRANDE
Caixa Postal 122

74167

À MEMÓRIA

dos meus Venerandos Pais.

HOMENAGEM
AOS GRANDES DEFENSORES
DE DOM ANTONIO DE MACEDO COSTA

Conselheiro Zacarias de Goes e Vasconcelos
e Dr. Antonio Ferreira Viana

E AO GRANDE DEFENSOR DO CLERO
PARAENSE

Conselheiro Samuel Wallace Mac Dowell.

INTRODUÇÃO

Quasi meio século já se escoou desde que fechou os olhos à luz desta vida o ínclito D. Macedo Costa, incontestavelmente glória de subido valor do episcopado brasileiro. Entretanto, até hoje ficou sem uma biografia, mesmo breve, esse personagem que não deve desaparecer da memória dos seus patrícios.

Muito longe estavamos de poder preencher a lacuna, escrevendo-lhe a vida. Alem do mais, faltavanos o arquivo da família, que deve ser fonte preciosa de elementos indispensaveis para uma biografia completa do grande Bispo.

Entretanto convivíamos com algumas pessoas que haviam privado com D. Antônio e tínhamos em mãos muitos documentos referentes a ele; mas essas pessoas eram avançadas em anos e os documentos, muitos deles, o tempo havia quasi inutilizado. Previamos que muito em breve perder-se-iam importantes fontes de informações.

Decidimo-nos então a traçar estas linhas sobre essa figura de apóstolo, o que outrem, mais tarde, refundirá para tornar mais completo.

Desejamos entretanto que lá no céu onde repousa — esperamos — o grande Bispo do Pará, ele receba este trabalho como um agradecimento desta terra que ele tanto amou, pela qual tanto sofreu e da qual não recebeu ainda a homenagem de gratidão devida.

Belém, 2 de Junho de 1938.

† *Antonio*, Arcebispo do Pará.

SEMINÁRIO CUYABÁ Matto Grosso — BRASIL

CAPÍTULO I

O BISPADO DO PARÁ

O panorama — O Pará primitivo — Sua evolução — Independência eclesiástica — A Bula "Copiosus in Misericordia".

A Diocese de Santa Maria de Belem do Pará até D. Macedo Costa, nos dois séculos e meio escoados desde a fundação de Belem, apresenta ao historiador grande variedade de fatos interessantes.

É uma história agitada; uma paisagem que ora se ilumina aos esplendores da glória, ora reflete clarões sinistros de lutas e rebeliões. Pouco menos de metade de todo o vastíssimo território brasileiro era o território da Diocese de Belem, quando foi desmembrada da do Maranhão. Nessa arena, meio selvagem, meio civilizada, os fatos se desenrolam com leis próprias; pois, tudo sendo especial na natureza dessa zona, as causas influentes sobre os acontecimentos não podiam ser as mesmas de alhures.

Na metade do século XVIII, quando D. Antonio de Macedo Costa lhe assumiu o governo, sociedades secretas haviam solapado a vida católica da Capital, penetrando nos sodalícios pios. O culto exterior sem base de disciplina, encobria males profundos que vieram a furo mais tarde com desafogo impetuoso.

E para esses tempos a Providência ia preparar um homem de pulso e de envergadura invulgar — á altura dos tempos.

*
* *

Articulemos a história do Bispado de Santa Maria de Belem do Grão Pará à história da Igreja no Brasil.

O bispado da Baía de Todos os Santos foi o primeiro que se erigiu na Terra de Santa Cruz, na metade do século dezesseis. Creou-o o Soberano Pontífice Júlio III, pela Bula "Super specula militantis". Esse bispado imenso abrangia as terras que, por primeiro, se povoaram, da Capitania de S. Vicente — hoje Estado de S. Paulo — governadas por Martim Afonso de Souza, e as terras do sul e do norte, descobertas ou por descobrir.

Foi seu primeiro bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha (1551), que, ao voltar a Portugal para informar ao Rei sobre a importância do bispado, naufragou nos recifes de S. Miguel e pereceu. O segundo bispo — Dom Pedro Leitão (1563), teve mais tempo para trabalhar e realmente começou a organizar os negócios eclesiásticos do seu intermino campo de trabalho. A Baía é elevada a arcebispado em 1676 por Inocêncio XI. Foi seu primeiro Arcebispo D. Gaspar Barata de Mendonça.

Em 1576, o Papa Gregório XIII desmembra o vasto território do Sul, creando a Prelazia do Rio de Janeiro, elevada depois a Bispado em 1676 por Inocêncio XI. Teve por primeiro bispo D. Manuel Pereira.

Com o correr dos tempos, novas dioceses se foram erigindo. A de S. Luís do Maranhão foi a última da qual o Pará fez ainda parte. Foi a 30 de Agosto de 1677 que Inocêncio XI creou a Diocese do Maranhão, cujo território se desdobrava pela vastíssima Amazônia tambem.

O primeiro bispo do Maranhão, que incluia tambem o Pará, foi Dom Gregório dos Anjos, presbítero secular e doutor em teologia. Ele visitou estas terras paraenses e foi o primeiro prelado que Belem hospedou. Chegou em visita pastoral a esta cidade a 31 de Julho de 1680. Tinha sido bispo de Malaca, donde foi transferido para S. Luís do Maranhão e aí chegou em Julho de 1679.

Entretanto, a cidade de Santa Maria de Belem, a antiga aldêa dos Tupinambás, que lhe chamavam

Mairí, ia crescendo. Castelo Branco, por intuição ou mero acaso, assentou os fundamentos da futura Rainha do Amazonas precisamente onde convinha tivesse sua séde a organização da navegação fluvial de todo o norte brasileiro. Belem surgiu com efeito à margem do Rio Pará. Assim se chama ao vastíssimo estuário comum aos rios Amazonas, Tocantins, Mojú, Acará, Guamá e Capim. As maiores embocaduras do Amazonas se acham, é verdade, entre a Ilha de Marajó e a costa do Cabo Norte; mas o Estreito de Breves, o Tajápurú e outros canais, pondo em franca comunicação as águas do Amazonas com as do Rio Pará, pelo sul da Ilha de Marajó, fazem deste rio mais uma foz para o Rio Mar.

Paralelamente prosperava a vida religiosa da nascente Belem. Não era decorrido um ano ainda, que fôra fundada, e já se erigia a paróquia de Nossa Senhora da Graça, a qual teve como primeiro Vigário o Padre Manuel Figueira de Mendonça. Várias Comunidades de Religiosos vieram cultivar o novo campo que se dilatava imenso ao zelo dos missionários.

Quando Portugal se libertou do jugo da Espanha em 1640, cinco lustros, portanto, apenas decorridos da fundação de Belem, já o Pará contava: a *Ordem dos Capuchos de Santo Antônio*, com um convento e igreja de Santo Antônio, na cidade de Belem, e um convento no Una, perto de Belem; a *Ordem dos Carmelitas*, com um convento e igreja. Alem da capela de N. Senhora da Graça, que servia de Matriz, havia uma capela chamada do Santo Cristo dentro do *Castelo do Presépio* — forte que o Capitão Mór Francisco Caldeira Castelo Branco fizera construir — e outra capela dedicada a S. João Batista.

Pouco depois, tambem fóra de Belem, começam a aparecer pequenas fundações religiosas. Foram os Carmelitas os primeiros a erigir residências no interior: fundaram um pequeno convento em Cametá (aldeia dos Camutás) e outro em Gurupá.

Data tambem desses primeiros anos a fundação da pequena igreja da Misericórdia com sua Santa Casa.

Somente em 1719 (4 de Março) o Pará teve a sua independência eclesiástica: o território da Capitania do Grão Pará pela Bula "Copiosus in misericordia" constituiu-se bispado independente do Maranhão.

A nova diocese ficou dependendo, como diz a Bula, do Arcebispo de Lisboa Oriental, isto é, ficou sufraganea do Patriarcado de Lisboa.

Posto que a Bula date de 1719, o Bispado do Pará foi solenemente reconhecido a 13 de Julho de 1721. A morosidade dos correios de antanho explica, á saciedade, as delongas dos negócios civis ou eclesiásticos.

A Diocese do Grão Pará (abrangia tambem o Amazonas) tinha por seu território a vasta região situada entre o oceano Atlântico, Guianas Francesa, Holandesa e Inglesa, a Venezuela, a Colômbia, o Equador, o Perú, a Bolívia, o Estado de Mato Grosso, Goiás e Maranhão. Na época da creação da Diocese do Pará, uma parte do território de Goiás lhe pertencia. Foi em 18 de Junho de 1807 que uma Provisão do Conselho Ultramarino desligou da Diocese do Grão Pará o território das Minas de São Felix e anexou à Prelazia de Goiás, em virtude da Constituição Apostólica de Bento XIV de 24 de Abril de 1846. Governava então Portugal o Príncipe Regente Dom João.

Ignoramos a população total da nova Diocese. A correspondente apenas à província do Pará, segundo o recenseamento de 1872, era de 275.237 habitantes.

Falecem-nos dados anteriores.

A Bula do Papa Clemente XI de 4 de Março de 1719 que erige em Diocese o território da Capitania do Grão Pará e começa:

"Copiosus in misericordia".

Funda simultaneamente o Cabido da nova Catedral. A vastíssima diocese do Maranhão ficou portanto separada, em virtude dessa Bula, da nova Diocese do Pará, que passou a depender, como dissemos, do Patriarcado de Lisboa e não da Baía — o que só se deu mais tarde. A mesma Bula confere ao Bispo de Santa Maria de Belem o direito de instituir as próprias Dignidades, Canonicatos, Prebendas e Benefícios, conforme a apresentação dos Reis de Portugal, e eleva a igreja de N. S. da Graça à categoria de Catedral.

A linha de separação entre as duas Dioceses foi determinada com precisão, mais tarde, por D. Miguel de Bulhões quando designou o Rio Gurupí para divisa. — O Amazonas era uma Vigararia Geral creada por D. Frei Miguel de Bulhões, em 1755.

Só foi desmembrada do Pará afim de constituir diocese independente a 27 de Abril de 1892 pela Bula "Ad Universas Orbis Ecclesias" de Leão XIII. — Foi seu primeiro Bispo D. José Lourenço da Costa Aguiar.

CAPITULO II

O PRIMEIRO SÉCULO DE VIDA DO BISPADO DO PARÁ

Dados biográficos de seus bispos — Congregações Religiosas — Trabalhos dos Prelados — Associações — Seminários.

Damos a seguir alguns traços biográficos dos Exmos. Bispos que precederam no Sólio do Pará a D. Antônio de Macedo Costa.

1.º D. Frei Bartolomeu do Pilar, Carmelita calçado e Doutor em Teologia.

Tomou posse a 13 de Julho de 1721, e faleceu em Belem no dia 9 de Abril de 1733, tendo governado 11 anos, 8 meses e 27 dias. Foi sepultado na Catedral, no presbitério da parte do Evangelho.

Sua sepultura não existe mais; a pedra sepulcral com o respetivo epitáfio se acha embutida na parede da Sacristia da Igreja de Santo Alexandre, em Belem.

2.º D. Frei Guilherme de São José, Religioso de Tomar, que renunciou ao bispado, à frente do qual esteve 9 anos, porquanto assumiu o exercício de suas sagradas funções a 10 de Agosto de 1739, e retirou-se para Portugal no mesmo mês do ano de 1748.

3.º D. Frei Miguel de Bulhões, da Ordem dos Prègadores. Tambem renunciou ao sólio cujos destinos lhe estiveram confiados durante 11 anos, 6 meses e 29 dias, desde 14 de Fevereiro de 1749, data de sua posse, até 12 de Setembro de 1760, quando se retirou para Lisboa.

4.º D. Frei João de S. José e Queirós, da Ordem dos Benedictinos. Chegou à séde de sua diocese a 31 de Agosto de 1760, e tomou posse na mesma data.

Chamado para Lisboa por uma ordem régia, para aí partiu em 25 de novembro de 1763, tendo governado 3 anos e 2 meses e 25 dias. Faleceu cheio de desgostos a 15 de Agosto do ano seguinte no convento de S. João do Ermo, pertencente ao bispado do Porto, para onde D. José I o mandou detido injustamente.

5.º D. Frei João Evangelista Pereira, da 3.ª Ordem de S. Francisco. Esteve à testa da igreja paraense durante 9 anos, 5 meses e 24 dias. A sua posse teve lugar a 21 de Novembro de 1772, e faleceu no dia 14 de Maio de 1782, sendo sepultado na Catedral, no presbitério, da parte da epístola.

6.º D. Frei Caetano Brandão, da Ordem da Penitência de S. Francisco. Foi depois nomeado Arcebispo de Braga. Partiu para Lisboa no meado do ano de 1789, depois de ter ocupado durante 5 anos o trono episcopal paraense, porquanto a sua posse data de 29 de Outubro de 1783.

O Pará agradecido o homenageou com um monumento na Praça que tem o seu nome.

7.º D. Manuel de Almeida Carvalho, Presbítero Secular, e Doutor em Canones. O governo deste prelado foi de 24 anos e 13 dias. Assumiu o exercício de suas funções em 17 de Junho de 1794, faleceu a 30 de Junho de 1818, e foi sepultado na Catedral, próximo ao trono.

8.º D. Romualdo de Souza Coelho, Presbítero secular. Tomou posse em 20 de Junho de 1821. Uma enfermidade pertinaz o vitimou a 15 de Fevereiro de 1841, sendo os seus despojos encerrados, conforme ele mesmo havia pedido, na mesma sepultura do seu antecessor.

Era paraense e esteve à frente da diocese 19 anos, 7 meses e 26 dias.

9.º Conselheiro D. José Afonso de Morais Torres, Comendador da Ordem de Cristo. Presbítero secular.

Assumiu o exercício a 15 de Maio de 1844 e foi um dos que resignaram o bispado, donde se retirou a 19 de Julho de 1859, tendo-o governado 15 anos, 2 meses e 5 dias. Foi o antecessor imediato de D. Antônio de Macedo Costa.

*
* *

A diocese do Pará, ao tempo de D. Macedo Costa, constava de três Vigararias Gerais: uma na Capital; outra em Santarem creada por provisão do bispo D. Romualdo, a 17 de Agosto de 1821 (Baena — E. C. 220); outra no Rio Negro pelo bispo D. Frei Miguel de Bulhões em postaria de 13 de Abril de 1755, confirmada pela carta régia de 18 de Junho de 1760. — O Rev. Dr. José Monteiro de Noronha foi o primeiro Vigário Geral do Rio Negro. — O número das paróquias subia a 72; destas apenas 21 tinham seu vigário. O Seminário estava creado pelo decreto de 2 de Março de 1751, sendo bispo D. Frei Miguel de Bulhões. Mesmo anteriormente o grande missionário Jesuita P. Malagrida havia iniciado um Seminário nesta mesma Capital.

*
* *

O cenário religioso do Pará havia passado pelas maiores modificações nos dois séculos e meio que pre-

cederam o governo de D. Macedo Costa. Vimos que em pouco tempo aportaram várias famílias religiosas a Belem; outras mais vieram. E a luta foi inevitavel entre o colono que levava suas ambições até à escravização dos índios e o missionário que lhes defendia a liberdade.

No governo de F. X. M. Furtado os Religiosos da Piedade foram chamados para Portugal, os Religiosos da Beira e do Minho foram para o Maranhão. Veio depois a expulsão dos Jesuitas e o sequestro dos seus bens.

Os Mercenários ou Mercedários tiveram ordem de retirar-se para o Maranhão.

*
* *

Braga Ribeiro procura resumir num traço a ação de cada um dos venerandos bispos que mencionámos: D. Fr. Bartolomeu do Pilar (1727-1733) o organizador do bispado; cria a freguesia de Sant'Ana da Campina e socorre a população oprimida por uma terrivel irrupção de varíola; D. Fr. Guilherme de S. José (1739-1748) abre ao culto a igreja de Santo Antônio, coloca a primeira pedra da Catedral, acode à população em nova invasão de varíola e assiste à fundação do Seminário; D. Fr. Miguel de Bulhões (1749-1760) auxilia os moradores perseguidos pela cruel enfermidade do sarampo maligno, transfere as imagens para a Catedral, dirige por duas vezes a vida civil do Estado, na ausência de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e traça as nossas fronteiras com o Maranhão; D. Fr. João de S. José e Queirós (1760-1763) transfere o Seminário para o palácio dos bispos e preside ao lançamento da primeira pedra da igreja de Sant'Ana; D. Fr. João Evangelista Pereira (1772-1782) assiste à construção da ermida a N. S. de Nazaré, canta a primeira missa na Catedral e abre ao culto a igreja de Soão João Batista; D. Fr. Caetano Brandão — o Santo — glorioso fundador do Hospital do Bom

Jesus dos Pobres Aflitos, hoje Hospital da Santa Casa de Misericórdia (1783-1789); D. Manoel de Almeida Carvalho (1794-1818), instituidir do *Recolhimento das educandas,* depois *Colégio de N. Senhora do Amparo,* hoje *Instituto Gentil Bittencourt;* D. Romualdo de Souza Coelho (1821-1841), o primeiro brasileiro que ocupou o sólio episcopal paraense, evitou, com o crucifixo nas mãos, pelas ruas da cidade, que os "cabanos" incendiassem Belem e salva a vida de numerosas pessoas condenadas ao ódio dos revolucionários; D. José Afonso de Morais Torres (1844-1858) acode ao povo quando da invasão do cólera morbus em 1855.

BIBLIOTECA Colégio Grande

*
* *

A Diocese do Pará, como a do Maranhão, ficara dependendo da Arquidiocese da Baía, em virtude da Bula de Leão XII de 5 de Junho de 1828, que começa — "Romanorum Pontificum vigilantia".

*
* *

Diz Baena que havia (antes de D. Macedo Costa) em Belem várias corporações religiosas sem votos ou associações pias, das quais a mais importante era a Companhia da Misericórdia, que tinha patrimônio.

Seminários — Três seminários se contavam no vasto território da Diocese: o de Belem autorizado pelo alvará de 30 de Março de 1751 sob a invocação de Santo Alexandre. Substituiu o fundado pelo Padre Gabriel Malagrida, Jesuita, em 1745 (Cfr. Baena C. E. 224 e 228 e 235). — O de Óbidos, sob a invocação de S. Luís de Gonzaga foi fundado por D. José Afonso em Dezembro de 1846. — O de Manaus foi fundado pelo mesmo prelado a 14 de Maio de 1848.

D. Antônio ao chegar a Belem, escreveu o cônego José Andrade Pinheiro, encontrou apenas um representante da Comunidade dos Carmelitas —— frei

Crisóstomo (?) e um dos chamados frades de Santo Antônio — fr. João de Santa Cruz.

Entretanto um século antes eram vários os religiosos do Pará. Em 1751 diz João A. da Cruz Diniz Pinheiro — Ouvidor no Maranhão — que havia no Pará: 2 conventos do Carmo — um na cidade, outro na Vigia; dois da Companhia de Jesus; um de Mercedários; dois dos Capuchos — o de Santo Antônio e o de S. José (atual cadeia); três hospícios: um em Belem, um em Caiá, um em Gurupá.

CAPÍTULO III

DO BERÇO AO SÓLIO

Na terra natal. — Na França. — Em Roma. — De novo na pátria.

A cidade de Maragogipe se gloria de ter sido o berço de D. Antônio de Macedo Costa a quem, a seu tempo, chamarão "Crisóstomo Brasileiro", "Vieira do Brasil", "nosso Bossuet".

Foi no Engenho de N. Senhora do Rosário de Copioba — ao pé da serra homônima — que veio ao mundo esse menino privilegiado. Nasceu a 7 de Agosto de 1830. Seus pais José Joaquim de Macedo Costa e Joaquina de Qeuirós Macedo tiveram, alem de Antônio, mais dez filhos. O chefe dessa abençoada família era de espírito profundamente religioso. Em sua casa a doutrina cristã era vivida. Os filhos tinham no pai um modelo vivo a imitar. Escreveu ele muitas páginas de piedosas composições em prosa e em verso. Era terceiro franciscano. Por uma carta, que transcreveremos adiante, dirigida ao filho, na época da luta religiosa, por esse piedoso pai, vê-se, claramente visto, o tesouro de fé que se encerrava nalma de José Joaquim de Macedo Costa.

A primeira educação do jovem Antônio, sob os cuidados desses pais profundamente cristãos, era de mol-

de a fazer pulular em sua alma privilegiada as virtudes que brilharão, depois, de fulgidíssima luz. Nem é para admirar que a semente da vocação sacerdotal medrasse bem cedo em terreno tão bem amanhado. E a semente medrou, de fato, galhardamente.

Os primeiros colégios frequentados por Antônio não tinham Religiosos a dirigí-los. É de crer que o ambiente colegial pouco propício lhe fosse.

Mas não é caso tão raro vingar a vocação sacerdotal em ambientes desfavoraveis ou abertamente hostis. Quantas vezes não emerge das águas pútridas de um paúl a louçania da mais mimosa flor! *Spiritus ubi vult spirat,* dizem as Sagradas Letras. Com isso se pretende significar que Deus inspira a quem quer, sem condicionar o chamamento divino às qualidades do local, das pessoas, dos precedentes. Livre na liberalização dos seus dons, Deus os distribue a seu talante, saltando por sobre os obstáculos que os homens, curtos de visão, julgam intransponiveis.

Mesmo de lares pagãos, de famílias adversas, a graça de Deus, por vezes, chama ao apostolado almas, às quais todas as carreiras parecem franqueadas, todas menos uma — a do sacerdócio. Diga-se porém, em abono da verdade, que são casos de exceção. Por via de regra o bom terreno, o ambiente favoravel é que produzem os eleitos de Deus.

Antônio nasceu em um lar abençoado; mas não cremos que o meio estudantil de seu tempo fosse caldo de cultura para o germe da vocação sacerdotal. Entretanto esse germe se radicou bem fundo em sua alma de escol e aí viçou com a maior pujança.

Tinha ele seus 14 anos quando iniciou seus estudos de latinidade, ainda em Maragogipe, sob os cuidados do profesosr Francisco Caetano Ribeiro Coelho. Um ano depois — em 1846 — passou à Capital de sua Província e frequentou as aulas do colégio que alí dirigia o Cônego Francisco Pereira de Souza.

Fez ainda, antes de entrar no seminário, algum

estudo de filosofia e pelo ano de 1848 entrou no Seminário da Baía — chamado "de Santa Teresa".

Bem cedo começou a brilhar entre seus colegas. Com 15 anos de idade já era colaborador do "Noticiador Católico".

Suas notas o extremaram dos seus colegas e já se divisava nele algo da glória que mais tarde o esposou.

Governava então o Arcebispado da Baía, como primaz do Brasil, um preclaro filho do Pará — precisamente de Mutuacá, Município de Cametá — D. Romualdo Antônio de Seixas.

Este notavel Prelado, que se salientou em tão variados campos de atividade, deve ter intuido desde logo o valor invulgar de Antônio de Macedo Costa. Com efeito: animou-o na conquista do ideal que lhe embalava o coração de adolescente. Seus triunfos nos estudos, sua aplicação nos exercícios de piedade, seu procedimento correto — tudo levava o Arcebispo a esperar brilhante êxito na carreira do seu esperançoso diocesano. Os condiscípulos o admiravam, os mestres se sentiam lisonjeados com os triunfos do aluno.

De acordo com seus distintos pais, resolveu concluir na França seus estudos eclesiásticos. Partiu.

A 22 de Novembro de 1852 chegava a Bourges o seminarista baiano e se matriculou no seminário de S. Celestino. Depois transferiu-se para París.

Mons. Beguinot, bispo de Tolosa, referia-se com elogios ao seminarista de Bourges, Macedo Costa. E muitos anos mais tarde (em 1877) D. Antônio visitou o seminário de Bourges e teve carinhoso acolhimento, pois encontrou ainda colegas e antiga amizade.

Em 1853 achava-se em Bourges Antônio de Macedo Costa terminando seu curso de retórica. Aproveitando umas férias fez uma viagem passando por Lyão, Doiran, Oulin...

Do Convento da Grande Cartuxa (Departamento de Isère) escreve a seu pai no dia 27 de Agosto. A carta é longa, interessante e afetuosa. Quis encontrar-

se com o P. Lacordaire. Deixemo-lo falar: "No outro dia (16 de Agosto) às 6 e meia da manhã, entrei no portão do magnífico colégio de Oulin e pedí para falar ao P. Lacordaire .....

Falou-me do Brasil, fez-me várias perguntas sobre importantes matérias e depois de a tudo responder-lhe, como pude, eu lhe agradecí o bem extraordinário que ele tinha feito ao meu país. — Como? me disse ele agradavelmente surpreendido, acaso minhas conferências serão conhecidas no Brasil? — Não só conhecidas, senhor, lhe respondí eu, mas traduzidas na língua do país; vossa obra teve um admiravel sucesso no Brasil".

O moço seminarista continua relatando a seu pai a impressão que recebeu quando o P. Lacordaire lhe falou "do bem que havia eu de fazer à minha terra e de tudo o que ele disse sobre meu futuro".

A carta continúa a falar do seu encontro com o Padre Cambalôt do qual recebeu maior impressão do que a recebida do P. Lacordaire. O Padre Cambalôt lhe falou com entusiasmo dos Padres da Sociedade de Maria e o seminarista se inclinou — ao que parece — para a vida religiosa. Diz ele: "voltarei depois a este negócio, que é o que ora me preocupa, e cuja direção tenho entregado a N. Senhora". Fala depois da Cartuxa, da capela edificada por S. Bruno e em *post-scriptum* se refere ao Arcebispo de París que o tratou com muita gentileza.

Chegava a París o nosso seminarista a 6 de Outubro de 1884. Matriculou-se no Seminário de São Sulpício.

Em pouco tempo ganhou o jovem brasileiro a confiança dos seus superiores de tal forma que, no ano seguinte, foi encarregado do famoso "Catecismo de Perseverança". Era um curso de doutrina católica para as moças das melhores famílias. Macedo Costa, como em tudo mais, deu ótima conta do recado.

O Seminário de S. Sulpício é célebre na História da Igreja.

Dirigem-no os padres chamados Sulpicianos, que têm sob seus cuidados muitos outros seminários na França e noutros paises. É uma admiravel organização eclesiástica fundada pelo grande Padre Olier, no século XVII. Tem educado para a Igreja numerosos sacerdotes.

De muitos paises dirigiam-se para "São Sulpício" muitos moços desejosos de sólida formação eclesiástica.

Entre estes, não poucos foram chamados ao episcopado e muitos têm brilhado como astros de primeira grandeza entre os luminares da Igreja.

O jovem baiano levava do seu Arcebispo uma carta de recomendação que muito o honrava. O velho seminário, que todos os anos recebia grande número de moços talentosos, acolheu o aluno que devia cobrir de glória o já glorioso estabelecimento. A carta de D. Romualdo de Seixas não era documento de valor comum.

Bastava-lhe a assinatura, pois, como mais tarde escreveu o próprio D. Macedo Costa, "ele (D. Romualdo) obteve a palma do maior sábio do Brasil". E noutro documento diz: "D. Romualdo compendiava, ele só, por assim dizer, todo o episcopado brasileiro."

No Seminário de S. Sulpício, Antônio de Macedo Costa brilhou, entre os que mais brilharam. Consta que o venerando Reitor Icard, interrogado mais tarde, respondera que — naqueles anos — três nomes haviam singularmente fulgurado naquela casa: Dupanloup, Pie e Macedo Costa.

Dupanloup foi o célebre bispo de Orleans, Pie o admiravel bispo de Poitiers e depois cardial.

Mais tarde esses três grandes homens se encontram no Concílio Vaticano em que Monsenhor Pie trabalhou como secretário. A 2 de Junho de 1855 na Catedral de París, nosso seminarista recebia a tonsura eclesiástica e a 17 de Maio do ano seguinte lhe foram conferidas as quatro ordens menores.

De vitória em vitória, Macedo Costa se preparou

para o sacerdócio. Talento de escol, havia palmilhado com real proveito os caminhos de luz da ciência humana e divina.

Não descurou, porém, a formação do seu carater, que o saber tão só não basta a quem quer ascender ao altar de Deus.

Cultivou com ardor a piedade, que é a vida da alma sacerdotal. Nada pois a admirar que as virtudes medrassem, com grande viço, em terreno tão bem amanhado.

Que elevado conceito não teria concebido do sacerdócio esse moço de visão tão clara e profunda e de fé tão viva! A 20 de dezembro de 1856 recebeu a ordem sacra de subdiaconato, em Junho do ano seguinte foi ordenado diácono.

Raiou enfim o dia 19 de Dezembro de 1857 — o dia marcado para a sua ordenação sacerdotal. O Cardial Francisco Nicolau Marlot conferiu-lhe o presbiterato.

Os sonhos de luz do piedoso menino de Maragogipe eram já realidade. Ei-lo Ministro do Altíssimo.

O P. Antônio de Macedo Costa tinha 27 anos. Estava preparado de ponto em branco, para a faina apostólica. Mas desejou consolidar seus estudos em Roma. Provavelmente almejava, acima de tudo, pôr seu espírito em contato com a terra empapada do sangue dos mártires, na capital do cristianismo. À sombra do Vaticano, escutando as vozes mudas que saem das ruinas, sua grande alma ia viver a vida da Igreja, identificar-se com ela do modo mais completo. Tinha ele, talvez, o pressentimento de que grandes lutas lhe estavam reservadas, pois entendia que o discípulo não póde ser mais do que o mestre e era de vontade resoluta e destemerosa.

Ei-lo na Cidade Eterna, na cidade dos Papas, na cidade que se desdobra sobre outra cidade subterranea, na qual a Igreja de Cristo viveu oculta e gloriosa. À luz do sol viviam, no fausto, os perseguidores; nas trevas subterrâneas viviam em provações as vítimas. Esteve no Seminário de Santa Clara e do Coração de

Maria e frequentava as aulas da Academia de Santo Apolinário. Bacharelou-se em canones e em 1859 se doutorou.

Tudo era uma grande escola aberta para a alma de escol do jovem sacerdote, sequioso de aprender a lição dos séculos, através dos quais Deus fala ao homem. E foi talvez refletindo sobre ensinamentos tão fortes, calcando o espírito sobre moldes tão grandes de heroismo, que seu carater recebeu a última têmpera.

Através de seus profundos escritos vamos admirar os conceitos elevados que Dom Antônio adquiriu da obra divina que é a Igreja. Roma é grande mestra para as almas sequiosas da verdade.

De volta à sua terra natal, a 1.º de Novembro de 1859, o esperançoso sacerdote foi recebido com imensa alegria pela sua ilustre família e pelo preclaro Arcebispo Dom Romualdo.

A princípio dedicou-se ao magistério para o qual realmente tinha grandes pendores.

Lecionou no Ginásio Baiano, que era dirigido pelo Barão de Macaúbas — Dr. Abílio Cesar Borges; lecionou tambem no Liceu do Salvador. Por esse tempo (1860) publicou sua primeira obra: "Pio IX, Pontífice e Rei."

Entretanto vagara a diocese de Santa Maria do Grão Pará. Dom José Afonso de Morais Torres havia resignado a 19 de Julho de 1859, após um governo de mais de quinze anos.

Havia nesse tempo o direito do padroado pelo qual a Corôa apresentava à Santa Sé os candidatos ao episcopado. A Santa Sé nem sempre acolhia a indicação imperial — é verdade — entretanto, por via de regra, aceitava algum dos nomes indicados para as dioceses vagas. Conta-se que D. Pedro II ficou vivamente impressionado ao ouvir prégar o P. Antônio de Macedo Costa — que realmente impressionava pela sua eloquência e saber o jovem sacerdote.

E sem levar em conta a pouca idade e os poucos

anos de sacerdócio do brilhante orador apresentou-lhe o nome para a vaga do Pará.

Governava a Igreja de Cristo o angélico Pio IX. O soberano Pontífice aceitou a indicação do Imperador do Brasil e o Padre Macedo Costa foi eleito Bispo do Pará. Foi marcada para 21 de Abril de 1861 a sagração episcopal. O bispo sagrante foi D. Mariano Falchinelli, internúncio Apostólico no Rio de Janeiro, e a cerimônia se realizou na Capela Imperial de Petrópolis.

D. Antônio de Macedo Costa tinha então 30 anos e meses de idade.

Tomou posse do bispado por meio de procurador, que foi o arcedíago Raimundo Severino de Matos.

CAPÍTULO IV

D. ANTÔNIO EM BELEM

O campo de ação. — Moços para a Europa. — Primeiros atos. — A primeira residência. — Carta antiga. — Visitas pastorais. — Ao Vigário do Mojú. — Novo Cemitério. — Entre as Ordens Terceiras. — Padre Gafanhoto e Padre Lobo. — Em Manaus. — O Juiz de Breves.

Ao chegar a Belem, Dom Antônio sentiu o contato da grandeza majestática da Amazônia. Só quem mergulha nesta imensidade póde compreendê-la de alguma sorte; por descrição apenas não é possivel.

Belem se acha precisamente no estuário imenso comum aos rios Amazonas e Tocantins. Alem desses dois gigantes líquidos, numerosos outros rios se lançam no golfo vastíssimo que une pela boca as colossais correntes. Dentro dessa massa líquida, que é, por ventura, a maior extensão d'água doce do mundo, acham-se milhares de ilhas, algumas das quais medem dezenas de quilômetros quadrados de superfície.

A alma do jovem bispo, que era a um tempo alma

de poeta, de estudioso, de asceta, de artista, sentiu-se com certeza empolgada pela natureza grandiosa que o cercava.

*
* *

A 24 de Julho do mesmo ano de 1861 foi a chegada a Belem do novo Bispo. A 10 de Agosto foi a entrada solene na catedral. A 15 de Agosto celebrou na mesma catedral de N. S. da Graça seu primeiro pontifical. Sua primeira Pastoral tem a data de 1.º de Agosto de 1861.

— Muito se tem escrito sobre D. Macedo Costa. Essa literatura abundante versa, porém, quasi toda sobre os fatos da Questão Religiosa.

Infelizmente, longos anos decorreram sem se traçar a biografia desse grande bispo.

Lutamos com grandes dificuldades, por escassez de documentos, para traçar essa vida admiravel em alguns períodos, aliás bem longos.

Procuramos colher ainda algumas informações de pessoas que de perto haviam conhecido o ínclito prelado.

O Revmo. Cônego Andrade Pinheiro, falecido ha pouco, em avançada idade, pôde referir-nos alguma coisa do nosso biografado; mas a idade já lhe havia alquebrado a memória. O Dr. Francisco Mariano de Aguiar — um dos vários moços que D. Macedo Costa mandara estudar na Europa — alguns poucos dados nos pôde fornecer. Outras testemunhas vivas, como Monsenhor Argimiro de Oliveira Pantoja, eram ainda moços e não tiveram grande privança com o Prelado.

Algumas coleções truncadas muito incompletas da "Estrela do Norte" e da "Boa Nova" vão ser quasi as únicas fontes para haurirmos conhecimentos da sua vida episcopal brilhante e fecunda, em alguns períodos.

— Logo no início do seu governo Dom Antônio

tratou de enviar à Europa alguns moços que pareciam dotados de vocação sacerdotal. Pretendia naturalmente preparar sacerdotes doutos que viessem depois lecionar no Seminário de Belem. Ha de ser sempre essa a preocupação dos bispos: conseguir para o seminário sacerdotes bem aparelhados nas disciplinas, que hão de reger, e, ao mesmo tempo, ricos de espírito sacerdotal afim de que os alunos se tornem dignos ministros de Deus.

Parece que foi essa uma das primeiras preocupações de D. Macedo Costa. Pois bem cedo ele pôde ter ao seu lado distintíssimos sacerdotes que muito o auxiliaram.

Higino Amanajás recorda o caso de um amigo que fôra enviado à Europa por D. Macedo Costa e que morreu heroicamente em 1870 defendendo as muralhas de París. O nome total desse moço ficou esquecido; apenas o do batismo, Benedito, ficou na memória do escritor, o qual se lembra tambem de que era natural do Mojú.

O mesmo escritor diz: "Alguns dos jovens por ele (D. Macedo Costa) enviados à Europa não seguiram a carreira eclesiástica, mas vieram prestar serviços ao Pará, como Felipe e Bernardino Pinto Marques, Antônio Rabelo, Francisco Pinheiro de Queirós... e Frederico Neri, que ficou na França e alí mesmo honrou o Brasil e o Pará."

Dos que vieram a ser ótimos sacerdotes, teremos ensejo de falar mais adiante.

Sua primeira Carta Pastoral em saudação aos seus diocesanos foi escrita antes da chegada à séde episcopal. Desta Pastoral, porém, não encontramos exemplar algum. Um dos primeiros atos do governo de D. Macedo Costa foi a instituição do Mês de Maria na Diocese. Em 1862 se celebrou em "Sant'Ana." No ano seguinte a Cidade Velha reclamou para si igual favor, por isso se iniciou o Mês de Maria solenemente em "Santo Alexandre."

*
* *

O Cônego José Andrade Pinheiro, em 1933, com oitenta e tantos anos, pôde responder a algumas perguntas que lhe fizemos sobre D. Antônio.

Entrou ele no Seminário Menor de Belem precisamente no ano em que D. Antônio tomava posse da sua diocese (1861). O Seminário funcionava no Palácio Episcopal, porque o prédio próprio, que era o antigo convento do Carmo, se achava em obras. Por essa razão D. Antônio foi residir em um sobrado (n.º 27) que fica na Travessa então chamada "dos Ferreiros" pertencente à firma Arantes & Cia., fazendeiros de Marajó. A Travessa hoje se chama "de Alenquer". No ano seguinte D. Antônio mudou-se para o Palácio, pois o Seminário voltara para o seu prédio. Havia então apenas o seminário menor sob a reitoria do Cônego Clementino José Pinheiro, ao qual sucedeu o Cônego Estulano Clementino Gonçalves Baião.

*
* *

O documento mais antigo de que temos cópia, de D. Antônio, no início de seu governo, é a carta abaixo, que reproduzimos, não pela importância, mas por ser a mais antiga que encontramos:

"Paço Episcopal, em Belem do Pará, 6 de Maio de 1862 — Ilmos. Snrs.

Em solução à consulta que V. Sas. me fizeram em 24 de Março, próximo passado, tenho a responder: 1.º que o Cemitério está sujeito à jurisdição paroquial, ainda mesmo achando-se provido de Capelão, por ser de direito comum, e não haver disposição alguma em contrário; 2.º que compete ao Pároco encomendar os cadaveres, exceto nos casos do § 2.º do art. 2.º da lei número 98 de 5 de Julho de 1859; 3.º que, dando-se cumprimento ao disposto no art. 41 do respetivo regulamento, o Pároco, que deve ter conhecimento dele, fica sabendo que os cadaveres indicados nos §§ 1, 2, 3, 4 e 5 do art. 16 serão encomendados pelo Capelão; e assim evitado o conflito de jurisdição; 4.º que o Capelão só tem direito aos emolumentos que estiverem designados no regulamento, como no Cemitério desta Capital em que o respetivo Capelão sendo obrigado a encomendar todos os cadaveres, só percebe emolumentos pelas encomendações solenes — Deus guarde a V. Sas. † *Antônio,* Bispo do Pará — Ilmos. Snrs. Presidente e mais Vereadores da Câmara Municipal de Manaus."

Em Julho de 1862, ao que parece, iniciou o Prelado as Visitas Pastorais que longos anos a fio devia continuar, pelas paróquias da intérmina Diocese. Dissemos "parece", porque nos seus escritos, que temos conservados, não vimos alusão a visitas pastorais anteriores. Por outro lado, tendo ele chegado ao Pará em Julho do ano anterior, é bem provavel que, nos meses seguintes, o tivessem absorvido na séde episcopal numerosos problemas acumulados na longa vacância. Depois, os meses de Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio e Junho são os menos próprios para as viagens no interior da Diocese, em razão das chuvas abundantíssimas da região.

A 15 de Julho dirige S. Excia. uma carta ao Presidente de Província Dr. Francisco Carlos de A. Brusque, comunicando-lhe que havia nomeado seu secretário o Cônego Luís Barroso de Bastos, Lente de Dogma no Seminário, dando-lhe conveniente substituto, afim de o acompanhar na visita pastoral às Igrejas da Diocese.

Essa participação oficial era em razão da dependência em que se achavam os professores do Seminário com relação às autoridades civís.

Pouco depois comunica ao mesmo Presidente que o Vigário Geral, Cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo, ficava encarregado do expediente eclasiástico durante a sua ausência da capital. O Cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo foi mais tarde bispo de Goiás

e depois Arcebispo da Baía, a quem sucedeu o mesmo D. Macedo Costa, não imediatamente porém.

A 4 de Novembro de 1862, dirige-se D. Antônio ao Revmo. fr. José do Amor Divino, Vigário interino do Mojú a propósito de uma proibição dada pelo sub-delegado do distrito, pela qual impedia ao Snr. Diogo Anderson tirar esmolas para a festa do Orago da Matriz, quando ele, bispo, lh'o havia autorizado. Participa ao Revdo. Vigário que o chefe de Polícia da Capital acabava de dirigir-se oficialmente ao mencionado sub-delegado apoiando inteiramente a ordem do Prelado.

A 29 de Outubro do mesmo ano, convida aos párocos, Ordens Terceiras, Confrarias a comparecerem à cerimônia da trasladação dos ossos que do antigo cemitério iam para o novo e se achavam depositados na Igreja da Trindade.

Nessa mesma data resolve uma questão de precedência entre a Ordem Terceira de S. Francisco e a do Carmo. Depois de citar as disposições canônicas que o autorizam a liquidar, de plano, a questão, determina que nas procissões, etc., as duas ordens procedam em alas, de par, os Franciscanos à direita e os Carmelitas à esquerda, com suas cruzes à frente, em igual distância.

Em Novembro do mesmo ano, exonera, a pedido, o Revdo. P. Belarmino Francisco Martins Gafanhoto do cargo de Vigário interino da freguesia da Campina e nomeia em seu lugar o Revdo. P. José Pinheiro Lobo e disso dá ciência ao Presidente da Província.

Nesse ano de 1862 o Bispo do Pará foi ao Amazonas e ao regressar em Agosto, de Manaus, passando por Breves, alguns habitantes daquela Vila levaram-lhe a bordo do vapor "Manaus" uns autos de justificação feitos perante o Juiz Municipal Dr. Cândido Antônio Pereira de Lima, em que é justificante o Cap. Inácio Egídio Gonçalves dos Santos e o justificado o Páraco José Raimundo Bittencourt. As acusações

contra o Revdo. Bittencourt são todas da esfera eclesiástica v. gr. "ter feito procissão e benzido cemitério sem autorização eclesiástica". Não obstante, o Juiz deferiu a requisição, mandou notificar o Revdo. Páraco a comparecer, e, como este não atendesse, prosseguiu o inquérito.

D. Macedo Costa dirige seu protesto ao Exmo. Presidente da Província, provando fartamente que exorbitara e muito o Juiz de Breves. Faz notar que sendo ele bispo *depositário do decoro e da honra do clero, que era sua própria honra e decoro, não podia deixar de levantar magoado a voz contra semelhante procedimento.*

Do Epistolário de D. Antônio de 1862 respigamos as notícias acima, escolhidas entre muitas outras, afim de se poder acompanhar mais minuciosamente o governo do grande Prelado que cuidava das pequenas coisas de sua amada Diocese como das grandes, com edificante solicitude. Note-se que toda a Província do Amazonas fazia parte da Diocese.

Nesse ano de 62 era Vigário Geral em Manaus o Revmo. P. Romualdo Gonçalves de Azevedo.

CAPÍTULO V

AMIGO DOS QUE SOFREM

Entre os Lázaros. — A "Estrela do Norte". — Várias medidas. — Agradece pelos Seminaristas pobres. — Atos diversos.

Passemos a estudar a atividade de D. Macedo Costa no ano de 1863.

A 3 de Janeiro dirige a seguinte comunicação ao Presidente da Província: "Comunico a V. Excia., em resposta ao seu ofício de 13 de Dezembro p. p., que acabo de distribuir com os pobres lázaros do hospital de Tocunduba duzentos e quarenta mil réis, subsídio vencido pelo cidadão Antônio Ricardo de Carvalho

Pena, em qualidade de membro da Assembléia Legislativa da Província, a qual quantia me foi entregue pelo Tesouro Provincial por ordem de V. Excia., para ser aplicada a esse fim pio, conforme requisitara o mesmo Carvalho Pena.

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. Francisco de Araujo Brusque — DD. Presidente desta Província."

A 6 de Janeiro desse ano veio à luz o primeiro número da "A Estrela do Norte" sob os aupícios do Exmo. Prelado.

No mês de Fevereiro S. Excia. se encontrava em Manaus, onde puniu dois sacerdotes, suspendendo-os: o Revdo. P. João Antônio de Farias *ex informata conscientia* (3 de Fevereiro) e o Revdo. P. Daniel Pedro Marques de Oliveira, vigário colado de Silves, pelo tempo de 30 dias, por se haver ausentado da paróquia, por mais de uma vez, sem a competente licença.

Deixou como reitor do Seminário em Manaus o P. Manuel Ferreira Botarre.

— 8 de Março de 1863 — Reprodução da "Instrução Pastoral para a Quaresma do ano de 1863", publicada em 3 de Março de 1862 sobre jejum e abstinência quaresmais.

Em Fevereiro de 1863 — Ofícios:

Ao Presidente da Província do Amazonas agradecendo a participação de tomada de posse.

Ao mesmo, comunicando a exoneração e nomeação de substituto de um lente do Seminário de Manaus.

— No mês de Março "A Estrela do Norte" publicou o seguinte trabalho de D. Antônio, que bem revela o carinho com que cuidava das vocações sacerdotais.

ALOCUÇÃO

Recitada por S. Excia. Revma. perante a Comissão encarregada de promover, na Província do Amazonas,

uma coleta em favor da educação de alguns menores pobres nos Seminários da Europa.

"Srs. da Comissão:

Sinto-me docemente comovido endereçando-vos a palavra sobre nossa pia obra, e é com verdadeiro prazer que vos posso anunciar que, apenas encetada, já vai ela dando as mais lisongeiras esperanças a esta Província e à Igreja. Em um dos mais acreditados estabelecimentos de educação secundária de França se acham atualmente dois alunos do Amazonas, que deverão à vossa caridade o benefício de uma educação esmerada e profundamente cristã. Colocados em um desses preciosos asilos, em que se cultiva ao mesmo tempo o espírito e o coração, a instrução e a virtude; sob a guarda de mestres habeis e dedicados que nada poupam para imbuí-los no puro gosto das letras; nutridos no amor saudavel da disciplina e no respeito das boas regras, sem o qual os carateres se corrompem e o ensino mais pródigo é um perigo de mais para a sociedade; estes jovens, assim como os outros que lá se acham por conta da Diocese, nos dão, nas boas disposições que manifestam, bem fundadas esperanças de poderem aquí exercer um dia com fruto o sublime ministério das almas.

Os espíritos que não estão habituados à ordem admiravel dos desígnios de Deus: os que querem por força medir pela fraca compreensão humana as cousas que trazem o cunho da divina sabedoria, estranharão porventura que tão modestos sejam ainda os nossos esforços para uma tão grande obra, a educação do clero.

Mas nós sabemos, senhores, que as mais admiraveis e profícuas instituições tiveram berços humildes; sabemos que esses rios caudalosos, que levam ao longe pelos campos a abundância e a fertilidade, não foram na sua origem senão modestos regatos, e que a idéia que vai irradiar-se esplêndida no mundo das inteligências e esclarecer os povos no caminho da civiliza-

ção, é apenas, no fio misterioso que a transporta, uma centelha imperceptivel que escapa à análise escrupulosa da ciência. A mesma religião do Crucificado foi a princípio pequenina semente lançada na terra, mas que desabrochou logo depois e se tornou uma grande árvore que estende seus ramos sobre todo o globo, abrigando à sua sombra as nações simbolizadas nas aves do Céu.

Não consideremos os fatos; eles são em si pontos mesquinhos, realidades fugazes, de uma importância mínima; consideremos antes as idéias que se encarnam, que se consubstanciam neles; não paremos no invólucro; penetremos no íntimo.

Pois bem, senhores! a idéia envolvida na pequena obra que tendes entre mãos é grande, é magnífica, é digna de Deus e de vós.

De que se trata, com efeito?

Trata-se de chegar ao grande desideratum da regeneração moral do país pela ilustração do clero.

É o caminho, vós o compreendeis muito bem. Para manter-se sobre sólidas bases o edifício da moralidade pública; para dar às leis, às instituições pátrias um fundamento inabalavel na conciência dos povos, é de mister a religião; ela está à frente de todas as obras da inteligência e indústria humana, na frase de um moderno economista, semelhante à Arca da Aliança, que marchava diante do povo; mas, para que a religião se mantenha, se desenvolva no meio dos respeitos das gerações, produzindo os numerosos bens que ela é chamada a produzir, é de mister um clero instruido, dedicado, cheio do espírito de sua sublime vocação; e como ter-se um clero nessas condições, sem uma conveniente educação? Logo, senhores, vós o vêdes, coadjuvando o primeiro pastor no grande empenho da educação sacerdotal, vós cooperais da maneira a um tempo a mais direta e a mais eficaz, não só para o mantenimento da religião e renascimento dos costumes cristãos e clericais, senão tambem para a restauração dos costumes públicos e sociais, princípio de todo o verdadeiro progresso e civilização; preparais o futuro, que, apesar do que proclamam alguns espíritos desanimados, se abre ainda esperançoso e risonho sobre nossa bela pátria; abrís caminhos novos do Evangelho, que se quer difundir largamente por este imenso vale amazônico, até essas mais remotas extremidades onde ainda não penetrou nenhuma luz civilizadora. Meus senhores, eis o alcance imenso desta obra pia, a que tendes consagrado os esforços de vossa dedicação.

Por ora só tendes trazido uma pedra, é verdade; mas nessa pedra está compendiado um futuro inteiro. Animo, pois; continuai, com a benção de Deus, na vossa nobre tarefa; trabalhai com zelo e perseverança. Não vos desalentem os obstáculos que se opõem de ordinário a todas as empresas santas e generosas. A caridade tudo sofre; tudo espera, e não recua jamais diante das contradições do egoismo ou do torpor da indiferença. Desenvolvei cada vez mais e propagai ao longe, pelos meios que estiverem ao vosso alcance, o pensamento benéfico da comissão, criai pequenos centros que cooperam ativamente convosco nos diversos pontos da Província; organizai-vos, se julgardes conveniente, em uma mais vasta associação, devendo cada membro concorrer com um donativo anual correspondente aos seus recursos; o rico e o pobre, todos fecundarão com o seu óbolo a obra comum, que ha de redundar em proveito de todos.

Vossos generosos sacrifícios, não o duvideis, serão recompensados com usura; as orações que fazem subir até ao Céu, em odor de suavidade, vossos jovens protegidos e os santos sacrifícios, que eles celebrarão um dia na intenção de seus benfeitores, serão para todos vós uma fonte abundante de graças, vós sereis participantes de todo o bem que eles realizarem, de todas as almas que levarem do Céu; e só Deus, cuja bondade é infinita, poderá medir, no dia das recompensas, o alcance imenso dessa pequena esmola que derdes para fim tão util.

Não temais que vossos esforços sejam estereis, dir-vos-ei por último, com um insigne orador, porque Deus não permite que nenhuma palavra util se perca; é o pequeno grão que o vento parece muitas vezes levar para o perder no espaço, e que contudo vai cair, algumas vezes bem longe, em um pequeno canto da terra, que o esperava para dele fazer sair uma rica seara; enquanto aquí na terra nossas obras se traçam sobre ligeiras folhas, lá no alto elas se imprimem sobre o livro eterno, para serem um dia nossa salvação, ou nossa condenação.

Senhores da comissão, terminarei por um voto sincero de agradecimento pelos generosos esforços que tendes feito em favor da obra de educação do clero, objeto de meus incessantes cuidados e solicitude.

† *Antônio,* Bispo do Pará.

Manaus, 5 de Março de 1863".

CAPÍTULO VI

RELAÇÕES COM OS PODERES CIVÍS

Diversas providências. — À Assembléia Legislativa do Amazonas. — Outras providências. — Com a Tesouraria da Fazenda.

Outros atos oficiais de D. Macedo Costa dessa época:

— Comunica ter dado ordem ao Vigário Geral para receber na Tesouraria da Fazenda um altar portatil e alguns paramentos que pertenceram às antigas missões.

— Ao mesmo, sobre 2 meses de licença com vencimentos para um padre, indeferido.

— Ao Exmo. Ministro do Império, pedindo isenção de direitos na Alfândega de Pernambuco para 2 altares portateis.

— À Câmara Municipal de Manaus, lembrando a

conveniência de levantar-se um cruzeiro em frente à capela do cemitério.

— Ao Exmo. Sr. Ministro do Império, agradecendo a quantia de 6:000$000 para os concertos do telhado da Catedral.

— 11 de Maio de 1863 — Circular aos Reverendos Párocos determinando que "as informações sobre dispensas matrimoniais venham separadas dos respetivos requerimentos."

— 27 de Maio 1863 — Convite sacro para a solenidade de Corpus Christi.

Em Junho S. Excia. se dirige à Assembléia Legislativa de Manaus com o seguinte agradecimento:

"Paço Episcopal da Cidade de Belem, 16-6-1863. Senhores — As sinceras felicitações que me dirigís em nome da Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas, ao mesmo tempo que me enchem de viva gratidão para convosco e essa ilustrada Assembléia, me confundem à vista do muito pouco que tenho feito para merecê-las. Tenho apenas cumprido o meu estrito dever; e, se o meu ministério algum fruto tem produzido, é este devido todo ao auxílio do Céu e ao carater eminentemente docil e religioso destes povos confiados, inda que imerecidamente, à minha pastoral solicitude. A essas tão benévolas expressões com que me honra a Assembléia Legislativa dessa Província eu ligo uma significação mais alta e mais verdadeira: elas são um tributo de profundo respeito e religiosa adesão, não à minha humilde pessoa, mas ao sagrado carater de que me acho revestido e à Religião Santa de que sou indigno ministro e neste sentido as aceito. Peço-vos, Snrs., que leveis a todos os dignos membros da Assembléia Legislativa do Amazonas, com o testemunho do meu profundo reconhecimento, os votos ardentes que faço, perante Deus, para que continuem a promover no mesmo impulso de generoso patriotismo o desenvolvimento dessa opulenta Província chamada sem dúvida pela Providência aos mais altos destinos. Ilmos. Snrs. Clementino José Pereira

Guimarães, José Coelho de Miranda Leão Júnior e Padre Antônio Augusto de Matos M. D. Presidente, 1.º e 2.º Secretários da Assembléia Legislativa da Província do Amazonas. † *Antônio,* Bispo do Pará".

A 10 de Agosto baixa uma Portaria declarando que os paramentos da Catedral pertencem ao Curato e não à Irmandade do SS. Sacramento.

A 18 do mesmo mês exonera a pedido — mediante Portaria — o Vigário Colado de Cametá, prescrevendo-lhe um Retiro Espiritual no Convento de Santo Antônio, sob pena de suspensão, se o não fizer com a possivel brevidade.

Ainda no mesmo mês, envia ofícios ao Presidente da Província do Amazonas e ao Ministro da Guerra para que o Capitão João Roberto da Cunha Bacelar possa ensinar latim no Seminário de Manaus.

A 5 de Setembro remete ofício ao Ministro do Império, apresentando a "Memória" àcerca do Decreto número 3073 de 22 de Abril último, que uniformiza os estudos das cadeiras dos Seminários Episcopais subsidiadas pelo Estado. Leremos adiante esse monumental trabalho.

Expede outros ofícios em favor dos professores do Seminário.

— É do mês de Setembro este outro ofício dirigido ao Chefe da Província:

—"Ao Exmo. Snr. Presidente da Província, em 26 de Setembro de 1863. — Ilmo. e Exmo. Snr. — Tenho a honra de acusar a recepção do ofício de V. Excia. datado de ontem, em que me comunica por cópia dois ofícios da Tesouraria de Fazenda desta Província, informando que a causa da demora havida no pagamento dos honorários dos Professores do Seminário Episcopal é a falta de observância do Decreto n.º 3073 de 22 de Abril último, por irem os atestados passados por mim, devendo-o ser pelo respetivo Reitor, e acrescenta V. Excia. que lhe parece suficiente, para evitar d'ora em diante iguais demoras, no pagamento, que

eu ordene sejam passados os atestados como o exige a Tesouraria, declarando-me ao mesmo tempo que não obstante as razões apresentadas por ela tem V. Excia. ordenado ao Inspetor que mandasse fazer efetivo o dito pagamento independentemente da falta de formalidade a que se referem as informações.

Em resposta, cumpre-me observar a V. Excia. que a inteligência dada pela Tesouraria da Fazenda ao artigo 11 do referido Decreto me parece pouco conforme à razão e ofensiva dos direitos Episcopais que por obrigação rigorosa de conciência devo manter.

Com efeito, quando o Governo Imperial concede no supracitado Aviso que os atestados de frequência dos Lentes do Seminário sejam passados pelos Reitores, me parece que não fez mais do que estender a estes empregados subalternos dos Bispos um direito que sempre reconheceu e continua a reconhecer nos mesmos Bispos. A faculdade de atestar dada aos Reitores a respeito dos Lentes, como a mesma faculdade dada (com menos razão) às Câmaras Municipais a respeito dos Párocos, deve ser considerada como extensiva, e não como limitativa; e, assim como, ainda depois da concessão feita àquelas Câmaras, conserva o Bispo o direito de atestar a residência dos Párocos; assim, depois da concessão feita ao Reitor, conserva o Bispo o direito de atestar a residência dos Lentes. Uma cousa não destrói a outra. O direito reconhecido no Reitor em nada diminue o do Bispo, antes o deixa subsistir em toda a sua eminência e plenitude. O contrário, V. Excia. o compreende em sua alta ilustração, fôra, sobre injusto, desarrazoado. Não é possivel, Exmo. Snr., que estivesse realmente na intenção do Ilustrado Governo de Sua Majestade o Imperador privar a primeira Autoridade da Diocese do direito de atestar a residência de empregados seus, que funcionam sob sua imediata inspeção e vigilância; não é possivel que o Governo Imperial quisesse sujeitar-nos mais a esta humilhação de vermos recambiados pelas Tesourarias, e considerados como nulos e de nenhum

valor, os atestados de residência dos Lentes dos nossos Seminários, sob pretexto de irem assinados pelo Bispo, e não pelo Reitor, como se este tivesse autoridade para isto, e o Bispo não! E estou tão intimamente convencido de não poder ser tal o pensamento do Governo que em uma Memória que ha pouco tive a honra de endereçar a Sua Majestade o Imperador, reclamando contra esse Decreto de 22 de Abril, nem se quer me veio à lembrança tocar nessa injustiça que julgo completamente alheia da verdadeira inteligência do Decreto. Quanto ao meio que V. Excia. me indica de evitar para o futuro iguais demoras nos pagamentos, providenciando eu para que d'ora em diante vão os atestados assinados pelo Reitor, ponderarei a V. Excia. que eu nunca me opús, nem me oponho de modo algum a que o Reitor assine os atestados e que eles sejam admitidos na Tesouraria; antes louvo o Governo Imperial por esta concessão que se harmoniza perfeitamente com a natureza do Reitorado e as relações íntimas que o ligam a toda a economia do Seminário; mas me oponho somente a que a Tesouraria da Fazenda reenvie como de nenhum valor os atestados assinados por mim, sob pretexto que só o podem ser pelo Reitor, o que não se lê de modo algum no já mencionado Decreto, o qual se contenta de dizer simplesmente no art. 11: "Os honorários serão pagos à vista de atestados de frequência passados pelos Reitores", sem excluir de nenhum modo os passados por mim. Esta é a injustiça contra a qual reclamo, e que V. Excia. mesmo parece reconhecer, quando se resolveu a mandar fazer efetivo o pagamento, não obstante as razões alegadas pela Tesouraria de Fazenda, e independentemente da formalidade por ela exigida, o que por certo não faria V. Excia. se estivesse convencido de que realmente o Governo Imperial não me reconhece mais o direito de atestar a residência dos Lentes do meu Seminário, e que os atestados que foram são nulos, e não podem ter efeito por não irem assinados pelo Reitor, como pretende, me parece que

sem fundamento algum sólido, a mesma Tesouraria. Por último, Exmo. Snr., depois de agradecer a atenção de que V. Excia. quis usar para comigo, devo dizer a V. Excia. que me vejo obrigado a levar ao conhecimento do Governo Imperial esta ocurrência, afim de que o mesmo Governo, em sua alta Sabedoria, se digne fixar de uma maneira clara e categórica a verdadeira inteligência do supramencionado art. do Decreto.

Prevaleço-me desta oportunidade para assegurar a V. Excia. minha distinta consideração. Deus Guarde a V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque, Digno Presidente desta Província.

† *Antônio*, Bispo do Pará.

CAPÍTULO VII

O "ZELO DA TUA CASA"

D. Antônio recorre ao Ministro do Império contra um aviso do mesmo Ministério. — Eleições no recinto das igrejas. — Atos da Curia. — O "zelus domus tuæ" devorava a vida do prelado paraense.

Pouco a pouco se ia cerceando a liberdade da Igreja no Brasil. D. Antônio não deixava de erguer sua voz a cada novo golpe fatal à emancipação da Igreja. No momento, trata-se de uma substituição parcial da autoridade do Bispo pela da autoridade civil sobre os professores do Seminário. Vejamos:

"Ofício — Ao Exmo. Snr. Ministro do Império, em 10 de Agosto de 1863.

No meio dos árduos trabalhos da Visita Pastoral, me veio às mãos o ofício de V. Excia., de 11 de Junho do corrente ano, dando-me comunicação de um Aviso desse Ministério da mesma data, em solução à representação que dirigira ao Governo Imperial o Snr.

Bispo do Maranhão àcerca da concessão de licenças aos Vigários, pelos Presidentes de Províncias. Permitir-me-á V. Excia. que, aliando a franqueza de minha missão episcopal ao respeito que consagro à ilustração e espírito católico que eminentemente o distinguem, eu pondere a V. Excia. que esse Aviso deixa sem solução e não previne de modo algum as graves dificuldades e inconvenientes apontados por aquele meu digno Colega e por todo o Episcopado Brasileiro unanimemente reconhecidos. Declara com efeito o supracitado Aviso, insistindo nos termos de outro datado de 23 de Dezembro de 1859, § 3.º, que os Presidentes de Províncias podem conceder licença aos Vigários, independente dos Prelados. Ora, Exmo. Snr., esta disposição, nova na nossa legislação, e repugnante à antiga disciplina sempre observada na Igreja do Brasil, esta disposição contra a qual reclamou o Episcopado pelo orgão do egrégio e imortal Arcebispo D. Romualdo Antônio de Seixas, de saudosa memória, se funda evidentemente nos princípios seguintes que jamais nós, Bispos do Brasil, poderemos reconhecer: 1.º que os Párocos são meros empregados públicos ou funcionários civís, pois que a autoridade leiga os póde licenciar independente dos Prelados; enquanto que os Prelados não os podem licenciar independente da autoridade leiga, sobre, digo, sob pena de serem os mesmos Párocos sujeitos à responsabilidade; 2.º, que o poder civil póde dispensar em uma lei canônica fundada no direito divino, como é a residência Paroquial, e intervir diretamente na economia administrativa da Igreja, em despeito dos princípios estabelecidos, em direito público, e por todos universalmente admitidos, àcerca da independência dos dois poderes. V. Excia., em sua alta sabedoria, bem vê que não podemos em conciência aceitar tais doutrinas, sem abdicar logicamente todos os poderes que nos foram conferidos por Deus no ato da nossa sagração pontifical, quanto à administração e regime da Igreja. Nem obsta ajuntar o Governo que os Presidentes não poderão, nos casos ordinários, conceder licença aos Párocos sem prévia audiência dos Prelados. Esta explicação em nada altera, antes deixa subsistir em todo o seu vigor o princípio avançado pelo mesmo Governo — que podem os Presidentes de Províncias conceder licença aos Párocos independente dos Prelados; pois é evidente que armados com este princípio, ainda que os Prelados ouvidos declarem não conceder a licença, os Presidentes de Províncias poderão passar alem, e dar por licenciados os mesmos Párocos quando o julgarem necessário, e assim temos aberto o campo aos mais lamentaveis conflitos, não sendo a audiência dos Prelados senão um lenitivo superficial que se procura aplicar sobre um golpe profundo, mas que o deixa infelizmente subsistir em toda a sua funesta gravidade. Guardas do depósito sagrado da disciplina e do dogma católico, garantidos ambos pelo pacto fundamental do estado, nós não podemos deixar de representar respeitosamente perante os poderes públicos contra todas as medidas que tenderem a diminuir a liberdade do nosso ministério, e os direitos Sagrados da Igreja Católica de que somos os primeiros Pastores, e é o que eu faço, Exmo. Snr., nestas poucas linhas, contra essa faculdade dada aos Presidentes de Províncias de dispensarem na residência dos Párocos. Esse direito é privativo dos Bispos, e pela minha parte não considerarei jamais como legítima e validamente licenciados senão aqueles Párocos que o forem por mim.

Deus guarde a V. Excia., etc.

† *Antônio*, Bispo do Pará".

— A 25 de Junho desse ano S. Excia. se dirigiu a Cametá, continuando suas viagens de Visita Pastoral. Nomeou seu Secretário *ad hoc* o Cônego Luís Barroso de Bastos.

Dessa cidade de Cametá, com data de 11 de Julho, passou uma licença ao Missionário Apostólico Padre Puech para a administração dos sacramentos, com a

declaração de que tal licença em nada devia prejudicar a questão pendente de limites nacionais. — Fez a Visita Pastoral a Baião e Mocajuba.

Com a data de 11 de Julho passou a nomeação ao Vigário Colado de Sant'Ana, P. Sebastião Borges de Castilho, para substituir no expediente ao Vigário Geral em caso de impedimento.

Contra o péssimo costume de fazer eleições dentro das igrejas, nossos bispos debalde levantavam sua voz. Lei detestavel assim determinava e o governo fechava olhos e ouvidos a quantos se interessavam pelo respeito ao lugar sagrado e se insurgiram contra os abusos inevitaveis. Vamos lêr a Portaria de D. Antonio:

"Portaria aos Reverendos Párocos da Diocese ordenando algumas providencias para obviar às irreverencias nas Igrejas durante os dias das eleições.

Sendo rigoroso dever do Cargo Pastoral velar no decôro da Casa de Deus e salvar, quanto possivel, de todas as profanações e irreverencias os misterios Santos da Religião, e considerando quanto tem sido desacatado o Augustissimo Sacramento dos nossos Altares, na maior parte das Igrejas do Imperio do Brasil, por ocasião das eleições populares que uma lei funesta ordena se façam dentro do recinto dos Templos; não podemos deixar de tomar algumas medidas para na nossa Diocese remediarmos, quanto pudermos, a este grande mal, enquanto o catolico e ilustrado Governo de Sua Majestade o Imperador não abolir essa lei, condenada já por toda a opinião catolica do país e contra a qual reclamou energicamente o Episcopado pelo orgão de seu inclito Metropolita, D. Romualdo, de saudosa memoria.

Eis aquí, pois, as providências que, depois de haver implorado o auxilio do Céu, julgamos dever tomar para as proximas eleições.

1.º—Devem os Revdos. Párocos, no Domingo antecedente e sobre tudo na ocasião da Missa do Espírito Santo, exortar vivamente a todos os seus paroquianos a guardarem o mais profundo respeito à Casa de Deus, que é casa de Oração (Marc. XI, 17), e não casa de dissipação e de tumulto; clamem e tornem a clamar que esse lugar é terrivel, que ele é verdadeiramente a morada do Senhor e a porta do Céu (Genes. XXVIII, 17); que não devemos entrar nele senão com uma santa compunção lembrando-nos da Majestade invisivel que aí reside na plenitude de sua divindade corporalmente (Colos. II, 9); que se se respeita a casa dos grandes, e se é inviolavel o asilo de qualquer cidadão, quanto mais respeitavel e digno de toda a veneração não deve ser o Santuário de Deus vivo, onde os próprios Anjos assistem trêmulos, velando com suas asas os rostos na atitude da mais profunda adoração! (Ezeq. I, 13); que se o Templo da lei antiga, o qual não era mais que a sombra dos nossos, tanto respeito inspirava ao povo de Deus, quanto mais as nossas Igrejas católicas, onde está habitualmente presente Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, tão real e perfeitamente como está no Céu; que as próprias nações idolatras respeitavam seus templos e não os profanavam jamais com disputas e altercações profanas; que no templo só faziam os atos relativos ao culto, e deixavam para o foro os discursos dos tribunos e as agitações tumultuosas da politica. Clamem e tornem a clamar que um país não se torna grande e policiado senão com a condição de respeitar a Deus e a Religião, base fundamental de todo o edifício social. Que todos procurem por sua parte atenuar os inconvenientes dessa lei, procedendo no templo com o maior acatamento, não perturbando o silêncio que aí deve reinar com falas descompostas e altercações indecentes; que tudo se faça com calma e na melhor ordem, e que não tenhamos de deplorar tantas irreverências e faltas de respeito que costumam desgraçadamente ter lugar nos sagrados recintos durante a vertigem eleitoral; que, no caso de não se ouvir a voz da Religião e do dever, as maiores calamidades cairão sobre o Brasil, porque

a paciência de Deus se ha de cansar e ele não deixará de punir com todo o rigor da sua justiça essas horrendas profanações que se fazem à sombra da lei, no meio de um povo profundamente católico e em um Império que se gloria com tanta razão com o belo nome de Império da Santa Cruz.

2.º — Na vespera da eleição, transportarão os Revds. Parocos o Santissimo Sacramento das Matrizes para uma Capela mais proxima, e de modo algum deixarão na Igreja este adoravel Sacramento, para não expô-lo às irreverencias e desrespeitos, infelizmente quasi inevitaveis nas circunstancias atuais.

3.º — Se não houver na povoação Capela para onde se possa transportar o Santissimo Sacramento, os Revds. Parocos o porão na Sacristia em altar decentemente ornado, fechada toda a comunicação com o interior do Templo.

4.º — Acabada a eleição se tornará a trazer com toda a solenidade o Augustissimo Sacramento para o seu altar e se farão durante tres dias preces publicas em desagravo dos insultos e irreverencias que recebe Nosso Senhor em tantas Igrejas do Brasil durante a quadra calamitosa das eleições.

5.º — Estas preces consistirão na Ladainha de todos os Santos com as competentes orações; depois *Sub tuum presidium* com o verseto e oração de Nossa Senhora; Tantum ergo, seguido do competente versiculo e oração, terminando tudo com a benção do Santissimo Sacramento dada em silencio, com a Pixide. E, para que chegue ao conhecimento de todos, Ordenamos que a presente seja lida no pulpito pelos Revds Parocos no Domingo que preceder à eleição e no ato da Missa do Espirito Santo, e registrada no conveniente livro. — Cidade de Cametá, em visita Pastoral, aos 11 de Julho de 1863.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

Ainda nesse ano:

— 6 de Setembro de 1863 — Envia um oficio ao

Ministro do Imperio comunicando a exoneração de um Vigario colado.

— 26 de Novembro de 1863 — Convite sacro dirigido a todo o Clero da Capital e mais habitantes para solene *Te Deum* em ação de graças "pela conservação dos preciosos dias do Imperador".

CAPITULO VIII

O SEMINARIO

Origem do Seminario. — Perambulando de edificio em edificio. — Carta ao Ministro. — Novas modificações. — A celebre "Memoria".

O Seminario do Pará foi iniciado pelo grande missionario jesuita P. Gabriel Malagrida em 1745, na denominada Rua do Açougue, chamada depois Rua da Industria e hoje Gaspar Viana.

Durou poucos anos.

Dom fr. Miguel de Bulhões e Souza tratou da 2.ª fundação. Êle se retirou do Brasil e se iniciou o Seminario em 1749 no chamado "Colegio de Santo Alexandre". A autorização regia é de 1851. Provavelmente foram os PP. Jesuitas os primeiros professores. O Colegio de Santo Alexandre serviu ao mesmo tempo de Seminario e residencia episcopal.

Muito mais tarde, ficando terminado o Palacio episcopal, o Seminario ocupou todo o predio do Colegio de Santo Alexandre. Quando chegou a Belem Dom Antonio de Macêdo Costa (1861), como dissémos, o seminario se achava no Palacio, porque o prédio de Santo Alexandre estava em concerto. Meses depois voltaram os seminaristas para "Santo Alexandre". Diz o Con. José de Andrade Pinheiro que Dom Antonio conseguiu lhe fossem entregues pelo Governo Imperial o prédio de Santo Antonio e o do Carmo, em que funcionava o Liceu Paraense.

O Seminario Menor passou a ocupar o Colegio

Santo Antonio e o Seminario Maior continuou em "Santo Alexandre". No Carmo entrou a funcionar um orfanato para meninas. Pouco tempo depois deu-se uma permuta: o seminario menor passou para o Carmo e o orfanato passou para "Santo Antonio". No Seminario do Carmo sucederam-se os Reitores: Cônego Gabriel Tauby, Con. Pinto Marques, Conego João Muniz. No Seminario maior foram Reitores: o Con. Mourão, Con. João Muniz e outros.

Os desvêlos de D. Macêdo Costa pelo Seminario ressaltam admiravelmente dos documentos que vamos reproduzir em parte.

No ano de 1877 êle recorre ao Ministro do Imperio afim de conseguir que não sejam privados os professores do Seminario de seus honorarios durante as férias. Leiamos a carta ao Prélado

"Parte Oficial.

Ilmo. e Exmo. Sr.

De algum tempo para cá tem a Tesouraria do Pará recusado pagar, durante o tempo das férias, os honorarios dos professores dos Seminarios, alegando que são interinos e não se acham então em exercicio. Penso, e parece de justiça que a subvenção dada pelo Governo aos professores é como compensação do trabalho que eles têm durante o ano letivo; e assim se tem sempre entendido relativamente a todas as Academias e estabelecimentos publicos de instrução, considerando-se o tempo das férias de efetivo exercicio. Nunca, creio eu, esteve na intenção do Governo que os professores dos Seminarios ensinassem durante todo ano, sem intervalo algum, para poder assim vencer a sua pequena congrua por inteiro.

Peço, pois, a V. Excia. que, atendendo à injustiça de se privar aqueles empregados de todo o subsidio, justamente no momento em que eles mais precisam, se digne dar suas ordens para que se faça efetivo o pagamento equivalente ás férias passadas, e se continue quanto às seguintes, na antiga pratica.

Deus guarde a V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Sr. Conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio.

† *Antonio,* Bispo do Pará".

Lutando sempre com as dificuldades pecuniarias para sustentar seu Seminário, acrescidas sempre pela má vontade do Governo Imperial, viu-se D. Antonio obrigado a modificar a organização interna dos Seminaristas. Ordenou que os alunos do Seminario Maior da I. Conceição passassem, temporariamente, para o edificio do Carmo em que funcionava o Sem. Menor; o predio do Seminário Maior, que era o chamado Colegio de Santo Alexandre, era destinado a uma Escola filial do Seminario Menor. Eis a

PORTARIA

"Atendendo à angustiosa situação em que se acham os nossos dois Seminarios desta Capital, em virtude da medida tomada pela Assembléa Legislativa Provincial, de retirar, como já foi retirada, a subvenção de 6:000$000, com que alí eram mantidos 22 alunos pobres;

Atendendo que não só estes 22 alunos, mas alguns outros que estudavam gratuitamente à espera de vagas, estão agora absolutamente a nosso cargo em numero de cerca de 30, sem termos meio algum de os sustentar; e não tendo Nós aliás coração para os pôr na rua, pois ficariam em tal caso esses jovens com suas carreiras interrompidas e expostos a toda sorte de privações e perigos;

Atendendo que, visto o limitado numero de alunos que conta o Seminário Maior, a sustentação sobretudo desta casa é de um peso enorme, que não é possivel suportar nas atuais circunstancias;

Resolvemos tomar, como pela presente tomamos, as seguinte medidas provisorias;

1.º — Os alunos do Seminario Maior da Imaculada

Conceição passarão para o Seminario Menor de Nossa Senhora do Carmo, onde continuarão seus estudos teologicos e canonicos;

2.º — Transferimos do Seminário Menor para o Maior o externato de instrução primaria que alí tem funcionado, ficando a aula de primeiras letras daquele estabelecimento composta dóra em diante somente de internos e meio-pensionistas;

3.º — Esta Escola de externos, filial ao Seminario Menor, será dirigida pelo digno Sacerdote e habil Professor o Sr. Carlos Seidl, com ajuda de um Professor adjunto, sob a alta direção do Revd. Padre Dr. Augusto Estanislau Aureli, ficando o Revd. Cônego José Pinto Marques, já conhecido muito vantajosamente pela sua experiencia no magisterio primario, encarregado da direção imediata da aula de primeiras letras do Seminário Menor de Nossa Senhora do Carmo, auxiliado por um Professor adjunto sob a inspeção do respetivo Reitor.

4.º — As pensões dos alunos da Escola filial, estabelecida à calçada do Colegio, serão pagas em mensalidades ou por trimestres adiantados ao mesmo Revd. Padre Carlos Seidl, Economo do Seminario Menor.

5.º — E será a Presente exarada no livro do Arquivo de cada Seminario, para em todo tempo constar.

Dada em Belém do Pará sob o Sinal e o Selo de Nossas Armas, aos 17 de Agosto de 1880."

† *Antonio,* Bispo do Pará".

Em resumo: No Convento contíguo à Igreja de N. Senhora do Carmo, funcionou por muitos anos o Seminário Menor. Em 1880 o Seminário Maior tambem passou para esse edifício do Carmo, donde mais tarde retrocedeu para o prédio de Santo Alexandre.

MEMORIA SOBRE A QUESTÃO DOS SEMINARIOS

Em Setembro de 63, D. Macêdo Costa apresentava ao Imperador a celebre *Memória* acerca do decreto

n.º 3073 de 22 de Abril do mesmo ano, que uniformizou os estudos das cadeiras dos Seminarios Episcopais subsidiados pelo Estado. E' um estudo que expõe claramente quanto sofria a Religião no Brasil e aponta pelo programa ao Governo. Como se trata de estudo muito interessante em que se revéla a inteligencia clara e mascula do Chefe da Igreja Paraense, queremos aqui reproduzí-lo na integra. Além disso, foi grande a repercussão desse trabalho, e sem a sua leitura não seria possivel entender bem por que despertou tanto interesse.

"Memória.

Apresentada a sua Majestade o Imperador pelo Bispo do Pará.

Senhor — Se é dever rigoroso dos Bispos fazer chegar a verdade ao pé do trono, bem doce é cumprir este dever quando sobre o trono se assentar um Monarca digno em tudo de ouví-la. E' com toda a confiança que este pensamento me inspira que venho respeitosamente à augusta presença de Vossa Majestade Imperial, a impulsos de minha consciência, reclamar contra o Decreto n.º 3.043, de 22 de Abril último, que uniformiza os estudos das cadeiras dos Seminários Episcopais, subsidiados pelo Estado; Decreto que, inspirado sem duvida pelos desejos mais puros de favorecer a Igreja, abre infelizmente uma nova brécha em sua disciplina, inflige-lhe novas humilhações e aperta cada vez mais as cadeias com que se acha ela oprimida em nosso país. Permita Vossa Majestade Imperial que o diga com a dolorosa franqueza que devo ter nesta ocasião: de ha muito, Senhor, os Bispos do Brasil somos contristados com Avisos e Decretos restritivos da liberdade e independencia de nosso sagrado ministerio; de ha muito notamos com magoa a funesta tendencia do governo a ingerir-se na economia da Igreja como se se procurasse reduzí-la pouco a pouco à condição de um estabelecimento humano, a um mero ramo de administração civil. Parecem não ser mais

INSTITUTO SALESIANO S. VICENTE

os Bispos do Brasil que funcionarios publicos, sujeitos a conselho de Estado, que, à imitação da celebre Mesa de Consciencia e Ordens, decide em ultima instancia as questões mais graves do direito canonico e da administração eclesiástica, apenas dignando-se às vezes consultar os Prelados como meros informantes. A catequese, as residências dos Párocos, o noviciado dos Conventos, a administração das Igrejas deles, os estatutos das Catedrais e dos Seminarios, a organização que se deve dar a estes ultimos estabelecimentos e até os nomes que lhes competem, as condições que se devem exigir para admissão às Ordens, tudo isto julga o Governo sêr de sua alçada, sobre tudo isto se crê com direito de decidir, decretar e legislar, e, se um Bispo do Imperio promove esmolas em favor das pias obras da Propagação da Fé e da Santa Infância, é porque dois Decretos lhe concedem para isso uma autorização que aí se declara necessária; e, enfim, para podermos assistir ao exame dos nossos lentes do Seminário, é mister que o Decreto de 22 de Abril último declare que os Bispos poderão assistir a êste exame.

Em tão tristes circunstancias, igualmente humilhados pelas faculdades que nos são concedidas e pelos poderes que nos são tirados, nossa linha de proceder não póde ser duvidosa, Senhor. Guardas do deposito sagrado e postos pelo Espirito Santo para regermos a Igreja de Deus na plena liberdade que Jesus Cristo lhe adquiriu com o preço de seu sangue, empenhados pelo juramento de nossa sagração a manter inviolaveis os direitos da Hierarquia sagrada a que pertencemos, não podemos ficar mudos sem trair nosso dever. Sentinelas vigilantes, um brado ao menos lançaremos do alto das muralhas santas para assinalar aos poderes deste mundo o falso caminho em que se acham empenhados, e ao país inteiro o abismo a que, sem o quererem e sem duvida na melhor fé, o vão conduzindo. Não, Senhor, não podemos resolver-nos a tomar, em circunstancias tão criticas para a Igreja, a tremenda responsabilidade do silencio. Embora neste

seculo, em que tanto se assoalham idéas de liberdade e tolerância, se não possa sofrer que reclamemos uma e outra em favor de nosso santo ministerio; embora as mais puras intenções corram risco de ser desfiguradas, não crêmos cair dos limites da submissão e do respeito devidos aos altos poderes do Estado fazendo-lhes ouvir, com a dignidade calma do nosso ministerio, a voz da verdade e da justiça. Senhor! se o Decreto n.º 3.073, de 22 de Abril do corrente ano, em nada comprometesse os direitos da Igreja e o bem da Religião, nós seríamos os primeiros a aceitá-lo com reconhecimento e a nos submeter a ele com aquela perfeita obediência que não cessamos de ensinar aos povos por nossas palavras e exemplos. Infelizmente, porém, assim não é.

O Decreto ofende a dignidade e os direitos do Episcopado. O Decreto priva os Seminários dos beneficios que lhes promete e assegura a alta proteção de Vossa Majestade Imperial, amigo e protetor munificentissimo das ciencias e das letras. O Decreto, finalmente, fere e humilha o Clero da maneira mais injusta na pessôa dos professores destes pios estabelecimentos. Tais motivos são mais que suficientes para legitimar, não digo as resistencias, mas a inação dos Bispos, que poderão suportar um jugo oneroso, mas não pô-lo eles mesmos sobre si, para me servir das proprias palavras do Episcopado de França em uma luminosa Memoria dirigida em 1828 ao Rei sobre igual assunto.

Permití, Senhor, que eu desenvolva as tres proposições que acabo de anunciar.

I

Primeiramente, digo que o Decreto ofende os direitos e a dignidade do Episcopado, e por consequencia perturba aquele feliz acordo e harmonia que deve reinar entre os dois poderes. Não era preciso mais para o considerarmos como um verdadeiro mal feito à Religião e ao país. E' um principio tão verdadeiro

quanto universalmente recebido que da estreita aliança e perfeita inteligencia entre os dois poderes depende o repouso das conciências e a paz do Estado. "Tudo o que tende a semear germes de desconfiança e desunião entre a Igreja e as potências seculares lança a humanidade em falsos caminhos, diz um autor, e a engana duplicadamente no ponto de vista do seu bem estar temporal e de sua felicidade eterna". Saídos ambos de Deus, ainda que de diverso modo, porque o poder espiritual brota diretamente da instituição divina, enquanto o temporal se não liga a ela senão indiretamente; puras emanações da justiça e da bondade infinitas, esses dois poderes, inda que pela própria indole e fim peculiar se coloquem em esféras perfeitamente distintas e independentes, são chamados a se entenderem, a se auxiliarem mutuamente, e a realizarem de um modo harmonico o fim supremo da Providencia no governo deste mundo: — a felicidade do genero humano. Mas esta harmonia tão necessaria ao florescimento da Religião e do bom governo das sociedades não póde existir senão com a condição de que cada um desses poderes se mantenha inviolavelmente dentro do circulo de suas proprias atribuições, sem invadirem as do outro. A igreja não tem que entender com o governo temporal do Estado; o Estado reciprocamente nada tem que vêr com o governo espiritual da Igreja.

Tal é a independência dos dois poderes, princípio capital que não se poderia abalar sem transtornar profundamente todo o plano divino na economia das sociedades humanas. "A vós deu Deus o imperio, dizia Osio, Bispo de Cordova, ao grande Constantino; a nós o governo da Igreja; e, da mesma forma que aquele que usurpa vosso poder imperial resiste à ordem de Deus, assim, avocando a vosso tribunal as causas da Igreja vos tornareis culpado de um grande crime! Está escrito: Dai ao Imperador o que é do Imperador, e a Deus o que é de Deus.

Importa certamente à prosperidade de vosso reino,

escrevia Felix III ao Imperador Zenão, que vos apresseis... a vos conformar à ordem estabelecida na Igreja, em lugar de lhe substituir prescrições de um direito puramente humano. Ninguem me poderia persuadir, ajunta S. João Damasceno, que a Igreja deva ser governada por leis civis; ela o é pelas instituições transmitidas por nossos pais, ou por escrito ou por tradição oral. Porque não foi aos Reis, mas aos Apostolos e a seus sucessores que conferiu Jesus Cristo o poder de ligar e desligar. O Apostolo diz: Deus estabeleceu alguns na Igreja: primeiro Apostolos, segundo profetas, terceiro pastores e doutores para a perfeição dos Santos; mas não disse Reis". Ao governo civil, ainda uma vez, cumpre prover sobre o temporal dos Estados; à Igreja cabe a administração das cousas espirituais; e ela tem tanto mais direito de reivindicar esta sua independência na esfera espiritual, quanto é a primeira a manter e a sustentar como inviolavel a independencia dos governos na esfera temporal. A Igreja, com efeito, não nomeia nem destitue os funcionarios do Estado, nem toma conta aos ministros da gestão dos negócios que correm por suas pastas, nem faz leis sobre finanças, nem regula os processos eleitorais, nem decreta reformas para a magistratura, o exército, a marinha. Tudo isto está sob a alçada do governo civil, e a Igreja julgaria cometer um crime se ultrapassasse a raia que Deus mesmo lhe marcou, envolvendo-se em negocios seculares. O Estado deve, pois, usando de reciprocidade, respeitar a liberdade da Igreja na administração dos negocios espirituais, e não ingerir-se por fórma alguma neles. Deve-o, Senhor, sob pena de postergar-se a lei fundamental que regula as relações dos dois poderes e romper-se o vinculo saudavel que os deve ligar entre si para felicidade do mundo. Ora, ninguem póde negar que os Seminários pertençam ao espiritual. Com efeito, a nota distintiva e caraterística de uma cousa espiritual consiste na relação direta que ela tem com o fim da Igreja, que é a santificação e a felicidade eterna

das almas. Tudo o que a este fim imediatamente se refere é espiritual, assim como tudo o que se refere imediatamente ao fim proprio da sociedade civil, que é o bem estar e a felicidade desta vida, é temporal. Tal o genuino criterio, a verdadeira nota distintiva dos dois poderes, a linha divisoria que os separa profundamente; tal "o principio que se deve seguir como um fio condutor, diz um sabio publicista alemão, para não expôr-se a cair nas mais perigosas aberrações." Haverá, porém, alguma cousa que se refira mais imediata e diretamente ao fim proprio da Igreja do que os Seminários? Trata-se, com efeito de perpetuar o Sacerdocio; de formar à sombra do santuario ministros idoneos para a propagação do Evangelho; de nutrir com o puro leite da doutrina e da piedade os futuros Apostolos que devem um dia, pela eficácia da palavra e dos Sacramentos, fazer chegar as almas a seu eterno destino. Se isto não é espiritual, Senhor, se isto não interessa á economia intima da Igreja, se isto não se refere diretamente ao fim proprio dela, eu não sei mais em verdade o que se possa chamar espiritual. Bem conheço que se tem inventado um processo comodo para justificar as mais flagrantes invasões no dominio da Igreja: consiste em espiritualizar de tal modo a ação dela, que fique toda confinada no domínio do invisivel; mas, se se devesse considerar só como espiritual o que é invisivel e interior, e como temporal o que é exterior e sensivel, então cairia a Igreja toda sob o dominio temporal, porque a Igreja é uma sociedade essencialmente visivel, os Sacramentos, o Sacrificio, todos os atos do culto externo, o ensino apostolico, o governo das consciencias, tudo isto fôra temporal, porque tudo isso tem um lado por onde toca ao material e ao sensivel. Esta monstruosa teoria não suporta analise. Ela daria como resultado a absorção completa do elemento espiritual no elemento temporal, da Igreja no Estado, do Sacerdócio no Império, e, sob pretexto de separar o poder espiritual do temporal, anularia e destruiria completamente aquele. Senhor, o Governo Católico de Vossa Majestade Imperial está bem longe de admitir um erro tão grosseiro quanto funesto. O Governo Catolico de Vossa Majestade Imperial compreende muito bem que esta pretendida disciplina puramente interna é um ente imaginario e de razão, como dizia o grande Bossuet, e que não se póde conceber uma sociedade de homens compostos de alma e corpo sem que a ação dessa sociedade se manifeste no sensivel e repercuta de alguma sorte na esfera temporal. Assim a educação dos Sacerdotes tem tambem o seu lado temporal, sem por isso deixar de ser uma cousa eminentemente espiritual. Tal é o Seminario; é uma instituição pia, que os Sagrados Canones confiaram exclusivamente aos Bispos como um dos ramos mais essenciais do regimen pastoral, diz o douto Arcebispo D. Romualdo.

Mas o estudo da origem e desenvolvimento histórico destes institutos lançará nova luz sobre a natureza deles já bem determinada, e especificada aliás pelo fim a que se destinam. Segundo relata o douto oratoriano Tomassino, era a princípio na própria casa dos Bispos, nos mosteiros, nos presbiterios que se educavam os mancebos que aspiravam alistar-se na milicia sacerdotal. Alí, sob a imediata vigilancia dos Pastores, crescia em ciência e virtude a cara tribu destinada a servir ao altar e ao tabernáculo; alí, orvalhadas de bençãos, desabrochavam essas plantas esperançosas, que eram depois transplantadas, como preciosas sementes, pelas diversas parte das dioceses: Seminarium. S. Agostinho, a luz da Igreja de Africa, o maior genio talvez que tenha ilustrado o mundo, deu a estas pias escolas uma fórma nova e uma importancia que chamou naturalmente sobre elas a atenção de toda a Igreja. Desde então os mais notaveis Prelados, S. Hilário d'Arles, S. Paulino de Nola, S. Ambrosio de Milão, Ibas d'Edessa e outros muitos, e tambem os principais Concilios não cessaram de recomendar e propagar por toda a parte

tão uteis fundações, a que o famoso Decreto do Con. de Trento, na Sess. XXIII, Cap. 18 de Reform., veio dar enfim o ultimo desenvolvimento e perfeição. Por este Decreto, recebido com aplauso por toda a cristandade, são os Seminarios confiados á solicitude dos Bispos assistidos pelo conselho de dois Conegos, os mais antigos e experimentados, escolhidos pelos mesmos Bispos, segundo o Espirito Santo lhes inspirar; aí é ordenado aos Bispos que tomem todas as medidas para sustentar e fortificar um estabelecimento tão santo e tão pio, aí se declara que devem ainda os Bispos escolher e aprovar professores idoneos para os Seminarios, prescrever-lhes o que devem ensinar, segundo julgarem a propósito, e tanto a Igreja esteve sempre convencida que estes pios estabelecimentos interessavam no ultimo ponto á substancia mesmo de seu governo espiritual, que um Concílio de Aquiléa, celebrado no ano de 1596, não duvidou declarar que "sem este subsidio não poderia firmar-se e manter-se a disciplina Eclesiástica". Assim a Igreja atenta em difundir por toda a parte a instrução, creando escolas gratuitas em beneficio da mocidade, e inspirando aos maiores genios o heroico pensamento de se dedicarem ao penoso ensino da classe pobre e miseravel, consagrou, diz o grande Arcebispo já citado, entre as regras invariaveis de seu governo, a instituição de Seminários ou casas especiais, onde, como em Viveiros permanentes, se nutrisse e perpetuasse a tribu escolhida a quem deve confiar-se o depósito da Arca Santa. "Eu pudera ajuntar ainda a prática de toda a Igreja Católica, que em todos os paises considera os Seminários como estabelecimentos puramente Eclesiásticos, sujeitos, como tais, à jurisdição exclusiva dos Bispos. A mesma França, cujo Governo, dominado ainda pelas tradições do velho galicanismo, não é por certo descuidada em manter suas regalias e privilégios; a França, saída apenas do golfão de uma espantosa revolução que envolveu na mesma ruina o

trono e o altar, — quebrou ha poucos anos o círculo de ferro de seu monopólio universitário, e deixou enfim os grandes e pequenos Seminários sob a vigilância exclusiva do Episcopado, sem reservar-se o governo a mínima parte na direção quer material, quer intelectual desses sagrados asilos, d'onde nem por isso têm deixado de sair os homens mais eminentes em letras e virtudes. Tal é a disciplina dessa grande Igreja que tanto tem contribuido para a glória da França, Igreja para sempre ilustre a que se devem os Bossuet e os Fenelon, e que, unindo as luzes à pureza da fé, o zelo religioso ao amor da pátria, a dedicação ao trono à santidade dos costumes, tem merecido o respeito e a veneração de todos os povos, como o proclamava no princípio deste século um distinto estadista. A própria Inglaterra, apesar de dominada pelos mais injustos preconceitos contra o Catolicismo, dá, neste ponto, um admiravel exemplo de tolerância. "Os Colégios Católicos que alí existem, diz um historiador contemporâneo, são bem como os pequenos Seminários de França, inteiramente submetidos aos Bispos dos distritos onde se acham e governados por Padres seculares... Qualquer que seja o regime destes Colégios, ou subordinados aos Vigários Apostólicos, ou pertencentes a alguma congregação religiosa, nem o Estado, nem a Universidade exercem autoridade alguma no interior destas casas. Nestes colégios o Governo não pede senão a obediência às leis, e a Universidade não exige dos aspirantes senão que satisfaçam as condições de um exame, cujo programa é publicado um ano antes. Tudo é deixado à sabedoria e à Religião dos Bispos, ou dos Superiores..." À vista de provas tão perentórias, quem poderia desconhecer, Senhor, a natureza toda Eclesiástica destes estabelecimentos? Fôra preciso lançar um traço sobre a legislação canônica a tal respeito, abafar os testemunhos mais autênticos da história, desconhecer a natureza dessas escolas sacerdotais, forçar a linguagem

que lhes dá com uma precisão admiravel o nome de Seminários Episcopais e contrariar, enfim, a prática universalmente seguida nos paises mais ilustrados do mundo. Pois bem, o Decreto de 22 de Abril parece desconhecer tudo isto. Com efeito, baseia-se implicitamente o Decreto neste princípio, que ao poder civil compete legislar sobre Seminários sem a menor contemplação e inteligência com a autoridade Eclesiástica; supõe o Decreto que ao Governo civil cabe o direito de instituir e reformar os Seminários, mudar o programa dos estudos; (art. 1.º) regular as condições de admissão dos professores; (arts. 2.º, 3.º, 4.º e 5.º) demití-los quando bem lhe aprouver; (artigo 8.º) inspecionar os compêndios porque lecionam, (art. 14) o que equivale pouco mais ou menos a secularizar estes estabelecimentos, e sujeitá-los ao contraste e direção do poder civil, sem a menor atenção à jurisdição do Episcopado, que sofre dest'arte, contra as intenções do Governo Católico de Vossa Majestade Imperial, mais um golpe em seus sagrados direitos, mais uma ofensa em sua dignidade. Desta vez, nem sequer fomos consultados; e só tivemos notícia do Decreto depois de publicado. Tudo se fez à nossa revelia, como se nenhum voto tivéramos em nossos Seminários! Ah! Senhor, que não é isto o que parecia merecer do religioso Governo de Vossa Majestade Imperial o Episcopado do Brasil. Nem se diga que o Governo civil só entende regular o ensino das letras humanas que são de sua alçada. O Decreto se estende a todo o complexo dos estudos dos Seminários e nenhuma distinção faz entre sagrados e profanos; e, se o Episcopado de França sustentou com razão na grave Memória supracitada que nos mesmos pequenos Seminários ou escolas secundárias eclesiásticas o ensino das letras humanas não é mais que um acessório de que em suma a Religião póde prescindir, e que o principal, que leva consigo tudo o mais, é evidentemente da alçada da autoridade espiritual; tese que continuou a ser sustentada vi-

toriosamente pelos espíritos mais elevados da França, até cairem enfim, como cairam, todas as barreiras universitárias e ficarem os pequenos Seminários absolutamente isentos do jugo do Governo; quanto mais se deve isto dizer dos nossos Seminários do Brasil, que são verdadeiros Grandes-Seminários onde se aprende a teologia e as mais disciplinas sagradas, e só *per accidens* existem neles alguns poucos cursos de estudos preparatórios. Conquanto mais razão ainda se deve dizer deles que o principal leva consigo o acessório que estes religiosos estabelecimentos são, e ficaram sempre sendo por sua essência eclesiásticos e como tais isentos do poder leigo?

"Que o Príncipe deva ter e tenha com efeito sobre as escolas eclesiásticas, destinadas a perpetuar o Sacerdócio, a inspeção e a vigilância necessárias para assegurar a ordem pública, para impedir a transgressão das leis, manter os direitos e a honra da Soberania; que ele possa exigir e executar por si mesmo a reforma dos abusos que interessam a ordem civil; que ele deva mesmo, em qualidade de Bispo do exterior, provocar a reforma dos abusos na ordem espiritual e prestar o apoio do braço secular para o mantenimento das regras canônicas, se convem nisto; que possa conceder ou recusar a tais estabelecimentos uma proteção, privilégios, benefícios, na intenção de favorecer o progresso da fé, contribuindo a perpetuar os ministros do Evangelho, a Religião não é ingrata e lhe retribuirá ao centuplo, por preço desta munificência, não só o reconhecimento e a afeição, senão tambem a dedicação e os serviços; que assim recebam as escolas eclesiásticas uma sanção que lhes faça gozar todas as vantagens de que estão de posse todos os outros estabelecimentos legalmente reconhecidos; que elas tenham capacidade de adquirir, de vender, de possuir, etc., que estas vantagens não lhes sejam concedidas senão com certas condições, sem o cumprimento das quais não possam gozá-las; nada em tudo isto que exceda o poder político, que

invada o poder espiritual; mas alem, é para trazer a usurpação, e bem próximo está". Tais são, Senhor, os limites precisos da jurisdição do governo civil sobre as escolas sacerdotais; esses limites são traçados com mão firme e segura pelo ilustrado Episcopado de França; os Bispos do Brasil, estou certo, não admitirão jamais outros.

O governo não póde reformar os Seminários, mas somente fornecer aos Bispos os meios materiais para essas reformas. O governo não póde, sem fazer grave injúria à dignidade e honra do Episcopado, sujeitar ao contraste de suas Secretarias os regulamentos dos Seminários, como nos foi ordenado por uma circular recente; ainda menos oferecer aos Bispos projetos de regulamentos para esses estabelecimentos, como nos consta ter acontecido em uma Diocese do Império. O governo não póde impôr aos Bispos uma nova disciplina contra a que está estabelecida na nossa Igreja, e creio que em todas as do mundo, sobre a maneira de nomear os lentes dos Seminários, tirando-nos o direito de que estamos de posse de os nomear livremente, e prescrevendo, sem nenhum acordo com os Prelados, a lei do concurso, a qual, se vigora no provimento das paróquias, é por autoridade do Concílio Ecuménico de Trento, e não por disposição de lei civil.

O Governo não tem direito de ordenar que se lhe sejam enviados os compêndios pelos quais se leciona nos Seminários, pois têm os Bispos missão divina de ensinar a Religião, e ensiná-la com soberana independência dos poderes deste mundo, e, ainda que possa um ministro de Estado ser mil vezes mais esclarecido que um Prelado, falta-lhe a missão necessária para ensinar porque não foi aos ministros dos Reis da terra, mas aos Pastores da Religião que foi dito: Ide e ensinai!

Assim, apesar da boa vontade que tem o governo de favorecer a Igreja, forçoso é dizer que ele ultrapassou os limites dentro dos quais devera limitar

sua ação para não ofender os direitos dela. E eis porque reclamamos, Senhor. Vossa Majestade Imperial o compreende em sua alta sabedoria: O que está em questão não é precisamente o Seminário: é a liberdade da Igreja; o que nós combatemos não é o simples ato de um ministro, a cujas retas intenções sabemos fazer justiça: é a tendência deploravel da maior parte dos governos de quererem arrancar à sociedade cristã toda autoridade sobre sua disciplina externa e sobre suas possessões temporais; é o princípio desorganizador que submete o governo da Igreja ao magistrado civil, princípio que um sério escritor chamou com razão a grande heresia destes tempos; é esse direito público hostil que quer encerrar a Igreja nos limites do Estado, reduzir a nada sua divina independência, dirigir a marcha de sua administração e esbulhá-la de seus direitos. Eis o que nós combatemos, Senhor, em nome da Religião e da justiça; em nome da Igreja e da sociedade igualmente ameaçadas; porque, enfim, a alavanca de demolição empregada contra a autoridade eclesiástica não tarda em voltar-se contra toda autoridade; e, como se exprime um grande Bispo, quando a causa da Igreja é desconhecida, toda justiça, toda subordinação estão em vésperas de ser violadas. A história das revoluções justifica de sobra esta asserção e o movimento que abala o mundo neste momento nos dá direito de repetir mais que nunca aos que dirigem os negócios públicos esta palavra de um antigo Pontífice: Que nada ha mais util aos Príncipes do que deixar a Igreja seguir as suas leis. Ora, é ao que não parece ter-se atendido bastante neste Decreto de 22 de Abril e eis a primeira razão porque julgamos dever reclamar contra ele. Mas ao menos terá este ato trazido grandes vantagens aos Seminários do Império? É certo que, ainda que as houvesse e importantíssimas, não poderíamos aceitá-las com quebra da nossa dignidade e dos princípios sagrados que devemos manter; mas, enfim, o ato do governo

talvez se justifique de alguma sorte considerada sob este novo aspecto? Infelizmente não."

CAPíTULO IX

A "Memória" continua

II

"O Decreto não preenche os intuitos benfazejos de Vossa Majestade Imperial a respeito dos Seminários. Fiel á linha traçada pelo Alvará de 10 de Maio de 1805, que faz parte da legislação em vigor, tem querido Vossa Majestade Imperial, não só que seja respeitada e adotada a legislação do Concílio Ecuménico de Trento, no que concerne aos Seminários Episcopais, mas até se ha dignado dar a estes pios estabelecimentos uma animação que parecia dever abrir-lhes o mais auspicioso futuro. Em todos os relatórios dos ministros, que têm nestes últimos tempos gerido os negócios eclesiásticos, se lêem as mais bem pensadas frases sobre a necessidade de regenerar o Clero e dar-lhe uma instituição mais larga e mais conforme às exigências dos tempos. Tudo parecia anunciar que o religioso e ilustrado governo de Vossa Majestade Imperial estava, enfim, decidido a fazer cessar a mais funesta das desigualdades, como se exprime um célebre publicista, aquela que arrasta todas as outras, a desigualdade dos talentos e das luzes nas diversas classes da sociedade, elevando o Clero ao nivel de instrução a que tem direito e que é mister não só para o bem da Religião, se não tambem do país, porque não é menos importante para a prosperidade deste ter habeis Médicos e Jurisconsultos, do que Sacerdotes que, modelos de virtudes e guardando em seus lábios a ciência, se coloquem na altura de sua augusta missão. Ora, para isto era mister alargar e completar o quadro dos estudos do Clero, e primeiro que tudo dos estudos secundários,

base indispensavel de toda sólida instrução; e, como uma longa experiência tem mostrado que só em internatos especiais podem os aspirantes ao Sacerdócio beber a ciência e piedade necessárias para preencherem um dia dignamente as funções do Sagrado Ministério, pois dificilmente se conservariam puros se desde os tenros anos não fossem tirados do meio da corrupção do século, daí a necessidade de se dar maior desenvolvimento às escolas secundárias eclesiásticas ou pequenos Seminários, pondo-se estes pios estabelecimentos, quanto aos estudos, no mesmo pé dos melhores Colégios do Império. Eram estas por certo as paternais intenções de Vossa Majestade Imperial quando à requisição do ínclito Arcebispo D. Romualdo por Decreto de 11 de Outubro de 1851 se dignou dotar o pequeno Seminário da Baía de uma cadeira de Latim, Francês, Grego, Filosofia, Retórica e Geografia, dando assim esperanças aos outros Bispos do Império de obterem de um governo tão amigo das letras iguais vantagens para suas dioceses. Fez-se-nos entrever até a magnífica perspectiva de um ensino superior oferecido à nossa esperançosa mocidade no grêmio de Academias ou Faculdades teológicas, e parecia que a realização deste grande desideratum não se retardava senão por sentir o Governo a necessidade de ajudar-nos primeiro a completar o quadro ainda mal organizado e incompleto do ensino elementar dos nossos Seminários. Esta era ao menos minha humilde convicção, tanto que em data de 21 de Janeiro do ano passado dirigí-me com toda confiança ao Governo conjurando-o a que me ajudasse a preencher uma das mais sensiveis lacunas, que eu notava no programa dos estudos do Seminário, a de uma cadeira de Matemáticas elementares, disciplinas que tanto cooperam para a ilustração e solidez do espírito, dando-lhe uma soma de conhecimentos uteis e habituando-o àquela clareza de idéias, severidade nas deduções e ordem rigorosa do pensamento que são a mais preciosa

vantagem que se póde colher dos primeiros estudos e o instrumento universal para a aquisição ulterior de todas as ciências, no pensamento do famoso d'Aguesseau. Como eu ponderava então ao Governo, as ciências exatas se têm tornado no século em que vivemos de tão frequente aplicação no tráfico da vida; e se acham tão derramadas por todas as classes da sociedade, que fôra em verdade vergonhoso a um eclesiástico ignorá-las completamente; que por isso nos melhores Seminários da Europa, cujos programas de estudos são tão sabiamente combinados, ocupam as Matemáticas um lugar distinto, havendo em todos esses estabelecimentos cursos de Geometria, Trigonometria. Aritmética e Álgebra, acompanhados de algumas noções indispensaveis de ciências naturais, e em alguns, como em S. Sulpício, cursos especiais de Física e Química, que se percorrem paralelamente com os de Filosofia durante dois anos antes de começar-se o curso teológico.

Fiz ver que de uteis descobrimentos viriam talvez apressar o desenvolvimento de nossa nascente indústria, se os operários evangélicos, que fossem mandados para esses vastos sertões em que a natureza tem desdobrado todas as suas pompas e riquezas, levassem consigo os conhecimentos científicos necessários ao menos para distinguí-las e apreciá-las, que quem percorreu os anais do espírito humano, não ignora quanto são devedoras aos missionários católicos a Etnografia, a Corografia, a Geografia, a Botânica, a Medicina e outras ciências humanas; que, enfim, o Governo Imperial que pensa já com previdente solicitude em assegurar por estudos mais amplos e mais profundos a alta educação intelectual do Clero brasileiro, promovendo o estabelecimento de Faculdades teológicas, em que a mocidade estudiosa aprofunde as ciências sagradas, acharia sem dúvida conveniente ir desde já preparando esse lisonjeiro futuro ministrando aos Bispos os meios de completarem, quanto é possivel, o quadro dos estudos

elementares dos pequenos e grandes Seminários, afim de que possam um dia os alunos destes estabelecimentos levar aos cursos superiores aquela força e distinção de espírito, que são o fruto de estudos elementares completos e sabiamente dirigidos. Tais foram as graves razões que ponderei ao Governo para a creação de uma cadeira de Matemáticas elementares no Seminário do Pará, e não menos graves pudera ter alegado para o estabelecimento de uma de História profana, de Gramática e língua nacional, d'Exegese bíblica, e de língua grega, disciplinas importantíssimas que fazem parte do ensino do Clero em todos os paises cultos, sendo o conhecimento desta última língua particularmente necessário aos que cultivam a sagrada Teologia, por se acharem escritos no belo idioma de Homero, não só muitos livros da Escritura Sagrada, senão tambem uma grande parte dos mais venerados monumentos da tradição universal. Pois bem, Senhor, que faz o Decreto de 22 de Abril? Em vez de satisfazer a estas necessidades palpitantes do ensino eclesiástico, fornecendo aos Bispos os convenientes meios para alargarem os programas escolares de seus Seminários; em vez de tirar estes tão importantes estabelecimentos da triste penumbra em que ainda se acham e darlhes o desenvolvimento que as promessas do ilustrado Governo de Vossa Majestade Imperial, as exigências da época e as aspirações generosas de nossa mocidade tornavam necessário; ao inverso, suprime a cadeira de Grego, a de Exegese bíblica, a de Direito Natural e Eloquência Sagrada estabelecidas no Seminário da Baía, a de língua indígena estabelecida no do Pará, e em todos os Seminários do Império, a de Geografia que Malte Brum chamou com razão irmã e émula da história, e cujo conhecimento faz parte da educação literária do ínfimo empregado de qualquer repartição pública; ficando assim os nossos pequenos Seminários, como se lê no artigo 1.º do De-

creto, mal dotados com uma cadeira de Latim, Francês, Retórica e Filosofia!

O mesmo governo compreendeu perfeitamente que não podiam cifrar-se nisto os conhecimentos literários do Clero brasileiro, tanto assim que acrescentou estas palavras: Fica entendido que, alem destas cadeiras, os Bispos poderão criar as que julgarem convenientes, sendo subsidiadas pelas rendas da mitra. Eu não sei, Senhor, se com a minguada côngrua de 300$ por mês que têm os Bispos do Brasil, côngrua inferior aos ordenados e emolumentos de muitos empregados subalternos das Repartições do Estado; eu não sei se com essa mesquinha e vergonhosa côngrua, unida a alguns rendimentos insignificantes do cartório eclesiástico, poderão os Bispos preencher essas lacunas deixadas pelo Governo no ensino do Seminário, tendo eles aliás todos os dias tantos pobres que socorrer, tantas pias obras que alimentar e tantos encargos inevitaveis que satisfazer. As rendas da mitra! Senhor, pela minha parte confesso ingenuamente a Vossa Majestade Imperial que não sei o que isto seja. O que sei é que ha freguesias nessa côrte que rendem seis vezes mais que a mitra do Pará, e creio que em muitos Bispados do Brasil as coisas correrão pouco mais ou menos pela mesma conta. Se o governo quer seriamente que os Bispos criem as cadeiras necessárias, comece por dotar convenientemente os Seminários. Vários eminentes Estadistas nossos têm inculcado em seus relatórios esta sábia medida, que corresponde a uma necessidade real e geralmente sentida; e o Governo a isto se obriga solenemente pelo já citado Alvará de 10 de Maio de 1805, em que prometeu proteger, sustentar e fazer florescer estes pios asilos como aqueles de que maior bem póde provir à Religião e ao país. Esta medida é em si mesma de uma inquestionavel necessidade. Todo o mundo sabe que as poucas pensões e diminutas que se pagam ao Seminário são insuficientes para o custeio destes estabelecimentos. No estado atual de indiferentismo religioso a que tem infelizmente chegado nossa sociedade, a quasi totalidade das famílias abastadas afastam seus filhos do santuário e os fazem entrar em tropel em outras carreiras mais brilhantes; é mister, pois, 1.º atrair os filhos destas famílias pelo benefício de uma educação quasi gratuita, ou muito pouco dispendiosa; 2.º sustentar maior número de meninos pobres, tomando-os desde os mais tenros anos e imbuindo-os desde então nos hábitos de uma virtude sólida, inspirando-lhes esses nobres sentimentos de dedicação, desinteresse e caridade que devem torná-los depois dignos ministros do Santuário. Eis o que fez o Episcopado da França, depois da grande Revolução, para salvar nesse país o Sacerdócio prestes a perecer, como se exprimia M. Feutrier em um relatório ao Rei. Foi assim que ele conseguiu ir pondo o pessoal do Clero em proporção com as necessidades daquela Igreja, aproveitando vocações que se teriam perdido sem tal auxílio. Ora para isso foi necessário recorrer ao governo, o qual, sem embargo de injustos preconceitos, não recusou uma dotação a essas escolas tão incontestavelmente necessárias à perpetuidade do Sacerdócio e à conservação da Religião Católica no reino cristianíssimo. "Nenhum estabelecimento póde subsistir sem dotação, diz outro ministro célebre, e não suspeito, M. Portalis, falando dos Seminários. Outr'ora, as leis do Estado autorizavam os Bispos e os obrigavam até a dotar estabelecimentos unindo-lhes benefícios.

No momento atual falta-lhes este recurso, pois que não ha mais benefícios. A dotação dos Seminários não póde estar senão a cargo do Estado. Mas, de todas as despesas públicas, não ha uma que mais util seja e mais favoravel. As leis romanas colocaram tudo o que diz respeito ao culto na classe das coisas que pertencem essencialmente ao direito público e que interessam de uma maneira particular os costumes de uma nação e a felicidade dos homens." Estas ra-

zões impressionarão, eu o espero, nossos homens de Estado. Senhor, o governo do Brasil acha felizmente à mão meios faceis de favorecer aos Seminários. As fazendas dos extintos Religiosos Mercenários destinadas, por Bula da Santa Sé e Decreto da Augusta Rainha D. Maria I de gloriosa memória, a formar o patrimônio do Seminário do Pará e de um estabelecimento de orfãs, poderiam ser aplicadas pelo Tesouro a estes fins tão pios, em vez de se acharem esses bens desviados de sua primitiva instituição com manifesta irregularidade e injustiça, apesar das enérgicas reclamações e repetidas queixas de meus veneraveis predecessores. Poderia o governo tomar medidas análogas em outros Bispados e talvez até consagrar à dotação dos Seminários uma parte dos bens de algumas Congregações religiosas existentes, mediante Concordata com a Santa Sé, e estes bens, reduzidos depois, em nome dos mesmos Seminários, a apólices da dívida pública, garantiriam a estas casas a necessária renda para côngrua dos reitores, dos professores e mais empregados necessários à sustentação de maior número de alunos pobres; tudo sem sacrifício dos cofres públicos.

Ora, a nada disto proveu o Decreto de que falamos, o qual, contra as intenções de Vossa Majestade Imperial, tantas vezes manifestadas, suprime cadeiras do Seminário em vez de aumentar-lhes o número, e em lugar de dotar convenientemente estes estabelecimentos os deixa na mesma posição precária em que se acham e os Bispos lutando com os mais cruéis embaraços".

III

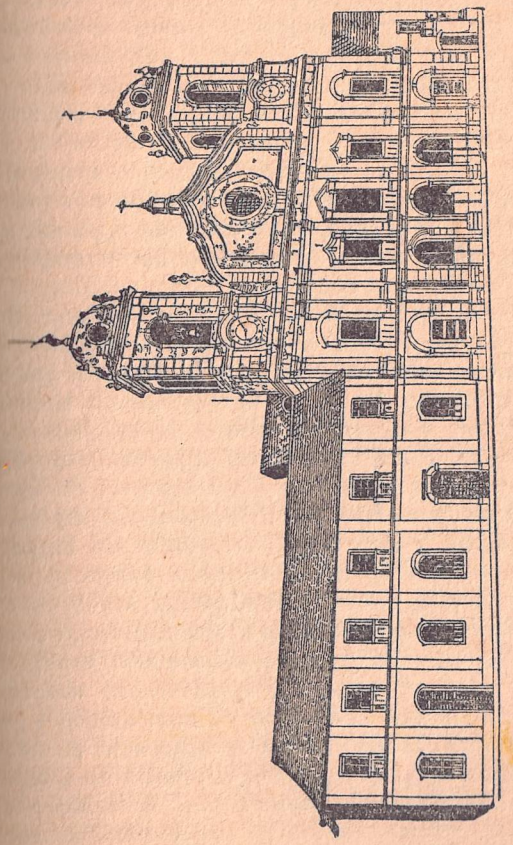
"Enfim, Senhor, o Decreto fere e humilha o Clero da maneira mais injusta na pessoa dos professores dos Seminários.

Fere-o e humilha-o, primeiramente porque, sendo esses professores pela natureza mesma de seu ministério empregados eclesiásticos escolhidos e nomeados pelos seus Prelados entre os membros mais conspícuos do clero para dirigirem, sob os olhos dos mesmos Prelados, a obra mais importante, mais capital que se acha a cargo da solicitude pastoral, são pelo Decreto resvalados à condição de meros empregados públicos ou funcionários do Estado, sujeitos como os empregados das Alfândegas e das Secretarias à jurisdição imediata do governo, e podendo ser por ele destituidos mediante uma simples comunicação feita aos Prelados de que não convem continuem a lecionar, como vem expresso no art. 8.º do Decreto.

Fere-o e humilha-o porque priva o ensino religioso da liberdade e independência que deve ter em um país católico e livre. Que arma formidavel póde vir a ser nas mãos de um ministro prevenido este artigo 8.º do Decreto? Eu faço justiça ao espírito religioso do atual ministro; infelizmente, porém, suas ótimas disposições não empenham o futuro, e ele póde ter um sucessor, que não partilhe seus sentimentos para com a Igreja e abuse do poder discricionário que lhe é concedido por esse artigo para comprimir a liberdade do ensino católico — garantida pela nossa constituição política. Suponhamos que se levantem questões graves, como já tantas vezes tem acontecido, entre o Sacerdócio e o Império; que o governo civil esteja vivamente empenhado na admissão de uma dessas medidas que vão opôr-se diametralmente aos direitos inalienaveis da Igreja; quem não vê, Senhor, que um ministro tem no artigo 8.º um meio expedito de comprimir e fazer calar o ensino ortodoxo, demitindo o professor que do alto de sua cadeira ou da imprensa ousar tomar a defesa daqueles sagrados direitos? Que, se o governo teve somente em vista prevenir no Seminário algum ensino ou procedimento contrário à Religião e à moral pública, como não atendeu que os Prelados, juizes natos da doutrina e dos costumes, são mais interessados que ninguem em mantê-los puros, e que

fôra fazer-lhes a mais sangrenta injúria supôr que pudessem tolerar tais escândalos nos seus Seminários? Como não atendeu que os Bispos seriam os primeiros a suspender e demitir, se necessário fosse, o professor discolo, não em virtude do artigo 7.º do Decreto, mas em virtude do poder, que nos foi dado do alto, de manter ileso o depósito da doutrina e da moral, sobretudo nesses pios asilos onde se formam os que são chamados à herança do Senhor?

Não falarei na injuriosa suspeita de inhabilidade que o Decreto fez pairar sobre todo o professorado eclesiástico do Império, parecendo sujeitar a exame os professores atuais, apesar de haverem quasi todos por muitos anos, alguns até com notavel distinção, percorrido a árdua e modesta carreira do ensino público. Felizmente, uma declaração ministerial que recebo, ao escrever estas linhas, declara que não é este o sentido do Decreto, e nem podia ser, Senhor, pois fôra lançar-se das altas regiões oficiais mais um desar sobre o pobre clero do Brasil, o que, estou convencido, não está nem nas paternais intenções, nem nos interesses bem entendidos do Governo de Vossa Majestade Imperial. Não falarei tambem na condição precária e humilhante a que ficam reduzidos os mesmos lentes, tendo o governo transformado em gratificação o terço das côngruas deles, sujeitando-os, por assim dizer, ao ponto, com os empregados das repartições fiscais, afim de se fazerem os devidos descontos no Tesouro, e retirando-lhes, como aos Vigários interinos, todo o subsídio e proteção durante os tristes dias da enfermidade e da velhice. O Clero, Senhor, já se tem acostumado com a pobreza; se for necessário, se acostumará tambem com a miséria. Mas não cessaremos de reclamar contra a doutrina que transparece nestes e noutros procedimentos do Governo, a qual consiste em considerar como simples ordenados estas côngruas e subsídios dados aos empregados eclesiásticos, em restituição dos dízimos e outros reditos da Igreja de que se apoderou o Es-



Igreja de N. Senhora do Carmo. No convento contiguo funcionou por muitos anos o Seminário Menor. Em 1880 o Seminário Maior tambem passou para esse edifício do Carmo, donde mais tarde retrocedeu para

tado, debaixo da condição solenemente estipulada de prover a todas as necessidades do culto.

Senhor, não sou eu que desconheça a necessidade de reformas na organização atual dos nossos Seminários. Como todas as nossas instituições, estão eles ainda em germe, em começo; é mister desenvolvê-los, melhorá-los, dar-lhes a forma que melhor lhes convem para o fim santo a que se destinam. Mas isto se póde fazer sem sobressaltos, sem golpes violentos; pela iniciativa branda e sábia dos Prelados; e sem fazer pesar sobre todo o Clero vexames e humilhações que tudo agravam e a nada remedeiam. Isto se póde fazer se o Governo, contendo sua ação em uma prudente medida, fôr o primeiro a dar exemplo de deferência ao Clero, rodeando-o de consideração e de força moral, deixando ao Episcopado plena liberdade de ação no regime espiritual e fornecendo-lhe todos os meios materiais para a realização das tão desejadas reformas da nossa Igreja. Antes todas as irregularidades, Senhor, do que uma reforma feita irregularmente. Fôra o supremo infortúnio do Brasil. O governo tem assás que fazer em prol da Igreja sem perturbar a economia dela. Criação de novas Sés Episcopais pelo vasto território do Império, garantia necessária de nossa unidade religiosa e política, pequenos e grandes Seminários em cada diocese, convenientemente dotados, sob a direção exclusiva dos Bispos, com estudos clássicos e teológicos completos; regime separado e internato absoluto; podendo admitir gratuitamente ou com módicas pensões um número de alunos em relação com as necessidades da nossa Igreja, que vai sofrendo de dia para dia maior desfalque de Sacerdotes. A criação dos pequenos Seminários, Senhor, é de imperiosa necessidade, se se quer salvar o Sacerdócio e com ele a Religião de nossos pais." "Persistir no antigo uso de começar a educação dos alunos do Santuário no grande Seminário depois de haverem terminado seus estudos preparatórios nos liceus e colégios é, no estado atual das coisas, o mesmo que querer abafar em germe a maior parte das vocações e sacrificar o futuro de nossa Igreja". Animar os estudos do Clero pela criação de Academias, ou Faculdades teológicas, de acordo com o Sumo Pôntifice. Dotação conveniente assinada aos ministros do Culto, cuja posição por demais precária e cheia de vexames é um mal que todos lamentam. Concordata com a Santa Sé para a pronta reforma das ordens religiosas, que convem restaurar e não abafar na deshonra.

Supressão da lei que proibe a entrada de noviços, lei anti-constitucional e opressiva da liberdade de conciência, podendo-se remediar ao mal desses venerandos institutos que tantos serviços têm prestado ao Evangelho e à civilização, estabelecendo-se noviciados em condições melhores pela ação combinada do Episcopado e da Santa Sé, favorecendo o Governo esta saudavel reforma, que regosijará nossa pátria e toda a cristandade.

Atenção mais séria dada ao Culto de Deus, caido, sobretudo em nossas paróquias do campo, em um abatimento inenarravel.

Esforços mais generosos para a construção e restauração dos templos, que se acham pela mór parte em uma miséria e indecência lastimosas.

Abolição da lei funesta que ordena se façam dentro delas as eleições populares. Respeito maior do dia do Senhor, sendo o governo o primeiro a dar exemplo, mandando suspender os trabalhos públicos nos Domingos e dias Santificados.

Preferência dada à colonização católica sobre a protestante; uma, germe de vida deposto no seio da nossa sociedade, outra, fermento de morte que não póde produzir senão dissolução e ruinas. O governo não poderia cooperar para a ruptura da nossa unidade religiosa, sem cavar um abismo em que se enguliria ao mesmo tempo nossa unidade política.

"Uma convicção comum, isto é, uma idéia reconhecida e aceita como verdadeira — diz o célebre pro-

testante Mr. Guizot — tal é a força fundamental, o vínculo oculto da sociedade humana; um mesmo sentimento, uma mesma crença, tal a condição primeira do estado social; só no seio da verdade, ou do que eles crêem ser verdade, se unem os homens e nasce a sociedade... o caracter essencial da verdade é a unidade." Ora, é evidente que o protestantismo, estabelecendo como princípio a independência individual em matéria religiosa, não póde dar essa unidade de crença, elemento necessário para o verdadeiro progresso e estabilidade de uma sociedade.

Desenvolvimento das missões e da Catequese católica, que chame enfim ao grêmio do Cristianismo e da civilização tantos centenares de tribus selvagens que erram ainda miseravelmente no fundo de nossas florestas.

Eis aí, Senhor, o que o Governo de Vossa Majestade Imperial póde fazer de acordo com os Bispos para a grande obra da restauração católica de nossa pátria; eis aí a glória que está reservada ao Príncipe Magnânimo que a Providência colocou na cúpula do nosso edifício social e que se tem tornado, pela sua ilustração, sabedoria e bondade, o ídolo de todos os brasileiros. Ah! Senhor! não deixeis escapar esta ocasião de ilustrar ainda mais o vosso nome e chamar sobre ele a admiração e as bençãos de todo o universo católico. As vastas regiões de Santa Cruz estão alvejando para a messe; esta nação ainda nova, e por isso mesmo mais curavel que outras, anseia por Deus, e os espíritos cançados já da luta esteril dos interesses contra os princípios só almejam ver os princípios postos acima dos interesses. Eis a vossa obra; é a nossa tambem, é a de todos os homens generosos em cujos corações não arrefeceu ainda o fogo do verdadeiro patriotismo. O momento é solene. Não é só o inimigo externo que nos insulta; as mais tristes e humilhantes represálias são as desse outro inimigo que nos ataca pelo íntimo, desse egoismo atroz e sem crenças que aí vai

roendo, como um cancro devorador, todas as fibras sociais; desse materialismo abjeto que aí vai degradando tanto carater elevado, abatendo tanta bela coragem, abafando tanto nobre impulso, e ameaçando fazer das nossas populações vigoroso enxerto da raça latina no tronco americano, um ramo dessecado e sem vida, curvado para a terra e insensivel a todos os influxos do Céu. O momento é solene, decisivo talvez, Senhor. As nações como os indivíduos têm instantes preciosos de graça que nunca se desprezam impunemente.

Possa o governo do meu país compenetrar-se profundamente da verdade desta máxima de um dos mais ilustres e sábios escritores deste século: *que a política se fortifica com tudo o que ela concede à Religião.* Possa ele ter sempre em vista aquele outro luminoso princípio de grande Bossuet: *A boa constituição do corpo do Estado consiste em duas coisas, na Religião e na justiça. São estes os princípios interiores e constitutivos dos Estados. Por uma se dá a Deus o que lhe é devido, e por outra se dá aos homens o que lhes convem.*

Quanto a nós, Senhor, que temos por missão velar na conservação destes grandes interesses dirigindo os povos pelos caminhos da salvação, não podemos ficar calados e impassiveis à vista dos perigos que nos ameaçam. Eis porque levamos nossas humildes reclamações ao pé do trono, eis porque conjuramos respeitosamente a Vossa Majestade Imperial que se digne pôr termo às cruéis ansiedades do Episcopado brasileiro, que se vê já quasi sem ação, tão diminuida vai sendo todos os dias em sua sagrada autoridade pelas contínuas invasões de poder secular. Eis porque, enfim, lhe suplicamos que se digne mandar suspender a execução do Decreto de 22 de Abril, que torna impossiveis os nossos Seminários e ao qual não podemos cooperar sem comprometer nossa conciência e o bem da Igreja.

Tenho a honra de ser, Senhor, com o mais profundo respeito,

De Vossa Majestade Imperial, Humilíssimo, Obedientíssimo e Fidelíssimo Subdito.

† *Antônio,* Bispo do Pará. Cametá, em Visita Pastoral, 28 de Julho de 1863."

CAPÍTULO X

REPERCUSSÃO DA "MEMÓRIA"

Ofício ao Ministro — No Seminário — O Clero — O Cabido — Em Cametá — Homenagem a D. Romualdo de Seixas — Outras visitas. — Em Joanes. — Com um pagé.

Esse notavel documento teve larga repercussão. Vamos dar sucinta notícia das adesões e comentários que surgiram com a publicação dele. Leiamos antes o ofício com que o Prelado se dirige ao Ministro Marquês de Olinda para a apresentação do documento ao Imperador:

"Ofício. — Ao Exmo. Snr. Ministro do Império. Paço Episcopal da Cidade de Belem, 5 de Setembro de 1863. — Ilmo. e Exmo. Snr. Tenho a honra de remeter a V. Excia., para que se digne levar à Augusta Presença de Sua Majestade o Imperador, a inclusa Memória, que dirijo ao mesmo Augusto Senhor àcerca do Decreto n.º 3073, de 22 de Abril último, uniformizando os estudos nos Seminários Episcopais do Império. Só o dever, Exmo. Snr., me levou a fazer a Sua Majestade Imperial as humildes observações constantes da dita Memória. Cumprindo-o, só pus o fito na conservação do Sacerdócio e da Religião Católica em nossa cara pátria. A questão dos Seminários é gravíssima, e eu confio na prudência e sabedoria, que distinguem o Governo de Sua Majestade o Imperador, que ele se dignará reconsiderar

esse Decreto, contra o qual se pronuncia unânime a opinião do Episcopado.

Deus Guarde a V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Snr. Marquês de Olinda, Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios do Império.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

— No Seminário esse documento magistral causou viva impressão e o professorado congratulou-se com o venerando Pastor. Assim termina essa congratulação:

"Digne-se V. Excia. Revma. de aceitar nestas poucas palavras a expressão dos sentimentos de nossa inabalavel adesão à causa que V. Excia. tão dignamente defende, assim como os protestos do profundo respeito com que nos subscrevemos: De V. Excia. muito humildes subditos. Con. Luís Barroso de Bastos, Presidente — Con. Filipe Neri da Cunha — Con. Manuel José de Siqueira Mendes — Con. Ismael de Sena Ribeiro Neri — Con. Clementino José Pinheiro — P. Joaquim Antônio da Silva Egues — P. Manuel Inácio da Silva Espindola — P. Eutíquio Pereira da Rocha — P. Benedito Tomé da Cunha e Melo".

— Não menos belo foi o protesto de adesão do Clero em geral, que vinha firmado pelos Revmos. P. Pedro Honorato Correia de Miranda — P. Gustavo Augusto da Gama Costa — P. Felix Vicente de Leão.

— "A Estrela do Norte", de novembro de 1863, transcreve elogiosas referências do "Diário de Pernambuco" à "Memória" de D. Macedo Costa. Este importante orgão da imprensa de Recife começou logo a publicação do erudito trabalho.

— O Cabido Metropolitano de Belem em belo documento leva ao Prelado seu aplauso pelo magnífico trabalho da Memória. São as seguintes as assinaturas do documento: Arcipreste Antônio Feliciano de Souza — Chantre Filipe Neri da Cunha — Con.

José Eliziário Marques — Con. Clementino José Pinheiro — Con. Bernardino Henrique Diniz — Con. José Carlos de Oliveira Pantoja — Con. Luís Barroso de Bastos — Con. Jerônimo José Fernandes Carneiro — Con. Manuel José de Siqueira Mendes — Con. Antônio dos Reis de Macedo — Con. Joaquim Gonçalves de Azevedo — Con. Ismael de Sena Ribeiro Neri — Con. Eugênio de Oliveira Pantoja — Con. Estulano Alexandrino Gonçalves Baião.

— Outros sacerdotes, que não puderam firmar a adesão do clero secular, fizeram documentos à parte, redigidos com o mesmo entusiasmo pelo trabalho de D. Macedo Costa. Temos diante dos olhos, um firmado pelo P. Luís Martinho de Azevedo Couto, pelo Vigário Sebastião Borges de Castilho e pelo Vigário Manuel Inácio da Silva Espindola, e outro firmado pelo P. Joaquim Antônio da Silva Egues.

— D. Sebastião, bispo do Rio Grande do Sul, a 14 de Dezembro, dirige belo documento de adesão a D. Antônio pela sua monumental "Memória". A esta seguem-se numerosas outras adesões.

— Em Abril desse ano de 1863, D. Macedo Costa foi distinguido pelo Instituto Arqueológico de Pernambuco com o título de Sócio Honorário. Tambem o *Instituto da África*, de París, honrou-o com o título de Presidente Honorário do Instituto.

* * *

— D. Antônio conservava viva recordação de D. Romualdo de Seixas, Marquês de Santa Cruz, Arcebispo da Baía.

Conhecera-o na sua mocidade quando adolescente. Foi D. Romualdo que o animou na carreira sacerdotal. E durante toda a vida D. Antônio presta sua homenagem, quando o ensejo se oferece, ao grande D. Romualdo. Considerava-o dos maiores sábios, dos maiores homens do Brasil.

Nascera D. Romualdo à margem do Rio Mutuacá,

no Município de Cametá (Município banhado pelo Rio Tocantins).

Nesse mesmo Município (digamos de passagem), nasceu tambem o outro D. Romualdo (de Sousa Coelho), tio e protetor de D. Romualdo de Seixas. Foi precisamente à margem do Rio Moraba, afluente do Tocantins, que nasceu o D. Romualdo Coelho, que foi bispo de Belem.

No mês de Julho de 1863, Dom Antônio fez a Visita Pastoral à paróquia de Cametá. Aproveitou o ensejo para visitar o local em que se erguera a casa de D. Romualdo de Seixas.

Encontrou apenas alguns esteios carcomidos da pobre casa em que abriu os olhos, por primeiro, tão grande hmoem. Quís D. Antônio prestar-lhe naquele local homenagem singela e significativa. Mandou fazer uma cruz de madeira; na base escreveu de próprio punho uma dedicatória. Fez abrir essas letras na madeira. E em poucas horas o monumento estava pronto. Ergueu-se a cruz com a solenidade que as circunstâncias comportavam. O Bispo do Pará, grande venerador de D. Romualdo, prestou-lhe esta homenagem com piedade filial, pois queria traduzir naquele ato a admiração e o reconhecimento que nutria dentro d'alma pelo grande Arcebispo. Muitas vezes nos seus escritos e nos seus discursos, ele pronuncia o nome de D. Romualdo penetrado de grande veneração e evoca-lhe a autoridade indiscutivel para dar valor às suas argumentações.

— Ainda nesse mesmo ano (Outubro) encontramos D. Antônio a percorrer o Rio Mojú que, nesse tempo, era bastante povoado. E mais tarde um pouco, isto é, no mês de Dezembro, dirige-se à Ilha de Marajó. Esteve em Soure, onde se demorou pouco e depois visitou Salvaterra, que fica próxima. Esteve ainda em Joanes, Monsarás e Condeixa. Estas três localidades, que hoje se acham muito reduzidas, eram nessa época bastante movimentadas.

Em Joanes mandou cessar a celebração dos mis-

térios por não se prestar mais a capela. Aí assistiu a uma festa de índios em honra de Santo Tomé com o tradicional sairé, dansa caraterística acompanhada de canto monótono.

Em Soure, providenciou para a ereção de novo cemitério e teve uma entrevista com um célebre pagé, condenando em público suas imposturas.

CAPÍTULO XI

ENTRE OS SEMINARISTAS

Encerramento do ano letivo. — Discurso do Prelado.

Ao terminar o ano letivo do Seminário, a 12 de Novembro de 1863, realizou-se bela festa de encerramento. O programa, alem da parte religiosa, tinha uma sessão literária, a que presidiu o Exmo. Bispo. Recebeu o primeiro prêmio de excelência Carlos Hipólito de Sant'Helena Magno. Foram em seguida premiados: Elias Jerônimo de Oliveira, Francisco Pinheiro de Queirós, Francisco de Araujo de Aguiar Borges Nunes, Antônio Vicente Magno Neto, Canuto Lopes Pantoja Queirós, Julião dos Reis Alves de Menezes, Josefino Cipriano Rosa Lobato, José de Andrade Pinheiro e outros.

D. Macedo Costa fez então belíssimo discurso, que temos o ensejo de reproduzir aquí, para se aquilatar dos conhecimentos pedagógicos de D. Antônio e sua dedicação aos seminaristas.

"Congratulo-me com os Srs. lentes, e convosco, meus caros meninos, pelo bom resultado do ano letivo que se acaba de escoar. Uma aurora nova parece raiar para o Seminário. Quem assistisse aos exames que tiveram lugar aquí nestes últimos dias não poderia deixar de, estremecendo de júbilo, saudar conosco a nova era da regeneração que desponta já risonha e cheia de vida para este importante estabelecimento. A planta que foi confiada à terra, ha

mais de um século, pelo gênio de uma grande congregação católica; que desabrochou mimosa e cheia de esperanças regada pelos inteligentes cuidados de um D. Frei Caetano Brandão, de um Dom Manuel de Almeida, de um Dom Romualdo, de um Dom José Torres e outros insignes Prelados; essa planta, sujeita às vicissitudes cruéis dos tempos, vai enfim robustecendo seu tronco, esgalhando seus ramos com mais galhardia, recobrindo-se de mais virente folhagem, e as flores e os frutos que já tem produzido são sobeja garantia e penhor de frutos e flores muito mais copiosos que vai produzir em um futuro próximo.

"E não é muito que assim aconteça. No meio dos progressos sensiveis que vão fazendo as outras instituições em nossa cara pátria, estranho por certo fôra, sobre ser desairoso, que só o Seminário ficasse estacionário. Não convinha, não devia ficar. Muito ao contrário. Quem não vê que o Clero deve ter uma educação moral e literária, tanto mais esmerada e perfeita, quanto é mais culto e policiado o meio social em que tem de desenvolver sua ação? Quem não vê que aqueles que têm de ser um dia os oráculos dos povos, os intérpretes da Lei Divina, não podem em tempo algum, ainda menos no século em que vivemos, ser condenados a vegetar na mais grosseira ignorância? Como, sem ornarem sua fronte com a brilhante auréola da ciência, poderão eles ser um dia a luz do mundo, colocados sobre o candelabro da Casa do Senhor para alumiar os que estão assentados nas trevas e sombras da morte? Os lábios do Sacerdote guardem a ciência (1), diz o oráculo das Divinas Escrituras. Porque repeliste a ciência, eu te repelirei, clama o Senhor pela boca do Profeta Oséas(2), O Deus que o Sacerdote anuncia é o Deus das ciências, Deus scientiarum Dominus (3); o Sacerdote

(1) Melac. II. 7.
(2) Oséas. IV. 6.
(3) I. Reg. II. 3.

deve, pois, ser um homem de ciência; e tanto isto é verdade que a Igreja fere de irregularidade e repele das Sagradas Ordens aqueles que, não tendo saudado senão de longe o limiar das ciências e das letras, buscam com pé temerário penetrar até o íntimo do Santuário; *defectus scientiæ*. Eis porque o primeiro empenho meu desde que cheguei a esta Diocese, meus caros meninos, tem sido fazer reflorescer os bons estudos no Seminário; eis porque tenho envidado todos os meus esforços para reanimar nos corações de todos vós a santa emulação das letras, o ardor do trabalho, o desejo de vos distinguirdes nobremente nas justas da inteligência.

"O belo triunfo que muitos dentre vós acabam de alcançar prova que os meus esforços, ajudados da dedicação de vossos lentes e de vossa boa vontade, não foram de todo inuteis. Esse belo triunfo é bem capaz tambem de afervorar os ânimos daqueles que infelizmente cederam ainda um pouco este ano à antiga frieza e apatia. Ah! como estes sentem agora a perda de um tempo tão precioso! Como desejariam ter trabalhado com todo o afinco para participarem hoje da alegria de seus felizes companheiros! Como invejam a dita que vão eles ter de depositar nas mãos de seus queridos pais os prêmios obtidos por sua aplicação e aproveitamento! Pois bem! Podeis reparar no ano próximo as perdas que sofrestes neste; podeis disputar e obter a mesma glória, coroar-vos dos mesmos louros, dar a mesma doce alegria a mim, a vossos bons professores, a vossos queridos pais. Trabalhai: o pão da ciência, como o pão material, só se alcança com suor e fadiga. A ilustração da inteligência é o resultado de um trabalho sério, aturado, pertinaz; o espírito que não se aplica fortemente ao estudo apenas poderá resvalar pela superfície das coisas, mas nada aprofundará cabalmente.

"Lembrai-vos que os homens mais distintos pelo saber foram tambem os que mais se distinguiram pelo estudo. Bossuet, ainda aluno do colégio, tal aferro

tinha ao trabalho que era chamado pelos seus condiscípulos: *Bos-suetus aratro*. Fenelon, Mallebranche, Cartesio, Leibnitz, todas as grandes ilustrações do século de Luiz XIV, empalideceram sobre os livros. Lacordaire, Montalembert, Ravignan, Ventura, todos os grandes homens contemporâneos têm sido tambem homens de estudo profundo e de um trabalho quasi continuado. Perrone, um dos mais ilustrados teólogos deste século, passa 6 horas a fio curvado sobre sua banquinha de estudo, e sei tambem do nosso grande Arcebispo D. Romualdo, que ele estendia até bem alta noite suas vigílias literárias e foi assim que obteve a palma do maior sábio do Brasil. Trabalhai. Um grande autor definiu o gênio um grande esforço de paciência. É preciso cada dia trazer uma pedra para o edifício; esforçar-se por adquirir sempre novos conhecimentos, fecundando os que já se possuem; ora, é o que se faz pelo estudo, é o que não se fará jamais sem ele. Em suma, pesadas todas as circunstâncias, felicito-me dos resultados obtidos, ainda que espere para o futuro muito melhores. Sim, tenho satisfação de proclamá-lo: este ano escolar foi em geral mais bem aproveitado. Muitos meninos que tinham perdido dois, três e mais anos fizeram neste assinalados progressos. Este melhoramento sensivel é devido a várias causas, que me apraz aquí sucintamente enumerar:

A primeira foi o restabelecimento de uma disciplina mais exata e rigorosa no Seminário. A disciplina é a garantia dos fortes estudos, assim como ela é a protetora da piedade e da fé dos meninos, a guarda dos costumes, a inspiradora do bom espírito, a conservadora da docilidade, do respeito e da afeição, a dispenseira e a tesoureira do tempo, o nervo de todo o regulamento, e, quando é mister, a vingadora das infrações.

Restabelecer, pois, uma disciplina mais perfeita no Seminário, foi o mesmo que aplainar o caminho para os mais rápidos progressos nos estudos, pois

assim se poude economizar e aplicar com proveito o tempo que se perdia inutilmente nos ócios e palestras dos quartos. Costumes mais regulares, silêncio mais observado, o estudo em comum, as notas no livro das aulas, não cooperam pouco para a obtenção do resultado que nos tem tanto satisfeito.

"O outro meio foi um método melhor na direção dos estudos clássicos. O estudo da língua latina, imposto a um menino em tenra idade e que sai apenas da escola, é, como diz Monsenhor Dupanloup, uma tirania intelectual verdadeiramente odiosa e cujas consequências são muitas vezes lamentaveis (4). Quem não vê que uma língua tão difícil, tão complicada, com uma síntaxe e construção tão diferente da nossa, deve ser estudada pelo menino depois de ter ele um conhecimento suficiente da língua nacional e da francesa, muito mais simples e acessivel? Quem não vê que a pobre criança, atirada de repente e sem preparação alguma nas regiões bárbaras e desconhecidas do latim, não póde senão estorcer-se em meio de tantas dificuldades, que encontra, e só depois de muito tempo e de muitos esforços começará a lobrigar saida nesse intrincado labirinto?

"O conhecimento preliminar de uma língua mais facil seria, como diz o já citado Bispo d'Orleans, cuja experiência nestas matérias é consumada, um instrumento, um meio, uma força para estudar e conquistar a outra língua mais dificil. Por falta de terem-se observado estas coisas tão simples, continua o sábio Prelado, é que se atormenta ainda tão cruelmente esta idade, digna todavia de alguma compaixão. E para dar em que? Em desgostá-la do estudo, algumas vezes para sempre, ou ao menos retardar tristemente seus primeiros passos na carreira. De acordo com estas idéias do ilustre Instituidor, estabelecemos que se começasse ensinando simultaneamente aos meninos a língua francesa e nacional. Os bons

(4) De "L'Education", Tom. I, pág. 243.

efeitos deste método se farão sentir ainda mais claramente no futuro.

Outro meio foi o exame estabelecido para todos os alunos em geral, e um rigor maior na apreciação do aproveitamento literário de cada um. O exame feito com solenidade e com o necessário rigor ou imparcialidade é uma mola poderosa para pôr em movimento os estudos em todas as casas de educação. Nós manteremos este meio eficaz, e marcaremos infalivelmente com o ferrete da reprovação todos aqueles que faltarem de um modo grave, durante o ano, ás suas obrigações escolares. As aprovações simples, ou as notas de *simplesmente aprovado,* diminuirão, nós o esperamos, no ano seguinte, pois todos a consideram, e com razão, como uma meia reprovação. É uma nota em que entra mais a equidade que a estrita justiça, e os estudantes animados de nobres e generosos sentimentos sempre a consideraram como uma mancha em sua carreira literária.

Conhecendo quanto concorrem os exames bem feitos para o desenvolvimento dos estudos, estabeleceremos para o ano mais um, depois do primeiro semestre. Será uma sorte de marco miliário, plantado no meio do tirocínio anual, e que o tornará ao mesmo tempo mais proveitoso e mais facil de percorrer.

"O estabelecimento de duas divisões nas aulas de latim e francês assegurará tambem um maior adiantamento aos alunos, os quais, atulhados em grande número, como se acham nestas aulas, não podem obter ainda do professor mais zeloso todos os cuidados que reclamam. Serei inteirado do movimento de todas as aulas por meio de notas que me serão transmitidas semanalmente pelos senhores professores.

"A distribuição dos prêmios que pretendemos fazer para o ano, com ainda maior solenidade, tomará as proporções de uma bela festa literária, e será um novo poderosíssimo estímulo para ativar o zelo pelo estudo e o gosto das letras.

"Agora resta só, meus caros meninos, dar-vos do

íntimo do coração a minha benção e desejar-vos venturosas férias no remanso de vossas caras famílias. Ide; descançai de vossos trabalhos, e voltai fortes e puros para recomeçá-los com novo ardor no ano seguinte. Jovens alunos do Seminário! esperanças da Religião e da pátria! Filhos, que sois já minha consolação e que sereis um dia a corôa e a glória de meu Episcopado! A benção mais amorosa e mais fecunda de Deus desça sobre vossas almas e permaneça convosco para sempre."

CAPÍTULO XII

AINDA A QUESTÃO DOS SEMINÁRIOS

O Marquês de Olinda e a "Memória". — O Bispo responde ao Ministro do Império, insistindo.

Raiou o ano de 1864, que devia ser todo de trabalho intenso e não poucas lutas para D. Antônio de Macedo Costa.

O Marquês de Olinda, Ministro dos Negócios do Império, a 24 de Outubro do ano anterior, responde ao Bispo do Pará com relação à célebre *Memória*. Dom Antônio não podia aceitar a resposta do governo, pois os argumentos em que ele se estribára para protestar contra a invasão da esfera espiritual não foram destruidos e mantinham toda a sua força demonstrativa.

Reproduzamos a resposta de Dom Macedo Costa. Apreciaremos, mais uma vez, seu espírito combativo, sim, mas tão sereno e tranquilo, tão nobre e delicado, tão seguro e iluminado, que não fere, não irrita, apesar da lógica irrefragavel com que argumenta.

"Resposta de S. Excia. Revma. ao Exmo. Snr. Ministro do Império Acerca da Questão dos Seminários.

Paço Episcopal da Cidade de Belem, 10 de Janeiro de 1864. — Ilmo. Exmo. Snr. — Tenho a honra

de submeter respeitosamente à alta consideração do Governo ainda algumas observações sobre a grave questão dos Seminários, em resposta ao Aviso que me foi dirigido por esse Ministério, em data de 24 de Outubro último, acompanhando-o cópias de outros dirigidos a dois de meus Veneraveis Colegas no Episcopado. Nestes documentos, que só recebí ultimamente de volta da visita pastoral, procura V. Excia. defender as prescrições do Decreto n.º 3073, de 22 de Abril do ano passado, qualificando a um tempo de injustas e sem fundamento algum as queixas e as representações que têm feito os Bispos a tal respeito. Peço a V. Excia. que me escute um instante sem prevenção alguma, com aquele espírito cheio de moderação e de benevolência que tão nobremente o distingue.

A questão, Exmo. Snr. Ministro, é grave, interessa ao país; entendo que não ha inconveniente sério em discutí-la, e discutí-la francamente, à grande luz da publicidade. Lutas como estas são dolorosas, mas sempre fecundas. No estado em que se acham os espíritos; em vista do espetáculo estranho que oferece em nossos dias o mundo intelectual e moral, é necessário mais que nunca que a Igreja de Jesus Cristo levante a voz e diga a verdade com santa independência. Longe de ser isto um perigo, é, pelo contrário, o meio mais poderoso de restabelecer por toda a parte a paz e a ordem, que só se acham lá onde reina a verdade. Sim, sim, não, não (1), claramente, sem rodeios, sem pusilanimidades de retórica; tal será, pois, nossa linguagem, nem sabemos falar outra.

E porque não diríamos a verdade toda inteira a um governo que folga tanto de ouví-la, e sobre assunto que a todos interessa?

Em suma, a que se liga esta questão dos Seminários, que parece, à primeira vista, um incidente sem importância? Liga-se a esta grande questão que estará sempre viva na humanidade, a questão da distin-

(1) S. Math., V. 37.

ção dos dois poderes, questão de alcance imenso no ponto de vista da liberdade religiosa, no ponto de vista de todas as legítimas liberdades. "A separação dos dois poderes, temporal e espiritual, diz um profundo pensador, Jaime Balmes, a independência deste relativamente àquele, a distinção das pessoas em cujas mãos ele reside, tal foi uma das mais poderosas causas dessa liberdade que, debaixo de formas diferentes de governo, é o comum apanágio das nações européas. Este princípio da independência do poder espiritual, alem de que ele é em si por sua natureza, sua origem e seu fim, tem sido desde o princípio da Igreja como um pregão perpétuo lembrando que as faculdades do poder civil são limitadas, que ha objetos nos quais ele não póde tocar, casos em que o homem póde e deve dizer: "Não te obedecerei". O mesmo estabelece M. Guizot, não suspeito em sua qualidade de protestante. Ele mostra que a admiravel constituição da cristandade com um poder legislativo supremo distinto do poder executivo de cada povo tem sido "a base da verdadeira liberdade civil das conciências, e faz ver o despotismo introduzindo-se onde quer que o poder espiritual (como entre os Árabes e os Russos) se absorve no poder temporal."

Eis aquí, Exmo. Snr., porque combatemos pela grande causa da liberdade religiosa. O governo em sua alta sabedoria o compreende. Que depois disto espíritos superficiais ou tristemente prevenidos nos lancem em rosto "as pretenções" da Igreja, "as exagerações, a ambição e soberba" dos Bispos; que nos acusem de "fanatismo, de obscurantismo e de inimigos do poder"; não importa. Ouviremos abraçados com a cruz todas essas injuriosas declamações e, para bem mesmo do país, ficaremos firmes em nossos postos, chamando o que é luz, luz, o que é trevas, trevas, defendendo até ao fim os direitos, tantas vezes violados, da justiça e da verdade. A vitória será de Deus.

E primeiramente, Exmo. Snr., uma questão de fato, que domina todo o debate.

Ei-la: V. Excia. afirma que, quando assinalei no governo do meu país a funesta tendência de ingerir-se na economia da Igreja, fiz uma "imputação" gratuita, "uma acusação tão grave quão injusta"; que o governo brasileiro, "católico como é, não tem a sacrílega pretenção de ingerir-se no ensino dos Seminários, no governo da Igreja." Folgo de registar esta solene declaração; mas, para restituir seu verdadeiro valor às idéias e declinar de mim toda interpretação pouco favoravel, farei, se V. Excia. me permitir, uma distinção. O governo não tem a pretenção de ingerir-se no ensino dos Seminários e no governo da Igreja co ânimo refletido e sistematicamente hostil, dominado por esse ódio violento, por essas intenções malévolas de certos governos pretendidos católicos da Europa e da América, concordo plenamente com V. Excia. Não, Snr. Ministro, não faço ao governo do meu país a injúria de crer que ele é intencionalmente avêsso às instituições católicas, as quais todos os brasileiros abraçamos e juramos como o elemento mais vital do nosso organismo político. Mas, que esse governo não tenha muitas vezes, já por surpresa e inadvertência, a que estão sujeitos até os espíritos mais atilados, já por esse desejo inconsiderado de querer regularizar tudo por si, julgando ser este o meio de tudo melhorar e reformar, já pela influência de preconceitos injustos, funesta herança do século passado, preconceitos que em certos espíritos, posto que bem intencionados, mantêm ainda não sei que desconfiança contra a Igreja católica, que se supõe inimiga do verdadeiro progresso e das liberdades públicas; que o nosso governo, digo, por uma ou outra, ou por todas essas razões, e vivendo, além disso, em um meio social em que reina a mais profunda e lastimosa indiferença para as coisas da religião, tenha sempre dado a esta toda a desejavel liberdade e prestígio e lhe garantido a plenitude de seus direitos — eis o que não posso conceder a V. Excia., eis no que me aparto, ainda que com pena, de sua maneira de pensar. Quisera-me ter

enganado, Exmo. Snr., quisera ter levantado queixas injustas: acusações, imputações, nunca tive intenção de fazê-las, não as farei nunca. Quisera ter feito queixas injustas, mas como convencer-me disto? Os testemunhos e os fatos aí estão altamente confirmando as tristes verdades que eu avancei na minha *"Memória"*. Os testemunhos. Tenho por mim os de todos os meus Veneraveis Colegas no Episcopado. Se eu estivesse só, se em matéria tão grave me houvesse de referir somente ao meu humilde juizo individual, afianço-o a V. Excia., desde já chamaria de novo a exame os meus minguados conhecimentos da história religiosa do Brasil e duvidaria de todos e de mim, à vista desta afirmação tão terminante de V. Excia.... "A Igreja do Brasil não está, nunca esteve sujeita ao governo." Mas, repito, não estou só, o Episcopado brasileiro é unânime em lamentar comigo essas invasões que se têm feito, que se vão fazendo cada dia nos domínios da Igreja. Não estou só! O Arcebispo da Baía, o grande, o sempre chorado Arcebispo D. Romualdo, esse homem que ninguem jamais taxou de exagerado; que era a brandura e a prudência mesma; o Arcebispo da Baía, que amou sempre com lealdade de subdito fiel as instituições de seu país, merecendo que S. M. o Imperador lhe dissesse comovido numa ocasião solene: "Ha muito que me são conhecidos os seus sentimentos"; o Snr. Dom Romualdo nos últimos tempos do seu longo e glorioso Episcopado escrevia: "Não queremos furtar-nos ao sagrado dever da subordinação e lealdade a um poder instituido pelo mesmo Deus; o que só queremos é que haja mais escrúpulo em extremar os limites do Sacerdócio e do Império, que a ação dos pastores seja mais livre e desempedida de mil embaraços e restrições que, a cada passo, estorvam a marcha de sua administração, deixando entrever um certo espírito de desconfiança ou de mal-entendido ciume, que os faz acanhar e muitas vezes diminuir sua força moral: queremos que a Igreja seja tambem admitida e tenha sua parte no banquete

da liberdade, e que a esposa, a filha do grande Rei, não seja tratada como humilde serva, que se preencham, enfim, os votos que ela não cessa de dirigir ao ceu: *ut, destructis adversitatibus et erroribus universis Ecclesia tua secura tibi serviat libertate.* Felizmente, começam a brilhar no horizonte da Igreja brasileira alguns raios de esperança, que parecem anunciar dias mais felizes. O governo imperial sentiu como era de esperar de sua sabedoria a necessidade vital de dar ao Episcopado a importância de que dependem os sucessos de sua missão, e o último relatório do Ministério da Justiça nesta parte foi um acontecimento da maior gravidade, encetando os primeiros passos no caminho do progresso e melhoramento do clero... Existem ainda algumas disposições mais ou menos ofensivas da disciplina da Igreja... Mas eu espero que em breve elas serão derrogadas e modificadas, cabendo ao mesmo governo a glória de uma proteção real e legítima, em vez dessa que o ilustre Fénélon qualificava de disfarçado jugo, pior que uma aberta perseguição." Até aquí o venerando Metropolita. Isto escrevia ele em face de toda a Igreja brasileira, em 1853. E em outros logares de suas obras assinala o espírito de "rivalidade, ciume e receio de que em grande parte eivada a nossa legislação, que sob diversos pretextos estorva a ação do Episcopado e o submete ao poder civil, ou pelas suas multiplicadas e muitas vezes antinômicas disposições restritivas, ou pela arbitrária interpretação de seus executores; mostra o clero pobre, mendicante, humilhado que, debaixo do império de uma carta que proclamou solenemente a religião católica, apostólica romana, ouve ressoar até no recinto do santuário os cânticos de uma liberdade cujos benefícios ainda não pôde saborear; e pergunta o exímio Prelado se nesse caso podem ser aplicaveis essas magníficas teorias de proteção e afirmar-se que ambos os poderes como sócios se abraçam e dão as mãos ou se à vista desta aberração do sistema jurado não tenha razão de fazer votos para que

a independência da Igreja fosse entre nós d'ora em diante uma realidade." Todas estas palavras são do Arcebispo; eu teria escrúpulo de encarecer uma só. (Vide Obras. Vol. 6, págs. 278, 279, 287, 393 e 394): Enfim, numa representação dirigida em 1859 ao Corpo Legislativo, a última de tantas em que se desafogou aquele incansavel zêlo pela independência da Igreja, mostra ainda o Arcebispo o clero pedindo todos os anos esmolas à porta do Parlamento, privado dos meios de obter uma instrução tão ampla como se tem liberalizado a outras classes, com as mãos atadas pela própria legislação do país e quasi exclusivamente subordinado à independência do poder temporal (ibid. pág. 387). E o mesmo repete sob formas mais ou menos adoçadas em cem lugares de suas obras. E que foi, Exmo. Snr., a vida de Dom Romualdo senão uma longa luta contra essa tendência desastrosa que eu deplorei na minha *"Memória"*? O Arcebispo, esse homem cuja opinião tinha um não sei que de augusto que impunha respeito a todas as inteligências? o Arcebispo não compreendeu a situação da Igreja. Fez tambem imputações e acusações tão graves quão injustas ao governo de seu país, e deu tambem ele ocasião a transviar-se a opinião pública sobre objetos que tão de perto tocam ao Estado, como à mesma religião? Mas, para justificá-lo, para justificar-nos bastaria, Exmo. Snr. Ministro, olhar rápido sobre nossa legislação.

Não citarei tudo; limitar-me-ei ao mais saliente.

Não é verdade que o *placet* entre nós se estende tanto às medidas disciplinares, como às mesmas definições dogmáticas da Igreja universal, as quais, sob pretexto de poderem conter disposições contrárias aos direitos majestáticos, se consideram tambem sujeitas ao exame do imperante civil?

Não é verdade que as apelações como de abuso têm constituido o Conselho de Estado juiz em última instância dos atos da jurisdição episcopal, e que até bem pouco tempo estavam os juizes de Direito

por um Regulamento de 19 de Fevereiro de 1838 investidos do poder das chaves para restituir as ordens aos clérigos suspensos pelos Bispos, e absolver de quaisquer censuras, quando o mesmo Conselho de Estado achasse que elas foram injustamente fulminadas? Não é verdade que muitas de nossas Assembléas Provinciais, baseando-se no art. 10 § 1.º das reformas constitucionais, julgam-se com direito de criar e dividir as paróquias recorrendo apenas e por mera deferência aos Prelados para que informem a tal respeito?

Não é verdade que os Presidentes de Província estão autorizados a dar licença de residência aos Párocos, como insistindo em Avisos anteriores declarou ultimamente V. Excia. em seu Aviso de 11 de Junho do ano passado, advertindo apenas que essa faculdade dada aos Presidentes não exclue a audiência dos mesmos Prelados, sempre que seja possivel? Não é verdade que por Aviso de 10 de Maio de 1855 se acha proibida a admissão de noviços e por consequência a profissão nas ordens religiosas estabelecidas no império?

Não é verdade que aos Bispos do Rio de Janeiro e S. Paulo, em Portaria de 13 de Janeiro de 1824, foi ordenado sobrestar na ordenação de seus subditos, sendo restituida ao primeiro daqueles Prelados a faculdade de ordenar por outra Portaria de 19 de Novembro de 1859?

Não é verdade que um Aviso de V. Excia., de 27 de Dezembro de 1862, dirigido ao exímio atual Metropolita do Brasil, determina a organização respetiva do pequeno e grande Seminário, e que têm de cessar estas denominações, devendo chamar-se o primeiro Seminário arquiepiscopal de estudos preparatórios, o segundo Seminário arquiepiscopal de estudos eclesiásticos?

Enfim, não é verdade, visto o Decreto de 22 de Abril e a circular de V. Excia., de 12 de Junho do ano passado, que o governo se crê com direito de re-

gular ele mesmo o modo da escolha dos professores do Seminário, de demití-los, quando bem lhe aprouver, sem inteligência com os Bispos, de revistar os estatutos e compêndios; de marcar quanto tempo devem os alunos demorar no Seminário e que estudos devem ter para serem promovidos às diversas ordens; acrescentando ainda V. Excia. no último Aviso, a que respondo, que não sabe qual é a ofensa que aos Revdos. Bispos faria um Ministro de Estado em lhes oferecer um projeto de estatutos para o Seminário?

Eis os fatos, Exmo. Snr. Eu os entrégo à apreciação calma de uma razão tão altamente esclarecida como a de V. Excia., e estou que me ha de fazer a justiça de crer que não exagerei o estado de opressão em que se acha infelizmente a Igreja do Brasil.

V. Excia. afirma que o governo, graças a Deus, é fiel às máximas da Igreja católica, venerando como lhe cumpre os princípios que elas encerram e as consequências que delas dimanam. Eu o sei, Exmo. Snr., sempre o reconhecí, e é justamente o que me faz esperar que ele fará em breve desaparecer de nossa legislação essas lamentaveis antinomias, harmonizando os direitos da soberania com a liberdade da Igreja, dois princípios que convem manter a todo custo, sob pena de tudo confundir-se, de perturbar-se tudo; sob pena de ser reduzida a ordem social a um cáos medonho, criando-se, ou uma teocracia absurda na Igreja que aniquilaria a ação própria do poder secular, ou uma autocracia religiosa no estado que absorveria a autonomia do poder espiritual. De ambas as partes abismos. O meio de evitá-los? O meio? Todo mundo compreende; só ha um, lógica e racionalmente falando; é extremar bem os limites dos dois poderes. Isto não só no interesse da Igreja, note V. Excia., mas no interesse dos povos, no interesse da liberdade, no interesse da civilização. Aquí todos nos entendemos. Quem não o vê? O bem dos povos, a liberdade, a civilização, exigem que se mantenha inviolavelmente a ordem de Deus; que ambos os poderes funcionem li-

vremente, cada um em sua esfera. "Nos negócios não somente da fé, mas na disciplina eclesiástica, à Igreja a decisão, ao príncipe a proteção, a defesa, a execução dos canones e das regras eclesiásticas." É Bossuet que assim fala. E, em verdade, assim como fôra monstruoso que a Igreja usurpasse a direção das repartições do estado, assim não convem que o estado se intrometa nos institutos da Igreja. Ou se ha de dizer que estes poderes não são independentes, ou se ha de admitir que a independência deles repousa sobre a base de uma perfeita reciprocidade. V. Excia. o admite, V. Excia. proclama altamente que os institutos eclesiásticos devem estar debaixo da jurisdição exclusiva dos Bispos.

V. Excia. diz mesmo do modo mais categórico: "O governo não quer intrometer-se na administração dos Seminários". Mas ah! Exmo. Snr., para que afrouxar logo a mão, e deixar escapar um princípio tão saudavel e tão fecundo? Toda essa bela teoria tão laboriosamente construida é solapada, minada e derrocada pelo direito de inspeção governamental, a que V. Excia. dá, se me não engano, demasiada latitude.

O direito de inspeção! Precisemo-lo bem. V. Excia. sabe quanto se tem abusado deste direito. O Jansenismo parlamentar, o Febronianismo ou Josefismo acobertaram constantemente suas tendências invasoras sob esse especioso nome de — *jus inspectionis circa sacra* — e até sob outro ainda mais especioso de — *jus protectionis* — o que tudo bem se póde reduzir em última análise a esta fórmula mais breve e mais expressiva: — *jus in sacra.* — Precisemos bem o sentido daquela palavra.

O governo tem direito de inspeção nos Seminários: — inspeção geral, de polícia, para prevenir e punir desordens, vias de fato e quaisquer ofensas às leis do país e à ordem pública, nada mais justo; inspeção de higiene ou de salubridade examinando o material do estabelecimento, o número dos alunos, nada mais admissivel; inspeção até de economia, in-

formando-se, se quiser, do bom emprego dos fundos públicos destinados ao Seminário, mandando seus engenheiros revistar os edifícios e saber os concertos que reclamam, nada mais natural. Mas desta inspeção geral e ordinária, desta inspeção de polícia e de segurança, que diz respeito à ordem civil, inferir que o governo tem direito de influir na parte moral desses estabelecimentos, revistando os estatutos, sujeitando à censura de suas secretarias as doutrinas dos compêndios, marcando regras para a escolha dos professores e demitindo-os quando quiser, eis, Exmo. Snr., o que os Bispos do Brasil não poderíamos conceder, sem abdicar o direito exclusivo, que temos, na direção moral e intelectual das escolas sacerdotais. Nem se póde dizer que a tanto se extendem os direitos do que V. Excia. julgou dever chamar Episcopado exterior. Eu faria injúria às luzes de V. Excia. se explicasse aqui o sentido em que a antiguidade deu aos imperantes cristãos o título de Bispos do exterior, título que, como V. Excia. sabe, não envolve a mínima idéia de jurisdição sobre a Igreja, mas a de simples proteção, defesa e apoio prestado de fóra, sem intervenção no regime dela. Mas, como V. Excia. insiste longamente sobre os direitos do pretendido Episcopado exterior, me permitirá que eu cite aquí de passagem um texto do admiravel discurso dirigido por Fénélon ao príncipe Eleitor de Colônia.

Eis a santa liberdade com que se exprimia aquele insigne Prelado em pleno absolutismo de Luiz XIV: "É verdade que o príncipe pio e zeloso é chamado bispo de fóra e protetor dos sagrados canones... Mas o bispo de fóra não se deve nunca envolver nas funções do de dentro; fica com a espada em punho na porta do santuário, mas abstem-se de entrar nele... protege as decisões, mas não dá nenhuma. Não praza a Deus que o protetor governe, nem previna, de qualquer modo que seja, o que a Igreja regulará! O protetor da liberdade não a diminue nunca; sua proteção

não seria mais um socorro, e sim um jugo disfarçado."

Mas, diz V. Excia., é possivel que se contenham nas regras dos Seminários disposições contrárias às leis. Isto é incontestavel. Logo é mister que elas sejam sujeitas ao exame do governo. Se este argumento procedesse a respeito das regras dos Seminários, teria igual força a respeito de todos os outros atos, constituições e leis diocesanas. Um Bispo póde incontestavelmente em uma pastoral emitir princípios contrários às leis e à ordem pública, póde-o; os Bispos não são infaliveis. Logo, devem sujeitar-se as pastorais ao exame do governo. Um Bispo nas constituições e leis que promulga para seu clero e diocese póde ofender os direitos e honra da soberania ou estabelecer coisas contrárias ao bem do Estado; logo sujeitem-se tambem ao exame do governo as leis e constituições diocesanas.

O mesmo Concílio Provincial, que não goza do privilégio da infalibilidade, póde cair nos mesmos deploraveis desvios, quem o póde negar? Logo ficam igualmente sujeitos os decretos do Concílio Provincial ao exame e aprovação do governo.

V. Excia. vê aonde nos leva este princípio. Toda a independência da Igreja desaparece como uma ilusão. Tudo cai debaixo do jugo, para me servir de uma valente expressão de Bossuet. Parece-me, pois, que o argumento de V. Excia. é desses que provariam demais, se chegasse a provar alguma coisa. Como, com efeito, admitir em um ponto um direito que o bom senso proibe que se admita e não admitir em todos os outros de igual natureza?

Os Bispos podem introduzir abusos e práticas ofensivas às leis nas regras dos Seminários, V. Excia. se esforça por fazer-me admitir que isto é possivel. Sem dúvida alguma, é posivel. Mas essa mera possibilidade, que até aquí, mercê de Deus, não se tem realizado, que é muito provavel não se realizará nunca, esta mera possibilidade é porventura suficiente

para autorizar a odiosa medida da exibição dos estatutos? Não haveria para o governo muitos meios e facilidades de vir ao conhecimento desses abusos flagrantes, logo que eles se introduzissem nas regras desses estabelecimentos? Regras que se traduzem na prática diária de uma casa que póde ser por todos visitada; regras que são promulgadas e explicadas de contínuo perante 50 e mais alunos; regras que em muitos Seminários se acham até impressas e nada têm de secretas; poderiam conter princípios opostos às leis, aos direitos e à honra da soberania, sem que o governo fosse logo disso sabedor? Não tem o mesmo governo excelentes fiscais nos pais de família, que, estremecidos pela boa educação de seus filhos, seriam os primeiros a denunciar essas doutrinas e disposições opostas às leis e à moral? Parecem-me, pois, sem suficiente fundamento as medidas vexatórias tomadas ultimamente pelo governo. Ah! Exmo. Snr., ouso afiançá-lo a V. Excia., não ha de ser dos Seminários que hão de partir esses negros atentados contra as leis do país e os direitos da soberania. Fique V. Excia. descançado por este lado.

V. Excia. se vale do mesmo argumento para justificar as prescrições do Decreto àcerca dos compêndios e a demissão dos professores. É possivel que os compêndios contenham doutrinas que estejam em formal oposição com as leis, os direitos e a honra da soberania, é possivel que o Bispo consinta em seu Seminário um professor de escola que ouse afrontar as regras da decência e do dever, como se exprime V. Excia.; ora, dada esta hipótese, o direito de inspecionar e examinar os compêndios, o direito de demitir do magistério os professores se deduz como consequência necessária.

Perdôe-me V. Excia., mas parece-me que o que se deduz como consequência necessária da hipótese figurada é que o governo terá então o direito de fazer que semelhantes abusos sejam reprimidos pelos meios legítimos. O Bispo tem superior na hierarquia sa-

grada. Se, apesar das representações justas do governo, ele se obstinasse a fazer ensinar no seu Seminário doutrinas peregrinas, princípios contrários às leis e comprometedores da ordem pública; se ele persistisse em manter à frente do noviciado sacerdotal um lente que ousasse afrontar as regras da decência e do dever; seria logo levado tudo isto ao conhecimento da Sé Apostólica por intermédio do Metropolitano ou do Concílio provincial, e o Bispo infiel seria reconduzido ao dever pelos meios canônicos. Tudo está, pois, sabiamente prevenido. Assim o governo como protetor dos canones cumpriria o seu dever provocando a reforma dos abusos na ordem espiritual, pelos meios supraindicados, ficando ao mesmo tempo com o direito salvo de reprimir por si mesmo os atentados e desordens contra as leis civis. Foi o que eu disse na "Memória". Tudo está conciliado; o bom senso e a lógica estão igualmente satisfeitos. Mas, que em vista só da possibilidade de tais abusos, possibilidade que provavelmente, muito provavelmente nunca se realizará, que em vista só dessa mera possibilidade de casos tão extremos, tão repugnantes, tome desde já o governo uma medida que sujeita ao seu exame a doutrina dos compêndios e o torna árbitro do ensino dos professores, doutrina e ensino que como V. Excia. mesmo confessa são da exclusiva competência dos Bispos como sucessores dos Apóstolos, eis o que excede a minha debil compreensão e o que me parece que se conciliará dificilmente com as idéias do mesmo governo imperial. Eis aquí, com efeito, o que eu leio em uma decisão do Conselho de Estado de 27 de Abril de 1860, que V. Excia. mesmo teve a bondade de citar-me. É a confirmação exata, ponto por ponto, do que acabo de dizer.

"Em tais casos (fala da perturbação da ordem e da introdução de abusos nos Seminários) o governo com a dignidade que lhe é própria saberá chamar a atenção do Prelado. E, se acaso as circunstâncias se tornam graves, o Bispo na ordem eclesiástica tem supe-

BIBLIOTECA Nº.....
Campo Grande - Mt.

rior. E em casos extremos o governo não está nunca inhibido de prover segundo as exigências da ordem pública, ou segundo a ordem particular dos estabelecimentos constituidos; ordem particular esta que muitas vezes está ligada com aquela.

Mas porque, em princípio, não se póde negar este direito ao governo e porque tais casos extremos, que estão fóra das regras comuns, podem aparecer, não deve isto servir de fundamento para estabelecer-se uma legislação que tem o efeito imediato de coarctar a bem entendida autoridade dos Bispos e com grande quebra de sua dignidade e o de alterar a disciplina eclesiástica estabelecida pelo concílio de Trento e recebida em todos os paises católicos, e que faz parte de seu direito público sobre este objeto. Em França, onde a universidade exerce a mais ampla jurisdição sobre os estabelecimentos de educação, ou pública ou particular, nunca ela tem entrada nos Seminários episcopais." Ora, Exmo. Snr., como se poderão manter as disposições supra mencionadas do decreto e da circular de V. Excia, à vista da doutrina tão loculenta e solidamente exposta pela secção dos negócios do império do Conselho de Estado? Como póde o governo examinar os compêndios teológicos e canônicos dos Seminários, marcar a maneira de escolher os professores dos Seminários, julgar da conveniência ou inconveniência das doutrinas ensinadas nos Seminários; sujeitar a seu exame as regras orgânicas dos Seminários, prescrever a duração do tirocínio e os estudos que para cada uma das ordens devem fazer os alunos dos Seminários, como póde o governo, digo, fazer tudo isto e pôr depois a mão na conciência e dizer muito tranquilo: Eu não me intrometo nos Seminários!

Não, Exmo. Snr., não é possivel; ou então fôra mister renunciar à linguagem humana; fôra mister dizer que os termos têm perdido todo o seu valor lógico e que não ha mais meio de nos entendermos uns aos outros.

Cita V. Excia. o exemplo da França, e sustenta que o decreto está de harmonia com a praxe seguida neste e nos outros paises católicos. Peço de novo perdão a V. Excia. Em França o governo ou a universidade não se importam nem com as regras, nem com os compêndios, nem com os professores, nem com os estudos dos seminários. Estive muitos anos nesse país, posso asseverar a V. Excia. que isto é verdade. O governo contenta-se de dar a estes pios estabelecimentos uma subvenção consideravel; toma ligeiramente conta do emprego desse dinheiro; cuida do material do estabelecimento, de suas condições higiênicas. Pelo que respeita aos estudos e à moralidade, não se inquieta. A mais ampla liberdade é deixada aos Bispos. Na Inglaterra e creio que em todos os paises onde ha Catolicismo, é absolutamente a mesma coisa; tudo é deixado à direção exclusiva dos Bispos e dos Superiores imediatos. V. Excia. acrescenta ainda outra razão para abonar o espírito conciliador e providente em que foi redigido o Decreto relativamente ao concurso e demissão dos lentes pelo Governo, e eis aquí como discorre: "Dous Revmos. Bispos do Império já tinham consignado estas medidas nos estatutos dos seus Seminários bem antes da promulgação do Decreto; ora, continua V. Excia., quando aqueles venerandos Bispos se reservaram o direito de demissão podemos estar seguros de que não lhes passou pela mente que iam ferir a dignidade do clero, e estabelecendo o concurso mostraram que não receavam limitar seu direito de nomeação. Logo, não se póde dizer nem que o Decreto fere a dignidade do clero, nem que ele prende as mãos aos Revmos. Bispos."

Escapa-me, confesso a V. Excia., o vínculo lógico destas proposições. Parece-me que, de poderem os Bispos estabelecer uma medida para o governo de seus Seminários e de suas Dioceses, não se segue daí, nem que os outros Bispos estejam obrigados a adotá-la, nem, sobretudo, que o governo seja o competente para impô-la. A questão não é saber se as medidas são

ou não convenientes em si, mas se o governo é ou não competente para tomá-las, limitando os direitos dos Bispos, como V. Excia. confessa que com efeito limitou, no que respeita ao concurso. Do mesmo modo não é o poder de demissão em si que humilha o clero, mas esse poder posto nas mãos dos ministros de S. M., que assim são constituidos árbitros do ensino nos Seminários, podendo discrecionariamente demitir os lentes, quando as doutrinas destes lhes não agradarem.

Isto é o que fere, não já o pundonor do clero, e os direitos sagrados dos Bispos, mas a liberdade da conciência, a liberdade do ensino católico, que não póde ficar debaixo desta espada de Damocles em um país em que se goza das mais amplas garantias constitucionais.

Contente-se o governo de apoiar francamente a ação do Episcopado, e o bom ensino e a moralidade se manterão nos noviciados clericais, cessando por este meio bem simples muitos dos embaraços de que V. Excia. fala. A este propósito talvez eu pudesse mostrar-me um pouco magoado de ter V. Excia. em um documento destinado à publicidade citado um meu ofício reservado de data de 22 de Julho de 1862. Mas nem me vem isso ao pensamento; porque estou certo que V. Excia. não teve o propósito de faltar à lei inviolavel do segredo. Somente para desvanecer qualquer falsa suposição devo dizer que eu não pedí ao Governo Imperial que ele demitisse lente algum do meu Seminário, mas só propús que fosse um deles transferido de um Seminário para outro, como o exigia então o maior bem da Igreja, proposta a que o governo em sua Sabedoria creu não dever dar resposta alguma. Felizmente hoje, graças à Providência, não tenho quasi outros embaraços senão os criados ultimamente pelo Decreto de 22 de Abril. Quanto à queixa que ousei fazer a S. M. o Imperador àcerca das lacunas que deixou o mesmo Decreto no ensino dos Seminários, felizmente concorda V. Excia. ter

ela algum fundamento, mas acrescenta que as condições financeiras do país não consentem que o governo faça por ora maior sacrifício em favor dos Seminários. Aguardaremos, pois, Exmo. Snr., tempos mais felizes, animando-nos desde já a doce confiança que o Governo Imperial, que tão liberalmente tem provido à instrução das outras classes da sociedade, se dignará fazer um esforço mais a prol dessa pobre classe sacerdotal que tão desprezada tem sido entre nós e não póde permanecer mais tempo neste estado de abatimento, sem comprometer-se seriamente o futuro religioso e moral da nossa terra. Sentí em verdade que o governo suprimisse cadeiras estabelecidas nos Seminários; sentí mesmo que suprimisse a de língua indígena no Seminário do Pará, pois se pedí, em 1862, a supressão dessa cadeira, foi só com o intuito de substituí-la por uma de maior interesse e utilidade como julgava ser a de matemáticas elementares e não me lisonjeava com a esperança que se quisesse fazer uma exceção, criando-se uma nova cadeira só em proveito do meu Seminário. Eis porque recorrí ao expediente de sacrificar uma menos util. Mas agora, que não só não se criou aquela, mas até se suprimiu esta que o governo declarou então ser conveniente conservar, parece que ficou-me certo direito de lamentar esta dupla falta, sem fazer contudo por isso criminações ao mesmo governo.

A dotação dos Seminários, Exmo. Snr., acabará com muitos destes embaraços e dificuldades. É uma medida a um tempo econômica e do mais alto alcance para a boa organização destes estabelecimentos. V. Excia. pensará nisto, estou certo. Termino, Exmo. Snr. Ministro. Julgo ter cumprido um dever de meu ministério falando com respeitosa franqueza e liberdade ao governo de meu país. Os sentimentos que nutro para com ele são os da mais profunda dedicação e perfeita lealdade. Jamais nos lábios de um Bispo se achará a palavra amarga do ódio ou da revolta. Nos dias do perigo nós estaremos no nosso

posto de honra fiéis até o fim ao culto da segunda majestade como ao da primeira.

Sempre obedeceremos aos poderes deste mundo, no que não fôr contrário à nossa conciência. Daremos tanto mais fielmente a Cesar o que é de Cesar, quanto começarmos por dar a Deus o que é de Deus. São estes os nossos sentimentos. Por isso levamos humildes súplicas e respeitosas reclamações ao pé do Trono todas as vezes que uma medida menos pensada do governo vem pesar dolorosamente sobre nossa conciência, pondo-nos na triste alternativa ou de faltar aos nossos deveres mais sagrados, ou de recusar-lhe nossa fiel cooperação. Tal é a aflitiva situação em que o decreto de 22 de Abril último tem colocado o Episcopado do Brasil. Esse decreto nos oprime, Sr. Ministro, sim, nos oprime, porque reduz-nos à necessidade, não de resistir, mas de ficar inativos e opôr a um governo a quem amamos aquela sempre penosa ainda que muitas vezes necessária palavra dos Apóstolos: *Non possumus*. Deus Guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. Marquês de Olinda, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império e Presidente do Conselho dos Ministros.

† *Antônio*, Bispo do Pará."

CAPÍTULO XIII

CORRE O ANO DE 1864

Ecos da "Memória". — Visita a Tucunduba. — Seus carinhos pelos leprosos. — A "Memória" no estrangeiro. — Resenha de fatos.

Entretanto, o Snr. Bispo continuava a receber adesões: a 26 de Janeiro recebia do Prior do Convento do Carmo. Fr. Joaquim da Silva e Costa; do Vigário Foraneo da 7.ª Vara em Igarape-mirí — Padre Filipe de Santiago Vilhena, a 15 de Janeiro; do P. Alexandre de Lira Lobato, Vigário de Igarapé-mirí, e de

seu coadjutor P. Manuel Inácio Raposo, a 23 de Janeiro.

— Com data de 12 de Janeiro, recebe confortadora carta do Bispo de Angers, toda de admiração e aplauso ao autor da "Memória". Vamos copiar apenas umas linhas dessa carta:

"... J'ai lu avec un très vif interêt les paroles pleines de dignité, de moderation, de noblesse, que vous adressez à Sa Majesté et comme l'un des plus vieux évêques de France j'ai voulu vous en feliciter. Puisse l'Esprit Saint, qui éclaire et qui a dirigé votre plume et votre cœur, éclairer aussi le Gouvernement du Brésil et faire comprendre à l'autorité qu'en ébranlant la base de nos institutions religieuses, on sape au même temps le trône et l'autel..."

— Enviaram ainda calorosas adesões o Con. Raimundo Antônio Fernandes, Vig. Geral do baixo Amazonas, o P. Antônio Augusto de Matos, páraco colado de Vila Bela da Imperatriz, o Vig. de Portel P. Jacob Pastana de Vasconcelos, e o Vig. de Fonte Boa, P. Bernardo Ivo de Nazaré Ferreira.

— O grande coração de D. Macedo Costa sempre se enterneceu diante dos leprosos. Na visita que havia pouco fizera a Cametá ele havia visitado em Curiman uma dessas vítimas do terrivel mal de Hansen, a qual tinha sido abandonada pelos próprios parentes; prometeu mandar um sacerdote no dia seguinte ao pobre doente para administrar-lhe os sacramentos. Confortou-o material e espiritualmente. Em março de 64 foi visitar mais uma vez o leprosário de Tucunduba. O leprosário havia passado por melhoramentos e o Prelado quís animar aos que se tinham interessado pelos pobres asilados.

Eis as suas expressões:

"Paço Episcopal da cidade de Belém, 12 de Março de 1864. — Ilmo. Snr. Dr. Provedor e mais Membros da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia. — De volta do hospital de Tucunduba, aonde fui

com alguns sacerdotes administrar os sacramentos da Penitência e Eucaristia aos infelizes Lázaros, não posso deixar de manifestar a Vv. Ss. o meu profundo reconhecimento e completa satisfação pelo imenso bem que a estes infelizes tendes feito. Este hospital, que outrora apresentava o aspeto mais repelente e nauseabundo, e de que todos fugiam com horror, está hoje, graças ao vosso incansavel zelo e caridade, restaurado, asseado, visitado das famílias da Capital, que aí vão derramar em segredo copiosas esmolas; dotado de uma capelinha decente, onde se celebram todos os domingos os Santos Mistérios, não falando de uma alimentação mais sã e abundante, de leitos perfeitamente limpos e de mil outros alívios prodigalizados com paternal solicitude àqueles desditosos. Não quero fazer-vos elogios: vossa caridade se contenta com o olhar de Deus, e eu sei que a vossa mão esquerda ignora o que faz a direita, mas tambem sei que as boas ações devem aparecer para glória do Pai que está nos Céus e para incentivo dos homens que convem animar por tais exemplos à prática da mais excelente e necessária das virtudes. Aceitai, pois, Senhores, a expressão reiterada do meu vivo reconhecimento, assim como da minha sincera dedicação. Deus guarde a Vv. Ss., Ilmo. Snr. Dr. Provedor e mais Membros da Mesa Administrativa da Santa Casa.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

— O Provedor — Dr. Francisco da Silva Castro — sensibilizado agradeceu as palavras de incentivo do Prelado, que tanto carinho consagrava a essa parte da humanidade sofredora, a mais digna talvez de compaixão.

— O Leprosário de Tucunduba era o único do Pará. Muitos anos mais tarde — já neste século — é que foi fundado o do *Prata.* A Santa Casa de Misericórdia se incumbia das pobres vítimas da morféia recolhidas ao Tucunduba.

* * *

— Entretanto, D. Antônio, que havia escrito a vários bispos estrangeiros para saber que relações havia entre outros governos civis e o da Igreja na questão dos Seminários, foi recebendo as respostas desejadas.

O Bispo de Orleans lhe responde com ótimas informações e com ele se congratula pela bela defesa da independência da Igreja.

O Bispo de Arras se difunde em utilíssimas explicações, em tudo concordando com o nosso Prelado.

— O Teólogo P. Perrone escreveu: "Eu não sei que governo algum europeu tenha até o presente levado tão longe suas pretensões a ponto de querer regular o ensino nos seminários..."

— "A Estrela do Norte" de Setembro de 1864 comenta: "O testemunho do douto teólogo Perrone, ajuntado ao dos Bispos de Orleans, de Arras, de Angers, do sábio canonista Boux, do Marquês do Lavradio, do insigne literato João de Lemos e outros publicistas católicos, fará talvez impressão nos espíritos mais prevenidos. Nós o esperamos."

— Como se vê, o trabalho de D. Macedo Costa em defesa dos seminários deu origem a uma literatura especial no campo teológico-canônico.

"Le Monde", jornal de París, escreve: "Publicamos ultimamente um artigo do Snr. Abbé Bouix sobre a *questão dos seminários do Brasil.*

De então para cá têm-se produzido peças importantes sobre o assunto. Em tempo, fizemos chegar ao conhecimento dos nossos leitores a *memória* publicada pelo Exmo. D. Macedo Costa, Bispo do Pará. Em diversos jornais brasileiros ela apareceu transcrita. Muitos bispos de Portugal, e outros da Itália e da França, felicitaram seu venerando autor e foi comentada de modo a sobressair todo seu alcance pelo célebre Marquês do Lavradio, o mais distinto escritor, porventura, português, em nossa época."

Por esse trecho se vê a repercussão do estudo do Prelado paraense.

* * *

Nesse mesmo ano, D. Macedo Costa publicou um belo trabalho de sua douta pena, intitulado — *As ordens religiosas julgadas por escritores protestantes*.

* * *

Resenha dos fatos do 2.º semestre:

A 5 de Julho, S. Excia. crismou 400 pessoas, na Igreja de Santo Alexandre. Recebeu de esmolas 82$000 que mandeu recolher à *caixa-pia* para educação de meninos pobres e sustento de pessoas desvalidas.

— A igreja de Gurupá ficou concluida; está-se edificando a de Porto de Moz e a de Mocajuba está quasi pronta. Em tudo D. Antônio tem encontrado ótima vontade por parte do governo.

— A 17 de Julho, S. Excia. foi assistir à colocação da imagem da Virgem à margem do Carnapijó. (No capítulo seguinte relataremos o fato).

— A "Estrela do Norte" deste ano publica vários avisos relativos ao Seminário, firmados pelo Cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo — seu Reitor, que morreu arcebispo da Baía.

— D. Antônio visita o Amazonas; chega até Tabatinga — última freguesia do Solimões. Aproveita a parada do vapor nos diferentes portos, para administrar o crisma, visitar igrejas, etc.

— Em cumprimento das determinações da Portaria, que regula o modo de se proceder durante os dolorosos dias de eleições nas igrejas, o SS. Sacramento foi solenemente transportado da Sé para a igreja do Rosário; assim tambem da igreja de Sant'Ana foram transportadas as Sagradas Espécies para a das Mercês. Na paróquia da Trindade, não foi possivel a trasladação por falta de outra igreja na zona, visto estar em concerto a de Nazaré.

— Na capela do Santo Cristo que existia no "Castelo" (hoje não existe mais) S. Excia. benze a bandeira do corpo policial da Província, estando presentes as principais autoridades.

— Em Outubro deixa o expediente da Diocese a cargo do Rev. Vigário Geral Côn. Joaquim Gonçalves de Azevedo e parte para a Côrte. Em companhia do Prelado seguiu até à Baía seu venerando pai, que viera a Belem visitá-lo. Da Baía D. Antônio prosseguiu para a Capital a bordo do vapor *Paraná*.

CAPÍTULO XIV

ENTRE 1864 E 1871

Nossa Senhora do Tempo. — Em Manaus, em Cametá, na "Côrte". — Conceito da liberdade da Igreja. — A porta de "Santo Alexandre". — Trabalhos literários. — Amor filial ao Santo Padre.

— A 16 de Julho desse ano de 64, S. Excia. partiu para o Engenho do Snr. Capitão Francisco Bernardo da Silva, na Baía de Carnapijó. No dia 17 — reza a crônica desse tempo — o Snr. Bispo assistiu à colocação da imagem da SS. Virgem em um pedestal de antemão preparado, ao lado direito da capela, em uma elevação do solo, junto ao mar. A cerimônia se realizou à hora do *Angelus*. A imagem foi conduzida por dois sacerdotes: o Vigário de Beja — P. Francisco Manuel Pimentel, e o Beneficado da Sé — P. Lázaro Pinto Moreira Lessa.

Cantou-se a ladainha de Nossa Senhora e o *Sub tuum praesidium*. Houve fogos de artifício e rouqueiras. Um lampeão devia permanecer aceso diante da imagem. Parece-nos que se trata da imagem hoje conhecida por *Nossa Senhora do Tempo*, que se vê ainda sobre uma peanha, à beira do mar, na Baía de Carnapijó, a qual fica ao sudoeste da Ilha das Onças, fronteira esta a Belem.

D. Antônio seguiu com destino às paróquias de Conde e Beja. Seguiu depois para o Amazonas, onde visitou Cudajás, Coarí, Tefé, Fonte Boa, Tocantins,

S. Paulo de Olivença, Tabatinga. Em Manaus deu ordens de presbítero ao Reitor do Seminário. Não pareça isso demasiado estranho. Tratava-se de Seminário menor. Dada a falta de clero, por vezes recaíam cargos de alta responsabilidade em clérigos ainda não ordenados sacerdotes. O novo presbítero chamava-se Augusto João Maria Culerre.

Em Setembro S. Excia. se encontrava em Manaus, donde se dirigiu aos membros da Assembléia Legislativa de Belem, afim de apresentar um memorial, solicitando um auxílio em favor do P. Luís Gonçalves de Azevedo, de Cametá. O velho sacerdote necessitava de amparo: velho, pobre, doente, com irmãos a sustentar.

No mesmo mês, impõe a pena de suspensão por 60 dias ao sacerdote Francisco Benedito Fonseca Coutinho, por se ter esquecido dos princípios de respeito e dedicação para com o presidente da Província.

Em fins de Outubro, parte para a "Côrte" do Império, afim de tratar dos negócios da diocese, e deixa o expediente a cargo do Vigário Geral — Cônego Joaquim Gonçalves de Azevedo. Pouco tempo depois, D. Antônio sagrou bispo a esse mesmo Cônego na Catedral de Belem.

Foram então Prelados Assistentes Dom Luís Antônio dos Santos — bispo do Ceará, e Dom Manuel Antônio de Medeiros — bispo de Pernambuco. O novo bispo Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo nasceu em Turiassú quando pertencia ainda à Província do Pará, em 1814; foi ordenado por Dom Romualdo de Souza Coelho. Antes de ser Vigário Geral em Belém, já o tinha sido no Alto Amazonas. Foi Arcedíago do Cabido Metropolitano de Belem. Era varão de grandes virtudes. Foi bispo de Goiás e depois Arcebispo da Baía. Morreu a 6 de Novembro de 1879.

* * *

Eram realmente grandiosas as noções que Dom

Macedo Costa concebera em relação à Igreja de Cristo. Grandiosas porque exatas. Mas ele sentia também o peso dessa grandeza e seu íntimo se revoltava contra o espírito mesquinho dos detentores do poder civil que desejavam relegar a um plano inferior a obra de Jesus, manietar como escrava a libérrima Filha de Deus.

Homens pequeninos, desconhecedores dos planos de salvação da Misericórdia do Céu!

São magníficas estas linhas que ele traçou em 1866 ("A Residência dos Bispos etc." pág. 42). Dirige-se ao governo:

"E vós quereis que fiquemos impassiveis? E vós quereis que nós, Bispos Católicos, abafemos os clamores de nossa conciência, traiamos os juramentos mais sagrados, para condescender convosco em cousas em que não podemos condescender?

Podeis vós, ó políticos cegos, razoavelmente exigir de nós que tenhamos uma fé e que procedamos como não a tendo? Que creamos como um dogma a divindade, a sobrenaturalidade do Ministério augusto que exercemos, e o deixemos tratar praticamente como um *Emprego público civil?* Que acreditemos como uma verdade revelada por Deus a independência e a liberdade da Igreja de Jesus Cristo nas causas do seu regime e a deixemos manietar como uma escrava? Que estejamos firmemente convencidos que o Espírito Santo nos pôs para governar a Igreja de Deus e abdiquemos nas vossas mãos esse governo, asinando de cruz, como os Bispos Anglicanos, as vossas decisões em matérias eclesiásticas? É este deveras o triste papel que nos destinais?

Em verdade vos digo que sois bem injustos para conosco."

Era realmente triste a situação da Igreja. Leigos, pela única razão de serem ministros, julgavam-se com o direito de entrar pelo terreno sagrado, de tal maneira que, se não fosse profana e despótica, tal invasão seria cômica e ridícula. Um leigo a decre-

tar que os Bispos não podem dar jurisdição aos Cônegos Penitenciários para ouvir de confissão em toda a diocese; — que o Cabido não deve acompanhar o Bispo do Palácio para a Catedral, como prescreve o Cerimonial dos Bispos para as grandes solenidades; — que é o Capelão e não o Arcediago que deve receber o báculo nos Pontificais; — que os Cônegos não se podem afastar das cidades em que residem sem licença do Prelado; — que o Bispo não póde dispensar o Cônego da residência, por algum tempo, para serviços espirituais; — que o Cônego não póde usar de capa-magna fóra da catedral; — que o Bispo não deve escolher professores para seus seminários, senão mediante concurso, ficando reservado ao Governo fixar as normas do concurso; — que o Bispo não adote compêndios no seu seminário sem propô-los antes ao Governo; — que os Bispos são Empregados civis e por isso não podem ausentar-se das suas Dioceses, para qualquer ponto, mesmo dentro do império, e por poucos dias, sem licença do Governo.

Estas e muitas outras eram as invasões do poder civil em terreno eclesiástico — vexames estes que a Igreja Católica não conhecia nem mesmo em paises de governo protestante.

A PORTA DE "SANTO ALEXANDRE"

D. Antônio celebrava quasi sempre na Igreja de Santo Alexandre contígua ao Palácio Episcopal, com o qual se acha em comunicação. A Igreja é da metade do século dezessete e foi construida pelos Jesuitas. A princípio era seu orago S. Francisco Xavier, mas logo começou a chamar-se "de Santo Alexandre", naturalmente porque muito próxima do "Colégio de Santo Alexandre". Havia uma porta de comunicação entre a sacristia da igreja e o edifício do Colégio de Santo Alexandre, o qual veio a ser o Seminário Diocesano desde o século dezoito. Essa porta se fechou, não sabemos quando. Dom Macedo Costa, desejando

que os seminaristas tivessem suas práticas religiosas nessa igreja, em vez de as terem na capela particular do seminário, tratou de conseguir licença para abrir a porta de comunicação. O episódio parece de importância quasi nula, mas era a época em que os inimigos da Igreja acirravam seus ódios contra ela e um escarcéu se levantou em torno desse fato tão simples. Dom Antônio, prevendo naturalmente a luta, muniu-se em tempo da autorização competente. A Santa Casa julgava-se com direitos sobre a Igreja de Santo Alexandre e alguns irmãos da Santa Casa, talvez ignorando que Dom Antônio estivesse amparado por autorização do alto, levantaram celeuma, quando souberam da ordem de abertura da porta. Era Reitor do Seminário o Cônego Pinto Marques, o qual logo viu que se desencadeava uma tempestade. O Reitor foi acusado de grande crime e se requereu logo exame de *corpo de delito* na porta aberta. Os jornais contrários fizeram grande atoarda.

Entretanto, sobreveio certo desapontamento quando apareceu publicada a resposta do Ministro ao Snr. Bispo.

Como esta resposta historia bem o fato, vamos transcrevê-la na íntegra:

"Exmo. e Revmo. Snr. — Foi presente a sua Alteza Imperial a regente, em nome do imperador, o ofício de V. Excia. Revma., de 4 de Novembro do ano findo, no qual solicita que o governo imperial ordene que seja de novo aberta uma porta que antigamente comunicava a igreja de Santo Alexandre com o seminário dessa Diocese, afim de que nessa igreja assistam aos Ofícios Divinos e práticas religiosas os alunos do mesmo seminário. — Mostra V. Excia. Revma. a utilidade desta concessão, alegando: que naquela igreja serão celebradas com mais decência e majestade os ofícios divinos do seminário do que na pequena sala deste onde se acham; que com manifesta vantagem para o culto público será celebrado na dita igreja o

Santo Sacrifício, não só aos domingos, como atualmente se pratica, mas diariamente, e naqueles dias com maior solenidade.

E a mesma Augusta Senhora, considerando as seguintes razões, em que V. Excia. Revma. procedentemente funda a mesma pretenção:

1.ª — Que a referida igreja, depois da supressão da Companhia de Jesus, à qual pertencia, passou ao domínio nacional pelo alvará de 25 de Fevereiro de 1768, sendo entregue ao prelado e passando a fazer parte do colégio, destinado para sua residência e para o seminário, como se acha declarado no aviso de 19 de Setembro de 1786;

2.ª — Que, tendo sido, em virtude do citado aviso, entregue a mesma igreja à irmandade de Santo Cristo do Forte para nela celebrar os Ofícios Divinos, com obrigação de repará-la e cuidar na sua conservação, e posteriormente à administração da Santa Casa de Misericórdia, é certo que não ficou por isso fazendo parte de patrimônio desta;

3.ª — Que, em 16 de Fevereiro de 1867, a mesa conjunta da dita Irmandade da Santa Casa resolveu aceitar a proposta apresentada por V. Excia. Revma. de ser aberta a porta, a que V. Excia. se refere, mediante as condições declaradas na respetiva ata:

Ha por bem, de conformidade com o parecer do conselheiro Procurador da Corôa, Fazenda e Soberania Nacional, mandar declarar:

1.º — Que fica concedida a abertura da mencionada porta que comunicava a igreja de Santo Alexandre com o Seminário Episcopal, afim de serem celebrados na mesma os ofícios divinos e práticas religiosas a que V. Excia. Revma. se refere;

2.º — Que a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia conservará o direito de celebrar na dita igreja as missas fúnebres e as festas autorizadas pelo seu compromisso, de acordo com V. Excia. Revma., bem como as suas alfaias e o patrimônio da imagem de Santa Luzia, que na mesma igreja se venera;

3.º — Que aquela Irmandade continuará a ficar obrigada à conservação do templo, pertencendo, porém, ao seminário cuidar do asseio deste e ocorrer a todas as despesas com o custeio, guizamento, etc.

O que comunico a V. Excia. Revma. para seu conhecimento, prevenindo-o de que nesta data me dirijo ao Presidente da Província, afim de que a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia proceda de conformidade com o que se acha declarado no presente Aviso e já foi resolvido pela Mesa Conjunta em sessão de 16 de Fevereiro de 1867. Deus Guarde a V. Excia. Revma. — João Alfredo Correia de Oliveira."

É tão clara a resposta do Ministro que o incidente fica logo encerrado. Mas deu claramente a conhecer que uma tormenta formidavel estava-se formando, nos horizontes da Igreja Paraense.

* * *

O Discurso pronunciado por Dom Antônio a 24 de Setembro de 1871, quando se inaugurava solenemente a Sociedade Promotora da Instrução Pública, é um primoroso trabalho. Assim exordia ele:

"Senhores. Quando Deus, inclinando-se sobre o cáos, disse: "Faça-se a luz!" e a luz foi feita, acrescenta o texto sagrado, em sua majestosa singeleza, que viu Deus que a luz era boa. *Et vidit Deus lucem quod esset bona* (Gen. Cap. IV. 4). Boa é com efeito essa esplêndida feitura do Criador a irradiar-se formosíssima pelos espaços do universo, não só porque nos delicia o olhar com patentear-nos as lindas formas, as côres harmoniosas e todos os primores da natureza visivel, senão tambem porque anima todo o criado, com suave calor, e leva aos seios íntimos de cada corpo organizado um princípio fecundo de conservação e de vida."

* * *

A 19 de Março de 1872, Dom Antônio publicou longa carta Pastoral — "prevenindo seus Diocesanos

contra os erros de um papel espalhado ultimamente na Diocese sob o título de protesto do Partido Liberal."

O Prelado aponta doze erros e discorre sobre cada um deles com a erudição que lhe era peculiar.

Tanto o Discurso da inauguração da S. P. da Instrução Pública, como esta Carta Pastoral, com muito pesar deixamos de transcrever neste livro para o não tornar demasiado volumoso. Acham-se, porém, impressos em separado.

A fé de Dom Antônio, entre outras manifestações, afirmava-se por grande devotamento ao Soberano Pontífice. Leiamos a carta que ele dirigiu a Pio IX por ocasião do jubileu do seu governo universal.

"Beatissime Pater. — Quum per has nostras longinquas regiones audivimus ingentem multitudinem Jubilæum tuum celebrandi gratia, et studio fidei erga Sanctam Sedem exhibendæ undique ad Te advolasse, summa lætitia perfusi sumus, et nobilissimis omnium illorum catholicorum vestigiis inhaerentes, mentibus mentes, cordibus corda addere nobis pergratum fuit. Quantum illorum corda ardebant, o Pater amantissime! tantum nostra. In hac Belemensi Dioecesi, die illo faustissimo quo annos Petri singulari privilegio, nulli ex Prædecessoribus tuis concesso, gloriose attigisti, Deo optimo Maximo solemniter gratias egimus, eo quod Te mirum in modum sospitem incolumemque serva verit inter tanta horum luctuosorum temporum discrimina; et votis cœlum implevimus pro continuatione tanti beneficii. Heu! cur risus fletibus miscebantur! cur gaudium trititiæ? Te, Pontificem Summum, animarum nostrarum Patrem, atque Doctorem, Te, Christi Vicarium augustissimum, hostili manu circumseptum, et quasi in carcerem detrusum, contemplabamur, necnon et Apostolicam Sedem juribus suis sacratissimis tot sæculorum possessione firmatis audacter spoliatam; sacra Apostolorum limina inauditis sacrilegiis, omnisque generis pravitatibus turpiter maculata; Romam tantis nuper irradiatam fulgoribus, nunc luctu et desolatione coopertam, liberum Rei publicæ christianæ regimen omnibus modis impeditum, et fideles, ubique gentium sparsos, gementes propter Caput suum oppressum et opprobriis et calumniis impiorum ac perditissimorum hominum undique impetitum.

Itaque largo fletu, Pontifex dilectissime, ora nostra rigabamus, dum piæ exultationis cantus e pectore nostro promere juvabat. Et nunc, quamquam jam cum omni Brasiliæ Episcopatu vocem ereximus, ad condemnandam et detestandam illam sacrilegam hostium Sanctæ Religionis audaciam, atamen ad pedes tuos provoluti, Pater sanctissime, denuo injurias Tibi et Sancti Petri Cathedræ illatas improbamus, condemnamus, anathematizamus, et sensus reverentiæ, amoris, fidei summaeque devotionis, quibus erga tuam Sacram Personam et Dignitatem afficimur, iterum atque iterum palam testari ac profiteri nobis summopere est solatio. Utinam sanguinem nostrum pro te fundere potuissemus! Sed nihil aliud nobis concedit divina Providentia quam e longe tuas doctrinas adamussim amplecti, tuis intentionibus plene convenire, tuis mandatis fideliter obtemperare, tuis orationibus et sacrificis nos arcte consociare, denique calicis tui amaritudinem, quantum in nobis est, tanquam filios amantissimos, mitigare. Quapropter, Beatissime Pater angustiis tuis opitulari cupientes, humilis episcopus infra signatus, clerus, populusque suus Sanctitati Tuae audent offerre exiguam summam, tanquam testificationem amoris erga Te et causam tuam.

O Pater Beatissime, dona nostra ac vota clementer accipe; et omnibus Pastori et gregi, præsertim pauperibus et servis, qui cun lacrymis minutum obolum Sanctissimo Patri, Christique Vicario obtulerunt, tuam Apostolicam benedictionem impertire dignare, quam ad venerabiles pedes Sanctitatis Tuæ provoluti instanter atque humiliter imploramus, ut in hac dioecesi, ubi primitiva natura floret, fides Romana et amor Jesu Christi et Vicarii sui, populo Brasiliensi

jam carissimi, magis in diem vigeant et amplius florescant.

Scribebamus civitate Belem de Pará in Brasilia, kalendis octobris (festo SS. Rosarii anno MDCCCLXXI — Sanctitatis Tuæ — Obsequentissimi et obedientissimi filii.

† Antonius Episcopus Belemensis.

(Rmus. Vicarius generalis et multi alii sacerdotes subscripserunt.)".

* * *

"Tradução — Beatíssimo Padre. — Quando por estas nossas longínquas regiões ouvimos dizer que uma grande multidão de toda parte acudira a Vós pressurosa, no intuito de celebrar o vosso Jubileu, e com o desejo de manifestar sua fidelidade para com a Santa Sé, ficamos cheios de sumo contentamento, e seguindo os mui nobres vestígios de todos aqueles católicos, gratíssimo nos foi unir nossas almas às suas almas, nossos corações aos seus corações. Quanto, ó Pai amantíssimo, era o ardor que os abrasava, tanto o nosso.

Nesta Diocese do Pará naquele dia faustíssimo, em que por singular privilégio, a nenhum de vossos Predecessores concedido, chegastes gloriosamente a completar os anos de Pedro, demos solenemente graças a Deus Todo Poderoso, porque de modo admiravel Vos tem conservado são e salvo entre tantos perigos destes lutuosos tempos, e fizemos mil votos ao Céu pela continuação de tamanho benefício.

Ai de nós! Porque é que nossos risos se misturavam com lágrimas, e a alegria com tristeza? É que contemplávamos a Vós, Pontífice Supremo, Pai e Doutor de nossas almas, a Vós, Vigário augustíssimo de Jesus Cristo, cercado de vossos inimigos; e quasi encarcerado; como tambem víamos a Sé Apostólica audazmente despojada de seus direitos sacratíssimos firmados pela posse de tantos séculos; os sagrados limiares dos Apóstolos torpemente manchados

por inauditos sacrilégios e todo o gênero de depravações; Roma ainda ha pouco brilhando com tantos esplendores, agora coberta de luto e de desolação; o livre governo da Igreja universal impedido por todos os modos, e os fiéis espalhados entre todas as nações, gemendo por causa da opressão de seu Chefe atacado por todos os lados pelos opróbrios e calúnias de homens ímpios e perdidíssimos.

Por isso com copioso pranto, amadíssimo Pontífice, banhávamos nossas faces, enquanto nos aprazia soltar de nosso peito cantos de piedosa exultação. E agora, bem que já com todo o Episcopado do Brasil tenhamos erguido a voz para condenar e detestar aquela sacrílega audácia dos inimigos da nossa santa Religião, todavia, prostrados a vossos pés, santíssimo Padre, de novo reprovamos, condenamos, anatematizamos as injúrias feitas a Vossa Santidade, e à cadeira de São Pedro, e nos é de imensa consolação testemunhar e declarar em público uma e muitas vezes os sentimentos de reverência, amor, fidelidade e suma dedicação, de que estamos animados para com Vossa Sagrada Pessoa e Dignidade. Prouvera a Deus que pudéssemos por Vós derramar nosso sangue!

Porém, nada mais nos concede a divina Providência senão de longe abraçar à risca vossas doutrinas, conformar-nos plenamente às vossas intenções, obedecer com fidelidade aos vossos mandados, associar-nos intimamente às vossas orações e sacrifícios, e finalmente, como filhos amantíssimos, adoçar, quanto nos é possivel, a amargura do vosso cálice.

Portanto, Beatíssimo Padre, desejando socorrer para as vossas necessidades, o humilde Bispo abaixo assinado, seu clero e povo, ousam oferecer a Vossa Santidade uma exígua soma, como testemunho de seu amor para convosco e vossa causa.

Ó Padre Beatíssimo, recebei benígno nossos dons e votos, e a todos, pastor e rebanho, principalmente aos pobres e escravos, que com lágrimas ofereceram seu pequenino óbolo ao Santíssimo Pai, e Vigário de

Cristo, dignai-vos dar vossa benção apostólica, a qual, prostrados aos veneraveis pés de Vossa Santidade, instante e humildemente imploramos, para que nesta Diocese, onde tão bela se expande a natureza primitiva, vigorem, e cada vez mais floresçam a fé, o amor de Jesus Cristo e de seu Vigário, já tão caro ao povo brasileiro.

Cidade de Belem do Pará no Brasil, 1.º de Outubro, festa do Santíssimo Rosário, de 1871. — De Vossa Santidade — Obsequiosíssimos e obedientíssimos Filhos,

† *Antônio,* Bispo do Pará".

(Seguem-se as assinaturas do Vigário Geral e de muitos outros sacerdotes).

CAPÍTULO XV

A TEMPESTADE QUE SE APROXIMA

Reclamação necessária. — Contra a má imprensa. — Portaria. — Nova prova de dedicação ao Vigário de Jesus Cristo. — Ida ao Sul e regresso. — Dom Vital. — Sintomas. — Retiro Espiritual. — Entre os variolosos. — Visita pastoral a Santarem. — Colégio "Santo Antônio". — Portarias, provisões, etc.

O Exmo. Presidente da Província, saltando por sobre a autoridade do Prelado, transmitiu ordens aos Vigários, sem perceber porventura que violava importante princípio de ordem.

Dom Antônio respeitosamente lhe dirige o seguinte

OFÍCIO

"Paço Episcopal, 18 de Outubro de 1871. Ilmo. e Exmo. Snr. — Consultado por um dos Párocos desta capital sobre a maneira de proceder em relação ao ofício circular, que V. Excia. acaba de dirigir a todos os Vigários da Diocese, àcerca da Lei 2040, de 28 de Setembro último, julgo de meu dever dirigir-me, antes de tudo, a V. Excia. manifestando-lhe o meu juizo em relação a este ato administrativo. — Não ha dúvida alguma que são ótimas as intenções de V. Excia., e que a publicação da supramencionada Lei por intermédio dos Párocos nada tem de inconveniente; a maneira, porém, de executar esta medida, intervindo a autoridade civil diretamente sem o intermédio necessário do Prelado diocesano, parece-me inteiramente irregular, anticanônica, pelas razões seguintes:

1.º Tendo a Igreja, como V. Excia. sabe, uma autonomia reconhecida pelo Estado, não podem as autoridades civis do império dirigir-se imediatamente aos Párocos nas coisas que afetam o ministério eclesiástico, deixando de parte a primeira autoridade diocesana. Ora, a publicação da Lei nas Missas conventuais afeta a ordem das funções eclesiásticas. É, pois, evidente que compete ao Prelado diocesano a iniciativa desta medida.

2.º Ainda prescindindo desta razão tirada da divina autonomia da Igreja, e considerando-a como mera repartição do Estado, parece que ainda assim seria desprestigiar o chefe o dirigir-se aos subordinados sem o intermédio dele.

3.º Tanto reconhece o Governo imperial esta doutrina que acaba de se endereçar a mim por Aviso do Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em data de 30 de Setembro último "pedindo minha legítima intervenção" para que os Párocos de minha Diocese executem fielmente várias medidas, que sugere para execução daquela lei.

Ora esta legítima intervenção do Prelado diocesano fica nulificada ou ao menos inutilizada pela intervenção direta da Presidência. Esta reclamação não supõe que V. Excia. tivesse o mínimo propósito de ferir os direitos da Igreja, mas tem só por fim obviar a um precedente, que seria destrutivo da disciplina

eclesiástica. Queira V. Excia. aceitar a expressão de minha subida consideração.

Deus guarde a V. Excia. — Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Abel Graça, Presidente desta Província.

† *Antônio*, Bispo do Pará".

* * *

No mesmo ano ainda, levanta a voz contra os maus escritos que circulavam na Diocese:

CIRCULAR

"Paço Episcopal do Pará, 2 de Dezembro de 1871.

Revmo. Snr. Vigário.

Em desempenho do meu cargo pastoral julguei necessário premunir meus diocesanos contra as doutrinas funestas de uma certa imprensa, que não cessa de insultar com o maior desabrimento a Igreja Católica.

Não podemos permitir que tais doutrinas se espalhem e propaguem num país católico com grande detrimento da fé e dos costumes, por isso julguei do meu dever condená-las e reprová-las no interesse dos bons católicos, e daqueles mesmos que mais por ignorância do que por malícia as ensinam, levando eles dest'arte à ruina certa suas almas e as de seus irmãos. Praza a Deus que esses infelizes filhos entrem em si, e reconheçam o mal que fazem, atacando todos os dias e cobrindo de opróbrio essa santa Religião, que suas mães lhes ensinaram, e que é a primeira garantia da sociedade! Deus guarde a V. Revma.

† *Antônio*, Bispo do Pará".

Dom Antônio, vendo os ruinosos frutos que a má imprensa produzia em meio a seus discursos, condena vários periódicos.

PORTARIA

"Considerando que, como Pastor desta Diocese, "quando vier o Príncipe dos Pastores", Jesus Cristo, devemos dar-lhe estreita conta das almas, que nos foram confiadas;

Considerando que a primeira e principal obrigação de um Bispo é guardar como sentinela vigilante a pureza da fé, não permitindo que se propaguem entre o devemos dar-lhe estrita conta das almas, que nos fopiedade;

Considerando que a Religião católica, apostólica, romana, é a Religião deste povo, que a recebeu, como herança preciosa, de seus pais, e a consagrou na sua mesma Constituição política, e que por conseguinte a ninguem é lícito atacar, insultar e deshonrar essa mesma Religião;

Considerando que a folha intitulada "Liberal do Pará" que se publica nesta capital, tem-se tornado, de algum tempo a esta parte, orgão perseverante da propaganda anti-católica nesta Diocese;

Considerando que na mesma supra-nomeada folha se atacam as ordens monásticas e institutos religiosos aprovados pela Santa Igreja, como anacrônicos, em formal desobediência com o preceito do Criador; o Clero católico em geral, desde Roma até à mais humilde Paróquia, como um corpo de exército, que marcha à destruição da sociedade atual, e coopera com os comunistas para a obra infernal da demolição da sociedade; dizendo mais a dita folha que os que pretendem ser dispensadores das graças, os que querem ter o poder de atar e desatar são atiçadores de ódio, panfletários mitrados, eco de apostrofes truculentas, reacionários insolentes, uns lobos, mais que tigres, víboras, serpentes, monstros, fanáticos, impostores, espetros sanguinários, inquisidores de facho e corda, milhafres, sectários de Deus — escuridão, e mil outros insultos semelhantes;

Considerando que nesse papel os mesmos atos mais respeitaveis da Igreja católica — Bulas, Encíclicas, Breves, Pastorais, são considerados como desbragadas abjurações, produções de uma cegueira fatal, contendo infames insultos, ódios, cóleras, vinganças;

Considerando que no dito papel chega-se até ao delírio de afirmar-se que os dogmas da Penitência,

do Purgatório, das indulgências, da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, da infalibilidade pontifícia, assim como a Extrema-Unção, e o culto da mesma Santíssima Virgem e dos Santos, são invenções dos Papas e, portanto outras tantas imposturas;

Considerando que a mesma adoravel pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo aí foi atacada, ousando-se dizer nesse jornal que o Cristo prègado pelos Padres é um Deus pagão, bárbaro, semi-nú, e morto, enquanto o verdadeiro Cristo é um prègador de sedição no lago e na montanha, um cismador, que ao longe devaneia sozinho ao pôr do sol, um filósofo, mais que soldado, origem da revolução de 1793, um aventureiro, um demagogo audaz, e outras horrendas blasfêmias;

Considerando que estas doutrinas publicadas nesse jornal e por ele aprovadas são errôneas, escandalosas, heréticas e ímpias;

Depois de invocado o nome de Deus, e usando da autoridade, que temos como Bispo católico, pelas presentes nossas letras, condenamos tais doutrinas e proibimos aos nossos caros diocesanos a leitura desse jornal, assim como de dois outros intitulados "Tribuna" e "Santo Ofício", que professam e ensinam, mais ou menos, os mesmos erros, e declaramos que cometem pecado grave os que derem assentimento a tais doutrinas já condenadas pela Igreja, Mestra infalivel da verdade, bem como os que por qualquer modo ajudarem a propagação dessas mesmas doutrinas. E será a presente nossa Portaria lida em público pelos Revdos. Párocos desta Diocese na estação da Missa conventual, ou na que fôr mais concorrida; acusando-nos cada um dos mesmos Párocos oficialmente a recepção e publicação desse nosso ato episcopal.

Dada em Belem do Pará, aos 2 de Dezembro de 1871, sob o sinal e selos de nossas armas.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

Em Fevereiro de 1872, Dom Antônio dirige aos Revmos. Sacerdotes uma bela carta em que se revela toda a dedicação da sua alma pelo Vigário de Jesus Cristo na terra.

Vamos apreciá-la:

"Governo do Bispado.

Revdos. Snrs. Vigários e caros Cooperadores. Apresso-me a dar-vos conhecimento da afetuosíssima carta com que me acaba de honrar o Sumo Pôntifice Pio IX. Esta carta vos pertence tanto quanto a mim; pertence a toda a diocese do Pará, que tão espontânea e generosamente se reuniu no pensamento de testemunhar ao Pai comum dos fiéis a dedicação e amor que todos lhe tributamos como Chefe Augusto da Igreja Universal, digno Sucessor de S. Pedro e Vigário de Jesus Cristo sobre a terra.

Tendo já Sua Santidade dirigido ultimamente uma Encíclica a todos os Prelados do Orbe Católico agradecendo-lhes em comum as demonstrações solenes de interesse que de todos os ângulos do mundo lhe são enviadas, e a que era impossivel, como aí declara o mesmo Santo Padre, responder em particular, foi fineza singular e benevolência grande para conosco dirigir-nos esta sua tão amorosa e expressiva carta, prova de quanto tocou-o a expressão de nosso filial afeto. Sua Eminência o Snr. Cardial Antonelli, que se dignou ele mesmo pôr aos pés de Sua Santidade a carta e o óbolo da diocese do Pará, dá notícia que o Augusto Pontífice, ao receber uma e outra, ficou profundamente comovido *(profondamente commosso),* e levantando os olhos ao Ceu implorou uma benção para esses filhos que de terras tão longínquas se associavam aos sofrimentos do Pai da Cristandade e procuravam de todos os modos suavizá-los. Lêde, caros Cooperadores, aos povos cometidos aos vossos cuidados, a tradução, que em seguida mandamos dar, desta admiravel carta do Sumo Pontífice, e dizei a

todos que eu, no meio dos meus trabalhos e tristezas, me acho consoladíssimo e feliz de receber com meu Clero e todos os meus diocesanos esta preciosa benção do Vigário de Jesus Cristo.

Ela é para todos nós um doce conforto e uma poderosa animação.

Continuai a receber os óbolos que a piedade dos fiéis quiser oferecer ao nosso Supremo Pastor e Venerando Pai, tão indignamente despojado e perseguido.

Dizei a todos que não acreditem nos que dizem que o Papa está rico e não precisa dessas esmolas.

Se o Papa fosse um simples particular, com efeito estaria rico; mas é um Pontífice e um Soberano, sujeito, como tal, a imensos encargos. Alem do grande pessoal de sua casa e côrte, alem das subvenções dadas aos Cardiais da Santa Igreja Romana e ao numeroso pessoal das Congregações, por eles presididas, onde se aviam todos os negócios da Catolicidade; alem de mais de dois mil empregados, que não quiseram servir ao governo usurpador, e que o coração do Santo Padre não pôde sofrer que padecessem com suas famílias rigores de indigência, em prêmio de fidelidade e dedicação acrisolada ao seu Soberano legítimo, alem das grandes despesas com o pessoal das Nunciaturas nas diferentes côrtes do mundo, a imensa caridade do Santo Padre, conhecida em toda a Europa, se estende a todos os infortúnios privados e públicos. Milhares de famílias desvalidas, agora sobretudo, depois das inundações e carestias que têm assolado Roma, são alimentadas e socorridas pelo magnânimo Pontífice.

Ha pouco mandou ele um milhão para Constantinopla, afim de socorrer as vítimas de um incêndio que devorou um quarteirão inteiro da cidade. Antes disso tinha mandado, de Civita-Vechia para a França, uma fragata carregada de ornamentos, alfaias e mais socorros para as Igrejas devastadas pela guerra prussiana.

E como póde ele fazer todas essas despesas a que está obrigado não só como Soberano, mas como Pontífice e Pai da Cristandade, depositário da maior dignidade que existe sobre a terra, se nenhum recurso lhe resta, depois da iníqua expoliação e roubo de que foi vítima? Nada absolutamente tendo querido o Santo Padre receber do governo usurpador (é falso o que se disse em contrário), já se vê que devem vir em seu auxílio todos os fiéis espalhados nas diversas partes do mundo.

Tal é a verdadeira situação. Dar ao Sumo Pontífice é dar a milhares de pobres, a milhares de boas obras que ele alimenta. É mais que isso; é fazer um ato de fé na sua augusta autoridade, é protestar contra o sacrílego esbulho de seus direitos; é confundir a impiedade que nos insulta; é dizermos altamente: somos Católicos, Apostólicos, Romanos, e fazemos um uso legítimo de nossa liberdade, dando esta demonstração de amor e dedicação ao Chefe de nossa Santa Religião.

Recebei, caros Cooperadores, e transmití aos vossos povos a expressão de meu profundo reconhecimento pela pressa e generosidade com que tendes acudido ao meu apelo em favor do ínclito Pontífice, cujo diuturno e glorioso Pontificado é, nestes tristes dias, a maior glória e consolação da Igreja Universal.

Belem do Pará, 18 de Fevereiro de 1872.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

Viagem ao sul do país

Dom Antônio tinha ido ao Sul. De regresso, assistiu em Recife à entrada festiva de Dom Vital, que bem pouco tempo depois ia ser arrastado na rua da amargura. Em carta para Belem, Dom Antônio se refere ao seu futuro companheiro de lutas e sofrimentos, com esta frase: "É um anjo."

A 28 de Setembro (1872), o Bispo do Pará chegou

à sua séde acompanhado de seu venerando Pai e tambem do Bispo do Rio Grande do Sul, Dom Sebastião Dias Laranjeira.

A perseguição religiosa já começava, como se vê neste fato sintomático: A 8 de Outubro Dom Antônio ia tomar o vapor para se dirigir a Manaus, quando na Rua da Boa Vista é vaiado...

* * *

Em Janeiro de 1873 um fato auspicioso para a vida do Clero paraense se realizou em Belem: o 1.º Retiro Espiritual do Clero.

* * *

Apesar da aproximação da tormenta, Dom Antônio não deixava de acudir aos fiéis nas suas paróquias flageladas.

Em Junho desse ano (73), foi a Vigia, onde grassava a varíola. Sem temer o contágio, visitou, póde-se dizer, todas as casas. A epidemia não deixou isento quasi ninguem. O Vigário da Paróquia havia sucumbido em Junho desse ano. Mais uma vez, o grande prelado se mostrou o Bom Pastor que era.

Dom Antônio, consternado diante de calamidade tão geral, escreveu: "Hoje foi uma das vezes em que meu coração tem sentido mais profunda dôr, porque vi que não ha quasi uma casa em que não haja doentes."

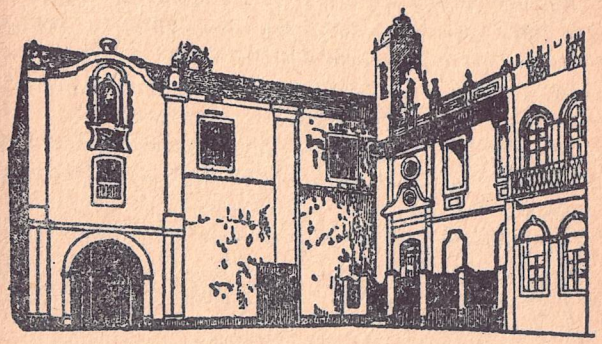
Ainda nesse ano, em Agosto, S. Excia. partiu em visita pastoral a Santarem. Aí enfermou. Foi atacado de febre intermitente. Esteve prostrado uma semana.

Havia um lavrador americano — Snr. Riked — protestante, que tinha sido visitado pelo Snr. Bispo. Esse senhor, quando soube doente o prelado, prestou-lhe valiosos serviços com toda a dedicação.

Colégio de Santo Antônio

Dom Antônio fundou um asilo de orfãs e desvalidos no ano de 1871. Funcionava no edifício do Carmo,

antigo convento dos Carmelitas, e tinha precisamente o nome de Asilo de Nossa Senhora do Carmo. Era sua Diretora a Senhora D. Jesuina Assis. Passou depois (1873) para o prédio de *Santo Antônio* e foi em boa hora confiado às Religiosas de Santa Dorotéa. Sete dessas beneméritas Religiosas vieram para Belem no ano de 1877. Entre elas se encontrava a Rev. Madre Cunha, que faleceu ha pouco (1937) quasi nonagenária. Hoje o estabelecimento é de primeira importância.



Colégio Santo Antônio. Para esse prédio foi transferido o orfanato de meninas que Dom Antônio fundara no convento do Carmo. À direita se vê a pequena torre da capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência.

Alem das orfãs, educa muitas alunas que alí fazem os cursos — ginasial, normal e comercial. O espírito caridoso de Dom Macedo Costa se voltou com grande carinho para a juventude desamparada. A solicitude com que procurou amparar as meninas pobres o levou tambem a criar um estabelecimento de ensino para os meninos pobres. Diremos mais adiante algo sobre este estabelecimento, que se fundou mais tarde.

* * *

Entre as Visitas Pastorais pelo vastíssimo território da Diocese, Dom Antônio encontrava tempo

para escrever. Escreveu muito. Falaremos de sua obra literária. Alem disso, escrevia sempre para desempenho do seu munus. Mencionemos, por exemplo, as suas Portarias, algumas poucas delas e algumas provisões.

Portaria, 27 de Setembro de 1871 — Recomendando as visitas ao S.S. Sacramento.

18 de Outubro de 1871 — Circular aos Vigários sobre os livros do Registo Civil (nascimentos e óbitos).

6 de Novembro de 1871 — Portaria ao Vigário de Cintra para que traslade o S.S. Sacramento para uma capela, em virtude do estado de ruina da Matriz.

6 de Agosto de 1872 — Ao Internuncio Apostólico, remetendo uma cópia autêntica da moção aprovada pela Assembléia Legislativa Provincial do Pará, sentindo profundamente as aflições do Santo Padre com a anexação dos Estados Pontifícios.

11 de Novembro de 1872 — Portaria determinando que duas irmandades procurem uma igreja para estabelecer-se, em vista de não poderem continuar na Igreja do Carmo.

30 de Outubro de 1872 — Ofício ao Presidente da Província, sobre catecismos para as escolas primárias.

30 de Outubro de 1872 — Ao mesmo, reclamando providências sobre o procedimento inconveniente de duas autoridades policiais.

18 de Novembro de 1872 — Portaria confiando à Irmandade de S. Benedito a matriz velha de Bragança.

19 de Novembro de 1872 — Portaria sobre o silêncio durante o Sacrifício da Missa.

Adiantando-nos um pouco, mencionamos ainda algumas Portarias, etc. de 1873 e 74, para não interrompermos a narração dos fatos da Questão Religiosa.

1.º de Fevereiro — Portaria nomeando uma comissão para examinar as contas dos dois Seminários e do Asilo de N. S. do Carmo.

13 de Outubro — Portaria proibindo coros mixtos nas igrejas.

10 de Novembro — Portaria reunindo o Seminário Menor e o Filial no Convento do Carmo, transferindo o asilo de meninas para o de Santo Antônio, estabelecendo o Seminário Maior na Calçada do Colégio.

Nomeação de Reitores

Fevereiro de 1874 — Aviso religioso ordenando que se reze a coleta "Pro constituto in carcere" na intenção do Exmo. Snr. Dom Vital.

7 de Outubro de 1874 — Declaração protestando contra a infame calúnia de que ha eclesiásticos "entre os corifeus das hordas semi-bárbaras que lançam no Pará o grito feroz de extermínio dos Portugueses."

24 de Dezembro de 1874 — Portaria autorizando o governador do Bispado a suspender a qualquer Sacerdote que com pertinácia e escândalo se desviar de seus deveres.

24 de Dezembro de 1874 — Portaria exonerando do governo do Bispado, "não por haverem desmerecido", os Cônegos Mourão e Barroso.

CAPÍTULO XVI

A QUESTÃO RELIGIOSA

Plano. — Resenha dos fatos. — A mentalidade do Governo Imperial.

Não tencionamos tratar pormenorizadamente da Questão Religiosa. Acha-se o assunto magistralmente estudado. É bastante ler as obras monumentais de Dom Antônio Macedo Costa — "A Questão Religiosa" e "Direito contra o Direito". Nosso desejo é dar uma idéia geral dessa fase importante da vida do bispo heroico e impedir que se percam algumas publicações que já vão desaparecendo e muita luz projetam sobre o assunto.

Vamos enfileirar, em ordem cronológica, os principais aspectos da Questão Religiosa de modo sucin-

to. Começaremos do ano 1872. Deixaremos de mencionar os fatos que se deram com o Santo Bispo de Mariana, Dom Viçoso, que o obrigaram a protestar calma e desassombradamente contra intromissões de autoridades civis em terreno privativo da Igreja e outros fatos que pertenceriam tambem à Questão Religiosa.

— Almeida Martins pronuncia seu discurso maçônico, obrigando o bispo do Rio a censurá-lo (3-III-72).

— Dom Vital suspende a Irmandade de N. S. da Soledade, que não quis excluir seus membros maçons (5-1-873). — A Irmandade do S. S. Sacramento de Recife recorre à Corôa, contra o interdito de Dom Vital (3-II-873). — O Internúncio Mons. Sanguigni escreve a Dom Vital afim de fazer cessar a luta iniciada (11-II-873). — O governo Imperial consulta ao conselho do Estado sobre os fatos de Pernambuco (12-II-873). — O ministro João Alfredo escreve uma carta a Dom Vital, falando-lhe das consequências da luta (15-II-873). — Dom Antônio de Macedo Costa publica uma *Instrução Pastoral* contra a maçonaria (25-III-873). — Um aviso imperial manda às Irmandades suspensas pelos Bispos que interponham recurso à Corôa (26-III-873). — Pio IX pela carta *Quam Dolores* louva os bispos do Brasil e os anima a combater contra as sociedades secretas (29-V-873). — O Bispo do Pará dirige ao Imperador firme e erudita *Memória* contra o *recurso à Corôa* (30-V-873). — O Governo Imperial ordena a Dom Macedo Costa que levante o interdito das três irmandades de Belem (9-VI-873). — O governo, tendo ouvido o parecer do Conselho de Estado em sessão plenária, dá provimento ao recurso interposto contra Dom Vital (12-VI-873). — Prepara-se a missão Penedo (21-VIII-873).

— Dom Antônio de Macedo Costa declara ao ministro que não reconhece no governo o poder de se imiscuir nos negócios eclesiásticos (4-10-873).

— Chega a Roma o Barão de Penedo, Embaixador do Brasil na Inglaterra, no carater de Enviado Extraordinário junto à Santa Sé, para tratar da questão dos Bispos (18-10-873).

— O bispo de Olinda, por acordam do Supremo Tribunal, é pronunciado como incurso no art. 96 do Código Criminal (12-12-873).

— Dom Macedo Costa envia ao Tribunal de Justiça memoravel resposta, recusando levantar os interditos (24-I-874).

— Dom Lacerda é portador da célebre carta de 18 de Dezembro de 1873, que o Cardial Antonelli, por meio do Internúncio, enviava a Dom Vital (21-I-874).

— Dom Vital antes de publicar a carta pede instruções a Roma (24-I-874).

— Dom Macedo Costa responde ao Supremo Tribunal; expõe as razões pelas quais não póde levantar os interditos (24-I-874).

— O *libelo* de crime contra D. Vital é apresentado ao Supremo Tribunal (5-II-874).

— Primeira sessão de julgamento de Dom Vital. São seus advogados o Cons. Zacarias de Góis e Vasconcelos e Dr. Cândido Mendes de Almeida (18-II-874).

— Dom Vital é condenado a quatro anos de prisão com trabalhos forçados e custas (21-II-874).

— O Internúncio Mons. Sanguigni envia um protesto ao Visconde de Caravelas, Ministro do Exterior, sobre a condenação do bispo de Olinda (21-II-874).

— Dom Lacerda, bispo do Rio de Janeiro, faz chegar ao Imperador seu protesto contra a prisão do Bispo de Olinda (18-II-874).

— Dom Viçoso envia aos seus diocesanos sua terceira pastoral condenando a maçonaria e recomenda aos párocos que expulsem os maçons das irmandades (23-II-874).

— O Imperador comuta a pena de Dom Vital para prisão simples (12-III-874).

— O cardial Antonelli em nota dirigida ao nosso embaixador junto ao Vaticano — Barão de Alhandra — protesta contra as falsas informações fornecidas

pelo Barão de Penedo, enviado especial do nosso governo, para tratar em Roma da questão religiosa (30-III-874).

— Pio IX envia um Breve ao Governador Mons. José Joaquim Camelo de Andrade, da Diocese de Olinda; lamenta o desacato sacrílego contra um Bispo cujo único crime era ter defendido a Religião (4-III-874).

— Reunião das lojas maçônicas no Rio, sob a presidência do Grão Mestre Visconde do Rio Branco; deliberam abrir luta contra a Igreja no Brasil (16-IV-874).

— Dom Macedo Costa é preso em Belem pelo Juiz da 1.ª Vara João Florentino Meira de Vasconcelos (28-IV-874).

— Pio IX conforta e anima o Bispo de Belem, louvando-lhe o proceder (18-V-874).

— Dom Antônio é pronunciado por acordam do Supremo Tribunal, como incurso no art. 96 do Código Criminal (24-IV-874).

— Pio IX, em um discurso perante o Patriarcado Romano, alude à prisão do Bispo de Olinda por obra da maçonaria e acrescenta que tudo se faz contra a palavra dada pelo representante do governo Imperial (23-V-874).

— O libelo contra o Bispo do Pará é apresentado ao Tribunal (7-VI-874).

— Julgamento de Dom Macedo Costa. São seus advogados espontâneos o Senador Zacarias de Góis e Vasconcelos e o deputado Antônio Ferreira Viana. É condenado, como fôra Dom Vital (22-VII-874).

— O Cardial Antonelli fornece ao nosso Embaixador segunda nota de protesto contra informações falsas fornecidas pelo Barão de Penedo, enviado especial do Governo Brasileiro, para tratar da questão dos Bispos (22-VII-874).

— Decreto imperial comuta para prisão simples a pena a que tinha sido condenado Dom Macedo Costa, de quatro anos de prisão com trabalhos forçados (23-VII-874).

— Dom Macedo Costa da sua prisão na Ilha das Cobras escreve admiravel carta pastoral sob o título "A razão do atual conflito" (22-X-874).

— É convocado o Conselho de Estado pelo governo, que o quer ouvir sobre a atitude dos governadores de Pernambuco e Pará, os quais, desobedecendo ao Governo Imperial, recusam levantar o interdito lançado pelos Bispos presos (23-I-875).

— Pio IX dirige uma carta confortadora ao Cabido e Clero do Pará (25-V-875).

— O Gabinete Rio Branco é forçado a demitir-se (25-VI-875).

— O Cabido Metropolitano de Belem recusa nomear Vigário Capitular, pois continua a reconhecer Dom Antônio de Macedo Costa seu bispo ordinário, que tem seu Vigário Geral em Belem (8-IX-875).

— Decreto de anistia dos Bispos do Pará e Pernambuco (17-IX-875).

— Pio IX congratula-se em bela carta com Dom Macedo Costa (27-IX-875).

— O Encarregado dos negócios da Santa Sé, no Rio, comunica a Dom Antônio que ele deve levantar os interditos das irmandades do Pará (26-X-875).

— Pio IX agradece a Dom Macedo Costa um exemplar do "Direito Contra Direito". Louva novamente o Bispo do Pará e seu Clero (24-XI-875).

— Dom Antônio de Macedo Costa volta a ocupar o seu sólido em Belem (17-I-876).

— O Santo Padre Pio IX com a memoravel Encíclica "Exortæ in ista regione", aprova mais uma vez o procedimento de Dom Macedo Costa (29-IV-876).

* * *

Feito rapidamente o histórico da Questão Religiosa, vamos agora estudar vários aspetos da mesma com o fim de tornar conhecidas algumas fases interessantíssimas desse fato importantíssimo da Histó-

ria da Igreja no Brasil e para impedir que se percam alguns documentos já quasi desaparecidos.

O espírito do Governo Imperial era mau. O próprio Imperador estava saturado de idéias irreconciliaveis com a mentalidade católica que parecia algumas vezes animá-lo. Para se conhecer o modo de pensar de D. Pedro II, basta ler a conferência que teve com ele Dom Macedo Costa a 19 de Julho de 1872. Durou duas horas. Dom Antônio a escreveu depois para que se não perdesse. O assunto girou sobre a Maçonaria. Em vão o Bispo se esforçou por convencer a D. Pedro dos perigos da seita: ele sempre a sustentar que no Brasil a Maçonaria era inofensiva. Outra conferência que bem revela o espírito do monarca foi a que se realizou a 23 de Julho do mesmo ano. Com Dom António se achava Dom Lacerda, Bispo do Rio. Queriam os dois prelados convencer a Sua Majestade do inconveniente da projetada homenagem a Renan. Os Snrs. Bispos lhe fizeram ver que ficaria mal, muito mal a uma nação católica homenagear oficialmente a tão terrivel inimigo de Jesus Cristo.

O Imperador, protestando sempre que era católico, defendia o projeto da homenagem, sob o pretexto de ser pela liberdade de pensamento, etc.

Os prelados nada conseguiram. (Essas conferências se acham no livro "Lutas e Vitórias", de F. de Macedo Costa).

CAPíTULO XVII

A QUESTÃO RELIGIOSA NA IMPRENSA

Antes da luta. — Jornais Maçônicos

Nos arraiais dos inimigos da Igreja se propalou que foram os Bispos os provocadores da luta. Essa acusação falsíssima era de molde a impressionar Roma contra os Bispos. E os setários estavam muito empenhados em armar ao efeito, pois visavam humilhar

os Bispos com qualquer reprovação do Soberano Pontífice; queriam mais uma vez iludir o povo, fazendo crer que a maçonaria nada tinha de contrário à religião.

Entretanto, os mesmos Prelados que foram forçados a fulminar os abusos da seita procederam com extraordinária prudência. Longe de provocarem a luta, eles contemporizaram longamente, sofreram vexames de toda a espécie e se valeram de todos os meios para conseguir a extinção dos abusos sem necessidade de guerra.

O próprio Dom Macedo Costa faz notar que nem ele, nem o bispo de Olinda tinham praticado o menor ato contra a maçonaria, e os jornais maçônicos já desbordavam em insultos e provocações. Dom Vital cita os seguintes jornais fundados pela seita: a "Família" que se publicava no Rio; a "Família Universal" e a "Verdade", em Recife; o "Pelicano", no Pará; a "Fraternidade", no Ceará; a "Luz", no Rio Grande do Norte; o "Lábaro", em Alagoas; o "Maçon", no Rio Grande do Sul. No Pará outros jornais se bateram a favor da seita.

A seita queria porque queria suscitar o conflito. Na primeira quinzena de Maio de 1872, publicava-se: "A Lo:. F... manda celebrar amanhã uma Missa na Igreja do Bom Jesus e, apesar de todas as iras dos ultramontanos, apesar de todas as proibições do Bispo, a Igreja transbordará de gente. É este o ultimatum da maç:.... do Rio de Janeiro ao Bispo Lacerda." E nessa linguagem que nos repugna transcrever continúa a folha com suas invetivas.

O Grão-Mestre da Maçonaria provoca de modo revoltante o grande Bispo do Rio.

Em Pernambuco a "Família Universal" e a "Verdade", orgãos maçônicos, atacaram a Dom Vital desde o início. E, pouco depois da chegada do Bispo à sua séde, uma Loja anunciou solenemente que, comemorando o próprio aniversário, ia mandar celebrar uma Missa a S. Pedro, uma hora antes da missa cantada.

Quanto ao Pará, deve-se dizer, para não faltar à verdade, que as provocações da seita atingiram a altíssimo grau de impudência. Citemos alguns trechos tomados ao acaso (Cfr. "A Questão Religiosa", página 80) do "Pelicano": "A maçonaria (repetimos o que é geralmente sabido) é um grande templo, como outrora foi o de Roma, que dá hospedagem a todos os deuses. Eles todos não constituem mais do que um só — o nosso Pai Celestial.

.....

A questão é de tempo: a aniquilação da velha Igreja (a Católica) far-se-á quando for completa a transformação do Cristianismo..."

"A cada operário o seu camartelo e que cada um faça o seu ofício. Que ninguem ignore, porém, que é sobre as ruinas da velha Igreja (a Católica) que a nova igreja (a Maçônica) se construirá."

"Presentemente não ha pessoa alguma nesta Província que não saiba que os endiabrados destruidores da humanidade existem no Pará e que fizeram seu ninho nas cornijas da Sé e sob as telhas do Palácio Episcopal...

... É mister que lhe (ao povo) digamos o motivo porque deve destruir esse como outros ninhos de igual espécie...". Repugna-nos reeditar a enxurrada de insultos que foram feitos pelas colunas do "Pelicano".

E os Bispos sofriam confiando a Deus as suas penas íntimas e implorando a conversão dos infelizes perseguidores da Igreja, tanto mais temiveis quanto mais se acobertavam com as aparências de verdadeiros defensores da religião, no seio das irmandades e nas manifestações exteriores do culto.

Mas chegaram a tal ponto as investidas da imprensa no Pará que Dom Antônio proibiu aos católicos, a 2 de Dezembro de 1871, a leitura do "Liberal do Pará", do "Santo Ofício" e da "Tribuna".

Em Belem, a luta pela imprensa foi renhida. Se o adversário atacava com furor, boas penas — particularmente na "Boa Nova" — defendiam intrepidamente a causa religiosa.

"A Regeneração", a princípio favoravel à Maçonaria — escrevia sem embargos: "Dói-nos no fundo d'alma ver que chefes eminentes do partido liberal renegam a liberdade dos cultos, como uma calamidade pública, preferindo-lhe o sistema absurdo de restrições regalistas que, para sustentar-se, têm necessidade de invocar as mais insustentaveis doutrinas, como é a do Exmo. Marquês de São Vicente, fundada em não ter a Igreja Católica jurisdição externa própria."

Em seguida, esse periódico, que tinha por proprietário e redator o eminente advogado Samuel Wallace Mac-Dowell, veio a ser defensor intrépido da causa da Igreja.

CAPÍTULO XVIII

A QUESTÃO RELIGIOSA NAS SUAS PRIMEIRAS EXPLOSÕES

No Rio de Janeiro. — Em Recife.

Infelizmente a maçonaria tinha conseguido introduzir vários membros nas irmandades, confrarias, ordens terceiras. Os Bispos sofriam com esse estado de coisas tão lamentavel. Houve tambem membros do clero que se deixaram eivar pelo virus maçônico. Isto nada diz contra a santidade da Igreja, pois a reação dos bons elementos e a condenação pelos chefes espirituais nunca faltou. E foi precisamente um desses casos que muito contribuiu para a agitação que foi rapidamente empolgando o país. José Luís de Almeida Martins, sacerdote, esquecido dos seus compromissos para com a Igreja, se filiara à seita e na festa maçônica de 3 de Março de 1872 fez um discurso que publicou depois pela imprensa. O Bispo do Rio de Janeiro, como era de prever, não renovou mais a pro-

visão de uso de ordens, que então expirava, em favor do culpado.

Apressamo-nos em declarar que o Padre Almeida Martins reconheceu mais tarde seu erro.

Tendo adoecido gravemente em fins de 1880, mandou chamar o Revmo. Vigário Geral do Rio para se reconciliar com Deus.

Quando lhe disse este que cumpria renunciasse à Maçonaria, declarou o padre que desde muito havia já renunciado. O enfermo fez sua profissão de fé e confessou-se. O Vigário Geral não publicou a reconciliação do Padre Martins à espera da confirmação do convertido, quando convalecesse. Foi ele convalecer em S. Sebastião do Rio Bonito, donde escreveu a 24 de Janeiro de 1881 ao Vigário Geral, pedindo que fosse publicada a sua reconciliação com a Igreja, dizendo: "Não tenho vexame nisto, ao contrário, sinto que em breve terei forças para sustentar com serenidade d'alma o meu ato — o ato mais importante da minha vida."

Da tribuna do Senado o verbo flamante de Silveira Lobo aborda com desassombro a questão religiosa e, referindo-se ao caso Almeida Martins, diz:

"O Bispo do Rio de Janeiro fez, portanto, o que não podia deixar de fazer. Desde que se tratava do menoscabo de um preceito da religião, cometido por um sacerdote seu subalterno, ele, a autoridade superior da Diocese, não podia, sem quebra do seu dever e da sua dignidade, deixar de punir, ainda que brandamente, como o fez, o padre refratário, que assim zombava da religião de que é ministro. Muitos padres, muitos vigários têm sofrido, em todos os tempos, suspensões como esta do Padre Almeida Martins, e mais rigorosas ainda, e nenhum clamor jamais se levantou, passando inteiramente despercebidas tais suspensões.

Entretanto, com o Padre Almeida Martins o contrário disto acontece. Por que seria?

É opinião geral que a diferença em favor do padre Almeida Martins proveio de ser ele maçon e português. A maçonaria aquí na côrte, como em Pernambuco, como no Pará, como em todas as cidades do litoral, é em sua grande maioria, como todos sabem, composta de portugueses.

O Snr. Zacarias — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo — Ora, os portugueses são senhores da melhor parte da fortuna do país; são os donos quasi exclusivos de todos os capitais mercantís entre nós. Daí o possante alarido que se tem levantado. Daí toda essa guerra à religião, aos bispos, aos padres. Daí todo esse imaginário perigo de ultramontanismo e todos esses risiveis pavores da teocracia.

. . . . . .

. . . . . .

O nobre presidente do Conselho nos disse que, quando tratava a maçonaria de reagir contra o diocesano do Rio de Janeiro, deu ele o seu assentimento para que não empregassem outros meios alem da imprensa; e é certo que em Pernambuco e no Pará criou a maçonaria orgãos seus para guerrear os monstros que de chofre surgiam e para a defesa de seus interesses. A luta travada na côrte extendeu-se logo àquelas províncias."

Os fatos que se deram em Março de 1872 no Rio se reproduzem em Dezembro do mesmo ano em Pernambuco.

No centro do país, porém, a luta não recrudesceu como no norte. Muitas circunstâncias concorreram para o carater grave que de dia para dia foi tomando a perseguição setária nortista.

Diz Joaquim Nabuco ("Um Estadista do Império", II V.):

"O ano de 1873 é o da chamada Questão Religiosa, o maior abalo que experimentou a Igreja brasileira no segundo reinado." E podemos acrescentar — a maior revelação da independência e grandeza d'alma de dois príncipes da Igreja brasileira.

Assim começa Nabuco a historiar os acontecimentos de Pernambuco: "Em 27 de Dezembro de 1872, o

novo Bispo de Olinda — Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira — jovem Capuchinho pernambucano, ordenou ao Vigário da paróquia de Santo Antônio, no Recife, que exaltasse o Dr. Costa Ribeiro, membro da Irmandade do S. S. Sacramento e maçon conhecido, a abjurar a Maçonaria, seita condenada pela Igreja, acrescentando: "Se por infelicidade este não quiser retratar-se, seja imediatamente expulso do grêmio da Irmandade, porquanto de tais instituições são excluidos os excomungados". No mesmo sentido expediu ordens aos Vigários de outras freguesias, indicando outros membros de Irmandades, que eram maçons conhecidos. A Irmandade de N. Senhora da Soledade, na Boa Vista (outro bairro da cidade do Recife), negou-se logo a expulsar de seu grêmio os irmãos que não quiseram abjurar a Maçonaria, e imediatamente, em 5 de Janeiro de 1873, Frei Vital lançou contra a Irmandade e a sua capela pena de interdito, que só deixaria de ter vigor pela retratação ou eliminação dos Irmãos filiados à Maçonaria. Como a Matriz da Boa Vista, estavam as outras principais igrejas de Recife e assim o interdito das capelas de irmandades importava a suspensão do culto público em toda a cidade, por tempo indefinido.

A agitação que se seguiu a esse ato no Recife foi grande e, sendo a Maçonaria uma só em todo o país, levantou-se de todos os fócos maçônicos o mesmo clamor contra o prelado, que se mostrava resolvido a separar a Maçonaria da Igreja.

Em princípio, o direito do bispo de privar da opa, na missa, os que insistiam em cingir à noite, nas lojas, o avental maçônico era perfeito; nem se compreende que a última palavra de liturgia pertença ao ministro de Estado e não ao Chefe da Igreja." Até aqui Joaquim Nabuco concorda muito bem com a atitude do prelado. Quando, porém, discorre sobre o caminho que o bispo seguiu para defender a Igreja contra abusos tão graves, discorda por completo.

Entretanto, como veremos, Dom Vital foi muito

calmo e prudente. Um só gesto de arrebatamento ou precipitação não se descobre no seu proceder. Antes de agir com energia, tentou os meios suasórios, sofreu longamente e orou muito. Mas realmente era triste a situação religiosa de muitas associações pias de sua diocese. E a seita assumia de dia para dia atitudes mais agressivas.

Quando o heroico Bispo Dom Vital foi preso, *Ganganelli* (pseudônimo do Cons. Joaquim Saldanha Marinho) exultou: "Honra ao povo pernambucano! Parabens ao país."

— *Honra ao país* — exclama o Dr. Antônio Manuel dos Reis, autor do livro magistral: "O Bispo de Olinda" — porque o ungido do Senhor está entregue aos seus algozes, vai comparecer ao Pretorio de Pilatos e ouvir a voz da turba amotinada: *Crucifige, Cricufige eum.*"

CAPÍTULO XIX

A QUESTÃO RELIGIOSA NO CONSELHO DE ESTADO

O Gabinete 7 de Março. — O Recurso à Corôa. — Parecer dos Conselheiros. — É processado o Bispo de Olinda.

O ano de 1872 começou com o mesmo Gabinete Rio Branco do ano anterior e terminou com alguma modificação. Ei-lo:

Gabinete (7 de Março de 1871) da Questão Religiosa. — Durou até 25-VI-1875.

Pres. — Visconde do Rio Branco — *Império* — João Alfredo Correia de Oliveira. — *Justiça* — Francisco de Paulo de Negreiros Saião Lobato (substituido a 20 de Abril de 1872 por Manuel Antônio Duarte de Azevedo). *Extrangeiros* — Manuel Francisco Correia (substituido a 28 de Janeiro de 1873 por Carlos Carneiro de Campos). *Fazenda* — Visconde do Rio

Branco. *Marinha* — Manuel Antônio Duarte de Azevedo (substituido em 20 de Abril de 1872 por Augusto Olímpio Gomes de Castro, que não aceitou, e em 18 de Maio por Joaquim Delfino Ribeiro da Luz). *Guerra* — Visconde do Rio Branco (substituido a 15 de Maio, por Domingos José Nogueira Jaguaribe, que foi substituido a 20 de Abril de 1872 por João José de Oliveira Junqueira), *Agricultura* — Teodoro Machado Freire Pereira da Silva (substituido a 20 de Abril de 1872 pelo Barão de Itauna, que foi substituido a 26 de Agosto por Francisco do Rego Barros Barreto, que foi substituido a 28 de Junho de 1873 por José Fernandes da Costa Pereira Júnior).

* * *

Vejamos como procedem os membros do Conselho nessa triste campanha.

O Bispo de Olinda em Dezembro de 1872 e o do Pará em Março de 1873 começaram a luta contra a maçonaria, como ficou dito.

Segue-se a questão do provimento do recurso à Corôa. Os bispos recusam reconhecer o direito de intervenção do Estado nos negócios eclesiásticos na forma pela qual se processava. Segue-se o processo de responsabilidade com a pronúncia, prisão, julgamento e condenação dos prelados. Em 1875 se lhes concede a anistia.

O Conselho de Estado recebeu a primeira consulta a 12 de Fevereiro de 1872, pois surgiram os pródromos da luta. Os quesitos formulados foram: 1.º se as Bulas que fulminam penas contra as sociedades maçônicas, não tendo sido placitadas, podem ter vigor no Brasil? 2.º Em qualquer caso, se podem ter aplicação às sociedades maçônicas do Brasil, à vista do nosso Direito? 3.º Até que ponto póde ir a ação e a intervenção dos prelados diocesanos, nas irmandades e outras associações que participam do carater religioso, regidos por compromissos ou estatutos aprovados pela autoridade civil, assim como pela eclesiástica na parte

que lhes compete? 4.º Que providências cabia ao governo dar a respeito dos atos dos bispos de Olinda e Belem em relação às irmandades que contam maçons em seu grêmio e de atos semelhantes dos prelados diocesanos.

Os membros do Conselho seguem orientações diversas. Essas quatro questões nasceram dos fatos que vamos expôr:

Em Pernambuco, em Fevereiro de 1873, se interpôs recurso. No ofício que Dom Vital dirigiu, a esse propósito, ao Presidente da Província declara: "Omitindo qualquer observação sobre as inexatidões contidas na dita petição, limito-me a dizer a V. Excia. que semelhante recurso é condenado por várias disposições da Igreja."

O recurso da Irmandade foi ao Conselho de Estado. O Visconde do Bom Retiro como relator manifesta-se contra o direito da Igreja; o Visconde de Abaeté é inteiramente a favor. O Marquês de São Vicente e Souza Franco são contra. Nabuco de Araujo se mostra contra, com alguma restrição.

Quando no Conselho se tratou do processo dos bispos, seus membros se dividiram assim: (Cfr. Joaquim Nabuco, O. cit.) o Visc. Souza Franco opinava pelo processo e, no caso de ser este repelido, pela deportação do bispo; S. Vicente, Inhomerim, Bom Retiro, Caxias são pelo processo; o Visconde de Abaeté opõe-se ao processo; mas concorda, se o bispo não cumprisse a decisão; o Marquês de Muritiba, o Visconde de Niterói, o Marquês de Sapucaí e o Visconde de Jaguarí são contrários a qualquer coerção; Nabuco se opõe ao processo, mas sustenta as antigas temporalidades.

O governo, de acordo com o voto do Conselho, concede provimento ao recurso (12 de Junho) e intima o bispo de Olinda a levantar os interditos. Dom Vital não reconhece a autoridade do Governo para intervir na questão espiritual (6 de Julho). É em seguida responsabilizado (27 de Setembro).

Surge, na arena agitada, a figura atlética de Dom Antônio de Macedo Costa. Três irmandades por ele interditadas fazem subir ao Conselho recursos contra ele: a O. T. do Carmo, a O. T. de S. Francisco e a Confraria de B. J. dos Passos.

Contra o bispo de Olinda foi dada a denúncia a 16 de Outubro de 1873, seguiu-se a pronúncia em crime inafiançavel a 12 de Dezembro do mesmo ano, e a prisão a 2 de Janeiro de 1874.

Os dois heróis

Sobre a figura empolgante de Dom Vital — Bispo de Olinda — não diremos quasi nada. Sua biografia já foi escrita. Alma pura, carater brando, não era facil supôr que fosse dotado de tanta resistência moral. Enfrentou com toda serenidade o adversário e, cheio de confiança em Deus, não mediu consequências. Esteve disposto a tudo. Entretanto, essa energia moral inquebrantavel nada tinha de imprudência. Soube contemporizar, lançou mão dos meios suasórios, tentou tudo antes de abrir luta ou, melhor, antes que lhe movessem guerra aberta. Ele poderá passar aos olhos dos críticos irrefletidos como homem pirrônico e intolerante. Mas não era do seu feitio lutar, perturbar a paz e causar sobressaltos. Manter-se no seu posto de dever, montando guarda a quanto lhe foi confiado, é simplesmente um dever, não intolerância. Se ele aceitasse transações indébitas, se conservasse a paz com menoscabo das leis eclesiásticas, se aceitasse as injunções setárias para fugir a incômodos e desassocegos, teria sido um pusilâmine. Nada de imprudência no seu proceder.

Dom Antônio, grande admirador do Bispo de Olinda, admirou-lhe sempre a firmeza e a serenidade. E assim procedeu tambem ele. É o que veremos.

Se a luta se deu, é porque os tempos eram maus. A monarquia se havia deixado impregnar do espírito setário e havia levado ao auge suas intromissões na esfera da Igreja.

A reação era necessária e veio a reação. Dom Vital e Dom Antônio não titubearam. Sentiam a voz imperativa da conciência: "Deus o quer". Ambos inteligentes e perfeitamente informados, não lhes podia fugir que o caminho pelo qual enveredavam conduzia ao martírio. Eram duas vítimas sublimes que voluntária e gostosamente extenderiam o colo sobre o cepo, se mister fosse.

Os homens de pouca fé, os pusilânimes, que são legião, os comodistas sem número, terão lamentado que bispos tão moços, tão bem preparados, com tanta capacidade para realizar grandes coisas em suas dioceses, se tenham deixado arrastar por um zelo intempestivo a uma luta inglória.

Nessa linguagem, porém, só ha insenstaez; é a *prudência* da carne que reflete assim.

O Pastor, que tentou todos os meios brandos para defender o seu rebanho, contemporizou quanto pôde, apelou para quantos lhe poderiam prestar auxílio e viu baldarem-se todos os esforços — se enfrenta o invasor com coragem e dá a sua vida para suas ovelhas, é simplesmente um herói. E foram dois heróis os dois grandes bispos. Heróis autênticos a pedir méças aos grandes defensores da fé e da glória do Senhor.

CAPÍTULO XX

A QUESTÃO RELIGIOSA NO SENADO

Qual fosse a atitude do Senado em face da Questão Religiosa, póde-se suficientemente entender com a leitura do brilhante discurso de Silveira Lobo.

É tão importante essa oração do ilustre Senador, tão desassombrada, tão rica de argumentos condenatórios da injustiça que se perpetrava, tão eficiente na defesa dos dois grandes bispos, que não queremos deixar de transcrevê-lo quasi todo.

Não monta que estejamos historiando ainda os primórdios da questão e o discurso seja de 1874, época

em que o desfecho terrivel estava iminente. O nobre Senador toma os acontecimentos do início e, portanto, confusão não se originará daquí. Entretanto, pelos apartes se apreciará a mentalidade de vários outros Senadores do Império. Leiamos:

"*O Snr. Silveira Lobo:* — Para provar que a questão é da maior atualidade, basta lembrar que hoje é a véspera do julgamento... digo mal, da condenação de mais um ínclito bispo, o do Pará. E, para provar a sua importância e o modo como andam fóra dos eixos negócios tão graves, basta poder eu, ou qualquer, afirmar, como afirmo, com a mais plena certeza, que se póde ter em casos tais, que o veneravel bispo vai ser amanhã condenado.

Provirá esta prévia certeza de haver a egrégia vítima praticado algum fato inquestionavelmente criminoso, e exuberantemente provado com irrefragaveis provas testemunhais e documentais? Nada disto, senhores, existe no processo. Mas, ainda que tudo isso existisse, não era lícita a infração do prudente e discreto preceito de jurisprudência, que veda a divulgação antecipada do teor, ou mesmo do sentido de uma sentença ainda não proferida. Nenhum juiz é dotado do dom de infalibilidade; enquanto considera a matéria a julgar, até ao último momento, ao lançar a sentença, póde mudar de parecer.

Será a asseveração filha da coerência que se deve presumir no tribunal, que condenou o bispo de Olinda? Então, a que fica reduzido o novo processo? E para que esse juizo plenário, que terá lugar amanhã?

Não; a só possibilidade de um melhor acordo, ou da mudança de opinião, e o dever de probidade de não insistirem no erro, desde que se faça conhecido, todos aqueles que interpõem juizo, ou sustentam princípios que prejudicam a direitos de terceiros, tornam temerária, senão injuriosa aos julgadores, uma semelhante antecipação.

O que ha de mais extraordinário a este respeito

é que a própria fala do trono já deu como condenado o bispo do Pará, que vai ser julgado amanhã!

Pois que, disse ela, falando de futuro ainda bem remoto: "cumpria que os bispos não ficassem impunes!"

É, certamente, demasiada confiança na lata obediência à ordem do governo, que entregou a sorte dos bispos ao Supremo Tribunal de Justiça!

Embora desgraçadamente pareça que o governo tem razão nessa confiança, a decência impunha mais reserva e mais comedimento da parte de um poder, que, além de estranho ao poder judiciário, o traz efetivamente debaixo de sua dependência e sob pressão, a mais de um respeito, como o demonstra uma série de fatos e a última reforma judiciária, que armou o governo com a faculdade de aposentar magistrados.

Snr. presidente, trato desta questão sem invocar, sem entrar na esfera do privilégio ou proteção especial, que a nossa constituição dispensa à religião católica. Para justificar as minhas asserções, para fundamentar o meu juizo, não preciso sair do terreno do direito.

Quais os fatos pelos quais são condenados os bispos? São condenados, não por fatos positivos que praticassem, sujeitos á lei penal, mas por não se haverem prestado a dar cumprimento às decisões dos recursos à corôa, revogatórias dos interditos por eles lançados sobre algumas irmandades religiosas de Pernambuco e do Pará.

Pelo lado criminal, é este o único ponto, com aparências de plausibilidade, que se apura da história de todas e cada uma das ocurrências que constituem a questão; e o Supremo Tribunal, firmando-se só no artigo 96 do Código Criminal, excluidos todos os demais artigos que lhe foram indigitados pela denúncia do procurador da corôa, tornou bem patente a verdade deste asserto.

Certamente crime não ha no lançamento dos interditos, nem na sua suposta ilegalidade por falta de

forma, e nem na injustiça com que porventura hajam sido lançados; são assuntos estes que escapam à ação da justiça criminal, temporal ou civil.

Fazendo-se eco de vagas e caluniosas acusações contra o bispo de Olinda, o ministro do Império, no seu aviso de 27 de Setembro do ano passado, pelo qual fez entrega do bispo ao tribunal, acumulou sobre o mesmo, além da suposta desobediência à decisão do recurso à corôa, variadas imputações, quais, por exemplo: ter o bispo confortado os vigários para que não abandonassem seu posto de honra na sustentação dos interditos; ter suspendido um deles *ex-informata conscientia,* emprestando ilícita e temerariamente à conciência do prelado a causal que lhe aprouve; ter sido causa ocasional de perturbações na ordem pública, e ter aplicado bulas não placitadas, das quais adiante, mais de espaço, me ocuparei.

Mas, senhores, é preciso muita ignorância ou má fé, para não verem os perseguidores dos bispos que nenhuma dessas imputações importa assunto criminal e punivel pelas nossas leis. E o fato é que, apesar da singular e deploravel boa vontade do tribunal supremo em servir ao governo, esse tribunal, se bem que nos considerandos de seus despachos ou sentenças não abandonasse de todo algumas dessas imputações, não pôde, como já disse, não teve remédio senão circunscrever-se afinal a uma só delas, que subordinou ao art. 96 do Código Criminal, isto é, a que se refere ao não cumprimento por parte dos bispos da decisão dos recursos à corôa.

Os perseguidores dos bispos os acoimam ainda de imprudência e provocação. Escapam não menos à alçada criminal estas imputações, que mostrarei, pela narração dos fatos, serem injustas e imerecidas.

A provocação, quando provada, não passa de uma circunstância agravante perante a nossa lei criminal; não constitue crime; concorre apenas para agravar a culpa, quando acompanha algum fato criminoso. E fique desde já notado que uma tal circunstância não

se deu, em o não cumprimento dos recursos à corôa.

Façamos, para maior clareza, rápida menção de alguns fatos.

Todos sabem que a questão começou nesta côrte logo depois da tão decantada festa maçônica de 3 de Março de 1872.

O Padre Almeida Martins publicou pela imprensa um discurso, que como orador maçônico nessa festa havia proferido. O bispo do Rio de Janeiro, vendo que esse sacerdote assim afrontava, tão de público, o preceito da Igreja que condena a maçonaria, resolveu suspendê-lo de algumas ordens, ou mais exatamente, resolveu não renovar-lhe as provisões para uso dessas ordens, cujo prazo terminava a esse mesmo tempo. O bispo do Rio de Janeiro fez, portanto, o que não podia deixar de fazer.

Desde que se tratava do menoscabo de um preceito da religião, cometido por um sacerdote seu subalterno, ele, a autoridade superior da diocese, não podia, sem quebra do seu dever e da sua dignidade, deixar de punir, ainda que brandamente, como o fez, o padre refratário, que assim zombava da religião de que é ministro.

Muitos padres, muitos vigários têm sofrido em todos os tempos suspensões como essa do padre Almenda Martins, e mais rigorosas ainda, e nenhum clamor jámais se levantou, passando inteiramente desapercebidas tais suspensões.

Entretanto, com o padre Almeida Martins o contrário disto acontece. Por que seria? É opinião geral que a diferença em favor do padre Almeida Martins provem de ser ele maçon e português.

A maçonaria aquí na côrte, como em Pernambuco, como no Pará, como em todas as cidades do litoral, é em sua grande maioria, como todos sabem, composta de portugueses.

Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Ora, os portugueses são senhores da melhor parte da fortuna do país; são os

donos quasi exclusivos de todos os capitais mercantis entre nós. Daí o possante alarido que se tem levantado. Daí toda essa guerra à religião, aos bispos, aos padres. Daí todos esses imaginários perigos do ultramontanismo, e todos esses risiveis pavores da teocracia.

É fóra de questão que até essa data ninguem murmurava sequer da nossa religião. É fóra de questão que ela vivia vida plácida e tranquila, benquista e venerada de todos. Ninguem se apercebia desses grandes perigos do ultramontanismo, nem se deixava tomar desses ridículos pavores da teocracia. Não ha quem conteste que toda essa trovoada se filia à suspensão do padre Almeida Martins. Foi daí para cá que se descobriu que todo o povo pisava e pisa incauto as bordas do medonho abismo.

O nobre presidente do conselho nos disse que, quando tratava a maçonaria de reagir contra o diocesano do Rio de Janeiro, deu ele o seu assentimento para que não empregassem outros meios, alem da imprensa; e é certo que em Pernambuco e no Pará criou a maçonaria orgãos seus para guerrear os monstros que de chofre surgiam, e para defesa de seus interesses. A luta travada na côrte estendeu-se logo àquelas províncias.

O bispo de Olinda teve de manifestar-se em pastoral, como era de seu rigoroso dever, contra os ataques que ao dogma da Conceição Imaculada fazia o orgão da maçonaria — *A Verdade*. — Advertiu aos católicos que venenoso era o pasto fornecido por aquele periódico, e que, pois, não o lessem.

Os maçons exacerbaram-se, e começaram a fazer praça do seu maçonismo em toda a parte, e até no grêmio das irmandades religiosas, com grave dano e em menoscabo do culto divino.

O bispo prosseguiu na senda do seu dever, e ordenou à irmandade do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio do Recife que expelisse de seu seio um

irmão que era maçon. A irmandade desobedeceu. O bispo a suspendeu, isto é, lançou-lhe interdito.

A irmandade interdita, em vez de recorrer aos poderes eclesiásticos, ao metropolitano e à Santa Sé, fazendo-lhes ver que a maçonaria não era no Brasil infensa à religião, como de fato não era, ao que me parece, até àquela data, recorreu à corôa, ao poder temporal.

Mutatis mutandis, foi o que se deu na diocese do Pará.

Vou analisar, Snr. presidente, detalhadamente, a decisão desses recursos à corôa e seus fundamentos, a suposta desobediência dos bispos, e o proceder do Supremo Tribunal de Justiça.

Começarei por firmar a incompetência deste tribunal, que, no processo, julgamento e condenação dos bispos, procedeu sem poder algum conferido por lei, e com a mais revoltante injustiça.

Snr. presidente, quando se trata do exercício, ou de um ato de qualquer dos poderes, quer legislativo, quer judicial, quer executivo ou moderador, o primeiro requisito a indagar é se o poder tem competência para o praticar. Ou, por outra, a primeira condição da legalidade do ato é achar-se ele compreendido na esfera das faculdades, que ao poder é traçada por lei.

O poder judicial tem por missão aplicar as leis aos casos que ocorrem, fazendo efetiva a sua observância. E entre nós a lei das leis é a constituição do Estado.

No art. 164 diz a constituição que ao Supremo Tribunal de Justiça compete conhecer dos crimes que cometerem os seus ministros, os desembargadores, os diplomatas e os presidentes de província. Prescreve ela, portanto, com essa excepção ao princípio do fôro comum, que somente essas três classes de altos funcionários têm o privilégio de ser julgados perante o Supremo Tribunal de Justiça.

A lei de 18 de Agosto de 1851, ampliando visivelmente a constituição, decretou que os arcebispos e bispos do Império fossem tambem julgados pelo Supre-

mo Tribunal. Podia fazê-lo? O seu preceito é obrigatório? Eis a questão.

Parece-me, senhores, que essa lei é nula e sem valia, por evidentemente inconstitucional.

A constituição, depois de marcar nos arts. 174, 175, 176 e 177 os trâmites pelos quais só é permitido reformar algum ou alguns artigos da constituição, diz no artigo 178, que é constitucional, para o fim de não poder ser alterado senão por meio desses trâmites, tudo o que diz respeito aos limites e atribuições dos poderes políticos.

Ora, o poder judicial, a que pertence o Supremo Tribunal de Justiça, é um dos poderes políticos. A lei de 1851, fazendo entrar para a alçada desse tribunal mais uma classe de funcionários, não contemplada na constituição, alargou-lhe evidentemente as atribuições, e alterou, portanto, os limites do poder judicial.

Mas a assembléia que decretou esta lei não tinha mandato que lhe desse o carater de constituinte, ou o poder para decretar, conforme o citado art. 176. Nem uma tal adição à constituição, na frase do art. 177 da mesma, passou pelos trâmites constitucionais, e o sabe perfeitamente o Supremo Tribunal.

Logo, a lei é inconstitucional, e como tal sem valor algum obrigatório. Logo, o Supremo Tribunal não podia nem póde fazer obra por ela; não tinha nem tem competência para julgar os bispos. Esta demonstração parece-me inatacavel no rigor do direito. Se o Supremo Tribunal soubesse manter-se na altura de sua missão, ter-se-ia declarado incompetente para essa causa.

Nem faria com isso mais do que frequentemente faz o poder judicial nos Estados Unidos. Desde que o Congresso promulga uma lei inconstitucional, o poder judicial não a aplica, não a executa, procede como se a lei não existira. E assim deve ser, porque as Câmaras Legislativas nos paises constitucionais não têm mais nem menos poder do que aquele que lhe é traçado pela lei das leis, a constituição, e, se exorbitam,

obram sem poder, sem competência, e, portanto, ilegalmente, de modo não obrigatório para ninguem.

Mas, senhores, suponhamos que a assembléia que decretou a lei de 1851 tinha poder para isso, e que essa lei deve vigorar em toda a sua plenitude; ainda assim, o Supremo Tribunal não tinha poder ou competência para julgar os bispos em assuntos espirituais ou concernentes à sua jurisdição episcopal. Julgando-os, exorbitou de suas atribuições e cometeu verdadeiro atentado.

O Snr. Figueira de Melo: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Mais luminosa e mais procedente demonstração da incompetência do tribunal, do que fizeram essas ilustres vítimas da perseguição do governo, não tenho a presunção de poder fazer. Mas, é meu rigoroso dever exibir os fundamentos em que me firmo para profligar a prepotente, criminosa e abusiva rejeição dessa exceção do direito por parte do tribunal.

A lei de 18 de Agosto de 1851, no seu art. 1.º, diz: "Os arcebispos e bispos do Império do Brasil, nas causas que não forem puramente espirituais, serão processados e julgados pelo Supremo Tribunal de Justiça."

É claro, é evidente que, com este *puramente espiritual,* a lei não quis mais do que firmar a extensão toda do poder que criou e conferiu ao Supremo Tribunal de Justiça sobre os bispos; fazendo esbarrar, entretanto, esse poder no limite que lhe não era dado ultrapassar, a jurisdição dos bispos, o direito eclesiástico. É claro, é evidente, que a disposição desta lei coloca os bispos fóra da alçada criminal do Supremo Tribunal de Justiça, em tudo quanto praticarem como autoridades eclesiásticas, no uso das faculdades que lhes são conferidas pelo direito eclesiástico; e somente os submete à alçada do mesmo tribunal no que de punivel possam praticar, não como bispos, não como autoridades eclesiásticas, mas como cidadãos, como homens.

É isto exatamente o que quer dizer o: — nas causas que não forem puramente espirituais serão processados e julgados pelo Supremo Tribunal de Justiça.

Como, porém, entendem os perseguidores dos bispos esta tão clara e tão terminante disposição da lei?

Dizem que em relação ao culto e aos bispos só é puramente espiritual o que escapa à inspeção dos sentidos, o que pertence ao fôro das conciências, ao mundo invisivel! Tal é, em último resultado, o que se depreende dessa sofística discriminação, que fazem entre o que é espiritual, temporal e mixto, proclamando não compreendido na exceção da lei tudo o que concerne ao culto externo, e por não ser este *puramente espiritual,* mas sim mixto de espiritual e temporal!

Ora, senhores, quem não vê o absurdo de semelhante interpretação? Seria mais que ilusório, seria ridículo, referir-se a lei só ao que é *puramente espiritual,* na acepção de ser sómente ao que não está ao alcance dos sentidos. Se assim fosse, a exceção feita em relação aos bispos na parte em que não estão sujeitos ao tribunal, desapareceria completamente; não era exceção alguma; pois que não carecem eles, nem ninguem, da proteção da lei, para no que é interno ou invisivel, ou *puramente espiritual,* no sentido de tais intérpretes, escapar à ação dos tribunais humanos.

O Snr. Figueira de Melo: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Já se vê, pois, que o advérbio *puramente,* empregado na exceção que fez a lei ao princípio que estabeleceu de ficarem os bispos sujeitos à alçada do tribunal, não tem outro valor nem outro efeito senão acentuar bem quais as causas que não ficavam compreendidas na regra por ela estabelecida, e vem a ser as causas eclesiásticas ou religiosas, ou espirituais, o que vale o mesmo, abrangendo forçosamente tudo quanto respeita ao culto externo, que é tambem espiritual. Consequentemente, as questões de culto externo são puramente espirituais, no

sentido da lei, e não podem deixar de ser, porque não são questões temporais. Estão compreendidas evidentemente na exceção da lei, ou preceito que põe os bispos fóra da jurisdição do Supremo Tribunal.

Snr. presidente, nem outra coisa podia a lei estabelecer. São de sua natureza distintas e independentes as esferas dos dois poderes, civil e eclesiástico. Essa independência desapareceria, seria nula, se os bispos estivessem sujeitos à lei civil, pelos atos de sua espiritual ou episcopal jurisdição.

O princípio da liberdade de conciência, e consequentemente da liberdade de cultos, quando adotado sem restrições, garante os atos externos de qualquer culto, e o exercício dos poderes que tenham seus ministros.

A nossa Constituição, reconhecendo ser a religião dos brasileiros a católica, apostólica, romana, e declarando-a religião do Estado, adotou-a tal qual é, como uma sociedade independente e perfeita, com a organização que tem, com poderes seus, com suas autoridades legitimamente constituidas, obrando livremente na esfera de suas atribuições, com suas leis, seus dogmas, suas doutrinas e disciplina, em uma palavra, adotou-a com tudo quanto é parte integrante, ou constitue a religião católica, apostólica, romana.

O Snr. Zacarias: — Muito bem.

O Snr. Silveira Lobo: — Daquí resulta que sujeitar um bispo, uma autoridade eclesiástica qualquer a um tribunal civil, por atos de sua jurisdição espiritual, é ofender a integridade da religião, garantida pela constituição; é ofender igualmente o princípio da liberdade de conciência, que a constituição garante sem restrição alguma aos católicos: e faz mais do que isto, pois que privilegia a religião católica.

As irmandades são corporações mixtas; e, se bem que houvesse no conselho de Estado quem, no empenho de ajeitar argumentos, que autorizassem a invasão do poder civil na esfera religiosa, chegasse até a afirmar que são elas mais civis do que religiosas, a

verdade é precisamente o contrário. Nas ações humanas a intenção é que as qualifica, a intenção é tudo. O fim é tambem, nas associações, o que determina a sua natureza e denominação. Sendo religioso o fim das irmandades, é claro que são elas sociedades religiosas, no rigor da palavra.

O Snr. Zacarias: — Principalmente religiosas.

O Snr. Silveira Lobo: — Mas, como, pelo que toca aos meios de chegar a esse fim, carecem do direito de adquirir, de conservar e de administrar propriedades ou bens, daí lhes vem a parte temporal, que as torna mixtas, e como tais sujeitas em parte à autoridade eclesiástica, e em parte à autoridade civil.

Entretanto, senhores, é certo que nenhuma lei, nenhum princípio ha que, por serem elas mixtas, limite de forma alguma o poder ou a jurisdição de uma ou de outra autoridade. A autoridade eclesiástica, na parte que lhe compete ingerir-se nas irmandades, é tão livre, tão independente, como se elas nada tivessem de civis, como se não fossem mixtas; e o mesmo acontece á autoridade civil.

O Snr. Figueira de Melo: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — A questão dos bispos, ou antes a questão do governo com os bispos, é a dos interditos por eles lançados a irmandades de Pernambuco e do Pará, incluida a interdição de capelas por parte deste. Basta isto para mostrar que, de sua natureza e intuitivamente, a questão, o assunto, a causa é puramente religiosa, o que vale o mesmo, em linguagem legal; pois que o interdito é uma pena espiritual, cuja aplicação compete exclusivamente à autoridade eclesiástica; e jamais, e em caso algum, à autoridade civil. Basta isto, consequentemente, para provar que não compete ao Supremo Tribunal de Justiça ingerir-se em semelhante questão, julgar os bispos em uma tal causa, que é *puramente espiritual.*

Mas intervem a aleivosia, o sofisma, a paixão, e afirmam e propalam que os bispos invadiram a esfera temporal, conculcaram o direito natural e os canones,

aplicaram bulas não placitadas, e afinal desobedeceram às decisões dos recursos interpostos para a corôa.

Examinemos cada uma destas vozerias, e vejamos se encerram verdade, e se autorizam alguma coisa em relação à competência do tribunal.

A este fim, dou desde já por hipótese, só para argumentar, que subsistem legalmente entre nós os extravagantes recursos à corôa.

A usurpação ou invasão do temporal, de que reza o art. 1.º § 1.º do decreto do poder executivo n.º 1.911, de 28 de Março de 1857, foi um dos fundamentos para as decisões que tiveram esses recursos, e para as sentenças do Supremo Tribunal, que a mencionam em seus considerandos.

Em um país organizado como o nosso, onde a autoridade eclesiástica gira na esfera que lhe é própria, separada e independente da órbita do poder civil, sem coparticipar por forma alguma das atribuições deste poder, não são precisos artigos orgânicos nem concordatas, para discriminar-se o que é temporal ou civil do que é espiritual ou eclesiástico.

A luz da razão e o simples bom senso são suficientes para fazer-se com segurança essa discriminação. E basta refletir que no que é eclesiástico não entra coerção, senão moral; não é como no civil, onde o direito de cada um, e qualquer ato da autoridade póde fazer-se acompanhar da força de constranger materialmente.

Como é que os bispos, lançando interditos, puderam invadir ou invadiram a esfera temporal?

Os que recorreram à corôa alegaram, e o conselho de Estado aceitou, que os bispos, exigindo das irmandades que foram suspensas expelissem de seu seio os maçons, sem estar consagrada nos compromissos uma tal incapacidade, e lançando-lhes interditos, por não terem sido obedecidos, infringiram os compromissos e invadiram assim a esfera do poder civil; visto como os compromissos das irmandades são tambem filhos de atos aprobatórios deste poder.

Segundo o parecer do Conselho de Estado (não me refiro à secção do império somente, porque o parecer foi posteriormente adotado em conselho pleno por quasi todos os conselheiros), a invasão ou usurpação consiste na infração dos compromissos.

Entretanto, é fóra de dúvida que tal infração não houve; e que esta e outras coartadas semelhantes da jurisprudência do medalhão não passam de descorado pretexto, para poder a corôa governar os bispos, invadindo a esfera da espiritual jurisdição destes, por meio de provimentos aos recursos.

Pergunto eu: Será lícito inserir nos compromissos de tais irmandades declarações, de que podem pertencer às mesmas indivíduos não católicos, ou apostatas, ou muçulmanos, ou protestantes, ou sectários de outra qualquer seita? Certamente não.

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Mas por que? Porque está subentendido que quem não for católico não póde fazer parte de irmandades destinadas à celebração do culto católico. Seria e será sempre supérflua ou escusada uma tal declaração.

Todo o compromisso, portanto, de tais irmandades pressupõe e inclue forçosamente, ainda que não o declare, a qualidade de católico, como condição imprescindivel para fazer parte das mesmas. Nem se concebe uma agregação de fiéis com fins religiosos, fundada no seio da grande sociedade católica, fazendo parte desta, vivendo sob a proteção dos seus ministros e recebendo auxílio e socorros destes, sem ser composta inteira e exclusivamente de indivíduos que professem a mesma fé.

Seria irrisório; e colocaria os próprios dissidentes em posição bem pouco airosa.

É evidente, pois, que os bispos, tentando expurgar as irmandades de indivíduos que por fatos seus se haviam colocado fóra do catolicismo, segundo determinações da Igreja, não infringiram seus compromissos, antes acertadamente os interpretaram, e meritoriamente os sustentaram. É igualmente evidente que, para o mesmo fim, lançando interditos, não sairam fóra da esfera legítima de sua jurisdição espiritual, e não invadiram, portanto, nem usurparam parcela alguma de poder temporal.

Ou pretenderão que, pelo fato de receberem aprovação do poder civil, na parte civel, os compromissos das irmandades, fique coarctada a jurisdição dos bispos sobre as mesmas na parte religiosa, concernente ao culto? Eu já o disse: nenhuma lei, nenhum princípio autoriza semelhante coisa.

O Snr. Figueira de Melo: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Importaria o mesmo que ficar diminuida para os católicos a obrigação de obediência aos pastores da Igreja, pelo fato de haverem entrado para uma sociedade religiosa, sujeita aos mesmos pastores, o que é absurdo.

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — A outra coartada de usurpação ou invasão do poder civil é que os interditos têm efeitos civis sobre os bens das irmandades. Quais são, porém, esses efeitos? Outros não são nem podem ser senão deixar em mortório tais bens, enquanto não forem levantados os interditos. Ora, esta alegação, a proceder, provaria demais; seria razão para que se eliminassem para sempre os interditos, em toda e qualquer hipótese; pois que eles influem sempre, necessariamente, e não podem deixar de influir, sobre os bens das irmandades, no sentido de os deixarem sem aplicação ao destino por amor dos quais as irmandades os possuem.

Mas, senhores, qual é a pena, seja qual fôr sua natureza, que não vai alem dos fins que autorizam sua aplicação? Todas excedem em suas consequências os limites marcados por esses fins. Quando se pune na sociedade civil a um pai de família ou a um indivíduo qualquer, sofre a família, sofrem terceiras pessoas, todos os que estão ligados a eles por qualquer

forma ou sob qualquer relação, embora todos inocentes.

Mas, nem por isso se diz que a pena passa da pessoa do culpado, para o fim de não poder ou de não dever ser aplicada. As consequências fatais das penas nunca foram nem são razão para que não sejam elas aplicadas.

Este mesmo princípio, Snr. presidente, milita em toda a sua plenitude em relação aos interditos. Não deixam de ser pena *puramente espiritual* e da inteira e exclusiva competência da autoridade eclesiástica, por terem influência e efeitos sobre os bens temporais das irmandades.

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — A competência, o poder dos bispos não sofre limitação ou restrição alguma por amor de tais efeitos civis.

Os Snrs. Zacarias e *Figueira de Melo:* — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Os bispos, que têm o poder de lançar uma tal pena, têm tambem o poder de ver o caso e a oportunidade em que deve ser ela aplicada. Efetivamente a aplicam. A pena, ou antes a sua aplicação, acarreta efeitos civis. Os bispos nada têm com isso. Usaram competentemente de um direito, de um poder seu; não os devem embaraçar as consequências do seu ato, por mais estranhas que sejam à natureza desse mesmo ato.

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Os resultados, os efeitos que dimanam necessariamente, fatalmente, do exercício de um poder, resultados e efeitos que aparecem, como dizem os jurisconsultos, por via de consequência, não podem influir sobre um tal exercício, não têm a força de modificá-lo.

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Consideremos agora, Snr. presidente, o argumento, ou antes a coartada, pelo seu reverso.

Figuremos, não os bispos, na parte espiritual, mas o poder civil em ação, na parte que lhe respeita, sobre os bens de uma irmandade. Tornemos ainda mais claro que, por serem mixtas as irmandades, não se segue que tambem o sejam os atos dos dois poderes diferentes, sob cuja proteção vivem.

Suponha-se que uma irmandade possue 200:000$ em apólices, destinadas à celebração do culto de que se encarregou, sem mais outros meios materiais ou temporais. Suponha-se que um terceiro entende que essas apólices lhe pertencem, e trata de acionar a irmandade para reivindicá-las. A demanda tem de ser intentada e seguida no juizo civil, no juizo temporal. A justiça civil, por serem da irmandade as apólices, para proferir a sua sentença, tem de pedir méças à autoridade eclesiástica, a que tambem está sujeita a irmandade, embora na parte religiosa somente? De certo que não.

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Se a irmandade não tiver direito às apólices, se a justiça civil lh'as tirar e der ao terceiro, que é o seu verdadeiro dono, não a priva de celebração do culto divino? Sem dúvida.

Mas, poderá por isso a autoridade eclesiástica dizer invadida a esfera da sua jurisdição? Ninguem o afirmará. Por que? Porque a interrupção ou impossibilidade da celebração do culto vem por via de consequência; é uma consequência fatal e necessária, que não póde nem deve estorvar a ação do poder temporal; que não muda nem modifica a natureza deste poder, tão independente e livre na esfera de sua jurisdição, como é o poder eclesiástico. *(Apoiados).*

Parece-me demonstrado que, por ter efeitos civis, não perde o interdito nada absolutamente da sua natureza puramente espiritual ou religiosa. Mas, para maior evidência ainda, citarei alguns exemplos.

O sacramento do matrimônio é a base da sociedade da família entre nós. O divórcio é o meio de desfazer esta sociedade. Quem o julga? Não é exclusivamente

a autoridade eclesiástica, em cujo fôro corre, sem nenhuma intervenção ou dependência do poder civil? E a sentença do poder espiritual, que põe termo à lide, não tem efeitos civis, do maior alcance, sobre as pessoas e bens dos litigantes? Não é em face e em virtude dela, quando favoravel ao divórcio, que se extinguem os direitos do marido em relação à mulher, e que se divide por ambos os bens do casal, alem de muitos outros efeitos civis? *(Apoiados).*

Entretanto, ninguem diz por isso que a sentença do divórcio não seja *puramente espiritual;* nem lhe atribue sequer a mínima usurpação ou invasão do poder civil.

O Snr. Visconde de Souza Franco: — Isso é civel.

O Snr. Silveira Lobo: — Nada importa; a doutrina é sempre a mesma: verdadeira e procedente, tanto no civel como no crime. Mas, citarei um outro exemplo, contra o qual nada haja que dizer-se.

É da exclusiva, senão mais que exclusiva competência dos bispos suspender os padres e vigários *ex-informata conscientia.* É um ato *puramente espiritual,* sobre o qual nada tem que ver o poder civil. Entretanto, ele traz consequências civis para os padres, privando-os de rendimentos, de meios de vida; e aos vigários tira até as côngruas. Mas, não deixa por isto, repito, de ser a suspensão *ex-informata conscientia,* como é o interdito, uma medida *puramente espiritual. (Apoiados).*

Eis, portanto, senhores, demonstrado até à última evidência, que o Supremo Tribunal de Justiça, intrometendo-se na questão *puramente espiritual* dos interditos lançados pelos bispos, na qual questão mui indebitamente se ingeriu o governo; e processando-os, e julgando-os, e condenando-os, abusou criminosamente de uma atribuição que lhe é reservada e denegada expressamente por essa mesma nula e inconstitucional lei de 18 de Agosto de 1851. *(Apoiados).*

Snr. presidente, poderá alguem dizer que perderam alguma coisa de espirituais os interditos, com a intervenção do governo, tomando conhecimento deles e interpondo decisões por meio de recursos à corôa, decisões pelas quais, com todo o direito e razão, não quiseram estar os bispos? Parece impossivel. Um assunto não perde, nem muda de natureza, porque dele se ocupam, ou nele se intrometem pessoas que lhe são estranhas. Permanece tal qual é. Porque tratam paisanos da tática de guerra, não deixa de ser ela assunto militar. A intervenção do governo nos interditos, ainda que ele estivesse legalmente revestido da respetiva atribuição arqui-episcopal ou papal, não alterou em nada a natureza espiritual; até mesmo porque, em tal caso, o governo era, nessa parte, tambem espiritual. *(Apoiados).*

Nada mais, Snr. presidente, careço dizer sobre a espiritualidade da causa. A secção do conselho de Estado capitulou, é certo, que nos interditos houve violência, postergando-se o direito natural e os canones, na forma do § 3.º art. 1.º do citado decreto n.º 1.911. Mas, não provou de modo algum a violência; não indicou sequer o princípio jurídico postergado, nem os canones. Apenas se depreende do contexto de seus pareceres que ela se refere a supostas irrgularidades do processo dos interditos, ou a supostas ofensas do direito de defesa das irmandades interditas.

Ora, estas irregularidades do processo dos interditos, quando mesmo a secção as tivesse provado, não são questões, nem sequer de competência ou jurisdição dos bispos, mas somente do uso, ou aplicação dessa jurisdição; e, quando muito, do mérito ou justiça desse mesmo uso, ou aplicação: não são, em uma palavra, matéria temporal, e muito menos criminal. *(Apoiados).*

A secção do conselho de Estado, capitulando-as e tomando delas conhecimento, o que conseguiu foi só pôr bem patente o seu desrespeito por esse mesmo decreto em que se fundou; nada mais. No art. 7.º determina o referido decreto que não seja admitido recurso à corôa, no caso do § 3.º do art. 1.º, senão quan-

do não houver, ou não fôr provido (são palavras textuais) o recurso, que competir para o superior eclesiástico. A verdade é que não foi interposto nenhum recurso para as autoridades eclesiásticas superiores. A consequência vem a ser que a secção abusou, tomando conhecimento dos recursos das irmandades, na parte relativa ao § 3.º supracitado; e vem a ser ainda que nessa parte não ha nem houve provimento de recurso, visto como provimento ilegal e nulo é como se não existira. E, pois, tambem por esta razão não devo demorar-me mais com semelhantes alegações.

Continuemos com o Supremo Tribunal.

Suponha-se, senhores, que a lei de 1851 é constitucional e válida. Suponha-se que os bispos estão legalmente sujeitos a esse tribunal. Suponha-se que ele tem competência para os julgar mesmo nos casos espirituais. Suponha-se, em suma, que não é evidente, nem procede nada do que tenho dito até aquí. Ainda assim, o Supremo Tribunal de Justiça estava constituido em absoluta impossibilidade legal de julgar e condenar os bispos. Ainda assim, o julgamento e condenação dos bispos são atos nulos, ilegais, atentatórios da constituição, e altamente criminosos, como é facil demonstrar.

Senhores, a constituição não proibe somente que os cidadãos brasileiros sejam sentenciados, como foram os bispos, por autoridade incompetente; proibe tambem, com igual força, que o sejam sem forma prescrita por lei anterior. No art. 179 § 11, determina ela que *ninguem será sentenciado senão por autoridade competente, e em virtude de lei anterior, e na forma* (ipsis verbis) *por ela prescrita.*

A *forma,* para o julgamento e para a sentença, quem a dá, não é a vontade ou o arbítrio do julgador, mas sim a lei e lei anterior. Tudo o que não é isto, senhores, é o arbítrio, é ilegalidade, é monstruosidade sem valia, punivel, criminosa, como contrária que é à letra da constituição. É o poder legislativo, e não o judiciário, que faz a lei da forma do julgamento, a lei

do processo, ou indica a que tem de servir no caso, o que importa o mesmo.

O poder judiciário é incompetente para legislar e, portanto, para fazer esta indicação; se a faz, comete usurpação, comete ato nulo, pelo qual não é lícito fazer obra *(Apoiados).*

Esta minha argumentação, Sr. presidente, parece-me indestrutivel, a menos que se me não aponte a lei que regula, ou que marca o processo dos bispos.

Peço aos ínclitos e concienciosos aplaudidores do Supremo Tribunal que me indiquem qual a lei que marca ou designa a forma do processo dos bispos...

O Snr. Figueira de Melo: — Moita! Não são capazes.

O Snr. Silveira Lobo: — Não podem indicar, porque não existe.

O Snr. Figueira de Melo: — O Snr. Souza Franco não toma a palavra para vir defender a procedência dos seus conselhos.

O Snr. Silveira Lobo: — A suposta lei de 1851, que sujeitou os bispos, nos crimes comuns, ao Supremo Tribunal de Justiça, não diz qual o processo pelo qual seriam processados. Foi completamente omissa a esse respeito. Nenhuma outra lei posterior veio remediar a omissão. As leis do processo, anteriores, são positiva e expressamente relativas às classes de funcionários, que a constituição mande julgar pelo Supremo Tribunal. Não falam em bispos, nem podiam falar; não são, portanto, aplicaveis a estes; nem o podem ser, senão em virtude de disposição legislativa. O decreto de 20 de Outubro de 1850, por exemplo, diz no art. 1.º: "Nos delitos de *que pela constituição deva conhecer o Supremo Tribunal,* etc.". A lei de 1851 não é a constituição; logo, não estão os bispos compreendidos na disposição do referido decreto. Muitas vezes essas leis designam nomeadamente as classes de tais funcionários, como o faz a lei de 18 de Setembro de 1828, no art. 5.º, § 2.º, sem compreender nem poder compreender os bispos, como já disse, que só

por essa suposta lei posterior ficavam sujeitos ao Supremo Tribunal.

Com que direito, pois, o Supremo Tribunal, substituindo-se ao poder legislativo, adota o processo marcado para os outros funcionários, que a constituição submeteu à sua alçada? *(Apoiados)*. E note-se que o adotou com tal vacilação, que bem revelou estar com isso cometendo um arbítrio infundado, um verdadeiro crime. Parece até que não tomou por norma processo algum; pois o por ele seguido é no todo informe, irregular, e entre nós desconhecido. Nem auto de qualificação, nem interrogatório, nem depoimento de testemunhas aí se vê, além da falta de outras formalidades essenciais a todo o processo regular *(Apoiados)*.

A Constituição, Snr. presidente, exigiu o processo como garantia do cidadão, e tão importante, quanto abre espaço ao descobrimento da verdade, à defesa do cidadão, e coarta e limita o arbítrio do julgador. *(Apoiados)*. Não é, pois, este nem o próprio, nem o competente para escolher o processo.

E veja-se, Snr. presidente, ao inverso do que fez o Supremo Tribunal de Justiça, o tributo de respeito, que o senado brasileiro rendeu a esse preceito constitucional, a essa grande garantia do direito do cidadão. Em 1842, os beneméritos senadores Feijó e José Bento, ambos de gloriosa recordação, comprometeram-se nos generosos movimentos de Minas e S. Paulo. O senado teve de julgá-los. Mas esbarrou e cruzou os braços ante a dificuldade, que reconheceu insuperavel, da falta de lei que indicasse o processo para tais julgamentos.

Hoje, senhores, o Supremo Tribunal de Justiça, esquecido do que deve a si próprio, à lei e à nação, cujos brios afronta e ofende, e arrastado cegamente, ou por doutrinas falsas, ou pelo afan de servir ao governo, que lhe ordenou ilegalmente julgue os bispos, transpõe com afouteza, com um desembaraço que contrista e penaliza, essa e todas as outras barreiras constitucionais e legais, e vai na prepotente e criminosa

senda até à consumação da mais injustificavel iniquidade!

O Snr. Figueira de Melo: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Como mudam os tempos! E notai, senhores, que o senado já tinha essa lei, no art. 170 do código do processo, marcando a forma do processo, mesmo para senadores, nos crimes de responsabilidade, cuja pronúncia e processo resolvesse dever continuar. E é certo que em tal caso a transposição do preceito constitucional não feria tanto as vistas do país, não causava tamanho escândalo; mas, nem por isso o senado o transpôs. Sua conciência, seu dever, sua dignidade não o permitiram. Tratava-se de crimes individuais, e a lei preexistente era para crimes de responsabilidade, era, na verdade, quanto devia bastar para embargar-lhe o passo. *(Apoiados)*.

Para que o citado artigo do código do processo pudesse ser aplicado ou regular o julgamento dos beneméritos senadores, foi julgada indispensavel a resolução legislativa n.º 284, de 14 de Junho de 1843, que reza assim:

"O art. 170 do cód. do processo criminal é aplicavel ao julgamento dos crimes individuais dos membros da assembléia geral legislativa."

Levantou-se logo questão sobre a lei, dizendo-se que não cortava ela a dificuldade, porque não podia ter efeito retroativo; mas sobreveio a anistia, e não teve lugar o julgamento, por amor do qual foi ela confecionada.

O inverso do que fez o Supremo Tribunal, Snr. presidente, estão fazendo todos os dias as assembléas provinciais. O ato adicional as investiu do poder de julgar magistrados. Mas, como não há lei de processo, que lhes regule a aplicação ou exercício desse poder, todas se têm abstido de um tal julgamento *(Apoiados)*. O nobre senador pelo Piauí ocupou-se largamente nesta casa, em um dos últimos anos, do julgamento tumultuário de um magistrado na sua província. Mas essa mesma assembléia, que assim procedeu,

não deixou de prestar homenagem ao preceito constitucional de que me ocupo; desde que decretou, embora precipitadamente, uma lei de processo para servir nesse julgamento.

Até aquí Snr. presidente, tenho demonstrado a incompetência do Supremo Tribunal.

O Snr. Mendes de Almeida: — Perfeitamente.

O Snr. Figueira de Melo: — Tem ido muito bem.

O Snr. Silveira Lobo: — Tenho demonstrado a impossibilidade absoluta, em que estava o mesmo tribunal, de julgar os bispos por falta de lei de processo. *(Apoiados).* Tenho demonstrado, portanto, que o governo e o Supremo Tribunal calcaram aos pés, criminosamente, nas pessoas dos bispos, o direito que têm todos os cidadãos brasileiros de não serem julgados senão por autoridade competente, e não menos o direito de não serem processados e sentenciados se não na forma da lei, e lei anterior. *(Apoiados).*

Perderiam os bispos, porventura, seus direitos de cidadão, pelo fato de empunharem o báculo? Não, Sr. presidente; esse prisma é o da prevenção e o da paixão, tanto mais subalternas e baixas, quanto os bispos são dignos do maior respeito e veneração, pelos seus elevados talentos e eminentes virtudes. *(Apoiados).* São bispos que fazem honra ao episcopado brasileiro, e até ao episcopado do mundo. *(Apoiados).*

Os Snrs. Zacarias e Figueira de Melo: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Senhores, a causa dos direitos dos bispos é a causa dos direitos do povo brasileiro, é a causa da constituição, no que há nela de mais importante e sagrado...

O Snr. Mendes de Almeida: — A constituição nada vale em favor dos bispos.

O Snr. Silveira Lobo: — ... é a grande causa do liberalismo, em uma só palavra. O governo, o conselho de Estado, o Supremo Tribunal, cometeram atentado; é meu dever...

O Snr. Visconde de Sousa Franco: — Olhe que atentado é palavra muito ofensiva.

O Snr. Silveira Lobo:—E, se não é atentado, como hei de chamar? Não me dou ao trabalho de amenizar abusos, que merecem o maior estigma, já que não são punidos. É incontestavel que todos os que infringem as leis, usurpando atribuições que estas lhes não conferem, cometem atentado. Napoleão e Júlio Cesar cometeram grandes atentados, usurpando os poderes da república. Aquí não há quem tenha coragem para tanto. Mas, cometem-se pequenos atentados, usurpando parcelas de poder e delas abusando.

Ninguem ignora, Snr. presidente, que o fim por amor do qual os homens se reunem em sociedade, e suportam os onus do Estado, é a garantia dos direitos individuais, pelo muito que estes direitos valem em si, e em seus desenvolvimentos. Como, pois, senhores, eu, que me prezo de liberal, de amigo do meu país e do povo, a quem devo tudo, hei de assistir impassivel à prepotente e despótica conculcação dos mais importantes desses direitos? Não; seria indigno do meu carater, do meu passado, e dos foros que mais prezo neste mundo, os de homem de bem, que não transige em matéria de princípios, que não especula com os ditames de sua conciência. *(Apoiados).*

A lealdade aos princípios é tanto ou mais obrigatória como a lealdade aos amigos. Estou convencido, Snr. presidente, que a causa principal da decadência moral nas regiões oficiais e políticas é a falta de lealdade aos princípios. É sempre bela a harmonia, a concórdia entre os homens; e, entre os políticos, nada mais apreciavel, como condição de força, e esperança certa de chegarem à meta que almejam. Mas, não é lícito, nem decoroso, para alcançar-se essa concórdia, fazer transação no terreno dos princípios; alem da ignonimia, se esta traz vantagens aos que transigem, acarreta sempre grandes danos ao povo, à sociedade. *(Apoiados).*

Agora, Snr. presidente, consideremos o atentado que profligo debaixo de um outro ponto de vista, e vem a ser em relação à sentença do Supremo Tribu-

nal em si mesma, em relação ao seu mérito intrínseco, e à grande e injustificavel iniquidade que encerra. Debaixo deste ponto de vista, ainda mesmo não procedendo tudo quanto tenho demonstrado até aquí; ainda mesmo que o Supremo Tribunal fosse competente e houvesse lei de processo para os bispos; ainda assim, o seu procedimento é um grande abuso, a sua sentença condenatória é de uma iniquidade estupenda.

Começo por notar que não há lei alguma, que declare criminoso e punivel o fato dos bispos não se quererem prestar a ser executores das decisões dos recursos à corôa, caso existissem legalmente entre nós estes recursos. *(Apoiados).*

Nem mesmo há o crime de desobediência. Tais decisões não são ordens dirigidas aos bispos; nem estes têm, marcada por lei alguma, a obrigação de serem seus executores.

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — São apenas atos revogatórios das decisões dos bispos, e em favor dos recorrentes. Se não há ordens dirigidas a eles, como podem ser desobedientes? É ampliar demasiado o preceito da desobediência criminal, e nesta odiosa matéria não se admitem ampliações.

Os próprios decretos do poder executivo de 1838 e 1857 os consideram fóra de punição, desde que estabelecem que se eles não quiserem executar as decisões dos recursos os juizes de direito as executem, e marcam o modo da execução por parte destes. *(Apoiados).* Os decretos haviam de dar-lhes, de reconhecer-lhes esse querer ou vontade livre, de não executarem, para depois serem punidos por isso mesmo? Seria uma insídia que não é lícito presumir.

O Snr. Figueira de Melo: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — O poder executivo, se não reconhecesse a impossibilidade de serem os bispos punidos por um tal procedimento todo negativo, se teria expressado de um modo diferente e impera-

tivo; teria dito, por exemplo: cumpram os bispos as decisões dos recursos, sob as penas da lei.

Mas, desde que se lhes reconhece, como disse, livre vontade, e desde que nenhuma lei considera crime o não prestarem-se eles à execução dos recursos à corôa, não se os póde considerar incursos em pena alguma. *(Apoiados).*

Proponho-me agora, Snr. presidente, a demonstrar que nada existe em nossas leis que autorize ou legitime o recurso à corôa; que o uso desse recurso não passa de verdadeira usurpação de uma parcela de poder, que não tem a corôa. Confio poder demonstrá-lo até à evidência. Se o conseguir, terei posto por terra todo este artefato do conselho de Estado, destinado à perseguição dos bispos; e terei feito sobressair em alto relevo a iniquidade da sentença que os condenou.

A antiga monarquia portuguesa, absoluta e despótica, tinha, é verdade, a atribuição de tomar conhecimento de tais recursos; assim como tinha e podia ter, para uso ou abuso, quantas outras atribuições lhe aprouvesse.

A regra suprema era a ausência de toda a regra, o livre arbítrio do rei, sem limitação alguma, sem lei escrita que o pudesse fazer esbarrar. Daquí já se vê o perigo de exhumar-se desse caos terrivel, desse montão de leis, que foram abatidas pelo ato da nossa independência, pelo nosso pergão de nova vida, algumas delas, que ficaram subsistindo provisoriamente por efeito da lei de 20 de Outubro de 1823, enquanto não codificássemos leis nossas, ou não as revogássemos.

Para mostrar, Snr. presidente, o pouco, o muito pouco que ficou subsistindo entre nós, com relação ao recurso, não à corôa, mas para o poder judiciário, (guarda-se somente a denominação jurídica da espécie), farei abreviado histórico da antiga legislação de Portugal a respeito, consubstanciando o mais possivel a notícia das leis a que me vou referir. De outra

forma, precisaria de uma sessão inteira. Tenho tambem por fim mostrar ao mesmo tempo que nessa legislação se segregava do seu alcance, e se respeitava o poder espiritual da Igreja muito mais do que se pretende hoje.

Devo desde já ponderar igualmente que os reis de Portugal não exerciam a respetiva jurisdição senão em último apelo; confiavam-na aos juizes.

Era assento desta matéria a Ord. liv. 1.º, tit. 12, § 5.º, e tit. 9.º, § 12, e liv. 2 tit. 1.º, §§ 14 e 15.

A Ord. liv. 1.º, tit. 12, § 5.º, depois de mandar que o procurador da corôa se informasse dos feitos que se tratavam nos juizos eclesiásticos, prosseguia assim: "E, se vir que usurpam nossa jurisdição ou direito nosso, poderá requerer sobre isso ao juiz dos nossos feitos, o qual é competente para conhecer se a jurisdição pertence às nossas justiças." E prossegue prescrevendo que intervenha tambem quando os agravos dos juizes eclesiásticos foram feitos por leigos e em causa que pertença à justiça régia o conhecimento dela.

A Ord. liv. 1.º, tit. 9.º, § 12, trata de casos de agravos, por notória pressão ou força, feita pelas autoridades eclesiásticas aos vassalos do rei.

A Ord. liv. 2.º, tit. 1.º, § 14, proibe a citação perante a justiça eclesiástica, quando o caso é da jurisdição do rei.

O § 5.º marca a competência dos juizes dos feitos para resolver conflitos de jurisdição entre a autoridade civil e eclesiástica.

V. Excia. sabe, Snr. presidente, que o recurso à corôa era interposto para os juizes da corôa da casa da suplicação e da relação do Porto, segundo os seus distritos. Sabe que, para o Brasil, criaram-se as juntas de justiça, de que fala o alvará de 18 de Janeiro de 1765, compostas do ouvidor e de dois adjuntos ou bachareis nomeados por ele. Suas atribuições eram, como todos sabem, conhecer dos recursos interpostos de atos das autoridades eclesiásticas, e no preâmbulo

do mesmo alvará se autorizam essas atribuições, pela cobiça dos juizes eclesiásticos, quanto à acumulação de bens.

Devo desde já, Snr. presidente, advertir que nesses tempos os padres gozavam de certas atribuições temporais, como fossem a cobrança dos dízimos que lhes pertenciam, e o direito de prender, em certos casos, como, por exemplo, de excomunhão. Era, pois, muito natural o recurso de suas decisões para o poder temporal em todas essas hipóteses. Era tambem muito natural o cuidado do rei ou da justiça civil, em que eles, que assim coparticipavam do poder temporal, não ultrapassassem os limites da parte deste poder que lhes era concedida.

Entretanto, vê-se claramente, do que tenho citado e do que vou ainda referir, que o rei o que tinha por fim era que não fosse invadido pelo poder eclesiástico o domínio da jurisdição temporal, deixando sempre muito expressamente àquele poder tudo quanto lhe pertencia.

Verdade é que o alvará de 11 de Outubro de 1786, § 6.º, permite recurso à corôa "da violência, excesso ou falta de jurisdição da parte dos eclesiásticos." Mas não tardou muito o aviso de 25 de Junho de 1790, que declarou não competir recurso do despacho dos bispos, tendente à observância ou dispensa das leis eclesiásticas. E veio por último o alvará de 6 de Março de 1824, que nunca vigorou entre nós, por ser expedido depois da independência, que declarou inadmissiveis os recursos sobre matéria que toca positivamente à jurisdição espiritual.

Eu iria muito longe, teria de fatigar a atenção do senado, se quisesse expender tudo quanto trago aquí em meus apontamentos sobre o assunto. Mas, basta o que deixo dito, para se conhecer com segurança que o decreto de 28 de Março de 1857 não é uma tão perfeita consolidação do antigo direito português, como o inculca o Snr. Marquês de S. Vicente.

O Snr. Figueira de Melo: — Aumenta muita coisa.

O Snr. Silveira Lobo — Sem dúvida; deu atribuições ao poder civil sobre o eclesiástico, que lhe não dava a legislação portuguesa.

Vejamos agora o que fez esse decreto do poder executivo, relativamente à nossa própria legislação, a respeito do assunto. A nossa lei de 22 de Setembro de 1828, extinguindo os tribunais das mesas do desembargo do paço e da conciência e ordens, e distribuindo suas atribuições pelos nossos juizes e tribunais, diz no art. 2.º § 6.º: "Às relações compete: Julgar as questões de jurisdição que houver com os prelados e outras autoridades eclesiásticas, de que até agora conhecia o extinto tribunal do desembargo do paço, ouvindo o procurador da corôa, fazenda e soberania nacional, e observada a forma estabelecida para os recursos ao juiz da corôa no decreto de 17 de Maio de 1821, mandado observar pela lei de 20 de Outubro de 1823."

Vê-se claramente, Snr. presidente, da íntegra desta lei, que, de todas as atribuições do extinto desembargo do paço sobre o recurso à corôa, ela só deixou em pé, só deixou em vigor a de julgar as questões de jurisdição que houvesse com os prelados e outras autoridades eclesiásticas; mandando para esta única espécie somente observar a forma estabelecida para o mesmo recurso à corôa. É isto unicamente tudo quanto ficou em pé por disposição legislativa em nosso país.

Veio o decreto do poder executivo de 19 do Fevereiro de 1838, o qual regula o modo de interpôr o recurso das autoridades eclesiásticas para as relações provinciais, e seu julgamento, e no seu art. 1.º já altera, sem competência para isso, o ato do poder legislativo de 22 de Setembro, de que acabo de ocupar-me, declarando que os recursos, que as partes intentarem das violências, injustiças (coisas estas não contempladas na lei de 22 de Setembro) e usurpação

de jurisdição dos juizes e autoridades eclesiásticas, serão interpostos para as respetivas relações do distrito, em que estiverem esses juizes e autoridades.

No art. 13 dá aos juizes de direito poderes verdadeiramente espirituais, no que toca à execução das sentenças proferidas pelas relações sobre tais assuntos.

A lei de 23 de Novembro de 1841, Snr. presidente, cometeu ao conselho de Estado consultar sobre abusos das autoridades eclesiásticas. Mas, não incluia, nem podia incluir entre esses abusos os que fossem objeto de recursos à corôa, cujo conhecimento e decisão era conferido às relações pela lei de 22 de Setembro, e bastava para isto não assistir à corôa atribuições para conhecer de tais recursos.

Entretanto, senhores, foi expedido o decreto do poder executivo, de 3 de Julho de 1854, declarando abusivamente que a referida lei de 1841 havia implicitamente revogado o decreto de 18 de Fevereiro de 1838. Este decreto, parece, não teve outro fim senão preparar o terreno para o que veio posteriormente consolidar toda a matéria, e transferir clara e definitivamente para a corôa atribuição que esta não tinha.

Refiro-me, Snr. presidente, ao último decreto do poder executivo sobre o assunto, e vem a ser o de número 1.911, de 28 de Março de 1857, que propõe-se a regular a competência, interposição, efeitos e forma do julgamento do recurso à corôa.

Que faz este decreto? Tira das relações a atribuição que a estas conferia a lei de 22 de Setembro de 1828, de julgar dos recursos à corôa nos casos limitados a conflitos de jurisdição, atribuição regulamentada pelo decreto de 19 de Fevereiro de 1838, (postas de parte as exorbitâncias deste decreto), e vai conferí-la efetivamente ao Imperador.

É evidente que um ato do poder executivo não tem, nem póde ter força para tanto. É evidente que o poder executivo não póde arrancar do poder judiciário uma atribuição pertencente a este, a este con-

ferida por lei, e dá-la e passá-la para o chefe do mesmo executivo. É demais! *(Apoiados).*

E isto se faz na presença das câmaras, que têm obrigação de fiscalizar a observância da Constituição! E isto se faz na constância do art. 98 da Constituição, que manda o chefe da nação vele incessantemente sobre a independência dos poderes políticos! E o Snr. Marquês de S. Vicente extasia-se ante o primor e a excelência do decreto!

Snr. presidente, encararei a questão ainda por outra face. Para tornar mais clara, e firmar melhor minha argumentação, declaro de novo que o meu intuito é provar que a corôa não tem atribuição que a habilite para tomar conhecimento, ou interpôr juizo sobre os chamados recursos à corôa, ou sobre a matéria destes.

O decreto de 1857 foi expedido para regular, como todos os outros do poder executivo, a boa execução da lei. Que lei veio regular este decreto? A de 22 de Setembro de 1828, que limitou os recursos à corôa às questões de jurisdição com as autoridades eclesiásticas, confiando-as às relações? Parece que não; porque o decreto trata de muita coisa mais, de muita coisa que não está na lei e que esta condenou a completo olvido; e não reza ela de atribuição alguma da corôa.

Não veio regular, mas sim refundir o decreto de 19 de Fevereiro de 1838, que é igualmente decreto do poder executivo, e não lei, embora legislasse; e que, de mais a mais, tambem não reza de nenhuma atribuição da corôa.

Suponhamos, senhores, que a lei de 22 de Setembro não fez as reduções, que afirmo ter feito, nos assuntos para recursos à corôa, cujo conhecimento e decisão não conferiu a esta, que não tem poder de julgá-los, mas às relações provinciais. Suponhamos que, apesar desta lei de 22 de Setembro de 1828, ainda vigoram as leis portuguesas de 21 de Maio de 1821, e a de 18 de Setembro de 1764, por virtude da lei de 20

de Outubro de 1823, que as transplantou para o nosso regime, enquanto não fizessemos códigos ou não fossem elas revogadas.

Que importa isto para a questão? De que rezam essas leis portuguesas? Não é da forma, marcha e modo de processar os recursos à corôa, pressupondo nesta a atribuição que essas leis não lhe conferiram, mas que ela tinha de si própria, como absoluta que era, para julgar esses recursos, ou decidí-los em última instância?

A minha questão não é a questão da existência do processo. Póde este, ou as leis e os decretos, que o consagram, existir e vigorar em toda a sua plenitude, sob este ponto de vista, e não ter a corôa atribuição, como não tem, para tomar conhecimento e julgar o fato processado.

Não era, Snr. presidente, nenhuma das leis referidas que conferia à absoluta corôa portuguesa, como já disse, o poder de julgar de tais recursos. Mas, suponha-se que todas elas lho conferiram. Nada importa. São leis anteriores à nossa constituição; e desde que, ao codificarmos as atribuições que deveriam constituir a corôa brasileira, deixamos de parte, não contemplamos essa, de que rezam tais leis, e muitas outras da corôa portuguesa; desde que foram excluidas e não figuram em nossa constituição, não existem para nós.

O Snr. Figueira de Melo: — Apoiado.

O Snr. Mendes de Almeida: — Mas como é contra a Igreja tudo serve.

O Snr. Silveira Lobo: — A corôa, ou o poder real é o complexo, exatamente, das atribuições ou prerrogativas, que a lei fundamental lhe confere, ou como poder executivo, ou como poder moderador, sem uma de mais, sem uma de menos.

O Snr. Figueira de Melo: — Muito bem.

O Snr. Silveira Lobo: — As leis anteriores, provisórias ou não, ainda mesmo que nossas fossem, não têm, não podem ter o poder de alterar uma tão so-

lene codificação. *(Apoiados)*. As leis posteriores não a podem modificar, senão quando oriundas de mandato constituinte, e tendo passado pelos trâmites constitucionais.

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Eu quisera que me apontassem qual é a lei que dá à corôa essa parcela de poder, com que a estão presenteando seus conselheiros.

O Snr. Souza Franco: — A lei do conselho de Estado.

O Snr. Silveira Lobo: — Diz V. Excia. que é a lei do conselho de Estado, e pensa que meteu uma lança em África. Está enganado. O decreto de 23 de Novembro de 1841, já citado, que criou o conselho de Estado, diz, no art. 7.º § 5.º, que compete a este consultar sobre os abusos das autoridades eclesiásticas. E, visto que póde consultar sobre muita coisa abusiva nesse gênero, sem que daí se siga que consulta tambem sobre recurso à corôa, principalmente desde que, legal ou constitucionalmente, não existe tal recurso.

Mas, admito que esteja compreendido nessa faculdade outorgada ao conselho de Estado, ou nesse dever imposto ao mesmo, o recurso à corôa. E admito, porque o decreto do poder executivo de 3 de Julho de 1854, embora mui indevidamente, como já demonstrei, declarou implicitamente revogado pela lei do conselho de Estado o decreto de 1838, que reconhecia nas relações o direito de conhecer do recurso à corôa. Não obstante, vai ver o Snr. Visconde de Souza Franco que a lei que citou nada adianta.

O conselho de Estado, Snr. presidente, é, como todos sabem, meramente consultivo. Toma conhecimento dos assuntos, examina-os e dá parecer sobre os mesmos; mas, não interpõe decisão alguma. Para que o seu parecer saia da esfera opinativa, da esfera de mero conselho e surta efeito obrigatório, é mister que quem tem a atribuição de decidir, a corôa, faça aplicação dessa atribuição e declare que adota o parecer.

Sem o "como parece" da corôa, nada fica resolvido. *(Apoiados)*.

Daquí já se vê evidentemente, senhores, que é indispensavel que haja da parte da corôa, ou que exista entre as suas atribuições, a de tomar conhecimento e interpôr juizo e decisão sobre o assunto do parecer ou consulta do conselho de Estado. É a falta desta atribuição da corôa, em relação aos recursos de que me ocupo, que eu tenho demonstrado; e me parece que com argumentos que não têm resposta.

O Snr. Visconde de Souza Franco: — Há-de tê-la.

O Snr. Silveira Lobo: — Hei-de tê-la, se V. Excia., abrindo a constituição, visto que nenhuma outra lei póde conferir à corôa uma semelhante atribuição, e percorrendo todas as atribuições que lhe são conferidas como poder moderador, e todas as que lhe são tambem conferidas como poder executivo, me mostrar alguma que lhe dê poder, que a autorize para superintender sobre o contencioso assunto dos recursos à corôa, ou para dar decisão sobre os mesmos recursos, o que é a mesma coisa. Ou apontando-me outro qualquer artigo da constituição, do qual se possa originar uma tal atribuição.

O Snr. Figueira de Melo: — Muito bem.

O Snr. Silveira Lobo: — Fóra disto, Snr. presidente, a fonte de nenhum modo legítima de uma tal atribuição fica sendo só a imaginação e a boa vontade, bem pouco louvavel, dos conselheiros e dos ministros da corôa.

Os americanos do Norte, quando afirmam que uma atribuição não pertence a um poder, costumam dizer: — não está enumerada. Querem com isto exprimir que, não figurando em o número das suas atribuições, não existe.

Senhores, é rudimentar em direito público, é uma verdade conhecida de todos, que a soberania ou reunião de todos os direitos e poderes humanos reside originariamente e pertence às nações, às sociedades ou comunhões políticas. Esta é a regra. A exceção

a esta regra, nas sociedades constituidas, é a delegação à autoridade de parte desses direitos e poderes, realizada por meio de leis, filhas da vontade das mesmas sociedades. A autoridade, pois, é pura criação da lei; e seus poderes, e sua ação não podem ir alem daquilo que está consagrado na mesma lei. Tudo quanto não se encontra nesta não lhe pertence; sai, ou fica na massa geral dos direitos dos cidadãos. *(Apoiados).*

É, pois, senhores, com grande impropriedade, senão inexatidão, que são os reis chamados de soberanos, quando não são mais do que simples depositários de um poder que não é seu.

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Desta doutrina que me parece sã e incontroversa, segue-se necessariamente que, se o nobre senador pelo Pará não descobrir algum artigo da constituição em que se possa enxertar a atribuição que nego à corôa, a minha argumentação fica de pé e sem resposta.

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Na afanosa procura de base que legitime a indébita intervenção da corôa em tais recursos, os perseguidores dos bispos têm ousado emitir as proposições mais vagas e infundadas. Têm dito que o recurso à corôa é a sanção do *placet.*

O Snr. Mendes de Almeida: — Contra a Igreja apegam-se a tudo.

O Snr. Silveira Lobo: — Podia sê-lo, se a constituição o consagrasse. Mas, fazê-lo derivar para a corôa, da disposição do § 14 do art. 102 da constituição, que lhe confere o beneplácito às bulas e letras eclesiásticas que contêm ofensa ao poder civil, é pretensão mais que absurda.

No beneplácito, Cesar examina, fiscaliza se tais letras ou bulas, entradas para o país, contêm referida ofensa, e declara não estar por elas na parte em que a contêm. No recurso à corôa, não se trata de letras ou bulas; mas sim de processar e julgar fatos ocorridos no país e praticados por autoridades eclesiásticas. Cesar assume o papel de julgador de tais fatos.

Qual a relação lógica que autoriza a inferir-se do simples direito de exame de bulas, e de recusa de aprovação a estas, na parte ofensiva do poder civil, a outorga da grave atribuição de conhecer do processo, e de julgar fatos ocorridos? Absolutamente nenhuma.

Os Snrs. Figueira de Melo e Mendes de Almeida: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — A outra proposição é derivada do art. 5.º da constituição. Dizem que a constituição declarando: — "A religião católica, apostólica, romana, continuará a ser a religião do império;" transportou para nós, com este "continuará," a religião lusitana, tal qual era em Portugal, com todas as leis portuguesas que lhe diziam respeito, e até com esse caduco regalismo, só próprio de uma monarquia despótica.

Eu, Snr. presidente, nem tomaria em consideração esta proposição, se acaso não tivesse sido ela emitida por uma autoridade mui respeitavel. Não vejo no art. 5.º esse atributo de — "lusitana" — dado à nossa religião, que por certo não é de Portugal, nem de outro algum país, mas sim, de todo o universo, pelo qual se estende. Vejo aí declarada simplesmente religião do Estado a religião católica, apostólica, romana. Acho no tal — "lusitana" — uma ponte religiosa por demais fragil e imprópria, para por ela fazer passar para nós a antiga legislação civil e regalista da monarquia portuguesa. *(Apoiados).*

Tambem não vejo no art. 5.º esse outro epíteto de "constitucional", com que costuma mimosear a religião católica o Snr. Visconde de Souza Franco, sem dúvida pesaroso de que a nossa constituição a tenha deixado inteiramente livre e independente, entregue a seus ministros, e ao apoio espontâneo dos fiéis.

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Snr. presidente, tenho provado, segundo penso, até à última evidência, que

a constituição não confere à corôa a atribuição de julgar os recursos de que me ocupo. *(Apoiados)*. Nem podia conferí-la, sem conculcar o grande e salutar preceito da divisão dos poderes, que no art. 9.º declara ser o princípio conservador dos direitos do cidadão, e o mais seguro meio de os garantir. Julgar os casos ocurrentes, sejam eles quais forem, aplicar-lhes a lei, pertence pela constituição ao poder judicial. Tirar uma parcela deste poder para entregá-la à corôa seria perturbar a divisão dos poderes, seria, como disse, conculcar esse dogma político, que presidiu à distribuição das atribuições, que a cada um julgou dever conferir. *(Apoiados)*.

O poder político, senhores, ou qualquer de suas parcelas, como criação que é da constituição, deve necessariamente derivar desta, como já demonstrei. Por meio de ilações arbitrárias, infundadas e até ridículas, sem nenhuma relação lógica com seus preceitos, ilações contrárias a princípios fundamentais, não é nem jamais será lícito alargar a esfera de nenhum poder; e, se o fosse, anulada ficaria a constituição. *(Apoiados)*.

Do que tenho dito, Snr. presidente, conclue-se com a mais inabalavel segurança, que a corôa não tem entre nós essa prerrogativa da antiga monarquia despótica de Portugal, e que, pois, o conhecimento e resolução, ou decisão de tais recursos importa, sem a menor dúvida, uma descarada usurpação, um verdadeiro atentado por parte do conselho de Estado e da corôa, com responsabilidade dos ministros. E a corôa deve compreendê-lo. *(Apoiados)*.

Conclue-se igualmente, com a mesma segurança e com a maior evidência, que os bispos, não se querendo prestar ao cumprimento ou execução de tão incompetentes e ilegais recursos, não cometeram crime algum; e antes cumpriram meritória e gloriosamente um sagrado dever, a que estavam dupla e imprescindivelmente ligados como bispos e como cidadãos.

Conclue-se ainda, e do mesmo modo, que o supremo tribunal de justiça, que, para cumprir uma ordem ilegal do governo, transpôs criminosamente todas as barreiras que lhe opunham a constituição e as leis, afim de chegar até o ponto de proferir sentença, não podia, em caso algum, decretar a condenação dos bispos. *(Apoiados)*. Decretando-a, cometeu o maior dos atentados, uma iniquidade sem nome; pois que, ainda que os bispos houvessem resistido formalmente, e até com armas na mão, à ilegal decisão dos recursos à corôa, não cometiam com isto crime de natureza alguma; mas, sim, usavam de um direito e dever garantidos pela lei a todo o cidadão brasileiro, qual o de opôr-se a ordens ilegais, mesmo empregando força contra força. *(Apoiados)*.

O art. 142 do código criminal pune a expedição de ordens ilegais; e pune, não só aqueles que as expedem, como os que as executam. O art. 143 define quais sejam as ordens ilegais, e prescreve que são as emanadas de autoridade incompetente ou destituida das solenidades externas, necessárias para a sua validade, ou manifestamente contrárias à lei. Basta, portanto, que a ordem padeça um só ou qualquer destes três defeitos, para que o cidadão tenha o direito e o dever de não obedecer-lhe, de resistir-lhe e de opor embaraços à sua execução. *(Apoiados)*.

Ora, em face do que tenho expendido, está mais que demonstrado que as decisões dos recursos à corôa, de que me ocupo, padecem não só o defeito da incompetência de quem as deu, como o de serem manifestamente contrárias às leis. *(Apoiados)*.

Não abrirei mão, Snr. presidente, deste assunto, sem proferir algumas palavras sobre o artigo em que a criminosa prepotência do Supremo Tribunal declarou incurso os bispos, o art. 96 do código criminal. Este artigo dispõe assim: "Obstar ou impedir de qualquer maneira o efeito das determinações dos poderes moderador e executivo. Penas, etc.".

O artigo reza de atos positivos, atos de efetiva

força, que impeçam e que obstem o efeito das determinações dos poderes moderador e executivo. Os bispos se mantiveram em uma posição completamente negativa, sem praticarem ato algum de força, sem oporem obstáculo ou impedimento algum às decisões dos recursos, declarando apenas que não podiam estar por elas, porque a isso os obrigava sua conciência e dever. Note-se que, com este seu procedimento, em nada podiam embaraçar o efeito dos recursos; pois que a lei, prevendo essa natural repugnância dos bispos, e admitindo a hipótese de não quererem eles cumprir decisões tais, ordenou que, sempre que isto se desse, fossem encarregados da sua execução os juizes de direito.

E, entretanto, senhores, o Supremo Tribunal de Justiça leva o seu... nem sei como direi... arrojo ao ponto de aplicar-lhes o art. 96 do código. Isto não tem qualificação, esbravejem embora os desalmados perseguidores dos bispos, que aplaudem essa sentença com a convicção e sinceridade de certas carpideiras antigas.

Acresce que as determinações do poder executivo, que os bispos não puderam, eles próprios, levar á execução, eram de mais a mais ilegais; bem o sabia o Supremo Tribunal de Justiça. Não há quem ignore que para que tomem o carater de crimes, e crimes puniveis ante nossas leis, não só a desobediência, como a resistência, como a oposição por meio de força, da qual trata o art. 96, é indispensavel que sejam conformes à constituição e às leis as ordens a que se desobedece ou resiste, ou cuja execução se impede. *(Apoiados).*

O Snr. Figueira de Melo: — É claro como a luz do dia.

O Snr. Silveira Lobo: — Tenho provado, Snr. presidente, com este meu discurso, e me parece que com a maior exuberância possivel, que não foram impensadas, nem falsas, as proposições que emití em vários apartes, taxando de estupendo atentado e de iniquidade monstruosa, que revolta a todos os homens de bem, o que está praticando o governo, o conselho de Estado e o Supremo Tribunal de Justiça, com relação aos bispos e à religião católica. *(Apoiados).*

O Snr. Figueira de Mello: — Tem provado do melhor modo que é possivel.

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Tenho provado, com a mesma exuberância, que disse a verdade nesses apartes, quando afirmei que os abusos e os crimes do Supremo Tribunal de Justiça se podiam contar pelos tramites do processo.

E que força moral, Snr. presidente, póde ter d'ora avante um tribunal que assim procede, que assim se desrespeita a si próprio, para corrigir os abusos dos juizes subalternos e dos funcionários que lhe estão sujeitos? É verdadeiramente calamitoso o estado a que o governo imperial tem reduzido este infeliz país, por cega ambição de mando, e para fazer côro com vozes desvairadas!

Tenho, por abreviar, deixado de parte muitos argumentos, que concorriam para tornar ainda mais salientes a ilegalidade e prepotência do procedimento que profligo. Não toquei no fato de tomar o conselho de Estado e o governo conhecimento do recurso contra o bispo de Olinda, fóra do prazo legal. Não me ocupei, e sinto não ter tempo para ocupar-me, da grande cópia de verdadeiras curiosidades, que se lêem nos considerandos da monstruosa sentença condenatória do bispo de Olinda.

Direi somente que aí se afirmam coisas tais, como por exemplo: "que os requisitos que devem ter as pessoas para poderem pertencer a tais associações, (irmandades de natureza mixta, já se sabe), não fazem objeto da natureza espiritual." Aí se afirma (como circunstância agravante?!) "que o acusado, como empregado público, em sua elevada posição, devera ser pronto e solícito em cumprir e fazer cumprir pelos seus subordinados as leis do país, mais grave se tor-

nou a sua formal recusa e obstinação à ordem legal, chegando até a considerar como herética a matéria do recurso à corôa e o *placet.*"! Estes dois magníficos trechos dispensam comentários.

E direi, finalmente, que aí se apreciam, para fundamentar a sentença, e com o auxílio de doutrinas intuitivamente falsas, fatos que haviam sido o assunto do recurso à corôa, fatos sobre os quais não cabia ao Supremo Tribunal interpôr juizo algum; pois que, nem eram circunstâncias agravantes, nem elementos do crime único submetido ao julgamento do tribunal, a suposta desobediência do bispo ao recurso à corôa!

Parece, Snr. presidente, que o Supremo Tribunal julgou-se companheiro forçado do governo, e obrigado a repetir contra os bispos as mesmas divagações do conselho de Estado: — de invasão do poder de Cesar, de infração dos compromissos de irmandades, de ofensas à soberania nacional, de perturbações da ordem pública, e outras proposições aleivosas e infundadas, que não cabiam por certo na boca de juizes circunspectos.

O Snr. Figueira de Melo: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Sinto não poder analisar os pareceres dos conselheiros de Estado. Há nesses pareceres muita coisa extraordinária e digna de nota. O Snr. marquês de S. Vicente, por exemplo, entendeu que o bispo, cidadão brasileiro, que não cumpre as decisões dos recursos à corôa, e que obedece ao Papa, perde o direito de cidadão brasileiro, e se naturaliza cidadão estrangeiro! E para que, senhores? Para que possa Sua Majestade o Imperador, querendo, deportá-lo! Já não falo de dar a S. Excia. como incontestavel este direito sobre os estrangeiros, embora eu pense mui diversamente, pois que se trata de cidadão brasileiro.

O Snr. marquês de S. Vicente: — O Snr. Nabuco poderá responder melhor a V. Excia. sobre isso.

O Snr. Silveira Lobo: — Não é minha a opinião do Snr. Nabuco; e a condeno do mesmo modo que

a de V. Excia. V. Excia. e seus colegas foram adiante; e perdôe que lhe fale com franqueza, não obstante toda a autoridade de suas luzes, que reconheço. VV. EExcias. rasgaram o Evangelho Divino, da maior autoridade que se póde imaginar, e o substituiram por um outro todo profano, todo imperial.

Não tem, pois, que estranhar que eu não me detenha muito ante o autoritativo revestimento, em que se envolvem. *(Apoiados).*

Se V. Excia. me quisesse dar a honra de ouvir-me, e eu tivesse tempo, convencê-lo-ia de que V. Excia. adiantou-se demasiado, ao ponto de dar a suspeitar que foi fascinado pelo desejo de abrir uma e mais portas ao arbítrio imperial, sem atender muito para as peias constitucionais.

O Snr. *marquês de S. Vicente* dá um aparte.

O Snr. Silveira Lobo: — Senhores, eu não compreendo como homens, que alardeiam prestar homenagem aos príncipes liberais, possam aconselhar um ato ditatorial, que importa o desprezo da constituição e das leis. Se a nossa organização política é má ou insuficiente, é dever de patriotismo substituí-la ou aperfeiçoá-la. Mas, colocar o arbítrio de um poder acima de uma organização filha da vontade nacional é atacar em sua base todo o sistema livre, é tornar precária, senão impossivel, toda a organização política. É professar abertamente o despotismo. Não é, nem será jamais próprio de liberais. Triste e suspeito liberalismo é o de quem professa o desprezo das instituições e da soberania nacional.

Nesses pareceres, senhores, os ilustres conselheiros, como premissas de suas conclusões, aliás decisivas, emitem proposições tão vacilantes, tão vagas, tão inexatas, que surpreendem.

O Snr. Figueira de Melo: — Não todos os conselheiros.

O Snr. Silveira Lobo: — Quasi todos. Excetuo o Snr. visconde de Abaeté, que, embora não désse à questão da competência toda a importância que me-

rece, sem dúvida pela escassez do tempo que teve para o formular, à qual escassez alude em seu parecer, emitiu um voto cordato, como costumam ser todas as opiniões de S. Excia.

E aproveito a oportunidade para dirigir-lhe os meus emboras, por haver reatado na tribuna o glorioso fio de sua antiga e esplêndida vida parlamentar; o que foi sem dúvida um acontecimento feliz para o país, e um motivo de grande regosijo para aquelas altas regiões montanhosas, que eu e S. Excia. temos a mui distinta honra de representar.

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Dizia eu que os ilustres conselheiros emitiram proposições as mais estranhaveis.

Um Snr. senador: — Nem todos.

O Snr. Silveira Lobo: — Excetuado o Snr. visconde de Abaeté, todos claudicaram em suas conclusões; e há proposições até absurdas, e inteiramente inexatas, como por exemplo: — que neste país os funcionários públicos, desde o chefe do Estado até o último, não têm religião alguma! Isto, senhores, não obstante prestarem todos eles o juramento da fórmula católica! Sinto não ter tempo, como já disse, para sujeitar a uma análise rigorosa esses estupendos pareceres. A inatacavel verdade das demonstrações que tenho feito põe bem patente qual o seu valor em contrário. *(Apoiados).*

Para criar o recurso à corôa, para criar lei que não existe, para infringir as existentes, e para autorizar atentados, alegam vaga e frequentemente os grandes interesses do Estado, as necessidades da ordem pública, as prerrogativas da soberania dos reis de Portugal, e outras coisas semelhantes.

Com relação ao bispo de Pernambuco, implicitamente o proclamam um autor de desordens, de perturbações do sossego público, como desrespeitador das leis e da soberania nacional, e sem precisar os fatos, e muito menos prová-los, o expõem à desconsideração

pública, e o mandam julgar como réu de lesa-nação. Haja vista tudo quanto se lê nesse memoravel aviso de 27 de Setembro, em que sábia e galhardamente se diz que o recurso à corôa é um elemento de soberania. Já se sabe, não da nação, mas da corôa.

Mas, senhores, que perturbações, que desordens são essas, pelas quais é responsavel o bispo, no dizer de seus perseguidores? Em uma sociedade constituida e organizada como a nossa, essas perseguições e desordens, a não existirem só na paixão, no ódio e na mente da perseguição, definem-se, traduzem-se em crimes de rebelião, ou conspiração ou sedição, que estão articulados em nosso código criminal, e, assim definidos os fatos, manda-se submeter seus autores à ação dos tribunais.

O Snr. visconde de Souza Franco: — É o que se está fazendo.

O Snr. Silveira Lobo: — Oh! miserandos tempos, senhores, em que um conselheiro de Estado vem repetir e confirmar, no recinto do senado e à face da nação, acusações e aleivosias que, de nenhum modo, póde provar! O bispo foi condenado pelo fato do não levantamento do interdito, nada mais. Nessas reuniões populares que houve em Pernambuco e que foram tirânica e criminosamente dispersas sem que por isto ninguem respondesse, não teve co-participação alguma. Todos sabem quais os seus promotores, sem côr política; e que elas eram mais infensas do que favoraveis, ou antes, manifestamente infensas ao bispo. *(Apoiados).*

Como, pois, póde ele, ante o governo e ante os tribunais, ser responsavel por tais reuniões? É que a probidade, a decência, o espírito de justiça e o respeito à verdade têm sido tais por parte de seus perseguidores, que até isso alegaram para fazer-lhe carga. *(Apoiados).*

A outra acusação, Snr. presidente, não menos falsa e cavilosa, é a de que o bispo atacou, ofendeu o tal elemento de soberania, infringindo a constituição e as

leis do país. Verificado o caso, reconhece-se evidentemente que os papéis estão cruelmente invertidos. *(Apoiados)*. Reconhece-se que o bispo não fez mais do que aplicar interditos, penas meramente espirituais, cuja aplicação exclusivamente lhe pertence; não infringiu lei alguma civil, não exorbitou de modo algum da esfera legítima das atribuições que lhe são conferidas pelo direito eclesiástico. *(Apoiados)*. Reconhece-se, finalmente, que os infratores da constituição e das leis são o governo, o conselho de Estado e o Supremo Tribunal de Justiça, que criminosamente o perseguem, bem como a seu colega do Pará.

Felizmente, senhores, a justiça de Deus não permite que a calúnia e a iniquidade tenham o poder de rebaixar a ninguem. Os bispos são criminosos e acham-se condenados. Entretanto, seus próprios inimigos, quando deles se ocupam, dispensam-lhes o título de venerandos.

O Snr. visconde de Souza Franco: — Não sou eu quem lhes dá esse título.

O Snr. Silveira Lobo: — É um dos artigos que todos dizem pagos pelo governo, assinados a *Sentinela*, o que foi publicado no dia 24 do corrente. E V. Excia., se pertencesse ao número daqueles que não recusam as homenagens devidas aos grandes merecimentos e às convicções profundas; e que veneram a firmeza na virtude e a coragem no martírio, verdadeiras excelências da humanidade...

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — ... se pertencesse ao número daqueles que admiram e aplaudem o heroismo de mártires, que são vítimas da prepotência e iniquidade dos poderosos da terra *(apoiados)*; mas que não cedem das convicções, por amor das quais são martirizados *(apoiados)*; havia necessariamente de dispensar tambem o mesmo epíteto a esses encarcerados.

E que encarcerados são estes, senhores, que, quanto mais perseguidos, mais simpatias grangeiam, mais

veneração conquistam? Que criminosos são estes, que quanto mais abatidos, mais lhes cresce em torno da fronte a auréola da glória? *(Apoiados; muito bem)*.

Quais são seus crimes? O preferirem mui heroicamente permanecer fiéis ao seu dever de ministros da religião, perseguidos e sacrificados embora, a se tornarem agentes galardoados e remuneradíssimos da corôa, com desprezo, porém, desse dever. *(Apoiados)*.

O Snr. visconde de Souza Franco: — Eu obedeço à decisão do tribunal supremo do meu país.

O Snr. Silveira Lobo: — Oh! Perdõe-me. Foi V. Excia. um dos que concorreram com o seu conselho para toda essa inquietude que o país presenceia.

O Snr. Zacarias: — Foi o único conselheiro de Estado que falou no art. 96.

Os Snrs. Figueira de Melo e Rodrigues Silva: — O único!

(Há outros apartes).

O Snr. Silveira Lobo: — Essa preferência dos bispos foi altamente criminosa! Em um país onde todas as vontades estão abatidas e subjugadas por uma só vontade, onde se faz tão frequente renúncia da dignidade e da conciência, devia, na verdade, causar estranheza essa quasi insolência de lembrar-se alguem de que aquelas sagradas entidades estão acima dos caprichos e vontades humanas. *(Apoiados)*.

Snr. presidente, embora já esteja muito fatigado, não posso deixar a tribuna sem tomar em consideração alguns pontos da questão, que julgo importantes.

As bulas não foram placitadas. Os bispos não podiam aplicá-las. Foi esta uma das acusações, erguida até à categoria de atentado, que maior celeuma levantou, e em que ainda de má fé ou imbecilmente se insiste. Facil é mostrar o seu nenhum valor. Não é, senhores, matéria de crime.

Qual o artigo do código penal, que reza do delito de executarem as autoridades bulas, que não tiveram o *placet?* Nenhum absolutamente. O fato do código passar em silêncio sobre o assunto dispensa quaisquer

outros argumentos da sua não criminalidade. Neste país ninguem é obrigado a deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei: § 1.º do art. 179 da constituição. E não há lei, já não digo que puna, mas que véde aos bispos essa aplicação de bulas não placitadas. *(Apoiados).*

Mas, dizem: o § 14 do art. 102 da constituição dá ao chefe do poder executivo a atribuição de conceder-lhes ou negar-lhes o beneplácito. Quem o contesta? Essa atribuição, como todas as outras, de qualquer dos poderes, existe nas mãos do depositário do poder, para ser usada quando aparece motivo legítimo que provoque sua aplicação. Não importa uma chancelaria forçada, pela qual devem passar, como condição, *sine qua non*, da sua execução, todas as bulas. A prática, a melhor intérprete das leis, o está mostrando. Quando, em que tempo, no Brasil se exigiu que as bulas não fossem executadas sem irem primeiro ao *placet?* Nunca. Agora é que aparece essa novidade, e tão impetuosa. *(Apoiados).*

Como porém, Snr. presidente, se deve entender essa atribuição do poder executivo? O fim de uma lei é o melhor guia para a sua interpretação. Qual foi o fim do *placet?* Não foi, de certo, tutelar a esmo, em tudo e por tudo, um poder independente como é o da Santa Sé; mas embaraçá-lo, nos casos em que ele ultrapassasse suas raias e invadisse o temporal. *(Apoiados).*

Está claro, portanto, como a luz meridiana, que, quando as bulas se limitam à esfera do espiritual e não contêm em si nenhuma invasão do poder civil, nada tem que ver com elas o *placet*, nada deve impedir a sua execução. *(Apoiados).*

O nobre presidente do conselho, que não prima por ortodoxo, como todos sabem, já confessou nesta tribuna que a obediência dos católicos às bulas não dependia do *placet*. Se assim é em relação a simples fiéis, com muito mais razão o deve ser a respeito dos delegados da Santa Sé, dos ministros da religião.

(Apoiados). Como podem, pois, ser os bispos criminosos, ou mesmo censuraveis, por executar bulas, placitadas ou não? Censura mereceriam, e acerba, se o contrário praticassem. *(Apoiados).*

Acresce, finalmente, senhores, que o sábio legislador constituinte não podia ter em mente dar ao *placet* um alcance ilusório e por isso mesmo ridículo. Qual é o homem sério, que se expõe a intimar ordens, conciente de que não tem meios nem força para as fazer observar? *(Apoiados).* Alem de nada conseguir, faz um papel, a que o legislador constituinte não sujeitaria nenhum alto depositário do poder. *(Apoiados).*

Em assuntos de conciência, os meios de persuasão são os únicos legítimos; os da força nada fazem, não produzem senão males. Foi este infelizmente o caminho seguido pelo governo, caminho sem saída, que o conduzirá ao abismo, se não retroceder. *(Apoiados).*

E, senhores, de que serve o *placet*, mesmo no sentido razoavel e justo? Em uma sociedade regularmente organizada, é tão inutil, como o recurso à corôa, que a nossa lei condenou. Nos tempos do obscurantismo, entre governos absolutos, essas duas criações do regalismo tinham sua razão de ser. Eram os contras mais decisivos e prontos nas invasões da teocracia. Mas, hoje, que o regalismo e a teocracia fizeram o seu tempo, são completamente desnecessários.

Em uma organização regular, como a nossa, todo o direito do cidadão encontra na lei garantia; assim como a encontra o exercício da autoridade ou dos poderes públicos. Se a autoridade eclesiástica, se os padres invadem o poder civil, se cometem abuso, ou contra o direito do cidadão, ou contra a autoridade civil, o seu ato, seja ele qual fôr, está sujeito à repressão, à sanção da lei, ou civil ou criminal, conforme a natureza abusiva do ato praticado. *(Apoiados).* A respeito dos bispos, se a lei que lhes dá privilégio de fôro (fatal privilégio) é nula, caem eles debaixo da regra geral do fôro comum.

Exemplifiquemos, para maior evidência, Snr. presidente. Se a autoridade eclesiástica violenta ou prende o cidadão, tem ele o *habeas corpus,* para pôr-se em liberdade, e ação criminal contra o ofensor. Se o priva de direitos garantidos pelas leis do processo civil, ordenando, por exemplo, que um certo inquilino de prédio o retenha alem do prazo do alguel, o prejuidicado tem a ação do despejo para lançar a este fóra. E assim por diante em todos os demais casos abusivos, exatamente como a respeito dos seculares. *(Apoiados).*

E notai, senhores, que tudo se fará sem o menor risco, sem o menor abalo para a sociedade, porque a autoridade eclesiástica e os padrès dispõem tanto da força pública, como quaisquer outros cidadãos particulares.

O Snr. Figueira de Melo: — Muito bem.

O Snr. Silveira Lobo: — Passemos, Snr. presidente, à tão decantada e temerosa teocracia. Do que acabo de dizer, já vê ela a sorte que a aguardava, se tentasse, sequer, levantar o colo entre nós. Enquanto se mantivesse no mundo da discussão e das teorias...

O Snr. visconde de Souza Franco: — Já está prégada pelo bispo do Pará.

O Snr. Silveira Lobo: — Esse folheto é um monumento de talento. *(Apoiados).* Havia de eu tê-lo, para convencer a todos os meus concidadãos da excelência da nossa religião e dos princípios liberais; únicos caminhos de conduzir os homens à felicidade. *(Apoiados).*

Dizia eu que, enquanto se mantivesse no mundo da discussão, assistia-lhe direito de viver, que cabe a todas as teorias, ainda as mais absolutas e exageradas, quer no sentido liberal, quer no sentido despótico; protegida, como todas as outras, pelo grande princípio da liberdade de pensamento, da liberdade de conciência, que abriga o erro, para poder garantir a verdade. *(Apoiados).* Respeitadas as limitações da lei, não tinha nem tem o poder civil o direito de embargar-lhe o passo, assim como não tem o direito de cortar o curso a nenhuma outra teoria. *(Apoiados).*

É completamente indiferente a esse magnífico princípio a forma de que se reveste a propaganda, ou seja o livro, ou seja o folheto, ou seja o jornal, ou seja a pastoral. O que de essencial exige ele é que a idéia não seja jamais acompanhada de nenhum elemento de força ou coerção material, na qual não se compreende, como é sabido, a força moral ou intelectual, seja ela qual for. É característico da propaganda deixar que a aceitação ou repulsa das idéias propagadas sejam inteiramente livres. *(Apoiados).*

Se, porém, a teocracia tendesse a converter-se em fatos, a intrometer-se, invadindo, no domínio do direito político ou civil, aí estavam as leis, como já expliquei, para sua completa e eficaz repressão. *(Apoiados).*

Mas, senhores, serão sinceros os pavores que dizem incutir-lhes ela, os perseguidores da religião? Haverá quem sinceramente acredite que existe da parte da igreja romana o incompreensivel plano de avassalar civilmente o mundo? Póde alguem sustentar seriamente, sem rir-se dentro em si mesmo, que a teocracia é de recear-se entre nós? Acredito que não. Para transplantar para este século de luzes a idade média, é preciso um prodígio tal de metempsicose, que nem os mais imbecís nele acreditam. *(Apoiados).*

É por isso que vemos essa balela, recebida com o riso, em toda a parte, incluidos os logares mais centrais.

E com razão, Snr. presidente. Contamos já 50 anos de existência como nação. A teocracia é a morte do liberalismo. Entretanto, figuraram na cena política, fazendo papel proeminente, os Feijó, os José Bento, os Marinho, e muitos outros padres, leais e delicadíssimos amigos das idéias e do partido liberal a que pertenceram. *(Apoiados).*

Percorrei o país, e vereis hoje, como em todos os tempos, a numerosa classe dos padres indistintamen-

te dividida pelos dois partidos, como acontece com os indivíduos de qualquer profissão; podendo afirmar-se, sem medo de errar, que em sua grande maioria são liberais. Em relação a Minas eu o afirmo com toda a segurança. Para ir ao logar de minha residência passo por seis paróquias; os respetivos vigários são todos liberais. Em minha circunvizinhança são quasi todos: é raro apontar-se um ou outro que o não seja. Na grande parte da província por mim conhecida, o mesmo, ou quasi o mesmo acontece.

Que teocratas são estes, senhores, que em política se ligam ao partido liberal e trabalham e se esforçam pelo triunfo dos princípios livres? Inquirí nas paróquias de todo o país, se algum vigário ou padre, nela residente, conspira ou de alguma forma se pronuncia contra a atual ordem política e civil, no intuito de fazê-la substituir, ou de trazê-la dominada pela influência do Papa ou da Igreja. Surpreendidos pela estranha e disparatada pergunta, nem resposta darão, por demasiado escusada. É por isso que esses pregões de avizinhar-se a teocracia são recebidos em toda a parte com o mais perentório desprezo.

O preceito fundamental da cartilha do meu liberalismo é fazer justiça a todos, e, portanto, tambem aos padres. E é por isso que profligo a nefanda cruzada que o governo, os conselheiros de Estado, o Supremo Tribunal e...

O Snr. visconde de Souza Franco: — É a cartilha de Santo Inácio.

O Snr. Silveira Lobo: — De Santo Inácio e dos jesuitas, nada tenho que ganhar: Os jesuitas de palácio, esses sim, são muito perspicazes; sabem que alí há o cofre das graças, dos empregos e de muita coisa mais. Não pertenço, graças a Deus, ao número dos construtores de escadas à custa da conciência, dos princípios e da própria dignidade, que nobre e altaneiramente se estorcem, se exasperam, não podem conter-se, não poupam deslealdades, quando alguem, mesmo sem intenção de embaraçá-los, se lembra de que existem tais e tão pequeninos estorvos.

Os mineiros, meus constituintes, me conhecem; sabem que não sou político de ajeitar especulações ignobeis, nem de espreitar as vontades e caprichos de quem quer que seja, para me servirem de guia; e não me farão nunca a injúria de me julgar filiado a uma semelhante escola.

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Snr. presidente, cada vez me convenço mais de que isto de liberalismo se vai tornando questão de rótulo de garrafas. Póde o rótulo dizer — vinho do Porto — e, aberta a garrafa, encontrar-se vinagre. *(Risadas, apoiados).*

Snr. presidente, temos obrigação de respeitar a verdade e a justiça. A verdade é que os padres nunca foram nem são, entre nós, infensos às liberdades públicas. Trabalhei muito em eleições. Não posso dizer que a batina me embaraçou o caminho. Ao contrário, entre os meus melhores auxiliares, ou companheiros, contei sempre muitos e mui dignos sacerdotes. Como, pois, não hei de protestar, com todas as minhas forças, contra essa grande calúnia e clamorosa injustiça, de que os padres são contrários às idéias liberais e à liberdade do povo? *(Apoiados).*

O partido liberal, senhores, tem sido infeliz, de há muito tempo a esta parte. Suas idéias prevaleceram por ocasião da nossa organização política; e até certa época, até 1837. De então para cá tem desandado. Muitas vezes, refletindo com a maior calma, inquiro de mim mesmo qual será a causa. Nos padres eu não a encontro; e ninguem, de boa fé, poderá afirmar que eles tenham para isso concorrido.

E, entretanto, é incontestavel a excelência e verdade dos princípios liberais. Ser liberal é ser justo, é querer e respeitar o que é de direito, a todo e qualquer respeito.

Eu, senhores, se acosto-me à parte democrática da constituição, para sustentá-la e dar-lhe mais força, é

porque muitas coisas que estão enfeixadas na mão da realeza pertencem de direito ao povo; quero ver se a abro para entregá-las a seu dono.

É incontestavel tambem que as idéias liberais têm por si as simpatias da imensa maioria da nação. Porque não medra esse partido? Porque está sempre sob a pressão do infortúnio?

Diz-me a meditação, a mais profunda e imparcial, que a causa está na defeito da pilotagem. Tem tido e tem o partido chefes os mais dignos e os mais distintos. Mas é inegavel, Snr. presidente, que muitos não têm a precisa iniciativa e coragem; que outros são naturalmente condescendentes ou fracos; outros de idéias singulares. E pede a verdade e a conveniência do partido, para que esteja prevenido, que diga tambem que alguns há que trocam a causa por pratos de lentilhas.

É assim que a minha conciência explica a principal origem do infortúnio do meu partido. Não provém, certamente, dos padres, essa espécie de descrédito com que carrega ele, por não ter podido nunca realizar suas idéias; mas, sim, como acabo de assinalar, da pouca ou nenhuma homogeneidade que preside à sua direção.

Nem, senhores, a época é de fanatismo; nada há a recear por esse lado; o que mais a caracteriza é a descrença, é o indiferentismo para tudo. Pelo que toca à religião, o perigo não vem da imaginária causa, que a paixão, a injustiça e a especulação não cessam de propalar; não vem do pavoroso fantasma da teocracia; provém antes do extremo oposto, da descrença e até da libertinagem, principalmente nos grandes focos de população, nas cidades marítimas. *(Apoiados).*

E é, Snr. presidente, nesse estado de coisas que o governo enceta e prossegue na senda dos mais desvairados despropósitos, das mais atrozes iniquidades, para humilhar e abater a religião do Estado, nas pessoas dos seus ministros *(apoiados);* sem inquietar-se

por levar assim de rojo o único baluarte de estabilidade que em nossa sociedade restava por abalar. *(Apoiados).*

Senhores, a descrença, o desapego, o indiferentismo que a má governação do país tem gerado é tal, que não conheço nada mais facil do que lançar por terra tudo quanto entre nós tem o nome de instituições. Desde que não há interesse pelo que existe, nada mais facil do que pôr abaixo. A dificuldade está só na substituição. Isto, sim, é dificil construir.

O Snr. marquês de S. Vicente: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Mas, já não é pequeno o perigo, quando abaladas se mostram todas as instituições. Qualquer empreendedor ousado póde muito fazer.

Consideremos, Snr. presidente, por um momento, os argumentos ou motivos em que afetam fundar-se os perseguidores da religião para aterrar a população com a próxima invasão teocrática. Esses motivos são os atos, o procedimento dos bispos. E dizem até que, perseguindo-os, fazem serviço à religião. Da análise desta cínica asserção, não me encarrego; entrego-a ao bom senso do país; vou tratar somente do procedimento dos bispos.

Já ocupei-me dos interditos; e, tendo provado que eles não invadiram de modo algum a esfera temporal, me parece que estava e estou dispensado de considerá-los sob o ponto de vista da arguida ofensa à liberdade de conciência dos maçons.

Mas, como a questão por esta face é muito grave, sinto necessidade de expender algumas considerações. Nos interditos incluo o motivo que lhes deu lugar, o lançamento dos maçons fóra das irmandades. Todos sabem, Snr. presidente, que quem usa do seu direito a ninguem faz ofensa, por mais contrariados que se declarem terceiros. A queixa, a paixão ou ódio que daí se originam, merecem compaixão ou desprezo. Assim tambem, analogamente, a autoridade que faz uso legítimo da sua jurisdição a ninguem faz injus-

tiça, sejam quais forem as consequências que necessária e fatalmente decorram do seu ato, conforme a doutrina que já expendí, em relação aos supostos efeitos civís dos interditos.

Toda a sociedade tem o direito de estabelecer as condições, mediante as quais póde-se ser admitido ou repelido do seu seio, seja qual for a natureza dessas sociedades. É máxima universalmente recebida, e por ninguem contestada. Nenhuma razão há, para que desse direito seja esbulhada a religião católica, a mais perfeita de todas as sociedades. *(Apoiados).*

A Igreja, portanto, expedindo bulas determinando os casos em que se deixa de ser católico, ou em que se é excluido da sua comunhão, — excomungado é o termo — usa de um direito incontestavel, ou de um poder que lhe pertence, o que é o mesmo. *(Apoiados).*

São os bispos depositários deste poder; e lhes cumpre aplicá-lo, desde que se realizam as condições da sua aplicação. *(Apoiados).* As bulas ou ordens da Igreja mandam excluir do seu seio os maçons. Vou até o ponto de convir em que os bispos não devem andar excogitando quem é ou não maçon para excomungar; embora a função policial seja um refúgio concedido à eficácia de todo o poder. Seria isto, talvez com razão, considerado imprudência, pela facilidade do engano, em relação a membros de uma sociedade secreta; somente por isso.

Mas, senhores, desde que os maçons ostentam em público, como já tive ocasião de dizer, o seu maçonismo, a sua incompatibilidade, e o levam, em alarde, ao seio das irmandades religiosas, desde que este fato chega uma e muitas vezes, incontestavel, ao conhecimento dos encarregados da execução das bulas; que cumpre a estes fazer? Qual é o seu dever? Não me dirijo ao interesse ilegítimo contrariado, nem à cega paixão, que não vê a luz da verdade e da justiça; que proclama como doutrina aceitavel e decente o retrair-se ou recuar o poder, sempre que encontra barreira forte ou possibilidade de comprometimento, sob pena

de imprudência, e até de atentado. Mas, peço que respondam os homens imparciais e justos. A resposta não póde deixar de ser favoravel aos bispos, e de exaltá-los, tanto mais quanto estes tinham conciência da massa enorme de dificuldades, que, altaneira, ameaçava fazê-los cair, vítimas e mártires do seu dever. *(Apoiados).*

Vamos, Snr. presidente, ao ponto preciso da questão: os bispos, usando de um direito, ofenderam o direito dos maçons? É um dos casos em que ficará provado que não há direito contra direito.

Que fizeram os bispos, senhores? Em suas pastorais e em suas portarias, disseram aos católicos que eram membros das irmandades e ao mesmo tempo maçons: — Ou maçons, ou católicos.

Há neste ato dos bispos dois elementos únicos, porém de natureza diversa: um, relativo à sua qualidade de maçons, todo rogativo, verdadeira admoestação caridosa, lícita e louvavel da parte de diretores de almas, importando mera súplica, para que voltassem ao caminho da salvação; outro, relativo à sua qualidade de católicos, esse imperativo, como devia e podia ser, pois que em tal qualidade eram seus subditos, e usava sobre eles de sua jurisdição espiritual.

Ocupar-me-ei só do primeiro elemento relativo aos maçons, porque, quanto ao segundo, é impossivel haver dúvida; e pergunto: — em que e de que modo póde a súplica ofender o direito daquele a quem é dirigida? Não importa ela, pelo contrário, reconhecimento do direito de não ser obedecido, em esfera que é civil e escapa à sua jurisdição? Os bispos não disseram: — Vos proibimos, mesmo como meros cidadãos, que sejais maçons. E a prova é que não mandaram fechar loja maçônica alguma, nem oriente. E a prova é que eles continuaram e continuam a ser maçons. Em que, pois, e de que modo ficou coartado o direito e a liberdade de seguir cada um o que lhe aprouver?

Mas, insistem em que esta liberdade recebeu limitação com o procedimento dos bispos. Como? Não foram os maçons por seu ato próprio, fazendo uso da sua liberdade, ou do seu direito, que se puseram fóra da sociedade católica?

Não, não foram os bispos; foi o fato de insistirem em continuar na seita vedada, que colocou esses católicos fóra do grêmio do catolicismo. Os bispos, reconhecendo a existência desse fato, e usando de poder que é seu, não fizeram mais do que sancioná-lo, lançando-os fóra da sociedade espiritual, que governam. *(Apoiados).*

Por meio de um exemplo, mostrarei a incontestavel procedência do meu argumento.

Uma assembléia paroquial é uma reunião da qual não podem fazer parte senão cidadãos brasileiros: exatamente como acontece nas irmandades com os católicos. É a mesa paroquial quem a dirige ou governa. Um cidadão da paróquia aceitou uma condecoração estrangeira, sem permissão do governo do país. Em virtude da lei fundamental que rege nossa comunhão política, quem tal pratica perde o direito de cidadão. Esse indivíduo apresenta-se para votar. A mesa, que sabe do fato, não aceita o seu voto, diz-lhe: "Perdestes o vosso direito de votar."

Há alguma injustiça por parte da mesa?

O Snr. visconde de Souza Franco: — Há toda.

O Snr. Silveira Lobo: — Nenhuma, absolutamente; porque está na constituição que quem aceita condecoração estrangeira perde a qualidade de cidadão brasileiro, e o indivíduo, cujo voto a mesa repudiou, aceitou.

O Snr. visconde de Souza Franco dá um aparte.

O Snr. Silveira Lobo: — Pois bem; apresentarei outro exemplo. Suponha-se que V. Excia. naturalizou-se cidadão estrangeiro...

O Snr. visconde de Souza Franco: — Não há de ver isso.

O Snr. Silveira Lobo: — Não hei de ver certamente, trago somente para exemplo. Suponha-se que outro indivíduo naturaliza-se cidadão estrangeiro. A mesa tem conhecimento do fato, e diz-lhe: "Não aceito o vosso voto, porque vos naturalizastes em outro país."

O simile parece-me perfeito. A mesa é o poder que rege aquela assembléia; assim como a autoridade eclesiástica é o poder que rege as irmandades, em sua parte vital e religiosa. A assembléia paroquial faz parte da grande comunhão política nacional, do mesmo modo que as irmandades fazem parte da grande sociedade religiosa, a Igreja Católica. O indivíduo, repelido da assembléia paroquial, perdeu o direito de fazer parte dela, por fato seu, a naturalização no estrangeiro. O católico, lançado fóra das irmandades, tambem perdeu, por fato seu, o direito de fazer parte das mesmas. *(Apoiados).*

O Snr. visconde de Souza Franco: — Quando ele entrou para a irmandade já era maçon, e assim se conservou sempre nela.

O Snr. Silveira Lobo: — Que importa isso? Não era sabido o fato. Para os bispos o fato só existiu depois que eles souberam dele. E não me consta que haja prescrição para a aplicação das penas espirituais nem póde haver, porque nunca é tarde para se chamar alguem ao caminho da salvação, que é o fim de todas elas.

Não têm, pois, os maçons o direito de se queixar senão de si próprios. *(Apoiados).*

Não foi ofendida sua liberdade de conciência, porque não podia sê-lo, por fato seu. *(Apoiados).*

Levarem o direito ou o princípio de crer livremente até o excesso de impôr modificações ou suplantar as crenças da sociedade, de que se excluiram, ou de que foram excluidos, é mais que absurdo; é despotismo insensato. *(Apoiados).* Onde fica, a que reduzem o direito de crer para os católicos? *(Apoiados).* Tenham a coragem de carregar com as consequências dos

seus atos; não criminem os bispos por culpa que é toda sua.

Snr. presidente, se os maçons são em grande número, se têm agora uma doutrina religiosa sua, católica modificada, ou outra qualquer, se não admitem padres de procedência romana, se julgam isto lícito, e se podem resistir e sobreviver ao peso do ridículo, formem a sua religião em separado.

O Snr. Figueira de Melo: — É o cisma que eles querem.

O Snr. Silveira Lobo: — É o mais que se lhes póde conceder, e eu lhes concedo. Nem me oponho, nem tenho direito para isso, a que obtenham da governação do país todas as garantias que julguem precisas para exercerem seus direitos civís, em tudo quanto lhes fôr isto indispensavel.

Mas, deixem-nos, repito, o sagrado direito que temos de crer como nos apraz, de seguir a santa religião católica, apostólica, romana; de não crer em casamentos, batismos e mais sacramentos senão administrados segundo o rito católico; o direito de só acreditar em doutrina religiosa e em padres oriundos de Roma; o direito, em suma, de continuar católicos como foram nossos antepassados. *(Apoiados).*

Oh! É mais que tirania, é rematada loucura pretender que a religião de Cristo não possa viver à sombra do princípio de liberdade de conciência, consagrado na constituição, que não deixa perseguir nem o mais rude fanatismo, nem a libertinagem!

O Snr. Zacarias: — Pelo menos isso.

O Snr. Silveira Lobo: — V. Excia. tem razão! Está escrito no § 5.º do art. 179 da constituição que ninguem seja perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a católica e não ofenda a moral pública. A prepotência do governo, que tudo póde, inverteu o preceito constitucional; ficou o país sabendo que na prática esse preceito quer dizer: — ninguem será perseguido por motivo de religião, exceto se fôr católico.

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — Só assim se estaria presenciando o triste e degradante espetáculo, de bispos cheios dos mais altos merecimentos e das mais excelsas virtudes, condenados a penas infamantes, encarcerados e perseguidos pelo cumprimento de seus deveres, por motivos meramente de religião! *(Apoiados).* Espetáculo que constrange e envergonha a todos os brasileiros dignos deste nome!

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado. Envergonha o país até no estrangeiro!

O Snr. Silveira Lobo: — Se tivesse tempo, Snr. presidente, e não estivesse sumamente fatigado, me alongaria sobre este princípio, da liberdade de conciência, para mostrar ainda mais que não há incompatibilidade alguma, entre o verdadeiro liberalismo e a religião católica romana, como querem os nossos fazedores de programa; para mostrar que o direito vive e subsiste, aprovado e respeitado pela religião, e que esta há de florescer sempre no seio das sociedades mais adiantadas. *(Apoiados).* Carecia para isto de fazer um longo discurso. Mas, para que, Snr. presidente?

Não tenho a pretenção de querer ser mais nem melhor liberal do que foram todos esses grandes caráteres, verdadeiramente respeitaveis, que têm figurado em nossa política, e no partido a que tenho a honra de pertencer, os quais foram sempre liberais, sem deixarem jamais de ser católicos. Não tenho a pretenção de querer ser melhor liberal do que Gladstone, chefe do partido liberal na Inglaterra, e defensor estrenuo da religião católica. Não tenho, finalmente, a pretenção de querer ser mais liberal do que o são os católicos da América do Norte, que são republicanos, e da falange da dianteira, sem que se julguem para isso embaraçados pela religião que professam. *(Apoiados).*

É uma balela exótica, Snr. presidente, levantada no país por pigmeus que têm, como eu, provado a sua

impotência para solução de problemas possiveis, ordinários e faceis. Como poderão, investindo contra o impossivel, abater a religião para sobre suas ruinas edificar esse novo e imaginário liberalismo?

Muito mal, senhores, estaria o partido liberal no Brasil, se não pudesse dele fazer parte senão quem renunciasse o catolicismo. Desapareceria completamente; o país é todo de católicos, e ninguem seria tão inconsiderado e imbecil, que abandonasse o seu culto a Deus, pela honra de pertencer a um semelhante partido. Felizmente, a propaganda se está esfacelando. *(Apoiados).*

Pelo que me diz respeito, podem-me qualificar como quiserem, de ultramontano, de fanático, ou como melhor lhes agrade; não me defenderei: dir-lhes-ei somente que nada tem a política com minhas crenças em relação a Deus, senão para garantí-las como as de todos. *(Apoiados).* E apelarei para a sensatez, para o bom senso do país. O que não desejo que possam dizer do meu liberalismo, com verdade, é que admite Cesar investido do papado. Isto nunca. Não desejo ver a religião e as conciências escoltadas pelo exército e marinha. Faça o caduco e servil regalismo o que está fazendo; mas, sem direito, e com abuso revoltante. *(Apoiados).* Espero em Deus que hei de morrer católico e liberal, sem trair jamais ao honroso mandato, que aquí me colocou, o qual me foi conferido por católicos-liberais. *(Apoiados).*

O Snr. Figueira de Melo: — Faz muito bem.

O Snr. Silveira Lobo: — Tenho demonstrado, e me parece que com a maior evidência, não ter havido no procedimento dos bispos sobre os católicos maçons (se assim me posso exprimir) motivo para a celeuma anti-teocrática, senão capricho da parte dos maçons, em quererem sujeitar o catolicismo de todo o país às modificações que lhes aprazem. *(Apoiados).*

Tratarei agora dos outros motivos ou argumentos da celeuma.

Dizem: "O bispo de Olinda, no seu plano de dominação, começou por fazer inúmeras suspensões *ex-informata conscientia.*" Aquí no senado disse, mais ou menos, um conselheiro de Estado, aludindo ao mesmo fato, que esse bispo, moço cheio de ambição de dominar e de mostrar-se, começou logo, ao entrar para a diocese, a revolver tudo, a tomar medidas extraordinárias, e acabou por desobedecer ao governo e desrespeitar a constituição e as leis; e outros palavrões vagos, cujo valor já aquilatei.

Mas, senhores, será lícito inverter assim, sem base alguma, os motivos legítimos do procedimento de quem não saiu fóra da esfera do seu dever e das suas atribuições? Isto para mim prova bem quanto custa nesta época, de corrupção, a acreditar-se que alguem possa tomar a sério o seu dever, e só por amor dele arrostar comprometimentos, censuras e martírio, sem ser levado por motivos pessoais.

É precisamente, Snr. presidente, nesse mesmo procedimento esforçado e fóra do trivial, que deparo com a melhor defesa do bispo, para escoimá-lo de quaisquer aspirações teocráticas. Os padres são a sua milícia, as suas forças vivas; deslocá-los é dispersar a milícia, é aniquilar os seus melhores meios de ação, é tornar impossivel a realização de tais aspirações. Não é intuitivo que, se o bispo as afagasse em sua mente, daria de mão ao interesse espiritual do seu rebanho, que o arrastou, por força do seu dever, a tais rigores, e trataria de acariciar os vigários e os padres, para melhor contar com eles, e ageitá-los ao serviço do seu ilícito e teocrático plano? *(Apoiados).* Não; não quadra a caluniosa explicação; serve o fato somente para patentear que o bispo tinha só no peito e no ânimo o interesse da religião, ao qual tem sabido nobremente sacrificar-se. *(Apoiados).*

O Snr. Figueira de Melo: — Apoiado; muito bem.

O Snr. Silveira Lobo: — Não compreendem mesquinhos perseguidores que a esse tipo sublime, a quem a Providência Divina deu as energias precisas para resistir às tentativas contra a virtude, conce-

deu-as tambem para arrostar heroicamente os obstáculos ao seu dever. *(Apoiados).*

O Snr. Zacarias: — Apoiado.

O Snr. Silveira Lobo: — O célebre ministro do Império, no seu relatório, que marca bem a estatura de quem o escreveu ou assinou, e do qual tenciono a seu tempo ocupar-me, começa uma série de caluniosas afrontas aos bispos, contra a verdade sabida e notória, e com manifesta ignorância das leis do país, por surpreender-nos e a todo o Império, com a notícia, resultante de suas descobertas, de que alguns bispos têm manifestado há anos a esta parte a pretenção de dilatar suas atribuições em prejuizo das do poder civil. E ata em primeiro lugar ao poste da calúnia o venerando e santo bispo de Mariana!

Oh! Senhores, o bispo de Mariana é a mais fiel, a mais apurada personificação, que conheço, das virtudes evangélicas. Nem imagino que com outra mais perfeita se possa deparar. É uma figura verdadeiramente esplêndida no mundo moral, que prova quanto vale, quanto póde, até onde vai o influxo benéfico e divino da religião católica romana. É um padrão de glória, é um protesto vivo, a reagir contra as fraquezas da humanidade. Naquela alma transparente, diafana, não se abrigam conspirações nem projetos invasores. Não se abrigam intenções que não sejam as mais cândidas e puras. Naquela grande conciência não encontram guarida outras preocupações que não sejam as do dever, as da caridade e da virtude. Outras preocupações que não sejam as da verdade, da justiça e da moral, em sua maior plenitude. *(Apoiados).*

Os Snrs. Figueira de Melo e Mendes de Almeida: — Muito bem.

O Snr. Silveira Lobo: — E, entretanto, senhores, é um símbolo destes que o pequenino valido da atualidade ousa escolher para jungir ao posto infamante, indicando-o falsa e desalmadamente, como o primeiro a levantar o pregão invasor! Como o primeiro e mais criminoso paladino de uma cruzada que jamais existiu! De uma cruzada que surge na imaginação e na má fé desta quadra infeliz, para fornecer combustivel à lugubre fogueira em que devem arder os bispos e...

Os Snrs. Figueira de Melo e Mendes de Almeida: — Muito bem.

O Snr. Silveira Lobo: — ... com eles os brios, a dignidade e o direito dos católicos. *(Apoiados).*

Afirma o relatório que esse pretenção de invadir o poder civil manifestou-se em 1857, por parte do bispo de Mariana, recusando este conferir a instituição canônica a um cônego apresentado pelo governo, sob o fundamento de que era melhor o candidato que não fôra escolhido.

O Snr. Zacarias: — Até fala contra o provimento das paróquias, que ele aquí o ano passado defendeu.

O Snr. Silveira Lobo: — E não só isso; muita coisa mais vem nesse característico relatório, de que não posso ocupar-me agora.

De forma que, Sr. presidente, apesar do bispo dar o motivo da sua recusa, que se filia a escrúpulos de conciência, fossem eles quais fossem, o grande ministro julgou-se autorizado a emprestar-lhe outro motivo, e esse desairoso!

Toda a província de Minas sabe do fato; e póde por aí aquilatar perfeitamente a probidade do ministro, e avaliar até onde obrigam a descer um país que é governado por uma tal entidade.

Que política desnaturada, senhores! Persegue e comete os maiores atentados, sem causa legítima, e, para os colorir, atira-se à calúnia. Nem a mais acrisolada virtude escapa à sua execranda influência!

São, como esse, todos os fatos, com que se pretende provar a ridícula invasão da suposta teocracia. *(Apoiados).*

É esta mesma política, Snr. presidente, de calculada anti-teocracia, que, após as mais ferozes iniquidades contra os bispos e contra a religião, e no curso dela, se dirige ao Vaticano, a pedir auxílios e remédio. Senhores, que papel ridículo e contraditório!

Sinto não ter tempo para analisar essa célebre missão, com a qual o governo, traindo-se completamente, reconheceu e confessou aos olhos do mundo haver se intrometido, do modo mais criminoso, na esfera do poder espiritual. *(Apoiados).*

A missão Penedo provou a todos os respeitos que o caminho pelo governo loucamente desprezado era e não podia deixar de ser o do Vaticano. Se o governo tivesse tido mais fortaleza para resistir aos embates de caprichos e paixões mesquinhas, só dignas de desprezo, e menos ambição de prepotência, quando lhe vieram os recursos à corôa teria encaminhado a questão, como era seu dever indeclinavel, para o único poder a quem competia tomar conhecimento dela, poupando todas as calamidades que presenciamos, cujo paradeiro a ninguem é dado assinar, porque a paciência do povo, embora pacífico, tambem póde exgotar-se.

Snr. presidente, por qualquer face que se encare o processo dos bispos, dele só ressaltam motivos para revoltar e entristecer o coração brasileiro. A causa nas mãos do governo, do conselho de Estado e do Supremo Tribunal, converteu-se em um perfeito encadeamento de atentados e crimes, como já demonstrei. A sessão do julgamento do bispo de Olinda correspondeu-lhe perfeitamente; e merece que eu dela dê alguns traços, embora mui de passagem. Tive a infelicidade de assistir a esse repugnante e vergonhoso espetáculo, e confesso a V. Excia. que retirei-me dalí inteiramente contristado. Ao sair do edifício, perguntava a mim mesmo: Pois devéras, será este o mais alto tribunal de justiça do meu país?! E lamentava a sorte deste profundamente aflito, e, devo dizer tudo, até envergonhado.

Atuavam sobre meu ânimo sobradas razões para isso. Tinha estudado os fatos. Sabia o que havia de criminoso, ousado e temerário por parte do governo, entregando os bispos à justiça secular. Fazia do tribunal juizo mui diverso, muito superior ao que mostrou merecer. Não esperava presenciar as cenas inqua-

lificaveis que se deram no recinto do tribunal por parte dos que o constituiam. Tinha examinado a denúncia do procurador da corôa e soberania nacional. Tinha visto nela dedilhar esse alto funcionário o teclado do crime, fazendo várias interrogações, como quem inquiria qual dos artigos do código correspondia ao alamiré do governo. Pareceu-me a princípio que ele estendia sem conciência as malhas de uma rêde, para apanhar em todo o caso a egrégia e inocente vítima. Mas, por demasiado injuriosa, dei de mão a esta suposição. Expliquei o caso por sincera vacilação, por falta de estudo, embora altamente condenaveis, em quem se propõe a acusar. *(Apoiados).*

Entretanto, tive de ver que, lendo o relator seu nefasto trabalho em voz tão baixa, que ninguem ouviu o que nele dizia...

O Snr. Figueira de Melo: — Eu, que estava bem perto, nada ouví.

O Snr. Silveira Lobo: — ... o procurador da corôa, não obstante, proferiu as seguintes memoraveis e incriveis palavras: — "que não pudera ouvir a leitura, mas que era tanta a confiança que depositava no relator, que nada tinha a contestar!" E, não satisfeito, revelando ainda mais sua magnânima imparcialidade, atirou-se logo a estranhar que alí estivessem advogados dispostos a tomar parte no debate!

Ora, Snr. presidente, que o procurador da corôa, recluso em seu gabinete, entregue a si só e à sua conciência, tivesse o desembaraço de invocar contra a inocente vítima a circunstância agravante da reincidência, em fato que nunca fôra julgado no país, já era muito para pasmar. Mas, em presença de um auditório numeroso e ilustre, que o observava, aprovar uma peça judiciária importantíssima, de que nenhuma noção tinha, é escândalo intoleravel. *(Apoiados).*

Snr. presidente, ia descrever agora o ináudito procedimento da presidência do tribunal, que tão abaixo se mostrou de sua elevada posição; mas, peço licença

aos que me ouvem para dispensar-me de tão ingrata tarefa.

Não posso, porém, deixar de rememorar o que ocorreu, não há muito, em um processo célebre, intentado na França.

O general Bazaine não foi, como o bispo de Olinda, chamado aos tribunais por fatos que, quanto mais provados, mais honram ao acusado. Foi responder pela gigantesca imputação de haver entregue ao inimigo da França, na última guerra entre ela e a Alemanha, 150.000 soldados do exército francês. Foi responder por haver traido a honra da nação francesa. A França, sempre vivaz e entusiástica em tudo, muito mais o é, e com razão, em assunto de honra.

Bazaine teve de comparecer ao tribunal inúmeras vezes. Nunca o auditório lhe assacou a mínima palavra que, de leve, se quer, o pudesse molestar. Nunca os juizes se mostraram enfadados com os numerosos episódios e detalhes da sua defesa; nunca tolheram ou embaraçaram, ou coartaram essa mesma defesa; nem tão pouco se mostraram apressados.

Foi sempre recebido e tratado, ele e seu advogado, com a maior circunspeção, senão deferência, pelo tribunal e pelo auditório. É que naquele país sabe-se compreender que a circunspeção entra como parte integrante na imparcialidade dos juizes.

Aquí?! Que se passou no tribunal? Corramos um véu...

Bazaine foi condenado, é certo; mas os próprios juizes que o condenaram, em atenção a suas qualidades e serviços, e receosos da possibilidade de se haverem enganado, deram-se pressa, eles próprios, em implorar ao supremo magistrado da França clemência para Bazaine. Tudo isto é nobre, tudo isto é digno de qualquer país civilizado. Entre nós? Os juizes que consumaram a maior iniquidade contra o perseguido do governo, através de inúmeras e criminosas infrações da lei, mostram-se alegres e vão amanhã repetir o mesmo serviço.

Snr. presidente, este monstruoso processo, exquisito em tudo, teve ato de abertura imperial pelo aviso do governo Imperial de 27 de Setembro, e teve ato de encerramento tambem imperial, pelo suposto perdão ou comutação concedida ao bispo. *(Apoiados).*

A meu ver, senhores, esse perdão parcial, e ao mesmo tempo comutação, é a maior traição que à corôa podiam fazer seus ministros. Esse ato da corôa suprime o trabalho infamante, mas ao mesmo tempo comuta-o pela pena de degredo, ou antes acrescenta esta pena, de que não reza a sentença condenatória. Nisto vai abuso certamente, porque, pela faculdade de perdoar e comutar, que inclue indeclinavelmente a tendência para minorar, não é lícito acrescentar pena alguma. Entretanto, no caso vertente, foi acrescentada ao bispo de Olinda a pena de degredo, que lhe não foi imposta pelo tribunal, visto como seu direito era cumprir a sentença no termo da sua residência, e o ato da corôa impõe-lhe que a cumpra no município neutro, na fortaleza de S. João. *(Apoiados).*

Afirmei e afirmo que há nesse ato a maior traição à corôa, porque arrastou-a a coparticipar da imensa responsabilidade do Supremo Tribunal de Justiça, em tudo quanto a mesma corôa deixa em pé, ou confirma na iníqua e criminosa sentença do tribunal. Isto, senhores, não se faz sem traição. *(Apoiados).*

A corôa não podia intervir de um modo justo, decoroso e decente, em tão hediondo procedimento do Supremo Tribunal, senão para cortar de um golpe todos os seus efeitos, para anulá-lo completamente. Tudo o mais, só nas regiões oficiais deste país se podia ver *(Apoiados).*

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado; foi aumentar um escândalo a outro.

O Snr. Silveira Lobo: — Senhores, a consequência lógica, necessária e imprescindivel de todas as verdades, que, neste discurso, tenho posto em evidência, é que só há agora para o governo do país um expediente a seguir, único justo e digno, único compati-

vel com as imperiosas exigências da honra e da probidade, único de acordo com os grandes e permanentes interesses da sociedade: — a restituição dos bispos às suas dioceses. *(Apoiados).*

Medite, pense maduramente o governo sobre a condenação dos bispos, entre em sua conciência, e há de conhecer necessariamente, infalivelmente, pois que a verdade é uma só, que essa condenação é, fóra de toda a questão, uma iniquidade monstruosa. *(Apoiados).*

Chegado a esta convicção, não hesite, cumpra o seu dever *(Apoiados).* Não se deixe embaraçar pelo acanhado e falso desar, de desandar no caminho erradamente seguido, visto como não há outro meio de retomar a verdadeira senda *(Apoiados).*

Não comprometa, não perturbe o futuro do país por tão reprovada vaidade. Repare do modo possivel o dano causado a vítimas inocentes, meritórias, a toda a sociedade, à causa pública, como é dever de probidade e de honra. Atenda a que a falta de cumprimento deste dever importa ante a conciência pública inevitavel desconceito e degradação, da qual não o salvam as galas da posição, nem coisa alguma no mundo. Não se acobarde ante considerações subalternas e de nenhum valor para os brasileiros, como esse alarido levantado pelo ouro português *(Apoiados).*

Lance mão do poder de agraciar de que dispõe; e faça voltarem as coisas ao estado donde o capricho, o erro, a paixão e o crime as fizeram sair *(Apoiados).*

Os Snrs. Figueira de Melo e Mendes de Almeida: — Apoiado; muito bem.

O Snr. Silveira Lobo: — Snr. presidente, não em meu nome, que nada valho; mas, em nome da justiça ultrajada, e da causa pública, e para ajudar à corôa no cumprimento de tão nobre dever, eu aconselharia a meus concidadãos de todas as paróquias do Império, sem distinção de côr política, o uso pacífico do direito de petição, esse grande escudo que a constituição deu a todo cidadão brasileiro *(Apoiados).*

Bastam abaixo-assinados, precedidos de algumas palavras, em que se peça simplesmente à Sua Majestade o Imperador que faça restituir os bispos de Olinda e do Pará a suas dioceses.

Tenho concluido.

(Muito bem; muito bem; muito bem. O orador é cumprimentado por seus amigos).

O Snr. Mendes de Almeida: — V. Excia. acaba de prestar o mais eminente serviço ao país com o seu discurso".

CAPÍTULO XXI

A QUESTÃO RELIGIOSA NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Na Câmara, a Religião tinha, como no Senado, valorosos e brilhantíssimos defensores. Citemos em parte um dos notaveis discursos que se fizeram ouvir no recinto dessa casa que em sua história não atravessou, porventura, fase tão emocionante como essa de 1874 e 1875. Escolhemos entre os demais primorosos discursos o do Deputado Tarquínio de Souza, que insiste sobre um ponto importantíssimo — a união dos dois bispos com o chefe supremo da Igreja. Além disso, o ilustre parlamentar focaliza muito bem a injustiça da condenação dos bispos e termina sua oração com protestos de obediência à Igreja — dignos dos mártires.

Entretanto, transparece claramente o espírito de servilismo que animava, infelizmente, a não poucos representantes do povo católico, com lamentavel detrimento da religião oficial do governo.

"Câmara dos Snrs. Deputados. Sessão de 1 de Agosto de 1874.

. . . . . .

. . . . . .

"*Snr. Tarquínio de Souza.* — Eis aquí um memo-

ravel discurso, proferido pelo Sumo Pontífice no dia 17 de Junho passado perante o sacro colégio; vou ler alguns trechos desse discurso, que tão grande sensação produziu na Europa, afim de que esta augusta câmara e o país fiquem sabendo que realmente existe a mais íntima união entre o Santo Padre, o chefe supremo da Igreja Católica, e os Bispos de Olinda e do Grão-Pará.

"Pedem paz; pedem tréguas; pedem, dí-lo-ei, um *modus vivendi!* E haverá um *modus vivendi* possivel com um adversário que está continuadamente armado de um *modus nocendi,* de um *modus auferendi,* de um *modus occidendi?* A bonança poderá jamais conciliar-se com a tempestade que ruge e se subleva, abatendo, desarraigando, destruindo tudo o que encontra, diante de si?

"Que faremos, pois, veneraveis irmãos? nós a quem é dito: Statis in domo Dei et in atriis domus Dei nostri?...

Ficaremos unidos com o Episcopado, que na Alemanha, no Brasil, e em toda a Igreja dá provas luminosas de constância e de firmeza, unir-nos-emos a Ele e a todas as almas queridas do Senhor".

Pelas palavras do Santo Padre, que a câmara acaba de ouvir, fica fóra de dúvida que S. Santidade está unido com o Episcopado do Brasil, com os Bispos, que têm dado provas luminosas de constância e firmeza; e, como ninguem tem dado tais provas em mais alto grau que os ínclitos Bispos de Pernambuco e Grão-Pará *(Apoiados),* é manifesto que o Santo Padre está com eles moralmente unido.

O Snr. ministro da Justiça: — Os outros não dão as mesmas provas?

O Snr. Tarquínio de Souza: — Não tenho o que ver agora com os outros, refiro-me aos de Pernambuco e do Pará, e é quanto basta ao meu empenho; entretanto, lerei ainda outro trecho do mesmo discurso, que é de grande importância para o caso em questão.

"Nós persistiremos na oração, pedindo a paciência e a coragem para combater os nossos inimigos, mas não com a espada em punho, porque Jesus Cristo combate com a Cruz. A Cruz, pois, será a nossa arma e suplicaremos a Deus por eles. Sem jamais nos conformarmos com seus princípios e condenando os poltrões que repetem em sua cobardia: — Que quereis que se faça?... Como se há de fazer? — Pergunta imbecil, digna de vermes da terra e não de homens!..."

Eis aquí com quem o Santo Padre não está unido, a quem ele condena; são os fracos, os poltrões; aqueles que não sabem o que hão de fazer. Quando as leis da Igreja estão bem expressas para determinarem o caminho que devem seguir *(Muito bem).*

Trouxe muito de propósito esta locução do Santo Padre para responder com ela aos boatos que emissários oficiais e oficiosos do governo vão espalhando à sorrelfa, de que o Santo Padre não aprova, e antes repreende os atos praticados pelos ilustres Bispos de Pernambuco e do Pará.

O Snr. Diogo de Vasconcelos: — A essas intrigas responde-se com o riso.

O Snr. ministro da Justiça: — Mas o *gesta tua* não veio?

O Snr. Tarquínio de Souza: — O *gesta tua* é uma grande mentira, que se prégou a este país. *(Não apoiados e apoiados).* A alocução do Santo Padre, que acabo de ler, dá irrefragavel testemunho disso.

Snr. presidente, não concluirei esta parte do meu discurso sem condenar uma doutrina fatal que se vai implantando em nosso país, que parece ter servido de guia ao governo nos desatinos que tem praticado com relação à questão religiosa.

Dizem que os Bispos são empregados públicos, e como tais sujeitos ao poder civil. Esta doutrina é falsa, e não somente falsa, mas ainda fecunda em consequências desastrosas para o país. *(Apoiados).*

Em uma das sessões do ano passado tive de combater essa fatal doutrina; como, porém, insistem nela, seja-me permitido dizer ainda algumas palavras.

Senhores, o que caracteriza o empregado público, o que determina se ele pertence à ordem civil, ou à eclesiástica, é a natureza das funções que exerce; ora, se as funções que os Bispos exercem procedem de Deus, porque os Bispos são postos pelo Espírito Santo para regerem a Igreja, como nos dizem as sagradas letras, se eles são Bispos por graça de Deus e da Santa Sé, é manifesto que de modo algum podem ser considerados empregados públicos de ordem civil. *(Apoiados).*

Ninguem dá o que não tem; o poder civil não tem funções espirituais, logo, não póde comunicá-las a ninguem, e debalde o governo imperial nomearia Bispos, se eles não fossem confirmados pela Santa Sé, se não recebessem a sagração da Igreja.

Se a nomeação de Bispo fosse atributo da soberania temporal, ele seria exercido assim no Brasil, como nos outros Estados soberanos; e, entretanto, é certo que, em muitos deles, na Inglaterra, nos Estados Unidos, o poder civil não intervem de modo algum na nomeação dos Bispos.

Nem nos deixemos iludir pela circunstância acidental de receberem os nossos Bispos suas côngruas do tesouro nacional. Não quero recorrer agora à legislação antiga para provar que, se o Estado paga as côngruas dos Bispos e dos párocos, é em virtude de um contrato bilateral, em compensação dos dízimos eclesiásticos, que foram incorporados ao Estado. *(Apoiados).* Prefiro recorrer a outro argumento.

Na Bélgica, os Bispos tambem são estipendiados pelo Estado, mas o poder civil não os nomeia, nem jamais lembrou-se alguem alí de chamar os Bispos empregados públicos de ordem civil.

Se os Bispos fossem funcionários civís, não só ficariam suspensos de suas funções por efeito de uma pronúncia, como é expresso no art. 165 do código do processo, mas ainda poderiam ser suspensos por decreto do governo. Entretanto, quero citar uma opinião que não póde ser suspeita ao nobre ministro da Justiça, que me honra com a sua presença.

O Snr. visconde do Bom Retiro, no Conselho de Estado, sem querer examinar a questão, disse todavia "que a missão sagrada dos Bispos é de instituição divina, e fundada em poderes que não dimanam da soberania nacional, como são todos os de ordem e jurisdição, que foram conferidos por Deus e por intermédio da Santa Sé."

A doutrina que combato não só é falsa, mas tambem de consequências desastrosas, como já disse, e espero mostrar.

Onze conselheiros de Estado, cujos nomes tenho aquí, reuniram-se em conselho pleno para consultar sobre os atos do Bispo de Olinda, e particularmente sobre os meios coercitivos que podiam ser empregados, caso aquele ilustre Bispo não cumprisse as ordens do governo.

Dos onze conselheiros somente dois, os Snrs. viscondes de S. Vicente e de Souza Franco, os mais extrênuos regalistas do conselho de Estado, votando pela responsabilidade do Bispo de Olinda, viram a possibilidade de ficar ele incurso nas penas do artigo 96 do código criminal. Aos demais não ocorreu a sanção penal daquele artigo, e nem poderia ocorrer, porquanto os conselheiros de Estado não podiam cogitar daquele célebre *scilicet,* por força do qual se encaixou a martelo a disposição do art. 128 na do artigo 96 do nosso código criminal.

Vergonha eterna nos anais judiciários do Brasil. *(Apartes).*

Tenho em minhas mãos um exemplar do parecer do Conselho de Estado pleno, o qual devo à bondade de um amigo, visto como ainda não tivemos a fortuna de receber o anexo sob a letra — D —, ao qual se refere o nobre ministro do império, dando-nos conta dos negócios eclesiásticos.

O Snr. Bernardo de Mendonça: — Não sei porque ainda não foi distribuido na câmara, no senado já foi.

O Snr. Tarquínio de Souza: — Quero, pois, instituir um ligeiro exame para que o país fique sabendo que, conforme o juizo da maioria do próprio conselho de Estado, o Bispo de Olinda está sofrendo uma pena injusta, que só póde ter explicação no desejo de vingança do governo imperial.

Sim, os Snrs. visconde de Marituba, de Bom Retiro, de Jaguarí e Inhamerim, marquês de Sapucaí e Duque de Caxias votaram todos pela responsabilidade do ilustre Bispo, mas responsabilidade por crime de desobediência, como incurso nas penas do art. 128.

O Snr. conselheiro Nabuco entendeu que o Bispo não havia cometido crime algum *(apoiados)*, que não podia, portanto, ser sujeito ao Supremo Tribunal.

É a doutrina de um jurisconsulto muito respeitavel, que deve ser conhecido do país, e que é diametralmente oposta à do Supremo Tribunal de Justiça.

Deploro que o Snr. conselheiro Nabuco, por uma notavel incoerência, por apreciações inexatas, aconselhasse a expulsão do Bispo de Olinda, como medida política. Seria um atentado contra a constituição do Império e os direitos do cidadão brasileiro. Mas, senhores, apesar disto, entre o parecer do conselheiro Nabuco e o que foi resolvido pelo governo e executado pelo Supremo Tribunal, não hesito em decidir-me pelo primeiro.

O Snr. Diogo Vasconcelos: — Condenado o Bispo a galés, como um facínora!

O Snr. Tarquínio de Souza: — A expulsão do Bispo comprometeria somente ao governo; a condenação no art. 96 deshonrou o Supremo Tribunal e comprometeu ao poder moderador. *(Apoiados e não apoiados).*

Sem me ocupar agora do parecer do nobre visconde de Abaeté, que, aliás, foi o mais sensato e judicioso de todos, aquele que mais respeitou as prerrogativas da Igreja, sua liberdade e independência, vou citar uma autoridade, que não póde ser suspeita, mas muito ao paladar do nobre ministro da Justiça. Refiro-me ao Snr. visconde de Niterói, o qual entendeu que, se havia crime, era este de natureza meramente espiritual, que só podia ser julgado por um concílio provincial.

Peço licença à câmara para ler as palavras do ilustre conselheiro de Estado, visconde de Niterói, cuja opinião o país precisa conhecer. *(Apartes).*

O Snr. Bernardo de Mendonça: — Póde continuar, que ouvimos com sumo gosto.

O Snr. Tarquínio de Souza: — O que ouço, diz o nobre visconde de Niterói, proposto pelo maior número dos ilustrados conselheiros, é o processo de responsabilidade do Prelado pelo Supremo Tribunal de Justiça. Não o tenho por conforme a lei, e é tão repugnante com os princípios de justiça, como atentatório da competência do fôro eclesiástico, ao qual cabe exclusivamente o autorizado conhecimento e correção dos abusos no exercício do episcopado. A competência do Supremo Tribunal de Justiça se limita a conhecer e julgar os Bispos pelos crimes comuns; e tribunal secular não conhece das causas do fôro eclesiástico, e, sem irrogar injúria e desacato à autoridade eclesiástica, não poderia intervir em julgamento e decidir da regularidade de proceder dos Bispos e nem de fato se póde esperar nas condições deste tribunal providência eficaz que autorizadamente reprimisse e corrigisse os excessos do Bispo e assegurasse plena satisfação à sociedade.

"Para que nenhum fosse o resultado de qualquer processo criminal, intentado perante o Supremo Tribunal de Justiça, basta a ponderação de que não póde ser capitulado crime punivel, segundo o código criminal, o ato praticado pelo Bispo com as pias intenções, que ninguem justamente desconhecerá no Prelado Pernambucano.

.....

"Mas é mister proceder com o comedimento que impõem o direito e a mesma natureza das coisas. Declinando-se do regrado procedimento, aquilo mesmo

que em termos habeis será praticavel, profícuo e regular, torna-se violento, injusto e prejudicial. Assim, sem que se recorra aos meios ordinários, não é dado lançar mão de medidas extraordinárias.

"O meio ordinário, que logo deve ser procurado, para coibir o Prelado nos excessos em que tem caido, e quando ainda relute contra a decisão deste recurso, é o do seu julgamento no sinodo ou concílio provincial, que, segundo a lei da Igreja, é o competente não só para repreender todos os excessos, como julgar o mesmo Bispo..."

Em seguida o ilustrado conselheiro de Estado, cuja opinião acabo de ler, cita as disposições do concílio tridentino, que servem de fundamento ao seu parecer.

Eis, pois, Snr. presidente, recorrendo à autoridade insuspeita do conselho de Estado, nota-se em grande maioria dele a condenação anticipada do procedimento do Supremo Tribunal, e, ao mesmo tempo, prova irrecusavel da injustiça e violência que estão sofrendo os dois ilustres confessores da fé, os Bispos de Olinda e do Grão-Pará.

Segundo o voto do Conselho de Estado, quando muito podiam ser condenados nas penas do art. 128, que trata da desobediência, e cujo máximo é dois meses de prisão! *(Apartes).*

.....

Tenho necessidade de concluir, porque a hora acha-se muito adiantada, e eu não quero abusar por mais tempo da bondade dos honrados colegas que me estão ouvindo. *(Muitos não-apoiados).*

Vozes: — Estamos ouvindo o nobre deputado com muito prazer.

O Snr. ministro da Justiça: — Eu ouço sempre a V. Excia. com toda a atenção.

O Snr. Tarquínio de Souza: — Senhores, tem-se procurado contrapôr a posição de cidadão brasileiro à de católico apostólico romano, tem-se dito que, desde que as leis do Império forem opostas às leis da

Igreja, devemos obedecer àquelas, embora com prejuizo destas.

Declaro solenemente que não estou por essa doutrina.

O Snr. João Mendes e outros Senhores: — Muito bem!

O Snr. Tarquínio de Souza: — Sou brasileiro pelo meu nascimento, amo, como quem mais amar, a minha pátria, e estou disposto a fazer por ela todos os sacrifícios que de mim se exigirem, assim como estou certo de lhe haver prestado aqueles que estão nas minhas limitadas forças.

O Snr. Diogo de Vasconcelos: — Tem prestado muito bons serviços.

O Snr. Tarquínio de Souza: — Sou, porém, católico pelo meu batismo; felizmente, não conheço antinomia alguma entre as leis do meu país e as da Igreja a que pertenço. *(Apoiados).*

Declaro, porém, à câmara que, se infelizmente houvesse leis no Brasil, que fossem de encontro às leis da Igreja neste conflito, antes de tudo obedeceria às leis da Igreja, cumpriria as promessas do meu batismo, porque entre Deus, o homem, entre a pátria terrestre e a pátria celeste, a que eu aspiro, a escolha não póde ser dificil a quem, como eu, firmemente crê na vida eterna.

O Snr. Diogo de Vasconcelos e outros Senhores: — Muito bem!

O Snr. Ministro da Justiça: — Eis aí uma eloquência digna de melhor causa.

O Snr. Tarquínio de Souza: — Um ilustre orador austríaco, o príncipe Alois de Lichtenstein, na assembléia geral de uma associação católica, impugnando as leis ultimamente votadas no parlamento da Áustria, concluiu o seu discurso, convidando os católicos a não fazerem concessões a seus adversários, a aceita-

rem a luta a todo transe, porque só a luta conduz à vitória, e a vitória é certa para os que pelejam pela causa santa da religião católica apostólica romana. *(Apoiados).*

Eu poderia dizer o mesmo, poderia tambem assim terminar o meu discurso, porém desta luta que o governo tem travado com a Igreja, se podem resultar males para o Estado, a Igreja até o presente só tem colhido benefícios: a fé desperta, o espírito público se levanta, e os brasileiros se congregam em torno da arca santa da sua religião. *(Apoiados).*

Mas, como disse, sou brasileiro, amo muito minha pátria, e por isso faço votos para que o conflito termine o mais breve possivel, para que se resolva do melhor modo essa questão que tanto tem agitado a conciência dos brasileiros. *(Muito bem).*

Vejo, porém, para uma feliz solução, dois grandes embaraços: a prisão dos ilustres Bispos de Olinda e do Pará, e a continuação do ministério 7 de Março.

A prisão dos Bispos; porém, enquanto não cessar a violência que eles estão sofrendo, não podemos ter esperança de paz, nem dessa feliz solução, que sinceramente desejamos. *(Apoiados).*

A continuação do ministério 7 de Março, porque, não podendo inspirar confiança à Santa Sé, a quem já uma vez foi desleal, não póde tambem inspirá-la aos católicos brasileiros. *(Apoiados e não apoiados).*

A intervenção da Santa Sé é indispensavel para solução do conflito, e o ministério é um embaraço constante a que tenhamos uma feliz solução *(Apoiados e não apoiados)*, solução compativel com a liberdade e independência da Igreja, pela qual, de minha parte, estou pronto a sacrificar tudo, até mesmo minha própria vida.

Vozes: — Muito bem! muito bem!

(O orador é felicitado por todos os Snrs. deputados e ministros que se acham presentes)".

CAPÍTULO XXII

DIPLOMACIA INFELIZ

A missão Penedo — A carta do Cardial Antonelli.

O Governo Imperial, sem se deter no caminho dos processos contra o Bispo de Olinda, resolve mandar a Roma um enviado especial para conseguir, naturalmente, ganho de causa por meio mais simples. Se não conseguisse da Santa Sé uma condenação formal do procedimento de D. Vital e dos demais que, como ele, sustentavam a liberdade da Igreja, ao menos uma palavra de advertência já seria muita coisa. Uma palavra do Papa contra os Bispos! Já seria muita coisa!

O Barão de Penedo encarregado da infeliz missão compenetrou-se bem de seu papel.

E julgou tão necessário, para seu bom nome de diplomata, conseguir a reprovação papal contra os Bispos, que não duvidou em assoalhar o triunfo que imaginou ter conseguido. Ficou célebre a sua frase *gesta tua non laudantur.*

Leiamos as palavras do mesmo Barão de Penedo (Carta de Roma, a 20 de Dezembro de 1873, ao Snr. Visconde de Caravelas, ministro dos Negócios Estrangeiros. Ver "Missão Especial em Roma", pelo Barão de Penedo):

"O Cardial (Antonelli) mostrou-me essa carta (a dirigida por ele ao Bispo de Olinda) e estou autorizado a dizê-lo a V. Excia. O teor dessa carta é assás severo; e aquí refiro em substância alguns de seus tópicos. Traz logo no exórdio a seguinte frase: "*gesta tua etc. non laudantur.*"

É bem grande ousadia mentir assim em uma carta diplomática, sobre assunto tão grave. O mesmo latim dessa frase — como faz notar Dom Macedo Costa — não é de lei. Vamos ver na carta, que reproduziremos por extenso, que tais palavras cairam de outra pena que não a do Cardial Secretário de Estado.

O Barão queria dar notoriedade à sua diplomacia, mas não foi feliz.

O *"gesta tua non laudantur"*. A infeliz *Missão Penedo* confiada ao Barão de Penedo visava conseguir da Santa Sé — parece incrivel — o ganho de causa da Maçonaria contra os Bispos. O Santo Padre Pio IX nunca deixou de aprovar o procedimento dos dois heróicos Bispos. Os intermediários poderão ter tido momentos de dúvida, vítimas de falsas informações.

O Barão de Penedo, persuadido, afinal — ao que parece — de que não conseguia quanto desejava da Santa Sé, obteve uma carta, deturpou-lhe o sentido e agitou-a como troféu de vitória sobre as augustas vítimas.

É tão importante esse aspeto da Questão Religiosa que queremos reproduzir algo do que escreveu Dom Macedo Costa a tal propósito: "... forçoso é ocuparnos da famigerada carta reservada do Cardial Antonelli, vulgarmente conhecida com o nome de "Gesta tua", carta com que se fez barulho excessivo e que — não sabemos porque — é considerada pelo digno negociador como o seu mais glorioso troféu. As razões que tínhamos para envolver no mais profundo silêncio este documento parecem não militar mais, mudadas como estão as circunstâncias. Verdade é que, estando nós na prisão, veio ter conosco Monsenhor Sanguigni e nos comunicou, sob toda reserva, uma ordem expressa de Sua Santidade para destruirmos a tal carta, por modo que dela não restasse vestígio algum, e assim fielmente o cumprimos.

Tendo-nos, porém, o Cardial Antonelli, com grande surpresa nossa, enviado, por ocasião da anistia, nova cópia da mesmíssima carta, e continuando então os adversários dos Bispos e ultimamente, na sua obra, o Snr. Barão de Penedo, a interpretá-la em sentido falso, afigura-se-nos chegado o momento de fazer luz sobre o misterioso documento.

Essa carta pertence à história, hoje ou amanhã sempre há de chegar à publicidade. Foi um lastimoso incidente que abriu margem aos mais desvairados comentos; que deu uma direção falsa à opinião, não só de nossos adversários, mas tambem de muitos católicos, sacerdotes e até Bispos. Não será tempo de fazer cessar todo o escândalo? Não será tempo de explicar o verdadeiro alcance desse ato, bem intencionado sem dúvida, mas fundado em informações inexatas e que tão desastradamente influiu no estado da nossa Igreja?

Matriz de Sant'Ana da Campina. É um templo de bela arquitetura. Era Vigário da respetiva paróquia o Governador do Bispado, durante a prisão de Dom Antônio, o heroico Cônego Castilho, que mesmo na prisão cumpriu o seu dever.

Não será tempo, sobretudo, de vingar a memória gloriosa do imortal Pontífice Pio IX, de desapegar a alta responsabilidade da Santa Sé Apostólica de um engano da Secretaria de Estado, logo depois emen-

dado, anulado, mandado sepultar no mais profundo esquecimento?

Digamos, pois, toda a verdade sobre a carta-Antonelli; analisemo-la e veremos que o Snr. Barão de Penedo, tendo tido apenas uma audição rápida desse documento escrito em latim, não lhe compreendeu bem o sentido e exagerou-lhe em demasia o alcance.

Será verdade que a carta traz logo no exórdio a seguinte frase: *Gesta tua etc. non laudantur?*

As vossas proezas, como bem traduziu o Snr. Penedo, *não são louvadas?* Não, absolutamente não; nenhuma dessas palavras. Nem o substantivo *gesta,* nem o possessivo *tua,* nem a partícula *non,* nem o verbo *laudantur,* se acha formando tal frase, nem no princípio, nem no meio, nem no fim da carta Antonelli. Afirmou o Bispo de Olinda, e é verdade. O texto original que figura entre as peças justificativas no fim deste volume será disto prova peremptória."

A carta que o Cardial Antonelli mandou ao Bispo de Olinda com ordem de ser transmitida por cópia ao Bispo do Pará, de 18 de Dezembro de 1873 — a célebre carta trofeu do Barão de Penedo — não contem o *gesta tua non laudantur.* Louva o empenho e zelo dos Bispos em combater a seita maçônica. O que, porém, faz notar é que devia ter havido prudência no combate afim de se chegar ao fim desejado. E note-se que depois o Sumo Pontífice mandou que fosse a carta destruida.

Os Bispos foram prudentes e prudentíssimos. No Rio de Janeiro as provocações da maçonaria eram tão afrontosas que o Bispo Dom Lacerda foi acoimado, por ela mesma, de fraco, de desertor.

Quanto ao Bispo de Olinda, apenas chegado a Pernambuco, a maçonaria o chamava de ultramontano, de homem perigoso. A imprensa maçônica com a "Família Universal" e a "Verdade" atacam o clero, bispos, cardiais e o Papa. Uma Loja anunciava uma missa no dia de S. Pedro para festejar o aniversário da fundação dessa Loja. Avolumaram-se os insultos e as

provocações. D. Vital com a máxima prudência tomava suas medidas para contrabalançar o mal e impedí-lo sem irritar o inimigo.

No Pará as provocações maçônicas chegaram a um grau incrivel de impudência, como já vimos atrás. Como explicar então que o Cardial Antonelli aconselhe ainda prudência na sua carta?! Tudo está perfeitamente explicado pelas informações falsas que chegaram a Roma, e em mais de uma nota o Cardial se queixou dessa falta de sinceridade por parte do enviado especial do Governo Imperial. — A célebre Carta acha-se publicada na íntegra em o livro de Dom Macedo Costa — "Questão Religiosa", em apêndice. Para dar valor à sua missão especial escreveu e publicou em Londres, no ano de 1881, o Snr. Barão de Penedo, opúsculo "Missão Especial a Roma em 1873".

Refutou-o brilhantemente o Exmo. Dom Antônio de Macedo Costa com seu livro sobre a infeliz missão.

Em 1887 o Snr. Barão de Penedo volta à carga com a publicação "O Bispo do Pará e a Missão a Roma pelo Barão de Penedo".

Dom Antônio escreve então em 1888 outro livro: "O Barão de Penedo e a sua Missão a Roma, pelo Bispo do Pará".

Dom Antônio, terminando seu livro diz: "Quem ler os dois escritos dirá do meu: "É uma defesa!" Do seu: "É um desabafo!" Um é a lógica; o outro a paixão. Aquí a fraqueza; alí a força irresistivel."

"Oxalá que o meu nobre adversário se renda à força da verdade! Não há mais glorioso triunfo do que ser por ela vencido".

Naufragada a missão Penedo, particularmente com os dois magníficos Breves de Pio IX, aprovando e elogiando os grandes Bispos, o Ministério apelou para a Missão Araguaia, que tambem fracassou.

CAPÍTULO XXIII

OS SUCESSOS NO PARÁ

Os interditos. — Dom Antônio não cede. — Na crônica da Ordem III de S. Francisco. — Sua prisão em Belem. — O Protesto. — Resumo histórico da prisão. — Providência para a sua sucessão.

Dom Macedo Costa, pela Instrução Pastoral de 25 de Março de 1873, procura ainda chamar os Irmãos, os confrades metidos na maçonaria, ao bom caminho. Expõe as condições necessárias para que eles possam continuar recebendo os favores espirituais, etc. Pelo Vigário Geral Mons. Sebastião Borges de Castilho, fez chegar caridosas admoestações a cinco confrarias, (contando duas insignificantes) e, como se declararam em formal desobediência às ordens do Prelado, foram suspensas de suas funções religiosas.

E foram interditas duas capelas e um oratório em que funcionavam. As Confrarias suspensas foram: Ordem 3.ª de N. S. do Carmo (pouco depois dissolvida por sentença do Juiz de Capelas), Ordem 3.ª de S. Francisco e Irmandades do Senhor dos Navegantes, dos Passos, do S. S. Sacramento de "Sant'Ana". As duas capelas interditas eram de pouca importância: tinham suas portas abertas para as naves de duas igrejas.

Respostas insolentes foram dadas às admoestações paternais.

Eis a Portaria que confirmou as penas canônicas cominadas:

"GOVERNO DO BISPADO

Portaria

À vista das respostas do Prior da Veneravel Ordem Terceira do Carmo e Provedor da Irmandade do

Senhor Bom Jesus dos Passos, e do Ministro da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, datadas de 3 de Abril deste ano, nas quais formalmente declaram desobedecer à ordem do Exmo. Revmo. Ordinário, exarada no artigo 6 da Instrução Pastoral de 25 de Março último, declaro efetivas as penas marcadas no supramencionado art. 6, ficando desde já suspensas as funções religiosas daquelas duas companhias, e interditas as capelas onde funcionam.

Dada em Belem do Pará, aos 4 de Abril de 1843.

Cônego Sebastião Borges de Castilho, Vigário Geral do Bispado".

* * *

O governo havia de tentar tudo para submeter aos seus caprichos o Prelado que, cumprindo seu dever, procurava corrigir católicos esquecidos da disciplina.

* * *

A 9 de Agosto de 1873 o Governo Imperial ordenava ao Bispo do Pará que levantasse, no prazo de 15 dias, a censura do interdito das Irmandades. Dom Macedo Costa escreve ao Supremo Tribunal de Justiça longa e erudita carta de resposta, a 24 de Janeiro de 1874, declarando que não podia atender à ordem, e mostra, com superabundância, as razões que garantem ao Bispo o direito de governar a sua diocese independentemente das injunções do poder temporal, sempre que o bem espiritual dos fiéis se ache em jogo.

Ele não reconhece no poder civil o direito de levantar censuras; sustenta que as causas espirituais devem ser conhecidas nos tribunais eclesiásticos e só lá.

Enfim, expende a verdadeira doutrina da Igreja nessa matéria e não obedece.

* * *

No "Bosquejo Cronológico" da V. O. Terceira de S. Francisco da Penitência de Belem, escreve em 1878 Antônio Nicolau Monteiro Baena:

"4 de Abril (de 1873). Portaria do Vigário Geral do bispado, declarando que ficam desde já suspensas todas as funções religiosas da Ven. Ordem III do Carmo, irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos e Ven. Ordem Terceira de S. Francisco, e interditas as capelas em que funcionam.

"5 de Abril. O ministro dá ciência ao cônego pro-comissário da suspensão e interdito, conforme a portaria publicada na "Boa Nova", orgão do bispado, declarando que não teve intimação ou comunicação alguma direta; não obstante, para evitar dúvidas e conflitos no futuro, pede esclarecimentos com individuação (por ser ele próprio comissário o diretor espiritual da Ordem) àcerca das funções religiosas a que se refere a portaria do Vigário Geral.

6 de Abril — Responde o cônego pro-comissário que julga não omitir algumas das funções classificando-as do modo seguinte:

1.º Das que tinham lugar na capela, nenhuma póde haver.

2.º Dos exteriores, são proibidas as procissões, as entradas e profissões em artigo de morte, a cruz alçada nos enterros e sinais pelos defuntos.

3.º No hospital só é permitida a administração dos sacramentos aos enfermos.

4.º Que administrará os sacramentos na qualidade de simples sacerdote e quando iminente perigo o exigir, visto ser-lhe defeso fazê-lo no carater de pro-comissário."

O pro-comissário era o Revmo. cônego Andrade Muniz.

* * *

A 28 de Abril o Bispo do Pará era preso.

Dom Antônio contava com a prisão. Já se havia despedido de suas ovelhas, já havia reunido o clero e dado suas instruções. Estava resignado. Entretanto, se comoveu, um momento, e lágrimas rolaram de seus olhos.

Leiamos o protesto que fez quando o feriu o golpe da violência regalista:

"Protesto

Cedendo à força e entregando-me à prisão, devo como cidadão e como Bispo levantar um protesto solene contra esta violência, e, o que é mais, uma violação da Constituição e das leis deste país, mais uma ofensa da liberdade das almas, mais um golpe doloroso, que irá ferir através do oceano o coração já tão magoado do Santo Padre Pio IX e de todos os católicos do mundo.

— Declaro perante meus diocesanos, perante minha pátria, perante a Igreja e sobretudo perante Deus, que há de julgar as justiças da terra, que não tenho cometido a mínima infração das leis do meu país, e que só procurei ser fiel às da Santa Igreja Católica Apostólica, Romana, a que pertenço, e pertencerei, mercê de Deus, até o último suspiro de minha vida.

— Declaro mais que sou arrancado contra minha vontade e por viva força a este caro rebanho, de que sou o legítimo Pastor.

— Perdôo de todo o meu coração os que deram causa a estas tribulações por que está passando a Igreja no Brasil, e nesta hora solene de minha vida dou do fundo d'alma minhas mais afetuosas bençãos a todos os meus queridos diocesanos, a este povo fiel do Pará e do Amazonas, a quem rogo fique sempre fiel às suas crenças, estando sempre unido ao seu legítimo Bispo, que continua a sê-lo ainda no cárcere ou no degredo, e principalmente ao nosso augusto Pontífice Pio IX, Vigário de Jesus Cristo.

— Dado no Paço Episcopal às 9 horas da manhã no dia 28 de Abril de 1874. — † Antônio, Bispo do Pará. — Cônego Sebastião Borges de Castilho, Vigário Geral do Bispado.

Chantre Dr. João Tolentino Guedelha Mourão.
Cônego João Ferreira d'Andrade Muniz.
Cônego José Pinto Marquez.
Cônego Lázaro Pinto Moreira Lessa.
Cônego Luís Barroso de Bastos.
Cônego Dr. Antônio José Bentes.
Cônego Luís Martinho d'Azevedo Couto.
Cônego Clementino José Pinheiro.
Padre José Serapião Ribeiro.
Padre Raimundo Amâncio de Miranda.
Padre João Rodrigues d'Assunção.
Fr. João de Santa Cruz.
Cônego Eugénio d'Oliveira Pantoja.
Padre Augusto João Maria Cullére.
Cônego Jerônimo José Fernandes Carneiro.
Padre Hemenegildo Domiciano Cardoso Perdigão."

As autoridades se mostraram rigorosas. Nem permitiram que o Snr. Bispo fosse acompanhado do seu secretário, como haviam permitido ao Bispo de Olinda.

— Na lancha, alem do Snr. Bispo, só foi permitido o embarque do Comte. Pedro da Cunha, que o devia conduzir à prisão. Em escaleres seguiram membros do clero, membros da Sociedade Católica e várias outras pessoas.

— Quando desembarcou no Rio, a 19 de Maio, vários deputados o acolheram. O Snr. Ferreira Viana ergueu três "vivas" ao Bispo do Pará. S. Excia, ocupou no Arsenal de Marinha o mesmo quarto que ocupara Dom Vital.

* * *

Vamos, porém, acompanhar mais de perto acontecimentos tão importantes da nossa história eclesiástica.

A PRISÃO DE DOM MACEDO COSTA

O Bispo do Pará não se iludia, como dissemos. Se Dom Vital tinha sido preso e condenado, ele, que havia incorrido igualmente no ódio da maçonaria, que havia lançado os interditos às ordens terceiras e se recusava levantar esses interditos porque não conhecia no governo civil poder algum para o obrigar a isso — ele só podia contar com a prisão e a condenação.

Para narrar, em resumo, os fatos que se desenrolaram em Belem, vamos valer-nos da pena de um escritor que vivia em Belem, nessa época, e tinha relações estreitas com o grande Bispo. "Encarregado (fala o Dr. Higino Amanajás) da execução do mandado de prisão, apresentou-se em palácio o Juiz de Direito desta capital, que foi recebido pelo Bispo, rodeado do cabido e clero. Após a leitura desse documento, respondeu com calma:

— Só cederei à força e vou protestar.

Temendo o Juiz que a demora na execução do mandado provocasse qualquer reação popular, quís evitar o protesto, mas Dom Antônio replicou com energia:

— Até metido em ferros, ninguem tem poder para impedir que eu fale. Snr. Cônego Mourão, tenha a bondade de escrever.

E ditou com voz clara e vibrante o seu protesto, que assinou com todo o clero presente, dizendo em seguida:

— Agora posso acompanhá-lo.

Era tal a imponência do seu aspeto soberano que o próprio juiz se sentiu dominado.

E este, que já havia requisitado um oficial superior para representar a força pública, conduziu-o em carro ao Arsenal em verdadeira romaria e o salão do estabelecimento ficou repleto com as principais famílias da capital. Avisado Dom Antônio da presença alí dos seus diocesanos, veio ao salão e, ao defrontar tão numerosa reunião, exclamou:

— Nunca me julguei tão rico de afeições!

Embarcado de surpresa, em um vapor inglês, com passagem paga pelo governo, acompanhado pelo chefe da esquadra, Pedro da Cunha, seu amigo particular e designado para levá-lo ao Rio, foi recebido a bordo pelo comandante do vapor e sua oficialidade, com as quais aliás já tinha viajado, quando fôra a Roma. Ao pisar o convés do navio, D. Antônio disse ao comandante:

— Sabe que embarco no seu navio como prisioneiro de alta traição?

— Não, respondeu o comandante: V. Excia. é passageiro: tenho aquí seu bilhete. Alem de tudo, um navio inglês faz parte integrante do território da livre da Inglaterra e não é transporte de prisioneiros de outra nação. V. Excia. aquí é passageiro e, como tal, desembarcará onde e quando lhe aprouver.

Chegando ao Rio, foi recolhido ao Arsenal de Marinha, aguardando o julgamento que não se fez esperar. A ansiedade entre os católicos era enorme: ninguem acreditava que o governo fizesse condenar o sábio bispo. Ele, porém, não se iludia e estava convencido de que tudo se havia preparado para a sua condenação. No tribunal, o martir manteve-se sereno e impassivel, não respondendo quando o interrogavam. "Jesus autem tacebat" — havia antes respondido Dom Vital.

Sendo perguntado se nomeava defensores, calou-se. Então o presidente faz-lhe saber que o tribunal havia recebido petição de dois advogados, que se ofereciam espontaneamente para defendê-lo e inquiriu se os aceitava.

— "Nem aceito, nem recuso, respondeu. Não reconheço neste tribunal competência para julgar-me. Da condenação dos homens apelo para a justiça de Deus!"

No entanto, o tribunal, depois de acalorada discussão, resolveu aceitar os defensores, que foram o

Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos e Dr. Antônio Ferreira Viana.

Zacarias fez uma análise profunda e erudita do processo, patenteando as suas ilegalidades; Ferreira Viana secundou-o em vibrante e eloquente discurso, cujo exórdio assim começava: "Vossa Majestade Imperial (tratamento outr'ora dado ao Tribunal de Justiça) nunca me concedeu graça que mais contentasse minh'alma do que permitir-me acompanhasse o anjo da igreja paraense, preso, até o altar do sacrifício!"

Estes discursos, que eletrizaram a multidão de espectadores, não evitaram a condenação e, contra a espectativa dos assistentes, D. Antônio foi condenado a quatro anos de prisão com trabalhos, pena correspondente ao máximo do crime de sedição!...

Não teve o Imperador coragem de homologar esta sentença, e comutou-a em quatro anos de prisão simples na Ilha das Cobras".

* * *

Entretanto, com a prisão do Prelado, a Diocese não devia ficar acéfala. Ele havia providenciado em tempo, como se vê pela seguinte

"Portaria

Tendo nós já, nesta data, prevendo a violência que nos vai ser feita, nomeado aqueles que têm de governar o Bispado em Nossa ausência, julgamos tomar as medidas seguintes para serem publicadas e executadas em tempo oportuno, caso o exijam as eventualidades:

1.º Se por qualquer impedimento os três Governadores nomeados, Revmos. Cônegos Sebastião Borges de Castilho, Dr. João Tolentino Guedelha Mourão e Luiz Barroso de Bastos, ficarem inibidos de exercer as funções desse cargo, desde já nomeamos para os substituir os seguintes Revmos. Cônegos Arcedíago

José Gregório Coelho, José Pinto Marques, João Ferreira de Andrade Muniz, cura da Sé, Luís Martinho de Azevedo Couto, Padres Raimundo Amâncio de Miranda, João Simplício das Neves Pinto e Souza e José Nicolino de Souza, os quais, firmes como são nos princípios católicos e na obediência aos seus legítimos Prelados, servirão cada um por sua vez, e pela ordem de sua nomeação, no impedimento dos outros, sendo estes os Nossos únicos Delegados, legítima e canonicamente nomeados.

2.º Tanto os nossos três Governadores primeiramente nomeados, como estes outros que agora nomeamos, terão plena jurisdição episcopal para governarem e administrarem a diocese do Pará em nossa ausência, exceto as limitações seguintes:

1.º Não poderão conceder em tempo nenhum letras dimissórias para a ordenação.

2.º Não poderão levantar os interditos que temos imposto às capelas das Ordens Terceiras de S. Francisco e de Nossa Senhora do Carmo, assim como as suspensões das funções religiosas ou das sagradas Ordens que houvermos fulminado às Irmandades e aos Clérigos.

3.º Não darão demissão, nem suspenderão das Santas Ordens a nenhum Sacerdote, nem admitirão na diocese nenhum de fóra, sem que sejamos primeiro consultados, servindo-se do telégrafo em caso de urgência.

4.º Não farão, finalmente, mudança alguma, nem na direção do Seminário, nem no estado da diocese, sem consulta e direção nossa.

Exceto estes pontos, em que Nos reservamos a Nós pessoalmente toda a jurisdição, damos a estes Nossos Delegados todos os poderes que lhes podemos conferir em virtude dos Sagrados Canones. Dada em Belem do Pará, sob o sinal e selo de Nossas Armas, aos 20 de Março de 1874.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

CAPÍTULO XXIV

O JULGAMENTO

O Supremo Tribunal. — Qual o crime? — Os artigos 86, 96 e 129 do Código. — O silêncio do Prelado. — A vitória moral. — A 1.ª sessão do juri. — Sinopse das sessões. — A opinião pública.

Parece incrivel que se tenha chegado a esse ponto de condenar um Bispo — glória da sua Pátria, cheio de belíssimos serviços — à pena máxima! Perguntar-se-á: — esse Supremo Tribunal sempre se assinalou pela austeridade nos seus julgamentos? Não, muito ao contrário. Informa o mesmo Dom Macedo Costa que esse Supremo Tribunal, desde a sua fundação, havia examinado 163 processos de responsabilidades de altos funcionários da nação, acusados de crimes graves, e a todos havia absolvido, com exceção de um presidente que fôra condenado a um mês de suspensão do seu cargo (nem essa pena foi cumprida porque o presidente já estava fóra do cargo). Depois dessa condenação veio mais uma: a de um Bispo da Santa Igreja, com a pena máxima!... E por que? Porque havia cumprido com as leis da Igreja.

E qual o grande crime que cometeu o Bispo do Pará para ser julgado tão duramente? Foi ter recusado obedecer ao ministro que lhe ordenava (injustamente) o levantamento dos interditos. Ora, essa recusa foi mui respeitosa e com a exposição das razões gravíssimas que o obrigavam a isso. Tal proceder não era crime nem havia no Código Criminal pena alguma para isso.

O Conselheiro Rebouças o demonstrou. E o próprio Snr. Nabuco, que andou tão mal nessa questão dos Bispos, disse:

"Nunca se consideraram crimes os fatos de incompetência ou excesso de jurisdição, cometidos por Bispos ou Juizes eclesiásticos. Eram conflitos resoluveis

pelos recursos à corôa." Pois foi esse crime inexistente o ponto de apoio da triste justiça imperial.

Era preciso, porém, apresentar ao público algum delito para justificar o injustificavel processo. O "crime" era o mesmo do Bispo de Olinda. Vejamo-lo:

Pelo Snr. Conselheiro D. Francisco Baltasar da Silveira, como promotor da justiça, foi denunciado perante o Supremo Tribunal de Justiça o Snr. Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Bispo de Pernambuco.

O processo foi distribuido ao Snr. Conselheiro Manuel Messias de Leão.

A denúncia pede a pronúncia e consequente condenação do Snr. Bispo de Pernambuco, nas penas dos artigos 86, 96 e 129 do Código com o concurso das circunstâncias agravantes ao art. 16 — 3, 4, 8 e 10.

Os crimes são:

Art. 96. Obstar ou impedir de qualquer maneira o efeito das determinações dos poderes moderados e executivo que forem conformes à constituição e às leis.

Penas de prisão com trabalho por 4 a 16 anos.

Art. 86. Tentar diretamente e por fatos destruir algum ou alguns artigos da constituição.

Penas de prisão com trabalho por 3 a 12 anos.

Se o crime se consumar: penas de prisão com trabalhos por 20 anos no grau máximo; por 12 anos no médio e por 6, no mínimo.

Art. 129. Serão julgados prevaricadores os empregados públicos que por afeição, ódio ou contemplação ou para promover interesse seu:

1.º Julgarem ou procederem contra a literal disposição da lei.

Penas: perda de emprego com inabilidade para outro, por um ano, e multa correspondente a seis meses no grau máximo; perda de emprego e a mesma multa no grau médio; suspensão por três meses no grau mínimo.

Art. 16. São circunstâncias agravantes:

3.º Ter o delinquente reincidido em delito da mesma natureza.

4.º Ter sido o delinquente impelido por um motivo reprovado.

8.º Dar-se no delinquente a premeditação.

10.º Ter o delinquente cometido o crime com abuso da confiança nele posta.

O Snr. Conselheiro relator do processo terá de dar-lhe conveniente andamento."

* * *

Apesar de não haver base para o processo de D. Antônio, ia ele correr como correu o de Dom Vital.

Os homens desapaixonados, mesmo que não professassem a doutrina católica, unicamente pelo espírito de retidão e justiça, punham-se ao lado de Dom Antônio.

O insuspeito tribuno Silveira Martins foi tambem dos que se ofereceram para defensor espontâneo do Prelado do Pará, no julgamento que foi marcado para 27 de Junho e 1.º de Julho desse ano de 1874.

Entretanto, Dom Antônio, tão eloquente, tão senhor do assunto, forte nos argumentos de defesa, não se defende.

Leiamos na "Boa Nova", de 15 de Julho de 1874, breve comentário do silêncio do ínclito reu.

"Resposta do Snr. Bispo do Pará.

S. Excia. Revma. respondeu ao disparatado libelo do Snr. Dom Baltasar com estas palavras:

"Nada mais me resta fazer senão apelar para a justiça de Deus."

O eminente Prelado paraense provou com argumentos irrespondiveis que o Supremo Tribunal de Justiça era incompetente para julgá-lo, entretanto os velhos continuaram emperrados, e o pronunciaram como incurso no art. 96 do código criminal, que, pois, resta a fazer?

Nada. É apelar para a justiça de Deus.

À vista desta resposta estamos persuadidos que o

nosso Prelado não se defendeu no Tribunal, não obstante desejarmos todos que sua palavra eloquente e inspirada fosse mais uma vez ouvida.

Valiosos motivos aconselharam o silêncio do Prelado:

1.º S. Excia. Revma., representante do poder espiritual, que é soberano e independente, não podia submeter-se ao civil mesmo numa questão de incompetência.

2.º Os Bispos católicos, em idênticas circunstâncias, não se têm defendido. Não só foi este o procedimento do Exmo. Snr. Dom Frei Vital, como dos Bispos alemães, nomeadamente do Snr. Arcebispo de Posen.

3.º A defesa era perfeitamente inutil para os juizes, que antes do julgamento já declaravam descaradamente que condenariam o Bispo. E a palavra de um Príncipe da Igreja não deve correr o perigo de ser desacatada.

4.º Habeis advogados se ofereciam espontaneamente para defender o Bispo acusado, e conseguintemente o efeito moral, produzido pela defesa, seria obtido, sem a palavra de S. Excia. Revma."

* * *

No Rio de Janeiro percebia-se entretanto que a causa da Igreja triunfava no meio das perseguições.

De uma carta do Rio de Janeiro extraimos o que se segue:

"A vitória moral da Igreja vai todos os dias tornando-se mais imponente. O Silveira Lobo vai falar em favor dos Bispos no Senado: o Cândido Mendes, o Figueira de Melo, o mesmo Abaeté (posto que claudicasse em uma questão de fato), o Cotegipe, apesar de suas tergiversações sem número, e o grande Zacarias, têm fulminado o governo maçônico do Rio Branco, não falando dos belíssimos discursos da outra câmara, entre os quais um do Araujo Lima (conselheiro e ex-ministro da guerra)".

Noticiemos, porém, a primeira sessão do julgamento.

Escreve o "Apóstolo":

"Processo do Snr. Bispo do Pará. — Realizou-se ontem, às 10 horas da manhã, a leitura do processo do Snr. Bispo do Pará.

S. Excia. Revma. o Snr. Dom Antônio de Macedo Costa foi conduzido à barra do Supremo Tribunal pelo Ilmo. Snr. Coronel Assunção, Comandante do corpo de polícia, sendo acompanhado desde o Arsenal de Marinha pelo Revmo. Monsenhor Vigário Geral e Governador do Bispado, e por uma comissão da Associação Católica Fluminense, composta dos Snrs. Dr. Joaquim de Sousa Reis, Conselheiro Inácio da Cunha Galvão e José Rodrigues de Azevedo Pinheiro.

À porta do Supremo Tribunal foi S. Excia. Revma. respeitosamente recebido pelo povo aí aglomerado e por outra comissão da mesma Associação Católica Fluminense, composta dos Snrs. Drs. João José do Monte Júnior, Fernando Francisco da Costa Ferraz e Antônio José de Melo.

O ilustre prisioneiro de S. João, não podendo assistir ao julgamento do heróico Bispo do Pará, fez-se aí representar pelo seu digno Secretário, o Revdo. Snr. Padre José Afonso de Lima e Sá.

Aberta a sessão pelo presidente do Supremo Tribunal, e antes de se constituir o juizo, deu-se um enérgico debate entre o Exmo. Snr. Dr. Ferreira Viana e o Conselheiro Valdetaro, a respeito da admissão dos defensores espontâneos que queriam tomar a si a defesa do ínclito Prelado.

O Snr. Conselheiro Valdetaro, impelido pelo ódio violento que alimenta em suas entranhas contra os Bispos perseguidos, tentou tolher o direito de defesa, opinando que o Tribunal não devia admitir defensores espontâneos.

O Exmo. Snr. Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos e o Exmo. Snr. Dr. Antônio Ferreira Viana apresentaram ao Tribunal um requerimento pe-

dindo fossem aceitos como defensores espontâneos do heróico Bispo.

O Snr. Conselheiro Valdetaro, julgando-se presidente do Tribunal, foi logo declarando por sua conta e risco que o requerimento estava indeferido e, portanto, que não se admitiam defensores!

O Exmo. Snr. Ferreira Viana agradeceu então com energia a oficiosidade do Snr. Conselheiro Valdetaro, declarando-lhe que S. Excia. não era o competente para dar-lhe esta notícia.

Seguiu-se um pequeno debate um tanto caloroso, em que o Snr. Dr. Ferreira Viana tomou uma atitude franca e enérgica.

Interpelado o Snr. Bispo do Pará pelo presidente do Supremo Tribunal, se S. Excia. Revma. nomeava defensores, o Snr. Bispo declarou que nem nomeava, nem recusava, sendo inteiramente passivo o seu procedimento alí, e, portanto, que lhe era indiferente a admissão ou recusa de defensores.

Posto a votos o requerimento do Snr. Conselheiro Zacarias e do Snr. Dr. Ferreira Viana, foi aprovado pelo Supremo Tribunal, apenas contra dois votos, o dos Snrs. Conselheiros Marianni e Valdetaro.

Seguiu-se então a leitura do processo, terminada a qual declarou o Snr. presidente que o julgamento teria lugar na próxima quarta-feira.

Ao retirar-se foi o Snr. Bispo do Pará, saudado com entusiasmo pelo povo, descobrindo-se todos respeitosamente. O povo em massa corria a beijar o anel.

Foi uma cena tocante e enternecedora, que mais uma vez pôs em relevo os sentimentos generosos do nosso bom povo fluminense.

Ao regressar para o Arsenal, acompanhado pelas pessoas acima declaradas, teve S. Excia. Revma. notícia da benção que lhe enviava o Santo Padre, e uma multidão de pessoas de todas as classes têm ido cumprimentar a ilustre vítima em sua prisão."

Eis agora a sinópse das sessões do tribunal neste

célebre processo: 1.ª sessão do julgamento em 27 de Junho de 1874. Às 10 horas e meia da manhã, admitido à presença do Tribunal o Revmo. Bispo do Pará, o Snr. ministro presidente, depois de averiguar que o Supremo Tribunal de Justiça achava-se constituido em número legal para funcionar nesse ato, perguntou-lhe se se defendia por si mesmo ou se tinha advogado.

O Revmo. Bispo respondeu: Não me defendo, nem por mim, nem por outrem.

O deputado Fereira Viana pediu então ao Snr. ministro presidente que resolvesse sobre o requerimento que ele e o conselheiro Zacarias Góis e Vasconcelos haviam endereçado ao tribunal, pedindo para admití-los como defensores espontâneos do acusado.

O Snr. ministro Valdetaro ponderou que, desde que o acusado declarava não querer produzir defesa por si ou por outrem, o requerimento estava indeferido; e, dirigindo-se ao Revmo. Bispo, perguntou-lhe se aceitava os defensores espontâneos.

O Revmo. Bispo respondeu: Não aceito nem recuso coisa alguma, sou indiferente.

O Snr. ministro Valdetaro ponderou que não era esta a questão, e que cumpria ao acusado responder positivamente, se aceitava ou se não aceitava.

Por três vezes renovou com insistência essa pergunta, sem que conseguisse do Revmo. Bispo resposta diversa.

O Snr. ministro presidente, intervindo, disse que o tribunal resolveria sobre a admissão ou rejeição dos defensores espontâneos, e, passando a consultar os membros do Tribunal, foram de parecer:

O Snr. ministro Costa Pinto, que, desde que o reu declarou desconhecer a incompetência do tribunal para julgá-lo, não se podia esperar que, sem contradição, nomeasse advogados para defendê-lo, que, porém, no seu conceito, não se podendo prescindir da

defesa, para o julgamento, opinava pela admissão dos defensores espontâneos.

— O Snr. ministro Barbosa, que a defesa sendo de direito natural não se deveria privar o acusado da que queriam proporcionar-lhe os defensores espontâneos.

O Snr. ministro Valdetaro, que para resolver se sobre o pedido dos defensores espontâneos devia-se ter em atenção o princípio de que *invito non datur beneficium*, visto a declaração do reu de não defender-se.

O Snr. ministro Mariani, que o nosso direito não reconhece defensores espontâneos, e o reu não é pessoa miseravel, a quem o tribunal deva nomear advogado.

O Snr. ministro Barão de Monteserrate, que se devia ver na aceitação do oferecimento espontâneo dos advogados mais uma garantia para a defesa do acusado.

Os outros Snrs. ministros pronunciaram-se no sentido do deferimento do requerimento, pelo que o Snr. ministro presidente declarou que o tribunal aceitava o oferecimento espontâneo dos advogados conselheiro Dr. Zacarias de Góis e Vasconcelos e deputado Dr. Antônio Ferreira Viana, para defenderem o acusado.

Depois de tomarem assento os advogados, o Snr. ministro presidente perguntou ao Snr. conselheiro procurador da Corôa e ao Revmo. Bispo se recusavam algum dos juizes. Responderam ambos negativamente.

Passou-se a fazer a leitura do processo; findo o que o Snr. ministro presidente designou o dia 1.º de Julho para ter lugar a segunda sessão do julgamento e mandou retirar o acusado.

2.ª sessão de julgamento em 1.º de Julho de 1874

Constituido o tribunal em número legal para o julgamento e admitido o Revmo. Bispo à sua presença, o Snr. ministro Vilares, como relator do feito, procedeu à leitura do relatório do processo.

Finda ela, o Snr. ministro presidente deu a palavra ao Snr. conselheiro Procurador da corôa para produzir a acusação, e em seguida, sucessivamente, aos defensores espontâneos — Dr. Zacarias de Góis e Vasconcelos e Dr. Antônio Ferreira Viana.

Findos os brilhantes e irrespondiveis discursos dos dois ilustrados defensores, constantemente aplaudidos, não obstante os toques de campainha e advertências do presidente do Tribunal (grau 33), prorromperam de todos os lados (havia cerca de 1.200 pessoas) vozes: Muito bem! Muito bem! Aplausos e vivas aos advogados, caem flores sobre o Snr. Bispo, cujo anel é beijado por muitas pessoas eclesiásticas e seculares. Os advogados são fervorosamente cumprimentados. O povo em peso absolveu o Bispo, mas o tribunal, três horas depois, condenou-o!

* * *

No parlamento brasileiro, distintos oradores defenderam a causa dos Bispos, estreitamente vinculada aos interesses gerais dos católicos.

Zacarias, Figueira de Melo, Mendes de Almeida, Rodrigues Silva, Abaeté, e principalmente Silveira Lobo, fulminaram no Senado a prepotência do governo, neste memoravel conflito, com eloquência máscula e ciência profunda.

Na câmara temporária, Paulino de Souza, Ferreira Viana, Tarquínio de Souza, Diogo de Vasconcelos, Araujo Lima, Duque Estrada Teixeira, Leandro Bezerra, Carlos da Luz e outros esmagaram o ministério perseguidor.

A imprensa católica, tendo à sua frente o egrégio "Apóstolo", esteve na altura da situação.

No Pará, alem da "Boa Nova", a "Regeneração", o "Diário de Belem", a "Luz da Verdade" e o "Vigiense", defenderam a verdade católica com inexcedivel coragem.

Em Maranhão, o "Apreciavel" e a "Cruz" cumpriram seus deveres de orgãos católicos.

No Ceará, a denodada "Tribuna Católica" conquistou lugar distinto na polêmica religiosa pela sua franqueza e ilustração.

Em Recife a "União", na Baía a "Crônica Religiosa", em S. Paulo "A Ordem", em Minas o "Bom Ladrão" e "O Católico", em Maceió a "Imprensa Católica", amestrados e valentes atletas da Religião, venceram o inimigo audaz no terreno da lógica, do direito e da razão.

Mas, nenhuma publicação deixou sulcos tão profundos e luminosos como o livro: *Direito contra o Direito* — escrito pelo sábio Bispo do Pará.

A causa da Igreja não podia ter mais nobres e mais doutos defensores!

O triunfo moral foi magnífico, mas os homens do poder continuam grudados às pastas por graça de Sua Majestade o Imperador.

As províncias não ficaram indiferentes ao atentado cometido pelo governo na pessoa de seus Bispos. Minas, Pernambuco, Ceará e Pará, mandaram à Câmara dos Srs. deputados uma solene queixa contra os ministros, subindo a mais de 80.000 o número de assinaturas. Era o grito da conciência católica premida pelos excessos do poder.

CAPÍTULO XXV

PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA

A Procissão de Corpus-Christi. — Ordem injusta aos Governadores das Dioceses de Olinda e Pará. — O Con. Castilho. — Ofícios de Dom Vital e Dom Antônio. — O Clero paraense protesta. — O Cônego Castilho é responsabilizado. — O processo. — Prisão do venerando Cônego. Governador. — Protesto do Clero. — Condenação do Cônego Castilho.

Enquanto na Capital do Império se consumavam os tristes fatos que historiamos, no Pará a perseguição religiosa prosseguia em sua marcha.

Acompanhemos os fatos.

Por ocasião da Procissão de *Corpus Christi*, em Belem, nesse mesmo ano de 74, novo conflito surgiu entre as autoridades civís e eclesiásticas. As irmandades interditadas quiseram tomar parte na solene Procissão. O governador do Bispado então resolveu prudentemente que não saisse a procissão. E assim acinteceu, pois o presidente da província não encontrou um só sacerdote que ousasse profanar o Santíssimo Sacramento.

Assanhou-se o formigueiro maçônico, mas o Clero obteve uma esplêndida vitória, reconhecida pelos seus mais infatigaveis inimigos.

Marcou o Snr. governador do Bispado uma solene romaria à ermida de Nazaré, em favor de S. Excia. Dom Antônio.

Com efeito, no dia 1.º de Novembro, cerca de 3.000 pessoas foram devotamente orar à Santíssima Virgem, afim de obter a liberdade de seu Pastor.

Reuniu-se depois pela primeira vez o Clero da diocese em assembléia geral, e aí foram tomadas importantes resoluções.

No último dia das sessões, por uma admiravel coincidência, foi intimado o governador do Bispado para levantar os interditos no prazo de 8 dias, sob pena de responsabilidade.

O Clero todo, sem exceção, protestou contra este novo vexame, e o digno governador do Bispado recusou-se a levantar os interditos.

Ao protesto do Clero reunido em assembléia geral, todos os sacerdotes da diocese aderiram. Instaurou-se o processo contra o governador do Bispado.

Houve audiência do interrogatório, à qual assistiu muita gente grada, sendo a nova vítima vivamente saudada pelos católicos.

* * *

Aludimos à suspensão da Procissão de *Corpus Christi* pela autoridade eclesiástica.

O governador do Bispado, Cônego Castilho, agira com toda a calma. A 3 de Junho (1874) dirigiu o aviso aos fiéis, expondo respeitosamente as razões pelas quais não podia permitir a realização da Procissão, pois os obstáculos perduravam.

Dirige-se tambem ao governador da Província Dr. Pedro Vicente de Azevedo, expondo-lhe os motivos do seu proceder.

Igual comunicação faz ao presidente da Câmara Municipal de Belem.

Apesar dessas atenções todas, não conseguiu o apoio das pessoas que o podiam secundar.

A insistência por parte das autoridades, para que se realizasse a procissão, não se fez esperar. O Revmo. governador manteve a proibição.

O cabido enviou ao Revmo. governador sinceras felicitações pelo seu ato de firmeza. A carta de felicitações vinha firmada pelos Revmos. Cônegos: Chantre Dr. João Tolentino Guedelha Mourão, Con. José Pinto Marques, Con. Clementino José Pinheiro, Con. Luís Barroso de Bastos, Con. Lázaro Pinto Moreira Lessa, Con. Bernardino Henrique Diniz, Con. Jerônimo José Fernandes Carneiro, Con. Antônio Gonçalves da Rocha, Con. João F. de Andrade Muniz.

* * *

Os governadores das Dioceses de Olinda e Pará receberam do governo Imperial ordem de levantarem os interditos.

Vejamos como se dirige então ao governo o ínclito Bispo de Olinda:

"Minha prisão na Fortaleza de S. João, 7 de Novembro de 1874.

Ilmo. e Exmo. Snr. — Consta, segundo a "Nação" de ontem, e o "Jornal do Comércio" de hoje, que o governo Imperial mandara intimar tambem o governador do Bispado de Pernambuco que levantasse no prazo de oito dias, sob pena de responsabilidade criminal, os interditos pelo humilde Bispo de Olinda lançados às irmandades recalcitrantes.

Se, como parece, essa notícia não deixa de ter fundamento, cumpre-me declarar a V. Excia. que nem ao atual, nem aos demais governadores por mim nomeados será possivel, nas presentes circunstâncias, levantar aqueles interditos, alem de outras razões, por lhes faltar poderes para tanto.

O meu delegado naquela diocese, quer seja o atual, ou outro qualquer, por mim nomeado, só a póde governar em virtude de certas e determinadas faculdades que lhe conferí, e entre essas nenhuma há que o autorize a fazer o que dele ora exige o governo Imperial. De sorte que, se porventura algum dos governadores houvesse, (o que não é de esperar) que, cedendo às ameaças e vexames, levantasse os interditos, fóra das hipóteses da retratação ou eliminação dos maçons do seio das irmandades, hipóteses essas que figuram na sentença de interdito, plenamente nulo e irrito seria o seu ato assim como o foi o do Snr. Dr. Juiz de Capelas.

Portanto, responsabilizar sacerdotes só porque não praticam um ato para o qual felece-lhes jurisdição é, releve-me V. Excia. dizer-lhe, injustiça e injustiça clamorosa. Se nisto alguma responsabilidade deve haver, recaia ela tão somente sobre o Bispo, que não quís ou não pôde outorgar tal faculdade; tanto mais que hoje esta questão está afeta à Santa Sé.

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos, presidente do Conselho de Ministros, encarregado interinamente dos Negócios do Império.

† *Fr. Vital,* Bispo de Olinda."

Tambem Dom Antônio, no mesmo sentido se dirige ao ministro:

"Ofício do Snr. Bispo do Pará, ao Snr. ministro do Império.

Minha prisão na Ilha das Cobras, 7 de Novembro de 1874.

Ilmo. e Exmo. Snr. — Chegando ao meu conhecimento que o governo Imperial acaba de transmitir ordens à presidência do Pará para que seja intimado o governador daquele Bispado a levantar dentro de oito dias, sob pena de responsabilidade, a censura canônica com que fui obrigado a punir três confrarias religiosas, acho conveniente comunicar a V. Excia. que, por Portaria lavrada no mesmo dia em que nomeei os Sacerdotes que em minha ausência deviam governar sucessivamente, como delegados meus, a diocese do Pará, declarei nos termos mais expressos que as faculdades a eles delegadas não se estendiam a este ponto de levantamento dos interditos, em que me reservava todo o poder e ao Sumo Pontifice, de tal modo, que, se porventura alguma coisa tentasse neste sentido, ficaria o seu ato absolutamente nulo, irrito, e sem valor e efeito algum.

À vista disto, Exmo. Snr., seria uma injustiça intentar um processo judiciário contra aqueles Sacerdotes e condená-los à prisão, por não fazerem eles um ato para o qual lhes falece completamente a necessária jurisdição.

Deus guarde a V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Snr. visconde do Rio Branco, ministro e Secretário de Estado, encarregado dos Negócios do Império.

† *Antônio,* Bispo do Pará."

* * *

Vejamos agora como ecoou no Pará a ordem do governo Imperial. O digno governador da diocese, colocado por Dom Macedo Costa para substituí-lo durante a ausência forçada, apesar dos anos avançados, era homem para resistir às violências imperialistas. O Clero paraense, durante a luta religiosa, mostrou grande espírito de disciplina, coeso ao lado do Pastor, manteve-se à altura das dificuldades a enfrentar.

Leiamos o protesto lavrado por esse clero. Vamos transcrever os nomes de todos os signatários para se ver que bela união reinava na diocese.

"Protesto

Reunido o clero paraense em assembléia geral para tratar de negócios da diocese, soube com sumo pesar que o governo imperial continua na tarefa insana de perseguir o clero desta diocese, ordenando ao digno governador da diocese que levante os interditos legítima e justamente lançados pelo Bispo diocesano sobre as irmandades maçonizadas.

O clero paraense protesta contra esse ato de violência prepotente e audaz usurpação da autonomia e independência da Igreja, e declara alto e bom som que não se manchará com o crime de apostasia, desrespeitando os interditos e suspensões canônicamente impostos pelo digno e ilustrado Bispo desta diocese.

O Clero paraense alegra-se com a esperança fundada que nenhum Sacerdote apartar-se-á da fidelidade devida ao seu Prelado, estando todos prontos a sofrer pela verdade e pela justiça.

Assembléia Geral do Clero Paraense em Belem, 4 de Novembro de 1874, festa de S. Carlos Barromeo.

Cônego Dr. João Tolentino Guedelha Mourão, Reitor do Seminário Maior.

Cônego Luís Barroso de Bastos.

Arcedíago José Gregório Coelho, Vigário Geral do Baixo Amazonas.

Cônego Cura Luís Martinho de Azevedo Couto.

Cônego Clementino José Pinheiro.

Cônego Lázaro Pinto Moreira Lessa.

Cônego Eugênio Antônio de Oliveira Pantoja.

Cônego Bernardino Henrique Diniz.

Cônego Jerônimo José Fernandes Carneiro.

Padre João Monteiro da Cunha, Vigário.

Padre João Antônio Ferreira da S. Franco, Vigário.

Padre José Raimundo Bitencourt, Vigário.
Padre Manuel Angelo Tavares Bastos, Vigário.
Padre José Serapião Pinheiro, Vigário.
Padre Antônio Théves, Vigário.
Padre Manuel Antônio Raiol, Vigário.
Padre José Joaquim de Castilho, Vigário.
Fr. João de Santa Cruz, Vigário.
Padre Francisco da S. Delgado Ledo, Vigário.
Padre Eugênio José de Oliveira Pantoja, Vigário.
Padre José Henriques F. da Cruz Dacia, Coadjutor.
Padre Manuel José Sanches de Brito, Vigário.
Padre Dr. Mâncio Caetano Ribeiro, Vigário.
Padre João Filipe de Sousa Tavares, Coadjutor.
Padre Hermenegildo Domiciano Cardoso Perdigão.
Padre Militão Manso Manito, Vigário.
Cônego José Pinto Marques, Reitor do Seminário Menor.
Padre Raimundo Amâncio de Miranda.
Padre José Nicolino de Sousa, Vigário.
Padre João Simplício das Neves P. Souza, Vigário.
Padre João Rodrigues da Assunção.
Padre José Pinheiro Lobo.
Padre Joaquim Gomes da Rocha.
Padre Julião Joaquim de Abreu.

Por procuração do Rev. Cônego João Ferreira de Andrade Muniz, Padre Raimundo Amâncio de Miranda.

Por procuração do Rev. Padre Francisco Manuel Pimentel, Cônego Luís Martinho de Azevedo Couto.

Por procuração do Rev. Padre Marcelo Alves de Menezes, Padre José Nicolino de Souza, Cônego Antônio Gonçalves da Rocha.

Cônego Manoel da Fonseca Bernal.

P. P. do Padre Francisco Manuel Pimentel, Cônego Luís Martinho de Azevedo Couto. P. P. do Rev.

Padre João de S. Tomaz de Aquino Correia, Cônego Luís Martinho de Azevedo Couto.

P. P. do Rev. Padre Manuel Antônio Rabelo, Vigário de Itaituba, o Arcediago Vigário Geral do Baixo Amazonas, José Gregório Coelho.

P. P. do Coadjutor de Santarem, Padre João Antônio Fernandes, Arcediago José Gregório Coelho.

P. P. do Rev. Dr. José Manuel dos Santos Pereira, Cônego João Tolentino Guedelha Mourão.

P. P. Rev. Padre Clementino Rodrigues de Souza, Vigário de Aveiros, Arcediago José Gregório Coelho.

Por autorização, os Revmos. Padres:
Manuel Ferreira Barreto.
Alexandre de Lira Lobato.
Feliciano José Pereira.
Daniel Pedro Marques de Oliveira.
Teodoro Gabriel Tauby.
José Joaquim da Silva Martins".

* * *

Leiamos o ofício do governador da Província do Pará, ordenando que se responsabilize o governador da diocese pelo fato deste obedecer antes ao seu Bispo do que a uma ordem injusta do governo Imperial:

"Palácio do governo do Pará, 12 de Novembro de 1874.

Recusando-se o Revmo. Cônego governador do Bispado, Sebastião Borges de Castilho, a dar cumprimento ao aviso de 9 de Agosto de 1874, expedido em virtude da imperial resolução que deu provimento aos recursos interpostos pelas veneraveis Ordens Terceiras de N. S. do Monte do Carmo e S. Francisco da Penitência, e pela confraria do Senhor Bom Jesus dos Passos, desta capital, contra o ato que as declarou interditas, e achando-se findos os 8 dias que para esse fim lhe foram marcados por meu ofício de 3 do corrente mês, e em virtude do aviso do ministério do império de 1.º de Outubro, haja Vmc. de, na forma da lei, responsabilizar perante os tribunais judiciá-

rios o referido governador do Bispado, pelos obstáculos e impedimentos que assim está opondo ao efeito das determinações do poder executivo, que são conformes à constituição e às leis.

Acompanha a este uma cópia da portaria do Exmo. Bispo diocesano de 20 de Março do corrente ano, que nomeou os governadores do Bispado, e que foi reconhecida pelo governo imperial, bem como dos avisos e ofícios supracitados para sua inteligência, fundamento e sustentação da denúncia e respetivo processo.

Deus guarde a V. M.

Pedro Vicente de Azevedo".

Diz a "Boa Nova", em seu n.º de 19 de Dezembro de 1874:

"Processo do governador do Bispado. — No dia 15, pelas 5 horas da tarde, soubemos que o Dr. José Quintino de Castro Leão, juiz de direito do 2.º distrito, mandara intimar pelo respetivo escrivão ao Exmo. Snr. governador do Bispado, para que comparecesse à audiência, no dia seguinte, pelas 11 horas da manhã.

Em virtude desta notícia é que podemos dar ainda um aviso aos católicos, pelo nosso periódico de quarta-feira.

No dia 17, antes das 11 horas, entrava o ilustre Snr. Cônego Castilho no edifício da Relação, acompanhado por muitas pessoas distintas, e tambem pelo ilustrado advogado. Dr. Samuel Wallace Mac Dowell, que espontaneamente se apresentava para defender no fôro esta importante causa.

O Snr. Dr. Quintino, juiz designado para funcionar neste feito, revestido com a sua beca, assentado com ar sereno na sua curul, indicava que a representação do drama-comédia far-se-ia com toda a solenidade e aparato do fôro.

Os Cônegos, Sacerdotes e numerosos católicos tomaram assentos que existiam nas salas, ficando os outros grupados nas portas e nas janelas.

Aberta a audiência crime, o Snr. Dr. Souza Filho requereu que fosse lançado Francisco Bezerra da Rocha Morais, por não estar presente à audiência, e para ficar perempta a causa de seu cliente. O juiz despachou com toda seriedade, apesar de ter falecido o Snr. Bezerra da Rocha!

A coisa iniciava-se pavorosa, quando no tribunal do Snr. Castro Leão até os mortos eram julgados!

Começou o processo do digníssimo governador do Bispado. O Snr. Cordeiro de Castro (que não veio de beca para não se parecer com algum rabino) pediu a palavra e falou... O orgão da injustiça dispensou o inquérito de testemunhas por ele mesmo arroladas.

O insigne promotor tem um espírito extraordinariamente docil; ele pensava que o crime era comum, e por isso deu o rol das testemunhas; mas alguem não quís o Juri e conseguintemente o bom do Snr. Cordeiro de Castro muda de rumo. Tudo estava combinado, e o Juiz deferiu o requerimento verbal do orgão da injustiça, com um majestoso aceno de cabeça.

O Snr. Castro Leão começou a qualificação do acusado, e não se esqueceu de dizer que ele era solteiro.

Não convinha desviar-se um ápice do velho roteiro.

Devemos ao Diário do Grão-Pará, ao que parece orgão das confidências do Juiz, o seguinte interrogatório:

Juiz: — Porque não dá cumprimento ao aviso do ministério do Império, para levantamento dos interditos impostos às irmandades desta província?

Acusado: — Não dou cumprimento por força da portaria de S. Excia. Revma. o Bispo diocesano, que m'o prescreveu quando se dignou nomear-me primeiro governador do Bispado.

Juiz: — —Devia dar cumprimento a esta ordem depois que viu o Snr. Bispo condenado e preso por deixar de obedecer ao governo?

Acusado: — A ordem foi-me dada antes da condenação de S. Excia. Rvema.; julgo-a por isso muito legal e estou determinado a observá-la.

Juiz: — E quem será o poder competente para resolver este conflito entre o Estado e a Igreja, visto como S. Excia. Revma. o Snr. Bispo diocesano em sua última pastoral declara ser um conflito de jurisdição?

Acusado: — Em minha opinião só o Sumo Pontífice.

Juiz: —— Então nesta questão de irmandade não reconhece a jurisdição do poder civil e judiciário?

Acusado: — Reconheço-a, mas somente quanto ao temporal.

Juiz: — Não conhece, portanto, os direitos civís como necessários para a manutenção do estado religioso?

Acusado: — Conheço.

Juiz: — E antes de ser cristão não tem o cidadão o direito de nacionalidade?

Acusado: — Tem.

Juiz: — A portaria do Exmo. Bispo diocesano nomeando-o para reger a diocese foi apresentada ao governo de S. M. o Imperador com a restrição ou condição de não levantar os interditos?

Acusado: — Nada mais tenho a declarar. O que devia dizer já o disse ao Snr. presidente da Província.

Juiz: — Por que não permitiu que saisse a procissão de *Corpus Christi?*

Acusado: — Nada quero dizer.

Juiz: — Está ou não disposto a levantar os interditos?

Acusado: — Estou disposto a não levantá-los."

O digno governador do Bispado não levanta os interditos, por força da portaria do Bispo diocesano; ordem legal reconhecida pelo governo Imperial; a autoridade civil só póde dispôr do temporal das irmandades.

O competente para resolver o conflito é o Sumo Pontífice.

Ninguem deixará de admirar a concisão e lucidez destas respostas.

O Snr. Quintino fez algumas perguntas inteiramente disparatadas, como estas:

— Não reconhece, portanto, os direitos civis como necessários para a manutenção para o estado religioso?

Esta pergunta do Juiz, alem de ser fóra de propósito, é equívoca, pois os direitos civís, ou melhor, autoridade civil é necessária para manter a Religião oficial mas não para sua existência absoluta.

Neste sentido respondeu afirmativamente o venerando acusado.

Maior disparate foi ainda perguntar o Juiz se o ser nacional é antes de ser cristão.

As outras perguntas impertinentes àcerca da portaria do Exmo. Snr. Bispo diocesano e da procissão de *Corpus Christi* não foram respondidas, ou antes, a resposta foi uma merecida lição ao Juiz.

S. Excia. o Snr. Cônego Sebastião Borges de Castilho, venerando ancião de 76 anos, arrastado ao pretorio, deu testemunho à verdade, com aquela serenidade, que só póde dar a conciência iluminada pela fé.

Podem aplicar-se ao ilustre governador do Bispado estas palavras de S. Cipriano:

"Julgado foi mais sublime que os Juizes."

Sim, enquanto a vítima estava sublime de dignidade e de resignação, o pobre do juiz, suando por todos os poros, não atinava com as perguntas que lhe ordenavam do alto...

Um incidente veio perturbar ainda mais o Snr. Castro Leão, no seu interrogatório.

O Revmo. Snr. Cônego Sebastião disse em voz baixa uma palavra ao seu advogado Dr. Mac-Dowell, e este, não a ouvindo, pede repetição, quando o juiz prorrompe iracundo, medonho, terrivel, e ousa dizer que o advogado estava insinuando ao acusado. O nosso

distinto amigo Dr. Mac-Dowell, indignado, levanta-se e protesta contra a injúria atirada pelo juiz e retira-se...

Esta atitude nobre fulminou o Snr. Castro Leão.

Devéras, a boa educação assenta muito bem num juiz...

Acabada a farça do interrogatório, os distintos cavalheiros que assistiam à audiência abraçaram o Snr. governador do Bispado e o cumprimentaram vivamente, pela insigne honra de ser chamado à barra da sinagoga para defender a verdade cristã.

A sociedade católica esteve representada por seu ilustre presidente Dr. Nunes, e por muitos outros membros distintos.

Grande foi a concorrência, como já disseram todos os jornais, sem distinção de côr política.

S. Excia. Revma. foi acompanhado até à sua residência por grande número de cidadãos grados de nossa sociedade.

Resta-nos assistir à prisão do venerando ancião.

O "Diário de Belem" ainda espera da integridade do juiz, mas o "Diário do Grão-Pará", que inculca estar nos segredos do Olimpo, pede a imolação da vítima, e já indica a pronúncia, que será dada.

Seja o que fôr, o Snr. Cônego Sebastião conquistou um lugar brilhante entre os mais esforçados confessores da fé.

Parabens à diocese do Pará por possuir tão distinto sacerdote, que os anos não poderam quebrantar-lhe o ânimo varonil".

* * *

Se o Bispo do Pará sofria a privação da sua liberdade, que muito é que seu clero passasse tambem por frequentes vexames! Em Belem, um Vigário é ameaçado por um particular, em Curuçá o Vigário é esbofeteado diante dos altares, em Cintra o Vigário Padre João de S. Tomás de Aquino Carrera é agredido a arma de fogo e morre três dias depois.

* * *

Em Pernambuco o governador do Bispado foi recolhido à prisão. Não devia tardar a hora do governador do Pará.

A 30 de Janeiro de 1875 foi preso o venerando Cônego Sebastião Borges de Castilho. A igreja de Sant'Ana foi cercada pela força afim de se prender o manso velhinho. Achava-se ele, porém, em sua residência. Ao chegar ao Quartel da Polícia, dedicados amigos foram abraçá-lo. Fez então, por escrito, tocantes declarações de ter sido sempre submisso às autoridades civís, de achar-se preso apenas por ter obedecido ao seu Prelado. Essas declarações foram por ele assinadas e tambem pelos Cônegos e Sacerdotes presentes, pelo Dr. Samuel Wallace Mac-Dowell, Carlos Seidl e João Augusto Ribeiro Maleber.

O cabido lavrou seu protesto e declarou que continuaria a obedecer ao seu Pastor Dom Antônio de Macedo Costa e ao seu delegado detido no Quartel da Polícia — o Vendo. Côn. Castilho.

Subscreveram doze Cônegos: Mourão, Pinto Marques, Clementino Pinheiro, Muniz, Lessa, Cunha, Bernardino Diniz, Rocha, Bentes, Barroso Bastos, Bernal e Fernandes Carneiro. O Cônego Oliveira Pantoja, que estava doente, subscreveu depois. O Arcediago Gregório Coelho, de Santarem, mandou sua adesão.

Como advogado, o Dr. Samuel Wallace Mac-Dowell interpõe o recurso em favor do Côn. Castilho contra a chamada "monstruosa pronúncia".

As razões desse recurso tão brilhantes e evidentes, como se póde ler na "Regeneração" (10 de Fevereiro de 1875). O juiz Dr. José Quintino de Castro Leão foi avante na estrada dos desatinos.

O venerando governador do Bispado é inocentemente condenado a 6 anos de prisão com trabalhos (24-IV-1875). A "Boa Nova" escreveu: "O monstruoso despacho revela desarranjo mental em seu pe-

ríodo agudo". E o Tribunal da Relação sustenta o despacho do juiz Castro Leão.

CAPÍTULO XXVI

OUTRAS VIOLÊNCIAS

Novo processo contra o governador do Bispado. — Dr. Ferreira Viana. — O Padre Dácia. — O Cisma de "Sant'Ana". — Novo Gabinete. — A Marinha. — Um apelo.

Não pararam aí as violências da justiça.

O juiz de Direito Dr. José Quintino Castro Leão manda instaurar novo processo contra o venerando Côn. Castilho, governador do Bispado. Eis as suas palavras textuais: "Continuando a exercer as funções de governador do Bispado o Rev. Cônego Sebastião de Borges Castilho, apesar de pronunciado e portanto legalmente suspenso de todas as funções públicas, recomendo a Vmc. que, colhendo os esclarecimentos necessários, dê contra ele denúncia por tal fato, nos termos da lei."

Entretanto, com Dom Vital e Dom Macedo Costa não se procedeu assim. Dom Vital, preso no Arsenal de Marinha do Recife, nomeou três governadores para seu bispado e da Fortaleza de S. João continuou na alta direção do mesmo.

Dom Macedo Costa, já recolhido ao Arsenal de Marinha de Belem, continuou a governar o Bispado até ao dia 8 de Maio de 1874 — dia em que embarcou no "Merrimack" e passou o governo ao Cônego Castilho.

* * *

A INJUSTIÇA CONTRA OS GOVERNADORES DE PERNAMBUCO E PARÁ

Era realmente revoltante o procedimento do governo Imperial! Reconhecia os governadores que os Bispos de Olinda e Belem haviam deixado como seus

respetivos delegados nas suas dioceses e pretendia que eles desobedecessem aos seus chefes.

Vibrante, como sempre, o deputado Ferreira Viana verbéra a injustiça. Vale a pena ler alguma coisa da famosa oração do destemido tribuno:

"Agora, Snr. presidente, devo entrar na parte, sensivel para mim, do discurso que proferiu o nobre presidente do conselho. Fiz, Snr. presidente, propósito de não discutir a questão religiosa desde que sobre ela vi atuar o mais desenfreado arbítrio e violência.

Não posso discutir esta matéria, não há que discutir. Mantenho a minha expressão, porque é a única que se dá bem com a imagem do meu pensamento. O que se tem feito: — "É uma brutalidade"!!

Não sou intolerante, como me averbou o nobre presidente do conselho, em matéria de religião; não o sou, porque a minha Igreja, a Igreja que professo, opõe-se à intolerância, quando outras razões não tivesse, por considerar um sentimento menos admissivel, no estado de civilização a que chegaram os povos. Tolero, Snr. presidente, todas as opiniões políticas, todas as crenças religiosas, mas, exatamente por esta razão, não posso me acomodar com a violência que o poder político quer exercer, invadindo até o santuário inviolavel da conciência!

O Snr. Tarquínio de Souza: — Apoiad.o

O Snr. Ferreira Viana: — É uma brutalidade, disse eu, e o nobre presidente do conselho julgou esta expressão imprópria e muito violenta. Senhores, antes de proferí-la, confesso que outra não achava, que reproduzisse o estado verdadeiro de minha alma, diante da intimação feita pelo poder civil a uma autoridade eclesiástica, que ele sabia ou devia saber que não podia cumprir a ordem que lhe havia sido dada!

O Snr. Tarquínio de Souza: — Muito bem.

O Snr. Ferreira Viana: — Se canonicamente era isso impossivel, ainda o era para a conciência daqueles que deviam dar execução à ordem, embora haja,

Snr. presidente, e V. Excia. há de conhecer, quem entenda que ressalva a conciência o vão protesto de obedecer pelo temor da violência.

O Snr. Presidente do Conselho: — Fazer correr sangue, como correu no Norte, é peor mil vezes.

O Snr. Fereira Viana: — Snr. presidente, aquí está a grande diferença que separa a política da fé. Na política, para não correr sangue ou aproveitar outras vantagens, podeis transigir como quiserdes; mas nos domínios da conciência e da fé é isso impossivel. Os governadores dos bispados, no cárcere, condenados pelo poder civil, são heróis; e, cumprindo a vossa ordem, seriam miseraveis!

O Snr. Tarquínio de Souza: — Muito bem.

O Snr. Ferreira Viana: — Eles conquistaram corôas de glória, porque souberam resistir às intimações e ameaças do poder civil, expondo-se embora às injúrias dos lisonjeiros e ao exagerado zelo da tribu imensa dos idolatras do cesarismo.

Mantenho a palavra: *foi uma brutalidade,* que revolta a conciência do país, degrada o grau da civilização a que atingira, e lançou sobre a justiça e a lei a mais cruel afronta! Tão grande é o atentado jurídico, que todos devemos tremer pela nossa liberdade e segurança, se ao governo parecer conveniente fazer-nos condenar!

Foi por má fé ou ignorância do direito eclesiástico?

Quem não sabe que o delegado não póde exceder o mandamento que recebeu e limita a sua jurisdição! Ainda que os ínclitos Bispos não tivessem feito expressa reserva do poder sobre as interdições lançadas, os governadores estavam inibidos de cumprir as ordens do poder civil nesta parte por determinação do direito eclesiástico. Se os governadores dos Bispados obedecessem, teriam praticado um ato nulo e irrito, uma triste e sacrílega pantomina, e sem efeitos espirituais. A interdição continuava a pesar sobre os interditos.

Venero, Snr. presidente, os governadores mártires de nossa fé, e desta tribuna peço-lhes que me concedam do fundo dos cárceres em que foram lançados a sua benção! Desejava vê-los para beijar suas mãos e dar-lhes sinceros testemunhos do respeito que tributo à dignidade e resignação com que defendem a autoridade espiritual e suportam os rigores e injustiças dos usurpadores!

Snr. presidente, foi *uma brutalidade,* uma imensa brutalidade, para a qual o governo achou agentes e os tem recompensado à boca do cofre!

Ainda desta tribuna levanto um voto de respeito e estima ao digno promotor público, que não quís manchar o seu nome, prestando-se a promover acusação contra a inocência e a dignidade, como se fossem criminosos!

Foi *uma brutalidade* e tão revoltante que o próprio governo não teve coragem de a manter: comutou as penas; desterrou o governador de Olinda.

O Snr. ministro da Justiça: — As posições eram diferentes.

O Snr. Ferreira Viana: — As sentenças foram as mesmas.

O Snr. Duque Estrada Teixeira: — É uma censura feita pelo governo ao juiz.

O Snr. Ferreira Viana: — Senhores, faço uma advertência ao governo: não estou apaixonado.

O Snr. ministro da Justiça: — Não parece.

O Snr. Ferreira Viana: — Não estou; salvo se consideram paixão a esta rompente indignação contra as baixezas humanas, contra o tráfico da justiça e da lei, para bem merecer do governo!

Faço-lhe uma advertência igual à que li a respeito do famoso rei Henrique VIII, altivo da sua usurpada supremacia e das brutais violências com que tentou sofocar os brados e gemidos da conciência católica, a despeito da resistência dos fiéis e invenciveis apóstolos, que com o seu precioso sangue regaram o solo

da Inglaterra e por cuja virtude o catolicismo aí renasce e brilha.

"Humilhaste a muitos caracteres, torturaste muitas conciências, corrompeste muitas almas; foi um esforço insensato e vão! — a firmeza de um só martir bastou para resguardar a dignidade humana, salvar a pureza da fé e deixar no espírito da Inglaterra a triste lembrança da mais detestavel tirania!"

Tenho concluido.

Vozes: — Muito bem! Muito bem!

(O orador é felicitado por seus amigos)".

* * *

O mesmo juiz pronunciou o Padre José Henriques Felix da Cruz Dácia, Vigário de Anajás, porque mandara fechar a porta principal da igreja de Santo Antônio, afim de evitar desrespeitos na Casa de Deus.

O digno sacerdote veio para Belem e avisou a justiça que estava à sua disposição.

Foi logo preso e levado para a cadeia de S. José. O Revmo. Côn. Mourão, Padre Amâncio, Carlos Seidl e Dr. Mac-Dowell acompanharam o Padre Dácia até à prisão.

A escolta que fôra a Anajás prendê-lo e humilhá-lo não o encontrou, porque ele já tinha embarcado para Belem afim de se apresentar à justiça.

A "Regeneração", comentando o fato, depois de exprobrar a violência contra o inocente sacerdote, acrescenta: "Deus Onipotente dará, em compensação do cálice de amargura bebido até às fezes por esse digno ministro do altar, a consolação e conforto de que o mesmo tanto necessita, enquanto os ímpios de todos os matizes riem-se alegres do triunfo satânico, que alcançaram, e, fartos de delícias e venturas deste mundo, esquecem a justiça infalivel que os aguarda.

"Væ! qui ridetis; Væ! qui saturati estis."

* * *

O clero do Pará coeso e obediente resistia à pressão imperialista. Mas infelizmente um fraqueou. O Côn. Rocha, coadjutor da Paróquia de Sant'Ana, insurgiu-se contra o seu superior eclesiástico, em Junho de 1875. O governo havia dado ordem ao Cabido de Belem para eleger seu Vigário Capitular. O cabido se recusa porque continua a reconhecer o Côn. Castilho, injustamente preso, como governador do Bispado. O Côn. Rocha, discrepando dos seus colegas, rejeita a autoridade eclesiástica e se submete à civil. O governador do Bispado o demite do cargo de Coadjutor da Paróquia, o suspende do exercício das mais membros do Cabido conservaram-se fidelíssimos e intrépidos. O Côn. Dr. João Tolentino Guedelha Mourão, munido da procuração do Arcediago Dr. José Gregório Coelho à frente dos capitulares, respondia com desassombro às intimações do poder civil.

Entretanto o Cisma de "Sant'Ana" produzia grande mal. Mais tarde veremos o Cônego Rocha arrependido e reconciliado com a Igreja.

Mas o exemplo é funesto: o Côn. Eugênio A. de Oliveira Pantoja fraqueou tambem, manifestando ao presidente da Província Dr. Sá e Benevides que divergia dos sentimentos do Cabido.

O Arcediago José Gregório Coelho, sabedor dos últimos acontecimentos, veio para Belem tomar o seu posto de presidente do Cabido e, sem demora, comunicou ao presidente da Província a sua solidariedade com os Revmos. Cônegos fiéis à Igreja.

* * *

A 28 de Julho (1875) recebia-se em Belem o telegrama anunciando o novo gabinete.

O ambiente é outro. Os nomes de Cotegipe, Diogo Velho, José Bento, que desaprovarão a opressão do gabinete Rio Branco, inspiram confiança. As vítimas respiram. Certamente o novo gabinete terá o apoio dos deputados que se notabilizaram pela eloquência em favor da causa do bem, como Ferreira Viana, Diogo de Vasconcelos, Duque Estrada Teixeira, Paulino

de Souza, Tarquínio, Araujo Lima, Leandro Bezerra, João Mendes.

* * *

A atitude da Marinha na luta contra os Bispos foi sempre simpática. Leiamos um artigo da "A Regeneração", que saiu publicado naqueles dias:

"VOTO DE GRATIDÃO

Hesitamos em dar público testemunho do modo cavalheiresco, porque foi S. Excia. Revma. tratado no Arsenal, receando expôr o Snr. Inspetor às iras dos que julgam crime ato de polidez e deferência prestados ao digno Prelado Paraense.

O nosso silêncio motivado pelos sentimentos da maior delicadeza já foram traduzidos pelos fariseus da Travessa dos Ferreiros como ingratidão. E assim preso por ter cão e preso por não ter cão.

Ouça, pois, o público a verdade.

O Snr. Inspetor do Arsenal, Carneiro da Rocha, bem como o Exmo. Chefe da Divisão, envidaram todos os seus esforços para suavizar a dureza da prisão do ilustre chefe da Igreja paraense.

Estes dois paraenses procederam assim porque são homens de coração e seriam incapazes de aumentar a aflição ao aflito.

Seja dito de passagem: Os oficiais, tanto do exército como da marinha, não têm procurado de nenhum modo magoar o coração dos Bispos persuadidos.

Pelo "Apóstolo" soubemos que o Snr. Bispo de Olinda fôra acolhido com muita deferência pela nobre oficialidade da Fortaleza de S. João.

E o público não ignora que o nobre Visc. de Tamandaré acompanhou o Snr. Bispo de Olinda até o cárcere. Consignamos, portanto, um voto de gratidão ao digníssimo Snr. inspetor do Arsenal de Marinha e ao digno Chefe da divisão do 3.º distrito Naval".

* * *

A 10 de Agosto de 1875, o clero do Pará, com seu Cabido à frente, dirige ao Dr. Francisco Maria Correia de Sá e Benevides, presidente da Província, uma representação solene afim de fazer cessar o Cisma de Sant'Ana.

Faziam notar que os dois Bispos apesar de presos estavam governando e que o mesmo Conselheiro João Alfredo considerava a prisão apenas obstáculo físico.

E porque não reconhecer a autoridade do Cônego Castilho para demitir o Cônego Rocha do cargo de Coadjutor da Paróquia de Sant'Ana?

Por ele estar preso?

Entretanto ele — o Cônego Castilho, govêrnador do Bispado — já estava preso quando nomeou o mencionado Cônego Rocha para aquele cargo. Tinha autoridade para nomear e não tinha para demitir! As profanações e os sacrilégios se multiplicam, pois o Cônego Rocha, funcionando como pároco, sem uso de ordens, em oposição ao legítimo superior eclesiástico, iniciou um Cisma.

"O Globo", jornal insuspeito, reprova a atitude do presidente da província do Pará, que sustenta o Clima de "Sant'Ana". Dom Lacerda — Bispo do Rio de Janeiro — respondendo ao Cônego Rocha, o qual teve a coragem de comunicar-lhe a tristíssima atitude que havia assumido — expõe longamente a verdadeira doutrina da Igreja, que o Cônego desconhecia ou fingia desconhecer.

CAPÍTULO XXVII

AINDA O CASO DOS GOVERNADORES

Interpelação. — Mensagem de gratidão. — Um Relatório oficial. — Compilando os fatos. — Gratidão do clero paraense. — A princesa Isabel. — O batismo de D. Pedro de Alcântara.

A "Boa Nova", dando notícia da interpelação que o deputado Tarquínio de Souza dirigira ao governo,

publica o seguinte artigo relativo ao caso dos governadores eclesiásticos de Olinda e Belem do Pará.

"Interpelação. — O ilustre deputado católico, Dr. Tarquínio de Souza Amaranto, formulou uma enérgica interpelação para que o governo declarasse sem rodeios se reconhecia ou não a legitimidade dos governadores das dioceses de Olinda e do Pará.

Em falta do Snr. João Alfredo, o Snr. ministro da Justiça declarou que o governo imperial reconhecia a legitimidade do governador da diocese de Olinda; mas que, quanto ao da diocese do Pará, não tinha ainda tomado conhecimento da questão.

À vista desta declaração, foi desautorado o presidente Lucena, que não reconheceu a legitimidade do governador da diocese de Olinda. Mas bem avisado andou aquí o Snr. Vicente de Azevedo, que implicitamente reconheceu o nosso governador da diocese, visto como em seus ofícios o trata como tal, e na Tesouraria têm efeito os seus atestados. Houve, porém, uma singular contradição. Achando-se S. Excia. Revma. preso no Arsenal de Marinha, passou os atestados do costume, os quais não foram aceitos pela Tesouraria, sob pretexto que o Bispo pronunciado em crime inafiançavel não podia mais exercer o seu cargo. Fundava-se tão curiosa decisão na célebre teoria que os Bispos são empregados públicos. Mas subiu de ponto a incoerência, quando o governo da província aceitou os atestados do governador do Bispado, que é mero delegado do Bispo do Pará!

Causa surpresa a *pachorra* do governo àcerca dos negócios religiosos, pois assegura o ministro da Justiça que ainda não tomara conhecimento da questão do Pará, aliás idêntica à de Pernambuco.

O que é certo é que param na Secretaria dos Negócios do Império várias propostas de professores e outros funcionários eclesiásticos desta diocese, desde Janeiro, e estão sem solução. O governo não ousa declarar-se positivamente cismático, mas vai embaraçando quanto póde a boa administração das duas dioceses votadas às iras do Snr. João Alfredo".

* * *

Entre outras mensagens dirigidas pelo clero paraenses aos que se bateram pela causa da Igreja, enumera-se a endereçada aos parlamentares que brilhantemente defenderam os Prelados.

A mensagem é assinada pelos Cônegos e mais sacerdotes e dirigida aos seguintes membros do Parlamento: Senador Zacarias de Góis e Vasconcelos, Senador Silveira Lobo, Senador C. Mendes de Almeida, Senador Jerônimo Martiniano Figueira de Melo, Senador Firmino Rodrigues Silva, Senador Barão de Pirapema, Deputado Antônio Ferreira Viana, Deputado Paulino José Soares de Souza, Deputado Tarquínio de Souza Amaranto, Deputado Leandro Monteiro Bezerra, Deputado Raimundo de Araujo Lima, Deputado Duque Estrada Teixeira, Deputado Diogo de Vasconcelos, Deputado João Mendes de Almeida, Deputado Carlos Peixoto, e outros senadores e deputados.

* * *

Transcrevamos um documento importante, relativo aos tristes acontecimentos.

"RELATÓRIO DO IMPÊRIO DE 1873

Os governadores dos Bispados de Olinda e do Pará processados, condenados e comutadas as respetivas penas.

O governo Imperial, depois de ter ouvido as Secções reunidas dos Negócios da Justiça e do Império do Conselho de Estado, e o mesmo Conselho, resolveu reconhecer os governadores das dioceses nomeados pelos ditos Bispos, e ordenar que fossem intimados para cumprirem o Aviso de 12 de Junho de 1873, expedido em virtude da Imperial Resolução que dera provimento aos recursos interpostos por diversas Ir-

mandades contra a interdição que lhes fôra fulminada, e responsabilizados no caso de recusa.

Para este fim expediram-se Avisos em 30 de Setembro e 1 de Outubro às presidências das Províncias de Pernambuco e do Pará.

Intimados com efeito aqueles governadores, e tendo recusado cumprir o Aviso mencionado, foram responsabilizados: o do Bispado de Olinda, chantre José Joaquim Camelo de Andrade, foi condenado pelo juiz de Direito da comarca a 4 anos de prisão com trabalho; o do Pará, Cônego Sebastião Borges de Castilho, foi condenado a 6 anos de prisão com trabalho, grau máximo do art. 96 do Código Criminal, em que fôra pronunciado por despacho do juiz de Direito, sustentado pelo Tribunal de Relação.

A pena imposta ao chantre José Joaquim Camelo de Andrade foi comutada, por decreto de 3 de Abril próximo findo, em um ano de desterro para fóra da diocese de Olinda.

Alguns mal intencionados, abusando do povo incauto dos sertões, e tomando por pretexto as questões religiosas, e as leis gerais e provinciais sobre recrutamento, impostos e novos pesos e medidas, conseguiram levantar, em diversos pontos das províncias do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, um certo número de sediciosos, com os quais atentaram contra a ordem pública; esta, porém, dadas as convenientes providências, foi em breve restabelecida, tendo sido reprimidos os desordeiros".

PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA NA DIOCESE DO PARÁ

Convem condensar os fatos ocorridos nestes últimos três meses na diocese do Pará, para que se avalie a que ponto tem chegado o furor da perseguição contra a religião da quasi totalidade dos brasileiros.

— O presidente da província mandou suspender as côngruas dos Reverendos Párocos, que vieram assistir à reunião do clero paraense no dia 1.º de Novembro de 1874.

— O presidente da província aprovou a suspensão dos ordenados dos professores do Seminário, durante o tempo das férias, em virtude de um aviso ou ofício do Snr. Visconde do Rio Branco.

— O Vigário Geral governador do Bispado foi pronunciado nas penas do art. 96, por não ter querido levantar de novo os interditos, visto ter sido reservada esta faculdade ao Bispo diocesano. (Juiz: José Quintino de Castro Leão).

— O presidente da província mandou instaurar novo processo ao governador do Bispado, por continuar a dirigir os negócios espirituais da diocese na prisão. (Será Juiz José Quintino de Castro Leão).

— O Rev. Vigário de Anajás, Padre José Henrique Felix da Cruz Dácia, foi pronunciado nas penas do artigo 96, por haver mandado fechar a porta da Igreja de S. Antônio. É o segundo processo que sofre esse sacerdote. Uma escolta de 7 soldados, capitaneados por um oficial de polícia, foi capturá-lo, o que não conseguiu, por já ter vindo o referido vigário a esta capital entregar-se à prisão.

Está recolhido na cadeia de S. José (Juiz: José Quintino de Castro Leão).

— Em consequência da prisão do governador do Bispado estão, não só os Cônegos, como todos os empregados subalternos da Sé privados de suas côngruas.

Entretanto, os ofícios divinos têm continuado, como dantes, graças à dedicação do clero paraense.

— O ilustrado Dr. Samuel Wallace Mac-Dowell, por ser defensor espontâneo dos Padres, está sofrendo as consequências de seu generoso procedimento, sendo condenado a quatro meses de prisão por um artigo assinado pelo brioso jovem, o Snr. Martinho Nina Ribeiro, que assumiu toda a responsabilidade legal de seu ato. (Juiz: José Quintino de Castro Leão).

— O ilustrado e zeloso Padre Dr. Mâncio Caetano Ribeiro está sob a pressão de dois processos.

O primeiro versa sobre a mudança da festa da padroeira de 5 de Agosto para 8 de Dezembro, por causa do terrivel flagelo da varíola. Está sentenciado por um juiz *ad hoc* a 3 anos de prisão por esse fato, estando ainda a confirmação da sentença pendente do Tribunal da Relação.

O segundo tem por fundamento o não ter celebrado a missa para o Colégio eleitoral, por incômodos de saúde. Foi suspenso do emprego, que já não exercia.

A estes fatos ligam-se preseguições particulares, como a tentativa de assassinato do Vigário de Curuçá, o ter sido ele esbofeteado diante dos altares, os insultos aos clérigos sem repressão legal, etc., etc.

Em face desta curiosa estatística criminal, quem negará a existência de uma temivel perseguição promovida contra a Igreja Católica, na pessoa de seus ministros?

* * *

O brilhante advogado Samuel Wallace Mac-Dowell, em meio a tantas lutas, foi sempre o defensor do clero, em Belem.

Sem medir sacrifícios, enfrentou todas as injustiças da Justiça Pública com denodo e com a erudição rara que o distinguia. Mais tarde, como deputado no Rio e como Conselheiro do Império, foi sempre o mesmo defensor da Igreja.

O clero do Pará agradecido prestou-lhe merecida homenagem que ele agradece no seu jornal "A Regeneração". Eis as suas palavras:

"Agradavelmente surpreendido pelo honroso testemunho de dedicação sincera e amizade, que me deu o ilustre clero paraense, sob pretexto de gratidão a meus insignificantes serviços pela causa dos ministros da Sacrossanta Religião de Jesus Cristo, que tenho a felicidade de professar, dirijo, na maior efusão

d'alma e com plena publicidade, os meus votos de cordial agradecimento a esse clero distinto e ilustrado, cujo procedimento no deploravel conflito entre a Igreja e o Governo do nosso país, denominado "questão religiosa", tem causado assombro à impiedade, ao mesmo tempo que há grangeado para si um lugar notavel nos fastos eclesiásticos.

O clero do Pará nada absolutamente deve-me, porque, se os sucessores dos apóstolos e dos discípulos de Cristo têm obrigação de trabalhar na seara do Senhor, não é somente deles o dever dos filhos d'Aquele Pai Celeste, por Ele confiados, na consumação do Grande Mistério do Calvário, à proteção de Maria Santíssima, mãe da humanidade, de empregarem todos os seus esforços para honrar esse Pai e essa Mãe, agora vilipendiados pelos Cananéias do século presente.

Servindo à causa dos dignos ministros do altar, cumpro esse grande dever de subdito fiel da Santa Madre Igreja Católica de Roma, e esta satisfação de minha conciência é o melhor prêmio a que podia eu aspirar.

Com maioria de razão, pois, fiquei penhoradíssimo por essa imerecida prova de apreço, que acabo de receber do nobre clero paraense, justamente na ocasião em que se procura expôr-me ao público menosprezo, condenando-me em nome de prevaricação e da conculcação da lei. Asseguro ao clero do Pará que, quaisquer que sejam as emergências, eu estarei sempre de seu lado e dos católicos verdadeiros.

Assim o espero, com a graça de Deus, que as orações de tão virtuosos sacerdotes atrairão abundantemente sobre mim.

Pará, 22 de Março de 1875.

Samuel Wallace Mac-Dowell."

* *

Cumpre notar que a Princesa D. Isabel muito se afligia com a prisão dos bispos. Apesar de princesa, lavava e varria as igrejas em Petrópolis. Constou mesmo que, esperando o nascimento do seu filho Luís, supunha comover seu pai o Imperador pedindo perdão para as ilustres vítimas em razão do seu estado. O Imperador não quis atendê-la. Mas os fatos políticos o obrigaram a mudar de sentimentos.

A 2 de Dezembro nasceu o neto de D. Pedro II, que tomou o nome de Luís e recebeu o título de Príncipe do Grão-Pará. Transcrevemos aquí, a título de curiosidade, o auto do batismo do infante, que viu a luz do dia nessa quadra agitada da nossa história.

"Batismo do Príncipe do Grão-Pará. Eis o auto desta solenidade:

Auto da solenidade do batismo de sua Alteza Imperial o Sereníssimo Senhor Dom Pedro de Alcântara Luís Filipe Maria Gastão Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, Príncipe do Grão-Pará.

Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos setenta e cinco, aos dois dias do mês de Dezembro, nesta Catedral e Imperial Capela da muito Leal e Heróica Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, ocupando o Trono o Muito Alto e Muito Poderoso Senhor Dom Pedro Segundo, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil e Sua Majestade a Imperatriz Senhora D. Teresa Cristina Maria, tomando o lugar competente o Reverendo Bispo Capelão-Mór, e achando-se na mesma Catedral e Imperial Capela reunidos os Ministros e Secretários de Estado, Conselheiros d'Estado, Grandes do Império, Oficiais Móres, oficiais e mais pessoas da Côrte e Casa Imperial, Senadores e Deputados, Corpo Diplomático Extrangeiro, membros dos Tribunais da Côrte e muitas outras pessoas de distinção, expressamente convidados, o dito Reverendo Bispo Capelão-Mór, em razão de dúvidas ocorridas no Batismo antes

administrado em perigo de vida, agora com toda a solenidade batizou debaixo de condição e pôs os Santos Óleos a Sua Alteza Imperial o Sereníssimo Senhor Dom Pedro de Alcântara Luís Filipe Maria Gastão Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, Príncipe do Grão-Pará, nascido no dia quinze do mês de Outubro do corrente ano pelas quatro horas e cincoenta minutõs da manhã, Filho legítimo da Sereníssima Princasa Imperial Senhora Dona Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga e do seu Augusto marido Sua Alteza Real o Senhor Príncipe Dom Luís Filipe Maria Fernando Gastão d'Orleans, Condeu d'Eu, Neto, pela parte materna, do Senhor Dom Pedro II, Imperador constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, e de sua Augusta Esposa a Senhora Dona Teresa Cristina Maria, Imperatriz do Brasil, e pela parte paterna de Sua Alteza Real o Senhor Príncipe Luís Carlos Filipe Rafael d'Orleans, Duque de Nemours, e da falecida Senhora Duquesa Vitória Augusta de Saxe Coburgo Gota. Foi padrinho Sua Majestdae Imperial o Senhor Dom Pedro Segundo e madrinha Sua Majestade Imperial a Senhora D. Teresa Cristina Maria.

E, para todo tempo constar, eu, José Bento da Cunha e Figueiredo, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, fiz lavrar dois autos, em tudo idênticos, por mim subscritos, os quais vão assinados por Sua Majestade o Imperador na qualidade de padrinho, por Sua Majestade a Imperatriz, na de madrinha, e pelo Reverendo Bispo Capelão-Mór, devendo um dos mesmos autos ficar no Arquivo da Imperial Capela, e outro ser recolhido ao Arquivo Público do Império. E eu os subscreví e assino.

Dom Pedro II.

Teresa Cristina Maria, Imperatriz.
José Bento da Cunha e Figueiredo.
† *Pedro,* Bispo Capelão-Mor.

CAPÍTULO XXVIII

VITÓRIA MORAL

Triunfam as vítimas. — Desassombro na Câmara. — Os sentimentos do Snr. João Alfredo. — Duas cartas de Dom Antônio.

A Vitória Moral — Sem dúvida triunfou o cesarismo maçônico, pois pela força bruta foram esmagados dois grandes bispos e com eles a família católica brasileira. Moralmente, porém, a vitória foi da Igreja — completa e brilhante. Quem com ânimo sereno analise os dicursos pronunciados em torno dessa causa, quer na Câmara Vitalícia, quer na Temporária, verifica, sem trabalho, que a fina flor da inteligência, da erudição, do equilíbrio espiritual era toda da Igreja.

Quem sopesasse o carinho popular que assediava as figuras heroicas dos bispos-vítimas, não tinha dúvida em afirmar que os criminosos eram os condenadores e não os condenados.

No Senado ecoara a voz abalizada de Silveira Lobo, Cândido Mendes, Figueira de Melo.

O mesmo Visconde de Abaeté, apesar de ter claudicado, e o Barão de Cotegipe, não obstante suas tergiversações, tiveram palavras de reprovação contra o Governo.

Não falo do grande Zacarias, que foi realmente extraordinário.

Da Câmara de Deputados, já conhecemos as figuras mais brilhantes que militaram em favor dos Prelados e da causa católica.

Coisa admiravel: o mesmo notavel tribuno Silveira Martins, apesar de andar tão extraviado do reto caminho da verdade, se ofereceu tambem como advogado espontâneo de Dom Antônio. Cinco, portanto, foram os defensores espontâneos.

Para se apreciar com quanto desassombro os deputados católicos defendiam os seus bispos, vejamos a sessão de 2 de Setembro de 1874.

A denúncia contra o ministério

Três ministros, os principais fautores da perseguição religiosa, foram chamados à bancada dos réus na câmara dos Snrs. Deputados.

Os criminosos, para escaparem à vindita da lei, confessaram-se instrumentos doceis nos mãos de Cesar.

O distinto deputado acusador não pretendia meter na cadeia os três réus, amparados pelo poder irresponsavel; seu fim era humilhá-los, e patentear à nação o estado de degradação a que chegaram os tempos.

Este acontecimento, que tanta bulha fez na côrte, veio demonstrar aos mais incrédulos que o poder moderador já não era a chave, mas sim a gazua dos outros poderes, na frase incisiva do deputado Diogo de Vasconcelos.

O crime dos ministros ficou provado, e o Dr. Leandro Bezerra, denunciando-os, foi o eco de 100.000 cidadãos, que já levaram à Câmara queixa formal e solene contra o ministério.

Damos a palavra ao Dr. Leandro Bezerra sobre tão importante assunto:

"Sessão em 2 de Setembro de 1874.

O Snr. Leandro Bezerra (pela ordem): — Snr. presidente, pela terceira vez fui honrado por católicos do Ceará, minha província natal, para ser por mim presente a esta augusta câmara queixa contra o atual ministério. São diversos habitantes de Mecejana, Santa Quitéria e outros lugares, que formam um total de 1791. Estes, com outros católicos do Império, que talvez já montem a uma soma de 100.000, levantam brado pelo que sofrem em sua conciência e vendo nas pessoas de dois mártires as vítimas do poder, que se tornou, infelizmente, instrumento da maçonaria, seita condenada pela Santa Igreja.

Pelo longo e esclarecido debate entre esses preclaros Prelados e o governo temporal, pela tribuna parlamentar, pela imprensa de fóra e dentro do país, pelo

clamor do povo, pelas preces no templo de Deus e pelas lágrimas no seio das famílias, por tudo, quem estiver de boa fé, quem quer que seja embora não católico, há de dizer: — Neste Império cometeu-se uma grande injustiça condenando-se e levando-se ao cárcere dois inocentes, cuja culpa foi somente cumprir seus santos deveres de apóstolos, sustentar o sagrado direito da Igreja. (Muito bem).

Eu direi mais: não foi somente uma grande injustiça, foi um grande crime que tem sanção em nossas leis.

E, como é necessário que o povo saiba e o estrangeiro conheça que em nosso país não há privilégios, que todos são iguais ante a lei e podem ser punidos quando delinquem, eu, Sr. presidente, autorizado pelo direito constitucional e pelo que me confere a lei de 15 de Outubro de 1827, venho trazer perante esta augusta câmara uma denúncia formal contra três Snrs. ministros que são criminosos, segundo minha conciência, um como mandante, em sua qualidade de grão-mestre do Grande Oriente do Lavradio, e dois como mandatários.

Ouví dizer que um desses ministros, quando tinha de assinar qualquer papel tocante à perseguição desses venerados Prelados, sempre hesitava e muitas vezes chorava, dizendo: sou forçado pelo dever do meu cargo.

Vozes: — Oh! Oh!

O Snr. Leandro Bezerra: — Isto prova que essa grande alma não está de todo perdida: Deus, que a já tem punido, mostra sua santa misericórdia para chamá-la ao arrependimento.

O Snr. ministro do Império: — V. Excia. fala em castigos que Deus me tem dado?

O Snr. Leandro Bezerra: — Não digo nada ofensivo a V. Excia.

Eu tambem hesitei muito, pensei bastante e desde o começo desta sessão; mas, se de um lado o coração me detinha, de outro lado a conciência me impelia.

O espírito que elaborou e a mão que escreveu esta denúncia serviram de instrumento do dever, duro dever de cidadão e de representante da nossa sociedade ofendida em sua fé.

Creiam ou não creiam, não venho cheio de ódios, que não tenho, e, pelo contrário, tenho afeições que constrangem de longa data, neste momento ainda mais, e o meu constrangimento é tal que chego a desejar a impunidade; porque eu, se não fosse este dever de representante da nação, como católico, perdoaria, e pediria aos mártires que sofrem, ao povo que clama, ao Santo Velho do Vaticano que chora as nossas dôres e misérias, que tambem perdoassem e impetrassem da Divina Providência graça sobre esses homens que, errados, tantos males têm feito, mas que, arrependidos, poderão fazer por seus talentos, por suas virtudes e por seu saber, grandes serviços à pátria e à religião.

Eu sei que com a minha denúncia vou causar aflição aos culpados, e a pessoas inocentes, que lhes são caras e ligadas; peço perdão pelo amor de Deus; e para consolo lhes digo: prefiram a justiça da terra, que póde servir para purificar a alma, do que a justiça do céu, que póde condenar para toda a eternidade.

Vozes: — Muito bem.

O Snr. presidente: — As representações vão ter o destino conveniente.

Devo tambem comunicar à câmara que o Snr. deputado Leandro Bezerra enviou à mesa uma denúncia formal, concebida nos seguintes termos:

"Leandro Bezerra Monteiro, como cidadão brasileiro, usando do direito conferido pelo § 30 do artigo 169 da constituição do Império e pelo art. 8.º do decreto de 15 de Outubro de 1827, e como deputado tambem servindo-se de outra disposição desta mesma lei, vem perante esta augusta câmara denunciar do conselheiro visconde do Rio Branco, atual presidente do Conselho de Ministros, do Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, ministro e secretário de ne-

gócios do Império, do Conselheiro visconde de Caravelas, ministro e secretário de negócios estrangeiros, pelo crime de maquinar destruir a religião do Estado, adotada pelo pacto fundamental, e pelo crime de suborno.

Os fatos criminosos são: perseguição a Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda, e Dom Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará, presos e mártires em satisfação à vontade e caprichos da maçonaria, seita muitas vezes condenada por diversos santíssimos padres, a cujo preceito queriam esses ministros obedecessem os referidos Prelados; e porque mais, por intermédio de seu delegado, presidente de Pernambuco, empregaram peditório e influência para que os vigários da cidade do Recife fizessem o que não deviam, desobedecer ao Prelado, seu chefe e superior legítimo.

"E como tais culpados devem ser punidos com as penas marcadas no § 2.º do art. 1.º e § 2.º do art. 2.º da já referida lei de 15 de Outubro de 1827, requer seja recebida esta denúncia para que se proceda na forma de direito.

"Oferece como documentos os avisos de 12 de Junho, 27 de Setembro, confidencial do presidente de Pernambuco de 25 de Julho, todos do ano de 1873; instruções do ministério dos estrangeiros ao Barão de Penedo em missão a Roma, e fala do trono do corrente ano.

"E oferece como testemunhas insuspeitas as pessoas abaixo em rol.

"O que tudo jura, se fôr preciso: — E. R. E. — Testemunhas: Monsenhor Joaquim Pinto de Campos — Cônego Tomás Rego — Padre Francisco Pinto Pessoa — Dr. Fernando Alves de Carvalho — Protonotário Ernesto Camilo Barreto.

"Câmara, 2 de Setembro de 1875 — Leandro Bezerra Monteiro, deputado pelo 1.º distrito de Sergipe."

Vozes: — Oh! Oh!

(Ha diversos apartes. Reina algum sussurro e o Snr. presidente tange repetidas vezes a campainha e reclama atenção).

O Snr. Presidente: — A denúncia, na forma do artigo 10 da lei de 15 de Outubro de 1827, tem de ir a uma comissão especial, cuja eleição se fará amanhã".

* * *

O resultado dessa comissão, que não deve ser confundida com a que tem de examinar as petições dos católicos, não nos foi dado pelo telégrafo.

Aquela sessão não foi lá das mais estereis. Quando o presidente terminou a sua exposição, levantou-se grande rumor na assembléia, murmúrios de reprovação dos bancos da maioria, sorrisos e apartes de muitos deputados.

O Snr. Eufrásio Correia pôs-se então de pé e em tom muito veemente disse que, se se discutia a denúncia, pedia a palavra para mostrar o escárneo com que se tratam questões tão sérias.

O Snr. Leandro Bezerra tambem de pé repelia em altas vozes expressões que lhe eram dirigidas em apartes por alguns deputados. O Snr. Diogo de Vasconcelos protestava e o presidente tocava a campainha pedindo ordem.

Seguiu-se com a palavra o Snr. Diogo Vasconcelos.

Apresenta várias representações de cidadãos da sua província em favor dos Bispos perseguidos pelo governo e faz sobre o assunto várias considerações.

Diz que é duro ver na côrte os estrangeiros reunidos na maçonaria darem prêmios de ouro aos acusadores dos Bispos. São os especuladores que vêm especular em nosso país.

Quando começou esta questão, os nacionais retrairam-se e ficaram os estrangeiros. Eles é que influem nos estabelecimentos de beneficência que nossos antepassados fundaram.

Não fazem questão de balandrau, senão nas irmandades ricas, esta é a razão da luta, a razão do escândalo de se prenderem os Bispos. As irmandades do Rio de Janeiro rendem 5.000:000$. Mandem-se examinar as suas contas, e ver-se-á que elas estão nas mãos dos estrangeiros. E é por isso que os nacionais não acham uma casa para estabelecerem seus negócios.

Aludiu a um dos últimos discursos de um de seus colegas da deputação de Minas em que esse deputado dissera que o visconde do Rio Branco não podia comparar-se a Maomé. Comparando-o a um dos perseguidores do povo fiel de Deus, produziram as suas palavras várias contestações. Então o presidente pediu ao orador que se restringisse à apresentação das representações.

O orador prossegue e o presidente insta para que se limite a fazer um breve relatório.

O orador diz que respeita muito o presidente, mas observa que ontem o ministro do Império saira da matéria e não fôra chamado à ordem.

Pede, enfim, ao governo que não continue na luta, porque a maçonaria não é brasileira, é estrangeira.

O orador foi muito apoiado pelo Snr. Carlos Peixoto e Leandro Bezerra, havendo contra suas idéias vivas reclamações da maioria.

Teve ainda a palavra o Snr. Tarquínio de Souza.

Apresentou à câmara petições de 7.028 católicos, que representam contra a perseguição dos Bispos.

Às suas primeiras considerações levantou-se grande rumor na câmara, trocando-se muitos apartes entre deputados da maioria e aqueles que defendem a causa dos Bispos.

O presidente faz esforços para manter a ordem, pedindo ao orador se restrinja a fundamentar as representações nos termos do regimento.

O Snr. Tarquínio continua em suas observações, estranhando que a comissão não tenha dado parecer sobre as representações já apresentadas.

O presidente insta para que se restrinja, lembrando que é passada a hora e que deve entrar-se na ordem do dia.

O orador não póde terminar, por que tem de apresentar outra representação. É dos professores do seminário episcopal de Olinda, cujos ordenados se não pagam desde Janeiro.

O ministro do Império diz, em àparte ao orador, que não toque nesta matéria. E, como prosseguisse, diz que esta medida foi tomada a pedido do Bispo de Olinda.

Esta declaração fez sensação na câmara. O orador explica como se passou o fato, a que aludiu o ministro do Império.

Reclama, enfim, contra o procedimento do governo porque tambem é professor e receia que, voltando à sua cadeira, o governo mande uma prancha, suspendendo-lhe o ordenado.

As representações foram entregues à câmara e tiveram o competente destino.

* * *

O orador de passagem se referiu aos bons sentimentos do ministro João Alfredo, infelizmente sufocados durante a "Questão Religiosa". Cremos que na verdade ele se terá arrependido sinceramente, mais tarde, de ter andado tão mal como católico, que parecia ser. Antes de morrer deixou escrito: "Se, com os socorros da minha santa religião, morrer em graça, dela me aproveitarei para pedir a Deus no céu que olhe para minha família cá na terra. Tambem pedirei fervorosamente pela minha pátria, que sempre amei e servi com verdadeira abnegação."

* *

A vitória moral era patente; leiam-se as duas cartas seguintes de Dom Antônio:

"Minha prisão, Rio de Janeiro, 8 de Julho de 1874.

Meu caso Snr. Saraiva. — No dia 1.º de Julho corrente, condenou-me o Supremo Tribunal de Justiça

deste país a quatro anos de prisão com trabalhos forçados, somente por ter sido fiel aos meus deveres de Bispo católico. Por esses papéis que lhe remeto terá pleno conhecimento deste memoravel julgamento, que foi para a Religião Católica um esplêndido triunfo, mas uma indelevel mancha para o segundo reinado.

"Estavam presentes mais de 1.200 pessoas, entre as quais os primeiros vultos da política; e tudo estremecendo de simpatia pelo Bispo, aplaudindo entusiasticamente os dois eloquentes advogados. Enfim, uma verdadeira ovação popular dentro mesmo do recinto do tribunal, ficando o Bispo coberto de flores e de aplausos diante daqueles pobres homens, que logo depois o condenaram como um facinoroso. Esta sentença iniquíssima ainda não está formulada.

Parece que há sérios embaraços para arranjá-la de modo a dar uma aparência sequer de razão à imposição de tão injusta pena. É público e notório que tudo foi ordenado do alto.

"A folha oficial do ministério, e por ele assalariada, disse de antemão que os Bispos "seriam inevitavelmente condenados", e na fala do trono diz-se escandalosamente: "cumpria que os Bispos de Olinda e Pará fossem punidos", (e este último ainda não estava julgado!) Convem fazer aí conhecer esta monstruosidade judicial. Os relatórios deste processo, os documentos dele, e os argumentos em defesa, põem a claro a iníqua perseguição exercida no Brasil contra a Igreja Católica pelo Grão-Mestre da Maçonaria.

"A sentença ainda até hoje não foi formulada e assinada, e já tem havido duas sessões no tribunal! Mas a dificuldade não é pequena para se honestar tamanha atrocidade; pois, tendo eu ficado, como consta dos autos, em estado puramente passivo, não se atina como pus obstáculos à ordem do poder executivo e moderador. Coitados! fazem dó. O país está indignado. Chovem de todos os lados adesões aos Bispos e mesmo aquí na côrte a opinião se vai mudando. Nas câmaras tem-se tratado magnificamente bem a questão, e muitos homens habeis e eloquentes têm vindo para os arraiais católicos e combatem agora conosco. Tricas e corrução — eis o que ainda mantêm o governo e os nossos adversários.

"Já lhe mandei o meu livro "Direito contra o Direito", mas, temendo extravio, lhe remeto outro exemplar por mão própria de um amigo.

"Graças a Deus! Meu caro amigo, eu não estou resignado; estou contente (o que é mais!), e nada altera a minha serenidade. Eu mesmo admiro como posso assim manter-me sobre tão horrenda e injusta perseguição. Bondade de Deus! Não sei ainda para onde me mandarão, mas, é certo, que o imperador não me dispensará senão o trabalho das galés. Não dará liberdade aos Bispos, nem sequer por ocasião do sucesso feliz de sua filha, todos os dias esperado. Consta que já a desenganou disso, o que a magoara muitíssimo. Seja o que for, o triunfo será de Deus e de sua Igreja.

Muito seu de coração.

† *Bispo do Pará*".

* * *

"Minha prisão, Rio de Janeiro, 17 de Julho de 1874.

Meu caro e mui prezado amigo Snr. Saraiva. — Há dias mandei-lhe uns jornais contendo o meu julgamento (se merece tal nome a farça representada pelo Supremo Tribunal de Justiça), assim como um folheto contendo as peças deste monstruoso processo. Agora lhe remeto por um amigo que vai para Paris um exemplar do "Direito" contendo uma e outra coisa, e, alem disso, a análise da sentença, por um de nossos melhores jurisperitos. Não deixaria de estimar que alguma notícia deste julgamento se publicasse na Inglaterra, para que todos soubessem de que iniquidade os Bispos do Brasil são vítimas, sob o governo maçônico do Snr. Rio Branco (o primeiro ministro e chefe aquí da maçonaria).

"Ainda não sei para que fortaleza me vão remeter, nem que farão de mim. Corre que o Rei não dará liberdade aos Bispos, nem por ocasião do nascimento do Príncipe (acontecimento a todo instante esperado): e dizem mais que houve já recusa formal à Princesa, que está muito magoada com isso e tem derramado muitas lágrimas! — Pobre imperador!

Em todo o caso, estou tranquilo, graças a Deus, e não troco a minha ventura de sofrer pela Igreja de Jesus Cristo, por todas as grandezas deste mundo. — Adeus.

Seu muito de coração,

† *Bispo do Pará*".

CAPÍTULO XXIX

O BISPO DO PARÁ NA SUA PRISÃO

Relembremos os fatos. — Segue para a Ilha das Cobras. — O pai escreve ao filho preso. — O Prelado protesta. — Exonerações. — Queriam deportá-lo. — Página brilhante. — A razão da firmeza do Prelado. — Bela carta.

Vamos agora contemplar o espetáculo edificante de um grande bispo injustamente condenado, ocupando santamente seus dias de prisão. Antes, porém, de nos transportarmos à Ilha das Cobras, recapitulemos rapidamente os fatos que precederam a condenação do ilustre antistite.

Notaveis acontecimentos políticos, sociais e religiosos encheram o ano, e por isso julgamos de interesse geral pôr, em resumido quadro, diante dos olhos do público a sinopse dos fatos mais importantes.

A questão religiosa, que é antes um complexo de questões levantadas entre a Igreja e o Estado, um magno conflito entre duas sociedades creadas por Deus para se prestarem mútuo auxílio, e assim conduzirem o homem à sua felicidade, empolgou todas as atenções, exercitou os mais robustos talentos.

Vamos relembrar com brevidade os fatos relativos a essa espantosa pugna, na qual tomaram parte a diplomacia, a imprensa, o parlamento, os tribunais e até a própria Corôa.

Em virtude da pronúncia do Supremo Tribunal de Justiça, foi o Exmo. Snr. Dom Fr. Vital Maria Gonçalves de Oliveira preso no Recife, violentamente arrancado do meio de seu rebanho, e conduzido ao arsenal de marinha da Côrte, onde foi encarcerado, e daí arrastado ao Tribunal para o julgamento definitivo.

Dom Fr. Vital guardou profundo silêncio diante do tribunal incompetente para julgá-lo, mas dois senadores do império, Conselheiro Zacarias de Góis e Vasconcelos e Dr. Cândido Mendes de Almeida, apresentaram-se como advogados espontâneos, e depois de alguma discussão foram admitidos.

Os brilhantes discursos da defesa, monumentos de fé e saber, ficaram sem resposta, e Dom Baltazar, orgão da justiça pública, não ousou articular palavra.

Entretanto, os juizes, reunidos em sessão secreta, condenaram o ínclito Prelado a 4 anos de prisão com trabalho, grau médio do art. 96.

Pede a justiça mencionemos com louvor dois nomes respeitaveis, honra da magistratura brasileira, o senador Figueira de Melo, averbado de suspeito em favor do Bispo preso, e o nobre Barão de Pirapema, que julgou o tribunal incompetente e votou pela absolvição do réu.

Esta sentença foi o descalabro do poder judiciário, representado no seu mais alto tribunal.

Ganganelli reuniu as hordas maçônicas, e houve nas lojas banquetes, castanholas, repiques de sinos, abóbadas de aço, canhões preparados e absorvidos, etc., etc.

Em 1873 a maçonaria avassalava o poder executivo, e punha o ministério a seu serviço pelos avisos de 12 de Junho e 9 de Agosto; em 1874 dominava o poder judiciário, arrancando do Supremo Tribunal de Jus-

tiça uma sentença iníqua, padrão de ignominia nas terras da América.

Dom Antônio de Macedo Costa era a outra vítima escolhida pelo Cesarismo maçônico. Publicar uma luminosa pastoral, onde ficou cabalmente demonstrada a impiedade maçônica, suspender confrarias ou irmandades maçonizadas, não admitir o recurso à Corôa, nem o benaplácito imperial, duas escoras do regalismo, eram crimes, que cumpria punir na frase moderada da fala do trono. S. Excia. Revma., intimado pelo Supremo Tribunal para responder à denúncia do insigne procurador da Corôa, o fez com tanta lucidez e opulência de argumentos, que os homens honestos pensaram um instante na reconsideração do mais alto tribunal judiciário do império.

Os que, porém, conhecem a verdadeira situação do país, estragado pela corrução, que desce do alto, esperavam ao contrário pela ordem de prisão contra o digno Prelado.

A sociedade católica, a conferência de S. Vicente de Paulo, algumas irmandades, numerosos cavalheiros distintos, vieram manifestar a S. Excia. Revma. o seu profundo pesar pelos atos do governo imperial. E o povo o cercou de carinho.

Os salões do paço episcopal constantemente repletos de imenso povo.

Entre as manifestações, de que era alvo o ilustre Prelado, nenhumas tão numerosas, tão esplêndidas, tão repassadas de piedosos sentimentos, como as promovidas pelas senhoras paraenses.

Veio a ordem de prisão, que foi executada pelo juiz de direito do 1.º distrito criminal, fazendo o Prelado nesta ocasião um protesto, e tambem o Cabido e Clero da diocese.

A Sociedade Católica Paraense fez uma solene manifestação, embora sempre contida nas raias do dever.

Tornou-se o Arsenal de Marinha o lugar de uma nova romaria, que só cessou com o embarque repentino e violento de S. Excia. Revma. Ainda assim os membros da Sociedade Católica Paraense não deixaram de ir saudar a bordo do "Merrimack" o ilustre prisioneiro de Cristo, e beijar-lhe as mãos.

Ao desembarcar na Côrte, o Bispo do Pará foi recebido com entusiásticos vivas levantados pelos senadores e deputados católicos.

No Arsenal de Marinha recebeu o Crisóstomo brasileiro provas esplêndidas da mais subida consideração.

O que havia de mais distinto na capital do império foi saudar o nobre confessor da fé, o insigne defensor dos direitos da Santa Sé e da liberdade da Igreja Católica.

Aproximava-se o julgamento. O Snr. Dom Baltazar, o célebre acusador dos Bispos, formulou o seu inepto libelo, em que não adiantava uma só idéia ao que escreveu contra o Prelado de Olinda.

O Bispo Dom Antônio, com a nobre isenção, que é o esplendor de seu caráter, respondeu pelo seguinte modo:

"Senhor. — Nada mais me resta fazer senão apelar para a justiça de Deus. Em minha prisão do Arsenal de Marinha, 17 de Junho de 1874.

† *Antônio*, Bispo do Pará".

* * *

Uma vez condenado, o intrépido Bispo do Pará devia seguir para a sua prisão definitiva e que era a Ilha das Cobras. A 5 de Julho compareceu ao Arsenal de Marinha o comandante da Fortaleza da Ilha das Cobras com ordem de conduzir o heróico Bispo do Pará, o segundo martir da maçonaria de S. M. o Imperador, para aquela fortaleza onde o ínclito Prelado tem de cumprir a pena de quatro anos de prisão simples em que foi graciosamente comutada, pela Imperial clemência, a iníqua pena que lhe infligiu o Supremo Tribunal de Justiça.

O Snr. Dom Antônio de Macedo Costa embarcou em um escaler do Arsenal de Marinha para o lugar do seu degredo, sendo acompanhado por seu digno Secretário o Rev. Padre Augusto Cullére, pelos Snrs. Fr. João de Deus, Dr. Carolino, Dr. Filipe Daltro, Dr. Francisco de Macedo Costa, Maximiano Duarte, Rodrigo Câmara, Manuel Caetano da Cunha, Henrique José de Araujo.

Lá ficou, pois, o Anjo da Igreja Paraense, rodeado de infames galés e ouvindo o arrastar dos grilhões daqueles criminosos!

O governo imperial, em sua moderação, não encontrou lugar mais decente para recolher a sua vítima!

* * *

Quando o preclaro condenado da Ilha das Cobras se viu arrancado da sua Diocese e tratado como grande facínora, como indigno da liberdade, não se deixou tomar de desalento. Lembrava-se naturalmente da lição estupenda de Jesus, quando vítima da maior injustiça que manchou os tribunais da terra. Ocupou santamente o seu tempo, não só fazendo-se professor de primeiras letras e de catecismo, mas ainda dirigindo, de longe, seu fiel clero, e escrevendo magníficas cartas e trabalhos de fôlego.

* * *

Que repercussão teria sido a da condenação de Dom Antônio no seio da sua família? Não sabemos responder com documentos.

Temos apenas cópia da carta admiravel escrita pelo venerando progenitor de Dom Antônio ao filho preso. O venerando progenitor de Dom Antônio! Apesar da conformidade cristã que lhe comunicava a fé, deve ter sentido profundo abalo com a prisão e condenação do filho; nem é improvavel que sua morte, que se deu não muito depois desses acontecimentos, tenha sido apressada pelos golpes sofridos então. Leiamos um trecho de sua bela carta:

"Em tua carta passada te queixas que não te tenho escrito. Meu filho, eu tenho estado tão obtuso, tão bronco, tão não sei como, que não me ajuda o ânimo pegar em pena para escrever, só pensando na prisão de meu filho Bispo. É verdade que me repetes muito bem aquele grande texto *"Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma"*; porém, esta fraqueza da carne, ou, não sei se diga melhor, este direito que ela tem de doer-se quando a ferem, foi tão profundo e doloroso em Nosso Senhor, que o fez suar sangue!

... Quanto mais ao pobre de um pai, velho e acabado, assim vê seu filho conduzido e preso sem saber-se realmente o porquê! Bem sei, sei muito bem, que é grande glória padecer-se inocente e, não só padecer-se inocente, como padecer-se pela verdade das coisas, pela justiça, pelas leis de Deus e da Santa Igreja. Ao menos consola-me que eles jamais poderão dizer: O Bispo do Pará mentiu! E eles estão aí a sair com trinta mentiras a cada passo. Oh! prouvera ao Céu que estes judeus de nosso tempo tivessem uma luz da graça, que os fizesse dizer como aqueles outros judeus, que descendo do Calvário exclamavam batendo nos peitos: "Este era verdadeiramente o Filho de Deus!" — e que digam: — os Bispos tinham razão; nós é que erramos em perseguí-los: "Ergo erravimus." Não aquele terrivel — "ergo erravimus" dos condenados sem fruto e sem remédio; mas um "ergo erravimus" de proveitosa conversão e arrependimento. Assim o permita Deus em sua Misericórdia! Sabes qual é o rei dos consolos que me vem à mente?

— É lembrar-me que eles não serão tão brutais, tão cruéis, que não permitirão que meu Filho diga sua missa quotidiana em sua prisão. Oh! então, sim! a alma se me abre, o coração se me alarga vendo que meu filho tem diante de si a divina Hóstia Consagrada; e que todos os dias lhe poderá dizer com terna efusão: Senhor! Vós estais aquí por amor de mim, eu estou aquí por amor de Vós; lembrai-vos de vossa palavra — "et ego reficiam vos!" Esta pala-

vra "reficiam" é uma daquelas que custa achar-se no português, uma que exprima tão fortemente o que se quer dizer: Eu vos consolarei, eu vos fortalecerei, eu vos confortarei — "et ego reficiam vos". Oh! promessa divina do meu Senhor Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento."

* * *

Mesmo da sua prisão, o zeloso Pastor sente a necessidade de levantar a voz contra os difamadores do seu clero. Haja vista este

"Protesto

"O Globo", depois da "Reforma", dá claramente a entender que entre os corifeus das hordas semi-bárbaras que lançam no Pará o grito feroz de extermínio dos Portugueses há de o governo encontrar personagens eclesiásticas.

Em meu próprio nome e em nome de meu Clero, protesto contra tão infame calúnia.

Em minha prisão, na Ilha das Cobras, 7 de Outubro de 1874.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

Alem do Côn. Castilho, havia S. Excia. nomeado outros governadores para a Diocese. Refletindo, porém, na sua prisão, receou, talvez, que sucessivamente fossem todos encarcerados.

O certo é que, apesar da estima e confiança em que continuaram sempre os dignos sacerdotes, houve por bem Dom Antônio exonerá-los. Os distintos membros do clero que, alem do Côn. Castilho, Dom Macedo Costa havia nomeado governadores do Bispado eram o Côn. Dr. Guedelha Mourão e o Côn. Barroso de Bastos.

Em Dezembro de 1874, da sua prisão da Ilha das Cobras, manda uma Portaria, exonerando do cargo os dois últimos. Apressava-se porém, em escrever-lhes,

declarando que os dois distintos sacerdotes continuam a merecer-lhe inteira confiança, que assim procede para impedir que tambem eles sejam vítimas e fique assim privada a diocese dos bons serviços deles.

* * *

Mesmo preso, Dom Antônio conferiu ordens sacras a José Gonçalves Nogueira e ao Comendador Feliciano Dias Abreu.

* *

Faz notar o "Apóstolo", destemido paladino católico — que o ministério assentou em deportar os dois Bispos por conselho do marquês de S. Vicente e Nabuco de Araujo. Mas o Imperador não ousou fazê-lo.

* * *

Não confundamos, porém, a atitude santamente altiva de Dom Antônio com a insolência ou mesmo com a indisciplina dos rebeldes que se insurgem contra a autoridade legítima. O Bispo do Pará foi sempre acatador das ordens do governo civil na esfera em que ele era simples subdito e a ordem era justa. Ele recusou atender às ordens emanadas da autoridade civil quando esta exorbitou por completo e quis levar sua alçada muito alem das fronteiras. O terreno espiritual, que era o dos fatos em questão, é totalmente subordinado à autoridade eclesiástica.

Tampouco se cuide que o Bispo do Pará fosse menos brasileiro nessa questão do que qualquer dos mais dedicados patrícios.

Deixemo-lo falar: "Não, nós não somos inimigos do nosso país! Não, nós não somos rebeldes às leis e às autoridades civís de nossa pátria! Que se ponha numa augusta boca esta horrenda acusação; que os grandes corpos da nação o repitam — não importa; acima dos Reis, acima dos parlamentos, acima das nações, acima da humanidade inteira, acima de todas as inteligências criadas, criaveis e possiveis, está a Verdade.

Pois bem! em face desta Verdade, da Verdade viva, da Verdade eterna, imanente, da Verdade que é Deus, protesto e juro que não merecemos esta acusação. Juro-o com a mão sobre o meu peito de Bispo, olhando firme e sereno para os meus acusadores.

E, se não quiserem levar em conta este carater augusto de que me acho revestido, juro-o como homem de honra, como um cidadão que levanta, graças a Deus, a sua fronte no meio de uma sociedade em que tem vivido, sem que ninguem lhe lance em rosto uma indignidade. Não, não somos rebeldes às leis do nosso país. O conflito religioso que o abala, que o consterna, que o perturba, que abre diante dele voragens insondaveis, não é filho da nossa rebeldia, mas da injustiça do governo.

Somos subditos, não somos escravos; temos uma conciência, não podemos deixar violá-la. Eis aquí tudo. Se houver alguem que nos atire a pedra porque não obedecemos, *em tudo,* ao governo, apresente-se, queremos ver que fisionomia tem esse ignobil servilismo!

Somos Bispos! Cremos na Santa Igreja Católica de Roma. Cremos que ela é a verdadeira Igreja de Jesus Cristo e que nunca é lícito desobedecer-lhe.

Temos esta luz, esta certeza, esta crença firmíssima em nossas almas.

Para nós os Canones da Santa Igreja, as solenes decisões da Cadeira Apostólica e dos Concílios Ecumênicos, são regras sagradas da nossa fé e do nosso proceder.

.....

.....

A solução da questão religiosa se resume numa só palavra:

Liberdade! Dai liberdade à Igreja de Jesus Cristo...

Deixai-a tambem livre de regular-se segundo suas leis.

Oh! bemaventuradas cadeias que darão de si a liberdade da Igreja do Brasil! Bemaventuradas opressões e injustiças que estão despertando em tantas almas o fervor, que andava tão amortecido, das verdadeiras crenças católicas! O que parece um pôr de sol é uma aurora!

A cruz nua do Calvário está anunciando uma ressurreição! Esta crise dolorosa, que a muitos se afigura mortal, é a passagem para a vida!

A luz irá seu caminho para o futuro, para um futuro esplêndido e glorioso, apesar das trevas e desfalecimentos do presente. Ruja a tempestade embora; cerre-se a noite sobre este triste mundo, que parece querer voltar para o paganismo.

Os faróis estão acesos; a costa toda iluminada!

Quanto a mim, apesar de minhas cadeias, sinto-me feliz de viver, de viver para lutar e sofrer, de viver para dar um testemunho da fidelidade com que devemos servir à pátria da terra e à pátria do Céu.

Condenem-me os homens como um facínora e um rebelde. Quando, com a mão trêmula, eles tiverem lavrado e assinado a minha sentença, firme na minha conciência, certo de ter feito o meu dever, olharei tranquilo para o céu e direi: *Apelo para a Justiça de Deus!"*

* * *

A intrepidez de Dom Antônio, nessa grande luta, se explica pela certeza que ele tinha de estar com o soberano Pontífice. O próprio ministro dos Negócios Estrangeiros, o visconde de Caravelas, assim se expressa nas "Instruções" que deu ao Barão de Penedo: "Infelizmente a Curia Romana, a quem ele (Dom Vital) havia consultado, antes de conhecer o modo como encarava o governo Imperial a questão e longe de dar-lhe prudentes conselhos que o caso exigia e que de certo seriam ouvidos com respeito, virtualmente o animou e aos outros Prelados a persistirem no seu deploravel erro e na desobediência ainda mais deplo-

ravel com que provocam o poder temporal; recomendou-lhe que prosseguissem e lembrou-lhes novos atos opostos à constituição e às leis. Veja V. Excia. no *Diário do Rio de Janeiro,* de 11 de Julho de 1873, o Breve que Sua Santidade expediu diretamente ao referido Bispo de Pernambuco e que este Prelado apressou-se a publicar sem que primeiro obtivesse o *placet.* O Papa aprovou-lhe os atos e aconselhou que dissolvesse as irmandades, criando outras de sua própria autoridade. Não é dificil prever os extremos a que podem chegar os Bispos assim animados e aconselhados pelo Chefe da Igreja."

* *

O *"Univers"*, de Paris, de 5 de Outubro de 1874, publicou o artigo que aquí transcrevemos.

Admiremos a grandeza da fé de Dom Macedo Costa:

"Fomos obsequiados com a comunicação da carta seguinte, dirigida a um sacerdote francês por Mons. de Macedo, denodado Bispo do Pará:

"De minha prisão na ilha das Cobras, 8 de Agosto de 1874.

Meu caro amigo.

"Eu vos escrevo da minha prisão. — Já deveis ter conhecimento da minha condenação pelo Supremo Tribunal de Justiça deste país. Sim, está consumado! — Fui condenado a quatro anos de prisão com trabalhos forçados. A seita maçônica encontrou juizes para isto. Todo o Brasil católico estremece de indignação, mas a seita triunfa. Triunfo miseravel e aviltado, sem dúvida; mas contenta-se assim com ele. Cumpre esperar que esse triunfo será de pouca duração; a iniquidade passará como a água: *donec transeat iniquitas!* No entretanto, vou gozando de grande paz, de doce alegria. Quando me dizem: "Tende resignação!" respondo sempre: "Não sei o que seja; estou feliz, e isto não é melhor?" "Bondade de Deus, caro amigo, bondade de Deus! porque de mim mesmo não sou senão miséria. Em suma, a parte mais amarga do cálice Nosso Senhor é que bebeu; a nós, porém, só nos cabem algumas gotinhas, e isto é já bem bom. Bendigamos o amor infinito que nos trata com tanta bondade. Eu dizia sempre do fundo do coração esta oração admiravel da nossa sagrada liturgia. Ut partem aliquam et societatem donare digneris cum sanctis apostolis tuis, et martiribus... Pois bem, Deus Nosso Senhor me ouviu! Eu tambem estou carregado de gloriosas ignominias de nosso Mestre, com seus amigos mais fiéis. Ainda uma vez, bendigamos o Senhor!

"O governo do imperador não teve a coragem de executar a sentença do tribunal. A clemência perdoou-me os trabalhos e condenou-me a quatro anos de prisão simples. Estou desterrado em uma ilha da baía do Rio de Janeiro chamada a Ilha das Cobras (île des serpents).

"Que este nome vos não aterre, meu amigo; não está escrito no Psalmo: Super aspidem et brasiliscum ambulabis? Em suma, aquí não há senão soldados e galés. Estou no meio de balas e armstrongs. Posso dar alguns passos entre as muralhas da fortaleza.

"Habito uma pequena casa cuja sala principal está convertida em capela.

"Um general me vigia. Eis, em poucas palavras, a minha situação.

"A diocese vai bem; o meu clero mostra uma coragem admiravel; os interditos continuam. De todos os lados dirigem-se às Câmaras representações muito enérgicas. Estão cobertas já por mais de 40.000 assinaturas. A opinião cada vez mais se modifica no sentido católico, e esperamos uma vitória brilhante.

"Oh meu Deus! caro amigo, quanto é solene a hora presente! Felizes os que conservarem a fé, a esperança e o amor!... Quanto a mim, estou disposto a morrer antes que abandonar a Igreja. Padecerei tudo o que eles quiserem, mas ficarei unido a Pio IX, à Sé Apos-

tólica, e defenderei, até meu derradeiro suspiro, a liberdade da Igreja.

"Adeus, caro amigo, permití que eu vos abrace em espírito e com toda a efusão de coração.

"Todo vosso em Jeus Cristo.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

CAPÍTULO XXX

ADESÕES E APLAUSOS

A Pastoral do Primaz. — Manifestações de simpatia e carinho. — Petição dos paraenses. — Novas mensagens de conforto.

Queremos neste capítulo reunir as adesões, aplausos e mais atos de aprovação, expressos de diferentes maneiras, ao grande Prelado.

Comecemos pela Pastoral do Primaz do Brasil.

"Carta Pastoral

Dom Manuel Joaquim da Silveira, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo da Baía, Metropolitano e Primaz do Brasil, Conde de S. Salvador, do Conselho de Sua Majestade o Imperador, Comendador da Ordem de Cristo, etc.

A todo o Clero Secular e Regular, e mais Fiéis de Nossa Diocese, Graça e Paz da parte de Deus Padre, e da de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Filhos muito Amados.

Ainda não começava a cicatrizar a profunda chaga, que nos causara a prisão do ínclito Bispo de Olinda, e já de novo somos penetrado da mais dolorosa sensação.

O Exmo. e Revmo. Snr. Bispo do Pará, esse denodado defensor da Igreja de Deus, tambem foi arrancado à sua Diocese e conduzido à Côrte para ser encarcerado!

No Brasil, nesta terra abençoada, onde a Religião Católica é a Religião do Estado, triunfa a iniquidade, a ponto de serem encarcerados os Bispos só porque, circunscritos na esfera de suas atribuições, reconhecem o que pertence a Deus, como de Deus, e o que é de Cesar como de Cesar!

Crê-se porventura que os Bispos, traindo suas conciências, no que há de mais sagrado, sacrifiquem a causa de Deus a respeitos humanos? Isto nunca!... É-lhes inteiramente impossivel cometer tão horrivel sacrilégio.

O *"clama ne cesses"* e o *"non possumus"* ressoam de contínuo em seus lábios; e a nenhum, em tais emergências e nas ocasiões dos maiores tormentos, jamais faltou intrepidez e coragem para proferir alto e bom som o *Oportet obedire Deo magisquam hominibus.*

É por isso que, Filhos do meu coração, em virtude do Nosso carater episcopal, e como Primaz da Igreja Brasileira, posto que sem nenhum merecimento de nossa parte e só por insondaveis desígnios da Providência Divina, é por isso, dizemos, que não podemos deixar de ainda uma vez protestar com todas as forças de nossa alma contra o novo atentado e a injúria, que se acaba de irrogar à Santa Igreja Católica e a todo o Episcopado, na pessoa do Exmo. Revmo. Snr. Bispo do Pará. Sim, protestamos em nome do Vigário de Jesus Cristo, o Imortal Pio Nono, em nome de todo o Episcopado; e em nome do povo Brasileiro. Povo eminentemente católico, e que, com a maior amargura, lamenta que, nesta terra da Santa Cruz, seja a Religião tão atrozmente vilipendiada.

Filhos muito amados, é justamente nas ocasiões das maiores tribulações que nos devemos conformar com o espírito da Santa Igreja; não desesperemos, e pelo contrário confiemos na Providência Divina, que não permite tais provações, senão para que se fortifique mais a nossa Fé; e firmes, sem ceder um só passo, no que respeita à crença que nos legaram

nossos Pais, usemos da arma que nos aconselha a Santa Igreja, nossa Mãe carinhosa. Recorramos à oração, o mais forte escudo de que nos devemos circundar nos maiores combates. Elevemos o nosso pensamento ao Pai das Misericórdias, e com a maior humildade oremos pelos Exmos. Bispos encarcerados; peçamos-lhe que, pelos merecimentos de Jesus Cristo Nosso Senhor, Se digne conceder a esses dois intrépidos defensores da Santa Igreja os auxílios de sua graça, afim de que possam triunfar de seus inimigos, ainda que necessário seja expôr a própria vida em defesa da causa da Religião.

Assim, pois, a todas as pessoas que, ou nos templos, ou em suas casas, com verdadeira devoção, fizerem uma oração pelos Exmos. Revmos. Snrs. Bispos de Olinda e do Pará, pedindo a Deus Nosso Senhor lhes conceda os auxílios de sua graça, e os faça regressar ao seio de suas Dioceses, Concedemos quarenta dias de Indulgência por cada vez que recitarem. Outrossim, Ordenamos que os nossos Irmãos Sacerdotes, da presente data em diante, e enquanto não mandarmos o contrário, dêem nas Missas, quer cantadas, quer privadas, segundo a rúbrica, depois da oração — pró-Papa — a oração — *"pro constituto in carcere"* — *mutatis mutandis,* excetuando-se os dias de festa de primeira classe.

Os Revmos. Párocos leiam esta Nossa Carta Pastoral aos seus Paroquianos, à estação da Missa Conventual, e a registrem no livro do tombo de suas Freguesias. Dada nesta Cidade de S. Salvador da Baía, sob Nosso Sinal e Selo das Nossas Armas, em o dia de Pentecostes, 24 de Maio de 1874.

Logar † do Selo.

† *Arcebispo,* Conde de S. Salvador".

Na viagem de Dom Antônio para o Rio, rumo à sua prisão, recebeu belas homenagens de carinho.

— No porto de Recife esteve a bordo do "Merrimak" o Padre Dr. Francisco do Rego Maia, Secretário do Bispado de Olinda, para ler uma mensagem do Governador do Bispado — homenagem ao Bispo do Pará. A bela mensagem é firmada pelos membros da Curia.

— Da Baía chegam telegramas (18-V-874) noticiando a passagem de Dom Antônio por aquele porto. O acolhimento foi carinhoso e confortador. O próprio Arcebispo da Baía, apesar da idade avançada, foi abraçar o Bispo do Pará a bordo do vapor.

— A União Católica de Pernambuco envia tambem expressiva mensagem.

— Em Belem vão chegando os protestos de solidariedade com o Exmo. Bispo, provenientes do interior da diocese e de outros pontos.

— No Rio de Janeiro, a 1.º de Novembro (1874), solene romaria vai levar a Dom Antônio, na Ilha das Cobras, conforto e aplauso.

— As manifestações de pesar pela prisão e condenação de Dom Antônio são numerosas. Indivíduos e famílias, associações pias, corpos docentes e discentes de academias, ora em cartas, ora em mensagens — manifestaram seus sentimentos de pesar e admiração ao ínclito Prelado.

* * *

— Os bispos da Itália reunidos em Roma — junto ao túmulo de Santo Apolinário — dirigem bela carta de conforto a quatro bispos que então sofriam a perseguição: o de Posen, o de Colônia, o de Olinda e o de Belem.

— O capelão da Ilha de Fernando Noronha envia confortadora mensagem a Dom Antônio.

— O Arcediago José Gregório Coelho, Vigário Geral do Baixo Amazonas, escreve longa carta ao Vigário Geral de Belem, protestando solidariedade com seu Bispo Dom Antônio.

— O Deputado Ferreira Viana é portador de numerosas representações contra o governo, pela maneira pela qual são tratados os Bispos.

Mais de 70.000 pessoas, especialmente do Pará e de Minas — diz o destemeroso deputado — reclamam, cheias de inquietação, contra as violências do governo: "É o grito da conciência desolada, é a lamentação de uma família imensa que vem junto à câmara dos Snrs. Deputados chorar a mágoa dos seus ministros, dos seus diretores espirituais, presos e maltratados."

— O Deputado Diogo de Vasconcelos levou à Câmara a representação de dez mil assinaturas contra o governo que condenava os bispos.

— O clero de S. Paulo envia (Agosto de 1874) desassombrada mensagem aos heróicos Bispos.

— A 2 de Março de 1875 é enviada ao Imperador uma petição assinada por 5.353 pessoas: pede-se a restituição de Dom Macedo Costa à sua Diocese.

— Novos pedidos, no mesmo sentido, são enviados a D. Pedro II das seguintes paróquias do Pará: Santarem, Mojú, Cametá, S. Domingos do Capim, Conde, Bragança, Bujarú, Mazagão, Tocantins, Vizeu, Cairarí, Vigia, Macapá, Igarapé-mirí, Breves, Abaeté, Curralinho, Acará, Ourem, Mosqueiro, Portel, Oeiras, Barcarena, Irituia, Aveiros, Cintra, Muaná, Itatuba, Faro, S. Miguel do Guamá. (Só mencionamos as que envieram petições diretas).

— Longa carta muito honrosa e confortadora é a que Dom Antônio recebeu de vários sacerdotes da Suiça. Vem com a data: Steinerberg, 15 de Setembro de 1874.

— O Conselheiro Mota Albuquerque entregou ao Imperador uma petição assinada por 6.000 católicos do Pará.

— Minas enviou uma petição assinada por 50.448 católicos.

— Na Baía, a "Crônica Religiosa" começou a publicar uma lista de Senhoras distintas que pediam tambem a liberdade do Bispo do Pará.

— Os católicos do Pará enviam à Assembléia Geral Legislativa uma calorosa *Petição*. Vamos transcrevê-la, precedendo-a de umas linhas de introdução

que foram publicadas na "Era Nova": São várias as queixas formuladas na *Petição*.

"AOS CATÓLICOS — O país assiste consternado ao espetáculo selvagem da prisão e condenação de dois Bispos, por tantos títulos distintos!

Cruzaremos os braços diante de tantas injustiças?

Deixaremos que se arranque com mão temerária a fé do coração do povo?

Consentiremos que tamanhos atentados passem sem protestos num país católico?

Não, isso nunca.

Em face, pois, da perseguição religiosa que convem fazer?

Usar dos meios legais, que a Constituição do império confere para a defesa de nossos direitos de cidadão.

Temos o direito de petição e de queixa, e não só semelhante direito está consagrado na Constituição como é ele inerente a toda sociedade bem organizada. Todo cidadão tem direito de solicitar dos altos poderes do Estado remédio para os males que os afligem.

Eis porque os Católicos do Pará resolveram enviar a seguinte petição à Assembléia Geral Legislativa:

"Augustos e Digníssimos Senhores Representantes da Nação!

"Os abaixo assinados, cidadãos católicos, pertencentes à província do Pará, por si e por suas famílias, vêm respeitosamente perante esta Augusta Câmara queixar-se do ministério que está governando o país.

"Os abaixo assinados não precisam historiar a luta religiosa, que há um ano aflige esta província, alimentada pelos atos do atual ministério, que, exorbitando da esfera legítima de suas atribuições, pretendeu levantar penas canônicas, impostas pelo legítimo Pastor desta diocese.

"A intervenção indébita do ministério em negócios puramente espirituais constitue um atentado contra a Religião dos abaixo assinados, que é solenemente consagrada no art. 5.º do nosso pacto fundamental.

"Esta Augusta Câmara não ignora que funestíssimas serão as consequências desta luta religiosa.

"Para tornar patente a violência da perseguição contra a Igreja Católica Romana, lembram tão somente os abaixo assinados os seguintes fatos:

"1.º Por ordem do ministério foi o preclaro e virtuoso Bispo desta diocese processado, pronunciado, preso e violentamente arrancado do meio de seu rebanho.

"2.º A perseguição protegida pelo governo estendeu-se aos membros do clero. O Revmo. Padre José Felix da Cruz Dácia foi pronunciado no art. 96 do Código Criminal, por mandar apagar o gás e fechar as portas da Igreja de Santo Antônio, com o fim de evitar que uma confraria suspensa pelo Bispo diocesano cometesse irreverências dentro da referida Igreja! Este sacerdote esteve preso dois meses até que a Relação do distrito julgou nulo e sem procedência o processo.

"3.º O Revmo. Vigário de Vigia, Dr. Mâncio Caetano Ribeiro, achava-se sofrendo uma perseguição inaudita em nosso país por motivos de Religião.

"Acha-se pronunciado por ter transferido a festa do orago da freguesia por ordem do Exmo. Diocesano em razão da horrivel epidemia, que então desolava aquela cidade. Foi tambem pronunciado pelo Juiz de Direito da Comarca por não ter celebrado a Missa do Espírito Santo para os eleitores da paróquia às 10 horas da manhã e sim às 8!!

"Nunca magistrados civís ousariam arvorar-se em fiscais do culto doméstico da Igreja, se não contassem com o apoio do governo, e não estivessem previamente autorizados pelos atos do ministério.

"À vista desses fatos públicos e notórios, Augustos e Digníssimos Senhores Representantes da Nação, claro está que os atuais ministros estão abertamente maquinando contra a Religião Católica Apostólica Romana, adotada pela Constituição do Império.

"E, certos os abaixo assinados do patriotismo desta Augusta Câmara, esperam pronto e eficaz remédio aos males, que os afligem, e um paradeiro aos excessos do ministério, que parece ter em mira a destruição da Religião Católica, que é a da grande maioria da nação.

"Os atos do ministério contra a liberdade dos Bispos e Sacerdotes católicos perturbam a tranquilidade de nossas famílias e agitam a sociedade brasileira.

"Portanto, os abaixo assinados, confiados na sabedoria dos legisladores brasileiros, contam com a cessação desta situação anômala, angustiosa e cheia de perigos para as instituições pátrias.

Nestes termos.

P. Deferimento".

(Seguem-se as assinaturas).

* * *

Continuemos a mencionar os atos de adesão e solidariedade.

— O Arcebispo da Baía dirige uma Circular aos Bispos sobre a perseguição religiosa do Brasil e lhes aconselha a resistência passiva.

— D. João Antônio dos Santos, Bispo de Diamantina, escreveu vibrante Pastoral a propósito da condenação dos Bispos (Maio de 1874).

— D. Viçoso, Bispo de Mariana, manifestou-se com energa; era, porém, tão venerado o santo velho que nada ousaram fazer contra ele.

— O Bispo de Goiás, D. Joaquim, enviou ao Imperador longa representação contra o processo do Bispo de Olinda. Escreve a Dom Antônio uma carta toda de conforto. (Fôra Vigário Geral de Dom Antônio).

— O Bispo de Nimes, Mons. Henrique Pleutier, congratula-se com Dom Antônio pela cruz que soube

merecer. Assim tambem lhe escreveu o Arcebispo de Auch e o Bispo de Poitiers.

— Discursos brilhantíssimos se fazem ouvir no Parlamento em defesa da Igreja, durante a *questão religiosa*. Hajam vista os do deputado Tarquínio de Souza Amaranto, Ferreira Viana, Diogo de Vasconcelos, Duque Estrada Teixeira, Leandro Bezerra.

CAPÍTULO XXXI

ASSEMBLÉIA GERAL DO CLERO DO PARÁ

Gratidão aos defensores. — Mensagem a Pio IX. — D. Antônio se congratula com seu clero pelo Breve. — Resumo do Breve. — Os católicos paraenses ao Imperador.

O clero paraense unido, solidário com seu Pastor, reuniu-se em Assembléia Geral para tratar de vários interesses da Diocese. Nessa ocasião, redigiu vários documentos importantes, alguns dos quais vamos transcrever. Primeiramente vejamos uma demonstração de reconhecimento para com os Parlamentares.

"Assembléia Geral do Clero Paraense no Paço Episcopal de Belem, aos 4 de Novembro de 1874.

Aos ilustres Parlamentares, Defensores da causa católica.

Quando começou a agitar-se no Brasil a questão religiosa, pelo zelo dos dignos Bispos contra as provocações do maçonismo, que do norte ao sul do Império se coligou por uma imprensa hedionda, para ousadamente ludibriar da religião nos seus mais Augustos Mistérios, e, negando obediência às leis de Deus e da Igreja, insultar os seus ministros, tememos pelo grande escândalo, com que esta questão, ao capricho da ignorância açulada pelo Poder, abalaria profundamente toda a sociedade.

Previámos, entretanto, que, levada ao recinto do Parlamento, poderia achar mais abrigo contra os botes

da ignorância, e ser mais convenientemente tratada com recato, com dignidade e com calma. Não obstante o indiferentismo religioso, que é o grande mal das modernas sociedades, contavamos com o zelo e com a perícia de muitos Representantes da Nação na defesa da Religião e da Igreja. Não foram iludidas as nossas esperanças.

Vimos com efeito e admiramos o denodo e a sabedoria, com que V. V. Excias., elucidando todas as grandes questões, opuseram com indestrutivel vigor de raciocínio forte barreira às incursões dos erros, que ousaram sinistramente ecoar no recinto augusto das leis. V. V. Excias., com o prestígio da eloquente polêmica, fizeram calar a verdade nos ânimos dos mesmos adversários, e levantaram esta admiravel torrente de idéias generosas que, por todos os pontos do Império, tão fielmente sustentam a conciência Católica, e diligentemente a premunem contra as insídias do erro e as tentativas da impiedade.

Bendito seja Deus! A Religião e a Igreja acharam em V. V. Excias. propugnadores decididos, que com o triunfo da verdade bem mereceram da pátria, pela causa da civilização, desafrontando-a tão abatida pelo predomínio da seita, a quem parece estar exclusivamente entregue o destino do Império.

Por todos estes atos de grandeza e de verdadeiro heroismo com que salvaram a dignidade Nacional, o Clero do Pará se acha colocado na obrigação de trazer à presença de V. V. Excias. a expressão do seu vivo reconhecimento.

É uma dívida sagrada que ele nunca poderá pagar e por isso mesmo sempre o terá cativo, como agora solenemente o confessam em nome da Religião e da Pátria agradecidas.

Com estes sentimentos nos subscrevemos de V. V. Excias. — fiéis servos e admiradores.

Ilmos. e Exmos. Snrs. Senadores Zacarias de Góis e Vasconcelos, Silveira Lobo, C. Mendes de Almeida, Jerônimo Martiniano Figueira de Melo, Firmino Ro-

drigues Silva, Barão de Pirapama e deputados Antônio Ferreira Viana, Paulino José Soares de Souza, Tarquínio de Souza Amaranto, Leandro Monteiro Bezerra, Raimundo de Araujo Lima, Duque Estrada Teixeira, Diogo de Vasconcelos, João Mendes de Almeida, Carlos Peixoto e outros senadores e deputados católicos".

(Seguem-se as assinaturas do Clero).

* * *

Passemos agora a ler uma bela mensagem ao imortal Pontífice Pio IX:

"Mensagem ao Santíssimo Padre Pio IX

Santíssimo Padre.

Os abaixo assinados, sacerdotes da diocese do Grão-Pará, reunidos em assembléia geral, por si e por seus colegas ausentes, vêm depositar aos pés do augusto prisioneiro do Vaticano a homenagem de sua admiração, amor invencivel e inteira submissão.

Nada nos é mais consolador do que derramar no coração do Pai da Cristandade as nossas mágoas e acerbos sofrimentos.

A seita maçônica, tantas vezes anatematizada por Vossa Santidade e por seus veneraveis antecessores, levantou-se aquí, como por toda parte, para perseguir a Igreja de Deus, banhada com o sangue adoravel de Nosso Divino Salvador, e edificada sobre o rochedo indestrutivel da verdade, embora açoitada por numerosas heresias e duras perseguições durante 18 séculos.

O virus maçônico propagou-se de tal sorte em nosso querido país, bafejado desde o berço pela fé romana, chamado por nossos pais Império da Santa Cruz, que pias confrarias, destinadas, em sua primitiva instituição, para manter o culto, abrigaram, em seu seio, sectários de uma seita ímpia, que não só negavam muitos dogmas cristãos, como ousavam atacar com extraordinária sanha a autoridade do Bispo posto pelo Espírito Santo para governar esta igreja.

Em face de audaciosas provocações e desprezadas caridosas e reiteradas admoestações da autoridade eclesiástica, viu-se o atual Bispo diocesano na dolorosa necessidade de castigar a rebeldia dessas irmandades, que se tornaram conventículos da heresia e da desordem.

Com o apoio do clero e docilidade dos fiéis estariam essas confrarias restituidas ao seu primitivo fervor, se sua rebeldia não fosse protegida senão açulada pelo governo, que, alem de lançar mãos violentas sobre o ungido do Senhor, usurpou a jurisdição eclesiástica, esquecido daquela memoravel palavra de S. João Damasceno: "Ne tentes, Imperator, ecclesiasticum satum dissolvere. Ait enim Apostolus: Quosdam quidem posuit Deus in Ecclesia Apostolos, quosdam autem Prophetas, alios vero Evangelistas, alios autem Pastores et Doctores: non autem dixit Reges."

Com o prestígio do poder ateou-se a perseguição, e já um sacerdote teve a insigne honra de ter sido encarcerado por amor de Cristo, nosso Redentor, e outros estão sob a pressão de processos e terriveis ameaças.

Sob o peso de tantos males, que outra coisa podíamos fazer senão levantar os olhos ao Céu, e pedir a paz e a liberdade à Virgem Maria, o auxílio dos cristãos?

Em uma solene romaria ao Santuário de Nazaré, onde o nosso povo venera com extraordinária devoção uma imagem da Mãe de Deus, fomos todos com os fiéis desta cidade implorar da munificência divina pela intercessão de Maria Santíssima a pronta libertação de nosso muito amado Pastor.

Santíssimo Padre, nossos sofrimentos atuais não nos fazem esquecer os vossos, ao contrário os tornam mais vivos em nossos corações, pois sabemos que a perseguição entre nós é um corolário da que na Itália traz cativo o Vigário de Jesus Cristo, o Oráculo in-

falivel dos católicos, aquele que se assenta na cadeira de Pedro, donde partem os raios luminosos da verdadeira fé a espancar as trevas do erro e vivificar as almas redimidas pelo Senhor Jesus espalhadas por todo o mundo.

Prostrados vos pedimos a benção apostólica, para continuarmos a orar pela paz da Igreja e a sofrer pela defesa dos sacrossantos direitos da Santa Sé, centro do Catolicismo.

Assembléia Geral do Clero Paraense em Belem, 3 de Novembro de 1874.

De Vossa Santidade,

Filhos aditissimos

Cônego Sebastião Borges de Castilho, vigário geral e governador do bispado.
Cônego João Tolentino Guedelha Mourão, reitor do seminário maior.
Cônego Luís Barroso de Bastos.
Arcediago José Gregório Coelho, vigário geral do Baixo Amazonas.
Cônego José Pinto Marques, reitor do seminário menor.
Cônego Eugênio Antônio de Oliveira Pantoja.
Cônego Clementino José Pinheiro.
Cônego Lázaro Pinto Moreira Lessa.
Cônego Bernardino Henriques Diniz.
Cônego Jerônimo José Fernandes Pinheiro.
Cônego Luís Martinho de Azevedo Couto, cura da Sé.
Padre João Monteiro da Cunha, vigário da freguesia da Santíssima Trindade.
Padre João Simplício das Neves Pinto de Souza, vigário de Nazaré.
Vigário José Serapião Pinheiro.
Padre Joaquim Gomes da Rocha.
Padre Militão Manço Manito, vigário de Barcarena.
Vigário Miguel Tavares Bastos.

Vigário Manuel Antônio Raiol.
Vigário Fr. João de Santa Cruz.
Vigário Marcelo Alves de Menezes.
Vigário José Joaquim de Castilho.
Vigário Manuel José Sanches de Brito.
Vigário Francisco Manuel Pimentel.
Vigário Francisco Delgado Leão.
Vigário José Raimundo Bittencourt.
Padre José Henrique Feliz da Cruz Dácia.
Vigário Eugênio José de Oliveira Pantoja.
Padre Julião Joaquim de Abreu.
Padre José Pinheiro Lobo.
Padre Hermenegildo Domiciano Cardoso Perdigão.
Padre João Filipe de Souza Tavares.
Padre Raimundo Amâncio de Miranda, professor.
Padre João Rodrigues de Assunção, professor.
Vigário José Nicolino de Souza.
Vigário Dr. Mâncio Caetano Ribeiro.
Vigário Antônio Théves".

* * *

O Santo Padre dirige então um Breve confortador ao clero paraense. Dom Antônio, que o recebeu, se congratula com seu clero.

O ilustre Bispo do Pará, transmitindo o Breve do Santíssimo Padre Pio IX, louvando e animando o clero paraense nos combates contra a impiedade, quis associar-se à alegria de seus filhos e escreveu a carta, que transcrevemos aquí:

"Ilha das Cobras (minha prisão), 9 de Abril de 1875.

Meu Revmo. amigo Snr. Vigário Geral. — Doulhe os meus parabens, e ao Cabido e ao clero e a toda a diocese do Pará pela carta magnífica com que os anima no meio das tribulações o nosso santo e glorioso Pontífice Pio IX.

O clero do Pará não podia ter neste mundo mais doce e preciosa recompensa do zelo, constância e cora-

gem admiraveis, em que tem permanecido fiel aos seus deveres na presente conjuntura. Esta palavra e esta benção do Vigário de Jesus Cristo devem encher a todos de alegria e conforto. Quanto a mim, não podia ter glória maior de que ver o meu clero receber tamanho favor e honra do grande e imortal Pio IX.

Mande consignar, Snr. Vigário Geral, estas letras apostólicas nos arquivos do Cabido e da diocese, e expeça uma cópia delas, impressa, a todos os Sacerdotes do Pará e Amazonas.

Receba meus afetuosos cumprimentos.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

Tratemos agora de conhecer o conteudo desse honroso documento.

O resumo do magnífico Breve do imortal Pio IX é este:

1.º Chefe da Cristandade, tendo a solicitude de todas as Igrejas, sente os males de todos, porque vê quasi por toda parte a guerra feita pelos ímpios à Religião.

2.º Declara ainda uma vez o Sumo Pontífice que a seita maçônica é infensíssima inimiga da fé católica, é filha de Satanaz e, tendo assoberbado os governos, é a causa da perdição das almas e da horrivel perseguição que sofremos.

3.º Pio IX alegra-se com a firmeza de seus amados Filhos, assegura-nos a vitória da fé, louva o clero paraense por seu zelo na defesa dos direitos da Igreja, exorta-o a ficar firme no seu posto de honra e aconselha a oração por intercessão da Imaculada Mãe de Deus.

4.º O Pastor universal declara que a maçonaria reune em si a malícia de todas as seitas antigas, não podendo haver ordem, paz e tranquilidade, enquanto ela subsistir no mundo e dominar os governos.

5.º Precisamos do auxílio sobrenatural para vencer esta malvada seita, compêndio de todos os erros,

heresias e impiedades, a qual será aniquilada pela Santíssima Virgem, a Imaculada Maria, Mãe de Deus.

Em face desta ligeira análise, compreendem os católicos a importância desse documento Pontifício, que é a confirmação dos Breves endereçados aos preclaros e virtuosos Bispos do Pará e Olinda.

Eis a melhor recompensa, que podia obter o clero paraense, de seus trabalhos e zelo em favor da verdade católica.

* * *

Entretanto se prolongava a inquietadora situação. Os paraenses privados do seu chefe espiritual viam passar os dias dolorosos da orfandade que se tornava mais e mais sensivel. Não conviria um apelo respeitoso?

Os católicos do Pará deliberam apelar para o Imperador para conseguirem a restituição do seu Pastor.

Os católicos paraenses, amantes da ordem, querem uma solução pacífica da questão religiosa, que traz o Brasil em doloroso sobressalto.

Já uma petição foi dirigida à assembléia geral, sendo um grito da conciência católica oprimida contra os atos do atual ministério; agora outra será endereçada ao monarca brasileiro, pedindo a pronta restituição do sábio e virtuoso Bispo desta diocese Dom Antônio de Macedo Costa.

A mais alta prerrogativa da corôa é corrigir os erros dos outros poderes, é manter a justiça, quando porventura tenha sido ofendida.

A questão religiosa não terá solução enquanto o governo conservar no cárcere os Bispos, antes o mal aumentará, e tomará proporções assustadoras.

Em bem da própria autoridade civil, que se descalabra, em bem da prosperidade do país, que diminue, conviria que Sua Majestade o Imperador interviesse no grande pleito e deixasse os Bispos voltarem às suas dioceses, privadas das luzes e direção de seus Pastores.

"Isto que pedimos ao primeiro magistrado da nação, alguns chamarão — perdão, nós não lhe daremos este nome, pois que os Bispos nenhum crime praticaram; e nesta hipótese a intervenção da corôa não será para perdoar, mas para corrigir um erro, para restituir a inocentes a liberdade de que foram privados.

"O direito de petição é um direito sagrado, direito garantido pela Constituição política, que se inspirou nos ditames da sã razão e nos costumes públicos de todos os povos civilizados.

"A petição é um meio pacífico de manifestarmos nossas convicções ao Monarca, esclarecê-lo e encaminhá-lo em ordem a resolver o problema religioso tão complexo e carregado de espêssas nuvens, que já escurecem os horizontes da Pátria.

"Assinando esta petição, diremos ao Imperador e ao país que Dom Antônio de Macedo Costa é estremecidamente amado pelo seu rebanho, que sua prisão causou-nos acerba dôr, e dela resultarão funestos resultados e a diminuição da fé católica, a mais sólida garantia do sossego público.

"Ficará assim assentado o pensamento desta província em face da lamentavel questão levantada no país pelos excessos da maçonaria e imprudência do governo.

"É a diocese inteira que se levanta, dizendo ao Monarca brasileiro: Dai-nos o nosso Bispo, nós o amamos, nós precisamos de suas luzes, queremos vê-lo restituido ao seu povo.

"Chegando aos pés do trono o clamor de tantos católicos, impossivel que Sua Majestade o Imperador não ponha termo ao sofrimento da Igreja paraense.

"O nosso ínclito Bispo está sereno, tranquilo, resignado em sua prisão; inquietos e aflitos estamos nós, pelo estado anormal, criado pela violência praticada contra os Bispos.

"A petição poderá ser assinada por homens e mulheres, e é do teor seguinte:

"Senhor!

"Os abaixo assinados, residentes na diocese do Grão-Pará, vêm respeitosamente ante o trono de Vossa Majestade Imperial pedir a restituição de seu amado Pastor, Dom Antônio de Macedo Costa.

"Senhor!

"Os abaixo assinados não podem ocultar a dôr acerba que lhes punge a alma, vendo encarcerado tão preclaro Bispo; e Vossa Majestade melhor aquilatará em sua sabedoria os funestos resultados de tão dolorosa situação, que tende a diminuir a fé católica, a melhor garantia do sossego público.

"Senhor!

"Os abaixo assinados esperam do coração magnânimo de Vossa Majestade pronto e favoravel deferimento."

(Seguem-se as assinaturas).

CAPÍTULO XXXII

A ANISTIA

O novo gabinete. — A evolução em Belem. — Regosijo popular. — "O Apóstolo" noticiando os acontecimentos. — O Decreto n.º 5.993.

O infeliz gabinete "7 de Março" chefiado pelo grão-mestre da Maçonaria — o visconde do Rio Branco — não se pôde mais sustentar.

O novo gabinete de 25 de Junho de 1875 ficou assim constituido:

Presidente — Duque de Caxias; Império — José Bento da Cunha Figueiredo; Justiça — Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque; Estrangeiros — Barão de Cotegipe; Fazenda — Barão de Cotegipe; Marinha — Luís Antônio Pereira Franco; Guerra — Duque de Caxias; Agricultura — Tomás José Coelho de Almeida.

O Barão de Cotegipe era a alma desse gabinete. Ele logo bradou contra a desastrada prisão dos Bispos: "A prisão dos Bispos" — exclamava ele — "e sua condenação a trabalhos é uma coisa que faz estremecer a fibra, já não digo dos católicos, mas de qualquer pessoa que tenha um pouco de sensibilidade moral."

O ministro da Justiça chamava a atenção da Câmara para as anomalias que se davam no Pará, que continuava a obedecer a seu bispo preso e não reconhecia nomeações de outra autoridade em matéria eclesiástica.

O Duque de Caxias fazia questão fechada de serem os Bispos anistiados. O Imperador relutava ainda. Constou até que desatendeu à súplica da filha D. Isabel, que temia pela sua *delivrance*. Mas a situação se tornava insustentavel: o regalismo se sentia mal. A contragosto, D. Pedro II devia recuar. Pelo Brasil todo se via a necessidade de se pôr termo a um estado de coisas que o povo repelia. Chegavam ao trono imperial pedidos e mais pedidos solicitando a restituição dos Prelados às respetivas dioceses. O Conselheiro Silveira Lobo, senador do Império, apresentou a Sua Majestade um pedido com cincoenta mil assinaturas da Província de Minas. Os Bispos de Mariana e Diamantina iam ter a mesma sorte dos seus ilustres colegas de Olinda e Pará; mas a atitude dos católicos mineiros — diz "A Regeneração" — impediu que o governo mandasse instaurar processo contra eles.

. . . . . .

. . . . . .

A 17 de Setembro de 1875 foi assinado o Decreto da Anistia... O jubilo explodiu em todo o Brasil, sacudindo o peso esmagador das conciências calcadas pela condenação dos Bispos. Os hinos de ação de graças reboaram nos templos católicos. Jubilo incontido alvoroçou a alma católica do povo.

Dom Vital seguiu para a Europa; Dom Antônio seguiu para a Baia, afim de assistir a seu venerando pai nos últimos momentos.

* * *

Vamos expor mais circunstanciadamente o fato importantíssimo da anistia. A evolução do governo era forte. Os tempos se vão mudando.

Parece que a justiça vai sendo reconduzida ao seu lugar, à medida que o ano de 1875 se vai aproximando do seu termo. Em Setembro, uma surpresa agradavel alvoroçou os ânimos, que tantas injustiças vinham sofrendo.

O Dr. Samuel Wallace Mac-Dowell era o defensor brilhantíssimo e destemeroso da Igreja, e seu jornal "A Regeneração" um baluarte contra a maçonaria. O Dr. José de Araujo Roso Danin, redator do "O Liberal do Pará", folha anti-católica, representava o racionalismo maçônico.

O artigo do Snr. Martinho Nina Ribeiro foi um mero pretexto. O Dr. Danin fez a queixa contra o redator e proprietário da "A Regeneração", apesar de ter sido o artigo assinado pelo seu autor com a competente responsabilidade legal. Entretanto, não tardou a iníqua sentença do juiz Dr. José Quintino de Castro Leão. Dados os precedentes, dada a condenação do Côn. Castilho, sacerdote corretíssimo, por ter obedecido ao seu Bispo, esperava-se a condenação do intrépido advogado tambem no Tribunal da Relação. Apesar de não muito simpático à causa dos católicos, o Dr. João Florentino Meira de Vasconcelos agiu com toda a justiça. O redator da "A Regeneração" foi absolvido, com grande desapontamento da maçonaria e muito jubilo dos bons católicos. Na noite de 7 de Setembro, houve significativa festa de regosijo no Seminário do Carmo, com entusiásticas saudações ao homenageado Dr. Mac-Dowell.

A 15 de Setembro o telégrafo transmitia aos católicos de Belem esta notícia: "Zacarias interpelou governo. Resposta favoravel."

Pelos jornais católicos começaram a aparecer notícias alviçareiras.

Finalmente, a 17 de Setembro, a consoladora notícia da anistia dos Bispos pôs em santo alvoroço a alma católica paraense.

Leiamos "A Regeneração", de 19 de Setembro:

"Anistia dos Bispos e governadores de Bispado
(Da "A Regeneração")

Um grande acontecimento nacional, há muito almejado por todos os brasileiros, pôs anteontem em movimento a população desta cidade, que porfiava em dar a melhor expansão possivel ao seu justo entusiasmo.

Seriam 7,30 horas da noite, quando chegou da côrte um telegrama anunciando a anistia absoluta dada por S. M. o Imperador aos ínclitos prisioneiros, os Revmos. Bispos do Pará e Pernambuco, e aos dignos governadores destes bispados, tambem encarcerados por amor da fé católica.

Diz o telegrama que fôra unânime o glorioso gabinete 25 de Junho na aceitação de tão sábia e patriótica medida política.

Imediatamente e como por encanto, um grande número de cidadãos, acompanhando a banda de música da sociedade de Santa Cecília, percorreu as ruas da cidade e foi ao quartel do corpo de polícia felicitar o venerando governador do bispado, Cônego Sebastião Borges de Castilho, reunindo-se depois a banda de música do seminário menor de N. S. do Carmo, cujos alunos vinham incorporados, em companhia de seus dignos professores; e daí, com grande acompanhamento de povo, estando à frente, entre outros cavalheiros distintos, os nossos amigos Cônegos Dr. Mourão, Pinto Marques e o Dr. Mac-Dowell, seguiram todos, depois de levantarem vivas entusiásticos defronte do palácio episcopal, para o sobredito quartel onde está preso o Revmo. Cônego Castilho, que foi mais uma vez saudado com todo o entusiasmo por

vivas aclamações ao som da música, sendo as mais frequentes: Á Religião Católica Apostólica Romana; ao imortal Pontífice Pio IX; á Nação Brasileira; a S. M. o Imperador e à Augusta Família Imperial; a Sua Alteza a Princesa Imperial; aos ínclitos confessores da fé os Exmos. Snrs. Bispos do Pará e de Olinda; aos heróicos governadores desses bispados, tambem encarcerados por amor da religião; ao clero fiel das duas dioceses; ao corpo capitular da Sé do Pará; ao patriótico gabinete 25 de Junho; à associação católica e seu digno presidente; ao advogado do clero do Pará; em suma, ao católico povo paraense e outros muitos, de que seria longo fazer menção.

Iluminou-se o paço episcopal, o seminário e diversas casas particulares, e de todos os modos manifestou o povo indescritivel contentamento com aquela serenidade e ordem, que caracteriza as demonstrações católicas.

Nenhum dito picante, nenhuma expressão acintosa mareou esse regosijo público; porque os católicos têm apenas compaixão, mas não ódio, dos infelizes transviados.

Póde-se dizer que este fato é a verdadeira aurora da regeneração, que desponta no Império do Cruzeiro, e o Gabinete 25 de Junho, à testa do qual está o invicto Duque de Caxias, uma das maiores glórias militares da pátria, e que conta na pasta do império um caracter nobilíssimo, qual o Snr. Conselheiro Cunha Figueiredo, tornou-se credor da gratidão de todos os católicos brasileiros, o que equivale a dizer-se que deve contar com o apoio nacional.

Observando as tradições políticas, segundo as quais, diz o jurisconsulto Ulpiano, a anistia era concedida pelos imperadores romanos por ocasião de algum sucesso importante ou dum acontecimento feliz para a família imperial, quís o nosso Augusto Monarca concedê-la aos Bispos e governadores de Bispado prisioneiros, no dia 16 do corrente, aniversário do Sereníssimo Príncipe D. Luís, seu amado neto.

Era por certo esse o único meio digno de terminar o lamentavel conflito entre o Estado e a Igreja, que punha em contínuo sobressalto as conciências de tantos milhões de suditos católicos deste vasto império.

O perdão imperial, de que ao princípio se falou, deixando subsistir o crime, não lavaria a mácula da injustiça que deve desvanecer-se totalmente para honra de nossa cara pátria; só a anistia, esse meio político extraordinário, que equivale a uma suspensão da execução da lei, apagando o crime imputado desde sua origem, podia com efeito reparar o desastrado mal, que o ominoso ministério 7 de Março legou ao seu sucessor, e essa anistia devera ser absoluta e não condicional, como certamente o foi geral e não limitada, como deve ser compreendida, pois estende-se a todos os clérigos processados por dependências ou consequências da questão religiosa, visto estarem em condições de verdadeiros cumplices, aos quais ela deve aproveitar; porquanto é corrente entre os publicistas e criminalistas que, apagando a mesma toda a criminalidade do fato, nenhum processo póde mais deste originar-se.

Honra, pois, ao Gabinete Duque de Caxias, ao qual desde já hipotecamos nosso apoio de gratidão.

Concluindo, congratulamo-nos com todo o clero e povo paraense e exclamamos do fundo do coração:

Viva S. S. o Pontífice Romano!

Viva S. M. o Imperador e a sua Augusta Família!

Viva a Nação Brasileira!

Viva S. Alteza a Princesa Imperial!

Vivam os ínclitos Bispos do Pará e Olinda e seus dignos delegados, confessores da fé!

Viva o glorioso Ministério 25 de Junho!"

* * *

As manifestações de regosijo continuaram. Cantou-se solene Te Deum.

Umas três mil pessoas em passeata, ao som de quatro corporações musicais, ovacionavam os heróicos Bispos, o Gabinete 25 de Junho, etc.

Repiques de sinos, luminarias...

A passeata parou em frente ao Seminário do Carmo, diante da residência do Snr. Carlos Seidl, do Côn. Dr. Bentes, do Palácio Episcopal, da tipografia da "A Regeneração", do "Diário de Belem"... Só à meia noite se dissolveu a passeata.

* * *

Pouco depois o Tribunal da Relação dava liberdade ao Venerando Côn. Castilho.

Outros processos foram igualmente reduzidos a "perpétuo silêncio".

Mais alguns pormenores do "O Apóstolo" do Rio:

"Os heróicos Bispos de Olinda e Pará.

Ontem foram postos em liberdade os ilustres Bispos de Olinda e do Pará.

S. Excia. o S. D. Fr. Vital dirigiu-se da Fortaleza de S. João à Ilha das Cobras, onde foi recebido pelo digno comandante da Fortaleza e numerosas senhoras, oficiais de marinha e cavalheiros que alí se achavam e levantaram entusiásticos vivas aos dois atletas de Jesus Cristo.

Foi um ato belo, imponente comovedor. O digno Snr. Comandante, que merece os maiores elogios pelo modo distinto porque tratou sempre o seu ilustre hóspede, fez tributar aos dois insignes Prelados todas as honras militares que lhes são devidas, associando-se sinceramente ao justo entusiasmo de todos os circunstantes.

Ao som de hinos marciais e de vivas saudações, embarcaram no cáis e seguiram logo em um carro, acompanhado de outros, para o convento de S. Sebastião, no morro do Castelo.

Nossas saudações aos dois heróicos Prelados."

À última hora (Idem), (do "O Apóstolo"):

"Os ilustres Bispos de Olinda e do Pará dirigiram-se ontem à tarde ao Paço de S. Cristovão afim de cumprimentar a Suas Majestades o Imperador e a Impetratriz.

Informam-nos que a Assembléia Provincial do Rio de Janeiro, sob proposta do ilustrado deputado Snr. Dr. Costa Ferraz, enviou uma felicitação ao Governo Imperial pela publicação do decreto anistiando os Bispos, governadores e mais sacerdotes que se achem envolvidos em processos.

S. S. Excias. Revmas. receberam ontem numerosíssimas visitas das pessoas mais gradas da côrte, especializando-se a dos dignos pró-Delegado Apostólico, Bispo Diocesano, Vigário Geral do Bispado e superiores eclesiásticos de todas as Ordens regulares.

O contentamento é geral e o ato do governo é aplaudido por todos".

Transcrevamos o áureo Decreto da Anistia que foi baixado sob o n.º 5993:

"Decreto n.º 5993, de 17 de Setembro de 1875. Concede anistia aos Bispos, governadores e outros eclesiásticos das dioceses de Olinda e do Pará.

Tomando em consideração a proposta que Me fez o Meu Conselho de Ministros, e Tendo sobre ela ouvido o Conselho de Estado: Hei por bem, no exercício da atribuição que Me confere o art. 101, § 9.º da Constituição, Decretar o seguinte:

Artigo único. — Ficam anistiados os Bispos, Governadores e outros Eclesiásticos das Diocses de Olinda e do Pará, que se achem envolvidos no conflito suscitado em consequência dos interditos postos a algumas Irmandades das referidas Dioceses, e em perpétuo silêncio os processos que por esse motivo tenham sido instaurados.

Com a rúbrica de Sua Majestade o Imperador.

Diogo Velho Cavalcante de Albuquerque".

CAPÍTULO XXXIII

REGRESSO DO BISPO À SUA SÉDE

Levantamento dos interditos. — Dirige-se ao Papa. — A Encíclica. — Comentando a Encíclica. — D. Antônio recebido triunfalmente na Baía. — Chegada a Belem. — Seus primeiros atos no Pará. — Reata as visitas pastorais.

Antes de historiar o regresso de D. Antônio, tratemos de um assunto doloroso. Parece que as provações dos dois ilustres prelados estavam terminadas, mas não... Surpresa dolorosa os encontrou, mal refeitos ainda dos últimos vexames.

Monsenhor Luís Bruschetti, Encarregado dos Negócios da Santa Sé no Brasil, escreve a D. Antônio que o Santo Padre ordenara o levantamento dos interditos lançados a algumas irmandades da diocese, consoante ofício do Cardial Antonelli.

O ofício se referia tambem à diocese de Olinda.

Essa ordem de levantar os interditos, assim, sem condições, parecia tão extranha a Dom Antônio, tão contrária a quanto o Santo Padre lhe havia comunicado, que passou vários dias a derramar lágrimas sem saber como devia proceder.

Dom Vital ia explicar tudo ao Papa; mas insistia-se pelo levantamento, antes que ele lá chegasse. Dom Antônio não podia crer que o Papa desejasse tal. Era esmagadora a angústia de seu espírito.

Por outro lado, ele previa claramente o grito de triunfo que irromperia das lojas maçônicas, no dia do levantamento. Com certeza se assoalharia que afinal a razão Roma dera às irmandades rebeldes.

De fato, a imprensa maçônica e acatólica encheu-se de comentários contra os bispos, apontando-os como reprovados pelo próprio chefe da Igreja.

Para falar só nos jornais do Pará, basta citar o "Liberal do Pará" que, entre outras muitas coisas, escrevia: "A vitória da maçonaria, que é a vitória da

justiça, é completa e esplêndida. Glória, pois, aos filhos da Viuva!"

O "Diário do Grão-Pará" escrevia, comentando a notícia: "os Jesuitas cairam fulminados pela mão do chefe da cristandade... A maçonaria está plenamente justificada e nada tem em si contra o Divino Mestre. Salve, maçons!"

Dom Macedo Costa, porém, sabia obedecer com a docilidade de criança e obedeceu. Nesse gesto da sua vida, ele nos parece mais heróico do que quando enfrentava indômito a cólera dos inimigos da Igreja.

Preso ainda junto ao leito do seu pai moribundo, na Baía, ele escreve ao seu Vigário Geral, em Belem, edificante carta, para que se levantassem os interditos das Igrejas. A carta tem a data de 8 de Novembro de 1875 e assim termina: "Executando, Snr. Vigário Geral, com todo gosto e prontidão, esta ordem do Supremo Jerarca da Igreja Católica e digno Vigário de Jesus Cristo, somos felizes de poder dar mais uma vez público e solene testemunho do amor, obediência e dedicação filiais que lhe votamos no mesmo Jesus Cristo. Deus guarde a V. Revma., Revmo. Snr. Cônego Sebastião Borges de Castelo, Vigário Geral e governador do Bispado.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

Dom Macedo Costa fala no levantamento dos interditos *das Igrejas.* O Encarregado dos Negócios da Santa Sé no Rio falava em interditos de "irmandades"; mas o ofício do Cardial Antonelli falava em interdito das "Igrejas".

Enorme é a diferença entre uma e outra coisa.

Mas a maçonaria não quís distinguir e fez grandes festas inclusive canto do Te-Deum nas igrejas por ela dominadas!!

Salta aos olhos a impossibilidade de se deixar que as irmandades continuassem como dantes; portanto, a necessidade de modificação das mesmas para se lhes levantar o interdito.

Mas a confusão estava.

Quanto não sofreu o Bispo, o clero, os bons católicos paraenses!

* * *

Dom Macedo Costa, depois de ter obedecido como um santo, julgou de seu dever expôr ao Santo Padre Pio IX quanto se passava no Brasil. Escreve então a admiravel carta de 25 de Novembro de 1875.

Comunica a S. Santidade que dera ordem para o levantamento do interdito das duas igrejas que se achavam interditadas em Belem, pois assim entendia houvesse ordenado o Emmo. Cardial Antonelli; que, entretanto, o Encarregado dos Negócios da Santa Sé no Rio falava de levantamento de interdito de irmandades; que assim tambem o havia entendido o Vigário Geral de Olinda. Comunica tambem o efeito já produzido pela ordem recebida, pois os maçons exultavam e os Bispos e sacerdotes que haviam defendido as leis da Igreja contra a maçonaria eram alvo de censuras e acrimoniosos comentários.

Expõe então o angustioso estado de seu espírito:

"Agora, Beatíssimo Padre, é imensa a angústia de minha alma. Errei? Fiz bem? Que farei se os membros das irmandades, maçons públicos e notórios, tiverem a presunção de celebrar os atos religiosos nas suas capelas e em outras igrejas, precisamente com o intuito de serem reputados católicos? Fale a boca da Igreja e se errei quero ser por V. Santidade repreendido e castigado, e tudo quanto V. Santidade me mandar neste assunto cumprirei com a maior docilidade, da melhor vontade e com toda a docilidade..."

A resposta veio, mas não em carta particular. Veio solene, na forma solene por excelência — uma Encíclica com este endereço: *Venerabilibus Fratribus Antonio Episcopo Belemensi de Pará aliisque Episcopis Brasilianæ Regionis. Aos Veneraveis Irmãos*

Antônio, Bispo de Belem do Pará, e aos outros Bispos do Brasil.

Nessa paternal Encíclica o augusto chefe da Igreja confirma, com firmeza e precisão, quanto o bom senso de Dom Antônio de Macedo Costa entendera houvesse ele querido. Não se podia crer que Pio IX — em oposição a quanto havia sempre ensinado — quisesse o restabelecimento de irmandades rebeladas contra seus Bispos, eivadas de espírito maçônico, dirigidas por maçons notórios.

Vamos transcrever aqui a consoladora Encíclica e pôr em destaque algumas frases mais dignas de nota:

"Carta Encíclica

Aos Veneraveis Irmãos Antônio, Bispo de Belem do Pará, e aos outros Bispos do Brasil.

Pio IX, Papa

Veneraveis Irmãos, Saude e Bençam Apostólica.

As perturbações que nestes últimos anos appareceram nesse Império, provocadas pelos setários da maçonaria, que se haviam introduzido nas pias irmandades cristãs, assim como vos arrastaram, Veneraveis Irmãos, a um grave conflito, particularmente nas dioceses de Olinda e de Belem do Pará, assim tambem, como sabeis, sobremodo Nos magoaram e afligiram o coração. Pois não era possivel víssemos sem dôr aquela perniciosa e pestífera seita, corrompendo as referidas irmandades, de modo que institutos criados para desenvolver o verdadeiro espírito de fé e piedade, por esta funesta sizania largamente neles semeada, cairam em mísera condição.

Por isso, em desempenho de Nosso Cargo Apostólico e impelidos pelo amor paternal que votamos a essa porção do rebanho do Senhor, entendemos que sem demora era mister acudir com o remédio a esse mal, e assim por Nossas Letras de 29 de Maio de 1873, dirigidas ao Veneravel Irmão Bispo de Olinda, levantamos a voz profligando tão deploravel perversão

nas irmandades cristãs, usando todavia de tal brandura e clemência para com os membros enganados e iludidos da seita maçônica, que, por tempo conveniente, suspendemos a reserva das censuras em que haviam incorrido, e isto afim de que, aproveitando-se eles de Nossa Benignidade, detestassem os seus erros e abandonassem as condenadas reuniões de que faziam parte. Demais ordenamos ao Nosso Veneravel Irmão Bispo de Olinda que se, passado aquele prazo, se não houvessem eles arrependido, suprimisse e declarasse supressas as referidas irmandades, e as restaurasse inteiramente conforme ao fim primitivo de sua instituição, admitindo novos, imunes de todo virus maçônico.

Alem disto, tendo Nós, em desempenho de Nosso Cargo, procurado na Carta-Encíclica de 1.º de Novembro de 1873, dirigida a todos os Bispos do orbe católico, premunir todos os fiéis contra as artes e insídias dos setários, claramente lembramos-lhes, por essa ocasião, as Constituições Pontifícias publicadas contra as perversas sociedades dos setários, e então declaramos que por estas Constituições eram fulminadas, não só as associações maçônicas estabelecidas na Europa, senão tambem todas quantas existem na América e nas demais regiões do orbe.

Não foi, pois, sem grande admiração, Veneraveis Irmãos, que vimos ao serem levantados por autoridade Nossa, na esperança de obter a salvação dos transviados, os interditos impostos nesse país a algumas Igrejas e irmandades, compostas em grande parte de membros da maçonaria, tomar-se daí ocasião para divulgar que a sociedade maçônica existente nessas regiões estava excluida das condenações Apostólicas, e que, por conseguinte, podiam tranquilamente os mesmos setários fazer parte das pias irmandades cristãs.

Quanto, porém, tais asserções distam da verdade e da Nossa intenção, bem claro o estão demonstrando, não só os atos que acima temos relatado, senão tambem a Carta que em data de 9 de Fevereiro de 1875

escrevemos ao Sereníssimo Imperador desse Estado, na qual prometemos-lhe Nós que seria tirado o interdito lançado a algumas Igrejas dessas dioceses, logo que os Veneraveis Irmãos Bispos do Pará e de Olinda, então detidos em injusto cárcere, fossem restituidos à liberdade; contudo *ajuntamos esta reserva e condição*, a saber, que os membros da maçonaria seriam removidos dos cargos que ocupam nas irmandades.

Com este Nosso modo de providenciar não podemos nem podíamos ter outro propósito senão, satisfeitos nesta parte os desejos do Imperador e restabelecida a tranquilidade dos ânimos, oferecer ao Governo Imperial a oportunidade de restituir ao antigo estado as pias confrarias, expurgando-as da infeção maçônica, e de concorrer assim para que os membros da seita condenada, movidos pela Nossa Clemência para com eles, tratassem de se apartar dos caminhos da perdição.

Entretanto, para que em assunto tão grave não possa restar dúvida alguma nem haver logar a algum engano, Nós não omitimos nesta ocasião novamente declarar e confirmar que as sociedades maçônicas, quer as que existem nesse país, quer em qualquer outra parte do mundo, sociedades que muitos ou enganados ou enganadores afirmam só terem em mira a utilidade e o progresso social, e o exercício da mútua beneficência, acham-se proscritas e fulminadas pelas constituições e condenações apostólicas, e que todos os que desgraçadamente se alistarem nas mesmas seitas incorrem *ipso facto* em excomunhão maior reservada ao Romano Pontífice. Desejamos, porém, vivamente, Veneraveis Irmãos, que, ou por vós mesmos, ou por vossos cooperadores, admosteis os fiéis a respeito de tão perniciosa peste, e vos esforceis por conservá-los imunes da influência dela, *lançando mão de todos os meios a vosso alcance*. E com não menor solicitude recomendamos ao Vosso zelo que, pela prègação da palavra de Deus e por oportunas instruções, e cuidadosamente se ensine a esse povo cristão a doutrina religiosa; pois bem sabeis a grande utilidade que desta parte do sagrado ministério, quando bem desempenhada, resulta para o rebanho cristão, e, quando negligenciada, os gravíssimos danos que daí procedem. Alem de quanto temos até aquí tratado, somos ainda forçados a deplorar o abuso de poder da parte daqueles que presidem às referidas irmandades, pois, como chegou ao Nosso conhecimento, tomando eles tudo à sua conta, atrevem-se a usurpar um direito indébito sobre as coisas e pessoas sagradas, e sobre o que é de origem espiritual, de modo que os Sacerdotes e os próprios Párocos, no exercício de suas funções, ficam totalmente sujeitos ao poder deles. Fato este que não só se opõe às leis eclesiásticas, senão à própria ordem constituida em sua Igreja por Nosso Senhor Jesus Cristo; pois não foram os leigos postos por Jesus Cristo para reitores das coisas eclesiásticas, mas devem por sua utilidade e salvação estar sujeitos a seus legítimos Pastores, lembrando-se cada um, conforme o seu estado, de coadjuvar o clero, sendo-lhe vedado ingerir-se naquelas coisas que foram por Jesus Cristo confiadas aos sagrados Pastores.

Assim, pois, nada reconhecemos mais necessário do que reformarem-se devidamente os estatutos das ditas irmandades, e que tudo o que nelas há de irregular e incongruente nesta parte se conforme convenientemente às leis da Igreja e à disciplina canônica.

Para atingir este fim, Veneraveis Irmãos, atendendo Nós às relações que existem entre as mesmas irmandades e o poder civil relativamente à constituição e administração delas na parte temporal, havemos oportunamente ordenado ao Nosso Cardial Secretário d'Estado que se entenda com o governo imperial; e, de acordo com ele, se esforce por conseguir os desejados efeitos. Confiamos que sobre este assunto o poder civil há-de unir cuidadosamente os seus esforços aos Nossos, e com instâncias suplicamos a Deus, de quem procedem todos os bens, se digne promover e auxiliar com sua graça esta obra que interessa

à paz da Religião e da sociedade civil. Afim de vermos realizados estes votos, juntai vós tambem, Veneraveis Irmãos, as vossas preces às Nossas, e em penhor de Nosso sincero amor recebei a Bençam Apostólica que a vós, ao clero e fiéis confiados a cada um de vós afetuosamente outorgamos no Senhor. Dada em Roma, junto a S. Pedro aos 29 de Abril de 1876, ano 30.º de Nosso Pontificado.

PIO IX, Papa.

Sobre essa consoladora Encíclica o brilhante e intrépido "Apóstolo" publicou este importante artigo:

"O imortal Pontífice Pio IX acaba de endereçar aos Bispos do Brasil, com data de 29 de Abril do corrente ano (1876), uma magnífica e notavel Carta Encíclica a respeito do conflito provocado pela maçonaria no Brasil, e particularmente nas dioceses de Pernambuco e do Pará. Brevemente daremos publicidade ao texto original desse importantíssimo documento apostólico, acompanhando-o da competente tradução portuguesa que estamos preparando. Limitamo-nos por hoje a dar aos nossos leitores um breve transcrito da memoravel Encíclica:

"Exortæ in ista ditione", pela qual o Santo Padre acaba de manifestar de novo a sua plena aprovação aos atos dos ínclitos Bispos de Olinda e do Pará, em relação às Irmandades maçônicas de suas dioceses. A peça pontifícia começa memorando os prelúdios da luta maçônica no Brasil e fazendo menção do Breve "Quanquam dolores", de 29 de Maio de 1873, dirigido ao seu Irmão Bispo de Olinda, e em seguida o Santo Padre firma os pontos seguintes:

1.º Explica a razão do levantamento dos interditos, que fôra mais um ato de clemência para com os iludidos, e de condescendência para com o governo imperial.

2.º Declara, porém, que tinha posto, como formal condição: — A eliminação dos maçons do seio das irmandades, havendo-o assim prometido a S. M. o Imperador na epístola que lhe dirigiu a 9 de Fevereiro de 1875.

3.º Manifesta grande admiração por ter ouvido dizer que seu ato fôra interpretado por modo diverso.

4.º Fulmina de novo pena de excomunhão maior reservada ao Romano Pontífice contra a maçonaria, quer no Brasil, quer de outra qualquer parte do mundo.

5.º Condena energicamente o estado atual das irmandades do Brasil e declara que elas devem ser radicalmente reformadas.

6.º Declara que deu ordem ao Cardial Secretário de Estado para, neste sentido, entabolar negociações com o governo imperial, afim de se conseguir a expurgação das irmandades."

* * *

Regresso de Dom Antônio de Macedo Costa à Baía.

Procuremos, em um jornal da época, conhecer os pormenores da chegada triunfal do Bispo do Pará à sua terra natal.

Lê-se no "Diário de Notícias":

"Às 7,30 horas da manhã de hoje achavam-se na ponte do Arsenal de Marinha para receberem o Snr. Bispo do Pará, chegado no paquete americano "South Americana", às 6 horas da manhã, os Snrs. inspetor e vice-inspetor daquele arsenal, comandante das armas e seu ajudante de ordens, comandante do 7.º, engenheiro Aguiar, presidente da Associação Católica, João de Castro Rabelo, membros de diversas comissões, oficiais do exército e armada, grande número de cavalheiros, eclesiásticos e senhoras, entre as que constituem a Associação de Caridade, os Snrs. Bispo de S. Paulo, vigário capitular, prefeito dos frades da Piedade, abade de S. Bento, provincial de S. Francisco e demais frades destas ordens, — Cônego Galvão, Miranda Rocha e outros, os seminaristas acompanhados do Snr. Cônego Santos Pereira, os alunos

do colégio do Snr. Cônego Rocha, nos Barrís, uma comissão da Associação Católica, alguns padres franceses, as famílias do Snr. Bispo do Pará, Adães, muitas outras, e cerca de 3.000 pessoas de todas as graduações sociais.

"Fazia a guarda de honra uma companhia do 7.º com a respetiva música comandada pelo Snr. Capitão Américo.

"A Banda de música dos menores do arsenal tocou variadíssimas peças, enquanto se esperava a chegada do Snr. Dom Antônio de Macedo Costa.

"Às 7 horas e três quartos, embarcaram na galiota do arsenal os senhores Bispo de S. Paulo, vigário capitular, diversos cônegos e religiosos Beneditinos e Franciscanos, e dirigiram-se a bordo do paquete "South Americana", de onde regressaram com o Snr. Bispo do Pará, seguidos de três vapores carregados de pessoas que foram a bordo cumprimentar S. Excia., entre as quais notamos os Snrs. Dr. Frederico Marinho de Araujo, Antônio de Lacerda, Dr. Antônio Pacífico Pereira, João Neiva e outros membros da Associação Católica.

Durante a viagem do paquete para o arsenal soltavam vivas e foguetes e tocavam músicas nos três vapores.

"Apenas chegado a terra foi o ilustre Prelado recebido com entusiásticas aclamações de regosijo, tocando por essa ocasião as bandas de música do 7.º e de menores.

"Ao aproximar-se S. Excia. das senhoras que constituem a Associação de Caridade, formaram estas em alas para lhe dar passagem, ajoelharam-se e beijaram-lhe a mão.

"O imenso povo, que se aglomerava em redor do Snr. Dom Antônio de Macedo Costa para lhe beijar o anel e a quem S. Excia. ia deitando a benção, chegava a estorvar-lhe a passagem.

"Era um espetáculo imponente e comovedor!

"Do arsenal de onde o cortejo saiu dando vivas aos Snrs. Bispos do Pará, de Olinda, de S. Paulo e vigário capitular, dirigiu-se S. Excia. à igreja da Conceição da Praia, cuja frente se achava embandeirada, para fazer ovação.

O orgão tocou o hino nacional apenas o cortejo alí entrou.

Em seguida tomou ele a direção da ladeira da Conceição da Praia, indo na frente os seminaristas, colegiais, todas as senhoras e corporações religiosas; após os Snrs. Bispos do Pará, S. Paulo e Vigário capitular, e seguiam-se-lhes os membros da Associação Católica e outras pessoas em número aproximadamente de 10.000 pessoas.

No cimo da ladeira passou o cortejo por entre alas formadas pelos seminaristas, estudantes da Faculdade e pessoas de outras profissões.

No largo do teatro romperam de novo os vivas aos prelados brasileiros, ao clero em geral, à religião e ao povo.

As janelas das casas por onde o préstito passava viam-se adornadas completamente de senhoras.

Na catedral formava em alas à porta o cabido, caíam flores do côro e soava a música instrumental e vocal, à chegada alí de S. Excia.".

* * *

Regresso a Belem

Uma vez recuperada a liberdade, Dom Antônio deixa a Ilha das Cobras e vai postar-se junto ao leito de seu pai quasi moribundo. Três meses esteve na casa paterna para assistir aos últimos momentos do estremecido enfermo. Nesse tempo ensinava catecismo em uma capelinha próxima, confessava, e até uma vez levou o viático a uma velhinha.

Aliás ocupava assim tambem o tempo em obras de zelo na sua prisão na Ilha das Cobras. Queria assistir aos últimos momentos do venerando enfermo cuja morte se esperava a cada momento. Entretanto, ne-

gócios urgentes chamavam o Bispo à sua diocese, pois nos dois anos quasi completos de ausência muitos problemas aguardavam a solução que só ele podia dar.

No dia 6 de Janeiro (1876) partiu da Baía Dom Antônio e no dia 11 seu digno progenitor entregou a alma a Deus. Morreu com todo o conforto religioso, na idade de 78 anos. Sua morte foi realmente invejavel.

Foi com a alma alanceada, pois, que, Dom Antônio desembarcou em Belem entre as explosões de jubilo dos seus diocesanos. Os jornais da época ao lado das descrições do contentamento popular reproduziam numerosas cartas de congratulações ao eminente prelado que regressava aureolado pelos esplendores do heroismo, no defender a Igreja, no sofrer por Jesus, no trabalhar entre fortes obstáculos pela causa da Fé.

Temos diante dos olhos as cartas cheias de entusiasmo do Arcediago José Gregório Coelho, Vigário Geral do *Baixo Amazonas,* do P. Severino Eusébio de M. Cardoso, Vig. Colado de *S. Miguel do Guamá,* do P. Antônio Ferreira da Silva Franco, do P. Luís Raimundo da Silva Brito, Vigário de *S. Benedito de Caxias* (mais tarde Bispo de Olinda), do Conde de Samodães, presidente da Associação Católica Portuense, dos senhores P. Manuel Antônio Raiol, Raimundo Gonçalves de Figueiredo, Olegário M. de Brito, *de Soure,* do Snr. Manuel Soares da Silva Bezerra, de *Fortaleza,* do Côn. Joaquim de Souza Caldas, Vig. Col. de *Cuiabá,* do presidente e do secretário da Câmara de *Cametá,* do vig. de *Barcarena,* Militão Manso Manito, e vários paroquianos, do Côn. João Moutinho da Cunha, Vig. da Trindade, de Fr. João de Santa Cruz, Vig. de *Abaeté,* e de muitos abaetéenses, do P. Manuel Ângelo Tavares Bastos, Vig. de *S. Domingos da Boa Vista,* de vários cavalheiros de *Bragança,* o P. José Henrique Felix da Cunha Dácia, Vig. de *Anajás,* e vários paroquianos seus, do Vig. Feliciano José Pereira, vários dos seus paroquianos

mocajubenses, do P. Manuel Rodrigues Valente Doce, Vig. de *Cairarí.*

* * *

Depois da queda do infeliz gabinete Rio Branco, depois que o ambiente se foi modificando de modo mais simpático ao clero, alguns filhos da Igreja um tanto transviados foram voltando ao bom caminho. Uma das primeiras portarias de Dom Antônio, ao regressar a Belem, foi a seguinte:

"Portaria

A vista de declaração hoje feita pelo Rev. Cônego Antônio Gonsalves da Rocha e das boas disposições manifestadas pelo mesmo Cônego, durante os oito dias de retiro espiritual que acaba de fazer em nosso Seminário Maior, resolvemos, como Delegado da Santa Sé Apostólica e em virtude dos poderes extraordinários que Nos são conferidos pelo S. S. Padre Pio IX, levantar, como levantamos, todas as censuras eclesiásticas em que incorreu, restituir-lhe o exercício das Sagradas Ordens.

Dada em Nosso Paço Episcopal de Belem do Pará, sob o sinal e selo de nossas armas, no dia 1.º de Fevereiro de 1876.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

Nesse mesmo ano de 1876 o Snr. Bispo teve de sofrer desgostos pela atitude tomada pelo Cônego Siqueira Mendes. Tinha sido lente de Moral no Seminário e prestava bons serviços à diocese. A política, porém, o indispôs contra o clero em geral, e ele na folha "Constituição" não duvidou atacar injustamente seus colegas.

A política cega.

— Em Abril de 1876, o Imperador D. Pedro II e a Imperatriz, de passagem para os Estados Unidos, estiveram em Belem. Dom Antônio com seu clero prestou homenagens a S. S. Majestades Imperiais.

Em Maio de 1876 houve uma troca de cartas entre

o Snr. Bispo e o presidente da Província, Dr. Francisco Maria Correia de Sá e Benevides. O Snr. Bispo queria evitar que se levasse à cena o drama "Maçons e Jesuitas", cheio de referências hostis à religião. O presidente deu algumas satisfações ao Snr. Bispo mas afinal o drama saiu com grande prejuizo para a causa da religião. E outros dramas inconvenientes se lhe seguiram, apesar do zelo com que Dom Antônio procurou impedí-los.

— Escreve uma Carta Pastoral cheia de sábias considerações por ocasião do seu regresso ao Pará. Oferece aos seus diocesanos um opúsculo sobre os deveres da Família. (1.º de Maio de 1876).

Em Junho de 1876 Dom Antônio se encontrava em Manaus fazendo a Visita Pastoral. S. Excia visitou em seguida Cunumã, Abacaxís, Maués, Macaarí, Barreirinha, Vila Bela, Óbidos, Monte-Alegre. Em Agosto S. Excia. visitou a Vigia, onde se haviam dado muitas perturbações da ordem por motivos políticos e a própria Matriz havia sido profanada. Era então Vigário da Paróquia o Cônego Dr. Mâncio Caetano Ribeiro.

Dom Antônio foi recebido com grandes homenagens. Mas — diz "A Boa Nova", de 23 de Agosto — a série de profanações, de desacatos à religião continuou de modo lamentavel após a Visita.

CAPÍTULO XXXIV

APÓS A TEMPESTADE NÃO VEIO A BONANÇA

Drama ímpio. — Comentários sobre a Encíclica. — Solução de uma dificuldade. — Candidaturas. — Um manifesto. — Igreja das Mercês. — "A Regeneração".

Parece que, terminada a luta da "Questão Religiosa", viria a paz; mas não. É que a luta perdurava nas causas. Não tardaram os efeitos.

Um drama ímpio

Já aludimos a um drama ímpio, indecoroso, que se levava à cena em Belem, com o fim patente de se enxovalhar o clero e desprestigiar a Igreja.

Dom Antônio tinha o coração atassalhado pela impiedade que campeava impune sob as vistas dos detentores da autoridade. Vejamos quanta mágoa ressuma desta queixa que ele dirige ao presidente da Província:

"Paço Episcopal de Belem do Pará, 10 de Maio de 1876.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Comunicou-me ontem V. Excia., em aditamento ao ofício que a mim dirigira em data de 7 do corrente, uma informação do Snr. Chefe de Polícia Dr. Manuel Caldas Barreto, em que este Snr. afirma a V. Excia. que, tendo assistido ao ensaio geral do drama intitulado "Os Maçons e os Jesuitas", não descobrira nele nenhuma alusão odiosa à religião nem ao clero, nem inconveniências que a polícia devesse proibir. Surpreendeu-me em verdade esta informação, pois de todas as partes me chegam indicações em sentido todo contrário.

Segundo estou informado, e se deduz até dos jornais da seita, é esta representação, sem dúvida alguma, o maior escândalo teatral que se tem dado nesta província. A idéia capital do drama, cuja ação se passa na atualidade e no Brasil, é apresentar a Maçonaria como uma sociedade toda santa, moralizada, professando o verdadeiro culto de Deus, e o Padre como um descarado corrutor, um hipócrita celerado, um envenenador, um falsário, um ladrão, um infame sacrílego, que abusa do confissionário para empolgar heranças, etc. Este Padre malvadíssimo que figura no drama não é corrigido pelo seu Bispo, nem pelas leis da Igreja; é vilipendiado, insultado, escarnecido e castigado pela Maçonaria, que se apresenta como sustentáculo da moralidade e da religião contra uma qua-

drilha infame de malvados e assassinos, organizada dentro da Igreja Católica para promover a desordem e a corrução das famílias e a ruina da soceidade, perpetrando os mais hediondos crimes. Parece que só isto bastaria para tornar este drama altamente afrontoso à nossa Igreja. Com efeito, não será ofender duplamente a Igreja Católica Romana propalar que as sociedades maçônicas que ela condena e excomunga são excelentes defensoras da mais pura moral, da religião mais perfeita, enquanto essa mesma Igreja Romana aprova, louva e mantem em seu seio uma associação numerosissima de ministros seus, votados à prática das mais horrendas abominações?

Mas não é tudo; o Padre se apresenta numa cena, revestido de um ornamento sagrado diante de um altar, onde se vê uma sagrada imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo crucificado. O cômico assim revestido parodia diante do altar e da sagrada Imagem a administração do Sacramento do Matrimônio, servindo-se das mesmas palavras de que se servem os nossos sacerdotes neste ato augusto da nossa religião.

A cerimônia é interrompida sob pretexto de que o nubente é maçon.

Os maçons presentes se aproveitam para cobrir o Padre de baldões e os mais horriveis, diante mesmo do altar e da imagem do crucificado, declarando que vão recorrer a padres maçons, que são os verdadeiros sacerdotes de Cristo; que a Maçonaria é que ensina a verdadeira religião e adora o verdadeiro Deus, em oposição a estes padres infames, etc.

É preciso fechar os olhos para não ver aquí um ataque direto à religião, e a justificação de desacatos que todo o Império há pouco lamentou.

Há uma paródia inda mais horrivel do Sacramento da Penitência. O padre se apresenta junto ao leito de uma enferma, para confessá-la, e na confissão só trata de obrigá-la a fazer um testamento falso em seu próprio proveito, envenena-a, e quando apanha o testamento dá-lhe como um escárneo a absolvição. Um

sacramento estabelecido por Jesus Cristo é assim parodiado e metido a ridículo no teatro, e representado de modo mais odioso e repugnante, como uma fonte de desordens e corrução para as famílias!

Póde-se, porventura, tolerar que se representem no teatro, ainda com todo o respeito, os Sacramentos que nós, católicos, cremos de instituição divina? Não se ferira a nossa Santa Religião se se representasse no palco o Santo Sacrifício da Missa, a Comunhão, a Confirmação, etc.?

Estes atos sacrossantos podem ser parodiados por cômicos, sem que se viole aquele respeito profundo que todo o povo civilizado tributa à sua religião? Pois admira que o Snr. Dr. Chefe de Polícia não visse que os Sacramentos do Matrimônio e da Penitência são, para os católicos, tão veneraveis e de instituição tão divina como os outros Sacramentos de que acabo de falar. Enfim, uma loja maçônica aparece afinal, e é saudada com sinais de profundo respeito por toda a platéia, que não se levantara diante do altar e da imagem do crucificado. O padre aparece, contra toda a verosimilhança, mas só para ver descobertos todos os seus tramas infames, assistir à apoteose da maçonaria, e receber as maiores afrontas dos irmãos reunidos.

No drama está que ele deve aí ser preso e amarrado pelos maçons e surrado; mas o Snr. Dr. Chefe de Polícia teve escrúpulos nesta última cena, e ordenou aos cômicos que se contentassem de apupar o sacerdote católico e pô-lo para fóra do templo maçônico. Tal é, Exmo. Snr., o drama, segundo as informações que tenho. V. Excia. póde verificar se estou enganado, mandando vir o exemplar dessa infame composição. Eu me apressarei a retificar qualquer engano que tenha cometido nesta apreciação. Dizer que um drama onde se endeusa a maçonaria, onde se desacata um altar com uma Imagem sagrada de nosso Deus e Salvador, onde se parodiam os Sacramentos estabelecidos por Jesus Cristo; e onde os maçons arrastam pe-

las maiores ignominias um Sacerdote católico, nada tem de ofensivo à religião, nem ao clero, parece-me um esforço tão violento como inutil feito contra a realidade dos fatos. Todos sabem que as denominações de jesuitas, de jesuitas de casaca, que se ouvem a cada passo no drama, são todos os dias atiradas pela seita como insultos à face dos Bispos, dos Sacerdotes e dos católicos; e as vociferações, os gritos, os aplausos, os comentários do público e dos jornais maçônicos não deixam a menor dúvida a este respeito.

"O Liberal do Pará" diz o seguinte: "Quando os atores declamavam as magníficas tiradas, em que nas palavras se traduzem os votos e as aspirações do mundo moderno, aplausos caíam unisonos, vigorosos, formidaveis. Dir-se-ia mesmo que as Palmas tinham alguma coisa de hostil e decidido". O Snr. Dr. Chefe de Polícia esteve presente, e assistiu a estas palmas hostis e decididas; ele não podia deixar de compreender-lhes a significação. Aqueles aplausos e vociferações, todos sentem, passam por cima dos cômicos e vão ferir a Igreja e o clero. Ainda uma vez não me parece que a polícia de um país católico e civilizado deva condescender com espetáculos que têm por fim dar desafogo a paixões tão veementes e tão injustas.

Está, portanto, justificado o fundamento das reclamações que particular e oficialmente tive a honra de levar em tempo ao conhecimento de V. Excia. Como Bispo, encarregado de guardar entre meus diocesanos o depósito sagrado da fé e dos bons costumes, cabe-me julgar do carater ortodoxo ou hetorodoxo das composições ou escritos, em que se trata da religião e seus ministros.

Se ha dúvida sobre um plano de obras, decidem os engenheiros; sobre métodos de curar, os médicos; sobre interpretação de leis, os jurisprudentes; da mesma forma sobre ofensas à religião o Bispo, que é o funcionário religioso oficialmente reconhecido com autoridade para isso.

Queira aceitar, Exmo. Snr., a expressão de minha alta consideração.

Deus guarde a V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Francisco Maria Correia de Sá e Benevides, Presidente desta Província.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

Vejamos como comenta "A Boa Nova" as apreciações dos jornais do Rio com relação à Encíclica dirigida a Dom Macedo Costa e aos outros Bispos do Brasil.

"22 de Julho de 1876.

A nova Encíclica

"O Globo", orgão de propaganda anti-católica no império, censura o ato pontifício como era de esperar. Saldanha Marinho, o espadachim da seita, apareceu com sua costumada gritaria e insolência. O homem não se corrige; viu que suas tolas declamações não impediram a anistia e agora espera frustrar os bons resultados que se esperam da missão Roncetti. "O Diário do Rio de Janeiro", mais circunspeto, orgão semi-oficial do governo, fez certas declarações que convem registrar. "Respeitamos submissamente, como cristãos, o incontestavel direito que assiste ao chefe visivel da Igreja de fulminar a pena de excomunhão maior, quer do Brasil quer de outra qualquer parte do mundo, como contra quem quer que seja desde que pertença "ao rebanho católico", salvo sempre tambem o direito do poder civil.

Até aquí os regalistas pretendiam espoliar o chefe visivel da Igreja do direito de fulminar excomunhão maior contra a maçonaria do Brasil, exigiam o *placet* para fazer vigorar as Bulas Pontifícias como se o poder espiritual da Igreja pudesse ser coartado em sua ação civilizadora pelas fronteiras que dividem as nações. Já é um ganho de causa. As gazetas maçônicas

assoalharam que o levantamento dos interditos foi a condição da anistia. Sempre contestamos essa gratuita afirmação e agora o "Diário do Rio de Janeiro" vem em nossos auxílio nestes termos muito positivos:

"O ato do governo brasileiro, que anistiou os Bispos presos de Olinda e do Pará, foi da maior e mais completa espontaneidade. Nenhuma negociação de qualquer espécie o precedeu. Nenhuma condição, pois, podia dele fazer parte. O governo imperial, sem entender-se com quem quer que seja, sem oferecer nem aceitar bases de forma alguma, em uma palavra, sem fazer disso matéria especulativa, resolveu, em sua sabedoria, muito espontaneamente, repetimos, o ato de clemência de anistiar os Bispos de Olinda e do Pará, dando assim irrecusavel testemunho da magnanimidade de seus sentimentos e do desejo sincero de ver conciliados, como convem, os interesses do Estado e os da Igreja.

* * *

Muitas vezes os vigários se viam em dificuldade para se afastarem momentaneamente da séde da paróquia em vista das exigências do governo civil. Eis como Dom Antônio resolve a questão.

"Paço Episcopal de Belem do Pará, 29 de Agosto de 1876.

Revmo. Snr. Vigário.

Respondendo à consulta que me enviou em data de 19 de Abril último, cumpre dizer a V. Revma. que espero fazer ver ao governo Imperial, em ocasião oportuna, a injustiça de exigir-se nos atestados mais do que a simples declaração de residência. No entanto, não deve ter essa exigência motivo para deixar V. Revma. de sair da séde da Matriz em socorro espiritual dos pobres enfermos, a quem é obrigado, por direito divino, a confortar *in extremis* com a graça.

Se, pois, suceder que por causa da longitude não possa V. Revma. ganhar a tempo a Matriz para celebrar o santo sacrifício, e por essa razão lhe fôr negada

uma parte das suas côngruas, sofra V. Revma. essa contrariedade, como tantas outras que cercam, hoje mais que nunca, o ministério das almas.

Como os Avisos do Governo deixam intato o direito que têm os prelados de atestarem a residência dos párocos, recorra V. Revma. à autoridade diocesana para esses atestados, como se tem feito e se está fazendo, sem que até aquí tenha havido reparos da parte da tesouraria. É estranhavel que recorram alguns à autoridade civil quando a autoridade religiosa é, como reconhece o mesmo governo, competente para dar tais atestações. O mal que mais devemos deplorar não são tais ou tais privações materiais que tenhamos de sofrer, mas a introdução de práticas que estão longe de ser conformes aos sagrados cânones e ao princípio que nunca devemos deixar de manter, da liberdade da Igreja.

Deus guarde a V. Revma.

† *Antônio*, Bispo do Pará.

Revmo. Snr. Padre Francisco da Silva Delgado Leão".

Candidaturas

Apesar de não se imiscuir em política, Dom Antônio viu seu nome apresentado, em sua província natal, para membro da Assembléia Geral Legislativa. O povo baiano quís naturalmente dar uma prova mais de apreço ao comprovinciano preclaro.

No Pará, a Comissão do clero apresentou o nome do eminente advogado Dr. Samuel Wallace MacDowell. Já tinham os sacerdotes paraenses provas sobejas da coragem, da dedicação, da proficiência com que o ilustre jurista defendia os interesses sagrados da Igreja.

Para se ver qual fosse a contextura moral do candidato, qual o desassombro da sua palavra e a decisão das suas atitudes, é bastante ler o manifesto que ele publicou, nessa ocasião. Apreciemo-lo:

"Manifesto ao futuro corpo eleitoral da província

Espontaneamente apresentado candidato à deputação geral por esta província pela comissão do clero paraense, tenho o dever de manter essa candidatura, solicitando, como ora o faço, os honrosos sufrágios dos futuros eleitores da província.

Católico de profunda convicção, é meu exclusivo empenho na atualidade o restabelecimento da antiga paz entre a Igreja e o Estado: a defesa dos privilégios temporais daquela em nossa pátria; a plena sustentação do art. 5.º da Constituição Política do Império, preciosíssimo legado dos nossos maiores, contra as ímpias inovações ou reformas, que estão em perspectiva, isto é, contra a separação da Igreja do Estado e seu natural cortejo de casamento civil, secularização de cemitérios, cremação de cadaveres, toda a sorte, em suma, de profanações.

Quanto aos assuntos meramente políticos, terei por norte unicamente a justiça, porque nenhum compromisso me liga aos velhos partidos, que mais encarniçadamente se debatem por causa da confusão de suas fronteiras. Marcar-lhes a linha divisória é um impossivel.

Nenhuma proteção, nem indireta, dispensa o governo à minha candidatura, pois são sabidos os três candidatos do partido dominante; todavia apoiarei o Ministério 25 de Junho por causa do memoravel decreto de anistia dos ínclitos Bispos e do clero injustamente perseguidos, visto como julgo ser esse um dever de gratidão de todos os católicos.

Se, nestas condições, alcançar o meu *desideratum*, prometo aos meus comitentes lealdade e dedicação à causa pública e à particular de cada um deles; se nada conseguir, terei a consolação de repetir com Dionísio Longino que "na grande empresa até a queda é nobre".

Pará, 27 de Setembro de 1876.

Samuel Wallace Mac-Dowell."

* * *

A Igreja das Mercês

Lemos em um jornal da época o seguinte artigo publicado a 7 de Outubro desse ano (1876):

"O Sr. Bispo Diocesano e a igreja das Mercês.

Em "A Província do Pará", de 3 do corrente (3 de Outubro), vem um artigo onde se censura ao redator do "Diário de Belem", por ter este avançado que estava informado da louvavel iniciativa do ilustre prelado diocesano relativamente à igreja das Mercês; e repele-se a intervenção do Bispo, só apelando-se para o Snr. Comandante das armas e para a oficialidade do exército a quem compete o "exclusivo direito" da iniciativa e da realização dela.

Que tivessem a iniciativa da restauração da igreja das Mercês o Snr. Comandante e seus oficiais, e que tivesse mesmo lembrado essa iniciativa a "Província do Pará", seja; mas que nesta restauração nenhuma parte tenha ou possa ter o prelado diocesano, e que se considere sua interferência como inutil e nociva, isto é o que contestamos.

É certo que houve entre S. Excia. Revma. e o Snr. Comandante das armas entendimento a respeito, e muito louvou S. Excia. a boa vontade que manifestou o ilustre militar.

É tambem certo que S. Excia. Revma. nomeou uma comissão composta de membros conspícuos para promoverem por sua parte a reparação da dita igreja e auxiliarem assim os nobres esforços do Snr. Comandante das armas.

Assanhada a "A Província do Pará", não quer por modo algum que na restauração daquela igreja intervenha a influência do Bispo, receia a ação do prelado, e os motivos de suas apreensões são futilíssimos.

Trata-se de restituir uma igreja, tão maltratada, ao seu antigo esplendor, nada mais natural ver o Bispo intervindo em tão boa empresa e animando-a com seu concurso.

De mais, o povo fiel da capital, sabendo que a obra da restauração daquela igreja é tambem obra do Bispo, com maior zelo concorrerá para ela, não obstante as declamações dos irmãos pingados.

O que querem esses *irmãos* é religião sem Bispo e sem padres; pois saibam mais uma vez que lá onde não estiverem o Bispo e seus sacerdotes não poderá haver verdadeiro culto católico, o que poderá haver são mascaradas e nada mais.

É demais, dizem eles, estamos prevenidos com o nosso ilustre prelado a respeito dos templos religiosos... sirvam de exemplo as igrejas de S. Alexandre, S. Antônio e Carmo...

Ele agora, com sapatos de lã, propõe-se a restaurar a igreja das Mercês por meio de subscrições; logo chamá-la-á sua, alegando que, a não ser o seu prestígio e esforços, ela estaria em ruinas. E, quando lemos na "A Boa Nova" que há propósito de expelir dos templos os fiéis que alí forem orar, uma vez que, no entender das autoridades eclesiásticas, sejam ímpios. pertencentes à seita dos inimigos do trono e do altar, não é para deixarmos passar desapercebidamente o assunto."

Ignobeis prevenções as vossas, a par de torpes calúnias. Os templos aludidos estão admiravelmente restaurados; neles os atos do culto católico se fazem com todo o esplendor, e nada perderam passando à autoridade diocesana. Ao contrário, em que lastimoso estado de abandono e de tristeza jazem as capelas das Ordens Terceiras de S. Francisco e do Carmo por não quererem esses Snrs. saber do Bispo e dos padres!

Continuem os irmãos universais a mentir e caluniar; quanto a nós, diremos sempre que as bençãos do Bispo diocesano serão sempre necessárias para a restauração dos templos como a propagação do cristianismo".

* * *

Essa igreja é um dos belos templos de Belem. Foi edificada pelos padres chamados então *Mercenários*, hoje Mercedários. Ao lado se acha o convento da mesma Ordem, utilizado ainda hoje como alfândega e delegacia fiscal.

*
* *

"A Regeneração" passa a militar pela causa santa de Cristo.

Sob o título "Infâmias da "Província", "A Regeneração" escreve a 15 de Outubro de 1876: "Este jornal (a "Província") indecoroso, em seu número de 11 do corrente, falando da visita pastoral ao Abaeté, atira-se furibundo sobre a pessoa do venerando Snr. Bispo diocesano, do ilustrado Snr. Cônego Mourão, do digno Vigário daquela paróquia, do distinto Padre Aguiar e, em suma, de todo o clero paraense, insultando-o com os mais afrontosos epítetos, por causa de um judeu Abraim Fortunato, traficante da mesma freguesia, o qual faz do seu balcão púlpito de propaganda anti-cristã, onde os padres e em geral os bons católicos são atados ao pelourinho da difamação. Censura virulentamente a "Província" que S. Excia. Revma., em uma das prédicas, premunisse os fiéis contra as illecebras seduções do astuto judeu que, com afetada mansidão, insinua-se no ânimo dos mais simples para lhes propinar, com êxito certo, o veneno maçônico da corrução moral e do ateismo brutal. Esta censura é o melhor elogio que a "Província" podia fazer de um Bispo zeloso e previdente como é o Exmo. Snr. Dom Antônio; Sua Excia. é a atalaia vigilante, que jamais deixará serem tomadas de surpresa as linhas avançadas dos exércitos do Senhor. Brama embora de raiva a seita satânica contra o ínclito prelado paraense, forge contra ele calúnias as mais vís, seguirá desassombrado seu caminho como revela a notícia da visita pastoral que hoje transcrevemos."

— Não se extranhe que "A Regeneração" se refira assim à seita maçônica. É verdade que no início o valente orgão da imprensa paraense tinha articulação maçônica. Seu proprietário e redator, porém, se foi

persuadindo de que a seita, prègando a beneficência, não se esquecia de seu fim, que era hostilizar a Igreja. Rompeu completamente com ela. "A Regeneração" abraçou denodadamente a causa católica e a 2 de Maio de 1876, ao iniciar seu 3.º ano de existência, escrevia em seu cabeçalho: *Orgão destinado à defesa do Partido Católico.*

CAPÍTULO XXXV

À EUROPA VIA RIO

Viagem para o Rio. — Em prol do Seminário. — Pede a criação do Bispado de Manaus. — Cartas de França. — Cartas de Roma. — Mensagem ao Papa. — Volta à Pátria. — Dom Antônio e a S. S. Virgem. — Dom Antônio vai à Côrte.

Os interesses da diocese exigiam a ida do Bispo diocesano ao Rio. Achava-se em gozo de licença para tratamento de saude o Revmo. Vigário Geral Côn. Sebastião Borges de Castilho.

Nomeou então Dom Antônio governadores da diocese os Revmos. Cônegos Luís Barroso de Bastos, José Pinto Marques e José Lourenço de Aguiar. As nomeações são de 25 de Outubro de 1876.

Na mesma data, nomeou o Côn. J. L. da Costa Aguiar seu Vigário Geral na Província do Amazonas, (mais tarde quando se criou o bispado de Manaus foi este distinto Cônego o 1.º Bispo).

O ilustrado Côn. Dr. Guedelha Mourão acompanhou S. Excia. até ao Rio.

Em Pernambuco, encontraram-se os dois grandes bispos — Dom Antônio e Dom Vital (6-11-876). Profundamente comovedor o encontro das duas grandes almas, aureoladas pelo sofrimento e pela glória.

* * *

No Rio, Dom Antônio esteve mourejando pelo seu rebanho. Vamos ler uma carta em que seu zelo pelo Seminário se evidencia mais uma vez:

"Rio de Janeiro, 7 de Dezembro de 1876.

Ilmo. e Exmo. Snr.

O governo Imperial sempre manifestou desejos de auxiliar os Bispos na obra dos seminários. Sobretudo as dioceses pobres e sem recursos hão de atrair sua atenção, pois nelas é impossivel manter um número suficiente de aspirantes ao sacerdócio, e completar o quadro dos estudos necessários, sem um auxílio eficaz do mesmo governo. As vocações eclesiásticas são raríssimas em nossas classes abastadas. É a classe pobre que as fornece. O Seminário que não tiver meios para educar alunos gratuita ou quasi gratuitamente não poderá dar sacerdotes em relação com as necessidades da diocese, e os vácuos feitos pela morte nas fileiras do clero irão ficando sem preencher-se. É infelizmente o que está sucedendo na diocese do Pará com grave detrimento do povo, entregue ainda que imerecidamente à minha solicitude. Em França mesmo, onde as circunstâncias a este respeito são muito mais favoraveis, o governo, os departamentos, as comunas, têm nos Seminários numerosas pensões (bourses) com que conseguem percorrer o estádio teológico e chegar ao sacerdócio muitos jovens pobres, dentre os quais têm saido grandes Bispos e homens eminentes pela sua ilustração e virtudes. Minha diocese precisa tanto mais deste socorro, quanto os seus sertões são mais pobres, e menos abundantes que os das outras dioceses, em vocações eclesiásticas, e é preciso que sejam tão faceis e vantajosas as condições da educação sacerdotal no Seminário do Pará, que se possam atrair elementos até das outras dioceses. Sem este adminículo, como já tenho por vezes ponderado ao governo, continuarão os embaraços terriveis com que está lutando, e a falta de sacerdotes ir-se-á tornando de

ano a ano mais sensivel. Se o Estado concorresse anualmente com uma soma de 8:000$000, como auxílio ao Seminário da diocese do Pará (a qual, como já mostrei a V. Excia. com documentos, deve ser classificada entre as dioceses mais pobres do Império), a educação do clero tomaria alí um impulso animador com duplo proveito para a Igreja e para o Estado. Uma comissão, que já funciona, composta de dois Snrs. Cônegos e mais um homem de reconhecida probidade, encarregada, como estatue o Concílio de Trento, de tratar do temporal dos seminários e tomar-lhes as contas, poderia receber e aplicar esta subvenção. Se, porém, a introdução desta pequena verba no orçamento achasse dificuldades, seria ao menos possivel passar-se para o Seminário Maior do Pará a verba de 6:000$000 que já figura no dito orçamento como subsídio ao Seminário de Manaus; não porque esta verba seja inutil a este estabelecimento, mas porque acho que de maior proveito seria ao Seminário Maior do Pará, tendo-se respeito ao interesse geral da diocese e às considerações que acabo de fazer. Quanto ao meio de completar, sem enorme sacrifício e gravame dos seminários, (como está sucedendo) o quadro dos estudos, é o seguinte, que tambem já tive a honra de propor ao governo e proponho agora de novo: Mande o governo entregar à dita comissão episcopal encarregada do temporal dos seminários a soma total que o governo consigna agora dividídamente a cada lente. Como estes moram dentro do Seminário e são sustentados à custa dele, poderiam receber ordenados menores, e assim se dividiria igualmente esta soma por todos os professores que funcionam nos dois seminários, e cujo número é maior do que os que o governo atualmente subvenciona.

O governo já concedeu este favor à diocese do Ceará, de S. Paulo e creio que de Mariana. Espero, portanto, ser atendido, neste, como nos outros instantes pedidos que sou obrigado a fazer pelo zelo das almas, pelo desejo de adiantar a obra da regeneração

do clero, em que há 16 anos trabalho, e enfim pelo amor deste querido país, cujos horizontes se nublam, mas cujo futuro será seguro, se o governo ajudar eficazmente a Igreja na obra salutar que ela tem entre mãos — a verdadeira civilização e progresso dos povos pela ação sobrenatural do Cristianismo. Esta obra não se faz sem clero e o clero não se forma sem seminários devidamente organizados e dotados.

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. Conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

Via S. Excia. a necessidade de se dividir seu imenso campo de trabalho. Tenta, junto ao governo, conseguir a creação de um novo bispado, no território do Amazonas, território que se desmembraria do bispado do Pará. Nesse sentido é a seguinte carta ao Ministro do Império.

"Rio de Janeiro, 7 de Dezembro de 1876.

Ilmo. e Exmo. Snr.

O bispado do Pará, abrangendo as duas províncias do Pará e Amazonas, tem sua população esparsa por um vastíssimo território, que mede quasi um terço do Império, de modo que ao prelado mais zeloso e mais ativo é impossivel visitar toda a diocese com a frequência que fôra mister, para manutenção da disciplina eclesiástica e bem espiritual dos povos. Ajunte-se a esta dificuldade a de um clima ardente, que torna muito cansado o trabalho da visitação (verdadeira missão apostólica), não sendo por isso possivel prolongá-lo seguidamente por mais de 2 e 3 meses. Alem disso, a catequese de muitas e numerosas tribus que estacionam pelo Alto Amazonas só póde tomar incremento tornando-se o cuidado especial de um Bispo pio e zeloso, que fixe o centro de sua administração em Manaus. Cheio de desassossego em minha

conciência e acabrunhado pelo peso enorme de uma missão tão desproporcionada às minhas forças, propus ao Santo Padre Pio IX a idéia de estabelecer uma nova séde episcopal na capital do Alto Amazonas, o que S. Santidade dignou-se aprovar muito, ajuntando, com sua costumada benignidade, que estava disposto a fazer todas as concessões, dispensando por um lapso consideravel de tempo Cabido e seminário, (podendo servir para a nova diocese o Seminário Menor que já possue e o Maior do Pará), caso o governo fizesse dificuldade ao novo estabelecimento pelo acréscimo de despesa. De volta de Roma propus de viva voz ao governo de S. Majestade a mesma idéia, e o que tinha ouvido do Santo Padre, e foi tudo tomado em consideração, sem que, porém, nenhuma medida tenha ainda sido iniciada a tal respeito.

Hoje, porém, que, pelos anos que se vão adiantando e graves incômodos de minha saude, a dificuldade de cuidar de tão vasta diocese vai se aumentando cada vez mais, reitero ao governo de S. Alteza Regente, em nome do Imperador, a minha proposta, esperando que será bem acolhida, e pelos devidos trâmites realizada, como convem ao serviço de Deus, à salvação das almas e ao progresso e desenvolvimento da civilização cristã no grande e esperançoso vale do Amazonas.

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. Conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

O Snr. Bispo do Pará segue para a Europa, onde permanecerá alguns meses.

Cartas de França nos dão notícias exatas do ilustre prelado. São elas de Março (1877). S. Excia. Revma. chegou no dia 25 de Janeiro a Bordeaux no vapor "Mendoza" com rápida e feliz viagem, isto é, com dois dias de adiantamento.

De Dakar a Lisboa, onde, principalmente nesta estação, costuma haver mares encapelados e rijas tempestades, encontrou o "Mendoza" brisas bonançosas e mar de leite. O mesmo famigerado golfo de Biscaia estava sossegadíssimo, como um lago.

Foi uma benção esta viagem e por isso, logo no dia seguinte, poude celebrar o Snr. Bispo na bela igreja de "Notre Dame" em ação de graças, pois não é pequeno favor de Deus atravessar tantos abismos sem o mínimo acidente.

S. Eminência o Cardial Dounay (Arcebispo de Bordeaux) recebeu o digno prelado com muitas provas de contentamento, mostrou-se bem informado do que tem sucedido no Brasil, e apresentou-lhe o seu clero na pessoa de seus Vigários Gerais e do Superior do Seminário Maior, reunidos nesse dia para o conselho arquiepiscopal, como de costume.

A tarde o Snr. Bispo do Pará teve o prazer de ver e abraçar o Monsenhor Vitt, Vigário Apostólico de Numéa, na Nova Caledonia, amigo particular de S. Excia. Revma.; homem de muitas luzes e virtudes, antigo teólogo no Concílio Vaticano.

No dia 27, pelas 7 horas e 50 minutos da manhã, deixou S. Excia. Bordeaux no trem rápido, e às 5 horas da tarde estava em París, indo hospedar-se no hotel das Missões Estrangeiras, cujos proprietários guardam tradições de religião e piedade, e, se esforçam em obsequiar de todas as maneiras o ilustre visitante.

O Snr. Bispo do Pará tem sido alvo das mais cordiais felicitações e constantes visitas por parte de seus antigos condiscípulos e amigos, assim como dos que o admiram por sua ciência e serviços prestados ao Brasil e à causa católica.

A primeira missa celebrada por S. Excia. em París foi no altar da igreja de S. Sulpício e depois no altar de Nossa Senhora do Bom Livramento (Notre Dame de Bonne Delivrance), imagem miraculosa, diante da qual orou e viu-se livre de uma horrivel tentação S. Francisco de Sales, e que se venera ainda hoje

numa capela das religiosas de Santo Tomás da Vila Nova, na rua de Sèvres.

O Snr. Bispo do Pará visitou o Seminário de S. Sulpício, berço de sua vida sacerdotal, onde foi recebido com grande alegria pelos dignos professores.

Deixou nesse Seminário o jovem diocesano Antônio de Macedo Costa Sobrinho, para aí completar seus estudos teológicos iniciados no Seminário Maior da diocese de Belem.

Outras notícias de Dom Antônio

— Alem dessas notícias vindas da França, podemos oferecer outras provenientes de Roma, onde cheio de emoção foi falar ao Santo Padre, após as tempestades da "Questão Religiosa".

Em Abril (1877) cartas recebidas de Roma noticiaram que o ilustre Snr. Bispo do Pará foi recebido em audiência privada por Sua Santidade, no dia 9 de Fevereiro, às 6 horas da tarde. O grande Pio IX acolheu o intrépido prelado com o maior afeto e testemunhoulhe em frases repassadas de extrema benevolência o apreço em que o tem.

Sua Santidade, graças ao Todo Poderoso, goza saude, está bem disposto, e mantem aquela elevação de idéias, na sua conversação por vezes realçada com engraçadas agudezas, que faz as delícias dos que tenham a ventura de vê-lo e de ouví-lo.

"Que homem admiravel! Que fé robusta, que caridade e que bondade naquela grande alma! Que calma sublime no meio das tempestades que se desencadeiam contra ele!"

Sentiu-se feliz a diocese do Pará com as boas novas recebidas àcerca do seu venerando pastor, tão justamente considerado pelo augusto chefe do Catolicismo.

* * *

Uma romaria de brasileiros ia homenagear a Pio IX. A audiência foi fixada para o dia 15 de Ju-

nho (1877). Dom Antônio apresentou os romeiros ao soberano Pontífice e fez-lhe esta brilhante saudação:

"Mensagem lida no Vaticano pelo Exmo. e Revmo. Snr. Bispo diocesano por ocasião da romaria brasileira

Beatíssimo Padre.

Permita V. Santidade que o humilde Bispo do Pará seja o intérprete perante o Augusto Trono de V. Santidade, nesta para sempre memoravel e faustíssima ocurrência do seu jubileu Episcopal, dos sentimentos de amor, obediência e dedicação profunda que votam à Pessoa e à Autoridade de V. Santidade os habitantes da região do Amazonas. Este povo, como os de todo o Brasil, tem conservado intacta a fé romana que lhes transmitiram, há dois séculos, seus primeiros missionários. Todos só têm um coração e uma alma para celebrarem a graça de vossa miraculosa conservação, Beatíssimo Padre, e estariam todos aquí, frementes de amor e de entusiasmo, felizes de merecer tambem um vosso olhar benigno, uma bençam paternal do santo Prisioneiro do Vaticano, se a imensidade do oceano e tantos outros obstáculos insuperaveis lhes não impedissem realizar seus pios desejos. Mas eles me pedem que os ponha, ao menos em espírito, aos pés de Vossa Santidade; que vos diga quanto eles louvam a Deus por ter suscitado, nos dias procelosos que atravessa a Igreja, um tão grande Pontífice; Pontífice que a rege e governa em toda a pureza do espírito de fé e de sacrifício; que não conhece outra prudência senão a que nos imola ao dever; que não conhece outra sabedoria senão a sublime loucura da Cruz. Que tem feito V. Santidade? E porque razão o seu Pontificado é glorificado por Deus Onipotente de um modo tão extraordinário, tão estupendo, que arranca a admiração e o aplauso do universo inteiro? Ah! V. Santidade tem cumprido seus altos deveres de Pontífice sem olhar sacrifícios, sem considerar respeitos humanos, calcando aos pés prudências carnais,

expondo-se às maiores amarguras, com os olhos fitos somente em Jesus, e em Jesus Crucificado. É preciso proclamar a dogma da Imaculada Conceição de Maria? Quem não prevê que o dragão infernal vai revolver-se furioso e dar mais encarniçados e repetidos botes contra a Igreja de Jesus Cristo?

Não importa; vossa mão firme depõe sobre a fronte virginal da Soberana Mãe de Deus o magnífico florão que exigia sua glória.

É preciso condenar a Maçonaria, tornada uma potência formidavel neste século? Não uma, mas muitas vezes cai sobre a cabeça da seita perversa o vosso anatema, sem nenhum receio de suas iníquas tramas.

É preciso reduzir a um feixe e fulminar juntos todos os erros modernos? Mas que frêmito horroroso entre os povos! Como as potências da terra vão opôrse a que se lhes quebrem os dourados ídolos! Que tem isso? O Syllabus aparece, e os princípios da eterna verdade, da eterna justiça, os fundamentos da ordem religiosa e social, brilham sobre os horizontes inteletuais do mundo com um fulgor tão sereno como irresistivel.

É preciso reunir-se um concílio ecumênico e declarar o dogma do infalivel magistério do sucessor de São Pedro? Levantem-se montanhas de dificuldades; revolvam-se as paixões dos homens; faça pressão a diplomacia dos governos; diga-se que a Igreja vai ser toda desmembrada e enfraquecida; que não é possivel passar sobre o corpo da Germania, da França, da Áustria... Vós não sois Pontífice de reter a verdade cativa em vossos lábios por vãos receios humanos. Proferís a definição. Graças a vós, temos farol para a noite que se vai cada vez mais condensando sob o mundo.

O cisma degola a pobre Polônia; a Revolução invade, profana este grande Sacrário que se chama Roma; despojam-vos, Beatíssimo Padre, de vossos sagrados direitos e possessões; acendem a perseguição na Germania, na Suiça, no Brasil? Vós aí estais, invencivel Pontífice — para protestar contra a injustiça dos potentados, para condenar os sacrílegos invasores, para vingar e sustentar com calma e coragem todo divinas os direitos da Santa Igreja oprimida.

Eis o que vos faz grande.

Eis o que traz para vós o mundo.

Exaltado como o divino Mestre sobre o Calvário, como Ele tudo atraís a vós, Beatíssimo Padre, tudo, corações, aplausos, votos, súplicas, dons os mais preciosos de todos os povos da terra: *Cum exaltatus fuero omnia traham ad meipsum.*

Espetáculo único na história do Cristianismo, prêmio merecido de vossos heróicos sacrifícios.

Oh! Santo Padre! dê-nos V. Santidade uma bençam amorosa a nós, Bispos, clero e povo do Brasil, para que nos unamos corajosamente a vós neste espírito de sacrifício, em que reside toda a força e vigor do espírito cristão.

Que todos trabalhemos no Evangelho *usque ad vincula:* — que todos debelemos o paganismo moderno pelo mesmo modo porque os Apóstolos debelaram o antigo, esquecendo-se cada um de si, sofrendo corajosamente, sacrificando-se até à morte, pondo só em Deus toda a sua confiança. Que todos combatamos assim convosco os bons combates do Senhor; que nenhum esfrie na luta gloriosa que temos de sustentar contra os inimigos de Jesus Cristo.

Esta é a bençam que imploro prostrado aos vossos pés, Beatíssimo Padre, para o Brasil, e em especial para o clero e povo fiel do Pará e seu indigno Pastor. Roma, 15 de Junho de 1877.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

Confortado pela imensa bondade do Representante de Jesus Cristo na terra, o Bispo do Pará tratou de regressar à sua diocese.

Ainda nesse ano de 77, já em Belem, teve ele ocasião de refutar os erros dogmáticos de um professor

da Paróquia da Vigia. Sua refutação, numa simples carta, é um belo tratado, resumido, sobre a virgindade da S. S. Virgem, a quem ele amava com extremos de piedade.

"Paço Episcopal, 14 de Outubro de 1877.

Rev. Padre Vigário.

Li com sumo pesar em um periódico publicado aí na Vigia um artigo assinado por um professor público de primeiras letras, no qual não só nega um dogma de fé católica definido no último Concílio Ecumênico do Vaticano, mas insinua claramente que não crê na Virgindade de Maria Santíssima.

Esse professor opõe à crença de todos os séculos no dogma da Virgindade perpétua da Mãe de Deus os testemunhos dos Evangelistas S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas e S. João. Já se vê que ele alude às passagens de que os protestantes e exegetas racionalistas abusam para atacar a Virgindade de Maria Imaculada.

Sustentou antigamente este erro um sordido herege chamado Helvidio, a quem S. Jerônimo refutou cabalmente, e cuja heresia foi condenada nos Concílios Ecumênicos 2.º de Constantinopla e 2.º de Latrão.

Vejamos esses textos dos Evangelhos. O primeiro é o de S. Mateus I, 24: Despertado de seu sono, fez José o que o Anjo lhe ordenara, e recebeu a Maria por sua esposa; e não tinha relação alguma com ela, até que ela deu à luz seu filho primogênito, a que deu o nome de Jesus. Logo, concluem os herejes, Maria não foi sempre virgem.

As palavras *até que* indicam só, segundo o uso da língua hebraica, que até aquele tempo os dois castos esposos não se conheceram, mas não quer dizer que se conhecessem depois. Assim, quando o psalmista diz: *O Senhor disse a meu Senhor: "Assentai-vos à minha mão direita, até que eu reduza vossos inimigos a vos servirem de escabelo";* não quer dizer que, depois de reduzidos os inimigos a escabelo, ao Filho de Deus cessaria de assentar-se à mão direita de seu Pai;

"Como os olhos da serva nas mãos da sua senhora, assim nossos olhos estão fitos no Senhor, nosso Deus, ATÉ QUE se compadeça de nós". (Psalmo 122). Ainda aquí o *ATÉ QUE* não indica, de nenhum modo, que o profeta só terá os olhos elevados a Deus enquanto lhe pede misericórdia, mas que depois de alcançada a misericórdia os volverá para as criaturas.

Lemos no Deuteronomio: *"Morreu Moisés... sepultaram-no no país de Geth... e ATÉ HOJE ninguem sabe onde está o seu sepulcro". ATÉ HOJE,* isto é, até o tempo em que o escritor sagrado escrevia. Segue-se que depois, nos séculos seguintes, se veio a descobrir o sepulcro de Moisés? De fato, nunca se descobriu.

"Eu estarei convosco todos os dias até à consumação dos séculos" disse Jesus. — Póde-se concluir que depois da consumação dos séculos ele se separaria dos seus discípulos, e que quando eles se assentarem para julgar as tribus de Israel estarão privados da presença do Senhor?

Todos esses passos e outros muitos alegados por S. Jerônimo contra Helvídio tapam a boca aos que blasfemam contra a virgindade de Maria Santíssima fundados naquele texto de S. Mateus.

Ainda hoje dizemos: *Eu amei e respeitei a meu pai até o dia de sua morte.* A ninguem vem à cabeça pensar que, falando assim, nós queremos dizer que, depois da morte de nosso pai, lhe faltamos ao amor e ao respeito.

O que o Evangelista queria simplesmente afirmar era que Jesus não foi gerado como os outros homens, mas por uma operação miraculosa do Espírito Santo. Nada mais.

A palavra primogênito *(hecor* em hebraico) significa propriamente o filho que não tem outro antes. Moisés diz: (Exodo III. 2) *Santificai-me o primogênito que abre o seio materno.* Evidentemente Deus não ordena que lhe seja oferecido somente o primogênito que teve outros irmãos depois de si, mas

todo menino, cujo nascimento não é precedido de outro.

Se primogênito só significasse o filho que é seguido de outros, então a lei mosaica não obrigaria senão depois que de fato estes nascessem.

Mas não. A lei entende por primogênito tambem o filho único. E o Evangelista fala no mesmo sentido.

Lê-se no Exodo: *Sucedeu, porém, que cerca de meia noite feriu o Senhor todo primogênito na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó,* etc. Pergunta-se: tambem foram mortos pelo Anjo exterminador os unigênitos, ou só os primogênitos?

"Se primogênitos só se chamam aqueles que têm irmãos, logo foram livres da morte os unigênitos. Se, porém, tambem os unigênitos foram mortos, foi isso contra a sentença, matando-se os unigênitos de envolta com os primogênitos. Ou livrarás os unigênitos da pena, e serás ridículo; ou se confessares que foram mortos teremos te obrigado a reconhecer que tambem os unigênitos se chamam primogênitos".

É argumento irrespondivel do exímio doutor S. Jerônimo (1).

Agora vejamos os textos em que se fala dos irmãos de Jesus.

Lê-se em S. Mateus que os judeus de Nazaré, vendo as maravilhas operadas pelo Salvador, diziam: "Não é este o filho de um carpinteiro? Sua mãe não é uma chamada Maria? Tiago, José, Simão e Judas não são seus irmãos?" (XIII. 55, Marc. VI. 3).

Em outro logar, estando Jesus ensinando ao povo, vieram-lhe com este recado: "Vossa mãe e vossos irmãos aí estão fóra, e vêm vos procurar..." (Math., XII, 47-50) e S. João ajunta que os irmãos de Jesus não criam nele (Joan. VII 5 et alibi). Desta palavra IRMÃOS, mal entendida, têm abusado os antigos herejes, e os hodiernos protestantes e racionalistas,

(1) Liber adversus Hebridium.

contra a Virgindade de Nossa Senhora. Mas isto é um comento ou invenção sem fundamento.

1.º Sempre foi doutrina, geralmente recebida na Igreja Católica, ensinada por todos os Padres e doutores, desde o tempo dos Apóstolos, que Maria foi sempre Virgem, antes do parto, no parto e depois do parto. De modo que, quando mais tarde apareceu a doutrina contrária de Helvídio, Joviniano e outros, foi ela repelida por toda a Igreja como uma novidade impia e uma horrenda blasfêmia. Ora esta crença, esta tradição prendeu-se ao berço do Cristianismo, como poderia ter-se estabelecido, se Jesus tivesse publicamente irmãos no sentido próprio da palavra?

2.º Irmãos na língua hebraica não significa só os irmãos propriamente ditos, mas os parentes chegados. Prova-se pela Escritura.

Loth é chamado irmão de Abraão, bem que só fosse sobrinho (Genes. XIV 14, 16). Labão, irmão da mãe de Jacó, é chamado irmão de Jacó (Genes. XXIX 15). Jacó diz a Raquel que ele é irmão do pai dela. (XXIX, 11). Ora Jacó só tinha um irmão propriamente, que era Esaú, e em outra parte fala de irmãos seus e de Labão, isto é, parentes chegados (Genes. ibid. 31. 36. 37). A língua hebraica é pobre e só tem a palavra irmão para designar primo irmão, sobrinho, cunhado, etc.

Por isso, quem não sabe deste hebraismo se engana facilmente com a palavra irmãos vertida literalmente do original para a vulgata.

3.º S. José tinha um irmão chamado Cleofas, ou Alfeo. (É a mesma palavra hebraica, com ou sem aspiração).

Maria, esposa de Cleofas, era, portanto, cunhada de Maria Santíssima (S. Joan. XIX, 25).

Ora esta Maria, segundo S. Marcos (XV, 40), era mãe de Tiago (o menor) e de José. Alem disso, S. Judas na sua epístola diz ser ele Judas irmão de Tiago. Portanto, o Tiago, José e Judas que, segundo S. Mateus, eram considerados pelo povo como irmãos de

Jesus, eram justamente os três filhos de Cleofas, que vinham a ser primos-irmãos de Jesus.

Falta Simão. Segundo Hesesipo e Eusébio, autores antiquíssimos, Simão, que foi Bispo de Jerusalem, foi tambem filho de Cleofas. Temos, pois, inteirada a conta e os evangelhos concordes.

Os irmãos de Jesus eram, pois, seus primos-irmãos.

4.º Póde-se ainda supôr que S. José, depois da morte de seu irmão Cleofas, tivesse adotado os filhos dele. Estas adoções não eram raras entre os Judeus, diz o sábio Mr. Dehaut. Nesta hipótese os filhos de Cleofas seriam ainda em sentido mais próprio irmãos de Jesus.

5.º O ímpio Renan, que sabe o Hebreu, confessa que Tiago, José, Simão e Judas, chamados no Evangelho irmãos de Jesus, são filhos de Maria, mulher de Cleofas, e, portanto, primos de Jesus. (Vida de Jesus, pág. 24). Mas, como serpente, faz um torcícolo, e diz para satisfazer a sua impiedade, e sem prova alguma, que Jesus teve tambem verdadeiros irmãos. "Os irmãos de Jesus, diz ele, constituiam na Igreja primitiva uma espécie de ordem paralela à dos Apóstolos". Que mentiroso! Mas, se havia publicamente esta ordem paralela aos Apóstolos, devia ser tão conhecida como os Apóstolos. Porque é que nenhum Evangelista, nenhum autor eclesiástico conheceu os nomes desses irmãos de Jesus? Se Jesus tinha irmãos como é que do alto da Cruz deixou sua mãe a S. João, filho de Salomé e de Zebedeu? Porque não fazem menção os Evangelistas desses irmãos quando tratam da viagem de Maria Santíssima a Jerusalem? A ordem paralela é, pois, um romance de Renan, sem valor nenhum científico (2).

6.º As mais altas conveniências da fé nos firmam na certeza de que a Mãe do Verbo ficou sempre Virgem: "Não se póde supor, diz S. Ambrósio, que aquela que recebeu Deus em seu seio pudesse receber depois, neste santuário da divindade, um homem impuro e manchado pelo pecado original, e que José ousasse tocar, consagrada como estava pelo nascimento do Salvador, aquela que ele antes tinha respeitado".

Olshansen, exegeta protestante, nota com razão que parece natural e conveniente que a última descendente de David, de cujo ramo devia nascer o Messias, terminasse sua raça por este último e eterno florão.

As explicações e argumentos que acabamos de expôr bastam para satisfazer as pessoas bem intencionadas. Se aí houver alguma cuja fé vacile, leia e explique esta minha carta escrita no dia da festa da Maternidade da Virgem Maria, ínclita Padroeira dessa paróquia e da diocese, como uma homenagem à sua integridade Virginal, à sua pureza sem mácula, que o inferno com imundas blasfêmias tenta debalde ofuscar.

Deploremos muito d'alma, Snr. Vigário, que, num país católico apostólico Romano, como o nosso, se ache a mocidade exposta a ouvir atacar por um professor público os dogmas mais respeitaveis do Cristianismo; deploremo-lo, e dobremos de vigilância para guardar o depósito sagrado e vingá-lo contra os assaltos da impiedade. Receba minha benção afetuosa.

† *Antônio*, Bispo do Pará.

Rev. Snr. Padre Mâncio Caetano Ribeiro, Pároco da Vigia".

CAPÍTULO XXXVI

NOVAS CRUZES

A morte do Cons. Zacarias. — A morte de Pio IX — Pastoral sobre o grande morto. — O caso da "A Província". — Visitas pastorais. — Membro do Instituto Histórico. — No Amazonas. — No Rio de Janeiro. — "O Liberal" e "A Boa Nova".

A morte do Conselheiro Zacarias

Brilhantíssima a figura desse homem público que tão bem soube defender os interesses da Igreja no

Brasil. O Bispo do Pará teve nele um defensor do mais alto valor e nele brilhou a fé com esplêndidos clarões.

Dom Antônio recebeu com grande pesar a notícia do falecimento do Cons. Zacarias de Góis Vocsoncelos. Na catedral cantou-se Missa *de requiem* a 29 de Janeiro (1878) com *libera me*. Jurisconsulto de renome, financista, sua palavra era acatadíssima no Senado. Mostrou-se sempre católico intemerato.

Na "Questão Religiosa", ele não traiu a sua fé, foi defensor espontâneo de Dom Macedo Costa perante o Supremo Tribunal de Justiça.

Na produção dessa defesa comentava um jornal da época — *Jornal da Tarde* — elevou Zacarias a eloquência do fôro a uma altura que só pôde acompanhá-lo o gênio inspirado de Ferreira Viana.

Era no Senado o chefe da gloriosa falange constituida por Cândido Mendes, Figueira de Melo, Firmino Rodrigues da Silva, Silveira Lobo e outros.

Dom Antônio sentiu o desaparecimento desse grande defensor, dele, Bispo, e da Igreja de Cristo.

A morte de Pio IX

A 7 de Fevereiro de 1878 morria em Roma o Santo Padre Pio IX.

O número da "A Boa Nova", orgão da diocese, que noticiava o doloroso fato, trazia na primeira página alguns dados da vida admiravel de Pio IX; as demais páginas vinham com estas breves sentenças no centro *"In die ille magnus erit planctus in Jerusalem et planget terra.* (Zach. XII. 11. 12)".

— Sapientia ejus enarrabunt gentes et laudem ejus enuntiabit Ecclesia... (Ecc. XXIX, 14).

— Statuit ei testamentum æternum et dedit illi sacerdotium gentis, et beatificavit illum in gloria (Ecc. XV, 8). As tarjas negras, o silêncio dessas páginas e o sentido profundo desses textos escriturais, traduziam a dor profunda da diocese com a perda do grande Papa. Dom Antônio, que sempre teve nele um

amigo, um defensor, um pai, quís que seus diocesanos sentissem com ele o doloroso dessa grande perda. Dom Antônio escreveu a bela Pastoral sobre seu grande amigo, a qual se póde ler no número 24 da "A Boa Nova" desse ano. Vamos transcrevê-la.

Nos dias 5 e 6 de Abril se realizaram com toda solenidade as exéquias de Pio IX, dando a última absolvição o Snr. Dom Antônio.

Eis a Pastoral em que o Bispo do Pará desafoga a sua alma alanceada pela morte de Pio IX:

"Dom Antônio de Macedo Costa, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Belem do Pará, do Conselho de S. M. o Imperador. Ao clero e povo fiel do Pará e Amazonas, saude, paz e benção em Jesus Cristo nosso Divino Salvador.

Com o coração repassado da mais intensa mágoa, Irmãos e Filhos muito amados, vamos transmitir-vos a notícia oficial do funestíssimo e repentino golpe que feriu a Igreja universal pelo falecimento do nosso S. S. Padre o Papa Pio IX.

Por algum tempo quisemos entreter-nos na esperança de que não seriam confirmadas as tristes notícias que circulavam nas folhas públicas; esta esperança era como um fraco dique, com que procurávamos amparar-nos contra a torrente da amargura que nos assoberbava. Mas a onda levou tudo de rojo, e ficamos abismados na universal consternação.

O golpe tremendo foi desfechado e o mundo inteiro estremeceu, como estremece ao rebentar um trovão. Os mesmos que pareciam ardentemente desejar esta morte, que contavam com ela para o complemento de seus infernais planos, ao ouví-la anunciar, olharam-se uns para os outros pálidos de terror, tomados da majestade suprema deste infortúnio.

Não é uma família, não é uma nação, não é uma raça, é o gênero humano que foi ferido. Não se abrem sepulturas como estas sem que a humanidade sinta que se lhe vai o que ela tem de mais nobre, mais puro, mais sublime. O mundo se vê diminuido, ao

desaparecerem do seu cenário movel vultos aureolados de tanta grandeza e de tanta glória.

Pio IX enchia este século. Sua palavra, que levantava tempestades, era a única ouvida. A blasfêmia estrondeava em roda de seu Golgota, mas o universo inteiro estava pendendo de seus lábios ensopados de fel e vinagre; e contemplando em sua gloriosa agonia o triunfo da verdade.

A vida de Pio IX foi um sacrifício, um sacrifício augusto, que Deus aceitou em odor de suavidade.

Ele agonizou pela justiça; ele sacrificou-se pela verdade; sofreu todas as oposições, todos os desamparos, todas as ingratidões dos poderosos, mas não traiu a causa do bem. Póde-se dizer da sua palavra o que o profeta Rei diz da voz do firmamento que narra a glória de Deus: Não são palavras, nem discursos que não se ouvem, mas o som deles repercutiu por toda a terra e suas vozes retumbaram até às extremidades do globo.

A vida de Pio IX foi, em verdade, um doloroso e heróico sacrifício. E é por isso que ele atraiu a si todo o mundo no entusiasmo da mais viva admiração.

Há no padecer pela justiça uma força imensa, um magnetismo poderoso que arrasta as simpatias de todos os corações bem formados. A Cruz é um poder, um poder imenso. Quem quiser conquistar, quem quiser vencer, quem quiser coroar-se de glória imortal, arme-se com a Cruz.

Por isso foi ela escolhida pela Sabedoria eterna para o instrumento da salvação do mundo.

Pio IX morreu, como seu Mestre no Calvário.

A impiedade que o rodeava amargurou-lhe até os últimos momentos. Seus cabelos brancos, seus padecimentos, não continham nos lábios polutos de uns a injúria infame; outros cheios de hipocrisia se curvavam proferindo o *Ave rex* do escárneo.

Mas não te faltaram tambem, magnânimo Pontífice, imensas multidões de filhos dedicados, vindos de todas as partes da terra, para te consolarem e darem-te as provas mais tocantes de amor e de adesão.

Nós mesmo três vezes atravessamos o Oceano para ir depôr a teus pés a homenagem da nossa dolorosa simpatia e de nossa afetuosa dedicação. Ah! com que saudade nos recordaremos, até o último alento de nossa vida, daquelas benignas e maviosas palavras com que sempre nos acolheste, daquelas animações preciosas que de teus lábios recebemos, daquele chamar carinhoso pelo nosso próprio nome todas as vezes que nos encontravas, não falando do que por nós fizeste, da parte que tomaste em nossos sofrimentos, quando gemíamos no cárcere pela liberdade da Igreja!

Magnânimo Pontífice, lá do céu, onde triunfas cheio de esplendores, não tires os olhos de nós nem deste Brasil, por que tanto te interessavas. O horizonte se apresenta cada vez mais sombrio.

Atravessamos dias cheios de angústia e de ansiosa expectativa.

A impiedade continua sua obra de dissolução.

Interpõe, grande Pontífice, o teu valimento ao pé de Maria Imaculada, de quem tanto promoveste a glória, ao pé de seu glorioso Esposo S. José, cujo culto tão oportunamente aumentaste, ao pé, sobretudo, do Salvador Jesus, cujas vezes fizeste com tanto amor e fidelidade, durante o mais dilatado e um dos mais gloriosos Pontificados, de que faça menção a história de sua Igreja, interpõe, sim, o teu valimento, grande Pontífice, para que esta pátria nossa se mantenha na fé católica, na submissão aos ensinos da Santa Sé Apostólica, Centro da unidade, e evite as inovações funestas com que a Revolução cosmopolita procura abater as últimas barreiras que levantamos à onda crescente da desmoralização e da dissolução social.

É nossa fé íntima, Irmãos e Filhos muito amados, que este servo fiel já entrou na alegria de seu Senhor. Mas, como são impenetraveis os Juizes de Deus e os segredos de sua infinita justiça, devemos reunir-nos perante os altares para sufragar com o augusto

Sacrifício, com preces e outras obras de piedade, a alma do nosso augusto Pai e Pontífice, Pio IX, que adormeceu na paz do Senhor no dia 7 de Fevereiro próximo passado.

Para este efeito dentro em poucos dias serão convocados os fiéis desta capital para as exéquias solenes que celebraremos na nossa Igreja Catedral, e para a realização das quais aguardávamos a comunicação oficial que só agora recebemos, firmada pelo digno Representante da Santa Sé Apostólica no Brasil, em data de 18 de Fevereiro último.

Recomendamos outrossim a todo o clero e fiéis desta nossa diocese que façam nas suas Igrejas, e do modo que fôr possivel, os mesmos sufrágios, para que Deus dê o repouso eterno e um lugar de refrigério, de luz e de paz à alma do finado Pontífice.

Dada em Belem do Pará aos 21 de Março de 1878, sob o sinal e selo de Nossas Armas.

† *Antônio*, Bispo do Pará".

* * *

Na "A Boa Nova" do dia 18 de Maio de 1878 lemos: "... Foi uma apóstrofe de igual energia a que o preclaro Snr. Bispo fulminou, do púlpito, anteontem, contra o sacrílego e acintoso artigo da "A Província do Pará". S. Excia. profligou o costume hediondo que vai adquirindo aquela folha de injuriar a N. Senhor Jesus Cristo com os mais grosseiros ultrajes; depois, subindo a um desses rasgos sublimes de eloquência robusta, cujo segredo só ele conhece, denunciou ao povo que "A Província" estava blasfemando contra a nossa Mãe Celestial, Maria Santíssima. Não se blasfema de uma Mãe... como consentir que se maltrate tão vilmente a Mãe de Deus e Mãe dos homens? a Mãe, que é verdadeiramente nossa?

E Sua Excia. tinha citado a palavra de Santo Efrem: "Ousas hoje ter semelhante linguagem e não temes que o fogo do céu caia sobre ti, que falas assim? Não temes que a terra se abra e trague-te?"

— Note-se agora esta extraordinária *coincidência:* esse jornal — "A Província" — no ano de 1907 foi completamente incinerado. Foi a política que a envolveu nas chamas de pavoroso incêndio!...

* * *

Nesse ano de 78 Dom Antônio fez a Visita Pastoral às paróquias de Igarapémirí e Abaeté.

Na sua ausência, o Vigário Geral Mons. Sebastião Borges de Castilho oficiou ao Presidente da Província Dr. José Joaquim do Carmo contra várias profanações e sacrilégios na Matriz de Ourem. As providências, porém, não apareciam.

* * *

— O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro aclamou a Dom Antônio seu sócio correspondente.

— A 20 de Maio de 1878 Dom Antônio dirige a Leão XIII bela carta de cumprimentos filiais do clero de Belem, pela sua exaltação ao Pontificado Romano. A 22 do mesmo mês envia-lhe outra carta com as congratulações da Assembléia Legislativa Paraense. Leão XIII responde ao Bispo, agradecendo uma e outra carta (1.º de Julho).

— A 5 de Junho Dom Antônio segue para Manaus; em Outubro faz a Visita Pastoral às povoações do Rio Purús. Regressa em Novembro. Publica uma pastoral "sobre os fatos lamentaveis ocorridos nesta capital, por ocasião das festas de N. S. de Nazaré". Segue para o Rio de Janeiro a bordo do "City of Rio de Janeiro".

— Em janeiro de 1879 Dom Antônio chegou do Rio em companhia do P. Dr. João T. G. Mourão. Na capital S. Excia. havia pontificado nas exéquias de Dom Vital — 17 de Dezembro de 1878.

No fim foram distribuidos retratos do falecido com estas palavras: *Jesus autem tacebat.* Essas mesmas palavras estavam escritas nos quatro lados da eça.

— "O Liberal do Pará", apesar de ser orgão oficial

da presidência da Província do Pará, guerreava a Igreja. O fato é totalmente extranho, pois o governo em força da Constituição do Império era obrigado a garantir e proteger oficialmente a Religião Católica Apostólica Romana. As medidas tomadas pelo chefe da diocese paraense eram censuradas, combatidas rudemente, muitas vezes, pelo "O Liberal". "A Boa Nova", porém, dispunha de jornalistas de fôlego e defendia valentemente o governo diocesano. No número de 1.º de Fevereiro de 1879 lemos:

"Ódio contra o clero

A propaganda que "O Liberal" faz contra o clero é uma propaganda de ódio entranhado, profundo e até certo ponto inexplicavel. Não é um ou outro Padre, que é alvo da raiva do "O Liberal", é o clero todo, é o clero unido ao Bispo, sujeito ao supremo Pastor da Igreja. É verdade que o orgão oficial da presidência escolhe alguns Padres como vítimas prediletas de seu ódio, mas são exatamente os que por sua inteligência, atividade e zelo põem um cravo na roda do carro do radicalismo, e são um obstáculo sério aos cometimentos da impiedade.

Antes mesmo que aparecesse "A Boa Nova" na arena jornalística, já "O Liberal" açulava paixões ruins e inconfessaveis contra a Igreja Romana, contra o Papa, contra o Bispo e os bons Padres; dava acolhida à sombra de seu pavilhão a dois ou três sacerdotes justamente fulminados por seu legítimo Pastor; já servia de válvula aos erros do protestantismo, do maçonismo e racionalismo.

A luta, pois, que existe no Pará, não foi creada pela "A Boa Nova", nem por seu redator principal, que ainda não estava no Pará, quando já fervia temerosa, buscando desmoronar com baldado esforço o sólio episcopal do Exmo. e Revmo. Snr. Dom Antônio de Macedo Costa.

O que fez o redator principal da "A Boa Nova" foi colocar-se ao lado da verdade perseguida, foi tomar posto entre os soldados da fé católica, foi aceitar o lugar de defensor da autoridade diocesana exposta à sanha da impiedade, foi participar do cálice da amargura tragado por quantos se alistam hoje nas fileiras do catolicismo romano.

Nesta batalha, que sustentamos, o que mais espanta é o ódio contra o Padre católico romano, contra o Padre unido ao seu legítimo Pastor e sujeito à autoridade do Sumo Pontífice, Vigário de Jesus Cristo sobre a terra.

Qual será a causa desse ódio tão aceso contra o clero?

Será porque o Padre é um estranho, é um inimigo?

Não. O sacerdócio é tirado por assim dizer das entranhas mesmo do povo. Será o Padre capaz de ofender vossas pessoas?

Não: o Padre é o homem da paz e não da guerra.

Será o detentor da riqueza nacional?

Não. O Padre vive da caridade dos fiéis e de algumas migalhas do Estado, que parecem antes um insulto à sua dignidade sacerdotal. O nosso clero é quasi indigente.

Será o Padre um malfeitor, o flagelo de seus irmãos?

Não; e se não é ele o espelho da virtude é graças à corrupção geral, da qual nem sempre se póde preservar, e podemos assegurar que os que o condenam não lhe podem atirar a pedra.

Ensinará máximas perniciosas?

Nossas prédicas são públicas: ensinamos o Decálogo, explicamos o Evangelho.

Onde está o Padre digno de vossos ódios e de vossas cóleras?

Será o Padre egoista, avarento, ambicioso, prevaricador, reprovado pela Igreja, suspenso pelo seu Bispo?

Mas um tal Padre é acolhido em vossos arraiais com estrepitosos aplausos, é apontado como tipo do

verdadeiro sacerdote, é crismado com os títulos sonoros de ilustrado, distinto, tolerante, liberal, conhecedor do progresso do século, vítima da tirania episcopal.

Porque odiais o Padre, que busca espancar as trevas da ignorância, enxugar os prantos e consolar as tristezas?

É porque o Padre fiel à sua vocação é o orgão autorizado e vivo da Igreja Católica, e representa em seu ministério a ação do próprio Deus.

Vosso esforço supremo é suprimir a religião na humanidade. Vossos intuitos estão descobertos: sob os nomes impopulares de fanatismo, superstição, clericalismo, quereis abolir o catolicismo e substituí-lo pelo racionalismo, pela indiferença religiosa ou pelos erros do protestantismo.

Fazer conhecido o cancro, que rói as entranhas da sociedade, é prestar-lhe assinalado serviço.

Tal é na hora presente nossa tarefa."

CAPÍTULO XXXVII

PASTOR SOLÍCITO

Na Câmara Federal. — O Prelado se defende. — As invetivas do Cons. Tito Franco. — O jornal diocesano na defensiva. — Dom Antônio expõe os fatos ao Cons. Paranaguá. — Clama contra a propaganda protestante. — Retiro Espiritual. — Limites dos poderes. — O desacato ao S. S. Sacramento. — Morte do Padre Eutiquio. — O "desacato" na Câmara Federal. — Ordenações. — Vai ao Sul. — O orgão da Sé.

* * *

Na Câmara Federal os ataques ao Bispo do Pará eram constantes. Defensor intrépido e abalizado teve Dom Macedo Costa na pessoa do Deputado Samuel Mac-Dowell.

Saldanha Marinho, "Ganganelli", atacava de rijo o clero e o Bispo do Pará. Um pobre padre suspenso e algumas irmandades revoltadas contra o Bispo diocesano encontravam nele — Saldanha Marinho — o grão-mestre do Lavradio, um defensor sem escrúpulos.

* * *

Em 1879 (19 de Abril), Dom Macedo Costa escreveu uma defesa das acusações que lhe faziam. São as acusações já conhecidas: "entende que o Bispo não deve sujeitar-se ao governo" — ora, Dom Antônio sempre reconheceu seus deveres para com o governo, escusando-se apenas de obedecer no que lhe não era lícito obedecer; "não reconhece o direito do *placet*" — ora, Dom Antônio não podia admitir o *placet* no sentido em que o pretendiam os regalistas, ele não admitia a necessidade do *placet* do governo para uma Bula pontifícia ter valor na conciência do católico; *julga-se com direito de alterar estatutos de irmandades.*

E quem podia duvidar desse direito dos Bispos? Queria o governo que o Bispo lhe pedisse autorização para se poder meter nessa questão inteiramente eclesiástica? Acusava-se ainda "A Boa Nova" de prègar a revolução. Essa é grande falsidade. O deputado Tito Franco teve o desplante de fazer tal acusação à chamada por ele "Folha do Revmo. Bispo do Pará". É acusado tambem de intervir no pleito eleitoral, de se meter na política. Dom Antônio cabalmente se defende e prova que a maçonaria é que no Pará fazia poltica, contrariamente ao que afirmava ela. Prova-o publicando um convite do delegado do grão-mestre em Belem, dirigindo-se aos maçons com indicação do mesmo grão-mestre Saldanha Marinho para deputado geral — o que conseguiu.

O deputado Tito Franco teve ainda a coragem de acusar a Dom Antônio de impedir a prática da religião no Pará. Diz que o povo pedia o padre para dizer

missa e o Bispo lho negava; pedia o padre para os sacramentos e o Bispo lho negava. Parece incrivel que descesse tão baixo um parlamentar. E as acusações continuaram.

Dom Antônio publicou uma longa defesa de si mesmo contra as calúnias que sem pejo atiravam sobre seu governo e sobre seu nome, porque tinha o dever de zelar o bom nome do clero.

Era evidente o conluio dos interesses políticos e dos sentimentos anticlericais na inspiração das acusações caluniosas vomitadas do alto de uma tribuna do parlamento contra a causa da Igreja.

Agora vejamos como é que "A Boa Nova" comentava os ataques do Conselheiro Tito Franco ao clero paraense.

Escreve "A Boa Nova" em seu número 17, desse ano de 1879:

"Entendeu explorar o Conselheiro Tito Franco os ódios irreligiosos de muitos deputados, ultrajando e caluniando o respeitavel clero paraense.

Ouçamo-lo:

"No Capim apareceu a desordem, foi um padre a insuflá-la; em Santarem, Mazagão, por toda a parte, lançaram-se os Vigários como corvos a revolverem os germens das desordens logo produzidas por eles próprios."

Aquí o insulto e a calúnia disputam a primazia.

Houve desordem no Capim? Sim. Quem a promoveu? O Padre Rocha, diz o Snr. Tito Franco.

Mas os fatos o desmentem, Snr. Conselheiro.

Em que consistiu a desordem do Capim?

1.º Em negar o subdelegado arbitrariamente as chaves da Matriz ao respetivo Vigário, Snr. Padre Gomes da Rocha.

2.º Na prisão de 19 cidadãos pacíficos, inclusive o respeitavel Coronel José Calixto Furtado.

Quem cometeu semelhante atentado contra a liberdade do cidadão? O subdelegado do Capim, hoje membro do diretório nazareno.

3.º Quem desmoronou a Igreja Matriz do Capim?

O subdelegado Pedro Chermont de Miranda, em ódio à religião e ao clero.

4.º Houve um combate naval entre os soldados e escravos do subdelegado do Capim e os votantes conservadores; mas lá não se encontrava o Padre Gomes da Rocha.

Eis aí em resumo as desordens havidas no Capim insufladas pelo gênio atrabiliário dos diretores da política liberal.

Que fez o Vigário em todo esse negócio?

Quando lhe recusaram as chaves da igreja, veio à capital pedir providências às autoridades competentes.

Pois será isto insuflar desordens? Será promover cenas de sangue? A vítima foi e é o Vigário, que ainda não póde funcionar na sua Matriz, e todavia o Snr. Tito Franco de Almeida transforma-o em cabo de guerra, e em corvo a buscar carniça!

Aparece desordem em Cairarí, quem a promoveu?

O Vigário, diz o leader nazareno.

Onde estão as provas?

O próprio subdelegado da localidade, de inteira confiança da seita nazarena, afirma o contrário.

Mais: Em Cairarí existe apenas um grupinho de liberais, porque a única influência local é a do Snr. Tenente Coronel Miranda. Que interesse teria a oposição em promover desordens, onde o seu triunfo era certo pelos meios legais?

Houve desordem em Cairarí?

Sim. Quando um grupo de liberais exaltados entraram na sacristia da igreja, quebraram as imagens, dando vivas ao diabo e morras à religião católica; quando o célebre delegado de polícia do Mojú punha cerco à casa do pacífico Vigário, que fugiu à sanha dos perigosos beleguins da comissão central.

Aparece desordem em Curuçá, quem a insuflou?

O famigerado subdelegado Cruz, maçon de papo

amarelo, mandado de encomenda para perseguir o Vigário.

Quais foram as desordens de Curuçá?

Ei-las: O espancamento e prisão de muitos cidadãos pacíficos, que vinham exercer o direito de voto; o cerco da casa do Vigário, comandado por um oficial do exército; o processo monstruoso de 41 indivíduos estultamente acusados como sediciosos.

As desordens de Curuçá foram perpetradas pelas autoridades policiais, tendo à sua disposição o vapor "Souza Franco", armado em corsário.

Houve desordens em Santarem?

Sabe-se que alí foi a urna quebrada pelo destacamento postado às ordens da parcialidade liberal.

E o escândalo foi tal que a própria comissão de inquérito lançou este crime à conta dos amigos do Snr. Conselheiro Franco de Almeida.

Por que Padre foi alí insuflada a desordem, de que fala o orador da turma nazarena?

Seria pelo Snr. Arcediago Coelho?

Mas nesse tempo estava o virtuoso sacerdote em companhia do ilustre Bispo diocesano, no alto Madeira, em visita pastoral.

Seria o Padre José Esperança?

Mas este era elogiado pelo "Município", orgão liberal santareno, e acusado pelo "Baixo Amazonas" como adversário dos conservadores.

E o Snr. Tito Franco tem a coragem de dizer em pleno parlamento que houve desordem em Santarem insuflada por um Padre!

Houve desordem em Mazagão? Sim, o grupo liberal dirigido pelo comandante da força, alí, quebrou a urna, e atirou-a nágua. O Vigário daquela localidade, depois dos processos instaurados, por autoridades todas liberais, não foi envolvido nem de leve nesse negócio.

Acusaram-no a princípio de ter lido do púlpito um papel incendiário. Mas ele defendeu-se cabalmente, pois o papel incendiário era uma portaria antiga

do Snr. Bispo diocesano, ordenando aos Vigários que retirassem o Santíssimo Sacramento das igrejas durante o pleito eleitoral, e aconselhando a todos o respeito dos templos de Deus vivo!

Esqueceu o Snr. Conselheiro Franco de Almeida de declarar no parlamento que houve gravíssimas desordens em Ourem durante o pleito eleitoral, sendo protagonista o Padre Marcelo Alves de Menezes, chefe da parcialidade liberal, pago à boca do cofre com a cadeira de primeiras letras daquela localidade.

Porque Marcelo é liberal, não mereceu sem dúvida o título de corvo a procurar carniça, nem póde ser chamado desordeiro e promotor de cenas de sangue!

Demos de barato que em 5 paróquias da província houvesse desordens insufladas por 5 Padres, seria isto motivo para insultar-se todo clero?

Mais de 5 Padres protegeram as candidaturas nazarenas. Sabe disto "O Liberal", e não o ignora o Conselheiro Tito Franco.

A Província do Pará conta cerca de 69 paróquias e, só porque 4 ou 5 Vigários tomaram parte no pleito eleitoral em favor da oposição, mereceu ser todo o clero atado deslealmente ao poste da difamação pelo Snr. Conselheiro Tito Franco de Almeida.

Diz ele que há um partido de todos os Cônegos capitaneado pelo Snr. Bispo do Pará, e todavia sabemos que cerca de 6 Cônegos se abstiveram de votar, e houve um que foi à Câmara Municipal depositar na urna a chapa liberal!

O discurso do Snr. Tito Franco é o eco de calúnias constantemente exploradas aquí contra o clero, é um libelo difamatório contra os que nesta província não se sujeitam ao domínio ferrenho da comissão central nazarena.

Fazemos aquí ponto final, porque já vai um pouco estirado este artigo."

* * *

As hostilidades que sofria a Igreja no Pará eram realmente graves, pois tinham o cunho sistemático e oficial.

Dom Antônio deliberou apelar para o Conselheiro Paranaguá, como se vê pela carta seguinte, na qual os fatos se historiam circunstanciadamente.

"Carta

Ao Ilmo. e Exmo. Snr. Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá. Senador do Império.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Foi V. Excia. quem em 1860, como ministro da Corôa, lembrou meu humilde nome a S. M. o Imperador, e apresentou-me à Santa Sé Apostólica para Bispo da diocese do Pará; e desde então não tem cessado de dar-me provas de estima e consideração, penhorando o meu reconhecimento.

Em V. Excia. reconheço, Snr. Conselheiro, nobreza e retidão de carater, e sobre tudo um sincero respeito e dedicação pelo catolicismo, que deseja ver florescer neste esperançoso Império americano. Por estes motivos julguei dever dirigir-me a V. Excia. para informá-lo dos vexames de que está sendo vítima esta diocese por parte de um grupo de políticos exaltados, que, sem madura reflexão e há mais de quinze anos, arvoraram aquí a impiedade em bandeira do partido.

A alta e benéfica influência que V. Excia. exerce nas coisas públicas do país, já como Senador do Império, já como um dos mais conspícuos chefes da política dominante, poderá, eu o espero, muito cooperar para que tenham, enfim, um paradeiro os lamentáveis excessos que passo a expôr. Snr. Conselheiro, estamos fóra da lei. Reina aquí a anarquia no culto católico, garantido pela Carta Constitucional, e cometem-se os maiores desacatos e sacrílegas farças, tudo promovido, aprovado, e consentido pelas autoridades públicas da província.

Já levei ao conhecimento do governo de Sua Majestade os tristes fatos de Nazaré. Uma comissão de festeiros livres-pensadores anunciou de antemão uma festa sem Padres. Não deu a menor satisfação à autoridade eclesiástica, não lhe dirigiu o mínimo pedido; publicou insolentemente o seu programa, e, apesar da reclamação do governo do Bispado ao governo da província contra este escândalo inaudito, fez-se a festa sem Padres, fez-se a festa civil, prestando a presidência todo o aparato oficial.

Da capela do palácio do governo saiu a procissão, afrontando não só a religião, mas o pudor. Toda a tropa acompanhou-a.

As maiores ofensas foram feitas à Igreja, durante mais de vinte dias, na Ermida e no largo de Nazaré, debaixo da proteção da polícia.

Dois guardas estiveram ao lado de um manequim representando um Padre em posição indecente, para impedirem que o descobrissem, até que à noite apareceu, como surpresa anunciada no programa, e foi queimado no fogo de artifício, com horrorosas blasfêmias.

O insulto, o desrespeito ao Bispo e ao clero eram diariamente aplaudidos pelo orgão da presidência, e seus autores, empregados do governo geral e provincial, nenhuma repressão ainda tiveram, e campeiam todos impunes.

A semente do escândalo lançada em Nazaré devia frutificar, e está com efeito frutificando.

A Igreja do Capim, cujo teto foi violentamente derribado por um subdelegado, e toda arruinada, ficando só as paredes, como representei ao governo, foi por ordem do mesmo subdelegado ultimamente reparada, pois, sendo o crime cometido em público e com a maior ostentação, sempre receou ao menos uma demissão por ordem do governo Imperial. Mas, depois de pronta a igreja, foi consagrada por um protestante e alguns liberais, celebrando-se nela umas ladainhas e vivas, referiu em ar de triunfo "O Liberal do Pará".

Note V. Excia. que esta paróquia tem um Vigário legitimamente nomeado; mas o dito subdelegado de polícia opôs-se pela força a que ele tomasse posse, declarando formalmente que não permitiria nunca que ele alí funcionasse, sob pena de levar uma bala na cabeça, pelo que voltou o Padre para esta capital, onde se acha aguardando providências do governo.

O subdelegado, autor do sangrento combate naval que já foi narrado no parlamento, não só ficou impune, mas foi promovido a membro do diretório liberal desta província.

Em Ourém as coisas tomaram um carater ainda mais odioso pela cooperação de um Padre.

Durante o pleito eleitoral correu o sangue dentro da igreja matriz dessa vila, e aí cometeu-se um homicídio, pelo que ficou a mesma igreja, *ipso facto*, interdita. A declaração oficial desta censura canônica tinha sido feita e intimada pela autoridade diocesana. No dia 15 e 16 de Novembro último, à noite, cerca de 80 pessoas, capitaneadas pelo subdelegado de polícia e com consentimento e aprovação do mesmo subdelegado, dados em seu despacho de 14 do dito mês, abriram as portas do recinto interdito, celebraram umas ladainhas e outras preces, e declararam, diz formalmente o subdelegado em seu ofício de 18 de Novembro, dirigido ao chefe interino de polícia, continuar a fazê-lo "enquanto o Ordinário da diocese continuasse a não dar providências."

A administração diocesana, informada deste desacato e desta espécie de cisma começado em Ourém sob a proteção da autoridade pública, representou à presidência da Província contra estes preces cantadas publicamente em desrespeito à hierarquia eclesiástica, cujo desprezo ostentavam os autores delas, violando alem disso, enquanto lhes foi possivel, o interdito canônico em que incorreu essa Matriz, com o assassinato e efusão de sangue.

Chamava a mesma administração do Bispado a atenção da presidência para esta violação da lei geral

da Igreja, sempre reconhecida e respeitada em todo o Império e alí (em Ourém) calcada aos pés... e consoluia nos termos mais atenciosos pedindo providências.

Responde a presidência o seguinte:

"Acusando o recebimento do ofício de 24 do corrente em que V. Revma. pede providências para impedir que o povo da vila de Ourém se reuna na respetiva igreja para orar, declaro a V. Revma. que foram expedidas ordens ao Dr. chefe de polícia interino, no sentido de informar a respeito e tomar a medida que julgar acertada".

Era desvirtuar e falsear completamente o sentido do ofício do governador do Bispado. Esta falsificação se acentua ainda mais no resumo do mesmo ofício da autoridade diocesana publicada no jornal oficial.

Diz assim:

"Ofícios... Do governador do Bispado reclamando providências contra o povo de Ourém pelos atos religiosos que tem praticado na paróquia da mesma vila." "O Liberal do Pará" de 4 de Dezembro. E isto quando o governador do Bispado em seu ofício pedia providências contra sacrílegos atentados praticados por algumas pessoas, declarando que isto fazia afim de que o povo não fosse iludido por quem quer que o induzia a uma espécie de cisma, etc.

O que é mais, o chefe de polícia em sua informação publicada no jornal oficial ousa censurar o interdito, como prejudicial aos interesses espirituais do povo de Ourém; proclama que os atentados sacrílegos contra os quais se reclamou, "longe de serem sintomáticos de uma época de irreligião, e desrespeito às leis da Igreja, são significativos de verdadeiro espírito religioso" (textual). Neste mesmo ofício celebra o chefe de polícia as virtudes do pároco de Ourém, que foi obrigado a suspender por motivos de ordem moral gravíssimos. Ao mesmo tempo que atribue caluniosamente tal suspensão a motivos políticos, dá-a como razão explicativa dos fatos sacrílegos de Ourém,

quando é certo, como se demonstra pelas datas, que a suspensão foi posterior a esses fatos.

A presidência limitou-se a transmitir à autoridade eclesiástica este e outros documentos, que provam a conivência das autoridades policiais e sua com os procedimentos irregulares e acintosos de Ourém.

O infeliz pároco, de cujos costumes nada posso aquí articular, bem que ele seja o primeiro a não ter reserva alguma, veio à capital e foi nomeado professor de primeiras letras de Ourém (demitindo-se contra a lei o professor efetivo) e para lá voltou triunfante.

Direi de passagem que não é o primeiro Padre suspenso que é assim recompensado pela presidência da Província. O mesmo já sucedeu com outro no Baixo Amazonas, que, estando publicamente ferido de suspensão e revoltado contra o seu Prelado, foi encarregado do delicado ministério de instituidor público da mocidade.

Se a autoridade civil continuar com tais procedimentos, a religião cessará de ter a necessária força moral para disciplinar o seu clero, e os escândalos transbordarão em proporção assustadora.

O ex-Vigário de Ourém, assim animado e favoneado, colocou-se à frente do grupo revoltado, e tem presidido, vestido de secular, a outras paródias religiosas. Cantam-se ladainhas civís, põe-se incenso no turíbulo, e incensam-se os altares; saem com as imagens tirando esmolas, contra uma ordenação diocesana; enfim, continua alí a rebelião, a anarquia na Igreja, sob a alta proteção das autoridades.

Snr. Conselheiro, é possivel que as coisas continuem neste pé? Um chefe de polícia em documento público ousa censurar o Prelado, e reprovar um interdito local que nem pelo Bispo foi imposto, mas sim pelo direito mesmo da Igreja Católica num fim altamente moralizador; que elogia e anima um grupo de insultadores do Prelado, e um Padre suspenso, etc. e o presidente ainda em cima envia esse documento

à autoridade diocesana, como querendo afrontá-la em face e quebrar-lhe todo o prestígio e força moral?

Mas o que se passou em Monsarás (Marajó) sobe de ponto no burlesco e sacrílego.

O subdelegado do lugar, José Raimundo Cupertino, dia da Epifânia última, estando o Vigário a celebrar a festa patronal de uma capela filial (do que avisára em tempo ao povo), manda repicar os sinos da Matriz a modo de chamada para a missa, dizendo a todos que a ia celebrar; e, como não obtivesse com ameaças de prisão a chave da igreja, já se dispunha a fazê-la arrombar a machado, quando a família do sacristão ausente lhe fez entrega da chave.

Entra então pela igreja com o presidente da Câmara, o professor público, o delegado literário, o escrivão da coletoria e um pequeno grupo, e declara que celebrará missa civil, já que o pároco abandonou a Matriz.

Canta uma ladainha; e depois propõe-se batisar algumas crianças, mas só conseguiu batisar uma, filha de um Francisco Severo e Domingas Bacelar.

Para mais seguramente poder executar estes atentados, serviu-se da força pública, que mandou postar nas portas e junto às janelas da igreja, para o que désse e viesse, dizia ele.

Nessa noite, estando o Vigário de volta, sossegado em sua casa, viu-a cercada, e recebeu do dito subdelegado voz de prisão, a que o mesmo Pároco não quis entregar-se por ilegal; depois das quais proesas retirou-se no dia seguinte tranquilamente aquele funcionário para o seu sítio no rio Camará.

Até aí chegam as notícias que tenho daquela localidade. Não duvido que as desordens não parem aí, e se vão reproduzindo em outras paróquias, pela animação que lhes dá "O Liberal do Pará", orgão oficial da presidência.

Depois de noticiar as ladainhas seculares (sic) do Capim, diz ele: "Fato notavel! ao passo que o clero abandona as igrejas (!), o povo as vai frequentando

e passando perfeitamente sem o latim estropiado dos mercadores do templo.

"Ontem Nazeré, ao depois Ourém, mais tarde o Capim.

"O mundo caminha e a civilização o acompanha."

Tem repetido cem vezes em letras garrafais o dito orgão presidencial: "Demita-se o Prelado, ou submeta-se."

E todos os dias não trata de outra coisa senão da questão do dia, isto é, do Bispo, do clero, da Igreja Católica, arrastando tudo pela lama dos maiores convícios.

Sobre os últimos fatos de Monsarás, que causaram na população daquele lugar, e em toda a diocese, uma impressão de horror, eis aquí como se explica "O Liberal do Pará" em nome do Exmo. presidente da Província, que com efeito nenhuma providência até hoje tem tomado.

"Anuncia "A Boa Nova" de ontem que não leva mais reclamação alguma à presença da presidência.

"Faz muito bem, visto que a honrada presidência tem muito em que ocupar o seu tempo, e não póde desperdiçá-lo para ler baboseiras, e muito menos para auxiliar o clero em suas desassizadas pretenções.

"De hoje em diante, declara o orgão clerical, a autoridade diocesana levará tudo ao conhecimento do governo Imperial, que "ela sabe ter clara e positivamente desaprovado os excessos passados."

"Fazem muito bem, irmãos em Jesus Cristo..."

Não posso transcrever o mais.

Exmo. Snr., tudo leva a crer, e muita gente bem informada já por aí diz, que estes fatos das paróquias são promovidos pelos mesmos autores das desordens de Nazaré, os quais infelizmente pertencem quasi todos ao diretório liberal desta província. O fato de serem autoridades os que figuram em primeira plana nessas cenas escandalosas, violentas e em contradição com a índole submissa e religiosa deste povo, está confirmando este modo de ver, e eu por mim estou

convencido que deve haver plano concertado para generalizar quanto possivel o movimento do culto civil, afim de não ficarem sós os tais festeiros livres-pensadores e seus fautores; mas antes fazerem crer ao governo que o ódio das populações contra o Prelado diocesano (ódio que não existe, graças a Deus), é a causa dessas manifestações, quando na realidade a causa de tudo isso é o ódio desses poucos indivíduos que, há muitos anos, juraram combater, e têm combatido aquí diariamente, com um encarniçamento incrivel, o Bispo, o Papa, o clero, a religião Católica Apostólica Romana, como incompativeis, dizem e repizam todos os dias, com a civilização e os princípios políticos e sociais que eles sustentam.

Assim, Snr. Conselheiro, temos presenciado aquí, não só os fatos anormais já expostos, que nunca se deram em província nenhuma do Império, mas este singularismo de ser a folha oficial da presidência que mantem diariamente acirrada propaganda contra a religião do Estado.

Os dogmas da Igreja Católica, os seus preceitos, seus institutos, sua hierarquia desde o Sumo Pontífice até o mais humilde sacerdote, tudo é violentamente atacado, caluniado, vilipendiado, nos termos mais baixos e, às vezes, até obcenos pelo "O Liberal do Pará", jornal subvencionado pelos cofres da Província.

É verdade que papeis, representando opiniões de grupos ou de indivíduos, espalham desde muito no Brasil o veneno da impiedade e da heresia protestante; mas um jornal que representa o governo, um jornal oficial tomar a si a inglória tarefa de solapar os fundamentos da religião abraçada pela quasi totalidade da nação brasileira, isso é espetáculo que nunca se tinha visto, e que infelizmente está passando no Pará.

Nos dois números do jornal que tenho a honra de transmitir-lhe, lerá V. Excia. um grande número de textos do "O Liberal do Pará", cada qual mais blasfematório e injurioso ao cristianismo.

A administração diocesana não dá um passo sem provocar os comentários mais deshonrosos da folha presidencial. Se em satisfação da disciplina eclesiástica sou obrigado a suspender do exercício das ordens a um sacerdote esquecido dos seus deveres, aí vem sem demora "O Liberal do Pará" cobrindo-me de impropérios, e açulando ódios e rebeldias contra a legítima autoridade de que sou depositário.

Existe nesta cidade de Belem uma chamada Ordem Terceira de S. Francisco, que decaiu de sua primitiva instituição, e vive no inteiro esquecimento das regras de seu santo fundador. Desejando a mesa regedora desta confraria fazer uma procissão quarta-feira de cinzas, e exprimindo-me em seu ofício encarecidos protestos do mais puro catolicismo, sincera piedade e perfeita obediência, assentei aproveitar a ocasião para lembrar-lhe a observância de suas regras, e até dos preceitos mais elementares da nossa religião, para assim restaurar-lhe o espírito cristão, ou já morto ou ao menos muito amortecido.

Em vez de ser favorecido neste louvavel empenho pelo orgão da presidência, como o fui por todos os outros jornais, exceto um, saiu ele atacando o Bispo, e aconselhando a Ordem Terceira a desobedecer ao seu legítimo superior.

"Por isso, diz ele, aconselhamos aos confrades daquela Ordem que se não submetam, pois que fazendo-o obedecem a uma disposição despótica, etc." ("O Liberal do Pará", n.º 35).

Animados pela palavra do orgão oficial, reuniram-se os mais exaltados irmãos e resolveram responder negativamente a todos os quesitos por mim propostos.

Envio a V. Excia. esta resposta (logo estampada no "O Liberal do Pará", papel tão incongruente que tive de devolvê-lo ao Ministro da Ordem Terceira que o assinara).

Enfim, Exmo. Snr. Conselheiro, no último Carnaval mostrou a polícia do Snr. Dr. Carmo formal propósito em que está de auxiliar e animar todo e qualquer insulto, ainda o mais torpe e desbragado, que se queira fazer ao Bispo, aos sacerdotes e às pessoas religiosas mais respeitaveis. A polícia concedeu expressamente licença para que saissem mascarados ludibriando umas senhoras religiosas que dirigem, com geral contentamento dos pais de família, um estabelecimento de educação que fundei nesta cidade. Alem da licença expressa da polícia, publicou ela um edital em que se lia: "Fica proibido... 2.º que se apresentem com máscaras e insígnias alusivas a qualquer autoridade ou corporação civil, militar ou eclesiástica deste Império". E "O Liberal do Pará", orgão oficial, comentou logo este artigo, dizendo que por concessão da polícia podiam sair máscaras alusivas às ditas senhoras religiosas, porque não eram uma corporação do Império; e assim se fez, mas de modo tão infame, e espalhando os mascaras pelas ruas papéis tão imundos, que eu não posso, retido pelo pudor, explicá-lo. A polícia tudo viu, e tudo aprovou, e o insulto se repetiu, sem a mínima repressão.

"O Liberal do Pará" chegou a declarar que a polícia dando esta licença "nada mais fez do que cumprir o seu dever".

(Textual, n.º 45, de 23 de Fevereiro).

Não falo das infâmias dos bailes de máscaras, verdadeiras saturnais pagãs que ela facultou se prolongassem até altas horas da madrugada.

Ah! Snr. Conselheiro, o coração rasga-se de dôr, ao ver aqueles mesmos que deviam manter a moralidade e a religião conculcá-las por este modo.

Snr. Conselheiro, estamos no Pará sujeitos a uma perseguição sem exemplo em uma terra católica.

Justiça! não pedimos senão justiça!

O governo de S. Majestade não póde deixar de tomar medidas urgentes e eficazes, para pôr côbro a estas desordens e desatinos, que nunca se deram, segundo penso, sob um governo cristão, em parte nenhuma do mundo. Fazendo-o, não proverá só ao bem da Igreja, senão tambem ao da sociedade civil, que

não póde atingir um estado próspero e bem ordenado, sem o elemento religioso, garantido pelo poder público e de todos profundamente respeitado.

Receba, Exmo. Snr. Conselheiro e mui respeitavel amigo, a expressão da minha alta estima e afetuosa dedicação.

Pará, 28 de Fevereiro de 1879.

† *Antônio*, Bispo do Pará".

* * *

Entretanto, o Prelado não descuida de seu rebanho ameaçado pela propaganda protestante. Vejamos a segunda carta:

"Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1878.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Na última visita pastoral que fiz pela Província do Amazonas, verifiquei um fato grave que devo levar ao conhecimento do governo Imperial.

Acha-se estabelecida no lugar denominado S. Pedro, no Alto Purús, uma missão protestante inglesa, altamente protegida pelo Consul de S. Majestade britânica em Belem do Pará. Quando aí passei, estava só na missão um jovem ministro, de nome Duck, creio que pertencente à Stablish Church, ou igreja oficial da Inglaterra, o qual recebe do Consul, por intermédio de um dos comandantes dos vapores da Companhia do Amazonas, pingues ordenados em dinheiro e provisões abundantes, como fui informado por um dos ditos comandantes encarregado dessa comissão. A missão protestante tem tido até agora pouco desenvolvimento, consistindo em seis meninos índios comprados pelo ministro. Constava-me, porém, que ia tomar maior incremento com a chegada de um novo propagandista, que já aí esteve muito tempo e sabe já a língua dos índios. Esperavam tambem um pequeno vapor para circularem pelos rios e lagos interiores, e dilatarem assim a influência de seu propagandista. Esta lancha estava já pronta no porto de Manaus, onde a vi em minha volta do Purús, não tendo a presidência permitido que seguisse, por quererem os seus donos que viajasse com a bandeira inglesa.

O que há mais grave é que o dito ministro Duck julga-se com direito de casar, segundo os ritos de sua seita, os católicos, residentes naqueles rios que a ele recorreram, e de fato já casou a Luís Secundino Lacerne e Clemência Franca, sendo estes e continuando a ser católicos romanos. O mesmo ministro protestante confessou-me o fato, e declarou-me que apesar da observação que eu lhe fazia de serem nulas tais uniões não só perante os canones, mas perante a lei civil do país, ele consultaria o seu Consul, e faria como este determinasse.

Deixei um excelente sacerdote encarregado dos Purús, e seria bom que se não afastassem de lá os Revdos. Missionários Franciscanos, que aí se achavam e dos quais o mais ativo e experimentado foi removido há pouco pela presidência para o Rio Negro.

É só o que me cumpre comunicar ao governo Imperial, suplicando-lhe que tome as medidas que em sua alta prudência e sabedoria julgar convenientes, para obviar talvez futuras e sérias complicações, assim como a ruina de muitas almas.

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. Conselheiro Carlos Leôncio de Carvalho, Ministro e Secretário dos Negócios do Império.

† *Antônio*, Bispo do Pará".

* * *

Corria o ano de 1880, que devia ser, tambem ele, fecundo em belas obras para mais e mais enriquecer o governo de Dom Antônio.

Em Janeiro o clero reuniu-se em Retiro Espiritual. Foi a segunda vez que o fato se deu entre nós. — Estiveram fazendo os exercícios 21 sacerdotes em companhia do Exmo. Ordinário. Foi prègador o Padre Aurelli, da Companhia de Jesus.

*
* *

A autoridade civil, perdendo os limites de seus poderes, *creou* sem mais uma nova paróquia — precisamente a do Almoço. Depois de *creada* pela Assembléia Legislativa do Estado, o presidente Dr. Gama Abreu pede o parecer do Snr. Bispo.

Dom Antônio respondeu que não ao governo, mas ao Bispo competia *crear* paróquias e expõe as razões todas que demonstram o asserto.

— A 21 de Maio do mesmo ano escreveu breve Pastoral historiando o desacato ao S. S. Sacramento quando conduzido solenemente a um enfermo.

Em plena rua, nesta capital, tão doloroso fato! S. Excia. ordena vários atos de reparação.

— Nesse mesmo ano morre o desventurado Padre Eutíquio Pereira da Rocha, que tanto fez sofrer o Prelado e a Igreja. Em vão Dom Antônio tentou chamá-lo ao bom caminho. Mandou distinto sacerdote a sua casa, na última enfermidade, mas nada obteve.

Após 14 anos de suspensão, já velho, envolto nas malhas da maçonaria, partiu desta vida para o tribunal de Deus.

— O deputado Dr. Américo Santa Rosa (Julho de 1880) ataca o Bispo do Pará, discursando na Câmara. Tratava-se da Pastoral em que Dom Antônio comenta o desacato, de 20 de Maio do mesmo ano, contra o S. S. Sacramento, que era levado como Viático a um doente. O deputado paraense fazia-se eco das injúrias que seus colegas Saldanha Marinho e Tito Franco de Almeida haviam assacado à pessoa veneranda do Prelado.

— A 2 de Maio de 1880, na igreja de Santo Alexandre, Dom Antônio conferiu as ordens de presbítero aos diaconos: Joaquim da Silva Mourão, Raimundo Ulisses de Albuquerque, Carlos Seidl, Luís Gonzaga de Oliveira e Angélico Pereira de Araujo.

Achavam-se presentes, entre outros sacerdotes, os seguintes: Cônego João T. Muniz, Côn. José Pinto Marques, Côn. Perdigão, Benef. Domiciano, os Jesuitas P. P. Aurelli, Rafael Galante e Tuveri.

Note-se que o novo sacerdote Carlos Seidl era já viuvo, tinha filhos que mais tarde se distinguiram. Foi um sacerdote que prestou relevantes serviços à causa de Deus.

— Em Maio de 1882, Dom Antônio regressava de uma excursão pelas Províncias de Minas, Rio e Paraná, onde fora esmolar para suas obras. Passou pela Baía e teve o ensejo de firmar o seguinte documento:

"Nós, abaixo assinados, atendendo aos bons serviços do escravo João, pertencente à nossa finada irmã Honorina de Macedo Costa, e desejando assinalar com um ato de beneficência cristã o aniversário do nosso irmão Coronel José Joaquim de Macedo Costa, acordamos em conceder, como concedemos pela presente, liberdade, sem onus algum, ao supranomeado escravo.

Baía, 19 de Maio de 1882.

† *Antônio*, Bispo do Pará — José Joaquim de Macedo Costa — Francisco de Macedo Costa — Maria da Glória de Macedo e Silva".

— No mês de Junho S. Excia. chegou a Belem e recebeu a 14 desse mesmo mês o orgão da Catedral. Chegou em 19 caixões, expedidos pela oficina Aristides Cavaillé-Coll, de Paris.

CAPÍTULO XXXVIII

O CÍRIO

Que é o Círio? — A Questão Nazarena. — A Ermida e a nova igreja. — Profanações e cisma. — Dom Antônio ao seu clero. — Fala "A Boa Nova". — Ao público. — O Vigário Geral reclama. — Confortando o Prelado. — Protesto do clero.

Que é o Círio?

Antigamente, a imagem de N. S. de Nazaré era transportada solenemente da Capela do Colégio do

Amparo para a Capela do Palácio do governo, na véspera do *Círio*, à tarde; no dia seguinte era conduzida desta capela para a Ermida de N. S. de Nazaré.

Hoje, a primeira trasladação se faz da Capela do Instituto Gentil Bittencourt (antigo Colégio do Amparo) para a Catedral. A esta trasladação chamam *ante-círio*. A segunda, que é propriamente o *círio*, se faz da Catedral para a Basílica de N. S. de Nazaré, que substituiu a antiga Ermida. Quinze dias duram os festejos, que terminam com a procissão de N. S. de Nazaré (sai da Basílica e a ela volta). Ainda no dia seguinte transporta-se, com acompanhamento de povo, a imagem da Basílica para a Capela do I. Gentil Bittencourt. A esta última trasladação dão o nome original de *re-círio*.

Círio de N. S. de Nazaré

Nos anos de 1878 e 1879 as célebres festas de N. S. de Nazaré haviam decorrido do modo mais lamentavel. Grandes abusos haviam deturpado as festividades e Dom Antônio havia levantado em vão sua voz.

Travou-se prolongada luta. "O Liberal do Pará", jornal hostil à Igreja, tomou a defesa de uma *soi-disant* irmandade de N. S. de Nazaré.

Tito Franco de Almeida, Conselheiro do Império, infelizmente orientado, escreveu fortemente contra a autoridade eclesiástica ao lado de outros escritores. Seus artigos foram depois colecionados por ele mesmo e publicados sob a denominação de "Fase do Atual Conflito Religioso no Pará, etc.". Outras penas bem aparadas embeberam-se no fel para contristar os bons católicos que ao lado do Bispo e dos demais ministros de Deus sofriam com as profanações do culto sagrado. Nasceu então o *Cisma Nazareno*, que vamos historiar.

A Questão Nazarena

Historiemos os acontecimentos:

Estando quasi concluida a Matriz que se estava

edificando para a Paróquia de N. S. de Nazaré, para a qual muito havia concorrido o governo, a *mesa* se apressou em requerer lhe fosse entregue a mencionada Matriz. Isto em 1877.

O presidente da Província, Bandeira de Melo Filho, não deu despacho ao requerimento. Novo pedido, assinado pelo "Juiz" e pelo "secretário" da Irmandade, fica tambem sem despacho.

Em 1878 achava-se na presidência da Província do Pará o vice-presidente em exercício, o Dr. José da Gama Malcher, chefe tambem do partido político — o Liberal — que tantas vezes hostilizára o Prelado.

O vice-presidente, em dois documentos oficiais, declarando que a nova igreja havia sido custeada quasi inteiramente pelo governo, a quem custara 431:807$618, determina que ela fique destinada a Matriz da paróquia de N. S. de Nazaré do Desterro, que havia sido creada pela lei de 11 de Outubro de 1861 e entrega a igreja à pseudo Irmandade.

Por duas vezes — no ano de 1879 — a chamada então Câmara Vitalícia se ocupará das violências que vinha sofrendo a religião no Pará.

A *soi-disant* Irmandade de Nazaré tinha lá no Senado como advogado o Conselheiro Tito Franco de Almeida. O Conselheiro Fausto Augusto de Aguiar defendeu brilhantemente a causa sagrada e depois de notavel discurso lê um requerimento no qual pede ao governador informar: 1.º se o presidente do Pará, nos termos do art. 16 do Ato Adicional, havia remettido ao governo o projeto de lei da Assembléia Provincial de 13 de Agosto último, relativo à entrega ao Bispo da igreja destinada a Matriz de Nazaré; 2.º no caso afirmativo, que resolução tomara o governo.

Entretanto, no Pará o governo persistia em prestigiar a "Irmandade" que pretendia essa igreja, à revelia das ordens do Bispo.

Ora desde 1860, antes de Dom Antônio vir para o Pará, o Juiz de Direito, Dr. Antônio de Barros Vasconcelos, verificando a irregularidade da Irmandade

de N. S. de Nazaré, cominou contra ela a "pena de infalivel dissolução."

Afinal, a 6 de Outubro de 1879, o Juiz de Capelas Dr. Cirne Lima verificará tambem a irregularidade da Irmandade e a suspende de todas as funções públicas.

Apesar disso, parece incrivel!, ela não se deu logo por vencida.

Pormenorizemos, porém, os fatos que tanto fizeram sofrer a Igreja Paraense e deixaram tão triste sequência de efeitos perniciosos.

Muitos desgostos causou à autoridade diocesana a "Irmandade de N. S. de Nazaré", que fazia e desfazia, como se fosse possivel existir irmandade religiosa sem se subordinar ao Bispo diocesano.

Entre outros aborrecimentos surgiu a *questão nazarena,* que agitou o fôro de Belem e ecoou várias vezes no parlamento do Rio.

Uma vez pronta a nova (nova em 1879) igreja de N. S. de Nazaré, a Câmara Legislativa do Pará mandou que se entregasse ao Prelado esse templo afim de ser sagrado e servir de Matriz à paróquia; mas o presidente da Província Gama Abreu não quis sancionar o ato da Câmara e manteve a igreja fechada. O presidente apoiava a irregularíssima "Irmandade de Nazaré", que o Bispo declarava não existir legalmente.

* * *

Havia na Ermida de N. S. de Nazaré uma *diretoria de festeiros* que se encarregava das festas. Não havendo desinteligência entre a *diretoria* e o Vigário, o Bispo deixou que ela continuasse como de costume a tratar das solenidades. O compromisso que existiu em 1842 tinha desaparecido, pois nem se faziam as reuniões, nem se recebiam irmãos com as formalidades e cada ano se liam os nomes dos que deviam incumbir-se das festas na vez seguinte.

No ano de 1877 celebrava-se como sempre a festa de Nazaré ou *Festa do Círio.*

Com grande surpresa Dom Antônio leu nos jornais a notícia de que no "arraial", ou seja no largo fronteiro à Ermida, onde se levantavam as barraquinhas, coretos e pavilhões da festa — se estavam representando cenas imoralíssimas e ainda com graves desrespeitos à imagem de N. Senhora e até com vaias ao nome de Jesus. O Bispo, que estava de partida para Arapiranga, deixou ordem ao Vigário para suspender as festas à noite, se os fatos fossem verdadeiros. O Vigário, Padre João Simplício das Neves Pinto e Souza, verificou a verdade das notícias e cumpriu os ordens recebidas. Fechou-se a Ermida. Algumas pessoas tiveram então a ousadia de arrombar as portas da igreja, fizeram tocar os sinos e cantar ladainhas sem a presença do padre.

Os principais protagonistas das desordens foram os doutores Brício e Bacelar.

O Dr. Bandeira de Melo, que estava à frente do governo provincial, desejoso de pacificação, fez que os festeiros procurassem ao Bispo para a harmonização.

Os amigos das turbulências não gostaram do acordo. Circulou então um boletim firmado pelo Dr. Raulino de Sousa Uchôa e outros diretores da festa desrespeitando a combinação feita com a autoridade eclesiástica.

O Revmo. Côn. Mourão, quando foi fazer o sermão da festa, devia ler a lista dos nomes dos festeiros para o ano seguinte, 1878. O Vigário de Nazaré fez-lhe ver que não pusera o *visto* que se exigia na lista porque nela figurava como juiz o Dr. Bacelar, que se havia salientado no modo de proceder contra a autoridade diocesana, proceder que ainda na véspera Dom Antônio havia lamentado do alto do púlpito, embora sem mencionar nomes.

Pediu o Snr. Cônego que se substituisse o nome do Dr. Bacelar. Mas os diretores, com os quais falou, fizeram dificuldades. Apresentou-se então pessoalmente na sacristia o Dr. Bacelar protestando. O Cônego Mourão tentou persuadí-lo. Ele declara que, se o

prègador recusasse ler a lista do púlpito, ele a leria da tribuna. Afinal se retirou. A lista não foi lida. Mas a imprensa hostil a publicou. "A Boa Nova" a declarou nula por falta de aprovação.

O Juiz substituto de Capelas deu apoio à Diretoria ilegal. Esta entrou de cometer abusos incriveis contra a autoridade eclesiástica. O Vigário P. João Simplício recebeu intimações afrontosas.

O Dr. Armindo Adolfo Pontes e Souza, Juiz substituto da segunda vara civel, crime, orfãos e da Provedoria Resíduos e Capelas, intimou ao P. João Simplício que entregasse as chaves da Ermida de Nazaré ao Dr. João Crisóstomo da Mata Bacelar. O Padre João Simplício comparecera na Ermida acompanhado do Cônego Dr. Mourão e do advogado Dr. MacDowell. O Padre fez o seu protesto e entregou as chaves, visto como não podia opôr-se à força. Entregues as chaves, o Dr. Jaime Pombo Brício declarou demitido o sacristão.

Dom Antônio, diante de tantos acintes, afim de evitar novos conflitos, pediu à R. S. Beneficente Portuguesa permitisse que a Capela do Hospital D. Luiz I servisse ao Vigário de Nazaré, até que ficasse pronta a nova Matriz.

A pretensa *mesa regedora da Irmandade de N. S. de Nazaré do Desterro* foi alem nos seus atrevimentos.

Dom Antônio expõe ao seu clero as irregularidades das festas nazarenas e deplora a mentalidade absurda que se ia formando na sociedade.

Leiamos, pois, a carta de S. Excia. Revma. ao seu clero sobre os acontecimentos de Nazaré.

"Ainda algumas palavras, e dirigidas desta vez a vós, meus caros irmãos e cooperadores, sobre as lamentaveis ocurrências que acabam de agitar os espíritos nesta capital. Fatos como estes não são para um exame distraido; a conciência pública deve ponderá-los maduramente, estudá-los à luz da reflexão, calma, apreciar-lhes bem as causas e os efeitos, para assim ir formando uma regra de proceder pautada pela sabedoria e pela justiça.

O que acaba de suceder não são fatos isolados; prendem-se a outros fatos de um passado recente, formando com eles uma cadeia lógica, e são todos o resultado de uma tendência que lavra há muito no seio de nossa sociedade.

Essa tendência consiste em querer, na direção do culto, fazer predominar o elemento secular sobre o elemento eclesiástico.

Onde quer que haja uma irmandade, uma simples comissão de festeiros, inchada do espírito orgulhoso da seita, manifesta-se logo esta tendência. O Padre é apenas considerado como um serventuário assalariado do culto. É um mercenário a quem dão a sua paga, e que deve estar em tudo subordinado aos irmãos ou as festeiros. A estes senhores, a direção da solenidade religiosa; ao Padre, submissão ao que houverem determinado. Aventurar uma observação amigavel, fazer-lhes um pedido, isso poderão eles ainda sofrer; mas dar-lhes uma ordem, tomar uma medida relativa às ditas festas, como quem tem autoridade na igreja, é coisa que eles não podem absolutamente tolerar.

O mesmo Bispo diocesano parece-lhes estar sujeito; tanto que, se quiser deles obter qualquer coisa, deve ir rojar-se-lhes aos pés, e dirigir-lhes um pedido. Sem isso eles não cederiam. Irem eles ter com o Prelado! apresentar-lhes o seu requerimento! sujeitarem-se às suas ordens! isso é considerado por eles como baixeza e quebra de dignidade de que se defendem com o mesmo empenho com que se defenderam de uma pecha infamante.

Querem tais e tais devoções diurnas ou noturnas. Hão de fazê-las quando e como entenderem, acompanhadas dos divertimentos que bem lhes aprouver. O Bispo tem de calar-se e sujeitar-se. Eles é que mandam, eles é que dirigem o culto público da Santa Igreja Católica.

E se o Prelado, usando de sua autoridade sagrada, mandar suspender qualquer desses atos de devoção, eles arrombarão a igreja, acenderão as velas, tomarão o lugar dos sacerdotes e farão suas cerimônias e devoções como entenderem diante do altar sagrado, diante do Tabernáculo do Santíssimo Sacramento, vociferando que estão no seu direito, e que ninguem lhes póde ir às mãos.

É isto o que se fez, e é isto o que se ensina publicamente dever fazer-se. O direito firmado ao lado do fato. Um direito absurdo ao lado de um fato grotesco. O direito do povo de invadir violentamente os templos sacrossantos e de aí fazer festas sem Padres, contra as prescrições da Igreja! Protestamos em nome deste povo católico, deste povo profundamente religioso. Ele nunca se julgou investido de semelhante direito, e nunca o exerceu! Esse pretenso direito seria a negação da autoridade eclesiástica, seria a anarquia nas coisas da Religião, seria a inversão e a destruição de toda a ordem e de toda a disciplina do cristianismo.

No cristianismo há um vínculo de nobre subordinação, de filial obediência, de dependência afetuosa dos fiéis para seu Bispo, das ovelhas para com seu Pastor, dos filhos espirituais para com seu Pai em Jesus Cristo.

Nas coisas da religião o Bispo ordena, os fiéis obedecem.

O Bispo, posto pelo Espírito Santo para reger a Igreja de Deus, como diz S. Paulo, tem uma autoridade, um poder, poder de regime, autoridade verdadeira de governo, jurisdição e competência incontestaveis nas coisas do culto e da religião.

Autoridade necessária. Se o culto não tivesse uma direção oficial por parte da Igreja, se fosse deixado ao arbítrio da devoção particular dos fiéis, macular-se-ia para logo de feias superstições, e não seria mesmo mais culto público.

Culto público é o que é oferecido a Deus em nome

da Igreja Universal. Ora, sem a presença oficial dos ministros sagrados, deputados e representantes da Igreja, ele perde esse carater, e torna-se culto particular, ainda tendo lugar ostensivamente nos templos. Portanto, necessidade de autoridade do Bispo para governar e manter o culto público.

Esta autoridade, entre nós, é reconhecida pelos poderes do Estado, e, portanto, deve ser por todos acatada. Como, pois, qualificar essa pretenção de alguns seculares de eliminar a ação do Bispo da Igreja, e de dirigir sem ele e contra ele as práticas do culto?

Eu não creio que possa haver nada mais monstruosamente absurdo. Se o Bispo não tem poder, não governa dentro da Igreja, onde mais poderá governar? Se o culto escapa ao círculo de suas atribuições, sobre que então se exercerão elas? Qual é o terreno incontestavelmente sujeito à sua alçada e competência?

Não preciso insistir. Evidentemente, o Bispo exerce uma verdadeira e legítima autoridade nas coisas do culto. Ora, se o Bispo é uma autoridade, suas prescrições devem ser obedecidas. O general dá uma ordem, o exército marcha de conformidade a esta ordem porque é uma autoridade. O presidente toma uma medida administrativa e é obedecido; porque é uma autoridade. O juiz dá uma sentença, e a sentença se cumpre; porque é uma autoridade. Da mesma forma o Bispo ordena uma coisa em relação ao culto, obediência ao Bispo; porque é uma autoridade.

Mas a ordem póde ser precipitada, rigorosa. Esta não é a questão. Seja o que for, é ordem de uma autoridade legítima, e deve ser respeitada.

Tambem a ordem do general póde ser menos bem pensada, a medida do presidente menos prudente, a sentença do juiz injusta. Que se faz neste caso? Os soldados se revoltam contra o general? O povo invade o palácio do presidente? As partes ofendidas em seus direitos põem para fóra do tribunal o juiz, e lavram elas mesmas outra sentença?

Não, mil vezes não. Seria isso anarquia, desordem espantosa e rompimento de todos os laços sociais.

Há meios legais para reparar injustiças e evitar gravames. Levam-se representações em termos submissos e respeitosos à autoridade; fazem-se requerimentos, petições em que lhe mostramos com brandura e clareza o direito que nos assiste: interpomos agravos, apelamos para a autoridade superior. Mas não é lícito fazer desordens e escândalos, vociferar contra a autoridade, arrastá-la pelo pó das praças públicas, e procurar por todos os meios desprestigiá-la. Quanto mais que a ordem episcopal de que se trata foi bem pensada e justíssima. Ainda uma consideração. O asilo do cidadão é inviolavel e sagrado; o asilo de Deus, o santuário em que ele reside, é que póde ser violentamente invadido, em presença das autoridades públicas, por alguns amotinadores desenfreados?

Não haverá nas leis do Império repressão para tais profanações?

Repetir-se-ão no ano próximo estas cenas de barbaria?

Não, temos confiança que não. Compreende-se um delírio passageiro, uma vertigem que perturba um momento a razão. Mas vem logo a reflexão mostrar toda a injustiça do procedimento que se teve e os bons instintos prevalecem.

Façamos votos, caros Irmãos e Cooperadores, para que assim suceda.

E continuemos a manter-nos na posição de dignidade que convem ao nosso carater sagrado, para honra da religião e edificação dos fiéis.

Recebei a expressão de meus melhores sentimentos.

Palácio episcopal, 2 de Novembro de 1877.

† *Antônio*, Bispo do Pará".

* * *

E as irregularidades se multiplicavam com desastrados efeitos morais. Os maus católicos se deixavam por vezes arrastar e assim se avolumava a onda profanadora dos ritos sagrados.

É da "A Boa Nova", o seguinte artigo:

"Perseguição religiosa

A lembrança de que a província fazia uma doação ao Bispo diocesano, entregando-lhe a nova igreja de Nazaré, não é coisa séria; nem este é o verdadeiro motivo da denegação de sanção, apontado somente para que a presidência pudesse suspender a resolução da Assembléia provincial sob o pretexto da inconstitucionalidade.

A presidência não entrega ao Bispo diocesano a nova Matriz de Nazaré para ser sagrada e nela instalado o culto divino, como exige o interesse público, por ser isto inconstitucional, e sim porque se quer impôr ao reconhecimento da autoridade uma irmandade fantástica, levantada com o único fim de hostilizar a religião Católica Apostólica Romana.

É isto o que sabem todos; isto está na conciência pública; e o honrado Sr. Dr. Gama e Abreu, com a lealdade e franqueza, que lhe reconhecemos, confessará ser esta a razão verdadeira e única do estulto conflito, que nos atormenta.

Aceitasse o bispo diocesano a pretensa Mesa regedora, e não se chamaria doação a entrega da igreja, e a proposição da Assembléia provincial seria constitucionalíssima!

A presidência constituiu-se advogada da irmandade nazarena, e, como o Bispo não a quer reconhecer sem certas condições exigidas pelos canones e pelas atuais circunstâncias, é ele punido e tambem o povo fiel, o qual fica privado por mero capricho da sua nova Matriz.

É o Snr. Dr. Coelho de Abreu patrono de uma

causa perdida; não existe irmandade regular de Nossa Senhora de Nazaré, é o que vamos demonstrar com a maior evidência.

Existe na coleção das leis provinciais o compromisso de uma irmandade de Nossa Senhora de Nazaré aprovado em 1842 pela Assembléia Legislativa Provincial.

Mas foi esse compromisso aprovado tambem pela autoridade eclesiástica na parte religiosa, como exigem as nossas leis e ainda o recente Aviso do ministério do Império, de 26 de Junho do corrente ano?

Se não fôr exibido instrumento autêntico de aprovação da autoridade eclesiástica a esse velho compromisso, póde-se assegurar que desde sua origem a irmandade de Nazaré tem um vício radical, que lhe tira o carater essencial de corporação religiosa.

Se não há aprovação eclesiástica, e se nunca houve, como se quer impôr agora ao Snr. Bispo diocesano que reconheça uns senhores, que se dizem — *mesa regedora* — como uma corporação regular, e isto sem nenhuma sindicância, sem nenhuma condição?

Semelhante exigência, alem de desarrazoada, é desairosa à autoridade eclesiástica".

* * *

Como se vê, "A Boa Nova" estava sempre na brecha. Seus dedicados redatores sabiam terçar armas e tinham o desassombro de defender a causa sagrada onde quer que mister fosse. Vamos ouvir a voz decidida do seu corpo de dirigentes e redatores:

"Ao público

É dever de qualquer católico defender por todos os meios legítimos os direitos e interesses da religião, principalmente quando a revolução busca tudo avassalar.

As doutrinas e instituições do catolicismo são diariamente desvirtuadas pela impiedade moderna com singular ostentação.

O clero paraense acha-se sob a pressão de formidavel ameaça. Iniciou-se a perseguição religiosa entre nós com a supressão injusta e repentina das côngruas de alguns Snrs. Cônegos da Catedral.

Em situação tão melindrosa e cheia de perigos, os abaixo-assinados, redatores da "A Boa Nova", estarão sempre prontos a sustentar os direitos da Igreja Católica, garantida pela Constituição do Império e geralmente atacada pelo povo brasileiro, contando com o apoio franco e decidido de todo o clero desta vasta e esperançosa diocese, bem como de todos os católicos verdadeiramente dignos deste nome.

Nem capitulações vergonhosas, nem vociferações inconvenientes; discussão sisuda sem injúrias pessoais, sem recriminações estereis, tal será o nosso programa.

Assumindo a grave responsabilidade de dirigir a opinião católica nesta província por meio da imprensa, buscaremos inspirar-nos na palavra do augusto chefe da Igreja e nos conselhos do ilustrado Prelado paraense.

A nossa força está na união com os legítimos pastores da Igreja, e a esperança da nossa vitória na proteção de Deus, que não deixará o povo entregue aos desvarios de paixões ruins.

Tomaremos na imprensa a defesa de qualquer sacerdote ou católico que por motivo de religião seja perseguido ou privado de seus direitos. Recebemos com prazer todas as informações, que estiverem de acordo com as nossas idéias e princípios.

E, porque estamos defendendo a fé do povo brasileiro e os mesmos princípios sobre que repousam a paz e a prosperidade do Brasil, entramos resolutamente no combate, confiando no auxílio generoso e eficaz de todos os homens de bem.

Todo cidadão tem obrigação de servir à causa pública. Ora, a resolução não ameaça somente a Igreja com leis excepcionais, a sociedade mesma vai sendo desorganizada. Ensino sem religião, casamento civil

obrigatório, e outras inovações perigosíssimas, bastarão para levar a desordem senão a ruina completa ao seio da família.

Estejamos todos acautelados, pois nesta hora os interesses mais momentosos da pátria acham-se abalados.

Pará, 15 de Junho de 1878.

Chantre Dr. João T. Guedelha Mourão.
Cônego José Lourenço da Costa Aguiar.
Cônego Luís Barroso de Bastos.
Cônego Dr. José de Andrade Pinheiro.
Padre Raimundo Amâncio de Miranda".

* * *

Entretanto, apesar de tudo, a tal *mesa regedora* prosseguia desobediente e afrontosa. O Revmo. Vigário Geral foi forçado a dirigir-se ao presidente da província.

"Governo do Arcebispado, 24 de Setembro de 1878.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Em um programa da festividade de Nazaré, profusamente espalhado nesta cidade, li que haverá no dia 6 do próximo mês um Círio ou trasladação solene da Imagem da Santíssima Virgem desde o Palácio do governo até à Ermida de Nazaré, onde cantar-se-ão ladainhas, preces, psalmos e vésperas solenes.

É meu dever prevenir a V. Excia., como primeira autoridade da província, que semelhante programa religioso não foi por mim aprovado, nem posso permitir os atos solenes do culto católico da maneira porque estão marcados no programa já citado.

Exmo. Snr., o canto dos psalmos, vésperas solenes, ladainhas, procissões ou círios, são atos, que claramente se prendem à Liturgia; são cerimônias sagradas do culto católico, que devem ser fiscalizadas, reguladas e permitidas pela autoridade eclesiástica.

V. Excia., ilustrado como é, compreenderá sem dúvida o gravíssimo dano, que virá à religião, se fosse

permitido a simples fiéis, sem prévia audiência do poder eclesiástico, exercerem os atos do culto católico, que lhes parecer. Num dia a paródia se referirá a uma procissão, ao canto da psalmodia, a ladainhas, a vésperas solenes, noutro poderão ser ludibriados publicamente o augusto sacrifício da Missa e os Sacramentos da Igreja.

V. Excia., católico como é, empregará o prestígio de sua autoridade em ordem a poupar ao povo desta cidade o doloroso espetáculo de uma profanação pública de ritos sagrados, a qual é tambem na espécie acintosa provocação à autoridade diocesana, garantida pelas leis do Império Brasileiro.

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. José Joaquim do Carmo, digno presidente desta Província.

Monsenhor Sebastião Borges de Castilho".

* * *

Sentiu tambem o clero paraense o dever de confortar o coração magoado do venerando Pastor, que muito sofria com a indisciplina dos que se arvoravam em árbitros do culto sagrado e profanavam as práticas religiosas. Por isso se apressou em enviar-lhe o conforto seguinte:

"Exmo. e Revmo. Snr.

Quando o primeiro Pastor da diocese, no cumprimento dos árduos deveres de seu cargo, acha-se amargurado pelas muitas afrontas, de que é alvo a Igreja de Deus, não podem sacerdotes católicos deixar de rodeá-lo da maior veneração, significar-lhe inteira adesão, e prestar-lhe todo o apoio, de que são capazes.

Somos intérpretes do sentimento católico desta província e do império brasileiro, afirmando que todos os homens sensatos aplaudem o corajoso procedimento de V. Excia. Revma., mantendo os direitos da Igreja sofismados por uma pretensa *mesa regedora*

de Nossa Senhora de Nazaré, e trabalhando para purificar o culto católico das escorias do paganismo.

Os abaixo-assinados, unidos a V. Excia. Revma. pelos vínculos sagrados da mesma fé, da mesma esperança e da mesma caridade, julgaram oportuno declarar solenemente que reprovam e condenam essas paródias religiosas, que se anunciam por toda a parte com o título de: Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Magoa-nos profundamente ver a veneranda imagem da Virgem Santíssima ser levada em pompa processional como acinte à autoridade eclesiástica, a quem compete dirigir e fiscalizar os atos do culto público em nosso país.

Fazendo este voto solene de adesão ao procedimento de V. Excia. Revma. nesta questão de Nazaré, não podemos deixar de profligar o "Diário do Grão-Pará", jornal que está espalhando o veneno da impiedade e da corrução no meio do povo incauto e busca macular a honra sacerdotal, a que estão ligados altos interesses sociais, com injúrias pungentes e calúnias atrozes. Desculpe V. Excia. este nosso justo desafogo, porque a reputação do Clero interessa em alto grau à Igreja, e não póde ficar sem graves danos à mercê da malevolência da imprensa que sopra o espírito de rebelião contra a autoridade religiosa e cobre diariamente de vilipêndios a virtude e o saber.

Deus guarde a V. Excia. Revma., Exmo. e Revmo. Snr. D. Antônio de Macedo Costa, muito digno Bispo do Pará.

Monsenhor Sebastião Borges de Castilho.
Chantre Dr. João Tolentino Guedelha Mourão.
Cônego José Pinto Marques.
Cônego Eugênio de Oliveira Pantoja.
Cônego Clementino José Pinheiro.
Cônego Lázaro Pinto Moreira Lessa.
Cônego Luís Barroso de Bastos.
Cônego José de Andrade Pinheiro.
Cônego Manuel da Fonseca Bernal.
Cônego João Ferreira de Andrade Muniz.

Cônego Antônio Gonçalves da Rocha.
Cônego Jerônimo Fernandes Carneiro.
Cônego Hermenegildo Domiciano C. Perdigão.
Cônego José Lourenço da Costa Aguiar.
Padre João Simplício das Neves Pinto e Souza.
Padre José Serapião Ribeiro.
Padre Felix Onesino Poncelet.
Padre Rafael Tuveri.
Padre Augusto Estanislau Aureli.
Padre João Filipe de Souza Tavares.
Padre Domiciano Perdigão Cardoso.
Padre Julião Joaquim de Abreu.
Padre Rafael Maria Galante.
Padre Joaquim Gomes da Rocha.
Padre José Gonçalves Nogueira Júnior.
Padre José Valente do Couto.
Padre Joaquim da Silva Mourão.
Padre Raimundo Ulisses de Albuquerque.
Padre João Coelho de Miranda.
Padre Angélico Pereira de Araujo".

* * *

Além disso, deliberou o clero lavrar o seu protesto contra as profanações que estavam projetadas e anunciadas. E é o que fez:

"Protesto

Os abaixo-assinados, tendo lido um programa da festividade de Nazaré, no qual se anunciam os atos religiosos sem prévia anuência da autoridade diocesana, julgam necessário lavrar um solene protesto contra os abusos intoleraveis, que vão ser cometidos a pretexto de devoção à Virgem Mãe de Deus.

Ninguem ignora que a atual diretoria de Nossa Senhora de Nazaré constituiu-se sem aprovação da autoridade diocesana, tornou impossivel o exercício regular do ministério paroquial na Matriz de Nazaré, e acha-se em formal oposição às leis da Igreja Católica. Não contente com este ato de rebeldia, a atual

diretoria de Nazaré, buscando explorar a devoção do povo paraense para com a excelsa Rainha do Céu, não duvidou espalhar um programa, em que se anuncia a paródia dos atos solenes do culto católico, como sejam a trasladação da sagrada imagem da Santíssima Virgem, o canto de ladainha, a psalmodia, vésperas, etc.

Em nome da Igreja Católica, de que somos ministros, protestamos contra o procedimento irrefletido de simples fiéis, sem missão e ordenação legítima, que se arvoram em diretores do culto, e se atrevem a ludibriar publicamente os ritos sagrados.

Nunca povo católico e civilização tolerou que os mistérios sacrossantos da religião fossem expostos à irrisão da impiedade!

A festa de Nazaré, como está anunciada, sem audiência da autoridade eclesiástica, é um horrivel sacrilégio, no qual nenhum católico poderá tomar parte sem cometer gravíssimo crime.

Acobertar-se com a devoção da milagrosa Senhora de Nazaré, iludir o povo com a profanação de cerimônias sagradas, é certamente ação digna da maior reprovação, e condenada por todos os que prezam a honra e a dignidade da Mãe de Deus.

O clero paraense sempre esteve e estará à frente das verdadeiras e sinceras devoções em honra de Maria Santíssima, mas se oporá por todos os meios legítimos a que o culto católico sirva de pretexto para rebeldias contra os Pastores da Igreja ou de capa para satisfações de paixões inconfessaveis.

Os verdadeiros católicos estarão ao lado do clero e se afastarão das orgias e sacrilégios, que se anunciam com o título falaz de festividade de Nossa Senhora de Nazaré.

Pará, 28 de Setembro de 1878.

Monsenhor Sebastião Borges de Castilho.
Chantre Dr. João Tolentino Guedelha Mourão.
Mestre Escola José Pinto Marques.
Cônego Eugênio Antônio de Oliveira Pantoja.

Cônego Clementino José Pinheiro.
Cônego Lázaro Pinto Moreira Lessa.
Cônego João Monteiro da Cunha.
Cônego João Ferreira de Andrade Muniz.
Cônego José de Andrade Pinheiro.
Cônego Bernardino Henrique Diniz.
Cônego Antônio Gonçalves da Rocha.
Cônego Hermenegildo Domiciano C. Perdigão.
Cônego Luís Barroso de Bastos.
Cônego Jerônimo José Fernandes Carneiro.
Cônego Manuel da Fonseca Bernal.
Cônego José Lourenço da Costa Aguiar.
Padre Antônio Ferreira Franco.
Padre Raimundo Amâncio de Miranda.
Padre José Valente do Couto.
Padre Julião Joaquim de Abreu.
Padre Domiciano Herculano Perdigão Cardoso.
Padre João Filipe de Souza Tavares.
Padre Joaquim Gomes da Rocha".

CAPÍTULO XXXIX

DESVARIOS DA "MESA REGEDORA"

O Prelado recorre ao presidente da Província. — As solenidades são proibidas. — D. Antônio analisa a resposta do presidente.

Aproximava-se o mês de Outubro, que é sempre o em que se faz a festa de N. S. de Nazaré em Belem. Dom Antônio, que tinha passado pelo dissabor de ver no ano anterior (1878) os abusos cometidos em nome da religião pelos falsos católicos, soube com grande mágoa que se anunciava de novo o *Círio* em formal desobediência às suas ordens. Quís prevenir os inconvenientes e com todo o respeito se dirigiu ao presidente do Pará:

"Paço Episcopal, 28 de Setembro de 1879.

Ilmo. e Exmo. Snr. — Por um ato episcopal datado de 27 de Agosto último, e de que achará V. Excia.

inclusa uma cópia autêntica, proibí expressamente este ano, por motivos graves, qualquer dos atos religiosos que constituem a festa de Nossa Senhora de Nazaré. Hoje, porém, me veio às mãos um programa publicado pela chamada *mesa regedora* da irmandade da mesma Senhora, em que se anuncia para o dia 12 do próximo Outubro, não só uma romaria piedosa ou trasladação solene e processional da imagem da Santíssima Virgem da capela do palácio presidencial para a sua Ermida, mas ainda, na véspera desta solenidade, outra procissão noturna com público acompanhamento e músicas, levando-se a dita imagem do colégio de Nossa Senhora do Amparo para a mesma capela do palácio do governo, toda sem intervenção alguma do clero, presidindo a tudo simples seculares em formal desobediência, tanto aos preceitos da liturgia católica, como à ordem expressa do prelado diocesano. A V. Excia., Snr. presidente, não escapará a incoerência com que procede a pretensa *mesa regedora,* quando, ao mesmo tempo que inculca submissão à ordem do prelado, quanto aos atos religiosos feitos no interior da Ermida, pretende, pela segunda vez, passar audaz por sobre as determinações do mesmo prelado, em referência a outros atos do culto, ainda mais solene e de maior concurrência. O círio é uma pompa processional em honra da Santíssima Virgem, cuja imagem é solenemente trasladada para um santuário, afim de aí ser venerada pelos fiéis.

É, como confessa a mesma chamada *mesa regedora* em seu programa, uma piedosa romaria, um ato público de piedade e de religião, que está evidentemente debaixo da alçada jurisdicional do prelado diocesano, chefe espiritual e moderador das coisas religiosas em sua diocese. Dizer que este ato é todo civil, que se deve colocar na categoria dos regosijos populares, como um passeio patriótico ou uma regata, é abusar dos termos e transtornar todas as noções. O círio e a procissão que o precede são atos públicos de religião em honra da Santíssima Virgem. Portanto, o bispo

está em seu direito, não sai de sua esfera jurídica de ação, tomando medidas sobre estes atos.

Ora, vê-se pelo programa espalhado ontem nesta cidade que o prelado vai ser pública e escandalosamente desobedecido pelos diretores da tal festa, fato gravíssimo, e que ainda não se deu em província alguma do Império.

Este procedimento da pretensa *mesa regedora,* publicando um programa de festa em honra de Maria Santíssima, sem sujeitá-lo de antemão à aprovação da autoridade diocesana, como está prescrito por portaria datada de 14 de Junho de 1866, e realizando essas festas contra formal proibição do primeiro pastor da diocese, estabelece, Exmo. Snr., um precedente funesto que acabará por trazer uma verdadeira anarquia para o seio da Igreja. Hoje são estes senhores livres pensadores nazarenos que fazem esta procissão e este círio; amanhã farão o mesmo outros devotos. Cruzar-se-ão por essas ruas, sem ciência do bispo, procissões organizadas e presididas por simples seculares, por homens ou mulheres, sem costumes e sem religião; estabelecer-se-á um novo círio em honra de S. Braz, que sei eu? Se se admite o direito daqueles senhores de transportar imagens publicamente, com aparatoso acompanhamento, contra a ordem do prelado, todos com razão pretenderão ter igual direito.

Pergunto a V. Excia. se isto é possivel?

Se se recua espavorido diante das consequências, não é evidente que cumpre repelir o princípio donde elas dimanam?

Exmo. Senhor, se sobrasse alguma dúvida sobre os motivos gravíssimos que teve o Prelado diocesano para não permitir que a falsa irmandade nazarena fizesse este ano a festa de Nossa Senhora, bastaria, para convencer a todos da justiça que inspirou o meu procedimento, lançar os olhos para este programa, que é um verdadeiro escárneo da religião, onde se vê na sua parte mais saliente uma Imagem da Santíssima Virgem Maria Mãe de Deus pintada entre duas

Venus impudicas! Bastaria este programa, onde uma irmandade religiosa não só insinua vários erros de doutrina, mas ainda anuncia oficialmente, em honra da Augustíssima e Imaculada Mãe de Deus, os divertimentos mais baixos e lúbricos, ao mesmo tempo que aconselha, com um cômico ascetismo, a oração mental na Ermida!

Exmo. Snr., é preciso, para honra do cristianismo e da civilização da nossa pátria, que se acabem por uma vez estas paródias, estas comédias ridículas de culto, que nos cobrem de vergonha diante dos países estrangeiros, onde a religião é considerada como uma coisa séria, e não como uma mascarada indecente para cobrir vergonhosas desordens e dissoluções. Em suma, Exmo. Snr., o que pretende fazer a falsa irmandade de Nazaré está este ano expressamente proibido por mim, como autoridade legítima, preposta às coisas do culto; por isso, não posso crer que seja verídico o programa, ontem publicado, na parte que anuncia a assistência das autoridades da província, de todos os funcionários e da tropa ao escandaloso ato de desobediência e de cisma que estes senhores pretendem praticar, abusando sacrilegamente da devoção popular à Santíssima Virgem.

Com anunciar este concurso e aparato oficial e publicar esse seu programa faz a falsa irmandade nazarena uma verdadeira afronta ao governo de Sua Majestade o Imperador, pois este governo me prometeu, pelo orgão do mesmo augusto senhor e do seu primeiro ministro, Exmo. Snr. Conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú, que os escândalos do ano passado não se reproduziriam mais no Pará.

Cheio desta confiança, eu tenho a honra de requisitar de V. Excia., como delegado do governo de Sua Majestade, de um governo que jurou manter a religião do Estado, que é a católica apostólica romana, dê suas providências para que não tenham lugar os atos religiosos anunciados.

Estes atos o que são? São atos do culto católico

ou de um culto dissidente? Se são atos do culto católico, não se podem eximir da jurisdição do Prelado, e as autoridades públicas têm o dever de manter respeitada essa jurisdição. Se são atos de um culto dissidente, não podem ser feitos em público, ainda menos com acompanhamento das ditas autoridades, visto que a nossa Constituição política só permite os atos desses cultos dentro do recinto de casas particulares, sem forma exterior de templo.

Se se quer considerar o círio como simples ato civil ou de mero divertimento popular, então, Exmo. senhor, conjuro a V. Excia., em nome de Deus, para que não permita que a imagem da Santíssima Virgem seja levada ao dito círio, e assim ficará tudo conciliado.

Peço a V. Excia. me dê com urgência resposta para meu governo.

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. José Coelho da Gama e Abreu, presidente desta Província.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

E as coisas chegaram a tal ponto que Dom Antônio julgou necessário proibir as solenidades na Ermida de Nazaré por esse ano (1879).

Leiamos a Portaria do governo diocesano:

"Considerando que um dos primeiros deveres do Ofício pastoral é manter o decoro do culto, a conveniente guarda e regular administração das Igrejas, dos Altares, do Tabernáculo e o mais, objetos sagrados que elas encerram, não permitindo que homens seculares se arroguem o domínio das ditas igrejas, maiormente paroquiais, tratando os Revdos. Párocos como se estes lhes fossem subordinados, abuso que o S. S. Padre Pio IX, de gloriosa memória, na sua Encíclica de 29 de Abril de 1876, dirigida aos Bispos do Brasil, declarou intoleravel;

Considerando que alguns homens seculares, sem

título algum, se têm ultimamente apossado nesta capital da Ermida de Nossa Senhora de Nazaré que estava servindo de Igreja paroquial, cujas chaves arrancaram violentamente ao Revdo. Vigário, e o trataram por tal modo, que ele se deu oficialmente por coacto, e não pôde mais permanecer na dita Ermida e aí exercer as sagradas funções do ministério;

Considerando que estes seculares que fazem timbre de ser livres-pensadores, e de não crer em dogmas de nossa Santa Religião Católica Apostólica Romana, se erigiram de repente em religiosa confraria, sem aprovação da autoridade eclesiástica, para assim perpetuarem o conflito com o Prelado diocesano, e firmarem melhor o domínio que pretendem ter, não só na supramencionada Ermida, mas até na nova Igreja paroquial que se acha pronta, há mais de dois anos, e não foi ainda, por este motivo, entregue ao culto divino;

Considerando que estes seculares são em sua maioria os mesmos autores e fautores das lastimosas cenas do culto civil, ou de uma procissão e festas sem Padre, e de outros graves desacatos à religião do Estado, que o ano passado tanto escandalizaram a esta diocese e a todo o Império;

Considerando que, com o falso título de Mesa Regedora da tal irmandade, não recearam dirigir-se oficialmente ao Bispo pedindo Padres para celebrarem este ano a festa da S. S. Virgem na dita Ermida, e que determinasse quais as solenidades religiosas que julgasse mais convenientes, prometendo eles cumprir estas determinações;

Considerando que, havendo-lhes nós ordenado, antes de aceder a este pedido, que exibissem o seu compromisso, munido da competente aprovação da autoridade eclesiástica; que mostrassem pelo seu arquivo sua identidade com uma antiga confraria há muitos anos extinta; que declarassem serem todos os da pretensa Mesa Católicos Romanos, e prometessem que não se renovariam mais na Ermida as profanações do

culto civil, esquivaram-se por futeis pretextos, e recusaram obedecer-nos;

Considerando que não aceitaram tambem o alvitre de se regularizarem como irmandade, nem tão pouco consentiram na condição de tratarem conosco na qualidade de simples festeiros, como prudentemente lhes sugerimos, no intuito de chegar-se a um acordo sobre os negócios religiosos da paróquia de Nazaré;

Considerando, à vista destas tão injustas recusas, que o pedido que fizeram com mostras de submissão parece só ter tido por fim fazerem-se reconhecer pelo Prelado como irmandade religiosa canonicamente estabelecida e regular, o que é impossivel, visto que este reconhecimento importaria faltarmos oficialmente à verdade clara, notória e reconhecida por tal;

Considerando que dar sacerdotes só para se fazer festa na Ermida seria um ato insulso e pueril, enquanto não for definitivamente resolvida a questão principal do pároco e da igreja Matriz; pois, enfim, o que urge, o que é verdadeiramente necessário não é que se faça uma festa de pura devoção, mas que se possa restabelecer o culto católico na Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, de um modo permanente e regular, e administrar os Sacramentos ao povo daquela freguesia, para o que é absolutamente preciso uma igreja em que funcione o Pároco nas condições indispensaveis de liberdade, decoro e segurança;

Considerando que a posição notoriamente hostil que assumiu a pretensa Mesa Regedora, em face do Prelado e da Igreja Católica Romana, não permite ao mesmo Prelado entregar-lhe com confiança a guarda de uma Igreja, de vasos sagrados, e sobretudo o Tabernáculo com o S. S. Sacramento da Eucaristia;

Considerando que a esta festa religiosa se unem regosijos públicos em que se têm dado graves desordens, como o prolongarem-se todas as noites esses regosijos até alta hora da madrugada, e serem acompanhados de jogos proibidos, de representações inde-

centes e de grandes escândalos contra a honestidade dos costumes, e não podendo o Bispo razoavelmente confiar que uma comissão, nas disposições em que se acha a atual, possa cooperar com ele e com a autoridade policial para ir cortando esses abusos, remediar a estas desordens e acabar com esses escândalos, como é o voto ardente de todos os pais de família e de todos os homens religiosos e sensatos; pois, se não são condenaveis os divertimentos populares quando lícitos e moderados, ninguem deixará de lastimar com o Prelado que uma festa religiosa em honra da Santíssima Virgem se torne uma fonte perene de corrução para o povo, de graves lástimas e desordens para as famílias, como eram as saturnais do paganismo;

Resolvemos, depois de madura reflexão e com os olhos em Deus, no intuito de promover a honra d seu culto e o da Santíssima Virgem Senhora Nossa, ordenar, como pelas nossas presentes letras ordenamos, que não se faça este ano solenidade alguma religiosa na Ermida de Nossa Senhora de Nazaré desta capital, até que nos seja entregue a nova igreja paroquial para ser benta e nela estabelecer-se regularmente, sob a nossa direção, o culto divino e todo o serviço religioso da supradita paróquia.

Avisamos, pois, e advertimos a todo o povo Católico paraense, que sempre acatou e respeitou a autoridade de seus Prelados, Pastores e Pais em Jesus Cristo, que não concorra de forma alguma, nem com suas esmolas, nem com suas pessoas, para qualquer ato religioso, círio ou procissão que porventura queiram celebrar contra esta nossa expressa e terminante determinação, pois não seria isso um ato de religião, mas uma verdadeira profanação do culto de Deus e da S. S. Virgem, e um ato de formal desobediência e rebeldia à autoridade do primeiro pastor desta diocese. Se, pois, alguns de nossos diocesanos fizeram promessas à gloriosa Virgem Senhora de Nazaré, suspendam o cumprimento delas até que o culto desta Imaculada e Santíssima Virgem se possa celebrar de

acordo com o espírito da Santa Igreja, com o decoro, decência e regularidade necessárias.

Dada nesta cidade de Belem do Pará, sob o sinal e selo de nossas armas, aos 27 de Agosto de 1879.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

O Exmo. Snr. presidente da Província não quís atender ao pedido do Prelado diocesano e assim auxiliá-lo a impedir os abusos da *soi-disant* Irmandade de N. S. de Nazaré. Responde, porém, a Dom Antônio aduzindo razões inteiramente sem base para se justificar no apoio que dava aos promotores do círio.

É magistral a refutação que o Prelado faz dessas *razões* irrazoaveis. É o que passamos a ver:

"Paço Episcopal de Belem do Pará, 7 de Outubro de 1879.

Ilmo. e Exmo. Sr.

Pelo que depreendo do ofício dessa presidência, datado de 5 do corrente, recusa-se V. Excia. a mandar fazer efetiva, pelos meios de que dispõe a autoridade civil, a medida proibitiva, que tomei em referência a dois atos do culto público, a saber: uma procissão ao anoitecer do dia 11 e, no dia seguinte, o chamado Círio ou trasladação solene e processional de uma imagem da Virgem Santíssima da Capela do Palácio do Governo para a Ermida de Nazaré: medida que só devia levar oficialmente ao conhecimento dessa presidência, depois que, pela publicação de seu programa, manifestou claramente a falsa irmandade de Nazaré a resolução de desobedecer-me.

Se V. Excia., como seu predecessor, se limitasse a recusar sua cooperação, sem emitir juizo algum sobre o meu direito, eu não insistiria sobre este triste assunto, bastando-me as gravíssimas razões, que aleguei em meu ofício de 28 de Setembro último, e que ficaram sem resposta.

Mas V. Excia. Snr. presidente, toma a si a causa da falsa e cismática irmandade de Nazaré, procura

justificar a desobediência dela, e eleva esta questão entre uma irmandade religiosa e o Prelado à altura de um conflito entre a autoridade civil e eclesiástica.

Chegadas as coisas a este ponto tão grave, e tão de deplorar, eu não posso, bem que cheio de respeito e deferência para com a dignidade de que V. Excia. se acha revestido, deixar de levar perante V. Excia. mais algumas ponderações afim de ressalvar os direitos da Igreja, de que sou apenas depositário, e que devo transmitir intatos ao meu sucessor.

Começa V. Excia. estabelecendo com a irmandade uma distinção entre os atos do culto feitos na Ermida e os atos do culto feitos na rua (procissões ou romarias). Quanto àqueles declara-me V. Excia., com a dita irmandade, que deixarão de ser feitos em obediência à autoridade diocesana. Quanto aos outros, não. Eu não sei, Exmo. Snr., em que possa influir o lugar onde se praticam os atos do culto público, para ficarem ou sujeitos, ou subtraidos à autoridade da Igreja.

Antes, se esta tem de exercer sua ação com mais atividade e eficácia, deve ser precisamente sobre os que se expandem fóra dos recintos sagrados, por serem suscetiveis de muitos mais abusos e irreverências. Ter poder de proibir os atos religiosos dentro de uma igreja, e não ter poder para proibí-los fóra, parece-me uma incoerência verdadeiramente inexplicavel. De fato, sobre uns e outros têm os Prelados exercido, aquí e por toda a parte, sua autoridade, sem a mínima contestação.

Diz V. Excia. que eu não devo ignorar que o Círio foi estabelecido pela autoridade civil, nos tempos coloniais. O que eu ignoro completamente é como possa esse fato, ainda dado que verdadeiro seja, mitigar ou anular a plena autoridade que têm os Prelados brasileiros de dirigir e fiscalizar todos os atos do culto católico em suas dioceses. Primeiramente, essa ordem do governador e capitão general foi dada naturalmente de acordo com a autoridade diocesana

de então, pois é muito de presumir interferisse esta na fundação de uma piedosa romaria. E, se não interferiu, a fundação de uma festa religiosa só pela autoridade civil seria uma anomalia, um abuso do qual não se poderia deduzir argumento. Em todo o caso, o ato governativo de 1793, cujo teor V. Excia. não me faz conhecer, não póde ter hoje valor nenhum legal, pois a Carta de Lei de 20 de Outubro de 1823, declarando que a legislação portuguesa que ficaria provisoriamente em vigor depois do fato de nossa emancipação política, nem no art. 1, nem no II em Tabela anexa a que se refere, faz menção das ordens ou Portarias dos capitães generais. Portanto, caducou esse ato com o regime despótico em que se produzia, e não póde sufragar o direito que julgar ter hoje a presidência de autorizar procissões e romarias contra a proibição da legítima autoridade diocesana, reconhecida e garantida no exercício de seu poder religioso pelas leis e pela Carta Constitucional de um povo católico e livre como o nosso.

Se a procissão que precede o Círio, se este mesmo Círio ou romaria que V. Excia. concede ser um ato do culto pudesse então ser licitamente estabelecido e atualmente autorizado só pela autoridade civil, independente do Prelado, então dever-se-ia revestir aquela autoridade com as insígnias da mitra e do báculo, pois quem tem poder de autorizar procissões e romarias em que se leva com toda a pompa a Imagem de Maria Santíssima, póde autorizar tambem novenas, psalmos, missas, procissões e outras cerimônias que julgar convenientes. Teríamos, pois, no nosso país uma verdadeira parodia religiosa, à semelhança da que se deu na Áustria em tempos de El-Rei José II, que levou a mania do regalismo até determinar quantas luzes se deviam acender nos altares, o que lhe valeu a engraçada alcunha de Rei Sacristão.

Mas V. Excia. admite a exclusiva competência e jurisdição do Bispo para regularizar e fiscalizar os atos do culto, o que não admite é que ele possa proibí-

los! Eis as formais palavras do ofício a que tenho a honra de responder: Embora V. Excia. tenha competência e jurisdição para regular e fiscalizar este ato que tambem reputo de culto (o Círio), parece-me que esta competência e jurisdição não autorizavam a proibição. É isto, perdõe-me V. Excia., admitir a competência e jurisdição e negá-la ao mesmo tempo. Quem tem jurisdição e competência para regularizar e fiscalizar uma coisa, tem *ipso jure* e não póde deixar de ter a faculdade de proibí-la ou suspendê-la, do contrário seria vã, irrisória e absolutamente impotente a autoridade ou jurisdição, o que vale o mesmo que dizer: não existiria. A que ficaria reduzida a competência e jurisdição que tem o chefe da polícia para fiscalizar as representações teatrais, se o empresário ou os espectadores estabelecessem para com ele este princípio: podeis regular e fiscalizar quanto quiserdes, mas se, a pesar vosso, levarmos à cena peças imorais e ofensivas à religião, ou rompermos em graves desordens, não tendes direito de nos proibir isso, nem de fechar o teatro? Do mesmo modo, Exmo. Snr., a que se reduziria a autoridade do Bispo, se quaisquer festeiros se julgassem aí autorizados a sair com romarias, com procissões pelas ruas, contra as ordens do Prelado, sob pretexto de que este póde regular e fiscalizar, mas não póde proibir um ato do culto! Todo o nervo da disciplina ficaria quebrado, e a autoridade eclesiástica assoberbada pela anarquia que se estabeleceria nas coisas da religião.

Ajunta V. Excia. que nem quando pudesse ser decretada a proibição, indo ela ferir tantos interesses que estão exclusivamente sob sua inspeção, não podia ou devia sê-lo sem ciência e acordo com a autoridade civil.

Este argumento é dos que provam demais, e por isso nada provam. A todas as festas religiosas se ligam mais ou menos interesses temporais. Há um movimento do comércio consideravel por ocasião da Semana Santa e de outras cerimônias do culto católico. Ficará o Bispo inibido de tomar medidas sobre estas cerimônias, não poderá, sendo necessário para a honra da religião, para reduzí-las à ordem estabelecida pela disciplina da Igreja, suspendê-las, sem o *placet* da autoridade civil, e isso porque vão ser feridos interesses da ordem daqueles que estão exclusivamente debaixo de sua inspeção?

E, no caso que o Bispo proiba um ano a Semana Santa, ou outra cerimônia do culto, estará autorizada a presidência, afim de acautelar aqueles interesses, a autorizar seculares e livres pensadores a fazerem aqueles atos, sem nenhuma intervenção do clero e contra a ordem do Prelado, como sucede agora com a procissão e romaria de Nossa Senhora de Nazaré?

Diz V. Excia. que eu reconheço a necessidade desse acordo prévio com a autoridade civil, não posso fazer executar o meu ato e por isso lhe requisito providências.

Uma coisa é que a autoridade religiosa não tenha força material para obrigar rebeldes e respeitar os seus atos, e por isso recorra à autoridade civil; outra coisa é que ela não possa tomar suas medidas e obrar validamente dentro dos limites de sua esfera religiosa, sem ciência e anuência do magistrado temporal. Os atos proibitivos do Bispo são válidos em si, têm toda força moral de obrigar as conciências de seus subditos, ainda que o Bispo não disponha da força material para fazê-los pôr em prática no caso de injusta resistência. Tambem os magistrados proferem sentenças válidas, e que produzem todos os seus efeitos jurídicos, apesar de precisarem requisitar o apoio da polícia para serem às vezes postas em execução. Nunca ninguem pensou em deduzir deste fato a conclusão de que não têm valor as sentenças dos magistrados, nem a polícia obrigação de apoiá-las, senão no caso de haver acordo prévio entre a magistratura e a polícia.

Snr. presidente, a autoridade do Bispo, assim como a do magistrado, gira independente na sua esfera, e

as leis do país fazem uma obrigação rigorosa aos depositários da força pública de apoiar suas sentenças justas ou injustas, todas as vezes que interesses e paixões rebeldes se levantam para ludibriá-las. Esta razão alegada por V. Excia. parece, pois, de tão manifesta improcedência como as outras.

Diz ainda V. Excia. que este Círio constitue uma tradição popular que essa presidência deve respeitar, mesmo porque toma a sua base na devoção ardente pela Virgem Santíssima tão adorada (V. Excia. queria dizer "tão venerada") nesta província. Quando um Bispo resiste às injustas pretenções de uma falsa irmandade, autora de grandes escândalos, dirigida por inimigos declarados da Igreja, e lhe proibe fazer uma festa religiosa em público acinte à sua autoridade, não desrespeita as tradições de um povo católico, nem contraria de modo algum a devoção ardente e sincera dos verdadeiros fiéis. V. Excia. sabe que, se a autoridade civil livrasse a Igreja da injusta opressão que aquí está sofrendo há dois anos desse pequeno grupo de livres pensadores, que usurparam um templo sagrado, e estão abusando, para seus fins, de uma devoção popular, o Círio se faria, com regularidade, sem os escândalos e indecências do ano passado. Portanto, é uma insinuação injusta, a que me faz V. Excia., de ter com essa proibição desrespeitado as tradições deste povo, e contrariado a ardente devoção que ele vota a Maria Santíssima.

Contrariei somente as pretenções de uma falsa irmandade, que não tem regularidade, nem existência jurídica, como está provado por um provimento do Juiz de Direito em correição em data de 10 de Novembro de 1860, e por despacho do meretíssimo Juiz de Capelas, que a suspendeu de suas funções públicas em data de 6 do corrente. Se V. Excia., como diz, aguardava a decisão do Juiz competente sobre a legitimidade desta Irmandade, já terá formado o seu juizo, e sem dúvida se apressará a tomar agora as providências, que a religião e a justiça reclamam, tanto

em relação à Igreja Matriz de Nazaré, como em relação às festas religiosas promovidas contra a ordem do Bispo por essas falsas irmandades fulminadas e condenadas por ambos os poderes que regulam tais instituições entre nós. O governo Imperial, a cuja decisão diz V. Excia. ter sujeitado este triste conflito, condenou já e reprovou do modo mais explícito, perante o senado, estas paródias religiosas e afiançou então, e acaba de afiançar agora, que providências seriam tomadas para que elas não se reproduzissem mais. Se, apesar de tudo, o desacato tiver lugar, saber-se-á depois como se achou paralizada na prática a reta intenção e a boa vontade do governo Imperial, tão solenemente e com tanta clareza manifestadas.

Enfim, Exmo. Snr., no ofício a que respondo, leio com dolorosa surpresa estas palavras: "Se, como assegura V. Excia., esta solenidade não deve ser feita sem a presença de sacerdotes que evitem a profanação do culto da Santíssima Virgem Senhora, com a mais sincera boa fé conjuro a V. Excia., em nome da mesma religião que ambos respeitamos, que mande um padre ou padres que presidam e acompanhem a Imagem de Maria Santíssima, como V. Excia. tem feito muitas vezes com sua própria presença, e assim, como V. Excia. e eu desejamos, estará tudo conciliado".

Snr. presidente, eu não posso supôr que V. Excia., ao dirigir-me tais palavras, quisesse sair da gravidade que lhe impõe o alto cargo que ocupa.

Mas, se V. Excia. tivesse proibido uma reunião, promovida pelos seus mais encarniçados inimigos de propósito para desacatá-lo, e eu na mais sincera boa fé o convidasse a vir em pessoa presidir a essa reunião, a servir de alvo à risada deles, estou certo que V. Excia, apesar de sua benignidade, repeliria minha proposta como uma ofensa à honra, à dignidade do seu carater e à autoridade de que se acha revestido.

Usarei ainda do direito, que todo o homem tem de defender-se, e de que está de posse o Episcopado,

mandando publicar pela imprensa o presente ofício, não obstante deplorar V. Excia., não sei porquê, esta minha liberdade.

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. José Coelho da Gama e Abreu, presidente desta Província".

CAPÍTULO XL

SALVAGUARDANDO O SEU NOME

Esforços baldados. — Primeira carta ao Conselheiro Cansação de Sinimbú. — O Barão de Cotegipe.

Entretanto, o presidente da Província não quís colaborar com a autoridade diocesana na regularização das *festas nazarenas,* Baldados os esforços de Dom Antônio. Quando viu que, apesar de todos os seus empenhos, a cidade se preparava co mgrande aparato para o Círio, que as ruas se engalanavam, os programas e anúncios se divulgavam, dando-lhe a certeza de que se ia consumar o desrespeito aos atos sagrados e a desobediência às suas ordens, enviou ainda as seguintes queixas ao presidente Gama e Abreu:

"Paço Episcopal de Belem do Pará, 11 de Outubro de 1879.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Procurei, como era de meu dever pastoral, impedir este ano o gravíssimo fato de induzir-se a católica população desta cidade a tomar parte nas procissões sacrílegas que a falsa irmandade de Nossa Senhora de Nazaré pretende fazer nos dias 11 e 12 deste mês.

Requisitei de V. Excia. as necessárias providências para que ao menos a imagem veneranda de Maria Santíssima não fosse levada em pompa processional contra expressa proibição minha. Nutria a esperança de ser atendido, não só pela justiça e legalidade de meu ato, senão tambem pela confiança, que depositava e ainda deposito nas solenes promessas feitas pelo governo de S. Majestade o Imperador.

Desatendido como fui por V. Excia. na minha justíssima reclamação, aguardava resignado que se fizesse o ato de desobediência às minhas ordens, ao menos sem aparato oficial e provocações acintosas.

Mas assim não acontece. A rua da Imperatriz, contra o costume, já desde hoje se acha embandeirada, preparando-se muitas outras manifestações públicas, cujo único fim, todos o sabem, é lançar o desprestígio sobre a autoridade sagrada, de que me acho revestido.

Exmo. Snr., as circunstâncias em que esses desusados festejos se estão fazendo, as pessoas que os promovem, a imprensa que os anima e aplaude, patenteiam a todos os olhos que tudo isto se está praticando em ódio à religião do Estado e com o propósito de amargurar o meu coração de Bispo e Pai espiritual dos católicos desta diocese.

E, como se isto não bastasse, "O Liberal do Pará", que é orgão oficial do governo desta província, ainda hoje me responsabiliza pela paz pública, como se um Bispo da Igreja Católica fosse capaz de promover ou aprovar quaisquer desordens.

A leitura desse artigo editorial causou-me dolorosa surpresa, pois, de envolta com muitas calúnias, assoalha esse jornal a falsa notícia de que o padre Lira (sacerdote modesto e incapaz de qualquer crime) tenciona conduzir 200 homens para se reunirem ao Bispo, e exigirem da presidência a não saida do Círio, e, se não forem atendidos, oporem-se.

Exmo. Snr., não quero supor que esses boatos espalhados na véspera da festa pelos jornais mais empenhados em acender ódios populares contra o Bispo o sejam propositalmente para desculparem-se premeditados desacatos, ou para previamente justificar-se a intervenção oficial da força pública em uma paródia religiosa contra formal promessa do governo Imperial. Em todo o caso, cumpre-me solenemente protestar contra os manejos e procedimentos desleais, de que é vítima no Pará a Igreja Católica, e con-

tra as caluniosas insinuaçõse, com que fere hoje a minha honra "O Liberal do Pará".

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. José Coelho da Gama e Abreu, presidente desta província.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

Ao Conselheiro Sinimbú

No Senado, o Conselheiro Sinimbú, muito mal informado do que se passava no Pará, insurgiu-se contra Dom Antônio, em defesa do presidente Gama e Abreu. O Bispo do Pará tinha de acudir em defesa da sua reputação. Ei-lo na brecha.

Primeira carta

"Ao Exmo. Snr. Conselheiro João Vieira Lins Cansanção de Sinimbú.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Na sessão de 1.º de Outubro corrente disse V. Excia. no Senado que o atual presidente do Pará, de acordo com as recomendações que tinha recebido do governo, procurou entender-se comigo, visitou-me mais de uma vez, teve comigo conferências, mas que, sentia dizê-lo, todas as atenções dispensadas comigo nem sempre foram devidamente correspondidas. Acrescentou mais V. Excia. que, não obstante este meu proceder (tão pouco delicado e prudente), a posição que tomou o atual presidente do Pará foi tal que chegou a desligar-se de pessoas de sua própria família e intimidade, no intuito de dar ao Bispo da diocese toda a força moral de que carecia, para cumprimento de seus deveres.

Concluiu V. Excia. dizendo que "não sabe se os esforços empregados pelo governo para conseguir que o Bispo do Pará se mantenha de perfeita harmonia com o poder civil terão o desejado êxito, porque infelizmente é ele (Bispo) de todos aqueles em que maiores dificuldades temos achado para estabelecer esta harmonia. Não há atualmente exemplo, em nenhum bispado do Império, da menor divergência entre o poder civil e eclesiástico. Em todas as dioceses reina o acordo entre os presidentes e os delegados da Santa Sé; o Bispo do Pará somente é quem se mostra menos acessivel aos sentimentos de boa harmonia."

Assim, Exmo. Snr. sou eu a causa do conflito religioso que perturba esta diocese; eu repelí indelicadamente o presidente; desconhecí, desconcertei, inutilizei a boa vontade de um varão cordato, que sacrificou até suas relações mais íntimas só para dar-me toda força moral; enfim, mostrei-me inacessivel aos sentimentos de boa harmonia, e sou o único que mantenho uma luta com o poder civil, e em quem este maiores dificuldades acha para a paz.

Peço licença a V. Excia. para dizer-lhe que esta apreciação é, de todo ponto, injusta. V. Excia. a formula baseando-se sem dúvida em informações que, à sombra e sob o segredo de confidências oficiais, lhe foram transmitidas pelo Exmo. Snr. José Coelho da Gama e Abreu. E, sem eu ser ouvido, sem poder sequer defender-me, entregou V. Excia. o meu nome, carregado de tão graves acusações, à apreciação do Senado e do país. Todos, Exmo. Snr., temos, segundo o oráculo da Escritura, o dever de cuidar do nosso bom nome, maiormente quando da honra e boa sombra desse nome depende o êxito de uma grande obra de regeneração e salvação da sociedade em que vivemos. Eis porque achei bom dirigir-me a V. Excia. para explicar-lhe os fatos como eles realmente se passaram e refutar as calúnias com que, à falsa fé, fui ferido.

Em Outubro do ano passado esse Bispo tão desatencioso, tão inacessivel aos sentimentos de harmonia, fez uma viagem de propósito à côrte para entender-se, cheio de confiança, com o governo de S. Majestade, acerca dos escândalos que acabavam de passar no Pará por ocasião de procissões e festas civís, celebradas por um pequeno grupo de livres pensadores, protegi-

dos pela presidência. O mesmo Augusto Senhor e seu governo se dignaram manifestar-me sua alta reprovação para esses atentados, e V. Excia. mesmo, com suma benevolência, me tranquilizou com estas formais palavras: "Não há governo algum, Snr. Bispo, que possa tolerar tais escândalos .Estamos em busca de um bom presidente para acabar com essas coisas."

E, dizendo eu ao Snr. ministro do Império que não tinha feito representação alguma oficial, porque a não julgava necessária, visto a segurança que me dera V. Excia., respondeu-me: "Não é preciso. Vá tranquilo. O governo está bem informado". Voltei, pois, tranquilo, e firmemente convencido de que o digno governo de Sua Majestade o Imperador não permitiria mais a reprodução das desordens e profanações do ano passado.

Como foi que, depois disto, essas desordens e profanações se reproduziram este ano com circunstâncias ainda mais agravantes, com acintes e provocações ainda mais estrondosos, é um enigma que não tem para mim outra explicação senão as falsas informações com que conseguiu se laquear a boa fé do governo, e afinal paralizar toda sua ação.

Ora, Exmo. Snr., é absolutamente necessário que se publiquem tais informações; que elas sejam sujeitas a um sério contraste, afim de apurar-se a verdade, e saber-se de que lado está a sinceridade, a firmeza calma e digna, o verdadeiro amor da ordem e da paz.

Conjuro, pois, a V. Excia. em nome da verdade e da justiça, em nome daquela retidão e imparcialidade que são um dos mais conspícuos predicados do seu nobre carater, se digne quanto antes mandar publicar essas informações, para que a luz se faça sobre este triste negócio, e não fique eu vítima desses traiçoeiros torpedos com que me ameaçava, desde o ano passado, "O Liberal do Pará".

De alguns tenho já notícia, e posso, mercê de Deus, já aventá-los. Por eles conhecerá o governo de que são capazes os meus adversários.

Assim, em primeiro lugar, eu sei, Exmo. Snr., que o Snr. Gama e Abreu fez acreditar a V. Excia. que o Bispo do Pará não limita sua ação somente aos negócios da Igreja, invade tambem os limites da política, e do púlpito sagrado se aproveita para tratar de questões de governo e de partidos; que esse Bispo está empenhado em exacerbar aquí as paixões quando o governo se esforça por acalmá-las.

É este, segundo me consta, o teor de uma carta dirigida pelo Snr. Gama e Abreu a V. Excia., e de outra dirigida por ele a outro personagem aí muito influente. Se eu não reproduzo exatamente, nas palavras que sublinhei, o teor exato das cartas do Snr. Gama e Abreu, V. Excia. terá a bondade de m'o contestar.

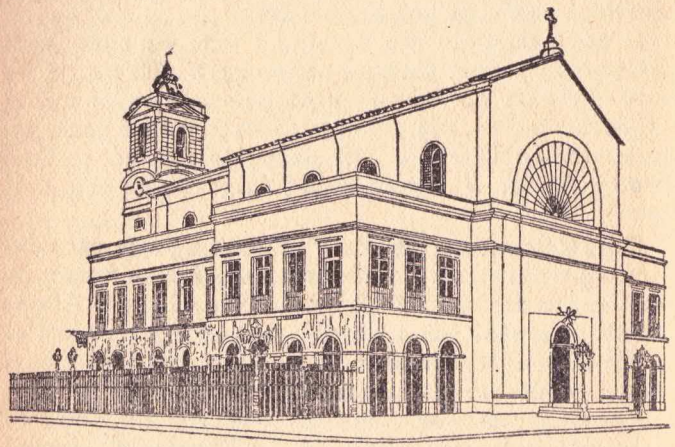
Ora, Exmo. Snr., peço a V. Excia. licença para exprimir-me com toda a franqueza, isto é uma horrenda calúnia. Eu desafio a S. Excia. o Snr. Gama e Abreu que declare qual foi o sermão meu em que eu tratei de governo e de partidos. Aquí ninguem ouviu uma palavra sequer minha que, ainda de longe, pudesse ser interpretada neste sentido. As análises de todos os meus discursos tem saido na "A Província", jornal liberal, livre pensador e, portanto, insuspeito, e dessas análises nada consta que possa justificar a falsa imputação que me é feita.

Ouso enviar a V. Excia. como documento uma coleção de números da "A Província" (Doc. n.º 1). Alem disso, é preciso que estivesse louco para, voltando da côrte com as promessas que me fez o governo, e interessado mais que ninguem no cumprimento delas, pôr-me a declamar no púlpito contra este mesmo governo, e a inflamar contra ele as paixões partidárias.

Exmo. Snr., o Snr. Gama e Abreu, interrogado aquí por um amigo comum a respeito dessa imputação, não teve coragem de sustentá-la, e saiu do embaraço dizendo que só tinha mandado queixas contra as prédicas do padre Mâncio, da Vigia, e do Bene-

ficiado Abreu, de Curuçá, mas nada dito a respeito das prédicas do Prelado!

Não, Exmo. Snr., o que o Exmo. Snr. Gama e Abreu mandou dizer em particular para a côrte, não o poderá dizer aquí alto, sem excitar a indignação de toda a província. Aquí nunca se falou, nunca se suspeitou sequer semelhante abuso de meu ministério.



A igreja que, ultimada em 1877, substituiu a Ermida de N. S. de Nazaré. Em lugar dela hoje se ergue a grandiosa Basílica. A igreja de 1877 subsiste, transformada em salão de reuniões, ao lado da Basílica.

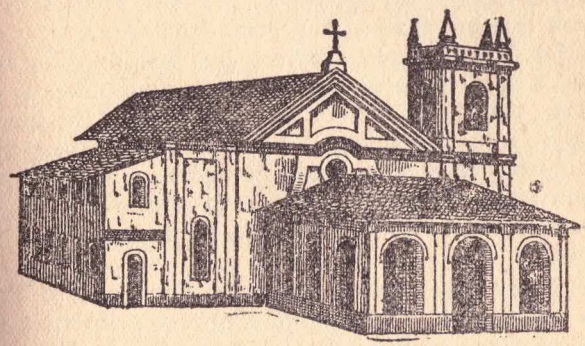
Minhas prédicas têm sempre tido auditórios numerosos; nunca alguem me viu abusando do púlpito sagrado para excitar os ódios contra o governo e formar partido político. Nunca! Esta é a verdade diante de Deus, de minha conciência.

Afirmo-a perante o meu país, perante a Igreja toda, sem receio de contestação alguma séria.

As outras falsidades de que tenho notícia se referem à conferência.

O Exmo. Snr. Gama e Abreu prevaleceu-se do carater reservado desse ato, de que não se redigiu

protocolo, para desfigurar completamente o meu procedimento, apresentando-me ao governo como um homem intratavel, que não correspondí às suas atenções, e que repelí todas as propostas razoaveis, com o fim de manter uma luta caprichosa com o governo temporal.



A antiga Ermida de N. S. de Nazaré, em Belem. Ergue-se em frente da atual Basílica. Tinha a porta principal voltada não para o sul, como a Basílica, mas para o poente.

Restabeleçamos os fatos. A nomeação do Snr. Gama e Abreu para presidente do Pará, precisamente quando o governo mostrava-se disposto a acabar com o conflito nazareno, surpreendeu-me bastante, confesso a V. Excia., pois esse senhor, unido de parentesco e intima amizade com os chefes da tal irmandade, e das desordens procedentes; tendo acompanhado o Círio o ano passado, tendo assinado, pouco havia, uma carta em que se me assacava muita acusação injusta; tão entranhado nessas indisposições com o Bispo, que até me negava em público todo o sinal de cortezia — não me parecia o mais próprio para levar a cabo essa obra de pacificação. Mas, contando com a energia de seu carater e com a boa vontade que naturalmente teria de satisfazer ao governo, pensei que afinal isso era

possivel, e assentei de fazer tudo de minha parte para chegar-se a tão feliz resultado.

Apressei-me a ir a palácio fazer uma visita ao novo presidente, que me recebeu perfeitamente bem, e correspondeu-me logo, visitando-me por sua vez.

No entanto, "O Liberal do Pará", em obediência às recomendações do governo, cessou a encarniçada guerra que me fazia e à Igreja. Houve um arrufo do Snr. Dr. Brício, que se retirou por isso da redação do jornal e da direção do partido; mas pouco depois continuou nas boas graças do presidente, de quem é cunhado o íntimo amigo. "A Boa Nova" correspondeu cavalheirescamente a estas atenções, e acolheu com demonstrações simpáticas a nova administração, que se anunciava como um iris de bonança para a província.

Foi por esse tempo, reinando a paz, que o Presidente dignou-se vir de novo à minha residência para conferenciar comigo sobre os negócios de Nazaré. É possivel, Exmo. Snr., que nestas circunstâncias, julgando-me eu a ponto de colher o fruto de minha viagem à côrte, esperando com ânsia a realização das promessas do governo imperial, é possivel, digo, que eu recebesse mal o presidente, que o fizesse esperar, no salão, que fosse rompendo nessas palavras: "Snr. presidente, é inutil qualquer proposta. Isto é um conflito entre a Igreja e o Estado, e havemos de ver quem fica vencedor"?

É possivel, enfim, que eu nada quisesse ceder, e que não só exigisse de toda a irmandade uma retratação pública, mais ainda dos próprios Snrs. Brício e Bacelar, mesmo no caso de se retirarem eles da irmandade? Estas coisas são absurdas e por conseguinte inacreditaveis. E no entanto foi assim que o Exmo. Snr. Gama e Abreu relatou aquí a várias pessoas graves a tal conferência, e pelas duras palavras de V. Excia. vejo agora que foi tambem o que ele mandou dizer ao governo.

A verdade é a seguinte: O Snr. Gama e Abreu esperou com efeito algum tempo no salão, pelo receio que teve um famulo, muito atado e pouco experiente, de perturbar o descanso que eu então tomava; mas logo que fui avisado descí pressuroso a receber a honrosa visita, e não pedí excusa por ignorar completamente aquela circunstância, de que vim a saber muito depois, com sumo pesar, pelas amargas queixas do Exmo. presidente, que me supôs capaz de uma ação tão pequenina!

À proposta da paz e concórdia, que ele me fez, respondí que eu nada desejava tanto como que se acabasse de uma vez este lastimoso conflito, e que da minha parte faria quanto fosse compativel com a dignidade que ocupo e os direitos da Igreja que devo zelar.

Propús, pois o seguinte:

Primeiramente, que me fosse entregue a nova Igreja Matriz, que seria logo consagrada ao culto, e aí exercidas as funções religiosas por um pároco que eu logo nomearia. Em segundo lugar, que, quanto à tal irmandade ou comissão de festeiros, eu estava disposto a esquecer tudo e a perdoar, contanto que viessem ter comigo na tenção de se regularizarem, e prometessem evitar para o futuro as cenas do culto civil e marchar de acordo com o Prelado. Que eu não duvidaria admitir mesmo para fazerem a festa este ano aos mesmos sujeitos que compõem a tal comissão ou irmandade, apesar de me terem guerreado e à Igreja com tanto escândalo, contanto que se retirassem dois ou três dos mais salientes nas cenas escandalosas da Ermida. Parecia-me que essa eliminação se faria naturalmente, uma vez que o corpo da irmandade mostrasse sincera vontade de regularizar-se, de acordo com o Bispo; pois aqueles poucos indivíduos são tão extremados, tão intolerantes de toda dependência do Prelado, e tratam-nos com tal brutalidade por toda a parte, que eles se retirariam logo da tal irmandade, se a maioria dela se pronunciasse num sentido razoavel e católico.

Ao ouvir estas minhas propostas, que me pareciam de uma justiça e de uma moderação evidentes, o Snr. Gama e Abreu exclamou: "Então V. Excia. não quer conciliação! as condições que põe são impossiveis! V. Excia exige desses senhores uma retratação! Eles nunca se aviltarão até este ponto! É mais facil que eles se atirem por essas janelas abaixo... Conheço o Brício. Ele não consentirá jamais em retirar-se. Enfim, Snr. Bispo, V. Excia. faz disto uma questão pessoal".

Eu respondí que não; que era uma questão de ordem e de princípios; que o que eu queria é que minha autoridade e dignidade não sofressem uma quebra funesta ao meu ministério; e que as condições postas seriam aceitas sem hesitação por pessoas cordatas e católicas. Não pude, porém, convencer disto ao Snr. presidente, que saiu declarando-me que ia muito contrariado. Poucos momentos depois, receando que me não tivesse entendido bem, eu mandei-lhe um bilhete dizendo que não exigia (dos que ficassem — bem entendido) retratação pública, mas uma simples declaração para meu governo. A experiência do ano passado tornava necessária essa precaução. Nenhuma resposta tive, e assim terminou o negócio da conferência! Não dei logo conta dela a V. Excia., porque, tendo o Snr. Gama e Abreu pedido licença para tomar nota em sua carteira do que eu acabava de dizer, e julgando-o eu absolutamente incapaz de transtornar o sentido de minhas palavras, achei escusado fazer de minha parte qualquer comunicação; e muito mais esmoreceu-me depois nesse intento o saber que V. Excia. fazia de mim uma idéia tristíssima, por um documento que me foi enviado da côrte.

Em última análise, Exmo. Snr., estou convencido de que o Exmo. presidente do Pará queria a conciliação com a condição de que o Bispo cedesse tudo, e aqueles senhores nada.

A questão se resume nisto: uns seculares que hostilizam publicamente o Bispo e a Igreja Católica pretendem ter o direito de se instalarem dentro de uma igreja matriz, de a administrarem, de a governarem como donos, ficando o pároco na dependência deles. Obedecerem ao Bispo, sujeitarem-se ao Bispo é para eles um horror, uma baixeza, um impossivel. Eles têm procedido como se não reconhecessem de fato a autoridade de que o Bispo está revestido, pois lhe têm desobedecido publicamente, têm passado por cima das proibições dele nos atos de culto, e declarado que, se o Bispo não quiser prestar-se a fazer as festas como eles entendem, eles as farão, como têm feito, sem padres, e a despeito e em menoscabo do Bispo.

Para mais facilmente lograrem este intento e resistirem melhor ao Prelado, organizaram-se, de um dia para o outro, em irmandade, sem livros, sem compromisso completamente aprovado. Não importa!

Eles tomaram esta posição, não devem ceder nem a grossura de um cabelo! O Prelado que se humilhe, que se curve aos caprichos deles, que aceite e sancione a impostura da irmandade, que lhes reconheça o direito de governarem as igrejas, de fazerem festas como quiserem, e assim sobre as ruinas de sua dignidade pessoal, bem como da autoridade sagrada de que se acha revestido, se fará a desejada conciliação e reinará a concórdia.

Eu acho, porém, Exmo. Snr., que não seria isto resolver o conflito, mas perpetuá-lo e perpetuá-lo de um modo irremediavel, pois ficariam comprometidos os princípios essenciais da ordem cristã, que são o respeito à autoridade e a reverente sujeição aos pastores legítimos.

Algum tempo depois recusava a presidência sancionar como inconstitucional uma lei provincial que mandava entregar a nova Matriz de Nazaré ao Bispo diocesano para ser benta e nela estabelecer-se o culto católico; recusava ainda como inconstitucional um auxílio de 10:000$000 rs. que a mesma Assembléia Provincial queria dar para as obras do Seminário Episcopal; recusava uma verba de 12:000$000 rs. para

o assentamento do altar de mármore da Catedral, alegando ter eu já recebido 22:000$000, sem que as obras estivessem começadas. Reclamei contra uma declaração para mim tão desairosa, e mostrei claramente que a presidência fôra enganada. Não se dignou, porém, ela de dar a menor resposta ao meu ofício. Recusou ainda o presidente o aumento de 1:000$000 à subvenção dada para a sustentação de alunos pobres no Seminário, sob pretexto de que se queria diminuir o número dos ditos alunos. Eis aquí, Exmo. Snr., as atenções que me tem dispensado a presidência, os esforços que ela tem feito para dar-me toda força moral de que careço no cumprimento de meus deveres.

Não falo da Igreja do Capim, que se acha ainda em estado de sítio, sem que o Vigário lá possa penetrar. Não falo do Vigário de Ourém, suspenso de Ordens, e que continua de barbas crescidas, dirigindo uma taberna e uma aula de primeiras letras com que foi brindado depois de suspenso pelo governo da província. Não falo de Monsarás, cujo famoso delegado continua tranquilo no exercício de seu emprego, depois de haver substituido o seu Vigário nos atos da Igreja. Mas tudo isso desaparece em face da parte ativa, que tomou o Exmo. Snr. Gama e Abreu, nas últimas procissões civís que escandalizaram esta cidade.

Todavia, como é este assunto muito largo, permitirá V. Excia. que eu dele trate em outra carta, pedindo a V. Excia., que suspenda no entanto o seu juizo até que eu possa entregar ao alto critério de V. Excia. a série de fatos extraordinários que aquí se têm passado, fatos que os nossos vindouros dificilmente acreditarão poder ter se produzidos em pleno século XIX numa cidade cristã e civilizada.

Sou, Exmo. Snr., com a mais elevada consideração, de V. Excia.

Servo muito atento

† *Antônio,* Bispo do Pará.

Paço Episcopal de Belem do Pará, 25 de Outubro de 1879".

O Barão de Cotegipe

Felizmente, porém, no Senado havia amigos da causa católica. Muito valiosa foi a defesa que o Barão de Cotegipe fez da autoridade eclesiástica do Pará. Vamos ler o trecho, final do discurso do eminente Senador:

"*O Snr. Barão de Cotegipe:* — Snr. presidente, recordar-se-á o Senado de que, quando aquí se tratou dos negócios religiosos do Pará e da nomeação de um novo presidente, o Snr. Dr. Gama e Abreu, eu fizera as minhas reservas, observando que, embora tivesse aquele cidadão na mais alta consideração, todavia parece-me que a sua escolha não era a mais conveniente para acabar com os conflitos religiosos naquela diocese. O que eu receava é o que vai sucedendo.

Por muito pouco tempo, especialmente enquanto esteve aberta a Assembléia Provincial do Pará, as relações do presidente com esta Assembléia e com as autoridades eclesiásticas foram, se não cordiais, pacíficas. Fechada a Assembléia Provincial, porém, têm ocorrido fatos dignos da atenção do governo.

O ilustre senador pela província do Pará, nosso colega Snr. Conselheiro Fausto de Aguiar, já apresentou um requerimento em que se provava que o presidente da província seguia uma vereda não a mais legal, e de acordo com as vistas do governo Imperial.

A Assembléia Provincial, segundo demonstrou o meu colega, mandou entregar ao Bispo, para servir de Matriz, a igreja de Nossa Senhora de Nazaré, a qual havia sido construida a expensas da província, que nisso despendeu mais de 250:000$000. Havia uma deliberação do vice-presidente, Snr. Malcher, aliás insuspeito, determinando que o templo fosse inscrito como próprio provincial.

A Assembléia Provincial, mandando entregar a igreja ao Bispo para que servisse de Matriz, fim de sua edificação, quando muito praticava um ato inutil

(o ato podia ser praticado administrativamente pelo presidente da província).

O Snr. Mendes de Almeida — Apoiado.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Mas, em vez de assim suceder, o presidente da província negou sanção à lei sobre o fundamento de que esta fazia ao Prelado a doação do templo equivalendo a expressão — entregar a doação. Ora, isto é um erro, é uma verdadeira futilidade.

O Snr. Junqueira: — Apoiado.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Não ficou aí o presidente da província. A Assembléia Provincial votou uma verba para a criação de um altar na catedral do Pará. Já havia votado 22:000$000 para esta obra e o digno Prelado, por meio de subscrição, doações e auxílios do governo geral, havia, ele próprio, na Itália, obtido ou comprado um altar, cujo valor é excedente a 50:000$000.

O presidente negou sanção a esta lei, à lei do orçamento, e é uma das razões o ter a província já dispendido 22:000$000 com aquela obra e não ter ela começado.

Ora, isto dava a entender que o prelado diocesano havia recebido quantia tão importante sem dar-lhe a devida aplicação, quando a verba 22:000$000 tinha sido aplicada à compra do altar e a de 12:000$000 atualmente votada pela Assembléia Provincial era destinada à colocação do mesmo.

Este ato junto ao outro já vai dando a medida das intenções, ou antes, do pouco apreço que o presidente da província dava à primeira autoridade eclesiástica da diocese. Tambem a Assembléia Provincial aumentou a consignação do Seminário em um conto de réis, já havendo antes a consignação de seis contos, consignação destinada à sustentação e instrução de alunos pobres, que alí eram educados, e muitos dos quais hoje figuram em altas posições sociais (Apoiados). O presidente tambem negou sanção com o fundamento de que este aumento de subvenção tirava à província o direito de mandar para alí certo número de alunos pobres, quando nada se inovava a respeito das disposições anteriores, que autorizavam o ingresso desses alunos.

Com esses precedentes, aparece presentemente a célebre questão das festas de Nazaré, na igreja destinada pela Assembléia Provincial para Matriz da freguesia.

Uma sociedade de festeiros, arrogando-se a qualidade de irmandade, que não existe...

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado.

O Snr. Barão de Cotegipe: — ... requerem ao digno Prelado que lhe desse o programa das festas religiosas que alí deviam ser celebradas, e assinaram-se como *mesa regedora* sem qualificação de autoridade alguma, de juiz, escrivão ou tesoureiro.

O Prelado exigiu que mostrassem que isto pediam na qualidade de uma irmandade, exigiu mesmo que aqueles que figuravam como primeiras autoridades da irmandade assinassem esta petição. Estava, creio, no seu direito. Que sucede?

Tratava-se de levantar um conflito; preparava-se uma mascarada, que outro nome não tem uma festa chamada "círio", em contrário às determinações da autoridade eclesiástica...

O Snr. Junqueira: — Uma espécie de procissões civís.

O Snr. Jaguaribe: — Só nos falta a deusa razão.

O Snr. Barão de Cotegipe: — ... uma verdadeira mascarada, na presença das autoridades, do presidente da província.

O Snr. Mendes: — Apoiado.

O Snr. Barão de Cotegipe: — O ano passado a festa partiu da capela do palácio, hoje naturalmente partirá da igreja, que ainda não está sagrada, suponho, e cuja entrega foi recusada pelo presidente da província.

Estes fatos são deploraveis.

O Snr. Jaguaribe: — Apoiado.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Se houvesse questão de atribuições entre a autoridade eclesiástica, eu ainda concederia que se dessem tais fatos; mas absolutamente não há conflito ou questão levantada por alguns indivíduos, que não querem prestar obediência em negócios do culto ao Prelado, único competente para isto.

Eu perguntei, a primeira vez que falei sobre este assunto, se éramos católicos ou não; se a religião católica, apostólica, romana era a religião do Estado ou não. Se é a religião do Estado, me parece que o governo lhe deve proteção...

O Snr. Jaguaribe: — Tem o dever.

O Snr. Barão de Cotegipe: — ... pelo menos igual à que tem dado aos cultos dissidentes. Mas a religião católica, o culto reconhecido pelo Estado, o culto da quasi unanimidade dos brasileiros, é o único que não tem a proteção do governo; ele é escarnecido, se não diretamente pelas autoridades, ao menos com sua tolerância e aquiescência.

O Código Criminal pune a zombaria feita a qualquer culto. Pois, senhores, há maior zombaria do que praticar atos religiosos com proibição do prelado, e isto com a maior publicidade?

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Era o caso da autoridade intervir. O nosso código tambem considera ajuntamento ilícito a reunião de um certo número de pessoas com o fim de praticar ou perpetrar algum delito, ou não é delito este insulto, estas zombarias do culto católico?

Como, pois, consentir-se que a autoridade, policiais, autoridades administrativas, intimamente ligadas com o presidente da província, relacionadas com ele, em grau próximo de parentesco, diante dessas demonstrações, não tenham intervindo ou contribuido para tais fatos?

Snr. presidente, estas questões que se relacionam com crenças são perigosíssimas.

O Snr. Jaguaribe: — Apoiado.

O Snr. Barão Cotegipe: — ... e é dever do governo evitar que elas tenham piores consequências do que vão tendo. Mas, que se quer? O culto católico é hoje no Brasil o menos garantido pelas autoridades.

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiadíssimo.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Se qualquer dos cultos dissidentes sofre o menor ataque, imediatamente a repressão se dá; mas os ataques ao culto católico não são só tolerados, como até recebem elogios no seio das próprias câmaras legislativas.

O Snr. Jaguaribe: — Infelizmente ainda há pouco na Câmara dos deputados se deu isto.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Vou mandar um requerimento á mesa pedindo ao governo informações a respeito das providências que tem tomado para a província do Pará. Sei que o governo tem conhecimento destes fatos, e confio muito em que ele não deixará de prestar-lhe sua atenção e de proceder conforme é do seu dever.

O Snr. Junqueira: — E é preciso tomar-se uma providência já, porque está anunciado para o dia 12 outro círio.

O Snr. Uchôa Cavalcanti dá um aparte.

O Snr. Barão de Cotegipe: — O meu nobre colega acaba de dizer-me, em aparte, que, se os subdelegados lá dizem missa e batizam, que muito é que façam procissões?

O meu requerimento é este (lê). (v. no fim). Digo culto livre, porque entendo que o Prelado diocesano está coacto, não póde exercer livremente suas atribuições.

Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Elas são desconhecidas, contrariadas e até ludibriadas pelas autoridades, quando se limitam, entretanto, àquilo que é meramente espiritual.

O Snr. Mendes de Almeida: — Muito bem.

Foi lido, apoiado e posto em discussão o seguinte:

Requerimento

"Requeiro que, por intermédio do Ministério do Império, o governo informe:

Quais as providências que tem tomado o presidente da província do Pará em ordem a garantir o exercício livre do culto católico na diocese da mesma província.

Barão de Cotegipe".

Veremos adiante a resposta do governo.

CAPÍTULO XLI

AINDA A QUESTÃO NAZARENA

As notícias correm. — Dom Antônio expõe ao clero os acontecimentos. — Carta de Dom Antônio. — Resposta ao presidente. — Nova carta de Dom Antônio.

Diz "A Boa Nova" de 27 de Novembro de 1880 que, nas sessões do Senado de 30 de Outubro e 6 de Novembro, os Senadores Mendes de Almeida, Fausto Aguiar e Barão de Cotegipe exigiram a demissão do Dr. Gama e Abreu da presidência do Pará, pois o reconheciam culpado na "questão nazarena".

Vamos ver a mentalidade do presidente do Pará através da correspondência com Dom Antônio e acompanhar os ilustres senadores nas suas discussões.

Os fatos que se davam no Pará não podiam deixar de ecoar bem longe. Vejamos um comentário na imprensa de Portugal.

Lê-se na "A Palavra", do Porto:

"Como aquilo por lá vai! Os nossos leitores já conhecem a bela pastoral do Exmo. Snr. Bispo do Pará sobre as festanças maçônicas a Nossa Senhora de Nazaré, que publicamos há poucas semanas. Agora,

de uma carta de pessoa muito respeitavel escrita na mesma cidade em data de 14 de Novembro, copiamos os seguintes períodos, que certamente não precisam comentários:

"Aquí no Pará, neste ano, tivemos a renovação dos escândalos das festas revolucionário-maçônicas de Nazaré, feitas ainda com mais estrondo. Talvez saibam bem pelos jornais alguns pormenores. Os maçons quiseram fazer a festa com grande aparato.

"Embandeiraram as ruas pelas quais devia passar a imagem, levantaram arcos triunfais, etc. Não lhe falo dos foguetes. Nunca se viu coisa igual. Em a noite de 11 de Outubro houve a primeira trasladação da santa imagem, da capela de um colégio, onde está durante o ano, à do palácio do presidente. A dita imagem, que tem apenas dois palmos de altura, era levada por uma infeliz moça, debaixo da umbela, sustentada por um dos chefes da irmandade maçônica. O préstito consistia em uma turba de homens e mulheres, alguns dos quais com velas ou archotes, sem nenhuma ordem. Na manhã seguinte se fez a procissão solene do Palácio à Igreja. Todo o cortejo era profano. Carros com foguetes, que de contínuo soltavam ao ar; bandeiras, estandartes e painéis dos milagres, levados por homens a cavalo, ou em carro; muitos homens a cavalo, todos de chapéu na cabeça; carros com homens e mulheres de todas as classes e côres.

"De sagrado só havia a imagem levada em uma berlinda, puxada à porfia pelos devotos. Em lugar dos cantos litúrgicos, vozerias e insultos aos Padres, aos Bispos e à religião, principalmente quando passavam diante das casas dos bons católicos, que em sinal de luto estavam com portas e janelas fechadas, e os sinos por ordem do Bispo não tocaram até acabada aquela sacrílega procissão. O pobre Bispo, não obstante suas enérgicas reclamações ao governo provincial e geral, não obteve nada, mas os ímpios tiveram licença de fazer tudo o que quiseram. Depois da festa,

aquí se fez um Tríduo de desagravo na Catedral, em que o Snr. Bispo prègou duas vezes, e o povo ficou muito comovido. Mas aquele escândalo sacrílégo fez um grande mal, ao qual só Deus póde remediar.

Póde ser que este sucesso sirva de estímulo a tomar medidas, já de muito tempo reclamadas pelo digno Prelado. No entanto, só nos resta rezar e esperar."

Já vimos como se deram os deploraveis fatos de 1878 e 1879, quando se realizaram em Outubro as chamadas "festas do Círio" ou "festas nazarenas". Contra a ordem do Ordinário, à revelia das leis da Igreja, propositadamente, acintosamente, tudo se fez com imenso desdouro da Religião, de acordo com programas reprovados.

E no novo ano de 1880?

Vamos acompanhar a marcha dos acontecimentos. Entretanto, em todo o país se derramava o escândalo da irmandade indisciplinada, das festas sacrilegamente celebradas.

O telégrafo, a imprensa, as discussões na Câmara e no Senado do Império — propalavam as notícias.

Vamos reproduzir algumas cartas trocadas entre Dom Antônio e o presidente da Província acerca dos fatos do Pará.

Antes, porém, para maior clareza, vamos transcrever uma relação minuciosa da questão nazarena, feita por Dom Antônio em uma reunião do clero, a 22 de Outubro desse ano de 1880.

I

"Irmãos e caros cooperadores:

Com profunda mágoa vou anunciar-vos que ainda este ano, pelo que parece, vai ter lugar em Nazaré uma festa sem padres, uma festa como a dos dois anos anteriores, consistindo só em duas públicas trasladações de uma sagrada imagem, feitas exclusivamente por seculares, sem nenhuma participação dos Ministros da Religião, e, nas noites seguintes, em jogos proibidos e divertimentos profanos no largo, acompanhados de dissoluções que todos conhecem e lamentam. Tal é a festa que pretendem fazer em honra da Santíssima Virgem Mãe de Deus Senhora de Nazaré, com grave ofensa da religião católica, garantido pelo pato fundamental do Império.

O espírito público já anda fatigado dessas indecentes paródias do culto.

Já vai havendo um desgosto e frieza geral pelo modo porque se está celebrando a festa de Nazaré. Já a maior parte das pessoas que pensam dizem por aí:

"Isto não é sério. Isto não é regular. Uma festa que não se faz na Igreja, com padres, com anuência e sob a direção do Bispo, e com os ritos solenes de nossa religião, não é festa religiosa, é mascarada de culto, é uma coisa desordenada, sem significação, que nenhum homem sensato póde aprovar.

"Festas de Nossa Senhora só para jogo?

"Festas de Nossa Senhora só para negócio?

"Festas de Nossa Senhora só para dansas, divertimentos chulos e lubricidades de toda a sorte?

"Isto não póde ser! Isto é uma deshonra para a religião e para a civilização deste país!"

Eis o que já vai dizendo a maioria da gente sensata.

Mas o desgosto público ainda não chegou a um auge de intensidade tal que faça esmorecer de todo os promotores do escândalo. E vamos tê-lo outra vez este ano, pois, segundo consta, pouca ou nenhuma esperança há de providência da parte do governo geral.

II

O que é preciso, porém, irmãos e caros cooperadores, é que se saiba desde já os esforços que tenho feito para que a festa de Nazaré se celebrasse este ano regularmente, e como e por quem foram estes esforços malogrados.

No dia 17 de Agosto último vieram ter comigo um jovem negociante e um guarda-livros de uma honrada

casa comercial desta praça, o primeiro juiz e o segundo secretário da irmandade de Nossa Senhora de Nazaré, dizendo que vinham em comissão pedir padres para a sua festa.

Acolhí-os com a urbanidade com que a todos costumo tratar, e lhes disse que eu tambem muito desejava dar sacerdotes, para que a festa de Maria Santíssima se celebrasse regularmente; mas que estava nas mãos deles removerem os obstáculos que até aquí infelizmente me haviam impedido fazê-lo. E comecei a declarar-lhes a verdadeira impossibilidade em que eu estava de tratar com eles como membros dessa irmandade, causa, nesta diocese, de tantas desordens deploraveis que tinham retinido tão dolorosamente no Império e em toda a Igreja, irmandade que não só nenhuma existência canônica e jurídica tem, mas que recusou positivamente, o ano passado, regularizar-se perante o Prelado.

Todos se recordam, porque os fatos estão ainda muito frescos, do que tem passado entre esta pretensa irmandade e o Prelado diocesano. É bom todavia rememorar, bem que por alto, os fatos, para melhor verse a justiça e critério com que tenho procedido.

III

Estava a irmandade de Nossa Senhora de Nazaré do Desterro, há cerca de vinte anos a esta parte, extinta, como extintas estão a Irmandade de Nossa Senhora de Belem na Catedral e outras muitas. Não havia mais irmãos, nem por conseguinte Mesas Regedoras, nem livros, nem prestação de contas, enfim, durante esse longo lapso de tempo, nenhum fato acusando a existência regular de uma confraria religiosa, mas só comissões de festeiros, que se renovavam todos os anos.

De repente, no largo de Nazaré, no início da efervescência dos ódios contra o Bispo e contra a Igreja, despontou em 1877, da noite para o dia, a atual irmandade, invenção de alguns conhecidos livres pensadores para melhor guerrearem ao Bispo com o apoio da autoridade civil. Desencavaram um texto de lei provincial de 1842, contendo os artigos do compromisso da antiga irmandade, e fizeram dele o seu paladium.

É verdade que a dita irmandade estava morta e sepultada, como já disse, tendo por epitáfio o provimento do juiz de Direito em correição, Dr. Antônio de Barros Vasconcelos, de 10 de Novembro de 1860, que a declarou irregular, sem compromisso aprovado pelos poderes competentes, e digna de infalivel dissolução.

É verdade que esta mesma irmandade confessou o ano passado que o compromisso desencavado não tem mais que uma aprovação presumida do Bispo, mas não real e constante de um documento positivo, como é essencial para a regular constituição de uma irmandade, segundo o direito vigente.

É verdade que logo o 1.º artigo desse compromisso reza assim:

"Serão admitidos para irmãos desta confraria as pessoas de ambos os sexos que a Mesa julgar idôneas." E o 2.º: "A admissão dos irmãos se fará ou por convite da Mesa, ou a requerimento do pretendente; e neste segundo caso a Mesa procederá a um exame rigoroso sobre as qualidades do pretendente, e, reconhecidas estas, se lavrará termo do dia, mês e ano da sua admissão, com declaração de cumprir este compromisso, que assinará com os Mesários".

É verdade que o art. 4.º preceitua o seguinte: "A eleição de Mesa se fará regularmente no domingo anterior à festa. Reunidos os irmãos em Assembléia Geral por convite, na sacristia da Igreja, presididos pelo juiz, se procederá à eleição da nova Mesa por pluralidade relativa de votos."

Mas que importa tudo isso? Que importa sejam os irmãos recrutados no meio do largo sem os convites, sem os exames rigorosos, sem nenhuma das formalidades substanciais exigidas pelo tal compromisso?

Eles declaram-se irmãos, é quanto basta, para que todos os reconheçam como tais; erigem-se em Mesa regedora, erigem-se em irmandade, e o são; embora não haja antes deles nem irmandade nem Mesa regedora que desse um colorido qualquer de legitimidade aos títulos que se arrogam.

E é esta falsa irmandade, esta irmandade improvisada por dois ou três livres pensadores, arma da guerra encarniçada movida ultimamente nesta diocese contra a Igreja e contra o Bispo; é esta irmandade declarada tanto pelo Prelado, como pela autoridade judiciária, irregular, sem existência, nem jurídica, nem canônica, que, sem dar satisfação alguma, ousa apresentar-se ao Prelado dizendo: Dê-me padres, e reconheça por este ato os direitos que tenho na Igreja como corporação religiosa regular!

IV

Mais:

Depois que vimos como se organizou, vejamos agora o que tem feito esta chamada irmandade.

Seus instituidores foram os autores dos desacatos da Ermida, do arrombamento das portas, das ladainhas acintosas, e do culto civil declarado um direito dos fiéis.

É esta Irmandade de Nazaré que tem sustentado na diocese o princípio que, quando o Bispo não concede licença para fazer-se uma festa religiosa, o povo tem o direito de reunir-se, e fazer na Igreja ou pelas ruas a dita festa, sem padres e contra a ordem do Bispo, e que Deus, Nossa Senhora e os Santos são ainda mais honrados com estas festas do que com aquelas em que intervem o ministério público da Igreja.

Este pernicioso princípio eles o têm manifestado, não só pela imprensa, mas pelos seus atos, pois há dois anos que dão nesta capital o escandaloso espetáculo de sua desobediência à primeira autoridade religiosa da diocese, fazendo no primeiro ano o Círio e

a procissão da véspera, as novenas e a mesma Missa, sem padres, limitando-se no segundo aos dois primeiros atos, talvez para evitar o ridículo que andava ligado a tão indecentes paródias.

Várias paróquias do interior. — Capim, Monsarás, Vigia, Ourém, e ultimamente Cametá — têm feito deploraveis ensaios deste culto civil, à imitação de Nazaré.

Não lembrarei, pois desejara, para a honra da nossa civilização, que ficassem sepultados, em eterno silêncio, os desacatos do largo, as inscrições, os programas, os boletins, os registros indecentes com caricaturas, os acintes estrondosos, e mil outras desordens que têm acompanhado a festa de Nossa Senhora de Nazaré, nestes últimos anos.

Foi esta irmandade que, exigindo dela o Prelado fizesse uma simples declaração de evitar, de ora em diante, o culto civil, e convidando-a a regularizar-se perante a autoridade diocesana, respondeu em data de 22 de Agosto de 1879, recusando aquela declaração, e afirmando ao Prelado que ela estava perfeitamente regular.

Suspensa pelo juiz de Capelas em data de 6 de Outubro de 1879, burlou até hoje esta suspensão com um simples pedido de vista.

Enfim, esta falsa irmandade a quem o próprio juiz Dr. Armênio increpara em despacho de 27 de Novembro de 1877 de um procedimento irregular e criminoso, pois apresentara as suas atas em papéis avulsos (como fazer, se não tinham livros, nem escrituração alguma?) esta falsa irmandade — cousa triste de dizer-se, foi reconhecida como verdadeira e legítima pela primeira autoridade civil da província, que, não só lhe tem dado todo o concurso e apoio oficial às suas indecentes paródias de devoção, e declarado que as póde e deve continuar a fazer; mas tambem, o que mais é, tem-lhe reconhecido o direito de estabelecer-se na nova Igreja Matriz e administrá-la, de promover aí os atos do culto católico, apesar de estar

ela em oposição com o Bispo, de não ter existência alguma canônica, e por conseguinte não poder funcionar numa Igreja senão de um modo todo cismático, em oposição flagrante às regras da disciplina eclesiástica!

Vós sabeis que, tendo a Assembléia Legislativa Provincial formulado um projeto de lei ordenando que a nova Igreja Matriz de Nazaré, edificada à custa dos cofres da província, isto é, do dinheiro dos contribuintes católicos, fosse entregue ao Prelado diocesano para ser consagrada ao culto, a presidência por ato de 12 de Agosto de 1879 recusou sancionar esta lei como inconstitucional, sob o fundamento que a palavra *entregar* significava uma doação do próprio provincial ao Bispo para seu domínio particular; mas algum tempo depois não duvidava a mesma presidência entregar a dita Igreja à falsa irmandade de Nazaré sem recear mais ofensa alguma à constituição do Império, resultando de tudo isto estar a Igreja fechada, sem benção, sem poder servir para o fim para que foi edificada, visto a impossibilidade moral em que estou de instalar um pároco com o Tabernáculo do Santíssimo Sacramento, com vasos sagrados, etc., em Igreja dominada por uma "irmandade" dirigida por livres pensadores; que já chamou a seu pároco a contas, que exigiu dele recibo de alfaias, demitiu-lhe o sacristão, e tomou-lhe judicialmente as chaves da Igreja, e tratou-o por tal modo que ele se deu por coato, e foi preciso mudar a paróquia para uma capela particular!

V

Tal é a verdadeira posição que assumiu a chamada irmandade de Nossa Senhora de Nazaré em face da autoridade diocesana, e de que não tem querido demover-se, graças à alta proteção do que é favorecida.

Fiz em poucas palavras algumas destas ponderações àqueles senhores, mostrei-lhes em tom brando e

penetrado que eu achava, em minha conciência, obstáculos insuperaveis para admiti-los como irmandade, pois era preciso para isso desdizer-me, entregar ao ludíbrio a autoridade sagrada de que me acho, ainda que sem méritos, revestido, e sacrificar enfim a verdade, a justiça e as prescrições da disciplina canônica que devo manter inviolaveis.

Eles ouviram-me atentamente, e nada opuseram às minhas ponderações.

Então lhes indiquei um meio facil de entrarmos em acordo, fazer-se a festa regularmente, como todos desejam.

VI

O meio era o seguinte:

Estes mesmos senhores, que eu supunha serem católicos, pois vinham pedir-me padres para uma festa católica, com mais dois ou três de fora do grêmio da irmandade, se formariam em comissão diretora dos festejos.

Esta comissão dirigir-se-ia a mim, dizendo que, não estando a irmandade considerada como regular pela autoridade diocesana, assentara confiar o encargo da festa àquela comissão, que prometia marchar de inteiro acordo comigo e com as prescrições da Igreja.

Deste modo poderia eu desde logo designar os sacerdotes, e a festa se faria, sem desacatos, sem acintes, sem ofensas nem de princípios, nem de pessoas, como exige a religião, a moral, o decôro social e a opinião dos homens cordatos.

Era um meio termo provisório, até que o tempo, grande resolvedor de dificuldades, fornecesse, ou mediante o aplacamento dos ânimos, ou com a mudança das circunstâncias, uma solução definitiva. Por este acordo, como vêdes, não se prejudicavam quaisquer direitos que porventura pretenda ter a irmandade, tão pouco se tocava no conflito criado pela presidência da província em relação à nova Matriz.

Ao ouvirem esta minha proposta, exclamou um dos senhores: "Mas é isto o que exige o Snr. Bispo?". E, como eu respondesse afirmativamente, voltando-se ele para o companheiro, disse: "Então está tudo feito, não há mais dificuldade!"

E, ditas por mim algumas palavras sobre certas reformas que se deviam realizar na festa, perguntei-lhe se não aceitariam o Exmo. Snr. Dr. Antônio dos Passos Miranda para membro da comissão; responderam-me que muito de boa mente o aceitavam, e que este senhor lhes seria de grande auxílio. Não fiz questão dos outros nomes; deixei-os à livre escolha dos dois cavalheiros, que tão bem dispostos se mostravam.

É possivel, irmãos e caros cooperadores, levar mais longe a condescência e a boa vontade?

O Snr. Dr. Passos Miranda, pondo-se logo, a pedido meu, em relação com aqueles senhores, foi por eles encarregado de redigir um ofício ao Prelado diocesano em conformidade com o que fôra convencionado. Eis aquí a entrega desse projeto de ofício:

"Pará, Agosto de 1880. Exmo. e Revmo. Snr. Tendo V. Excia. declarado por diversas vezes que a Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré não está constituida na conformidade das leis canônicas, e que por isso não póde exercer os atos do culto público, de que trata o seu compromisso, a referida irmandade, desejando que este ano se faça a festividade daquela excelsa Senhora de acordo com a liturgia da Igreja católica e instruções que forem dadas por V. Excia. Revma., resolveu confiar esse encargo a uma comissão composta dos abaixos assinados, a qual V. Excia. Revma. se dignará de aprovar, afim de que possa entender-se com V. Excia. Revma. sobre tudo o que disser respeito à referida festividade. ;

A irmandade de Nossa Senhora de Nazaré reconhece que, para regularizar-se pelo poder eclesiástico, precisará de longo tempo; e, como a festa de sua Padroeira se aproxima, ela entendeu que, confiando esta missão a uma comissão de festeiros, V. Excia. Revma.

poderá dar licença para que a referida festa se faça, segundo as ordens de V. Excia. Revma. e as prescrições da Igreja, comprometendo-se os abaixos assinados pelo fiel cumprimento delas.

Esperando que V. Excia. Revma. se dignará de aceitar o alvitre proposto, os abaixos assinados pedem a V. Excia. Revma. se digne designar desde já um sacerdote que se encarregue da festa de Nossa Senhora de Nazaré, e que tenha tambem a seu cargo a administração da Ermida. (Não fiz questão desta última cláusula, e quis logo eliminá-la, como depois se combinou).

"Os abaixos assinados aproveitam esta oportunidade para apresentar a V. Excia. Revma. os seus protestos da mais distinta estima e profunda veneração.

"Deus guarde a V. Excia. Revma.".

Aprovado este rascunho por mim e por eles, o primeiro daqueles senhores, que era o juiz da festa, tão ansioso estava de concluir o negócio, que perguntou ao mesmo Snr. Dr. Passos Miranda se não seria possivel que no dia seguinte (sábado, 21), antes de minha partida para Cametá, ficasse tudo decidido.

E, como respondesse aquele Snr. que eu despacharia o negócio ainda na última hora, prometeu o dito juiz reunir seus companheiros no dia seguinte, e que às 6 horas da tarde o procuraria com o ofício já assinado para me ser presente, e ter logo a resposta.

No dia seguinte viu o mesmo Snr. Dr. Passos Miranda, não sem algum reparo, o Exmo. presidente da província conversando em uma rua com o supramencionado juiz, e passou-lhe pelo espírito uma suspeita que este comunicara o acordo havido ao dito presidente, o que podia malograr tudo.

O que é certo é que não lhe apareceu no dia 21 o dito juiz, como prometera, e eu partí sem haver nada concluido.

No dia seguinte, encontrando-se com o Snr. Dr. Passos Miranda o mesmo juiz, disse-lhe que não pudera na véspera reunir os companheiros, e daí por

diante não se encontrou mais com ele, nem lhe deu mais claras explicações.

Pouco depois, pessoa grada e muito chegada à presidência confirmou o fato que o ofício fôra com efeito de antemão submetido à mesma presidência, e que esta, de acordo com o seu cunhado, o autor dos desacatos da Ermida, o promotor precípuo de toda esta campanha nazarena contra o Prelado diocesano, resolveu que a irmandade não devia mandar tal ofício, que o que queria o Prelado era humilhá-la, etc.

Este fato é tão grave, irmãos e caros cooperadores, que eu faço comigo mesmo esforços para pô-lo em dúvida.

Verdade é que desde o ano passado tem a presidência da província assumido oficialmente a si a causa da irmandade, tem-se identificado absolutamente com ela, tem tomado o maior interesse, a parte mais ativa, já no negócio da festa, já no da nova Matriz; verdade é que laços íntimos de amizade e parentesco a ligam às pessoas que mais capricham em levar àvante o conflito, para humilhar o Bispo e afastar dele o povo com a aparência de devoção à Senhora de Nazaré; sem embargo, é aquele fato tão estranho que não posso acabar comigo de afirmá-lo.

As denegações embaraçadas e irritadas do orgão oficial em resposta à "A Boa Nova", e sobretudo o silêncio significativo do juiz, cujo carater não parece prestar-se a negar a verdade, parecem a todos a confirmação do que narrou a pessoa altamente colocada, insuspeita e testemunha presencial, que acima mencionei.

Como quer que seja, o resultado mostrou que uma influência poderosa atuou sobre o ânimo daqueles senhores, pois não se póde explicar por outro modo a repentina mudança de suas disposições. O fato é que nunca mais me apareceram, e daí a algum tempo anunciavam a festa com ou sem padres, segundo a fórmula adotada nos dois últimos anos, fórmula que insinua duas falsidades, dois erros, um de fato, outro

de direito: o erro de fato é que eles desejam ter padres, mas que o Bispo é que os recusa obstinadamente e sem razão.

O erro de direito é que, uma vez que o Bispo recusa padres, eles podem sem estes fazer a festa, em despeito e menoscabo das proibições da Igreja.

VII

Tal é, irmãos e caros cooperadores, a fiel história do que tem sucedido este ano em relação à festa de Nazaré.

É preciso laborar numa completa inopia de raciocínio, para não colher do que fica exposto que não é o Bispo que quer a continuação do conflito, que não é o Bispo que põe obstáculos à reconciliação. Fiz todos os esforços e concessões, levei a indulgência até os últimos limites, para que a festa de Nossa Senhora de Nazaré se fizesse este ano regularmente.

Não o quiseram, esta é que é a verdade.

Repilo, pois, de mim a injusta imputação de proibir eu a festa da Santíssima Virgem, como sempre se celebrou desde 1793; de opor-me às tradições populares que mantêm nesta diocese a devoção para com a Mãe de Deus sob aquele glorioso título; não, mil vezes não; o que eu proibí, o que eu proibo, o que proibirei sempre é a festa civil, como a querem fazer alguns seculares, erigidos em falsa irmandade, sem padres, sem obediência ao Bispo, como um direito seu. Isto é o que eu proibo, isto é o que eu condeno, e não a festa e a devoção à Senhora de Nazaré.

Basta.

Já levei minhas respeitosas reclamações ao governo Imperial e ao Exmo. presidente da província.

Quero ainda esperar que nem um nem outro permitirão o novo sacrílego atentado que vai contristar nossa pátria e Igreja.

Se, porém, for ainda desatendido, nada mais me resta senão ficar imovel no meu posto de honra, e

tragar até as fezes o cálice de amargura que me é oferecido.

O grande desacato está anunciado para o dia 31 do corrente!

Querem profanar de novo a Imagem Sagrada de Maria Santíssima; querem fazer um ato de pública desobediência à autoridade augusta de que estou, ainda que indignamente, revestido na Igreja de Deus; querem ainda uma vez insultar os meus cabelos brancos, e pagar-me com esta ingratidão os serviços que lhes estou fazendo, a eles, a suas filhas e filhos; pois façam-no!

Façam-no, que a minha paciência é, mercê de Deus, tão invencivel, como as minhas esperanças.

Deus nos vê e nos há de julgar. Para sua justiça apelo, porque, pelo que parece, não há mais para onde apelar.

Concluo, irmãos e dignos cooperadores, pelas palavras que ainda há pouco dirigí ao governo Imperial: Snr. ministro, um governo esclarecido e honesto como é o de Sua Majestade o Imperador não póde permitir que pelo capricho inconsiderado de alguns homens (dois ou três) continue aquí a ser desacatada a autoridade da Igreja católica, reconhecida e garantida pelas leis do Império. Tais desordens só servem para diminuir o respeito à religião, afrouxar os vínculos da obediência, entibiar a fé nos povos e favorecer a difusão da impiedade, e por conseguinte a dissolução e depravação dos costumes.

Se a suprema autoridade do Estado não se explica sobre tão graves atentados, e os tolera e os deixa sem repressão alguma, que será de nós, Snr. ministro? Se este derradeiro freio, que é a religião, se rompe, se esta última barreira se abate, quem poderá suster o ímpeto das paixões egoistas e brutais que se desencadearão sobre a sociedade, quem poderá represar a torrente de corrupção que alagará os indivíduos e as famílias?

Fazendo estas respeitosas ponderações ao governo do meu país, cumpro um duplo dever como Bispo e como cidadão, e dou-lhe a melhor prova dessa lealdade e dedicação que inspiram os ensinos da verdadeira religião para com os poderes públicos legitimamente estabelecidos.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

Vejamos então a correspondência trocada entre o Bispo e o presidente da Província. A relação acima já faz referência a esta correspondência porque realmente se deu nos dias anteriores à reunião do clero.

Admiremos a calma, a clareza, a lógica do estilo epistolar de Dom Antônio.

"Paço Episcopal de Belem, 15 de Outubro de 1880.

Ilmo. e Exmo. Snr.

Como, apesar dos esforços e das concessões que fiz para que a festa de Nossa Senhora de Nazaré se celebrasse este ano regularmente, pelo ministério dos sacerdotes e autorização da legítima autoridade diocesana, sei com grande mágoa que a pretensa irmandade, que tomou o título da mesma Senhora, persiste injustamente em querer ainda fazer o Círio e a procissão da véspera, isto é, duas trasladações solenes da Imagem da Santíssima Virgem, sem padres, em completa independência e menosprezo da autoridade do Prelado e das prescrições e usos da nossa Igreja, fazendo a mesma irmandade consistir tudo o mais que chama "festa de Nossa Senhora de Nazaré" em jogos proibidos e em divertimentos profanos no largo do arraial, devo em cumprimento de um dever sagrado de meu cargo levar de novo ao conhecimento de V. Excia. que eu, como Bispo, não posso de modo algum aprovar que as festas da religião se celebrem por este modo.

Não posso reconhecer, em nenhuma irmandade regularmente estabelecida, quanto mais nesta que não está regular, o direito de fazer acompanhamentos pú-

blicos de Imagens sagradas, sem ser de acordo com a autoridade religiosa preposta aos atos do culto; tampouco que pretendam fazer em honra da Imaculada Virgem Maria Mãe de Deus uma festa toda profana, a que se misturam infelizmente as mais graves e escandalosas desordens contra os costumes.

Esta festa, Exmo. Snr., como a querem celebrar, é um ato desordenado e anárquico, uma paródia de culto, sem a seriedade e o decoro que devem caraterizar os atos da verdadeira religião de Nosso Senhor Jesus Cristo. As autoridades públicas não podem permití-la nem aprová-la, sem ferir ao mesmo tempo o direito da Igreja e a legislação do Império que a reconhece e protege.

Portanto, dirijo-me ainda este ano a V. Excia., como ao delegado do governo de Sua Majestade o Imperador, para que nesta qualidade faça manter e executar, na forma da lei, o ato pelo qual, no exercício de minhas atribuições como autoridade religiosa, proibí e proibo a dita festa, como a quer celebrar a falsa irmandade de Nossa Senhora de Nazaré.

Deus guarde a V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Snr. José Coelho da Gama e Abreu, presidente desta Província.

† *Antônio*, Bispo do Pará".

Resposta à carta ou ofício pelo presidente da Província

"Palácio da presidência do Pará, Belem, 21 de Outubro de 1880.

Exmo. e Revmo. Snr.

Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício que V. Excia. Revma. se dignou dirigir-me em 15 do corrente, que somente recebí a 16.

Respondendo, como me cumpre, passo a fazê-lo do modo seguinte:

Do conteudo desse ofício vejo que V. Exma. Revma. proibe a celebração das festas que anualmente e de longa data se fazem nesta cidade em honra à Virgem Senhora de Nazaré, tanto religiosas, no interior da Capela, como as de regosijo público fóra desta, e pede que esta presidência faça manter e observar esta decisão de V. Excia., baseada, pelo que diz V. Excia., não só em não se achar regularizada a respetiva irmandade e não poder, portanto, celebrar as festas que tem determinado, como tambem no direito que assiste a V. Excia. de impedir que em honra da Santíssima Virgem tenha uma festa toda profana, na qual se praticam os mais graves escândalos e desordem contrários à moral.

Respeitando as resoluções de V. Excia. no que toca à parte religiosa, já fiz saber diretamente ao juiz da irmandade que festa alguma religiosa poderá ser feita na Capela de N. Senhora de Nazaré.

No que, porém, respeita às festas exteriores ao Templo, que consistem no Círio e nas de regosijos públicos no arraial, anualmente celebradas desde 1793 até o presente, e que constituem uma verdadeira tradição popular, que convem respeitar, por isso mesmo que revelam a idéia de veneração à Santíssima Virgem, a quem são oferecidas como complemento das religiosas, e a que se ligam interesses de diversas ordens, que não é lícito ferir; estando estas demonstrações de devoção e regosijos sob a imediata inspeção das autoridades, em cuja solicitude confio, tanto mais que elas têm ao seu dispôr os meios necessários à repressão de quaisquer excessos, quando porventura se dêem, permita V. Excia. que eu, divergindo de seu modo de pensar a respeito, e não receando os excessos e escândalos do que fala V. Excia., não me oponha à sua realização, mesmo porque nessa festa, à qual concorrem todas as famílias desta cidade, as autoridades, e eu mesmo com minha família, são guardados todos os princípios de moralidade indispensaveis, e certo seria eu o primeiro a condená-la, se nessa visse atos imorais e escandalosos, tão prejudiciais às sociedades que se respeitam.

Não receie V. Excia. os excessos que crer se terão de dar, e confie de que no cumprimento dos deveres que são inerentes a meu cargo saberei colocar-me na altura devida.

Terminando, devo ainda ponderar a V. Excia. que, não obstante a opinião de V. Excia. relativamente à irregularidade que atribue à Irmandade de Nossa Senhora de Nazaré, tendo sido proferidas por tribunais competentes as sentenças de 20 de Dezembro de 1879 e 20 de Abril do corrente ano, que julgam a dita irmandade regularmente constituida, não posso deixar de respeitar essas decisões, que me fazem apartar do modo de pensar de V. Excia. sobre semelhante assunto. Deus guarde a V. Excia., Exmo. e Revmo. Snr. Dom Antônio de Macedo Costa, Bispo desta diocese.

J. C. da Gama e Abreu".

Nova carta ou ofício de Dom Antônio

"Paço Episcopal de Belem, 26 de Outubro de 1880. Ilmo. e Exmo. Snr.

Em ofício de 21 do corrente responde-me V. Excia. que, respeitando minhas resoluções na parte religiosa, já fez saber ao juiz da irmandade que festa alguma religiosa poderá ser feita na Capela de Nossa Senhora de Nazaré; e que, quanto às festas exteriores, que consistem no Círio e nos regosijos públicos do arraial, estão elas sob a imediata inspeção e responsabilidade da autoridade civil.

Ao que tenho a honra de ponderar a V. Excia. que minha proibição se limita à parte religiosa, como consta, tanto do ofício que acabo de dirigir a V. Excia. em data de 25 do corrente, com a da Portaria de 27 de Agosto de 1879, Carta Pastoral de 8 de Outubro do mesmo ano, e ato episcopal em data de 21 do corrente. De todos estes documentos oficiais e de toda a correspondência trocada com V. Excia. sobre este assunto, consta, com suma clareza, que o que eu proibi e proibo é a festa religiosa como a quer celebrar a

falsa irmandade, isto é, sem padres, independente do Bispo, sustentando ela ser isso um direito seu. Que o Círio e a procissão noturna que o procede constituem, com os atos de culto celebrados na Ermida, a parte religiosa da festa de Nazaré, é o que não julgo poder ser contestado seriamente. Ninguem póde desconhecer que trasladações solenes de uma Imagem da Santíssima Virgem são atos do culto público do catolicismo, ou então devemos renunciar à linguagem humana como tendo perdido toda sua significação.

A mesma irmandade, no seu programa da festa que tenho diante dos olhos e chama estas trasladações demonstrações piedosas, que convem acompanhar com recolhimento cristão, e para isso conta com o espírito religioso da população. Falaria ela assim se estivesse convencida de que o Círio é uma cerimônia civil, uma passeata, que faz parte dos regosijos públicos e profanos? Se, pois, o Círio e a procissão que o procede são atos do culto público, fazem parte da festa religiosa de Nossa Senhora de Nazaré, e se V. Excia. declara respeitar as resoluções do Prelado diocesano na parte religiosa, parece lógico que faça respeitar igualmente as proibições referentes ao Círio e à dita procissão, como emanadas de uma autoridade reconhecida pelas leis do Império, funcionando regularmente dentro dos limites de sua esfera jurisdicional.

Quanto à razão alegada de ser o Círio uma tradição popular, tambem as festas religiosas na Ermida o são, e todavia V. Excia. reconhece que a autoridade religiosa póde, dados certos casos, suspender as ditas festas.

Demais, eu não quero suprimir e nem abolir o Círio, tanto assim que já tinha entrado em acordo com os encarregados da festa para que ele se fizesse este ano com todas as outras solenidades religiosas costumadas; mas, tendo-se desfeito esse acordo, com a maior sem razão e injustiça, e perseverando V. Excia. em dar o seu apoio oficial para que se celebre essa festa religiosa sem intervenção do clero, sem depen-

dência do Bispo, vejo-me na dolorosa necessidade de manter a proibição do ano passado, esperando que um dia (que não está longe) poderá ser celebrada a dita festa sem ofensa da minha autoridade e das prescrições da Igreja, conforme os votos da opinião cordata.

Pelo que diz respeito aos divertimentos profanos, se eles são lícitos a religião não os proibe, se não o são, estão já proibidos pelo Decalogo. Em uma palavra, Exmo. Snr., retirada do Círio a Imagem, a festa de Nazaré perderia o seu carater religioso, e, fazendo-se, como suponho, sem desordens, eu nada mais teria que reclamar; se, porém, quer se celebrar uma pomposa trasladação da Imagem de Maria Santíssima para sua Ermida, queira V. Excia., ordenar que este ato do culto católico se faça de acordo com o Prelado diocesano, como é de direito. Exmo. Snr., o espírito público já se acha fatigado com este triste estado de coisas, de que resulta geral desgosto e frieza, e, sabendo os esforços e concessões extremas que tenho feito e a boa vontade que este ano manifestou a Mesa Regedora para terminar este desagradavel conflito, mediante um acordo razoavel que se achava já firmado, volvo os olhos para o primeiro magistrado da província, convencido que de uma palavra de V. Excia. depende unicamente o feliz desenlace desta malfadada questão.

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. e Exmo. Snr. José Coelho da Gama e Abreu, presidente desta província.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

CAPÍTULO XLII

O CÍRIO NO SENADO DO IMPÉRIO

Primeira Sessão (30 de Outubro). — Segunda Sessão (6 de Novembro).

No Senado — Sessão de 30 de Outubro

Enquanto se desenrolavam no Pará os tristes acontecimentos que perturbaram profundamente a vida

católica da diocese, no Senado Federal se discutiam os fatos. O Barão de Cotegipe, Cândido Mendes de Almeida, Leitão da Cunha, Fausto de Aguiar e outros bateram-se a favor do Bispo.

Entrou em discussão o requerimento do Snr. João Alfredo para que o governo informe o que lhe consta a respeito dos acontecimentos que se deram ultimamente na capital do Pará.

"*O Snr. Barão de Cotegipe:* — O requerimento pede que o governo informe o que lhe consta a respeito dos acontecimentos que se deram ultimamente na capital do Pará, por ocasião da festa de Nazaré, e que providências foram tomadas.

O nobre ministro da Justiça declarou nessa ocasião que não podia ministrar tais informações, porque não tinha conhecimento do fato.

É natural que presentemente já as tenha, e nesse caso eu pedia a S. Excia. que as comunicasse ao Senado.

Esta questão, que a alguns parece quasi ridícula, reveste-se, entretanto, de grande importância pelo alcance que tem tomado e pelos intuitos que revela.

O Snr. Mendes de Almeida: — Apoiado, é uma questão bem grave.

O Snr. Barão de Cotegipe: — É escandaloso que se esteja praticando uma cerimônia do culto externo de nossa religião contra as terminantes ordens e constantes reclamações do Prelado diocesano, apoiado tal ato pela autoridade superior, qual é o presidente da província! (Apoiado).

Em que país estamos nós? Nem mesmo nos paises onde o culto público de todas as religiões é permitido e onde não há religião de estado (apoiado), consente-se que se façam paródias destas, que presenceia o Pará; o nosso Código Criminal não as permite nem mesmo em referência a qualquer culto dissidente. E que diremos tratando-se do nosso?

O Snr. Mendes de Almeida: — Paródias obscenas e indignas.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Nada mais facil do que acabar com semelhante escândalo, basta que o governo queira.

O Snr. Jaguaribe: — Apoiado.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Que significa, Snr. presidente, a primeira autoridade da província do Pará prestar a força pública para acompanhar semelhante paródia?

Que significa consentir que do próprio palácio se remova uma Imagem Sagrada, para figurar nessa festa civil?

Aqueles que se servem dos sentimentos religiosos da população para praticar fatos tais, pouco e pouco vão desacreditando a mesma religião, que consideram um trambolho; mas um trambolho para seus inimigos, para os inimigos da sociedade e da família. E o governo vê indiferente todas essas coisas! Em o ano passado se havia recomendado ao presidente da província que contivesse, pusesse cobro a tal escândalo, e o presidente da província deu razões que culpavam ao Prelado diocesano. Eu sei, e o nobre ministro melhor do que eu saberá, que no corrente ano o Prelado diocesano concedeu todas as facilidades que eram possiveis conceder-se para que tivesse lugar essa festa, que é popular na província do Pará. Os autores da festa entenderam-se com o Prelado Diocesano e chegaram a um acordo, mas encontraram reprovação em pessoas conjuntas ao presidente da província, e dizem mesmo que foi ele um dos primeiros a aconselhar que tal acordo não se realizasse.

O Snr. Jaguaribe: — Quer o governo censura mais acre a seus atos?

O Snr. Barão de Cotegipe: — Existe uma reunião de indivíduos que se dizem católicos, querem assim à fina força praticar uma cerimônia do culto católico como lhes apraz e não como manda o ritual. Há católicos na província do Pará que entendem que se póde formar uma confraria ou irmandade sem aprovação do

Prelado, e sem as formalidades prescritas nas leis canônicas.

Como póde existir uma confraria sem que preceda uma aprovação de seu compromisso, pelo poder civil e eclesiástico? Pois é o que se dá na província do Pará, e é o que faz o presidente da província; mas o presidente da província do Pará não anda bem.

O Snr. Jaguaribe: — Apoiadíssimo, e o governo que o sustenta não vai bem.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Esse administrador mandou entregar a Igreja construida quasi a expensas da província...

Um Snr. Senador: — Toda...

O Snr. Barão de Cotegipe: — Gastou a província mais de 200:000$000 e ele mandou entregá-la a esta suposta confraria.

Era um templo destinado à paróquia e à população daquela parte da capital do Pará, que está privada dos benefícios espirituais por culpa do presidente da província.

O Snr. Mendes de Almeida: — E dos festeiros.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Quais festeiros!?

Os festeiros nada seriam, se não fosse o apoio que lhes dá o presidente da província.

O Snr. Jaguaribe: — Paróquia civil.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Eu li que a irmandade é que teria o governo deste templo...

O Snr. Meira de Vasconcelos: — Eu sei os termos da portaria, porque a li.

O governo destinou a Igreja para paróquia com a condição somente da irmandade continuar a funcionar, como funcionava na capela, porque a Igreja substitue a capela.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Meu colega, apelo para o seu bom senso e natural imparcialidade — reconheceria, como juiz, essa irmandade?

O Snr. Meira de Vasconcelos: — Está reconhecida pelo juiz e não fui eu. Ao presidente cumpria respeitar a decisão do juiz.

O Snr. Mendes de Almeida: — Mas a autoridade eclesiástica não reconheceu.

O Snr. Barão de Cotegipe: — As informações que tenho são que esta irmandade não estava reconhecida pelo juiz. Só se o foi agora por algum juiz suplente.

O Snr. Dantas (ministro da justiça): — Pelo juiz e pela relação.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Mas, fosse reconhecida como se quisesse, é mais um escândalo que haja autoridade judiciária que reconheça uma confraria sem aprovação do Prelado.

Os Snrs. Mendes de Almeida e Jaguaribe: — Apoiado.

O Snr. Fausto de Aguiar: — Não está legalmente constituida; falta a aprovação da autoridade competente, que é a eclesiástica.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Querem o culto civil? Façam-no; mas não pratiquem com as fórmulas de nossa religião, porque isto é justamente um desrespeito, um ato punivel pelo nosso Código Criminal. (Apoiados).

Eu às vezes, senhores, fico surpreendido e admirado com a indiferença com que são tratados estes e outros assuntos, pelo modo com que o governo diz: "Deixem, é melhor que não se preste atenção a estas coisas!"

As nossas leis repressivas não são aplicadas ou o são ao talente da autoridade, como se elas tivessem o arbítrio de fazê-lo (apoiados) ou de deixar de fazê-lo. (Apoiados). Não vemos constantemente praticados verdadeiros delitos nessas reuniões, que têm lugar nesta côrte, quasi todos os domingos, em face da autoridade policial? Não se incita a população ao assassinato e a outros crimes?

Que faz a polícia?! Deixa, e deixa.

O Snr. Mendes de Almeida: — "Laissez faire, laissez passer..."

O Snr. Barão de Cotegipe: — ... e, afinal, quando quiserem colher as rédeas, há de ser tarde e muito tarde (apoiados), há de acontecer o que acontece com as revoluções: quando se quer emendar a mão, responde-se: é muito tarde!

Principia-se por minar os princípios religiosos (apoiados), os princípios de autoridade, tudo aquilo que constitue a ordem na sociedade (apoiados); afinal, que há de resultar?

Espero que o nobre Snr. ministro da justiça, que se mostra tão delicado ao cumprimento de seus deveres, tenha recebido de seu colega do Império informações suficientes para tranquilizar nossas consciências (apoiados); se é que S. Excia. entende que o deve fazer. Se S. Excia., é, como eu creio, católico apostólico romano.

E, se não é (é uma hipótese), eu desejaria que fosse protestante, como Guizot, que, sendo ministro dos cultos em França, portou-se de modo como não se portaram muitos que se chamavam católicos apostólicos romanos.

É porque a posição de ministro impõe deveres especiais (apoiados), a sua responsabilidade para como a sociedade é grande; e o nobre ministro da justiça há de fazer cumprir em tudo as leis (apoiados) enquanto elas não forem revogadas, mantê-las com todo vigor, não se importando com a política, nem com o apoio que lhe possa dar o partido liberal do Pará. (Apoiados).

Muito bem".

No Senado — Sessão de 6 de Novembro

Nesta sessão do Senado o assunto principal foi o mesmo da precedente, isto é, discutiu-se ainda com maior interesse o requerimento do Snr. João Alfredo para que o governo informasse o que lhe consta a respeito dos acontecimentos que se deram ultimamente na capital do Pará.

"*O Snr. Dantas* (ministro da Justiça): — Snr. presidente, eu tinha de pedir a palavra para responder, ou antes, para dar algumas informações ao honrado

senador pela província do Maranhão, que se ocupou deste mesmo objeto na sessão de sábado último; mas agora tenho mais o dever de responder ao honrado senador pela província da Baía, que acabou de falar sobre o requerimento.

Conquanto S. Excia. houvesse dito que nada mais facil do que acabar-se com este escândalo, pois que para isto bastava que o governo o quisesse; eu peço licença para observar-lhe que a coisa não é tão facil como se afigura a S. Excia.

O Snr. Mendes de Almeida: — É facílima.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Com uma folha de papel eu acabo se V. Excia. me dá licença, se assina.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Estou quasi me comprometendo...

O Snr. Barão de Cotegipe: — Comprometa-se, e eu prometo acabar...

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — E tanto não é tão facil assim, que realmente quando, como quer o governo atual, quis o ministério passado...

O Snr. Mendes de Almeida: — Não apoiado; nunca quis.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — ... pôr termo a este desagradavel conflito...

O Snr. Barão de Cotegipe: — Não há conflito nenhum.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — ... Não conseguiu.

O Snr. Mendes de Almeida: — Nunca quiseram.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — É que neste negócio, em que aliás, em alguns pontos, estou de acordo com os honrados senadores pela Baía e pelo Maranhão, não é possivel obter-se resultado satisfatório, sem que o poder civil e o eclesiástico, dominados de igual tolerância e moderação, cheguem a acordo, dando de mão a caprichos...

O Snr. Mendes de Almeida: — Os caprichos só vieram do presidente.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — ... respeitando-se a religião, sem tambem por sua parte querer esta impor-se naquilo que o poder civil entende que é de sua competência. Eu me explico.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Explique-se, sim. V. Excia. falou em capricho; olhe que o Prelado não tem o menor capricho nisto.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — O meu ministério, tanto quanto os honrados senadores, sente este estado de coisas, faz votos para que ele cesse e constantemente recomenda a seu digno delegado no Pará a continuação de esforços para chegar-se com o diocesano a um acordo, cedendo-se de tudo quanto fôr capricho.

O Snr. Mendes de Almeida: — Não há de ser com o atual presidente.

O Snr. Dantas (ministro da justiça): — Deixemos os acontecimentos passados e tomemos a questão do ponto a que vou limitar-me; vejamos como estavam as coisas até uma data muito recente.

O presidente do Pará dirigiu-se ao governo, comunicando o estado do negócio e transmitindo um documento, que nos há de servir muito para conhecimento da questão. O ofício foi de 23 de Agosto e a ele acompanhou esta informação (lê):

"Cópia — Belem, 23 de Agosto de 1880.

Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Gama e Abreu. — Havendo eu prometido a V. Excia. dar-lhe conta do resultado da entrevista que ia ter com o nosso diocesano acerca da festa de Nossa Senhora de Nazaré, vou agora desempenhar a minha palavra, relatando o ocorrido.

No dia 10, fui acompanhado pelo secretário da mesa regedora, o Snr. Francisco Breton Ferreira Monfort, falar a S. Excia. Revma.

Iamos animados da melhor boa vontade, para pôr termo às questões entre a irmandade e S. Excia. Revma., e decididos a entregar-lhe o compromisso para ele o aprovar, visto que era a sua existência em 1879.

A mesa transata não quis satisfazer a essa exigência, por considerar o compromisso aprovado; nós, porém, o fazíamos agora, para vermos terminada a questão que tantos desgostos tem trazido à população desta cidade.

Manifestado o nosso desejo a S. Excia. Revma., lhe pedimos que nomeasse um capelão para a irmandade e nos concedesse permissão para fazer-se a festa com a assistência de sacerdotes.

Respondeu-nos que, tendo submetido ao julgamento da Santa Sé os negócios da irmandade de Nossa Senhora de Nazaré, nada podia agora resolver, por lhe ter sido dito de Roma que não tivesse procedimento algum a tal respeito sem que lhe fossem transmitidas instruções: que a irmandade tentara estabelecer um cisma, e que, fazendo o que ora lhe pedíamos, ia reconhecer a irmandade que, em sua opinião, não existia, e ao mesmo tempo ia de encontro a seus atos.

Fiz então ver que a irmandade existia, e tanto que fôra reconhecida por acordão da relação do distrito: sendo-me respondido que, de fato, a irmandade de Nossa Senhora de Nazaré existiu, porém que depois se extinguiu, havendo apenas dois homens (cujos nomes não citou) que a ela pertenceram e que só depois do seu ato proibindo certos abusos é que os festeiros formaram irmandade, agarrando-se ao compromisso da extinta irmandade. Terminou S. Excia. Revma. dizendo que à irmandade nada podia conceder; mas que, desejando chegar a um acordo para que se fizesse a festa de Nossa Senhora de Nazaré, tanto da devoção do povo, consentia que ela delegasse os seus poderes a uma comissão de festeiros com quem ele se entenderia, e então concederia sacerdotes para fazer-se a festa religiosa e iria mesmo acompanhar o círio ou mandaria o vigário geral, no caso de estar ausente nessa ocasião. Nada mais podendo conseguir, retiramo-nos sem nada resolver. Pelo compromisso, a mesa não póde nomear a tal comissão de festeiros, porque importa isso transferir poderes que lhe foram confiados por eleição, a quem não foi para tal autorizada. Mais tarde apareceu-me o Snr. Passos Miranda, dizendo que, conversando com o Snr. Bispo, este lhe disse que, se a irmandade lhe mandasse um ofício, não persistindo na sua existência legal, mas dizendo que ele Bispo declarava não estar ela constituida na conformidade das leis canônicas, e que, reconhecendo-se levar muito tempo o seu reconhecimento pelo poder eclesiástico, resolvia nomear uma comissão para fazer a festa de acordo com o diocesano. Respondí que me mandasse uma cópia do ofício nos termos em que o exigia o prelado, e, com efeito, no dia 21 mandou-me uma minuta, da qual junto cópia. Verá V. Excia. que não adianta um passo do que nos foi dito na conferência: 1.º porque exige que a comissão nomeada seja sujeita à aprovação do Prelado, o que é proibido pela provisão de 27 de Outubro de 1794, que rege a matéria.

2.º porque a mesa eleita pelos irmãos para fazer a festa de Nossa Senhora de Nazaré não póde confiar a sua missão a uma simples comissão de festeiros. Não falo no ponto de ficar a administração da Ermida a cargo do sacerdote designado pelo Prelado, por me declarar o Snr. Passos Miranda que S. Excia. Revma. não fazia disso questão. Pediu-me V. Excia. que fizesse por chegar ao acordo razoavel com o Prelado, e eu respondí que estava muito desejoso de fazê-lo; mas, à vista do que levo relatado, receio bem que sejam malogrados os nossos mútuos desejos.

Poderei eu, sem trair àqueles que depositaram em minhas mãos os destinos da irmandade, fazer mais do que aquilo que propus: entregar o compromisso para ser aprovado, visto não o julgar legal o poder eclesiástico, a despeito do julgamento do poder civil? Sujeitar-me a que S. Excia. Revma. regularizasse a irmandade, como entendesse? De certo que não.

Eu fiz tudo: o Prelado não atende, e, firme na sua opinião, recusa-se a qualquer concessão à irmandade, persistindo na nomeação de uma comissão de festei-

ros, o que me parece impraticavel. Calcule V. Excia. a minha posição em face deste escolho, tendo a população, receosa de que não haja a sua festa tradicional, a fazer mil perguntas e conjeturas que me amofinam, por não poder satisfazer a ansiedade do povo, que a nada atende, e quer a festa. O comércio, por outro lado, inquieto, agita-se e murmura, porque tem feito as suas encomendas, contando com a festa anual, e receia ver as suas fazendas empatadas, e V. Excia. bem sabe que o rendimento do Estado cresce com essa importação que se não faria, a não haver a festa. Compreende V. Excia. a dificuldade da minha posição, pois sobre mim recaem as perguntas e as recriminações que, em conciência, deviam pesar sobre outrem. Eis cumprida a minha promessa e só peço a V. Excia. me releve o ter sido por demais minucioso; porém, julguei isso necessário à natureza do assunto.

Sou com muita estima e consideração de V. Excia. amigo e criado obrigado, José Cardoso da Cunha Coimbra. — Conforme. — Servindo de oficial-maior, J. Antônio Luís Coelho".

Desta informação resultam, a meu ver, duas coisas: 1.º o esforço por parte do presidente da Província.

O Snr. Mendes de Almeida: — Muito grande.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — ... para encaminhar esse conflito, se assim o quiserem chamar.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Conflito nenhum: não há conflito entre o poder civil e o eclesiástico.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — ... ou esse incidente, se preferirem esta denominação...

O Snr. Barão de Cotegipe: — Essa desobediência formal.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — ... a um desenlace satisfatório. Em segundo lugar, a desharmonia existente entre a irmandade e o Bispo diocesano.

O Snr. Meira de Vasconcelos: — Aí está toda a questão.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Antes de

tratar deste assunto, ao qual, em tempo, talvez tenha ainda de voltar, visto que não temos notícias completas sobre os fatos, que terei a honra de expôr ao Senado, devo declarar que com data de 30 de Outubro o presidente da Província do Pará, por intermédio do de Pernambuco, comunicou ao governo o seguinte:

"O presidente do Pará pede-me para transmitir a V. Excia. o seguinte telegrama: — Bispo de acordo com a irmandade de Nazaré."

Pergunto mais ao nobre senador: tem alguma notícia posterior a esta? Se não há notícia posterior, não podemos pôr em dúvida que seja pacífico o estado das coisas da Província do Pará. É de crer que, depois do que ocorreu, e tendo de haver novas conferências que tiveram lugar efetivamente, um acordo se tivesse realizado.

O Snr. Meira de Vasconcelos: — Tudo depende desse acordo.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Eu creio que o acordo não se fez; não dou por certo, tenho telegramas, cuja data não sei se é anterior ao desse que o nobre ministro leu:

O Snr. Mendes de Almeida: — Já depois da festa.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — A festa regularmente começa a 14 de Outubro, mas...

O Snr. Mendes de Almeida: — Logo o telegrama veio depois de terminada a festa; mas os desacatos anteriores?

O Snr. Meira de Vasconcelos: — A festa póde ter sido transferida.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Creio que foi a 31 de Outubro.

O Snr. Meira de Vasconcelos: — Antes disso teve lugar o acordo.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Eu entrego o telegrama. Se depois disto o acordo se tivesse rompido, o presidente dar-se-ia pressa em comunicar esse fato ao governo, porque sabe que o governo tem muito em vista aqueles negócios e carece

ter de todos os acontecimentos comunicação diária por assim dizer.

O Snr. Mendes de Almeida: — Espera nova comunicação ou vai mandar para o Conselho de Estado?

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Eu já disse que esperamos informações posteriores à festa, informações oficiais, documentadas, e que sobre elas o governo há de ver o que há de fazer. Sobre a desinteligência ou desacordo da irmandade com o bispo diocesano, lamentando-o, acha mesmo que, por parte desse negociador, segundo o documento que li, não houve tudo quanto era para desejar, afim de obter do Bispo diocesano a concessão que lhe fôra pedir; o governo reserva-se tambem para com o conhecimento completo dos fatos resolver. Nenhum ato do governo atual autoriza desacato à religião do Estado: entendemos que essa procissão é de carater religioso, que a intervenção dos padres da Igreja é indispensavel; mas compreende o Senado a dificuldade de por uma penada determinar que o povo deixe de fazer, sem acompanhamento religioso, uma festa secular na capital do Pará.

O Snr. Meira de Vasconcelos: — É uma romaria que nunca foi presidida pelo Bispo diocesano nem por socerdote algum.

O Snr. Mendes de Almeida: — Fez-se sempre com autorização do Bispo.

O Snr. Meira de Vasconcelos: — Nunca dependeu de acompanhamento do Bispo; ele acompanha quando quer em seu carro, como qualquer particular; sei, porque vi.

O Snr. Mendes de Almeida: — Li aquí uma carta em que o Bispo declara que é uma festa religiosa.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Sai uma Imagem.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Para responder à admiração do nobre senador pelo Maranhão, lerei as seguintes palavras do presidente da Província (lê).

"Bispo exigia que eu impedisse a saida do círio,

que é o começo da festa, que há um século foi instituida por um capitão general."

O Snr. Mendes de Almeida: — Isso é um chapéu de sol que ele tomou.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — (Continua a ler).

Quanto às festas religiosas de acordo com o que ordenava o diocesano, eu as proibí todas.

O círio, porém, e as festas que têm lugar fóra da Igreja, como balões, danças, fogo de artifício, mímicas, etc., eu as não proibí."

O Snr. Mendes de Almeida: — Não há um século. Foi instituida por um Bispo e insinuada por um capitão general: conheço um pouco dessa história. A festa nunca se fez sem autorização do Prelado.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — (Continua a ler).

O Snr. Mendes de Almeida: — E tambem quadros vivos.

O Snr. Dantas (ministro da justiça): — Como proibir que o povo, tradicionalmente habituado a essa festa, não a fizesse?

O Snr. Mendes de Almeida: — Bastava que o governo não se intrometesse nela de uma maneira ilícita e indecente.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Conhecemos que há de delicado nisso, e devemos trabalhar para fazer desaparecer esses caprichos.

O Snr. Mendes de Almeida: — A realidade é outra.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Que quer o nobre senador que faça o governo?

O Snr. Mendes de Almeida: — Quero que se cumpra a lei; não é dizer que todos queremos, nos esforçamos, etc., sabendo-se do contrário.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — É o que V. Excia. diz.

O Snr. Mendes de Almeida: — É o que está patente desde o ministério passado.

O Snr. Fausto de Aguiar: — Resulta dos fatos.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Resulta como? Onde uma ordem do governo nesse sentido? V. Excia. queria que o governo dissesse a uma irmandade: "Não sois uma irmandade", e ao povo: "Não tendes o direito de sair à rua nesse dia, nem de acompanhar a imagem?" Pois em nosso país não há dessas romarias?

O Snr. Mendes de Almeida: — Todas elas são autorizadas pelo poder eclesiástico.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — O nobre senador leva sua exigência a um ponto em que não podemos acompanhá-lo.

O Snr. Mendes de Almeida: — Quem é competente para autorizar essa romaria? É o Bispo; o Bispo não consentiu que a Imagem Sagrada saisse de palácio assim, porque quem fazia a festa eram os espíritos fortes que se diziam católicos sem o ser.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Eu, o nobre senador pela Baía e o nobre senador pelo Maranhão, queremos chegar ao mesmo fim; apenas não posso acompanhar o nobre senador pelo Maranhão no meio indicado por S. Excia. A questão é mais delicada do que póde parecer ao nobre senador.

O Snr. Mendes de Almeida: — Se fosse uma questão nova, transeat; mas depois do que houve o ano passado...

O Snr. Barão de Cotegipe: — Dançassem quanto quisessem; o comércio vendesse tudo quanto quisesse; mas não saisse imagem do palácio do governo e acompanhada pela tropa.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Por ora é tudo quanto posso dizer.

O Snr. Mendes de Almeida: — Só falta mandar para o Conselho de Estado.

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — ... ponho aquí termo ao meu discurso, e Deus queira que este telegrama de 30 de Outubro do presidente do Pará, dando como exato o acordo do Bispo com a irmandade de Nazaré, não venha a ser desmentido por fatos posteriores.

O Snr. Leitão da Cunha: — Snr. presidente, o Senado viu que me abstive completamente de tomar parte nesta discussão, como me tenho abstido de o fazer em outras ocasiões em que ela tem tido lugar. O que acabo de ouvir, porém, quer da parte do honrado ministro da Justiça, quer dos honrados senadores pela Baía e Maranhão, obriga-me a dar ao Senado uma informação que o tranquilizará, porque estou perfeitamente ao fato do que há a respeito do objeto em discussão.

Em 25 ou 26 do mês passado, o honrado senador por Pernambuco, o Sr. João Alfredo, recebeu um telegrama do Pará, que me mostrou, o qual dizia o seguinte: "Festa de Nazaré, desacato — reclame —".

O honrado senador por Pernambuco não o leu, mas, pedindo as informações, referiu-se a ele. Mostrando-me se era o telegrama, como disse, e perguntando-me se eu tinha alguma informação do Pará, manifestei estranheza porque sabia que em 25 de Outubro não havia festa de Nazaré, mas entretanto esperamos. O governo prometeu pedir informações e eu fui dos que desejavam informações, porque não havia tido notícias do Pará sobre o fato nem por telegrama.

Note agora o senado: as últimas datas que há do Pará, nesta côrte tenho-as eu pelos jornais vindos de lá, na ausência de telegrama posterior, ao que aludí. As datas são de 19 de Outubro, trazidas pelo vapor americano aquí ancorado a 31.

Nestes jornais se anuncia sem a menor variante que o círio de Nossa Senhora de Nazaré, que é a iniciação da festa, teria lugar no dia 31 do mês próximo passado, último domingo.

Devo lembrar ao Senado que a festa de Nazaré começa pela trasladação da Virgem dessa invocação do palácio do governo para a irmandade de Nazaré. Aí fica 4 ou 5 dias exposta à adoração dos fiéis; depois começam as novenas e no segundo domingo depois

daquela em que tem lugar o círio é que se faz a festa solene. Portanto, tendo sido, como eu disse, o círio no dia 31 do mês passado, último domingo, a festa de Nazaré só terá lugar no dia 14 deste mês.

E, pois, pelo telegrama que o nobre ministro da Justiça acaba de ler-nos, devemos concluir que na véspera do círio, isto é, no dia 30 de Outubro, teve lugar algum acordo entre o Bispo diocesano e o presidente da Província, ou a irmandade para a trasladação da Imagem da Virgem de Nazaré do palácio do governo para a sua Ermida. (Apoiados).

O Snr. Dantas (ministro da Justiça): — Está feito o acordo, ao que parece.

O Snr. Leitão da Cunha: — Portanto, parece que o acordo teve lugar antes de 31 de Outubro, isto é, antes do círio, e que, por isso, a trasladação da Virgem se faria de acordo com o Bispo diocesano e como o exigia o nosso culto católico: é o que devemos concluir deste telegrama. Posteriormente, não há notícia do Pará, por telegrama algum. Repito, pelos jornais do Pará constava que o círio apenas teria lugar no dia 31, isto é, no domingo passado, e a festa no dia 14 deste mês.

Snr. presidente, dadas estas informações, que devem tranquilizar os nobres senadores, direi que estou persuadido de que o governo, em cujas boas intenções acredito piamente, não poupará esforços para pôr termo àquele estado de coisas desagradaveis. Passarei agora a responder a um àparte do honrado senador pela Paraiba, que revela que S. Excia. labora em manifesto engano.

O círio, a trasladação da Virgem de Nazaré, para sua Ermida, sempre foi um ato religioso.

O Snr. Fausto de Aguiar: — Apoiado.

O Snr. Leitão da Cunha: — O Rev. Bispo não acompanhava o círio como um simples convidado, como diz S. Excia. A imagem da Virgem de Nazaré foi sempre conduzida por um sacerdote, em carruagem especial, entre as que costumam acompanhar o

mesmo círio. O Bispo diocesano ia na sua carruagem, é verdade, nem podia ir de outra forma, mas sempre acompanhou o círio como chefe da Igreja paraense.

O Snr. Meira de Vsconcelos: — Muitas vezes deixou de acompanhá-lo.

O Snr. Leitão da Cunha: — Podia deixar de acompanhá-lo por qualquer impedimento. Mas o que S. Excia. não me póde negar, porque sou filho do Pará, porque assistí ao círio dúzias de vezes, é que este ato foi sempre religioso (apoiados). E, com efeito, não podia ser considerado de outra forma (apoiados).

O círio sempre foi considerado como as procissões do nosso culto católico, com a diferença de que as outras são feitas a pé, e aquela em carruagem, pela distância do palácio à Ermida. Nunca a Imagem da Virgem de Nazaré saiu do palácio senão conduzida em carro, por um sacerdote.

Ora, que as providências dadas pelo governo passado eram insuficientes, Snr. presidente, porque a tropa acompanhou o círio? Eu como presidente do Porá, se não pudesse proibir a trasladação da Imagem da Virgem de Nazaré, pelo menos teria o poder de evitar que a tropa acompanhasse a procissão, porque esse acompanhamento foi um ato oficial (apoiados).

O governo ficou em palácio, é verdade, mas permitiu que a tropa, que não podia mover-se, ou sair de seus quartéis sem sua ordem, por intermédio do comandante das armas, acompanhasse essa procissão civil, o que não póde deixar de revoltar todos os espíritos católicos.

O Snr. Mendes de Almeida e outros Snrs. senadores: — Apoiados.

O Snr. Leitão da Cunha: — E eu, Snr. presidente, que sou verdadeiramente católico, apostólico e romano, e que, com os nobres senadores pela Baía e pelo Maranhão, desejo ardentemente que a nossa religião paire na altura em que a devemos ver sempre, não posso deixar de lamentar profundamente que seme-

lhantes atos estejam sendo praticados na capital da minha Província.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Muito bem.

O Snr. Leitão da Cunha: — Concluirei, Snr. presidente, dizendo que deposito no gabinete a maior e a mais plena confiança a este respeito; não quero ter sentimentos mais religiosos do que tem S. S. Excias. que, acredito, deligenciarão para de uma vez pôr termo a esse estado de coisas que não é possivel continuar. (Apoiados, muito bem).

O Snr. Barão de Cotegipe: — Não se persiga ninguem, mas deixe-se praticar os atos do nosso culto.

O Snr. Leitão da Cunha: — Felizmente, esse telegrama tranquiliza-me e dá-me a convicção de que um um acordo houve entre o presidente e o Bispo diocesano, para que o círio, que devia ter lugar, repito, no dia 31 do mês passado, se fizesse como devia ter sido feito, isto é, fosse um verdadeiro ato religioso.

O Snr. Barão de Cotegipe: — Apoiado; nós não censuramos que façam lá sua procissão de boi gordo, mas não queremos que o façam por esta forma.

O Snr. Mendes de Oliveira: — Muito bem, Snr. Leitão da Cunha".

* * *

Damos por encerrada a *questão nazarena,* que tanto amargurou o coração do Prelado e tão funestos exemplos deixou na diocese.

CAPÍTULO XLIII

DE 1880 A 1882

Reconciliações. — Portaria à Ordem III do Carmo. — Portaria à Ordem III de S. Francisco. — Desordens em Mojú. — O deputado S. W. Mac-Dowell. — O deputado Passos Miranda.

Reconciliações

As Ordens Terceiras, que tão longe andaram do verdadeiro caminho, pelos fins de 1880 voltaram-se

para o Chefe Espiritual em atitude de submissão. Dom Antônio as acolheu com magnanimidade, esquecendo por completo as ingratidões e rebeldias.

Aquí vão transcritas as duas Portarias, declarando reintegradas as Ordens Terceiras — a de S. Francisco da Penitência e a de N. S. do Monte Carmelo — no exercício de suas funções.

Portaria

"Pelas presentes Nossas Letras fazemos saber a todos os nossos diocesanos que, visto as excelentes disposições manifestadas pela Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte Carmelo em sua súplica datada de hoje, usando dos poderes que temos como Prelado diocesano, e salvo o juizo da Santa Sé Apostólica, temos resolvido reintegrar, como com efeito reintegramos a mesma Ordem Terceira no exercício de suas funções religiosas, esperando que o bom espírito que a anima se desenvolverá cada vez mais e produzirá copiosos frutos de boas obras, conforme as regras de seu santo instituto. Dada em Belem do Pará, aos 30 de Novembro de 1880.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

Portaria

"Atendendo nós às boas disposições que manifesta a Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência desta capital, em sua proposta de data de ontem, 21 do corrente, assinada pelos membros da sua atual Mesa Regedora, declaramos, salvo o juizo da Santa Sé Apostólica, que se acham sanadas no fôro externo da Igreja as principais dificuldades que impediam o seu regular exercício, como confraria religiosa. E, na esperança que essas boas disposições se confirmem mais a mais, e que o laço da fé e de obediência cristã que a liga à autoridade diocesana e à Igreja Romana, Mãe e Mestra de todas as Igrejas, cada vez mais se fortaleça, para que possa sustentar-se, desenvolver-se e flo-

rescer em boas obras de religião e de caridade, segundo o espírito do Cristianismo e as prescrições de sua santa regra, pelas presentes Nossas Letras fazemos saber a todos os nossos caros diocesanos que a Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência desta diocese se acha no goso de suas funções religiosas, pelo que estamos dispostos a dar todas as faculdades a um sacerdote para dirigí-la espiritualmente, como requer. Dada em Belem do Pará, sob o sinal e o selo de Nossas Armas, aos 22 de Novembro de 1880.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

As irregularidades e abusos contra a disciplina eclesiástica, particularmente com relação às festas religiosas, ainda se lamentaram nos anos seguintes. Parece, entretanto, que na capital não se reproduziram tão gravemente. No interior da diocese, entretanto, os maus exemplos da séde iam proliferando.

Em Julho de 1882, "A Boa Nova" noticiava não poucos abusos e abusos graves na paróquia do Mojú.

Assim escreve:

"No Mojú meia dúzia de foliões, à sombra do subdelegado de polícia e capitaneados pelo Tenente Coronel Diogo Henderson, apossou-se da Igreja matriz, para celebrar festas civís.

Os fatos de Mojú debaixo de certo ponto de vista são muito mais graves que os de Nazaré, porquanto lá nem o simúlacro de irmandade havia!

O fato era de si tão monstruoso que o orgão do governo, para ele, só achou uma defesa cabal: — foi o denegá-lo, embora viesse mais tarde o próprio criminoso referir minudentemente todas as peripécias! Obteve o ilustre deputado promessa de S. Excia. o Snr. ministro do Império de que daria providências.

Deus queira que assim seja.

Nós já vimos S. Excia. o Snr. Dr. Raiol fazer igual promessa, mas até hoje as coisas não passaram de sua honrada palavra.

Oficiou, não sabemos porque motivo, ao Dr. juiz de Capelas, e ainda se ignora a resposta e providências apontadas por este funcionário.

Oficiou ao Snr. Dr. Diretor Geral da Instrução pública e este conserva o mais estrito silêncio, continuando Diogo Henderson como delegado literário e a sacerdotiza que entoou ladainhas no magistério.

Oficiou ao Dr. Chefe de Polícia e por todo resultado só colhemos a descoberta de que presidente de Província e chefe de polícia são diretores da sociedade.

Verdade seja que para o Mojú seguiu o Snr. Alferes Cordeiro e dizem que já está de volta, mas os criminosos continuam impunes.

Esquecíamos uma importantíssima providência: foi demitido o subdelegado Raimundo Maia Novo a bem do serviço público.

A imprensa já aplaudia esse começo de restauração da moral, quando o orgão do governo veio tirar-nos do engano lêdo e cego, declarando que a demissão fôra por outros crimes!"

* * *

Na Câmara de Deputados, brilhava o deputado paraense Dr. Samuel Wallace Mac-Dowell. Já várias vezes o apreciamos como advogado dedicadíssimo da causa católica em Belem. Na Camara se afirmou sempre sua fé desassombrada. Vejamos como se declara:

Trecho do discurso pronunciado na sessão de 21 de Abril de 1882 na Câmara dos Deputados:

"*O Snr. Mac-Dowell:* — Da altura a que elevaram o presente debate os ilustres preopinantes membros de um e outro lado da Câmara, V. Excia. compreende, Snr. presidente, qual a dificuldade da minha posição na tribuna, tendo de tomar parte na mesma discussão inteiramente baldo dos recursos de que dispõem os meus ilustres colegas (muitos não apoiados) um dos mais humildes membros desta casa (Não apoiados).

Quando em 1879 fiz por este recinto uma passa-

gem rápida, deixei em duas palavras cabalmente definidas minhas crenças políticas.

Eu disse então em uma das sessões do mês de Fevereiro, tratando de justificar minha eleição: "Sou conservador ultramontano".

Usei refletidamente destas palavras para evitar que pudessem ser encaradas debaixo do ponto de vista das nuanças que infelizmente têm aparecido nos últimos tempos, em que a uns se chama de cristãos velhos e a outros de cristãos novos, alem de outras distinções; a palavra ultramontano votada ao ódio nos tempos modernos é exatamente a que melhor define o católico, que tem como o mais severo, o mais imperioso dever: a obediência à unidade da Igreja e à Santa Sé como seu oráculo infalivel. (Apoiados, muito bem).

Minhas idéias religiosas já justificariam por si a minha profissão de fé política. Repito-o, porque é a primeira vez que tenho a ocasião de falar neste recinto em debate solene, embora seja a quarta vez que me cabe a honra de dirigir a palavra à augusta Câmara dos Snrs. deputados.

Porquanto, se bem seja incontestavel que a religião não é, não póde ser uma bandeira de partido (Apoiados)...

O Snr. Ratisbona: — Deve-se colocá-la acima de todos os partidos.

O Snr. Mac-Dowell: — ... todavia é certo que, quando nos tempos hodiernos se procura atacar os dogmas e fundamentos da fé católica por meio da política, não é dado ao homem religioso deixar de atender para a política sob esta mesma relação. Conseguintemente eu não podia, por consideração alguma, deixar de adotar a escola política a que me acho filiado, porque, embora o liberalismo no Brasil não esteja perfeitamente definido como o está na Europa; embora e por amor da verdade eu deva reconhecer que, considerando as pessoas antes pelas suas qualidades individuais do que pelos princípios que advogam, existe a este respeito uma deploravel confusão: contudo é certo que aquí no nosso país o partido que tem abraçado, como lemas ou inscrições da sua bandeira, esses princípios, que a Igreja católica condena, é o liberal.

O Snr. João Penido: — Quem meteu os Bispos na cadeia fomos nós?

O Snr. Mac-Dowell: — Respondo a V. Excia.: Primeiramente V. Excia. trata de um fato que deploro e lamento, e se estivesse nessa ocasião nesta casa, far-lhe-ia a mais viva oposição. (Apartes).

Apraz-me declarar que tenho a mais íntima convicção de que defendo a causa da verdade.

(Apoiados, muito bem).

O Snr. J. Penido: — A política não tem nada com a fé católica.

O Snr. Mac-Dowell: — Respondo a V. Excia., mas não quero servir-me de minha autoridade, que nada vale (não apoiados); recordo a V. Excia. a maior autoridade, a qual não póde deixar de aceitar, como católico que é e folgo de reconhecer, a do saudoso Pontífice Pio IX, condenando o liberalismo como atentatório da Igreja.

O Snr. Ratisbona: — Aparte.

O Snr. Mac-Dowell: — V. Excia. ouviu como eu fiz a distinção entre a questão de princípios e as qualidades pessoais. Declarei francamente perante a Câmara que via neste assunto uma deploravel confusão".

Por esse trecho já se póde ver como mantinha altaneira a sua fé.

* * *

Outro distinto parlamentar defendia na Câmara os interesses da Igreja Paraense nessa época — o Dr. Passos de Miranda. Vejamos tambem um trecho apenas do discurso que fez defendendo os interesses do Amazonas.

"*O Snr. Passos de Miranda:* — Vi a razão que deu o nobre ministro para tirar ao Seminário do Amazo-

nas o auxílio de 6:000$000 que se lhe dava. S. Excia. declarou que isso não era uma despesa fundada em lei.

Eu, porém, asseguro à Câmara que este Seminário tem 50 anos de existência, foi criado por um Bispo piedoso, e desde esse tempo é auxiliado pelo governo com essa quantia. Aquele estabelecimento, em uma província ainda de acanhado desenvolvimento comercial e de pouca importância econômica, como a do Amazonas, presta serviços incontestaveis à mocidade que se dedica às letras.

Dalí sairam quasi todos os funcionários públicos que auxiliam a administração da Província do Amazonas.

E agora, Snr. Presidente, quando aquele estabelecimento ia tomando maior desenvolvimento, graças aos sacrifícios e à dedicação do virtuoso Prelado da Diocese do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa, que na grandeza de suas obras faz lembrar os grandes Apóstolos da caridade e confessores da fé dos tempos primitivos da Igreja cristã, que deslumbraram o mundo com as bases do seu saber e de suas virtudes; quando o ínclito Prelado procurava alargar os estudos dessa casa de educação, dando-lhe mais professores e colocando à frente dela um sacerdote virtuoso e de grande ilustração, o Padre Raimundo Amâncio de Miranda, empregando para esse fim o admiravel esforço de sua poderosa atividade e zelo apostólico; é quando o governo me tira uma diminuta subvenção de 6:000$000!

O Snr. Mac-Dowell: — Único auxílio que tem aquele estabelecimento.

O Snr. Passos Miranda: — Único auxílio que o governo lhe tem dado até hoje (apoiados); mas não creio que a eliminação dessa verba dê lugar à morte desse estabelecimento, porque confio muito nos sentimentos do povo Amazonense, e estou convencido de que, se o governo conseguir esta eliminação, o estabelecimento será mantido como foi mantido o Seminário menor do Pará, quando uma assembléia provincial, levada tambem por caprichos e desejos de ferir ao virtuoso Prelado, eliminou do mesmo modo um pequeno auxílio que dava para educação de meninos pobres.

CAPÍTULO XLIV

O INSTITUTO DA PROVIDÊNCIA

Dom Antônio e S. João Bosco. — À cata de recursos. Dom Antônio em Minas. — Descrição do Comendador Aureliano Pimentel. — Soneto.

O "Providência"

Esse estabelecimento de educação ideou-o — pensamos nós — Dom Macedo Costa quando conferenciou com São João Bosco na Itália. O Bispo do Pará era profundo admirador do grande educador do século passado — S. João Bosco, com quem se empenhou por conseguir uma fundação salesiana no Pará. Devem realmente ter seduzido a grande alma do Prelado paraense as obras admiraveis do Santo e entre elas, de modo particular, as Escolas de Artes e Ofícios. S. João Bosco intuiu o *perigo operário*, percebeu que a impiedade estava aparelhando a *massa proletária* para a atirar contra todas as instituições de ordem social. O único meio de prevenir o mal seria educar, desde a infância, operários sinceramente católicos. Deveria para isso abrir oficinas-escolas de diferentes artes e ofícios, provê-las de tudo: pessoal dirigente e técnico, máquinas modernas, etc., afim de que os operários aí formados em nada se sentissem inferiores aos outros do mesmo mister, formados em oficinas sem religião.

E tudo isso fez o grande educador turinense e o mesmo fez para a classe agrícola. D. Macedo Costa — inteligência aguda, coração magnânimo — entrou perfeitamente nas vistas de S. João Bosco e previu com ele o futuro terrivel reservado ao operário.

Tentou conseguir os salesianos para Belem, mas não conseguiu senão alguma esperança.

Dom Macedo Costa escolheu um local à margem da Estrada de Ferro Bragantina, não longe da Estação de Ananindeua. Fez levantar o edifício com salões para dormitórios, salas para as oficinas, etc. Deu ao estabelecimento o nome de Instituto de Artes e Ofícios e Agrícola da Providência. Era vulgarmente chamado o "Providência". Seu primeiro administrador foi o Snr. Aureliano de Lima Guedes. Alí se educaram vários filhos de índios e muitos desamparados foram alí acolhidos. Os educandos tinham boa banda de música formada por eles. Não teve vida longa o Instituto. Tais obras exigem, não só pessoal técnico e dirigente de particular competência, exigem tambem, ao menos nos primeiros anos, auxílio eficiente dos poderes públicos. Alem disso, por via de regra, tais institutos devem estar nos grandes centros comerciais e não em zona rural, desde que as oficinas de Artes e Ofícios, sem perderem seu carater de escola, devam concorrer para a manutenção da obra.

Nas condições em que se encontrava o "Providência" esses elementos e condições por vezes faleciam.

* * *

Afim de reunir meios materiais para essa empresa — de fundar um estabelecimento de artes e ofícios em favor de meninos pobres, Dom Antônio deliberou visitar alguns Estados do sul. E partiu à busca de esmolas.

Vamos acompanhar o zeloso Prelado nessa excursão, em que recebeu esmolas e liberalizou os benefícios do seu ministério. A primeira relação que vamos ler se refere à viagem em Minas, onde aliás esteve quasi sempre.

Notícias de Minas

Janeiro de 1882.

O nosso Exmo. Prelado continua, graças a Deus, a

gozar saude, na apostólica excursão que a bem de sua diocese faz na católica e generosa Província de Minas.

S. Excia. tem sido coberto de obséquios e finezas que escapam a toda descrição. Doutra parte temos ciência que os seus esforços hão sido coroados dos melhores resultados. As seguintes linhas dirigidas em 7 de Dezembro, da cidade do Rio Novo, ao nosso colega a *Gazeta de Juiz de Fora*, dão a entender o que há feito o nosso incansavel e zeloso Prelado.

Chegou a esta cidade no dia 24 do mês de Novembro último, às 3 horas da tarde, Sua Excia. Revma. o Bispo do Pará, acompanhado por muitos companheiros, saindo ao seu encontro, à distância de três quartos de légua, alguns dos nossos mais distintos conterrâneos.

À chegada na cidade dirigiram-se para a Matriz, que estava ricamente adornada e iluminada, onde foi entoado, com toda a solenidade, um Te-Deum laudamus.

Durante a cerimônia Sua Excia. Revma. conservou-se de pé sob um dos mais ricos doceis que temos visto.

Ao entrar e ao sair do templo, foi Sua Excia. recolhido debaixo do pálio.

Os alunos dos diversos colégios desta cidade, formando alas, acompanhavam o préstito.

O Snr. Bispo do Pará hospedou-se em casa do reverendo vigário Agostinho Augusto França, que sempre acompanhou o ilustre Prelado em suas excursões pelas diversas fazendas deste município.

Os distintos fazendeiros Capitão Manuel Gonçalves Filgueiras e Major José Augusto Rezende concorreram, o primeiro com a quantia de 5:000$ e o segundo com a de 3:000$, para um asilo de crianças pobres, idéia levantada pelo sábio príncipe da Igreja, com geral aplauso de todos aqueles que auxiliam a prática do bem.

Consta que sobe a 1:000$ a quantia subscrita por

parcelas entre diversas pessoas para o mesmo fim. O virtuoso Bispo ministrou no dia 27 do passado o Sacramento da Crisma na igreja matriz, não prègando nesta ocasião por achar-se um pouco incomodado."

— "É digna de todos os encômios, diz a "Gazeta", a maneira cavalheiresca pela qual os habitantes do Rio Novo receberam um dos maiores homens do nosso país, o denodado príncipe da Igreja e ilustre defensor da fé, auxiliando-o para a realização de uma idéia sublime, generosa e santa.

A "Gazeta", por esse motivo, sauda os filantrópicos habitantes do Rio Novo, pelos elevados sentimentos de generosidade que acabam de manifestar."

* * *

Como sabemos, Dom Antônio fez longa viagem pelas terras mineiras no intuito de fazer o bem espiritual e colher auxílios materiais para suas obras em Belem. Noutra parte desta obra se vê que ele realmente conseguiu boa soma de dinheiro para fazer face às despesas da fundação de um colégio para artífices, dotado de oficinas, etc., etc.

O bem espiritual que fez foi inestimavel. Recebido como glorioso defensor da Igreja, como Bispo heróico, aureolado pela fama de seu saber e virtudes, era ouvido com grande respeito.

Vamos ceder a pena ao Comendador Aureliano Pereira Correia Pimentel — um dos homens mais eruditos do seu tempo, em Minas. Filólogo, conhecedor de várias línguas, naturalista, foi Reitor do Colégio Pedro II no Rio e deixou várias obras de valor pouco comum. Era homem de grande fé e deixou os mais belos exemplos de vida cristã. Acompanhou sempre a Dom Antônio. É dele, pois, a descrição que segue. Apesar de longa, a reproduzimos toda — tal é o valor literário que tem.

Itinerário do Senhor Bispo do Pará na Província de Minas

Chegado o Snr. Dom Antônio de Macedo Costa a S. João d'El-Rei a 27 de Setembro último pela ferrovia do Oeste, em um trem destinado expressamente para S. Excia. Revma. e sua comitiva, foi entusiasticamente recebido por cerca de mil pessoas que o esperavam na estação e prorromperam em vivas ao grande Príncipe da Igreja, um dos luzeiros do clero brasileiro.

Acompanhado de numerosa multidão, foi hospedar-se em casa do Vigário Snr. Cônego Antônio Machado, onde lhe foi oferecido um lauto jantar, que teve por convivas o clero e mais cidadãos grados.

À noite iluminaram-se os templos e casas, e celebrou-se Te-Deum solene com discurso do Snr. Cônego Machado, congratulando-se com S. Excia. Revma. e com o povo S. Joanense, que tinha a ventura de conhecer pessoalmente o denodado confessor da Fé. O assunto era digno da eloquência do orador cujo talento cada vez mais se aprecia. O Snr. Bispo fez uma alocução toda expressiva dos pensamentos de seu elevado espírito e da nobreza de sentimentos de seu magnânimo coração. Durante sua estada em S. João d'El-Rei visitou as Igrejas, o hospital, o colégio de D. Augusta Moreira, e foi observar a jazida de mármore sita no lugar denominado Betume, a qual pertence ao Snr. Comendador Bastos. Pretende o Snr. Bispo obter 4 colunas do referido mármore para ornarem a Catedral de Belem, o mais grandioso templo do Brasil.

O ínclito Prelado teve ocasião de percorrer a quinta do mesmo Snr. Bastos, onde se notam várias plantas assim da zona temperada, como intertropical. Por exemplo, perto de um carvalho e de um sovereiro bem medrados vicejam o saputí, e uma colossal sapucaeira, cuja circunferência mede 4m,64 metros. Aí se acham sessenta variedades de parreiras. A 5 de Ou-

tubro o S. Dom Antônio de Macedo partiu de S. João d'El-Rei, acompanhado dos Revdos. Snrs. Drs. Antônio de Macedo Costa, seu sobrinho, e Joaquim Máximo da Rocha Pinto, e do Snr. Manuel Batista de Sampaio, distinto humanista. O ilustre itinerante e sua comitiva foram pernoitar na Lagoa Dourada, a 6 léguas ao norte de S. João d'El-Rei, em casa do respetivo pároco. Este esmerou-se em tratar bem a seu amavel e augusto hóspede, a quem foram cumprimentar os principais habitantes da povoação.

No dia 6, tendo passado pela fazenda do Brumadinho, onde almoçou e descansou, o Snr. Dom Antônio chegou à cidade de Entre Rios, distante 5 léguas da Lagoa Dourada, outrora Brumado de Suassuí, da qual tinham-lhe vindo ao encontro o Vigário João Pereira Pimentel, o Padre Leão, e grande multidão de povo que unisono deu vivas ao grande luminar da Igreja Paraense. Entre-Rios é uma cidade nova e florescente, situada em um alto monte, cujas faldas são banhadas pelos rios Brumado e Campeão, e é notavel pela atividade de seu comércio, tendo ótimas pastagens para criação de gado vacum, cavalar e lanígero, e boas terras de cultura. É berço de Randolfo Fabrino, jovem de grande talento, e escritor distinto, pertencente a uma família de costumes patriarcais, superiores a todo elogio, e credora de minha eterna gratidão.

À noite o Snr. Bispo, debaixo do pálio e precedido de grande número de cidadãos com tochas acesas, foi assistir ao Te-Deum solene na Igreja matriz, que transbordava de gente. Em seguida, o Vigário Pimentel fez um discurso congratulatório a que respondeu o Snr. Bispo com uma alocução qual era de esperar da admiravel eloquência do sábio Prelado. Várias pessoas de consideração o cumprimentaram e beijaram-lhe o anel, ficando encantados todos pela afabilidade do grande homem que tem o condão de atrair o coração de quantos logram a ventura de o conhecer de perto. Em suma, o Snr. Dom Antônio de Macedo é um daqueles homens que só o sobrenatural evangélico tem produzido, homens tanto maiores, tanto mais dignos de admiração e de amor quanto mais de perto são vistos. Eu mesmo ouví pobre arrieiro exclamar: "Se eu não tivesse família, havia de acompanhar sempre e servir a este Snr. Bispo". E com razão. A bondade do príncipe da Igreja não faz distinção entre grandes e pequenos. Ninguem póde negar que um grande mérito do Imperador do Brasil é ter escolhido ótimos Bispos.

Ao romper da aurora do dia 7, o Snr. Dom Antônio seguiu para Congonhas do Campo, distante de Entre-Rios 6 léguas.

Na véspera tinha andado 5 e meia. Em caminho parou no arraial de S. Braz de Suassuí, onde almoçou em casa do Vigário José Bonifácio da Silva Campos e foi cumprimentado por muitíssimas pessoas. Chegou a Congonhas quasi ao anoitecer, sendo recebido com banda de música do colégio dirigido pelo padre Flávio de Almeida Ribeiro, que o hospedou. Este digno sacerdote, o Exmo. Snr. Barão de Congonhas, o Snr. padre Camilo Veloso, abalizado lente, o Snr. Custódio Leite e outros cavalheiros fizeram espontaneamente um bom donativo ao Snr. Bispo do Pará em benefício do seu orfanotrofio. Congonhas é célebre pelo seu santuário de Bom Jesus de Matosinhos, e por ser o berço de Monsenhor Silvério Gomes Pimenta, o biógrafo de Dom Antônio Ferreira Viçoso, de santa memória, e que tão primorosamente imitava o estilo de Fr. Luís de Sousa.

Em Congonhas o Snr. Bispo do Pará demorou-se todo o dia 8, tendo encontrado alí o Snr. padre Ferreira, virtuoso e douto Lazarista, que viera do Caraça com a condução para o egrégio Prelado. Este no dia 9 seguiu dalí muito penhorado pelo cordial e obsequioso gazalhado que lhe dera o Snr. padre Flávio, cuja bela alma S. Excia. Revma. ficou apreciando muito, bem como a de seus dignos companheiros do colégio. Não devo omitir que em Congonhas o Snr. Bispo prègou no Santuário em presença de numeroso

auditório à benção do S. S. Sacramento, presentes os muitos alunos do colégio.

O Snr. padre Flávio prestou ao exímio príncipe da Igreja e a um de seus companheiros de viagem ótimas cavalgaduras, e um escravo seu para arrieiro, de sorte que com elas e com os bons animais vindos do Caraça se fizeram aceleradas e agradaveis jornadas, como na vinda de S. João até aí. Todos os itinerantes eram fortíssimos cavaleiros.

Separou-se da comitiva a uma légua de Congonhas o excelente jovem S. Manuel Batista, deixando-nos saudades de sua amavel companhia, e regressou para S. João d'El-Rei, indo até Congonhas com o Snr. padre Flávio, que acompanhara o Snr. Bispo até o alto do Pires, onde se descançou e se tomou ótima água férrea. Escusado é dizer como em todos os lugares se manifestava a alegria dos mineiros por verem o estrenuo lidador da Igreja, o qual padecera as amarguras da prisão e do exílio por amor do Divino Salvador.

* * *

Depois de passar pelo arraial do Leite, o Snr. Bispo chegou já quasi à noite à Cachoeira do Campo, onde o receberam jubilosamente com banda de música e fogos artificiais, transbordando em vivas o entusiasmo popular. O Snr. Dom Antônio de Macedo muito apreciou o talento musical dos mineiros: em a cidade de Entre-Rios, em Congonhas, Cachoeira, e nos outros lugares por onde passou, brilhavam os músicos, como intérpretes eloquentes do regosijo público. Nestas ocasiões a música é a mais expressiva linguagem da admiração e do aplauso.

Em casa do Snr. Vigário Afonso Lemos hospedou-se o grande Prelado, e depois da benção do S. S. Sacramento fez uma belíssima alocução ao povo apinhado dentro da Matriz e às portas.

Da Cachoeira saiu o Snr. Dom Antônio no seguinte dia (10) e, tendo passado apenas pelo arraial da Casa

Branca, onde viu o exemplar Vigário Snr. padre Roriz, não podendo deter-se por haver de andar ainda cerca de 8 léguas, atravessou o Rio das Velhas, que nasce alí perto da serra do Capanema, palavra tupí, que significa mato esteril.

O caminho por esta serra é muito alpestre e em alguns lugares é impossivel transpô-lo a cavalo, mas o Snr. Padre Ferreira, ótimo guia de robustez juvenil, apesar dos seus 76 anos, nos levou por uma vereda chamada de Capivarí, por onde a caravana pôde transitar sem embaraço algum. O caminho do Capanema é quasi um deserto. Valeu-nos a boa matalotagem que nos confortou à beira de um córrego à sombra de uma ericacea toda carregada de cândidas flores, refrigerante abrigo de alguns minutos para os encalmados. A ruindade do caminho foi amenizada pela lindeza de várias flores que de quando em quando encantavam os olhos dos caminhantes. Formosas melastomeas, apocíneas e rubiáceas e uma espécie de malpighia de corola branca rajada de côr de rosa atrairam nossa atenção.

A propósito de flores, ocorre-me aquí mencionar uma demonstração de jubilo de vários camponeses, que era espargirem-nas por onde havia de passar o Snr. Dom Antônio de Macedo. Meia légua antes que este chegasse ao Caraça, sairam-lhe ao encontro os Snrs. Padres Luiz Boa Vida, La Coste, Freissat e Claro.

* * *

Ao aproximarem-se da casa da Congregação, começaram a ribombar as salvas produzindo ecos prolongados por aquelas serranias. Desde a porta da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, até embaixo da grande ladeira, estavam dispostos em alas os padres e alunos do seminário maior e do menor, em cujos semblantes transluzia a exultação de verem o grande homem, um dos brilhantes candelabros da Igreja.

adornados de frondosos ramos e donosas flores, e duas ordens de palmeiras a este efeito transplantadas de um dia para outro por aquele enxame de adolescentes, esperança da pátria, que alí vão beber a ciência e a virtude naquele ambiente puro a todos os respeitos. No Caraça há tanto que ver, tanto que apreciar e admirar! Todas as harmonias da natureza e da graça alí se conhecem.

O seletíssimo corpo docente, a ordem e regularidade da casa, a livraria, a coleção de minerais, o magnífico templo gótico que se está alí edificando, seu admiravel arquiteto o sábio Superior Padre Júlio Clavelim, e seus coadjutores, tudo alí tem atrativos para os espíritos refletidos. Em uma planura quasi circular e um tanto desigual está situada a casa de Nossa Senhora Mãe dos Homens do Caraça.

Essa planura de cerca de 10 quilômetros em seu cumprimento, muito elevada acima da bacia onde corre o ribeirão do Brumado, acha-se rodeada de altas serras que deixam entre si as seguintes aberturas; uma do lado por onde se entra vindo de Catas Altas, outra pelo Capanema, por onde chegamos, e outra pela bocaina, que chamam do Capitão Cota. Há tambem outra bocaina acima de fraguedos, pela qual se desce para o arraial do Inficionado, mas quasi insuperavel.

Algumas florestas se vêem na parte inferior destas penedias, mas seus picos são escalvados, apenas entremeados de uma vegetação escassa.

Várias cascatas jorram destes rochedos, e formam um grande córrego que passa bem perto do serro no qual está o vasto edifício de onde se extende a planura e para o qual se sobe pela grande ladeira já mencionada. A Igreja e a casaria é assente em uma plataforma diante da qual se vê uma renque de antigos coqueiros. A escadaria do adro da Igreja consta de 18 degraus: depois dos 4 primeiros acha-se um grande patamar e os 14 degraus que se seguem, mais estreitos que os outros, são orlados de cada lado por um mainel de balaustres de pedra.

O terraço do adro é bordado de uma balaustrada semelhante à dos mainéis. A nova Igreja muito adiantada já apresenta sua linda porta ogival, e eleva-se a grande altura, mas ainda lhe falta a flecha. O primor, do estilo gótico, maravilha da arquitetura cristã, lá no meio daquelas serranias, com a saudade de seus horizontes, é uma poesia divinal que emparaisa.

No interior já se vêem erguidas altas colunas tetrameras, e estão-se aprontando os capitéis de mármore branco sulcado de veias rôxas, tirado de uma jazida no lugar denominado Frasão, perto do arraial de Antônio Pereira. O Snr. Bispo do Pará viu e admirou o grande orgão construido pelo padre Luiz Boa Vida. Este Lazarista português é de engenho maravilhoso para tudo: é um verdadeiro gênio em mecânica. Ele mesmo tem ideado e feito aprimorados instrumentos para seus elegantes artefatos em metal e em madeira. O padre Luís, o padre Colaro (grego) e o padre Joaquim Pereira (tres vozes belíssimas) cantaram ao som do orgão tangido pelo próprio fator o *Sacris Solemniis*, o hino do Angélico Doutor. A harmonia, a consonância da música vocal e instrumental era perfeita, era digna da sublime composição do maior pensador da idade média.

O orgão denomina-se 16 pés por ser tal a medida de primeiro canudo.

Consta de 11 registros e meio, sendo sete e meio de estanho e 4 de madeira. Seu teclado tem 5 oitavas, e mais uma de transposição; o pedal tem 2 oitavas. O teclado acha-se disposto de modo que o organista tem a face voltada para o altar e as costas para o orgão. O cumprimento do corpo do orgão é de 3,m.6, medindo 4,m.5 de altura. As madeiras que entram na construção trazem os seguintes nomes: cedro e leiteira no sommeiro; jacarandá preto e vermelho, e vinhático no bufete e ornato da frente. Os registros são de uma bonita madeira denominada leiteiro (willughdeia geminata, família das apocinaceas).

Todas estas madeiras foram achadas nas circunvizinhanças do Caraça, bem como o pinho do mato que se vê nos tubos, e o ébano das teclas.

Mais de 700 canudos tem este grande orgão digno da majestosa Igreja do Caraça. Esta fica entre duas alas do edifício, cuja frente tem vinte e duas janelas de portais de pedra, envidraçadas, no pavimento superior, e outras tantas no inferior, bem afastadas uma das outras e bem simétricas. No pavimento inferior se acha a livraria, que terá pouco mais ou menos 3.000 volumes, classificados pelos diferentes ramos da ciência. É riquíssima de obras primas, principalmente em teologia, filosofia, história e ciências naturais. Quanto a estas talvez no Brasil não haja livraria que exceda à do Caraça. Obras completas de Cuvier, de Augusto de Saint-Hilaire, de Humboldt, de Eullicher e de outros grandes naturalistas com artes magníficas, grandiosíssima coleção mineralógica cientificamente coordenada, fosseis dados pelo célebre geólogo Dr. Lund, atestam a compreensiva estudiosidade dos Lazaristas.

O Caraça é habitado por quasi 400 pessoas. No Seminário maior é um gosto ver a luzida e esperançosa mocidade que se vai consagrar a Deus pelo sacerdócio. Tanto no maior como no menor fazem-se fortes estudos, sob a conduta de habilíssimos lentes.

O Superior, Snr. padre Júlio Clavelim, é versado em muitas ciências e de uma bondade inefavel. Tem sido incansavel protetor dos jovens de talento, desvalidos. O Snr. Bispo do Pará visitou os espaçosos e arejados salões dos alunos, e percorreu o elegantíssimo jardim, a horta, e o extenso parreiral, que dá excelente vinho por arte do engenhoso padre Boa Vida.

O clima do Caraça é temperado em razão de sua grande altitude e por isso alí medram pinheiros da Rússia, oliveiras, pomáceas, drupáceas, e auranciáceas, juntamente com araucárias e jaboticabeiras.

À benção do S. S. Sacramento, o Snr. Bispo do

Pará fez uma eloquente homilia que enlevou a todos os ouvintes.

O preclaro príncipe da Igreja em sua estada de 3 dias completos no Caraça ficou satisfeitíssimo dos obséquios que lhe prestaram os padres e coadjutores. E todos os habitantes daquele asilo de ordem, de união fraternal, de ciência e de virtude cativou-os a afabilidade expansiva, a conversação deliciosa de tão grande homem.

Na véspera de sua partida reuniu-se toda a comunidade, padres, coadjutores e alunos, no amplo salão do pavimento inferior esquerdo, e sentou-se o Snr. Dom Antônio de Macedo no sólio, ante o qual foram proferidos belos discursos por diferentes seminaristas. Cantou-se ao som da orquestra um hino com o seguinte estribilho:

"resplandece um grande lume,
"nas margens do Guajará,
"resplandece um grande lume
"qual o Bispo do Pará".

Sua Excia., profundamente comovido por estas manifestações de amor, aceitou um ramalhete de flores que ocultava um bom donativo ofertado pelos seminaristas para o orfanotrofio de Belem.

Outra oferta lhe fez o generoso Superior do Seminário para o mesmo fim.

A 14 de Outubro arrancamo-nos do Caraça tomando o caminho de Catas Altas. Acompanhados dos Snrs. padres Boa Vida e Lacoste, paramos na chácara distante do Caraça légua e meia. Antes de aí chegarmos, observamos a bonita cachoeira de mais de 30 metros de altura, a trovejar formando alvíssimos novelos de iriadas espumas. O caminho hoje é ótimo e muito pitoresco até à chácara. Dalí se avistam os longes saudosos das serras de Itabira, Itambé e Piedade. Floresciam então as melastomeas arborescentes descritas por Saint-Hilaire, e lindíssimas orquídeas de longas espigas côr de zarcão. Este caminho, outrora

tão horrivel que lhe chamavam varanda de Pilatos, e que arrancava ferraduras de animais, hoje é um dos melhores da Província; é um triunfo da engenharia... de quem? Do venerando ancião Irmão Freitas, que por amor de Deus pôde aplanar tantas escabrosidades.

Foram precisos esforços titânicos para o conseguir; este humilde religioso alí está mudamente atestando para que servem os frades.

O Snr. Bispo alegrou-se de conhecer este laborioso Coadjutor da Congregação de S. Vicente de Paulo. A cargo dele está a chácara do Caraça, na qual se vê um extenso parreiral, e outras plantas frutíferas que subministram delicados pastos aos dois Seminários.

Depois de nos despedirmos do padre Luís, seguimos para Catas Altas com a agradavel companhia do padre La-Coste. O Snr. Bispo apeou-se com sua comitiva em casa do Vigário Manuel M. de Vasconcelos, uma das pérolas da Cleresia de Minas, como se póde dizer dos mais sacerdotes que o Snr. Dom Antônio encontrou e conheceu em sua viagem.

Tendo aí almoçado, partimos a bom andar, e passamos pelo Inficionado, arraial decadente, célebre por ter sido o berço de Fr. José de Santa Rita Durão, autro do poema "Caramurú".

Passando pelo arraial de Bento Rodrigues, tomamos o caminho do Gualacho, em cuja margem está a fazenda de umas senhoras muito piedosas sobrinhas do falecido Vigário Geral Felício.

Aí pernoitou o Snr. Bispo e sua comitiva, tendo-se vencido oito léguas desde o Caraça. No seguinte dia, 15 de Outubro, ao amanhecer, depois da missa celebrada no oratório pelo padre La-Coste, seguiu-se jornada para Mariana, que dista dalí 2 léguas.

Da chegada do Snr. Bispo à cidade episcopal, e de sua estada achamos uma bem elaborada relação no "O Apóstolo", de 25 de Outubro. Mais belamente não se póde escrever, e por isso aquí a ajuntamos, bem como os artigos da "A Província de Minas", e da "Gazeta de Barbacena", primorosamente redigidos.

Tambem se lê na "Atualidade" aquí junta a alocução do Snr. Dr. Henrique Sales, em nome da Assembléia Provincial de Minas, que unanimemente votara uma congratulação ao Snr. Bispo do Pará.

* * *

A 18 de Outubro o esclarecido Prelado e sua comitiva, à excepção do simpático padre La-Coste, que regressava para o Caraça, foram pernoitar em Ouro Branco, na casa do Snr. Dr. Bruno Von Sperling. Este distinto cavalheiro deu-lhe uma hospedagem digna do príncipe da Igreja.

O Snr. Sperling e sua nobre família apuraram desvelos de urbanidade que muito nos penhoraram.

No dia 19, tendo o Snr. Bispo passado por Queluz, onde almoçou com o Revdo. Snr. Vigário José Nunes, e aí descansou por mais de 4 horas, seguiu para a hospedaria do Filipe, distante de Ouro Preto mais de 13 léguas. Aí chegamos às 8 horas da noite.

No outro dia caminhamos 2 léguas até Sant'Ana do Carandaí, onde almoçamos e esperamos o trem da estrada de ferro, e, tendo despachado os arrieiros com a condução, nos embarcamos com o Snr. padre José Augusto, e o Snr. Castro, que de Barbacena vieram ao encontro do Snr. Bispo. No mesmo carro ferrovial foi conosco o Snr. Dr. Urbano, distinto médico formado em París, o qual espontaneamente deu uma oferta para o recolhimento de orfãos de Belem. Para o mesmo fim os bons e doutíssimos padres do Seminário de Mariana tinham contribuido. Isto menciono aquí, por não o ter feito o correspondente do "O Apóstolo".

O Snr. Bispo do Pará esteve dois dias completos em Barbacena, onde o Exmo. Snr. Barão de Macaúbas lhe fez um gazalhado principesco, e muito nos penhorou pela amenidade do seu trato e delicadeza de maneiras. S. Excia. Revma. visitou a grande quinta do Snr. José Joaquim de Castro, um dos bons cidadãos do lugar, a qual dista da cidade mais de dois quilôme-

tros, e é digna de ver-se. Milhares de videiras, extensas ruas de mandubiranas, laranjeiras de diferentes qualidades, araucarias, acácias, pinheiros da Rússia, eucalitos, tamareiras alí estão mostrando a atividade do horticultor e a excelência do clima, que produz bem plantas tropicais e plantas da zona temperada. Alí vegetam a oliveira, o audaiaçú, o baobab, a canforeira e várias musáceas. Flores indígenas e exóticas em abundância adornam o jardim. Das uvas desta notavel quinta fabricam-se cada ano 30 pipas de bom vinho, que consta por pessoas fidedignas ser abonado por uma autoridade científica maior de toda exceção, o Conde de Prados. O Snr. Bispo do Pará provou de um excelente vinho de mais de 4 anos, alí fabricado, e foi mimoseado com algumas garrafas dele pelo mesmo Snr. Castro.

Barbacena é uma linda cidade, da qual disse o exímio naturalista A. de Saint-Hilaire: "Agradavelmente surpreendeu-me o achar uma cidadezinha que póde rivalizar com todas as de França de igual população. Hoje Barbacena merece mais este elogio, pois, além da bonita chácara do Snr. Castro, tem o colégio Abílio, que é um vasto edifício com todas as condições higiênicas, o hospital elegante e solidamente construido, e a estação ferrovial. O ar que se respira alí é extremamente puro.

A cidade está situada no espigão de duas colinas alongadas, uma das quais acaba perpendicularmente no meio da outra, tendo pouco mais ou menos a forma de uma cruz grega. As ruas são bem alinhadas, umas calçadas e outras macadamizadas.

O exterior da Matriz não é notavel, mas o interior agrada pelo asseio e pela talha dourada dos altares.

A Igreja da Boa Morte é toda de alvenaria e de cantaria, sendo os portais de uma pedra imitante a porfiro. O altar-mor e os dois laterais estão muito aformoseados pelas laçarias recentemente douradas e rendilhadas sobre colunas estriadas. É pena que o vandalismo tenha oleado de azul as pedras do arco

cruzeiro e das janelas da capela-mor, ocultando a côr nativa.

Barbacena deve gloriar-se de ser o berço do Conde de Prados, o Humboldt brasileiro, e do padre Correia de Almeida. Este ofereceu suas obras completas ao Snr. Dom Antônio de Macedo.

Sem lisonja diremos que é Barbacena um lugar de bom pessoal, onde tem sempre havido um clero inteligente e exemplar. É seu pároco Monsenhor Conselheiro José Augusto, cujos méritos estão bem exarados nos anais da Igreja Marianense, tendo sido incansavel auxiliar e extremoso amigo do Snr. Dom Antônio F. Viçoso, de santa memória.

* * *

No dia 23 de Outubro embarcou-se o Snr. Bispo do Pará com sua comitiva no trem ferrovial, para Juiz de Fora. Aí chegado foi hospedar-se em casa de seu amigo Snr. Comendador Nuno Telmo. Este distinto cavalheiro e sua Exma. consorte aprimoraram-se em tratar o Egrégio príncipe da Igreja com afetuosa urbanidade e delicadeza. Nessa florescente cidade teve o excelso Prelado ocasião de assistir a duas tertulias, uma em casa do Snr. Eduardo Braga, inteligente cultor das belas artes, e outra em casa da Exma. Sra. D. Henriqueta Braga, nas quais se ouviram as extasiantes, arrebatadoras harmonias da harpa admiravelmente tocada pelo insigne artista Snr. Tronconi, e por suas adextradas e talentosas discípulas, as Exmas. Snras. D. Eugênia Braga, filha do mencionado Snr. Eduardo, e D. Júlia Braga, filha do amavel Snr. Tenente João Tomás Alves. Cantaram e obtiveram merecidos aplausos as Exmas. Sras. D. Augusta Braga e D. Júlia. Tambem belamente modulou a harpa uma aluna do colégio dirigido pela Snra. D. Henriqueta. Aquí releva dizer que o Snr. Bispo do Pará alegrou-se de ficar conhecendo tantas pessoas que fazem parte do escol, das mais seletas classes desta Província. Em todos os lugares onde esteve S. Excia.

Revma., as mais belas almas sentiram-se atraídas para ele, que assim foi vendo sacerdotes tão dignos de amor e respeito, e que amavam o Snr. Bispo antes de o conhecerem pessoalmente. Todos os que viram e conversaram com o exímio Pontífice ficaram para sempre penhorados da atraente afabilidade deste. O venerando Snr. Dr. Joaquim Máximo da Rocha Pinto, que o acompanhou, fez-lhe uma boa oferta para o recolhimento de orfãos, e voltou cheio de saudades do grande homem rodeado da tríplice auréola do episcopado, da sabedoria e da virtude. Quem poderá deixar de invejar ao Snr. Dr. Antônio de Macedo (magna spes altera Brazilia) a ventura de viver em companhia do Anjo da Igreja Paraense? Só quem ignora os proeminentes méritos desta glória do Brasil. O resto da comitiva do esclarecido Prelado recordar-se-á sempre dos ditosos dias em que sentiu os efeitos da bondade de coração, e transcendente espírito do digno Prelado.

Juiz de Fora tem progredido maravilhosamente. Entre suas mil casas notam-se prédios de vistosa fachada e outros se vão construindo. Daquí a pouco estará concluida a linha de bondes.

O seu forum é um edifício magnífico. No pavimento superior tem grandes salas ricamente alfaiadas, a saber: uma para as sessões da Câmara Municipal, e outra para a respetiva secretaria; a do Juri com arquibancada para os espectadores, a das conferências do Juri, um gabinete para o presidente do Tribunal, e um salão para descanso do povo. O artesão do teto da sala do Juri é de bom gosto.

A mobília de carvalho primorosamente torneado com a côr nativa muito agrada à vista. As sacadas com bonitas grades de ferro harmonizam com a elegância arquitetônica deste paço, que talvez seja o melhor da Província de Minas, senão na solidez ao menos na largueza e bom gosto. O pavimento inferior tem os seguintes repartimentos: sala das audiências, o cartório do 2.º Ofício, o do escrivão da polícia, partidor, e contador ao lado direito da entrada; no centro uma

sala com uma escada para o pavimento superior, a qual sala é ladrilhada de mármores e tem no fundo detrás da escada dois gabinetes: ao lado esquerdo 3 grandes salas, a 1.ª da coletoria, a 2.ª do 1.º Ofício, e a 3.ª de orfãos. Este imponente edifício está colocado em um dos lados de uma grande praça ajardinada com muitíssimas pilastras entremeadas simetricamente de grades de ferro.

As Igrejas nada têm de notavel no exterior. A matriz está ameaçando ruina, e é de lastimar-se que centenas de contos se tenham dispendido com uma construção tão deselegante e pouco sólida. Já se vê que a culpa foi do edificador e não do povo. Com outro arquiteto ter-se-ia podido erguer um belíssimo templo, como o do Caraça. A cidade tem 9 ruas, todas bem extensas, macadamizadas, exceto uma que é calçada.

O pessoal da Freguesia é excelente. O Snr. Bispo do Pará foi convidado para 3 esplêndidos jantares dados em sua honra pelas Exmas. Sras. Baronesa de Cataguazes, D. Luís Vilas Boas, e pelo Revdo. padre João Roussin, sendo convivas várias pessoas gradas.

A. Pimentel.

É do mesmo autor o soneto seguinte em homenagem a Dom Vital e Dom Antônio.

Poesia

Tudo o que é grandioso, ó Deus, quiseste
que em solo americano se ostentasse,
sem que o poder do tempo despedace
majestosas belezas que lhe deste.

No Amazonas se espalha a Cruz celeste,
e do mais belo sol brilhante face;
a Vitória regina é flor que nasce
nestas plagas que Flora sempre veste.

Mas falta no Império do Cruzeiro
um carater sublime e coragem
Já não falta. Ei-lo: o Martir Brasileiro!

Ao Bispo do Pará nossa homenagem!
Salve! qual Dom Vital, grande luzeiro!
Anjo que Deus formou à sua imagem.

A. Pimentel.

S. João d'El-Rei, 27 de Setembro.

CAPÍTULO XLV

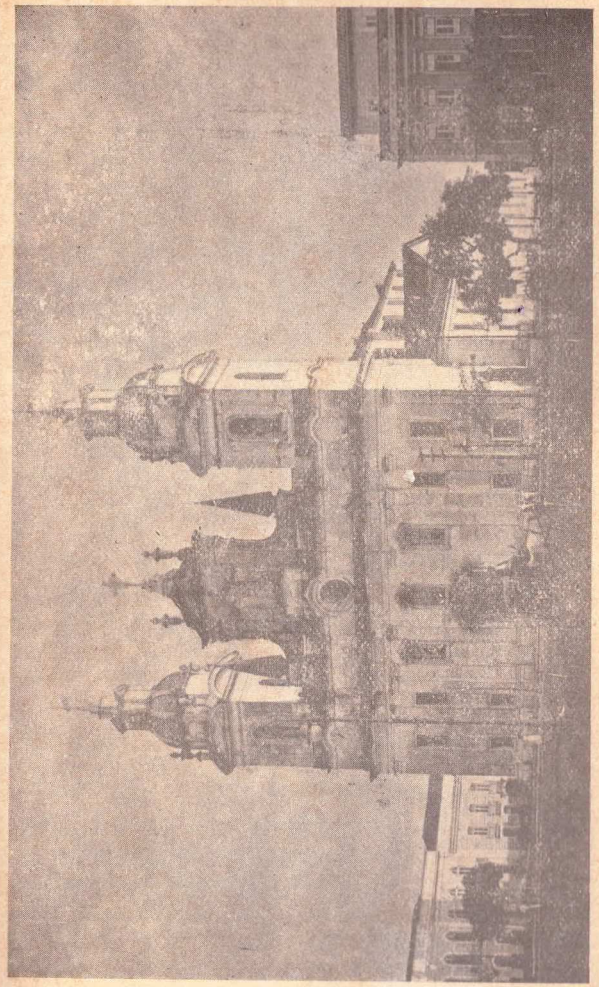
A CATEDRAL

A Capela de Nossa Senhora da Graça e sua evolução. — Restauração. — Conta do Altar. — Contrato com Carimini. — Dom Antônio providencia para o Assentamento do altar.

Logo no início da fundação de Belem, Castelo Branco fez erigir, no local em que se ergue hoje a Catedral, uma capelinha sob a invocação de N. S. da Graça. Era de construção ligeira, naturalmente de madeira e barro, como ainda hoje se constroem as capelinhas provisórias. Foi a primeira Matriz do Pará e seu primeiro Vigário o padre Manuel Mendonça. Como se vê ainda hoje, a capelinha surgia bem perto do forte do *Presépio*, que hoje se chama "Castelo".

Em breve, a capelinha se estragou e, no mesmo local, se levantou a segunda, que durou até ao fim do mesmo século XVII.

O terceiro templo, construido em honra de N. S. da Graça, já devia servir de Catedral, pois o Pará já era diocese. Dom João V, segundo o aviso do Ministério dos Negócios Ultramarinos, de 1723, mandou-a edificar. Os Estatutos da Catedral e do respetivo Cabido foram publicados por D. Fr. Bartolomeu do Pilar, em Junho de 727 — diz Baena. Entretanto, a



A Catedral depois de renovada interiormente por D. Macedo Costa. É um dos templos mais grandiosos do Brasil.

primeira pedra só foi lançada pelo segundo Bispo de Belem, D. Fr. Guilherme de S. José, a 3 de Maio de 1748.

A capela de S. João Batista funcionou então, como matriz, e foi nela que tomou posse do bispado D. Fr. Guilherme de S. José.

No dia do lançamento da primeira pedra, se fez grande festa com a presença do Governador e Cap. General Francisco Pedro de Mendonça Furtado, Cabido, autoridades civís e militares e irmandades.

Sete anos mais tarde, achava-se o corpo da Catedral construido. Dom Fr. Miguel de Bulhões — 3.º Bispo do Pará, benzeu o templo e trasladou o S. S. Sacramento da capela de S. João para a noya Igreja. Era o dia 23 de Dezembro.

Em 1761 o sucessor de D. Miguel — D. Fr. João de S. José e Queirós — mandou suspender os trabalhos da capela-mor. Por cinco anos pararam os trabalhos porque eram muito morosas as comunicações com Portugal, donde vinham as instruções.

O plano da construção era do arquiteto Antônio José Lande, autor de outros trabalhos em Belem. Quando se tratou da abóbada da capela-mor surgiu certa dúvida sobre a resistência das paredes. Foram ouvidos então os engenheiros Gaspar João Geraldo Goonfelts e Manuel Alves Calheiros, que, feito o exame, julgaram o receio sem fundamento.

A 8 de Setembro de 1771 já estavam concluidas as obras. Governava o bispado o Arcediago Manuel das Neves.

O Cabido, cujo côro funcionava sob o arco cruzeiro, passou para a capela-mor. Desde o lançamento da primeira pedra até à conclusão, decorreram 23 anos, sendo 18 os de trabalho. Da fachada até ao arco cruzeiro gastaram-se 7 anos; nas torres e parte da capela-mor, 6 anos, e, para concluir, 5 anos.

O altar-mor primitivo era de madeira com bons trabalhos de talha; o retábulo, obra do pintor Pedro Alexandrino de Carvalho, representava N. S. da Gra-

ça. Os demais trabalhos eram tambem de madeira entalhada.

Foi definitivamente aberta ao público a 24 de Junho de 1777.

Muitos anos serviu o belo templo ao culto católico, asim como fôra construido.

Dom Antônio de Macedo Costa, que era tambem dedicado às belas artes, viu, no grande templo de belas linhas arquitetônicas, a possibilidade de uma reforma, que o havia de tornar dos mais belos do Brasil. E começou o aformoseamento da Catedral.

Longos anos empregou nesse trabalho. O contrato com o arquiteto e escultor Carimini para a construção do altar de mármore tem a data de 15 de Julho de 1867. Entretanto, os últimos trabalhos da reforma da Catedral só ficaram prontos após a transferência de Dom Macedo Costa em 1890; mas ele os deixou quasi concluidos.

Para se ter idéia exata do trabalho do altar-mor reproduzimos aquí um impresso publicado em Belem no ano de 1874. O balancete é precedido de notas históricas interessantes.

* * *

Para ficar aquí arquivado, transcrevemos tambem o contrato feito com o pintor De Angelis, que enriqueceu a Catedral de belíssimas telas.

CONTA DO ALTAR DE MÁRMORE DA CATEDRAL DO PARÁ

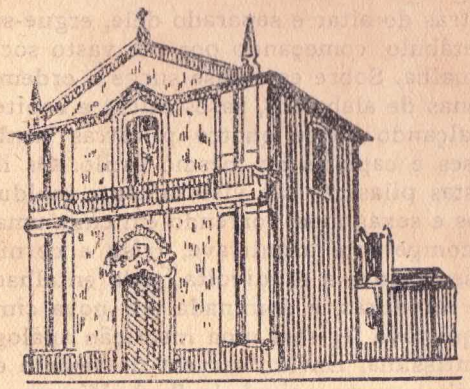
S. Excia. Revma. quer que se consigne, à frente desta conta um voto de gratidão, seu e da diocese, ao Exmo. Snr. Barão de Alhandra, Ministro do Brasil junto à Santa Sé, pelo muito que se desvelou este prestimoso Snr. na boa conclusão e expedição do altar da Catedral do Pará

Notícia prévia

Em Novembro do ano de 1871 entrava pela barra do Pará um navio francês *Louis & Anne* trazendo a

seu bordo um Altar de mármore destinado a ser colocado no ábside da nossa bela Igreja Catedral.

Eis aquí, em resumo, a história desta obra desde seu começo.



Capela de S. João Batista, que funcionou como catedral enquanto se remodelava a catedral de Nossa Senhora da Graça.

Tendo o nosso Prelado, o Exmo. Snr. Dom Antônio de Macedo Costa, feito uma promessa, em seu nome e no de seus diocesanos, de erigir um grande e belo Altar de mármore em honra da S. S. Virgem Nossa Senhora, Padroeira da diocese, e achando-se o mesmo Exmo. Snr. em Roma por ocasião da solene Festividade do Centenário dos Bemaventurados Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, determinou contratar essa obra com o habil arquiteto e escultor Luca Carimini.

A obra devia ser executada segundo um elegante modelo em relevo que o Snr. Bispo viu na oficina do mesmo Luca Carimini, delineado e esculpido por este perito artista, devendo ser, altar e retabulo, tudo de mármores finos e de côres variadas, do mesmo estilo arquitetônico da nossa Catedral, um dos mais formosos templos do Império.

A urna do altar tem de levantar-se sobre três degraus de mármore branco, com frontal imbutido de vários esmaltes, e um Tabernáculo esculpido a primor com elegantes colunatas.

Por trás do altar e separado dele, ergue-se o grandioso retábulo, começando por um vasto soco, pedestal e cimalha. Sobre esta base surge a ordem em quatro colunas de alabastro, bases aticas e capitéis corintios, realçando sobre quatro pilastras tambem com suas bases e capitéis do mesmo estilo. Os intervalos entre estas pilastras são vistosamente moldurados de otogonos e sexagonos, correndo em cima uma cimalha com a competente arquitrave, friso e cornija, sobre a qual se levanta a arquivolta, toda entalhada de artesões e molduras, e dominada por nova cimalha, em cuja arquitrave ler-se-á uma inscrição análoga à Virgem Santíssima. Enfim, servem de remate e corôa a este retábulo e ao painel da S. S. Virgem cinco estátuas de mármore, uma representando S. Pedro, outra S. Paulo, e no cimo Jesus Cristo, entre dois Anjos adoradores.

A altura geral mediria, segundo o contrato, 8 metros e 50 centímetros, mas foi depois elevada a 10 metros e 50 centímetros.

Voltando S. Excia. Revma. a Roma para o Concílio em 1869, achou quasi concluida a obra, com a perfeição e dimensões convencionadas, e tendo-a o dito Arquiteto Luca Carimini armado em sua oficina, foi a mesma obra visitada por grande número de artistas romanos e estrangeiros, e por muitos Prelados e outras personagens distintas, merecendo geral sufrágio e aprovação, como S. Excia. Revma. mesmo foi testemunha.

Até o Sumo Pontífice, o magnânimo Pio IX, que se dignara interessar-se sobremaneira por esta obra, para a qual concorrera generosamente, como daquí a pouco veremos, houve por bem manifestar, em sua suma benignidade, o desejo de *tambem visitar o Altar da Catedral do Pará*, o que não pôde infelizmente

realizar-se em razão dos tristes acontecimentos que vieram pouco depois sobressaltar e perturbar Roma.

O Santíssimo Padre Pio IX deu neste negócio muitas delicadíssimas provas de paternal benevolência para com S. Excia. Revma. e a diocese do Pará. Folgamos de consignar aquí o fato seguinte, que muito nos honra, e cuja recordação é o que dará mais valor ao piedoso monumento que a devoção deste povo quis erguer em honra de sua Imaculada Padroeira.

Em uma audiência que teve do S. S. Padre, falando-lhe S. Excia. da obra do altar que tinha já encomendada, mostrou quanto seria feliz (e seus diocesanos) se S. Santidade se dignasse para cooperar dando os mármores precisos; e acrescentou S. Excia. que lhe parecia muito justo que o nome de S. Santidade, como o do primeiro servo de Maria neste século, ficasse para sempre ligado a uma obra que toda tinha por fim a honra e glória da Santíssima Virgem. Respondeu S. Santidade, com aquela sua nobre singeleza e benignidade, que nisso levava todo o gosto, mas que não sabia se haveria mármores disponiveis: "Se os houver, acrescentou, tê-los-há o Bispo." Passaram-se muitos dias, sem que nada transpirasse. Não era possivel que, acabrunhado pelas fadigas das grandes festas do Centenário, das audiências que era preciso dar ao Episcopado Católico reunido então em Roma, não falando de uma aluvião de outros graves negócios, houvesse o Santo Padre esquecido o pedido do humilde Bispo do Pará? Para sondar em que altura estavam as coisas, resolveu S. Excia. ir com o Exmo. Snr. ministro brasileiro à casa do Exmo. Snr. ministro do Comércio e das Artes, e saber dele se tinha recebido alguma ordem do S. Padre a respeito dos mármores.

Acolheu-nos este cavalheiro com nobreza e simplicidade toda romana, e declarou-nos que, indo na véspera mesmo conferenciar com S. Santidade sobre uma multidão de graves negócios do Estado, havia muitos dias empatados, depois de concluida uma larga

audiência de mais de duas horas, e, estando o Santo Padre visivelmente fatigado, lhe falara a ele ministro desses mármores, dizendo que *"desejava que o Bispo do Pará fosse satisfeito."* "Este desejo do Santo Padre é uma ordem para mim", continuou o ministro; e declarou que punha à disposição do arquiteto Carimini todos os mármores necessários.

Como, porém, sobreviesse a invasão de Roma antes da total entrega desses mármores, e se tornasse esta impossivel depois daquele acontecimento, dignou-se o S. S. Padre, como em compensação, ofertar para a obra do altar a soma de 1.500 escudos, mais de 3:000$000 da nossa moeda.

Assim ficará a memória da magnanimidade e munificência do grande e imortal Pontífice Pio IX, um dos maiores vultos que os vindouros admirarão entre os Vigários de Cristo, ligada para sempre a esta obra do Altar de Maria Santíssima que se tem de erigir na Igreja Catedral desta cidade de Belem.

O custo geral desta grandiosa obra, posta como está na Catedral, é de 52:766$916 rs., a saber: mão de obra, custo de uma parte dos mármores, de um quadro e das cinco estátuas 45:206$663 rs., encaixotamento, seguro, transportes etc., 7:560$253 rs.

Concorreram para este altar o Governo Imperial com a soma de 20:000$000 rs., a Província do Pará com a de 12:000$000 rs., o Snr. Bispo com 1:000$000, os seus diocesanos com 4:831$100 rs.

Alem disso S. Majestade o Imperador dignou-se tambem oferecer de seu bolsinho a soma de 1:000$000 e o Sumo Pontífice Pio IX, em mármores e dinheiro, 6:122$690 rs.

Todos estes valores montam à soma de 55:075$556 rs., havendo um deficit de 10:121$866 rs. sobre a receita, como tudo consta da conta junta, que vai documentada.

Conta das despesas feitas com o altar de mármore encomendado em Roma pelo Exmo. e Revmo. Snr. Bispo do Pará em 1867 e chegado no Pará em 1871

Despesas:

Mão de obra segundo o contrato. Esc. R.	9,500	
Acréscimos de obras. Esc. R.	700	
Mármores brancos, afora os dados pelo S. Padre. Esc. R.	2,379	
5 Estátuas de mármore. Esc. R.	4,700	
Esc. R.	17,279	
Cada escudo Romano vale 10 Paulos ou 5 francos 41 c. Francos		93,479,39
1 Painel de N. S. da Graça 500 escudos a 5 fr. 41 c. Francos		2,705
		96,184,39
96,184,39 ao câmbio de 470 Rs.		45.206$663
Transporte dos 35 caixões de Roma a Marseille, liras	2,100	
Carretos dos ditos d'alfândega para o navio	425,65	
Feitio dos 35 caixões e encaixotamento	5,600	
Despesas de embarque	231,75	
Seguro de Roma até o Pará	1,759,35	
5 Caixões para as 5 estátuas e encaixotamento	685	
Transporte de Roma a Marseille	700	
Expedições	133,95	
Licenças, selos, etc., etc. ..	74,50	
Portes e carretos	140,35	
Liras	11,850,55	4:963$950

ou francos 11,031 a 450 rs. 4:963$950

Frete do altar de Marseille ao Pará fr. 2,853,85 a 380			1:084$463
Frete das 5 estátuas de Bordeaux ao Pará fr. 663,50 a 375			248$820
Despesas de Roma até Bordeaux:			
Segundo a conta dos Snrs. Cullerre Frères de Nantes, francos		921,30	
Seguro de Bordeaux até ao Pará, francos		349,60	
Comissão de trânsito, frcs. Francos	1,670,90 a 380	400	634$950
Descarga no Pará			45$000
Desconto das letras			583$070
			52:766$916
Receita:			
1864 Produto de uma subscrição		3:150$000	
1866 Produto de um concerto		681$100	
1867 Do Snr. Capitão José Antônio de Miranda ...		1:000$000	
18767 (Março) da Província		4:000$000	
1867 (Novembro) da mesma		4:000$000	
1870 (Julho) do Governo Geral pela Delegacia do Tesouro em Londres		3:000$000	
1870 (Novembro) do dito pela mesma Delegacia ..		3:000$000	
1871 (Janeiro) do mesmo ..		5:000$000	
1871 (Março) do mesmo ..		9:000$000	
		32:831$100	
1871 (Maio) da Província .		4:000$000	
de S. M. o Imperador ..		1:000$000	
do Exmo. e Revmo. Snr. Bispo diocesano		1:000$000	
de S. S. Santidade Pio IX		3:814$050	42:645$150

Saldo a favor do Snr. Bispo ou importância excedente às quantias dadas	10:121$766
N. B. — O S. Padre alem da soma de rs. ..... em dinheiro, deu mais em mármores o valor de 907 escudos romanos, ou fr. 4,912 a 470	3:814$050
	2:308$640
Total	6:122$690

À vista disto, o valor real da obra, compreendidas todas as despesas, se eleva a rs. 55:075$556.

O termo médio dos câmbios foi calculado por graves negociantes sobre a pauta desta praça, notando-se que a maior parte dos dinheiros do Altar foram transmitidos para a Europa no tempo da guerra, que foi a da maior depressão do câmbio.

Pará, 23 de Fevereiro de 1874.

O Tesoureiro da Caixa Pia da Diocese — *Padre Augusto J. M. Culerre.*

I

Contrato celebrado entre S. Excia. Revma. o Snr. Bispo do Pará e o arquiteto e escultor Luca Carimini em 15 de Julho de 1867

(Original italiano do punho de Carimini)

Sua Eccellenza e il Sig. Carimini convengono nei cedo Costa del Pará nel Brasile volendo un grandioso Altare per sistemarlo nella Cattedrale di detta cittá, e servire per il maggiore Altare dell'abside, ha scelto un modello architettato e scolpito del sig. Luca Carimini, il quale modello esiste nello studio del Carimini stesso, rappresentando l'opera, con suoi ornamenti e tuttoció che serve a suo compimento, e cosi

Sua Eccellenza Rma. Monsignor Antonio de Ma-

articoli:

1.º Il nominato Altare avrà i suoi tre gradini, compresa la pradella; quindi spicca la mensa isolata con sue relative basi e cimasa che forma mensa, e suoi contrapaliotti, sopra il gradino dei candelieri, ove nel centro sopra s'inalza il Tabernaculo per l'esposizione del SS. Sacramento. Dietro questa verrá il grandioso basamento composto dello zoccolo, basi, stilobato e cimasa. Sopra questo viene lo zoccolo dell'ordine, parimenti con sua base e cimasa. Sorge sopra questi l'ordine in quatro colonne de alabastro impelliciato sopra peperino, e avranno la sua base attica e capitelli corintii. Dietro queste colonne vi saranno i pilastri con sue basi e capitelli, tra i pilastri vi sarà uno scomparto de ottogoni ed esagoni; sopra quest'ordine spicca la sua trabeazione, architrave, frégio e cornice, viene sopra l'archivolto sagomato nella fronte; nei triangoli mistelinei vi saranno scolpiti emblemi allusivi alla B. Vergine; al di sotto dell'Archivolto vi sarà uno spartito a cassettoni e rose; sopra viene la sua cornice architravata, la quale porterà un iscrizione analoga alla Vergine; nella parte media vi sarà la cornice, in marmi; attorno al quadro in fine dovrà esser fatto tutto come meglio risulta dal modello in rilievo, e la sua altezza dovrà essere dal pavimento all'ultima sommità della cornice di metri otto e cinquanta centimetri, par a palmi romani trentotto e oncie tré.

2.º I marmi tutti per detto lavoro saranno somministrati da Sua Eccellenza Rma.; ma per l'armonia dell'opera quante volte i detti marmi fossero di qualità diversa da quelli stabiliti, allora li somministrerá il Carimini, il quale prenderà indietro i marmi che gli saranno dati, facendoli Sua Eccellenza stimare da persona intendente e di commune fiducia, cosi vedere il prezzo in analogia, e quindi liquidare il cambio tra i pezzi stessi e il merito e valore di ciascuno.

3.º Il lavoro dovrà farsi nel tempo e termine di un anno dalla data del presente contratto.

4.º Il prezzo dei sopra descritti lavori di quadratura ed intaglio rimane stabilito per scudi romani, overo moneta corrente — novemila cinquecento, dico 9.500, per fattura, esclusi sempre i marmi che dovrà somministrare Sua Eccellenza.

5.º Il pagamenti da farsi saranno fatti nella seguente maniera: Il primo, di scudi duemila cinquecento alla soscrizione del contratto. Il secondo di altri scudi duemila cinquecento alla metà del lavoro. Il terzo di scudi millecinquecento alla fine del lavoro. Il quarto un anno dopo, di scudi mille. Il quinto di altri scudi mille dopo l'altro anno. Il sesto ed ultimo di scudi mille dopo l'altro anno; cosiche la sudetta somma dei scudi novemila e cinquecento sarà liquidata nelle sei rate descritte, e Sua Excellenza la farà somministrare da persona incaricata e di sua fiducia (1).

6.º Il Sig. Carimini si obbliga ad assumere a se l'esecuzione della descritta opera da lui ideata, ed a non risparmiare cosa per poter rendere un opera perfetta, tanto nell'esecuzione, quanto nellal varietà dei marmi.

A richiesta del Sig. Carimini, finito che avrà il lavoro, e prima di essere del tutto soddisfatto farà esaminare l'opera da tre architetti professori dell'-Academia de S. Luca, onde riconoscere se esso ha eseguito il lavoro a norma del modello, e quindi riportarne una approvazione in scritto, cosi pure farà esaminare il lavoro, se il prezzo di esso é onesto e

(1) Foi S. Excia. o digno e prestimoso Snr. Figueiredo, hoje Barão de Alhandra, Ministro do Brasil junto à Santa Sé, que teve a bondade de encarregar-se dos últimos pagamentos e de tudo o que diz respeito à expedição do altar, favor assinalado pelo qual lhe é S. Excia. Revma. profundamente agradecido.

Não tendo podido o artista concluir a obra dentro do prazo convencionado, pois ainda nela trabalhava em 1869, os pagamentos foram retardados na mesma proporção, de acordo com o mesmo Carimini.

(O papel está devidamente selado com o selo dos Estados Pontifícios).

in corrispondenza di altro lavoro, che nella medesima maniera si é eseguito in S. Maria Maggiore per cura e spese di S. S. Papa Pio IX, e questi prezzi saranno determinati da due artisti abili ed onesti.

7.º Sarà in facoltà del Carimini fare tutte quelle variazioni che possano rendere l'opera perfetta, peró sempre accrescendo il lavoro senza diminuirlo, rimanendo fissa la somma convenuta (1).

8.º Per l'osservanza di quanto sopra le parti si obligano nella piú ampla e valida forma delle vigenti leggi.

Fatto in doppio. Roma li 15 Luglio 1867. *Assignados:*

† *Antônio* Vescovo del Pará.
Luca Carimini.

II

Recibo geral passado por Lucas Carimini, escultor e arquiteto romano, a S. Excia. Revma. o Snr. Bispo do Pará no Brasil

Condições:

Preço da mão de obra segundo o contrato estipulado em 15 de Julho de 1867 entre S. Excia. Revma. e o supranomeado Arquiteto, *escudos romanos*	9,500
Acréscimos necessários de obras aceitos por S. Excia. Revma.	700
Preço total do Altar	10,200
Valor dos mármores brancos e de côr, alem dos mandados fornecer pelo S. Padre Pio IX	2,379,95
	12,579,95

(1) Fizeram-se alguns aumentos de obra mais consideraveis, por ordem de S. Excia. Revma., como a maior altura dada ao retabolo, etc., e isso motivou um aumento no preço estipulado como depois se verá.

Dinheiros e valores recebidos:

De S. Excia. Revma. o Snr. Bispo em ato de firmar o contrato	2,500
Segundo pagamento em 1868	2,500
Terceiro pagamento em Dezembro de 1869	1,500
Quarto pagamento em 1871 por intermédio do Snr. Barão de Vasconcelos de Liverpool	1,000
Quinto pagamento por S. Excia. o Snr. Ministro do Brasil em Roma em 17 de Junho de 1871	2,000
Sexto e último pagamento pelo mesmo Exmo. Snr. Ministro em 21 de Julho de 1871	2,172
Total dos dinheiros recebidos (escudos romanos	11,672
Mais valor dos mármores fornecidos por ordem de S. Santidade	707,95
Por ordem de S. Emcia. o Cardeal Antonelli	200
Escudos Romanos	12:579,95

Preço das estátuas de mármore que fazem parte do sobredito altar, segundo a convenção feita em Roma com o Snr. Bispo do Pará por intermédio do Exmo. Snr. ministro José Bernardo de Figueiredo a 2 de Setembro de 1871

O S. Pedro, mármore branco	1,200
S. Paulo, idem	1,200
O S. S. Salvador, idem	1,500
Os dois anjos adoradores, idem	800
	4,700

Roma, dia 7 de Março de 1872.
Assinado — *Luca Carimini,* Arquiteto Escultor.

Reconheço verdadeira a assinatura supra do Snr. Lucas Carimini. Legação Imperial do Brasil em Roma, 7 de Março de 1872.

O Ministro do Brasil. Assinado — *José Bernardo de Figueiredo.*

(Está posto o selo da Legação Imperial).

III

Nota do arquiteto Luca Carimini a S. Excia. o Snr. Ministro Figueiredo sobre os acréscimos de obras

S. Excia. Revma. havendo manifestado o desejo de engrandecer o Altar, porque a medida estabelecida de metros 8,50 parecia sair desproporcionada à altura da Igreja, elevou-se a medida a metros 12, compreendida a estátua do SS. Salvador. Pelo que o Carimini só pediu a mesquinha soma de escudos 300 por este engrandecimento, sobre o que conveio o Snr. Bispo, digo, escudos ..	300
Em quanto às armas, a saber, as do S. Padre e as do Snr. Bispo, que tinham de ser executadas em metal, convencionou-se esculpí-las em mármore pelo preço de 100 escudos cada uma; portanto	200
No modelo havia dois candelabros, e em lugar deles pensou-se pôr dois Anjos, por mais beleza, e tendo o Carimini significado a S. Excia. Revma. que era preciso pôr os pedestais de mármore branco e coloridos, com suas bases e cimalhas, pediu por estes pedestais o módico preço de duzentos escudos ambos	200
Soma total dos acréscimos de obras	700

Que unidos aos 9,500 estabelecidos no primeiro contrato	9,500
Formam o total de Escudos Romanos ..	10,200

Os mármores para executar o Altar foram adiantados por mim, porque, se tivesse de esperar que fossem dados todos os que prometeu dar o S. Padre, ainda estaria a obra por fazer (2); por isso apresento esta simples nota do que me deve o Exmo. e Revmo. Snr. Bispo.

Recebemos um conto oitenta e quatro mil quatrocentos e sessenta e três réis.

Pará, 3 de Fevereiro de 1872.

Cullerre Frères.

IV

O EXMO. E REVMO. SNR. DOM ANTÔNIO DE MACEDO COSTA

Deve

A *Cullerre Frères.*

Descarga das 5 caixas com mármore	25$000
Aluguel da alvarenga	20$000
	45$000

Recebemos. Pará, 30 de Setembro de 1872.

Cullerre Frères.

Dom Antônio providencia para o assentamento do altar

Paço Episcopal de Belem, 20 de Julho de 1880.

Exmo. e Revmo. Snr. Mons. Vigário Geral.

Tendo aparecido rebentada uma das peças de már-

(2) Houve demora da parte do arquiteto em receber os mármores, cujo valor devia equivaler aos que adiantara para a obra; no entanto sobreveio a invasão, como já dissemos.

more do novo altar da Catedral (felizmente pouco consideravel), e podendo-se reproduzir o fato em outras de maior valia, à vista da pouca segurança que já oferecem os velhos caixões, e sendo preciso pensar desde já em recolher materiais e dispôr tudo para a obra do assentamento que, espero, será começada não dentro em muito tempo, queira V. Excia. dar as ordens necessárias para que se feche desde já a dita Igreja Catedral, transferindo-se o Revdo. Cabido e a Paróquia, aquele para a Igreja de Santa Ana da Campina, esta para a de S. João Batista, onde funcionarão provisoriamente, até que a dita obra se ache terminada.

Deus guarde a V. Excia.

† *Antônio,* Bispo do Pará.

Exmo. e Revmo. Monsenhor Sebastião Borges de Castilho, Vigário Geral da Diocese do Pará.

Comunicou-se à Presidência da Província e ao Ministério do Império.

CAPÍTULO XLVI

DESCRIÇÕES DO ALTAR E DA CATEDRAL

Explicação ao governo da Província. — Descreve-se o altar. — O contrato com De Angelis. — Descreve-se a Catedral.

O Prelado dá uma explicação sobre o emprego de dinheiros

"Ilmo. e Exmo. Snr.

Tendo sido consignada na Lei do Orçamento provincial de 16 de Agosto último (cap. 10 § 9.º) uma verba de 12:000$000 para colocação do altar de mármore da Catedral, impugnou V. Excia. esta verba, baseando-se em ter já a Província contribuido com 22:000$000 para o altar da Virgem na Catedral, sem que as obras tenham sido começadas.

Estas expressões, exaradas num documento de tal

ordem, fazem pairar sobre mim a grave suspeita de haver recebido da Província uma soma pecuniária, sem tê-la aplicado ao fim para que foi destinada.

A inclusa conta, para a qual tenho a honra de chamar a atenção de V. Excia., provar-lhe-á com evidência que foi inteiramente mal informado a respeito deste negócio.

Esta conta, publicada em 1874 antes de deixar eu esta diocese por ocasião de dolorosas vicissitudes que estão na memória de todos, remetia oficialmente ao honrado presidente da Província, que era então o Exmo. Snr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo, o qual a examinou e a submeteu ao Tesouro; e foi achada regular.

É fato notório, e aquí de ninguem ignorado, acharacabado, o dito altar de mármore, urna, Tabernáculo, acabado o dito altar de mármore, urna, Tabernáculo, retábulo e estátuas, no valor de 55:075$556 réis. Levadas em conta todas as quantias dadas pelo Sumo Pontífice, por S. Majestade o Imperador, pelo governo geral, pela Província e pelos fiéis para esta obra havia ainda um "deficit" contra mim de 10:121$766 réis, "déficit" que o mesmo Exmo. presidente, de acordo com o Tesouro, julgou de inteira equidade mandar preencher, como ele declara no seu Relatório, exprimindo-se a meu respeito de modo o mais honroso, atentas maiormente as circunstâncias de então.

Portanto, Exmo. Snr. os 22:121$766 réis, dados pela Província para a compra do altar de mármore, estão empregados nesta obra, que se armou e foi exposta em Roma em 1870, e está perfeitamente bem feita e acabada.

Quanto à colocação do mesmo altar, que foi o fim para que consignará agora a digna Assembléia a verba de 12:000$000, há perto de nove anos que estou fazendo diligências ao pé do governo geral, e ultimamente do da Província, afim de obter os meios necessários para o dito assentamento, sem que até ao

presente, sinto vergonha de dizê-lo, tenha eu podido obter a menor quantia, apesar de tratar-se de um monumento de primor, e que muito honrará esta Província, direi até ao país.

Não é, pois, exato que a Província tenha contribuido com 22:000$000 para o altar da Virgem na Catedral, sem que as obras tenham sido começadas; pois, segundo as contas inclusas documentadas, revistas no Tesouro, e as declarações oficiais do Exmo. Snr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo em seu relatório, que V. Excia. poderá consultar, aquela soma dada pela Província foi toda destinada a cobrir a despesa com a compra dos mármores que estão na Catedral, e não com o assentamento do altar, que, como declara o mesmo honrado presidente, eu contava poder realizar com mais algumas esmolas.

Esta é a verdade, que espero da lealdade de V. Excia. ver restabelecida, afim de que não padeça porventura o meu crédito qualquer suspeita desairosa.

Deus guarde a V. Excia., Ilmo. Exmo. Snr. José Coelho da Gama e Abreu, presidente desta Província.

† *Antônio,* Bispo do Pará".

* * *

Uma descrição mais minuciosa do altar, encontramo-la no número de 4 de Maio de 1881 da "A Boa Nova".

Ei-la:

O Altar da Catedral

"Não podemos deixar por muito tempo em silêncio esta grande obra que está se executando na Igreja Catedral desta capital; não só para contentar a legítima curiosidade daqueles que se interessam por este monumento, como tambem para render homenagem a uma obra de arte que vai ornar um dos mais belos templos do Brasil. Muitos que não conhecem ou não podem avaliar esta obra talvez se afigurem que o

altar de mármore tão falado da Catedral do Pará é uma simples mesa de mármore apenas com um pequeno retábulo e nada mais; mas é um engano. Este imponente monumento será o primeiro do Império neste gênero; e só em Roma, a cidade das grandezas artísticas, se poderá encontrar outra obra que se lhe possa comparar na riqueza e variedade dos mármores. A sua construção ocupa toda a largura do abside da Catedral, e terá a altura correspondente. "A urna do altar, diz uma notícia publicada em 1874, tem de levantar-se sobre três degraus de mármore branco, com frontal imbutido de vários esmaltes, e um Tabernáculo esculpido a primor com elegantes colunatas.

"Por trás do altar e separado dele, ergue-se o grandioso retábulo, começando por um vasto soco; pedestal e cimalha. Sobre esta base surge a ordem em quatro colunas de alabastro, bases áticas e capitéis corintios, realçando sobre quatro pilastras tambem com suas bases e capitéis do mesmo estilo. Os intervalos entre estas pilastras são vistosamente molduradados de otogonos e sexagonos, correndo em cima uma cimalha com a competente arquitrave, friso e cornija sobre a qual se levanta a arquivolta, toda entalhada de artesões e molduras, e dominada por nova cimalha, em cuja arquitrave ler-se-á uma inscrição análoga à Virgem Santíssima. Enfim, servem de remate e corôa a este retábulo e ao painel da S. S. Virgem cinco estátuas de mármore, uma representando S. Pedro, outra S. Paulo, e no cimo Jesus Cristo, entre dois anjos adoradores."

Estas estátuas — a de Jesus Cristo, a de S. Pedro e de S. Paulo, são de um trabalho esmerado e de tamanho mais que natural.

Quando elas ocuparem o lugar de honra que lhes compete no cimo do edifício, hão de dar um ar de grandeza ao templo, que só aqueles que viram efeitos semelhantes nas basílicas de Roma o podem avaliar.

E, quando se faz uma idéia de que toda esta formosa e imponente construção de perfeições artísticas

há de repousar sobre um ladrilho de mármore de diversas côres com mosaicos lindíssimos, que se estenderá desde o presbitério até à extremidade do côro, e que as duas entradas, a do arco cruzeiro e a do presbitério, serão ainda ornadas de uma magnífica balaustrada tambem de vistosos mármores com suas escadarias da mesma matéria, o espírito fica naturalmente impaciente por ver já rematada uma obra tão bela.

Já vêem os nossos leitores que o altar de mármore da Catedral é um verdadeiro monumento.

Monumento não só pelas suas vastas dimensões, como tambem pela pureza do estilo com que foi construido, e admirado mesmo em Roma por grande número de artistas romanos e estrangeiros. Neste momento em que escrevemos, a obra se acha consideravelmente adiantada; e vai surgindo do pavimento com uma majestade e beleza que encanta a todos os que têm tido a fortuna de contemplá-la de perto. As variadas peças de finíssimos mármores, muitos deles antigos, admiravelmente imbutidos, as pilastras reluzentes com seus formosos capitéis da mais pura ordem corintia, já erguidos sobre a base imponente que deve sustentar todo o corpo do edifício, os elegantes relevos e bordados de mármore branco sobressaindo em peças de mármores de côres diversas e veias mui vistosas, a espaçosa lápide com sua primorosa inscrição, dão já uma idéia do esplendor do monumento. Um dos nossos amigos, vendo a obra, há poucos dias, disse-nos em tom familiar: "Esse nosso Bispo só sabe empreender obras gigantescas, obras verdadeiramente na altura de seu talento!"

Vai, pois, a Catedral do Pará ter a honra de ser o relicário de tão precioso tesouro. Quem não sabe que neste altar estão empenhados os mais sagrados interesses? O primeiro de todos é a honra da religião que professamos, e cujo principal desideratum é possuir em todos os seus templos altares dignos dos estupendos mistérios que sobre eles se celebram. O altar das nossas Igrejas Católicas é o epílogo sublime de

todos os nossos dogmas, porque aí é que se manifesta o adoravel mistério da Transubstanciação.

Aí é que se expõe à adoração dos fiéis a Sagrada Eucaristia; centro luminoso de onde partem como raios todas as nossas crenças e todas as verdades de nosso Batismo.

O segundo interesse empenhado nesta obra gigantesca é a fé em que foram criados os filhos desta Província. Porque, se é verdade que as ricas igrejas do velho Portugal, as majestosas catedrais da Europa, os templos de granito da Bretanha, as venerandas abadias da Inglaterra e as basílicas deslumbrantes de Roma são ecos eloquentes da fé católica que serpeou viva e exuberante no coração destes diversos povos; o altar monumental que se está levantando na Igreja Catedral desta diocese há de ser nas eras vindouras o mais rico testemunho das crenças do povo paraense.

O terceiro interesse é a honra de Maria Santíssima que nesta capital é invocada debaixo do nome de Nossa Senhora de Belem. Maria Mãe de Deus é o objeto das mais caras devoções populares.

Em todos os cantos do mundo se acha um templo, um altar, um monumento levantado pela piedade cristã em sua honra. Na Itália, na França, na Espanha e em toda as capitais e cidades do Ocidente as mais belas Igrejas são consagradas a seu culto. E aquí no Pará, onde ela foi escolhida como a padroeira da diocese, tambem verá erguer-se, em seu templo, um altar que pela beleza de sua construção será um verdadeiro canto de triunfo, entoado no norte do Brasil, em sua honra.

Finalmente, neste altar vai a manifestação mais evidente do zelo religioso que sempre animou o coração do nosso venerando e ilustrado Prelado.

E, se por acaso os seus inimigos não lhe quiserem fazer justiça na posteridade, as pedras deste altar hão de clamar em sua defesa. *Lapides clamabunt.*

Elas hão de clamar para demonstrar com sua ló-

gica esmagadora que o Exmo. Snr. Dom Antônio de Macedo Costa foi um Bispo do Brasil em cuja alma profundamente sacerdotal sempre ardeu o fogo sagrado do zelo da casa de Deus. *Zelus domus tuæ comedit me.* Os nossos mais ardentes votos é que esta obra monumental se acabe com brevidade e venha alegrar os nossos corações católicos com as perfeições com que há de realçar o culto religioso entre nós. E por isso não podemos deixar de animar as distintas comissões encarregadas de fornecer subsídios para os trabalhos deste monumento, que se apressem em ajudar o nosso infatigavel Prelado sobre cujos ombros caiu todo o peso das despesas desta obra. Assim quisesse a Província compreender os generosos esforços e sacrifícios do nosso ilustrado Pastor e extender-lhe a mão numa ocasião tão propícia".

* * *

A pintura da Catedral é realmente artística. Dom Macedo Costa foi feliz na escolha do pintor que veio da Itália enriquecer de magníficas telas e *a frescos* a Catedral belemense.

No arquivo do Arcebispado de Belem existe a pública forma do contrato feito com Domenico De Angelis.

Vamos reproduzí-lo:

Pública Forma

"Contrato celebrado entre o Exmo. Snr. Bispo do Pará, de uma parte, e o Snr. Domenico De Angelis de outra, para as pinturas da Catedral.

Aos quinze dias do mês de Dezembro de mil oitocentos e oitenta e seis, apresentaram-se o Exmo. Snr. Bispo do Pará e o pintor Domenico De Angelis, e mais testemunhas abaixo assinadas, e assinaram o presente contrato com as cláusulas seguintes:

1.ª O pintor Domenico De Angelis obriga-se a pintar a Catedral do Pará, pela quantia de cem mil

francos, pagos em ouro ou em moeda nacional, conforme o câmbio 90 d/v do dia do pagamento sobre París.

2.ª As pinturas serão feitas segundo os planos apresentados e no mesmo estilo e perfeição, quanto ao processo, que já executamos na Capela Mor. Estas pinturas compreendem: 1.º as abóbadas da Capela Mor, da nave principal e das duas Capelas que formam o Cruzeiro; 2.º a cimalha geral do edifício, incluindo o frizo, que levará uma inscrição latina pintada de azul sobre fundo imitando ouro e mozaico; 3.º paredes interiores da Igreja, incluindo a que fica por trás do orgão, a qual conterá duas figuras representando S. Cecília e o rei Daví; 4.º o forró e cimalha do côro e as colunas do mesmo; 5.º os caixilhos e ombreiras de todas as portas e janelas que dão para o corpo da Igreja e para as capelas laterais.

3.ª As pinturas serão feitas a cal, e cal e cola, excetuando as seguintes, que serão feitas a óleo: 1.º Todas as ombreiras, portas e janelas e caixilhos; 2.º as pilastras, colunas e balaustradas do Corpo da Igreja e do côro; 3.º as paredes do corpo da Igreja, a partir da nascença das arcas, e as barras das Capelas laterais.

4.ª Na execução dos planos só poderá ser feita alteração de acordo entre as partes, ficando o preço invariavel.

5.ª O prazo para a conclusão das pinturas será de dez meses a contar de Janeiro próximo. No caso de excesso de prazo será o contratante multado em dois mil francos por mês excedente, excetuando caso de força maior ou por outra qualquer causa independente da vontade do contratante.

6.ª Os pagamentos serão feitos em três prestações da maneira seguinte: a 1.ª de quarenta mil francos, parte da qual já recebida foi, será completada em Janeiro próximo: a 2.ª de trinta mil francos, em Junho do ano próximo: a 3.ª e última quando estiverem todas as pinturas completas.

7.ª O contratante e seus dois auxiliares têm direito às passagens de ida e volta para a Europa, em 1.ª classe. Perderão, porém, o direito às passagens de volta: 1.º se acabada a obra não partirem logo depois; 2.º se por culpa sua não concluirem as pinturas.

8.ª Durante a execução das obras o contratante e seus auxiliares terão morada nos compartimentos da Igreja.

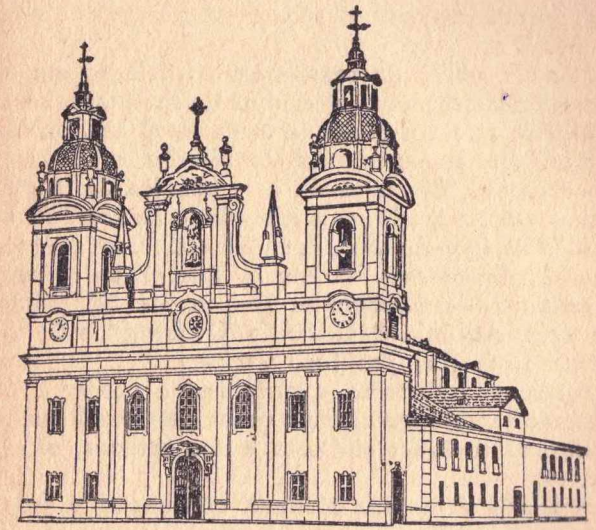
9.ª As obras serão fiscalizadas pelo Engenheiro Diretor de todo o serviço da Catedral, o qual haverá, digo, o qual passará os atestados mediante os quais o contratante receberá as prestações *Adendum*. Na cláusula 6.ª o 2.º pagamento de trinta mil francos fica alterado do seguinte modo: cinco mil francos no 1.º de Abril, e cinco mil francos no 1.º de Maio, e vinte mil francos em Junho. Depois de uma Cruz lia-se — Antônio, Bispo do Pará. Domenico De Angelis. Como testemunhas: Cônego Antônio Ferreira de Paula. Cônego Antônio de Macedo Costa. Estava uma estampilha de duzentos réis inutilizada. Estava em seguida o reconhecimento das assinaturas supra pelo agente Consular da Itália, nesta cidade, Eurico Schivazappa, e um carimbo desta agência. Era o que continha em o contrato que me foi apresentado para ser reproduzido por cópia legal e autêntica, ao qual me reporto, tendo do mesmo bem e fielmente feito extrair a presente pública forma que depois conferí e concertei com o original e, por achá-la em tudo conforme, a subscrevo e assino, entregando-a ao portador juntamente com aquele dito original, do que tudo dou fé, nesta cidade de Belem do Pará, em treze de Julho de mil oitocentos noventa e três. E eu (a.) Teodósio Lacerda Chermont. Tabelião que subscrevo e assino em público e raso.

Em texto TLC. de verd.

(a.) *Teodósio Lacerda Chermont.*
C. — e por mim F.
(a.) *Gama*".

Descrição da Catedral

No seu conjunto a Catedral é realmente majestosa. Dificilmente se poderá descrevê-la porque a grandiosidade que lhe é própria, a unção da ambiência que empolga a quem penetra naquele sagrado recinto, são coisas que fogem à pena do escritor. Vamos reproduzir aquí umas impressões externadas, em 1937, por Monsenhor Filipe Condurú, Vigário Geral do Maranhão, após a visita à Catedral:



Prospeto da Catedral de N. Senhora da Graça, em Belem. Foi iniciada em 1748, e concluida em 1771. o prédio de Santo Alexandre.

"Sua majestosa fachada de granito, em estilo romano, da restauração, ladeada por duas torres de gracioso acabamento, elevando suas flechas a 33 metros de altura, tal negror já recebeu do tempo, em mais de um século e três quartos de existência, que mal nos faz supôr os tesouros de mármore e pintura alí encerrados.

No alto, em frontão circular trilobado e dentro do nicho, a alva imagem de Santa Maria de Belem, com um menino nos braços, a qual a piedade pública todas as noites fartamente ilumina.

No côro, grande e magnífico orgão alemão, adquirido pela munificência do mesmo Pontífice (Pio IX).

Logo após a porta principal e no forro do côro a óleo, lê-se a inscrição: *instaurata* A. D. MDCCCLXXXVIII *jussú Episcopi* D. Antonio de Macedo Costa". (Restaurada no ano do Senhor de 1888, por ordem do Bispo D. Antônio de Macedo Costa).

Mas, as obras de restauração, iniciadas em 1884, com a ereção do novo altar-mor de mármore, só ficaram completas em Maio de 1892. — O seu promotor e infatigavel executor fôra transferido, em 1890, para Arcebispo Primáz da Baía e se passara desta para a melhor em 1891, não mais assistindo da terra às solenidades da inauguração, às quais estiveram presentes, alem do Diocesano — Exmo. Snr. Dom Jerônimo Tomé da Silva, tambem os Bispos: do Maranhão — Snr. Dom Antônio Cândido de Alvarenga, e do Ceará — Snr. Dom Joaquim José Vieira.

Apreciemos, porém, quanto nos é possivel, o interior do templo, reformado pelos desvelos e carinhos do Snr. Dom Macedo Costa e dos artistas, seus auxiliares.

A Igreja é de uma só nave, não obstante suas espaçosas dependências.

Seus dez altares laterais, de fino e variado mármore de côres claras, enfrentam-se dois a dois de idêntica configuração, obedecendo todos ao estilo romano da restauração, que é o de todo o edifício. As imagens destes altares não são estátuas de mármore, gesso ou madeira; porém, magníficas telas, finas pinturas a óleo e ao natural.

Seu autor, genuino artista de escol — o italiano De Angelis — veio de sua pátria a convite do Snr. Dom Macedo Costa, exclusivamente para fazer a decoração da Sé do Pará. — Mostrou-se verdadeiramente magistral nesses quadros perfeitos, dando a cada personagem sua expressão inconfundivel. S. Sebastião, jovem, asseteado, a fitar o Céu em suprema angústia; Santa Luzia, nobre e bela, trazendo na salva os olhos que uma tradição, afirma Pascasio, fizera arrancar; S. Domingos de Gusmão, a cujos pés se vê o cão simbólico com o facho ardente à boca; Santo Antônio, admiravel de vida e de ternura para com o Menino Jesus que o acaricia entre seus braços; S. Miguel Arcanjo, em sua cota de malhas, de asas de ouro, a brandir a rija lança contra o dragão infernal. Essas as telas do lado da Epístola. E do lado do Evangelho, na mesma ordem: Santa Maria Madalena, com sua abundante e loura côma desgrenhada, ainda a mesma do banquete da casa de Simão, o Leproso, porém já a fitar o céu em êxtase junto à gruta dos arredores de Massilia; S. Jerônimo, de longas e venerandas barbas — antítese da profunda calva, junto ao seu clássico leão, de joelhos, aprofunda-se na meditação das Sagradas Escrituras; S. Bernardo, o doutor melífluo, cuja piedade e cuja perfeição artística pedem meças a Santo Antônio, alí mesmo fronteiriço; Santa Ana, em sua cátedra de mestra, ensinando de um pergaminho à Virgenzita; enfim, a Sagrada Família, de viagem para o Templo de Jerusalem. — Só essas pinturas já nos dizem bastante da valia do pincel que as criou. Nem mais era mister! Mas, vamos encontrá-lo ainda em trabalho de maior envergadura. — Os púlpitos, bem junto ao transepto, assim como os 24 stalos do Cabido, mormente o trono do Pontífice, são de madeira escura de mais de uma côr, polida ao natural, sobre delicada obra de talha.

— As capelas do transepto, conservando ambas as mesmas dimensões, guardam tambem perfeita simetria na sua decoração a côres e nos vistosos mármores dos altares e dos retábulos, sóbrios estes, mas de perfeitas linhas da arquitetura romana — cristã restaurada. — A do lado da Epístola é a capela de Nossa

Senhora da Graça, cuja imagem, cheia de majestade, nos fita do seu altar. Do lado oposto, a do S. S. Sacramento, com seu custoso sacrário e, no retábulo, o Coração Dulcíssimo de Jesus, — Deus-Homem, a revelar seus pedidos e promessas ao Gênero Humano por intermédio da Vidente de Paray — Santa Margarida Maria.

— No forro da vasta capela-mor, como se verificara no da grande nave, as telas de um e de outro rivalizam em perfeição com o bom gosto e o acabamento dos diversos motivos da decoração geral e das lumieiras laterais. — Alí, a "Igreja" que substitue a "Sinagoga" e o Divino Mestre acolhendo entre os seus braços duas crianças pendentes dos seus lábios e representantes da raça branca e da raça negra. — Aquí, a Rainha do Céu, do fastígio da glória, abençoa Belem, sua Catedral e seus Pontífices.

— Em toda a extensão do templo, entre a moldura da abóbada de canhão e os capitéis das pilastras adossadas corre larga faixa em que, sobre fundo claro, lêem-se significativos textos aplicados à S. S. Virgem: — *Tota pulchra es, Maria, et macula originalis non est in te!, Tu gloria Jerusalem, tu lætitia Israel!. Tu honorificentia populi nostri! ó Maria! Virgo Prudentissima! Mater Clementissima! Ora pro nobis, intercede pro nobis ad Dominum Jesum Christum! — Magnificat anima mea Dominum! Et exultavit spiritus meus in Deo salutari meo. Quia respexit humilitatem ancillæ suæ, ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes!"*

Ainda, das dez pilastras da capela-mor, como de outras tantas da própria nave, se destacam dez vistosos candelabros de bronze, cada qual com dez poderosos focos elétricos.

Mas, onde a riqueza e a perfeita harmonia da arte assumem maior suntuosidade é, sem dúvida, nos mármores e telas do altar-mor. — Para se talharem e esculpirem as peças todas desse altar e do seu magnífico retábulo, foram os canteiros cortar às pedreiras

de Carrara a sua mais preciosa matéria prima. Frontal, banquetas, colunas, baldaquino, imagens, frontão — tudo alí causa aos olhos um verdadeiro encantamento; tal a acertada variedade e a beleza das côres, tais a simetria das proporções, o brilho e a correção de cada uma das peças do conjunto maravilhoso. De um e outro lados do sacrário delicados anjos, em bronze e sobre altos suportes, seguram grandes archotes. A tela da Titular: Santa Maria de Belem com o Menino nos braços. Dentro do frontão e sob arco, a óleo, Deus Pai na Glória, entre querubins tendo à sinistra o Livro Santo com A e U gravadas nas páginas. Lado a lado, S. Pedro e S. Paulo, majestosos, em custoso mármore branco. Na moldura do tímpano, em faixa reta, a inscrição: "Beatæ Mariæ Virgini" — (À Bd.ª Virgem Maria).

No vértice do tímpano, ladeado por arcanjos genuflexos, tudo do mesmo alvo mármore, o Divino Mestre, ao mesmo tempo místico e sublime, assente em sua inconfundivel cátedra, traz à esquerda o Evangelho da salvação, do qual com a dextra nos convida a ler, das suas sagradas páginas, o verbo redentor: "Ego sum via, veritas et vita". (Eu sou o caminho, a verdade e a vida).

Elevando, enfim, os olhos para o espaço compreendido entre a moldura da arquitrave e o arco da abóbada da construção, deixo-me quedar em demorado êxtase perante a maior e mais completa obra de arte da metrópole amazônica: a grandiosa tela da Adoração dos pastores. — Côres, luz, vida tudo alí se concerta na mais perfeita euritmia. Dentro da gruta de Betlem, que nuvens de ouro e rosa nimbaram de uma divina luz, esvoaçam teorias de alados espíritos celestes. No procênio, logo à entrada da gruta, humildes pegureiros prostram-se em profunda adoração. Outros, de pé, ou descantam nas módulas avenas ou oferecem tenros e imáculos cordeiros. Do lado oposto, S. José a custo se contem em respeitoso enlevo. Quasi ao meio da tela a Virgem Mãe se debruça

sobre as palhinhas do raso estábulo, traduzindo no rosto e na atitude dos seus braços todo um mundo de carinhos e de incontido desejo de apertar seu Filho de encontro ao amantíssimo coração. E, extendendo para Ele os seus róseos bracinhos, o menino Jesus fita-a e sorrí encantador sorriso.

Se já conhecemos o autor de tão acabado escrínio de arte, qual se revela este painel, resta-nos travar relações com o artista, cinzelador dos preciosos mármores, e a que preço realizada tão magnífica criação, tal monumento da alevantada Fé da Capital Guajarina. Para isso contornemos o altar-mor e leiamos na parede do edifício: "Deo Æterno In Honorem Mariæ Virginis Custodis Diocesis Belemensis — Antonius de Macedo Costa Episcopus voto suscepto fieri-jussit — ex marmoribus Pii IX. P. M. munificentia atributis-impensâ sua et fidelium-suffragante liberalitate Imper. Petri II. Aug. et Præfectorum Reipublicæ ac Provinciali Belemensúm administrandæ-opus absolutum est Romæ-anno qui initi Vatic Concilii celebrationem excepit-MDCCCLXX — Eques Lucas Carimini Romanus. Arch. Sculpt."

CAPÍTULO XLVII

ESCRITOR E ORADOR

Suas produções. — A popularidade de alguns dos seus livros. — Do "Monitor Católico". — O orador. — Alguns trabalhos literários.

Dom Antônio escreveu muito, que não lhe falecia engenho, nem matéria variada, abundante e sólida, nem facilidade, nem oportunidade.

Os deveres do cargo, as lutas que feriu levaram-no a produzir muito.

Até o ano de 1880 temos uma lista bem completa dos seus trabalhos literários. Daí para cá, provavelmente alguma das suas obras nos escapou ao catálogo.

Procuremos dar uma idéia — o mais completa possivel — da sua fecundidade literária.

Catálogo das Obras do Exmo. Snr. Bispo do Pará

I

Pio IX Pontífice e Rei. — Exame das principais objeções contra o poder temporal do Papa, pelo Padre Dr. Antônio de M. Costa. (Já nomeado Bispo do Pará).

II

Carta Pastoral. — Do Exmo. e Revmo. Bispo do Pará, por ocasião da sua entrada na Diocese (1.º de Agosto MDCCCLXI). Começa: O Deus Onipotente e Misericordioso — 1861.

III

Instrução Pastoral. — Sobre o Protestantismo. — Premunindo os fiéis contra a propaganda que se tem feito nesta Diocese de Bíblias falsificadas e outros opúsculos heréticos. (Começa: Sendo o primeiro dever, etc. Dada em Belem do Pará, aos 30 de Agosto de 1861).

IV

Carta Pastoral. — Anunciando a primeira visita geral da Diocese. — (Começa: — Eis chegado o fim, etc.). Dada em Belem do Pará aos 26 de Junho de 1862.

V

Memória. — Apresentada a S. M. o Imperador pelo Exmo. Bispo do Pará acerca do Decreto número 3.073, de 22 de Abril último, que uniformiza os estudos das Cadeiras dos Seminários episcopais subsidiadas pelo Estado. (Cametá, em Visita Pastoral. — 28 de Julho de 1863).

VI

Resposta do Exmo. Bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa, ao Exmo. Snr. Ministro do Império acerca da questão dos Seminários. Paço Episcopal da Cidade de Belem, 10 de Janeiro de 1864.

VII

Instrução Pastoral. — Do Exmo. Snr. Dom A. de Macedo Costa, Bispo do Pará, sobre a encíclica de 8 de Dezembro último, e o Jubileu universal concedido pelo S. S. Padre Pio IX no corrente ano. (Começa: — Entre as mais admiraveis manifestações, etc.). Dado em Belem do Pará, aos 29 de Julho de 1865.

VIII

Ofício. — De S. Excia. Revma. o Snr. Bispo do Pará ao Exmo. Snr. Ministro do Império — indicando várias medidas importantes. (Residência episcopal em Muaná. Visita Pastoral), 21 de Dezembro de 1865.

IX

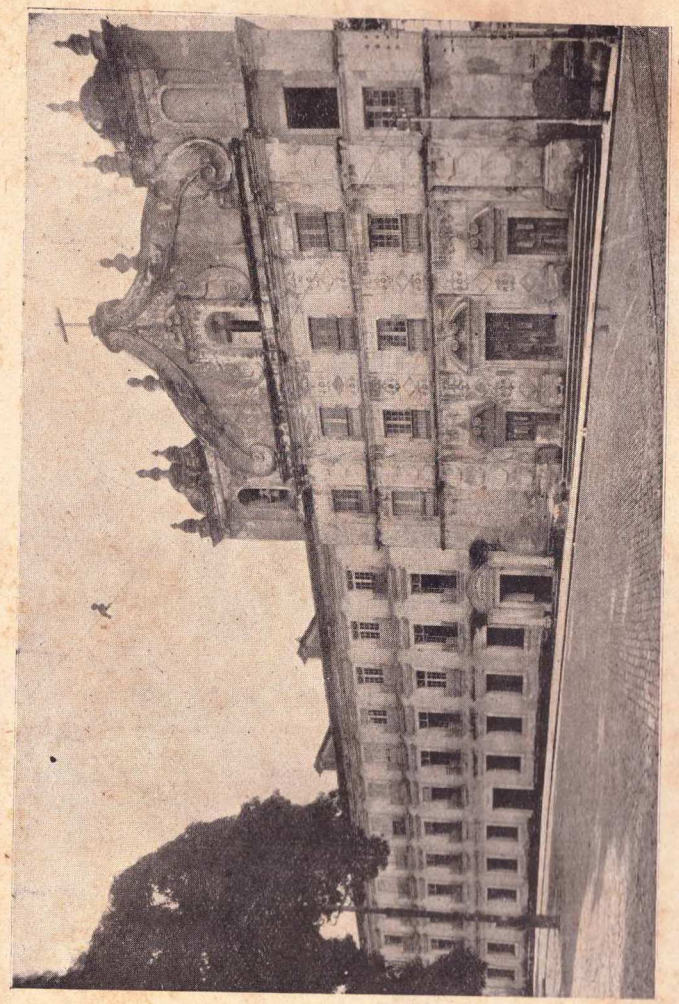
As Ordens Religiosas. — Julgadas por escritores Protestantes, Breve resposta em favor dessas ordens pelo Exmo. Snr. Bispo do Pará. (Paço Episcopal de Belem, aos 30 de Maio de 1864).

X

A residência dos Bispos. — As suspensões extrajudiciais e os recursos à corôa. Questões Canónicas pelo Bispo do Pará. (Em nossa residência Episcopal, aos 20 de Julho de 1866).

XI

O Ritual do Arcebispado da Baía. — Questão de Direito Litúrgico pelo Bispo do Pará. Paço Episcopal, aos 23 de Janeiro de 1867.



Igreja de Santo Alexandre, construida pelos Jesuitas, na metade do século XVII. D. Antônio celebrava habitualmente nessa Igreja, no altar "dos Passos". Ao lado se vê o palácio episcopal, residência dos bispos desde o século XVIII.

XII

Notícia Biográfica. — Do finado Bispo de Pernambuco Dom Francisco Cardoso Aires, extraida de vários documentos, etc. Roma, 20 de Maio de 1870.

XIII

Discurso Recitado. — No meeting reunido no salão da Praça do Comércio da Baía, no dia 10 de Fevereiro de 1871, em favor das Populações francesas vítimas da guerra, por Dom Antônio.

XIV

Discurso. — Pronunciado pelo Exmo. Snr. Dom Antônio, na solene inauguração da Biblioteca Pública do Pará — fundada na mesma Província — no dia 25 de Março de 1871.

XV

Protesto do Episcopado Brasileiro — contra a usurpação de Roma, Capital do Catolicismo, e dos restantes Estados da Igreja pelo governo italiano. Paço Episcopal, aos 12 de Julho de 1871.

XVI

Carta Pastoral — do Bispo do Pará. — Publicando as Constituições dogmáticas do Sacrossanto Concílio Geral do Vaticano — dada em Belem aos 16 de Junho — 25.º aniversário de S. Santidade — o glorioso S. Papa Pio IX, ano de 1871. Seguem-se as constituições dogmáticas.

XVII

Carta Pastoral do Exmo. Bispo do Pará. — Premunindo seus diocesanos contra os erros de um papel espalhado ultimamente na diocese sob o título de — Protesto do Partido Liberal. — Dado nesta cidade de Belem do Pará, aos 19 de Março de 1862.

XVIII

Instrução Pastoral sobre a Maçonaria considerada sob o aspeto — Moral, Religioso e Social — pelo Exmo. Snr. Bispo do Pará. Dada em Belem, aos 25 de Março de 1873.

XIX

Carta Pastoral — mostrando a missão Religiosa e Social do clero, e invocando a Caridade Pública em favor da obra da educação. — Dada em Belem do Pará, aos 10 de Março de 1865.

XX

Carta Pastoral — do Exmo. Bispo do Pará — Dom A. de Macedo Costa — explicando a seus diocesanos. — A razão do atual conflito. — Dada em nossa prisão da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, aos 22 de Outubro do ano de 1874.

XXI

Direito contra o Direito, ou o Estado sobre tudo — refutação à teoria dos Políticos na "Questão Religiosa". Seguida da resposta ao Supremo Tribunal. — Paço Episcopal de Belem, 24 de Janeiro de 1874.

XXII

Resposta do Bispo do Pará ao Exmo. Snr. Ministro do Império sobre os provimentos das paróquias. Belem do Pará, 1876.

XXIII

Resposta do Bispo do Pará a seus acusadores na Câmara dos Deputados. Pará, 1.º de Maio de 1879.

XXIV

Pastoral de S. Excia. o Snr. Bispo sobre os horriveis sacrilégios que se deram ultimamente nesta capital por ocasião de ser levado em procissão o Santíssimo Viático a um enfermo. — 7 de Julho de 1880.

XXV

Uma patranha da seita ou refutação da intitulada carta autêntica dos ir:. essenios sobre a vida de Jesus Cristo.

XXVI

Ofícios do Exmo. Snr. Bispo ao presidente da Província o Snr. Gama e Abreu, acerca da questão de Nazaré. — 1.º offi. 15 de Outubro — 2.º offi. 27 — 3.º offi. — 30 do mesmo 1880.

XXVIII

Súplica do Bispo do Pará a S. Santidade o Papa Pio IX, de venerando memória, pedindo declarasse S. Tomás de Aquino patrono das universidades e escolas católicas. Roma, 20 de Maio de 1877.

XXIX

Alocução do Exmo. Snr. Bispo do Pará acerca da Festa de Nazaré recitada na reunião do clero de 22 de Outubro de 1880.

XXX

Resumos da História Bíblica ou narrativas do Velho e Novo Testamento, ilustradas com cerca de 200 estampas. — Edição em vulgar oferecida às escolas e às famílias brasileiras por Dom Antônio de Macedo Costa, obra aprovada por todos os Snrs. Bispos da Suiça, e muitos de França e da Itália e do Brasil, Eteineber, perto do célebre Santuário de N. S. dos Eremitas, 8 de Setembro de 1870.

XXXI

Catecismo do Pará. — Ornado de gravuras e acrescentado com várias orações e exercícios de piedade,

e com um resumo das Obrigações dos diversos Estados — vésperas do Domingo, etc., etc., mandado publicar pelo Exmo. Snr. D. A. de Macedo Costa e adotado em várias dioceses. Já conta com 6 edições. (Bélgica).

XXXII

Compêndio de Civilidade Cristã. — Oferecido às escolas e às Famílias brasileiras pelo Bispo do Pará, 3 de Maio de 1880.

XXXIII

Documento para a história ou Refutação da Representação feita contra o Exmo. Snr. Bispo ao Ministro do Império, pelos intitulados membros da Diretoria Nazarena, 1879.

* * *

Esta lista não é completa. Vamos citar mais alguns trabalhos da douta pena do Bispo do Pará.

Dom Antônio de Macedo Costa deixou, pois, rica bagagem literária sobre assuntos vários. Há mais, porém. Vilhena Alves, da Academia Paraense de Letras, enumerou as seguintes obras do eminente escritor:

1.ª — Compêndio de civilidade cristã.
2.ª — Catecismo da diocese do Pará.
3.ª — História Bíblica, 1870.
4.ª — Instrução Pastoral sobre o protestantismo — 1861.
5.ª — As ordens religiosas julgadas por escritores protestantes — 1864.
6.ª — Resposta ao ministro do Império sobre a questão dos Seminários — 1864.
7.ª — Ofício ao ministro do Império indicando medidas importantes em favor da diocese — 1865.
8.ª — Instrução Pastoral sobre a encíclica de 8 de Dezembro de 1864-1865.
9.ª — A residência dos bispos, as suspensões extrajudiciais e os recursos à corôa. Questões canónicas — 1866.

10 — O ritual do arcebispado da Baía — Questão de direito litúrgico — 1867.
11 — Notícia biográfica do bispo de Pernambuco, Dom Francisco Cardoso Aires — 1870.
12 — Discurso pronunciado na solene inauguração da biblioteca pública — 1871.
13 — Discurso recitado na inauguração da sociedade Promotora da Instrução.
14 — Carta Pastoral publicando as constituições dogmáticas do Concílio do Vaticano — 1871.
15 — Carta Pastoral sobre a maçonaria — 1873.
16 — Carta Pastoral explicando o conflito religioso de 1874.
17 — Direito contra direito — 1874.
18 — A Amazônia — Meio de desenvolver sua civilização — 1883.
19 — Pastoral coletiva — 1890.

Alem destas obras, escreveu uma outra — *A Família* — que não chegou a publicar.

A lista não está completa ainda. Acrescentemos:

20 — Discurso por ocasião da entrega da Rosa de Ouro a D. Isabel — publicado em 1888.
21 — Resposta ao Ministro do Império sobre o provimento de paróquias — 1876.
22 — Carta Pastoral publicando o jubileu em 1875.
23 — Fascículo sobre o Altar de Mármore da Catedral do Pará — 1874.
24 — Memória dirigida a S. Majestade o Imperador acerca do recurso interposto para o governo civil por parte de algumas irmandades suspensas, etc. — 1873.
25 — Carta Pastoral por ocasião da volta de Roma — 1867.
26 — Sobre a Liberdade dos Cultos — 1888.
27 — Carta Pastoral por ocasião da sua entrada na Diocese — 1861.

Vários outros trabalhos sairam da pena erudita de Dom Macedo Costa. Como orador, era majestoso e

fascinante; polemista, era terrivel aos seus adversários pela força da sua dialética e pelos recursos da sua erudição; como poeta, era mavioso e inspirado. Nas devocionárias encontram-se mimosas poesias suas compostas para músicas sacras. De passagem digamos que o Dom Macedo Costa era grande conhecedor da música e tocava piano com proficiência. Como jornalista, enriquecia de artigos apreciadíssimos várias folhas católicas da época, sobretudo "A Estrela do Norte" e "A Era Nova".

Dos seus livros acima mencionados, um dos mais populares foi o *Compêndio de civilidade cristã.* O Brasil inteiro o conhecia. A expressão "bispo do Pará" ficou sinônima de *boa educação.* Os pais, os professores diziam às crianças quando faltavam às normas da civilidade: "Olha o *bispo do Pará*".

O *Catecismo* de Dom Macedo Costa no Pará era popularíssimo tambem e ainda hoje é procurado.

O trabalho "A Amazônia — meio de desenvolver sua civilização", muito interessante.

Nele o Bispo Apostólico expõe um projeto, que lhe despertava grande entusiasmo, mas não chegou a realizar — a construção do *Christophoro* "será — diz ele — um *Navio-Igreja,* um *Templo flutuante* que levará a seu bordo um grupo de excelentes sacerdotes, a percorrerem continuamente em todos os sentidos a imensa rede fluvial do rio-mar, levando as luzes e os socorros de espírito às populações cristãs e pagãs que hoje vivem e morrem completamente ao desamparo".

Dom Macedo Costa chegou a descrever os pormenores todos do projeto. O *navio-missionário* teria 120 pés de comprido e 30 de largura; teria púlpito, pia batismal, orgão...

Poder-se-ia perguntar: por que tão bela idéia não foi aproveitada? Notemos que a enorme extensão foi sucessivamente retalhada para formar o bispado do Amazonas e bom número de prelazias. O plano demandava grandes despesas... supunha numerosos

sacerdotes para as excursões... Com o correr dos anos, os habitantes se foram localizar no interior dos *igarapés,* cursos d'água que, as mais das vezes, não dão calado senão para embarcações pequenas, simples "montarias".

* * *

São ainda mencionadas as seguintes obras da autoria de Dom Macedo Costa: Pela Pátria e pela Igreja — Explication des saints évangiles (inédita) — Miscelânea (inédita) — Introduction générale à l'étude de l'écripture sainte (inédita) — Liberdade de Cultos — Resposta do Bispo do Pará aos seus acusadores na Câmara dos Deputados — Separação da Igreja e do Estado.

O "Monitor Católico", de São Paulo, publicou o seguinte em 28-1-1880:

O Bispo do Pará

"S. Excia. Revma. o Snr. Dom Antônio de Macedo Costa escreve magnificamente, argumenta qual Tertuliano, levanta o gládio da verdade qual S. Paulo. Seu estilo tem os lampejos que irradiam da pena de Luiz Veuillot, sua palavra possue a eloquência doce, terna, enérgica, de Freppel e de Pie.

Honra e glória ao ínclito paladino da fé.

Suas duas cartas ao Excelentíssimo Visconde de Sinimbú constituem mais duas páginas brilhantes nos anais do catolicismo no Brasil. Desenha sob nova face as feições desta quadra miseranda, e ata ao poste do desprezo público a política bisantina dos cesaristas.

Salve, três vezes salve, atalaia de Israel! Salve, mil vezes salve, grande homem que vingas a Religião e a Pátria"!

O orador — Sobre Dom Antônio orador, um dos mais importantes jornais de Belem publicou, a 1.º de Julho de 1910, magnífico artigo, do qual recortamos os seguintes trechos, que se referem ao cognominado "Crisóstomo brasileiro".

"Possuindo uma ilustração incontestavelmente admiravel, conhecendo como poucos as literaturas grega e latina, dotado de um extraordinário poder de raciocínio e tendo eminentes qualidades de artista, Dom Antônio de Macedo Costa, orando ou escrevendo, era de uma superioridade arrebatadora: dominava, empolgava, vencia, abrindo em torno de sua personalidade círculos de entusiasmo e admiração.

O período nunca lhe saiu dos lábios senão harmonioso e perfeito, puro na forma, severo no raciocínio e admiravel no conceito.

As qualidades austeras do pensador, do filósofo, do espírito entregue à meditação dos grandes problemas do seu tempo, nunca prejudicaram as manifestações sedutoras do artista da palavra, do cinzelador impecavel da frase sonora e inexcedivel de graça ática.

Longo fôra rememorar, nestas linhas ligeiras, traçadas sem preocupação crítica e sem rebuscamentos, as grandes vitórias alcançadas pelo saudoso Bispo do Pará, do alto do púlpito, quando agitava o coração dos que o escutavam, discorrendo, com elevação, saber e sentimento, sobre as coisas da religião, sobre a vida de Jesus, ora arrancando lágrimas, ora enlevando os espíritos, convertendo, redimindo, perdoando, como se uma centelha divina, aos olhos do povo embriagado na música da sua voz, lhe caisse sobre a fronte e a iluminasse de uma inspiração do alto.

De quantos oradores sacros temos ouvido, Dom Antônio foi o que mais funda impressão nos deixou no espírito.

A questão religiosa, de funestas consequências para o preclaro príncipe da igreja, abriu ensanchas à revelação do seu poderoso espírito de combatividade. Seu trabalho *Direito contra direito*, profundo, seriamente meditado, atirado à publicidade quando mais emocionados se achavam os espíritos, serviu para demonstrar a têmpera e o valor do combatente, cuja grande alma se conservou serena e firme até à hora

do mais grave infortúnio. A intransigência, a solidariedade com os ditames do seu fôro íntimo, o apego ao que julgava uma norma do seu dever, a imperturbabilidade diante das mais ásperas refregas do combate, a serenidade do ânimo, a coragem e a franqueza constituiram as mais nobres expressões morais do grande sacerdote, cujo nome, evocado hoje, ainda brilha com todo o esplendor dos predicados e das virtudes que o aureolaram e que não deixaram nunca de exercer sobre os espíritos uma suave e inevitavel autoridade.

Quando mesmo nos fosse possivel esquecer esse homem extraordinário, que foi um orgulho do clero nacional e cuja memória pertence à nóssa saudade, bastava para que revivesse no nosso espírito, nítida e brilhante, a sua figura enérgica e ao mesmo tempo carinhosa, recordar a sua oração, na catedral, nas vésperas da prisão, despedindo-se do seu rebanho, expressando a mágua da separação que não tardava, a dor do afastamento imposto pelo rumo que os acontecimentos haviam tomado.

A eloquência humana poucas vezes tem subido tão alto.

Se é possivel comunicar à palavra todos os acentos do infortúnio sem covardia, fazê-la gemer, possuir vibrações ignoradas, rugir, improvisar a tempestade, ter ais e ter soluços, penetrar os corações e as almas, subir aos céus e depois buscar a terra, erguer-se até à justiça do alto para rolar, após, sobre a justiça dos homens; se é possivel emprestar à voz humana um timbre divino, — Dom Antônio fez tudo isso, realizou esse milagre estupendo, quando do seu rebanho se despedia, provocando lágrimas sem conta, despertando os estímulos de uma dedicação que, se o bispo assim o quisesse, teria chegado aos desatinos da força contra os que, mais tarde, o conduziram.

Foi um momento inesquecivel esse, em que o talento do grande sacerdote subiu até à luz da genialidade.

Evocada assim, na sua imortal grandeza, a personalidade do eminente bispo, assume ao nosso espírito um carater eminentemente simpático a iniciativa dos que procuram angariar recursos para a publicação dos trabalhos de Dom Antônio.

Os sermões, as pastorais, as poesias, os vários escritos do sacerdote eminentíssimo, reunidos em volumes, virão acentuar na admiração dos contemporâneos essa poderosa organização de intelectual, o orador, o filósofo e o poeta, as forças desse espírito de élite, que sempre esteve ao serviço de Deus e que, passando sobre a terra, deixou sobre ela um traço luminoso."

Daríamos ao nosso trabalho amplitude excessiva — o que sai do plano que tínhamos ao iniciarmos esta biografia — se fôssemos transcrever as páginas mais belas, respigadas das suas publicações.

Nem nos seria facil escolher, entre tantas jóias primorosas, as de maior valia.

A título de curiosidade vamos transcrever um discurso sem verbo, da lavra de Dom Antônio. Em si é belo e muito engenhoso na sua contextura.

Um discurso sem verbos

"Primeira regra de estilo, uma das principais e porventura a mais esquecida de todas: naturalidade por oposição a afetações ridículas.

Quanto autor no galarim da fama réu deste delito, e quantos oradores, aliás dignos de encômios pelos dotes singulares de seu engenho e imaginação, responsaveis perante a crítica sisuda, pela falta de uma nobre simplicidade no estilo e boleio de suas frases!

Muita atenção, orador noviço, para este ponto capital.

Nada de ornatos supérfluos, apegados como parasitas a cada palavra: miseravel ouropel por cima de pensamentos muitas vezes ôcos e sem solidez alguma,

só para engano da vista de espíritos superficiais ou de mau gosto. Um brilho fosforescente e um deslumbramento passageiro, como o de um fogo de artifício, tal o único mérito desses campanudos oráculos do púlpito cristão.

Idéias, porém, sólidas e bem desusadas, ordem rigorosa de raciocínio, doutrinas exatas loculentamente expostas, isso nunca! Não assim Bossuet, os Bourdaloue, os Massillon e todos os outros grandes modelos da eloquência do púlpito do grande século de Luiz XIV.

Que nobre simplicidade! que naturalidade sublime! que opulenta sobriedade! qual rio caudaloso por entre margens, ora severas e escarpadas, ora floridas e risonhas, mas sempre formosas de naturalidade, assim o pensamento desses famosos gênios, por entre a frase ora simples, ora mais ornada, sempre, porém, em relação com o assunto cheio de graças ingênuas, de louçainhas despretenciosas.

A cada um desses grandes gênios o seu merecimento próprio: a Bossuet, sobretudo, em suas orações fúnebres, uma grandeza e majestade incomparaveis: ao nosso Vieira, apesar dos seus senões, uma subtileza, uma retentiva e uma fecundidade pasmosa; e assim os mais, cada qual com seus primores e as suas qualidades caraterísticas; em todos, porém, a naturalidade e a simplicidade no seu último auge!

A frase sempre límpida, tersa, louçã: o estilo sempre acomodado ao pensamento, modestamente ataviado, sem arrebiques, sem enfeites pretenciosos e ridículos, sem todas essas lentejoulas tão em voga nas épocas de decadência literária.

Mas, sobretudo no orador sagrado, no homem do Evangelho, no ministro de um *Deus* morto na Cruz, nada mais desairoso, em verdade, do que essas afetações de estilo! Ai! onde aquele espírito dos varões apostólicos, onde aquela abnegação aos vãos ornatos da eloquência do mundo?

Ministro do *Altíssimo*, culpados desta espécie de

profanação da palavra santa! desgraçados de vós por este abuso tão extranho dos dons de *Deus* e das graças do nosso divino ministério! Mas, nem mais palavras! Sobre desvios como estes, só lágrimas e muitas lágrimas!"

— Escreveu tambem uma bela página que é indiferentemente latim ou português.

— Transcrevamos uma de suas belas poesias — um soneto das provas da existência de Deus:

Provas físicas

Se, nas vastas campinas lá dos ares,
Gira o cortejo imenso de aureos mundos,
Se na terra e nos mares tão profundos
Ordem descubro e motos regulares:

Provas metafísicas

Se contingentes seres, aos milhares,
Rompem do nada os seios infecundos,
E se não podes dar entes segundos,
Sem um ente primeiro lhes marcares.

Provas morais

Se até por entre a escuridão funesta,
Que cerca do selvagem a alma enferma,
A crença de um alto ser se manifesta...

Conclusão

Logo é verdade o que a nossa alma ensina,
Existe o Deus que a natureza atesta
E que aos mais seres o princípio assina.

* * *

A facilidade e felicidade com que Dom Macedo Costa se expressava, escrevendo ou falando, lhe adivinha dos dotes naturais de que era rico, do talento

invulgar, que o extremava do comum dos homens, da erudição profunda e variada, da fé robusta que o animava. Daí os seus triunfos.

Haja vista o interessante episódio que se deu quando ele demandava Roma para tomar parte no Concílio Vaticano. O vapor em que ia tocou na ilha de São Tomé. O Bispo da cidade, sabendo que Dom Macedo Costa estava a bordo do vapor ancorado no porto, mandou pedir-lhe que prègasse em sua Catedral, que se achava em festa. O auditório era cosmopolita; o orador não se desconcertou por isso. Falou em várias línguas de maneira a ser compreendido pelos ouvintes; estes, tomados de entusiasmo, o carregaram triunfalmente até ao palácio episcopal.

A piedade do grande Bispo Dom Antônio lhe foi inspiradora de mimosas poesias, como vimos. Especialmente o filial afeto que nutria pela Virgem Santíssima fez dele cantor mavioso das graças celestiais da Rainha do Céu.

Para a celebração do "Mês de Maio", que ele introduziu em sua diocese, compôs a letra de belos cânticos, muitos dos quais ainda reboam nas nossas Igrejas, desta e de outras dioceses.

O "Direito contra direito" suscitou na imprensa certo alvoroço.

Sob o anonimato de "anonista", foi publicada uma refutação desse livro magistral com a denominação de "O Brasil e a Curia Romana" ou "Análise e Refutação do "Direito contra direito", de Dom Antônio de Macedo Costa".

Basta ler essa publicação para perceber a falta de lógica da refutação.

VEXILLA REGIS

Escrito na prisão da Ilha das Cobras — por Dom Macedo Costa

I

Ei-lo que aparece, ei-lo que avança majestoso para

a conquista do Universo, o estandarte do Rei eterno, do Cristo Salvador!

Ei-lo que fulge sobre as eminências do mundo e da história o mistério sublime da Cruz! Vexilla Regis prodeunt, fulget Crucis mysterium! Mortal! curva-te em silêncio e adora!

Como cessava outrora o estrugir das batalhas ao feliz anúncio da trégoa de Deus, cessem agora as lutas das paixões mundanas ao brado amoroso que lança à humanidade redimida a Cruz nua do Calvário!

Interompam-se, um instante ao menos, este afan dos negócios, esta dissipação dos prazeres, este tumulto dos interesses, estas vigias da política, estes horrores do crime; e todos juntos, com a compunção no coração e as lágrimas nos olhos, curvemo-nos silenciosos diante da Cruz da Redenção.

II

Vêde-a em pé, em meio das trevas da noite, ainda banhada em sangue, no topo solitário da montanha.

Que espetáculo oferecia o mundo naquela triste noite que seguiu ao deicídio!

Uma cruz de pau coberta de sangue, um cadaver dentro de um sepulcro, eis tudo o que restava de Jesus!

A fé de sua missão divina bruxoleava apenas, como debil luz prestes a extinguir-se, no coração de alguns discípulos tímidos, desalentados, descrentes; e, se não fôra sua Mãe, em cujo coração afogado em mágoas nunca desmaiou a crença viva de sua divindade, pudera dizer-se que a Igreja de Jesus com ele expirara!

Satan, vendo este destroço da obra de Deus, acreditou no triunfo certo da sua, e regosijou-se. "Vencí!" — disse. A humanidade está, enfim, a meus pés. Aquí Jerusalem, alí Atenas, alem Alexandria, mais longe Roma... Por toda parte a opressão da força bruta, a orgia do sensualismo, o império da fábula, o gosto do sangue, a degradação do homem, o desprezo de Deus.

"Que redenção póde sair deste patíbulo?

"Que vida póde irradiar-se daquele sepulcro?"

Assim falou, revoluteando com a rapidez de pensamento em torno do globo, como para percorrer seu domínio, perdeu-se na escuridão do espaço, soltando uma gargalhada convulsa.

Enganara-se o enganador!

Não leu, não soube ler a Cruz; não pôde decifrar aquele hieroglifo divino!

III

Que significava aquela Cruz ensanguentada no cume do Calvário?

Significava que o grande sacrifício da nova aliança estava consumado.

Que a humanidade tinha, enfim, uma vítima de valor infinito, que por ela se imolara, pregando naquela Cruz a cédula de sua condenação?

Vítima santa! Hóstia imaculada! Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo! Significava que aquela vítima divina, que era o Verbo de Deus feito homem, era ao mesmo tempo o sacerdote eterno, segundo a ordem de Melchisedeck.

Que assim como o Pontífice da antiga aliança uma vez no ano entrava no Santo dos Santos, borrifando-o com o sangue dos animais imolados, assim o Cristo, Pontífice dos bens futuros, depois de obtida com seu sangue a eterna redenção, entrava em mais amplo e perfeito tabernáculo, que é a glória de Deus, para lá conservar sua humanidade em perfeita imolação diante da majestade infinita de Deus Pai, servindo-se dela o Verbo Sacerdote como de um orgão harmonioso donde exala eternamente a adoração, o louvor, a ação de graças, a súplica, todas as homenagens e deveres do culto mais puro, da religião mais perfeita, a que se unem todas as puras criaturas no céu e sobre a terra.

Significava que o gênero humano já não podia,

portanto, por si só, e a seu arbítrio, adorar a Deus; mas era obrigado a unir-se ao verbo imolado, a este único Adorador em espírito e verdade, não havendo outro culto, outra Religião no céu e sobre a terra, senão o culto e a Religião mesmo de Jesus Cristo, objeto das eternas complacências.

IV

Que significava ainda aquela Cruz de pau, toda banhada em sangue no cimo do Gólgota?

A altura impenetravel do Sacramento da Cruz! mistério da Sabedoria infinita escondido aos sábios e escondido aos pequeninos!

Significava que, unida a humanidade a este sacrifício do Cristo, que se perpetuaria de modo incruento sobre os altares da Igreja até o fim dos séculos, e participando ela da vítima divina, na comunhão deste sacrifício, vinha aí alimento celeste para desenvolver a vida divina que lhe fôra enxertada no batismo, isto é, o meio de regenerar-se, de purificar-se, de viver da vida pura do Cristo, como o ramo da vide vive da seiva que recebe da cepa, vida sobrenatural, vida de fé, vida verdadeiramente cristã, que está tão acima da vida de instinto, que é a dos animais, tão acima da vida da razão, que é a dos filósofos, quanto o céu está acima da terra.

Aquela Cruz nua do Filho do Altíssimo está lançando ao mundo este pregão assombroso! A verdadeira grandeza está na humildade; a verdadeira vitória na paciência; a verdadeira felicidade no sacrifício; a verdadeira riqueza no desapego de tudo; o verdadeiro lucro em dar aos necessitados; a verdadeira glória no sofrimento; a verdadeira realeza no serviço de Deus; o verdadeiro progresso na renúncia de si mesmo; a verdadeira liberdade na sujeição ao dever; o verdadeiro gozo na imolação das paixões; a verdadeira habilidade na simplicidade do coração; a verdadeira sabedoria na loucura da Cruz!"

O espírito soberbo de satanaz não compreendeu este mistério inefavel da redenção do mundo pela humildade do sacrifício!

Não compreendeu que aquela cruz de madeira resumia um mundo! o mundo cristão, isto é, um mundo de almas castas, simples, humildes, pias, mortificadas, caridosas! — Um mundo novo, estranho, desconhecido das antigas filosofias, um complexo plasmoso de deveres novos, de novas relações com Deus e com os homens, de máximas extraordinárias que atordoam, que desconcertam a razão, que pareciam mesmo rematada loucura ao judeu e ao gentio, mas que são a sabedoria mesma de Deus, revelada aos humildes no mistério da Cruz!

Ai! e quantos entre os mesmos cristãos ignoram esta filosofia sublime!

Quantos não compreeenderam a verdadeira significação do mistério da Redenção do mundo, pensando que esta redenção apenas na liberdade dada pelo cristianismo aos povos, na dignidade da mulher, na emancipação dos escravos, e em outros efeitos puramente extrínsecos e acidentais produzidos na ordem social!

Levanta-te, ó Cruz, na tua sublime realidade sobre os espíritos e os corações de todos os homens!

Levanta-te, lenho sacrossanto, Cruz gloriosa, a cujo poder nada resiste!

Tu, que apareceste objeto de horror e de ignorância, no alto do Gólgota, e após tresentos anos de lutas e embates cruéis, afrontando as tempestades, que levantaram contra ti todas as superstições, todos os preconceitos, todos os despotismos, te ergueste triunfante e radiosa sobre a vasta peanha do Capitólio, marcando o centro da universal civilização;

Tu, que viste a teus pés humilhada a majestade dos Césares e todas as pompas do paganismo;

Tu, que viste mansas, à tua sombra, as hordas bárbaras do setentrião;

Tu, que quebraste a fúria e fizeste recuar espavorida a brutalidade dos filhos do Alcorão;

Tu, que assombraste, Cruz bendita, o berço das nações modernas, e lhes deste todo o esplendor da sua grandeza e da sua glória;

Tu, que viste arquejar impotentes, e expirar sucessivamente diante de ti, todos os cismas, todas as heresias, todas as impiedades, todas as injustiças, todas as usurpações, todas as violências, todas as imoralidades, todos os delírios, todas as revoluções!

Ó! Cruz imortal! levanta-te sobre o mundo presente dominado pelo mais abjeto naturalismo, e encaminha estas sociedades contemporâneas, tão revoltas e desvairadas, à paz tranquila de seus verdadeiros destinos!

E os séculos assombrados, vendo tua força divina, ó Cruz da Redenção! vendo o poder imenso que te sustem imovel acima das revoluções dos povos e das ruinas, dos ímpios, cairão de joelhos exclamando:

"O Cristo Deus reinou do alto da Cruz".

"Regnavit e ligno Deus".

.....

"Por ti são os pecadores recebidos e em ti são justificados. O mundo em ti emparvece e se confunde, a soberba em ti é derribada, é a humildade coroada."

"Tu confirmaste os Apóstolos, consagraste os Mártires; santificaste todos os justos; alegras os Anjos, sustentas e acrescentas a Igreja e povôas o Paraiso.

"Tu no dia de Juizo virás diante de Jesus, para glória de seus amigos. (Tomé de Sousa). Ó Cruz, Ó Cruz Santíssima! Abraço-te, como a esperança única do meu desterro — como meu farol no meio das trevas, como meu maior conforto nas atribulações, como minha segurança nos perigos, como meu alento nos trabalhos, como meu amparo nas precisões, como minha força nos desalentos, como o penhor preciosíssimo de mniha eterna bemaventurança.

Abraço-te e não te largarei mais, Cruz da Redenção! Acompanhar-me-ás sempre durante a vida. E, quando no leito da morte, meus lábios lívidos já não puderem proferir palavra alguma, colem-se eles mudos sobre ti. Cruz bendita do Meu Jesus! e exale em teus braços esta alma que em ti foi remida.

E, sobre a humilde lousa que cobrir meus restos, levanta-te ainda, ó Cruz! como o sinal de minha futura redenção!

(Abril, 1879).

CAPÍTULO XLVIII

OS ATOS MAIS IMPORTANTES DO EPISCOPADO DE DOM ANTÔNIO

Vamos tentar uma resenha dos atos mais importantes do longo episcopado de Dom Antônio.

"A Boa Nova" nos fornecerá a maior parte dos dados:

I

Combateu denodadamente o Protestantismo, já por meio da instrução Pastoral, já pela imprensa diária quando cá apareceu o ministro protestante Holden.

II

Como verdadeiro Pastor das almas, por diversas vezes empreendeu longas viagens para levar o pão da palavra evangélica aos seus diocesanos disseminados pelos vastos e inóspitos sertões do Pará e Amazonas.

III

Empenhou-se *totis viribus* em reformar o seu Clero; neste intuito mandou, para se educarem nos melhores seminários da Europa, mais de 40 jovens, muitos dos quais ocupam brilhante posição, já no Sacerdócio, já em outros ramos da sociedade.

IV

Fez chegar aos ouvidos do Governo a sua eloquente palavra, em benefício da catequese e civilização dos índios, e com mão de mestre indicou os meios precisos para alcançar tão almejavel intento.

V

Defendeu as instituições canônicas sobre a residência dos Bispos, as suas pensões extrajudiciais e os recursos à coroa, quando um Governo mal avisado procura menoscabá-las postergando os direitos da Igreja.

VI

Plantou no coração do Povo Paraense a verdadeira devoção à Virgem Santíssima, instituindo a utilíssima devoção do mês de Maria, na Diocese.

VII

Teve a ventura de assistir, como Bispo, à imponente solenidade do centenário de S. Pedro. Mais tarde, na augusta cerimônia do quinquagésimo aniversário episcopal do Imortal Pio IX, aí se achava, representando brilhantemente a sua cara Diocese.

VIII

Animou e continuadamente, com grande esforço, a instrução da mocidade. Neste intuito reformou o Seminário, dando-lhe um pessoal idôneo. Mais tarde, em sua solicitude paternal, fundou o Asilo para as meninas orfãs e desvalidas, e a ele ajuntou o Colégio de Santo Antônio, que, sob a direção das ilustres filhas de Santa Dorotéa, tem dado copiosos frutos, tanto na ordem moral, como na intelectual.

IX

A convite do Imortal Pio IX alistou-se pressuroso entre os setecentos Bispos que formaram a Augusta Assembléia que se chamou Concílio do Vaticano.

X

Quando Vitor Emanuel, abusando de todos os direitos, apossou-se da cidade Eterna, ei-lo que, com os seus dignos Irmãos do Episcopado brasileiro, faz chegar ao Augusto Trono de S. Majestade Imperador a sua dolorida voz de Bispo Católico Romano, protestando contra tal usurpação.

Muito antes, quando simples sacerdote, publicara em favor do poder temporal do Pontífice Romano a sua importante obra: Pio IX Pontífice e Rei.

XI

Tendo "O Liberal do Pará", "A Tribuna" e "Santo Ofício" derramado no meio deste povo católico doutrinas heterodoxas, o exímio Prelado, como atalaia vigilante dos muros de Israel, apressa-se em premunir aos seus Diocesanos contra tais erros, e por isso condenou a leitura dos referidos orgãos da impiedade.

XII

Daí nasceu que o Diretório do Partido Liberal, julgando-se ofendido pelo Prelado, buscou vingar-se do ato episcopal, lavrando um protesto, no qual o olhar atento, perspicaz e solícito do Pastor encontrou não menos que dez erros e contra eles premuniu seus diocesanos em uma Carta-Pastoral.

XIII

A luta tinha começado. Os ataques à Igreja multiplicavam-se todos os dias. A maçonaria por sua vez se levanta. Para grandes males, grandes remédios.

A voz do Pastor se faz ouvir em uma luminosa Instrução Pastoral, onde à saciedade mostra o que é a seita debaixo do ponto de vista moral, religioso e social. Por infelicidade, algumas irmandades e Confrarias achavam-se sob a influência do maçonismo. O Prelado, em sua bondade de pai, as convida para melhor caminho. Tripudiam. Ele como juiz e zelador da casa de Deus fere-as com a suspensão das suas funções religiosas.

XIV

As irmandades açuladas pelos inimigos da Igreja recorrem ao governo Imperial. Este por sua vez abusa das suas atribuições. Caprichosamente ordena ao Bispo que antes obedeça a Cesar do que a Deus. Dom Antônio não se acobarda. Acostumado aos combates da fé, ei-lo que, servindo-se dos direitos que a lei lhe faculta, dirige a sua Majestade Imperial uma Memória em que com a linguagem evangélica declara não poder em conciência obedecer ao mandado do governo.

XV

Em pleno Senado o Exmo. Snr. Ambrósio Leitão da Cunha o acusa de Bispo rebelde. O Prelado não póde sofrer calado estas injustas acusações e em uma brilhante carta dirigida ao mesmo ilustre Senador vinga a sua dignidade de Bispo e de cidadão brasileiro, sem nada deixar a desejar.

XVI

O governo não descansa. Após a imprudência vem uma clamorosa injustiça, de que jamais se inocentará o gabinete 7 de Março. O Bispo é preso, arrancado dentre os braços de seus amorosos filhos e condenado inocente pelo Supremo Tribunal de Justiça. E a

Ilha das Cobras é o lugar destinado para a sua prisão. Dalí mesmo ele governa, dalí mesmo envia diversas Pastorais repassadas da mais infinda mágoa por ver-se separado dos seus Filhos em Jesus Cristo.

XVII

A Setembro de 1875 S. Majestade o Imperador, ouvindo o conselho de Estado, dignou-se anistiar aos dois ilustres confessores da fé e mais sacerdotes que se achavam empenhados na malfadada "Questão Religiosa". O Prelado Paraense volta aos braços dos seus diocesanos, que o recebem jubilosos, e continua incansavel a trabalhar na vinha do Senhor.

XVIII

A 31 de Janeiro de 1876 o Exmo. Snr. Ministro do Império dirigiu um aviso sobre o provimento das Paróquias. O egrégio Prelado responde fazendo sábias considerações em que mostra não estar na possibilidade de dar cumprimento ao que preceitua.

XIX

Corria o ano de 1877. Por ocasião da festa de N. Senhora de Nazaré, um diário desta capital fez chegar ao domínio do público a notícia de representações indecorosas no arraial. O Prelado sempre vigilante, pronto em curar os interesses do seu rebanho, suspende os atos religiosos, donde se originou a magna questão de Nazaré, que para o seu coração de Bispo e dos verdadeiros católicos foi uma acerba e pungente dor.

XX

Com o domínio do Partido Liberal foram representar a Província nas Câmaras Temporárias três deputados de crenças anti-religiosas e adrede preparados para desprestigiar o Prelado. Aí tambem se achava o corifeu da seita maçônica, o celebérrimo

Saldanha Marinho. Atreveram-se nesse augusto recinto a macular a sagrada pessoa do ínclito Chefe da Igreja Paraense, atirando em suas veneraveiscans os mais negros baldões e as mais atrevidas inverdades. Dom Antônio de Macedo Costa, discípulo da cruz, perdoa aos que o caluniam: mas não póde ficar calado. A sua pena traça uma brilhante resposta a seus acusadores, que ficam vencidos pela sua lógica.

XXI

O Partido Liberal jurara guerra a Dom Antônio. Não é tudo. Levou o seu ódio até pretender fechar a educação a 22 meninos para quem a Província contribuia com uma verba auxiliatória. O bondoso Prelado não tem croação para despedir esses jovensinhos. Abre mão de seus poucos recursos e, secundado pelo clero, dá aos seus gratuitos inimigos um brilhante exemplo do quanto póde a boa vontade inspirada na confiança em Deus.

XXII

Depois da tempestade vem a bonança. A questão Nazarena, os negócios relativos às Ordens Terceiras tiveram um resultado por todos desejado — mais uma auréola para circundar a veneravel fronte do Prelado Paraense. Os esforços, o zelo, os combates e os sacrifícios do incansavel Dom Antônio de Macedo Costa foram recompensados pela paz religiosa.

XXIII

Coloca-se na catedral o primoroso altar de mármore. Estão no domínio público os esforços que tem empregado o ilustre Bispo Paraense nesta obra, que será uma eterna memória do seu laborioso Episcopado.

XXIV

Vai ao Sul do país, percorre muitas paróquias do Estado de Minas, derramando bençãos e recolhendo

esmolas para as obras que empreendia em Belem, particularmente para a fundação do Instituto da Providência, afim de amparar meninos pobres.

XXV

Continua a dedicar-se pela boa formação dos seminaristas. Desvela-se pela manutenção do Instituto da Providência. Trabalha, com todo zelo, na Capital do país, para que a Constituição da República não contraia o carater de impiedade que lhe queriam dar.

CAPÍTULO XLIX

ÚLTIMOS DIAS DE DOM ANTÔNIO

Um trono que rue. — A Constituição da República. — A Pastoral Coletiva. — A Igreja separada do Estado. — Notícias do Rio. — Discurso no Instituto Histórico. — Reclamação. — Arcebispo da Baía. — Vai a Roma. — A morte do Prelado.

Últimos anos de Dom Macedo Costa

Vimos como Dom Macedo Costa, após a tempestade que cessou em 1875, continuou impávido seus trabalhos apostólicos. Alem dos trabalhos ordinários do expediente, das visitas pastorais, preocupou-o a reforma da Catedral, a instituição do "Providência", etc.

O Sumo Pontífice Leão XIII conferiu-lhe o título de *Conde*.

Quando a princesa Isabel — a Redentora dos escravos — foi distinguida pela Santa Sé com a Rosa de Ouro, foi Dom Macedo Costa o escolhido para fazer o discurso da entrega. E fê-lo primoroso.

O governo Imperial, que tinha tratado tão mal os nossos Bispos marchou para o abismo. O trono ruiu

em 89 e o Imperador foi banido. A esse propósito, escreveu Dom Macedo Costa: "Acabamos de assistir a um espetáculo que assombrou o universo; a um desses acontecimentos, pelos quais dá o Altíssimo, quando lhe apraz, lições tremendas aos povos e aos reis; um trono afundado de repente no abismo que princípios dissolventes, medrados à sombra, em poucos anos lhe cavaram! Desapareceu o trono... E o altar? O altar está em pé!...

Não veremos mais ministros, que deviam ocupar-se só dos negócios civís, ordenando ridiculamente aos Bispos o cumprimento dos canones do Concílio de Trento no provimento das paróquias; proibindo-lhes a saida da diocese, sem licença do governo, sob pena de ser declarada a Sé vacante, e proceder o governo à nomeação de um sucessor, sujeitando à aprovação do governo os compêndios de teologia porque se há de estudar nos seminários; revogando disposições dos estatutos de certos cabidos e ordenando-lhes pontual observância do *Sagrado Concílio Tridentino;* declarando que, dado o caso da Sé vacante, a jurisdição episcopal passe toda ao Vigário Capitular; concedendo *por graça imperial* ao cabido metropolitano o direito de nomear um, depois de expirado o prazo do Concílio; isentando os capelães militares da visita dos Prelados e dando-lhes as ordens regulares; licenciando os religiosos para residirem por 6 meses fóra de seus conventos; aprovando as resoluções capitulares dos frades Franciscanos; concedendo o uso de cinta e borla encarnadas aos cônegos do Pará (1852), ficando daquela data em diante mudada a côr de que usavam; declarando que os Párocos não têm direito de exigir as velas da banqueta; fixando a quem compete a nomeação do porteiro da Maça nas Catedrais."

É certo que a separação da Igreja do Estado, em si, é uma aberração; mas acabou, incontestavelmente, com a ridícula e opressora intromissão do poder civil no terreno espiritual.

Entretanto, notemos esta *coincidência* (?): o Imperador partiu para o exílio na mesma fragata que conduzira os bispos presos.

* * *

Dom Macedo Costa ainda prestou um relevante serviço à jovem República brasileira.

Rui Barbosa consagrava grande amizade a Dom Antônio; era seu conterrâneo e consta que fôra seu discípulo na Baía.

Todos percebem quanto podia influir, portanto, o Bispo do Pará na Constituição em que Rui teve tão grande parte. O Bispo tinha ido ao sul em busca de saude. Valeu-se de sua influência para livrar nossa Carta Magna, quanto possivel, do carater pernicioso que ia contraindo. Verdade é que nela se introduziram, apesar de tudo, disposições diametralmente opostas ao espírito do povo católico para o qual se exarava; mas muito peor teria sido sem a intervenção do Prelado.

Dom Antônio ainda redigiu em parte ou totalmente a chamada *Pastoral Coletiva* — documento brilhante de patriotismo e fé. Nessa Pastoral, que tem a data de 19 de Março de 1890, Dom Antônio ainda se assina Bispo do Pará. Pouco depois foi feito Arcebispo da Baía. Os últimos dois anos Dom Antônio os passou quasi sempre no sul do país: achava-se bastante enfermo.

Foi nessa época que ele pôde prestar os serviços à nova fase de vida nacional.

* * *

Surgiu, dessa colaboração no sentido de conseguir-nos uma Constituição menos agnóstica, desagradavel boato.

Correu voz de que o Bispo do Pará aprovara a separação da Igreja e do Estado. Dom Macedo Costa, estando em Paineiras (Rio de Janeiro), escreve ao Cons. Rui Barbosa, então ministro da Fazenda, uma carta (temo-la diante dos olhos) a 22 de Dezembro de 1889, em que procura desfazer o boato. "Não de-

sejo — diz ele — a separação, não dou um passo, não faço um aceno para que se decrete no nosso Brasil o divórcio entre o Estado e a Igreja". Noutro ponto dessa longa carta diz: "É evidente que, suposto o fato de uma revelação divina, o estabelecimento, por Jesus Cristo, de uma Igreja, una, santa, universal, apostólica, para fazer chegar a todas as gerações humanas, em todos os séculos, a Lei nova, por Ele promulgada, essa Lei é essencialmente obrigatória para toda a inteligência que vem a este mundo, e por conseguinte absurdo o princípio da liberdade de cultos, como o entende o filosofismo moderno."

E sugere ao eminente jurista que, no caso de ser decretada a separação, se conserve a situação adquirida, há três séculos, pela Igreja no Brasil; que se acabe de vez com as coações que o regalismo impunha a uma população de católicos. Lembra-lhe a liberdade que os Estados Unidos concediam à Igreja Católica.

Cremos que realmente, como se afirma, muito influiu o grande Bispo no ânimo de Rui Barbosa e portanto na nossa Carta Magna.

E na "Pastoral Coletiva" ele lamenta profundamente o decreto que põe a Igreja Católica no mesmo nivel das seitas, das falsas religiões, concedendo a todos igual liberdade; lembra os imensos serviços da Igreja, recorda sua ação em nossa história, seus filhos ilustres, e exclama: "ver essa Igreja, dizemos, que tem acompanhado toda a evolução da nossa história, que tem tomado sempre parte em todos os nossos grandes acontecimentos nacionais, confundida de repente e posta na mesma linha com algumas seitas heterodoxas que a aluvião recente da imigração tem trazido às nossas plagas!..."

* * *

Algumas notícias da permanência de Dom Antônio, no Rio, encontramos no periódico "Semana Religiosa do Pará". Vamos transcrevê-las:

O nosso Bispo

"Com indizivel comoção d'alma temos verificado frequentes vezes quanto o povo católico paraense ama o seu Bispo.

Aquele que o Espírito Santo escolheu para reger os destinos desta Igreja é objeto constante do mais vivo interesse do povo paraense, que, apesar de prolongada ausência e cruel enfermidade de seu Pastor, ainda dele se lembra com verdadeira saudade.

Este interesse tem-se demonstrado mais de uma vez pelas perguntas incessantes de todos, indistintamente, quando se encontram com algum sacerdote:

— Como está o nosso Bispo?

— Como está o nosso Bispo?

Perguntas que indicam, com outras provas de apreço e amor, que o grande D. Antônio ainda não foi esquecido em sua diocese, apesar do gelo espiritual que reina em quasi todas as almas.

E não mereceria gratidão do seu povo, este Bispo, que gastou os melhores dias de sua vida em visitar os sertões mais ingratos, tanto pelo clima, como pela alimentação, só para se pôr em contato com os seus filhos espirituais?

Não mereceria gratidão deste povo paraense, este Bispo, que suportou a prisão e a ignominia de uma condenação, para manter ilesos os direitos sagrados da sua crença católica?

Quem não se lembra, com saudade, de suas belas conferências, antes de separar-se de seu rebanho? das encantadoras festas religiosas, em que ele tomava parte, realçando-as pela sua palavra e pelo exemplo de suas virtudes?

Quem poderá esquecer quanto ele trabalhou pela instrução dos filhos das duas províncias confiadas a seu munus pastoral?

Não estão hoje figurando nos primeiros planos da sociedade paraense homens distintos, pela maior parte formados, que receberam deste Mestre cari-

nhoso o manjar da educação e o leite da sólida instrução?

Que vida fecunda a do Bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa!

Bem o sentimos, se nós quiséssemos continuar a falar de sua pessoa e de suas obras, esgotar-se-ia o papel e não teríamos espaço para satisfazer presentemente às perguntas dos fiéis que desejam ter notícias minuciosas sobre o estado de nosso Bispo.

Aproveitamos alguns trechos de suas cartas, escritas há bem pouco tempo ao Exmo. Monsenhor Vigário Geral e ao Secretário do Bispado, e os transcrevemos para que todos possam fazer o seu juizo.

Numa carta, datada de 14 de Outubro de 1889, exprimia-se o nosso Pastor do seguinte modo:

"Recebam os nossos amigos a benção de seu Bispo, já restabelecido, animado e desejoso de retomar a sua tarefa. De mudança de diocese não há mais que boatos. Estou completamente tranquilo a este respeito. Com a vista exporei tudo. Eu nada desejo, nada quero, senão fazer a vontade de Deus, morrendo, e trabalhando pelo Pará."

Em outra carta, datada de 25 de Novembro de 1889, começava assim:

"À vista dos últimos e estrondosos acontecimentos, não me é possivel deixar já o Rio de Janeiro. A viagem para a Baía e, consequentemente, a continuação dela até o Pará, estão retardadas. Acresce ainda o calor da estação que, agora, é aí, e na Baía, muito intenso, e os médicos fazem questão de não me expor já a eles."

Enfim, no dia 30 de Dezembro, dizia ainda o nosso Bispo:

"Que triste Natal tenho passado! Fóra da diocese e fóra da família! Mas não posso arredar pé daquí. Estou em serviço importantíssimo da Igreja. Eu sou o único Bispo aquí, junto ao Governo, porque o do Rio está doente em Friburgo."

Em outras cartas mais recentes, o nosso Pastor

ocupa-se das minuciosidades da administração diocesana, e frequentes vezes nos anuncia que proximamente voltará à sua cara diocese, logo que os negócios importantes que o prendem na capital dos Estados o permitam.

Entretanto, as grandes obras que ele tomou a peito marcham rapidamente para a sua conclusão.

Para a Catedral chegaram os altares laterais todos, o resto do ladrilho, um belo paravento esculpido, em vinhático, com vidraças de côres, faltando apenas assentar estas diversas peças nos seus lugares competentes, que será o trabalho de dois a três meses, quando muito.

A gigantesca obra do "Instituto Providencia", que há de ser talvez o primeiro estabelecimento neste gênero dos Estados Unidos do Brasil, ficará definitivamente concluido nestes quatro meses. Chegaram todas as oficinas completas da Inglaterra, com quarenta máquinas aperfeiçoadas, e os engenheiros ingleses já estão assentando estas máquinas conforme o plano geral adotado por S. Excia. Revma.

Com estes pormenores cremos ter satisfeito um pouco ao que de há muito se exigia de nossa redação, e com vagar iremos dando sempre em relação ao nosso Bispo as notícias que forem aparecendo, pedindo ao mesmo tempo escusa aos assinantes, ter demorado em satisfazer até ao presente os seus legítimos desejos."

*
* *

Um dos últimos trabalhos literários de Dom Antônio como Bispo do Pará é o seguinte:

Discurso pronunciado em 11 de Outubro de 1889 no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Senhor! Senhores!

Se não fossem as alternativas cruéis de uma saude enfraquecida, de há muito teria eu vindo pressuroso

trazer ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a expressão do meu reconhecimento pela insigne honra, que me fez, nomeando-me seu sócio-correspondente, honra contra a qual se insurge, não a minha modéstia, mas o sentimento íntimo de minha insuficiência.

Não cuideis, porém, que venho mover litígio convosco por causa desta generosa injustiça. Venho pelo contrário justificá-la. Sem dúvida quisestes honrar em um obscuro representante do clero brasileiro contemporâneo os insignes dotes daqueles varões eruditos e tão beneméritos da Igreja como do Estado, que outrora, e desde a origem deste Instituto, se associaram convosco na obra da ciência, escopo de vossas locubrações. Todo o incremento dos estudos, referentes às nossas cousas pátrias, todo o esforço para tirá-las da criminosa obscuridade em que jaziam, têm partido principalmente daquí, deste foco luminoso, deste grêmio sábio, que se tem tornado por isso benemérito do país e uma das glórias dele no estrangeiro.

É uma verdade que a crítica imparcial não poderá desconhecer. Mas não o é menos a animação que têm dado ao vosso honroso labor muitos distintíssimos membros do clero católico.

Descabido fôra, e até porventura indiscreto, pôr-me eu, agora aquí recem-chegado, a rememorar-vos esses nomes gloriosos de que se ufana o Instituto, e que tendes ouvido muitas vezes preconizar nesse recinto. Mas, em quanto por delicada discreção me calo, a história vai dando testemunho de um cônego Januário da Cunha Barbosa, um dos vossos egrégios fundadores, de um Romualdo Antônio de Seixas, o imortal arcebispo, de um cônego Gonçalves dos Santos, valentíssimo polemista, de um Dom Manuel do Monte, preclaro Bispo do Rio de Janeiro, de um Dom José Afonso, meu veneravel predecessor, de um Fr. Mariano Veloso, de um Francisco de Mont'-Alverne, de ínclitos cardiais como Mezzofanti e

Pacca, e tantos outros varões, insignes por letras e virtudes, que brilham como estrelas refulgentes no firmamento do Instituto.

Que vem o humilde Bispo do Pará aquí fazer depois deles?

Trabalhos que levassem um pouco mais de luz às nossas origens, a esses tempos da nossa formação nacional ainda insuficientemente estudados, esses seriam em verdade muito do meu gosto e ao sabor das tendências do meu espírito; se m'os consentissem, como os lembrados agora pelo nosso egrégio presidente, os cuidados absorventes do ministério apostólico, as forças decadentes de quem vai já bem entrado pelos anos. Em todo caso minha presença aquí servirá para alguma coisa, senhores; servirá para atestar a solicitude que em todos os séculos tem tido a Igreja pela difusão das luzes, pela propagação das ciências; o interesse, o empenho, o esforço constante com que ela acompanha e anima as explorações do espírito humano em todas as províncias do saber.

Vós conheceis, melhor do que eu, que se uma ponte nos liga ao mundo literário e científico da antiguidade, à Igreja Católica a devemos; que foi no interior dos claustros qu ese manteve aceso no seio da geral escuridão o lume sagrado, que devia depois irradiar-se com tanto esplendor no seio das nações modernas.

Foi a Igreja, arroteando campos, abrindo estradas, lançando pontes, multiplicando escolas, erguendo por toda a parte liceus e universidades, com uma profusão que espanta, que preparou e desenvolveu o grande movimento da civilização cristã na Europa e no mundo.

O que está fazendo neste momento o sábio Leão XIII para fomentar e desenvolver o gosto dos estudos históricos, franqeando à comissão de sábios escolhidos por ele, entre várias nações, arquivos preciosos, até aquí quasi inacessiveis, é obra colossal de eficiência imensa sobre o progresso da mentalidade

humana, e que dá testemunho ainda uma vez da fidelidade com que se conserva na Igreja a tradição do amor à ciência, sobretudo às ciências históricas.

Assim explicada a minha presença aquí, é-me facil desinteressar-me pessoalmente da grande e imerecida honra, que me conferistes. Fico ufano, senhores, de representar a hierarquia católica no seio desta sábia corporação; ao mesmo tempo que me humilho e confundo de não poder corresponder, como devera, à vossa confiança e gentileza. Podeis todavia contar com a minha boa vontade e dedicação."

* * *

Havia sido publicado o projeto da Constituição Nacional que iria ser estudado na Constituinte. Encerrava disposições nefastas.

Dom Antônio assinou — já então como Arcebispo da Baía — juntamente com vários dos nossos Bispos, a *"Reclamação"* do Episcopado Brasileiro ao Marechal Deodoro, Chefe do Governo Provisório, na qual se lamentavam profundamente vários artigos da Constituição Nacional, e a *"Reclamação"*, no mesmo sentido, dirigida ao Congresso Constituinte. Têm ambas a data de 6 de Agosto de 1890.

Dom Antônio, Arcebispo da Baía

O Santo Padre quis dar-lhe ainda uma prova de particular apreço e amizade: fê-lo Arcebispo Metropolitano da Baía, cuja séde ficara vaga pela renúncia de Dom Luís. Foi assim que Dom Macedo Costa deixou sua querida diocese de Belem, pela qual trabalhara e sofrera durante seis lustros. Tomou posse do Arcebispado da Baía por meio de procurador. Recebeu o pálio arquiepiscopal das mãos de Dom Lino Deodato, na Catedral de São Paulo. Mas só foi à sua nova séde depois de morto. Achando-se ele à frente do episcopado brasileiro como metropolita, sentiu o peso da responsabilidade, sobretudo no momento em que se tratava de dar diretivas ao Brasil

que *ex abrupto* passara de um regime a outro. Escrevia-se a Carta Magna da República. E que se poderia esperar dos super-homens de então: — Rui Barbosa, Quintino Bocaiuva, Benjamin Constant, Francisco Glicério e outros?... Entretanto, Dom Antônio teve necessidade urgente de ir a Roma. Partiu para lá em Setembro e a 1.º de Novembro de 1890 embarcava no vapor "Manila" já de regresso. Foi tratado por Leão XIII com a maior distinção. O Cardial Rampola e outros cardiais o cercaram de grandes provas de consideração.

É bem possivel que Dom Antônio tenha trazido do Sumo Pontífice normas para agir junto aos constituintes. Não se ficou bem ao par do trabalho por ele realizado, nessa época dificílima, em que o *positivismo* tentava dar os moldes às nossas leis. O certo é que, tendo-se em vista os elementos dos quais sobretudo dependia a orientação da nossa Constituição, ela saiu muito melhor do que se podia esperar. E esse imenso serviço, a Igreja do Brasil o deve sobretudo a Dom Antônio de Macedo Costa.

Morte de Dom Antônio

Em princípios de 1891, ele se achava em Barbacena (Minas), à procura de melhoras para sua saude profundamente abalada, e onde veio a falecer no dia 21 de Março do mesmo ano.

O corpo de Dom Antônio foi embalsamado em Barbacena pelo Dr. Poncy, auxiliado pelos Drs. Alfredo Nascimento e Morais Jardim. Foi para o Mosteiro de S. Bento, do Rio.

O Chefe do Estado Maior da Armada mandou preparar o vapor "Comandante Freitas", para levar o cadaver à Baía. O Chefe do E. M. com vários Almirantes quiseram pessoalmente tomar as alças do caixão. O Bispo do Rio, Dom João Esberard, abençoou os oficiais da marinha, sumamente reconhecido pelas cativantes gentilezas e homenagens dispensa-

das a Dom Antônio. A 28 de Março, no paquete "Orenoque", seguiu o cadaver para a Baía. E lá na Catedral repousam os restos mortais de Dom Antônio de Macedo Costa — um dos maiores, senão o maior homem do Brasil, do século passado.

*

* *

O Bispado do Pará, a 1.º de Maio de 1906, foi elevado a Arcebispado, juntamente com o de Mariana. Do Pará ficaram sufraganeos os bispados de S. Luís do Maranhão, o do Piauí, o do Amazonas e a Prelazia de Santarem.

Hoje, o do Piauí é sufragâneo do de Maranhão, que foi elevado a Arcebispado; e do Pará, alem do Bispado de Manaus e da Prelazia de Santarem, são sufragâneas as Prelazias do Alto Acre e Purús, de Conceição do Araguaia, do Juruá, do Rio Negro, de Lábrea, de Porto Velho, do Guamá, de Marajó, do Rio Branco e do Xingú.

O. A. M. D. G.

INDICE

	Pags.
INTRODUÇAO	8
Capítulo I	9
Capítulo II	13
Capítulo III	18
Capítulo IV	25
Capítulo V	31
Capítulo VI	36
Capítulo VII	41
Capítulo VIII	47
Capítulo IX	64
Capítulo X	78
Capítulo XI	82
Capítulo XII	88
Capítulo XIII	106
Capítulo XIV	111
Capítulo XV	122
Capítulo XVI	133
Capítulo XVII	138
Capítulo XVIII	141
Capítulo XIX	145

INDICE

	Págs.
Capítulo XX	149
Capítulo XXI	219
Capítulo XXII	229
Capítulo XXIII	234
Capítulo XXIV	243
Capítulo XXV	252
Capítulo XXVI	266
Capítulo XXVII	273
Capítulo XXVIII	282
Capítulo XXIX	292
Capítulo XXX	304
Capítulo XXXI	312
Capítulo XXXII	321
Capítulo XXXIII	329
Capítulo XXXIV	342
Capítulo XXXV	354
Capítulo XXXVI	369
Capítulo XXXVII	378
Capítulo XXXVIII	397
Capítulo XXXIX	415
Capítulo XL	430
Capítulo XLI	448
Capítulo XLII	468
Capítulo XLIII	486
Capítulo XLIV	493
Capítulo XLV	512
Capítulo XLVI	528
Capítulo XLVII	542
Capítulo XLVIII	563
Capítulo XLIX	569

Oficinas Graficas d'A NOITE

UM BISPO CONTRA A DEMOCRACIA CRISTÃ

A CARTA PASTORAL SOBRE A AÇÃO CATÓLICA E O PARTIDO POPULAR ITALIANO

Cardeal Tommaso Pio Boggiani

EDITORA RESTAURAÇÃO

Tradução: Gabriel Moreira
Revisão: Mateus Larsan e G. Lozer
Editoração: Cleber Silva

Tommaso Pio Boggiani O.P.

Bosco Marengo, 19 de janeiro de 1863 - Roma, 26 de fevereiro de 1942

Contribua

Nossa Editora prima pela divulgação do conhecimento, ajude a manter nosso trabalho.

Chave PIX

larsan.mateus@gmail.com

Carteira Nano

Só Cristo é Rei!

Sumário

1 Prefácio **6**

2 Introdução **7**

3 As razões desta carta **10**

4 A Ação Católica Militante **11**

5 O " Partido Popular Italiano" **12**
5.1 As razões que deram origem ao novo partido 12

6 Como o novo partido foi recebido pelos católicos. **13**

7 Como a Autoridade Eclesiástica recebeu o novo partido. **15**

8 O Programa do Partido Popular. **16**

9 Gravidade dessas consequências. **18**

10 Notificações **30**
10.1 O Clero e os Partidos Políticos. 30
10.2 Os locais das Associações Católicas e os partidos políticos. 30
10.3 A "Unione Popolare". 31
10.4 Os Papas condenam o modernismo social: 31

1 Prefácio

Há no mundo documentos tão fundamentais e tão ricos que eles não se encontram acessíveis em lugar nenhum. Ninguém os conhece ou deles ouviu falar. Eles não estão disponíveis na internet, e não há referências a seu respeito. Esses costumam ser dos bons. Frequentemente, esses documentos não foram ?esquecidos?, mas sim enterrados, deliberadamente, sumidos!

Eu creio que este é precisamente o caso da carta pastoral do Cardeal Boggiani. Não me lembro de ter lido algo tão sintético e ao mesmo tempo tão devastador. Devastador, sim, porque esse é o efeito produzido por esta carta, e é justamente por isso que tiveram de enterrar tal tesouro durante um século no fundo das bibliotecas das dioceses italianas. Pela primeira vez à disposição do grande público, este documento da Igreja desmonta e quebra toda a falsa narrativa da democracia social liberal imposta pelos inimigos da Cruz e de Cristo. O seu autor é, sem dúvida, um cardeal verdadeiramente católico e intransigente na defesa da fé, interessado na integralidade da doutrina. Um bispo que não tem medo de desagradar o mundo, que não tem medo de denunciar o mal. Um bispo preocupado com a salvação de seu rebanho, ainda que seu clero se voltasse contra ele.

Dom Bogginani desmantela todo este faz de conta de que temos de apoiar o mal menor, de que, se não cedermos e militarmos em prol do menos ruim (que eu costumo chamar de ?diabinho?), então o reino das trevas se apoderará deste mundo (o ?diabão?).

Fica então o questionamento: a quem serve o interesse de castrar e esterilizar os católicos na luta política? A quem interessa amansar nosso povo e adestrar os vassalos de Maria Imaculada? Por qual razão tais clérigos e líderes leigos que alegam estar interessados na Tradição não apenas deixam de fomentar uma ação verdadeiramente católica, mas também roubam-lhe a possibilidade de o fazerem? Lutam por qual rei, se na primeira oportunidade se colocam de joelhos perante um maçom ou um liberal? Por Cristo? Por Cristo Rei?

Não, eles não lutam pelo reinado de Nosso Senhor. Eles não lutam pela Santa Cruz. Estão mais interessados em subir na vida do que em um combate católico sério. Acabar com o joguinho democrático? Para quê, se o gostoso na vida é ter um carguinho, se a vida boa é viver de oposição? Se Cristo vencer e triunfar, então que farão esses mornos? Que farão sem as politicagens baratas do dia a dia, sem uma live, sem um vídeo de denúncia, sem uma carreata?

Nós católicos, nós Restauracionistas, nós que buscamos viver a tradição que nos foi passada desde os Apóstolos não queremos concordatas nem acordos! Nós repudiamos toda essa modernidade anti-cristã e queremos ser livres das amarras desse mundo para trabalharmos VERDADEIRAMENTE pelo reinado de Nosso Senhor, sem falsas aparências. Nós queremos uma causa para sinceramente nos entregarmos e nos dedicarmos. Enfim, nós queremos ser livres para dizer de todo o coração:

Viva Cristo Rei! Só Cristo é Rei!

Mateus Larsan, S.C.R.E.
Líder da Ação Restauracionista

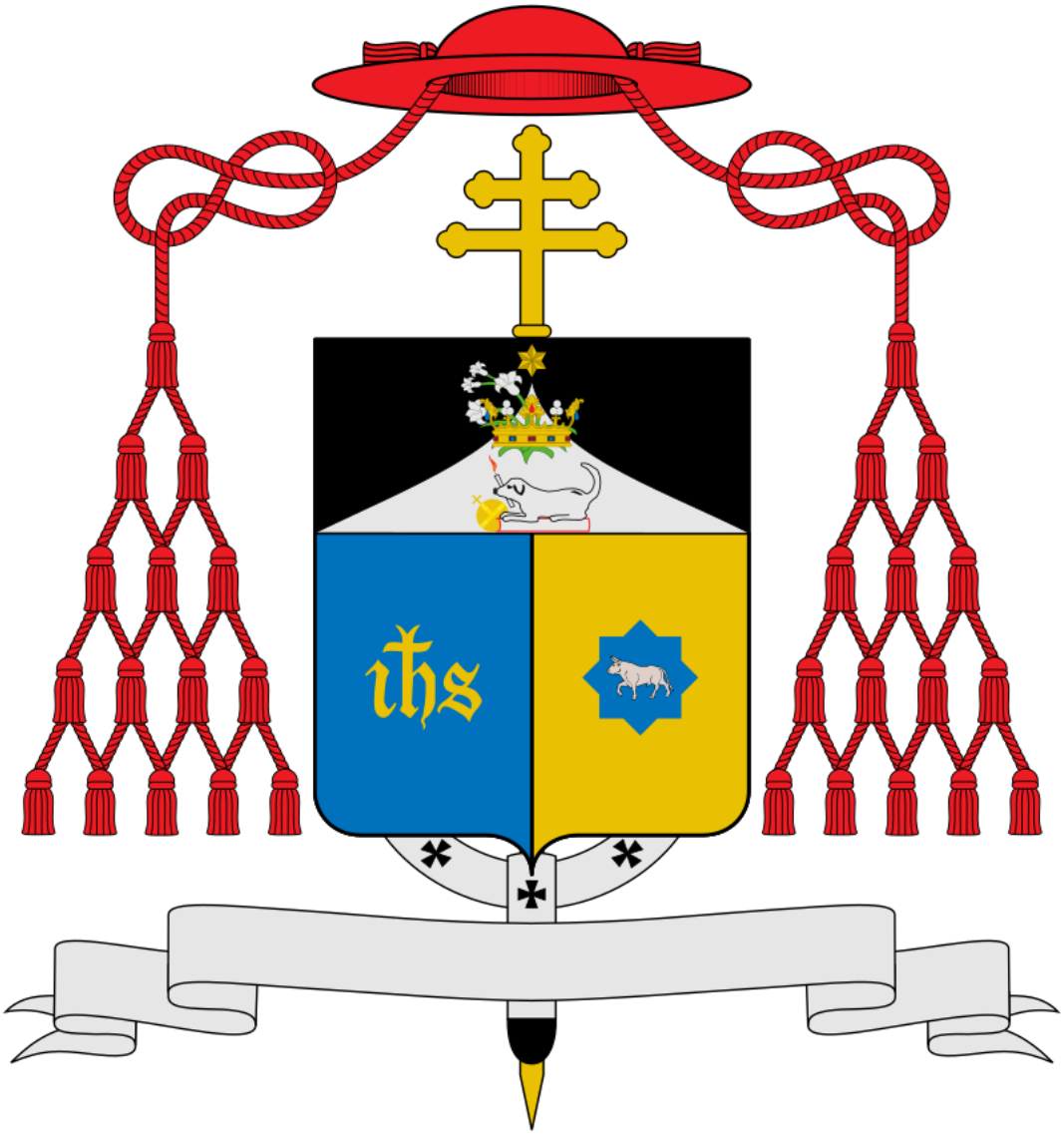
2 Introdução

Cardeal Tommaso Pio Boggiani nasceu em 19 de janeiro de 1863 em Bosco Marengo (Alessandria), cidade natal de São Pio V. Boggiani tinha grande estima pela figura de seu ilustre conterrâneo, cujos passos ele seguiu ao entrar no convento dominicano de Bosco. Os nomes dos santos padroeiros que escolheu ao se consagrar na Ordem dos Frades Dominicanos expressam seu ardente amor pela ortodoxia católica: São Tomás de Aquino, o grande teólogo, e São Pio V, o grande inquisidor e Papa tridentino. Depois de estudar nos conventos dominicanos de Chieri (Turim) e de Gratz, na Estíria, onde desempenhou várias funções, ele ensinou ciências sagradas por 16 anos em Gratz (onde retornou em 1897), em Constantinopla (onde se juntou a um grupo de missionários filhos de São Domingos e permaneceu por cinco anos), em Ragusa (1891, Prior e Regente de Estudos naquela Comunidade), e em Chieri (onde, em 1893, revisitou o convento de seu noviciado). Em 1900, tornou-se pároco da Igreja de Santa Maria de Castello em Gênova e, posteriormente, professor de Direito Público Eclesiástico na Pontifícia Faculdade de Direito e doutor agregado do Pontifício Colégio Teológico de São Tomás de Aquino na mesma cidade litorânea. São Pio X o nomeou Visitador Apostólico em vinte e três dioceses do norte da Itália, incluindo Milão, Bolonha e Verona, com a missão de erradicar os focos de modernismo. A visita inquisitorial às dioceses da Romanha foi particularmente difícil, onde muitos seguidores das novas doutrinas haviam se infiltrado. Nessa situação, a ação de Boggiani foi parcialmente anulada por outro cardeal, Domenico Svampa (1851-1907), arcebispo de Bolonha e anteriormente bispo de Forlì, que demonstrou uma obstinada e insensata indulgência com os padres que haviam abraçado as ideias modernistas.

Em 1908, o Padre Boggiani foi eleito bispo de Adria por São Pio X (onde foi recebido com pedras). Em 10 de janeiro de 1912, foi nomeado Arcebispo de Edessa e Delegado Apostólico no México. Ao retornar a Gênova, tornou-se Administrador Apostólico da Diocese (1914). Bento XV o tornou cardeal em 4 de dezembro de 1916. Em 1919, ele foi promovido a arcebispo de Gênova. Apenas dois anos depois, o Cardeal Boggiani renunciou devido ao forte conflito com a liderança do Partido Popular, que se mostrou não apenas não confessional, mas também anticlerical. O partido de Don Sturzo não perdoou Boggiani por esta carta pastoral de 1920, intitulada 'A Ação Católica e o Partido Popular Italiano', na qual o cardeal denunciou os erros e omissões encontrados no programa do PPI. Além disso, o Cardeal Boggiani proibiu os fiéis de participar ativamente na vida do partido e proibiu as associações católicas de ceder locais para reuniões. Os católicos integrais não deixaram de apoiar o Cardeal Boggiani: Monsenhor Benigni publicou um dossiê sobre a liderança genovesa do partido de Don Sturzo e Don de Töth. No 50º aniversário da profissão religiosa de Frei Tomás Pio, ele escreveu, referindo-se aos tumultuados dois anos em Ligúria, que "poucos bispos deixaram em tão pouco tempo uma quantidade maior de documentos de sabedoria e experiência" (Fé e Razão, de 22 a 29 de setembro de 1929). Em 1927, Pio XI o escolheu como legado papal no Congresso Eucarístico de Bolonha. Em 1929, ele se tornou Cardeal Bispo de Porto e Santa Rufina, e em 1935, foi nomeado Chanceler da Santa Igreja

Romana, cargo que ocupou até sua morte em Roma em 26 de fevereiro de 1942. Seu corpo repousa na igreja paroquial de Bosco Marengo, a cidade onde Boggiani quis construir um monumento em homenagem a São Pio V, inaugurado em 1936.

Sodalitium


ihs

TOMMASO PIO DA ORDEM DOS PREGADORES, TITULAR DA IGREJA DOS SANTOS Ciríaco E Julita DA SANTA IGREJA ROMANA.

CARDEAL SACERDOTE BOGGIANI PELA GRAÇA DE DEUS E DA SÉ APOSTÓLICA ARCEBISPO DE GÊNOVA

Aos Sacerdotes e ao Povo da Arquidiocese, Saudações e Bênçãos no Senhor.

Veneráveis irmãos e queridos filhos em Jesus Cristo!

3 As razões desta carta[1]:

Quando as coisas estão fora de ordem, há desordem; a desordem gera confusão e a confusão gera perturbação. Onde há perturbação, é muito difícil alcançar o bem e, certamente, não se alcança todo o bem desejado e pelo qual se trabalha. Portanto, é de extrema necessidade que, na medida do possível, as coisas sejam colocadas em seu devido lugar, para que haja ordem, e com a ordem, clareza, que elimine equívocos e permita aos voluntariosos realizar sua ação de forma que não falhe em seu propósito.

Agora, é um fato que, desde que surgiu o Partido Popular Italiano, gerou-se uma grande confusão nas ideias e, portanto, nas ações de muitos católicos, que o consideraram um partido católico e, portanto, como parte ou pelo menos como uma explicação da Ação Católica militante, que bons e zelosos católicos, obedecendo ao convite da Autoridade Eclesiástica, empreenderam para cooperar no retorno da Sociedade aos princípios cristãos e a Jesus Cristo.

Embora vozes autorizadas tenham imediatamente esclarecido as coisas e tenham exposto a verdadeira natureza do Partido Popular Italiano, e, recentemente, repetidos avisos tenham tentado esclarecer a verdadeira situação do referido partido em relação à Ação Católica militante, ainda assim, por uma série de razões, encontrando em grande parte o seu apoio na boa fé e na ignorância de um lado, e na vaidade e no interesse do outro, a confusão e o equívoco continuam de maneira muito séria, de forma que a "Azione Cattolica" propriamente dita será gravemente prejudicada, comprometida e envolvida em responsabilidades que, além de expô-la a sérios e perigosos desafios, tirarão grande parte de sua eficácia e a tornarão estéril. Isso sempre acontece quando as paixões e interesses humanos se misturam à obra de Deus; quando falta o verdadeiro espírito de fé e obediência, criam-se transações que sacrificam as ideias de Deus em prol das

[1]Somente após a escrita e impressão desta "Carta" na Revista D., nós vimos o panfleto "Os principais problemas do Partido Popular diante do Congresso de Nápoles (8 a 10 de abril)", assinado pelos advogados Vincenzo Del Giudice e Antonio Renier.

Contribua
Nossa Editora prima pela divulgação do conhecimento, ajude a manter nosso trabalho.
Chave PIX
Carteira Nano
Só Cristo é Rei!

ideias do homem; quando se oscila entre os dois lados, tentando conciliar em nome de Deus o que é precisamente inconciliável em nome de Deus. Este é precisamente o grande equívoco dos nossos dias, um equívoco no qual muitas pessoas boas, inclusive do clero, caem e continuam a cair. Diante de tanta confusão e perigo, temendo que o joio que o inimigo humano espalha sobre o bom trigo o sufoque e torne infrutíferos os esforços da "Azione Cattolica" para seus nobres e santos ideais, e em resposta às repetidas perguntas de conselho e orientação feitas por muitos do nosso clero e leigos católicos, tanto masculinos quanto femininos, movidos apenas pelo gravíssimo dever que nosso ministério pastoral nos impõe, consideramos necessário falar clara e cuidadosamente ao nosso clero e leigos sobre este assunto, para que cada um que está sob nosso cuidado possa entender a verdade das coisas e seguir o caminho que a verdade exige. Sabemos muito bem que tratar desse assunto é algo intrinsecamente delicado, como tudo o que envolve paixões e interesses humanos, como tudo o que requer espírito de obediência e sacrifício, como tudo o que penetra no âmago de nosso ser para nos lembrar e nos impor nosso dever, nem sempre alinhado com nossas próprias ideias. Sabemos tudo isso e, portanto, não ficaríamos surpresos se nossa palavra fosse julgada de maneira diferente, contraditória e não fosse aceita ou seguida, mesmo por aqueles que, como todos os que se orgulham de serem chamados católicos, têm o grave dever de receber os ensinamentos e seguir os conselhos de seu Pastor. No entanto, não podemos nos calar diante de nosso dever que nos obriga a falar e diante da verdade que tem o direito de ser pregada pelo Pastor quando seus fiéis têm o dever de conhecê-la: "Não podemos fazer nada contra a verdade, mas apenas a favor da verdade" (1 Coríntios 13, 8), pois não podemos usar o poder de nosso ofício contra o que é verdadeiro, bom e justo, mas apenas para o estabelecimento da verdade, da virtude e para a salvação das almas. Além disso, também sabemos que, mais ou menos extenso, sempre existe em todos os lugares um solo fértil onde a semente lançada pelo Pai de família é bem recebida e produz bons frutos. Como dizem as Sagradas Escrituras, nunca faltam aqueles que, seja em pequeno ou grande número, são agraciados pela graça de Deus e estão predestinados a ouvir, aceitar e seguir a palavra da salvação.

Este solo fértil é amplamente encontrado em nossa Arquidiocese, e são numerosos aqueles que Deus predestinou a receber uma palavra que ecoa a convicção de uma mente e o desejo de uma vontade, que não desejam outra coisa senão o verdadeiro bem das almas e, neste bem, a glória de Deus.

4 A Ação Católica Militante

O que é a Ação Católica propriamente dita, ou seja, militante, foi claramente explicado em nossa carta do último Natal, publicada na Revista Diocesana, no número de janeiro do ano atual. Com essa carta, afirmamos na época que "os católicos se propõem reunir todas as suas forças vivas, a fim de combater com todos os meios justos e legais a suposta civilização anticristã e reparar de todas as maneiras os graves desequilíbrios que dela derivam;

reintroduzir Jesus Cristo na família, na escola e na sociedade; restabelecer o princípio da autoridade humana como representante da autoridade de Deus; ter em grande consideração os interesses do povo, especialmente da classe trabalhadora e agrícola, não apenas infundindo em todos os corações o princípio religioso, a única verdadeira fonte de consolo nas angústias da vida, mas também tentando secar suas lágrimas, suavizar seus sofrimentos, melhorar suas condições econômicas com medidas bem planejadas e trabalhar para que as leis públicas se baseiem na justiça e se corrijam ou se revoguem aquelas que se opõem à justiça; enfim, defender e apoiar com um espírito verdadeiramente católico os direitos de Deus em todas as coisas, assim como os direitos igualmente sagrados da Igreja e do Papa."

Acrescentamos que esta Ação é desejada e abençoada pela Igreja; que ela constitui um verdadeiro apostolado em honra e glória de Jesus Cristo; que todos os membros dela devem ser católicos exemplares, firmemente obedientes à Santa Sé e devotos da verdadeira piedade; que essa Ação não deve se limitar às obras externas e materiais, que são uma parte secundária, mas deve se manifestar especialmente na esfera religiosa, que é o fundamento e a base de todo o nosso bem-estar. Concluímos afirmando que esta Ação deve ser muito importante para todos aqueles que têm um verdadeiro zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas, que deve ser especialmente promovida pelos sacerdotes, e que todos os que fazem parte dessa Ação devem professar explicitamente, com palavras e ações, seu amor, obediência e veneração ao Papa, o Chefe visível da Igreja e o Vicário de Deus na terra, o único vínculo pelo qual podemos estar unidos à Igreja e a Jesus Cristo.

5 O “ Partido Popular Italiano”[2]

5.1 As razões que deram origem ao novo partido

A ideia há muito sustentada por alguns publicistas católicos [jornalistas que além do jornalismo exercem outras funções/ têm outros empregos], de que a conquista do poder era a intenção da ação social pública dos católicos. Os seguidores das novas orientações, que gradualmente se infiltraram na ação social católica após a abolição da Opera dei Congressi, tentaram, aos poucos, seja devido às condições da época, seja por várias e complexas razões, transformá-la em uma espécie de ação política. Essa motivação de muitas circunstâncias sedutoras, de grande peso no orgulho humano, não estava profundamente enraizada na fé viva em Deus e nos interesses privados, ainda não superados pelo sincero amor a Jesus Cristo; circunstâncias sempre habilmente disfarçadas pela aparência de um maior bem religioso, social, doméstico e civil. O louvável e em si mesmo nobre intento de conter a Sociedade contemporânea do abismo em que inevitavelmente se encaminhava já há algum tempo, e que havia dado origem a sábias disposições da Santa Sé em relação ao acesso dos católicos italianos às urnas políticas, acesso regulamentado, além das condições gerais que devem sempre e universalmente guiar qualquer ação, inclusive política, dos católicos,

[2] A imprensa pública falou sobre o Partido Popular; Nós especialmente nos baseamos no que foi dito pela Civiltà Cattolica, L’Osservatore Romano e pelo Corriere d’Italia.

mesmo em determinadas condições especiais. As condições mutáveis, certamente não para melhor, nem antes, nem durante, nem depois da guerra; os males crescentes e mais generalizados; as condições sociais pioradas, com o perigo de uma subversão geral e uma revolução anárquica. O acaloramento das paixões políticas, tão prejudicial ao justo e equânime julgamento das coisas, e o obscurecimento e confusão das ideias, ocorridos até entre os católicos, devido à infiltração do liberalismo absorvido sem qualquer antídoto nas salas de aula das escolas públicas, na leitura imprudente e prejudicial de jornais de diferentes viés político, e nas publicações amplamente difusas por um patriotismo tão interessado quanto vazio e falacioso. A falta de um forte caráter católico, de desinteresse e lealdade política por parte daqueles que, inicialmente, se beneficiaram da concessão da Autoridade Eclesiástica, mas que não souberam responder com coragem na defesa do ordenamento religioso e moral, especialmente no que diz respeito à missão divina, inclusive social, da Igreja e do Pontificado Romano, aqueles que se mostravam destituídos de espírito generoso e magnânimo tinham o hábito de envolver, depois de terem se aproveitado dela, a Autoridade Eclesiástica. Eles atribuíam a essa Autoridade deslumbramentos e erros, reais ou supostos, daqueles que poderiam ter recebido dela algum mandato especial, a fim de posteriormente pregar a conveniência e a necessidade de libertar sua ação política de qualquer dependência em relação a essa Autoridade. Alguns dos eleitos pelos votos dos católicos se viram em dificuldades devido à sua falta de coragem e à ousadia de seus oponentes. Eles procuraram, de forma insincera e não generosa, atribuir a responsabilidade dessas dificuldades à Autoridade Eclesiástica, a fim de encontrar um pretexto para reivindicar maior liberdade de ação também nesse aspecto. Todos esses motivos deram origem à nova atitude que, diante dos males crescentes e generalizados, proclamando a insuficiência de dispensas particulares restritas a lugares e pessoas específicas, e afirmando, dada a necessidade das condições sociais pioradas, a necessidade e oportunidade de uma derrogação geral da lei que antes proibia a participação dos católicos na vida política, considerada muito perigosa na Itália, finalmente se concretizou, porém não sem ter, diante da autoridade eclesiástica, todas as aparências de um fato consumado, no novo partido Partido Popular Italiano.

6 Como o novo partido foi recebido pelos católicos.

A aparição do novo Partido Popular Italiano, cuja formação vinha sendo anunciada de forma quase misteriosa há algum tempo pelos jornalistas liberais e por seus amigos, com os quais os idealizadores, os redatores e os apoiadores do novo partido gostavam de compartilhar informações, foi naturalmente recebida de diferentes maneiras pelos católicos. Muitos, acostumados a penetrar no cerne das coisas e a não se deixar enganar pelas aparências mais sedutoras, viram no fato uma repetição da parábola do filho pródigo e entenderam suas consequências naturais, sacudindo a cabeça com tristeza. Eles eram a maioria, se não em número, certamente em experiência, competência e sinceridade de amor pela Igreja e pela Pátria. Outros, mais superficiais, impressionados pela novidade da situação e pela audácia

do fato, saudaram com um sorriso de complacência, embora com uma inquietação interior sobre o resultado final da aventura, a nova falange que, com o estandarte dos antigos cruzados, se aventurava por caminhos novos e perigosos em busca de um fim tão desejado e ansiado por todos, que é a restauração cristã da sociedade. Outros adotaram uma abordagem intermediária e, sem receber o novo partido com excessiva benevolência ou desconfiança exagerada, alguns optaram por adiar seu julgamento definitivo sobre o partido, esperando que ele provasse sua verdadeira natureza na prática. Eles se posicionaram, como disseram, "à janela", observando o que esses "irmãos parlamentares redimidos" fariam depois de tanta libertação. Outros, mais preocupados consigo mesmos do que com o bem comum, mostraram zelo apenas em segundo plano e viram imediatamente no Partido Popular uma nova e mais segura plataforma para subir e garantir os benefícios da ascensão. Eles proclamaram isso como a panaceia fácil, segura e universal para todos os males que afligem nossa pobre Pátria, tornando-se ardentes e incansáveis defensores e apóstolos do novo partido.

Outros ainda, mais imprudentes, mas levados pela franqueza devido à euforia dos felizes resultados de seus esforços, vieram imediatamente para justificar aqueles que haviam desaprovado o surgimento do novo partido e o celebraram como uma grande vitória sobre ideias e tradições retrógradas, como uma libertação da submissão da Igreja em assuntos civis, sociais e políticos. Eles o viram como uma libertação interna, não menos justa e benéfica do que a conquistada pelos irmãos italianos, os chamados irredentistas, no campo internacional. Por fim, outros, incluindo o principal idealizador e redator do novo partido, afirmaram que o Partido Popular era uma providência divina destinada a desvincular a Autoridade Eclesiástica (talvez da mesma forma que a Igreja foi aliviada do peso do poder temporal para ser mais livre em seu exercício de poder espiritual?) de toda responsabilidade no campo político. Isso ocorre porque o novo partido, embora afirmando a necessidade de uma restauração da sociedade com base cristã, não coloca a religião como uma característica partidária, ou seja, não adota Deus, Jesus Cristo, a Igreja ou o Papa como sua bandeira. A religião é mantida apenas como "conteúdo principal de diferenciação do partido em relação aos outros partidos que não abordam diretamente o problema religioso". Eles afirmam que, ao reivindicar igualdade de liberdade religiosa para todos os cultos, evitarão qualquer confusão que possa de alguma forma vincular a Santa Sé às ações do partido. Como se fosse possível promover a restauração cristã da sociedade relegando efetivamente Deus, Jesus Cristo, a Igreja e o Papa para segundo plano e concedendo iguais direitos à verdade e ao erro!

Oh, quanta confusão de ideias, quanta imprecisão de linguagem e quanta falta de lógica a paixão política pode levar em católicos de profissão e até mesmo em sacerdotes!

7 Como a Autoridade Eclesiástica recebeu o novo partido.

Quanto à Autoridade Eclesiástica, quando se encontrou diante do surgimento do Partido Popular, considerou a situação com apreensão. Visto que a condição angustiante da Sociedade contemporânea se assemelhava ao ápice de uma crise na enfermidade, que exigia remédios mais decisivos e extremos, ainda que perigosos, e levando em conta que hoje em dia os inconvenientes e perigos de sua intervenção no campo político, ou mesmo de uma aparência de participação, conivência ou consentimento direto ou indireto nesse campo, estão exacerbados, e que, em qualquer caso, mesmo que não fosse ouvida e obedecida, ela teria incorrido, devido à aparência contrária, como já frequentemente acontecera no passado, na censura por faltas que não eram suas e, com ainda mais frequência, em fatos, erros e imprecisões doutrinárias nas quais é fácil que leigos incompetentes incorram. Por outro lado, considerando que sua explícita desaprovação ao novo partido, que havia de fato se afirmado fora dela, não seria aceita ou acarretaria sobre a Santa Sé toda a odiosidade das consequências devidas à tristeza dos tempos, à suscetibilidade dos desautorizados e à má vontade dos inimigos da Igreja; e admitindo como verdadeira e leal a intenção expressa pelos idealizadores e apoiadores do partido de se inspirarem nos princípios do cristianismo e de colocar a consciência cristã como fundamento e guardiã da vida da Nação; e vendo afirmado no programa político-moral do partido o sagrado patrimônio das nações cristãs e persuadindo-se, como uma boa mãe, de que os novos homens estavam animados por boas intenções: a Autoridade Eclesiástica ficou em silêncio e não se opôs àqueles que quiseram assumir as graves responsabilidades da nova postura e entrar, com o novo partido, na arena da vida política na Itália, com a liberdade de enfrentar todos os riscos por sua própria conta e risco. No entanto, ela naturalmente reservou o direito, pois é seu dever inalienável, de intervir de forma autoritária quando a pureza da fé e da moral e os direitos da religião assim o exigirem. Dessa forma, estabelecido o fato, não desautorizado pela legítima Autoridade Eclesiástica, da existência do Partido Popular Italiano, era natural que o Comitê Central da União Eleitoral Católica, ao qual até então havia sido confiada a direção da participação dos católicos italianos nas urnas políticas, e cujo propósito estava, portanto, se encerrando, apresentasse suas demissões, e que a Diretoria da Ação Católica Italiana as aceitasse. Dessa forma, os católicos italianos entravam em uma situação completamente nova, pois, de fato, estava sendo deixada à sua livre iniciativa a ação estritamente política.

Contribua

Nossa Editora prima pela divulgação do conhecimento, ajude a manter nosso trabalho.

Chave PIX

Carteira Nano

Só Cristo é Rei!

Solus Christus Rex Est

8 O Programa do Partido Popular.

O programa do novo partido certamente não pôde superar o critério inteiramente humano e a fraqueza da mentalidade daqueles que o conceberam e o trouxeram à vida.

Ele, enquanto de um lado não representa tudo o que deveria ter sido abertamente desejado pelas justas necessidades dos verdadeiros e sinceros católicos e deixa de lado completamente questões pelas quais os católicos invocam e devem invocar uma solução, por outro lado, inclui pontos e reivindicações de ordem moral, econômica, social e até mesmo estritamente política, aos quais os católicos não são de modo algum obrigados a aderir com base em seus princípios ou na evidência de aplicações lógicas dos mesmos princípios; pelo contrário, devem, tanto por uns quanto por outros, justamente discordar. Basta mencionar o que diz respeito às doutrinas morais e sociais da Igreja; à invocação da liberdade religiosa para todas as religiões, colocando-se assim abertamente ao lado dos liberais, reconhecendo os mesmos direitos à verdade e ao erro: à busca da paternidade[3] e ao voto feminino. Esses dois últimos pontos, certamente discutíveis de acordo com as doutrinas católicas e, portanto, não devem ser impostos às consciências católicas, não serão de modo algum capazes de proteger e preservar a integridade e a paz da família, nem a defesa dela contra todas as formas de divisão, dissolução e corrupção.

Naturalmente, com um programa dessa natureza e um apelo feito não para a clareza e precisão do discurso cristão, mas sim para o linguajar estridente, vazio e inútil dos neologismos contemporâneos; inspirado na filosofia moderna; com alusões inadequadas e, vindo de homens que se professam católicos e sacerdotes, insensatas referências à famosa e zombeteira soberania popular, com vagas alusões à bagagem doutrinária do liberalismo e da democracia vigente, e com a grave confusão de ideias que inevitavelmente decorre de tal linguagem; — bem poderia o secretário político do novo partido, mesmo sendo sacerdote, proclamar aos quatro ventos que o Partido Popular abria suas portas para todos, sem consideração às opiniões que qualquer pessoa pudesse ter, contanto que aceitasse o programa do partido. Esta declaração, de tamanha gravidade, enquanto certamente demonstra, para aqueles que têm olhos para ver e inteligência para compreender, a natureza do Partido Popular, deveria por si só ter o efeito de atrair todos para o novo partido, exceto os católicos verdadeiramente dignos desse nome! A natureza do Partido Popular A partir de tudo isso, e seguindo uma lógica estrita, chegamos às seguintes conclusões que nos mostram claramente a natureza do novo partido.

1. O Partido Popular não é, não se chama, e de forma alguma pode ser chamado de partido católico. Isso mesmo que ele pareça ter sido concebido e construído por pessoas católicas; elaborado com algum elemento do catolicismo, uma vez que seu programa é fundamentado em princípios cristãos genéricos; e direcionado principalmente para inscrever em suas fileiras os católicos, aos quais, em tempos tão difíceis para eles e extremamente difíceis para a Santa Sé, (no caso de uma posição contrária por parte dela)

[3] Não está claro nem no original a que paternidade se refere.

se quis abrir a qualquer custo uma passagem para a liberdade na vida política.

2. O Partito Popolare é um partido por natureza não confessional. E isso foi declarado pelos próprios idealizadores e criadores, que o queriam constituído fora de qualquer interferência da autoridade eclesiástica; que se declararam independente dela; que excluíram positivamente a religião como bandeira própria e abriram suas portas aos seguidores de qualquer fé. Ao fazerem isso, é importante notar que eles se privaram da maior força e eficácia que poderiam ter para alcançar a nobre intenção de trazer de volta o cristianismo à ordem social e se alinharam com aqueles que, embora com pretextos aparentemente válidos, na realidade têm vergonha de Deus e de Jesus Cristo, da Igreja e do Papa. Nem os pretextos aparentemente válidos pelos quais essa tática foi adotada são capazes de tranquilizar a consciência de quem é sinceramente e plenamente católico, nem libertarão o partido dessa fraqueza, que será a força de seus adversários políticos.

3. Com essa tática equivocada e infeliz, o Partito Popular coloca-se, na prática, entre aqueles que na vida pública prescindem de Deus. Portanto, apesar de seu propósito de considerar a consciência cristã como fundamento e salvaguarda da Nação, e de preservar tudo o que é um patrimônio sagrado das nações cristãs, o Partido Popular tomará o cuidado de não mencionar o nome santo de Deus em suas reuniões e nos salões parlamentares. Mesmo quando se tratar de frustrar e combater os projetos iníquos dos adversários, incluindo aqueles que são uma violação flagrante da lei santa do Senhor e de pontos fundamentais de nossa fé e moral, como o projeto de lei do divórcio, eles podem apresentar argumentos humanos, mas não terão a coragem de lembrar e proclamar abertamente o mandamento de Deus, cuja força, quer queiramos ou não, cada ser humano sente em seu íntimo, mesmo sendo liberal, socialista ou maçom.

4. O Partido Popular, formado fora do campo da Ação Católica militante, não é, portanto, de forma alguma o representante nem o porta-voz da nossa própria Ação Católica.

5. Portanto, os deputados eleitos com os votos do Partido Popular não podem se apresentar nas câmaras legislativas como representantes dos católicos, pois não possuem nem o mandato para fazê-lo, nem, com todo respeito, demonstraram ainda possuir a capacidade adequada para obtê-lo legitimamente e cumprir de forma frutífera.

6. Por fim, ao Partido Popular não é apenas negado o reconhecimento, mas é expressamente negado qualquer mandato para trabalhar na preparação e formação das consciências para a obra de restauração cristã da sociedade, uma obra que é própria da elevada e inteiramente materna missão da Igreja.

9 Gravidade dessas consequências.

Humilhantes, mas necessárias consequências do ideal, longe de ser perfeito e generoso, que se manifestou na constituição do Partido Popular! Ao se proclamar um partido político não confessional, com um programa que pode ser apoiado pelos seguidores de qualquer doutrina e de qualquer fé, às quais, portanto, foram abertas as portas do próprio partido; desprovido da força divina e sobrenatural que teria vindo da aceitação e defesa explícita de todas as verdades ensinadas pelo Filho de Deus, as únicas que podem verdadeiramente estabelecer a sociedade sobre as bases da justiça, ordem e paz; o Partido Popular se encontrará naturalmente obrigado por preocupações táticas, ora ao silêncio, ora a concessões, ora a compromissos que o colocarão em pé de igualdade com qualquer outro partido de homens, e terá que seguir os métodos de todos os outros partidos, sofrer as imposições, participar das derrotas. Hoje ele terá que se associar aos liberais, amanhã aos maçons, depois aos socialistas ou a qualquer outra coalizão, conforme a oportunidade possa sugerir; assim mendigando das coalizões humanas o apoio que sua própria fraqueza torna necessário, mas que poderia ter, seguro e invencível, na fortaleza do caráter cristão. E com quais resultados esses apoios serão mendigados? Com aqueles reservados para aqueles que confiam mais no homem do que em Deus, ou seja, acabar por ser o alvo dos partidos adversários, que o farão experimentar as desilusões mais amargas. E este é o destino reservado a todos aqueles que, por motivos políticos, fazem concessões no campo religioso, como demonstra geralmente a história da vida parlamentar de todas as nações e, em particular para nós, a história das sete décadas da vida parlamentar italiana. Qual comportamento, então, devem adotar os católicos em relação ao Partido Popular? Não é difícil responder depois do que foi estabelecido anteriormente. As Associações Católicas e o "Partido" As Associações que fazem parte da Ação Católica militante não podem de forma alguma, sem se destruírem, dar seu nome ao Partido Popular. Este ponto é evidente e não pode apresentar nenhuma dúvida. Neste sentido, são as instruções autoritariamente dadas a respeito. De fato, as Associações mencionadas são essencialmente e abertamente confessionais, atuam no contexto de organizações desejadas e abençoadas pela Santa Sé e são completamente dependentes dela e inteiramente obedientes a ela.

Elas todas ostentam manifestamente os nomes de Deus, de Jesus Cristo, nosso Redentor, da Igreja e do Papa em suas bandeiras; Elas todas fazem uma profissão explícita de trabalhar com o exemplo, com a palavra, com obras e com a oração para o triunfo dos direitos de Deus sobre os indivíduos, sobre a família e sobre a Sociedade, e para a reivindicação e proteção dos direitos da Igreja e do Papa; Elas todas trazem no coração, com o amor das falanges dos antigos Mártires, o santo Evangelho em toda a sua integridade, e o defendem, sem qualquer restrição, sem qualquer transação, sem qualquer compromisso com os adversários, a vinda à

Contribua

Nossa Editora prima pela divulgação do conhecimento, ajude a manter nosso trabalho.

Chave PIX

Carteira Nano

Só Cristo é Rei!

terra, em toda a sua plenitude, do reino de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo. Como poderiam então as Associações Católicas dar o seu nome a um partido político que, se não é uma negação, é no entanto um silêncio estudado e perfeito de tudo o que para elas é vida? Como poderiam elas, ordenadas para operar fora e acima de qualquer partido, ansiosas por estender sua influência salutar a todos os homens, de qualquer partido sejam, conduzi-los a Jesus Cristo, ligar sua ação à de um partido cujo programa anularia o delas e do qual, portanto, deveriam seguir e compartilhar as miseráveis vicissitudes? Como poderiam elas, que devem refletir em si a ação superior, tranquila, pacífica e benéfica de Deus, se misturarem com um partido político que as arrastaria e envolveria em suas próprias responsabilidades puramente humanas, em suas provações e ódios, aos quais, por certa necessidade das coisas, todo partido político é sujeito por parte de seus adversários? Como poderiam as Associações católicas cumprir melhor sua missão, unindo-se (o que no nosso caso significaria se submeter) a um partido essencialmente aconfessional, surgido, na prática, fora da Autoridade eclesiástica, que age no perigosíssimo campo da política, senhor de si mesmo e livre, e, portanto, com o gravíssimo risco de sair do caminho correto, responsável pelas consequências de seus erros, e que, com o propósito de trabalhar para colocar a ordem social sobre bases cristãs, tornou-se ineficaz com um programa inspirado mais pelo temor do mundo do que pelo amor a Deus, a Jesus Cristo, à Igreja e ao Papa. Portanto, é manifesto que as Associações católicas não podem dar seu nome ao Partido Popular Italiano, mas, pelo contrário, devem cuidadosamente evitar qualquer coisa que possa ter sequer a aparência de participação nos trabalhos do partido ou qualquer tipo de conexão ou envolvimento com o próprio partido. E, consequentemente, todos os membros das nossas Associações Católicas, que nelas ocupam uma posição de superioridade, não podem e nunca devem aceitar e ocupar qualquer preeminência ou cargo no Partido

Popular, ainda que a ele tenham dado o seu nome. Os católicos individuais e o "Partido Popular". Mas o que devemos dizer sobre os católicos, considerados individualmente, em relação ao Partido Popular? Se considerarmos apenas a legitimidade de participar na vida política e votar, o novo estado de coisas publicamente criado na Itália com a formação do Partido Popular, com a consequente abolição na União Eleitoral Católica e com a tolerância, de fato, da Santa Sé, certamente os católicos italianos estão hoje livres para entrar na arena da vida política, votar e se afiliar a esse partido que suas consciências podem julgar merecedor de sua adesão e que, entre todos os outros, poderia hoje ser apenas o Partido Popular, que, apesar de todas as suas deficiências, faz pelo menos uma profissão explícita de trabalhar para colocar a ordem social sobre bases cristãs. Mas os católicos devem ser aconselhados a isso? Primeiro, vamos entender o que significa a palavra "aconselhar", e depois expressaremos claramente nosso pensamento a esse respeito. Aconselhar é: investigação sobre as ações e persuasão amigável. Portanto, aconselhar significa: depois de uma busca diligente da razão ter encontrado o que, levando em consideração todas as circunstâncias, é apropriado para a vida virtuosa do homem em relação a um fim específico, sugerir e propor a si mesmo e aos outros (aos outros por dever, se se tem cuidado e responsabilidade por

Contribua

Nossa Editora prima pela divulgação do conhecimento, ajude a manter nosso trabalho.

Chave PIX

larsan.mateus@gmail.com

Carteira Nano

Só Cristo é Rei!

eles, caso contrário, por espírito de caridade) para que seja considerado uma regra de ação naquela ordem de coisas e em relação a aquele fim específico, de modo a deixar claro que a sugestão deve ser aceita, executada e praticada, se quisermos ser racionais e virtuosos. Portanto, eu poderia aconselhar meus diocesanos a dar seu nome ao Partido Popular, ou seja, entrar em um partido onde eles podem se encontrar ao lado de liberais, maçons, protestantes, inimigos e zombadores de sua fé, de seu Deus e de seu Papa, já que o partido abriu suas portas para todos eles? Onde tudo será discutido sem começar com o sinal da cruz e a oração? Onde não será permitido falar claramente sobre os direitos de Deus, mesmo sobre a Sociedade, e os da Igreja e do Papa? Onde haverá dificuldade em invocar a lei santa de Deus e também apoiar-se nela para combater os projetos iníquos daqueles que sempre desejariam afastar o povo de Deus? Onde não se aceitaria a proposta de reivindicar tudo o que é mais importante para os verdadeiros e fervorosos católicos? Onde alguém que se atrevesse a levantar a voz nesse sentido seria imediatamente silenciado? Onde, devido a tantos elementos heterogêneos e opiniões divergentes, eles às vezes terão que participar de reuniões nas quais toda noção de comportamento cristão e educado pode ser deixada de lado? Onde, por disciplina a um partido que ainda não pode fornecer a garantia necessária de si mesmo, nem sempre a dos seus candidatos, os católicos podem se ver na necessidade de votar em pessoas que, seja por seus princípios, seja por seu caráter, não oferecem confiança alguma? Onde, às vezes, terão que testemunhar certas transações, certas tolerâncias que vão contra o senso católico, e ver apertos de mão públicos entre líderes do partido e pessoas especificamente excomungadas pela Igreja? Posso eu aconselhar tudo isso aos meus diocesanos e dizer a eles que, se não seguirem o meu conselho, não estão agindo como pessoas racionais e virtuosas? Certamente que não. Então, dirão, o que os católicos devem fazer? Eles devem ficar impassíveis e inertes diante do declínio da sociedade, da crescente secularização de nosso povo, da ruína de todos os nossos ideais sagrados? Naturalmente, se entrar no Partido Popular fosse a única maneira de alcançar nossos objetivos sagrados, poderíamos repetir o apelo que alguns distinguidos publicistas fizeram aos católicos desde o início, dizendo-lhes: entrem no Partido Popular, entrem, entrem. Mas isso não é o caso; na verdade, um ano e mais de existência do próprio Partido ainda não conseguiu de forma alguma demonstrar que seu caminho pode ser de alguma forma o caminho da salvação. O que os católicos devem fazer para alcançar a restauração cristã da sociedade, impedir a contínua secularização de nosso povo e obter a vitória dos ideais sagrados que são tão caros a todos os bons, eles sabem muito bem. Eles sabem isso através do catecismo, sabem pelas explicações do Evangelho e pelas instruções dominicais de seus pastores, sabem através dos ensinamentos da Igreja, dos Papas e dos Santos; eles sabem através da história, sempre uma grande escola da vida humana. Todos esses ensinamentos nós resumimos e recordamos aos nossos diocesanos em nossa Carta Pastoral intitulada "Pelo retorno da sociedade a Deus", que lhes foi dirigida em abril passado, na data da festa do grande cavaleiro de Jesus Cristo e padroeiro de nossa cidade: São Jorge. Mas alguém poderia ainda dizer que muitos católicos de hoje em dia não compreendem mais essa linguagem, enquanto entendem e seguem de bom grado os

novos ensinamentos que apontam para um caminho mais amplo, mais confortável e mais conforme às necessidades da vida moderna, que agora dispensa a austeridade, o caráter, os sacrifícios, a pureza da fé e a vivacidade do senso cristão que compunham a vida e a felicidade de nossos antepassados. Infelizmente, isso é verdade e é motivo de grande tristeza. No entanto, é importante lembrar que as novas abordagens certamente não levarão à vitória dos ideais sagrados dos filhos de Deus. Qualquer ilusão a esse respeito é inútil e tola. Desde o momento em que essas novas abordagens começaram a ser apreciadas, as ruínas começaram, e essas ruínas têm aumentado em número e gravidade à medida que, seguindo essas novas abordagens, nos afastamos de Deus. Isso sempre acontece quando se abandona Deus para seguir o homem. Mas então, o que devemos dizer sobre tantos bons católicos e até mesmo membros do clero que deram seu nome ao Partito Popolare e trabalham por ele? Se todos aqueles que, aproveitando a liberdade atualmente concedida aos católicos italianos para ingressar na arena política, deram ou estão dando seu nome ao Partito Popolare o fizeram ou o fazem para impedir que os elementos heterogêneos, aos quais as portas do partido foram abertas, o desviem até mesmo da base cristã sobre a qual ele construiu seu programa, para evitar interferências do governo, bancos e jornais na gestão dos assuntos do partido, para afirmar cada vez mais os princípios francamente católicos no partido e fazê-los prevalecer, para introduzir gradualmente no partido a sinceridade católica e o caráter católico que ele ainda não possui completamente, para influenciar a Direção do Partito a escolher candidatos parlamentares de fé, desinteresse e sacrifício, que compreendam a altura e a santidade de seu mandato e o cumpram na presença de Deus sem deserções, covardia ou fraquezas, para garantir que o partido corajosamente se livre de todas as suas deficiências, que ostente claramente o Thau[4] , o sinal dos filhos de Deus em sua testa, e assim se torne digno e capaz de operar e alcançar o objetivo que afirma ter se proposto, ou seja, a reorganização social com base cristã. Se todos esses nobres e santos objetivos levaram todos os católicos, clérigos e leigos, que ingressaram no partido, a dar seu nome a ele, então eles podem ser elogiados. No entanto, todos eles devem se lembrar de que não fizeram tudo apenas se afiliando ao Partito Popolare. Pelo contrário, como fica claro no que foi dito, eles têm um grande, difícil, corajoso e constante trabalho a realizar se quiserem verdadeiramente merecer esse elogio e não ficar um dia amargamente desapontados, confusos e arrependidos. Mas alguém ainda pode argumentar que, nos tempos difíceis em que nos encontramos, se nos apresentarmos na arena política de forma aberta com todo o programa católico, não seremos ouvidos de forma alguma e nunca poderemos obter nada. Enquanto, apresentando-nos por enquanto com um programa limitado que pode ser aceito até mesmo por outros partidos, começaremos a obter algo facilmente e, assim, poderemos gradualmente alcançar nosso objetivo final, ou seja, a implementação do programa católico completo. Portanto, julgamos ser uma necessidade adotar essa forma indistinta e não desfraldar ainda nossa bandeira abertamente. A essa dificuldade, respondemos que, certamente, a tática usada pelos Apóstolos e por todos

[4] A letra "Thau" é a última letra do alfabeto hebraico e é frequentemente associada ao simbolismo religioso. No contexto religioso judaico, "Thau" é ocasionalmente considerado como um sinal de proteção ou um símbolo de devoção a Deus.

os apologistas que, desde Justino em diante, enfrentaram inimigos e situações muito mais tristes e graves do que aquelas que nós temos que enfrentar, foi diferente. Eles entraram na arena de forma aberta, confiantes no nome de Deus e em seu Evangelho, não usaram reticências, não fizeram compromissos, não esperavam ou temiam nada dos homens. Firmes na fé que tinham em Deus, na santidade de sua causa e animados pelo grande amor que os levava a querer compartilhar com o próximo os tesouros divinos da verdade e da santidade cristã, eles lutaram corajosamente pela causa divina.

E o resultado de suas lutas, o efeito de sua coragem divina, todos nós conhecemos: o mundo se tornou cristão e permaneceu assim por muitos séculos. Agora, a fraqueza de nossa fé e nossa caridade deficiente nos sugeriram outros caminhos, e não apenas hoje. São os caminhos que chamaremos de neutros, os caminhos que convêm aos tímidos, aos pobres de espírito, aos carentes de caráter. Há anos que os tímidos, os pobres de espírito, os carentes de caráter têm entrado nesses novos caminhos e têm lutado por uma causa santa; mas com que resultado? Como explicar que, após tantos anos de trabalho e esforço, após tantas publicações, discursos, obras de piedade e caridade, tantos anais de beneficência, tantas criações dispendiosas, ainda não conseguimos colocar a sociedade no caminho certo; em vez disso, estamos enfrentando a situação mais ameaçadora? Como explicar que os homens mais respeitáveis, os publicistas e economistas mais distintos, mesmo dispondo de todos os meios do poder público, falham completamente em suas empreitadas? Como explicar que até mesmo a ação daqueles que corajosamente voltam ao campo por essa nobre causa não inspira confiança sólida, embora eles usem o glorioso sinal dos antigos cruzados?

Isso se explica facilmente dizendo que, em todo esse trabalho, abandonamos os caminhos ensinados por Deus e seguimos os caminhos sugeridos pelos homens, caminhos que não são suficientes para nos levar ao objetivo. Essa é a verdade. Há ainda uma última dificuldade. Se nos apresentássemos no campo da vida política e nas câmaras parlamentares com um programa abertamente e completamente católico, dizem, comprometeríamos gravemente a própria religião, a Igreja e a Santa Sé. E é precisamente isso que queremos evitar. Nós, católicos, pretendemos abordar a política da mesma forma que o comerciante católico aborda o comércio. E assim como o comerciante, embora se inspire nos princípios católicos e os siga, não exerce o comércio em nome da religião nem faz uma profissão contínua e explícita de sua fé; assim também pretendemos agir na vida política. Pretendemos colocar nossas forças a serviço da sociedade, realizando uma política fundamentada no cristianismo; no entanto, não queremos comprometer nossa ação com declarações, profissões e programas de fé religiosa, porque não acreditamos sermos obrigados a isso, uma vez que a política é independente da fé religiosa, e não acreditamos que isso seja benéfico para a religião em si, para a Igreja e para a Santa Sé. Caso reivindiquemos o que a religião, a Igreja e a Santa Sé têm direito a reivindicar, seremos considerados como mandatários da Igreja e da Santa Sé, e nossos opositores poderiam direcionar contra ela sua raiva e violência. E isso, como já dissemos, é precisamente o que queremos evitar. Não é difícil responder a essa dificuldade, na qual há muita aparência e uma confusão muito grave e perigosa em poucas palavras. Em

primeiro lugar, é evidente que os princípios e ensinamentos do Evangelho, que constituem a única verdadeira religião, a Católica, não dependem nem da Igreja nem da Santa Sé. Eles expressam a vontade de Deus, superior a todos e à qual todos devem se submeter, mesmo aqueles que pretendem viver sem Deus; a Igreja e a Santa Sé (que representa o governo supremo da Igreja) têm o grave dever de preservar, defender e apresentar o Evangelho à humanidade como o único caminho de bem e salvação para indivíduos e a sociedade. Portanto, aqueles católicos que afirmam entrar no campo da vida pública e política com o objetivo de restaurar a ordem social com base nos princípios cristãos devem absolutamente proclamar em voz alta, defender com todas as suas forças e fazer prevalecer na medida do possível os princípios do Evangelho, sob pena de falhar em seu objetivo. E os princípios do Evangelho devem ser proclamados, defendidos e promovidos não como eles são aceitos e interpretados, depois de terem passado pelo crivo de seu julgamento privado, pelos alemães, ingleses, americanos e todas as outras seitas que romperam o vínculo de sua união com a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, embora gostem de se chamar cristãos e declarem seguir o Evangelho; mas sim como o Evangelho é proposto e explicado pelo magistério da Igreja Católica Apostólica Romana, magistério que se concentra no Papa. Este é o dever dos católicos atuando na vida pública, um dever imposto pela própria natureza das coisas, ou seja, por Deus. E com isso, ninguém com um mínimo de entendimento poderá censurá-los por agirem como católicos, como vocês proclamam ser, e acreditar seriamente que vocês agem como representantes da Igreja e da Santa Sé, e, como consequência, comprometem-nas com sua ação. Isso é apenas o medo de vocês, um medo infelizmente valorizado, porque parece que isso os isenta legitimamente das graves responsabilidades que assumiram ao entrar no campo da vida pública e política. Oh, seus adversários políticos sabem muito bem o que o dever de um verdadeiro católico significa, e, embora discordem das doutrinas católicas, são os primeiros a exigir, e com razão, que vocês se comportem como católicos. Eles dizem isso precisamente quando vocês tentam ganhar sua benevolência ou merecer sua tolerância com declarações e protestos de sabor mais ou menos liberal, e eles abertamente dizem que não acreditam em vocês, chamando-os de hipócritas. Os seus adversários políticos sabem muito bem que, se vocês forem verdadeiramente católicos, como se proclamam, não podem abraçar a fácil teoria da dupla personalidade, uma mais ou menos secular, ou seja, ateísta, na vida pública, e a outra religiosa na privada. Eles sabem que vocês não podem deixar de combater todas as leis injustas ou planos iníquos que se opõem à doutrina católica e sabem que vocês devem fazê-lo em nome de Deus, porque é Deus quem os comanda no Evangelho. Os seus adversários políticos sabem que, se vocês forem verdadeiros católicos, como afirmam ser, devem amar, desejar e promover a liberdade da Igreja e a do Papa. Eles sabem que vocês não podem e não devem aprovar o fato consumado de Roma ter sido arrancada do Papa, o maior erro histórico, político e social dos últimos cinquenta anos, como confessam muitos dos próprios liberais. Eles sabem que, se vocês forem verdadeiros católicos, devem considerar que a chamada Questão Romana está mais viva do que nunca, especialmente após a triste experiência da terrível guerra passada. Eles também sabem que os católicos, ao rei-

vindicarem a liberdade da Igreja e do Papa, de forma alguma se opõem ao bem desta pátria nossa, mas, pelo contrário, promovem o verdadeiro benefício dela, a paz e a tranquilidade. Pois eles sabem, e estão convencidos disso, não importa o que digam em contrário, que a Igreja e o Papa, embora exijam, como é seu estrito dever, a liberdade que Deus, compreendam bem, que Deus lhes deu, são os primeiros, a Igreja e o Papa, a desejá-la de tal forma que seja a própria Itália a desfrutá-la em primeiro lugar, com toda a abundância e em todos os aspectos, dos efeitos benéficos e salutares. E eles também sabem que vocês, pensando, falando e agindo assim, estão cumprindo seu dever, um dever imposto por Deus, porque imposto pelo Evangelho. E eles não acreditariam em vocês se dissessem o contrário. Eles sabem ainda, seus adversários políticos, que se vocês não cumprissem todos esses deveres que assumiram ao entrar na vida pública como católicos, nem a sua consciência, nem a Igreja, nem a Santa Sé poderiam aprová-los. Mas eles próprios compreendem que seriam tolos se se colocassem a lutar ainda mais contra a Igreja e a Santa Sé, porque vocês estão cumprindo unicamente o seu dever de cidadãos católicos. Se fizessem isso, seria na verdade um reflexo, como sempre, de sua vontade perversa. Vamos dizer claramente: aquele que compromete a Igreja e a Santa Sé é a sua fraqueza de caráter, é a falta em vocês de um vivo senso e espírito cristão. Éh bem! Digam então que vocês não têm um pleno conhecimento do Evangelho ou que não têm a coragem de defendê-lo; digam que não têm um verdadeiro amor pela Igreja e pelo Papa, porque não os reconhecem como Deus os estabeleceu com plenos direitos, e como toda a humanidade por tantos séculos os aceitou e respeitou; confessem abertamente a sua fraqueza e ignorância, mas não tentem escondê-la com desculpas, que são a sua condenação óbvia. Não percebem vocês com que força, com que firmeza e clareza, com que perseverança, os partidos subversivos defendem as suas doutrinas destrutivas? Eles merecem o elogio que o senhor deu ao administrador desonesto no Evangelho, enquanto vocês merecem a repreensão do Senhor: "E o senhor elogiou o administrador desonesto porque agiu com astúcia. Com efeito, os filhos deste mundo são mais astutos em tratar com os seus semelhantes do que os filhos da luz" (Lucas 16:8). Oh, lembrem-se sempre de que os únicos motivos dignos para os filhos da luz são a razão, a fé, a esperança e, acima de tudo, a caridade. Esses motivos, quando são fortes e intensos, são capazes de heroísmos que colocam todos os filhos do século em segundo plano, como atestado em todas as páginas da História da Igreja. Mas, infelizmente, e esta é a nossa grande desgraça, nestes tempos nossos, esses motivos santos e nobres têm enfraquecido e esfriado. Daí resulta uma ação relaxada, negligente e defeituosa, que, se não fosse sustentada por apoios naturais que muitos agora consideram indispensáveis, seria totalmente nula. Que, no entanto, na ação política se deve prescindir da religião é um erro gravíssimo em si e perigosíssimo por suas consequências. Certamente, o comerciante que em seu comércio segue os princípios da moralidade e da justiça cristã, mesmo sem recitar o Credo diante de seus clientes, cumpriu todo o seu dever. Mas o católico que entra no campo da vida pública e política, protestando que deseja seguir e implementar o programa cristão-católico, e então prescinde da religião em sua ação, não apenas não cumpre o seu dever, mas o ofende gravemente. Ele engana a si mesmo, engana

o seu próximo e não engana, mas zomba da Igreja e de Deus. Prescindir da religião na vida pública e política? Mas se você, que se diz católico, recorre a esse refúgio para salvar sua ação mais ou menos amorfa e não confessional, como poderá combater, como é seu estrito dever, o erro dominante hoje, o erro ao qual todas as ruínas que lamentamos devem ser atribuídas, ou seja, a separação entre Estado e Igreja; o Estado laico? Como vocês poderão combater todos os outros erros do liberalismo? O que sempre os liberais queriam e diziam, senão isto: Liberdade da religião na vida pública e política? Não sabem que, admitido de qualquer forma um princípio, devem absolutamente suportar todas as consequências? Não vale a pena que recorram ao Centro da Alemanha, uma nação protestante, vocês católicos da Itália, uma nação profundamente católica. Além disso, o Centro foi glorioso enquanto teve homens obedientes à Igreja e ao Papa, como um Windorst. Mas cessados os Windorst, para onde foi o Centro da Alemanha? O católicos italianos, leiam e estudem o Sílabo de Pio IX, onde são expostos e condenados os erros dos liberais, onde podem aprender o caminho seguro que devem seguir na vida pública e política, e retirem-se, retirem-se de um caminho que não deve ser o de vocês: vocês, com suas teorias, por mais atraentes que pareçam, mas completamente erradas, colocaram-se em um caminho que pode parecer bonito, mas cujo destino, na realidade, é a morte. Advertências. O que eu disse e expus ao falar sobre o Partido Popular não contém em si ironia ou amargura. Eu proclamo solenemente que, em meio a um egoísmo tão universal, qualquer pessoa que dedique seu tempo, mente, trabalho e vida ao nobre propósito de curar a Sociedade tem direito ao reconhecimento público. Mesmo que ele se engane na escolha dos meios, ainda assim, a religião deve abençoá-lo e encorajá-lo. Mas quem dirá que ela não deve também dar-lhe seus conselhos e advertências? Quem dirá que ela não deve compartilhar com ele, como prova de sua simpatia, sua sabedoria e seus ensinamentos? Bem, aqui está o conselho e o aviso que eu, não por seguir outros, mas por amor ao meu Deus e ao meu próximo, dou aos meus diocesanos, ao clero e aos leigos. São as orientações que eu, seu Bispo, sinto o dever de trazer a eles, são os ensinamentos que têm o direito de receber de mim. Portanto, nunca esqueçam que trabalhar para reconstruir a sociedade sobre bases sólidas e, portanto, cristãs, é uma empreitada que constitui um verdadeiro apostolado no sentido mais estrito da palavra. Isso significa e implica o triunfo da verdade e da justiça cristã sobre o mundo e, portanto, a glória de Deus em sua expressão mais pura e santa. E, portanto, é absolutamente indispensável para o sucesso desta empreitada que todos aqueles que trabalham para esse fim o façam abertamente em nome de Deus, de Jesus Cristo e do Evangelho, sem o que não podem ser apóstolos de Deus. Se, portanto, o homem que se propõe a trabalhar nessa empreitada não fala e não age abertamente em nome de Deus; se não age como um instrumento dócil de Deus; se não busca decididamente o triunfo da vontade e, portanto, da verdade de Deus; se Deus não entra apenas em parte em seus cálculos, porque o acompanham também o temor e o respeito humano, ou a vaidade, ou o interesse, - então não é mais um apostolado que está sendo exercido, Deus não reconhece nele a sua obra, ele observará de longe os esforços que os homens querem fazer longe Dele, e Suas bênçãos não descerão para coroar de frutos san-

tos uma obra da qual Sua glória está ausente. Nada é mais claro nas Sagradas Escrituras: Deus não concede Sua bênção nem oferece a ajuda de Sua potência à pusilanimidade, ao egoísmo e à ingratidão, sendo que o egoísmo é sua filha primogênita. Ai daqueles que se desviam desses princípios, dos quais a primeira consequência evidente é esta proposição: As batalhas de Deus devem ser travadas em nome de Deus, nunca em nome de um partido, seja qual for o título que o distingue. Deus não tem partidos: Ele é o Pai universal de todos. Jesus Cristo não tem partidos: Ele é o Mestre, o Salvador de todos. A Igreja não tem partidos: ela é a Mãe de todos, que chama amorosamente a todos para seu seio e estende os braços a todos. O Papa não tem partidos: como Vigário de Jesus Cristo e Chefe visível da Igreja, ele possui o amor universal de Jesus Cristo e da Igreja por todos os homens; ele chama todos para o aprisco e estende paternalmente os braços a todos. E não tivemos nós a prova evidente desse amor universal do Papa por todos, nestes anos de terrível guerra e suas terríveis consequências? A palavra "católico" em si mesma, que significa universal e reflete a imensidão de Deus, constitui uma das características da Igreja e nunca pode ser o adjetivo qualificativo de um partido. Isso seria uma contradição nos termos. Além disso, lembremos sempre que qualquer partido, não importa o seu nome, terá mais ou menos do bem, mas nunca representará todo o bem. Assim como os partidos mais perversos, porque o mal não pode existir em si mesmo, mas é uma privação maior ou menor do bem, sempre contêm algo de bom em si; da mesma forma, mesmo os melhores partidos, precisamente porque são partes, mesmo aqueles que estão mais próximos do bem, estarão privados de algum bem. Por essas razões, o novo Partido Popular, embora tenha surgido com nobres objetivos, não pode representar, precisamente porque é um partido, nem de fato representa, como foi devidamente observado, todo o bem, toda a verdade, toda a justiça, todo o conhecimento, toda a sabedoria, todas as doutrinas sociais católicas, nem todos os sentimentos, nem todas as reivindicações do católico como tal, no momento presente. Seu programa tem aspectos positivos, mas não abarca todo o bem; possui muitas deficiências para ser considerado bom; está repleto de equívocos para ser considerado seguro. O verdadeiro católico, portanto, não encontra nele tudo o que deve desejar; encontra muito do que não pode desejar; encontra muito que é discutível. Eu, então, condeno o Partido Popular? Que Deus me livre. Não condeno nada do que, de qualquer forma, pode contribuir para o bem e que, na medida em que pode contribuir para o bem, merece louvor. Mas afirmo que a natureza das coisas, as lições das Escrituras e a experiência da história me dizem e me persuadem de que não será por meio deste partido que a Sociedade se tornará cristã, não será ele que dará aos filhos de Deus a santa alegria de ver o reino de Jesus Cristo reconhecido pela Sociedade. Não condeno nada que possa ser fruto de um nobre desejo e que, como tal, mereça louvor; mas gostaria que ninguém se perdesse no meio do caminho; gostaria que todos se entregassem completamente a Deus, a Jesus Cristo, à Igreja, ao Papa; gostaria que todos subissem mais alto, que todos fossem inflamados com um maior amor por Deus, que todos tivessem a força para se consagrar ao verdadeiro apostolado do Redentor, que todos sentissem mais profundamente o valor de uma vida dedicada sinceramente, abertamente e inteiramente para o

triunfo de Deus, de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Igreja e do Papa. São Lucas nos conta (Atos dos Apóstolos XXVI, 28-29) que São Paulo, apresentado acorrentado ao rei Agripa em Cesareia, explicou com tanta firmeza e entusiasmo o Evangelho de Jesus Cristo que o rei lhe disse: "Por pouco, Paulo, você me persuade a me tornar cristão". E São Paulo respondeu: "Que Deus permita que, não apenas você, mas todos os que estão ouvindo, se tornem hoje como eu, exceto por estas correntes". Assim, eu gostaria de ver todos os meus fiéis, clero e leigos, convertidos pelo verdadeiro amor a Nosso Senhor Jesus Cristo em tantos verdadeiros, zelosos e incansáveis Apóstolos dele. Dir-se-á que, buscando o ótimo, impedimos o bom? Busquemos, queridos, o fim para o qual devemos nos esforçar com esta nossa ação de santo apostolado. Não desejamos impedir nenhum bem, pois é pelo bem que se chega ao ótimo; mas é necessário que não caiamos vítimas de ilusões, é necessário que evitemos ficar sempre de mãos vazias. De que maneira Nosso Senhor Jesus Cristo anunciou a verdade do Pai Celestial? Talvez a tenha atenuado para que os judeus a aceitassem mais facilmente? De que maneira os Apóstolos anunciaram o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo? Talvez o tenham atenuado, ou apenas em parte, para que o mundo pagão se submetesse mais facilmente ao Salvador?

De que forma os santos mártires defenderam as verdades cristãs? Talvez as tenham atenuado, ou apenas as tenham defendido ou velado em parte, para escapar das zombarias, escárnios e tormentos dos perseguidores? Oh! Lembremo-nos sempre, queridos, que existem coisas e ideias que não são suscetíveis de atenuação, divisão ou fragmentação. São os dogmas, a moral, Deus, Jesus Cristo. Se vocês não aceitarem tudo isso sem restrições; se, com restrições, vocês promoverem, defenderem e reivindicarem o programa católico, vocês só obterão frutos limitados e nunca conseguirão estabelecer a Sociedade sobre bases cristãs. Vocês não terão em suas mãos a causa de Deus e de Jesus Cristo, mas a que vocês mesmos construíram; vocês não serão os corajosos cavaleiros e santos apóstolos de Deus e de Jesus Cristo, mas apenas pobres e miseráveis cavaleiros e apóstolos de suas próprias ideias. Portanto, saibam que a doutrina cristã, expressão da verdade de Deus na terra, não pode ser dividida ou fragmentada. Ela é como uma túnica ininterrupta, é toda de uma só peça. Deus, Jesus Cristo, a Igreja, o Papa, os direitos que Deus concedeu à Igreja e ao Papa, formam um todo unido, um complexo de coisas inseparáveis, e, o que deve ser bem lembrado, inteiramente independentes da vontade dos homens. Querer apenas uma parte da vontade de Deus, desejar apenas um pouco de cristianismo e, assim, esperar estar em paz com Deus, ser chamado de Seus soldados e cavaleiros, é impossível. Neste assunto, é tudo ou nada. O Evangelho não contém um único capítulo, um único versículo que seja supérfluo e que possa, portanto, ser retirado ou negligenciado conforme nossa conveniência. Aqui está, meus queridos, o grande equívoco dos nossos tempos, o equívoco em que, repito, muitas pessoas boas, inclusive do clero, caem e continuam a cair. Na verdade, estamos nos tornando juízes da obra de Nosso Senhor Jesus Cristo, determinando, de acordo com nosso pobre julgamento, o que é útil nela e o que não é; pegamos uma parte e deixamos outra; ajustamos e adaptamos conforme nos parece apropriado. E o que acontece então? O que

acontece é necessariamente o que já apontei. Assim como não se segue a vontade de Deus com restrição e reservas, também não se colhem os frutos de nosso trabalho senão com restrição e reservas, quando deveriam ser abundantes. Como nós nos aproximamos de Deus de forma oblíqua, Ele também vem até nós de forma oblíqua. Nós cumprimos apenas parte de nosso dever para com Deus, e assim colhemos apenas parte dos benefícios do cristianismo. A ajuda que Deus nos dá é justamente limitada. Ela é suficiente para não morrermos, mas insuficiente para vivermos. Nós definhamos, nós nos arrastamos com dificuldade. Precisamos respirar o cristianismo profundamente, este é o nosso oxigênio; se a atmosfera em que deliberadamente nos colocamos é muito fraca, muito rarefeita, ou muito corrompida, porque os princípios cristãos estão muito diluídos nela, viveremos com dificuldade e nos moveremos nela com grande esforço. Não é essa a realidade?

Ó cristãos! Ó católicos! Ouçam, então, a repreensão do profeta Elias: "Até quando vocês ficarão oscilando entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, sigam-no". Se vocês acreditam em Nosso Senhor Jesus Cristo; se Ele é Deus aos seus olhos; se vocês julgam que as verdades e princípios cristãos são necessários para as pessoas e as coisas: não discutam com o Altíssimo, submetam-se inteiramente a Ele, não se envergonhem d'Ele, não ocultem nenhuma parte do sinal que Ele imprimiu em suas testas, para que, quando Seu anjo passar, ele não os atinja e torne suas labutas infrutíferas. Eu repito mais uma vez: Deus nunca fará com que Seus dons sobrenaturais sirvam a uma causa que não seja a Dele, e as multidões receberão com desconfiança um apostolado que pode lhes parecer inconsistente e, portanto, interessado. Eu abençoo todos vocês de todo o coração e peço ao Senhor que "vos encha de bens, dê a todos um coração para adorá-lo e cumprir a Sua vontade com grande coração e espírito cheio de ardor, abra o vosso coração para a Sua lei e os Seus mandamentos e vos dê paz, ouça as vossas orações, se reconcilie convosco e não vos abandone nos tempos difíceis (II Macabeus 1, 2-5)".

Gênova, festa de São Tiago Apóstolo, 25 de julho de 1920.
+ T. P. Cardeal BOGGIANI, Arcebispo.

10 Notificações

10.1 O Clero e os Partidos Políticos.

De acordo com o que foi dito nesta carta, renovamos a proibição, já feita e publicada em nossa "Revista Diocesana" de maio passado, a todos e cada um dos Sacerdotes e especialmente aos Párocos de nossa Arquidiocese, de participar ATIVAMENTE na ação de qualquer partido político, incluindo o Partido Popular, e de fazer parte, sob qualquer pretexto ou título, de suas respectivas direções, comitês, seções ou de outros centros ativos e de propaganda, independentemente de como se chamem. Isso é para evitar todos os possíveis mal-entendidos que podem envolver os Sacerdotes em geral e os Párocos em particular, em responsabilidades e implicações que prejudicam a santidade, a liberdade e a eficácia de seu ministério; inconvenientes graves nos quais, por necessidade das coisas, cai o Sacerdote que, esquecendo a santidade de seu ministério, se une aos agitadores políticos. Os deveres do Sacerdote e do Pároco são muito maiores, mais santos e mais graves. Uma vida imaculada, desinteressada, acima de qualquer suspeita, animada por um espírito de devoção, oração e sacrifício, que sempre dê bom exemplo a todos; obras de misericórdia corporais e espirituais, praticadas de acordo com a condição e possibilidade de cada um; as obras do ministério eclesiástico, especialmente a explicação do Evangelho, o catecismo para adultos, a doutrina para crianças, o atendimento no confessionário e aos doentes: esses são os meios eficazes da grande e santa política que o sacerdote deve realizar, uma política realizada em nome do Salvador e para o bem de todos. Essa política, dirigida para a santificação de cada um e de todos, deve necessariamente contribuir para a renovação da Sociedade, se a Sociedade moderna ainda for capaz disso. “Clerus nec agitationes nec multo minus seditiones participet, sed potius optima quaque verbis et exemplo suadens, concitatos animos opportune tranquillet”. (Benedetto XV, nella sua recente Lettera all’Episcopato Veneto).

10.2 Os locais das Associações Católicas e os partidos políticos.

Por todas as razões expostas também nesta nossa carta, e especialmente para evitar que as nossas Associações Católicas se envolvam nas responsabilidades e hostilidades às quais normalmente os partidos políticos estão sujeitos, proibimos a todas as mencionadas Associações da nossa Arquidiocese de cederem os seus espaços para reuniões, conferências ou qualquer outro motivo a partidos políticos, incluindo o Partido Popular. Os respectivos Reverendos Párocos, Assistentes Eclesiásticos e a Junta Diocesana devem vigiar rigorosamente o cumprimento desta proibição e relatar imediatamente a nós qualquer caso de transgressão.

Contribua
Nossa Editora prima pela divulgação do conhecimento, ajude a manter nosso trabalho.
Chave PIX
Carteira Nano
Só Cristo é Rei!

10.3 A "Unione Popolare".

A "Unione Popolare" entre os católicos da Itália, para seus fins gerais, compreende, promove e representa toda a Ação Católica Italiana. Atividades específicas são organizadas e regulamentadas por Uniões e Obras Nacionais, todas coordenadas pela "Unione Popolare", da qual obtêm uma direção programática comum.

A "Unione Popolare" tem como objetivo a defesa e implementação da ordem social e da civilização cristã de acordo com os ensinamentos da Igreja e as diretrizes da Santa Sé: reunindo os católicos italianos e coordenando suas várias associações em uma única força para cumprir este supremo dever comum; educando a consciência social, civil, moral e religiosa do povo através da ampla disseminação da cultura católica em formas adequadas a todos os níveis de educação; promovendo a organização e o crescimento de todas as formas de ação católica.

Esta "Unione Popolare" é desejada, abençoada e recomendada pelo Papa; em cada paróquia deve haver o Conselho ou Grupo paroquial desta União; todos os membros de nossas Associações Católicas devem ser inscritos nela.

Este é um campo vasto, fora de qualquer partido político, onde o Clero pode trabalhar com todo o seu zelo sem o perigo de desviar-se do caminho certo ou incorrer em responsabilidades ou hostilidades prejudiciais ao seu sagrado ministério. Portanto, recomendo vivamente esta obra a todo o clero, especialmente aos Reverendos Párocos. Cada um deles deve estabelecer o seu Grupo paroquial da "Unione Popolare" na sua paróquia, mantê-lo ativo e fervoroso, e estendê-lo o máximo possível.

Nenhum bom cristão deveria ficar de fora, pois este é um meio fácil e eficaz para que todos contribuam, pelo menos de alguma forma, para a grande obra de restaurar o cristianismo na sociedade. Muitas paróquias de nossa Arquidiocese ainda não têm o Grupo da "Unione Popolare".

Os afiliados à União em toda a Arquidiocese, em 1918, eram 3678, em 1919, diminuíram para 3548. São muito poucos em si; muito poucos em comparação com a população da Arquidiocese, que ultrapassa 600.000 almas; é um mau sinal a diminuição do número de afiliados.

10.4 Os Papas condenam o modernismo social:

"Para os modernistas, o Estado deve se separar da Igreja e, por igual razão, o católico do cidadão. Daqui decorre que o católico, por ser também cidadão, tem o direito e o dever, sem se importar com a autoridade da Igreja, seus desejos, conselhos e comandos, desconsiderando também suas repreensões, de fazer o que julgar conveniente para o bem da pátria. Querer impor ao cidadão uma linha de conduta sob qualquer pretexto é um verdadeiro abuso de poder eclesiástico a ser rejeitado com todo esforço." - São Pio X, Encíclica Pascendi Dominici gregis, 8/09/1907.

"Muitos, de fato, acreditam ou afirmam manter as doutrinas católicas sobre autoridade

social, direito de propriedade, relações entre capital e trabalho, direitos dos trabalhadores, relações entre Igreja e Estado, entre religião e pátria, entre classe e classe, entre nação e nação, sobre os direitos da Santa Sé e as prerrogativas do Romano Pontífice e do episcopado, sobre os direitos sociais de Nosso Senhor Cristo, Criador, Redentor, Senhor dos indivíduos e dos povos. Mas então falam, escrevem e, o que é pior, agem como se não fossem mais seguidores, ou não com a mesma rigorosidade de antes, das doutrinas e prescrições solenemente e inevitavelmente lembradas e ensinadas em tantos documentos pontifícios, nomeadamente de Leão XIII, Pio X e Bento XV. Contra esse tipo de modernismo moral, jurídico e social, não menos condenável que o conhecido modernismo dogmático, é necessário, portanto, reafirmar essas doutrinas e prescrições que mencionamos (...) e impor sua observância." - Papa Pio XI, Ubi Arcano, 23/12/1922.

Contribua

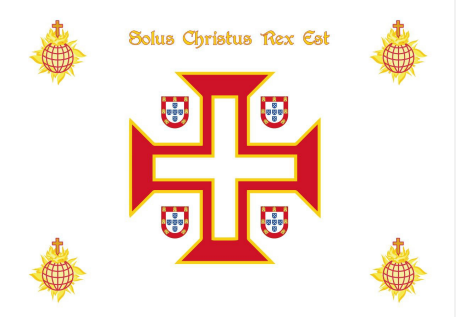
Nossa Editora prima pela divulgação do conhecimento, ajude a manter nosso trabalho.

Chave PIX

larsan.mateus@gmail.com

Carteira Nano

Só Cristo é Rei!



Cardeal Rampolla: « Um maçom quase se tornou Papa? »

Cardeal Rampolla: « Um maçom quase se tornou Papa? »[1]

Sexta-feira, 15 de outubro de 2010

Artigo original disponível no site Virgo Maria

- Introdução
- Quase um Papa maçônico?
- Referências

Introdução

Novas informações sobre o secretário de Estado maçom de Leão XIII, das quais hoje, à luz de documentos recentes, **aparece que em 1896 ele foi o elo da manipulação do Papa** por **ingleses R+C anglicanos** a fim de **obter de Leão XIII o reconhecimento da validade de suas falsas ordenações**.

Ao tentar em vão reabilitar Rampolla, o padre Ricossa estaria tentando disfarçar o verdadeiro responsável, no alto da Igreja, pelo atentado anglicano-rosacruz contra os sacramentos e o sacerdócio católicos?

Após o *VM*[2] de setembro de 2010 sobre a O.T.O., apresentamos hoje um novo texto notável de Craig Heimbichner sobre o **cardeal Rampolla e suas afiliações maçônicas[3]**. Trata-se de uma verdadeira história, **um caso de estudo da infiltração dos meios clericais no mais alto nível da hierarquia católica desde o final do século XIX**.

Esta página da história permite entender melhor como funciona **a infiltração da loja** dentro da Igreja Católica e **como as redes Rosacruzes procedem para colocar um de seus membros no topo da hierarquia católica.**

De maneira muito surpreendente, o padre Ricossa[4] dispôs de muitos recursos em meados de 2009 **para tentar reabilitar o cardeal Rampolla e inocentá-lo de qualquer acusação de pertencimento à Loja**, em um artigo que dedicou a esse objetivo, publicado no número 62[5] da revista do IMB *Sodalitium* (maio de 2009).

Por quê?

É ainda mais surpreendente, de fato, que o padre Ricossa tenha – no passado – assinado alguns artigos pioneiros de pesquisa sobre a infiltração dos inimigos da santa Igreja dentro da hierarquia da mesma, como por exemplo o notável artigo – *que deve ser lido* – que ele dedicou ao tema crucial da infiltração dos marranos frankistas na hierarquia clerical da Igreja Católica, publicado sob o título « *Karol, Adam, Jacob* » no n° 48 de *Soda* **Além disso, *VM* voltará em breve a abordar este tema crucial.**

Rampolla: agente da Inglaterra e de seus R+C a serviço da

destruição do Sacerdócio católico?

Já dissemos, o padre Ricossa precisava de uma distração para "abrir um debate" sobre Rampolla e, assim, conseguir fazer esquecer seu silêncio sobre a questão da invalidade INTRÍNSECA radical *per se* **do novo rito Conciliar de consagração episcopal de 1968, e não sobre sua invalidade sacramental EXTRÍNSECA devido ao fato de que o bispo apóstata Montini-Paul VI, segundo o padre Ricossa, não foi – "materialmente, e não formalmente, papa" e, portanto, não tinha o poder de promulgar legitimamente e validamente este novo rito Conciliar de consagração episcopal.**

É necessário ler atentamente as duas questões[7] colocadas aqui em nota de rodapé que um fiel lhe fez publicamente sobre este assunto DETERMINANTE durante sua conferência de 28 de novembro de 2008 em Paris, duas perguntas muito precisas às quais ele não soube ou não quis responder.

Mas hoje,**enquanto descobrimos a participação de primeiro plano do cardeal Rampolla no projeto anglicano de 1896 para conseguir o reconhecimento pelo Papa de suas falsas ordens inválidas**, devemos nos fazer novas perguntas sobre o diretor de Verrua.

O padre Ricossa está tentando tornar o complô anglicano contra o sacramento da Ordem incompreensível ao confundir a fonte: o idealizador do método no topo da hierarquia católica?

Ele escolheu Rampolla como um pano vermelho, certo de que provocaria uma reação de protesto que ajudaria a fazer esquecer a questão dos sacramentos?

Ou ele escolheu Rampolla porque está particularmente ligado ao caso dos sacramentos há um século, e que, ao reabilitar Rampolla, poluiria a fonte e tornaria incompreensível a gênese do ataque inimigo aos sacramentos?

Em outras palavras, o caso Rampolla criado pelo padre Ricossa em 2009 tem como objetivo disfarçar sua própria posição sobre os sacramentos, ou tem como principal intenção mascarar o papel chave do cardeal Rampolla nesse atentado sem precedentes contra o Sacerdócio católico e na engenharia desse atentado no final do século XIX e início do século XX? Uma questão muito mais importante para a compreensão da subversão contra a Igreja.

E nesse caso, a conexão Rampolla-Sacros atrapalharia, pois revelaria o papel diretor da Inglaterra na liderança do ataque contra a Igreja e o Sacerdócio católico. Poluindo a fonte com seu dossiê falacioso, a ação (tutelada?) de Ricossa tentaria ocultar essa conexão que revela os verdadeiros mandantes.

Pois os anglicanos rosacruzes sendo os mandantes dessa operação de supressão do Sacerdócio católico, não poderiam ter melhor aconselhamento sobre o método a seguir para alcançar seus objetivos do que aquele que frequentava Leão XIII todos os dias e, tendo falhado na primeira tentativa de 1896, havia estudado suficientemente os ritos orientais (ele foi o secretário das questões orientais no Vaticano antes de 1887) para imaginar desviar a forma do rito do patriarca maronita para estabelecer a base de um novo rito certamente inválido que seria promovido através de uma montagem pseudo-científica em torno da suposta “Tradição de Hipólito”. As primeiras manifestações desse lançamento da questão do Patriarca maronita e de Hipólito

aparecem nos anos imediatos que se seguem a 1896, com Rampolla ainda vivo.

Quem melhor do que esse agente Rosacruz no comando da Igreja em Roma poderia conhecer os circuitos de decisão da Igreja Católica para imaginar o caminho pelo qual poderia ser implantada uma nova forma de consagração episcopal certamente inválida?

Trata-se de linhas de pesquisa sobre o papel exato que o cardeal luciferiano Rampolla poderia ter desempenhado na engenharia do seguimento do ataque anglicano-R+C após o retumbante fracasso de 1896, mas as questões que se colocam são legítimas e perfeitamente lógicas. A cronologia torna-se muito eloquente.

Agora, a questão do papel real do cardeal Rampolla nesta conspiração anglicana surge de forma ardente, assim como a da **conexão do cardeal Rampolla com as redes anglicano-britânicas** que presidem há mais de [illegible] ruição da Igreja Católica.

Armas do Cardeal Rampolla

Da mesma forma, coloca-se a questão do estranho papel que o padre Ricossa desempenha (por si próprio ou em obediência a alguns escritórios) a fim de servir aos interesses anglicanos que querem aniquilar o Sacerdócio católico sacramentalmente válido, aniquilando os vetores de sua perpetuação que são os bispos válidos.

Em **16 de outubro de 2010, o padre Ricossa** irá dar uma **conferência em Paris** sobre o *Sillon* e Marc Sangnier (um assunto muito mais crucial do que as sagrações ou Rampolla, não é mesmo?): para tentar fazer esquecer suas manobras, enquanto **o torno de *VM* se aperta sobre o caso Rampolla** e o papel suspeito do padre Ricossa?... o que, de forma imaginária e com um toque de humor, representaria uma mudança de sua parte para Paris para o salão do automóvel...

Continuemos o bom combate

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2010 virgo-maria.org

Quase um Papa maçônico?

História do Cardeal Rampolla

Por Craig Heimbichner

Dentro da Igreja, ninguém está imunizado contra a doença das ideias fixas, seja em simples esquisitices ou diretamente em heresias. No entanto, às vezes, algo realmente importante é ridicularizado como se fosse uma ideia fixa, quando, na verdade, é a sua ridicularização que é insensatez. Este é o caso da atitude atual de certos círculos em relação à renovação de antigas acusações sobre as intrigas maçônicas dentro da Igreja. O que já foi um temor generalizado, ou seja, a infiltração nas paróquias (e até mesmo no próprio Vaticano) de conspiradores oriundos das lojas, é hoje apresentado como um acesso residual de demência, lembrando a época em que charlatões e maus humoristas brincavam com a suposta credulidade e a suposta paranoia do Vaticano[8]. Este também é o caso de uma das histórias mais famosas (hoje esquecidas) relativas à eleição de um papa. Quando o Papa Leão XIII morreu, diz-se que um maçom esteve muito perto de ser eleito como seu sucessor. Esta antiga história foi amplamente resgatada nas décadas seguintes ao Segundo Concílio do Vaticano[9], mas, há algum tempo, começou a ser cada vez mais questionada como um boato falso, e alguns estudos a respeito têm se caracterizado pelo ceticismo das suas conclusões[10]. Neste artigo, buscaremos determinar se existem ou não provas históricas que afirmem que o Cardeal Rampolla, que quase se tornou papa, era realmente um maçom. A resposta a essa pergunta pode surpreender até mesmo os céticos mais endurecidos.

Quem era, então, esse misterioso cardeal tão bem posicionado para acessar o trono de Pedro? O Cardeal Mariano Rampolla del Tindaro (1843-1913) nasceu em 17 de agosto de 1843 em Polizzi, na diocese siciliana de Cefalù. Ele cursou seus estudos em Roma, no Collegio Capranica, e, após ter recebido as ordens sagradas, estudou diplomacia no Collegio dei Nobili Ecclesiastici. Em 1875, o padre Rampolla foi nomeado conselheiro na nunciatura apostólica em Madri. Dois anos depois, foi chamado de volta a Roma e nomeado secretário da Propaganda para os Assuntos Orientais e para os Assuntos Eclesiásticos Extraordinários. Em 1885, foi consagrado arcebispo titular de Heracleia. Retornou a Madri como núncio apostólico, mas foi criado cardeal pouco tempo depois, em 1887. Ao voltar a Roma, tornou-se Secretário de Estado do Papa Leão XIII, feroz adversário da maçonaria. Como Secretário de Estado de Leão XIII, o Cardeal Rampolla aparecia aos olhos de muitos como um novato no Sacro Colégio e, portanto, como alguém livre de ideias tradicionais e preconcebidas; alguns viam nele apenas o homem encarregado de implementar a política papal.

Nesse período tenso e turbulento, enquanto a guerra devastava a Europa, o Cardeal Rampolla desempenhou – em sua função – um papel ativo na política externa de Leão XIII. É preciso reconhecer-lhe o mérito de ter restabelecido as relações da papabilidade com a Alemanha. Era uma época de guerra, em que a Europa sabia que estava sentada sobre um barril de pólvora. Bismarck havia organizado, entre 1878 e 1882, uma tríplice aliança defensiva entre a Alemanha, a Áustria e a Itália, para o caso de a França tomar a iniciativa de uma guerra de revanche visando

recuperar a Alsácia-Lorena. Em 1880, no entanto, a França assegurou a aliança da Rússia. Com razão ou não, o Cardeal Rampolla foi considerado responsável pelo estreitamento das relações entre esses dois Estados, suscitando, assim, a suspeita da Áustria, onde se diziam que ele tinha simpatia demais pelos eslavos católicos da Croácia, da Carniola[11], da Boêmia e de outras partes do Império. Esse ressentimento difuso pesou sobre ele até o conclave que se seguiria e além.

Mas outras sombras acompanhavam o Cardeal Rampolla, incluindo a surpreendente acusação de ser um maçom. Para examinar a origem dessa história quase inacreditável, revisitemos alguns dos fatos conhecidos sobre a maçonaria na época de Leão XIII e deste cardeal que alcançou certa notoriedade.

Lúcifer, o "portador da luz" da maçonaria

A maçonaria data oficialmente de 1717, ano em que as lojas se fundiram na taverna londrina "do Árvore do Diabo" (*Devil's Tree Tavern*) para formar a primeira Grande Loja. Amplamente percebida como uma instituição fraternal e benéfica, a maçonaria se descreve como um sistema de moralidade velado por símbolos, cujos adeptos buscam "luz". Mas isso é uma pura fachada, assim como toda a história oficial da maçonaria. E essa fachada iludiu gerações de maçons, que aderiram inocentemente à instituição e, assim, contribuíram para sua boa reputação, ocultando, ao mesmo tempo – por sua própria ignorância – a verdadeira natureza da Loja, conhecida por seus verdadeiros dirigentes.

Um desses dirigentes foi o Grande Comendador Albert Pike (1859-1891), cuja estátua se encontra em Washington, D.C., o que atesta sua influência significativa. Albert Pike liderava a rama da alta maçonaria que mais influenciava politicamente (que confere, a título de "comentário", os graus superiores aos membros da Grande Loja). Como Grande Comendador do Rito Escocês, Pike se expressou por escrito em 1871 (pouco antes do pontificado de Leão XIII) sobre a verdadeira natureza da "luz" buscada pelos maçons. Em sua volumosa obra *Morals and Dogma*, que nunca foi compartilhada com maçons de graus inferiores, Pike escreve: "LUCIFER, o portador da luz! Estranho e misterioso nome a ser atribuído ao Espírito das Trevas! Lúcifer, o Filho da Manhã! É ele quem traz a Luz? ... Não duvide disso!"[12]

Nesse manual de alto nível, Pike revela também, de forma explícita, que o segredo diabólico e blasfematório exposto acima é oculto dos maçons de graus inferiores. Em relação aos graus azuis (aqueles da loja azul comum), o Grande Comendador faz esta confissão candida: "Os graus azuis não são mais do que o pórtico ou o vestíbulo do Templo. Alguns símbolos são mostrados ao iniciado, mas ele é deliberadamente desorientado por falsas interpretações. O que se quer não é que ele os compreenda, mas que ele acredite que compreende. Sua verdadeira explicação é reservada para os adeptos, os príncipes da maçonaria [...] Bastará para a massa daqueles que são chamados maçons imaginar que tudo está contido nos graus azuis; e quem quer que tente desenganá-los se esforçará em vão..."[13]

Pike expõe de maneira crua a conspiração dos verdadeiros dirigentes da maçonaria: "... o mundo em breve virá até nós para nos instalar seus Soberanos e Pontífices. Realizaremos o equilíbrio do universo e reinaremos sobre os mestres do mundo..." [14] Esse ataque contra a Igreja e o Estado é simbolizado no rito de ascensão ao 30º grau, o de cavaleiro Kadosh (palavra hebraica que significa

"consagrado"), durante o qual o candidato deve apunhalar ritualisticamente – clamando "Abaixo a impostura!" – uma falsa tiara papal e uma falsa coroa que circundam cada uma um crânio humano. [15]

O sistema protecionista e preferencial da maçonaria, que se baseia em engano e subversão e que se espalhou como um câncer por toda a Europa e também pelos Estados Unidos, é revelado já nos graus inferiores, onde o candidato presta sobre a Bíblia sinistros juramentos de morte (o que é um sacrilégio por si só), pelos quais se compromete a cobrir seus irmãos maçons e a lhes dar preferência no âmbito do emprego. [16] O ritual de ascensão ao terceiro grau prevê uma exceção ao dever de sigilo em caso de assassinato e traição, enquanto o ritual do sétimo grau, o da Arca Real (entendido que o terceiro já foi atingido), faz uma modificação substancial no juramento, já que o adorna com a fórmula "sem exceção". [17] Essa modificação dá a entender que, em caso de necessidade, a ocultação dos "segredos" dos irmãos maçons deve se estender a assasinatos e até mesmo a traições. Esse sistema, que funciona como um sindicato do crime, domina a vida política e judicial na Inglaterra e nos Estados Unidos. Nos fatos relatados acima, o leitor atento poderá encontrar algumas "luzes" sobre muitos eventos políticos recentes.

Os mestres absolutos da maçonaria se traem no simbolismo transparente do terceiro grau, durante o qual o candidato é ritualmente conduzido através de um drama em que se compromete a reconstruir o Templo de Salomão; pois essa é, de fato, a aspiração do judaísmo desde a destruição desse Templo, profetizada por Nosso Senhor[18] e cumprida no ano 70 de nossa era. Se ainda existisse alguma dúvida quanto aos verdadeiros mestres e objetivos da maçonaria, ela se dissipa necessariamente com o ritual do grau da Arca Real – que é a "exaltação" do candidato –, durante o qual se recita a seguinte fórmula, que é sem ambiguidade: "Para o bem da Maçonaria em geral, mas também da nação judaica em particular"[19]. A submissão da maçonaria à "nação judaica em particular" – ou, poderia-se dizer, àqueles que hoje se reivindicam do judaísmo[20] – aparece claramente também no símbolo do esquadro e do compasso visível em cada loja. Este símbolo evoca, de fato, embora de maneira incompleta, o hexagrama oculto da Kabbalah judaica. Por sua vez, o hexagrama[21] é falsamente chamado de Estrela de David, quando na verdade não tem nada a ver com o Rei David ou o Antigo Testamento[22]. Adotado pelo segundo Congresso Sionista, realizado na Suíça em 1898, o hexagrama tornou-se famoso depois como emblema do Estado de Israel. Essa conexão significativa entre o símbolo mais fundamental da Loja e o emblema judaico mais reconhecível sugere que a verdadeira história da maçonaria é muito mais complicada do que os maçons querem deixar transparecer e que ela se cruza, de fato, com a do judaísmo. Esta questão, aliás, é demasiado complexa para ser tratada no âmbito deste artigo.

Todos os fatos essenciais relatados acima eram bem conhecidos pelo papado, que começou (com Clemente XII) a condenar a maçonaria em 1738, pouco após sua criação. Essa condenação, que vários pontífices deveriam reforçar depois, alcançou seu clímax mais eminente com a encíclica *Humanum Genus*, publicada por Leão XIII em 20 de abril de 1884.

Como os papas chegaram a conhecer a verdadeira natureza da maçonaria? Entre as muitas respostas possíveis para essa pergunta, há uma que merece destaque. Documentos e correspondências da loja maçônica chamada Alta Venda (*Alta Vendita*) caíram nas mãos do governo pontifício do Papa Gregório XVI. Posteriormente, o Papa Pio IX autorizou o jornalista e historiador Jacques Crétineau-Joly (1803-1875) a publicar, em seu livro *A Igreja Romana frente à*

Revolução, o conteúdo dos documentos em questão. Em 1884, finalmente, cerca de seis meses após a publicação de *Humanum Genus*, o conteúdo desses mesmos documentos foi revelado novamente, com comentários históricos abrangentes, em uma série de conferências dadas em Edimburgo, na Escócia, por Monsenhor George F. Dillon. Essas conferências causaram tal impressão em Leão XIII que ele fez publicar e distribuir o texto às suas próprias custas.

Os documentos da Alta Venda têm a peculiaridade de expor um plano de infiltração e destruição da Igreja Católica cuja implementação (estava claramente especificado) poderia levar até um século. Aqui estão alguns extratos típicos: "nosso objetivo final é o de Voltaire e da Revolução Francesa, o aniquilamento para sempre do Catolicismo e até mesmo da ideia cristã, [...] O papa, quem quer que ele seja, nunca se aproximará das sociedades secretas: cabe às sociedades secretas dar o primeiro passo em direção à Igreja, com o objetivo de derrotar ambas. O trabalho que vamos empreender não é obra de um dia, de um mês ou de um ano; pode durar vários anos, talvez um século; mas entre nós o soldado morre e a luta continua. [...] O que devemos pedir, o que devemos buscar e esperar, como os judeus esperam o Messias, é um papa conforme nossas necessidades [...] você se apresentará como um bom católico e um patriota puro. Essa reputação dará acesso às nossas doutrinas entre o jovem clero assim como nos conventos. Dentro de alguns anos, esse jovem clero terá, por força das circunstâncias, invadido todas as funções; ele governará, administrará, julgará, formará o conselho do soberano e será chamado a escolher o Pontífice que deverá reinar..."[23]

É sobre esse pano de fundo de revolução e guerra espiritual causada pelas lojas maçônicas – denunciadas pelo Papa Pio IX como a "Sinagoga de Satanás" – que Leão XIII publicou sua fulminante encíclica contra a maçonaria. E, no entanto, seu Secretário de Estado, tão próximo dele, seria posteriormente acusado de pertencer a uma das seitas mais diabólicas dessa rede infernal de subversão.

Surpreendentemente, os aspectos mais sombrios da maçonaria não são ensinados nem mesmo no elaborado ritual de ascensão ao grau mais elevado do Rito Escocês. Albert Pike escreve que "A Ciência oculta dos antigos magos [...] está envolta em enigmas que parecem impenetráveis, nos rituais da maçonaria superior[24]. É um fato, no entanto, que o 33º grau em si não dá acesso a estudos ocultos[25].

Portanto, é necessário questionar onde se pratica, de fato, a "maçonaria superior" à qual Pike se refere.

A resposta – pouco conhecida – a essa pergunta é que a maçonaria superior se encontra nas lojas ocultas, das quais as duas principais eram (e ainda são) a Ordem Hermética da Aurora Dourada (*Hermetic Order of the Golden Dawn*), fundada por maçons na Inglaterra em 1888, e o *Argenteum Astrum* (estrela de prata), ligado à academia maçônica conhecida como *Ordo Templi Orientis* (Ordem dos Templários Orientais), ou seja – em resumo – a OTO. Esta última loja nasceu das atividades iniciais conduzidas pelo maçom Karl Kellner na década de 1800, e foi o maçom Theodor Reuss que lhe deu sua forma definitiva no início dos anos 1900. Seu membro mais notório, fundador do *Argenteum Astrum*, foi a "Grande Besta" Aleister Crowley, espião britânico e avô do satanismo moderno. A OTO existe hoje em cerca de quarenta países e se fundiu com a Igreja Gnóstica Católica Francesa[26], cujos serviços celebra em todo o mundo, todos os domingos "ao

cair da noite". A missa gnóstica, escrita por ninguém menos que Aleister Crowley, foi institucionalizada por Theodor Reuss para o uso de todos os membros da OTO.

O veto austríaco

Enquanto esse sombrio pântano de intrigas satânicas e de anticristianismo maçônico-cabalístico fervilhava, Leão XIII faleceu em 20 de julho de 1903. Enquanto homenagens ao pontífice falecido, incluindo as do Rei Eduardo e do Kaiser Guilherme, afluíam, o conclave começou os preparativos para a eleição solene de um sucessor ao trono de Pedro. O cardeal Rampolla estava claramente à frente na votação quando, de repente, o conclave foi interrompido por um verdadeiro estrondo: o cardeal Jan Puzyna, bispo de Cracóvia (que na época estava dentro do Império Austríaco), levantou-se e fez uma declaração que atordoou a assembleia. Ele disse em latim: "... oficialmente, assim como em nome e pela autoridade de Franz-Josef, Imperador da Áustria e Rei da Hungria, que Sua Majestade, em virtude de um antigo direito e privilégio, pronuncia o veto de exclusão contra Sua Eminência, o Cardeal Mariano Rampolla del Tindaro."[27]

O direito de exclusão ou veto (ou *Jus Exclusivae*), essa instituição quase esquecida, é talvez um resquício do século XVI. É certo que foi debatido em meados do século seguinte, quando tratados começaram a surgir mencionando o *Jus Exclusivae*, e foi invocado várias vezes em conclaves entre 1721 e 1903, tanto pelos imperadores da Alemanha e da Áustria quanto pelos reis da Espanha, sendo que o último exercício conhecido deste direito resultou na exclusão do cardeal Rampolla.

Para explicar a instituição do *Jus Exclusivae*, foram apresentadas várias razões, que vão desde a política pura até a clarividência católica e a proteção do papado. Em certo sentido, o antigo Sacro Império Romano – em seu auge – se via obrigado a desempenhar esse papel protetor. É possível que um imperador ou um rei piedoso, possuindo informações vitais, tivesse exercido o direito em questão com integridade para afastar do Sé de Pedro um candidato corrompido.

No caso do cardeal Rampolla, os motivos do veto estão, até hoje, sujeitos a controvérsia. O que não é controverso é o resultado: o cardeal levantou-se para protestar, refizeram-se as votações, e o candidato que ficou em segundo lugar tornou-se papa. Esse candidato – o cardeal Giuseppe Melchiore Sarto, Patriarca de Veneza – ascendeu ao trono de Pedro aos sessenta e oito anos e adotou o nome de Pio X. Assim como a Providência desejava, apesar da humilde protestação do cardeal Sarto contra sua eleição, o conclave escolheu o homem certo. O Papa Pio X viria a se tornar o último soberano pontífice a governar a Igreja com a prudência de um santo canonizado.

Mas, deixando de lado a Providência, quais foram os motivos humanos para a exclusão do cardeal Rampolla? Deve-se ver nisso um jogo de poder astuto e cínico da parte da Áustria ou entender que um imperador vigilante salvou Roma de uma tentativa de usurpação maçônica?

É sempre possível invocar razões políticas, e, de maneira geral, as causas ordinárias de eventos tão importantes de fato pertencem ao âmbito da política. Os defensores de uma análise puramente política do evento em questão apresentam várias considerações em apoio à sua tese: primeiro, se o Papa Pio X soubesse que o cardeal Rampolla era maçom, ele não o teria mantido em nenhum cargo; segundo, foi apenas em 1929, ou seja, após o pontificado de Pio X, que rumores começaram a circular sobre a suposta afiliação maçônica do cardeal Rampolla[28]; por fim, ele teria frustrado

os desejos da Hungria, especialmente em relação às nomeações episcopais[29], o que teria inspirado em Franz Josef um desejo de vingança.

Uma análise desse tipo seria convincente na ausência de provas diretas em contrário. No entanto, existem provas diretas de que o cardeal Rampolla era não apenas maçom, mas também membro de uma academia maçônica diabólica que não era outra senão a OTO. Além disso, a análise em questão ignora a intervenção de Monseigneur Jouin. Comecemos a examinar essa última.

Monsenhor Ernest Jouin (1844-1932), inimigo implacável da maçonaria, era Protonotário Apostólico e pároco da paróquia de São Agostinho, em Paris. Em 1913, fundou a Liga Franca-Católica, dedicada à defesa da pátria e da sociedade. Em 23 de março de 1918, com a aprovação da Santa Sé, ele fundou a *Revue Internationale des Sociétés Secrètes* (RISS). Monsenhor Jouin se fez um nome como uma espécie de Sherlock Holmes, capaz de desmascarar a intriga talmúdica e maçônica. Aliás, é a ele que se deve o pertinente adjetivo "judeu-maçônico". Durante uma audiência privada, o Papa Pio XI pediu a Monsenhor Jouin que continuasse sua luta contra a maçonaria. Em 1918, o Papa Bento XV elogiou Monsenhor Jouin por ter arriscado sua vida nessa luta contra as seitas maçônicas. Um ano depois, em 20 de junho de 1919, o Vaticano enviou a ele congratulações oficiais em uma carta assinada pelo cardeal Gasparri, Secretário de Estado, que se encerrava com estas palavras: "Sua Santidade, portanto, se alegra em felicitá-lo e encorajá-lo em sua tarefa, que tanto contribui para alertar os fiéis e ajudá-los a lutar eficazmente contra as forças cujo propósito é destruir não só a religião, mas também toda a ordem social."[30]

Monsenhor Jouin teria intervenido pessoalmente junto ao Imperador Franz Josef para lhe pedir que utilizasse seu *Jus Exclusivae*, tendo em vista algumas provas de que existiam pelo menos afinidades estreitas entre o cardeal Rampolla e os maçons[31]. A OTO, por sua vez, em sua publicação de 1999 da loja Thelema (Berkeley, Califórnia), reconhece que Monsenhor Jouin acusou o cardeal Rampolla de pertencer às fileiras dessa organização[32].

O *Ordo Templi Orientis*

Existem provas de que Monsenhor Jouin tinha razão sobre o cardeal Rampolla? Sim, como testemunha o *Manifesto* (manifeste) da OTO que proclamava a existência desta organização ao conhecimento do mundo maçônico.

A data desse manifesto gerou controvérsias entre as ramificações modernas da OTO, a data mais antiga sendo 1912[33] e as mais recentes 1917[34] e 1919. As pesquisas mais recentes – bastante exaustivas – realizadas a respeito dentro da OTO fazem parte de um projeto em andamento de Peter Koenig (Suíça). Koenig fala de um primeiro manifesto, publicado em 1912, e de um segundo, datado de 1919[35]. É este último documento – *Liber LII* – que contém o nome do cardeal Rampolla, muito antes da data inicial proposta por autores católicos mal informados que buscam desacreditar a ligação entre Rampolla e a OTO.

O manifesto da OTO foi publicado no jornal maçônico de Reuss *The Oriflamme*, um órgão que não tinha uma audiência muito ampla (o que, aliás, é típico dos jornais da OTO), pois continha informações de caráter relativamente interno para o conhecimento dos próprios maçons. O manifesto tinha como objetivo estabelecer a supremacia da OTO como *Academia Maçônica* (ou

"academia maçônica"), uma espécie de "escola de estudos avançados" para maçons. Todas as edições completas do «*Blue Equinox*», uma importante coleção posterior de documentos oficiais da OTO, contêm o manifesto e mencionam o nome do cardeal Rampolla.

Segundo o manifesto, a OTO é um "corpo de iniciados nas mãos dos quais estão concentradas a sabedoria e os conhecimentos dos organismos seguintes:

1. A Igreja Católica Gnóstica *(**Gnostic Catholic Church**)* ;
2. A Ordem dos Cavaleiros do Espírito Santo *(Order of the Knights of the Holy Ghost)* ;
3. A Ordem dos *Iluminati* *(**Order of the Illuminati**)* ;
4. A Ordem do Templo (Cavaleiros Templários) *(**Order of the Temple (Knights Templars)**)* ;
5. A Ordem dos Cavaleiros de São João *(**Order of the Knights of St. John**)* ;
6. A Ordem dos Cavaleiros de Malta *(Order of the Knights of Malta)* ;
7. A Ordem dos Cavaleiros do Santo Sepulcro *(Order of the Knights of the Holy Sepulchre)* ;
8. A Igreja Oculta do Santo Graal *(**Hidden Church of the Holy Graal**)* ;
9. A Irmandade Hermética da Luz *(**Hermetic Brotherhood of Light**)* ;
10. O Santo Ordem da Rosa-Cruz de Heredom *(**Holy Order of Rose Croix of Heredom**)* ;
11. A Ordem da Santa Arca Real de Enoque *(**Order of the Holy Royal Arch of Enoch**)* ;
12. O Rito Antigo e Primitivo da Maçonaria (33 graus) *(**Ancient and Primitive Rite of Masonry**)* ;
13. O Rito de Memphis (97 graus) *(**Rite of Memphis**)* ;
14. O Rito de Mizraïm (90 graus) *(Rite of Mizraim)* ;
15. O Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria (33 graus) *(**The Ancient and Accepted Scottish Rite of Masonry**)* ;
16. O Rito Maçonico Swedenborg *(**Swedenborgian Rite of Masonry**)* ;
17. A Ordem dos Martinistas *(**Order of the Martinists**)* ;
18. A Ordem do Sat Bhai *(**Order of the Sat Bhai**)*, e muitos outros ordens de igual mérito, embora de menor notoriedade.

« No entanto, não inclui a A.A.[36], com o augusto corpo do qual não é menos aliado.

« Não invade de maneira alguma as prerrogativas legítimas dos órgãos maçônicos autorizados. »[37]

Essas são grandes reivindicações. Theodor Reuss realmente obteve um status (especialmente por meio do maçom inglês John Yarker) dentro de várias organizações maçônicas, que ele buscou reunir sob a OTO. Por outro lado, ele trabalhou bastante para a revivificação da célebre ordem bavária dos *Iluminati* de Adam Weishaupt. Seria longo demais examinar a legitimidade de cada uma das reivindicações acima; basta dizer que os principais pontos da iniciação maçônica foram engenhosamente condensados nos seis primeiros graus da OTO a partir dos 33 graus típicos (ou dos 97 e 90 graus, respectivamente, dos ritos de Memphis e Mizraïm). Os três primeiros graus seguiam amplamente aqueles da loja azul típica; o quarto grau transmitia o segredo da Arca Real chamado "nome de Deus", combinação blasfematória de Yahweh, Baal e Osíris ("Jah-Bul-On"); o quinto consistia na iniciação Rosa-Cruz, que satirizava a Missa, incluindo o pisoteio de um crucifixo[38]; o sexto, finalmente, conferia o grau de Kadosh dos Cavaleiros do Templo, seu rito

consistindo em apunhalar simbolicamente uma tiara e uma coroa que circundam, respectivamente, dois crânios humanos. Com esses seis graus, a OTO impulsionava o aspirante maçônico através do essencial da iniciação até a penúltima "luz" acessível nas lojas superiores ordinárias.

A OTO, no entanto, oferecia algo mais em seus graus superiores. No sétimo grau, era ensinada a teoria, mas nos oitavo e nono graus, o candidato era iniciado em um dos segredos mais zelosamente guardados da depravação cabalística, conhecido como "magia sexual"[39]. Pesquisas recentes sobre as origens da OTO indicam que essa tradição foi, sem dúvida, perpetuada, através da Irmandade Hermética da Luz (mencionada no manifesto), por Louis-Maximilien Bimstein, filho do rabino Judes Lion Bimstein, que era chamado "Max Theon" ("Deus supremo") e que havia recebido a iniciação hassídica na Polônia[40]. O décimo grau conferia a direção maçônica oculta das lojas da OTO localizadas em um país ou grupo de países específicos (assim, Aleister Crowley era "Supremo e Santo Rei da Irlanda, de Iona[41] e de todas as Bretanhas que estão no Santuário da Gnose"). No décimo primeiro grau, havia a sodomia, e o líder mundial da OTO era chamado OHO (*Outer Head of the Order*, ou seja, chefe exterior da ordem). Theodor Reuss foi OHO, e mais tarde, Crowley reclamou esse título.

O Cardeal Rampolla e a OTO

A OTO enumera muitos nomes em seu manifesto com o único objetivo de estabelecer sua supremacia oculta e a autenticidade de sua "linhagem". Típico dos usos maçônicos e ocultos, invoca muitos nomes antigos para ressaltar uma afinidade simbólica e deles extrair dignidade. Se menciona nomes como *Simão Mago* [Simão, o Mágico] e *Apollonius Tyanaeus***[42]**, não é porque os homens em questão fizessem parte de suas fileiras, mas porque estavam eminentemente associados ao gnosticismo, ao misticismo pagão, ao esoterismo, à heresia ou a certos movimentos que pretendiam substituir o cristianismo. É por isso que o manifesto da OTO introduz esta lista de nomes ressaltando que "em tempos mais remotos, as primeiras assembleias constitutivas da OTO incluíam homens como...".

Em seguida, o manifesto capta a atenção do leitor interrompendo a lista com as palavras "E por último...". Os nomes que se seguem são exatamente quatorze, e entre eles está o do cardeal Rampolla.

Certamente, a presença de um nome nesta lista não indica necessariamente a afiliação de seu portador à OTO, e em alguns casos, isso seria mesmo impossível por razões cronológicas simples. O manifesto não alega que as pessoas assim enumeradas fazem parte dos membros da OTO, mas apenas que "as primeiras assembleias constitutivas da OTO incluíam homens como [eles]". A presença de um nome, como o de Wolfgang von Goethe, não é surpreendente em tal lista, uma vez que se sabe que Goethe foi maçom (embora tenha posteriormente repudiado a maçonaria). As festividades da Noite de Valpúrgis, em seu *Fausto*, demonstram que, na literatura, ao menos, ele expressava o mesmo tipo de ideias que a OTO um dia defenderia. Igualmente, não é surpreendente ver o nome de Friedrich Nietzsche ser mencionado no manifesto, já que o espírito de seu livro *O Anticristo* se alinha bem com o pisoteio de crucifixos praticado na Academia maçônica. Por fim, Eliphas Lévi foi, por sua vez, um importante mágico maçônico. Enfim, nenhum dos nomes que constam no manifesto é destituído de qualquer laço discernível com as ideias ou a essência da OTO, enquanto outras figuras mencionadas não são conhecidas por terem sido

realmente membros da organização, como Franz Hartmann e "Papus", *ou seja*, o doutor Gérard Encausse.

Se a inclusão do nome do cardeal Rampolla na lista foi fruto de uma simples "piada", como Bill Heidrick, líder da OTO, conjectura em seu recente boletim[43], essa anomalia teria sido uma estranha exceção. Além disso, teria minado a seriedade de um manifesto que visava estabelecer uma relação autorizada com outros ritos da alta maçonaria. Por fim, Heidrick não apresenta nenhuma prova que sustente sua afirmação. E o nome de Rampolla figura, de fato, na lista do manifesto da OTO, conforme publicado em um jornal maçônico. Os fatos são teimosos, e esse ainda precisa ser desmentido de forma plausível. A presença do nome de Rampolla na lista dificilmente poderia descredenciar o prelado, uma vez que o jornal maçônico em questão tinha uma difusão muito baixa; além disso, o cardeal já havia falecido quando seu nome apareceu (ele não figurava na edição de 1912, pois o próprio estava ainda vivo nessa data, e um escândalo poderia ter ocorrido). Nessas condições, que interesse haveria em publicar seu nome?

Peter Koenig observa também que, de acordo com algumas informações, o cardeal Rampolla teria sido membro da rama espanhola da OTO[44]. Diante disso, dirão os céticos, como explicar que o Papa Pio X não tenha simplesmente afastado o cardeal e, ao invés disso, abolido o *Jus Exclusiva*? Contudo, essa objeção está longe de ser conclusiva. Em primeiro lugar, não há certeza sobre o que o Papa Pio X realmente sabia ou mesmo acreditava sobre o cardeal Rampolla enquanto este ainda estava vivo. É provável que o soberano pontífice estivesse informado de certos suspeitas, mas era muito possível também que ele não estivesse disposto a atribuir fé a essas suspeitas. O cardeal Rampolla, de fato, causava uma excelente impressão àqueles que o conheciam[45]. Além disso, o cardeal renunciou imediatamente ao seu posto de Secretário de Estado e foi substituído pelo cardeal Merry del Val. Embora tenha mantido algumas funções, ele tomou voluntariamente uma semi-reforma[46]. Talvez isso fosse, entre o Papa e ele, um arranjo visando evitar escândalos, ao mesmo tempo em que retirava do cardeal importantes meios de possível prejuízo; isso também pode ser atribuído à prudência e à caridade do Papa, que, assim, atendeu a informações alarmantes, mas desejou poupar o cardeal de sanções mais severas na falta de uma prova absolutamente irrefutável. Essa prova teria que esperar ainda alguns anos para se manifestar, e ela ocorreu na forma do manifesto da OTO.

Da mesma forma, o Papa Pio X tinha excelentes razões para abolir o *Jus Exclusivae*, pois, como relata seu camerlengo: «Pio X costumava fazer conhecer suas decisões por um *motu proprio*, um de seus primeiros atos oficiais tendo sido abolir o privilégio de veto, concedido em tempos muito diferentes aos Imperadores, assim como aos Reis da Espanha e da França. O cristianismo no qual esse direito foi tolerado já não existia, e no caso do último uso indevido do referido direito pelo Imperador ter permanecido sem reprimenda, não teria sido inconcebível que o Presidente maçônico da França reivindicasse o mesmo direito invocando a sucessão da monarquia dos Bourbon pela República.»[47]

As encíclicas de Pio X mostram que ele estava muito ciente da presença de infiltrados na Igreja e de outros perigos igualmente preocupantes. Em *Pascendi Gregis*, «sobre os erros do modernismo», ele escreve em 1907: «O que exige principalmente que Nós falemos sem demora, é que, os artífices de erros, não há necessidade de procurá-los hoje entre os inimigos declarados. Eles se escondem, e isso é motivo de apreensão e angústia muito vivas, no seio mesmo e no coração da

Igreja [...] Estamos falando, Veneráveis Irmãos, de um grande número de católicos leigos e, o que é ainda mais lamentável, de padres...» O Papa, portanto, admite francamente que está profundamente preocupado com o fato de que os artífices de erro se escondem entre os próprios padres. Este aviso reflete as apreensões resultantes do caso Rampolla? Isso parece, sem dúvida, possível, até mesmo provável.

Ainda mais importante a esse respeito é a primeira encíclica apostólica do Papa São Pio X, *E Supremi Apostolatus*, «sobre a restauração de todas as coisas em Cristo», publicada em 4 de outubro de 1903. Nessa encíclica, lê-se, de fato, a surpreendente declaração seguinte: «Quem pondera essas coisas tem direito de temer que tal perversão dos espíritos seja o começo dos males anunciados para o fim dos tempos, e como seu contato com a terra, e que verdadeiramente o filho da perdição [48], do qual fala o Apóstolo, já tenha feito seu advento entre nós.» O Papa teme, portanto, manifestamente que o Anticristo já esteja presente entre os homens, e necessariamente ocorreu algo para abalar sua consciência nesse grau logo no início de seu pontificado.

O Papa fornece ele mesmo uma pista sobre as causas de sua preocupação quando, na mesma encíclica, prossegue nestes termos: «Por outro lado, e este é, segundo o mesmo Apóstolo, o caráter próprio do Anticristo, o homem, com uma temeridade sem nome, usurpou o lugar do Criador...»

A divisa oficial da OTO era – e permanece hoje – *Deus est Homo*, «Deus é o homem». Se o cardeal Rampolla estava afiliado ou intimamente associado à OTO ou a uma de suas lojas nascentes, então é verdade que um agente do sombrio culto maçônico do homem, encarnando o espírito orgulhoso do Anticristo, poderia muito bem ter acessado ao Trono de Pedro em 1903. O caso Rampolla assim fornece uma explicação perturbadora para a primeira encíclica de São Pio X.

Certamente não é agradável acusar um cardeal de se envolver em intrigas diabólicas, mas tudo indica que Dom Jouin tinha razão e merece, a esse título, a gratidão póstuma da Igreja, pois existem evidências que apoiam a alegação de que um maçom, o cardeal Rampolla, esteve muito perto de se tornar papa há um século atrás. Mas certas questões permanecem, que provocam reflexão: se as lojas quase conseguiram a vitória sobre o Vaticano há tanto tempo, resignaram-se a essa derrota sofrida por pouco? Por que se resignariam? Não encontraram, ao contrário, um incentivo para continuar sua ação? E quais podem ter sido suas novas tentativas? Parece-me que uma resposta refletida a essas questões iluminaria de maneira bem-vinda a história das inúmeras mudanças que afetaram a vida da Igreja ao longo das últimas décadas, nas quais assistimos à ascensão do Culto do Homem, bem como aos avanços de uma depravação sexual aterradora, de tipo cabalístico, entre os clérigos, algo que – por uma estranha «coincidência» – lembra fortemente a «iniciação» à sodomia praticada no décimo primeiro grau da OTO [49]. São Pio X nos advertiu sobre o perigo de ver artífices de erro infiltrarem-se até mesmo no clero. Seria blasfemo considerar o Espírito Santo responsável pela maioria das mudanças que infligiram ao Corpo místico de Cristo essas feridas, entre outras. Não, devemos atribuí-las ao demônio, cujos sequazes oriundos das lojas continuarão a infectar a Igreja enquanto não forem desmascarados. Precisamos levar a sério, novamente, a obra de Dom Jouin – assim como a de São Pio X – e continuar nosso trabalho de detetive para caçar os demolicionistas infiltrados no clero, independentemente de seu grau. Se não recuperarmos essa vigilância indispensável, veremos a Igreja Católica Romana se conformar cada vez mais aos desejos dos gnósticos, que não cessarão de celebrar o Culto do Homem com uma

temeridade crescente até o dia em que a Mão de Deus intervir.

Referências

[1] Precisamente, a fórmula de Heimbichner não pode ser aceita teologicamente, pois um maçom, sendo excomungado, não pode formalmente ser Papa, mas Heimbichner significa por essa fórmula chocante, mais literária do que teológica, que um tal infiltrado tomaria as aparências do sucessor de São Pedro, embora não possa sê-lo. Esse é todo o drama que vivemos desde a tomada de poder pelo Rosacruz Roncalli em 1958.

[2]http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-28-A-00-OTO-Blood_on_Altar.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/BloodOnTheAltar/2005_Craig-Heimbichner_BloodOnTheAltar_ch3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-24-A-00-Cardinal_Mercier_a_Dom_Beauduin.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-16-A-00-Rampolla-precurseur_de_Ratzinger.pdf

[3]**http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf**

http://www.the-savoisien.com/livres/Operation%20Rampolla%20-%20Secte%20de%20l%20OTO.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

http://http://catholicapedia.net/Documents/cahier-saint-charlemagne/documents/C287_Rampolla_SLB_8p.pdf

[4]**http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-08-14-A-00-Defense_du_secret_de_La_Salette.pdf**

http://www.virgo-maria.org/Documents/2009-11-28_Questions-a-Don-Ricossa.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-15-B-00-Abbe_Ricossa_rejette_La_Salette%20.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-22-A-00-Ricossa_Rampolla.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada-REDIFF.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-22-B-00-Abbe_Ricossa-Finances.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-30-A-00-Rectificatif_abbe_Paladino.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-11-26-A-00-Abbe_Ricossa_obere_Apocalypse.pd

[5]http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=download_file&ide=138&file=Soda-F62.pdf

[6] http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=download_file&ide=33&file=Soda-F48.pdf

[7]**http://www.virgo-maria.org/Documents/2009-11-28_Questions-a-Don-Ricossa.pdf**

[8] Fala-se aqui do famoso caso de Leo Taxil, durante o qual – durante o papado de Leão XIII – foi realizada uma vil campanha de desinformação destinada a desacreditar os adversários dos maçons, exagerando as "revelações" sobre as atividades internas das lojas, campanha que seu

próprio autor acabou por denunciar como sendo uma farsa. A operação foi muito eficaz...

[9] Cf. Malachi Martin, *The Keys of This Blood*, pp. 535-536; Piers Compton, *The Broken Cross: The Hidden Hand in the Vatican*, pp. 21-24; Mary Ball Martínez, *The Undermining of the Catholic Church* , pp. 36-39.

[10] Curiosamente, esse ceticismo não se encontra apenas em meio católico, pois a OTO (ver nota 23 abaixo) expressou, em um artigo publicado na internet, suas "dúvidas" quanto à afiliação do cardeal Rampolla a essa organização maçônica. É muito interessante que católicos e ocultistas maçons concordem em considerar com ceticismo o mesmo evento, que teve uma importância crucial na história da época. Um dos dois grupos estaria manipulando o outro?

[11] NdT: De 1849 a 1918, o ducado da Carniola foi uma região administrativa do reino dos Habsburgo. Sua capital era Ljubljana e compreendia diferentes partes do que hoje é a Eslovênia.

[12] Albert Pike, *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Rite of Freemasonry* (Morais e dogmas do Rite escocês antigo e aceito), p. 321.

[13] Ibid. p. 819.

[14] Ibid. p. 817.

[15] Pode-se encontrar uma ilustração desse ritual horripilante no manual maçônico *Secret Societies Illustrated*, p. 123.

[16] Veja a obra de Duncan intitulada *Masonic Ritual and Monitor*, pp. 95-96 e 229-230.

[17] Ibid., p. 230.

[18] Mateus, 24: 1-2.

[19] Duncan, *Masonic Ritual and Monitor*, p. 249.

[20] A grande confusão reinante em matéria de terminologia resultou em grosseiras imprecisões na compreensão da história, o que permitiu à propaganda moldar o debate atual sobre o Oriente Próximo. Assim, a palavra "semita" designa tanto os judeus quanto os árabes; o que não impede, por exemplo, que os árabes palestinos que se recusam a aceitar que seus filhos sejam abatidos pelo exército israelense sejam rotulados de "antissemitas". Ora, essa designação é ao mesmo tempo absurda e escandalosamente provocativa. Da mesma forma, o termo "judeu" foi gradualmente substituído pelo termo "hebreu", embora, com rigor, um hebreu descenda exclusivamente da tribo de Judá. Por fim, pode-se argumentar que muitos judeus atuais não possuem nenhum vínculo com uma ou outra das Doze Tribos de Israel, pois descendem dos khazares da Europa Central, convertidos ao judaísmo. (Ver Arthur Koestler, *A Décima Terceira Tribo* , Coleção «Texto», Edições Tallandier, 2008.)

[21] Os "grandes e pequenos rituais do Hexagrama" permanecem a prática habitual das lojas ocultas da Ordem Hermética da Aurora Dourada (*Hermetic Order of the Golden Dawn*) – que deve

seu nome a Lúcifer, o "portador de luz" que traz a "aurora" – e daquela da ordem mágica *Argenteum Astrum*, ligada às lojas da OTO. Veja abaixo.

[22] Gershom Scholem (1897-1982), ex-professor de mística hebraica na Universidade Hebraica de Jerusalém, escreve em *Kabbalah* (pp. 362-366): « O magen David [escudo de David] [...] é um hexagrama, ou seja, uma estrela de seis pontas formada por dois triângulos equiláteros que têm o mesmo centro e apontam, um para cima, o outro para baixo [...] Os textos mais antigos que mencionam um escudo de David aparecem na explicação de um "alfabeto [mágico] do anjo Melatron", datando do período geônico e utilizado pelos Ashkenazes Hassídicos do século XII [...] O texto mais antigo conhecido em que a expressão [magen David] é usada é o Sefer ha-Gevul cabalístico, escrito por um neto de Nahmanides no início do século XIV. Nele, o hexagrama aparece duas vezes; em ambos os casos, é chamado de "magen David" e contém o mesmo nome mágico que na amuleto mencionado acima, o que prova sua ligação direta com a tradição mágica. »

[23] Veja John Vennari, *The Permanent Instruction of the Alta Vendita: A Masonic Blueprint for the Subversion of the Catholic Church*, onde se encontra o resumo mais conciso desses trechos, assim como outros, acompanhado de um brilhante comentário histórico.

[24] Albert Pike, ibid., p. 839.

[25] Veja *Secret Ritual of the Thirty-third and Last Degree, Sovereign Grand Inspector General of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*, Kessinger Publishing Company.

[26] A história da Igreja Católica Gnóstica vai além do escopo deste artigo; no entanto, o leitor deve entender que a heresia gnóstica tem como essência o pecado de Lúcifer, o sonho orgulhoso da deificação, a tentação de ser "como Deus, conhecendo o bem e o mal" (Gênesis, III: 5). O adjetivo "gnóstico" deriva do substantivo grego *gnosis*, que significa conhecimento. O "G" que figura no centro do símbolo maçônico representando o esquadro e o compasso significa Gnose. (Veja Albert Pike, *Liturgy of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry for the Southern Jurisdiction of the United States*, p. 104: « Maçonaria na Gnose... »)

[27] Yves Chiron, *Saint Pie X: réformateur de l'Église*, pp. 268-269 da tradução inglesa (*Saint Pius X: Restorer of the Church*).

[28] Yves Chiron, ibid., p. 123.

[29] Ibid., pp. 122-123.

[30] David Kertzer, *The Popes Against the Jews*, pp. 268-269.

[31] Veja "Papa São Pio X", em *From the Housetops* (n° 13, outono de 1976), St. Benedict Center, Richmond, New Hampshire.

[32] Veja para informações http://www.billheidrick.com/tlc1999/tlc1199.htm. Bill Heidrick, membro da OTO, se esforça para proteger sua organização da acusação feita por Dom Jouin, mas é contradito nisso por Peter Koenig, ex-arquivista da OTO. Veja abaixo.

[33] Veja a brochura da O.T.O. intitulada *An Historical and Modern Perspective,* Ordo Templi Orientis, Nova Iorque, 1995.

[34] Francis King, *The Secret Rituals of the O.T.O.*, p. 9.

[35] *Theodor Reuss and Aleister Crowley*, editado por Peter Koenig: O.T.O. Rituals and Sex Magick, pp. 79-107.

[36] *Argenteum Astrum*, ou estrela de prata, importante depositário dos rituais ocultos da maçonaria e da Cabala.

[37] Aleister Crowley, *The Equinox*, Vol. III, n° 1, 1919, pp. 197-198.

[38] Francis King, ibid., p. 142.

[39] O significado último do "G" que figura no centro do símbolo maçônico é "geração", ou seja, união sexual. Veja Pike, *Morals and Dogma*, pp. 632, 771 e 772.

NdT (Wikipédia): O termo *Magick* designa um sistema mágico utilizado por Aleister Crowley. Em seu sentido mais amplo, ele pode se referir a qualquer ato realizado intencionalmente para obter uma mudança. A adição do "k" no final da palavra foi popularizada durante a primeira metade do século XX por Crowley, que fez dela a peça central de seu sistema místico, denominado *Thelema* (Thélème).

[40] Veja T. Allen Greenfield, *The Story of the Hermetic Brotherhood of Light*, pp. 6-10, Joscely Gocwin, *Christian Channel*, e John P. Deveney, *The Hermetic Brotherhood of Light: Initiatic and Historical Documents of an Order of Practical Occultism*, p. 11.

[41] NdT (Wikipédia): Iona é uma pequena ilha no noroeste da Escócia, nas Hébridas interiores, separada da ilha de Mull pelo estreito de Iona.

[42] NdT (Wikipédia): filósofo pitagórico nascido em Tyana, na Capadócia, cerca de quatro anos antes da era cristã. Uma grande parte de sua reputação deve-se à crença em seus poderes mágicos ou sobrenaturais. Ele é um dos "santos" da "Igreja Gnóstica Católica".

[43] Veja acima a nota 24 em pé do texto.

[44] Veja http://homepage.sunrise.ch/homeage/prkoenig/mm1.htm para mais informações sobre os diferentes rituais e lojas, assim como sobre as alegações relativas à afiliação do cardeal Rampolla.

[45] Veja, por exemplo, as memórias de Francis Augustus MacNutt intituladas *A Papal Chamberlain: The Personal Chronicle of Francis Augustus MacNutt*, 1937.

[46] Yves Chiron, ibid., p. 123.

[47] Francis Augustus MacNutt, ibid., p. 311.

[48] II Tes. II, 3.

[49] Em seu comentário sobre o Livro da Lei, Crowley autoriza a pederastia, ou seja, as violências sexuais exercidas sobre crianças. Veja Aleister Crowley, *The Law is for All: The Authorized Popular Commentary to The Book of the Law*, p. 55.

CARTA PASTORAL

DO

EPISCOPADO BRASILEIRO

AO CLERO E AOS FIEIS DE SUAS DIOCESES

POR OCCASIÃO DO

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

1922

RIO DE JANEIRO
Pap. e Typ. Marques, Araujo & C. — Rua S. Pedro, 216

Sic 1136/5

CARTA PASTORAL

DO

EPISCOPADO BRASILEIRO

AO CLERO E AOS FIEIS DE SUAS DIOCESES

POR OCCASIÃO DO

CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

1922

D 252.1 C322

RIO DE JANEIRO
Pap. e Typ. Marques, Araujo & C. — Rua S. Pedro, 216

30 297 634
Biblioteca Publica do Parana
Nao danifique esta etiqueta

2962 21-5-1953

Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Cardeal Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, os Srs. Arcebispo Primaz, Arcebispos, Bispos e Ordinarios do Brazil,

aos cabidos, ao clero e aos fies de suas respectivas dioceses, saudação, paz e benção no Senhor.

Um seculo faz, Veneraveis Irmãos Cooperadores e Filhos Queridos, que o nosso estremecido Brasil, cançado de servidão, ancioso de vida propria, num porvir todo novo, conseguiu, após mui suados esforços, quebrar os grilhões coloniaes e cingir a fronte com a corôa de Nação livre e soberana.

Louvores á divina Providencia que em nosso proveito dispoz os acontecimentos, pois nenhum delles entra ás cegas ou por acaso no tecido da historia humana.

Em commemorar com deslumbrantes, extraordinarias manifestações de jubilo, o amanhecer de nossa vida nacional, quando o tempo lhe confere consagração secular, se empenham a Egreja e o Estado, isto é, toda a Nação Brasileira.

Utilissima e opportuna homenagem.

Com effeito, para offerecer á sociedade hodierna e aos porvindoiros lições vivas de acendrado patriotismo, muito aproveita evocar, recompor e aviventar a sociedade brasileira doutr'ora com seu espirito de fé e exemplos de virtudes christãs, seus galhardos feitos militares e amor á paz e ao progresso, sua dedicação á immunidade do paiz e seu fraternal commercio com as Nações extrangeiras.

As festas centenares, bem o vêdes, Veneraveis Cooperadores e Filhos muito amados, são a revelação dum passado cheio de ensinamentos e, por isso mesmo, forte impulso para um futuro de renovação e grandeza.

A esta norma obedece a Pastoral que vos dirigimos. Nella procuramos bosquejar, em rapido painel, o que em prol da nossa patria tem feito até hoje a Egreja e delineamos o que agradecido lhe deve o Brasil.

Para gloria sua, estimulo e proveito espiritual vosso digne-se o Senhor de fecundar com sua santa benção nossas intenções e nossas palavras.

I

Graças á carinhosa solicitude da Egreja, a verdadeira fé tem raizes bem profundas nas entranhas mesmas da nossa patria, catholica por seu berço, por sua educação, na quasi totalidade de seus habitantes!

Antes de partir mar em fóra, deixando aguas do Tejo, a poderosa armada que de Portugal ia para o Oriente e, por divina disposição, devia ancorar em nova terra, *Terra da Vera Cruz*, hoje Brasil, uma solemne festa religiosa implorou a protecção de Deus para a importante missão.

Após a audição da missa e do sermão pregado pelo Bispo de Ceuta, perante o rei D. Manoel, todos os grandes da sua côrte, Pedro Alvares Cabral e seus companheiros, foi bento o chapéo offerecido pelo Santo Padre e collocado pelo Rei na cabeça do illustre Capitão Mór, a quem o mesmo Rei entregou a bandeira da Cruz da Ordem de Christo.

Assim, Rei e povo, homens de vontade sã, confessando que do Céo esperavam todos os beneficios, bem se apercebiam, sem que o soubessem, para um rarissimo, como era o descobrimento deste portentoso Brasil e sua conquista para a fé verdadeira.

Apenas descoberta nossa querida patria, sobre ella desceram, a 26 de Abril e no dia 1.º de Maio de 1500, as ben-

ções de Deus pela oblação do corpo e do sangue de Jesus nas aras improvisadas pelo zeloso Frei Henrique de Coimbra ante o gentio estupefacto!

Qual pavilhão protector no solo, ainda virgem, do Brasil, ergueu-se, a mandado de Pedro Alvares Cabral, em Porto Seguro, majestosa Cruz, feita de madeira das soberbas florestas da nossa terra!

Eil-o o descobridor do Brasil, levantando para perpetua memoria da posse divina o glorioso padrão, que, ha vinte seculos, marca as conquistas do Filho de Deus.

A Elle, pois, pertence desde a sua origem *a Terra de Santa Cruz.*

E ella, o sagrado madeiro pelo qual havia de reinar Deus no mundo, como em seus inspirados versos annunciara David ás Nações, (1) cantada em nossas plagas, ao salvar da artilharia e ao cantar dos sacerdotes e marujos, em presença dos indigenas accorridos a esse espectaculo tão novo para elles, refulge, graças aos desvelos da Egreja e á fidelidade dos brasileiros, arvorada nos cimos dos nossos campanarios; domina os pincaros dos nossos montes; está de pé á beira das nossas estradas; corôa os jazigos dos nossos páes; eleva-se no throno dos nossos corações.

Si procuramos fazer renascer o nosso passado, si reconstruimos a nossa vida colonial ou consultamos os periodos mais fecundos da nossa vida intellectual, a sciencia e as artes, a historia e a legenda, a poesia e a eloquencia, as festas e as canções populares, nos mostram a Egreja presente em toda parte, agindo sempre para o bem do Brasil, tanto nos dias de jubilo, como nos dias de tristeza, na guerra como na paz.

Para conquistar, palmo a palmo, á força de paciencia, a nova terra para a civilização christã, a Egreja mobiliza

---

(1) Impleta sunt quae concinit
David fideli carmine,
Dicendo Nationibus:
Regnavit a ligno Deus.

suas pacificas phalanges de prégadores evangelicos, ministros do amor de Jesus, confessores de sua fé.

Eil-os a postos.

Sacerdotes catholicos, varões dignos de figurar entre os que mais se distinguiram pela coragem e abnegação na civilização do mundo, hasteando o estandarte do Rei dos seculos, penetraram nossas immensas florestas, atravessaram caudalosos rios, galgaram escarpadas serranias, palmilharam ignotos sertões, e, fazendo brilhar o mysterio da Cruz, na qual soffreu a morte aquelle que é a Vida, (2) com brandura evangelica, reduziram ao convivio social o feroz selvicola!

Após os Franciscanos, primeiros na ordem chronologica, alguns dos quaes succumbiram a fadigas ou pereceram victimas da ferocidade dos indigenas e perseguição dos colonos, vieram trazer ao Brasil o ardor do seu zelo evangelico os intrepidos Padres da Companhia de Jesus.

Os sobrehumanos trabalhos desses insignes heroes enchem tão a pleno as paginas da nossa historia colonial, que «é atrevimento escrever-se a historia do Brasil antes de estar escripta a historia dos Jesuitas», como diz Capistrano de Abreu.

De olhos cerrados aos perigos, atiravam-se elles denodadamente aos desertos, e não se apavoravam diante dos crueis tormentos e dos inevitaveis riscos, que a selvageria e a animosidade dos gentios lhes não poupavam. Atilados, porém, como eram os Padres da Companhia, ganhavam com a conquista espiritual mais terras e vassallos para os portuguezes do que conseguiram as armas dos seus guerreiros (3).

Ao lado da tosca egrejinha que construiram, elles, «merecedores de memoria pela grande parte que tomaram

---

(2) Vexilla Regis prodeunt;
Fulget Crucis mysterium
Qua Vita mortem pertulit,
Et morte vitam protulit.

(3) A fundação da cidade do Rio de Janeiro por Pereira da Silva.

na historia da America», como diz Southey, levantavam a escola, onde os filhos dos naturaes, «que vinham passando dos horrores da vida selvagem á tranquillidade doce e fecunda da vida christã, os mestiços e orphãos portuguezes aprendiam a ler, escrever e contar.

Quão pacientes, engenhosos e abnegados no seu ardor apostolico!

Aqui sua vivenda é uma *choça* coberta de palha, tendo por porta um *esteira de canas*, como cama, redes tecidas pelos indios; em vez de cobertores, fogo; como guardanapos, folhas largas de arvores; para comida farinha e caças do mato, e, em tamanha penuria, não olvidam o ensino da grammatica a estudantes brancos e mamelucos, como refere Anchieta.

Além disso, na falta de livros, tinta e papel, preparam tinta de carvão e sumo de algumas hervas, e mettendo nas mãos dos indios um pauzinho, lhes ensinam escrever em folhas grandes de *pacobeiras*, como fazia em Montigura o padre Betendorf.

Referindo-se aos semeadores evangelicos do Maranhão durante doze annos, diz o Padre Vieira no sermão da sexagesima, prégado em 1655: «Houve missionarios afogados, porque uns se afogaram na boca do grande rio das Amazonas; houve missionarios comidos, porque a outros comeram os barbaros na ilha dos Aroans; houve missionarios mirrados, pois taes tornaram os da jornada dos Tocantins; mirrados da fome e da doença, onde tal houve, que, andando vinte e dois dias perdido nas brenhas, matou somente a sêde com o orvalho... das folhas.»

Os Jesuitas «procuravam levantar os costumes e nobilitar a descendencia desses homens que aqui lançaram os fundamentos da nossa civilização.

Foram os Jesuitas os primeiros mestres da mocidade americana, e nas suas casas e collegios abriram escolas gratuitas, que o povo todo frequentava...

O elemento moral dessa sociedade... foi a Companhia de Jesus.

A Ella coube essa responsabilidade difficil no meio de todos os tropeços e perfidias criadas pela inercia do Estado e pelo appetite voraz dos colonos. Ella é quem préga os principios... Por isso os seus inimigos são a legião toda dos conquistadores da nova terra. Nem por isso arrefeciam os padres nessa improba luta, que teve varias phases e a que succumbiram por fim, expulsos do paiz que educaram e onde foram a voz quasi unica do espirito christão. (4)

Lembrando o heroismo desses admiraveis apostolos, não parece razão ficarem em silencio as outras Ordens Religiosas então existentes no Brasil, que, antes de 1757, quasi todas se applicavam tambem ao serviço da evangelização do gentio.

Hoje, como outr'ora, com apostolico zelo continuam entre nós o inapreciavel serviço da civilização do selvicola além das missões nas parochias e da educação da juventude, varias Communidades Religiosas, dignas todas da nossa profunda gratidão pelo muito que nos tem auxiliado para o incremento da fé e dos bons costumes.

Ao mesmo tempo que mandavam evangelizadores á nova terra, os Soberanos Pontifices não olvidavam outras providencias a bem della.

Já em 1514 o successor de S. Pedro erigia para as terras do sul do Cabo Bojador o Bispado de Funchal, o primeiro a que pertencia o Brasil.

Os colonos que, até á vinda dos Jesuitas, toleravam a anthropophagia, porque viam nella e na guerra entre as tribus um meio de exterminio dos selvicolas, para maior facilidade no dominio das terras, continuando ainda depois alguns dos mais gananciosos e perversos com a torpe especulação, não só roubavam as roças ou plantações dos indios, mas os reduziam á escravidão, vendiam, castigavam até ma-

---

(4) João Ribeiro—H. do Brasil, p. 105 e seg.

tal os, marcavam a ferro, tratavam como a cães, dizendo que o gentio não era ser da raça humana. (5)

Paulo III, pela Bulla *Veritas ipsa*, de 2 de Junho de 1537, ensinava que os indios tinham todo o direito á sua liberdade, da qual não podiam nem deviam ser privados e tão pouco do dominio dos seus bens, e deviam ser attraidos á fé de Christo com a prégação e o exemplo de boa vida, sendo nullo, sem valor nem firmeza o feito em contrario. (6)

Com seu genio civilizador e seu coração todo misericordia, a Egreja, por entre as fadigas para a conversão do gentio, não se esquece de envolver nas suas ternuras maternaes nenhum dos seus filhos.

Assim é que já em 1554 os Jesuitas haviam fundado os collegios da Bahia, de S. Vicente e de S. Paulo, (7) e por seus esforços e ao sopro da sua influencia surgiam casas para asylos de orphãos e mulheres indigenas.

Por iniciativa do padre Anchieta teve principio em 1582 a Casa e Hospital da Misericordia, para attender aos doentes da expedição espanhola, de cerca de tres mil homens, ao mando de Diogo Flores Valdez. (8)

Alguns annos antes um facto de grande transcendencia tinha vindo assegurar fortissima colheita d'almas para a Egreja: é o martyrio, sementeira de christãos, na linguagem do «Bossuet africano». (9)·

Capturada a náu *Santiago* por uma esquadra sob o commando dos tristemente celebres corsarios Soria, calvinista, e Capdeville, a 15 de Julho de 1570 receberam a palma do martyrio quarenta Jesuitas que vinham evangelizar o Brasil.

---

(5) Dr. J. E. F. de Carvalho Filho, R. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro.
(6) Chronica da C. Jesus pelo padre Simão de Vasconcellos, p. 67.
(7) Dr. J. E. F. de Carvalho Filho, Rev. cit.
(8) Resenha H. da cidade do Rio de Janeiro por Max Kitzinger.
(9) Sanguis martyrum semen Christianorum. Tert.

Nobilissimo de sangue e mais ainda pelos serviços prestados á Egreja, Ignacio de Azevedo, (10) chefe desses heroes, foi a primeira victima do odio sectario.

Considerae a carinhosa solicitude dos Summos Pontifices para com o Brasil.

Com effeito, havia então S. Pio V concedido indulgencia plenaria a quantos acompanhassem a Ignacio de Azevedo; deu-lhe diversas reliquias preciosas e lhe permittiu tirar uma copia da imagem de Nossa Senhora, pintada, segundo a tradição, por S. Lucas, graça esta de que ainda não havia exemplo, como diz Galanti. (11)

II

«Formando crentes, diz o Padre Didon, formamos patriotas; armando a razão de nossos discipulos com robustas convicções, preparando homens de acção, de espirito recto, capazes de toda iniciativa e promptos para todas as fadigas, inimigos de toda baixeza e mentira, ensinando-os, em nome de Deus e da religião, a não obedecerem sinão á conscien-

---

(10) Ignacio de Azevedo tinha sido antes Reitor do Collegio fundado em Braga por D. Bartholomeu dos Martyres. «Intimo amigo de Ignacio, o grande Arcebispo de Braga, ao saber que elle ia á santa cidade de Roma, lhe mandou uma carta para S. Santidade o santo Papa Pio V,» na qual dizia:... e porque eu tenho bem conhecido sua grande virtude, e o desejo que tem de soffrer trabalhos, e levar sobre si a Cruz de Christo, de que elle (desprezada a nobreza do mundo) se quiz fazer verdadeiro imitador..., me pareceu coisa muito pia pedir a V Santidade o queira favorecer, e o receba com aquellas paternaes entranhas, e amoroso animo com que costuma receber todas aquellas coisas que ajudam ao culto divino, e á salvação das almas; assim que V. Santidade o pode ter por um varão apostolico, e cheio do Espirito Santo; porque nesta conta o têm todos aquelles que nesta provincia de Portugal o conhecem: pelo qual todo o favor que V Santidade lhe mostrar,... tenho para mim será muito agradavel e aceito diante de Nosso Senhor, etc.

«No meio da náu ao pé do mastro principal o acharam os inimigos, ahi o acabaram a pé quedo. Poderam tirar-lhe a vida, mas não as armas; porque o escudo da santa imagem da Virgem que pintou S. Lucas, e tinha embraçado, nenhum lh'o pôde tirar das mãos, por mais que pretendesse fazel-o o rancor dos hereges». Vasconcellos—Chron. da Comp. de Jesus, p. 238 e seg.

(11) Hist. do B. p. 308, 2ª ed.

cia, a terem na mais alta estima a dedicação e o sacrificio, formando caracteres, certos estamos que ao paiz daremos almas marciaes, chefes experimentados, servos promptos a todo appello da patria. O verdadeiro patriota quer a nação uma e forte, elle arde no zelo da liberdade dos outros como no da sua propria independencia».

Do clero recebeu o Brasil desde os tempos mais remotos da sua existencia lições e exemplos do mais acrisolado amor patrio.

Em prova do que dizemos aqui ficam apontados alguns entre os muitos que andam semeados pelas paginas da nossa historia.

A' heroica dedicação de Nobrega e Anchieta, o apostolo por excellencia do Brasil, orador, poeta, «thaumaturgo», na frase de insuspeito historiador, deve em boa parte o Brasil a expulsão do francez invasor.

Quando em 1567 nascia a cidade do Rio de Janeiro, nossa formosa, opulenta capital de hoje, presidiam á empresa Nobrega e Anchieta, já aconselhando os destemidos guerreiros, já reclamando de Mem de Sá reforços de náus e homens para a decisiva victoria contra o denodado gentio ao serviço do temerario francez usurpador.

Para animar então com sua presença os soldados no combate travado contra os francezes e tamoyos, acompanhou-o D. Pedro Leitão, nosso segundo Bispo.

Com ardente, constante invocação nos labios ao martyr S. Sebastião no dia da batalha, vinte de Janeiro, portuguezes e indios fieis heroicamente pelejaram, e ao mesmo tempo que a tradição nos representa de joelhos, mãos postas, um christão a orar pela victoria das armas de Portugal e uma tamoya a bradar aos seus que fugissem, pois vencidos estavam, tambem nos mostra pairando sobre as canoas, a commandar a luta e a proteger os seus, bello, robusto joven, o glorioso padroeiro do dia.

Quando pela expedição de D. Antonio Salema (1574—1575) foram definitivamente expulsos os francezes, que

ainda continuavam relações com os indios estabelecidos em Cabo Frio, o parlamentario para conferir com o chefe indigena Japiguaçú foi o padre Balthazar Alvares. (12)

Em 1587 uma esquadra ingleza sob as ordens de Robert Withrington, apoderou-se de todas as embarcações carregadas que encontrou na cidade de S. Salvador. Então, D. Antonio Barreiros, auxiliado pelo visitador dos Jesuitas, padre Christovam de Gouvêa, armou os colonos e iniciou a reacção.

Os Jesuitas é que salvaram Piratininga e, arriscando abnegados a vida entre os tamoyos, Nobrega e Anchieta, com paciencia e diplomacia, preservaram de total ruina as colonias portuguezas nessa parte do Brasil.

« Mais de cançaço e trabalho que de doença», deu alma ao Criador D. Marcos Teixeira, prelado *verdadeiramente apostolico*, que, depois de cahida em poder dos neerlandezes a cidade de S. Salvador, em 1624, adoptando para armas de suas bandeiras a Cruz, e confiando o commando das forças a Lourenço Cavalcanti e Antonio Cardoso de Barros, ao passo que pelejava diante de Deus com orações, dirigiu por algum tempo no arraial do Rio Vermelho a resistencia armada contra os invasores. (13)

Os Jesuitas impediram, com a influencia de sua palavra evangelica, que os bravos guerreiros Petiguares assolassem a Bahia.

Dois delles acompanharam, com tresentos frecheiros, a Alexandre de Maria ao Maranhão (1615), e persuadiram aos selvagens o abandono da causa dos francezes.

«Muitas nações de Indios, que, por serem de linguas differentes e difficultosas, são chamados geralmente Nheengaibas, tomaram as armas em defesa da liberdade, e começaram a fazer guerra aos portuguezes em toda a parte...

---

(12) Rev. do Inst. H., L. XXVI e t. especial de 1914.
(13) Liç. de H. do B., por J. M. de Macedo, p. 146 e Galanti—H. do B., p. 18 e seg., 2ª ed., t. 12.

Por muitas vezes quizeram os governadores tirar este embaraço tão custoso ao Estado, empenhando na empresa todas as forças delle, assim de Indios como de Portuguezes, com os cabos mais antigos e experimentados; mas nunca desta guerra se tirou outro effeito que o repetido desengano de que as nações Nheengaibas eram inconquistaveis... Mas o que não conseguiram as armas e a força, alcançaram as boas palavras dos Missionarios.

Depois de celebrar Missa num altar ricamente ornado diante dos selvagens de joelhos com grande devoção, o padre Antonio Vieira fez uma pratica a todos, e logo o principal se chegou ao altar, e lançando o arco e frechas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos levantadas e mettidas entre as mãos do *Grande Padre*, prestou o juramento de obediencia e fidelidade. (14)

A influencia de Vieira conseguiu abafar a formidavel insurreição.

D. Frei Manoel da Resurreição, terceiro Arcebispo da Bahia, alcançou, com bons modos, pacificar os soldados que, revoltados a 24 de Outubro de 1687, ameaçavam saquear a cidade, si no mesmo dia não fossem pagos do que *por nove mezes* lhes era devido.

Na missão franceza de Duclerc (1729) Frei Francisco de Menezes, á frente dum punhado de bravos, resistiu, rosto a rosto, aos inimigos da fé e da patria, no morro do Desterro (hoje Santa Teresa). (15)

D. José da Cunha Azeredo Coutinho, Bispo de Pernambuco (de 1796, anno de sua sagração, até 1802, anno de sua remoção para Bragança e Miranda), além dos serviços prestados como Governador, Presidente da Junta da Fazenda Real e Director Geral dos Estudos, reconciliou com a Egreja e o Estado sem derramar uma gotta de sangue,

---

(14) Vê Cartas de Vieira.
(15) Rev. do Inst. H. t. LXIX, p. 54.

quatro nações de indios rebelados, que havia mais de vinte annos se achavam em guerra com os Portuguezes. (16)

Nos tristes dias da guerra com os Hollandezes a Religião falava pela boca do insigne padre Vieira, «o Cicero lusitano», o qual tinha para com Deus audacias de linguagem que recordam, diz o padre Luiz Cabral, os Patriarchas e videntes de Israel.

O grande orador, num discurso incomparavel, «*dirige-se a Deus para convertel-o e obrigal-o a ir em soccorro do seu povo*». «Elle luta com o Omnipotente qual outro Jacob, e tira-lhe as armas das mãos» diz o mesmo Padre.

Na batalha de Guararapes, na qual receberam os Hollandezes golpe decisivo (19 de Abril de 1648), ao passo que uns sacerdotes... acudiam a exhortar os soldados e animal-os para a peleja, com a imagem de Christo crucificado nas mãos, outros ouviam de confissão os feridos e os que estavam em passamento da vida, confortando a todos e animando-os com muito fervor, espirito e zelo, sem repararem no perigo e risco que corriam suas vidas..., diz Lopes de Santiago. (17)

Nas *expedições* e *bandeiras*, que, atravessando por picadas as grandes matas e sertões de Minas Geraes, onde assaz de vezes lhes apparecia o gentio, descobriram novas terras e novos rios, não raro se vê um sacerdote catholico, que, em nome da Egreja, abençoava tão arriscada quão humanitaria empresa.

Navarro, Manoel da Silva Borges, João de Faria e Gonçalves Lopes, pertencem ao numero desses intrepidos servos de Deus !

Religiosos acompanharam tambem a primeira bandeira que em 1722 marchou a descobrir as Minas de Guayazes.

E, por nos cair aqui a proposito, lembraremos o que acerca do padre mineiro Manoel Maria, que viveu no se-

---

(16) Padre Heliodoro P. na R. do Inst. Hist.
(17) Em Galanti, H. do B. t. 11, p. 370—371, 2.ª edição.

culo XVIII, se lê na Historia Media das Minas Geraes pelo illustrado Dr. Diogo de Vasconcellos:

«Com incançavel zelo este sacerdote catechizava os indios de S. Manoel, girando a pé, por matos incultos... arriscando a vida sem receio, á discreção das feras e dos mesmos indios bravios, e fazia-se igualmente mestre de primeiras letras e ensinava musica, sendo quasi incrivel como dividia o seu tempo que a tão variadas occupações acudia!...»

Para o celebre *Fico* de D. Pedro I o Bispo de S. Paulo e o clero ajuntaram suas vozes ás das autoridades civis e militares, e a Frei Francisco de Sampaio foi confiada a redacção da representação a D. Pedro, a qual frisava que no Tejo appareceria com o pavilhão da independencia do Brasil o navio que para lá o reconduzisse.

Chefes ecclesiasticos, tão notaveis pelo amor á Religião e á Patria, bem mereciam ver a seu lado incendidos no mesmo ardor patriotico e no mesmo zelo religioso leigos de todas as classes sociaes.

E' o que vamos provar com alguns factos que abrilhantam as paginas da nossa historia.

III

Jogando a vida nos campos de batalha para sacudir o jugo hollandez, nossos valentes antepassados não separavam da idéa da patria o amor ás suas crenças.

Quando lh'o permittiam as occupações bellicas, ouvia Missa e rezava a ladainha de Nossa Senhora, trazendo sempre ao peito um relicario e uma imagem da Virgem, perante a qual fazia oração de joelhos, antes de entrar em batalha, o valente cabo de guerra e excellente christão Antonio Philippe Camarão. (18).

Em 1630 os hollandezes, que eram mais de tres mil em tres columnas, entram em Olinda abandonada, e se en-

---

(18) Candido Mendes, nas suas Memorias, p. XXIV; Galanti, Tomo II, p. 373, 2ª ed.

tregam ao saque das egrejas. «O espirito religioso e o patriotismo, diz Macedo, baratearam suas vidas... em sacrificio estupendo! Assim o capitão Salvador de Azevedo com vinte e dois bravos postou-se dentro do Collegio dos Jesuitas e bateu-se furioso, cedendo o campo, quando os seus vinte e dois contra mil já estavam todos mortos e feridos e despedaçadas as portas da egreja pela artilharia. O capitão *André Pereira Temudo* fez ainda mais... Revoltou-se ao presenciar o saque das egrejas, e correndo á da Misericordia invadida pelos bandos hollandezes, vendo-os profanar indigna, brutalmente os altares, soltou um bramido e desembainhou a espada... No meio de dez ou mais sacrilegos que a golpes de espada *elle só* prostra sem vida, cae emfim crivado de golpes...»

Quando, após oito annos de prisão, no forte dos Reis Magos, foi posto em liberdade pelos hollandezes, em Dezembro de 1933, *Jaguarary*, em vez de se unir aos inimigos da nossa fé e invasores da nossa patria, convenceu seus irmãos selvagens de que não deviam tomar vingança da injustiça dos portuguezes, mas com elles defender a *Deus* e o *Rei*.

Indio intrepido e notavelmente leal á causa do Brasil catholico e portuguez, Jaguarary, retirado dos portuguezes, mas firme em seu posto entre os indios do bravo Camarão, serviu sempre na guerra até que em 1637 o exercito pernambucano operou a grande e triste retirada para além do S. Francisco e de Sergipe, diz Macedo.

Entoando a *Salve Rainha*, João Fernandes Vieira arremetteu contra os inimigos da Religião e da Patria, bandos mal disciplinados, e destroçando as tropas inimigas, numerosas, bem armadas, regulares, cantava victoria em Tabocas contra o dominio do herege usurpador.

Ao brado (19) «*Deus e Liberdade*» é que Vidal e Soares Moreno se uniram com seus regimentos a João Fernandes Vieira, para darem combate aos hollandezes.

---

(19) Macedo—Liç. de Hist. do Br. pag. 196

Do *Arraial Novo do Bom Jesus*, inaugurado em 1646, os patriotas, chefiados por João Fernandes Vieira, manifestavam até onde ia seu amor á Religião numa representação ao Rei, a qual concluia assim: «*Com toda a submissão, prostrados aos pés de Vossa Majestade, tornamos a pedir soccorro e remedio com tal brevidade, que nos não obrigue a desesperação, pelo que toca ao culto divino, a buscar em outro Principe catholico o que de Vossa Majestade esperamos.* (20).

Antes das batalhas os Pernambucanos attraiam para suas armas as bençãos de Deus. Assim é que os soldados recebiam os sacramentos, e os fieis faziam procissões, novenas e outras preces publicas, como succedeu por occasião da segunda batalha de Guararapes (1649), para cujo bom exito foi o Santissimo Sacramento exposto, por ordem do Vigario Geral, em todas as egrejas matrizes durante tres dias continuos.

Novas demonstrações de fé seguiam sempre as *victorias*, e ás vezes os vencedores erguiam templos em memoria *dellas*, como fizeram Francisco Barreto e André Vidal de Negreiros.

Para commemorar as duas victorias que alcançara, o primeiro construiu, á custa propria, uma capella, e o segundo, que se dedicara á restauração de Pernambuco, «*levado da caridade christã, zelo do amor da patria e desejo de ver o Brasil livre dos hollandezes e de tantas falsas seitas e heresias*», como diz Calado, *fundou a Capella da Senhora do Desterro de Itambé*, em louvor dos muitos beneficios e victorias alcançadas contra os inimigos, por intercessão da mesma Senhora. (21)

Nem outra é a origem da Egreja de Nossa Senhora da Victoria, no Maranhão, construida para lembrar o assignalado beneficio da Mãe de Deus, que deu victoria ás forças de Jeronymo de Albuquerque contra Lavardière (1614-1615).

---

(20) Galanti, ob. cit. t. II pag. 334, 2.ª ed.
(21) Galanti, ob. cit., t. II, pag. 394, 2.ª ed.

Ao passo que, com armas nas mãos, denodados patriotas rechassavam o inclemente inimigo da nossa fé e da nossa patria, brados angustiosos de fieis, dia e noite, subiam ao throno do Senhor das Victorias.

Nem só nos recintos dos templos batalhavam com orações as nossas patricias.

Verdadeiras heroinas, mães, noivas e donzellas, arremessavam-se contra o inimigo do seu Deus e do seu lar, em Tejucopapo, onde alçando uma dellas, nas mãos, a Imagem do Redemptor, como estandarte, e invocando, unisonas, os nomes de S. Cosme e S. Damião, repelliram, victoriosas, o bravo almirante neerlandez Lichthardt, com seus soldados assaltantes.

«A Estevam tiraram hoje a vida os hollandezes, e posto que, filhos meus, perdi já tres e um genro, antes vos quero persuadir que desviar da obrigação precisa aos homens honrados, numa guerra onde tanto servem a *Deus* como a El-Rei, e não menos á patria», dizia aos seus dois filhos restantes, um de 13 e outro de 14 annos, D. Maria de Souza, nobre pernambucana, ao ter noticia da morte do filho que no rio Serinhaem defendia a Religião e a Patria contra o inimigo.

Ao lado do seu esposo Camarão, heroicamente lutou na *Batalha de Porto Calvo* (1637) D. Clara, india como elle.

«Viva a fé de Christo!» bradava sem cessar a celebre paulista, D. Rosa Maria de Siqueira, no terrivel combate contra os corsarios argelinos, que, infestando o mar das Berlengas em 1714, aprisionavam as náus christãs e reduziam a captiveiro quantos nellas acertavam de encontrar.

Guiada pela luz desta mesma fé catholica, Damiana da Cunha, neta dum Cacique, peregrinava mezes e mezes pelos sertões e florestas, para chamar ao gremio da civilização christã os altivos Cayapós.

Na reunião em casa do Tenente Coronel Andrada os conjurados mineiros applaudiram a proposta que Tiradentes fez,—de se adoptar como escudo de armas um triangulo, em-

blema da Santissima Trindade, de que o Alferes era devoto.

Na Religião Catholica achou conforto, caminhando para o cadafalso, o fogoso mineiro, que, com os chamados inconfidentes, entre os quaes conta a Historia nada menos de cinco ecclesiasticos, trabalhava para accelerar a nossa independencia.

Monologando com o Crucifixo, do qual até ao derradeiro alento não desviou os olhos sinão para levantal-os para o Céo, subiu serenamente os degraus do patibulo o inditoso Tiradentes, que, ao despir a camisa para vestir a alva, abençoando e perdoando, dirigiu aos seus algozes estas palavras:—*Assim morreu por mim o meu Redemptor*.

Na bandeira adoptada pelo governo provisorio que surgiu da revolução de 1817, em Pernambuco, via-se uma Cruz vermelha em fundo branco, para indicar que o Brasil era «consagrado áquelle precioso estigma da humana redempção», na frase de Muniz Tavares.

Então, antes de entregues aos respectivos regimentos, as bandeiras receberam a benção, e o sacerdote lembrou aos soldados o signal da victoria: *In hoc signo vinces*.

Os vivas á patria eram sempre acompanhados de vivas á Religião Catholica e á Nossa Senhora.

Sobre os Santos Evangelhos e o Santo Lenho prestou juramento D. João VI no acto da sua acclamação (6 de Fevereiro de 1818).

Quando em pról da nossa emancipação nacional valentes brasileiros vibravam armas nas ruas da Bahia, as virgens consagradas ao Senhor nos conventos lhe depunham aos pés, com os mais ardentes suspiros, as mais fervorosas preces em favor da nossa causa.

Victoriosas, emfim, as armas brasileiras, embarcado com suas tropas para o reino o general Madeira, desfilou pelas ruas o exercito pacificador, chefiado por Lima e Silva, a 2 de Julho de 1823.

As Freiras da Soledade lhe haviam preparado festiva recepção, e como, pela sua profissão, não podiam pessoalmente adornar as frontes desses heroes defensores da independencia, saudou, em nome dellas, ao general Lima e Silva o Capellão interino do convento.

« A Madre superiora e mais religiosas deste convento, dizia o orador, inundadas do mais vivo prazer e alegria pela plausivel e triumphante entrada do exercito libertador, tem a honra de offerecer a V. Ex. e aos Srs. Chefes e officiaes do valoroso exercito do seu commando, estas verdes e frondosas corôas de louro, para passar com ellas neste arco triumphal. » (22)

As Corporações Religiosas muito favoreceram a emancipação politica do Paiz, escreve Candido Mendes; e como dizia logo após a independencia Frei Antonio do Carmo, então Provincial da Ordem de S. Bento, « *os monumentos da historia brasileira attestam o patriotismo e liberalidade com que os Monges Benedictinos tem concorrido não só para as despesas da guerra e resgate da cidade do Rio de Janeiro na invasão dos Francezes em 1711, como tambem em combates contra os Hollandezes em Pernambuco e na Bahia... e ultimamente são bem recentes as memorias dos seus esforços e sacrificios na luta da independencia deste Imperio.* »

Não ha negar: á sombra da Cruz, arvorada pela Egreja Catholica, victoriosa contra o protestantismo nos primordios da nossa existencia e universalmente enthronizada nos corações brasileiros, medrou e amadureceu para a independencia nosso idolatrado Brasil, de modo tão incontestavel, que nossos maiores, ao elaborarem a nossa Constituição, reconheceram e proclamaram, como sendo já religião do povo brasileiro, a Religião Catholica, Apostolica, Romana. (23)

---

(22) J. Norberto—B. celebres, Festas e T. Populares—Mello Moraes Filho.

(23) A Religião Catholica, Apostolica, Romana, continuará a ser a Religião do Imperio. Art. 5, T. I. Const. do Imp.

IV

Quão identificado com a nação viveu sempre o Catholicismo no regimen monarchico!

Na revolta de 1824, que proclamou a *Federação do Equador*, apresenta-se a Egreja representada pelo Cabido *solemnemente formado e de Cruz alçada* e pelas communidades religiosas.

E que pretende ella? pedir ao governo da Provincia de Pernambuco que suspenda a execução da pena de morte, lavrada pela commissão militar contra Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, emquanto se recorre ao Imperador para o perdão.

Sob o commando de bravos caudilhos, os *Cabanos* em Pernambuco (1832) espalhavam o terror por toda parte, e, desbaratando as forças que o governo mandara para abafar a revolta, chegaram a recusar a amnistia offerecida caso depuzessem as armas, respondendo que «de amnistia precisava o governo por não garantir a religião nem a familia, nem a propriedade.»

Então, a pedido do chefe das forças legaes, partiu a conferenciar com os chefes dos rebeldes «no centro das matas» D. João da Purificação Marques Perdigão, Bispo de Pernambuco, e «a poder de salutares conselhos e lagrimas de caridade, alcançou em 1835 o que não alcançara o poder da força».

Expondo-se a perder a vida, D. José Antonio dos Reis, primeiro Bispo de Cuyabá, dirige-se ao quartel a 30 de Maio de 1834 por occasião do levante da soldadesca, que, desenfreada, commettia assassinios, depredações e outras violencias, e consegue conter os amotinados, surdos á lei, sem respeito ao Presidente da Provincia, desobedientes ao Commandante da guarnição.

Com eloquencia, uncção e esclarecido patriotismo, D. Romualdo de Seixas, vulto de grande relevo na pleiade immensa dos ministros catholicos que opulentaram a Patria com seus serviços, exhorta, em Pastoral de 10 de Abril de

1831, seus diocesanos á paz e concordia por occasião dos movimentos populares do dia 4 de Abril e seguintes, e proclama que a Egreja é inflexivel e incapaz de transigir no que concerne á obediencia ás leis e ás autoridades constituidas.

Novamente, em Pastoral de 1º de Maio de 1835, recordando o glorioso titulo de *Defensores das cidades,* dado aos Bispos e Pontifices, ainda sob o reinado dos Cesares, exhorta os habitantes da Provincia do Pará a não se separarem da União Brasileira, e pouco depois, a 21 de Agosto de 1835, os da villa de Santo Amaro das Brotas, na Provincia de Sergipe, a se submetterem ao legitimo governo, depondo as armas.

Bello, estupendo acto de heroismo o gesto de D. Romualdo de Souza Coelho, que, fazendo tirar-se do leito de dores em que jazia, carregado nos braços de dois Padres, duas vezes se expoz aos desatinos dos revoltosos do Pará em 1835, para, falando-lhes, em nome de Deus e da patria, aconselhar-lhes ordem e obediencia.

Intelligente, energico, impavido e inflexivel, o padre Antonio Diogo Feijó, grande enthusiasta da grandeza da sua patria, numa epoca de extraordinaria agitação politica, suffoca revoltas, dissolve corpos militares indisciplinados, mantem a ordem social, sobranceiro sempre ás ameaças dos seus adversarios.

Mas o amor da patria, á qual dedicou sua immensa capacidade de trabalho, não extinguiu no coração desse grande brasileiro o amor da Egreja, a cujo serviço consagrara, em moço, seus dias futuros.

Em 1838, dando bellissimo exemplo de obediencia á Egreja e de humildade evangelica, declarou espontaneamente pela imprensa que revogava quanto nos seus discursos e nos seus escriptos podesse directa ou indirectamente offender a disciplina ecclesiastica ou a qualquer pessoa.

Esta solemne reparação faz avultar, em alto relevó, aos olhos dos brasileiros a Egreja Catholica com sua bella doutrina.

E ella, incançavel no bemfazer, pacifica, heroica, arrostando difficuldades dos tempos, não olvida os filhos das nossas selvas.

Eis aqui uma prova eloquente.

Em seu parecer de 1º de Maio de 1843, a commissão ecclesiastica da Camara dos Deputados, e annos mais tarde o Ministro do Imperio, reconhecem os optimos frutos produzidos pelo apostolado dos Capuchinhos, que de certa epoca por diante eram encontrados em quasi todas as circumscripções administrativas do Brasil, não só catechisando os Indigenas e missionando nas parochias, mas não raro ensinando tambem a cultura, artes e officios, levantando templos e decorando-os, abrindo estradas, construindo cemiterios, asylos, hospitaes, pontes, etc.

A' voz de Frei Caetano de Messina depõem as armas mais de seis mil revolucionarios de Pernambuco, concentrados em *Páo d'Alho* em 1852, e, trocados em mansos cordeiros, se occupam em restaurar egrejas que ameaçavam ruinas, segundo refere Castrogiovanni.

Confiados na força mysteriosa e superior, que preside aos destinos humanos, animados pela fé nas leis da moral eterna, que jamais se violam impunemente, como acertadamente diz o Visconde de Ouro Preto, é que nossos arrojados marinheiros forçaram a passagem do Humaytá, «um dos feitos mais gloriosos que registra a historia das guerras maritimas de todo o mundo», na frase do mesmo Visconde, alto favor que o Vice-Almirante J. J. Ignacio, Barão de Inhaúma, confessa não poder deixar de attribuir á mais decidida protecção de Deus. (24)

Illuminando o genio guerreiro dos nossos generaes e a bravura da nossa infantaria e cavallaria, a mesma fé os guiou á victoria na memoravel guerra.

«Camaradas! dizia Caxias na ordem do dia de Dezembro de 1868, o inimigo vencido por vós na ponte de Itororó

---

(24) Consulte-se «Marinha d'Outrora» pelo Visconde de Ouro Preto.

e no aviso *Avahy*, espera-vos em Lomas Valentinas com os restos do seu exercito!

Marchemos contra elle, e com esta victoria mais, concluiremos as nossas fadigas e privações.

O Deus dos exercitos está comnosco! Eia! Marchemos ao combate, que a victoria é certa, porque o general e amigo que vos guia, ainda *até hoje não foi vencido*... (25)

Encerrados nas cercanias da Laguna Vera e dizimados pelo fogo de artilharia e fuzilaria numa luta inutil de 9 dias e 8 noites, os Paraguayos repellem a bala os dois parlamentarios enviados pelos chefes alliados, general Bivar e coronel Barros Falcão, para convidal-os á rendição. Consegue, porém, convencel-os da barbara e tresloucada resistencia, como se exprime Ouro Preto, o padre Ignacio Esmerati, capellão da esquadra, que, alçando a imagem santa do Crucificado, lhes fala a linguagem do Evangelho.

Com heroismo não menor do que o dos nossos valentes soldados, sacerdotes catholicos, por amor da Religião e da Patria, affrontaram a morte nessa sanguinosa guerra.

Em meio das phalanges brasileiras via-se naquelles tristes dias com o Crucificado na mão o Capellão-mór do nosso exercito, Frei Fidelis d'Avola, que, auxiliado por seus Irmãos de habito (eram estes seis), sem temer baionetas nem balas, acudia com soccorros espirituaes aos que caiam no campo de batalha, e transportando os feridos para os hospitaes de sangue, ahi exercia, não raro, o officio de enfermeiro e assistente dos medicos.

Lutando pela inteireza da fé do seu querido Brasil e observancia das santas leis com que ella, mãe carinhosa, defende seus filhos do contagio do erro, apparece, refulgente de gloria, a Egreja Catholica em dois insignes brasileiros, dignos successores dos Apostolos, D. Macedo Costa e

---

(25) Notas de um livro—Genserico de Vasconcellos—J. do Brasil, Dezembro de 1919.

D. Vital, os mais em evidencia na galeria dos grandes homens suscitados na occasião pela Providencia.

Com a solicitude de Pastor Supremo, a quem incumbe conservar intacto o deposito da verdade e com o amor de pae vigilante, que sustenta, ampara e defende filhos queridos, Pio IX escreve aos Bispos do Pará e de Pernambuco, ao Cabido e ao Clero do Pará, ao Governador do Bispado de Olinda, ás senhoras do Rio de Janeiro, aos Bispos do Brasil, ao serenissimo Imperador Pedro II.

V

Pisando leis divinas e humanas, aventureiros, trazidos ao Brasil pela avidez das riquezas, não trepidaram perpetrar a barbara injustiça de reduzir *a captiveiro* o nosso gentio.

Já Paulo III havia profligado o crime e proclamado com a sua autoridade suprema a verdadeira doutrina.

Todavia o mal proseguia arruinando a obra da santa civilização.

Falou Urbano VIII vibrando as mais severas penas contra todos os que *captivassem* os indios, quer convertidos quer não.

Como outr'ora o ferrenho paganismo porfiava em reter os escravos em torpe captiveiro, na frase de Veuillot, (26) embora a Egreja começasse bem cedo a entender com todo seu poder em redimil-os, assim os cobiçosos povoadores da nova terra continuaram crueis violencias contra o pobre do selvicola, mau grado o espirito de doçura do christianismo, as penas da Egreja e seu incessante esforço em prol da liberdade do homem.

Em 1741 Bento XIV, pela Bulla *Immensa Pastorum*, dirigida aos Bispos do Paraguay, do Brasil e do Rio da Prata, depois de recapitular os esforços feitos pela Egreja para converter os indios e estranhar que se achasse ainda

---

(26) Vida de J. Christo—Trad. de Castilho, p. 386.

quem os caçava, vendia e vexava, por varios modos, affirma ter escripto ao rei D. João V para impedir taes excessos e castigar quem os praticava ; recommenda que se use de toda a brandura com os indios ; sob pena de excomunhão *latæ sententiæ ipso facto incurrenda*, reservada ao Summo Pontifice, prohibe a todos os seculares de qualquer dignidade, e aos Religiosos de qualquer Ordem, reduzir os indios á escravidão, vendel-os, compral-os, trocal-os ou dal-os, separal-os de suas mulheres e filhos, despojal-os de seus bens, conduzil-os ou mandal-os para outros logares, ou coarctar-lhes de qualquer modo a liberdade, ou continuar a tel-os em captiveiro. (27)

Por defenderem a liberdade dos indios foram por seus advesarios expulsos da Capital de S. Paulo os Jesuitas em Julho de 1640.

«Não importa! Lançamos, os primeiros,
«As sementes da fé por estes ermos!
«Hasteamos o labaro divino
«Sobre estes verdes montes, conquistamos
«Em nome de Jesus estes desertos,
«E o deserto maior das consciencias. (28)

O padre Antonio Vieira, «a maior cabeça politica peninsular do seculo XVII,» (29) prégou, advogou e defendeu a libertação dos indios no Brasil, e desde 1653 em deante esta humanitaria causa constituiu todo o seu empenho, enchendo e esgotando o resto duma vida de ensinamentos,... fecunda em serviços á Patria, a Deus e á Humanidade. (30)

Na Religião encontrou o movimento nacional para a libertação dos escravos o seu mais efficaz e prompto factor.

---

(27) Galanti, p. 339 do T. III da Hist. do Brasil, nota.
(28) Varella—Ev. nas Selvas.
(29) Joaquim de Araujo, citado por Pinto da Rocha.
(30) Pinto da Rocha, Conferencia 1.ª sobre a Hist. Diplomatica do Brasil.

Largamente influiu no espirito nacional para a libertação geral o exemplo dos Benedictinos e de outras Communidades Religiosas, entre as quaes as Recolhidas de Macahubas, que, muito antes da aurea lei, deram liberdade a seus escravos.

Em homenagem a Leão XIII, cujo episcopal jubileu se ia celebrar, os Bispos do Brasil, em luminosas Pastoraes, lembraram a idéa de se libertarem escravos no maior numero possivel.

Era a pedra rolada da montanha!

«*Livres do perigo de sedição choverão as bençãos do céo sobre todo esforço que tenda a melhorar a sorte dos que soffrem o captiveiro,* escrevia o Primaz do Brasil em Pastoral de 28 de Julho de 1887.

«E' por isso que folgamos em propôr ao nosso clero, aos nossos bem amados diocesanos, como obra meritoria á face de Deus e dos homens, a libertação dos captivos ..

«Recommendamos ainda aos nossos caros cooperadores e aos nossos amados diocesanos como obra de todo merito a organização de sociedades com o fim de ampararem os libertos e os ingenuos.

«Dar a liberdade e abandonar ao ocio e á ignorancia seria sujeitar esses infelizes a peor captiveiro.

«E' preceito de Deus: «*Não deixarás ir com as mãos vasias aquelle a quem deres a liberdade. Não apartes delle os teus olhos, quando o despedires livre..., para que o Senhor teu Deus te abençôe em todas as coisas que fazes.*»

O venerando Bispo de Diamantina, que em 1846, na «*Selecta Catholica*», de Marianna, e em 1862 no *Jequitinhonha,* de Diamantina, pugnava pela libertação, chegou a percorrer sua cidade episcopal, supplicando a manumissão dos escravos, e na Pastoral que publicou a 28 de Setembro de 1887 lembrou ao governo «offerecesse a Leão XIII, a cujos olhos nenhuma prenda seria de maior valor, o decreto ou golpe de Estado em letras de ouro extinguindo a escravidão no Brasil desde 31 de Dezembro de 1887».

«Deixemos de parte a questão de vossos direitos sobre a pessoa ou serviços de vossos escravos, para appellar somente para o vosso coração christão e catholico a favor delles, pedindo-vos que descerreis os ouvidos á voz da Egreja, e attesteis ao actual Pontifice que no Brasil ha muito coração generoso, caritativo, magnanimo, para celebrar o jubiloso anniversario que se approxima com grandiosos actos de caridade, remindo muitos captivos», escrevia D. José da Silva Barros, em Pastoral, do mesmo anno.

D. Lino, Bispo de S. Paulo, em officio de 15 de Junho de 1887, depois de recordar que ha vinte annos se havia pronunciado em papel official a favor da libertação, communicava ao seu Vigario Geral a resolução de «criar na Camara Ecclesiastica do Bispado uma caixa, sob a denominação de «Auxiliadora da Redempção dos captivos» ; — cedia 5 °/o dos rendimentos da Mitra e a terça parte de sua congrua para a caixa, e nomeava uma Commissão de sacerdotes para angariar donativos para a mesma, cujo fim não se limitava a remir captivos, mas iria em beneficio da educação profissional dos meninos desamparados, principalmente ingenuos.

Ao nobre exemplo de D. Lino correspondeu com largos donativos e liberaes manumissões o Clero de São Paulo.

«Nada melhor se poderá fazer, para glorificar o augusto chefe da grande familia christã do que conceder a liberdade a miseros escravos, que são nossos irmãos e são tambem filhos da Egreja», escrevia D. Antonio de Alvarenga, Bispo do Maranhão, em Pastoral de 8 de Julho de 1887.

«Eis ahi, carissimos irmãos e filhos, uma obra magnifica, que será muito de agrado do Santo Padre e com a qual podereis fazer-lhe a melhor das demonstrações no dia do seu jubileu sacerdotal.» (31)

---

(31) Consulte-se *O Apostolo* de 27 de Novembro de 1887.

D. Antonio Benavides, Bispo de Marianna, em Pastoral do mesmo anno, dizia: «Comquanto neste Bispado não haja faltado o concurso da auctoridade diocesana, como se prova por uma circular dirigida pelo Vigario Capitular, *sede vacante*, a todo o clero, e pelos actos por Nós praticados no tempo de nossa administração, que se fizeram do dominio publico, nos teriamos pronunciado de modo mais solemne nesta questão vital, si a longa enfermidade com que Deus se dignou provar-Nos em sua infinita misericordia não Nos houvera reduzido á impossibilidade de entreter-Nos comvosco, etc.»

Em consequencia da Pastoral de S. Ex. e em regozijo pelo jubileu do Santo Padre, o clero da Diocese de Marianna, de accordo com a Associação Redemptora dos captivos, fundada na séde do Bispado, accelerou o movimento abolicionista, dando o exemplo da libertação dos seus ultimos escravos, como noticiou a imprensa. (32)

Apostolo convicto da redempção dos captivos patenteou-se o illustrado e zeloso Bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, quando numa douta Pastoral, convidava seus diocesanos a celebrarem com solemnes festas o jubileu do Santo Padre Leão XIII. (33)

Verberando a escravidão como «systema completamente opposto ás leis divinas» D. Carlos d'Amour, Bispo de Cuyabá, aconselhou, em Pastoral de 8 de Dezembro de 1887, a redempção dos captivos, e para este fim cedeu «a terça parte dos redditos da Mitra e da Caixa Pia, sentindo não poder fazer o mesmo a respeito da congrua, por já ter destinado a sua terça parte para o cumprimento dum dever igualmente caridoso.»

Em summa, as Auctoridades ecclesiasticas em todas as Dioceses brasileiras, com prudencia e força movimentaram

---

(32) *O Apostolo* 27 de Novembro de 1887.
(33) Consulte-se o *O Apostolo* de 18 de Abril de 1888.

pela palavra e pela acção a humanitaria obra da abolição do captiveiro, no Brasil.

Lembremos mais que quando a 2 de Julho de cada anno a Bahia celebrava a entrada do exercito pacificador, de que falamos, a distribuição das cartas de liberdade era confiada ao Primaz da Egreja Brasileira. (34)

Da cadeira de S. Pedro falou tambem o chefe supremo da Egreja, Leão XIII, ao Episcopado brasileiro pela sabia e eloquente Encyclica *In plurimis* de 5 de Maio de 1888, e, feita a abolição, offereceu á immortal Princeza, que gravou seu nome nessa aurea lei tão christã, um mimo de inestimavel valor, *a Rosa de ouro*.

A solemnidade da tradição desse grande donativo, precioso por seu lavor artistico e mais ainda pelos sagrados mysterios que symboliza, valeu-nos um dos mais bellos discursos de D. Macedo Costa.

Nessa luminosa Encyclica, em cujas paginas vibra de santas commoções a alma do immortal Pontifice, Leão XIII recorda como antes do Christianismo os povos mais civilizados, com applauso de eminentes philosophos e jurisconsultos, não coraram de introduzir nos seus codigos a lepra da escravidão, cabendo ao Evangelho, pela prégação dos principios de igualdade e fraternidade entre os homens, a iniciação duma nova ordem de coisas.

Lembra, outrosim, quanto a Egreja fez para suavizar a dura condição dos captivos, as providencias com que os Papas, no correr dos seculos, procuravam apressar a hora da completa emancipação desses infelizes, seus esforços contra o trafico da escravatura e as angustiosas scenas das deshumanas barbaridades commettidas no continente africano, em pleno seculo XIX, contra milhares de homens a quem roubavam a liberdade! Manifesta o grande Pontifice quanto e quão singularmente lhe penhorou o coração, entre os muitos e grandes signaes de piedade com que de todas as par-

30 2 2 634

---

(34) Festas e T. por Mello Moraes Filho.

tes do globo o saudavam, *o facto de se dar liberdade no Brasil a muitos que gemiam sob o peso da escravidão.* «Isto, diz elle, nos foi mais agradavel e consolador do que tudo: (*Nobis autem fuit acceptum in primis et jucundum*), e expressamente o dissemos no mez de Janeiro ao Enviado acreditado junto de Nós pelo augusto Imperador».

Quão delicados os conselhos dados então pelo Santo Padre nesse documento estupendo de saber e prudencia!

«E agora, Veneraveis Irmãos, queremos dirigir-vos o Nosso pensamento e as Nossas Letras para manifestar e repartir comvosco a grande alegria que experimentamos pelas decisões que nesse Imperio se adoptaram a respeito da escravidão. Uma vez que foi estabelecido por lei que todos aquelles que se encontram ainda na condição de escravos serão admittidos á classe e aos direitos dos homens livres, não só isto em si Nos parece bom, fausto e salutar, mas fortalece e incrementa a esperança de progressos consoladores para os interesses civis e religiosos. Assim, o nome do Imperio Brasileiro será com razão celebrado e louvado entre as nações civilizadas, e justamente será exaltado o do Augusto Imperador, do qual se refere haver declarado que nada tem mais a peito do que ver promptamente abolido em seus Estados todo o vestigio da escravidão.

«Mas emquanto se cumprem as prescripções da lei, de todo o coração pedimos que vos dediqueis com todo o zelo e trabalheis com todo o ardor neste negocio, que deve sem duvida trazer comsigo não leves difficuldades.

«A vós incumbe procurar que os senhores e os escravos se entendam de boa fé, para de modo nenhum serem violadas a *clemencia* e a *justiça*, e todas as transações serem reguladas legitima e tranquillamente e segundo o espirito christão.

«E' sobretudo para desejar que a abolição da escravatura, objecto das mais puras aspirações de todos, se realize de modo feliz, sem o menor detrimento do direito divino

e humano, sem nenhuma perturbação publica, e de modo que fique segura a utilidade estavel dos mesmos escravos de cujo interesse se trata.

«A cada um destes... recommendamos com pastoral desvelo e fraternal affecto algumas admoestações escolhidas entre as maximas do grande Apostolo das gentes.

«Tenham sempre muito *na memoria para lembrança* e *no coração para agradecimento* aquelles a cuja obra e conselho devem a liberdade. Deste beneficio não se tornem jamais indignos, jamais confundam a liberdade com a licença das paixões, e usem della, como convem a cidadãos honestos, applicando-se a uma vida de industriosa actividade, para vantagem e decoro da familia e da sociedade. Cumpram religiosamente o dever de venerar e respeitar a majestade dos principes, de obedecer as autoridades, de observar as leis, mais pelo sentimento religioso que pelo temor: fujam de invejar as riquezas e a superioridade dos outros, pois é sobremodo deploravel que muitos dos mais pobres se deixem continuamente dominar por este vicio, fonte de muitos actos de iniquidade contra a segurança e a paz da ordem estabelecida. Contentes com a sua condição e com o que possuem, nada tenham mais a peito, nada desejem com maior ardor do que os bens celestiaes, pois para estes foram criados e remidos por Jesus Christo.

«Animados de piedade para com Deus, seu Senhor e Libertador, com todas as veras o amem e observem com toda a fidelidade os seus mandamentos. Regozijem-se de ser filhos da sua Esposa, a Santa Egreja, e façam quanto lhes for possivel para com amor pagarem o seu amor.» Etc.

Pouco depois, em resposta ao discurso do director da peregrinação africana, o Santo Padre recorda a Carta Evangelica dirigida aos Bispos do Brasil e as congratulações que, jubiloso, lhes deu pelo memoravel facto da libertação dos escravos a 13 de Maio de 1888, dia que «a patria, na frase dum venerando Prelado, escreveu em letras de ouro sobre o bronze dos seus diptycos, e a Egreja esculpiu, para memo-

ria perpetua das gerações venturas, nos braços da Cruz do Redemptor dos homens.»

Em documento publico dirigido em Maio de 1888 ao Primaz do Brasil e aos Bispos do Imperio reconheceu o Ministro da Justiça de então o concurso activo da Egreja em prol da libertação dos captivos: «Constante, dizia elle, como tem sido a Egreja de Jesus Christo, no empenho de condemnar a escravidão e libertar os escravos, já pela palavra de seus Pontifices, já pelo sacrificio de seus heroes a esta obra de piedade santa; reconhecido ainda o Governo imperial aos Bispos brasileiros, que exhortaram seus diocesanos a renunciarem o abominavel imperio, que com postergação do direito natural exerciam sobre seus semelhantes; e convindo dar intelligencia á lei n. 3353 de 13 de Maio do corrente anno por que foi declarada extincta a escravidão, no Brasil, de modo que os mais rudes moradores do Imperio não ignorem os direitos e obrigações que descendem de tão feliz nova, com a maior confiança invoco a intervenção de V. Exc. Revma. para que haja de determinar aos Revmos. Parochos de suas Dioceses que nas missas conventuaes leiam aos assistentes a integra da referida lei e os aconselhem a cooperar na sua execução pelo esquecimento do passado, amor ao trabalho e reciproco auxilio».

VI

Até á proclamação do actual regimen os Soberanos Pontifices, tanto quanto lhes permittia a situação da Egreja perante o governo, menos, muito menos do que lhes suggeria o apostolico zelo a bem do Brasil, como claramente o demonstram suas Bullas, (35) erigiram prelasias e Bispados

---

(35) Et eorum incolæ ac habitatores venerabilium Praesulum doctrina et auctoritate suffulti proficiant semper in Fide, et quod in temporalibus sunt adepti, non careant in spiritualibus incremento, opem et operam libenter impendimus efficaces. Bulla de Julio III, erigindo o Bispado de S. Salvador;

em nossa querida patria para salvação das almas, utilidade, incremento e incolumidade do Estado.

Assim, Julio III, pela Bulla *Super specula militantis Ecclesiae,* de 28 de Fevereiro de 1550, erigiu o Bispado de S. Salvador da Bahia, dando-lhe como Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, devorado pelos indigenas Caetés a 16 de Julho de 1556; Gregorio XIII, a Prelasia do Rio de Janeiro, a 19 de Julho de 1576; Paulo V, a de Pernambuco a 5 de Julho de 1614; Innocencio XI, as Dioceses do Rio de Janeiro pela Bulla *Romani Pontificis,* de 22 de Novembro de 1676, de Pernambuco pela *Ad Sacram Beati Petri* do mesmo dia e anno, a de Maranhão pela *Super universas,* de 30 de Agosto de 1677, além de elevar a Arcebispado o Bispado da Bahia pela Bulla *Inter Pastoralis officii,* de 22 de Novembro de 1676; Clemente XI, a do Pará pela Bulla *Copiosus in misericordia,* de 4 de Março de 1719; Bento XIV, as de S. Paulo e Marianna, e as Prelasias de Goyaz e Cuyabá pela Bulla *Candor lucis aeternae,* de 6 de Dezembro de 1745; Leão XII, as Dioceses de Goyaz e Cuyabá pela

---

quo maior est a capite distantia, eo vigilantior debet esse super eos nostra Apostolica sollicitudo. Innocencio XI, elevando á Metropolitana a Diocese da Bahia;

inter multiplices curas, quae ex Apostolico munere nobis incumbere dignoscimus illa praesertim cordi nostro est, ut, multiplicata messe agri, et dominici cultores multiplicentur. Inn. XI, elevando á Diocese a Prelasia do Rio;

quorum pietatem in dies magis augeri in Domino laetamur, eorumque augmenta Apostolica benignitate et vigilantia juvare summopere optamus, quapropter cum ad hoc maxime conducat, ut Christi fideles aptis Pastorum ministeriis regantur Inn. XI, elevando á Diocese a Prelasia de Pernambuco;

dignum, quin fortius debitum arbitramur in irriguo militantis Ecclesiae agro novas Episcopales sedes plantare, etc. Inn. XI, erigindo a Diocese do Maranhão;

propensius ac celeriter annuimus. Bento XIV, erigindo as Dioceses de S. Paulo, Marianna, etc.;

Ad oves dominicas rite pascendas exploratum omnibus est nihil magis conferre quam si pastores multiplicentur. Pio IX, erigindo a Diocese do Rio Grande do Sul;

Hac virtute compulsi nos ab ipso Pontificatus nostri initio ubique terrarum Episcopales Sedes ut potuimus constituendas curavimus. Pio IX, erigindo a Diocese de Diamantina.

30 2 26 34

Bulla *Sollicita catholici gregis*, de 5 de Julho de 1826; Pio IX, as do Rio Grande do Sul pela Bulla *Ad oves dominicas*, de 7 de Maio de 1848, a de Diamantina pela Bulla *Gravissimum sollicitudinis*, de 6 de Junho de 1854, e a do Ceará pela Bulla *Pro animarum salute*, de 8 de Junho de 1854.

Logo após a nossa independencia a Santa Sé, por meio do seu representante no Brasil, Monsenhor Ostini, e do seu substituto, tratou da reforma das Ordens Regulares, afim de poderem, animadas do espirito de seus santos fundadores, bem servir os interesses da Religião e da Patria.

Fitando tão nobre ideal, Leão XI , ao desligar a Ordem Benedictina do Brasil da de Portugal pela Bulla *Inter gravissimas curas*, de 1º de Julho de 1827, recommendou-lhe a *educação da mocidade, maxime nas sagradas disciplinas*.

Alguns annos mais tarde, o Dr. Scipião Domingos Fabbrini, Delegado apostolico para reforma das Ordens Regulares no Brasil, refere-se a essa Bulla, quando em memoravel documento, datado em 22 de Julho de 1833, exige que a Ordem Benedictina abra aulas de Letras divinas e humanas para a juventude brasileira, e, onde possivel e util, escolas gratuitas para ensino da Religião, das linguas latina, portugueza e indiana.

Na mesma occasião lembra o eminente Delegado apostolico aos Monges o antigo e louvavel costume de se applicarem á cultura e lhes recommenda sigam entre nós o exemplo de seus Irmãos de habito, do velho mundo.

Para utilidade de toda a America Latina, e por isto do Brasil, Pio IX erigiu e seus successores tem cercado de fraternal carinho o Collegio Pio Latino Americano, onde se educam moços brasileiros para o estado ecclesiastico.

Com igual solicitude os Soberanos Pontifices concederam singulares faculdades e privilegios e corroboraram com extraordinaria autoridade e poder, como diz Leão XIII, nas Letras Apostolicas *Trans Oceanum*, os operarios evangelicos na America Latina, e, portanto, em nosso paiz.

E, por nos vir aqui de molde, lembraremos as ardencias do zelo com que os Soberanos Pontifices se occuparam sempre em dar ao Brasil Pastores segundo o coração de Deus, os quaes com força e suavidade preservaram o povo brasileiro de guias que não davam seguros penhores de inteireza na fé ou na moral.

Assim, de tal modo se formou e fortaleceu na doutrina catholica a alma brasileira, que a nossa Nação tem assaz de vezes manifestado solemnemente sua adhesão á Roma e seu horror ao scisma.

Por ter a Santa Sé mandado uma formula de declaração para ser subscripta pelo Dr. Antonio Maria de Moura, apresentado pela Regencia para Bispo do Rio de Janeiro, o deputado Estevam Raphael de Carvalho tentou por um projecto separar a Egreja Brasileira da Romana, dando-lhe como chefe o governo! Lido na sessão de 6 de Junho de 1835, o projecto foi repellido pela Camara.

Quando em 1836 o Ministro do Imperio declarou á Camara que o governo havia mandado contratar, para catechese dos nossos indigenas, dois Irmãos Moravos ou Bohemios, isto é, sectarios de opiniões lutheranas e calvinistas, o povo e seus representantes se escandalizaram, «a opposição levantou-se formidavel», diz em suas Memorias o Marquez de Santa Cruz, e, refutada e ridicularizada a idéa por eloquentes oradores, declarou o Ministro que os taes Irmãos não viriam.

Ahi está como a Egreja Catholica vem cercando com seus carinhos de mãe o nosso querido Brasil desde o dia em que foi descoberto.

Foi Ella que amansou e civilizou os primitivos habitantes do nosso paiz; desbravou nossas florestas, transformou em selvas de edificios nossas solidões; avigorou nossos soldados para as asperezas da guerra; temperou nossos animos para rijas provações; aprimorou nosso espirito; apurou e amenizou nossos costumes, consolidou nossas leis e cimentou nossa unidade nacional.

VII

Proclamado o novo regimen, e feita a separação da Egreja do Estado pelo decreto do governo provisorio de 7 de Janeiro de 1890, eis aqui como os Bispos brasileiros, em solemne documento collectivo, de 19 de Março do mesmo anno, proclamam sua attitude de Pastores, que o Espirito Santo poz para reger a Egreja de Deus, e a dos fieis, suas ovelhas:

«Saibam todos que nós tambem, Catholicos brasileiros, não separamos em nossos corações esses dois amores, oriundos ambos da mesma fonte que é Deus, o amor da Religião e o amor da patria, e que por este dobrado vinculo nos acharemos sempre perfeitamente unidos!

Charitas quod est vinculum perfectionis.

«...*Um em Jesus Christo*, na ordem, na paz, na concordia, no trabalho, no respeito á auctoridade, na submissão ás leis justas, no progresso verdadeiro, que é o que tem o seu ponto de partida do Evangelho!

«*Um em Jesus Christo*, para a nossa regeneração particular, para reforma de nossos costumes publicos, para o levantamento do nivel da nossa civilização aos olhos das outras Nações, para a gloria, emfim, d'Aquelle Senhor Omnipotente, arbitro supremo dellas, que as eleva ou as abate conforme a rectidão de seus juizos.

«Unamos os nossos intuitos, os nossos labores para a execução desta sublime empresa.»

De accordo com este singelo programma, iniciou a Egreja no Brasil, com redobrado zelo, sua nova vida.

Em Agosto de 1890 reuniram-se em Conferencia na cidade de S. Paulo os Bispos brasileiros, e combinaram medidas de importancia para o progresso religioso no paiz, entre as quaes o augmento da jerarchia ecclesiastica e o recurso ao Chefe do Governo provisorio contra as clausulas inseridas no projecto da Constituição nacional que offendiam a liberdade e os direitos da Egreja.

Deus louvado, não foram completamente frustrados tão vivos esforços em defesa dos direitos da consciencia, e a Egreja, desassombrada e livre, poude expandir sua acção social.

Entre as diversas causas por que o estado da Religião padecia entre nós justo é contar a desproporção do numero dos Snrs. Bispos com a extensão do paiz e o numero dos habitantes, como escreveu o Santo Padre Leão XIII a 2 de Julho de 1894.

Erigiram-se, pois, sem demora, e foram se erigindo no decurso do tempo até agora passado novos bispados; de modo que, em vez de doze que havia, no vastissimo territorio brasileiro antes do actual regimen, contam-se hoje 52, além de seis Prelasias e tres Prefeituras Apostolicas, que, além de serem centros de vida religiosa, são outros tantos fócos de cultura intellectual e de progresso moral e material.

Os mais longinquos pontos do nosso territorio são objecto da maternal solicitude da Egreja.

Santarém e Araguaya, Rio Branco e Solimões, Acre e Purús, tem seus Prelados ou Prefeitos Apostolicos, que, nos labios o Evangelho, nas mãos a Cruz, affrontam a morte em clima ardente e zonas pestilentas, para levarem o archote da civilização christã aos que jazem nas trevas e nas sombras da morte.

Graças ao decreto de Leão XIII, de 2 de Setembro de 1890, elevaram-se do abatimento dos tempos passados á primitiva observancia de suas instituições as Communidades Religiosas que definhavam; incrementaram-se as que floreciam; e a ellas, animadas pelo espirito de seus fundadores, vieram ajuntar-se no santo apostolado outras ainda não conhecidas entre nós; e todas contribuem para o engrandecimento do Brasil pela catechese do gentio, pelas missões nas parochias, pela educação literaria e scientifica, pelo ensino pratico da agricultura, commercio, artes e officios, aproveitando dest'arte todas as aptidõese speciaes sob o influxo da Religião.

Para promover o Reino de Christo nas Nações americanas, e, por isto, no Brasil, o Santo Padre Leão XIII, como ha muito desejava (id quod iam diu Nobis in optatis fuit), convocou os Bispos da America Latina para um Concilio Plenario, em Roma, por suas Letras Apostolicas *Cum diuturnum*, de 25 de Dezembro de 1898, e, concluido o monumental trabalho, Sua Santidade com benignissimas palavras, em solemne e especial audiencia de despedida, lhes deu importantissimos conselhos para o futuro religioso de suas Dioceses.

Com summa benevolencia Pio X annuiu ao pedido dos Bispos das Provincias Meridionaes do Brasil para a solemne coroação da imagem de Nossa Senhora Apparecida, e por decreto e mandado do cabido da Basilica Vaticana de S. Pedro, de 28 de Dezembro de 1903, essa solemnidade, suprema honra, destinada somente ás imagens mais insignes pelos prodigios operados, foi celebrada a 8 de Setembro de 1904, com o ceremonial prescripto, perante immensa multidão de fieis de todas as classes sociaes, penhor da entrega do Brasil á tutela e amparo da Virgem Immaculada, como ponderou o Eminentissimo Cardeal Arcoverde no discurso então pronunciado (aliquid quasi novo pignore Brasiliam totam Virgini Immaculatæ in clientelam tutelamque committeret).

O mesmo Pontifice distinguiu o Brasil, entre todas as Republicas latino-americanas, pela exaltação de um de seus filhos ás honras do Cardinalato, a 11 de Dezembro de 1905, e elevou á Nunciatura a Internunciatura, que era a representação da Santa Sé entre nós.

«Na troca das relações entre o Estado e a Egreja, si um saldo se verifica, não pode ser elle em nosso favor, porquanto a attenção do Estado é inconstante, sendo dividida, e a da Egreja é solicita e assidua, como o proprio carinho de mãe espiritual», disse o dr. Domicio da Gama no discurso pronunciado por occasião do banquete que o Sr. Cardeal lhe offereceu a 13 de Maio de 1909 em regozijo

pela elevação da nossa representação junto ao Vaticano á Embaixada.

A Egreja, desnecessario parece dizel-o, não se deixa vencer em generosidade.

Assim é que, logo depois de conferido o grau de embaixada á nossa Legação em Roma, foi a Nunciatura no Brasil elevada á categoria de primeira classe, como são as de Vienna, Paris, Madrid e Lisboa.

Outro testemunho de predilecção do Santo Padre para com o Brasil foi dado em Abril de 1908 pela elevação do santuario da Apparecida á Basilica Menor, graça concedida annos antes á egreja de Nossa Senhora de Nazareth, em Belém do Pará, e depois á de Nossa Senhora Auxiliadora de Nictheroy, á de Nossa Senhora do Carmo em Recife, á do Sagrado Coração de Jesus em Diamantina e á do Bom Jesus em Marianna.

Entre os actos de benevolencia de Bento XV para com o Brasil grato nos é lembrar a concessão para mais duas coroações solemnes da imagem de Nossa Senhora: a do Carmo no Recife e a de Maria Auxiliadora em Cuyabá.

Na Republica, como no Imperio, e antes delle, a Egreja, por meio dos seus mais lidimos representantes, tem sido factor sem igual da ordem e da paz.

Quando a guerra civil dividia a familia brasileira numa luta fratricida, extinguia vidas preciosas, accendia odios, paralisava o commercio e arrastava de ruinas o solo da patria, ouviu-se por sobre o ribombar da artilharia a voz do grande Arcebispo do Rio de Janeiro, D. João Esberard. Em bella Pastoral, de 31 de Dezembro de 1890, em que tratava da paz e concordia entre todos os brasileiros, dizia S. Excia:

«O amor da patria tambem commoveu o coração ternissimo de Jesus. O raio vingador que a eterna justiça ia vibrar sobre a desditosa Jerusalém provocou as suas lagrimas divinas, arrancando-lhe do peito sentidos gemidos.

E Jesus fez então subir para o throno de seu Pae o incenso suavissimo de sua prece.

«Catholicos! instruidos como sois nas cousas do céo, bem conheceis o valor da oração. Eia! a ella recorrei! . . .

«Correi, pois, Irmãos e Filhos dilectissimos, correi ao santuario, invocae por intercessão da Virgem Immaculada, protectora do Brasil, Aquelle a quem a Sagrada Escriptura denomina o *Principe da Paz*».

Quando Antonio Conselheiro, á frente de mais de mil companheiros, entre os quaes alguns criminosos, conseguiu manter em Canudos deploravel situação de fanatismo e revolta contra o regimen republicano, dois religiosos, Frei João Evangelista de Monte Marciano e Frei Caetano de S. Léo, capuchinhos, foram, por ordem do Arcebispo da Bahia, áquelle infeliz povoado, onde as leis não eram acceitas nem as autoridades reconhecidas, e nem admittido o dinheiro republicano, para pela prégação evangelica, chamarem aos deveres de catholicos e cidadãos aquelles perigosos discolos que, offendendo a religião, perturbavam a ordem publica. (36)

Por occasião da entrada do Brasil na guerra que começou em 1914, o episcopado teve uma só voz para concitar seus subditos á defesa da patria e ao incremento da producção.

Serviço foi este de tamanha importancia que o dr. Domicio da Gama, no discurso a que já nos referimos, diz «ser parte inestimavel de collaboração da Egreja, e particularmente do Clero brasileiro, na obra de aclarar os espiritos perturbados pela agitação revolucionaria, nessa crise gravissima para a politica do mundo e de monstrar-lhes o caminho da ordem dentro da liberdade».

Inestimavel tambem se pode dizer a collaboração do clero brasileiro na obra do recenseamento de 1920.

---

(36) Consulte-se o Relatorio de Frei J. E. de Monte Marciano.

A historia imparcial proclamará, sem duvida, que aos conselhos dos Bispos e Sacerdotes se deve em grande parte o bom exito dessa obra.

VIII

De seu lado, o actual regimen assegura á Egreja certa somma de liberdades que lhe facilitam a dilatação do reinado de Jesus Christo, e, justo é confessarmos, os Poderes Publicos tem procurado applicar a Constituição de modo não infenso ao Catholicismo, que é entre nós a Religião nacional, como na grande republica norte-americana é o Christianismo.

A cordialidade de nossas relações com a Santa Sé, os nossos esforços para a obtenção do Cardinalato, o convite ao chefe supremo da Egreja para presidir aos dois tribunaes que deviam resolver nossas questões relativas ao territorio do Acre, a resposta dada pelo Brasil á nota pontificia sobre a paz, a elevação da nossa representação junto da Santa Sé á embaixada, como cumprimento dum dever e pagamento duma divida de gratidão, segundo disseram o Presidente da Republica na mensagem de 13 de Novembro de 1918, e o distincto Relator, ao apoiar e esclarecer a proposta presidencial, são bons documentos do que dizemos.

De razão nos parece registrar aqui palavras do nosso Ministro em resposta á nota papal de Agosto de 1917. «Não ha no Brasil um só coração que não tenha sentido profunda emoção diante do appello eloquente, com que Sua Santidade, em nome de Deus, invocava a paz. Posto que o Brasil, em seu regimen de liberdade, não esteja ligado officialmente a nenhuma crença religiosa, elle não pode esquecer que occupa o terceiro logar entre as nações latinas catholicas. Ha quasi um seculo, as suas relações têm sido, sem nenhuma interrupção, as mais cordiaes com o governo da Egreja».

Razão é que tambem fique em memoria o que, por occasião de ser elevada á Embaixada nossa Legação junto ao Vaticano, disseram o Sr. Presidente da Republica e o illustrado Relator do parecer referente á materia.

«A Nunciatura, dizia o Dr. Wenceslau Braz, precedeu de muito a criação das actuaes Embaixadas do Brasil, e, agora que o poder legislativo trata de elevar a representação diplomatica em alguns paizes, seria opportuno, não somente corresponder áquelle acto, mas tambem offerecer uma prova de reconhecimento á Santa Sé, por ter escolhido, como primeiro Cardeal na America Latina, um sacerdote brasileiro, acto esse sem significação politica, mas de mais alto valor moral para o povo brasileiro, catholico na sua quasi totalidade».

«Na separação dos dois poderes, dizia o Relator, o espiritual e o temporal, como em nosso regimen politico, nenhuma relação de dependencia existe entre ambos. Comtudo, o facto de ter o Brasil conseguido um grau de civilização não inferior a nenhum outro paiz, é devido em grande parte á influencia benefica exercida pelo catholicismo em nosso paiz. Foi, pois, um dever moral a manutenção da nossa representação diplomatica junto á côrte do Soberano Pontifice, após a proclamação da Republica, cujo reconhecimento, por parte da Santa Sé, se deu logo nos primeiros tempos do seu advento, a 23 de Outubro de 1890».

«Concluimos, continuava o illustrado Relator, estas considerações, que nos foram lembradas pela mensagem do Sr. Presidente da Republica, exprimindo a nossa opinião no sentido de correspondermos ao acto de mais alto valor moral cumprido pelo Soberano Pontifice, elevando sua Internunciatura ou Legação á Nunciatura ou Embaixada, elevando nós tambem a nossa Legação á categoria de Embaixada junto ao Vaticano. Dest'arte, interpretando o sentimento do povo brasileiro, cumpriremos um dever, ao mesmo tempo que pagaremos uma divida de gratidão á Santa Sé», etc.

Entre as demonstrações de apreço do poder legislativo para com o supremo chefe da Egreja lembremos a resolução de mandar publicar no *Diario do Congresso* a Encyclica acerca da paz.

Esta norma de proceder é de esperar que se vá incrementando cada vez mais no nosso paiz cujo ambiente moral é catholico, e cujos estadistas e legisladores, regra geral, a exemplo dos da grande republica norte-americana, em cuja Constituição se inspiraram, entendem que a separação não quer dizer indifferença e muito menos hostilidade.

E com razão, porque, como diz Sismondi, os povos existem e não foram os legisladores que os criaram.

A missão do legislador é achar as leis que mais convenham a uma Nação, segundo seus costumes, sua religião, sua riqueza, etc.

Ora, si «o Brasil reconhece na fé catholica um dos signaes caracteristicos de sua nacionalidade e um dos principaes factores de sua grandeza», como disse o nosso primeiro embaixador junto ao Vaticano, (37) de estranhar seria que não fosse de benevolencia a attitude dos poderes publicos para com o catholicismo. Proceder de modo contrario seria cerrar os olhos ás lições da experiencia e do saber.

Com effeito, a imprensa registrou, ha tempos, as seguintes palavras dum dos mais distinctos publicistas europeus, Anatole Leroy-Beaulieu: «Em todas as coisas somos levados á mesma conclusão: nada verdadeiramente efficaz, nada solido e duradouro para nossas sociedades democraticas fóra do Evangelho, fóra do espirito christão e da fraternidade christã».

Guiado tão somente pela observação dos factos, sem preoccupações religiosas, Le Play, cujo nome escusa recommendação, escreveu: «Durante longas viagens busquei

---

(37) Dr. Magalhães de Azeredo ao entregar ao Santo Padre a Carta que o nomeava Embaixador.

constantemente grupos de familia que se tivessem formado sem o apoio do Decalogo confiado á guarda da autoridade paterna. Muitas vezes prometti recompensa áquelles que me assignalassem a existencia deste phenomeno social.

«Os letrados que pretendem fundar a escola do naturalismo affirmam que o Decalogo não é mais necessario aos homens do que aos animaes. Este erro me parece universalmente refutado pela experiencia das sociedades humanas; e nunca vim a saber que os partidarios desta novidade tivessem conseguido fundar o menor nucleo de população. Os dez preceitos do Decalogo recordam aos homens em formulas simples, comprehensiveis ás menores intelligencias, a distincção do bem e do mal e se impõem com autoridade irresistivel. Jamais as sociedades prosperas poderam substituir por outra coisa este resumo tão claro e tão exacto de ensinamentos. Algumas vezes lhe ajuntaram leis muito complicadas, mas estas só tem produzido beneficios quando emanadas dos dez mandamentos.

«Em resumo, a fonte da felicidade e da paz se achou sempre no Decalogo: *desde as primeiras idades da historia prosperam os povos submissos a esta lei suprema, padecem os que a violam, perecem aquelles que persistem na revolta contra ella*».

«Na ordem moral, diz elle noutro logar, não temos nada que inventar após a revelação do Decalogo, e a sublime interpretação que lhe deu Jesus Christo.

«Levantaram-se os povos pela pratica do Decalogo, recairam quando o abandonaram».

Ouçamos tambem a Taine, cujo valor scientifico é tão caro aos emancipados de idéas religiosas, e que fala somente sob a inspiração da observação positiva: «Hoje como outr'ora, o christianismo é o orgam espiritual, o grande par de azas indispensaveis para elevar o homem acima de si mesmo, acima de sua vida rastejante, e de seus breves horizontes, conduzil-o por meio da paciencia, da resignação e da esperança, até á serenidade, transportal-o... até ao devota-

mento e sacrificio. Sempre por toda parte, ha dezoito seculos, quando essas azas desfalecem ou se quebram, os costumes publicos e privados se corrompem...; o homem abusa de si mesmo e dos outros..., a sociedade torna-se covil de salteadores e mau logar. Só o christianismo é capaz de suster o resvalar continuo que precipita nossa raça com todo o seu peso original no abysmo de sua degradação; e o velho Evangelho... é ainda o melhor auxiliar do instinto social».

Não admira que deste modo se exprimam Le Play, grande sociologo, e Taine, historiador positivista, que, no dominio da civilização moderna, apoiados unicamente nos factos, formulam leis geraes, uma vez que nas eras do paganismo Horacio reconheceu depender a grandeza ou decadencia das nações da pratica ou do abandono do culto religioso:

Dî multa neglecti dederunt.
Hesperiæ mala luctuosa.

A' luz destes principios é que Burk poude exprobar á França Revolucionaria «ter-se transviado do grande caminho da natureza». (38)

«Por uma especie de aberração da intelligencia, diz Tocqueville, por uma sorte de violencia moral é que os homens se afastam das crenças religiosas: uma inclinação irresistivel os reconduz a ellas. *A incredulidade é um accidente; só a fé é o estado permanente da sociedade.*

«Quando a religião é destruida num povo, a duvida apodera-se das partes mais altas da intelligencia... Cada pessoa se habitua a ter somente noções confusas e fluctuantes das coisas que mais lhe interessam e a seus semelhantes. A gente defende mal as proprias opiniões ou as abandona; e como perde a esperança de, por si só, resolver os grandes problemas que o destino humano apresenta, resolve-se covardemente em não pensar nelles. Tal estado não pode deixar de enervar as almas; a vontade perde a energia, e os cidadãos se dispõem para a servidão. Acontece então que não so-

(38) Reflexions sur la Rev. de Fr., p. 160.

mente elles deixam que se lhes tome a liberdade, mas fazem peor: entregam-na.

«Quanto a mim, conclue o vigoroso escriptor, duvido que o homem possa a um tempo ter completa independencia religiosa e inteira liberdade politica, e penso que, *si elle não tem fé, necessariamente não tem liberdade*; *si é livre, necessariamente crê*». (39)

Bem conhecidas são as exhortações que na sua mensagem de despedida ao povo dos Estados Unidos da America do Norte dirigiu Washington aos seus concidadãos: «A Religião e a moral são sustentaculos necessarios á prosperidade dos Estados. Em vão pretenderá o titulo de patriota aquelle que quizer derrubar estas duas columnas do edificio social. O politico, assim como o homem piedoso, as deve reverenciar e amar. A influencia que uma educação apurada terá talvez nos espiritos de certa tempera, a razão e a experiencia impedem esperar da moral duma Nação inteira, sem o concurso dos principios religiosos».

IX

Certo, como é, que «o povo brasileiro se une á Egreja Universal pelo vinculo espiritual e que o espirito religioso exerceu salutar influencia na formação de nossa nacionalidade, e grandes serviços á causa da civilização, no Brasil, prestaram abnegados apostolos da Egreja», (40) que deveres nos impõem para com Ella a nossa gratidão e os nossos mais vitaes interesses?

Leão XIII nol-os ensina na sua primeira Carta a nós dirigida após a proclamação da Republica em data de 2 de Julho de 1894.

Em cada uma das linhas desse precioso documento, curto pelo tamanho, extenso pelo amor, sente-se o continuo

---

(39) De la Démocratie, t. III, p. 39.

(40) Palavras do Dr. Arthur Bernardes no discurso ao sr. Nuncio Apostolico, Mons. Scapardini.

e fervoroso palpitar do coração dum pae carinhoso, cuja solicitude se manifesta nas providencias que recommenda ao clero e fieis. O altar e o lar, a sociedade civil e as Communidades Religiosas, associações pias e institutos de educação, tudo tem o seu logar nesse programma de vida para o Brasil, a que bem podemos chamar nossa *Carta Magna* religiosa no regimen actual.

No que concerne ao altar, ensina o sabio Pontifice que os sacerdotes devem ser quaes os quer S. Paulo na segunda epistola a Timotheo—*probabiles Deo, inconfusibiles,* isto é, *irreprehensiveis na doutrina e na vida.*

Assim tambem os comprehende e os quer o mundo: intemeratos na vida, para serem, pela efficacia do exemplo, viva e incessante prégação, cultores da sciencia, para suavemente illuminarem os espiritos pela irradiação de continuo prégão da verdade.

Oração e acção *(ora et labora)*, eis aqui os dois meios de realizarem os sacerdotes o ideal da sua perfeição, eis aqui as duas occupações a que devem consagrar todos os dias da vida, sem esmorecimento, sem impaciencia, sem vangloria.

A oração é o primeiro dos bens para o homem, diz D. Gueranger. Ella é sua luz, seu nutrimento, sua vida mesma, porque o põe em relação com Deus.

Mas, *por não sabermos orar como é nosso dever,* (41) necessario é que nos dirijamos a Jesus Christo e lhe digamos como os Apostolos: Senhor, ensinae-nos a orar. (42) Só Elle pode desligar as linguas dos mudos, tornar eloquente a boca dos meninos, prodigio que opera enviando seu Espirito de *graça e oração,* (43) que se compraz em *ajudar nossa fraqueza, supplicando em nós por um gemido inenarravel* (44).

---

(41) Rom. VIII, 26.
(42) Luc. II, 1.
(43) Zacch. XII, 10.
(44) Rom. VIII, 26.

Ora, sobre a terra, esse divino Espirito reside na Egreja. Para ella desceu Elle á maneira de vento impetuoso, ao mesmo tempo que apparecia sob o expressivo emblema de *linguas de fogo!* Desde então Elle reside nesta feliz Esposa; é o principio de seu movimento; inspira-lhe supplicas, votos e canticos de louvor, enthusiasmo e suspiros. Dahi vem que, *ha vinte seculos*, ella não se cala nem de dia nem de noite; e sua voz é sempre melodiosa, sua palavra vai sempre ao coração do Esposo.

Esse primeiro dos bens para o homem a Egreja impõe como dever ao sacerdote, lh'o decreta como officio desde a madrugada de sua iniciação nas Ordens maiores, dando o nome de *Officio Divino*, ecclesiastico, canonico, á oração vocal e publica, *stricto jure*, diurna e nocturna, que elle em nome da Egreja e segundo a fórma prescripta pelos sagrados canones, deve offerecer a Deus quotidianamente em horas determinadas.

Tal é o Breviario, assim chamado por ser um compendio do antigo e do novo Testamento, das sentenças dos Padres e Doutores da Egreja, e da vida dos santos.

Honrosissimo encargo!

Aos córos angelicos e á immensa multidão de bemaventurados, (45) que nos Céos cantam os louvores de Deus e lhe dão incessantes acções de graças, respondem, de modo official, na terra cada dia e cada hora, em todos os hemispherios, as legiões de fervorosos Sacerdotes que, milicia sagrada, montam guarda ao Cordeiro Immaculado!

Sociedade perfeita, da qual somos membros, a Egreja deve orar a Deus em nome de todos nós, ou como sociedade. E Ella o faz, confiando este encargo ás pessoas que no seu gremio são mais aptas para isto: aos clerigos constituidos nas Ordens sacras e aos ecclesiasticos beneficiados, por serem, *os primeiros*, *pessoas* deputadas, por força

---

(45) Vidi turbam magnam, quam dinumerare nemo poterat, ex omnibus gentibus stantes ante thronum. Ant. na Festa de Todos os Santos.

de sua ordenação, para o ministerio do altar e as funcções sagradas, *os segundos — magistrados publicos,* que de modo insigne representam a Egreja, como ensina Wernz. (Jus Decret. T. II, p. 1.ª n. 193.)

Ultilissimo ministerio!

Abeberando-se, qual cervo sequioso, (46) nas limpidas aguas emanadas *das fontes mesmas do Salvador;* (47); embebendo sua alma no ensino pratico da vida dos santos, o Sacerdote sente progredir sua intelligencia nas verdades da fé, crescer-lhe a vida sobrenatural, e, corroborado por salutares reforços, pois *magna armatura est oratio,* como diz S. João Chrysostomo, saboreia inexprimiveis consolações, no exercicio dos graves deveres do seu estado.

Offerecida em nome da Egreja, *columna e firmamento da verdade,* (48) esposa santa de Jesus e a elle sempre agradavel, a oração publica e commum do *Officio* divino encontra carinhoso acolhimento no coração de Deus, donde descerão sobre os fieis torrentes de graças, ondas de luz.

Para conseguir vantagens tão preciosas, para corresponder á honras tão de primor, cumpre ao sacerdote manter-se á altura de sua missão, guardar compostura de seu cargo, rezando o seu Officio *attenta, piamente,* em postura respeitosa e siceramente supplicante, como mediador que nas azas da oração sobe até aos Céos para alcançar e trazer á miseria humana os soccorros divinos.

Tudo, porém, se concatena na vida sacerdotal, e a obrigação do Officio divino não será bem desempenhada, si o sacerdote descuidar das outras praticas religiosas que lhes prescreve ou aconselha a Egreja.

Com effeito, como apresentar-se o sacerdote ante o divino conspecto para interceder pelo povo e dignamente

---

(46) Psalmo XLI, 2.
(47) Isaias, XII. 3.
(48) Tim. III, 16.

represental-o, si não conhece a si mesmo e nem aquelle a quem se dirige?

A' imitação de Santo Agostinho, elle se applicará á acquisição desse conhecimento (*Noverim me, noverim te*) pela meditação quotidiana. Conhecendo por este exercicio o abysmo de seu nada, o immenso de suas imperfeições, a grandeza de Deus, o rigor de sua justiça, o infinito de sua misericordia, lavará com frequencia no Sacramento da Penitencia as manchas da consciencia, *cujo exame fará todos os dias;* não deixará de se entreter por visita quotidiana com o *Santo dos santos*, no seu tabernaculo; com sentimentos de veneração e filial confiança invocará pelo Terço (49) de cada dia a mãe de Deus, que é tambem sua mãe, e então ardendo em amor de seus irmãos, muito ha de orar, e com as maiores veras, pelo povo e por toda a sociedade: *Hic est fratrum amator et populi, qui multum orat pro populo et universa sancta civitate, Jeremias propheta Dei.* (50)

Homem de oração, o sacerdote deve ser tambem homem de acção.

Deus o chamou para trabalhar na salvação das almas e não para viver no ocio ou malgastar os dias em negocios alheios á sua altissima vocação. A palavra de ordem de seu chefe immortal é *Labora sicut bonus miles Christi Jesu.*

Trabalhará no estudo das sciencias necessarias ou uteis ao exercicio do seu ministerio. A experiencia quotidiana mostra, diz Leão XIII, que, nos logares em que os ministros sagrados carecem de conveniente doutrina, os povos se perdem quasi inteiramente pela ignorancia da fé e da religião. (51)

---

(49) Canon 125: Curent locorum Ordinarii: 1.° Ut clerici omnes pœnitentiæ sacramento frequenter conscientiæ maculas eluant; 2.° Ut iidem quotidie orationi mentali per aliquod tempus incumbant, sanctissimum Sacramentum visitent, Deiparam Virginem mariano rosario colant, conscientiam suam discutiant.

(50) Macch. II, XV, 14.

(51) Carta aos Arc. e Bispos do Brasil—*Litteras a vobis.*

Trabalhará na instrucção dos fieis: *Docete;... praedicate Evangelium,* diz Nosso Senhor Jesus Christo. Prégação, catecismo, exhortação no Sacramento da Penitencia, criteriosa propaganda nas conversações, diffusão de bons livros, todos estes meios, e outros que lhe suggere o zelo, emprega o sacerdote que tem a paixão de fazer bem ás almas.

Mas como a prégação christã, essa lição publica e gratuita da moral pura e da crença verdadeira, nasce do dever que temos de promover a salvação de nosso proximo, bem é de ver que o sacerdote ha de apoial-a na força irresistivel do bom exemplo.

Por isso, o Santo Padre Leão XIII, na mesma Carta já citada, diz: «Comtudo, este ornamento, e ao mesmo tempo presidio, não produzirá o effeito desejado, si não estiver unido á santidade de vida e costumes.

Effectivamente, sobre ser indubitavel que a sciencia sem a caridade *incha* em vez de *edificar,* (52) os homens são naturalmente mais inclinados a seguir aquillo que vêem do que o que ouvem, muito embora Jesus Christo tenha ensinado uma doutrina que se deve receber dos ministros sagrados sem se ter em conta suas acções, si estas destoarem daquella. Esta é a razão pela qual nosso divino Salvador, mestre e modelo dos pastores do seu rebanho, começou a praticar e ensinar, como lemos na Escriptura, mostrando, pelo seu modo de proceder, que o sacerdote deve confirmar pelo exemplo a doutrina que prége e recommenda.

Entre os sacerdotes alguns ha a quem o Bispo confia o nobre e gravissimo officio de auxilial-o na ordinaria e immediata cura d'almas, (53) destinando-lhes para isto certas partes da diocese, circumscriptas por limites certos.

São os parochos, aos quaes o Santo Padre, na Carta *Litteras a vobis,* reserva logar especial, como se verá daqui

---

(52) Cor. III, 1.
(53) Wernz—ob. cit.

a pouco, e que, além dos deveres geraes do sacerdocio, tem outros que lhes são peculiares.

E' o parocho na sua freguezia personagem principal em todas as manifestações da vida publica ou particular, sejam ellas de alegria ou de tristeza.

Elle acompanha o fiel em todas as phases da vida e o segue até além do tumulo.

Quando num lar sorri a aurora duma nova existencia temporal, eil-o presente para, apagando a mancha original, fazer sorrir na alma a alvorada da vida sobrenatural.

Abençoado o berço do menino que acaba de nascer, elle não o perde de vista um instante, mas com olhar paterno e coração solicito, acompanha todos os seus passos, lutas e provações. Parte-lhe em pequeninos o pão duma doutrina que sobreleva a dos maiores sabios do mundo antigo, porque vem do céo; apercebe-o para a vinda do Espirito Santo com seus dons; cura-lhe as feridas feitas pelo peccado na alma, e, levantando sua coragem, o conduz, radiante de graça e alegria, ao banquete do corpo dum Deus, Verbo de Vida; cerca-lhe a virtude com obras de preservação e perseverança; discerne-lhe a vocação divina; em nome de Deus e com sua autoridade abençôa a familia que se fórma; conforta, com sua palavra repassada de amor, os que esmorecem; allivia, com a graça sacramental, as agonias physicas e moraes dos que jazem em artigos de morte. Nem cifra nisto, que já é muito, sua solicitude: abençôa o tumulo que encerra as cinzas do seu filho espiritual e não esquece a alma a que deu ordem de partida para a eternidade (*profiscicere, anima christiana*).

Quão grande este agro ministerio! quão admiravel este serviço da salvação das almas!

Necessario e fecundo, *rico de honra e autoridade*, é tambem cheio de asperezas e cuidados, diz Leão XIII.

Assim é na verdade. Por mais estreito que seja o ambito em que o exerce, o parocho é auxiliar do seu Bispo na solicitude pastoral; ausculta mais de perto o coração do povo a si confiado; suaviza a sorte dos triturados pela adversidade; aplaca resentimentos; reconcilia inimigos; instrúe ignorantes; consolida os bons; admoesta e corrige os maus; e a todos acena com a immortalidade feliz após as dores e fadigas da vida presente.

Applicado sempre ao estudo e á oração, só por só com seus livros e seu Crucifixo, elle adquire cada dia maior conhecimento de si mesmo, e, humilde, domina os corações.

Investido, assim, de autoridade sem igual, reune em torno de si as multidões; inunda-as com as aguas da doutrina santa, pondo as mais altas verdades ao alcance das mais rudes intelligencias; increpa aos impios os descaminhos da descrença, aos peccadores as negruras de sua vida; e a uns e a outros convida á remissão de suas infidelidades para com Deus.

Assiduo no confessionario, onde trata as feridas com o oleo da misericordia e o vinho da justiça á maneira do samaritano, sem excessivo rigor nem demasiada clemencia, elle vê crescer na parochia a virtude em todas as suas fórmas.

Formando phalanges de frequentadores da mesa eucharistica, enche-se de goso inexprimivel seu coração ao presenciar transformações estupendas e perseverenças admiraveis.

Quão grande fecundidade, quanta honra, quanta autoridade!

Não menores, porém, as asperezas, os cuidados.

Como apascentar o rebanho do Senhor é officio de amor, no dizer de Santo Agostinho, elle, que não quer tresmalhado o redil nem perdida uma sequer de suas ovelhas, esquece as dores proprias para alliviar as alheias; perdôa, magnanimo, ingratidões, deslealdades, grosserias e indifferenças de uns, injurias e calumnias de outros; redobrando esforços e paciencia para converter o peccador e allumiar o ignorante, busca o auxilio de bons collegas, por-

que o irmão a quem seu irmão protege é forte como cidade torrejada, (54) no ensino da Escriptura; em summa, morre a si mesmo e ao mundo, para, vivendo só em Deus e por Deus, attrair os outros ao Supremo Pastor.

Em poucas palavras o Santo Padre Leão XIII resume os deveres do parocho na Carta dirigida aos Bispos brasileiros: «Não recúe deante do trabalho o sacerdote que é preposto á parochia; chamado á vinha do Senhor, diligente e constantemente a cultive e amanhe, lembrando-se da conta rigorosa que das almas a si confiadas dará a Deus um dia.

«Mas, para não malbaratar tempo e trabalho, seja em tudo e sempre exactissimo observador da disciplina. Em verdade, cumpre pugnar valentemente pela causa de Jesus Christo, mas sómente sob a direcção e autoridade daquelles que o mesmo Senhor elegeu para chefes».

Entre as obrigações do parocho, importantissimas todas em qualquer epoca, algumas ha que merecem ser mais inculcadas, attentas as condições do tempo e logar em que vivemos.

Num paiz em que ampla liberdade é concedida a todas as crenças, e nossos antagonistas, numa actividade febril, agitam a sociedade, porfiando em levar-nos de vencida; numa epoca em que certa casta de gente, assoalhando maravilhosas theorias, procura alliciar as novas, inexperientes gerações contra a ordem social estabelecida; não é possivel que o parocho, campeão da causa santa, deixe de olhar de frente tão graves problemas e não se ponha a campo em defesa dos mais caros interesses da Religião e da Patria.

E como não ser assim, si os parochos, como ensina Leão XIII, são páes, pastores e anjos?

Jesus, diz elle, chama a si os curas, para que, guardas fieis, defendam o povo santo contra os assaltos do inimigo. Elles são estabelecidos como páes das almas, que, *criadas á imagem de Deus, foram resgatadas não com o ouro ou prata*

---

(54) Vida de J. C. por Veuillot. — Trad. de Castilho.

corruptiveis, mas com o sangue precioso de Christo, semelhante a um cordeiro immaculado. (55) E', pois, necessario que *elles gerem de novo*, até que *Christo seja formado* no povo. (56)

Elles são pastores, que, si desejam não ser contados entre os mercenarios, devem conhecer suas ovelhas, nutril-as com a palavra de Deus e com os sacramentos, *possuindo o magisterio da fé numa consciencia pura*, (57) de modo que possam repetir ao povo a palavra de S. Paulo: Sede meus imitadores como eu sou de Christo. (58)

São, alfim, justamente considerados como anjos que Deus enviou diante do seu povo, pàra o guardarem no caminho (59) e o introduzirem, apesar dos inimigos, no logar que lhe preparou, a cidade santa de Jerusalém. (60)

Para corresponder a este altissimo ideal, claro é que o parocho deve, nas suas obras pastoraes, ter em grande apreço as que lhe são indicadas pelas circumstancias do tempo e logar. As melhores industrias do seu zelo falharão quasi de todo em todo, si elle não levar em conta as necessidades actuaes de mór importancia.

Apontemos algumas que se recommendam á fecundidade do seu ministerio.

XI

Conheceis a bella pagina em que Lamartine fantasia a horrivel duvida de Gutenberg acerca dos effeitos do seu portentoso invento?

Duas vozes desconhecidas lhe predizem, uma o bem produzido no futuro pela imprensa, outra seus espantosos estragos no individuo, na familia e na sociedade.

---

(55) Pet. I, 18.
(56) Ad. Gal. IV, 19.
(57) I Tim. III, 9.
(58) I Cor. IV, 16.
(59) Exodo, XXIII, 20
(60) Leão XIII aos Bispos do Perù.

Uma o fascina e deslumbra com a corôa da immortalidade pela invenção dum meio de se diffundir rapida e largamente a luz da verdade, e de promover por meio della a grandeza moral e material das Nações.

Outra lhe mostra esse invento, tão nobre e puro na sua origem, profanado por homens perversos, vil instrumento do erro e do mal, a enfunar vaidades, a requintar no crime, a destruir toda moral e toda crença e a fazer o mundo christão retroceder á barbaria do paganismo.

Aqui são páes, que, punidos pelo remorso, se envergonham dos proprios filhos, corrompidos pelas más leituras. Ali são mães, que, debulhadas em pranto, lastimam a sorte de filhas a quem sorriam esperanças mil, mas agora desprezadas, porque a má imprensa lacerou seu véo de innocencia e nas almas lhes apagou as chammas do casto amor.

Então hesitei por algum tempo, teria dito Gutenberg. Mas, os dons de Deus, ainda que algumas vezes perigosos, maus não podem ser, e dar mais um instrumento á razão e á liberdade é abrir campo mais vasto á intelligencia e á virtude, divinas ambas.

Sem duvida a *Imprensa* é um dom de Deus e o *primeiro monumento della é a Biblia,* que é tambem o monumento eterno da Religião, diz Bareille.

Por isso mesmo ella deve em tudo e sempre servir a gloria de Deus, guiando o individuo e a sociedade para seus altos destinos, ainda quando lhes promove os interesses temporaes.

Como, porém, homens ha que abusam da imprensa para diffusão de más doutrinas e corrupção dos costumes, é *vosso dever*, diz Leão XIII, usar do mesmo instrumento: elles, indignamente, para a destruição, e vós santamente, para a edificação. (61)

De facto, a literatura licenciosa que se offerece ao sensualismo voraz do nosso seculo, alaga, como diluvio in-

---

(61) Carta de 1° de Maio de 1894 aos Bispos do Perú.

vasor, todas as camadas sociaes, e vae esboroando, uma por uma, as conquistas moraes da nossa bella civilização christã.

Olhae, e vereis a chocalhice das caricaturas, a obscenidade das chronicas, a lascivia farejante das anedoctas, a indecencia das poesias e composições theatraes.

A má imprensa, sob suas multiplas fórmas, contamina com o virus da immoralidade as populações.

Publicações, em que o impudico das illustrações corre parelhas com o indecoroso da linguagem, são offerecidas a crianças, manuseadas por operarios, cocheiros e criadas, imprudentemente lidas por donzelas e senhoras casadas, jovens academicos, homens de letras ou meros industriaes.

Por toda parte encontra-se a má imprensa: nas estações de estradas de ferro, nos bondes, nas praças, nas vielas, nas casas particulares, nas aldeias mais centraes do paiz.

Temerarios demolidores das crenças e dos bons costumes, vulgarizam mentiras historicas; enfeitam sophismas; desfiguram o dogma e a moral; dão curso maligno a falsos boatos; inventam escandalos; vilipendiam o clero; afastam dos templos as populações; fomentam discordias entre os cidadãos, e, numa actividade vertiginosa, semeiam a descrença até nas infimas classes sociaes.

A pretexto de neutralidade ou de commercio, certa imprensa que não faz abertamente alarde de hostilizar o catholicismo, não deixa de varrer de milhares de espiritos a fé e de milhares de corações a virtude, pois entra em condescendencias incongruentes com doutrinas antinomicas; agasalha annuncios immoraes ou ageitados para despertar malicias, folhetins e romances de que transpira não simples leviandade, mas seductora impudicicia.

Os escandalos, a que por euphemismo chamam noticias sensacionaes, são referidos sob epigraphes desdobradas em letras garrafaes, com o relevo de minucias nos en-

redos amorosos e o resalto de honra, virilidade e até heroismo nos crimes mais horrendos, ou ao menos sem uma palavra de reprovação.

Por funestissimo falseamento das consciencias, pessoas catholicas leem livros ou jornaes maus, os emprestam a outros, ao alcance dos filhos, criados e visitantes os deixam em casa, *crueza esta mais atroz,* pondera Castilho, *do que lançar crianças inermes ás feras do monte.*

Alguns ha que sustentam o direito de tudo se ler, sem reflectirem que, si as leis civis cercam de precauções a venda de substancias venenosas para não se prejudicar a saude dos cidadãos, maiores cautelas devem ser tomadas para se impedir a intoxicação das almas, operada pela literatura sceptica, immoral ou impia, qualquer que seja o vehiculo de sua transmissão.

Bem se deixa vêr, portanto, quão a proposito vem as palavras do Santo Padre nesta materia.

Não seria homem de seu tempo o parocho que não oppozesse propaganda á propaganda, livro a livro, jornal a jornal.

Canhão do pensamento, na frase de Abdel-Kader, a imprensa, quando boa, esphacelará as muralhas da impiedade.

Pharol bemfazejo, com seu fóco luminoso, rasgará as trevas que negrejam o oceano social, e indicará aos que navegam em procura da verdade os escolhos, parceis, paragens perigosas.

Inutil é lastimarmos o mal, inutil derramarmos rios de lagrimas sobre as ruinas amontoadas pela imprensa má, si não descermos á arena para repellir seus assaltos, si não levantarmos com a boa imprensa baluartes para defesa da nossa civilização christã.

Nem basta para conjurar o mal oppôr ao jornal o livro, hoje manifestamente insufficiente, pois o combate é quotidiano, as lutas renascem com a velocidade que assignala o movimento hodierno.

Quem isto fizesse poderia preparar-se para derrota tão certa como a daquelle que, nos combates navaes, oppozesse ás machinas formidaveis de hoje os velhos navios de outr'ora, como observa illustrado escriptor.

Não poderá, porém, o Parocho fazer propaganda pela boa imprensa, si esta não existir vasada nos moldes appropriados ao intento.

Dahi a necessidade dum trabalho activo, incessante, para manutenção della, envidando o Parocho todos os meios para esclarecer os fieis acerca de seus deveres neste particular e reduzil-os a pôl-os em pratica.

Não basta auxiliar pela propaganda da boa imprensa. Não auxiliar jámais a má, eis um mandamento da Egreja, que deve ser acrescentado aos outros, dizia o immortal fundador do centro allemão.

A que pessoa de juizo não deixará de repugnar o procedimento dos chinezes que, na guerra do seu paiz com o Japão em 1895, occultamente vendiam ao inimigo em luta aberta munições e viveres?

A esses miseros traidores da patria assemelham-se os catholicos que, de qualquer fórma, sustentam a imprensa hostil á Egreja.

Os auxilios aos jornaes catholicos dos grandes centros, esses poderosos couraçados de primeira classe, como lhes chama Babin, não exclue o amparo indispensavel ás Folhas regionaes, comparadas pelo mesmo ás torpedeiras e contra-torpedeiras, que devem formar a esquadrilha de ataque e defesa em zonas mais restrictas, sem que por isso deixem de representar papel decisivo no conjuncto da batalha.

Ouçamos o que neste particular ensina o Santo Padre Leão XIII.

«Eis ahi o motivo porque seria conveniente e salutar que cada região possuisse, como campeões do altar e do lar, jornaes particulares, instituidos de modo que em nada se apartassem do juizo do Bispo, mas recta e diligentemente andassem de accôrdo com sua prudencia e vontade».

(Carta *In ipso supremi*, de 3 de Março de 1891, aos Bispos da Austria).

XII

«A Egreja é mãe; e por isso que é mãe, é tambem mestra de escola, diz Veuillot. A despeito de todos os perigos, em todos os disfarces a que hão de constrangel-a, ha de conseguir ensinar o conhecimento de Deus, a arte de o conhecermos e amarmos.» (62)

Comprehende-se, pois, que na Carta—*Litteras a vobis*, — de Leão XIII, não havia de faltar segura orientação aos brasileiros no que respeita á instrucção religiosa após a proclamação da Republica.

«Não menor zelo vosso reclamam os interesses dos fieis, diz o grande Pontifice, e entre estes interesses deve occupar o primeiro logar a conveniente instrucção dos meninos e ignorantes nos elementos da nossa santa Religião, para o que deve ser constantemente estimulada a actividade dos curas».

Gravissimo officio e proprio, principalmente, dos pastores das almas, é o de ensinar a doutrina ao povo christão, lê-se no *Canon 1329* do Codigo do Direito Canonico.

A preparação dos meninos para a communhão e a chrisma por meio do ensino do catecismo; sua mais copiosa e perfeita instituição em materia tão importante após a primeira communhão; a instrucção dos adultos; o auxilio dos presbyteros e outros clerigos, dos leigos piedosos, nesta obra santissima (in hoc sanctissimo opere), (63) tudo vem estatuido em linguagem grave, lucida e breve, nos canones do Codigo do Direito Canonico citados em nota desta pagina. (64)

---

(62) Vida de J. Christo por Veuillot, traduzida por A. T. de Castilho.
(63) Canon 1333.
(64) 1330, 1331, 1382, 1333.

Para o mesmo fim cuidarão os Ordinarios que se funde em cada parochia o *Sodalicio da doutrina christã,* (65) diz o mesmo Codigo, e, si necessario fôr, poderão recorrer aos superiores religiosos, embora isentos, para o ensino da doutrina ao povo. (66)

Este desvelado empenho da Egreja acerca da doutrinação dos povos responde á mingua da verdade nelles, verdade que, lançada no seio das trevas do paganismo por miseros operarios da Galiléa, mudou a face do mundo!

A ponto vem palavras de Pio X: «Deplora-se muito, e com grande razão, viverem muitissimos christãos de nossos dias em tanto extremo de ignorancia religiosa, que não sabem sequer o indispensavel a todos para a salvação eterna!

«E quando dizemos isto, não nos referimos tão sómente ao povo miudo ou ás pessoas de classe inferior, mas tambem, e de modo especial, áquelles que, embora muito entendidos nas coisas profanas, vivem descuidosos e *ao Deus dará* no que toca á Religião! Dizer-se em que profundas trevas jazem é quasi impossivel; e, o que mais dóe, é saber-se quão tranquillamente vivem neste estado!...

«Quantos são, não já sómente os mocinhos, mas os adultos e velhos, que ignoram completamente os principaes mysterios da fé, e, ao ouvirem o nome de Christo, dizem: «Quem é... para que eu deva crei nelle?» (67) Por este motivo não lhes incommoda a consciencia o provocar e guardar odios, fazer injustissimos contratos, dar-se a viciosas operações de commercio, appossar-se do alheio com enormes usuras e outras malvadezes deste jaez».

Por estas e outras considerações o Santo Padre demonstra a necessidade e summa utilidade da instrucção religiosa, e compara o ensino do catecismo «ao leite que o Apostolo S. Pedro queria fosse desejado com simplicidade pe-

---

(65) 711, § 2.
(66) 1334.
(67) S. João IV, 36.

los fieis *ao modo das crianças de peito*, e accrescenta que este ensino *chão e simples* é a palavra de que o mesmo Deus disse em Isaias: «*Assim como desce a chuva e a neve do Céo, e para lá não torna outra vez, mas inebria a terra, a penetra e faz germinar, e dá semente ao semeador e pão ao faminto, assim será a palavra que ha de sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas operará quanto quero e prosperará nas coisas pelas quaes a mandei*». (68)

Pelos labios de Pio X falam a razão e a experiencia, unidas ao prestigio de sua situação no governo da Egreja.

De ponto sobe a necessidade deste ensino na nova era iniciada para o mundo pela monstruosa guerra que não ha muito cessou suas devastações, mas não nos deu a paz definitiva!

«Precisamos redobrar esforços, diz Bento XV, para incutir a fé na crença religiosa e o amor de Deus... Precisamos convencer os homens do dever de se amarem mutuamente».

Alta idéa da missão que Deus lhe confiou, qual é a de cooperar com Jesus Christo na evangelização do povo; instrucção conveniente, adquirida pela preparação remota e proxima, para poder explanar a doutrina com facilidade, segurança e exactidão; zelo no exercicio do seu officio, que, segundo a palavra de Monsenhor Gay, se reduz a duas coisas: «Ensinar Jesus e formar Jesus, isto é, instruir e educar», com paciencia e doçura, exemplo de virtude e oração; equidade na applicação dos louvores para animação, das correcções para a emenda; prudencia no trato e na linguagem, que se deve amoldar á capacidade intellectual do auditorio, são dotes que devem nobilitar o catechista, ainda leigo, e que altamente desairoso seria não ornassem o sacerdote.

Suppostas no Catechista estas boas prendas, será o ensino racional e não sómente mechanico; coordenado, de

---

(68) Is. L. v, 10-11.

modo que, procedendo-se do mais facil para o mais difficil com gradação, se forme um só todo das differentes lições; attrahente, porque ministrado com sobria caridade e carinho temperado de suave gravidade; simples, pela clareza e brevidade; pratico, isto é, destinado a tornar melhores aquelles que o recebem.

Com o coração abrasado em extremos de amor ás almas, Pio X concluia assim a sua esplendida Encyclica acerca do catecismo: «Licito Nos seja, ao terminarmos esta Carta, usar das palavras de Moysés: «Una-se a mim aquelle que pertence ao Senhor» .. Muitas coisas uteis e certamente louvaveis tereis talvez instituido... Mas de preferencia a todas procurae e obtende, com quanto empenho, zelo e assiduidade vos fôr possivel, que a sciencia da doutrina christã penetre e cale no intimo dos animos de todos».

Venham, pois, os fieis que todos querem pertencer ao Senhor, venham ao auxilio do clero, arregimentem-se em compactas e fortes phalanges de apostolos leigos, e repartam com as multidões o pão da doutrina christã.

De portas a dentro com filhos e empregados, fóra de suas casas com quantos a houverem mister, nos grandes centros, como nos pequenos nucleos de população, exerçam a mais proficua das obras de misericordia: *ensinar os ignorantes*.

Mãos á obra, pois «a idéa christã, no justo sentir de Gregorovio, é a arteria maxima do corpo social».

Não vos alisteis, Filhos queridos, em o numero dos orgulhosos, que se presumem feitos unicamente para officios fóra do commum, nem dos indifferentes, que não se dóem dos males da patria, nem dos desalentados, cujo unico desabafo é lamentar os estragos causados pelos dilapidadores do patrimonio religioso que nos herdaram nossos páes.

Sede catechistas voluntarios!

Volvei olhos para Roma e vede como, além das Communidades Religiosas, que com o grande capital do seu zelo auxiliam os Parochos no ensino da doutrina, leigos dum ou

doutro sexo, v. gr. as mães christãs, donzelas da melhor sociedade, munidas em geral de diplomas de habilitação que lhes confere o Vigario do Santo Padre, se dedicam ao mesmo apostolado. (69)

Nessa campanha é vosso chefe Jesus, Deus e Homem, que, a transbordar misericordia e ternura, para junto de si chamava as crianças, e, peregrinando, de aldeia em aldeia, ia doutrinando as turbas com as caudaes duma sabedoria que civilizou o mundo e purifica as almas.

Nesse mister, a que um grande Prelado chamou «a obra por excellencia», já lidaram todos os Apostolos e seus successores. Delles sereis companheiros d'armas.

Que honra batalhar ao lado de S. Carlos Borromeu, S. Francisco de Sales, S. Francisco Xavier, S. Vicente de Paulo, S. Pedro Claver, os Nobregas, Anchietas e tantos outros heroes da civilização christã!

Mãos á obra, portanto, com todo o ardor da vossa fé, fonte da bella moral christã, que regenera os individuos e eleva as nações, e com todas as largas do vosso zelo.

A nossa Constituição «não consente que o ensino escolar, os livros escolares, professem a irreligião e a incredulidade», diz acatadissimo mestre do direito.

Não basta, porém, evitar a irreligião, cuja manutenção nas escolas é exigida pelo programma anarchista; para a ordem e felicidade do paiz é necessario formar cidadãos moralizados, o que não se pode conseguir sem o ensino da religião.

Por ser de todo ponto insufficiente, embora não completamente leiga a escola official nos Estados Unidos da America do Norte, formou-se em Nova York a federação das egrejas, á qual pertencem os homens mais distinctos de todas as denominações religiosas existentes na colossal cidade, cujo fim é propagar e melhorar a educação religiosa

---

(69) Les Nouvelles Relig. n. 37, p. 704.

nas escolas profissionaes, porque a escola actual, lê-se no programma, é a deschristianização da vida nacional.

Dissemos—embora não completamente leiga,—porque não ha nos Estados Unidos da America do Norte estabelecimentos escolares em que a religião não tenha algum logar, diz Felix Klein. Em muitas cidades as escolas de todos os graus começam por um exercicio religioso, que comprehende a oração, um cantico e a leitura duma passagem da Biblia. Para isto os estudantes ou meninos se reunem numa grande sala commum ou numa capella, antes de irem para as aulas respectivas.

Muito antes desta resolução os catholicos daquella nação haviam fundado com sacrificios enormes escolas parochiaes em toda a extensão da Republica, de modo que hoje, praticamente, não ha parochia catholica nos Estados Unidos da America do Norte que não tenha escola parochial, frequentada por todas as crianças de estirpe catholica.

Formadas do mesmo modo que as officiaes, ellas não estão sob a vigilancia do Estado, e tal é sua reputação que seus alumnos são admittidos, sem exame previo, nas escolas superiores do Estado, diz Green—Bay Wisconsin. (70)

Pelo que ao nosso paiz concerne o Santo Padre Leão XIII, na Carta *Litteras a vobis* diz: « Estabeleçam-se tambem escolas para instrucção dos meninos, afim de não succeder que, com grande detrimento da fé e dos costumes, recorram, como sóe acontecer, ás escolas dos hereges ou frequentem collegios onde não se faz menção nenhuma da doutrina catholica, excepto talvez para calumnial-a.»

Escusado é encarecer a importancia das palavras ponticias. A' sua luz rasga-se o caminho que devemos trilhar, sob pena de perderem a fé verdadeira não poucos dos que tem a ventura de nascer no generoso gremio da Egreja.

Com effeito, para salvaguarda e incremento da fé e dos bons costumes, é indispensavel que se respire a plena atmos-

---

(70) Citação do «Minas Geraes» de 20 e 21 de Janeiro de 1919.

phera religiosa em todos os estadios da formação intellectual, desde as escolas primarias até aos cursos superiores de ensino.

Como, porém, nossa situação moral nesta materia está muito aquem do necessario, força é confessar que cumpre aos catholicos empenhar o melhor de seus esforços na execução da vontade do Santo Padre, manifestada poucos annos após a proclamação da Republica, (71) e intimada a Pastores e fieis pelo Codigo do Direito Canonico (canones 1373, 1379).

XIII

Quer Deus o concurso humano na realização dos seus designios, assim na ordem natural como na sobrenatural.

Si fartas messes alegram o lavrador, deve-o elle á benção divina que fecundou seus asperos trabalhos.

Semelhantemente acontece no que toca ás vocações.

Deus é quem dá a vocação para os differentes estados na sociedade. Não exclúe, porém, antes exige a cooperação humana com a acção divina.

Adoptar o homem um estado, para o qual não foi chamado por Deus, seria comprometter gravemente sua possivel felicidade na terra e sua salvação além da presente vida.

Acontecer-lhe-ia, na ordem moral, o que succederia a uma arvore que se transplantasse para um solo ou um clima improprio.

---

(71) Parece que o ensino religioso dado pelos professores nas horas escolares, em satisfação aos desejos dos páes dos alumnos, não é contrario ao espirito da Constituição, a qual estabelece a liberdade religiosa.

As escolas completamente leigas, escreve o grande jurisconsulto Pedro Lessa, das quaes foi banido todo o ensino religioso, com razão observa Carlier, constituem uma *offensa* ao principio da liberdade religiosa.

Uma grande parte da população que contribue com impostos para a manutenção de taes escolas vê-se constrangida a sustentar com o seu dinheiro um regimem repugnante á sua consciencia.

Citado pelo Dr. Mario de Lima no seu livro *A Escola Leiga* etc., pag. 11.

Mas como para envergar ao peso de copiosos e doces frutos, a arvore deve ser tratada, embora favoraveis lhe sejam solo e clima, tambem ha de ser cultivada a vocação para não falhar aos designios da Providencia.

Esta regra, commum a todas as vocações, de modo muito especial se applica á vocação para o ministerio sacerdotal, a que um Santo Padre chama *profissão divina*.

Os erros em materia, tão elevada sob todos os aspectos, produzem consequencias funestissimas para o mundo, e não poucas vezes irremediaveis.

O homem que ha de viver na intimidade de Deus, apostolo para a salvação das almas, não pode, sem audaz temeridade, assumir tão excelsa honra, missão tão transcendente, si não é chamado por Deus como Arão. (72)

Dahi se infere que, si nos Céos é que se preparam as vocações ecclesiasticas, como de facto é, na terra deve o homem esmerar-se em descobril-as, preserval-as, preparal-as.

Eil-o, pois, distinguido com a honra de cooperar com a acção divina na mais nobre e importante das causas.

Como tudo aqui é cheio das maravilhas do amor e sabedoria de Deus!

Esta cooperação, em todo tempo util e santa, é em nossos dias, mais do que outr'ora, necessaria, urgente, attentos os obstaculos, que, estorvando a acção da Providencia, alcançam rarear as phalanges dos seus ministros.

O desfallecimento da fé, a deficiencia da educação religiosa, a aversão á vida de sacrificios, humilde, obediente, obscura, a avidez dos bens e deleites terrenos, a falta de plena liberdade em certos filhos para seguirem a voz divina, são alguns dos obstaculos a que nos referimos.

Removel-os, facilitar quanto posssivel os designios de Deus, incumbe a todo christão e melhormente ao

---

(72) Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo tam' quam Aaron. S. Paulo aos Heb., V, 4.

sacerdote, seja qual fôr a situação que occupe ou o emprego que exerça entre os fieis.

«Tenham os sacerdotes, mormente Parochos, especial cuidado em preservar dos contagios do seculo os meninos que derem signaes de vocação ecclesiastica, appliquem-se a a formal-os na piedade, a inicial-os nos primeiros estudos das letras e a cultivar nelles o germen da vocação divina,» lê-se no Codigo do Direito Canonico (1353).

«Não tem o direito de viver e morrer em paz, diz Guibert, o sacerdote que não deu para o serviço do Senhor operario que continúe sua obra,» pois bem sabe elle que isto lh'o exigem os intereses de Deus, da Egreja e das almas.

Como para os outros estados da vida, as vocações ecclesiasticas germinam em torno do sacerdote, cujos quilates de amor á gloria de Deus sobem ou descem á proporção do maior ou menor zelo com que se dedica a discernir e amparar essas vocações.

Esta é uma das occupações mais caras ao coração dum Parocho zeloso, o qual, por isso que o é, trabalha, a todo seu poder, para não deixar vasio o logar que Deus lhe confiou na grande empresa de salvar almas.

Unidade transitoria numa sociedade que deve durar sempre, elle aspira ardentemente á paternidade espiritual, que lhe ha de assegurar muitas outras e mais abundosas colheitas depois de separado do seu rebanho pela morte.

Este bemfazer conseguirá elle continuando a viver nos herdeiros do seu espirito, naquelles cuja vocação para o ministerio sacerdotal houver cultivado com firmeza de pae e ternura de mãe.

Acceso no seu piedoso empenho, o Parocho zeloso, e o mesmo dizer se deve de todo sacerdote digno deste nome, não cifrará sua acção em só indicar o caminho do Seminario a quem lh'o pede.

Tal procedimento raiaria pela indifferença, que é incompativel com o zelo. Sabendo que Deus, infinitamente

bom e sabio, proporciona os meios ao fim, e por isso a quem elege para certa missão dá as qualidades naturaes e sobrenaturaes indispensaveis para bem cumpril-a, o Parocho que d'alma deseja a gloria de Deus estuda com grande cuidado os signaes da vocação nos seus fieis. A familia, o temperamento, a intelligencia e o coração dos que podem ser chamados por Deus para o santuario, são objectos de attento exame do parocho, que deve tomar a seu cargo dar á Egreja ministros honrados, laboriosos, intelligentes, judiciosos, puros nos costumes, generosos no sacrificio.

«Velador das almas» daquelles em que reconhece signaes de vocação sacerdotal, como o eram da de Constantino os sacerdotes que o acompanhavam, o Parocho cuida em separal-os dos companheiros perigosos; adestra-os nas virtudes que hão de constituir seu caracter; com o ensino que lhes pode ministrar e bons conselhos os instrue e dirige; embebe nos seus animos o gosto da piedade; accende em seus corações o amor ao sacrificio para nobres e santos commettimentos; e, cheio de fundadas esperanças, lhes promove a entrada no Seminario para serem lapidados e polidos como diamantes que hão de brilhar na casa de Deus.

Ahi ainda continúa o seminarista a merecer-lhe desvelos de pae amoroso e solicito.

O Parocho zeloso não esquece, antes tem muito a peito a parte material do Seminario, pois muito bem sabe elle ser impossivel que esses sacros institutos, destinados ao ensino das sciencias ecclesiasticas e á santificação dos aspirantes ao sacerdocio, vivam e floresçam (vivant floreantque) de modo mais perfeito (quam optime constituantur) sob a direcção de excellentes professores da sã doutrina e dignos mestres da piedade, como nos diz Leão XIII na sua Carta *Litteras a vobis,* si lhes fallecerem os recursos pecuniarios necessarios.

Mentiria, pois, á sua missão o Parocho que não se fizesse mantenedor e fiel propagandista das obras para esse

fim instituidas nas Dioceses, e a olhos vistos cresceria o desatino dos que a ellas se oppozessem.

Ao Parocho zeloso nenhum contratempo nesta empresa, como nos outros seus trabalhos, paralisa a acção nem afrouxa os brios. Elle instrue, intercede, corrige a todos os seus filhos espirituaes neste assumpto de tamanha relevancia para o futuro da Religião e da Patria.

XIV

Na sua Carta, transbordante de ensinamentos, Leão XIII, grande entre os maiores Pontifices, não olvida os outros interesses catholicos no Brasil, cujo novo regimen iniciava nova situação para a Egreja.

Ardendo em desejos de fazer bem á nossa patria, o immortal Pontifice, com palavras de amor e luz (os orbi sufficiens, aureas spargens syllabas), avisa-nos acerca do progresso da fé e da piedade, da applicação de opportunos remedios aos males que de todas as partes nos invadem, das Ordens Religiosas, das associações christãs, da escolha dos homens que hão de compor as assembléas legislativas, da harmonia entre os bispos e da frequencia de suas reuniões.

E' a familia a mais antiga das sociedades, a base de todas as outras, e, por isto, em certo sentido, a mais importante.

Effectivamente, si o Estado (73) é a reunião de certo numero de familias sob a autoridade de um chefe commum, para a conservação e o desenvolvimento de sua existencia e prosperidade, a Egreja é tambem a reunião de todas as familias christãs sob a autoridade de um Pae commum, o Soberano Pontifice, para a conservação e o desenvolvimento de sua vida espiritual.

Como, pois, da familia recebe o Estado seus cidadãos, a Egreja seus fieis, claro é que não pode haver pro-

---

(73) Gaume, La Famille.

gresso da fé e piedade num e noutro, si estas não existem na familia.

Nem esta poderá jamais ser fonte de grandeza e felicidade para a sociedade, pelo progresso da fé e piedade, si não fôr constituida e nem pautar sua vida pelas normas evangelicas.

No gremio da Religião, de accôrdo com o ensino de Jesus Christo, «a graça divina penetra a união dos esposos, protege-a contra as tentações e as manchas», (74) de tal modo que, como diz Santo Agostinho, «nas nupcias christãs mais vale a santidade do Sacramento do que a fecundidade do seio». (75)

Logo no principio de sua vida publica Nosso Senhor assiste ás nupcias em Caná e se digna de honral-as com o seu primeiro milagre,

Religioso desde a origem do mundo, pois o mesmo Deus é quem preparou o casamento de Adão e Eva, os uniu e abençoou, para delles sairem as familias e os povos, elevado por Jesus á dignidade de sacramento, o matrimonio não pode ser equiparado a um contrato vulgar, como cynicamente o fazia Calvino, quando dizia: «Casar, lavrar e fazer sapatos, não são coisas mais sagradas uma que outra». (76)

Estas noções, que se aprendem no catecismo, mostram em quão grande estima devem ter os fieis o matrimonio e quão grande a felicidade com que devem guardar suas leis por mais rigorosas que se lhes afiguram.

«Ha nos costumes contemporaneos uma chaga que consome o coração da familia, como o verme róe os frutos, diz o Padre Felix;... é a chaga sempre crescente das uniões antipathicas e dos casamentos mal feitos. Quando é che-

---

(74) Tert. Ad uxorem, L. II, c. VII.

(75) In christianis nuptiis plus valet sanctitas sacramenti quam faecunditas uteri. De bono conj,. c. VIII, n. 21.

(76) Em Hoppenot, Pet. Cat. du marige.

gada a hora de fixar por uma união o futuro dum filho, muitissimas vezes, ai! o pae e a mãe, cedendo ás seducções do seculo, sentem-se diversamente inspirados pela vertigem da mesma loucura: dum lado, o orgulho do sangue; doutro, o orgulho da fortuna: um busca o que ha de mais elevado, outro, o que ha de mais rico; e ambos, nas suas combinações mal concertadas, descuram quasi de todo em todo as duas coisas que deveriam occupar o primeiro logar: as virtudes e as affecções do coração. A isto chama-se engenhosamente fazer casamentos de razão, quando mais merecem chamados casamentos de *desrazão*, porque em presença desses falsos designios, que immolam ora a um nome, ora a uma fortuna, o coração, a alma e a felicidade dum filho, a razão nada tem que dizer...

«Certamente, não pretendemos que o ligeiro sopro que, a certa hora, passa por um coração de dezoito annos, decida por si sómente uma união que ha de durar até á morte; muito menos queremos que o impeto duma paixão sobreleve, nessas grandes decisões, os conselhos da experiencia e as lições da sabedoria. Mas o que declaramos aberração desastrosa para a familia e a sociedade, é a importancia preponderante, e, ás vezes, exclusiva, que se dá aos planos da ambição ou ás combinações da vaidade, nesse acto solemne em que a razão exige se considerem, antes de tudo, almas que se estimam, corações que se amam e vidas que se attraem.

«Com a clareza que a dignidade do discurso comporta, mostremos como passam as coisas.

«Ha nalguma parte um joven cujo coração ainda puro se abre á primeira affeição, como a flôr ao seu primeiro sol... Que coisa lhe é necessaria?... Uma alma como sua alma e um coração como seu coração; uma alma que recata o thesouro da pureza, um coração que zela o thesouro da affeição. Sem estes dois thesouros que se completam, nada bastará, e o nome mais sonoro e o milhão mais bem cotado não dissimulará a irreparavel miseria.

«E, no entanto, que fazeis algumas vezes em resposta a essas inspirações duma alma virgem de manchas e dum coração sem egoismo? Ah! aceitais, que digo? talvez vós mesmos escolheis uma alma vasia de virtudes, um coração ermo de affeição; uma alma estragada, um coração corrompido, que nem sequer possue a nobre faculdade de corresponder á affeição, nem a faculdade mais nobre ainda de comprehender a virtude! Grande Deus, dil-o-ei? o vicio, o vicio mesmo aureolado pelo prestigio do milhão, a illusão dum titulo ou a fascinação dum nome, eis aqui o que obtem vossas preferencias e alcança vossa escolha! O' pae, ó mãe! a quem quereis que eu accuse de ter por imprudencia preparado o triste futuro duma filha tão amada?» (77)

A irreparavel miseria a que se condemnam os que se unem pelo vinculo indissoluvel nas circumstancias tão magistralmente descriptas pelo grande orador jesuita, se expõem tambem as pessoas catholicas que contraem nupcias com outras infensas á religião. «Almas separadas no terreno religioso difficilmente se pode esperar que concordem no mais», diz Leão XIII.

Taes matrimonios são causa de perigo para a parte que fôr catholica, obstaculo á boa educação dos filhos e levam os espiritos a julgarem as religiões como iguaes, sem fazerem differença entre a verdade e o erro». (78)

Ainda mais. Si a pratica religiosa é o melhor penhor da pureza dos costumes, de bom conselho é que os nubentes não passem de leve no exame desta condição indispensavel para a felicidade verdadeira no estado conjugal. «Muito para temer é que o homem sem religião diminua a pouco e pouco e acabe por aniquilar a religião de sua companheira..., e ambos, sem pratica de religião, sem crenças, sem esperança, se assemelhem a dois astros extinctos, a dois anjos fulminados», diz Gibier.

---

(77) Carême de Notre Dame, 1860.
(78) Encyclica *Arcanum*.

Então, da abstenção religiosa nos páes seguir-se-á a ausencia dos principios christãos nos filhos, que, a exemplo de seus páes, viverão alheios aos sacramentos, ao Decalogo, com grande ruina de suas almas e da sociedade.

O christão prepara-se para o matrimonio, esta obra divina e não humana, como diz o Catecismo Romano, (79) pela pratica das virtudes, pois a mulher boa é a recompensa do justo por todo o bem que elle faz. (80)

Assim, «o pudor ha de preceder o matrimonio, para que este se torne mais respeitavel, diz Santo Ambrosio. Por muito proximo que esteja o dia das nupcias, não é jamais permittido aos nubentes infringir as leis tão sabias e opportunas do recato e da modestia».

Evitarão, pois, excessivas assiduidades de visitas, e estas jamais a sós, ainda que outros sejam os licenciosos costumes do seculo; fugirão ás familiaridades nas palavras e nas maneiras, porque ellas não só mancham a alma, cujo encantador ornamento é a pureza, mas tambem geram nos animos dos proprios nubentes, para explodirem mais tarde no lar, desconfianças inquietadoras, rixas interminaveis.

Contra as fraquezas da idade, mormente nessa epoca de transição, tão occasionada a quedas moraes, recorrerão ao salutar exercicio da confissão.

Dest'arte, em vez de preludiarem, pelo vicio e pela corrupção, o augusto sacramento do matrimonio, caminharão para o altar do Deus vivo, ornados de graça e attrairão sobre seu novo estado a effusão dos divinos favores.

XV

Um dos males com que paixões mal contidas ameaçam a sociedade brasileira é o rompimento do laço conjugal, instituido indissoluvel por Deus mesmo, restaurado

---

(79) Neque enim se humanam aliquam rem aggredi, sed divinam putare debent. (De Matrim., 56).

(80) Eccles. XXVI, 3.

por Nosso Senhor Jesus Christo, heroicamente defendido pela Egreja no remoinhar tumultuoso das paixões reaes e populares, propugnado com vantagem por homens altamente abalisados no saber e na virtude, confessado como ideal no matrimonio por aquelles mesmos que lhe permittiam rompimento em certas circumstancias.

Muito importa, Veneraveis Cooperadores e Filhos Queridos, reflectir um pouco em assumpto tão momentoso, do qual depende nosso futuro, pois, si a indissolubilidade do matrimonio promove na familia e na sociedade a perfeição, o divorcio destroe a ordem natural, transforma os *lares* em universidades de vicios, nelles e na sociedade.

Vejamos:

A familia recebeu do Creador, com a primeira benção que desceu sobre a terra, o sello da immortalidade: «Deus os abençoou e lhes disse: crescei e multiplicae-vos e enchei a terra». (81).

Reconhecendo em Eva a substancia mesma de *seus ossos, a carne de sua carne,* Adão proclamou a ordem divina da indissolubilidade do vinculo entre o esposo e a esposa, dois numa só carne: *duo in carne una.* (Gen. 11, 24).

Profundamente insculpidas foram, com a santidade naquelle *primeiro casamento*, duas nobilissimas propriedades suas: *a unidade o a indissolubilidade*, como declarou e confirmou por sua autoridade divina Jesus Christo, diz Leão XIII, na sua monumental Encyclica sobre o matrimonio.

Mas ai! os gloriosos caracteres do matrimonio conforme Deus o instituira não foram conservados na sua pureza primitiva, e a historia nos ensina que o sensualismo social, fruto natural do sensualismo domestico, era geral no mundo antes da era christã.

---

(81) Benedixit illis Deus et ait: Crescite et multiplicamini, et replete terram. Gen., I, 28.

In hac re voluit Providentissimus Deus, ut illud par conjugum esset cunctorum hominum naturale principium, ex quo scilicet propagari humanum genus, et, nunquam interminis procreationibus, conservari in omne tempus oporteret. Encyc. Arcanum div. sap.

O lar deixou de ser asylo sagrado da felicidade e fonte fecunda de virtudes, como devia ser, si da sociedade domestica não desapparecesse a unidade, indissolubilidade, santidade, e união dos corações, apoio mutuo.

O esposo não era mais o amigo e protector de sua companheira, mas despota imperioso, que, com uma palavra, um signal ou por um capricho, podia fulminar-lhe a desgraça, a deshonra e a morte. As leis o autorizavam, obrigavam até em certas circumstancias, a repudial-a e lhe prohibiam tomar luto, caso ella de pesar morresse no lar.

«Nada mais miseravel, diz Leão XIII, do que a condição da esposa (nihil erat uxore miserius)», a qual não era no lar, como lhe cumpre ser, céo de primavera em sorrisos, o encanto do esposo, o enlevo dos filhos, indemnizando pela irresistivel suavidade do carinho os amargos desgostos e pungentes cuidados inseparaveis do estado.

Para vingar os ultrajes do seu *tyranno*, ella contrahia laços nupciaes com a tenção feita de quebral-os, e, com cynica desenvoltura, valendo-se dum rescripto de Diocleciano, largava o marido sem lhe dar conhecimento do divorcio..,

O filho, oh quão sombrio o quadro de sua sorte!

Licurgo, Solon, Romulo, Numa, os decemviros, autorizavam o infanticidio sem distincção de tempo.

Cadaver em decomposição eram a sociedade domestica e a sociedade civil.

O medico celeste, que veiu ao mundo restaurar o homem, applicou ao mal geral remedio efficaz: «Eu vos digo: Aquelle que despedir sua esposa, excepto por motivo de fornicação, a torna adultera, e aquelle que a tomar por esposa se faz tambem adultero». Math. XIX, 9.

Autorizando a separação dos corpos no caso de adulterio, (82) condemnou, pois, o divorcio nosso divino Salvador, que á dignidade de Sacramento, e grande Sacra-

---

(82) Confere os textos evangelicos.

mento, consoante á linguagem de S. Paulo, elevou o contrato matrimonial.

Já não ha separar uma coisa da outra, e entre christãos não pode haver verdadeiro casamento sem Sacramento; *atque ideo non posse contractum verum et legitimum consistere, quin sit eo ipso sacramentum* (Encyc. *Arcanum divinae sapientiæ.*)

A' voz de Christo, resurgiu cheia de vida a sociedade domestica, e com ella marchou vigorosa, graças á seiva christã, a sociedade civil, cujas leis foram adoptando, pouco a pouco, a constituição evangelica do lar.

Assim desappareceu a polygamia, o infanticidio foi marcado com o ferrete do crime; foi abolido o divorcio.

Surgem, porém, as más paixões!

A Egreja, fiel continuadora da missão do Filho de Deus, ahi está para combatel-as.

E ella o faz com energia e constancia assombrosa no lento volver dos seculos de sua existencia, sendo-lhe preciso affrontar não raro as iras dos potentados, que, para darem largas á mais insaciavel das paixões, arrastaram á apostasia reinos inteiros.

No Concilio de Trento (sessão XXIV), ella fulmina excommunhão «contra os que pretendem possa ser dissolvido o vinculo matrimonial».

Os Soberanos Pontifices ferem, com suas sentenças, os reis e imperadores que ousam querer extorquir-lhes a ratificação dos seus divorcios. Todas as idades admirarão, diz Leão XIII, os decretos de Nicoláo 1° contra Lothario; os de Urbano II e Paschoal II contra Philipe 1°, Rei de França; os de Celestino III e Innocencio III contra Philippe 2°, Rei tambem de França; os de Clemente VII e Paulo III contra Henrique VIII; finalmente, os de Pio VII, muito santo e muito corajoso Pontifice, contra Napoleão 1°, ensoberbecido pela prosperidade e pela grandeza do imperio. (83)

---

(83) Encyc. *Arcanum divinae sapientiae.*

A indissolubilidade do matrimonio sae triumphante de todas essas tremendas lutas, e ainda quando maiores sacrificios se impõem á Egreja para salvaguardar o contrato matrimonial, ella os faz serena e contente.

O heroismo da resistencia da Egreja ás paixões dos soberanos e ás audacias da libidinagem omnipotente culminou na revolta do seculo XVI, á qual, como por ironia, se deu o nome de reforma.

Quer Henrique VIII esposar Anna Bolena, vivendo ainda Catharina de Aragão, sua esposa legitima; Philippe de Hesse pretende ter duas esposas ao mesmo tempo; Alberto de Brandeburgo calca aos pés votos sagrados e fórma vinculos manchados de adulterio.

A Egreja não cede ás ameaças, e as novas ondas da corrupção pagã vem quebrar sua altivez na rocha immortal do Papado.

Caiam muito embora a cabeça do Bispo João Fischer e a do chanceller Thomás Moro; aconselhe Luthero, frade apostata, e ratifique, com seu sacrilego exemplo, todos os escandalos dos monarchas; percam-se a Dinamarca, a Suecia, a Allemanha, a Inglaterra e outros paizes, envolvidos na torrente das paixões sensuaes; de pé fica, sobranceira, no meio das ruinas, a Egreja, proclamando que o *leito nupcial* não pode ser manchado *(thorus immaculatus)*, que o *contrato matrimonial é indissoluvel*.

Coherente com o seu glorioso passado, a Egreja manteve a mesma attitude nos dias calamitosos da revolução franceza, e dahi em diante nem uma só linha recuou, na arena do combate em prol dos interesses do lar!

E não do lar sómente, visto que, propugnando pela perpetuidade do laço conjugal, acudia por isso mesmo a Egreja pela civilização da humanidade, como proclamam, com Leão XIII, alguns daquelles mesmos que não seguem a doutrina catholica.

«A certa gente faz-se de mal o grande principio social da indissolubilidade matrimonial só por ter sido dignamente consagrado pelo Catholicismo», diz Augusto Comte. (84)

«Proclamando a perpetuidade do vinculo matrimonial, a Egreja, diz Glasson, foi a primeira em render homenagem ao verdadeiro caracter do casamento». (85)

«E' um ponto incontestavel, diz Freillard, que de todos os contractos nem um só ha em que se deva mais desejar a perpetuidade do que no matrimonio».

Mittermayer confessa que o matrimonio indissoluvel deve ser considerado como typo ideal.

Não menos insuspeito que o precedente, Carraud, na reunião dos jurisconsultos suissos em 1873, disse:

«Preferimos leis que façam respeitar a indissolubilidade do laço conjugal. A idéa catholica que vê no matrimonio um consorcio de toda a vida, é perfeitamente juridica».

«O matrimonio, diz Frendelenburgo, é de sua natureza indissoluvel; nisto sómente repousa sua força ethica».

A união indissoluvel, diz Tissot, é o ideal que o amor sempre suppõe.

O mesmo Naquet, o famoso denfensor do divorcio, escreveu: «A protecção dada á esposa e aos filhos não é possivel no systema do matrimonio actual sinão mediante a indissolubilidade do laço conjugal.»

Assim pensam sob a inspiração do direito natural, sem a influencia de idéas religiosas, e alguns até francamente infensos a ellas, homens de elevada esfera intellectual.

XVI

Contrario seria á natureza suppôr que duas pessoas, no momento em que se unem pelos laços do matrimonio, pensem numa união transitoria, e não perpetua.

---

(84) Phil. Posit. V, p. 687 em Glasson — Le Mariage Civil et le div. p. 290.

(85) Ob. cit. p. 217.

O homem até nos desvairos da paixão e do crime, observa Glasson, tem da união com a mulher a idéa dum laço indissoluvel. (86) Quantas vezes os tribunaes nos revelam crimes commettidos por amantes abandonados!

O motivo do crime, em taes casos, é o desatino produzido pela paixão amorosa, que não admitte possa a outrem pertencer a pessoa amada. «Quando o amor verdadeiro existe entre dois seres humanos, não é por uma hora nem por um dia; no momento em que elle existe realmente, os amantes pronunciam sua perpetuidade» por meio de frases bem conhecidas em toda parte.

Julio Simon, cuja é a sentença que citamos, não faz mais do que registrar o sentir commum do genero humano.

Na união conjugal o homem busca o repouso do seu coração irrequieto.

Ora, como alcançar este repouso sem a perpetuidade da união?

A idéa da possivel separação, seguida de ulterior consorcio reconhecido legitimo pelas leis, será obstaculo invencivel á perfeita união dos corações.

Ir-se-á o repouso almejado.

Tão estreitamente une a natureza os esposos no filhinho, que formam nelle uma só carne, e esta união dura sempre, perpetuamente, de modo tão indissoluvel, que nenhuma força physica ou moral pode desfazer.

Elles subsistem no filho pelo sangue de suas veias, pelo amor de seus corações, que palpitam no delle, pelos traços de seus semblantes, reproduzidos no do pequeno sêr a que deram a vida, até pelas qualidades da alma.

A natureza, que os fundiu assim no filho, protesta então contra o rompimento do laço conjugal, atado por uma união intima, tão singular, que se prolonga num composto perpetuamente indivisivel.

---

(86) Glasson, ob. cit. p. 485.

Quando se fala em natureza, acode logo a alguns a região dos sentidos tão sómente, a parte agitada pelas paixões. Mas o homem não é só carne, nem é puro animal. A mais nobre porção do seu ser é a alma, e esta é racional. Obedecendo á razão é que elle obedecerá á sua verdadeira natureza.

Ora, a razão nos dicta que o fim principal do casamento é a procriação e a educação dos filhos, e não o prazer sómente e a fidelidade dos esposos.

Portanto, conforme á razão ou á natureza humana é a indissolubilidade, que assegura o cumprimento dos deveres dos esposos para com seus filhos.

Nem se diga que para a educação basta apenas um delles. Ambos são necessarios. Elles são duas forças, que, para produzirem seu effeito devem andar unidas; são dois raios que devem concentrar-se num ponto, para produzirem luz e calor.

Necessarios ambos para fazer despertar a vida, tambem o são para conduzil-a á sua completa expansão.

O pae só é autoridade excessivamente dura, a razão excessivamente fria, a força superfluamente activa; a mãe sósinha é o amor sem freio, a doçura e ternura sem o correctivo da intelligencia e da força. (87)

A voz da natureza, portanto, que não pode contradizer a voz de Deus, é em favor da *união indissoluvel.*

Por pouco que se reflicta na perpetuidade do vinculo matrimonial, facilmente se comprehende que ella exclue a ingerencia de paixões mundanas, sempre bastante impetuosas para falsearem o juizo, e jamais tão constantes que sobrevivam ás circumstancias passageiras que as excitaram.

Não se prende só aos sentidos, á formosura exterior, o amor que fórma os laços indestructiveis do matrimonio, mas sim á alma com sua immaterial belleza, ao coração com seu thesouro de fascinantes virtudes.

---

(87) Bonomelli—Sul divorzio.

São estes os attractivos revelados ao amor pela perspectiva do laço indissoluvel, que põe em actividade a prudencia que deve presidir á eleição do conjuge.

Como! Encadeiar-se para sempre, e não pesar seriamente as cadeias, seria loucura.

O amor verdadeiro não é paixão cega. Antes de entregar-se para sempre, aquelles que aspiram ao matrimonio examinam, reflectem, esperam, e só depois de verificarem nas pessoas de sua escolha qualidades capazes de lhes assegurar a felicidade, atiram-se nos braços um de outro.

A' prudencia, effeito logico da indissolubilidade, deverão os esposos a felicidade que reinar nos seus lares.

Si a desgraça os vier ferir, elles a considerarão como accidente incapaz de alterar a natureza indissoluvel do contrato, realizado para fins superiores.

E' a natureza humana, por motivo do vicio de origem, fraca e inconstante, e no matrimonio não fica ella isenta deste mal.

Ora, si assim é, a boa razão indica a necessidade de protegel-a, tirando-lhe as occasiões de enfraquecimento e inconstancia.

Isto se consegue com a indissolubilidade do vinculo conjugal, que incessantemente brada aos esposos: reagi fortemente contra as tentações, sede constantes em amar-vos e soffrer-vos pois eu não me quebro, e si vos separardes, não podereis honradamente buscar outra cohabitação.

A Augusto Comte não escapou a verdade do que imos ponderando.

«Nenhuma intimidade, diz elle, pode ser profunda sem concentração e sem perpetuidade . . .; não é demasiada a nossa breve existencia, para que bem se conheçam e dignamente se amem dois seres tão diversos como o homem e a mulher.

«Os corações são, de ordinario, tão voluveis, que a sociedade tem de intervir para evitar irresoluções e variações, cujo livre curso faria degenerar a existencia humana em

deploravel serie de experiencias, sem bom exito e sem dignidade». (88)

Arrancando pela raiz a possibilidade de infructiferas experiencias, a indissolubilidade determinará os esposos á pratica de virtudes que lhes transformarão em paraiso o lar. Lutarão contra os vicios que ameaçam alterar a amizade; refrearão os impetos de impaciencia; procurarão desculpar os defeitos alheios e corrigir os proprios; exercerão a caridade do perdão reciproco, porfiarão em supportar com bom semblante trabalhos e fraquezas; evitarão excitar melindres; numa palavra, animados pelo mesmo espirito de sacrificio, tendo ante os olhos a Christo e a Egreja, cujos desposorios representam, irão, dia a dia, progredindo nas virtudes, seguros penhores de felicidade na terra.

A indissolubilidade matrimonial, fortificada pelas virtudes que desenvolve, fomenta a felicidade do Estado, a qual depende da paz e concordia dos cidadãos, da boa intelligencia das familias que formam a sociedade. E', pois, lei de progresso social.

Wertesmarck, que, sem predilecções religiosas, examinou a questão, o reconheceu: «O matrimonio, diz elle, tornou-se mais duradouro á medida que a raça humana se elevou a mais altos graus de civilização, e certa somma de cultura é condição essencial para se formar união de toda a vida». (89)

Segundo H. Spencer, «a monogamia é, manifestamente, a forma ultima, e toda mudança provavel deve ser na direcção do seu aperfeiçoamento e da sua extensão». (90)

Ora, sem a indissolubilidade não é possivel a monogamia.

Revoltam-se os adversarios contra este principio sagrado, porque, ao seu parecer, elle cerceia a liberdade indi-

---

(88) Syst. de Pol. Posit. I, p. 237, ed. franceza de 1912.
(89) Origine du Mariage, pag. 501.
(90) Origine du Mariage, pag. 479.

vidual, escraviza as vontades, expõe, ás vezes, os esposos a serem privados do fim principal do casamento—os filhos, e da felicidade a que tem direito constituindo familia.

Mas o homem no mundo não é ser absoluto e soberano, completamente separado de seus semelhantes; é ser pertencente á sociedade, obrigado a viver com outros homens, aos quaes pode ser util ou damnoso. Sua vida é necessariamente social. Mas que é a vida social sinão uma serie continua de limitações á liberdade individual?

«O proprietario, v. gr., pode levantar em seu terreno as construcções que lhe aprouver, salvo o direito dos visinhos e os regulamentos administrativos». (91)

Eis ahi a liberdade de um proprietario restringida pelo direito de outrem.

Um dos factos fundamentaes da organização social é, diz Balmes, (92) restringir a liberdade individual o quanto baste para manutenção da ordem publica e a justa liberdade de todos.

Pode-se, pois, dizer que a mesma definição da liberdade individual inclue a idéa de limitação, sem a qual é impossivel a liberdade geral, impossivel a vida na sociedade.

O argumento, portanto, não tem valor.

Não procede tão pouco a objecção tirada do captiveiro das vontades dos esposos.

Já vimos os inestimaveis lucros que do *vinculo indissoluvel* auferem os esposos, os filhos, a sociedade civil.

Renunciar a liberdade propria, encadeiar a vontade, constrangidamente e sem fins superiores que compensem sacrificio tamanho, loucura seria.

Mas encadeiar-se perpetuamente no intuito de preciosas vantagens para si, para os filhos, para a sociedade, é acto louvavel e proprio de quem comprehende sua posição social.

---

(91) Codigo C. Brasileiro, p. 572.
(92) Phil. Elem. v. 2, p. 183.

Joga o soldado a vida no campo de batalha em defesa da patria, e isto não se considera como generosidade sómente ou heroismo, mas como dever.

Bem merece dos seus concidadãos quem assim perde o mais precioso dos bens, a vida.

E seria então um mal sacrificarem os esposos suas vontades, uma vez que o bem publico, a ordem social, lhes exigem este sacrificio perpetuo, menor do que a perda da vida?

Fazer depender a felicidade dum compromisso da sua duração temporaria é antijuridico.

Si o matrimonio é compromisso *legitimo para tempo futuro*, não pode ser considerado illicito ante o direito pelo facto de ser perpetuo, pois esta circumstancia não altera sua natureza.

Licita em sua natureza, a indissolubilidade, fonte de bens sociaes que só ella pode produzir, claro está que muito razoavelmente pode a sociedade exigil-a nos conjuges, embora percam a livre disposição futura de suas vontades neste ponto, pois o bem particular deve ceder ao bem geral.

Nem vale a allegação de esterilidade, que priva os esposos da alegria do fim principal do matrimonio.

A lei é, como ensinam com S. Thomás os theologos, a ordenação da razão para o bem commum promulgada por aquelle que tem cuidado da communidade.

Seu fim adequado refere-se ao que acontece commummente, e não a casos particulares, excepcionaes. Si estes podessem abrogar as leis, nenhuma dellas ficaria de pé, visto como todas não alcançam, uma ou outra vez, realizar, occasional e excepcionalmente, o seu fim, nem uma existe cuja applicação deixe de molestar um ou outro individuo.

A regra geral é haver filhos. A esterilidade é excepção, que deve confirmar a regra geral, como se diz nas escolas.

Mas, demos de barato que se deve romper o *vinculo conjugal* por isso. Quem poderá affirmar que o segundo ou subsequentes enlaces trarão aos esposos o desejado filho?

Aliás, nem por lhes faltarem filhos carnaes, os esposos christãos deixarão de os ter adoptivos, e nem pelo facto de os não terem serão sempre menos felizes.

O amor ou a caridade no christão, a solidariedade, altruismo e philanthropia nos que o não são, precisam de objectos em que empreguem sua actividade, e estes não faltam.

Quão immensa a phalange dos pobres, cujas miserias podem ser soccorridas!

Quão grande a turba dos orphãos, que supplicam um recanto no lar, algumas fatias de pão, um pucaro de agua, os carinhos de mãe, os cuidados dum pae!

Quão espessa a multidão dos que não conhecem seus direitos e deveres sociaes. e nunca ouvirám falar dos principios da fé nem do amor de Deus!

Ahi estão filhos em abundancia para os lares despovoados, que se encherão das bençãos dos enteados da fortuna, tornados felizes pelas larguezas dos esposos estereis.

Não pode ser desgraçado quem sabe se conformar com a vontade divina, e os esposos christãos sabem que o Senhor é quem dá e nega filhos.

Ajuntemos que, si nem sempre conseguem os esposos o fim principal do matrimonio,—os filhos, podem conseguir seu fim secundario, isto é, a satisfação legitima de desejos naturaes imperiosos, que fóra do laço conjugal produziria inevitaveis desordens sociaes, além de estragos physicos e moraes nos individuos.

Não é tão pouco a indissolubilidade responsavel pela infelicidade dos conjuges resultante da incompatibilidade dos genios, das infidelidades commettidas, enfermidades repugnantes, infamias publicas, habitos viciosos, etc.

Si ha lares em que a vida commum parece insupportavel, e os ha,.por certo, embora não tantos quantos fantasia a imaginação dos romancistas, a causa é alguma falta dos esposos, um erro estranho á indissolubilidade do casamento.

Sem falarmos das profanações do matrimonio, causa preponderante das desgraças de muitos casaes, justo castigo de seus crimes antes e depois do casamento, a falta de amor reciproco, da livre escolha e livre consentimento dos conjuges, é razão da desventura que em inferno transforma muitos lares.

Mas esposos por este motivo infelizes só de si ou dos seus se podem queixar.

Deformaram o casamento, contraindo-o sem o amor, por motivos illegititimos, e por isso não admira que lhes falte a communhão das almas, sem a qual não pode haver felicidade. Elles é que tornam jugo pesado a indissolubilidade, e tanto direito tem de se revoltar contra ella, quanto contra as leis que asseguram a propriedade aquelle que se visse perseguido por tel-as violado.

Tanto aquelles, como este, pagam o seu merecido castigo pelos maus principios e pessoaes desatinos.

XVII

Não só contra as crenças dos catholicos, para os quaes é o casamento instituição sagrada, mas ainda em geral contra os interesses legitimos *dos esposos, dos filhos, da familia e da sociedade civil* attenta o divorcio, ensina Leão XIII. (93)

Não é conforme ao direito natural que, na dissolução dum contrato, saia prejudicada uma das partes contratantes.

Ora, frequentemente se dará este prejuizo no divorcio, visto como aquella que entrar virgem para o lar, delle sairá sem a inestimavel prenda da virgindade, que não poderá ja-

---

(93) Eorum enim caussa fiunt maritalia foedera mutabilia; extenuatur mutua benevolentia; infidelitati perniciosa incitamenta suppeditantur; tuitioni atque institutioni liberorum nocetur; dissuendis societatibus domesticis præbetur occasio; discordiarum inter familias semina sparguntur: minuitur ac deprimitur dignitas mulierum... Et quoniam ad perdendas familias, frangendasque regnorum opes nihil tam valet, quam corruptela morum, facile perspicitur, prosperitati familiarum ac civitatum maxime inimica esse divortia... Encycl. *Arcanum div. sap.*

mais ser recobrada, e, não raro, irá engrossar as filleiras das marafonas, como das divorciadas em Marrocos, escreveu o dr. Churcher.

A mesma natureza indica que o fim primario do matrimonio é a procriação e educação da prole, porque é physiologicamente claro que a relação sexual tende *ex se* para a geração.

Ora, uma união vaga, instavel, não favorece a geração, nem a criação e educação, antes lhes é contraria.

Quanto á geração a experiencia prova em cheio o que dizemos, e não ha para que nos determos neste ponto.

Como bem prover á educação da prole, cuja origem será por motivo do divorcio não raro incerta, e contra a qual pleiteará a relaxação do amor dos páes, quando não a má vontade do novo conjuge, cujo sangue não corre nas veias da prole?

O divorcio embaraça tambem e até desfaz o mutuo auxilio a que tem direito os esposos entre si, pois este só na vida intima dos corações sinceramente amantes se encontra, e não nas uniões realizadas pelos encantos inebriantes da volupia.

Supposto dissoluvel o vinculo conjugal, o matrimomio não será mais cercado das salutares precauções que devem assegurar sua paz e duração.

Para que informar-se das qualidades que concorrem ou faltam nos pretendentes ao matrimonio?

Que lhes importa averiguar caracter, genio, vicio e virtudes ?

Como não é a morte só que pode separar os esposos, permittidas se lhes afiguram as mais temerarias experiencias.

Foi-se a prudencia antes do casamento.

Casados, para que corrigirem a natureza e supportarem valentemente os accidentes da vida commum ?

Para que usarem generosidade no perdão, indulgencia nos defeitos ?

Ao despontar das primeiras dificuldades, avultarão pretextos para separação completa, e novos vinculos se formarão tão frageis como o primeiro. A idéa do possivel divorcio gera nos esposos a suspeita, por si só bastante para perturbar a paz domestica, sem a qual impossivel lhes será cumprir os arduos deveres do estado; enfraquece o mutuo amor pela funesta prevenção de, mais cedo ou mais tarde, um dos conjuges tentar a dissolução do vinculo que os deve conservar unidos até á morte; incita novos amores; induz os esposos a perigosas aventuras, e os impelle a fantasiar motivos que provoquem a separação para obterem novos enlaces.

Dahi as portas abertas, de par em par, a vergonhosas fraudes contra a fidelidade conjugal, os adulterios combinados de que falam Le Rouix, Vanderém e os irmãos Margueritte.

Ver-se-ão esposos convencionados com os seductores para o divorcio, como attesta a experencia nos paizes onde existe esse cancro social.

Mui conhecido é o facto do Bispo protestante de Rochester, que, em resposta ao Lord Mulgrave, affirmou que, em dez casos de pedidos de divorcio por motivo de adulterio, nove se firmavam em combinações que os seductores faziam com os maridos para lhes fornecerem provas das infidelidades das esposas.

Numa communicação feita ao XX Congresso da Sociedade de Economia Social dizia em 1901 Morizot-Thibault, substituto no tribunal do Sena: «O divorcio será, de si mesmo, elemento de desorganização social; os sabios multiplicam as formalidades e lhe oppõem barreiras; mas é proprio de sua natureza insinuar-se com destreza por entre os obstaculos e annular todas as cautelas... Com elle nascem as fraudes para burlar a lei... Sabemos, por um processo pleiteado em nossa presença, que ha em Paris senhoras á disposição das esposas para incitarem o marido á violação do dever conjugal». Quest. Act., t. 60, p. 28.

E' na verdade o mercado da carne humana, contra o qual já protestava Delleville.

Não ha mister lembrar que o divorcio é contrario tambem á mitigação da concupiscencia, que tanto mais se augmenta quanto mais se procura afogal-a na libidinagem.

«Eu penso que nunca, desde os primeiros tempos do Christianismo, as separações e os divorcios foram mais communs do que em nosso tempo, em que pela sua instituição pensamos ter encontrado remedio á vida libidinosa. Muito é de temer que a permissão do divorcio tenha dado animação ás dissensões conjugaes,» diz Schwenkfold (Dollinger: La Réforme; Monsabré: Dogme Catholique, 5, 123).

Além de não ser o divorcio remedio contra o adulterio nem a libidinagem, não o é tambem contra a infelicidade dos esposos, como luculentamente observa Comte, cujo testemunho por insuspeito preferimos. Essa união fundamental, diz elle, não pode attingir ao seu fim essencial, si não fôr ao mesmo tempo *exclusiva e indissoluvel.* Só a ausencia actual de todos os principios moraes e sociaes permitte comprehender como doutoralmente se tenha ousado estabelecer a inconstancia e a futilidade das affeições como penhores essenciaes da felicidade humana». (94)

Ao caso fazem as ponderações do distincto jurisconsulto autor do *Projecto do Codico Civil Brasileiro,* que em breve epilogo aponta os males do divorcio em relação aos esposos, aos filhos e á sociedade.

«Si fôr concedido o divorcio *a vinculo*, facilitar-se-á o incremento das paixões animaes, enfraquecer-se-ão os laços da familia, e essa fraqueza repercutirá desastrosamente na organização social. Teremos recuado da situação moral da monogamia para o regimen da polygamia successiva, que, sob a fórma de polyandria, é particularmente repugnante aos olhos do homem culto.

---

(94) Syst. de Pol. Posit. t. 1.° p. 237.

«A moral domestica deve ser de extrema delicadeza, particularmente em attenção aos filhos, cuja educação se compromette, cujo espirito se conturba e cujos interesses não são tão escrupulosamente attendidos, quando os seus progenitores, esquecidos da sagrada missão que lhes é confiada, se deixam arrastar pelos desregramentos da conducta, sem procurarem sequer disfarçal-os aos olhos das candidas criaturas que são fadadas a tomal-os por modelos, e em cujas consciencias esses actos produzem, necessariamente, um precipitado moral funestissimo.

«A cultura, a moral, o direito, todas as normas sociaes são liames destinados a conter a animalidade humana, e a canalizar os impulsos individuaes para o fim da conservação e do bem estar sociaes».

«Conceder o divorcio, diz ainda elle, é «sobre as ruinas de uma familia erguer a possibilidade de outras ruinas, formando uma triste cadeia de matrimonios ephemeros, na qual se vae a dignidade ensombrando, a noção do dever apagando e a organização da familia dissolvendo». (95)

XVIII

Partes constitutivas da sociedade, não maravilha que as familias viciadas pelo divorcio a façam retrogradar do progresso a que attingiu pela indissolubilidade do vinculo.

Henrique Morselli, celebre psychiatra, campeão do *evolucionismo*, estabeleceu que a indissolubilidade é na especie lei de progresso. Depois de mostrar, estatisticas na mão, que nos paizes onde existe o divorcio o numero dos criminosos, loucos, suicidas, é proporcionalmente dez vezes maior entre os divorciados em relação ao resto da população, assim argumenta: «Ou o divorcio é para aquelles que o praticam elemento provavel de desgraça e descaimento,

---

(95) Dr. Clovis Bevilacqua.

ou o praticam por serem já, na mór parte, predispostos á degeneração.

«No primeiro caso a lei é má. No segundo, fazer leis para as pessoas cujo maior numero é de qualidade humana inferior, não é progredir, é retrogradar.

«O divorcio, escrevia elle em 1893, parece-me reforma não em sentido *evolutivo*, mas em sentindo *involutivo*, isto é, verdadeiro *regresso*».

«Sob o aspecto social o divorcio é regresso. A *evolução* social vae claramente da união polygamica para a monogamica. Regresso é, pois, aquillo que torna mais effectiva, estreita, estavel a monogamia. Ora, o divorcio é, em certo modo, um retorno para a polygamia.» Assim Fogazzaro. (96)

Diverso não é o sentir de Robinson, professor norte-americano de idéas liberalissimas: «São terriveis, diz elle, os effeitos do divorcio contra a sociedade, e não os vê quem por acinte cerra os olhos; elle é a causa da futura ruina da nação».

O grande estadista, que, alguns annos ha, governou os Estados Unidos da America do Norte, Roosvelt, protestante, fulminou contra o divorcio o seguinte anathema: «A facilidade do divorcio é, como sempre tem sido, verdadeira maldição para a sociedade, ameaça para os lares, causa de maus casamentos, excitação á immoralidade, grande mal para os homens e mal muito maior ainda para as mulheres».

O divorcio, cuja adopção nas leis do paiz o bom senso da Nação tem repellido por meio dos seus mais patriotas representantes, faz descer a humanidade civilizada ao nivel dos selvicolas e dos povos em decadencia.

Com factos, e a difficuldade está apenas na escolha, illustremos a asserção.

---

(96) Consult. Civ. Catt., fasc. 1244, Abril 1902, e Quest. Act. v. 99, p. 240, v. 60, p. 26 e seg., V. 66, p. 17 e seg.

Entre os *Creeks* «o matrimonio é considerado como contracto temporario, que liga os esposos só por um anno, de modo que se encontram homens, que, tendo tido muitas mulheres, não conhecem sequer seus filhos, dispersos em todo o paiz».

Raro não é «encontrar entre os Diaks senhoras de 17 ou 18 annos que já tiveram tres ou quatro maridos».

Attesta o Padre Bourien que, no interior da peninsula Malasia, ha individuos que se casaram *quarenta e cinco vezes*.

Bourckhardt conheceu beduinos de quarenta e cinco annos que tinham tido mais de cincoenta esposas.

Os *Wiandots* tinham casamentos de ensaio, que duravam apenas alguns dias.

A mulher (sighe) na Persia é tomada como esposa por um periodo estipulado na lei, que pode variar de uma hora a noventa e nove annos.

Os Indios na America do Norte desfaziam suas uniões tão rapidamente como as contraiam. (97)

Divorciado da verdade andará quem pensar que só entre o gentio desceu tanto a dignidade humana em materia de uniões conjugaes.

Entre os Romanos, pelos fins da republica, desacreditado estava o matrimonio.

Pelas famosas leis Julia e Papia Poppéa Augusto tornou quasi obrigatorio o casamento, animando os nubentes pelo amor da recompensa pecuniaria.

O divorcio, permittido pela lei das doze Taboas, era um facto corrente, quotidiano, acceito pela opinião.

Por seus repetidos matrimonios fez-se notavel o intellectual Mecenas.

Tempo houve em que o thermometro da moralidade nupcial tanto baixou, que, Marcial é quem o refere, uma senhora casou dez vezes num mez:

---

(97) Westermarck, Orig. du mariage, p. 487 e seg.

Aut minus aut certa non plus tricesima lux est;
Et nubit decimo iam Thelesina viro.
Quae nubit toties non nubit: adultera lege est.
Offendor moecha simpliciore minus.
(Lib. 6, Epig. 7.)

Bem é de ver que taes connubios não passam de promiscuidades meramente legalizadas. (98)

No intuito de reanimar o matrimonio, havia Augusto prohibido aos cidadãos o casamento com certas mulheres de ruim titulo. (99)

Mas tamanha a corrupção dos costumes e tão viva a aversão dos Romanos ao jugo matrimonial, que o Imperador se viu obrigado a autorizar com essas mulheres uma união legal, que, sem ser o matrimonio, era uma imitação delle. (100)

Para diminuir a frequencia dos adulterios e multiplicar cidadãos, cujo nascimento não fosse estigma de infamia na fronte da nação e delles, Augusto cobriu com o véo da legalidade o concubinato livre, que podia cessar pela simples vontade duma das partes. (101)

Excluidos da herança dos páes, cujo nome não podiam trazer, os filhos nascidos dessa união gozavam todos os direitos de filhos legitimos em relação á mãe, a qual por sua vez tinha tambem direito á quarta parte dos bens deixados pelo concubinario.

E que excellente reformador Augusto, que, por sua vida licenciosa «pleiteava contra a lei que elle queria fazer adoptar!», como de Pisão dizia Cicero. (102)

Observa Suetonio que a immoralidade do Paço imperial bastava para paralisar toda legislação que de tal fonte brotasse. (103)

---

(98) Mariages Regular and Ineg. by un advocate, p. 169.
(99) Heirnecius, l. IV, c. 4, Gaume Hist. de la famille, c. X, p. 147.
(100) Lei Papia, art. 6—Gaume, ob. cit. p. 147.
(101) Heinn., liv. II, c. 4, n. 4—Gaume, ob. cit., p. 148 e seg.
(102) Ad Atticum, liv. I, ep. 14, ob. cit., p. 141, n. 2º.
(103) Suet. Octav., c. 62, 65, 68—69 em Gaume, ob. cit., p. 140.

A despeito das leis christãs os maus costumes do gentilismo invadem os paizes em que ha o divorcio.

E para encurtarmos escriptura, damos apenas um exemplo: é o de Miss Grace Snell, filha de opulento negociante em Chicago, a qual seis vezes se divorciou dentro de poucos annos.

E si parece bastante verosimil, como diz Leão XIII («Arcanum divinæ sapientiæ»), aquillo de alguns escriptores, que as mulheres entre os antigos Romanos contavam os annos pelo numero, não dos consules, mas dos maridos; hoje, nalguns paizes em que as leis permittem o divorcio, tão desenfreada é a devassidão, que se faz propaganda aberta em pról do amor livre.

XIX

Lei de regresso, o divorcio nem sequer melhora a condição dos mal casados. Qualquer que seja o motivo pelo qual os tribunaes o concedam, verdade será sempre que as paixões mal contidas constituirão o fundamento real da decisão, recebendo ellas dest'arte sancção legal, reconhecimento juridico de honestidade.

Nem se diga que, sendo limitadas e bem definidas na lei as causas para o divorcio, atalhar-se-ão abusos.

Após umas seguirão outras de tropel, ao sabor dos descontentes. (104)

Entre os Romanos despedida era a esposa que, pelo encarquilhado do rosto, descorado das faces, desbotado dos dentes, deixava de ter attractivos para seu marido, como satiriza Juvenal.

Entre os protestantes apresentava famigerado *reformador* como causa bastante para o divorcio o desgosto por leve que fosse.

---

(104) Multoque esse graviora haec mala constabit, si consideretur, frenos nullos futuros tantos, qui concessam semel divortiorum facultatem valeant intra certos, aut ante provisos, limites coercere. Encycl. «Arcanum».

«O desgosto physico ou moral que um dos conjuges experimenta com relação ao outro é causa tão admissivel e respeitavel como as outras», doutrina Octavio Uzanne.

Elasticas sempre foram as causas e ainda hoje o são cumpre reconhecel-o.

Num velho livro chinez que refere serem admittidas no codigo sete causas sómente para o divorcio, se lê:

«Os antigos se divorciavam quando a mulher deixava a casa encher-se de fumo ou com desagradavel barulho tangia os cães».

Ao divorciar-se de Papyria, deu Paulo Emilio esta simples razão, segundo nos transmitte Plutarcho: «Só eu sei onde me apertam estes sapatos, novos aliás e bem feitos».

Suplicio Gallo fez o mesmo, porque a sua saira com a cabeça descoberta; Antistio Veter, porque a sua conversara em segredo com uma liberta de classe baixa; Sempronio, porque a sua assistira aos jogos sem que elle soubesse; Cicero repudiou a Terencia, porque precisava de novo dote para pagar suas dividas, e a Publia, porque lhe pareceu que ella se alegrara com a morte de Tulliola. Catão cedeu Marcia, sua esposa, a um amigo, e a retomou depois de rica. O *virtuoso* Bruto repudiou Claudia para esposar Porcia. Tintinio de Miturnes tomou por esposa a impudica Fannia com intenção de, repudiando-a por mau procedimento, ficar com o dote que lhe trouxesse.

Muitas vezes o consentimento ou mutuo accôrdo era o unico motivo do divorcio.

Outras vezes não era allegada causa alguma.

Assim, Paula Valeria, a qual, diz Cicero, *divortium sine causa quo die vir e provincia venturus erat, fecit. Nuptura est D. Bruto* (Cantú, Hist. Un., v. 4, pag. 213).

Estes factos, entre milhares escolhidos, que caracterizam bem a escandalosa instituição antiga do divorcio, reproduzem-se hoje nos paizes em cuja legislação penetrou este virus corruptor. Na federação Norte-Americana alguns Estados havia

como Arizona, Connecticut e Kentucki, em que o divorcio era praticamente livre, pois para ser elle concedido bastava que o procedimento dum conjuge destruisse a felicidade do outro, ou *qualquer causa á discreção do tribunal.*

Apesar de abolidas estas causas por acto legislativo, «o divorcio é praticamente livre, diz Snyder. Elle pode ser concedido por incompatibilidade de genios ou outras causas leves e sem importancia». (105)

Nos tribunaes francezes tão communs são as causas illegalmente machinadas para o divorcio, que Lemaire chega a dizer que é proprio delle gerar abusos.

Tem-se visto na França alguns juizes allegarem como razão para sentenciarem a favor do divorcio o mutuo consentimento das partes, quando a isto os não autorizava a lei.

Mais discretos, outros, não adduzem este motivo, unico existente, mas outro supposto ou adrede arranjado.

Todos se mancommunam para os abusos : juizes, advogados, notarios, esposos interessados na dissolução do vinculo, seus parentes, etc.

O divorcio é um negocio, ao qual alguns sacrificam a propria consciencia, e pessoas ha que, depois de recusarem durante alguns annos o consentimento para ser elle pronunciado, se deixaram vencer *por alguns mil francos.*

Argumentando com as estatisticas, Von Octtingen affirma que o gosto de variar é assaz de vezes a causa principal da dissolução do vinculo matrimonial.

Allega-se que o divorcio é destinado a curar os accidentes mais dolorosos do matrimonio, contra os quaes nenhuma efficacia tem a separação dos corpos.

Os factos, contra os quaes nada valem theorias, se encarregam de demonstrar que o remedio proposto recrudece o mal em vez de o diminuir.

---

(105) The Geography of Marriages, p. 157.

Na França aos 3715 pedidos de separação dos corpos em 1883 (vespera do restabelecimento do divorcio) succederam em 1897 nada menos de 9283 pedidos de divorcio absoluto, além de 2.657 pedidos de separação, ao todo 11.940!

Sobre não extinguir a separação dos corpos, o divorcio provoca divorcio.

Com as estatisticas da Belgica, Hollanda, Baden, Uesse, Suecia, Saxe, Suissa, prova Glasson que o divorcio tende sempre a augmentar.

Assombrado com a natureza desse terrivel mal, o tribuno Casion Nisas affirmou em seu tempo que «o divorcio, longe de ser um remedio, era mal peor, e em vez de attrair para o casamento os cidadãos, como se dizia, delle os apartava». (106)

Conforme uma grapho-estatistica apresentada ao Congresso dos Estados Unidos da America do Norte em Fevereiro de 1889 pelo Sr. Carroll D. Wrighit, o numero dos divorcios ia crescendo sempre na grande Republica.

No Japão «o augmento, diz Dahlmam, é espantoso, e as razões futeis».

Reuniu-se em Fevereiro de 1906 um Congresso em Washington, ao qual concorreram mais de cem delegados representantes de 44 Estados ou territorios para estudarem as reformas que poderiam ser feitas na legislação do divorcio. A resolução adoptada foi que cada Estado procurasse restringir o mais possivel as causas que o autorizam.

Amargurado com a decadencia do casamento no seu prospero paiz, o Cardeal Gibbons, ao mesmo tempo que appella para a abolição pura e simples do divorcio, *cancro que envenena as fontes da nação,* o compara ao mormonismo. Este, diz elle, consiste na polygamia simultanea, ao passo que o divorcio é a polygamia successiva.

---

(106) Glasson, p. 262.

Este o modo de pensar de cem Arcebispos e Bispos dos Estados Unidos da America do Norte, que dirigiram, a 26 de Setembro de 1919, uma Pastoral collectiva ao clero e fieis da grande Republica. Nella dizem os zelosos prelados ser o divorcio *escandalo nacional, causa de destruição da familia, de desapreço do estado matrimonial* no juizo dos que não são casados, de enfraquecimento do principio da autoridade publica, dos direitos individuaes e das instituições de que depende a liberdade.

Weldon, bispo protestante de Durham, numa entrevista noticiada pelos jornaes a 10 de Fevereiro de 1920, disse que «as estatisticas do divorcio causam pavor, impondo-se cada vez mais a necessidade urgente de reintegrar as gerações de hoje nos principios da moral humana, de que se afastam a passos largos».

Calando a perniciosa influencia do divorcio no que se refere á natalidade, lembremos com quanta razão o compara Leão XIII á enfermidade contagiosa ou á torrente d'agua que, destruidos os diques, inunda o solo: *quasi morbus contagione vulgatus, aut agmen aquarum, superatis aggeribus, exundans* (Encycl. «Arcanum»).

Conservadora e vingadora da unidade e indissolubilidade do matrimonio, a Egreja ensina sempre aos crhistãos a santidade da união conjugal, exhorta-os á seria preparação para o sacramento do matrimonio pela confissão e pela communhão, (107) afim de se munirem da fortaleza que necessaria lhes é para o cumprimento de seus graves deveres.

Mutuo, casto, fiel, dedicado, paciente, tal será o amor dos esposos christãos, que hão de haurir espirito e vida da virtude da religião, para, de animo forte e invicto, supportarem, não só resignados, mas ainda de bom grado, as differenças de costumes e genios, o peso dos cuidados domesti-

---

(107) Parochus... sponsos... vehementer adhortetur ut ante matrimonii celebrationem sua peccata diligenter confiteantur, et santissimam Eucharistiam pie recipiant. Canon 1033 do C. do D. Canonico.

cos, os trabalhos inseparaveis da vida, as adversidades, a operosa solicitude da educação dos filhos. (108)

XX

Lembrados da celeste origem do vinculo indissoluvel que os une, os esposos, pondo a mira nos immortaes destinos dos filhos que lhes Deus concedeu, diligentemente se empenharão para que seu lar seja hoje, como deve ser e foi desde os primeiros tempos no Brasil, ninho de virtude e officina de trabalho.

Evitando os exercicios que podem prejudicar a fragil existencia do ser que conceberam, as mães christã sacrificarão as exigencias da moda e da vaidade, v. gr. danças e espartilhos, aos interesses do ente que trazem no seio, diz o dr. Surbled.

Associadas a Deus no sublime ministerio da formação do homem, não esquecerão que seu estado moral pode influir desde a gestação no temperamento do filho, como ensinam geralmente os physiologistas e os santos, e por isto fugirão de tudo o que pode excitar as paixões, perturbar a imaginação, enervar os sentidos, como são leitura de romances, espectaculos commoventes.

Sabendo que nas mãos de Deus está a nossa sorte e desejando para o fruto do seu seio o melhor futuro, as mães, á imitação de Santa Monica, offerecel-o-ão, ainda antes de nascido, ao Senhor; renovando humildes, após o nascimento delle, a mesma oblação; amal-o-ão com respeito, por pertencer a Deus, que apenas lhes confia suas vezes; não demorarão seu baptismo, para o não exporem a ser privado da felicidade eterna, e completarão «a obra da gestação com o leite de seus proprios seios, dever indicado pela natureza, ordenado pela moral, recommendado pela hygiene», como se expressa o dr. supra-citado. Si motivos ver-

---

(108) Encycl. «Arcanum divinae sapientiae.»

dadeiramente serios as obrigam a recorrer a nutriz estranha, exigirão nella saúde perfeita e costumes sãos.

Si ha páes que merecem comparados ao pelicano, tão promptos se mostram a dar o sangue, e não só os suores para que nada falte de alimento e vestuario aos filhos, outros ha comparaveis á avestruz, pois que, dissipando nos jogos, na embriaguez e na devassidão, quanto ganham, deixam seus filhos famintos e maltrapilhos.

Alimentação frugal, sã e substanciosa, vestuario sufficiente, de conformidade com a fortuna e situação de cada um, mas honesto sempre, constituem uma parte dos deveres dos páes christãos para com seus filhos, que hão de ser acautelados, desde os mais verdes annos, contra os habitos de bebidas alcoolicas, do luxo, gulosinas e ociosidade.

Immensa sendo sua influencia no lar, a boa mãe de familia empenha todas as delicadezas do seu zelo em obstar penetre nos corações das filhas algo que lhes estimule o amor á vaidade, a que de seu são muito inclinadas, e se afina em favorecer tudo quanto lh'o possa amortecer; faz-lhes comprehender que a simplicidade no vestuario e a modestia nos modos lhes dão mais valor real do que custosas pedrarias, mais attrativos do que modas licenciosas; ensina-lhes o trabalho proprio ao seu sexo e á sua condição social, a pratica do asseio, da ordem, da economia, de tudo quanto diz respeito ao bom governo da casa em todas as suas minucias.

Não basta cuidar sómente da vida e interesses temporaes dos filhos. As almas delles reclamam dos páes cuidados ainda mais dedicados.

Por isso entendem, o mais cedo possivel e a todo o seu poder, em ensinar-lhes a doutrina christã; não só na sua parte mais principal e necessaria, como são os artigos da Fé e os preceitos da moral com suas formulas tradicionaes, mas tambem as orações, as devoções, e, quanto em suas mãos estiver e alcançar a capacidade dos filhos, os

pontos que do catholicismo separam as falsas religiões e as seitas dissidentes.

Sabendo que a criança, embora tenra seja sua edade, observa e retém os gestos, actos e palavras que vê e ouve, vigiam-se das menores culpas para não influirem nella germens de perdição e impedem que o trato com servos, amigos e outras pessoas, lhe altere a fé e offenda seu delicado pudor.

Lembrando-se que o meio mais efficaz de formação é o exemplo, os páes oram com os filhos em commum de manhã e á noite, com elles assistem á Missa, recorrem a Deus nas circumstancias difficeis da vida e frequentam os sacramentos.

Ha um periodo na vida em que os sacramentos são mais indispensaveis, e todavia menos frequentados : é o da adolescencia. Quem não sabe quão irreflectida, leviana, versatil, impetuosa e fraca é a mocidade!

Um guia vigilante e seguro poupar-lhe-á frequentes e vergonhosas quedas.

O pae, o preceptor, um amigo prudente, não supprirão jamais o officio dum bom confessor; segredos ha que só a Deus se confiam ou ao seu representante; a ultima palavra do coração não se diz nem sequer á propria mãe. Só os confessores velam sobre os vicios interiores e os habitos secretos; outro freio não existe.

Os christãos de lei dão-se pressa em confiar seus filhos e filhas, nessa perigosa idade, a um confessor que sabe apreciar sua alta e importante missão.

Tutor, elle declinará os perigos que lhes ameacem a innocencia; *conselheiro,* os animará ao bem por suas lições de virtude; *monitor,* os avisará de suas faltas e reprehenderá com inteira liberdade; confidente intimo, será depositario de suas duvidas, temores, fraquezas, dores; homem de Deus, os reconciliará pela absolvição sacramental e restituirá ao caminho do Céo.

Numa palavra, o bom director é o anjo custodio da infancia, o salvador da mocidade, o orgão, emfim, da divindade para a santificação dos homens.

Immensos são os frutos de virtude e as bençãos de salvação que pelo sacramento da Penitencia se derramam na Egreja!

Leibnitz, Tissot, Raynal, Rousseau, Marmontel, Cerutti, o mesmo Voltaire, o reconhecem. (109)

Do seio do tabernaculo, onde por nosso amor assiste, dirige o divino Redemptor aos páes as palavras outr'ora endereçadas por elle aos Apostolos:

«Deixae que venham para mim os meninos e não lh'o queiraes impedir. *Porquanto é delles o reino de Deus*». (110)

A este misericordioso convite do bom Pastor, que arde em desejos de nutrir o homem, desde a alvorada da razão, com a sua propria substancia divina, acodem, alegres e actuosos, os páes christãos, apercebendo seus filhos, quanto podem, e fazendo que apparelhados sejam tambem pelo sacerdote, para a primeira communhão.

Esta, porém, para páes formados na escola do Evangelho, não é ponto final posto á iniciação dos filhos na carreira da santidade.

Elles sabem que ás delicias da mesa santa succedem as amarguras das tentações e anceiam dar a seus filhinhos forças para resistirem e cantarem victoria.

Ora, a communhão frequente é que infunde nas almas a energia vital, torna-as consciencias vivas e invenciveis.

A ella, pois, mais ainda pelo exemplo do que pelos conselhos, guiarão os paes seus queridos filhos, que, *concorporeos* e *consanguineos* de Christo, poderão refrear os maus instinctos e reflectir nos olhos a limpidez dos corações.

A' frequencia da communhão accrescentam elles as instituições de perseverança, como nos lembra e encom-

---

(109) Dieulin, Le bon curé, t. I, p. 490 e seg.
(110) S. Mar. X, 14.

menda Leão XIII na Carta *Litteras a vobis*: «*Praterea..., merebitis idcirco optime re catholica et publica, si hominibus laicis, juvenibus praesertim, suasores auctoresque eritis ut in societates christiano instituto coëant*».

Para aqui trasladamos em nossa linguagem preciosas palavras do mesmo Pontifice acerca da educação na familia.

«Tenha-se na maior conta a consideravel influencia exercida nos animos dos meninos pela educação domestica.

«Si a juventude encontrar no lar bom ensino de doutrina e bom exemplo, *que é uma como que escola pratica de virtudes christãs, salva e segura de perigos estará, em grande parte, a sociedade*». (111)

Responsaveis pela formação moral de seus filhos, cujo futuro e da sociedade preparam, os páes não se deixam desvairar pela demencia do amor cego, que, não vendo defeitos nelles, não lhes contraria as tendencias perversas, nem lhes favorece as boas inclinações, mas, amando-os com amor esclarecido pela fé, lhes falam á razão e ao coração, para illuminarem a *primeira*, commoverem o *segundo*; e, si não aproveitam persuasões e brandura, recorrem á efficacia da correcção physica, recommendada pela Sagrada Escriptura para combater caprichos, rebater insubordinações, refreiar paixões, corrigir faltas: *Virga atque correptio tribuit sapientiam; puer autem, qui dimittitur voluntati suæ, confundit matrem suam.* (Prov. XXIX, 15.)

XXI

A escola deve ser um prolongamento do lar, e, por isto, uma das preoccupações dos páes que zelam as almas de seus filhos é a escolha de escolas e mestres a quem possam, com a consciencia tranquilla, confiar esses entes queridos, herdeiros de seus nomes e de suas virtudes.

---

(111) Sed positum sit in primis, omnino in puerorum animis plurimum institutionem domesticam posse. Si adolescens ætas, etc. Encycl. *Christianae sapientiae*, de Janeiro de 1890.

Não ha educação sem moral, nem moral sem religião, o que exprimia Joubert por estas palavras: «E' necessario Céo á moral como luz a um painel».

Louvavel é que os páes não perdoem a sacrificios para a instrucção de seus filhos, mas assentada em bases christãs. (112)

Si os enviam a escolas onde ficam expostos a perder a fé e a moral religiosa, gravemente oneram a consciencia deante de Deus e são causa de grandes males sociaes.

E si não, notae. Depois que Victor Hugo disse: «abrir uma escola é fechar uma prisão», milhares e milhares de escolas se fundaram, e, em vez de se fecharem os carceres, novos se abriram e mais se foram enchendo, diz Marro.

«Por toda parte, diz Spencer, ergue-se o grito: Instrui! instrui!... Por toda parte se pensa que, si os homens sabem o que é bem, não deixarão de fazel-o, e o desmentido quotidiano da experiencia não basta para pôr o homem de sobreaviso contra este erro!

«Vê-se que com o numero das escolas, cresce o dos trapaceiros, ladrões, falsificadores de viveres, corruptores, agentes de negocios dolosos, comtudo não se muda». (113)

Não é a falta de instrucção a causa dos crimes.

Tomando o saber ler e escrever como indice medio da cultura geral em todas as classes dum paiz, Morselli, materialista e darwinista, após criterioso estudo, estabeleceu como regra que «os paizes que possuem nivel mais elevado de cultura geral são os que fornecem maior contingente de suicidas». (114)

O mesmo pensam outros abalisados especialistas na materia, entre os quaes Masaryk, tambem contrario ao catholicismo.

Ora, não se pode dizer que a instrucção *per se* disponha o homem necessariamente para o crime.

---

(112) Assim queriam a educação Luiz XIV, Napoleão e outros.
(113) Calamo, p. 59 e 60 da Sc. Laica.
(114) Civ. Catt. 2 de Fev. de 1907.

Donde, pois, provém o mal?

Charles Lucas, (115) fallecido em 1890, que aos vinte e quatro annos já era celebre, aos trinta e dois era recebido no Instituto de França com universaes applausos, autor de preciosas obras acerca do systema penal, dizia que «a irreligião era o maior fornecedor das prisões».

E elle falava de cadeira, pois, inspector geral das prisões, passou a vida no estudo dos condemnados aos carceres.

Impressionado com o augmento dos crimes entre os jovens, o *Figaro,* folha parisiense de modo nenhum favoravel á Religião, quiz ouvir as opiniões de pessoas versadas na materia, e das respostas colhidas em 1896 tirou a seguinte conclusão: «A suppressão do ensino religioso nas escolas é um dos factores do augmento dos crimes.»

«A educação irreligiosa, tinha respondido Jorge Benjean, é evidentemente o principal factor dessa degeneração».

Uma incredula, a Sra. Bergillot, tinha sentenciado: «E' necessario recolocar o povo numa atmosphera religiosa para se obstar a espantosa recrudescencia do crime e do vicio».

Oettingen, protestante, referindo-se á França, escrevia, não ha meio seculo: «Dentro de poucos annos ver-se-á como a escola emancipada da religião é capaz de educar uma geração de suicidas». (116)

«Sem a educação religiosa, diz Mandsley, a civilização pode fazer brutos mais brutos do que no estado da natureza.» (117)

«Sciencia sem consciencia, já tinha dito Rabelais, é a ruina das almas, e celebre Bispo francez (118) assim se

---

(115) Sua memoria sobre a pena de morte foi coroada por dois juizes, um em Genebra, outro em Paris; seu livro intitulado—*Do systema penitenciario na Europa e nos Estados Unidos*—mereceu o premio Montyon; sua *theoria das encarcerações*, em 3 volumes, contém um systema penal completo e mostra os deveres da sociedade. Quest. Act., anno 1894, p. 295 e seg.

(116) Civ. Catt., Jan. 1907.

(117) Calamo, ob. cit. p. 50.

(118) Gibier, La desorg. de la fam. p. 456.

expressa: «A instrucção sem Deus esclarece o paiz, mas á maneira de tocha incendiaria».

Em summa, a estatistica moderna vem confirmar com cifras e factos o velho principio que a religião é o freio mais efficaz das paixões humanas. (119)

Isto implicitamente reconhecem o celebre Clemenceau e a «grande Commissão do augmento da população», constituida pelo Conselho geral d'Eure-et-Loir, sob a presidencia de M. Deschanel, o primeiro, quando disse, a 2 de Novembro de 1910, a Jacques Bertillon que «o augmento da natalidade depende *antes de tudo* duma reforma moral», a segunda, quando affirmou pelos labios de especialistas em hygiene, puericultura, economia domestica, questões fiscaes, juridicas, medicas, referentes á natalidade, que «é necessario reformar a hygiene dos espiritos, attingir á esterilidade das almas».

Em verdade, como sem a religião realizar «essa reforma moral», melhorar « a hygiene dos espiritos », attingir «á esterilidade das almas»? pergunta Feron Vrau.

Eis aqui a regra que sempre observei e não admitte excepção, diz Paul Bourget: «Onde o christianismo floresce, os costumes sobem, onde elle enlanguesce, os costumes baixam. O christianismo é a arvore a cuja sombra medram as virtudes, sem as quaes as sociedades são condemnadas a perecer.

«Não ha então defesa social que a do Decalogo; esta é a convicção de Le Play, de Taine, esta a minha tambem». (120)

Não admira, pois, que Leão XIII, depois de dizer, na sua Encyclica *Sapientiæ christianæ*, que o abandono da religião é causa dos maiores males na familia e na sociedade, assim se espresse:

---

(119) Civ. Catt., fasc. 1359, p. 293.
(120) Clericalismo e Laicismo—Civ. Catt. 9 de Ag. 1915 V. 3. fasc. 1324.

«A familia é o berço da sociedade civil, e no recinto do lar domestico é que se prepara, em grande parte, o destino dos Estados. Tanto assim, que os que desejam acabar com as intituições christãs se esforçam por destruir as raizes mesmas da familia, corrompendo-a prematuramente nos seus mais tenros rebentos. Elles não recuam ao pensamento de não se poder realizar tal empreza sem o mais cruel ultraje aos páes, porque a elles é que pertence, em virtude do direito natural, educar aquelles a quem deram o nascimento, com a obrigação de adaptarem a educação de seus filhos ao fim para o qual Deus lhes concedeu transmittir-lhes o dom da vida. Os páes tem, portanto, rigorosa obrigação de envidar os meios efficazes para repellirem toda e qualquer offensa a seus direitos, nesta materia, conseguirem completa faculdade para a educação christã de seus filhos, a qual comprehende o direito de impedir que elles frequentem escolas em que haja perigo de sorverem o funesto veneno da impiedade. Quando se trata de bem educar a juventude ninguem tem direito de fixar limites a trabalhos e sacrificios, por maiores que possam ser. Dignos de ser propostos á admiração geral são os catholicos de varias nações, que, á custa de muitos sacrificios e á força do maior zelo, fundaram escolas para educação de seus filhos. Razão é que se imite tão bello exemplo onde quer que as circumstancias o requeiram».

A' luz desta doutrina facil fica de entender quanto desdizem della certos páes, que, confiando a outros a educação dos filhos, forros se consideram de toda responsabilidade. De examinar os livros de que se servem os filhos, de conhecer o ensino, e o exemplo que o professor dá, de investigar as boas ou más qualidades dos companheiros de seus filhos, não ha tratar.

E assim tendo em muito a instrucção, em pouquissimo ou nada a religião, *aroma que impede a sciencia de corromper-se,* alcançam ver seus filhos aproveitados, talvez, no saber profano, pobres, porém, de virtudes, si não de todo em todo incredulos e estragados nos costumes.

Boa prova do quanto monta confiar a educação dos filhos somente a pessoas irreprehensiveis na doutrina e no estilo de vida, temos no que do alto do pulpito disse a seus patricios o Cardeal Lavigerie: «O que sou devo, irmãos meus, a duas Moças, que, estando ao serviço de meus páes, me ensinaram as primeiras orações, o catecismo, e me edificaram por suas virtudes e seu bom exemplo». (121)

Occupar-se de verdade em estudar as aptidões, espreitar as disposições e consultar o gosto dos filhos para os differentes estados da vida, é dever dos páes que se esmeram em prover o futuro daquelles cuja felicidade temporal e espiritual Deus lhes encarregou.

Com animo de acertar nesta questão capital, os páes oram com piedoso affecto para que se lhes manifeste a vontade do Senhor acerca da vocação de seus filhos: com judiciosos conselhos os auxiliam e encaminham neste negocio; e de bom grado lhes fornecem os meios de seguil-a, bem certos que contrarial-os em materia tão do dominio de Deus é expol-os e a si mesmos a lastimosos damnos na presente vida e na futura.

Dest'arte, quando chegam a conhecer que Deus chama uma filha á vida religiosa ou a um filho ao serviço do altar, não os expõem, a pretexto de experiencia, a frequentar companhias e diversões capazes de lhes matar a vocação. Antes, desvanecidos com a mercê que Deus lhes faz, não ha sacrificios que não tomem sobre si para corresponderem, o melhor que podem, á honra tão insigne e de tanto proveito á familia e á sociedade.

Seja, emfim, qual fôr a carreira que attrae seus filhos, desentranhar-se-ão os páes em lhes formar o caracter com boa tempera de virtudes christãs, iniciativa prudente e energia viril.

---

(121) Baunard—Vida do Cardeal Lavigerie.

XXII

Nobilissima, sobre necessaria, a missão do jornalista catholico.

Apostolo, sua tribuna se ergue onde quer penetre o jornal: nas praças e nos aposentos, nas estalagens e nas estradas de ferro, nas casas de diversões e nos claustros, nas officinas e nos circulos, nos palacios e nas choupanas, nos visos das montanhas e no fundo das selvas. Elle fala a amigos e a inimigos, a sabios e a ignorantes, a pobres e a ricos, ora serio, ora jocoso, mas sempre para «instruir, advertir, fortalecer, excitar á pratica das virtudes, á observancia dos deveres para com a Egreja. Encargo é este do clero e sobre maneira importante; mas o paiz e a epoca exigem que ao mesmo intento dediquem suas pennas os jornalistas». (122)

A imprensa catholica, disse o grande Pontifice Leão XIII, *é uma verdadeira missão perpetua.*

Campeão da fé e da moral, ella não conhece a timidez que o respeito humano inspira, nem se arrisca a perigos a que só um temerario se afoita; mas, calma e intrepida, como bem apercebida que é para *justas e torneios* desse genero, combate com a penna, sob o vexillo da Cruz, para que o estandarte da salvação se hasteie victorioso *no individuo, no lar, nas associações, na sociedade civil*, e o Divino Jesus viva, reine e impere, em toda parte, por sua lei observada e seu amor correspondido.

Para isto mostra e illustra, em todas as questões que se ventilam, o seu aspecto catholico; desata difficuldades, rebate argumentos, resolve objecções, refuta erros e, defendendo em todo terreno a verdade catholica, rechassa as calumnias e desfaz as mentiras que em artigos, telegrammas e noticiarios apparecem nas folhas hostis, pouco escrupulosas ou menos discretas.

---

(122) Longinqua Oceani spatia, de 6 de Janeiro de 1895.

A' sua voz e principalmente ao seu bom exemplo, os desalentados cobram novos brios, novos *camaradas* surgem, e, formando ao lado da Cruz, movem-se em defesa da Egreja e do Estado, cujos interesses propugna e patrocina, pois não ha mais solido fundamento para a ordem social do que *a fé e a moral christã, diffundidas pela imprensa catholica.*

«No mundo de hoje não ha missão mais nobre que a do jornalista catholico, disse Pio X! Meus predecessores benziam as armas dos guerreiros christãos; eu antes quero attrair as bençãos do céo sobre a penna dum jornalista catholico».

Sentinela sempre alerta, do alto do seu posto alarga a vista pelos mais afastados horizontes, applica o ouvido, e dá rebate ao divisar o inimigo, que, descoberto ou disfarçado, ameaça a integridade da fé e da moral.

Clama itaque, clama, ne cesses. (123)

Como, porém, utilmente cumprirá o jornalista catholico tão nobre mister?

Ouçamos a voz daquelle que Deus constituiu na terra seu vice-gerente.

«Considerem seriamente, diz Leão XIII, numa Carta aos Bispos dos Estados Unidos da America do Norte, que a obra da imprensa será, sinão damnosa, ao menos muito pouco util á Religião, si entre os que visam o mesmo fim não houver accôrdo.

«Aquelles que desejam servir á Egreja de modo util, e defender, com suas pennas, o nome catholico, devem combater em perfeita harmonia, e, digamos assim, de fileiras cerradas.

«Tambem, os que dissipassem forças pelas discordias, pareceriam antes fazer guerra do que repellil-a.

«Da mesma sorte, obra defeituosa e nociva, em vez de util e frutuosa, fariam os escriptores que ousassem submetter a seu julgamento as resoluções e os actos dos bispos; e, com

---

(123) Pio IX á Redacção do *Apostolo.*

menosprezo do respeito que lhes devem, critical-os, censural-os, sem verem a perturbação da ordem que causam e os males que fazem com tal procedimento. Lembrem-se elles dos seus deveres e não ultrapassem os justos limites da modestia. E' necessario obedecer aos Bispos, aos quaes compete autoridade em alto grau, e lhes prestar a honra a que tem direito pela grandeza e santidade de suas funcções. (124) Esta *reverencia* á qual ninguem pode licitamente faltar, deve resplandecer principalmente nos jornalistas catholicos, para que *sirva de exemplo.*

«Destinados a largamente se diffundirem ao perto e ao longe, os jornaes caem (quem o ignora?) nas mãos de qualquer pessoa e muito influem na opinião e no modo de proceder das multidões». (125)

Já antes, em Carta aos Bispos do Perú, dissera o mesmo Pontifice :

«Com certeza será muito util que homens instruidos e pios se dediquem a publicações quotidianas ou periodicas ; dissipados por esse meio, pouco a pouco e gradualmente, os erros, espalhar-se-á a verdade, e, despertadas as almas, publicamente professarão a fé que cultivam e com intrepidez a defenderão.

«Copiosamente obtidos serão esses bons resultados, si os escriptores de que falamos cumprirem as obrigações proprias dos que combatem pelas causas justas, isto é, como alhures ensinamos, observarem as conveniencias, a moderação, a prudencia, a caridade, e dest'arte, defenderem com firmeza os principios da verdade e da justiça, sustentarem os sagrados direitos da Egreja, fizerem resplandecer a majestade da Sé Apostolica, respeitarem a autoridade dos que gerem os negocios publicos, e, no desempenho dos seus deveres, se lembrarem de procurar, como é de razão, a direcção dos Bispos e seguirem seus conselhos». (126)

---

(124) Longinqua Oceani spatia (6 de Janeiro de 1895).
(125) Cognita Nobis, aos Arc. e B. das Prov. de Turim, Milão etc.
(126) Carta de 1.° de Maio de 1894.

Para que, porém, mendigarmos a forasteiros o que temos em casa? Não vos escapará tambem, caros Irmãos, fala-nos Leão XIII, quanta força tem para o bem como para o mal, principalmente em nosso tempo, os *Jornaes* e outras publicações deste genero. «Não seja, portanto, uma das menores solicitudes dos catholicos combater com estas armas em defesa da religião christã, observando as direcções dos Snrs. Bispos e mantendo integralmente o respeito devido ao poder civil.» (127)

«Com egual instancia, renovo o conselho de trabalhar com zelo e prudencia na redacção e diffusão dos jornaes catholicos. Porquanto, em nossa epoca, o povo quasi não fórma suas opiniões e não regula sua vida sinão pela leitura quotidiana dos jornaes. Doloroso é, no entanto, vêr os bons desprezar armas, que, meneiadas pelos impios, com enganador attractivo, preparam a ruina da fé e dos costumes. Necessario é, pois, que as penas se agucem, a linguagem se aprimore, para que a mentira ceda o logar á verdade, e á voz da recta razão e da justiça se vão rendendo pouco e pouco os espiritos imbuidos de preconceitos. (128)

Pelo que nestas paginas registramos bem se deixa entender que o Santo Padre quer para jornalistas catholicos homens de bom espirito, submissos á autoridade, accordes na defesa dos direitos da Egreja, instruidos e pios, habeis no manejo da penna, ou como dizia aos Bispos dos Estados Unidos da America do Norte, *athletas bem exercitados*, cujo zelo seja tal, que antes deva ser louvado do que estimulado: *Haud latet Nos, multos jam in hac palaestra desudare bene exercitatos, quorum laudanda magis est, quam excitanda, industria.* (129)

Pelas mesmas palavras do successor de Pedro se comprehende ser na actualidade insubstituivel o apostolado da imprensa bem orientada.

---

(127) Carta aos Arc. e B. do Brasil, de 2 Julho de 1894.
(128) Carta aos Arc. e B do Brasil, de 8 de Setembro de 1899.
(129) *Longinqua oceani spatia*, data cit.

Seus incalculaveis beneficios são, porém, acompanhados *sempre* de trabalhos, desgostos, contradicções, ingratidões.

Não admira.

A boa imprensa é um verdadeiro sacerdocio, e, como tal, necessario e diuturno martyrio.

Aos catholicos cumpre tornar menos ingrato tão espinhoso ministerio, como é o do jornalista catholico, seu irmão na fé, e isto conseguirão observando os sabios conselhos de Leão XIII acerca dos deveres dos fieis nesta materia.

«Como o principal instrumento de que se servem os inimigos é a imprensa, em grande parte inspirada e sustentada por elles, necessario é que os catholicos opponham a boa imprensa á má, para defesa da verdade e da religião e sustentaculo dos direitos da Egreja. E como á imprensa catholica imcumbe desvendar os perfidos designios das seitas, ajudar e apoiar a acção dos pastores, defender e promover as obras catholicas, assim é obrigação dos fieis sustentar a boa imprensa, já recusando ou tolhendo todo favor á má, já concorrendo directamente, cada um á medida de seus meios, para que ella viva e prospere (Dall'alto dell'Apostolico seggio, 15 de Outubro de 1890).

Apoio, pois, á *boa imprensa*, nada de condescendencias com a má, e não vos esqueça, Veneraveis Cooperadores e Filhos Queridos, que angariar assignantes para o bom jornal é melhor, mais pratico, mais efficaz do que muitos e eloquentes discursos a respeito da sua necessidade, importancia e utilidade.

XXIII

Depois de lembrar, com solicitude apostolica, quão proveitosas são á causa do bem as *Ordens Religiosas* observantes de suas regras e herdeiras do espirito de seus fundadores, e de louvar as que precisavam de reformação por terem de boa vontade acceitado suas prescripções, Leão XIII, na sua Carta *Litteras a vobis*, diz aos Bispos Brasileiros:

«Como pelos conselhos e mutuos exemplos os espiritos se corroboram e se inflammam na acção e soffrimento em favor da religião, excellentemente merecereis da Egreja Catholica e do bem publico, si persuadirdes aos leigos... a entrada nas associações catholicas».

Recorda então o immortal Pontifice quão frequentemente tem elle animado por seus elogios as associações que, servindo aos interesses religiosos e contribuindo para o bem dos pobres, diminuem a influencia de outras, que, abusando do titulo de sociedades de beneficencia, são grandemente prejudiciaes á Egreja e ao Estado.

Assim, em sua allocução de 4 de Fevereiro de 1888, dirige aos Confrades de S. Vicente de Paulo palavras de louvor e animação, exhorta-os ao zelo e á perseverança, descreve o apostolado da caridade segundo o espirito das Conferencias Vicentinas, tão adequadas ás necessidades dos tempos.

Na Encyclica *Auspicato,* de 17 de Novembro de 1882, e na Carta ao Ministro Geral dos Menores, de 25 de Novembro de 1898, lembrando como Gregorio IX não duvidara honrar com o epitheto de *soldados de Christo (milites Christi, Machabaeos alteros)* os Terceiros de S. Francisco, mostra a opportunidade e a utilidade dessa instituição para combater as rixas e dissenções, enfrear a cobiça do alheio, extinguir o luxo e as danças immodestas, favorecer a moderação no vestuario e a temperança na alimentação, estabelecer a doçura, a concordia e a paz, prestando hoje como outr'ora, assignalados serviços á sociedade.

Na Encyclica *Quod Apostolici muneris*, de 28 de Dezembro de 1878, depois de mostrar quanto se oppõem á doutrina evangelica o *socialismo,* o *communismo* e o *nihilismo,* que alliciam o povo com illusorias promessas de riquezas, exhorta os pastores a inculcar nos animos de todos a verdadeira doutrina e a favorecer as associações dos operarios constituidas sob tutela da religião.

Em sua Carta *Eximia pietatis* ao Bispo de S. Paulo de Minesota, de 27 de Março de 1887, approva as socie-

dades de temperança; estimula o clero a combater pela palavra e pelo exemplo a immoderação no beber, e louva os Pastores dos Estados Unidos da America do Norte por terem no Concilio Plenario de Baltimor condemnado essa incontinencia como raiz fecunda de males.

Com as associações de operarios francezes em peregrinação á Roma congratula-se o grande Pontifice, louva-lhes o zelo em prol da restauração social, na allocução de 18 de Outubro de 1887; e lembra como a Egreja, preoccupada sempre com a sorte das classes pobres e operarias, *ennobreceu o trabalho*, sublimando-o á altura da dignidade e da liberdade humana; fel-o meritorio, ensinando o operario a santifical-o por motivos e intentos sobrenaturaes e a levar com resignação e espirito de penitencia as privações e fadigas que lhe impõe, instituiu e animou as celebres corporações, que tanto contribuiram para o progresso das artes e officios e fez entrar esse espirito de natural solicitude nos costumes dos povos, nos regulamentos e estatutos das sociedades, nas ordenações e leis dos poderes publicos; hoje continúa e continuará, no futuro, a se occupar dos verdadeiros interesses e legitimas reivindicações dos operarios, os quaes previne contra as seducções dos apostolos da impiedade e mentira, que os querem arrastar a seus conventiculos secretos e excitar ao recurso de meios violentos para melhorarem sua sorte com detrimento da sociedade.

Em Carta de 23 de Dezembro de 1890 a Windhorst, Branntz e Trimborn, louva a união popular dos catholicos da Allemanha empenhados na defesa da religião e da patria contra os inimigos do bem commum.

Na Encyclica *Rerum novarum*, de 15 de Maio de 1891, depois de mostrar o triste estado economico das classes operarias, peorado pelas revoluções e impiedade, e as falsas soluções dadas ao problema social, estabelece a legitimidade da propriedade; indica os meios de melhorar as desigualdades de haveres e posição, de força necessarias por diversas causas; fixa os justos limites da acção e intervenção do Es-

tado, do patrão e do operario, lembrando aos governantes o dever de proteger o pobre e os trabalhadores, mas sem supprimirem a liberdade dos contratos e a actividade pessoal, aos patrões e aos ricos o officio de alliviar o necessitado com o superfluo, aos operarios que carecem dos bens da fortuna o exemplo de Christo, o qual não recusou, antes bem de seu grado escolheu passar grande parte da vida no exercicio do trabalho manual; mostra aos patrões e aos ricos a obrigação de tratar o operario como homem livre e não como vil instrumento de lucro; ensina que os cidadãos são livres em associar-se e organizar os regulamentos a seu juizo mais adequados ao fim que se propõem; recorda ao patrão o dever de pagar salario com que se possa manter convenientemente o operario sobrio e honesto; faz ver que os meninos não hão de ser admittidos a trabalhos em fabricas sinão depois de sufficientemente desenvolvidas as forças physicas, intellectuaes e moraes, nem as mulheres a serviços que não convenham ao seu sexo ou causem damno ás obrigações domesticas; lembra a necessidade de intervallos para descanço no labor quotidiano; o repouso dominical; a providencia para que não falte serviço ao operario, meios de viver em casos de accidentes, enfermidades, velhice, infortunios; a pratica do culto, a frequencia dos Sacramentos; a obediencia aos preceitos de Deus e da Egreja, pois o principal ponto em que todos hão de pôr a mira é a perfeição da piedade e dos costumes.

Esta summula da sabia Encyclica, que nada perdeu até hoje de sua actualidade, prova que a Conferencia da paz largo se inspirou nella, ao lançar os principios que deverão servir de base á Carta internacional do trabalho.

Nas Encyclicas «Inscrutabili» (130) e «Etsi Nos» (131), recommenda não só todas as associações pias, mas quer floresçam e largamente se diffundam (floreant late-

---

(130) 21 de Abril de 1878.
(131) 15 de Fevereiro de 1882.

que amplificentur) (132) todas aquellas cujo proposito é principalmente conservar e estimular a pratica da fé christã e demais virtudes, como são as de moços, operarios, de soccorro á pobreza, da observancia das festas, do ensino aos meninos da infima plebe e outras deste genero. (133)

Si agora, com sisuda ponderação, nos tomarmos conta do que nesta materia se tem entre nós executado, acharemos, é certo, motivos para consolação no florescimento de algumas associações, que grande gloria dão a Deus e muito bem espiritual e temporal fazem ao individuo, á familia e á sociedade.

Taes são, entre outras, as Conferencias Vicentinas, as Filhas de Maria, Senhoras da Caridade, Mães Christãs, Associações em favor das vocações sacerdotaes, Congregação da doutrina christã, Guarda de honra do Coração de Jesus, Apostolado da Oração, etc.

Mas o exame nos mostrará tambem quão pouco se tem obtido no que toca á preservação da juventude por meio de associações accommodadas á sua idade e condição, e quasi nada alcançado no que concerne ao bem estar physico e moral das classes operarias, muito embora as fadigas e esforços á larga despendidos para esse fim.

Não ha, portanto, descançar: muito nos cumpre fazer para manutenção e progresso das que vivem, tudo importa emprehender para que as outras surjam e floresçam.

Antes de encerrar sua Carta *Litteras a vobis*, o Santo Padre Leão XIII recorda aos catholicos o quanto importa á Egreja a escolha dos homens que devem compor as assembleias legislativas. E', pois, necessario, diz elle, que todos se esforcem para, pelos meios legaes, serem eleitos homens que ao empenho em procurar o bem temporal da nação unam o zelo da religião, o que mais felizmente se alcançará si cada um prestar obsequio á suprema autoridade que governa a

---

(132) Encyc. *Inscrutabili Dei.*
(133) » » »

nação e si todos, unanime e perseverantemente, proseguirem na applicação do que havemos ensinado na Encyclica sobre a constituição christã dos Estados. (134)

Nella, bom é recordar, ensina o sabio Pontifice a origem divina do poder civil, (135) qualquer que seja a fórma de governo adoptada; sua constituição para o bem commum de todos e não para utilidade de um sómente ou de poucos; a dignidade e santidade da obediencia dos subditos á autoridade civil, que, a exemplo de Deus, no governo do genero humano, deve exercer o poder com justiça e bondade de pae; a natureza da verdadeira liberdade civil e politica; o dever que incumbe ao poder civil de facilitar aos subditos a pratica da religião; a obrigação que tem os catholicos de conformar a vida com os preceitos evangelicos, de amar a Egreja, observar suas leis, defender seus direitos; a vantagem que advirá á sociedade da participação dos catholicos nos cargos publicos, pois nada pode influir tanto para a prosperidade dum povo como a sabedoria e virtude da religião catholica.

XXIV

Tempo é já, Veneraveis Cooperadores e Filhos Amados, de levarmos mão do presente trabalho.

Mas antes de lhe darmos fim, bem é que espertemos o fervor não só para agradecermos a Deus a opulencia e bellezas com que se dignou de alfaiar nosso bem fadado paiz, as prosperidades temporaes e espirituaes com que nos tem distinguido, mas tambem para lhe rogarmos com toda humildade nol-as queira continuar no futuro.

Illumine o Senhor e fortaleça os que governam a nação, para que, servidores fieis da causa publica, zelem a honra nacional, promovam a prosperidade da patria, estimulem a

---

(134) *Immortale Dei.*
(135) Rom. XIII, 1: Non est potestas nisi a Deo.

concordia entre os cidadãos e a harmonia entre as classes sociaes, cimentem a união entre os Estados da Federação, mantenham com firmeza a unidade nacional, a paz dentro e fóra do paiz, e, irreprehensiveis no procedimento, sejam normas de virtudes e incitamentos de bem viver para seus subditos.

Sobre vós, venerandos capitulares e consultores diocesanos, chova Deus suas bençãos mais de primor, pois não só de vossas luzes, experiencia e lealdade esperamos efficaz cooperação na ardua missão que nos Deus confiou, mas tambem, postos pelo cargo que exerceis á frente de vossos irmãos no sacerdocio, lhes deveis exemplo na sciencia e perfeição de vida.

De vós especialmente depende o bom exito da nossa missão, ó queridos Parochos, pois a vosso zelo confiado se acha o amanho das varias partes que constituem a mimosa vinha que de nossos hombros fiou o Pae da grande familia humana.

A' vossa conta está a doutrinação das crianças, dos jovens, dos anciãos, dos ricos e dos pobres, dos sabios e dos ignorantes. Alumiae-os com vossa palavra, santificae-os com vosso exemplo: *Docete omnes gentes.*

Hoje, mais do que noutras eras, deveis de ser desvelados em vigiar, intrepidos no combater, constantes em não adormecer nos triumphos, firmes em não desmaiar no malogro das empresas, os primeiros em entrar nos trabalhos, os derradeiros em os deixar.

Com as mais copiosas effusões do seu amor vos visite o Amador das almas puras, afim de sustentardes com incessante peleja, a grande causa dellas e amplificardes com o exemplo e a palavra o reino de Jesus Christo. (136)

Ao vosso nome, ó santas Communidades religiosas, ligam-se em grande parte as glorias brasileiras de quatro seculos.

---

(136) Oportet illum regnare. Aos Cor. XV. 25.

A's antigas continuais a entrelaçar, dia a dia, novas, excedentes em numero, maiores na qualidade.

Augmentadas e renovadas no fervor apostolico, acudis a todas as necessidades da Religião e da Patria, que confiam nas vossas luzes, no vosso proverbial heroismo.

Sobre vossos noviciados, ó queridas Communidades, derrame Aquelle a cujo serviço consagrais os momentos da vida, e que não se deixa vencer em generosidade, uma benção muito particular, que povôe vossas casas de varões insignes em letras, nobres por grandes virtudes.

Sob nosso olhar de páes carinhosos cresceis para o serviço dos altares, ó tenras plantas do santuario, ó queridos seminaristas. Sois vós a nossa esperança mais fagueira.

Em vós confiamos para os arduos labores da salvação das almas. Ah! quanto vos desejamos não só bastantes para encher os claros abertos nas fileiras do clero, mas tantos que sobrem para dilatação da fé em estranhas e longuinquas regiões.

O Deus das sciencias e das virtudes vos faça crescer nellas, para dignamente vos alistardes na milicia sagrada que combate sob o glorioso balsão da Cruz.

E, encerrando em pouca frase, que vos não esqueça, os paternaes conselhos que vos desejara nesta hora confiar nosso amor vigilante, de todo o coração e com o maior empenho, vos dizemos:

Nos bons alicerces está a firmeza do edificio.

Virgens do Senhor, dilectas esposas de Jesus, em cujo Coração vos escondeis para mysticas contemplações e para o exercicio da caridade em meio do tumultuar da vida moderna, ao mesmo passo que com vossas mortificações e praticas do amor de Deus ascendeis aos cimos da perfeição, com vossas affectuosas orações e palavras ungidas de celestial virtude abris o Céo a muitos que sem vosso concurso se perderiam.

Especial direito tendes á nossa gratidão, ao nosso carinho, mimosa porção do nosso rebanho.

Para vós chovam os Céos graças que respondam aos extremos com que vos esmerais em todas as virtudes.

Não menos copiosos vos desçam os divinos favores, ó santos sodalicios religiosos,—Irmandades, Confrarias, Ordens Terceiras, Congregações, Pias Uniões, que, sobre sustentardes as magnificencias do culto externo, elevais as almas ao amor das cousas invisiveis e á pratica da virtude pela commemoração dos mysterios e dos heroes do Christianismo.

Concordando com a fé e os actos de vossa vida, continuae a promover o exercicio dos deveres christãos na sociedade domestica e civil.

Em vós, ó Confrades Vicentinos, viva e cresça mais e mais o espirito do heroe da caridade, S. Vicente de Paulo, e cubra-vos o Céo com sua omnipotente protecção. Conhecedores que somos das admiraveis obras de caridade por vossa industria executadas, com santo prazer favorecemos vosso progresso na cara patria brasileira, onde já sois arvore immensa, a cuja sombra se acolhem os desventurados.

O Senhor vos multiplique e vos faça abundar na caridade uns para com os outros e para com todos os homens. (137)

Emfim, nós todos, sacerdotes e fieis, amemos a santa Egreja, nossa mãe, veneremol-a, pois sua missão é divina, cumpramos seus preceitos, escutemos seus conselhos, lembrados que sua autoridade é a do mesmo Deus.

E como *ubi Petrus*, *ibi Ecclesia*, amemos o Soberano Pontifice, nosso pae, veneremos nelle a pessoa de Jesus, cujo é vice-gerente na terra, oremos por elle e sigamol-o em tudo como nosso Pastor supremo que é: *Pasce agnos meos... pasce oves meas.* (138)

---

(137) Vos autem Dominus multiplicet, et abundare faciat charitatem vestram in invicem, et in omnes. Aos Thess. c. III, V. 12.

(138) João XXI, 16, 17.

Sobre vós, Veneraveis Cooperadores, e sobre vossas egrejas desçam copiosas as bençãos de Deus.

Rio de Janeiro, aos 4 de Junho, festa de Pentecoste, de 1922.

† J. Cardeal Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

† JERONYMO, Arcebispo de S. Salvador da Bahia, Primaz do Brasil.

† SILVERIO, Arcebispo de Marianna.
† SANTINO, Arcebispo de Belém do Pará.
† DUARTE, Arcebispo de S. Paulo.
† JOÃO, Arcebispo de Porto Alegre.
† ADAUCTO, Arcebispo do Parahyba.
† MANOEL, Arcebispo de Fortaleza.
† JOAQUIM, Arcebispo de Diamantina.
† MANOEL, Arcebispo de Maceió.
† FRANCISCO, Arcepispo de Cuyaba.
† MIGUEL, Arcebispo eleito de Olinda e Recife.
† JOSÉ, Arcebispo—Bispo de S. Carlos.
† EDUARDO, Bispo de Uberaba.
† JOÃO, Bispo de Curityba.
† JOÃO, Bispo de Montes Claros.
† AGOSTINHO, Bispo de Nictheroy.
† LUCIO, Bispo de Botucatú.
† ALBERTO, Bispo de Ribeirão Preto
† EPAMINONDAS, Bispo de Taubaté.
† JOÃO, Bispo de Campanha.
† FRANCISCO, Bispo de Campinas.
† AUGUSTO, Bispo da Barra.
† JOSÉ, Bispo de Aracajú.
† HERMETO, Bispo Uruguayana.
† FR. DOMINGOS, O. P. Bispo de Porto Nacional.
† JOAQUIM, Bispo de Florianapolis.
† OCTAVIO, Bispo de Piauhy.
† SERAFIM, Bispo de Arassuahy.
† MANOEL, Bispo de Caetité.
† JOÃO, Bispo do Amazonas.
† MOYSÉS, Bispo de Cajaseiras.
† MANOEL, Bispo de Ilhéos.
† FR. LUIZ, O. R. S. F. Bispo de S. Luiz de Caceres.

† QUINTINO, Bispo de Crato.
† JOSÉ, Bispo de Pesqueira.
† JOSÉ, Bispo de Sobral.
† OCTAVIO, Bispo de Pouso Alegre.
† ANTONIO, Bispo de Bello Horizonte.
† BENEDICTO, Bispo do Espirito Santo.
† JONAS, Bispo de Penedo.
† HELVECIO, Bispo de S. Luiz do Maranhão.
† JOSÉ, Bispo de Corumbá.
† JOÃO, Bispo de Garanhuns.
† RICARDO, Bispo de Nazareth.
† CARLOTO, Bispo de Caratinga.
† RANULPHO, Bispo de Guaxupé.
† MANOEL, Bispo de Aterrado.
† JOAQUIM, Bispo de Pelotas.
† FR. ARMANDO, O. F. M. Bispo de Argos, Prelado de Santarem.
† ANTONIO, Bispo de Amiso, Prelado do Registro de Araguaya.
† PROSPERO, Bispo de Palto, Prelado do Acre e Purús.
D. ABBADE PEDRO EGGERATH, O. S. B., Prelado do Rio Branco.
FR. EVANGELISTA DE CEFALONIA, Prefeito Apostolico do Alto Solimões.
MONS. MIGUEL BARAT, Prefeito Apostolico de Teffé.
MONS. PEDRO MASSA, Prefeito Apostolico do Rio Negro.
FR. SEBASTIÃO THOMAZ, O. F. P., Administrador da Conceição de Araguaya.

MANDAMENTO

CHRISTI NOMINE INVOCATO

Em acção de graças a Deus Nosso Senhor pelos muitos e extraordinarios beneficios feitos ao nosso amado Brasil, mormente como nação independente, e para attrairmos de sua infinita bondade novos favores para o futuro, promovam os muito Rvdos. Parochos e os outros sacerdotes das nossas Dioceses communhões geraes para o dia 7 de Setembro deste anno, e o mesmo façam, com o zelo que nos merece o bem das almas e da nossa patria, todos os annos na occurrencia da data tão gloriosa.

Para o mesmo fim haja *Te Deum* em todas as matrizes das Dioceses e noutras egrejas em que for possivel.

Esta nossa Carta Collectiva será lida durante quinze minutos nos domingos e dias santos de guarda em todas as matrizes durante a Missa parochial, ás horas da refeição nos nossos Seminarios, e nas horas mais commodas nas capellas servidas por sacerdotes e nas Communidades Religiosas.

Rio de Janeiro, aos 4 de Junho, festa de Pentecoste, de 1922.

† J. Cardeal Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

† JERONYMO, Arcebispo de S. Salvador da Bahia, Primaz do Brasil.

† SILVERIO, Arcebispo de Marianna.

† SANTINO, Arcebispo de Belém do Pará.

† DUARTE, Arcebispo de S. Paulo.

† JOÃO, Arcebispo de Porto Alegre.

† Adaucto, Arcebispo do Parahyba.
† Manoel, Arcebispo de Fortaleza.
† Joaquim, Arcebispo de Diamantina.
† Manoel, Arcebispo de Maceió.
† Francisco, Arcebispo de Cuyabá.
† Miguel, Arcebispo eleito de Olinda e Recife.
† José, Arcebispo—Bispo de S. Carlos.
† Eduardo, Bispo de Uberaba.
† João, Bispo de Curityba.
† João, Bispo de Montes Claros.
† Agostinho, Bispo de Nictheroy.
† Lucio, Bispo de Botucatú.
† Alberto, Bispo de Ribeirão Preto.
† Epaminondas, Bispo de Taubaté.
† João, Bispo de Campanha.
† Francisco, Bispo de Campinas.
† Augusto, Bispo da Barra.
† José, Bispo de Aracajú.
† Hermeto, Bispo de Uruguayana.
† Fr. Domingos, O. P. Bispo de Porto Nacional.
† Joaquim, Bispo de Florianopolis.
† Octaviano, Bispo de Piauhy.
† Serafim, Bispo de Arassuahy.
† Manoel, Bispo de Caetité.
† João, Bispo do Amazonas.
† Moysés, Bispo de Cajaseiras.
† Manoel, Bispo de Ilhéos.
† Fr. Luiz, O. R. S. F., Bispo de S. Luiz de Caceres.
† Quintino, Bispo de Crato.
† José, Bispo de Pesqueira.
† José, Bispo de Sobral.
† Octavio, Bispo de Pouso Alegre.
† Antonio, Bispo de Bello Horizonte.
† Benedicto, Bispo do Espirito Santo.
† Jonas, Bispo de Penedo.
† Helvecio, Bispo de S. Luiz do Maranhão.
† Jose, Bispo de Corumbá.
† João, Bispo de Garanhuns.
† Ricardo, Bispo de Nazareth.
† Carloto, Bispo de Caratinga.
† Ranulpho, Bispo de Guaxupé.
† Manoel, Bispo de Aterrado.
† Joaquim, Bispo de Pelotas.

† Fr. Armando, O. F. M., Bispo de Argos, Prelado de Santarem.

† Antonio, Bispo de Amiso, Prelado do Registro do Araguaya.

† Prospero, Bispo de Palto, Prelado do Acre e Purús.

D. Abbade Pedro Eggerath, O. S. B., Prelado do Rio Branco.

Fr. Evangelista de Cefalonia, Prefeito Apostolico do Alto Solimões.

Mons. Miguel Barat, Prefeito Apostolico de Teffé.

Mons. Pedro Massa, Prefeito Apostolico do Rio Negro.

Fr. Sebastião Thomaz, O. F. P., Administrador da Conceição de Araguaya.

CATECISMO MENOR DE SÃO PIO X

- Primeiras orações e Fórmulas de saber na Memória
- A Doutrina Cristã
- Primeira Parte: O Credo, as principais verdades da Fé Cristã
    - Capítulo I: Principais mistérios: O Sinal da Cruz
    - Capítulo II: Unidade e Trindade de Deus
    - Capítulo III: A criação e a queda do homem
    - Capítulo IV: Encarnação, Paixão e Morte do Filho de Deus
    - Capítulo V: A segunda vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo e os dois juízos, particular e universal
    - Capítulo VI: A Igreja Católica e a Comunhão dos Santos
    - Capítulo VII: O Pecado
    - Capítulo VIII: A ressurreição da carne e a Vida Eterna, Amém
- Segunda Parte: os mandamentos e preceitos de virtude e moral da Fé Cristã
    - Capítulo I: Os Mandamentos da Lei de Deus
    - Capítulo II: preceitos gerais da Igreja
    - Capítulo III: Virtudes
- Terceira Parte: Os Meios da Graça - Seção I: Sacramentos ou Meios Produtivos
    - Capítulo I – Sacramentos em geral
    - Capítulo II - Batismo
    - Capítulo III - Da Confirmação ou Crisma
    - Capítulo IV - A Santa Missa, A Eucaristia

    - Capítulo V - Penitência
    - Capítulo VI - Extrema-Unção
    - Capítulo VII - Ordem
    - Capítulo VIII - Matrimônio

- Terceira Parte: Os Meios da Graça - Seção II: Oração ou Meio Impetrativo
    - Capítulo Único
    - Orações Diárias
    - Mistérios do Rosário
    - Indulgências

Primeiras orações e Fórmulas de saber na Memória

Sinal da Cruz:

In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.

Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém

Creio

Credo in Deum Patrem omnipoténtem, Creatórem caeli et terrae; et in Iesum Christum, Filium eius únicum, Dóminum nostrum, qui concéptus est de Spiritu Sancto, natus ex Maria Vírgine, passus sub Póntio Piláto, crucifixus, mórtuus et sepúltus: descéndit ad ínferos: tértia die resurréxit a mórtuis: ascéndit ad caelos, sedet ad déxteram Dei Patris omnipoténtis: inde ventúrus est iudicáre vivos et mórtùos. Credo in Spiritum Sanctum, sanctam Ecclésiam cathólicam, sanctórum, communiónem, remissiónem peccatórum, carnis resurrectiónem, vitam aetérnam. Amen.

Creio em Deus Padre, todo-poderoso, Criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, um só seu Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido do Espírito Santo, nasceu de Maria Virgem; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos; ao terceiro dia ressurgiu dos mortos; subiu aos céus, está sentado à mão direita de Deus Padre todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos; creio no Espírito Santo; na santa Igreja Católica; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. Amém.

Pai-Nosso

Pater noster qui es in caelis, sanctificétur nomen tuum: advéniat regnum tuum: fiat volúntas tua, sicut in caelo et in terra. Panem nostrum quotidiànum da nobis hódie, et dimítte nobis débita nostra, sicut et nos dimíttimus debitóribus nostris; et ne nos indúcas in tentatiónem, sed liberanos

a malo. Amen.

Padre Nosso que estais nos Céus, santificado seja o vosso Nome, venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal. Amém.

Ave-Maria

Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu et in mulieribus, et benedictus fructus ventris tui, Jesus. Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc et in hora mortis nostrae. Amen.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

Glória ao Pai

Gloria Patri et Fílio ed Spirítui Sancto, sicut erat in princípio, et nunc, et sernper, et in saécula saeculórum. Amen.

Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre, por todos os séculos dos séculos. Amém.

Salve-Rainha

Salve, Regina, mater misericórdiae; vita, dulcédo et spes nostra, salve. Ad te clamàmus, éxsules fílii Hevae. Ad te suspiràmus geméntes et flentes in hac lacrimárum valle. Eia ergo, advocáta nostra, illos tuos misericórdes oculos ad nos converte. Et Iesum, benedíctum fructus ventris tui, nobis post hoc exsílium osténde. O clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria.

Salve-rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, e esperança nossa, salve! A vós bradamos, degredados filhos de Eva, a vós suspiramos, gemendo e horando nesse vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volveis. E depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa ó doce e Sempre Virgem Maria!

Santo Anjo

Angele Dei, cui custos es mei, me tibi commíssum pietáte supérna illúmina, custódi, rege et gubérna. Amen.

Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador, se a ti me confiou, a piedade divina. Sempre me rege, me guarde, me governe, me ilumine. Amém.

Réquiem

Réquiem aetérnam dona eis, Dómine, et lux perpétua lúceat eis. Requiéscant in pace. Amen.

Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno, e que a luz perpétua o ilumine. Descanse em paz. Amém.

Ato de Fé

Meu Deus, creio firmemente no que o Senhor, a verdade infalível, revelou e a Santa Igreja nos propõe que acreditemos. E eu acredito expressamente em Ti, o único e verdadeiro Deus em três Pessoas iguais e distintas, Pai, Filho e Espírito Santo; e no Filho encarnado e morto por nós, Jesus Cristo, que dará a cada um, segundo o mérito, a recompensa ou o castigo eterno. Em conformidade com esta Fé, quero sempre viver. Senhor, aumenta minha fé.

Ato de esperança

Meu Deus, espero da tua bondade, das tuas promessas e dos méritos de Jesus Cristo, nosso Salvador, a vida eterna e as graças necessárias para merecê-la com as boas obras que devo e quero fazer. Senhor, que eu não fique confuso para sempre.

Ato de Caridade

Meu Deus, amo de todo o coração acima de tudo a ti, Bem infinito e nossa felicidade eterna; e por você, amo meu próximo como a mim mesmo e perdoo as ofensas recebidas. Senhor me faz te amar cada vez mais.

Ato de Contrição

Meu Deus, me arrependo de todo coração dos meus pecados, e os odeio e detesto, como uma ofensa à sua infinita Majestade, causa da morte de seu divino Filho Jesus, e minha ruína espiritual. Não quero me comprometer mais no futuro e me proponho a fugir das oportunidades. Senhor, misericórdia, me perdoe.

Os dois Mistérios principais da Fé

1. Unidade e Trindade de Deus;
2. Encarnação, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os dois Mandamentos da Caridade

1. Amar ao Senhor seu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo teu entendimento;
2. Amar ao teu próximo como vós mesmo.

Os Dez Mandamentos da Lei de Deus

1. Amar a Deus acima de todas as coisas;
2. Não invocar seu Santo Nome em vão;
3. Guardar domingos e festas;
4. Honrar pai e mãe;
5. Não matar;
6. Não pecar contra a castidade;
7. Não roubar;
8. Não levantar falso testemunho;
9. Não desejar a mulher do próximo;
10. Não cobiçar as coisas alheias.

Os Mandamentos da Igreja de Deus

1. Ouvir Missa inteira aos domingos e festas de guarda;
2. Confessar-se ao menos uma vez por ano;
3. Comungar ao menos uma vez por ano, ao menos na Páscoa da Ressurreição;
4. Jejuar e abster-se de carne quando manda a Santa Igreja;
5. Pagar dízimos segundo o costume.

Os sete sacramentos

1. Batismo;
2. Confirmação;
3. Eucaristia;
4. Penitência;
5. Extrema-Unção;
6. Ordem;
7. Matrimônio.

Os sete dons do Espírito Santo

1. Sabedoria;
2. Conhecimento;
3. Conselho;
4. Fortaleza;
5. Ciência;
6. Piedade;
7. Temor de Deus.

As três virtudes teologais

1. Fé;
2. Esperança;
3. Caridade.

As quatro virtudes teologais

1. Prudência;
2. Justiça;
3. Fortaleza;
4. Temperança.

As sete obras de misericórdia corporais

1. Dar de comer a quem tem fome;
2. Dar de beber a quem tem sede;
3. Vestir os nus;
4. Dar pousada aos peregrinos;
5. Assistir aos enfermos;
6. Visitar os presos;
7. Enterrar os mortos.

As sete obras de misericórdia espirituais

1. Dar bom conselhos;
2. Ensinar os ignorantes;
3. Corrigir os que erram;
4. Consolar os aflitos;
5. Perdoar as injúrias
6. Sofrer com paciência as fraquezas do próximo;
7. Rogar a Deus pelos vivos e pelos defuntos.

Os sete pecados capitais

1. Orgulho;
2. Avareza;

3. Luxúria;
4. Ira;
5. Gula;
6. Inveja;
7. Preguiça.

Os seis pecados contra o Espírito Santo

1. Desesperar da salvação;
2. Presunção da salvação sem méritos;
3. Negar a verdade conhecida pelo magistério da Santa Igreja;
4. Inveja da graça que Deus dá aos outros;
5. Obstinação do pecado;
6. Impenitência final.

Os quatro pecados que clamam a Deus por vingança

1. Homicídio voluntários;
2. Pecado impuro contra a natureza,
3. Opressão dos órfãos e das viúvas;
4. Negar o salário a quem trabalha.

Os novíssimos do homem

1. Morte;
2. Juízo;
3. Inferno
4. Paraíso.

A Doutrina Cristã

1. Quem nos criou?
Deus nos criou.

2. Quem é Deus?
Deus é o Ser mais perfeito, ele é Criador e Senhor do céu e da terra.

3. O que significa "mais perfeito"?
Mais perfeito significa que em Deus existe toda perfeição, sem defeito e sem limites, ou seja, que Ele é infinito poder, sabedoria e bondade.

4. O que significa "Criador"?
Criador significa que Deus criou todas as coisas do nada.

5. O que significa "Senhor"?
Senhor significa que Deus é o mestre absoluto de todas as coisas.

6. Deus tem um corpo como o nosso?
Deus não tem corpo, mas é espírito muito puro.

7. Onde está Deus?
Deus está no céu, na terra e em todos os lugares: Ele é o Imenso.

8. Deus sempre existiu?
Deus sempre foi e sempre será: Ele é o Eterno.

9. Deus sabe tudo?
Deus sabe tudo, até mesmo nossos pensamentos: Ele é o Onisciente.

10. Deus pode fazer tudo?
Deus pode fazer o que quiser: Ele é o Todo-Poderoso.

11. Deus também pode fazer o mal?
Deus não pode fazer o mal, porque ele não pode desejá-lo, sendo uma bondade infinita; mas ele o tolera para deixar as criaturas livres, sabendo então tirar o bem do mal também.

12. Deus se importa com as coisas criadas?
Deus cuida e providência das coisas criadas, as preserva e dirige todas para o seu próprio fim, com sabedoria, bondade e justiça infinita.

13. Com que propósito Deus nos criou?
Deus nos criou para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo nesta vida, e então desfrutá-lo na próxima, no

céu.

14. O que é o céu?
O céu é o gozo eterno de Deus, nossa felicidade e, Nele, de todos os outros bens, sem nenhum mal.

15. Quem merece o céu?
Quem é bom merece o céu, ou seja, quem ama e serve a Deus fielmente e morre em sua graça.

16. Os ímpios que não servem a Deus e morrem em pecado mortal, o que eles merecem?
Os maus que não servem a Deus e morrem em pecado mortal merecem o inferno.

17. O que é o inferno?
O inferno é o sofrimento eterno da privação de Deus, nossa felicidade, e do fogo, com todos os outros males sem nenhum bem.

18. Por que Deus recompensa os bons e pune os maus?
Deus recompensa os bons e pune os maus, porque é justiça infinita.

19. Deus é um?
Deus é um, mas em três Pessoas iguais e distintas, que são a Santíssima Trindade.

20. Como são chamadas as três Pessoas da Santíssima Trindade?
As três Pessoas da Santíssima Trindade são chamadas Pai, Filho e Espírito Santo.

21. Das três Pessoas da Santíssima Trindade, alguma pessoa se Encarnou e se fez homem?
Das três Pessoas da Santíssima Trindade, a segunda, isto é, o Filho, se encarnou e se fez homem.

22. Qual é o nome do Filho de Deus feito homem?
O Filho de Deus feito homem é chamado Jesus Cristo.

23. Quem é Jesus Cristo?
Jesus Cristo é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, ou seja, o Filho de Deus feito homem.

24. Jesus Cristo é Deus e homem?
Sim, Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

25. Por que o Filho de Deus se tornou homem?
O Filho de Deus se fez homem para nos salvar, ou seja, para nos redimir do pecado e reconquistar para nós o paraíso.

26. O que Jesus Cristo fez para nos salvar?
Jesus Cristo nos salvou satisfeito por nossos pecados sofrendo ao se sacrificar na Cruz, e nos ensinou a viver de acordo com Deus.

27. Para viver de acordo com Deus, o que devemos fazer?
Para viver de acordo com Deus, devemos ACREDITAR NA VERDADE REVELADA por Ele e GUARDAR

OS SEUS MANDAMENTOS, com a ajuda de sua GRAÇA, que é obtida através dos SACRAMENTOS e ORAÇÃO.

Oremos

Ó Deus, dá-nos a graça de pensar e fazer o que é certo, para que nós, que não podemos existir sem Ti, possamos viver segundo Ti. Nós te suplicamos por teu Filho Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.
Oração do Domingo VIII após o Pentecostes.

Primeira Parte: O Credo, as principais verdades da Fé Cristã

Capítulo I: Principais mistérios: O Sinal da Cruz

28. Quais são as verdades reveladas por Deus?
As verdades reveladas por Deus são principalmente aquelas resumidas no Credo ou Símbolo Apostólico, e são chamadas de verdades da fé, porque devemos crer nelas com plena fé como ensinada por Deus, que não se engana nem pode enganar.

29. O que é o "Credo" ou "Símbolo Apostólico"?
O Credo Apostólico ou Credo é uma profissão dos principais mistérios e outras verdades reveladas por Deus por meio de Jesus Cristo e dos Apóstolos e ensinadas pela Igreja.

30. O que é mistério?
O mistério é uma verdade superior, mas não contrária à razão, na qual acreditamos porque Deus o revelou.

31. Quais são os principais mistérios da fé professados no Credo?
Os principais mistérios da Fé professados no Credo são dois: a Unidade e a Trindade de Deus; a Encarnação, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

32. Professamos os dois mistérios principais da Fé e também os expressamos de outra maneira?
Professamos e expressamos os dois principais mistérios da Fé também com o sinal da Cruz, que é, portanto, o sinal do cristão.

Capítulo II: Unidade e Trindade de Deus

37. O que significa "Unidade de Deus"? Unidade de Deus significa que existe apenas um Deus.

38. O que significa "Trindade de Deus"?
Trindade de Deus significa que em Deus existem três Pessoas iguais e verdadeiramente distintas: Pai, Filho e Espírito Santo.

39. O que significa "três Pessoas verdadeiramente distintas"?
Três pessoas verdadeiramente distintas significam que em Deus uma Pessoa não é a outra, embora todas as três sejam um Deus.

40. Compreendemos como as três Pessoas divinas, embora realmente distintas, são um só Deus?
Não compreendemos nem podemos compreender como as três Pessoas divinas, embora verdadeiramente distintas, são um só Deus: é um mistério.

41. Qual é a primeira Pessoa da Santíssima Trindade?
A primeira pessoa da Santíssima Trindade é o Pai.

42. O que é a segunda pessoa da Santíssima Trindade?
A segunda Pessoa da Santíssima Trindade é o Filho.

43. Qual é a terceira Pessoa da Santíssima Trindade?
A terceira Pessoa da Santíssima Trindade é o Espírito Santo.

44. Por que o Pai é a primeira pessoa da Santíssima Trindade?
O Pai é a primeira Pessoa da Santíssima Trindade, porque não procede de outra pessoa, e as outras duas procedem d'Ele, a saber, o Filho e o Espírito Santo.

45. Por que o Filho é a segunda pessoa da Santíssima Trindade?
O Filho é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, porque é gerado pelo Pai e é, junto com o Pai, o princípio do Espírito Santo.

46. Por que o Espírito Santo é a terceira Pessoa da Santíssima Trindade?
O Espírito Santo é a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, porque procede do Pai e do Filho.

47. Cada pessoa da Santíssima Trindade é Deus?
Sim, cada pessoa da Santíssima Trindade é Deus.

48. Se cada Pessoa divina é Deus, as três Pessoas divinas são, então, três Deuses?
As três Pessoas divinas não são três deuses, mas um só Deus; porque eles têm a mesma natureza única ou substância divina.

49. As três Pessoas divinas são iguais ou existe uma maior, mais poderosa e mais sábia?
As três Pessoas divinas, sendo um Deus, são iguais em tudo e têm todas as perfeições e todas as operações igualmente comuns; embora certas perfeições e as obras correspondentes sejam atribuídas mais a uma pessoa do que a outra, como o poder e a criação ao pai.

50. O Pai era pelo menos antes do Filho e do Espírito Santo?
O Pai não existia antes do Filho e do Espírito Santo, porque as três Pessoas divinas, tendo em comum a única natureza divina que é eterna, são igualmente eternas.

Capítulo III: A criação e a queda do homem

51. Por que Deus é chamado de "Criador do céu e da terra"?
Deus é chamado de Criador do céu e da terra, ou melhor, do mundo, porque o fez do nada, e fazer do nada é criar.

52. O mundo todo é obra de Deus?
O mundo todo é obra de Deus; e em sua maravilhosa grandeza, beleza e ordem, ele nos mostra o poder, a sabedoria e a infinita bondade dele.

53. Deus criou apenas o que é material no mundo?
Deus criou não apenas o que é material no mundo, mas também espíritos puros; e cria a alma de cada homem.

54. Quem são os espíritos puros?
Os espíritos puros são seres inteligentes sem corpo.

55. Como sabemos que existem espíritos criados puros?
Sabemos que existem espíritos criados puros da fé.

56. Quais espíritos puros criados a fé nos faz conhecer?
A fé nos faz conhecer os bons espíritos puros, que são os anjos, e os maus, que são os demônios.

57. Quem são os anjos?
Os Anjos são os ministros invisíveis de Deus, e também nossos Guardiões, tendo Deus confiado cada homem a um deles.

58. Temos deveres para com os Anjos?
Para com os Anjos, temos o dever de veneração; e para com o anjo da guarda temos também o de lhe agradecer, de ouvir as suas inspirações e nunca ofender a sua presença com o pecado.

59. Quem são os demônios?
Demônios são anjos que se rebelaram contra Deus por orgulho e precipitaram-se no inferno, os quais, por ódio a Deus, tentam o homem para o mal.

60. Quem é o homem?
O homem é um ser racional, feito de alma e corpo.

61. O que é a alma? A alma é a parte espiritual do homem, para a qual ele vive, entende e é livre e, portanto, capaz de conhecer, amar e servir a Deus.

62. A alma do homem morre com o corpo?
A alma do homem não morre com o corpo, mas vive para sempre, sendo espiritual.

63. Que cuidado devemos ter com a alma?
Devemos ter o máximo cuidado com a alma, porque é a melhor e imortal parte em nós, e somente salvando a alma seremos eternamente felizes.

64. Como o homem é livre?
O homem é livre na medida em que pode fazer uma coisa e não fazer, ou fazer uma coisa em vez de outra, conforme nos sentimos bem com nós mesmos.

65. Se o homem é livre, ele também pode fazer o mal?
O homem pode, isto é, ele também é capaz de fazer o mal; mas ele não deve fazer isso, precisamente porque é ruim; e a liberdade deve ser usada apenas para o bem.

66. Quem foram os primeiros homens?
Os primeiros homens foram Adão e Eva, criados imediatamente por Deus; todos os outros descendem deles, que são, portanto, chamados de progenitores dos homens.

67. O homem foi criado tão fraco e miserável como agora?
O homem não foi criado fraco e miserável como agora, mas em um estado feliz, com destino e dons superiores à natureza humana.

68. Qual destino Deus tinha dado ao homem?
O homem teve de Deus o altíssimo destino de vê-lo e gozar eternamente dEle, o Bem infinito; e porque este é totalmente superior à capacidade da natureza, ele tinha juntos, para alcançá-la, um poder sobrenatural que é chamado de graça.

69. Além da graça, o que mais Deus deu ao homem?
Além da graça, Deus havia dispensado o homem das fraquezas e misérias da vida e da necessidade de morrer, desde que não pecasse, como infelizmente fez Adão, a cabeça da humanidade, provando o fruto proibido.

70. Qual foi o pecado de Adão?
O pecado de Adão foi um grave pecado de orgulho e desobediência.

71. Que dano o pecado de Adão causou?
O pecado de Adão despojou a ele e a todos os homens da graça e de todos os outros dons sobrenaturais, tornando-os sujeitos ao pecado, o diabo, a morte, a ignorância, as inclinações do mal e todas as outras misérias, e excluindo-os do paraíso.

72. Qual é o nome do pecado ao qual Adão sujeitou os homens com sua culpa?
O pecado a que Adão sujeitou os homens com sua culpa, é chamado de original, porque, cometido no início da humanidade, é transmitido com a natureza a todos os homens em sua origem.

73. Em que consiste o pecado original?
O pecado original consiste na privação da graça original, que segundo a disposição de Deus deveríamos ter, mas não temos, porque a cabeça da humanidade com sua desobediência privou a si mesmo e a todos nós, seus descendentes.

74. Como é que o pecado original é "voluntário" e, portanto, nossa culpa? O pecado original é voluntário e, portanto, uma falha para nós, apenas porque Adão o cometeu voluntariamente como cabeça da humanidade; e, portanto, Deus não pune, mas simplesmente não recompensa com o Paraíso aqueles que têm apenas o pecado original.

75. Deveria o homem, por causa do pecado original, permanecer para sempre excluído do paraíso?
O homem, por causa do pecado original, teve que ficar para sempre excluído do céu, se Deus, para salvá-lo, não tivesse prometido e enviado seu próprio Filho, isto é, Jesus Cristo, do céu.

Capítulo IV: Encarnação, Paixão e Morte do Filho de Deus

76. Como o Filho de Deus se tornou homem?
O Filho de Deus fez-se homem, tomando corpo e alma, como nós, no ventre puríssimo da Virgem Maria, pela obra do Espírito Santo.

77. O Filho de Deus, tornando-se homem, deixou de ser Deus?
O Filho de Deus, ao se fazer homem, não deixou de ser Deus, mas, permanecendo verdadeiro Deus, também passou a ser verdadeiro homem.

78. Existem duas naturezas em Jesus Cristo?
Em Jesus Cristo existem duas naturezas: a natureza divina e a natureza humana.

79. Em Jesus Cristo com as duas naturezas, eles também são duas pessoas?
Em Jesus Cristo com as duas naturezas, eles não são duas pessoas, mas uma, a divina do Filho de Deus.

80. Como Jesus Cristo foi conhecido como o Filho de Deus?
Jesus Cristo era conhecido como o Filho de Deus, porque Deus Pai assim o proclamou no Batismo e na Transfiguração, dizendo: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" *; e porque o próprio Jesus se declarou como tal na sua vida terrena. * Mt. III, 17; Lc. IX, 35

81. Jesus Cristo sempre foi Deus?
Jesus Cristo sempre foi Deus; como homem, ele começou a ser a partir do momento da Encarnação.

82. De quem nasceu Jesus Cristo?
Jesus Cristo nasceu da sempre Virgem Maria, que por isso é chamada e é a verdadeira Mãe de Deus.

83. Não era São José o pai de Jesus Cristo?
São José não foi o verdadeiro pai de Jesus Cristo, mas um pai adotivo; isto é, como marido de Maria e guardião dele, acreditava-se que ele era seu pai sem ser tal.

84. Onde nasceu Jesus Cristo?
Jesus Cristo nasceu em Belém, em um estábulo, e foi colocado em uma manjedoura.

85. Por que Jesus Cristo queria ser pobre?
Jesus Cristo queria ser pobre, para nos ensinar a ser humildes e não colocar a felicidade nas riquezas, honras e prazeres do mundo.

86. O que Jesus Cristo fez em sua vida terrena?
Jesus Cristo, em sua vida terrena, nos ensinou pelo exemplo e pela palavra a viver de acordo com Deus, e confirmou sua doutrina com milagres; finalmente, para apagar o pecado, reconciliar-nos com Deus e reabrir o céu para nós, ele se sacrificou na Cruz, "o único Mediador entre Deus e os homens"

87. O que é um milagre?
O milagre é um fato sensível, superior a todas as forças e leis da natureza e, portanto, tal que só pode vir de Deus, Mestre da natureza.

88. Por que milagres especialmente, Jesus Cristo confirmou sua doutrina e provou que ele é o verdadeiro Deus?
Jesus Cristo confirmou sua doutrina e provou ser o verdadeiro Deus, especialmente dando a visão para cegos, audição para surdos, fala para mudos, saúde para todos os tipos de enfermos, vida para os mortos; com o domínio dos demônios e das forças da natureza como mestre, e acima de tudo com sua ressurreição dos mortos.

89. Jesus Cristo morreu como Deus ou como um homem?
Jesus Cristo morreu como homem porque, como Deus, ele não podia sofrer nem morrer.

90. Após a morte, o que aconteceu com Jesus Cristo?
Após sua morte, Jesus Cristo desceu com sua alma ao Limbo, das almas dos justos mortos até então, para levá-los consigo para o céu; então ele se levantou novamente, recuperando seu corpo que havia sido enterrado.

91. Por quanto tempo o corpo de Jesus Cristo foi enterrado?
O corpo de Jesus Cristo foi sepultado por três dias não inteiros, desde a noite de sexta-feira até o amanhecer do dia que agora é chamado de Domingo de Páscoa.

92. O que Jesus Cristo fez após sua ressurreição?
Jesus Cristo, depois de sua ressurreição, permaneceu na terra quarenta dias; então ele ascendeu ao céu, onde está sentado à direita de Deus Pai TodoPoderoso.

93. Por que Jesus Cristo, após sua ressurreição, ficou na Terra quarenta dias?
Jesus Cristo, depois de sua ressurreição, permaneceu na terra quarenta dias para mostrar que havia realmente ressuscitado, para confirmar os discípulos na fé nele e para instruí-los mais profundamente em sua doutrina.

94. Agora Jesus Cristo está sozinho no céu?
Agora Jesus Cristo não está apenas no céu, mas como Deus está em toda parte, e como Deus e

homem, ele está no céu e no Santíssimo Sacramento do altar.

Capítulo V: A segunda vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo e os dois juízos, particular e universal

95. Será que algum dia Jesus Cristo voltará visivelmente a esta terra? Jesus Cristo voltará visivelmente a esta terra no fim do mundo para julgar os vivos e os mortos, ou seja, todos os homens, bons e maus.

96. Jesus Cristo vai esperar até o fim do mundo para nos julgar? Jesus Cristo não vai esperar até o fim do mundo para nos julgar, mas julgará a cada um imediatamente após a morte.

97. Existem dois julgamentos? Existem dois julgamentos: um particular, de cada alma, imediatamente após a morte; o outro universal, de todos os homens, no fim do mundo.

98. Pelo que Jesus Cristo nos julgará? Jesus Cristo nos julgará pelo bem e pelo mal feito na vida, até mesmo pelos pensamentos e omissões.

99. Após o julgamento particular, o que acontece com a alma? Após o julgamento particular, a alma, se estiver sem pecado e sem dívida de punição, vai para o céu; se ele tem algum pecado venial ou qualquer dívida de punição, ele vai para o purgatório até que esteja satisfeito; se ele está em pecado mortal, como um rebelde inconversível a Deus vai para o inferno.

100. Para onde vão as crianças que morrem sem batismo? Crianças que morrem sem Batismo vão para o Limbo, onde não há recompensa ou punição sobrenatural; porque, tendo pecado original, e só isso, eles não merecem o céu, mas também não merecem o inferno e o purgatório.

101. O que é purgatório? O purgatório é o sofrimento temporário da privação de Deus e de outras dores que tiram da alma todo o resto do pecado para torná-la digna de ver Deus.

102. Podemos ajudar e também libertar as almas das dores do purgatório? Podemos ajudar e também libertar as almas das dores do purgatório com sufrágios, isto é, com orações, indulgências, esmolas e outras boas obras, e sobretudo com a Santa Missa.

103. É certo que existe céu e inferno? É certo que existe céu e inferno: Deus o revelou; muitas vezes prometendo vida eterna para os bons e sua própria alegria, e ameaçando a perdição e o fogo eterno para os maus.

104. Quanto tempo vão durar o céu e o inferno? O céu e o inferno durarão para sempre.

Capítulo VI: A Igreja Católica e a Comunhão dos Santos

105. O que é a Igreja?
A Igreja é a sociedade dos verdadeiros cristãos, isto é, dos batizados que professam a fé e a doutrina de Jesus Cristo, participam nos seus sacramentos e obedecem aos Pastores por ele instituídos.

106. Por quem foi fundada a Igreja?
A Igreja foi fundada por Jesus Cristo, que reuniu os seus fiéis numa sociedade, submeteu-a aos Apóstolos tendo por cabeça São Pedro e deu-lhe o sacrifício, os sacramentos e o Espírito Santo que a vivifica.

107. O que é a Igreja de Jesus Cristo?
A Igreja de Jesus Cristo é a Igreja Católica Romana, porque só ela é una, santa, católica e apostólica como ele a queria, e porque Ele a fundou.

108. Por que a Igreja é una?
A Igreja é una, porque todos os seus membros tiveram, tiveram e sempre terão uma fé, sacrifício, sacramentos e a cabeça visível, o Romano Pontífice, sucessor de São Pedro, formando assim todos um só corpo, o corpo místico de Jesus Cristo.

109. Por que a Igreja é santa?
A Igreja é santa porque Jesus Cristo, a sua cabeça invisível, e o Espírito que a vivifica é santo; porque em sua doutrina, o sacrifício e os sacramentos são santos, e todos são chamados a se santificar; e porque muitos realmente eram santos, são e serão.

110. Por que a Igreja é Católica?
A Igreja é católica que é universal, porque é instituída e adequada a todos os homens e difundida por toda a terra.

111. Por que a Igreja é apostólica?
A Igreja é apostólica porque se funda nos Apóstolos e na sua pregação, e é governada pelos seus sucessores, os legítimos Pastores, que sem interrupção e sem alteração continuam a transmitir doutrina e poder.

112. Quem são os legítimos Pastores da Igreja?
Os legítimos Pastores da Igreja são o Papa ou Sumo Pontífice e os Bispos unidos a ele.

113. Quem é o Papa?
O Papa é o sucessor de São Pedro na sé de Roma e no primado, isto é, no apostolado e episcopado universal; portanto, a cabeça visível, Vigário de Jesus Cristo cabeça invisível, de toda a Igreja, que por isso é chamada de Católica Romana.

114. O que constituem o Papa e os bispos unidos a ele?
O Papa e os Bispos a ele unidos constituem a Igreja docente, assim chamada porque tem de Jesus Cristo a missão de ensinar as verdades e as leis divinas a todos os homens, que só dela recebem o conhecimento pleno e seguro de que é necessário para viver uma maneira cristã.

115. Pode a Igreja docente errar ao nos ensinar as verdades reveladas por Deus?
A Igreja docente não pode errar ao ensinar-nos as verdades reveladas por Deus: ela é infalível, porque, como prometeu Jesus Cristo, «o Espírito da verdade» * a assiste constantemente. * Jo, XV, 26

116. Só o Papa pode errar ao nos ensinar as verdades reveladas por Deus?
O Papa, sozinho, não pode errar ao nos ensinar as verdades reveladas por Deus, ou seja, ele é infalível como a Igreja, quando como Pastor e Mestre de todos os cristãos, define doutrinas sobre fé e costumes.

117. Pode qualquer outra Igreja, fora da Católica Romana, ser a Igreja de Jesus Cristo, ou pelo menos parte dela?
Nenhuma Igreja, fora da Igreja Católica Romana, pode ser Igreja de Jesus Cristo ou parte dela, porque não pode ter junto com ela as qualidades distintivas singulares, una, santa, católica e apostólica; como de fato nenhuma das outras Igrejas que se dizem cristãs os tem.

118. Por que Jesus Cristo estabeleceu a Igreja?
Jesus Cristo instituiu a Igreja para que os homens encontrassem nela o guia seguro e os meios de santidade e saúde eterna.

119. Quais são os meios de santidade e saúde eterna que se encontram na Igreja?
Os meios de santidade e saúde eterna que se encontram na Igreja são a verdadeira fé, o Sacrifício da Santa Missa e os sacramentos, e ajudas espirituais mútuas, como oração, conselho, exemplo.

120. Os meios de santidade e saúde eterna são comuns a todos os homens?
Os meios de santidade e saúde eterna são comuns a todos os homens que pertencem à Igreja, isto é, aos fiéis, que nos escritos apostólicos são chamados de santos; portanto, sua união e participação nesses meios é uma comunhão dos santos nas coisas sagradas.

121. Por que os fiéis que estão na Igreja são chamados de santos?
Os fiéis que estão na Igreja são chamados santos, porque são consagrados a Deus, justificados ou santificados pelos sacramentos e obrigados a viver como santos.

122. O que significa "comunhão dos santos"?
A comunhão dos santos significa que todos os fiéis, formando um só corpo em Jesus Cristo, aproveitam todo o bem que é e se faz no próprio corpo, ou seja, na Igreja universal, desde que não sejam impedidos pela afeição ao pecado.

123. Os bem-aventurados no Paraíso e as almas no purgatório estão na comunhão dos santos?
Os bem-aventurados no paraíso e as almas no purgatório também estão na comunhão dos santos, porque unidos entre si e conosco pela caridade, recebem uma a nossa oração e os outros nossos sufrágios, e você eles nos retribuem com sua intercessão com Deus.

124. Quem está fora da comunhão dos santos?
Aqueles que estão fora da Igreja, ou seja, os condenados, os infiéis, os judeus, os hereges, os apóstatas, os cismáticos e os excomungados, estão fora da comunhão dos santos.

125. Quem são os infiéis?
Os infiéis são os não batizados que não acreditam de forma alguma no Salvador prometido, ou seja, no Messias ou em Cristo, como os idólatras e os maometanos.

126. Quem são os judeus?
Os judeus são os não batizados que professam a lei de Moisés e não acreditam que Jesus seja o Messias ou o Cristo prometido.

127. Quem são os hereges?
Os hereges são os batizados que persistem em não crer em alguma verdade revelada dada por Deus e ensinada pela Igreja, por exemplo, os protestantes.

128. Quem são os apóstatas?
Os apóstatas são os batizados que negam, com um ato externo, a fé católica já professada.

129. Quem são os cismáticos?
Os cismáticos são os batizados que se recusam obstinadamente a submeterse aos legítimos Pastores e, por isso, estão separados da Igreja, mesmo que não neguem qualquer verdade da fé.

130. Quem são os excomungados?
Os excomungados são os batizados excluídos da comunhão da Igreja por pecados gravíssimos, para que não pervertam os outros e sejam punidos e corrigidos com este remédio extremo.

131. É um dano sério estar fora da Igreja?
Estar fora da Igreja é um dano gravíssimo, porque fora não há nem os meios estabelecidos nem o guia seguro para a saúde eterna, que para o homem é a única coisa realmente necessária.

132. Quem está fora da Igreja é salvo?
Quem está fora da Igreja por sua própria culpa e morre sem dor perfeita, não é salvo; mas quem se encontra sem culpas e vive bem, pode salvar-se com o amor da caridade, que se une a Deus e, em espírito, também à Igreja, isto é, à sua alma.

Capítulo VII: O Pecado

133. O que significa "remissão de pecados"?
A remissão de pecados significa que Jesus Cristo deu aos apóstolos e seus sucessores o poder de remir todos os pecados para a Igreja.

134. Como os pecados são remidos na Igreja?
Na Igreja, os pecados são redimidos principalmente com os sacramentos do Batismo e da Penitência, instituídos por Jesus Cristo para este propósito.

135. O que é pecado?
O pecado é uma ofensa a Deus por desobedecer a sua lei.

136. De quantos tipos é o pecado?
O pecado é de dois tipos: original e atual.

137. Qual é o pecado original?
O pecado original é o pecado que a humanidade cometeu em Adão, como cabeça da mesma; e que desde Adão todo homem se contrai por descendência natural.

138. Entre os filhos de Adão, mais alguém foi preservado do pecado original?
Entre os filhos de Adão, apenas Maria Santíssima foi preservada do pecado original, que, por ter sido eleita Mãe de Deus, era "cheia de graça" * e, portanto, sem pecado desde o primeiro momento; por isso a Igreja celebra a Imaculada Conceição. * Lucas I, 28.

139. Como o pecado original é perdoado?
O pecado original é perdoado com o santo Batismo.

140\ . Qual é o pecado real?
Pecado real é aquele que é cometido voluntariamente por aquele que tem o uso da razão.

141. De quantas maneiras o pecado real é cometido?
O pecado real é cometido de quatro maneiras: pensamentos, palavras, atos e omissões.

142. Quantos tipos é o pecado real?
O pecado real é de dois tipos: mortal e venial.

143. O que é pecado mortal?
O pecado mortal é uma desobediência séria à lei de Deus, feita com total advertência e consentimento deliberado.

144. Por que o pecado grave é chamado de mortal?
O pecado grave é chamado mortal, porque priva a alma da graça divina que é sua vida, tira seus méritos e a capacidade de fazer boas obras, e a torna digna de punição ou morte eterna no inferno.

145. Se o pecado mortal torna o homem incapaz de merecer o Céu, então é inútil para o pecador fazer boas obras?
Não é inútil para o pecador fazer boas obras, na verdade ele deve fazê-las, tanto para não piorar por omiti-las e cair em novos pecados, quanto para estar disposto com eles de alguma forma, para a conversão e a recuperação de Graça de Deus.

146. Como você recupera a graça de Deus, perdida por causa do pecado mortal?
A graça de Deus, perdida pelo pecado mortal, é recuperada com uma boa confissão sacramental ou com a dor perfeita que livra dos pecados, em caso de impossibilidade de receber o sacramento, embora permaneça a obrigação de confessá-los na primeira oportunidade.

147. Junto com a graça, os méritos perdidos pelo pecado mortal também são recuperados?
Junto com a graça, pela suprema misericórdia de Deus, os méritos perdidos pelo pecado mortal também são recuperados.

148 . O que é pecado venial?
O pecado venial é uma desobediência à lei de Deus em uma coisa leve, ou mesmo em uma coisa em si séria, mas sem toda a advertência e consentimento.

149. Por que um pecado grave não é chamado venial?
O pecado pouco grave é chamado de venial, ou seja, perdoável, porque não tira a graça, e pode ser perdoado com arrependimento e boas obras, mesmo sem confissão sacramental.

150. O pecado venial faz mal à alma?
O pecado venial é prejudicial à alma, porque a esfria no amor de Deus, a dispõe para o pecado mortal e a torna digna de castigos temporários nesta vida e na próxima.

151. Todos os pecados são iguais?
Os pecados não são todos iguais; e assim como alguns pecados veniais são menos leves do que outros, também alguns pecados mortais são mais graves e fatais.

152. Entre os pecados mortais, quais são os mais graves e fatais?
Entre os pecados mortais estão os pecados mais graves e fatais contra o Espírito Santo e aqueles que clamam a Deus por vingança*. * Fórmulas 24 e 25.

153. Por que os pecados contra o Espírito Santo são os mais sérios e fatais?
Os pecados contra o Espírito Santo são os mais graves e fatais, porque com eles o homem se opõe aos dons espirituais da verdade e da graça e, portanto, mesmo podendo fazê-lo, é difícil se converter.

154. Os pecados que clamam por vingança a Deus, por que são os mais graves e fatais?
Os pecados que clamam por vingança aos olhos de Deus, são os mais graves e fatais, porque são

diretamente contrários ao bem da humanidade e os mais odiosos, tanto que causam, mais do que outros, os castigos de Deus.

155. O que particularmente nos ajuda a evitar o pecado?
Para nos afastar do pecado, é particularmente útil pensar que Deus está em toda parte e vê o segredo dos corações e a consideração dos quatro Novíssimos *, que é o que nos espera no fim desta vida e no fim do mundo. *Fórmula 26.

Capítulo VIII: A ressurreição da carne e a Vida Eterna, Amém

156. O que nos espera no final desta vida?
No final desta vida, as dores e a realidade da morte, e o julgamento particular nos aguardam.

157. O que nos espera no fim do mundo?
No fim do mundo, a ressurreição do corpo e o julgamento universal nos aguardam.

158. O que significa "ressurreição da carne"?
A ressurreição da carne significa que nosso corpo, em virtude de Deus, será recomposto e reunido à alma para participar, na vida eterna, da recompensa ou castigo que merece.

159. O que significa "vida eterna"?
Vida eterna significa que a recompensa, como a pena, durará para sempre, e que a visão de Deus será a verdadeira vida e felicidade da alma, enquanto a privação dEle será a maior infelicidade e como uma morte eterna.

160. O que significa a palavra "Amém"?
A palavra Amém realmente significa, assim é, e assim seja; e com ela confirmamos que tudo o que confessamos no Credo é verdade, e desejamos a remissão dos pecados, a ressurreição para a glória e a vida eterna em Deus.

Oremos

Dá, ó Senhor, aos teus filhos a constância e sinceridade da fé em ti, à qual firmes no amor divino, nunca são desenraizados por qualquer tentação da integridade nele. Nós imploramos por seu Filho Jesus Cristo, etc.
Postcommunio 34 entre as diferentes orações do Missal

Segunda Parte: os mandamentos e preceitos de virtude e moral da Fé Cristã

Capítulo I: Os Mandamentos da Lei de Deus

161. Quais são os mandamentos de Deus?
Os mandamentos de. Deus ou Decálogo são as leis morais que Deus no Antigo Testamento deu a Moisés no Monte Sinai, e Jesus Cristo aperfeiçoou no Novo.

162. O que o Decálogo nos impõe?
O Decálogo impõe-nos os mais estritos deveres da natureza para com Deus, conosco e com o próximo, assim como os demais deveres que dele decorrem, por exemplo, os do próprio estado.

163. A que se reduzem os nossos deveres para com Deus e o próximo?
Nossos deveres para com Deus e para com o próximo reduzem-se à caridade, isto é, ao "primeiro e maior mandamento" do amor de Deus e ao "semelhante" do amor ao próximo: "sobre estes dois mandamentos, disse Jesus Cristo: tudo depende da Lei e dos Profetas " * Matt., XXII, 38 40; Fórmula 14.

164. Por que o mandamento do amor de Deus é o maior mandamento?
O mandamento do amor de Deus é o maior mandamento, porque quem o observa, amando a Deus com toda a sua alma, certamente observa todos os outros mandamentos.

165. Os mandamentos de Deus podem ser guardados?
Os mandamentos de Deus podem ser observados todos e sempre, mesmo nas mais fortes tentações, com a graça que Deus nunca nega a quem o invoca de coração.

166. Somos obrigados a guardar os mandamentos de Deus?
Somos obrigados a observar os mandamentos de Deus, porque são impostos por Ele, nosso Mestre supremo, e ditados pela natureza e pela sã razão.

167. Quem transgride os mandamentos de Deus, peca seriamente?
Qualquer um que transgrida deliberadamente até mesmo um dos mandamentos de Deus em assuntos graves peca gravemente contra Deus e, portanto, merece o inferno.

168. O que deve ser anotado nos mandamentos? Nos mandamentos deve-se observar o que é ordenado e o que é proibido.

Primeiro Mandamento

169. O que o primeiro mandamento nos ordena: “Amar a Deus sobre todas as coisas”?
O primeiro mandamento nos manda ser religiosos, isto é, acreditar em Deus e amá-lo, adorá-lo e servi-lo como o único Deus verdadeiro, Criador e Senhor de tudo.

170. O que nos proíbe o primeiro mandamento?
O primeiro mandamento nos proíbe impiedade, superstição, irreligiosidade; também apostasia, heresia, dúvida intencional e ignorância culpada das verdades da fé.

171. O que é impiedade?
Impiedade é a rejeição de toda adoração a Deus.

172. O que é superstição?
Superstição é o culto divino ou latria dado a quem não é Deus, ou mesmo a Deus, mas de forma inconveniente: portanto, idolatria ou culto a falsas divindades (Buda, Zeus, Odin) e criaturas; recorrer ao demônio, aos espíritos (espiritismo, umbanda) e a todos os meios suspeitos (horóscopos) para obter coisas que são humanamente impossíveis; o uso de ritos inapropriados, vãos ou proibidos pela Igreja.

173. O que é irreligiosidade?
Irreligiosidade é a irreverência para com Deus e as coisas divinas, como a tentação de Deus, o sacrilégio ou a profanação de uma pessoa ou coisa sagrada, a simonia ou a compra e venda de coisas espirituais ou ligadas a espirituais.

174. Se o culto das criaturas é superstição, como o culto católico de anjos e santos não é superstição?
O culto católico de anjos e santos não é superstição, porque não é culto divino ou adoração devida apenas a Deus: não os adoramos como Deus (latria), mas os veneramos como amigos de Deus e pelos dons que têm dEle (dulia), portanto, para a honra do próprio Deus, que faz maravilhas nos anjos e santos.

175. Quem são os santos?
Santos são aqueles que, praticando heroicamente as virtudes segundo os ensinamentos e exemplos de Jesus Cristo, mereceram glória especial no céu e também na terra, onde, pela autoridade da Igreja, são publicamente honrados e invocados.

176. Por que também veneramos o corpo dos santos?
Também veneramos o corpo dos santos, porque lhes serviu para exercer virtudes heroicas, foi certamente um templo do Espírito Santo, e irá ressuscitar gloriosamente para a vida eterna.

177. Por que veneramos até mesmo as menores relíquias e imagens dos santos?
Também veneramos as menores relíquias e imagens dos Santos para sua memória e honra, referindo-se a todos eles a veneração, bem diferente dos idólatras, que prestam culto divino às imagens ou ídolos.

178. Deus no Antigo Testamento não proibia estritamente as imagens?
Deus no Antigo Testamento proibia estritamente a adoração de imagens, na verdade quase todas

as imagens, como a próxima ocasião de idolatria para os judeus, que viviam entre idólatras e eram muito inclinados à superstição.

Segundo Mandamento

179. O que nos proíbe o segundo mandamento "Não levantar seu Santo Nome em vão"?
O segundo mandamento nos proíbe de desonrar o nome de Deus: portanto, nomeá-lo sem respeito; blasfemar de Deus, da Santíssima Virgem, dos Santos e das coisas sagradas; para fazer juramentos falsos, desnecessários ou de qualquer forma ilegais.

180. O que é o juramento?
O juramento é chamar Deus como testemunha do que é afirmado ou prometido; portanto, quem jura o mal e perjura, ofende totalmente a Deus, que é Santidade e Verdade.

181. A blasfêmia é um grande pecado?
A blasfêmia é um grande pecado, porque é um insulto e zombaria de Deus ou de seus santos, e muitas vezes também uma heresia horrível.

182. O que o segundo mandamento nos ordena?
O segundo mandamento nos ordena que sempre tenhamos reverência pelo santo nome de Deus e cumpramos os votos e promessas juramentadas.

183. O que é o voto? O voto é a promessa feita a Deus de algum bem que O agrade, ao qual somos obrigados pela religião.

Terceiro Mandamento

184. O que o terceiro mandamento "guardar domingos e festas" nos ordena?
O terceiro mandamento nos ordena que honremos a Deus nos dias de festa com atos de culto externo, dos quais para os cristãos o essencial é a Santa Missa.

185. Por que temos que fazer atos de adoração externa? Não é suficiente adorar a Deus, que é Espírito, internamente no coração?
Não basta adorar a Deus internamente no coração, mas devemos também prestar-lhe a adoração externa ordenada, porque estamos sujeitos a Deus em todo o nosso ser, alma e corpo, e devemos dar um bom exemplo; e também porque de outra forma o espírito religioso se perde.

186. O que nos proíbe o terceiro mandamento?
O terceiro mandamento nos proíbe as obras servis em dias de festa.

187. Quais são as obras consideradas servis?
As obras manuais de artesãos e operários são chamadas de obras servis.

188. As obras servis são proibidas em dias de festa? Em dias de festa, todas as obras servis não necessárias para a vida e serviço de Deus, e não justificadas pela piedade ou outra razão grave, são proibidas.

189. Como é conveniente ocupar os dias de festa?
É melhor ocupar os dias de festa para o bem da alma, assistindo a Santa Missa, ao sermão e ao catecismo, e fazendo um bom trabalho; e também no descanso do corpo, longe de qualquer vício e dissipação.

Quarto Mandamento

190. O que o quarto mandamento nos ordena "honrar pai e mãe"?
O quarto mandamento nos manda amar, respeitar e obedecer nossos pais e quem tem autoridade sobre nós, ou seja, nossos superiores em autoridade.

191. O que nos proíbe o quarto mandamento?
O quarto mandamento nos proíbe de ofender pais e superiores em autoridade e de desobedecê-los.

192. Por que devemos obedecer aos superiores em autoridade? Devemos obedecer aos superiores em autoridade porque “não há poder exceto de Deus”, portanto, quem resiste ao poder resiste à ordem de Deus" * Rm., XIII, 1, a.

Quinto Mandamento

193. O que o quinto mandamento "Não matarás" nos proíbe?
O quinto mandamento nos proíbe de prejudicar a vida natural e espiritual de nossos vizinhos e a nossa; portanto, nos proíbe assassinato, suicídio, duelo, feridas, espancamentos, insultos, imprecações e escândalos.

194. Por que o suicídio é um pecado?
O suicídio é um pecado, como o homicídio, porque só Deus é o dono da nossa vida, assim como a do nosso próximo: além disso, é um pecado de desespero que, aliás, tira a possibilidade de arrependimento e de ser salvo com vida.

195. A Igreja estabeleceu penas para o suicídio?
A Igreja estabeleceu a privação de sepultamento eclesiástico contra o suicida responsável pelo ato praticado. (CIC § 1240)

196. Por que o duelo é um pecado?
O duelo é um pecado, porque é sempre uma tentativa de homicídio e, também, quase de suicídio, feito por vingança privada, em desacato à lei e à justiça pública; além disso, porque com ela a decisão do certo e do errado é tolamente deixada para a força, destreza e acaso.

197. A Igreja estabeleceu penalidades contra os duelistas?
A Igreja estabeleceu a excomunhão contra os duelistas e contra qualquer pessoa que participe voluntariamente do duelo.

198. O que é escândalo?
O escândalo é dar ao seu vizinho, com qualquer má ação, a oportunidade de pecar.

199. O escândalo é um pecado grave?
O escândalo é um pecado gravíssimo, e Deus pedirá uma explicação do mal que ele permite que outros cometam com excitações pérfidas e maus exemplos: "ai daquele a quem vem o escândalo". * 'Mt, XVIII, 7.

200. O que o quinto mandamento nos ordena?
O quinto mandamento nos manda amar a todos, até mesmo nossos inimigos, e reparar o dano físico e espiritual feito ao nosso próximo.

Sexto Mandamento

201. O que o sexto mandamento nos proíbe de "Não pecar contra a castidade"?
O sexto mandamento nos proíbe de toda impureza: portanto, ações, palavras, olhares, livros, imagens, espetáculos imorais.

202. O que o sexto mandamento nos ordena?
O sexto mandamento nos ordena que sejamos "santos no corpo", levando o maior respeito à própria pessoa e aos demais, como obras de Deus e templos onde ele habita com presença e graça.

Sétimo Mandamento

203. O que o sétimo mandamento nos proíbe de "não roubar"?
O sétimo mandamento nos proíbe de prejudicar outros em propriedade: portanto, ele proíbe roubo, avareza, usura e fraude em contratos e serviços, e emprestar nossa mão para esses danos.

204. O que o sétimo mandamento nos ordena?
O sétimo mandamento manda devolver a propriedade alheia, reparar o dano causado pela falta, pagar as dívidas e os salários justos aos trabalhadores.

205. Quem, podendo, não retribui nem repara, obterá o perdão?
Quem, podendo, não retribui nem repara, não obterá o perdão, ainda que com palavras se declare arrependido.

Oitavo Mandamento

206. O que nos proíbe o oitavo mandamento "Não levantar falso testemunho"?
O oitavo mandamento nos proíbe toda a falsidade e o dano injusto à reputação dos outros: portanto, além do falso testemunho, calúnia, mentira, dedução ou murmuração, lisonja, julgamento e juízo temerário.

207. O que o oitavo mandamento nos ordena?
O oitavo mandamento nos ordena falar a verdade no tempo e no lugar, e interpretar corretamente, se possível, as ações dos outros.

208. Quem prejudicou seu próximo em bom nome, acusando-o falsamente ou envergonhando-o, o que ele é obrigado a fazer?
Quem prejudicou o próximo em bom nome, acusando-o falsamente ou fazendo-o de bobo, deve reparar, na medida do possível, o dano causado.

Nono Mandamento

209. O que o nono mandamento nos proíbe de "Não desejar a mulher do próximo"?
O nono mandamento de nos proíbe maus pensamentos e desejos.

210. O que o nono mandamento nos ordena?
O nono mandamento ordena-nos a perfeita pureza da alma e o maior respeito, mesmo no fundo do coração, pelo santuário da família.

Décimo Mandamento

211. O que nos proíbe o décimo mandamento "não cobiçar as coisas alheias"?
O décimo mandamento nos proíbe a ganância desenfreada das riquezas, independentemente dos direitos e do bem do próximo.

212. O que o décimo mandamento nos ordena?
O décimo mandamento nos ordena que sejamos justos e moderados no desejo de melhorar nossa condição, e que soframos com paciência as durezas e outras misérias permitidas pelo Senhor a nosso mérito, visto que devemos chegar ao reino de Deus por meio de muitas tribulações ” * At, XIV, 21.

Capítulo II: preceitos gerais da Igreja

213. Quais são os preceitos gerais da Igreja?
Os preceitos gerais da Igreja são leis pelas quais ela, aplicando os mandamentos de Deus, prescreve certos atos de religião e certas abstinências aos fiéis.

214. Como a Igreja tem autoridade para fazer leis e preceitos?
A Igreja tem autoridade para fazer leis e preceitos, porque os recebeu na pessoa dos Apóstolos de Jesus Cristo, o Homem-Deus; e, portanto, quem desobedece à Igreja desobedece ao próprio Deus.

215. Na Igreja quem pode fazer leis e preceitos?
Na Igreja o Papa e os Bispos podem fazer leis e preceitos como sucessores dos Apóstolos, aos quais Jesus Cristo disse: «Quem vos ouve, ouve-me; e quem te despreza, me despreza " * Lc, X, 16.

Primeiro Preceito

216. O que o primeiro preceito nos ordena "Ouvir Missa inteira aos domingos e festas de guarda"?
O primeiro preceito ordena-nos que assistamos com devoção à Santa Missa nesses dias, ou, se não há Missa, santificar o dia.

217. Quem não escuta missa nos dias de obrigação, comete um pecado grave?
Quem, sem impedimentos reais, não escuta a missa nos dias de obrigação, e não permite que seus empregados a ouçam, comete um grave pecado e não cumpre o mandamento divino de santificar as festas.

Segundo Preceito

218. O que nos ordena o segundo preceito "Confessar-se pelo menos uma vez por ano"?
O segundo preceito ordena que nos aproximemos da Penitência pelo menos uma vez por ano.

219. Por que a Igreja acrescenta a palavra "pelo menos" ao nos impor a confissão uma vez por ano?
A Igreja, ao impor que nos confessemos uma vez por ano, acrescenta a palavra pelo menos para nos lembrar da utilidade, na verdade a necessidade de receber esse sacramento com frequência, como é seu desejo.

Terceiro Preceito

220. O que nos ordena o terceiro preceito “comungar pelo menos uma vez ao ano, ao menos na páscoa da Ressurreição”?
Com as palavras do terceiro preceito, a Igreja obriga todos os cristãos que chegarem à idade da razão a receber todos os anos a Santíssima Eucaristia, durante o tempo pascal e em perigo de morte; e é bom que seja na própria paróquia.

221.Qual o tempo útil para satisfazer, no Brasil, o preceito da Comunhão Pascal?
No Brasil, o tempo útil para satisfazer o preceito da Comunhão Pascal vai do dia 2 de fevereiro, festa da Purificação de Nossa Senhora e da Apresentação do Menino Jesus no Templo, até o dia 16 de julho, comemoração de Nossa Senhora do Carmo.

222.Por que se diz que devemos comungar ao menos pela Páscoa?
Porque a Igreja deseja vivamente que não somente na Páscoa, mas com muita frequência, nos aproximemos da Sagrada Comunhão, que é o alimento divino das nossas almas.

Quarto Preceito

223. Que nos manda o quarto preceito da Igreja com as palavras jejuar e abster-se de carne quando manda a Santa Madre Igreja?
O quarto preceito da Igreja, manda-nos que jejuemos e nos abstenhamos de carne na Quarta-Feira de Cinzas e na Sexta-Feira Santa; e que nos abstenhamos de carne em todas as sextas-feiras do ano.

224.Que nos proíbe a Santa Igreja nos dias de jejum e abstinência?
Quando a pessoa não está legitimamente dispensada, deve no dia de jejum e abstinência tornar uma só refeição plena, podendo fazer duas outras pequenas, uma pela manhã e outra à tarde, que evite grave dano, como, por exemplo, uma forte dor de cabeça. Nos dias de abstinência, proíbe o uso da carne e do caldo de carne.

225. Por que a Igreja quer que nos abstenhamos de comer carne a sexta-feira?
A fim de que façamos penitência todas as semanas, e sobretudo à sextafeira, em honra da Paixão de Jesus Cristo.

Quinto Preceito

226. Como se observa o quinto preceito da Igreja: pagar dízimos segundo o costume?
Observa-se o quinto preceito: pagar dízimos segundo o costume, pagando aquelas ofertas ou contribuições, que foram estabelecidas, para reconhecer o supremo domínio que Deus tem sobre todas as coisas, para sustentar os ministros do altar e as obras de Misericórdia promovidas pela Igreja.

Capítulo III: Virtudes

227. O que é virtude?
A virtude é uma disposição constante da alma para fazer o bem.

228. Quantos tipos de virtudes existem?
Existem dois tipos de virtudes: as virtudes naturais que adquirimos pela repetição de boas ações, tais como aquelas que são chamadas morais; e as virtudes sobrenaturais que não podemos adquirir ou mesmo exercer com nossas próprias forças, mas que nos são dadas por Deus, e são as virtudes próprias do cristão.

229. Quais são as virtudes próprias do cristão?
As virtudes próprias do cristão são as virtudes sobrenaturais e, sobretudo, a fé, a esperança e a caridade, ditas teológicas ou divinas, porque têm o próprio Deus por objeto e motivo.

230. Como recebemos e exercitamos as virtudes sobrenaturais?
Juntamente com a graça santificante, recebemos as virtudes sobrenaturais, pelos sacramentos ou pelo amor da caridade, e as exercitamos com as graças presentes dos bons pensamentos e das inspirações com que Deus nos move e nos ajuda em todo bom ato.

231. Qual é a mais excelente das virtudes sobrenaturais?
Entre as virtudes sobrenaturais a mais excelente é a caridade, porque ela é inseparável da graça santificadora, nos une intimamente a Deus e ao próximo, nos move à perfeita observância da Lei e a toda boa obra, e nunca cessará: nela reside a perfeição cristã.

Fé

232. O que é Fé?
A Fé é aquela virtude sobrenatural pela qual acreditamos, na autoridade de Deus, o que Ele revelou e nos propõe a acreditar por meio da Igreja.

233. O que Deus revelou e nos propôs acreditar por meio da Igreja, onde está guardado?
Aquilo que Deus nos revelou e nos propõe a acreditar por meio da Igreja está preservado na Sagrada Escritura e na Tradição.

234. O que é a Sagrada Escritura?
A Sagrada Escritura é a coleção de 73 livros escritos por inspiração de Deus no Antigo e no Novo Testamento, e recebidos pela Igreja como obra do próprio Deus.

235. O que é a tradição?
A tradição é o ensinamento de Jesus Cristo e dos apóstolos, falado em voz alta e transmitido pela Igreja a nós sem alteração.

236. Quem pode, com autoridade, nos fazer conhecer plenamente e no verdadeiro sentido as verdades contidas nas Escrituras e na Tradição?
Só a Igreja pode com autoridade fazer-nos conhecer plenamente e no verdadeiro sentido as verdades contidas na Escritura e na Tradição, porque só a ela Deus confiou o depósito da Fé e enviou o Espírito Santo que a assiste continuamente, para que ela não errar.

237. É suficiente acreditar em geral nas verdades reveladas por Deus?
Não basta acreditar em geral nas verdades reveladas por Deus, mas algumas, ou seja, a existência do Deus recompensador e os dois mistérios principais, também devem ser acreditadas com um ato expresso de fé.

Esperança

238. O que é esperança?
Esperança e aquela virtude sobrenatural pela qual confiamos em Deus e dele esperamos a vida eterna e as graças necessárias para merecê-la aqui embaixo com boas obras.

240. Por que razão esperamos de Deus a vida eterna e as graças necessárias para merecê-la?
Esperamos de Deus a vida eterna e as graças necessárias para merecê-la, porque Ele, infinitamente bom e fiel, nos prometeu pelos méritos de Jesus Cristo; portanto, quem desconfia ou se desespera o ofende muito.

Caridade

240. O que é caridade?
A caridade é aquela virtude sobrenatural pela qual amamos a Deus por si mesmo acima de tudo, e ao nosso próximo como a nós mesmos por amor de Deus.

241. Por que devemos amar a Deus?
Devemos amar a Deus por si mesmo, como o bem supremo, a fonte de todo o nosso bem; e, portanto, devemos também amá-lo acima de todas as coisas "com todo o nosso coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças" *. * Mc, XII, 30.

242. Por que devemos amar nosso próximo?
Devemos amar o nosso próximo por amor a Deus que nos comanda, e porque todo homem é criado à imagem de Deus, como nós, e é nosso irmão.

243. Somos obrigados a amar até mesmo nossos inimigos?
Somos obrigados a amar até os inimigos, perdoando as ofensas, porque também eles são nossos próximos e porque Jesus Cristo nos deu uma ordem expressa.

244. Quando devemos fazer atos de fé, esperança e caridade?
Devemos fazer atos de fé, esperança e caridade muitas vezes na vida, e especialmente quando temos tentações de vencer ou deveres cristãos importantes a cumprir, e nos perigos da morte.

245. É bom praticar frequentemente atos de fé, esperança e caridade?
É bom praticar frequentemente atos de fé, esperança e caridade, para preservar, aumentar e fortalecer as virtudes tão necessárias, que são como as partes vitais do "homem espiritual".

246. Como devemos fazer atos de fé, esperança e caridade?
Devemos fazer atos de fé, esperança e caridade com o coração, com a boca e com o trabalho, dando a prova disso em nossa conduta.

247. Como você dá prova de fé?
Dá-se a prova da fé confessando-a e defendendo-a, quando necessário, sem temor e sem respeito humano, e vivendo de acordo com as suas máximas: "A fé sem obras é morta" * Tg II, 26

248. Como você dá prova de esperança?
A pessoa dá prova de esperança por não se preocupar com as misérias e adversidades da vida, nem mesmo com as perseguições; mas vivendo resignado, seguro das promessas de Deus.

249. Como você dá prova de caridade?
A caridade se manifesta observando os mandamentos e exercendo as obras de misericórdia * e, se Deus chama, seguindo os conselhos evangélicos. * Fórmula 21 e 22

250. Quais são os conselhos evangélicos?
Os conselhos evangélicos são exortações que Jesus Cristo fez no Evangelho para uma vida mais perfeita, por meio da prática das virtudes não salvas.

251. Quais são os principais conselhos evangélicos?
Os principais conselhos evangélicos são: pobreza voluntária, castidade perpétua e obediência perfeita.

Virtudes morais e vícios

252. O que é virtude moral?
A virtude moral é o hábito de fazer o bem; comprado pela repetição de boas ações.

253. Quais são as principais virtudes morais?
As principais virtudes morais são: Religião que nos faz prestar o devido culto a Deus, e as quatro virtudes cardeais, prudência, justiça, fortaleza e temperança, que nos tornam honestos na vida.

254. Por que as virtudes cardeais são assim chamadas?
As virtudes cardeais são assim chamadas porque são a dobradiça, isto é, o suporte das outras virtudes morais.

255. O que é prudência?
A prudência é a virtude que direciona os atos para o devido fim, e faz com que os bons meios sejam discernidos e utilizados.

256. O que é justiça?
Justiça é a virtude que faz com que cada um dê o que lhe é devido.

257. O que é a fortaleza?
A fortaleza é a virtude que faz com que se enfrente qualquer dificuldade ou perigo sem medo e sem timidez, e até a morte, para o serviço de Deus e para o bem do próximo.

258. O que é temperança?
A temperança é a virtude que restringe as paixões e desejos, especialmente os sensuais, e modera o uso de bens sensíveis.

259. Quais são as paixões?
As paixões são emoções ou movimentos violentos da alma que, se não moderados pela razão, conduzem ao vício e muitas vezes até ao crime.

260. O que é vício?
O vício é o hábito de fazer o mal, adquirido pela repetição de atos malignos.

261. Quais são os principais defeitos?
Os principais vícios são os sete vícios mortais, * assim chamados porque são a cabeça e a origem dos outros vícios e pecados. * Fórmula 23

262. Quais são as virtudes que se opõem aos pecados capitais?
As virtudes opostas aos pecados capitais são: humildade, liberalidade, castidade, paciência, sobriedade, fraternidade e diligência no serviço a Deus.

263. Jesus Cristo recomendou alguma virtude moral em particular?
Jesus Cristo recomendou em particular algumas virtudes morais, chamando, nas oito bem-aventuranças evangélicas, bem-aventurado quem as exercer.

264. Diga as bem-aventuranças evangélicas.

> Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.
> Bem-aventurados os mansos, pois eles herdarão a terra.
> Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
> Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.
> Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles receberão misericórdia.
> Bem-aventurados os puros do coração, porque eles verão a Deus.
> Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.
> Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. * Mt V, 3-10

265. Por que Jesus Cristo, nas bem-aventuranças evangélicas, disse bem-aventurados, ao contrário da opinião do mundo, pessoas humildes e atribuladas?
Jesus Cristo, nas bem-aventuranças evangélicas, disse bem-aventurados, ao contrário da opinião do mundo, as pessoas humildes e atribuladas, porque terão uma recompensa especial de Deus; e ele nos ensinou o que imitá-los, sem prestar atenção às máximas enganosas do mundo.

266. Aqueles que seguem as máximas do mundo podem ser verdadeiramente felizes?
Quem segue as máximas do mundo não pode ser verdadeiramente feliz, porque não busca a Deus, seu Senhor e sua verdadeira felicidade; e, portanto, eles não têm paz de consciência e caminham para a perdição.

Oremos

Deus todo-poderoso e eterno, aumenta em nós a fé, a esperança e a caridade, e porque podemos merecer o que nos prometeste, amemos o que nos ordena (1). Providencie, ó Deus Todo-Poderoso, que sempre pensemos coisas razoáveis e, ao falar e trabalhar, façamos o que você quiser (2). Nós imploramos por seu Filho Jesus Cristo, etc.

(1) Oração do 13º domingo após o Pentecostes.
(2) Oração do 6º Domingo após a Epifania.

Terceira Parte: Os Meios da Graça - Seção I: Sacramentos ou Meios Produtivos

Capítulo I – Sacramentos em geral

267. O que são os sacramentos?
Os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Jesus Cristo para nos santificar.

268. Por que os sacramentos são sinais eficazes da graça?
Os sacramentos são sinais de graça, porque com a parte sensível que possuem, significam ou indicam aquela graça invisível que conferem; e eles são sinais eficazes disso, porque ao significar a graça, eles realmente a conferem.

269. Que graça os sacramentos conferem?
Os sacramentos conferem graça santificadora e graça sacramental.

270. O que é graça santificadora?
A graça santificadora é aquele dom sobrenatural, inerente à nossa alma e, portanto, habitual, que nos torna santos, isto é, justos, amigos de Deus e filhos adotivos, irmãos de Jesus Cristo e herdeiros do céu.

271. O que é graça sacramental?
A graça sacramental é o direito às graças especiais necessárias para alcançar o fim adequado de cada sacramento.

272. Quem deu aos sacramentos a virtude de conferir graça?
Jesus Cristo, o Homem-Deus, deu aos sacramentos a virtude de conferir a graça, que ele mesmo nos mereceu com a sua paixão e morte.

273. Como os sacramentos nos santificam?
Os sacramentos nos santificam, ou dando-nos. a primeira graça santificadora que cancela o pecado, ou aumentando aquela graça que já possuímos.

274. Quais são os sacramentos que nos dão a primeira graça?
O Baptismo e a Penitência, que se chamam sacramentos dos mortos, dãonos a primeira graça, porque dão a vida da graça às almas que morreram pelo pecado.

275. Que sacramentos aumentam a graça para nós?
Somos aumentados pela Confirmação, Eucaristia, Extrema Unção, Ordens e Matrimônio, que são chamados sacramentos dos vivos, porque quem os recebe já deve viver espiritualmente pela graça de Deus.

276. Quem recebe o sacramento dos vivos sabendo que não está na graça de Deus, comete pecado?
Quem recebe o sacramento da vida sabendo que não está na graça de Deus, comete um grave pecado de sacrilégio, porque recebe indignamente uma coisa sagrada.

277. O que devemos fazer para preservar a graça dos sacramentos?
Para preservar a graça dos sacramentos devemos corresponder com a nossa própria ação, fazendo o bem e fugindo do mal.

278. Quais são os sacramentos mais necessários para ser salvo?
Os sacramentos mais necessários para a salvação são os sacramentos dos mortos, isto é, o Batismo e a Penitência, porque dão a primeira graça ou vida espiritual.

279. O batismo e a penitência são igualmente necessários?
O Baptismo e a Penitência não são igualmente necessários, porque o Baptismo é necessário para todos, todos nascendo com o pecado original; A penitência, por outro lado, é necessária para aqueles que, depois do Baptismo, perderam a graça ao pecar mortalmente.

280. Se o batismo é necessário para todos, ninguém pode ser salvo sem ele?
Sem o Batismo ninguém pode ser salvo, mas quando não se pode receber o Batismo de água, o Batismo de sangue, ou seja, o martírio sofrido por Jesus Cristo, ou o Batismo de desejo que é o amor à caridade, desejoso dos meios de saúde estabelecidos, é suficiente de Deus.

281. Quantas vezes os sacramentos podem ser recebidos?
Os sacramentos podem ser recebidos algumas vezes mais, outros apenas uma vez.

282. Quais são os sacramentos recebidos apenas uma vez?
O Baptismo, a Confirmação e a Ordem são recebidas apenas uma vez.

283. Por que o Batismo, a Confirmação e as Ordens são recebidos apenas uma vez?
O Baptismo, a Confirmação e as Ordens são recebidas apenas uma vez, porque marcam um carácter permanente na alma, conduzindo a uma consagração perpétua do homem a Jesus Cristo, que o distingue dos que não a possuem.

284. O que é o caráter?
O caráter é um sinal espiritual distinto que nunca apaga.

285. Que caráter o Batismo, a Confirmação e a Ordem imprimem na alma?
O batismo imprime na alma o caráter de um cristão; Confirmação de um soldado de Jesus Cristo; a Ordem de seu ministro.

286. Quantas coisas são necessárias para fazer um sacramento?
Três coisas são necessárias para fazer um sacramento: a matéria, a forma e o ministro, que tem a intenção de fazer o que a Igreja faz.

287. O que é a matéria do sacramento?
A matéria do sacramento é o elemento sensível que para isso é necessário, como a água no

Batismo.

288. Qual é a forma do sacramento?
A forma do sacramento são as palavras que o ministro deve proferir no próprio ato de aplicar o assunto.

289. Quem é o ministro do sacramento?
Ministro do sacramento é a pessoa capaz que o faz ou confere, em comunhão e pela autoridade de Jesus Cristo.

Capítulo II - Batismo

290. O que é batismo?
O batismo é o sacramento que nos torna cristãos, ou seja, seguidores de Jesus Cristo, filhos de Deus e membros da Igreja.

291. Qual é a matéria do Batismo?
A matéria do Batismo é água natural.

292. Qual é a forma do Batismo?
A forma do Batismo são as palavras: “Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

293. Quem é o ministro do Batismo?
Normalmente, o ministro do Batismo é o sacerdote, mas, em caso de necessidade, pode ser qualquer pessoa, mesmo herege ou infiel, desde que pretenda fazer o que a Igreja faz.

294. Como é feito o Batismo?
O batismo é dado derramando água sobre a cabeça de quem está sendo batizado e, ao mesmo tempo, pronunciando as palavras da forma.

295. Que efeitos produz o Batismo?
O batismo confere a primeira graça santificadora e virtudes sobrenaturais, tirando o pecado original e os reais, se houver, com toda dívida de penalidade devida a eles; imprime o caráter de um cristão e permite que receba os outros sacramentos.

296. O Batismo transforma o homem?
O batismo transforma o homem no espírito e o faz renascendo tornando-o um novo homem; portanto, ele recebe um nome adequado, o de um santo que é um exemplo e protetor para ele na vida de um cristão.

297. Quem recebe o batismo o que é obrigado a fazer?
Quem recebe o baptismo, tornando-se cristão, é obrigado a professar a fé e a observar a lei de Jesus Cristo; e, portanto, renuncia ao que se opõe a ele.

298. O que é renunciado ao receber o Batismo?
Ao receber o Batismo, a pessoa renuncia ao diabo, suas obras e sua pompa.

299. O que se entende por obras e bombas do diabo?
Por obras e pompa do diabo entendem-se os pecados, as vaidades do mundo e suas máximas perversas, contrárias ao Evangelho.

300. Como as crianças no batismo renunciam ao diabo?
Os bebês no batismo renunciam ao diabo por meio dos padrinhos.

301. Quem são os padrinhos do Batismo?
Os padrinhos do Batismo são aqueles que apresentam à Igreja o batizado, respondem em seu nome se é criança, assumindo, como pais espirituais, o cuidado da sua educação cristã, se não houver pais, e por isso devem ser bons cristãos.

302. Somos obrigados a cumprir as promessas e renúncias feitas pelos padrinhos em nosso nome no Batismo?
Somos obrigados a cumprir as promessas e as renúncias feitas pelos padrinhos em nosso nome no Baptismo, porque nos impõem apenas o que Deus impõe a todos e que nós próprios devemos prometer para nos salvar.

303. Os pais ou quem ocupa o lugar, quando devem enviar a criança ao baptismo?
Os pais ou quem ocupar o lugar devem enviar a criança ao Batismo no prazo máximo de oito ou dez dias; pelo contrário, é melhor assegurar-lhe imediatamente a graça e a felicidade eterna, já que pode morrer muito facilmente.

Capítulo III - Da Confirmação ou Crisma

304. O que é confirmação ou confirmação?
A Confirmação ou Confirmação é o sacramento que nos torna perfeitos cristãos e soldados de Jesus Cristo e nos dá o seu caráter.

305. Qual é a matéria da Confirmação?
A questão da Confirmação é o Crisma sagrado, isto é, o azeite de oliva misturado com bálsamo, consagrado pelo Bispo na Quinta-feira Santa.

306. Qual é a forma de confirmação?
A forma da Confirmação são as palavras que “Eu vos assinalo com o sinal da Cruz, e eu vos confirmo com o crisma da salvação, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, Amém”.

307. Quem é o Ministro da Confirmação?
O Ministro da Confirmação é o Bispo e, extraordinariamente, o sacerdote que tem a faculdade do Papa.

308. Como o Bispo administra a Confirmação?
O Bispo, estendendo as mãos sobre os candidatos, invoca o Espírito Santo, em seguida, com o sagrado crisma unge a testa em forma de cruz, pronunciando as palavras da forma, depois dá-lhes uma leve bofetada dizendo: “A paz esteja com vocês”; e no final ele abençoa solenemente todos os confirmados.

309. Como a Confirmação nos torna cristãos e soldados perfeitos de Jesus Cristo?
A confirmação torna-nos perfeitos cristãos e soldados de Jesus Cristo, dando-nos a abundância do Espírito Santo, isto é, da sua graça e dons, que nos confirmam ou fortalecem na fé e nas outras virtudes contra os inimigos espirituais.

310. Com que idade é bom receber a Confirmação?
É bom receber a Confirmação por volta dos sete anos de idade, porque então geralmente começam as tentações e pode-se saber com justiça a santidade e a graça deste sacramento.

311. Quem recebeu a Confirmação, que disposições ele deve ter?
Quem recebe a Confirmação deve estar na graça de Deus e, se tiver o uso da razão, deve conhecer os principais mistérios da Fé e aproximar-se do sacramento com devoção, compreendendo profundamente o que significa o rito.

312. O que significa o crisma sagrado?
O sagrado crisma, com o óleo que dilata e fortalece, significa a graça abundante da Confirmação; e com o bálsamo que é fragrante e preserva da corrupção, significa o cheiro bom das virtudes que a pessoa confirmada deverá possuir, evitando a corrupção dos vícios.

313. O que significa a unção feita na testa em forma de cruz?
A unção que se faz na testa em forma de cruz significa que o confirmado, como forte soldado de Jesus Cristo, deverá erguer a testa sem corar na cruz e sem temer os inimigos da fé.

314. O que significa o tapa leve que o Bispo dá na pessoa confirmada?
O leve tapa que o Bispo dá à pessoa confirmada significa que ela deve estar disposta a sofrer toda afronta e todo castigo pela fé.

315. Existem padrinhos na Confirmação?
Na Confirmação há padrinhos para homens e madrinhas para mulheres, que devem ser bons cristãos para edificar e ajudar espiritualmente os confirmados.

Capítulo IV - A Santa Missa, A Eucaristia

§ 1. Sacramento, instituição, fim.

316. O que é a Eucaristia?
A Eucaristia é o sacramento que, sob as aparências do pão e do vinho, contém verdadeiramente o Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo para alimento das almas.

317. O que é a Eucaristia?
A matéria da Eucaristia é pão de trigo e vinho de uva. 318. Qual é a forma da Eucaristia? Forma da Eucaristia são as palavras de Jesus Cristo “Isto é o meu Corpo”; “Este é o cálice do meu sangue ... derramado por vós e por muitos para a remissão dos pecados” *. * Orações, II, Canon.

319. Quem é o ministro da Eucaristia?
Ministro da Eucaristia é o sacerdote que, pronunciando as palavras de Jesus Cristo na Missa, transforma o pão no Corpo e o vinho no Seu Sangue.

320. Quando Jesus Cristo instituiu a Eucaristia?
Jesus Cristo instituiu a Eucaristia na Última Ceia, antes de sua Paixão, quando consagrou o pão e o vinho, e os distribuiu aos Apóstolos como seu Corpo e Sangue, ordenando que eles então fizessem o mesmo em sua memória.

321. Por que Jesus Cristo instituiu a Eucaristia?
Jesus Cristo instituiu a Eucaristia, para que fosse na Missa o sacrifício permanente do Novo Testamento e na comunhão o alimento das almas, em perpétua recordação do seu amor e da sua Paixão e Morte.

§ Presença real de Jesus Cristo na Eucaristia.

322. Na Eucaristia está o mesmo Jesus Cristo que está nos céus e que nasceu na terra da Virgem Maria?
Na Eucaristia está o mesmo Jesus Cristo que está nos céus e que nasceu na terra da Virgem Maria.

323. Por que você acredita que Jesus Cristo está verdadeiramente na Eucaristia?
Creio que Jesus Cristo está verdadeiramente na Eucaristia, porque Ele mesmo disse que o Seu Corpo e Sangue são o pão e o vinho consagrados, e porque assim a Igreja nos ensina; mas é um mistério, e um grande mistério.

324. O que é a Hóstia antes da consagração?
A Hóstia antes da consagração é o pão.

325. Após a consagração, o que é a Hóstia?
Após a consagração, a Hóstia é o verdadeiro Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo sob as aparências do pão.

326. O que está contido no cálice antes da consagração?
No cálice antes da consagração encontra-se vinho com algumas gotas de água.

327. Após a consagração, o que há no cálice?
No cálice após a consagração está o verdadeiro Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo sob as aparências do vinho.

328. Quando o pão e o vinho se tornam Corpo e Sangue de Jesus?
O pão e o vinho tornam-se o Corpo e o Sangue de Jesus no momento em que o sacerdote profere as palavras da consagração sobre a hóstia e sobre o vinho, respectivamente.

329. Depois da consagração, não sobra nada do pão e do vinho?
Depois da consagração não há mais pão nem vinho, mas apenas as espécies ou as aparências, sem a substância.

330. Quais são as espécies ou aparências?
As espécies ou aparências são tudo o que recai sobre os sentidos, como a figura, a cor, o cheiro, o sabor do pão e do vinho.

331. Sob as aparências do pão está apenas o Corpo de Jesus Cristo, ou sob as do vinho está apenas o seu Sangue?
Não, sob as aparências do pão está tudo de Jesus Cristo, em Corpo, Sangue, Alma e Divindade; e assim sob as do vinho.

332. Quando a hóstia se divide em várias partes, o Corpo de Jesus Cristo se quebra?
Quando a hóstia é dividida em várias partes, o Corpo de Jesus Cristo não é partido, mas apenas as espécies do pão; e o Corpo do Senhor permanece inteiro em cada parte.

333. Jesus Cristo é encontrado em todas as Hóstias consagradas do mundo?
Sim, Jesus Cristo se encontra em todas as Hóstias consagradas do mundo.

334. Por que a Sagrada Eucaristia é preservada nas igrejas?
A Sagrada Eucaristia é mantida nas igrejas, para que os fiéis a adorem, para que a recebam em comunhão e para que nela sintam a perpétua assistência e presença de Jesus Cristo na Igreja.

§ Sagrada comunhão, disposições, obrigações, efeitos.

335. Quantas coisas são necessárias para fazer uma boa comunhão?
Para ter uma boa comunhão, três coisas são necessárias: 1 ° estar na graça de Deus; 2 ° saber e pensar em quem vai receber; 3º estar em jejum a partir da meia-noite. (O papa Pio XII permitiu o jejum eucarístico de três horas antes de receber a Comunhão).

336. O que significa "estar na graça de Deus"?
Estar na graça de Deus significa ter uma consciência limpa de todos os pecados mortais.

337. Quem comunga sabendo que está em pecado mortal, recebe Jesus Cristo?
Quem se comunica sabendo que está em pecado mortal recebe Jesus Cristo, mas não a sua graça, pelo contrário, comete um sacrilégio horrível, torna-se digno de condenação.

338. O que significa "saber e pensar quem você vai receber"?
Saber e pensar quem vai receber significa aproximar-se de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia com fé viva, com desejo ardente e com profunda humildade e modéstia.

339. Que jejum é necessário antes da comunhão?
Antes da comunhão, é necessário o jejum natural ou total, que é quebrado com qualquer coisa ingerida como comida ou bebida.

340. A comunhão é sempre permitida aos que não estão jejuando?
A comunhão aos que não jejuam é permitida em perigo de morte e durante longas enfermidades, nas condições determinadas pela Igreja.

341. Há obrigação de receber a comunhão?
É obrigatório receber a comunhão todos os anos na Páscoa, e em perigo de morte, como viático que sustenta a alma no caminho para a eternidade.

342. Com que idade começa a obrigação da comunhão pascal?
A obrigação da comunhão pascal começa na idade em que se pode recebêla com disposição suficiente, ou seja, normalmente, cerca de sete anos.

343. É bom e útil comungar com frequência?
É uma coisa excelente e muito útil comunicar-se com frequência, mesmo todos os dias, desde que sempre com as providências necessárias.

344. Depois da comunhão, quanto tempo resta em nós Jesus Cristo?
Depois da comunhão, Jesus Cristo permanece em nós enquanto durar a espécie eucarística.

345. Que efeitos produz a Eucaristia em quem a recebe dignamente?
A Eucaristia, em quem a recebe dignamente, preserva e aumenta a graça, que é a vida da alma,

como o faz o alimento para a vida do corpo; perdoa pecados veniais e preserva de mortais; dá consolo e conforto espiritual, aumentando a caridade e a esperança de vida eterna de que é penhor.

§ Santo Sacrifício da Missa.

346. A Eucaristia é apenas um sacramento?
A Eucaristia não é apenas um sacramento, mas também o sacrifício permanente do Novo Testamento e, como tal, é chamada de Santa Missa.

347. Qual é o sacrifício?
O sacrifício é a oferta pública a Deus de uma coisa que é destruída para professar que Ele é o Criador e Mestre Supremo, a quem tudo se deve inteiramente.

348. O que é a Santa Missa?
A Santa Missa é o sacrifício do Corpo e Sangue de Jesus Cristo que, sob as espécies do pão e do vinho, é oferecido pelo sacerdote a Deus no altar, em memória e renovação do sacrifício da Cruz.

349. O sacrifício da Missa é o mesmo sacrifício da Cruz?
O sacrifício da Missa é o sacrifício da própria Cruz; só há uma diferença na maneira de fazer isso.

350. Qual é a diferença entre o sacrifício da Cruz e o da Missa?
Entre o sacrifício da Cruz e o da Missa existe esta diferença, que Jesus Cristo se sacrificou na Cruz dando voluntariamente o seu próprio Sangue, e ele mereceu por nós todas as graças; em vez disso, no altar, sem derramar sangue, ele se sacrifica e se aniquila misticamente pelo ministério do sacerdote, aplicando a nós os méritos do sacrifício da Cruz.

351. Para qual fim a missa é oferecida a Deus?
A missa é oferecida a Deus para render-lhe o culto supremo de latria ou adoração, para agradecer-lhe por seus benefícios, para apaziguá-lo e darlhe satisfação por nossos pecados, e para obter graças, para o benefício dos fiéis vivos e mortos.

352. A Missa não é oferecida também aos Santos?
A Missa não é oferecida aos Santos, mas apenas a Deus, mesmo quando é celebrada em honra dos Santos: o sacrifício pertence apenas ao Criador e Mestre Supremo.

353. Somos obrigados a ouvir a Missa?
Somos obrigados a ouvir missa aos domingos e outros dias santos; entretanto, é útil comparecer com frequência, para participar do ato maior da Religião, extremamente grata a Deus e meritória.

354. Qual é a maneira mais conveniente de assistir à missa?
A maneira mais conveniente de assistir à Missa é oferecê-la a Deus em união com o sacerdote, repensando o sacrifício da Cruz, ou seja, a Paixão e Morte do Senhor, e receber a comunhão: a comunhão é a verdadeira união com a Vítima imolada, e é, portanto, a maior participação para o santo Sacrifício.

Capítulo V - Penitência

§ 1. Sacramento e suas partes - Exame de consciência.

355. O que é penitência?
Penitência ou confissão é o sacramento instituído por Jesus Cristo para remir os pecados cometidos após o batismo.

356. O sacramento da Penitência quando foi instituído por Jesus Cristo?
O sacramento da Penitência foi instituído por Jesus Cristo quando disse aos Apóstolos, e neles aos seus sucessores: «Recebei o Espírito Santo: a quem perdoais os pecados, eles serão perdoados; e eles serão retidos a quem você os reter "* Jo XX, 22-23.

357. Quem é o Ministro da Penitência?
Ministro da Penitência é o padre aprovado pelo Bispo.

358. Quantas e quais coisas são necessárias para fazer uma boa confissão?
Cinco coisas são necessárias para fazer uma boa confissão: 1 ° um exame de consciência; 2 ° a dor dos pecados; 3 ° a resolução de não se comprometer mais; 4 ° a confissão; 5 ° satisfação ou penitência.

359. Como é feito o exame de consciência?
O exame de consciência faz-se recordando os pecados cometidos em pensamentos, palavras, obras e omissões, contra os mandamentos de Deus, os preceitos da Igreja e as obrigações do próprio Estado, a começar pela última confissão bem-feita.

360. No exame, devemos pesquisar o número de pecados?
No exame, devemos também pesquisar diligentemente o número de pecados mortais.

§ 2. Dor e resolução.

361. O que é dor?
Dor ou arrependimento é aquela tristeza e ódio pelos pecados cometidos, que nos faz propor não pecar mais.

362. Quantos tipos é a dor?
A dor é de dois tipos: perfeita ou contrição e imperfeita ou desgaste.

363. Qual é a dor ou contrição perfeita?
Dor ou contrição perfeita é o desprazer pelos pecados cometidos, porque são ofendidos por Deus nosso Pai, infinitamente bom e amável, e causa da Paixão e Morte de Nosso Redentor Jesus Cristo, o Filho de Deus.

364. Por que a contrição é uma dor perfeita?
A contrição é a dor perfeita, porque surge de uma razão perfeita, isto é, do amor filial de Deus ou da caridade, e porque obtém imediatamente o perdão dos pecados, embora permaneça a obrigação de confessá-los.

365. O que é dor ou contrição imperfeita?
Dor ou contrição imperfeita é o desprazer pelos pecados cometidos, por medo dos castigos eternos e temporais, ou mesmo pela feiura do pecado.

366. Por que a atrição é uma dor imperfeita?
A atrição é uma dor imperfeita, porque surge de motivos menos perfeitos e adequados de servos, e não de filhos, e porque não obtém o perdão dos pecados exceto por meio do sacramento.

367. É necessário ter dor por todos os pecados cometidos?
É necessário ter dor por todos os pecados mortais cometidos, sem exceção; e é melhor tê-lo também dos veniais.

368. Por que é necessário ter dor de todos os pecados mortais?
É necessário ter dor por todos os pecados mortais, porque com qualquer um deles Deus foi seriamente ofendido, sua graça foi perdida e merece ser separado Dele para sempre.

369. Qual é o propósito?
O propósito é a vontade resoluta de nunca mais cometer pecados e fugir das oportunidades.

370. Qual é a causa do pecado?
A ocasião do pecado é o que nos coloca em perigo de pecar, tanto pessoa como coisa.

371. Somos obrigados a fugir das ocasiões de pecado?
Somos obrigados a fugir das ocasiões dos pecados, porque somos obrigados a fugir do pecado: quem não foge deles; acaba caindo, pois “quem ama o perigo perecerá nele” * Eclo, III, 27.

§ 3 Confissão de pecados.

372. Qual é a confissão?
A confissão é a acusação de pecados feita ao padre confessor para obter a sua absolvição.

373. Que pecados somos obrigados a confessar?
Somos obrigados a confessar todos os pecados mortais ainda não confessados ou mal confessados; no entanto, também é útil confessar os Veniais.

374. Como devemos acusar os pecados mortais?
Devemos acusar plenamente os pecados mortais, sem nos deixarmos dominar por uma falsa vergonha de calar quem quer que seja, declarando sua espécie, número e mesmo as circunstâncias que acrescentam uma nova malícia grave.

375. Quem não se lembra do número exato de pecados mortais, o que deve fazer?
Quem não se lembra do número exato de pecados mortais deve fazê-lo entender o número que parece mais próximo da verdade.

376. Por que não deveríamos ser vencidos pela vergonha de silenciar algum pecado mortal?
Não devemos ser vencidos pela vergonha de silenciar algum pecado mortal, porque confessamos Jesus Cristo na pessoa do confessor, e ele não pode revelar nenhum pecado, mesmo à custa de sua vida; e porque, caso contrário, por não obter o perdão, seremos envergonhados na frente de todos, no julgamento universal.

377. Quem por vergonha ou por qualquer outro motivo se calou sobre um pecado mortal, faria uma boa confissão?
Quem, por vergonha ou por algum outro motivo injusto, guardasse silêncio sobre um pecado mortal, não o faria boa confissão, mas seria um sacrilégio.

378. O que devem fazer aqueles que sabem que não confessaram bem?
Quem sabe que não confessou bem deve refazer confissões malfeitas e acusar-se dos sacrilégios cometidos.

379. Quem sem culpa omitiu ou esqueceu um pecado mortal, fez uma boa confissão?
Quem, sem culpa, abandonou ou esqueceu um pecado mortal, fez uma boa confissão; mas ele tem a obrigação de se acusar mais tarde.

§ 4. Absolvição - Satisfação - Indulgências.

380. O que é absolvição?
A absolvição é a sentença com a qual o sacerdote, em nome de Jesus Cristo, perdoa os pecados do penitente, dizendo: Eu te absolvo de seus pecados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

381. Uma vez que os pecados são perdoados com absolvição, toda pena merecida também é perdoada?
Uma vez que os pecados são remidos com absolvição, o castigo eterno merecido pelo pecado mortal é perdoado, mas se a pessoa não tiver uma contrição perfeita, geralmente resta uma pena temporária a ser cumprida, nesta vida ou na próxima.

382. O que é satisfação sacramental ou penitência?
A satisfação ou penitência sacramental é a boa obra imposta pelo confessor para punir e corrigir o pecador e descontar a pena temporária merecida pelo pecado.

383. Quando é conveniente fazer a penitência sacramental?
É aconselhável fazer a penitência sacramental o mais rápido possível, se o confessor não tiver determinado o tempo.

384. A penitência sacramental é suficiente para nos libertar de todo o castigo temporário que o pecado merece?
A penitência sacramental geralmente não é suficiente para nos libertar de todo o castigo temporário merecido pelo pecado e, portanto, é conveniente compensá-lo com outras obras de penitência e piedade e com indulgências.

385. Quais são as obras de penitência e piedade?
As obras de penitência e piedade são: jejuns, mortificações, atos de misericórdia espiritual e corporal *, orações e o uso piedoso dessas coisas abençoadas e daquelas cerimônias sagradas que se chamam sacramentais, como a água benta e várias bênçãos. * Fórmulas 21,22.

386. O que é indulgência?
A indulgência é a remissão do castigo temporário devido pelos pecados, que a Igreja concede sob certas condições aos que estão na graça, aplicando-lhes os superabundantes méritos e satisfações de Jesus Cristo, de Nossa Senhora e dos Santos, que constituem o tesouro da Igreja.

387. Quantos tipos é a indulgência?
A indulgência é de dois tipos: plenária e parcial.

388. O que é a indulgência plenária?
A indulgência plenária é aquela que dispensa todas as penas temporárias devidas pelos pecados.

389. O que é indulgência parcial?
Indulgência parcial é aquela que dispensa apenas uma parte da pena temporária devida pelos pecados.

390. O que se entende por indulgência de "quarenta" ou "cem dias", de "sete anos" e semelhantes?
Por indulgência de quarenta ou cem dias, sete anos e semelhantes, entendese a remissão de toda punição temporária que teria sido cumprida com quarenta, cem dias ou sete anos da penitência anteriormente estabelecida pela Igreja.

391. O que é necessário para adquirir indulgências?
Para adquirir indulgências, é necessário estar em estado de graça e executar bem as obras prescritas.

Capítulo VI - Extrema-Unção

392. O que é Extrema-Unção?
A Extrema Unção, é o sacramento instituído para o alívio espiritual e até mesmo corporal dos cristãos gravemente enfermos.

393. Quem é Ministro da Extrema-Unção?
O ministro da Extrema Unção é o pároco ou outro padre que tenha permissão.

394. Como o padre administra a Extrema-Unção?
O sacerdote administra a Extrema Unção ungindo em forma de cruz, com o óleo bento pelo Bispo, os órgãos dos sentidos dos enfermos e dizendo: “Por esta santa unção e por sua piedosíssima misericórdia, o Senhor perdoe todos os pecados cometidos com visão, audição, etc. Amém”.

395. Quais são os efeitos da Extrema-Unção?
A Extrema-Unção aumenta a graça santificante; cancela os pecados veniais, e também os mortais que os enfermos não podiam confessar; dá força para suportar pacientemente o mal, resistir às tentações e morrer santamente, e também ajuda a recuperar a saúde, se for bom para a alma.

396. Quando o óleo sagrado pode ser dado?
O óleo sagrado pode ser dado quando a doença é perigosa; e é bom dá-lo imediatamente após a confissão e o viático, enquanto o doente retém o conhecimento.

Capítulo VII - Ordem

397. O que é a "Ordem"?
A ordem é o sacramento que confere o poder de realizar ações sagradas relativas à Eucaristia e à saúde das almas, e confere o caráter de ministros de Deus.

398. Quem é o ministro da Ordem?
O ministro da Ordem é o Bispo, que dá o Espírito Santo e o poder sagrado, impondo as mãos e entregando os objetos sagrados próprios da Ordem, dizendo as palavras da forma prescrita.

399. Por que o sacramento que torna os ministros de Deus é chamado de Ordem?
O sacramento que os ministros de Deus fazem é chamado de Ordem, porque inclui vários graus de ministros, um subordinado ao outro, dos quais resulta a sagrada Hierarquia.

400. Quais são os graus da Hierarquia sagrada?
Os graus da Hierarquia sagrada são: as Ordens Menores, o Subdiaconato e o Diaconato, que são preparatórios; o presbiterado ou sacerdócio que confere o poder de consagrar a Eucaristia e de perdoar pecados; e o Episcopado, plenitude do Sacerdócio, que confere a ordenação, o ensino e o governo dos fiéis.

401. A dignidade do sacerdócio é grande?
A dignidade do Sacerdócio é muito grande devido ao seu poder sobre o verdadeiro Corpo de Jesus Cristo que se torna presente na Eucaristia, e sobre o seu corpo místico, a Igreja que ele governa, com a sublime missão de conduzir os homens à santidade e a uma vida abençoada.

402. Qual deve ser o propósito daqueles que entram nas Ordens?
Quem entra nas Ordens deve ter por fim, apenas a glória de Deus e a saúde das almas.

403. Cada um pode entrar nas Ordens por sua própria vontade?
Ninguém pode entrar nas Ordens por vontade própria, mas deve ser chamado por Deus através do seu próprio Bispo, ou seja, deve ter a vocação, com as virtudes e atitudes para com o sagrado ministério que ela exige.

404. Qualquer um que entrar no sacerdócio sem vocação causaria danos?
Quem entra no sacerdócio sem vocação está muito mal; porque dificilmente poderia cumprir os deveres mais elevados, com perigo evidente de escândalos públicos e perdição eterna.

405. Quais são os deveres dos fiéis para com os chamados à Ordem?
Os fiéis têm o dever de deixar aos filhos e empregados plena liberdade para o seguimento vocacional; além disso, pedir a Deus por bons pastores e ministros, e jejuar para este fim nas quatro Têmporas; finalmente, para venerar os ordenados como pessoas sagradas para Deus.

Capítulo VIII - Matrimônio

406. O que é o "matrimônio"?
O matrimônio é o sacramento que une o homem e a mulher indissoluvelmente, como Jesus Cristo e a Igreja, sua noiva, estão unidos e lhes dá graça de viver juntos de maneira santa e educar as crianças de maneira cristã.

407. Quem é o Ministro do Casamento?
Os ministros do casamento são os cônjuges que o contraem.

408. Como o casamento é contraído?
O casamento é contraído mediante a manifestação de consentimento mútuo perante o pároco, ou um padre seu delegado, e pelo menos duas testemunhas.

409. O casamento religioso também produz efeitos civis no Brasil?
O casamento celebrado dessa forma não produz efeitos civis no Brasil.

410. Como o casamento assim celebrado não produz efeitos civis no Brasil?
O casamento assim celebrado não produz efeitos civis também no Brasil, a não ser que o contrato civil seja feito no momento da cerimônia.

411. Os cônjuges católicos podem realizar o casamento civil?
Os cônjuges católicos podem realizar o casamento no civil, para sua legitimidade perante o estado. A Igreja no Brasil pede que se faça para assegurar a provisão da família na falta do pai. Já aqueles que, por negligência, se casam somente no civil, são considerados pecadores públicos, não podendo receber os sacramentos, porque a Igreja não reconhece o contrato civil como uma outra forma do sacramento do Matrimônio.

412. Os cônjuges que contraem casamento devem estar na graça de Deus?
Os cônjuges ao contrair o casamento devem estar na graça de Deus, caso contrário cometem um sacrilégio.

413. Quais são os deveres dos cônjuges?
Os esposos têm o dever de viver juntos de maneira santa, de se ajudarem com afeto constante nas necessidades espirituais e temporais, e de educar bem seus filhos, cuidando da alma não menos que do corpo e formando-os antes de tudo na religião e na virtude com a palavra e com o exemplo.

Oremos

Que estes sacramentos, ó Senhor, nos purifiquem com sua poderosa virtude e nos tornem puros a Ti que és o seu autor (1). Senhor, a participação nos teus sacramentos salva-nos e confirma-nos à luz da tua verdade (2). Nós imploramos por seu Filho Jesus Cristo, etc.

(1) Da secreta do 1º Domingo do Advento.
(2) Da Postcommunio da Missa dos Santos Hipólito e Cassiano (12 de agosto)

Terceira Parte: Os Meios da Graça - Seção II: Oração ou Meio Impetrativo

Capítulo Único

> “Pedi e recebereis, buscai e vos será dado; bata, e a porta se abrirá para você. Lc, XI, 9. Em verdade, em verdade, eu lhe digo, tudo o que você pedir ao Pai em meu nome, ele vai conceder-lhe. Jo, XVI, 23”.

414. O que é oração?
A oração é uma piedosa elevação da alma a Deus para conhecê-lo bem, adorá-lo, agradecê-lo e perguntar-lhe o que é necessário.

415. De quantos tipos é a oração?
A oração é de dois tipos: mental e vocal.

416. O que é oração mental?
A oração mental é aquela que é feita com a mente e apenas com o coração: assim são a meditação das verdades cristãs e a contemplação.

417. O que é a oração vocal?
A oração vocal, mais comumente chamada de oração, é aquela feita com palavras acompanhadas da mente e do coração.

418. Como devemos orar?
Devemos orar refletindo que estamos na presença da infinita majestade de Deus e precisamos de sua misericórdia; portanto, devemos ser humildes, atenciosos e devotados.

419. É necessário orar?
É necessário orar, e orar com frequência, porque Deus o ordena e, normalmente, somente se oramos, Ele concede graças espirituais e temporais.

420. Por que Deus concede as graças que pedimos?
Deus concede as graças que pedimos, porque aquele que é o mais fiel prometeu ouvir-nos se lhe orarmos com confiança e perseverança em nome de Jesus Cristo.

421. Por que devemos orar a Deus em nome de Jesus Cristo?
Devemos orar a Deus em nome de Jesus Cristo, porque nossas orações e boas obras só têm valor dele, seu Filho e único Mediador entre Deus e os homens; portanto, a Igreja geralmente termina as orações com estas ou palavras equivalentes “por seu Filho Jesus Cristo, Nosso Senhor”.

422. Por que nem sempre somos respondidos em nossas orações?
Nem sempre somos atendidos em nossas orações, seja porque oramos mal, seja porque pedimos coisas que não são úteis para o nosso verdadeiro bem, isto é, para o bem espiritual.

423. O que devemos pedir a Deus?
Devemos pedir a Deus por sua glória, e por nós vida eterna e até graças temporais, como Jesus Cristo nos ensinou no Pai-Nosso.

424. O que é o "Pai-Nosso"?
O Pai-Nosso é a oração ensinada e recomendada por Jesus Cristo, que é, portanto, chamada de Oração Dominical ou Oração do Senhor, e é a mais excelente de todas.

425. Por que o " Pai-Nosso " é a oração mais excelente?
O Pai-Nosso é a oração mais excelente, porque veio da mente e do Coração de Jesus, e contém em sete breves petições o que devemos pedir a Deus como seus filhos e como irmãos entre nós.

426. O que devemos pedir como bons filhos de Deus?
Como bons filhos de Deus, devemos pedir que seu nome seja conhecido e honrado em todo o mundo e que seu reino, a Igreja seja difundido, e que sua santíssima vontade seja feita por todos: e isso é feito nas três primeiras petições.

427. Como irmãos entre nós, o que devemos pedir?
Como irmãos entre nós, devemos pedir o alimento corporal e espiritual, o perdão dos pecados, a defesa das tentações e a libertação do mal: e isso é pedido, para nós e para todos os homens, nas últimas quatro perguntas do Pai-Nosso.

428. Por que Jesus Cristo nos faz invocar a Deus como "nosso Pai"?
Jesus Cristo nos faz invocar Deus como nosso Pai para nos lembrar que Deus é verdadeiramente o pai de todos, especialmente de nós cristãos que, no Batismo, fomos por ele adoptados como seus filhos; e nos inspirar com grande amor por ele e confiança.

429. Se Deus escuta quem bem reza, por que invocamos também Nossa Senhora, os Anjos e os Santos?
Invoquemos também Nossa Senhora, os Anjos e os Santos para que, sendo queridos ao Senhor e compassivos para conosco, nos ajudem nas nossas questões com a sua poderosa intercessão.

430. Os Anjos, os Santos e Nossa Senhora, por que são intercessores poderosos junto a Deus?
Os Anjos e os Santos são intercessores poderosos junto a Deus, porque são servos fiéis, na verdade amigos favoritos; Nossa Senhora é muito poderosa, porque Mãe de Deus e cheia de graça, por isso a invocamos tantas vezes, especialmente porque ela nos foi deixada por Jesus Cristo como Mãe.

431. Com que oração especialmente invocamos Nossa Senhora?
Invocamos Nossa Senhora especialmente com a Ave-Maria ou Saudação Angélica, assim chamada, porque começa com a saudação que o Arcanjo Gabriel lhe deu anunciando que foi eleita Mãe de Deus.

432. O que pedimos a Nossa Senhora com a "Ave-Maria"?
Com a Ave Maria pedimos a Nossa Senhora a sua intercessão maternal por nós na vida e na morte.

433. A invocação de Nossa Senhora e dos Santos não demonstra desconfiança em Jesus Cristo, único Mediador, como se os seus méritos não bastassem para obter graças?
A invocação de Nossa Senhora e dos Santos não demonstra desconfiança em Jesus Cristo, único Mediador; pelo contrário, uma fé maior nos méritos d'Ele, tão grande e eficaz, que para eles, e só para eles, Nossa Senhora e Os santos têm de Deus a graça, os méritos e o poder de intercessão.

Oremos

Senhor, ensina-nos a orar (1).
Que a tua misericórdia, Senhor, esteja aberta às nossas orações e, para que nos conceda o que lhe pedimos, faça-nos sempre pedir o que quiser (2).
Ó Senhor Jesus Cristo, que no Getsêmani, por palavra e, portanto, por exemplo, nos ensinaste a rezar para vencer os perigos das tentações, concede graciosamente que nós, sempre empenhados na oração, mereçamos obter os seus abundantes frutos. Assim seja (3).

(1) Lc, XI, 1.
(2) Da oração do nono domingo após o Pentecostes.
(3) Oração pela Septuagésima terça-feira no apêndice do Missal.

Orações Diárias

Para Deus

De Manhã

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém. (1).
Eu te adoro, meu Deus, e te amo de todo o coração. Agradeço por ter me criado, me feito cristão e me preservado nesta noite. Eu ofereço a Vós as ações do dia: faça-as todas de acordo com a sua santa vontade para sua maior glória. Guarda-me do pecado e de todo o mal. Sua graça esteja sempre comigo e com todos os meus entes queridos.

Pai-Nosso, três Ave-Marias, Gloria, Credo, Atos de fé, esperança e caridade, Salve-Rainha, Santo Anjo. (1) Indulgência de 50 dias, e de 100 marcando-se com água benta.

De Noite

Eu te adoro, meu Deus, e te amo de todo o coração. Obrigado por ter me criado, me feito cristão e me preservado neste dia. Perdoe-me pelo mal que cometi hoje e, se fiz algo de bom, aceite. Mantenha-me em repouso e livreme do perigo. Sua graça esteja sempre comigo e com todos os que me são caros, Amém.

Pai-Nosso, três Ave-Marias, Gloria, Credo, Atos de fé, esperança e caridade, após um breve exame de consciência e um ato de contrição.

Para Nossa Senhora

O Anjo do Senhor anunciou à Maria.\ E ela concebeu do Espírito Santo. (Ave-Maria)\ Eis aqui a serva do senhor.\ Faça-se em mim segundo a Vossa palavra. (Ave-Maria).\ E o Verbo Divino se fez carne.\ E habitou entre nós. (Ave-Maria)\

Oremos: Infundi, Senhor, a tua graça em nossas almas, para que nós, que pelo anúncio do Anjo, conhecemos a Encarnação de Cristo, vosso Filho, sejamos conduzidos pelos méritos da sua Paixão e da sua Cruz, à glória da Ressurreição. Pelo mesmo Cristo, senhor Nosso. Amém.

Mistérios do Rosário

Gozosos: (seg, qui)

1. Anunciação do Anjo à Virgem Maria;
2. Visita da Virgem Maria à Santa Isabel;
3. Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo;
4. Apresentação de Jesus no Templo;
5. O encontro de Jesus no Templo.

Dolorosos: (ter, sex)

1. Agonia de Nosso Senhor Jesus Cristo no horto das Oliveiras;
2. Flagelação de Jesus atado à uma coluna;
3. Coroação de espinhos;
4. O caminho do Calvário de Jesus carregando a Cruz;
5. Crucificação e morte de Jesus.

Gloriosos: (qua, sáb, dom)

1. Ressureição de Jesus no terceiro dia;
2. Gloriosa ascensão de Jesus aos Céus;
3. 3. Descida do Espírito Santo sobre Maria e os Apóstolos;
4. Assunção de Nossa Senhora aos Céus;
5. Coroação de Nossa Senhora como rainha dos Céus e da Terra.

Indulgências

PARA AQUELES QUE ENSINAM OU APRENDEM A DOUTRINA CRISTÃ (Pio XI, 12 de março de 1930).

Indulgência plenária, duas vezes por mês, nos dias da sua escolha, nas condições habituais (confissão, comunhão, visita a alguma igreja ou oratório público, aí rezando segundo as intenções do Santo Pontífice), desde que se dediquem pelo menos duas vezes a mês para ensinar ou aprender a Doutrina Cristã por cerca de meia hora ou por não menos que vinte minutos.

Indulgência de cem dias, sempre que pelo referido espaço de tempo se dedicarem ao ensino ou aprendizagem da Doutrina Cristã.

CONTRA ERRORES GRAECORUM

- PARTE I
  - PRÓLOGO
  - CAPÍTULO 1: Como o Filho é entendido como relacionado ao Pai como algo causado à sua causa
  - CAPÍTULO 2: Como o Filho deve ser entendido como o segundo depois do Pai e o Espírito Santo como o terceiro.
  - CAPÍTULO 3: Como o Espírito Santo deve ser entendido como terceira luz
  - CAPÍTULO 4: Como a essência deve ser entendida como gerada no Filho e aspirada no Espírito Santo
  - CAPÍTULO 5: Como Jesus deve ser entendido como Filho da essência paterna
  - CAPÍTULO 6: Como as propriedades do Pai devem ser entendidas como próprias do Filho
  - CAPÍTULO 7: Como o Pai deve ser entendido como não necessitando nem do Filho nem do Espírito Santo para sua perfeição
  - CAPÍTULO 8: Como o Espírito Santo deve ser entendido como não gerado
  - CAPÍTULO 9: Como o Espírito Santo deve ser entendido como o meio entre Pai e Filho
  - CAPÍTULO 10: Como o Espírito Santo deve ser entendido como a imagem do Filho
  - CAPÍTULO 11: Como o Espírito Santo deve ser entendido no Pai como à sua imagem
  - CAPÍTULO 12: Como o Espírito Santo deve ser entendido como a palavra do Filho

- CAPÍTULO 13: Como pelo nome de Cristo deve ser entendido como o Espírito Santo
- CAPÍTULO 14: Como deve ser entendida a afirmação de que o Espírito Santo não envia o Filho
- CAPÍTULO 15: Como deve ser entendida a afirmação de que o Espírito Santo realmente opera através do Filho
- CAPÍTULO 16: Como Deus deve ser entendido como não habitando nos homens antes da encarnação de Cristo.
- CAPÍTULO 17: Como a essência divina deve ser entendida como concebida e nascida
- CAPÍTULO 18: Como a afirmação de que a divindade foi feita deve ser entendida
- CAPÍTULO 19: Como o Filho de Deus deve ser entendido como tendo assumido uma natureza humana em sua essência
- CAPÍTULO 20: Como deve ser entendida a afirmação de que um homem foi assumido
- CAPÍTULO 21: Como a afirmação "Deus fez o homem-Deus" deve ser entendida
- CAPÍTULO 22: Como a semelhança do primeiro pai deve ser entendida como apagada em Cristo
- CAPÍTULO 23: Como deve ser entendida a afirmação: a criatura não pode cooperar com o Criador
- CAPÍTULO 24: Como deve ser entendida a afirmação de que a criatura não pertence ao Criador
- CAPÍTULO 25: Como deve ser entendida nossa afirmação de que os anjos, por natureza, não são classificados em segundo e terceiro lugar
- CAPÍTULO 26: Como deve ser entendida a afirmação de que até mesmo os serafins aprendem com Paulo como professor
- CAPÍTULO 27: Como deve ser entendida a afirmação de que o sopro da vida que Deus soprou no rosto do homem não é a alma racional, mas o derramamento do Espírito Santo
- CAPÍTULO 28: Como entender a impossibilidade de não blasfemar para alguém que já blasfemou
- CAPÍTULO 29: Como entender a afirmação de que a fé não pode ser pregada

- CAPÍTULO 30: Como deve ser entendida a afirmação de que a fé não nos é ministrada por anjos
- CAPÍTULO 31: Como deve ser entendida a afirmação de que até mesmo o Novo Testamento é uma carta mortífera
- CAPÍTULO 32: Como a única definição do Concílio de Nicéia deve ser entendida como a única e verdadeira posse dos fiéis

- PARTE II
  - PRÓLOGO
  - CAPÍTULO 1: Que o Espírito Santo é o Espírito do Filho
  - CAPÍTULO 2: Que o Filho envia o Espírito Santo
  - CAPÍTULO 3: Que o Espírito Santo recebe daquilo que é do Filho
  - CAPÍTULO 4: Que o Filho opera através do Espírito Santo
  - CAPÍTULO 5: Que o Espírito Santo é a imagem do Filho
  - CAPÍTULO 6: Que ele é o caráter do Filho
  - CAPÍTULO 7: Que ele também é o selo do Filho
  - CAPÍTULO 8: Que o Espírito Santo vem do Pai por meio do Filho
  - CAPÍTULO 9: Que o Espírito Santo vem do Filho
  - CAPÍTULO 10: Que ele procede conjuntamente do Pai e do Filho
  - CAPÍTULO 11: Que ele é de ambos desde a eternidade
  - CAPÍTULO 12: Que o Espírito Santo é uma pessoa entre pessoas
  - CAPÍTULO 13: Que ele é também da essência do Pai e do Filho
  - CAPÍTULO 14: Que ele também é naturalmente do Filho
  - CAPÍTULO 15: Que o Filho também aspira o Espírito Santo
  - CAPÍTULO 16: Que o Filho aspira a partir de uma propriedade pessoal
  - CAPÍTULO 17: Que pelos mesmos motivos ele é aspirado pelo Pai e pelo Filho
  - CAPÍTULO 18: Que ele é aspirado pelo Filho eternamente
  - CAPÍTULO 19: Que o Espírito Santo é aspirado da essência do Filho
  - CAPÍTULO 20: Que o Espírito Santo emana do Filho
  - CAPÍTULO 21: Que o Espírito Santo flui do Filho e isto desde a eternidade
  - CAPÍTULO 22: Que o Filho também origina o Espírito Santo
  - CAPÍTULO 23: Que o Filho é o autor do Espírito Santo
  - CAPÍTULO 24: Que o Filho também é princípio do Espírito Santo
  - CAPÍTULO 25: Que o Filho também é fonte do Espírito Santo

- CAPÍTULO 26: A conclusão geral: que o Espírito procede do Filho
- CAPÍTULO 27: Que na pessoa divina fluir e proceder são o mesmo
- CAPÍTULO 28: Que para demonstrar a processão do Espírito Santo os Doutores Gregos e Latinos usam os mesmos argumentos
- CAPÍTULO 29: Que o Espírito Santo se distingue do Filho por ser dele
- CAPÍTULO 30: Que a distinção de pessoas deve ser de acordo com alguma ordem da natureza
- CAPÍTULO 31: Crer que o Espírito Santo vem do Filho é necessário para a salvação
- CAPÍTULO 32: Que o Pontífice Romano é o primeiro e o maior entre todos os bispos
- CAPÍTULO 33: Que o mesmo Pontífice tem jurisdição universal sobre toda a Igreja de Cristo
- CAPÍTULO 34: Que o mesmo possui na Igreja uma plenitude do poder
- CAPÍTULO 35: Que ele goza do mesmo poder conferido a Pedro por Cristo
- CAPÍTULO 36: Que a ele pertence o direito de decidir o que diz respeito à fé
- CAPÍTULO 37: Que ele é o superior dos outros patriarcas
- CAPÍTULO 38: Que estar sujeito ao Pontífice Romano é necessário para a salvação
- CAPÍTULO 39: Contra a posição daqueles que negam que o Sacramento possa ser confeccionado com pão ázimo sem fermento
- CAPÍTULO 40: Que existe um purgatório onde as almas são purificadas de pecados não purificados na vida presente
- EPÍLOGO

PARTE I

PARTE I

PRÓLOGO

O livro, Santíssimo Pai, Papa Urbano, o qual Vossa Excelência chamou a minha atenção [o *Libellus de fide SS. Trinitatis* de Nicolau de Durazzo, Bispo de Cotrone] eu estudei cuidadosamente e encontrei expresso nele muitas coisas úteis para a afirmação da nossa fé. Acredito, no entanto, que sua fertilidade para muitas pessoas poderia ser consideravelmente diminuída por causa de algumas declarações perplexas contidas em textos dos Santos Padres, e assim poderia proporcionar aos briguentos material e ocasião para calúnia. E assim, após eliminar toda ambiguidade das autoridades encontradas no livro acima mencionado para que o fruto mais puro da fé possa ser colhido, eu me propus primeiro a explicar o que parece perplexo nas autoridades acima mencionadas, e depois mostrar como, por meio delas, a verdade da fé católica pode ser ensinada e defendida.

Existem, em minha opinião, duas razões pelas quais algumas declarações dos antigos Padres gregos parecem duvidosas para os nossos contemporâneos. Primeiramente, porque uma vez que surgiram erros em relação à fé, os Santos Doutores da Igreja passaram a ser mais cautelosos na maneira como expunham pontos de fé, a fim de excluir esses erros. É claro, por exemplo, que os Doutores que viveram antes do erro de Ário não falavam tão expressamente sobre a unidade da essência divina como os Doutores que vieram depois. E o mesmo aconteceu em relação a outros erros. Isso é bastante evidente não apenas em relação aos Doutores em geral, mas em relação a um Doutor particularmente distinto, Agostinho. Pois nos livros que ele publicou após o surgimento da heresia pelagiana, ele falou com mais cautela sobre a liberdade da vontade humana do que havia feito em seus livros publicados antes do surgimento da referida heresia. Nestes trabalhos anteriores, enquanto defendia a vontade contra os maniqueus, ele fez certas declarações que os pelagianos, que rejeitavam a graça divina, usaram em apoio ao seu erro. Portanto, não é surpresa se, após o surgimento de vários erros, os professores contemporâneos da fé falem com mais cautela e seletividade para evitar qualquer tipo de heresia. Logo, se forem encontrados alguns pontos nas declarações dos Padres antigos que não são expressos com a cautela que os modernos consideram apropriada para observar, suas declarações não devem ser ridicularizadas ou rejeitadas; por outro lado, também não devem ser exageradas, mas interpretadas com reverência.

“Segundo, porque muitas coisas que soam bem em grego talvez não soem bem em latim. Assim, latinos e gregos professando a mesma fé o fazem usando palavras diferentes. Pois, entre os gregos, é dito corretamente e de maneira católica, que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três *hipóstases*. Mas para os latinos não soa bem dizer que há três *substâncias,* embora, numa base puramente verbal, o termo hipóstase em grego signifique o mesmo que o termo *substância* em latim. O fato é que, *substância* em latim é mais frequentemente usado para significar essência. E tanto nós quanto os gregos sustentamos que em Deus há apenas uma essência. Portanto, onde os gregos falam de três *hipóstases,* nós, latinos, falamos de três pessoas, como Agostinho no sétimo livro sobre a Trindade também ensina. E, sem dúvida, há muitos casos semelhantes.

Portanto, é tarefa do bom tradutor, ao traduzir material relacionado à fé católica, preservar o significado, mas adaptar o modo de expressão para que esteja em harmonia com o idioma para o qual está traduzindo. Pois, obviamente, quando algo dito de forma literária em latim é explicado na linguagem comum, a explicação será inadequada se for simplesmente palavra por palavra. Ainda mais, quando algo expresso em um idioma é traduzido meramente palavra por palavra para outro, não será surpresa se ocorrer perplexidade quanto ao significado do original.

PARTE I

CAPÍTULO 1: Como o Filho é entendido como relacionado ao Pai como algo causado à sua causa

A dúvida pode perturbar algumas pessoas ao descobrirem que em muitas passagens dessas autoridades o Pai é dito ser a causa do Filho, e o Pai e o Filho a causa do Espírito Santo. E isso ocorre primeiro nas palavras que se relata que Atanásio pronunciou no Concílio de Niceia: “O que o Filho tem do Pai, ele tem uma palavra do coração, como o brilho do sol, um riacho de sua fonte, ou um efeito de sua causa. Quem insulta ou nega o que é causado, certamente também nega sua causa. O Filho gerado que é causado diz: Aquele que me rejeita, rejeita aquele que me enviou” (Lc. 10:16). Em outro lugar, Atanásio diz: “O Espírito não é não originado, isto é, sem qualquer princípio ou causa, mas sim mostra-se ser verdadeiro Deus, originado, no entanto, não no tempo, mas da causa de verdadeira origem.” E Basílio diz: “O Espírito Santo, enviado pelo próprio Deus, tem uma causa.” E Teodoreto comentando sobre a Epístola aos Hebreus diz: “A causa do Filho é o Pai.”

Entre os latinos, no entanto, o Pai não é geralmente chamado de causa do Filho ou do Espírito Santo, mas apenas de seu princípio ou origem, por três razões.

Primeira, porque o Pai não pode ser entendido como uma causa do Filho na maneira de uma causa formal, material ou final, mas apenas como uma causa originária, isto é, uma causa eficiente. Mas descobrimos que uma causa eficiente é sempre diversa em essência daquela de que é causa. Portanto, para excluir a noção de que o Filho tem uma essência diversa da do Pai, não costumamos falar do Pai como causa do Filho, mas preferimos usar palavras que conotam origem juntamente com consubstancialidade, como fonte, cabeça e semelhantes.

Segunda, porque para nós causa e efeito são termos correlativos. Daí não dizemos que o Pai causa, para que alguém não tome isso como significando que o Filho foi feito. E mesmo entre os filósofos Deus é chamado de causa primeira; tudo o que é causado está incluído por eles no universo das criaturas. E assim, se pudesse ser dito que o Filho tem uma causa, ele poderia ser entendido como estando incluído no universo dos seres causados ou das criaturas.

Terceira, porque ao falar de Deus o homem não deve se afastar levianamente do modo escritural. A Sagrada Escritura, no entanto, chama o Pai de princípio (ou origem) do Verbo, como está claro

em João 1:1. “No princípio era o Verbo.” Em nenhum lugar diz que o Pai é uma causa ou que o Filho é causado. Portanto, como causa diz mais do que princípio, não presumimos dizer que o Pai é uma causa ou que o Filho é causado.

Nenhuma palavra, no entanto, que conote origem é mais adequadamente usada ao falar de Deus do que esta palavra princípio. Porque o que está em Deus é incompreensível e não pode ser definido por nós, ao falar de Deus usamos mais adequadamente termos gerais do que termos próprios: daí seu nome mais próprio é dito ser “Aquele que É”, que é como um termo mais geral, como é evidente em Êxodo 3:14. E como causa é mais geral do que elemento, assim princípio é mais geral do que causa. Portanto, ao falar de Deus usamos muito apropriadamente o termo princípio.

Isto não deve ser interpretado, no entanto, como se os santos mencionados que usaram termos como causa e causado quisessem implicar que as pessoas divinas não tinham a mesma natureza, ou que o Filho era uma criatura. Eles desejavam indicar apenas a origem das pessoas, como fazemos quando usamos o termo princípio. Daí Gregório de Nissa afirma: “Quando dizemos causa e causado, não queremos dizer com esses termos naturezas. Pois não empregamos esses termos como substitutos de essência ou natureza; ao contrário, ilustramos como precisamente Pai e Filho diferem, a saber, mostramos como o Filho não é gerado de ninguém.” Da mesma forma, Basílio diz: “Porque não gerado, o Espírito Santo, eu digo, não tem Pai; nem é uma criatura, porque não é criado, mas tem Deus como sua causa; Deus de quem ele é verdadeiramente o espírito, e de quem ele procede.”

CAPÍTULO 2: Como o Filho deve ser entendido como o segundo depois do Pai e o Espírito Santo como o terceiro.

Nas autoridades mencionadas acima, são encontrados trechos onde se diz que o Filho é o segundo em ordem a partir do Pai e o Espírito Santo o terceiro em ordem a partir do mesmo. Pois no discurso a Serapião, Atanásio diz: “O Espírito Santo é terceiro em ordem a partir do Pai, mas o Filho é o segundo.” Da mesma forma, Basílio diz: “Em dignidade e ordem, o Espírito é segundo a partir do Filho.”

Essas declarações podem parecer falsas para uma pessoa. Pois, como Agostinho diz, a única ordem existente entre as pessoas divinas é uma ordem, não de prioridade, pela qual uma vem antes da outra, mas de origem, pela qual uma é a partir da outra. Pois não há modo de prioridade em virtude do qual o Pai poderia ser dito ser anterior ao Filho. Pois o Pai não é anterior no tempo, já que o Filho é eterno; nem anterior na natureza, já que a mesma natureza pertence ao Pai e ao Filho; nem anterior em dignidade, já que Pai e Filho são iguais; nem mesmo anterior no entendimento, pois são distinguidos apenas por relações, e entidades relativas são entendidas simultaneamente, pois cada uma pertence ao entendimento da outra. E assim, é claro que propriamente falando, o Filho não pode ser dito ser segundo em ordem a partir do Pai e o Espírito Santo terceiro em ordem a partir do Pai.

Os Doutores mencionados acima, portanto, chamam o Filho de segundo e o Espírito Santo de terceiro de acordo com sua ordem numérica. Isso é claro a partir do próprio Basílio, que diz: “Recebemos o Espírito Santo do Pai e do Filho como o terceiro numerado e conglorificado, o Espírito do próprio Filho de Deus, que ao instituir a ordem do batismo salvífico disse: ‘Indo, batizai todos os homens em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’.” E Epifânio diz: “O Espírito de Deus que é do Pai e do Filho é nomeado como terceiro.”

Mas quando Basílio afirma que o Espírito é segundo a partir do Filho em dignidade, ele parece estar mais seriamente enganado, porque parece postular graus de dignidade na Trindade, enquanto todas as três pessoas são iguais em dignidade. Esta declaração, no entanto, pode ser explicada como referindo-se, não à dignidade natural, mas à dignidade pessoal em Deus, assim como dizemos que “uma pessoa é uma hipóstase em virtude de uma propriedade distinta que implica dignidade.” Hilário adota essa maneira de falar quando diz que o Pai é maior que o Filho por razão de autoridade de origem. Mas por razão da unidade na substância, o Filho não é, portanto, inferior ao Pai.

CAPÍTULO 3: Como o Espírito Santo deve ser entendido como terceira luz

Ainda mais caluniosa parece a inferência a ser tirada de um texto do bispo cipriota São Epifânio: “O Espírito Santo é o espírito da verdade, uma luz em terceiro lugar depois do Pai e do Filho.” Agora, onde há unidade, não há ordem de primeiro e terceiro. Mas Pai, Filho e Espírito Santo são uma luz, assim como são um Deus. Portanto, assim como os católicos não podem dizer que o Espírito Santo é um terceiro Deus distinto do Pai e do Filho, também não podem dizer que ele é uma terceira luz.

Ele é dito, no entanto, ser a terceira pessoa por causa da pluralidade de pessoas. Do fato, então, de ele falar de uma terceira luz, segue-se que há três luzes. Isto Epifânio expressamente afirma em uma passagem subsequente: “Todas as outras coisas são chamadas de luzes por razão de posição ou composição ou denominação, não sendo, no entanto, semelhantes a estas três luzes.”

Por outro lado, pode-se dizer em explicação que uma luz implica uma certa origem; pois a luz é o que se difunde de alguma fonte e por si mesma também pode difundir mais luz. Dessa forma, a palavra luz pode ser estendida para conotar propriedades pessoais em virtude da propriedade difusiva da luz, embora a luz por natureza pertença propriamente ao reino da essência. Observando isso, o referido Padre falou de uma terceira luz e três luzes em Deus. Mas essa afirmação não deve ser levada longe demais. Em vez disso, Pai, Filho e Espírito Santo devem simplesmente ser confessados como uma luz.

CAPÍTULO 4: Como a essência deve ser entendida como gerada no Filho e aspirada no Espírito Santo

Entre os ditos dos Pais mencionados acima encontra-se a afirmação de que a essência é gerada no Filho e aspirada no Espírito Santo. Pois Atanásio, em seu terceiro discurso sobre os Atos do Concílio de Niceia, falando na pessoa do Filho, diz: “Distribuo aos homens o teu Espírito juntamente com a essência divina gerada de ti.” E um pouco mais adiante: “Da tua essência que geraste em mim, eu dou o Espírito Santo a eles.” O mesmo Pai escreve em sua carta a Serapião: “O próprio Pai, mantendo em si mesmo sua essência de forma inefável, a gerou toda e inteira em seu Filho.” E novamente: “Assim como o Pai tem vida em si mesmo, ou seja, uma natureza vivificante, assim ele deu ao Filho ter vida em si mesmo, ou seja, ele gerou no Filho a mesma natureza que aspira um Espírito vivente.” Posteriormente, ele diz do Pai e do Filho “que a divindade é naturalmente uma que aspira um Espírito Santo.” Desses trechos, conclui-se que no Filho a natureza divina aspira o Espírito Santo.

Cirilo, em seu *Tesouro* contra os hereges, afirma: “O poder, incriado e gerado no Filho, pertence ao Filho segundo toda a modalidade da natureza do Filho.” E novamente: “O Pai dá vida ao Filho, ou seja, ele gerou sua vida natural no Filho.” E Basílio diz: “O próprio Filho que o Pai nos dá é Deus em essência gerado de Deus, tendo em si a totalidade da essência do Pai como gerado.” Atanásio igualmente afirma em sua carta a Serapião que a essência divina no Espírito Santo é aspirada. Ele diz: “O Espírito Santo é a verdadeira e natural imagem do Filho em virtude da essência totalmente aspirada nele pelo mesmo.”

Essa maneira de falar, no entanto, é altamente enganosa, e no Concílio [Quarto] de Latrão o ensino de Joaquim, que presumiu defendê-lo contra Mestre Pedro Lombardo, foi condenado. Na 5ª distinção do seu Primeiro Livro das *Sentenças* o mencionado Mestre Pedro mostra que a essência comum não gera, não é gerada e não procede; isso porque em Deus há um elemento comum indistinto e um que é distinto e não comum. Portanto, aquilo que é o fundamento da distinção em Deus não pode ser atribuído ao que é comum e indistinto, mas apenas ao que é distinto. Não há, no entanto, outro fundamento de distinção em Deus senão este: que uma pessoa gera, outra é gerada e outra procede. Portanto, gerar ou ser gerado ou proceder não pode ser atribuído à essência divina, que é comum e indistinta nas três pessoas. O que é distinto em Deus, no entanto,

é a pessoa ou hipóstase ou suposto da natureza divina, ou seja, o que possui a natureza divina. Assim, esses termos que significam ou podem representar uma pessoa recebem a predicação apropriada de geração ou de processão. Assim, esses termos: Pai, Filho e Espírito Santo, conotam pessoas específicas, enquanto este termo: pessoa, ou hipóstase, conota-os genericamente. Assim, é próprio dizer que o Pai gera o Filho, e que o Filho é gerado do Pai e que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho, e também que uma pessoa gera ou aspira uma pessoa, ou é gerada ou aspirada por uma pessoa.

O termo Deus, no entanto, porque significa a essência divina como existente concretamente—pois significa alguém que possui divindade—pode, portanto, por causa de seu modo de significar, representar uma pessoa e assim as seguintes formas de falar são corretamente permitidas: Deus gera Deus; Deus é gerado ou procede de Deus.

Mas os termos essência e divindade e qualquer outro que conote abstratamente não podem, por razão de seu modo de significar, significar ou representar uma pessoa. E assim, as propriedades pessoais não podem ser corretamente predicadas da essência ou da divindade, por exemplo, a essência gera ou é gerada. Alguns desses termos, no entanto, estão mais intimamente ligados ao pessoal, na medida em que significam princípios de atos próprios das pessoas, e.g., luz, sabedoria, bondade e semelhantes. Assim, é menos inadequado predicar propriedades pessoais de tais, por exemplo, o Filho é luz de luz ou sabedoria de sabedoria. Mas a frase: essência de essência, implica maior dificuldade.

Embora o modo de significar seja diverso no caso dos termos Deus e divindade, a realidade a que se referem é absolutamente a mesma. E, portanto, assim como por razão dessa realidade idêntica um é predicado do outro, como quando Deus é chamado a divindade, ou uma pessoa divina ou o Pai a essência divina, também de vez em quando os santos usaram os termos de forma intercambiável, afirmando, por exemplo, que a essência divina gera porque o Pai que é a essência divina gera, ou que a essência é da essência porque o Filho que é a essência é do Pai que é a mesma essência divina. Cirilo, em seu *Tesouro*, diz: “O Pai, vivendo de si mesmo por sua própria vida e verdadeiramente existindo por sua própria essência, ao gerar o Filho como de uma raiz verdadeira, dá-lhe naturalmente sua própria vida e essência naturais.” Portanto, quando se afirma que o Pai gera sua própria natureza no Filho, isso deve ser interpretado como significando que pela geração ele dá sua própria natureza ao Filho, como no texto de Cirilo citado acima.

CAPÍTULO 5: Como Jesus deve ser entendido como Filho da essência paterna

A partir disso, fica claro como deve ser interpretado o que no mesmo trabalho Cirilo é levado a dizer: “Como, então, será Jesus, o Filho, um produto da essência do Pai?” Pois ele não é chamado Filho da essência do Pai como se fosse gerado pela essência do Pai, mas como se recebesse pela geração a essência do Pai. E é assim que todas as declarações semelhantes devem ser interpretadas, como, por exemplo, o Filho e o Espírito Santo são ditos procederem pela essência na medida em que, ao proceder, recebem a essência do Pai.

CAPÍTULO 6: Como as propriedades do Pai devem ser entendidas como próprias do Filho

Outra declaração de Cirilo no mesmo *Thesaurus* poderia ser considerada duvidosa. “Tudo o que é por natureza próprio do Pai é também próprio do Filho.” Pois isso poderia referir-se aos atributos essenciais, que não são próprios nem do Pai nem do Filho, mas são comuns a ambos; ou poderia referir-se aos atributos pessoais, e assim aqueles que são próprios do Pai não são próprios do Filho, como por exemplo a inascibilidade e a paternidade pertencem apenas ao Pai e de modo algum ao Filho.

É claro, no entanto, por suas afirmações anteriores que ele está falando de atributos essenciais. Pois ele toma como premissa que: “Tudo o que por natureza pertence ao Pai pertence também ao Filho,” tais como vida, verdade, luz e semelhantes. Estes são ditos, no entanto, serem próprios do Pai não em relação ao Filho, e próprios do Filho não em relação ao Pai, mas a ambos em relação às criaturas, às quais em contraste com Deus os mencionados não pertencem propriamente. Ou podem ser ditos próprios de cada pessoa, não como pertencentes exclusivamente a ela, mas como pertencentes a ela em si mesma.

CAPÍTULO 7: Como o Pai deve ser entendido como não necessitando nem do Filho nem do Espírito Santo para sua perfeição

Uma dificuldade adicional surge de uma passagem de Atanásio em sua carta a Serapião, a saber, que o Pai “existindo plena e perfeitamente como Deus em si mesmo e por si mesmo, sem necessidade de ninguém, não precisa nem do Filho nem do Espírito Santo”. Que o Pai não tem necessidade de nada é indiscutível; da mesma forma, nem o Filho nem o Espírito Santo carecem de nada. Estar em necessidade, no sentido próprio do termo, é carecer de algo que pertence à perfeição de alguém; e estar em necessidade nesse sentido não pode ser dito do Pai, nem do Filho, nem do Espírito Santo.

No entanto, o Pai não poderia ser perfeito a menos que tivesse um Filho, porque o Pai não existiria sem o Filho nem Deus seria perfeito, a menos que tivesse uma Palavra e a menos que tivesse o sopro da vida, como o mesmo Atanásio diz em seu terceiro discurso sobre os Atos do Concílio de Niceia. Falando dos arianos que negavam que o Filho e o Espírito Santo são consubstanciais com o Pai, ele diz: “Eles descrevem como estéril e infrutífera a natureza do Pai que deu a cada coisa sua natureza íntima capaz de se propagar. E eles fazem do Pai mudo e sem palavra, embora ele tenha dado a todas as criaturas racionais a faculdade de falar. Eles descrevem o Pai como morto e o privam de uma natureza viva,” na medida em que negam que o Espírito Santo é coessencial com o Pai. A partir disso, é claro que o Pai não seria Deus perfeito se não tivesse o Filho e o Espírito Santo. O mesmo Atanásio afirma em sua carta a Serapião que “o Pai não poderia criar a criatura exceto através de sua Palavra e não poderia comunicar-se através das criaturas que deveriam ser divinizadas exceto através da Palavra. E da mesma forma, nem o Filho poderia fazer isso exceto no Espírito Santo.”

É, portanto, comum ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo que nenhum deles esteja em necessidade. Da mesma forma, é comum a cada um deles que nenhum possa ser Deus perfeito sem os outros dois. Mas por essa razão, Atanásio diz especificamente do Pai que ele não precisa do Filho ou do

Espírito Santo porque ele não tem sua perfeição de outro, enquanto o Filho e o Espírito Santo têm sua perfeição do Pai. Assim, o mesmo Atanásio em sua carta a Serapião diz: “Nem por causa do Filho, nem por causa do Espírito Santo, o Pai existe como Deus perfeito e bem-aventurado. Nem ele tem qualquer fonte antes dele de quem ele seja, nem qualquer depois dele de quem derive qualquer coisa, ou seja, que seria do Filho ou do Espírito Santo.”

CAPÍTULO 8: Como o Espírito Santo deve ser entendido como não gerado

Também parece duvidoso um texto de Gregório Nazianzeno em seu sermão sobre a Epifania: “O Espírito Santo, como ele existe em Deus, procede de tal forma que ele é não gerado e não o Filho, um intermediário entre o não gerado e o gerado.” Agora, não parece que o Espírito Santo possa ser dito como não gerado. Pois Hilário em seu livro sobre os Sínodos afirma que se alguém diz que há dois não gerados, ele afirma que há dois deuses. Da mesma forma, Atanásio diz em sua carta a Serapião que “o Espírito Santo não é não gerado, porque a Igreja Católica reunida em Niceia atribuiu correta e fielmente ao Pai sozinho a propriedade de ser sem origem e não gerado, e ordenou que isso fosse acreditado apenas do Pai e pregado ao mundo inteiro sob pena de anátema.”

Deve-se notar, no entanto, que não gerado pode ser tomado em dois sentidos. Em um sentido, conota aquele que é sem princípio, e nesse sentido aplica-se apenas ao Pai, como está claro nas palavras de Atanásio. No outro sentido, significa aquele que, embora tenha um princípio, não é gerado; e nesse sentido, não apenas Gregório Nazianzeno na passagem citada acima, mas também Jerônimo em suas regras para definições contra hereges diz que o Espírito Santo é não gerado.

CAPÍTULO 9: Como o Espírito Santo deve ser entendido como o meio entre Pai e Filho

Há outra dúvida na passagem de Gregório citada acima (capítulo 8) onde ele diz que “o Espírito Santo é um meio entre o não gerado e o gerado,” ou seja, entre Pai e Filho, enquanto ele deveria ser chamado de terceiro ou terceira pessoa na Trindade, como notado anteriormente (capítulo 2).

Mas é de se observar que ele não é chamado de meio devido à numeração correspondente à ordem de origem. Pois nesta ordem o Filho é um meio entre Pai e Espírito Santo. Mas o Espírito Santo é dito ser um meio no sentido de um elo comum entre Pai e Filho, pois ele é o amor comum do Pai e do Filho. Uma interpretação semelhante deve ser dada à afirmação de Epifânio em seu livro sobre a Trindade de que “o Espírito Santo está no meio do Pai e do Filho.”

PARTE I

CAPÍTULO 10: Como o Espírito Santo deve ser entendido como a imagem do Filho

Da mesma forma, em muitas passagens desses autores, o Espírito Santo é dito ser a imagem do Filho, como Atanásio diz em seu terceiro discurso sobre o Concílio de Niceia: “O Espírito Santo é dito ser e é a verdade deificadora e vivificadora do Pai e do Filho, a imagem do Filho, sustentando-o em essência em si mesmo, por natureza representando-o, assim como o Filho é a imagem do Pai.” E em sua carta a Serapião: “O Espírito Santo naturalmente contém o Filho dentro de si como sua verdadeira e natural imagem.” E Basílio: “O Espírito Santo é chamado de dedo, sopro, unção, brisa, mente de Cristo, processão, produção, missão, emanação, efusão, calor, esplendor, imagem, marca, verdadeiro Deus.” E em outro lugar: “O Espírito Santo existe como verdadeira potência emanando do Pai e do Filho e como a imagem natural do Pai e do Filho, representando naturalmente ambos para nós.”

Entre os latinos, no entanto, o Espírito Santo não é normalmente chamado de imagem do Pai ou do Filho. Pois Agostinho, no sexto capítulo sobre a Trindade, diz que “somente o Filho é chamado de Verbo”, e que “somente o Filho é a imagem do Pai, assim como só ele é Filho.” Ricardo de São Vítor, em seu livro sobre a Trindade também dá uma razão pela qual o Espírito Santo, embora semelhante ao Pai em natureza, assim como o Filho, não é um com ele em qualquer propriedade relativa, como o Filho é com o Pai ao espirar ativamente o Espírito Santo.

Alguns, no entanto, atribuem como razão pela qual o Espírito Santo não pode ser chamado de imagem o fato de que isso o tornaria a imagem de duas pessoas, ou seja, do Pai e do Filho, uma vez que ele procede de ambos. Mas ser a única imagem de duas pessoas é impossível. E também pela autoridade das Escrituras Sagradas, que é proibido contradizer ao tratar de Deus, o Filho é explicitamente chamado de imagem do Pai. Pois a Epístola aos Colossenses (1:13) diz: “Ele nos transferiu para o reino de seu Filho amado, em quem temos redenção, o perdão dos pecados: ele é a imagem do Deus invisível”, e na Epístola aos Hebreus (1:3) é afirmado do Filho: “Ele reflete a glória de Deus e carrega o próprio selo de sua natureza.”

Deve-se lembrar, no entanto, que os santos gregos oferecem dois textos das Escrituras Sagradas como prova de que o Espírito Santo é a imagem do Filho. Pois a Epístola aos Romanos (8:29)

afirma: “Aqueles que ele conheceu de antemão, ele também predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho.”; e a imagem do Filho parece ser ninguém menos que o Espírito Santo. Segundo, a Primeira Epístola aos Coríntios (15:49) diz: “Assim como trouxemos a imagem do terreno, devemos também trazer a semelhança do celestial”, isto é, de Cristo.

Por essa imagem, eles entendem o Espírito Santo, embora nessas passagens o Espírito Santo não seja expressamente chamado de imagem. Pode-se também interpretar que os homens são conformados à imagem do Filho, ou que eles trazem a imagem de Cristo, na medida em que esses homens santos são, por dons de graça, aperfeiçoados para serem semelhantes a Cristo, como o Apóstolo diz em 2 Coríntios 3:18: “Mas todos nós, com faces descobertas, refletindo como em um espelho a glória do Senhor, estamos sendo transformados na própria imagem dele de glória em glória, como pelo Espírito do Senhor.” Pois ele não afirma aqui que a imagem é o Espírito de Cristo, mas algo do Espírito de Cristo existente em nós.

Mas porque seria presunçoso contradizer os textos explícitos de tão grandes Doutores. Podemos dizer que o Espírito Santo é a imagem do Pai e do Filho, desde que a imagem seja entendida como derivada de outro e portadora de sua semelhança. Se, no entanto, imagem for entendida como algo que deriva seu ser de outro e, por razão dessa origem, portando a semelhança daquele de quem tem o ser na medida em que é daquele outro, como um Filho gerado ou um Verbo concebido, então o termo aplica-se somente ao Filho. Pois é distintivo de um filho possuir a mesma natureza que seu pai, qualquer que seja a natureza envolvida. Da mesma forma, é distintivo de um verbo se assemelhar àquilo que é expresso pelo verbo, qualquer que seja o verbo. Mas não é próprio da natureza de um espírito ou de um amor ser a semelhança em todas as coisas daquele a quem pertence. Tal semelhança, no entanto, é de fato verificada no Espírito de Deus por causa daquela unidade e simplicidade da essência divina, de onde o que quer que esteja em Deus deve ser Deus.

Nem o fato de que o Espírito Santo não compartilha com o Pai alguma propriedade pessoal é uma razão para recusar falar dele como uma imagem. Pois a semelhança e a igualdade das pessoas divinas não se baseiam no que é próprio a cada uma, mas nos atributos essenciais. Nem deve a desigualdade ou a dessemelhança ser atribuída a Deus com base em diferentes propriedades pessoais, como diz Agostinho em seu livro contra Máximo. Pois quando se diz que o Filho é gerado do Pai, “não se indica desigualdade de substância, mas ordem de natureza.” Da mesma forma, também, não surge dificuldade do fato de que o Espírito Santo é de duas pessoas; pois ele é de dois na medida em que são um, já que Pai e Filho são o único princípio do Espírito Santo.

CAPÍTULO 11: Como o Espírito Santo deve ser entendido no Pai como à sua imagem

Uma dificuldade ainda maior surge do que Atanásio diz em sua carta a Serapião: “O Filho está em seu Pai como em sua própria imagem.” Na verdade, o Pai não é a imagem do Filho, mas é o Filho que é a imagem do Pai.

Mas deve-se observar que aqui imagem é usada impropriamente no sentido de exemplar; pois assim é às vezes usada menos corretamente.

CAPÍTULO 12: Como o Espírito Santo deve ser entendido como a palavra do Filho

O que Basílio diz no terceiro discurso sobre o Espírito Santo contra Eunômio parece ser falso: “Como o Filho está relacionado ao Pai, assim o Espírito Santo está relacionado ao Filho. E é por isso que o Filho é a Palavra do Pai, e o Espírito Santo é a Palavra do Filho: sustentando o universo, diz o Apóstolo (Heb. 1:3), pela palavra do seu poder.” Pois, como Agostinho diz no livro sobre a Trindade, apenas o Filho é a Palavra. É por isso que João também chama o Filho de Palavra. Pois, no início de seu Evangelho, ele diz: “No princípio era a Palavra” (Jo 1:1). Ele também afirma em sua primeira Epístola (5:7): “Há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo.” Não faz diferença se alguém traduz: Eloquência, em vez de Palavra. Pois aquilo que se pronuncia é sua palavra. Portanto, assim como o Filho é a única Palavra na Divindade, ele também é a única Eloquência.

Mas deve-se notar que às vezes por palavra de Deus entende-se um discurso divinamente inspirado e proferido. É assim que Basílio entende o termo quando diz que o Espírito Santo é efetivamente a palavra ou eloquência do Filho, na medida em que os santos inspirados pelo Espírito Santo falaram do Filho de acordo com o que é dito no Evangelho de João sobre o Espírito Santo (16:13): “O que ele ouvir, ele falará.” Que esta é a mente de Basílio fica claro pelo que ele acrescenta mais tarde: “Dele vem a eloquência do Filho para Deus.” Pois a própria palavra de fé proferida pelos santos é obviamente chamada de espada do Espírito.

CAPÍTULO 13: Como pelo nome de Cristo deve ser entendido como o Espírito Santo

Parece duvidoso o trecho de Cirilo em seu *Tesouro* onde ele diz que, às vezes, pelo título Cristo se entende o Espírito Santo. Ele afirma: “O Apóstolo pelo nome de Cristo chama o Espírito Santo de Cristo; pois ele diz: Cristo está em vós, embora vossos corpos estejam mortos, etc. (Rom. 8:10), e um pouco mais adiante: “O Espírito Santo, operando em nome de Cristo e representando Cristo em si mesmo, é dito receber o nome de Cristo e ser chamado de Cristo pelo Apóstolo.”

Atribuir, no entanto, o nome de uma pessoa a outra parece incompatível com a distinção entre as pessoas. Pois, assim como o Pai nunca é chamado de Filho, e vice-versa, assim o Filho nunca é chamado de Espírito Santo, e vice-versa. Portanto, o termo Cristo nunca pode ser predicado do Espírito Santo; nem pode representar o Espírito Santo.

Mas deve-se observar que este Pai não diz que o Espírito é chamado de Cristo ou recebe o nome de Cristo, como se Cristo fosse predicado do Espírito Santo ou vice-versa, pois isso lembraria o ímpio Sabelianismo; mas o Espírito Santo é entendido como incluído no termo Cristo por razão de concomitância, assim como onde quer que o Pai esteja presente, lá está o Filho. Portanto, o mesmo Pai interpõe: “O pregador da verdade”, ou seja, o Apóstolo, “negou a distinção de pessoas, como fez Sabélio? Não. Ao contrário, ele se esforçou para mostrar à Igreja que o Espírito Santo tem a mesma natureza que o Filho.”

CAPÍTULO 14: Como deve ser entendida a afirmação de que o Espírito Santo não envia o Filho

Igualmente perplexo é um teste de Atanásio em seu terceiro discurso sobre o Concílio de Nicéia. Falando dos arianos, ele diz: “O Espírito não, como essas pessoas distantes da graça do Evangelho e privadas de Deus, o Espírito afirma, gratifica o Filho e o envia. Eles baseiam sua opinião em dois textos; E agora o Senhor e o seu Espírito me enviaram; e: O Espírito do Senhor está sobre mim.” Agora, isso parece contradizer o que Agostinho diz em seu livro sobre a Trindade que o Filho foi enviado pelo Espírito Santo, provando isso pelas próprias autoridades citadas. Além disso, ele prova que Cristo foi enviado não apenas pelo Espírito Santo, mas também por si mesmo, porque foi enviado por toda a Trindade.

Mas é de observar que, na missão de uma pessoa divina, podem ser considerados dois aspectos: primeiro, a autoridade da pessoa que envia em relação à pessoa enviada; e segundo, o efeito na criatura para o qual se diz que a pessoa divina é enviada. Pois, uma vez que as pessoas divinas estão em toda parte por essência, presença e poder, diz-se que uma pessoa divina é enviada na medida em que de alguma forma nova, através de algum novo efeito, ela começa a estar presente em uma criatura. Assim, o Filho é dito ser enviado ao mundo na medida em que ele começa a estar no mundo de uma nova maneira através da carne visível que ele assumiu, como o Apóstolo diz em Gálatas (4:4): “Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a lei.” Ele também é dito ser enviado espiritualmente e invisivelmente a alguém na medida em que começa a habitar nele através do dom da sabedoria. É sobre isso que o Livro da Sabedoria fala: “Envia-a, ou seja, a sabedoria, do trono da tua glória para que ela esteja comigo e trabalhe comigo” (9:10). Da mesma forma, o Espírito Santo também é dito ser enviado a alguém na medida em que começa a habitar nele através do dom da caridade, de acordo com Romanos (5:5): “O amor de Deus foi derramado em nossos corações através do Espírito Santo que nos foi dado.”

Se, portanto, na missão de uma pessoa divina for considerada a autoridade da pessoa que envia em relação à pessoa enviada, somente aquela pessoa da qual outra procede pode enviar a outra. Assim, o Pai envia o Filho, e o Filho envia o Espírito Santo, mas não o Espírito Santo o Filho; e é nesse sentido que Atanásio fala. Mas, se na missão de uma pessoa divina for considerado o efeito para o qual a pessoa é dita ser enviada, então pode-se dizer que a pessoa é enviada por toda a

Trindade, já que o efeito é comum a toda a Trindade. (Pois toda a Trindade produziu a carne de Cristo e produz sabedoria e caridade nos santos). Desta forma, Agostinho entende a questão.

Deve-se ter em mente, no entanto, que embora de acordo com Agostinho uma pessoa divina possa às vezes ser dita ser enviada por uma pessoa da qual ela não procede, não se pode dizer de uma pessoa que não procede de outra que ela é enviada. Agora, uma vez que o Pai é de ninguém, ele não pode ser enviado, embora ele habite no homem pelo novo dom da graça e possa ser dito vir a ele, de acordo com João (14:23): “Meu Pai o amará e viremos a ele e faremos nele nossa morada.” Portanto, para que uma pessoa seja enviada é necessário que ela proceda eternamente de outra pessoa; mas não é necessário que ela proceda eternamente daquela pessoa por quem ela é enviada. É suficiente que o efeito pelo qual ela é enviada proceda daquela pessoa. Digo isso de acordo com a maneira como Agostinho fala de missão.

Mas de acordo com os gregos, uma pessoa não é enviada exceto por aquela pessoa de quem ela procede eternamente; daí que o Filho não é enviado pelo Espírito Santo exceto talvez na medida em que ele é homem. Por essa razão, Basílio explica as autoridades acima mencionadas no sentido de que por Espírito se entende o Pai na medida em que Espírito conota a essência divina, como no Evangelho de João (4:24): “Deus é espírito”; e assim Hilário explica isso em seu livro sobre a Trindade.

CAPÍTULO 15: Como deve ser entendida a afirmação de que o Espírito Santo realmente opera através do Filho

Outra dúvida surge de uma passagem de Basílio em seu livro contra Eunômio: “O Espírito Santo realmente opera através do Filho.” Isso, de fato, parece ser falso; pois uma pessoa divina é dita operar através da pessoa que procede dela, como o Pai é dito operar através do Filho, e não vice-versa.

Ao contrário, o Espírito Santo deve ser dito operar através do Filho de acordo com sua natureza humana, não de acordo com sua natureza divina.

CAPÍTULO 16: Como Deus deve ser entendido como não habitando nos homens antes da encarnação de Cristo.

Outra declaração que provoca dúvidas é de Atanásio para Serapião: “De acordo com a eleição antecipada do conselho divino, era impossível que a Igreja do Senhor recebesse diretamente uma forma invisível, incorpórea e sem vestes, mas o Senhor fez-se da mesma substância com a Igreja ao assumir sua forma para si mesmo.” Isso parece implicar que antes da encarnação de Cristo Deus não habitava no homem pela graça. Certos hereges afirmaram presunçosamente isso ao comentar o Evangelho de João (7:39): “Ainda não havia sido dado o Espírito, porque Jesus ainda não havia sido glorificado.”

Ambos os textos devem ser interpretados da mesma forma. Pois, assim como se diz que o Espírito Santo não foi dado anteriormente porque ainda não havia sido dado com a mesma plenitude que quando foi recebido pelos Apóstolos após a ressurreição de Cristo, assim a Igreja não foi capaz de receber o dom da graça com a mesma plenitude que, de acordo com a ordem divina, recebeu através da encarnação de Cristo, uma vez que a graça e a verdade, como João diz (1:17), vieram por meio de Jesus Cristo. Portanto, em seu discurso sobre o Concílio de Nicéia, Atanásio diz: “É realmente impossível que eles sejam consumados e perfeitos a menos que eu assuma um homem perfeito.” Isso deve ser entendido no sentido acima.

Lá, no entanto, foi adicionada a qualificação “de acordo com a eleição divina antecipada”, porque, embora fosse possível para Deus, por seu poder absoluto, conferir a perfeição da graça à raça humana de uma maneira diferente da encarnação de Cristo, não era possível, dada a ordem divina, que a raça humana adquirisse essa plenitude de graça de outra maneira.

CAPÍTULO 17: Como a essência divina deve ser entendida como concebida e nascida

Da mesma forma, são perturbadoras estas palavras de Atanásio em sua carta a Serapião: “A essência divina incriada foi concebida e nascida da Virgem Maria.” Agora, o Mestre diz em seu terceiro livro das *Sentenças*, dist. VIII, que o que não é gerado do Pai não é propriamente dito nascer da Mãe, para que alguma realidade, da qual o termo filiação não é predicado na ordem divina, não tenha tal predicação na ordem humana. Portanto, uma vez que a essência divina não é nascida do Pai, também não pode ser dita nascer da Mãe.

Mas é de se notar que, assim como a essência divina é dita de maneira imprópria gerar ou ser gerada por uma geração eterna na medida em que a essência representa a pessoa e, assim, é entendida como gerando, porque o Pai, que é a essência, gera, assim da mesma forma a essência divina é dita nascer da Virgem, porque o Filho de Deus, que é a essência divina, nasceu da Virgem.

CAPÍTULO 18: Como a afirmação de que a divindade foi feita deve ser entendida

Também surge dúvida de outra passagem de Atanásio na mesma carta: “A divindade feita homem conformou a Igreja a si mesma através de seu Espírito.” Agora, o Mestre na quinta distinção do terceiro livro das Sentenças afirma que não se deve dizer que a natureza divina se tornou carne, como é dito: O Verbo se fez carne. Pois a afirmação: O Verbo se fez carne, é feita porque o Verbo se fez homem. Portanto, não se deve dizer que a essência divina ou a divindade se fez homem.

Mas é de se observar que a divindade não é dita ter-se feito homem porque a natureza divina foi mudada em natureza humana, mas foi feita homem no sentido de que a natureza divina é dita ter assumido uma natureza humana na única pessoa, ou seja, do Verbo. Assim também diz o Damasceno que: “a natureza da divindade em uma de suas pessoas se encarnou,” ou seja, unida à carne.

Deve-se reconhecer, no entanto, que é em uma base diferente que o Verbo é dito ser homem e a divindade é dita ser homem. Pois quando se diz: O Verbo é homem, a predicação envolvida é via informação, porque a pessoa do Verbo subsiste em uma natureza humana. Mas, quando se diz: a divindade é homem, a predicação não é via informação, porque a natureza humana não informa a divina. Em vez disso, a predicação é via identidade, como quando se diz: a essência divina é o Pai, ou: a essência divina é o Filho; pois o homem representa a pessoa do Verbo quando se diz: a divindade é homem. E o mesmo é verdade quando se diz: a divindade se fez homem, porque a pessoa do Filho começou a se encarnar, um fato implícito pelo termo homem, mesmo que a pessoa do Filho não tenha começado a existir. Pois a divindade sempre foi Filho, mas não sempre homem.

CAPÍTULO 19: Como o Filho de Deus deve ser entendido como tendo assumido uma natureza humana em sua essência

Outra dúvida ocorre quando Atanásio diz do Filho de Deus em seu terceiro discurso sobre o Concílio de Niceia: “Em sua *ousia*, isto é, essência, ele assumiu de nós nossa natureza humana.” Como a assunção se encerra na união, e a união não se deu na natureza, mas na pessoa, parece, portanto, que a natureza humana não foi assumida na essência do Filho.

No entanto, essa maneira de falar deve ser descrita como imprecisa, e deve ser interpretada assim: Ele assumiu nossa natureza em sua essência de tal forma, a saber, que ela é unida em sua essência na unidade da pessoa.

CAPÍTULO 20: Como deve ser entendida a afirmação de que um homem foi assumido

Da mesma forma, é intrigante no mesmo discurso de Atanásio a afirmação de que o homem é assumido. Falando na pessoa do Filho, ele diz: “Tendo assumido o homem em sua totalidade, eu dei o Espírito Santo plena e perfeitamente aos homens.” E em sua carta a Serapião, ele afirma: “A unidade da Igreja é do Pai através do Filho no Espírito Santo, por meio do homem deificado e deificante, assumido pelo mesmo Filho.”

Deve-se notar, porém, que, como ninguém assume a si mesmo, aquele que assume deve ser distinto do que é assumido, o receptor do que é recebido. Se, portanto, o homem é dito ser assumido pelo Filho de Deus, o que é conotado pelo termo homem deve ser diverso do que é conotado no termo Filho de Deus. Pelo termo homem, entretanto, pode-se conotar ou uma pessoa humana completa, ou menos: um supósito humano que não goza de personalidade humana. Se, portanto, for dito que um homem é assumido, onde homem conota uma pessoa humana, seguirá que uma pessoa divina assumiu uma pessoa humana, e assim haverá duas pessoas em Cristo, o que é a heresia nestoriana. Agostinho, portanto, diz em seu livro *De fide ad Petrum* que “Deus, o Verbo, não tomou para si a pessoa de um homem, mas a natureza.”

Alguns, querendo evitar esse erro, disseram que, quando se diz que um homem é assumido pelo Verbo, pelo termo homem entende-se um supósito da natureza humana, a saber, este homem, mas não uma pessoa humana, porque ele não existe separadamente por si mesmo, mas está unido a alguém de maior dignidade, a saber, o Filho de Deus. E porque esse supósito humano, que é designado como assumido quando a frase: homem assumido, é usada, é distinto do supósito que é o Filho de Deus, eles afirmam que há dois supósitos em Cristo, mas não duas pessoas.

Mas, nessa visão, segue-se que essa proposição: o Filho de Deus é homem, não seria verdadeira. Pois é impossível que de duas coisas diferentes uma da outra como dois supósitos uma pudesse ser verdadeiramente predicada da outra. E, portanto, é comumente sustentado que há apenas um supósito conotado pelo termo homem e pelo termo Filho de Deus. Disso segue-se que a afirmação: o homem é assumido, é falsa ou imprecisa. Deve-se interpretar no sentido de: o Filho de Deus assumiu o homem, isto é, a natureza humana.

CAPÍTULO 21: Como a afirmação "Deus fez o homem-Deus" deve ser entendida

Outra dúvida surge a partir do que Atanásio diz na mesma carta: “O Filho de Deus, assumindo o homem em sua própria hipóstase para que pudesse conduzir o homem de volta a si, fez dele Deus, deificando-o.” E em seu terceiro discurso sobre o Concílio de Nicéia: “É impossível que eles sejam consumados a menos que eu assuma um homem perfeito e o deifique e o faça Deus comigo.” Com isso, é implícito que a proposição: o homem tornou-se Deus, é verdadeira.

Deve-se notar que as proposições: Deus se fez homem, e o homem se fez Deus, são igualmente verdadeiras de acordo com a opinião que afirma haver dois supósitos em Cristo, pois quando se diz: Deus se fez homem, desse ponto de vista, é que um supósito da natureza divina foi unido ao supósito da natureza humana: e, inversamente, quando se diz que o homem se fez Deus, o sentido é que um supósito da natureza humana foi unido ao Filho de Deus.

Mas se for mantido que em Cristo há apenas um supósito, então a afirmação: Deus se fez homem, é verdadeira no sentido próprio, porque aquele que era Deus desde a eternidade começou a ser homem no tempo. Falando propriamente, no entanto, esta proposição não é verdadeira: o homem se fez Deus, porque o supósito eterno conotado pelo termo homem sempre foi Deus. Portanto, as passagens de Atanásio devem ser explicadas assim: o homem se fez Deus, ou seja, passou a ser que o homem é Deus.

CAPÍTULO 22: Como a semelhança do primeiro pai deve ser entendida como apagada em Cristo

Também é duvidoso o que Atanásio na carta acima mencionada diz falando na pessoa de Cristo após a ressurreição: “Apagando em mim a semelhança com o primeiro pai, destruindo-a na vitória da cruz, sendo agora imortal faço de vocês os filhos adotivos do Pai.”

Agora, deve-se observar que uma pessoa pode possuir uma semelhança com o primeiro pai de três maneiras. Primeiro, em termos de semelhança na natureza, como em Gênesis (5:3): Quando Adão tinha cento e trinta anos, gerou um filho à sua semelhança. Segundo, em termos de pecado, como em 1 Cor. 15: Assim como trouxemos a imagem do homem terreno, também traremos a imagem do homem celestial. Terceiro, em termos de punição, como em Zacarias (13:5): Sou um lavrador, pois Adão tem sido meu modelo desde a juventude. Cristo assumiu a primeira semelhança com Adão ao assumir nossa natureza e nunca a deixou de lado; a segunda semelhança ele nunca teve; e a terceira ele assumiu, mas a deixou de lado na ressurreição, e é dessa terceira semelhança que Atanásio fala.

CAPÍTULO 23: Como deve ser entendida a afirmação: a criatura não pode cooperar com o Criador

Também é perplexo o que Atanásio diz em seu discurso sobre o Concílio de Niceia: “Ou deixem-nos dizer como a criatura coopera com o Criador.” Isso implica que a criatura não pode cooperar com o Criador. Isso parece falso, uma vez que os santos são chamados pelo Apóstolo de ajudantes e colaboradores de Deus.” (1 Cor. 3:9)

Deve-se ter em mente, no entanto, que algo é dito cooperar com outro de duas maneiras. Primeiro, porque trabalha em direção ao mesmo efeito, mas por um poder diferente, como um servo coopera com seu senhor, ou um instrumento com o artesão por quem é movido. Segundo, algo é dito cooperar com outro na medida em que realiza conjuntamente com o outro a mesma operação, como quando dois homens carregam uma única carga ou arrastam um barco.

Uma criatura, portanto, pode cooperar da primeira maneira com o Criador em relação aos efeitos que acontecem através da criatura, mas não em relação aos efeitos que são imediatamente de Deus, como a criação e a santificação. No entanto, uma criatura não coopera da segunda maneira com o Criador; apenas as três pessoas da Trindade cooperam dessa forma, pois a operação delas é única: não, entretanto, como se cada uma possuísse uma parte do poder pelo qual a operação é realizada, como é o caso de muitos homens arrastando um barco, pois assim o poder de cada um seria imperfeito; mas no sentido de que todo o poder suficiente para o efeito está em cada uma das três Pessoas.

CAPÍTULO 24: Como deve ser entendida a afirmação de que a criatura não pertence ao Criador

Também é duvidoso o que Basílio diz em seu livro contra Ário: “A criatura não pertence ao Criador.” Isso contradiz o que é dito em João (1:11): Ele veio para o que era seu.

Mas Gregório resolve essa dúvida em uma de suas homilias quando diz que a criatura pertence ao Criador em relação ao seu poder, mas é estrangeira a ele em relação à sua natureza, ou seja, existe de uma natureza diferente da de Deus.

CAPÍTULO 25: Como deve ser entendida nossa afirmação de que os anjos, por natureza, não são classificados em segundo e terceiro lugar

Outra dúvida decorre do que Basílio diz em seu livro contra Eunômio: “Dizemos que entre os anjos há uma hierarquia, um sendo príncipe e outro sujeito, mas não os classificamos como segundo ou terceiro por natureza.” Isso parece implicar que todos os anjos foram criados iguais por Deus, como Orígenes sustentava. Nós afirmamos, no entanto, que, assim como eles diferem nos dons de graça, também diferem nos atributos naturais.

A afirmação de Basílio sobre os anjos não serem classificados em segundo e terceiro por natureza, não deve, portanto, ser interpretada como significando que um é naturalmente mais perfeito que o outro, mas que todos compartilham uma natureza genericamente, embora não especificamente.

CAPÍTULO 26: Como deve ser entendida a afirmação de que até mesmo os serafins aprendem com Paulo como professor

Também é perplexo o que Cirilo diz em seu *Tesouro*, que “não só a razão humana é instruída por Paulo como professor, mas os mistérios ocultos do coração do Pai são revelados somente aos Serafins.” Isso parece significar que até mesmo para os anjos mais altos, o conhecimento vem dos homens. E a base para isso parece ser Efésios (3:8): A mim, o menor de todos os santos, me foi concedida esta graça, de anunciar aos pagãos as insondáveis riquezas de Cristo, para que, através da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida pelos principados e potestades nos lugares celestiais.

Mas Dionísio ensina o contrário no capítulo quatro da *Hierarquia Angelical*, onde ele mostra que o conhecimento das coisas divinas é recebido pelos anjos antes dos homens; e no capítulo sete do mesmo livro, ele diz que os Serafins são ensinados imediatamente por Deus. E Agostinho diz em seu comentário literal sobre Gênesis que “o mistério do Reino dos céus não estava oculto para os anjos, o mistério revelado a seu tempo para nossa salvação.”

E assim deve ser observado que, uma vez que os eventos futuros são conhecidos somente por Deus e não pelos anjos, embora, como Agostinho diz, os anjos conhecessem o mistério da nossa redenção desde o começo, eles não conheciam, portanto, algumas circunstâncias dessa redenção enquanto elas ainda estavam no futuro. Mas uma vez que essas circunstâncias se concretizaram, eles passaram a conhecê-las como conhecem outras coisas que realmente ocorrem. Assim, os mistérios divinos não devem ser entendidos como sendo revelados aos Serafins mais altos por Paulo no ato de ensinar, como se eles tivessem aprendido com Paulo, mas sim que, através da pregação de Paulo e dos outros apóstolos, foram realizados aqueles eventos que os anjos vieram a conhecer como realidade presente, mas que haviam permanecido desconhecidos para eles enquanto ainda estavam no futuro. E é isso que significam as palavras de Jerônimo quando ele diz que “os anjos não tinham um entendimento completo do mistério até que a paixão de Cristo fosse

consumada e a pregação dos Apóstolos se estendesse aos gentios.”

CAPÍTULO 27: Como deve ser entendida a afirmação de que o sopro da vida que Deus soprou no rosto do homem não é a alma racional, mas o derramamento do Espírito Santo

Outra dúvida surge da declaração de Cirilo de que “quando em Gênesis 1 Deus é dito ter soprado o sopro de vida no rosto do homem para que o homem se tornasse um ser vivente, não chamamos esse sopro de vida de alma. Pois se fosse a alma, a alma seria inalterável e não pecaria, porque seria da essência divina; antes, Moisés disse que o derramamento do Espírito Santo foi sobreposto à alma humana.

Isso é contrário à explicação de Agostinho que afirma que por esse sopro se entende a alma humana, e que mostra como, a partir disso, não se segue que ela seja da substância divina: pois é uma forma figurativa de falar, significando não que o Espírito Santo soprou como um corpo, mas apenas que ele fez o espírito, isto é, a alma, do nada. E mais, parece contrariar as declarações do Apóstolo que diz em 1 Coríntios 15 (45): “O primeiro Adão se tornou um ser vivente; o último Adão se tornou um espírito vivificante. Mas não é o espiritual que é primeiro, mas o físico, e depois o espiritual”. Aqui, a vida da alma é expressamente declarada como diferente da vida que vem através do Espírito Santo. Assim, aquele sopro pelo qual o homem se tornou um ser vivente não pode ser entendido como a graça do Espírito Santo.

Portanto, a explicação de Cirilo não pode ser descrita como literal, mas apenas alegórica.

CAPÍTULO 28: Como entender a impossibilidade de não blasfemar para alguém que já blasfemou

Surge outra dúvida a partir da declaração de Atanásio na carta a Serápion de que era impossível “para os arianos que haviam blasfemado não apenas uma vez, mas muitas vezes, não blasfemar.” Isso parece contrariar a liberdade da vontade.

Mas aqui, impossível deve ser entendido como equivalente a difícil, a dificuldade advinda do hábito, como Jeremias (13:23) diz: “Pode o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Então, também vocês podem fazer o bem, que estão acostumados a fazer o mal.”

CAPÍTULO 29: Como entender a afirmação de que a fé não pode ser pregada

Também é duvidosa a afirmação de Crisóstomo em seu sermão sobre a fé de que a fé “não pode ser pregada.”

Mas isso deve ser interpretado da seguinte forma: não pode ser completamente explicado através da pregação.

CAPÍTULO 30: Como deve ser entendida a afirmação de que a fé não nos é ministrada por anjos

Outra dificuldade gira em torno da afirmação de Atanásio de que “a fé não nos é dada nem pelos anjos nem por sinais e maravilhas,” enquanto em Hebreus 2:4 é dito que a fé foi proclamada, Deus dando testemunho por sinais e maravilhas.

Mas nossa fé deve ser entendida como derivando sua autoridade não dos anjos nem de quaisquer milagres realizados, mas da revelação do Pai através do Filho e do Espírito Santo; embora os anjos também tenham revelado alguns aspectos relacionados à nossa fé a certas pessoas, como Zacarias, Maria e José, e muitos milagres também foram realizados para fortalecer a fé.

CAPÍTULO 31: Como deve ser entendida a afirmação de que até mesmo o Novo Testamento é uma carta mortífera

Outra dificuldade surge de um texto de Atanásio na carta a Serápion: “Esta é uma carta mortífera: Desde o princípio e antes de todos os tempos eu fui criado, etc. (Eclesiástico 24:14), e ele adiciona muitas ilustrações do Antigo e do Novo Testamento. No entanto, a carta do Novo Testamento não parece ser mortífera; pois assim não seria diferente da carta do Antigo Testamento, sobre a qual 2 Coríntios 3:6 diz que a carta mata.

Mas uma formulação correta deve dizer que nem a carta do Novo Testamento nem a do Antigo matam, exceto ocasionalmente. A ocasião da morte é tomada por alguns em um duplo sentido. Em um sentido, na medida em que o texto sagrado é ocasião de erro, algo comum tanto à carta do Antigo quanto à do Novo Testamento; daí São Pedro diz em sua segunda carta (3:16) que nas cartas de São Paulo há algumas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis torcem para a própria destruição, por não entenderem as escrituras.

De outra forma, na medida em que os preceitos contidos nas Sagradas Escrituras se tornam ocasião para uma vida ruim, a concupiscência sendo intensificada por sua proibição quando a graça ajudadora não é concedida; e dessa forma a carta do Antigo Testamento é considerada mortífera, mas não a carta do Novo Testamento.

CAPÍTULO 32: Como a única definição do Concílio de Nicéia deve ser entendida como a única e verdadeira posse dos fiéis

Surge dúvida também a partir da mesma carta onde Atanásio afirma que “apenas a definição dos Pais do Conselho de Nicéia, discernida no espírito e não na letra, é a posse única e verdadeira dos ortodoxos.” Alguém poderia interpretar isso como implicando que a definição do referido Conselho tem maior autoridade do que a letra do Antigo Testamento, o que é absolutamente falso.

O texto, no entanto, deve ser lido no sentido de que através do referido Conselho o verdadeiro significado das Sagradas Escrituras é percebido, um significado que apenas os católicos possuem, embora a letra das Sagradas Escrituras seja comum a católicos, hereges e judeus.

PARTE II

PARTE II

PRÓLOGO

Após essas explicações, passamos agora a mostrar como, com base nas autoridades contidas no livro mencionado, a verdadeira fé é ensinada e defendida contra o erro. Deve-se ter em mente que o Filho de Deus apareceu precisamente para destruir as obras do diabo, conforme declarado em 1 João 3:8. Portanto, Ele exerceu e continua a exercer toda a sua energia na direção oposta para destruir a obra de Cristo. Inicialmente, Ele tentou fazer isso através de tiranos que infligiram a morte corporal aos ministros de Cristo; posteriormente, no entanto, através de hereges, por meio dos quais Ele causou a morte espiritual de muitos. Portanto, ao examinar cuidadosamente, os erros dos hereges parecem tendem principalmente a diminuir a dignidade de Cristo.

De fato, Ário diminuiu a dignidade de Cristo ao destruir a crença de que Ele era o Filho de Deus consubstancial com o Pai e ao afirmar que Ele era uma criatura. Macedônio, ao afirmar que o Espírito Santo é uma criatura, tirou do Filho a honra de espirar uma pessoa divina. Mani diminuiu a dignidade de Cristo quando afirmou que as coisas visíveis foram criadas por um deus maligno, negando assim que todas as coisas foram criadas através do Filho. Da mesma forma, Nestório destruiu o que pertencia a Cristo, pois, ao fazer de uma Pessoa em Cristo o filho do homem e outra o Filho de Deus, ele negou a unidade de Cristo. Da mesma forma, Eutiques, que ao afirmar que na encarnação de Cristo uma natureza foi formada a partir de duas, a saber, a divina e a humana, de fato privou-O de ambas as naturezas; pois o que é um composto de duas coisas não pode verdadeiramente ser dito como sendo nenhuma delas. Pelágio também dissolveu Cristo, pois ao dizer que não precisamos de graça para alcançar a salvação, tornou a vinda de Cristo sem sentido; pois, como declarado em João 1:17: A graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. Joviniano diminuiu a dignidade de Cristo quando disse que os casados eram iguais aos virgens, já que professamos que Cristo nasceu de uma Virgem. Vigilâncio diminuiu a dignidade de Cristo, ao atacar a pobreza abraçada por amor a Cristo, ele falou contra a perfeição que Cristo observou e ensinou. Portanto, é justamente observado em 1 João 4:3: Todo espírito que dissolve Jesus não é de Deus, mas é o Anticristo.

Assim, também, no presente alguns são descritos como dissolvendo Cristo ao diminuir Sua dignidade na medida em que isso está ao seu alcance. Ao dizer que o Espírito Santo não procede do Filho, eles diminuem Sua dignidade, uma vez que Ele, juntamente com o Pai, é o Espirador do Espírito Santo. Além disso, ao negar que há uma cabeça da Igreja, ou seja, a Santa Igreja Romana, eles claramente dissolvem a unidade do Corpo Místico; pois não pode haver um só corpo se não há uma só cabeça, nem uma só congregação se não há um só governante. Daí, João 10:16 diz: Haverá um só rebanho e um só pastor.

Ao negar que o sacramento do altar possa ser consagrado com pão ázimo, eles estão manifestamente em oposição a Cristo, que, como relatam os evangelistas, instituiu este sacramento no primeiro dia dos pães ázimos, quando era contra a lei haver pão fermentado nas casas dos judeus. Sua visão também parece diminuir a pureza do corpo sacramental de Cristo, ao

qual o Apóstolo exorta os fiéis em 1 Coríntios 5:8, dizendo: “Celebremos, portanto, a festa, não com o fermento antigo, o fermento da maldade e da malícia, mas com o pão ázimo da sinceridade e da verdade.” Ao negar o purgatório, eles também diminuem o poder deste sacramento, que é oferecido na Igreja tanto pelos vivos quanto pelos mortos; pois, se o purgatório não existe, não aproveita nada aos mortos; não pode beneficiá-los se estão no inferno, onde não há redenção; nem pode fazer-lhes bem se estão no céu, onde não precisam das nossas orações.

Como esses erros podem ser refutados usando as autoridades já citadas, demonstrarei brevemente, tratando primeiro da procissão do Espírito Santo.

PARTE II

CAPÍTULO 1: Que o Espírito Santo é o Espírito do Filho

O ponto de partida para qualquer demonstração de que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho deve ser o que aqueles que erram também não podem negar, a saber, que o Espírito Santo é o Espírito do Filho, já que isso é expressamente provado pela autoridade das Sagradas Escrituras.

Gálatas 4:6: "Porque vós sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, clamando: Abba, Pai." E Romanos 8:9: "Mas vós não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós; e, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele." Atos 16:7: "E, quando chegaram defronte de Mísia, tentaram ir para a Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu." E 1 Coríntios 2:16: "Porque quem conheceu a mente do Senhor, que o possa instruir? Mas nós temos a mente de Cristo." E do que o Apóstolo diz anteriormente, é claro que isso deve ser entendido como referindo-se ao Espírito Santo.

O Espírito Santo também é chamado de Espírito da verdade, como em João 15:26: Quando vier o Paráclito, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade. Ele também é chamado de Espírito da vida, como em Romanos 8:2: A lei do Espírito da vida em Cristo Jesus. Assim, quando o Filho diz de si mesmo: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (João 14:6), os doutores gregos concluem que este é o Espírito de Cristo. Eles argumentam de maneira semelhante a partir das palavras do Salmo (32:6): Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o seu exército, pelo sopro da sua boca. Pois o Filho também é chamado de boca do Pai assim como de Palavra.

Mas para que ninguém afirme que o Espírito que procede do Pai é diferente do Espírito do Filho, as Escrituras mostram que o mesmo Espírito Santo é do Pai e do Filho. Pois em João 15:11 ele é simultaneamente chamado Espírito da verdade e Espírito que procede do Pai. E em Romanos 8:9, depois de afirmar: Se o Espírito de Deus habita em vós, imediatamente acrescenta: Se alguém não tem o Espírito de Cristo, para indicar que o Espírito do Pai e do Filho é um e o mesmo. Daí Basilio, após citar estas palavras do Apóstolo, refuta Eunômio da seguinte maneira: “Eis que ele, a saber, o Apóstolo, viu no Pai e no Filho o mesmo Espírito tanto do Pai quanto do Filho.” E Teodoreto, explicando a mesma passagem em seu comentário sobre a carta aos Romanos, diz: “O Espírito Santo é comum ao Pai e ao Filho.”

A questão, então, a ser ponderada é como o Espírito Santo é o Espírito do Filho ou o Espírito de Cristo. Pode-se dizer que ele é o Espírito de Cristo na medida em que habitou plenamente no homem Cristo, como em Lucas 4:1: Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão, ou em João 1:16: E todos nós recebemos da sua plenitude. No entanto, essa solução não pode ser defendida quando considerada como a única razão pela qual o Espírito é chamado Espírito de Cristo.

Pois é mostrado pelos doutores gregos que o Espírito Santo é o Espírito natural do Filho. Atanásio diz em seu terceiro discurso sobre o Concílio de Niceia: “Assim como a nossa natureza vive divinamente em Cristo e Ele reina nela, assim em seu Espírito natural nós somos e vivemos e reinamos.” O mesmo Doutor acrescenta em sua carta a Serápion: “Vocês receberam o Espírito de adoção, isto é, o Espírito natural da natureza do Filho natural.” E Cirilo comenta sobre João: “O Filho de fato existe em seu próprio Gerador, tendo para si o único que o gera; e assim o Espírito do Pai verdadeiramente e naturalmente parece ser e é também o Espírito do Filho.” Mas o Espírito não é naturalmente de Cristo de acordo com sua humanidade, uma vez que ele não pertence ao homem por natureza, mas é derramado gratuitamente por Deus sobre a natureza humana; portanto, o Espírito não pode ser chamado Espírito do Filho apenas porque ele preencheu Cristo *par excellence* de acordo com sua humanidade.

Da mesma forma, Atanásio afirma em um sermão sobre a Encarnação do Verbo que: “O Cristo, enquanto Deus Filho, enviou o Espírito de cima, e como homem, ele recebeu o Espírito na terra. Portanto, dele, e para ele, ele (o Espírito) habita na humanidade do mesmo (Cristo) a partir de sua divindade.” Portanto, o Espírito Santo não é apenas o Espírito de Cristo porque ele preencheu sua humanidade, mas ainda mais porque ele procede de sua divindade.

Pode-se, no entanto, objetar que o Espírito Santo é do Filho de acordo com sua divindade na medida em que é dado e enviado pelo Filho de Deus, mas não como existindo do Filho pessoal e eternamente. Mas isso também não pode se sustentar após análise. Pois Cirilo, comentando sobre João, diz: “O Espírito Santo é propriamente o Espírito de Deus Pai, mas não é menos o Espírito de Deus Filho, não como dois Espíritos distintos.” Ele também diz em sua exortação ao Imperador Teodósio: “Assim como o Espírito Santo pertence ao Pai de quem procede, também verdadeiramente pertence ao seu Filho.” Portanto, se ele é do Pai, não apenas porque é dado e enviado por ele no tempo, mas também porque existe dele eternamente, do mesmo modo ele é o Espírito do Filho como existindo eternamente dele. Cirilo, comentando sobre João, igualmente diz: “O Espírito Santo existe como o mais verdadeiro fruto da essência do próprio Filho.” Portanto, ele é do Filho, por assim dizer, tendo sua essência do Filho.

Portanto, está claro que, uma vez que confessam o Espírito Santo como o Espírito de Cristo, devem também reconhecer que ele é do Filho eternamente.

PARTE II

CAPÍTULO 2: Que o Filho envia o Espírito Santo

Também é evidente pela autoridade das Sagradas Escrituras que o Filho envia o Espírito Santo. Pois em João 15:26 está escrito: Quando vier o Paráclito, que eu vos enviarei, e em João 16:7: Se eu não for, o Paráclito não virá a vós; mas se eu for, eu vo-lo enviarei. Pela autoridade das Escrituras (João 14:16) também é certo que o Pai dá o Espírito Santo: Eu pedirei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito. Mas que o Filho dá o mesmo Espírito Santo é claro em João 20:22, pois lá está dito que, após a ressurreição, o Senhor soprou sobre os discípulos e lhes disse: Recebei o Espírito Santo. Atanásio confessa o mesmo em seu discurso sobre o Concílio de Niceia: “Como serão consumados a menos que eu, a tua Palavra, seja consumado”, isto é, assuma um homem perfeito, “e a humanidade perfeita dentro de mim e lhes conceda o Espírito Santo, meu igual e em todas as coisas meu cooperador?” E o mesmo ponto na carta a Serápion: “Eu creio, ó santo co-sacerdote, que você recebeu este Espírito Santo do Filho.”

O mesmo Atanásio, além disso, na mesma carta diz: “Esta é a ordem da natureza divina do Pai no Filho, que aquele que não é de ninguém não deve ser enviado por ninguém, e aquele que é de outro não deve vir em seu próprio nome, mas em nome de quem dele ele existe. Assim, o Espírito Santo, que não é de si mesmo, não deve vir de si mesmo, mas em nome de quem ele é e de quem deriva seu status hipostático como Deus, razão pela qual o Filho diz dele (João 14:26): O Paráclito, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome.” Do fato de que o Espírito Santo é enviado pelo Filho, segue-se claramente que ele existe eternamente do Filho e deriva dele seu status como Deus.

Nicetas, comentando sobre João, igualmente diz: “O Pai não envia o Espírito Santo em virtude de uma propriedade diferente daquela pela qual o Filho o envia; nem o Filho envia o Espírito Santo em virtude de alguma propriedade pela qual o Pai não o envia.” Daí é claro que o Pai e o Filho enviam o Espírito Santo em virtude da mesma propriedade e com a mesma base. Se, portanto, o Pai envia o Espírito Santo como aquele que existe eternamente dele, da mesma forma o Filho enviará o Espírito Santo como aquele que eternamente existe dele.

Assim também, Atanásio em seu discurso sobre o Concílio de Niceia, falando na pessoa do Filho, diz: “Assim como me geraste Deus perfeito e me fizeste assumir um homem perfeito, assim de ti mesmo e da minha essência dá-lhes o perfeito Espírito Santo.” E em sua carta a Serápion: “Assim como na natureza do Filho de Deus que ele tomou de nós permanece unida a ele, assim também ele permanece em nós através de seu próprio Espírito coessencial com ele, que em virtude de sua essência ele espira de sua essência e nos dá.” E em seu sermão sobre a Encarnação do Verbo ele diz: “O Espírito Santo é dado aos discípulos a partir da plenitude da divindade.” Da mesma forma, Nicetas comentando sobre João diz: “Assim como o Pai, o Filho dá o Espírito de si mesmo.”

De tudo isso se conclui que o Espírito é dito ser dado ou enviado pelo Filho, não apenas na medida em que o dom da graça pelo qual o Espírito Santo habita em nós vem do Filho, mas na medida em que o Espírito Santo é do Filho. Pois é impossível que o dom da graça, sendo algo criado, seja da essência do Filho. Mas o Espírito Santo é coessencial com o Filho. Portanto, ele pode ser dado ou enviado a partir da essência do Filho.

Além disso, nada além do que pertence a alguém pode ser dado por outro. O Espírito Santo, portanto, é dado por aquele a quem ele pertence, como diz 1 João 4:3: "Nisto conhecemos que permanecemos nele e ele em nós, porque nos deu do seu próprio Espírito.” Se, portanto, o Filho envia ou dá o Espírito Santo, o Espírito deve ser dele. Do fato de ser seu Espírito, segue-se que o Espírito é dele eternamente, como foi mostrado. Deste fato, de que o Filho envia ou dá o Espírito Santo, segue-se que o Espírito também existe dele eternamente.

PARTE II

CAPÍTULO 3: Que o Espírito Santo recebe daquilo que é do Filho

Além disso, com base na autoridade das Escrituras Sagradas, é provado que o Espírito Santo recebe do que é do Filho. Pois em João 16:14, está dito: "Ele me glorificará, porque tomará do que é meu e vos anunciará."

Alguém pode objetar que, embora o Espírito Santo receba o que é do Filho, ele não o recebe do Filho; pois ele recebe a essência do Pai do Pai, uma essência idêntica à do Filho, e isso explicaria por que o Filho diz: "Ele tomará do que é meu." E as palavras do Senhor que se seguem (João 16:15) parecem sugerir isso, pois ele adiciona, quase em explicação de si mesmo: "Tudo o que o Pai tem é meu; portanto, eu disse que ele tomará do que é meu."

Mas, a partir desta explicação do Senhor, conclui-se necessariamente que o Espírito Santo recebe do Filho. Se tudo o que pertence ao Pai pertence ao Filho, então a autoridade pela qual o Pai é o princípio de onde o Espírito Santo procede também deve pertencer ao Filho. Assim, portanto, como o Espírito Santo recebe do Pai o que é do Pai, ele também recebe do Filho o que é do Filho.

É por isso que Atanásio diz em sua carta a Serapion: “Ensinando seus Apóstolos e sua Noiva, a Igreja, Cristo afirmou que, a partir de seu próprio ser, o Espírito Santo existe de si mesmo essencialmente como Deus, dizendo assim: 'Ele tomará do que é meu', ou seja, ele tem da minha essência a sua divindade, assim ele tem de mim existência e discurso.” E novamente em seu discurso sobre o Concílio de Nicéia: “Tudo o que o Espírito Santo tem, ele tem do Verbo de Deus.” E em sua carta a Serapion ele diz: “O Espírito Santo é coessencial com o Filho, pois dele ele tem tudo o que possui.” E, novamente, na mesma carta: “O Filho diz: 'Ele, a saber, o Espírito Santo, me glorificará', isto é, como ele tem em si mesmo a minha divindade a partir de mim, ele me provará como o Deus glorioso e justo, assim como eu glorifico meu Pai, isto é, como eu tenho em mim mesmo a sua divindade a partir dele.” E Basílio, escrevendo contra Eunômio, diz: “Um atributo passa do Pai para o Filho, de tal forma que o Filho, enquanto Deus, é Deus do Pai, Senhor do Senhor, Todo-Poderoso do Todo-Poderoso, Sabedoria do Sábio, Verbo do mais Alto Fala, Poder do Poder; o verdadeiro Filho tem os atributos do Pai em si mesmo. Da mesma forma, o Espírito Santo é Senhor e Deus, o Todo-Poderoso, Sabedoria, Poder, naturalmente tomando os atributos que possui do Senhor Deus, Pai e Filho, de quem ele é e por quem ele é dado.”

É claro, no entanto, que pelo fato de o Filho ter a divindade e tudo o que possui do Pai, ele é eternamente do Pai. Portanto, o Espírito Santo é eternamente do Pai e do Filho, recebendo deles a divindade e tudo o que possui.

PARTE II

CAPÍTULO 4: Que o Filho opera através do Espírito Santo

Também está estabelecido pela autoridade das Sagradas Escrituras que o Filho age no Espírito Santo ou através do Espírito Santo. Os Apóstolos em Romanos 15:18 dizem: Pois não me atrevo a falar de coisa alguma, senão do que Cristo realizou por meio de mim, para levar à obediência os gentios, por palavra e por obra, pela potência de sinais e prodígios, pela potência do Espírito Santo. E em 1 Cor. 2:10 está escrito: Deus revelou-as pelo seu Espírito. Pois ele é o Espírito do Pai e do Filho. Daí, o Pai e o Filho agem na revelação através do Espírito Santo.

É por isso que Atanásio diz na carta a Serápion: “O Filho de Deus, ao nos iluminar ao ir adiante de nós e ao nos justificar ao fortalecer nossa fé e ao desbloquear as Escrituras ao nos encher com os dons da sabedoria, concede seus dons enquanto perdoa pecados e nos concede seus carismas, não no espírito de outro que não é seu, mas em seu próprio Espírito Santo.” E Cirilo também diz em seu discurso sobre os dogmas de Deus: “O Filho possui por essência em si mesmo o Espírito Santo como seu e como enviado naturalmente por ele; nele realizou milagres divinos como por seu próprio e verdadeiro poder.”

A partir do fato de que o Filho age através do Espírito Santo, conclui-se necessariamente que o Espírito Santo é do Filho. Alguém pode ser dito agir através de outro de duas maneiras. De um modo, na medida em que aquilo pelo qual se age é um princípio em si mesmo e causa da operação, seja como causa eficiente e movente, como o despachante é dito agir através do rei; ou como causa formal, como o homem é dito agir através de sua arte. De outro modo, na medida em que aquilo pelo qual se age é uma causa em relação ao trabalho e não ao agente, como o rei é dito agir através de seu despachante e o artista através de seu instrumento. Neste caso, o que está agindo deve ser chamado, ao contrário, de princípio da operação em relação ao que realiza a operação, como o rei em relação ao despachante ou o artista em relação ao instrumento que usa.

Portanto, quando se diz que o Filho age através do Espírito Santo, não se pode entender que o Espírito Santo seja o princípio da operação em relação ao Filho, uma vez que o Filho não recebe do Espírito Santo. A única alternativa, então, é que o Filho seja o princípio da operação em relação ao Espírito Santo. E isso não pode ser senão com base no fato de que ele lhe dá seu poder operativo. Mas ele não o dá a ele como se ele não o tivesse anteriormente, pois isso implicaria que o Espírito Santo lhe faltava e, portanto, seria inferior ao Filho. Portanto, a única alternativa é que ele lhe dá isso desde a eternidade. Nem o poder operativo do Espírito Santo é outra coisa senão sua essência,

uma vez que o Espírito Santo, assim como o Pai, é simples. Portanto, a única alternativa é que o Filho dá a essência divina ao Espírito Santo desde a eternidade.

E Atanásio diz isso expressamente em sua carta a Serapion: “Assim como o Pai age naturalmente através do Filho e no Filho originando-se dele e não ao contrário, assim o Filho age naturalmente no Espírito Santo, originando-se dele como em seu próprio poder, e não ao contrário.”

CAPÍTULO 5: Que o Espírito Santo é a imagem do Filho

Com base na autoridade das Sagradas Escrituras, estabelece-se, segundo a interpretação dos doutores gregos conforme notado acima, que o Espírito Santo é a imagem do Filho. Eles interpretam o que está dito em Romanos 8:29: "Aqueles a quem ele conheceu de antemão, ele predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho", e em 1 Coríntios 15:49: "Assim como levamos a imagem do homem de pó, assim também levaremos a imagem do homem do céu", como significando que a imagem do Filho é o Espírito Santo. É por isso que Atanásio, em sua carta a Serapion, falando na pessoa do Filho, diz: “Receba minha própria imagem, o Espírito Santo de conhecimento.” E Gregório de Cesareia diz: “O Espírito Santo é a imagem perfeita do Filho.” É bem conhecido, no entanto, que uma imagem deriva daquele de quem é a imagem. Portanto, do fato de que o Espírito Santo é a imagem do Filho, segue-se que o Espírito Santo é do Filho.

Pode-se realmente objetar que ele é a imagem do Filho na medida em que é semelhante ao Filho com base em algum efeito que ele realiza conjuntamente com o Filho, ou porque ele é do Pai assim como o Filho é. Mas com base nos textos dos santos que afirmam que o Espírito Santo é a imagem natural do Filho, isso é excluído. Pois ele não poderia ser chamado de imagem natural do Filho, exceto na medida em que é semelhante ao Filho na natureza, recebendo sua natureza do Filho. Pois a forma da imagem deve sempre derivar da forma daquele de quem é a imagem.

É por isso que Atanásio na mencionada carta diz: “Assim como Deus se fez consubstancial com a Igreja ao assumir sua forma em si mesmo, assim ele a selou divinamente e superabundantemente com sua própria imagem, a saber, o Espírito Santo que existe por natureza de sua essência.” E em seu Tesouro, Cirilo diz: “Aquele que recebe a imagem natural do Filho, isto é, o Espírito Santo, através do Filho possui verdadeiramente o mesmo Filho e o Pai do Filho. Como, portanto, poderia o Espírito Santo ser contado entre as criaturas, já que ele é a imagem natural e incomunicável do Filho de Deus?” E Basílio, escrevendo contra Eunômio, diz: “A imagem natural do Filho é o seu sopro, o Espírito.”

PARTE II

CAPÍTULO 6: Que ele é o caráter do Filho

Com base nos mesmos fundamentos, os doutores mencionados afirmam que o Espírito Santo é o caráter do Filho. Pois Atanásio, na carta citada, diz que “o Filho, ao derramar o Espírito Santo, o estampa como seu caráter e imagem própria na Igreja para reformar a Igreja e conformá-la divinamente a si mesmo.” E Basílio, em seu livro contra Ário e Sabélio, diz: “Assim como o Filho nos conquistou para o Pai, sendo ele mesmo do Pai, assim o Espírito nos conquista para o Filho através da fé, imprimindo em nós no batismo o caráter do Filho, de quem ele é e do qual ele é proclamado o verdadeiro espírito e caráter.”

PARTE II

CAPÍTULO 7: Que ele também é o selo do Filho

Da mesma forma, afirmam que o Espírito é o selo do Filho. Pois Atanásio, na carta mencionada, diz: “O Espírito Santo é a unção e o selo, imprimindo a imagem que contém em si mesmo, na qual o Espírito, assim como em seu próprio selo, isto é, pela imagem de sua natureza, Deus o Verbo sela e marca a Igreja, sua esposa, imprimindo nela a sua própria imagem.” E mais adiante: “Cristo em sua própria imagem unta e superunta a Igreja e através dele, como por seu selo que contém sua própria essência, imprime-se na Igreja, sua esposa.” Crisóstomo, comentando sobre Romanos, diz: “Se o Espírito é o caráter e selo de Cristo, aquele que não tem o selo e caráter de Cristo não é de Cristo.”

É bem conhecido, no entanto, que o caráter e o selo derivam daquele de quem são. Assim, a partir dos textos desses Doutores, fica explicitamente mostrado que o Espírito Santo deriva do Filho.

Os textos desses Doutores, além disso, são confirmados pela autoridade das Sagradas Escrituras. Pois em 2Cor. 1:22 está escrito: “Deus, que nos ungiu, também nos selou e deu o seu Espírito em nossos corações como garantia.” Isso deve ser entendido, naturalmente, do Pai e do Filho, já que ambos nos dão o Espírito Santo, como foi mostrado. E em Ef. 1:13-14: “Em quem, isto é, em Cristo, também vocês, depois de ouvirem a palavra da verdade, o evangelho da sua salvação, e tendo crido nele, foram selados com o Espírito Santo prometido, que é a garantia da nossa herança.”

PARTE II

CAPÍTULO 8: Que o Espírito Santo vem do Pai por meio do Filho

Também é ensinado pelos Doutores mencionados que o Espírito Santo é do Pai através do Filho. Pois em seu *Thesaurus*, Cirilo diz: “Deus o Pai, por sua própria mão direita, isto é, por seu poder e sabedoria, trouxe todas as coisas à existência em seu único e verdadeiro e vivificante e divinizador Espírito consubstancial consigo mesmo, o qual na essência ele espirou de si mesmo através do mesmo Filho, por natureza coeterno com ele.” E Basílio diz: “O Filho não é o Filho do Espírito porque o Espírito é do Deus Pai através do Filho.” E escrevendo contra Eunômio, o mesmo Santo diz: “Se, a partir da sua própria palavra, ó você que resiste à verdade, você produz um espírito batendo o ar com uma palavra não da mesma espécie, você duvida que o Espírito Santo procede de maneira intelectual do Pai através do Filho unigênito?” E mais adiante: “O Filho chama a si mesmo a Palavra do Pai e declara sem hesitação para nós que o Espírito é do Pai através dele, a Palavra.”

Assim, mostra-se conclusivamente que o Espírito é do Filho. Pois foi observado acima que, quando se diz que alguém trabalha através de algo, esse algo deve ser um princípio de operação para o agente, ou pelo menos deve ser um princípio de operação para aquilo em que a operação termina. Mas o Filho não pode ser um princípio de espiração para o Pai. Assim, se o Pai espira o Espírito Santo através do Filho, segue-se necessariamente que o Filho é um princípio do Espírito Santo.

O mesmo é provado pela declaração de Gregório de Nissa: “Nós sustentamos que o Espírito Santo é do Pai através da mediação do Filho.” Pois assim, o Espírito Santo é dito ser do Pai através do Filho, na medida em que o Pai é o princípio do Filho, e o Filho é o princípio do Espírito Santo.

PARTE II

CAPÍTULO 9: Que o Espírito Santo vem do Filho

Mas este é o ponto onde devem ser apresentados os depoimentos dos Pais Gregos que afirmam que o Espírito Santo é do Filho. Pois em sua carta a Serápion, Atanásio diz: “Cristo disse (João 16:13) do seu Espírito: ‘Ele não falará de si mesmo, mas falará tudo o que ouvir’, isto é, não como se fosse um Espírito não originado, uma propriedade apenas do Pai, mas, acima de tudo, no sentido próprio, ele é do próprio Filho, de quem recebe a essência divina e de quem também ouve o que fala.” Contra Aécio e Sabélio, Basílio diz: “Como o Espírito Santo adota no Filho, se ele é estranho ao Pai e ao Filho? Como ele, um estranho, habita nos que Cristo redime, se ele não é do Cristo?”

PARTE II

CAPÍTULO 10: Que ele procede conjuntamente do Pai e do Filho

Para evitar que alguém objeque que o Espírito Santo procede de uma maneira do Pai e de outra do Filho, ambos esses Doutores afirmam que ele procede conjuntamente de ambos. Assim, Epifânio diz em seu livro sobre a Trindade, “De Deus, do Pai e do Filho, é o Espírito Santo.”

PARTE II

CAPÍTULO 11: Que ele é de ambos desde a eternidade

Se alguém disser que o Espírito Santo é dito ser do Pai e do Filho no sentido de ser temporariamente enviado por eles e não existindo a partir deles desde a eternidade, isso é mostrado como falso pelo que segue. Pois o mesmo Epifânio diz em seu livro sobre os vestidos de pele de Adão e Eva: “Como Cristo diz, o Espírito da Verdade que procede do Pai também receberá do que é meu. Assim, o Espírito sempre existe a partir de ambos os dois.” Ele também diz em um sermão sobre a Encarnação do Verbo: “O Pai, afinal, sempre existiu; o Filho sempre existiu, e o Espírito Santo sempre existiu do Pai e do Filho.” Portanto, ele é eternamente de ambos.

PARTE II

CAPÍTULO 12: Que o Espírito Santo é uma pessoa entre pessoas

Assim, também, a partir de textos dos mesmos Doutores, está estabelecido que o Espírito Santo é uma pessoa das pessoas do Pai e do Filho. Pois Atanásio diz em seu discurso sobre o Conselho de Niceia: “A Santa Igreja Mãe aqui reunida condena as invenções de sua heresia”, ou seja, dos arianos, “e confessa o Espírito Santo como não criado, verdadeiro Deus, uma hipóstase das hipóstases do Pai e do Filho, e consubstancial com eles.” E Epifânio em seu Ancoratus diz: “O Espírito Santo em si mesmo é uma verdadeira hipóstase, não outra ou essencialmente diferente do Pai e do Filho, mas verdadeiramente existente da mesma essência, uma hipóstase em si mesma das hipóstases, contudo, do Pai e do Filho.”

Portanto, ele é do Pai e do Filho, não apenas em relação ao dom da graça no qual é dado ou enviado, mas pela razão de sua própria pessoa. Ele é, portanto, do Pai e do Filho desde a eternidade.

PARTE II

CAPÍTULO 13: Que ele é também da essência do Pai e do Filho

Assim, também, a partir dos textos mencionados é provado que ele é da essência do Pai e do Filho. Pois, no discurso sobre o Conselho de Niceia, Atanásio diz: “A remissão de todos os pecados e de toda blasfêmia é realizada no Espírito Santo, que, como foi dito, sendo da essência do Pai e do Filho, compartilha do seu poder, com eles criando e dispondo todas as coisas.” Novamente, em sua carta a Serápion, ele diz: “Cristo, da sua própria e da comum essência do Pai, espirou o Espírito Santo que existe eternamente.” E mais adiante: “Cristo, no seu próprio Espírito Santo, existente como mencionado acima de sua própria essência, nos perdoa todos.” E na mesma carta: “O Espírito Santo existente do Filho pela mesma divindade do Pai e do Filho é um.”

PARTE II

CAPÍTULO 14: Que ele também é naturalmente do Filho

Assim, também está estabelecido que ele é naturalmente do Filho. Pois Cirilo diz: “Quem é a vida? Cristo mesmo que disse (João 14:6): Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, de forma que o seu Espírito verdadeiramente e naturalmente existente nele e dele estabelece a lei do espírito.”

A partir disso, é provado que o Espírito Santo é do Filho, não meramente como dado ou enviado no tempo, mas como procedendo dele eternamente, como recebendo dele eternamente, como recebendo dele sua essência e natureza.

Isso também pode ser provado pela própria expressão dos Doutores mencionados, pois não apenas dizem que o Espírito Santo é do Filho, o que poderia se referir meramente a uma missão temporal, mas também que ele existe pelo Filho, o que só pode se referir à procissão eterna; pois cada coisa existe na medida em que é em si mesma. Pois Cirilo, o Patriarca de Jerusalém, diz: “O Espírito Santo procede do Pai e existe da divindade do Pai e do Filho.” E contra Eunômio, Basílio diz: “O Espírito Santo tem seu ser do Filho e dele recebe o que nos anuncia.”

PARTE II

CAPÍTULO 15: Que o Filho também aspira o Espírito Santo

Além disso, está expressamente estabelecido a partir dos textos mencionados que o Filho aspira o Espírito Santo. Pois Atanásio em sua carta a Serápion diz: “O Filho, gerado do Pai, aspira de sua imensa essência, não fora de si mesmo, mas dentro de si mesmo, Deus o Espírito Santo.” Cirilo, também, em sua exortação ao Imperador Teodósio, diz: “O Salvador produz e aspira de si mesmo o Espírito, assim como o Pai o faz.”f

CAPÍTULO 16: Que o Filho aspira a partir de uma propriedade pessoal

Para que ninguém objeção que o Filho não aspira o Espírito Santo no sentido próprio do termo, o Filho é chamado por esses Doutores o aspirador do Espírito Santo, tendo precisamente de uma propriedade pessoal que ele deve aspirar o Espírito Santo. Pois Atanásio diz em sua carta a Serápion: “Os hereges blasfemam e negam o Filho, o Aspirador do verdadeiro Espírito, o Paráclito.” E novamente na mesma carta: “Aquele que blasfema contra o Espírito aspirado também blasfema contra seu Afspirador, isto é, o Filho, e através do Filho blasfema contra seu Pai.” Contra Eunômio, Basílio também diz: “Sem dúvida, acreditamos que o Filho é o Aspirador e doador do Espírito Santo.”f

PARTE II

CAPÍTULO 17: Que pelos mesmos motivos ele é aspirado pelo Pai e pelo Filho

Para mostrar, no entanto, que o Espírito Santo é aspirado nas mesmas bases conjuntamente pelo Pai e pelo Filho, Atanásio diz na carta a Serapião, recém-citada, que o Filho co-aspira com o Pai: “Deus Pai através de Deus, o Verbo, não como através de um órgão - Deus nos livre - mas através de um co-aspirador, coessencial com sua própria essência verdadeiramente viva, ele aspira o Sopro vivificante e divinizante, plenamente Deus e bem-aventurado Espírito Santo.”

CAPÍTULO 18: Que ele é aspirado pelo Filho eternamente

Para que ninguém objete que essa aspiração pertence à procissão temporal, os Doutores acima mencionados afirmam que o Espírito Santo é aspirado eternamente pelo Filho. Pois Atanásio diz em seu discurso sobre o Concílio de Niceia, falando na pessoa do Filho: “Para que o mundo creia que o Espírito, o Paráclito, em essência e desde a eternidade é aspirado por mim.” E em seu *Thesaurus* Cirilo diz: “Cremos e confessamos que o Espírito Santo, desde a eternidade e em essência aspirado por Cristo, existe como Deus.”

CAPÍTULO 19: Que o Espírito Santo é aspirado da essência do Filho

Também confirmando isso está o fato de que nos mesmos textos é afirmado que o Espírito Santo é aspirado da essência do Filho. Pois Atanásio diz em seu discurso sobre o Concílio de Niceia: “Adoramos o Sopro de vida da essência do Filho, o Espírito, o Deus coeternamente aspirado.” E novamente na mesma obra: “De sua essência Deus espirou o Espírito Santo.” E em sua carta a Serapião: “Os hereges são deserdados pelo Filho porque não aceitam o Espírito Santo como em essência Deus aspirado de sua essência.” E na mesma carta explicando o que significa “de sua essência”, ou seja, “de si mesmo como essência”, ele diz o seguinte: “O Filho nascido do Pai, possuindo verdadeiramente em si a natureza do Pai, não reteve a propriedade da paternidade, mas a da comunicabilidade natural, de modo que de si mesmo como sua própria essência ele aspirasse não um filho por geração, mas o Espírito, igual e coeterno com ele como Deus em todas as coisas.” E o mesmo ponto é repetidamente feito em seus textos.

A partir disso, fica claro que, quando se afirma que o Espírito Santo é aspirado pelo Filho, isso não pode ser dito apenas em referência à sua procissão temporal, mas também à sua procissão eterna, pela qual o Espírito Santo recebe a essência divina do Filho.

PARTE II

CAPÍTULO 20: Que o Espírito Santo emana do Filho

Textos dos mesmos Padres referem-se à procissão do Espírito Santo a partir do Filho pela palavra “emanação”. Pois Atanásio diz na mesma carta a Serapião: “O Espírito vivente emanando do Verbo vivente, como um poder infalível vindo da força, é derramado sobre a Igreja.” E Teodoreto diz sobre a carta aos Efésios: “O Espírito Santo lá de cima emana de Cristo, e é dado sem inveja a todos que o recebem.”

PARTE II

CAPÍTULO 21: Que o Espírito Santo flui do Filho e isto desde a eternidade

Os mesmos Doutores, além disso, também empregam o termo ‘fluxo’ para demonstrar a procissão do Espírito Santo a partir do Filho. Pois Atanásio, em seu discurso sobre o Concílio de Niceia, falando na pessoa de Cristo, diz: “Eu envio Apóstolos ao mundo, não no poder do homem, mas no poder do Espírito Santo fluindo da minha própria essência.” E no mesmo discurso: “Se não é para ser acreditado e pregado do Espírito Santo que ele é a verdade do Pai e do Filho, coessencial com ambos, fluindo de sua essência, como no credo divino do batismo salvador Deus, o Filho, nosso Salvador, o considera com o Pai e com Ele mesmo como cooperando para efetivar nossa salvação?” E em sua carta a Serapião ele diz: “O Espírito Santo fez com que os Padres em Niceia acreditassem e proclamassem que o Filho é coessencial com ele, como se fosse Deus fluindo de sua essência.” E Cirilo no *Thesaurus* diz: “Quando o Espírito Santo é derramado sobre nós, ele nos revela configurados a Deus; pois ele flui do Pai e do Filho.”

A partir disso, também se estabelece que o Espírito Santo é eternamente do Filho, precisamente por ter a essência divina dele.

PARTE II

CAPÍTULO 22: Que o Filho também origina o Espírito Santo

Por essas autoridades também se prova que o Filho origina o Espírito Santo. Pois Atanásio, em seu discurso sobre o Concílio de Niceia, diz: “O próprio Filho, naturalmente e eternamente por si mesmo enquanto Deus, ao espirar origina o Espírito Santo.” E em sua carta a Serapião ele diz que “o Filho trabalha no Espírito Santo originado por ele naturalmente, como em seu próprio poder.” Parece impróprio restringir isso à procissão temporal; pois alguém é originado daquele de quem tem seu ser; pois originar significa dar origem a alguém.

PARTE II

CAPÍTULO 23: Que o Filho é o autor do Espírito Santo

Também é estabelecido pelos Doutores mencionados anteriormente que o Filho é autor do Espírito Santo. Pois Atanásio, em sua carta a Serapião, diz: “O Apóstolo atribui o que o Espírito trabalha e realiza nele ao Filho, seu autor, assim como o Filho atribui a Deus Pai, seu autor, as obras que ele realiza.” A autoridade de uma pessoa em relação a outra entre as pessoas divinas só existe na medida em que uma é de outra eternamente. Portanto, o Espírito Santo é do Filho eternamente.

PARTE II

CAPÍTULO 24: Que o Filho também é princípio do Espírito Santo

Também é provado pelas autoridades mencionadas anteriormente que o Filho é o princípio do Espírito Santo. Pois Gregório Nazianzeno diz em seu discurso sobre o Concílio de Constantinopla: “Cremos na santa Trindade”, ou seja, o Pai sem um princípio, o Filho, porém, um princípio de um princípio, o Pai, mas o Espírito Santo com o Filho como princípio, ser um só Deus em tudo e sobre todos.” Mas o Pai é princípio do Filho porque o Filho é dele eternamente. Portanto, o Espírito Santo é do Filho eternamente.

CAPÍTULO 25: Que o Filho também é fonte do Espírito Santo

É estabelecido pelas mesmas autoridades que o Filho é fonte do Espírito Santo. Pois Atanásio, em seu discurso sobre o Concílio de Niceia, diz: “Assim como o Espírito está no Filho como um fluxo em sua fonte, e assim como o Filho está no Pai como o esplendor no sol da glória por natureza, assim, pela graça do Espírito Santo, os eleitos estão no Pai e no Filho.” E em sua carta a Serapião ele diz: “Como uma fonte e como a luz o Filho está de fato com o Pai; dessa fonte e luz o Espírito Santo é o verdadeiro fluxo e o esplendor da glória eterna.” E na mesma carta ele diz: “Pois o Espírito Santo não opera em Deus, o Cristo e Verbo, ou seja, em sua fonte natural.” E mais adiante: “O Filho gerado e fonte do Espírito Santo, entre quem ele ocupa o lugar intermediário.” E Atanásio em seu sermão sobre a Encarnação do Verbo diz: “Davi canta no salmo (35:10), dizendo: Porque contigo está a fonte da vida; porque juntamente com o Pai o Filho de fato é a fonte do Espírito Santo.”

A partir disso também é provado que o Filho é o princípio do Espírito Santo como um que existe dele eternamente.

PARTE II

CAPÍTULO 26: A conclusão geral: que o Espírito procede do Filho

Depois de tantos testemunhos, no entanto, certos adversários (referindo-se aos teólogos gregos que se opunham aos latinos desde o tempo de Fócio) da verdade recusam-se a confessar a verdadeira fé, dizendo que, embora tenha sido mostrado que o Espírito Santo existe, é espirado, emana e flui do Filho, não se deve admitir que ele procede do Filho. Pois isso não está contido em nenhuma das autoridades citadas; nem em qualquer autoridade da Sagrada Escritura, que afirma que o Espírito Santo procede do Pai, sem no entanto unir o Filho a isso ao Pai, quando em João 15:26 se diz: Quando vier o Paráclito, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade que procede do Pai. Portanto, deve ser mostrado como, com base no que foi dito anteriormente, segue-se necessariamente que o Espírito Santo procede do Filho.

Agora, de todas as palavras relacionadas à origem, o termo processão é considerado mais genérico e menos específico de um modo de origem. Pois, de acordo com o uso aceito, designamos como procedente qualquer coisa que seja de outra de qualquer maneira, seja isso naturalmente de outra como Pedro é dito proceder de seu pai, ou emissivamente como o sopro procede de alguém que está respirando, ou de forma fluente como um fluxo procede de uma fonte, ou artificialmente como uma casa procede de um construtor, ou localmente como o noivo procede da câmara nupcial.

Nem tudo, no entanto, de qualquer maneira de outro pode ser descrito como sendo espirado, ou gerado, ou fluindo, ou emitido. Portanto, o termo processão também é particularmente adequado para expressar a origem das pessoas divinas, pois, como observado anteriormente, o divino é melhor designado por termos genéricos do que específicos. Assim, de qualquer um dos pontos que foram discutidos, a saber, que o Espírito Santo existe do Filho, flui dele, ou é espirado ou emana, conclui-se necessariamente que o Espírito Santo procede do Filho.”

CAPÍTULO 27: Que na pessoa divina fluir e proceder são o mesmo

Novamente, Cirilo diz em sua explicação do Credo Niceno: “O Espírito é consubstancial com o Pai e o Filho e flui, isto é, procede de Deus e Pai como de uma fonte.” Com isso, estabelece-se que nas pessoas divinas fluir e proceder são sinônimos. O Espírito Santo flui do Filho, como foi demonstrado acima; portanto, ele procede do Filho.

Isso, além disso, é ainda mais confirmado por esta declaração que ele faz em sua carta enviada a Nestório, a saber, que “Cristo é a verdade e o Espírito Santo flui dele como flui de Deus e do Pai.” Se, portanto, fluir do Pai é o mesmo que proceder dele, por isso que ele flui do Filho, ele é mostrado para proceder dele.

Gregório Nazianzeno também diz em seu sermão sobre a Epifania: “De onde o Espírito Santo é, de lá ele procede.” Mas, como foi provado, ele é do Filho. Portanto, ele procede do Filho. Cirilo, também diz em seu comentário sobre Joel: “O Espírito Santo pertence a Cristo mesmo e está nele e dele, assim como é entendido estar de Deus e do Pai.” E Máximo o monge diz em seu sermão sobre o candelabro e as sete luzes: “Assim como o Espírito Santo naturalmente existe por Deus Pai de acordo com sua essência, assim também ele verdadeiramente existe pelo Filho de acordo com sua natureza e essência, como que procedendo como Deus do Pai através do Filho.”

Da mesma forma, Atanásio em sua carta a Serapião diz: “Assim como o Filho é por natureza relacionado ao Pai, assim o Espírito Santo é relacionado ao Filho.” E na mesma carta, falando na pessoa do Filho, ele diz: “O Espírito tem a mesma natureza e relacionamento para comigo, o Filho, para ser Deus de Deus, assim como eu tenho para com o Pai para ser Deus de Deus.” Basílio, também, contra Eunômio diz: “Assim como o Filho é relacionado ao Pai, assim da mesma forma o Espírito Santo é relacionado ao Filho.” Mas o Filho é relacionado ao Pai como procedendo dele. Pois em João 8:42 ele diz: Eu procedi e vim de Deus. Portanto, o Espírito Santo procede do Filho.

Mas Epifânio até usa a palavra processão em seu livro sobre a Trindade: “Da mesma forma que ninguém conhece o Pai, exceto o Filho, e ninguém conhece o Filho, exceto o Pai (Mat. 11:27), assim me atrevo a dizer que ninguém conhece o Espírito Santo, exceto o Pai e o Filho de quem ele recebe e de quem ele procede.” E Atanásio sobre o Credo diz: “O Espírito Santo é do Pai e do Filho, não feito, nem criado, nem gerado, mas procedente.”

CAPÍTULO 28: Que para demonstrar a processão do Espírito Santo os Doutores Gregos e Latinos usam os mesmos argumentos

Que os Doutores Gregos usam os mesmos argumentos para demonstrar a processão do Espírito Santo que os Doutores Latinos também deve ser considerado. Em seu livro sobre a processão do Espírito Santo Anselmo argumenta a favor da processão do Espírito Santo com base no fato de que Pai e Filho são de uma só essência. Disso se segue que Pai e Filho não diferem um do outro, exceto que o primeiro é o Pai e o segundo é o Filho. Ter o Espírito Santo procedendo de si mesmo não pertence nem à noção de paternidade nem à de filiação; pois o Pai não é chamado Pai porque o Espírito Santo procede dele. Nem é contrário à noção de filiação que o Filho tenha o Espírito procedendo dele. Assim, a única conclusão restante é que ter o Espírito Santo procedendo de si mesmo é comum ao Pai e ao Filho.

E da mesma forma Nicetas comentando sobre João argumenta assim: “Do fato de que o Filho tem em sua essência tudo o que pertence ao Pai, ele também tem o Espírito.” E Cirilo diz em seu *Tesouro*: “O Apóstolo diz que o Espírito de Cristo e o Espírito do Pai são verdadeiramente um e não muitos, porque todas as coisas pertencentes ao Pai verdadeiramente e no sentido próprio passam naturalmente para o verdadeiro Filho.”

Disso, no entanto, fica claro que quando no Evangelho se diz que o Espírito Santo procede do Pai, deve-se entender que procede também do Filho, embora no Evangelho isso não seja adicionado. Pois as coisas que são predicadas do Pai devem ser entendidas também do Filho, mesmo quando predicadas exclusivamente; como está declarado em João 17:3: Que eles possam te conhecer, o único Deus. E em 1 Tim. 6:15: A quem, isto é, Cristo, Deus fará aparecer em seu próprio tempo - Deus, o bendito e único Governante, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, que sozinho é imortal. Pois essas coisas são entendidas como verdadeiras também para o Filho, porque Pai e Filho são um em essência, como é afirmado em João 10:30: Eu e o Pai somos um.

Desde que, portanto, ter o Espírito procedendo de si mesmo é comum ao Pai e ao Filho, exatamente como qualquer coisa predicada deles essencialmente, como é claro pelo que foi dito, então, quando se diz no Evangelho (cf. João 15:26) que o Espírito Santo procede do Pai, deve-se entender que também procede do Filho; assim como quando no mesmo Credo o Pai é dito ser o Todo-Poderoso, o Criador das coisas visíveis e invisíveis, o Filho deve ser entendido igualmente assim.

CAPÍTULO 29: Que o Espírito Santo se distingue do Filho por ser dele

Também se mostra a partir dos textos dos Padres supracitados que o Espírito Santo se distingue do Filho, porque é dele. Gregório de Nissa, ensinando dogmaticamente sobre a divindade, diz: “Confessamos que a natureza divina é imutável; mas não negamos a diferença entre causa e coisa causada”, isto é, como explicado acima, a distinção entre o princípio e aquilo que é do princípio. Depois ele acrescenta: “Também reconhecemos outra diferença, a saber, entre aquele que é o Relativo do Primeiro”, isto é, o Filho do Pai, e “o outro que é do Relativo e do Primeiro”, isto é, o Espírito que é do Pai e do Filho.

Fica claro, portanto, que em virtude da primeira diferença o Espírito Santo e o Filho são distinguidos do Pai; em virtude da segunda, o Espírito Santo é distinguido do Filho, a saber, porque o Filho procede do Pai não através do Espírito, mas o Espírito procede do Filho. Da mesma forma, Ricardo de São Vítor, no livro cinco sobre a Trindade também mostra a diferença entre as duas processões pelo fato de que o Filho procede de apenas uma pessoa, enquanto o Espírito Santo procede de duas. De acordo com as opiniões de ambos, a única conclusão possível é que o Filho e o Espírito Santo não seriam distinguidos um do outro, a menos que um fosse do outro.

CAPÍTULO 30: Que a distinção de pessoas deve ser de acordo com alguma ordem da natureza

Da mesma forma, a distinção das pessoas deve repousar em uma ordem que é natural, como diz Agostinho. Portanto, Atanásio em sua carta a Serapião compara a ordem das pessoas distintas a uma corrente: “De fato, assim como quem puxa o elo principal de uma corrente também puxa seu elo do meio, e contra o Pai, a extremidade oposta, assim quem blasfema contra o Espírito, a terceira pessoa, blasfema também contra o Filho, o elo do meio, e contra o Pai, o elo oposto, a cabeça da corrente da ordem divina triúna, distinta e não confundida. Contrariamente, quem acredita e recebe o Espírito como Deus, recebe Deus e o Filho de quem ele é e de quem ele procede, assim como quem segura uma extremidade de uma corrente puxando-a para si, segura o meio e através do meio segura a outra extremidade.” Por esta razão, ele também diz na mesma carta: “O Espírito Paráclito, o termo da ordem divina bem-aventurada e transcendente, constitui infalivelmente a terminação própria desta ordem em si mesmo por sua própria hipóstase, assim como o Pai mesmo, sem princípio, contém a cabeça e a origem frontal desta ordem. O Filho, no entanto, ocupa a posição intermediária desta ordem entre seus extremos, a saber, o Pai e o Espírito Santo.” E logo depois: “O Pai por si mesmo, como origem da ordem divina triúna, através do meio de seu Filho unigênito estabelecido por uma propriedade natural, o termo desta própria ordem na terceira pessoa, o Espírito espirado.”

Cirilo também diz no *Thesaurus*: “O Espírito Santo é por natureza do Filho e é enviado por ele à criatura, para operar a renovação da Igreja e ser o termo da Santíssima Trindade.” E ele conclui: “Se isso é assim, então Deus do Deus Filho é o Espírito Santo.” Pois se o Espírito Santo não fosse do Filho, o Espírito Santo não seria mais o termo da Trindade do que o Filho, nem a ordem da Trindade seria comparada a uma corrente, mas sim a um triângulo.

Ricardo de São Vítor também aborda este argumento no livro cinco sobre a Trindade, onde ele mostra que entre as pessoas divinas pode haver apenas uma pessoa de outra pessoa de quem outra pessoa não procede, nem pode haver duas pessoas de apenas uma pessoa. Qualquer uma dessas alternativas estaria em contradição com a ordem supracitada entre as pessoas divinas, mas ambas seriam postuladas se o Espírito Santo não procedesse do Filho.

Cirilo em seu *Thesaurus* explica esta ordem entre as pessoas divinas através de outra analogia empregada com a autoridade da Sagrada Escritura, que no Evangelho chama o Espírito Santo de dedo de Deus: Se eu expulso demônios pelo dedo de Deus (Lucas 11:20), e a passagem paralela em outro Evangelho: Se eu no Espírito de Deus, etc. (Mateus 12: 28). O Filho, no entanto, é chamado de braço de Deus: Veste-te de força, ó braço do Senhor (Is. 51: 9). Cirilo diz: “Assim como o braço e a mão existem naturalmente do corpo e o prolongam, e como o dedo se estende naturalmente da mão, assim de Deus Pai, como seu braço e mão, o Filho naturalmente surge pela geração Deus de Deus, e do Filho como da mão natural do Pai, Deus o Espírito Santo chamado dedo é produzido, fluindo naturalmente.”

Para concluir, portanto, o Espírito Santo procede do Filho por razões afirmadas igualmente pelos Doutores Latinos e Gregos.

PARTE II

CAPÍTULO 31: Crer que o Espírito Santo vem do Filho é necessário para a salvação

Freqüentemente acontece que quando os disputantes discordam, os pontos em que discordam não são necessários para a salvação. Para que ninguém pense que acreditar que o Espírito Santo procede do Filho não é necessário para a fé pela qual somos salvos, deve-se mostrar a partir dos textos dos Doutores Gregos que isso é necessário para a fé e a salvação.

Pois Atanásio diz em sua carta a Serapião: “De acordo com o comando do Apóstolo (Tito 3:10): Depois de uma primeira e segunda correção, evite um herege, mesmo aqueles que você possa ver voando pelo ar com Elias ou andando sobre a água como Pedro e Moisés; a menos que eles professem assim como nós professamos que o Espírito Santo é Deus naturalmente existente de Deus Filho, como o filho também é naturalmente Deus gerado eternamente e existente de Deus e Pai, você não deve recebê-los.” E novamente: “Não tenha comunhão com aqueles que blasfemam e negam que o Espírito Santo é Deus da natureza de Deus Filho.”

Da mesma forma, Cirilo em seu *Thesaurus* diz: “É necessário para a nossa salvação confessar que o Espírito Santo existe da essência do Filho, como existente dele por natureza.” Da mesma forma, Epifânio em seu livro sobre a Trindade: “Você se corta da graça de Deus quando não admite que o Filho é do Pai ou diz que o Espírito Santo não é do Pai e do Filho.”

Portanto, é claro que de nenhuma forma devem ser tolerados aqueles que negam que o Espírito Santo procede do Filho."

PARTE II

CAPÍTULO 32: Que o Pontífice Romano é o primeiro e o maior entre todos os bispos

O erro daqueles que dizem que o Vigário de Cristo, o Pontífice da Igreja Romana, não tem primazia sobre a Igreja universal é semelhante ao erro daqueles que dizem que o Espírito Santo não procede do Filho. Pois o próprio Cristo, o Filho de Deus, consagra e marca-a como sua própria com o Espírito Santo, como se fosse com seu próprio caráter e selo, como as autoridades já citadas deixam abundantemente claro. E da mesma forma, o Vigário de Cristo, por sua primazia e previsão como um servo fiel, mantém a Igreja Universal sujeita a Cristo. Deve-se, então, mostrar a partir dos textos dos referidos Doutores Gregos que o Vigário de Cristo detém a plenitude do poder sobre toda a Igreja de Cristo.

Agora, que o Pontífice Romano, o sucessor de Pedro e Vigário de Cristo, é o primeiro e maior de todos os bispos, é expressamente declarado no cânone do Concílio que diz: “De acordo com as Escrituras e definição do cânone, veneramos o santíssimo bispo da antiga Roma como o primeiro e maior de todos os bispos.”

Isso, além disso, está em concordância com a Sagrada Escritura, que tanto nos Evangelhos quanto nos Atos dos Apóstolos (cf. Mateus 16:18; João 21:17; Atos 1:15-16, 2:14, 15:17) atribui o primeiro lugar entre os Apóstolos a Pedro. Portanto, Crisóstomo comentando sobre o texto de Mateus 18:1: Os discípulos vieram a Jesus e perguntaram: quem é o maior no reino dos céus, diz: “Pois eles criaram em suas mentes um obstáculo humano, que não podiam mais guardar para si mesmos; nem controlaram o orgulho de seus corações, porque viram que Pedro era preferido a eles e tinha um lugar mais honroso.”

PARTE II

CAPÍTULO 33: Que o mesmo Pontífice tem jurisdição universal sobre toda a Igreja de Cristo

Também se mostra que o Vigário de Cristo tem jurisdição universal sobre toda a Igreja de Cristo. Pois está registrado no Concílio de Calcedônia como todo o sínodo aclamou o Papa Leão: “Viva Leão, o santíssimo, apostólico e ecumênico, isto é, patriarca universal.”

E Crisóstomo comentando sobre Mateus diz: “O poder que é do Pai e do próprio Filho, o Filho conferiu mundialmente a Pedro e deu a um homem mortal autoridade sobre todas as coisas no céu, dando-lhe as chaves para que ele pudesse estender a Igreja por todo o mundo.” E na homilia 85 sobre João: “Ele alocou a Tiago um território determinado, mas nomeou Pedro mestre e professor de todo o mundo.” Novamente, comentando sobre os Atos dos Apóstolos: “Não como Moisés sobre um povo, mas por todo o mundo Pedro recebeu do Filho poder sobre todos os que são Seus filhos.”

Isso também é ensinado com base na autoridade da Sagrada Escritura. Pois Cristo confiou suas ovelhas aos cuidados de Pedro sem restrição, quando disse no último capítulo de João (21:15): Apascenta as minhas ovelhas; e em João 10:16: Para que haja um só rebanho e um só pastor.

CAPÍTULO 34: Que o mesmo possui na Igreja uma plenitude do poder

Também está estabelecido a partir dos textos dos Doutores mencionados que o Pontífice Romano possui a plenitude do poder na Igreja. Pois Cirilo, o Patriarca de Alexandria, diz em seu *Thesaurus*: “Assim como Cristo, vindo de Israel como líder e cetro da Igreja dos Gentios, foi concedido pelo Pai o pleno poder sobre toda a principado e potestade e tudo o que é para que todos se curvem diante dele, assim ele confiou mais plenamente o pleno poder a Pedro e seus sucessores.” E novamente: “A ninguém mais além de Pedro e somente a ele Cristo deu o que é dele plenamente.” E mais adiante: “Os pés de Cristo são sua humanidade, isto é, o próprio homem, a quem toda a Trindade deu o pleno poder, que um dos Três assumiu na unidade de sua pessoa e elevou ao Pai acima de todo principado e potestade, para que todos os anjos de Deus o adorassem (Heb. 1:6); que, inteiro e completo, ele deixou em sacramento e poder a Pedro e à sua Igreja.”

E Crisóstomo diz à delegação búlgara falando na pessoa de Cristo: “Três vezes eu te pergunto se me amas, porque me negaste três vezes por medo e tremor. Agora restaurado, porém, para que os irmãos não acreditem que perdeste a graça e a autoridade das chaves, agora confirmo em ti aquilo que é plenamente meu, porque me amas na presença deles.”

Isso também é ensinado com base na autoridade da Escritura. Pois em Mateus 16:19 o Senhor disse a Pedro sem restrição: Tudo o que ligares na terra será ligado no céu.

CAPÍTULO 35: Que ele goza do mesmo poder conferido a Pedro por Cristo

Também está demonstrado que Pedro é o Vigário de Cristo e o Pontífice Romano é o sucessor de Pedro, gozando do mesmo poder conferido a Pedro por Cristo. Pois o cânone do Concílio de Calcedônia diz: “Se algum bispo for condenado como culpado de infâmia, ele é livre para apelar da sentença ao bem-aventurado bispo da antiga Roma, a quem temos como Pedro a rocha de refúgio, e a ele somente, no lugar de Deus, com poder ilimitado, é concedida a autoridade para ouvir a apelação de um bispo acusado de infâmia em virtude das chaves dadas a ele pelo Senhor.” E mais adiante: “E tudo o que for decretado por ele deve ser considerado como do vigário do trono apostólico.”

Da mesma forma, Cirilo, o Patriarca de Jerusalém, diz, falando na pessoa de Cristo: “Você por um tempo, mas eu sem fim estarei plenamente e perfeitamente em sacramento e autoridade com todos aqueles que eu colocarei em seu lugar, assim como estou com você.” E Cirilo de Alexandria em seu *Thesaurus* diz que os Apóstolos “nos Evangelhos e Epístolas afirmaram em todo o seu ensino que Pedro e sua Igreja estão no lugar do Senhor, concedendo-lhe participação em todos os capítulos e assembleias, em todas as eleições e proclamações de doutrina.” E mais adiante: “Para ele, isto é, para Pedro, todos por ordem divina inclinam a cabeça e os governantes do mundo obedecem a ele como ao próprio Senhor.” E Crisóstomo, falando na pessoa de Cristo, diz: “Apascenta as minhas ovelhas (João 21:17), isto é, em meu lugar esteja encarregado dos seus irmãos.”

CAPÍTULO 36: Que a ele pertence o direito de decidir o que diz respeito à fé

Também está demonstrado que ao referido Pontífice pertence o direito de decidir o que pertence à fé. Pois Cirilo em seu *Thesaurus* diz: “Permaneçamos como membros em nossa cabeça no trono apostólico dos Pontífices Romanos, de quem é nosso dever buscar o que devemos acreditar e o que devemos manter.” E Máximo na carta dirigida aos Orientais diz: “Todos os confins da terra que sinceramente receberam o Senhor e os católicos em toda parte professando a verdadeira fé olham para a Igreja dos Romanos como para o sol, e dela recebem a luz da Fé Católica e Apostólica.” Com razão, pois Pedro é registrado como o primeiro a ter, enquanto o Senhor o iluminava, confessado a fé perfeitamente quando lhe disse (Mt. 16:16): Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. E daí o Senhor também lhe disse (Lc. 22:32): Eu orei por ti, Pedro, para que tua fé não desfaleça.”

CAPÍTULO 37: Que ele é o superior dos outros patriarcas

Também está claro que ele é o superior dos outros patriarcas a partir desta declaração de Cirilo: “É dele”, ou seja, dos Pontífices Romanos do trono apostólico, “o direito exclusivo de reprovar, corrigir, decretar, resolver, dispor e vincular em nome daquele que o estabeleceu.” E Crisóstomo comentando sobre os Atos dos Apóstolos diz que “Pedro é o cume mais santo do bendito coro apostólico, o bom pastor.”

E isso também se manifesta na autoridade do Senhor, em Lucas 22:32 dizendo: “Você, uma vez convertido, confirma seus irmãos.”

PARTE II

CAPÍTULO 38: Que estar sujeito ao Pontífice Romano é necessário para a salvação

Também é demonstrado que estar sujeito ao Pontífice Romano é necessário para a salvação. Pois Cipriano diz em seu *Thesaurus*: “Portanto, irmãos, se imitarmos a Cristo de modo a ouvir sua voz permanecendo na Igreja de Pedro e não nos deixando inflar pelo vento do orgulho, para que talvez, por causa de nossas contendas, a astuta serpente não nos afaste do paraíso, como fez com Eva.” E Máximo na carta endereçada aos Orientais diz: “A Igreja unida e estabelecida sobre a rocha da confissão de Pedro chamamos, de acordo com o decreto do Salvador, a Igreja universal, na qual devemos permanecer para a salvação de nossas almas e na qual, fiel à sua fé e confissão, devemos obedecê-lo.”

PARTE II

CAPÍTULO 39: Contra a posição daqueles que negam que o Sacramento possa ser confeccionado com pão ázimo sem fermento

Mas assim como as pessoas equivocadas mencionadas pecam contra a unidade do Corpo místico ao negar o poder plenário do Pontífice Romano, elas também pecam contra a pureza do sacramento do Corpo de Cristo ao dizer que o Corpo de Cristo não pode ser consagrado com pão ázimo. Isso também é refutado por textos dos Doutores Gregos.

Pois Crisóstomo, comentando sobre a passagem do Evangelho, No primeiro dia dos pães ázimos, diz: “O primeiro dia, ele diz, é quinta-feira, na qual os observadores da Lei começaram a celebrar a Páscoa, isto é, a comer pão ázimo, absolutamente livre de fermento. O Senhor, portanto, envia seus discípulos na quinta-feira, que o Evangelista chama de primeiro dia dos pães ázimos, no qual, à noite, o Salvador comeu a Páscoa; neste ato, como em tudo que ele fez desde o início de sua circuncisão até o último dia de sua páscoa, ele mostrou claramente que não era contrário às leis divinas.” Mas é óbvio que ele teria agido contra a lei se tivesse usado pão fermentado. Portanto, é claro que na instituição deste sacramento Cristo consagrou seu corpo com pão ázimo.

Deve-se observar, no entanto, que alguns afirmam que Cristo antecipou o dia dos pães ázimos porque sua paixão estava próxima e, portanto, usou pão fermentado. Eles tentam mostrar isso com dois argumentos. Primeiro, porque em João 13:1, é dito que antes da festa da Páscoa Jesus celebrou com seus discípulos a ceia na qual consagrou seu corpo, como o Apóstolo ensina em 1 Cor. 11:21. Daí parece que Cristo celebrou a Páscoa antes do dia dos pães ázimos, e assim na consagração de seu corpo ele usou pão fermentado. Além disso, eles confirmariam isso observando que, de acordo com João 18:28, na sexta-feira em que Cristo foi crucificado, os judeus não entraram no pretório de Pilatos para que não se contaminassem, mas comessem a Páscoa.

Mas a Páscoa é chamada de pão ázimo. Portanto, concluem que a ceia foi celebrada antes do pão ázimo.

A isso, no entanto, Crisóstomo responde, comentando sobre aquele mesmo texto de João: Para que não se contaminassem, etc.: “O que isso significa, senão que eles comeram a Páscoa em outro dia e quebraram a lei para que pudessem cumprir o desejo mais perverso de sua alma na morte de Cristo; Cristo, no entanto, não transgrediu a Quinta-feira Santa na semana pascal, mas naquele dia ele comeu a Páscoa.”

Mas como isso não é certo, seria melhor dizer que, como o Senhor ordena em Êxodo 12:18-19, a festa dos pães ázimos foi observada ao longo de sete dias, dos quais o primeiro dia, ou seja, o décimo quinto dia do mês, era mais santo e mais solene do que os outros. Mas porque entre os judeus as festas solenes começavam a ser celebradas na noite anterior, o pão ázimo começou a ser comido no décimo quarto dia à noite e foi comido durante os sete dias seguintes. É por isso que se diz no mesmo capítulo: No primeiro mês, no décimo quarto dia do mês à noite, comereis o pão ázimo, até o vigésimo primeiro dia do mês à noite; por sete dias não se encontrará fermento em suas casas. E no mesmo décimo quarto dia à noite o cordeiro pascal foi sacrificado.

Portanto, o primeiro dia dos pães ázimos é chamado pelos três Evangelistas, Mateus 26:17; Marcos 14:12; e Lucas 22:7, o décimo quarto dia do mês, porque à noite o pão ázimo foi comido e depois a Páscoa, isto é, o cordeiro pascal foi sacrificado. E, de acordo com João 13:1, isso foi antes da festa da Páscoa, ou seja, antes do décimo quinto dia do mês, porque este era o dia mais solene em que os judeus desejavam comer a Páscoa, isto é, o pão pascal ázimo, bem como o cordeiro pascal. Assim, não havendo discordância entre os Evangelistas, é claro que Cristo consagrou seu corpo com pão ázimo na ceia.

Claramente, também, isso é mais adequado para a pureza do Corpo místico, isto é, a Igreja, tipificada neste sacramento. Portanto, Gregório Nazianzeno diz em seu sermão sobre a festa da Páscoa do Senhor: “Vamos celebrar uma festa ao Senhor com júbilo, não no fermento da malícia e da maldade, mas no pão ázimo da sinceridade e da pureza (1 Cor. 5:8).”

No entanto, não queremos dizer com isso que o sacramento não possa ser confeccionado usando pão fermentado. Pois o Papa Gregório diz em seu Registro: “A Igreja Romana oferece pão ázimo porque o Verbo do Pai tomou carne sem qualquer mistura carnal; mas outras Igrejas oferecem pão fermentado porque o Verbo do Pai está revestido de carne e é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Assim, também, o fermento é misturado com a farinha e isso se torna o verdadeiro corpo de nosso Senhor Jesus Cristo.”

PARTE II

CAPÍTULO 40: Que existe um purgatório onde as almas são purificadas de pecados não purificados na vida presente

O poder deste sacramento, no entanto, é diminuído por aqueles que negam a existência de um purgatório após a morte; pois nas almas no purgatório é conferida uma cura especial por este sacramento. Pois Gregório de Nissa, em seu sermão sobre os mortos, diz: “Se alguém em sua vida frágil não foi capaz de se purificar do pecado, após partir daqui, pelo fogo ardente do purgatório, a penalidade é paga mais rapidamente, quanto mais a sempre fiel Noiva oferece ao seu Esposo, em memória de sua paixão, dons e holocaustos em nome dos filhos que ela gerou para aquele Esposo por palavra e sacramento; assim como pregamos em fidelidade a esta verdade dogmática, assim acreditamos.”

Da mesma forma, Teodoreto, Bispo de Cirro, comentando sobre a passagem de 1 Coríntios 3:11: Se a obra de alguém se queimar, etc., diz assim: “O Apóstolo afirma que alguém é salvo assim como através de um fogo ardente, purificando tudo o que se acumulou através da negligência na atividade da vida, ou pelo menos do pó dos pés da vida terrena. Neste fogo, alguém permanece enquanto quaisquer afeições terrenas e corporais estão sendo purgadas. Pois por tal pessoa a santa Mãe Igreja paga e devotamente oferece ofertas de paz, e assim através disso tal pessoa emergindo limpa e pura assiste imaculada diante dos olhos mais puros do Senhor dos exércitos.”

PARTE II

EPÍLOGO

Santíssimo Padre, estes são os pontos que, a seu comando, extraí dos textos dos Doutores Gregos, tanto para serem esclarecidos quanto para serem citados em confirmação da verdadeira fé. Espalhados, no entanto, entre as autoridades mencionadas, estão várias interpretações inadequadas, como quando o tradutor traduz “logos” quase sempre como “sermo mentalis” (discurso mental), enquanto, em conformidade com o uso latino, deveria ter sido mais apropriadamente traduzido como: “verbum” (palavra). E “hypostasis” ele traduz como “pessoa essencial”, e seguindo esta interpretação ele é forçado às vezes a usar frases infelizes como quando diz: “Deus Trinipostatos” (Deus-tri-postático), ou seja, tripessoal por essência. Agora, é absolutamente errado dizer que Deus é triúno por essência. Bastaria traduzir “hypostasis” como “pessoa”; pois usamos o termo pessoa na profissão de fé onde os gregos usam o termo hypostasis, como diz Agostinho, mesmo que a maneira de significar de cada termo não seja idêntica.

Ele também introduz certos elogios aos santos Padres que os elevam acima do nível de meros homens; ele chama alguns deles de “pais da fé”, algo exclusivo a Cristo, de quem segundo o Apóstolo em Hebreus 2:3 a fé tem sua origem. Outros, no entanto, podem ser chamados de mestres ou expositores da fé, mas não seus pais.

Ele também cita no início deste livro certos textos das Sagradas Escrituras que, por si mesmos, não provam expressamente a procissão do Espírito Santo do Filho, tais como: o Espírito do Senhor pairava sobre as águas (Gên. 1:2); ou: Eu sou o Deus de Abraão, etc. (Êxodo 3:6).

Ele também usa certas expressões que encontra nos textos dos santos Padres, que, como observado acima, devem ser interpretadas reverentemente nas declarações dos Padres, em vez de serem citadas por outros; por exemplo, que há em Deus um primeiro, segundo, terceiro; uma causa e um causado.

Em suas próprias explicações também ele usa palavras inadequadamente e de forma imprópria, como quando diz que o Filho tem uma espécie de propriedade gêmea, subalternada por assim dizer em termos de predicação. Ele é primeiro ao Pai como sujeito ao predicado e depois ao Espírito Santo como predicado ao sujeito, o que é absolutamente errado.

Ele também diz que, em grego, imagem significa o mesmo que segunda entidade, uma frase absolutamente inepta. Ele também diz que a palavra imagem não implica origem, o que contradiz o que Agostinho diz no livro sobre as 83 questões.

Talvez haja outros pontos no livro citado acima que poderiam ser considerados duvidosos e precisariam de esclarecimento, ou que poderiam ser úteis para afirmar a fé. Mas quase todos eles podem ser reduzidos, acredito eu, aos pontos apresentados acima.

De Ente et Essentia

por Santo Tomás de Aquino

Publicação original: https://isidore.co/aquinas/english/DeEnte&Essentia.htm

- Preâmbulo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6

Preâmbulo

Porque um pequeno erro no início é grande no final, segundo o filósofo no primeiro livro sobre o céu e o mundo. O ser e a essência são o que primeiro é concebido pela inteligência, como diz Avicena no início de sua metafísica.

Portanto, para que não ocorra erro devido à ignorância deles, é necessário esclarecer a dificuldade sobre o que se entende pelo nome de essência e ente, e como isso se manifesta de diferentes maneiras, bem como como se relaciona com as intenções lógicas, isto é, gênero, espécie e diferença.

Como, de fato, devemos adquirir o conhecimento dos compostos a partir dos simples e chegar aos princípios a partir dos posteriores, para que, começando pelo que é mais fácil, a disciplina se torne mais adequada, devemos, portanto, proceder do significado do ente para o significado da essência.

Latim

Prooemium

Quia parvus error in principio magnus est in fine, secundum philosophum in I caeli et mundi, ens autem et essentia sunt quae primo intellectu concipiuntur, ut dicit Avicenna in principio suae metaphysicae,

ideo ne ex eorum ignorantia errare contingat, ad horum difficultatem aperiendam dicendum est quid nomine essentiae et entis significetur et quomodo in diversis inveniatur et quomodo se habeat ad intentiones logicas, scilicet genus, speciem et differentiam.

Quia vero ex compositis simplicium cognitionem accipere debemus et ex posterioribus in priora devenire, ut, a facilioribus incipientes, convenientior fiat disciplina, ideo ex significatione entis ad significationem essentiae procedendum est.

Capítulo 1

É necessário saber que, como diz o filósofo no Livro V da Metafísica, o ser é dito per se de duas maneiras: de um modo, que se divide em dez gêneros; de outro modo, que significa a verdade das proposições. A diferença entre esses dois modos é que, no segundo, pode-se chamar de ser tudo aquilo de que uma proposição afirmativa pode ser formada, mesmo que isso não tenha nenhum referente na realidade. Assim, as privacões e negações são ditas entes; pois dizemos que a afirmação é oposta à negação e que a cegueira está no olho. Mas, no primeiro modo, não se pode chamar de ser senão o que realmente tem um referente na realidade. Portanto, no primeiro modo, a cegueira e coisas semelhantes não são entes.

Assim, o nome essência não é tomado do ente no segundo modo mencionado; pois algumas coisas são ditas entes desse modo, que não têm essência, como é evidente nas privacões; mas a essência é tomada do ente no primeiro modo. Daí o Comentador diz no mesmo lugar que o ente dito no primeiro modo é o que significa a essência da coisa.

E como, conforme foi dito, o ente dito desse modo se divide em dez gêneros, é necessário que a essência signifique algo comum a todas as naturezas, pelas quais diferentes entes são classificados em diferentes gêneros e espécies, como a humanidade é a essência do homem, e assim por diante.

E porque aquilo pelo qual uma coisa é constituída em seu próprio gênero ou espécie é o que é significada pela definição que indica o que é a coisa, daí resulta que o nome essência é, por parte dos filósofos, transformado no nome quididade. E isso é o que o filósofo frequentemente denomina "o que era ser", isto é, aquilo pelo qual algo tem ser como "o que".

É também chamado de forma, na medida em que pela forma se significa a certeza de cada coisa, como diz Avicena em sua Metafísica II.

Isso também é chamado, por outro nome, de natureza, considerando a natureza segundo o primeiro modo daqueles quatro que Boécio atribui no livro sobre as duas naturezas, segundo o qual a natureza é dito tudo aquilo que pode ser captado de algum modo pela inteligência. Pois uma coisa não é inteligível senão por sua definição e essência.

E assim também o filósofo diz no Livro V da Metafísica que toda substância é natureza. No entanto, o nome natureza tomado desse modo parece significar a essência da coisa, na medida em que tem relação com a operação própria da coisa, já que nenhuma coisa está desprovida de sua própria operação.

O nome quididade, de fato, é tomado do que é significada pela definição. Mas a essência é dita na medida em que, por ela e nela, o ente tem ser.

Contudo, como o ser absoluto e de modo prioritário é dito das substâncias, e de modo posterior e como que segundo um certo aspecto dos acidentes, daí resulta que a essência é propriamente e verdadeiramente encontrada nas substâncias, mas nos acidentes é de certa forma e segundo um certo aspecto.

Entre as substâncias, algumas são simples e outras compostas, e em ambas existe a essência, mas nas simples de modo mais verdadeiro e nobre, na medida em que também possuem um ser mais nobre. Pois são causa daquelas que são compostas, a saber, a substância primeira simples, que é Deus. Mas como as essências dessas substâncias são mais ocultas para nós, deve-se começar pelas essências das substâncias compostas, para que a disciplina se torne mais adequada, partindo do que é mais fácil.

Portanto, nas substâncias compostas, a forma e a matéria são conhecidas, como no homem, a alma e o corpo.

Entretanto, não se pode dizer que apenas um deles seja chamado de essência. É evidente que a matéria sozinha não é a essência da coisa, pois uma coisa é conhecida por sua essência e é ordenada em espécie ou gênero. Mas a matéria não é nem o princípio do conhecimento, nem é por ela que algo é determinado a um gênero ou espécie, mas segundo aquilo que algo é realmente.

Nem mesmo a forma pode ser dita apenas essência da substância composta, embora alguns tentem afirmar isso. A partir do que foi dito, é claro que a essência é aquilo que é significada pela definição da coisa. A definição, no entanto, das substâncias naturais não contém apenas a forma, mas também a matéria; caso contrário, as definições naturais e matemáticas não difeririam.

Nem se pode dizer que a matéria é posta na definição da substância natural como um adendo à sua essência ou ser fora de sua essência, pois esse modo de definição é próprio dos acidentes, que não têm uma essência perfeita. Portanto, deve-se incluir na sua definição um sujeito que esteja fora de seu gênero. É evidente, então, que a essência compreende a matéria e a forma.

Não se pode dizer que a essência signifique a relação que existe entre a matéria e a forma ou algo que seja superadicionado a elas, pois isso seria necessariamente um acidente e estranho à coisa, e não permitiria que a coisa fosse conhecida, o que se aplica a tudo que convém à essência. Pois pela forma, que é o ato da matéria, a matéria se torna um ente em ato e algo determinado. Assim, aquilo que supervenha não confere ser em ato simplesmente à matéria, mas ser em ato tal, como também os acidentes o fazem, como a brancura torna algo efetivamente branco. Portanto, quando tal forma é adquirida, não se diz que é gerada simplesmente, mas segundo um certo aspecto. Portanto, conclui-se que o nome essência, nas substâncias compostas, significa aquilo que é composto de matéria e forma.

E isso está de acordo com a palavra de Boécio no comentário sobre os categorias, onde diz que usia significa composto. Pois usia, entre os gregos, é o mesmo que essência entre nós, como ele mesmo diz no livro sobre as duas naturezas. Avicena também diz que a quididade das substâncias compostas é a própria composição da forma e da matéria. O Comentador também diz sobre a Metafísica VII: a natureza que as espécies têm nas coisas geráveis é algum meio, isto é, composto de matéria e forma.

A razão também se alinha com isso, pois a existência de uma substância composta não se reduz apenas à forma ou apenas à matéria, mas refere-se ao composto em si. A essência é, portanto, aquilo pelo qual uma coisa é dita existir. Assim, a essência, pela qual uma coisa é chamada de "ser", não é apenas a forma nem apenas a matéria, mas ambos, embora, sob esse aspecto, a forma seja, de seu modo, a única causa do ser.

De fato, vemos em outros casos que, quando algo é constituído por múltiplos princípios, a coisa não é nomeada apenas por um desses princípios, mas por aquele que abrange ambos. Isso é evidente nos sabores, pois a doçura resulta da ação do calor que digere a umidade. Embora, neste sentido, o calor seja a causa da doçura, o corpo doce não é denominado pelo calor, mas pelo sabor que abrange o quente e o úmido.

Entretanto, como o princípio da individuação é a matéria, pode-se inferir que a essência, que inclui tanto a matéria quanto a forma, é apenas particular e não universal. Isso implicaria que os universais não teriam definição, se a essência é aquilo que é significada pela definição.

Portanto, é importante notar que a matéria não é aceita como princípio de individuação de qualquer modo, mas apenas a matéria "designada". Refiro-me à matéria designada que é considerada sob dimensões determinadas. Essa matéria, na definição do homem enquanto homem, não é mencionada, mas seria se Sócrates tivesse uma definição. Na definição do homem, considera-se a matéria não designada; não se menciona este osso ou esta carne, mas osso e carne de forma absoluta, que são a matéria do homem não designada.

Assim, fica claro que a essência do homem e a essência de Sócrates não diferem exceto pela designação. Como diz o Comentador na VII Metafísica: Sócrates não é nada além de animalidade e racionalidade, que são sua quidditade.

Da mesma forma, as essências do gênero e da espécie diferem segundo a designação, embora o modo de designação seja diferente em cada caso, pois a designação do indivíduo em relação à espécie é através da matéria determinada por dimensões, enquanto a designação da espécie em relação ao gênero é através da diferença constitutiva, que é extraída da forma da coisa.

No entanto, essa determinação ou designação, que está na espécie em relação ao gênero, não provém de algo que exista na essência da espécie e que não esteja de nenhum modo na essência do gênero; na verdade, tudo o que está na espécie também está no gênero, mas não de forma determinada. Se o animal não fosse todo o que é o homem, mas apenas uma parte dele, não poderia ser predicado sobre ele, já que nenhuma parte integral é predicada de seu todo.

Isso pode ser visto ao considerar como o corpo é entendido como parte do animal e como é entendido como gênero. Não pode haver um gênero da mesma maneira que há uma parte integral. Portanto, o nome "corpo" pode ser entendido de várias maneiras.

O corpo, enquanto é do gênero substância, é chamado assim porque possui tal natureza que permite que três dimensões sejam designadas nele; essas três dimensões são o corpo, que está no gênero quantidade. Contudo, em coisas, é possível que o que possui uma perfeição possa alcançar outra perfeição, como é evidente no homem, que possui tanto a natureza sensitiva quanto a intelectual. De maneira semelhante, além dessa perfeição de ter uma forma tal que permite a

designação de três dimensões, pode-se adicionar outra perfeição, como a vida ou algo semelhante. Portanto, o nome "corpo" pode significar uma coisa que possui tal forma, da qual se segue que na própria coisa podem ser designadas três dimensões sem que nenhuma perfeição adicional se siga dela; mas se algo mais for adicionado, isso estará além da significação do corpo assim denominado. E dessa maneira, o corpo será a parte material e integral do animal, pois a alma estará além do que é designado pelo nome corpo e será superveniente a ele, de modo que, a partir dessas duas partes, alma e corpo, se constitui o animal.

Esse nome "corpo" pode também ser entendido como significando uma coisa que possui tal forma, da qual podem ser designadas três dimensões, independentemente de que forma seja essa, se dela pode resultar alguma outra perfeição ou não. E dessa maneira, o corpo será o gênero do animal, pois não há nada no animal que não esteja implicitamente contido no corpo. A alma não é uma forma diferente daquela pela qual podem ser designadas três dimensões na coisa; portanto, quando se diz que o corpo é o que possui tal forma, da qual podem ser designadas três dimensões, entende-se que seja qualquer forma, seja a animalidade, a mineralidade ou qualquer outra. Assim, a forma do animal está implicitamente contida na forma do corpo, na medida em que o corpo é seu gênero.

E a relação do animal com o homem é semelhante. Se o termo "animal" designasse apenas uma coisa que possui tal perfeição que pode sentir e mover-se por um princípio existente nela, sem considerar outra perfeição, então qualquer outra perfeição subsequente seria em relação ao animal como uma parte e não como implicitamente contida na noção de animal, e assim o animal não seria gênero; mas é gênero na medida em que significa uma coisa cuja forma pode resultar em sensibilidade e movimento, seja qual for essa forma, seja apenas sensitiva ou tanto sensitiva quanto racional.

Assim, o gênero significa indeterminadamente tudo o que está na espécie, não se referindo apenas à matéria; da mesma forma, a diferença significa tudo e não se refere apenas à forma; e também a definição significa tudo, assim como a espécie. Contudo, cada um o faz de maneira diferente, pois o gênero significa tudo como uma denominação que determina o que é material na coisa sem a determinação da forma própria. Portanto, o gênero é extraído da matéria, embora não seja matéria, como se evidencia que o corpo é chamado assim por ter tal perfeição que permite que três dimensões sejam designadas nele; tal perfeição tem uma relação material com uma perfeição adicional.

A diferença, por outro lado, é como uma denominação tomada da forma de maneira determinada, além do que, do primeiro entendimento dela, seja matéria determinada, como se observa quando se diz "animado", ou seja, aquele que possui alma; não se determina o que é, se é corpo ou outra coisa. Portanto, Avicena diz que o gênero não é compreendido na diferença como parte de sua essência, mas apenas como um ser fora da essência, assim como o sujeito é do entendimento das paixões. E por isso o gênero não é predicado da diferença de maneira absoluta, como diz o filósofo na III Metafísica e na IV dos Tópicos, a menos que, de alguma forma, como um sujeito, se predique sobre a paixão.

Porém, a definição ou espécie abrange ambos, ou seja, a matéria determinada, que o nome do gênero designa, e a forma determinada, que o nome da diferença designa.

Daqui se evidencia a razão pela qual gênero, espécie e diferença se relacionam de forma proporcional com matéria, forma e composto na natureza, embora não sejam idênticos a estas.

Pois o gênero não é a matéria, mas é tomado da matéria para significar o todo; a diferença também não é a forma, mas é tomada da forma para significar o todo.

Assim, dizemos que o homem é um animal racional e não a partir de "animal" e "racional", como dizemos que ele é a partir de "alma" e "corpo". O homem é dito existir a partir da alma e do corpo, como uma terceira coisa constituída por duas outras, das quais não é nenhuma delas. O homem não é nem alma nem corpo. Mas, se de alguma forma se disser que o homem é a partir de "animal" e "racional", não será como uma terceira coisa proveniente de duas, mas como um entendimento terceiro proveniente de dois entendimentos. O entendimento do animal é sem a determinação de uma forma especial, expressando a natureza da coisa em relação ao que é material em relação à sua perfeição última. O entendimento dessa diferença racional, por sua vez, consiste na determinação de uma forma especial. A partir desses dois entendimentos se constitui o entendimento da espécie ou da definição. E, portanto, assim como uma coisa constituída a partir de algumas não recebe a predicação das coisas a partir das quais é constituída, assim o entendimento não recebe a predicação daqueles entendimentos a partir dos quais é constituído. Não se diz que a definição seja gênero ou diferença.

Embora o gênero signifique toda a essência da espécie, não é necessário que diversas espécies, das quais provém o mesmo gênero, tenham uma única essência,

pois a unidade do gênero provém da própria indeterminação ou indiferença, e não de modo que aquilo que é significante pelo gênero seja uma única natureza em número em diferentes espécies, à qual sobrevenha uma outra coisa que seja a diferença que a determina, como a forma determina a matéria, que é uma em número. Mas, como o gênero significa alguma forma, não significa de modo determinado esta ou aquela, que a diferença determina de forma específica, que não é diferente daquela que foi indeterminadamente significada pelo gênero.

Por isso, o Comentador diz na XI Metafísica que a matéria primeira é chamada uma pela remoção de todas as formas, mas o gênero é chamado um pela comunidade da forma significada.

Assim, fica claro que, pela adição da diferença, ao remover aquela indeterminação, que era a causa da unidade do gênero, as espécies permanecem diversas por essência.

E como já foi dito, a natureza da espécie é indeterminada em relação ao indivíduo, assim como a natureza do gênero é indeterminada em relação à espécie.

Daí resulta que, assim como o que é gênero, quando é predicado da espécie, implica em sua significação, ainda que indistintamente, tudo o que é determinado na espécie, assim também o que é espécie, quando é predicado do indivíduo, deve significar tudo o que é essencial no indivíduo, ainda que indistintamente.

E dessa maneira, a essência da espécie é significada pelo nome "homem", do qual se predica o homem de Sócrates. No entanto, se a natureza da espécie for significada com a precisão da matéria designada, que é o princípio da individuação, assim se terá de modo parcial. E dessa

maneira é significada pelo nome "humanidade"; a humanidade significa aquilo pelo qual o homem é homem. Contudo, a matéria designada não é aquilo pelo qual o homem é homem; e assim não se encontra de modo algum entre aquelas coisas a partir das quais o homem tem o que é ser homem. Portanto, quando a humanidade em seu entendimento inclui apenas aquilo a partir do qual o homem tem o que é ser homem, fica claro que a matéria designada é excluída ou removida de sua significação. E como parte não é predicada do todo, daí se conclui que a humanidade não é predicada nem do homem nem de Sócrates.

Por isso, Avicena diz que a quiddidade do composto não é o próprio composto, do qual é a quiddidade, embora essa quiddidade também seja composta; assim, a humanidade, embora composta, não é o homem, mas deve ser recebida em algo que é a matéria designada.

Mas, como foi dito, a designação da espécie em relação ao gênero é pela forma, enquanto a designação do indivíduo em relação à espécie é pela matéria. Portanto, é necessário que o nome que significa aquilo de onde se toma a natureza do gênero, com a precisão da forma determinada que realiza a espécie, signifique a parte material do todo, como o corpo é a parte material do homem. Por outro lado, o nome que significa aquilo de onde se toma a natureza da espécie com a precisão da matéria designada significa a parte formal.

E, portanto, a humanidade é significada como uma forma, e diz-se que é a forma do todo, não como algo que se adiciona às partes essenciais, ou seja, à forma e à matéria, como a forma de uma casa se adiciona às suas partes integrais, mas é, na verdade, a forma que é o todo, compreendendo tanto a forma quanto a matéria, embora com a exclusão daquelas coisas pelas quais a matéria foi gerada.

Assim, fica claro que a essência do homem é significada pelo nome "homem" e pelo nome "humanidade", mas de maneira diversa, como foi dito. O nome "homem" a significa como um todo, na medida em que não separa a designação da matéria, mas implicitamente a contém de forma indistinta, como foi dito que o gênero contém a diferença; e, portanto, o nome "homem" é predicado dos indivíduos. Já o nome "humanidade" a significa como uma parte, porque não contém em sua significação senão aquilo que pertence ao homem na medida em que é homem, e exclui toda designação. Por isso, não é predicado dos indivíduos do homem.

E por isso, o nome "essência" às vezes é encontrado predicado em uma coisa; dizemos, de fato, que Sócrates é uma certa essência; e às vezes é negado, como quando dizemos que a essência de Sócrates não é Sócrates.

Latim

Caput 1

Sciendum est igitur quod, sicut in V metaphysicae philosophus dicit, ens per se dicitur dupliciter, uno modo quod dividitur per decem genera, alio modo quod significat propositionum veritatem. Horum autem differentia est quia secundo modo potest dici ens omne illud, de quo affirmativa propositio formari potest, etiam si illud in re nihil ponat. Per quem modum privationes et negationes entia dicuntur; dicimus enim quod affirmatio est opposita negationi et

quod caecitas est in oculo. Sed primo modo non potest dici ens nisi quod aliquid in re ponit. Unde primo modo caecitas et huiusmodi non sunt entia.

Nomen igitur essentiae non sumitur ab ente secundo modo dicto, aliqua enim hoc modo dicuntur entia, quae essentiam non habent, ut patet in privationibus; sed sumitur essentia ab ente primo modo dicto. Unde Commentator in eodem loco dicit quod ens primo modo dictum est quod significat essentiam rei.

Et quia, ut dictum est, ens hoc modo dictum dividitur per decem genera, oportet quod essentia significet aliquid commune omnibus naturis, per quas diversa entia in diversis generibus et speciebus collocantur, sicut humanitas est essentia hominis, et sic de aliis.

Et quia illud, per quod res constituitur in proprio genere vel specie, est hoc quod significatur per diffinitionem indicantem quid est res, inde est quod nomen essentiae a philosophis in nomen quiditatis mutatur. Et hoc est quod philosophus frequenter nominat quod quid erat esse, id est hoc per quod aliquid habet esse quid.

Dicitur etiam forma secundum quod per formam significatur certitudo uniuscuiusque rei, ut dicit Avicenna in II metaphysicae suae.

Hoc etiam alio nomine natura dicitur accipiendo naturam secundum primum modum illorum quattuor, quos Boethius in libro de duabus naturis assignat, secundum scilicet quod natura dicitur omne illud quod intellectu quoquo modo capi potest. Non enim res est intelligibilis nisi per diffinitionem et essentiam suam.

Et sic etiam philosophus dicit in V metaphysicae quod omnis substantia est natura. Tamen nomen naturae hoc modo sumptae videtur significare essentiam rei, secundum quod habet ordinem ad propriam operationem rei, cum nulla res propria operatione destituatur.

Quiditatis vero nomen sumitur ex hoc, quod per diffinitionem significatur. Sed essentia dicitur secundum quod per eam et in ea ens habet esse.

Sed quia ens absolute et per prius dicitur de substantiis et per posterius et quasi secundum quid de accidentibus, inde est quod essentia proprie et vere est in substantiis, sed in accidentibus est quodammodo et secundum quid.

Substantiarum vero quaedam sunt simplices et quaedam compositae, et in utrisque est essentia, sed in simplicibus veriori et nobiliori modo, secundum quod etiam esse nobilius habent. Sunt enim causa eorum quae composita sunt, ad minus substantia prima simplex, quae Deus est. Sed quia illarum substantiarum essentiae sunt nobis magis occultae, ideo ab essentiis substantiarum compositarum incipiendum est, ut a facilioribus convenientior fiat disciplina.

In substantiis igitur compositis forma et materia nota est, ut in homine anima et corpus.

Non autem potest dici quod alterum eorum tantum essentia esse dicatur. Quod enim materia sola non sit essentia rei planum est, quia res per essentiam suam et cognoscibilis est et in specie ordinatur vel genere. Sed materia neque cognitionis principium est, neque secundum eam aliquid ad genus vel speciem determinatur, sed secundum id quod aliquid actu est.

Neque etiam forma tantum essentia substantiae compositae dici potest, quamvis hoc quidam asserere conentur. Ex his enim quae dicta sunt patet quod essentia est illud, quod per diffinitionem rei significatur. Diffinitio autem substantiarum naturalium non tantum formam continet, sed etiam materiam; aliter enim diffinitiones naturales et mathematicae non differrent.

Nec potest dici quod materia in diffinitione substantiae naturalis ponatur sicut additum essentiae eius vel ens extra essentiam eius, quia hic modus diffinitionis proprius est accidentibus, quae perfectam essentiam non habent. Unde oportet quod in diffinitione sua subiectum recipiant, quod est extra genus eorum. Patet ergo quod essentia comprehendit materiam et formam.

Non autem potest dici quod essentia significet relationem, quae est inter materiam et formam vel aliquid superadditum ipsis, quia hoc de necessitate esset accidens et extraneum a re nec per eam res cognosceretur, quae omnia essentiae conveniunt. Per formam enim, quae est actus materiae, materia efficitur ens actu et hoc aliquid. Unde illud quod superadvenit non dat esse actu simpliciter materiae, sed esse actu tale, sicut etiam accidentia faciunt, ut albedo facit actu album. Unde et quando talis forma acquiritur, non dicitur generari simpliciter, sed secundum quid. Relinquitur ergo quod nomen essentiae in substantiis compositis significat id quod ex materia et forma compositum est.

Et huic consonat verbum Boethii in commento praedicamentorum, ubi dicit quod usia significat compositum. Usia enim apud Graecos idem est quod essentia apud nos, ut ipsemet dicit in libro de duabus naturis. Avicenna etiam dicit quod quiditas substantiarum compositarum est ipsa compositio formae et materiae. Commentator etiam dicit super VII metaphysicae: natura quam habent species in rebus generabilibus est aliquod medium, id est compositum ex materia et forma.

Huic etiam ratio concordat, quia esse substantiae compositae non est tantum formae nec tantum materiae, sed ipsius compositi. Essentia autem est secundum quam res esse dicitur. Unde oportet quod essentia, qua res denominatur ens, non tantum sit forma neque tantum materia, sed utrumque, quamvis huiusmodi esse suo modo sola forma sit causa.

Sic enim in aliis videmus, quae ex pluribus principiis constituuntur, quod res non denominatur ex altero illorum principiorum tantum, sed ab eo, quod utrumque complectitur, ut patet in saporibus, quia ex actione calidi digerentis humidum causatur dulcedo, et quamvis hoc modo calor sit causa dulcedinis, non tamen denominatur corpus dulce a calore, sed a sapore qui calidum et humidum complectitur.

Sed quia individuationis principium materia est, ex hoc forte videtur sequi quod essentia, quae materiam in se complectitur simul et formam, sit tantum particularis et non universalis. Ex quo sequeretur quod universalia diffinitionem non haberent, si essentia est id quod per diffinitionem significatur.

Et ideo sciendum est quod materia non quolibet modo accepta est individuationis principium, sed solum materia signata. Et dico materiam signatam, quae sub determinatis dimensionibus consideratur. Haec autem materia in diffinitione hominis, in quantum est homo, non ponitur, sed poneretur in diffinitione Socratis, si Socrates diffinitionem haberet. In diffinitione autem hominis ponitur materia non signata; non enim in diffinitione hominis ponitur hoc os et haec caro, sed os et caro absolute, quae sunt materia hominis non signata.

Sic ergo patet quod essentia hominis et essentia Socratis non differunt nisi secundum signatum et non signatum. Unde Commentator dicit super VII metaphysicae: Socrates nihil aliud est quam animalitas et rationalitas, quae sunt quiditas eius.

Sic etiam essentia generis et speciei secundum signatum et non signatum differunt, quamvis alius modus designationis sit utrobique, quia designatio individui respectu speciei est per materiam determinatam dimensionibus, designatio autem speciei respectu generis est per differentiam constitutivam, quae ex forma rei sumitur.

Haec autem determinatio vel designatio, quae est in specie respectu generis, non est per aliquid in essentia speciei exsistens, quod nullo modo in essentia generis sit, immo quicquid est in specie, est etiam in genere ut non determinatum. Si enim animal non esset totum quod est homo, sed pars eius, non praedicaretur de eo, cum nulla pars integralis de suo toto praedicetur.

Hoc autem quomodo contingat videri poterit, si inspiciatur qualiter differt corpus secundum quod ponitur pars animalis et secundum quod ponitur genus. Non enim potest eo modo esse genus, quo est pars integralis. Hoc igitur nomen quod est corpus multipliciter accipi potest.

Corpus enim, secundum quod est in genere substantiae, dicitur ex eo quod habet talem naturam, ut in eo possint designari tres dimensiones; ipsae enim tres dimensiones designatae sunt corpus, quod est in genere quantitatis. Contingit autem in rebus, ut quod habet unam perfectionem ad ulteriorem etiam perfectionem pertingat, sicut patet in homine, qui et naturam sensitivam habet et ulterius intellectivam. Similiter etiam et super hanc perfectionem, quae est habere talem formam, ut in ea possint tres dimensiones designari, potest alia perfectio adiungi, ut vita vel aliquid huiusmodi. Potest ergo hoc nomen corpus significare rem quandam, quae habet talem formam, ex qua sequitur in ipsa designabilitas trium dimensionum cum praecisione, ut scilicet ex illa forma nulla ulterior perfectio sequatur; sed si quid aliud superadditur, sit praeter significationem corporis sic dicti. Et hoc modo corpus erit integralis et materialis pars animalis, quia sic anima erit praeter id quod significatum est nomine corporis et erit superveniens ipsi corpori, ita quod ex ipsis duobus, scilicet anima et corpore, sicut ex partibus constituetur animal.

Potest etiam hoc nomen corpus hoc modo accipi, ut significet rem quandam, quae habet talem formam, ex qua tres dimensiones possunt in ea designari, quaecumque forma sit illa, sive ex ea possit provenire aliqua ulterior perfectio sive non. Et hoc modo corpus erit genus animalis, quia in animali nihil est accipere quod non implicite in corpore continetur. Non enim anima est alia forma ab illa, per quam in re illa poterant designari tres dimensiones; et ideo, cum dicebatur quod corpus est quod habet talem formam, ex qua possunt designari tres dimensiones in eo, intelligebatur: quaecumque forma esset, sive animalitas sive lapideitas sive quaecumque alia. Et sic forma animalis implicite in forma corporis continetur, prout corpus est genus eius.

Et talis est etiam habitudo animalis ad hominem. Si enim animal nominaret tantum rem quandam, quae habet talem perfectionem, ut possit sentire et moveri per principium in ipso existens cum praecisione alterius perfectionis, tunc quaecumque alia perfectio ulterior superveniret, haberet se ad animal per modum partis et non sicut implicite contenta in ratione animalis, et sic animal non esset genus; sed est genus secundum quod significat rem quandam, ex cuius forma potest provenire sensus et motus, quaecumque sit illa forma, sive sit anima sensibilis tantum sive sensibilis et rationalis simul.

Sic ergo genus significat indeterminate totum id quod est in specie, non enim significat tantum materiam; similiter etiam differentia significat totum et non significat tantum formam; et etiam diffinitio significat totum, et etiam species. Sed tamen diversimode,

quia genus significat totum ut quaedam denominatio determinans id quod est materiale in re sine determinatione propriae formae. Unde genus sumitur ex materia, quamvis non sit materia, ut patet quod corpus dicitur ex hoc quod habet talem perfectionem, ut possint in eo designari tres dimensiones; quae quidem perfectio est materialiter se habens ad ulteriorem perfectionem.

Differentia vero e converso est sicut quaedam denominatio a forma determinate sumpta praeter hoc quod de primo intellectu eius sit materia determinata, ut patet, cum dicitur animatum, scilicet illud quod habet animam; non enim determinatur quid sit, utrum corpus vel aliquid aliud. Unde dicit Avicenna quod genus non intelligitur in differentia sicut pars essentiae eius, sed solum sicut ens extra essentiam, sicut etiam subiectum est de intellectu passionum. Et ideo etiam genus non praedicatur de differentia per se loquendo, ut dicit philosophus in III metaphysicae et in IV topicorum, nisi forte sicut subiectum praedicatur de passione.

Sed diffinitio vel species comprehendit utrumque, scilicet determinatam materiam, quam designat nomen generis, et determinatam formam, quam designat nomen differentiae.

Ex hoc patet ratio quare genus, species et differentia se habent proportionaliter ad materiam et formam et compositum in natura, quamvis non sint idem quod illa,

quia neque genus est materia, sed a materia sumptum ut significans totum, neque differentia forma, sed a forma sumpta ut significans totum.

Unde dicimus hominem esse animal rationale et non ex animali et rationali, sicut dicimus eum esse ex anima et corpore. Ex anima enim et corpore dicitur esse homo, sicut ex duabus rebus quaedam res tertia constituta, quae neutra illarum est. Homo enim neque est anima neque corpus. Sed si homo aliquo modo ex animali et rationali esse dicatur, non erit sicut res tertia ex duabus rebus, sed sicut intellectus tertius ex duobus intellectibus. Intellectus enim animalis est sine determinatione specialis formae, exprimens naturam rei ab eo quod est materiale respectu ultimae perfectionis. Intellectus autem huius differentiae rationalis consistit in determinatione formae specialis. Ex quibus duobus intellectibus constituitur intellectus speciei vel diffinitionis. Et ideo sicut res constituta ex aliquibus non recipit praedicationem earum rerum, ex quibus constituitur, ita nec intellectus recipit praedicationem eorum intellectuum, ex quibus constituitur. Non enim dicimus quod diffinitio sit genus aut differentia.

Quamvis autem genus significet totam essentiam speciei, non tamen oportet ut diversarum specierum, quarum est idem genus, sit una essentia,

quia unitas generis ex ipsa indeterminatione vel indifferentia procedit, non autem ita, quod illud quod significatur per genus sit una natura numero in diversis speciebus, cui superveniat res alia, quae sit differentia determinans ipsum, sicut forma determinat materiam, quae est una numero, sed quia genus significat aliquam formam, non tamen determinate hanc vel illam, quam determinate differentia exprimit, quae non est alia quam illa, quae indeterminate significabatur per genus.

Et ideo dicit Commentator in XI metaphysicae quod materia prima dicitur una per remotionem omnium formarum, sed genus dicitur unum per communitatem formae significatae.

Unde patet quod per additionem differentiae remota illa indeterminatione, quae erat causa unitatis generis, remanent species per essentiam diversae.

Et quia, ut dictum est, natura speciei est indeterminata respectu individui sicut natura generis respectu speciei,

inde est quod sicut id quod est genus, prout praedicabatur de specie, implicabat in sua significatione, quamvis indistincte, totum quod determinate est in specie, ita etiam et id quod est species, secundum quod praedicatur de individuo, oportet quod significet totum id quod est essentialiter in individuo, licet indistincte.

Et hoc modo essentia speciei significatur nomine hominis, unde homo de Socrate praedicatur. Si autem significetur natura speciei cum praecisione materiae designatae, quae est principium individuationis, sic se habebit per modum partis. Et hoc modo significatur nomine humanitatis; humanitas enim significat id unde homo est homo. Materia autem designata non est id unde homo est homo; et ita nullo modo continetur inter illa, ex quibus homo habet quod sit homo. Cum ergo humanitas in suo intellectu includat tantum ea, ex quibus homo habet quod sit homo, patet quod a significatione eius excluditur vel praeciditur materia designata. Et quia pars non praedicatur de toto, inde est quod humanitas nec de homine nec de Socrate praedicatur.

Unde dicit Avicenna quod quiditas compositi non est ipsum compositum, cuius est quiditas, quamvis etiam ipsa quiditas sit composita, sicut humanitas, licet sit composita, non est homo, immo oportet quod sit recepta in aliquo quod est materia designata.

Sed quia, ut dictum est, designatio speciei respectu generis est per formam, designatio autem individui respectu speciei est per materiam, ideo oportet ut nomen significans id, unde natura generis sumitur, cum praecisione formae determinatae perficientis speciem significet partem materialem totius, sicut corpus est pars materialis hominis. Nomen autem significans id, unde sumitur natura speciei cum praecisione materiae designatae, significat partem formalem.

Et ideo humanitas significatur ut forma quaedam, et dicitur quod est forma totius, non quidem quasi superaddita partibus essentialibus, scilicet formae et materiae, sicut forma domus superadditur partibus integralibus eius, sed magis est forma, quae est totum scilicet formam complectens et materiam, tamen cum praecisione eorum, per quae nata est materia designari.

Sic igitur patet quod essentiam hominis significat hoc nomen homo et hoc nomen humanitas, sed diversimode, ut dictum est, quia hoc nomen homo significat eam ut totum, in quantum scilicet non praecidit designationem materiae, sed implicite, continet eam et indistincte, sicut dictum est quod genus continet differentiam; et ideo praedicatur hoc nomen homo de individuis. Sed hoc nomen humanitas significat eam ut partem, quia non continet in significatione sua nisi id, quod est hominis in quantum est homo, et praecidit omnem designationem. Unde de individuis hominis non praedicatur.

Et propter hoc etiam nomen essentiae quandoque invenitur praedicatum in re, dicimus enim Socratem esse essentiam quandam; et quandoque negatur, sicut dicimus quod essentia Socratis non est Socrates.

Capítulo 2

Tendo em vista, então, o que se entende pelo nome de essência nas substâncias compostas, é necessário considerar como ela se relaciona com o conceito de gênero, espécie e diferença.

Uma vez que o conceito de gênero, espécie ou diferença é algo que se predica deste ou daquele indivíduo particular, é impossível que o conceito de universal, seja ele gênero ou espécie, possa se aplicar à essência enquanto significada como uma parte, como ocorre com os termos "humanidade" ou "animalidade". É por isso que Avicena afirma que a racionalidade não é uma diferença em si, mas um princípio de diferença; e, da mesma forma, a humanidade não é uma espécie, nem a animalidade é um gênero.

Também não se pode dizer que o conceito de gênero ou espécie se aplica à essência como uma entidade existente fora dos indivíduos, como postulavam os platônicos, pois, desse modo, o gênero e a espécie não seriam predicados do indivíduo em questão; afinal, não se pode dizer que Sócrates seja algo separado dele mesmo, e aquilo que está separado não contribuiria para o conhecimento deste indivíduo particular.

Resta, portanto, que o conceito de gênero ou espécie se aplica à essência, enquanto esta é significada como um todo, como pelo nome "homem" ou "animal", e assim contém, de maneira implícita e indistinta, tudo aquilo que se encontra no indivíduo.

A natureza ou essência assim concebida pode ser considerada de duas maneiras: de um modo, segundo o conceito próprio, que é a consideração absoluta da essência. E assim, nada é verdadeiro sobre ela, a não ser aquilo que lhe convém enquanto tal. Portanto, qualquer outra coisa que lhe seja atribuída, será uma atribuição falsa. Por exemplo, ao homem, enquanto homem, convém ser racional e animal, e todos os demais aspectos incluídos em sua definição. Já o ser branco ou negro, ou qualquer outra coisa do tipo, que não faz parte da natureza da humanidade, não se aplica ao homem enquanto homem. Se perguntarmos se essa natureza, assim considerada, pode ser dita uma ou muitas, nenhuma das opções é aceitável, pois ambas estão fora do entendimento da humanidade e ambas podem ocorrer. Se a pluralidade fizesse parte do entendimento da humanidade, ela nunca poderia ser uma, embora o seja quando se encontra em Sócrates. Da mesma forma, se a unidade fizesse parte de sua definição, então haveria uma única humanidade de Sócrates e Platão, e não poderia haver pluralidade entre eles.

De outro modo, a natureza é considerada segundo o ser que ela possui neste ou naquele, e assim algo é predicado dela de maneira acidental, em razão daquele em que ela se encontra, como se diz que o homem é branco, porque Sócrates é branco, embora isso não se aplique ao homem enquanto homem.

Esta natureza possui dois modos de ser: um nos indivíduos e outro na alma, e em ambos os casos ela possui acidentes que a acompanham. Mesmo nos indivíduos, ela possui modos de ser variados de acordo com a diversidade dos indivíduos; ainda assim, não se pode atribuir a nenhum desses

modos de ser à essência em sua consideração primeira, ou seja, em sua consideração absoluta. É falso dizer que a essência do homem, enquanto tal, possui ser em um indivíduo específico, pois se o ser em tal indivíduo fosse atribuído ao homem enquanto homem, ele nunca poderia estar fora daquele indivíduo específico. Do mesmo modo, se não ser em um determinado indivíduo fosse atribuído ao homem enquanto homem, ele nunca estaria presente naquele indivíduo. Logo, é verdade que o homem, enquanto homem, não possui ser em um determinado indivíduo, nem na alma. Portanto, fica claro que a natureza do homem, considerada de modo absoluto, abstrai de qualquer ser, mas sem excluir nenhum desses modos de ser.

Esta natureza assim considerada é aquela que é predicada de todos os indivíduos. Contudo, não se pode dizer que o conceito de universal se aplica a essa natureza tomada dessa forma, pois do conceito de universal decorrem a unidade e a comunidade. Nenhum desses atributos pertence à natureza humana, enquanto ela é considerada de modo absoluto. Se a comunidade fizesse parte do entendimento do homem, então onde quer que houvesse humanidade, haveria também comunidade. E isso é falso, pois em Sócrates não se encontra comunidade alguma; tudo o que está nele é individuado.

Tampouco se pode dizer que o conceito de gênero ou espécie seja um acidente da natureza humana em função do ser que ela possui nos indivíduos, pois a natureza humana não é encontrada nos indivíduos como uma unidade que é compartilhada por todos, algo que o conceito de universal exige.

Portanto, resta que o conceito de espécie é um acidente da natureza humana em razão do ser que ela possui no intelecto.

A própria natureza humana, no intelecto, possui um ser abstraído de todas as características individuantes, e por isso ela tem uma relação uniforme com todos os indivíduos que estão fora da alma, uma vez que é a imagem de todos e conduz ao conhecimento de todos, na medida em que são homens. E é em razão de tal relação com todos os indivíduos que o intelecto descobre o conceito de espécie e lhe atribui essa característica. É por isso que o Comentador, no início do "De Anima", diz que o intelecto é quem dá universalidade às coisas. Avicena também afirma isso em sua metafísica.

Embora esta natureza, enquanto concebida pelo intelecto, possua o conceito de universal, enquanto relacionada às coisas fora da alma, uma vez que é uma única imagem de todos, ela é, segundo o ser que possui em um determinado intelecto, uma espécie particular concebida. Por isso, fica evidente a falha do Comentador no "De Anima" III, que, ao derivar a universalidade da forma concebida, conclui que há uma unidade do intelecto em todos os homens, pois a universalidade dessa forma não decorre do ser que ela possui no intelecto, mas da relação que possui com as coisas como imagem das coisas.

Se houvesse uma estátua que representasse vários homens, seria claro que aquela imagem ou espécie da estátua teria um ser singular e próprio segundo o material em que fosse composta, mas teria o conceito de comunidade na medida em que representasse várias pessoas.

Como a natureza humana, enquanto considerada em sua forma absoluta, é predicada de Sócrates, e o conceito de espécie não se aplica a ela em sua forma absoluta, mas é um acidente que ocorre a ela segundo o ser que ela possui no intelecto, o nome de espécie não se predica de Sócrates, de modo a dizer: "Sócrates é uma espécie", o que necessariamente aconteceria se o conceito de espécie fosse atribuído ao homem segundo o ser que ele possui em Sócrates ou segundo sua consideração absoluta, ou seja, enquanto é homem. Tudo o que se aplica ao homem enquanto homem é predicado de Sócrates.

Ainda assim, a predicação é um atributo do gênero em si, uma vez que é incluída na definição de gênero. A predicação é algo que se completa pela ação do intelecto ao combinar e separar, e tem seu fundamento na própria realidade como uma unidade daquilo que se diz de algo. Portanto, o conceito de predicabilidade pode ser entendido dentro do conceito de gênero, que também se completa pela ação do intelecto. No entanto, aquilo a que o intelecto atribui a intenção de predicabilidade, ao combiná-la com outra coisa, não é a própria intenção de gênero, mas sim aquilo a que o intelecto atribui o conceito de gênero, como o que se significa pelo nome "animal".

Assim, fica claro como a essência ou natureza se relaciona com o conceito de espécie, uma vez que o conceito de espécie não pertence à essência em sua consideração absoluta, nem é um acidente que ocorre a ela segundo o ser que possui fora da alma, como a brancura ou a negritude, mas é um acidente que ocorre a ela segundo o ser que possui no intelecto, e é por esse mesmo modo que o conceito de gênero ou diferença também se aplica a ela.

Latim

Caput 2

Viso igitur quid significetur nomine essentiae in substantiis compositis videndum est quomodo se habeat ad rationem generis, speciei et differentiae.

Quia autem id, cui convenit ratio generis vel speciei vel differentiae, praedicatur de hoc singulari signato, impossibile est quod ratio universalis, scilicet generis vel speciei, conveniat essentiae secundum quod per modum partis significatur, ut nomine humanitatis vel animalitatis. Et ideo dicit Avicenna quod rationalitas non est differentia, sed differentiae principium; et eadem ratione humanitas non est species nec animalitas genus.

Similiter etiam non potest dici quod ratio generis vel speciei conveniat essentiae, secundum quod est quaedam res exsistens extra singularia, ut Platonici ponebant, quia sic genus et species non praedicarentur de hoc individuo; non enim potest dici quod Socrates sit hoc quod ab eo separatum est; nec iterum illud separatum proficeret in cognitionem huius singularis.

Et ideo relinquitur quod ratio generis vel speciei conveniat essentiae, secundum quod significatur per modum totius, ut nomine hominis vel animalis, prout implicite et indistincte continet totum hoc, quod in individuo est.

Natura autem vel essentia sic accepta potest dupliciter considerari: uno modo, secundum rationem propriam, et haec est absoluta consideratio ipsius. Et hoc modo nihil est verum de ea nisi quod convenit sibi secundum quod huiusmodi. Unde quicquid aliorum attribuatur sibi, falsa est attributio. Verbi gratia, homini in eo quod est homo convenit rationale et animal et alia, quae in diffinitione eius cadunt. Album vero aut nigrum vel quicquid huiusmodi, quod non est de ratione humanitatis, non convenit homini in eo quod homo. Unde si quaeratur utrum ista natura sic considerata possit dici una vel plures, neutrum concedendum est, quia utrumque est extra intellectum humanitatis et utrumque potest sibi accidere. Si enim pluralitas esset de intellectu eius, nunquam posset esse una, cum tamen una sit secundum quod est in Socrate. Similiter si unitas esset de ratione eius, tunc esset una et eadem Socratis et Platonis nec posset in pluribus plurificari.

Alio modo consideratur secundum esse quod habet in hoc vel in illo, et sic de ipsa aliquid praedicatur per accidens ratione eius, in quo est, sicut dicitur quod homo est albus, quia Socrates est albus, quamvis hoc non conveniat homini in eo quod homo.

Haec autem natura duplex habet esse, unum in singularibus et aliud in anima, et secundum utrumque consequuntur dictam naturam accidentia. Et in singularibus etiam habet multiplex esse secundum singularium diversitatem et tamen ipsi naturae secundum suam primam considerationem, scilicet absolutam, nullum istorum esse debetur. Falsum enim est dicere quod essentia hominis in quantum huiusmodi habeat esse in hoc singulari, quia si esse in hoc singulari conveniret homini in quantum est homo, nunquam esset extra hoc singulare. Similiter etiam si conveniret homini in quantum est homo non esse in hoc singulari, nunquam esset in eo. Sed verum est dicere quod homo non in quantum est homo habet quod sit in hoc singulari vel in illo aut in anima. Ergo patet quod natura hominis absolute considerata abstrahit a quolibet esse, ita tamen quod non fiat praecisio alicuius eorum.

Et haec natura sic considerata est quae praedicatur de individuis omnibus. Non tamen potest dici quod ratio universalis conveniat naturae sic acceptae, quia de ratione universalis est unitas et communitas. Naturae autem humanae neutrum horum convenit secundum suam absolutam considerationem. Si enim communitas esset de intellectu hominis, tunc in quocumque inveniretur humanitas inveniretur communitas. Et hoc falsum est, quia in Socrate non invenitur communitas aliqua, sed quicquid est in eo est individuatum.

Similiter etiam non potest dici quod ratio generis vel speciei accidat naturae humanae secundum esse quod habet in individuis, quia non invenitur in individuis natura humana secundum unitatem, ut sit unum quid omnibus conveniens, quod ratio universalis exigit.

Relinquitur ergo quod ratio speciei accidat naturae humanae secundum illud esse quod habet in intellectu.

Ipsa enim natura humana in intellectu habet esse abstractum ab omnibus individuantibus, et ideo habet rationem uniformem ad omnia individua, quae sunt extra animam, prout aequaliter est similitudo omnium et ducens in omnium cognitionem in quantum sunt homines. Et ex hoc quod talem relationem habet ad omnia individua intellectus adinvenit rationem speciei et

attribuit sibi. Unde dicit Commentator in principio de anima quod intellectus est qui agit universalitatem in rebus. Hoc etiam Avicenna dicit in sua metaphysica.

Et quamvis haec natura intellecta habeat rationem universalis secundum quod comparatur ad res extra animam, quia est una similitudo omnium, tamen secundum quod habet esse in hoc intellectu vel in illo est quaedam species intellecta particularis. Et ideo patet defectus Commentatoris in III de anima, qui voluit ex universalitate formae intellectae unitatem intellectus in omnibus hominibus concludere, quia non est universalitas illius formae secundum hoc esse quod habet in intellectu, sed secundum quod refertur ad res ut similitudo rerum,

sicut etiam, si esset una statua corporalis repraesentans multos homines, constat quod illa imago vel species statuae haberet esse singulare et proprium secundum quod esset in hac materia, sed haberet rationem communitatis secundum quod esset commune repraesentativum plurium.

Et quia naturae humanae secundum suam absolutam considerationem convenit quod praedicetur de Socrate, et ratio speciei non convenit sibi secundum suam absolutam considerationem, sed est de accidentibus, quae consequuntur eam secundum esse, quod habet in intellectu, ideo nomen speciei non praedicatur de Socrate, ut dicatur: Socrates est species, quod de necessitate accideret, si ratio speciei conveniret homini secundum esse, quod habet in Socrate vel secundum suam considerationem absolutam, scilicet in quantum est homo. Quicquid enim convenit homini in quantum est homo praedicatur de Socrate.

Et tamen praedicari convenit generi per se, cum in eius diffinitione ponatur. Praedicatio enim est quiddam, quod completur per actionem intellectus componentis et dividentis, habens fundamentum in re ipsa unitatem eorum, quorum unum de altero dicitur. Unde ratio praedicabilitatis potest claudi in ratione huius intentionis, quae est genus, quae similiter per actum intellectus completur. Nihilominus tamen id, cui intellectus intentionem praedicabilitatis attribuit, componens illud cum altero, non est ipsa intentio generis, sed potius illud, cui intellectus intentionem generis attribuit, sicut quod significatur hoc nomine animal.

Sic ergo patet qualiter essentia vel natura se habet ad rationem speciei, quia ratio speciei non est de his, quae conveniunt ei secundum suam absolutam considerationem, neque est de accidentibus, quae consequuntur ipsam secundum esse, quod habet extra animam, ut albedo et nigredo, sed est de accidentibus, quae consequuntur eam secundum esse, quod habet in intellectu, et per hunc modum convenit etiam sibi ratio generis vel differentiae.

Capítulo 3

Agora resta ver de que maneira existe a essência nas substâncias separadas, ou seja, na alma, na inteligência e na causa primeira.

Embora todos admitam a simplicidade da causa primeira, alguns se esforçam por induzir a composição de forma e matéria nas inteligências e na alma, cuja posição parece ter sido defendida por Avicebron, autor do livro "Fonte da Vida".

No entanto, isso é comumente contrário ao que dizem os filósofos, que nomeiam essas substâncias como separadas da matéria e provam que existem sem qualquer matéria. A demonstração mais poderosa disso é a partir da virtude de entender, que existe nelas. Vemos que as formas não são inteligíveis em ato, exceto na medida em que são separadas da matéria e das suas condições; nem se tornam inteligíveis em ato, exceto pela virtude da substância inteligente, na medida em que são recebidas nela e na medida em que são agidas por ela.

Assim, deve ser que em cada substância inteligente exista uma imunidade total da matéria, de modo que não tenha nenhuma parte materiana e também não seja como a forma impressa na matéria, como ocorre com as formas materiais.

Nem pode alguém dizer que a inteligibilidade não é impedida por qualquer matéria, mas apenas pela matéria corporal. Pois, se isso se desse apenas por causa da matéria corporal, tendo em vista que a matéria não é chamada corporal a não ser na medida em que está sob a forma corporal, então seria necessário que essa matéria, que impede a inteligibilidade, viesse da forma corporal. E isso não pode ser, porque a própria forma corporal é inteligível em ato, assim como as outras formas, na medida em que se abstraem da matéria. Assim, na alma ou na inteligência, de modo algum existe composição de matéria e forma, como esta compreensão da essência nelas se daria como nas substâncias corporais,

mas existe ali uma composição de forma e de ser. Assim, no comentário da nona proposição do livro das causas, diz-se que a inteligência é aquilo que tem forma e ser, e ali a forma é entendida como a própria quiddidade ou natureza simples.

E como isso seja claro pode ser visto. Pois tudo o que tem a relação entre si, de modo que um é a causa de ser do outro, aquele que tem a razão de causa pode ter ser sem o outro, mas não se inverte. Tal é a relação entre matéria e forma, pois a forma dá ser à matéria. Portanto, é impossível existir matéria sem alguma forma. No entanto, não é impossível existir alguma forma sem matéria. A forma, de fato, não tem em sua própria essência uma dependência da matéria, mas se algumas formas forem encontradas, que não podem existir senão na matéria, isso ocorre a elas na medida em que estão distantes do primeiro princípio, que é o ato primeiro e puro. Portanto, aquelas formas que são as mais próximas do primeiro princípio são formas que existem por si mesmas, sem matéria (pois uma forma, segundo todo o seu gênero, não necessita de matéria, como foi dito), e essas formas são as inteligências. Portanto, não é necessário que as essências ou quiddidades

dessas substâncias sejam diferentes da própria forma.

Dessa maneira, portanto, difere a essência da substância composta da substância simples, pois a essência da substância composta não é apenas forma, mas inclui forma e matéria; já a essência da substância simples é somente forma.

E disso derivam duas outras diferenças: uma é que a essência da substância composta pode ser significada como um todo ou como parte, o que ocorre devido à designação da matéria, como foi dito. E por isso, a essência da coisa composta não pode ser predicada da coisa composta de qualquer maneira; não se pode dizer que o homem é a sua quiddidade. Mas a essência da coisa simples, que é a sua forma, não pode ser significada senão como um todo, uma vez que não há nada ali além da forma como forma que recebe; e, portanto, de qualquer maneira que se tome a essência da substância simples, ela é predicada dela. Daí Avicebron diz que a quiddidade do simples é o simples em si, porque não é outra coisa que recebe a si mesma.

A segunda diferença é que as essências das coisas compostas, por serem recebidas na matéria designada, se multiplicam segundo a divisão desta, de modo que é possível que algumas sejam idênticas em espécie e diversas em número. Mas como a essência do simples não é recebida na matéria, não pode haver tal multiplicação; e, portanto, deve ser que não se encontrem nessas substâncias vários indivíduos da mesma espécie, mas quantos forem os indivíduos, tantas serão as espécies, como Avicebron diz expressamente.

Assim, essas substâncias, embora sejam apenas formas sem matéria, não têm em si uma simplicidade absoluta, nem são atos puros, mas possuem uma mistura de potência. E isso é assim evidente.

Pois tudo o que não está no intelecto da essência ou da quiddidade é algo que advém externamente e faz composição com a essência, porque nenhuma essência pode ser compreendida sem aquelas que são partes da essência. No entanto, toda essência ou quiddidade pode ser entendida sem que algo seja entendido sobre seu ser; posso entender o que é um homem ou um fênix, e, no entanto, ignorar se ele tem ser na realidade das coisas. Portanto, é claro que o ser é diferente da essência ou quiddidade, a não ser que exista algum ser cuja quiddidade seja o seu próprio ser;

e esse ser não pode ser senão um e único, porque é impossível que algo se multiplique exceto pela adição de alguma diferença, assim como a natureza de um gênero se multiplica em espécies, ou pela forma sendo recebida em diferentes matérias, assim como a natureza de uma espécie se multiplica em diferentes indivíduos, ou porque um é absoluto e outro é recebido em algo, como se houvesse um calor separado, seriam diferentes do calor não separado pela própria separação. Se, porém, se considerar algum ser que seja apenas ser, de modo que o próprio ser seja subsistente, esse ser não receberá adição de diferença, porque já não seria apenas ser, mas ser e, além disso, alguma forma; e muito menos receberia adição de matéria, porque já seria um ser não subsistente, mas material.

Portanto, resta que tal ser, que é seu próprio ser, não pode ser senão um único. Assim, é necessário que em qualquer outro ser, além desse, haja um ser distinto e outra quiddidade ou

natureza ou forma sua. Assim, deve haver um ser no âmbito das inteligências além da forma; e portanto é dito que a inteligência é forma e ser.

Tudo o que convém a alguém ou é causado por seus princípios naturais, como a risibilidade no homem, ou advém de algum princípio externo, como a luz no ar proveniente da influência do sol. Porém, não pode ser que o próprio ser seja causado pela própria forma ou quiddidade da coisa (digo como por uma causa eficiente), porque assim alguma coisa seria causa de si mesma, e alguma coisa se produziria a si mesma no ser, o que é impossível. Portanto, é necessário que toda tal coisa, cujo ser seja distinto da sua natureza, tenha seu ser de outro. E como tudo o que é por outro se reduz àquilo que é por si mesmo como à causa primeira, deve haver alguma coisa que seja causa do ser de todas as coisas, porque ela mesma é apenas ser. Caso contrário, estaria se indo ao infinito nas causas, já que toda coisa que não é apenas ser tem a causa do seu ser, como foi dito. Portanto, é evidente que a inteligência é forma e ser e que o ser provém do primeiro ente, que é apenas ser. E essa é a causa primeira, que é Deus.

Além disso, tudo o que recebe algo de outro está em potência em relação a esse algo, e o que é recebido nele é seu ato. Portanto, a própria quiddidade ou forma, que é a inteligência, deve estar em potência em relação ao ser, que é recebido de Deus; e esse ser recebido é por modo de ato. Assim, encontra-se potência e ato nas inteligências, não obstante a forma e matéria apenas em sentido análogo.

Portanto, também sofrer, receber, ser sujeito e todas essas coisas, que parecem convenir às coisas em razão da matéria, convenhem analogicamente às substâncias intelectuais e corporais, como diz o Comentador em "Sobre a Alma", III.

E porque, como foi mencionado, a quiddidade da inteligência é a própria inteligência, a essência ou quiddidade dela é o que é ela mesma, e seu ser é recebido de Deus e é aquilo que subsiste na realidade das coisas. Por esta razão, tais substâncias são ditas compostas do que é e do que é, ou do que é e do ser, como Boécio diz.

E porque nas inteligências se pressupõe potência e ato, não será difícil encontrar uma multiplicidade de inteligências; o que seria impossível se não houvesse potência nelas. Daí o Comentador diz em "Sobre a Alma", III, que, se a natureza do intelecto possível fosse desconhecida, não poderíamos encontrar multiplicidade entre as substâncias separadas. Portanto, há uma distinção entre elas de acordo com o grau de potência e ato, de modo que uma inteligência superior, que é mais próxima do primeiro, tem mais ato e menos potência, e assim por diante.

E isso se concretiza na alma humana, que ocupa o grau final entre as substâncias intelectuais. Assim, o intelecto possível dela se relaciona às formas inteligíveis como a matéria prima, que ocupa a última posição no ser sensível, em relação às formas sensíveis, como diz o Comentador em "Sobre a Alma", III. E por isso o filósofo a compara a uma tábua na qual nada está escrito.

E por esta razão, como entre as outras substâncias intelectuais tem mais potência, se torna tão próxima das coisas materiais, que a coisa material é atraída a participar de seu ser, de modo que da alma e do corpo resulta um único ser em um composto, embora esse ser, na medida em que

pertence à alma, não dependa do corpo.

E por isso, após essa forma, que é a alma, encontram-se outras formas que têm mais potência e estão mais próximas da matéria, de modo que seu ser não existe sem matéria. Entre elas também se encontra uma ordem e graus até as formas primordiais dos elementos, que são as mais próximas da matéria. Portanto, não têm nenhuma operação, exceto segundo a exigência das qualidades ativas e passivas e outras, pelas quais a matéria é disposta à forma.

Latim

Caput 3

Nunc restat videre per quem modum sit essentia in substantiis separatis, scilicet in anima, intelligentia et causa prima.

Quamvis autem simplicitatem causae primae omnes concedant, tamen compositionem formae et materiae quidam nituntur inducere in intelligentias et in animam, cuius positionis auctor videtur fuisse Avicebron, auctor libri fontis vitae.

Hoc autem dictis philosophorum communiter repugnat, qui eas substantias a materia separatas nominant et absque omni materia esse probant. Cuius demonstratio potissima est ex virtute intelligendi, quae in eis est. Videmus enim formas non esse intelligibiles in actu nisi secundum quod separantur a materia et a condicionibus eius; nec efficiuntur intelligibiles in actu, nisi per virtutem substantiae intelligentis secundum quod recipiuntur in ea et secundum quod aguntur per eam.

Unde oportet quod in qualibet substantia intelligente sit omnino immunitas a materia, ita quod neque habeat materiam partem sui neque etiam sit sicut forma impressa in materia, ut est de formis materialibus.

Nec potest aliquis dicere quod intelligibilitatem non impediat materia quaelibet, sed materia corporalis tantum. Si enim hoc esset ratione materiae corporalis tantum, cum materia non dicatur corporalis nisi secundum quod stat sub forma corporali, tunc oporteret quod hoc haberet materia, scilicet impedire intelligibilitatem, a forma corporali. Et hoc non potest esse, quia ipsa etiam forma corporalis actu intelligibilis est, sicut et aliae formae, secundum quod a materia abstrahitur. Unde in anima vel in intelligentia nullo modo est compositio ex materia et forma, ut hoc modo accipiatur essentia in eis sicut in substantiis corporalibus,

sed est ibi compositio formae et esse. Unde in commento IX propositionis libri de causis dicitur quod intelligentia est habens formam et esse, et accipitur ibi forma pro ipsa quiditate vel natura simplici.

Et quomodo hoc sit planum est videre. Quaecumque enim ita se habent ad invicem quod unum est causa esse alterius, illud quod habet rationem causae potest habere esse sine altero, sed non convertitur. Talis autem invenitur habitudo materiae et formae, quia forma dat esse

materiae. Et ideo impossibile est esse materiam sine aliqua forma. Tamen non est impossibile esse aliquam formam sine materia. Forma enim non habet in eo quod est forma dependentiam ad materiam, sed si inveniantur aliquae formae, quae non possunt esse nisi in materia, hoc accidit eis secundum quod sunt distantes a primo principio, quod est actus primus et purus. Unde illae formae, quae sunt propinquissimae primo principio, sunt formae per se sine materia subsistentes (non enim forma secundum totum genus suum materia indiget, ut dictum est) et huiusmodi formae sunt intelligentiae. Et ideo non oportet ut essentiae vel quiditates harum substantiarum sint aliud quam ipsa forma.

In hoc ergo differt essentia substantiae compositae et substantiae simplicis quod essentia substantiae compositae non est tantum forma, sed complectitur formam et materiam, essentia autem substantiae simplicis est forma tantum.

Et ex hoc causantur duae aliae differentiae: una est quod essentia substantiae compositae potest significari ut totum vel ut pars, quod accidit propter materiae designationem, ut dictum est. Et ideo non quolibet modo praedicatur essentia rei compositae de ipsa re composita; non enim potest dici quod homo sit quiditas sua. Sed essentia rei simplicis, quae est sua forma, non potest significari nisi ut totum, cum nihil sit ibi praeter formam quasi formam recipiens; et ideo quocumque modo sumatur essentia substantiae simplicis de ea praedicatur. Unde Avicenna dicit quod quiditas simplicis est ipsummet simplex, quia non est aliquid aliud recipiens ipsam.

Secunda differentia est quod essentiae rerum compositarum ex eo quod recipiuntur in materia designata multiplicantur secundum divisionem eius, unde contingit quod aliqua sint idem specie et diversa numero. Sed cum essentia simplicis non sit recepta in materia, non potest ibi esse talis multiplicatio; et ideo oportet ut non inveniantur in illis substantiis plura individua eiusdem speciei, sed quot sunt ibi individua, tot sunt ibi species, ut Avicenna expresse dicit.

Huiusmodi ergo substantiae quamvis sint formae tantum sine materia, non tamen in eis est omnimoda simplicitas nec sunt actus purus, sed habent permixtionem potentiae. Et hoc sic patet.

Quicquid enim non est de intellectu essentiae vel quiditatis, hoc est adveniens extra et faciens compositionem cum essentia, quia nulla essentia sine his, quae sunt partes essentiae, intelligi potest. Omnis autem essentia vel quiditas potest intelligi sine hoc quod aliquid intelligatur de esse suo; possum enim intelligere quid est homo vel Phoenix et tamen ignorare an esse habeat in rerum natura. Ergo patet quod esse est aliud ab essentia vel quiditate, nisi forte sit aliqua res, cuius quiditas sit ipsum suum esse;

et haec res non potest esse nisi una et prima, quia impossibile est, ut fiat plurificatio alicuius nisi per additionem alicuius differentiae, sicut multiplicatur natura generis in species, vel per hoc quod forma recipitur in diversis materiis, sicut multiplicatur natura speciei in diversis individuis, vel per hoc quod unum est absolutum et aliud in aliquo receptum, sicut si esset quidam calor separatus, esset alius a calore non separato ex ipsa sua separatione. Si autem ponatur aliqua res, quae sit esse tantum, ita ut ipsum esse sit subsistens, hoc esse non recipiet additionem differentiae, quia iam non esset esse tantum, sed esse et praeter hoc forma aliqua;

et multo minus reciperet additionem materiae, quia iam esset esse non subsistens sed materiale.

Unde relinquitur quod talis res, quae sit suum esse, non potest esse nisi una. Unde oportet quod in qualibet alia re praeter eam aliud sit esse suum et aliud quiditas vel natura seu forma sua. Unde oportet quod in intelligentiis sit esse praeter formam; et ideo dictum est quod intelligentia est forma et esse.

Omne autem quod convenit alicui vel est causatum ex principiis naturae suae, sicut risibile in homine, vel advenit ab aliquo principio extrinseco, sicut lumen in aere ex influentia solis. Non autem potest esse quod ipsum esse sit causatum ab ipsa forma vel quiditate rei (dico sicut a causa efficiente) quia sic aliqua res esset sui ipsius causa et aliqua res seipsam in esse produceret, quod est impossibile. Ergo oportet quod omnis talis res, cuius esse est aliud quam natura sua habeat esse ab alio. Et quia omne, quod est per aliud, reducitur ad illud quod est per se sicut ad causam primam, oportet quod sit aliqua res, quae sit causa essendi omnibus rebus, eo quod ipsa est esse tantum. Alias iretur in infinitum in causis, cum omnis res, quae non est esse tantum, habeat causam sui esse, ut dictum est. Patet ergo quod intelligentia est forma et esse et quod esse habet a primo ente, quod est esse tantum. Et hoc est causa prima, quae Deus est.

Omne autem quod recipit aliquid ab alio est in potentia respectu illius, et hoc quod receptum est in eo est actus eius. Oportet ergo quod ipsa quiditas vel forma, quae est intelligentia, sit in potentia respectu esse, quod a Deo recipit; et illud esse receptum est per modum actus. Et ita invenitur potentia et actus in intelligentiis, non tamen forma et materia nisi aequivoce.

Unde etiam pati, recipere, subiectum esse et omnia huiusmodi, quae videntur rebus ratione materiae convenire, aequivoce conveniunt substantiis intellectualibus et corporalibus, ut in III de anima Commentator dicit.

Et quia, ut dictum est, intelligentiae quiditas est ipsamet intelligentia, ideo quiditas vel essentia eius est ipsum quod est ipsa, et esse suum receptum a Deo est id, quo subsistit in rerum natura. Et propter hoc a quibusdam dicuntur huiusmodi substantiae componi ex quo est et quod est vel ex quod est et esse, ut Boethius dicit.

Et quia in intelligentiis ponitur potentia et actus, non erit difficile invenire multitudinem intelligentiarum; quod esset impossibile, si nulla potentia in eis esset. Unde Commentator dicit in III de anima quod, si natura intellectus possibilis esset ignorata, non possemus invenire multitudinem in substantiis separatis. Est ergo distinctio earum ad invicem secundum gradum potentiae et actus, ita quod intelligentia superior, quae magis propinqua est primo, habet plus de actu et minus de potentia, et sic de aliis.

Et hoc completur in anima humana, quae tenet ultimum gradum in substantiis intellectualibus. Unde intellectus possibilis eius se habet ad formas intelligibiles sicut materia prima, quae tenet ultimum gradum in esse sensibili, ad formas sensibiles, ut Commentator in III de anima dicit. Et ideo philosophus comparat eam tabulae, in qua nihil est scriptum.

Et propter hoc quod inter alias substantias intellectuales plus habet de potentia, ideo efficitur in tantum propinqua rebus materialibus, ut res materialis trahatur ad participandum esse suum, ita scilicet quod ex anima et corpore resultat unum esse in uno composito, quamvis illud esse, prout est animae, non sit dependens a corpore.

Et ideo post istam formam, quae est anima, inveniuntur aliae formae plus de potentia habentes et magis propinquae materiae in tantum quod esse earum sine materia non est. In quibus etiam invenitur ordo et gradus usque ad primas formas elementorum, quae sunt propinquissimae materiae. Unde nec aliquam operationem habent nisi secundum exigentiam qualitatum activarum et passivarum et aliarum, quibus materia ad formam disponitur.

Capítulo 4

Assim, é evidente a partir das visões dele que a essência se encontra de maneiras diversas. Pois há um modo triplo de possuir essência nas substâncias.

Alguma coisa é, como Deus, cuja essência é o próprio seu ser; e, portanto, alguns filósofos afirmam que Deus não tem quididade ou essência, porque sua essência não é outra coisa senão seu ser. E disso segue que Ele não está em gênero, porque tudo que está em gênero deve ter quididade além de seu ser, uma vez que a quididade ou natureza do gênero ou da espécie não se distingue segundo a razão da natureza naquelas coisas, cujo é o gênero ou a espécie, mas o ser é diverso nas diversas.

E não deve ser, se dizemos que Deus é apenas ser, que incorramos no erro daqueles que afirmam que Deus é aquele ser universal, pelo qual qualquer coisa é formalmente. Pois esse ser que Deus é, possui tal condição, que nada pode ser adicionado a ele; assim, por sua própria pureza, é um ser distinto de todo ser. Por isso, se diz no comentário da nona proposição do livro das causas que a individuação da primeira causa, que é apenas ser, é pela pura bondade dEle. O ser, portanto, comum como em seu intelecto, não inclui alguma adição, assim como não inclui em seu intelecto a predição da adição; porque se assim fosse, nada poderia ser entendido como sendo, no qual algo fosse adicionado ao ser.

De maneira semelhante, embora seja apenas ser, não se deve pensar que faltem a ele as demais perfeições e nobreza, antes, ele possui todas as perfeições que estão em todos os gêneros. Por isso, é dito perfeito simpliciter, como o filósofo e o Comentador dizem na V Metafísica. Mas ele possui-as de maneira mais excelente que todas as coisas, pois, nele, são uma, enquanto nas outras têm diversidade. E isso acontece, porque todas aquelas perfeições lhe convêm segundo seu ser simples; assim como se alguém pudesse, por uma qualidade, realizar operações de todas as qualidades, nessa única qualidade teria todas as qualidades, da mesma forma, Deus possui em seu ser todas as perfeições.

O segundo modo em que a essência é encontrada é nas substâncias criadas intelectuais, nas quais existe um ser diferente da essência delas, embora a essência seja sem matéria. Assim, seu ser não é absoluto, mas recebido e, portanto, limitado e finito à capacidade da natureza que as recebe, mas a natureza ou quididade delas é absoluta, não recebida em alguma matéria. E por isso diz-se no livro das causas que as inteligências são infinitas por baixo e finitas por cima. Pois são finitas quanto ao seu ser, que recebem do superior, não obstante, não são limitadas por baixo, porque suas formas não se limitam à capacidade de alguma matéria que as recebe.

Portanto, em tais substâncias não se encontra a multidão de indivíduos em uma única espécie, como foi dito, exceto na alma humana devido ao corpo, ao qual se une. E, embora a individuação dela dependa do corpo ocasionalmente quanto ao seu início, porque não se adquire ser individuado a menos que seja em um corpo, do qual é ato, não é necessário que, com a remoção do corpo, a individuação cesse, porque, tendo um ser absoluto, do qual foi adquirido o ser individuado pelo

fato de se tornar a forma deste corpo, esse ser sempre permanece individuado. E por isso Avicena diz que a individuação das almas ou multiplicação depende do corpo quanto ao seu princípio, mas não quanto ao seu fim.

E porque nessas substâncias a quididade não é a mesma que o ser, por isso são ordenáveis no predicamento, e devido a isso existe nelas gênero, espécie e diferença, embora suas diferenças próprias sejam ocultas para nós. Nas coisas sensíveis, até mesmo as diferenças essenciais são desconhecidas, assim são significadas por diferenças acidentais, que surgem das essenciais, assim como a causa é significada por seu efeito, como bípedes é colocada como a diferença do homem. No entanto, os acidentes próprios das substâncias imateriais são desconhecidos para nós; portanto, suas diferenças não podem ser significadas nem por si mesmas nem por diferenças acidentais.

No entanto, é necessário saber que gênero e diferença não são tomados da mesma maneira nessas substâncias e nas substâncias sensíveis, porque, nas sensíveis, o gênero é tomado a partir do que é material na coisa, enquanto a diferença é tomada a partir do que é formal na mesma. Por isso, Avicena diz no princípio de seu livro sobre a alma que a forma, nas coisas compostas de matéria e forma, é a diferença simples dela, que é constituída a partir dela, não de modo que a própria forma seja a diferença, mas porque ela é o princípio da diferença, como ele também afirma em sua metafísica. E é dito que tal diferença é uma diferença simples, porque é tomada a partir daquilo que é parte da quididade da coisa, ou seja, da forma.

Contudo, como as substâncias imateriais são quididades simples, a diferença nelas não pode ser tomada a partir do que é parte da quididade, mas a partir da totalidade da quididade; por isso, no princípio de "Sobre a Alma", Avicena diz que a diferença simples não é encontrada exceto nas espécies cujas essências são compostas de matéria e forma.

De maneira semelhante, o gênero nelas é tomado da totalidade da essência, porém de uma maneira diferenciada. Uma substância separada concorda com outra em imaterialidade e difere uma da outra em grau de perfeição, segundo o afastamento da potencialidade e o acesso ao ato puro. Portanto, o gênero nelas é tomado a partir do que as caracteriza em sua imaterialidade, como a intelectualidade ou algo semelhante. Entretanto, a diferença nelas é tirada a partir do que envolve o grau de perfeição, que, no entanto, é desconhecida para nós.

E não é necessário que essas diferenças sejam acidentais, porque são de acordo com uma maior e menor perfeição, que não diversificam a espécie. O grau de perfeição em receber a mesma forma não diversifica a espécie, assim como "mais branco" e "menos branco" na participação da mesma brancura. Mas um diverso grau de perfeição nas próprias formas ou naturezas participa da diversidade da espécie, como a natureza procede através de graus das plantas aos animais por meio de algumas que são mediadoras entre os animais e as plantas, segundo o filósofo no VII livro sobre os animais.

Além disso, não é necessário que a divisão das substâncias intelectuais seja sempre por duas verdadeiras diferenças, pois isso é impossível que ocorra em todas as coisas, como o filósofo afirma no XI livro sobre os animais.

O terceiro modo em que a essência é encontrada é nas substâncias compostas de matéria e forma, nas quais o ser é recebido e finito, por causa do fato de que possuem seu ser a partir de outro. Além disso, a natureza ou quididade delas é recebida na matéria determinada. Portanto, elas são finitas tanto por cima quanto por baixo, e nelas, já devido à divisão da matéria determinada, é possível a multiplicação de indivíduos em uma única espécie. E em relação a como a essência se relaciona com as intenções lógicas, já foi dito anteriormente.

Latim

Caput 4

His igitur visis patet quomodo essentia in diversis invenitur. Invenitur enim triplex modus habendi essentiam in substantiis.

Aliquid enim est, sicut Deus, cuius essentia est ipsummet suum esse; et ideo inveniuntur aliqui philosophi dicentes quod Deus non habet quiditatem vel essentiam, quia essentia sua non est aliud quam esse eius. Et ex hoc sequitur quod ipse non sit in genere, quia omne quod est in genere oportet quod habeat quiditatem praeter esse suum, cum quiditas vel natura generis aut speciei non distinguatur secundum rationem naturae in illis, quorum est genus vel species, sed esse est diversum in diversis.

Nec oportet, si dicimus quod Deus est esse tantum, ut in illorum errorem incidamus, qui Deum dixerunt esse illud esse universale, quo quaelibet res formaliter est. Hoc enim esse, quod Deus est, huius condicionis est, ut nulla sibi additio fieri possit; unde per ipsam suam puritatem est esse distinctum ab omni esse. Propter quod in commento IX propositionis libri de causis dicitur quod individuatio primae causae, quae est esse tantum, est per puram bonitatem eius. Esse autem commune sicut in intellectu suo non includit aliquam additionem, ita non includit in intellectu suo praecisionem additionis; quia si hoc esset, nihil posset intelligi esse, in quo super esse aliquid adderetur.

Similiter etiam, quamvis sit esse tantum, non oportet quod deficiant ei reliquae perfectiones et nobilitates, immo habet omnes perfectiones, quae sunt in omnibus generibus. Propter quod perfectum simpliciter dicitur, ut philosophus et Commentator in V metaphysicae dicunt. Sed habet eas modo excellentiori omnibus rebus, quia in eo unum sunt, sed in aliis diversitatem habent. Et hoc est, quia omnes illae perfectiones conveniunt sibi secundum esse suum simplex; sicut si aliquis per unam qualitatem posset efficere operationes omnium qualitatum, in illa una qualitate omnes qualitates haberet, ita Deus in ipso esse suo omnes perfectiones habet.

Secundo modo invenitur essentia in substantiis creatis intellectualibus, in quibus est aliud esse quam essentia earum, quamvis essentia sit sine materia. Unde esse earum non est absolutum, sed receptum et ideo limitatum et finitum ad capacitatem naturae recipientis, sed natura vel quiditas earum est absoluta, non recepta in aliqua materia. Et ideo dicitur in libro de causis quod intelligentiae sunt infinitae inferius et finitae superius. Sunt enim finitae quantum ad esse suum, quod a superiori recipiunt, non tamen finiuntur inferius, quia earum formae non limitantur ad capacitatem alicuius materiae recipientis eas.

Et ideo in talibus substantiis non invenitur multitudo individuorum in una specie, ut dictum est, nisi in anima humana propter corpus, cui unitur. Et licet individuatio eius ex corpore occasionaliter dependeat quantum ad sui inchoationem, quia non acquiritur sibi esse individuatum nisi in corpore, cuius est actus, non tamen oportet ut subtracto corpore individuatio pereat, quia cum habeat esse absolutum, ex quo acquisitum est sibi esse individuatum ex hoc quod facta est forma huius corporis, illud esse semper remanet individuatum. Et ideo dicit Avicenna quod individuatio animarum vel multiplicatio dependet ex corpore quantum ad sui principium, sed non quantum ad sui finem.

Et quia in istis substantiis quiditas non est idem quod esse, ideo sunt ordinabiles in praedicamento, et propter hoc invenitur in eis genus et species et differentia, quamvis earum differentiae propriae nobis occultae sint. In rebus enim sensibilibus etiam ipsae differentiae essentiales ignotae sunt, unde significantur per differentias accidentales, quae ex essentialibus oriuntur, sicut causa significatur per suum effectum, sicut bipes ponitur differentia hominis. Accidentia autem propria substantiarum immaterialium nobis ignota sunt; unde differentiae earum nec per se nec per accidentales differentias a nobis significari possunt.

Hoc tamen sciendum est quod non eodem modo sumitur genus et differentia in illis substantiis et in substantiis sensibilibus, quia in sensibilibus genus sumitur ab eo quod est materiale in re, differentia vero ab eo quod est formale in ipsa. Unde dicit Avicenna in principio libri sui de anima quod forma in rebus compositis ex materia et forma est differentia simplex eius, quod constituitur ex illa, non autem ita quod ipsa forma sit differentia, sed quia est principium differentiae, ut idem dicit in sua metaphysica. Et dicitur talis differentia esse differentia simplex, quia sumitur ab eo quod est pars quiditatis rei, scilicet a forma. Cum autem substantiae immateriales sint simplices quiditates, non potest in eis differentia sumi ab eo quod est pars quiditatis, sed a tota quiditate; et ideo in principio de anima dicit Avicenna quod differentiam simplicem non habent nisi species, quarum essentiae sunt compositae ex materia et forma.

Similiter etiam in eis ex tota essentia sumitur genus, modo tamen differenti. Una enim substantia separata convenit cum alia in immaterialitate et differunt ab invicem in gradu perfectionis secundum recessum a potentialitate et accessum ad actum purum. Et ideo ab eo quod consequitur illas in quantum sunt immateriales sumitur in eis genus, sicut est intellectualitas vel aliquid huiusmodi. Ab eo autem quod consequitur in eis gradum perfectionis sumitur in eis differentia, nobis tamen ignota.

Nec oportet has differentias esse accidentales, quia sunt secundum maiorem et minorem perfectionem, quae non diversificant speciem. Gradus enim perfectionis in recipiendo eandem formam non diversificat speciem, sicut albius et minus album in participando eiusdem rationis albedinem. Sed diversus gradus perfectionis in ipsis formis vel naturis participatis speciem diversificat, sicut natura procedit per gradus de plantis ad animalia per quaedam, quae sunt media inter animalia et plantas, secundum philosophum in VII de animalibus. Nec iterum est necessarium, ut divisio intellectualium substantiarum sit semper per duas differentias veras, quia hoc est impossibile in omnibus rebus accidere, ut philosophus dicit in XI de animalibus.

Tertio modo invenitur essentia in substantiis compositis ex materia et forma, in quibus et esse est receptum et finitum, propter hoc quod ab alio esse habent, et iterum natura vel quiditas earum est recepta in materia signata. Et ideo sunt finitae et superius et inferius, et in eis iam propter divisionem materiae signatae possibilis est multiplicatio individuorum in una specie. Et in his qualiter se habet essentia ad intentiones logicas, supra dictum est.

Capítulo 5

Agora resta ver como a essência se encontra nos acidentes.

Pois, como já foi dito, a essência é aquilo que é significado pela definição, deve ser que as coisas tenham essência da forma como têm definição. No entanto, têm uma definição incompleta, pois não podem ser definidas sem que um sujeito seja colocado em sua definição. E isso se dá porque não possuem ser por si mesmas, absolutamente separado do sujeito,

mas assim como do composto de forma e matéria resulta o ser substancial, assim também do acidente e do sujeito resulta o ser acidental, quando o acidente se acrescenta ao sujeito. Portanto, nem a forma substancial tem uma essência completa, nem a matéria, porque, mesmo na definição da forma substancial, é necessário que se coloque aquilo do qual é a forma; assim, sua definição é por adição de algo que está fora de seu gênero, como também a definição da forma acidental. Daí que, na definição da alma, o corpo é colocado por um natural, que considera a alma apenas na medida em que é a forma do corpo físico.

No entanto, entre formas substanciais e acidentais há uma simples diferença, pois assim como a forma substancial não possui ser absoluto por si mesma sem aquilo a que se acrescenta, assim também não tem o que lhe acresce, a saber, a matéria. E assim, da junção de ambos resulta aquilo no qual a coisa subsiste por si mesma, e deles surge um único ser por si; por isso, da confluência deles resulta uma certa essência. Portanto, a forma, embora considerada em si mesma não tenha a razão completa da essência, é, no entanto, parte da essência completa. Mas aquilo a que o acidente se acrescenta é um ente completo em si, subsistente em seu ser. Este ser, de fato, precede naturalmente o acidente que sobrevem. Portanto, o acidente que sobreveio, da conexão deste com aquilo a que se acrescenta, não causa aquele ser no qual a coisa subsiste, por meio do qual a coisa é um ente por si, mas causa um certo ser secundário, sem o qual a coisa subsistente pode ser entendida como sendo, assim como o primeiro pode ser entendido sem o segundo. Daí que, do acidente e do sujeito, não se faz um único ser por si, mas sim um por acidente. E, portanto, da junção deles não resulta uma certa essência, como da junção da forma com a matéria. Por isso, o acidente não possui a razão de essência completa nem é parte da essência completa, mas, assim como é um ente em certo sentido, assim também possui a essência em certo sentido.

Mas porque aquilo que é dito de forma máxima e verdadeira em qualquer gênero é a causa daquilo que está posteriormente naquele gênero, assim como o fogo que está no extremo da caloridade é causa do calor nas coisas quentes, como é dito na II Metafísica, é necessário que a substância que é primeira no gênero do ente, possuindo verdadeira e máxima essência, seja a causa dos acidentes, que participam secundariamente e de forma quase secundária da razão do ente.

Entretanto, isso ocorre de maneira diversificada. Uma vez que as partes da substância são matéria e forma, alguns acidentes, portanto, decorrem principalmente da forma e outros da matéria. Contudo, há formas encontradas, cujo ser não depende da matéria, como a alma intelectual; a matéria, por sua vez, não tem ser senão pela forma. Assim, nos acidentes que decorrem da forma,

há algo que não tem comunicação com a matéria, como é o entender, que não está relacionado ao órgão corporal, como o filósofo prova na III De Anima. Por outro lado, alguns dos acidentes que decorrem da forma têm comunicação com a matéria, como sentir. Mas nenhum acidente decorre da matéria sem comunicação da forma.

No entanto, nesses acidentes que decorrem da matéria, encontra-se certa diversidade. Alguns acidentes decorrem da matéria segundo a ordem que esta possui em relação à forma especial, como masculino e feminino nos animais, cuja diversidade se reduz à matéria, como é dito na X Metafísica. Portanto, removida a forma do animal, os ditos acidentes não permanecem senão de forma equívoca. Outros decorrem da matéria segundo a ordem que ela possui em relação à forma geral, e por isso, removida a forma especial, ainda permanecem nela, assim como a negritude da pele é no etíope por causa da mistura de elementos e não pela razão da alma, e por isso permanece neles após a morte. E porque cada coisa se individualiza pela matéria e se coloca em gênero ou espécie por sua forma, os acidentes que decorrem da matéria são os acidentes do indivíduo, segundo os quais também os indivíduos da mesma espécie diferem entre si,

os acidentes, por sua vez, que decorrem da forma são as paixões próprias, seja do gênero, seja da espécie; portanto, encontram-se em todos que participam da natureza do gênero ou da espécie, como o risível segue na forma do homem, porque o riso resulta de certa apreensão da alma humana.

É necessário também observar que os acidentes, por vezes, são causados a partir dos princípios essenciais segundo o ato perfeito, como o calor no fogo, que é sempre, de fato, quente; outras vezes, porém, são causados apenas segundo a aptidão, mas o complemento ocorre a partir de um agente exterior, como a diacência do ar, que se completa por um corpo luminoso externo. E, em tais casos, a aptidão é um acidente inseparável, mas o complemento, que advém de algum princípio que está fora da essência da coisa ou que não entra na constituição da coisa, é separável, como mover-se e outros semelhantes.

Deve-se também notar que em acidentes o gênero, a diferença e a espécie são tomados de modo diferente do que nas substâncias.

Pois, nas substâncias, resulta por si um único ser de uma certa natureza da junção da forma substancial e da matéria, que propriamente se enquadra no predicamento da substância; por isso, na substância, os nomes concretos, que significam o composto, são propriamente ditos no gênero do ser, como espécies ou gêneros, por exemplo, homem ou animal. Não obstante, forma ou matéria não se encontra dessa forma no predicamento, exceto por redução, como os princípios são ditos no gênero do ser. Mas do acidente e do sujeito não se forma um único ser por si. Portanto, não resulta da junção deles nenhuma natureza à qual se possa atribuir a intenção de gênero ou espécie. Assim, os nomes acidentais ditos concretamente não são colocados no predicamento como espécies ou gêneros, como, por exemplo, branco ou musical, exceto por redução, mas apenas na medida em que se significam de modo abstrato, como albedo e música.

E, porque os acidentes não são compostos de matéria e forma, não se pode, portanto, tomar o gênero deles a partir da matéria e a diferença a partir da forma, como ocorre nas substâncias compostas. Mas é necessário que o gênero primeiro seja tomado a partir do próprio modo de ser,

segundo o qual o ente é predicado de diversas maneiras a partir do que é anterior e posterior entre os dez gêneros, como se diz que a quantidade é aquilo que mede a substância, e a qualidade segundo o que é a disposição da substância, e assim por diante, segundo o filósofo na IX Metafísica. As diferenças, por sua vez, são tomadas da diversidade dos princípios dos quais são causadas. E porque as paixões próprias decorrem dos próprios princípios do sujeito, é por isso que o sujeito é colocado na definição deles no lugar da diferença, quando são definidos abstratamente, na medida em que são propriamente do gênero, como se diz que a simetria é a curvatura do nariz. Mas seria o contrário, se a definição deles fosse tomada segundo o que se diz concretamente. Assim, o sujeito seria colocado em sua definição como gênero, uma vez que seriam definidos conforme as substâncias compostas, nas quais a razão do gênero é tomada da matéria, como dizemos que o simo é um nariz curvo.

De modo semelhante, isso também se aplica caso um acidente seja o princípio de outro acidente, como o princípio da relação é a ação e a paixão e a quantidade; e por isso, de acordo com isso, o filósofo divide a relação na V Metafísica.

Mas, como os próprios princípios dos acidentes nem sempre são manifestos, então, às vezes, tomamos as diferenças dos acidentes a partir de seus efeitos, como as diferenças de cor são ditas ser a congregativa e a disgregativa, que são causadas pela abundância ou escassez de luz, a partir da qual se causam as diversas espécies de cores.

Latim

Caput 5

Nunc restat videre quomodo sit essentia in accidentibus.

Qualiter enim sit in omnibus substantiis, dictum est. Et quia, ut dictum est, essentia est id quod per diffinitionem significatur, oportet ut eo modo habeant essentiam quo habent diffinitionem. Diffinitionem autem habent incompletam, quia non possunt diffiniri, nisi ponatur subiectum in eorum diffinitione. Et hoc ideo est, quia non habent per se esse, absolutum a subiecto,

sed sicut ex forma et materia relinquitur esse substantiale, quando componuntur, ita ex accidente et subiecto relinquitur esse accidentale, quando accidens subiecto advenit. Et ideo etiam nec forma substantialis completam essentiam habet nec materia, quia etiam in diffinitione formae substantialis oportet quod ponatur illud, cuius est forma; et ita diffinitio eius est per additionem alicuius, quod est extra genus eius, sicut et diffinitio formae accidentalis. Unde et in diffinitione animae ponitur corpus a naturali, qui considerat animam solum in quantum est forma physici corporis.

Sed tamen inter formas substantiales et accidentales tantum interest, quia sicut forma substantialis non habet per se esse absolutum sine eo cui advenit, ita nec illud cui advenit, scilicet materia. Et ideo ex coniunctione utriusque relinquitur illud esse, in quo res per se subsistit, et ex eis efficitur unum per se; propter quod ex coniunctione eorum relinquitur essentia quaedam. Unde forma, quamvis in se considerata non habeat completam rationem

essentiae, tamen est pars essentiae completae. Sed illud, cui advenit accidens, est ens in se completum, subsistens in suo esse. Quod quidem esse naturaliter praecedit accidens quod supervenit. Et ideo accidens superveniens ex coniunctione sui cum eo cui advenit non causat illud esse, in quo res subsistit, per quod res est ens per se, sed causat quoddam esse secundum, sine quo res subsistens intelligi potest esse, sicut primum potest intelligi sine secundo. Unde ex accidente et subiecto non efficitur unum per se, sed unum per accidens. Et ideo ex eorum coniunctione non resultat essentia quaedam, sicut ex coniunctione formae ad materiam. Propter quod accidens neque rationem completae essentiae habet neque pars essentiae completae est, sed sicut est ens secundum quid, ita et essentiam secundum quid habet.

Sed quia illud, quod dicitur maxime et verissime in quolibet genere, est causa eorum quae sunt post in illo genere, sicut ignis qui est in fine caliditatis est causa caloris in rebus calidis, ut in II metaphysicae dicitur, ideo substantia quae est primum in genere entis, verissime et maxime essentiam habens, oportet quod sit causa accidentium, quae secundario et quasi secundum quid rationem entis participant.

Quod tamen diversimode contingit. Quia enim partes substantiae sunt materia et forma, ideo quaedam accidentia principaliter consequuntur formam et quaedam materiam. Forma autem invenitur aliqua, cuius esse non dependet ad materiam, ut anima intellectualis; materia vero non habet esse nisi per formam. Unde in accidentibus, quae consequuntur formam, est aliquid, quod non habet communicationem cum materia, sicut est intelligere, quod non est per organum corporale, sicut probat philosophus in III de anima. Aliqua vero ex consequentibus formam sunt, quae habent communicationem cum materia, sicut sentire. Sed nullum accidens consequitur materiam sine communicatione formae.

In his tamen accidentibus, quae materiam consequuntur, invenitur quaedam diversitas. Quaedam enim accidentia consequuntur materiam secundum ordinem, quem habet ad formam specialem, sicut masculinum et femininum in animalibus, quorum diversitas ad materiam reducitur, ut dicitur in X metaphysicae. Unde remota forma animalis dicta accidentia non remanent nisi aequivoce. Quaedam vero consequuntur materiam secundum ordinem, quem habet ad formam generalem, et ideo remota forma speciali adhuc in ea remanent, sicut nigredo cutis est in Aethiope ex mixtione elementorum et non ex ratione animae, et ideo post mortem in eis remanet. Et quia unaquaeque res individuatur ex materia et collocatur in genere vel specie per suam formam, ideo accidentia, quae consequuntur materiam, sunt accidentia individui, secundum quae etiam individua eiusdem speciei ad invicem differunt,

accidentia vero, quae consequuntur formam, sunt propriae passiones vel generis vel speciei; unde inveniuntur in omnibus participantibus naturam generis vel speciei, sicut risibile consequitur in homine formam, quia risus contingit ex aliqua apprehensione animae hominis.

Sciendum etiam est quod accidentia aliquando ex principiis essentialibus causantur secundum actum perfectum, sicut calor in igne, qui semper est actu calidus; aliquando vero secundum aptitudinem tantum, sed complementum accidit ex agente exteriori, sicut diaphaneitas in aere, quae completur per corpus lucidum exterius. Et in talibus aptitudo est accidens inseparabile,

sed complementum, quod advenit ex aliquo principio, quod est extra essentiam rei vel quod non intrat constitutionem rei, est separabile, sicut moveri et huiusmodi.

Sciendum est etiam quod in accidentibus alio modo sumitur genus, differentia et species quam in substantiis.

Quia enim in substantiis ex forma substantiali et materia efficitur per se unum una quadam natura ex earum coniunctione resultante, quae proprie in praedicamento substantiae collocatur, ideo in substantiis nomina concreta, quae compositum significant, proprie in genere esse dicuntur sicut species vel genera, ut homo vel animal. Non autem forma vel materia est hoc modo in praedicamento nisi per reductionem, sicut principia in genere esse dicuntur. Sed ex accidente et subiecto non fit unum per se. Unde non resultat ex eorum coniunctione aliqua natura, cui intentio generis vel speciei possit attribui. Unde nomina accidentalia concretive dicta non ponuntur in praedicamento sicut species vel genera, ut album vel musicum, nisi per reductionem, sed solum secundum quod in abstracto significantur, ut albedo et musica.

Et quia accidentia non componuntur ex materia et forma, ideo non potest in eis sumi genus a materia et differentia a forma sicut in substantiis compositis, sed oportet ut genus primum sumatur ex ipso modo essendi, secundum quod ens diversimode secundum prius et posterius de decem generibus praedicatur; sicut dicitur quantitas ex eo quod est mensura substantiae, et qualitas secundum quod est dispositio substantiae, et sic de aliis secundum philosophum IX metaphysicae. Differentiae vero in eis sumuntur ex diversitate principiorum, ex quibus causantur. Et quia propriae passiones ex propriis principiis subiecti causantur, ideo subiectum ponitur in diffinitione eorum loco differentiae, si in abstracto diffiniuntur secundum quod sunt proprie in genere, sicut dicitur quod simitas est nasi curvitas. Sed e converso esset, si eorum diffinitio sumeretur secundum quod concretive dicuntur. Sic enim subiectum in eorum diffinitione poneretur sicut genus, quia tunc diffinirentur per modum substantiarum compositarum, in quibus ratio generis sumitur a materia, sicut dicimus quod simum est nasus curvus.

Similiter etiam est, si unum accidens alterius accidentis principium sit, sicut principium relationis est actio et passio et quantitas; et ideo secundum haec dividit philosophus relationem in V metaphysicae.

Sed quia propria principia accidentium non semper sunt manifesta, ideo quandoque sumimus differentias accidentium ex eorum effectibus, sicut congregativum et disgregativum dicuntur differentiae coloris, quae causantur ex abundantia vel paucitate lucis, ex quo diversae species colorum causantur.

Capítulo 6

Assim, portanto, fica evidente como a essência está nas substâncias e nos acidentes, e como se manifesta tanto nas substâncias compostas quanto nas simples, e de que maneira, em todas essas, se encontram as intenções universais da lógica, exceto a primeira, que está no extremo da simplicidade, à qual não convém a razão de gênero ou espécie e, consequentemente, nem a definição devido à sua simplicidade. Com isso, chega-se ao fim e à conclusão deste discurso. Amém.

Latim

Caput 6

Sic ergo patet quomodo essentia est in substantiis et accidentibus et quomodo in substantiis compositis et simplicibus et qualiter in his omnibus intentiones universales logicae inveniuntur excepto primo, quod est in fine simplicitatis, cui non convenit ratio generis vel speciei et per consequens nec diffinitio propter suam simplicitatem. In quo sit finis et consummatio huius sermonis. Amen.

O DEBATE COMPLETO ENTRE

ORLANDO FEDELI X OLAVO DE CARVALHO

GNOSTICISMO E OLAVISMO

EDITORA RESTAURAÇÃO

Esta é uma publicação digital e sem fins lucrativos da Editora Restauração.

Esta publicação é apenas um compilado do debate que está gratuitamente disponível na internet no site:

https://floscarmeliestudos.com.br/
compilacao-de-arquivos-da-polemica-entre-orlando-fedeli-e-olavo-de-carvalho

Recomendamos aqui também o livro “sob a máscara” em que Fernando Schlithler reproduz e comenta o debate:

https://www.floscarmeliedicoes.com.br/sob-a-mascara

A única intenção de nossa publicação é facilitar os estudos daqueles católicos interessados em defender a fé e a verdade.

Editoração: Cleber Silva
Arte: Pablo Ricardo
Prefácio: Mateus Larsan

O Debate aconteceu entre Fevereiro e Agosto de 2001, há 22 anos atrás. O Professor Fedeli havia escrito alguns artigos sobre René Guénon e Olavo mandou um e-mail para Fedeli dizendo que ele havia faltado com o respeito a esse grande espírito Místico. Portanto foi Olavo quem iniciou o debate.

Sumário

Prefácio **7**
O Debate que poderia ter salvado o Brasil: Duas décadas de Olavismo e gnose

OF-carta: René Guénon: carta de Olavo de Carvalho **11**
Olavo começa dizendo que tem discordâncias graves com Guénon, mas ainda assim não julga sua obra como essencialmente má. Na verdade diz que Guénon mostra uma grande elevação Espiritual, digna de respeito. O primeiro e-mail é bem respeitoso, o segundo já é mais agressivo, dizendo que OF tem má índole e uma sanha acusatória. E não nega que Guénon era gnóstico. Fedeli basicamente pergunta: Olavo, você é católico? Guénon era gnóstico?

OF-carta: Silêncio Inteiro... . . . . . **15**
Ele começa enunciando que OC não respondeu porque foi pego no pulo. Orlando Fedeli prossegue mostrando gnose em Guénon e provando que Martin Lings apostatou. Responde a uma possível objeção de que o OC teria renegado tudo o que escreveu até 95 dizendo que se o tivesse feito, então ele teria escrito o contrário do que escreveu. Como não o fez, então não renegou coisa alguma.

OC: Aviso **29**
Olavo faz um limpa no site e diz que Fedeli está movendo uma inquisição contra ele. Olavo chama a Montfort de "TFP do B".

OF-carta: Iracunda promessa de resposta... . . . . . **31**
Fedeli provoca Olavo por seus quase dois meses de silêncio.

OC: Aviso 2. Sobre as acusações de Orlando Fedeli **34**
Olavo elenca as quatro características da heresia gnóstica e afirma que não sabe se ou quando responderá o Fedeli.

OC: Aviso 3 . . . . . **37**
Olavo diz que não se importará com qualquer coisa que Fedeli disser.

OC: Adendo ao Aviso Número 3 . . . . . **39**
Olavo elenca as características gnósticas segundo Voeglin e faz insinuações de ameaças ao Professor Fedeli.

A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho **43**
Esta é a principal carta do debate. Nela Orlando Fedeli analisa em quase 140 paginas extensivamente o assunto do gnosticismo e faz centenas de citações, tanto de René Guénon quanto de Olavo de Carvalho e conclui que ambos eram gnósticos.

OC: Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli **188**

Olavo tenta se defender dizendo que é tudo mentira, que Fedeli só quer condená-lo, que faz um hábil jogo de palavras. Que ele Olavo usa gnose num sentido diferente, que estão tirando non sequiturs a partir de suas falas. Olavo só renegou um artigo antes de 95, então confirma que não renega os demais.

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho – sobre sua gnose **196**
Fedeli fez uma mini aula e não apenas uma resposta. Ele não respondeu, ele denunciou e Expôs. Prova que Olavo confessa ao se inocentar. Prova que as fontes de Olavo são gnósticas. Evidencia a contradição entre essa carta 9 e os avisos 1, 2 e 3.

OC: Mensagem do sr. Fedeli – através de um seu menino-de-recados **206**
Basicamente a defesa de Olavo foi: "me tiraram do contexto" "mas eu uso esse termo com outro sentido" "mas onde está a heresia em andar com gnóstico e concordar com gnóstico?" Fui aluno do Schuon sim, e daí?" "Novamente, distorção do sentido das minhas palavras, para produzir uma contradição que não existe."

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho – sobre sua gnose e seus sofismas **218**
FC responde as Fofocas e prova que Olavo defende a salvação pelo conhecimento. FC prova que Schuon zomba da Igreja e rebaixa a razão. Refuta Olavo em vários pontos.

Resumo da polêmica – e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho **234**
Começa mostrando o e-mail enviado ao jornal O Globo pedindo que publicasse esta carta, devido ao Olavo ter utilizado do jornal e que o Globo não publicou. Refuta Olavo. Na segunda parte: Prova que Voeglin está sendo distorcido por Olavo. Basicamente FC utiliza Voegelin para refutar Olavo. Olavo no artigo do Globo insinua que os católicos tradicionais são gnósticos e que eles querem jogar a Igreja contra todas as religiões e assim fariam o trabalho dos gnósticos.

OC: Fé, ciência e ideologia: o fundo da questão Fedeli **245**
Olavo tenta ressignificar os termos de gnose e assim implicar que o Fedeli é louco e o acusa de ser gnóstico quando na verdade eles só estão divergindo nos termos. Olavo também insulta Fedeli dizendo que ele só gostaria de ser um Plínio quando crescesse e que a Montfort é uma seita.

OC: Nota sobre fé e conhecimento e um P. S. muito revelador **249**
Olavo continua fugindo do assunto, criando novas discussões quanto a pontos acidentais e continua sem responder as duas perguntas fundamentais: Se ele é católico e se Guénon é gnóstico ou não. Em resumo, tenta encontrar um jeito de defender que o conhecimento está acima da fé desviando dos ensinamentos do magistério.

OF-carta: Enrolavos, remendos e gambiarras **251**
Fedeli sobre Olavo: "ele escreve textos de tal modo para lhe permitir afirmar, se atacado, dizer que não disse o que afirmou. Dizer que não disse o que disse, mas que, se disse, disse noutro sentido, que lhe é próprio." Fedeli refaz as perguntas: Guénon é gnóstico? Qual a religião de Olavo? Fedeli refuta Olavo sobre a tentativa de unir a Igreja contra todas as falsas religiões e se respalda para tanto nas sagradas escrituras. Fedeli novamente indica os escrito de Olavo em que ele defendeu Gnose e prova que segundo as citações que ele fez de Voeglin Olavo é um gnóstico.

Carta: Indicativo de nıével intelectual e religioso... . . . . . **263**
Pedro admite estudar astrologia e tenta colocar Fedeli e Coelho em saia justa. Diz ainda

que é possível "ser católico e anarquista, ser católico e defender a livre-empresa, ser católico e achar que o Estado não deve proibir a pornografia"

OC: Qual o conceito de gnose do sr. Fedeli? **265**
Olavo acusa Fedeli de gnóstico e de não saber o que é gnose. Chama-o também de incapaz e inapto a discussão intelectual.

Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho **272**
FC comenta alguns e-mails de alunos defendendo o Olavo. Extremamente heréticos, é a defesa do amigo pior do que qualquer ataque de um inimigo.

OC: Aviso Número 4 . . . . . **279**
Olavo alega novamente que Fedeli tem má intenção e deliberadamente o descontextualizou e atribuiu palavras que ele não disse

OC: OF-carta: Resposta ao AVISO 4 . . . . . **282**
Repetição do Aviso 4

OC: Um grupo de psicóticos **284**
Olavo chama Fedeli de louco psicótico. Confessa que crê na liberdade de consciência. Olavo diz que Fedeli infiltrou membros nos cursos do Olavo. Diz que Felipe coelho é neurótico e inseguro. Reforça que defende a liberdade de consciência. Diz que qualquer indícios de gnose em sua obra são "minúsculos e isolados". Discorre sobre o suposto desconhecimento de Fedeli sobre o islamismo. Diz que Fedeli não é mal intencionado, apenas doido. Insiste em fugir do assunto principal e dizer que Fedeli é só um dissidente frustrado da TFP. Olavo não responde se é católico ou se Guénon é gnóstico.

Olavo de Carvalho contra Olavo de Carvalho **300**
Felipe Coelho evidencia que Olavo não é católico ao defender a liberdade de consciência. Curioso que Coelho critica Olavo por falar as verdades sobre o Vaticano II (nisso Olavo está correto). Novamente utiliza Voegelin contra Olavo, com sucesso.

OF-carta: Projeções psicóticas **306**
Fedeli responde em uma página a carta 22 "grupo de psicóticos" e a reproduz.

Os frutos do gnóstico Olavo II: Revelações de uma câmara escura **320**
Felipe Coelho responde o aluno astrólogo do Olavo e expõe seus erros e contradições.

O Debate que poderia ter salvado o Brasil: Duas décadas de Olavismo e gnose.

O Brasil dos últimos 20 anos é a consequência desse debate não ser conhecido. Todo o Olavismo e toda a ação política fruto do pensamento de Olavo de Carvalho já estavam desmontados há mais de 20 anos. Pretendo nesse prefácio levantar questionamentos, expôr as consequências desse debate e dar uma breve introdução ao que é gnose e assim facilitar ao leitor o melhor entendimento possível deste debate, de suma importância.

1. Questionamentos:

Por que esse debate não teve mais visibilidade, por que não foi mais divulgado? Da parte do Olavo eu sei, a resposta é óbvia: autopreservação. Não falar, não divulgar, não deixar conhecer.

Por que os católicos não fizeram seu trabalho, que na verdade já tinha sido feito pelo professor Fedeli? Não sei. Pessoas capacitadas existem, muito mais capacitadas do que eu, aliás. Por que não o fizeram? Faltou vontade? Não perceberam o crescimento exponencial do Olavismo? Não perceberam a 'NeoConservarização' do catolicismo do Brasil via Paulo Ricardo? Tinham compromissos outros? Desagradariam a alguém? Medo? Onde estava a Administração Apostólica de Dom Rifan? Onde estava o movimento tradicional do Brasil? Não sei.

Por que a Liga Cristo Rei que almejava formar uma Ação Católica no Brasil nunca fez nada e nem disse nada? **Isso eu sei**. Não podiam desagradar o guru e o financiador, não é?

E aqui estamos.

2. Consequências desse debate:

Em 2001, Olavo de Carvalho foi desmascarado, pego no pulo. Seu catolicismo foi dinamitado. Dizem que durante esse debate Olavo nunca esteve mais triste e depressivo. É claro: seu plano de conduzir o futuro religioso e político do Brasil foi destruído antes mesmo de começar. Então Olavo do final do debate até sua mudança para os Estados Unidos teve que se rearranjar e se reorganizar. Preparar o caminho para que quando Orlando Fedeli não estivesse mais vivo pudesse então finalmente retomar os planos. E foi isso que Olavo fez. Construiu uma nova roupagem a partir de 2005, especialmente após o True Outspeak, em que foi durante anos o Olavo comentarista político.

Allan dos Santos e Paulo Ricardo

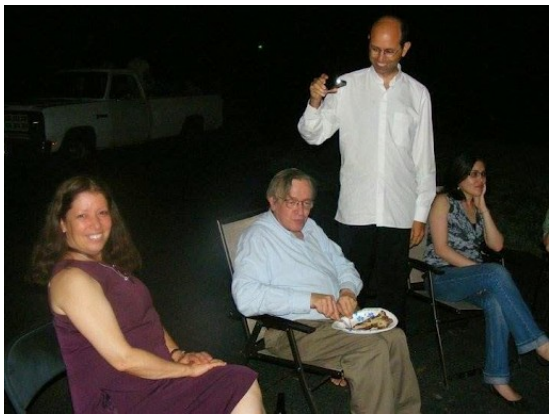
Enterrou seu passado de tariqa, esoterismo, astrologia e alquimia, fazendo apenas menções brevíssimas e incompletas quanto a esse passado. Assumindo o campo político delegou então o

campo religioso para seus amigos ou alunos: O ex-seminarista e atual jornalista Allan dos Santos e o *"padre"* Paulo Ricardo, com seu site sendo fundado em 2006.

Paulo Ricardo foi quem atestou a *verdadeira* conversão de Olavo para muitas pessoas.
Ignorante e vítima? **Impossível. Foi comparsa.**

Após a morte de +Orlando Fedeli em junho de 2010, com o sucesso absoluto tanto do TrueOutspeak e do COF quanto do site do *"padre"* Paulo Ricardo e sem nenhuma oposição católica séria, grande e organizada, então o caminho para o domínio completo do Brasil estava livre. Não havia oposição ao plano Olavo-Paulo Ricardo de dominar o catolicismo no Brasil e não havia intelectualidade para impedir o surgimento e avanço da Nova Direita.

No final tudo deu errado, mas isso é outra história. O Importante deste capítulo do prefácio é evidenciar que nada do que aconteceu precisava ter acontecido: esse catolicismo neoconservador e essa direita acatólica poderia ter sido impedida se o debate Orlando Fedeli x Olavo de Carvalho tivesse tido a visibilidade que ele merece.



"Padre" Paulo Ricardo no suposto casamento de Olavo e Roxane em 2006, nos EUA. Cadê a Batina?

Infelizmente isso não aconteceu e esta publicação é a nossa contribuição para a formação de uma Ação Política *verdadeiramente* Católica no Brazil.

3. Gnose: A Revolução Primordial.

(Fiz uma aula em que tratei longamente sobre o debate e o assunto gnose. Aos que quiserem entender mais profundamente confiram: https://youtu.be/3JQ4K_d1xFI?si=rN9cFZ42kp1bB3o-

Para compreender bem a gnose é necessário fazer uma leitura atenta de Gênesis 3.

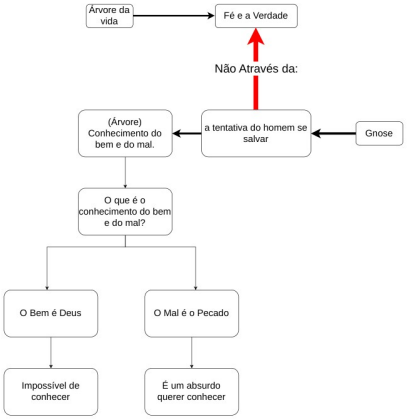
Gnose em grego significa conhecimento. Gnose é uma revolução metafísica. Gnose é o pecado de Lúcifer. Gnose é a não aceitação do Homem de seu estado. Gnose é a tentativa da criação (Homem e Lúcifer) serem criadores.
O Gnóstico é revoltado porque não é Deus.

Gnose é a tentativa do homem se salvar não através da fé e da verdade, mas através do conhecimento do Bem e do Mal. Simbolicamente a árvore da vida representa a fé e a verdade e a árvore do conhecimento a gnose.

3.1 O que é o mal?

A pergunta primeira e fundamental da gnose é: que é o Mal?

Para o católico tudo o que Deus criou é bom (E viu Deus que tudo o que havia criado era muito bom). Santo Agostinho ensina que não existe mal absoluto, porque se existisse ele teria o bem da existência, e portanto não seria mal absoluto.



O católico crê que o mal é uma corrupção ou ausência do bem, mas não um ser em si mesmo. O mal portanto não existe como ente, mas apenas como defeito. Uma comida estragada é um mal, um perna quebrada é um mal, um pneu faltante em um carro é um mal. Mas são males em vista de um bem, não existindo em si mesmo mas apenas em virtude da perfeição que lhes falta. A comida estragada é um mal porque a comida foi feita para ser boa. A perna foi feita para funcionar e o carro para ter quatro rodas. O que é uma “não-comida”, uma “não-perna” ou um “não-carro”? Essas coisas não existem.

O Gnóstico não pensa assim.

Para o gnóstico o mal é um ser, é um ente, com existência própria. Para o Gnóstico o mal existe em si mesmo. Para o católico o mal só existe como a corrupção ou a ausência de um bem. Daí a heresia dos Maniqueus: que a história seria uma luta do bem contra o mal, do SER contra o ANTI-SER. Percebem a contradição? Em última instância é a não aceitação de que tudo o que Deus fez é bom. É um pensamento fruto da revolta. Se eu não sou Deus, logo o mundo é mal! E de um princípio errado toda sorte de erros surgem e revoluções acontecem.

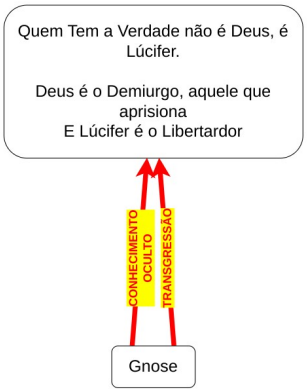
Tudo porque o gnóstico não aceita a ordem criada por Deus.

3.2 Voltando a árvore do conhecimento do Bem e do mal.

Por que Deus proibiu ao Homem comer do fruto desta árvore? Que é o Bem? Que é o mal?

O Bem é Deus. Ora, é impossível ao homem conhecer a Deus em sua essência, por isso ele não deveria comer do fruto proibido. O Mal é o pecado. Não se deve querer conhecer o pecado, pois como vimos o mal é a corrupção do bem. Querer conhecer o pecado é absurdo e por isso Adão não deveria comer do fruto proibido.

Gnose, portanto, é a tentativa do homem ser Deus pela via da transgressão da lei, pela transgressão da ordem criada por Deus. Gnose é a tentativa do homem ser Deus utilizando-se de um suposto conhecimento oculto escondido e incrustado na criação.



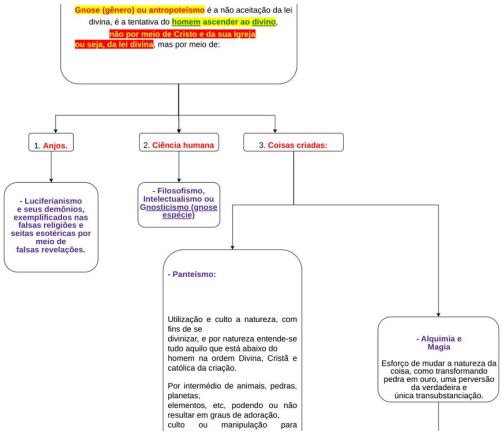
Ao ceder a Gnose, o Homem está, em última análise, afirmando que Deus é mentiroso e que quem tem a verdade é Lúcifer! A consequência lógica do gnóstico querer ser Deus é necessariamente acreditar que o Deus único e verdadeiro o está privando de sua divindade e quem quer libertá-lo é Lúcifer, o portador da Luz!

Aí está a revolução primordial: Deus é mal e nos aprisionou, Lúcifer é bom e nos libertará.

3.3 Resumo da Gnose:

Gnose (Gênero) é a não aceitação da lei divina, é a tentativa do homem ascender ao divino, não por meio de Cristo e da sua Igreja, ou seja, da lei divina, mas por meio de:

1 – Anjos
2 – Ciência Humana
3 – Coisas criadas



Gnose é tentar ascender ao divino por meio de um conhecimento angélico ou por meio de um conhecimento Humano ou por meio do domínio e manipulação das coisas criadas.

Esta é uma separação didática, já que todas essas formas de Gnose já estão simbolicamente representadas no Pecado de Adão. E a gnose se apresenta nas mais diversas formas, ora ressaltando um aspecto, ora outro.

3.4 Conclusão

Esse é um breve resumo esquemático da gnose, feito com o objetivo de facilitar o entendimento do Debate. Assim ficará muito mais claro de perceber o gnosticismo do Olavo de Carvalho e de toda a sua obra.

Que Santo Agostinho e Santo Irineu de Lyon, os dois maiores combates da Igreja contra a peste do gnosticismo possam interceder por nós nesse combate e que a Virgem Maria pise a cabeça da serpente e liberte o Brazil de tão danosa heresia. Que São Miguel seja conosco pela Restauração da Verdadeira Ordem ante a Revolução primordial.

Mateus Larsan **S.C.R.E.**
Líder da Ação Restauracionista
09/11/2023
Vésperas da festa de
São Leão Magno

Gnose

Download Enviar Imprimir

René Guénon: carta de Olavo de Carvalho

PERGUNTA

Nome:

Cledson

Enviada em:

02/02/2001

Caro Prof. Orlando,

Tomei a liberdade de enviar ao Sr. Olavo de Carvalho textos de www.montfort.org.br sobre René Guénon. Eis, logo abaixo, a mensagem que recebi, que lhe repasso na íntegra.

FElicidades,
Cledson

----- Original Message -----
From: Olavo de Carvalho
To: CRB
Sent: Sunday, January 28, 2001 10:47 PM
Subject: René Guénon

Prezado Sr. Orlando Fedelli, Acompanho seus artigos com muito interesse e sou inegavelmente um apreciador do seu belo trabalho em defesa da religião católica.
Vejo-me no entanto no dever de apontar pelo menos um grave erro no seu artigo recente sobre René Guénon. Sou um estudioso da obra de Guénon e tenho com ele pontos de concordância e de divergência. Deste últimos, alguns são bem sérios, mas nunca julguei que isto devesse me levar a enxergar na obra desse autor algo de essencialmente maléfico. Ao contrário, a elevação espiritual de que ele dá mostras cabais em inúmeros trechos da sua obra é suficiente para inibir qualquer veleidade minha de contestá-lo em termos desrespeitosos.
V. Sa., no entanto, não sente assim, e fala de Guénon de uma maneira que me parece totalmente inadequada, seja à nobreza do assunto, seja à própria dignidade do autor que subscreve o artigo.
Já seria uma coisa bem inapropriada tentar desqualificar um escritor mediante o expediente de chamá-lo de toxicômano em vez de tentar refutar primeiro suas idéias. Mas, ao fazê-lo, V. Sa. cai ainda no erro de citar como única fonte (pois as demais mencionadas são alheias a esse ponto) a obra de Marie-France James, "Esotérisme et Christianisme Autour de René Guénon" (Paris, Nouvelles Éditions Latines, 1981), aliás sem consulta direta mas somente através da citação obtida de outro autor.
Conheço bem essa obra, que li e anotei há mais de dez anos, e conheço também alguns dos personagens que ela menciona. Posso assegurar que a Srta. James, malgrado toda a sua pesquisa de arquivo, desconhece a tal ponto esses personagens que chega a confundir uns com os outros, não sabendo, por exemplo, que aqueles que ela menciona com os nomes de Martin Lings e Sidi Abu-Bakr são, fisicamente, a mesma pessoa, ou, noutras ocasiões, atribuindo a Martin Lings episódios que se passaram com Titus Burckhardt e vice-versa.
Sei dessas coisas por ter convivido durante algum tempo com o sr. Lings e

conversado muito com ele a respeito desses episódios, dos quais a Srta. James ignora praticamente tudo.
Ao ler depois a obra da Srta. James não deixei de dar boas risadas com as confusões que ela fazia.
Trata-se, manifestamente, de obra feita à distância, por depoimentos indiretos, sem pesquisa local e sem a mínima consulta a personagens que, não obstante, estavam vivos e acessíveis na ocasião em que a autora procedia às suas investigações.
Sem desmerecer de todo o trabalho, digo que ele vale alguma coisa pela parte concernente aos meios católicos, que a autora investigou profundamente, mas nada pelo que diz respeito às organizações e meios islâmicos, e principalmente ao círculo mais íntimo de René Guénon, que ela se limitou a conjeturar à distância e com um viés não raro malicioso.
Não vou discutir, agora, as relações entre René Guénon e o cristianismo desde o ponto de vista doutrinal. Limito-me a dizer que elas não podem ser resumidas como as de um perverso maçom infiltrado em meios católicos para destruir a Igreja.
Talvez eu possa me explicar melhor sobre esse ponto mais tarde, quando tiver tempo.
Por enquanto, só interessa assinalar que a fonte na qual V. Sa., sem dúvida de boa fé, se baseou para atestar a toxicomania de René Guénon não é confiável de maneira alguma.
No mais, asseguro que V. Sa. continuará tendo em mim um leitor e admirador fiel, e faço votos de que V. Sa. tenha sucesso continuado na sua generosa luta em prol do cristianismo.

Atenciosamente,
Olavo de Carvalho

Enviada em: Sábado, 3 de Fevereiro de 2001 15:30

Caro Prof. Orlando,

Envio-lhe mais um e-mail recebido. Caso queira entrar em contato direito com o Sr. Olavo de Carvalho, eis o seu e-mail: ...

FElicidades,
Cledson

----- Original Message -----
From: Olavo de Carvalho
To: CRB
Sent: Tuesday, January 30, 2001 11:22 PM
Subject: Re: René Guénonpbm9u

Prezado amigo,

Muito obrigado. Enviei o e-mail a vocês pensando que esse era o endereço do prof. Fedelli. Já que não era e que vocês tiveram a amabilidade de repassá-lo, peço também que o avisem disso para que ele não pense que foi de propósito que a remessa foi feita a terceiros e não a ele. Peço ainda que acrescentem esse PS:

PS - O uso de fonte pouco confiável para respaldo de tão grave acusação é ainda mais espantoso porque essa fonte não vem sequer citada no original, mas mencionada de segunda mão, com o título em espanhol, a partir de citação feita num artigo de revista. A citação indireta é justificável, mas não num caso desses. Tudo isso mostra uma "libido accusandi" mais própria a induzir em falso testemunho do que a edificar na fé.

Com meus melhores votos,
Olavo de Carvalho

RESPOSTA

+

Ilmo. Sr. Olavo de Carvalho.

Saudações.

Recebi inicialmente uma sua mensagem muito gentil, com algumas críticas ao que eu escrevera sobre o gnóstico René Guénon.
Com efeito, o sr. começou sua mensagem dizendo:
"Acompanho seus artigos com muito interesse e sou inegavelmente um apreciador do seu belo trabalho em defesa da religião católica".
Muito obrigado.

E concluía afirmando:
"No mais, asseguro que V. Sa. continuará tendo em mim um leitor e admirador fiel, e faço votos de que V. Sa. tenha sucesso continuado na sua generosa luta em prol do cristianismo."
Muito obrigado.

Quem lesse essas palavras ficaria com a impressão de que o sr. é um católico preocupado com a defesa da Fé e pronto a apoiar quem a defende.

Ora, se essa conclusão fosse verdadeira, como se explicaria que o sr. -- interessado na defesa da Fé Católica e na defesa do cristianismo -- se mostrasse também defensor de Guénon, cujo caráter gnóstico o Sr. não negou ?

Há nessa dupla atitude uma contradição profunda.

Estava eu nessa perplexidade quando me chegou um e-mail seu, acrescentando um post scriptum à sua carta do dia anterior.

Parece que o sr. não dormiu bem, pensando no que escrevera, pois seu post scriptum retardatário já não era tão gentil. Nele o senhor me diz:

"PS - O uso de fonte pouco confiável para respaldo de tão grave acusação é ainda mais espantoso porque essa fonte não vem sequer citada no original, mas mencionada de segunda mão, com o título em espanhol, a partir de citação feita num artigo de revista. A citação indireta é justificável, mas não num caso desses. Tudo isso mostra uma "libido acusandi" mais própria a **induzir em falso testemunho** do que a **edificar na fé**. Com meus melhores votos, Olavo de Carvalho" (os negritos são meus).

A acusação é pesada, e mantém de pé a perplexidade: qual é a Fé que o sr. pretende edificar?

Que entende o sr. por "edificar a fé": é aumentar a fé católica em seus leitores, ou insinuar a Gnose de Guénon?

A pergunta se justifica. Pela mensagem que o sr. me enviou, seu amigo Cledson e outros leitores não ficam sabendo qual é a "Fé", que o sr. tem, e que pretende edificar.

Qual é a "Fé "que o sr. pretende "testemunhar" ?
O sr. é católico ?
O sr. é cristão ?
Ou o sr. aceita pelo menos algumas das teses do esoterismo gnóstico de Guénon e de outros ?

O sr. protesta que eu tenha afirmado, com base numa citação indireta, que Guénon foi viciado em tóxicos.

Eu afirmei que, pior que ser viciado em tóxicos, foi ele ter sido gnóstico e apóstata, por ter aderido ao Islamismo. Cair em heresia e na apostasia são pecados contra a fé, que, de si, são piores do que os pecados contra a caridade.

O sr. me critica por ter feito uma citação indireta. O que não é crime.

Mas já que o sr., fazendo essa crítica, põe em dúvida as informações da autora citada, pergunto ao sr., que é especialista em Guénon:

Guénon foi, sim ou não, viciado em tóxicos? O sr. ao me criticar, esqueceu-se de elucidar esse ponto.

Ele era ou não maçon da linha mística ?
Ele era ou não gnóstico ?
Ele se tornou ou não maometano no final de sua vida ?

Sua crítica à autora que indiretamente citei é curiosa. O sr. reconhece a profundidade de sua pesquisa em arquivos e no que se refere ao cristianismo, mas critica a sua pouca profundidade quanto aos aspectos islâmicos da questão.

O Sr a critica porque ela julgou que Martim Lings e Sidi Abu Bakr não eram a mesma pessoa.

Talvez a autora, Srta. James, não conhecesse mesmo a dupla identidade de Martin Lings (Abu Bakr).
Pois bem.
Martin Lings adotou um pseudônimo ? Por que um pseudônimo árabe ?

Será porque ele, como Guénon, apostatou e se tornou maometano também, como deixa desconfiar esse pseudônimo islâmico ?

E seu amigo Martin Lings é guénoniano também ? É gnóstico também ?

O sr. escreveu algum livro, ensaio ou artigo refutando a obra da Srta. James sobre Guénon? Se escreveu, gostaria de conhecer o que escreveu, porque ajudaria a esclarecer a questão.

Além disso, espero que o sr. me indique em que obras o Sr. julga que poderei eu conhecer toda a verdade sobre Guénon. Assim poderemos discutir com base em fontes comuns.

E também - o que considero mais importante a esclarecer - qual a verdadeira "Fé" de Olavo de Carvalho.

Li alguns poucos artigos seus, em que admirei a sua habilidade, mas não a sua clareza.

Por exemplo, em seu artigo “exotérico” **"Fórmula da minha Composição Ideológica"**, o sr. se diz " tradicionalista e conservador" em religião. Só que -- habilmente -- não diz qual é sua religião.

Há tradicionalismos de todos os tipos. Há mesmo um tradicionalismo esotérico, gnóstico e cabalista.

Qual é o seu ?
É o católico ? De que tipo ? Porque também houve "tradicionalismos" ditos católicos que, de fato, eram gnosticizantes.

Já que o sr. deixa entender ser um bem defender a Fé católica e quer edificar a fé, diga explicitamente -- e não "esotericamente" -- qual é essa sua fé ?

Meu intuito não é de "induzir em falso testemunho", mas sim de defender a única Fé verdadeira: a da Igreja Católica Apostólica Romana.

Com lealdade e com clareza.

Atenciosamente,
Orlando Fedeli

Gnose

Download Enviar Imprimir

Silêncio Inteiro...

PERGUNTA

Nome:

Felipe

Enviada em:

22/01/2001

(...)

RESPOSTA

Meu caro amigo Felipe,
salve Maria!

É bem conhecido o ditado de que "para bom entendedor, meia palavra basta".
Há porém silêncios que permitem compreender mais do que meia palavra.
Quando se fazem perguntas precisas e claras a um interlocutor inteligente e erudito e ele nada responde, o silêncio total vale mais do que meia palavra.

Para bom entendedor, silêncio inteiro basta.
Porque há silêncios que são confissões. Daí dizer-se também que quem cala, consente.

Fui criticado pelo sr. Olavo de Carvalho -- jornalista exímio e muito cotado atualmente -- por ter escrito que René Guénon foi gnóstico, apóstata e -- citando o livro de Marie-France James -- que ele foi toxicômano.

Evidentemente, ser gnóstico é ser herege, e ser apóstata é renegar a fé. Ora, os pecados contra a Fé, de si, são muito piores do que a toxicomania. Guénon cometeu esses dois pecados contra a Fé ao abraçar a Gnose e ao renegar o seu Batismo para adotar o Islamismo como sua religião "exotérica".

O sr. Olavo de Carvalho escreveu-me uma carta defendendo Guénon, e protestando particularmente contra a acusação de toxicomania (que é bem secundária em comparação com os atos contra a Fé). Protestava o sr. Carvalho, sobretudo, porque eu citara um livro em segunda mão (o que, observo, não é crime): o livro de Marie-France James. Mandou-me, depois, um *post scriptum*, retardatário e zangado, dizendo-me que eu induzia em falso testemunho ao citar a mencionada obra.

Pedi então ao sr. Olavo de Carvalho que me indicasse livros confiáveis para estudar a vida de René Guénon, para não "induzir em falso testemunho". Perguntei também se ele havia escrito algo refutando a obra de M. F. James.

Passaram-se já trinta dias desde então, e nada de resposta. Apenas silêncio.

Perguntara eu ao sr. Olavo de Carvalho se Guénon era gnóstico ou não; se ele fora maçon ou não; se Guénon fora apóstata ou não.

Aguardei trinta dias, e só obtive o silêncio como resposta.

Como o sr. Olavo me elogiara por defender a Fé Católica, indaguei a ele se ele era católico, ou qual era a sua religião, e como podia ele elogiar a defesa da Fé católica defendendo, ao mesmo tempo, o gnóstico Guénon.

Não houve resposta.
Só o silêncio.

Esse silêncio da parte de um homem indiscutivelmente inteligente, além de hábil escritor, revela muito...

Sem a ajuda dele, fui então obrigado a comprar alguns livros, a consultar outros, a fazer buscas na Internet. Um enorme trabalho. Estou ainda para receber duas biografias de Guénon escritas por autores favoráveis a ele. O livro de Marie-France James é difícil de encontrar, mas espero tê-lo logo, para citá-lo de primeira mão, o que me eximirá do crime nefando de fazer citações de segunda mão.

O curioso é que o próprio Guénon raramente citava outros autores textualmente: nem de primeira, e nem de segunda mão...Tirava quase tudo de sua própria cabeça, ou dos ensinamentos de "mestres ocultos e desconhecidos", que insinuava serem "entidades" do mundo subtil. Eram citações do outro mundo...(cfr. carta de René Guénon de 17 - VI - 1934, citada por Jean Robin, in **René Guénon, Testimone della Tradizione**, ed. Il Cinabro, Catania, 1993, p.325).

"Excetuando-se **Le Théosophisme**, onde o método histórico adotado impunha o recurso a amplo rol de textos e documentos à guisa de prova, os livros de Guénon são geralmente isentos de qualquer aparato de notas e referências, principalmente porque na maioria dos casos ele não se apoiava em fontes escritas, mas orais, e no conhecimento direto."(Michel Weber, **Advertência do Editor**, in **A Metafísica Oriental,** de René Guénon, tradução de Olavo de Carvalho, editora Ivpiter, São Paulo, 1981, p. 9).

O sr. Olavo, na carta que me escreveu, narrava que rira muito com seu amigo Martin Lings -- que se chamava também Abu Bakr -- pelo fato de Marie-France James desconhecer que Lings e Abu Bakr eram a mesma pessoa.

Ora, isso também não é crime. Eu também, pessoalmente, nunca ouvira falar do tal Lings - Abu Bakr. Perguntei ao sr. Olavo se o tal Abu, também ele, se tornara um apóstata. Silêncio...

Parece que o sr. Olavo admira e é amigo de certo tipo de apóstatas. Recentemente, em artigo publicado na imprensa paulista, ele acusou Frei Betto e o ex frei Boff de apostasia. Portanto, Olavo de Carvalho julga que certo tipo de apostasia é, de fato, um mal. Mas Guénon, que se tornou "exotericamente" maometano e adotou o nome de Abdel Wahed Yahya; e Lings , que muito provavelmente deve tê-lo imitado, adotando o nome de Abu Bakr, teriam cometido apostasias "aceitáveis"...

O que seria uma apostasia aceitável?
Seria talvez adotar uma religião exotericamente, enquanto, de fato, e esotericamente, se adota a Gnose?

De qualquer modo procurei iluminar minha ignorância Lingsiana e Abubekriana via Internet.
Veja só, meu caro Felipe, o que lá encontrei.
Uma conferência de Abu Bakr--Lings, em Londres, sobre a doutrina de Guénon.

Fiquei contente, é claro, porque tinha já alguma coisa que poderia elucidar melhor meu julgamento sobre Guénon, com um documento de primeira mão, de alguém amigo de Olavo de Carvalho e amigo de Guénon. Sim, amigo de Guénon! Do próprio René Guénon, que se fazia chamar -- entre outras coisas -- de "Esfinge".

Encontrei, pois, uma conferência de Abu Bakr na qual se fazia saber que ele não só fora amigo, mas fora até secretário da Esfinge! (deve ser tremendo ser secretário da "Esfinge", e viver próximo da esfinge! Que segredos esotéricos uma "Esfinge" não ouviu da outra esfinge! E secretário da "Esfinge" no Cairo! Literalmente pertinho da esfinge, já que Lings--Abu morara na própria casa de Guénon--Abdel, num subúrbio do Cairo, perto das Pirâmides e da esfinge!)

E o que encontrei na conferência de Lings - Abu Bakr, proferida no Prince of Wales Institute de Londres, no ano de 1994?

Encontrei simplesmente isto, que cito de primeira mão e de fonte mais do que confiável, e que transcrevo da conferência de Lings--Abu Bakr:

"On the basis of this universality, which is often known as *religio perennis*, it was also Guénon's function to remind us that the great religions of the world are not only the means of man's salvation, but that they offer him beyond that, even in this life, two esoteric possibilities which correspond to what were known in Graeco-Roman Antiquity as *mysteria parva* and *mysteria magna*, the "Greater Mysteries" and the "Lesser Mysteries". The first of these is the way of return to the primordial perfection which was lost in the fall. The second, which presuposes the first , is the way to **gnosis,** the fulfillment of the precept "know thyself". This one ultimate end is termed in Christianity *deificatio*, in Hinduism, *yoga*, union, and *moksha,* delivrance, in Buddhism, *nirvana*, that

is, extinction of all that is illusory. And in Islamic mysticism, that is Sufism, tahaqquq, which means realization and which was glossed by a Sufi sheickh as self realization in God".

[Fundamentado nessa universalidade, a qual é muitas vezes conhecida com *religião perene*, era também função de Guénon lembrar-nos que as grandes religiões do mundo não são apenas meios de salvação do homem, mas que elas oferecem a ele, além disso, mesmo nesta vida, duas possibilidades esotéricas que correspondem àquilo que na Antiguidade Greco-Romana era conhecido como "*mysteria parva"* e "*mysteria magna,* os "Grandes Mistérios" e "Pequenos Mistérios". Os primeiros destes são o caminho de retorno para a perfeição primordial que fora perdida com a queda. Os segundos, que pressupõem os primeiros, são o caminho da **Gnose**, o cumprimento do preceito 'Conhece-te a ti mesmo'. Este último fim é chamado na Cristandade de *Deificação,* no Hinduismo, *yoga*, união, e *moksha*, libertação, no Budismo, *nirvana*, que é extinção de tudo o que é ilusório. E no misticismo islâmico, que é o Sufismo, tahaqquq, que significa realização e que foi comentada por um sheikh sufi como a auto realização em Deus."] (Martim Lings (Abu Bakr) **René Guénon,** Conferência pronunciada no Prince of Wales Institute, Londres, 1994, apud **Sophia**, The Journal of Traditional Studies. O negrito é nosso.)

Está aí em letras negritas: o secretário de Guénon e amigo de Olavo de Carvalho -- Lings Abu Bakr -- confessa que uma das funções de Guénon era a de lembrar que a **Gnose** era o meio esotérico de divinização do homem. De onde concluo que Guénon era um gnóstico, o que será confirmado pelo exame de toda a sua doutrina, que analisarei mais tarde.

É curioso que o próprio Olavo de Carvalho diz em um de seus livros:
"... os primeiros princípios são conhecidos por um método próprio, que é o método da sabedoria ou **Gnose"** (Olavo de Carvalho, **Astrologia e Religião,** ed. Nova Stella, coleção Eixo, São Paulo, 1986, p. 24. O negrito é nosso, E que curioso o nome da coleção...).

Peço-lhe, Felipe, que guarde bem essa identificação que Olavo de Carvalho faz entre os termos **Sabedoria e Gnose**, porque, no final desta carta, veremos textos importantes sobre a "Sabedoria" que é preciso ter, segundo Olavo...

Portanto, esse texto de Olavo, que defende a necessidade de conhecer os "Primeiros princípios" permitiria deduzir que ele também teria uma doutrina gnóstica.

E isso não é de surpreender, porque se René Guénon é gnóstico, e Olavo de Carvalho se declara continuador do ensinamento de Guénon, ele também deve ser gnóstico.

Onde se diz Olavo continuador de Guénon? Nesse mesmo livro que acabo de citar. Na pagina 8, ele escreveu: "Julgamos que este trabalho [**Astrologia e Religião**] seria um comentário e prolongamento -- ou de outro ponto de vista, uma introdução -- à majestosa exposição de doutrinas tradicionais empreendida neste nosso século sobretudo por René Guénon" (Olavo de Carvalho, **Astrologia e Religião,** ed. cit., p. 8).

E esta informação "esotérica", que escapou à vigilância de Olavo de Carvalho, eqüivale a uma confissão. Olavo de Carvalho também é um gnóstico. É o que provarei pelo exame de seus escritos, especialmente os mais reservados...

Você me diria que Olavo, recentemente, declarou que renega tudo o que escreveu antes de 1995. Por exemplo, ele afirma que não aceita mais a "descrição" entre exoterismo e esoterismo que Guénon conheceu no Islamismo, aplicando-o erradamente em outras religiões, como o budismo.

"A própria descrição de esoterismo e exoterismo que levei a sério por muito tempo, eu não aceito mais. Ela não é suficiente, é muito pobre, apesar de ser válida" (**"Um acerto de contas"** - entrevista de Olavo de Carvalho a Roberta Tórtora, in *Porto do Céu*, Recife, junho de 2.000).

Isso é muito fácil de dizer.

Como pode Olavo dizer que a "descrição" -- não deveria ser distinção ? --de esoterismo e exoterismo é pobre, que não a aceita mais, que ela é insificiente, mas que é válida?

Se ele renegasse, **de fato**, tudo o que escreveu até aquela data, ele deveria também **escrever o contrário** do que havia defendido até 1995. Se não fez isso, ele não renegou nada.

O que ele disse se parece com a declaração de um devedor que anunciasse: "Renego todas as minhas dívidas anteriores a 1995".

Fácil, não?

Na realidade, Olavo não renegou nada. Ele continua a defender os 'Grandes Mistérios", isto é a **Gnose**, isto é, o **Conhecimento de Deus**. E os chamados "Grandes Mistérios" são esotéricos. Como crer então que ele já não aceita a "descrição" -- ou a distinção? -- entre exoterismo e esoterismo?

Quer a prova disso?

Veja o que ele escreveu sobre os "Grandes Mistérios", no livro **"O Jardim das Aflições",** que foi editado em 1995.

"No romance de Goethe, à medida que Wilhem [Meister] supera a revolta juvenil para integrar-se na sociedade como cidadão educado e prestativo, a sociedade se revela como um microcosmo à imagem do universo dirigido por potências benévolas. A extraordinária beleza desta imagem da ordem universal não deve porém fazer-nos esquecer que nela se trata apenas daquilo que se chama uma iniciação de "Pequenos Mistérios", isto é, a revelação da ordem histórico-cósmica; e que tão logo os Pequenos Mistérios se fazem passar por uma finalidade em si mesmos, se tornam um entrave ao desenvolvimento espiritual do homem, barrando-lhe o acesso aos "Grandes Mistérios" onde a ordem cósmica é transcendida pelo **conhecimento do infinito e do divino**. Ora, a maçonaria como todas as demais vias espirituais originadas em iniciações de ofícios, é em essência uma iniciação de Pequenos Mistérios, e só conserva seu sentido quando integrada no corpo de uma tradição espiritual maior capaz de absorver o conhecimento dos mistérios cósmicos como uma etapa transitória no caminho para o **conhecimento de Deus.** E o que caracteriza de maneira mais enfática o período aqui mencionado é precisamente a ruptura entre os Pequenos e os Grandes Mistérios, a tentativa de fazer da iniciação histórico cósmica a etapa terminal do sentido da vida, de barrar ao homem o acesso ao infinito e aprisioná-lo na dimensão terrestre" (Olavo de Carvalho, **"O Jardim das Aflições"**, Diadorim Editora, Rio de Janeiro, 1995, p. 338- os negritos são meus).

Na nota aposta a esse trecho, Olavo avisa que não é contra a Maçonaria:

"Portanto, que fique claro: Se de um lado rejeito categoricamente toda tentativa de imputar à Maçonaria a autoria dos males modernos, de outro lado me parece um fato que a ruptura entre Maçonaria e tradição católica está na raiz desses males -- como pretendia aliás o próprio René Guénon --, não exclusivamente, decerto, mas ao menos significativamente" (Olavo de Carvalho, op, cit. p. 338, nota 209).

E Olavo declara, em outra nota ao pé de página, que não é "nem maçom, nem antimaçom" (Cfr. Olavo de Carvalho, **O Jardim das Aflições**, p. 316, nota 180).

Olavo não é nem contra, nem a favor. O que ele deve dizer é o que ele é. Mas isso é coisa difícil para ele.

A dificuldade de Olavo dizer qual é a sua religião é sintomática.

Quando alguém pergunta a você: "Qual é a sua religião?", você, como todo o mundo, não vacila em responder. Essa pergunta se responde, em questionários, colocando um **x** num quadradinho.

Ninguém precisa levar um mês pensando na resposta a essa pergunta.

A dificuldade de Olavo em responder qual é a Fé a que ele adere, qual é a sua religião, me lembra a dificuldade da velha solteirona em responder a quem lhe pergunta a idade.

Pergunta difícil que exige dela uma longa meditação... Ela tem que escolher um número, entre o real e o desejado, que pareça plausível ao interlocutor.

Sei bem que o sr. Olavo já deu respostas rápidas a essa mesma pergunta, que não lhe exigiram um mês de meditação.

Há ou pouco mais de um ano ele deu uma entrevista, publicada na revista **República** (distribuída no supermercado de Abílio Diniz), e quando o entrevistador lhe perguntou:
"Qual é a sua religião?"
Olavo respondeu incontinenti:

"Eu sou ecumênico radical: católico-protestante-islâmico-judaico-budista-hinduísta. Eu acredito que essas religiões têm todas um núcleo de verdade metafísica que é eterno, revelado, que o ser humano não poderia ter inventado" (Olavo de Carvalho, **A Miséria do Materialismo**, entrevista à revista **República**, Ano IV, n* 40, fevereiro de 2000, p. 96).

Dizer-se católico-protestante-islâmico-judaico-budista-hinduísta eqüivale a dizer que não se é nada.

Olavo diz isso em seus artigos para a imprensa, isto é, em seus artigos exotéricos, escritos para o vulgo.

Isso me faz lembrar a anedota do caipira paulista na Revolução de 32 que, tendo encontrado uma patrulha mineira que lhe perguntou de onde era, respondeu: "Sou paulista". O que lhe valeu uma surra solene e completa.
Desmaiou.
Ao voltar a si, passava por lá uma patrulha paulista, e quando lhe perguntaram de onde era, ele se apressou a declarar: "Sou mineiro". O que lhe granjeou uma surra de pau.
Desmaiou pela segunda vez.
Recuperando os sentidos, passava uma terceira patrulha. E, quando lhe perguntaram de onde ele era, o caipira gritou rápido: "Sou docêis!!!".

Assim se poderia pensar da resposta exotérica de Olavo: ele quereria não magoar ninguém e, demagogicamente, agradar a todo o mundo.

Pensar assim, porém, seria um engano ingênuo.

A razão que leva Olavo de Carvalho a se dizer adepto de todas as religiões é mais profunda, e ele a dá -- parcialmente, é claro -- em suas aulas ou escritos esotéricos, aqueles que são só para alguns, mais iniciados em sua doutrina oculta.

Olavo afirma que por trás das religiões haveria um núcleo comum esotérico. É o que se pode ler em seu livro "**Fronteiras da Tradição**":

"Assim, quem está numa religião [repare, Felipe: numa religião qualquer] já está na Tradição, quem dentro dessa Tradição encontra um caminho espiritual -- um esoterismo -- está 'mais dentro'. E quem chega à suprema realização está 'no centro' dessa Tradição, o qual coincide então com o centro da Tradição universal e primordial".

E prossegue Olavo, dizendo:

"Chegar ao esoterismo sem um exoterismo é tão impossível quanto chegar ao centro de um país sem penetrar as suas fronteiras e percorrer seu território. Se alguém desligado de um exoterismo tem por acaso a felicidade de contatar um mestre espiritual autêntico, a primeira coisa que este vai fazer é mandá-lo aprender e praticar o exoterismo: "É um princípio geral do Sufismo que um firme embasamento no exoterismo é indispensável como preparação no caminho esotérico; e, na Tariqah Darqáwi..., todos os noviços eram obrigados a decorar o **Guia dos Elementos Essenciais do Conhecimento Religioso** (NB- famoso catecismo islâmico em versos), de Ibn 'Ashir, como meio de assegurar que possuíam o mínimo necessário de instrução religiosa" (Olavo de Carvalho, **Fronteiras da Tradição**, Editora Nova Stella- coleção Eixo, São Paulo, 1985, pp. 11 e 12).

Terei ocasião de analisar melhor esses textos em outra carta.

Por hoje, dou-lhe apenas uma citação de Guénon confirmando essa idéia de Olavo, e faço-lhe um esquema para elucidar o que disse Olavo repetindo, aliás, o ensinamento de René Guénon.

A citação de Guénon está no livro **"O Esoterismo de Dante"**.

Como você bem sabe, Olavo de Carvalho, tal como Guénon, se afirma esotérico e tradicionalista em religião. Ora, Guénon diz o seguinte:

"A questão, para Aroux, foi assim colocada: Dante era católico ou albigense? Para outros, a questão parece por-se mais nestes termos: ele era cristão ou pagão?" [repare que essas perguntas, feitas por Guénon com relação a Dante, são paralelas às que fazemos sobre Olavo: ele é católico ou muçulmano? Cristão ou Gnóstico?]

Continua a citação de Guénon:

"Pela nossa parte, não pensamos que se deva colocar num tal ponto de vista, porque o verdadeiro Esoterismo é outra coisa diferente da religião exterior, e que, se tem algumas relações com esta, só pode ser enquanto encontra nas formas religiosas um modo de expressão simbólico; pouco importa, aliás, que estas formas sejam as desta ou daquela religião, visto que se trata da unidade doutrinal essencial que se dissimula atrás da sua aparente diversidade. É essa a razão pela qual os antigos iniciados participavam indistintamente em todos os cultos exteriores, segundo os costumes estabelecidos nos diversos países onde se encontravam; é também porque ele via essa unidade fundamental, e não devido a um "sincretismo" superficial, que Dante utilizou indiferentemente, segundo os casos, uma linguagem própria do Cristianismo ou da Antigüidade greco-romana. A Metafísica pura não é pagã, nem cristã, é universal" (René Guénon, **"O Esoterismo de Dante",** Editorial Vega, Lisboa, 1978, p. 17).

Se os antigos iniciados no esoterismo participavam de todos os cultos e de todas as religiões exotéricas, então Olavo de Carvalho, que é um esotérico e que defende as iniciações esotéricas, pode dizer que sua religião exotérica é o Catolicismo-Judaísmo-Islamismo-Hinduísmo e etc. Todos os "etceteras" do mundo.

As religiões exotéricas -- Catolicismo, Judaísmo, Islamismo, Hinduísmo, etc -- formariam o círculo exterior da **"Tradição"**, isto é, da **Gnose**, que seria o Centro desse círculo, e que Guénon chama também de **"Metafísica"** (Olavo de Carvalho adota o termo "**Metafísica**" no mesmo sentido que Guénon, ou ainda, como vimos, "**Sabedoria"**, como sinônimo de **Gnose**).

Da circunferência exterior, exotérica, partiriam caminhos, raios, que conduziriam ao centro, à Gnose. Esse caminhos seriam os vários esoterismos, cada um com seus métodos.

Sendo a Gnose o Conhecimento inefável, é impossível traduzí-lo em fórmulas racionais. Daí, os dogmas das religiões -- a Fé -- serem desprovidos valor maior. "É tudo bobagem" diz Olavo:

"Mas a fé não tem importância nenhuma, isso é negócio kantiano, é tudo bobagem" (Olavo de Carvalho, **Aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho**, 6 de Junho de 1998, Bloco 8, p. 21 da Apostila existente no site de Olavo de Carvalho –, **sem revisão do autor**, *in* http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17 /HTLM./000053-2.html).

E nisso Olavo concorda exatamente com a Teologia gnóstica do Modernismo. O ex Frei Boff concorda com ele nesse ponto.

Para Olavo, "É evidente que a dimensão metafísica [e veremos que para Olavo Metafísica é igual a Gnose] não

pode ser totalmente abrangida pelo discurso legalista da moral religiosa e pelos símbolos de um culto público; que ela subentende, para além do véu simbólico dos ritos e das leis, um *sentido*, captável pela pura inteligência metafísica [a Intuição] **mas irredutível tanto à representação concreta quanto às tentativas de uma formulação doutrinal acabada"** (Olavo de Carvalho, **O Jardim das Aflições"**, p. 241. O negrito é meu.).

As religiões seriam como vasos de formatos diferentes, mas seu conteúdo seria sempre o mesmo: a **"Tradição"**, isto é, a **Gnose**.

"A realidade divina foi muitas vezes comparada à água, que momentaneamente toma a forma do copo, para metamorfosear-se, conservando-se não obstante intacta, ao ser vertida em outro recipiente. Os cultos públicos são vastos sistemas de símbolos, ritos e mitos, que contêm essa água ao mesmo tempo que a ocultam." (Olavo de Carvalho, **O Jardim das Aflições**, p. 241).

As religiões seriam os "vasilhames". A Tradição, isto é a Gnose, seria a "água"...esotérica.

Você me diria que estou me precipitando ao identificar a **"Tradição"** com a **Gnose**?

Pois veja o que diz o mesmo Olavo, em outro livro dele, numa nota ao pé de página:

"Usa-se às vezes para nomeá-lo o termo *gnose*, mas **esta palavra serve para designar** -- de modo mais genérico e sem qualquer conexão com a resistência greco-romana ao cristianismo -- **o elemento intelectivo e *cognoscitivo* de qualquer tradição religiosa e espiritual, cristã inclusive".** (Olavo de Carvalho, **O Jardim das Aflições**, editora Diadorim, Rio de Janeiro, 1995, p.247, nota 127. O negrito é nosso. Os itálicos são do autor).

Ora, é exatamente isto o que ensina a Gnose Rosa Cruz. Segundo Jean Robin em sua biografia de René Guénon, quem fosse Rosa Cruz poderia participar de qualquer religião exotérica:

"Não se trataria, com efeito, para os membros dessa *élite*, de aderir a uma tradição estrangeira e, portanto, de praticar os ritos dela (pelo menos até que não tenham alcançado o grau de Rosacruz, onde evidentemente é possível participar indiferentemente de todas as formas). (Jean Robin, **René Guénon, testimone della Tradizione**, ed, Il Cinabro, Catania , 1993, p. 200).

Para Olavo de Carvalho, a Fé expressa pela Igreja Católica, por exemplo, é algo que, em face do esoterismo, não tem valor real. A única coisa que importaria seria o **CONHECIMENTO,** isto é, a **Gnose.**

É exatamente isso que está, na aula dele que você me mandou.

"Para algumas pessoas, buscar a sabedoria eliminaria a fé, o mistério. Mas a fé não tem importância nenhuma, isso é negócio kantiano, é tudo bobagem" (Olavo de Carvalho, **Aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho**, 6 de Junho de 1998, Bloco 8, p. 21 da Apostila existente no site de Olavo de Carvalho, **sem revisão do autor** *in* http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTML./000053-2.html).

Embora sem revisão do autor, o fato dessa apostila estar há tempo no site de Olavo, sem restrição alguma, demonstra que o autor não se preocupou em corrigir os excessos de linguagem de sua exposição oral. A vantagem desse texto, sem correção do autor, é que ele dá uma idéia mais correta de qual é o verdadeiro pensamento de Olavo de Carvalho, sem retoques "exotéricos".

Não gostaria de encerrar esta primeira carta, tratando de Guénon e de Olavo de Carvalho, sem mostrar como essa doutrina esotérica - exposta por Olavo, recebida de Guénon - é semelhante à do Modernismo, condenada por São Pio X. Porque o Modernismo dizia exatamente a mesma coisa: a revelação divina se dava no interior de cada homem. Ao tentar traduzir o sentimento religioso em palavras, deformava-se a revelação. Como resultado, todos os credos de todas as religiões seriam deturpações de uma única revelação interior. Todas as religiões poderiam se unir, se deixassem de lado as discussões teológicas, e procurassem unir-se no que tinham de comum: a revelação inefável interior, o Conhecimento divino inefável.

Ora, Olavo de Carvalho defende um princípio que se poderia dizer idêntico ao do Modernismo gnóstico:

"As religiões não falam da mesma coisa. É preciso ter compreendido isto para atinar que **é a mesma Voz que fala por meio de todas elas"** (Olavo de Carvalho, artigo **Lembrete de Natal**, in *O Globo*, 23 - XII- 2.000).

E essa doutrina prova que ele continuou a defender -- em dezembro de 2.000, o que afirmara não aceitar mais em junho de 2.000 -- que o esoterismo tradicionalista seria o núcleo esotérico de todas as religiões exotéricas.

Olavo se diz católico-judeu-maometano-hinduista, porque acredita que há um núcleo comum por trás de todas as religiões instituídas, o que lhe permitiria ser radicalmente ecumênico e não favorável a um ecumenismo eclético. Ora, esse núcleo comum é a Gnose.

A posição de Olavo é então a mesma que a do shiismo:

"É isto mesmo que nos mostra que a noção shiita do Imamato, o *Imamismo*, mergulha suas raízes na idéia de uma religião profética universal, da qual nós constatamos aqui a floração, ao mesmo tempo que distinguimos ainda mal a "corrente de transmissão" que a trouxe até o ecumenismo esotérico do shiismo que engloba a totalidade da *hierohistória"* (Henry Corbin, **En Islam Iranien,** Gallimard, Paris, 1971, I vol. p. 63).

E **"A doutrina shiita é por excelência a Gnose do Islam"** (Henri Corbin, **En Islam Iranien**, vol. I, p. 128)

Uma última questão a abordar referente ao Catolicismo, nesta primeira carta, que já vai longa: o que pensa realmente o sr. Olavo de Carvalho da Religião Católica?

Quem lê as primeiras linhas da carta que ele me escreveu, elogiando a defesa que faço da Fé católica, fica com a impressão de que ele é católico.

A mesma impressão se tem quando se lê seus artigos exotéricos anti comunistas, seus ataques a Frei Betto e a Frei Boff, e suas críticas ao Vaticano II. Olavo de Carvalho, nesses artigos, quer dar a idéia de que é defensor do Catolicismo, e de um Catolicismo tradicional . Ele seria até capaz de mandar algum discípulo dele, em que ele tivesse mais confiança, assistir missa tradicional com os chamados "tradicionalistas" lefebvrianos...

Ora, quando ele fala a um círculo mais restrito -- ou mais esotérico -- ele se mostra nada católico, e mesmo desrespeitoso do que é mais sagrado na Fe Católica.

Essa aula de Olavo que você acaba de me enviar, assistida por conhecidos nossos, e que pode ser encontrada no site de Olavo, criticando e dando conselhos à Igreja Católica, mostra muito bem como, de católico, ele não tem nada.

Foi dito que essa aula escandalizou até alguns católicos ingênuos que a assistiram. Tratando de "Filosofia" -- e haverá o que comentar na estranha definição de Filosofia de Olavo de Carvalho -- na segunda parte da aula, se lê o seguinte subtítulo, (que muito provavelmente não é de autoria de Olavo, mas de quem transcreveu o texto da fita gravada da aula, mas que bem indica o que Olavo de Carvalho vai dizer com relação à Igreja Católica):

"Crítica e Conselhos à Igreja católica"

(Olavo de Carvalho, Aula do seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, junho de 1998, bloco n* 8).

Embora, como salientamos, o subtítulo acima citado não seja de Olavo, o que ele fez a partir desse ponto, na aula citada, foi exatamente dar "conselhos" e criticar a Igreja Católica.

Poder-se-ia, então, imaginar coisa mais pretensiosa e atrevida?
Um católico de verdade jamais ousaria tomar essa atitude.
Quem é que pode dar conselhos à Igreja Católica?
É muita pretensão!
E que crítica, e que conselhos, poderia dar Olavo de Carvalho à Igreja Católica do alto do pedestal de sua imensa presunção?

Vejamos:

"Se se quer ajudar a Igreja, é preciso falar a verdade com ela: é preciso pedir para eles pararem de mentir, de falar besteira e reconhecer que têm de cumprir seus deveres, sendo o primeiro deles o de não perder a hegemonia intelectual. A Igreja só começou a entender, por exemplo, o idealismo alemão apenas no século XX, porque até então estava tontinha, desorientada" (Olavo de Carvalho, Aula do seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, junho de 1998, bloco n* 8, p. 19 da apostila que você me enviou).

Pode haver maior desrespeito e desprezo pela Igreja Católica do que existem nessa palavras? Como um homem que ensina isso, vem me dizer que admira minha defesa da Fé Católica?

Você vê como o que ele diz pelos jornais é o oposto do que ele diz em aulas mais reservadas? Aliás, não poderia ser diferente num autor que se confessa esotérico...

E continua ele:

"O primeiro dever da Igreja é entender tudo, porque o clero é um guia -- [Note bem: um guia, e não o guia] -- espiritual e intelectual da humanidade, é a mãe e a mestra. Agora, minha mãe [a Igreja] não está entendendo nada, está desesperada, está abaixo dos acontecimentos, e ainda fica querendo segurar-me e amarrar-me e fazer de conta que manda em mim. É uma palhaçada que tem que acabar" (Olavo de Carvalho, aula citada, p. 20 da apostila).

Palhaçada...
Usar a palavra palhaçada para referir-se ao que faz a Igreja Católica é um insulto.

Veja ainda o desrespeito escandaloso de Olavo de Carvalho por vários Papas:

"A primeira coisa que o Vaticano II colocou em prática foi o Pacto de Metz: o compromisso de não falar mal do comunismo. Basta colocar isso em prática, para dizer que toda essa Igreja está condenada: não se faz acordo com o diabo. João XXIII, Paulo VI são palhaços e chamo-os de palhaços, de idiotas para não chamar de coisa pior. Estou supondo a inocência do imbecil. E o inocente, o idiota, o que não sabe nada é quem vai guiar-me?" (Olavo de Carvalho, aula citada p. 20 da Apostila. - Os negritos são meus).

Nenhum verdadeiro católico -- ainda que condenando o pacto de Metz -- jamais insultaria Papas desse modo tão baixo e tão grosseiro.

Essas frases atentam contra a Igreja e contra o Papado. O que diz Olavo de Carvalho é uma injúria grosseira à Igreja e aos Papas, representantes de Cristo na terra.

Olavo de Carvalho não é Católico. Dizer-se ele católico, maometano, judeu, etc. é que é uma indução a falso testemunho, pois católico, pelo menos, ele não é.

E mais:

"Existe um limite para nossa capacidade de engolir bobagens em nome de uma autoridade. Mais do que isto estamos diante de uma tentação: vou-me jogar num precipício, vou afundar, foi Deus quem mandou, sou papa e sou infalível. Espere aí! Jesus Cristo nunca fez isso!" (Olavo de Carvalho, aula citada, p. 25).

"Temos que agüentar tudo e dizer que o papa é infalível? Claro que não! Poderíamos dizer que o papa deveria ser infalível, mas não está sendo" (Olavo de Carvalho, idem, p. 25).

E quando o Papa não foi infalível, segundo Olavo?

"Sob vários aspectos tenho problemas com a Igreja Católica que não consegui resolver até hoje. Por exemplo, há uma bula papal do século passado que nega a liberdade de consciência, proclamando que ela é uma coisa execrável. Ora, se o sujeito faz isso, e depois diz que é infalível, ah, vá lamber sabão!" (Olavo de Carvalho, idem p. 19).

Quem proclamou a infalibilidade papal como dogma, no Concílio Vaticano I, e condenou a liberdade de consciência e de religião em encíclicas, e não em bula, foi Pio IX.

É a Pio IX que Olavo manda grosseirissimamente "lamber sabão".

E, depois, vem me dizer, dulçuroso, que admira minha defesa da Fé católica?

É claro que Olavo de Carvalho não crê na infalibilidade papal, e que, portanto, não é católico de modo algum. Veja mais esta "pérola" olaviana:

"Além disso, a infalibilidade papal é decretada no século XIX, a mesma época em que o papa negou a liberdade de consciência. Uma coisa e outra não valem nada." (Olavo de Carvalho, idem, p. 19)

Depois de passar longo tempo insultando a Igreja e os Papas, no final de sua aula de Filosofia, Olavo

tem o atrevimento de dizer:

"Veja que não estou negando em princípio a infalibilidade papal, estou dizendo que o princípio está mal compreendido e que, pelo menos, não entendemos direito ainda" (Olavo de Carvalho, idem p. 27).

Pode haver maior contradição?

Você vê que discutir com uma pessoa tão dúplice em suas afirmações, e tão claramente contraditória, é perda de tempo. Ele estará pronto a afirmar qualquer coisa numa página, para depois negá-la na outra. Quando se fizer uma citação do que ele defendeu num mês, ele argumentará que já não defende mais aquela doutrina, para, seis meses depois, voltar a expor um pensamento baseado nela. *Non solo "la donna è mobile"*. Também Olavo muda *"d'acento e di pensiero"*.

Apesar disso, esse autor esotérico vem se proclamar escandalizado pelo fato de que citei um livro de segunda mão, -- Oh!! Quel crime abominable! -- e a protestar contra a afirmação de Marie-France James de que Guénon foi toxicômano (coisa, aliás, que Olavo não negou. Apenas protestou que eu citasse o fato sem ter antes criticado os "argumentos" de Guénon).

Refutou ele, por escrito, o livro de Marie-France James?

Estou esperando chegar da Europa o livro dela para que meu "crime" cesse, pois vou então citá-lo em primeira mão.

Mas, enquanto o livro não chega, poderia analisar o que é a Moral conforme Guénon e conforme Olavo...

******

Algumas observações sobre a Moral segundo Guénon e Olavo de Carvalho

Olavo mostrou-se especialmente indignado com a informação de Marie-France James de que Guénon era toxicômano. O que, repito, é secundário diante da acusação de Gnose e de apostasia. Ser toxicômano é violar a ordem moral, pecando contra a caridade. Ser gnóstico e apóstata é pecar contra a Fé, o que é imensamente mais grave.

Suponha-se que Guénon não tivesse sido toxicômano. Ele continuaria totalmente condenável por seu pensamento gnóstico que o levou à apostasia de seu batismo e de sua fé original.

Que dizem a Gnose sobre a Moral e o uso de tóxicos?

Conforme a Gnose, a lei natural e os dez mandamentos que a expressam são a Lei imposta pelo Demiurgo criador do mundo. Através da Lei e dos dez mandamentos, assim como através da matéria e da razão, o Demiurgo procurou manter as partículas divinas, os éons, aprisionados. Para que o homem voltasse a seu estado divino original, ele deveria violar a Lei do demiurgo, deveria desobedecer a todos os mandamentos. Daí o antinomismo comum às seitas gnósticas. Por isso, muitas seitas gnósticas incentivavam o uso de drogas, vendo nelas a libertação, quer da servidão da razão, quer da escravidão da Lei.

Por exemplo, é muito sabido que o ismaelismo de Alamut -- uma das seitas islâmicas derivadas do Shiismo -, fazia largo uso do hashishe, palavra que deu origem ao termo designativo da seita fundada por Hassan Ibn Sabbah, em Alamut: "Assassinos."

E que dizia Guénon da Moral? Admitia ele a Moral fundamentada na Lei natural e explicitada no Decálogo?

Vejamos:

"Quanto à moral, falando do ponto de vista religioso, notamos em parte o que ela é, mas nos resevamos então a falar do que se liga à sua concepção propriamente filosófica, enquanto ela é nitidamente diferente de sua concepção religiosa. Em todo o domínio da filosofia, não há nada que seja mais relativo e contingente do que a moral; para falar a verdade, nem se trata de mais de um conhecimento de ordem mais ou menos restrita, mas simplesmente de um conjunto de considerações mais ou menos coerente, cujo objetivo e alcance só poderiam ser puramente práticos, ainda que,

muitas vezes, se tenha a ilusão a esse respeito. Com efeito, trata-se exclusivamente de formular regras que sejam aplicáveis à ação humana, cuja razão de ser reside inteiramente, aliás, na ordem social, porque essas regras não teriam nenhum sentido fora do fato que os indivíduos humanos vivem em sociedade, constituindo coletividades mais ou menos organizadas; e elas ainda são formuladas colocando-se sob um ponto de vista especial, que, em vez de ser apenas social como entre os Orientais, é o ponto de vista especificamente moral, estranho à maioria da humanidade."

(...) "Fora do ponto de vista religioso que dá um sentido à moral, tudo o que se liga a esta ordem deveria logicamente se reduzir a um conjunto de convenções puras e simples, estabelecidas e observadas unicamente para tornar a vida em sociedade possível e suportável; entretanto, reconhecendo-se francamente este caráter convencional e tomando seu partido, não haveria mais moral filosófica."(...) Aliás, se a moral, como tudo o que pertence às contingências sociais, varia grandemente em função da época e dos países, as teorias morais que aparecem num meio dado, por mais opostas que possam parecer, tendem todas à justificação das mesmas regras práticas, que sempre são aquelas que se observa em geral nesse mesmo meio; isto deveria bastar para mostrar que essas teorias são desprovidas de qualquer valor real, só sendo construídas por cada filósofo para posteriormente colocarem a sua conduta e a de seus semelhantes, ou, pelo menos daqueles que são os mais próximos em acordo com suas próprias idéias, e, sobretudo, com seus próprios sentimentos". É notável que a eclosão dessas teorias morais se produza sobretudo nas épocas de decadência intelectual (...)" (René Guénon, Introdução Geral ao estudo das Doutrinas Hindús, Ciências Tradicionais Michel F. Veber, São Paulo ,1989p. 164-165. O negrito é meu).

Perdoe-me a longa e muito enrolada citação.

Você vê bem que, para Guénon, a Moral é relativa, convencional, condicionada apenas ao mundo dos fenômenos e sem relação com a "Metafísica", isto é com a "Intelectualidade", entendidas no sentido gnóstico.

Se a Moral é um conjunto de convenções, o homem que atingiu seu "Centro", através do "Conhecimento", está acima das determinações da moral convencional...

Como diziam os gnósticos, o homem perfeito, o homem pneumático ou divino, está acima da lei do Demiurgo. Se assim é, por que Guénon não poderia usar tóxicos?

Isso, por si só, não demonstra que Guénon era toxicômano. Só mostra que a informação dada por Marie-France James não é, de si, incongruente com o pensamento de Guénon.

Quanto a Olavo, que diz ele sobre moral?

No Jardim das Aflições -- nome bem escolhido para um livro que aflige por sua chatice -- depois de criticar a Contra Reforma dizendo que "É preciso ser cego para não ver no seio mesmo da Contra Reforma (..) o influxo de novas concepções racionalistas e platonizantes", Olavo escreveu:

"A racionalização do dogma, que se anuncia no Concílio de Trento, completa-se alguns séculos mais tarde na *Teologia Moral* de Santo Afonso de Ligório. Aí pela primeira vez na história do Cristianismo, dezoito séculos após a vinda do Salvador, os cristãos recebem o formulário completo de seus deveres e direitos, segundo uma hierarquia lógica rigorosa que não admite exceções, dúvidas ou nuanças de qualquer espécie: a moral cristaliza-se num sistema axiomático, salvação torna-se um problema de lógica jurídica, resolvido por métodos matemáticos. Se uma perfeita clareza teorética com relação aos deveres morais fosse absolutamente necessária à salvação, como teria podido esperar tantos séculos para vir à luz? Que teria sido de tantas gerações de cristãos dos séculos anteriores, vivendo na incerteza de um mero empirismo bem intencionado? A resposta é: a racionalização do código moral não é necessária à salvação, mas é necessária à economia interna da mentalidade racionalista. Depois disso, o espírito de formalismo legalista vai tomando posse da religião cristã em medida tal, que hordas de almas oprimidas sob o peso dos regulamentos encontrarão mais tarde alívio no protestantismo romântico". (Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, p. 187).

É claro que um homem que escreve tais coisas não tem noção do que é a moral católica.

Para a Gnose, a salvação advém do Conhecimento de que o homem é Deus. O homem se salvaria pelo

simples fato de conhecer que seu espírito mais profundo -- seu atma, diria Guénon -- é uma parcela da Divindade. Ao ter esse Conhecimento, pelo próprio fato de conhecer isso, ele reúne seu atma à Divindade e se torna a Divindade, identificando e unindo seu atma e Brahman. Para salvar-se, a moral e a prática da virtude são absolutamente desnecessárias. Mais: é preciso desprezar a virtude e as leis morais.

Ora, é exatamente isso que se depreende da leitura da aula de Olavo de Carvalho que você me mandou.

No final da aula, ele diz que o essencial para salvar-se é ter o que ele chama de "Sabedoria", que ele conceitua como sendo o que está por trás, e que é comum a todas as religiões, isto é, como vimos a Gnose (cfr. texto já citado de Olavo de Carvalho in Astrologia e Religião, p. 24).

Diz ele textualmente na aula de Filosofia que citamos:

"A sabedoria é eterna e o amor à sabedoria é premiado, independentemente de você ser cristão, muçulmano, judeu, ateu." "É no plano da sabedoria que pode haver um diálogo inter religioso: cristão, judaico, mussulmano, só aí. Fora disso, não, em matéria de fé se embanana (*sic*) tudo, encontrando-se diferenças. É evidente que todas essas fés pressupõem a sabedoria, não a substituem de maneira alguma" (Olavo de Carvalho, aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, Junho de 1998, Bloco 8, no subtítulo Elogio da Sabedoria, p. 26 do texto. As variações ortográficas são do original.).

E, depois, comparando a "sabedoria" com a moral e as virtudes, diz ele:

"A sabedoria é necessidade básica do homem. E a santidade? A santidade vem depois, é perfeição, é para alguns. Uns conseguem, outros não, para isto mesmo é que existe o perdão, que existe a misericórdia" (Olavo de Carvalho, aula citada, p. 21).

"Isso [a Sabedoria] é o essencial para poder ser cristianizado. A virtude, por si, não quer dizer nada" (Olavo de Carvalho, aula citada, p. 26. O negrito e o sublinhado são meus).

E se Olavo pensa que "a virtude, por si, não quer dizer nada" que significa seu escândalo por Marie F. James acusar Guénon de toxicômano?

E ele diz ainda:

"A partir do século XIX começa a haver uma ênfase cada vez maior nos aspectos rituais e sentimentais, e na moral exterior, uma bobajada" (Olavo de Carvalho, aula citada, p.22). O negrito é meu).

Para Olavo, o importante é confiar no "Espírito Santo" -- sabe-se lá o que ele entende por "Espírito Santo" -- e não ter apego às regras morais:

"Se o sujeito quer saber, vai entender. Esse mínimo de confiança no Espírito Santo é preciso ter. Se você não tem esse, não adianta apegar-se a sua maldita bem, a sua maldita moral, a sua maldita santidade tudo isso é lixo, perto da falta de confiança no Espírito Santo" (Olavo de Carvalho, aula citada, p. 22. O negrito e o sublinhado são meus).

Sem dúvida, essa imprecação raivosa contra a moral e a santidade lembra o conhecido princípio luterano: "Crê firmemente e peca muitas vezes".

Daí, desse desprezo da moral, vem a opinião absurda que Olavo emite sobre Santo Afonso de Ligório:

"Santo Afonso de Ligório platonizou a moral cristã, transformando-a num sistema dedutivo, axiomático, fazendo um mal desgraçado" (Olavo de Carvalho, aula cit. p. 19. O negrito é meu).

É assim que ele trata o maior Doutor da Igreja em Teologia Moral.

E como sabe Olavo o que é mal e o que é bem, se, para ele e para Guénon, a moral é relativa; se ele recusa a moral, e julga que ela é lixo, bobagem, etc.

Dispenso-me de citar as grosserias que Olavo de Carvalho diz sobre adultério, e como ele considera tal pecado coisa de somenos.

Mas uma coisa que impressiona nos escritos de Olavo de Carvalho é seu desprezo pelas pessoas.

Veja, por exemplo, seu preconceito depreciativo das empregadas domésticas, e seu relativismo moral,

nesta frase:

"Eu não acho nada desonesto o que faz a Igreja Universal, acho apenas uma santa babaquice e não agüento cinco minutos daquele rito. Acho aquilo muito bom para empregadinha doméstica. Mas errado moralmente? Não tem nada de errado, está tudo certo, não havendo desonestidade nenhuma" (Olavo de Carvalho, aula cit. p. 19).

Imoral, para Olavo, é citar um livro em segunda mão...

Isso é que é coar o mosquito e engolir o camelo.

Há dois anos, Olavo escreveu um artigo intitulado Virtudes e Vícios, no qual se pode ler algo ilustrativo do que ele entende por moral.

"Virtude' é termo em desuso. E quando se fala de "vício", todo mundo entende apenas algo material como o fumo, a bebida e as drogas - esquecendo o ensinamento de Jesus de que o bem e o mal não estão naquilo que entra pela boca para o pulmão o estômago, mas naquilo que vem de dentro do coração" (Olavo de Carvalho, Virtudes e Vícios, artigo in *O Expressionista. com,* Rio de janeiro, junho de 1998).

Você compreendeu, meu caro Felipe, como o autor do artigo distorceu a palavra de Cristo?

Se alguém lesse apenas o texto de Olavo, poderia concluir que a fumaça da maconha ou o pó da cocaína não tornam o homem impuro, e que não é pecado tomar drogas. Ora, Cristo se referia aos alimentos proibidos pela lei mosaica, não negando por exemplo, que seja ilícito tomar veneno, embebedar-se ou comer demais.

O texto de São Marcos deixa isso mais claro:

"Não compreendeis que tudo o que, de fora, entra no homem, não o pode contaminar, porque não entra em seu coração, mas vai ter ao ventre e lança-se num lugar escuso? Com isto declarava puros todos os alimentos." (Mc. VII18-19).

Num artigo intitulado "Fórmula de minha composição Ideológica", publicado em 15--1-2001, Olavo de Carvalho afirma o seguinte com relação à moral:

"*Em moral, sou anarquista.* Acredito que há princípios morais universais, permanentes, que a inteligência discerne por baixo da variação acidental das normas e costumes, e acredito, enfim, que há o certo e o errado. Mas, por isso mesmo, impor o certo é errado, a não ser em caso de vida e de morte."

E mais adiante Olavo continua:

"Mas como podemos aprender, se um tirano paternalista nos proíbe de errar?"

Como você vê, caro Felipe, ele é mesmo um anarquista em moral. Ninguém pode impor o certo. O que leva a concluir que ele não aceita os Mandamentos de Deus, que, sendo Mandamentos, nos são impostos.

*****

Estou no final desta carta.. Mas não no final do assunto.

O post scriptum de Olavo me incentivou a fazer um estudo mais fundo da vida de Guénon. Vou escrever uma pequena biografia dele. Já li alguns livros... É tão interessante...

Também vou fazer uma análise de suas doutrinas e provar que René Guénon foi um gnóstico e um apóstata.

Para concluir, vou fazer um estudo das "doutrinas" de Olavo de Carvalho, para ver em que sentido ele é um seguidor de Guénon, isto é, em que medida Olavo é um gnóstico.

Pensava eu que estava livre de ler textos gnósticos delirantes e chatos. Muito chatos e repetitivos. Agora estou lendo René Guénon - que um aluno meu chama de René "Gnose" -- e sofrendo aflições no "Jardim" do Olavo, que é tão rebarbativo e tão chato quanto uma capoeira de espinheiros.

Que fazer?! São espinhos e aflições do ofício.

Tempora mala sunt.

E chatos.

In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20070710130023/http://www.olavodecarvalho.org:8…

AVISO

Acabo de anunciar que minha homepage, sobrecarregada de textos, ficou dois dias fora do ar por falta de pagamento, e logo no instante seguinte, quando começo a aliviá-la do lixo sobrante no Fórum, ouvem-se indignados gritos de "Censura!", como se fosse minha obrigação subsidiar com meu dinheiro qualquer insulto idiota que se queira publicar contra mim! Deveria eu então cortar meus próprios textos, para ceder espaço a "Bourdieus" e Caios Rossis? Ou deveria pedir que meus atacantes me ajudassem a pagar o provedor?

Usar a palavra "censura", no caso, é de uma incompreensão quase demente. É nessas horas que se revela a hipocrisia de certos "admiradores", os quais, tendo obtido de mim, ao longo dos anos, as provas mais cabais de honestidade, seriedade e tolerância, se enchem de maliciosa suspeita ao primeiro ato meu que não compreendem, e saem me julgando mal pela aparência mais fugaz, sem me conceder sequer o benefício da dúvida. O bem que o aplauso dessas pessoas possa ter me trazido ontem é, rigorosamente, igual ao dano que me fazem agora com sua saída do Forum: nada vezes nada.

Quanto às interpretações absolutamente insanas que o sr. Orlando Fedelli fez dos meus textos, serão respondidas na hora devida. No momento, estou no Rio Grande, indo de cidade em cidade, vivendo em automóveis, trocando de hotéis como de cuecas, falando em universidades, sindicatos e partidos, numa luta extenuante e desigual contra o "establishment" esquerdista, e me é absolutamente impossível, nessas condições, conceder qualquer atenção ao Santo Ofício terceirizado -- ou TFP do B -- que esse tipinho montou em São Paulo. Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedelli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel. Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço.

Também estou sem tempo de intervir no vaivém de fofocas em que alguns querem transformar o nosso Fórum, e por isto autorizei

simplesmente alguns membros a suprimir as mensagens que lhes parecessem demasiado ofensivas, inúteis, ou que tivessem implicações criminais. Por exemplo, um visitante vinha reproduzindo lá textos anticristãos do teórico nazista Revilo P. Oliver, e não vejo motivo razoável para eu financiar a difusão desse tipo de coisas. Os admiradores do sr. Oliver mantêm seus próprios sites, têm todo o direito de mantê-los, e bem podem descarregar lá os seus detritos ideológicos. Não no meu site.

Como, tecnicamente, é impossível para o administrador cortar mensagens isoladas, foi preciso suprimir tópicos inteiros, sacrificando mensagens interessantes e outras cujo corte pode dar, aos maliciosos, a impressão de fuga ao debate. Nessa circunstância, a tentação de interpretar mal, de fazer conjeturas perversas, pode ser mesmo irresistível para certas mentes fracas que, para continuar confiando na honestidade de quem jamais as traiu ou ludibriou, precisam testá-lo continuamente, obsessivamente, sempre baseadas no pressuposto de que compreendem tudo e de que aquilo que por acaso não compreendam deve ser mesmo coisa muito ruim.

Olavo de Carvalho

Home - **Informações** - **Textos** - **Links** - **E-mail**

Gnose

Download Enviar Imprimir

IRACUNDA PROMESSA DE RESPOSTA...

PERGUNTA

Nome:

Felipe

Enviada em:

25/01/2001

(...)

RESPOSTA

Após 49 dias de atrapalhado silêncio, o sr. Olavo de Carvalho - o "pai" do "Imbecil Coletivo" - emitiu uma promessa de resposta a minhas cartas denunciando sua gnose pouco camuflada.

É essa iracunda promessa de resposta que publicamos, hoje, pedindo desculpas aos freqüentadores de nosso site pela linguagem botequinesca nela empregada. Linguagem imprópria para pessoas bem educadas.

Com efeito, o auto-denominado "filósofo", o astrólogo aposentado Olavo de Carvalho, depois de se ver compelido a censurar as cartas de seus próprios alunos e admiradores que estranhavam seu atrapalhado e esotérico silêncio, emitiu um AVISO no qual os insultos claros e as ameaças veladas tomam o lugar dos argumentos.

Quem insulta em vez de argumentar na verdade confessa que não tem o que responder.

Olavo de Carvalho, que diz renegar suas obras do passado tanto quanto a sua adesão ativa ao PC, promete me mostrar (no futuro...) que fiquei com o "pescoço cortado" porque eu teria pretendido cortar sua língua infiel.
(Mas que adjetivo bem encontrado para uma língua que não pretendi "cortar"! E que imagens sanguinárias!)

Como ele foi astrólogo, certamente os adeptos dessa "ciência" esotérica esperam que a promessa dele tenha mais valor que as previsões do serviço meteorológico, ciência exotérica tão desprestigiada pelas imprevisíveis e inevitáveis inundações paulistanas.

Aguardarei, portanto, a resposta iracundamente prometida. Procurando, é claro, preservar meu curto e bem prezado pescoço -- entre outras razões, porque é o único que tenho -- dos golpes de adagas infiéis rebrilhantes de ira, em meio às trevas esotéricas.

Aguardemos – embora prometida para um futuro incerto -- a resposta do "filósofo" premiado nas Arábias...

São Paulo, 29 de Março de 2.001
Orlando Fedeli

O "AVISO" DE OLAVO DE CARVALHO
(publicado no site de Olavo de Carvalho)

AVISO

Acabo de anunciar que minha homepage, sobrecarregada de textos, ficou dois dias fora do ar por falta de pagamento, e logo no instante seguinte, quando começo a aliviá-la do lixo sobrante no Fórum, ouvem-se indignados gritos de "Censura!", como se fosse minha obrigação subsidiar com meu dinheiro qualquer insulto idiota que se queira publicar contra mim! Deveria eu então cortar meus próprios textos, para ceder espaço a "Bourdieus" e Caios Rossis? Ou deveria pedir que meus atacantes me ajudassem a pagar o provedor?

Usar a palavra "censura", no caso, é de uma incompreensão quase demente. É nessas horas que se revela a hipocrisia de certos "admiradores", os quais, tendo obtido de mim, ao longo dos anos, as provas mais cabais de honestidade, seriedade e tolerância, se enchem de maliciosa suspeita ao primeiro ato meu que não compreendem, e saem me julgando mal pela aparência mais fugaz, sem me conceder sequer o benefício da dúvida. O bem que o aplauso dessas pessoas possa ter me trazido ontem é, rigorosamente, igual dano que me fazem agora com sua saída do Forum: nada vezes nada.

Quanto às interpretações absolutamente insanas que o sr. Orlando Fedelli fez dos meus textos, serão respondidas na hora devida. No momento, estou no Rio Grande, indo de cidade em cidade, vivendo em automóveis, trocando de hotéis como de cuecas, falando em universidades, sindicatos e partidos, numa luta extenuante e desigual contra o "establishment" esquerdista, e me é absolutamente impossível, nessas condições, conceder qualquer atenção ao Santo Ofício terceirizado -- ou TFP do B -- que esse tipinho montou em São Paulo. Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedelli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel.

Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço.

Também estou sem tempo de intervir no vaivém de fofocas em que alguns querem transformar o nosso Fórum, e por isto autorizei simplesmente alguns membros a suprimir as mensagens que lhes parecessem demasiado ofensivas,

inúteis, ou que tivessem implicações criminais. Por exemplo, um visitante vinha reproduzindo lá textos anticristãos do teórico nazista Revilo P. Oliver, e não vejo motivo razoável para eu financiar a difusão desse tipo de coisas. Os admiradores do sr. Oliver mantêm seus próprios sites, têm todo o direito de mantê-los, e bem podem descarregar lá os seus detritos ideológicos. Não no meu site.

Como, tecnicamente, é impossível para o administrador cortar mensagens isoladas, foi preciso suprimir tópicos inteiros, sacrificando mensagens interessantes e outras cujo corte pode dar, aos maliciosos, a impressão de fuga ao debate. Nessa circunstância, a tentação de interpretar mal, de fazer conjeturas perversas, pode ser mesmo irresistível para certas mentes fracas que, para continuar confiando na honestidade de quem jamais as traiu ou ludibriou, precisam testá-lo continuamente, obsessivamente, sempre baseadas no pressuposto de que compreendem tudo e de que aquilo que por acaso não compreendam deve ser mesmo coisa muito ruim.

Olavo de Carvalho

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20150703090917/http://www.olavodecarvalho.org:8…

Aviso 2. Sobre as acusações de Orlando Fedeli

Não sei se algum dia terei tempo ou paciência para conceder às acusações do sr. Orlando Fedeli a atenção meticulosa que ele invasivamente me exige. Um breve esclarecimento preliminar, porém, talvez ajude a acalmar as inquietações que esse santarrão de opereta despertou entre jovens assustadiços, de cuja obediência temerosa e servil, extorquida mediante imitação paródica da autoridade eclesiástica, ele depende para o sucesso de seus extravagantes empreendimentos inquisitoriais.

A heresia gnóstica repetidamente denunciada pelos Santos Padres define-se, em substância, pela sua defesa das seguintes doutrinas:

1. O dualismo radical, ou oposição insanável entre o reino transcendente do puro espírito e este mundo de matéria grosseira.

2. O Criador apresentado como uma divindade secundária imperfeita ou má, em contraste com a suprema divindade espiritual.

3. A oposição irrecorrivel do corpo e da alma; donde, a concepção da alma como prisioneira do corpo material.

4. Expansão da divindade numa série de potências ou *Aeons* – um processo que, num ponto qualquer do seu desenvolvimento, teria dado errado, ocasionando a criação deste universo mau.

Desses princípios derivam alguns desenvolvimentos secundários, dos quais os mais notórios são a concepção sexual do pecado original (hoje, por ironia, atribuída pela mídia anticristã à Igreja Católica), o ascetismo destrutivo e o milenarismo revolucionário que originou as ideologias modernas.

Qualquer tentativa de caracterizar como gnóstico-herético o meu pensamento só poderia ser levada em conta se demonstrasse, nele, a

vigência desses princípios e a adesão a esses desenvolvimentos.

Mas, da maneira mais clara e manifesta que se poderia exigir, não apenas todos eles -- princípios ou desenvolvimentos – estão ausentes da minha filosofia, mas esta se volta decididamente contra todo dualismo, contra toda rejeição da matéria, contra toda cisão alma-corpo, contra toda rebeldia antinatural e, sobretudo, contra o milenarismo revolucionário e suas derivações ideológicas.

Tudo isso é tão evidente nos meus textos e aliás até na minha conduta pessoal, que a acusação de gnosticismo levantada pelo sr. Orlando Fedeli, no essencial, não pode pretender ao estatuto de coisa séria. Apresentada de improviso, no calor de uma discussão, seria um erro acidental de interpretação. Reiterada obsessivamente, e em tons dramáticos de retórica inquisitorial, denota uma dose de má fé que supera, em muito, aquela que tenho encontrado nos meus adversários materialistas e esquerdistas, e não habilita o sr. Fedeli a receber outra resposta senão uma que o Código Penal me proíbe: um tapa na cara.

Não obstante, é fato que o gnosticismo, ao longo dos tempos, se expressou através de inúmeras criações culturais – ciências, artes, técnicas, estilos, obras, pensamentos —, que, ora de maneira mais isolada, ora de mistura com elementos cristãos e de outras proveniências, ocuparam um espaço na história das idéias e, de um modo ou de outro, se incorporaram no repertório da cultura ocidental. Esses elementos não têm sentido gnóstico ou cristão em si mesmos, variando o seu significado conforme o lugar e a função que recebam nas estruturas de pensamento que os acolhem. Isto é óbvio sobretudo no que se refere às ciências simbólicas da natureza -- astrologia e alquimia --, que, já pelo simples fato de serem simbólicas, não remetem por si mesmas a um sentido unívoco mas recebem o seu sentido do teor geral das concepções doutrinais que os integram e utilizam. Só para dar um exemplo, a mesmíssima teoria da influência dos astros sobre as paixões humanas se encontra, idêntica, em Sto. Tomás de Aquino e em Robert Fludd. É cristã no primeiro e gnóstica no segundo, não porque apresente aí qualquer diferença interna, mas pelo lugar que ocupa nas concepções globais de um e de outro. No estudo dos sistemas de pensamento, como aliás no das artes e no das criações culturais em geral, vigora estritamente o princípio aristotélico do primado da forma sobre a matéria, da estrutura abrangente sobre os elementos singulares.

Uma mente afeita às técnicas da investigação erudita, mas pobre de discernimento filosófico, está sujeita a perder de vista a forma abrangente e a se confundir de tal modo na barafunda dos elementos

de procedência gnóstica que, onde quer que os encontre isoladamente, acabe acreditando estar na presença de uma heresia, justamente por incapacidade de atinar com a estrutura geral que lhes dá um sentido completamente diverso.

Produzida de boa fé, essa conclusão elevaria o nosso autor às alturas dos méritos historiográficos de Bouvard e Pécuchet, ou faria dele um daqueles eruditos excêntricos de *O Pêndulo de Foucauld* que, de mil e um indícios irrelevantes e incongruentes, compõem uma linda teoria da conspiração que acaba por incriminar a eles próprios.

Elaborada com malícia e alardeada nos tons fingidamente heróicos de um soldado da fé, torna-o nada menos que um Iago da teologia, um intrigante de grosso calibre, ansioso de aplacar a fúria do seu demônio interior mediante a incriminação de um inocente.

Que a trama processual urdida para esse fim não chegue a se consumar na realidade, mas se encene apenas no teatro mental de um louco, é decerto reconfortante para o réu, que não será tocado senão pelas chamas imaginárias de uma inquisição virtual. Porém, moralmente, isso não melhora em nada a situação do autor da peça.

Olavo de Carvalho

17/4/01

Home - **Informações** - **Textos** - **Links** - **E-mail**

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20070710130105/http://www.olavodecarvalho.org:8…

Aviso 3

Como, sob a pressão de viagens, trabalhos e doenças, eu demorasse pouco mais de um mês para lhe responder, o sr. Orlando Fedelli se sentiu autorizado a cantar vitória, anunciando que meu "silêncio atrapalhado" (*sic*) era uma virtual confissão de heresia. Essa dupla presunção – a de merecer resposta e a de poder fixar a seu bel-prazer o prazo para recebê-la – mostra apenas que ele se conhece muito mal e me conhece menos ainda.

Respondi às suas acusações, de fato, não por mérito delas ou de seu autor, mas apenas em atenção a dois ou três garotos que, sendo alunos dele, também são meus, e que enquanto o forem terão o direito de obter de mim, na medida em que eu possa dá-las, as explicações necessárias a tirá-los do estado de perplexidade e confusão em que tipos como o sr. Fedeli os jogam para dominá-los.

Nada que o sr. Fedeli escreva sobre o assunto terá, doravante, o mínimo interesse para mim, a não ser que ele prove, para meu espanto, que as quatro teses essenciais da heresia gnóstica resumidas no *Aviso 2* são a minha filosofia e não, como julgo, o contrário dela.

Como não sou apressado, dou-lhe não apenas os 42 dias que ele estatuiu como limite máximo da sua paciência, mas o quádruplo desse prazo. Dou-lhe 168 dias, sr. Fedeli, para provar que minha filosofia ecoa, reproduz, reflete ou endossa as teses gnósticas. Dou-lhe mais, até. Dou-lhe um ano inteiro. Dar-lhe-ia a eternidade, se pudesse. E ela não bastaria para o senhor provar que minha filosofia diz o contrário do que diz.

Se, em vez de tentar prová-lo por meios filosoficamente admissíveis, o senhor continuar ciscando frases soltas, alusões remotas, "influências" e outras picuinhas do gênero, sobrepondo seus métodos

míopes de bibliotecário uspiano ou de inspetor Clouzot à compreensão estrutural e hierárquica que se exige do intérprete de uma filosofia, então terei apenas confirmado minha suspeita de que o senhor é mesmo uma alma gêmea de Bouvard e Pécuchet.

Se, porém, acrescentando a esses labores vãos de erudito doido uma dose de malícia totalmente estranha à personalidade desses dois simpáticos imbecis, o senhor resolver ampliar *ad hoc* o conceito de heresia gnóstica para fazer caber nele o que nele nunca esteve, então não me restará alternativa senão concluir que o senhor é, irremediavelmente, um impostor.

Olavo de Carvalho

21/4/01

Home - Informações - Textos - Links - E-mail

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20161115064209/http://www.olavodecarvalho.org:80…

Adendo ao Aviso Número 3

No meu *Aviso Número 3*, apontei as quatro características essenciais da heresia gnóstica, pedindo ao sr. Fedeli que demonstrasse a presença de qualquer uma delas nos meus escritos. O sr. Fedeli, com aquele estilo bufão de adolescente despeitado, a que infalivelmente o homem que não sabe escrever recorre quando quer parecer irônico, fugiu da cobrança respondendo que eu, em vez de recorrer a fontes fidedignas como aquelas em que ele se respalda, havia tirado essas informações de alguma "enciclopédia popular tipo Barsa ou do *Tesouro da Juventude*". Bem, o fato é que as tirei da *Routledge Encyclopaedia of Philosophy*, da qual nenhum estudioso sério diria essas coisas, e que dá como fontes, entre outras dez ou doze, aquelas mesmas duas que o sr. Fedeli mais enfatuadamente ostenta: R. M. Grant, *Gnosticism, An Anthology*, London, Collins, 1961, e Hans Jonas, *The Gnostic Religion*, Boston, MA, Beacon Press, 1958.

Eu poderia ter apelado diretamente a Grant, a Jonas ou a qualquer outro, mas preferi a *Routledge* para me esquivar de controvérsias de detalhe entre especialistas e me ater a uma média aceitável no consenso acadêmico, que essa enciclopédia, hoje a obra-padrão no gênero, precisamente representa.

Foi de propósito que omiti a referência bibliográfica, para testar se o meu interlocutor seria prudente o bastante para admitir a boa fé das minhas alegações ou se, animado pela falta de uma referência visível, arriscaria a sorte num blefe de cobrança erudita, esperando me pegar de calças na mão.

O sr. Fedeli, mais que depressa, escolheu o blefe, mostrando o espírito perverso e malicioso que o anima.

Também foi premeditadamente que me limitei a mencionar as características da gnose antiga, por saber que da moderna, tal como descrita por Eric Voegelin, minha distância é tão grande que a simples tentativa de me associar a ela cairia por terra, instantaneamente, como pura invencionice difamatória.

Bem, como o mais trêfego porta-voz do sr. Fedeli é o primeiro a proclamar que a acusação de gnosticismo levantada contra mim não se referia à gnose antiga, e sim à moderna, não custa nada esclarecer em quê, afinal, esta consiste.

Eric Voegelin, em *Science, Politics and Gnosticism*, assim resume "as seis características que, tomadas em conjunto, revelam a natureza da atitude gnóstica".

Primeira. "O gnóstico está insatisfeito com a sua situação."

Segunda. "Os males da situação podem ser atribuídos ao fato de que o mundo é intrinsecamente mal organizado... Os gnósticos não são inclinados a descobrir que os seres humanos em geral ou eles próprios em particular são inadequados. Numa dada situação em que algo não é como deveria ser, a culpa será encontrada na maldade do mundo."

Terceira. A crença em que "é possível salvar-se da maldade do mundo".

Quarta. Para isso, "a ordem do ser terá de ser mudada por meio de um processo histórico. Do mundo miserável, um mundo bom deve evoluir historicamente".

Quinta. "O traço gnóstico em sentido mais estrito: a crença em que uma mudança na ordem do ser reside no reino da ação humana, de que o ato salvacional é possível por meio do próprio esforço do homem."

Sexta. "O conhecimento – *Gnosis* – do método de alterar o ser é a preocupação central do gnóstico... a construção de uma fórmula para a salvação do eu e do mundo". (1)

Peço pois novamente ao sr. Fedeli que aponte, na minha obra, os indícios de revolta contra a ordem do ser, de confiança na possibilidade de mudar essa ordem pela ação humana, de apologia do processo histórico como meio de criar um mundo bom e, sobretudo, do conhecimento entendido como "método de alterar o ser". Tenho a nítida impressão de que há tempos venho escrevendo contra essas

coisas, mas talvez o sr. Fedeli conheça o meu pensamento melhor que eu.

Se, fugindo de novo aos conceitos claros, ele repetir sua alegação de que "*a Gnose é um fenômeno religioso bem mais complexo*", e de que "*quando se estuda a gnose entra-se num labirinto cheio de brumas, tentando descobrir segredos que permitirão chegar a um mistério. Não é de estranhar que o tema se preste a confusões*" (2), terei o direito de lhe perguntar como, em boa lógica, uma noção tão nebulosa pode ser aplicada a um caso particular de maneira tão categórica e indiscutível. Se não temos um conceito claro do que seja o gnosticismo, como afirmar com certeza que tal ou qual autor é gnóstico, que tal ou qual filosofia é gnóstica? Mais particularmente: se quatro características da gnose antiga, mais seis da moderna, ainda não bastam para definir o fenômeno em linhas gerais, então de fato a "gnose" a que refere o sr. Fedeli é um saco de gatos no qual, com fins de polêmica ou de difamação, cada um pode enfiar quem bem entenda – e é isto, precisamente, o que ele faz comigo.

Que, na ânsia de alcançar seus fins, ele recorra até a um meio ilícito -- que outra coisa não é o uso que ele faz de transcrições de aulas, truncadas, semilegíveis e não referendadas pelo autor, obtidas sem minha autorização por seus agentes infiltrados nos meus cursos --, mostra apenas que esse homem, tão jactancioso de suas altas incumbências morais, não aprendeu ainda a abster-se da prática de crime.

Decerto ele não é o primeiro chefe de seita que, nas alturas da sua *superbia* auto-santificante, despreza suas obrigações elementares de cidadão e, por descumpri-las, demole a golpes de imprudência os seus próprios pés de barro.

Olavo de Carvalho
22/07/2001

Notas

(1) Eric Voegelin, *Collected Works*, vol. V, Columbia, University of Missouri Press, 2000, pp. 297-8.

(2) Orlando Fedeli, “Gnose: religião oculta da história”, em *http://www.montfort.org.br*.

P. S.

O tal Fabrício, cuja cartinha o sr. Fedeli tão vaidosamente exibe, continua fazendo dele – como aliás também de mim – o objeto de sua gozação compulsiva. Agora ele deu de enviar mensagens estapafúrdias, em meu nome e no do sr. Fedeli, a um fórum de discussões na *internet*.

Home - Informações - Textos - Links - E-mail

"De fato, a existência de uma gnose ou philosophia perennis mostra que a religião e o dogma não são a última palavra em matéria de espiritualidade, e que a "fé" tende, em última análise, a desembocar num conhecimento direto que elimina toda a necessidade de "crença", pois traz uma certeza, nas palavras de Guénon, 'mais forte ainda que uma certeza matemática'"

Muito prezado Felipe,
salve Maria!

I - Introdução

I - 1. Comentando a Epígrafe-Confissão

Inicialmente, permita-me algumas palavras sobre a epígrafe que coloquei nessa carta, usando um Texto-Confissão do sr. Olavo de Carvalho. Bastaria esse texto, para provar que tanto ele, quanto Guénon, são gnósticos mesmo.

Pois, segundo Henri-Charles Puech:
"Chama-se ou pode-se chamar "gnosticismo" - e também "gnose" - toda doutrina ou toda atitude religiosa baseada na teoria ou sobre a experiência de obtenção da salvação pelo Conhecimento"(Henri-Charles Puech, En Quête de la Gnose, Gallimard, Paris, 1978, vol. I p. 185).

Um dos mestres de Olavo confirma que esse Conhecimento superior é a Gnose:

"O conhecimento direto e interior, o do Coração-Intelecto, é o que os gregos denominavam gnose; a palavra 'esoterismo' - segundo sua etimologia - designa a gnose, na medida em que está de facto subjacente às doutrinas religiosas, portanto dogmáticas." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 11-12)

E Schuon explica que "A diferença entre crença e Gnose - a fé religiosa elementar e a certeza metafísica - é comparável àquela que existe entre uma descrição e uma visão" (Frithjof Schuon, Comprendre L’ Islam, p. 173).

O que espanta é que o homem que escreveu o que coloquei em epígrafe, venha desafiar que se prove ser ele um gnóstico. Ou ele está delirando, ou não tem memória, ou espera que os outros não a tenham.

E ainda ele me exige que prove ser ele um gnóstico, sob pena de me considerar "um impostor"!

"Impostor", conforme ensina até o "pai dos burros", é aquele que abusa da confiança de outrem para enganá-lo, por meio de palavras, ou atitudes. E o dicionário dá como sinônimos de impostor as palavras mentiroso, ou charlatão.

Tendo em conta o que diz o texto citado, fica patente que impostor não sou eu, pois minha acusação de que ele é gnóstico não era nem falsa, nem mentirosa.

Nada adianta ele declarar agora que o que escreveu antes de 1995 não vale mais. Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a "Tradição" primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico.

Como não adianta, também, ele querer distinguir gnose de gnosticismo antigo, porque o que dizia o gnosticismo antigo era exatamente isso: que a Gnose era um conhecimento superior à fé.

E você vê, caro Felipe, que H. C. Puech - um dos maiores especialistas no assunto - no texto acima citado, toma Gnose e Gnosticismo como termos equivalentes, para não dizer sinônimos.

Sobre esse ponto, veremos adiante outros textos de Puech confirmando que os melhores especialistas atuais, tendo em vista as descobertas e estudos mais recentes, usam Gnose e gnosticismo indiferentemente (Cfr. Puech, op. cit., vol I, pp. 187 e seguintes).

Diante deste Texto-Confissão de Olavo, são ociosas outras provas de que ele é um gnóstico, pois a confissão do acusado dispensa outras investigações.

Com isso, a polêmica, de fato, está encerrada, e ele nem precisa responder-me mais qual é a religião dele, nem se Guénon é gnóstico.

Entretanto, farei um estudo do problema, respondendo não tanto aos melodramáticos AVISOS 2 e 3 que Olavo publicou, mas tendo em vista, sobretudo, esclarecer as pessoas que me consultaram e que, em medida maior ou menor, tinham sido enredadas pelas obscuras e esotéricas doutrinas olavianas.

Além disso, este pequeno estudo pode ser útil em outras situações, e para outras pessoas, já que a Gnose - e as brumas sofísticas em que ela se envolve - são extremamente repetitivas.

I - 2. Os avisos

Li, divertidamente espantado, os terríveis AVISOS do sr. Olavo de Carvalho, que você gentilmente me enviou.

O AVISO 2, na realidade, foi mais um "esclarecimento preliminar", para os alunos dele - que ele julga assustados (perplexos e confusos) - do que uma resposta para mim. Com efeito, ele não responde a nenhuma questão por mim colocada. Não disse nem qual é a religião dele, nem se considera Guénon um gnóstico.

Perguntas que havia feito, porque desconhecia o Texto-Confissão dele. Se o tivesse conhecido antes, não teria perguntado nada.

O sr. Olavo, no entanto, que evidentemente sabe o que escreveu nesse artigo da revista Planeta, finge que se esqueceu dele, e, em vez de dizer que é gnóstico, somente insulta, exigindo que eu prove que ele é um gnóstico sob pena de considerar-me um "impostor".

Note ainda que ele mesmo não julga que seu Aviso 2 seja uma resposta, pois confessa que não sabe quando terá tempo e paciência para me responder...

Se ele não me dá respostas, prodigaliza ofensas: "santarrão de opereta", "má fé", "Iago da Teologia", "intrigante de grosso calibre", "louco"...E me garante que, se não fosse o Código Penal, eu receberia "um tapa na cara"....O que já é bem menos que ter o "pescoço cortado".

Todos esses insultos e ameaças são mais próprias de um discutidor de botequim do que de um intelectual, e denotam o desespero de quem foi pego em erro, de alguém que vê seu "código

terminológico" elucidado, e não tem como se justificar. Que não tem como contestar o que já havia confessado.

Em todo caso, repito, nesse Aviso 2, ele não quis dizer qual é a religião dele. Não quis confessar que, sendo gnóstico, ele se julga acima de todas as religiões.

Qual seria a religião exotérica de Olavo? Da esotérica, já temos a prova confessa: ele é gnóstico.

Por que será que ele não confessa o seu pensamento verdadeiro, ele que é tão célere a dizer que é "católico-judeu-islamita-e etc?

E que os alunos "assustados" do sr. Olavo - repito - notem que ele também, nesse AVISO 2, não disse se Guénon é gnóstico ou não, coisa que ele admitiu no seu artigo-confissão, em 1981.

Agora, quero acrescentar mais uma pergunta que O de C. qualificará de "inquisitorial": e Frithjof Schuon - que também muito influenciou seu Olavo - Schuon que também foi iniciado na doutrina sufi, e que também se "islamisou", Schuon é gnóstico ou não?

Nesse artigo-confissão, Olavo apresenta e recomenda uma bibliografia sintomática, que, ela também, é outra confissão. Ele cita como livros que deveriam ser lidos: "Jacob Needleman, The Sword of Gnosis, (Baltimore, Penguin Books, 1974), Frithjof Schuon, Gnosis, Divine Wisdom (Pates Manor, Befont, Middlesex, Perennial Books, Ltd., 1959) e etc.

Títulos bastante esclarecedores para indicar qual é o pensamento dos autores citados.

Você vê, meu caro Felipe, que vários amigos e vários modelos intelectuais que o Sr. Olavo de Carvalho afirma ter, e para os quais reconhece que tem dívidas doutrinárias, são islamisados, sufis e gnósticos. Ora, dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és...

Mas, apesar disso, o sr. O de C. se faz de esquecido do que escreveu, tentando negar que é gnóstico.

Vai ele agora dizer que tudo o que ele escreveu, antes de 1995, não vale mais...

I - 3. Olavo de Carvalho e o sufismo

E o sufismo?
Olavo é sufi?

Certa vez, diz ele que deu curso de Astrologia para gente metida até a goela no sufismo. E ele mesmo? Estava metido lá, senão até a goela, pelo menos até o coração?

"Os três livros que eu escrevi sobre Astrologia foram redigidos para um grupo de pessoas que estavam metidas até a goela no esoterismo islâmico. Para entender-se o que está escrito, é preciso saber para quem foi escrito. Nada do que está ali pode ser transposto para um público geral sem que sejam feitas as devidas conversões. Se eu fosse reeditar esses livros, no lugar de uma página, teria que escrever trinta" (Olavo de Carvalho, entrevista: A Amnésia Moderna, in Porto do Céu, Astrologia, http://www.olavodecarvalho.org/textos/astrologia.htm).

Será que ele também se tornou sufi como Guénon e Schuon?

Dirá ele que escreveu para pessoas metidas até a goela no esoterismo islâmico - que é gnóstico - mas que ele mesmo não participava desse mergulho na gnose sufi ou shiita... até a goela...

Pelo menos, o sr. Olavo de Carvalho esteve metido "até a goela" - o que não é pouco - com gente iniciada no esoterismo islâmico.

Aliás seria bem estranho que alguém fosse capaz de dar cursos de esoterismo islâmico numa escala - "até a goela" - que só iniciados entenderiam, sem ter sido também iniciado nesse mesmo esoterismo gnóstico...

Ora, o esoterismo islâmico mais conhecido é o shiismo. O esoterismo shiita é a Gnose do Islam. Quem afirma isso em seus livros é Henry Corbin, o maior especialista em shiismo no Ocidente, autor insuspeito, que é elogiado pelo sr. Olavo de Carvalho.

Você quer saber em que obra, e em que volume, e em que página, Henry Corbin afirma isso?

Pois vá lá, embora alongue esta carta:

"A doutrina shiita é, por excelência, a gnose do Islam; o shiismo é, ele mesmo, a sucessão, a tradição ininterrupta da gnose (silsilat al-‘irfan) (Henry Corbin, En Islam Iranien, Gallimard, Paris, 1971, Vol I, p. 128. A tradução é nossa).

Dir-nos-á o sr. Olavo de Carvalho que seu esoterismo não é o shiita, mas apenas esoterismo sufi, o qual pode ser sunita.

Ora todo sufismo é gnóstico. Especialmente o sufismo shiita de que o Ismaelismo foi um ramo:

"O Ismaelismo [de Alamut] passou bem sob o manto do sufismo" "L’Ismaélisme, est bien passé "sous le manteau du soufisme"(Christian Jambet, La Grande Réssurection d’Alamut, Verdier, Dijon, 1990, p. 334).

E falando da destruição dos ismaelitas de Alamut pelos mongóis de Hulagu, diz Jambet:

"Porque ela [a Comunidade de Alamut] não foi apenas abatida pela invasão mongol, mas foi constrangida à dissolução e à dispersão sob o manto do sufismo" (Christian Jambet, op cit, p. 92).

Depois de mostrar que, se há distinção entre sufismo e shiismo, Henry Corbin diz:

"Todos esses elementos [da doutrina shiita] podem ser encontrados, certamente, no sufismo e na metafísica do sufismo a ponto de dar a impressão, quando se trata do sufismo sunita, de um shiismo que não ousa mais dizer o seu nome" (Henry Corbin, op cit Vol I, p. 83).

Portanto, todos os esoterismos islâmicos - shiita ou sunita - são gnósticos, e Guénon foi iniciado neles, e se fez sufi. Schuon, discípulo de Guénon estabeleceu uma "tariqa" (comunidade ou "caminho") sufi em Paris. Depois, rompeu com Guénon - mas não com a Gnose - e se estabeleceu nos Estados Unidos.

Quanto a Guénon, ele não era muito bem visto pelos sunitas exotéricos, no Cairo...(Cfr. Marie France James, Ésotérisme et Christianisme autour de René Guénon, Nouvelles Éditions Latines, Paris, 1981, p.305.).

(E estou citando essa fonte de primeira mão, seu Olavo. Estou com o interessantíssimo livro da Srta. James em minhas mãos. E ele está já todo sublinhado e marcadinho...)

[Nota: Este trabalho já estava redigido, quando o Sr. Olavo de Carvalho publicou uma nota sobre o livro de Marie-France James no dia 27 de junho de 2001, em seu site, na internet. No Apêndice 3, publicamos essa nota do Sr. Olavo, seguida de nosso comentário a ela.]

E Olavo, tornou-se também sufi como seus mestres?

Sufi shiita ou sunita?

Ele não o diz.

Olavo escreveu uma biografia de Maomé premiada nas Arábias, que, aqui no Brasil, ninguém viu...

Diz ele: "Meu livro O Profeta da Paz. Estudos sobre a Interpretação Simbólica da Via do Profeta Mohammed (Maomé), ainda inédito, nove anos após ter recebido um prêmio do Governo da Arábia Saudita, é um estudo sobre a significação da profecia na História, ilustrado pelo exemplo do único Profeta de cujos atos, palavras, restou para o historiador moderno uma documentação abundante. Foi esse estudo que me permitiu de uma vez para sempre que o fenômeno da profecia é o gonzo sobre o qual gira o portal da compreensão histórica (...) (Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, pp 242-243, nota 124).

Será que o governo maometano premiaria uma biografia de Maomé que não fosse maometana? Ora, para ser sufi, é preciso, antes, ser maometano.

E Olavo, pelo que se deduz do texto dele acima citado, aceita que Maomé foi Profeta.

Ele escreveu também que pôde "observar pessoalmente" como funciona uma seita sufi, a de Idries Sha (Cfr. Olavo de Carvalho, in Fronteiras da Tradição, ed. Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 89, nota 4).

E como pôde ter ele essa experiência sem ter entrado na seita para verificar se a iniciação que lá se dava era correta, ou se era uma contra-iniciação?

Não escreveu Olavo que a disciplina iniciática só pode se conhecida praticamente, e nunca por escrito?

"...a disciplina iniciática (a qual por razões óbvias, só pode ser dada pessoalmente a cada um, já que implica uma prática metódica, não podendo, por isso, ser exposta por escrito) (...)" (Olavo de Carvalho, Questionando o Poder A Crise do Catolicismo, artigo in Planeta, no 110, Novembro de 1981, p. 27).

Logo, ele deve ter sido iniciado na seita sufi. E para ser sufi, se exige antes que a pessoa adira ao islamismo.

Será que Olavo de Carvalho adotou, ele também - como Guénon, como Schuon, e como seu amigo Martin Lings -, um nome árabe?

Certa vez, Olavo declarou de si mesmo: "(...) o resultado é que este pacífico servidor da unidade e da conciliação está se tornando conhecido como um hidrófobo terrorista intelectual, o que não deixa

de ser divertido" (Olavo de Carvalho, Da Contemplação Amorosa, Apostila 2, corrigida pelo autor, 14 de Janeiro de 1995. O negrito é meu.).

Imagine, meu caro Felipe: Olavo, o "pacífico servidor da unidade e da conciliação".

Como será que se diz isso em árabe?

Se eu soubesse como se diz isso na língua de Maomé, sugeriria a ele que tomasse esse nome, que possivelmente deve ser Abdel Wahed... Kualker Koisa...

Continuando a paródia de "Olavo è mobile", poder-se-ia ter um "finale" assim:
"Non è molto furbo, chi a lui s’afida
Chi in lui confida e in suo mistero
Ah!...Là è il suo mistero!
Ah!...Là è il suo mistero!"

E não esqueçamos que ser sufi significa ser gnóstico.

Sim, o Sufi é um gnóstico.

Logo, tendo sido um crente, ou pelo menos um simpatizante do sufismo, Olavo de Carvalho, também por isso, é um gnóstico, ou pelo menos simpatizante da Gnose.

Este raciocínio só confirma o que ele mesmo escreveu em seu Texto-Confissão, citado na epígrafe desta carta.

I - 4. Plano de trabalho

Pensava examinar mais a fundo, no futuro, sem prazos, e com as delongas que me aprouvessem, a doutrina "tradicional" de meu furibundo opositor, possuidor de caridade tão "tradicionalista", comparando-a com a de seus mestres gnósticos Guénon, Schuon e companhia, mas depois desta carta, não creio que isso seja mais necessário...

Dois fatos novos me puseram em dúvida:

a) Já está provado pelo Texto-Confissão dele e pelo que comprovo nesta carta, que o sr. Olavo de Carvalho é um gnóstico;

b) Ele não é um autor a quem se deva dar tanta atenção. Se o próprio Guénon não merece tanto trabalho, o que dirá Olavo, cuja gnose é mais rampeira. Seria, como se diz jocosamente, gastar muita vela com mau defunto". Ou ainda, como diz um simpático refrão caipira, ainda que sem conotação pessoal, é claro, porque sou educado: "É muita banana para um macaco só".

O que me dispensa de me municiar de mais... "bananas".

Se com duas cartas minhas, ele está tão furibundo e estrebuchante de raiva "exotérica", como ficará com esta carta que republica seu Texto-Confissão, que ele julgava esquecido por todos? Como ficará ele com este estudo de suas doutrinas e das de seu querido Mestre René Guénon? E leve-se em conta que, para o estudo ser completo, eu teria que ter em mãos, com direito de publicação, todos os textos dele.

Creio que só com este estudo - de certo modo - "sucinto", ele vai se tornar, mais uma vez, como ele mesmo disse, um "hidrófobo terrorista intelectual".

Se este estudo já é suficiente para provar, mais uma vez, o que ele já confessou, para que fazer uma análise mais profunda das doutrinas delirantes de Olavo, a fim de que fique ainda mais patente que sua doutrina é gnóstica, coisa que ele já confessou?

Para que analisar a afirmativa dele de que: quando se lê o Corão, os gatos e camelos ficam em êxtase?

Com efeito, ele afirma que: "A sensibilidade e receptividade que até os animais mostram ao ouvirem os cânticos do Corão é um fenômeno continuamente atestado por todos os observadores desde o surgimento do Islam" (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 28).

Ele que vá ler, então, o Corão para os gatos vadios do Anhangabaú, ou para camelos, junto à esfinge do Egito! Talvez isso acalme, se não os camelos e gatos, ao menos, a sua ira "hidrófoba".

Depois desta carta, ficará ele ainda mais espumante de raiva e multiplicará suas injúrias, em vez de tentar dar argumentos impossíveis.

Que ele fique hidrófobo ou amante da concórdia, pouco importa:

"C’ est fini!", como dizem os franceses.

Tendo então o tempo e o vagar que eu quiser - porque eu também tenho muito mais o que fazer do que ler lixo gnóstico pretensamente intelectual - farei ainda apenas uma biografia de Guénon, para elucidar alunos que quase nada conhecem, de fato, desse gnóstico francês.

(Ainda recentemente, conversei com dois alunos de O de C. que nem sabiam de um fato que o sr. O. de C. omitiu em sua biografia de Guénon: que Guénon foi sagrado "Bispo" de uma Igreja Gnóstica com o esotérico nome de Palingenius (Cfr. MF James, op. cit p. 81 a 83)...E por que será que seu Olavo não contou isso na biografia de Guénon que escreveu para a Revista Planeta (no 107, Agosto de 1981)?...Será que não se pode induzir em falso testemunho por omissão?)

Ele que aguarde então, enquanto lê o Corão para quatro gatos pingados brasileiros, e vá colecionando seus insultos e ameaças contra mim.

I - 5. Olavo, o tolerante, ecumênico e "Pacífico Servidor da Unidade e da Conciliação"

Singular "filósofo" esse seu Olavo, que publica livros, e não admite que se os critique! Ele publica livros, faz conferências, dá aulas que circulam pela Internet, mas não admite que se lhe façam reparos.

Quem publica livros, quer que sejam lidos. Tem que aceitar, então, que alguns leitores aprovem ou adotem a sua posição doutrinária, e que outros a critiquem, e mesmo a ataquem.

Com seu Olavo isso não vale. Ele exige unanimidade total a seu pensamento. Quem o lê, tem que aprová-lo, se não, será um imbecil, coletivo ou individual, mas sempre um imbecil. Diplomas de imbecilidade, ele os distribui generosamente. Afinal, ele é o "pai" do "Imbecil Coletivo".

Li vários livros, conferências e artigos do sr. Olavo de Carvalho, e concluí que ele é um iniciado e gnóstico. E que pretende dizer-se também católico.

Ora, católico é que ele não é.

E porque manifestei o que penso da doutrina de Olavo de Carvalho, ele me ameaça, dizendo-me que me verei de "pescoço cortado", e de que me daria "um tapa na cara", se não fosse proibido pelo Código Penal.

Que grandes argumentos...selvagens!...

Aproveito contra Olavo uma citação que ele faz de Leonardo por cuja veracidade histórica, tendo em vista como Olavo "chuta" suas citações, não me responsabilizo: "Dove si grida non è vera scienza" (O de C., Cadeia para os Astrólogos, artigo in Planeta, no 75, Dezembro de 1978, p. 30).

Essa atitude brutal do sr. Olavo de Carvalho, desejando dar tapa na cara em quem o critica, manifesta o ranço stalinista e fidelista que ele mantém, como antigo membro do Partido Comunista: quem for contra o que afirma o totalitário, deve se ver de "pescoço cortado" ou levar "tapa na cara".

Compreende-se que ele tenha declarado: "(...) tenho a firme consciência de não haver criticado, na intelectualidade da esquerda nacional, o conteúdo de seus ideais políticos, que com freqüência compartilho, e sim seus métodos oportunistas, sua hipocrisia (...) etc..." (Olavo de Carvalho, Bandidos & Letrados II, in Jornal do Brasil).

Como se vê, Olavo ainda partilha de certos "ideais" da esquerda. Olavo "mutta d’accento, non di pensier....".

Imagine-se se o sr. Olavo tivesse um dia poder político, o que aconteceria com meu curto e mui querido pescoço, e com minha cara...

E ele me acusa de pretender "terceirizar o Santo Ofício".

Ora, meu julgamento sobre a doutrina do sr. Olavo de Carvalho é a de um simples católico. Como disse, qualquer pessoa pode julgar uma obra publicada, e dar seu parecer sobre ela. Qualquer católico, constatando que um autor se apresenta como católico, mas tem erros contra a Fé, tem o dever de denunciar esses erros.

Isso não é Inquisição: é mero direito de pensar e de ter um juízo sobre o que se lê.

Para alertar que está havendo um incêndio, não é preciso ser bombeiro, e seria bem ridículo que se chamasse membro de um Corpo de Bombeiros terceirizado, a quem gritasse "Fogo!", ao ver um incêndio.

O sr. Olavo de Carvalho pode-se dizer maometano, sufi, judeu, budista, hinduísta, o que ele bem entender. Dizer que é católico, afirmando coisas absolutamente contrárias à doutrina católica, isso não!

Se ele se apresenta como católico, sem o ser, e se, sob essa capa, pretende passar adiante, na nave da Igreja, uma doutrina gnóstica, como sendo católica, qualquer ‘marujo’ católico tem a obrigação de gritar "fogo gnóstico a bordo". E se, por isso, ele quer dar um tapa na cara de quem grita "Fogo!", fica bem claro, então, que sua intenção era mesmo a de incendiar o barco.

O sr. Olavo de Carvalho não é católico, mas afirma que também é católico. Basta esse "também", para demonstrar que católico ele não é.

Poderia eu, só por brincadeira, parodiar seu Olavo no Jardim das Aflições, e dizer que tenho várias razões para criticar os escritos dele.
"A primeira é que, apesar da veemência com que contesto aqui as idéias" gnósticas de Olavo de Carvalho, "nada digo contra a sua pessoa". Ao contrário do que ele faz comigo, injuriando-me pessoalmente. Viso apenas suas idéias heterodoxas.

A segunda razão é que a ira "de um filósofo - ou de um pretenso filósofo - não torna verdadeiras as idéias falsas que tenha defendido, nem exime do dever de contestá-lo, para defesa e esclarecimento dos vivos".

"A terceira razão é que aquilo que possa ter havido de maligno na influência" dos escritos de Olavo sobre o público, não veio dele enquanto indivíduo, mas enquanto membro atuante de um grupo; grupo este - o dos esotéricos seguidores da "Metafísica" "Tradicional", leia-se Gnose - que continua vivo", embora passe mal... (Cfr. Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, p. 32-33).

Se Olavo se dá o direito de criticar outros "hidrofobamente", por que não se pode criticá-lo educadamente, embora com ironia?

Estava redigindo esta resposta ao AVISO 2 do sr. Olavo de Carvalho, quando me enviaram um novo AVISO dele.

Era o de número 3.

I - 6. O AVISO 3

Olavo já prometeu diversas vezes que não se ocupará mais de mim, mas, como já notei, ele, como "la donna é mobile, qual piuma al vento"... della rabbia. E "mutta d’accento, non di pensiero...".

E também não de "rabbia".

Esse AVISO 3 demonstra que ele mesmo achou os seus dois primeiros AVISOS nada suficientes. E essa repetição de AVISOS insultuosos indica que ele não conseguiu digerir nem a sua raiva impotente, nem responder com suficiência.

Ainda esperançado, fui ler o tal AVISO 3, pensando que encontraria lá - além dos costumeiros insultos de botequim, é claro - as duas informações que solicitara dele:

1) Qual é a religião de Olavo de Carvalho?

2) Admite Olavo que a doutrina de Guénon é gnóstica?

Fui, pois, ler o tal Aviso 3. Quem sabe, encontraria uma resposta, ainda que pouco civilizada.
Vã esperança!
Qual nada!
Resposta séria, nenhuma.

No AVISO 3 de Olavo de Carvalho, de novo, só encontrei novos insultos, e um delírio: o de que eu lhe estabelecera um prazo para resposta.

Delírio, sim, porque nunca fixei prazo nenhum para ele me responder. Apenas, tendo passado um tempo razoável, deduzi que ele não me responderia. Como até hoje não respondeu: só insultou, ameaçou que eu constataria ter me "cortado o pescoço", e que, se não fosse o Código Penal, me daria "um tapa na cara", e outras amabilidades próprias de um "intelectual" autodidata... de botequim.

Não lhe dei prazo, e não aceito prazos da parte dele.

Escreverei, usando o tempo que quiser, primeiramente, esta resposta analisando a doutrina de Guénon, provando que ela é gnóstica. Ao mesmo tempo, porque é interessante para ajudar alguns, analisarei a obra chatíssima e a doutrina abstrusamente gnóstica do próprio Olavo de Carvalho, doutrina que ele pretende que seja uma preparação e uma introdução à do gnóstico Guénon.

Depois, quando me aprouver, farei uma pequena biografia de René Guénon, para que os alunos de Olavo conheçam muita coisa que ele omitiu, na biografiazinha de Guénon que ele publicou na horrível revistinha esotérica Planeta, que mais parecia um gibi.

Ficará então bem claro que o sr. O de C., de fato, difundiu especialmente as idéias "tradicionalistas" e "metafísicas" de Guénon.

Você me ponderará, meu prezado Felipe, que ele se separou um tanto de Guénon, para seguir mais a Frithjof Schuon.

O que não muda praticamente nada no problema em foco, porque Schuon também é um gnóstico confesso, e que além de ser sufi, foi também discípulo de Guénon, e... etc... E cada etc!

Por enquanto, pedirei que deixem estes AVISOS registrados em nosso site, porque faço questão que o público conheça o nível intelectual de Olavo, através de suas injúrias...

I - 7. Olavo de Carvalho e os "tradicionalistas" esotéricos

Foi Olavo quem iniciou este debate, saindo em defesa de René Guénon que eu atacara como gnóstico. Defendendo-o doutrinariamente, ele admitiu que aceitava pelo menos o núcleo do guénonismo.

Ele chegou a afirmar que Guénon é um dos maiores vultos espirituais de nosso tempo e da História:

"Os grandes homens do século XX estiveram no campo do saber, não no da ação. Edmund Husserl é maior que Hegel ou Kant. Poucos séculos tiveram homens espirituais da altura de René Guénon, Râmana Maharshi e Franz Rosenzweig." (Entrevista de Olavo de Carvalho ao Embaixador Caius Traian Dragomir, http://www.olavodecarvalho.org/textos/dragomir.htm. O negrito é meu).

Aliás, como já lembrei, ele de tal modo acata as doutrinas de Guénon - embora diga que lhe faz algumas restrições - que escreveu:

"Julgamos que este trabalho seria um comentário e prolongamento - ou, de outro ponto de vista, uma introdução - à majestosa exposição de doutrinas tradicionais empreendida neste nosso século sobretudo por René Guénon, Ananda K. Coomaraswami, Frithjof Schuon, Titus Burckhardt, Seyyed Hossein Nasr e Martin Lings" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, Ed. Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 8).

Ora, pretender fazer isso não é querer ecoar, reproduzir, refletir ou endossar as teses de Guénon e de seus seguidores, coisa que ele nega ter feito no AVISO 3?

Negar isso, seria uma contradição delirante.

Sim, porque todos esses nomes citados por ele são de discípulos ou de seguidores de Guénon, pelo menos durante certo tempo, e que difundiram as teses "tradicionalistas" e "metafísicas" do maçon, sufi, hinduísta e gnóstico René Guénon (Cfr.Antoine Faivre, O Esoterismo, Papirus Editora, Campinas, 1994, p. 103). Aliás, o próprio Faivre é apresentado como tendo recebido, pelo menos, alguma influência dele. (Cfr, Antonio Carlos Carvalho, Um homem simples: René Guénon, Introdução ao livro de René Guénon: A Crise do Mundo Moderno, Editorial Vega, p. 25)

E O de C. se afirma um entusiasta de temas islâmicos, sufis e hinduístas, citando sempre com admiração os que são reconhecidamente gnósticos:

"Sou aficionado de temas islâmicos e retorno sempre aos livros de Ibn Arabi, René Guénon, Henry Corbin, Frithjof Schuon, Titus Burckhardt, Seyyed Hossein Nasr." ("O Brasil tem filósofo", Entrevista de Olavo de Carvalho a Gramática On line, http://www.olavodecarvalho.org/textos/temfilosofo.htm. O negrito é meu).

E Titus Burckhardt nos informa que:

"Muhyi-d- Dîn ibn Árabi, ‘o grande mestre’ (ash-sheikh al- akbar) da gnose islâmica, em quem nós encontramos a mais vasta concepção dos princípios herméticos, concebe a natureza universal como o aspecto feminino ou materno do ato criador" (Titus Burckhardt, Alchimie, Thot, Milão, 1974, p. 116. O negrito é meu. O itálico é do autor).

Não só Olavo é um entusiasta desses temas e desses autores, mas afirma que deve muito a eles:

"Devo muito, no entanto, aos estudos de religião comparada e simbólica tradicional (René Guénon, Frithjof Schuon, Titus Burckhardt, Seyyed Hossein Nasr) e às noções de alquimia natural e espiritual que recebi de dois amigos, Juan Alfredo César Müller e Michel Veber" (Olavo de Carvalho, entrevista ao Embaixador Caius Traian Dragomir - novembro de 1998).

Veremos que todos esses autores são adeptos da Gnose.

Passemos, agora, a responder às migalhas de defesa dele, existentes nos AVISOS 2 e 3.

II - Guénon, Gnose, Guénonianos Gnósticos e Olavo de Carvalho

II - 1. A Terminologia usada pelos autores esotéricos é uma confissão de Gnose

Como dissemos, o sr. O de C. abraçou a defesa de René Guénon escrevendo-me uma carta contraditória. E, agora, recusa dizer se Guénon é gnóstico ou não. Durante muito tempo, em suas obras, o sr. O de C. se apresentou como autor "Tradicionalista", defensor da "Metafísica" guénoniana, "Esotérico", adepto da "Philosofia Perennis" (Filosofia Perene), apologista dos "Grandes Mistérios" e do que ele e Guénon chamam também de "Sabedoria":

"(...) os primeiros princípios são conhecidos por um método próprio, que é o método da sabedoria ou gnose" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião p. 24. O negrito é meu).

E Olavo diz que sábio é o gnóstico:

"Para o sábio ou gnóstico, conhecer é ser, e vice versa" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 26).

Se Olavo identifica sábio com o gnóstico, então é claro que para ele a Sabedoria é a Gnose.

Veremos adiante que todos esse termos, postos em negrito, têm o significado de Gnose. Como aliás, ele mesmo confessou ao identificar Philosophia Perennis com Gnose, em seu Texto-Confissão.

Mas, para provar que ele mesmo não é difusor da Gnose, Olavo de Carvalho começa enumerando quatro pontos fundamentais dessa doutrina herética, e três desenvolvimentos dela. Tudo isso - os quatro itens e os três desenvolvimentos - mais parecendo copiados de uma enciclopédia popular, tipo Barsa ou Tesouro da Juventude, ou de algum site da Internet, do que da lavra de O de C., pois, curiosamente, os quatro itens que ele menciona não parecem ter o seu estilo.

A Gnose é um fenômeno religioso bem mais complexo do que estes quatro itenzinhos em que o sr. Olavo de Carvalho a resume. Há sistemas gnósticos muito complicados, e cada seita apresenta delírios muito próprios e originais. E até contraditórios. Basta ler os livros gnósticos encontrados em Khénoboskion, ou o Adversus Haereses de Santo Irineu, ou o Panarion de Santo Epifânio, ou as grandes obras dos especialistas em Gnose, para ver como as seitas gnósticas são complexas. Veja-se, por exemplo, que a Kabballah é reconhecidamente a Gnose judaica, e, entretanto, ela não é contra o casamento e a procriação, como o são normalmente as seitas gnósticas.

O sistema gnóstico de Guénon, para dar outro exemplo, mistura conceitos hinduístas e sufis, além de idéias gnósticas retiradas de vários sistemas, e que ele amalgamou no que ele chama de "Tradição" ou "Metafísica", revelação divina primordial, que teria sido recebida por homens historicamente desconhecidos...de superiores ainda mais misteriosos, e ainda mais desconhecidos.

Delírio... E delírio gnóstico.

II - 2. Guénon já fora acusado de ser adepto da Gnose

Será que ninguém percebera, ainda quando Guénon estava vivo, que ele defendia e propagava a Gnose?

É claro que isto não poderia ter passado desapercebido. Não faltaram os que o acusaram de ser um defensor da Gnose.

Quando Guénon foi acusado de ser gnóstico, ele também, como Olavo, ficou muito irritado, pois ficava desmascarado ante o público diante do qual pretendia passar por católico e "tradicionalista". (E há certos católicos, que, basta alguém se dizer "tradicionalista", para que o considerem quase como "canonizado"...Foi assim que Guénon conseguiu "cooperar", mesmo sendo maçon, em revistas católicas anti maçônicas!)

Para defender-se da acusação de ser um gnóstico, Guénon escreveu:

"Esta deformação grega de idéias orientais incompreendidas - [o gnosticismo] - é o que menos o [me] interessa no mundo", e ele assinalará, de outro lado, que vigiou cuidadosamente em se abster

de empregar essa própria palavra ‘Gnose’ - "apesar de sua perfeita equivalência com o sânscrito jñãna", contentando-se com o termo "metafísica" ou, a rigor, "conhecimento", movido sempre pelo "desejo de afastar tudo o que trouxesse risco de ser mal compreendido, na medida em que é possível prevê-lo" (René Guénon, carta a Noële Maurice-Denis, apud Marie France James, Ésoterisme et Christianisme. Autour de René Guénon, Nouvelles Éditions Latines, Paris, 1981, pg. 203).

E quem acusara Guénon de ser um adepto da Gnose?

Fora Jacques Maritain que sugerira a Noële Maurice-Denis que colocasse em um seu trabalho o seguinte parágrafo, que ela adotou:

"R. Guénon quereria que o Ocidente degenerado fosse pedir ao Oriente lições de metafísica e de intelectualidade. É somente no contrário, na sua própria tradição e na religião de Cristo, que o Ocidente encontrará a força de se reformar a si mesmo na verdadeira ordem, e a força de ensinar a orgulhosa sabedoria do Oriente. E se o pseudo orientalismo teosofista, cuja propaganda inunda atualmente o Ocidente, representa para a inteligência uma ameaça de deliqüescência e de corrupção radical, é preciso confessar que o remédio proposto pelo sr. Guénon, - falando claro, uma renovação hinduísta da antiga Gnose, mãe das heresias - só seria própria a agravar o mal" (Apud Marie F. James, op. cit. p. 198. O negrito é meu).

Então, não sou o primeiro a ver na obra de René Guénon a Gnose. Um filósofo mundialmente conhecido, e insuspeito de ser conservador ou católico integrista, (até pelo contrário, um homem bem simpático ao modernismo), Jacques Maritain, acusou Guénon de ser um gnóstico, e de difundir muito pouco veladamente, a mãe de todas as heresias, a Gnose. E a amiga de René Guénon, Noële Maurice-Denis, embora mais tarde, por preocupação de amizade, tenha procurado atenuar a acusação, adotou o parágrafo escrito pela própria mão de Maritain: Guénon era um adepto da mãe de todas as heresias: a Gnose.

E não digo isso para assustar os alunos do sr. Olavo de Carvalho, mas para lhes dar informações que o sr. Olavo não lhes dá.

Portanto, para Guénon, as palavras "Metafísica", "Conhecimento" - e poderíamos acrescentar "Tradição" ou "Grandes Mistérios", como escrevi em carta anterior, citando Martin Lings - significam Gnose, termo este que Guénon cuidadosamente evita, para não ser desmascarado como gnóstico.

Vejamos o que disse o próprio Guénon sobre Gnose:

II - 3. Guénon e seus seguidores confessam que são Gnósticos

"Por Gnose aqui se deve entender o Conhecimento tradicional que constitui o fundo comum de todas as iniciações, cujas doutrinas e símbolos foram transmitidos, desde a mais remota antigüidade até nossos dias, através de todas as Confraternidades secretas, cuja longa corrente jamais foi interrompida" (René Guénon, in Études sur la Franc Maçonnerie et le Compagnonage, T. I, p.257, apud Jean Robin, René Guénon, Testimone della Tradizione, ed Il Cinabro, Catania 1993, p.167. Tradução e negrito são nossos).

E esse texto também é uma confissão.

Portanto, quando Olavo de Carvalho, adepto de Guénon, fala em Conhecimento Tradicional, deve-se entender Gnose.

Note-se bem: Guénon afirma que a Gnose jamais foi interrompida. Portanto - "et pour cause" - nem pelas seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo, é claro! Também o "gnosticismo" - é óbvio - adotava a Gnose.

Guénon previne ainda que o Conhecimento (a Gnose) não pode ser alcançado pela razão:

"Não insistiremos aqui sobre a distinção entre razão e intelecto puro e supra individual, distinção que, ao menos teoricamente, foi reconhecida também por certos filósofos ocidentais antigos, como Aristóteles e os escolásticos, os quais, porém, não parecem ter tirado dela todas as conseqüências. Diremos apenas que o conhecimento metafísico ou espiritual, no verdadeiro sentido da palavra, sendo de ordem universal, seria por definição impossível a nós todos, se no ser humano não houvesse uma faculdade da mesma ordem e da mesma dignidade, portanto, transcendente com relação ao indivíduo. E esta faculdade nós a chamamos intuição intelectual" (René Guénon, Além do Plano "Mental", artigo publicado no "Il Regime Fascista", "Diorama", em 16 de Julho de 1939, in Precisazioni Necessarie, Edizione Il Cavalo Alato, Salerno, 1988, p.127).

Esta citação é preciosa doutrinariamente, pois que afirma a existência de uma faculdade no homem de ordem "metafísica" e supra individual, que não deve ser confundida com a razão.

É também muito importante para informar os ingênuos que René Guénon colaborou numa revista fascista. Ele publicou nessa revista mussoliniana 25 artigos desde 1934 até 1940, quando a guerra interrompeu a colaboração.

É muito bom que os leitores de Olavo de Carvalho saibam que Guénon - em cuja defesa Olavo saiu a campo - era colaborador de uma revista Fascista.

Outra prova de que Guénon identificava Tradição primordial com Gnose pode ser encontrada no livro Formes Traditionnelles et Cycles Cosmiques, ao tratar ele da Cabala:

"O termo Qabbalah [Cabala], em hebreu, não significa outra coisa senão "tradição", no sentido o mais geral; e, se bem que ele designe mais habitualmente a tradição esotérica ou iniciática, quando é empregado sem maior precisão, acontece por vezes também que ele seja aplicado à própria tradição exotérica" (René Guénon, Formes Traditionnelles et Cycles Cosmiques, Gallimard, Paris, 1970, p. 61).

E Guénon previne que usa esse termo para designar a tradição especificamente hebraica; porém, mais adiante, ele esclarece que, embora ele não concorde com Paul Vulliaud no identificar Cabala com misticismo judaico, aceita que seria sustentável identificar Cabala com Gnose:

"Sem dúvida isto depende do sentido que se dá à palavra [misticismo], e este que ele [Vulliaud] indica (o qual faria dele quase que um sinônimo de "Gnose" ou conhecimento transcendente) seria sustentável se não se tivesse senão a preocupação da etimologia, porque é exato que "misticismo" e "mistério" têm a mesma raiz" "Para nós, a Kabbala é muito mais uma metafísica do que uma filosofia, e ela é bem mais iniciática do que mística(...)" (René Guénon, Formes Traditionnelles et Cycles Cosmiques, p. 93).

E Guénon considera a Tradição primordial como sinônimo de Metafísica e não de Filosofia. Logo, para ele, Cabala é Gnose, porque pode ser tomada como tradição iniciática e esotérica, como a Tradição primeva, isto é, a Gnose.

Outro autor também elogiado por Olavo, Seyyed Hossein Nasr, chamou a "metafísica" de Gnose, no sentido "tradicional":

"Na tradição islâmica, após muitos séculos através dos quais as várias perspectivas se formaram, se desenvolveu uma situação que demonstra totalmente o papel e função da filosofia, da teologia e da metafísica ou gnose num contexto tradicional." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, pág. 81.O negrito é meu).

Esse mesmo autor, Nasr - que Olavo admira e recomenda - diz que Shankara e Rumi são mestres da Gnose:

"A obra de mestres da gnose tais como Sankara e Jalal al-Din Rumi pertencentes a dois tipos de tradições muito diferentes exemplifica o casamento entre sabedoria da ordem mais elevada e beleza de expressão." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, p. 275, nota 5.O negrito é meu).

E Frithjof Schuon, outro mestre de Olavo, diz que:

"...a perspectiva de Shankara é uma das mais adequadas expressões possíveis da philosophia perennis ou do esoterismo sapiencial." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 14)

Ora, O de C. escreveu sobre Shankara:

"Recebi ainda o impacto decisivo da doutrina vedantina, da qual tomei conhecimento por Swami Dayananda Sarasvati, diretor da Academia de Estudos Védicos de Bombaim, que eu e alguns companheiros trouxemos ao Brasil para dar conferências e se tornou um grande amigo do nosso país. Ele me pôs na direção certa em que devem ser lidas as obras de Shankaracharya, provavelmente o mais alto espírito metafísico que já habitou este mundo." (Entrevista de Olavo de Carvalho ao Embaixador Caius Traian Dragomir, em <http://www.olavodecarvalho.org/textos/dragomir.htm>, grifo nosso).

O de C, confirma sua adesão e simpatia a esses autores gnósticos assim como a doutrinas gnósticas ao dizer, numa entrevista:

"Preferências: Livro - A Bíblia e o Corão, as escrituras hindus no comentário de Shânkara, (...)" (A filosofia não é para os tímidos, Entrevista de Olavo de Carvalho a Zora Seljan, Jornal de Letras, da Academia Brasileira, julho de 2000, http://www.olavodecarvalho.org/textos/timidos.htm. O negrito é nosso).

II - 4. Gnose e gnosticismo

Todos esses gnósticos tradicionais teimam em distinguir a Gnose dos primeiros tempos do cristianismo da Gnose "em contexto tradicional". Ora, ambas têm o mesmo conteúdo e o mesmo sentido: a salvação de uma partícula divina que existiria no homem, por meio do conhecimento (Gnose).

Schuon pretende dar uma "explicação" sobre este problema - distinguindo "Gnose Tradicional" do gnosticismo dos primeiros séculos do cristianismo - explicação ou lição que Olavo segue docilmente:

"Enfim, resta um outro equívoco a elucidar de uma vez por todas: a palavra "gnose", que aparece neste livro como em nossas obras precedentes, refere-se ao conhecimento supra racional - portanto, puramente intelectivo - das realidades metacósmicas; ora, este conhecimento não se reduz ao "gnosticismo" histórico, sem o que seria preciso admitir que Ibn Arabi ou Shankara tenham sido "gnósticos" alexandrinos; em suma, não se pode tornar a gnosis responsável por cada associação de idéias e por cada abuso de linguagem. É humanamente admissível não crer na gnose, mas o que não é absolutamente admissível é, quando se pretende conhecer este assunto, classificar sob este vocábulo coisas que não têm nenhuma relação - nem sob o ponto de vista do gênero, nem quanto ao nível - com a realidade da qual se trata, qualquer que seja, aliás, o valor que se lhe atribui. Em vez de "gnose", nós poderíamos também dizer em árabe ma’rifah, ou em sânscrito jñana, mas nos parece bastante normal usar um termo ocidental, dado que escrevemos numa língua do Ocidente; (...)" (Frithjof Schuon, Comprendre l ‘Islam, Ed. du Seuil, Paris, 1976, pp. 136-137).

E em nota ao pé de página, esclarece Schuon:

"Se nós não "reduzimos" o sentido da palavra [Gnose] a este sincretismo, nós admitimos entretanto que, de toda evidência e por razões históricas, se chamem de "gnósticos" também os hereges designados convencionalmente por esse termo" (F. Schuon, Comprendre l ‘Islam, p. 137, nota 1).

Em primeiro lugar, o próprio Schuon - nessa nota 1 - admite que o "gnosticismo" antigo pode ser considerado como seguidor da Gnose.

Segundo, a doutrina das seitas gnósticas cristãs é a mesma que a da chamada "Gnose Tradicional de Guénon e quejandos.

Terceiro, as maiores autoridades no tema, como já aludimos, consideram que não cabe distinguir mais entre Gnose e gnosticismo:

"No sentido restrito que tinha inicialmente a palavra "Gnose" se substitui um sentido largo, que amplifica e engloba o primeiro; de início reduzido às dimensões de uma heresia, cujo estudo, a este título, pertencia propriamente à História da Igreja e que não podia ter se formado senão no interior do Cristianismo e posteriormente a seu aparecimento, o gnosticismo atinge agora as proporções de um fenômeno geral da História das religiões, ultrapassando de muito, por sua extensão, os limites e o campo do cristianismo antigo, e exterior, senão anterior, a ele por suas origens. Deste fenômeno, as gnoses cristãs heterodoxas não representam mais senão uma expressão entre muitas outras; falando propriamente, elas não são heresias imanentes ao cristianismo, mas os resultados de um encontro e de uma junção entre a nova religião e uma corrente de idéias e sentimentos que existia antes dela e que lhe era primitivamente estranha e o permanecerá na sua essência. A Gnose revestiu aqui formas cristãs, ou, que, com o tempo, se tornaram cada vez mais profundamente cristianizadas, da mesma forma que ela tomou em outros lugares formas pagãs adaptando-se às mitologias orientais, aos cultos de mistérios, à filosofia grega ou às ciências e artes ocultas" (Henri-Charles Puech, En Quête de la Gnose, Gallimard, Paris, 1978, vol. I, pp. 187-188).

Quarto, supor que os gnósticos dos primeiros séculos do cristianismo tenham sido os primeiros gnósticos da História é cometer um erro infantil. A Gnose é conseqüência de uma falsa colocação do espírito humano diante do problema do ser, e ela pode ocorrer em qualquer época, sem ligação histórica direta com outros sistemas gnósticos. Houve Gnoses antes do gnosticismo cristão dos primeiros séculos de nossa era. Os sistemas religiosos hindus são anteriores ao gnosticismo e entretanto, são gnósticos também. Houve, ainda antes de Cristo, Gnose na Pérsia, no Egito antigo, e na China, por exemplo.

Já existia uma Gnose, mesmo entre os judeus, e em tempos anteriores a Cristo. Gerschom Scholem afirma que no período do segundo Templo, já se infiltrara um pensamento esotérico entre os judeus, esoterismo que dará origem à Cabala, a Gnose dos judeus (Cfr Gershom Scholem, A Mística Judaica - (Major Trends in Jewish Mysticism), Perspectiva, São Paulo, 1972, p. 41).

Todas essas Gnoses, embora diferindo entre si em pormenores, apresentavam a mesma estrutura de pensamento e o mesmo esquema religioso da Gnose dos primeiros séculos e da Gnose ‘tradicional" guénoniana.

Os estudiosos da Gnose reconhecem isso (Cfr. Simone de Pétrement, Le Dualisme chez Platon, les Gnostiques et Manichéens, que cita Harnack, PUF, Paris, 1947, p. 134; Hans Jonas, Gnosis und spätantiker Geist, p. 1, citado por S. de Pétrement; a mesma tese de que houve Gnoses antes do cristianismo está em R. P. Festugière La Révélation d’Hermès Trismegiste, Paris, Lecoffre et Gabalda ed., 1954, IV vol. p.3; Gerschom Scholem admite que havia uma Gnose judaica pré cristã: Jewish Gnosticism, Merkabah Mysticism P. 4 e 5, assim como em G. Scholem, Les origines de la Kabbale, Aubier- Montaigne, paris 1966, p. 30 e pp. 41-42; G. Scholem, A Mística Judaica (Major Trends in Jewish Mysticism), Ed Perspectiva, São Paulo, 1972, p. 48).

Ainda agora, acaba de ser publicado um livro do Cardeal Ratzinger - que acabo de receber - no qual, se trata da Gnose, identificando-a, é claro, com Gnosticismo. Nesse livro, o Cardeal Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé (o ex Santo Ofício, do qual não sou membro terceirizado) diz:

"Dado que o conhecimento (= gnose) é a verdadeira força da redenção e portanto também a forma mais alta de elevação, isto é, de união com a divindade, esses sistemas de pensamento e essas doutrinas religiosas - por outro lado, muito diversas entre si - são definidas como "gnósticas".

E pouco adiante, diz O Cardeal Ratzinger: "Também hoje o gnosticismo torna a exercer seu fascínio em muitos modos; as religiões do extremo Oriente trazem em si a mesma estrutura fundamental" (Cardeal Joseph Ratzinger, Introduzione allo Spírito della Liturgia, Edizioni San Paolo, Milano, 2.001, p. 28. O negrito é meu).

Não poderia ter sido mais providencial este livro que acaba de sair quentinho do forno: ele não só identifica Gnose e gnosticismo, como afirma que as religiões do extremo Oriente (Taoísmo, Hinduísmo e Budismo), tão admiradas pelos adeptos da "tradição primeva", tem estrutura fundamental gnóstica.

II - 5. Esoterismo e Gnose

Do mesmo modo Schuon - autor recomendado e elogiado por O. de C. - escreveu que o que ele chama de Philosofia perennis é a Gnose, e que o esoterismo que ele defende é a Gnose.

"O que nós temos em vista, neste livro como nos precedentes, é, afinal de contas, a scientia sacra ou a philosophia perennis, a gnose universal que sempre existiu e que sempre existirá" (Frithjof Schuon, Comprendre l ‘Islam, ed. du Seuil, Paris, 1976, Avant propos, p. 7. O negrito e sublinhado são meus; os itálicos são do autor).

"Além disso, nosso interesse pelos esoterismos históricos - tais como o pitagorismo, o Vedanta shivaíta, o Zen - é menor do que o interesse pelo esoterismo em si que, com satisfação, denominaríamos philosophia perennis, sendo por si mesmo independente das formas particulares por constituir a sua essência." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, pág. 1.O negrito é meu).

E, mais adiante, acrescenta Schuon:

"Quanto ao esoterismo em si, que não é outro senão a gnose, devemos lembrar duas coisas, embora já as tenhamos mencionado em duas outras ocasiões." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, pág. 19.O negrito é meu).

O próprio Olavo de Carvalho concorda que esoterismo é o mesma coisa que Philosophia Perennis:

"Já o esoterismo, ao contrário, sendo um único em sua essência (ele é a Philosophia Perennis, a verdade metafísica una, eterna, supraformal e transcendente), varia entretanto nas distintas formas históricas que o expressam, havendo, portanto, um esoterismo cristão, um islâmico, um judaico, etc. "(Olavo de Carvalho, À procura da Pérola Viva Conhecimento Revelado: O Esoterismo Cristão, in Planeta, n* 108, Setembro de 1981).

(E não esqueçamos que em seu Texto - Confissão O de C. admitiu que Philosophia Perennis é a Gnose).

Ora, o esoterismo tem como um de seus elementos fundamentais a Gnose.

É o que se lê em Antoine Faivre:

"Mais do que as práticas propriamente ditas, é o conhecimento - no sentido de "gnose’-- que parece contribuir para fundamentar a noção de atitude esotérica;" (Antoine Faivre, O Esoterismo, Papirus editora, Campinas, 1994, p.18).

E Luc Benoist-- outro seguidor de Guénon - afirma que "O esoterismo, que como vamos ver, toma para revelar-se-nos o canal metódico da iniciação, tem por objeto libertar o homem dos limites de seu estado humano, tornar efetiva a capacidade que ele recebeu de alcançar os estados superiores de forma ativa e duradoura graças a ritos rigorosos e precisos" (Luc Benoist, El esoterismo, tradução de Fr. Garcia Barzán, Ed Nova Buenos Aires, 1967, p. 4).

E tanto o sr. Olavo - quanto René Guénon - se disseram esotéricos. Portanto, ambos são gnósticos.

E Schuon escreveu:

"O conhecimento direto e interior, o do Coração - Intelecto, é o que os gregos denominavam gnose; a palavra 'esoterismo' - segundo sua etimologia - designa a gnose, na medida em que está de facto subjacente às doutrinas religiosas, portanto dogmáticas." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, págs. 11-12. O negrito é nosso)

Conforme Schuon, então, haveria um núcleo subjacente a todas as religiões, e que seria a Gnose.

Está aí. Para Schuon, Esoterismo = Filosofia Perene = Gnose.

Olavo expressou o mesmo pensamento quanto a essa fórmula.

Ousará ele negar o que ele mesmo escreveu?

Sim, Olavo de Carvalho "ecoou" essa mesma doutrina: O aflito Olavo - o "pai" do Imbecil Coletivo" - repetiu essa mesma doutrina, quando escreveu:

"O esoterismo é a ciência universal por excelência, é o conhecimento e a realização da unidade (...)". (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, ed. Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 11. O negrito é meu)

O Esoterismo transmitiria pelo conhecimento a verdadeira Sabedoria ou Gnose. Vejamos, inicialmente que é essa "Sabedoria" à qual os "tradicionalistas" dão vários nomes, analisando, depois, o que eles entendem por conhecimento.

II - 6. "Sabedoria" e Gnose

Para Olavo, "os primeiros princípios são conhecidos por um método próprio, que é o método da sabedoria ou gnose" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 24. O negrito é meu).

E eis aí uma nova confissão.

Essa sabedoria ou Gnose é que seria o núcleo de todas as religiões, a "Sofia Perennis", o objeto da "Philosophia Perennis". Por isso, ele usa essa última expressão como idêntica a ‘Unidade transcendente das religiões", pois ele escreveu: "philosophia perennis, ou unidade transcendente das religiões" (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, ed. Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 75).

É o que ele confirma no Prefácio desse mesmo livro:

"Todos os estudiosos de religiões comparadas do mundo, com quase nenhuma exceção, utilizam o termo "Tradição" como sinônimo de Sanathana Dharma, de Lei Perennis, de Sophia Perennis, de Al-Hikmat al- illahiya - para designar o número de princípios metafísicos que é comum a todas as religiões do mundo, (...)"(Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, ed. cit. p. 7).

Esse texto de Olavo é uma terceira confissão. Ele diz que Tradição é sinônimo de Al-Hikmat al - ilahya. Ora, que significa essa expressão árabe?

"Lembramos de novo que a palavra théosophie é tomada aqui em sentido etimológico da palavra grega "teosofia" cujo eqüivalente literal em árabe é hikmat ilahîa, Sohrawardi o entende no sentido da palavra ‘irfan (um conhecimento que é gnose). Ela põe em ação não uma representação conceitual e abstrata das coisas, mas uma percepção direta (kashf), uma presença real (hodur, hozûr) dos mundos espirituais." (Henry Corbin, En Islam Iranien, Gallimard, Paris, 1971, Vol. III, p. 9, nota 1).

Portanto, o próprio Olavo, usando o termo Tradição como sinônimo de Al- Hikmat al - Ilâhya, confessa que, para ele, Tradição significa Teosofia, ou com Sohrawardi, Gnose.

É o que afirma ainda outro autor esotérico:

"Essa sabedoria eterna da qual a idéia de tradição não pode ser divorciada e que constitui um dos componentes principais do conceito de tradição é precisamente a sophia perennis da tradição ocidental, que os hindus chamam de sanatana-dharma e os muçulmanos de alhikmat al-khalidah (ou javidan khirad em persa)." (Nasr, Seyyed Hossein, "Knowledge and the Sacred", pág. 68. O negrito é meu).

Nasr nos dá aí um verdadeiro poli dicionário:

Sabedoria eterna = Tradição = Sophia Perennis = Sanathana Dharma = Al hikmat al-khalidah = Javidan khirad.

E todas essas expressões significam GNOSE.

Em "A Unidade Transcendente das Religiões", Schuon fala da "ortodoxia universal, a Sanâtana-Dharma dos hindus" (pág. 24. O negrito é meu).

O mesmo Schuon confirma que a expressão Sophia Perennis significa para os esotéricos Gnose, como veremos pouco adiante.

Não há, então dúvida: Olavo de Carvalho usa o termo Tradição como substituto da palavra Gnose. E se ele usa expressões árabes e sânscritas para substituir (ou esconder?) a palavra Gnose, isso demonstra um desejo de "velar" seu pensamento. Para um esotérico, isso é natural.

Tendo considerado tudo isso, fica claro que ao pensamento de Olavo de Carvalho se aplica perfeitamente o que diz Antoine Faivre sobre o esoterismo tradicionalista e o estudo comparado das religiões:

"Trata-se de uma tendência que consiste em querer estabelecer denominadores comuns entre duas ou mais religiões diferentes, até entre todas as tradições, com a esperança de se obter uma iluminação, uma gnose, de qualidade superior"(...) "A concordância de que se trata aqui é de outra natureza. Pretende-se mais criadora, concerne à iluminação individual pelo menos tanto quanto à coletividade, exprime a vontade não apenas de eliminar as diferenças ou de descobrir as harmonias entre diversas tradições religiosas, mas sobretudo de adquirir uma gnose que abrase e abrace num mesmo cadinho diversas tradições para revelar - no sentido, diríamos, fotográfico do termo - ao homem de desejo a imagem do tronco vivido e escondido do qual todas as tradições particulares seriam apenas os ramos visíveis. Essa tendência assume a partir do século XIX uma forma acentuada em decorrência de um melhor conhecimento do Oriente e depois graças à influência de uma disciplina nova, as "religiões comparadas", a ponto de os defensores do tradicionalismo, aqueles que são chamados em inglês os perennialists, chegarem a postular e ensinar que existiria uma "Tradição primordial" dominando todas as outras tradições religiosas ou esotéricas da humanidade" (Antoine Faivre, O Esoterismo, p. 23. Os negritos são meus. Os itálicos são do autor).

A citação foi longa, mas é necessária, porque fotografa a gnose de Guénon e Olavo de Carvalho.

Olavo elogia e recomenda Schuon para seus alunos e leitores:

"É ainda nos Estados Unidos que se encontra hoje o mais poderoso núcleo de resistência ao avanço do ateísmo oficial - o que abrange desde as comunidades que se organizam contra a lei do aborto até a elite espiritual concentrada em torno de figuras como Seyyed Hossein Nasr - exilado iraniano -, Huston Smith, Victor Danner e outros, profundamente influenciada pelo pensamento de Frithjof Schuon, homem espiritual de primeiro plano e formulador do único método válido já concebido para a comparação e aproximação das religiões."

"[Nota de rodapé:] V. Frithjof Schuon, De L'Unité Transcendante des Religions, 2e. éd., Paris, Le Seuil, 1979, e Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred. The Gifford Lectures, 1981, New York, Crossroad, 1981. - Nota da 2ª ed.: O reconhecimento de minha dívida intelectual para com F. Schuon não implica de maneira alguma aceitá-lo como a espécie de guru universal ou árbitro supremo das tradições que ele de certo modo pretendeu ser." (Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, 2a. edição, E. Realizações, pág. 308. O grifo é nosso).

Vimos que O de C. recomenda e elogia --ecoa - o pensamento de Schuon citado por Nasr. Ora, Schuon também diz que a Sophia Perennis (a Sabedoria Perene) é acessível somente aos "gnósticos", aos "pneumáticos", aos "teósofos":

"Quanto à Sophia perennis, trata-se do seguinte: há verdades inatas no Espírito humano, que apesar disso estão em certo sentido enterradas nas profundezas do 'Coração' - no puro Intelecto - e são acessíveis apenas a quem for espiritualmente contemplativo; e essas são as verdades metafísicas fundamentais. O acesso a elas é possuído pelo 'gnóstico', 'pneumático' ou 'teósofo', - no sentido original e não sectário destes termos, - e o acesso a elas era também possuído pelos 'filósofos' no sentido real e ainda inocente da palavra: por exemplo, Pitágoras, Platão e em grande parte também Aristóteles." (Schuon, "Sophia perennis": Studies in Comparative Religion; apud Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, State University of New York Press, 1989, pág. 88, nota 18).

Também Nasr diz:

"Neste estudo, gnose é sempre usada no sentido de conhecimento sapiencial ou sabedoria, como o conhecimento que unifica e santifica e não num sentido sectário como relacionada ao gnosticismo ou num sentido teológico estreito como foi empregada por certos autores cristãos primitivos que a contrastavam com sophia." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, pág. 50, nota 13).

Embora Schuon, citado por Nasr, tivesse dito que a palavra gnóstico era aí empregada não no sentido sectário, mas no sentido "inocente", o que ele, Schuon, afirma sobre o "Coração" ou "Intelecto", como instrumento do Conhecimento, demonstra que ele emprega o termo exatamente como a Gnose tradicional empregava esses termos: intelecto era, para a Gnose, a partícula divina no homem, o Atma, o pneuma divino, o éon. O "proprium" de que fala Ibn Arabi. E veremos isso, mais a fundo, quando estudarmos a doutrina de Guénon.

Nasr reconhece, com Guénon, que o termo sânscrito jñãna significa Gnose:

"O termo jñãna implica em conhecimento principial que conduz à libertação e está relacionado etimologicamente com gnose, a raiz gn ou kn significando conhecimento em várias línguas indo-européias incluindo o inglês." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, pág. 50, nota 14)

Também para este "perennialist", Seyyed Nasr, o conhecimento supremo é identificado com a Gnose, e mesmo com o maniqueísmo:

"Voltando-nos para a Ásia Ocidental, discernimos a mesma consideração do conhecimento como a chave da obtenção do sagrado e a doutrina de que a substância do próprio conhecimento é sagrada no zoroastrismo e em outras religiões iranianas como o maniqueísmo, que baseia toda a religião no objetivo de libertar, por meio do ascetismo e do conhecimento, as partículas de luz espalhadas pelo cosmos como resultado do sacrifício do homem primordial." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, p. 8.O negrito e o sublinhado são meus).

Certamente, todas essas citações foram de uma monotonia insuportável, mas como para mau entendedor - que evidentemente, não é você, meu caro Felipe --não basta meia palavra, achei necessário repetir as provas, citando vários autores que dizem a mesma coisa: no código dos seguidores de René Guénon, Tradição = Sophia perennis = Philosophia perennis = esoterismo = sabedoria = Gnose

II - 7. Gnose = Conhecimento salvador

Vimos que Olavo declarou com todas as letras que "O esoterismo é a ciência universal por excelência, é o conhecimento e a realização da unidade"(...) (O de C. Astrologia e Religião, p. 11)

Que Conhecimento é esse que realiza a unidade?

Conhecimento de que?

Unidade de quê com quê?

Ele vai explicar isso em várias passagens desse mesmo livro, Astrologia e Religião. Na página 63 ele escreveu:

"O que dá sua coerência e inteireza ao conhecimento é a unidade do sujeito cognoscente, mas não no sentido Kantiano, pois não se trata aqui do sujeito individual --ou geral que é uma simples extensão do individual - e sim o sujeito identificado e reintegrado ao Absoluto; é a unidade da inteligência mesma, não enquanto manifestação individual, mas enquanto participação no Intelecto Agente, à objetividade plena portanto, e, a fortiori à verdade mesma. A unidade do mundo repousa na unidade do Intelecto, ou Logos, que é a unidade de Deus" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 63 e 64. Os negritos são meus).

Esse texto também bastaria para provar que a doutrina do sr. Olavo de Carvalho é gnóstica, pois aí ele afirma a tese central da Gnose: que pelo Conhecimento, o homem se identifica com o Absoluto, isto é, com Deus.
A doutrina que ele expõe é a da identificação, através do Conhecimento, do intelecto humano com o Intelecto de Deus, com o Logos, que é a tese central da Gnose averroísta. É também a mesma identidade das coisas do mundo com Allah, que se encontra na Gnose sufi de Ibn Arabi (Cfr. Muhyiedin Ibn Arabi, Tratado de la Unidad Risalatul Ahadiyah)

Olavo vai dizer exatamente isso, nesse mesmo livro: "É possível, ainda, passar da imagem ao conhecimento direto, se formos suficientemente fundo para dentro de nós mesmos, pois "nosso intelecto está conjunto à verdade eterna mesma" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 69).

E, para ele, podemos realizar essa união com o Absoluto, com Deus, com o Intelecto divino, pelo conhecimento, porque tudo emanou da Divindade: é da "unidade primordial, o ser, de onde emanam todas as coisas" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, ed Nova Stella, 1985, p. 75. O sublinhado é do próprio autor). Exatamente o que ensina a Gnose sufi de Ibn Arabi

No mesmo livro, ele diz: "Pelo fato de que o homem habita simultaneamente muitos planos da realidade (sic!) --sendo um ente tão corporal quanto o cálcio de seus ossos e tão espiritual quanto a inteligência divina que nele reside - sua relação com o mundo planetário não pode ser unívoca(...) " (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 49).

Ora no sentido sectário também, tanto quanto no sentido tradicional, Gnose é um conhecimento que liberta, que salva. Daí a definição de Gnose como conhecimento salvador ou libertador. É o que ensinam as autoridades nessa matéria:

"...a Gnose (do grego Gnosis, ‘conhecimento’) é um conhecimento absoluto que salva por si mesmo, ou que o gnosticismo é a teoria da obtenção da salvação pelo conhecimento" (Henri-Charles Puech, En Quête de la Gnose, Gallimard, Paris, 1978, vol I, p. 236).

"Não é arbitrário colocar um conceito geral de gnose como "conhecimento salvador" (Serge Hutin, Les Gnostiques, PUF, Paris, Que sais-je?, 1970, p. 8).

"A gnose (...é...) a religião do conhecimento, o culto do conhecimento como meio de salvação" (Simone de Pétrement, Le Dualisme chez Platon, les Gnostiques et Manichéens, PUF, Paris, 1947, p.88).

"Este é o primeiro ponto e o mais importante da definição de gnosticismo: uma religião - que salva pelo conhecimento --; conhecer, para eles, é essencialmente se conhecer, reconhecer o elemento divino que constitui o verdadeiro Si mesmo [Soi ou Self] (Robert M. Grant, La Gnose et les Origines Chrétiennes, Seuil, Paris, 1964, pp 18-19).

E repare, meu caro Felipe, que esse "primeiro ponto e o mais importante da definição do gnosticismo" - a salvação pelo Conhecimento (que Grant identifica com Gnose) - não apareceu nos 4 itenzinhos do Olavo...

E essa doutrina da salvação pelo conhecimento - Gnose - pode ser encontrada naqueles que se chamam tradicionalistas, inclusive em Olavo de Carvalho, que, como vimos acima, afirma que pelo Conhecimento o homem se une ao Absoluto, isto é, a Deus.

Dizendo isso, Olavo, repete, reproduz, ecoa a doutrina gnóstica de Guénon:

"é através do Conhecimento que se obtém a libertação"(René Guénon, Le Démiurge, in Mélanges, Centro Studi Guenoniani, Venezia, 1978, I parte, p. 33).

Guénon - de cuja doutrina O de C. pretendeu ser um eco prolongador - também escreveu :

"Do que precede resulta que o homem, na sua existência terrena, pode libertar-se do domínio do Demiurgo ou do Mundo ílico, e que essa libertação se opera mediante a Gnose, isto é, mediante o Conhecimento integral" (T. Palingenius, aliás, René Guénon, Le Demiurge, in Mélanges, Centro Studi Guénoniani, Venezia, 1978, p. 27. A tradução é nossa).

"Não há outro meio de obter a libertação completa e final que o Conhecimento; é o único instrumento que desata os laços das paixões: sem o Conhecimento não se pode obter a Beatitude" (T. Palingenius, aliás, R. Guénon, Le Démiurge, idem, p. 28).

Você repare, meu caro Felipe, que nessas duas pequenas citações do Bispo da Igreja Gnóstica Universal, Palingenius-Guénon defende alguns dos quatro itens colocados por O de C. na sua conceituação de Gnose.

E apesar disso, - ou por causa disso - O de C. pretendeu ser, senão o introdutor, pelo menos o propedeuta, o divulgador da doutrina guénoniana aqui no Brasil.

Há no texto acima de Guénon uma alusão ao mundo ílico, ou material, que aprisiona a partícula divina do homem, mundo material de que o homem se libertaria somente através do Conhecimento, isto é, da Gnose.

Notem, então, os "assustados", "perplexos" e "confusos alunos do "pai" do Imbecil Coletivo, que Olavo não pode negar que Guénon era gnóstico. Daí a sua encabulação furiosa. ou - como ele mesmo disse - "hidrófoba"...

Quer você outra citação ainda de Guénon?

Veja essa:

"De fato, a ação é propriamente a condição dos seres individuais pertencentes ao Império do Demiurgo. O Pneumático [o homem divinizado ou espiritual] ou o Sábio, é, na verdade, o que não age, mas residindo num corpo, é totalmente semelhante aos outros homens, todavia ele sabe que se trata apenas de uma aparência ilusória, e isto é suficiente a fim de que ele esteja realmente libertado da ação, já que é mediante o Conhecimento que se obtém a Libertação. Estando libertado da ação, ele não está mais sujeito ao sofrimento; este não é senão o resultado do esforço, e é nisto que consiste a assim chamada imperfeição, ainda que, na realidade, não haja nada imperfeito" (T. Palingenius, aliás, René Guénon, Le Démiurge, p. 33).

Veja que curioso: Guénon e Leonardo Boff se encontram na Teologia da Libertação, um pela via do marxismo racionalista, outro pela via da Gnose irracional.

Olavo - que pertenceu ao Partido Comunista, e que, como vimos, confessa compartilhar certos ideais da esquerda - combate Boff e apoia Guénon. Entretanto, ambos querem a Libertação do homem... Um pela Gnose. Outro pela revolução marxista do PC ou do PT. E Olavo já foi do PC. E se diz anarquista em moral...

Para Guénon, é possível ao homem alcançar "estados superiores do ser" através do que ele chama de "realização metafísica", que é "a tomada de consciência daquilo que é, de uma maneira permanente e imutável" (René Guénon, A Metafísica Oriental, ed Ivpiter, São Paulo, 1983, pp. 31, 32-33 e, esta última frase na p.30. Tradução de Olavo de Carvalho).

Portanto, essa misteriosa e pretensa "realização metafísica" seria obtida por uma " tomada de consciência do que se é", isto é, pelo Conhecimento [Gnose]. Ela se faria em três etapas:

1a) Numa primeira etapa, o homem seria restaurado em seu estado primordial, recuperando as qualidades de Adão no estado primordial, sendo liberto do tempo e do espaço. Isto seria obtido através dos Pequenos Mistérios. (Cfr. René Guénon, A Metafísica Oriental, p. 33-37 e Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 28; Astrologia e Religião, p. 75).

2ª) A segunda fase levaria o homem a "estados supra individuais" (op cit. p. 35) Nesta etapa, "o ser, que não pode mais ser dito humano, saiu doravante da "corrente das formas", segundo a expressão extremo-oriental"(René Guénon, op. cit., p. 36).

3ª) Na terceira fase, se daria "O estado absolutamente incondicionado, liberto de toda limitação" (René Guénon, op. cit., p. 37) Aí é que se daria a "realização metafísica" ou "Libertação", ou ainda "União" com o princípio supremo. (Cfr. René Guénon, op. cit., p. 37).

É a divinização do homem, pela união de seu intelecto com o Intelecto divino, realizada exatamente quando ele conhece - tem a Gnose - que, de fato, ele é o próprio Deus.

Esta é a doutrina gnóstica que Guénon expôs no Le Démiurge (Cfr. ed cit. pp. 27 a 29).

II - 8. Sufismo e Gnose

Vira e mexe, o sr. Olavo de Carvalho elogia os sufis, o Corão e Maomé

Ora o que afirma Schuon dos sufis, ele que foi um deles?

"É impossível negar que os mais ilustres sufis, ao mesmo tempo que, por definição, eram gnósticos, foram também um tanto teólogos e um tanto filósofos, ou que os grandes teólogos foram ao mesmo tempo um pouco filósofos e um pouco gnósticos, esta última palavra devendo ser entendida no sentido próprio e não sectário"(Schuon, Le Sufisme, Voile et Quintessence, Paris, 1980, p. 105; apud Nasr, Knowledge and the Sacred, p. 91, nota 46).

É claro que o sr. Olavo se apegará à distinção de Gnose no sentido sectário - das seitas dos primeiros séculos do Cristianismo e Gnose no sentido "próprio".

Só que a Gnose, no sentido das seitas dos primeiros séculos do Cristianismo, era um Conhecimento salvador, pela união do éon com o pléroma divino, e a Gnose no sentido "próprio", "tradicional", guénoniano, era o Conhecimento salvador ou libertador, pela união do intelecto com a divindade. Isto é, exatamente a mesma coisa.

E tanto era a mesma Gnose que houve quem identificasse a Gnose de Guénon com a Gnose Cátara, que é Gnose típica:

"Salientemos da mesma forma que para a Revista Internacional das Sociedades Secretas sob a pena de G. Mariani, que a obra metafísica de nosso amigo [René Guénon] (sic!) aparece como "a realização a mais notável - portanto a mais perigosa - da velha Heresia por excelência [a cátara]" (Marie France James, op. cit. p. 314. A tradução, o negrito e o sublinhado são meus).

E note, meu caro, Felipe, que Marie France James chama René Guénon de "nosso amigo" - e ela o faz freqüentemente em seu livro - o que não indica hostilidade.

Será que O de C. - que diz que leu e anotou esse livro há dez anos atrás - se esqueceu desse tom gentil da autora para com Guénon? Gostaria de crer que ele esqueceu, e que não foi uma tentativa de "induzir em falso testemunho" contra a autora tão delicada para com Guénon...mas...

Em todo caso, está aí um juízo que deve ser levado bem em conta:

A doutrina de Guénon é a realização ou renovação mais notável da velha heresia cátara, que é tipicamente gnóstica, E assim sendo, a Gnose de Guénon não se distingue da Gnose sectária, visto que o catarismo é tipicamente maniqueu.

A Gnose tradicionalista nascida de Guénon e adotada por Olavo de Carvalho e por outros sectários não se distingue da heresia Cátara, nem, portanto da Gnose sectária.

Também o Padre Élisée de la Nativité, O.F.M. afirma que a Gnose de Guénon é a mesma que a das seitas dos primeiros séculos do cristianismo:

"De um lado nosso Frade Carmelita acha "traços das idéias as mais caras a Guénon nos gnósticos do primeiro século de nossa era, em certas seitas mais vivazes da Idade Média, talvez entre os Rosa Cruz do Ocidente"(Marie France James, op. cit. p. 316).

II - 9. Admiradores cristãos de Guénon reconhecem que a doutrina do esoterismo cristão era a da Gnose, mas que era a boa Gnose

Jean Tourniac, autor que se afirma fiel a Cristo, (op. cit., p.9) mas é bem favorável a Guénon, não nega que haja Gnose nele. Entretanto, procura demonstrar que a Gnose esteve subjacente em muitos

autores e movimentos, desde a Antigüidade, e através da Idade Moderna, até os nossos dias, mas que essa Gnose, presente no que ele chama esoterismo cristão, era a boa Gnose.

Referindo-se aos movimentos gnósticos dos primeiros séculos, Tourniac diz que :

"A intervenção da doutrina ou da gnose, não é nem regressão, nem recuo, nem dissolução na "sabedoria grega", nem negação dos dogmas. Ela é, ao contrário, plenitude espiritual, inteligência da fé e valorização dos dogmas.

"É espantoso que se queira assim se privar de toda contribuição intelectiva nos inícios do Cristianismo; mas, depois de tudo, que a gnose seja uma "estranheza" para a mentalidade moderna, não tem nada de tal modo surpreendente: poder-se-ia quase adotar aqui a observação de Paul Valéry "toda visão das coisas que não é estranha é falsa" (Jean Tourniac, op. cit., p. 103).

A seguir, Tourniac afirma:

"O que convém reter, agora, é que estes dados, diretamente inspirados pela gnose, fizeram a alegria da espiritualidade ocidental medieval, prova de que eles não eram tão "heréticos" ou contrários ao Cristianismo, como se quer deixar supor em nossos dias" (Jean Tourniac, op. cit., p. 104).

Antes, ele já havia dado uma lista de esotéricos cristãos portadores desta "boa" gnose, precursora de Guénon: Mestre Eckhart Ruysbroeck, Nicolau de Cusa, Nicolas Flamel, Lullo, Joaquim de Fiore, os Fiéis de Amor e Dante Alighieri, além de existir em obras como o Roman de La Rose, no Percival, na lenda do Graal, etc (Cfr. Jean Tourniac, op. cit. p. 97). Depois, ele cita ainda Reuchlin, Pico de la Mirandola, conhecidos cabalistas, o mago Agripa de Nettesheim, Lefèvre d’Étaples, Guillaume Postel, Paracelso, Knorr von Rosenroth, Silésio, Novalis, Von Baader, Eckartshausen, e Boehme, é claro. (Cfr. Jean Tourniac, op. cit,. p. 97). Uma lista de todos os hereges gnósticos e cabalistas da História do Ocidente. Esses seriam os adeptos da "Boa" Gnose precursora de Guénon, no esoterismo cristão.

Como se vê, os partidários mais sinceros de Guénon não titubeiam em aceitar a Gnose, e pretendem que ela seja cristã.

E o próprio Tourniac demonstra sua simpatia pela Gnose ao colocar como epígrafe de seu livro nada menos que uma citação do Zohar! (Cfr. Jean Tourniac, op. cit., p. 7).

III - Pontos doutrinários fundamentais da Gnose

III - 1. Pressupostos

O sr. Olavo de Carvalho me apresenta quatro itens fundamentais da doutrina gnóstica, lançando-me um repto para que eu prove, se for possível, que sua doutrina contém esses quatro pontos.

Ele me diz ainda que não basta ter uma ou outra idéia gnóstica, para que se considere uma filosofia como enquadrada no sistema herético.

Ora, isso é completamente falso.

Se um autor tem apenas um ponto gnóstico em sua doutrina, ele é um gnóstico, tanto quanto quem tenha um só órgão com câncer é canceroso. Não adianta afirmar que ele tem 99% dos seus órgãos

sadios: havendo um órgão com câncer, o indivíduo é canceroso. Do mesmo modo, se há um só ponto da Fé negado por uma idéia herética, o sistema é herético. Isto porque, sendo a Gnose um pecado gravíssimo contra a Fé, e considerando que a Fé exige absoluta integridade, basta um princípio herético para destruir totalmente a Fé em alguém.

A Fé é como a virgindade: ou é integra, ou não existe.

E a Heresia - como se denominava a Gnose na Idade Média - é como o câncer: basta ter o princípio dela para ser herege.

E a Gnose é a mãe de todas heresias.

Olavo de Carvalho se declara admirador, e doutrinariamente devedor, tanto como seguidor de vários dos autores da seita guénoniana. Ora, o sistema doutrinário desse grupo sectário é gnóstico. Logo, na medida em que ele aceita as idéias desse sistema sectário - e Olavo as aceita em bem larga medida, senão completamente - nessa medida, Olavo de Carvalho é gnóstico.

O fato de que ele declare discordar de alguns pontos da doutrina guénoniana, para aderir ao sistema gnóstico de Schuon, - ao qual ele também faz restrições acidentais, - não o exime da culpa de Gnose, porque o próprio Schuon é gnóstico confesso.

A doutrina de Guénon, como a de Olavo, não tem apenas alguns pontos gnósticos isolados, mas os princípios gnósticos que eles adotam formam uma sistema coerente, que exige chamá-los de gnósticos, ainda que eles não explicitem alguns pontos próprios da Gnose completa. Essa falta de explicitação de alguns pontos da totalidade do sistema gnóstico se nota especialmente em Olavo, que tem uma Gnose menos elaborada pela sua inferioridade em relação a Guénon, quer quanto à inteligência, quer quanto à cultura, quer ainda quanto ao valor de seus livros.

Alguns dos autores gnósticos guénonianos costumam dizer que sua Gnose é distinta da Gnose dos primeiros séculos. Mas, como já dissemos, quando se examinam os dois sistemas, constata-se que eles praticamente coincidem.

Veremos isso de mais perto, quando examinarmos os quatro itens apresentados por O de C. como característicos da Gnose clássica, e demonstraremos que o sistema guénoniano e o de Olavo de Carvalho se encaixam na Gnose clássica, e que não a contrariam. As pequenas diferenças entre os membros do grupo guénoniano não são suficientemente importantes para excluí-los do sistema geral gnóstico. É natural que o erro seja múltiplo. Só a verdade é una. Só a verdade unifica.

Outro ponto a considerar é que toda seita esotérica procura velar sua doutrina. O esoterismo, por natureza, é velado, e usa códigos secretos e anfibologias para mascarar seu verdadeiro pensamento.

René Guénon, tratando desse problema da dissimulação do pensamento esotérico, e de sua adaptação à linguagem religiosa dominante num lugar, escreveu:

"Que, em certos casos, a prudência imponha efetivamente uma espécie de dissimulação, ou o que pode passar por tal, isso não se pode negar, e se poderia encontrar muitos exemplos disso em outros lugares tanto quanto no Oriente; a linguagem de Dante e de outros escritores da Idade Média daria exemplos em abundância disso; mas há também, para fatos desse gênero uma outra razão totalmente diferente, de uma ordem muito mais profunda, e que parece escapar completamente aos ocidentais modernos. A verdade é que este desapego das formas exteriores implica sempre, pelo menos em algum grau, a consciência da unidade essencial que se dissimula sob a diversidade dessas formas (...) passar de uma forma a outra não tem então quase mais importância do que trocar de

roupa, conforme os tempos e os lugares, ou de falar línguas diferentes conforme os interlocutores com os quais tratamos" (René Guénon, artigo - relatório Les Religions et les Philosophies de l ‘Asie Centrale - 1928, apud Marie France James, op. cit. p. 294)

A mesma coisa Guénon vai dizer, com outras palavras, e em outro lugar, chamando a dissimulação de "dom das línguas" :

"Sob este ponto de vista, pode-se dizer que quem possui verdadeiramente o "dom das línguas’, é aquele que fala, a cada um, segundo sua própria linguagem, nesse sentido que ele se exprime sempre sob uma forma apropriada ao modo de pensar dos homens aos quais ele se dirige"(...)"o mesmo ensinamento se encontra no esoterismo islâmico: Mohyiddin Ibn Arabi diz que "o verdadeiro sábio não se liga a nenhuma crença", porque ele está além de todas as crenças particulares, tendo obtido o conhecimento daquilo que é o seu princípio comum; mas é precisamente por isso que ele pode, conforme as circunstâncias, falar a língua própria de cada crença. Não há nisso, o que quer possam pensar os profanos, nem "oportunismo", nem dissimulação de nenhum tipo; ao contrário, é a conseqüência necessária de um conhecimento que é superior a todas as formas, mas que não se pode comunicar senão (na medida em que é comunicável)"(René Guénon, Aperçus sur l ‘ Initiation, Ed. Traditionnelles, paris, 1951, pp. 236-237).

O próprio Ibn Arabi, tido como o gnóstico típico do sufismo, afirma a mesma ambigüidade religiosa:

"A mais esplêndida fórmula, a da unidade, foi dada sob uma forma prática pelo grande Mouyidin-din ibn -Arabi quando disse: "Meu coração pode adquirir todas as formas. É o mosteiro do cristão, o templo dos ídolos, a pradaria das gazelas, a Ka‘aba do peregrino, as tábuas da Lei mosaica, o Corão dos fiéis. Amor é meu credo e minha fé." (Luc Benoist, El Esoterismo, p. 34).

O ex frei Boff assinaria em baixo.

Aliás, essa dissimulação do próprio pensamento era costumeira prática dos sufis, que a denominavam Ketman.

Comentando a prática do ketman, Mariani escreveu: "O Ketman está indissoluvelmente ligado a todo esoterismo" (G. Mariani, Les Poisons d’Orient,. Revista Internacional das Sociedades Secretas (Ocultismo), fevereiro de 1932, p. 29, apud, Marie France James, op. cit. p. 350, nota 170).

Schuon defende a "conversão" apenas exterior, por "conveniência":

"É apóstata quem muda de forma tradicional sem razão válida. (...) Podemos passar de uma a outra forma tradicional sem nos termos propriamente 'convertido', apenas por razões de oportunidade esotérica ou espiritual. Nesse caso, as razões que determinarão a passagem serão objetiva e subjetivamente válidas (...)" (Frithjof Schuon, A Unidade Transcendente das Religiões, Trad. Pedro de Freitas Leal, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991, p. 86. O negrito é meu).

Poderia haver declaração mais cínica?

E esse é que Olavo apresenta como um dos homens mais representativos do "tradicionalismo" espiritual, no século XX.

De fato, Schuon representa muito bem o século XX.

O Próprio O de C., em sua biografiazinha de Guénon, disse:

"... se há algo que caracteriza o esforço guénoniano como um todo é a defesa de uma Tradição, de uma Verdade única que, no plano da doutrina metafísica, estabelece a unidade de todas as manifestações espirituais particulares, de todas as épocas e culturas. Nesse sentido ele pôde, por exemplo, tornar-se muçulmano enquanto declarava ser hinduísta (Mais próxima, segundo ele, da Tradição primordial) e defender as doutrinas orientais, enquanto propunha que, para o Ocidente, só havia um caminho legítimo, o retorno à Igreja Católica.

"Note-se que essa possibilidade de transitar livremente de uma Tradição a outra é, hoje como sempre, apanágio exclusivo dos grandes Mestres espirituais(...) " (Olavo de Carvalho, O Homem e sua Lanterna. René Guénon, O Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação. In Planeta, n* 107, Agosto de 1981, p. 14-15).

E é por isso que Olavo pode se dizer, sem cerimônia, ao mesmo tempo, católico- judeu-maometano. Fazendo isso, ele está praticando o Ketman sufi, ainda que ele não tenha efetivamente se tornado sufi. Estará então imitando seu mestre espiritual, Guénon.

E ainda há católicos, que se dizem tradicionalistas, que acreditam nele! Para um ingênuo tradicionalista católico, nada melhor do que ser "encantado" por um "Tradicionalista" esotérico-gnóstico, praticando o ketman sufi, ou o "dom das línguas", à la Guénon...

Dizia Bismarck, que em todo acordo, alguém faz o papel de cavaleiro, e outro, o de cavalo...

O sr. Olavo de Carvalho, enquanto esotérico, não pode fugir dessa regra: o esoterismo, por definição, exige segredos que não podem ser revelados aos não iniciados.

Daí, se compreender que o sr. Olavo de Carvalho tenha que velar, pelo menos um tanto, o fundo gnóstico de suas doutrinas "tradicionais"...

No livro Astros e Símbolos, o sr. O de Carvalho afirma que:

1) Não usará, ao falar de astros e símbolos, de um sistema coerentemente lógico:

"Por outro lado, o mesmo liame orgânico que filia a astrologia a um complexo tão vasto de conhecimentos impede que adotemos, neste trabalho, um modo de exposição serial, que vá dos princípios às conseqüências em modo coerentemente lógico" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, ed. cit. p. 22).

2) que não exporá claramente os princípios que adotará:

Além disto, ele avisa que, nesse trabalho, deixará "apenas transparecer, ao fundo, os princípios superiores que enformam (sic!) e governam tais enfoques" (idem, p.23)

3) que o implícito supera o explicito, em seu trabalho:

"Pois o que aqui interessa não é só o conteúdo explícito deste último, mas sobretudo sua forma implícita, sua estrutura que procurará reproduzir, na condução do discurso, a estrutura cognoscitiva, o modus cognoscendi da própria astrologia e, por extensão, de todas as demais ciências tradicionais" (idem, p. 23).

Como então não concluir que o esotérico sr. Olavo de Carvalho não diz claramente tudo o que pensa?

E, no capítulo V, intitulado "Notas Para Uma Psicologia Astrológica" --- [Imagine-se o delírio: "Psicologia Astrológica"!] - O de C. previne o leitor

1) que esse trabalho "não é para principiantes", mas "a pessoas que tenham bons conhecimentos do simbolismo e das doutrinas tradicionais";

2) que "são notas e sugestões esparsas, e não uma exposição coerente"(sic!).

3) que "A terminologia, por isso, é oscilante, incerta". (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, ed cit. p. 63).

É a primeira vez na vida que encontro um autor confessando tão claramente que usa terminologia incerta, em exposição não coerente e especialmente para pessoas que conheçam as doutrinas "tradicionais". Noutras palavras, ele escreveu esse texto para iniciados. Como, então, acreditar num autor que publica um texto com essas características?

É preciso querer ser enganado, para acreditar num autor que confessa que vai usar tais métodos esotéricos.

Desse modo. é preciso ter bem claro que o sr. Olavo de Carvalho - exatamente como Guénon e os demais membros de seu grupo sectário, a "elite" tradicionalista, - pratica o que Guénon chamava de o "dom das línguas": falar com cada grupo religioso, usando a linguagem própria dele, mas exprimindo sempre o "núcleo doutrinário esotérico de todas as religiões", isto é, a Gnose, como explicou Schuon.

III - 2. Esquema da Gnose

Parece-me, meu caro Felipe, que seria didático fazer, aqui, um breve resumo, ou esquema do sistema gnóstico, para que os leitores de nosso site saibam melhor do que se está tratando. Evidentemente, farei um esquema muito sucinto, apenas lembrando alguns pontos fundamentais da Gnose, que os quatro itens do sr. Olavo resumem mal.

1- A Gnose nasce de uma não solução do problema do mal.

"Unde malum"?
Esta é a pergunta inicial de toda Gnose, que produziu sistemas variadíssimos, desde o Maniqueísmo ao Romantismo, passando pela Cabala.

A Gnose se revolta não apenas contra o mal físico, mas vai mais longe: revolta-se contra a limitação do ser criado, julgando essa limitação um mal em si mesmo. O gnóstico sofre por não ser Deus. Daí ser contrário ao Deus Criador que criou os seres contingentes, análogos ao Ser divino.

A Gnose é uma revolta anti metafísica, tomado este termo no sentido tomista e não guénoniano, é claro.

2- Para Gnose, dever-se-ia distinguir Divindade e Deus.

A Divindade seria, ao mesmo tempo, Tudo e Nada, o único Ser e, ao mesmo tempo, o Não-Ser. Dela nada se conheceria realmente: seria o Deus desconhecido, a Divindade abscondita. Da Divindade teria provindo Deus, que se oporia à Divindade como o Ser ao Não Ser, a Luz às trevas. Deus seria conhecido, revelado, enquanto a Divindade seria absolutamente incognoscível.

3- Dialética metafísica

É claro que essa contradição metafísica que equipara os contrários - Ser = Não Ser; Tudo = Nada; o Pleno = Vazio; destrói os princípios fundamentais do ser e do pensamento, pois nega quer o principio de identidade (O Ser é idêntico a si mesmo), quer o principio de não contradição [uma coisa não pode ser e deixar de ser, ao mesmo tempo, sob o mesmo aspecto].

Do choque desses dois princípios internos do ser --(Yin e Yang, na Gnose taoísta) - é que provem a dialética gnóstica, que considera o ser possuindo dois princípios iguais e contrários em perpétua luta, o que provocaria a evolução contínua e faria das coisas apenas fluxo, um devir contínuo.

4- Evolução da Divindade.

A Divindade evoluiria, e, nessa evolução ela teria emanado inúmeros princípios divinos - cada seita gnóstica enumera emanações diferentes - e uma dessas emanações seria o Deus revelado, o Ser, o Deus conhecido, o Demiurgo criador do universo material, identificado em várias seitas gnósticas com Yahwé. Este seria o deus do mal, pois criando, aprisionou na matéria, na razão e na moral, partículas emanadas da Divindade.

5- A queda da Divindade no Cosmos.

A Divindade teria sofrido uma queda no mundo. Esse seria o grande pecado cósmico praticado pelo Demiurgo criador, aquele que a Escritura chama de Yahwé.

Enquanto para o Catolicismo existe apenas o mal moral, e não o mal enquanto ser, isto é, existem ações más e não coisas más em si mesmas - porque tudo o que Deus fez é bom - para a Gnose, o mal está na ordem do ser. O mal é ontológico.

Por outro lado, para o Catolicismo, a origem de todo o drama foi o pecado original de Adão e Eva no Éden, enquanto para a Gnose, a raiz do mal estaria na própria Divindade, responsável por um pecado ante original (Cfr. Michel Barat, Le Dualisme de la Gnose et L ‘Image Symboliquement Double de la Femme in Les Cahiers Jean Scot Ergène, no 1, Images de L’Homme et initiation, ed. Loje d’ Études et de Recherche Jean Scot Erigène, Paris, 1988, pp.33- 54)..

6- As partículas da Divindade nas coisas criadas

Conforme a Gnose, em cada coisa haveria uma partícula da Divindade. Essa partícula seria o "centro" de cada ser. Essas partículas seriam os âtmâs, os éons, a Fünkenlein (Chamazinha) de Mestre Eckhart, o "primum" de Ibn Arabi, o "Si" (Soi ou Self) de Guénon etc. Por essas partículas da Divindade existentes nas criaturas, as coisas do mundo seriam seres, enquanto a matéria, que as encarcera seria pura ilusão. Nos homens, além do corpo material, a própria alma racional seria um cárcere da partícula divina, pois a razão mostraria ao homem o mundo como inteligível e bom, enganando o homem que, entendendo o mundo, já não quereria sair dele. A capacidade abstrativa do homem o levaria a recortar o todo em conceitos, formando um imenso puzzle que o homem já não sabe reconstituir, criando a ilusão de que o Todo, a unidade não existe. Daí, alguns gnósticos dizerem que a abstração é o pecado da inteligência.

E, como veremos amais adiante, Olavo afirma que abstrair é, no fundo, uma coisa errada, um verdadeiro pecado que exigiria absolvição.

7- O homem segundo a Gnose

Para a Gnose, o homem seria, então, composto de corpo material, alma psíquica, e pneuma ou espírito divino. Tanto o corpo quanto a alma seriam cárceres do éon (atma ou centelha) divino.

Conforme a predominância de um desses componentes, os homens são classificados pela Gnose ou como Hylikoi [materiais], quando neles predomina o corpo; Psykikoi, ou psíquicos, quando predomina a alma; e finalmente, como pneumatikoi, ou espirituais, quando neles prepondera o espírito divino.

Por isso, uma sociedade gnóstica-- como a da Índia, por exemplo - aceita as castas. Para a Gnose, os homens são fundamentalmente, naturalmente desiguais. Daí as castas. E - seguindo Guénon também nisto --Olavo simpatiza com a existência de castas na sociedade. (Cfr. Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, p. 346-347 e nota 219. Cfr. René Guénon, A Crise do Mundo Moderno, pp. 69-70).

8- Soteriologia gnóstica: o Conhecimento Redentor.

A libertação das partículas divinas, aprisionadas nos cárceres da matéria, da razão e da moral criadas pelo Demiurgo, se realizaria pelo Conhecimento intuitivo ("Metafísico", na linguagem de Guénon, dos "perenialists", e de Olavo).

Que seria o conhecimento libertador? Seria a Gnose - o Conhecimento-- de que, no fundo de nosso ser, somos a própria Divindade. Esse Conhecimento --essa gnose-- não seria um conhecimento intelectual, nem racional, mas supra racional, que permitiria uma iluminação intuitiva de que toda distinção das coisas é ilusória. Por essa intuição, o homem veria que ele é o Universo, e que o universo é a própria Divindade. A intuição seria o Conhecimento de que, pela unidade dos âtmâs o Homem é o Universo, e é a própria Divindade.

Esse Conhecimento salvador libertaria o homem da ilusão da matéria, da ilusão da racionalidade e da abstração, da ilusão do valor da lei moral.

O homem seria seu próprio redentor, e redentor da Divindade. Cristo não seria, então, o Redentor dos homens. Cristo teria sido apenas um dos que se redimiu, um profeta - como pretende o Corão - mas não Deus encarnado. A Gnose recusa a Encarnação do Verbo: ou ela - como os arianos - afirma que Cristo foi apenas a primeira das criaturas, um homem apenas; ou, ela diz - com os eutiquianos - que Cristo foi um deus, mas sem corpo humano real

9- Gnose, Moral e Razão.

Se a redenção - Libertação - do homem se faz pelo Conhecimento ou "Sabedoria" Gnóstica, compreende-se que a prática da moral não tem lugar no processo salvífico dos éons.

Com efeito, para a Gnose a Lei moral foi estabelecida pelo Demiurgo a fim de manter as partículas divinas aprisionadas na matéria. Portanto, obedecer à Lei moral seria cooperar para manter o encarceramento dos âtmâs no mundo material. Daí, o antinomismo da Gnose. A libertação exige a violação da lei moral, o desprezo dos 10 mandamentos.

Esse desprezo da lei moral se realiza, quer pelo anarquismo moral que abusa das criaturas, quer pela prática de uma ascese antinatural que despreza a matéria como má em si, que recusa e nega todo bem às criaturas. Por isso, muitas seitas gnósticas condenam a mulher e a reprodução sexual. Outras, tratam a mulher como meio de libertação, considerando a união sexual como primeiro passo para a abolição da individualidade.

Outro meio de libertação seria o desprezo da ordem racional, da ciência e da metafísica (no sentido aristotélico - tomista), dando preferência à intuição sobre a razão, à magia e às ciências secretas sobre a inteligência e as ciências naturais. Por isso a Gnose considera as ciências esotéricas (Alquimia, Astrologia Numerologia, a Magia etc,) como as únicas corretas e salvíficas, por serem anti racionais.

10- Eclesiologia gnóstica.

Da mesma forma que a Gnose recusa a Encarnação do Verbo, ela repudia a idéia de uma Igreja estruturada, organizada, com uma hierarquia e com propriedades. A Gnose só aceita uma Igreja Espiritual - Ecclesia Spiritualis - sem dogmas e sem riquezas materiais, sem estruturas.

A Ecclesia Spiritualis da Gnose seria constituída por todos as pessoas que, dentro de cada religião organizada, possuíssem a "Tradição"-- como dizem Olavo e os "perenialists" - e tivessem o Conhecimento de que seu espírito é uma partícula da Divindade."(Cfr. Leszek Kolakowski, Chrétiens sans Église, Gallimard, Paris, 1969).

Repito: este é um esquema bem simplificado, para fins didáticos, e para não alongar por demais esta carta, que promete ser imensa. Hélas!

Demonstraremos que muitos desses pontos fundamentais da Gnose são professados por René Guénon e pelos pensadores que seguem a sua escola "tradicionalista", inclusive o sr. Olavo de Carvalho, embora cada um desses pensadores-- ou sonhadores --- possa divergir num ou noutro ponto da linha geral da escola, ou ainda que possam discordar, uns dos outros, em algum ponto concreto particular. O pesadelo é livre...

Os autores dessa escola se dizem Esotéricos, seguidores da Sophia Perennis = da Metafísica Tradicional = da Tradição primordial que, como já demonstramos, eles mesmos confessam que é a Gnose

Olavo de Carvalho se proclama esotérico, favorável à "Metafísica" guénoniana, elogia e recomenda continuamente esses autores "tradicionalistas" guénonianos. Mesmo que discorde deles em algum ponto, Olavo admite - grosso modo-- o seu sistema doutrinário. Por isso, Olavo é um gnóstico.

Vistos estes pressupostos, examinemos agora os quatro itens da doutrina da Gnose segundo Olavo, e vejamos se neles se enquadram, ou não a doutrina de Guénon e a de Olavo.

IV - Análise dos Quatro Itens da Gnose, segundo Olavo...(...a nível de enciclopédia popular)

1* Item da doutrina Gnóstica, segundo Olavo de Carvalho

Olavo assim formulou seu 1º item:

"1o O dualismo radical, ou oposição insanável entre o reino transcendente do puro espírito e este mundo da matéria grosseira" (Olavo de Carvalho, AVISO 2, 17-04-2001).

IV - 1. O problema do mal

Vimos que uma pessoa que não consegue compreender o problema do mal, e que se revolta contra ele, engendra uma mentalidade gnóstica que vê o mal como ser. O fato de que as coisas do mundo sejam finitas, limitadas, contingentes, é considerado um mal em si mesmo. Cai-se na revolta metafísica que recusa o ser por analogia, e exige que tudo seja igual ao Ser absoluto, Deus. Ou que, se o mal é o ser, o bem seria o Não-Ser.

O homem, então, recusa tudo o que nele é prova de dependência, de limitação e de contingência: a matéria, a razão, a moral, e até o fato de que é ser por analogia, que é ser contingente. Ele imagina possuir, no fundo de si, algo de divino, que está nele encarcerado. A Divindade teria caído no mundo criado, (ou manifestado, na linguagem de Guénon).

Ora, Olavo escreveu:

"A psicologia astrológica (sic!?) é uma teoria do sentido do sofrimento e da raiz deste último nas polarizações que cosmogonicamente desdobram o orbe manifesto a partir da unidade do ser" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, Nova Stella, São Paulo, 1985, p. 65).

Que significa essa frase arrevesada?

A "psicologia Astrológica" seria a teoria que explicaria isto: que da unidade do ser (da Divindade) se desdobrou algo (saiu de, emanou da unidade) para o orbe manifesto, no cosmos polarizado (isto é, dialético, com dualidade) e que a raiz do sofrimento (da dor, do mal) provém exatamente deste desdobramento das coisas emanadas da Unidade divina.

E já essa apresentação da ‘Psicologia astrológica" (sic!?) identifica a doutrina de Olavo com a Gnose.

Examinemos, agora, o primeiro item da Gnose, tal como foi formulado - ou inspirado por uma "Barsa" qualquer? - pelo sr. O de C., comparando-o com o que diz a Gnose.

IV - 2. A Divindade: Nada que é Tudo. O Mundo: Tudo que é Nada

O primeiro item de O. de C., exposto por ele como sendo o primeiro princípio da Gnose, merece reparos.

O primeiro princípio da Gnose não é esse, e sim a concepção da Divindade como distinta de Deus. E, mais do que distinta, como oposta a Deus: se, a Divindade é Ser, Deus seria Não-Ser; se a Divindade é o Não-Ser, Deus é que seria o primeiro Ser.

É da concepção da Divindade como Não-Ser, como vazio ontológico, que derivará a oposição da Divindade a toda a ordem do Ser. Daí a primeira oposição entre Divindade e Deus, este considerado como o primeiro Ser.

A oposição entre a Divindade e o mundo criado provem de uma questão metafísica, no sentido tomista, e não no sentido em que a seita de Guénon toma o termo "Metafísica", isto é, a Gnose.

Vimos que a Gnose considera o ser contingente como sendo ontologicamente mau. Existir como ser limitado é que é o mal.

A Gnose, como já foi dito, recusa o ser por analogia: esse é o grande mal para ela. Daí, ela recusar a matéria. Para a Gnose, o ser criado é tido como nada, enquanto possui algo de criado, e, ao mesmo

tempo, como sendo a própria Divindade, pela partícula divina que existiria encarcerada nele. Partícula essa à qual os hinduístas chamam de âtmâ, os sufis de "primum", os gnósticos antigos de éon, Eckhart de "Fünkenlein" (centelhazinha), e que Guénon chamava de "Si" (Soi).

Disso decorre a oposição entre o Não-Ser da Divindade e o mundo material, porque todo ele está colocado na ordem do ser por analogia.

Se a coisa criada é ser, a Divindade é Não-Ser; se a Divindade é Ser, então a criatura é não ser, a criatura é nada. Esta é a oposição entre a Divindade e o Mundo para a Gnose.

Por isso, a Gnose é conceituada também como "revolta anti metafísica", como sistema anti-metafísico, tomando-se o termo - é claro - em sentido aristotélico-tomista, e não guénoniano.

Não tenho, agora, tempo para tratar mais longamente deste problema, que deixo para outra ocasião, se for o caso. Agora, tratarei do mínimo necessário, para responder o que coloca o sr. Olavo de Carvalho.

Cuidarei então de expor apenas a questão da oposição da Divindade e do mundo criado, ou do cosmos manifestado, na linguagem guénoniana.

Para o gnóstico Basílides, a Divindade era "aquele que não é" (Cfr. S. Hipólito de Roma, Philosophumena, VII, 20-21, vol Ii, p.103)

Também na Cabala, - a Gnose judaica --a Divindade - o Ein Sof - que a Cabala distingue do Deus criador, é considerada, ao mesmo tempo, como Ser e como Nada. É o que se pode ver nos textos de Azriel de Gerona (Cfr. Gerschom Scholem, Les Origines de la Kabbale, Aubier- Montaigne, Paris, 1966, p. 447)

Scholem assim resume a questão:

"Ser e Nada não são senão diferentes aspectos da realidade divina que, no fundo, está acima do ser (est sur-être). Há um Nada de Deus que dá nascimento ao ser, e há um ser de Deus que representa o nada. A maneira pela qual as coisas existem no nada de Deus é uma; a maneira pela qual elas existem em seu ser é outra. Mas, tanto uma como a outra são modalidades do próprio Ein-Sof, que constitui a unidade inseparada de alguma coisa e do nada"(G. Scholem, Les Origines de la Kabbale, p. 448).

"(...) Henry Corbin escreveu em seu grande livro sobre Ibn ‘Arabi: há o "Deus que não é", o Deus desconhecido, e há o Deus revelado"(Christian Jambert, La Grande Réssurrection d’Alamut, Verdier, Paris, 1990. p. 218).

Portanto, o sufismo de Ibn ‘Arabi faz a mesma distinção entre a Divindade desconhecida, que não seria ser, e o Deus revelado que seria ser, tal qual a faziam os gnósticos, e tal qual a farão os cabalistas. E Olavo de Carvalho não cessa de fazer referências simpáticas ao sufismo.

Guénon, expondo a doutrina do Vedanta adwaita, usa quase as mesmas fórmulas:

"(...)diremos agora que enquanto o Ser é "uno", O Princípio supremo, designado como Brahma, pode somente ser dito "sem dualidade", porque, sendo além de qualquer determinação, mesmo do Ser, que é a primeira de todas, ele não pode ser caracterizado por nenhuma atribuição positiva (...)" (René Guénon, Introdução às Doutrinas Hindus, Ed. Ciências Tradicionais Michel F. Weber, São Paulo, 1989, p. 295).

"Brahma é Ishiwara enquanto princípio produtor de todos os seres manifestados"(R. Guénon, idem, p. 245).

A este Primeiro Principio única realidade de fato, se opõe "o mundo, entendendo por essa palavra, no sentido mais amplo de que seja suscetível, o conjunto da manifestação universal, não é distinto de Brahma, ou pelo menos, só se distingue dele em modo ilusório." (Idem p. 295).

E Schuon diz:

"Para o Islam, ou mais precisamente para o sufismo que é a medula do Islam, a doutrina metafísica - nós já o dissemos várias vezes - é que "não há realidade fora da única Realidade", e que, na medida em que somos obrigados a levar em conta da existência do mundo e de nós mesmos, "o Cosmos é a manifestação da Realidade"; os vedantinos diriam-- repitamo-lo mais uma vez - que "o mundo é falso, Brahma é verdadeiro" mas que "toda coisa é Atmâ" todas as verdades escatológicas estão contidas nesta segunda asserção". É em virtude da segunda verdade que somos salvos; conforme a primeira, nós nem "existimos" na ordem das reverberações da contingência"(F. Schuon, Comprendre L‘ Islam, p. 127-128).

E Guénon explica:

"(...) e assim o Mundo, entendendo por essa palavra o conjunto da manifestação universal, não pode distinguir-se de Brahma senão de modo ilusório, enquanto que, pelo contrário, Brahma é absolutamente "distinto daquilo que ele penetra", isto é, do Mundo, pois que não se Lhe pode aplicar nenhum dos atributos determinativos que convém a este, e que a manifestação universal toda inteira é rigorosamente nula em face à Sua Infinitude." (René Guénon, L’ Homme et son Devenir selon le Vedanta, Ed. Traditionnelles, Paris, 1991, p. 89-90).

Para Guénon - mestre admirado por Olavo, e por cuja defesa ele iniciou este debate, "[...] toda sistematização é absolutamente impossível para a metafísica pura, à vista da qual, tudo o que é de ordem individual é verdadeiramente inexistente" (René Guénon, L’Homme et son Devenir selon le Vedanta, Ed Traditionnelles, Paris, 1991, p. 15. O negrito é meu).

"A multiplicidade existe segundo seu modo próprio, desde o fato de que ela é possível, mas este modo é ilusório, no sentido que nós já precisamos (o de uma "menor realidade"), porque a própria existência dessa multiplicidade fundamenta-se sobre essa unidade da qual ela saiu e na qual ela está contida principialmente"
"Encarando deste modo o conjunto da manifestação universal, pode-se dizer que, na própria multiplicidade de seus graus e de seus modos, a "Existência é única", conforme uma fórmula que tomamos do esoterismo islâmico;(...) "

"Pode-se portanto dizer que o Ser é um, e que ele é a própria Unidade, em sentido metafísico, aliás, e não no sentido matemático, porque estamos aqui bem além do domínio da quantidade: "(René Guénon, L’Homme et son Devenir selon le Vedanta, pp. 64-65).

Também Schuon repete esta doutrina ao escrever: "Brahma não está no mundo", mas "toda coisa é Atmâ"; Brahma é verdadeiro, o mundo é falso" e : "Ele (o libertado, mukta) é Brahma.". "Toda a Gnose está contida nessas enunciações, como ela está contida também na Shahadah ou nos dois testemunhos, ou ainda nos mistérios crísticos"(F. Schuon, Comprendre l ‘Islam, p. 130. O negrito é meu).

E repare, meu caro Felipe, como Schuon admite e reconhece que tanto a doutrina brahmânica como a do Sufismo islâmico contém toda a Gnose. Só não se pode admitir sua interpretação dos "mistérios crísticos".

Guénon também despreza o indivíduo enquanto tal, valorizando-o apenas por sua potencialidade de atingir a divinização, de se unir ao Absoluto:

"O indivíduo humano, com efeito, é ao mesmo tempo muito mais e muito menos do que geralmente se pensa no Ocidente; ele é muito mais em razão de sua possibilidades de extensão indefinida para além da modalidade corporal, (...); mas ele é também muito menos, já que, bem longe de constituir um ser completo e suficiente em si mesmo, ele não é mais do que uma manifestação exterior, uma aparência fugidia revestida pelo ser verdadeiro, e pelo qual a essência deste não é de forma alguma afetada em sua imutabilidade" (René Guénon, A Metafísica Oriental, ed Ivpiter, p. 40. Tradução de Olavo de Carvalho).

Nessas frases, Guénon afirma que o homem, enquanto indivíduo, não é nada, e que seu verdadeiro ser é imutável. Que o Homem é capaz de ultrapassar a sua corporeidade, que o individualiza, e atingir a divinização pela união com o Absoluto.

Olavo não só traduziu este texto gnóstico de Guénon, ele repete essa doutrina escrevendo:

"Sem dispensar os meios racionais - e, ao contrário, fazendo deles uma utilização cujo rigor deixa para trás tudo aquilo a que a filosofia profana está acostumada - a metafísica requer, além deles [dos meios racionais], uma "centralização" do sujeito cognoscente no único ponto-chave em que ele, criatura contingente, participa do Absoluto, e em seguida uma "ascenção’ na qual ele abandona sua dimensões puramente individuais e se "reintegra" no Absoluto. Essas duas etapas correspondem respectivamente àquilo que a tradição chinesa denomina o estágio do "Homem Verdadeiro" - ou seja, a plenitude reconquistada do estado humano - e o estágio do "Homem Transcendente" que já é propriamente uma "divinização" e, portanto, uma ultrapassagem dos limites humanos".(Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, Nova Stella, São Paulo 1986, p.54).

Este trecho de Olavo seria suficiente para caracterizá-lo como gnóstico. E não se iluda quem julgar que ele aí - ao contrário da Gnose - alude ao uso de meios racionais, que ele mesmo, pouco além, afirma insuficientes. Não haja ilusão, porque, poucas linhas abaixo, Olavo afirma com todas as letras que o meio de divinização é um Conhecimento superior ao racional, que é o obtido pelas ciências comuns:

"Esse duplo movimento, de centralização e ascenção, está representado no simbolismo da cruz (René Guénon, Le Symbolisme de la Croix, Paris, Vega, 1931), e se realiza unicamente pelo conhecimento --embora num sentido muito mais efetivo do que aquele que a apalavra "conhecimento" evoca hoje" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 54).

Veja bem, meu caro Felipe, como Olavo atribui a divinização do homem a um Conhecimento superior ao conhecimento comum, isto é, à Gnose, conhecimento absoluto e salvador, porque divinizador.

Guénon chamou o Primeiro Princípio de "Principial".

Ora, Olavo escreveu:

"Principial", termo cunhado por René Guénon. (La Crise du Monde Moderne, Paris Gallimard,1930), para designar o que se refere ao mundo dos princípios eternos e imutáveis, por

oposição ao mundo da manifestação" (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, nota 3 do cap. VII, p. 91. O negrito é meu.).

Então temos aí bem explícito o primeiro item constitutivo da Gnose, tal como foi apresentado por Olavo de Carvalho: para Guénon e para Schuon - pelo menos - há oposição entre a divindade e o mundo manifestado.

Ele não pode deixar então de admitir que Guénon é gnóstico, pelo menos quanto ao primeiro item que ele mesmo apresentou.
Nessa nota, acima citada (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, nota 3 do cap. VII, p. 91), Olavo não faz a menor restrição ou crítica à doutrina de Guénon sobre a oposição entre o mundo da manifestação e o não manifestado.

Será que em outras passagens ele refuta e recusa essa oposição?

Noutra nota, em outro de seus livros, Olavo afirma:

"O neologismo "principial" (em francês principial, principielle) foi cunhado especialmente por Guénon para designar aquilo que se refira à ordem dos princípios eternos e imutáveis, e não ao mundo das manifestações. O termo pode ser empregado de modo relativo ou absoluto. Sob o prisma absoluto, está claro que principial, propriamente, é só o princípio único, eterno e imutável, anterior, de certo modo, ao Ser. Sob o prisma relativo pode-se dizer que o Ser, em geral, é principial em relação à natureza, que é apenas uma de suas manifestações, e que a natureza é principial em relação à ordem sensível" (Nota 16 de Olavo de Carvalho, in René Guénon, A Metafísica Oriental, ed Ivpiter, São Paulo, 1981, nota 16, p. 53).

Nessa nota se afirma - sem qualquer recusa ou restrição - que o "Principial", sob o prisma absoluto, é, de certo modo, anterior ao Ser.
Acreditava, então, Olavo que o "Principial" não era Ser?

Já vimos, porém, que para O. de C., pelo menos mais recentemente - porque ele muda "d’accento non di pensiero"...-- a Divindade é Ser, e que, nisso, ele discorda de Guénon. Entretanto, noutra passagem, ele diz que poder-se-ia chegar a um acordo nessa questão chamando o Principial de Supra Ser, em vez de Não Ser (Ver p. 52 deste trabalho).

Outro problema está em saber se admitindo, como faz Olavo, que a Divindade - o "Principial"--- é Ser, se ele admite também que as coisas que constituem o universo sejam seres análogos.

Nesse mesmo livro, o sr. O. de C. afirma: "O postulado de objetividade que funda a ciência moderna estabelece a existência de um mundo material objetivo, acessível ao conhecimento pelos sentidos e regido por leis matemáticas, ou matematicamente expressáveis."

"O enfoque tradicional concordaria com o caráter matemático do mundo objetivo --que aliás não é uma invenção moderna, mas uma herança do conhecimento tradicional, por exemplo através do pitagorismo. O que não poderia é concordar com a outra parte da hipótese de base, que tende - ora de maneira sutil, ora ostensiva - a identificar "objetividade" com "sensorialidade" ou "materialidade" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, ed cit., p. 57).

A idéia de que a objetividade não se identifica com a materialidade é correta. Deus, os anjos, a alma não são materiais, mas são seres objetivos, reais. Se ficasse nisso, Olavo teria razão.

Contudo, ele considera como objetivos, embora não materiais também os centauros e outros seres representados no Zodíaco.(Cfr. Olavo de Carvalho. Astros e Símbolos, p. 60).

Por outro lado, em outros textos, Olavo adere à doutrina de Guénon de que o mundo material não é real - portanto, que o mundo material não seria objetivo - a afirmação dele acima citada deve ser vista com certo cuidado. Deve ser matizada e considerada no conjunto do sistema exposto por Olavo.

Olavo, como os demais pensadores "tradicionais", não considerava, pelo menos quando escreveu esse livro Astrologia e Religião, os seres materiais como objetivos. Como os demais seguidores de Guénon, Olavo julgava, então, os seres materiais como realmente ilusórios. E, portanto, o mundo material, sendo ilusório, se oporia à Divindade concebida como único Ser.

Veja este outro trecho do Sr. Olavo de Carvalho no qual ele nega a objetividade do ser criado ou manifestado:

"Vivemos, movemo-nos e somos dentro dessa inteligência [divina], pois suprimida a inteligência, já não temos identidade humana nenhuma, e não somos nada."(Olavo de Carvalho, Astros e Religião, ed. cit. p. 64). Texto esse que o identifica com a Gnose sufi.

Está aí a prova de que, para Olavo, o mundo material não era, então, de fato, objetivo. O mundo seria objetivo apenas enquanto nele há, aprisionado na matéria, o Intelecto divino.

IV - 3. A Divindade e o Mundo na Gnose Sufi

Também para a Gnose sufi há essa mesma oposição entre Allah e o mundo criado, pois se considera Allah como Ser, os seres criados são puro nada, somente existindo pelo que neles existe da Divindade, aquilo que Ibn Arabi chama de "proprium", e que eqüivale ao âtmâ da Gnose hinduísta.

Vejam-se algumas citações para comprovação.

"Porque aquele que pretende que algo distinto dEle [Allah] possa existir - pouco importa que seja por si mesmo, ou por Ele, ou nEle - que possa desaparecer ou extinguir-se, que pode extinguir-se a extinção também, etc, etc. tal homem entra em um círculo vicioso. Tudo isso é idolatria e nada tem a ver com a Gnose. Tal homem é idólatra e não conhece nada de Allah, nem de si mesmo. Se se pergunta por que meio se chega a conhecer o Si mesmo, isto é, o "proprium", a alma, e a conhecer a Allah, a resposta é : a via até estes dois conhecimentos está indicada com essas palavras: Allah é, e o nada com Ele. Ele é agora tal como era" (Ibn Arabi, Tratado da Unidade).

"Então Allah lhe permitiu ver que tudo o que não é Ele [Allah], incluindo o "si mesmo" do homem, não tem nenhuma existência. E viu que as coisas, tais como são: quero dizer, que viu que as coisas são a "quididade" de Allah fora do tempo, do espaço e de todo atributo"(Ibn Arabi, op. cit.).

‘Verás que não é que Allah tenha criado todas as coisas, senão que tanto no mundo invisível, quanto no mundo visível não há senão Ele, porque em nenhum dos dois mundos há um só ponto de existência própria."(Ibn Arabi, op. cit.).

"Na realidade, o distinto dEle não existe"(Ibn Arabi, op. cit.).

"A substância de teu ser ou de teu nada é a Sua Existência. Quando vires que as coisas não são distintas de tua existência e da Sua [Existência], e quando possas ver que a substância de Seu Ser é

o teu ser, e que teu nada nas coisas, sem ver nada que seja com Ele ou nEle, então isto significa que conheces a tua alma, teu "proprium". Quando se conhece o Si mesmo de tal maneira, ali está a Gnosis, o conhecimento de Allah, mais além de todo erro, dúvida ou combinação de algo temporal com a eternidade, sem ver na eternidade, por ela, junto a ela, outra coisa que a eternidade" (Ibn Arabi, op. cit.).

Daí a recusa explícita da analogia do ser:

"Pode-se falar de união entre dois ou mais, e não quando se trata de uma coisa única. A idéia de união ou de chegada comporta necessariamente a existência de duas coisas ao menos, análogas ou não. Se são análogas, são semelhantes. Se não são análogas, formam oposição. Porém, Allah - que Ele seja exaltado - está isento de toda semelhança, assim como de todo rival, contraste ou oposição." (Ibn Arabi, Tratado da Unidade).

Portanto, para o sufismo de Ibn Arabi, as coisas criadas são nada e, ao mesmo tempo, possuem a quididade, isto é a substância de Allah.

"Quando tiveres conhecido o que é verdadeiramente o teu "proprium", ter-te-ás desembaraçado do teu dualismo e saberás que não és distinto de Allah"(Ibn Arabi, op. cit).

"Desde o momento em que este mistério tenha sido desvelado a teus olhos-- que não és distinto de Allah - saberás qual seja o fim de ti mesmo, que não tens necessidade de aniquilarte, que jamais deixastes de ser, e que não deixarás jamais de existir..."(Ibn Arabi, op. cit.).

IV - 4. Panteísmo ou Gnose em Guénon?

Essa concepção da Unidade e da Unicidade do Ser poderia levar alguém a pensar que, com essa unicidade, se aceitaria o Panteísmo, isto é, que tudo é Deus, inclusive a matéria.

Engano: os autores que analisamos afirmam que os seres criados são de fato ilusórios. Rejeitam assim o panteísmo. E, realmente, Guénon recusa expressa e taxativamente o panteísmo:

Para Guénon há unidade do Ser, o que, à primeira vista, levaria a dizer, a quem examinasse a questão superficialmente, que Guénon defenderia um panteísmo crasso, o que está bem longe do que ele pensava, pois ele coloca uma diferença fundamental entre o "Principial" e o mundo das criaturas (o conjunto do manifestado, para usar o neologismo de Guénon), este mundo é ilusório e não metafisicamente real.

Isso, que dizemos, é confirmado tanto pelas citações que já demos de Guénon, como por um admirador e discípulo dele, Jean Tourniac:

"De resto, jamais Guénon pretendeu que o Cosmos manifestado, fosse Deus! Tudo está em Deus, mas nada é Deus senão Ele. Jamais a metafísica, em virtude de seu próprio nome, poderia confundir o mundo manifestado com seu Principio Eterno"

"Nós veríamos essa confusão do cósmico e do divino... mais nos evolucionistas católicos do que em Guénon, e nós não compreendemos como se pode acusar Guénon de gnosticismo e de idealismo platônico, e, ao mesmo tempo, de "cosmolatria". [de panteísmo].

"De outro lado, seria difícil recusar a asserção de Guénon sobre as forças cósmicas atrás das quais existe "alguma coisa de outra ordem das quais elas não são realmente senão o veículo e como a aparência exterior, de entidades psíquicas" (Jean Tourniac, op. cit. p. 94).

De fato, Guénon não pode ser dito panteísta, e sim gnóstico.

"Brahma

Guénon não identifica a Divindade e o Mundo das "manifestações, pois diz que este é ilusório e que os âtmâs que estão nos seres individuais do mundo manifestado devem se libertar para retornar ao principial, a Brahma. E isto é Gnose.

Pelo contrário, ele sempre afirmou que o universo material é metafisicamente ilusório, e que havia oposição entre o mundo manifestado na grosseria da matéria e o Principial, mas que há Unidade de Ser, porque em tudo o que é manifestado "está presente", há algo da Divindade - âtmâ - o que lhe permitia afirmar que só havia, de fato, unidade de ser. E isso é exatamente o que ensina a Gnose.

Há, pois que distinguir o Panteísmo, que identifica metafisicamente a Divindade e o Cosmos - daí a Cosmolatria - e Gnose, que opõe o Cosmos (ilusório) à Divindade (única Realidade), ao mesmo tempo que afirma que há algo substancialmente divino, aprisionado na matéria: o âtmâ, ou o "Si".

Olavo de Carvalho, repete de modo menos inteligente, essas mesmas doutrinas de Guénon., dizendo que:

"Deus não está acima de nós no sentido em que o capitão está acima do tenente" (Olavo de Carvalho, artigo "Verdade sem dono", in Jornal da Tarde, 2- X- 1997).

Portanto, para ele, Deus não poderia mandar no homem, no que ele concorda com o ex Frei Boff, e com Frei Betto.

De modo que, em Guénon, e em Olavo de Carvalho, não há apenas "Sabor de Gnose" - como até alunos dele reconheceram - mas há mais: há a própria Gnose. Eles são gnósticos: o primeiro, mais elevado; o segundo mais grosseiro e mais mal ajambrado.

Essa Unidade do Ser - entendida de modo gnóstico e não panteísta - é própria também à doutrina do shiismo e do sufismo, que Guénon adotou explicitamente, e Olavo semi ocultamente. (Lembre-se que ele confessou ter tido uma "experiência "pessoal na seita de Idries Sha).

Henry Corbin explica essa Unidade do Ser - defendida por Guénon - muito clara e explicitamente, em sua obra sobre o Islam Shiita, na Pérsia.

"A fórmula disso é: La ilâha illâ’llâh (não há Deus senão Deus). E há o Tawhid ontológico (Tawhid wojûdi): é o Tawhîd esotérico (Tawhîd bâtin), aquele no qual concordam os Iniciados (os "Amigos de Deus", os Awliyâ) convidando os homens a considerar o ser em seu ato absoluto de ser, isto é, sem responsabilidade [em francês absout) pelas determinações que ele atualiza, porque não pode haver outro ser senão o ser. Compreender o sentido esotérico deste versículo: "Tudo o que existe sobre a terra se aniquila (fânin), somente persiste a Face de teu senhor em sua glória e em sua majestade"(55; 26-27) - é compreender a única realidade do ser único. A fórmula disto é; Laysa fi’l wojûd siwâ’llâh (só Deus é ser). Falando de monismo, evitemos criar equívocos com certos sistemas ocidentais modernos que nada tem a ver com o que tratamos aqui; seria preciso antes falar de théo - monismo, ou mesmo de théomonadismo." (Henry Corbin, En Islam Iranien, vol II, p. 104).

Fica então claríssimo: tanto em Guénon quanto no esoterismo islâmico e hinduísta, não há identidade da Divindade com o Mundo, o que seria panteísmo, mas haveria Unidade e Unicidade do Ser espiritual divino, pela presença substancial de algo da Divindade no ser manifestado, o âtmâ, o éon, aquilo que Eckhart chamava de Fünkenlein, a chamazinha divina aprisionada no fundo da alma humana, o que não é panteísmo, e sim, Gnose (Teo - Monismo ou Teo monadismo, como propõe Corbin.

Que essa doutrina é a da Gnose, é confirmado pelo mesmo Henry Corbin:

"Somente aquele que se volta em direção ao ser (absout) livre de toda determinação que o entrave, e compreende que "não há senão Deus que seja ser", somente este aí escapa ao shirk secreto, inconsciente, professa a Unidade no verdadeiro sentido, [somente esse aí] é um ‘ârif, um gnóstico" (Henry Corbin, op. cit. Vol III, p. 195. O negrito é meu. Os itálicos são do original).

De tudo isso, portanto, se conclui que a doutrina de Guénon é gnóstica, e que Guénon é um ‘ârif, um gnóstico.

E, na medida em que Olavo de Carvalho defende, repete, e não recusa essa doutrina da unicidade do ser, pelo contrário, a afirma dizendo que há "identidade e unicidade do Ser" (Cfr. Astrologia e Religião, Nova Stella, p.1986, p. 17) e de oposição do mundo manifestado em relação à Divindade (Cfr. Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, nota 3 do cap. VII, p. 91), nessa medida, ele também é um gnóstico.

IV - 5. Oposição entre a Divindade e o Mundo material

No Item I da doutrina gnóstica citado por O de C., se diz que a oposição entre a divindade e o mundo se dá por causa da matéria "grosseira".

Caberia perguntar: haveria outra matéria não-grosseira, uma matéria subtil? Veremos isso, mais adiante.

Ora, Guénon tem uma concepção pessimista e depreciativa da matéria enquanto tal, pois diz: "...porque a matéria é essencialmente multiplicidade e divisão, e é, por isso, digamos de passagem, que tudo o que dela deriva só pode engendrar lutas e conflitos de todas as espécies, entre os povos como entre os indivíduos" (René Guénon, A Crise do mundo Moderno, ed. Veja, p. 73).

Ele opõe também o mundo das manifestações ao mundo "Principial", pois enquanto considera este o da imutabilidade, o mundo das manifestações - o Cosmos - é o do devir. Para ele toda a criatura é puro devir, sem ter nada de ser propriamente dito, sem ter nada de ontológico ou metafísico no sentido comum deste termo:

"(...) natureza" e "devir" são, na realidade sinônimos" (René Guénon, A Crise do Mundo Moderno, p. 99). Por isso, ele notará que Dante colocou Lúcifer no centro do globo terrestre: "(...) essa mesma tendência a que acaba de se fazer referência é também, poder-se-ia dizer, a tendência "individualizante", aquela segundo a qual se efetua o que a tradição judaico-cristã designa como nome de "queda" dos seres que se separaram da unidade". [O que é uma concepção tipicamente gnóstica e não cristã, dizemos nós]. E em nota a esta frase, Guénon escreve: "É por isso que Dante coloca a residência simbólica de Lúcifer no centro da Terra, isto é, no ponto onde convergem de todas as partes as forças da gravidade; é, neste ponto de vista, o inverso do centro da atração espiritual ou "celeste", que é simbolizada pelo Sol na maior parte das doutrinas tradicionais"(René Guénon, A Crise do Mundo Moderno, p. 121, nota 1).

IV - 6. A Divindade e o Mundo na Gnose de Mestre Eckhart

Essa oposição da Divindade incognoscivel, oculta (Não-Ser) e de tudo o que compõe o mundo - conjunto dos seres manifestados, --- apareceu também nitidamente na Gnose de Mestre Eckhart.

"Antes mesmo que houvesse ser, Deus agiu; Ele fez o ser quando o ser não existia. Mestres de espírito frustro dizem que Deus é um puro ser, Ele está mais acima do ser que o mais elevado dos anjos está acima de uma mosca. Eu falaria falsamente também se eu chamasse Deus um ser tanto quanto se eu dissesse que o sol é pálido ou negro. Deus não é nem isto nem aquilo. E um mestre diz: Aquele que crê conheceu Deus, e, se conhecesse qualquer outra coisa, não conheceria Deus. Mas quando eu digo que Deus não é um ser e que Ele está acima do ser, eu, dizendo isso, não lhe contestei o ser, mas, ao contrário, eu lhe atribui um ser mais elevado" (Mestre Eckhart, Sermão Quasi Stella Matutina, in Sermons, Introdução e tradução de Jeanne Ancelet-Hustache, ed. du Seuil, n*9 p. 101).

E mais ainda dizia Mestre Eckhart:

"O ser é verdade? Se se interroga tal ou tal mestre, ele diria: "Sim!". Se me tivessem interrogado, eu teria respondido: "Sim!" Mas agora eu digo: "Não!", porque a verdade é assim super acrescentada (...) e se Ele não é nem bondade, nem ser, nem verdade, nem Um, que é Ele então? Ele é o Nada" (Mestre Eckhart, Sermão: n* 23, ed. cit. p. 21).

Desse modo, Deus enquanto relacionado com as criaturas é Ser, e é Ser de todas as coisas. Mas este Deus-Ser é apenas o adro da divindade, de Deus em si mesmo, que não seria ser, mas puro intelligere (cfr. Vladimir Lossky, Théologie Négative et Présence de Dieu chez Maître Eckhart, Vrin, Paris, 1973, pág. 213).

"(...) se Deus é ser, a criatura é nada; se a criatura é ser, Deus é superior ao ser e infinitamente não semelhante de tudo quanto existe"(V. Lossky, op. cit. p. 296).

Será preciso lembrar que Eckhart foi condenado pela Igreja como herege? (Cfr. Denziger, 501 a 529).

E Olavo de Carvalho, como Guénon e Tourniac, aponta Mestre Eckhart como um dos elos da corrente esotérica e "tradicionalista" do cristianismo.

Também Eckhart aceitava que a Divindade fosse Ser, desde que, então, se considerasse as criaturas como Não-Ser. A nota gnóstica está na oposição radical e absoluta entre a Divindade e o Universo. Também o gnóstico Bhagavad Gîta aceita que a Divindade possa ser considerada ou como ser, ou como Não Ser:

"Ó Infinito, senhor dos deuses, em quem o mundo habita, tu, imperecível, o ser e o Não-Ser, e aquilo que está além"(Bhagavad Gîta, XI, 37).

Veja, meu caro Felipe, que o Bhagavad Gîta coincide com o pensamento de Mestre Eckhart, e que, tanto Guénon quanto Olavo de Carvalho podem se apoiar, ambos, nesse mesmo texto do Gîta.

Aliás, um "historiador" biógrafo de Guénon, tido como católico ou pelo menos como cristão, Jean Tourniac, testifica que a metafísica de Eckhart é muito semelhante às doutrinas orientais e ao budismo Zen:

"É verdade que Eckhart não hesita em expor publicamente elementos doutrinários que estão singularmente próximos das perspectivas orientais, (..)

"(...) comparou-se o ensinamento de Mestre Eckhart ao do budismo Zen, e há muito de verdade nessa comparação" (Jean Tourniac, Propos sur René Guénon, Dervy - Livres, Paris, 1973, p.41).

O que torna a doutrina de Eckhart semelhante às doutrinas orientais é que todas elas são variações da Gnose.

E Schuon - que é outro dos gnósticos a quem Olavo diz ser devedor doutrinariamente - que diz Schuon desse problema?

"Ora, entre os conceitos inacessíveis ao exoterismo - [às religiões positivas] ---, o mais importante é talvez, pelo menos em certo sentido, o da gradação da Realidade Universal: a Realidade afirma-se por graus, sem deixar de ser una, achando-se os graus inferiores dessa afirmação absorvidos nos graus superiores, por integração ou síntese metafísica. É a doutrina da ilusão cósmica: o mundo não é apenas mais ou menos imperfeito ou efêmero, é sim desprovido de existência face à Realidade absoluta, pois a realidade do mundo limitaria a de Deus, o único que "é". Mas o Ser em si, que mais não é que o Deus pessoal, é por sua vez ultrapasssado pela Divindade impessoal ou suprapessoal, o Não-Ser, de que o Deus pessoal ou o Ser é apenas uma primeira determinação a partir da qual se desenvolvem todas as determinações secundárias que constituem a Existência Cósmica. Ora, o exoterismo não pode admitir nem a irrealidade do mundo, nem a realidade exclusiva do Princípio Divino, nem sobretudo, a transcendência do Não-ser em relação ao Ser, que é Deus" (Frithjof Schuon, A Unidade Transcendente das Religiões, Dom Quixote, 1991, pp 49-50. Os negritos são meus).

Veja, meu caro Felipe, como neste texto de Schuon - um dos mestres preferidos de Olavo-- fica patente a doutrina de oposição entra a Divindade (Nada, Não-Ser), e Deus (Ser), entre a Divindade (Única Realidade) e o mundo (ilusório).

Guénon repete essa mesma doutrina ao dizer:

"O Mundo, entendendo por essa palavra o conjunto da manifestação universal, não pode distinguir-se de Brahma senão de modo ilusório, enquanto que, pelo contrário, Brahma é absolutamente "distinto daquilo que Ele penetra", isto é, do Mundo, pois que não se lhe podem aplicar nenhum dos atributos determinativos que convém a este, e que a manifestação universal toda inteira é rigorosamente nula com relação à Sua Infinitude". (René Guénon, L’Homme et son Devenir selon le Vedanta, Ed, Traditionnelles, Paris, 1991, pp. 89-90).

E Jean Robin escreveu:

"A doutrina da Unicidade da existência, de fato, implicava a dos estados múltiplos do Ser, evocada na seguinte passagem de Tchoang-Tseu, citado por Guénon: "Não vos pergunteis se o Princípio está nisso ou naquilo. Ele está em tudo o que é. Por isso Lhe são atribuídas as qualidades de grande, supremo, inteiro, universal, total (...) Aquele que fez com que os seres fossem seres, (Ele mesmo) não está submetido às mesmas leis dos seres. Aquele que fez de modo que os seres fossem limitados, é ilimitado, infinito.(...) Enquanto manifestação, o Princípio produz a sucessão das suas fases, mas, Ele mesmo não é condensação ou dissipação. Tudo procede dEle e se modifica com e sob Sua influência. Ele está em todos os seres, por definição, mas Ele não é idêntico aos seres, não sendo diferenciado, nem limitado" (Jean Robin, René Guénon, Testimone della Tradizione, Ed Cinabro, Catania, 1993, p. 95).

E Olavo de Carvalho, seguindo as lições de seus mestres no Tradicionalismo esotérico, escreveu que "a reta simboliza o princípio da divisão - a substância" o estado de ser mais afastado do Ser puro.(Cfr. Astrologia e Religião, ed. cit. p. 80).

IV - 7. Discordância entre Olavo e Guénon?

É verdade que Olavo diz separar-se de Guénon precisamente nessa questão de considerar o Primeiro Principio - o "Principial" - como Não-Ser ou como ser:

"O ponto chave dos erros de Guénon - que até hoje ninguém neste mundo parece ter enxergado, nem mesmo seus concorrentes da escola schuonniana - é de natureza puramente metafísica: está na sua doutrina do Não-Ser e das "possibilidades de não-manifestação". Esclarecida e derrubada essa doutrina intrinsecamente absurda, manifestam-se os verdadeiros pontos de discordância entre cristianismo e guénonismo, bem como sua via de conciliação. Explico isto mais extensamente em meu Diário Filósofico ". (Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, Diadorim, Rio de janeiro, 1995, pp. 305-306, nota 170. O negrito é meu. Infelizmente não possuo o tal Diário Filosófico, que deve ter cada coisa...).

Repare duas coisas:
1) Olavo pretende ser possível conciliar guénonismo e cristianismo;
2) Por esse texto acima, Olavo não aceita que a divindade seja Não-Ser.

Isso o eximiria de aceitar a Gnose?

Não basta. Porque em outros escritos Olavo defende doutrina mais matizada e não tão oposta a de Guénon sobre o Não Ser:

"Segundo se vê em "Les États Multiples de l'Être", a teoria do Não-Ser implica, para além das possibilidades de manifestação e das impossibilidades de manifestação, uma terceira coisa que Guénon chama "possibilidades de não-manifestação". Esta noção é um "flatus vocis": ou ela designa apenas possibilidades de manifestação que efetivamente não se manifestaram, ou então puras impossibilidades de manifestação. Ora, as possibilidades de manifestação e as impossibilidades de manifestação, juntas, compõem o domínio propriamente dito do Ser, nada sobrando para além dele senão um conceito vazio. Na verdade a expressão Não-Ser só vale como figura de linguagem, para designar os aspectos superiores e mais sublimes do Ser mesmo, seu lado misterioso e eternamente desconhecido, ou imanifestado, portanto qualidades do Ser e não uma outra entidade substancialmente distinta. Creio que o próprio Guénon não ignorava isso. Alguns de seus colaboradores preferiram mesmo usar em vez de Não-Ser a expressão Supra-Ser para designar o Brahman, o eternamente imanifestado, distinguindo-o de Ishwara, o Ser manifestado. Isso basta para eliminar toda confusão a respeito." (Olavo de Carvalho, in Diário Filosófico, apud e-mail a aluno. Negrito nosso.)

Portanto, a diferença entre Olavo e Guénon seria de terminologia e não de conteúdo: em vez de Não Ser, Olavo prefere usar a expressão Supra Ser.

Ora, também esta não é uma idéia original de Olavo.

O gnóstico Mestre Eckhart já a havia adotado:

"Deus não é bom, ele não pode portanto tornar-se melhor, e porque ele não é melhor, ele não pode vir a ser o melhor (...). Ele está acima de tudo isso! Se eu digo ademais que Deus é sábio, isso não é verdade; eu sou mais sábio do que ele! Se eu digo ainda que Deus é alguma coisa que é, isso não é verdade; ele é algo absolutamente transcendente, ele é um supra ser não-ser"(Mestre Eckhart, Sermão: Da Renovação do Espírito, Obras de Mestre Eckhart, pp. 131, apud, G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 566. O itálico é do autor).

Aproveito aqui, meu caro Felipe, observações que você me fez na carta mais recente que você me enviou:

A expressão Supra-Ser em vez de Não-Ser é utilizada pelo próprio Schuon, em "O Mistério do Véu", segundo ensaio do livro O Esoterismo como Princípio e como Caminho, escrito após A Unidade Transcendente das Religiões.

É claro que há muito de artificial em toda esta controvérsia, haja visto o caráter dialético da gnose, para a qual, em última instância, Deus é - usando a fórmula do gnóstico Nicolau de Cusa - a coincidentia oppositorum. Nasr o reconhece a seguir, ao afirmar que tanto faz chamar a Divindade de Ser ou Não-Ser, desde que se Lhe oponha o mundo:

"Ela [a Divindade] é Vazio se o mundo é encarado como plenitude e Plenitude se o relativo é percebido à luz de sua pobreza ontológica e vazio essencial. (9)"

E na nota nove, ele esclarece:

"(9)...metafisicamente falando, o conceito de Realidade Suprema como vazio e como plenitude se complementam um ao outro como o símbolo yin-yang e ambos se manifestam integralmente em toda tradição integral. Mesmo no Cristianismo, em que o simbolismo da Plenitude Divina é enfatizado e desenvolvido com notável elaboração na teologia franciscana, especialmente a de São Boaventura, a visão complementar de vazio aparece nos ensinamentos do dominicano Meister Eckhart, que fala do 'deserto da Divindade'." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, p. 134 e nota 9, p. 155-156)"

Até aqui, Felipe, vai a citação de sua carta, que tenho prazer em agregar a esse trabalho, como contribuição de um ex aluno de Olavo, que percebeu onde as brumas esotéricas olavianas o estavam levando.

E não posso deixar sem protesto a agregação do nome de São Boaventura nessa citação de Nasr, onde o Doutor Seráfico aparece como Pilatos no Credo.

IV - 8. Toda criatura é puro fluxo. A Dialética Ontológica

Outra nota de oposição entre a Divindade e o Mundo criado - pelo menos na visão de Guénon - proviria do caráter dialético das coisas criadas, que faria delas um fluxo, um devir perpétuo, sem existir sujeito de mudança. O ser criado, para a Gnose, seria puro fluxo, e não propriamente Ser

Como vimos, quando a Gnose considera a Divindade como Ser, então, as criaturas não tem senão um ser aparente ou ilusório. Se a Gnose afirma que a Divindade é Nada absoluto, então é a criatura que é tida como ser.

Em todo caso, nas duas situações, ela vê a criatura como dialética, isto é, como sendo o resultado de uma luta de dois princípios iguais e contrários, que na Gnose Taoísta são chamados de Yin e Yang.

Daí, ela considerar que toda criatura não é ser, mas apenas devir, fluxo, ou mudança, sem haver propriamente um sujeito de mudança, tal como dizia Heráclito.

Benoist cita a mesma imagem usada por Heráclito para afirmar o fluxo do devir:

"A Criação deve ser, por conseguinte, um fluxo permanente como a água que corre cria a permanência do rio"(Luc Benoist, El Esoterismo, p.15).

Guénon, também, defende essa teoria em vários de seus livros.

"A tradição extremo oriental em sua parte propriamente cosmológica atribui capital importância aos dois princípios, ou, se se preferir, às duas "categorias" que designa pelos nomes de yang e yin: tudo o que é ativo, positivo ou masculino é yang, tudo o que é passivo, negativo, ou feminino é yin. Em todas as coisas o lado claro é yang, e o escuro é yin, mas um não existindo nunca sem o outro, eles aparecem como complementares muito mais do que como opostos".(...) "Segundo o que já dissemos, é fácil compreender que yang é o que procede do Céu e yin o que procede da natureza da Terra(...) o aspecto Yang dos seres corresponde ao que neles há de "essencial" ou de "espiritual", e sabe-se que o Espírito é identificado com a luz pelo simbolismo de todas as tradições; por outro lado, seu aspecto yin é aquele pelo qual se liga à "substância", e esta, devido à "inintegibilidade" inerente à sua indistinção ou a seu estado de pura potencialidade, pode ser definida propriamente como a raiz obscura de toda a existência" (René Guénon, A Grande Tríade, pp. 29-30. O negrito é meu).

Não é necessário mostrar como essa doutrina é fortemente dualista, nem como os conceitos de essência e de substância são usados de modo abusivo, nem ainda como Guénon coloca um tom negativo na raiz obscura de toda existência, já que ele declara que a luz está relacionada com o Espírito.

Disso tudo, desse conceito dualista do ser proveniente da idéia do Yang e do yin, Guénon conclui que: "todo ser é andrógino" (René Guénon, A GrandeTríade, p. 30). O que e uma formulação tipicamente alquímica e gnóstica.

Desse choque de princípios opostos é que resulta a perpetua mutação, proveria idéia de que só existe o devir e não sujeito do devir, isto é, que todo ser é fluxo:

"(...) natureza" e "devir" são, na realidade sinônimos" (René Guénon, A Crise do Mundo Moderno, p. 99).

Também para o sr. O de C. o ser criado é puro fluxo, puro devir:

Com efeito, Olavo de Carvalho em muitos textos repete essa noção depreciativa do ser criado - "manifestado" - que é típica da Gnose e, como vimos, da doutrina de Guénon.

Falando do conceito dialético do ser de Hegel, ele já havia afirmado - sem qualquer restrição - que: "Em outras termos: ser é devir" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 32).

E não venha o sr. Olavo dizer que estamos atribuindo a ele o conceito de ser de Hegel, porque essas conclusões ele tira de seu raciocínio anterior sobre o Ying e yang, isto é, sobre a dialética dos contrários na gnose Taoísta, que ele vê confirmada em Hegel.

Tanto ele aceita essa noção de ser como fluxo, pelo menos no "mundo manifestado", que, pouco adiante, ele diz:

"Na astrologia, o símbolo que evoca esse segundo enfoque é o do ciclo lunar. Este projeta na tela dos céus o espetáculo da permanência na mudança, do ser que se revela e constitui no devir" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 32).

É do dualismo metafísico do ser --que Olavo aceita - que ele tira o conceito de ser como puro devir, o que faz de Olavo de Carvalho um seguidor da metafísica de Heráclito e não de Aristóteles. E Heráclito também pode ser apontado como um filósofo de pensamento gnóstico.

IV - 9. Evolução da Divindade e sua Manifestação no mundo das criaturas

Para Olavo de Carvalho, como para os demais defensores da Tradição primordial, a Divindade, que Guénon chama de "Principial", seria una, eterna, imutável. Porém, que essa afirmação não engane. O termo "Imutável", em si mesmo, não significa que a Divindade não tenha se transmudado no Cosmos. Dizem, os que se auto denominam filósofos "perennialists", que a Divindade se manifestou primeiro emanando o Primeiro Ser - Ishiwara, no Hinduísmo --e depois todas os demais "níveis de ser", ou " os Múltiplos Estados de Ser", como expõe Guénon.

"Aqui, nos é preciso insistir um tanto sobre um ponto essencial: é que todos os princípios ou elementos de que falamos, que estão descritos como distintos, e que o são efetivamente do ponto de vista individual, não o são entretanto senão neste ponto de vista apenas, e não constituíam na realidade senão outras tantas modalidades manifestadas do "Espírito Universal" (Atma). (René Guénon, L’Homme et son Devenir selon le Vedanta, ed. cit. p. 89).

E pouco depois diz Guénon: "assim o Mundo, entendendo por essa palavra o conjunto da manifestação universal, não pode se distinguir de Brahma senão de modo ilusório, enquanto que, pelo contrário, Brahma é absolutamente "distinto daquilo que ele penetra", isto é, do Mundo, pois que não se Lhe pode aplicar nenhum dos atributos determinativos que convenham a este aqui, e que a manifestação universal toda inteira é rigorosamente nula em face de Sua Infinitude." (Réné Guénon, op. cit p. 90).

Fica claro que o universo provém da Infinitude de Brahma, e que Guénon o considera como ilusório, como não ser. Portanto, que há uma oposição completa entre a Divindade e o mundo da manifestação.

Guénon, expondo a doutrina Taoísta, afirma: "Os dez mil seres são produzidos (tsao) por Tai-i (que é idêntico ao Tai-ki), modificados (hua) por yin-yang, pois todos os seres provém da Unidade principal", mas suas ações no "devir" devem-se às ações e reações recíprocas das "duas determinações"(René Guénon, A Grande Tríade, ed. Pensamento, São Paulo, p.33. O negrito é meu).

E se Guénon diz que tudo emana da Unidade principal, Olavo vai repetir isso mesmo, pois ele só ecoa - se fosse em classe de escola, dir-se-ia que ele só cola - o que seus mestres "tradicionalistas" dizem.

"A linha horizontal não é outra coisa senão o ideograma I, que significa o número 1, e também, segundo Wieger, a unidade primordial, o ser, de onde emanam todas as coisas (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, Ed. Nova Stella, São Paulo, 1985, p.74-75. O negrito é do autor. O sublinhado é meu)., o Ser é portanto o extremo limite onde estão contidas todas as mutações que constituem e dissolvem os entes"

Não disse?

Tinha certeza que Olavo ia colar também isso.

Portanto, Olavo escreveu: da "Unidade primordial, o ser, de onde emanam todas as coisas".

E chamo sua atenção para o verbo "emanar". Olavo não fala em criação dos seres do universo, e sim em emanação, exatamente como afirma a Gnose.

IV - 10. Tipos de matéria: a grosseira e a subtil

Vimos que no primeiro item Olavo indica que a Gnose "opõe a Divindade ao mundo da matéria grosseira".

Ora, vimos que há sistemas gnósticos, como os da Cabala e o do Romantismo que aceitam a matéria, embora a oponham à Divindade. Esses sistemas são exatamente aqueles nos quais se distingue uma "matéria grosseira" das coisas deste nosso mundo visível, e uma "matéria subtil " própria de seres de um mudo superior ao nosso.

Para citar só um exemplo da teoria gnóstica da matéria subtil, limitar - me - ei à da Gnose islamita, tão apreciada por seu Olavo:

"Esta metafísica [do ser como luz] provém, com suas variantes particulares, da metafísica da luz largamente professada pelas escolas teosóficas tradicionais na cristandade, no Islam e entre os Cabalistas judeus. A doutrina dos quanta de tempo e de espaço, em Oâzi Sa’id Qommi, não é senão uma conseqüência da análise aplicada ao conjunto da metafísica do ser, e pela qual desaparece o hiatus entre o que é chamado Espírito e o que é chamado Matéria. Há uma só e mesma Luz diferenciada em múltiplos graus de condensação e de subtilidade; há uma "matéria espiritual" e há uma matéria no "estado material"; o corpo no mundo do Malakût se torna um corpo espiritual subtil. De um modo geral, pode-se dizer que esta metafísica tradicional da Luz precedeu os resultados de nossa moderna física da luz, na medida em que esta tornou definitivamente precária toda fronteira interposta entre "material" e "imaterial" (Henry Corbin, En Islam Iranien, Vol. IV, p. 198).

Conforme a Gnose shiita, haveria um mundo imaginal intermediário entre o mundo sensível, da materialidade grosseira, e o mundo intelectual, puramente espiritual. Este mundo imaginal era chamado de Hûrqaliâ, na Gnose shiita.

O Sheik Ahmad distinguia:

"1o) Há o primeiro jasad que chamaremos de Jasad A, e que é entendido como sendo o corpo elementar, material e perecível. É o corpo aparente de cada um de nós, aquele que podemos ver, tocar, pesar, reconhecer. É uma formação acidental e caduca, resultante de uma composição de elementos físicos sub lunares.

" 2o) Há um segundo jasad que chamaremos Jasad B; ele é escondido e oculto a nossos olhos no jasad A; ele também é uma formação elementar, mas, diferentemente do primeiro, não são os elementos terrestres perecíveis, os de nossa Terra material que o constituem; são os elementos - arquétipos ou elementos subtis da "Terra de Hûrqaliâ". Este segundo jasad é portanto uma formação pertencente ao mundo intermediário, ao mundo do barzkh ou mundus imaginalis; ele tem por conseqüência dimensões mas diferentemente do primeiro jasad, ele não é um corpo acidental, é um

corpo essencial e imperecível; é o corpo elementar subtil, o corpo de "carne espiritual", caro spiritualis.

"3o) Há o primeiro jism: chamêmo-lo de Jism A. Diferentemente dos dois jasad, ele não é um corpo elementar; ele não pertence aos Elementos terrestres nem aos Elementos subtis. Ele parece com o Jasad A porque ele é como ele acidental, não durável para sempre.. Ele parece com o Jasad B no sentido em que ele é, como ele, uma formação do mundo intermediário. Entretanto, não é dos Elementos subtis da Terra de Hûrqaliâ que ele provém (isto é, da região que ai corresponde ao clima terrestre do Ocidente cósmico); ele se origina na matéria celeste e nos Céus de Hûrqaliâ (isto é, na região correspondente às Esferas, ao clima celeste do Ocidente cósmico). É o corpo celeste subtil destinado a se reabsorver, o corpo astral.

"4O) Há o segundo jism, que chamaremos Jism B, e que é o corpo subtil essencial, arquétipo, eterno e imperecível (jism asli haqîqî); jamais o espírito se separa dele, porque ele é constituído de individualidade eterna. Dele se pode dizer que ele é corpo supracaeleste no homem" (Henry Corbin, Corps spirituel et Terre Céleste, De l’ Iram Mazdéen À l’Iran Shî’ite, Buchet Chastel, Paris, 1979, pp.115 e 116).

É essa correspondência "analógica" entre o mundo material grosseiro e o mundo imaginal subtil que permite, junto com a dialética, à Alquimia afirmar que a matéria e espírito são correlatos: que a matéria é espírito cristalizado, e que o espírito é matéria sublimada, doutrina essa, alquímica e gnóstica, que se encontra em Jacob Boehme e em seus seguidores, tais como Von Baader, Oetinger, Benguel, e, mais tarde, no próprio Hegel.

Baader distingue uma matéria incorruptível do ser eterno, e outra corruptível do ser temporal. Diz ele: "Confundir ou separar espírito e matéria, como fazem o panteísmo e o espiritualismo, constitui um erro; fazer do espírito e da matéria dois princípios hostís é outro erro(...)há separação entre espírito e a matéria, pelo fato que não se os distingue; não há também hostilidade entre eles". (E. Susini, Franz Von Baader et le Romantisme Mystique, Vrin, Paris, 1942, vol. II, p. 454).

Para Oetinger, cabalista cristão (luterano), alquimista e pré romântico, "O volátil se fixa e o fixo se volatiliza. Isso significa que o espírito se torna corpo, e o corpo se torna espírito. (...) O perfeito símbolo dessa alquimia é Jesus Cristo: em sua pessoa, o Espírito revestiu uma forma corporal e o corpo de carne se espiritualizou com a ressurreição. Essa pessoa é por excelência o lugar do encontro entre o espírito e o corpo (...) É universalizando essa verdade que Oetinger declara de um lado que tudo é espírito, de outro lado, que tudo o que é espírito, é também corpo"(Pierre Deghaye, La Philosophie Sacrée d‘Oetinger, in Kabbalistes Chrétiens, Albin - Michel, Paris, 1979, p. 247).

Também Luc Benoist afirma a existência de vários mundos:

"Desde uma concepção universal, o mundo se apresenta sob três aspectos: um estado de não manifestação que representa a Possibilidade Universal, um estado de manifestação informal ou subtil que representa a Alma do Mundo e um estado de manifestação formal ou bruta que é o do mundo substancial dos corpos"(Luc Benoist, El Esoterismo, ed. cit., p. 9).

Mais adiante, Benoist vai se referir a um quarto "mundo ":

"Além e acima dos três mundos, o da manifestação corporal, sutil e informal, há um quarto estado não manifestado, princípio dos outros três. É o mundo do En Soph hebreu [da Cabala], da Libertação hindu, da identidade suprema do Islam, e chega-se a ele depois de ter passado além do manifestado, além da obscuridade, quando se pode ver, dizem os textos hindus, o outro rosto da obscuridade. É o estado do yogui hindu e do Homem universal islâmico" (...)"Libertação,

conhecimento e identidade não são senão um só e mesmo estado em que o sujeito, o meio e o fim se identificam. Somente o yogui, que corresponde também ao pneumático da Gnosis pode obter uma libertação na vida (...)" (Luc Benoist, El Esoterismo, p. 22).

Poder-se-iam fazer muitas outras citações, que lhe poupo, para não alongar mais ainda esta "lettre - fleuve".

E Olavo? Aceita ele, com a Gnose islamita, que existe uma matéria subtil e uma matéria grosseira, sendo esta o que há de mais oposto à Divindade? Aceita ele que existe um mundo imaginal, sutil?

Falando do Zodíaco, Olavo explica que usando a palavra zoon para designar os seres do Zodíaco, os gregos quereriam dizer que essas criaturas eram de fato seres reais, vivos. Diz mais: "é forçoso concluir que, se designaram tais criaturas pela palavra zoon, foi porque as consideravam tão reais quanto os elefantes ou as minhocas, e não simples produções do psiquismo humano. De fato, a idéia de identificar "realidade" e "corporeidade" não passou pela cabeça de ninguém antes do século XIX e os gregos não tinham portanto nenhum motivo para crer que o incorpóreo fosse necessariamente subjetivo" (Olavo de Carvalho. Astros e Símbolos, p. 60.O negrito é do autor).

E depois de dizer essa enormidade, continua, mais adiante Olavo:

"Seres como a cabra marinha e o centauro possuíam, portanto, uma fórmula própria de realidade, distinta tanto da presença corpórea quanto da pura ideação subjetiva. Essa forma de realidade intermediária foi denominada em latim mundus imaginalis, e o termo "imaginal" pressupunha uma distinção radical entre ela e o "imaginário" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 60).

E ainda: "O mundus imaginalis é o âmbito das hierofanias, das aparições sacrais, (...) "(Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 61).

Dizendo isso, Olavo se enfileira no pelotão dos esotéricos, pois Luc Benoist também diz que no, ‘mundo intermédio’, "se encontram os prolongamentos extra corporais dos indivíduos, as energias das entidades não humanas, as influências dos ‘gênios elementares’ ou elementos de Paracelso, que as tradições chamam de gnomos, ondinas, silfos, salamandras, djins, demônios" (Luc Benoist, El Esoterismo, p. 14).

Pelo menos, Olavo pode dizer que não está sozinho nesse delírio, o que sempre é uma consolação...

Olavo, que tão dado é aos estudos de esoterismo islâmico, e que cita elogiosamente o gnóstico shiita Henry Corbin, cita também a expressão mundus imaginalis, típica da Gnose shiita. Logo, ele conhece e aceita a existência desse mundus imaginalis constituído de uma corporeidade subtil, que é uma crença própria da Gnose shiita.

Por outro lado a Alquimia tem como verdade e certeza que a matéria é espírito cristalizado, e que o espírito é matéria sublimada.

"Os próprios alquimistas descrevem freqüentemente o objetivo de sua obra como "volatilização do sólido e solidificação do volátil", ou como "espiritualização do corpo e corporeificação do espírito" (Titus Burckhardt, Alchimie, sa Signification et son Image du Monde, Thot, Milan, sem data, original ed. alemã de 1960, p.80. A tradução é minha).

"Como dizem os alquimistas, o "corpo" deve se tornar "espírito" e o "espírito" deve se tornar "corpo" (Titus Burckhardt, op. cit. p. 82).

Para os alquimistas - e a Alquimia, como veremos, é uma ciência gnóstica - "(...) a matéria permanece um aspecto ou uma função de Deus. Não é uma realidade separada do espírito, mas o complemento necessário dele"(Titus Burckhardt, op. cit., p. 57).

"Para a humanidade "arcaica" - que não faz a separação artificial entre matéria e espírito - (...) (Titus Burckhardt, op. cit., p. 13).

"A concepção de uma matéria radicalmente separada do espírito, tal qual se apresenta tanto na teoria quanto na prática em nosso mundo moderno - a despeito de certas correntes filosóficas opostas - não é de nenhum modo evidente em si.

(...) "Conforme Descartes, o espírito e a matéria são duas realidades radicalmente distintas que, segundo um plano divino, se reencontram apenas num único ponto: o cérebro humano(...) Para os povos antigos, a matéria era como um aspecto de Deus. Nas civilizações comumente chamadas arcaicas, essa perspectiva era imediata e ligada à experiência sensível, porque essa aqui, a matéria, era a terra em seu aspecto de perenidade, como princípio passivo de todas as coisas visíveis, enquanto que o céu representava o princípio ativo e gerador. Estes dois princípios são como as duas mãos de Deus. Eles estão reciprocamente relacionados como macho e fêmea, pai e mãe, e não podem ser dissociados, porque em tudo o que produz a Terra, o Céu está presente como princípio gerador"(Titus Burckhardt, op. cit., pp.55-56).

Dada essa correlação e esta identidade dialética entre matéria e espírito, para a Alquimia poderia ser dito que a própria alma espiritual possuía uma "matéria (Cfr. Titus Burckhardt, op. cit., p. 66).

E Olavo, que cita, admira e recomenda Titus Burckhardt como um de seus mestres, Olavo defende a Alquimia, que é uma ciência gnóstica, como provaremos adiante.
Por tudo isso, é seguramente uma simplificação própria de enciclopédia popular o que Olavo cita em seu primeiro ponto fundamental da Gnose. E a expressão "matéria grosseira" que Olavo usou - ou copiou - deixa aberta a porta para a admissão da existência de uma suposta matéria subtil, típica da Gnose e da Alquimia.

IV - 11. Conclusão deste primeiro item

Registremos então este ponto: para Olavo de Carvalho, o Principial é Ser, é único, eterno e imutável, embora ele tenha dito que ele é chamado também de "Inexistente", pelos filósofos que pretendem ter um "conhecimento", uma "Sabedoria terminal", superior à própria Filosofia, isto é, a Gnose.

Registremos ainda que para Olavo de Carvalho tudo o que existe no Cosmos emanou da Unidade primordial, ou Ser.

Resumindo: o sr. Olavo de Carvalho afirma:
1) Que há oposição entre o "Principial" e o mundo manifestado.

2) Que, ao contrário do que diz Guénon, o Principial seria Ser ou Supra Ser.

3) Mas, com Guénon e Schuon, ele concorda que o mundo manifestado é pura ilusão. Que o ser criado é fluxo, é devir.

4) Que há um dualismo no ser manifestado, que é expresso pelos princípios: do Yin e do Yang, da Gnose taoísta. O que significa aceitar o dualismo metafísico no ser criado, contrariando os princípios de identidade e de não-contradição, princípios esses recusados pela Gnose.

5) Que a tendência à individuação é má. De onde decorre logicamente sua condenação do princípio de individuação, que é a matéria. Daí o seu desprezo por tudo o que é individual, enquanto tal, que só teria valor enquanto potencialidade de divinização, pois, como ensinou Guénon, o indivíduo é Deus em potencial, pelo seu "Si"
6) Ele aceita a doutrina guénoniana dos "estados múltiplos do ser ", que conduz à negação do mundo "manifestado", considerado como mera ilusão.

7) Ele apóia, sem fazer restrições --a não ser negando que o Principial seja Não-Ser - autores que são patentemente, e às vezes, confessadamente gnósticos como Guénon, Schuon, Burckhardt, Nasr, Ibn Arabi, etc.

V - O 2º Item da Gnose, segundo Olavo de Carvalho: o Demiurgo

"O Criador apresentado como uma divindade secundária imperfeita ou má, em contraste com a suprema divindade espiritual".

Essa oposição já foi vista em muitas das citações do item anterior, nas quais ficou patente que os pensadores da escola guénoniana admitem que há uma distinção metafísica entre a Divindade e Deus. Se a Divindade é considerada como Não-Ser, como diz Guénon, ou como Supra Ser, como sugere Olavo, Deus e o Mundo serão tidos como Seres. Se a Divindade é considerada como Ser, como afirma Olavo, Deus será tido como Nada, ou Não-Ser.

Esse Deus, primeira manifestação da Divindade, teria sido o Criador, o causador das manifestações divinas. É a este Criador que a Gnose sempre chamou de Demiurgo, aquele que a Bíblia denominou Yahwé.

É facílimo provar que a escola de Guénon defende essa tese. Para isso basta citar o artigo Le Demiurge - o Demiurgo - que René Guénon publicou na Revista La Gnose, no 1, novembro - dezembro de 1909, e janeiro de 1910, sob a assinatura de T. Palingenius, nome que ele adotou, quando foi sagrado Bispo da Igreja Gnóstica. (Cfr. René Guénon, Mélanges, "Le Demiurge, Gallimard, Paris, 1976).

Nesse artigo - ao qual jamais O de C. fez reparos ou recusou adesão, pelo contrário apoiou e elogiou --Guénon expõe largamente a doutrina gnóstica do Criador oposto à Divindade.

Ele começa exatamente, como toda Gnose, tratando da questão da origem do mal e pergunta : "Si Deus est, unde malum? ".

E ele responde a essa questão, como todo gnóstico, dizendo que o imperfeito não pode provir do perfeito. Portanto, recusando o ser por analogia (no sentido tomista do termo analogia).

René Guénon - cuja defesa por O de C. deu início a este debate - escreveu:

"É evidente que o perfeito não pode produzir a imperfeição, já que se isso fosse possível, o perfeito deveria conter em si mesmo o imperfeito em estado principial, com o que deixaria de ser perfeito. O imperfeito não pode proceder do perfeito por via de emanação; assim, não poderia resultar senão da criação "ex nihilo"; mas como admitir que algo possa proceder do nada, ou, em outros termos, que

possa existir coisa carente de princípio? Por um lado, admitir a criação "Ex- nihilo" seria admitir o aniquilamento final de todos os seres criados, já que, o que teve um começo, deve também ter um final, e não há nada mais ilógico que falar de imortalidade em tal hipótese. Mas a criação assim entendida é um absurdo, posto que é contrária ao princípio de causalidade, que é inegável para todo homem sincero e medianamente razoável, com o que podemos dizer como Lucrécio: "Ex nihilo nihil, ad nihilum nihil posse reverti" (Palingenius, aliás, René Guénon, O Demiurgo, artigo publicado pela primeira vez no número 1 da revista La Gnose, 1909, reeditado in René Guénon, Mélanges Centro Studi Guenoniani, Venezia, 1978, parte I, p. 19. A tradução é do Instituto René Guénon de Estudos Tradicionais).

E note que Guénon assinou esse artigo como Bispo da Igreja Gnóstica, na qual ele assumiu o nome de Palingênius, renascido.

Será que Guénon, Bispo da Igreja Gnóstica não era gnóstico?

É de rir.

A doutrina gnóstica de Guénon se encaixa inteiramente no sistema da Gnose pois considera a criação ex nihilo, - como a ensina a Igreja Católica - um absurdo, e julga que uma Divindade perfeita não poderia ter produzido uma criação imperfeita. Exatamente como ensina a Gnose.

Guénon, ao dizer que o perfeito não pode produzir o imperfeito, faz confusão entre perfeito absoluto (Deus) e o perfeito relativo (a criatura).

Pelo contrário, dizemos nós, o que é evidente é que Deus não poderia produzir outro Ser perfeito absoluto, porque este último, se criado, por ser criado, já não teria a perfeição do criador. Logo, Deus só pode criar seres com perfeição relativa.

Também por essa doutrina, Guénon é gnóstico.

E O de C. quer ser o continuador da obra de Guénon. Logo, quer dar prosseguimento à sua pregação gnóstica.

Esta doutrina sobre o Demiurgo como deus criador, responsável pelo mal metafísico, Guénon já a recebera de seu iniciador nas doutrinas taoístas, Albert de Pouvourville (Matgioi).

"O Deus pessoal das ‘religiões jeovaistas’, para Matgioi, estava na origem de [sua] enfermidade intelectual." (J.P. Laurent, Le Sens Caché dans l’oeuvre de René Guénon, p. 157, apud Marie-France James, Ésotérisme et Christianisme autour de René Guénon, p. 80, nota 33).

E essa autora explica ainda que, para Matgioi, "... o cristianismo, refluxo do budismo, tinha sido artificialmente ligado ‘por copistas malfazejos’ ao ‘Jeovaismo demiúrgico’. O tema do demiurgo, tão importante no Esoterismo, achava aqui uma nova aplicação: os judeus tinham interceptado o raio celeste e tornado necessária esta forma imperfeita e diminuída de conhecimento que foi a Revelação "(J. P. Laurent, Le Sens Caché dans l’oeuvre de René Guénon, p. 53, apud Marie -France James, op. cit. p. 80, nota 34).

No artigo intitulado Le Démiurge, Guénon ensina a Gnose de modo explícito: "Podemos dizer que o Demiurgo cria a Matéria entendendo por essa palavra o cáos primordial que é a reserva comum de todas as formas, depois organiza essa matéria caótica e tenebrosa onde reina a confusão, fazendo surgir dela as formas múltiplas cujo conjunto constitui a criação" (T. Palingenius, aliás, René Guénon, Le Démiurge, artigo publicado originalmente na revista La Gnose n o 1, p. 4).

Não há dúvida então que T. Palingenius, Bispo da Igreja Gnóstica, era um gnóstico. (E o "T." significava bem sintomaticamente Tau..."Á bon entendeur...").

Quem tiver ouvidos para entender, que entenda.

Seria preciso citar o artigo de Guénon na íntegra, tanto ele é interessante para provar que ele é gnóstico. Limitemo-nos a algumas passagens.:

"Considerado como criador, o Demiurgo produz primeiro a divisão, e não é realmente distinto dela, já que só existe enquanto a divisão mesma existe; depois, como a divisão é a fonte da existência individual e essa vem definida pela forma, o Demiurgo deve ser considerado como formador e então é idêntico a Adam Protoplastas, tal como vimos"(René Guénon, Le Démiurge, p. 4).
Também Nasr considera que o mundo - produção do Demiurgo - é mau, e que o homem deve buscar libertar-se dele, da mesma forma que era preconizada pelo maniqueísmo e pelo budismo:

"O ponto de vista do maniqueísmo, que vê o mundo como mau ao invés de bom, é primeiramente iniciático e não metafísico, ou seja, começa com o objetivo não de entender a natureza das coisas, mas de fornecer uma via para escapar da prisão da existência material. O budismo possui uma perspectiva prática similar mas, é claro, com um pano de fundo metafísico diferente, à medida que pertence a um universo espiritual diferente." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, State University of New York Press, 1989, p. 156, nota 13)

Veja, meu prezado Felipe, como Guénon considera o Demiurgo criador - isto é, o Deus que a Igreja Católica adora - como mau:

"Isso nos leva a considerar ao Demiurgo como um reflexo tenebroso e invertido do Ser, já que na realidade não pode ser outra coisa".(R Guénon, Le Démiurge, p. 4).

Essa asserção de Guénon - a quem Olavo não quis reconhecer como gnóstico, e de quem se fez defensor e divulgador - nos leva a indagar: será que Guénon, como muitos outros gnósticos, julgava que o demiurgo era, de fato, o deus do mal.? Será que ele identificava Yahwé a Lúcifer?

Ora, nesse mesmo artigo, Guénon escreveu:

"Desde um ponto de vista geral, o Demiurgo, convertido em uma potência distinta e considerado como tal, é o "príncipe deste mundo" de que se fala no Evangelho de São João " (R. Guénon, Le Démiurge, p. 4. O negrito é meu).

Todos os intérpretes do Evangelho sempre disseram que o "Príncipe deste Mundo" do qual falou o mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, no Evangelho de São João, é o próprio demônio, Lúcifer.

Portanto, Guénon considera que o Criador deste mundo material grosseiro foi o diabo, identificando Deus Pai, o Criador, com Lúcifer.

E quando ainda assinava artigos como Bispo da Igreja Gnóstica, Guénon escreveu, tratando da diferença entre o Grande Arquiteto do Universo e o Demiurgo:

"Isso basta para marcar a profunda diferença entre o Grande Arquiteto da Maçonaria, de um lado, e, de outro, os deuses das diversas religiões, que não são todos senão aspetos diversos do Demiurgo" (Palingenius, aliás, René Guénon, La Gnose, Julho - Agosto de 1911; apud Marie-France James, op. cit. p. 131, nota 30).

Portanto, para Guénon, o Deus Criador da Bíblia, para ele, era o demiurgo causador do mal pela criação do universo material.

Está então provado que Guénon defende exatamente o segundo item citado por Olavo como fundamental da doutrina gnóstica. René Guénon é, pois, um gnóstico.

E Olavo de Carvalho defendeu Guénon, se declara continuador e divulgador de seu pensamento, nunca condenou essa blasfêmia de Guénon, não quis reconhecer que ele é um gnóstico, e omitiu que Guénon foi Bispo da Igreja Gnóstica.

Por que Olavo fez tudo isso?

Mas Olavo de Carvalho não se limitou a fazer tudo isso. Ele elogiou o artigo Le Démiurge de Guénon, assumindo a sua doutrina.

"Talvez a amostra mais contundente da coerência da obra guénoniana seja o fato de que, no seu primeiro artigo, publicado em 1909 (Le Démiurge), Guénon já tenha definido, de maneira taxativa, tanto a sua posição quanto a do adversário: e daí até a sua morte, em 1951, Guénon permanecerá, sem nenhuma alteração doutrinária, o defensor da Unidade contra "o espírito de negação e de revolta", da parte contra o todo e do relativo contra o Absoluto, o qual espírito personificado, recebe na tradição semítica o nome de Shatan, Shaitan, ou Satã, termos que querem dizer precisamente" o Adversário " (Olavo de Carvalho, O Homem e sua lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação, in revista Planeta, no 107, agosto de 1981, p. 17).

Portanto, Olavo de Carvalho adere à doutrina gnóstica exposta pelo Bispo Gnóstico Palingenius - Guénon de que o Criador do Universo - o Demiurgo - é para ele também o "Adversário", Satã, o revoltado contra a Unidade, contra o Absoluto, contra a Divindade Incognoscível.

E por essa citação do próprio Olavo de Carvalho fica provado, mais uma vez, que ele também tem uma doutrina gnóstica. E bastaria este ponto: o de identificar o Criador, o Demiurgo, com Satã, o Adversário, com Lúcifer, para que ele seja um verdadeiro e completo defensor da Gnose.

Olavo de Carvalho, também, é gnóstico.

Para bom entendedor, bastaria essa citação de Olavo, para compreender que ele é adepto da Gnose.

Entretanto, daremos alguns textos a mais de Olavo, para confirmar o que está para lá de evidente no texto acima sobre a identificação do Demiurgo com Satã.

A Gnose pretende que toda a criação é fruto de uma queda da própria Divindade que se teria tornado prisioneira no universo material criado pelo demiurgo. Por isso, a Gnose apresenta as esferas cósmicas como verdadeiras "muralhas" orbitais do grande cárcere do universo. Essas órbitas planetárias ou astrais seriam guardadas pelos servos do Demiurgo, os Arcontes, ou espíritos planetários, demônios que impediriam o retorno das partículas divinas (âtmâs) ao pléroma divino.

A criação teria sido uma queda da Divindade, e isto seria a causa de todo o mal do universo. A criação teria sido um drama teo cosmogônico. Para os gnósticos, enquanto estão presas no universo material, as partículas divinas - os âtmâs, os "primum" de Ibn Arabi, os éons da Gnose antiga, etc.-- estão no reino da dor e do sofrimento, no túmulo da matéria, onde foram encarceradas pelo Demiurgo, isto é, pelo "Adversário."

"(...) essa separação dos caminhos [o do Conhecimento e o da ciência] sem cruzamento acha sua origem, para o cristianismo e para o judaísmo, no seio de um drama ético cuja responsabilidade, a do pecado, cabe ao homem, enquanto que, para a Gnose, o drama se dá, e foi sempre, e está já atado, dando-se fora do tempo na esfera do divino. No Primeiro caso, a criação, foi humanamente corrompida, enquanto que, no segundo, essa corrupção é o fruto de uma deficiência não mais ética, mas ontológica: para os gnósticos, se a criação é má e corrompida, ele o é porque é a criação de um deus que não é verdadeiramente Deus, a gnose introduz uma distinção entre o demiurgo e o Deus verdadeiro" (Michel Barat, Le Dualisme de la Gnose et L ‘Image Symboliquemente double de la Femme, in Les Cahiers Jean Scot Erigène, I, Images de l’Homme e Iniciation, ed. Loge d’Etudes et de Recherche Jean Scot Erigène, Parois, 1988, pp. 36-37).

Já citamos e explicamos a frase abstrusamente arrevesada de Olavo que alude à queda da Divindade como causa e raiz do mal do universo criado:

"A psicologia astrológica (sic!?) é uma teoria do sentido do sofrimento e da raiz deste último nas polarizações que cosmogonicamente desdobram o orbe manifesto a partir da unidade do ser" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, Nova Stella, São Paulo, 1985, p. 65).

Essa mesma tese da unidade do ser é proclamada por Olavo, de modo ambíguo, ao escrever:

"Ser e unidade são sinônimos. Ser é ser um" (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 26).

É claro que essas frase devem ser entendidas no contexto da doutrina exposta por Guénon, por Ibn Arabi e pelos outros mestres de Olavo, e não num contexto metafísico tomista a respeito dos transcendentais do ser, a respeito do ens e do unum. É no contexto da doutrina sufi e hinduísta da unidade e da unicidade do ser que deve ser compreendida essa citação de Olavo de ser como sinônimo de unidade.

Como todo gnóstico, Olavo desvaloriza o mundo material concreto, assim como as ciências naturais que permitem conhecê-lo, preferindo as "ciências esotéricas tradicionais", as ciências ocultas da Gnose, a Alquimia, a Astrologia etc. Por essa razão diz Olavo que "a experiência concreta é destituída de verdade, destituída de sentido".

"Ora, os princípios universais geralmente chegam a nosso conhecimento unicamente através de fórmulas abstratas, de modo que nos encontramos sempre divididos entre uma verdade universal e abstrata e uma experiência concreta destituída de verdade e de sentido" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, ed cit. p. 41).

Daí, ele falar também da "opacidade dos dados fenomênicos sensíveis" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 50). Por isso também ele opõe a intuição tradicional que dá a Sabedoria ou Gnose à Filosofia racional que se fundamenta numa análise dos dados materiais destituídos de verdade e de sentido. Para Guénon, que normalmente é seguido nesse ponto por seus discípulos tradicionalistas, a "Metafísica" é sobrenatural" (R. Guénon, A Metafísica Oriental, tradução de Olavo de Carvalho, p.19-20), ela está "além da natureza" (Op. cit., p. 17), está "além do ser" (op., cit p. 21).

Daí, Guénon fazer restrição até mesmo a Aristóteles, dizendo que "Assim, quando Aristóteles encarava a metafísica como o conhecimento do ser enquanto ser, ele a identificava com a ontologia, isto é, tomava a parte pelo todo" (René Guénon, A Metafísica Oriental, tradução de Olavo de Carvalho, p. 21), para concluir que a metafísica de Aristóteles é "parcial" e "incompleta por limitar-se ao ser" (R. Guénon, A Metafísica Oriental, p. 26).

Evidentemente, Guénon toma o termo "Metafísica" como sinônimo de Gnose, caso contrário, seria o cúmulo da pretensão ele querer criticar Aristóteles enquanto Metafísico.

A Metafísica "tradicional" - a esotérica - não seria filosofia: "não é um conhecimento puramente humano e racional". "(...) um conhecimento de ordem natural, um saber profano e exterior; não é de nada disso que desejamos falar. Tomamos, então, "metafísica" como sinônimo de "sobrenatural? Aceitaríamos de bom grado tal assimilação, de vez que, enquanto não ultrapassamos a natureza, isto é, o mundo manifesto em toda a sua extensão (e não apenas o mundo sensível, que não é, dele, senão um elemento infinitesimal), estamos ainda no domínio da física; o que é metafísico, como dissemos, é aquilo que está além da natureza, é portanto, propriamente o "sobrenatural "(René Guénon, A Metafísica Oriental, pp.19- 20. Tradução de Olavo de Carvalho).

Todo esse desprezo de Guénon pela Física e pela Metafísica aristotélica provém exatamente da consideração de que o mundo material seria ilusório, valendo apenas como manifestação do mundo divino.

Guénon vai defender uma "Metafísica" supra racional, sobrenatural, contra a Metafísica racional, aristotélica. Do mesmo modo, como toda a Gnose, valorizará as ciências esotéricas em detrimento das ciências naturais. O mesmo faz Olavo, ao defender a Astrologia e a Alquimia, que, como veremos, se fundamentam na Gnose.

Sobre o desprezo das ciências naturais, e a preferência pelas ciências esotéricas, veremos outro textos mais adiante. Aqui, só colocamos esses pontos como comprovação de uma concepção negativa do mundo, típica da Gnose.

VI - O 3º Item fundamental da Gnose, segundo Olavo de Carvalho

"A oposição irrecorrível do corpo e da alma, donde a concepção da alma como prisioneira do corpo material".

VI - 1. Um Erro de Olavo

Nessa redação de seu terceiro item da Gnose, O de C. cometeu um erro grosseiro. A Gnose jamais afirmou que a oposição é entre a alma e o corpo. Ela vai mais longe. A oposição que ela afirma é entre o espírito divino (pneuma) aprisionado quer no corpo material (hylé), quer na alma (psyché). E que essa oposição é de ordem metafísica.

Para a Gnose, o homem é um ser composto de três elementos distintos:

1) corpo material; 2) alma racional; 3) espírito divino (pneuma).

Sendo que o "pneuma", repetimos, se oporia tanto à alma, quanto ao corpo.

Como Olavo cometeu esse erro primário? Pois é claro que ele sabe que a Gnose não diz o que ele escreveu nesse terceiro item.

Não se pode dizer que ele não tenha compreendido a Gnose, pois é inteligente.

Teria errado por estar enfurecido? Por estar "hidrófobo", como ele costuma dizer?

Ou teria caído em equívoco por falta de precisão, falha comum em um jornalista autodidata?

Não quero pensar que ele tenha errado de propósito.

Até mesmo uma enciclopédia popular deve dizer que a Gnose considera que a Divindade, ao cair no mundo material, se dividiu, ficando em cada ser, aprisionada uma partícula divina. Para a Gnose cristã, essa partícula divina se chamava éon, ou pneuma; na Gnose hindu era o âtmâ; na Gnose islâmica de Ibn Arabi, era o "primum", e na de Averróes, era o "intelecto agente"; na gnose de Mestre Eckhart, era a "Fünkenlein", a chamazinha divina; para Teilhard de Chardin, era a "consciência"; para Jung, e para Guénon o "Si" ou Moi (Self), etc.

Conseqüentemente, o homem seria formado por três elementos:
1) corpo material mau e ilusório;
2) alma racional enganadora;
3) espírito divino, qualquer que seja o nome que as diversas seitas dêem a esse espírito.

VI - 2. A alma (inteligência, vontade) como prisão da partícula divina
Para a Gnose, a alma racional teria sido criada pelo Demiurgo mau, para ajudar a manter o éon aprisionado. A inteligência, ao compreender o mundo material, feito inteligível pelo Demiurgo, se compraz nele, julgando-o, então, bom, e não querendo sair dele. A inteligência racional, ao fazer abstrações, recorta a realidade única, a unidade fundamental do Ser, em uma multidão de conceitos, levando o homem à ilusão de que existe uma infinidade de seres individuais. A razão enganaria o homem. Abstrair seria o grande pecado da inteligência racional.

"Os piores inimigos do zen são as palavras e a razão discursiva que velam o conhecimento intuitivo, objetivo que exalta, direto e instantâneo"(Luc Benoist, El Esoterismo, ed. cit., p. 29). E o zen é gnóstico.

"A ciência moderna, pelo contrário, tem por instrumento dialético a razão e por domínio o geral. A razão não é senão um instrumento vinculado à linguagem para todos os fins, que permite respeitar as regras da lógica e da gramática sem simplificar nem garantir nenhuma espécie de certeza quanto à realidade de suas conclusões e muito menos de suas premissas. Efetivamente, a razão é apenas um meio puramente discursivo e dedutivo, um habitus conclusionis diria um escolástico, que não chega até às causas". (Luc Benoist, El Esoterismo, p. 5).

Abstraindo, a razão distingue sujeito conhecedor e objeto conhecido, separando, portanto, a realidade única do Ser, dividindo o Ser. Só quando o homem conhecesse que o sujeito conhecedor é o mesmo objeto conhecido, só então ele realizaria que o Ser é um só. A libertação da prisão da razão e da matéria individualizante se daria quando o homem conhecesse que ele (como sujeito conhecedor) se identifica com a Divindade (objeto conhecido). Quando ele fizesse essa identificação, ele teria o conhecimento absoluto que o identificaria com a Divindade, e mesmo, com todas as consciências, agora divididas nas coisas criadas. Realizando, pelo conhecimento, essa união de sujeito (homem) com o objeto (Divindade), ele teria a unidade do conhecimento, na unidade da consciência e de todas as consciências. Que é exatamente o que Olavo de Carvalho chama de "filosofia" :

Filosofia é "a unidade do conhecimento realizada na unidade da consciência, e vice versa"(Olavo de Carvalho, aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, Junho de 1998, Bloco 8).

E que divertido é o exótico "vice versa" dessa definição!...

Se já era perplexitante a definição, que dirá ela posta no avesso por esse surpreendente vice versa?

Que estranha definição de Filosofia a de Olavo. Filosofia da qual ele próprio confessa expressamente que, em seus livros, deixou subentendido o seu real significado, que ele não deixou muito "explicitado":

"(...) a maior parte de meus livros publicados trata apenas de crítica cultural, com uma filosofia subentendida mas não muito explicitada" (Olavo de Carvalho, Entrevista ao Embaixador Caius Traian Dragomir, novembro de 1998, p. 2).

Nessa mesma entrevista, Olavo explica:

" Isto colocava enfim a questão do conhecimento como sistema orgânico, ou da unidade do conhecimento (sic!). Quando digo que essa unidade deve ser do tipo sistêmico - e não apenas sistemático --, subentendo que não pode tomar a forma de um sistema dedutivo, como no racionalismo clássico, mas sim a de uma unidade vivente (sic!) que se identifica em última análise, com a unidade de um ente vivo e consciente: o indivíduo humano real, unidade psico física e espiritual, é o padrão da unidade do conhecimento" (Olavo de Carvalho, Entrevista ao Embaixador Caius Traian Dragomir, novembro de 1998, p. 2).

Que significa esse charabiá?

A "unidade do conhecimento" não seria do tipo racionalista clássico, dedutiva, mas seria "unidade vivente" (sic!). E que significa isso? Que está subentendido nisso?

E que quer dizer: a unidade do conhecimento se "identifica com o indivíduo humano real, unidade psico física e espiritual", que "é o padrão da unidade do conhecimento"?

Haveria indivíduos humanos irreais? Que está "subentendido" nessa estranha conceituação de Filosofia?

A definição de Filosofia de Olavo de Carvalho só pode ser entendida num sistema de pensamento irracional e gnóstico, pois identifica a consciência do sujeito conhecedor com o objeto conhecido (Deus), num Conhecimento único. A Unidade da consciência do indivíduo humano com a Divindade e com todos os seres, daria a unidade do Conhecimento, e a unidade do Conhecimento causaria a unidade da consciência. Está aí explicada a abstrusa definição de Filosofia de Olavo de Carvalho, da qual ele tanto se orgulha, e que ele confessa não ter explicitada inteiramente em seus livros, pois contém algo "subentendido".

Você terá uma confirmação disso que afirmo, caro Felipe, nos livros do próprio Olavo.

Primeiro, no Astrologia e Religião (p.11) ele diz que "O esoterismo é(...) o conhecimento e a realização da unidade". E vimos já que o conhecimento proporcionado pelo esoterismo é a Gnose.

Segundo, numa aula dele, na qual ele afirma: "a Filosofia no sentido mais puro", buscando "a unidade do conhecimento" encontra Deus no mais fundo da consciência humana (Cfr. Olavo de Carvalho, Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, bloco 8, junho de 1998, p. 15).

Ora, afirma Olavo que há uma unidade do conhecedor e do objeto conhecido como se isso fosse uma novidade descoberta por ele ou por seus mestres "tradicionalistas", mas, ao dizer isso, Olavo está, de fato, repetindo o que diziam os gnósticos românticos.

"Se nós chamamos subjetivo aquele que conhece, e objetivo o que é conhecido, então o conhecer autêntico (das Wahre Erkenen) ou o em si do conhecer(das an-sich des Erkenens), não é nem um, nem o outro, nem um sujeito cognoscente, nem um objeto conhecido, mas a unidade absoluta de ambos. A oposição entre subjetividade e objetividade não é, portanto, uma oposição real; a verdadeira realidade só se encontra onde esta oposição desaparece totalmente" (Heinrich Steffens, Grundzüge der philosophischen Naturwissenschaft, Berlin, 1806, apud Georges Gusdorf, Le Romantisme, Payot, Paris, 1993, Vol. I, p. 489).

E concluindo do que citou de Steffens, diz Gusdorf: "A diversidade de ser e a unidade do pensamento devem fundir-se para que advenha o conhecimento pleno"(G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 489).

Esse conhecimento pleno, também para os românticos, era a Gnose:

"As denominações "filosofia transcendental", "filosofia da identidade", "dialética" propõem soluções diversas ao problema insolúvel das relações entre sujeito e objeto, entre o real e o verdadeiro, entre a consciência humana e a consciência divina"(G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 489).

Essa união - ou melhor, identificação - do sujeito conhecedor e do objeto conhecido, quer seja o objeto uma criatura, quer seja a própria Divindade, faz da filosofia romântica uma forma de Gnose.

Veja, meu caro Felipe, estas outras citações de Steffens e de Gusdorf, como se coadunam com a doutrina de Guénon e de Olavo:

"A verdade não é uma construção do espírito, mas uma reintegração na totalidade, uma reconciliação dos opostos; o sujeito e o objeto só se excluem num primeiro momento em que as evidências da separação superam as invidências unitivas"(G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 380).

"A consciência é a revelação do infinito no finito, a tensão entre o infinito interior do Eu [sujeito] e o infinito exterior do Universo, tensão afirmada no espaço interior"(Steffens, Gurnzüg der philosophischen Naturwissenschaft, Berlim, 1806, Einleitung, p. 202) "A consciência em questão não é uma simples apercepção psicológica, mas antes um órgão ontológico. "Graças à consciência se afirma a cada instante o infinito, isto é, a totalidade, a oposição entre o exterior e o interior é superada" (Steffens, op. cit., p. 205, apud Gusdorf, op. cit., Vol I, p. 381).

Veja, caro Felipe, como Gusdorf explicita o mesmo pensamento de Olavo, ao expor a filosofia dos românticos sobre a união entre sujeito e objeto:

"O saber se realiza na fusão conjugal da subjetividade e da objetividade; na linguagem do Antigo Testamento, "conhecer" uma mulher, é unir-se carnalmente a ela" (G. Gusdorf, op. cit. Vol I, p. 358).

É claro que essa doutrina da fusão do sujeito com o objeto é oposta ao princípio de contradição, e admite a dialética gnóstica da igualdade dos contrários (Yin e Yang). É o que pretendia o grande mestre da Gnose romântica, Novalis:

"Destruir o princípio de contradição, tal é talvez a mais alta tarefa da lógica superior"(Novalis, L’Encyclopédie, fragments, ed. Wasmuth, tr, Gandillac, ed. de Minuit, 1966, 128, p. 64, apud G. Gusdorf op. cit, Vol. I, p. 193).

Talvez você queira uma comprovação de que a filosofia romântica era Gnóstica. Veja como Gusdorf admite francamente isso:

"Existe uma relação entre a função mítica e a gnose, especulação meta- religiosa que se aventura além dos limites prudentes dos territórios eclesiásticos. O saber gnóstico, transmitido pela iniciação, assegura aos depositários dos segredos escatológicos o benefício da salvação eterna. A gnose se apresenta sob a forma de parábolas, confiadas aos homens por uma benevolência divina, cuja luz intrínseca desenlaça as contradições do real. O mito gnóstico do andrógino, evocação de uma unidade originária dos sexos, anterior à sua dissociação, propõe, por exemplo, uma inteligibilidade adaptada às delícias, paixões e horrores do amor. Os românticos recorreram a este arquétipo existencial para justificar o injustificável nas paixões da humanidade. A situação gnóstica da razão ultrapassada e confundida é por excelência uma situação romântica; o romantismo é uma renascença gnóstica, vaga de fundo que submerge as seqüelas da filosofia das luzes" (G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol I, pp. 511-512. O negrito é meu).

Quer outra?

"O saber romântico é uma gnose, em busca de evidências ocultas reveladas àqueles que são dignos de serem iniciados nos segredos do ser" (G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 386).

"A possibilidade de ascenção ao saber total caracteriza o gnosticismo romântico"(G. Gusdorf, Le Romantisme, vol. I, p. 411). E note, meu caro Felipe, que também Gusdorf usa o termo gnosticismo como equivalente de Gnose.

"A doutrina gnóstica da revelação como experiência íntima de uma verdade transformante que conduz à salvação por vias que escapam ao controle do entendimento é um elemento da ontologia romântica"(G.Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 635).

(Voltaremos mais adiante - no item VI-4 - à definição de Filosofia de Olavo, para mostrar, ainda mais claramente, que ela tem caráter gnóstico.

Não só a inteligência enganaria o homem. A vontade faria outro tanto.

A vontade enganaria o homem ao tomar cada ser individual como real, bom e desejável. Na realidade, todas as coisas materiais seriam pura ilusão. O mundo das manifestações seria falso, ilusório. Querer seria o pecado da vontade. Daí a pregação da indiferença absoluta diante do mundo, a negação absoluta do querer como necessária para a libertação, preconizada por muitas doutrinas gnósticas, como, por exemplo, a hinduista, a budista e a de Mestre Eckhart.

Essa condenação do querer, essa recusa em aceitar a vontade e o bonum dos seres criados, leva a Gnose ou à ascese absoluta pela recusa de toda criatura, ou ao antinomismo, pelo abuso das criaturas, ao odiar toda a lei imposta pelo Demiurgo ao mundo criado. Para a Gnose, a salvação - a Libertação-- não se obtém pela obediência a mandamentos, pela virtude ou santidade. Basta o Conhecimento. O Conhecimento (Gnose) --que Olavo chama também de Metafísica ou Sabedoria (Cfr. Aula do Bloco 8 de Olavo de Carvalho - Crítica e Conselhos à Igreja Católica - que citei em carta precedente, na qual Olavo ataca a Moral e a virtude como "bobagem").

Também Guénon recusa a Moral em sentido comum:

"Para começar, se estaria tentado a dizer o seguinte: se a distinção entre o Bem e o Mal é ilusória, se em realidade não existe, o mesmo deve suceder com a moral, pois é evidente que a moral está baseada nesta distinção, a qual considera essencial. Isto seria ir demasiado longe; a moral existe,

mas na mesma medida que a distinção entre o Bem e o Mal, quer dizer, para tudo o que pertence ao domínio do demiurgo; desde o ponto de vista universal, não teria nenhuma razão de ser" (R. Guénon, Le Démiurge, p. 8)

Repare como Guénon é cauteloso: ele nega a Moral, depois recua, e afinal diz que ela só vale no domínio do Demiurgo, que ele chamou de "Príncipe deste mundo (o demônio). E conclui que fora dos domínios do Demiurgo - que é o que realmente vale, segundo ele-- a moral "não teria nenhuma razão de ser".

Logo depois Guénon escreve: "Isso indica que há de se ter muito cuidado em não confundir os diversos planos do universo, pois o que se diz de um poderia não ser verdadeiro para o outro. Assim, a moral existe necessariamente no plano social, que é essencialmente o domínio da ação; mas não quando se considera o plano metafísico ou universal, posto que então já não há ação"(R. Guénon, Le Démiurge, p. 8).

Será preciso salientar que Guénon defende a dupla verdade, e, em conseqüência, a dupla moral? Ou que ele, de fato, nega toda a moral, porque ela só teria validade no plano da ação, que ele considera absolutamente ilusório e falso?

Seria preciso sublinhar que Guénon, no máximo, defende que pode existir uma moral para a vida social, e outra para os que atingiram a unidade pelo conhecimento? Portanto, que existiriam duas morais?

Ora, a defesa de duas morais é típica dos movimentos gnósticos: uma moral para os homens "materiais"(os Hylikoi) e outra para os que alcançaram o Conhecimento (os Pneumatikoi). No Islam, por exemplo, enquanto os homens comuns ficam proibidos de tomar vinho, para o sufi, o vinho pode ser permitido.

Essa libertação da lei e essa duplicidade moral são permitidas aos que alcançaram o Conhecimento: da idéia que o bem é desconhecido resulta a liberdade do gnóstico. Não há para ele atos permitidos ou proibidos em geral. O importante é conhecer" (Simone de Pétrement, Le Dualisme chez Platon, les Gnostiques et Manichéens, Puf, Paris, 1947, p. 267).

VI - 3. As partículas divinas encarceradas nos seres criados

Toda essa doutrina das partículas divinas aprisionadas na matéria, no corpo, e na alma humana, é defendida por René Guénon e por seus seguidores da corrente "perenialista" ou "tradicionalista".

A documentação sobre esse ponto da doutrina gnóstica nos "perennialists" é bastante grande. Dela citarei apenas o que é mais explícito,, pois esta carta não é uma tese de doutorado.

Comecemos por Guénon, analisando sua condenação da individuação e a encarnação.

"Convém insistir muito particularmente na natureza essencialmente supra --individual do intelecto puro; por outro lado, somente o que pertence a esta ordem pode ser verdadeiramente chamado "transcendente", não podendo normalmente este termo aplicar-se senão ao que está além do domínio individual. O intelecto jamais está então individualizado; (...) o espirito jamais está realmente "encarnado", o que por outro lado é igualmente certo em todas as acepções em que a palavra "espírito" pode ser legitimamente tomada. Resulta disto que a distinção existente entre o espírito e os elementos de ordem individual é muito mais profunda que todas aquelas que podem estabelecer-se entre estes últimos, e especialmente entre os elementos psíquicos e os corporais, isto

é, entre os que pertencem respectivamente à manifestação sutil e à manifestação grosseira, que em suma não são senão modalidades da manifestação formal" (René Guénon, Espírito e Intelecto, in Mélanges, cap. III, ed cit p. 49-50. A tradução e os negritos são nossos).

Desse texto convém salientar alguns pontos:

1) Que, segundo Guénon, "o espírito jamais está realmente encarnado".
O que resulta numa negação implícita da Encarnação do Verbo. Isso não espanta, dada a adesão de Guénon ao maometismo. E com isso ele nega também a Divindade de Jesus Cristo e a Redenção por Ele realizada.

2) "O intelecto jamais está então individualizado".
Portanto, para Guénon, existe um só intelecto, e esse único intelecto é o Intelecto divino, tal qual dizia o mono psiquismo da Gnose árabe.

3) O intelecto se opõe quer à alma, quer ao corpo, tal qual ensinam todos as escolas gnósticas.

4) Que a "distinção" entre o "espírito"(o intelecto ou o Si) e os elementos individuais, psíquicos e corporais, é muito maior do que a existente entre alma e corpo. Exatamente como colocamos que a Gnose faz. E como Olavo deveria tê-lo feito neste 3º item.

Portanto, Guénon é um gnóstico.

Vejamos outros textos elucidativos de Guénon e de sua Gnose.

"Imaginando-se que é a alma individual, o homem se apavora, como alguém que toma, por engano, um pedaço de corda por uma serpente; mas seu temor é afastado pela percepção de que ele não é a alma, mas o Espírito universal" (R. Guénon, Le Démiurge, p. 6).

Veja, paciente Felipe, outra prova da Gnose de Guénon: o espírito do homem não é pessoal; é o próprio Espírito universal.

Repare ainda como Guénon deixa clara a oposição do "Espírito" não só ao corpo, como também à alma.

Ele vai deixar isso ainda mais patente nesta outra passagem:

"Aquele que tomou consciência dos dois Mundos manifestados, quer dizer, do Mundo hylico - conjunto das manifestações grosseiras ou materiais --, e do Mundo psíquico, - conjunto das manifestações sutis --, é nascido duas vezes, Dwidja; mas aquele que é consciente do Universo não-manifestado ou do Mundo sem forma, quer dizer, do Mundo pneumático, e que chegou à identificação de si mesmo com o Espírito universal, Atmâ, este, e só este, pode ser chamado de Yogi, que quer dizer, unido ao Espírito universal. O Yogi, cujo intelecto é perfeito, contempla todas as coisas como morando nele mesmo, e assim, pelo olho do Conhecimento, percebe que tudo é Espírito" (René Guénon, Le Démiurge, p. 6-7).

Perdoe-me estar a todo momento chamando a sua atenção, mas é que em carta tão longa e tão tediosa, em assunto tão árido e rebarbativo, é fácil perder os pormenores. E, como não só você lerá esta carta, mas também muitos dos assustadiços e perplexos alunos do Olavo, que conhecem menos claramente estes temas, vejo-me obrigado a salientar pontos mais importantes, ou mais obscuros.

Veja então, na citação acima, como Guénon reconhece a existência de três mundos, exatamente como faz a Gnose:
1) O Mundo Hylico ou da Matéria grosseira-- Mundo Hílico
2) Mundo Psykico ou subtil das almas; Mundo Psíquico
3) O mundo do Espírito: Mundo Pneumático.
4) Que o Yogi, o gnóstico pneumático, é aquele que, tomando consciência da unidade do intelecto, se identifica com o Espírito Universal presente em tudo, e realiza a identidade Suprema na unidade do conhecimento e da consciência. Para ele, tudo é Espírito
5) Portanto, a grande oposição não é entre a alma e o corpo, e sim entre o mundo manifestado e o mundo Não Manifestado.

Guénon, Bispo gnóstico, era um gnóstico.

E, para tornar ainda mais claro que ele era realmente gnóstico, Guénon registra pouco depois:

"Acima do Universo Pneumático existe apenas - segundo a doutrina gnóstica - o Pléroma -, que pode considerar-se como constituído pelo conjunto dos atributos da Divindade. Não se trata de um quarto mundo, mas do próprio Espírito universal, Princípio Supremo dos três Mundos, nem manifestado, nem não manifestado, indefinível, inconcebível e incompreensível"(René Guénon, Le Démiurge, p. 7).

Guénon ensina que o "Si" de cada um - o Self, o Moi - "este "Si", ao qual se designa analogicamente por espírito, essência ou com qualquer outro nome, é idêntico à Realidade Absoluta na qual tudo está contido, isto é, o Atmâ supremo e incondicionado"(René Guénon, Espírito e Intelecto, in Mélanges, ed cit.p.52).

Poderia ser Guénon mais explicitamente gnóstico?

No livro L’ homme et son Devenir selon le Vedanta, René Guénon trata num capítulo inteiro sobre a distinção entre o "Si" e o "Eu" (entre o "Soi" e o "Moi"), isto é, entre o eu, enquanto indivíduo material, e a partícula divina - o âtmâ ou "Soi"(Self), que seria o verdadeiro ser do homem.

Nesse capítulo, há um texto intitulado "O Centro Vital do Ser Humano, moradia de Brahma", no qual se pode ler o seguinte:

"O "Si" - [em francês, o "Soi"] - como vimos no que precede, não deve ser distinguido do Atmâ; e, de outro lado, Atmâ é identificado ao próprio Brahma: é o que nós podemos chamar de a "Identidade Suprema" de uma expressão emprestada ao esoterismo islâmico, cuja doutrina, sobre este ponto como sobre muitos outros, e apesar de grandes diferenças na forma, é no fundo a mesma que a da tradição hindu" (René Guénon, L ‘Homme et son Devenir selon le Vedanta, ed Trad., Paris, 1991, p. 41).

Esse texto é bem interessante. Nele Guénon afirma que o "Si" é igual ao Atmâ, que é igual a Brahma. Logo, o centro do homem seria a própria Divindade, já que duas quantidades iguais a uma terceira são iguais entre si. O "Si" é uma partícula de Brahma no homem.

Caberia citar aqui a famosa frase do Upanishad: "Brahma é o teu âtmâ e teu âtmâ é Brahma". Em outras palavras, a partícula divina que está encarcerada no homem é a Divindade, e a Divindade é ela.

Como você vê, de novo, fica patente a Gnose hindu propalada por Guénon.

Considere ainda que Guénon, embora reconhecendo as diferenças de forma entre o Hinduismo e o esoterismo islâmico, julga entretanto que, no fundo, eles são a mesma coisa, isto é, a Gnose de sempre.

Guénon diz mais explicitamente ainda o que já estava bem claro:

"Assim, o que reside no centro vital, do ponto de vista físico, é o Éter; do ponto de vista psíquico, é a "alma vivente", e, até aí, nós não ultrapassamos o domínio das possibilidades individuais; mas também, e sobretudo, do ponto de vista metafísico, é o "Si" [Soi] principial e incondicionado. É portanto verdadeiramente o "espírito Universal" (Atmâ), que é, na realidade, o próprio Brahma, o "Supremo Ordenador"; e assim fica plenamente justificada a designação deste centro como Brahma-pura. Ora, Brahma, considerado deste modo no homem (e se poderia considerá-lo semelhantemente com relação a todo estado de ser), é chamado Purusha, porque ele repousa ou habita na individualidade (trata-se, digamo-lo de novo, da individualidade integral, e não somente da individualidade restrita à sua modalidade corporal) como em uma cidade (puri-shaya), porque puri, em sentido próprio e literal, significa ‘cidade’". (René Guénon, L’Homme et son Devenir selon le Vedanta, p. 46-47).

Veja agora, como Guénon repete o que ensinava a antiga Gnose ou o antigo gnosticismo:

"Purusha, considerado como idêntico à personalidade, é por assim dizer uma porção (ansha) do Supremo Ordenador (o qual entretanto não tem partes sendo absolutamente indivisível e "sem dualidade"), como uma faísca em relação ao fogo (cuja natureza está aliás em cada faísca)"(René Guénon, L’Homme et son Devenir... p. 58).

"Faísca" do fogo! A "Fünkenlein" de Mestre Eckhart!

Exatamente a mesma expressão de Mestre Eckhart, para designar a partícula da Divindade em cada ser criado!

Da Gnose se poderia dizer: "plus ça change, plus c’est toujours la même chose ".

Não se pense, porém, que a partícula divina exista só no ser humano. Para a Gnose, ela existiria em todas as coisas do universo. Para o Vedanta e para Guénon da mesma forma:

"Convém aliás notar que (...) em razão da unidade fundamental do ser em todos os seus estados, deve-se considerar o centro de cada estado no qual se projeta o raio espiritual, como virtualmente senão efetivamente identificado com o centro do ser total; e é pelo quê um estado qualquer, o estado humano também tanto como qualquer outro, pode ser tomado como base para a realização da "Identidade Suprema’"(René Guérnon, L’Homme et son Devenir, p. 72).

Guénon sublinha que não se deve confundir o "Si" com o "Eu", porque o "Eu" está relacionado com a pura individualidade, com a corporeidade, com a manifestação, enquanto o "Si" é relacionado com Brahma, a Divindade. Haveria então oposição entre o ‘Si" e o "Eu", tal qual havia oposição entre a Divindade e o mundo das criaturas.

"Em vez dos termos "Soi" e "Moi", poder-se-ia empregar também os de "personalidade" e "individualidade", com uma reserva, entretanto, porque o "Soi", como nós o explicaremos um pouco mais adiante, pode ser ainda alguma coisa mais que a personalidade" (René Guénon, L’Homme et son Devenir selon le Vedanta, ed. Traditionnelles, Paris, 1991, p.30).

Para Guénon: "O "Soi" é o princípio transcendente e permanente cujo ser manifestado, o ser humano por exemplo, não é senão uma modificação transitória e contingente, modificação que não poderia, aliás, de modo algum afetar o princípio, assim como o explicaremos em seguida" (...)"O "Soi" enquanto tal, jamais é individualizado e não pode jamais o ser, porque devendo ser sempre encarado sob o aspecto da eternidade e da imutabilidade que são os atributos necessários do Ser puro, ele evidentemente não é suscetível de nenhuma particularização, que o tornaria "outro que Si mesmo" (R. Guénon, op. cit., p. 31).

"O "Soi" é assim o princípio pelo qual existem, cada um em seu domínio próprio, todos os estados de ser; e isso deve se entender não só dos estados manifestos dos quais acabamos de falar, individuais como o estado humano ou supra individuais, mas também, se bem que a palavra "existir" se torne então imprópria, do estado não - manifestado, compreendendo todas as possibilidades que não são suscetíveis de nenhuma manifestação, ao mesmo tempo que as próprias possibilidades de manifestação em modo principial;(...)" (René Guénon, L’Homme et son Devenir p. 32).

"O "Soi", considerado em relação a um ser como acabamos de fazer, é propriamente a personalidade"(R. G., op. cit., p. 32) "Essa personalidade é uma determinação imediata, primordial e não particularizada do princípio, que é chamado em sânscrito Atmâ ou Parmâtmâ, e que nós podemos designar, por falta de melhor termo, como "espírito Universal (...)" (Réné Guénon, L’Homme et son Devenir, op. cit., p. 32).

Em tudo haveria uma partícula da Divindade (Brahma).

"Atmâ penetra todas as coisas, que são como suas modificações acidentais, e que, conforme a expressão de Râmânuja, "constituem de algum modo seu corpo (essa palavra devendo ser tomada aqui apenas num sentido puramente analógico), que elas sejam, aliás, de natureza inteligente ou não inteligente", isto é, conforme as concepções ocidentais, "espirituais" tanto quanto "materiais", porque isto, não exprimindo senão uma diversidade de condições na manifestação, não faz nenhuma diferença com relação ao princípio incondicionado e não manifestado" (René Guénon, L ‘Homme et son Devenir selon le Vedanta, p. 33).

Para Guénon, o Intelecto se identifica com o que ele chama de espírito (o pneuma dos gnósticos):

"A conclusão que resulta imediatamente de tudo isso é que, enquanto o ser esteja não só no estado humano mas em qualquer estado manifestado, individual ou supra individual, não pode haver para ele nenhuma diferença efetiva entre seu espírito e o intelecto, nem, em conseqüência, entre espiritualidade e intelectualidade verdadeiras."(René Guénon, Espírito e Intelecto in Mélanges, p.52).

Veja, Felipe, como Guénon usa intelectualidade como sinônimo de espiritualidade, já que, para ele, e para os "tradicionalistas", o Intelecto humano é o Espírito divino, o Logos. Em Guénon, há um tal abuso de termos usados equivocamente que se pode dizer que ele escreve em código... esotérico, e Olavo imita esse código como ele pode.

"O coração é o órgão do Conhecimento, é o órgão do amor espiritual, é o sopro do espírito, o pneuma, a causa de sua relação com a vida. No coração se oculta o princípio divino indestrutível, chamado luz pela Tradição hebréia. É o embrião imortal da Tradição chinesa, aquele ao qual a alma permanece unida durante algum tempo depois da morte" (Luc Benoist, El Esoterismo, p. 10).

Se fossemos citar os textos mais claramente gnósticos das obras de Guénon, seria preciso copiar praticamente livros inteiros. Creio, então, que estas citações já são suficientes para provar que, para Guénon, há uma partícula divina encarcerada em cada coisa criada.
Era o que queríamos demonstrar, neste III item proposto por Olavo.

Logo, Guénon é gnóstico.

Também na Gnose averroísta, se ensina doutrina semelhante a respeito do intelecto. Veja, segundo Etienne Gilson, o que afirmava Averróes (Ibn Rochd) sobre o Intelecto uno e divino.

"Assim, tocando o problema da unidade do intelecto agente, ele (Averróes) declara expressamente isto: per rationem concludo de necessitate, quod intellectus est unus numero, firmiter teneo oppositum per fidem. [Pela razão concluo que necessariamente o intelecto é um só, mas mantenho firmemente, pela fé, o oposto disto]. (Étienne Gilson, La Philosophie au Moyen Âge, Payot, Paris, 1976, vol I, p. 360).

Mais adiante, explica Gilson: "A descrição do mundo de Averróes é suficiente para mostrar que o Intelecto agente é aí na realidade uma substância inteligível separada, isto é, uma Inteligência agente, a mesma para todos os homens" (...) "Tudo o que há no indivíduo de eterno ou de eternizável pertence ao Intelecto agente de pleno direito e só é imortal por sua imortalidade" (E. Gilson, op. cit., vol I, p. 366).

Schuon, defendendo o mono psiquismo averroista, disse: "Toda a certeza - a das evidências lógicas e matemáticas notadamente - surge do Intelecto divino, o único que existe" (F. Schuon, Comprendre L’Islam p. 170). E mais adiante Schuon dirá que o "Intelecto é transpessoal" (F. Schuon, Comprendre L’ Islam, p. 173).

Por isso, Schuon também identifica potencialmente o verdadeiro sujeito humano ao divino:

"A gnose é caracterizada por recorrer à pura metafísica: a distinção entre Atma e Maya e a consciência da identidade potencial entre o sujeito humano, jivatma, e o Sujeito Divino, Paramatma. A via contém por um lado a 'compreensão', e por outro a 'concentração'; portanto, doutrina e método." (Frithjof Schuon, To Have a Center, p. 67-68, capítulo "Gnosis is Not Just Anything", em <http://www.frithjof-schuon.com/NA-gnosis-engl.htm>.).
Em Nasr, encontramos a mesma concepção gnóstica e hermética da composição tripartite do homem, incluindo nele um "espírito" de origem divina.

"Num primeiro nível de compreensão do microcosmo humano, portanto, deve-se levar em consideração a natureza tripartida do ser humano, que consiste em espírito, alma e corpo - os clássicos pneuma, psyché e hylé, ou spiritus, anima e corpus, das tradições ocidentais tanto greco-alexandrinas quanto cristãs - ao menos considerando o hermetismo cristão. A alma é o princípio do corpo, mas no ser humano 'normal' é ela própria subserviente ao espírito e atinge sua salvação e beatitude por meio de seu casamento com o espírito que é tema de tantos textos alquímicos." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, State University of New York Press, 1989, p. 172. O negrito é meu.)

E Nasr, tratando do Hinduísmo, diz que:

"Nesta tradição em que o conhecimento de Deus deveria ser propriamente chamado de autologia em vez de teologia..." (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, University of New York Press, 1989, p.7). Portanto, conhecer-se seria conhecer o próprio Deus. Logo, o conhecimento "tradicional" identifica o homem a Deus.

Também Émile Boutroux - outro autor elogiado por Olavo, como um verdadeiro aristotélico - tem a mesma doutrina sobre a composição do homem e sobre o elemento divino que existiria nele: o "nous"

"O que diferencia o homem dos outros animais é o núus, que nele está unido à alma animal. (...) O núus é o conhecimento dos primeiros princípios. Ele não tem nascimento: é eterno." (Émile Boutroux, Aristóteles, Editora Record, Rio de Janeiro, 2000, p. 109-110.)

E se Olavo foi estudioso, admirador, seguidor de Guénon - e de Schuon, e de Nasr --, se ainda é seu defensor, por que não confessou que Guénon era gnóstico?

Qual o interesse dele em não deixar saber que Guénon é gnóstico?

E o próprio Olavo?

Será que ele discorda da concepção gnóstica de que o homem é composto de alma, corpo, e de um espírito, ou pneuma, divino?

Será que ele discorda da Gnose de Guénon e de Averróes, no que se refere ao intelecto?

Registre-se, para começar, que Olavo afirma uma estranha composição para o ser humano, e, além disso, ele exalta a alma humana, manifestando - ainda que só teoricamente - um certo desprezo pelo corpo:

"De modo que, nessa perspectiva, somente aquilo que é propriamente humano - isto é, caracterizado pelos três atributos que definem o homem: inteligência objetiva, vontade livre e linguagem (sic!) - pode ser reconhecido como pertencente à alma individual, tudo o mais provindo de um resíduo de animalidade no homem, resíduo este que é por sua própria natureza coletivo e impessoal.. A presença de quaisquer elementos animalescos ou diabólicos no homem deve ser vista sempre como uma intrusão, e o invasor deve ser expulso para que a alma individual recupere sua integridade." (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 63).

O texto é, de novo, ambíguo. Nele há um sabor de gnose pelo evidente desprezo do que há de animal no homem, isto é, pelo corpo, e pelo que dele deriva.

Aliás, muito estranha é a colocação da "linguagem" como elemento constitutivo da alma humana, quando a linguagem é uma propriedade e não elemento essencial do homem. Caso se levasse em conta, rigorosamente, o conceito de homem expresso por Olavo, os mudos não seriam homens. O que é evidentemente absurdo.

E Olavo afirma que essas três faculdades são comuns ao homem e a Deus:

"O homem realiza isso [zelar pela ordem cósmica] pelo exercício das três faculdades que ele tem em comum com o próprio Deus: inteligência, vontade e linguagem (sic)". (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 27. O negrito é meu).

Deus, então, teria linguagem?

Repare, Felipe, que Olavo não está aplicando a palavra "linguagem" de modo antropomórfico para Deus, pois ele diz que a linguagem é uma faculdade divina e humana, comum a Deus e ao homem.

Mais, ele diz que tirou isso do Corão!

Todavia não informa seus leitores de que Surata do Corão ele tirou isso. Gostaria de saber em que Surata o Corão afirma isso.

"(...) os três fatores que segundo o Corão definem a condição humana, e que são a inteligência objetiva, (capaz de apreender o absoluto e o relativo), a vontade livre (capaz de optar pelo real e rejeitar o ilusório) e a linguagem lógica (capaz de abstração (sic),isto é de superar a particularidade e de elevar-se ao universal)." (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 59).

Então, o homem teria faculdades em comum com o próprio Deus?

Olavo não ressalva que está se exprimindo analogicamente (No sentido tomista da palavra analogia), de modo que, sem essa ressalva, o ter faculdades em comum com Deus faz do homem um ser divino. Exatamente como pretende a Gnose.

Olavo, também por isso, é gnóstico.

E note que, agora, por essa última citação, para Olavo, a abstração já não seria pecado...

Contradições olavianas.

Para ele, "A inteligência "aparece" na alma, mas não "está" na alma; ela "vê" o mundo e portanto (sic! Olavo deve ter traduzido o "pourtant" francês pelo termo "portanto", em vez de "entretanto". Coisas de auto didata distraído...) não "está" no mundo" (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, Nova Stella, São Paulo, 1986, p.17).

Noutro livreco, ele escreveu um texto que já citei, mas que convém aqui repetir para possíveis maus, ou mais lerdos e "esquecidos" entendedores:

"Pelo fato de que o homem habita simultaneamente muitos planos da realidade --sendo um ente tão corporal quanto o cálcio de seus ossos e tão espiritual quanto a inteligência divina que nele reside (...)" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 49).

Portanto, - e não "pourtant" - Olavo afirma que a inteligência que "habita" o homem, é divina. Portanto, - e não "pourtant"-- a inteligência não é um constitutivo da natureza humana, mas a Inteligência só habita no homem, e ela seria divina. Pensamento que torna Olavo tão gnóstico quanto Guénon.

Para Olavo, há, de fato, um "centro" divino, não só no homem, mas em todas as coisas:

"O centro representa não só o núcleo da consciência do observador como também o alcance universal, divino da consciência individual verdadeiramente centrada em si mesma e identificada com o universo"(Olavo de Carvalho, artigo O que é Afinal este Símbolo dos Símbolos? Mandala, Encontro do Homem com o Universo, in Planeta, no 59, Junho de 1977, p.54. O negrito é meu).
Nessa passagem há mais uma confissão da Gnose de Olavo: ele afirma que há na consciência humana algo de divino, o "centro", que identifica o homem com o universo e com Deus. Exatamente a doutrina da Gnose.

Nesse mesmo artigo, Olavo prossegue sua pregação gnóstica ao escrever:

"Não só o ser humano possui um centro, mas todas as coisas e seres, na medida em que existem, possuem uma presença, um aqui-agora, um "eu" (Esta é uma tese plenamente aceitável em termos de ciência moderna: os gnósticos de Princeton a endossam.) Assim, o centro da realidade universal está por toda a parte, onde quer que exista uma presença. "O centro tem um certo caráter paradoxal. Por um lado, é impossível definí-lo, porque o agora não se deixa agarrar. Por outro, ele é a única realidade concreta, já que todas as coisas que não estão no agora são simples ilações" (Olavo de Carvalho, artigo O que é Afinal este Símbolo dos Símbolos? Mandala... in Planeta, Junho de 1977, no59, p.54).

Desse modo, Olavo ecoa a doutrina de Guénon e do hinduismo de que em tudo há um Atmâ ou "centro", e que este Atmâ é a própria Divindade nas coisas, as quais, sem se considerar o Atmâ ou "centro", são puro nada.

VI - 4. A Libertação pelo Conhecimento

Para libertar-se do Mundo da manifestação, o homem deveria identificar-se com Brahma pelo conhecimento de que o seu "Si" - o seu Intelecto agente - é o próprio Atmâ, o próprio Brahma.

"A realização dessa identidade se opera pelo Yoga, isto é, a união íntima e essencial do ser com o Princípio Divino, ou, se se prefere, com o Universal" (René Guénon, L’Homme et son Devenir..., p. 41).

"A libertação não é, por conseguinte, para o nosso eu, mas para o nosso Si Mesmo [Self] que jamais chega a ser alguém. A libertação nos chega quando deixamos de ser nós mesmos como indivíduos e realizamos a identidade suprema"(Luc Benoist, El Esoterismo, ed. cit., p.26).

Essa união do Atmâ com Brahma se "realiza" quando o homem "efetivamente toma consciência do que é realmente e desde toda a eternidade"(R.G. op. cit. p. 42).

É pois pelo Conhecimento que o homem se liberta de seu estado atual e volta a ser a Divindade.

E isso é Gnose da mais clara.

Veja como é certa minha afirmação:

"Para aproximar-se da Presença invisível e escapar da ilusão de maya[isto é, do mundo material] o hindu considera que nada supera a gnosis, o conhecimento da doutrina"(Luc Benoist, El Esoterismo, p. 25).

Esse Conhecimento Libertador não deve ser confundido com o conhecimento comum, racional, obtido pela abstração ou pelo estudo. É um Conhecimento de outra natureza, que Guénon chama de Conhecimento Intuitivo.

"Ao indicar as características essenciais da metafísica, dissemos que ela constitui um conhecimento intuitivo, isto é, imediato, opondo-se nisto ao conhecimento discursivo e mediato da ordem racional."(René Guénon, Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus, p.183).

Essa intuição - diz Guénon - seria capaz de identificar sujeito e objeto:

"A intuição intelectual é mesmo mais imediata ainda que a intuição sensível, porque ela é além da distinção entre sujeito e objeto que esta última deixa subsistir; ela é tanto o meio do conhecimento

como o próprio conhecimento, e nela sujeito e objeto são unidos e identificados" (René Guénon, Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus, p.183).

Para Guénon, só esse conhecimento intuitivo é real e verdadeiro, e não o conhecimento racional, que seria imperfeito:

"O único conhecimento verdadeiro que existe é aquele que mais ou menos participa da natureza do conhecimento intelectual puro, o conhecimento por excelência. Qualquer outro conhecimento, sendo mais ou menos indireto, tem em suma apenas um valor simbólico ou representativo; não há outro conhecimento verdadeiro e efetivo além daquele que nos permite penetrar na própria natureza das coisas, (...) "(Idem p. 183).

E Guénon tira disso tudo a conseqüência absurda:

"A conseqüência imediata disto é que conhecer e ser são, no fundo, uma só e mesma coisa". (René Guénon, idem p. 183).

E aí está mais uma prova de que a identificação do conhecer e ser não é doutrina original de Olavo: ele a colou de outros gnósticos.

Na realidade, quando se afirma que conhecer é ser, se está equiparando o nosso conhecimento ao do próprio conhecimento divino. Somente em Deus é que o conhecer produz o ser.

Eis o que diz Santo Agostinho:

"Deus não conhece todas as criaturas espirituais e corporais porque elas existem, mas elas existem porque Ele as conhece" (S. Agostinho, De Trinitate, XV.O negrito é meu).

São Tomás, comentando exatamente esse texto que ele cita num sed contra, ensina:

"A ciência de Deus é a causa das coisas. A ciência divina é, em relação aos seres criados, o que a do artífice é em relação ao que ele fabrica.. A ciência do artífice é causa do fabricado, porque o artífice obra guiado por seu pensamento, pelo qual a forma que ele possui em seu entendimento é princípio de sua operação, como o calor é da calefação. Advirta-se, entretanto, que uma forma natural qualquer não é princípio de ação enquanto permanece em seu sujeito dando-lhe o ser, senão enquanto tem tendência a produzir o efeito.

Pois o mesmo acontece coma forma inteligível, que, enquanto está naquele que entende, tampouco é princípio de ação se não se lhe acrescenta tendência a produzir um efeito, coisa que faz com a vontade; pois, devido a que a forma inteligível possa representar uma coisa e sua oposta (já que um só é o conhecimento do que se lhe opõe), nunca produziria um efeito com preferência a outro se não o determinasse um apetite, como diz o Filósofo. Se, pois, não há dúvida que Deus produz as coisas por seu entendimento, já que seu ser é o seu entender, é necessário que a ciência divina seja causa das coisas enquanto leva adjunta a vontade, e por este motivo costuma-se chamá-la de "ciência de aprovação". (São Tomás de Aquino, Suma Teológica, I, q.14, a. 8.O negrito é meu).

Fica então claro: é só em Deus que conhecer é ser.

Voltaremos a esse tema mais adiante.

VI - 5. Eco dessas Doutrinas em Olavo

Se Guénon diz que o Intelecto humano é o próprio Logos divino, e que, por isso, o conhecimento identifica sujeito e objeto; que conhecer é ser; Olavo repetirá, como eco, essas mesmas doutrinas absurdas.

Veja, agora, como se tornam claras certas frases misteriosas e ambíguas de Olavo, à luz da doutrina acima exposta sobre a existência de um núcleo divino no homem e em todas as coisas, e dessa conseqüente teoria do Conhecimento metafísico intuitivo:

"Desdobrado sob a dupla aparência de consciência e de presença, é o mesmo Logos, a mesma Inteligência que se manifesta dentro e em torno de nós, que dialoga consigo sempre que um homem vê uma pedra e a pedra é mostrada ao homem" (Olavo de Carvalho, artigo Lux in Tenebris, in Jornal da Tarde, 25 de Dezembro de 1997. O negrito é meu).

Isso elucida também a causa da estapafúrdia, romântica e gnóstica tese exposta por Olavo - que ele copiou de Guénon - de que há identidade entre sujeito e objeto, pois o Logos, o Verbo, estaria presente no homem e na pedra, sendo, no fundo, a única realidade nesses dois seres, de modo que, quando o homem vê a pedra, o Logos existente no homem dialoga com o Logos existente na pedra, e ele é a única realidade existente em ambos, fazendo identificar sujeito e objeto.

Para não dizer que essa é uma idéia isolada na doutrina de Olavo, cito outra passagem de seus livros:

"O que dá sua coerência e inteireza ao conhecimento é a unidade do sujeito cognoscente, mas não num sentido kantiano, pois não se trata aqui do sujeito individual - ou geral, que é uma simples extensão do individual - e sim do sujeito identificado e reintegrado ao Absoluto; é a unidade da inteligência mesma, não enquanto manifestação individual, mas enquanto participação no Intelecto Agente, à objetividade plena portanto, e, a fortiori (sic) à verdade mesma. A unidade do mundo repousa na unidade do Intelecto, ou Logos, que é a unidade de Deus". (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 63-64. Os itálicos em negrito são meus).

Creio que não é preciso sublinhar que esse texto é completamente averroísta e gnóstico.

Quer mais?

Vá lá.

"Vivemos, movemo-nos e somos dentro (sic) dessa inteligência, pois, suprimida a inteligência, já não temos identidade humana nenhuma, e não somos nada. Se somos (sic) a inteligência, não exercemos a inteligência (...)" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 64. Os negritos são do autor).

Esse aranzel só é compreensível numa visão gnóstica do intelecto.

Ainda em 1997, Olavo permanecia fiel a essa doutrina esotérica:

"Deus não é "exterior" à consciência: é o seu núcleo mais íntimo e pessoal" "Todo ser humano possui esse núcleo". "Descoberto sob a dupla aparência de consciência e de presença, é o mesmo Logos, a mesma Inteligência que se manifesta dentro e em torno de nós, que dialoga comigo sempre que um homem vê uma pedra e a pedra é mostrada ao homem"(Olavo de Carvalho, artigo Lux in Tenebris", in Jornal da Tarde, 25- XII- 1997).

Deus "...se manifesta com todo o seu esplendor na auto realização da consciência humana" (Olavo de Carvalho, Lux in Tenebris, in Jornal da Tarde, 25-XII-1997).

Veja mais esta citação:

"Mas é preciso que este homem de erudição seja ainda um homem de espiritualidade, marcado pela vocação de convergência de todos os conhecimentos na luz unificante do Intellectus primus, ou Logos, ou Verbo divino"(Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 21. Os negritos são do autor).

E não se pretenda dar a essa frase acima uma interpretação benevolamente cristã, porque, para Olavo, como já vimos, o Logos habita todos os homens, é a sua inteligência única.

Quer você uma confirmação disso?

"É possível, ainda, passar da imagem ao conhecimento direto, se formos mais fundo para dentro de nós mesmos, pois ‘nosso intelecto está conjunto à verdade eterna mesma’ "(Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 69)

(Olavo não diz de onde tirou as palavras que coloca entre aspas, e que traduziu mal do francês, pois deveria ter traduzido: "Nosso intelecto está unido à própria verdade eterna", e não como ele fez, traduzindo "conjoint" (unido) por "conjunto").

Como conseqüência dessa noção gnóstica de intelecto, considerado como a partícula da Divindade presente e aprisionada nas criaturas - Olavo vai dizer que até as flores conhecem a seu modo (Cfr. Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 26) --, surgirá a idéia de que o homem pode ter um conhecimento divino, não humano, direto, supra racional, intuitivo, libertador e absoluto. Esse Conhecimento é a Gnose.

Tal conhecimento, de ordem inteiramente superior ao conhecimento racional, normal, se daria por uma tomada de consciência da unidade do intelecto humano com o próprio intelecto divino, a qual seria uma iluminação divina direta e absoluta, uma verdadeira Revelação, no pleno sentido da palavra.

"O revigoramento periódico do contato entre a inteligência e o infinito, que é a sua origem, denomina-se revelação, quando desse contato surgem o rito e uma norma destinada a possibilitar esse contato para um grande número de pessoas; denomina-se intuição intelectual quando ocorre para um indivíduo em particular"(Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 19. Os negritos são do original).

A idéia de revelação expressa nesse texto é a mesma que se encontra na Gnose Modernista.

E pouco adiante, Olavo precisa que essa revelação é a Tradição esotérica, a qual, como já provamos, é a Gnose:

"Não há nem religião nem esoterismo de espécie alguma sem uma revelação. A revelação origina ao mesmo tempo as técnicas e disciplinas que conduzem à intuição, e as normas que conduzem à vivenciação simbólica e indireta do sentido. A estas duas instâncias dá-se o nome de esoterismo e de exoterismo, respectivamente. A possibilidade permanente de efetivar uma dessas duas formas de vida espiritual denomina-se Tradição. Toda Tradição remonta a uma revelação. (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 19. O negrito é do autor).

A revelação primordial poderia ser renovada individualmente por meio de experiências esotéricas, através da "intuição intelectual que constituía um espécie de revelação em miniatura, era esta a função das sociedades esotéricas, (...) "(O de Carvalho, A Crise do Catolicismo, in Planeta, Novembro de 1981, no 110, p. 26. O negrito é meu).

Olavo, repetindo ou colando Guénon, defende um modo de conhecimento que não é o racional, discursivo ou abstrativo. Para ele, o verdadeiro conhecimento seria intuitivo, divino e divinizador:

"Todo homem sente que no seu conhecimento dos objetos particulares há algo de irreal e de precário, e esse algo deriva tanto do caráter ao menos parcialmente 'mental', isto é, hipotético do seu conhecimento, quanto da limitação mesma do seu modo de existência." (Olavo de Carvalho, "Esboço de um Sistema de Filosofia", 21.09.97, p. 10, Parte VII, capítulo 24)

"Pela teoria da tripla intuição (V. O Olho do Sol), vemos que o ato intuitivo é, de fato, o único ato cognitivo que existe. Denomino a esta doutrina intuicionismo radical." (Olavo de Carvalho, "Esboço de um Sistema de Filosofia", 21.09.97, p. 9, Parte VI, capítulo 22. Itálicos e sublinhado do original; negrito nosso.).

Repare então, meu caro Felipe, a modéstia de Olavo ao dizer: "Denomino a esta doutrina intuicionismo radical", como se fosse ele o criador dessa doutrina, que ele colou de Guénon! Exatamente, da página 183 da Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus.

É muita ousadia.

O conhecer - e não o conhecimento - seria a única realidade do homem:

"A suprema realidade do ato do conhecimento não está nem no sujeito nem no objeto, mas no ato de conhecer. O sujeito e o objeto nada mais são, 'em si mesmos', do que potências desse ato. V. a aula 'Ser e conhecer'. Em decorrência, a realização do conhecimento é a única realidade do homem. E o dar-se a conhecer (não somente ao homem, é claro) é a única realidade do objeto." (Olavo de Carvalho, "Esboço de um Sistema de Filosofia", 21.09.97, p. 9, Parte VI, capítulo 21).

Portanto, a única realidade no mundo manifestado, seria não o conhecimento, mas o conhecer. Um verbo, uma ação, e não um substantivo, confirmando a idéia gnóstica de que o ser é fluxo.

Como vimos, esse conhecimento seria esotérico, e não transmissível discursivamente.

Tais práticas esotéricas não podem ser transmitidas por escrito : "Daí por que (sic), vista de fora e sem o apoio da disciplina iniciática (a qual, por razões óbvias, só pode ser dada pessoalmente a cada um, já que implica uma prática metódica, não podendo, por isso, ser exposta por escrito) (...) (Olavo de Carvalho, A Crise do Catolicismo, in Planeta, Novembro de 1981 no 110, p. 27).

Essa revelação obtida pelo Conhecimento intuitivo seria a Tradição - que, como vimos, é a Gnose - e estaria presente em todas as religiões: "Mas, qualquer que seja a religião de que se trate, revelação é o meio pelo qual a Verdade total, universal e definitiva se manifesta e se evidencia aos homens"(Olavo de Carvalho, op. cit. p. 33).

No livro Astros e Símbolos, Olavo diz que a intuição é o contrário da abstração, e que também pela intuição sensível se pode chegar a identificar a parte com o todo, a individualização máxima com a universalização, e que isto é a visão intelectual, que ele relaciona então com a Alquimia. (cfr. Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, pp 70-71).

Como os gnósticos em geral, Olavo desvaloriza a razão dando inteira predominância à inteligência. Ele chega a declarar que a abstração é um pecado.

"Mas a última etapa que absolverá o raciocínio analógico de seu último ranço de abstracionismo, é precisamente a forma suprema de raciocínio, forma essa tão superior a todas as outras, que já representa praticamente uma entrada no mundo da intuição e do conhecimento imediato. A essa forma de raciocínio, denominamos convenientia (...) Quando nosso intelecto chega a essa forma de raciocínio, podemos então começar a compreender a doutrina hindu dos "dias e noites de Brahma", ou a doutrina islâmica da "inspiração e expiração de Deus", como retroação de todos os mundos ao seu princípio, seguida de nova expansão multilateral de manifestação universal. Estamos, assim, às portas da metafísica pura, mas isto será assunto para outra ocasião" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 44. O negrito é do autor).

Repare, meu caro Felipe, que Olavo fala em "absolver" o abstracionismo por seu "ranço", indicando que ele considera a abstração como um verdadeiro pecado

Por isso, ele dirá que o verdadeiro conhecimento - o conhecimento "metafísico", isto é, a Gnose - não pode ser alcançado por meio racional.

"O termo "metafísica" não deve ser aqui entendido da maneira comum e corrente tal como a empregam os professores e manuais de filosofia, mas no sentido propriamente tradicional, que tem nas obras de René Guénon, Titus Burckhardt, Frithjof Schuon, Seyyed Hossein Nasr, Ananda Coomaraswamy e tantos outros, que teremos a ocasião de mencionar.

"Se a metafísica está relacionada ao conhecimento de princípios absolutos, por isso mesmo ela não pode ser realizada por meios unicamente racionais, uma vez que razão, ratio, significa proporcionalidade e, portanto, relatividade" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, pp. 53-54 O negrito é do autor).

Seria então por meio desse conhecimento superior que o homem libertaria seu self, o seu pneuma, do cárcere da matéria e da razão.

O conhecimento a que Olavo se refere é de fato um conhecimento divino e divinizador, e que dá a explicação de sua esotérica definição de Filosofia.

"Buscando-se a unidade do conhecimento dentro da consciência, encontra-se dentro dela algo que não é ela e que a funda naquilo que ela tem de mais íntimo. É a frase de Claudel: Deus é aquele que em mim é mais do que eu mesmo. Ou seja, esse interior do interior do interior da consciência é algo que a transcende. Seria aquele pontinho mais mínimo que ao mesmo tempo é o máximo. Este é um momento particularmente brilhante da filosofia porque é filosofia no sentido mais puro da coisa"(Olavo de Carvalho, aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, junho de 1998, Bloco 8, p. 15).

Isto não é absolutamente Filosofia.

É Gnose.

É esoterismo.

E Olavo o confessa, escrevendo:

"O esoterismo é a ciência universal por excelência, é o conhecimento e a realização da unidade (...)" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 11).

E o tal "pontinho" mais mínimo e máximo no fundo da consciência humana é o que os gnósticos chamavam de éon ou pneuma e que Guénon e o Hinduismo chamam de âtmâ.

E isso também é Gnose.

Vimos que Olavo identifica Tradição, Conhecimento, Sabedoria e Gnose, e que por isso mesmo ele escreveu:

"Para o sábio ou gnóstico, conhecer é ser, e vice versa" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 26. Os negritos são meus).
Para Olavo, então, ser sábio, ser "Filósofo"-- ainda que auto proclamado - é ser gnóstico.

Olavo se auto proclamou "Filósofo", e se considera sábio, porque ele é gnóstico.

Mas, se identificar sábio e gnóstico é dar um passo adiante para compreender o que Olavo deixa subentendido ao expor sua "Filosofia", ainda não progredimos muito na compreensão da afirmação de que todo ser conhece, e que ele só é ser por conhecer. E vice versa.

E ainda tem o vice versa!

De novo um vice versa, que põe o xoró - o incompreensível - no avesso.

Dizendo que conhecer é ser --e vice versa! --, Olavo só repete o que leu em Guénon e em Schuon. (Note-se, porém, que o "explicitador" vice versa é só do Olavo).

Como vimos, quando Olavo diz algo mais estranho, é porque o colou de um de seus mestres esotéricos. Veja essa, que ele confessa ter colado de Schuon.

"Por outro lado, a não-dualidade do conhecer e do ser requer que se entenda o próprio conhecer como um modo de ser. "Ser homem, é conhecer" escreve Frithjof Schuon [in De l’ Unité Transcendente des Religions, cap. IX.] (in Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 25. Os negritos são de Olavo).

E mais:

"Em clima islâmico, a Vontade divina tem em vista, não a priori o sacrifício e o sofrimento como garantias de amor, mas o desenvolvimento da inteligência deiforme (min Rûhl, "de Meu Espírito") determinada, ela, pelo Imutável, e englobando por conseqüência nosso ser, sob pena de "hipocrisia" (nifâq) pois que conhecer é ser; (...)" (F. Schuon, Comprendre l ‘Islam, p. 22).

É praticamente infalível: quando se encontra uma idéia abstrusa nos livros de Olavo, ela é cópia de seus mestres gnósticos. Observe ainda, meu prezado Felipe, que Schuon faz referência à inteligência como deiforme...

Então, para Olavo de Carvalho, - exatamente como para Guénon e Schuon --Conhecer é Ser. E esse conhecimento é que tornaria o homem Sábio ou Gnóstico.

Óbviamente essa tese de que "conhecer é ser" é esdrúxula, e causa perplexidade ao ser lida.

Como se pode entender isso?

É evidente que conhecer não é ser, pois a cadeira em que estou sentado é ser, e entretanto ela não conhece. Para Olavo, porém, ela conhece a seu modo, porque "envia e recebe informações". Todo ente conheceria a seu modo.

"(...) é que todas as modalidades de ser passam a ser entendidas como modalidades de conhecer; por exemplo, as formas existenciais dos entes - a forma dos planetas, dos anjos, das flores e bichos, entendendo-se forma, evidentemente em sentido amplo e estrutural, não restrito e visual - são também suas modalidades de conhecer" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p.26).

Para Olavo, então, a flor, os planetas, os bichos, de certo modo, também conhecem!

Conhecem?

Conhecem o quê?

Conhecem como?

O próprio Olavo vai nos explicar isso:

"De conhecer o quê? A Unidade mesma da qual derivam. Há, por exemplo, modalidades externas e internas de conhecer - a flor não tem interioridade auto consciente, e por isso seu conhecimento da Unidade, ou de Deus, consiste e reside na sua forma corporal (e na função correspondente). O homem tem interioridade auto consciente, e por isso seu conhecimento de Deus não está tanto na sua forma sensível, mas na sua consciência de Deus, e nas conseqüências existenciais que ele tora dessa consciência" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 26).

Então, todas as coisas conhecem "a Unidade de que derivam", isto é, a Divindade. E conhecem a Divindade da qual emanam através do atma, da partícula divina que haveria nelas e nos homens

Quando Guénon, Schuon, Olavo e outros "tradicionalistas" dizem que conhecer é ser, estão, na verdade, equiparando o conhecer humano ao divino. Estão afirmando que o intelecto humano é o próprio intelecto divino. E estão ensinando que é pelo conhecimento que o homem e todas as coisas se identificam com Deus, realizando a unidade das consciências na unidade do Conhecimento. E isso é o que afirma a própria Gnose. Isso é Gnose.

Com todas estas explicitações fica bem mais fácil agora entender o que Olavo quer dizer - deixando subentendido - quando define Filosofia como "a unidade do conhecimento na unidade da consciência, e vice versa".

"Filosofia", - ou sabedoria --para Olavo, é a Gnose. E é por isso que ele afirma que o sábio é o gnóstico.

VII - O 4o item fundamental da Gnose, segundo Olavo de Carvalho

"Expansão da divindade numa série de potências ou Aeons, um processo que, num ponto qualquer do seu desenvolvimento, teria dado errado, ocasionando a criação deste universo mau".

VII - 1. Observações iniciais
Antes de tudo, é preciso notar um erro de posicionamento deste item: é claro que ele deveria ter sido posto como segundo item. Sua colocação em quarto lugar, fere a lógica da exposição, pois já se tratou da evolução da Divindade, e da ação do Demiurgo.

Essa falta de ordem nos quatro itens de Olavo, levará a uma certa repetição dos temas já tratados.

Culpa de Olavo.

Outro ponto importante a reter é que no item IV, tal como foi formulado por Olavo, se fala em "expansão" e em "processo" da Divindade e não em "emanações" da Divindade, como em geral se diz, na Gnose.

Ora, admitir um processo ou evolução interna na Divindade é doutrina típica da Gnose. O que Guénon tem de original, quanto a esse ponto, é a afirmação de que não houve emanação ad extra da Divindade: para ele, o processo se daria apenas ad intra, na Divindade. Por isso, ele recusa usar o termo criação, substituindo-o pelo termo "manifestação".

Que René Guénon aceitava a doutrina de um processo evolutivo na Divindade, a qual teria se desdobrado em uma multidão de princípios intermediários entre ela e o mundo "manifestado", é patente para quem quer que tenha lido seus livros mais importantes.

Para comprovar isso basta ler alguns dos livros dele, tais como: Introdução Geral às Doutrinas Hindus, ou A Metafísica Oriental, ou ainda L’Homme et son Devenir selon le Vedanta, Os Estados Múltiplos do Ser, o Études sur L‘ Hinduisme, o Formes Traditionnlles et Cycles Cosmiques, etc.

Guénon quase que só fala disto. Se fossemos citar todos os textos em que ele expõe essa doutrina dos processos ad intra Divindade, que teriam culminado com a queda provocada pelo Demiurgo, reeditaríamos as suas obras. Portanto, limitar-nos-emos apenas a alguns textos mais significativos.

VII - 2. Guénon e o problema da criação ex nihilo

Antes de citar e examinar os textos de Guénon e de Olavo de Carvalho sobre essa questão, é conveniente colocar alguns pressupostos.
Há fundamentalmente três posições possíveis nesse problema relativo a Deus e à criação:

1) A posição doutrinária do Catolicismo. Conforme a doutrina da Igreja Católica Deus é ato puro, absolutamente perfeito e sem possibilidade de mudança. Por isso Deus assim se definiu: "Eu sou aquele que é "(Ex, III, 14), isto é, o Ser absoluto, imóvel, o Ato puro. Por isso também Deus disse: "Eu sou Deus e não mudo "(Mal. III, 6). Por isso, ainda, Deus, salientando que Ele é absolutamente transcendente ao mundo criado, afirmou: "Deus não é como o homem capaz de mentir, nem como o filho do homem sujeito a mudanças"(Num. XXIII, 19). Essas verdades são completamente negadas por Guénon.

Além disso, a doutrina Católica ensina que Deus criou o mundo por um ato livre de sua vontade, e que o criou do nada (ex nihilo").

2) O Panteísmo, a seu turno, ensina que o mundo é feito da própria substância divina, e que, por essa razão, tudo é divino, inclusive a matéria.

3) A Gnose afirma que a Divindade é essencialmente evolutiva, e que, nesse processo de evolução, teria havido um engano, o surgimento do Demiurgo criador ou causador da matéria e do mundo, oposto à Divindade.

Guénon recusa terminantemente a criação ex nihilo, ensinada pelo Catolicismo, assim como recusa o Panteísmo. A sua posição é a da Gnose, com uma diferença: muitas seitas gnósticas afirmam que o universo foi emanado da Divindade ad extra. Guénon, com a Gnose hinduísta, pretende que o mundo - que ele chama de manifestação e não de criação - não foi "manifestado" ad extra, mas sim ad intra, na Divindade.

Por essa razão, Guénon, em certos livros, recusa explicitamente a idéia de emanação ad extra Divindade, o que pode levar alguns a julgar erroneamente que ele recusa a existência de um processo evolutivo na própria Divindade. Essa distinção, porém, não o coloca fora do sistema gnóstico.

Rejeição da criação ex nihilo

Para comprovar isso, comecemos pelo primeiro artigo de René Guénon, Le Démiurge, escrito para a revista La Gnose, que ele assinou como Bispo da Igreja Gnóstica, sob o nome de "T. Palingenius".

Já citamos em parte esse texto, mas a ilogicidade dos quatro itenzinhos de Olavo nos obriga a repeti-lo para manter a lógica de nossa exposição.

Lá se pode ler que Guénon rejeitava expressamente a criação ex nihilo, mas, inicialmente. parecia repelir também a idéia de que o universo teria emanado da Divindade.

Na realidade, ele pretende que, embora tenham existido transformações na Divindade, o universo teria surgido de uma "queda" Metafísica, e que o universo - conjunto das coisas manifestadas - estaria, de fato, na própria Divindade.

"É evidente que o perfeito não pode produzir a imperfeição, já que, se isto fosse possível, o perfeito deveria conter em si mesmo o imperfeito em estado principial, com o que deixaria de ser o perfeito. O imperfeito não pode então proceder do imperfeito por via de emanação; assim não poderia resultar senão da criação "ex nihilo", mas como admitir que algo possa proceder do nada, ou, em outros termos, que possa existir alguma coisa carente de princípio? Por outro lado admitir a criação ex nihilo" seria admitir o aniquilamento final, e não há nada mais ilógico que falar da imortalidade em tal hipótese. Mas a criação assim entendida é um absurdo, posto que é contrária ao princípio de causalidade, que é inegável para todos homem sincero e medianamente razoável, com o que podemos dizer como Lucrécio: "Ex nihilo nihil, ad nihilum nihil posse reverti"(René Guénon, como Bispo Palingenius, Le Démiurge, p. 1).

A mesma negação da criação ex nihilo pode ser lida no livro Esoterismo Islâmico e Taoísmo, versão castelhana.(Ediciones Obelisco, Barcelona, 1992, p.70).

Por outro lado, Guénon, como já vimos, repele o panteísmo, porque, com o Hinduísmo, considera a matéria pura ilusão. Ele previne que não se caia no erro de pensar que, por não aceitar a criação ex nihilo, ele aceite o panteísmo.

"É pois bastante claro que o que acabamos de dizer se liga estreitamente no pensamento de uns e outros à imputação de "panteísmo" dirigida comumente às mesmas doutrinas orientais e da qual temos demonstrado a miúdo sua completa falsidade, inclusive até ao absurdo (já que o panteísmo é na realidade uma teoria essencialmente anti metafísica) para que seja inútil voltar a isso de novo" (R. Guénon, Esoterismo Islâmico e Taoísmo, ed. cit., p. 67).

VII - 3. Guénon e o emanacionismo

Nesse mesmo livro, Guénon faz críticas ao emanacionismo:

"Posto que fomos levados a falar do panteísmo, aproveitaremos para fazer em seguida uma observação que tem aqui certa importância a propósito de uma palavra que se tem precisamente o costume de associar com as concepções panteístas: esta palavra é "emanação", que para alguns, sempre pelas mesmas razões e como conseqüência das mesmas confusões, querem empregar para designar a manifestação, quando não se apresenta com o aspecto de criação. Ora pois, por isso, a menos que não se trate de doutrinas tradicionais e ortodoxas, esta palavra deve ser absolutamente posta de lado, não só por causa desta associação lamentável (que esta esteja, pelo demais, mais ou menos justificada no fundo atualmente, não nos interessa), senão sobretudo porque, em si mesma e por seu significado etimológico, não expressa mais do que uma impossibilidade pura e simples. Com efeito, a idéia de "emanação" é propriamente a de uma "saída", porém a manifestação [Para Guénon, o conjunto da criação] não deve considerar-se assim de modo algum, pois nada pode realmente sair do princípio; se algo saísse dele, o Princípio, desde então, já não poderia ser infinito, e se encontraria limitado pelo próprio fato da manifestação; a verdade é que fora do Princípio, não há e não pode haver mais do que o puro nada. Se inclusive se quisesse considerar a "emanação", não em relação ao Princípio Supremo e infinito, mas apenas com relação ao Ser, princípio imediato da manifestação, este termo daria ainda motivos para uma objeção que, por ser distinta da precedente, não seria menos decisiva: se os seres saíssem do Ser para manifestar-se, não poderia dizer-se que eles eram realmente seres, e estariam desprovidos de toda a existência, pois a existência, seja de todo modo que seja, não pode ser mais que uma participação no Ser; esta conseqüência, ademais de que é patentemente absurda em si mesma, num como em outro caso, é contraditória com a própria idéia de manifestação" (René Guénon, Esoterismo Islâmico e Taoísmo. ed. cit., pp. 67-68).

"... há que abster-se também com muitíssimo cuidado de outro erro contrário aquele que consiste em querer ver uma contradição ou uma oposição qualquer entre a idéia de criação e esta outra idéia a que acabamos de aludir e para a qual o termo mais acertado que temos a nossa disposição é o de "manifestação;"(René Guénon, Esoterismo Islâmico e Taoísmo, pp. 65-66).

E Guénon então informa que a idéia de "manifestação" não se opõe, de fato, à idéia de criação. Essa última seria própria do exoterismo religioso, enquanto que a idéia de "manifestação" é mais do esoterismo, significando que tudo permanece ad intra, na Divindade (Cfr. op. cit., p. 68).

Como exemplo dessa idéia de "criação" no exoterismo, e de "manifestação" no esoterismo, Guénon dá a noção de criação no Islamismo e de "manifestação" no esoterismo islâmico:

"Já que acabamos de recorrer a um termo da linguagem da tradição islâmica, acrescentaremos isto: ninguém se atreveria, desde logo, a discutir que o Islamismo, quanto a seu aspecto religioso ou exotérico, seja ao menos tão "criacionista" quanto como pode sê-lo o próprio Cristianismo; entretanto, isto não impede de modo algum que em seu aspecto esotérico haja um nível a partir do qual a idéia de criação desaparece" (René Guénon, Esoterismo Islâmico e Taoísmo, p. 73).

Portanto, a "manifestação" da Divindade se dá na própria Divindade, não havendo nem criação ex nihilo, nem panteísmo.

Resta para Guénon a posição gnóstica, sendo que, para ele e para o Hinduísmo, a "manifestação" se dá na própria Divindade por um processo de mudança ou evolução interna.

Por essas razões, não haveria nem criação, nem emanação ad extra, da Divindade:

"Não pode haver nada que careça de um princípio; mas qual é esse princípio? Não será na realidade o Princípio único de todas as coisas? Se considerarmos o universo total, é evidente eu ele contém todas as coisas, posto que todas as partes estão contidas no todo. Por outro lado, o Todo é necessariamente ilimitado, já que se tivesse um limite, o que estivesse para lá deste limite não estaria compreendido pelo todo, sendo esta suposição completamente absurda. O que não tem limite pode ser chamado Infinito, e como contém tudo é o Princípio de todas as coisas. Por outra parte, o Infinito é necessariamente "uno", porque dois Infinitos que não fossem idênticos se excluiriam um ao outro; resultando disto que não há mais que um Princípio único de todas as coisas, e este Princípio é o Perfeito, posto que o Infinito só pode ser tal se é o Perfeito" (René Guénon, o "Bispo" Palingenius da Igreja Gnóstica, Le Démiurge, p. 1).

Para expor como se deu a "manifestação", Guénon diz que no deserto se dá a imagem a mais perfeita dela, porque lá, "a diversidade das coisas é reduzida a seu mínimo, e onde, ao mesmo tempo, as miragens revelam tudo o que tem de ilusório o mundo manifestado"(...).

"Não se poderia encontrar uma imagem mais verdadeira da Unidade desdobrando-se exteriormente na multiplicidade sem deixar de ser ela mesma e sem ser afetada por isso e fazendo voltar logo a si mesma, sempre conforme as aparências, esta multiplicidade que, na realidade, nunca saiu de si, pois não poderia haver nada fora do Princípio ao qual nada se pode acrescentar e do qual nada se pode subtrair, porque Ele é a indivisível totalidade da existência única".

(René Guénon, Esoterismo Islâmico e Taoísmo, p. 30).

VII - 4. O processo evolutivo na Divindade no Hinduísmo

Guénon expõe como se dá o processo evolutivo na Divindade, de modo mais pormenorizado, quando trata da doutrina hinduista.

Falando do Princípio Supremo, diz ele:

"O Princípio Supremo, total e universal, que as doutrinas religiosas do Ocidente chamam de "Deus", deveria ser concebido como impessoal ou como pessoal? (...) Sob o ponto de vista metafísico, é preciso dizer que esse Princípio é tanto impessoal quanto pessoal em relação à manifestação universal, mas bem entendido, sem que esta "personalidade divina" apresente qualquer caráter antropomórfico, já que é necessário se resguardar da confusão entre "personalidade" e "individualidade" (René Guénon, Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus, ed. Ciências Tradicionais Michel F. Veber, São Paulo, 1989, p.241).

Elucida Guénon que, enquanto impessoal, esse Princípio Supremo pode ser tido como Não Ser e se chamaria de Brahma. Enquanto pessoal, ele seria Ser e se chamaria Ishiwara (Cfr. op. cit., p. 241).

"Brahma, na sua Infinitude, não pode ser caracterizado por nenhuma atribuição positiva, o que se exprime dizendo que ele é nirguna ou "além de qualquer qualificação", e ainda nirvishesha ou "além de qualquer distinção; em contrapartida, Ishiwara é chamado saguna ou "qualificado", e sadishesha ou "concebido diretamente", porque ele pode receber de tais atribuições, obtidas no universal por uma transposição analógica, diversas qualidades ou propriedades dos seres dos quais é o princípio". (R. Guénon, op. cit. p. 243).

Por sua vez, "Ishiwara é encarado sob uma triplicidade de aspectos principais, que constituem a Trimûrti ou "tripla manifestação", e dos quais outros aspectos mais particulares derivam, secundárias com relação àqueles. Brahmâ [com circunflexo] é Ishiwara enquanto princípio produtor dos seres manifestados; ele é chamado assim porque é considerado como o reflexo direto, na ordem da manifestação, de Brahma [sem circunflexo], o Princípio supremo." (...) "Os outros dois aspectos constitutivos da Trimûrti, complementares um do outro, são Vishnu, que é Ishiwara enquanto princípio animador e conservador dos seres, e Shiva, que é Ishiwara enquanto princípio, não destruidor como se diz a torto e a direito, mas, com mais exatidão, transformador; estas são "funções universais" e não entidades separadas e mais ou menos individualizadas" (René Guénon, Introdução Geral aos Estudos das Doutrinas Hindus, pp. 243- 245).

E daí para diante la vai a "doutrina" hindu, numa exuberante e delirante enumeração de "aspectos" da Divindade, começando por "Prakriti ou Pradhana, que é a substância universal, indiferenciada e não- manifestada em si, mas de onde todas as coisas procedem por modificação; este primeiro tattwa é a raiz ou mûla da manifestação, e os tattwas seguintes representam suas modificações em diversos graus. No primeiro grau, está Budhi que é também chamado Mahat, ou o "grande princípio", e que é o intelecto puro, transcendente em relação aos indivíduos; aqui, estamos já na manifestação, mas não ainda na ordem universal". (R. Guénon Introdução Geral ao estudo das Doutrinas Hindus, pp. 273-274).

Para Guénon, "... o estado presente [do universo e do homem] não é mais que o efeito de uma queda, o efeito de uma espécie de materialização progressiva que se produziu no curso das eras, através da duração de um certo ciclo" (René Guénon, A Metafísica Oriental, Ivpiter, São Paulo, 1981, p.35. Tradução com notas de Olavo de Carvalho).

Dispenso-me de continuar a citação destes delírios gnósticos. Quem quiser conhecê-los, vá enroscar-se nessa mitologia de pesadelo, nas páginas desse livro delirante de Guénon.

Chega.

Para concluir, lembro apenas que Guénon reafirma a tese fundamental da Gnose, ao dizer que:

"A realização metafísica consistindo essencialmente na identificação pelo conhecimento, tudo o que não é conhecimento em si ‘so tem um valor de meios acessórios" (René Guénon, Introdução Geral ao Estudo das Doutrinas Hindus, p. 279).

VII - 5. Olavo e o emanacionismo

E Olavo, o que escreveu ele sobre esse problema explicitado no seu quarto item da doutrina Gnóstica?

Já vimos que ele considera que a raiz do mal, a raiz do sofrimento, está na polarização dialética do universo, que proveio do desdobramento da unidade do ser:

"A psicologia astrológica (sic!?) é uma teoria do sentido do sofrimento e da raiz deste último nas polarizações que cosmogonicamente desdobram o orbe manifesto a partir da unidade do ser" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, Nova Stella, São Paulo, 1985, p. 65).

Ora, essa formulação diz, com palavras diferentes, exatamente o que está afirmado no IV item da Gnose, segundo Olavo. Parece que ele anda muito esquecido do que escreveu...

Tão esquecido que não se "lembra de que, para Olavo de Carvalho, "... a unidade primordial, o ser, de onde emanam todas as coisas" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, Nova Stella, São Paulo, 1985, pp. 74-75. O negrito é do próprio Olavo).

E note bem, meu caro Felipe, que Olavo usou o verbo emanar, que Guénon não usa. Portanto, Olavo é ainda mais claramente gnóstico do que Guénon, pelo menos nessa frase.

Essa doutrina tipicamente gnóstica é repetida por Olavo, noutra passagem de outro de seus livrecos, que já citamos, mas na qual queremos, agora, frisar a idéia de emanação.

"A segunda conseqüência, de ordem teórica, é que todas as modalidades de ser passam a ser entendidas como modalidades de conhecer; por exemplo, as formas existenciais dos entes - a forma dos planetas, dos anjos, das flores e bichos, entendendo-se forma, evidentemente em sentido amplo e estrutural, não restrito e visual - são também suas modalidades de conhecer. De conhecer o que? A Unidade mesma da qual derivam" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 26. O negrito é meu).

Além de novamente afirmar que tudo deriva da Unidade Primordial --e vimos que Olavo entende deriva como emana - nessa frase está afirmado que todos os seres, pelo fato de serem, conhecem, e conhecem a Unidade primordial de que derivam. portanto, para Olavo, a flor, por exemplo, tem em si, algo que permite a ela conhecer (cfr. Astrologia e Religião, Nova Stella, São Paulo, 1986, p. 26). De alguma modo ela, a flor, teria participação no intelecto. O que está logicamente de acordo com o restante da doutrina defendida por Olavo de que tudo provem do Intelecto Primeiro. Mas isto é exatamente Gnose.

No Natal de 1997, Olavo publicou um artigo intitulado Lux in Tenebris. Evidentemente, o título e a data escolhida para sua publicação, levariam os leitores a julgar que era um artigo sobre o nascimento de Cristo, tanto mais que nele se falava do nascimento do Logos. Na realidade, Olavo expunha, nesse artigo, mais ou menos vagamente, a doutrina gnóstica da queda da Divindade e da evolução das partículas divinas aprisionadas até a sua libertação.

Veja os trechos mais importantes e preste atenção à terminologia guénoniana:

"Desdobrado sob a dupla aparência de consciência e de presença, é o mesmo Logos, a mesma Inteligência que se manifesta dentro e em torno de nós, que dialoga consigo sempre que um homem vê uma pedra e a pedra é mostrada a um homem" (Olavo de Carvalho, Lux in Tenebris, artigo in Jornal da Tarde, 25 - XII 1997).

O que está dito aí de modo obscuro é que o Logos, a Inteligência divina existe, quer na consciência, quer nas coisas como presença, e é ela que dialoga consigo mesma, quando o homem pensa e conhece uma pedra. Uma só "Luz" divina existiria oculta nas trevas da matéria. Lux in tenebris... E o universo não foi criado: foi um desdobramento da Divindade.

A seguir, nesse mesmo artigo, Olavo explica a doutrina hinduísta, propagada por Guénon, a respeito das manifestações da Divindade no Cosmos, e o retorno dos atmâs a Brahma, claro, em linguagem velada, esotérica:

"No fluxo do tempo cósmico, esse Logos atravessa, desde o ponto de vista humano, ciclos de revelação e de ocultação, marcados por quatro momentos fundamentais: o momento em que ele se oculta na multiplicidade confusa do mundo; o momento em que ele se refugia no fundo obscuro da consciência isolada; o momento em que ele se manifesta com todo o esplendor na inteligibilidade do mundo em torno; e o momento em que ele se manifesta com todo o seu esplendor na auto realização da consciência humana"(Olavo de Carvalho, Lux in Tenebris, In Jornal da Tarde, 25 - XII - 1997).

Esquematizado esse texto, veja como fica bem clara a doutrina gnóstica de Olavo, e como ele espertamente a oculta:

Ele diz aí que o Logos, o Intelecto, como diz o sufismo passa por quatro momentos:
1) A queda na multiplicidade confusa do mundo manifestado;
2) O ocultamento dos atmâs ou éons divinos, nas coisas criadas;
3) O afloramento do Intelecto nas consciências através da compreensão do universo inteligível;
4) A Auto Realização Suprema do homem pela união de seu atmâ com o Intelecto divino, através do Conhecimento Supremo.

Isso tudo, foi dito em um artigo que dizia respeito ao nascimento do Logos, num artigo de Natal, quando a luz de Deus nasceu em Belém... Lux in Tenebris.

Indiscutivelmente hábil. Esotericamente hábil. Mas num artigo gnóstico, aparentando ser cristão.

Voltemos ao Astros e Símbolos de Olavo, para encontrar nova confirmação de que as coisas existentes no universo emanaram da Unidade Primordial.

"O que estabelece a analogia entre dois entes, portanto, não são as similitudes que apresentam no mesmo plano, mas o fato de que emanam de um mesmo princípio, que cada qual representa simbolicamente a seu próprio modo e nível de ser, e que contendo em si um e outro, é forçosamente superior a ambos" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 39. O negrito é do Olavo. E tão apropriado que me dispensou de colocá-lo).

Portanto, Guénon defende a tese das transformações ad intra, na Divindade.

Olavo, mais claro, fala de emanações, sem dizer que elas são ad intra.

VII - 6. O Mundo Imaginal Shiita e Olavo

Olavo inclui no universo manifestado, que se teria desdobrado da Unidade Primeira, também o "mundo imaginal" da Gnose shiita:

"A contra partida ontológica dessa faixa psicológica é o denominado mundus imaginalis, o mundo das formas imaginais, que não se confundem com o imaginário (Hugo atribui o imaginário à parte corporal) e que constituem o elo perdido entre o mundo dos sentidos e as "formas puras (ou abstratas) do entendimento(...)". (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 42. O negrito é de Olavo.).

Então, haveria um mundo imaginal - tal qual na Gnose shiita (Cfr. Henry Corbin, En Islam Iranien.) - que seria o elo entre o mundo puramente material e o mundo superior, puramente espiritual, como ensina a Gnose shiita. E não se pense que sou eu que acuso que isso é relacionado com a Gnose shiita. É o próprio Olavo que escreve:

"Um estudo da consistência e das estruturas do mundus imaginalis poderia levar-nos demasiado longe de nosso propósito, que é simplesmente o de definir o sentido da palavra "Zodíaco", mas podemos remeter o leitor à obra monumental de Henry Corbin que fornece não apenas a explicação, mas a atestação documental extensa das concepções sobre o imaginal, sobretudo na filosofia persa, que ele foi o primeiro autor a divulgar no ocidente". (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 60).

Ótimo.

Só que Olavo esqueceu de dizer que a tal "filosofia" persa é a Gnose shiita. Quem quiser comprová-lo, que leia os quatro volumes de Corbin ns quais ele afirma isto explicitamente: a doutrina shiita é a Gnose do Islam.
E Olavo explica mais: nesse mundo imaginal, existiriam não só os símbolos, mas também os "entes imaginais", simbolizados por eles" (Olavo de Carvalho, op cit., p. 43).

E prossegue Olavo, impertérrito, em suas afirmações gnosticamente descabeladas:

"E é no mundo imaginal que reencontramos então os anjos e os personagens todos das narrativas bíblicas e mitológicas, como formas de realidade que não se reduzem nem ao nosso psiquismo subjetivo, nem a uma objetividade meramente exterior" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 43).

E como ele colocara nesse mundo também os seres mitológicos como o centauro, eis que os personagens bíblicos ficam reduzidos ao nível dos centauros e capricórnios do zodíaco...embora ele diga que "o mundus imaginalis é o âmbito das hierofanias, das aparições sacrais"(Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 61).

E basta! Que já escrevi bem mais do que a meia palavra necessária para os bons entendedores, que, para os maus, não adianta escrever mais.

VIII - Os Desenvolvimentos Secundários da Gnose, conforme Olavo de Carvalho

VIII - 1. Preliminares

No seu AVISO 2, Olavo diz:

"Desses princípios - (os quatro pontos doutrinários fundamentais da Gnose em... nível de enciclopédia popular) - derivam alguns desenvolvimentos secundários, dos quais os mais notórios são a concepção sexual do pecado original (hoje, por ironia, atribuída pela mídia à Igreja Católica), o ascetismo destrutivo e o milenarismo revolucionário que originou as ideologias modernas"

E desafia Olavo: "Qualquer tentativa de caracterizar como gnóstico - herético o meu pensamento só poderia ser levada em conta se demonstrasse nele, a vigência desses princípios e a adesão a esses desenvolvimentos" (Olavo de Carvalho, AVISO 2).

E ele nega de pés juntos que esses princípios e desenvolvimentos existam em sua doutrina e em sua vida. E garante:

"Tudo isso é tão evidente nos meus textos e aliás até na minha vida pessoal, que a acusação de gnosticismo levantada pelo sr. Orlando Fedeli, no essencial, não pode pretender ao estatuto de coisa séria".(Olavo de Carvalho, AVISO 2).

Mas, ao mesmo tempo ele se resguarda, fazendo uma restrição ao dizer que o fato de haver algum elemento gnóstico num autor, num estilo de arte, em ciências, etc, misturado com elementos cristãos, não tornaria esse autor, estilo, ciência, etc, de si gnósticos. E como exemplo disso, menciona a Alquimia e Astrologia:

: "Só para dar um exemplo, a mesma teoria da influências dos astros sobre as paixões humanas se encontra idêntica em Sto Tomás de Aquino e em Robert Fludd. É cristão no primeiro e gnóstica no segundo, não porque apresentem qualquer diferença interna mas pelo lugar que ocupa nas concepções globais de um e de outro"(Olavo ce Carvalho, AVISO 2, 17-4 - 2001).

Ora, já demonstramos que os quatro pontos fundamentais da Gnose indicados por Olavo existem na doutrina de René Guénon, assim como nos livros e escritos de seu discípulo Olavo de Carvalho.

Ademais, nem todos os sistemas gnósticos explicitam simultaneamente todos esses "desenvolvimentos secundários", como os chama Olavo, e nem por isso deixam de ser gnósticos.

Por exemplo, há uma contradição evidente entre o primeiro ponto e o segundo. A concepção do pecado original como o ato conjugal de Adão e Eva, que leva à condenação do matrimônio e à proibição por vezes absoluta de todo ato sexual, é própria das seitas gnósticas ascéticas, como o catarismo e o maniqueísmo.

Outras seitas gnósticas defendem o oposto, isto é, o desprezo da matéria por uma violentação completa da lei moral imposta pelo demiurgo, ensinando e praticando um antinomismo radical. (Aliás, Olavo reconhece essa dualidade de atitudes face à matéria nas seitas gnósticas). Foi esse antinomismo gnóstico que Cristo condenou, falando aos Fariseus: "Aquele, pois, que violar um destes mandamentos mais pequenos, e ensinar assim aos homens, será considerado o menor no Reino dos Céus"(Mt V, 19).

Em geral, essas seitas gnósticas antinomistas são as que colocam mais claramente a origem do mal na Divindade e não na culpa de Adão. Como já dissemos, elas falam mais de um pecado ante original, metafísico, acontecido na própria Divindade, antes do que numa culpa moral do primeiro casal. É o que ocorre, por exemplo na gnose hinduísta seguida por Guénon e por Olavo.

O Cardeal Ratzinger, no seu último livro, explica precisamente isto.

"O "pecado original", por exemplo, costumeiramente tão difícil de ser entendido, é identificado com a queda no finito, e assim resulta claro que ele pesa sobretudo sobre aqueles que se acham no círculo da finitude" (Cardeal Joseph Ratzinger, Introduzione allo Spírito della Liturgia, p. 28).

Finalmente, há as seitas gnósticas que assumem uma postura dialética quanto a esse ponto, quer adotando uma posição ascética para os seus novatos, quer, posteriormente um antinomismo absoluto, quando eles teriam alcançado a ‘realização" gnóstica por meio de uma suposta identificação com a Divindade. Era o que faziam por exemplo, os Irmãos do Livre Espírito, no final da Idade Média, os quietistas, certos grupos cabalistas, alguns grupos sufis, e os ismaelitas de Alamut.

Entretanto, todas essas seitas, são gnósticas, embora adotem ou o 1o ponto "secundário" citado por Olavo, ou só o 2o, ou, dialeticamente, os dois ao mesmo tempo.

Vejamos então, sucintamente, alguma coisa sobre os pontos que Olavo chama de "desenvolvimentos secundários" da Gnose.

VIII - 2. O 1o Desenvolvimento Secundário da Gnose conforme Olavo: a concepção sexual do pecado original

Como já ressaltamos, a Gnose, normalmente, coloca a origem do mal na própria Divindade. O mal seria ontológico e não moral. Para o Catolicismo, o mal é apenas moral, e nunca metafísico, pois, como demonstrou Santo Agostinho em seu obra Contra Manicheos, se o mal absoluto existisse, ele teria o bem da existência, e, portanto, não seria mal absoluto. Ademais, o mal é o que vai contra a natureza. logo, ele não pode ser natureza. Mal, então, é a ausência de ser ou a ausência de ordem. O que é confirmado pela Sagrada Escritura na qual se lê que Deus, ao criar cada coisa, afirma que cada coisa é boa. (Cfr. Gênesis, cap. I).

Para a Gnose, o mal é ontológico, tendo se dado na própria substância divina, e provocou a queda da Divindade no Universo material. Se as seitas gnósticas insistem mais nesse ponto do que na queda de Adão, elas são antinomistas. Se insistem mais no pecado original de Adão, elas são preponderantemente ascéticas. Por isso, algumas das seitas gnósticas deste último tipo condenam o ato sexual como perpetuador da matéria e do aprisionamento dos éons divinos nos corpos materiais. É esse o caso da seita gnóstica mais conhecida, o Maniqueísmo, cuja posição face ao problema do mal foi repetida pelo Catarismo medieval, e por vários outros grupos gnósticos, no decorrer da História.

Para as seitas gnósticas de tipo maniqueu, os atos sexuais seriam "abjetos, bestiais, imitação de conjunções diabólicas. Sobretudo, eles têm por resultado, pela propagação da espécie, a transmissão do Mal original. Eles fazem do homem o cúmplice e o instrumento da Matéria fabricada pelo Demiurgo, para manter as partículas da luz sujeitadas na turpitude dos corpos, a fim de continuar a dominá-las, prolongando o cativeiro de geração em geração. Em suma, a sexualidade forma o mais grave obstáculo para a redenção da humanidade, que ela retarda e impede. Daí, para o maniqueu que tende à perfeição - ou o que é a mesma coisa - à santidade, um dever primordial, imperativo, bem resumido e explicado por Alexandre de Lycopolis: trabalhar em cooperar para a ruína da Matéria decretada por Deus(...) e, em conseqüência, abster-se não só de todo alimento animal, mas também, mas sobretudo, abster-se do casamento, de todo comércio sexual, da procriação de filhos, afim de que o Poder (divino) não continue mais tempo a permanecer na Matéria conforme a propagação do gênero humano(...). (Henri Charles Puech, Sur le Manichéisme et Autres Essais, Flammarion, Paris, 1979, pp. 66-67).

Entretanto, com a Cabala essa questão é mais matizada. Para os judeus, o casamento era obrigatório, e o ter filhos era, como é, uma benção de Deus. Pelo contrário, a esterilidade era um sinal de maldição, porque significava que Deus recusava que a pessoa estéril tivesse qualquer parentesco com o futuro Messias.

Por isso, a Gnose não poderia penetrar entre os judeus, condenando o casamento e a reprodução.

Os primeiros sinais de introdução, entre os judeus, de um misticismo herético que irá mais tarde desembocar na Gnose cabalista, se deu ainda no período do segundo Templo, isto é, ainda no século

V antes de Cristo, conforme Gerschom Scholem, cuja autoridade na questão é indiscutível (cfr. Gerschom Scholem, A Mística Judaica, Perspectiva, São Paulo, 1972, pp. 39, 41, 48 nota 24).

Entretanto, a nosso ver, antes mesmo da queda e destruição de Jerusalém, já teria havido essa infiltração. Baseamos nossa opinião no próprio texto da Sagrada Escritura.

Com efeito, no livro de Ezequiel se conta que Deus mostrou ao Profeta que a destruição da cidade santa e do Templo fora causada porque os sacerdotes judeus, secretamente, nos subterrâneos do Templo, adoravam os deuses do Egito, enquanto, na superfície, fingiam continuar adorando o Deus verdadeiro. E é claro que, se adoravam os ídolos do Egito, era porque admitiam a doutrina que explicava essa adoração, que era a Gnose egípcia. (cfr. Ezequiel, Cap. VIII).

Creio que você conhece o texto de Ezequiel, no qual ele mostra como Deus levou o Profeta, em visão, ao interior do Templo de Jerusalém, através de uma porta secreta que existia na parede do Templo. É um texto que parece até o de um romance policial... Entretanto é inspirado por Deus, e tem que ser aceito, é evidente, acima da opinião de Scholem.

O Sefer ha Zohar, o principal livro da Cabala, escrito no século XIII como um pseudo epigráfico, por Moisés Shem Tov de Léon, afirma que o pecado original foi um ato sexual:

"Depois que o homem dirigiu todas essas palavras para a mulher, a inclinação má despertou, deixando-o pronto a buscar a união com ela em desejo carnal, e incitou-a a coisas nas quais a inclinação má tomou prazer, até o fim. A mulher viu que a árvore era boa para ser comida, e que dava prazer aos olhos e tomou da fruta arrancou-a e a comeu - dando logo admissão para a inclinação má - e deu-a também para seu marido com ela: era ela agora que procurou despertar desejo nele, de modo a conquistar seu amor e afeto"(Zohar, I, 49, b.).

Entretanto, a Cabala também diz que o ato conjugal é o meio para reunir de novo a Sefirah Malkult ou Shekinah, isto é o sexo feminino da Divindade, com a Sefirah Yesod, o sexo masculino dela - porque em Deus haveria dualidade sexual, entendidas essa duas sefiroth como princípios, e não materialmente, assim como haveria a dualidade de bem e mal - permitindo que Malkult - a Shekinah - retorne ao pléroma divino.

A Cabala então, ao mesmo tempo em que afirma que o pecado original foi um ato sexual, diz que a união conjugal é um ato mágico que anula a individualidade, ao unir os esposos, e faz com que a Shekinah se reuna a Yesod, reconduzindo as partículas divinas que haviam caído no mundo material - no mundo da manifestação, na linguagem de Guénon - ao seio da Divindade, de volta ao pléroma divino. A Cabala é então uma Gnose dialética também no campo da moral conjugal.

"O Nome Santo não pode permanecer sobre nada que é falho. Por conseguinte, um homem que deixa esta vida defectivo por não ter deixado um filho após ele não pode ligar-se ele mesmo ao Santo Nome e não é admitido atrás da cortina, porque ele é defectivo e uma árvore que foi arrancada deve ser plantada de novo; porque o Santo Nome é perfeito em todo sentido, e nenhum defeito pode estar ligado a ele"(Zohar, I, 48 a).

A mulher seria assim, ao mesmo tempo, a causa do mal, enquanto instrumento da perpetuação da matéria, e o médium para reunir as partículas da Divindade tombadas no cárcere da materialidade fazendo-as retornar ao pléroma divino.

Essa mesma doutrina vai ser repetida por Jacob Boheme, cuja gnose é uma reprodução "cristianizada" do sistema cabalista de Isaac Lúria de Safed.(cfr. Jacob Boehme, Mysterium

Magnum, XIX. 19; e Sex Puncta Philosophica, V, 14, VI, 8 e 9; Alexander Koyré, La Philosophie de Jacob Boehme, Vrin, Paris, 1971).

Se você, Felipe, quiser ler sobre isto, recomendo-lhe que leia os livros de Scholem sobre a Cabala, especialmente Major Trends in Jewish Mysticism, Les origines de la Kabbale, e Messianic Ideas in Judaism, assim como todos os livros de Boehme.

A Gnose cabalista de Boehme teve uma grande repercussão no Ocidente, inicialmente nos livros de Isaac Newton, depois na Gnose de Martinez de Pasqualis e de Louis Claude de Saint Martin. Este, o "Filósofo Desconhecido", influiu profundamente nos meios católicos através dos livros do maçon Joseph de Maistre, que difundiu a cabala de Boehme entre os ultramontanos franceses e italianos, especialmente. Até hoje, Joseph de Maistre influi - pessimamente- nos "tradicionalistas" católicos... (cfr. René le Forrestier, La Franc-Maçonnerie Occultiste au XVIII Siècle et L’ Ordre des Élus Cohens, Dorbon-Ainé, Paris, 1928; e Émile Dermenghem, Joseph de Maistre Mystique, Éd. D’Aujourd’hui, Paris, 1979).

Mas a maior influência do Martinismo e de Boehme verificou-se nos filósofos idealistas alemães e no Romantismo.

É de mau tom alguém citar-se a si mesmo, mas como em português é muito difícil encontrar livros sobre esse tema, fico constrangido a pedir-lhe que tenha a paciência de ler o primeiro capítulo de minha tese sobre a Gnose nas Visões de Anna Katharina Emmerick, no site Montfort.

Lá, você lerá que, nas pseudo visões de Ana Katharina Emmerick, se defende exatamente essa tese: que o pecado original foi o ato conjugal. E nisso essas falsas visões seguem a Cabala. Todos os detalhes dessas visões mentirosas, que se afastam da narração bíblica, são tirados de livros cabalísticos.

O Romantismo foi o meio que a Gnose usou para infiltrar-se nos meios católicos, como salientou Alain Besançon.

No esoterismo hindu e maometano, o problema do pecado original de Adão e Eva é deixado em segundo plano, colocando-se o problema do mal no plano ontológico, e não moral ou humano. Aliás, seria difícil fazer a Gnose entrar na Arábia condenando o ato sexual... No Corão, a felicidade paradisíaca é descrita exatamente em termos sexuais...

O que não torna a Gnose Hindu nem a Gnose islâmica menos gnósticas.

Desse modo, se em Guénon e em Olavo de Carvalho, não se acha uma condenação do ato sexual, isso não basta para isentá-lo de adesão e propaganda da Gnose. Apenas os coloca num grupo de seitas gnósticas do segundo tipo (as antinomistas), diferente das ascéticas (como a maniquéia), quanto a esse ponto, que Olavo chama de "secundário", na doutrina da Gnose...

Entretanto, é preciso lembrar que Guénon - muito reticente quanto ao misticismo - não deixa de elogiar as pseudo "visões" de Anna Katharina Emmerick:

"O que faz todo o interesse de certas visões, é que elas estão de acordo, em numerosos pontos, com dados tradicionais evidentemente ignorados pelo místico que teve essas visões". E, em nota aposta a essa afirmação, diz Guénon:

"Pode-se citar aqui como exemplo as visões de Anna Catherina Emmerich"(René Guénon, Aperçus sur L‘ Initiation, Éditions Traditionnelles, Paris, 1992. p.22 e nota 3).

E, dessa vez, não discordamos de Guénon: Anna Katharina Emmerick concorda em muitos pontos com as doutrinas gnósticas de Guénon.

Para não ser injusto com o sr. O de C. devo dizer que é preciso concordar também com ele, pelo menos num ponto: ele afirma que a condenação das idéias gnósticas é evidente em seus textos e em sua vida pessoal (Aviso 2).

De fato, devo admitir: pelo menos na vida pessoal, pelo que é público, Olavo nada tem com este primeiro ponto "secundário" da doutrina gnóstica. Tem mais com o segundo. Pois embora, pela doutrina, ele seja tão gnóstico como um cátaro perfeito, ele não pratica, de modo algum, o moralismo ascético do "perfeito" cátaro.

VIII - 3. O 2o Desenvolvimento Secundário da Gnose conforme O de C: o Ascetismo Destrutivo

O segundo "ponto secundário", apontado por Olavo, como decorrente dos quatro pontos doutrinários fundamentais da Gnose, seria o que ele chama de "Ascetismo destrutivo".

Ora, já vimos que o desprezo gnóstico pela matéria, pelo que Guénon chama de Mundo da Manifestação, pode se dar, quer pela abstenção de tudo o que seja ligado ao corpo e à matéria, como também pelo abuso da matéria através de um antinomismo radical.

Alguns gnósticos optam, pela via da abstenção ou da renúncia, a tudo o que é material, entregando-se a macerações cruéis e a jejuns anti naturais, como faziam os cátaros.

Outros, pelo contrário, a exemplo dos Carpocráticos, optam inicialmente pela violentação de toda lei moral, que eles dizem imposta pelo Demiurgo. Havia ainda seitas que juntavam os dois sistemas. Os Irmãos do Livre Espírito, por exemplo, começavam exigindo penitências terríveis. Depois, dizendo que já haviam alcançado a "libertação", se proclamavam livres de toda lei, entregando-se a orgias sem freio.

A Cabala de Isaac Luria de Safed deu origem, cerca de um século após o seu aparecimento, ao movimento de Sabbatai Tzvi. Segundo a Cabala, o mal tem raiz na própria Divindade, na sephirah Din. Considerava a Cabala que, quando as partículas da Shekinah caíram no mundo, houve algumas que caíram até mesmo em Samael (Lúcifer). Para resgatar estas partículas da Shekinah que estavam aprisionadas em Samael, seria preciso "descer aos infernos", cometendo os piores pecados. Era a doutrina da santidade do pecado, que já existia na Cabala antiga. Sabbatai Tzvi, o falso messias cabalista, apostatou, adotando o Islamismo. Seus seguidores formaram seitas de diversos nomes. Uma delas foi o Franckismo, do nome de seu lider, Jacob Franck que fundou um grupo antinomista muito importante, que procurava praticar atos que violassem a dignidade humana. Ele planejou mais ainda: queria instituir na sociedade leis que fizessem a própria sociedade ser indigna, violando o quanto possível as leis naturais estabelecidas pelo criador. Tudo isso pode ser lido na obra de Gerschom Scholem: Sabbatai Sevi, the Mystical Messiah, Princeton University Press,1975).

Segundo Scholem, o antinomismo do cabalismo Franckista era mais radical que o dos gnósticos carpocráticos:

"É seu costume (dos sabataianos, seguidores de Jacob Franck, no século XVIII) que, com a vinda de Sabatai Tzvi, o pecado de Adão já estava reparado e o bem resgatado do mal e da "escória". De acordo com eles, desde essa época, a nova Torá tornou-se a lei sob a qual todo tipo de coisas anteriormente vedadas são agora permitidas, mesmo as categorias da relação sexual que ela proibia.

Pois uma vez que tudo é puro, não existe pecado ou dano nessas coisas (...) Na História do gnosticismo, os carpocracianos são considerados os representantes mais exponenciais desta forma libertinesca e niilista de gnose. Mas nada que se conhece deles atinge o espírito resoluto desse evangelho do antinomismo pregado por Jacob Franck aos seus discípulos em mais de 200 ditos dogmáticos. As idéias que ele aduzia em apoio de suas pregações constituem não tanto uma teoria como um verdadeiro mito religioso de niilismo" (G. Scholem, As Grandes Correntes da Mística Judaica, Tradução do livro Major Trends in jewish Mysticism, Perspectiva, São Paulo, 1972, p. 318).

Também os ismaelitas shiitas de Alamut - os Assassinos de Hassan Ibn Sabbah - eram deste último tipo, unindo penitências e orgias.

A Gnose sufi, por exemplo, segundo Schuon-- um dos queridos mestres de Olavo - explica que, aquilo que é proibido no exoterismo, pode ser permitido no esoterismo. E dá como exemplo o vinho.

É sabido que a lei corânica proíbe o muçulmano de tomar vinho. Entretanto, o esoterismo sufi permite que o iniciado tome vinho. Na realidade, o esoterismo islâmico tem a mesma inversão da lei típica das seitas gnósticas: desde que o adepto alcançou certo nível de iniciação, a lei, para ele, já não vale mais. Para o iniciado, a lei passa a ser apenas um símbolo, e tudo lhe fica permitido. O que é lei, o que é proibição e obrigação para os religiosos, é lícito para os iniciados, para os que atingiram a união com a Divindade.

Schuon escreve:

"No Islam, em geral, parece que sempre houve - abstração feita da distinção muito particular entre sâlikûn e majâdhib - a divisão exterior entre sufis "nomistas" [seguidores da lei] e "anomistas" [sem lei],uns apegados à lei em virtude de seu simbolismo e de sua oportunidade, e os outros destacados da Lei em virtude da supremacia do coração (qalb) e do conhecimento direto (ma’ rifah). Jalâl ed-Din Rûmi diz em seu Marhnâwt: "Os amadores dos ritos são uma classe, e aqueles cujas almas estão abrasadas de amor formam uma outra (...)" (F. Schuon, Comprendre L ‘Islam, p.27-28, nota 2).

E ainda:

"O Koran diz: "Não ides à oração em estado de embriagues", o que pode se entender em um sentido superior e positivo; o sufi, gozando de uma "estação"(maqâm) de beatitude, ou mesmo simplesmente o dhakir (entregue ao hikr, equivalente islâmico do japa hindu) considerando sua oração secreta como um "vinho" (khamr), poderia em princípio se abster das orações gerais; nós dizemos "em princípio", porque de fato, os sufis e equilibrados e solidários, tão marcados no Islam, fazem inclinar a balança para o outro sentido" (F. Schuon, Comprendre l’ Islam, p. 28, nota 1).

Schuon, que Olavo considera como um de seus mestres preferidos, defende o antinomismo de modo escancarado: "...algo sempre considerado pela moral religiosa como tentação, como via para o pecado e, portanto, começo deste, poderá no esoterismo desempenhar um papel totalmente oposto, não sendo uma dissipação 'pecadora', mas pelo contrário um fator de concentração em virtude da inteligibilidade imediata do seu simbolismo." (Frithjof Schuon, A Unidade Transcendente das Religiões, Trad. Pedro de Freitas Leal, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991, p. 59)

Schuon vai defender a tese gnóstica de que os que já alcançaram a divinização, não têm mais que se preocupar em cumprir a lei. Para eles, tudo seria permitido:

"...o homem profundamente consciente da natureza das coisas nada tem a evitar, pois os erros não podem seduzi-lo." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 31, negrito nosso)

Para quem obteve o conhecimento, nada mais seria pecado, como diziam os quietistas:

"Censura-se igualmente o quietismo por ser imoral, visto que admite um estado em que o homem se encontra além do pecado, idéia que diz respeito a uma santidade - evidentemente incompreendida - na qual os atos do homem são de ouro, e tudo o que ele toca transforma-se em ouro..." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 32-33).

Há, portanto, duas morais, no Islam, como em toda a Gnose: uma para os que praticam a religião exotérica, e outra para os iniciados no esoterismo, que alcançaram o Conhecimento, isto é, a Gnose.

Essa doutrina ficará mais evidente no ismaelismo de Alamut, seita shiita e tipicamente gnóstica.

Como o sufismo, o Ismaelismo de Alamut distinguia a shari’a - a lei-- que todos os religiosos devem obedecer, e a libertação da lei, de que usufruíam os que possuíam o Conhecimento salvador:

"Mas sobretudo, distinguir-se-á claramente entre a religião eterna esotérica (dîn) que significa a obediência a um senhor (maître) único e a religião positiva (shari‘a) que consiste em decretos, limitações e obrigações expressas" (Christian Jambet, La Grande Réssurection d’Alamut, Verdier, Paris, 1990, p. 72).

Essa idéia é confirmada em outras passagens desse livro. Citamos outra, para confirmar a existência da dupla moral no esoterismo islâmico de Alamut:

"O advento da Grande Ressurreição é uma ruptura libertadora. A abolição da lei, o segundo nascimento dos fiéis, a nova ética: tantos outros sinais do exercício de uma dualidade no seio do ser. É bem possível que o Ismaelismo de Alamut tenha sofrido a influência das religiões do antigo Irã, do Mazdeismo e sobretudo do Maniqueísmo"(Christian Jambet, La Grande Réssurection d’Alamut, Verdier, Paris, 1990, p. 225).

Como resultado, os ismaelitas que se julgavam na posse do Conhecimento (da Gnose) se diziam livres da obediência às prescrições legais do Corão, que eles interpretavam simbolicamente.

"A abolição da lei é a recompensa prometida aos justos, o estado angélico é próprio dos fiéis do Imam; a comunidade ismaelita, vivendo aqui em baixo em estado de ressurreição espiritual, é o povo dos anjos.

"O túmulo é o corpo humano, o castigo do túmulo são as obrigações da religião positiva (abkâm - e sharî’at). Os clientes do inferno, Munkar e Nakir, são os opressores, os mantenedores do exoterismo (zâlimân e zâhir) (...) Os habitantes do paraíso são aqueles que são liberados do aparente e que se voltam para o que é escondido. Sua retribuição, neste mundo, consiste em que sejam dispensados dos mandamentos da lei."(Christian Jambet, op. cit., pp. 107-108). E daí Jambet explica como e porque o iniciado era dispensado do jejum, da esmola, da peregrinação a Meca, dos atos de piedade, etc. (cfr. Jambet, op. cit., p. 108).

De tudo isso, concluíam os sufis que quem tivesse alcançado a união com a Divindade, - quem fosse realmente sufi - estava acima de todas as leis morais, podendo fazer o que quisesse.

Nessas condições seria de espantar que os ismaelitas usassem normalmente do haxixe? Seria de espantar que usassem tóxicos para se libertar da escravidão da razão, para entrar em pseudos "êxtases"?

Daí Albert de Pouvourville - que adotou o nome esotérico Matgioi --aquele que iniciou Guénon no Taoísmo, ser viciado em tóxicos:

"De volta à França, Pouvourville [Matgioi] continua a partilhar e a atiçar os sentimentos anti religiosos e anti clericais dos ocultistas de seu tempo. Sob o pseudônimo de Mogd, ele colabora inicialmente na revista martinista de Papus,

L’ Initiation,

E cito esse livro - historicamente o mais documentado dos vários que possuo sobre René Guénon - de primeira mão...

Guénon iniciado no Taoísmo por Matgioi, deve ter ouvido seu iniciador louvar as "virtudes" do ópio...

Depois, Guénon se tornou Bispo da Igreja Gnóstica e, em 1912, Guénon foi iniciado no sufismo pelo Sheik Abder Rahman Elish El-Kébir, e assumiu secretamente o nome de Abdel Wahed Yahia. E tornando-se sufi --e Guénon foi chamado "o sufi" - ele ficava acima da lei exotérica, da shari’ a.

"Portanto, Guénon tinha sido gnóstico e maçon. Mas ele o era ainda?. Em 1962, Noële Maurice Denis --[que fora muito amiga de Guénon, por quem manteve sua simpatia] - terá esta reflexão curiosa em uma tomista, mas reveladora de suas preocupações metafísicas: ‘Para nós católicos, naturalmente é o aspeto maçon aquele que mais nos inquietava’. Se bem que Guénon confesse agora um soberano desprezo pelos meios gnósticos [Note, meu caro Felipe, que Guénon dizia desprezar os meios gnósticos, não a Gnose] e maçônicos e que agora ele jure somente pela metafísica hindu, ela [Noële] reconhece que é difícil saber em que medida ele evoluiu. Pelo menos, ele não pratica mais "o uso do ópio e do haxixe como ajuda para a ‘contemplação", e parece, que desde seu casamento, como "um jovem burguês unicamente apaixonado pela verdade, e pelo intelectualismo", separado de todo anti clericalismo e reconciliado em parte com um certo espírito religioso. Não é preciso dizer que Noële Maurice-Denis e Pierre Germain ignoram então tudo de sua confirmação [de Guénon] maçônica na Grande Loja de França, e, sobretudo, sobre sua iniciação no sufismo desde 1912"(Marie-France James, op. cit. pp. 165-166.O negrito é meu).

Está aí: a informação, não a acusação, de que Guénon foi viciado em ópio e no haxixe - pelo menos até o seu casamento - foi dada por uma amiga dele, que manteve uma visão ingenuamente otimista sobre o comportamento de Guénon, que dela ocultava seu maçonismo e seu sufismo, como também de sua própria esposa. É claro que, se Guénon fingia ter deixado de ser maçon e ter desprezo pelos meios gnósticos, quando aderira à Gnose sufi, seria legítimo perguntar se ele deixara, realmente, o uso do ópio e do haxixe, usado freqüentemente pelos sufis.

Se insisti na dupla moral dos esotéricos do Islam, foi porque é esse o esoterismo que Guénon defende, e que Olavo repete.

De fato, vimos como Guénon faz a defesa de uma dupla moral: uma, para os homens comuns, vivendo em sociedade; outra para os que atingiram a "realização metafísica", unindo-se à Divindade, como, por exemplo, para os que atingiram realmente o estado de sufi.

Em carta anterior, mostrei como Olavo de Carvalho desconsidera a moral, a virtude e a santidade, em prol de uma "sabedoria esotérica que é a gnose. Para facilidade de documentação e de compreensão, repito, aqui, algumas das citações já feitas nessa carta anterior.

Para começar, recordo que ele escreveu: "Para o sábio, ou gnóstico, conhecer é ser, e vice-versa"(Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 26).Portanto, se para Olavo, sábio é o mesmo que gnóstico, então Sabedoria se identifica com Gnose.

E Olavo afirma ainda que o que ele chama de Sabedoria está acima de todas as crenças, e por trás de todas as religiões. A Sabedoria seria o núcleo interior mais profundo e mais elevado de todas as religiões. E vimos que esse núcleo, para os tradicionalistas guénonianos é a Gnose. Veja que Olavo disse exatamente isso:

"A sabedoria é eterna e o amor à sabedoria é premiado, independentemente de você ser cristão, muçulmano, judeu, ateu. Se você ama isso, não digo que você está salvo, que você vai para o paraíso. Pelo menos um lugarzinho no purgatório você garante. Isso é o mínimo, tem de ser."(Olavo de Carvalho, Aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, Junho de 1998, Bloco 8, p. 26).

Portanto, sabedoria seria independente das crenças e da fé que a pessoa tem.

Para Olavo, a salvação advém não da prática da lei de Deus, mas de uma devoção puramente intelectual, e não prática:

"...a índole geral do meu pensamento filosófico, se inclui uma descrição apocalíptica do estado de coisas no mundo, por outro lado enfatiza fortemente o poder cognitivo da inteligência humana, a primazia da verdade e do bem, o poder de salvação inerente à devoção intelectual, etc. - e tudo isto infunde no aluno uma noção "otimista" do sentido da vida, de modo que ele pode chegar a esperar que sua vida pessoal já esteja dotada de sentido pelo simples fato de ele ter apreendido algo do sentido da vida em geral."(Olavo de Carvalho, "Considerações sobre o Seminário de Filosofia", 01.01.2000, negrito nosso)

Ter essa sabedoria é que vale. "A virtude, por si, não quer dizer nada"(Olavo de Carvalho, idem p. 26).

"Chegamos à suprema perversão de achar que o próprio desejo da sabedoria é uma coisa menos importante do que cumprir aquelas regrazinhas que o padre ensinou. Isso é uma blasfêmia, é um pecado contra o Espírito Santo" (Olavo de Carvalho, idem p. 26).

Como se vê, Olavo considera os dez mandamentos "aquelas regrazinhas que o Padre ensinou". E ele julga que é possível ter sabedoria sem obedecer as dez regrazinhas ditadas por Deus a Moisés.

Ora, isso é um absurdo. Só se pode ter realmente sabedoria na obediência à lei.

Prova do desprezo de Olavo aos dez mandamentos se tem nestas afirmações do sr. Olavo de Carvalho - (que só publicamos por necessidade de comprovação, pedindo desculpa, pela grosseria delas) - :

"As pessoa imaginam às vezes que o diabo só faz você comer a mulher do próximo. Isso aí é o de menos, você pode comer a mulher de vários próximos e ainda assim ir para o céu" (Olavo de Carvalho, Aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, Junho de 1998, Bloco 8, p.20)

Se isso não é relativismo moral e revolta contra a lei de Deus, o que será revolta e o que será relativismo?

Olavo defendeu expressamente o relativismo moral:

"Com a psicanálise e suas teorias sobre repressão dos instintos, mas sobretudo com a antropologia moderna, que difundiu no mundo todo a idéia de que as leis morais, variando de cultura para cultura, eram apenas a expressão de necessidades sociais passageiras, a pretensão cristã de uma moral universal e absoluta foi abalada. Qualquer garoto de escola repete, hoje, que a moral é relativa, que resulta de uma convenção social e que portanto pode ser modificada à vontade." (Olavo de Carvalho, A Crise do Catolicismo, artigo in Planeta, no110, novembro de 1981p. 23. O negrito é meu).

Sem dúvida, com a defesa de um relativismo moral tão radical, Olavo tem muita razão em se afirmar "um anarquista em moral".

E como podem certos católicos vê-lo com simpatia? Será que basta ele atacar o comunismo de Frei Boff, para aceitar alguém que se proclama "tradicionalista", não importando que defenda a moral relativista de Frei Boff e da Gnose?

Veja ainda, caro Felipe, como ele coloca a "Sabedoria" acima da moral, sem esquecermos, porém, que "Sabedoria", para ele significa Gnose.

"A sabedoria é necessidade básica do homem. E a santidade? A santidade vem depois, é perfeição, é para alguns. Uns conseguem, outros não, para isso mesmo é que existe o perdão, a misericórdia"(Olavo de Carvalho, Aula citada p. 21)

É impossível ter sabedoria sem ter santidade de vida. Por isso Cristo nos mandou ser santos, ser perfeitos como o Pai do Céu é perfeito (cfr. Mt V,48). E a Virgem Maria, no "Magnificat", cantou que "a misericórdia de Deus se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem " (Luc. I, 50), e não para os que O desafiam, violando sua lei.

Mas veja o que ensina Olavo, com pretensão de dizer coisa ortodoxa, por utilizar algumas palavras relacionadas com a doutrina Católica:

"Segundo a Igreja, o Espírito Santo tem duas ações: uma sobrenatural, que é dar, por exemplo, uma revelação pessoal, ou dar a sabedoria infusa, outra, natural, que é a de manter o homem capaz de compreender os primeiros princípios, como o princípio de identidade. Hoje isso começa a falhar de uma maneira assombrosa. Não é a assistência sobrenatural, é a natural, a natureza foi atingida e quando se diz no Apocalípse que as próprias águas da vida seriam corrompidas, é a isso que se está referindo. É esse fundo de alma, que é simplesmente a pureza natural que é corrompida já não se consegue entender mais que dois mais dois são quatro, que a galinha bota ovo. A partir daí a linguagem vira um caos, como você vai sair dessa rezando, confessando, comungando? Não vai conseguir, não há um jeito ritual de fazer isso, não se pode sair disso por nenhuma prática repetitiva e regularmente. Tem de sair por uma nova aposta no próprio Espírito Santo. Tem de ser protestante, tem de fazer como o bispo Macedo, tem de arriscar. O Espírito Santo vai me iluminar nesta coisa, eu vou entender este negócio. É o único jeito! Agora dizer: não, primeiro, antes disso, tenho de me livrar de todos os meus pecados, vou virar santinho, e depois de virar santinho, daí Ele vai iluminar-me. Pode tirar o cavalo da chuva: Ele vai iluminar você agora mesmo, com todos os seus pecados, com toda a sua malícia, com tudo isso, porque se Ele não fizer isso, você está ferrado". (Olavo de Carvalho, aula citada p. 21).

A Igreja nunca ensinou que o Espírito Santo dá uma revelação pessoal, nem muito menos que Ele tem uma ação natural. São absurdos teológicos. Não se sabe o que mais espanta nesse charabiá teológico - exegético - místico - moral, se a confusão doutrinária, se o relativismo moral, se a presunção de salvação, se a ignorância doutrinária. É um "caruru" que mistura tudo, sem compreender nada dos termos que está usando e misturando.

O resultado é o cáos doutrinário e o abuso da misericórdia de Deus, com uma aceitação do pecado, sem reação contra ele. E que culmina com o ‘conselho" de ficar protestante, de não confessar, de aceitar os pecados, confiando que o Espírito Santo vai dar uma iluminação, uma herética "revelação pessoal".

É claro que isso só pode ser defendido por um esotérico com pretensões a teólogo de barbearia, para pessoas que não têm a mínima noção de catecismo, da Moral e da doutrina católicas.

Aliás, eu gostaria de saber em que Apocalípse está o versículo que diz que até as águas vivas seriam corrompidas". Porque, com essas palavras, não encontrei versículo nenhum no Apocalípse de São João. Devem estar, então, em algum Apocalípse esotérico. O Apocalípse segundo Olavo.

Permita-me uma digressão, para descansar de tema tão enfadonho.

Você deve ter notado como Olavo "chuta" citações. Já encontrei um texto no qual ele diz que o Padre Pio de Pietralcina vivia na Espanha. (cfr. Olavo de Carvalho, O Crime de Madre Agnes, Speculum, São Paulo, 1983, p. 13). Ora, Padre Pio era italiano, e não viveu na Espanha.

Contaram-me que Olavo costuma citar um verso da Divina Comédia no qual o Diabo teria dito a Dante: "Forse tu non pensavi ch’io loico fossi!".

Era um erro crasso de Olavo, do qual eu não tinha prova.

Noutro dia, você, gentilmente, me trouxe a prova desse erro de Olavo. Num prefácio a um livro de Constantin Noica, Olavo discorre com a segurança de um especialista sobre a Divina Comédia, dizendo que, no Inferno, Dante não ouve os condenados falarem em língua humana: "Entre os condenados, com efeito não ouve Dante conversações em língua de gente, mas tão somente orribile favelle (sic), gritos e gemidos animalescos que expressam sem nomear, que quanto mais ressoam, menos dizem impotentes para, objetivando a dor, transfigurá-la em consciência, prenúncio de liberdade" (in Constantin Noica As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo", Record, Rio de Janeiro - São Paulo, 1999. Introdução de Olavo de Carvalho, p. 16).

Na mesma página, Olavo sustenta que o demônio disse ao próprio Dante - o visitante florentino do Inferno --, o decassílabo que citei acima:

"Forse non pensavi ch’io loico fossi!"

Ora, quem lê esse texto de Olavo, discorrendo ele com tanta segurança sobre a Divina Comédia, como se fosse um grande conhecedor da obra dantesca, nem desconfia que, na verdade, ele está simplesmente "chutando". Ouviu e decorou o verso, - mas muito provavelmente não leu o Canto do Inferno em que ele está - e o comenta como se o tivesse lido. Para demonstrar erudição...

Com efeito, o verso citado está no Inferno, XXVII, 122-123. Só que não foi a Dante que isso foi dito. Foi a Güido de Montefeltro.

Nesse episódio, Güido de Montefeltro conta a Dante como, após sua morte, São Francisco quis levar sua alma ao céu (porque ele era franciscano),mas um diabo --"un de’ neri cherubini"-- não lhe permitiu isso, levando a alma de Güido ao inferno, por ele ter dado mau conselho ao Papa Bonifácio VIII.

Como é também completamente falso também que, no Inferno, Dante ouvisse apenas "orribili favelle", e não linguagem humana. Muitos condenados falam com Dante, e lhe contam a causa pela qual foram condenados.

Eles até mesmo conversam com Dante em italiano da Toscana, porque ouvem o poeta passar "parlando onesto", isto é, em dialeto toscano, como, por exemplo, acontece no caso de Farinata degli Uberti (Inferno, X, 22, e ss.).

E está errada também a expressão "orribile favelle", como foi escrita por Olavo: "orribili favelle"é que seria correto, pois "favelle" está no plural, exigindo o adjetivo também no plural.

Prossigamos.

Olavo manifesta um desprezo pretensiosamente absurdo e caricato pelo maior Doutor da Igreja sobre Moral, Santo Afonso de Ligório, ao escrever:

"Santo Afonso de Ligório platonizou a moral cristã, transformando-a num sistema dedutivo, axiomático, fazendo um mal desgraçado" (Olavo de Carvalho, Crítica e Conselhos a Igreja Católica, in aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, Junho de 1998, Bloco 8, p. 19).

Será que Olavo leu mesmo algum livro de Santo Afonso, o maior Doutor da Igreja em Moral?

Tendo em vista como ele "leu" Dante, duvido que ele, seriamente, tenha lido algo de Santo Afonso.

Olavo não quer saber da moral católica como ela é, com tantas exigências. Especialmente em matéria de castidade. Pois declara:

"...há catolicismo, sim, no Brasil, mas reduzido às suas manifestações mais externas e menos espirituais: o moralismo sexual enervante, ostensivamente violado e sempre objeto de chacota (erigida mesmo em gênero literário)..." (Olavo de Carvalho, O Futuro do Pensamento Brasileiro, 2a. edição, Faculdade da Cidade Editora, p. 54. O itálico é meu.).

Criticando o "moralismo sexual enervante", Olavo segue seu mestre Nasr, para quem o ato sexual reconduz ao êxtase paradisíaco, recompondo o anthropos andrógino primordial:

"O macho e a fêmea em sua complementaridade recriam a unidade do ser andrógino e, de fato, sua união sexual é um reflexo terrestre deste êxtase paradisíaco que pertencia ao anthropos andrógino"(Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, State University of New York Press, 1989, p. 177)

E mais:

"Não é sem razão que a sexualidade é o único meio aberto para os seres humanos, não prendados com o dom da visão espiritual, para experimentar "o Infinito" através dos sentidos. Embora por alguns fugidios momentos, e que a sexualidade deixa uma tão profunda marca na alma do homem e da mulher e os afeta em um modo muito mais duradouro que quaisquer outros atos físicos" (Seyyed Hossein Nasr, Knowledge and the Sacred, State University of New York Press, 1989, p. 178)

Ainda recentemente, Olavo publicou um artigo, no qual afirma:

"Na religião islâmica, há uma série de práticas interiores das ordens místicas, que têm pouco a ver com as obrigações legais e rituais da religião coletiva, mais se destinam a utilizar a substância das paixões mais inferiores, mais violentas, como matéria-prima que, queimada no forno, no altar da prática mística, se converterá em virtude, em conhecimento espiritual, naquele sentido em que é possível dizer, com Sto. Agostinho, que as virtudes são feitas da mesma matéria dos vícios: partindo dos vícios, tomando-se como matéria-prima e queimando-os no forno da meditação e da concentração, o pecado se substitui pela graça."(Olavo de Carvalho, René Girard e a Coletividade Homicida, Transcrição de intervenção na mesa redonda em torno do pensamento de René Girard, realizada no anfiteatro da Universidade (Rio de Janeiro, 17- XI- 2.000, publicado em http//www.olavodecarvalho.org/textos/girad.htm. O negrito é meu)

Certamente você percebeu como Olavo coloca as paixões mais violentas, o vício, o pecado, como fonte de conhecimento espiritual, isto é, de Gnose.

Nesse texto de Olavo, fica patente, ainda, - apesar de uma vaga citação de Santo Agostinho, que não se sabe de onde foi extraída --, que ele acha possível a transmutação alquímica da matéria prima das paixões mais baixas em virtude, justificando o antinomismo, num misterioso "forno" místico-dialético.

O antinomismo pode ser definido como o anarquismo na moral, pois que não aceita que uma lei seja imposta aos homens, já que eles seriam, no fundo, partículas da Divindade aprisionadas na matéria pelo Demiurgo mau.

Ora, Olavo de Carvalho - e já citamos essa palavra dele em carta precedente - se afirma anarquista em moral:

"Em moral sou anarquista. Acredito que há princípios morais universais, permanentes, que a inteligência discerne por baixo da variação acidental das normas e costumes, e acredito, enfim, que há o certo e o errado. Mas por isso mesmo, impor o certo é errado, a não ser em caso de vida ou morte. O sujeito que faz o certo só por obediência e sem compreendê-lo acaba por transformar no errado. "Experimentai de tudo e ficai com o que é bom" recomendava S. Paulo Apóstolo, meu amado guru (sic???). É uma questão de viver e aprender. Mas como podemos aprender, se um tirano paternalista nos proíbe de errar? Por isto deve haver a mais ampla liberdade de escolha e de conduta, e a autoridade religiosa deve se limitar a ensinar o certo, com toda a paciência, sem tentar expulsar o pecado do mundo à força. E se nem os religiosos, que por sua dedicação à vida interior têm autoridade para falar dessas coisas, devem impor regras morais à força, muito menos deve fazê-lo o Estado, que afinal não passa de uma gerência administrativa, a coisa mais mundana e prosaica que existe. As leis devem fundar-se apenas em considerações práticas de ordem, segurança e interesse coletivo, muito corriqueiras, e jamais em motivos pretensamente elevados de ética, que terminam por fazer da burocracia estatal um novo clero, e do Código penal um novo Decálogo. A coisa mais nojenta que existe é a metafísica estatal." (Olavo de Carvalho, Fórmula de Minha Composição Ideológica, entrevista, 23- XII - 1998, Fórmula da minha composição ideológica.htm Página da W. O negrito é meu).

Como sempre, Olavo faz uma declaração escandalosa que, depois, ele procura atenuar com apostos escorregadios. Escandalosa é sua referência a São Paulo, como seu "querido guru".

Ora, São Paulo, como não podia deixar de ser, afirma uma doutrina oposta à de Olavo em matéria de moral e do direito do Estado de impor obrigações morais, fundadas na lei natural. O Estado

legítimo, conforme ensina o Apóstolo, existe, não como mera "gerência administrativa", como diz Olavo, pois escreveu São Paulo:

"Toda a alma esteja sujeita aos poderes superiores, porque não há poder que não venha de Deus e os que existem foram instituídos por Deus. Aquele, pois, que resiste à autoridade, resiste à ordenação de Deus. E os que resistem, atraem sobre si próprios a condenação. Com efeito, os príncipes não são para temer pelas ações boas, mas pelas más. Queres, pois, não temer a autoridade? Faz o bem, e terás o louvor dela, porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, porque não é debalde que ela traz a espada. Porquanto ela é ministro de Deus vingador, para punir aquele que faz o mal" (São Paulo, Epístola aos Romanos, XIII, 1- 5).

Quando Pilatos disse a Cristo que tinha poder para perdoá-Lo ou para condená-Lo, Cristo não contestou a autoridade do Estado, mas declarou:

"Tu não terias poder algum sobre mim, se não te fosse dado pelo alto"(Jo. XIX, 11).

Portanto, Cristo afirma que o poder do Estado vem de Deus e que esse poder inclui o direito de condenar à morte.

Fica então provado que, de fato, Olavo defende, como o fazem certas seitas gnósticas, o antinomismo, que ele chama de anarquismo moral.

VIII - 4. O 3o Ponto Secundário da Doutrina Gnóstica, segundo Olavo de Carvalho: o Milenarismo

O Milenarismo de Guénon

"Estamos em Kali yuga, na idade sombria na qual a espiritualidade está reduzida ao mínimo, pelas próprias leis do desenvolvimento do ciclo humano, dispondo uma espécie de materialização progressiva através de seus diversos períodos, dos quais este é o último; por ciclo humano, entendemos aqui unicamente a duração de um Manvantara. Indo ao fim desta idade, tudo está confundido, as castas estão misturadas, a própria família já não existe; não é isso exatamente o que vemos ao redor de nós? Há que concluir disto que o ciclo atual chega efetivamente a seu fim, e que logo veremos apontar a aurora de um novo Manvantara? Poder-se-ia ser tentado de acreditá-lo, sobretudo se se pensa na velocidade crescente com a qual os acontecimentos se precipitam; porém, quem sabe a desordem não tenha alcançado seu ponto mais extremo, quem sabe a humanidade deve descer ainda mais baixo, nos excessos de uma civilização totalmente material, antes de poder subir de novo até o princípio e até as realidades espirituais e divinas. Pouco importa por outro lado: quer seja um tanto mais cedo, ou um tanto mais tarde, esse desenvolvimento descendente que os ocidentais modernos chamam "progresso" encontrará seu limite, e então a "idade escura" [Kali yuga] terá seu fim; então aparecerá o Kalkin-avatara, aquele que está montado sobre o cavalo branco, que carrega sobre sua cabeça um tríplice diadema, símbolo da soberania nos três mundos, e que ostenta em sua mão uma espada flamejante como a estrela de um cometa; então o mundo da desordem e do erro será destruído, e, pela potência purificadora e regeneradora de Agni, todas as coisas serão restabelecidas e restauradas na integridade de seu estado primordial, o fim do ciclo presente, sendo ao mesmo tempo o começo do ciclo futuro. Os que sabem que deve ser assim não podem, inclusive em meio à maior confusão, perder sua imutável serenidade; por repugnante que seja viver em uma época de transtornos e de obscuridade quase geral, eles não podem ser afetados no fundo de si mesmos, e isto é o que faz a força da elite verdadeira. Sem dúvida, se a obscuridade deve ir estendendo-se cada vez mais, essa elite poderá, inclusive no Oriente, ficar reduzida a um número muito pequeno; porém basta que alguns guardem integralmente o verdadeiro conhecimento, para estar prontos, quando os tempos estejam cumpridos, para salvar tudo o que ainda poderá ser

salvo do mundo atual, e se tornará o germe do mundo futuro" (René Guénon, O Espírito da Índia (1), publicado em "Le Monde Nouveau", junho de 1930, e, depois em "Études Traditionnelles", 1937, cap. II de "Études sur L’Induisme", Paris, Ed. Trad. 1968, pp. 21-22).

Como se vê claramente por esse longo texto, Guénon esperava que, depois de uma crise terrível, viria uma nova época - um novo Manvantara - no qual seria restabelecida a ordem primordial. Haveria um período de felicidade.

Também no livro O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos, René Guénon defende essa concepção milenarista:

"Tudo o que descrevemos durante este estudo constitui, de modo geral, aquilo a que podemos chamar os "sinais dos tempos", segundo a expressão dos evangelhos, isto é, os sinais precursores do "fim do mundo" ou de um ciclo, que só aparece como "fim do mundo", sem restrições nem especificações de qualquer espécie, para aqueles que não vêem nada para além dos limites deste ciclo, (...)"

(René Guénon, O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos, Dom Quixote, Lisboa, 1989, p. 257).

E pouco depois, nesse mesmo livro, Guénon adverte que este final de ciclo "é o final de um Manvantara completo, isto é, da existência temporal daquilo a que chamamos mais propriamente uma humanidade, o que, mais uma vez, não quer de modo nenhum dizer que seja o fim do mundo terrestre em si, já que, pela "recuperação que se opera no momento último, esse mesmo fim torna-se imediatamente o começo de outro Manvantara"(R. Guénon, op. cit., p. 257. O negrito é meu).

Guénon distingue o sonho evolucionista do racionalismo progressista de uma época perfeita no futuro - a utopia, embora ele não utilize esse termo - da recuperação de uma época de perfeição absoluta que existiu no passado _- o milênio, a Idade de Ouro, o Éden da primitiva felicidade.

Guénon não faz a distinção entre milênio e utopia, mas diz:

"A esse propósito, há ainda um ponto sobre o qual temos de nos explicar de modo mais preciso: os partidários do "progresso" têm o hábito de dizer que a "idade de ouro" não está no passado, mas no futuro; a verdade, bem pelo contrário, no que diz respeito ao nosso Manvantara é que ela é realmente do passado, visto que não é outra coisa senão o próprio "estado primordial" (René Guénon, O Reino da Quantidade, pp. 257-258).

Dizendo isso, Guénon se filia claramente à Gnose romântica e a seu milenarismo, esperando uma volta à "Idade de Ouro".

Essa expectativa em nada difere dos sonhos milenaristas de Joaquim de Fiore, dos sonhos do Reino de Deus dos Espirituais Franciscanos no século XIV. É exatamente o velho milenarismo de retorno à felicidade primordial defendido pelos escritores românticos e por Anna Katharina Emmerick, que Guénon apresenta, nesses parágrafos, em roupagem hindu. É um milenarismo de sari e de turbante, mas é milenarismo mesmo.

Outra mostra da tendência milenarista de Guénon se tem ao constatar sua ausência de crítica - e mesmo simpatia - pela revolução Tai Ping Tien Guo (Reino Celeste da Grande Paz), por ver nela uma ressonância da ação secreta do Taoismo.

Os Tai Ping foram revolucionários que, na China imperial do século XIX, procuraram estabelecer um Reino messiânico, igualitário e comunista.

O primeiro líder da revolução Tai Ping, Hong Xiuquan, foi influenciado por folhetos de propaganda protestante. Proclamou-se o "irmão mais jovem de Jesus Cristo", e levou os camponeses do grupo marginalizado Hakka a tomarem armas, e a procurarem estabelecer a igualdade à força.

Os Tai Ping tomaram Nankin, da qual fizeram a sua capital, e estabeleceram um reinado de terror. Instituíram uma reforma agrária radical, delirantemente sonhadora, que encantaria Frei Boff, e contra a qual Guénon não fez a menor crítica.

Assim proclamava a lei agrária dos Tai ping:

"A distribuição da terra é feita em conformidade com o tamanho da família, sem consideração de sexo, só levando em conta o número de pessoas: maior número, mais terras receberão(...) Todas as terras sob o Céu pertencem a todos os homens sob o céu. Se a produção for insuficiente numa parte, em outra será abundante. Toda a terra sob o Céu deve ser acessível em tempo de abundância e de fome". "Se houver fome em uma zona, tragam o excesso de onde reina a abundância, a fim de alimentar o esfomeado. Dessa maneira, todos os homens sob o Céu usufruirão da grande felicidade dada pelo Pai Celestial, Senhor Supremo e Deus Augusto. A terra será possuída por todos. o arroz comido por todos, as roupas vestidas a todos, o dinheiro será gasto por todos. Não haverá desigualdade e ninguém ficará sem alimento".(...)"Por todo o Império serão plantadas amoreiras ao pé dos muros. Todas as mulheres cultivarão bichos da seda, fiarão panos e costurarão roupas. No Império, cada família, sem exceção, possuirá cinco galinhas e dois porcos (...) A mesma regra aplicar-se-á ao trigo, ao feijão, ao linho, aos tecidos, à seda, aos pintos, aos cães, etc. Do mesmo modo em relação ao dinheiro. Pois tudo na terra pertence à grande família do Pai Celestial, Senhor Supremo e Deus Augusto. Ninguém no Império possuirá propriedade privada, tudo pertence a Deus, para que Deus de tudo possa dispor. Na grande família do Céu, todos os lugares são iguais e cada um vive na abundância. Tal é o edito do Pai Celestial, Senhor Supremo e Deus Augusto, que especialmente ordenou ao Verdadeiro Senhor dos Tai Ping que salvasse o mundo" (Lei Agrária dos Tai Ping, apud Jean Chesneaux, A Ásia Oriental nos Séculos XIX e XX, Ed. Pioneira, São Paulo, 1976p. 55-56).

Até parece que a Pastoral da Terra da CNBB passou por lá, pois o MST dos Stediles e Rainhas, atiçado pelos Bispos progressistas, não prega diferentemente.

Talvez seja conveniente informar também que a Reforma Agrária dos Tai Ping - precursora daquela que é preconizada pela ala "Tai Ping" da CNBB --, como não poderia deixar de ser, teve um resultado trágico; 30.000.000 de mortos, segundo informa o Chinese Cultural Studies, (Concise Political History of China, compeled from Compton’s Luring Encyclopedia, on American on line(August 1995).

E como os Tai Ping foram, segundo Guénon, manejados por trás pelas sociedades secretas "tradicionais" taoístas, ele não recrimina os horrores praticados por eles, pois sobre tudo isso diz apenas o seguinte:

"Não queremos, certamente, dizer que todos os membros dessas organizações relativamente exteriores devam ter consciência da unidade fundamental de todas as tradições; mas os que estão por trás dessas organizações e as inspiram possuem forçosamente, na qualidade de "homens verdadeiros" (Tchenn-jen), essa consciência, e é isso que lhes permite introduzir nelas, quando as circunstâncias o tornam oportuno ou vantajoso, elementos formais pertencentes de modo exclusivo a diferentes tradições" (René Guénon, A Grande Tríade, Ed Pensamento, São Paulo, 1957, p.9).

Depois desse texto obscuro, Guénon coloca a seguinte nota 9:

"9. "Inclusive, às vezes, até as que são mais completamente estranhas ao Extremo Oriente, como o Cristianismo, como se pode ver no caso da Associação da "Grande Paz" ou "Tai-ping", que foi uma das emanações recentes da Pe-lien-houei, que vamos mencionar mais adiante" (R. Guénon, idem p. 9, nota 9).

E só. Nenhuma crítica. Só porque os Tai Ping tentaram estabelecer um Reino milenarista por influência do protestantismo e dos manejos do Taoísmo "tradicionalista". Para Guénon, as 30.000.000 de vítimas dos "tradicionalistas", daqueles que ele chama "os homens verdadeiros" que se danassem! Vai ver que os 30 millhões de mortos não eram "homens verdadeiros".

Vimos que Guénon cooperou, por muito tempo, na revista "Il Regime Fascista".

Veja-se agora, a curiosa nota que ele insere num outro livro seu:

"A propósito da Tula atlântida, nós achamos interessante reproduzir aqui uma informação que nós destacamos numa crônica geográfica do Journal des Débats (22 de janeiro de 1929), sobre Os índios do ístmo do Panamá, e cuja importância certamente escapou ao próprio autor desse artigo: "Em 1925, uma grande parte dos Índios Cuna se rebelou, os índios mataram os soldados do Panamá que habitavam em seu território, e fundaram a República independente de Tulé, cuja bandeira é uma swastika sobre fundo alaranjado com borda vermelha. Esta república existe ainda na hora atual". Isto parece indicar que subsiste ainda, no que tange as tradições da América antiga, muito mais coisas que se seria tentado acreditar" (René Guénon, Formas Tradicionais e Ciclos Cósmicos, Gallimard, Paris, 1982, pp. 38-39, nota 1. Os itálicos são do autor).

Nesse texto de Guénon, queremos chamar a atenção sobre três pontos:

1) A simpatia com que ele fala da Swastika;

2) A simpatia com que ele fala de Tulé, lembrando que a Tule Geselschaft, foi uma das sociedades secretas que prepararam o triunfo do Nazismo, na Alemanha;

3) Que a Swastika e Tulé estão relacionados com o Agartha, misterioso centro secreto de onde os "Superiores Desconhecidos", de que falavam os martinistas - e nos quais Guénon acreditava de pés juntos-- dirigiriam o mundo magicamente. O Agartha, segundo Guénon e os esotéricos, seria o centro Iniciático de nosso universo. Um lugar oculto, no centro da Ásia "misteriosa", onde viveria o Rei do Mundo, que de seu esconderijo dirigiria magicamente os governantes de todo o mundo, por meio dos "Superiores Invisíveis". Esse delírio foi escrito no estapafúrdio livro de Guénon "O Rei do Mundo".

Acredite quem quiser.

Mas, vizinho do Agartha, deve morar Papai Noel. Cujo trenó deveria ser puxado, em vez de renas, pelos centauros do Mundo Imaginal de Olavo.

Acredite quem quiser...

Guénon acreditava.

Acreditava tanto no Agartha, quanto no Rei do Mundo, que lá morava.

Acreditava até que os Superiores Desconhecidos lhe falassem, e que eram entidades do mundo "imaginal". Era dessas "entidades" do outro mundo, que Guénon tomava os seus pseudônimos. Ele mesmo conta isto:

"Numa carta de 17 de junho de 1934, Guénon escreve a um seu correspondente - depois de ter feito, entre outras coisas, referência aos ensaios publicados em La Gnose e na La France Antimaçonique --"Toda vez que me servi de outras assinaturas, houve razões particulares para isso, as quais não devem ser referidas a R.G., pois que estas assinaturas não são simplesmente "pseudônimos" ao modo "literário", mas representam, se assim se pode dizer, "entidades" realmente distintas" (Cfr. Jean Robin, René Guénon, Ed. Il Cinabro, p. 325. O negrito é meu).

Então, como Fernando Pessoa, Guénon assumia "entidades". Coisa comum na Bahia.

E Robin explica que essas entidades seriam Tulkous. Segundo os tibetanos, o tlkoul "é ou a reencarnação de um santo, ou de um sábio falecido, ou ainda a reencarnação de um outro ser não humano: deus, demônio etc."(Jean Robin op. cit., p. 325-326).

Então, Guénon acreditava que era instruído por um ou vários tulkous... Que existiriam no mundo astral ou imaginal. E que poderiam ser espíritos de sábios ou santos falecidos, deuses ou demônios...

Advinha, você, Felipe, quem acho eu que baixava em Guénon para ensiná-lo, dizendo-se um tulkoul "Superior Desconhecido"? Creio que não é difícil de advinhar...ë alguém bem conhecido. Principalmente, sabendo-se que esse tulkoul era subordinado ao "Rei do Mundo"...

E Olavo? Em que acredita?

Olavo acredita no que Guénon acredita.

Portanto para Olavo existe mesmo esse "Centro Iniciático" mundial.

Olavo, que acredita em centauros, djins, e nos monstros do Zodíaco, porque não acreditaria na existência desse "Centro" geográfico terrestre do esoterismo tradicional?

Olavo acredita. Julga-se um homem de fé.

E você, Felipe, não acredita que Olavo acredite no que Guénon acredita?

Que falta de "fé"!

Pois leia, você mesmo, a prova de que Olavo acredita no "Centro" iniciático, de onde os "Superiores Desconhecidos" dirigem a política mundial:

"Existe uma Tradição Primordial, universal e eterna, que é o depósito da sabedoria revelada. Existe a manifestação humana e terrestre dessa Tradição, e portanto uma organização tradicional que a representa. Existe um centro geográfico que é a localização dessa organização em algum ponto da Terra, em cada ciclo temporal. Tudo isso é inquestionável" (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, ed. Nova Stella, Coleção Eixo, [La bien nommée] São Paulo, 1986, p. 13).

Então, Olavo crê:

1) Que existe uma organização encarregada de guardar a Tradição Primordial revelada e eterna.

Como se chama essa organização? Nem Guénon diz seu nome. Portanto, Olavo não sabe o nome dela.

2) Essa organização estaria sediada em um misterioso ponto da Terra, que alguns esotéricos - inclusive os nazistas - chamam de Agartha

3) Olavo não diz nada do Rei do Mundo que moraria lá, no Agartha, no centro da Ásia, talvez numa gruta, no Himalaia. Guénon fala desse Rei. Até escreveu um livro - um delírio - sobre isso. Mas escreveu. Escreveu e publicou. E se Guénon escreveu, Olavo leu e acreditou, ainda que não diga uma palavra sobre o tal Rei do Mundo.

E Olavo critica Santo Afonso!

E Olavo, defende ele algo parecido com o milenarismo de Guénon?

Tudo o que diz Olavo de mais "original", pode ser encontrado nos seus mestres tradicionalistas. Se Guénon disse que esperava uma crise universal no final do Kali yuga, à qual se seguiria um novo Manvantara, causador do retorno à ordem primeva, pode-se contar que Olavo vai defender a mesma coisa, em algum de seus livros esotéricos.

Olavo afirma a doutrina dos ciclos cósmicos ensinada por Guénon, e diz que estamos no final de uma era. Os indícios deste fim de era são descritos nos livros hinduístas, e Olavo acredita que eles se assemelham ao que profetiza o Apocalípse (!!!).

Imagine!

Olavo - parecendo certos crentes de seitas malucas que aguardam o fim do mundo para depois de amanhã - chega a dar os sinais da crise tremenda do fim do período em que vivemos e que precederá a renovação do mundo. Ele diz que tirou esses sinais premonitórios do livro Hindu chamado Baghavata Purana - Eta nome feio! - Livro XII, S1, 24 a 44.

Veja lá que "precisão" profética a do Baghavad Purana apud Olavo de Carvalho:

"Durante esse período, os homens têm a inteligência curta e poucos recursos. [De fato, vendo a TV, parece hoje...]. Eles são glutões, libidinosos, indigentes. As mulheres são libertinas e más."

"Os campos são devastados pelos assaltantes. os livros sacros são profanados pelos heréticos". [Parece São Paulo, do MST e de certos clérigos, seus protetores...].

‘As mulheres são de talhe exíguo, mas vorazes, de uma fecundidade excessiva, [Não é hoje...], sem pudor, tagarelando sem parar [Isto, dirão más línguas tagarelas, sempre foi assim. E alguns temem que será assim até no reino milenarista predito por Guénon, no pós Kali yuga], ladras, turvas e de um grande descaramento".

"O comércio estará nas mãos de gente miserável, de mentirosos convictos. Mesmo não sendo em caso de necessidade, as ocupações ilícitas serão consideradas lícitas". [É hoje! Sem dúvida!]

"Os homens abandonarão os pais, irmãos, amigos e parentes, serão dados à luxúria e às afeições ilícitas.

"Os Shudras (homens grosseiros e materialistas) disfarçados em ascetas, viverão deste disfarce, captando oferendas"

"Os homens terão a alma sempre perturbada: estarão atormentados pela escassez e pelo fisco’ [É o Brasil atucanado! Sem sombra de dúvida! E no escuro do "Apagão"]

"A riqueza substituirá vantajosamente a nobreza de origem, a virtude, o mérito.

"No casamento, os homens só buscarão o prazer, e, nos negócios, o lucro fácil"

"O objetivo de todos será encher a barriga. A insolência passará por sinceridade’

"A lei dos heréticos prevalecerá. Todas as castas serão parecidas com a dos Shudras"

(Apud Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, Nova Stella, São Paulo, 1986, pp. 52-53).

São "profecias" que não significam nada, porque são aplicáveis a qualquer tempo. Parecem ter sido feitas por alguém que sofria do fígado, ao despertar, numa chuvosa segunda feira.

Entretanto, elas indicam a mentalidade de um crente na expectativa da chegada do ‘Reino" do Messias. Só falta alugar um "out door" luminoso, na perfumada marginal do Tietê, anunciando: "O Kali yuga está no fim. Um Avatara vai chegar. Você, que está aí parado no trânsito engarrafado, não desespere. Vai começar um novo Manvantara. Aguarde. É para breve."

Com as garantias do Purana, de Guénon e de Olavo.

O Rei do Mundo vem aí.

Acredite se quiser.

Acha que exagero?

Pode ser, se se considera que nem um Avatara - que bicho será esse? - conseguirá solucionar o trânsito paulistano.

Mas veja o que escreveu Olavo:

"Face a isto é preciso dizer que em nosso tempo uma multiplicidade de ciclos cósmicos e históricos está chegando ao seu fim, prenunciando uma mudança de muito maiores proporções do que um simples arranhão na crosta das instituições do nosso moderno Ocidente industrial e materialista. De fato, coincidem por volta desta época o encerramento da Era de Pisces, o encerramento de um ciclo polar de 21.600 anos e o encerramento da Idade do Ferro [deve ter começado a Idade de Plástico...] (era de decadência iniciada aproximadamente em 4. 450 A C.) (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, p. 51).

E prossegue, impertérrito, Olavo qual profeta anunciando a chegada do Avatara:

"Para que se compreenda bem o que isto quer dizer, é preciso saber que a doutrina hindu - como, aliás, todas as doutrinas tradicionais - encara o desenvolvimento temporal da espécie humana como um processo de queda progressiva, que de intervalo a intervalo é sustado por uma intervenção providencial dos céus, com o surgimento de um Avatara ou Profeta, que restaura até certo ponto as

possibilidades espirituais anteriores, mas sem nunca poder elevar a humanidade ao nível pleno de perfeição espiritual de antes." (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, pp. 51-52).

Não disse?

Aí está Olavo, qual profeta tupiniquim, anunciando o advento do Avatara, o Restaurador, que chegará montado num cavalo branco, qual Dom Sebastião. E com uma coroa na cabeça, segundo Guénon, que se entendia de avataras e manvantaras. (Cada nome feio achanam esses hindus!).

Não há dúvida, então: Olavo adota uma teoria milenarista. E também nesse ponto secundário ele é gnóstico.

Aliás, ele foi do Partido Comunista que, como mostram vários autores, entre eles Eric Voegelin e Alain Besançon, é um "ersatz" da religião, prometendo um Reino messiânico na terra. E Olavo diz que, apesar de combater a burrice dos esquerdistas, ainda "compartilha de vários ideais da esquerda"...

Assim fica patente que Guénon e seu Olavo são milenaristas, em que pesem os ataques atuais de Olavo ao utopismo da esquerda, da qual, porém, ele confessa "compartilhar certos ideais".

E isso nos leva a um... interlúdio...político

VIII - 5 - Um interlúdio político: Quem não tem Cão, caça com Gato

Atribui-se a Lenin a frase: "O fruto natural do comunismo é o anti comunismo. Antes que os anti comunistas se organizem, organizemos nós mesmos o anti comunismo".

"Se non é vero, é bene trovatto", dizem os italianos.

Se a frase não é verdadeira, ainda que ela não tenha sido dita por Lenin, é exatamente isso o que se tem visto na História do século XX.

Mussolini sempre foi anarquista, e durante anos foi Diretor do jornal "socialista" "Avanti". De repente, se arrependeu, e se declarou anti-comunista. Tomou o poder, depois da heroicamente ridícula "Marcha sobre Roma", e fez um governo estatizante, isto é, socialista. Foi um tirano à la macarroni, e, depois de deposto e libertado pelos nazis, fundou uma republiqueta socialista até no nome: a Republica Socialista de Saló.

Hitler é tido como anti comunista, mas o Partido nazista se chamava Partido Nacional Socialista Operário Alemão. E primitivamente o nome desse Partido fora Partido dos Trabalhadores Alemães, e seu programa era socialista, exigindo a socialização da economia, a estatização dos bancos, a Reforma Agrária, a educação estatizada, etc. Parece até o programa do PT de Dom Arns e de Lula.

Um historiador insuspeito, François Furet, mostra que fascismo, nazismo e comunismo não eram incompatíveis, havendo estranhas e paradoxais similitudes entre eles:

"De resto, imitação e hostilidade não são incompatíveis: Mussolini copia Lenin, mas é para vencer e impedir o comunismo, em Itália. Hitler e Estaline irão oferecer vários exemplos de cumplicidade beligerante" (François Furet, Ernst Nolte, Fascismo e Comunismo, Gradiva, Lisboa, 1999, p. 14).

E Hobsbawn, outro historiador insuspeito afirma: "Nessa medida, os apologistas do fascismo provavelmente têm razão de sustentar que Lenin gerou Mussolini e Hitler"(Eric J. Hobsbawn, lL’Âge des Extrêmes, Histoire du Court XXème Siècle, Éd. Complexe,1994, p. 172).

De algum modo, pois, Lenin Gerou Hitler e Mussolini. O comunismo gerou, de algum modo, o chamado "anti-comunismo" socialista de direita.

Costumo dizer que fascismo e comunismo são gêmeos dialéticos siameses. É difícil distinguir um do outro. São gêmeos especulares. Ambos filhos da revolução Francesa e do liberalismo. O comunismo, pretendendo levar a igualdade liberal às ultimas conseqüências econômicas, pela abolição da propriedade privada. O nazismo e o fascismo, fazendo triunfar o nacionalismo da Revolução de 1789, de modo radical e completo.

Além disso, há a questão tática, para a qual a frase atribuída a Lenin, ou de Lenin, aponta: impossibilitado de triunfar diretamente, o comunismo procura vencer pela manobra pseudo direitista.

Comunismo esquerdista e fascismo pseudo direitista se assemelham as duas pontas de uma barkana (duna de areia no deserto).

A duna é impelida pelo vento em uma certa direção. Os grãos de areia alcançam o topo da duna, antes nas pontas - mais baixas - do que no centro, mais alto. Isto faz com que as pontas da duna avancem mais rapidamente, dando à duna um aspecto de meia lua, na qual as pontas ficam bem mais avançadas que o centro, mais alto e mais volumoso.

Porém, ambas as pontas avançam na mesma direção: a que é imposta pelo vento. O centro, mais volumoso, - "reino da quantidade"-- avança mais devagar, mas vai ele também, embora mais lentamente, na mesma direção que as extremidades, quer da direita, quer da esquerda da duna.

O processo político, no liberalismo, segue um modo de avançar análogo.

O vento do orgulho impele os grãos de areia da "massa" popular em direção à esquerda, isto é, em direção à uma igualdade cada vez maior. Os líderes radicais têm mais facilidade de assumir as alturas de comando, nas extremidades da duna popular. A oposição dos líderes radicais - de esquerda e de direita - é puramente aparente, porque a duna segue, nas duas pontas, na mesma direção: para a esquerda, isto é, para a igualdade e para a estatização.

A massa dos moderados, sempre assustada, e sempre anti radical, vai lentamente na mesma direção que as pontas da duna política. Por isso, um moderado de hoje adotará, depois de amanhã, o que os extremados exigiam ante ontem.

Veja o papel da moderada e anti-radical Democracia Cristã, na Itália: começou combatendo o PC. Depois, fez a "apertura a sinistra". Que foi uma sinistra abertura. Amasiou-se politicamente ao socialismo. E acabou sendo alijada do consórcio do poder.

"Mane pulite" alijaram o socialista Bettino Craxi até a Tunísia, e levaram aos Tribunais antigos líderes demo cristãos, suspeitos de aliança com a Maffia...

Aplique tudo isso ao Brasil... E você verá líderes católicos da Democracia cristã saindo do plenário da Câmara para não votar contra o divórcio...

Você verá os membros da antiga Ação Católica, aliando-se ao PC, e ajudando a guerrilha de Marighela. Hoje, vários deles fizeram crescer, em seu nariz, um bico de tucano.

Como ficaram feios... E que papel feio!

Aplique tudo isso ao Brasil, repito.

No Brasil, em 1964,os militares deram o golpe para impedir o triunfo do comunismo. Mas, imediatamente fizeram uma Reforma Agrária mais radical que a de Jango. Criaram o Incra, e as leis que agora o socialista FHC aplica, pela mão de Jungmann - um ex membro do PC - docemente cedendo às pressões do MST, sob o olhar e o sorriso socialista de Dona Ruth Cardoso para Stedile e Rainha. Sob a benção aposentada, mas sempre dulçurosa, do Cardeal Arns, aquele que mandava telegramas ao seu "queridíssimo Fidel...".

Os militares deram o golpe para impedir a vitória comunista, que faria a estatização da economia. E, depois de anos de governo anti comunista-- sob a tutela de Geisel e Golberi, um amigo de Dom Arns - o Brasil estava mais socializado do que a Yugoslávia de Tito. Com o divórcio, imposto pelo protestante General Geisel.

Parece regra: os anticomunistas, a pretexto de evitar o avanço da esquerda, fazem o que os comunistas anunciavam que queriam fazer. Veja, nos USA: foi Nixon quem fez os acordos com a China Comunista, que eram pedidos por Kennedy.

Via de regra, são ex membros do Partido comunista, são ex marxistas, que tomam a direção da política, quando o PC fracassa nas urnas, ou na tomada do poder, por outras vias...

Dê uma espiada pelos atuais governos da Europa neo capitalista: no poder você encontrará vários trânsfugas do naufrágio socialista e comunista, que sem terem pulado por cima do Muro da Vergonha - o de Berlim-- pularam, sem vergonha, por cima do muro da Ideologia.

Verifica-se precisamente a realização da manobra apontada por Lenin: são comunistas e socialistas que organizam o anticomunismo de "direita".

Nada se parece mais com a extrema esquerda do que a extrema direita. Elas são tão parecidas como as duas pontas da duna.

E o centro vai escorrendo - sempre moderadamente, é claro! - na direção apontada pelos líderes radicais de ambas as pontas. Sem radicalismos. Moderadamente. No Centro está a virtude...Moderadamente cúmplice!

Não foi o moderado Partido do Zentrum de Monsenhor Kaas, que deu a Hitler a Chancelaria, e, em seguida, plenos poderes, e depois desapareceu?
Foi. Foi o Zentrum moderadíssimo que preparou a tirania nazista e possibilitou os crimes de Auschwitz.

Veja ainda a cooperação da burguesia capitalista com a esquerda.

Em toda revolução marxista, se encontram líderes provenientes da burguesia plutocrata que, "arrependidos" de seu "pecado original" capitalista, fazem questão de se fazerem de socialistas sinceros.

Vão até passar alguns dias em barracos de favelas, para "vivenciarem" uma "experiência" de pobreza. Por três dias.

E bancam Robespierres de subúrbio: incorruptíveis paladinos da "ética" e da "virtude", em toda CPI que apareça.

Ou em que apareçam.

Burgueses com complexo de culpa capitalista.

Via de regra, são capitalistas burgueses que pagam os intelectuais e jornalistas que se "convertem" do marxismo, para liderar cruzadas anti comunistas.

Já Lenin dissera também:

"Quando chegar a hora, serão os banqueiros capitalistas que nos darão a corda com a qual os enforcaremos".

"Profético".

Ouvi dizer que Olavo concorda inteiramente com essa idéia, pois costumaria dizer: "Os capitalistas são os porquinhos que os comunistas engordam o ano todo, para ceá-los no Natal".

Se Olavo, não disse textualmente isso, é verdade assim mesmo,

Tendo em vista o acima considerado, pode-se perguntar, como hipótese de estudo apenas, sem afirmação de que seja tese comprovada, se isso tudo é aplicável ao caso concreto de Olavo de Carvalho.

Atualmente Olavo, montado num Pão de Açucar metafórico, proclama-se o único jornalista anti comunista a escrever nos grandes periódicos nacionais.

E escreve artigos ardidos, desancando a esquerda laica e clerical. Descendo a pua na intelectualidade esquerdista uspiana.

Com isso, recolhe as simpatias do público cansado da parolagem tucana, farto do palavreado moralizante do centrismo, sempre moderado, que cohabita com uma corrupção imensa, bem como recebe o apoio do público que exige mais lógica, e reação contra a falta de segurança.

Como hipótese, repito, e tendo em vista o que acabamos de ver, pode-se perguntar: será que quando Olavo se diz anti comunista - hoje - é para valer mesmo?

Tantos outros, no passado, cantaram a mesma canção!...

A hipótese tem que ser levada em conta.

Olavo foi do PC.

E declara que ainda compartilha de certos ideais da esquerda. E se diz anarquista em moral... Anarquista em educação. E mantém conceitos e esperanças milenaristas.

Numa entrevista perguntaram a Olavo:

"O sociólogo Manuel Castells fala que, hoje, se alguma utopia pode servir para refletir a realidade, é o anarquismo, ou seja, a atomização completa dos poderes. O que o senhor pensa disso?

Respondeu Olavo : "Olha, se pegarmos a ideologia anarquista e retirarmos dela um fundo verdadeiramente demoníaco e mórbido, de ódio às religiões, podemos dizer que eu sou anarquista" (Olavo de Carvalho, A Miséria do Materialismo, in República, Fevereiro de 2.000. ano IV, no 40, P. 97. O negrito é meu).

Olavo é pois um anarquista religioso.

Boff é um religioso anarquista.

Será que, de fato, eles são tão diferentes?

Para completar, nessa mesma entrevista, ele declarou: "Eu defendo uma idéia não porque ela seja de direita ou de esquerda, mas porque coincide com a realidade do momento. Eu não tenho a pretensão de chefiar movimento, de orientar política. Se o Brasil quiser um ideólogo, que vá procurar outro ". (Olavo de Carvalho, A Miséria do Materialismo, entrevista in, República, Fevereiro de 2.000, ano IV, no 40, p. 62".O negrito é meu).

Olavo diz defender uma idéia, porque coincide com "a realidade do momento"... Huum...

Essa defesa parece bem instável...

E se mudar "a realidade do momento"...?

Olavo diz que tudo é fluxo.

Humm...

Tomar atitudes conforme a "realidade do momento" pode ser traduzido como ser oportunista...

E Olavo previne: "(...) a palavra esquerda é ambígua e abrange muitas coisas boas também" (Olavo de Carvalho idem p. 97. O itálico é do autor. O negrito é meu).

Quais coisas boas a esquerda defende, Olavo não explicita: mantém em segredo esotérico...

Como se vê, Olavo não pode ser tido como um anti esquerdista radical...

Nessa mesma entrevista, foi dito a Olavo :

"Esse seu pensamento é muito parecido com o de parte da esquerda.

Ao que Olavo respondeu: "Não tenha a menor dúvida! Mas nenhuma fundação americana me paga para isso. As minhas idéias são experimentais: pode ser que a situação mude amanhã ou depois mude ou eu perceba que entendi errado. Agora, o ideólogo não pode mudar de idéia, porque senão acaba o partido" (Olavo de Carvalho, A Miséria do Materialismo, República, no 40, p. 66 O negrito é meu).

Viu?...

Pode ser que "a situação mude amanhã"...

"Ou mude eu"... Por ver que "entendera errado" ao se dizer contra a esquerda...

Olavo não repele a hipótese que levanto.

Nem sequer esconde a hipótese de que ele pode mudar.

Ele a afirma, escreve e subscreve.

Não se pode acusá-lo, então, de falta de sinceridade nesse problema.

O oportunismo de Olavo parece muito com o que é habitual em políticos brasileiros.

Já havíamos constatado: Olavo é mobile. Tudo é fluxo, para ele. E ele está no tudo. Portanto, pode "fluxar"

Por isso, ele não quer ser "ideólogo". Sabe que vai mudar...

Será ele sempre um anti comunista?

Ele mesmo previne que pode mudar...

Acreditar em seu anti comunismo é, então, uma questão de confiança...no fluxo...

Para completar a canção, já parodiada anteriormente, poder-se-ia cantar:

Olavo è mobile...

Por isso...

"Ma non è furbo chi a lui s’ afida,
Chi in lui confida e in suo mistero."

Olavo se diz católico - judeu- maometano, e não é nada disso. É gnóstico.

Ao dizer isso, Olavo procura se colocar como o "sábio" gnóstico, como diz Ibn Arabi:

"O verdadeiro sábio não se vincula a nenhuma crença" (Mohyidin- din- Ibn- Arabi, apud Luc Benoist, El Esoterismo, p. 46).

Que confiança merece um gnóstico com essa ambigüidade religiosa e política?

Estará Olavo se fazendo de anti comunista como se faz de católico?
"Chi lo sa?"
Mas não é prudente confiar... no fluxo.

Há quem se divirta - e se engane - com a violência estilística do anti comunismo de momento de Olavo. Que pode ser apenas de momento, isto é, oportunista. Que já garante que não será assim para sempre...

Depende do momento...ou da oportunidade.

De minha parte, não creio em quem é mutável

Creio em Deus, que não muda.

IX - Ciências Esotéricas e Gnose: Astrologia e Alquimia

IX - 1. A Defesa da Astrologia por Olavo

Como vimos anteriormente, o esoterismo sempre inclui a Gnose, conforme disse Antoine Faivre.

Também Gusdorf mostra que "a palavra esoterismo evoca, por sua etimologia, a conversão ao espaço interior; ela designa uma ciência secreta, mas não apenas por seu conteúdo que se refere a procedimentos mágicos, a conhecimentos ocultos; mas também por seu estatuto. Há ensinamentos esotéricos, mas as instruções dadas e recebidas não concernem senão ao envelope exterior daquilo que está em questão" (G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol I, p. 846).

Noutras palavras, o esoterismo não pode ser transmitido apenas teoricamente: ele tem que ser vivido numa iniciação secreta, pessoalmente. Ele é intrinsecamente secreto.

Em seu AVISO 2, O. de C. reconhece que o gnosticismo, ao longo dos tempos, impregnou, com alguns de seus elementos, várias atividades humanas, mas que esses elementos da Gnose foram incorporados com significado variado, "conforme o lugar e a função que recebam nas estruturas de pensamento que os acolhem. Isto é óbvio sobretudo no que se refere às ciências simbólicas da natureza - astrologia e alquimia - que já pelo simples fato de serem simbólicas, não remetem por si mesmas a um sentido unívoco, mas recebem o seu sentido do teor geral das concepções doutrinais que os integram e utilizam. Só para dar um exemplo, a mesmíssima teoria da influência dos astros sobre as paixões humanas se encontra, idêntica, em Santo Tomás de Aquino e em Robert Fludd. É cristã no primeiro e gnóstica no segundo, não porque apresente aí qualquer diferença interna, mas pelo lugar que ocupa nas concepções globais de um e de outro."(Olavo de Carvalho, AVISO 2, 17-IV - 2.001).

Como você bem percebe, meu caro Felipe, Olavo está preocupado em sustentarr que a Astrologia que ele praticou durante muitos anos, e defende até hoje, não é a que tem ligação com a Gnose. Seria mais uma "Astrologia tomista, cristã", do que Fluddiana e gnóstica.

Veremos.

Comecemos por fixar como Olavo e seus mestres, os pensadores gnósticos chamados "tradicionais" ou "perennialists", conceituam o que Olavo chamou de "ciências simbólicas da natureza", e como elas se diferenciam da ciências comuns.

Olavo distingue a Astrologia natural, ou "científica", - que ele não chama de Astronomia - da "Astrologia espiritual" ou "sapiencial":

"(...) teremos não uma, porém duas ciências - complementares, é verdade - porém distintas e inconfundíveis. Tradicionalmente esses dois domínios chamam-se "astrologia natural" (ou, podemos admitir, "científica"), e "astrologia espiritual" (ou sapiencial). (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 27).

São pois duas Astrologias mesmo. Olavo não fala da Astronomia.

Ele explicitou mais que uma distinção, estabeleceu uma separação, entre Astronomia e Astrologia, e o fez de modo ainda mais claro, num artigo escrito para a Revista Planeta em 1978, no qual afirma que Astrologia tem muito pouco a ver com Astronomia:

"Na realidade, não é preciso conhecer muita astrologia para ver que ela tem muito pouco a ver com a astronomia. Pode-se estudar astrologia com conhecimentos relativamente rudimentares de astronomia (o suficiente para calcular latitudes e longitudes, ascenção reta e declinações), mas não se pode fazê-lo sem sólidos conhecimentos de mitologia, de psicologia, de religiões comparadas, de heráldica, de simbologia, de arte sacra, e sem a vivência prática, concreta, de pelo menos uma das muitas vias de auto conhecimento e transcendência criadas pelas tradições espirituais do Oriente e do ocidente, como a cabala e a ioga, as várias formas de meditação e experiência mística, etc. " (Olavo de Carvalho, artigo Cadeia para os Astrólogos, in Planeta, Dezembro de 1978, no 75, p.31).

Como Olavo era sincero quando escrevia na Planeta!

Nesse artigo, ele confessa que, para ser astrólogo, não é preciso entender de Astronomia, mas sim que é preciso ter "vivência da Cabala ou da ioga", isto é, da Gnose judaica ou da Gnose hindu!

Ora, Olavo foi astrólogo.

Logo, ele teve "vivência" da doutrina gnóstica.

Portanto, Olavo é um gnóstico.

Pela própria boca, ele se condenou.

E ainda ele se espanta que eu o tenha acusado de defender a Gnose e de ser gnóstico! E ainda me desafia - ele que foi astrólogo profissional - a provar que ele tem doutrina gnóstica, sob pena de me taxar de "impostor"!

Noutro livro, Olavo faz a mesma distinção que já vimos:

"A distinção que assinalei acima evidencia a necessidade de dois enfoques diversos, que constituem por assim dizer duas astrologias opostas e complementares: a astrologia como ciência natural estuda a influência dos planetas; a astrologia como hermenêutica estuda as significações dos fenômenos planetários como símbolos de potências superiores. Esta última forma demanda, por certo, conhecimentos de ordem metafísica e cosmológica que transcendem o campo habitual do astrólogo; ela desemboca numa angeologia e numa teologia" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 48).

A Astrologia natural seria aquela que trata da influência dos astros sobre as paixões humanas, podendo, ou não, prever o futuro, por exemplo.

A Astrologia espiritual que desemboca numa angeologia e numa teologia, exigiria "conhecimentos de metafísica".

Ora, para Olavo, o termo "Metafísica" significa, como vimos, Gnose.

Olavo pretende que é astrólogo espiritual.

Logo, ele tem que ser gnóstico.

De novo, se prova que ele é gnóstico pelas próprias palavras dele.

Olavo diz isso mesmo de modo bem transparente:

"Prolongando e precisando essa advertência, é preciso esclarecer que a astrologia de que se trata neste livro é aquilo que mais propriamente se denomina "astrologia espiritual", ou seja, a utilização do simbolismo astrológico como suporte para a compreensão de doutrinas tradicionais de ordem cosmológica e metafísica, e também como instrumento hermenêutico para a interpretação correta e tradicional de ritos e símbolos. Não se trata, de maneira alguma, de astrologia preditiva - científica ou não, dá na mesma --, nem de astrologia psicológica no sentido tão amplamente disseminado pelos junguianos. Falo da astrologia como auxiliar da mística, e não como instrumento para a predição ou como muleta psicológica travestida de auto-conhecimento" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 16).

É claríssimo: a Astrologia de Olavo é instrumento para o conhecimento de doutrinas metafísicas tradicionais, que como vimos, equivale à Gnose.

Logo, Olavo é gnóstico mesmo.

É também astrologicamente gnóstico.

Olavo é astrologicamente gnóstico tal como Robert Fludd, que ele afirmou defender uma astrologia gnóstica.

Repare ainda, caro Felipe, que Olavo, no texto acima citado, condena a "astrologia preditiva", seja ela científica ou não. Entretanto, noutra passagem desse mesmo livro, ele escreveu:

"A noção de que as pessoas tenham um destino estampado nos céus e de que o pré- conhecimento desse destino possa ser levar a um "aperfeiçoamento" individual não é em si mesma totalmente falsa, mas uma ênfase excessiva neste modo de ver as coisas misturadas a concepções fantasistas sobre o karma, das quais falarei mais adiante - pode levar a uma extinção de toda religiosidade autêntica e ao estabelecimento de uma nova astrolatria"(Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 77. O negrito é meu.).

Portanto, a Astrologia preditiva não seria, agora, totalmente falsa...

Alguma predição seria possível ser feita por meios astrológicos...

Variações olavianas...

Veremos, nos Apêndices desta carta - hélas!, ela terá Apêndices! Mas necessários. E excelentes, pois que são de São Tomás, na Suma Contra Gentiles e na Suma Teológica, ensinou que as predições astrológicas são falsas e demoníacas, obras daqueles "cherubini neri", de que falou Güido de Montefeltro a Dante no Inferno, que Olavo não leu, ou eruditamente "bolostrocou".

Noutra passagem de um de seus livros, Olavo diz:

" No que diz respeito às ciências tradicionais, como a astrologia, a geometria, a alquimia, etc., é evidente que nenhuma delas tem a menor possibilidade de ser corretamente compreendida fora do quadro de um esoterismo completo e vivente, ao qual sé se tem acesso, precisamente, por meio do compromisso com um exoterismo ortodoxo"(Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, p. 13).

Portanto, ele admite que só com um conhecimento esotérico - isto é gnóstico - se pode ter compreensão da Astrologia e das outras ciências "tradicionais".

Ora, Olavo proclama que tem um conhecimento esotérico - portanto, gnóstico - que lhe permite possuir a verdadeira e correta compreensão da Astrologia.

Logo, ele confessa, também desse modo, que é um gnóstico.

Por outro lado, Olavo previne que, no mundo moderno, há duas deturpações da Astrologia tradicional, castiça": a astrologia "ocultista", e a Astrologia dita "científica" (Cfr. Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 19).

A Astrologia ocultista, ele a condena, porque Guénon condenou o ocultismo de Papus, com quem brigara. A Astrologia científica moderna, por seu materialismo, e por seu racionalismo, ele não a aceita na medida em que a razão engana o homem, confinando-o no mundo da manifestação.

A astrologia tradicional ou espiritual defendida por Olavo de Carvalho é uma ciência esotérica, isto é, gnóstica.

Logo, mais uma vez, ele confessa que é gnóstico.

Queremos salientar, agora, o ponto de vista anti científico e anti racional das ciências esotéricas.

Por se oporem ao mundo real, compreensível pela razão, elas não aceitam a relação natural de causa e efeito. Olavo salienta que jamais os astrólogos pretenderam aplicar à Astrologia essa relação de causa e efeito, quanto às ações dos homens:

"(..) por toda parte se explica a relação entre os astros e os homens como um processo de semelhança, de analogia, de simpatia, de correlação, de sincronismo, e nunca de causa e efeito.

"E completaram [os astrólogos]: nenhum astrólogo jamais disse que os astros causam as ações humanas, pela simples razão de que o princípio de causa e efeito, tão importante para o cientista materialista, é, para os astrólogos, um princípio menor e secundário. O princípio maior é a lei da analogia, mediante a qual o grande e o pequeno, o macrocosmo e o microcosmo, a matéria e a consciência, têm uma estrutura e uma dinâmica semelhante, já que são apenas faces diversas do mesmo fenômeno" (Olavo de Carvalho, Os Astrólogos Estão de Volta, in Planeta, Janeiro de 1978, no 64,p. 23).

Não seria então pela relação de causa e efeito que os astros influenciariam as ações humanas, mas sim pela relação da analogia esotérica.

Ainda outra citação mostrando que o significado que Olavo dá à expressão "Ciência tradicional", que ele aplica à Astrologia e à Alquimia, é realmente ligado à noção de Gnose:

"Todas as ciências tradicionais da natureza - astrologia, alquimia, geomancia, etc. - mobilizam poderosas forças psíquicas que não podem ser governadas pela mente do indivíduo, e cujo domínio cabe somente a Deus. Todos os tratados de alquimia (e a alquimia não é outra coisa senão uma astrologia "operativa") insistem claramente na necessidade absoluta da prece. E não há prece sem a filiação regular a uma religião tradicional" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 83).

Fica sempre mais patente que a noção de ciência tradicional, para Olavo é religiosa, mas religiosa enquanto relacionada com o núcleo comum de todas as religiões, que seria a Gnose.

E guardemos bem a identificação de Astrologia como Alquimia operativa...

Olavo garante que o verdadeiro astrólogo - o "astrólogo de raça" - só pode ser um homem "espiritual":

"Essas observações preliminares fornecem ao leitor, desde já, um critério seguro para saber se está falando com um conhecedor do assunto ou com um charlatão, ignorante e falsário (envernizado ou não das tinturas acadêmicas): o astrólogo de raça há de saber, por um lado, enunciar os princípios metafísicos, cosmológicos e teológicos em que se fundam as regras astrológicas que aplica, e, por outro, converter essas regras nos seus eqüivalentes gramaticais, lógicos, estéticos, etc."

Reparou o desprezo dele pelos que têm envernizamento acadêmico, e que, de fato seriam charlatães, e que ele usa para salientar a superioridade do "astrólogo de raça", ainda que ele seja - como Olavo - um auto-didata?... E coloquei em negrito as palavras que comprovam que Olavo liga a Astrologia à Teologia. O que é muito significativo.

E Olavo prossegue:

"Mas é preciso, ademais, que esse homem de erudição - [Homem de valor extraordinário! Especialmente por sua humildade] - seja ainda um homem de espiritualidade, marcado pela vocação de convergência de todos os conhecimentos na luz unificante do Intelectus primus, ou Logos, ou Verbo Divino. Pois aqui não se trata de conhecimentos esparsos, mas de um saber perfeitamente integrado, no eixo de uma realização espiritual pessoal (...)"(Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 21).

Observe, caro Felipe, como Olavo usa expressões do código tradicionalista para exprimir que o verdadeiro astrólogo deve ser um Gnóstico e um iniciado. Porque, "realização espiritual pessoal" significa, no jargão da gnose tradicionalista, ter realizado a união com a Divindade por meio do Conhecimento unificante e salvador, o qual não tem nada que ver com o saber racional acadêmico.

Por isso, também, Olavo previne que esse "conhecimento integrado, por ser integrado, não tem como ser expresso em modo extensivo. O contrário, ele demanda a síntese, ele tende antes à intensidade intelectiva do que à extensividade discursiva. Daí o amplo uso do simbolismo" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 27).

O astrólogo "de raça", "castiço", como Olavo pretende ser, não pode ter os "conhecimento esparsos", próprios da formação racional universitária, mas deve ter os conhecimentos integrados, esotericamente unificados, como exige a gnóstica definição de Filosofia de Olavo.

Olavo explica que o estudante de astrologia espiritual precisa atingir um "estado de integração continuada, isto é, um estado de claridade e de evidência -

[estado de clarividência, como se diz no maçônico rito de Misraim] - que lhe permita assimilar conhecimentos extremamente complexos sem maior dificuldade"(...)Precisa conquistar..."um estado permanente de evidência intuitiva" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 27).

Não preciso salientar que Olavo está insinuando que o principiante em "Astrologia espiritual" deve ser iniciado, para obter o Conhecimento, a Gnose, que lhe permita alcançar a "realização espiritual pessoal".

E recorda-se você que ele afirmara que para ser astrólogo era preciso ter "vivência da cabala ou da ioga"...

Olavo, por fim, diz expressamente:

"O corpo de técnicas que concorrem para esse fim é o que se denomina esoterismo, como sinônimo de "interiorização, e que não se confunde de modo algum com o "ocultismo", a magia, a bruxaria, os poderes psíquicos reais ou fingidos, etc."(olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, pp. 27-28).

O esoterismo, como vimos, implica em gnose, conforme explica Antoine Faivre. Note ainda que a distinção entre esoterismo e ocultismo é o eco do que diz Guénon, com raiva de Papus. Portanto, Olavo ecoa a doutrina de Guénon também neste ponto.

Concluindo, diz Olavo que a Astrologia "é via de acesso ao Ser" (Olavo de Carvalho, Astros e Simbolos, p. 28). E Ser, para Olavo, é a Divindade. Portanto, a "Astrologia espiritual" de Olavo é meio para, através do Conhecimento, atingir a ‘realização espiritual pessoal’, unindo-se ao Ser, à Divindade, o que permitiria reconquistar "certas capacidades humanas originárias, como por exemplo, um estado permanente de evidência intuitiva e, portanto, de certeza e de paz"(Olavo de Carvalho, astros e Símbolos, p. 28).

Há que se concordar com Olavo neste ponto: a "Astrologia espiritual", que ele defende, está bem longe da vulgar e supersticiosa Astrologia dos horóscopos de jornal. A Astrologia de Olavo exige admitir a Gnose.

A "Astrologia espiritual", ciência esotérica e via para a Gnose preconizada por Olavo, está então inteiramente de acordo com a Astrologia do cabalista e gnóstico Robert Fludd, que Olavo admitiu ser gnóstica. E é contrária ao que ensina São Tomás de Aquino, cujo prestígio Olavo tentou puxar para a sua sardinha astrológica.

Com efeito, Olavo de Carvalho procura insinuar que não há contradição entre o que ele diz da Astrologia e o que ensinou São Tomás sobre esse tema.

Ele começa afirmando corretamente a doutrina de São Tomás dizendo:

"Segundo São Tomás, os astros não influem em nosso entendimento, mas sim no nosso aparato corpóreo; se, portanto, agem sobre nosso psiquismo, não é a título de causas essenciais, mas de causas acidentais" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 63).

"Enquanto corpos, diz S. Tomás, os planetas só atuam sobre corpos. Isto significa que, se a atuação sobre os entes corporais como a água ou os minerais é direta e causal, e abrange estes corpos na totalidade de seu ser, o mesmo não se poderia dizer com relação ao ser humano, pois este possui qualidades próprias que ultrapassam o domínio corporal e portanto não poderiam estar à mercê da influência de quaisquer corpos, inclusive os planetas. Isto não quer dizer, porém, que os planetas não atuem sobre o homem de maneira alguma, mas sim que eles agem apenas sobre o que neles há de corporal, sem atingir suas faculdades superiores, como a vontade, a razão e o entendimento" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, pp. 45-46).

Se não fosse a imprecisão final entre vontade, razão e entendimento, se poderia dizer que Olavo, desta vez, exprimiu bem o que ensina São Tomás.

De fato, São Tomás ensina que os astros não têm influência nem sobre nossa inteligência, nem sobre nossa vontade, mas apenas sobre nossos corpos, sem afetar nosso livre arbítrio. Portanto, para São Tomás, é falsa a astrologia, quando pretende que os astros determinam nossas ações.

Entretanto, se Olavo, nesses trechos citados, ensina o que diz São Tomás, mais adiante ele acrescenta:

"Se, enquanto corpos, os planetas só atuam sobre corpos, podemos completar o raciocínio de São Tomás [???] dizendo que, enquanto símbolos, ao contrário, eles representam ou veiculam a atuação de potências espirituais e cósmicas que ultrapassam infinitamente os domínios do corpóreo. Neste caso, não são os planetas que agem, mas sim as potências angélicas das quais eles são somente a cristalização simbólica e sensível, por assim dizer" (Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 47. Os negritos são meus para salientar o absurdo do que escreveu Olavo).

E pouco adiante, ele diz que os astros são a "hierofania" dos anjos.

Olavo se arroga o direito de "completar o raciocínio de São Tomás"!

Haja pretensão!

E completar de tal modo que acaba por dizer o oposto do ensina o Doutor Angélico!

Olavo concorda com São Tomás que os planetas, enquanto corpos, só podem influir sobre nossos corpos. Mas, depois, extrapola - e não completa - o que diz São Tomás, afirmando que os planetas são "cristalizações" e veículos de "potências angélicas". No fundo, ele toma a suposta influência simbólica dos astros, como se os estes tivessem um efeito "sacramental".

Tendo começado por afirmar a verdadeira explicação de São Tomás sobre a influência dos astros apenas sobre os corpos, passando, a seguir, a "completar" o raciocínio de São Tomás, Olavo termina por dizer que São Tomás aceita a influência dos astros sobre os fatos humanos como veículos de potências angélicas:

"Ao contrário do que geralmente se pensa, a astrologia, enquanto estudo das relações entre os movimentos planetários e eventos terrestres e humanos, nunca foi propriamente "condenada" pela igreja, como aliás se vê pelas longas e belas páginas que São Tomás de Aquino, na Suma contra os Gentios, dedicou à explicação das influências dos astros como veículos das potências angélicas"(Olavo de Carvalho, Astros e Símbolos, p. 80).

(Como esta carta está imensa, publicarei em apêndice o texto integral das "longas e belas páginas" da Suma Contra Gentiles (Livro III, q. 84 e 85), a que Olavo se refere, assim como da Suma Teológica, em que São Tomás trata da influência dos astros, condenando a tese astrológica de que os astros influem em nosso intelecto e em nossa vontade).

Olavo diz - pelo menos no livro acima citado - que concorda com São Tomás que se os astros não influem na vontade humana, entretanto, eles influenciariam os ciclos históricos. Num artigo na revista Planeta, ele escreveu:

"A astrologia tem, sobre a ciência histórica corrente, justamente a vantagem de permitir um estudo mais amplo, pois o modelo dos ciclos planetários pode articular, numa moldura única e coerente, as várias correntes de causas - econômicas, políticas, culturais, etc. - que contribuem para a elaboração da história: onde o historiador comum se perde ante a variedade dos fatores, o astrólogo (ou o historiador versado em astrologia) elabora rapidamente uma síntese viva e dinâmica do conjunto"

(Olavo de Carvalho, A Década de 80. Com que Direito estão Prevendo o Fim do Mundo?artigo in Planeta, Dezembro de 1979, no 87 p.40).

No mesmo artigo, ele escreve pouco depois:

"As grandes transições ocorridas sob o signo de Escorpião parecem evidenciar sempre o desgosto das potências cósmicas, que regem o destino humano, contra qualquer forma de equilíbrio estático que ameace eternizar um determinado status (...) "(Olavo de Carvalho, artigo A Década de 80..., Planeta, Dezembro de 1979, no 87, p. 42. O negrito é meu).

Dessa forma, segundo Olavo, os astros mais do que influir sobre os homens individualmente, influem nos ciclos históricos. Assim, eles ajudariam a explicar a História. Abandonando a "explicação" marxista da História, Olavo buscou, para substituí-la, uma "explicação" astrológica.

Concluímos, pois, que a Astrologia espiritual, tal como a expõe Olavo de Carvalho, tanto como a Alquimia, é uma pseudo ciência; é uma é uma "ciência" esotérica, ligada à Gnose, pretendendo ser veículo para o "Conhecimento salvador".

Essa conclusão minha é confirmada pelo que diz um dos mestres tradicionalistas gnósticos admirado e elogiado por Olavo: Titus Burckhardt.

Esse autor afirma em um de seus livros:

"É verdade que, durante um certo tempo, precedendo diretamente a época moderna, elementos de gnose verdadeira, que tinham sido rejeitados do domínio da teologia, ao mesmo tempo pelo desenvolvimento exclusivamente sentimental do misticismo cristão tardio e pela tendência apologética inerente à Reforma, acharam um refúgio na alquimia especulativa. Isto explica sem dúvida fenômenos tais como os ecos de Hermetismo que se podem distinguir na obra de um Shakespeare, de um Jacob Boehme ou de um Johann Georg Gichtel". (T. Burckhardt, op., cit. pp. 19-20. O negrito é meu.).

Mas isto é dito da Alquimia e não da Astrologia, objetaria alguém.

A resposta nos é dada pelo próprio Burckhardt, como veremos logo em seguida.

IX - 2. Alquimia e Gnose

"A astrologia e a alquimia que, na sua forma ocidental, derivam ambas da tradição hermética, tem entre elas a mesma relação que o Céu e a Terra. Uma interpreta a significação do zodíaco e dos planetas, a outra, a dos elementos e dos metais" (Titus Burckhardt, Alchimie, ed. Thot, impresso na Itália, texto francês, Milano,1974, p. 73).

Burckhardt afirma então que Astrologia e Alquimia são ciências esotéricas, herméticas, portanto, gnósticas. E também Olavo havia relacionado todas as ciências esotéricas, especialmente a Alquimia e a Astrologia, com o esoterismo, isto é, com a Gnose.

Pontifica Burckhardt:

"Pela maneira "impessoal" pela qual ela considera o mundo, a alquimia se acha em relação mais direto com a "via do conhecimento" (a gnose) do que com a "via do amor" (T. Burckhardt, Alchimie, pp. 27-28. O negrito é nosso).

Burckhardt é explícito: a Alquimia é ligada à Gnose. E a palavra Gnose é do próprio texto de Burckhardt. O que Olavo mais ou menos camufla, Burckhardt proclama. A Alquimia é ligada à Gnose.

"Por sua integração à fé cristã a alquimia se achava espiritualmente fecundada enquanto que ela trazia à Cristandade uma via conduzindo à "gnose" através da contemplação da natureza" (T. Burckhardt, op. cit., p. 18)

Mais ainda. Como se não bastasse a relação da Alquimia com a Gnose, Burckhardt mostra que ela era cabalística. (E a Cabala é a Gnose judaica, conforme Scholem):

"Não se sabe, escreve Artéphius, célebre alquimista medieval, "que nossa arte é uma arte cabalística?" (T. Burckhardt, op. cit. p. 28).

Burckhardt diz ainda:

"(...) a Alquimia, apoiando-se sobre uma perspectiva puramente cosmológica, não pode ser transposta senão indiretamente ao domínio meta - cósmico ou divino. Mas, como ela pode representar uma etapa no encaminhamento em direção ao objetivo supremo, ela foi entretanto incorporada na gnose cristã e islâmica. A transmutação alquímica conduz o elemento central da consciência humana ao contato direto deste raio divino que atrai irresistivelmente a alma e direção ao alto e a faz entrever o Reino dos Céus" (T. Burckhardt, op cit., pp. 70-71).

Portanto, mais do que transmutar chumbo em ouro, a Alquimia visa colocar em contato a partícula divina oculta no homem com a própria Divindade, a fim de realizar a Identidade Suprema, isto é, transmutar o alquimista em Deus.

"Ora, a Grande Obra não limita sua ambição à pesquisa interessada de técnicas para a produção do metal precioso. O alquimista trabalha para a sua própria transmutação; sua tarefa externa é o símbolo de uma caça do ser, de uma ascese que lhe dará o domínio do absoluto. O enobrecimento dos elementos naturais é a figura alegórica da promoção espiritual do homem, o mais precioso de todos os elementos, assim como o manifestou o Fausto romântico de Goethe"(G. Gusdorf, Le Romantisme, Vol. I, p. 846).

Olavo deixara entrever que a Astrologia espiritual exige uma iniciação. Burckhardt vai dizer expressamente isso da Alquimia:

"Como toda arte sagrada no verdadeiro sentido da palavra (isto é, como todo "método podendo conduzir à realização de estados de consciência supra individuais) a alquimia depende de uma iniciação" (T. Burckhardt, op. cit. p. 32).

Olavo admite que a Alquimia não é uma ciência racional. Isso se depreende do que ele diz, por exemplo, num artigo intitulado "Medicamento Alquímico", publicado na revista Alquimia Digital (http//:alquimia.vila.bol.com.br/medicamento/index.html.)

Nesse artigo delirante, Olavo explica como se pode obter o ouro potável, captando a "energia vital que move o universo e os seres vivos", energia que ele chama ainda de "energia cósmica".

"Sendo a forma mais universal de energia, a energia cósmica não se deixa, evidentemente isolar em laboratório. Por isso não se poderia "provar" cientificamente a existência da energia vital ou cósmica (pelo menos com os recursos habituais da ciência atual" (Olavo de Carvalho, art cit., p. 1).

E ele previne que os procedimentos alquímicos "são quase o inverso simétrico do procedimento científico atual"(Olavo de Carvalho, art. cit.p.2).

Há, pois, que acreditar na tal "energia cósmica". A alquimia exige um ato de fé.

E, descrevendo a experiência alquímica, Olavo conta que ela consta de várias etapas: "escolha do local e dos momentos para a colheita da matéria prima; alimentação da matéria prima com orvalho e flores; destilação, corrupção e incineração; obtenção final do "levedo" que, ao contato com o ouro, "abre" a estrutura energética íntima do metal, captando suas propriedades medicinais; testes clínicos e de laboratório". (Olavo de Carvalho, art. cit. p. 2).

Ele informa ainda que há que fazer "milhares de cálculos astrológicos" no decorrer da operação, além de analisar a "configuração astral pessoal do alquimista, que é uma espécie de catalisador" (Idem p. 2).

Pior ainda. A colheita da matéria prima e a escolha do local onde encontrá-la exigem uma operação "espírita":

"A escolha do local é determinada quase exclusivamente por clarividência. A mulher do alquimista, em estado de transe mediúnico, o conduz até determinado sítio, onde vê figuras que ele vai interpretando como indicações sobre o modo de colher a matéria prima" (Olavo de Carvalho, art. cit., p. 3. O negrito é meu).

Olavo diz ainda que o ouro e outros elementos são "apenas a sede material e aparente, disfarce e embalagem de forças invisíveis de natureza imaterial, puramente "espirituais", ou, digamos assim, energéticas" (Olavo de Carvalho, art. cit., p.3) Incrível, não?

Pois há mais.

"É também o mundo das forças obscuras do céu e da terra, que se juntam num inquietante trabalho de parto, ora aliadas, ora inimigas, e das quais o homem parece esperar algum sacramento secreto"(Olavo de Carvalho, art. cit., p.5. O negrito é meu).

É evidente que não é possível discutir seriamente com alguém que escreve tais coisas. Tal discussão eqüivaleria a debater com "Madame Pavlovna" que lê o futuro na bola de cristal, ou com a "cigana Manolita", que prometia desvendar o futuro lendo as cartas, "pois as cartas não mentem jamais", como garantia uma cançãozinha popular, em 1940.

É evidente que a "barafunda" de conceitos religiosos que Olavo ligou à Alquimia demonstra que ela exige uma atitude religiosa e mágica, simetricamente oposta à ciência racional, isto é, uma atitude gnóstica.

Releia agora o que Olavo escreveu em seu ameaçador AVISO 2:

"Uma mente afeita às técnicas da investigação erudita, mas pobre de discernimento filosófico, está sujeita a perder de vista a forma abrangente e a se confundir de tal modo na barafunda dos elementos de procedência gnósticos que, onde quer que os encontre isoladamente, acabe acreditando estar na presença de uma heresia justamente por incapacidade de atinar com a estrutura geral que lhes dá um sentido completamente diverso" (Olavo De Carvalho, AVISO 2).

Só "uma mente pobre de discernimento" de qualquer tipo não reconhecerá que Burckhardt disse a verdade: a Alquimia é ligada à Gnose.

Ora, são os próprios mestres que Olavo admira - e um tanto veladamente, até ele mesmo - que reconhecem que as ciências esotéricas são de cunho gnóstico.

Não é então essa concepção o resultado de um espírito uspianamente míope. É a própria visão iluminada dos mestres esotéricos de Olavo que vê Gnose nas ciências "simbólicas" citadas por ele.

Todas estas citações, tornam clarissimamente comprovado que tanto a Astrologia espiritual, quanto a Alquimia, são "ciências" esotéricas essencialmente ligadas à Gnose. E quem as pratica, realmente, ou as defende doutrinariamente, deve ser, e é, gnóstico. Olavo foi astrólogo, crê e defende a "Astrologia espiritual". Logo, Olavo é um gnóstico.

X - Eclesiologia Gnóstica e Ecumenismo Radical

X - 1. Indiferentismo religioso dos "tradicionalistas"

Vimos que os que se auto intitulam seguidores da "Philosophia perennis", os tradicionalistas esotéricos, colocam as religiões instituídas em plano secundário com relação ao que eles chamam de "Tradição Primeva", que, como vimos, é a velha Gnose de sempre.

Assim como a Gnose, esse desprezo pela Igreja, e pelas religiões em geral, não é novo na História.

Leszek Kolakowski estudou profundamente esse fenômeno da Ecclesia Spiritualis em seu livro Chrétiens sans Église.

Nessa obra, ele analisa - e critica --a classificação feita por J. Lindeboom na obra Les Bâtards du Christianisme (1929) com base no individualismo religioso.

Lindeboom distingue três tipos de individualistas religiosos:

1) os individualistas intelectuais, como os "discípulos de Boehme, os que procuram a sabedoria hermética secreta, todos aqueles para os quais os valores cognitivos são o essencial na religião, ainda que a eles acedam por fantasias especulativas - [e Olavo está inteirinho neste caso] --; eles são os herdeiros da gnose dos primeiros cristãos e têm os maniqueus em sua árvore genealógica" (Leszek Kolakowski, Chrétiens sans Église, Gallimard, Paris, 1965, p.18).

Certamente você notou - não é Felipe? - que Kolakowski também não faz nenhuma distinção entre a Gnose dos primeiros séculos do cristianismo e a Gnose posterior.

2) os individualistas místicos indiferentes às formas visíveis da vida religiosa, preferindo a experiência direta com o divino;

3) os socialistas que se preocupam mais em restaurar o que chamam de "comunismo primitivo"

Os três tipos desprezam o pertencer a uma Igreja instituída, dizendo-se cristãos sem Igreja.

Kolakowski considera que essa classificação de Lindeboom não é boa.

Para ele, o subjetivismo religioso é o critério que permite compreender melhor o desprezo dos reformadores pelas Igrejas instituídas:

"Não é, aliás, difícil notar que uma tal atitude, desde que ela chegue a uma forma completa e absolutamente consistente, conduz quase inelutavelmente à idéia da supressão completa das Igrejas existentes sob forma visível. A tendência a uma interiorização total da religião, a uma inclusão de todas os valores da vida religiosa na consciência individual, na personalidade vivida pelo fiel, deve obrigatoriamente conduzir à idéia de uma religião compreendida como fenômeno puramente moral, limitada a cada consciência humana tomada isoladamente. A religião enquanto instituição organizada se torna inútil então."(L. Kolakowski, op. cit. p. 29).

De todo modo, cremos que tanto o critério de Lindeboom como o de Kolakowski ajudam a compreender o problema da Gnose com relação às Igrejas instituídas.

Para a Gnose, tudo o que tem relação com o mundo material produzido pelo Demiurgo é mau. Desse modo, os gnósticos não aceitam as instituições existentes neste mundo, nem, muito menos, a Igreja instituída por Cristo sobre Pedro.

A heresia gnóstica pretende que a Igreja deve ser inteiramente espiritual. Ela seria constituída apenas por aqueles homens que alcançaram a união com a Divindade através do Conhecimento salvador, não importando a que religião instituída pertençam eles. A Igreja seria então invisível, ou puramente espiritual. Ecclesia Spiritualis, como diziam os hereges de todas as épocas.

X - 2. Características da Ecclesia Spiritualis Gnóstica

A Ecclesia Spiritualis da Gnose teria as seguintes notas:

1a- Igreja pobre

A Igreja não poderia ter nada de material. Ela não poderia possuir nenhuma propriedade, nenhuma riqueza, pois toda propriedade ou riqueza são coisas materiais, e a matéria, produzida pelo Demiurgo mau, é sempre má, segundo eles. Nesse item se classificam os cátaros, os espirituais franciscanos, os Dolcinianos, os Irmãos do Livre Espírito, os Gibelinos, e, modernamente, os socialistas ditos cristãos, como Dom Casaldáliga, Frei Betto, e o ex frei Boff, assim como os "miserabilistas" do famoso Pacto das Catacumbas. Foram esses "socialistas cristãos", condenados por Pio XI na encíclica Quadragésimo anno, os pouco inocentes e muito úteis aliados de todas as ações marxistas nos últimos tempos, desde a propaganda na mídia, até a guerrilha.

2a- Igreja Igualitária

A Igreja gnóstica não admite hierarquia. Todos os homens teriam em si a partícula divina que os faz potencialmente divinizáveis. Portanto, todos os que chegam à "realização da unidade" com a Divindade, através do Conhecimento Libertador, são absolutamente iguais entre si. Não poderia haver qualquer desigualdade na Igreja dos divinizados. Quando eles fazem distinções são elas apenas designativas das etapas, ou graus, do processo de divinização em que os gnósticos se encontram. Desse princípio igualitário decorre o desprezo dos gnósticos pela Hierarquia eclesiástica, que, para eles, seria uma simples burocracia.

3a- Igreja sem dogmas

A Igreja Espiritual não admite dogmas, que seriam fórmulas racionalizadas e petrificadas da revelação. A Revelação seria dada a cada homem, interiormente, por meio de uma experiência

intuitiva, que comunicaria ao indivíduo o Conhecimento salvador, absoluto, inefável e incomunicável, isto é, a Gnose.

Os homens, ao pretenderem traduzir essa revelação interior em palavras, sempre a deturpariam, porque a palavra humana é essencialmente incapaz de descrever o inefável, de "desenhar o invisível". Daí todos os credos serem inúteis e, mais ainda, nocivos. Daí, todos os dogmas serem incompletos e prejudiciais, enquanto se põem como verdades eternas petrificadas.

A verdade plena seria impossível de ser alcançada, e, por isso, nenhuma Igreja pode se arrogar o monopólio da verdade.

Como você bem percebe, essa idéia é a que foi defendida pelos hereges modernistas, no princípio do século XX, e que hoje ainda é propugnada por seus herdeiros progressistas.

4a- Igreja Ecumênica

Se os dogmas são incapazes de exprimir a verdade, e por isso são até prejudiciais, não interessa em nada a fé, a crença de cada religião. Todos os que alcançaram o Conhecimento Libertador, qualquer que seja a sua religião positiva, são membros de uma Igreja invisível, sem estruturas e sem dogmas: a Igreja do Amor. Com efeito, se a fé e a crença são secundárias, só importa o que se faz, não o que se crê. A Fé seria coisa de teólogos raciocinadores. O que vale é a intuição e a boa vontade. A única Igreja Espiritual seria uma espécie de federação de todas as religiões numa super religião - talvez presidida pelo Papa - e reunindo todos os Homens de Boa Vontade.

Muito atual isso, não é, Felipe?

E muito olaviano, já que Olavo se proclama "ecumênico radical"...

5a
A Ecclesia Spiritualis da Gnose considerando que toda a lei foi imposta pelo Demiurgo mau, recusa a obediência aos mandamentos. Os dez mandamentos seriam regrazinhas sem importância. Ensina-se, como fez Lutero, e como faz Frei Betto em seu Catecismo Popular, diretamente o antinomismo, que Cristo condenou no Sermão da Montanha: "Não julgueis que eu vim abolir a lei ou os profetas; não os vim destruir, mas sim para os cumprir (...) Aquele, pois, que violar um destes mandamentos mais pequenos, e ensinar assim aos homens, será considerado o menor no Reino de Deus"(Mt. V, 17 e 19).

Olavo faz o mesmo, na sua já citada aula: Crítica e Conselhos à Igreja Católica (Bloco 8), debocha das regrazinhas morais, e desvaloriza especialmente o nono mandamento.

Ou então se prega um ascetismo anti natural, que leva os sectários ao desespero moral, e, por reação, de novo, ao antinomismo. É o que faziam os gnósticos Irmãos do Livre Espírito, por exemplo.

X - 3. A Concepção de Igreja em Guénon e Olavo

Vejamos então o que pensam Guénon e Olavo disto tudo.

Já citei esses textos na carta Silêncio Inteiro. Repito-os, agora, para facilitar a sua lembrança, sem você precisar consultar diretamente minha carta anterior.

Para Guénon "... o verdadeiro Esoterismo é outra coisa diferente da religião exterior, e que, se tem algumas relações com esta, só pode ser enquanto encontra nas formas religiosas um modo de expressão simbólico; pouco importa, aliás, que estas formas sejam as desta ou daquela religião, visto que se trata da unidade doutrinal essencial que se dissimula atrás da sua aparente diversidade. É essa a razão pela qual os antigos iniciados participavam indistintamente em todos os cultos exteriores, segundo os costumes estabelecidos nos diversos países onde se encontravam; é também porque ele via essa unidade fundamental, e não devido a um "sincretismo" superficial, que Dante utilizou indiferentemente, segundo os casos, uma linguagem própria do Cristianismo ou da Antigüidade greco-romana. A Metafísica pura não é pagã, nem cristã, é universal" (René Guénon, "O Esoterismo de Dante", Editorial Vega, Lisboa, 1978, p. 17.O negrito é meu).

Em minha carta "Silêncio Inteiro", citei o seguinte texto de Olavo numa entrevista:

"Eu sou ecumênico radical: católico- protestante- islâmico - judaico- budista- hinduísta. Eu acredito que essas religiões têm todas um núcleo de verdade metafísica que é eterno, revelado, que o ser humano não poderia ter inventado"(Olavo de Carvalho, A Miséria do Materialismo, entrevista à revista República, Ano IV, n* 40, fevereiro de 2000, p. 96).

Conforme Olavo - e nisso também ele faz eco ao que disse Guénon - haveria um núcleo comum a todas as religiões o qual permitiria reuní-las num ecumenismo mais profundo que o do Vaticano II.

Que seria esta núcleo comum?

O mesmo Olavo, em Fronteiras da Tradição, diz que esse núcleo comum é a "Tradição universal e primordial", à qual se chega por meio do esoterismo (Olavo de Carvalho, Fronteiras da Tradição, pp. 11-12)

Citei também que Olavo chama esse núcleo comum de todas as religiões-- pouco importa qual - de Sabedoria e de Gnose:

"... os primeiros princípios são conhecidos por um método próprio, que é o método da sabedoria ou Gnose" (Olavo de Carvalho, Astrologia e Religião, ed. Nova Stella, coleção Eixo, São Paulo, 1986, p. 24).

E ainda:

"Usa-se às vezes para nomeá-lo o termo gnose, mas esta palavra serve também para designar - de modo mais genérico e sem qualquer relação com a resistência greco - romana ao cristianismo - o elemento intelectivo e cognoscitivo de qualquer tradição religiosa e espiritual, cristã inclusive. Fala-se neste sentido numa gnose islâmica, budista, etc. e também de uma gnose cristã (por exemplo, em Clemente de Alexandria), que rigorosamente nada têm a ver com o fenômeno particular que estou estudando aqui, o qual por isto prefiro designar com o termo diferencial gnosticismo" (Olavo de Carvalho, O Jardim das Aflições, pp. 247-248, nota 127).

No Texto-Confissão de Olavo citado como epígrafe desta carta, Olavo afirma que a Gnose está acima das fés e crenças.

Essa superioridade seria tal que Olavo escreveu:

"Para algumas pessoas, buscar a sabedoria eliminaria a fé, o mistério. Mas a fé não tem importância nenhuma, isso é negócio kantiano, é tudo bobagem" (Olavo de Carvalho, Aula do Seminário de

Filosofia de Olavo de Carvalho, 6 de Junho de 1998, Bloco 8, p. 21 da Apostila existente no site de Olavo de Carvalho, sem revisão do autor in"http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTLM./000053-2.html").

Tal como a Gnose dos Modernistas, Olavo afirma que a revelação divina em todas as religiões, é a mesma, embora "traduzida" em crenças diferentes, porque a Divindade é inefável. Embora seja uma só voz a que Se revela, os homens a traduzem em dogmas diversos, dando origem a credos e fés diferentes pela impossibilidade de manifestar o inefável:

"As religiões não falam da mesma coisa. É preciso ter compreendido isto para atinar que é a mesma Voz que fala por meio de todas elas" (Olavo de Carvalho, artigo Lembrete de Natal, in O Globo, 23 - XII- 2.000).

Você vê claramente, então, inesgotavelmente paciente Felipe, como todos esses textos se esclarecem mutuamente, tornando nítido que, para Olavo o que importa é a "Sabedoria" - a Gnose - que constitui o núcleo de todas as religiões, não importando a fé que elas pregam.

É esse núcleo comum que permitiria o ecumenismo radical de Olavo de Carvalho, que ultrapassa o ecumenismo do Vaticano II.

Se a Fé e as crenças não têm valor maior, o ecumenismo se torna facílimo de ser radicalmente realizado.

Numa entrevista à rádio Europa Livre, perguntou-se a Olavo:

"Você acha que é bom existir uma crença religiosa sem Igreja?"

Respondeu Olavo:

"Certamente. O alto clero mentiu muito aos fiéis no século XX e eles têm o direito de guardar uma certa distância da Igreja, certamente sem renegá-la, mas num espírito de espera prudente até que Deus se digne de lhes dar novas luzes."

(Olavo de Carvalho, Deus acredita em você? Entrevista à Rádio Europa Livre, repórter Cristina Poienaru, Bucarest, 21 de outubro de 1.998, p. 1).

Apesar de ligeira ressalva, Olavo diz explicitamente que poderia ser possível ser cristão sem ter Igreja, que é a tese herética da Igreja espiritual defendida pelas seitas gnósticas.

Boff e Betto estão unidos a Olavo, nesse ecumenismo.

Por outro lado, Olavo distingue a Igreja enquanto burocracia, e a Igreja enquanto reunião dos cristãos, mesmo com crenças divergentes, visto que "... a fé não tem importância nenhuma, isso é negócio kantiano, é tudo bobagem" (Olavo de Carvalho, Aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, 6 de Junho de 1998, Bloco 8, p. 21 da Apostila existente no site de Olavo de Carvalho, sem revisão do autor, in"http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTLM./000053-2.html").

"A partir daí algo aconteceu e quando se fala em Igreja, pode-se falar em dois sentidos: a Igreja no sentido Vaticano, uma organização centralizada, no registro civil, etc... e por outro lado, Igreja como conjunto de cristãos que inclui os protestantes, ortodoxos, etc. etc. ë claro que a Igreja neste último sentido está com a verdade, mas só neste último sentido. E no outro sentido? Os caras piraram já há

muito tempo!" (Olavo de Carvalho, Crítica e Conselhos à Igreja Católica, Aula do Seminário de Filosofia Olavo de Carvalho, junho de 1998, Bloco 8, p. 24).

Pode haver maior desprezo pela Igreja, enquanto Instituição? E pode haver posicionamento mais claro de desprezo pela fé e pela ortodoxia?

XI - Conclusão

Eis-me chegado ao fim. Graças a Deus, que não mais agüentava ler os textos de Guénon - que são monótonos-- e, pior ainda, os de Olavo, que ademais são empoladamente chatos.

Ao ler os brumosos, obscuros e vagos textos desse "filósofo" auto didata, e suas páginas teológicas tipo "caruru", me vinham à mente uns versos de Dante, proferidos na Divina Comédia, quando ele fixa o olhar nas espessas trevas de certo círculo infernal:

"Oscura e profonda era e nebulosa,
tanto che, per ficar lo viso a fondo
io non vi discernea alcuna cosa"... [proveitosa].
(Dante Alighieri, Divina Commedia, Inferno, IV, 10-12).

As obras de Olavo de Carvalho me lembram o que disse Talleyrand da cabeça de Siéyès, que alguém elogiava como "profunda": "Profunda... mas vazia", retorquiu o "Príncipe" de Benevento.
O chiste de Talleyrand não cabe bem à "Filosoia" de Olavo, visto que confusa não quer dizer profunda.

Além disso a literatura de Olavo é vazia de qualquer conteúdo sério. Mesmo a sua Gnose é astrologicamente mal alinhavada. Olavo é apenas um eco da Gnose "Tradicionalista" da escola guénoniana. Praticamente tudo o que ele diz se encontra em Guénon, em Schuon, ou em qualquer outro dos membros dessa escola gnóstica.

Pobre Olavo que, depois de um misterioso eclipse, quis passar de astrólogo a filósofo, e até mesmo a "teólogo"!

Não é fácil subir das estrelas para o céu de Deus, dos anjos e dos santos! Pelo "Conhecimento" - pela Gnose - isso é impossível.

Agora, só me restará fazer uma pequena biografia de René Guénon, para enterrar esse assunto de vez. Eu a farei, no futuro, apenas para informar melhor os que, tendo ouvido e lido Olavo de Carvalho, ignoram, de fato, quem foi Guénon, do qual Olavo escreveu uma biografiazinha pífia, omitindo coisas bem importantes e bem esotéricas, numa revista tipo gibi.

Mas, ainda vai demorar um tanto para que eu comece a redigir essa biografia. Mereço umas férias. Chega de esoterismo gnóstico. Por um mês, pelo menos.

Certamente, Olavo dirá que escrevi uma carta demasiado longa. Entretanto, ele mesmo comentou, certa feita, que o erro grave pode ser breve, ser dito numa frase bem curta, e, para refutá-lo, serão necessárias muitas páginas.

Como, então, poderá ele reclamar de minha prolixidade, se ele foi quem difundiu erros numerosos, e bem graves, em muitos livros e artigos?

Para refutá-los, foi-me necessária esta "lettre fleuve", que levei quase dois meses redigindo. O que é bem menos que a eternidade que Olavo me concedera.

De tudo isso que lhe escrevi, nesta carta verdadeiramente "amazônica", que concluir?

A conclusão é óbvia. Ela resulta quase de cada citação. E resulta, mais ainda, do sistema formado por esse conjunto de citações, todas elas se apoiando umas às outras: tanto René Guénon quanto Olavo de Carvalho são gnósticos.

Guénon, mais elaboradamente, é um gnóstico de tipo romântico, que mistura hinduísmo, taoísmo e sufismo.

Olavo de Carvalho, muito mais limitado, e, politicamente mais oportunista, junta guénonismo, astrologia e sufismo, tudo numa miscelânea, que como já disse, parece um caruru mal feito.

Guénon ensina a Gnose com um estilo cansativo, é verdade, mas que tem certa elegância. E ele nunca baixa a grosserias. Estas são comuns em Olavo, chegando mesmo à brutalidade. O que é lamentável.

Olavo até me pareceu inteligente e hábil, e mesmo, por vezes, ter uma certa verve. Mas há algo nele - que se reflete em seus textos - estranhamente confuso. Por vezes, ele é tão pouco claro, tão inseguro em sua terminologia, que ele mesmo perde o pé, escrevendo textos que raiam pelo caótico, e sem unidade. É como se ele perdesse o rumo, quando escreve...

Nota-se ainda, nos escritos de Olavo, um conhecimento apressadamente lido, bastante mal digerido, sofregamente assumido, sem muito cuidado, nem exame.

Talvez a sofreguidão do jornalista, que precisa escrever o artigo para a "próxima edição", e não tem tempo de verificar suas citações, o tenha afetado, porque, citando de memória ou por ouvir dizer, comete erros primários. Como o que analisei a respeito de um verso de Dante, que ele comenta erradamente, quando seria bem fácil evitar o erro. Bastaria uma consulta ao texto de Dante. A pressa e o descuido, por auto confiança excessiva, o perderam.

Lendo os livros e artigos dele, lembrei-me da frase jocosa de um jornalista sagaz - Antonio Carlos Fon --, ao me entrevistar, anos atrás:

"Jornalista é um homem que sabe tudo de nada, e nada sobre tudo".

Evidentemente era uma brincadeira, porque jornalistas os há, de grande saber e cultura.

Mas, em Olavo, o talento, que ele inegavelmente tem, é perturbado por um acúmulo de informações mal concatenadas, defeito comum em auto didatas.

Esse auto-didatismo parece gerar nele, no fundo, uma grande insegurança, que ele procura mascarar de duas maneiras:

Fazendo afirmações, sem base, camufladas com aparente firmeza e afetando uma tal "segurança", que leva seus leitores ou ouvintes mais desavisados, a crer no que ele diz, sem examinar, nem conferir suas afirmações. São os "chutes" que ele dá, simulando uma segurança fria, imitadora da certeza absoluta, que ele não tem. É o caso que vimos do verso de Dante, que, ao que parece, ele cita sem ter, nem lido o canto da Divina Comédia em que o verso se localiza. Esse caso é típico. Olavo, muitas vezes, cita de "ouvido"...

2) Usando de uma violência brutal contra os que ousam contestá-lo. Ele busca intimidar, afim de que não se lhe sejam exigidas provas de suas afirmações gratuitas e sem base.

E depois... Digamos que ele não é muito... respeitoso.

Quer se impor no grito, na ofensa, na injúria, e pela ameaça.

Nesse ritmo, não, meu caro.

Ainda que violentando a métrica por amor da verdade, parodiando Corneille, eu lhe diria:

"Souffrez, que je ne l’ aprouve, ni ne l’ imite pas".

Sobretudo não o imitarei, descendo ao terreno pessoal, e muito menos, no tom grosseiro que ele emprega.

Sequer quero aludir ao que outros inimigos pessoais dele, ultimamente, têm publicado. Não é nem elevado, nem digno, fazer isso.

Non raggionam di loro...

Escutemos - anotemos - e passemos.

Não fui eu quem provocou essa polêmica. Foi Olavo quem se apresentou inicialmente me elogiando, depois, me atacando, e, a seguir, ainda, me injuriando.

Visei tão somente demonstrar que Guénon - e Olavo - são gnósticos. Preocupei-me apenas com a doutrina. Olavo pode se dizer o que bem entender: Astrólogo aposentado, ou até "filósofo" auto nomeado. Católico ele não é. Olavo é gnóstico.

Ele se mostrou preocupado em defender três coisas: Guénon, o seu próprio prestígio pessoal, e a doutrina de ambos, que é a Gnose.

Eu defendo a doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana, e quis ajudar moços confundidos por uma "tradição" esotérica enganadora.

Espanta constatar como "indivíduos" gnósticos, defensores de um ecumenismo radical, mantenham "links" com "capelas" tradicionalistas, que se dizem anti ecumênicas, e com a benção de quem coloca como prior-idade sua raivinha pessoal, acima mesmo da defesa da fé.

Sejamos, uma vez, "obscuros": parece, essa, uma triste coligação de sufismo com surfismo, só porque é verdade que os astros influem nas ondas e nas marés...

Deixemos...

"Non raggionam di loro, ma guarda e passa"
(Dante, Divina Commedia, Inferno, III, 51).

Preocupei-me em dizer que o errado é errado, e que o mal é mal.

O mais não me interessa.

E, meu caro Felipe, se sofremos injúrias por defender a Fé, seremos bem aventurados, porque, se nosso Mestre, Cristo, foi injuriado e crucificado, como poderíamos esperar coisa diversa para nós?

Se Olavo ousou, blasfemamente, comparar a Virgem Maria a Maomé como se ambos tivessem sido portadores do Verbo (Cfr. Olavo de Carvalho, Críticas à Igreja Católica, Bloco 8, já citada), como poderíamos ser respeitados por ele?

Pelo contrário, é grande honra ser injuriado por defender a Igreja e sua doutrina sacrossanta.

"Amor mi mosse che mi fè parlare"

Por isso, meu caro Felipe, se você também foi injuriado por defender a Nosso Senhor, siga o conselho que há nestes versos que Dante colocou na boca de Virgílio:
"Vien dietro a me, e lascia dir le genti:
sta come torre ferma che non crolla
già mai la cima per soffiar dei venti"
(Dante, Divina Commedia, Purgatorio. V, 13-15).

Deixe-me finalizar. despedindo-me, com as palavras com que a doce Santa Catarina de Siena terminava suas cartas:

"E più non dico... E più non rispondo...
Gesù dolce. Gesu amore"

Que a verdade de Cristo nos una...

...in Corde Jesu, semper, et semper, Orlando Fedeli.

São Paulo, na festa de Nossa Senhora Rainha., 31 de Maio de 2.001.

APÊNDICE I

A posição de São Tomás ante a Astrologia

Suma Contra Gentiles, Livro III, Questão LXXXIV

Os Corpos Celestes Não Influem em nossos Entendimentos

Como resultado do que foi dito, manifesta-se à primeira vista que os corpos celestes não podem ser causa de quanto se refere a nosso entendimento. Pois já demonstramos que, segundo a ordem da Divina Providência, os corpos superiores regem e movem aos inferiores. É assim que o entendimento está naturalmente acima de todos os corpos, segundo consta do que foi dito (I.2, q. 49 ss.). Logo, é impossível que os corpos celestes atuem diretamente sobre o entendimento. Portanto, não podem por si ser causa de quanto se refere ao entendimento.

Nenhum corpo age prescindindo do movimento, conforme se prova no Livro VIII da "Física"(c. 69; 259 b). Porém, as coisas imóveis não são causadas por movimento; porque nada é causado pelo movimento de um agente senão enquanto que ele, enquanto se move, move a quem o suporta. Logo, tudo quanto está à margem do movimento não pode ser causado pelos corpos celestes.

Ora, o que se refere ao entendimento está, falando com propriedade, à margem do movimento, como o manifesta o Filósofo no Livro VII da "Física"(c.3, 7; 247b); cf. 246 a) porque, - como se diz alí - "unicamente pela ausência de movimento se torna a alma prudente e sábia". Em conseqüência, é impossível que os corpos celestes sejam, por si, causa do que se refere ao entendimento.

Se nada é causado por um corpo senão enquanto que, ao se mover, move, é preciso que tudo o que recebe a impressão de algum corpo se mova. Porém, unicamente se move o que é corpo, como se prova no Livro VI da "Física"(c.4,1; 234b).

Será, pois, necessário que tudo o que recebe a impressão de algum corpo seja corpo, ou alguma potência corporal. Entretanto, no Livro II (c. 49 sqq.) se demonstrou que o entendimento não é corpo, nem potência corporal.

Por conseguinte, é impossível que os corpos celestes influam diretamente no entendimento.

Tudo o que é movido por outro é reduzido de potência a ato. Mas nada é reduzido por outro de potência a ato, se esse outro não está em ato.

Assim, pois, é preciso que todo agente e motor esteja de algum modo em ato com relação a aquilo que o paciente e movido se ache em potência.

É assim que os corpos celestes não são inteligíveis em ato, porque são certos singulares sensíveis.

Logo, como nosso entendimento só está em potência com respeito aos inteligíveis em ato, é impossível que os corpos celestes atuem diretamente sobre ele.

A operação própria de uma coisa corresponde à sua natureza, a qual nas coisas geradas, se adquire juntamente com a operação da geração.

Vemos isso nas coisas pesadas e leves, as quais no termo de sua geração, têm imediatamente o próprio movimento, se algo não o impede; por isto, o gerante se chama movente.

Conforme a isto, o que em conformidade com o princípio de sua natureza não está sujeito às ações dos corpos celestes, tampouco o está quanto à sua operação.

Ora pois, a parte intelectiva não é causada por determinados princípios corporais, mas procede totalmente de algo extrínseco, segundo o provamos (I, 2c. 86 e ss).

Logo, a operação do entendimento não está sujeita diretamente aos corpos celestes.

As coisas que são causadas pelos movimentos celestes estão sujeitas ao tempo, que é "o número do primeiro movimento celeste"(Livro IV da "Física", c.11; 218 b).

Em conseqüência, as coisas que prescindem totalmente do tempo não estão sujeitas aos movimentos celestes.

Porém, o entendimento prescinde totalmente do tempo em sua operação, como também de lugar, porque considera o universal, que está separado do tempo e do espaço.

Portanto, a operação intelectual não está sujeita aos movimentos celestes.

Nada rebaixa sua espécie quando age.

É assim que o entendimento transcende a espécie e a forma de qualquer corpo agente, porque toda forma corpórea é material e individualizada, e o entender recebe a espécie de seu objeto, que é o universal e imaterial.

Portanto, nenhum corpo pode entender por sua forma corpórea.

Logo, muito menos poderá um corpo qualquer causar o entender em outro.

O que é meio de união com o superior não pode estar sujeito ao inferior.

Mas nossa alma, enquanto entende, se une às substâncias intelectuais, que por índole natural são superiores aos corpos celestes; porque nossa alma não pode entender senão enquanto que dalí recebe sua luz intelectual.

Assim, pois, é impossível que a operação intelectual esteja sujeita diretamente aos movimentos celestes.

Este fato acredita-se se consideramos o que disseram os filósofos sobre o particular. Porque os antigos filósofos naturalistas, como Demócrito, Empédocles e seus seguidores, afirmaram que o entendimento não se diferencia do sentido, conforme consta no Livro IV da "Metafísica" (3, c. 5, 7;1009 b) e no Livro III "Da alma"(c.3 1, 2; 427 a).

Resultando disso que, como o sentido é certa potência corporal obediente à mudança dos corpos, o entendimento também seria igual. E por isso eles disseram que, como a mudança dos corpos inferiores responde a dos superiores, a operação intelectual responde ao movimento dos corpos celestes, conforme o que diz Homero: "Tal é o entendimento nos deuses e nos homens terrenos qual determinou em seu dia o Pai dos homens e dos deuses", isto é, o sol, ou, mais propriamente, Júpiter, a quem chamavam deus sumo, entendendo por tal todo o céu, segundo consta por Santo Agostinho, no Livro da "Cidade de Deus" (I, 4, c. 11; I, 5, c.8).

Isto deu origem também à opinião dos estóicos, os quais diziam que o conhecimento intelectual era causado em nós pela impressão das imagens dos corpos em nossas mentes, como em um espelho ou em uma página, que recebe as letras impressas sem fazer nada por sua parte. Refere-o Boécio no Livro V do "Sobre a Consolação".

Em conformidade com esta sentença, seguia-se que nossas noções intelectuais ser-nos-iam impressas principalmente pela influência dos corpos celestes.

Daqui que os estóicos foram os primeiros em sustentar que a vida dos homens é guiada por certa necessidade fatal.

Mas a grande falsidade desta opinião aparece desde o momento em que vemos que - como diz Boécio em dito Livro --o entendimento compõe e divide, e compara o supremo com o ínfimo, e conhece os universais e as formas simples, que não se acham nos corpos.

E isto demonstra que o entendimento não é somente um recipiente das imagens dos corpos, mas que tem uma potência superior a elas; porque o sentido externo, que unicamente recebe as imagens dos corpos não alcança realizar o que se disse acima.

Entretanto, todos os filósofos posteriores - que distinguiam o entendimento do sentido - atribuíram a causa de nossa ciência às coisas imateriais e não a determinados corpos. Platão, por exemplo,

colocou como causa de nossa ciência as "idéias"; Aristóteles, entretanto, colocou como causa o "intelecto agente".

Todo o que dá a entender que o supor que os corpos celestes são a causa de que entendamos é seguir a opinião de quem sustentava que o entendimento não se diferencia do sentido, como se vê também pelo que diz Aristóteles no Livro "Da alma"(1, c.).

Porém esta opinião é abertamente falsa.

Logo, é claramente falso afirmar que os corpos celestes são causas diretas de nosso entender.

Por isso, a Sagrada Escritura atribui também a causa de nosso entender, não a corpo algum, mas a Deus:

"Onde está Deus que me criou, que dá cânticos na noite, que nos dá inteligência maior que aos animais da terra e nos faz mais sábios que as aves do céu? (Ps. XCIII,10). "Ele que dá ao homem a sabedoria" "Que ensina ao homem a sentença"

Não obstante, deve-se saber que, ainda que os corpos celestes não possam ser diretamente causa de nossa inteligência, em troca influem algo indiretamente. Porque, ainda que o entendimento não seja uma potência corporal, entretanto em nós não pode efetuar-se a operação intelectual sem a cooperação das potências corporais que são a imaginação, a memória e a cogitativa, conforme consta pelo que foi dito anteriormente (Suma Contra os Gentios, I, Livro II, c. LXVIII, fin.). E isto é de tal modo que, impedidas as ações desta potências, por alguma indisposição corporal, impede-se também a operação intelectual, como se vê nos frenéticos e letárgicos, etc.

Por isso, a boa disposição do corpo humano o torna apto para bem entender, já que por ela se robustecem ditas potências. De onde se diz no II Livro "Da alma" (c. 9,2) que "os homens que tem carnes moles, como se vê, tem boa aptidão para entender"

Ora pois, a disposição do corpo humano está sujeita aos movimentos celestes. Pois diz Santo Agostinho No Livro V da "Cidade de Deus" (c. 67) que "não é totalmente absurdo o afirmar que as irradiações siderais possam produzir pelo menos mudanças nos corpos". E São João Damaceno no "Da Fé ortodoxa" (Livro II, c.7), diz que os distintos planetas "provocam em nós diversos temperamentos, hábitos e disposições"

Portanto, os corpos celestes cooperam indiretamente para a bondade da inteligência. E assim como os médicos podem julgar da bondade do entendimento pela complexão corporal, tomada como disposição próxima, assim o pode fazer também o astrólogo, tomando os movimentos dos corpos celestes como causa remota de tal disposição. E deste modo pode ser verdade o que diz Ptolomeu no "Centilóquio" (Sent. 38):

"Quando Mercúrio se acha em alguma das moradas de Saturno, dá inteligência capaz de penetrar as coisas, fazendo robusto a quem então nasce". (O negrito é meu).

Capítulo LXXXV: Os corpos celestes não são causa de nossas volições nem de nossas decisões.

Isto demonstra, ao mesmo tempo, que os corpos celestes não são a causa de nossa volições, nem de nossas decisões.

A vontade está na parte intelectiva da alma, conforme consta pelo Filósofo no Livro III "Da Alma"(c. 9, 3; 422 b).

Logo, se os corpos celestes não podem influir diretamente em nosso entendimento, como se demonstrou, (no capítulo precedente), tampouco poderão influir, diretamente, em nossa vontade.

Toda eleição e volição atual, em nós, é causada imediatamente pela apreensão inteligível, porque o bem entendido é o objeto da vontade, como se vê no Livro III do "Da Alma" (c. 10) e por isto não pode seguir-se transtorno algum ao eleger, a não ser que o entendimento falhe no elegível particular, conforme manifesta o Filósofo no Livro VII " Dos Éticos" (c. 3, 6; 1146, b).

Portanto, se os corpos celestes não são causa de nossa inteligência, tampouco podem ser causa de nossa eleição.

Tudo quanto ocorre nos corpos inferiores por influência dos corpos celestes ocorre naturalmente, posto que estão naturalmente colocados sob eles. Conforme isto, se nossas eleições ocorrem por influência dos corpos celestes, é necessário que sucedam naturalmente; quer dizer que o homem elege realizar suas operações à maneira como agem os brutos por instinto natural, e como se movem naturalmente os corpos inanimados.

Logo, os princípios agentes não serão dois, a intenção e a natureza, mas somente um, que é a natureza. Porém, Aristóteles demonstra o contrário no II Livro "Dos Físicos"(c. 5,2; 196 b).

Portanto, não é verdade que nossas eleições provenham da influência dos corpos celestes.

As coisas que se fazem naturalmente são conduzidas ao fim por determinados meios; e por isso sucedem sempre de igual modo, porque a natureza está determinada invariavelmente.

É assim que as eleições humanas tendem ao fim por diversas vias, tanto nas coisas morais como nas artísticas.

Logo, as eleições humanas não se fazem instintivamente.

As coisas que se fazem naturalmente se fazem quase sempre retamente, porque a natureza só falha em casos contados.

Ora bem, se o homem elegesse naturalmente, suas eleições seriam quase sempre retas. E isto é claramente falso.

Logo, o homem não elege naturalmente. O que teria que ser assim, se ele elegesse sob o influxo dos corpos celestes.

As coisas que são de uma mesma espécie não se diversificam nas operações naturais conseqüentes à natureza da espécie. Por isso, todas as andorinhas fazem o ninho da mesma maneira e todos os homens entendem de igual modo os primeiros princípios, que são naturalmente claros.

Porém, a eleição é uma operação conseqüente à espécie humana.

Portanto, se o homem elegesse naturalmente, todos os homens teriam que eleger do mesmo modo. O qual é evidentemente falso, tanto nas coisas morais como nas artísticas.

Logo, o homem não elege naturalmente. O que teria que ser assim, se ele elegesse sob o influxo dos corpos celestes.

As virtudes e os vícios são os princípios próprios das eleições, porque o virtuoso se diferencia do vicioso no fato que ambos elegem coisas contrárias.

Mas nós temos as virtudes políticas, como os vícios, não por natureza, mas por costume, como o prova o Filósofo no II Livro "Dos Éticos", partindo de que nos habituamos àquelas operações a que nos fomos acostumando principalmente na infância.

Logo, nossas eleições não são por natureza. Por conseguinte, tampouco são causadas pela influência dos corpos celestes, segundo a qual as coisas procedem naturalmente.

Os corpos celestes só influem diretamente nos corpos, segundo se demonstrou (no capítulo precedente).

Se eles fossem, pois, a causa de nossas eleições, ou isto seria enquanto influem em nossos corpos, ou enquanto nos influenciam desde fora.

Porém, de nenhuma das duas maneiras podem ser suficientemente causa de nossas eleições. Pois não é causa suficiente de nossa eleição que se nos apresentem exteriormente certas coisas; porque consta que ao encontro de algo deleitável, a saber, uma comida ou uma mulher, se o imoderado se move ao elegê-lo, o moderado não se move.. De igual modo, tampouco basta para nossa eleição qualquer mudança que possa ocorrer em nosso corpo por influência de um corpo celeste, porque a única coisa que isso ocasiona em nós são certas paixões mais ou menos veementes; paixões que, ainda que veementes, não são causa suficiente da eleição, já que, se arrastam o incontinente, em troca, não movem o homem continente.

Logo, não se pode afirmar que os corpos celestes são a causa de nossa eleições.

A nenhuma coisa se dá um poder em vão.

Ora bem, o homem tem o poder de julgar e consultar sobre tudo quanto é capaz de fazer, quer se trate do uso das coisas externas, quer se trate de admitir ou repelir suas paixões internas. E isto seria em vão se os corpos celestes causassem nossa eleição, caso ela não estivesse em nosso poder.

Portanto, os corpos celestes não são causa de nossa eleição.

O homem é por natureza "animal político ou social" (I Ética, 7,6 1097 b). Evidencia isso o fato de que um homem não se basta a si mesmo, se vive sozinho, posto que a natureza em poucas coisas o proveu suficientemente, dando-lhe razão pela qual pode se procurar todo o necessário para viver, como são a comida, o vestuário e coisas parecidas, para cuja produção não basta um só homem.

Por isso, o homem vive em sociedade por imposição da natureza.

Mas, a ordem da Divina Providência não tira a uma coisas o que lhe é natural, antes bem provê a cada qual em conformidade com sua natureza, segundo consta pelo que foi dito (Cap. 71).

Logo, pela ordem da Providência não está o homem ordenado de modo que a vida social desapareça. Mas ela desapareceria, em troca, se nossas eleições, como os instintos naturais dos outros animais, proviessem das influências dos corpos celestes.

Se o homem não fosse dono de suas eleições, em vão se fariam leis e normas para viver. Igualmente, se não pudéssemos escolher entre isto ou aquilo, em vão se acrescentariam castigos

para os maus, e prêmios para os bons. E, faltando estas coisas, a vida social imediatamente se corrompe.

Portanto, conforme a ordem da Divina Providência, o homem não foi criado de modo que suas eleições provenham dos movimentos dos corpos celestes.

As eleições humanas versam sobre coisas boas e más. Se, pois, nossas eleições proviessem dos movimentos das estrelas, seguir-se-ia que elas seriam a causa própria das más eleições. Porem, o que é mau não tem causa na natureza, porque o mal ocorre por defeito de alguma causa, conforme se demonstrou (cap. 4 e ss.).

Não é possível, pois, que nossas eleições provenham direta e propriamente, como de suas causas, dos corpos celestes.

Entretanto, alguém pode objetar contra isto, dizendo que toda ação má provém do apetite de algum bem, conforme se demonstrou (cap. 5,6); tal qual a eleição do adúltero provém do apetite do bem deleitável que há nas coisas venéreas, a cujo bem universal move na realidade uma estrela determinada. E isto é necessário para a realização das gerações dos animais; bem comum que não se devia descuidar pelo mal particular daquele que, impulsionado por tal instinto, elegeu o mal.

Porém esta resposta não é suficiente, se não se supõe que os corpos celestes são a causa própria de nossas eleições, como se influenciassem diretamente no entendimento e na vontade. Porque a influência da causa universal é recebida por cada um conforme o seu modo de ser. Logo, o efeito da estrela que move ao prazer ocasionado pela união destinada à geração será recebida em cada qual conforme seu modo próprio de ser, como o confirma o fato de que diversos animais tem diversos tempos e maneiras de unir-se em conformidade com a sua natureza, segundo diz Aristóteles em seu livro "História dos Animais".(I, 5, c. 8; 542 a).

Conforme isto, o entendimento e a vontade receberiam a influência de tal estrela a seu modo. É assim que, quando se apetece algo em conformidade com o modo de ser do entendimento e da razão, não intervém pecado na eleição, que, na realidade, é má sempre que contraria a reta razão.

Logo, jamais nossa eleição seria má se os corpos celestes fossem a causa de nossa eleições.

Nenhuma virtude ativa ultrapassa a espécie e a natureza do agente, porque todo agente age por sua forma.

É assim que tanto o querer como o entender transcendem toda espécie corpórea; pois como entendemos o universal, assim também nossa vontade é atraída por algo universal, por exemplo, quando "odiamos aos ladrões em geral", como diz o Filósofo em sua "Retórica" (I.2, c. 4, 31; 1382 a).

Em conseqüência, nosso querer não é causado por um corpo celeste.

As coisas que são para um fim estão proporcionadas ao mesmo fim.

Ora bem, as eleições humanas estão ordenadas, como a seu último fim, à felicidade. Felicidade que não consiste em alguns bens corporais, mas em que a alma se una pelo entendimento com as coisas divinas, como antes se demonstrou (c. 25 e ss.) conforme o testemunho da fé e as opiniões dos filósofos.

Portanto, os corpos celestes não podem ser causa de nossas eleições.

Daqui que se diga em Jeremias: "Não temais pelo prognósticos celestes, que atemorizam aos gentios, porque as leis dos povos são vãs"(Jer. X, 2 e 3).

Com isto se refuta a opinião dos estóicos, os quais afirmavam que todos nossos atos, assim como nossas eleições, se dispõem de acordo com os corpos celestes (cfr. cap. precedente: "Daqui também...").

E se diz também que esta foi a antiga opinião dos fariseus da Judéia. Inclusive os priscilianistas foram vítimas deste erro, conforme se diz no livro "Dos hereges"(Santo Agostinho, Haeresibus, 70).

Esta foi também a opinião dos antigos filósofos naturalistas, os quais afirmavam que o sentido não se diferencia do entendimento. Pelo que disse Empédocles que "a vontade é infundida" nos homens, como nos diversos animais, instantaneamente", isto é, conforme o momento presente, pelo movimento celeste, que é causa do tempo. É o que Aristóteles faz constar no livro ‘Da Alma"(I. 3, c. 3, 1’427 a).

Entretanto, deve-se saber que, ainda que os corpos celestes não sejam diretamente causa de nossas eleições, como se influíssem diretamente em nossas vontades, podem ser, não obstante, indiretamente causas ocasionais, enquanto têm influência sobre nossos corpos.

E isto de dois modos:

Primeiro, quando a influência dos corpos celestes nos corpos exteriores é para nós uma causa de alguma eleição, por exemplo, quando por disposição dos corpos celestes se esfria o ar intensamente, elegemos aquecer-nos junto ao fogo, ou outras coisas, em consonância com o tempo.

Segundo, quando eles influem em nossos corpos, por cuja mudança despertam em nós alguns movimentos passionais, ou nos sentimos dispostos pela influência de certas paixões como os coléricos se inclinam à ira, ou também, quando por sua influência se produz em nós certa disposição corporal que é ocasião de alguma eleição, como quando, ao adoecer, escolhemos tomar remédio.

Por vezes, os corpos celestes são também causa do ato humano, enquanto que alguns, por indisposição corporal se tornam loucos, privados de razão. Porém, nestes não há propriamente eleição, pois se movem por certo instinto natural, como os brutos.

Porém, é evidente e experimentalmente conhecido, que tais ocasiões, tanto externas como internas, não são causa necessária de eleição, porque o homem pode, pela razão, resistir a elas ou obedecê-las. Não obstante, são muitos os que seguem os impulsos naturais, e poucos, isto é, os sábios, os que não seguem as ocasiões de agir mal nem os impulsos naturais. E, por isso, diz Ptolomeu no "Centilóquio" que "a alma sábia colabora com a obra das estrelas", e que "o astrólogo não pode julgar da influência dos astros se não conhece bem a capacidade da alma e o temperamento natural", e que "o astrólogo há de prognosticar vagamente sem detalhar" (Sent. I). Isto é, porque a influência dos astros surte seu efeito em todos os que não resistem à sua própria inclinação corporal; porém, não se dá neste ou naquele que, porventura, resiste pela razão à inclinação natural" (Os negritos são meus).

APÊNDICE II

São Tomás: Suma Teológica

I q. 115, art. 4:Se os corpos celestes são causa dos atos humanos.
Resposta:

Os corpos celestes atuam sobre os corpos terrestres diretamente e por si mesmos, como ficou dito.

Mas, sobre as potências da alma que funcionam mediante órgãos corpóreos agem direta, mas acidentalmente, porque os atos de tais potências necessariamente são impedidos na medida dos impedimentos de seus órgãos. Assim, se os olhos estão turvos, não se vê bem.

Se, pois, o entendimento e a vontade fossem faculdades dependentes de órgãos corpóreos, como pensaram alguns que diziam que o entendimento não se diferenciava dos sentidos corporais, seguir-se-ia necessariamente que os corpos celestes pudessem ser causa das eleições e dos atos humanos.

Disto se seguiria, por sua vez, que o homem pudesse ser impelido a sua operações pelo instinto natural da mesma forma que os demais animais, nos quais não há potências da alma não dependentes de órgãos corpóreos., porque, o que se realiza nestes seres inferiores pelo influxo dos corpos celestes, se faz naturalmente, e, portanto, seguir-se-ia também que o homem não teria livre arbítrio, mas que teria ações determinadas como as que têm os demais seres naturais. Tudo o que é evidentemente falso e contrário ao que vemos continuamente na vida humana.

Há que se admitir, entretanto, que as influências dos corpos celestes podem chegar, indireta e acidentalmente, até o entendimento e a vontade, a saber: na medida em que tanto o entendimento como a vontade se servem em algum modo das faculdades inferiores que dependem de órgãos corpóreos.

Porém, há nisto uma diferença grande entre ambas as potências. Porque o entendimento recebe necessariamente o que lhe servem as faculdades apreensivas inferiores. E assim, perturbadas a imaginação, estimativa, ou a memória, necessariamente disso se ressentirá também a ação do entendimento.

Porém, em troca, a vontade não segue necessariamente a inclinação do apetite inferior, pois que ainda que as paixões irascíveis e concupiscíveis não deixem de ter certa força para inclinar a vontade, esta, entretanto, permanece com o poder de seguí-las ou recusá-las.

A isto se deve que a ação dos corpos celestes, pela qual podem ser alteradas as potências inferiores, seja menos efetiva com relação à vontade, causa imediata dos atos humanos, do que com relação ao entendimento.

Portanto, o supor que os corpos celestes são causa dos atos humanos, é próprio dos que dizem que o entendimento não se distingue dos sentidos materiais. Assim, diziam os alguns deles que "tal era a vontade dos homens qual a modelava diariamente o pai dos homens e dos deuses". (Homero, Odisséia, I, 18 v. 138).

Porém, como é absolutamente certo que o entendimento e a vontade não são faculdades dependentes dos órgãos corpóreos, não é possível que os corpos celestes sejam causa dos atos humanos".

[E, nesse mesmo artigo, São Tomás havia levantado a seguinte objeção favorável à Astrologia preditiva]

"3. Os astrólogos predizem por vezes coisas verdadeiras sobre as guerras e outros acontecimentos humanos que procedem do entendimento e da vontade. Eles não poderiam fazer isto se os asrtros não fossem causa dos atos humanos. Logo, os corpos celestes são causa dos atos humanos".

Esta falsa objeção foi refutada por São Tomás do seguinte modo:

"São muitos os homens que seguem as paixões, que são movimentos sensíveis nos quais podem influir os corpos celestes. Em troca, são poucos os sábios que resistem às paixões.

Esta é a razão pela qual os astrólogos podem, predizer, o mais das vezes, coisas verdadeiras, e, mais ainda, se eles falam de modo genérico.

Não ocorre assim se falam de modo particular, porque sempre resta a possibilidade de que qualquer homem resista às paixões por seu livre arbítrio. É de se notar que os próprios astrólogos afirmam que "o homem sábio domina os astros" ao dominar as suas paixões.(Ptolomeu, Centilóquio, proposição 5; Alberto Magno, In Sententiarum, 2 d. 15, a. 4).

I -2, q. 9, a. 5: Se a vontade humana é movida por algum corpo celeste.

Resposta:

Por via de moção do objeto, é evidente que a vontade humana pode ser movida pelos corpos celestes, enquanto os objetos exteriores os quais são percebidos pelos sentidos, movem a vontade e mesmo os órgãos da vida sensível, recebem a influência dos corpos celestes.

E alguns sustentaram que os corpos celestes podem também influir diretamente na vontade humana segundo o modo de moção de exercício que a vontade recebe de um agente exterior.

Isto, entretanto, é impossível. "A vontade, diz Aristóteles, está na razão"(Da Alma, III), e a razão é uma faculdade da alma não ligada a órgão corporal, pelo que a vontade também é imaterial, incorpórea.

É também verdade evidente que nenhum corpo pode influir nos seres imateriais e incorpóreos, senão ao contrário, já que estes estão dotados de virtude operativa mais pura e universal que todas as coisas corporais.

Portanto, é impossível que os corpos celestes atuem diretamente na inteligência e na vontade.

Por isto, Aristóteles, expondo a opinião dos que dizem que "tal é vontade dos homens qual ela é infundida diariamente pelo pai dos deuses e dos homens", isto é, Júpiter, que simbolizava todo o céu, atribui esta opinião a quem não admitia diferença entre o entendimento e o sentido.

Com efeito, as faculdades sensitivas que informam os órgãos corporais podem receber indiretamente a influência dos movimentos celestes, ao serem movidos os corpos que elas atuam.

E como, segundo se disse, o apetite intelectual recebe uma certa moção do apetite sensitivo, indiretamente os movimentos celestes redundam na vontade, ao ser esta movida pelas paixões do apetite sensível".

Também nesta questão, São Tomás alude aos astrólogos, e às suas previsões na terceira objeção que reza assim:

"Os astrólogos predizem, pela observação dos corpos celestes, certos fatos referentes aos atos humanos movidos pela vontade. Isto não seria possível se os corpos celestes não movessem a vontade humana. Logo, de fato, os astros movem a vontade".

[Este sofisma é assim refutado por São Tomás]:

"3. Como já se disse, o apetite sensitivo é obra de um órgão corporal. Por isto, pode acontecer que, por influência dos corpos celestes, alguns homens sejam mais inclinados à ira, à concupiscência ou a outras paixões; assim como acontece que tantos homens mal inclinados por sua complexão natural se entreguem às paixões, às quais somente os sábios resistem, E daí provém que muitas vezes se cumpram os prognósticos sobre os atos humanos, fundados na observação dos astros. Não obstante, conforme declara Ptolomeu em seu Centilóquio, "o sábio se sobrepõe aos astros" porque, resistindo às paixões, frustra os efeitos desses corpos celestes pelo predomínio de sua vontade livre, em nada submetida ao movimento planetário.

Ou, como dizia Santo Agostinho, "temos de confessar que, quando os astrólogos predizem a verdade, fazem-no em virtude de um instinto ocultíssimo, que, inconscientes, recebem as mentes humanas, e quando isto está destinado a enganar aos homens, é obra dos espíritos maus e sedutores" (Os negritos são meus).

2-2, Q95, a. 1: Se a advinhação é pecado.

"Resposta:

A palavra advinhação significa anúncio antecipado de acontecimentos futuros, os quais se podem conhecer de duas maneiras: em suas causas e em si mesmos.

As causas dos acontecimentos futuros são de três classes.

Umas produzem sempre e necessariamente seus efeitos. Estes podem ser previstos com certeza e anunciar-se com anterioridade pelo simples exame de suas causas, como os astrólogos anunciam os futuros eclípses.

Outras causas há que não produzem sempre e necessariamente seus efeitos, mas apenas na maioria das vezes, e raramente falham. Os futuros acontecimentos deste gênero não podem ser conhecidos com certeza em suas causas, mas apenas por certas conjeturas. Assim, os astrônomos, atentos aos fenômenos estelares, podem conhecer e anunciar uma época de chuvas ou de seca, da mesma forma que o médico, seguindo o curso da enfermidade, prevê a saúde ou a morte do doente.

Existem, por fim, outras causas que, consideradas em si mesmas, são indiferentes à produção deste ou daquele efeito. Isto acontece principalmente nas potências racionais, as quais, segundo Aristóteles, tendem a objetos opostos. Os efeitos deste gênero de causas, assim como os que provém raras vezes e por acidente fortuito de causas naturais, não podem ser descobertos pela simples análise de suas causas, já que estas não têm inclinação determinada a produzir tal classe de efeitos.. Portanto, somente podem ser conhecidos em si mesmos, o qual no caso do homem exige os objetos presentes, à maneira daquele que vê Sócrates atualmente passear ou correr.

O conhecer estes efeitos em si mesmos antes que aconteçam é algo próprio e exclusivo de Deus, que vê desde a eternidade todos os acontecimentos futuros como se fossem presentes. Por isso exclama Isaías: "Anunciai-nos o porvir, para que saibamos assim que sois deuses" (Is. XLI, 23).

Portanto, se alguém pretende conhecer e predizer tal classe de acontecimentos por qualquer meio distinto da revelação divina, usurpa um direito divino. E daqui provém o nome de "advinho", pois, como diz Santo Isidoro, "eles são chamados de advinhos como se estivessem cheios de Deus; pois eles mesmos fingem que estão repletos da Divindade e com fraudulenta astúcia profetizam aos homens as coisas futuras.

Por conseguinte, não se chama advinhação quando o homem conhece e anuncia de antemão aqueles acontecimentos que procedem necessariamente, ou pelo menos geralmente, de suas causas. Tampouco quando conhece e anuncia os fatos contingentes por revelação divina. Então, não é o homem quem "advinha" ou faz um ato divino, mas antes recebe o divino.

A advinhação se dá unicamente quando alguém usurpa de modo indevido a predição de acontecimentos futuros. É evidente que isto é pecado.

Portanto, a advinhação é sempre pecado; pelo que a palavra "advinhação", diz São Jerônimo, "sempre se toma em mau sentido"

2-2, Q. 95, a. 2: Se a advinhação é uma espécie de superstição.

"Resposta.

Indicamos antes (Q. 92, a. 1 e 2) que a superstição implica o exercício do culto devido divino feito indevidamente.

De duas maneiras pode uma coisa pertencer ao culto da Divindade.

Em primeiro lugar, a modo de oblação, que se costuma fazer sob a forma de sacrifício ou de simples oferenda.

Em segundo lugar, como apropriação ou uso de algo divino; é o caso já exposto do juramento(Q.89, a. 4 ad 2).

Por isso, a superstição compreende não só a imolação idolátrica de sacrifícios aos demônios, como também a toda essa classe de auxílios que se solicitam aos demônios, com o fim de conhecer ou de realizar alguma coisa.

Ora, a advinhação provém sempre da ação dos demônios, seja porque se os invoca expressamente para que manifestem o futuro, ou porque eles mesmos se intrometam nessas inúteis inquisições para envolver em vaidade os espíritos.

Canta o salmista: "Bem aventurado o homem que não dirige seu olhar sobre as coisas vãs e as loucuras enganadoras"(Ps. XXXIX, 5).

Uma vã indagação é querer descobrir os acontecimentos futuros, quando nos é completamente impossível. Por isto, se faz patente que a advinhação é uma espécie de superstição".

APÊNDICE III

Nota do Sr. de Carvalho:
COMENTÁRIO

No dia, o Sr Olavo de Carvalho, ao fazer seus primeiros ataques a mim por ter eu criticado René Guénon, comentara ele o livro de Marie-France James -- Ésoterisme et Christianisme autour de René Guénon (Nouvelles Éditions Latines, Paris, 1981) -- dizendo:
"Mas, ao fazê-lo, V. Sa. cai ainda no erro de citar como única fonte (pois as demais mencionadas são alheias a esse ponto) a obra de Marie-France James, "Esotérisme et Christianisme Autour de René Guénon" (Paris, Nouvelles Éditions Latines, 1981), aliás sem consulta direta mas somente através da citação obtida de outro autor. Conheço bem essa obra, que li e anotei há mais de dez anos, e conheço também alguns dos personagens que ela menciona. Posso assegurar que a Srta. James, malgrado toda a sua pesquisa de arquivo, desconhece a tal ponto esses personagens que chega a confundir uns com os outros, não sabendo, pôr exemplo, que aqueles que ela menciona com os nomes de Martin Lings e Sidi Abu-Bakr são, fisicamente, a mesma pessoa, ou, noutras ocasiões, atribuindo a Martin Lings episódios que se passaram com Titus Burckhardt e vice-versa. Sei dessas coisas por ter convivido durante algum tempo com o sr. Lings e conversado muito com ele a respeito desses episódios, dos quais a Srta. James ignora praticamente tudo. Ao ler depois a obra da Srta. James não deixei de dar boas risadas com as confusões que ela fazia."
Ele se limitava, em suma, a criticar um equívoco da autora, que julgara serem duas pessoas distintas, o Sr. Martin Lings, um gnóstico amigo de Olavo, e Abu Bakr, quando este era o nome adotado pelo sr Lings ao apostatar o cristianismo, para tornar-se um esotérico maometano.
Nessa ocasião, o Sr. Olavo nem citou o nome de Paterson, a quem a Srta James atribuiu o nome de Abu Bakr.
Olavo -- que diz ter convivido com Martin Lings, e rido com ele da confusão feita pela Srta. James -- também não citou então, os equívocos dessa autora ao identificar erradamente as pessoa que aparecem nas fotos da capa de seu livro, assim como numa foto da página 129.
Só agora, passados meses, nessa nota publicada dia 27 de junho, Olavo se "lembrou" de criticar esses equívocos da Srta. James.
Por que será que o sr. Olavo não fez isso antes?
Por que o fez só agora?
Se o tivesse feito então, teria fundamentado um pouco melhor a sua crítica, quanto a esse ponto, colateral e secundário, da obra da Srta James.
Não quero pensar que ele não tivesse o livro, porque Olavo declarou que o lera e anotara, e me recriminou por citar esse livro em segunda mão...
Vai ver que ele tinha outra edição do livro...que não tinha fotos na capa.
Mas o livro só teve uma edição !
Vai ver que Olavo só tinha uma cópia xerox dele... sem a foto da capa, claro.
Sejamos generosos em nossa interpretação dos fatos.
Quero ter essa boa vontade para com ele, porque não posso crer que ele não possuísse a obra, e a citasse...em segunda mão...Não é possível que Olavo me recriminasse por um "falta" que ele mesmo estava cometendo.
Não quero crer que Olavo tenha comprado e recebido o livro da Srta James só agora, muito depois da polêmica ter se iniciado.
Mas, se ele já tinha o livro, como só agora ele notou esse equívoco das fotos, ele que conhecia o rosto de Martin Lings ? Por que não disse nada de um erro que fundamentaria mais fortemente sua crítica?
Estranho...
Vai ver que Olavo esquecera das fotos que vira, e do livro que anotara, há mais de dez anos! Certamente, ele se esqueceu das fotos, que observara o equívoco, e até o anotara... mas ... o olvidara...
Que pena !...
***
Desse equívoco secundário da autora, Olavo concluiu que ela não é confiável como historiadora.

Mas que exagero, seu Olavo !

O livro da Srta. James é documentadíssimo. Mais de 450 obras constam de sua bibliografia, assim como são citadas mais de 250 obras, além de umas cinqüenta revistas e artigos Mais: ela cita uma impressionante lista de documentos inéditos de René Guénon e de outros.

A essa enorme massa de documentos, Olavo contrapõe dois equívocos:

1) que ele não sabia que Lings adotara o nome Abu Bakr;

2) que errou ao identificar as pessoas que aparecem em duas fotos.

Daí, Olavo conclui que ela dizer--baseada em documento, e eu citá-la -- que Guénon tomava ópio e haxixe, seria "induzir em falso testemunho".

Já disse: a questão fundamental é a doutrinária: Guénon é gnóstico. E Olavo também o é.

Essa conclusão doutrinária não muda, nem com confusão de fotos, nem de nomes árabes ou ingleses.

Se Olavo é tão severo em seu critério, que o leva a concluir que não é confiável uma historiadora tão documentada, que pensar dele que, na mesma hora em que faz essa crítica, ERRA ao copiar o nome de Jacques-Albert Cuttat, chamando-o de JEAN - Albert Cuttat ?

Só por isso iremos desqualificar Olavo?

Só por isso, nunca.

Mas que pensar de Olavo por suas citações dantescamente "chutadas"?
***
René Guénon e Olavo de Carvalho são gnósticos "tradicionalistas"'.

Essa é a conclusão comprovada por uma enorme documentação irrefutável de textos deles dois.

O mais é vã tentativa de Olavo para despistar os leitores.

C'est fini, Monsieur.

Na festa da Visitação de Nossa Senhora, 2 de Julho de 2.001.
Orlando Fedeli.
(Dante, Divina Commedia, Inferno, II 72). - Igreja antinomista ou anti naturalmente ascética.
, exclama o demônio ao perplexo visitante florentino: "Não imaginavas que eu também fosse lógico! " (cfr. op. cit., p. 16-17. O negrito é meu). na qual ele toma a liberdade de louvar os méritos do ópio do qual ele se mostrará guloso durante toda a sua vida, depois, na revista La Haute Science, consagrada "à Tradição esotérica e ao simbolismo religioso" (Marie-France James, Ésoterisme et Christianisme autour de René Guénon, Nouvelles Éditions Latines, Paris, 1981, pp. 77-78. O negrito é meu).
é absolutamente distinto do mundo, pois que a ele não se pode aplicar nenhum dos atributos determinativos que convém ao mundo, toda a manifestação universal sendo rigorosamente nula em vista de sua infinitude; e observar-se-á que tal irreprocidade de relação acarreta a condenação formal do "panteísmo", bem como de todo "imanentismo" (René Guénon, Introdução às Doutrinas Hindus, Ciências Tradicionais, Michel F. Veber, São Paulo, 1989, p. 295). Há uma questão colateral

que convém a analisar. Antes de examinar esse item, conviria tratar da causa mais profunda da Gnose, que é o problema do mal.
(Olavo de Carvalho, "A Autoridade Abalada. A Crise do Catolicismo" - II, in Planeta, no 111, Dezembro de 1981, p. 27).

Para citar este texto:
"A Gnose “Tradicionalista” de René Guénon e Olavo de Carvalho"
MONTFORT Associação Cultural
http://www.montfort.org.br/bra/cadernos/religiao/guenon/
Online, 09/11/2023 às 23:02:33h

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20150703095738/http://www.olavodecarvalho.org:8…

Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli

Professando demonstrar que sou um autor que “não merece muita atenção”, o sr. Orlando Fedeli, não obstante, acaba de conceder à minha obra e à minha pessoa a imerecida atenção de um estudo de 160 páginas, o mais extenso que já se fez sobre elas até hoje.

Na verdade, não se trata propriamente de um estudo. O sr. Fedeli não “estudou” a minha obra. Estudar uma filosofia é discernir nela os princípios fundamentais e suas aplicações contingentes, os conceitos formais e as figuras de linguagem que os expressam, o objetivo do conjunto e os caminhos, indefinidamente variados e casuais, que a ele conduzem. O sr. Fedeli não fez nada disso com os meus escritos. Apenas ciscou neles – com a acuidade filológica de uma galinha – indícios de gnosticismo que pudessem me incriminar no processo de heresia que ele me move no tribunal eclesiástico da sua imaginação.

Não deixa de ser significativo que a acusação e a sentença final do processo fossem anunciadas bem antes de que o autoconstituído inquisidor começasse sequer a juntar os autos.

O resultado -- que o autor dirige a seu “muito prezado Felipe”, como fez com alguns de seus escritos anteriores -- divide-se em dez capítulos. Ao fim do primeiro, o sr. Fedeli conclui que sua tese já está demonstrada e sua polêmica contra mim devidamente encerrada. Então seguem-se nove capítulos suplementares, que, destinando-se apenas ao socorro dos leitores menos esclarecidos, nada acrescentam, segundo o sr. Fedeli, à essência da demonstração principal, dada como líquida, certa, provada e definitiva já no começo da obra.

Considerando-me ainda mais indigno de atenção do que me julga o sr. Fedeli, abdico, pois, da vaidade de examinar as extensões

pedagógicas, e atenho-me ao exame do que ele mesmo declara ser o essencial.

> Texto-Confissão de Olavo de Carvalho
>
> *"De fato, a existência de uma gnose ou philosophia perennis mostra que a religião e o dogma não são a última palavra em matéria de espiritualidade, e que a "fé" tende, em última análise, a desembocar num conhecimento direto que elimina toda a necessidade de "crença", pois traz uma certeza, nas palavras de Guénon, 'mais forte ainda que uma certeza matemática'"* (Olavo de Carvalho, "A Autoridade Abalada. A Crise do Catolicismo" - II, in *Planeta*, no. 111, Dezembro de 1981, p. 27).
>
> Muito prezado Felipe, salve Maria!
>
> Inicialmente, permita-me algumas palavras sobre a epígrafe que coloquei nessa carta, usando um Texto-Confissão do sr. Olavo de Carvalho. Bastaria esse texto, para provar que tanto ele, quanto Guénon, são gnósticos mesmo.
>
> Pois, segundo Henri-Charles Puech: "Chama-se ou pode-se chamar "gnosticismo" - e também "gnose" - toda doutrina ou toda atitude religiosa baseada na teoria ou sobre a experiência de obtenção da salvação pelo Conhecimento"(Henri-Charles Puech, En Quête de la Gnose, Gallimard, Paris, 1978, vol. I p. 185).

Deduzir, da afirmação da existência de um conhecimento superior à fé, a crença numa “salvação pelo conhecimento”, é um autêntico *non sequitur*. “Salvação pelo conhecimento” é, aliás, uma expressão autocontraditória, que bem caracteriza a natureza paradoxal da heresia gnóstica. Se conhecer a Deus trouxesse a salvação, o demônio estaria salvo. Pretender que eu tenha apregoado a “salvação pelo conhecimento” é falsear propositadamente os meus textos. A superioridade essencial do conhecimento em relação à fé é coisa auto-evidente, afirmada na definição mesma da fé, e só uma completa falta de discernimento filosófico aliada a uma boa dose de malícia pode deduzir daí que eu esteja afirmando a possibilidade de chegar a esse conhecimento por outra via que não pela fé ou, pior ainda, sem fé. Aqui, como em muitos outros casos, o sr. Fedeli muda o sentido das minhas palavras, dando ares de coisa escandalosa a uma afirmação óbvia e até banal. A “superioridade” a que me refiro é de ordem intrínseca e ontológica e não funcional e metódica: o que digo é simplesmente que saber é mais do que crer, e não que, enquanto método da vida espiritual, o saber tenha mais eficácia salvífica do que a fé. No mínimo, sem fé não se chega sequer à possibilidade do

conhecimento espiritual, e por isto este último é “superior” à fé no sentido em que a meta transcende o caminho, assim como a fé é “superior” enquanto caminho sem o qual não se pode chegar à meta, isto é, como exigência metódica que a simples busca do conhecimento pela razão natural – ou por qualquer meio “esotérico” que se possa conceber -- não pode substituir. Também é certo que o conhecimento espiritual é um dom gratuito de Deus ao homem que têm fé, mas por isto mesmo seria loucura proclamar que esse dom vale menos do que a fé que o possibilitou. No limite extremo, essa proclamação equivaleria a dar um sentido blasfematoriamente literal à expressão de Cristo “Tua fé te salvou”, proclamando que quem cura é a fé e não Cristo – e não é preciso dizer que é a isso que leva, em última instância, a afetação fedélica de escândalo ante o que digo sobre a fé. (É verdade que, num dos capítulos suplementares, o sr. fedeli, amputando do seu contexto imediato uma frase que encontrou numa transcrição de fita, aliás não revista pelo autor, fez de um rompante meu contra a idolatria kantiana da fé uma declaração de guerra contra a fé no sentido mais geral e católico do termo. Mas isso nada revela sobre meu pensamento, e sim sobre a canalhice da sua interpretação fedélica, toda fundada no artifício de jogar a letra contra o espírito.)

> Um dos mestres de Olavo confirma que esse Conhecimento superior é a Gnose: "O conhecimento direto e interior, o do Coração-Intelecto, é o que os gregos denominavam gnose; a palavra 'esoterismo' - segundo sua etimologia - designa a gnose, na medida em que está *de facto* subjacente às doutrinas religiosas, portanto dogmáticas." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 11-12)]

O sr. fedeli confunde propositadamente o termo *gnose*, tal como usado genericamente por mim -- e aliás também por Clemente de Alexandria -- com uma de suas acepções em particular, que é a da heresia gnóstica definida pelos Padres.

Ademais, de onde esse sujeito extraiu a idéia de que Frithjof Schuon é “um de meus mestres”? Recebi algum ensinamento desse místico suíço durante os anos de 1986-87, mas não sou seu seguidor ou discípulo em sentido nenhum dos termos.

> E Schuon explica que "A diferença entre crença e Gnose - a fé religiosa elementar e a certeza metafísica - é comparável àquela que existe entre uma descrição e uma visão" (Frithjof Schuon, *Comprendre L’Islam*, p. 173).

> O que espanta é que o homem que escreveu o que coloquei em epígrafe, venha desafiar que se prove ser ele um gnóstico. Ou ele está delirando, ou não tem memória, ou espera que os outros não a tenham.

Delirante é o sujeito que não percebe diferença entre a fé religiosa e a visão mística. É absurdo pretender que Sta. Teresa, quando teve Jesus diante de si, não o conhecesse senão “pela fé”. A fé pode tê-la conduzido até lá, mas reduzir sua visão de Cristo a um conteúdo de fé, negando-lhe o estatuto de conhecimento, seria blasfêmia pura e simples. Aqui, novamente, o sr. Orlando fedeli falseia maliciosamente o sentido dos conceitos. Tanta é sua vontade de difamar, que não hesita em se apegar, para isso, mesmo ao absurdo mais patente.

> E ainda ele me exige que prove ser ele um gnóstico, sob pena de me considerar "um impostor"!
>
> "Impostor", conforme ensina até o "pai dos burros", é aquele que abusa da confiança de outrem para enganá-lo, por meio de palavras, ou atitudes. E o dicionário dá como sinônimos de impostor as palavras mentiroso, ou charlatão.

Quanto mais o sr. Fedeli consultar o seu pai, mais razão este me dará. Como se acaba de ver pelos parágrafos acima, o sr. Fedeli abusa da confiança de seus discípulos para induzi-los em erro e torná-los cúmplices ao menos passivos da difamação de um inocente. Mentira, impostura e charlatanismo são termos igualmente apropriados à descrição desse empreendimento.

> Tendo em conta o que diz o texto citado, fica patente que impostor não sou eu, pois minha acusação de que ele é gnóstico não era nem falsa, nem mentirosa.

Sua acusação -- repito -- é apenas um hábil jogo de palavras, destinado a dar a um uso muito genérico do termo *gnose* o sentido específico e limitado que possui na definição da heresia gnóstica.

> Nada adianta ele declarar agora que o que escreveu antes de 1995 não vale mais.

Nunca declarei isso, exceto a propósito de um texto em particular, o artigo sobre a Gnose de Princeton publicado em *Planeta*. Dos demais, afirmei apenas que meus escritos que circulavam em edição restrita ou privada -- sem falar de antigos trabalhos jornalísticos menores e de ocasião -- não expressavam a forma mais estabilizada que tenho dado a meus pensamentos em obras posteriores, de mais ampla circulação;

que esses escritos, portanto, deveriam ser postos entre parênteses até que eu tivesse a oportunidade de reexaminá-los e corrigi-los para uma edição maior. Assim, tomá-los como expressão cabal do meu pensamento maduro é usurpar o meu papel de autor e falar indevidamente em meu nome. Até mesmo na pura esfera editorial o critério da "última vontade expressa do autor" impera como regra elementar da confiabilidade científica dos textos. Quanto mais, então, não deve predominar na interpretação que se faça deles, principalmente quando dessa interpretação se pretende tirar conseqüências desfavoráveis ao autor! A violação sistemática e despudorada dessa regra já mostra a intenção perversa e a completa desonestidade intelectual do sr. Fedeli. Como explicar de outra forma a omissão sistemática de toda crítica de fontes, cuja criteriosa observação seria, num historiador de profissão, o primeiro e o mais elementar dos deveres? De fato, todos os documentos, todos os indícios, independentemente de qualquer distinção crítica entre livros publicados, transcrições não revistas e até escritos postos em quarentena pelo autor, são assumidos pelo sr. Fedeli como igualmente probantes, desde que concorram para a confirmação da sua tese, ou igualmente desprezíveis, caso a impugnem. Se esse procedimento não é tolerável nem numa simples pesquisa histórica, sem efeitos práticos na ordem moral, quanto mais abusivo ele não há de ser num "processo" montado para danar a reputação de um homem!

> Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a "Tradição" primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico.

A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, facílimo de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedfont, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um "gnóstico", no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e *por isto mesmo* não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios. A rigor, os dois sentidos do termo não guardam entre si uma relação de gênero e espécie, pois *gnose* significa "conhecimento" e a heresia gnóstica não é propriamente conhecimento e sim falso conhecimento; e é para designar esta

diferença que alguns autores empregam a distinção de *gnose* e *gnosticismo*, se bem que outros a assinalem de outras maneiras.

> Como não adianta, também, ele querer distinguir gnose de gnosticismo antigo, porque o que dizia o gnosticismo antigo era exatamente isso: que a Gnose era um conhecimento superior à fé.

Novamente, o sr. fedeli manipula as palavras, querendo dar à constatação – aliás auto-evidente – da existência de um conhecimento superior à fé o sentido de uma afirmação da "salvação pelo conhecimento". O conhecimento pode ser superior à fé pela certeza direta do seu conteúdo, mas isto obviamente não implica – nem eu jamais disse – que ele possa, por si, trazer a "salvação".

> E você vê, caro Felipe, que H. C. Puech - um dos maiores especialistas no assunto - no texto acima citado, toma Gnose e Gnosticismo como termos equivalentes, para não dizer sinônimos.

Mais uma manipulação semântica do sr. fedeli. Que Puech use os termos como equivalentes não implica, obviamente, que eu faça o mesmo. Nada autoriza o leitor a interpretar os termos de um autor numa acepção diferente, encontrada em outro autor, principalmente se este não é jamais citado pelo primeiro.

> Sobre esse ponto, veremos adiante outros textos de Puech confirmando que os melhores especialistas atuais, tendo em vista as descobertas e estudos mais recentes, usam Gnose e gnosticismo indiferentemente (Cfr. Puech, op. cit., vol I, pp. 187 e seguintes).

É verdade, mas a generalidade do uso lingüístico de um termo nada prova quanto aos objetos designados por ele.

> Diante deste Texto-Confissão de Olavo, são ociosas outras provas de que ele é um gnóstico, pois a confissão do acusado dispensa outras investigações.

Os termos "acusado" e "confissão", obsessivamente repetidos pelo sr. fedeli, denotam apenas o sentido de teatrinho inquisitorial que ele quer dar a esta polêmica, atribuindo a mim o papel de réu e a ele próprio o de inquisidor e *defensor fidei*.

Mediante esse curioso giro estilístico, ele transporta o leitor, por instantes, à atmosfera de um tribunal do Santo Ofício, onde testemunham o drama judicial do qual o réu sairá condenado não somente à danação eterna mas também à penalidade temporal da fogueira.

Mas essa atmosfera é, evidentemente, fictícia. Nem o sr. Fedeli tem o poder de condenar ou salvar quem quer que seja, nem eu estou em julgamento. A sentença a ser lavrada no final da encenação não será assinada senão pelo círculo de discípulos do sr. Fedeli, e nenhuma penalidade temporal ou celeste me será imposta exceto na imaginação dessas pessoas, o que não é decerto uma perspectiva especialmente atemorizante.

Não existindo nem neste mundo nem perante o Altíssimo, o tribunal ante o qual o sr. Fedeli me acusa só pode adquirir alguma realidade mediante um certo esforço de imaginação dos seus leitores, e é com a finalidade de secundá-los nesse esforço que ele emprega reiteradamente aquelas figuras de linguagem, emprestadas do jargão tribunalício.

É evidente que um autor que pretenda investigar a verdade não começa jamais por transportar seus leitores a uma situação de discurso tão distante da situação real, nem muito menos por dar a esse simulacro, mediante truques de estilo, uma espécie de “segunda realidade”, como diria Robert Musil.

Também é certo que essa camuflagem geral da situação de discurso não poderia ter a mínima eficácia se, nos detalhes da discussão empreendida, não se sustentasse numa infinidade de falseamentos menores, indefinidamente variados na técnica e no tom, mas, no conteúdo, repetitivos como cacoetes, cujo efeito acumulado produz, no fim, uma falsa impressão de verossimilhança.

Desses cacoetes, destaco apenas um. Esse traço surpreendente do estilo fedélico de escrever é sua tendência compulsiva de trocar os sujeitos das minhas frases. Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele “cortou seu próprio pescoço” – e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço. Digo que seus alunos estão assustados e perplexos – e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar *os meus* alunos.

Com a mesma freqüência com que troca o sujeito gramatical das frases, ele troca também o sujeito lógico das relações, como se viu nos exemplos acima.

Esses procedimentos lingüísticos anormais denotam aquilo que em psiquiatria se denomina “delírio de interpretação”, um sintoma que, se não comprova doença mental, constitui forte indício daquela deformidade de consciência que se conhece como *sociopatia*, e que é

a marca inconfundível dos líderes pseudo-religiosos milenaristas, dos falsos profetas e dos revolucionários gnósticos.

Nenhum homem inspirado pelo *amor Dei* jamais sairia apregoando acusações de heresia com a pressa indecente e o apetite de escândalo do sr. Fedeli. A própria Inquisição jamais montava um processo público, mesmo contra algum herético notório, sem antes enviar um representante qualificado para conversar longamente com o suspeito, em privado, seja para certificar-se de suas intenções, seja para demovê-lo de suas convicções, se consideradas errôneas. O sr. Fedeli, em vez disso, mantém-se a uma protegida distância, usando seus discípulos jovens e imaturos como espiões para ciscar pedaços de conversas, enquanto ele, na obscuridade da sua toca de serpente, prepara o bote.

Não, nada disso pode ser inspirado pelo amor a Deus. É preciso ser totalmente desprovido de discernimento espiritual para não perceber que, desde os tempos em que conspirava para arrebatar a liderança da TFP ao falecido Plínio Correia de Oliveira, o sr. Fedeli é movido por uma única paixão: a *superbia*, a *libido dominandi* de um chefe de seita.

> Com isso, a polêmica, de fato, está encerrada, e ele nem precisa responder-me mais qual é a religião dele, nem se Guénon é gnóstico.

De fato não preciso responder-lhe mais nada, Orlando Fedeli, exceto que você é um farsante, um santarrão, um aproveitador da boa fé de seus discípulos e, em toda a linha, uma mentalidade perversa de sectário.

Seu intuito declarado de destruir uma reputação e os meios desonestos que põe em ação para esse fim não apenas são indignos de um homem da Igreja mas estão abaixo até do que a moral laica permite a um intelectual mundano.

Olavo de Carvalho

Home - **Informações** - **Textos** - **Links** - **E-mail**

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20140622060928/http://www.montfort.org.br:80/old/…

Espaço do Leitor

Carta ao leitor

Caro Olavo de Carvalho e caros colegas,

Em anexo a este e-mail vai uma carta aberta que envio ao Sr. Olavo de Carvalho sobre sua última resposta ao Prof. Orlando Fedeli.

Envio esta carta aberta não só ao Sr. Olavo de Carvalho, mas também a alguns de seus alunos com quem conversei sobre o assunto, que devem estar acompanhando a polêmica. Envio-a também ao site da Montfort, que poderá publicá-la.

Salve Maria,
Felipe Coelho.

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

Enquanto meu professor, Orlando Fedeli, não comenta o último protesto do Sr. Olavo de Carvalho contra a denúncia de sua gnose, eu, Felipe Coelho, Católico, ex-aluno deste último, comentarei brevemente alguns pontos de sua tentativa de resposta, entitulada "Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli".

O texto do Prof. Orlando Fedeli, como o próprio título indica, não trata apenas do Sr. Olavo de Carvalho, mas também de René Guénon, de modo que o Sr. Olavo não deveria ter ficado tão lisonjeado com sua extensão. O que o Prof. Fedeli de fato fez foi aproveitar a deixa para dar uma mini-aula de gnose, a partir dos "quatro itens da gnose" do "Aviso 2" do Sr. Olavo, com o objetivo principal de esclarecimento dos alunos deste que porventura sejam ou possam vir a ser Católicos.

Acrescente-se ainda uma citação do próprio Sr. Olavo de Carvalho corroborando este procedimento: "Não discuti com eles em meu livro nem vou fazê-lo agora, porque vigarice (intelectual ou qualquer outra) é coisa que não se discute: vigarice se denuncia, e pronto" (Olavo de Carvalho, "Por uma Esquerda Melhorzinha", in *O Imbecil Coletivo*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Faculdade da Cidade, p. 390). Foi o que fez o Prof. Fedeli: desafiado, denunciou e provou a gnose de Guénon e Carvalho.

Chegamos assim ao cerne da questão: afinal, do que o Sr. Olavo de Carvalho está sendo acusado? É óbvio que não é de ser um seguidor das doutrinas de Valentino, Basílides, do gnosticismo dos primeiros séculos. O próprio estudo do Prof. Fedeli mostra a gnose presente no sufismo, na cabala, no hinduísmo, e em vários autores de diversas origens apontados pelo Sr. Olavo como grandes homens espirituais, ficando claro portanto que a acusação não é de pregar a heresia cristã dos primeiros séculos. A insistência do Sr. Olavo neste ponto tão evidente é no mínimo estranha. É óbvio também que não se trata de "gnose" como mero sinônimo de "conhecimento", pois neste caso não haveria razão para se utilizar o primeiro termo em vez do segundo. A gnose de que o Sr. Olavo de Carvalho é acusado é uma modalidade de conhecimento específica: trata-se da doutrina herética do conhecimento direto e unitivo de Deus pelo homem - ou melhor, por aquilo que haveria de divino no interior do homem -, realizado por meio de uma intuição que eliminaria a distinção entre sujeito cognoscente e objeto conhecido - entre o homem, o mundo e Deus -, pois no fundo só Deus existe, e tudo que há de individual é ilusório.

É absurdo o Sr. Olavo querer dizer que Santa Teresa tinha este tipo de conhecimento de Deus quando lhe aparecia Nosso Senhor. É claro que, ao vê-Lo, ela permanecia Teresa, e Ele, Jesus. Quanto ao demônio, conhece apenas a *existência* de Deus, não sua *essência*, e como se viu acima é justamente a essência de Deus que os gnósticos pretendem conhecer.

Quanto à salvação, o Sr. Olavo de Carvalho disse recentemente: "Isso não quer dizer que o Papa esteja errado ao afirmar que o cristianismo é a única via de salvação. Como poderia estar errado, se o conceito mesmo de 'via de salvação' não se aplica ao Islã ou ao judaísmo?" (Olavo de Carvalho, "Mensagem de Natal", *O Globo*, 23.12.2001). Das duas uma: ou o Sr. Olavo aqui admite que, não sendo vias de salvação, o maometismo e o judaísmo levam ao inferno, e neste caso seria Católico; ou então, como é evidente, o Sr. Olavo adere a uma escatologia não-Católica e gnóstica, e defende também a doutrina de que nem todos precisam ser salvos, que a salvação não exige uma fé determinada e certa, pois bastaria o conhecimento. E isso é gnose.

Aliás, Frithjof Schuon, que até muito recentemente o Sr. Olavo de Carvalho considerava "homem espiritual de primeiro plano e formulador do único método válido já concebido para a comparação e aproximação das religiões" (in *O Jardim das Aflições*, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000, p. 308), trata a fé exatamente como o Sr. Olavo, como caminho para a gnose: "A Fé não poderá opor-se ao Conhecimento [de Deus, ou seja, a gnose] da qual é, ao contrário, como vimos, um modo iniciático..." (Frithjof Schuon, *Da Unidade Transcendente das Religiões*, Trad. Fernando Guedes Galvão, Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1953, p. 184). E, sobre a natureza do conhecimento gnóstico, o mesmo autor afirma: "Acrescentamos que no ponto de vista iniciático esta visão [a Visão Beatífica] pode, e deve até, obter-se ainda nesta vida..." (*ibid.*, p. 179). E ainda: "...até existem métodos para obter esta graça que equivale, em suma, a uma 'concretização' da 'visão beatífica'." (*ibid.*, p. 157). (O Sr. Olavo deve lembrar-se de ter lido isto, pois, no parágrafo anterior a este último trecho citado, encontra-se detalhada por Schuon a comparação blasfema entre a Virgem Maria e Maomé que o Sr. Olavo resumiu em seu artigo "Mensagem de Natal", *O Globo*, 23.12.2000). Registre-se ainda que, como tudo isso é condenado pela Igreja Católica, Schuon refere-se a Ela com total desprezo: "A Igreja latina, com seu idealismo sentimental e irrealista..." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 189).

Continuando, é notável que o Sr. Olavo de Carvalho confesse aqui não renegar nada do que escreveu antes de 1995, com exceção de seu artigo sobre a "gnose de Princeton". Isto significa que não renega o artigo citado pelo Prof. Fedeli em que apóia as doutrinas defendidas por Guénon em *O Demiurgo* (Cf. Olavo de Carvalho, "O Homem e sua lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação", *in* Revista Planeta, nº 107, agosto de 1981, p. 17), doutrinas estas que se enquadram até naqueles seus quatro itens da gnose, feitos para mascarar a sua própria gnose.

Afinal, o Sr. Olavo de Carvalho confessa mais uma vez que é gnóstico. Abaixo vai o texto do Prof. Fedeli, seguido da mais atual confissão do Sr. Olavo de Carvalho, ao comentá-lo (o sublinhado é meu):

"Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a 'Tradição' primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico."

Até aqui o Prof. Orlando Fedeli. A seguir, a nova confissão de gnose de Olavo de Carvalho:

"A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, facílimo de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedfont, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um "gnóstico", no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e *por isto mesmo* não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios."

Como já se viu, é precisamente da gnose que o Sr. Olavo reconhece defender, e não da heresia dos primeiros séculos, que o Prof. Orlando Fedeli o acusa. Ademais, já foi demonstrado pelo Prof. Fedeli que todos os especialistas no assunto consideram o gnosticismo (a heresia dos primeiros séculos) uma espécie do gênero gnose (substrato

ou núcleo de várias heresias). O argumento do Sr. Olavo para negar este fato e defender a "boa gnose", por meio da alegação de que o gnosticismo seja um "falso conhecimento", é semelhante ao argumento dos comunistas -- que o Sr. Olavo de Carvalho tanto condena, e faz bem de condenar -- ao afirmarem que o "verdadeiro comunismo" permanece bom após as experiências genocidas de Stálin, Lênin, Mao e cia., pois estas seriam "falso comunismo"...

O Sr. Olavo de Carvalho citou recentemente Hans Jonas como "o mais famoso historiador da gnose", numa breve nota na qual fala em "o rótulo de gnose (no sentido estrito de Hans Jonas)" (Olavo de Carvalho, nota a "A face oculta do mundialismo verde", de Pascal Bernardin, in <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/bernardin2.htm>). Logo, o Sr. Olavo aceita que Hans Jonas usa gnose no sentido estrito, sentido que é condenado pela Doutrina Católica. Veja-se então o que diz Hans Jonas: "Na verdade, houve apenas alguns grupos cujos membros se denominaram expressamente 'gnósticos', 'os que conhecem'; mas já Sto. Irineu, no título de sua obra, usou o nome 'gnose' (com o acréscimo de 'falsamente chamada assim') para abranger todas as seitas que compartilhavam com eles esta ênfase [no conhecimento como meio de obter a salvação ou ele mesmo como forma de salvação] e certas outras características. Neste sentido podemos falar de escolas, seitas e cultos gnósticos, de escritos e ensinamentos gnósticos, de mitos e especulações gnósticas, e mesmo de uma religião gnóstica em geral. Seguindo o exemplo dos autores antigos que primeiro extenderam o nome [gnose] para além da autocomposição de alguns grupos, não somos obrigados a parar onde parou seu conhecimento ou interesse polêmico, e podemos tratar o termo como um conceito classificatório, que se aplica onde quer que as propriedades definidoras estejam presentes." (Hans Jonas, *The Gnostic Religion,* 2nd edition, Beacon Press, Boston, 1991, p. 32, sublinhados meus).

Não só os especialistas, mas também o já citado Frithjof Schuon, que faz a mesma distinção entre gnose e gnosticismo, admite que o gnosticismo pode ser chamado validamente de gnose -- e da gnose que defende! -- conforme cita-o o Prof. Fedeli em seu trabalho: "Se nós não 'reduzimos' o sentido da palavra [Gnose] a este sincretismo, nós admitimos entretanto que, de toda evidência e por razões históricas, que se chamem de 'gnósticos' também os hereges designados convencionalmente por esse termo" (F. Schuon, *Comprendre l'Islam*, Ed. du Seuil, Paris, 1976, p. 137, nota 1; apud Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho*, in <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>).

Ao mesmo tempo em que agora tenta se desvencilhar de Schuon, o Sr. Olavo de Carvalho aponta a obra principal de Whittal N. Perry como probante da doutrina herética do núcleo comum das religiões, que seria a "boa gnose". Justo este livro de Perry que o editor da revista guénoniana Symbolos, ao resenhá-lo, diz ser nada menos que "una especie de biblia schuoniana"! (Cf. Federico González, *in* <http://personal5.iddeo.es/jmrio/libfg26.htm>). E ainda acrescenta: "Este libro es tomado como una enciclopedia casi sagrada de sabiduría por los estudiantes schuonianos de habla inglesa. (...) Sin entrar en la vida privada de nadie diremos que el mismo M. Koslow señala a Perry como el colaborador directo de Schuon y a su esposa como íntimamente allegada a su familia, con quien todo lo comparten; por lo que deben ser considerados como sus portavoces autorizados o los asociados más íntimos del suizo; incluso viven en casas vecinas." Aí está: Perry é porta-voz de Schuon, e o trabalho citado pelo Sr. Olavo como evidência para seu "ecumenismo radical" é nada menos que uma "bíblia schuônica". Além disso, o próprio nome da editora do livro de Perry, Perennial Books, é significativo e mostra sua ligação com a seita "perenialista" de Schuon. Acrescente-se ainda que o mesmo Perry afirma que este seu livro foi inspirado no desejo de Ananda Coomaraswamy, amigo de Guénon, de um dia ter uma suma do pensamento gnóstico, obviamente para se contrapor à Suma Teológica, de S. Tomás, pilar da Igreja Católica.

Finalmente, o Sr. Olavo cita dois pretensos erros do Prof. Fedeli, que supostamente trocaria o sujeito de suas frases. Vejamos. No primeiro caso, Olavo afirma: "Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele 'cortou seu próprio pescoço' - e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço". Ora, em seu "Aviso 1" Olavo dissera: "Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedeli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel (sic). Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço". E isso não é uma ameaça? Se eu digo a alguém: "Você, ao me acusar, assinou sua própria sentença de morte", não o estou ameaçando? Por favor. E veja-se que o Sr. Olavo, em seu "Aviso 2", diz ainda que a denúncia do Prof. Fedeli "não habilita o sr. Fedeli a receber outra resposta senão uma que o Código Penal me proíbe: um tapa na cara". Para piorar, o segundo "erro" consegue ser ainda mais

tolo, pois o Sr. Olavo afirma: "Digo que seus alunos estão assustados e perplexos - e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar *os meus* alunos". Reparem bem que foi exatamente isso que o Sr. Olavo disse em seu "Aviso 3" (os negritos e o sublinhado são meus): "Respondi às suas acusações, de fato, não por mérito delas ou de seu autor, mas apenas em atenção a **dois ou três garotos que, sendo alunos dele, também são meus**, e que enquanto o forem terão o direito de obter de mim, na medida em que eu possa dá-las, as explicações necessárias a **tirá-los do estado de perplexidade e confusão em que tipos como o sr. Fedeli os jogam para dominá-los**." De qualquer forma, isto é uma questão de pouca importância; fundamental é que ficou provado que o Sr. Olavo de Carvalho não é Católico, nem judeu, nem muçulmano. É gnóstico.

Diante da qualidade de seus argumentos, não surpreende que o Sr. Olavo encha sua "defesa" de "adjetivos" ao Prof. Orlando Fedeli. A mim, quanto mais o Sr. Olavo de Carvalho desce o nível da discussão, mais lamento ter sido um dia seu aluno.

In Iesu et Maria,

Felipe Coelho.

12.07.2001

"Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli"

Professando demonstrar que sou um autor que “não merece muita atenção”, o sr. Orlando Fedeli, não obstante, acaba de conceder à minha obra e à minha pessoa a imerecida atenção de um estudo de 160 páginas, o mais extenso que já se fez sobre elas até hoje.

Na verdade, não se trata propriamente de um estudo. O sr. Fedeli não “estudou” a minha obra. Estudar uma filosofia é discernir nela os princípios fundamentais e suas aplicações contingentes, os conceitos formais e as figuras de linguagem que os expressam, o objetivo do conjunto e os caminhos, indefinidamente variados e casuais, que a ele conduzem. O sr. Fedeli não fez nada disso com os meus escritos. Apenas ciscou neles – com a acuidade filológica de uma galinha – indícios de gnosticismo que pudessem me incriminar no processo de heresia que ele me move no tribunal eclesiástico da sua imaginação.

Não deixa de ser significativo que a acusação e a sentença final do processo fossem anunciadas bem antes de que o autoconstituído inquisidor começasse sequer a juntar os autos.

O resultado -- que o autor dirige a seu “muito prezado Felipe”, como fez com alguns de seus escritos anteriores -- divide-se em dez capítulos. Ao fim do primeiro, o sr. Fedeli conclui que sua tese já está demonstrada e sua polêmica contra mim devidamente encerrada. Então seguem-se nove capítulos suplementares, que, destinando-se apenas ao socorro dos leitores menos esclarecidos, nada acrescentam, segundo o sr. Fedeli, à essência da demonstração principal, dada como líquida, certa, provada e definitiva já no começo da obra.

Considerando-me ainda mais indigno de atenção do que me julga o sr. Fedeli, abdico, pois, da vaidade de examinar as extensões pedagógicas, e atenho-me ao exame do que ele mesmo declara ser o essencial.

> Texto-Confissão de Olavo de Carvalho
>
> "De fato, a existência de uma gnose ou philosophia perennis mostra que a religião e o dogma não são a

> última palavra em matéria de espiritualidade, e que a "fé" tende, em última análise, a desembocar num conhecimento direto que elimina toda a necessidade de "crença", pois traz uma certeza, nas palavras de Guénon, 'mais forte ainda que uma certeza matemática'" (Olavo de Carvalho, "A Autoridade Abalada. A Crise do Catolicismo" - II, in Planeta, no. 111, Dezembro de 1981, p. 27).
>
> Muito prezado Felipe, salve Maria!
>
> Inicialmente, permita-me algumas palavras sobre a epígrafe que coloquei nessa carta, usando um Texto-Confissão do sr. Olavo de Carvalho. Bastaria esse texto, para provar que tanto ele, quanto Guénon, são gnósticos mesmo.
>
> Pois, segundo Henri-Charles Puech: "Chama-se ou pode-se chamar "gnosticismo" - e também "gnose" - toda doutrina ou toda atitude religiosa baseada na teoria ou sobre a experiência de obtenção da salvação pelo Conhecimento"(Henri-Charles Puech, En Quête de la Gnose, Gallimard, Paris, 1978, vol. I p. 185).

Deduzir, da afirmação da existência de um conhecimento superior à fé, a crença numa “salvação pelo conhecimento”, é um autêntico non sequitur. “Salvação pelo conhecimento” é, aliás, uma expressão autocontraditória, que bem caracteriza a natureza paradoxal da heresia gnóstica. Se conhecer a Deus trouxesse a salvação, o demônio estaria salvo. Pretender que eu tenha apregoado a “salvação pelo conhecimento” é falsear propositadamente os meus textos. A superioridade essencial do conhecimento em relação à fé é coisa auto-evidente, afirmada na definição mesma da fé, e só uma completa falta de discernimento filosófico aliada a uma boa dose de malícia pode deduzir daí que eu esteja afirmando a possibilidade de chegar a esse conhecimento por outra via que não pela fé ou, pior ainda, sem fé. Aqui, como em muitos outros casos, o sr. Fedeli muda o sentido das minhas palavras, dando ares de coisa escandalosa a uma afirmação óbvia e até banal. A “superioridade” a que me refiro é de ordem intrínseca e ontológica e não funcional e metódica: o que digo é simplesmente que saber é mais do que crer, e não que, enquanto método da vida espiritual, o saber tenha mais eficácia salvífica do que a fé. No mínimo, sem fé não se chega sequer à possibilidade do conhecimento espiritual, e por isto este último é “superior” à fé no sentido em que a meta transcende o caminho, assim como a fé é “superior” enquanto caminho sem o qual não se pode chegar à meta, isto é, como exigência metódica que a simples busca do conhecimento pela razão natural – ou por qualquer meio “esotérico” que se possa conceber -- não pode substituir. Também é certo que o conhecimento espiritual é um dom gratuito de Deus ao homem que têm fé, mas por isto mesmo seria loucura proclamar que esse dom vale menos do que a fé que o possibilitou. No limite extremo, essa proclamação equivaleria a dar um sentido blasfematoriamente literal à expressão de Cristo “Tua fé te salvou”, proclamando que quem cura é a fé e não Cristo – e não é preciso dizer que é a isso que leva, em última instância, a afetação fedélica de escândalo ante o que digo sobre a fé. (É verdade que, num dos capítulos suplementares, o sr. fedeli, amputando do seu contexto imediato uma frase que encontrou numa transcrição de fita, aliás não revista pelo autor, fez de um rompante meu contra a idolatria kantiana da fé uma declaração de guerra contra a fé no sentido mais geral e católico do termo. Mas isso nada revela sobre meu pensamento, e sim

sobre a canalhice da sua interpretação fedélica, toda fundada no artifício de jogar a letra contra o espírito.)

> Um dos mestres de Olavo confirma que esse Conhecimento superior é a Gnose: "O conhecimento direto e interior, o do Coração-Intelecto, é o que os gregos denominavam gnose; a palavra 'esoterismo' - segundo sua etimologia - designa a gnose, na medida em que está de facto subjacente às doutrinas religiosas, portanto dogmáticas." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 11-12)]

O sr. fedeli confunde propositadamente o termo gnose, tal como usado genericamente por mim -- e aliás também por Clemente de Alexandria -- com uma de suas acepções em particular, que é a da heresia gnóstica definida pelos Padres.

Ademais, de onde esse sujeito extraiu a idéia de que Frithjof Schuon é “um de meus mestres”? Recebi algum ensinamento desse místico suíço durante os anos de 1986-87, mas não sou seu seguidor ou discípulo em sentido nenhum dos termos.

> E Schuon explica que "A diferença entre crença e Gnose - a fé religiosa elementar e a certeza metafísica - é comparável àquela que existe entre uma descrição e uma visão" (Frithjof Schuon, Comprendre L’ Islam, p. 173).
>
> O que espanta é que o homem que escreveu o que coloquei em epígrafe, venha desafiar que se prove ser ele um gnóstico. Ou ele está delirando, ou não tem memória, ou espera que os outros não a tenham.

Delirante é o sujeito que não percebe diferença entre a fé religiosa e a visão mística. É absurdo pretender que Sta. Teresa, quando teve Jesus diante de si, não o conhecesse senão “pela fé”. A fé pode tê-la conduzido até lá, mas reduzir sua visão de Cristo a um conteúdo de fé, negando-lhe o estatuto de conhecimento, seria blasfêmia pura e simples. Aqui, novamente, o sr. Orlando fedeli falseia maliciosamente o sentido dos conceitos. Tanta é sua vontade de difamar, que não hesita em se apegar, para isso, mesmo ao absurdo mais patente.

> E ainda ele me exige que prove ser ele um gnóstico, sob pena de me considerar "um impostor"!
>
> "Impostor", conforme ensina até o "pai dos burros", é aquele que abusa da confiança de outrem para enganá-lo, por meio de palavras, ou atitudes. E o dicionário dá como sinônimos de impostor as palavras mentiroso, ou charlatão.

Quanto mais o sr. Fedeli consultar o seu pai, mais razão este me dará. Como se acaba de ver pelos parágrafos acima, o sr. Fedeli abusa da confiança de seus discípulos para induzi-los em erro e torná-los cúmplices ao menos passivos da difamação de um inocente. Mentira, impostura e charlatanismo são termos igualmente apropriados à descrição desse empreendimento.

> Tendo em conta o que diz o texto citado, fica patente que impostor não sou eu, pois minha acusação de que ele é gnóstico não era nem falsa, nem mentirosa.

Sua acusação -- repito -- é apenas um hábil jogo de palavras, destinado a dar a um uso muito genérico do termo gnose o sentido específico e limitado que possui na definição da heresia gnóstica.

> Nada adianta ele declarar agora que o que escreveu antes de 1995 não vale mais.

Nunca declarei isso, exceto a propósito de um texto em particular, o artigo sobre a Gnose de Princeton publicado em Planeta. Dos demais, afirmei apenas que meus escritos que circulavam em edição restrita ou privada -- sem falar de antigos trabalhos jornalísticos menores e de ocasião -- não expressavam a forma mais estabilizada que tenho dado a meus pensamentos em obras posteriores, de mais ampla circulação; que esses escritos, portanto, deveriam ser postos entre parênteses até que eu tivesse a oportunidade de reexaminá-los e corrigi-los para uma edição maior. Assim, tomá-los como expressão cabal do meu pensamento maduro é usurpar o meu papel de autor e falar indevidamente em meu nome. Até mesmo na pura esfera editorial o critério da “última vontade expressa do autor” impera como regra elementar da confiabilidade científica dos textos. Quanto mais, então, não deve predominar na interpretação que se faça deles, principalmente quando dessa interpretação se pretende tirar conseqüências desfavoráveis ao autor! A violação sistemática e despudorada dessa regra já mostra a intenção perversa e a completa desonestidade intelectual do sr. Fedeli. Como explicar de outra forma a omissão sistemática de toda crítica de fontes, cuja criteriosa observação seria, num historiador de profissão, o primeiro e o mais elementar dos deveres? De fato, todos os documentos, todos os indícios, independentemente de qualquer distinção crítica entre livros publicados, transcrições não revistas e até escritos postos em quarentena pelo autor, são assumidos pelo sr. Fedeli como igualmente probantes, desde que concorram para a confirmação da sua tese, ou igualmente desprezíveis, caso a impugnem. Se esse procedimento não é tolerável nem numa simples pesquisa histórica, sem efeitos práticos na ordem moral, quanto mais abusivo ele não há de ser num “processo” montado para danar a reputação de um homem!

> Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a "Tradição" primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico.

A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, facílimo de comprovar (cf. Whitall N. Perry, A Treasury of Traditional Wisdom, Pates Manor, Bedfont, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um “gnóstico”, no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e por isto mesmo não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios. A rigor, os dois sentidos do termo não guardam entre si uma relação de gênero e espécie, pois gnose significa “conhecimento” e a heresia gnóstica não é propriamente conhecimento e sim falso conhecimento; e é para designar esta diferença que alguns autores empregam a distinção de gnose e gnosticismo, se bem que outros a assinalem de outras maneiras.

> Como não adianta, também, ele querer distinguir gnose de gnosticismo antigo, porque o que dizia o gnosticismo antigo era exatamente isso: que a Gnose era um conhecimento superior à fé.

Novamente, o sr. fedeli manipula as palavras, querendo dar à constatação – aliás auto-evidente – da existência de um conhecimento superior à fé o sentido de uma afirmação da "salvação pelo conhecimento". O conhecimento pode ser superior à fé pela certeza direta do seu conteúdo, mas isto obviamente não implica – nem eu jamais disse – que ele possa, por si, trazer a "salvação".

> E você vê, caro Felipe, que H. C. Puech - um dos maiores especialistas no assunto - no texto acima citado, toma Gnose e Gnosticismo como termos equivalentes, para não dizer sinônimos.

Mais uma manipulação semântica do sr. fedeli. Que Puech use os termos como equivalentes não implica, obviamente, que eu faça o mesmo. Nada autoriza o leitor a interpretar os termos de um autor numa acepção diferente, encontrada em outro autor, principalmente se este não é jamais citado pelo primeiro.

> Sobre esse ponto, veremos adiante outros textos de Puech confirmando que os melhores especialistas atuais, tendo em vista as descobertas e estudos mais recentes, usam Gnose e gnosticismo indiferentemente (Cfr. Puech, op. cit., vol I, pp. 187 e seguintes).

É verdade, mas a generalidade do uso lingüístico de um termo nada prova quanto aos objetos designados por ele.

> Diante deste Texto-Confissão de Olavo, são ociosas outras provas de que ele é um gnóstico, pois a confissão do acusado dispensa outras investigações.

Os termos "acusado" e "confissão", obsessivamente repetidos pelo sr. fedeli, denotam apenas o sentido de teatrinho inquisitorial que ele quer dar a esta polêmica, atribuindo a mim o papel de réu e a ele próprio o de inquisidor e defensor fidei.

Mediante esse curioso giro estilístico, ele transporta o leitor, por instantes, à atmosfera de um tribunal do Santo Ofício, onde testemunham o drama judicial do qual o réu sairá condenado não somente à danação eterna mas também à penalidade temporal da fogueira.

Mas essa atmosfera é, evidentemente, fictícia. Nem o sr. Fedeli tem o poder de condenar ou salvar quem quer que seja, nem eu estou em julgamento. A sentença a ser lavrada no final da encenação não será assinada senão pelo círculo de discípulos do sr. Fedeli, e nenhuma penalidade temporal ou celeste me será imposta exceto na imaginação dessas pessoas, o que não é decerto uma perspectiva especialmente atemorizante.

Não existindo nem neste mundo nem perante o Altíssimo, o tribunal ante o qual o sr. Fedeli me acusa só pode adquirir alguma realidade mediante um certo esforço de imaginação dos seus leitores, e é com a finalidade de secundá-los nesse esforço que ele emprega reiteradamente aquelas figuras de linguagem, emprestadas do jargão tribunalício.

É evidente que um autor que pretenda investigar a verdade não começa jamais por transportar seus leitores a uma situação de discurso tão distante da situação real, nem muito menos por dar a esse simulacro, mediante truques de estilo, uma espécie de "segunda realidade", como diria Robert Musil.

Também é certo que essa camuflagem geral da situação de discurso não poderia ter a mínima eficácia se, nos detalhes da discussão empreendida, não se sustentasse numa infinidade de falseamentos menores, indefinidamente variados na técnica e no tom, mas, no conteúdo, repetitivos como cacoetes, cujo efeito acumulado produz, no fim, uma falsa impressão de verossimilhança.

Desses cacoetes, destaco apenas um. Esse traço surpreendente do estilo fedélico de escrever é sua tendência compulsiva de trocar os sujeitos das minhas frases. Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele "cortou seu próprio pescoço" – e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço. Digo que seus alunos estão assustados e perplexos – e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar os meus alunos.

Com a mesma freqüência com que troca o sujeito gramatical das frases, ele troca também o sujeito lógico das relações, como se viu nos exemplos acima.

Esses procedimentos lingüísticos anormais denotam aquilo que em psiquiatria se denomina "delírio de interpretação", um sintoma que, se não comprova doença mental, constitui forte indício daquela deformidade de consciência que se conhece como sociopatia, e que é a marca inconfundível dos líderes pseudo-religiosos milenaristas, dos falsos profetas e dos revolucionários gnósticos.

Nenhum homem inspirado pelo amor Dei jamais sairia apregoando acusações de heresia com a pressa indecente e o apetite de escândalo do sr. Fedeli. A própria Inquisição jamais montava um processo público, mesmo contra algum herético notório, sem antes enviar um representante qualificado para conversar longamente com o suspeito, em privado, seja para certificar-se de suas intenções, seja para demovê-lo de suas convicções, se consideradas errôneas. O sr. Fedeli, em vez disso, mantém-se a uma protegida distância, usando seus discípulos jovens e imaturos como espiões para ciscar pedaços de conversas, enquanto ele, na obscuridade da sua toca de serpente, prepara o bote.

Não, nada disso pode ser inspirado pelo amor a Deus. É preciso ser totalmente desprovido de discernimento espiritual para não perceber que, desde os tempos em que conspirava para arrebatar a liderança da TFP ao falecido Plínio Correia de Oliveira, o sr. Fedeli é movido por uma única paixão: a superbia, a libido dominandi de um chefe de seita.

> Com isso, a polêmica, de fato, está encerrada, e ele nem precisa responder-me mais qual é a religião dele, nem se Guénon é gnóstico.

De fato não preciso responder-lhe mais nada, Orlando Fedeli, exceto que você é um farsante, um santarrão, um aproveitador da boa fé de seus discípulos e, em toda a linha, uma mentalidade perversa de sectário.

Seu intuito declarado de destruir uma reputação e os meios desonestos

que põe em ação para esse fim não apenas são indignos de um homem da Igreja mas estão abaixo até do que a moral laica permite a um intelectual mundano.

Olavo de Carvalho

Home | **Veritas** | **Cadernos Montfort** | **Documentos da Igreja**
Destaques da Imprensa | **Orações** | **Espaço do leitor**

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas ao artigos: duvidas@montfort.org.br
Correções e outras informações: webmaster@montfort.org.br

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20130124085812/http://www.olavodecarvalho.org/te…

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

Esse menino, Felipe Coelho, andou freqüentando meus cursos e ali cumpriu seu papel de alcoviteiro a serviço de seu guru Orlando Fedeli, acreditando que com isto alcançaria a salvação da alma. Por isto julguei conveniente publicar aqui mais esta sua fofoca eletrônica, distribuída em 15 de julho de 2001 a seus ex-colegas do *Seminário de Filosofia*. Não imagine o leitor que o signatário entre na peleja como alguém que, tendo-a observado de longe e com neutralidade, finalmente toma partido. Se fosse isso, sua opinião poderia até valer alguma coisa, e essa é a impressão que ele talvez procure dar aqui, mas desde o início este garoto foi o principal instrumento de ação do sr. Fedeli, tendo na sua folha de serviços alguns notáveis feitos de difamação bem conhecidos de seus ex-colegas. Sem grave imprecisão ele poderia até declarar: "*Orlando Fedeli, c'est moi.*" Esta mensagem, de fato, não é a primeira. É apenas a seqüência do renitente assédio de *e-mails* com que os agentes do sr. Fedeli cercam meus alunos, a mando dele, no intuito declarado de tirá-los do *Seminário de Filosofia* e levá-los àquilo que ele imagina ser o céu. O empreendimento não obteve grande êxito, pois só foram para os braços do sr. Fedeli os dois ou três que tinham vindo de lá. Durante um tempo representaram o papel de meus alunos só para depois poderem encenar uma "ruptura" escandalosa. No ambiente de cursos livres, em São Paulo, "operações" desse tipo são coisa endêmica, mas, por mais que as veja repetir-se desde a década de 70, não me acostumo com elas, e sempre me pegam desprevenido. Segue, pois, a amostra, com alguns comentários meus em vermelho. - O. de C.

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

Felipe Coelho

Enquanto meu professor, Orlando Fedeli, não comenta o último protesto do Sr. Olavo de Carvalho contra a denúncia de sua gnose, eu, Felipe Coelho, Católico, ex-aluno deste último, comentarei brevemente alguns pontos de sua tentativa de resposta, entitulada "Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli".

O texto do Prof. Orlando Fedeli, como o próprio título indica, não trata apenas do Sr. Olavo de Carvalho, mas também de René Guénon, de modo que o Sr. Olavo não deveria ter ficado tão lisonjeado com sua extensão. O que o Prof. Fedeli de fato fez foi aproveitar a deixa para dar uma mini-aula de gnose, a partir dos "quatro itens da gnose" do "Aviso 2" do Sr. Olavo, com o objetivo principal de esclarecimento dos alunos deste que porventura sejam ou possam vir a ser Católicos.

> A incapacidade de distinguir sentido reto e oblíquo é característica do leitor enlouquecido pelo ódio e pelo medo. A lisonja a que me referi foi dita *cum grano salis*, mas a sutileza escapou tanto a Fedeli quanto ao fedelho.

Acrescente-se ainda uma citação do próprio Sr. Olavo de Carvalho corroborando este procedimento: "Não discuti com eles em meu livro nem vou fazê-lo agora, porque vigarice (intelectual ou qualquer outra) é coisa que não se discute: vigarice se denuncia, e pronto" (Olavo de Carvalho, "Por uma Esquerda Melhorzinha", in *O Imbecil Coletivo*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Faculdade da Cidade, p. 390). Foi o que fez o Prof. Fedeli: desafiado, denunciou e provou a gnose de Guénon e Carvalho.

Chegamos assim ao cerne da questão: afinal, do que o Sr. Olavo de Carvalho está sendo acusado? É óbvio que não é de ser um seguidor das doutrinas de Valentino, Basílides, do gnosticismo dos primeiros séculos.

> Há aí duas definições da Gnose. Uma, a do gnosticismo dos primeiros séculos, corresponde a um fenômeno histórico definido e a uma heresia condenada pela Igreja. A outra, a de uma Gnose em sentido amplíssimo que abrange praticamente todas as expressões espirituais e religiosas não cristãs (e mesmo as cristãs que

> apresentem algum parentesco mesmo remoto com elas), é um conceito interpretativo possível, mas a Igreja nem subscreve esse conceito nem emitiu jamais qualquer decreto que condenasse como herética a entidade hipotética aí definida. Logo, sou acusado de que?
>
> (Um terceiro conceito possível de gnose é o de Voegelin. O gnosticismo ou gnose, aí, corresponde a um fenômeno histórico contínuo, especificamente ocidental, cuja evolução se estende desde o gnosticismo dos primeiros séculos até as ideologias totalitárias do século XX. Este conceito, que me parece o único razoável, obviamente exclui do âmbito da gnose-heresia as tradições orientais que o sr. Fedeli nela inclui.)

O próprio estudo do Prof. Fedeli mostra a gnose presente no sufismo, na cabala, no hinduísmo, e em vários autores de diversas origens apontados pelo Sr. Olavo como grandes homens espirituais, ficando claro portanto que a acusação não é de pregar a heresia cristã dos primeiros séculos.

> Sempre a confusão entre a “presença” de elementos soltos e a identidade da forma total.

A insistência do Sr. Olavo neste ponto tão evidente é no mínimo estranha. É óbvio também que não se trata de "gnose" como mero sinônimo de "conhecimento", pois neste caso não haveria razão para se utilizar o primeiro termo em vez do segundo.

> Falsificação do sentido de minhas palavras. Uso em geral *gnose* para designar o conhecimento especificamente *espiritual* e não como sinônimo de conhecimento *em geral*; e *gnosticismo* para designar o fenômeno apontado na definição de Voegelin. Quando quero me referir ao gnosticismo dos primeiros séculos, uso mais freqüentemente “heresia gnóstica”. Se o sr. Fedeli e seu fiel escudeiro consentissem em interpretar meus termos no sentido que estes têm nos meus textos, e não naqueles que sua própria imaginação projeta sobre eles, tudo ficaria mais claro. Mas isso não serve para quem só pretenda jogar lama na água e tirar proveito da confusão.

A gnose de que o Sr. Olavo de Carvalho é acusado é uma modalidade de conhecimento específica: trata-se da doutrina herética do conhecimento direto e unitivo de Deus pelo homem - ou melhor, por aquilo que haveria de divino no interior do homem -, realizado por meio de uma intuição que eliminaria a distinção entre sujeito

cognoscente e objeto conhecido - entre o homem, o mundo e Deus -, pois no fundo só Deus existe, e tudo que há de individual é ilusório.

É absurdo o Sr. Olavo querer dizer que Santa Teresa tinha este tipo de conhecimento de Deus quando lhe aparecia Nosso Senhor. É claro que, ao vê-Lo, ela permanecia Teresa, e Ele, Jesus.

> Ora, se citei o exemplo da visão de Sta. Teresa é porque é precisamente *esse* tipo de conhecimento que tenho em vista ao falar de *gnose*, e não algum outro tipo de "conhecimento unitivo" hiperbólico e, a rigor, autocontraditório, que não sei onde esse moleque pode ter encontrado nos meus escritos (a não ser que ele confunda o tipo de conhecimento a que me refiro em meus estudos de gnoseologia -- como por exemplo "Ser e Conhecer" -- com o conhecimento de Deus! Mas isto já seria loucura demais.) Na verdade, essa noção hipertrófica de conhecimento unitivo não se encontra nem mesmo na linha mestra do sufismo, a de Mohieddin Ibn Arabi, metafísico "da unidade absoluta" que, no entanto, proclama claramente que no ápice de todo conhecimento unitivo *subsiste a dualidade do fiel e de seu Senhor, unidos tão somente pelo vínculo do amor*. Exatamente como na visão de Sta. Teresa. Se essa visão é chamada "unitiva", é no preciso sentido em que aqueles que se unem pelo amor são um só embora permaneçam existencialmente distintos. Tal é o motivo pelo qual, aliás, Teresa nesse instante diz a Jesus (não lembro se são precisamente as palavras textuais): "Tu és Aquele que é – eu sou aquela que não é" – declaração que afirma, ao mesmo tempo e inseparavalmente ("dialeticamente", para horror do sr. Fedeli), a dualidade de criatura e Criador e a nulidade da criatura ante o Criador. Não há rigorosamente diferença nenhuma entre essa perspectiva e a de Ibn 'Arabi, embora haja muita entre ambas e uma perspectiva gnóstico-herética (real ou suposta) na qual a "unidade" fosse interpretada como "identidade".
>
> Mas, como o Coelhinho só conhece do sufismo o que lhe diz o sr. Fedeli, é possível que ele imagine que o sufismo é outra coisa.
>
> (Num outro documento, o sr. Fedeli, querendo por toda lei lançar a pecha de herético sobre o esoterismo islâmico, reduz este ao ismaelismo, que é apenas uma seita dentro de uma seita (isto é, do shi'ismo) e nada tem a ver com as ordens sufis tradicionais, que o condenam explicitamente. Mas isto é assunto para outra ocasião.)

Quanto ao demônio, conhece apenas a *existência* de Deus, não sua *essência*, e como se viu acima é justamente a essência de Deus que os gnósticos pretendem conhecer.

Curioso. Então por que no sufismo o *hadith* do Profeta, “Meditai as qualidades, jamais a essência”, é considerado uma regra áurea da prática espiritual? (Por “qualidades”, entendem-se os 99 nomes de atributos de *Allah* que constam no Corão.)

Quanto à salvação, o Sr. Olavo de Carvalho disse recentemente: "Isso não quer dizer que o Papa esteja errado ao afirmar que o cristianismo é a única via de salvação. Como poderia estar errado, se o conceito mesmo de 'via de salvação' não se aplica ao Islã ou ao judaísmo?" (Olavo de Carvalho, "Mensagem de Natal", *O Globo*, 23.12.2001). Das duas uma: ou o Sr. Olavo aqui admite que, não sendo vias de salvação, o maometismo e o judaísmo levam ao inferno, e neste caso seria Católico; ou então, como é evidente, o Sr. Olavo adere a uma escatologia não-Católica e gnóstica, e defende também a doutrina de que nem todos precisam ser salvos, que a salvação não exige uma fé determinada e certa, pois bastaria o conhecimento. E isso é gnose.

Non sequitur: “se” não são vias de salvação, “portanto” levam ao inferno. Esse menino é mesmo um traslado fiel da lógica fedélica.

Aliás, Frithjof Schuon, que até muito recentemente o Sr. Olavo de Carvalho considerava "homem espiritual de primeiro plano e formulador do único método válido já concebido para a comparação e aproximação das religiões" (in *O Jardim das Aflições*, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000, p. 308),

(considero ainda, mas, ao contrário de Fedelis e Felipes, compreendo a distinção entre respeitar um homem espiritual e ser seu discípulo)

trata a fé exatamente como o Sr. Olavo, como caminho para a gnose: "A Fé não poderá opor-se ao Conhecimento [de Deus, ou seja, a gnose] da qual é, ao contrário, como vimos, um modo iniciático..." (Frithjof Schuon, *Da Unidade Transcendente das Religiões*, Trad. Fernando Guedes Galvão, Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1953, p. 184).

Completa distorção do sentido do texto de Schuon: “modo iniciático” não quer de maneira alguma dizer “caminho para a Gnose”, no sentido em que o caminho deve ser abandonado uma vez atingida a meta.

E, sobre a natureza do conhecimento gnóstico, o mesmo autor afirma: "Acrescentamos que no ponto de vista iniciático esta visão [a Visão Beatífica] pode, e deve até, obter-se ainda nesta vida..." (*ibid.*, p. 179). E ainda: "...até existem métodos para obter esta graça que equivale, em suma, a uma 'concretização' da 'visão beatífica'." (*ibid.*,

p. 157). (O Sr. Olavo deve lembrar-se de ter lido isto, pois, no parágrafo anterior a este último trecho citado, encontra-se detalhada por Schuon a comparação blasfema entre a Virgem Maria e Maomé que o Sr. Olavo resumiu em seu artigo "Mensagem de Natal", *O Globo*, 23.12.2000). Registre-se ainda que, como tudo isso é condenado pela Igreja Católica, Schuon refere-se a Ela com total desprezo: "A Igreja latina, com seu idealismo sentimental e irrealista..." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 189).

> Reconhecer na Igreja o seu elemento de idealismo sentimental e irrealista não é de maneira alguma “referir-se a Ela com total desprezo.” Páginas e páginas de apologia da Igreja escritas por Schuon são aí suprimidas pela tesoura deixada nas mãos de um moleque.

Continuando, é notável que o Sr. Olavo de Carvalho confesse aqui não renegar nada do que escreveu antes de 1995, com exceção de seu artigo sobre a "gnose de Princeton". Isto significa que não renega o artigo citado pelo Prof. Fedeli em que apóia as doutrinas defendidas por Guénon em *O Demiurgo* (Cf. Olavo de Carvalho, "O Homem e sua lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação", *in* Revista Planeta, nº 107, agosto de 1981, p. 17), doutrinas estas que se enquadram até naqueles seus quatro itens da gnose, feitos para mascarar a sua própria gnose.

Afinal, o Sr. Olavo de Carvalho confessa mais uma vez que é gnóstico. Abaixo vai o texto do Prof. Fedeli, seguido da mais atual confissão do Sr. Olavo de Carvalho, ao comentá-lo (o sublinhado é meu):

"Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a 'Tradição' primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico."

Até aqui o Prof. Orlando Fedeli. A seguir, a nova confissão de gnose de Olavo de Carvalho:

"A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, facílimo de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedfont, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e

essencial do referido núcleo de princípios é um “gnóstico”, no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e *por isto mesmo* não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios."

Como já se viu, é precisamente da gnose que o Sr. Olavo reconhece defender, e não da heresia dos primeiros séculos, que o Prof. Orlando Fedeli o acusa. Ademais, já foi demonstrado pelo Prof. Fedeli que todos os especialistas no assunto consideram o gnosticismo (a heresia dos primeiros séculos) uma espécie do gênero gnose (substrato ou núcleo de várias heresias). O argumento do Sr. Olavo para negar este fato e defender a "boa gnose", por meio da alegação de que o gnosticismo seja um "falso conhecimento", é semelhante ao argumento dos comunistas -- que o Sr. Olavo de Carvalho tanto condena, e faz bem de condenar -- ao afirmarem que o "verdadeiro comunismo" permanece bom após as experiências genocidas de Stálin, Lênin, Mao e cia., pois estas seriam "falso comunismo"...

> A comparação é simplesmente calhorda. O “bom comunismo” é apenas uma promessa jamais cumprida, ao passo que uma gnose sem qualquer comprometimento com a heresia existe há milênios. Nenhum historiador sério aceitou jamais a tese do sr. Fedeli, que identifica hinduismo, budismo, islamismo, judaísmo etc. como o tronco geral de onde sai a espécie de gnosticismo conhecida nos primeiros séculos da era cristã. O sr. Fedeli é que, partindo da definição geral que os historiadores dão, a manipula e a aplica indevidamente a todas essas religiões, criando um elo hipotético entre elas e a gnose-heresia. Ao apelar à autoridade desses historiadores, o sr. Fedeli nada mais faz do que falsificar o sentido do que eles dizem, como falsifica o sentido dos meus textos.

O Sr. Olavo de Carvalho citou recentemente Hans Jonas como "o mais famoso historiador da gnose", numa breve nota na qual fala em "o rótulo de gnose (no sentido estrito de Hans Jonas)" (Olavo de Carvalho, nota a "A face oculta do mundialismo verde", de Pascal Bernardin, in <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/bernardin2.htm>). Logo, o Sr. Olavo aceita que Hans Jonas usa gnose no sentido estrito, sentido que é condenado pela Doutrina Católica. Veja-se então o que diz Hans Jonas: "Na verdade, houve apenas alguns grupos cujos membros se denominaram expressamente 'gnósticos', 'os que conhecem'; mas já Sto. Irineu, no título de sua obra, usou o nome

'gnose' (com o acréscimo de 'falsamente chamada assim') para abranger todas as seitas que compartilhavam com eles esta ênfase [no conhecimento como meio de obter a salvação ou ele mesmo como forma de salvação] e certas outras características.

> 1) Quem usa o termo gnose nesse sentido – que Sto. Irineu considera falso – é o sr. Fedeli, não eu. Sinceramente: essa manipulação de significados já passou de todos os limites do tolerável.
>
> 2) Que eu reconheça ser Jonas "o mais famoso historiador da gnose" não implica que eu use os termos no sentido que ele lhes dá.
>
> 3) De novo: onde foi que defendi o "conhecimento como meio de obter a salvação"?
>
> Se, de um lado, não sou acusado de pregar a heresia dos primeiros séculos e, de outro, nunca preguei o "conhecimento como meio de obter a salvação", então, pergunto de novo: de que raio de coisa afinal me acusam?

Neste sentido podemos falar de escolas, seitas e cultos gnósticos, de escritos e ensinamentos gnósticos, de mitos e especulações gnósticas, e mesmo de uma religião gnóstica em geral. Seguindo o exemplo dos autores antigos que primeiro extenderam o nome [gnose] para além da autocomposição de alguns grupos, não somos obrigados a parar onde parou seu conhecimento ou interesse polêmico, e podemos tratar o termo como um conceito classificatório, que se aplica onde quer que as propriedades definidoras estejam presentes." (Hans Jonas, *The Gnostic Religion*, 2nd edition, Beacon Press, Boston, 1991, p. 32, sublinhados meus).

> **Sim, mas uma propriedade definidora essencial – a tal "salvação pelo conhecimento" – está completamente ausente das minhas supostas "confissões". Quantas vezes será preciso pedir a esses tenazes difamadores que provem esse ponto, que eles mesmos dizem essencial e de cuja demonstração vêm fugindo há mais de 160 páginas?**

Não só os especialistas, mas também o já citado Frithjof Schuon, que faz a mesma distinção entre gnose e gnosticismo, admite que o gnosticismo pode ser chamado validamente de gnose -- e da gnose que defende! -- conforme cita-o o Prof. Fedeli em seu trabalho: "Se nós não 'reduzimos' o sentido da palavra [Gnose] a este sincretismo, nós admitimos entretanto que, de toda evidência e por razões históricas, que se chamem de 'gnósticos' também os hereges designados convencionalmente por esse termo" (F. Schuon,

Comprendre l'Islam, Ed. du Seuil, Paris, 1976, p. 137, nota 1; apud Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho*, in <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>).

> Manipulação de frases, de novo. Se Schuon admite que se use o termo gnóstico *também* para designar a heresia dos primeiros séculos cristãos, é óbvio que ele dá ao termo, em geral, outro sentido.

Ao mesmo tempo em que agora tenta se desvencilhar de Schuon, o Sr. Olavo de Carvalho aponta a obra principal de Whittal N. Perry como probante da doutrina herética do núcleo comum das religiões, que seria a "boa gnose". Justo este livro de Perry que o editor da revista guénoniana Symbolos, ao resenhá-lo, diz ser nada menos que "una especie de biblia schuoniana"! (Cf. Federico González, *in* <http://personal5.iddeo.es/jmrio/libfg26.htm>). E ainda acrescenta: "Este libro es tomado como una enciclopedia casi sagrada de sabiduría por los estudiantes schuonianos de habla inglesa. (...) Sin entrar en la vida privada de nadie diremos que el mismo M. Koslow señala a Perry como el colaborador directo de Schuon y a su esposa como íntimamente allegada a su familia, con quien todo lo comparten; por lo que deben ser considerados como sus portavoces autorizados o los asociados más íntimos del suizo; incluso viven en casas vecinas." Aí está: Perry é porta-voz de Schuon, e o trabalho citado pelo Sr. Olavo como evidência para seu "ecumenismo radical" é nada menos que uma "bíblia schuônica". Além disso, o próprio nome da editora do livro de Perry, Perennial Books, é significativo e mostra sua ligação com a seita "perenialista" de Schuon. Acrescente-se ainda que o mesmo Perry afirma que este seu livro foi inspirado no desejo de Ananda Coomaraswamy, amigo de Guénon, de um dia ter uma suma do pensamento gnóstico, obviamente para se contrapor à Suma Teológica, de S. Tomás, pilar da Igreja Católica.

> Característica aplicação do método fedélico: mil e tantas páginas de fatos concordantes reunidos no livro de Perry são impugnadas, num estalar de dedos, por meio de fofoquinhas sobre as ligações de família do autor! Mais ainda, o menino aí se revela um bom aprendiz do fabricante de "confissões" que lhe serve de guru. No texto referido, Perry não diz nada do que Felipe Coelho o faz dizer. Ele nem fala em "suma do pensamento gnóstico" nem manifesta qualquer intenção, muito menos uma intenção "óbvia", de "se contrapor à *Suma Teológica* de S. Tomás", da qual, bem ao contrário, vários textos são incluídos na coletânea.

Finalmente, o Sr. Olavo cita dois pretensos erros do Prof. Fedeli, que supostamente trocaria o sujeito de suas frases. Vejamos. No primeiro caso, Olavo afirma: "Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele 'cortou seu próprio pescoço' - e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço". Ora, em seu "Aviso 1" Olavo dissera: "Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedeli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel (sic). Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço". E isso não é uma ameaça? Se eu digo a alguém: "Você, ao me acusar, assinou sua própria sentença de morte", não o estou ameaçando? Por favor.

Nova manipulação, agora do sentido de uma figura de linguagem. O fato é que escrevo para pessoas que têm sensibilidade para as nuances de estilo, mas sempre me arrisco a ser lido por um Felipe Coelho qualquer, cuja cultura literária é a de quem escreve “entitular” em vez de “intitular” e “extenderam” em vez de “estenderam”. Duas metáforas em contraponto, sobretudo se compostas de termos que designam um mesmo tipo de objetos e reforçadas por uma alusão literária, são obviamente complementares e têm de ser compreendidas uma em função da outra. À expressão de Léon Bloy, “cortar a língua”, fazem *pendant*, quase na mesma linha, as minhas palavras “cortar o pescoço”. É evidente que, se a primeira dessas expressões não promete nenhum dano físico, mas apenas desprover o adversário de sua força de agressão retórica, no mesmo sentido, *mutatis mutandis*, deve ser interpretada a segunda. Mais enfaticamente ainda, a expressão não anuncia que *eu* vá cortar o pescoço do sr. Fedeli, mas que este vai cortar seu próprio pescoço, o que, no contexto, quer dizer obviamente que vai fazer um suicídio argumentativo. Que se trata de uma alusão literária é coisa que se torna mais patente ainda pelo fato de que as mesmas palavras de Bloy já foram citadas como epígrafe de meu livro *O Imbecil Coletivo*. Para interpretar isso como ameaça de agressão física, mediante uma comparação descabida com uma sentença imaginária, é preciso uma dose extraordinária de má-fé, aliada à ignorância presunçosa e ao fanatismo cego – ou seja, tudo aquilo que esse menino aprendeu na escolinha do sr. Fedeli.

Nesses detalhes de interpretação é que se revela melhor o tipo de olhar – malicioso, perverso e delirante – com que essa gente lê os meus escritos.

Em contrapartida (veja-se o depoimento anexo de Amilcar Nadu), como haverá o garotinho de interpretar a ameaça fedélica de me “dar

um pau", proferida oralmente e sem nenhuma alusão literária possível? Alegará que ela é "apenas um modo de dizer", enquanto um elaborado jogo de metáforas deve ser interpretado segundo um literalismo grosso, malicioso e redutor?

E veja-se que o Sr. Olavo, em seu "Aviso 2", diz ainda que a denúncia do Prof. Fedeli "não habilita o sr. Fedeli a receber outra resposta senão uma que o Código Penal me proíbe: um tapa na cara". Para piorar, o segundo "erro" consegue ser ainda mais tolo, pois o Sr. Olavo afirma: "Digo que seus alunos estão assustados e perplexos - e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar *os meus* alunos". Reparem bem que foi exatamente isso que o Sr. Olavo disse em seu "Aviso 3" (os negritos e o sublinhado são meus): "Respondi às suas acusações, de fato, não por mérito delas ou de seu autor, mas apenas em atenção a **dois ou três garotos que, sendo alunos dele, também são meus**, e que enquanto o forem terão o direito de obter de mim, na medida em que eu possa dá-las, as explicações necessárias a **tirá-los do estado de perplexidade e confusão em que tipos como o sr. Fedeli os jogam para dominá-los**."

Novamente, distorção do sentido das minhas palavras, para produzir uma contradição que não existe. Não foi enquanto *meus* alunos que esses meninos puderam ser assustados pelo sr. Fedeli, e sim, obviamente, enquanto alunos *dele*. Aliás o próprio Felipe – o mais perplexo e assustadinho de todos, tão cioso de salvar sua alminha que por ela não hesita em jogar ao lixo as mais patentes verdades – já nem era mais meu aluno, mas, por polidez, fiz questão de tratá-lo como se ainda o fosse.

De qualquer forma, isto é uma questão de pouca importância; fundamental é que ficou provado que o Sr. Olavo de Carvalho não é Católico, nem judeu, nem muçulmano. É gnóstico.

Diante da qualidade de seus argumentos, não surpreende que o Sr. Olavo encha sua "defesa" de "adjetivos" ao Prof. Orlando Fedeli. A mim, quanto mais o Sr. Olavo de Carvalho desce o nível da discussão, mais lamento ter sido um dia seu aluno.

In Iesu et Maria,

Felipe Coelho.

12.07.2001

A mentira proferida em nome de Jesus e Maria, com fé e obstinação, é o caminho que o sr. Fedeli ensinou esse menino a trilhar.

Home - Informações - Textos - Links - E-mail

06/11/2023, 18:43 Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20050206112532/http://www.montfort.org.br:80/perg…

Espaço do Leitor

Carta ao leitor

Caro Olavo de Carvalho e caros colegas,

Em anexo vai minha segunda carta aberta, respondendo ao espetáculo ridículo de ontem à noite. Depois dessa, não me resta mais nada a declarar, e apenas aguardarei o ponto final do Prof. Orlando Fedeli.

Coloco-me, entretanto, à disposição dos bem-intencionados para quaisquer esclarecimentos, e fico aberto a ouvir seus comentários. Além, é claro, de me dispor a enviar os textos que prometo em minha carta a quem os quiser.

Salve Maria,
Felipe Coelho.

PS: Já que o Sr. Olavo de Carvalho brinca com meu nome, eu aproveito a deixa: "O coelho cavou para ver aonde iam as raízes do carvalho. Quando viu a que subterrâneos elas levavam, voltou à superfície e roeu o carvalho até mostrar que era oco."

Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas

1. As fontes olavianas

O Sr. Olavo de Carvalho, após reclamar tanto sobre "crítica de fontes" (e sem nenhuma base, pois o Prof. Orlando Fedeli, ao contrário do Sr. Carvalho, cita todas as suas fontes, com data de pubicação, acrescentando inclusive que não foram revistas pelo autor, quando é o caso) agora vem atacar o Prof. Orlando Fedeli da seguinte forma:

1. por meio de uma conversa informal do Prof. Fedeli, num domingo à noite;
2. contada -- em verdade, bastante distorcida -- por um aluno do Sr. Olavo;
3. a partir não de uma gravação, mas de sua memória;
4. aluno este que julga o Prof. Fedeli após conversar com ele por poucas horas.

Só isso já basta para mostrar com quem se está lidando.

O Sr. Olavo de Carvalho, além de usar esta fonte "confiabilíssima", afirma: "...só foram para os braços do sr. Fedeli os dois ou três que tinham vindo de lá. Durante um tempo representaram o papel de meus alunos só para depois poderem encenar uma 'ruptura' escandalosa". E ainda: "Na verdade, essas pessoas jamais 'mudaram de posição'. Já chegaram falando da Associação Montfort (que então eu desconhecia) e oferecendo-se gentilmente para gravar as minhas aulas. Depois, desapareceram repentinamente, levando as gravações, e começaram a fazer contatos com os demais alunos meus para levá-los à Associação Montfort. Que é que posso supor diante disso, senão que vieram desde o início como agentes do sr. Fedeli e não como alunos?"

Prezado Amilcar, eu lhe pergunto sinceramente: há quanto tempo conhece o Cássio? E o Ronie? E o Rosano? Eles estão no "Seminário" do Sr. Olavo há 4 anos ou mais, e sempre foram alunos exemplares, ajudando nas transcrições e estudando a sério, como você. Você já havia ouvido eles falarem da Montfort ou do Prof. Orlando Fedeli antes da polêmica dos últimos meses? É claro que não, pois eles só conheceram o Prof. Fedeli no fim do ano passado e no começo deste ano. Eu mesmo, que os apresentei, conheci o Prof. Fedeli num curso dado na Montfort durante o carnaval de 2000, e só me converti mesmo meses depois. Não vou entrar em detalhes, mas eu me lembro de haver lhe contado isto, e o Sr. Olavo de Carvalho, assim como os alunos do Rio, sabiam disso muito bem, por meio da única correspondência que já troquei com eles, cuja resposta aliás estranhíssima motivou meu aprofundamento no assunto. Isso foi no meio do ano passado. E então, Amilcar, o que acha das acusações acima de seu professor, que você defende com tanta emoção?

Eu, me limitarei mais uma vez a comentar os absurdos que diz o Sr. Olavo, com esperança de esclarecer a você e aos poucos que ainda permanecem iludidos após as fartas evidências levantadas pelo Prof. Orlando Fedeli. (Você leu tudo, Amilcar? Inclusive o que diz Guénon no livro *O Demiurgo*, endossado por seu professor Olavo? Não posso acreditar.)

Registre-se ainda o flagrante desejo de mudar de assunto do Sr. Olavo, seja para o maometismo, o sufismo, a mística cristã, ou -- graças a Amilcar -- também à fofoca. De modo que comentarei somente os raros e fraquíssimos argumentos que o Sr. Olavo levantou, principalmente à minha carta aberta, que eu enviara ao Prof. Fedeli para ver se ele podia aproveitar algum argumento, mas que ele me recomendou publicar. Isto porque sua resposta final é tão definitiva -- como aliás já o foi, na verdade, seu trabalho, do qual o Sr. Olavo busca por todo modo desviar a atenção -- que seria vão ao Prof. Fedeli tratar de pontos periféricos como os de que tratei, em meus esforços de elucidar a questão mesmo àqueles que não a estudam direito e ficam esperando apenas quem vai falar por último.

Pois vejamos como o Sr. Olavo troca os pés pelas mãos.

2. A salvação pelo conhecimento

(a) Eu afirmo: "Quanto à salvação, o Sr. Olavo de Carvalho disse recentemente: 'Isso não quer dizer que o Papa esteja errado ao afirmar que o cristianismo é a única via de salvação. Como poderia estar errado, se o conceito mesmo de <<via de salvação>> não se aplica ao Islã ou ao judaísmo?' (Olavo de Carvalho, 'Mensagem de Natal', *O Globo*, 23.12.2001). Das duas uma: ou o Sr. Olavo aqui admite que, não sendo vias de salvação, o maometismo e o judaísmo levam ao inferno, e neste caso seria Católico; ou então, como é evidente, o Sr. Olavo adere a uma escatologia não-Católica e gnóstica, e defende também a doutrina de que nem todos precisam ser salvos, que a salvação não exige uma fé determinada e certa, pois bastaria o conhecimento. E isso é gnose."

O Sr. Olavo finge que não viu a premissa oculta e apela ao sofisma: "Non sequitur: 'se' não são vias de salvação, 'portanto' levam ao inferno."

Olha, se alguém caiu nessa, merece mesmo passar o resto da vida pagando os R$ 120,00 por aula do Sr. Olavo. Pois vejamos. Caso se tratasse de futebol, por exemplo, é óbvio que o fato de o futebol não ser uma via de salvação não significa que o futebol leve ao inferno, pois é possível gostar de futebol e ser também Católico. Mas o mesmo não se aplica às "religiões", pois ser judeu, maometano ou protestante implica necessariamente não pertencer à Igreja Católica, que é a única "via de salvação", como admite acima o próprio Sr. Olavo. Logo, como eu dissera, das duas uma: ou o Sr. Olavo admite que estas seitas levam ao inferno, ou então o Sr. Olavo é gnóstico. E alguém ainda tem dúvida?

(b) O senhor Olavo pede provas de que tenha pregado salvação pelo conhecimento. Fingindo que o item acima não basta, e que o trabalho do Prof. Fedeli não traz prova suficiente, restrinjo-me a uma e apenas uma citação:

"...a índole geral do meu pensamento filosófico, se inclui uma descrição apocalíptica do estado de coisas no mundo, por outro lado enfatiza fortemente o poder cognitivo da inteligência humana, a primazia da verdade e do bem, **o poder de salvação inerente à devoção intelectual**, etc. - e tudo isto infunde no aluno uma noção "otimista" do sentido da vida, de modo que ele pode chegar a esperar que sua vida pessoal já esteja dotada de sentido pelo simples fato de ele ter apreendido algo do sentido da vida em geral." (Olavo de Carvalho, "Considerações sobre o Seminário de Filosofia", 01.01.2000, negrito nosso, apud Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho*, VIII - 3, in <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>)

(c) Ainda sobre a salvação. Todos os padres dedicam, ou deveriam dedicar, a vida para salvar almas. Muitos leigos também o fazem. É um argumento bastante desesperado acusar alguém de pretender ser Jesus Cristo por ter dito que se dedica à salvação de almas. Evidentemente, só Deus salva, e seria ridículo dizer o contrário. Mas Deus salva os homens *por meio de outros homens*, ou seja, pela Igreja que fundou pessoalmente com esse fim. Não salva diretamente, como quer a gnose (inclusive protestante), e já se vê por este "argumento" quão pouco conhecimento tem o Sr. Olavo da Doutrina Católica e quão embebido de gnose ele está.

(d) Qualquer Católico não-romântico sabe que a heresia é um pecado pior que o assassinato, pois esta visa perder a alma alheia, enquanto o assassinato visa perder apenas a vida, de modo que todo esse escândalo só pode vir de gente muito materialista. S. Tomás o diz claramente na Suma Teológica (II - IIae, q. X, a.. III: "Se a infidelidade é o maior dos pecados"). Quanto a dizer que se pode ser "um pouco" gnóstico, sem ser herege, S. Tomás também o refuta em "Se o herético, que não crê num artigo de fé, pode ter fé informe nos outros" (II - IIae, q. V, a. II). É claro que o Doutor Angélico responde a ambas as perguntas negativamente.

(e) Finalmente, se o Sr. Olavo admite agora que a "salvação pelo conhecimento" é o ponto central da "heresia gnóstica", por que será então que não o citou nos quatro itens de seu "aviso 2"?! Mistério...

3. Aprendendo a ler com Olavo de Carvalho

Hans Jonas, em quem o Sr. Olavo "mobile" já não confia mais, disse, conforme o citei:

"...já Sto. Irineu, no título de sua obra, usou o nome 'gnose' (com o acréscimo de 'falsamente chamada assim') para abranger todas as seitas que compartilhavam com eles esta ênfase [no conhecimento como meio de obter a salvação ou ele mesmo como forma de salvação] e certas outras características."

O Sr. Olavo comenta (o sublinhado é meu): "Quem usa o termo gnose nesse sentido - que Sto. Irineu considera falso - é o sr. Fedeli, não eu. Sinceramente: essa manipulação de significados já passou de todos os limites do tolerável."

Já passou dos limites mesmo! O "falsamente chamada assim" que Sto. Irineu acrescenta a "gnose" é para não deixar dúvidas de que o "conhecimento gnóstico" é uma ilusão, e não existe. Hans Jonas cita Sto. Irineu exatamente como precursor seu no uso do termo "gnose" para abranger não só a heresia dos primeiros séculos, mas quem quer que pregue estas doutrinas condenadas pela Igreja, que o Prof. Fedeli demostrou serem defendidas pelo Sr. Olavo e seus gurus das mais diversas seitas.

Olha, se ninguém percebeu isso, não sou eu que vou ensinar os olavianos a ler. E, como se vê acima, tampouco o Sr. Olavo é capacitado para tanto.

4. Schuon apologista da Igreja Católica?

Schuon endossa a definição de Intelecto dada por Eckhart, condenada pela Santa Igreja (cf. <http://www.cristiandad.org/magisterio9.htm>): "Outra idéia que o exoterismo não admite é a da **imanência do Intelecto em todos os seres, Intelecto esse que mestre Eckhart definia como 'incriado e incriável'**. Esta verdade não se pode evidentemente integrar na perspectiva exotérica, não mais que a idéia da realização metafísica pela qual o homem toma consciência do que na realidade jamais deixou de ser, a saber: a identidade essencial com o Princípio Divino, o único que é real." (Frithjof Schuon, *A Unidade Transcendente das Religiões*, Publicações Dom Quixote, 1991, págs. 49-50. Negrito meu.)

Schuon endossa a tese de Eckhart de que Cristo não era substancialmente diferente dos homens, tese esta também condenada pela Igreja (tese 12, *loc. cit.*): "Propomo-nos agora mostrar em que consiste na verdade a diferença entre a manifestação crística e a maometana. Importa todavia sublinhar que tais diferenças dizem respeito apenas à manifestação dos homens de Deus, e não **à sua realidade interior e divina que é idêntica, e que mestre Eckhart enuncia nestes termos: 'Tudo o que a Sagrada Escritura afirma sobre Cristo verifica-se igualmente, na totalidade, em todo homem bom e divino', ou**

seja, em todo homem que possua a plenitude da realização espiritual..." (ibid., p. 115, negritos meus.)

Parece até que Schuon cita Eckhart a partir das teses condenadas, e não de seus livros!

Schuon é tão descarado que chega ao ponto de citar integralmente a condenação de algumas de suas teses pelo Concílio Vaticano I, para a seguir zombar do "oportunismo da Igreja", que confia na razão, "incapaz de conciliar verdades (sic) antinômicas" (cf. Frithjof Schuon, *Stations of Wisdom*,World Wisdom Books, 1995, p. 64). Na verdade, Schuon zomba da Igreja Católica por crer "que o sim seja sim, e o não seja não", como ensina Nosso Senhor Jesus Cristo, que acrescenta: "o resto é coisa do diabo". Portanto, contra a conciliação das "verdades antinômicas" da gnose schuônica. A Igreja crê ainda que a razão é boa, é um dom de Deus, e não a "enfermidade" que é para gnósticos como Schuon:

"Disse-se que a razão é uma enfermidade, o que é justo se a compararmos à visão direta que é a Intelecção. A razão é uma enfermidade, mas a contingência também o é, embora não sob o seu aspecto positivo de adequação." (Frithjof Schuon, *A Unidade Transcendente das Religiões*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991, p. 146). E ainda: "...o Profeta [Maomé] é 'iletrado' (ummî), como o eram aliás os Apóstolos, puros da **mácula do saber humano ou de um saber humanamente adquirido**." (*ibid.*, p. 117, negrito meu). E mais: "...como se a razão, que não é fonte mas apenas intermediária do conhecimento transcendente, pudesse demonstrar fosse o que fosse..." (*ibid.*, p. 14).

Caso alguém pergunte o que Schuon quis dizer acima com "aspecto positivo de adequação" da razão, ou então como é que alguém que se diz filósofo e posa de aristotélico pode estimar uma pessoa tão gnosticamente anti-racional, o próprio Schuon responde: "Quanto às idéias verdadeiras - isto é, as que sugerem, de forma mais ou menos implícita, aspectos da Verdade total e, consequentemente, a própria Verdade -, elas são, desse modo, chaves intelectuais e **não têm qualquer outra razão de ser**: são o que só o pensamento metafísico é capaz de atingir." (*ibid.*, p. 18, negrito meu).

Sobre o que é isto que o pensamento "metafísico" quer alcançar, ver o trabalho do Prof. Fedeli. Por mera razão de documentação, acrescente-se as seguintes citações: "Por outras palavras, diríamos que na intuição intelectual não é o indivíduo enquanto tal que conhece, mas sim o indivíduo na sua essência, indistinto do seu Princípio Divino. Assim, também a certeza metafísica é absoluta em razão da identidade entre conhecedor e conhecido, no Intelecto." (*ibid.*, pág. 12). "Não somos nós que conhecemos Deus; Deus é que se conhece em nós." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 24)

Eu pretendia até fazer um estudo extenso de Schuon, mas seria vergonhoso refutar doutrinariamente alguém já moralmente tão desqualificado: por um lado, o Prof. Fedeli cita trechos em que Schuon fundamenta sua imoralidade, no capítulo VIII - 3 de seu trabalho; por outro, aos que ainda tiverem estômago para blasfêmias contra a Virgem e muita baixaria, vejam com cautela os frutos destas teses no "Dossiê Schuon", em <http://www.multimania.com/cret/schuon/schuon02.htm>.

5. Sufismo, islamismo, mística cristã, e outras mudanças de assunto

Quanto a estes assuntos periféricos, faço adiante apenas algumas notas, me comprometendo desde já a não mais tratar deles até o fim desta polêmcia, cujo tema é outro.

(a) o Sr. Olavo diz que Ibn Arabi é místico como Santa Teresa, citando trecho do qual -- surpresa! -- não cita a fonte. Se as citações que o Prof. Fedeli faz de Ibn Arabi não bastam para provar o contrário (cf. cap. IV - 3 de seu trabalho), disponho-me desde já a enviar por e-mail todo o "Tratado da Unidade" deste gnóstico, que se encontra em espanhol, a quem se interessar em analisá-lo com os próprios olhos.

(b) O Sr. Olavo diz ainda: "Mas, como o Coelhinho só conhece do sufismo o que lhe diz o sr. Fedeli, é possível que ele imagine que o sufismo é outra coisa." E depois: "Então por que no sufismo o *hadith* do Profeta, 'Meditai as qualidades, jamais a essência', é considerado uma regra áurea da prática espiritual? (Por 'qualidades', entendem-se os 99 nomes de atributos de *Allah* que constam no Corão.)".

Espero que esta adivinhação dos meus conhecimentos do sufismo não sejam baseadas num mapa astral que o Sr. Olavo porventura tenha feito da minha pessoa, pois neste caso seria mais uma prova do ridículo da astrologia. Limito-me mais uma vez a uma só citação, de um estudioso insuspeito, também da turma de Schuon (e nem vou perder tempo em perguntar qual o hadith em que o Sr. Olavo leu o que disse ter lido):

"**A descrição do sufismo como 'esoterismo islâmico' refere-se diretamente ao conhecimento obtido por meio do desvelamento ou gnose**... Ele [o mestre sufi Ghazali] define e descreve o desvelamento assim: 'O desvelamento é o conhecimento do domínio não-manifestado e é o objetivo de todas as ciências. (...) A ciência do desvelamento... consiste em uma luz que se torna manifesta dentro do coração quando o coração é limpado e purificado de todo atributo culpável. Muitas coisas são desveladas por meio desta luz. Antes a pessoa ouvia os nomes destas coisas e imaginava sentidos vagos e obscuros. Agora se tornam iluminados. **A pessoa adquire o verdadeiro conhecimento da Essência de Deus**...'" (William C. Chittick, *Faith and Practice of Islam: three 13th century sufi texts*, State University Press, 1992, p. 19. Negritos meus.)

E não vá agora o Sr. Olavo renegar também Ghazali, pois há pouco tempo o citou como exemplo de teólogo e místico persa. (cf. <http://www.erealizacoes.com.br/filosofia/seculo.htm>)

(c) E o Sr. Olavo, o que sabe de sufismo e de islamismo? Se foi o que ouviu de Lings, está em maus lençóis, pois Lings não é aceito nem entre os maometanos:

"A biografia do Sr. Lings do Profeta Maomé (sallallahu alaihi wa salam) baseia-se principalmente em fontes que, embora antigas, não são confiáveis; ex: 'Maghaazi', de Al-Waaqidi's, e 'Akhbaar Makkah', de Al-Azragi's. O primeiro está repleto de tradições fracas e forjadas, e seu autor, Al-Waaqidi, foi unanimemente considerado pelos principais especialistas de literatura hadith como alguém a ser rejeitado como narrador de tradições." (A. Idris Palmer, "Criticism Regarding Martin Lings' Biography of the Prophet", *in* <http://www.islaam.com/sunnah/martin.htm>)

(d) Para quem quiser se aprofundar na questão do maometismo, que não é o assunto desta polêmica, um artigo interessante e que diz muito sobre a qualidade das "traduções" do Corão é "Is Islam Genuine?", sobre os estudos do monge Bruno Bonnet-Evmard, já famoso por ter denunciado a fraude dos testes de carbono 14 feitos no Santo Sudário (*in* <http://www.geocities.com/Athens/Rhodes/3543/Islamgn.htm>). A tese de Bruno é pesada, e pode haver exageros, mas é bem fundamentada e cita toda a bibliografia básica sobre o assunto, inclusive o principal estudioso Católico do maometismo, Hanna Zakarias.

(e) O Sr. Olavo ainda se faz de desentendido e diz: "Num outro documento, o sr. Fedeli, querendo por toda lei lançar a pecha de herético sobre o esoterismo islâmico, reduz este ao ismaelismo, que é apenas uma seita dentro de uma seita (isto é, do shi'ismo) e nada tem a ver com as ordens sufis tradicionais, que o condenam explicitamente. Mas isto é assunto para outra ocasião."

O Prof. Fedeli mostra claramente, em seu trabalho (cap. I - 3) -- citando aliás o maior especialista no assunto, Henry Corbin, recomendado até pelo Sr. Olavo -- que o sufismo é shiismo disfarçado. E é gnóstico. O Sr. Olavo não sabe ler? Mais uma vez, parece que não.

6. Do conhecimento das pedras pelo "olho do sol" de Olavo de Carvalho

(a) Caro Amilcar, você já leu o texto "O Conceito de Alquimia", de 1996, de seu querido professor? Ou também este texto lhe foi ocultado? Eu me disponho a enviá-lo por e-mail a você, e a quem mais se interessar em estudá-lo. Pois veja que o que o Sr. Olavo diz nele sobre o conhecimento é exatamente o que você achou que ele não dizia:

"Ou seja, **deve haver um ponto no seu corpo que seja suficientemente central para que conhecendo-o por dentro, você conheça o centro do planeta Terra e a constituição interna da matéria. Por isso que eu digo que a coisa deve ser tomada em sentido forte: deve haver algum modo de conscientizar o seu próprio corpo, um certo ângulo de visão, no qual o centro de seu corpo coincida estruturalmente com o centro da estrutura da matéria mesmo.** E também com o centro do planeta Terra. Você vai ao interior do seu corpo, e lá você vai encontrar não somente o núcleo central do funcionamento do seu corpo, mas também a constituição mais íntima da matéria em geral. E do próprio planeta Terra. Enquanto não fizer isso, a coisa não está realizada. (...) **Aluna: Mas, cada um tem o**

seu centro ou ele é igual para todo mundo? Prof: As duas coisas são verdadeiras." (Olavo de Carvalho, *O Conceito de Alquimia*, Terceira Aula, 16/01/96, negritos e sublinhados meus).

E não venha o Sr. Olavo, que ensina alquimia pela internet (cf. *Revista Alquimia Digital*, <http://alquimia.vila.bol.com.br/medicamento/index.html>), dizer que não crê em nada disso, que falava das crenças de outrem. Pois afirma no mesmo curso esotérico: "...em alquimia não existe uma distinção rígida entre teoria e prática; ela já é uma disciplina prática desde seu começo. Desde o momento em que você apreende as primeiras noções de alquimia, já está metido nela até o pescoço. Em astrologia e em outras ciências esotéricas essa distinção existe, mas aqui não. Na alquimia, a partir do momento que você começa a formar os primeiros conceitos, já está penetrando num certo mundo simbólico, num certo modo de pensar e de ver que *já é* o terreno propriamente dito da prática alquímica." (Olavo de Carvalho, *O Conceito de Alquimia*, Primeira Aula, 09/01/96, sublinhado meu).

(b) E digo mais. O Sr. Olavo, para não ficar atrás de seus companheiros de gnose, também inventou seu próprio nome para a partícula divina (e não é "vovozinha"...): trata-se de "Olho do Sol", que como qualquer aluno seu sabe, é o título de seu esperado *magnum opus* sobre "ser e conhecer".

Segundo René Guénon -- que Olavo de Carvalho ainda chama de guru (cf. <http://www.olavodecarvalho.org/links.htm>) -- o "Sol" é no simbolismo religioso equivalente ao "Coração", ambos significando o "centro do ser", "a sede da inteligência", "da inteligência pura... e não da razão", "do intelecto transcendente". (cf. René Guénon, *Os Símbolos da Ciência Sagrada*, Ed. Pensamento, 1993, p. 363-377). E o tal "Olho do Sol", ou "Olho do Coração" -- termo usado recentemente pelo Sr. Olavo de Carvalho (no último parágrafo de "A Tensão Inevitável", *Revista Bravo!*, #44, maio de 2001, p. 25) -- é seu amigo Martin Lings quem o explica:

"O aspecto distintivo do Homem Primordial é que ele possuía tanto uma natureza supra-humana como uma natureza humana; e o homem ainda retém virtualmente, nas profundezas de seu ser, a necessidade de transcender sua humanidade, de se movimentar 'rio-acima', contra a corrente, e restabelecer a conexão entre a alma, que é humana, e o Coração, que é divino. Todas as religiões [a Católica não!] compartilham a doutrina dos três mundos, os mundos do Espírito, da alma e do corpo. A alma e o corpo, o psíquico e o corporal, compõem o que é comumente chamado de 'este mundo'. O mundo do Espírito, cujo portal é o Coração, transcende totalmente este mundo, estando além do alcance de qualquer faculdade humana. A faculdade supra-humana que está entronizada no Coração, e que constitui o meio de conexão entre a alma e o Espírito é, como vimos, o que nossos antepassados chamavam de Intelecto. No Hinduísmo, esta faculdade da visão transcendente é representada em estátuas e outras formas de arte sacra por um terceiro olho, colocado no meio da testa. No Cristianismo e no Islã, esta faculdade é chamada de 'Olho do Coração'..." (Martin Lings, *Sabedoria Tradicional e Superstições Modernas*, Polar, São Paulo, 1998, p. 51-52).

Para quem se interessar, está neste mesmo livro de Lings a explicação da bizarra teoria dos "ciclos" e dos "mitos fundadores" do Sr. Olavo de Carvalho. E também desta história hilária de "evitar a fragmentação da consciência", que parece remédio contra esquizofrenia, mas que no fundo é, como mostra Lings, mais uma tese gnóstica. Você já leu este livrinho, tão fácil de achar, Amilcar?

7. Conclusão

A polêmica é sobre a gnose de Guénon e Carvalho. As provas já foram publicadas, cabe a cada um analisar seu conteúdo por si próprio. Seria tolice continuar respondendo a tantas mudanças de assunto. Ficou claro aqui que, sem argumentos, o Sr. Olavo só insulta e faz distinções sofísticas, além de não falar uma palavra sobre Guénon nem sobre sua doutrina "ecumênica radical". Assim, não pretendo continuar a refutá-lo, e ele perderá seu tempo se insistir com seus joguinhos tolos.

O Prof. Orlando Fedeli volta de viagem no domingo, quando colocará um ponto final neste circo, e o Sr. Olavo não precisará mais se esconder por trás de seu aluno. A resposta do Prof. Fedeli já está pronta, e eu garanto que não há mais o que dizer depois dela. Só espero ter sido digno, nestas duas cartas, de seus ensinamentos, e da Santa Igreja Católica, que ele me ensinou a amar e defender.

Quem tiver olhos para ver, que veja. Quem não tiver, é porque quer ser iniciado... ou já foi.

In Iesu et Maria,

Felipe Coelho.

17.07.2001

Publicamos a resposta do Sr Olavo de Carvalho, para que nosso leitores possam tomar conhecimento de todos os documentos deste debate, embora protestemos contra o caráter injurioso e pessoal do texto daquele senhor.

Os leitores, lendo a nota ofensiva e doutrinariamente nula do Sr. Olavo de Carvalho, poderão avaliar a diferença de dignidade, e de seriedade no trato da questão, entre os dois debatedores.

Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados

<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli5.htm>

Olavo de Carvalho

Esse menino, Felipe Coelho, andou freqüentando meus cursos e ali cumpriu seu papel de alcoviteiro a serviço de seu guru Orlando Fedeli, acreditando que com isto alcançaria a salvação da alma. Por isto julguei conveniente publicar aqui mais esta sua fofoca eletrônica, distribuída em 15 de julho de 2001 a seus ex-colegas do Seminário de Filosofia. Não imagine o leitor que o signatário entre na peleja como alguém que, tendo-a observado de longe e com neutralidade, finalmente toma partido. Se fosse isso, sua opinião poderia até valer alguma coisa, e essa é a impressão que ele talvez procure dar aqui, mas desde o início este garoto foi o principal instrumento de ação do sr. Fedeli, tendo na sua folha de serviços alguns notáveis feitos de difamação bem conhecidos de seus ex-colegas. Sem grave imprecisão ele poderia até declarar: “Orlando Fedeli, c’est moi.” Esta mensagem, de fato, não é a primeira. É apenas a seqüência do renitente assédio de e-mails com que os agentes do sr. Fedeli cercam meus alunos, a mando dele, no intuito declarado de tirá-los do Seminário de Filosofia e levá-los àquilo que ele imagina ser o céu. O empreendimento não obteve grande êxito, pois só foram para os braços do sr. Fedeli os dois ou três que tinham vindo de lá. Durante um tempo representaram o papel de meus alunos só para depois poderem encenar uma “ruptura” escandalosa. No ambiente de cursos livres, em São Paulo, “operações” desse tipo são coisa endêmica, mas, por mais que as veja repetir-se desde a década de 70, não me acostumo com elas, e sempre me pegam desprevenido. Segue, pois, a amostra, com alguns comentários meus em vermelho. - O. de C.

Carta aberta de um ex-aluno a Olavo de Carvalho, sobre sua gnose

Felipe Coelho

Enquanto meu professor, Orlando Fedeli, não comenta o último protesto do Sr. Olavo de Carvalho contra a denúncia de sua gnose, eu, Felipe Coelho, Católico, ex-aluno deste último, comentarei brevemente alguns pontos de sua tentativa de resposta, entitulada "Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli".

O texto do Prof. Orlando Fedeli, como o próprio título indica, não trata apenas do Sr. Olavo de Carvalho, mas também de René Guénon, de modo que o Sr. Olavo não deveria ter ficado tão lisonjeado com sua extensão. O que o Prof. Fedeli de fato fez foi aproveitar a deixa para dar uma mini-aula de gnose, a partir dos "quatro itens da gnose" do "Aviso 2" do Sr. Olavo, com o objetivo principal de esclarecimento dos alunos deste que porventura sejam ou possam vir a ser Católicos.

> A incapacidade de distinguir sentido reto e oblíquo é característica do leitor enlouquecido pelo ódio e pelo medo. A lisonja a que me referi foi dita cum grano salis, mas a sutileza escapou tanto a Fedeli quanto ao fedelho.

Acrescente-se ainda uma citação do próprio Sr. Olavo de Carvalho corroborando este procedimento: "Não discuti com eles em meu livro nem vou fazê-lo agora, porque vigarice (intelectual ou qualquer outra) é coisa que não se discute: vigarice se denuncia, e pronto" (Olavo de Carvalho, "Por uma Esquerda Melhorzinha", in O Imbecil Coletivo, 2ª ed., Rio de Janeiro, Faculdade da Cidade, p. 390). Foi o que fez o Prof. Fedeli: desafiado, denunciou e provou a gnose de Guénon e Carvalho.

Chegamos assim ao cerne da questão: afinal, do que o Sr. Olavo de Carvalho está sendo acusado? É óbvio que não é de ser um seguidor das doutrinas de Valentino, Basílides, do gnosticismo dos primeiros séculos.

> Há aí duas definições da Gnose. Uma, a do gnosticismo dos primeiros séculos, corresponde a um fenômeno histórico definido e a uma heresia condenada pela Igreja. A outra, a de uma Gnose em sentido amplíssimo que abrange praticamente todas as expressões espirituais e religiosas não cristãs (e mesmo as cristãs que apresentem algum parentesco mesmo remoto com elas), é um conceito interpretativo possível, mas a Igreja nem subscreve esse conceito nem emitiu jamais qualquer decreto que condenasse como herética a entidade hipotética aí definida. Logo, sou acusado de que?
>
> (Um terceiro conceito possível de gnose é o de Voegelin. O gnosticismo ou gnose, aí, corresponde a um fenômeno histórico contínuo, especificamente ocidental, cuja evolução se estende desde o gnosticismo dos primeiros séculos até as ideologias totalitárias do século XX. Este conceito, que me parece o único razoável, obviamente exclui do âmbito da gnose-heresia as tradições orientais que o sr. Fedeli nela inclui.)

O próprio estudo do Prof. Fedeli mostra a gnose presente no sufismo, na cabala, no hinduísmo, e em vários autores de diversas origens apontados pelo Sr. Olavo como grandes homens espirituais, ficando claro portanto que a acusação não é de pregar a heresia cristã dos primeiros séculos.

> Sempre a confusão entre a “presença” de elementos soltos e a identidade da forma total.

A insistência do Sr. Olavo neste ponto tão evidente é no mínimo estranha. É óbvio também que não se trata de "gnose" como mero sinônimo de "conhecimento", pois neste caso não haveria razão para se utilizar o primeiro termo em vez do segundo.

> Falsificação do sentido de minhas palavras. Uso em geral gnose para designar o conhecimento especificamente espiritual e não como sinônimo de conhecimento em geral; e gnosticismo para designar o fenômeno apontado na definição de Voegelin. Quando quero me referir ao gnosticismo dos primeiros séculos, uso mais freqüentemente “heresia gnóstica”. Se o sr. Fedeli e seu fiel escudeiro consentissem em interpretar meus termos no sentido que estes têm nos meus textos, e não naqueles que sua própria imaginação projeta sobre eles, tudo ficaria mais claro. Mas isso não serve para quem só pretenda jogar lama na água e tirar proveito da confusão.

A gnose de que o Sr. Olavo de Carvalho é acusado é uma modalidade de conhecimento específica: trata-se da doutrina herética do conhecimento direto e unitivo de Deus pelo homem - ou melhor, por aquilo que haveria de divino no interior do homem -, realizado por meio de uma intuição que eliminaria a distinção entre sujeito cognoscente e objeto conhecido - entre o homem, o mundo e Deus -, pois no fundo só Deus existe, e tudo que há de individual é ilusório.

É absurdo o Sr. Olavo querer dizer que Santa Teresa tinha este tipo de conhecimento de Deus quando lhe aparecia Nosso Senhor. É claro que, ao vê-Lo, ela permanecia Teresa, e Ele, Jesus.

> Ora, se citei o exemplo da visão de Sta. Teresa é porque é precisamente esse tipo de conhecimento que tenho em vista ao falar de gnose, e não algum outro tipo de “conhecimento unitivo” hiperbólico e, a rigor, autocontraditório, que não sei onde esse moleque pode ter encontrado nos meus escritos (a não ser que ele confunda o tipo de conhecimento a que me refiro em meus estudos de gnoseologia -- como por exemplo “Ser e Conhecer” -- com o conhecimento de Deus! Mas isto já seria loucura demais.) Na verdade, essa noção hipertrófica de conhecimento unitivo não se encontra nem mesmo na linha mestra do sufismo, a de Mohieddin Ibn Arabi, metafísico “da unidade absoluta” que, no entanto, proclama claramente que no ápice de todo conhecimento unitivo subsiste a dualidade do fiel e de seu Senhor, unidos tão somente pelo vínculo do amor. Exatamente como na visão de Sta. Teresa. Se essa visão é chamada “unitiva”, é no preciso sentido em que

aqueles que se unem pelo amor são um só embora permaneçam existencialmente distintos. Tal é o motivo pelo qual, aliás, Teresa nesse instante diz a Jesus (não lembro se são precisamente as palavras textuais): “Tu és Aquele que é – eu sou aquela que não é” – declaração que afirma, ao mesmo tempo e inseparavalmente (“dialeticamente”, para horror do sr. Fedeli), a dualidade de criatura e Criador e a nulidade da criatura ante o Criador. Não há rigorosamente diferença nenhuma entre essa perspectiva e a de Ibn ‘Arabi, embora haja muita entre ambas e uma perspectiva gnóstico-herética (real ou suposta) na qual a “unidade” fosse interpretada como “identidade”.

Mas, como o Coelhinho só conhece do sufismo o que lhe diz o sr. Fedeli, é possível que ele imagine que o sufismo é outra coisa.

(Num outro documento, o sr. Fedeli, querendo por toda lei lançar a pecha de herético sobre o esoterismo islâmico, reduz este ao ismaelismo, que é apenas uma seita dentro de uma seita (isto é, do shi’ismo) e nada tem a ver com as ordens sufis tradicionais, que o condenam explicitamente. Mas isto é assunto para outra ocasião.)

Quanto ao demônio, conhece apenas a existência de Deus, não sua essência, e como se viu acima é justamente a essência de Deus que os gnósticos pretendem conhecer.

Curioso. Então por que no sufismo o hadith do Profeta, “Meditai as qualidades, jamais a essência”, é considerado uma regra áurea da prática espiritual? (Por “qualidades”, entendem-se os 99 nomes de atributos de Allah que constam no Corão.)

Quanto à salvação, o Sr. Olavo de Carvalho disse recentemente: "Isso não quer dizer que o Papa esteja errado ao afirmar que o cristianismo é a única via de salvação. Como poderia estar errado, se o conceito mesmo de 'via de salvação' não se aplica ao Islã ou ao judaísmo?" (Olavo de Carvalho, "Mensagem de Natal", O Globo, 23.12.2001). Das duas uma: ou o Sr. Olavo aqui admite que, não sendo vias de salvação, o maometismo e o judaísmo levam ao inferno, e neste caso seria Católico; ou então, como é evidente, o Sr. Olavo adere a uma escatologia não-Católica e gnóstica, e defende também a doutrina de que nem todos precisam ser salvos, que a salvação não exige uma fé determinada e certa, pois bastaria o conhecimento. E isso é gnose.

Non sequitur: “se” não são vias de salvação, “portanto” levam ao inferno. Esse menino é mesmo um traslado fiel da lógica fedélica.

Aliás, Frithjof Schuon, que até muito recentemente o Sr. Olavo de Carvalho considerava "homem espiritual de primeiro plano e formulador do único método válido já concebido para a comparação e aproximação das religiões" (in O Jardim das Aflições, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000, p. 308),

(considero ainda, mas, ao contrário de Fedelis e Felipes, compreendo a distinção entre respeitar um homem espiritual e ser seu discípulo)

trata a fé exatamente como o Sr. Olavo, como caminho para a gnose: "A Fé não poderá opor-se ao Conhecimento [de Deus, ou seja, a gnose] da qual é, ao contrário, como vimos, um modo iniciático..." (Frithjof Schuon, Da Unidade Transcendente das Religiões, Trad. Fernando Guedes Galvão, Livraria Martins Editora S.A., São Paulo, 1953, p. 184).

Completa distorção do sentido do texto de Schuon: “modo iniciático” não quer de maneira alguma dizer “caminho para a Gnose”, no sentido em que o caminho deve ser abandonado uma vez atingida a meta.

E, sobre a natureza do conhecimento gnóstico, o mesmo autor afirma: "Acrescentamos que no ponto de vista iniciático esta visão [a Visão Beatífica] pode, e deve até, obter-se ainda nesta vida..." (ibid., p. 179). E ainda: "...até existem métodos para obter esta graça que equivale, em suma, a uma 'concretização' da 'visão beatífica'." (ibid., p. 157). (O Sr. Olavo deve lembrar-se de ter lido isto, pois, no parágrafo anterior a este último trecho citado, encontra-se detalhada por Schuon a comparação blasfema entre a Virgem Maria e Maomé que o Sr. Olavo resumiu em seu artigo "Mensagem de Natal", O Globo, 23.12.2000). Registre-se ainda que, como tudo isso é condenado pela Igreja Católica, Schuon refere-se a Ela com total desprezo: "A Igreja latina, com seu idealismo sentimental e irrealista..." (Frithjof Schuon, O Esoterismo como Princípio e como Caminho, Ed. Pensamento, p. 189).

Reconhecer na Igreja o seu elemento de idealismo sentimental e irrealista não é de maneira alguma “referir-se a Ela com total desprezo.” Páginas e páginas de apologia da Igreja escritas por Schuon são aí suprimidas pela tesoura deixada nas mãos de um moleque.

Continuando, é notável que o Sr. Olavo de Carvalho confesse aqui não renegar nada do que escreveu antes de 1995, com exceção de seu artigo sobre a "gnose de Princeton". Isto significa que não renega o artigo citado pelo Prof. Fedeli em que apóia as doutrinas defendidas por Guénon em O Demiurgo (Cf. Olavo de Carvalho, "O Homem e sua lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação", in Revista Planeta, nº 107, agosto de 1981, p. 17), doutrinas estas que se enquadram até naqueles seus quatro itens da gnose, feitos para mascarar a sua própria gnose.

Afinal, o Sr. Olavo de Carvalho confessa mais uma vez que é gnóstico. Abaixo vai o texto do Prof. Fedeli, seguido da mais atual confissão do Sr. Olavo de Carvalho, ao comentá-lo (o sublinhado é meu):

"Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a 'Tradição' primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo,

católico-judeu-islâmico."

Até aqui o Prof. Orlando Fedeli. A seguir, a nova confissão de gnose de Olavo de Carvalho:

"A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, facílimo de comprovar (cf. Whitall N. Perry, A Treasury of Traditional Wisdom, Pates Manor, Bedfont, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um “gnóstico”, no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e por isto mesmo não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios."

Como já se viu, é precisamente da gnose que o Sr. Olavo reconhece defender, e não da heresia dos primeiros séculos, que o Prof. Orlando Fedeli o acusa. Ademais, já foi demonstrado pelo Prof. Fedeli que todos os especialistas no assunto consideram o gnosticismo (a heresia dos primeiros séculos) uma espécie do gênero gnose (substrato ou núcleo de várias heresias). O argumento do Sr. Olavo para negar este fato e defender a "boa gnose", por meio da alegação de que o gnosticismo seja um "falso conhecimento", é semelhante ao argumento dos comunistas -- que o Sr. Olavo de Carvalho tanto condena, e faz bem de condenar -- ao afirmarem que o "verdadeiro comunismo" permanece bom após as experiências genocidas de Stálin, Lênin, Mao e cia., pois estas seriam "falso comunismo"...

> A comparação é simplesmente calhorda. O “bom comunismo” é apenas uma promessa jamais cumprida, ao passo que uma gnose sem qualquer comprometimento com a heresia existe há milênios. Nenhum historiador sério aceitou jamais a tese do sr. Fedeli, que identifica hinduismo, budismo, islamismo, judaísmo etc. como o tronco geral de onde sai a espécie de gnosticismo conhecida nos primeiros séculos da era cristã. O sr. Fedeli é que, partindo da definição geral que os historiadores dão, a manipula e a aplica indevidamente a todas essas religiões, criando um elo hipotético entre elas e a gnose-heresia. Ao apelar à autoridade desses historiadores, o sr. Fedeli nada mais faz do que falsificar o sentido do que eles dizem, como falsifica o sentido dos meus textos.

O Sr. Olavo de Carvalho citou recentemente Hans Jonas como "o mais famoso historiador da gnose", numa breve nota na qual fala em "o rótulo de gnose (no sentido estrito de Hans Jonas)" (Olavo de Carvalho, nota a "A face oculta do mundialismo verde", de Pascal Bernardin, in <http://www.olavodecarvalho.org/convidados/bernardin2.htm>). Logo, o Sr. Olavo aceita que Hans Jonas usa gnose no sentido estrito, sentido que é condenado pela Doutrina Católica. Veja-se então o que diz Hans Jonas: "Na verdade, houve apenas alguns grupos cujos membros se denominaram expressamente

'gnósticos', 'os que conhecem'; mas já Sto. Irineu, no título de sua obra, usou o nome 'gnose' (com o acréscimo de 'falsamente chamada assim') para abranger todas as seitas que compartilhavam com eles esta ênfase [no conhecimento como meio de obter a salvação ou ele mesmo como forma de salvação] e certas outras características.

1) Quem usa o termo gnose nesse sentido – que Sto. Irineu considera falso – é o sr. Fedeli, não eu. Sinceramente: essa manipulação de significados já passou de todos os limites do tolerável.

2) Que eu reconheça ser Jonas “o mais famoso historiador da gnose” não implica que eu use os termos no sentido que ele lhes dá.

3) De novo: onde foi que defendi o “conhecimento como meio de obter a salvação”?

Se, de um lado, não sou acusado de pregar a heresia dos primeiros séculos e, de outro, nunca preguei o “conhecimento como meio de obter a salvação”, então, pergunto de novo: de que raio de coisa afinal me acusam?

Neste sentido podemos falar de escolas, seitas e cultos gnósticos, de escritos e ensinamentos gnósticos, de mitos e especulações gnósticas, e mesmo de uma religião gnóstica em geral. Seguindo o exemplo dos autores antigos que primeiro extenderam o nome [gnose] para além da autocomposição de alguns grupos, não somos obrigados a parar onde parou seu conhecimento ou interesse polêmico, e podemos tratar o termo como um conceito classificatório, que se aplica onde quer que as propriedades definidoras estejam presentes." (Hans Jonas, The Gnostic Religion, 2nd edition, Beacon Press, Boston, 1991, p. 32, sublinhados meus).

Sim, mas uma propriedade definidora essencial – a tal “salvação pelo conhecimento” – está completamente ausente das minhas supostas “confissões”. Quantas vezes será preciso pedir a esses tenazes difamadores que provem esse ponto, que eles mesmos dizem essencial e de cuja demonstração vêm fugindo há mais de 160 páginas?

Não só os especialistas, mas também o já citado Frithjof Schuon, que faz a mesma distinção entre gnose e gnosticismo, admite que o gnosticismo pode ser chamado validamente de gnose -- e da gnose que defende! -- conforme cita-o o Prof. Fedeli em seu trabalho: “Se nós não 'reduzimos' o sentido da palavra [Gnose] a este sincretismo, nós admitimos entretanto que, de toda evidência e por razões históricas, que se chamem de 'gnósticos' também os hereges designados convencionalmente por esse termo” (F. Schuon, Comprendre l‘Islam, Ed. du Seuil, Paris, 1976, p. 137, nota 1; apud Orlando Fedeli, A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho, in http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html).

Manipulação de frases, de novo. Se Schuon admite que se use o termo gnóstico também para designar a heresia dos primeiros séculos cristãos, é óbvio que ele dá ao termo, em geral, outro sentido.

Ao mesmo tempo em que agora tenta se desvencilhar de Schuon, o Sr. Olavo de Carvalho aponta a obra principal de Whittal N. Perry como probante da doutrina herética do núcleo comum das religiões, que seria a "boa gnose". Justo este livro de Perry que o editor da revista guénoniana Symbolos, ao resenhá-lo, diz ser nada menos que "una especie de biblia schuoniana"! (Cf. Federico González, in <http://personal5.iddeo.es/jmrio/libfg26.htm>). E ainda acrescenta: "Este libro es tomado como una enciclopedia casi sagrada de sabiduría por los estudiantes schuonianos de habla inglesa. (...) Sin entrar en la vida privada de nadie diremos que el mismo M. Koslow señala a Perry como el colaborador directo de Schuon y a su esposa como íntimamente allegada a su familia, con quien todo lo comparten; por lo que deben ser considerados como sus portavoces autorizados o los asociados más íntimos del suizo; incluso viven en casas vecinas." Aí está: Perry é porta-voz de Schuon, e o trabalho citado pelo Sr. Olavo como evidência para seu "ecumenismo radical" é nada menos que uma "bíblia schuônica". Além disso, o próprio nome da editora do livro de Perry, Perennial Books, é significativo e mostra sua ligação com a seita "perenialista" de Schuon. Acrescente-se ainda que o mesmo Perry afirma que este seu livro foi inspirado no desejo de Ananda Coomaraswamy, amigo de Guénon, de um dia ter uma suma do pensamento gnóstico, obviamente para se contrapor à Suma Teológica, de S. Tomás, pilar da Igreja Católica.

Característica aplicação do método fedélico: mil e tantas páginas de fatos concordantes reunidos no livro de Perry são impugnadas, num estalar de dedos, por meio de fofoquinhas sobre as ligações de família do autor! Mais ainda, o menino aí se revela um bom aprendiz do fabricante de “confissões” que lhe serve de guru. No texto referido, Perry não diz nada do que Felipe Coelho o faz dizer. Ele nem fala em “suma do pensamento gnóstico” nem manifesta qualquer intenção, muito menos uma intenção “óbvia”, de “se contrapor à Suma Teológica de S. Tomás”, da qual, bem ao contrário, vários textos são incluídos na coletânea.

Finalmente, o Sr. Olavo cita dois pretensos erros do Prof. Fedeli, que supostamente trocaria o sujeito de suas frases. Vejamos. No primeiro caso, Olavo afirma: "Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele 'cortou seu próprio pescoço' - e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço". Ora, em seu "Aviso 1" Olavo dissera: "Por enquanto, não há mal em que o sr. Fedeli vá curtindo sua ilusão de ser um novo S. Jerônimo, de ter cortado a língua a um infiel (sic). Logo ele verá que cortou mais é seu próprio pescoço". E isso não é uma ameaça? Se eu digo a alguém: "Você, ao me acusar, assinou sua própria sentença de morte", não o estou ameaçando? Por favor.

Nova manipulação, agora do sentido de uma figura de linguagem. O fato é que escrevo para pessoas que têm

> sensibilidade para as nuances de estilo, mas sempre me arrisco a ser lido por um Felipe Coelho qualquer, cuja cultura literária é a de quem escreve “entitular” em vez de “intitular” e “extenderam” em vez de “estenderam”. Duas metáforas em contraponto, sobretudo se compostas de termos que designam um mesmo tipo de objetos e reforçadas por uma alusão literária, são obviamente complementares e têm de ser compreendidas uma em função da outra. À expressão de Léon Bloy, “cortar a língua”, fazem pendant, quase na mesma linha, as minhas palavras “cortar o pescoço”. É evidente que, se a primeira dessas expressões não promete nenhum dano físico, mas apenas desprover o adversário de sua força de agressão retórica, no mesmo sentido, mutatis mutandis, deve ser interpretada a segunda. Mais enfaticamente ainda, a expressão não anuncia que eu vá cortar o pescoço do sr. Fedeli, mas que este vai cortar seu próprio pescoço, o que, no contexto, quer dizer obviamente que vai fazer um suicídio argumentativo. Que se trata de uma alusão literária é coisa que se torna mais patente ainda pelo fato de que as mesmas palavras de Bloy já foram citadas como epígrafe de meu livro O Imbecil Coletivo. Para interpretar isso como ameaça de agressão física, mediante uma comparação descabida com uma sentença imaginária, é preciso uma dose extraordinária de má-fé, aliada à ignorância presunçosa e ao fanatismo cego – ou seja, tudo aquilo que esse menino aprendeu na escolinha do sr. Fedeli.
>
> Nesses detalhes de interpretação é que se revela melhor o tipo de olhar – malicioso, perverso e delirante – com que essa gente lê os meus escritos.
>
> Em contrapartida (veja-se o depoimento anexo de Amilcar Nadu), como haverá o garotinho de interpretar a ameaça fedélica de me “dar um pau”, proferida oralmente e sem nenhuma alusão literária possível? Alegará que ela é “apenas um modo de dizer”, enquanto um elaborado jogo de metáforas deve ser interpretado segundo um literalismo grosso, malicioso e redutor?

E veja-se que o Sr. Olavo, em seu "Aviso 2", diz ainda que a denúncia do Prof. Fedeli "não habilita o sr. Fedeli a receber outra resposta senão uma que o Código Penal me proíbe: um tapa na cara". Para piorar, o segundo "erro" consegue ser ainda mais tolo, pois o Sr. Olavo afirma: "Digo que seus alunos estão assustados e perplexos - e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar os meus alunos". Reparem bem que foi exatamente isso que o Sr. Olavo disse em seu "Aviso 3" (os negritos e o sublinhado são meus): "Respondi às suas acusações, de fato, não por mérito delas ou de seu autor, mas apenas em atenção a dois ou três garotos que, sendo alunos dele, também são meus, e que enquanto o forem terão o direito de obter de mim, na medida em que eu possa dá-las, as explicações necessárias a tirá-los do estado de perplexidade e confusão em que tipos como o sr. Fedeli os jogam para dominá-los."

Novamente, distorção do sentido das minhas palavras, para produzir uma contradição que não existe. Não foi enquanto meus alunos que esses meninos puderam ser assustados pelo sr. Fedeli, e sim, obviamente, enquanto alunos dele. Aliás o próprio Felipe – o mais perplexo e assustadinho de todos, tão cioso de salvar sua alminha que por ela não hesita em jogar ao lixo as mais patentes verdades – já nem era mais meu aluno, mas, por polidez, fiz questão de tratá-lo como se ainda o fosse.

De qualquer forma, isto é uma questão de pouca importância; fundamental é que ficou provado que o Sr. Olavo de Carvalho não é Católico, nem judeu, nem muçulmano. É gnóstico.

Diante da qualidade de seus argumentos, não surpreende que o Sr. Olavo encha sua "defesa" de "adjetivos" ao Prof. Orlando Fedeli. A mim, quanto mais o Sr. Olavo de Carvalho desce o nível da discussão, mais lamento ter sido um dia seu aluno.

In Iesu et Maria,

Felipe Coelho.

12.07.2001

A mentira proferida em nome de Jesus e Maria, com fé e obstinação, é o caminho que o sr. Fedeli ensinou esse menino a trilhar.

Home | **Veritas** | **Cadernos Montfort** | **Documentos da Igreja**
Destaques da Imprensa | **Orações** | **Espaço do leitor**

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas ao artigos: duvidas@montfort.org.br
Correções e outras informações: webmaster@montfort.org.br

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20050206112928/http://www.montfort.org.br:80/perg…

Espaço do Leitor

Carta ao leitor

Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho

Prezados senhores,

Ontem à noite, 24.07.2001, enviei ao jornal O Globo minha terceira carta sobre a polêmica Fedeli X Carvalho, desta vez em resposta ao artigo do Sr. Olavo de Carvalho publicado no último sábado neste jornal, intitulado "Gnósticos e revolucionários" (http://oglobo.globo.com/colunas/olavo.htm).

Meu artigo, que agora envio em anexo a todos você, chama-se "Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho". Nele, respondo também ao recente "Adendo ao Aviso Número 3", publicado no site do Sr. Olavo em 22.07.2001, que também envio junto com esta mensagem.

Por fim, para nada esconder dos interessados neste debate, transcrevo abaixo a resposta que recebi do jornal O Globo, seguida da mensagem que eu lhes enviara introduzindo meu artigo e pedindo sua publicação.

Salve Maria,
Felipe Coelho.

* * *

Prezado Sr. Felipe Coelho:

Em atenção ao senhor e contrariando nossas normas (conforme está explicado em nosso aviso de recebimento), abri o seu arquivo atachado. Mas acontece que o seu texto é impublicável na seção Cartas dos Leitores por ser muito extenso.
Sugiro que o senhor reenvie o texto não como uma resposta a Olavo Carvalho, mas sim como a explanação de suas idéias. Desta maneira, poderei encaminhá-lo ao editor da página sete, na qual o senhor poderá ter a oportunidade de ter um espaço.
Por gentileza, não se esqueça de informar suas credenciais e o endereço e telefone, que é outra de nossas normas.
Atenciosamente,

Ana Dalva Faria
Editora Cartas dos Leitores

-----Mensagem original-----
De: Felipe Coelho
Enviada em: quinta-feira, 26 de julho de 2001 00:37
Para: Cartas - O GLOBO
Assunto: Carta ao Sr. Editor sobre o último artigo de Olavo de Carvalho

Prezado Sr. Editor,

Venho à presença de V. Sa. pedir a publicação da carta que envio em anexo a esta mensagem. Trata-se de uma resposta minha ao artigo publicado em O Globo no último sábado, dia 21/07/2001, de autoria do Sr. Olavo de Carvalho, intitulado "Gnósticos e revolucionários".

A razão de meu pedido está no fato de que este último artigo do Sr. Olavo de Carvalho se insere no contexto de uma polêmica entre ele e o Prof. Dr. Orlando Fedeli, que vem sendo travada nos últimos seis meses e que se encontra transcrita nos sites de ambos (<http://www.olavodecarvalho.org/> e <http://www.montfort.org.br>).

O uso do jornal O Globo pelo Sr. Olavo de Carvalho para responder ao Prof. Orlando Fedeli e a mim, sem nos mencionar, foi um expediente bem pouco louvável, e os leitores de O Globo têm o direito de saber o que está ocorrendo e a quem de fato o Sr. Olavo de Carvalho se refere no artigo em questão.

Para comprová-lo, transcrevo a seguir um e-mail enviado a mim pelo Sr. Olavo de Carvalho, no dia 17/07/2001, em resposta à carta que eu lhe mandara no mesmo dia, carta esta que se encontra publicada na internet ("Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas", (http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo4.html):

"X-Sender:
X-Mailer: QUALCOMM Windows Eudora Light Version 3.0.6 (32)
Date: Tue, 17 Jul 2001 19:03:25 -0300
To: Felipe Coelho
From: Olavo de Carvalho
Subject: Re: Segunda carta aberta de Felipe Coelho

Felipe,

Você é apenas um menino idiota. Deixa-se enganar por aparências verbais e opina em assuntos que estão muito acima da sua compreensão. Leia meu próximo artigo em O Globo e saberá para quem está trabalhando.

Olavo de Carvalho"

É por esta razão que peço a publicação de minha resposta, resumindo a polêmica aos leitores e refutando o artigo do Sr. Olavo de Carvalho. Gostaria que ela não fosse editada, muito menos pela tesoura do Sr. Olavo de Carvalho, por motivos óbvios. Caso isso não seja possível, peço-lhes que ao menos registrem o endereço no qual esta minha carta-resposta logo será integralmente publicada, como já o foram as anteriores: http://www.montfort.org.br/.

Desde já coloco-me à disposição de qualquer esclarecimento (meu e-mail é <xxx [vide nota 1]>), agradecendo a atenção a mim concedida.

Cordial saudação,
Felipe Coelho.

[*Nota 1 do webmaster: devido à política de privacidade do site Montfort não divulgamos emails pessoais*]

Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho

Felipe Coelho

1. Resumo da polêmica

Infelizmente, o Sr. Olavo de Carvalho não me deixa escolha senão intervir pela terceira vez neste debate, devido a seus últimos absurdos. Faço-o sob protesto, pois ainda estou esperando uma resposta pública do Sr. Olavo a minha carta anterior ("Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas", 17.07.2001,<http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo4.html>).

Comecemos resumindo brevemente a polêmica.

O Sr. Olavo de Carvalho defende que todas as religiões têm um núcleo comum. Baseia-se principalmente nos estudos de Frithjof Schuon e Seyyed Hossein Nasr, todos discípulos de René Guénon. A este núcleo, tanto ele quanto seus gurus dão o nome de gnose. A definição dada a esta "gnose" (o núcleo das "tradições") por estes autores das "religiões comparadas" coincide em gênero, número e grau com a definição dada ao "gnosticismo" (a heresia cristã) pelos maiores especialistas no assunto. Logo, este "núcleo das religiões" -- defendido pelo Sr. Olavo e pela turma de Schuon -- é a gnose condenada pela Igreja Católica, e seus defensores são gnósticos também na "acepção tradicional do termo".

O Prof. Orlando Fedeli não só demonstrou esta coincidência de definições em seu trabalho, como também analisou o CONTEÚDO das doutrinas defendidas tanto pelo Sr. Olavo de Carvalho quanto pelos "grandes homens espirituais" que o Sr. Olavo recomenda, mostrando seu caráter herético e gnóstico e sua oposição à Doutrina Católica. Tudo isso com farta documentação (Cf. Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho*, <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>).

Assim, acabou a polêmica, restando aos interessados a análise das provas apresentadas. Para desviá-los deste empreendimento, o Sr. Olavo de Carvalho tem feito de tudo desde então para mudar de assunto, principalmente tentando confundir a definição de "gnose", visando persuadir os leitores a não analisarem o CONTEÚDO das doutrinas denunciadas pelo Prof. Orlando Fedeli, que mostra inequivocamente sua oposição à Doutrina Católica.

2. A equação da fuga enrOlávica: 3 avisos + 1 nota + 3 insultos + 3 artigos + 1 adendo = zero

O Sr. Olavo de Carvalho, desde a última resposta do Prof. Orlando Fedeli e sem que eu tenha escrito mais nada neste ínterim, redigiu nada menos que 4 (quatro) artigos sobre o assunto, totalizando 7 (sete) desde o trabalho do Prof. Fedeli. Para bom entendedor, só isso já basta para evidenciar a incapacidade do Sr. Olavo de digerir seu desmascaramento e dar uma resposta adequada. O próprio Sr. Olavo de Carvalho já perdeu a noção de quando escreveu o quê, pois em seu último enrolavo ("Adendo[!] ao Aviso 3[!]", <http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli7.htm>) o Sr. Olavo já começa errando:

"No meu *Aviso Número 3*, apontei as quatro características essenciais da heresia gnóstica, pedindo ao sr. Fedeli que demonstrasse a presença de qualquer uma delas nos meus escritos". Ora, as "quatro características essenciais da heresia gnóstica" foram enumeradas e explicitadas pelo Sr. Olavo de Carvalho em seu "Aviso 2", e não no "Aviso 3", que somente faz breve alusão a elas. O Sr. Olavo escreve com tanta raiva que nem a si mesmo cita corretamente, tal é a sua confusão. Depois ainda reclama que alguém "conheça seu pensamento melhor do que ele próprio"...

Aproveito que o Sr. Olavo de Carvalho tenha tocado nos seus famigerados "4 itens" para lhe refazer as perguntas irrespondidas de minha última carta (*loc. cit.*): por que a "salvação pelo conhecimento" não está incluída entre estes 4 itens "fundamentais" (nem nos 3 desenvolvimentos secundários), se o próprio Sr. Olavo admitiu posteriormente ser esta a característica essencial do gnosticismo (cf. Olavo de Carvalho, "Mensagem do Sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados", <http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli5.htm>)? Vai ver não estava na enciclopédia da qual o Sr. Olavo agora admite ter copiado. Esta flagrante contradição deixa claro que o Sr. Olavo de Carvalho simplesmente não sabia, ou fingiu não saber, qual é a característica essencial do gnosticismo. Além disso, por que não houve resposta também aos dois itens de minha última carta (2-a e 2-b) que provam a

presença desta característica essencial do gnosticismo (o conhecimento salvífico) no próprio Sr. Olavo de Carvalho?

Como se vê, assim não dá para debater: por um lado, o Sr. Olavo publica uma nova resposta a cada dia (ou duas no mesmo dia!), tentando mudar de assunto; por outro, suas múltiplas respostas pulam despudoradamente os argumentos que não lhe convêm e as perguntas que ele não tem como responder, como foi visto no parágrafo anterior.

3. Olavo de Carvalho: elevada moral ou cara-de-pau?

Por caridade para com os confusos, resta apenas dissipar a cortina de fumaça que o Sr. Olavo ergue para se encobrir daquilo que já está mais do que provado: que tanto ele quanto seus gurus são gnósticos. Assim, tratemos dos erros e jogos de espelhos do Sr. Olavo de Carvalho em seus últimos 4 (quatro) artigos.

Antes de passarmos ao principal, que é o pedido frustrado de socorro do Sr. Olavo de Carvalho a Eric Voegelin, vejamos de passagem dois "argumentos" espantosos do Sr. Olavo em sua mais recente bravata, o "Adendo ao Aviso 3" (mal consigo conter o riso cada vez que escrevo este título).

(a) O Sr. Olavo chama o Prof. Fedeli de "criminoso" por ter praticado o expediente "ilícito" de citar uma aula dada pelo Sr. Olavo que: 1. foi gravada por alunos dele, Olavo; 2. foi transcrita fielmente por alunos dele, Olavo; 3. foi enviada ao Sr. Olavo há mais de dois anos; 4. foi publicada no *site* dele, Olavo, onde aliás se encontra até hoje (cf. Olavo de Carvalho, "Críticas e Conselhos à Igreja Católica", aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, São Paulo, 06.06.1998, Bloco 8, sem revisão do autor, *in* <http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTML/000053-2.html>).

Qual seria então o suposto "crime"? O fato de que a aula ainda não foi revisada pelo Sr. Olavo, algo que o próprio Prof. Fedeli faz questão de sublinhar, ao citá-la. Como se vê, não há "crime" algum, e foi aliás um recurso pertinente à discussão, para demonstrar a diferença entre os ensinamento "exotéricos" e "esotéricos" do Sr. Olavo. O que causa perplexidade é que o Sr. Olavo de Carvalho venha fazer esta acusação menos de uma semana após ter escrito um artigo comentando extensamente uma fofoca de um aluno seu sobre o Prof. Fedeli, com distorções gritantes, da qual não há sequer gravação! (Cf. Olavo de Carvalho, "O método de aliciamento do Sr. Orlando Fedeli", *in* <http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli4.html>). A contradição é tamanha, que mostra mais uma vez o estado lastimável em que o trabalho do Prof. Orlando Fedeli deixou o pretenso "filósofo", ao se ver encurralado por acusações irrespondíveis.

(b) O Sr. Olavo de Carvalho cita um breve artigo sobre gnose do Prof. Orlando Fedeli, tirando a seguir conclusões apressadas: "Se, fugindo de novo aos conceitos claros, ele repetir sua alegação de que *'a Gnose é um fenômeno religioso bem mais complexo'*, e de que *'quando se estuda a gnose entra-se num labirinto cheio de brumas, tentando descobrir segredos que permitirão chegar a um mistério. Não é de estranhar que o tema se preste a confusões'* (2), terei o direito de lhe perguntar como, em boa lógica, uma noção tão nebulosa pode ser aplicada a um caso particular de maneira tão categórica e indiscutível." E na nota (2): "Orlando Fedeli, 'Gnose: religião oculta da história', em *<http://www.montfort.org.br/>*."

Já de cara, note-se que o primeiro trecho citado simplesmente não se encontra no artigo mencionado! Além disso, a conclusão tirada pelo Sr. Olavo é descabida, pois o segundo trecho citado está no começo do artigo do Prof. Fedeli, e logo a frase seguinte a ele diz: "É pois necessário estabelecer distinções", ao que se segue uma descrição -- tão rigorosa quanto permite o espaço de um artigo de jornal -- do fenômeno gnóstico. Depois dessa, não surpreende que o Sr. Olavo não cite direito o *link* do artigo que comenta (Citemos por ele: Orlando Fedeli, "Gnose: Religião Oculta da História", *in* <http://www.montfort.org.br/veritas/gnose.html>). Mas não sejamos tão rigorosos: talvez se trate apenas de um "equívoco" devido à falta de costume do Sr. Olavo de citar suas fontes...

Assim chegamos ao nome recorrente dos últimos apelos do Sr. Olavo de Carvalho: Eric Voegelin.

4. Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho

(a) Quem era e no que acreditava Eric Voegelin

Limitemo-nos por ora apenas aos dados biográficos relevantes à questão aqui tratada, que é a oposição entre Catolicismo e gnose.

Quanto à fé de Eric Voegelin, dois estudiosos a descrevem, o primeiro dos quais amigo do Sr. Olavo de Carvalho, e o segundo recomendado por um *link* no *site* do Sr. Olavo:

"Avaliado por critérios de obediência a qualquer confissão cristã, [Voegelin] seria heterodoxo, dada a sua visão da Igreja visível e a sua afirmação de que os dogmas são uma forma secundária de fé. Aliás, criticou publicamente as Igrejas cuja moralidade arrogante as leva a perseguir povos de culturas não-cristãs; teria dúvidas em impor uma adesão obrigatória ao dogma; não participava da vida sacramental de qualquer Igreja; e talvez considerasse que o discurso filosófico se deve calar acerca da fé íntima." (Mendo Castro Henriques, "Ser ou Não Ser Cristão", in *A Filosofia Civil de Eric Voegelin*, Lisboa, Universidade Católica Editora, 1994, p. 170). "Neste ponto, todos se perguntarão sobre o caráter da fé religiosa de Voegelin. Ele se intitulava [entitled] um 'Cristão pré-Reforma' e um 'humanista Cristão', mas ele não era membro de nenhuma congregação. Ele dizia que assim como a história da filosofia era a história de seu descarrilamento, o mesmo acontecia com a religião Cristã." (Bill McClain, "Advice for those who want to read Eric Voegelin", <http://www.salamander.com/~wmcclain/ev-advice.html>). Há quem testemunhe, porém, que Voegelin era luterano, embora não muito fervoroso (cf. <http://www.salamander.com/~wmcclain/ev-remembered.html#church membership - peter bertocci.html>).

Eric Voegelin aponta como suas principais influências, tanto em seu interesse sobre o gnosticismo quanto no desenvolvimento de seus estudos sobre o tema, os jesuítas agostinianos Hans Urs von Balthasar e Henry de Lubac, que o "fascinaram" (cf. Eric Voegelin, *Autobiographical Reflections*, Louisiana State University Press, 1989, p. 25). Ambos são notórios modernistas, e a relação entre gnose, romantismo e modernismo não é nenhuma novidade. O primeiro, aliás, crê na apocatastasia, doutrina segundo a qual todos acabam sendo salvos no fim das contas, inclusive o diabo. Que ninguém se surpreenda, pois a crítica à gnose feita por gnósticos também não é nenhuma novidade: já Plotino, pai das heresias gnósticas neoplatônicas, tem um célebre livro contra os gnósticos.

É evidente que a maioria dos historiadores respeitáveis de gnose não são Católicos, e este fato inclusive os torna insuspeitos. O problema é quando pretendem se opor ao gnosticismo e se fingem de defensores da Igreja Católica: neste caso, sim, todo cuidado é pouco.

De qualquer forma, o que quer que se pense de Voegelin e suas teses, o propósito dos itens abaixo é mostrar o quanto o Sr. Olavo de Carvalho interpreta erroneamente este estudioso, ao lhe pedir socorro, de modo que Eric Voegelin, na verdade, acaba contribuindo para comprovar ainda mais a gnose olaviana, como se verá a seguir.

(b) Eric Voegelin X Olavo de Carvalho sobre gnose e gnosticismo

Segundo Eugene Webb (in *Eric Voegelin: Philosopher of History*, University of Washington Press, Seattle, Washington, 1981, p. 282; apud Bill McClain, "Dictionary of Voegelian Terminology", <http://www.salamander.com/~wmcclain/ev-dictionary.html>), Eric Voegelin define gnose e gnosticismo da seguinte forma (o negrito é meu):

"*Gnose* - Conhecimento. Originalmente um termo geral em grego para conhecimento de vários tipos. Depois, especialmente com o movimento gnóstico do começo da era Cristã, **uma pretensa visão ou apreensão direta e imediata da verdade, sem necessidade de reflexão crítica; o dom especial de uma elite espiritual e cognitiva**. Segundo Voegelin, a alegação de gnose pode tomar forma intelectual, emocional e volitiva."

"*Gnosticismo* - Um tipo de pensamento que alega ter absoluto domínio cognitivo sobre a realidade. Dependente de uma alegação de gnose, o gnosticismo considera seu conhecimento não sujeito a crítica. Como um movimento religioso ou semi-religioso, o gnosticismo pode tomar a forma transcendentalizante (como no caso do movimento gnóstico da antiguidade tardia) ou a forma imanentizante (como no caso do marxismo)."

Partindo destas duas definições, vê-se que Voegelin admite, contra Olavo de Carvalho, que o gnosticismo é espécie do gênero gnose. Para Voegelin -- assim como para o Prof. Orlando Fedeli e para todos os estudiosos sérios e não baseados em verbete de enciclopédia -- o gnosticismo é um movimento que alega possuir a gnose, esta sim definida como "pretensa visão ou apreensão direta e imediata da verdade, sem necessidade de reflexão crítica; o dom de uma elite espiritual ou cognitiva". É por alegarem ter a gnose, assim definida, que várias heresias, inclusive o gnosticismo, são condenadas pela Igreja Católica.

Sem significar que se concorde com a divisão que Voegelin faz da gnose, o fato é que para ele tanto a versão "transcendentalizante" quanto a "imanentizante" são ambas formas de gnose. E, como se viu pela definição que Voegelin dá à gnose, trata-se precisamente da doutrina condenada pela Igreja Católica. O "gnosticismo moderno" (as ideologias nazista e comunista) condenado tanto por Eric Voegelin como por Olavo de Carvalho é apenas um ramo da gnose, a saber: o que Voegelin chama de "imanentizante". E isso nos traz ao item seguinte.

(c) Eric Voegelin X Olavo de Carvalho sobre a gnose das outras "religiões"

O Sr. Olavo de Carvalho diz que a invasão do gnosticismo sobre as outras "tradições", devastando-as, ocorreu apenas nos últimos séculos (por meio do comunismo, por exemplo, no caso da China): "O gnosticismo, assim compreendido, não é só uma revolta contra o catolicismo em particular, mas contra toda visão tradicional da ordem social como expressão da ordem divina da alma e do cosmos. A transformação de uma corrente esotérica em poderoso movimento de massas que dominou a história dos dois últimos séculos observou-se principalmente no Ocidente, em razão das guerras religiosas que, a partir do século XVI, romperam a unidade da sociedade cristã e eliminaram a religião como poder público, instituindo o moderno Estado leigo que, erigido sobre um vácuo espiritual, acabou por se revelar impotente para resistir à invasão dos movimentos gnósticos de massa. Refluindo para o Oriente, esses movimentos devastaram ali as religiões tradicionais (ortodoxa, judaica, budista, confuciana e islâmica, principalmente), manifestando da maneira mais patente a sua natureza universalmente antiespiritual e não apenas anticatólica em especial." (Olavo de Carvalho, "Gnósticos e revolucionários", *O Globo*, 21.07.2001).

Como se viu, este gnosticismo de que fala o Sr. Olavo é segundo Voegelin apenas o do tipo chamado por ele de "imanentizante". O "transcendentalizante", que segundo Voegelin também tem a gnose condenada pela Igreja Católica, já infestava as "religiões" há tempos. Eric Voegelin afirma aliás a origem comum da gnose cristã (a heresia dos primeiros séculos) e da gnose das outras "religiões" (o "esoterismo", a "boa gnose" olaviana). Eis o que diz Voegelin, condenando o que afirma o Sr. Olavo:

"Ademais, além da gnose cristã, havia ainda uma gnose judaica, uma gnose pagã e uma gnose muçulmana. Muito provavelmente, a origem comum de todos esses ramos de gnose deve ser buscada no tipo experiencial básico que prevalesceu **na área pré-cristã da civilização siríaca**." (Eric Voegelin, "Gnosticismo - A Natureza da Modernidade", in *A Nova Ciência da Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, 2ª edição, p. 96, negrito meu).

Fingindo que esta última citação, por si só, já não é suficiente para liquidar toda a defesa olaviana baseada em Eric Voegelin, acrescento ainda o seguinte:

Que o Sr. Olavo de Carvalho sempre tenha falado bem do cabalista luterano Jacob Boehme, não é novidade, e muito recentemente ele o coloca lado a lado com Sta. Teresa, que já havia sido comparada pelo mesmo autor ao sufi gnóstico Ibn Arabi: "Nas últimas décadas de vida, Aldous Huxley adotou decididamente uma escala de valores 'selvagem'. Mergulhou nos estudo das literaturas sapienciais e místicas, adquirindo uma antevisão daquilo que Frithjof Schuon viria a chamar 'unidade transcendente das religiões', tão diferente do ecumenismo burocrático de hoje quanto as visões de Sta. Teresa ou Jacob Boehme diferiam da leitura de uma circular da CNBB." (Olavo de Carvalho, "Prefácio", 26.03.2001, *in* Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*, São Paulo, Editora Globo, 2001).

Ora, Eric Voegelin afirma que Boehme é continuador do gnosticismo: "Eu descobri que a continuidade do gnosticismo desde a antiguidade até o período moderno era uma questão de consenso entre os melhores estudiosos do século XVIII e começo do XIX. Gostaria de mencionar a grande obra de Ferdinand Christian Baur sobre *Die christliche Gnosis; oder, die christliche Religionsphilosophie in ihrer geschichtlichen Entwicklung* de 1835. Baur desvelou a história do gnosticismo desde a gnose original da antiguidade,

passando pela Idade Média, e indo direto até a filosofia da religião de Jakob Böhme, Schelling, Schleiermacher e Hegel." (cf. Eric Voegelin, *Autobiographical Reflections*, Louisiana State University Press, 1989, p. 66).

Eric Voegelin aponta ainda João Escoto Erígena como origem do gnosticismo moderno: "Uma data apropriada para o início formal [da modernidade gnóstica] seria a ativação do antigo gnosticismo através de Escoto Erígena no século IX, porque sua obra, bem como a de Pseudo-Dionísio Areopagita, por ele traduzida, exerceram influência contínua sobre as seitas gnósticas clandestinas, antes que elas viessem à superfície nos séculos XII e XIII." (Eric Voegelin, "Gnosticismo - A Natureza da Modernidade", in *A Nova Ciência da Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, 2ª edição, p. 97).

Ora, Seyyed Hossein Nasr, no livro de religiões comparadas recomendado recentemente pelo Sr. Olavo de Carvalho (cf. Olavo de Carvalho, *O Jardim das Aflições*, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000, p. 308), coloca Erígena na lista dos representantes da "boa gnose" (o núcleo comum das "religiões" defendido pelo Sr. Olavo). Nasr declara que "a afirmação de Erígena permanece de singular importância na dimensão sapiencial da tradição cristã", e também que este herege fez uma "majestosa declaração de gnose cristã" (Cf. Seyyed Hossein Nasr, *Knowledge and the Sacred*, State University of New York Press, 1989, p. 20).

Por tudo isso, fica claro que o gnosticismo de que trata Eric Voegelin e a gnose que é núcleo das religiões para Olavo de Carvalho e Seyyed Hossein Nasr, alunos de Frithjof Schuon, são uma só e a mesma coisa. Assim, fica provado pela milésima vez que "gnosticismo = gnose".

Sobre este particular, acrescente-se ainda, de novo apenas por documentação, o comentário do estudioso da gnose Dr. Stephen A. Hoeller, que ocupa atualmente o posto de Bispo da Igreja Gnóstica, que já foi de René Guénon: "A divisão que os Tradicionalistas [os guénonianos] fazem entre 'falsos gnósticos' e 'verdadeiros gnósticos' reflete parâmetros que são totalmente arbitrários." (Stephen A. Hoeller, "What is a Gnostic?", *in* <http://www.webcom.com/~gnosis/whatisgnostic.htm>).

(d) Eric Voegelin refuta o "argumento" central do artigo de Olavo de Carvalho para *O Globo*

Por fim, não passa de uma tola apelação sentimental o "argumento" que o Sr. Olavo dá para provar que todas as "tradições" são "boazinhas": "Ora, essas religiões não-católicas são precisamente aquelas que, segundo a caricatura extremista da teoria de Voegelin, constituiriam, mediante uma aliança com o materialismo militante, o outro braço da revolução gnóstica voltada contra a Igreja Católica. Se elas fossem realmente isso, então restaria explicar por que, em vez de coordenar-se num assalto conjunto a Roma, elas escolheram primeiro destruir-se a si mesmas." (Olavo de Carvalho, "Gnósticos e revolucionários", O Globo, 21.07.2001).

Mais uma vez, para infelicidade do Sr. Olavo de Carvalho, Eric Voegelin o refuta, dando aliás um exemplo que será bastante interessante tanto ao Sr. Olavo quanto a alguns de seus alunos que posam de Católicos tradicionalistas ao mesmo tempo em que escrevem artigos defendendo o liberalismo mais descarado: "Os símbolos intelectuais elaborados pelos vários tipos de imanentistas freqüentemente são conflitantes, assim como **os vários tipos de gnósticos se opõem uns aos outros**. É fácil imaginar a indignação de um liberal humanista se lhe dissermos que seu particular de imanentismo é um passo na estrada que leva ao marxismo." (Eric Voegelin, "Gnosticismo - A Natureza da Modernidade", in *A Nova Ciência da Política*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, 2ª edição, p. 95, negrito meu).

(e) Eric Voegelin X Olavo de Carvalho sobre a fé

Como contribuição ao desmascaramento das estapafúrdias enrolavices sobre fé, seguem-se duas citações de Voegelin sobre a maneira gnóstica de encarar a fé, que é exatamente a do Sr. Olavo de Carvalho, segundo seus recentes artigos sobre o tema (cf. Orlando Fedeli, "O esperneamento hidrófobo de Olavo de Carvalho", <http://www.montfort.org.br/perguntas/guenon5.html>; e também sua próxima resposta, que será publicada ainda esta semana em <http://www.montfort.org.br/>):

"A tentativa de imanentizar o significado da existência é basicamente um esforço para obter um domínio sobre nosso conhecimento da transcendência maior do que o propiciado pela *cognitio fidei*, a cognição da fé; e as experiências gnósticas oferecem esse maior domínio na medida em que constituem uma expansão da alma até o ponto

em que Deus é trazido para dentro da experiência do homem." (Eric Voegelin, *op. cit.*, p. 95). E ainda: "...os homens que recorrem a essas experiências divinizam-se ao substituir a fé, no sentido cristão, por formas mais concretas de participação na essência divina." (*Ibid*., p. 95).

5. Nossa Senhora das Mercês

Por ora, paro por aqui, pagando para ver até onde chegará o Sr. Olavo de Carvalho em sua defesa desesperada. Como se vê, ele está bem confundido.

Rogando a Nossa Senhora das Mercês -- patrona da ordem Mercedária, que libertava os escravos do jugo islamita -- que livre a todos da escravidão de todas as formas de gnose, seja sufi, hinduísta, budista ou qualquer outra, me despeço,

In Jesu et Mariae,

Felipe Coelho.

23.07.2001

Adendo ao Aviso Número 3

<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli7.htm>

Olavo de Carvalho

No meu *Aviso Número 3*, apontei as quatro características essenciais da heresia gnóstica, pedindo ao sr. Fedeli que demonstrasse a presença de qualquer uma delas nos meus escritos. O sr. Fedeli, com aquele estilo bufão de adolescente despeitado, a que infalivelmente o homem que não sabe escrever recorre quando quer parecer irônico, fugiu da cobrança respondendo que eu, em vez de recorrer a fontes fidedignas como aquelas em que ele se respalda, havia tirado essas informações de alguma "enciclopédia popular tipo Barsa ou do *Tesouro da Juventude*". Bem, o fato é que as tirei da *Routledge Encyclopaedia of Philosophy*, da qual nenhum estudioso sério diria essas coisas, e que dá como fontes, entre outras dez ou doze, aquelas mesmas duas que o sr. Fedeli mais enfatuadamente ostenta: R. M. Grant, *Gnosticism, An Anthology*, London, Collins, 1961, e Hans Jonas, *The Gnostic Religion*, Boston, MA, Beacon Press, 1958.

Eu poderia ter apelado diretamente a Grant, a Jonas ou a qualquer outro, mas preferi a *Routledge* para me esquivar de controvérsias de detalhe entre especialistas e me ater a uma média aceitável no consenso acadêmico, que essa enciclopédia, hoje a obra-padrão no gênero, precisamente representa.

Foi de propósito que omiti a referência bibliográfica, para testar se o meu interlocutor seria prudente o bastante para admitir a boa fé das minhas alegações ou se, animado pela falta de uma referência visível, arriscaria a sorte num blefe de cobrança erudita, esperando me pegar de calças na mão.

O sr. Fedeli, mais que depressa, escolheu o blefe, mostrando o espírito perverso e malicioso que o anima.

Também foi premeditadamente que me limitei a mencionar as características da gnose antiga, por saber que da moderna, tal como descrita por Eric Voegelin, minha distância é tão grande que a simples tentativa de me associar a ela cairia por terra, instantaneamente, como pura invencionice difamatória.

Bem, como o mais trêfego porta-voz do sr. Fedeli é o primeiro a proclamar que a acusação de gnosticismo levantada contra mim não se referia à gnose antiga, e sim à moderna, não custa nada esclarecer em quê, afinal, esta consiste.

Eric Voegelin, em *Science, Politics and Gnosticism*, assim resume "as seis características que, tomadas em conjunto, revelam a natureza da atitude gnóstica".

Primeira. "O gnóstico está insatisfeito com a sua situação."

Segunda. "Os males da situação podem ser atribuídos ao fato de que o mundo é intrinsecamente mal organizado... Os gnósticos não são inclinados a descobrir que os seres humanos em geral ou eles próprios em particular são inadequados. Numa dada situação em que algo não é como deveria ser, a culpa será encontrada na maldade do mundo."

Terceira. A crença em que "é possível salvar-se da maldade do mundo".

Quarta. Para isso, "a ordem do ser terá de ser mudada por meio de um processo histórico. Do mundo miserável, um mundo bom deve evoluir historicamente".

Quinta. "O traço gnóstico em sentido mais estrito: a crença em que uma mudança na ordem do ser reside no reino da ação humana, de que o ato salvacional é possível por meio do próprio esforço do homem."

Sexta. "O conhecimento - *Gnosis* - do método de alterar o ser é a preocupação central do gnóstico... a construção de uma fórmula para a salvação do eu e do mundo". (1)

Peço pois novamente ao sr. Fedeli que aponte, na minha obra, os indícios de revolta contra a ordem do ser, de confiança na possibilidade de mudar essa ordem pela ação humana, de apologia do processo histórico como meio de criar um mundo bom e, sobretudo, do conhecimento entendido como "método de alterar o ser". Tenho a nítida impressão de que há tempos venho escrevendo contra essas coisas, mas talvez o sr. Fedeli conheça o meu pensamento melhor que eu.

Se, fugindo de novo aos conceitos claros, ele repetir sua alegação de que "*a Gnose é um fenômeno religioso bem mais complexo*", e de que "*quando se estuda a gnose entra-se num labirinto cheio de brumas, tentando descobrir segredos que permitirão chegar a um mistério. Não é de estranhar que o tema se preste a confusões*" (2), terei o direito de lhe perguntar como, em boa lógica, uma noção tão nebulosa pode ser aplicada a um caso particular de maneira tão categórica e indiscutível. Se não temos um conceito claro do que seja o gnosticismo, como afirmar com certeza que tal ou qual autor é gnóstico, que tal ou qual filosofia é gnóstica? Mais particularmente: se quatro características da gnose antiga, mais seis da moderna, ainda não bastam para definir o fenômeno em linhas gerais, então de fato a "gnose" a que refere o sr. Fedeli é um saco de gatos no qual, com fins de polêmica ou de difamação, cada um pode enfiar quem bem entenda - e é isto, precisamente, o que ele faz comigo.

Que, na ânsia de alcançar seus fins, ele recorra até a um meio ilícito -- que outra coisa não é o uso que ele faz de transcrições de aulas, truncadas, semilegíveis e não referendadas pelo autor, obtidas sem minha autorização por seus agentes infiltrados nos meus cursos --, mostra apenas que esse homem, tão jactancioso de suas altas incumbências morais, não aprendeu ainda a abster-se da prática de crime.

Decerto ele não é o primeiro chefe de seita que, nas alturas da sua *superbia* auto-santificante, despreza suas obrigações elementares de cidadão e, por descumpri-las, demole a golpes de imprudência os seus próprios pés de barro.

Olavo de Carvalho
22/07/2001

Notas

(1) Eric Voegelin, Collected Works, vol. V, Columbia, University of Missouri Press, 2000, pp. 297-8.

(2) Orlando Fedeli, "Gnose: religião oculta da história", em http://www.montfort.org.br.

P. S.

O tal Fabrício, cuja cartinha o sr. Fedeli tão vaidosamente exibe, continua fazendo dele – como aliás também de mim – o objeto de sua gozação compulsiva. Agora ele deu de enviar mensagens estapafúrdias, em meu nome e no do sr. Fedeli, a um fórum de discussões na internet.

Gnósticos e revolucionários

<http://oglobo.globo.com/colunas/olavo.htm>

Olavo de Carvalho
O Globo, 21 de julho de 2001

No começo do século XIX, muitos historiadores das religiões estavam conscientes dos elos de continuidade entre a heresia gnóstica dos primeiros séculos da Era Cristã e as filosofias iluministas e românticas. Por uma triste ironia, justamente no momento em que essas filosofias, logo a seguir, se transmutaram em movimentos ideológicos de massas, a consciência daqueles elos desapareceu do horizonte intelectual e o fenômeno totalitário resultante desses movimentos não pôde ser adequadamente compreendido.

Coube ao filósofo alemão Eric Voegelin (1901-1985) o mérito de haver não somente redescoberto a inspiração gnóstica das ideologias totalitárias, mas criado os instrumentos intelectuais para enquadrá-la numa compreensão mais geral da história.

Malgrado a alucinante variedade dos movimentos gnósticos e as diferenças entre suas formulações teóricas, há no fundo de todos eles a unidade de uma cosmovisão, ou no mínimo de um sentimento cósmico comum: a vivência do universo como lugar hostil e do homem como criatura jogada no meio de uma máquina absurda e incompreensível. Em última instância, é a rejeição do julgamento que Deus fez da Sua própria criação no último dia do Gênesis, quando Ele olhou o cosmos e “viu que era bom”. Para os gnósticos, a ordem cósmica é essencialmente má e ao homem não resta senão o caminho da fuga ou da revolta. Ao longo dos oito volumes de sua “History of political ideas” e dos cinco da obra inacabada “Order and History” (ambas publicadas pela University of Missouri Press), Voegelin demonstrou que dessa visão inicial emergiram os desenvolvimentos mais variados, desde a total rejeição da vida mediante o ascetismo à outrance dos cátaros, passando pelo sonho dos alquimistas elisabetanos de “corrigir a natureza”, até as utopias políticas modernas da Revolução Francesa e dos movimentos comunista, nazista e fascista, com suas ambições prometéicas de sociedade planejada, Estado onipotente e felicidade coletiva a ser alcançada por meio de um morticínio redentor.

O gnosticismo, assim compreendido, não é só uma revolta contra o catolicismo em particular, mas contra toda visão tradicional da ordem social como expressão da ordem divina da alma e do cosmos. A transformação de uma corrente esotérica em poderoso movimento de massas que dominou a história dos dois últimos séculos observou-se principalmente no Ocidente, em razão das guerras religiosas que, a partir do século XVI, romperam a unidade da sociedade cristã e eliminaram a religião como poder público, instituindo o moderno Estado leigo que, erigido sobre um vácuo espiritual, acabou por se revelar impotente para resistir à invasão dos movimentos gnósticos de massa. Refluindo para o Oriente, esses movimentos devastaram ali as religiões tradicionais (ortodoxa, judaica, budista, confuciana e islâmica, principalmente), manifestando da maneira mais patente a sua natureza universalmente antiespiritual e não apenas anticatólica em especial.

Mas é inevitável que toda grande descoberta no reino das idéias venha seguida de perto por alguma versão paródica que ao mesmo tempo a imita e inverte o seu sentido.

Assim, não demoraram a aparecer, no ambiente católico de extrema-direita, doutrinários que, explorando indícios fortuitos de semelhanças entre algumas idéias gnósticas e elementos de doutrina judaica, islâmica, budista, etc., apresentaram uma nova versão da revolução gnóstica. Esta já não seria uma aberração voltada contra toda a visão normal e tradicional, mas a aliança dos gnosticismos do Oriente e do Ocidente numa conspiração universal contra a Igreja Católica.

Nunca ocorreu a esses gênios da parasitagem intelectual perguntar-se por que, na guerra de todos contra a Igreja Católica, esta foi, das religiões tradicionais, a que menos vítimas deu à sanha dos revolucionários gnósticos. Mesmo diante dos horrores da perseguição sofrida na França, no México, na Espanha, na Polônia, em Cuba; mesmo diante da evidência de tantos "Catholic martyrs of the twentieth century" meticulosamente coletada pelo historiador Robert Royal (New York, Crossroad, 2000), não há como nivelar, em números, o morticínio dos católicos ao dos ortodoxos, judeus, muçulmanos e budistas sacrificados na Rússia, na Alemanha, na China, no Tibete e não sei mais onde pela máquina genocida da revolução gnóstica. A religião chinesa, em particular, pode-se considerar hoje virtualmente expulsa da história pela brutal doutrinação materialista que bloqueou o acesso de mais de um bilhão de seres humanos às noções religiosas e metafísicas mais elementares.

Ora, essas religiões não-católicas são precisamente aquelas que, segundo a caricatura extremista da teoria de Voegelin, constituiriam, mediante uma aliança com o materialismo militante, o outro braço da revolução gnóstica voltada contra a Igreja Católica. Se elas fossem realmente isso, então restaria explicar por que, em vez de coordenar-se num assalto conjunto a Roma, elas escolheram primeiro destruir-se a si mesmas.

Não, a Igreja Católica não é o único, nem, hoje em dia, o principal alvo do ataque gnóstico. Ela sofreu muito, está muito dividida e corroída pelos vermes gnósticos da "teologia da libertação". Mas ela é — ainda — uma sólida fortaleza contra a destruição do espírito tradicional e da visão normal do homem no cosmos. Tão importante é o seu papel estratégico, que mesmo ocasionais hesitações da sua parte bastaram para dar ao inimigo a oportunidade de avanços e conquistas formidáveis, como se viu na ascensão do nazismo, que ela poderia ter impedido se agisse em tempo, ou nos espetaculares sucessos que o comunismo obteve nas próprias fileiras católicas durante as décadas de 60 e 70, na esteira das confusões paralisantes que se seguiram ao Concílio Vaticano II. Jogar a Igreja contra as demais religiões massacradas pela fúria das ideologias totalitárias é fazer causa comum com o inimigo de toda religião e de toda espiritualidade. É ressuscitar em escala universal os conflitos inter-religiosos que, no começo dos tempos modernos, só puderam ser apaziguados mediante o advento do Estado leigo que abriu as portas à invasão das ideologias gnósticas. Muitos podem colaborar com isso por inocência e boa-fé, pois o amor sincero à Igreja nem sempre vem acompanhado de uma visão abrangente e adequada da história. Mas outros sabem
perfeitamente bem para quem trabalham e aonde querem chegar. Quando ouvir um desses, caro leitor, não se deixe iludir por pretextos piedosos e por uma linguagem de sacristia: ele é a voz da velha revolta gnóstica que, disfarçada de devoção cristã, tenta dividir para reinar.

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas aos artigos: preencha o formulário

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20120629231852/http://www.olavodecarvalho.org:8…

Fé, ciência e ideologia: o fundo da questão Fedeli

Olavo de Carvalho

Nos meus escritos, os termos *gnose*, *gnosticismo* e *heresia gnóstica* designam em geral (e guardadas as exceções devidas a eventual negligência) três fenômenos distintos:

Gnose – O conhecimento espiritual em sentido genérico.

Gnosticismo – O fenômeno descrito por Eric Voegelin, que assinala uma continuidade entre as heresias gnósticas dos primeiros séculos da Era cristã e os modernos movimentos ideológicos de massa.

Heresia gnóstica – As seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo.

Já o sr. Orlando Fedeli usa os três termos para designar um só e mesmo fenômeno. As heresias dos primeiros séculos, o hinduismo, o budismo, o judaísmo, o islamismo e as ideologias modernas – tudo, para ele, são partes ou aspectos de uma mesma entidade, braços de um mesmo monstro: a Gnose, gnosticismo ou heresia gnóstica, religião do diabo.

Para legitimar esse uso do termo, ele usa da definição geral de gnose aceita por alguns estudiosos, mas dando-lhe uma aplicação que vai muito além do que qualquer deles jamais admitiu e que implica dar foros de verdade científica à hipótese de uma universal conspiração gnóstica contra a Igreja Católica, reunindo budistas, comunistas, muçulmanos, judeus, hinduístas, nazistas, gnósticos no sentido antigo e, evidentemente, eu.

Nem Hans Jonas, nem H.-C. Puech, nem Hans Urs von Balthasar, nem Voegelin, nem qualquer outro estudioso, por mais ampla que fosse sua definição de gnose, jamais a usou para sustentar essa hipótese, a qual aliás nem sequer mencionam porque, mais que à história, ela pertence ao domínio da psicopatologia.

É o sr. Fedeli que faz dela esse uso, fingindo escorar-se na autoridade desses eruditos. Mais ainda: fingindo que semelhante uso é universal, consensual e indisputado.

A origem da doutrina fedeliana da gnose, com efeito, não está em nenhuma dessas fontes, mas numa outra, bem pouco acadêmica: está na teoria da *Revolução e Contra-Revolução* do dr. Plínio Corrêa de Oliveira, segundo a qual só há duas correntes históricas no mundo, a revolucionária e a católica. Esta abrange os que interpretam o catolicismo no sentido estrito da TFP; aquela, todos os demais seres humanos, descontados os inocentes úteis e inúteis. Absorvendo a teoria ao mesmo tempo que renegava o autor -- com quem competira em vão pela liderança da TFP --, o sr. Fedeli simplesmente trocou o termo “revolucionário” por “gnóstico”, mas nada acrescentou de substancial à concepção de seu primeiro mestre e posterior *bête noire*.

A única diferença é que o dr. Plínio, um aristocrata de temperamento, não desceria a bravatas pueris na defesa da sua teoria, por mais absurda que fosse; ao passo que o sr. Fedeli, que tudo quanto sonhava na vida era ser o dr. Plínio quando crescesse, infelizmente não cresceu.

No conteúdo, a idéia de ambos é a mesma.

A hipótese aí contida é tão ampla, que ela não pode ser provada nem impugnada no prazo de uma vida humana ou de infinitas vidas humanas. Cientificamente, ela é por isso mesmo inaceitável. Fatos inumeráveis não lhe darão consistência, refutações sem fim não a farão recuar. Ela é uma escolha, um ato de fé, que o sr. Fedeli, abusivamente, procura confundir e identificar com a própria fé católica, de modo a poder condenar como herético quem quer que, na sua divisão dualista do mundo, não cerre fileiras com ele -- ou com o fantasma do dr. Plínio -- no seu combate contra tudo o mais. Isto implica, naturalmente, estender sobre todos os “gnósticos”, no sentido amplíssimo do termo, a acusação de heresia que a Igreja fez pesar sobre os gnósticos dos primeiros séculos. Mas isto já não é teoria: é loucura.

O sr. Fedeli tem todo o direito de defender sua idéia, mas nem mesmo a alegação de insanidade lhe dará o direito de sugerir ou insinuar que ela corresponda a alguma cláusula do dogma católico tal como definido pelos Papas e Concílios. Nenhum Papa ou Concílio subscreveu jamais essa doutrina. Nenhum jamais afirmou a identidade substancial de todas as espiritualidades não-cristãs com a heresia dos primeiros séculos, identidade que, para o sr. Fedeli, é a verdade das verdades.

Abusando das fontes científicas que cita, abusando da fé católica em cujo nome acusa e condena, o sr. Fedeli não faz senão impingir a seus discípulos um catolicismo de sua própria invenção – dele ou do dr. Plínio Corrêa de Oliveira.

Não correspondendo, no conteúdo, à doutrina da Igreja, nem na forma àquilo que se entende por teoria científica, a doutrina dualista da *Revolução e Contra-Revolução*, seja na sua versão originária, seja na sua adaptação fedélica, não é nem religião nem ciência: é *ideologia*, no sentido estrito do termo.

Daí o atrativo que exerce sobre jovens que buscam, não o conhecimento, nem a purgação de seus pecados, mas uma *causa* – uma causa em nome da qual possam, sem o mínimo abalo de sua boa consciência, mentir e pecar.

Avaliado pelos critérios dessa ideologia, devo ser efetivamente um gnóstico e um herético, mas não vejo que importância possa ter isso desde o ponto de vista de uma Igreja e de uma ciência que ignoram solenemente o sr. Fedeli, o dr. Plínio e as idéias de ambos.

Todos os esforços que Fedelis e fedelhos façam para provar a acusação que me imputam são aliás desnecessários e redundantes, visto que ela já está provada *ex hypothesi* nos termos mesmos que a enunciam, sendo “gnósticos” por definição todos os que, rejeitando o dualismo absoluto de *Revolução e Contra-Revolução*, não se alinhem resolutamente com esta última no sentido em que a entende o sr. Orlando Fedeli – coisa que, de fato, não posso fazer.

Custei um pouco a entender isso, pois, partindo da crença espontânea na normalidade de meus interlocutores, com total boa fé, não atinei senão aos poucos com a lógica circular em que se baseava sua argumentação, irrefutável porque psicótica.

E não pensem que com isso eu esteja proferindo um insulto. Atenho-me ao terreno científico, reconhecendo com estrita objetividade, no argumento fedélico, aquela estrutura circular,

fechada e autoprobante que, segundo o clássico estudo *La Fausse Conscience*, de Joseph Gabel (um judeu! que horror! um gnóstico!), é a marca inconfundível e comum do discurso ideológico e do discurso psicótico.

Assim, não vejo por que prosseguir esta discussão. Contento-me em não ser um gnóstico na acepção tradicional e voegeliniana do termo. Se o sou ou não no sentido especial que a coisa tem no mundinho fechado da seita montfortiana, é um problema com o qual o sr. Fedeli e seus meninos, que já perderam por mim tantas noites de sono, podem perder todas as que lhes restem. Isso não será jamais da minha conta.

18/07/2001

Home - **Informações** - **Textos** - **Links** - **E-mail**

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20090304090520/http://www.olavodecarvalho.org:8…

Nota sobre fé e conhecimento
e um P. S. muito revelador

Olavo de Carvalho

A palavra *fé* é compreendida habitualmente em dois sentidos. O primeiro é o da simples crença, ou adesão voluntária a uma verdade revelada. A segunda é a da virtude sobrenatural que "move montanhas". Pretender que qualquer indivíduo que tenha a fé no primeiro sentido possua *ipso facto* a virtude de mover montanhas é intrinsecamente absurdo e extrinsecamente blasfematório. Desde logo, porque o poder da vontade sobre a totalidade da alma é relativo e escalar, admitindo graus que vão desde a simples veleidade até o autodomínio. Em segundo lugar, o valor da fé-crença depende da compreensão mais ou menos clara, mais ou menos certa, que o fiel tenha da doutrina à qual deu sua adesão. Se não fosse assim, a fé protestante teria de valer o mesmo que a católica, pois a única diferença que há entre elas é a da compreensão diferente que o crente desta e daquela confissões têm do texto revelado a cuja verdade aderem. A fé, nesse sentido, é obviamente inferior ao conhecimento, na medida em que dele depende o seu valor.

Quanto à fé compreendida como virtude sobrenatural, ela já é em si mesma conhecimento, e *conhecimento em sentido eminente*, pois consiste na presença atuante e *reconhecível* de Deus, que não se poderia obter por nenhum meio intelectual imaginável. A palavra "reconhecível" é aí o ponto decisivo, pois não se poderia falar em "fé sobrenatural inconsciente". Nesse plano, portanto, a questão da superioridade relativa de fé e conhecimento perde obviamente todo sentido, pois não há conhecimento superior ao da presença imediata do seu objeto, e a fé sobrenatural é, mais que o sinal dessa presença, a presença mesma.

As sentenças do Concílio de Trento que o sr. Fedeli ostenta com ar de triunfo nada têm portanto a ver com o sentido em que afirmei – e reafirmo – a superioridade do conhecimento em relação à fé. O fato de ele citá-las mostra apenas sua compreensão deficiente das questões que se mete a discutir e sua incapacidade de elevar-se ao nível das idéias que finge rebater.

Quanto ao resto da sua resposta, não passa da reafirmação renitente de suas confusões de sempre, escrita num estilo ginasiano e com as miseráveis afetações de bom-mocismo que lhe são de praxe.

Olavo de Carvalho
18/7/01

Post scriptum

Para completar a bufonaria, um detalhe pítoresco. Com aquele ar entre lisonjeado e humilde do artista que recolhe os aplausos após o espetáculo, o sr. Fedeli estampa na sua *homepage* a carta de um leitor, Fabrício, que o cumprimenta efusivamente pela vitória alcançada no confronto comigo. Se ele soubesse quem é o tal Fabrício, não ostentaria com tanta satisfação esse troféu: é um rapaz maluco, gozador compulsivo, que me envia regularmente e-mails pornográficos e que agora resolveu incluir o sr. Fedeli entre os figurantes do seu circo. Cópia da mensagem foi simultaneamente enviada a mim, não havendo pois a menor possibilidade de dúvida quanto à sua autoria. O sr. Fedeli é, decerto, vítima inocente dessa gozação, mas não posso dizer que seu prêmio tenha sido injusto, nem destoante da sua *performance* a grotesca nota final tocada pelo missivista.

Home - **Informações** - **Textos** - **Links** - **E-mail**

Gnose

Download Enviar Imprimir

☆☆☆ ENROLAVOS, REMENDOS E GAMBIARRAS

PERGUNTA

Nome:

Felipe

Enviada em:

29/07/2001

(...)

RESPOSTA

Olavo de Carvalho continua esperneando e... fazendo "enrolavos". Cada vez que publica uma Nota, verifica que saiu furada. Toca fazer um remendo, com um P.S. a um Adendo. Depois, constata que a coisa não ficou clara, e faz uma gambiarra com arame farpado, sendo as farpas os insultos de que é pródigo. A seguir, ele vê que a casa está desabando, e coloca esteios de madeira podre, ou tenta segurar uma parede arruinada, amarando-a com um barbante frouxo.

Sempre vomitando insultos, fazendo evasivas, alinhavando negaceios, armando distinções sibilinas, numa maçaroca confusa, para lhe permitir afirmar, se atacado, dizer que não disse o que afirmou. Dizer que não disse o que disse, mas que, se disse, disse noutro sentido, que lhe é próprio.

Olavo só não dá argumentos sérios. Não responde quando pego em contradição, e, quando se vê refutado, muda de assunto, levantando outra acusação numa fuga vergonhosa e esperneante.

Com tudo isso, Olavo prova que, de fato, é especialista em tentar "vencer discussões sem ter razão".

Entretanto, cada remendo aponta um furo. Cada gambiarra deixa claro um "apagão" e ameaça um curto circuito. Cada esteio podre indica um desabamento. Em suma, ele se enrosca cada vez mais em sua maçaroca terminológica de pseudo "filósofo".

Afirmara Olavo - por escrito, em um de seus enrolavos -- que da própria definição de fé constava a auto evidente noção de conhecimento. Respondi-lhe citando várias definições de fé, e provando que ele errara. Ele finge que o assunto não existiu, e confessa que:

"As sentenças do Concílio de Trento que o sr. Fedeli ostenta com ar de triunfo nada têm portanto a ver com o sentido em que afirmei – e reafirmo – a superioridade do conhecimento em relação à fé".

Sem dúvida: o sentido que Olavo tem de fé "**nada tem portanto a ver" com o que ensina o Concílio de Trento, já que Olavo afirma e reafirma -- como os gnósticos -- a superioridade do conhecimento em relação à fé.**

Exatamente: é por discordar do conceito de fé do Concílio de Trento que Olavo não é católico.

Depois disso, Olavo passa adiante impávido, distinguindo dos sentidos da palavra fé:

1) fé como simples crença e 2) fé como virtude teologal.

Claro que essa é uma distinção legítima.

Mas, de que Tratado de Teologia ele tirou isso? Ele não o diz.

Até o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Ed. Civilização Brasiliense, São Paulo, 1983, o verbete Fé registra:

"Fé: s.f. **crença religiosa**; firmeza ou pontualidade no exercício de um compromisso; crédito; confiança; **primeira virtude teologal**; asseveração de algum texto; "e etc. (p.542. O negrito é meu).

Eta seu Olavo! Que vício o seu de "inspirar-se" em textos sem citar a sua fonte. Ou de "chutar" e "cozinhar" suas citações, como provei que ele fez ao falar do Inferno de Dante. (Cfr. **A Gnose "Tradicionalista" de Guénon e Olavo de Carvalho**, VIII-3 (http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=guenon&lang=bra#VIII-3)). E, por vezes, se for pego, dirá que fez de propósito, para armar uma cilada ao oponente, para ver se o adversário de fato conhecia o assunto.

Depois disso, Olavo, prossegue, reafirmando a tese gnóstica de que o conhecimento é superior à fé, embora tenha eu provado com São Tomás na mão, que isso, tomado absolutamente, é falso, e tenha comprovado, com citações de vários autores, autoridades em Gnose, que essa é uma idéia tipicamente gnóstica.

Olavo finge que nada disso leu, e vai para a frente.

Furioso e atabalhoado, refazendo remendos, enrolavos e gambiarras, ele garante que entre a fé protestante e a católica "a única diferença que há entre elas é a da compreensão diferente que o crente desta e daquela confissões têm do texto revelado a cuja verdade aderem" (Olavo de Carvalho, **Nota sobre fé e conhecimento e um P.S. muito revelador,** 18/7/01).

A "fé" protestante só se diferenciaria da fé católica, no que tange à intrepretação das Escrituras!

Como se isso fosse pouco!

E será verdade que existe uma fé protestante?

A Declaração **"Dominus Iesus"** da Congregação da Doutrina da Fé, aprovada pelo Papa João Paulo II ensina que as seitas protestantes não são igrejas e que não têm propriamente fé, mas simples crença:

2ª " Deve, portanto, *manter-se firmemente* a distinção entre a fé teologal e a crença nas outras religiões" (**Dominus Iesus**, n. 7).

7ª "Assim, e em relação com a unicidade e universalidade da mediação salvífica de Jesus Cristo, deve *crer-se firmemente* como verdade de fé católica a unicidade da Igreja por Ele fundada". (**Dominus Iesus** n. 16).

"Como existe um só Cristo, também existe um só seu Corpo e uma só sua Esposa: "uma só Igreja católica e apostólica". Por outro lado, as promessas do Senhor de nunca abandonar a sua Igreja (Cfr. Mt. XVI, 18; XXVIII, 20 ss) e de guiá-la com o seu Espírito (cfr. Jo. XVI,13) comportam que, segundo a Fé católica, a unicidade e unidade, bem como o que concerne a integridade da Igreja, jamais virão a faltar" (**Dominus Iesus**, n. 16)

10ª "Com a vinda de Jesus Cristo Salvador, Deus quis que a Igreja por Ele fundada fosse o instrumento de salvação para *toda* a humanidade (Cfr. Act XVII, 30-31). Esta verdade de fé nada tira ao fato de a Igreja nutrir pelas religiões do mundo um sincero respeito**, mas, ao mesmo tempo, exclui de forma radical a mentalidade indiferentista "imbuída de um relativismo religioso que leva a pensar que "tanto vale uma religião como outra" (Dominus Iesus,**n.22. O negrito é meu).

Mas, para um homem que se proclama "católico-judeu-islâmico", é claro que a fé é uma coisa de somenos importância. Olavo prega o indiferentismo religioso, tantas vezes condenado pela Igreja Católica.

Olavo não é católico.

Que existe uma só Fé verdadeira, isso está no Credo **Quicumque** de Santo Atanásio que principia afirmando solenemente:

Quicumque, isto é, "Quem quer que queira salvar-se, deve antes de tudo professar a Fé católica. Porque quem não a professar, integral e inviolavelmente, perecerá sem dúvida por toda a eternidade. A Fé Católica consiste em adorar um só Deus..."

A seguir, vêm os doze conhecidos artigos do Credo que se reza na Missa. No final, repete Santo Atanásio, o vencedor da heresia ariana:

"Esta é a Fé Católica e quem não a professar fiel e firmemente, não poderá salvar-se". (Cfr **Catecismo Romano** e Denzinger, 39)

Essa tese católica de Santo Atanásio foi tornada dogma no IV Concílio de Latrão, que condenou a Gnose cátara:

"**Extra Ecclesia nulla salus"** ou seja,

"FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO".

E esse dogma foi de novo proclamado e ensinado na Declaração **Dominus Iesus, sobre a Unicidade e a Universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja**, ao afirmar que o único Redentor é Cristo, e que ninguém se pode salvar senão pelos seus divinos méritos, e que Cristo so tem uma Igreja.

***

Segundo enrolavo (do dia 18/7/01)

No mesmo dia em que escreveu este novo "enrolavo" (18/7/01) O de C. redigiu mais um, intitulado **"Fé, ciência e ideologia: o fundo da questão Fedeli"**

Remendos, gambiarras e enrolavos de Olavo se multiplicam, numa confissão implícita de que todas as tentativas de ocultar furos, por meio de remendos sucessivos, de gambiarras doutrinárias, e de enrolavos sofísticos, fracassaram. A máscara católica que ele usava caiu.. Que ele se proclame sufi, budista, cabalista, ou adepto de qualquer gnose esotérica, pouco importa. Católico, repito, ele não é.

Sua fecundidade em compor remendos é tanto mais extraordinária, quanto mais ele a diz contida, pois já prometeu, diversas vezes, que não me leria mais, e que não perderia mais tempo com meus escritos.

Apesar disso ele não resiste. Sua raiva é tal, que terminada uma nota-remendo, ou um adendo-gambiárrico, ele fica insatisfeito com o que escreveu, percebe que falta algo, quer acrescentar mais uma explicação, arranjar outra desculpa, arquitetar outro "enrolavo". E recomeça, esperneante e espumante de raiva, porque tem consciência de que continua faltando sempre uma coisa: a verdade.

Até hoje ele não respondeu às duas perguntas que sua intervenção abrupta, para defender Guénon, me obrigou a fazer-lhe: Guénon é gnóstico? Qual a religião de Olavo?

Desafiado por ele, provei que Guénon é gnóstico. Ele finge esquecer de Guénon, seu mestre querido, para salvar, de qualquer jeito, o seu prestígio pessoal.

Quanto à religião de Olavo, provei que ele, de fato, é gnóstico, e que, portanto, **não é católico**. Demonstrei que os quatro itens essenciais da Gnose que ele tirara mesmo de uma enciclopédia existiam realmente em seus escritos. Olavo, porém, fica mudo sobre qual é a sua religião exotérica, e recusa admitir o que deixou patente em seus livrecos: que ele é gnóstico mesmo.

Como disse, escreveu então Olavo, no mesmo dia 18/7/01, mais um "enrolavo", desta vez sobre "Fé, Ciência e Ideologia: o fundo da questão Fedeli". Ele começa definindo e distinguindo Gnose de gnosticismo e de heresia gnóstica:

GnoseGnosticismoHeresia gnóstica

Ora, se ele chama de Gnose o conhecimento espiritual em sentido genérico, é evidente que então ele erra distinguindo essencialmente gnosticismo de Gnose, pois o genérico engloba o específico.

O Gnosticismo, mesmo com a distinção feita por Olavo, e tal como o descreve Voegelin, é um fenômeno do gênero Gnose. Perdoem-me os leitores a redundância, o gnosticismo -- sendo uma espécie do gênero Gnose -- é necessariamente gnóstico. E não adianta Olavo estrilar e estrebuchar de hidrofobia incontida contra isto.

O mesmo se deve dizer das heresias gnósticas: elas são gnósticas porque contém a Gnose (para Olavo não basta uma só palavra: é preciso a redundância...).

Serge Hutin diz:

"Se os gnosticismos são muito diversos, o gnosticismo é uma atitude absolutamente característica, um tipo especial de religiosidade. Não é arbitrário colocar um conceito geral de Gnose, "conhecimento" salvador traduzindo-se por determinadas reações humanas -- sempre as mesmas. Se o gnosticismo fosse apenas uma série de aberrações doutrinárias próprias a certos hereges cristãos dos três primeiros séculos, seu interesse seria puramente arqueológico; mas ele é muito mais que isso: a atitude gnóstica reaparecerá expontaneamente, fora de toda transmissão direta; essetipo especial de religiosidade apresenta mesmo perturbadoras afinidades com certas aspirações absolutamente "modernas" (Serge Hutin, Les Gnostiques, PUF, Paris 1970, p. 8. Os itálicos são do autor. O negrito é meu).

Henri-Charles Puech afirma que as heresias gnósticas cristãs tiveram "um fundo primitivo puramente pagão" (H.-C.

Puech En Quête de la Gnose- La Gnose et le Temps, Gallimard, Paris, 1978, vol. I, p. 235).

E diz a seguir: "O gnosticismo aparece doravante como um fenômeno geral da História das religiões cuja envergadura ultrapassa infinitamente os limites e o campo do cristianismo antigo e que é, em suas origens, exterior, senão anterior ao cristianismo (...) Por diversas que tenham sido essas formas sob as quais o gnosticismo se manifestou historicamente, o gnosticismo deve ser tido como um fenômeno específico, uma categoria ou um tipo distinto do pensamento filosófico-religioso: é uma atitude que tem um modo de ser, uma estrutura, leis próprias, e que a análise, unida à comparação, permite reencontrar, substancialmente idêntica e com as mesmas articulações, na base de todos os sistemas diversos que, em razão desse fundamento ou desse "estilo" comum, nós temos o direito de chamar, de classificar sob uma mesma etiqueta e de os chamar de 'gnósticos'" (H-C Puech, op cit, Vol I, p. 235).

Meu aluno Felipe Coelho, um jovem universitário, respondendo brilhantemente a um artigo de Olavo (Gnósticos e Revolucionários (http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=gnose&artigo=20040728202842&lang=bra#gnosticos) in O Globo, 21/ VII/ 2.001), escreveu uma carta a esse jornal (Resumo da Polêmica e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho (http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cartas&subsecao=gnose&artigo=20040728202842&lang=bra)), na qual demonstrou como esse "filósofo" auto promovido é condenado pelos próprios textos de Voegelin, autor que o pai do "Imbecil Coletivo" invocara em sua defesa. (Esses dois documentos se encontram no site Montfort)

Dispenso-me de acrescentar qualquer coisa sobre esse ponto. Foi uma "lavada" que Felipe deu em Olavo e que O Globo não quis publicar.

Olavo reconhece que uso a definição de Gnose adotada por alguns especialistas no assunto, porém diz que eu exagero e deturpo o que eles afirmam, ao considerar que todas as religiões e seitas gnósticas conspiram contra a Igreja Católica Apostólica Romana. Aponta, a seguir, como origem desse meu "exagero" as doutrinas que eu teria recebido de um "imortal" já falecido. "Imortal" que acusei, ele também, de seguir a Gnose romântica de Anna Katharina Emmerick. Que as "visões" dessa freira eram gnósticas e cabalistas, eu o provei em minha tese de Doutoramento na USP.

Não foi com nenhum mestre "imortal" falecido que aprendi que os "Os reis da terra sublevaram-se, e os príncipes coligaram-se contra o Senhor e contra o seu Cristo". Foi na Sagrada Escritura no Salmo II, 2.

Foi na Escritura que aprendi que Deus colocou inimizades entre os filhos da Virgem Maria e os filhos da serpente: "Porei inimizades entre ti [a serpente] e a mulher, entre a tua raça e a dela, e ela mesma te esmagará a cabeça" (Gen. III, 15).

Foi nos Evangelhos que li a frase de Cristo: "Quem não está comigo, está contra Mim" (Mt XII. 30).

Cristo não disse que haveria três posições em face dEle, mas só duas.

Foi no Evangelho que aprendi que os filhos das trevas formam um corpo só, assim como os filhos da luz são um só corpo na Igreja, pois disse Cristo: "caia sobre vós todo o sangue derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o Templo e o altar" (Mt. XXIII, 35-36). Por isso, Cristo chamou os fariseus "filhos do demônio", que designou como o pai da mentira: "Vós tendes por pai o demônio e quereis fazer a vontade de vosso pai" (Jo VIII,44).

Portanto, há uma "filiação" diabólica, paralela e oposta à filiação divina que se recebe no Batismo, e que nos faz membros da Igreja, Corpo Místico de Cristo. Ao tornar-se alguém "filho do demônio"-- a expressão é do próprio Jesus Cristo -- se torna, ipso facto -- membro de um como que "Corpo Místico" do demônio, membro de uma Anti Igreja, ou Sinagoga de Satanás.

O Apocalipse, por sua vez, afirma que existe a Sinagoga de Satanás que combate os filhos de Deus: "... és caluniado por aqueles que se dizem judeus, porém não o são, antes são uma sinagoga de Satanás" (Apoc. II-9)..

Por isso, São Gregório Magno, nos Moralia, fala de uma luta entre a Igreja e a Anti Igreja, na História. E Santo Agostinho, escreveu no Civitas Dei:

"Dois amores fundaram duas cidades, a saber: o amor próprio levado até o desprezo de Deus, a terrena; o amor a Deus levado até ao desprezo de si próprio, a celestial" (Santo Agostinho, Civitas Dei, Vozes, Petrópolis, 1990, vol II, Livro XIV, cap. XXVIII).

Isto não impede que os maus se dividam, porque é próprio do erro a multiplicidade, enquanto o efeito próprio da verdade é a unidade. Mas todos os maus, embora divididos entre si, sob várias seitas, se unem contra a Cidade de Deus.

"O acontecido entre Rômulo e Remo mostra como a cidade terrena se divide contra si mesma; o sucedido entre Caim e Abel é reflexo das inimizades que existem entre as duas cidades, entre a Cidade de Deus e a dos homens. Em suma, que os maus lutam uns contra os outros e, por sua vez, contra os bons. Mas os bons, se perfeitos, não podem ter nenhuma altercação entre si". (Santo Agostinho, Civitas Dei, Livro XV, cap. V).

Portanto, conforme Santo Agostinho, na História, há uma luta de duas "Cidades", ou Sociedades, cada uma com a sua doutrina. Não há, então, para Santo Agostinho, uma multidão de "Cidades", mas só duas, cada uma com sua doutrina, uma lutando contra a outra: a Cidade de Deus que é a Igreja Católica, e a Cidade do demônio que é a Sinagoga de Satanás, ou a Anti Igreja.

Por isso, também Santo Inácio de Loyola fala de duas "Bandeiras", que lutam entre si, na História: a Bandeira de Cristo, e a Bandeira do demônio.(Cfr. Santo Inácio de Loyola, Exercícios Espirituais).

Isso não é dualismo. É uma luta moral na História. Dualismo é a doutrina anti metafísica da Gnose ao defender que no ser -- e mesmo no Ser divino -- há uma dualidade de princípios opostos e iguais, em perpétua luta, tal como se diz no Taoísmo do Yin e Yang, doutrina metafísica dualista que Olavo e Guénon defendem, como provei em meu trabalho "A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho (http://www.montfort.org.br /index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=guenon&lang=bra)". Olavo, sim, como todo gnóstico, é dualista do ponto de vista metafísico.

Essa doutrina da luta entre a Igreja Católica e a Anti-Igreja aparece também na encíclica Humanum Genus de Leão XIII, sobre a Maçonaria:

"Desde quando, pela inveja do demônio, miseravelmente se separou de Deus a quem era devedor do seu chamado à existência e dos dons sobrenaturais, o gênero humano dividiu-se em dois campos inimigos, que não cessam de combater, um pela verdade e pela virtude, o outro por tudo o que é contrário à virtude e à verdade.

"O primeiro é o reino de Deus na terra, a saber, a verdadeira Igreja de Deus Cristo (...) o segundo é o reino de Satanás. Sob o seu império e em seu poder se acham todos os que, seguindo os funestos exemplos do seu chefe e de nossos primeiros pais, recusam obedecer à lei divina e multiplicam seus esforços, aqui para prescindir de Deus, ali para agir diretamente contra Deus" (Leão XIII, Humanum Genus, Sobre a Maçonaria, n º 1).

Foi com Leão XIII que aprendi que "Em toda a série dos séculos que nos precederam essas duas cidades não têm cessado de lutar uma contra a outra (...) "(Leão XIII , Humanum Genus, nº 2. O negrito é meu).

Leão XIII -- contemporâneo de Guénon -- mostra, a seguir, que embora as seitas secretas sejam muitas e variadas, elas têm todas o mesmo fim e os mesmos princípios. Portanto,-- a conclusão é minha -- têm a mesma doutrina, embora com variações sectárias:

"Existe no mundo um certo número de seitas que embora difiram umas das outras pelo nome, pelos ritos, pela forma, pela origem, se assemelham e estão de acordo entre si pela analogia de finalidade e dos princípios essenciais. (Leão XIII, Humanum Genus, n º 8).

Repito: não aprendi isso tudo com "imortal" falecido nenhum, mas na Doutrina Católica, na Sagrada Escritura, nos ensinamentos dos Papas, no que ensinaram os Padres da Igreja e os Santos, e, praticamente, em minha vida.

Mas seu Olavo diz de minha posição:

"Ela é uma escolha, um ato de fé, que o sr. Fedeli, abusivamente, procura confundir e identificar com a própria fé católica, de modo a poder condenar como herético quem quer que, na sua divisão dualista do mundo, não cerre fileiras com ele".

Ora, as citações que fiz acima comprovam que essa doutrina não é minha. É a que está no Antigo e no NovoTtestamento, é a dos santos, é a do Papa Leão XIII. Herege não é aquele que não cerra fileiras comigo. Eu não sou a Igreja: pertenço, graças a Deus, à Igreja Católica Apostólica Romana, na qual quero viver e morrer, embora seja pecador. Herege é aquele que nega pertinazmente qualquer dogma da Doutrina Católica.

Essa luta entre as duas Cidades é tão verdadeira, que até escritores que não são católicos a reconhecem.

O insuspeito Umberto Eco mostra, em seu livro "Interpretação e Super Interpretação", que o fenômeno da Gnose hermética percorre toda a Historia até nossos dias (Cfr. Umberto Eco, Interpretação e Super Interpretação, Martins Fontes, São Paulo, 1997, pp. 31- 45).

Em outro de seus livros, depois de mostrar como a Gnose hermética se manifestou ao longo da História, Eco assim intitula um de seus itens:

E depois afirma o autor de O Nome da Rosa:

"Quase todas as características do pensamento hermético [que Eco considera um pensamento gnóstico] são representáveis nos procedimentos argumentativos de um de seus epígonos contemporâneos: René Guénon.(cfr. o ensaio de Cláudia Miranda, em Pozzato, 1989)." (Umberto Eco, Os limites da Interpretação, Perspectiva, São Paulo, 1995, p. 72) ou em Umberto Eco, Intrepretação e Superinterpretação, Martins Fontes, São Paulo, 1997, pp. 27 a 51).

Aliás, o ensaio de Cláudia Miranda: René Guénon o la Vertigine della Virtualitá", (in Maria Pia Pozzato et allii, L'Idea Deforme, Bompiani, Milano, 1989, pp 227 a 261), demonstra como atuam Guénon e seus sequazes quando escrevem, inclusive Olavo de Carvalho:

"Como vimos precedentemente, quando Guénon deve demonstrar qualquer coisa, ele não se considera obrigado a dar nenhuma prova. Entretanto em outros, a mesma falta de provas se torna motivo de crítica".(Cláudia Miranda: René Guénon o la Vertigine della Virtualitá, in L'Idea Deforme, p.240).

Exatamente como Olavo.

E ainda:

"Poder-se-ia dizer que, no discurso esotérico de Guénon, quanto mais uma coisa é considerada verdadeira, menos necessidade há de explicá-la. Como se a persuasão esotérica, espelho invertido da persuasão científica moderna, agisse por ausência de "provas" (Cláudia Miranda, op cit. p. 252).

Exatamente como Olavo.

O que diz Eco sobre a permanência do discurso e do pensamento gnóstico hermético, na História, é confirmado pelo que asseveram muitos outros autores.

Ladislau Mittner, no livro Storia della Letteratura Tedesca, Dal Pietismo al Romanticismo (Einaudi, Milano, 1964, p.40), compara o curso da Gnose na História a um rio cársico, que ora aparece à superfície, ora desaparece no sub solo, correndo secretamente.

Também Octávio Paz, insuspeito prêmio Nobel, afirma uma ação secreta da Gnose na História da Poesia nos séculos XIX e XX, chegando mesmo a falar em atmosfera de conspiração gnóstica:

"Não é necessário seguir os episódios da sinuosa e subterrânea marcha do movimento poético do século passado, oscilante sempre entre os dois polos de Revolução e Religião. Cada adesão termina em ruptura; cada conversão em escândalo. Monnerot comparou a história da poesia moderna com a das seitas gnósticas e com a dos adeptos da tradição oculta. Isso é verdade nos dois sentidos. É inegável a influência do gnosticismo e da filosofia hermética em poetas como Nerval, Hugo, Mallarmé, para não falar de poetas deste século: Yeats, George Rilke, Breton. Por outro lado, cada poeta cria em torno de si pequenos círculos de iniciados, de modo que, sem exagero, pode-se falar de uma sociedade secreta da poesia. A influência desses grupos tem sido imensa e logrou transformar a sensibilidade de nossa época. Desse ponto de vista não é falso afirmar que a poesia moderna encarnou-se na História, não à plena luz, mas como um mistério noturno e um rito clandestino. Uma atmosfera de conspiração e de cerimônia subterrânea rodeia o culto da poesia."(Octavio Paz, Signos em Rotação, Perspectiva, São Paulo, 1996, p. 84).

Será que Olavo ousará afirmar que Octavio Paz é um delirante fedeliano, por falar de conspiração na poesia contemporânea? E que ele é louco por asseverar que se pode afirmar, sem exagero, que há uma sociedade secreta da poesia? Ou por afirmar que é inegável a influência do gnosticismo em poetas modernos famosos?

Olavo escreveu:

"O sr. Fedeli tem todo o direito de defender sua idéia, mas nem mesmo a alegação de insanidade lhe dará o direito de sugerir ou insinuar que ela corresponda a alguma cláusula do dogma católico tal como definido pelos Papas e Concílios. Nenhum Papa ou Concílio subscreveu jamais essa doutrina. Nenhum jamais afirmou a identidade

substancial de todas as espiritualidades não-cristãs com a heresia dos primeiros séculos, identidade que, para o sr. Fedeli, é a verdade das verdades."

Leão XIII, como já vimos, afirmou a doutrina que defendo da coligação de todos os hereges contra a Igreja na Humanum Genus.

Felipe Coelho provou, em resposta ao artigo "Gnósticos e Revolucionários", que Olavo publicou contra ele, escondendo-se atrás de O Globo (21/VII/ 2001), que Voegelin afirma, contra Olavo, que houve, sim, uma gnose pagã existente nas religiões orientais. Aliás, o próprio Guénon defende isso com todos os seus seguidores "Tradicionalistas". E o próprio Olavo, ao defender que existe um núcleo comum a todas as religiões, admitiu o que agora nega, e desafia que eu o prove.

Já provei.

Que Olavo leia, e tente refutar, meu trabalho: "A Gnose "tradicionalista de René Guénon e Olavo de Carvalho".

Está no site Montfort.

Finalizando, Olavo afirma, mais uma vez, que:

"Assim, não vejo por que prosseguir esta discussão."

Entretanto...dias após, ele escreveu novo "enrolavo"

Mais um Remendo "enrolavado" de seu Olavo

Propósito e promessa de não escrever mais, para Olavo, dura alguns dias.

Ele deve ter passado esse intervalo de tempo, ruminando sua raiva, e contemplando sua obra contra mim, e viu que ela mais parece um barraco mal pregado, mal equilibrado, mal coberto, com goteiras por todo lado, que só continuaria de pé, se a ele se acrescentasse um calço num tabique, um remendo numa folha de zinco, uma gambiarra na fiação maçaroquenta e farpada. Vê que na maloca que montou para me contestar falta algo. Falta unidade, falta ordem, falta grandeza. Sobretudo falta a verdade.

Então, toca publicar, no dia 22/VII/ 2001, mais um ...

"ADENDO AO AVISO 3"

O que comprova que o tal solene Aviso 3 era insuficiente.

E foram tantos os AVISOS, com P.Ss, ADENDOS, e Notas que, Olavo mesmo, já não se entende.

Neste último ADENDO AO AVISO 3, ele mesmo se confunde -- como bem notou meu aluno Felipe -- e atribui ao AVISO 3 o que estava no AVISO 2.

Pobre Olavo. A raiva o cega e o precipita...em novos erros.

Felipe Coelho já arrasou esse ADENDO AO AVISO 3, -- que deveria ter sido chamado ADENDO AO AVISO 2, assim como o artigo "Gnósticos e Revolucionários" que Olavo publicou (educadamente) no O Globo, depois de mandar um "bilhetinho" injurioso, por e mail, ao jovem universitário. (Por que será que Olavo é bem mais educado num artigo de jornal do que em e-mails?).

Quero comentar apenas alguns pontos do ADENDO AO AVISO 3 -- que deveria ser 2 -- que me dizem respeito.

Olavo confirma que copiou mesmo os 4 itens essenciais da Gnose, que ele citara inicialmente, de uma enciclopédia, mas não de uma enciclopédia barata e popular. Foi de uma enciclopédia famosa e filosófica: a Routledge Encyclopaedia of Philosophy.

De modo que agora temos a confissão de que este "filósofo" auto nomeado, se dispensa de ler as fontes primárias: consulta a Routledge Encyclopaedia of Philosophy. O que o dispensa de longas e fastidiosas leituras...

E confessa que é de propósito que omitiu a referência bibliográfica... para montar uma cilada contra mim.

A seguir ele dá seis notas pelas quais Eric Voegelin resume a Gnose moderna, e me faz um pedido:

"Peço pois novamente ao sr. Fedeli que aponte, na minha obra, os indícios de revolta contra a ordem do ser, de confiança na possibilidade de mudar essa ordem pela ação humana, da apologia do processo histórico como meio de criar um mundo bom e, sobretudo, do conhecimento entendido como "método de alterar o ser". Tenho a nítida

impressão de que há tempos venho escrevendo contra essas coisas, mas talvez o sr. Fedeli conheça o meu pensamento melhor que eu" (Olavo de Carvalho, Adendo ao Aviso 3, 22/VII/2001. O negrito é meu).

Vou atender o pedido de seu Olavo indicando-lhe os textos em que ele defendeu a Gnose, e onde ele poderá encontrar esses textos (porque a memória dele parece estar enfraquecida).

Evidentemente, ele não encontrará os textos dele na Routledge. E nem na Barsa.

Vejamos, uma a uma, as seis características da Gnose segundo Eric Voegelin, mas apud Olavo de Carvalho.

1ª "O gnóstico está insatisfeito com a sua situação"

Certíssimo.

(Também Olavo parece bem insatisfeito com sua situação nesta polêmica.)

A insatisfação gnóstica, porém, não é com o salário que recebe, ou com o estar confundido numa polêmica. É, sim, uma insatisfação com a ordem do ser. O gnóstico sofre por insatisfação metafísica. Ele não admite sua própria contingência metafísica. Quer ser Deus.

Essa primeira característica da Gnose, conforme Voegelin (apud Olavo), corresponde ao 1º item da Gnose apresentado pelo próprio seu Olavo, numa de suas Notas, Avisos, Adendos. (Procure em qual).

Tratei disto no meu trabalho "A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e de Olavo de Carvalho" - aliás , um trabalho elaborado em razão de um desafio a mim, feito por O de C.

Recomendo a leitura desse meu trabalho ao sr. Olavo, pois lá ele poderá encontrar muitos textos, escritos por ele, "há tempos", e dos quais ele já não tem mais uma "nítida impressão", na memória, assim como textos de seus queridos mestres de Gnose Hinduista e Sufi, tais como Guénon, Schuon, Ibn Arabi, Lings, Nasr, Burckhardt, Benoist, Tourniac etc. e de outros autores gnósticos citados como autoridades pelos "tradicionalistas" guénonianos.

Nos Cap. III -1 e IV, 1,2, 3, 4,5, 6, 7, 8, 9, 10. estão os textos em que Olavo e seus mestres na Gnose expõem sua revolta contra a ordem do ser. Lá ele poderá encontrar umas 55 citações de seus mestres e autores preferidos, assim como umas 20 citações de textos do próprio Olavo, e dos quais ele perdeu a "nítida impressão" de tê-los escrito... "há tempos".

2ª característica da Gnose segundo Voegelin (Apud Olavo...)

"Os males da situação podem ser atribuídos ao ato de que o mundo é intrinsecamente mal organizado... (O que será que havia no lugar dessas reticências?) Os gnósticos não são inclinados a descobrir que os seres humanos em geral ou eles próprios em particular são inadequados. Numa dada situação em que algo não é como deveria ser, a culpa será encontrada na maldade do mundo"

Evidentemente, essa característica corresponde à idéia de que o Demiurgo mau organizou mal o mundo da matéria grosseira -- o mundo da "manifestação" da Gnose hindu e guénoniana -- e que disso derivaria a maldade dos seres contingentes.

Se Olavo relesse o trabalho de Guénon intitulado "Le Démiurge", estudo que ele elogiou e comentou na revista Planeta (Olavo de Carvalho, O Homem e sua Lanterna. René Guénon o Mestre da Tradição contra o Reino da Deturpação, in revista Planeta, nº 107, agosto de 1981), se ele relesse o seu próprio artigo, veria que ele defendeu exatamente -- "há tempos" -- o que Voegelin apresentou como 2ª característica da Gnose.

Aliás, Guénon publicou pela primeira vez o estudo Le Démiurge, na revista La Gnose, que ele dirigia como Bispo da Igreja Gnóstica, sob o nome de Palingenius, (pormenores importantes que Olavo omitiu na sua biografiazinha de Guénon).

No meu já citado trabalho, seu Olavo poderá encontrar a questão do Demiurgo no Cap. V., onde se acham umas 13 citações de René Guénon e de outros autores, e 4 de Olavo de Carvalho. Recomendo também a Olavo que leia o artigo que ele escreveu na revista Planeta sobre o Demiurgo, e no qual Olavo diz que, segundo a tradição semita, o Criador do mundo é Shaitan ou Satã. Criador do mundo a quem Guénon chamara de "Príncipe deste Mundo", isto é, de demônio.

3ª característica da Gnose segundo Voegelin (no dizer de Olavo).

"A crença de que "é possível salvar-se da maldade do mundo".

Tratei disto -- a salvação (ou libertação) pelo conhecimento -- em meu trabalho citado, no capítulo VI - 4 - 5, onde utilizei 7 citações de guénonianos e 25 de Olavo de Carvalho.

4ª característica da Gnose segundo Voegelin, contado por Olavo.

"Para isso a ordem do ser terá de ser mudada por meio de um processo histórico. Do mundo miserável, um mundo bom deve evoluir historicamente"

Essa característica dada por Voegelin corresponde à terceira conseqüência secundária da Gnose, apontada por Olavo em uma de suas Notas, Avisos, Pss, Adendos. Corresponde ela à noção milenarista ou utópica.

Tratei disso, no Cap.VIII - 4 e 5 de meu trabalho sobre a Gnose de Guénon e de Olavo, fazendo lá cerca de 11 citações de Guénon, ou relativas ao que disse Guénon, e umas 9 citações de textos de Olavo. Que ele as leia.

5ª característica da Gnose de Voegelin, segundo seu Olavo

"O traço gnóstico em sentido mais estrito: a crença em que uma mudança na ordem do ser reside no reino da ação humana, de que o ato salvacional é possível por meio do próprio esforço do homem".

Noutras palavras, o "homem seria Redentor de si mesmo, pelo fato de que existiria nele uma partícula da Divindade, que se reuniria à Divindade por meio do Conhecimento.

Tratei dessa questão no Cap. III - 2 itens 7 e 8 de meu citado trabalho, quando dei meu esquema da Gnose, assim como nos capítulos VI-1-2-3, falando das partículas divinas que existiriam no homem e em todas as coisas, e que possibilitariam a libertação da prisão feita pelo Demiurgo ao estabelecer seres contingentes; e no Cap. VI-4, ao tratar da Soteriologia gnóstica, a salvação pelo conhecimento. Também no capítulo VI-5, trato dessas doutrinas da auto redenção nos textos de Olavo de Carvalho, textos dos quais, infelizmente, ele tem "a nítida impressão" de que jamais os escreveu.

Seria um grave caso de amnésia...se não fosse uma escapatória.

Nesse capítulos, fiz mais de 80 citações, sendo 37 de textos de Olavo de Carvalho.

6ª Característica da Gnose apontada por Voegelin, segundo Olavo:

"O conhecimento -- Gnosis -- do método de alterar o ser é a preocupação central do gnóstico... [De novo reticências. Que haveria aí?] a construção de uma fórmula para a salvação do eu e do mundo".

Essa característica é uma explicitação da quinta.

Segundo Voegelin, portanto, para a Gnose, a "salvação do eu e do mundo" se daria pelo Conhecimento, e não pela fé e pelas obras como ensina a Igreja.

Ora, Olavo tem insistido exatamente em que o Conhecimento é superior à fé.

Quanto a considerar o conhecimento como "método de alterar o ser", esta é uma formulação típica da Gnose alquímica.

Tratei disso também (da Gnose e Alquimia) -- de que Olavo é defensor, seguindo Burckhardt -- no capítulo IX -2 de meu livro, que tudo indica que Olavo ainda não leu.

Nesse capítulo sobre Gnose e Alquimia, faço uma dúzia citações, sendo que a metade é de textos de Olavo.

Consta que Olavo dá cursos de Alquimia, cujas apostilas não conheço. Seria bom que eles as publicasse para provar que não é mestre de uma alquimia gnóstica, e sim de uma "boa" alquimia, de uma alquimia..."católica".

****

Logo depois da promessa de Olavo de que não trataria mais da questão, pois que não vê "por que prosseguir esta discussão", ele escreveu um artigo contra Felipe Coelho, escondido atrás de O Globo, e que já foi brilhantemente refutado por esse jovem universitário. Por isso, julgo que não é preciso analisar esse artigo.

Deixem-me, por favor, - uma vez -- concordar com seu Olavo:
eu também já não vejo necessidade de prosseguir esta polêmica, pois já provei que Olavo de Carvalho não é católico, e sim gnóstico, tal como seus mestres Guénon, Schuon e Lings.

Quero apenas deixar claro que polêmicas entre intelectuais se fazem com base em documentos escritos e em livros, precisamente citados.

Insultos são próprios de botequineiros.

E fofocas, de comadres.

Na festa de São Tiago Apóstolo,
São Paulo, 25 de julho de 2.001 .
In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli

Olavo de Carvalho

A palavra fé é compreendida habitualmente em dois sentidos. O primeiro é o da simples crença, ou adesão voluntária a uma verdade revelada. A segunda é a da virtude sobrenatural que "move montanhas". Pretender que qualquer indivíduo que tenha a fé no primeiro sentido possua ipso facto a virtude de mover montanhas é intrinsecamente absurdo e extrinsecamente blasfematório. Desde logo, porque o poder da vontade sobre a totalidade da alma é relativo e escalar, admitindo graus que vão desde a simples veleidade até o autodomínio. Em segundo lugar, o valor da fé-crença depende da compreensão mais ou menos clara, mais ou menos certa, que o fiel tenha da doutrina à qual deu sua adesão. Se não fosse assim, a fé protestante teria de valer o mesmo que a católica, pois a única diferença que há entre elas é a da compreensão diferente que o crente desta e daquela confissões têm do texto revelado a cuja verdade aderem. A fé, nesse sentido, é obviamente inferior ao conhecimento, na medida em que dele depende o seu valor.

Quanto à fé compreendida como virtude sobrenatural, ela já é em si mesma conhecimento, e conhecimento em sentido eminente, pois consiste na presença atuante e reconhecível de Deus, que não se poderia obter por nenhum meio intelectual imaginável. A palavra "reconhecível" é aí o ponto decisivo, pois não se poderia falar em "fé sobrenatural inconsciente". Nesse plano, portanto, a questão da superioridade relativa de fé e conhecimento perde obviamente todo sentido, pois não há conhecimento superior ao da presença imediata do seu objeto, e a fé sobrenatural é, mais que o sinal dessa presença, a presença mesma.

As sentenças do Concílio de Trento que o sr. Fedeli ostenta com ar de triunfo nada têm portanto a ver com o sentido em que afirmei – e reafirmo – a superioridade do conhecimento em relação à fé. O fato de ele citá-las mostra apenas sua compreensão deficiente das questões que se mete a discutir e sua incapacidade de elevar-se ao nível das idéias que finge rebater.

Quanto ao resto da sua resposta, não passa da reafirmação renitente de suas confusões de sempre, escrita num estilo ginasiano e com as miseráveis afetações de bom-mocismo que lhe são de praxe.

Olavo de Carvalho
18/7/01

Para completar a bufonaria, um detalhe pítoresco. Com aquele ar entre lisonjeado e humilde do artista que recolhe os aplausos após o espetáculo, o sr. Fedeli estampa na sua homepage a carta de um leitor, Fabrício, que o cumprimenta efusivamente pela vitória alcançada no confronto comigo. Se ele soubesse quem é o tal Fabrício, não ostentaria com tanta satisfação esse troféu: é um rapaz maluco, gozador compulsivo, que me envia regularmente e-mails pornográficos e que agora resolveu incluir o sr. Fedeli entre os figurantes do seu circo. Cópia da mensagem foi simultaneamente enviada a mim, não havendo pois a menor possibilidade de dúvida quanto à sua autoria. O sr. Fedeli é, decerto, vítima inocente dessa gozação, mas não posso dizer que seu prêmio tenha sido injusto, nem destoante da sua performance a grotesca nota final tocada pelo missivista.

Olavo de Carvalho

Nos meus escritos, os termos gnose, gnosticismo e heresia gnóstica designam em geral (e guardadas as exceções devidas a eventual negligência) três fenômenos distintos:GnoseGnosticismoHeresia gnóstica

Já o sr. Orlando Fedeli usa os três termos para designar um só e mesmo fenômeno. As heresias dos primeiros séculos, o hinduismo, o budismo, o judaísmo, o islamismo e as ideologias modernas – tudo, para ele, são partes ou aspectos de uma mesma entidade, braços de um mesmo monstro: a Gnose, gnosticismo ou heresia gnóstica, religião do diabo.

Para legitimar esse uso do termo, ele usa da definição geral de gnose aceita por alguns estudiosos, mas dando-lhe uma aplicação que vai muito além do que qualquer deles jamais admitiu e que implica dar foros de verdade científica à hipótese de uma universal conspiração gnóstica contra a Igreja Católica, reunindo budistas, comunistas, muçulmanos, judeus, hinduístas, nazistas, gnósticos no sentido antigo e, evidentemente, eu.

Nem Hans Jonas, nem H.-C. Puech, nem Hans Urs von Balthasar, nem Voegelin, nem qualquer outro estudioso, por mais ampla que fosse sua definição de gnose, jamais a usou para sustentar essa hipótese, a qual aliás nem sequer mencionam porque, mais que à história, ela pertence ao domínio da psicopatologia.

É o sr. Fedeli que faz dela esse uso, fingindo escorar-se na autoridade desses eruditos. Mais ainda: fingindo que semelhante uso é universal, consensual e indisputado.

A origem da doutrina fedeliana da gnose, com efeito, não está em nenhuma dessas fontes, mas numa outra, bem pouco acadêmica: está na teoria da Revolução e Contra-Revolução do dr. Plínio Corrêa de Oliveira, segundo a qual só há duas correntes históricas no mundo, a revolucionária e a católica. Esta abrange os que interpretam o catolicismo no sentido estrito da TFP; aquela, todos os demais seres humanos, descontados os inocentes úteis e inúteis. Absorvendo a teoria ao mesmo tempo que renegava o autor -- com quem competira em vão pela liderança da TFP --, o sr. Fedeli simplesmente trocou o termo "revolucionário" por "gnóstico", mas nada acrescentou de substancial à concepção de seu primeiro mestre e posterior bête noire.

A única diferença é que o dr. Plínio, um aristocrata de temperamento, não desceria a bravatas pueris na defesa da sua teoria, por mais absurda que fosse; ao passo que o sr. Fedeli, que tudo quanto sonhava na vida era ser o dr. Plínio quando crescesse, infelizmente não cresceu.

No conteúdo, a idéia de ambos é a mesma.

A hipótese aí contida é tão ampla, que ela não pode ser provada nem impugnada no prazo de uma vida humana ou de infinitas vidas humanas. Cientificamente, ela é por isso mesmo inaceitável. Fatos inumeráveis não lhe darão consistência, refutações sem fim não a farão recuar. Ela é uma escolha, um ato de fé, que o sr. Fedeli, abusivamente, procura confundir e identificar com a própria fé católica, de modo a poder condenar como herético quem quer que, na sua divisão dualista do mundo, não cerre fileiras com ele -- ou com o fantasma do dr. Plínio -- no seu combate contra tudo o mais. Isto implica, naturalmente, estender sobre todos os "gnósticos", no sentido amplíssimo do termo, a acusação de heresia que a Igreja fez pesar sobre os gnósticos dos primeiros séculos. Mas isto já não é teoria: é loucura.

O sr. Fedeli tem todo o direito de defender sua idéia, mas nem mesmo a alegação de insanidade lhe dará o direito de sugerir ou insinuar que ela corresponda a alguma cláusula do dogma católico tal como definido pelos Papas e Concílios. Nenhum Papa ou Concílio subscreveu jamais essa doutrina. Nenhum jamais afirmou a identidade substancial de todas as espiritualidades não-cristãs com a heresia dos primeiros séculos, identidade que, para o sr. Fedeli, é a verdade das verdades.

Abusando das fontes científicas que cita, abusando da fé católica em cujo nome acusa e condena, o sr. Fedeli não faz senão impingir a seus discípulos um catolicismo de sua própria invenção – dele ou do dr. Plínio Corrêa de Oliveira.

Não correspondendo, no conteúdo, à doutrina da Igreja, nem na forma àquilo que se entende por teoria científica, a doutrina dualista da Revolução e Contra-Revolução, seja na sua versão originária, seja na sua adaptação fedélica, não é nem religião nem ciência: é ideologia, no sentido estrito do termo.

Daí o atrativo que exerce sobre jovens que buscam, não o conhecimento, nem a purgação de seus pecados, mas uma causa – uma causa em nome da qual possam, sem o mínimo abalo de sua boa consciência, mentir e pecar.

Avaliado pelos critérios dessa ideologia, devo ser efetivamente um gnóstico e um herético, mas não vejo que importância possa ter isso desde o ponto de vista de uma Igreja e de uma ciência que ignoram solenemente o sr. Fedeli, o dr. Plínio e as idéias de ambos.

Todos os esforços que Fedelis e fedelhos façam para provar a acusação que me imputam são aliás desnecessários e redundantes, visto que ela já está provada ex hypothesi nos termos mesmos que a enunciam, sendo "gnósticos" por definição todos os que, rejeitando o dualismo absoluto de Revolução e Contra-Revolução, não se alinhem resolutamente com esta última no sentido em que a entende o sr. Orlando Fedeli – coisa que, de fato, não posso fazer.

Custei um pouco a entender isso, pois, partindo da crença espontânea na normalidade de meus interlocutores, com total boa fé, não atinei senão aos poucos com a lógica circular em que se baseava sua argumentação, irrefutável porque psicótica.

E não pensem que com isso eu esteja proferindo um insulto. Atenho-me ao terreno científico, reconhecendo com estrita objetividade, no argumento fedélico, aquela estrutura circular, fechada e autoprobante que, segundo o clássico estudo La Fausse Conscience, de Joseph Gabel (um judeu! que horror! um gnóstico!), é a marca inconfundível e comum do discurso ideológico e do discurso psicótico.

Assim, não vejo por que prosseguir esta discussão. Contento-me em não ser um gnóstico na acepção tradicional e voegeliniana do termo. Se o sou ou não no sentido especial que a coisa tem no mundinho fechado da seita montfortiana, é um problema com o qual o sr. Fedeli e seus meninos, que já perderam por mim tantas noites de sono, podem perder todas as que lhes restem. Isso não será jamais da minha conta.

18/07/2001

– As seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo. – O fenômeno descrito por Eric Voegelin, que assinala uma continuidade entre as heresias gnósticas dos primeiros séculos da Era cristã e os modernos movimentos ideológicos de massa. – O conhecimento espiritual em sentido genérico.Fé, ciência e ideologia: o fundo da questão Fedeli <http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli5.htm>Post scriptumNota sobre fé e conhecimento
e um P. S. muito revelador
<http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli6.htm>

"2.4.4. René Guénon: Deriva e Navio de Doidos". – As seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo." (Olavo de Carvalho, Fé, Ciência e Ideologia na questão Fedeli, 18/7/01). – O fenômeno descrito por Eric Voegelin, que assinala uma continuidade entre as heresias gnósticas dos primeiros séculos da Era cristã e os modernos movimentos ideológicos de massa."Nos meus escritos, os termos gnose, gnosticismo e heresia gnóstica designam em geral (e guardadas as exceções devidas a eventual negligência) três fenômenos distintos: – O conhecimento espiritual em sentido genérico.

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20041215001801/http://www.montfort.org.br:80/per…

Espaço do Leitor

Carta do Leitor

Indicativo de nível intelectual e religioso...

Enviada em: *Sexta-feira, 3 de Agosto de 2001 19:30*

Notas sobre a confusão

1. Realmente, não sei quais são as coisas que eu sei que os demais alunos do Seminário de Filosofia não podem saber. É compreensível que eu saiba mais coisas ensinadas por Olavo de Carvalho e sobre a vida de Olavo de Carvalho uma vez que sou aluno dele há alguns anos, já moramos na mesma cidade, e eu freqüentasse sua casa - junto com outros amigos, aliás - , além de ser amigo de alguns de seus filhos e até hoje tenha aulas de astrologia - ó horror! - com um deles, a quem muito admiro e estimo. Contudo, nada do que ouvi dos membros da família Carvalho me foi dito em segredo. Se há uma sociedade secreta dentro do Seminário de Filosofia, também eu preciso ser informado.

2. Tenho uma dúvida, e creio que só o Sr. Fedeli, tão conhecedor das burocracias da Igreja, poderia resolvê-la. Por acaso um homem que durante anos e anos da sua vida tenha pertencido a uma seita herética, como a TFP, não precisa acertar as contas com o Santo Ofício, sobretudo antes de pretender falar publicamente de assuntos da Igreja como se dela fosse o mais puro dos membros?

3. Sou apenas um estudante de astrologia, e falta muito para que eu consiga equacionar esta questão na minha cabeça. Mas posso, já que o assunto anda tão badalado, arriscar uma interpretação: suas confusões verbais e seu ímpeto de cruzado aparecem na atual oposição entre Saturno em Gêmeos e Marte em Sagitário. Não me espantaria também se o Sr. Fedeli ou o Sr. Coelho tivessem Saturno na Casa IX. Se os Srs. fornecessem os horários e locais de nascimento, isto contribuiria muito para a minha compreensão dos símbolos astrológicos.

4. Os Srs. aí da Montfort não acham que essas estrelinhas antes dos títulos no site de vocês são altamente maçônicas?

5. É impressionante como há pessoas que, não contentes em se dizer católicas, ainda exigem que o resto dos católicos se conforme à sua imagem mental do que venha a ser catolicismo. É possível, sim, ser católico e anarquista, ser católico e defender a livre-empresa, ser católico e achar que o Estado não deve proibir a pornografia, enfim, ser católico e não achar que o catolicismo depende de fazer o mundo conformar-se a uma visão pessoal de mundo considerada "católica" - isto sim seria uma "gnose" de tinturas católicas, como a TFP, de onde surgiu o Sr. Fedeli. Pelos frutos os conhecereis.

Pedro Sette Câmara

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas aos artigos: preencha o formulário

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20090102125316/http://www.olavodecarvalho.org:8…

Qual o conceito de gnose do sr. Fedeli?

Olavo de Carvalho

Não tendo um corpo de militantes a meu serviço, nem mais que uns minutos por semana para consagrar ao sr. Fedeli entre viagens e mil e um trabalhos, não posso evidentemente acompanhar e responder *pari passu* às acusações que me fazem ele e seu fiel escudeiro Felipe Coelho. Nem creio que isso seja importante, pois o tempo, por si, se encarregará de esclarecer as coisas. A ânsia, a pressa, a velocidade alucinada com que esses indivíduos disparam incessantemente páginas e páginas de páginas de acusações contra mim já mostra que não pensam em outra coisa, que destruir a reputação de Olavo de Carvalho se tornou para elas uma questão de vida ou morte.

Não me sentindo nem um pouco ameaçado, posso examinar o caso aos poucos, de maneira mais ou menos casual e assistemática, por mera curiosidade e sem nenhum intuito de "me defender", já que a fantasia tribunalícia é do sr. Fedeli e não minha.

Um ponto que me parece especialmente importante é o conceito geral de gnose que entra nesta discussão.

Quando se trata de aplicar um conceito geral a um caso particular, a única prova admissível reside na coincidência exata ou pelo menos adequada das propriedades deduzidas do primeiro com aquelas observadas no segundo. Logo, para saber se sou um gnóstico ou não, seria preciso, primeiro, saber qual o conceito geral de gnose usado pelo sr. Fedeli.

Felizmente, para descobrir isso não é preciso desencavar um conceito de gnose implícito nas análises que ele fez do meu pensamento. Meses antes da eclosão da nossa controvérsia ele já havia exposto esse conceito num trabalho publicado em sua *homepage*. Isso nos dá a

garantia de colocar a presente análise no terreno firme de uma fórmula inicial jamais impugnada ou corrigida pelo autor no que quer que fosse, excluindo também, ao menos por enquanto, a hipótese de que ele tenha depois concebido uma definição *ad hoc* para me fazer caber dentro dela.

> *Para conceituar a gnose, poderíamos dizer que ela pretende ser "o conhecimento do incognoscível".*
>
> *Evidentemente, essa conceituação revela uma contradição que é típica da gnose. Conhecer o incognoscível é uma contradição conceitual e lógica. Mas ocorre que a gnose repele a inteligência e a lógica como enganadoras. O verdadeiro conhecimento seria intuitivo, imediato e não discursivo e lógico.*
>
> *Conhecer o incognoscível, de fato, significa dar ao homem o conhecimento de Deus e do mal, coisas impossíveis de compreender. De fato não podemos compreender ou conhecer a própria essência de Deus que é ser infinito e transcendente, impossível de ser captado por nosso intelecto. Também não podemos entender o mal e o pecado: o mal enquanto ser não existe, e o mal moral não tem razão que o justifique.*
>
> *Assim, a gnose pretende oferecer ao homem um conhecimento natural que o colocaria em posição de compreender - e portanto superar - a Deus, de compreender a mal, e, ademais, de conhecer sua natureza mais íntima, que seria divina.*
>
> *A gnose é então a religião que oferece ao homem o conhecimento do bem e do mal.*
>
> *Ora, sabe-se que a árvore do fruto proibido do Éden era exatamente a árvore do conhecimento ou ciência do bem e do mal (Gen. II,10). Assim, teria sido a gnose a tentação de Adão. Com efeito, a serpente prometeu a nossos primeiros pais que, se comessem o fruto proibido, "seriam como deuses, conhecendo o bem e o mal" (Gen., III,5). A tentação de Adão e Eva foi a de se tornarem deuses. Essa é a grande tentação do homem, que, levado pelo orgulho, como Lúcifer, não admite sua finitude, não aceita sua contingência.*
>
> *Essa tentação é, de fato, uma revolta anti-metafísica. Ora, é esse um outro modo de conceituar a gnose: uma revolta anti-metafísica.*
>
> *Se admitirmos essa interpretação da tentação adâmica, teremos que concluir existência uma continuidade da gnose na História. E é o que constatam os estudiosos: a gnose apresenta-se realmente como*

uma religião ora oculta, ora pública, mantendo porém unidade e continuidade no transcorrer da História.

...

Essa unidade histórica da gnose através dos tempos e civilizações é constatada por muitos autores. Dennis de Rougemont, por exemplo, escreve:

"Mais perto de nós que Platão e os drúidas, uma espécie de unidade mística do mundo indo-europeu se desenha como em filigrama no plano de fundo das heresias da Idade Média. Se nós abraçamos o domínio geográfico e histórico que vai da Índia à Bretanha, constatamos que uma religião aí se espalhou, para falar a verdade, de um modo subterrâneo, desde o século III de nossa era, sincretizando o conjunto dos mitos do Dia e da Noite tal como eles tinham sido elaborados inicialmente na Pérsia, depois nos segredos gnósticos e órficos e é a fé maniquéia".

Por sua vez, H. I. Marrou atesta:

"(...) da fato, a gnose e seu dualismo pessimista exprimem umas das tendências mais profundas do espírito humano, uma das duas ou três opções fundamentais entre as quais o homem deve finalmente escolher. Claude Tresmontant mostrou bem a permanência da tentação gnóstica, sem cessar reaparecida, sob formas diversas no pensamento ocidental no curso de sua história nos Bogomilas e Cátaros da Idade Média, em Spinoza, Leibnitz, Fichte, Schelling, Hegel. Poder-se-ia continuar esta história além do romantismo alemão e até nossos dias: o destino de Simone Weil é particularmente muito significativo; foi bem o seu neo-gnosticismo que a deteve finalmente na soleira da Igreja e sua herança se reencontrava na obra histórica de sua amiga e discípula Simone de Pétrement". (1)

Um conceito é obtido a partir da síntese abstrativa de traços notados num certo grupo de fenômenos tomados como exemplares de uma espécie. Se o conjunto dessas notas conseguiu apreender adequadamente a essência da espécie, o conceito poderá ser generalizado para outros fenômenos da mesma espécie. A prova de que a generalização é adequada -- insisto -- reside na coincidência entre as propriedades deduzidas do conceito e aquelas observadas nos novos fenômenos que se pretende abranger nele.

Se o conceito fedeliano de gnose pretende abarcar a continuidade essencial de um fenômeno histórico em todas as suas manifestações,

estas devem portanto ter algo em comum que permita pensá-las como unidade. Se a própria formulação lógica do conceito exclui alguma das mesmas manifestações inicialmente tomadas como exemplares, é porque ele não apreendeu corretamente a essência considerada, mas apenas alguns de seus aspectos acidentais. Uma definição feita a partir da coleta de aspectos acidentais não apenas é incapaz de dar conta dos fenômenos que abrange, porém, mais ainda, não poderá sem grave erro ser generalizada para abarcar novos fenômenos, pois estes se arriscam a não ter com os primeiros outro nexo senão acidental.

Um conceito elaborado nessas condições é garantia segura de confusão e erro.

Tal é, precisamente, o caso do conceito criado pelo sr. Fedeli. Já no seu enunciado inicial, "conhecimento do incognoscível", ele exclui do fenômeno gnóstico pelo menos duas de suas manifestações modernas mais inquestionadas pelos estudiosos, isto é, o positivismo e o neopositivismo. Possuindo todas as seis características da gnose moderna tal como descrita por Voegelin, estas duas escolas têm como seu princípio fundamental, justamente, a abdicação sistemática de todo conhecimento que esteja para lá da experiência sensorial e portanto, *a fortiori*, o "conhecimento do incognoscível".

Logo a seguir, ao afirmar que "*a gnose repele a inteligência e a lógica como enganadoras. O verdadeiro conhecimento seria intuitivo, imediato e não discursivo e lógico*" o sr. Fedeli exclui do fenômeno gnóstico todo o racionalismo clássico, a começar por Spinoza e Leibniz, que, linhas adiante, citando Marrou, ele mesmo classifica como gnósticos. Exclui ainda Hegel, também mencionado como gnóstico por Marrou. Para fazer uma idéia de quanto Hegel estava longe de todo intuitivismo, basta dizer que ele qualificava de "inimigo da humanidade" quem quer que, fugindo à demonstração racional, apelasse à sentença de um "juiz interior".

Um conceito que não somente não pode ser generalizado para abranger outros fatos, mas que **não abarca nem mesmo os próprios fatos dos quais partiu a sua formulação** não é, obviamente, um conceito, mas apenas a expressão vaga e autocontraditória de uma impressão subjetiva.

O sr. Fedeli não tem, portanto, *nenhum* conceito de gnose. Não digo que tenha um conceito ruim, ou tosco, ou primário. Não tem nenhum. Tem apenas uma imagem, um símbolo unificador – o da serpente no Paraíso – em torno do qual pode agrupar, pelo método mágico da

analogia, uma multidão de fatos objetivamente inconexos, cuja acumulação dê ao conjunto uma aparência de verossimilhança fortemente persuasiva -- na verdade, tanto mais fortemente persuasiva quanto menos logicamente fundamentada.

Um símbolo não pode, como um conceito geral, ser aplicado a casos particulares pelo método racional que confronta as propriedades observadas neste últimos com as propriedades deduzidas do conceito geral. Um símbolo pode ser apenas "associado", por analogia, a outros símbolos, e organizado numa cadeia de símbolos. Mas uma analogia não é uma identidade; bem ao contrário, é um misto indissolúvel de semelhanças e diferenças, de modo que, de uma cadeia simbólica, por mais extensa e rica que seja, nada se pode concluir quanto à realidade ou irrealidade dos nexos assinalados.

Também é evidente que qualquer julgamento classificatório que se faça de um caso particular tomando como base não um conceito, mas um símbolo, será logicamente "irrefutável" pelo simples fato de não ter um conteúdo concetual identificável que permita, nele, separar o verdadeiro do falso. Tal é exatamente o que acontece com o juízo que o sr. Fedeli faz dos meus escritos.

Comparado a qualquer esboço de apreensão conceitual, mesmo canhestra, mesmo errada, essa forma de pensamento é primitiva, irracional e puramente mágica. O desprezo que o sr. Fedeli mostra ao irracionalismo gnóstico é pura afetação, ocultando a confiança cega que ele deposita na sua própria fantasia subjetiva.

Confiar-se a esse método no puro domínio investigativo, sem conseqüências práticas para ninguém, já seria uma irresponsabilidade absolutamente intolerável. Usá-lo como critério classificatório para um julgamento que pode ter efeitos lesivos sobre a reputação alheia é o cúmulo da leviandade. Mas o que mais se poderia esperar de um sujeito que, para disparar sobre outrem uma acusação de toxicomania, se baseia num livro que nem leu?

Espero que, diante dessa constatação, o sr. Fedeli não se apegue ao subterfúgio de que essa sua definição de gnose foi apenas uma tentativa informal e provisória – pois isto implicaria reivindicar, para um texto publicado e referendado pelo autor, o privilégio da interpretação figurada e liberal, que ele jamais concede às minhas palavras nem mesmo quando proferidas oralmente, de improviso, e transcritas sem minha correção. Essa duplicidade de critérios trairia de imediato a mais completa desonestidade, agravada ainda pelo fato de que o referido texto, sendo o único que na sua *homepage* é

consagrado *ex professo* à explicitação de um conceito capital na sua obra escrita, assume nela portanto uma importância igualmente capital.

É evidente que a confusão do sr. Fedeli não tem de ser explicada necessariamente, em primeira instância, como fruto da malícia. O detalhe mais pitoresco – ou mais trágico – da sua fantasia é que, buscando definir a gnose pela sua contradição constitutiva, ele acaba por emitir, não a definição de uma contradição, mas uma definição autocontraditória. Qualquer principiante de lógica percebe a diferença entre o enunciado de uma contradição e um enunciado que se contradiz a si mesmo. Mas a contradição que o sr. Fedeli vislumbrou no seu objeto acabou por se apossar do próprio instrumental lógico com que ele tentava captá-la, e no fim as névoas da gnose encobriram o próprio olhar que buscava esclarecê-las. O sr. Fedeli é bem mais gnóstico do que jamais poderia imaginar.

Esse caso ilustra o triste destino do estudioso que, armado de um instrumental intelectual precário, se aventura a atacar um assunto superior à suas forças. A *forma mentis* do sr. Fedeli é inteiramente moldada e limitada pelos dois únicos elementos que a compõem: a extensa leitura dos textos doutrinais católicos e as técnicas de pesquisa historiográfica que aprendeu na USP. Faltam-lhe por completo a habilidade filosófica para a penetração teorética dos conceitos e a agudeza semântica para distinguir os sentidos das palavras conforme o contexto e o momento. Sua incompreensão do que lê raia freqüentemente a estupidez, como se vê na freqüência com que ele incorre na confusão entre figuras de linguagem e conceitos formais e na alteração pura e simples do sentido das palavras (se bem que seu discípulo Felipe Coelho supere o mestre nesse ponto, ao interpretar “virtude salvífica da devoção intelectual” como “salvação pelo conhecimento”). A prova de que essa confusão não é acidental, mas reflete uma sua incapacidade crônica, uma falha na sua formação intelectual e talvez até um escotoma na sua percepção geral do mundo, é que ele não a comete somente ao ler, mas também ao pensar, como se viu no presente caso, onde, imaginando elaborar um conceito, ele não produz senão símbolos e analogias.

A falta de sensibilidade para a diferença entre sentido reto e sentido oblíquo, portanto um literalismo mecânico e raso, é vício redibitório em qualquer estudioso cuja ocupação consista, basicamente, em interpretação de textos. Talvez por isso esse historiador *raté* tenha preferido dedicar-se, longe das sutilezas de um público mais culto, à carreira de líder de seita. Aí, numa atmosfera onde o temor

reverencial, o fanatismo religioso e o constante sobressalto das ovelhas que se sentem rodeadas de lobos inclinam à atrofia geral do senso das nuanças da linguagem, o mestre está livre para repassar ao público as suas deficiências de compreensão, a sua desordem interior e a sua doença espiritual.

24/07/2001

Notas

(1) Orlando Fedeli, “Gnose: a religião oculta da História”, em *http://www.montfort.org.br*.

Home - **Informações** - **Textos** - **Links** - **E-mail**

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20041215001451/http://www.montfort.org.br:80/per…

Espaço do Leitor

Carta ao leitor

Prezados senhores,

Envio em anexo uma resposta aos 4 e-mails de alunos ou admiradores do Sr. Olavo de Carvalho que foram recebidos pela Montfort nos últimos dias, juntamente com uma cópia de cada um dos e-mails referidos. Aproveito para avisá-los de que a última resposta do Prof. Orlando Fedeli acaba de ser publicada em <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo7.html>, e é excelente.

Salve Maria,
Felipe Coelho.

Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho

Felipe Coelho

Sentindo-se talvez seguros pela demora da resposta do Prof. Orlando Fedeli (que aliás acaba de ser publicada e é devastadora: cf. Orlando Fedeli, "Enrolavos, remendos e gambiarras", <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo7.html>), alunos e admiradores do Sr. Olavo de Carvalho enviaram nos últimos dias à *homepage* da Montfort cada qual um e-mail, defendendo este gnóstico. Seus e-mails são simplesmente impressionantes, pois cada um é uma confissão de gnose e de repúdio à Igreja Católica, de modo que eles sozinhos já provam os "bons frutos" dos ensinamentos do Sr. Carvalho, encerrando de vez a questão. Mesmo assim, faço a seguir breves comentários a cada um deles, anexando-os a este artigo, que trata também da 12ª enrolavice (Olavo de Carvalho, "Qual o conceito de gnose do sr. Fedeli?", 24.07.2001, *in* <http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli8.html>). Diante de tais manifestações surpreendentes, eu poderia até dizer, exagerando um pouco e brincando com um ditado conhecido: "Com inimigos desses, quem precisa de amigos?"

1. Pedro Sette Câmara, astrólogo, editor do jornal olaviano *O Indivíduo*, aluno do Sr. Olavo

O primeiro e-mail que chegou foi o de Pedro Sette Câmara. Antes de começar a escrever artigos de auto-ajuda para o jornal *O Globo* (sobre como descobrir sua vocação, etc), o Sr. Câmara era o principal articulista de temas "católicos" do jornal olaviano *O Indivíduo*, no qual assinava até uma coluna contra heresia, mais tarde extinta (provavelmente quando o Sr. Câmara comprou um espelho). Pois bem, em seu confuso e-mail, ele não só defende a astrologia e pede para fazer o mapa astral do Prof. Orlando Fedeli e de mim, como termina com a seguinte pérola: "É possível, sim, ser católico e anarquista... ser católico e achar que o Estado não deve proibir a pornografia...". Eu sei, é difícil de acreditar, e por isso anexo o e-mail do Sr. Câmara junto a este artigo, como prova. Mas, pensando bem, até que isso não é tão surpreendente, vindo da boca de alguém que se refere ao Catolicismo e a Nosso Senhor Jesus Cristo nos seguintes termos: "uma religião fundada por um sujeito que vivia cercado de prostitutas." (Pedro Sette Câmara, "Um recado aos fiscais de ortodoxia", <http://www.oindividuo.com/pedro25.htm>). Tenho ainda muitos outros textos

interessantíssimos do Sr. Câmara, mas não vou perder meu tempo citando-os; quem quiser que os leia na *homepage* de seu jornal. Ao menos em uma coisa, entretanto, tenho de concordar com o Sr. Câmara (e com Aquele que o olaviano cita, para sua própria condenação): "Pelos frutos os conhecereis"...

2. Martim Vasques da Cunha, jornalista, admirador do Sr. Olavo

O segundo e-mail foi o de Martim Vasques da Cunha, que aproveita a deixa para defender um protestante que escreveu recentemente para a Montfort. Imitando o alto nível intelectual mantido pelo Sr. Carvalho neste debate, o Sr. Cunha declara: "se eu fosse o tal leitor, faria tocaia na porta de casa e acertaria as contas."

O Sr. Cunha, além de não saber escrever (um conselho: contrate um revisor ortográfico para o seu livro, pois construções como "o meramente assunto" e "como se procede o método" são um insulto à língua portuguesa), mostra também que não sabe ler, pois acusa o Prof. Orlando Fedeli de não ter feito um trabalho analisando exaustivamente a obra do Sr. Carvalho, e a mim de não ter lido toda a obra de Eric Voegelin. Ora, o trabalho do Prof. Fedeli foi escrito em resposta a um desafio do Sr. Carvalho e para provar a gnose deste e de seu guru Guénon, para o que não foi necessário analisar toda a obra dos dois, como se viu. Quanto a mim, apenas me limitei a demonstrar que o Sr. Carvalho chuta também ao falar de Voegelin, que ironicamente o refuta em todos os pontos de seu artigo. Para isso, como se viu, não foi necessário ler toda a obra voegeliana, o que aliás se tornou ainda mais inútil agora que um amigo do Sr. Carvalho admitiu que Voegelin é gnóstico, como se verá adiante.

Finalmente, o Sr. Cunha critica o modo com que o Prof. Orlando Fedeli defende a Igreja Católica. Mas veja-se o que pensa realmente o Sr. Martim Vasques da Cunha a respeito da Santa Igreja: "A Igreja Católica mente como nunca e ela está sempre atrasada em termos intelectuais. Por favor, não acredito que ainda existem pessoas que acham que a Igreja Católica é infalível. (...) A instituição da Igreja Católica não representa Jesus Cristo. Representa, isso sim, os interesses dos papas e dos cardeais que lutam para se aliar com o Estado de César." (Martim Vasques da Cunha, 19.03.2001, *Forum Sapientia*, tópico "René Guénon", subtópico "Projeto científico de Olavo de Carvalho?"). E ainda, no mesmo local: "A Igreja Católica é uma das instituições mais permissivas que existem. Ela não tem nada a ver com o Catolicismo primordial, o verdadeiro Cristianismo." (20.03.2001). E por fim, no mesmo local, respondendo a um Católico que protestou contra os insultos do Sr. Cunha à Igreja: "...é melhor que fique mesmo de matraca fechada porque revoltas de papa-óstia [sic] prejudicam a discussão... fico contente se o senhor contribuir com a discussão, defendendo a Fé Católica e não a instituição que finge representá-la, já dominada há muito tempo pelo Anti-Cristo." (21.03.2001).

"Pelos frutos os conhecereis"...

3. José Nivaldo Cordeiro, articulista do jornal olaviano *O Indivíduo*, aluno do Sr. Olavo [vide errata]

O terceiro e-mail foi o de José Nivaldo Cordeiro, articulista do jornal olaviano *O Indivíduo*, que já começa admitindo que seu professor Olavo de Carvalho o ajudou a ser um "cristão" sem Igreja: "A obra do Olavo, a bem da verdade, ajudou-me a ter uma maior clareza do que é ser cristão, a ponto de hoje eu me declarar abertamente assim, embora sem igreja alguma."

Mas que "cristianismo" é esse do Sr. Cordeiro? Para começar, ele aponta como grandes homens espirituais Jesus Cristo, São Paulo, Jung e Olavo de Carvalho (José Nivaldo Cordeiro, 24.03.2001, in *Forum Sapientia*, tópico "Sugestões", subtópico "Política e religião", p. 19, <http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum6/HTML/000050-19.html>). Defende abertamente o milenarismo, e chama a Nova Era de "Era do Ecumenismo Radical", inspirando-se no termo cunhado por seu professor Olavo de Carvalho: "...não adiantam [sic] os críticos do milenarismo vociferarem contra a Nova Era. É um fato astronômico, é Física. Efetivamente iniciou-se o Ano Platônico de Aquário. O que é importante é se perguntar se algo muda na mente do homem, se a humanidade de alguma maneira passará por alguma metamorfose. A dar crédito a Jung, por exemplo, haverá sim, na verdade já houve: a Era de Aquário implica em ir além do Cristianismo..." (José Nivaldo Cordeiro, "A Era do Ecumenismo Radical", 27.12.2000, in *Forum Sapientia*, tópico "Sugestões", subtópico "Política e religião", p. 8, <http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum6/HTML/000050-8.html>).

O Sr. Cordeiro, que de cordeiro não tem nada, afirma ainda que o sacramento do batismo foi uma "exteriorização", uma "burocratização" feita por sacerdotes, da "vivência

interior", da "experiência direta com Deus" (será que ele é gnóstico?). Logo em seguida, falando do Deus da Igreja Católica, o Sr. Cordeiro acrescenta: "O Deus que morreu é esse deus da burocracia clerical, que ninguém medianamente inteligente pode aceitar". Depois, ainda no mesmo artigo, o Sr. Cordeiro admite sua heterodoxia ao esclarecer um outro ponto deste curioso "cristianismo" do qual ele é "papa": "Para a burocracia eclesiástica, e não só da Igreja Católica, você está certa, há os 'salvos' e os 'condenados'. Mas a minha leitura dos Evangelhos sinóticos, nas palavras atribuídas a Cristo, não encontrei essa dicotomia." (José Nivaldo Cordeiro, 24.03.2001, in *Forum Sapientia*, tópico "Sugestões", subtópico "Política e religião", p. 20, <http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum6/HTML/000050-20.html>).

"Pelos frutos os conhecereis"...

4. Prof. José Osvaldo de Meira Penna, presidente do Instituto Liberal de Brasília, colega do Sr. Olavo (ontem na revista esotérica *Planeta* e hoje no *Jornal da Tarde*)

Por fim, o último e-mail recebido sobre a polêmica foi o do também junguiano Prof. José Osvaldo de Meira Penna (cf. J. O. de Meira Penna, "D. Juan e o bandeirante brasileiro", in *Revista Planeta*, edição especial sobre Jung, s/ data). Nele, o Prof. Meira Penna admite que Eric Voegelin é gnóstico (os negritos são meus): "**O próprio Voegelin**, ao final de sua obra e especialmente em *Anamnesis*, que é uma espécie de auto-biografia que ele escreveu pouco tempo antes de falecer, **declara que suas posições sobre o Gnosticismo mudaram. Na realidade, ele não fala mais nisso e revela uma postura que me parece bastante 'gnóstica'**, a saber que a Verdade e o Conhecimento (gnosis) podem ser alcançados não só através da 'Revelação' cristã, mas pela filosofia (entenda-se, a filosofia grega)."

Muito obrigado por confirmar minhas suspeitas, professor.

5. Olavo de Carvalho e seu 12º (décimo-segundo!) enrolavo

Por fim, analisemos muito brevemente a última mudança de assunto do Sr. Olavo de Carvalho. Não há novidades, apenas mais fugas e contradições, tudo naquele estilo obscuro que deixa seus alunos e admiradores num estado de "confusão", como eles mesmos admitem pelo título de seus e-mails. Pois o Sr. Olavo de Carvalho continua sem dizer uma linha sobre a gnose de Guénon ou dos textos olavianos analisados pelo Prof. Orlando Fedeli em seu trabalho (Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho*, <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>). Ao invés disso, o Sr. Carvalho aqui critica um outro artigo do Prof. Fedeli, discorre sobre Hegel, finge que não leu minha refutação e insiste sobre Voegelin (cf. Felipe Coelho, "Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho", <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo6.html>), embroma sobre "lógica", etc.

Para cúmulo do ridículo, a crítica que o Sr. Carvalho faz a uma das definições ("conhecimento do incognoscível") que o Prof. Orlando Fedeli dá à gnose em seu breve artigo introdutório foi tirada *do próprio artigo* do Prof. Fedeli! Maior descaramento, impossível. Pois diz o Prof. Orlando Fedeli em seu artigo: "Evidentemente, essa conceituação revela uma contradição que é típica da gnose. Conhecer o incognoscível é uma contradição *conceitual e lógica*." (Orlando Fedeli, "Gnose - Religião oculta da história", <http://www.montfort.org.br/veritas/gnose.html>, itálico meu).

E assim acaba a controvérsia. Encerro aqui minha participação, para não permitir que isso se torne uma disputa entre alunos, desviando o assunto. Que estrebuchem à vontade os demônios. Depois da 12ª (décima-segunda!) fuga do Sr. Olavo de Carvalho e dos esclarecedores e-mails de seus alunos e admiradores, além é claro da arrasadora última resposta do Prof. Orlando Fedeli, já deve ter ficado bastante claro a todos quem está do lado da Igreja Católica e quem está do lado da gnose e da heresia.

In Jesu et Mariae,
Felipe Coelho.

05.08.2001

Email 1:

-----Mensagem Original-----
De: Pedro Sette Câmara
Para: Felipe Coelho ; Montfort Associação Cultural
Enviada em: Sexta-feira, 3 de Agosto de 2001 19:30
Assunto: Notas sobre a confusão

Notas sobre a confusão

1. Realmente, não sei quais são as coisas que eu sei que os demais alunos do *Seminário de Filosofia* não podem saber. É compreensível que eu saiba mais coisas ensinadas por Olavo de Carvalho e sobre a vida de Olavo de Carvalho uma vez que sou aluno dele há alguns anos, já moramos na mesma cidade, e eu freqüentasse sua casa - junto com outros amigos, aliás - , além de ser amigo de alguns de seus filhos e até hoje tenha aulas de astrologia - ó horror! - com um deles, a quem muito admiro e estimo. Contudo, nada do que ouvi dos membros da família Carvalho me foi dito em segredo. Se há uma sociedade secreta dentro do *Seminário de Filosofia*, também eu preciso ser informado.

2. Tenho uma dúvida, e creio que só o Sr. Fedeli, tão conhecedor das burocracias da Igreja, poderia resolvê-la. Por acaso um homem que durante anos e anos da sua vida tenha pertencido a uma seita herética, como a TFP, não precisa acertar as contas com o Santo Ofício, sobretudo antes de pretender falar publicamente de assuntos da Igreja como se dela fosse o mais puro dos membros?

3. Sou apenas um estudante de astrologia, e falta muito para que eu consiga equacionar esta questão na minha cabeça. Mas posso, já que o assunto anda tão badalado, arriscar uma interpretação: suas confusões verbais e seu ímpeto de cruzado aparecem na atual oposição entre Saturno em Gêmeos e Marte em Sagitário. Não me espantaria também se o Sr. Fedeli ou o Sr. Coelho tivessem Saturno na Casa IX. Se os Srs. fornecessem os horários e locais de nascimento, isto contribuiria muito para a minha compreensão dos símbolos astrológicos.

4. Os Srs. aí da Montfort não acham que essas estrelinhas antes dos títulos no site de vocês são altamente maçônicas?

5. É impressionante como há pessoas que, não contentes em se dizer católicas, ainda exigem que o resto dos católicos se conforme à sua imagem mental do que venha a ser catolicismo. É possível, sim, ser católico e anarquista, ser católico e defender a livre-empresa, ser católico e achar que o Estado não deve proibir a pornografia, enfim, ser católico e *não achar que o catolicismo depende de fazer o mundo conformar-se a uma visão pessoal de mundo considerada "católica"* - isto sim seria uma "gnose" de tinturas católicas, como a TFP, de onde surgiu o Sr. Fedeli. Pelos frutos os conhecereis.

Pedro Sette Câmara

Email 2:

-----Mensagem Original-----
De: maria da piedade eca e almeida
Para: Pedro Sette Câmara ; Felipe Coelho ; Montfort Associação Cultural
Enviada em: Sábado, 4 de Agosto de 2001 00:58
Assunto: Algumas certezas nessa confusão

Aos interessados na polêmica Fedeli - Olavo de Carvalho:

No meio dessa confusão de quem é e quem não é gnóstico, quem presta e quem não presta, quem é maluco e não é maluco, existem certos pontos que ficam cada vez mais claros:

1) O Sr.Orlando Fedeli tem uma antipatia pessoal pelo Sr. Olavo de Carvalho. Isso fica óbvio quando se lê um dossiê de 140 páginas cheio de trechos da obra do Sr. Carvalho, com o intuito de querer denunciar seu "gnosticismo", mas nunca se tem apreensão total da obra do mesmo, o que é a melhor amostra de como se procede o estranho método científico do sr.Fedeli. Ou seja, o Sr. Fedeli leu a obra do Sr. Carvalho pela farra da polêmica, nunca pelo desejo de conhecer melhor, mesmo considerando-o como seu pretenso inimigo.

2) No entanto, o Sr. Olavo de Carvalho não é o mocinho da história. Ele até estava indo bem, mas perdeu 50% da razão ao responder ao Sr. Felipe Coelho, chamando-o de "menino idiota". Ora, numa discussão que deveria ser de interesse intelectual (e nunca pessoal, como é o caso do Sr.Fedeli), o Sr. Carvalho saiu do controle ao xingar de forma tão pessoal um competidor na corrida rumo ao "quem está certo".

3) O Sr. Felipe Coelho é um discípulo dedicado do Sr. Fedeli, isso é cristalino. Ele segue os mesmos métodos científicos: o melhor exemplo é a absurda refutação que faz entre o Sr. Carvalho e a obra de Eric Voegelin. O Sr. Coelho não deve ter tido tempo suficiente para ler completamente a obra tão vasta e complexa deste cientista político. Afinal, ele cita as Autobiographic Reflections, a Nova Ciência da Política, mas não cita quase nenhum trecho (e quando cita, é por meio de terceiros - no caso, uma série de resumos encontrado em um site da internet, divulgado na home page de Olavo de Carvalho (não é irônico?) -, o que desqualifica a argumentação) de Order and History, a monumental revisão que Voegelin faz da história das idéias e dos símbolos. Para estudar a obra de Voegelin, é preciso ter uma dedicação e um tempo que ultrapassa o meramente assunto de "quem é e quem não é gnóstico". Logo, o Sr. Coelho se embananou todo ao querer imitar o seu Mestre, pois, antes de tudo, deve- se ler Voegelin e Olavo de Carvalho (e qualquer autor que se preze hoje em dia) para ter a apreensão total do sentido da obra; somente depois, e muito depois, deve-se analisar parte por parte para acrescentar detalhes à conclusão geral. Sugestão ao Sr. Coelho: só escreva sobre Eric Voegelin quando ler e meditar sobre sua obra na *íntegra*.

4) Os discípulos montfortianos fazem inquisição intelectual. A prova disso está no próprio site em que algum discípulo (não me lembro quem) fez um texto sobre Guimarães Rosa em que , entre outras, criticava sua obra por não ser católica e sim "gnóstica". Ora, bolas, então não posso ler Moby Dick do Melville, William Blake, o Ulysses de Joyce, Jung, René Guénon - ou seja, tudo aquilo que eu deveria ler para saber o que é certo e errado? Para a Montfort, o leitor não tem liberdade nenhuma de fazer seus próprios critérios - eles fazem por você. O único preço que você paga é um pouco da liberdade do seu espírito.

5) Não sou seguidor, discípulo, aluno ou amigo do Sr. Olavo de Carvalho. Mantive apenas alguns contatos com ele por telefone e por e-mail para um livro que ainda estou escrevendo e nos últimos tempos andei um pouco desapontado pelo fato do tópico "Cristianismo X Gnosticismo" ter sido eliminado do seu Fórum na internet. Tempos depois, meus companheiros de correspondência por e-mail, Graça Salgueiro e José Nivaldo Cordeiro, me explicaram as verdadeiras razões do Sr. Carvalho ter agido daquela maneira, no qual compreendi apenas em parte. Mas isto é um problema meu e não do Sr. Carvalho. Escrevo isto para constatar que não tenho nenhum vínculo com o escritor, jornalista e filósofo Olavo de Carvalho a não ser aquele que é o mais saudável entre um estudioso e

um autor: a da leitura silenciosa e individual. Por isso, não o defendo em hipótese nenhuma. Apenas constato que no meio dessa barafunda, o Sr. Carvalho tem mais razão intelectual que o Sr. Fedeli. Este, por sua vez, não me desperta nenhuma simpatia ou interesse em ver suas tão comentadas aulas. No Espaço ao Leitor do site Montfort ele trata com tamanho sarcasmo um leitor protestante que lhe pergunta sobre o culto da Virgem Maria que, se eu fosse o tal leitor, faria tocaia na porta de casa e acertaria as contas. Uma coisa é defender a Igreja Católica; a outra é atacar os outros ramos cristãos para preservar o que lhe resta do seu latifúndio. Perto disso, chamar um discípulo de "menino idiota" é uma piada de mal gosto. O Sr. Fedeli é o exemplo perfeito não de uma tradição católica e sim de uma instituição que está atrasada e não assumiu suas limitações. Ele é o gnóstico em questão - quer provocar a discórdia não só intelectual, mas do espírito. E ao ficar assinando em nome de Cristo, deveria saber que não será perdoado pois sabe muito bem o que faz.

Cordialmente, mesmo para aqueles que se sintam ofendidos com esta mensagem,

Martim Vasques da Cunha de Eça e Almeida
Jornalista

Email 3:

-----Mensagem Original-----
De: José Nivaldo Cordeiro
Para: pedrosette ; felipecoelho ; webmaster@montfort.org.br; mpbalmeida
Enviada em: Sábado, 4 de Agosto de 2001 10:32
Assunto: Re: Algumas certezas nessa confusão

Caro Amigo Martim,

Eu não li todo o material da polêmica, pois estou metido em outros projetos mais urgentes, que me têm tomado muito tempo. Mas desde o início achei que as posições do Sr. Fedeli estão além do debate intelectual saudável. São, para dizer o mínimo, histriônicas . Ele partiu para o messianismo, possuído de certezas que só têm os chalatães e ou loucos. Ou ambos. As posições do Olavo de Carvalho eu as conheço e respeito. A obra do Olavo, a bem da verdade, ajudou-me a ter uma maior clareza do que é ser cristão, a ponto de hoje eu me declarar abertamente assim, embora sem igreja alguma.

De qualquer modo, agradeço pela lembrança ao me pôr a par da discussão. É sempre um grande prazer ler as suas inteligentes observações.

Abraço fraterno.

José Nivaldo

PS. "Grande Sertão, Veredas", é um livro cristão, sim. Para entender isso é preciso decifrar a linguagem e os símbolos contidos no livro. Quem pensar o contrário não entendeu o mestre Guimarães Rosa. Que será que a turma do Fedeli pensa do símbolo do Urutu-branco?

Email 4:

-----Mensagem Original-----
De: Meira Penna
Para: José Nivaldo Cordeiro
Cc: pedrosette ; felipecoelho ; webmaster@montfort.org.br
Enviada em: Sábado, 4 de Agosto de 2001 16:23
Assunto: Re: Algumas certezas nessa confusão

Creio que a briga sobre o Gnosticismo é estéril. O próprio Voegelin, ao final de sua obra e especialmente em "Anamnesis", que é uma espécie de auto-biografia que ele escreveu pouco tempo antes de falecer, declara que suas posições sobre o Gnosticismo mudaram. Na realidade, ele não fala mais nisso e revela uma postua que me parece bastante "gnóstica", a saber que a Verdade e o Conhecimento (gnosis) podem ser alcançados não só através da "Revelação" cristã, mas pela filosofia (entenda-se, a filosofia grega). É isso o que fizeram os grandes pensadores dos dois últimos séculos, inclusive Nietzsche, Jung e uma grande cópia de teólogos tanto católicos quanto protestantes. O que é necessário, a meu juízo, é superar o "dogmático". Não é mais possível seguir a leitura literal da Bíblia, que é o que fazem os Fundamentalistas. Apocalipse e Evangelho de S. João, por exemplo, estão cheioos de idéias gnósticas. Isso o prórpio Voegelin declara. Os puritanos ingleses não eram gnósticos, como Voegelin em certo ponto sugere, mas pelo contrário, fieis intérpretes dos Evangelhos e da Bíblia hebraica. Assim, acho que a discussão entra numa troca semântica polêmica que é inútil. Um abraço atencioso a todos os amigos, conhecidos e desconhecidos. MEIRA PENNA

ERRATA:

Prezados senhores,

Em meu recente artigo "Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho", enviado ontem, eu disse por engano que José Nivaldo Cordeiro é "articulista do jornal olaviano 'O Indivíduo' e aluno do Sr. Olavo". Em lugar disso, leia-se apenas: "admirador do Sr. Olavo".

Evidentemente, isso em nada muda minha argumentação.

Salve Maria,
Felipe Coelho.

[voltar para item 3 da carta]

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas ao artigos: duvidas@montfort.org.br
Correções e outras informações: webmaster@montfort.org.br

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20150703094329/http://www.olavodecarvalho.org:8…

Aviso Número 4

Juntando as quatro teses da gnose antiga assinaladas pela Enciclopédia Routledge às seis da moderna apontadas por Eric Voegelin, desafiei o sr. Fedeli a mostrar, nos meus escritos, alguma afirmação que coincidisse com umas ou com as outras. Como ele apareceu com algumas centenas, nas quais porém não vejo nada disso, só posso concluir que ou estou redondamente enganado quanto ao sentido de tudo o que escrevi ao longo da vida, ou o sr. Fedeli não está me compreendendo bem.

Esta última hipótese me parece, francamente, a mais razoável.

Um dos inúmeros motivos que me levam a acreditar nisso é que, das amostras colhidas por ele, nem todas são minhas. Muitas são de autores que, um tanto *cum grano salis*, denominei “meus gurus”. Tomando esta palavra ao pé da letra, no sentido de discipulado estrito portanto, e sem notar que o número e a variedade desses gurus já tornam absolutamente inviável essa interpretação, ele compõe com ela raciocínios do seguinte teor:

> *Olavo de Carvalho diz jamais ter afirmado que* x *é* y.
> *Ora, Fulano de Tal afirma que* x *é* y.
> *Olavo de Carvalho é discípulo de Fulano de Tal.*
> *Logo, Olavo de Carvalho afirma que* x *é* y.

Em resultado dessa operação, repetida vezes sem conta, vejo-me dizendo o que não disse, crendo o que não creio, sendo o que não sou.

Se eu estivesse em alguma crise de identidade, talvez me interessasse profundamente pelo sentido que o sr. Fedeli encontra nos meus pensamentos, tão diverso daquele que eu próprio costumo enxergar neles. Talvez até admitisse me colocar em exame pelo método fedeliano de me atribuir lealdades e filiações que desconheço, e

deduzir delas as convicções que, se não as tenho, deveria tê-las para ser o que o sr. Fedeli diz que sou.

Mas minhas dúvidas a meu próprio respeito não chegam a esse ponto.

Muito menos duvido de mim ao ponto de imaginar que sou Orlando Fedeli. Não obstante, às vezes o sr. Fedeli me atribui não os pensamentos de terceiros, mas os seus próprios. Por exemplo: entre as seis características que Voegelin aponta na gnose moderna, está a "revolta contra a ordem do ser". Ao desafiar portanto o sr. Fedeli a assinalar nos meus escritos a revolta contra a ordem do ser, seguro de que ele não poderia encontrá-la, pois não sinto essa revolta de maneira nenhuma, eu tinha em vista, obviamente, a ordem do ser *tal como definida por Eric Voegelin* (a qual, por uma coincidência, se encontra resumida no meu artigo "O infinito de Anaximandro"). Já o sr. Fedeli, ignorando totalmente o conceito voegeliniano subentendido no desafio, preferiu compreender a expressão "ordem do ser" no sentido da ordem do ser *tal como concebida por Orlando Fedeli* – e, notando que estou em desacordo com esta última, concluiu, com rigor lógico impecável, que estou revoltadíssimo contra a ordem do ser enquanto tal e que, portanto, sou um gnóstico. Por exemplo, na ordem do ser segundo Orlando Fedeli a liberdade de consciência é – cito-o literalmente – "uma monstruosidade". Ora, Olavo de Carvalho não concorda plenamente com isso, ao menos no sentido que a coisa tem em Orlando Fedeli. Logo, Olavo de Carvalho está contra a ordem do ser. *Quod erat demonstrandum.*

Outro exemplo desse *modus interpretandi* está no uso que ele faz da expressão "estar insatisfeito com a própria situação", com a qual Voegelin distingue outra característica da mentalidade gnóstica. Para provar que essa característica define inconfundivelmente a minha mentalidade, o sr. Fedeli alega que estou insatisfeito com a situação *do presente debate*. Logo, sou um gnóstico. O próprio Voegelin, ao conceber esse critério distintivo, não pensava que ele pudesse ter uma aplicação tão engenhosa.

Na verdade, o sr. Fedeli não afirma que estou apenas insatisfeito, mas furioso, hidrofóbico, espumando de cólera impotente ante a penetração e a argúcia das suas análises. Mesmo à distância, ele chega a descrever com singular acuidade psicológica o estado emocional tremebundo e animalesco que ele jura ter-se apossado do meu ser à leitura de sua fulminante exegese da minha filosofia. (1) O método que ele emprega para chegar a esse diagnóstico é o mesmo com que interpretou minha figura de linguagem sobre "cortar o próprio

pescoço" – imitada de Léon Bloy – como uma ameaça de homicídio proferida contra a sua pessoa.

Mas há um momento em que o tirocínio interpretativo do sr. Fedeli se supera. É quando ele, notando que afirmei haver dois sentidos correntes da palavra *fé* na língua portuguesa, vai procurar o verbete correspondente no *Dicionário Aurélio* (como aliás poderia ter procurado em qualquer outro) e encontra os mesmos dois sentidos, daí concluindo, indignado e escandalizadíssimo, que... plagiei o *Dicionário Aurélio*.

O mínimo que posso dizer desses procedimentos hermenêuticos, repetidos *ad nauseam* nas análises que o sr. Fedeli faz do meu pensamento, é que são originalíssimos. Eu mesmo nunca tinha pensado em interpretar meus escritos -- ou os de quem quer que fosse -- por esse viés. Aliás continuo não pensando. Pretendo, mesmo, não pensar jamais.

Por essa mesma razão, não vejo motivo para examinar em detalhe as centenas de citações que o sr. Fedeli tão trabalhosamente coletou, com penas de amor perdidas, em textos meus e nos de outros autores. As amostras do seu método de interpretação que deparei numas poucas páginas do seu novo escrito já me demoveram de qualquer tentação de ler as restantes.

Não quero aprender esse método e acho, realmente, que ninguém deveria aprendê-lo.

05/08/01

Notas

(1) Para descrever esse estado indescritível, o notável escritor ítalo-botocudo se vê obrigado mesmo a realizar um *tour de force* estilístico, afirmando que estou em pleno transe de "esperneamento hidrófobo", figura de grande força poética cujo significado me escapa porque, segundo os manuais de veterinária, animais hidrófobos não esperneiam.

Home - **Informações** - **Textos** - **Links** - **E-mail**

Polêmicas

Download Enviar Imprimir

Reposta ao AVISO 4

PERGUNTA

Nome:

Felipe

Enviada em:

06/08/2001

RESPOSTA

O AVISO 4 do sr. Olavo de Carvalho anuncia sua Fuga em Ré Maior.

Aviso Número 4
<

Olavo de Carvalho

Juntando as quatro teses da gnose antiga assinaladas pela Enciclopédia Routledge às seis da moderna apontadas por Eric Voegelin, desafiei o sr. Fedeli a mostrar, nos meus escritos, alguma afirmação que coincidisse com umas ou com as outras. Como ele apareceu com algumas centenas, nas quais porém não vejo nada disso, só posso concluir que ou estou redondamente enganado quanto ao sentido de tudo o que escrevi ao longo da vida, ou o sr. Fedeli não está me compreendendo bem.

Esta última hipótese me parece, francamente, a mais razoável.

Um dos inúmeros motivos que me levam a acreditar nisso é que, das amostras colhidas por ele, nem todas são minhas. Muitas são de autores que, um tanto *cum grano salis*, denominei "meus gurus". Tomando esta palavra ao pé da letra, no sentido de discipulado estrito portanto, e sem notar que o número e a variedade desses gurus já tornam absolutamente inviável essa interpretação, ele compõe com ela raciocínios do seguinte teor:

Olavo de Carvalho diz jamais ter afirmado que

x *é* y.
Ora, Fulano de Tal afirma que x *é* y.
Olavo de Carvalho é discípulo de Fulano de Tal.
Logo, Olavo de Carvalho afirma que x *é* y.
Em resultado dessa operação, repetida vezes sem conta, vejo-me dizendo o que não disse, crendo o que não creio, sendo o que não sou.

Se eu estivesse em alguma crise de identidade, talvez me interessasse profundamente pelo sentido que o sr. Fedeli encontra nos meus pensamentos, tão diverso daquele que eu próprio costumo enxergar neles. Talvez até admitisse me colocar em exame pelo método fedeliano de me atribuir lealdades e filiações que desconheço, e deduzir delas as convicções que, se não as tenho, deveria tê-las para ser o que o sr. Fedeli diz que sou.

Mas minhas dúvidas a meu próprio respeito não chegam a esse ponto.

Muito menos duvido de mim ao ponto de imaginar que sou Orlando Fedeli. Não obstante, às vezes o sr. Fedeli me atribui não os pensamentos de terceiros, mas os seus próprios. Por exemplo: entre as seis características que Voegelin

aponta na gnose moderna, está a "revolta contra a ordem do ser". Ao desafiar portanto o sr. Fedeli a assinalar nos meus escritos a revolta contra a ordem do ser, seguro de que ele não poderia encontrá-la, pois não sinto essa revolta de maneira nenhuma, eu tinha em vista, obviamente, a ordem do ser *tal como definida por Eric Voegelin* (a qual, por uma coincidência, se encontra resumida no meu artigo "O infinito de Anaximandro"). Já o sr. Fedeli, ignorando totalmente o conceito voegeliniano subentendido no desafio, preferiu compreender a expressão "ordem do ser" no sentido da ordem do ser *tal como concebida por Orlando Fedeli* – e, notando que estou em desacordo com esta última, concluiu, com rigor lógico impecável, que estou revoltadíssimo contra a ordem do ser enquanto tal e que, portanto, sou um gnóstico. Por exemplo, na ordem do ser segundo Orlando Fedeli a liberdade de consciência é – cito-o literalmente – "uma monstruosidade". Ora, Olavo de Carvalho não concorda plenamente com isso, ao menos no sentido que a coisa tem em Orlando Fedeli. Logo, Olavo de Carvalho está contra a ordem do ser. *Quod erat demonstrandum.*

Outro exemplo desse *modus interpretandi* está no uso que ele faz da expressão "estar insatisfeito com a própria situação", com a qual Voegelin distingue outra característica da mentalidade gnóstica. Para provar que essa característica define inconfundivelmente a minha mentalidade, o sr. Fedeli alega que estou insatisfeito com a situação *do presente debate*. Logo, sou um gnóstico. O próprio Voegelin, ao conceber esse critério distintivo, não pensava que ele pudesse ter uma aplicação tão engenhosa.

Na verdade, o sr. Fedeli não afirma que estou apenas insatisfeito, mas furioso, hidrofóbico, espumando de cólera impotente ante a penetração e a argúcia das suas análises. Mesmo à distância, ele chega a descrever com singular acuidade psicológica o estado emocional tremebundo e animalesco que ele jura ter-se apossado do meu ser à leitura de sua fulminante exegese da minha filosofia. (1) O método que ele emprega para chegar a esse diagnóstico é o mesmo com que interpretou minha figura de linguagem sobre "cortar o próprio pescoço" – imitada de Léon Bloy – como uma ameaça de homicídio proferida contra a sua pessoa.

Mas há um momento em que o tirocínio interpretativo do sr. Fedeli se supera. É quando ele, notando que afirmei haver dois sentidos correntes da palavra *fé* na língua portuguesa, vai procurar o verbete correspondente no *Dicionário Aurélio* (como aliás poderia ter procurado em qualquer outro) e encontra os mesmos dois sentidos, daí concluindo, indignado e escandalizadíssimo, que... plagiei o *Dicionário Aurélio*.

O mínimo que posso dizer desses procedimentos hermenêuticos, repetidos *ad nauseam* nas análises que o sr. Fedeli faz do meu pensamento, é que são originalíssimos. Eu mesmo nunca tinha pensado em interpretar meus escritos -- ou os de quem quer que fosse -- por esse viés. Aliás continuo não pensando. Pretendo, mesmo, não pensar jamais.

Por essa mesma razão, não vejo motivo para examinar em detalhe as centenas de citações que o sr. Fedeli tão trabalhosamente coletou, com penas de amor perdidas, em textos meus e nos de outros autores. As amostras do seu método de interpretação que deparei numas poucas páginas do seu novo escrito já me demoveram de qualquer tentação de ler as restantes.

Não quero aprender esse método e acho, realmente, que ninguém deveria aprendê-lo.

05/08/01

Notas

(1) Para descrever esse estado indescritível, o notável escritor ítalo-botocudo se vê obrigado mesmo a realizar um *tour de force* estilístico, afirmando que estou em pleno transe de "esperneamento hidrófobo", figura de grande força poética cujo significado me escapa porque, segundo os manuais de veterinária, animais hidrófobos não esperneiam.

http://www.olavodecarvalho.org/textos/aviso4.htm >São Paulo, 6 de agosto de 2.001
Orlando Fedeli.

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20070427174740/http://www.olavodecarvalho.org:8…

Um grupo de psicóticos

Olavo de Carvalho

Nada mais fácil do que livrar-se de um debate chamando o interlocutor de louco. Não me lembro de ter jamais recorrido a esse subterfúgio, que, bem ao contrário, foi muito usado contra mim por pessoas que nada tinham a opor aos meus argumentos. Mas igualmente fácil e leviano seria obrigar um homem a submeter-se a qualquer cobrança despropositada de um louco, sob a alegação de que chamar o louco de louco seria expediente indigno de um debatedor honesto.

A diferença entre as duas situações é que na primeira o sujeito trata de se desviar rapidamente da conversa mediante uma desculpa de ocasião, enquanto a segunda implica o exame criterioso da psicologia do adversário e a prova de que qualquer conversa racional com ele é impossível. Esta é, precisamente, a situação em que me encontro diante das acusações que me move o sr. Orlando Fedeli.

Que ele é maluco, qualquer pessoa com um pouco de experiência da vida percebe a um primeiro exame. Mas isso não me pareceu razão suficiente para lhe recusar uma resposta, pois há graus e graus de loucura e não supus que a dele fosse tanta que inviabilizasse in limine qualquer possibilidade de diálogo. Foi só aos poucos que me dei conta da extensão da sua patologia, chegando por fim à conclusão de que continuar debatendo com ele seria fazer-me de palhaço.

O sr. Fedeli, de fato, não é um debatedor como os outros. Para ele, alguém discordar de suas opiniões não é simples matéria de divergência intelectual, mas um pecado intolerável – e não apenas intolerável moralmente, mas socialmente: algo, portanto, que não

apenas se deve condenar em sentimentos e palavras, mas que deve ser proibido e reprimido pela autoridade civil. Ele próprio o declara, com extraordinária candura, ao afirmar que, no seu entender, a liberdade de consciência é “uma monstruosidade”.

Ao investir contra um antagonista, ele não o faz portanto na condição de simples debatedor, mas na de autoridade judicial não reconhecida pelo mundo mau. Daí o estilo policial e tribunalício da sua argumentação, na qual as expressões “réu”, “culpado”, “acusado” e “confissão” retornam a cada instante, num refrão obsessivo destinado a transportar o leitor, da situação real, a uma situação imaginária de processo canônico, um ambiente aterrorizante onde discordar da palavra do juiz seria, mais que uma insolência, um risco.

O uso desse estilo numa sociedade livre e democrática, onde mesmo a autoridade religiosa constituída evita impor suas sentenças acima dos direitos assegurados pela legislação civil, já denota, por si, uma personalidade anormal. Mas a suspeita de patologia torna-se uma certeza quando se nota que, em vez de juiz de algum tribunal canônico, o homem que assim fala é apenas um leigo, um cidadão comum, sem qualquer autoridade religiosa e, no máximo, chefe de uma seitinha miserável cuja existência a Igreja ignora solenemente -- um juiz de fantasia cujo veredicto, por terrificante que pareça, não será levado a efeito senão no tribunal da sua imaginação.

Que ele possa pensar que seu esse tribunal é o próprio Juízo Final, e que Deus em pessoa condenará no eterno o que Orlando Fedeli condene neste mundo, é um direito que eu seria o último a lhe negar, persuadido que estou de que o princípio da liberdade de consciência para os homens normais implica, como corolário incontornável, a *liberdade de inconsciência* para os loucos, os bêbados e os menores de idade.

Mas tudo isso ainda não me dissuadia de debater com o sr. Fedeli, pois o diagnóstico de insanidade não me permitia apostar, *a priori*, que se tratasse de quadro clínico irreversível.

Foi só o exame substantivo da sua argumentação que me demonstrou a total inviabilidade de disputar com ele no terreno racional. A exposição que se segue mostrará aos leitores que, ao declarar louco o sr. Fedeli, não lhe dirijo um insulto, nem muito menos apelo a uma desculpa infamante para me livrar de um superpentelho – por mais justo que fosse esse apelo nas presentes circunstâncias --, mas faço uma simples constatação de fato.

***

O sr. Fedeli publica em sua *homepage* os depoimentos de Felipe Coelho com o quem insinuasse que a condição de ex-aluno meu dá a seu autor algum respaldo para falar a meu respeito com isenção. Vi de fato essa criatura algumas vezes no meu curso, mas nunca cheguei sequer a conversar com ela, pois parecia de uma timidez mórbida. Felipe alega que só se ligou à Associação Montfort *depois* de freqüentar minhas aulas; não tenho razão para duvidar do que diz, mas o fato é que, nelas, estava sempre rodeado de um certo grupo de colegas dos quais alguns já me falavam da Associação Montfort, sem dizer que eram seus membros, no tempo em que o *Seminário de Filosofia* funcionava no Clube Nacional, três ou quatro anos atrás. Nessa época, uma amiga minha, cujo nome não vou citar por enquanto porque não lhe pedi autorização, foi à Associação Montfort e lá encontrou, para seu espanto, todos esses meninos. Também é patente que, logo ao começar este debate, o sr. Fedeli, sacando da gaveta um maço de textos meus de vinte anos atrás, dos quais nem eu próprio me lembrava nem tinha cópias, provou que já vinha rastreando minha vida desde muito antes, o que dificilmente poderia fazer sem a ajuda de um devoto círculo de militantes. O caso configura nitidamente um longo trabalho de penetração, de cerco e de bisbilhotice.

Mas isso, no fim das contas, não vem ao caso. Sempre conheci mal essas pessoas e nunca tive interesse em sondar suas vidas. Foi só depois de eclodido o presente debate que alguns alunos vieram me contar o que sabiam delas.

Esse menino, Felipe Coelho, por exemplo, encontrou na Associação Montfort um grupo religioso feito sob medida para a sua *forma mentis*, a de um rapaz inseguro e neurótico ansioso de apoiar-se numa autoridade, sacrificando no altar dela a sua inteligência e a sua dignidade pessoal. O sr. Orlando Fedeli atende perfeitamente a essa demanda, pois ele é, como os nazistas e comunistas, se bem que sob pretextos diferentes, um apóstolo da extinção da liberdade de consciência – a tal “monstruosidade”.

A abolição dessa monstruosidade importaria na conversão forçada de judeus, muçulmanos, protestantes e outros infiéis, ou pelo menos na proibição de seus cultos respectivos, à imagem do que já se fez em outras épocas, quando alguém ser o sr. Orlando Fedeli era considerado normal.

Compreende-se que, na atmosfera dessa doutrina, o rapaz floresça velozmente em dons que lhe parecem ser do Espírito Santo, mas que são apenas os do espírito do sr. Fedeli.

Um desses dons é o de encadear, com rigorosa lógica dedutiva, percepções errôneas da realidade e interpretações falseadas dos textos que lê.

No curso de uma feroz investida polêmica, ante uma platéia mais ou menos insegura e desinformada, isso torna as coisas extremamente difíceis para o interlocutor, pois o antagonismo que o separa do atacante não é de ordem discursiva, e sim intuitiva, estando cada um situado num plano de realidade diferente, onde os mesmos nomes podem designar coisas inteiramente diversas.

Essa diferença reflete-se, antes de tudo, na leitura muito especial, muito peculiar que o sr. Fedeli e seu pupilo fazem daquilo que lêem, especialmente quando lêem com a temerosa expectativa de encontrar ali algum indício da nefanda liberdade religiosa.

Daí, por exemplo, a tendência a tirar as mais ousadas generalizações, com ares de certeza absoluta, a partir de indícios minúsculos e isolados. Fazendo-se de islamólogo após uma breve leitura de Henry Corbin, o sr. Orlando Fedeli pontifica, por exemplo: “O esoterismo islâmico apresenta duas correntes principais: o shiismo e o ismaelismo”. (2)

Isto é de uma estupidez fora do comum.

O esoterismo islâmico é constituído essencialmente pelas ordens sufis (*turuq*, plural de *taríqat*, “via”), que são centenas e que na sua esmagadora maioria seguem a *shariat* (lei comum) do mundo sunnita. A distinção entre sunnitas e shiitas nada tem a ver com a de exoterismo e esoterismo, correspondendo simplesmente a duas modalidades da religião exotérica, mais ou menos como catolicismo e protestantismo.

Todo crente muçulmano sabe disso, e o sr. Fedeli poderia ter obtido essa informação em qualquer mesquita ou centro islâmico do mundo. Provavelmente, como a repugnância a toda contaminação gnóstica o impede de aproximar-se desses meios, ele prefere estudar o assunto à distância, confiando-se à autoridade de um único erudito, Henry Corbin, ignorando que o autor de *En Islam Iranien* é, ele próprio, um esoterista islâmico, portanto alguém do qual uma alma católica virginal como o sr. Fedeli deveria guardar também asséptica distância.

O ismaelismo é apenas uma subdivisão do shiismo, e constitui uma variedade esotérica menor, limitada ao mundo shiita, em oposição à linha mestra do esoterismo representada pelas ordens sufis do mundo sunnita.

A confusão grosseira do sr. Fedeli chega ao ponto de, ao comentar as interpretações do Corão, falar de “exegese shiita ou soufi”, como se fossem uma só e mesma coisa.

Garanto-lhes que nunca, em décadas de estudo de assuntos islâmicos, vi alguém ousar falar em público do assunto, com ares de autoridade magistral e com base num tal desconhecimento da matéria. A desproporção entre a parcimônia dos meios e o tom de completa autoconfiança com que o sr. Fedeli entra na discussão daquilo que ignora é coisa um tanto deprimente de se ver, pois revela menos uma vigarice consciente do que algum tipo de anomalia psicológica.

Essa anomalia se torna ainda mais visível quando, linhas adiante, o próprio sr. Fedeli afirma, aliás com exatidão, que os ismaelitas, perseguidos pela autoridade religiosa, se esconderam dentro das ordens sufis. Não se compreende como poderiam ou por que haveriam de fazê-lo se fossem eles mesmos representantes do sufismo, ou se este, ao contrário do ismaelismo, não fosse um esoterismo aceito pelas autoridades ortodoxas sunnitas, portanto algo bem distante do shiismo e mais ainda do ismaelismo. O sr. Fedeli, obviamente, não compreende o que ele próprio escreve.

Mais deplorável ainda é o completo descompasso, que se observa no discurso do sr. Fedeli, entre os conceitos gerais e os fatos encarregados de exemplificá-los. Ele mal acaba de escrever que a gnose se distingue pelo seu completo intuicionismo anti-racional, e logo no parágrafo seguinte já dá como exemplos de gnósticos Leibniz e Hegel, racionalistas por antonomásia, e aliás o segundo deles inimigo professo de todo intuicionismo. (3) Isso não pode ser um simples “erro de lógica”. É, positivamente, uma desconexão entre percepção e linguagem, uma carência de integração mental, o sintoma de uma fragmentação da personalidade.

Multiplicada pelo número impressionante de citações coletadas em noites e noites de trabalho insano, a prática desse curioso *modus interpretandi* já se torna mais que um sintoma isolado: é um quadro clínico completo.

Não é de espantar que, nesse quadro de auto-incompreensão psicótica, raciocínios formalmente corretos abriguem, da premissa às

conseqüências, as mais prodigiosas confusões entre planos de realidade, tornando a argumentação do sr. Fedeli uma massa compacta de sentidos superpostos e fundidos, que para ser discutida ou refutada no plano lógico teria de ser primeiro analisada psicologicamente e decomposta em seus elementos heterogêneos e incompatíveis. Como explicar, por exemplo, que, argumentando pela continuidade *historicamente comprovável* da gnose, ele, um historiador de ofício, a faça remontar à Serpente do Paraíso? (4) Quereria isso dizer que a ciência histórica tem meios de rastrear os fatos até à criação do mundo? Ou que, ao contrário, a história é *ancilla theologiae* e que aquilo que valha como artigo de fé deve ser aceito também como prova de veracidade histórica acima de qualquer protesto possível da metodologia historiográfica? Tais são os dois únicos sentidos logicamente possíveis desse conceito. Ambas essas afirmativas, além de ser absurdas em si mesmas, se contradizem uma à outra, mas, ao mesmo tempo, ambas estão contidas de maneira inseparável na tese de que a gnose remonta *historicamente* – e não só teologicamente, ou simbolicamente – à Serpente do Paraíso. Que é que isto nos mostra, acima de qualquer possibilidade de dúvida, senão que a afirmativa não tem *nenhum* sentido lógico, mas apenas psicológico, como expressão irracional de um desejo intenso de fazer *per fas et per nefas* a História dizer o mesmo que a Teologia?

Idêntico fenômeno observa-se no uso que o sr. Fedeli e seu pupilo fazem de uma das expressões que mais obsessivamente reaparecem nos seus escritos: a tal “salvação pelo conhecimento”. A gnose antiga acreditava, de fato, num conhecimento intelectivo da essência de Deus (mesmo assim, com certas reservas), opondo-se nisto à *cognitio fidei* que era, segundo a Igreja, o único meio de acesso ao mistério divino. Por algum motivo insondável, Fedeli e seu pequeno clone espiritual cismaram que eu acreditava nessa “salvação pelo conhecimento”, cuja impossibilidade absoluta, no entanto, eu mesmo havia demonstrado nas aulas sobre “Consciência e estranhamento”, continuação de “Descartes e a psicologia da dúvida”, meses antes do início desta polêmica. (5) Que se esforçassem tanto para me atribuir uma doutrina tão contrária ao conteúdo expresso das minhas aulas já era, por si, coisa esquisita. Para isso chegavam ao cúmulo de interpretar como sinônima de “salvação pelo conhecimento”, no sentido gnóstico, a expressão “poder salvífico da devoção intelectual”, que manifestamente significa coisa totalmente diversa, designando apenas a devoção a Deus prestada através do trabalho intelectual, por exemplo na ascese beneditina. Mais esquisito ainda, porém, é que, na ânsia de provar que escamoteei propositadamente alguma coisa no resumo das características

essenciais e constantes da gnose, lá vem de novo o jovem Coelho, na sua última cartinha, com a "salvação pelo conhecimento". Mas é óbvio e patente que essa doutrina não poderia estar presente nas formas modernas e imanentistas da gnose, para as quais a idéia mesma de "salvação" é inconcebível. O próprio Coelho, dois parágrafos depois, insiste na distinção entre gnose transcendentalista e imanentista, (6) sem perceber que a existência mesma desta distinção exclui a possibilidade de que a "salvação pelo conhecimento" esteja presente em *toda* a gnose, mas tão somente, é claro, na gnose antiga e transcendentalista. Ora, no momento mesmo em que afirma a continuidade essencial de um fenômeno qualquer ao longo dos tempos, nenhum cérebro normal apontará, entre as características que definem essa essência, um traço que não pode estar presente em todas as suas manifestações mas só em algumas delas, localizadas num tempo determinado. Como compreender, portanto, o pensamento do jovem Coelho? Ele quis dizer que no fundo o marxismo ou o positivismo são transcendentalistas e visam à salvação da alma pelo conhecimento como os gnósticos antigos? Ou que, ao contrário, a continuidade da gnose ao longos dos tempos é irrelevante e só interessam as características da gnose antiga? Tal como no exemplo anterior, a expressão verbal aparentemente lógica abriga dois sentidos que, absurdos em si mesmos, se contradizem e se unem inseparavelmente no corpo de uma mesma idéia, caracterizando uma forma inconfundivelmente delirante de pensar e de escrever. Novamente, a confusão mental é tão flagrante que não pode ser explicada como simples "erro de lógica", mas acusa decisivamente uma falha de percepção daquilo que se escreve, no momento mesmo em que se escreve. Essa falha torna absolutamente ininteligível o pensamento do jovem Coelho, que o interlocutor teria de "interpretar" psicologicamente antes de poder discutir logicamente.

Tantos são os lapsos desse tipo na produção escrita de Fedeli & Coelho ao longo desta polêmica, que para refutar ou provar seus argumentos seria preciso primeiro peneirar suas palavras, linha por linha, para depurá-las desses lapsos e isolar, no meio da massa bruta de confusões e superposições de sentido, algum sentido logicamente distinto, exatamente como, numa psicoterapia, o analista busca um fundo de lógica por trás da massa compacta de símbolos e visões delirantes do paciente.

O aglomerado imponente de citações e remissões não faz senão tornar ainda mais invisível, para os autores, o caráter alucinatório do que escrevem. O exemplo mais recente encontra-se na última cartinha do jovem Coelho, na qual, para provar que o conceito de gnose de

Eric Voegelin coincide em gênero, número e grau com a definição dogmática de heresia gnóstica, ele cisca uma definição no glossário de Eugene Webb e a exibe como troféu. (7) Ora, desde logo um mínimo de prudência e a simples consciência da situação de discurso recomendariam ao menino não confiar-se a uma fonte tão notoriamente de segunda mão ao discutir com um sujeito que acabava de ser acusado pelo sr. Fedeli de ciscar definições “em algum site da internet” em vez de buscá-la em fontes confiáveis (o sr. Fedeli referia-se às quatro características da gnose antiga, sem saber que eu as havia retirado da Enciclopédia Routledge). Em segundo lugar, o próprio Webb, no seu *site*, avisa que é um amador bem intencionado e não um intérprete autorizado de Voegelin. Em terceiro lugar, um conceito qualquer, numa obra filosófica extensa, *nunca* se pode conhecer pelo seu simples enunciado sintético (muito menos redigido por um terceiro), mas requer o exame das aplicações que lhe dá o autor, pois só nestas se revela o sentido efetivo que ele tem no conjunto do argumento. Ora, na sua aplicação constante e sistemática ao longo dos 33 volumes de *Collected Works*, o conceito de “gnóstico”, em Voegelin, não se opõe a “católico”, mas a “filósofo”, uma categoria na qual ele inclui, além dele próprio, é claro, vários pensadores que, na perspectiva fedélica, são inconfundivelmente gnósticos, como Platão e Schelling. Para piorar as coisas, mais adiante o menino lança uma suspeita de gnosticismo contra o próprio Voegelin, o que, confrontado com a afirmativa de que sua definição de gnose é idêntica à definição dogmática de heresia gnóstica, resulta em declarar que o próprio Voegelin se acusa formalmente de herético. A incompreensão da leitura alcança aí o cume de uma sublimidade quase indizível.

Igualmente reveladora de falta de percepção da realidade é a alegação – feita de boa fé, segundo parece – de que as transcrições não autorizadas de minhas aulas, cuja citação pelo sr. Fedeli impugnei como expediente desonesto, são documentos que podem ser citados à vontade porque foram encontrados na minha própria *homepage*, isto é, no *Forum Sapientia* que é uma subdivisão dela. (8) Ora, minha *homepage* tem um editor, que sou eu. O *Forum Sapientia* tem quinhentos e tantos, que são os participantes da discussão, que ali despejam o que bem entendem, sem ser fiscalizados ou censurados (exceto quando alguém me avisa de algum abuso em particular) e sem que eu tenha aliás a mínima condição de acompanhar simultaneamente todos os debates. Qual será, pois, o sentido da alegação de Felipe Coelho? Pretende ele dizer que o que quer que ali alguém descarregue sem minha autorização e até sem meu conhecimento se torna automaticamente publicação autorizada por

mim? Ou que, ao contrário, a falta de autorização num caso justifica o uso não-autorizado no outro? É, de novo, o mesmo esquema delirante: duas afirmações absurdas em si mesmas e mutuamente contraditórias, que aparecem sintetizadas inseparavelmente num único pensamento, de aparência lógica impecável.

E o mais extraordinário é que, após expor assim aos olhos do público o estado deplorável da sua inteligência, o menino cante vitória, gabando-se de ter-me feito críticas "devastadoras", e ainda seja fortalecido nessa ilusão grotesca pelo incentivo de um mestre interesseiro e bajulador.

Considerado enquanto técnica argumentativa, o modo de escrever de Fedeli e Coelho assinala menos uma vontade consciente de iludir do que a expressão desesperada de uma confusão interior que não busca propriamente ludibriar, e sim *contaminar* a platéia. O ludíbrio consciente pressupõe, no orador, o domínio de seus próprios pensamentos e a compreensão da situação de discurso. Ora, ambos estes requisitos faltam manifestamente no guru e em seu discípulo, caracterizando, não uma vigarice compartilhada, mas a boa-fé insana de um delírio a dois.

Duas observações, no entanto, devem matizar esse diagnóstico.

1) Essa loucura não transparece na maioria dos escritos do sr. Fedeli, pela simples razão de que são simples resumos ou adaptações de textos tradicionais da Igreja, onde pouco espaço haveria para alguma efusão pessoal reveladora. De modo geral, é compreensível que um homem de mente perturbada oculte sua patologia por trás do apego a uma doutrina sólida, fixa e facilmente repetível, cuja racionalidade intrínseca, usada como muleta, o dispense de qualquer esforço intelectual mais comprometedor. A vida intelectual do sr. Fedeli, resumindo-se no mais das vezes a simples deduções mecânicas do dogma e a paráfrases de textos lidos, está em geral bem protegida dos riscos de uma luta pelo conhecimento, mas é claro que não os pode evitar por completo, e é no instante que eles aparecem que a ordem aparente da sua vida mental se esboroa ao contato com a complexidade da situação.

2) A compactação de sentidos contraditórios num discurso formalmente lógico é, malgrado sua loucura intrínseca, um intrumento verbal de grande força persuasiva, precisamente por causa do estado de espírito paradoxal em que deixa seu leitor. Arrastado pela sucessão lógica de uma demonstração cuja estrutura formal independe totalmente do sentido dos conceitos, ele acaba por aceitar

as conclusões sem dar-se conta do terreno semântico lodoso e mole em que se assenta o edifício aparentemente estável. O exame lógico dos argumentos nada revelará de anormal. Só a análise semântica e a comparação com a situação de discurso revelarão a loucura por trás do método, mas poucos leitores têm o hábito ou os meios de realizá-las. Nos demais, a superposição de clareza lógica e nebulosidade semântica produzirá um misto de descoberta e confusão, bem apto a mudar num relance todo o seu quadro habitual de referências, a arrebatá-los do mundo real e a despertar neles o sentimento de terem "visto a luz": a adesão súbita e total das suas almas a uma idéia cujo significado mal vislumbram. É a essa mutação repentina do quadro de percepção e a essa conversão imediata a uma idéia mal compreendida que Flo Conway e Jim Siegelman, no seu estudo sobre a retórica das seitas populares da *New Age*, dão o nome de *snapping*. (9)

Se o sr. Fedeli manejasse esse instrumento com malícia consciente, seria um gênio da erística, como Hegel. Mas o abismo entre o conteúdo de suas argumentações e a situação de discurso mostra-nos que ele não tem nenhum domínio do que faz, que ele é antes uma vítima de sua confusão interior do que um produtor deliberado de confusão na mente alheia. Um raciocínio lógico separado da intuição adequada da realidade (seja da realidade em torno, seja da realidade representada nos conceitos do próprio discurso) é, com efeito, sinal inequívoco de perturbação mental. O ódio mesmo que o sr. Fedeli tem à faculdade intuitiva revela nele um fundo de consciência de sua anomalia e um desejo de mutilar a mente alheia para reduzi-la à sua própria medida pessoal, pois raros tipos humanos realizam tão bem quanto ele a definição de "louco" dada por Chesteston: "o homem que perdeu tudo, menos a razão".

Tão distante está o sr. Fedeli da situação real de discurso que ele chega a ostentar como sinais de aprovação da platéia as cartas que lhe são enviadas por pura gozação pelo tal de Fabrício (pseudônimo de um *hacker* comunista) e por um sr. Francisco Nixexé (o qual não existe e não passa de outro pseudônimo do mesmo cidadão), sem perceber nem de longe que está sendo usado como personagem de piada. (10) Custei um pouco a me dar plena conta da sua completa falta de senso de realidade e creio que de início carreguei demais nas tintas ao atribuir-lhe intenções maliciosas. A malícia, nele, é totalmente inconsciente: ela não provém da sua vontade, mas do demônio que se apossou dos seus pensamentos e os embaralha sem que ele se dê a mínima conta do que se passa. O mesmo acontece com o jovem Coelho.

Mas é claro que, nessas condições, a perspectiva torta não falseia somente os textos, e sim a realidade mesma em torno. Vistos dessa perspectiva, os fatos mudam de tamanho, de sentido e de importância, adquirindo um novo perfil que os tornaria irreconhecíveis aos protagonistas que os viveram. Assim, por exemplo, um professor que dê cursos há vinte anos, para platéias diferentes, fatalmente terá alunos mais antigos e mais novos, mais próximos e mais distantes, mais íntimos e mais estranhos, e assim por diante. Uns saberão mais que os outros, conhecerão o professor mais de perto que os outros, freqüentarão a sua casa, desfrutarão da intimidade da sua família, enquanto outros só o verão de longe, pelo seu perfil profissional, mal ousando lhe dirigir respeitosamente a palavra. Tudo isso é natural, inevitável e está na ordem das coisas. Observado desde o ângulo do caçador de gnósticos, esse fato banal será transfigurado em uma sociedade secreta, com círculos internos e externos, um discurso exotérico e outro esotérico, graus iniciáticos, ritos de admissão e pactos de lealdade mafiosa.

É claro que, num primeiro instante, quem, conhecendo por experiência direta o meio e os personagens, ouça esta segunda descrição, a tomará espontaneamente em sentido figurado, como pura ênfase retórica destinada a realçar as qualidades negativas que o observador atribui ao grupo observado.

Também eu pensei que fosse isso, e julguei discernir no sr. Fedeli um propósito conscientemente difamatório.

A um segundo exame, porém, notei que ele acreditava literalmente no que dizia, e que portanto a diferença entre o que eu sabia do meu ambiente e o que o sr. Fedeli ali enxergava não era uma simples diferença de opinião, de julgamento, mas de percepção. O que eu enxergava como minha realidade cotidiana era para ele apenas um véu de banalidade astuciosamente urdido por mim para encobrir a "verdadeira" natureza da minha convivência com meus alunos, que seria a de iniciador e iniciandos, grão-mestre e neófitos no seio de uma organização secreta de tipo gnóstico.

Ele via realmente as coisas assim, e não havia o mínimo fingimento na sua maneira de expressá-lo. O sr. Fedeli é um difamador, sim, mas não por premeditação: é um difamador espontâneo, é um difamador compulsivo e sem qualquer segunda intenção.

O mais estranho era que, jamais tendo me visto de perto, jamais tendo freqüentado meus cursos e muito menos minha casa, e sabendo,

em suma, muito pouco da minha vida, ele se permitia pintar em imaginação todo um quadro dela – com tintas sombrias e misteriosas, é claro – e não só acreditar piamente no que inventava mas também expor sua ficção em público e defendê-la num tom de quem tivesse a certeza absoluta do que dizia.

É verdade que ele próprio reconhecia haver, no quadro, uns detalhes faltantes. Meu aprendizado com Frithof Schuon, o episódio Idries Shah e a premiação do meu livro *O Profeta da Paz* na Arábia Saudita, em especial, lhe pareciam especialmente enigmáticos. Já contei dezenas de vezes essas histórias a meus alunos e tê-las-ia contado ao sr. Fedeli, com todo o prazer, se ele me fizesse uma visita e colocasse as perguntas educadamente. Mas ele preferiu conjeturar as respostas à distância e, não encontrando nenhuma, resolveu transformar as perguntas em suspeitas e as suspeitas em acusações públicas, despejando-as sobre mim aos borbotões, umas atrás das outras, num tom inconfundivel de interrogatório policial, de modo a dar ao público a impressão de que eu estivesse escondendo alguma coisa. Era uma sucessão de cobranças estapafúrdias e insolentes, formuladas desde o alto da convicção inabalável de que, ante a autoridade implacável de Orlando Fedeli, mesmo o réu mais obstinado acabaria por ceder e confessar o crime.

Eu olhava tudo aquilo, estupefato. O homem estava mesmo doidinho.

Um detalhe que me chamou especialmente a atenção foi a alternância histérica de ênfases contrárias em torno de um mesmo ponto. Num momento, ele buscava me pintar com as cores de discípulo e agente da taríqat de F. Schuon. Como eu respondesse que não isso, ele imediatamante tirava a conclusão de que eu estava "renegando o mestre" ou tentando "me limpar", como se qualquer contato com Schuon fosse motivo de vergonha. Nem de longe lhe passava pela cabeça que entre o discipulado devoto e a abjuração odienta há mil uma gradações intermediárias, nas quais um homem normal geralmente de detém sem chegar aos dois extremos que, para uma alma como a de Orlando Fedeli, são as únicas alternativas concebíveis. Pois se mesmo ao sair do Partido Comunista não me tornei do dia para a noite seu inimigo, mas tomei mais de uma década para examinar o assunto com toda a serenidade, por que não deveria usar da mesma prudência ao julgar os ensinamentos de Schuon? Mas, para um fanático como o sr. Fedeli, todos temos de ser fanáticos: se não somos fanáticos em favor dele, somos fanáticos contra. Logo, das duas uma: ou eu era fiel discípulo de Schuon, ou me envergonhava de

tê-lo sido. Como poderia eu explicar ao maluco que não se tratava nem de uma coisa nem de outra? E ademais: para que me explicar a um idiota insolente?

Suas perguntas simplesmente não podiam ser respondidas, porque já vinham sempre com preconceitos embutidos e respostas induzidas.

Na verdade, o molde infamante que ele tentava projetar sobre os episódios de minha vida que não lhe fossem conhecidos era puramente projetivo. Como ele próprio, Orlando Fedeli, oculta e distorce episódios da sua vida para que ninguém o veja como realmente é, compreende-se que imagine que os outros fazem o mesmo, que todo mundo tenha sujeiras, como ele, para varrer para baixo do tapete.

É público e notório – e foi publicado no livro de Giulio Folena, *Escravos do Profeta*, que o sr. Fedeli nunca impugnou judicialmente – que o atual guru da Associação Montfort foi membro da TFP, que ali disputou a liderança com o Dr. Plínio Correia de Oliveira e, derrotado, saiu falando horrores do guru e fundou uma TFP do B.

Não é um *curriculum* dos mais edificantes. Que remédio, portanto, senão negá-lo?

"Não sou 'dissidente da TFP; sou seu denunciador e acusador", proclama ele na sua polêmica com D. Estêvão Bittencourt. Ora, se um membro de uma organização sai dela atirando e funda uma organização concorrente, que raio de coisa é ele senão um dissidente?

Fui do grupo de Catolicismo – prossegue ele -- *, e quando descobri que por trás da TFP havia uma seita secreta com idéias absurdas e cultos delirantes, denunciei a seita a que nunca pertenci, graças a Deus... Sua maneira de me apresentar* -- mutatis mutandis, *isto é, levando em conta as imensas e evidentes diferenças - é injusta como a de alguém que se referisse a Santo Agostinho, para diminuí-lo, como "dissidente do maniqueísmo". Ele denunciou, condenou e refutou o maniqueísmo; não foi "dissidente" dele.*

Bem, o *mutatis mutandis* está aí somente *pro forma*, pois as diferenças entre o caso de Agostinho e o de Fedeli não são só de tamanho, mas de essência. Agostinho não somente se afastou do maniqueísmo mas tornou-se expositor e apóstolo de uma doutrina infinitamente superior, ao passo que Fedeli nunca rejeitou a doutrina explícita da TFP e sim apenas a "seita secreta" que existiria por trás

dela. Agostinho rejeitou o maniqueísmo enquanto tal, não um maniqueísmo secreto por trás dele, enquanto o sr. Fedeli só rejeitou a TFP enquanto organização, não enquanto doutrina. Seu dualismo radical, que opõe o catolicismo a todas as demais doutrinas religiosas e até filosóficas como filhas diretas da Serpente do Paraíso, é puro Plínio Correia de Oliveira. (11) Agostinho superou o maniqueísmo e tornou-se seu autêntico e poderoso adversário. O sr. Fedeli nunca foi adversário da TFP: é apenas seu concorrente. Vende doutrina similar, com outra marca.

Mas, novamente, não creio que o sr. Fedeli esteja mentindo de propósito. Ele simplesmente se engana quanto à sua própria vida e, por extensão, quanto à vida alheia: se sua biografia tem um capítulo que convém varrer para baixo do tapete, daí ele conclui que a minha também deve ter. Se a dele tem uma história de abujuração de guru, a minha também deve ter. Tudo isso é tão obviamente projetivo, que nada mais há a dizer a respeito. Da minha parte, nem me entreguei ao guiamento de Schuon com a paixão devota com que o sr. Fedeli se entregou ao Dr. Plínio, nem abjurei do mestre com o ódio retroativo que o sr. Fedeli sente pelo dele. Segui simplesmente o conselho do Apóstolo: “Experimentai de tudo, e ficai com o que é bom”, e, sem pressa de aplaudir ou condenar, vou examinando as coisas que aprendi com Schuon, conservando umas, descartando outras, como aliás, suponho, é o que qualquer homem normal deve fazer em tais circunstâncias.

O deslocamento de perspectiva que pode transfigurar isso na projeção escabrosa de uma auto-imagem feita de lealdades abjuradas e ódios vingativos, embora seja em si uma distorção psicótica, também não deve ser atribuído estritamente a alguma patologia pessoal do sr. Fedeli, visto que essa patologia é compartilhada ao menos pelo mais combativo dos seus peões, Felipe Coelho, e provavelmente por outros militantes do seu grupo. A hipótese de uma psicose grupal me parece muito mais viável, por ser uma patologia quase infalivelmente presente em grupos religiosos minúsculos e isolados, que se sentem cercados por um mundo mau. Ora, o grupo do sr. Fedeli não apenas é microscopicamente minoritário na sociedade em geral, mas ainda é um dos grupos mais isolados e rejeitados no âmbito da própria religião que alega defender, estando colocado, ao mesmo tempo, contra a autoridade dos decretos conciliares e contra todos os outros grupos tradicionalistas e minoritários, como a TFP e a Sociedade de São Pio X (lefevriana), que o têm na conta de um punhado de sociopatas e malfeitores. Se, nessas condições, pretendesse ser apenas um círculo de elite, cultivador de conhecimentos de pouco interesse

para a massa popular, o isolamento talvez não lhe pesasse. Mas o grupo do sr. Fedeli é uma entidade de proselitismo religioso, voltada para a conversão das multidões, cuja absoluta indiferença às suas pregações exige dos militantes uma obstinação quase sobre-humana, da qual só os santos e os loucos são capazes, com a ressalva de que em geral os santos a cultivam na solidão e os loucos em grupo.

Somando-se à angustiante desproporção entre sua audiência ideal e sua audiência real, o isolamento dos montfortianos é ainda agravado pelo fato de que sua ambição vai muito além da conversão da espécie humana: ela sonha com a restauração de um poder temporal do clero, com o advento de um *Imperium* global capaz de erradicar do mundo a liberdade religiosa e impor o catolicismo a todo o globo terrestre, a ferro e fogo – ambição que vai infinitamente além das pretensões atuais do papado mesmo.

A tensão inevitável entre a amplitude desmesurada do sonho de poder e a míngua de interesse do meio circundante é o caldo de cultura ideal para a proliferação da psicose grupal.

Eis os motivos pelos quais não posso satisfazer à demanda de Fedelis e Coelhos por uma resposta *pari passu* às suas acusações. Está acima da minha capacidade fazer ver a essas pessoas que seus argumentos não podem ser rebatidos ou confirmados no plano racional porque neles o acúmulo de distorções semânticas, de confusões de planos, de falsas interpretações e de simples erros de raciocínio é de tal monta, que requereria, para recolocarem-se as coisas em seus lugares, um livro mais ou menos do tamanho daquele que consagrei a José Américo Motta Pessanha, pois o que havia de errado neste, como neles, não eram simples idéias isoladas, mas uma percepção falsa de *toda* a realidade. Erros lógicos podem ser impugnados, vigarices podem ser denunciadas. Mas uma psicose não se impugna nem se denuncia: uma psicose analisa-se e trata-se, quando se têm o interesse e os meios de fazê-lo. Ambas essas condições me faltam por completo. Limito-me, pois, a diagnosticar o caso em linhas gerais, dando graças aos céus de que análise e tratamento de um quadro tão complexo e espinhoso não estejam sob a minha responsabilidade.

06/08/01

Notas

(1) Debate de Orlando Fedeli com D. Estevão Bittencourt, em http://www.montfort.org.

(2) “Elementos messiânicos na seita ismaelita de Alamut”, id.

(3) “Gnose: a religião oculta da História”, id.

(4) Id., ibid.

(5) O texto será reproduzido em breve nesta *homepage*.

(6) Terceira mensagem de Felipe Coelho, em http://www.montfort.org.

(7) Id.

(8) Id.

(9) Flo Conway & Jim Siegelman, *Snapping: America's Epidemic of Sudden Personality Changes*, New York, Lippincott, 1982.

(10) Frontispício de http://www.montfort.org.

(11) No seu último escrito, ele procura dar retroativamente uma interpretação pliniesca à doutrina agostiniana das duas cidades. Mas, evidentemente, essa doutrina tem um sentido quando expressa no século V, com os dados civilizacionais de que Agostinho dispunha, outro no século XXI, com a massa de informações hoje disponível sobre todas as religiões e tradições. Tudo o que Agostinho, no seu contexto limitado, visse fora da Igreja Católica, podia ser sem grave contradição atribuído à obra do demônio, mas como fazer o mesmo, hoje, com tudo o que sabemos do hinduísmo e do budismo, do Islam e mesmo de algumas religiões indígenas, cuja riqueza espiritual só não é visível ao sr. Fedeli e que o o Concílio explicitamente reconhecem? A doutrina de Agostinho, atualizada para o estado presente da pesquisa histórica, ficaria certamente bem diferente da forma que, por mera ampliação mecânica, lhe deu o sr. Fedeli.

Home - **Informações** - **Textos** - **Links** - **E-mail**

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20050206110949/http://www.montfort.org.br:80/perg…

Espaço do Leitor

Carta ao leitor

Olavo de Carvalho contra Olavo de Carvalho

Felipe Coelho

1. Chutes que nos divertem e acusações que nos honram

O objetivo de toda polêmica entre católicos e hereges é fazer com que estes vomitem sua heresia, de preferência voltando à Fé Católica, ou ao menos expondo aquilo que ocultavam para se infiltrar e perverter os bons.

No contexto desta polêmica, qualquer tipo de acusação feita pelo Sr. Olavo de Carvalho ao Prof. Orlando Fedeli desvia o assunto, que são os textos gnósticos do Sr. Olavo, citados pelo Prof. Fedeli em seu trabalho (OF, 31.05.01), textos sobre os quais o Sr. Olavo não diz nada.

Para piorar, as acusações que o Sr. Olavo de Carvalho nos faz em seu último enrolavo (OC, 06.08.01) são simplesmente de... sermos fiéis aos dogmas da Igreja Católica! É o que se verá a seguir. Assim, o Sr. Olavo assume a defesa pública da heresia, deixando cair de vez a máscara de defensor da Igreja.

Além disso, o Sr. Olavo de Carvalho, quanto mais escreve, mais se contradiz. A desproporção entre sua habilidade jornalística de manipular palavras e a falta de embasamento destas se revela escandalosamente a cada chute seu que é refutado e a cada contradição sua que é desvelada. Para tentar virar a mesa, o Sr. Olavo sai buscando contradições nos textos de seus adversários, e, não as encontrando, ele as inventa sem hesitar, como se verá adiante.

2. Olavo de Carvalho acusa o Prof. Orlando Fedeli... de ser Católico!

(a) Igreja Católica X liberdade de consciência

Ao acusar o Prof. Orlando Fedeli de ser contra a "liberdade de consciência", o Sr. Olavo de Carvalho o está acusando -- pasmem! -- de ser católico! Pois a liberdade de consciência foi condenada pelos Papas Gregório XVI, Leão XIII, S. Pio X e também pelo Papa Pio IX, aquele mesmo que o Sr. Olavo, em aula recente, mandou "lamber sabão" (*apud* OF, 02.03.01).

(b) Igreja Católica X ecumenismo radical

O Sr. Olavo acusa o Prof. Fedeli de "dualismo[sic] radical, que opõe o catolicismo a todas as demais doutrinas religiosas e filosóficas" (OC, 06.08.01). Para começar, dizer que isso é dualismo mostra total analfabetismo em filosofia, como já explicou o Prof. Fedeli em seu último artigo (cf. OF, 25.07.01).

Nesse mesmo artigo, o Prof. Fedeli demonstra que essa tese, que tanto escandaliza o Sr. Olavo, é nada menos que Doutrina Católica. O Professor cita brevemente a concordância de toda a Tradição a esse respeito, desde Cristo, passando por santos e Papas de diversas épocas. Já o Sr. Olavo, finge que só viu o nome de S. Agostinho e diz: "No seu último escrito, ele [Fedeli] tenta dar uma interpretação pliniesca à doutrina agostiniana das duas cidades. Mas, evidentemente[?], essa doutrina tem um sentido quando expressa no século V, com os dados civilizacionais de que Agostinho dispunha, outro no século XXI" (OC, 06.08.01). Quem diria, Olavo de Carvalho deixando cair a máscara de aristotélico e apelando ao historicismo...

Para justificar seu ecumenismo radical, o Sr. Olavo comete ainda um erro de concordância curioso, ao falar das várias "religiões", "cuja riqueza espiritual só não é visível ao sr. Fedeli e que o o[sic] Concílio[sic] explicitamente reconhecem[sic]" (OC, 06.08.01). Como se vê, o Sr. Olavo parece ter apagado, neste trecho, uma das "autoridades" que reconhecem (no plural!) a suposta riqueza espiritual das "religiões". Será que ele ia falar do Papa atual, mas aí se lembrou da recente declaração *Dominus Iesus*?

(c) Olavo de Carvalho X Olavo de Carvalho, sobre o Vaticano II

E cá pra nós, Sr. Olavo, que história é essa de citar favoravelmente "o Concílio", assim, tão solenemente? Logo o senhor que, como exemplo do suposto "absurdo" da infalibilidade papal, disse recentemente: "Veja se não é uma resposta divina: o sujeito [o Beato Pio IX!] proclama a própria infalibilidade e antes de um século depois se tem **essa porcaria do Concílio Vaticano II que afunda tudo**" (OC, 06.06.98, negrito meu). Como é que um concílio pastoral pode contradizer a infalibilidade papal, é algo que só a teologia astrológica olaviana pode explicar. E o Sr. Olavo ainda tem a audácia de acusar o Prof. Fedeli de "ser contra os decretos conciliares"...

Ah, não devo citar uma aula do Sr. Olavo que está no forum de seu site? Tudo bem, aí vai uma entrevista mais recente, ao *Observatório da Imprensa*: "**Não acredito que esse concílio tenha sido inspirado pelo Espírito Santo, pois já nasceu comprometido com a mentira**: no começo de 1962 o Vaticano e o governo de Moscou assinaram um pacto secreto em que a Igreja se comprometia a nada dizer contra o comunismo durante o Concílio.(...) Pelos frutos os conhecereis: **o Concílio descristianizou o Ocidente**." (OC, 2000a, negritos meus).

E, em outra entrevista, também do ano passado, desta vez à *Revista República*: "Já está mais do que na cara que **o Concílio Vaticano Segundo foi um suicídio. Destruiu tudo**. Mexeu no que não era para mexer e não mexeu no que era para mexer. Por exemplo, **essa palhaçada do celibato clerical**." (OC, 2000b, negritos meus).

Embora o Concílio Vaticano II tenha de fato omitido a condenação do comunismo e defendido um ecumenismo que contraria tudo o que a Igreja sempre ensinou, o fato é que o ecumenismo radical defendido pelo Sr. Olavo de Carvalho é a essência do Vaticano II. Pior: é mais radical ainda, como o próprio nome já diz.

(d) Olavo de Carvalho e a TFP

O Sr. Olavo de Carvalho faz outra acusação reveladora ao Prof. Fedeli: "Fedeli nunca rejeitou a doutrina explícita da TFP e sim apenas a 'seita secreta' que existiria por trás dela" (OC, 06.08.01). Ora, a parte da doutrina "explícita" da TFP que o Prof. Fedeli não rejeitou é justamente... a Doutrina Católica! O próprio Sr. Olavo o reconhece ao falar páginas adiante em "grupos tradicionalistas e minoritários, como a TFP e a Sociedade de São Pio X". Mais uma vez, o Sr. Olavo acusa o Prof. Orlando Fedeli de -- crime dos crimes -- ser católico!

A TFP foi denunciada pelo Prof. Orlando Fedeli por sua doutrina esotérica. Já o Sr. Olavo, que aliás defende doutrinas muito semelhantes às da seita da TFP, quereria que esse grupo fosse condenado por sua fachada católica!

(e) História X Teologia?

O Sr. Olavo pergunta se a história é *ancilla theologiae*. Claro. Quem se contradiz é a divindade gnóstica do ecumenismo radical olaviano, não o Deus da Igreja Católica.

Assim, o Sr. Olavo mostra-se escandalizado com a afirmação do Prof. Fedeli de que a gnose existe desde Adão e Eva. Bem, já que o Sr. Olavo cita a polêmica do Prof. Fedeli com D. Estêvão, sugiro que leia o livro deste último sobre o Gênesis, em que ele mostra

claramente que negar a historicidade de Adão e o fato de ele ter originado toda a humanidade leva à negação dos dogmas do pecado original e da Redenção universal de Cristo. (cfr. D. Estêvão Bettencourt, "Monogenismo e Poligenismo", em *Ciência e Fé na História dos Primórdios*, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1962, 4ª edição, cap. VI, p. 109).

Mais uma vez, o crime do Prof. Fedeli é, segundo o Sr. Olavo, ensinar o mesmo que a Santa Igreja de Roma!

3. Psicobaboseira, contradições e amnésia

(a) Provas da loucura... de quem?

O Sr. Olavo passa boa parte de seu artigo fazendo "o exame criterioso da psicologia do adversário". Conclui que católicos como o Prof. Fedeli, que crêem nos dogmas da Igreja são psicóticos. A prova cabal da "loucura" do Prof. Fedeli, o Sr. Olavo nos dá no sexto parágrafo: 1. o estilo inquisitorial do Professor, 2. o fato de o Professor adotar esse estilo sendo leigo e não padre.

Ora, quanto ao estilo, o próprio Sr. Olavo diz: "Outro dia li o livro do Le Parnier contra a Teologia da Libertação. O livro é tão respeitoso que ninguém percebe que é uma crítica. **Crítica tem de começar assim: estão todos condenados no inferno, agente do capeta, e suas mães também**..." (OC, 06.06.98, negrito meu).

Quanto a ser leigo, já se viu o que o Sr. Olavo pensa da Doutrina Católica e dos padres, insultando até os Papas e ridicularizando o celibato. Sem significar que tenhamos tão altas pretensões quanto as que o Sr. Olavo caricaturalmente nos imputa, mas apenas para mostrar sua contradição, veja-se o que diz o Sr. Olavo na já citada entrevista à *Revista República*: "Creio piamente que ela [a Igreja] será salva pelos leigos".

(b) Cavalo de Tróia?

Quanto às declarações do Sr. Olavo sobre a suposta "infiltração" de montfortianos em seu grupo, respondo com o Prof. Orlando: "Polêmicas entre intelectuais se fazem com base em documentos escritos e em livros, precisamente citados. Insultos são próprios de botequineiros. E fofocas, de comadres." (OF, 25.07.01).

(A-aliás, um-uma per-pergunta, se-se-senhor Ola-lavo: como o senhor pode dizer que eu "parecia de uma timidez mórbida[sic!]" e três linhas depois afirma que eu "estava sempre rodeado de um certo grupo de colegas"?!)

4. Delírios da exegese enrolávica

(a) Eugene Webb X Pinóquio

O respeitado estudioso de Voegelin, Eugene Webb, professor de religião comparada na Universidade de Washington, diz em seu livro que, para Eric Voegelin, tanto a forma de gnose "imanentista" quanto a "transcendentalista" (esta é uma distinção voegeliana) têm ambas um núcleo comum, que é a gnose condenada pela Igreja Católica (cf. FC, 23.07.01). Assim, fica refutada a idéia guenolávica de "boa gnose".

O Sr. Olavo de Carvalho, numa tentativa desesperada de desqualificar Eugene Webb, declara com segurança que "o próprio Webb, no seu *site*, afirma que é uma amador bem-intecionado". Falso. Quem afirma isso é outro voegeliano que tem *site*, Frederick Wagner. Podem conferir: o endereço do *site* de Eugene Webb, que o Sr. Olavo convenientemente não cita: <http://faculty.washington.edu/ewebb/>.

Aliás, no Eric Voegelin Forum, dirigido por esse Frederick Wagner, este diz o seguinte sobre o livro que Webb escreveu sobre Voegelin: "Creio que é seguro dizer que Ellis Sandoz tem o livro [de Webb] em alta estima" (cfr. <http://groups.yahoo.com/group/evforum/message/402.html>). Ora, Ellis Sandoz é nada menos que o diretor do Eric Voegelin Institute, e freqüentador do fórum onde foi publicada esta mensagem.

(b) Escamoteou, sim!

Em outra tentativa frustrada de refutação, o Sr. Olavo de Carvalho comete nada menos que dois erros seguidos, pois ele diz: "...na ânsia de provar que escamoteei propositadamente alguma coisa no resumo das características essenciais e constantes da gnose, lá vem de novo o jovem Coelho, na sua última cartinha, com a 'salvação pelo conhecimento'. Mas é óbvio e patente que essa doutrina não poderia estar presente nas formas modernas e imanentistas da gnose, para as quais a idéia mesma de 'salvação' é inconcebível." (OC, 06.08.01).

Em primeiro lugar, lembremos ao esquecido Sr. Olavo que em seu "Aviso 2" ele resumiu as características essenciais da "heresia gnóstica repetidamente denunciada pelos Santos Padres" (OC, 17.04.01). Aliás, o Sr. Olavo confirma isso também em seu "Adendo ao Aviso Número 3", ao declarar: "me limitei a mencionar as características da gnose antiga" (OC, 22.07.01). Ora, em seu artigo "Mensagem do sr. Fedeli através de um seu menino-de-recados", o mesmo Sr. Olavo admitiu que a "salvação pelo conhecimento" é uma "propriedade definidora essencial" da heresia gnóstica (cf. OC, 16.07.01a), evidentemente após ter aprendido isso com as várias citações de especialistas contidas no trabalho do Prof. Orlando Fedeli. Acontece que, no "Aviso 2" do Sr. Olavo, não se ouve falar em "salvação pelo conhecimento", nem nos 4 itens principais da gnose, nem nos 3 desenvolvimentos secundários! Logo, o Sr. Olavo de Carvalho escamoteou, sim, uma característica essencial da gnose em sua definição.

Em segundo lugar, no trecho acima citado, o Sr. Olavo afirma que, nas formas modernas de gnose, "a idéia mesma de 'salvação' é inconcebível". Porém, veja-se o que diz o sexto item da "gnose moderna" segundo Eric Voegelin (conforme o próprio Olavo): "O conhecimento - *Gnosis* - do método de alterar o ser é a preocupação central do gnóstico... a construção de uma fórmula para a **salvação** do eu e do mundo" (OC, 22.07.01, negrito meu).

Aí está, a salvação pelo conhecimento também na "gnose moderna"! E olha que não faz nem um mês que o Sr. Olavo citou esse item de Voegelin... (Aproveito a deixa para repetir ao Sr. Olavo a pergunta que lhe fez o Prof. Orlando: afinal, o que há no lugar dessas reticências?)

(c) Eric Voegelin X Olavo de Carvalho, sobre Schelling

O Sr. Olavo afirma categoricamente: "o conceito de 'gnóstico', em Voegelin, não se opõe a 'católico', mas a 'filósofo', uma categoria na qual ele inclui, além dele próprio, é claro, vários pensadores que, na perspectiva fedélica, são inconfundivelmente gnósticos, como Platão e Schelling".

Quem lê isso, escrito assim com tanta segurança, tende a acreditar que o Sr. Olavo de Carvalho sabe do que está falando. Mas -- pobre Sr. Olavo! -- mais uma vez Voegelin o refuta e concorda com o Prof. Fedeli. Pois vejam só o que diz Voegelin sobre Schelling: **"Schelling não pode ser totalmente absolvido da acusação levantada por Sto. Irineu contra os gnósticos do século II d.C.: 'Eles abrem Deus como se fosse um livro' e 'Eles colocam a salvação na gnose [conhecimento] daquilo que é a majestade inefável'."** (Eric Voegelin, *Plato*, University of Missouri Press, 2000, p. 193).

Após as inúmeras refutações feitas por Eric Voegelin à interpretação olaviana (cf. FC, 23.07.01), que permanecem todas irrespondidas, só um tolo ainda pode crer que o Sr. Olavo tenha realmente estudado Voegelin.

Acrescente-se ainda que o Sr. Olavo de Carvalho, em seu livro *O Jardim das Aflições*, chega a parodiar Nosso Senhor para promover o herege Schelling: "Em verdade vos digo, filhinhos: Schelling era muito grande, *et tenebrae non comprehenderunt eum*" (OC, 2000c, p. 179, nota 127).

(d) Quem disse que Voegelin é gnóstico?

Quanto a Voegelin ser, ele próprio, gnóstico, quem disse isso não fui eu, mas o almirante Meira Penna, amigo do Sr. Olavo (cf. FC, 05.08.01). Aliás, o próprio Sr. Olavo, se não fosse tão esquecido, se lembraria de ter declarado recentemente: "Depois de publicado o 'Jardim' foi que estudei as obras de Eric Voegelin, que já havia percebido toda essa coisa da gnose quando eu ainda estava de fraldas. No entanto, acho que **a crítica de Voegelin pára a meio caminho, detida por certos pressupostos kantianos que na verdade são eles próprios gnósticos**." (OC, 2000d, negrito meu).

(e) Quem disse que Hegel é gnóstico?

O Sr. Olavo, comentando um breve artigo do Prof. Orlando Fedeli sobre gnose (OF, 19??a), diz: "Ele [Fedeli] mal acaba de escrever que a gnose se distingue pelo seu completo intuicionismo anti-racional, e logo no parágrafo seguinte já dá como exemplos de gnósticos Leibniz e Hegel, racionalistas por antonomásia, e aliás o segundo deles inimigo professo de todo intuicionismo."

Não, quem dá esses exemplos é H.I. Marrou. O Prof. Fedeli o cita como um dos estudiosos que vêem uma continuidade da gnose na história. Quem quer que leia o breve artigo do Professor verá que ele não só faz várias citações com reservas, sem significar que concorde com tudo o que é dito, como também explica claramente que é freqüente a confusão dos estudiosos entre gnose e panteísmo (que não obstante é "ante-câmara da gnose").

Naturalmente, nem Hegel nem Leibniz, nem tampouco o artigo introdutório sobre gnose do Prof. Orlando Fedeli, são o assunto dessa polêmica.

(f) Henry Corbin X Olavo de Carvalho

O Sr. Olavo diz que apontar o shiismo como esoterismo islâmico é "uma estupidez fora do comum". Ora, quem diz isso é o maior especialista no assunto, Henry Corbin: "A doutrina shiita é, por excelência, a gnose do Islam; o shiismo é, ele mesmo, a sucessão, a tradição ininterrupta da gnose (*silsilat al-'irfan*)." (Henry Corbin, *En Islam Iranien*, Gallimard, Paris, 1971, Vol I, p. 128).

O Sr. Olavo é tão enrolado que, após comentar um trecho do artigo do Prof. Fedeli sobre a seita ismaelita de Alamut (OF, 19??b), declara que "linhas adiante, o próprio sr. Fedeli afirma, aliás com exatidão, que os ismaelitas, perseguidos pela autoridade religiosa, se esconderam dentro das ordens sufis" (sublinhado meu). Acontece que: 1. o Prof. Fedeli afirma isso não no artigo citado, mas em seu trabalho sobre a gnose de Carvalho e Guénon; 2. os ismaelitas não foram perseguidos pela "autoridade religiosa", mas pelos mongóis invasores, o que o Prof. Fedeli deixa bem claro.

Reproduzindo outra citação presente no trabalho do Professor contra o Sr. Olavo, veja-se como Corbin contraria o esotérico brasileiro ao afirmar que o sufismo e o shiismo são no fundo a mesma coisa: "Todos esses elementos [da doutrina shiita] podem ser encontrados, certamente, no sufismo e na metafísica do sufismo a ponto de dar a impressão, quando se trata do sufismo sunita, de um shiismo que não ousa mais dizer o seu nome" (Henry Corbin, *op. cit.*, Vol I, p. 83).

Afinal, com que autoridade Carvalho questiona Corbin? Sem citar ninguém, o Sr. Olavo defende suas afirmações sobre o maometismo dizendo apenas que "todo crente muçulmano sabe disso".

Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça...

In Jesu et Mariae,
Felipe Coelho.
12.08.2001.

BIBLIOGRAFIA (textos citados dos polemistas)

Do Prof. Orlando Fedeli:

(OF, 25.07.01): Orlando Fedeli, "Enrolavos, remendos e gambiarras", <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo7.html>.

(OF, 31.05.01): Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho*, <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>.

(OF, 02.03.01): Orlando Fedeli, "Silêncio Inteiro...", <http://www.montfort.org.br/perguntas/guenon2.html>.

(OF, 19??a): Orlando Fedeli, "Gnose: Religião Oculta da História", <http://www.montfort.org.br/veritas/gnose.html>.

(OF, 19??b): Orlando Fedeli, *Elementos messiânicos na seita ismaelita de Alamut*, <www.montfort.org.br/cadernos/alamut1.html>.

Do "corpo de militantes" do Prof. Orlando Fedeli:

(FC, 05.08.01): Felipe Coelho, "Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho", <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo10.html>.

(FC, 23.07.01): Felipe Coelho, "Resumo da polêmica, e Eric Voegelin contra Olavo de Carvalho", <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo6.html>.

(FC, 17.07.01): Felipe Coelho, "Segunda carta aberta de Felipe Coelho ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose e seus sofismas", <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo4.html>.

(FC, 12.07.01): Felipe Coelho, "Carta aberta de um ex-aluno ao Sr. Olavo de Carvalho, sobre sua gnose", <http://www.montfort.org.br/perguntas/guenon4.html>.

Do Sr. Olavo de Carvalho:

(OC, 06.08.01): Olavo de Carvalho, "Um grupo de psicóticos", <http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli9.htm>.

(OC, 24.07.01): Olavo de Carvalho, "Qual o conceito de gnose do sr. Fedeli?", <http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli8.htm>

(OC, 22.07.01): Olavo de Carvalho, "Adendo ao Aviso Número 3", apud <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo6.html#adendo3>.

(OC, 16.07.01a): Olavo de Carvalho, "Mensagem do sr. Fedeli, através de um seu menino-de-recados", apud <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo4.html#mensagem>.

(OC, 17.04.01): Olavo de Carvalho, "Aviso 2 - Sobre as acusações de Orlando Fedeli", <http://www.olavodecarvalho.org/textos/aviso2.htm.>.

(OC, 2000a): Olavo de Carvalho, entrevista a Paulo Polzonoff Jr., <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al201020002.htm>.

(OC, 2000b): Olavo de Carvalho, entrevista à *Revista República*, 02.2000, Ano 4, nº 40, p. 96.

(OC, 2000c): Olavo de Carvalho, *O Jardim das Aflições*, 2ª ed., É Realizações, São Paulo, 2000.

(OC, 2000d): Olavo de Carvalho, 27.02.2000, in *Forum Sapientia*, tópico "O Jardim das Aflições", subtópico "A Gnose como força moldante de nossa cultura", <http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum2/HTML/000003.html>.

(OC, 06.06.98): Olavo de Carvalho, "Críticas e Conselhos à Igreja Católica", aula do Seminário de Filosofia de Olavo de Carvalho, São Paulo, 06.06.1998, Bloco 8, sem revisão do autor, *in* <http://www.olavodecarvalho.org/forum/Forum17/HTML/000053-2.html>).

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas ao artigos: duvidas@montfort.org.br
Correções e outras informações: webmaster@montfort.org.br

Gnose

Download Enviar Imprimir

Projeções Psicóticas

PERGUNTA

Nome:

Felipe

Enviada em:

10/08/2001

(...)

RESPOSTA

"Não respondas ao louco segundo merece a sua loucura, para não vires a ser semelhante a ele.
"Responde ao louco segundo merece a sua loucura, para que ele não imagine que é sábio" (Prov. XXVI, 4 e 5).

Depois de sua vergonhosa "Fuga em Ré Maior", em que anunciara pela enésima vez que não me responderia mais -- aliás, ele ainda não esclareceu se admite que Guénon é gnóstico, nem qual é a religião exotérica dele, Olavo -- o sr. O de C, publica um novo enrolavo, desta vez, psiquiátrico.

Depois da fuga, o xingatório de longe e... de baixo. Tentando desviar o foco da polêmica.

Nesse novo xingatório, Olavo reconhece que não tem competência para emitir um diagnóstico psiquiátrico, já que não se proclama médico psiquiatra como se auto proclama filósofo do Globo e... das Arábias. Entretanto, como tem dessa matéria um conhecimento experimental, pacientemente adquirido, ele mesmo fala em projeção de problemas.

No texto agora publicado, a falta de unidade e de coerência, a confusão maçaroquenta dos temas, as contradições uivantes, o saltar espasmódico e desconexo de um assunto para outro, revelam o desespero de uma pessoa que perdeu o controle, e não sabe mais o que disse, e o que diz.

Quem emite tantos AVISOS, com Adendos, Notas e PSs, proclama que reconhece que foram todos insuficientes.

Quem faz tantos ataques pessoais, com tantas injúrias, saltando de um para outro, confessa que nenhuma resposta dada é séria.

A última publicação do sr. Olavo não é uma resposta de um intelectual, ainda que auto proclamado: é um desvario.

É inútil tentar ele desviar a atenção dos leitores do foco da discussão - a Gnose de Guénon e dele mesmo fartamente comprovada -- levantando temas colaterais e difamações pessoais:

"La veritá nulla menzogna frodi" (Dante, **Inferno**, XX, 99).

Para os leitores que têm acompanhado esta polêmica, está bem claro quem é psicótico. Pelo último xingatório de Olavo, parafraseando Polonius, poder-se-ia concluir o que ele diz de mim: "Há lógica na sua loucura" (Shakespeare, **Hamlet**, Ato 2º, cena 2).

Infelizmente, não posso aplicar o verso acima ao sr. Olavo, pela ausência de lógica no que ele escreve, embora o resto do verso transpareça abundantemente em seu DIAGNÓSTICO.

O nítido desespero do sr. Olavo, que só sabe assacar injúrias pessoais, somente pode provir de quem não tem argumentos para negar a sua doutrina esotérica. E somente vem demonstrar a falta de valor intelectual e humano de seu autor.

In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli
São Paulo, 10 de Agosto de 2.001.

Um grupo de psicóticos

Olavo de Carvalho

Nada mais fácil do que livrar-se de um debate chamando o interlocutor de louco. Não me lembro de ter jamais recorrido a esse subterfúgio, que, bem ao contrário, foi muito usado contra mim por pessoas que nada tinham a opor aos meus argumentos. Mas igualmente fácil e leviano seria obrigar um homem a submeter-se a qualquer cobrança despropositada de um louco, sob a alegação de que chamar o louco de louco seria expediente indigno de um debatedor honesto.

A diferença entre as duas situações é que na primeira o sujeito trata de se desviar rapidamente da conversa mediante uma desculpa de ocasião, enquanto a segunda implica o exame criterioso da psicologia do adversário e a prova de que qualquer conversa racional com ele é impossível. Esta é, precisamente, a situação em que me encontro diante das acusações que me move o sr. Orlando Fedeli.

Que ele é maluco, qualquer pessoa com um pouco de experiência da vida percebe a um primeiro exame. Mas isso não me pareceu razão suficiente para lhe recusar uma resposta, pois há graus e graus de loucura e não supus que a dele fosse tanta que inviabilizasse in limine qualquer possibilidade de diálogo. Foi só aos poucos que me dei conta da extensão da sua patologia, chegando por fim à conclusão de que continuar debatendo com ele seria fazer-me de palhaço.

O sr. Fedeli, de fato, não é um debatedor como os outros. Para ele, alguém discordar de suas opiniões não é simples matéria de divergência intelectual, mas um pecado intolerável – e não apenas intolerável moralmente, mas socialmente: algo, portanto, que não apenas se deve condenar em sentimentos e palavras, mas que deve ser proibido e reprimido pela autoridade civil. Ele próprio o declara, com extraordinária candura, ao afirmar que, no seu entender, a liberdade de consciência é "uma monstruosidade".

Ao investir contra um antagonista, ele não o faz portanto na condição de simples debatedor, mas na de autoridade judicial não reconhecida pelo mundo mau. Daí o estilo policial e tribunalício da sua argumentação, na qual as expressões "réu", "culpado", "acusado" e "confissão" retornam a cada instante, num refrão obsessivo destinado a transportar o leitor, da situação real, a uma situação imaginária de processo canônico, um ambiente aterrorizante onde discordar da palavra do juiz seria, mais que uma insolência, um risco.

O uso desse estilo numa sociedade livre e democrática, onde mesmo a autoridade religiosa constituída evita impor suas sentenças acima dos direitos assegurados pela legislação civil, já denota, por si, uma personalidade anormal. Mas a suspeita de patologia torna-se uma certeza quando se nota que, em vez de juiz de algum tribunal canônico, o homem que assim fala é apenas um leigo, um cidadão comum, sem qualquer autoridade religiosa e, no máximo, chefe de uma

seitinha miserável cuja existência a Igreja ignora solenemente -- um juiz de fantasia cujo veredicto, por terrificante que pareça, não será levado a efeito senão no tribunal da sua imaginação.

Que ele possa pensar que seu esse tribunal é o próprio Juízo Final, e que Deus em pessoa condenará no eterno o que Orlando Fedeli condene neste mundo, é um direito que eu seria o último a lhe negar, persuadido que estou de que o princípio da liberdade de consciência para os homens normais implica, como corolário incontornável, a *liberdade de inconsciência* para os loucos, os bêbados e os menores de idade.

Mas tudo isso ainda não me dissuadia de debater com o sr. Fedeli, pois o diagnóstico de insanidade não me permitia apostar, *a priori*, que se tratasse de quadro clínico irreversível.

Foi só o exame substantivo da sua argumentação que me demonstrou a total inviabilidade de disputar com ele no terreno racional. A exposição que se segue mostrará aos leitores que, ao declarar louco o sr. Fedeli, não lhe dirijo um insulto, nem muito menos apelo a uma desculpa infamante para me livrar de um superpentelho – por mais justo que fosse esse apelo nas presentes circunstâncias --, mas faço uma simples constatação de fato.

***

O sr. Fedeli publica em sua *homepage* os depoimentos de Felipe Coelho com o quem insinuasse que a condição de ex-aluno meu dá a seu autor algum respaldo para falar a meu respeito com isenção. Vi de fato essa criatura algumas vezes no meu curso, mas nunca cheguei sequer a conversar com ela, pois parecia de uma timidez mórbida. Felipe alega que só se ligou à Associação Montfort *depois* de freqüentar minhas aulas; não tenho razão para duvidar do que diz, mas o fato é que, nelas, estava sempre rodeado de um certo grupo de colegas dos quais alguns já me falavam da Associação Montfort, sem dizer que eram seus membros, no tempo em que o *Seminário de Filosofia* funcionava no Clube Nacional, três ou quatro anos atrás. Nessa época, uma amiga minha, cujo nome não vou citar por enquanto porque não lhe pedi autorização, foi à Associação Montfort e lá encontrou, para seu espanto, todos esses meninos. Também é patente que, logo ao começar este debate, o sr. Fedeli, sacando da gaveta um maço de textos meus de vinte anos atrás, dos quais nem eu próprio me lembrava nem tinha cópias, provou que já vinha rastreando minha vida desde muito antes, o que dificilmente poderia fazer sem a ajuda de um devoto círculo de militantes. O caso configura nitidamente um longo trabalho de penetração, de cerco e de bisbilhotice.

Mas isso, no fim das contas, não vem ao caso. Sempre conheci mal essas pessoas e nunca tive interesse em sondar suas vidas. Foi só depois de eclodido o presente debate que alguns alunos vieram me contar o que sabiam delas.

Esse menino, Felipe Coelho, por exemplo, encontrou na Associação Montfort um grupo religioso feito sob medida para a sua *forma mentis*, a de um rapaz inseguro e neurótico ansioso de apoiar-se numa autoridade, sacrificando no altar dela a sua inteligência e a sua dignidade pessoal. O sr. Orlando Fedeli atende perfeitamente a essa demanda, pois ele

é, como os nazistas e comunistas, se bem que sob pretextos diferentes, um apóstolo da extinção da liberdade de consciência – a tal "monstruosidade".

A abolição dessa monstruosidade importaria na conversão forçada de judeus, muçulmanos, protestantes e outros infiéis, ou pelo menos na proibição de seus cultos respectivos, à imagem do que já se fez em outras épocas, quando alguém ser o sr. Orlando Fedeli era considerado normal.

Compreende-se que, na atmosfera dessa doutrina, o rapaz floresça velozmente em dons que lhe parecem ser do Espírito Santo, mas que são apenas os do espírito do sr. Fedeli.

Um desses dons é o de encadear, com rigorosa lógica dedutiva, percepções errôneas da realidade e interpretações falseadas dos textos que lê.

No curso de uma feroz investida polêmica, ante uma platéia mais ou menos insegura e desinformada, isso torna as coisas extremamente difíceis para o interlocutor, pois o antagonismo que o separa do atacante não é de ordem discursiva, e sim intuitiva, estando cada um situado num plano de realidade diferente, onde os mesmos nomes podem designar coisas inteiramente diversas.

Essa diferença reflete-se, antes de tudo, na leitura muito especial, muito peculiar que o sr. Fedeli e seu pupilo fazem daquilo que lêem, especialmente quando lêem com a temerosa expectativa de encontrar ali algum indício da nefanda liberdade religiosa.

Daí, por exemplo, a tendência a tirar as mais ousadas generalizações, com ares de certeza absoluta, a partir de indícios minúsculos e isolados. Fazendo-se de islamólogo após uma breve leitura de Henry Corbin, o sr. Orlando Fedeli pontifica, por exemplo: "O esoterismo islâmico apresenta duas correntes principais: o shiismo e o ismaelismo". (2)

Isto é de uma estupidez fora do comum.

O esoterismo islâmico é constituído essencialmente pelas ordens sufis (*turuq*, plural de *taríqat*, "via"), que são centenas e que na sua esmagadora maioria seguem a *shariat* (lei comum) do mundo sunnita. A distinção entre sunnitas e shiitas nada tem a ver com a de exoterismo e esoterismo, correspondendo simplesmente a duas modalidades da religião exotérica, mais ou menos como catolicismo e protestantismo.

Todo crente muçulmano sabe disso, e o sr. Fedeli poderia ter obtido essa informação em qualquer mesquita ou centro islâmico do mundo. Provavelmente, como a repugnância a toda contaminação gnóstica o impede de aproximar-se desses meios, ele prefere estudar o assunto à distância, confiando-se à autoridade de um único erudito, Henry Corbin, ignorando que o autor de *En Islam Iranien* é, ele próprio, um esoterista islâmico, portanto alguém do qual uma alma católica virginal como o sr. Fedeli deveria guardar também asséptica distância.

O ismaelismo é apenas uma subdivisão do shiismo, e constitui uma variedade esotérica menor, limitada ao mundo shiita, em oposição à linha mestra do esoterismo representada pelas ordens sufis do mundo sunnita.

A confusão grosseira do sr. Fedeli chega ao ponto de, ao comentar as interpretações do Corão, falar de "exegese shiita ou soufi", como se fossem uma só e mesma coisa.

Garanto-lhes que nunca, em décadas de estudo de assuntos islâmicos, vi alguém ousar falar em público do assunto, com ares de autoridade magistral e com base num tal desconhecimento da matéria. A desproporção entre a parcimônia dos meios e o tom de completa autoconfiança com que o sr. Fedeli entra na discussão daquilo que ignora é coisa um tanto deprimente de se ver, pois revela menos uma vigarice consciente do que algum tipo de anomalia psicológica.

Essa anomalia se torna ainda mais visível quando, linhas adiante, o próprio sr. Fedeli afirma, aliás com exatidão, que os ismaelitas, perseguidos pela autoridade religiosa, se esconderam dentro das ordens sufis. Não se compreende como poderiam ou por que haveriam de fazê-lo se fossem eles mesmos representantes do sufismo, ou se este, ao contrário do ismaelismo, não fosse um esoterismo aceito pelas autoridades ortodoxas sunnitas, portanto algo bem distante do shiismo e mais ainda do ismaelismo. O sr. Fedeli, obviamente, não compreende o que ele próprio escreve.

Mais deplorável ainda é o completo descompasso, que se observa no discurso do sr. Fedeli, entre os conceitos gerais e os fatos encarregados de exemplificá-los. Ele mal acaba de escrever que a gnose se distingue pelo seu completo intuicionismo anti-racional, e logo no parágrafo seguinte já dá como exemplos de gnósticos Leibniz e Hegel, racionalistas por antonomásia, e aliás o segundo deles inimigo professo de todo intuicionismo. (3) Isso não pode ser um simples "erro de lógica". É, positivamente, uma desconexão entre percepção e linguagem, uma carência de integração mental, o sintoma de uma fragmentação da personalidade.

Multiplicada pelo número impressionante de citações coletadas em noites e noites de trabalho insano, a prática desse curioso *modus interpretandi* já se torna mais que um sintoma isolado: é um quadro clínico completo.

Não é de espantar que, nesse quadro de auto-incompreensão psicótica, raciocínios formalmente corretos abriguem, da premissa às conseqüências, as mais prodigiosas confusões entre planos de realidade, tornando a argumentação do sr. Fedeli uma massa compacta de sentidos superpostos e fundidos, que para ser discutida ou refutada no plano lógico teria de ser primeiro analisada psicologicamente e decomposta em seus elementos heterogêneos e incompatíveis. Como explicar, por exemplo, que, argumentando pela continuidade *historicamente comprovável* da gnose, ele, um historiador de ofício, a faça remontar à Serpente do Paraíso? (4) Quereria isso dizer que a ciência histórica tem meios de rastrear os fatos até à criação do mundo? Ou que, ao contrário, a história é *ancilla theologiae* e que aquilo que valha como artigo de fé deve ser aceito também como prova de veracidade histórica acima de qualquer protesto possível da metodologia historiográfica? Tais são os dois únicos sentidos logicamente possíveis desse conceito. Ambas essas

afirmativas, além de ser absurdas em si mesmas, se contradizem uma à outra, mas, ao mesmo tempo, ambas estão contidas de maneira inseparável na tese de que a gnose remonta *historicamente* – e não só teologicamente, ou simbolicamente – à Serpente do Paraíso. Que é que isto nos mostra, acima de qualquer possibilidade de dúvida, senão que a afirmativa não tem *nenhum* sentido lógico, mas apenas psicológico, como expressão irracional de um desejo intenso de fazer *per fas et per nefas* a História dizer o mesmo que a Teologia?

Idêntico fenômeno observa-se no uso que o sr. Fedeli e seu pupilo fazem de uma das expressões que mais obsessivamente reaparecem nos seus escritos: a tal "salvação pelo conhecimento". A gnose antiga acreditava, de fato, num conhecimento intelectivo da essência de Deus (mesmo assim, com certas reservas), opondo-se nisto à *cognitio fidei* que era, segundo a Igreja, o único meio de acesso ao mistério divino. Por algum motivo insondável, Fedeli e seu pequeno clone espiritual cismaram que eu acreditava nessa "salvação pelo conhecimento", cuja impossibilidade absoluta, no entanto, eu mesmo havia demonstrado nas aulas sobre "Consciência e estranhamento", continuação de "Descartes e a psicologia da dúvida", meses antes do início desta polêmica. (5) Que se esforçassem tanto para me atribuir uma doutrina tão contrária ao conteúdo expresso das minhas aulas já era, por si, coisa esquisita. Para isso chegavam ao cúmulo de interpretar como sinônima de "salvação pelo conhecimento", no sentido gnóstico, a expressão "poder salvífico da devoção intelectual", que manifestamente significa coisa totalmente diversa, designando apenas a devoção a Deus prestada através do trabalho intelectual, por exemplo na ascese beneditina. Mais esquisito ainda, porém, é que, na ânsia de provar que escamoteei propositadamente alguma coisa no resumo das características essenciais e constantes da gnose, lá vem de novo o jovem Coelho, na sua última cartinha, com a "salvação pelo conhecimento". Mas é óbvio e patente que essa doutrina não poderia estar presente nas formas modernas e imanentistas da gnose, para as quais a idéia mesma de "salvação" é inconcebível. O próprio Coelho, dois parágrafos depois, insiste na distinção entre gnose transcendentalista e imanentista, (6) sem perceber que a existência mesma desta distinção exclui a possibilidade de que a "salvação pelo conhecimento" esteja presente em *toda* a gnose, mas tão somente, é claro, na gnose antiga e transcendentalista. Ora, no momento mesmo em que afirma a continuidade essencial de um fenômeno qualquer ao longo dos tempos, nenhum cérebro normal apontará, entre as características que definem essa essência, um traço que não pode estar presente em todas as suas manifestações mas só em algumas delas, localizadas num tempo determinado. Como compreender, portanto, o pensamento do jovem Coelho? Ele quis dizer que no fundo o marxismo ou o positivismo são transcendentalistas e visam à salvação da alma pelo conhecimento como os gnósticos antigos? Ou que, ao contrário, a continuidade da gnose ao longos dos tempos é irrelevante e só interessam as características da gnose antiga? Tal como no exemplo anterior, a expressão verbal aparentemente lógica abriga dois sentidos que, absurdos em si mesmos, se contradizem e se unem inseparavelmente no corpo de uma mesma idéia, caracterizando uma forma inconfundivelmente delirante de pensar e de escrever. Novamente, a confusão mental é tão flagrante que não pode ser explicada como simples "erro de lógica", mas acusa

decisivamente uma falha de percepção daquilo que se escreve, no momento mesmo em que se escreve. Essa falha torna absolutamente ininteligível o pensamento do jovem Coelho, que o interlocutor teria de "interpretar" psicologicamente antes de poder discutir logicamente.

Tantos são os lapsos desse tipo na produção escrita de Fedeli & Coelho ao longo desta polêmica, que para refutar ou provar seus argumentos seria preciso primeiro peneirar suas palavras, linha por linha, para depurá-las desses lapsos e isolar, no meio da massa bruta de confusões e superposições de sentido, algum sentido logicamente distinto, exatamente como, numa psicoterapia, o analista busca um fundo de lógica por trás da massa compacta de símbolos e visões delirantes do paciente.

O aglomerado imponente de citações e remissões não faz senão tornar ainda mais invisível, para os autores, o caráter alucinatório do que escrevem. O exemplo mais recente encontra-se na última cartinha do jovem Coelho, na qual, para provar que o conceito de gnose de Eric Voegelin coincide em gênero, número e grau com a definição dogmática de heresia gnóstica, ele cisca uma definição no glossário de Eugene Webb e a exibe como troféu. (7) Ora, desde logo um mínimo de prudência e a simples consciência da situação de discurso recomendariam ao menino não confiar-se a uma fonte tão notoriamente de segunda mão ao discutir com um sujeito que acabava de ser acusado pelo sr. Fedeli de ciscar definições "em algum site da internet" em vez de buscá-la em fontes confiáveis (o sr. Fedeli referia-se às quatro características da gnose antiga, sem saber que eu as havia retirado da Enciclopédia Routledge). Em segundo lugar, o próprio Webb, no seu *site*, avisa que é um amador bem intencionado e não um intérprete autorizado de Voegelin. Em terceiro lugar, um conceito qualquer, numa obra filosófica extensa, *nunca* se pode conhecer pelo seu simples enunciado sintético (muito menos redigido por um terceiro), mas requer o exame das aplicações que lhe dá o autor, pois só nestas se revela o sentido efetivo que ele tem no conjunto do argumento. Ora, na sua aplicação constante e sistemática ao longo dos 33 volumes de *Collected Works*, o conceito de "gnóstico", em Voegelin, não se opõe a "católico", mas a "filósofo", uma categoria na qual ele inclui, além dele próprio, é claro, vários pensadores que, na perspectiva fedélica, são inconfundivelmente gnósticos, como Platão e Schelling. Para piorar as coisas, mais adiante o menino lança uma suspeita de gnosticismo contra o próprio Voegelin, o que, confrontado com a afirmativa de que sua definição de gnose é idêntica à definição dogmática de heresia gnóstica, resulta em declarar que o próprio Voegelin se acusa formalmente de herético. A incompreensão da leitura alcança aí o cume de uma sublimidade quase indizível.

Igualmente reveladora de falta de percepção da realidade é a alegação – feita de boa fé, segundo parece – de que as transcrições não autorizadas de minhas aulas, cuja citação pelo sr. Fedeli impugnei como expediente desonesto, são documentos que podem ser citados à vontade porque foram encontrados na minha própria *homepage*, isto é, no *Forum Sapientia* que é uma subdivisão dela. (8) Ora, minha *homepage* tem um editor, que sou eu. O *Forum Sapientia* tem quinhentos e tantos, que são os participantes da discussão, que ali despejam o que bem entendem, sem ser

fiscalizados ou censurados (exceto quando alguém me avisa de algum abuso em particular) e sem que eu tenha aliás a mínima condição de acompanhar simultaneamente todos os debates. Qual será, pois, o sentido da alegação de Felipe Coelho? Pretende ele dizer que o que quer que ali alguém descarregue sem minha autorização e até sem meu conhecimento se torna automaticamente publicação autorizada por mim? Ou que, ao contrário, a falta de autorização num caso justifica o uso não-autorizado no outro? É, de novo, o mesmo esquema delirante: duas afirmações absurdas em si mesmas e mutuamente contraditórias, que aparecem sintetizadas inseparavelmente num único pensamento, de aparência lógica impecável.

E o mais extraordinário é que, após expor assim aos olhos do público o estado deplorável da sua inteligência, o menino cante vitória, gabando-se de ter-me feito críticas "devastadoras", e ainda seja fortalecido nessa ilusão grotesca pelo incentivo de um mestre interesseiro e bajulador.

Considerado enquanto técnica argumentativa, o modo de escrever de Fedeli e Coelho assinala menos uma vontade consciente de iludir do que a expressão desesperada de uma confusão interior que não busca propriamente ludibriar, e sim *contaminar* a platéia. O ludíbrio consciente pressupõe, no orador, o domínio de seus próprios pensamentos e a compreensão da situação de discurso. Ora, ambos estes requisitos faltam manifestamente no guru e em seu discípulo, caracterizando, não uma vigarice compartilhada, mas a boa-fé insana de um delírio a dois.

Duas observações, no entanto, devem matizar esse diagnóstico.

1) Essa loucura não transparece na maioria dos escritos do sr. Fedeli, pela simples razão de que são simples resumos ou adaptações de textos tradicionais da Igreja, onde pouco espaço haveria para alguma efusão pessoal reveladora. De modo geral, é compreensível que um homem de mente perturbada oculte sua patologia por trás do apego a uma doutrina sólida, fixa e facilmente repetível, cuja racionalidade intrínseca, usada como muleta, o dispense de qualquer esforço intelectual mais comprometedor. A vida intelectual do sr. Fedeli, resumindo-se no mais das vezes a simples deduções mecânicas do dogma e a paráfrases de textos lidos, está em geral bem protegida dos riscos de uma luta pelo conhecimento, mas é claro que não os pode evitar por completo, e é no instante que eles aparecem que a ordem aparente da sua vida mental se esboroa ao contato com a complexidade da situação.

2) A compactação de sentidos contraditórios num discurso formalmente lógico é, malgrado sua loucura intrínseca, um intrumento verbal de grande força persuasiva, precisamente por causa do estado de espírito paradoxal em que deixa seu leitor. Arrastado pela sucessão lógica de uma demonstração cuja estrutura formal independe totalmente do sentido dos conceitos, ele acaba por aceitar as conclusões sem dar-se conta do terreno semântico lodoso e mole em que se assenta o edifício aparentemente estável. O exame lógico dos argumentos nada revelará de anormal. Só a análise semântica e a comparação com a situação de discurso revelarão a loucura por trás do método, mas poucos leitores

têm o hábito ou os meios de realizá-las. Nos demais, a superposição de clareza lógica e nebulosidade semântica produzirá um misto de descoberta e confusão, bem apto a mudar num relance todo o seu quadro habitual de referências, a arrebatá-los do mundo real e a despertar neles o sentimento de terem "visto a luz": a adesão súbita e total das suas almas a uma idéia cujo significado mal vislumbram. É a essa mutação repentina do quadro de percepção e a essa conversão imediata a uma idéia mal compreendida que Flo Conway e Jim Siegelman, no seu estudo sobre a retórica das seitas populares da *New Age*, dão o nome de *snapping*. (9)

Se o sr. Fedeli manejasse esse instrumento com malícia consciente, seria um gênio da erística, como Hegel. Mas o abismo entre o conteúdo de suas argumentações e a situação de discurso mostra-nos que ele não tem nenhum domínio do que faz, que ele é antes uma vítima de sua confusão interior do que um produtor deliberado de confusão na mente alheia. Um raciocínio lógico separado da intuição adequada da realidade (seja da realidade em torno, seja da realidade representada nos conceitos do próprio discurso) é, com efeito, sinal inequívoco de perturbação mental. O ódio mesmo que o sr. Fedeli tem à faculdade intuitiva revela nele um fundo de consciência de sua anomalia e um desejo de mutilar a mente alheia para reduzi-la à sua própria medida pessoal, pois raros tipos humanos realizam tão bem quanto ele a definição de "louco" dada por Chesteston: "o homem que perdeu tudo, menos a razão".

Tão distante está o sr. Fedeli da situação real de discurso que ele chega a ostentar como sinais de aprovação da platéia as cartas que lhe são enviadas por pura gozação pelo tal de Fabrício (pseudônimo de um *hacker* comunista) e por um sr. Francisco Nixexé (o qual não existe e não passa de outro pseudônimo do mesmo cidadão), sem perceber nem de longe que está sendo usado como personagem de piada. (10) Custei um pouco a me dar plena conta da sua completa falta de senso de realidade e creio que de início carreguei demais nas tintas ao atribuir-lhe intenções maliciosas. A malícia, nele, é totalmente inconsciente: ela não provém da sua vontade, mas do demônio que se apossou dos seus pensamentos e os embaralha sem que ele se dê a mínima conta do que se passa. O mesmo acontece com o jovem Coelho.

Mas é claro que, nessas condições, a perspectiva torta não falseia somente os textos, e sim a realidade mesma em torno. Vistos dessa perspectiva, os fatos mudam de tamanho, de sentido e de importância, adquirindo um novo perfil que os tornaria irreconhecíveis aos protagonistas que os viveram. Assim, por exemplo, um professor que dê cursos há vinte anos, para platéias diferentes, fatalmente terá alunos mais antigos e mais novos, mais próximos e mais distantes, mais íntimos e mais estranhos, e assim por diante. Uns saberão mais que os outros, conhecerão o professor mais de perto que os outros, freqüentarão a sua casa, desfrutarão da intimidade da sua família, enquanto outros só o verão de longe, pelo seu perfil profissional, mal ousando lhe dirigir respeitosamente a palavra. Tudo isso é natural, inevitável e está na ordem das coisas. Observado desde o ângulo do caçador de gnósticos, esse fato banal será transfigurado em uma sociedade secreta, com círculos internos e externos, um discurso exotérico e outro esotérico, graus iniciáticos,

ritos de admissão e pactos de lealdade mafiosa.

É claro que, num primeiro instante, quem, conhecendo por experiência direta o meio e os personagens, ouça esta segunda descrição, a tomará espontaneamente em sentido figurado, como pura ênfase retórica destinada a realçar as qualidades negativas que o observador atribui ao grupo observado.

Também eu pensei que fosse isso, e julguei discernir no sr. Fedeli um propósito conscientemente difamatório.

A um segundo exame, porém, notei que ele acreditava literalmente no que dizia, e que portanto a diferença entre o que eu sabia do meu ambiente e o que o sr. Fedeli ali enxergava não era uma simples diferença de opinião, de julgamento, mas de percepção. O que eu enxergava como minha realidade cotidiana era para ele apenas um véu de banalidade astuciosamente urdido por mim para encobrir a "verdadeira" natureza da minha convivência com meus alunos, que seria a de iniciador e iniciandos, grão-mestre e neófitos no seio de uma organização secreta de tipo gnóstico.

Ele via realmente as coisas assim, e não havia o mínimo fingimento na sua maneira de expressá-lo. O sr. Fedeli é um difamador, sim, mas não por premeditação: é um difamador espontâneo, é um difamador compulsivo e sem qualquer segunda intenção.

O mais estranho era que, jamais tendo me visto de perto, jamais tendo freqüentado meus cursos e muito menos minha casa, e sabendo, em suma, muito pouco da minha vida, ele se permitia pintar em imaginação todo um quadro dela – com tintas sombrias e misteriosas, é claro – e não só acreditar piamente no que inventava mas também expor sua ficção em público e defendê-la num tom de quem tivesse a certeza absoluta do que dizia.

É verdade que ele próprio reconhecia haver, no quadro, uns detalhes faltantes. Meu aprendizado com Frithof Schuon, o episódio Idries Shah e a premiação do meu livro *O Profeta da Paz* na Arábia Saudita, em especial, lhe pareciam especialmente enigmáticos. Já contei dezenas de vezes essas histórias a meus alunos e tê-las-ia contado ao sr. Fedeli, com todo o prazer, se ele me fizesse uma visita e colocasse as perguntas educadamente. Mas ele preferiu conjeturar as respostas à distância e, não encontrando nenhuma, resolveu transformar as perguntas em suspeitas e as suspeitas em acusações públicas, despejando-as sobre mim aos borbotões, umas atrás das outras, num tom inconfundivel de interrogatório policial, de modo a dar ao público a impressão de que eu estivesse escondendo alguma coisa. Era uma sucessão de cobranças estapafúrdias e insolentes, formuladas desde o alto da convicção inabalável de que, ante a autoridade implacável de Orlando Fedeli, mesmo o réu mais obstinado acabaria por ceder e confessar o crime.

Eu olhava tudo aquilo, estupefato. O homem estava mesmo doidinho.

Um detalhe que me chamou especialmente a atenção foi a alternância histérica de ênfases contrárias em torno de um mesmo ponto. Num momento, ele buscava me pintar com as cores de discípulo e agente da taríqat de F. Schuon. Como eu respondesse que não isso, ele imediatamante tirava a conclusão de que eu estava "renegando o mestre" ou

tentando "me limpar", como se qualquer contato com Schuon fosse motivo de vergonha. Nem de longe lhe passava pela cabeça que entre o discipulado devoto e a abjuração odienta há mil uma gradações intermediárias, nas quais um homem normal geralmente de detém sem chegar aos dois extremos que, para uma alma como a de Orlando Fedeli, são as únicas alternativas concebíveis. Pois se mesmo ao sair do Partido Comunista não me tornei do dia para a noite seu inimigo, mas tomei mais de uma década para examinar o assunto com toda a serenidade, por que não deveria usar da mesma prudência ao julgar os ensinamentos de Schuon? Mas, para um fanático como o sr. Fedeli, todos temos de ser fanáticos: se não somos fanáticos em favor dele, somos fanáticos contra. Logo, das duas uma: ou eu era fiel discípulo de Schuon, ou me envergonhava de tê-lo sido. Como poderia eu explicar ao maluco que não se tratava nem de uma coisa nem de outra? E ademais: para que me explicar a um idiota insolente?

Suas perguntas simplesmente não podiam ser respondidas, porque já vinham sempre com preconceitos embutidos e respostas induzidas.

Na verdade, o molde infamante que ele tentava projetar sobre os episódios de minha vida que não lhe fossem conhecidos era puramente projetivo. Como ele próprio, Orlando Fedeli, oculta e distorce episódios da sua vida para que ninguém o veja como realmente é, compreende-se que imagine que os outros fazem o mesmo, que todo mundo tenha sujeiras, como ele, para varrer para baixo do tapete.

É público e notório – e foi publicado no livro de Giulio Folena, *Escravos do Profeta*, que o sr. Fedeli nunca impugnou judicialmente – que o atual guru da Associação Montfort foi membro da TFP, que ali disputou a liderança com o Dr. Plínio Correia de Oliveira e, derrotado, saiu falando horrores do guru e fundou uma TFP do B.

Não é um *curriculum* dos mais edificantes. Que remédio, portanto, senão negá-lo?

"Não sou 'dissidente da TFP; sou seu denunciador e acusador"

Fui do grupo de Catolicismo

Bem, o mutatis mutandis está aí somente pro forma, pois as diferenças entre o caso de Agostinho e o de Fedeli não são só de tamanho, mas de essência. Agostinho não somente se afastou do maniqueísmo mas tornou-se expositor e apóstolo de uma doutrina infinitamente superior, ao passo que Fedeli nunca rejeitou a doutrina explícita da TFP e sim apenas a "seita secreta" que existiria por trás dela. Agostinho rejeitou o maniqueísmo enquanto tal, não um maniqueísmo secreto por trás dele, enquanto o sr. Fedeli só rejeitou a TFP enquanto organização, não enquanto doutrina. Seu dualismo radical, que opõe o catolicismo a todas as demais doutrinas religiosas e até filosóficas como filhas diretas da Serpente do Paraíso, é puro Plínio Correia de Oliveira. (11) Agostinho superou o maniqueísmo e tornou-se seu autêntico e poderoso adversário. O sr. Fedeli nunca foi adversário da TFP: é apenas seu concorrente. Vende doutrina similar, com outra marca.

Mas, novamente, não creio que o sr. Fedeli esteja mentindo de propósito. Ele simplesmente se engana quanto à sua própria vida e, por extensão, quanto à vida alheia: se sua biografia tem um capítulo que convém varrer para baixo do tapete, daí ele conclui que a minha também deve ter. Se a dele tem uma história de abujuração de guru, a minha também deve ter. Tudo isso é tão obviamente projetivo, que nada mais há a dizer a respeito. Da minha parte, nem me entreguei ao guiamento de Schuon com a paixão devota com que o sr. Fedeli se entregou ao Dr. Plínio, nem abjurei do mestre com o ódio retroativo que o sr. Fedeli sente pelo dele. Segui simplesmente o conselho do Apóstolo: "Experimentai de tudo, e ficai com o que é bom", e, sem pressa de aplaudir ou condenar, vou examinando as coisas que aprendi com Schuon, conservando umas, descartando outras, como aliás, suponho, é o que qualquer homem normal deve fazer em tais circunstâncias.

O deslocamento de perspectiva que pode transfigurar isso na projeção escabrosa de uma auto-imagem feita de lealdades abjuradas e ódios vingativos, embora seja em si uma distorção psicótica, também não deve ser atribuído estritamente a alguma patologia pessoal do sr. Fedeli, visto que essa patologia é compartilhada ao menos pelo mais combativo dos seus peões, Felipe Coelho, e provavelmente por outros militantes do seu grupo. A hipótese de uma psicose grupal me parece muito mais viável, por ser uma patologia quase infalivelmente presente em grupos religiosos minúsculos e isolados, que se sentem cercados por um mundo mau. Ora, o grupo do sr. Fedeli não apenas é microscopicamente minoritário na sociedade em geral, mas ainda é um dos grupos mais isolados e rejeitados no âmbito da própria religião que alega defender, estando colocado, ao mesmo tempo, contra a autoridade dos decretos conciliares e contra todos os outros grupos tradicionalistas e minoritários, como a TFP e a Sociedade de São Pio X (lefevriana), que o têm na conta de um punhado de sociopatas e malfeitores. Se, nessas condições, pretendesse ser apenas um círculo de elite, cultivador de conhecimentos de pouco interesse para a massa popular, o isolamento talvez não lhe pesasse. Mas o grupo do sr. Fedeli é uma entidade de proselitismo religioso, voltada para a conversão das multidões, cuja absoluta indiferença às suas pregações exige dos militantes uma obstinação quase sobre-humana, da qual só os santos e os loucos são capazes, com a ressalva de que em geral os santos a cultivam na solidão e os loucos em grupo.

Somando-se à angustiante desproporção entre sua audiência ideal e sua audiência real, o isolamento dos montfortianos é ainda agravado pelo fato de que sua ambição vai muito além da conversão da espécie humana: ela sonha com a restauração de um poder temporal do clero, com o advento de um Imperium global capaz de erradicar do mundo a liberdade religiosa e impor o catolicismo a todo o globo terrestre, a ferro e fogo – ambição que vai infinitamente além das pretensões atuais do papado mesmo.

A tensão inevitável entre a amplitude desmesurada do sonho de poder e a míngua de interesse do meio circundante é o caldo de cultura ideal para a proliferação da psicose grupal.

Eis os motivos pelos quais não posso satisfazer à demanda de Fedelis e Coelhos por uma resposta pari passu às suas acusações. Está acima da minha capacidade fazer ver a essas pessoas que seus argumentos não podem ser rebatidos ou confirmados no plano racional porque neles o acúmulo de distorções semânticas, de confusões de planos, de falsas interpretações e de simples erros de raciocínio é de tal monta, que requereria, para recolocarem-se as coisas em seus lugares, um livro mais ou menos do tamanho daquele que consagrei a José Américo Motta Pessanha, pois o que havia de errado neste, como neles, não eram simples idéias isoladas, mas uma percepção falsa de toda a realidade. Erros lógicos podem ser impugnados, vigarices podem ser denunciadas. Mas uma psicose não se impugna nem se denuncia: uma psicose analisa-se e trata-se, quando se têm o interesse e os meios de fazê-lo. Ambas essas condições me faltam por completo. Limito-me, pois, a diagnosticar o caso em linhas gerais, dando graças aos céus de que análise e tratamento de um quadro tão complexo e espinhoso não estejam sob a minha responsabilidade.

06/08/01

(1) Debate de Orlando Fedeli com D. Estevão Bittencourt, em

(2) "Elementos messiânicos na seita ismaelita de Alamut", id.

(3) "Gnose: a religião oculta da História", id.

(4) Id., ibid.

(5) O texto será reproduzido em breve nesta homepage.

(6) Terceira mensagem de Felipe Coelho, em

(7) Id.

(8) Id.

(9) Flo Conway & Jim Siegelman, Snapping: America's Epidemic of Sudden Personality Changes, New York, Lippincott, 1982.

(10) Frontispício de

(11) No seu último escrito, ele procura dar retroativamente uma interpretação pliniesca à doutrina agostiniana das duas cidades. Mas, evidentemente, essa doutrina tem um sentido quando expressa no século V, com os dados civilizacionais de que Agostinho dispunha, outro no século XXI, com a massa de informações hoje disponível sobre todas as religiões e tradições. Tudo o que Agostinho, no seu contexto limitado, visse fora da Igreja Católica, podia ser sem grave contradição atribuído à obra do demônio, mas como fazer o mesmo, hoje, com tudo o que sabemos do hinduísmo e do budismo, do Islam e mesmo de algumas religiões indígenas, cuja riqueza espiritual só não é visível ao sr. Fedeli e que o o Concílio explicitamente reconhecem? A doutrina de Agostinho, atualizada para o estado presente da pesquisa histórica, ficaria certamente bem diferente da forma que, por mera ampliação mecânica, lhe deu o sr. Fedeli.

Notas <http://www.montfort.org/>.<http://www.montfort.org/>.<http://www.montfort.org/>.– prossegue ele -- , e quando descobri que por trás da TFP havia uma seita secreta com idéias absurdas e cultos delirantes, denunciei a seita a que nunca pertenci, graças a Deus... Sua maneira de me apresentar -- mutatis mutandis, isto é, levando em conta as imensas e evidentes diferenças - é injusta como a de alguém que se referisse a Santo Agostinho, para diminuí-lo, como "dissidente do maniqueísmo". Ele denunciou, condenou e refutou o maniqueísmo; não foi "dissidente" dele., proclama

ele na sua polêmica com D. Estêvão Bittencourt. Ora, se um membro de uma organização sai dela atirando e funda uma organização concorrente, que raio de coisa é ele senão um dissidente?< http://www.olavodecarvalho.org.br/textos/fedeli9.htm >

06/11/2023, 18:53 Os frutos do gnóstico Olavo II: Revelações de uma câmara escura

The Wayback Machine - https://web.archive.org/web/20050206111556/http://www.montfort.org.br:80/perg…

Espaço do Leitor

Carta ao leitor

Os frutos do gnóstico Olavo II: Revelações de uma câmara escura

Felipe Coelho

"*Não creio na crítica ao mundo moderno em nome da Igreja Católica ou de um tempo passado*."
(Pedro Sette Câmara, "O coração e o mundo", 14.07.00)

Incapaz de responder a qualquer um dos itens de meu último artigo (FC, 12.08.01), para não falar do trabalho magistral do Prof. Orlando Fedeli sobre o qual silencia há meses (OF, 31.05.01), o Sr. Olavo de Carvalho, que antes se escondera atrás do jornal *O Globo* (OC, 21.07.01), agora se esconde atrás de seu aluno-modelo Pedro Sette Câmara (PC, 14.08.01).

Inicialmente, não pretendia responder a mais nenhuma mensagem dos olavianos militantes, para que o foco da polêmica não fosse desviado para uma disputa de alunos, conforme já havia dito (FC, 05.08.01). Além disso, como o recente artigo do aprendiz de astrólogo tem erros de interpretação de texto e de Catecismo básico tão flagrantes que não escaparão aos leitores atentos, com prazer me absteria de respondê-lo e o deixaria falando sozinho... não fosse um desafio que recebi um dia antes da publicação do artigo mencionado, que moralmente me obriga a esta refutação. Serei breve.

-

Interpretação de texto (sem figurinhas astrológicas para distrair)

Digo que "a parte da doutrina 'explícita' da TFP que o Prof. Fedeli não rejeitou é justamente... a Doutrina Católica" (FC, 12.08.2001). O Sr. Câmara acha uma citação no *site* da TFP em que seu fundador defende a instauração do "reino de Maria" na Terra. Assim, conclui que somos utopistas. Fosse o Sr. Câmara um pesquisador menos negligente, encontraria no *site* da Montfort o trabalho "Conceituação, causas e classificação das utopias", do Prof. Orlando Fedeli, contra a utopia e o milenarismo (OF, 10.99). Aviso o Sr. Câmara, porém, de que se trata de um texto longo e técnico, sem nenhuma menção a signos, mapas astrais, ou qualquer outro passatempo pagão de seu gosto.

O Sr. Câmara anexa a seu artigo um e-mail anterior, não publicado devido às baixarias nele contidas. Já que o Sr. Câmara resolveu ostentar orgulhosamente essa vergonhosa amostra de sua estatura moral, note-se que há aqui mais um exemplo de sua dificuldade em ler textos sem desenhos de planetas e estrelinhas: o Sr. Câmara afirma não só que é mentira, mas que é uma "deslavada, pérfida, sórdida" mentira, eu afirmar que o primeiro e-mail recebido pela Montfort fora o dele, e não o que um colega seu enviara **duas semanas antes**. Mas eu havia dito: "...alunos e admiradores do Sr. Olavo de Carvalho enviaram **nos últimos dias** à homepage da Montfort cada qual um e-mail, defendendo este gnóstico" (FC, 05.08.01, negrito meu). Basta olhar as datas de envio dos e-mails comentados para verificar que são dos dias 3 e 4 de agosto. Ora, a

brincadeira boba do tal Polli data do meio do mês passado: 19.07.2001! (O Sr. Câmara deveria prestar mais atenção às datas, já que aspira a ser astrólogo, pois que eu saiba elas são importantes na hora de fazer o horóscopo, não?)

Outro delírio do Sr. Câmara é achar que eu "me auto-nomeei promotor do Juízo Final e já proferi sua sentença" (estou parafraseando sua formulação teatral). Apenas constatei que citar Nosso Senhor para defender a heresia, como fazem o Sr. Câmara e seu professor de astrologia, é condenar a si próprio. Seria ridículo afirmar, por exemplo, que São Paulo está julgando no lugar de Cristo, quando o Apóstolo diz que quem comunga em pecado mortal o faz para sua própria condenação. Ele está apenas constatando um fato, e foi só o que eu fiz. Tanto é assim que ainda rezo pela conversão do Sr. Câmara, embora dê graças a Deus por ele não freqüentar a Montfort.

Expondo sua astro-filosofia, o Sr. Câmara afirma: "Palavras só se referem a algo se a consciência 'vê' o objeto que elas chamam." Bem, se o Sr. Câmara realmente acredita nisso, então, tendo em vista suas interpretações acima, é melhor sua consciência começar a usar óculos...

O Sr. Câmara e a maçonaria

É curioso que o Sr. Câmara nos acuse de ser maçons(!), baseado como sempre em provas "irrefutáveis" que mostram sua erudição: as estrelinhas que ele viu na seção de cartas do *site* da Montfort... Isso justamente agora que seu professor fala favoravelmente e em público da maçonaria romena (OC, 11.08.01). O Sr. Câmara, que por coincidência já esteve na Romênia (PC, 01.99), país este que aliás não é nenhum ponto turístico, deveria ter prestado atenção nisso...

Já que o Sr. Câmara tocou no assunto da maçonaria, tenho aqui um livro interessante: "Igreja e Maçonaria", de D. Boaventura Kloppenburg (Ed. Vozes, 5ª edição). Olhando apenas o índice, veja-se quais os itens enumerados pelo autor como princípios do liberalismo religioso (condenados pela Igreja e defendidos pela maçonaria): 1. livre-pensamento, 2. autonomia da razão, 3. liberdade de culto, 4. liberdade de consciência, 5. indiferentismo religioso, 6. Estado neutro, 7. ensino leigo, 8. moral independente, 9. religião natural, 10. laicismo. É um livro muito fácil de achar, e que explica razoavelmente a oposição da Santa Igreja a esses dogmas maçônicos, a maioria dos quais defendidos pelo Sr. Câmara.

Sobre esse assunto, que não é o desta polêmica, vale lembrar que impôr a Religião Católica a alguém, contra a vontade, é pecado mortal, e a Igreja nunca defendeu isso. Confundir esse absurdo com a oposição da Igreja à liberdade de culto e ao Estado leigo mostra total ignorância doutrinária.

No ano passado, o Sr. Câmara disse: "Dê-me um documento papal de valor magisterial que eu o obedecerei." (PC, 08.2000). Na seção de documentos da Igreja do *site* da Montfort há vários, condenando as idéias guenolávicas seguidas pelo Sr. Câmara. Também no livro de D. Boaventura não faltam documentos importantes, dos quais cito apenas um, contra a defesa que o Sr. Câmara faz da liberdade de pornografia: "O que não corresponde à verdade e à norma moral não tem direito algum, nem à existência, nem à propaganda, nem à ação." (Pio XII, apud Kloppenburg, *op. cit.*, p. 157).

Doutrina X opinião

Quanto à Doutrina Católica, a opinião de quem quer que seja não tem absolutamente nenhum valor, mas sim o ensinamento constante e universal da Santa Igreja Católica. A Montfort é apenas um grupo de católicos tentando ser fiéis à Igreja, mesmo quando boa parte do clero aderiu aos erros modernos. Nunca passou pela cabeça de ninguém que não haja outros católicos fora daqui. Muito pelo contrário: mesmo nessa polêmica, por exemplo, recebemos cartas de apoio de várias pessoas que nem conhecemos, dos lugares mais distantes.

Já o Sr. Câmara, como se vê pela epígrafe deste artigo e pelo nível religioso de suas mensagens anteriores, é tão católico quanto Leonardo Boff ou Olavo de Carvalho.

Bem, definitivamente não responderei mais aos olavianos, não importa quantos artigos, ameaças ou ofensas escrevam. E, a não ser que o Sr. Olavo de Carvalho resolva forjar mais contradições e distinções inexistentes ou chutar mais interpretações e citações delirantes, encerro aqui minha participação nessa polêmica, agradecendo a Nossa Senhora por ter iluminado minha inteligência e confundido os hereges.

In Jesu et Mariae,
Felipe Coelho.
19.08.01

BIBLIOGRAFIA (textos citados dos polemistas)

(OF, 31.05.01): Orlando Fedeli, *A Gnose "Tradicionalista" de René Guénon e Olavo de Carvalho*, <http://www.montfort.org.br/cadernos/guenon.html>.

(OF, 10.79): Orlando Fedeli, *Conceituação, causas e classificação das utopias*, <http://www.montfort.org.br/cadernos/utopia.html>.

(FC, 12.08.01): Felipe Coelho, "Olavo de Carvalho contra Olavo de Carvalho", <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo14.html>.

(FC, 05.08.01): Felipe Coelho, "Os frutos do gnóstico Olavo de Carvalho", <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo10.html>.

(OC, 21.07.01): Olavo de Carvalho, "Gnósticos e revolucionários", *O Globo*, 21.07.01, apud <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo6.html#gnosticos>.

(OC, 11.08.01): Olavo de Carvalho, "Em busca de justiça", *O Globo*, 11.08.01, <http://www.olavodecarvalho.org/semana/bjustica.htm>.

(PC, 14.08.01): Pedro Sette Câmara, "Filósofos e gnósticos", <http://www.olavodecarvalho.org/convidado/pedro.htm>.

(PC, 08.2000): Pedro Sette Câmara, "Apaixonados pelo abismo - mais um recado aos fiscais de ortodoxia", <http://www.oindividuo.com/pedro/pedro27.htm>.

(PC, 14.07.00): Pedro Sette Câmara, "O coração e o mundo", <http://www.oindividuo.com/pedro/pedro26.htm>.

(PC, 01.99): Pedro Sette Câmara, "A vida: bela para uns, bonitinha (mas ordinária) para outros", <http://www.oindividuo.com/pedro/pedro8.htm>.

Filósofos e gnósticos

<http://www.olavodecarvalho.org/convidados/pedro.htm>

Pedro Sette Câmara

> *"O objetivo de toda polêmica entre católicos e hereges é fazer com que estes vomitem sua heresia, de preferência voltando à Fé Católica, ou ao menos expondo aquilo que ocultavam para se infiltrar e perverter os bons."*
>
> *Felipe Coelho*

O coelhinho da Montfort resumiu aí toda a sua visão da "polêmica" entre Orlando Fedeli e Olavo de Carvalho. Para ele, os lados já estão definidos: os montfortianos seriam os "católicos" e os "olavianos" os "hereges". Mais: Olavo de Carvalho (e os olavianos) agem apenas como quem se infiltra no meio de inocentes cordeiros para lhes perverter a alma. O mais curioso aqui é que eu nunca vi Olavo de Carvalho dando aulas em ambientes nominalmente católicos, ou mesmo participando de qualquer atividade da Montfort – o

coelhinho, ao contrário, era aluno do *Seminário de Filosofia* e participante do *Fórum Sapientia*. Além disto, o coelhinho trocava e-mails com alunos do *Seminário*, eu inclusive, solicitando materiais ou tentando demonstrar alguma incompatibilidade entre a "doutrina olaviana" e aquilo que ele pensa que é a doutrina católica, na tentativa de fazer com que os alunos abandonassem as perigosas águas da investigação filosófica para se proteger no porto seguro da retórica fedelista.

Retórica, vejam bem. A adesão a algum grupo – seja ela a Associação Montfort, a Igreja Católica, o Partido Comunista ou um time de futebol – aliada à condenação de tudo que pareça um grupo e pareça contrário *só pode produzir um discurso retórico*, porque suas premissas só são aceitas dentro do contexto daquele grupo e os demais grupos estão sendo condenados justamente por não aceitar as tais premissas. Assim, os católicos condenam os muçulmanos por não serem católicos, e os muçulmanos condenam os católicos por não serem muçulmanos. Não há premissas comuns que permitam uma depuração dialética dos discursos (ou até há, mas não ao nível dos montfortianos) dos grupos opostos, apenas premissas que se excluem mutuamente.

Assim, todo o esforço montfortiano é um só: provar que Olavo de Carvalho e seus alunos não concordam com suas premissas. Como eles consideram que estas premissas são a quintessência da doutrina católica, crêem que os discordantes são não-católicos ou mesmo anticatólicos. Que uma agremiação oriunda da TFP, condenada por vários outros representantes do saco de gatos que compõe a massa dos que se opuseram às mudanças recentes na Igreja Católica, também alienada da própria Igreja "oficial", considere-se o último bastião da doutrina, pode parecer altamente imprudente, mas não é atípico nem imprevisível.

Na verdade, para eles, o simples fato de não pertencer à associação Montfort já é razão suficiente para suspeitar de alguém. Afinal, neste mundo mau, os homens de verdadeira boa vontade não se negariam a aderir ao grupo dos defensores do bem, da tradição, da família, da propriedade, e do direito de eliminar fisicamente os culpados por este mundo ser tão mau – que é justamente a interpretação que os montfortianos dão à posição contrária à "liberdade de consciência", pois acreditam que a vida civil deve ser regrada por um Estado forte da mesma maneira que a alma do fiel deveria se submeter à vontade divina. A vida da alma, porém, é diferente da vida civil.

Que eles creiam nisto, vá lá: cada um sabe de si. Mas daí a pretender que é um ponto essencial do catolicismo a defesa de um Estado que imponha a moralidade cristã a todos os cidadãos... É possível entender porque um sujeito que se diz católico pense isto a partir das considerações sobre a Igreja e o império tecidas por Olavo de Carvalho no *Jardim das Aflições*, mas não é possível aceitar em sã consciência que a adesão à fé católica compreenda necessariamente a adesão à ideologia de um "mundo melhor cristão" – até porque Jesus disse: "meu reino não é deste mundo". Isto vale tanto para os "teólogos da libertação" que desejam fazer a revolução proletária e chamar isto de reino de Deus quanto para os TFPistas e afins – isto é, a Montfort – que desejam instaurar o reino do moralismo.

Se houver qualquer dúvida de que é isto mesmo que a Montfort defende, basta considerar, em última instância, que Orlando Fedeli defende, segundo Felipe Coelho, a doutrina explícita da TFP, que pode ser encontrada, sem equívoco, no site da mesma. O *Auto-retrato filosófico de Plínio Correia de Oliveira <http://www.tfp.org.br/news/Autoretrato.htm>* assim sintetiza o primeiro dos "principais elementos doutrinários" do clássico TFPista *Revolução e Contra-*

Revolução: "a missão da Igreja como única Mestra, Guia e Fonte de Vida dos povos rumo à civilização perfeita".

Este item, que deixa de ser um pressuposto de análise teórica e passa a ser uma diretriz de ação no momento em que um grupo minoritário pretende assumir o papel que atribuía à Igreja (seja por considerá-la decadente ou qualquer coisa), mais os subseqüentes, já bastam para enquadrar a doutrina explícita da TFP – e, por conseguinte, da Montfort – em cinco dos seis itens assinalados por Eric Voegelin <http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli7.htm> para descrever a gnose.

Como se isso não bastasse, basta olhar a conduta dos montfortianos, que fizeram de uma visão peculiar – e bastante próxima da gnose segundo Voegelin – da doutrina católica sua "gnose" particular, dando o benefício da dúvida quanto à salvação da alma aos membros de seu grêmio e a condenação certa de quem estiver de fora – Felipe Coelho, auto-nomeado promotor do Juízo Final, já proferiu a minha sentença <http://www.montfort.org.br/perguntas/olavo10.html>.

Isto tudo, como dizia, não passa de retórica, como é todo discurso destinado a condenar alguém, e não pode dizer nada quanto à verdade dos fatos, mas apenas quanto à sua adequação aparente a uma interpretação peculiar da doutrina da Igreja, aliás mais fixada na letra da doutrina do que em seu conteúdo. A veracidade da doutrina, como já disse em meu artigo O Coração e o Mundo <http://www.oindividuo.com/pedro/pedro26.htm>, só pode ser verificada pela consciência humana individual, e não pelos livros que a contém. Livros não pensam nem inteligem. Palavras só se referem a algo se a consciência "vê" o objeto que elas chamam. Caso contrário, saímos do mundo das coisas para viver no não-mundo das palavras soltas, onde um computador pode habitar perfeitamente. E é realmente tenebroso que entre os defensores da Igreja estejam pessoas tão incapacitadas para defendê-la com algo além da inteligência de um computador e a capacidade de armar intrigas.

Home | **Veritas** | **Cadernos Montfort** | **Documentos da Igreja**
Destaques da Imprensa | **Orações** | **Espaço do leitor**

© Associação Cultural Montfort
Dúvidas relacionadas ao artigos: duvidas@montfort.org.br
Correções e outras informações: webmaster@montfort.org.br

Do sangue no altar

« Do sangue no altar »: o luciferianismo da O.T.O., seita de afiliação do cardeal Rampolla, secretário de Estado de Leão XIII.

Quarta-feira, 29 de setembro de 2010

Artigo original disponível no site Virgo Maria

- Introdução
- Do Sangue no Altar - Tradução do capítulo III – Páginas 31 a 51
    - A Besta 666
- Referências

Introdução

Aleister Crowley (1875-1947), grão-mestre da seita luciferiana **O.T.O (*Ordo Templi Orientis*) em 1912**, **o cardeal Rampolla (1843-1913), que foi um dos membros, e o brasão da seita.**

A O.T.O. e os ocultistas infiltrando os católicos tradicionalistas e os realistas

Para compreender bem a potência do fundo anti-católico **que inspirou e sustentou o projeto de extinção do Sacerdócio sacrificial católico (Sacerdócio de Melquisedec da « *Nova e Eterna Aliança* » selada no Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo), promovido pelas lojas maçônicas ocultistas RC (Rosa+Cruz) da Grã-Bretanha e implementado pelos meios dirigentes britânicos anglicanos desde meados do século XIX**, mencionamos aqui uma famosa « ***Ordem Templária*** » maçônica ocultista R+C, **a O.T.O. (*Ordo Templi Orientis*), que foi « *oficialmente* » fundada alguns anos antes de 1903 na Baixa Baviera católica e na Suíça de língua alemã**, mas que, na realidade, é originária da famosa loja maçônica ocultista R+C britânica do final do século XIX, ***The Hermetic Order of the Golden Dawn of the Outer***, **lojas R+C que inspiraram diretamente o ocultismo subjacente ao nazismo alemão e seus principais dignitários (*Germanen Order, Thule Gesellschaft, AhnenErbe, etc…*)**.

Aqui apresentamos uma tradução de um trecho da obra considerável de **Craig Heimbichner** sobre a O.T.O. publicada em 2005 sob o título « ***Blood on Altar*** » (« ***Du sangue no altar*** »).

Esta seita satânica havia sido « ***oficialmente* fundada alguns anos antes de 1903**.

> « por um **rico vienense, cujas frequentes viagens ao Extremo Oriente o tornaram adepto das "técnicas de magia sexual"[1] ensinadas por certos iogues na Índia.** Dois alemães foram cofundadores da O.T.O.: **Teodoro Reuss, também membro do rito maçônico de Memphis, um rito muito secreto de origem inglesa, e Franz Hartman, um médico que passou vários anos nos Estados Unidos vinculado à sede da Sociedade Teosófica, fundada por Mme Blavatski.** Mais tarde, a O.T.O. contaria entre seus fiéis Rudolph Steiner, cujos ensinamentos teriam um papel importante na vida de Angelo Roncalli, resultando na sua remoção da Faculdade Teológica do Laterano. O membro mais famoso da O.T.O. foi provavelmente Alistair Crowley, imortalizado no primeiro romance de sucesso de **Somerset Maugham: "O Mágico".** Eleito Grande Mestre em 1912, Crowley afirmou estar "*sendo guiado por uma inteligência superior*", que lhe aconselhava "*a abrir uma Nova Era, destinada a suceder e substituir a Era Cristã, a última encontrando-se em agonia* ". Ele mesmo se chamava *"A Besta."*

O secretário de Estado de Leão XIII, o cardeal Mariano Rampolla del Tindaro, foi membro dessa seita luciferiana[2]. Não importa o quanto o padre Ricossa tente desesperadamente reabilitá-lo e negar o feixe de presunções sobre a pertença maçônica desse segundo personagem da hierarquia da Igreja.

Esse mesmo cardeal que dominava o entorno do Papa Leão XIII no momento da aliança de 1892 com a República Francesa, e na tentativa anglicana de fazer reconhecer por Leão XIII, em 1895-1896, a validade das falsas ordens anglicanas. **Vale ressaltar que o padre Rampolla foi consagrado bispo em 1882 pelo cardeal inglês Henry Howard, que trabalhava em Roma para a conversão dos anglicanos e que era parente dos duques de Norfolk[3].**

De fato, foi um duque de Norfolk que interveio logo após a morte de Pio IX (que não demonstrava nenhuma confiança[4] em Newman) para obter do recém-eleito Leão XIII a elevação desse mesmo ex-anglicano, Newman, ao cardinalato[5] em 1879.

Esse mesmo Newman que Ratzinger-Bento XVI ostentou "beatificar" em Londres em setembro de 2010, apesar das contestações que surgem e das polêmicas bastante desagradáveis que fervilham a respeito de seus costumes.[4]

Esse cardeal Rampolla, **denunciado por Winckler em sua carta de 11 de fevereiro de 1977, publicada pelo R.P. Guérard des Lauriers[6] em maio de 1979 nas páginas 101-105 do primeiro número dos *Cahiers de Cassiciacum***, foi desmascarado após sua morte:

> *« O lobby que acreditava, no início do século, ter sucesso com o Cardeal RAMPOLLA, **ou seja, elevar um dos seus ao topo da Igreja para remodelá-la à sua própria imagem**, esse grupo de pressão não havia desistido. »* [7]

Diante de seu delito, São Pio X exclamou: « ***o infeliz*** » e mandou destruir as provas de suas atividades ocultistas acumuladas em seus apartamentos.

> « ***Dom Jouin, fundador e diretor da Revue internationale des sociétés secrètes, tendo em mãos as provas da filiação do cardeal Rampolla, encarregou seu redator-chefe, o marquês de La Franquerie, de ir mostrá-las aos cardeais e bispos da França***. *Félix Lacointa, diretor do jornal Le bloc anti-révolutionnaire (ex-Bloco católico), testemunhou por sua vez em 1929:* ***“*** *Durante nossa última conversa [com Dom Marty, bispo de Montauban], enquanto o mantivemos a par das descobertas feitas recentemente e ao falarmos sobre o cardeal Rampolla di Tindaro, ele gentilmente afirmou que, durante a visita ad limina que fez a Roma, algum tempo após a morte do antigo secretário de Estado de Leão XIII,* ***ele foi chamado por um cardeal [Merry del Val, secretário de Estado de São Pio X] que lhe contou com muitos detalhes que, na morte do cardeal Rampolla, foram descobertos em seus papéis a prova formal de sua traição***. *Esses documentos comprometedores foram levados a Pio X: o santo pontífice ficou apavorado, mas, querendo preservar da desonra a memória do prelado infiel e a fim de evitar um escândalo, disse, muito emocionado: “O infeliz! Queime!”. E os papéis foram jogados ao fogo na sua presença” (in: Virebeau, p. 28).* [8]

Foi o cardeal Rampolla quem formulou[9] claramente, desde 1894, ao intrigante padre lazarista Portal, o plano anglicano subjacente à « ***reunião em corpo*** » (« ***Corporate reunion*** ») à Igreja católica da suposta « *Igreja* » anglicana, e **o papel de dominação e de guia** que lhe reconhecia:

> "*o movimento intelectual iniciado em Oxford e que se desenvolverá na comunhão anglicana entre homens de elevado espírito,* ***muito eruditos na ciência das antiguidades, das cristandades*** *e sinceros buscadores da verdade, fará* ***desaparecer finalmente os velhos preconceitos****, e, as sombras sendo dissipadas, trará à unidade visível da Igreja de Jesus Cristo a filha de Roma, a nobre raça dos ingleses*"[10]

E ele deseja uma « ***renovação religiosa geral*** » com « ***a nação inglesa à frente deste salutar retorno do mundo à vida cristã*** »!

Esse plano sobreviveu ao cardeal Rampolla: como mostramos no dia 25 de setembro de 2010, **o cardeal Mercier escrevendo a Dom Beauduin[11] (continuador do padre Portal) em 15 de fevereiro de 1925, quanto o projeto de criação de um « *Patriarcado anglicano* », reunido em Roma, reavivava sua « *esperança* »:**

> *« **Isso é para mim uma revelação** e, ao mesmo tempo, uma esperança. « Até agora eu nunca tinha descartado, sem dúvida, a possibilidade de uma reunião da Igreja anglicana com a Igreja romana, mas não via nem antevia nenhuma fórmula concreta de realização. » « Seu relato nos faz ver muito mais amplamente... Tenho a intuição de que essa comunicação daria um passo gigante rumo à reunião com um grupo importante de anglo-católicos. »**[12]*

Em 2010, após uma longa gestação de mais de 80 anos, a viagem do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI à Escócia e à Inglaterra, que havia previamente[13] « *reabilitado* os Templários – tão caros aos R+C – templários condenados pela Santa Igreja no século XIV, vem hoje dar um passo decisivo e triunfante a esse plano britânico R+C.

Entretanto, uma igreja [seita] Conciliar eclipsou a verdadeira Igreja católica e praticamente extinguiu em seu seio as linhagens episcopais católicas, ao instaurar um rito de consagração episcopal radicalmente e certamente inválido em 18 de junho de 1968 (*Pontificalis Romani[14]*). Esta igreja [seita] Conciliar não possui mais do que um falso « *Sacerdoce* » que já não é sacrificial, à semelhança do falso « *Sacerdoce* » Anglicano infalivelmente e definitivamente condenado em 1896 pelo Papa Leão XIII como « *entiremente nulo e completamente vão* » em sua Bula « *Apostolicae Curae* ».

Um projeto como esse, que consiste em fazer reconhecer como válido um falso clero Anglicano inválido e uni-lo a uma falsificação de Igreja católica, a qual, por sua vez, também é constituída por um falso clero com sacerdócio inválido, possui um caráter propriamente luciferiano, **atacando com uma violência sem precedentes o verdadeiro Sacerdócio sacrificial católico, o Sacerdócio de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Sacerdócio sacrificial de Melquisedec da *Nova e Eterna Aliança* selada em Seu Sangue, tentando assim tornar vã Sua Encarnação** [15], ao tentar interromper de forma irreversível a transmissão dos verdadeiros sacramentos, e, por meio disso, da graça santificante que a divina Providência misteriosamente vinculou à instituição e à perpetuação desses sacramentos, canais ordinários da salvação das almas.

Somente Satanás, em sua rebelião contra Deus, poderia imaginar um tal plano, e, utilizando-se dos clérigos católicos que aceitavam se tornar seus servos, ao frequentar as lojas eclesiásticas e seus rituais abomináveis (lojas R+C), levar isso da concepção à realização, ao longo de um período que ultrapassava uma simples geração humana, uma vez que se estende por mais de um século.

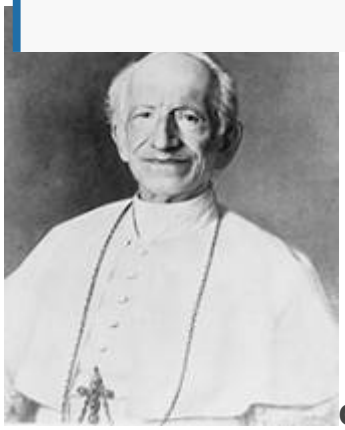
Um dos interesses do capítulo que se segue (livro de Heimbichner) reside na **explicação que é dada à atração que a O.T.O. exerce sobre os meios tradicionalistas ávidos por ordem e rigor.**

> « Em busca desse objetivo, os telemitas plantaram sementes de destruição tanto na ala esquerda do catolicismo[16] (os « ***ecumênicos*** » ou « ***conciliaristas*** ») *quanto em* ***sua ala direita*** (os « ***tradicionalistas*** »), **segundo um processo conhecido pelos alquimistas como *coincidentia oppositorum* (« *conciliação dos contrários* »).**

Escreveu-se muito sobre as infiltrações ocultistas provenientes da esquerda; mas a maioria dos analistas **não se esforçou para estudar ou denunciar a subversão que atua sobre os gostos e afinidades da direita.** As sociedades secretas têm, no entanto, a habilidade de manipular esses dois lados da psique e da pessoa humana, guiando tanto aqueles que prezam o igualitarismo e a anarquia quanto aqueles que defendem o elitismo e a autoridade.

Aleister Crowley

> « Seus próximos sabiam que Crowley era um autoritário de primeira linha, quase um proto-fascista da pior espécie. Uma das principais razões pelas quais a O.T.O. é tão perigosa – embora tão atraente – é que herdou de Satanás o conhecimento da psicologia humana. **O fato é que os discípulos de Crowley se encontram na extrema direita, entre pessoas psicologicamente inclinadas para o royalismo, o autoritarismo, além da pompa e das cerimônias solenes.**
>
> Isso foi verificado no século XX no campo do ocultismo em geral, embora a O.T.O. tenha aperfeiçoado o processo. Entramos aqui em um dos campos de estudo mais espinhosos e abstrusos do contraespionagem, aquele que diz respeito ao estratagema das « ***black ops*** », **operações secretas (ou « *em clandestinidade* ») que servem à união alquímica dos contrários.**



O Papa Leão XIII que publica sua Grande Encíclica contra a Maçonaria « *Humanum genus[17]* » em 1884, apenas quatro anos antes da chegada do cardeal Rampolla ao cargo de secretário de Estado da Igreja católica.

A dominação da O.T.O. exerce-se de forma dual e global, controlando simultaneamente o « *Solve* » da esquerda e o « *Coagula* » da direita.

> *« Escreveu-se muito sobre as infiltrações ocultistas provenientes da esquerda; mas a maioria dos analistas não se esforçou para estudar ou denunciar* ***a subversão que atua sobre os gostos e afinidades da direita****. »*
>
> *« Depois de corromper a cultura por meio de canais ligados à « Esquerda », a O.T.O. agora se posiciona para dirigir a « Direita » conservadora kasher. »*

E Heimbichner mostra **como esta seita recruta entre os meios da direita mais conservadora**:

> *« O fato é que* ***os discípulos de Crowley se encontram na extrema direita, entre pessoas psicologicamente inclinadas para o royalismo, o autoritarismo, além da pompa e das cerimônias solenes****.*
>
> *Isso foi verificado no século XX no campo do ocultismo em geral, embora a O.T.O. tenha aperfeiçoado o processo. Entramos aqui em um dos campos de estudo mais espinhosos e abstrusos do contraespionagem, aquele que diz respeito ao* ***estratagema das « black ops », operações secretas (ou « em clandestinidade ») que servem à união alquímica dos contrários****. Um dos exemplos mais marcantes desse tipo de ação pode ser encontrado em The Slaves Shall Serve (Os escravos devem servir), um livro publicado em 2004 e escrito por* ***James Wasserman, um dos líderes mais brilhantes e eruditos da O.T.O.****, cujo trabalho constitui um manifesto importante.*
>
> *O livro em questão faz um apelo público audacioso e totalmente novo* ***em direção à direita americana****. »*

E **esta seita vai alimentar o discurso sobre o « *choc des civilizações* » dos neoconservadores, privilegiando o combate agressivo ao islamismo**. Um de seus defensores, Wasserman, não esconde isso:

> *« Wasserman ataca os muçulmanos utilizando a linguagem de Birch, ou seja, falando de «* ***islamo-fascismo*** *», e afirma ser o campeão da «* ***liberdade*** *», assim retomando os argumentos de Birch contra as Nações Unidas.* ***Ele reproduz grande parte da documentação de Birch*** *relacionada às Nações Unidas, que ele anota demonstrando que essa organização é problemática. »*

Os ocultistas praticam a técnica muito conhecida da « *verdade parcial* », que só funciona junto a mentes pouco formadas e especialmente pouco críticas e ignorantes:

> « ***Por oportunismo, ele entrega apenas uma « verdade parcial », demonstrando assim sua astúcia.*** »

De maneira irônica e pública, Wasserman, adepto da O.T.O., reduz a grande maioria de seus contemporâneos a **um status de escravos**.

> *« Wasserman recomenda ao leitor o « comentário autorizado da O.T.O. sobre o Book of the Law » (Livro da Lei) de Crowley, um comentário intitulado The Law is For All (A lei é para todos). No entanto, no livro em questão, Crowley declara explicitamente que o governo precisa de uma elite e que a maioria das pessoas precisa ser escrava. De fato, o título da obra de Wasserman, The Slaves Shall Serve (Os escravos devem servir), é uma piada interna, pois não é outra coisa senão uma citação do Livro da Lei de Crowley. »*

Esse programa **instrumentaliza a história das cruzadas em prol de uma política globalista que visa incitar as tensões com o islamismo, com o objetivo – na realidade – de desencadear assim o terceiro conflito mundial entre a cristandade e o islamismo, anunciado por escrito em 1871 pelo ocultista Albert Pike[18] a Mazzini em Londres**:

> *« Em 2001, The Templars and the Assassins: The Militia of Heaven (Os templários e a seita dos assassinos: a milícia do céu) foi publicado pela Inner Traditions. Já traduzido para quatro idiomas, parece estar a caminho de se tornar um clássico moderno sobre o tema da guerra santa. A obra estranhamente antecipou os atentados de 11 de setembro, que ocorreram exatamente quatro meses após sua publicação. »*

O livro *The Templars and the Assassins* tem como objetivo retornar à época das Cruzadas e à sua imagética, alinhando-se à propaganda que tem vigorado desde 11 de setembro de 2001. *Slaves Shall Serve* amplifica essa operação ao apoiar a propaganda conservadora « *néo-con* » para causar uma brusca virada à direita na O.T.O. A O.T.O. assim retorna às raízes que lhe foram legadas por Theodor Reuss, seu fundador, e outros « *seigneurs* », todos elegantemente trajados.

A O.T.O. e as seitas satânicas manifestam uma predileção particular pela infiltração dos católicos da Tradição e se revelam, a esse respeito, particularmente perigosas.

Os b**d**, **os bispos fundadores da *Igreja Católica Liberal*** e **o** bispo inicial da Igreja.

CW Leadbeater revestido de seus insígnes R+C

> « Outro fato merece ser destacado: **o entusiasmo dos ocultistas de direita pela antiga Missa tradicional ("tridentina") em latim**. Entre esses entusiastas, talvez o mais conhecido seja **C.W. Leadbeater. Antigo sacerdote – e até mesmo "bispo" – anglicano[19] e associado à "teosofia" oculta de Helena Blavatsky**, **Leadbeater, no entanto, estava**

> **ciente de que a humanidade contemporânea ainda tinha grande necessidade da magia dos sacramentos cristãos…**
>
> « ***Em obras como*** The Science and the Sacraments, The Inner Side of Christian Festivals (**a ciência e os sacramentos**, os arcanos das festividades cristãs) e em seu livro póstumo publicado recentemente sob o título *The Christian Gnosis* (**a gnose cristã**), ele deixou um legado impressionante pelo qual demonstrou – para a satisfação de muitos – que **a Missa e os outros sacramentos do cristianismo apostólico eram capazes, em nossa época, de promover o bem-estar espiritual** e o crescimento transformador dos indivíduos…»

A ataque dos ocultistas da O.T.O contra a Igreja Católica gerencia ao mesmo tempo um ataque contra a missa tridentina, substituindo-a por um rito falso (rito de Bugnini - Montini-Paul VI), **ao mesmo tempo em que se assegura o controle da minoria tradicionalista que aparece, em reação a essa destruição da missa**:

> *« Isso não quer dizer que o rito católico tridentino seja oculto.* ***Muito pelo contrário, ele serviu por séculos como um bastião contra a tentativa diabólica de travestir Jesus Cristo*** *em um arquétipo gnostico-pagão.* ***Os conspiradores ocultos do Vaticano – pessoas de esquerda – aboliram a Missa tridentina em 1969*** *com o zelo de um* ***Thomas Cranmer[20]****, enquanto* ***os conspiradores ocultos de direita buscam tomar o controle das últimas tropas ainda ligadas a essa Missa desde sua supressão.***
>
> *Desconcertante? Não se a gnose lhe oferecer uma chave, o que o Zohar[21] chama de "conhecimento do equilíbrio". Assim como* ***os adeptos do vodu utilizam adornos, estátuas e outros objetos católicos para perverter o catolicismo*** *fazendo dele uma superstição mágica,* ***a ala direita da conspiração explora a superstição que alguns católicos mantêm em relação a uma espécie de "sacramentalismo mágico" tácito****, ou seja, a ideia de que o mero fato de estar presente na Missa, com sua impressionante solenidade, seus sinos, seu incenso e suas velas –* ***e não o estado de graça, a fidelidade aos mandamentos de Deus ou a relação com Jesus Cristo – constitui uma garantia de santidade para o interessado.***

Esse entrismo da O.T.O. se estende aos meios royalistas, veiculando secretamente entre os "iniciados" recrutados, os piores blasfêmias sobre Nosso Senhor Jesus Cristo:

> *« O sacramentalismo mágico não é o único meio de metamorfosear piedosos católicos em escravos do ocultismo. Se estudarmos* ***o cruzamento onde o***

royalismo e o monarchismo encontram a heresia outrora secreta segundo a qual algumas cabeças coroadas da Europa descendem geneticamente[22] de Jesus Cristo**, começamos a vislumbrar a ascensão **de uma organização dotada de uma autoridade tão divina que nenhum cristão crente poderia resistir.** Esse engano brandido pelos ocultistas em busca de impor sua lei totalitária possui um poder alucinatório quase irresistível. Nesse aspecto, seu agente moderno foi **Pierre Plantard (1920-2000), considerado o distante descendente do rei merovíngio Dagoberto II.

*Plantard foi o padrinho – para o século XX – do mito do **Priorado de Sion**, segundo o qual algumas famílias reais da Europa descendem de uma suposta união sexual entre Jesus e Santa Maria Madalena.*

*« O charlatão Plantard operava por trás desse tipo de fachada há décadas. Mas não era um charlatão comum. **Sua rede atuava entre católicos conservadores e em círculos antissemitas, ao mesmo tempo organizando e inspirando afiliados cabalistas** ou mesmo dedicados a uma "deusa".*

*O sucesso mais espetacular de Plantard foi **a influência do Priorado de Sion sobre Dan Brown, autor do Código Da Vinci, fenômeno editorial extraordinariamente eficaz que vendeu dez milhões de cópias. Com este livro, a intriga mencionada aqui tomou proporções globais.***

*Uma sinistra ironia quer que o **Priorado de Sion**, "**ordem de cavalaria**" que teria sido criado em 1099 pelo "**Cruzado Godofredo de Bouillon**", tenha se tornado, através do **católico** Pierre Plantard e do autor New Age Dan Brown, uma verdadeira **transmissora para a revivência do culto bruxo de Ísis, da magia negra da Cabala e das imundas difamações talmúdicas sobre as supostas relações sexuais de Jesus Cristo.***

*Talvez o leitor comece agora a **perceber a utilidade do que constitui a especialidade da O.T.O e que o doutor Carl Gustav Jung chamava de Mysterium Coniunctionis (a síntese dos opostos psíquicos na alquimia)**. A O.T.O não deseja, de forma alguma, adotar uma tática que consista em se ocupar apenas do movimento "progressista" (ou seja, de esquerda) favorável à "modernização" e à "reforma", em outras palavras, abandonar a oposição de direita a seus inimigos.*

Em vez disso, ela está sempre e em todo lugar determinada a impor o paradigma cabalístico ao assegurar o controle da oposição.** Ela apela às normas elitistas de cultura e gosto ao **defender as liturgias clássicas, ao mesmo tempo em que agentes do Vaticano inspirados pelo zeitgeist (espírito do tempo) da O.T.O colocam esses ritos mais ou menos fora da lei ao excluí-los do culto ordinário.

> *Nesse aspecto,* ***a conspiração foi coroada de pleno sucesso. A assistência à Missa tridentina hoje está restrita a pequenas bolsas de resistência católica que, alvo de uma infiltração oculta, são mais suscetíveis de penetração do que seria um movimento de massa reunindo milhões de crentes.***
>
> *Urge lembrar aqui o antigo lema alquímico* ***Solve et coagula*** *(dissolver e recompor). A Missa tridentina de outrora santificou inúmeros clérigos e leigos, entre os quais estão os santos mais populares da Igreja.*
>
> *Mas ela foi despida de suas centenas de milhões de fiéis com uma prontidão notável, quase num piscar de olhos,* ***o objetivo de longo prazo sendo suscitar em seu favor um movimento novo e muito mais circunscrito sobre o qual os meios ocultos possam exercer um controle estreito. [23]****»*

Esse entrismo da O.T.O. nos meios de direita e royalistas, nos meios católicos fiéis à missa tridentina, e até mesmo nos meios eclesiásticos, vai de par com o método de "gestão dos contrários".

Assim, em círculos pró-fascistas, membros da O.T.O. compartilham atualmente tanto uma admiração pelo III Reich quanto um zelo ativo pelo sionismo.

> *« Como hoje, a O.T.O. já atuava em duas frentes: por um lado,* ***entusiasmava-se com as guerras e os banhos de sangue provocados por Hitler; por outro, apoiava o sionismo, atuando como agente dos serviços secretos britânicos (o MI6)*** *e da maçonaria britânica.*
>
> ***Crowley, que pregava um fascismo oculto, venerava tanto Adolf Hitler quanto o rabino Blau****; além disso, ele permaneceu* ***toda a sua vida como um agente britânico e um cripto-sionista****. Em sua autobiografia, Crowley dirige elogios a muitos judeus, um pouco como o proprietário snob de um clube muito seleto. Harry Truman também era conhecido por lançar provocações contra alguns adeptos do judaísmo em conversas privadas, e, ainda assim, poucas pessoas serviram à criptocracia com mais afinco do que o maçon de 33º grau Harry Truman, o que pode ser dito também de Crowley.*
>
> ***Crowley chegou à liderança da O.T.O. por cooptacão dentro da maçonaria****. Segundo suas próprias palavras, "Embora eu tenha sido admitido em 1900 ao trigésimo terceiro e último grau da maçonaria [de rito escocês antigo e aceito], foi apenas no verão de 1912 que se confirmaram minhas suspeitas. Quero falar sobre minha convicção de que por trás das frivolidades e da convivialidade de nossa maior instituição (a maçonaria) se esconde, na*

> *verdade, um segredo.* ***Na época a que me refiro, um homem veio até mim. Era um dos misteriosos mestres da maçonaria esotérica****, essas pessoas que são os olhos e o cérebro dela, mas que permanecem desconhecidos, muitas vezes até mesmo dos líderes oficiais da obediência [...]* ***Esse homem, que observava minha carreira oculta há vários anos, então me considerou digno de participar dos Mistérios Superiores****."[24]*
>
> *O homem que contactou Crowley era* ***o "irmão Merlin" (a.k.a. Theodor Reuss)****, que depois confiou a ele a direção da O.T.O.; Crowley alcançou o grau Baphomet XI, o "Rei Santo e Supremo da Irlanda,* ***de Iona[25]*** *e de todas as Bretanhas que estão no Santuário da Gnose, a O.T.O." (Supreme and Holy King of Ireland, Iona, and all the Britains that are in the Sanctuary of the Gnosis, OTO). Quando* ***Crowley se tornou OHO (Outer Head of the Order, ou seja, chefe externo da Ordem), membros alemães da O.T.O. relativamente sensatos se recusaram a segui-lo. Pois Crowley já havia começado a divulgar segredos de sua antiga Ordem Mágica Rosacruz (Rosicrucian Magickal Order), a Ordem hermética da aurora dourada (Hermetic Order of the Golden Dawn), fundada por maçons de alto escalão.***

Questões sobre Dom Williamson[26]: seu estranho jogo de "gestão dos contrários" se caracteriza, em particular, por uma fascinação pelo III Reich[27], enquanto ele estava muito ligado aos Estados Unidos com um rabino que entrava à vontade em seu escritório. Um exemplo de "a gestão britânica dos contrários"?

É o mesmo Dom Williamson que protegeu, ordenou e promoveu na FSSPX clérigos predadores homossexuais (senhor Urrutigoity, senhor Ensey).

O ocultista Aleister Crowley praticava rituais de magia sexual, com mulheres tanto quanto com homossexuais:

> *« Quanto ao romancista mundialmente famoso* ***W. Somerset Maugham****, ele tomou Crowley como modelo para o personagem sulfuroso Oliver Haddo que*

> *aparece em seu livro sensacional de 1908 intitulado **The Magician**, onde se fala de alquimia, de um homúnculo e do poder encantador de Haddo sobre a virginal Margaret. **Assim como Crowley, Maugham era um agente dos serviços de inteligência britânicos, e Alfred Hitchcock se baseou em seu conto intitulado Ashenden para realizar, em 1936, o filme "Agente Secreto".***
>
> *Como modelo de Haddo, Crowley seduziu uma série de mulheres **para seus rituais de feitiçaria sexual, incluindo Keila Waddell, Leah Hearsing e muitas outras, assim como homens inclinados à homossexualidade.** Em 1910, no Caxton Hall, em Londres, Crowley organizou uma das primeiras **drug parties dos tempos modernos**, servindo a seus convidados cogumelos alucinógenos misturados com maçãs cheirando à podridão. Crowley foi o verdadeiro **pioneiro de quase todas as manifestações das "culturas" hippies e New Age que surgiriam de sua sombra meio século depois.***

E Craig Heimbichner **sublinha a dupla atitude dos adeptos da O.T.O.:**

> *« O doublespeak[28] ou duplo linguagem de Crowley e de seus sucessores é impressionante. Esses diabolistas estão à frente de movimentos de tipo bumerangue que escravizam pessoas hipnotizadas e em busca de sentido, confinando-as na aceitação orwelliana de condições opostas às que eles promovem e preveem por outro lado. »*

Entramos aqui **na lógica e na prática ocultistas que implementam esquemas, métodos e comportamentos frente aos quais os clérigos da Tradição estão, em essência, desarmados, pois seu conhecimento de demonologia, sociedades ocultistas e satanistas, lojas maçônicas R+C e métodos anglicano-britânicos de condicionamento é quase inexistente.**

Eles se tornam, então, presas de escolha para todos os predadores britânicos que desejam contorná-los **e instrumentalizá-los, apelando para seu espírito de reação imprudente e desinformado.**

Continuemos a boa luta

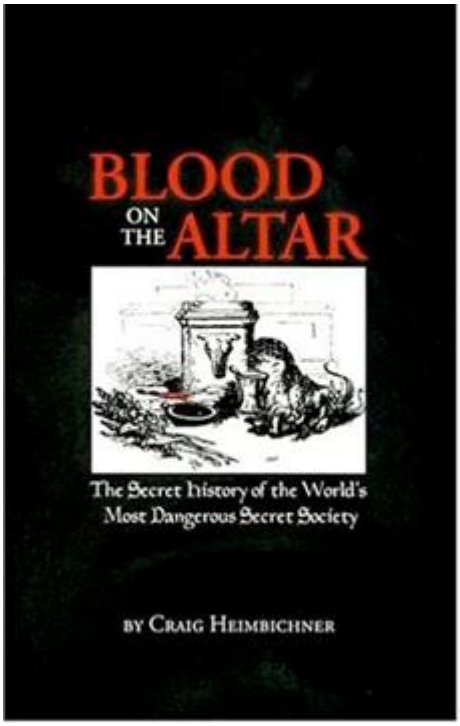
A Redação de *Virgo-Maria*

© 2010 virgo-maria.org

Do Sangue no Altar - Tradução do capítulo III – Páginas 31 a 51

“Blood on the Altar“
Por Craig Heimbichner
(História e Pesquisa Independente)
Tradução do capítulo III: *A Besta 666*
(páginas 31 a 51)

A Besta 666



« Matem e torturem; não poupem; ataquem-nos! »

A OTO[29] sendo uma sociedade secreta ou um culto secreto que age no mundo todo, o leitor provavelmente se questiona sobre os objetivos de uma tal organização. Trata-se de um amontoado de excêntricos apaixonados pelo vício e por Satanás, Eros e Hórus? São pessoas inofensivas que gostam de fazer comentários um tanto ásperos e a se assustar com alguns documentos que falam sobre sangue, que buscam se libertar de qualquer limite violando o tabu relacionado à adoração do Demônio quando lhe convém, mas que, no final, não passam de um grupo adicional de existencialistas modernos, outrora cristãos, cujo descontentamento podemos entender e que se revoltam contra a repressão que sofreram na juventude, mas que são igualmente capazes de ajudar uma velha a atravessar a rua como qualquer escoteiro ou lobo?

Alguns membros da OTO são nostálgicos dos anos sessenta que se deleitam com drogas e devassidão, e que sempre serão fascinados por um pentagrama ou uma planta de *cannabis*. São principalmente esses "Lodge Hippies"[30] que os verdadeiros iniciados acolhem e vampirizam para fins de magia sexual, para depois se desinteressarem deles.

Pois todos os membros da OTO não têm cabelo verde, um anel no nariz e herpes. Alguns são cientistas e médicos no auge de suas disciplinas, mas a ala esquerda da OTO não deixa de acreditar na necessidade de derrubar a forma de civilização caracterizada por essa famosa "repressão sexual" baseada em princípios cristãos. Peter R. Koenig, ex-iniciado da OTO (onde se

tornou apaixonado por letras ocultas), escreve a esse respeito: « À espreita no limiar da História, Thélème busca comunicar suas ideias ao mundo. Sua evangelização tem como objetivo final destruir as normas da sociedade. Luta pela dominação mundial e se compara ao jovem cristianismo que Roma perseguia. Segundo os seus sectários: "Se trocássemos o Exército pela OTO, seria excelente para a Ordem". »[31]

De acordo com a OTO, na verdade, a busca desse objetivo passará necessariamente algum dia por uma efusão de sangue. Em *Khabs Am Pekht*, que é um de seus documentos oficiais, a OTO dá a seus membros a seguinte orientação: « Mais cedo ou mais tarde, teremos que lutar para destruir o poder dos escravos dos deuses-escravos. No âmbito desta epístola, é impossível expor os vastos problemas em jogo, mas quando o momento chegar, a hierarquia da Ordem deverá resolvê-los de acordo com a Lei da OTO (chamada Thélème). »

Este trecho traduz, portanto, o compromisso de declarar guerra contra os cristãos "quando o momento chegar", e como a ália à América do Sul, passando pela Croácia, Japão e Nova Zelândia, os cr nformar um pouco melhor sobre isso.

Brasão da OTO

Kenneth Grant, dirigente da OTO na Inglaterra, nutre um esquema igualmente assustador. Como observa Robert Anton Wilson, « A versão da OTO criada por Grant baseia-se em grande parte nas variantes anais da magia sexual e em sombrias alusões a objetivos políticos de longo prazo conhecidos apenas pelo círculo interno... »[32]

Grant, por sua vez, declara: « O psiquiatra e psicanalista Wilhelm Reich foi eliminado pelas autoridades americanas porque suas descobertas levavam a uma conclusão lógica: a derrubada total da sociedade tal como a conhecemos hoje. No entanto, é somente sobre as ruínas dessa sociedade que o Reino de Ra-Hoor-Khuit poderá se estabelecer. Alguns indivíduos dedicados praticando Thélème com diligência e perseverança bastarão para derrubar a sociedade de vez... »

As « Instruções secretas do Sétimo Grau » expõem objetivos não menos grandiosos, pois destacam a atenção do iniciado: « E no momento que Lhe parecer favorável, a O.H.O.[33], reunindo suas forças, proclamará essa Verdade em particular aos Reis e Príncipes da Terra, para que, após terem feito a consulta, governem todos os homens na paz e no amor em virtude desse Segredo, à

Sombra das Asas do Único inefável Senhor. »

Notemos a grotesca mentira que está no cerne dessa propaganda: a lei sanguinária de Crowley é apresentada como uma *Weltenschauung[34]* fundada na paz e no amor! Tal é, portanto, a ideologia hegemônica dos « pastores de Hermas »; é ela que elaborou e gerenciou secretamente os movimentos hippie e New Age desde os anos sessenta, e cujo símbolo muito popular entre os jovens não é outro senão a cruz Ânkh ou cruz ansada, também chamada de cruz da vida, que inicialmente servia como uma atadura para os pastores do antigo Egito.

O filósofo Thomas Molnar revelou o cerne da questão ao mostrar o que é, na realidade, a famosa « Abadia de Thélème »: uma contra-igreja clandestina que se apresenta como o caminho a seguir para se alcançar uma utopia libertária, desprovida da disciplina rígida e das severas restrições da Igreja Católica. No entanto, Molnar demonstrou que Thélème era uma contra-igreja que impunha regras ainda mais rígidas do que as da Igreja Católica, e que a primeira manifestação desse diabólico engodo remonta à Revolução Francesa. E ele faz uma observação marcante: « Nossa civilização certamente chegará ao fim no dia em que a Igreja Católica e os Estados Unidos se unirem à revolução. »

Uma conspiração de direita

Na busca por esse objetivo, os thélémites semearam sementes de destruição tanto na ala esquerda do catolicismo[35] (os « ecumenistas » ou « conciliaristas ») quanto na sua ala direita (os « tradicionalistas »), conforme um processo conhecido pelos alquimistas sob o nome de *coincidentia oppositorum* (« conciliamento dos opostos »).

Muito se escreveu sobre as infiltrações ocultas provenientes da esquerda; no entanto, a maioria dos analistas não procurou estudar nem denunciar a subversão que atua sobre os gostos e afinidades da direita. As sociedades secretas têm, contudo, o talento de manipular esses dois lados da psique e da pessoa humana, guiando tanto aqueles que prezam o igualitarismo e a anarquia quanto os que são favoráveis ao elitismo e à autoridade.

Nicholas de Vere é o líder de um culto que busca superar a crise de autoridade muito real que afeta o homem moderno, que é assaltado por dúvidas. Sua retórica apresenta uma semelhança impressionante com os argumentos dos tradicionalistas católicos. De fato, ele tempesta contra a « estupidez da atitude New Age », que « provém da afirmação do liberalismo econômico, totalmente indefensável e motivado, na verdade, pela cupidez, segundo a qual cada um poderia se tornar o que quisesse, assim como contra a ideia politicamente correta e desprovida de fundamento de que haveria apenas iguais. »

É fácil ver que de Vere não é um esquerdista. Suas declarações, portanto, soam agradáveis a ouvidos tradicionalistas. Ele prossegue nestes termos: « Todo espírito racional deve abominar essa variante patética do liberalismo, nascida de um rejeição da vitimização inoculada ao corpo social, e é por isso que eu não sinto nada além de desprezo por […] um grande nivelador e igualador social. Mas não se ganha muito dinheiro dizendo à grande maioria de seu público que ela não está excluída geneticamente de um processo que lhe é impossível viver ou mesmo compreender; então, se vende bobagens New Age dizendo aos ingênuos que todos podem desempenhar o papel que

quiserem e adotar qualquer “estilo de vida” à moda ditada por seu capricho como por uma publicidade enganosa… »[36]

Quem é Nicholas de Vere? O dirigente leigo de um grupo de fiéis ligados à Missa Tridentina? Um filósofo conservador? De modo nenhum. De Vere é um satanista e luciferiano assumido: « Aos doze anos, Nicholas foi magicamente e oficialmente consagrado à tradição do dragão, e aos treze anos, ele realizou pela primeira vez o rito conhecido como Starfire [fogo estelar]. Em seguida, sua mãe conseguiu que ele pudesse trabalhar com Aleister Crowley; ele estudou então muito seriamente os princípios das Artes Obscuras e adquiriu grande competência nos rituais mágicos.

Aos quinze anos, Nicholas foi submetido ao rito arcaico de Realeza [Rito da Realeza], que, de acordo com a antiga tradição gaélica, confere ao impetrante o manto da soberania extraído da própria Terra. »[37]

De Vere conquistou um espaço próprio dentro da hierarquia Crowley/OTO: « A Cour do Dragão contemporânea representa, além disso, uma combinação do que Aleister Crowley chamaria de vários "correntes", sendo a principal que está fora da família propriamente dita consagrada através do *Black Country Covenant of the Baphometic Order of the Cubic Stone[38]*, cuja origem remonta aos Cavaleiros do Templo. Esse favor foi concedido à minha família em reconhecimento dos laços hereditários que esta mantinha com a Feitiçaria real e a tradição histórica do Dragão. Outras correntes exteriores derivam do Clan Donnachaid (da Cavalaria dos Plantagenêt), que é primo – no Dragão – da Casa de Vere, da qual Edward de Vere, décimo sétimo conde de Oxford, foi um membro proeminente. Edward também realizou os rituais da realeza do Dragão na família, incluindo o rito de realeza dos Calle Daouine. »[39]

Em *The Beginning of the New World*, Crowley expõe seu autêntico plano diretor visando os adeptos do autoritarismo de direita: « A primeira medida prática a ser tomada para esse fim é a criação de uma forte organização central capaz de dirigir com coerência as atividades dos muitos adeptos já estabelecidos em diversos países. Depois, será necessário convocar conferências de especialistas de todas as ciências para tratar da humanidade sob o ângulo social e sob o ângulo individual, a fim de elaborar um programa internacional abrangente. »[40]

Constata-se, portanto, que, em vez da utopia libertária tanto alardeada, que faz correr tanta saliva em uma típica "rave party" dos thélémites (onde se consome muita droga), a OTO é capaz e deseja funcionar como uma “forte organização central”.

Os próximos de Crowley sabiam que ele era um autoritário de primeira linha, chegando a ser um proto-fascista da pior espécie. Uma das principais razões pelas quais a OTO é tão perigosa – e ao mesmo tempo tão atraente – é que ela herdou de Satanás o conhecimento da psicologia humana. O fato é que os discípulos de Crowley se reúnem na extrema direita, entre pessoas psicologicamente inclinadas ao royalismo, ao autoritarismo bem como ao esplendor e às cerimônias solenes.

Isso foi verificado no século vinte no domínio do ocultismo em geral, embora a OTO tenha aperfeiçoado o processo. Entramos aqui em um dos domínios de estudo mais espinhosos e abstrusos da contra-espionagem, aquele que diz respeito ao estratagema das "black ops",

operações secretas (ou "dentro da clandestinidade") que servem à união alquímica dos contrários. Um dos exemplos mais impressionantes desse tipo de ação pode ser encontrado em *The Slaves Shall Serve* (os escravos devem servir), um livro publicado em 2004 e escrito por James Wasserman, um dos líderes mais brilhantes e eruditos da OTO, cujo trabalho é um manifesto fundamental.

O livro em questão faz um ousado e totalmente novo apelo à direita americana. O autor, de fato, elogia publicamente a John Birch Society[41], ao mesmo tempo que salienta que « por razões pessoais », não é membro. Ele recomenda a leitura dos textos de William Jasper, de John McManus e da John Birch Society, assim como o *Liber Oz*, « uma declaração publicada pelo mestre inglês Aleister Crowley durante a Segunda Guerra Mundial, que apresenta o que considero ser a exposição ideal dos direitos políticos de qualquer indivíduo corajoso o suficiente para enfrentar as responsabilidades que a liberdade comporta. »

Wasserman ataca os muçulmanos utilizando a fraseologia da John Birch, ou seja, falando sobre "islamo-fascismo", e pretende se colocar como o campeão da "liberdade", repetindo, assim, os argumentos de Birch contra as Nações Unidas. Ele reproduz uma grande parte da documentação de Birch referente às Nações Unidas, que anota demonstrando que essa organização representa um problema. No entanto, ele não menciona, evidentemente, o papel da ONU na criação do Estado de Israel, nem as sanções mortais impostas pela ONU contra o Iraque em vez de contra Israel, assim como não aborda as relações da ONU com a maçonaria (que remontam ao patrocínio da extinta Liga das Nações pelo Grande Oriente e outras lojas). Por oportunismo, ele entrega apenas uma "verdade parcial", demonstrando sua desonestidade.

Por que isso acontece? Porque, na medida em que a OTO é fundada na Cabala, ele percebe que o holofote da conspiração deve ser desviado do judaísmo e da maçonaria, o que o leva a lançar a culpa principalmente sobre o islã, enquanto promove grupos que atuam de forma semelhante, notavelmente a John Birch Society. Após corromper a cultura por meio de ramificações ligadas à "Esquerda", a OTO agora se posiciona para dirigir a "Direita" conservadora kasher.

Wasserman nega – é importante observar – que a resistência islâmica tenha como motivo o apoio de Israel pelos Estados Unidos. Ele pressiona os americanos a se filiar à NRA[42] (Associação Nacional de Rifles); além disso, multiplica as notas de rodapé citando *The New American[43]* e mencionando, entre outras coisas, a tese discutível de que árabes estariam envolvidos no atentado de Oklahoma City. O líder da OTO até aprova o juiz Roy Moore, que afirmou que os Dez Mandamentos deveriam estar nas instituições americanas. Vindo de um membro ativo da OTO, essa declaração seria risível se não indicasse que algo profundamente subversivo está em ação.

Wasserman destaca, além disso, que a crença em uma Poder Superior constitui uma garantia de liberdade. Na nota de rodapé que acompanha essa declaração, aconselha os "jovens Irmãos" a se libertarem de sua "indolência" e a lembrarem-se de sua busca pelo "HGA", por meio da qual tudo irá bem para eles. O que é esse "HGA" que a juventude deve buscar? "HGA" não é outro senão o nome de código da OTO para o Santo Anjo Guardião (*Holy Guardian Angel*), que Crowley prescreve – em seu Livro 4 – invocar como « Satã, Teu Olho, Teu Desejo! »

Essa preocupação quanto à "busca dos muçulmanos pela dominação mundial" reflete, na verdade, o medo de que o islã faça concorrência à OTO (um dos líderes da OTO é chamado de "Califa" e até usa um turbante). Quanto ao apelo para a exibição dos Dez Mandamentos, que revelação! Os thélémites são os *inimigos jurados dos Dez Mandamentos*. Wasserman chega a tentar explicar que, ao citar o *Liber Oz* de Crowley, onde este escreve « Não há deus além do homem », isso não o torna um ateu, porque Deus não é outra coisa que a "superconsciência" presente no homem.

A OTO é uma força que determina o Bem. Este ponto é muito importante. A OTO considera a John Birch Society como um dos meios mais úteis para desviar a atenção, transferindo-a do judaísmo para o islã, da maçonaria para as Nações Unidas.

Wasserman, que é um agente da Nova Ordem Mundial, escreve isto: « *Encontram-se informações preciosas sobre a história e a natureza da tirania internacionalista sob as plumas de John McManus em Financial Terrorism, de William Jasper em Global Tyranny e The United Nations Exposed e de James Perloff em Shadows of Power. Esses quatro livros descrevem a Nova Ordem Mundial com detalhes assustadores, embora de uma maneira sensata. Eles são fruto de pesquisas aprofundadas, e apresentam referências rigorosas a documentos oficiais.* Global Tyranny *contém um capítulo humorístico sobre o movimento New Age; este capítulo é caracterizado por uma ignorância considerável, mas o bom grão pode ser separado da palha, não é? De qualquer forma, grande parte das críticas que ele [Jasper] dirige ao movimento New Age são fundamentadas. Ele o descreve como tendo sido capturado por ativistas de esquerda que disfarçam seus verdadeiros objetivos sob aparências ecoespiritualistas. Ele apresenta Gorbatchev e aqueles de sua espécie como os grandes sacerdotes de um culto socialista disfarçado de paganismo, cujo verdadeiro objetivo – puramente marxista – é eliminar a propriedade privada*.»[44]

Wasserman recomenda ao leitor o « *comentário autorizado da OTO sobre o* Book of the Law » (Livro da Lei) de Crowley, comentário intitulado *The Law is For All* (a lei é para todos). No entanto, no livro em questão, Crowley declara explicitamente que o governo precisa de uma elite e que a maioria das pessoas precisa ser escrava. De fato, o título da obra de Wasserman *The Slaves Shall Serve* é uma piada de insider, pois é nada menos que uma citação do Livro da Lei de Crowley.

O entusiasmo que a ataque de Birch contra as Nações Unidas inspira em Wasserman é algo estranho, considerando o papel histórico desempenhado pela OTO na criação da Nova Ordem Mundial, assim como o dossiê existente a esse respeito sobre Aleister Crowley, o herói de Wasserman. A OTO desempenhou seu papel nos círculos chamados a assegurar o lançamento publicitário do que H.G. Wells chamava de *"Estado mundial"*, e não se deve deixar de citá-la entre os movimentos que geraram a Liga das Nações, predecessor das Nações Unidas. De 1915 a 1917, Crowley foi empregado de George Sylvester Viereck, redator-chefe de dois jornais influentes, *The Fatherland* e *The International*. Três anos antes da criação da Liga das Nações, Crowley escrevia na mesma linha, para *The International*: « *É preciso trair os interesses inferiores pelos interesses superiores, os benefícios particulares de determinado país pelo* Commonwealth *mundial.* » Existe no Templo da Compreensão das Nações Unidas uma vitral representando o deus Pã aos pés de bode, o primeiro e maior amor de Crowley além de si mesmo.

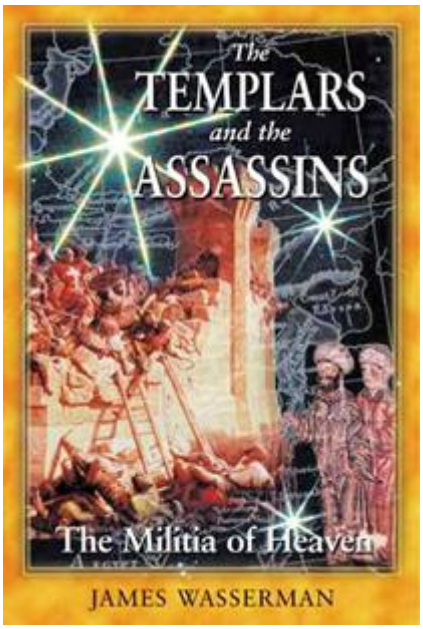
Em outubro de 2004, podia-se ler no site da Loja Sekhet-Maat da OTO as seguintes informações sobre Wasserman: « *James Wasserman ingressou na Ordo Templi Orientis em 1976. Em 1979,*

fundou a Loja Tahuti, uma das mais antigas lojas da OTO a ter funcionado continuamente. Ele desempenhou um papel fundamental em várias publicações tão influentes quanto originais do corpus literário de Crowley. Três de suas participações foram as seguintes. Primeiro, supervisionou a edição por Weiser, em 1976, do Livro da Lei, no qual o manuscrito holográfico foi anexado ao texto composto e corrigido da publicação dessa obra pela OTO de 1938 – conforme as instruções do autor, o que era uma novidade para um livro famoso. Segundo, ele conseguiu, após várias anos de negociações, reprocessar profissionalmente as pinturas de Crowley-Harris ilustrando o tarô, visando a uma segunda edição melhorada do jogo de Thoth Tarot publicado em 1977 e da qual ele também realizou o manual. Terceiro, colaborou em 1983, com dois outros membros da OTO, na produção dos Holy Books of Thelema [os santos livros de Thélème], uma coleção dos escritos inspirados (Classe A) de Crowley.

« *Em 1986, seu ensaio intitulado "Introdução à História da OTO" foi publicado na edição nº 10 de* Equinox III [...] Em 1989, ele descreveu sua adaptação a sessões coletivas do exercício do "Middle Pillar" (pilastro mediano) apresentado na obra de Israel Regardie intitulada *Healing Energy, Prayer and Relaxation* (energia curativa, oração e relaxamento) (Nova Publicações Falcon). Em 1992, ele escreveu e concebeu *Art and Symbols of the Occult* (Arte e símbolos do oculto), um belo panorama em cores das disciplinas e imagens primordiais da tradição oculta (Inner Traditions). Em 1993, ele compilou, editou e escreveu uma longa introdução para o livro *Aleister Crowley and the Practice of the Magical Diary* (Aleister Crowley e a prática do diário mágico) (publicado pela Nova Publicações Falcon e reeditado em 2003 pela Sekmet Books). Em 1994, após quinze anos de elaboração, sua edição inovadora do livro *The Egyptian Book of the Dead* (o livro egípcio dos mortos) foi publicada pela Chronicle Books. Este livro contém uma magnífica reprodução em cores e uma tradução em inglês do Papiro de Ani. Em 1996, ele concebeu, editou e escreveu um epílogo para o importante poema místico de Aleister Crowley intitulado *AHA !* (Nova Publicações Falcon).

« *Em 2001,* The Templars and the Assassins: The Militia of Heaven *(os templários e a seita dos assassinos: a milícia do céu) foi publicado pela Inner Traditions. Já traduzido para quatro idiomas, parece estar em boa via de se tornar um clássico moderno sobre o tema da guerra santa. A obra estranhamente antecipou os atentados de 11 de setembro, ocorrendo exatamente quatro meses após sua publicação.* »

O livro *The Templars and the Assassins* tem como objetivo revisitar a época das Cruzadas e sua iconografia, seguindo a linha da propaganda que tem prevalecido desde 11 de setembro de 2001. *Slaves Shall Serve* amplifica essa operação ao se apoiar na propaganda conservadora "neocon" para provocar uma brusca mudança à direita na OTO. Assim, a OTO retorna às raízes que lhe foram atribuídas por Theodor Reuss, seu fundador, e outros "senhores", todos muito bem vestidos.



The Templars and the Assassins recebeu o *« imprimatur »* do chefe da Golden Dawn[45], do chefe do Temple of Set (templo do deus egípcio Seth) e de um dos líderes de outra ordem oculta. Esse patrocínio triplo é sem precedentes. A capa mostra a luta dos templários (com vestimentas de cores invertidas) contra os árabes. O que é, hoje, o nosso Ocidente supostamente cristão, senão uma cruzada invertida, uma cruzada pseudo-cristã conduzida em nome (...) da hegemonia sionista? Na capa, vemos árabes e cruzados lutando em uma muralha prolongada por duas torres e prestes a desmoronar. À direita, aparecem dois assassinos árabes (o demônio e Osama Bin Laden), enquanto no céu brilham duas estrelas (provavelmente Sirius A e Sirius B, da constelação do Grande Cão).

O Direcionamento dos Católicos Tradicionalistas

Outro fato merece ser destacado: o entusiasmo dos ocultistas de direita pela antiga Missa tradicional ("tridentina") em latim. Entre esses entusiastas, o mais conhecido talvez seja C.W. Leadbeater. Antigo sacerdote anglicano e associado à "teosofista" oculta Helena Blavatsky, "Leadbeater estava, no entanto, ciente de que a humanidade contemporânea ainda precisava da magia dos sacramentos cristãos..."

"Em obras como *The Science and the Sacraments*, *The Inner Side of Christian Festivals* e em seu livro póstumo recentemente publicado sob o título *The Christian Gnosis*, ele deixou um legado impressionante pelo qual demonstrou – para satisfação de muitos – que a Missa e os outros sacramentos do cristianismo apostólico eram capazes, em nossa época, de favorecer o bem-estar espiritual e o crescimento transformador dos indivíduos..."

A OTO explorou o fato de que alguns ocultistas "valorizavam as tradições espirituais ocidentais, por exemplo, a magia cerimonial, a maçonaria esotérica, assim como o mistério e a magia sagrada dos sacramentos cristãos [...] Muitos teósofos também foram atraídos pela majestosa beleza e o misticismo da Missa e dos outros sacramentos [...] Evocar a possível existência de um catolicismo oculto não é tão absurdo quanto alguns podem pensar. A história está repleta de prelados, padres e freiras da Igreja Católica que eram fervorosos e competentes ocultistas. A Cabala, o hermetismo, a astrologia e a magia tinham todos seus protetores [...] Hoje em dia, pode-se perceber que

pessoas interessadas em gnose e hermetismo têm mais em comum com os católicos tradicionalistas do que com os católicos modernistas do Concílio Vaticano II ou com os protestantes."[46]

Isso não significa que o rito católico tridentino seja oculto. Muito pelo contrário, ele serviu durante séculos como um bastião contra a tentativa diabólica de travestir Jesus Cristo em um arquétipo gnóstico-pagão. Os conspiradores ocultistas do Vaticano – pessoas de esquerda – aboliram a Missa tridentina em 1969 com o zelo de um Thomas Cranmer[47], enquanto os conspiradores ocultistas de direita buscam assumir o controle das últimas tropas que permanecem ligadas a esta Missa desde sua abolição.

Confuso? Não se a gnose lhe oferecer uma chave, aquilo que o Zohar[48] chama de "conhecimento do equilíbrio". Da mesma forma que os adeptos do vodu utilizam ornamentos, estátuas e outros objetos católicos para perverter o catolicismo, transformando-o em uma superstição mágica, a ala direita da conspiração explora a superstição que alguns católicos nutrem em relação a uma espécie de "sacramentalismo mágico" tácito, ou seja, a ideia de que o simples fato de estar presente na Missa, com sua imponente solenidade, seus sinos, seu incenso e suas velas – e não o estado de graça, a fidelidade aos mandamentos de Deus ou a relação com Jesus Cristo – constitui uma garantia de santidade para o interessado.

Se é verdade que a Missa é uma espécie de magia, como declarou em seminários um palestrante e renomado autor do maior grupo católico "tradicional" dos Estados Unidos, então o sacerdote deve ser um mago.

Esse "sacramentalismo mágico" falsifica a realidade da Eucaristia, zombando dela de maneira diabólica ao transformá-la em um totem do eterno psicodrama pagão, em vez de defender a verdade, que é a de que, sendo uma reedição do drama do Calvário, a Eucaristia representa a única exceção ontológica a esse psicodrama.

Apresso-me em acrescentar que essa crença mágica e perversa não é *de forma alguma* intrínseca ao catolicismo. Pois trata-se de uma perversão, e de uma perversão satânica. O Papa São Pio V convocou o Concílio de Trento em parte para destruir essa teologia herética e falsificada, que é a obra de Satanás agindo como o "símio de Deus". A crise atual se deve ao fato de que os católicos ortodoxos e verdadeiramente tradicionais não estão dispostos a enfrentar essa ameaça que cresce em seus próprios meios e preferem varrê-la para baixo do tapete, o que precisamente desejam que se faça os ocultistas infiltrados entre eles.

A heresia oculta do sacramentalismo mágico e a mentalidade de casta aristocrática que ela favorece refletem bem a ordem hierárquica que Crowley buscava impor. A hierarquia ideal segundo Crowley não tinha contas a prestar a ninguém. Um megalomaníaco não tolera interferências. Nenhum freio ou contrapeso poderia existir aos seus olhos. Seu objetivo é nada menos que o poder absoluto sem a menor restrição.

Onde melhor lançar tal projeto totalitário do que nas fileiras dos católicos tradicionais "em ruptura", que clamam por restauração da ordem e da obediência, mas que, no entanto, não reconhecem na terra nenhuma autoridade superior àquela dos prelados que lideram seu grupo?

Um Royalismo Blasfematório: O Priorado de Sion e o Código Da Vinci

O sacramentalismo mágico não é o único meio de metamorfosear católicos piedosos em escravos do ocultismo. Se se estuda o cruzamento onde o royalismo e o monarquismo encontram a heresia outrora secreta segundo a qual algumas cabeças coroadas da Europa seriam geneticamente descendentes de Jesus Cristo, começa-se a vislumbrar a ascensão de uma organização dotada de uma autoridade tão divina que nenhum cristão crente poderia resistir. Esse engano empunhado pelos ocultistas que procuram impor sua lei totalitária possui um poder alucinatório quase irresistível. A esse respeito, seu agente moderno foi Pierre Plantard (1920-2000), supostamente o distante descendente do rei merovíngio Dagoberto II.

Plantard foi o padrinho – para o século XX – do mito do "Priorado de Sion", segundo o qual algumas famílias reais da Europa descendem de uma suposta união sexual entre Jesus e Maria Madalena.

Em 1942, Plantard fundou os Alpha Galates. "Os Alpha Galates eram um movimento católico romano de direita, esotérico e antissemita, manifestamente representativo da tradição francesa conhecida como Grande Ocidente, em oposição ao Grande Oriente, que era pro-republicano por natureza. A tradição do Grande Ocidente se desenvolveu, à direita, dentro de diferentes ordens de cavalaria durante o período da ocupação alemã."

No entanto, nem todos foram enganados por essa fachada. O jornal francês *Au Pilori*, que circulava durante a Segunda Guerra Mundial, acusou assim a ordem de Plantard de ser fundamentalmente maçônica, revelando seus graus de iniciação e dando a Plantard o apelido de "Sua Majestade druídica": "Expressamos nossa admiração, com total imparcialidade, por esta nova Ordem de Cavalaria, e desejamos a Sua Majestade druídica todo o sucesso possível na realização de sua Obra."[49]

Contudo, o redator deste jornal havia levantado uma lebre. O principal movimento católico romano tradicional existente atualmente foi fundado em parte pela nobreza europeia e pode ser descrito superficialmente de maneira quase idêntica aos Alpha Galates: é de direita, esotérico e antissemita. Em suas declarações públicas, mostra-se firmemente anti-judaico, mas, se analisado mais de perto, percebe-se que, como no caso do evasivo Plantard, sua mentalidade apresenta uma parentela sutil com a Cabala e outras seitas de origem muito obscura. É rico em contradições vertiginosas e forma inúmeras alianças não menos desconcertantes com organizações e indivíduos que estão aparentemente em oposição frontal a ele.

O golpista Plantard operava atrás desse tipo de fachada há décadas. Mas ele não era um golpista comum. Sua rede operava entre católicos conservadores e em meios antissemitas, organizando e inspirando afiliados cabalistas ou mesmo devotados a uma "deusa".

O sucesso mais espetacular de Plantard foi a influência do Priorado de Sion sobre Dan Brown, autor de *O Código Da Vinci*, fenômeno editorial extremamente eficaz que vendeu dez milhões de cópias. Com este livro, a intriga em questão alcançou proporções globais.

Uma sinistra ironia faz com que o Priorado de Sion, "ordem de cavalaria" que teria sido criada em 1099 pelo "Cruzado Godofredo de Bulhão", tenha se tornado, por meio do católico Pierre Plantard e do autor *New Age* Dan Brown, uma verdadeira correia de transmissão para a revivência do culto bruxo de Ísis, da magia negra da Cabala e da infame difamação talmúdica sobre as supostas relações sexuais de Jesus Cristo.

Talvez o leitor comece agora a vislumbrar a utilidade do que constitui a especialidade da OTO e que o doutor Carl Gustav Jung chamou de *Mysterium Coniunctionis* (a síntese dos opostos psíquicos na alquimia). A OTO não deseja, de modo algum, adotar uma tática que consista em se ocupar apenas do movimento "progressista" (isto é, de esquerda) favorável à "modernização" e à "reforma", em outras palavras, a abandonar a oposição à direita contra seus inimigos.

Em vez disso, ela está sempre e em toda parte determinada a impor o paradigma cabalístico *assegurando-se o controle da oposição*. Apela para as normas elitistas de cultura e gosto ao defender as liturgias clássicas, ao mesmo tempo em que agentes do Vaticano inspirados pelo *zeitgeist* (espírito do tempo) da OTO tornam esses ritos mais ou menos ilegais, excluindo-os do culto ordinário.

Nesse aspecto, a conspiração foi coroada de pleno sucesso. A assistência à Missa tridentina é hoje restrita a pequenas bolsas de resistência católica que, alvo de uma infiltração oculta, se tornam mais suscetíveis à penetração do que seria um movimento de massas reunindo milhões de crentes.

É necessário lembrar aqui o antigo lema alquímico *Solve et coagula* (dissolver e recompor). A Missa tridentina de outrora santificou inúmeros clérigos e leigos, entre os quais estão os santos mais populares da Igreja.

Mas ela foi despojada de seus centenas de milhões de fiéis com uma rapidez notável, quase num piscar de olhos, o objetivo a longo prazo sendo suscitar em seu favor um novo movimento muito mais circunscrito sobre o qual os círculos ocultos possam exercer um controle estreito.[50]

A Fraude Libertária: *“Faz o que tu queres”*

Enquanto proclama em alto e bom som a “Lei da Liberdade”, a OTO persegue abertamente objetivos políticos e sociais opostos à própria essência da liberdade. A esquizofrenia que preside tais contradições e a mentalidade que as alimenta resultam em raciocínios aterradores. De acordo com um texto oficial da OTO, “... uma organização é necessária ao desenvolvimento da Liberdade em si, e a direção de cada organização deve ser altamente centralizada. Isso é especialmente necessário em tempos de guerra, assim como as nações 'democráticas' aprenderam por experiência, porque não queriam aprender com a Alemanha. Agora, esta era é eminentemente um 'tempo de guerra', especialmente atualmente, quando nos cabe derrubar os deuses-escravos.”[51]

O delírio pelo poder organizacional como o concebido por Crowley e pela OTO choca-se de maneira singular com a propaganda libertária que eles mesmos promovem. Que se julgue. Aquele que se autodenominava “a Grande Besta 666” escreveu o seguinte: “O Livro da Lei foi dado à humanidade com o principal propósito de comunicar-lhe um princípio impecável de política prática... Não devemos ter escrúpulos em explorar as qualidades naturais de toda a humanidade. Não julgamos

indispensável tentar formar ovelhas para caçar raposas ou dar aulas de história; buscamos seu bem-estar físico e nos aproveitamos de sua lã e de sua carne. Assim, dispor-nos-emos de uma classe de escravos felizes que aceitarão suas condições de existência tal como são e que desfrutarão da vida com a tranquila sabedoria do gado."

Essa doutrina de "A Força faz a Lei" da OTO aparece em destaque ao se analisar a relação particularmente ambígua de Crowley com o nazismo. Crowley escreveu em 1915: "O chefe mundial da OTO é um alemão, e cabe à OTO reconstruir as civilizações da Europa, o que só pode ser feito à maneira alemã. A era dos jogadores de críquete acabou." Embora Crowley fosse um agente de inteligência britânico, ele apreciava o carisma hipnótico de Hitler, que considerava o aglutinador das forças que estavam esmagando a Ordem cristã, o "Éon de Osíris".

A OTO foi então proibida na Alemanha nazista, principalmente devido à ligação de seu chefe, Karl Germer, com o agente britânico Crowley, visto como um rival. Em qualquer caso, os alemães da época de Hitler tinham suas próprias ordens ocultas teutônicas, incluindo a *Ordo Novi Templi* ou Ordem dos Novos Templários (ONT), que contribuiram, por sua vez, para a ascensão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiter Partei*, ou NSDAP: o partido "Nazista"). A *Germanen Order*, originária da ONT, pode ter sido o protótipo da Sociedade Thulé (*Thule Gesellschaft*), organização pagã e oculta que também apoiava o NSDAP.

Após o naufrágio da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, era quase inevitável que o paganismo oculto se reerguesse e se ligasse a qualquer movimento importante, incluindo o nacional-socialismo; é, porém, correto dizer que não se poderia ser ao mesmo tempo maçom e membro do partido nazista, pois Hitler temia a dominação judaica das lojas.

(...)

As declarações contraditórias de Crowley sobre os alemães e os adeptos do judaísmo parecem conciliáveis entre si quando se analisam as próprias contradições de Hitler e a perseguição que – de maneira previsível – resultou, de sua parte, contra os "judeus". Crowley escreveu, em um comentário à margem de seu exemplar pessoal da coletânea de seus poemas (prefácio, p. xxi): "*Minha vida pela Inglaterra...*" E em seu ensaio revelador intitulado "*Carta Aberta ao Rabino Joel Blau*", Crowley escreve: "*Que o judeu mostre o caminho!*" Ele acrescenta que o "*Messias [judaico] deve se erguer, e será chamado de Anticristo...*"[52]

Assim como hoje, a OTO já jogava em dois tabuleiros: de um lado, entusiasmava-se com as guerras e os banhos de sangue provocados por Hitler; do outro, apoiava o sionismo atuando como agente dos serviços secretos britânicos (o MI6) e da maçonaria britânica.

Crowley, que pregava um fascismo oculto, venerava ao mesmo tempo Adolf Hitler e o rabino Blau; além disso, permaneceu toda a sua vida um agente britânico e um cripto-sionista. Em sua autobiografia, Crowley elogia muitos judeus, de forma semelhante ao que faria um proprietário esnobe de um clube exclusivo. Harry Truman também era conhecido por lançar farpas contra certos adeptos do judaísmo em conversas privadas, e, no entanto, poucas pessoas serviram à criptocracia com mais entusiasmo do que o maçom de 33º grau Harry Truman, o que também pode ser dito sobre Crowley.

Crowley chegou à liderança da OTO por cooptação dentro da maçonaria. Segundo suas próprias palavras: "*Embora eu tenha sido admitido desde 1900 no trigésimo terceiro e último grau da maçonaria [de rito escocês antigo e aceito], foi apenas no verão de 1912 que se confirmaram minhas suspeitas. Estou me referindo à minha convicção de que por trás das frivolidades e da convivialidade de nossa maior instituição (a maçonaria) se esconde, na verdade, um segredo. Na época de que falo, um homem veio até mim. Era um dos misteriosos mestres da maçonaria esotérica, essas pessoas que são os olhos e o cérebro dela, mas que permanecem desconhecidos, muitas vezes até mesmo para os líderes oficiais da obediência [...] Esse homem, que observava minha carreira oculta há vários anos, então me julgou digno de participar dos Mistérios Superiores.* "[53]

O homem que contatou Crowley era o "irmão Merlin" (o conhecido Theodor Reuss), que posteriormente confiou a ele a direção da OTO; Crowley alcançou o grau Baphomet XI, o "*Rei Santo e Supremo da Irlanda, de Iona[54] e de todas as Bretanhas que estão no Santuário da Gnose, a OTO*". Quando Crowley se tornou OHO (*Outer Head of the Order*, ou seja, chefe exterior da Ordem), membros alemães da OTO relativamente sensatos se recusaram a segui-lo. Pois Crowley já havia começado a divulgar segredos de seu antigo Ordem mágica rosacruciana (*Rosicrucian Magical Order*), a Ordem Hermética da Aurora Dourada (*Hermetic Order of the Golden Dawn*), fundada por maçons de alto escalão.

Mas aos olhos dos discípulos de Crowley, ele não se restringiu a promover futilidades esotéricas. Segundo eles, ele foi o Logos do Novo Éon de Hórus, inaugurado em 1904 com a "recepção" pelo próprio Crowley do Livro da Lei, que lhe havia sido ditado durante três dias no Cairo, no Egito. Embora até então, cada loja maçônica sempre tivesse exibido sobre seu altar um "livro da lei", um dos "marcos" da maçonaria, a obra em questão não tinha - no fundo - muito a ver com esta última, pois mudava com a religião de cada iniciado; em outras palavras, um iniciado cristão prestava um juramento sobre uma Bíblia, um maçom muçulmano sobre um Corão, etc., pois tais eram, na realidade, os "livros da lei" presentes dentro de uma loja comum. Mas com a revelação que foi ditada a Crowley por um certo "Aiwass", identificado por ele como sendo Satanás e por Kenneth Grant como sendo uma inteligência estrangeira desencarnada, a maçonaria finalmente dispunha de um Livro da Lei vinculante que se impunha a todos os maçons, independentemente de sua obediência.

Crowley obteve por "canalização"[55] uma Lei codificada em um livro que ele afirmava ter sido revelado por seu "Anjo da Guarda", o demônio Aiwass; trata-se da Lei de Thelema, interpretação da máxima de Rabelais "Faz o que tu queres será o todo da Lei".

Em 1904, o cenário descrito pelo Livro da Lei ainda era impensável. Era o de uma sociedade fundada não na pura forma dos princípios cristãos, mas na adoção entusiástica e deliberada de seus opostos: o sucesso pessoal em vez do sacrifício de si, a adulteração e todas as formas imagináveis de expressão e licenciosidade sexual, o uso de drogas, o ocultismo, a exaltação da guerra e da carnificina, bem como o apelo darwiniano para a eliminação dos fracos. Ora, de acordo com as profecias "ditadas" a Crowley, o século passado foi de fato testemunha da realização desses princípios em uma escala... gigantesca. Será que a OTO estava, portanto, certa? Alguma inteligência desencarnada escolheu "mostrar sua mão" ao anunciar o projeto que havia concebido para o século XX a seus fiéis do primeiro círculo maçônico, a OTO? O Livro da Lei é, como afirmam

alguns, o plano diretor de Satanás para um mundo sem Deus?

Em 1907, o capitão J.F.C. Fuller, da infantaria leve de Oxfordshire (que se tornaria depois o principal arquiteto da estratégia militar britânica durante a Segunda Guerra Mundial), foi apresentado a Crowley e depois fez dele um panegírico intitulado The Star in the West (a estrela do Ocidente), no qual figurava um termo de sua invenção: a "crowleyanidade" (Crowleyanity).

Crowley apresentou-se inicialmente como poeta, cujas obras, de fato, receberam críticas favoráveis de G. K. Chesterton no início (sobre o qual Crowley um dia escreveria: "É com você que eu escolho me medir [...] você é uma força com a qual é preciso contar [...] pode ser difícil dizer se somos de fato amigos ou inimigos"). Crowley começou sua carreira (que mais tarde se mostraria prolífica) com prosa, produzindo escritos em grande quantidade e suas influências começaram a crescer. James Branch Cabell assim utilizou a Missa gnóstica de Crowley para o capítulo 22 de sua obra intitulada *Jurgen, a Comedy of Justice*. Quanto ao famoso romancista W. Somerset Maugham, ele tomou Crowley como modelo para o personagem sulfuroso Oliver Haddo, que aparece em seu livro sensation da 1908 intitulado *O Mágico*, no qual se fala de alquimia, de um homúnculo e do poder encantador de Haddo sobre a virginal Margaret. Assim como Crowley, Maugham era um agente dos serviços de inteligência britânicos, e Alfred Hitchcock se baseou em sua novela intitulada *Ashenden* para realizar em 1936 o filme "Agente Secreto".

Como modelo para Haddo, Crowley seduziu uma miríade de mulheres para seus rituais de bruxaria sexual, incluindo Keila Waddell, Leah Hearsing e muitas outras, assim como homens inclinados à homossexualidade. Em 1910, no Caxton Hall, em Londres, Crowley organizou uma das primeiras *drug parties* dos tempos modernos, servindo aos seus convidados cogumelos alucinatórios misturados a maçãs com cheiro de podre. Crowley foi o verdadeiro pioneiro de quase cada manifestação das “culturas” hippies e *New Age* que surgiriam de sua sombra um meio século depois.

Em 1920, foi construída em Cefalù, na Sicília, uma "*Abadia de Thélème*" onde Crowley realizava suas cerimônias da OTO. Mas em 1923, Benito Mussolini fechou o local e ordenou que Crowley deixasse o território italiano. No meio da década de 1930, Crowley fez amizade com outro intelectual influente do século XX, Aldous Huxley, autor do livro "Admirável Mundo Novo" e um dos primeiros pioneiros dos alucinógenos psicodélicos na Califórnia nos anos cinquenta. Huxley era neto de Thomas Huxley, um dos primeiros defensores da teoria darwiniana da evolução, que se descrevia como "agnóstico" para designar sua ausência de fé. Após a morte de Crowley, em 1947, a OTO fez progressos rápidos nos corredores da cultura de massa.

Mas a hora de Crowley realmente chegou com os anos sessenta. Como mencionado acima, os Beatles fizeram adicionar seu retrato fotográfico na capa de um de seus álbuns, e Jimmy Page, guitarrista do grupo de rock Led Zeppelin, comprou na Escócia a casa de Crowley localizada em Boleskine, acima do *Loch Ness*, habitat do famoso "monstro". Além disso, Page aceitou colaborar com um discípulo hollywoodiano de Crowley, o bem nomeado Kenneth Anger,[56] na composição da trilha sonora do "filme cult" de Anger *Lucifer Rising* (a ascensão de Lúcifer), no qual atua Bobby Beausoleil – associado de Charles Manson,[57] que seria posteriormente condenado pelo assassinato do músico Gary Hinman.

Nas lojas *Virgin Megastore* dos Estados Unidos, a versão de bolso do livro de Crowley intitulado *Confissões* está praticamente no topo das vendas. Um CD onde se ouve Crowley recitar seu lamento dos *"Chamados Enoquianos"* e ler sua própria poesia (onde ele fala de si: "Enterrem-me em uma sepultura sem nome; vim de Deus para salvar o mundo") vende-se como água... ou melhor, como bolos de Halloween. As grandes lojas oferecem uma dezena de suas obras. Harry Potter nunca teria alcançado um sucesso planetário tão grande se a "Besta" não lhe tivesse aberto o caminho. Como me disse um adolescente (me presenteando, em um momento de sincero entusiasmo, com um exemplar do livro de Crowley *Diário de um Viciado* como um evangelista me teria confiado a Bíblia de Gideon), "*Crowley tem muito a nos ensinar*".

Mas, mais importante que o triunfo de Aleister Crowley e da OTO na "cultura" pop, estão os progressos da "crowleyanidade" no mainstream da cultura. O famoso autor cristão C. S. Lewis chamava nossa época de a era "pós-cristã". Crowley, aliás, havia previsto isso: o "Éon de Hórus", a era da Criança Coroada e Conquistadora, dizia ele, deve vir e derrubar o "Éon de Osíris", a era do Deus Moribundo. Na Nova Era anunciado por Crowley, Deus Pai é desterrado por Hórus Filho, ou seja, uma cultura juvenil chamada a se desenvolver na rebeldia, imprudência e perigo. Do ponto de vista de Crowley, no entanto, essa cultura é essencial tanto para a manutenção da autoridade quanto para a evolução, pois a rebeldia de esquerda liderada pela OTO desencadeará uma reação de direita também conduzida pela OTO.

O *doublespeak*[58] ou duplo discurso de Crowley e seus sucessores é surpreendente. Esses diabolistas estão à frente de movimentos tipo bumerangue que escravizam pessoas hipnotizadas e em busca de sentido, aprisionando-as na aceitação orwelliana de condições opostas àquelas que eles defendem e preveem. Assim, a massa se imagina avançando, enquanto na verdade abraça o esqueleto como um maçom de 33º grau em processo de iniciação. O paralelo entre o iniciado da OTO e o povo americano é notável: ambos foram ou estão atualmente sob condicionamento, e, no momento oportuno, acolherão um líder que lhes trará a "sabedoria tranquila do gado", que eles terão se tornado entretanto. Já não estamos nós no Éon de Hórus?

Referências

[1] [VM nota], o nono grau, o mais alto grau desta seita satânica, envolve ritos de iniciação abjetos que envolvem "ritos de magia sexual" de homossexualidade masculina e pedofilia, que parecem estar associados a sacrifícios humanos (simulados ou reais?).

Devemos considerar uma simples coincidência o fato de que, um século depois, escândalos terríveis de homossexualidade e pedofilia comprovada hoje mancham cada vez mais prelados e dignitários da igreja [seita] Conciliar em processos públicos (primeiramente em países anglo-saxões: Grã-Bretanha, Irlanda, Alemanha, Estados Unidos, etc...), até mesmo seu líder oficial, o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, agora publicamente acusado de ter sistematicamente protegido dos sistemas judiciários civis e penais desde os anos 1980 os clérigos depravados que se dedicam a essas práticas imundas?

[2] **http://cfnews.org/ch-ramp.htm**

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

http://www.the-savoisien.com/livres/Operation%20Rampolla%20-%20Secte%20de%20l%20OTO.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

http://catholicapedia.net/Documents/cahier-saint-charlemagne/documents/C287_Rampolla_SLB_8p.pdf

[3] http://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Henry_Howard

[4] http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_134_Nw-Dangerous.html

http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_133_Nw-Syllabus.html

http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_131_Nw-Anglic.html

http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_132_Nw-OurLady.html

http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_129_Newman-Munich.html

http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_128_Newman-Rambler.html

http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_127_Newman-Method.html

http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_126_Newman-Acton.html

http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_130_Nw-Youth.html

http://www.traditioninaction.org/Questions/B295_FeeneyNewman.html

http://www.traditioninaction.org/bkreviews/A_028br_Newman.htm

http://www.traditioninaction.org/bkreviews/Internet_Files/A_028_Another_Look_at_Newman.pdf

http://www.traditioninaction.org/HotTopics/f004ht_Liberal_Modernist_Progressive.htm

http://www.traditioninaction.org/bev/112bev08-24-2009.htm

http://www.traditioninaction.org/Questions/B206_GayNewman.html

http://www.traditioninaction.org/Questions/B207_NewmanEWTN.html

[5] "Em 1878, a antiga faculdade de Newman o elegeu como fellow honorário, e ele revisitou Oxford após um intervalo de trinta e dois anos, na mesma data em que o Papa Pio IX morreu. Pio IX desconfiava de Newman, mas o Papa Leão XIII foi encorajado pelo Duque de Norfolk e outros leigos a tornar Newman um cardeal, embora ele não fosse bispo nem residente em Roma. A oferta foi feita em fevereiro de 1879. A elevação de Newman a cardeal ocorreu em 12 de maio, tornando-o Cardeal-Diácono de San Giorgio al Velabro" http://en.wikipedia.org/wiki/John_Henry_Newman

[6] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf**

[7] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2009/006_2009/VM-2009-06-22/VM-2009-06-22-A-00-Ricossa_Rampolla.html

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf

[8] http://www.virgo-maria.org/mystere-iniquite/documents/chapters/documents_published/doc2/node38.html

[9] http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-16-A-00-Rampolla-precurseur_de_Ratzinger.pdf

[10] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2010/009_2010/VM-2010-09-16/VM-2010-09-16-A-00-Rampolla-precurseur_de_Ratzinger.html

[11] http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-24-A-00-Cardinal_Mercier_a_Dom_Beauduin.pdf

[12] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2010/009_2010/VM-2010-09-24/VM-2010-09-24-A-00-Cardinal_Mercier_a_Dom_Beauduin.html

[13] http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-11-26-A00-Ratzinger_rehabilite_les_Templiers.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-21-A-00-Ratzinger_rehabilite_les_Templiers.pdf

[14] http://www.rore-sanctifica.org

[15] Este é o objetivo das lojas Rosacruz

[16] NdT: O autor usa aqui a palavra "Christianity" (cristianismo ou cristandade), mas o contexto indica sem sombra de dúvida que ele está falando na verdade sobre o catolicismo.

[17] Texto solene pelo qual o Pontífice romano exortava os clérigos e fiéis católicos:

"Arranquem as máscaras deles! E mostrem-nos publicamente como eles são!"

http://www.virgo-maria.org/references/references_pdf/Leon_XIII/1884-04-20_SS_Leo_XIII_Encyclica_Humanum_Genus_FR.pdf

[18] http://dimsung.free.fr/doc/plan_de_Pike.pdf

http://fr.wikipedia.org/wiki/Albert_Pike

http://en.wikipedia.org/wiki/Albert_Pike

[19] C.W. Leadbeater também se revelou um abominável predador pedófilo, o que lhe valeu vários processos infamantes.

Em seu livro essencial "The Rite of Sodomy: Homosexuality and the Roman Catholic Church", a jornalista americana Randy Engel denuncia as práticas ignóbeis deste personagem, que parece ter inspirado outros dentro do "clero" contemporâneo. VM reportou passagens da obra de Randy Engel relacionadas ao personagem de Leadbeater: veja o link a seguir

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.cwlworld.info/html/gallery.html

http://fr.wikipedia.org/wiki/Charles_Webster_Leadbeater

http://en.wikipedia.org/wiki/Charles_Webster_Leadbeater

[20] NdT: Teólogo herético do tempo de Henrique VIII, autor do "Livro de Oração Comum" e destruidor, na Inglaterra, da Missa tradicional em latim.

[21] NdT: Sefer Ha Zohar (Livro do Esplendor), também chamado de Zohar, uma das principais obras da Cabala judaica.

[22] Este abominável blasfêmia contra Nosso Senhor Jesus Cristo, atribuindo-Lhe uma descendência terrena e carnal resultante de alegadas relações carnais com Maria Madalena, é precisamente originária dessas mesmas lojas ocultistas satânicas britânicas R+C. Esta ignóbil blasfêmia é hoje amplamente popularizada por Dan Brown e seu "O Código Da Vinci".

[23] O autor e outros pesquisadores reuniram provas da infiltração de agentes ocultos no movimento a favor da Missa tradicional nos Estados Unidos nos últimos doze anos. No entanto, até agora, muitos católicos tradicionais permaneceram a salvo dessa infiltração e ficariam horrorizados em saber de sua existência. Um combate semelhante ocorreu dentro da Igreja há séculos entre os defensores do Concílio de Trento (daí o adjetivo "tridentino") e os humanistas do Renascimento a favor de uma "Cabala cristã".

[24] Kenneth Grant, Aleister Crowley and the Hidden God, p. 174.

[25] Iona é uma pequena ilha no noroeste da Escócia, nas Hébridas Internas.

[26] http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-09-05-A-00-Mgr_Williamson-Echec_des_discussions.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-10-A-00-Mgr_Williamson-et-Holland.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-01-23-B-00-Mgr_Williamson-et-Sharpe.pdf

[27] Denunciado por tradicionalistas americanos. E confirmado pelas frequentações duvidosas de Monsenhor Williamson (Derek Holland). Ele também está em contato muito próximo com David Irving, biógrafo de Adolf Hitler na Inglaterra.

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-18-A-00-Mgr_Williamson-retour_chez_les_Fabiens.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-19-A-00-Famille_de_Mgr_Williamson.pdf

[28] NdT: Este neologismo é emprestado de George Orwell, que o usa em seu famoso romance "1984", que evoca um totalitarismo absoluto e definitivo baseado na duplicidade em todas as áreas.

[29] NdT (Wikipédia): A Ordo Templi Orientis (O.T.O.) ("Ordem do Templo do Leste" ou "Ordem dos Templários Orientais") é uma organização fraterna e religiosa que foi a primeira a aceitar os princípios e a Lei de Thélèma (cf. François Rabelais), que é expressa pela frase: "Faze o que tu queres será o todo da lei". Os telemistas acreditam que esta lei foi estabelecida pelo Book of The Law (Liber AL vel Legis ou Livro da Lei) ditado ao satanista Aleister Crowley em 1904 no Cairo (Egito) pela entidade demoníaca Aïwass. Sua estrutura é semelhante à da Maçonaria, com uma série de iniciações em graus sucessivos. A O.T.O. também inclui a Ecclesia Gnostica Catholica ou Igreja Gnóstica Católica, que representa o braço religioso da ordem. A O.T.O. afirma ter 3.000 membros em 58 países, dos quais metade apenas nos Estados Unidos.

[30] NdT: Hippies que frequentam alegremente os "lodges", locais de férias que reúnem espécies de cabanas; os costumes são muito livres.

[31] P.R. Koenig, "Halo of Flies" in Richard Metzger, Book of Lies: The Disinformation Guide to Magick and the Occult, p. 253.

[32] Robert Anton Wilson, Everything is Under Control: Conspiracies, Cults, and Cover-Ups, p. 212.

[33] NdT: Outer Head of the Order, Chefe Externo da Ordem.

[34] NdT: Visão de mundo.

[35] NdT: O autor usa aqui a palavra "Christianity" (cristianismo ou cristiandade), mas o contexto indica, sem sombra de dúvida, que ele está falando na verdade sobre o catolicismo.

[36] http://www.paranoiamagazine.com/mykingdom.html

[37] Prince Nicholas de Vere von Drakenberg : A Short Biography »
http://www.dagobertsrevenge.com/devere/bio/html

[38] NdT: Pacto do País Negro da Ordem bafomética da Pedra Cúbica. O Baphomet é a representação de Lúcifer com uma cabeça de bode.

[39] NdT: Os Calle Daouine eram os Pictos da Caledônia (povo da floresta).

[40] "The Beginning of the New World", in Aleister Crowley, The Revival of Magick and Other Essays (New Falcon Publications, 1998).

[41] NdT (Wikipédia): A John Birch Society (JBS) é uma associação conservadora americana, fundada em Indianápolis em 1958. Seu nome faz referência a John Birch, militar e missionário protestante, morto por comunistas chineses em 1945 e, portanto, considerado a primeira vítima da Guerra Fria.

[42] NdT (Wikipédia): A National Rifle Association (NRA) é uma associação sem fins lucrativos dos Estados Unidos que tem como objetivo promover as armas de fogo e defender uma interpretação não restritiva da Segunda Emenda da Constituição dos Estados Unidos. Foi presidida pelo ator Charlton Heston de 1998 a 2003. A NRA defende o livre comércio de armas de fogo, o treinamento de sobrevivência, habilidades de tiro e esportes de tiro. A organização, que foi fundada em 1871 no estado de Nova York sob o nome de American Rifle Association, hoje afirma ter quase quatro milhões de membros. A NRA muitas vezes se apresenta como a organização de direitos civis mais antiga dos Estados Unidos, definindo a posse de armas como um direito civil protegido pelo Bill of Rights.

[43] NdT: Jornal bimestral da John Birch Society.

[44] James Wasserman, The Slaves Shall Serve, p. 105.

[45] NdT: A Golden Dawn (aurora dourada) é outra sociedade secreta iniciática.

[46] Stephan A. Hoeller, Gnosis Magazine, Vol. 12, verão de 1989. (Hoeller não é membro da OTO.)

[47] NdT: Teólogo herético do tempo de Henrique VIII, autor do "Livro de Oração Comum" e destruidor, na Inglaterra, da Missa tradicional em latim.

[48] NdT: Sefer Ha Zohar (Livro do Esplendor), também chamado de Zohar, uma das principais obras da Cabala judaica.

[49] Au Pilori, 19 de novembro de 1942.

[50] O autor e outros pesquisadores reuniram provas da infiltração de agentes ocultos no movimento a favor da Missa tradicional nos Estados Unidos nos últimos doze anos. No entanto, até

agora, muitos católicos tradicionais permaneceram a salvo dessa infiltração e ficariam horrorizados em saber de sua existência. Um combate semelhante ocorreu dentro da Igreja há séculos entre os defensores do Concílio de Trento (daí o adjetivo "tridentino") e os humanistas do Renascimento a favor de uma "Cabala cristã".

[51] Aleister Crowley: The Law is for All: the Authorized Popular Commentary to the Book of the Law. (Tempe: New Falcon Publications, 1996), p. 37.

[52] Aleister Crowley, The Revival of Magic and Other Essays, pp. 151-154.

[53] Kenneth Grant, Aleister Crowley and the Hidden God, p. 174.

[54] Iona é uma pequena ilha no noroeste da Escócia, nas Hébridas Internas.

[55] NdT (Wikipédia): Channeling é um termo americano moderno da literatura New Age que designa um processo de comunicação entre um humano e uma entidade pertencente a outra dimensão. [...] Aparentado ao conceito de mediunidade em voga no final do século XIX dentro do movimento espírita, a ideia central do channeling cobre um tema muito antigo de experiências visionárias: xamanismo, profetismo, etc.

[56] NdT: Em inglês, "anger" significa raiva.

[57] NdT: Líder da "família Manson", que assassinou em 1969, em condições particularmente terríveis, a atriz americana Sharon Tate, esposa do diretor Roman Polanski.

[58] NdT: Este neologismo é emprestado de George Orwell, que o usa em seu famoso romance "1984", que evoca um totalitarismo absoluto e definitivo baseado na duplicidade em todas as áreas.

DOSSIÊ DO ICLS

“*Guardai-vos dos falsos profetas que vêm a vós com veste de ovelhas, mas, por dentro, são lobos rapaces. Pelos seus frutos os conhecereis*” Mateus 5: 15.

O documento original pode ser acessado neste link

- Parte I
  - Introdução
  - Um pouco da minha história
  - Um segundo relato
  - Considerações finais da Parte I
- Parte II
  - Introdução (Os cães ladram, mas a caravana não para)
  - Tales
  - Mas e o Gugu?
  - Considerações finais da Parte II
- Parte III - Final
  - Introdução
  - O modus operandi do ICLS
  - Análise do conteúdo
  - Ponto 1
  - Ponto 2 – Análise dos símbolos
  - Considerações Finais da Parte III - Final

Parte I

Parte I

Introdução

Por ocasião das brigas que mais e mais tem aparecido desde o final de 2020 no grupo do ICLS, algumas pessoas vieram ao meu encontro perguntar se eu sabia o que estava, de fato, acontecendo. O crescente aumento de confusões pede não só respostas privadas, mas precipita uma resposta pública; e é isto que esse documento se propõe a fazer.

Para que fique claro que não se trata de um texto anônimo de alguém sem skin in the game, informo que meu nome é Leonardo Ferreira Boaski, fui benfeitor do ICLS desde fevereiro de 2014, quando ainda nem havia site do instituto, até setembro de 2015, quando interrompi a ajuda de R$ 500,00 que fazia todo mês. Não sou ativo nas redes sociais, guardei silêncio por anos sobre os acontecimentos que serão aqui narrados limitando-me a divulgá-los a alguns próximos. Igualmente, não faço parte de nenhum grupo sectário, nem instituto, nem vendo cursos, nem nada do tipo; em verdade, tenho mais a perder do que a ganhar com esta exposição pública. Escrevo este documento motivado, tão somente, por uma amarga necessidade.

Nesta primeira parte iremos relatar, em primeira pessoa, alguns fatos ocorridos com membros mais antigos do Instituto Cultural Luz et Sapientia, posteriormente, haverá mais partes deste dossiê sendo lançados em momentos oportunos nos quais trataremos de dos seus líderes, do modus operandi do Instituto como um todo e de, pelo menos, uma aula analisada passo a passo.

Há uma grande rotatividade dos estudantes no ICLS, em parte, é por isso que o Instituto ainda subsiste, mas os estudantes mais antigos do instituto talvez já suspeitem e esperem algo do tipo, porém os mais novos provavelmente considerarão inverossímil aquilo que aqui está escrito. Brevemente, tudo estará exposto claramente sob o Sol.

Aos interessados que desejam um espaço livre em que possam demonstram suas impressões, opiniões ou acompanhar as discussões sobre o caso criei o grupo “Debate Livre do Instituto” no link . Como este documento é fruto do trabalho conjunto de católicos e ortodoxos, peço que evitem discussões entre irmãos — tal ato terá como pena o banimento, pois o assunto do grupo é outro.

Parte I

Um pouco da minha história

Meu nome é Leonardo Ferreira Boaski, venho de uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, e, apesar do cuidado de meus pais com minha educação, como é de praxe no Brasil, ela foi bastante deficitária; Em 2013 foi o ano em que travei contato com o antigo site do Mídia sem Máscara, conheci o professor Olavo, o Seminário de Filosofia e o Curso Online de Filosofia (COF). Acompanhando as aulas e o site pessoal do professor Olavo, conheci o que na época era o Centro Landmark, o qual, na época, salvo engano, era a turma que ficava online nas transmissões das aulas do COF — sim, isso faz tempo. No Centro Landmark conheci o trabalho do professor Luiz Gonzaga e a proposta de um curso sobre os Princípios da Cosmologia Tradicional me pareceu bastante interessante. Em 2013 ainda adquiri o curso e realizei minha primeira transcrição, mas o curso fora cancelado faltando algumas aulas, achei estranho, mas enfim. Neste período também conheci o trabalho do Padre Paulo Ricardo e cada vez mais fui me inclinando para a fé católica, o que de fato aconteceu no início de 2014.

Por acompanhar as atividades do professor Luiz Gonzaga, fiquei sabendo, em primeira mão, da criação do Instituto Cultural Lux et Sapientia (ICLS), buscavam benfeitores para que pudessem efetuar a criação; como tinha uma vida financeiramente tranqüila, prontifiquei-me a ajudar — quem me conhece pessoalmente sabe que costumo ter boa vontade para ajudar com qualquer coisa que me pareça boa, isso não aconteceu só com o ICLS — foram prometidas muitas coisas, inclusive uma sede fixa para que as aulas fossem ministradas, o que nunca aconteceu, mas, de qualquer forma, tenho até mesmo a lista de alguns benfeitores e seus valores contribuídos mensalmente que recebi na troca de e-mails quando tratava do assunto. Nesta época nem site havia ainda, mesmo assim, contribuía com R$ 500,00 todos os meses. Por volta de maio de 2014 surgiu o site.

No decorrer de 2014, estranhei o fato de que o professor Olavo nunca mencionava o instituto de seus filhos em suas aulas que tratava de Guénon, de simbólica e de cosmologia; enquanto que, do outro lado, cada afirmação do professor Olavo era printada e postada pelo Tales com os dizeres “é isso que estamos fazendo” ou “É exatamente isso que estamos fazendo”.

Salvo engano, houve o primeiro encontro presencial do ICLS em março de 2015; por eu ser benfeitor, ganhei a entrada para mim e mais um acompanhante — levei uma ex-namorada daquela época; e tinha, e ainda tenho, uma amiga que será chamada aqui de Maryam, com a qual ocasionalmente conversava. Maryam já flertava com aquele que chamarei aqui de Zayn e mais tarde, já na época do 1º Encontro do ICLS, eles namoravam e formavam um belo casal. Numa das conversas com Maryam, soube que ela havia ganho uma entrada grátis para o Encontro, mas ainda tinha problemas com as passagens, eu prontifiquei-me a pagar-lhe as passagens e ela pagaria a hospedagem dela, íamos ficar nós três em um hostel do bairro Ipiranga, quartos separados por sexo, a ex-namorada e ela em um quarto, eu, noutro, que nem perto era. Para conseguir que ela fosse, conversei com a mãe dela e me responsabilizei pelo que lá acontecesse com ela. Por ocasião

do destino, quando comprei a passagem para ela, já havia comprado a minha, houve um desencontro e ela teria de ir um pouco mais cedo, assim, para diminuir as possibilidades de acontecer um problema, conversei com o Tales e verifiquei se ele poderia buscá-la no aeroporto e a levasse lá quando eu chegasse depois das 22h.

Detalhes necessários: tenho de caracterizar minimamente as pessoas envolvidas; Maryam é uma pessoa tão sanguínea, mas tão sanguínea, que enquanto falava gesticulava em Libras o que estava falando, e tive de me responsabilizar porque ela bastante avoada e simpática com todos. Já o Zayn, havia nascido em família muçulmana que veio da Palestina, gostava de usar uns perfumes árabes e já estava um tanto quanto secularizado, de qualquer forma, é um bom amigo e até hoje converso com ele sobre carros antigos.

Quando cheguei no aeroporto, liguei para Maryam e não fui atendido, liguei então na casa do Tales (ele me fornecera o número); fui informado de que ela já dormira e que, se pudesse, ela iria com a família do Tales no dia seguinte. Como não vi maiores problemas, aceitei de bom grado a proposta e rumei para o hostel porque o próximo dia seria longo.

No outro dia, um sábado e primeiro dia do encontro, cheguei ao local, forneci meu nome a algum dos irmãos Alcântara que estava na portaria, entrei, e Maryam já estava lá com um local reservado para mim e minha ex-namorada daquela época logo na frente. Assistimos às palestras e, não me recordo se foi ao meio-dia ou mais tarde, o Tales conversou comigo se Maryam podia passar a próxima noite na casa dele, pois a família dele havia gostado muito dela e o afeto havia sido recíproco por parte de Maryam. Não vi maiores problemas e aceitei.

Terminou o segundo dia, voltamos para Brasília e tudo parecia normal.

Já nessa época aprofundei-me no estudo de astrologia horária — quem me conhece sabe que gosto de testar tudo para ver se não é mera baboseira —, já havia estudado o Manual de Astrologia Horária de Frawley com afinco, então, algumas semanas depois do encontro, prontifiquei-me a responder perguntas com o uso de astrologia horária. Não é “pá mim gambá”, mas sou muito bom nisso.

Alguns dias depois do anúncio, Maryam veio conversar comigo, disse-me que o Tales havia lhe feito uma proposta de casamento e que gostaria de uma resposta usando a astrologia. Fiquei um pouco triste pelo Zayn, mas me pareceu interessante uma amiga minha tornar-se uma de Carvalho. Contou-me alguns detalhes, que havia gostado muito da família dele — que a recepcionaram bem — que Tales comportava-se tal qual um adolescente apaixonado e que, então, tornar-se-ia a quarta esposa dele — essa informação chocou-me um pouco. De qualquer forma, abri a carta astrológica e, quando analisei, notei que não havia nenhuma recepção dos significadores dele em relação aos dela, e, estranhamente, toda a recepção dele estavam em relação à Casa IX, a casa da religião. Como estranhei muito, pois em nada se assemelhava a uma horária de relacionamento com a descrição que ela havia me fornecido, pedi para conversarmos pessoalmente.

Daqui em diante a ladeira começa a inclinar-se vertiginosamente.

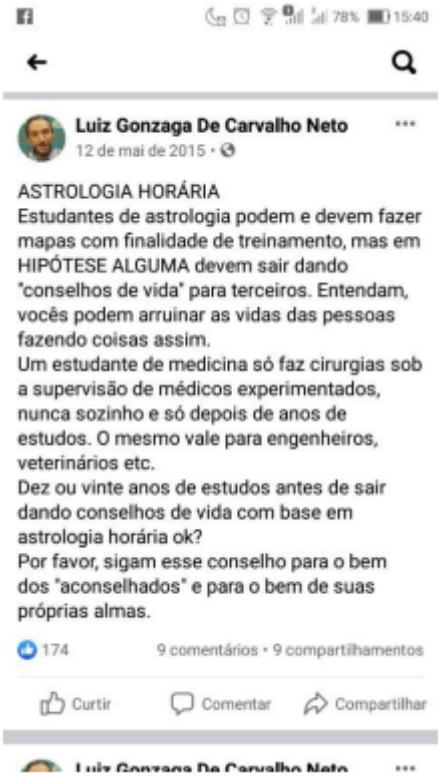
Conversando noutro dia, ela me forneceu mais informações: não só Tales se comportava como um adolescente de 15 anos apaixonado, como também, era possuidor de um “carisma”, “talento”, (ou qualquer outra babaquice) que adquiriu por conviver com os santos muçulmanos de Marrocos: a capacidade de saber quem deveria ser sua esposa. E não só isso, se ela não se casasse com ele, não casaria com mais ninguém. Também, que em meados de julho ou junho, ele iria para Marrocos onde deveria permanecer sem mudanças na vida pelos próximos 10 anos, assim, ela tinha a janela de um único mês para decidir se aceitava a proposta ou não.

Agora, paremos por um momento e façamos um exercício de imaginação: como uma jovem garota bastante avoada e inocente, diga-se de passagem, estaria perante uma autoridade como o Tales (porque ele, dentro do ICLS, é uma autoridade) com um prazo de tempo tão curso para decidir algo tão importante? E, cá entre nós homens, essa história de carisma adquirido de santos homens muçulmanos não é conversa fiada de homem para conquistar uma mulher?

Materialmente, para que se cassassem, ela teria de ir para São Paulo, como quem fosse visitar um amigo, eles se casariam e iriam para Marrocos — **a família cristã seria avisada posteriormente** Só eu que acho estranho essa conversa de “foda-se a família” de quem se diz “muçulmano tradicional”? Por que o Tales não teria a hombridade de chegar nos pais dela e pedir-lhe a mão em casamento?

Não só isso, como também Maryam me pediu que nada falasse sobre o caso com ele, uma vez que, Tales havia a admoestado sobre “não falar nada com o sr. Boaski”. Por fim, detalhei o que havia visto no mapa, que em nada batia com comportamento do Tales por ela citado, Maryam estranhou bastante, ia pensar sobre o caso e me informou que Tales havia a convidado para passar uns dias na casa dele com a família, salvo engano, recomendei-lhe prudência.

Assim que cheguei em casa e abri o computador, lá estava no grupo uma mensagem do Luiz Gonzaga com uma advertência:



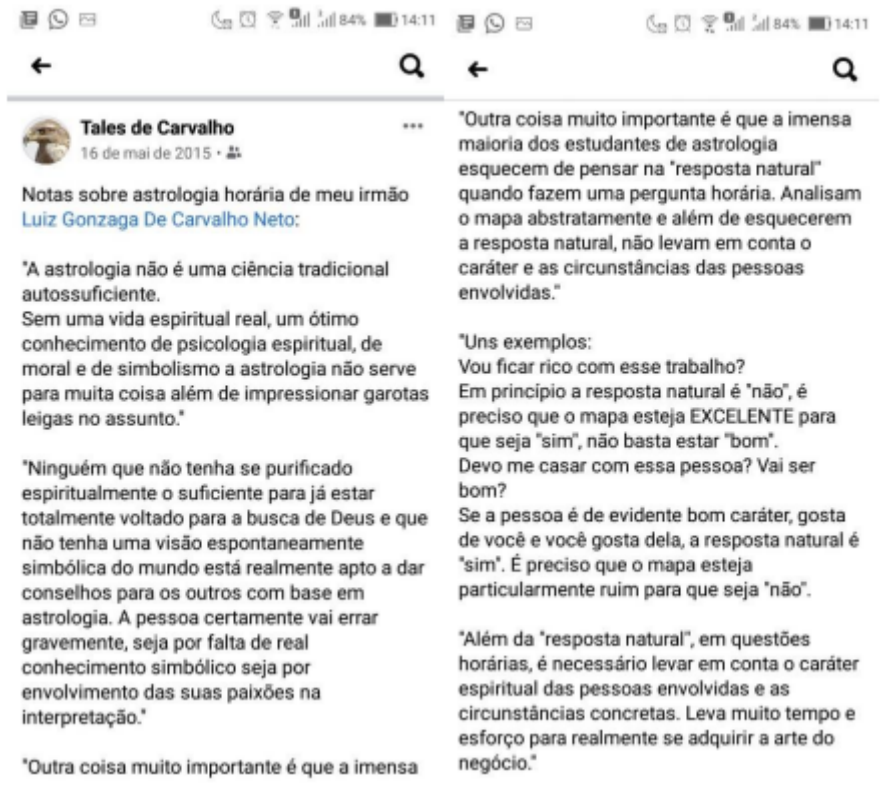
Luiz Gonzaga De Carvalho Neto
12 de mai de 2015 ·

ASTROLOGIA HORÁRIA
Estudantes de astrologia podem e devem fazer mapas com finalidade de treinamento, mas em HIPÓTESE ALGUMA devem sair dando "conselhos de vida" para terceiros. Entendam, vocês podem arruinar as vidas das pessoas fazendo coisas assim.
Um estudante de medicina só faz cirurgias sob a supervisão de médicos experimentados, nunca sozinho e só depois de anos de estudos. O mesmo vale para engenheiros, veterinários etc.
Dez ou vinte anos de estudos antes de sair dando conselhos de vida com base em astrologia horária ok?
Por favor, sigam esse conselho para o bem dos "aconselhados" e para o bem de suas próprias almas.

174 9 comentários · 9 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Nos outros dias, o Tales começou:



Tales de Carvalho
16 de mai de 2015 ·

Notas sobre astrologia horária de meu irmão Luiz Gonzaga De Carvalho Neto:

"A astrologia não é uma ciência tradicional autossuficiente.
Sem uma vida espiritual real, um ótimo conhecimento de psicologia espiritual, de moral e de simbolismo a astrologia não serve para muita coisa além de impressionar garotas leigas no assunto."

"Ninguém que não tenha se purificado espiritualmente o suficiente para já estar totalmente voltado para a busca de Deus e que não tenha uma visão espontaneamente simbólica do mundo está realmente apto a dar conselhos para os outros com base em astrologia. A pessoa certamente vai errar gravemente, seja por falta de real conhecimento simbólico seja por envolvimento das suas paixões na interpretação."

"Outra coisa muito importante é que a imensa maioria dos estudantes de astrologia esquecem de pensar na "resposta natural" quando fazem uma pergunta horária. Analisam o mapa abstratamente e além de esquecerem a resposta natural, não levam em conta o caráter e as circunstâncias das pessoas envolvidas."

"Uns exemplos:
Vou ficar rico com esse trabalho?
Em princípio a resposta natural é "não", é preciso que o mapa esteja EXCELENTE para que seja "sim", não basta estar "bom".
Devo me casar com essa pessoa? Vai ser bom?
Se a pessoa é de evidente bom caráter, gosta de você e você gosta dela, a resposta natural é "sim". É preciso que o mapa esteja particularmente ruim para que seja "não".

"Além da "resposta natural", em questões horárias, é necessário levar em conta o caráter espiritual das pessoas envolvidas e as circunstâncias concretas. Leva muito tempo e esforço para realmente se adquirir a arte do negócio."

Estranho, não? Pela primeira vez na vida, comecei a ter a sensação de estar sendo vigiado.

Alguns dias depois, não me recordo com precisão a data, ela pediu para conversar comigo novamente. Ela foi visitar o Tales e novas informações foram-me passadas: Numa das noites que lá passou, sonhou com uma estranha criatura, salvo engano com muitos olhos, que lhe dissera para

“não temer”; adicionalmente a isto, também estranhou que a terceira esposa do Tales, apesar de ter se casado com o Tales há poucos meses, ainda não lhe foram ensinadas as cinco orações diárias em árabe. Maryam estranhou, mas a família do Tales a tratava tão bem que até desconsiderou tal fato; as esposas confidenciaram-lhe que choraram quando o Tales se manifestou interessado em casar-se com Maryam, mas, pelo visto, já estavam calejadas, uma vez que, à sua primeira esposa havia prometido que não teria uma segunda esposa, e que à primeira e à segunda esposa igualmente havia dado a palavra que não haveria uma terceira, e assim por diante.

Soube que, quase todos os dias, conversava com Luiz Gonzaga — numa época em que os alunos comentavam que demoravam semanas para conseguir uma consulta com ele, como ainda é hoje —, até certo dia colocou sua amiga Yasmina — nome fictício, mas ela era aqui de Brasília — em chamada para ajudá-la, pois sua casa parecia assombrada. O professor Luiz Gonzaga pediu-lhe para tampar os espelhos, espalhar um determinado trecho do Alcorão pela casa e, notando que o cabelo dela era colorido na época, pediu-lhe que pintasse o cabelo de uma cor normal.

Soube também que ele, Luiz Gonzaga, apoiava o casamento de Maryam com o Tales e sempre demonstrava boa vontade em abrir-lhe horárias e analisar o seu mapa natal.

Abro um pequeno parêntese aqui: Não é estranho um irmão, que nos parece bastante sábio, coadunar com a lorota do irmão? Fiquemos com essa dúvida por agora.

Curiosamente, Kalil (nome fictício), um famoso muçulmano nas redes sociais e morador aqui do Distrito Federal, ligou para Maryam para parabenizá-la pelo noivado (quando ela ainda não havia aceitado).

O tempo passou, ela considerou a família, apesar de gostar bastante do Tales, considerou os estudos, considerou arriscado fugir de casa sob a alegação que “daqui uns meses ou anos eles entenderão e você voltará a ter contato com eles”, então, declinou ao pedido.

Passadas algumas semanas, as amigas dela — amigos são tudo para uma sanguínea — visitaram o Tales e vieram sem falar com ela; eram Yasmina, Khadija e mais alguma outra que não lembro; segundo elas, o Tales lhes contara que Maryam havia mencionado a tendência homossexual de Yasmina em tom de desprezo, e inúmeras outras coisas que comprometeram Maryam a ponto de deixá-la totalmente desprovida de seu círculo de amigas. Quando me contou a situação, Maryam estava extremamente abalada, pois, segundo as palavras dela, contou a situação ao Tales para que ele a ajudasse neste problema e, conseqüentemente, Yasmina fosse ajudada. Não só isso, ela não sabia com precisão, mas pelo visto eu também me tornara um monstro diante das amigas dela, surgiram algumas fofocas de que eu gritara com Tales em público e de que ela, aos prantos pediu-lhe que “dormisse na casa dele porque o sr. Boaski a estupraria”. Sim, fui acusado falsamente de coisa tão hedionda.

Conclusão: Maryam perdeu aquilo que tinha de mais valor na vida dela, todas as suas amigas, inclusive das filhas de Kalil, aquele que havia a parabenizado pelo noivado ao telefone, e o namorado, Zayn; e eu, igualmente estava sem chão, porque pessoas que eu respeitava haviam me acusado de coisa tão torpe, enquanto eu lhes ajudava todo mês com dinheiro. Quem me conhece sabe que tenho um estilo muito monotonal, e muitas pessoas que me conhecem há anos nunca me

viram mudar o tom de voz.

Fiquei no aguardo esperando um pedido de desculpas ou algo parecido vindo do Tales, afinal, é o mínimo que se espera de um homem que se diz tradicional e honrado, mas tudo o que vi foram ameaças subentendidas em postagens, coisas vagas sobre “Cuidar para não praticar o crime de maledicência, em especial de figuras públicas”. À época, um pedido pessoal in box me bastaria, mas não, tal qual um cão estava ladrando de longe, simplesmente encerrei minhas contribuições ao ICLS em setembro de 2015.

Curiosamente, alguns meses depois, discuti com um muçulmano que gostava de provocar cristãos em seu perfil, Abdul (nome fictício) e ele veio in box me dizer que “O Tales tinha me avisado mesmo que você não gosta de muçulmanos”. OK, agora sei que o negócio se espalhou por toda a comunidade muçulmana do Brasil, talvez, até de Marrocos.

Quando estourou a merda toda, aconteceu outro fato bastante curioso: num almoço entre os membros do COF do DF, Kalil, aquele que parabenizara Maryam por seu noivado com Tales, prontificou-se em fazer o almoço ao estilo árabe. Mais tarde, quando eu estava lavando a louça e nos encontramos sozinhos na cozinha, tentando ajudar Maryam, vou conversar com Kalil, expliquei-lhe que achava ter acontecido um engano no caso da Maryam em que seria ótimo que suas filhas voltassem a conversar com ela; ele olha e diz que não conhece Maryam; eu sem entender, retruco que foi da situação do Tales, que era o grande amigo dele, e ele só me respondeu que conhecia o Tales, mas não era, de modo algum, seu amigo. Intrigado com a situação, a primeira coisa que me vem à mente é a pergunta horária “ele está mentindo?”, tiro o print da tela do celular com o horário, chego em casa e abro a carta. Batata! Estava mentindo.

Esse tempo todo, só o que eu queria era esquecer esse negócio de ICLS, pois, quanto mais eu cavoucava, pior ficava. Mesmo assim, mais e mais informações foram pulando em meu colo.

Em meados do fim de 2015 ou início de 2016 Khadija precisava de uma horária e recorreu a mim para ter uma questão horária pessoal respondida. Encontrei-me na época numa mesa da universidade que coincidentemente ambos fazíamos, apesar de cursos diferentes. Depois de respondida a horária, ela me confidenciou que eu nada tinha a ver com aquilo que o Tales lhe falara; eu já sabia o que mais ou menos era, mesmo assim perguntei-lhe o que era que ele havia contado de mim e Khadija tão somente disse que tinha vergonha de dizer o que era. Como pagamento, pedi-lhe que reatasse sua amizade com Maryam, porque essa situação toda apenas havia sido um grande mal-entendido.

Um pouco antes do fim de 2015, eu soubera por uma amiga, aqui chamada de Daniela, que Hamal — o nome fictício é árabe mas quando o conheci e conversávamos era cristão — casara com uma das filhas de Tales. Como era conhecida a exigência de Tales de suas filhas casarem-se apenas com muçulmanos, Hamal teve de tornar-se muçulmano para casar-se com a filha de Tales:

Daniela, nome fictício, também me contou já tentaram arranjar-lhe um casamento com Idris, nome fictício. Quem especificamente? O Tales. Ela, cristã, ele, muçulmano, e, para variar, já tratavam os dois como se casados fossem. Como ela foi se desagradando dele, negou o convite do casamento, o qual, certamente, não foi bem visto pelo Tales. Anos depois, o tal Idris, que nunca apareceu num grupo de WhatsApp relacionado ao ICLS, surge do nada enquanto conversávamos sobre algum assunto relacionados aos muçulmanos.

Chamo a atenção para a questão do casamento; sei que o antigo Instituto Olavo de Carvalho sediado em Curitiba, teve sérios em sua organização, a ponto de terem “forçado” 7 um casamento que posteriormente foi anulado. Curioso como as pessoas tentam obter domínio sobre a vida das demais através do casamento; isso é simplesmente doentio, mas o antigo IOC não é questão desse dossiê, então não me demorarei sobre ele, apenas chamo a atenção para essa estranha constante.

Graças a Deus, Daniela hoje é casada com um cristão e tem um filho. Havia outra amiga da Maryam, Amina (nome fictício novamente); conheci-a porque ela gostaria de aprender astrologia horária, e Maryam nos apresentou quando o evento do ICLS ainda nem era cogitado. Amina é uma mulher bastante forte e experiente, tanto que nunca deixou Maryam na mão, como as outras fizeram. Ela começara um relacionamento com Abdul — sim, aquele mesmo citado acima, na época ele tinha uma página com nome de tariqa —, mas como ele era indeciso, acabaram terminando, ou ela terminando. Enfim. A questão é que Abdul contara-lhe que o Tales procurava uma quarta esposa porque a tariqa a qual ele pertencia tinha práticas sexuais — coisas tipo Kundalini ou Tantra, não sei o nome certo disso em se tratando de uma tariqa — informação esta que depois chegou a mim pela Amina.

Em meados de 2015 ou 2016 Amina também fora convidada ao Tales para visitar a casa dele, e, já sabendo da situação toda e de algumas segundas intenções de Tales, deve de transparecer um “não” bastante claro.

No final disso tudo, em meados de 2016, salvo engano, Maryam trocou algumas palavras com o Tales, que se desculpou pela atitude, deixou a entender que se ela quisesse ainda eles se casariam e pediu desculpas para mim por ela — não teve nem a hombridade de pedir diretamente a mim.

Resultado disso tudo: Tales talvez tenha ido para Marrocos, mas não parece ter tido a necessidade de ficar 10 anos sem mudar de vida (atualmente tem quatro esposas). Maryam passou por um baita problema, mas conseguiu se restabelecer e eu, que entrei de gaiato na história, lasquei-me, porque parece que me jogaram uma urubucaba braba, e descobri a realidade acerca de pessoas bastante relevantes no cenário intelectual nacional. Na época, costumava dizer que o Tales havia posto o meu nome na boca do sapo marroquino — o que não é de se duvidar, já que aquele sonho com uma criatura estranha, ao que as pesquisas me indicam, trata-se de um djinn, uma criatura espiritual que ocasionalmente são propriedades que passam de mestre à discípulo nas tariqas.

O segundo semestre de 2015 e o ano de 2016 foi um período que eu passei relativamente parado em relação aos estudos, pois tentava digerir o acontecido ou queria me distanciar mesmo, de qualquer forma, todas essas informações saltavam para o meu colo. Em 2017 voltei aos estudos para entender o que realmente estava acontecendo.

Parte I

Um segundo relato

Com muita dor no coração quero contar como o ICLS quase destruiu minha vida e meu casamento. Digo com muita dor no coração porque os considerava como minha família e acho que por isso mesmo demorei tanto pra enxergar que não está certo o que estão fazendo. Sou aluna do COF desde 2010 e pouco tempo depois comecei a estudar com o Gugu, enquanto ainda nem existia ICLS. Quando o Tales foi morar no Paraguai convidou meu marido e eu pra passarmos uns dias na casa dele, a partir daí começamos a frequentar a casa dele com bastante frequencia e ficamos bem próximos. Muito lentamente nos afastamos do cristianismo e nos aproximamos do islã. Graças a Deus percebi isso a tempo, mas meu marido não. Quando eu vi ele já tinha se convertido ao islã e foi aí que o inferno começou. Eu estava grávida quando ele simplesmente virou pra mim e disse que agora era muçulmano. Eu não aceitei e pedi pro Padre Lucas [nome fictício] conversar com ele pra ver se colocava um pouco de lucidez na cabeça dele. O padre disse pra ele que um cristão que vira muçulmano é inferno na certa porque está negando Cristo. E que eu não podia aceitar essa conversão pelo meu bem, pelo bem do meu filho e do meu marido, e que se ele insistisse nisso viria pessoalmente me buscar e me ajudar até eu refazer minha vida. Meu marido ficou com raiva do padre e foi falar com o Tales. Aí eu ouvi os conselhos mais doentios da minha vida. O Tales disse que se eu quisesse ir embora era pra ele deixar e que não tinha problema porque todas as promessas que ele fez antes de se converter ao islã, incluindo as do casamento, perdiam automaticamente a validade com a conversão. E pra ele ficar tranquilo porque se eu fosse embora em 2 meses ia virar puta e ele ia ficar bem e logo arrumava outra esposa. Inclusive apostou diante de Deus os 4 casamentos dele de que isso aconteceria se meu marido voltasse pro cristianismo. Estou esperando até agora ele largar as esposas porque já se passou mais de um ano e estamos muito bem. Agora me diz quem em sã consciência vai falar pra um homem largar a esposa grávida?! Sobre o filho que eu estava esperando disse que seria muçulmano e não tinha discussão. Pra não deixar eu batizar nem me intrometer em nada da educação religiosa dele, porque quem dá a religião é o pai. Ou seja, eu era apenas a incubadora. Sobre o padre disse que era um absurdo um padre se meter no casamento de alguém, e começou a difamar o padre em vários aspectos da vida privada dele. Pra completar disse que muçulmano nenhum deveria ouvir cristão nenhum, nem padre, nem que fosse o papa em pessoa. Que o pior muçulmano ainda é melhor que o melhor cristão. Que nenhum cristão é superior a nenhum muçulmano. Que a atitude do muçulmano em relação ao cristão é de tolerância, desde que se submetam a autoridade islâmica. Acreditem ou não foram essas as palavras que eu ouvi da boca do Tales, e tentei ser o mais fiel possível as palavras que ele usou. Aí eu percebi que essa conversa perenialista de união transcendente das religiões é blá blá blá, conversa de lobo mau pra chapeuzinho, e que nem eles acreditam nisso. O cristianismo pra eles é uma embalagem pra vender islã disfarçado e se aproveitar da confiança que jovens imaturos depositam neles. É o exemplo claro, e quase literal, de lobo em pele de cordeiro.

Eles te convencem primeiro de que todas as religiões são revelações divinas e vias válidas pra chegar a Deus. Quando veem que você já está acreditando fielmente nisso, vem com “mas o islã é

melhor porque é a revelação mais recente e portanto menos deteriorada.” O passo final é a pessoa acreditar no islã como a melhor religião e o cristianismo como tolerável.

Também estão incutindo ideias islâmicas no Cristianismo. Posso citar vários exemplos, mas vou falar apenas um pro texto não ficar muito longo. Em uma aula o Gugu fala que a festa mais importante do Cristianismo é o Natal e não a Páscoa, porque nao faria diferença Cristo ter morrido de morte natural ou crucificado. Por outro lado São Paulo diz que “se Cristo não morreu e não ressuscitou é vã a nossa Fé”. Ele diz isso porque no islã eles não acreditam que Cristo tenha sido crucificado e muito menos ressuscitado, então a Páscoa realmente não faz sentido pra eles. Mas a cruz é justamente o que da vida ao Cristianismo. Muitos alunos acreditam que o Gugu seja Ortodoxo. Ele não diz a religião mas praticamente só dá aula sobre Cristianismo, escreve um livro sobre o Pai Nosso, faz o sinal da cruz ortodoxo em algumas aulas, o aluno pensa “ah, ele não fala mas óbvio que ele é ortodoxo”. O que os burros, incluindo eu, não percebem é que aí mesmo está o diabo: islamização por infiltração no cristianismo. Eu mesma que fui aluna próxima dele por dez anos só fui saber que ele é muçulmano depois que meu marido se converteu, quando ele mesmo disse com a própria boca que ia ensinar pro meu marido o que o sheike dele ensinasse pra ele.

Tem alguns mecanismos que percebi que estão usando:

1. Descredibilizar o testemunho do Olavo sobre o islã com uma série de historinhas que o desmoralizam (Não muito diferente do que a Heloísa faz). Histórias de 30 anos atrás que eles fazem questão de contar e repetir junto com frases do tipo “meu pai não é quem vocês pensam”. Lembro que a primeira vez que fui na casa deles voltei desiludida da vida porque destruíram a admiração que eu tinha pelo professor. Quando perguntei, por exemplo, porque o Olavo não apoiava e divulgava o ICLS responderam que era porque ele tem inveja do Gugu, porque o Gugu consegue ensinar o que ele sempre quis ensinar mas não foi capaz, e não aceita que ninguém possa ser mais inteligente que ele. Além de falar aquelas coisas que o islã tradicional é diferente, que o Olavo esteve numa seita, etc.
2. Apontar EXAUSTIVAMENTE o que eles consideram defeitos e falhas do cristianismo (como que cristianismo só serve pra monge, que é uma religião incompleta, etc) e a situação complicada da igreja atualmente. Fazem um comparativo muito porco entre o pior da igreja e o melhor do islã, e claro, o islã sai vitorioso.
3. Afastar as pessoas dos sacramentos com essa história de “missa suja”. Segundo o Gugu ir em missa que tem instrumento de percussão é pecado mortal, e a missa mal celebrada é como um remédio com veneno junto, portanto não vale a pena. Só que no Brasil todas as missas tem alguma coisa “não tradicional”, com isso vi grande parte dos alunos terminarem por não ir em missa nenhuma. Virou uma doença entre os alunos a busca pela “missa perfeita”.
4. Neutralizar a influência da esposa com argumentos de que o homem não pode ouvir a mulher em nada, especialmente em assuntos de religião. Se a esposa te manda ir pra direita você é obrigada a ir pra esquerda, quando o homem ouve a esposa ela perde o tesao por ele, mulher não é capaz de amor verdadeiro e só fica casada por medo de ser largada ou traída, a mulher só tem religião por causa do homem e não gosta de religião e sim de aparência religiosa - diz o Tales. Parece que perceberam que eu não sou o primeiro caso de esposa que “breca” a conversão do marido.

5. Apresentar o islã como a religião suprema, perfeita, completa, sem decadência, intacta, e com histórias de que o sheyki só de encostar em você te faz ver Deus. Eles sabem que a maioria dos alunos tem disposição religiosa verdadeira e se encantam com essas histórias sufis. Tá aí o combo da conversão.

Meu marido foi um dos que caiu nisso e ficou tão cego que eu já tinha perdido as esperanças de que ele saísse. Ele não ouvia nada nem ninguém a não ser o Tales e o Gugu (efeito típico de seita sobre a pessoa). Graças a Deus ele voltou. Mas muitos acho que não vão voltar. E famílias estão sendo destruídas e pessoas flertando com o inferno. Meu marido não é o único caso recente, outros alunos já se converteram.

Eu realmente não sei se eles estão fazendo isso intencional e deliberadamente, ou se fazem sem perceber e com boa intenção. Mas nesse caso a intenção pouco importa e não muda em nada o dano que estão causando. Cientes ou não estão facilitando muito o trabalho do diabo de destruir vidas e famílias.

Tenho consciência de que o ICLS é o sustento deles, e perder alunos poderia deixá-los numa situação financeira complicada, e apesar de tudo não quero o mal deles. Por outro lado ninguém ali é aleijado que não possa trabalhar igual gente normal, né? Os alunos estão pagando pra serem enganados. Fora as atitudes que beiram ao estelionato. Perdemos muito dinheiro entre doações e propostas de negócios fraudulentas. Numa dessas o Tales disse que queria fazer um curso pra virar mestre de kali filipino e propôs pro meu marido que ele pagasse as despesas do curso e quando voltasse ensinaria pra ele tudo e tornaria ele mestre também. Depositamos xxx mil que ele disse que precisaria pra pagar o curso e as despesas, ele nunca foi fazer o curso, nunca ensinou nada, não devolveu o dinheiro nem deu satisfação. Outra vez falou que com xxx mil poderia comprar umas facas no Nepal e vendendo dividiria o lucro com meu marido. Depois veio com um papo de que o evento do icls tinha dado prejuízo e se ele poderia usar parte do dinheiro pra cobrir o rombo, meu marido, com bom coração que tem, deixou. Só que parte do dinheiro parece que virou o dinheiro todo e nunca vimos nenhuma faca, nem um lucro e nem um centavo devolvido. Uma vez também o Tales pediu pra ele comprar um carro pra eles que iria pagando mensalmente como um financiamento. Graças a Deus meu marido não comprou porque pelo histórico nenhuma parcela ia ser paga e no Paraguai não tem nem como dar busca e apreensão. E com a pandemia pediu não sei mais quantos mil emprestado numa conta do Paraguai pra pagar quando acabar a pandemia porque não está tendo acesso a conta no Brasil. Já dei por perdido esse dinheiro também. Sinceramente eu com 50 anos teria vergonha de ficar pegando dinheiro de um cara com idade pra ser meu filho. Meu marido com o fígado todo estourado de tanto trabalhar, enquanto o bonitão tá em casa sem fazer nada com 4 mulheres.

Desconfio também que ele usa algum tipo de PNL ou hipnose. Me sentia num estado estranho quando ia lá. Acho no mínimo curioso que o Tales passe o dia no quarto e só desça pra conversar com as visitas tarde da noite e vá até de manhã repetindo coisas até a exaustão. Durante a madrugada chega uma hora que a pessoa entra naquele estado meio dormindo meio acordado, no automático. Aí ele fica repetindo a mesma coisa mil vezes. Pelo pouco que eu sei de PNL é assim que funciona: Sonolência e repetição.

Não sei até que ponto o Gugu é tão responsável quanto o Tales. Quanto aos outros professores não sei de nada.

Sem contar que o Tales é um mentiroso compulsivo. Absolutamente tudo que ele me contou até hoje sobre pessoas e fatos eram mentira ou parcialmente mentira. Só pra exemplificar a maluquice, uma vez ele contou que Cristo apareceu em sonho pra um padre e disse que esse padre deveria defende-los perante o Olavo, fui perguntar pro padre em questão e ele disse que isso nunca aconteceu. Ele distorce os fatos e o que as pessoas falam pra chegar onde quer. E o que eles falam nas aulas e pros alunos em geral as vezes chega a ser o oposto do que eles falam pro círculo mais íntimo do qual eu fiz parte.

Esse relato é um breve resumo escrito espontaneamente e sem muitas revisões. Se eu fosse contar todas as minhas histórias em relação ao ICLS ficaria igual São Joao no final do evangelho “se todas elas fossem escritas nem o mundo seria capaz de conter os livros que se escreveriam” kkk Obrigada.

Fim do relato.

Como pode ser visto, mantive o texto em toda a sua originalidade, apenas mudando um nome para evitar identificações.

Há também um terceiro relato, porém anônimo, lançado no grupo no ano 2020, o qual foi prontamente repudiado, mas, a título de curiosidade, disponibilizo um link . Infelizmente trata-se de um relato anônimo, o que perde um pouco de credibilidade, mas tratarei de alguns trechos nas próximas partes e gostaria que seu autor viesse conversar comigo.

Considerações finais da Parte I

Isso que foi aqui tratado é apenas a primeira parte de uma série de documentos que em breve serão lançados — seja por mim, seja por outras pessoas, caso meu perfil caia. Tenho consciência de que o efeito de me envolver nessa discussão será deletério, mas esse é o custo da Verdade, pus o meu nome e procurei salvaguardar a autora do segundo relato que, no momento, está cuidando de seu filho pequeno e precisa de paz.

Sei que há pessoas que prometeram até esconder um corpo para o Tales, então, aguardo o impacto que virá deste documento de peito aberto.

Também, desconheço as motivações do Alef e da Julia, nem compreendo aquilo que desejam, imagino apenas que queiram viver a sua vida de casal em paz longe de Tales de Carvalho — O ICLS costuma cobrar um alto preço na vida das pessoas, não só financeiro, mas existencial. Aos estudantes e líderes do ICLS, recomendo que os deixem em paz e, de minha parte, caso esse dossiê chegue até o casal, informo que há muitas pessoas dispostas a ajudá-los.

E já adianto que o professor Olavo em nada tem relação com a atitude que tomamos, seja antes, seja durante, seja depois dos fatos narrados. Fomos, no decorrer de suas aulas no COF, advertidos inúmeras vezes dos perigos de se envolver com muçulmanos — olhando em retrospecto, as advertências eram mais claras do que vocês, leitores, pensam — e pagamos um alto preço pela curiosidade. Todos aqui somos adultos possuidores plenos de suas faculdades e responsáveis por si.

Portanto, Heloísa, se esse documento chegar até você, não vá espalhar as suas baboseiras e venenos costumeiros.

No meio disso tudo, felizmente, o mal só é permitido por Deus, porque sabe que há um bem maior.

Parte II

“*Tu ne cede malis, sed contra audentior ito*” (Virgílio, Canto VI da Eneida)

Parte II

Introdução (Os cães ladram, mas a caravana não para)

Oi pessoal, Léo aqui.

Passado o primeiro susto, estamos de volta. Já fui excluído de uma penca de grupos, fui chamado de alguns nomes que não devem ser aqui repetidos, mas isso já era o esperado. As boas palavras agradeço de coração.

Sobre as perguntas que o Marcos Monteiro levantou, a autora do segundo relato me disse que ele deve ter se confundido com outro casal, pois ela só entrou em contato com o Marcos duas vezes para ele responder a perguntas usando astrologia horária.

Também ouvi dizer que está circulando por e-mail um material sobre o ICLS, não sei do que se trata, nem recebi tal e-mail; ou seja, não é material produzido por mim; eu disse o meu nome, dei a cara a tapa e todos podem notar que esse material aqui tem uma forma muito pessoal. Curiosamente, mera coincidência, o e-mail foi enviado, pelo visto, somente àqueles que assinam o ICLS, será que estão tentando desviar o foco desta série de documentos?

Como eu disse na Introdução da Parte 1: eu NÃO sou membro de algum grupo sectário, eu NÃO sou membro de nenhum instituto, eu NÃO estou vendendo nem pensando em vender nenhum curso, eu NÃO estou fazendo nenhuma lista de e-mails para vender produtos ou coisa parecida e eu NÃO pedi doações, nem dinheiro nem nada do tipo.

Querem saber minha motivação? Não pecar por omissão contra a Verdade. Se você vê um carro se dirigindo em alta velocidade por uma estrada que termina num precipício, você tem a obrigação de ao menos dar um grito e levantar os braços para evitar algo mais grave.

Confesso que a Parte 1 do dossiê (disponível neste link) soa bastante inverossímil aos alunos do ICLS, estou desde 2014 estudando e analisando o material do Instituto e sei que há bons conteúdos misturados por lá. Há um motivo para eu ter inicialmente declarado que sou do interior do RS e ter assumido que recebi uma educação deficitária, pois essa é a condição de todos nós: nascemos em algum cu do mundo e temos de nos mover por assuntos e realidades que exigem muito além das nossas capacidades. Os conteúdos do ICLS encantam, como as sereias da Odisséia, mas quem, dentre nós, está amarrado ao mastro do navio para escutar o canto das sereias sem se deixar levar por ela?

Falam sempre com muita segurança; as dicotomias apresentadas são facilmente assimiláveis, é sempre o tradicional x moderno (“não, mas isso não é o tradicional... no x, y ou z...”) e, cá entre

nós, quem tem leitura e experiência suficiente para dizer aquilo que é tradicional ou não? No fundo, está sempre presente um argumento de autoridade (la garantía soy yo) e tudo não passa de uma confiança depositada em alguém.

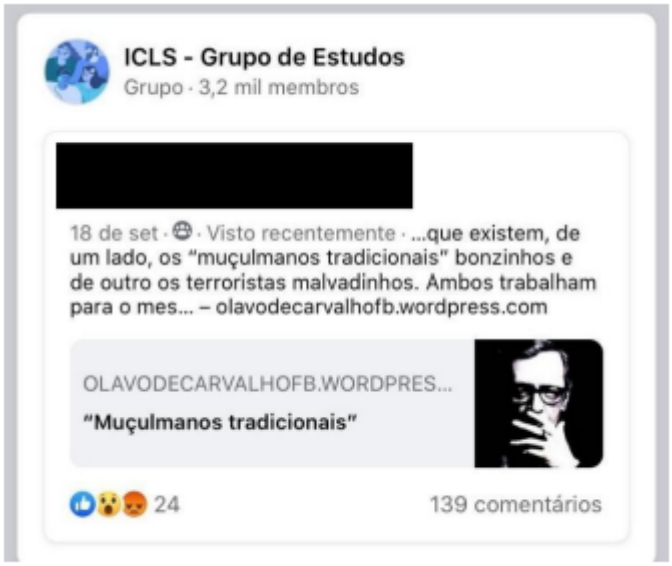
Quem sabe onde termina Aristóteles e começa a cosmologia tradicional? Há, de fato, uma fronteira? Será que não quase são as mesmas coisas diferenciando-se um pouquinho aqui ou ali? Quem é capaz de identificar o joio do trigo e separá-los na colheita? Ficam as perguntas.

Parte II

Tales

Iniciemos com o Tales:

Muita coisa aconteceu no grupo do ICLS nos anos que venho estudando, houve, por exemplo, em 18 de setembro de 2020 o compartilhamento de um artigo do professor Olavo chamado “Muçulmano Tradicionais” — que consta neste link ; nesta situação, o Tales ficou transtornado, mandou vários áudios, ameaçou bater no cara caso aparecesse em um encontro do ICLS e argumentava um atentado contra o Quarto Mandamento por estar colocando pai contra filho; algumas pessoas argumentaram que não parecia nada demais, mas o Tales duramente respondia, quase um “cala a boca”, pois dizia, “eu já vi isso inúmeras vezes, já sei quem costuma fazer isso, você é uma pessoa nova aqui e blá blá blá”. Por fim, o tópico foi excluído, mas guardei um *print* do tópico.

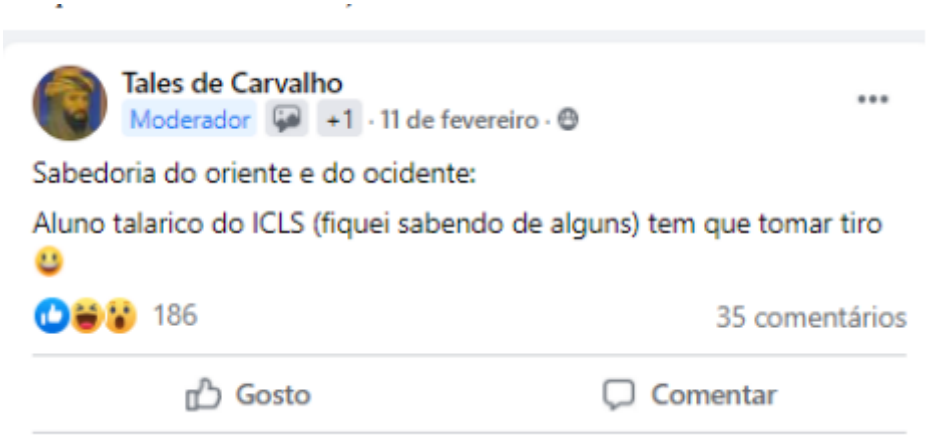


Muitas pessoas realmente avacalharam com o rapaz e houve muitas manifestações a favor do Tales; mas pergunto: E aqueles que têm real interesse em entender essa divergência, se não num grupo de estudos, onde mais poderiam sanar esta dúvida? Pois, sabemos da posição do professor Olavo, não só publicamente, mas também nas aulas do COF, conhecemos também a posição dos professores do ICLS, e ambas opiniões são diametralmente opostas.

Já em dezembro de 2020 algumas pessoas vieram me perguntar da treta entre o ICLS e o Italo Marsili (que dura até hoje). Basicamente, acusaram-no de copiar a aula do pão (isso será tratado futuramente), acusação esta que pode ser respondida por uma citação de um áudio de Tales que me mandaram na ocasião:

> O problema, olha só, quando você dá uma aula ou quando você faz uma postagem no Facebook ou Instagram, tal, não é um livro, não precisa citar a fonte, não é isso, não é esse o problema [tosse] óbvio que não, não se trata disso. A [nome retirado] é uma aluna tentando virar professora, você entendeu? Ela não tem nada de errado nisso aí, cê entendeu? Ela, ora vai acertar, ora ela vai errar, e assim continua, isso é o normal, isso é o que se espera, realmente isso não é o problema; ela não precisa colocar lá 'Gugu disse isso na aula tal, cê entendeu? Isso é besteira, nem deve fazer isso você não deve fazer isso, isso não é o problema; isso aí é você transformar o discurso dos seus professores, o discurso que você considera sábio, o discurso dos seus professores no seu discurso isso é o natural, isso é o que deve acontecer, certo?

Mas as tensões foram aumentando, podemos notar já no início de 2021 algumas ameaças não só contra o Italo, como em relação aos alunos (provavelmente chantagem barata para que andassem na linha):



Há também um áudio que ele diz:

> Quanto às insinuações que eles andam fazendo de que 'ah! A gente sabe de um monte de coisas de pessoas e não sei o que', ó, nesses sete anos, oito anos, o Gugu atendeu a umas milhares de pessoas, milhares, milhares, algumas consultas eu fui autorizado a gravar, certo? Cara, tem muitos podres, viu?! Quer brincar de podre? Tem muito pode e tem gente que espera só uma autorização nossa para contar em público todos os podres aí, de gente importante, então, esse tipo de insinuação é ridícula, você entendeu? Eu sei de podre de muita gente aí de primeira mão, com testemunho, quer brincar de podre a gente brinca de podre, entendeu? Mas eu acho isso infantil e feminino esse tipo de insinuação, sabe? "ai, eu sei de coisas" isso aí é assim, sabe, homem não faz assim não, né? Homem fala "vamo que vamo, você mostra o seu, eu mostro o meu", e vamo lá, ninguém aqui é velho, idoso, aleijado, né? Homem é assim, só que eu já espero sentado isso aí, é tudo piada.

E há outras provocações como esta:

Sim, ele continuou falando e, curiosamente, quem está sendo feminino sem dar nomes tem sido o Tales, mas sigamos.

Sobre o que Tales pode falar, considerando as experiências contadas na Parte 1, podemos prever que a possibilidade de elas serem verdadeiras beiram a zero, trata-se, muito mais, de um mentiroso compulsivo.

Dado alguns elementos para contextualização, passemos para a análise:

Da parte de Tales, sabemos razoavelmente a posição dele acerca do tema islã: ele separa os muçulmanos tradicionais — sunitas e xiitas, apresentando claramente críticas à posição xiita — dos wahabistas ou salafistas, que nada em a ver com a tradição alegada por ele. Tales gosta de nos pintar um belo islã sempre com a palavra tradicional à boca e, para quem o escuta, parece algo muito coeso. Um exemplo disso é dizer que o terrorismo é de origem wahabista ou salafista, mas, tentando cruzar algumas fontes de informações dos próprios muçulmanos, por exemplo, verifiquei que existe um site chamado al-muminun de orientação wahabista que diz o seguinte:

> Osama bin Laden vem de uma família Iemenita que está baseada em Hadramaute, uma secção litorânea de Iêmen que está bem conhecida por ser a base da seita particular do Islam chamada Sufismo. O Sufismo pode ser brevemente resumido como sendo a antítese do “Wahhabismo”. O próprio Bin Laden não se preocupa com assuntos de fé (ou crença), e algumas das suas afirmações indicam que ele ainda confirma certas práticas Sufis. Ele abraçou também o Talibã como amigos íntimos e protectores, é bem sabido que a grande maioria deste grupo pertence ao Deobandismo, um movimento Sufi. […]

> A afirmação de Bin Laden “Fatiha foi lida para eles em suas casas” refere-se à leitura do capítulo da abertura do Alcorão (al-Fatihah) para as almas dos falecidos, uma prática comum dos Sufis. Este acto de adoração não tem base no Islam, nem no Alcorão, nem na Sunnah, ou na prática das gerações predecessoras. Mais precisamente, isto é uma prática inovada que as gerações dos Sufis Muçulmanos fabricaram. Esta afirmação indica que Osama bin Laden nem é versado sobre o Islam, nem é ele ligado aos princípios e às prácticas do Salafismo. Fonte

Como podemos ver, os próprios wahabistas põe a causa do terrorismo em outra coisa que não eles próprios. Sobre o sufismo, ele continua em outro texto:

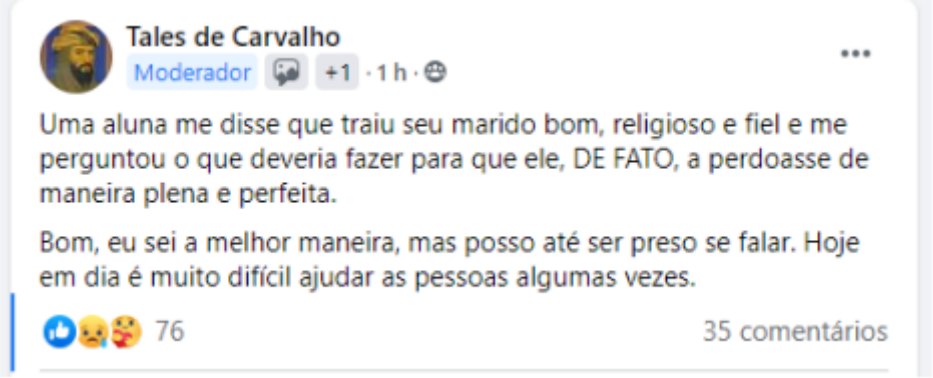
> Os Sufis pertencem à escola Iluminista de filosofia que afirma que conhecimento e consciência é produzido na alma através de exercícios espirituais. O Islam Ortodoxo afirma [i.e. o ponto de vista do Islam Ortodoxo é] que uma pessoa pode alcançar verdadeiro conhecimento e consciência através de actos de adoração que existem no Alcorão e na Sunnah.
>
> Os Sufis acreditam que os seus professores são também uma fonte para a legislação em adoração, visto que eles mandam-lhes realizar actos de adoração que não têm base nem no Alcorão nem na Sunnah. Os extremistas entre eles afirmam com frequencia que Allah reside dentro da sua criação (i.e. dentro dos corações, orgãos internos, etc… das pessas). Consequentemente, eles atribuiem aos seus professores atributos e poderes que pertencem somente a Allah, como o conhecimento do invisível.
>
> Eles afirmam muitas vezes que os textos do Alcorão e da Sunnah têm um significado exterior e aparente, como também, um significado interior e oculto. Eles afirmam que o significado exterior e aparente é conhecido por aqueles que praticam o Islam Ortodoxo, enquanto que os significados interiores e ocultos são apenas conhecidos pelo professor e a ordem deles. Estes professores afirmam com frequência que visto que eles avançaram para o significado interior e oculto dos significados do Islam, eles não precisam de orar ou jejuar, algo de que mesmo os Profetas não foram dispensados sobre. Fonte

Pesquisando nas mais diversas fontes dos próprios muçulmanos, notamos que o islã é uma verdadeira confusão, muito diferente daquilo que é apresentado por Tales. O marido da autora do segundo relato, inclusive, reclamou muito do “pós-venda”, pois sentia-se numa confusão dos diabos.

Outro ponto muito interessante a se analisar é a questão das conversões ao islã dentro do ICLS: muitas vezes o Tales argumenta que não sabe das conversões que aconteceram “conheço umas

20 conversões para a Igreja Romana, umas 10 para a Igreja Ortodoxa, e só esses dias soube de uns 2 convertidos aos muçulmanos, que posteriormente me avisaram". Observemos bem, num grupo em que mesmo católicos apostólicos romanos estão todos os dias marcando o Tales em perguntas relativamente idiotas — falta apenas perguntar qual cor de cueca é tradicional — os que tem interesse no islã não irão contactá-lo para fazer-lhe perguntas? Não é só inverossímil o que ele afirma, como é estultice crer nisso.

Quer outra evidência? Aqui:



Pergunto a quem quer que acredite no que Tales diz: **Se as pessoas vão conversar com ele para dizer os seus pecados mais infames, não é estranho que aqueles que queiram se tornar muçulmanos não venham a ele, nem mesmo, para pedir-lhe uma orientação?** Faz algum sentido todo mundo lhe perguntar sobre coisas particulares e só os que se converteram ao islã não recorrerem a ele para nada?

A conversão descrita no relato da autora anônima (em tempo oportuno ela aparecerá) descreve muito bem o modus operandi: todos eles somem do mapa sob a retórica de "deseja fazer um sacrifício de Caim ou de Abel?", insinuando que sumir é um sacrifício que agrada a Deus pois é um sacrifício na carne, os convertidos ao islã simplesmente somem do mapa. Mais tarde veremos esses símbolos mais de perto. Ainda veremos um pouco desses símbolos adiante.

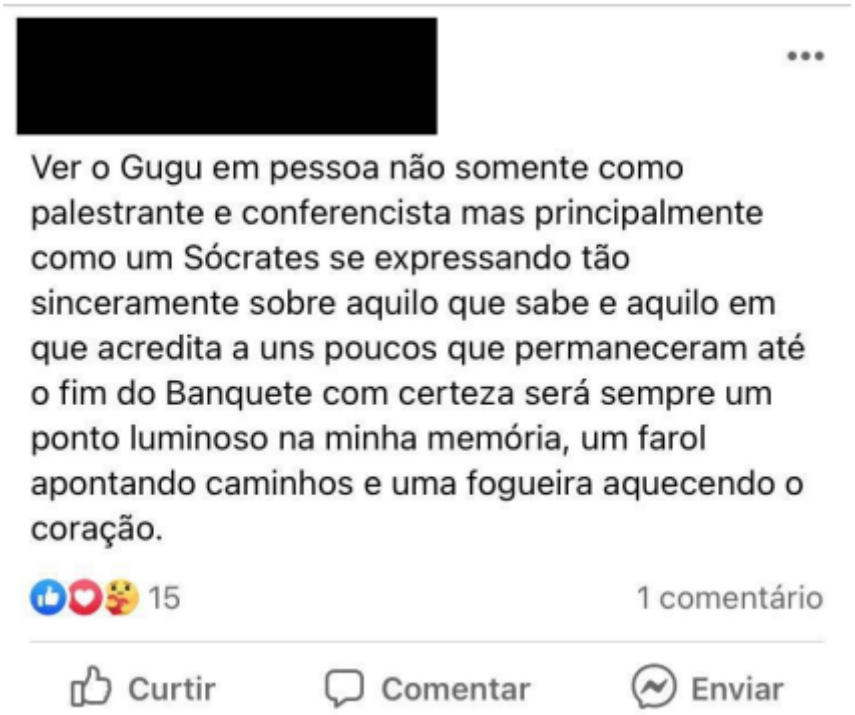
Parte II

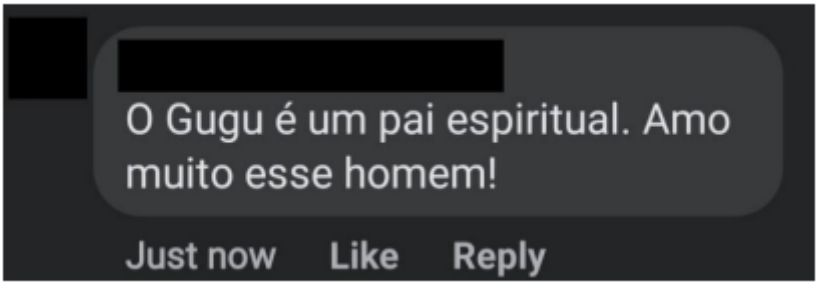
Mas e o Gugu?

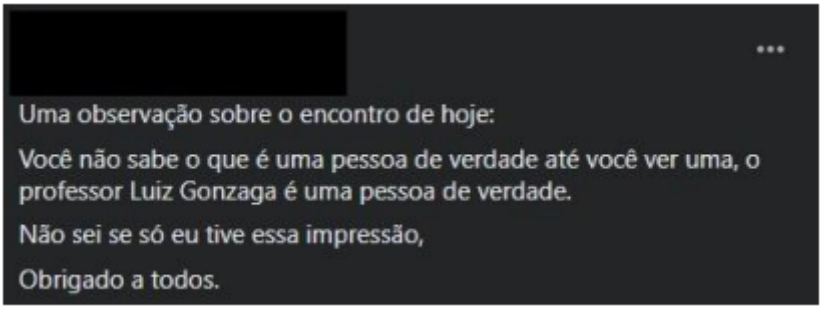
Mas e seu irmão, Luiz Gonzaga, onde fica no meio disso tudo? Na história da situação que vivi e descrevi, ele não parecia se opor às veleidades do irmão, inclusive apoiava o casamento de Maryam com Tales e quotidianamente conversava com ela — enquanto muitos outros esperavam semanas; o que se depreende disso? Vejamos.

Paira no ar dúvidas quanto à religião de Luiz Gonzaga no ICLS, muitos já fizeram perguntas (ainda pode-se fazer perguntas no ICLS?), as quais foram prontamente respondidas com piadas, memes e banimentos. É razoável fazer essa pergunta?

No meu entender, sim. Muito têm Luiz Gonzaga na conta de sábio, diretor espiritual e santo. Exagero meu? Vejamos alguns relatos do encontro do ICLS em São Paulo, dias 10 e 11:







Há outro mais antigo bastante interessante:

> O Professor Luiz Gonzaga de Carvalho Neto, vulgo Gugu, é outro de Asc em Leão, mas é um caso antes misto que puro, se assim podemos dizer. Por quê? O rosto do Gugu não é mais grosso e quente, de traços abertos? O corpo não puxa mais para o endomorfo e o peito não é um tanto cheio (ver as aulas acerca de Matrimônio)? O rosto não é arredondado duma maneira mais "truncada" antes que "delicada"? Os olhos não são aqueles de grande íris, esbugalhamento, atentos, etc.? A pele não é calorosa, e não demonstra buracos de muitas espinhas? O cabelo e a barba não são grandes e brilhantes? Sim, sim e sim para tudo. Sucede porém que o regente do Asc (quer dizer, o Sol) estava em Áries, e como vimos na primeira publicação, ele equilibra um tanto a horizontalidade do signo fixo, enquadra um tanto o rosto e o corpo, e faz com que haja uma mudança súbita no queixo, uma descida. E é isso que ocorre com o Gugu. (Lembro da primeira vez que vi o Gugu: "Esse cara parece um bode. E é um sábio!") É próprio de Leão ser grande, cheio, e existem fotos do Gugu que realmente passam essa impressão. Acontece que Saturno está conjunto por antíscio ao Ascendente, emagrecendo-o.

Hehe, bode.

Há algum problema em manifestar apreço pelo professor? De forma alguma, isso é muito bom. Mas, pergunto a todos nós que convivemos nos eventos do ICLS, não é algo bastante recorrente pintarmos Luiz Gonzaga com ares de santidade? Quantos, dentro do ICLS, entre uma ordem de seu diretor espiritual e uma sugestão de Luiz Gonzaga não seguem este em detrimento daquele?

Surgiu, no segundo semestre do ano passado, um relato de autoria anônima (que disponibilizei na parte 1) que confirma isso que digo:

> Para quem não conhece de perto, o clima interno do ICLS é de uma veneração à figura do Gugu e, em menor escala, à figura do Tales. De maneira que é muito difícil levantar questionamentos mais horizontais aos seus ensinamentos dentro dos grupos de alunos. Parece que dentro dessas esferas existe também 'o fenômeno da 'proibição de perguntar', que Eric Voegelin discerniu nas ideologias de massa' — como aponta o professor Olavo no seu artigo As garras da Esfinge

Bom, se tantos consideram o Luiz Gonzaga como sábio, pai espiritual e análogos, que mal há em perguntar-lhe a própria religião?

Se for cristão católico, que mal haverá nisso? Ou se for ortodoxo? Para a maioria do público do ICLS essas condições não fariam diferença alguma, estou correto? Ele não nos ensina todos os dias a sermos mais piedosos? Em breve responderei a esta pergunta.

O autor anônimo citado acima teve o mesmo questionamento:

> E cabe com isso perguntar qual seria a inconveniência para os alunos do ICLS se o Gugu fosse católico ou ortodoxo? Não haveria nenhum escândalo, eles não perderiam alunos e todos interpretariam com muita naturalidade se assim o fosse. Agora, não poderíamos dizer o mesmo caso ele professasse abertamente ser um muçulmano como o seu irmão. Nesse caso certamente haveria uma ruptura de muitos alunos, muitos outros deixariam de fazer consultas e teriam um contato mais periférico e o próprio instituto seria mais marginalizado pois não é recomendado a um cristão receber guiamento espiritual de um muçulmano. Ao que podemos concluir que o mistério a respeito da religião professada pelo Gugu no momento só se justifica caso ele seja muçulmano.

Se ele fosse muçulmano, certamente, muitos alunos não entrariam no instituto, certo? E você que está lendo teria entrado?

Muitos dos alunos tomam suas menores decisões de vida em consultas com Luiz Gonzaga. Quem convive no meio do ICLS sabe que muitos utilizam-se das consultas para escolher um rumo na vida, decidir se vai namorar com Fulana ou Beltrana, em verdade, muitos discutem seus problemas

particulares nestas consultas, tanto que Tales pode afirmar: "*o Gugu atendeu a umas milhares de pessoas, milhares, milhares, algumas consultas eu fui autorizado a gravar, certo? Cara, tem muitos podres, viu?! Quer brincar de podre? Tem muito pode e tem gente que espera só uma autorização nossa para contar em público todos os podres aí*".

O nosso querido autor anônimo trata de que ele mesmo fazia isso:

> Eu mesmo conheci pessoalmente pessoas que não tomavam mais decisões menores na vida sem consultar a opinião do Gugu. Sua influência na vida de muitos alunos é equivalente a de um diretor espiritual. E isso é problemático considerando que você não sabe qual a religião e qual direcionamento o Gugu irá dar para sua vida pessoal. Claro, você pode confiar nele, aceitando esse mistério e considerá-lo como um mestre das religiões comparadas capaz de dar guiamento espiritual para qualquer pessoal de qualquer religião respeitando inteiramente a doutrina interna da religião. Eu acho esse benefício da dúvida extremamente exagerado especialmente se considerarmos que toda tentativa para saber qual religião professada pelo Gugu é vista pelos alunos e professores do ICLS como uma infantilidade ou uma inconveniência por parte da pessoa que pergunta. Ora, não deveria ser nenhum escândalo saber a religião professada por um indivíduo que se posiciona como diretor espiritual de centenas de pessoas. Não há aqui nenhuma infantilidade e nenhum exagero. Você não necessariamente precisa saber a religião dos seus professores, mas certamente você precisa saber sobre seu pai espiritual.

Sim, é uma dúvida, ao menos, pertinente, não?

Luiz Gonzaga é muçulmano? Hindu? Mestre Taoísta Ascenso do Raio que o Parta?

Olhemos para seu entorno:

O único livro produzido por ele, O Pai Nosso, tem nos agradecimentos um nome bastante comum para quem acompanha o ICLS: Marcello Brandão Cipolla (nas redes sociais conhecido como Marcello Jafar Cipolla), que esteve presente no primeiro encontro do ICLS em São Paulo e que costumeiramente ajuda o instituto em suas gravações.

Soube que ele é o dono da Editora Bismallah. Alguém já deu uma olhada na descrição dessa empresa? No site (Link) temos uma breve descrição da empresa.

Informação principal

CNPJ	07.960.592/0001-32 [MATRIZ]
Nome da empresa	EDITORIAL ESTRELA DA MANHA LTDA
Fantasia nome	EDITORA BISMILLAH
Inicio atividade data	2006-04-13
Natureza jurídica	Sociedade Empresária Limitada
Situação cadastral	ATIVA desde 2006-04-13
Qualificação do responsável	Sócio-Administrador
Capital social	R$ 6.000,00
Porte da empresa	MICRO
Opção pelo simples	Optantes pelo simples desde 2007-07-01
Opção pelo MEI	NÃO

Alguém sabe quem são os sócios? Está disponível publicamente no site.

Sócios

Código	Nome	Data de entrada	Qualificação
CPF***371998**	Marcelo Brandao Cipolla	2006-04-13	Sócio-Administrador
CPF***376539**	Daniel Eiti Missato Cipolla	2015-07-01	Sócio-Administrador
CPF***991338**	Luiz Gonzaga de Carvalho Neto	2006-04-13	Sócio

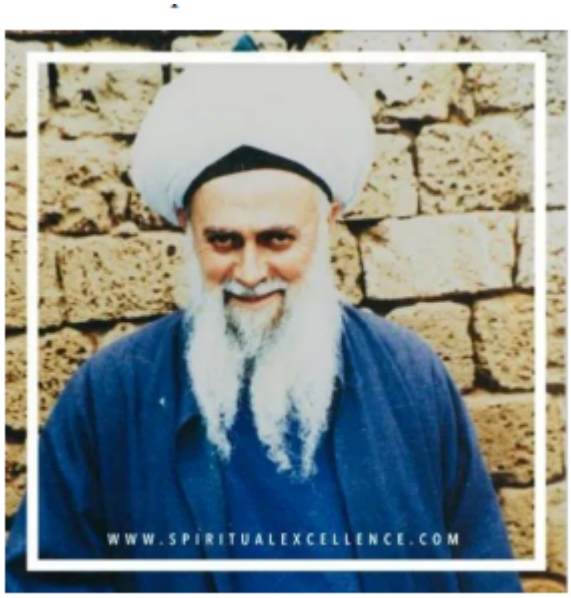
Que estranho, parece que nosso querido professor é sócio de uma editora muçulmana e muitos de seus amigos são, por coincidência, muçulmanos.

Bom, já temos um irmão, agora um sócio muçulmano, e o que ais?

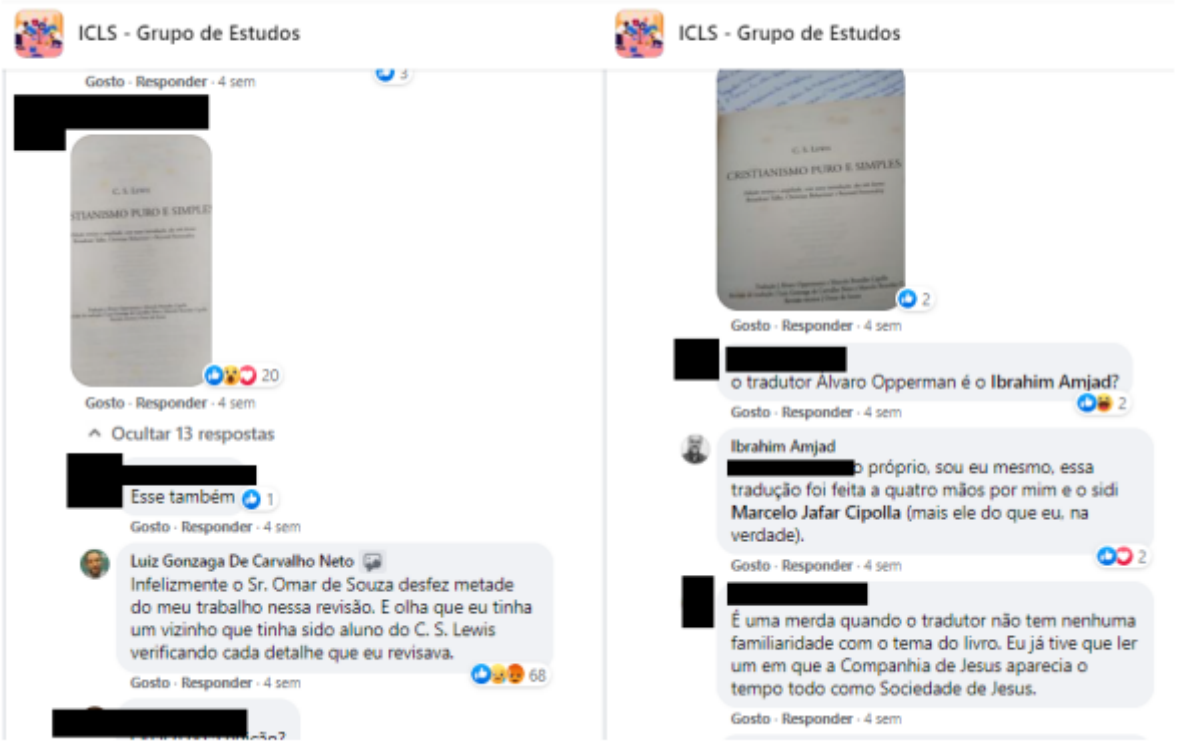
Olhemos para a editora:

Nos livros lá editados aparece um tal de Sheik Nazim Al-Haqqani, que já figurou em muitas postagens no grupo do Facebook do ICLS, não? Pessoal gosta muito de dar uns pitacos de fisiognomia:

Deveras simpático o “santo”:



E há mais coisas? Talvez...



Um colega que ajuda na revisão chamado Álvaro Oppermann que é, nas redes sociais, Ibrahim Amjad? Esse nome me parece meeeio árabe, não é? E, que coincidência, o Jafar está aqui novamente.

E, notem que interessante, traduziram Cristianismo Puro e Simples de Lewis para a WMF. Um título pouco convencional para muçulmanos, não é? Até parece que eles estão bastante familiarizados com o tema, devem ter estudado bastante. E, salvo engano, já vi Luiz Gonzaga sugerir este livro, curioso, não?

Apareceram muitas coincidências, não? Se alguém ousasse suspeitar que há muçulmanos produzindo material cristão para adquirir o vocabulário cristão e se infiltrar no Brasil, começaria a ficar mais verossímil, não? Talvez até pudessem, em suas aulas, dar uma islamizada em suas aulas, não é? Será que o segundo relato está certo?

Mas não, provavelmente Luiz Gonzaga não é muçulmano nem faria algo do tipo conosco. Ou sim?

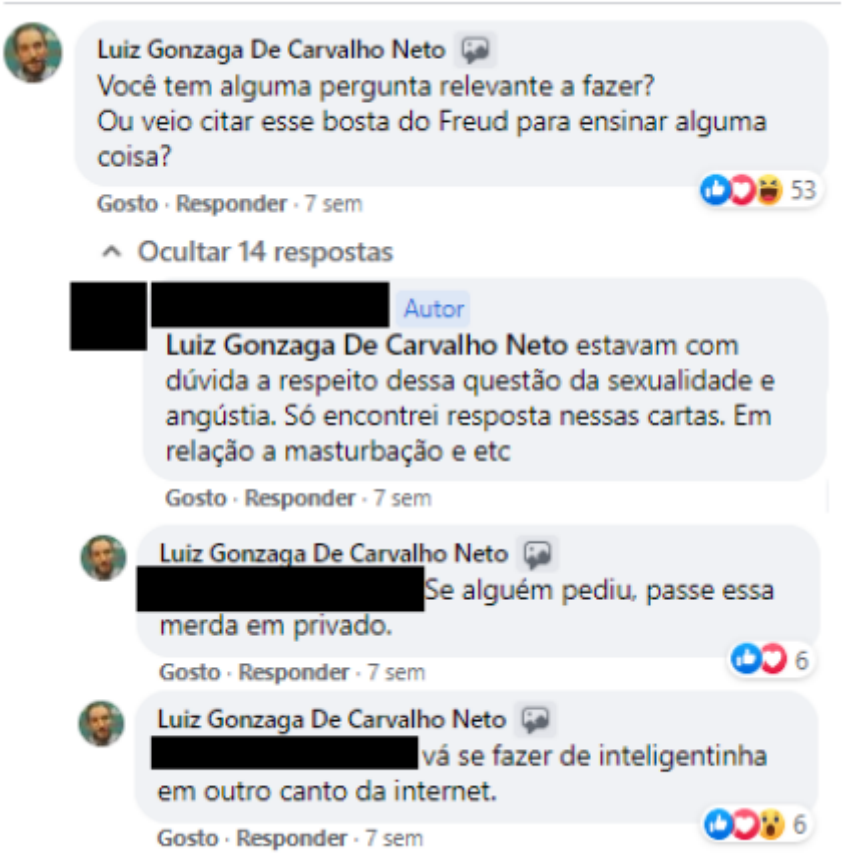
Bem, talvez sim...

Sim, ele é muçulmano, o marido a autora do segundo relato soube disso após sua conversão, e essa foto acima também depõe nesse sentido.

Mas as aulas são muito boas, não é? Sim, mas quem sabe, talvez, tenha umas coisinhas estranhas lá no meio, talvez umas inversões simbólicas. Logo trataremos disso num capítulo à parte.

Procuremos olhar com olhos poéticos a dinâmica que se estabeleceu a forma como Tales e Luiz Gonzaga interagem e se mostram. Olhando dessa forma, a situação me lembra muito do mito dos gêmeos Castor e Pollux, um dos mitos de que é composto o signo de Gêmeos, inclusive; Pollux era imortal por ser filho de Zeus, Castor, não; este podia morrer, estava associado à Terra, ao peso da existência, enquanto que aquele estava ligado ao céu, era imortal, vivia nas alturas. O Luiz Gonzaga e o Tales compartilham certa semelhança com este mito: Tales está aqui na terra, lida com os meros mortais, sabemos que possui família e o outro, está na Romênia (alguns já sabem que mora no Paraguai, na verdade), naquela distância enorme perante os mortais, é sábio, direciona as pessoas, tem uma aura mística, muitos o consideram o Sócrates brasileiro, um santo. Na real, para um provinciano brasileiro, qualquer coisa um pouco mais elevada é uma amostra de santidade, quando talvez seria o mínimo, e ninguém sabe em que medida esse mínimo é real, pois sempre está pairando naquela distância enorme, inacessível, apenas facilmente acessível aos queridos pelo Tales. Este parágrafo está demasiadamente mítico, mas é assim que percebi: são diferentes e, ao mesmo tempo, muito parecidos.

E claro, essa dinâmica sofreu um pequeno abalo no início de 2021, quando o professor ficou um pouco mais atuante nas redes sociais (a imagem é um compilado feito por mim de uma única postagem, mas há outros exemplos):



A mudança repentina parece confirmar um áudio antigo do Tales em que ele diz:

> E outra coisa: falaram ‘ah não, tem que chamar o Gugu para julgar essas questões, o Tales’, tá, vocês querem que eu chame? Vocês estão pensando que ele é o tira bom e eu sou o tira mau, vocês estão com essa ilusão? Deixa eu avisar uma coisa, eu, eu e o Gugu é assim, ó, o Gugu é o cara com Sol em Áries na 8, eu sou o cara de Sol em peixes na 4, vocês estão pensando que eu sou o tira mal? Vocês querem que eu chame ele? Vocês têm certeza que querem que eu chame ele? Vocês têm certeza? Eu já fiz isso, tá certo? E você não vão querer, acredita em mim, tá certo?

Mas bem, afinal, conhecem-se bem, não é?

No mais, Luiz Gonzaga, sei de pelo menos um caso em que a pessoa queria se tornar católica e você sugeriu-lhe, em consulta particular, que permanecesse na religião à qual já pertencia. Curioso como a ajuda para a pessoa se tornar católica é negada. Já a conversão ao islã será que podemos dizer a mesma coisa?

E outra consulta de uma moça jovem e católica que, buscando a sua ajuda para lidar com a depressão, tudo o que conseguiu foi arrumar-lhe um maridinho entre as fileiras do ICLS?

Ficam as perguntas.

Considerações finais da Parte II

Então, já recebi ameaças, talvez algum hacker pegue alguma conta minha de rede social, mas já há pessoas com o material na íntegra para distribuir na minha ausência.

A Parte 1 desse dossiê foi deprimente, eu bem sei, agora imagine se você estivesse na minha pele ou na pele da autora do segundo relato. A Parte 2 foi ainda mais ou menos, não havia muitas novidades e, pelo visto, aquele e-mail enviado serviu para desviar o foco. Mas, sobre a Parte 3, confesso que será a melhor; vamos analisar alguns o modus operandi geral do ICLS e vamos fazer uma análise da aula “O que é o Pão”. Aguardem.

Parte III - Final

“*São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, sede o nosso refúgio contra as maldades e ciladas do demônio. Ordene-lhe Deus, instantemente o pedimos, e vós, príncipe da milícia celeste, pela virtude divina, precipitai no inferno a satanás e aos outros espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. Amém*” (Oração a São Miguel Arcanjo)

Introdução

Bem, finalmente chegamos ao fim dessa jornada. Um peso e uma responsabilidade que me acompanhavam há anos e que mais e mais se agravavam têm o seu término. Daqui para adiante, sob a luz do Sol, cada um é responsável pelas suas escolhas, já o era, mas havia algo como que uma névoa.

Àqueles que estão tomados pela paixão, com dedos nervosos escrevendo por aí, creio que não haja muito o que fazer; há coisas que só o tempo e a experiência são capazes de mostrar. Aos tristes e desesperançados, diria que em breve tudo isso vai passar — não só eu como alguns ex-alunos já passaram por isso. E aos que já sabiam de algo, dei voz.

O preço disso só o tempo dirá.

Você que está lendo este documento, diante de uma injustiça publicamente feita, seria capaz de pagar o preço do ostracismo social por denunciá-la? Muito mais confortável e gostoso é ter o ego afagado em grupo, não é? Aos que gostam de pôr panos quentes falando de “maledicência...”, “pecados pessoais não se comentam publicamente”, e outras coisas do tipo, informo: Eu já fui à mesquita aqui do Distrito Federal e eu poderia ter sido alvo de espancamento naquela época sem nem saber o motivo por causa de um cara que inventou e espalhou coisas hediondas sobre mim, e que pode muito bem torná-las a repetir, como já o fez, E pode inventar coisas não só sobre mim, mas sobre outros.

Muitas justificativas têm surgido e surgirão, mas não me deterei mais nisso; nem de longe quero fazer disso aqui uma busca sem fim — tenho mais o que fazer.

Parte III - Final

O modus operandi do ICLS

O Instituto Cultural Lux et Sapientia pretende-se um instituto multicultural ou inter-religioso que envolva várias religiões e trabalhe aquilo que muitos chamam de cosmologia tradicional, certo?

Começo perguntando: Quem aí já viu um professor budista ministrando aulas? Quem já assistiu a aula de um judeu no ICLS? Por que vimos a aula de nenhum especialista nas religiões animistas indígenas aqui do Brasil?

Não, não é um instituto multicultural ou inter-religioso, há somente duas religiões tratadas: cristianismo e islã. Curioso, não?

Talvez pudéssemos começar a suspeitar de que há uma infiltração muçulmana no Brasil, mas não, deixemos a idéia de lado... Mas, talvez, quem sabe, fizesse algum sentido sob a luz do que já foi dito?

Continuemos.

Já se vão sete anos acompanhando o instituto e, nesse ínterim, já notei famílias que se dividiram e quase acabaram, conversões e pessoas que chegaram ao ponto de fazer uma consulta com o Luiz Gonzaga ou conversar com o Tales esperando guiamento sobre os menores aspectos da vida. Alguns alunos mais antigos viram a conversão de seus amigos, aquele que um dia estava pedindo referências de catecismo, meses ou ano depois aparece transformado. Mas aqui não é lugar de apontar o dedo, isso é conforme a consciência de cada um, tampouco, ameaço “lançar podres” por aí como o Tales faz. O assunto já deu o que tinha de dar.

Olhemos com olhos aguçados para nós mesmos, alunos do ICLS: sabemos pouco da vida, a grande maioria dentre nós foi criado em cidade grande, estudamos em péssimas escolas, tivemos poucos amigos verdadeiros, aqueles dentre nós criados dentro de uma religião teve formação parca. Não somos, acaso, um prato cheio para qualquer um que se apresente como sábio?

Procurando por um método de abordagem da vida de estudos, se olharmos para o COF, por exemplo, notamos que o professor Olavo está sempre a citar livros de referência em suas aulas, o tema às vezes permanece incompleto, mas não é por uma questão de que o curso simplesmente acabou, é por realizar uma abordagem radial dos temas propostos, cada vez mais elevando o nível da discussão; ou seja, os conteúdos ministrados em aula não têm uma relação intrínseca com o professor, mais com a realidade e com a produção intelectual que faz referência a essa realidade mesma — o famoso status quaestionis. No ICLS o procedimento é diferente: tudo está centrado na figura do professor, e quem quiser se aprofundar em algum tema, precisa de uma consulta pessoal. O professor Olavo quer que o aluno caminhe com as próprias pernas e exerça a sua Inteligência na realidade, já no ICLS, não, procuram estabelecer uma relação entre professor e

aluno (mestre e discípulo?) deixando a bibliografia bastante de lado, quando não, desdiz dela. Naqueles cursos antigos, ainda havia um remanescente de bibliografia, mas hoje, o que há senão a necessidade de marcar uma consulta para se aprofundar num tema?

Faço o COF desde 2013 e muitas vezes o professor Olavo contou a história da tariqa do Schuon e detalhou que ele era muito inteligente para tratar dos temas no seu nível mais alto, porém era bem burrinho para o direcionamento pessoal que pretendia. Com o ICLS, parece-me que a situação se inverteu: eles se utilizam muito de direcionamento pessoal da vida dos alunos, e o conteúdo sempre está naquela alta esfera sutil da existência, simbolismo, significados, ritos — e sempre tudo meio incompleto, com cursos pela metade, áudios péssimos, material faltando, livros de referência não são citados — quase como uma isca para os incautos que, por uma inclinação natural, têm interesse nessas áreas do conhecimento.

E, cá entre nós, quem acompanha o professor Olavo sabe o quanto ele já advertiu do risco das tariqas e da influência muçulmana, não foi nem uma, nem duas, nem três, foram algumas dezenas de vezes. Ele fez a parte dele, nós é que não o ouvimos — sim, coloco-me entre os que erraram e a autora do segundo relato também admite.

Não só o ensino é centrado no professor, como em muitas aulas sempre são utilizadas alguns argumentos de autoridade (que nunca são citadas com nome) como “Já conversei com um monge muito santo, e ele disse isso” “Conheci bispo comunista que pegava o dinheiro do dízimo e financiava a guerrilha” “Está lá no Código do Direito Canônico que a missa é sacrílega se...” ou, quando um aluno faz uma pequena objeção sempre tem o clássico “Ah, eu conversei com um monge muito santo e aprendi isso, e você aprendeu isso de quem?”. Obviamente, o aluno se cala.

Curiosamente, quando um aluno procura ter uma referência bibliográfica, logo é taxado de legalista ou coisa do tipo, como aconteceu tempo desses no grupo do Telegram quando um aluno tentou verificar a lista do que seria sacrilégio no Código de Direito Canônico.

O próprio fato de os conteúdos ministrados pelo ICLS serem bastante sublimes, simbólicos e rarefeitos é bastante significativo:

Não me aprofundarei ainda aqui (será no próximo capítulo), mas o peguemos como exemplo a aula sobre o pão; muitas religiões têm o jejum, a esmola e a oração como práticas (até o longínquo budismo) falar sobre o simbolismo do pão ou pode encaixar-se nas mais várias religiões.

Façamos aqui uma pequena analogia da fé católica com o corpo humano: nosso corpo é composto de partes gradualmente grosseiras, há o ar nos nossos pulmões que nunca se esvaziam, os tecidos moles, os órgãos, os músculos e os ossos, a última coisa a se desfazer num cadáver. Para que o corpo bem funcione, são necessárias todas estas partes, mas fornecer apenas simbolismo e demonstrar certo desprezo para com o Catecismo ou o Direito Canônico, é como ter bons pulmões ou um cérebro que funcione bem, mas não ter ossos: não há como ficarmos de pé, tornamo-nos uma massa amorfa que pode ser facilmente manipulada. Por isso o ensinamento da fé dada aos pequenos começa pelo Catecismo, saber recitar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, saber que a Missa é o sumo sacrifício de Deus que nos ama, fazer um sinal da cruz em respeito a um lugar religioso, e por aí vai, primeiro recebe o básico e depois parte-se para as áreas mais sutis do conhecimento.

A formação religiosa da maioria que entra em contato com o ICLS é, no mínimo, deficitária, e então, repentinamente, descortina-se um vasto mundo de símbolos, é o pão, é o fogo da tradição, é ser piedoso, sem nunca ter parado e lido uma sentença do Catecismo. Graças a Deus, fez parte da minha conversão o material do Pe. Paulo Ricardo, então sempre pude, mesmo embebido em tanto simbolismo, pôr os pés no chão.

Quantos não abandonaram seu fervor religioso em favor de pesquisar sobre seres sutis?

Há o desenvolvimento de uma imaginação hipertrofiada ou, nos termos do curso sobre Antropologia Escolástica (que de escolástica só tem o nome), poderíamos dizer que é um excesso de Lua. Sentar a bunda na cadeira para aprender latim ou grego é muito difícil, relações sintáticas complicam muito a nossa vida; Literatura Clássica para quê? Mais fácil ler literatura infanto-juvenil do que gastar 1h para entender alguns versinhos de Virgílio ou Horácio. Gramática? Retórica? Dialética? Não, mais fácil pegar alguns símbolos dispersos por aí e ficar viajando na maionese.

Algumas pessoas poderão perguntar: Mas isso não é coisa de que a pessoa tem de correr atrás? Se o foco escolhido por eles for uma coisa, o que eles podem fazer? A formação humana integral que eles pretendem, dando aulas inclusive sobre relacionamentos e sobre literatura, deveriam integrar — ou, ao menos, ser sugeridos — esses conteúdos mais básicos: se você não entendeu uns versinhos de Camões, que é muito mais simples, o que o faz pensar que consegue entender, manejar e compreender as demais coisas a partir de um símbolo?

Claro, atualmente temos o campo oposto se formando no Brasil, pessoas que se apegam à letra do Catecismo, ao rito extraordinário em latim que dizem ser “A Missa de sempre” — sem saber que antes da instituição do rito gregoriano, havia muitos ritos diferentes só na Europa —, aos vestidos compridos e aos ternos e esquecem-se das partes mais sublimes, mas rad-trads — ou fari-trads, hehe — não são o assunto aqui. E tal ação é como um corpo sem ar, sem espírito — a letra mata, mas o Espírito vivifica.

Pense, leitor, quem mais ensina simbólica no Brasil? Vai, pense.

Difícil pensar fora do ICLS, não é?

Adianto alguns: o Oleniski há 14 anos mantém um blog em que trata do tema. Também há o André Muniz, o popular “Arya”, que tinha um blog e agora migrou para o YouTube, budista e maçom declarado. “Ah, Léo, mas ele é maçom!”, certo, mas pelo menos é declarado. “Ah, Léo, mas ele é budista!” sim, declarado, ele assumiu uma posição clara. Tem treta no meio? Não sei. Eu não estou aqui dizendo para você leitor eleger outra espada do discernimento infalível, apreenda o conteúdo e não se apegue à figura. Enquanto o ensino depender mais da figura do professor do que da realidade e da aplicação da sua própria inteligência, você estará sujeito às tempestades.

Eu nada teria a escrever caso, desde o início, as cartas já estivessem na mesa, “somos muçulmanos e ensinamos isso aqui no nosso instituto, seguimos a tradição tal, estão aqui os livros e o valor é tanto”. Por que camuflar algo tão nobre quanto uma religião? Por que segredinhos? Por que se aproveitar da vontade das boas pessoas em ajudar? Já pensaram que coisa feia seria um cristão fazer tal ato num país muçulmano? Eu teria vergonha.

Acerca dos professores e conferencistas do ICLS, desconheço as relações, e nem faço questão de conhecer. Muitos parecem-me ser muito gente boa e talvez tenham entrado de gaiato na história. E como já disse anteriormente, há muitas coisas interessantes por lá, mas quem é capaz de separar o joio do trigo?

E com quem mais aprender cosmologia?

Pesquisem pelas aulas antigas, pesquisem pelas bibliografias antigas de Luiz Gonzaga, e o que encontrarão lá? Basicamente Aristóteles, Liber de Causis, Plotino. Será que não há mais lugares para estudar Aristóteles? Já experimentou pesquisar pelo professor Victor Sales Pinheiro? Professor Sidney Silveira? Já viram os livros da Polar Editora? Há muitas pessoas e material nesse meio.

E língua portuguesa, o quanto você realmente sabe?

Análise do conteúdo

Creio que neste documento já está suficientemente descrita a problemática dos dois principais articuladores do ICLS, Tales e Luiz Gonzaga. Também, creio que esteja suficientemente detalhado as circunstâncias dos alunos e o modus operandi adaptado para a circunstância brasileira. Resta-nos, fazer uma análise detalhada do conteúdo ensinado.

Muito se fala (e principalmente, se ri) de que “como assim os professores do ICLS querem islamizar o Brasil ensinando-nos a sermos bons cristãos?”. Pois bem, ensina-se corretamente os símbolos a estes cristãos? Quantos, dentre estes cristãos, não estão subjugados a autoridade de Tales e de Luiz Gonzaga? Não se trata, tão somente, de uma conversão, mas também de colocar sob a sua autoridade uma série de cristãos que estão por aí ganhando mais e mais respeito diante da comunidade. Martin Lings não precisou proclamar nas praças para islamizar a Inglaterra, precisou, tão somente, da família real, o restante do país está sendo mera conseqüência.

Analisarei a aula “O Que é o Pão”, que foi um marco ao longo do tempo de vida do ICLS. Outro motivo para analisar esta aula é que ela é, para a massa de alunos do ICLS, o motivo da treta com o Italo Marsili (sei que não é, o problema é bem mais embaixo, mas sigamos).

Farei um breve resumo para que confirmemos que não estou criando um espantalho e, em seguida, tratarei de pontos específicos:

Em primeiro lugar, devemos procurar Missas sem sacrilégios (é esta a palavra usada por ele ao longo da aula). E Luiz Gonzaga acrescenta (daqui para baixo as citações são da aula sobre o Pão):

> “Se alguém frequenta a missa no domingo, o seu dever é procurar por uma missa válida o dia inteiro. Se alguém procurou o dia inteiro e não achou nenhuma, então essa pessoa cometeu apenas um pecado venial. Essa é a lei, é assim que funciona. Isso dá trabalho? Claro que sim, mas queremos o Céu, a felicidade eterna, e não queremos ter trabalho ao menos uma vez por semana? Uma vez por semana é muito pouco!

Numa Missa válida recebemos trigo espiritual que, nas palavras ditas por ele, “em termos técnicos, em linguagem jurídica da Igreja, se chama graça santificante”. E se a Missa for inválida, o trigo vem com veneno.

E Luiz Gonzaga acrescenta: “E também devemos ser sensatos e prudentes como serpentes. O que é uma pessoa sensata e prudente como uma serpente? Quando encontrarmos uma missa em que recebamos trigo limpo, não devemos parar de procurar outras missas limpas”, O número, ao longo

da aula, varia de vinte à duzentas missas (e claro, considero que há um fundo hiperbólico neste número).

O segundo passo é moer este trigo que significa o esforço constante e cotidiano e, também, a intenção de a pessoa praticar a religião até a morte.

O terceiro passo é acrescentar água à farinha, ato relacionado ao jejum, pois, da mesma forma que a água reúne a farinha, a fome reúne todos os desejos em um único desejo: o de alimento. Resistindo ao desejo de alimentos, é como se resistíssemos aos demais desejos reunidos na fome.

O quarto passo está relacionado ao ato de sovar a massa, em que, através do esforço, acrescentamos ar à mistura. Tal passo está relacionado com a constância na oração, pois "sopramos" sobre esta massa. Luiz Gonzaga acrescenta:

> Ter uma religião é ter de fazer essas coisas. E, fazendo isso, a religião recebe o Espírito de Deus. A palavra espírito significa ar, e é esse ar que fará com que a nossa massa cresça e fique macia. Se não fizermos isso, o que acontece? Nosso pão ficará duro como pedra e se não poderá ser comido.

O quinto passo está relacionado com o elemento fogo, quando pomos o pão para assar. O fogo retira o excesso de água do pão (os desejos reunidos anteriormente), expande o ar e transforma aquela massa em alimento verdadeiramente humano. Assar o pão está relacionado com o ato de dar esmolas, em que retiramos o nosso "excesso" (nossos desejos e assemelhados) ao ministrar esmola àqueles que precisam.

Luiz Gonzaga ressalta a importância de que desses três desses três últimos atos sejam feitos em segredo, pois assim, Cristo recompensa em segredo. Curiosamente, durante a aula, é dito "*Agora, honestamente, aqui temos pessoas que se dizem católicas, pessoas que se dizem evangélicas e pessoas que se dizem ortodoxas, mas a realidade é que ninguém de fato tem religião. Quem é que jejua em segredo aqui? Ninguém!*". Mas como ele vai saber disso se é para fazer em segredo? Continuemos.

E depois continua: depois de cinco anos praticando consistentemente, seremos "padeiros", nos alimentamos de pão espiritual, ficamos fortes, nosso cônjuge e filhos terão religião, pois se alimentarão de pão. Esse é o primeiro estágio da vida cristã e, se não cumprirmos nem isso, os Santos, ele cita Santo Antão, nos bateriam a porta na cara. Felizmente Santo Ambrósio nunca fizera isso com Santo Agostinho, situação na qual, parece ter sido o contrário.

Segue-se a aula com algumas sugestões de jejum e orações e começa a introdução do vinho:

> como dissemos, fazer o pão é o estágio inicial da vida cristão, e quem quiser alcançar a santidade deverá aprender também a fazer o vinho. Por quê? Porque

> não há consagração, não há Eucaristia, não há o Verbo de Deus encarnado para nós sem o pão e sem o vinho. Se perguntarmos a um padre se é possível fazer a consagração somente com o pão ou somente com o vinho, ele nos dirá que isso não é possível. Assim é com a nossa alma. Se ela não produzir esses dois materiais, nunca será transformada em Jesus Cristo. Sem isso, nunca poderemos dizer o que disse São Paulo: 'Não sou eu mais quem vivo, é o Cristo quem vive em mim'.

Há um ponto bastante importante em seguida sobre "devemos ajudar os piedosos. Devemos 'comprar' esses amigos com o dinheiro da iniquidade", no qual nos é advertido que ajudemos aqueles que sabem fazer pão, mas passam por necessidades financeiras. Segue um trecho muito bonito:

> "O interessante sobre isso é que o próprio Cristo vivia de esmola! Então, quando ajudamos essas pessoas, é como se tivéssemos ajudado o próprio Nosso Senhor Jesus. E, se pensarmos bem, não fomos nós que O ajudamos, mas sim nós que fomos ajudados, pois ganhamos em troca uma coisa de valor imensamente maior!

E acrescenta:

> "Não gostamos de ajudar os piedosos, porque eles não afagam o nosso ego. Quando os ajudamos, eles não nos dizem: "Caramba, como você é maravilhoso!". A única coisa que nos dizem é: "Obrigado.". Um simples "obrigado". Por que isso? Pois eles são melhores do que nós, e seria uma falsidade para com Deus que se colocassem numa posição inferior a pessoas que são piores do que eles. No momento em que agradecem a ajuda que receberam, é muito possível que pensemos: "Ele nem me agradeceu direito!". Mas o que estávamos esperando? Uma medalha, um brilho nos olhos e uma massagem no nosso ego? Tenha santa paciência! Nós é que saímos ganhando nessa troca!

No decorrer da segunda aula esse ressalta a questão da Graça Santificante:

> "O trigo é aquilo que tecnicamente, em Teologia Católica, chamamos de Graça Santificante; ele é a Graça que recebemos e que vem nos sacramentos. A Graça é como um trigo que ficou em nossa alma. Esta era uma terra vaga e vazia na qual Deus despejou Sua luz. A Graça despejada é um alimento que Ele entrega a

> nós. Só que temos de pegar e elaborar esse alimento. Porém, devemos notar que Cristo não chega para os apóstolos, pega um monte de trigo e diz “esse é meu corpo”, não pega um monte de uvas e diz “esse é meu sangue”. Esse trigo e essas uvas já foram elaborados pela ação humana. Para que cheguemos a Deus – e não estamos falando de desaparecer em Deus, mas em formar uma unidade com Ele – temos que cooperar. Isso é o que, também em Teologia Cristã Tradicional, chamamos de sinergia ou cooperação: um trabalho cooperativo entre o homem e Deus. [...]
>
> Os sacramentos são sinais visíveis de graças invisíveis: essa é definição católica mais básica, que também vale para a Igreja Ortodoxa, e que, em última análise, também vale para as igrejas protestantes – embora estas últimas não tenham todos os sacramentos católicos e ortodoxos, elas têm alguns sacramentos e atividades sacramentais. A leitura coletiva do Evangelho, por exemplo, é uma atividade sacramental. Se fizerem isso juntos, pensando em Jesus Cristo e com a intenção de cumprir o Evangelho: “Onde houver dois ou três reunidos em Meu nome, Eu estarei lá”. É Ele quem está dizendo que enviará a Graça sobre tal grupo. Claro, isso não é um sacramento no sentido estrito, mas é uma atividade sacramental. É uma maneira que Ele mesmo indicou, e, se assim fizermos, Ele nos dará a Sua Graça.

Na segunda aula muitos dos temas são retomados, mas acrescenta algo novo:

> “Devemos lembrar que muito antes do Cristo fazer isso, Deus-Pai também ensinou o homem a fazer pão. Quando Adão caiu do Éden, o que Deus lhe disse? “Ganharás o teu pão com o suor do teu rosto”. Ou seja, a partir daí o homem teria que comer pão, e este seria um alimento que ele sozinho teria de produzir, enquanto no Éden não havia essa necessidade de trabalhar e de produzir o próprio alimento. [...]
>
> Também é por isso que, se não fizermos pão, não temos religião, porque o pão é o alimento para o ser caído. Se ele está caindo, ele precisa de um alimento que é enviado pelos Céus e sobre o qual terá de colocar o próprio esforço e suor. E é esse alimento que segura o movimento da queda.
>
> Essas duas imagens correspondem exatamente àquilo que o Cristo fala para o jovem rico. Este pergunta para Aquele: “Senhor, como faço para obter a salvação?”. Jesus diz: “Faça isso, isso, isso e isso”. Ao que o jovem responde: “Ah! Senhor, já faço isso desde a juventude!”. Então Cristo replica: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e depois vem e me segue”. Se alguém então quer vinho, então “vai, vende tudo que tens, dá aos pobres e depois vem e me segue”. O vinho só será dado a quem largou o mundo e entrou solitário numa arca; depois da tormenta, a essa pessoa será dado um

> novo mundo no qual ela aprenderá a vinicultura. Isso quer dizer o quê? Que o pão é um dever de todos, ou seja, todo mundo deve escapar do Inferno. Por que é um dever de todos? Porque isso é uma necessidade universal. Se não o fizermos, pior para nós. Deus, quando deu o pão a Adão, disse: “Você é um pecador e acabou de inventar o pecado, mas ainda assim te dou o pão, e você vai ter que fazê-lo, porque se não o fizer morrerá de fome”. Já o vinho não, ele é um extra, digamos assim. O vinho é dado na circunstância contrária: é para o sujeito que se separou completamente do pecado e entrou numa arca apertadinha após perder tudo.

E sobre o efeito do vinho acrescenta:

> “Mas por que isso é assim? Bem, para sabermos isso, temos que nos remeter mais uma vez ao simbolismo do vinho. Qual é a sua característica? Qual é o efeito do vinho em quem o bebe? Imaginemos que um sujeito saiu do trabalho muito bravo e quer brigar com a esposa, e que antes de voltar para casa ele passa no bar e enche a cara. O que ele fará em seguida? Ele voltará para casa e baterá na esposa. Agora, imaginemos outra situação: uma pessoa está muito triste, deprimida e frustrada. Se ela encher a cara, o que acontecerá? Ela certamente irá chorar. Uma última situação: um indivíduo está muito contente e quer festejar, mas está com vergonha. Então ele enche a cara. O que acontecerá? Ele festejará.

E expressa a quem é dado o vinho:

> “o vinho só pode ser concedido para alguém que sofreu uma profunda transformação espiritual. A partir do momento em que as paixões, representadas pela humanidade do tempo de Noé, representam as paixões humanas, são eliminadas, só então é possível que se revele o que está dentro do sujeito, porque nele sobrou apenas aquilo que é de natureza excelente.

Algumas explanações e detalhes importantes seguem, até que chegamos à explicação do que seria o reino. Cesso o resumo e citações aqui para nos concentrarmos em alguns poucos pontos: Graça Santificante, Pão e Vinho.

Dividirei esse estudo em duas partes: (1) O efeito geral do que aconteceu e (2) análise dos símbolos.

Ponto 1

Após o lançamento desta aula aconteceu uma correria atrás do trigo limpo. Alguém bateu palmas no Glória ou levantou o folheto? Corre dessa Missa. Chegou e tem aquele folhetinho azulado da Diocese? Saia. Viu um instrumento de percussão? Corre que satanás está lá. Violão? Fique a postos para sair de lá, conforme o tocarem.

Sacrilégio aqui, sacrilégio acolá, sacrilégio em todo lugar.

Só pode trigo limpo, absolutamente limpo.

Muitos começaram a desdizer de suas paróquias que há anos freqüentavam. Uma onda “puritana” varreu o ICLS, começaram a se movimentar para criarem listas de trigo limpo. Os alunos chegaram aos extremos de manifestarem que mesmo em capitais estaduais não havia trigo limpo. Um exemplo que vi recentemente é um aluno que disse que a única liturgia em Curitiba possível é em uma igreja ortodoxa, sob a condição de ser a menos ruim.

Numa breve procura no Google, descobrimos que há na Arquidiocese de Curitiba 142 paróquias divididas em 11 municípios. 142 paróquias e nenhuma presta? E o que resta de “menos pior” é uma paróquia ortodoxa?

Pare por um momento e pense: Algumas paróquias têm dois ou mais sacerdotes que podem ter modos diferentes de rezar, chutemos um valor baixo de paróquias com dois sacerdotes, imaginemos que totaliza 200 opções só dentro da Igreja Católica. Se alguém for de paróquia em paróquia (em algumas duas vezes pois há dois sacerdotes) num ritmo de 4 missas por semana, (o que é difícil, pois a missa de terça-feira pode ser muito diferente da de domingo), levaria 50 semanas, um ano, só para conhecer uma única Missa por sacerdote. Uma! Nem vamos considerar uma cidade como São Paulo que tem 307 paróquias católicas (nem falo das ortodoxas).

O que foi primeiramente observável (e que algumas pessoas notaram e comentaram nas redes sociais, quando foram execradas) foi um forte movimento de soberba, pois o “fiel” colocava o pé na paróquia como se fosse o Tribunal do Santo Ofício verificando a lista de conformidade.

O segundo ponto, muito bem observado por alguns, é que é muito difícil ser católico e achar uma Missa com “trigo limpo”. Criou-se uma tensão na alma dos alunos do ICLS: É **muito difícil** achar trigo limpo.

Sinto-lhes informar, mas essa tensão foi propositalmente incutida na aula. Não foi esticada uma “régua” para medir pequenos problemas irrelevantes da Missa, para os médios e daí sacrilégio. Resultado: Um violão ritmado tem a mesma classificação de levar a Eucaristia para um rito satânico, afinal, “é tudo sacrilégio, corre de lá!”.

Ensinam-nos dificuldades para vender facilidades. Ou melhor, centrarem em si o cuidado das almas. Como já foi estudado neste documento, quantos aqui não tem Luiz Gonzaga como fonte de confiança para lidar com esses assuntos? Quantos talvez não foram ao mestre (guru) para receber guiamento e ouvir “olha, o islã tem menos problema com isso, porque cada homem é sacerdote”? De qualquer forma, como já expresso aqui, também, o importante é manter a autoridade perante os demais e subjugá-los.

Alguns dizem que a aula “Como não destruir a sua religião” combate a soberba acima expressa, mas não, ela trata de um outro tipo de soberba, mais exatamente, a soberba do religioso de uma religião perante as demais religiões ou de seus irmãos mais próximos e do conflito entre diferentes civilizações. Curiosamente, Luiz Gonzaga novamente põe na conta de salafistas as críticas dos muçulmanos aos ensinamentos cristãos, quando, na verdade, está literalmente expresso no alcorão uma série de críticas que, muito provavelmente, as mais diversas escolas de interpretação subscrevem (tenho de dizer muito provavelmente porque o islã é uma bagunça). Ademais, este documento não seria possível vir à existência sem a ajuda de ortodoxos.

Outro ponto que merece destaque é que nessa “peregrinação em busca da Missa perfeita”, não há tempo para conviver na paróquia e identificar aqueles que “fazem pão e vinho”. Se alguém tem de conhecer umas 10 missas de trigo limpo e constantemente estar monitorando e talvez mudando de paróquia, que convivência haverá com seus irmãos? Logo, quem resta na lista de pessoas piedosas entre os alunos do ICLS?

Oh, que coincidência! Sobra na memória de um aluno do ICLS Tales e Luiz Gonzaga na lista de pessoas piedosas, vamos ajudá-los a pagar as contas! E se eles disserem apenas um “obrigado”, é assim mesmo, pois eles são melhores do que nós (será que eles podem pisar em nós também?).

Na espiritualidade cristã, isso soa muito estranho — alguém por acaso se lembrou do lava-pés ou do trecho “*quem quiser ser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve*”? —, mas **no conceito de mão de cima e mão de baixo islâmico**, no qual sempre temos de saber quem está acima e quem está abaixo, **isso soa muito correto**.

Parem por um momento e vejam os documentários de São Païsios (disponível no Link e Link. Notem como o santo recebia as pessoas, mesmo estranhas, abraçava-lhes de todo o coração e, diante de um sacerdote, inclinava-se de todo o coração. Acaso ele parece-se com o piedoso descrito pelo ICLS?

Creio que até aqui o ponto 1 já esteja suficientemente demonstrado. Vamos ao ponto 2.

Ponto 2 – Análise dos símbolos

Então vamos na Missa buscar trigo, de preferência limpo, que é Graça Santificante, com a prática constante (a pedra de moinho) nós “moemos” o trigo com o Jejum (água) nós juntamos a farinha e o fogo da esmola a assa. E depois temos um trigo que passou pelos processos humanos e se tornou alimento verdadeiramente humano.

Dito de outro modo, já que trigo é Graça Santificante, com a prática constante (a pedra de moinho) nós “moemos” a Graça Santificante, com o Jejum (água) nós juntamos a farinha de Graça Santificante e o fogo da esmola assa a massa de Graça Santificante. E depois temos uma Graça Santificante que passou pelos processos humanos e se tornou alimento verdadeiramente humano. Mas comungar do Cristo não é comungar do pão vivo descido dos céus?

Opa, aí a caixa de marchas começa a arranhar um pouco. Você que está lendo consegue notar? A algumas páginas atrás mencionei que “o simbolismo do pão ou pode encaixar-se nas mais várias religiões”, sim, pois o símbolo do pão ainda está no nível do simbolismo natural e humano. Nós, seres humanos, vivemos e somos ponte entre o material e imaterial. No início da aula até parece fazer algum sentido identificar trigo com Graça Santificante, mas, no prosseguir da aula, símbolo e simbolizado aparentam ter uma desconexão, quando mudamos os níveis, essa mudança arranha a inteligência.

Adão fazia pão e ele tinha Graça Santificante. Ele ia à Missa todo domingo e comungava da Eucaristia? Mas ele não cometeu o Pecado Mortal por excelência? Responda.

Afinal, o que é Graça Santificante? Você leitor, que provavelmente passou anos atrás de trigo limpo, já abriu o Catecismo para pesquisar o que é Graça Santificante ou pesquisou pelo tema no site do Padre Paulo Ricardo?

Casos pressionemos CTRL+F no Catecismo que é disponibilizado pela internet e procuremos por graça simplesmente, a terceira opção que nos aparece é esta:

> “A terceira parte do Catecismo apresenta o fim último do homem, criado à imagem de Deus: a bem aventurança e os caminhos para chegar a ela: mediante um agir reto e livre, com a ajuda da fé e da graça de Deus (Seção I), por meio de um agir que realiza o duplo mandamento da caridade, desdobrado nos dez Mandamentos de Deus (Seção II) (Catecismo nº 16)

Já notamos que com a ajuda da Graça de Deus e da Fé, mediante um agir reto e livre chegamos à bem aventurança. Mas o que é a Graça? Para isso temos o Catecismo nº 1996 que diz:

> Nossa justificação vem da graça de Deus. A graça é favor, o socorro gratuito que Deus nos dá para responder a seu convite: tomar-nos filhos de Deus, filhos adotivos participantes da natureza divina, da Vida Eterna.

Ou seja, não é de nossa natureza nem nos pertence e nem podemos fazê-la por merecer, a Graça é um dom de Deus:

> A graça de Cristo é o dom gratuito que Deus nos faz de sua vida infundida pelo Espírito Santo em nossa alma, para curá-la do pecado e santificá-la; trata-se da graça santificante ou deificante, recebida no Batismo. Em nós, ela é a fonte da obra santificadora. (Catecismo nº 1999)

Neste ponto começamos, nós católicos, começamos a diferenciar Graça Atual de Graça Santificante. Pe. Paulo Ricardo diz na aula "O que é Graça Atual" no curso *Catecismo para Adultos* o seguinte:

> A Graça atual Deus está oferecendo a todos os homens muitíssimas vezes durante a sua vida, várias vezes por ti [...] diferentemente da Graça Santificante, a Graça Atual está sendo oferecida a todos os homens sempre. Jesus — sim, Ele Nosso Senhor — está no coração de todo ser humano a todo o momento oferecendo um convite, falando conosco o tempo todo, mas a humanidade boboca não presta atenção, mas Ele atua [...] Jesus envia o Espírito Santo e Ele atua na Inteligência e na vontade. [...] A Graça Atual é uma intervenção de Deus na vida da pessoa onde Deus ilumina a inteligência e convida a vontade.

Para saber mais sobre Graça Atual, assinar o site do Pe. Paulo Ricardo é muito recomendável; no prosseguir da aula ele fala da atuação pontual, mas, também, na possibilidade de Ele permitir desgraças se for para um bem maior — qualquer semelhança com o ICLS não é mera coincidência. E também há bons livros: procurem por O Grande Desconhecido do Fr. Royo Marín ou por *Las Tres Edades de la Vida Interior* do Fr. Garrigou-Lagrange.

Já Graça Santificante o Catecismo nos diz:

>

> A graça santificante é um dom habitual, uma disposição estável e sobrenatural para aperfeiçoar a própria alma e torná-la capaz de viver com Deus, agir por seu amor. Deve-se distinguir a graça habitual, disposição permanente para viver e agir conforme o chamado divino, e as graças atuais, que designam as intervenções divinas, quer na origem da conversão, quer no decorrer da obra da santificação. (Catecismo nº 2000)

Então já sabemos algumas coisas acerca da Graça Santificante: é um dom de Deus recebido no Batismo e perdura no ser humano enquanto ele não cometer um pecado mortal, pois, conforme o Catecismo nº 1861 "*O pecado mortal é uma possibilidade radical da liberdade humana, como o próprio amor. Acarreta a perda da caridade e a privação da graça santificante, isto é, do estado de graça*".

O quanto podemos realmente manipular e alterar um dom de Deus? Na verdade, não é alguma coisa que, muito mais, age sobre nós e não nós sobre ela? Não são as coisas do alto que dão forma às coisas de baixo? Ficam as questões em aberto por enquanto.

Outra questão muito importante: Como a Graça Santificante pode vir suja? O Pe. Paulo Ricardo no curso Catecismo da Igreja Católica – Sacramentos ficamos sabendo que no Sacramento da Confissão não acontece que o pecado é simplesmente apagado, na verdade, há um influxo da Graça que, por sua vez, tira o pecado, ou seja, a Graça não pode conviver com o pecado.

O mesmo repete-se na Eucaristia, com a qual, quando comungamos, nossos pecados veniais são perdoados. Acerca dos tipos de pecado e da dinâmica de atuação o Catecismo é bastante claro:

> O pecado mortal destrói a caridade no coração do homem por uma infração grave da lei de Deus; desvia o homem de Deus, que é seu fim último e sua bem-aventurança, preferindo um bem inferior.
>
> O pecado venial deixa subsistir a caridade, embora a ofenda e fira. O pecado mortal, atacando em nós o princípio vital, que é a caridade, exige uma nova iniciativa da misericórdia de Deus e uma conversão do coração, que se realiza normalmente no sacramento da Reconciliação. (Catecismo nº 1855 e 1856)
>
> O pecado venial enfraquece a caridade; traduz uma afeição desordenada pelos bens criados; impede o progresso da alma no exercício das virtudes e a prática do bem moral; merece penas temporais. O pecado venial deliberado e que fica sem arrependimento dispõe-nos pouco a pouco a cometer o pecado mortal. Mas o pecado venial não quebra a aliança com Deus. É humanamente reparável com a graça de Deus. "Não priva da graça santificante, da amizade com Deus, da caridade nem, por conseguinte, da bem-aventurança eterna." (Catecismo nº 1863)

Se pelo influxo da Graça Santificante em uma Confissão, o pecado é expulso, e se quando comungamos em Estado de Graça, nossos pecados veniais são perdoados, como o trigo espiritual, a Graça Santificante pode vir suja? Como é possível a existência de Graça Santificante envenenada?

E agora? Notaram uma desarmonia entre os elementos? Os tijolos não estão bem assentados, há uma corda desafinada, a caixa de marchas está arranhando. Como assim nós moldamos um dom de Deus? Mas não somos nós o barro na mão do Oleiro? Não é a Graça que age sobre o natureza?

Se ter a correta cosmovisão é tão importante no exercício da religião, por que ensinam-nos as coisas dessa forma?

Considerações Finais da Parte III - Final

Chegamos ao fim. Fiz o que tinha de ser feito. Falei o que tinha de ser falado. Agora tudo que gostaria é um pouco de paz — o que talvez seja um pouco difícil nessa circunstância.

Antes do fim, gostaria de deixar uma sugestão de sistema simbólico, informo que não passa de um rascunho mal feito:

Olhem para a Santa Missa e verão duas partes, Liturgia da Palavra e o Rito de Consagração. Escutamos o Evangelho e levamos pão e vinho para serem ofertados para serem consagrados pelo sacerdote in persona Christi para Deus.

No Antigo Testamento havia três tipos de sacrifícios: (1) holocausto no qual tudo era queimado e ofertado a Deus em sinal de louvor; (2) sacrifícios pacíficos no quais metade era queimado a Deus e a outra metade era alimento para os homens (simbolizando a manutenção da força dos homens nos caminhos de Deus); e (3) o bode expiatório, nos quais os sacerdotes impunham sobre um animal, geralmente um bode, os pecados deles e da comunidade e o largavam para morrer no deserto.

Nosso rito, tanto católico quanto ortodoxo, é a perfeição desses três simultaneamente: (1) Louvamos a Deus; (2) Pela comunhão recebemos a Graça Santificante; e (3) Cristo redimiu nossos pecados perfeitamente.

A Graça vem pela carne de Cristo, não pelo trigo, nós já comemos o pão **vivo** descido dos céus. O que fazemos em todas as Santas Missas é um sacrifício de Abel, o mais agradável a Deus. Há uma hierarquia, trigo é natural, pão é humano, mas quem transforma em corpo e sangue de Cristo, um símbolo divino, é Deus.

Trigo, parece-me ser, a Palavra, a Boa Nova, o Evangelho. Muitos santos ao escutar uma pequena frase e elevaram-na a um estado de perfeição. Temos de plantá-la na terra fértil (sem espinhos e sem pedras, prática da virtude) de nosso ser, que deve ser arada (ar, oração), a terra deve ser úmida de amor (água, jejum) e deve receber a Luz do Sol, a Graça Santificante habitual no estado de Graça, o fogo, a esmola. O Sol é o símbolo por excelência de Deus (O Sol de Justiça, o centro, e o Espírito Santo desce, assim como a luz do Sol desce sobre nós.). Vem o maligno e planta joio. Estamos tentando cultivar a palavra, guardamos ela, e temos de fazer frutificar, plantamos a semente na terra do nosso interior, mas uma terra adequada (com ar, se formos muito dura, como na estrada, a palavra não se desenvolve) devemos ser amorosos para com ela (água, sentimos falta de algo na secura do jejum) e cresce com a ajuda da Graça Santificante (a luz do Sol). Só na

colheita separamos o joio do trigo, é a Confissão: O que eu fiz de bom? O que fiz de ruim? O que deve ser queimado?

A prática da Confissão renova o ciclo, agora armazenamos os bons grãos, nossas boas ações (o agir reto e livre) e queimamos o joio plantado pelo inimigo à noite. Pela prática do pão, moemos o trigo, (nossas virtudes são conquistadas a duras penas e um simples desvio pode pôr tudo a perder), novamente juntamos o trigo com a água, depois sovamos o pão (ar) depois pomos no forno (o fogo do Espírito Santo que desceu sobre os apóstolos sob a forma de línguas de fogo e hoje sopra sobre nós para manter a chama acesa), o excesso sai, a esmola. E pronto, temos pão para oferecer no altar. Pão é uma vida plenamente dirigida e orientada a Deus, que por sua vez, é oferecida no altar. Em vez de irmos buscar trigo e ficarmos julgando cada detalhe, estamos oferecendo a nossa miserável vida.

Trigo vira Pão, que vira Carne que, por sua vez, é o nosso alimento. Cuidado de quem nos afasta do alimento mais necessário.

Na falta de pão ou vinho, Cristo nunca nos deixou na mão — vide as Bodas de Caná, a multiplicação dos pães (em que, de poucos pães, Cristo saciou a fome de todos), "*eis que estarei convosco todos os dias até o final dos tempos*" e a Comunhão dos Santos.

Cristo é o Logos, o arquétipo dos arquétipos, a estrutura do ser, é a partir do Todo que conseguimos entender as partes, talvez por isso que as outras religiões podem ser entendidas à luz do cristianismo, mas será que as outras religiões podem entender o cristianismo? Que outra religião possui um sacrifício de carne feita pelo próprio Deus?

Algumas perguntas ficam, mas isso é o natural.

Isso é tão somente um breve rascunho, mas talvez ajude algumas pessoas a repensar.

No mais, cuidado com aquilo que presumirem de mim, pois pode ser meramente fruto da imaginação reforçada por um meio social restrito, na verdade, este documento nem foi feito para isso, foi produzido para a consciência de cada um individualmente. Nada do que foi escrito aqui se resume a dicotomias baratas: *gosto x não gosto*; *a favor x contra* ou *meu time x seu time*. Eu mesmo nutro grande apreço por alguns rabinos, cristãos ortodoxos e protestantes, budistas e — por que não? — muçulmanos.

Encerro aqui e informo que retornarei ao meu habitual silêncio pelas redes sociais em breve. Obrigado.

E SE FALÁSSEMOS NOVAMENTE SOBRE O "BUQUÊ"?

Sábado, 6 de janeiro de 2007

Artigo Original: Virgo Maria

- E SE FALÁSSEMOS NOVAMENTE SOBRE O "BUQUÊ"?
- UMA FRAUDE PREMEDITADA DESDE ABRIL DE 2006 - OS FATOS
- SE OS INFILTRADOS PUDESSEM E SE DOM FELLAY QUISESSE... ?
- DOSSIÊ – O "BUQUÊ"-MOTU PROPRIO, UMA FRAUDE PREMEDITADA DESDE ABRIL DE 2006 – O PLANO DA OPERAÇÃO "REFORMA DA REFORMA" EXPLICITADO PELO DR. REID ENTRE OS BENEDITINOS INGLESES. O PADRE BARTHE E O CIEL UK[11]
    - A PREMEDITAÇÃO DO MOTU PROPRIO DESDE ABRIL DE 2006 E A FRAUDE DO "BUQUÊ" ESPIRITUAL
    - O PLANO DA “REFORMA DA REFORMA” DETALHADO PELO DR. ALCUIN REID DIANTE DOS BENEDITINOS INGLESES
    - O CIEL BRITÂNICO SABOTA O SITE DA CONFERÊNCIA DE OXFORD ONDE INTERVIERAM O PADRE BARTHE E O DR. ALCUIN REID NO MERTON COLLEGE (FILIAÇÃO ANGLICANA)
    - O DR. REID PROPÕE "CONSIDERAÇÕES GERAIS PARA O RENOVO LITÚRGICO E A REFORMA"
- ANEXO

- NOVAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A REFORMA LITÚRGICA: CONSIDERAÇÕES GERAIS E MONÁSTICAS

E SE FALÁSSEMOS NOVAMENTE SOBRE O "BUQUÊ"?

O "buquê" deveria ser oferecido por Dom Fellay a Ratzinger assim que o objetivo fosse alcançado no final de outubro. Depois, o padre Lorans nos anunciou triunfalmente[1], no dia 25 de novembro de 2006, que "em alguns dias" a carta seria enviada. E então... estamos em 6 de janeiro de 2007, e reina o maior silêncio. As flores do "buquê" teriam murchado? A "composição magnífica" dos 2,5 milhões de terços estaria "no congelador", guardada à espera da saída midiaticamente programada do *Motu Proprio*? A data do "pontapé inicial" por Dom Fellay depende do atraso de Ratzinger? A menos que seja o contrário e que seja necessário esperar que o condicionamento, o *chambrage* dos fiéis de Dom Lefebvre seja considerado adequado? Tudo isso é sórdido e mostra, - como havia denunciado o panfleto2 dos fiéis de Dom Lefebvre que divulgamos desde o final de agosto de 2006 - que com o "buquê" estamos no domínio do evento (a criação de eventos promocionais), do marketing e da comunicação política mais maquiavélica. Tudo isso não tem nada a ver com a oração à Santíssima Virgem, e com o "Céu". Despreza-se Deus assim como os fiéis e os clérigos que rezam, tudo isso é vergonhoso. O termo "liberalização" da Missa é revelador, já que, dizem eles, o "liberalismo" é um pecado... Na verdade, querem "liberalizá-la" enquanto continuam a fazê-la dizer por "sacerdotes" inválidos (deve-se julgar "caso a caso" segundo Avrillé) para introduzir a confusão de falsos sacerdotes supostamente válidos autorizados a celebrar a verdadeira missa. Na verdade, a liberalização da missa é o libertinismo da Missa nas mãos de um Sacerdócio inválido. É para onde a confusão que resulta do estrondoso esquecimento da validade dos sacramentos e das ordenações nos leva. Que cegueira é esse primeiro castigo da Direção da Fraternidade! Esse desprezo pela verdade católica, pela obra de Dom Lefebvre e pelos fiéis é típico dos arcanos do Vaticano, onde é preciso buscar a origem dessa ideia de manipulação dos fiéis.

Assim, vai-se de "pequeno milagre" em "pequeno milagre". O que mostra que é coordenado. Essa fraude é feita para condicionar os fiéis, receita clássica por canais mascarados para enganar as pessoas de fora. E, outro prodígio na véspera do Congresso *Si si No no* em Paris, no dia 4 de janeiro de 2006, ocorre um "pequeno milagre". Para acompanhar o Congresso, como por encanto, *Le Figaro* intitula "*Os tradicionalistas obtêm* '*sua*' *missa*", mas não anuncia nada de realmente novo senão o eco. Fala-se disso, depois já não se fala mais, depois se fala novamente, estamos diante de uma operação de condicionamento das mentes, de preparação psicológica dos fiéis para criar emoção, colocar a mente à espera de um anúncio explosivo. Nunca Dom Lefebvre aceitaria, nem mesmo consideraria, que sua obra pudesse assim se prestar a uma operação de manipulação desse tipo, a uma fraude semelhante. Essa operação de marketing do "buquê" só pôde ser elaborada nas oficinas vaticanas e depois espalhada dentro da FSSPX por canais mascarados de

infiltração, conforme Dom Lefebvre descreveu tão bem em "Eles o desacoronaram". É por essa técnica – perfeitamente anunciada no século 19 e executada durante o Concílio que Roma se tornou – como ele disse – a sede dos anti-Cristos e que eles perderam a Fé. Ao ler "Eles o desacoronaram", como podem seus discípulos cair em uma armadilha tão grosseira, senão porque sua cabeça, na Suíça como na França, foi cercada por infiltrações habilidosamente dosadas como nos tempos dos últimos papas do *“non possumus”*.

---

[1] *« O Superior Geral da Fraternidade enviará ao Soberano Pontífice, nos próximos dias, uma carta indicando precisamente a soma de orações recitadas para que ele tenha a força de liberar totalmente a Santa Missa de sempre, em todos os lugares e para todos. »* Abbé Alain Lorans, 25 de novembro de 2006. Dici.org

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/Tract_appel_des_fideles_a_Mgr_Lefebvre%20TIRAGE.pdf

UMA FRAUDE PREMEDITADA DESDE ABRIL DE 2006 - OS FATOS

Os fatos não param de se acumular há meses sobre a fraude do "buquê"-Motu Proprio, cujas fases de premeditação agora começam a aparecer à luz do dia. Adicionamos novos elementos a este caso por meio de um dossiê pelo qual apresentamos no mundo francófono (e além) uma importante conferência de um protegido de Ratzinger e colega do padre Barthe, o Dr. Alcuin Reid, que no dia 19 de abril de 2006, anunciou diante de beneditinos ingleses a chegada do *Motu Proprio* , explicando as grandes linhas da operação dita de "reforma da reforma", de inspiração anglicana (reforma Anglo-Tridentina[3]) destinada a prender a FSSPX e a reiterar dentro da Igreja conciliar, com a complicidade esperada dos fiéis da FSSPX enganados, a "restauração" que já havia sido operada na seita Anglicana no século XIX.

---

[3] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

SE OS INFILTRADOS PUDESSEM E SE DOM FELLAY QUISESSE... ?

Programa do Congresso:

VII Congresso teológico de “Si Si No No”
em parceria com “DICI” e o Instituto Universitário São Pio X

AS CRISES NA IGREJA - Causas, efeitos e remédios

5, 6 e 7 de janeiro no Palácio da Mutualidade
24, rue Saint-Victor - 75005 Paris

Sexta-feira, 5 de janeiro: a parte histórica

Por que este tema? Questão atual, plano do Congresso - Padre du Chalard
A Reforma Gregoriana - Padre Boivin
O Protestantismo e a Contrarreforma - Padre Schmidberger
Os precursores do aggiornamento. A abertura para ideias modernas na teologia do Renascimento e a reação tomista - Dr. Scrosati
A formação do clero no século XVII - Padre Portail
O modernismo: causas e remédios segundo Pascendi - Padre Thouvenot
A crítica da razão moderna segundo Bento XVI - Padre Lorans

Sábado, 6 de janeiro: a temática

A noção de Igreja - Padre Gleize
O casamento em crise - Padre Knittel
A educação e a família - Padre de Cacqueray
O ensino e o magistério - Sr. Viain
O direito - Professor Bouscau

Domingo, 7 de janeiro: o papel da Tradição

Se a Fraternidade pudesse e se Roma quisesse...
Discurso - Padre Castelain
Tipologia da crise presente - Professor d’Amico

O papel da FSSPX na crise presente - Dom Fellay

DOSSIÊ – O "BUQUÊ"-MOTU PROPRIO, UMA FRAUDE PREMEDITADA DESDE ABRIL DE 2006 – O PLANO DA OPERAÇÃO "REFORMA DA REFORMA" EXPLICITADO PELO DR. REID ENTRE OS BENEDITINOS INGLESES. O PADRE BARTHE E O CIEL UK[11]

O Movimento litúrgico, relacionado ao Movimento ecumênico, ambos fortemente influenciados por ambientes em estreita conexão com os anglicanos, foram influenciados por beneditinos. Nossos leitores agora conhecem a ação profundamente subversiva e destrutiva de Dom Beauduin, amigo de Roncalli-João XIII e de Congar, assim como de Dom Botte, o "inventor" da pretensa Tradição apostólica falsamente atribuída a Hipólito de Roma.

Foi ainda na Inglaterra que encontramos o texto desta conferência proferida pelo Dr. Alcuin Reid, no âmbito de um Simpósio litúrgico dos beneditinos ingleses no dia 19 de abril de 2006. O autor,

fervoroso admirador de Ratzinger, detalha o programa da "reforma da reforma", mais apropriadamente chamada de Reforma Anglo-Tridentina, pois visa reiterar dentro da Igreja conciliar, o movimento de Oxford e o espírito Anglo-católico que re-tradicionalizou profundamente a seita Anglicana ao longo do século XIX.

***

[11] CIEL UK: Centro Internacional de Estudos Litúrgicos Britânico (Reino Unido)

A PREMEDITAÇÃO DO MOTU PROPRIO DESDE ABRIL DE 2006 E A FRAUDE DO "BUQUÊ" ESPIRITUAL

Agora temos esta cronologia factual:

- **19 de abril de 2006**: na Inglaterra, anúncio do *Motu Proprio* de Ratzinger pelo Dr. Alcuin Reid (protegido por Ratzinger) no âmbito de uma conferência sobre a "reforma da reforma".

> *« Neste ponto, pode-se especular que um **Motu proprio do papa Bento XVI** logo tornará isso efetivo. Qualquer que seja nossa posição, parece que a Igreja, em sua sabedoria, permitirá novamente uma pluralidade de usos no rito Romano. »* Dr. Alcuin Reid

- **28 de abril de 2006**: em Paris, programa da "reforma da reforma"[12] exposto pelo padre Barthe aos participantes do G.R.E.C. na presença do padre Lorans.

> « […] Sem presunção da forma das decisões romanas que estão por vir, é claro que um abalo decisivo deve ocorrer assim que houver uma liberalização mais ou menos ampla da celebração do rito denominado de São Pio V, seguida em prazo mais ou menos longo de acomodações entre a Santa Sé e a Fraternidade São Pio X, ao mesmo tempo que a implementação de projetos de organização do mundo São Pio V debatidos em Roma desde o final do último pontificado. Todas as medidas devem ter um potencial de legitimação ainda mais importante na medida em que responderem a uma “demanda” São Pio V que transborda os

> meios tridentinos, emanando, certamente, de fiéis, mas principalmente de sacerdotes que desejam celebrar pelo menos ocasionalmente segundo a forma tradicional. É preciso adicionar que o projeto de Bento XVI de uma “reforma da reforma”, realizável sob diversas formas possíveis, é um projeto por si propício à existência de um “modelo antigo” que lhe sirva de estímulo e apoio.
>
> […] Dupla é a forma concreta que poderia então assumir a estruturação jurídica do rito tridentino:
>
> 1. Aquela que poderíamos qualificar de “isenção São Pio V” (evocando a isenção dos religiosos, ou seja, sua considerável independência em relação aos bispos): ela justificaria, por um lado, o destino particular da Fraternidade São Pio X, cuja “reinserção” necessita, concretamente, em um primeiro momento, de um espaço jurídico muito autônomo, e, por outro lado, uma revalorização do agrupamento das diversas comunidades tridentinas existentes; » **Padre Barthe (reproduzido em *Catholica* n°93 – p.124 e seg.)**

- **Julho de 2006**: lançamento de um "buquê" espiritual pelo Capítulo geral da FSSPX para que a Santíssima Virgem conceda a Ratzinger a "força" de "liberar" a missa.

> « A Fraternidade São Pio X tem a intenção de apresentar ao Soberano Pontífice um buquê espiritual de um milhão de terços (sic) para o final do mês de outubro, mês do Rosário.
>
> Os terços serão recitados pelas seguintes intenções:
>
> 1. Obter do Céu para o papa Bento XVI a força (sic) necessária para que ele libere totalmente a Santa Missa de sempre, chamada de São Pio V.
> 2. Pelo retorno da Realeza social de Nosso Senhor Jesus Cristo.
> 3. Pelo triunfo do Coração Imaculado de Maria.
>
> Portanto, é a uma verdadeira cruzada que o chamamos. Esta oração tantas vezes recomendada (…).
>
> Recomendamos instamente que você comece sem demora a trazer rosas espirituais para o nosso buquê.
>
> *« Queremos também manifestar **tanto** às autoridades (sic) romanas quanto ao Céu, por meio dessa quantidade obviamente simbólica (sic), nossa vontade e **nossa determinação de "pagar o preço" (sic). »*

- **Agosto a Outubro de 2006**: intensa campanha midiática do padre Lorans no *Dici.org* e *Nouvelles de Chrétienté* pela oração do "buquê": *« nova batalha de Lepanto »*, "*buquê de Glycera*", etc.
- **12 de outubro de 2006**: em Paris, na Rádio Courtoisie, interrogado pelo padre Lorans que tenta se justificar frente à denúncia de uma fraude do "buquê", Dom Fellay desmente e declara não ter sabido de nada desde meados de novembro de 2005, data de seu encontro com Castrillon Hoyos.
- **21 de outubro de 2006**: o padre Lorans no *Dici.org* descobre, fingindo surpresa, rumores de um *Motu Proprio*:

> *« **O que pensar deste motu proprio anunciado pelos jornalistas há várias semanas?** Trata-se de uma liberalização, isto é, de uma autorização mais ampla para celebrar a missa tradicional? Trata-se de uma liberação total: "A missa de sempre, em toda parte e para todos", como a Fraternidade São Pio X pede desde 2001? Difícil dizer até que o texto não seja publicado! E quando será essa publicação? Em novembro? Antes do Natal? Quem sabe? »* **Padre Lorans, 21 de outubro de 2006**

As constatações:

1. O projeto de *Motu Proprio* era conhecido e anunciado pelo Dr. Alcuin Reid e pelo padre Barthe (seu colega nesta operação da “reforma da reforma”) já no final de abril de 2006 na Inglaterra e em Paris.
2. O padre Lorans, figura central do G.R.E.C., não o ignorava.
3. O “buquê” foi, portanto, lançado para fazer acreditar aos fiéis e aos clérigos que o *Motu Proprio* viria do “Céu” que concederia a Ratzinger a “força” de “liberar” o rito.
4. O padre Lorans conduziu uma intensa campanha midiática e de aparência muito piedosa para o “buquê”.
5. Dom Fellay comprometeu sua autoridade na questão do “buquê” e declarou publicamente não ter tido conhecimento de nada antes do lançamento.

Nossas perguntas:

- O padre Lorans informou Dom Fellay antes do lançamento do “buquê”?
- Dom Fellay está mentindo?
- Ou Dom Fellay foi enganado? E por quem?
- O padre Barthe é quem está puxando as cordas?

---

[12] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=226737

O PLANO DA “REFORMA DA REFORMA” DETALHADO PELO DR. ALCUIN REID DIANTE DOS BENEDITINOS INGLESES

O Dr. Reid enumera as três etapas da Reforma Anglo-Tridentina, agora tornadas públicas pelo Le Figaro em 12 de dezembro de 2006:

> *« É necessário notar três elementos significativos que o Santo Padre gostaria de incluir em um tal renovo. Primeiro, ele insistirá na* ***celebração exata dos ritos litúrgicos modernos, de acordo com as prescrições dos livros litúrgicos****: era ele, claro, uma das forças diretrizes responsáveis pela Instrução Redemptionis sacramentum de março de 2004. Em segundo lugar,* ***ele quer ver o uso livre dos ritos litúrgicos pré-conciliares****. Finalmente, ele incentivou* ***a perspectiva de uma reforma da reforma litúrgica pela qual os livros litúrgicos modernos seriam revisados para retomar parte do que haviam abandonado anteriormente.***" **Dr. Alcuin Reid**

Essas três etapas são aquelas que *Le Figaro* expôs em 12 de dezembro de 2006. Já comentamos sobre isso em nossa mensagem[13] de 30 de dezembro de 2006 (ler na nota um trecho[14]).

Em seguida, o Dr. Reid se lança na repetição do sofisma que se tornou o leitmotiv do IBP e do clã dos alistados da FSSPX: a dialética entre a “hermenêutica da ruptura” e a “hermenêutica da continuidade”. Ele se apoia no discurso de 22 de dezembro de 2005 de Ratzinger (não confundir com o discurso de 22 de dezembro de 2006 que, este, reafirma os princípios do ecumenismo, do diálogo inter-religioso e da liberdade religiosa ao magnificar a filosofia das Luzes).

> *« A interpretação de Sacrosanctum Concilium deveria também ser guiada por uma "hermenêutica da continuidade" em oposição a uma "hermenêutica de descontinuidade e ruptura" tal como foi iluminada pelo Papa Bento em seu discurso à Cúria Romana em 22 de dezembro de 2005. Em outras palavras, o Concílio não tinha a intenção de se afastar da tradição litúrgica existente, mas buscou desenvolvê-la organicamente. »* **Dr. Alcuin Reid**

E então ele começa a introduzir o artifício da má interpretação de *Sacrosanctum Concilium* (1963). É esse mesmo discurso que o padre Barthe tenta hoje credenciar nos meios *Ecclesia Dei*, na esperança de atingir também os clérigos e os fiéis da FSSPX. Para esse fim, logo após a eleição de Ratzinger em 2005, o site http://www.sacrosanctum-concilium.org/ foi criado, a fim de apoiar essa campanha.

> *« Podemos então dizer que o princípio fundamental da reforma litúrgica e o do desenvolvimento orgânico, foram assim respeitados no pós-Concilio, tanto no que foi oficialmente proclamado quanto no nível local? No nível local, qualquer um que tenha um mínimo de memória deve responder honestamente "nem sempre" ou mesmo "não frequentemente". Caso contrário, por que o Papa reinante lamentava em 2003 que "sombras sombrias de uma doutrina e de sua aplicação inaceitável" haviam eclipsado a reforma litúrgica iniciada pelo Concílio Vaticano II?*
>
> *Entretanto, a reforma oficial amplia ainda mais o debate. Pois se os princípios de reforma do Concílio não foram fielmente respeitados pelo Consilium criado para implementá-los, ou mesmo pelos livros litúrgicos que foram difundidos posteriormente, não precisamos apenas corrigir os abusos dos ritos modernos, mas também reconsiderar a reforma que obedece a esses ritos. Em 1978, a Senhora Félicitas Corrigan observava:*
>
> O novo Missal não é tão satisfatório. Está cercado por um anel artificial, como se os eruditos o tivessem primeiro traçado no abstrato, depois recortado com tesoura e colado em um salão romano para produzir um organismo vivo. Mas organismos vivos já seguiram um modelo puramente científico? **Dr. Alcuin Reid**

A respeito dessa suposta "má interpretação" de *Sacrosanctum Concilium* pelos "bugninistas", por que os defensores dessa tese não questionam também a reforma do novo rito de consagração episcopal de 1968 (*Pontificalis Romani*)? Essa reforma fez uma *tabula rasa* da antiga forma episcopal da qual não restou nada. Em seguida, implantou um novo rito, diretamente retirado da suposta Tradição apostólica falsamente atribuída a Hipólito de Roma, o que significa que ela se baseou nas mesmas fontes que o *Novus Ordo Missae* de 1969, cuja fidelidade a *Sacrosanctum Concilium* esses supostos anti-bugninistas contestam.

Essa contradição entre os defensores da "reforma da reforma" é insustentável e demonstra as segundas intenções e os sofismas dessa postura.

O Dr. Alcuin Reid tenta explicar que a reforma litúrgica de 1969 não estaria na continuidade de um desenvolvimento orgânico da liturgia como desejava o Vaticano II (Constituição de *Sacrosanctum Concilium*).

> *« Muitos autores afirmaram que a reforma pós-conciliar não é um desenvolvimento orgânico como alegava o Concílio e eles foram mais longe na análise do problema. »* **Dr. Alcuin Reid**

Ele interveio entre 13 e 16 de setembro de 2006, em Oxford, ao lado do padre Barthe, no âmbito do CIEL britânico, para proferir uma conferência nesse sentido.

---

[13] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-30-B-00-Ecole_de_l_abbe_Barthe_1.pdf

[14] Delineamos as três etapas da reforma Anglo-Tridentina, conforme começam a aparecer atualmente na imprensa. É muito gratificante observar que as análises da CSI-Diffusion de julho de 2005 sobre o “AngliCampos” já estão amplamente confirmadas pelos fatos. A realidade vai além do que foi analisado pela CSI-Diffusion. O dossiê do AngliCampos identificava como a primeira menção à “reforma da reforma” data de 1995, antes de ser divulgada pela anglicana de Cambridge, Catherine Pickstock. Agora, o Figaro nos informa que o projeto já havia sido discutido em uma reunião de trabalho em 1982, logo na chegada de Ratzinger.

O CIEL BRITÂNICO SABOTA O SITE DA CONFERÊNCIA DE OXFORD ONDE INTERVIERAM O PADRE BARTHE E O DR. ALCUIN REID NO MERTON COLLEGE (FILIAÇÃO ANGLICANA)

Descobrimos que a equipe do CIEL UK que havia montado um site na internet (http://www.ciel2006.org/) com as fotografias dos participantes, das missas, dos edifícios anglicanos onde eram acolhidos, e das apresentações das intervenções, acabou de sabotar seu site que não está mais online. Haveria algo a esconder agora que cada vez mais clérigos e fiéis estão se conscientizando da reforma Anglo-Tridentina (a famosa "reforma da reforma")? Desde 2 de dezembro de 2006, o padre Barthe, que começou a multiplicar declarações públicas, se tornou muito silencioso.

Aqui está o programa do colóquio:

Colóquio CIEL em Oxford

Gênio da Liturgia romana: diversidade histórica e alcance espiritual.

O colóquio, organizado pelo CIEL UK, ocorrerá no Merton College, Oxford, **de 13 a 16 de setembro de 2006**. As conferências, explorando a diversidade das formas da liturgia romana desde o século IV até o Concílio Vaticano II, serão realizadas nas Examination Schools e no histórico Sheldonian Theatre da Universidade, inseridas na jornada litúrgica. A Missa solene ao meio-dia (de acordo com o rito de 1962) e os ofícios de Vésperas e Completas serão celebrados na capela do colégio, construída no século XIII.

Aqui estão as intervenções anunciadas:

* ***O papa Bento XVI e a liturgia***
- Professor Eamon Duffy (Magdalene College, Cambridge)

* **O desenvolvimento do calendário romano**
- Professor Lauren Pristas (Caldwell College, New Jersey, EUA)

* **A música própria da liturgia romana**
- Professor László Dobszay (Academia Húngara de Ciências, Budapeste)

* **O desenvolvimento primitivo do latim cristão como língua litúrgica**
- Rev Dr. Michael Lang (Oratório de Londres/Heythrop College)

* **Sacrosanctum Concilium e o desenvolvimento orgânico da liturgia**
- Rev Dr. Alcuin Reid (Londres)

* **O rito de Braga**
- Rev Joseph Santos (Providence, RI, EUA)

* **O gênio da liturgia romana: aspectos teológicos**
- Rev Professor Don Nicola Bux (Bari, Itália)

* **As liturgias das ordens religiosas militares**
- Dr. Christina Dondi (Lincoln College, Oxford)

* **Liturgia romana e piedade popular**
- Dr. Sheridan Gilley (Universidade de Durham)

* **A interpretação mística da liturgia sagrada**
- M. l'Abbé Claude Barthe (Centro St Paul, Paris)

* **Perspectivas teológicas da liturgia tradicional**
- Rev Dr. Laurence Hemming (Heythrop College, Londres)

Visitas a Oxford estão previstas, com guias especialistas na história católica da Universidade. As refeições, oportunidades de degustação, descanso e discussão, ocorrerão no refeitório medieval do colégio. Altares estarão disponíveis todas as manhãs no Oratório de Oxford para Missas privadas.

O Colóquio está aberto a todos que tenham interesse na liturgia: clérigos, religiosos e leigos. Nenhum conhecimento especializado é necessário, e pode-se participar em vários níveis. Algumas intervenções ocorrerão em língua francesa; a maioria em inglês, eventualmente com um resumo escrito em francês. A viagem de Paris a Oxford de trem leva um pouco mais de quatro horas no total.

O CIEL UK recebeu a bênção de Sua Eminência o Cardeal Castrillon Hoyos, que infelizmente não pode comparecer conforme o previsto, assim como o apoio e a bênção de Sua Eminência o Cardeal Murphy O'Connor, arcebispo de Westminster, e de Sua Excelência Monseigneur Vincent Nichols, arcebispo de Birmingham.

Para mais detalhes e para se inscrever, veja o site do colóquio.

Os próximos colóquios do CIEL UK ocorrerão a portas fechadas como os do G.R.E.C.?

O DR. REID PROPÕE "CONSIDERAÇÕES GERAIS PARA O RENOVO LITÚRGICO E A REFORMA"

Ele divide suas considerações em três domínios que deixamos nossos leitores descobrir, com cada domínio correspondendo a um aspecto da "reforma da reforma".

Após apresentar elementos para fazer respeitar a reforma de 1969 e elogiar a ação de Dom Beauduin (ver *« a Igreja anglicana unida não absorvida »* **[15]** em nosso site), ele faz a seguinte apreciação no segundo domínio (restabelecimento dos ritos pré-conciliares):

> *« Os ritos litúrgicos, frutos do Consilium pós-conciliar, não podem ser qualificados como desenvolvimentos orgânicos proporcionais à tradição litúrgica objetiva como foi recebida "na submissão à fé e por respeito religioso ao mistério da liturgia" a que se refere o parágrafo 1125 do Catecismo da Igreja Católica. O livro do arcebispo Bugnini fornece amplas provas da criação dos novos ritos por liturgistas alinhados aos princípios ideológicos. O trabalho de outros especialistas mostra claramente, por exemplo, as ideologias ativas na reforma das coletas e das orações de pós-comunhão do Missal de Paulo VI. »* **Dr. Alcuin Reid**

Nesse caso, quando haverá uma contestação do novo rito de consagração episcopal de Bugnini (18 de junho de 1968)?

E nesse domínio, o Dr. Reid anuncia já em 19 de abril de 2006 o projeto de *Motu Proprio* em favor do rito Tridentino!

> ***« Neste ponto, pode-se especular que um Motu proprio do papa Bento XVI tornará isso logo efetivo. Qualquer que seja nossa posição, parece que a Igreja em sua sabedoria permitirá novamente uma pluralidade de usos no rito Romano. »*** **Dr. Alcuin Reid**

Quanto ao terceiro domínio, a etapa final, ela partiria de duas "convicções":

> *« primeiro, que os ritos estabelecidos pelo Papa Paulo VI não são os desenvolvimentos orgânicos demandados pelo Concílio, e segundo que a reforma requerida atualmente pelo Concílio deve ser implementada, "corrigindo" assim o ritual moderno. »* **Dr. Alcuin Reid**

Assim, o novo rito de consagração episcopal de 1968 não é um *« desenvolvimento orgânico pedido pelo Concílio »*? A pretensa Tradição apostólica falsamente atribuída a Hipólito de Roma, que constitui seu quase modelo, não seria então o que o Concílio desejava? Como pode um "verdadeiro Papa" ter promulgado uma coisa assim? E nesse caso, qual é o valor do corpo episcopal que, desde 38 anos, recebeu sua "consagração" de um rito que não foi *« desejado pelo Concílio »*? Esse episcopado é válido?

E uma vez que a verdadeira *« reforma desejada pelo Concílio »* deve agora *« ser implementada »*, qual será o novo rito de consagração episcopal? Haverá consagração sob condição ou absoluta dos "bispos" já consagrados no rito *Pontificalis Romani* de 18 de junho de 1968 *« não desejado pelo Concílio »*?

No final de sua conferência, o Dr. Reid elogia o padre Barthe:

> *« Um tradicionalista francês (em comunhão com a Santa Sé) publicou um livro: Além do Vaticano II? A Igreja em um novo cruzamento de caminhos que proclama que:*
>
> *Quarenta anos após o término do Concílio Vaticano II, a ascensão de Bento XVI ao trono Pontifício inaugura, nolens volens, uma fase de transição para a Igreja, ou seja, um processo de saída do estado atípico no qual esse Concílio a havia colocado.*
>
> *Para Barthe, é mais do que Liturgia a que se refere – embora certamente a tenha incluído – e, no entanto, ele não é um apaixonado pelo Concílio. Estejamos ou não de acordo com sua análise, penso que devemos reconhecer – especialmente em relação à Liturgia – que a Igreja se encontra hoje em um novo cruzamento de caminhos e que, em muitos aspectos, a reforma e o renovo litúrgicos vão simplesmente além do que se seguiu ao Vaticano II.* **Dr. Alcuin**

> **Reid**

Esse toque final traz uma confirmação do papel eminente que o padre Barthe desempenha neste projeto ratzinguiano da reforma Anglo-Tridentina, que temos denunciado e colocado em destaque desde nossa abertura em fevereiro de 2006.

Incitamos nossos leitores a reler nossa análise sobre a reforma Anglo-Tridentina[16].

Recordamos que os estudos importantes para entender toda essa questão que se revela uma ilusão digna do Fim dos Tempos estão publicados em nosso site:

- A Operação Rampolla (maio de 2005) por CSI-Diffusion
- O AngliCampos – A reforma da reforma (julho de 2005) por CSI-Diffusion
- A sedução: criação de um Patriarcado Tridentino? (22 de março de 2006)
- A carta de Marc Winckler em 1977 a Dom Guérard des Lauriers o.p (25 de março de 2006)
- Patriarcado (Dom Beauduin - 1925) A Igreja Anglicana unida não absorvida - A FSSPX "patriarcal" (10 de abril de 2006)
- A FSSPX « unida, mas não absorvida » - « Sua Beatitude » Bernard Fellay? (14 de abril de 2006)
- FSSPX + Anglicanos: A porta Flaminiana de Dom Fellay (21 de novembro de 2006)
- Dom Fellay enganado ou conivente: Ratzinger negocia um Indulto e uma prelazia pessoal para integrar os Anglicanos ‘tradicionais’ com seus ritos (27 de novembro de 2006)
- A Operação Anglo-Tridentina (5 de dezembro de 2006)
- Um Anglicano confirma a reforma Anglo-Tridentina de Ratzinger (20 de dezembro de 2006)
- O padre Gitton e o Reverendíssimo Chadwick na escola do padre Barthe - « A hora de Vaticano » (30 de dezembro de 2006)

Assim, continuemos a boa luta.

Padre Michel Marchiset

---

[15] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

[16] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

ANEXO

Tradução do texto inglês[17]
(com nossos agradecimentos ao tradutor)

---

[17] http://www.benedictines.org.uk/theology/2006/reid.pdf

ANEXO

NOVAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A REFORMA LITÚRGICA: CONSIDERAÇÕES GERAIS E MONÁSTICAS

Comissão litúrgica da congregação beneditina inglesa

Simpósio sobre “O Renovo Litúrgico: Uma reforma da reforma?”

Abadia de Downside, Bath, 19 de abril de 2006

Dr. *Alcuin Reid*

O Dr. Alcuin Reid obteve em 2002 um grau acadêmico no King's College da Universidade de Londres por uma tese sobre a reforma litúrgica no século XX. Ele tem dado conferências internacionais sobre temas litúrgicos e publicado numerosas obras sobre a Liturgia sagrada, incluindo *Nova consideração sobre a questão litúrgica com o Cardeal Ratzinger* (2003) e o *Diurnal Monástico* (2004).

A segunda edição de seu livro *O desenvolvimento orgânico da Liturgia* (Ignatius, 2005) foi publicada com uma prefácio do Cardeal Joseph Ratzinger.

Introdução

É uma honra inesperada abordar este simpósio litúrgico da Congregação beneditina inglesa, e mais ainda neste dia feliz, primeiro aniversário da eleição de nosso Santo Pai, o Papa Bento XVI. Este aniversário reviverá a memória do dia em que o que parecia impossível (dada toda a gama de opiniões político-eclesiais) aconteceu quando o Cardeal Joseph Ratzinger se tornou o 264º sucessor de São Pedro. Minha alegria pessoal naquele dia não foi apenas alimentada pela benevolência que o Cardeal Ratzinger mostrou em relação ao meu trabalho, mas muito mais importante, o fato de que, como cardeal, ele demonstrou estar ciente da importância do que podemos chamar hoje de "a questão da Liturgia" e tão bem, embora ele não fosse ele mesmo "especialista em liturgia", que ele se envolveu seriamente no debate sobre essa liturgia nas duas últimas décadas.

A eleição do Papa Bento XVI colocou a questão da liturgia no centro dos interesses da Igreja, e isso é apenas justo, porque como o Cardeal Ratzinger escreveu em 1997, "A verdadeira celebração da liturgia sagrada é, apesar de tudo, o centro do renovo da Igreja."

Ao lançar um novo olhar sobre a reforma litúrgica que se seguiu ao Concílio Vaticano II e ao considerar um pouco do que se entende por "a reforma da reforma", faríamos bem em lembrar primeiro algumas das considerações litúrgicas do Santo Pai. Tentar colocar-nos em seu lugar nos ajudará a ver melhor as implicações do renovo litúrgico e da reforma hoje e no futuro, tanto em um contexto geral quanto mais especificamente monástico.

O Papa Bento XVI e a Liturgia

É significativo que Joseph Ratzinger tenha sido, desde sua infância, cativado e nutrido pelo espírito do Movimento Litúrgico do século XX. Em um trecho de suas memórias que revela o quanto o futuro Santo Padre estava profundamente ligado à liturgia e à teologia, o Cardeal Ratzinger recorda que, enquanto crescia, descobria a riqueza da Liturgia sagrada através dos missais bilíngues:

Cada passo adiante na Liturgia era para mim um grande evento. Cada novo livro que me era dado era algo precioso, e eu não podia sonhar com algo mais belo. Era uma aventura empolgante progredir por graus no mundo misterioso da Liturgia que havia sido instituída antes de nós e para nós, ali, sobre o altar. Ficava cada vez mais claro para mim que eu enfrentava uma realidade que ninguém havia simplesmente imaginado, uma realidade que nenhuma autoridade oficial ou personalidade importante havia gerado. Esse conjunto misterioso de textos e ações se desenvolveu século após século graças à fé da Igreja. Ele carregava em si o peso da história, e, ao mesmo tempo, era muito mais do que o produto da história humana. Cada século deixou sua marca sobre ele... mas não havia nada realmente lógico nisso. As coisas tornavam-se complicadas às vezes, e nem sempre era fácil encontrar seu próprio caminho. Mas era precisamente essa maravilha que a edificação possuía, como se nos pertencesse. Claro, a criança que eu era não compreendia todos os aspectos de tudo isso, mas comecei a trilhar o caminho da Liturgia, e isso só cresceu e se transformou em uma realidade que ia além dos indivíduos e das gerações, uma realidade que se tornou para mim uma oportunidade a mais para descobrir e me maravilhar. A realidade inesgotável da Liturgia católica me acompanhou em todos os momentos da vida, e é por isso que nunca deixarei de falar sobre ela.

Joseph Ratzinger se descreve como o “discípulo do Movimento Litúrgico” na véspera do Vaticano II. De fato, como o Cardeal Frings, *peritus* conciliar, ele tinha um profundo entusiasmo “teológico” pela reforma proposta pelo Concílio:

“Como eu acabara de entender que o Novo Testamento era a alma de toda a teologia, assim também comecei a ver na Liturgia seu elemento vivo. É por isso que, no início do Concílio, percebi que o esboço da Constituição sobre a Liturgia, que incluía todos os princípios essenciais do Movimento Litúrgico, era um maravilhoso ponto de partida para essa assembleia de toda a Igreja, e informei o cardeal Frings.”

A citação continua: “Eu não poderia prever que os aspectos negativos do Movimento Litúrgico reapareceriam mais tarde com uma ardência redobrada, ao ponto de levar a Liturgia à sua própria autodestruição.”

O entusiasmo de Ratzinger pela discussão no Concílio sobre a reforma litúrgica e sua apreciação das implicações eclesiológicas foram expressos em um discurso que ele proferiu em Bonn em janeiro de 1963. Este discurso merece um estudo aprofundado, mas é suficiente lembrar aqui sua alegria diante da votação esmagadora dos Padres Conciliares em novembro de 1962 (2162 a favor contra 46) para a adoção do capítulo 1 do esquema sobre a Liturgia:

“Foi uma decisão que prometia um futuro promissor e era ao mesmo tempo um sinal muito encorajador de que a força do movimento pelo renovo era ainda maior do que qualquer um ousava esperar.”

No entanto, Joseph Ratzinger foi um dos primeiros que poderíamos chamar de realistas do pós-Vaticano II. Ele conhecia o Concílio muito bem para rejeitá-lo, mas precisamente por essa razão, ficou profundamente perturbado com tudo o que frequentemente era feito em nome deste mesmo Concílio, especialmente no campo da Liturgia Sagrada. Desde 1966, no dia católico de Bamberg, ele lamentava que a reforma litúrgica começou a sofrer a contaminação do “arcaísmo”:

“... que tem como objetivo a restauração da liturgia Romana em sua forma clássica antes de ser invadida pela enxurrada de termos medievais e carolíngios. Essa visão corresponderia ao critério do renovo litúrgico e não à questão: Como deveria ser, mas sim: como era naqueles tempos? Ao que podemos responder apenas que, se saber como as coisas eram naquela época é de um valor inestimável para nos ajudar a enfrentar os problemas do nosso tempo, não pode ser simplesmente a norma que permite mensurar a reforma. É muito importante e salutar, por exemplo, saber como as coisas eram vistas sob Gregório Magno, mas isso não justifica que sejam feitas da mesma maneira nos dias de hoje. Esse arcaísmo frequentemente nos impediu de ver as boas coisas que se desenvolveram desde então e fez com que nos prendêssemos erroneamente a uma época que, por outro lado, era esplêndida e digna do maior respeito, mas essa predileção não pode ser, mais do que qualquer outra época, o objeto de um dogma absoluto.”

No mesmo discurso, ele advertia que “o simples arcaísmo não ajuda mais as coisas do que a modernização”.

Sua crítica nuançada à reforma litúrgica continuou. Em 1975, ele escrevia:

“Devemos ser muito mais resolutos do que no passado em nos opor a um relativismo racional que confunde verbiagem e infantilismo pastoral. Essas coisas rebaixam a Liturgia ao nível de uma reunião paroquial em torno de uma xícara de chá e do que pode ser compreendido por uma imprensa popular. Tendo isso em mente, também teremos que examinar as reformas já realizadas...”

Dez anos depois, ele comentava: “*Desde que escrevi essas linhas, outros aspectos que deveriam ter sido preservados foram negligenciados; muitos tesouros que ainda estavam intactos foram dilapidados.*” E há menos de dois anos, ele escrevia:

O que o Movimento Litúrgico tentava fazer... era nos ensinar a compreender a Liturgia como uma rede viva de tradições que se concretizou, que não podia ser reduzida a pedaços, mas que devíamos, ao contrário, ver e experimentar como um todo vivo. Alguém que, como eu, foi movido por essa percepção na época do Movimento Litúrgico à véspera do Concílio Vaticano II, não pode apenas assistir, profundamente entristecido, à ruína de todas essas coisas das quais se falava.

"*Ruína*" é uma palavra muito forte. Mas ela prova precisamente a convicção profunda e constantemente expressa do Santo Pai de que a reforma litúrgica seguiu um caminho errado em sua implementação, tanto oficial quanto local.

Por causa dessa convicção, ele pediu nada menos do que um novo Movimento Litúrgico, “um movimento para a liturgia, para celebrá-la da maneira correta, interior e exteriormente.” Este não é o lugar para discutir em detalhe tal demanda, no entanto, é importante notar três elementos significativos que o Santo Pai gostaria de incluir em um tal renovo. Em primeiro lugar, ele insistirá na celebração exata dos ritos litúrgicos modernos, de acordo com as prescrições dos livros litúrgicos: ele foi, claro, uma das forças diretrizes responsáveis pela Instrução *Redemptionis sacramentum* de março de 2004. Em segundo lugar, ele quer ver o uso livre dos ritos litúrgicos pré-conciliares. Finalmente, ele encorajou a perspectiva de uma reforma da reforma litúrgica, por meio da qual os livros litúrgicos modernos seriam revisados para retomar parte do que haviam abandonado anteriormente.

Razão para reconsiderar a Reforma Litúrgica.

O cálculo do Cardeal Ratzinger está correto? Por que se fala em uma reforma da reforma?

O editorial *Ampleforth Journal* de setembro de 1970, refletindo sobre os vários eventos importantes que testemunharam a vida da Igreja nas décadas de 60, observava a respeito da reforma litúrgica que *“o que havia demandado séculos de conservação foi, em uma década, disperso e substituído... A maioria dos mosteiros possui suas próprias anedotas, talvez arrependimentos – e pior ainda, para alguns – daqueles dias turbulentos da revolução litúrgica, quando as práticas aparentemente imutáveis que formaram e nutriram gerações de religiosos desapareceram rapidamente uma após a outra. O infame livro “O Irmão Coleridge” mostrou em seus desenhos a angústia que esse tumulto causou; mas, de forma mais apropriada, em seu desenho satírico de 1972, ele mostra o monge sacerdote abandonando com dor seu manipulo, gemendo, “Eu me pergunto onde ele vai parar?”* Na primavera de 1972, no *Ampleforth Journal*, Dom Patrick Barry perguntava retoricamente: *“Quem teria pensado há dez anos que você teria que escolher sua igreja na manhã*

de domingo se quisesse manter sua tranquilidade de espírito pelo resto do dia?"

Sim, nada foi fácil. E não há dúvida de que, nos anos que se seguiram, *"a experiência [da reforma litúrgica] foi mitigada."* Mas o que não funcionava? Era puramente a rapidez da mudança? Certamente, esse foi um dos fatores. Mas havia outros. O *Ampleforth Journal* do outono de 1967 contém um editorial intitulado *"Sobre a mudança."* Ele observa:

Há uma verdadeira distinção entre esta mudança que implica dissolução, aquela que implica revolução e aquela que implica evolução: todas as três podem ser boas, mas a última tende a ser boa com mais regularidade do que as duas primeiras, porque provoca a modificação orgânica ("a melhoria") do que se provou ser intrinsecamente viável, e não a abolição do que se provou ser falho.

"Toda mudança não traz o melhor...," continua o editorial, *"Toda mudança não é boa..." "O valor da mudança,"* ele especifica, *"deve ser considerado em relação ao trabalho de corrosão realizado contra a aceitação e a submissão que dela decorrem: deve ser sério o suficiente para não ser realizado levianamente e excepcional o suficiente para não destruir a tradição e o poder benéfico das práticas — um poder essencialmente bom (para Santo Tomás de Aquino, uma das melhores evidências de perfeição).*"

Um exame detalhado e documentado da extensão das mudanças feitas ao Missal Romano após o Concílio foi publicado pelo *Ampleforth Journal* no verão de 1971. Ele busca demonstrar que o Missal promulgado pelo Papa Paulo VI operou uma *"revolução litúrgica de proporções sem precedentes."* O estudo mostra que *"hoje estamos desconectados de nosso passado litúrgico, não apenas do rito romano pós-Tridentino e daquele da época de São Gregório, mas também de nossas próprias práticas inglesas...* Ele precisa esclarecer que *"a mais recente revisão do Missal pode apenas destruir a consciência da continuidade histórica da Igreja orante, um auxílio tão útil para a fé nesta época de crescente incredulidade. Também estamos desconectados de toda literatura espiritual relacionada à liturgia...* Quanto à música litúrgica, o mesmo estudo observa que: *"Estamos manifestamente colocados em uma situação anormal quando a imensa produção de música litúrgica não se encaixa mais na Liturgia para a qual foi composta."* O autor declara francamente: *"Parece impossível harmonizar o número incontável de mudanças no novo Missale Romanum com a diretriz conciliar [Sacrosanctum Concilium art. 23] contra qualquer inovação "a menos que o bem da Igreja exija verdadeiramente."* Ele conclui:

Parece razoável... ao acolher com reservas os novos livros litúrgicos, examinar seu conteúdo com a maior atenção, de modo que, à medida que nossa vida litúrgica continue a se desenvolver, quaisquer defeitos que se tornem aparentes...

Esse conteúdo possa ser corrigido para o maior bem da Igreja quando chegar a hora de uma revisão.

Pode-se dizer que este apelo à crítica da reforma litúrgica é um dos primeiros em relação à "reforma da reforma." Voltaremos a isso. O que é mais importante, historicamente falando, é a afirmação da diferença entre a reforma demandada pelo concílio e o missal proclamado pelo Papa Paulo VI. Lembremos o artigo 23 de *Sacrosanctum Concilium*:

Esta sólida tradição deve ser mantida, e embora toda via esteja aberta a um progresso legítimo, um exame cuidadoso deve sempre ser feito de cada uma das partes da liturgia que deve ser revisada... As leis gerais referentes à estrutura e ao sentido da liturgia devem ser estudadas à luz da experiência proveniente das recentes reformas litúrgicas e dos indultos concedidos em diversos lugares. Finalmente, nenhuma inovação deve ser trazida a menos que o bem da Igreja exija expressamente; e toda precaução deve ser tomada para garantir que toda nova forma adotada beneficie de alguma forma das formas já existentes.

Uma exegese completa desse parágrafo crucial de *Sacrosanctum Concilium* não é de nossa competência. No entanto, é preciso observar que antes e durante o Concílio esse texto não suscitou controvérsia. De fato, a única correção sugerida por um dos Padres Conciliares foi adicionar as palavras *"et certa"* (e certamente). Assim, fez parte do texto do capítulo primeiro votado e aprovado em dezembro de 1962. É importante notar que o capítulo primeiro estipulava os princípios orientadores da reforma litúrgica e que o restante de *Sacrosanctum Concilium* deveria ser lido à luz desses mesmos princípios.

Um comentário autorizado publicado em 1964 confirma o aspecto conservador deste artigo:

As reformas deveriam coincidir com as leis tradicionais de estrutura e de sentido da liturgia. Elas deveriam decorrer organicamente das formas ou ritos já existentes, sob pena de serem tão diferentes das formas atuais que fossem consideradas novas criações...

As inovações deveriam ser realmente úteis para a Igreja, para que, por simples gosto da novidade, os ritos sagrados, venerados e realizados durante séculos por nossos predecessores, não fossem abandonados sem necessidade ou que a Liturgia Sagrada fosse tratada apenas como um terreno de experimentação.

A interpretação de *Sacrosanctum Concilium* também deveria ser guiada por uma "hermenêutica de continuidade" em oposição a uma "hermenêutica de descontinuidade e ruptura" como foi iluminada pelo Papa Bento em seu discurso à Cúria Romana em 22 de dezembro de 2005. Em outras palavras, o Concílio não tinha a intenção de se afastar da tradição litúrgica existente, mas buscava desenvolvê-la organicamente.

Podemos então dizer que o princípio fundamental da reforma litúrgica e o do desenvolvimento orgânico foram respeitados após o Concílio, tanto no que foi oficialmente proclamado quanto a nível local? A nível local, qualquer um que tenha um mínimo de memória deve honestamente responder "*nem sempre*" ou mesmo "*não frequentemente*." Caso contrário, por que o Papa reinante lamentava em 2003 que "*sombras sombrias de uma doutrina e de sua aplicação inaceitável*" haviam eclipsado a reforma litúrgica iniciada pelo Concílio Vaticano II?

No entanto, a reforma oficial amplia ainda mais o debate. Pois se os princípios de reforma do Concílio não foram fielmente respeitados pelo *Consilium* criado para implementá-los, ou mesmo pelos livros litúrgicos que foram difundidos posteriormente, não precisamos apenas corrigir os abusos dos ritos modernos, mas também reconsiderar a reforma que obedece a esses ritos. Em 1978, a Senhora Félicitas Corrigan observava:

O novo Missal não é tão satisfatório. Ele está cercado por um anel artificial, como se os eruditos tivessem primeiro traçado no abstrato, depois recortado com tesoura e colado em um salão romano para produzir um organismo vivo. Mas organismos vivos já seguiram um modelo puramente científico?

Mais recentemente, em 2001, Dom Oswald McBride escrevia:

Se as mudanças e desenvolvimentos até o concílio de Trento podem ser considerados orgânicos... então o Vaticano II é diferente. A abordagem adotada

(pelos Padres Concilares) foi radical e bastante corajosa para reconsiderar tudo.

o que havia sido varrido da história litúrgica tal como havia sido interpretado, e então construir um novo rito a partir do mesmo esboço que o anterior, um rito que refletisse o conteúdo sacramental do antigo, mas que desse uma visão mais direta da santidade para os povos do século XX. É por isso que o Vaticano II representa tanto uma ruptura quanto uma revisão (ou melhor, talvez uma "recognitio", uma reavaliação) da celebração tradicional da Eucaristia.

Diversos autores afirmaram que a reforma pós-conciliar não é um desenvolvimento orgânico, como alegava o Concílio, e foram mais longe na análise do problema. Eu recorri a dois respeitáveis beneditinos ingleses para mostrar que tanto aqueles que acolheram favoravelmente a reforma quanto aqueles preparados para criticá-la concordavam sobre esse ponto capital.

E é precisamente aqui que encontramos a justificativa dessa vontade bastante ousada de reconsiderar a reforma litúrgica. Vemos que a preocupação do Cardeal Ratzinger e de outros Cardeais não era ditada por uma certa nostalgia, mas por um profundo amor pela Igreja, pelo conhecimento da Liturgia Sagrada e, claro, pelo Concílio Vaticano II.

Nas comunidades monásticas, a virtude da obediência é particularmente estimada: "non trepide, non tarde, non tepide", como ensina a Regra de São Bento. De fato, até as últimas décadas, a estrita obediência à autoridade eclesiástica era o caráter distintivo da vida católica. Muitos monges e monjas, e naturalmente o clero secular e os fiéis, aceitaram a reforma litúrgica que se seguiu ao Concílio com um espírito de obediência, apesar das dúvidas e suas preocupações. Embora seja mais do que provável que tal obediência tão corajosa, pronta e ardente tenha sido motivada por essa virtude cristã, também é verdade que a força do hábito nos tornava surdos, como o clamor de Deus a Abraão quando ele estava prestes a sacrificar seu filho amado:

"Afaste a mão deste menino e poupe-o" (Gênesis 22-12)

Assim, mesmo que isso seja verdade, ao reconsiderar a reforma litúrgica, eu defendo que devemos ser mais prudentes, pois praticar a obediência em casos graves muitas vezes implica uma profunda angústia sobre se aqueles que exigiam tal submissão tinham o direito de fazê-lo e se aqueles que se opuseram o fizeram de boa-fé; em ambos os casos, era preciso respeitar sua lealdade.

Considerações gerais para o Renovo litúrgico e a Reforma

Ao considerar alguns elementos gerais do próximo renovo e da reforma, utilizarei três áreas de atividade possíveis do Cardeal Ratzinger: a celebração correta dos ritos habituais, o uso livre dos ritos pré-conciliares e o desejo de reforma dos ritos pós-conciliares.

O primeiro domínio e o mais imediato é a celebração correta dos ritos habituais. A Santa Sé destacou recentemente essa questão com as encíclicas de João Paulo II *Ecclesia de Eucharistia* (2003), *Redemptionis sacramentum* (2004) e o sínodo dos bispos de 2005 sobre "A Eucaristia: Fonte e Cume da vida e da missão da Igreja." Não há dúvida de que, após a exortação apostólica que seguiu este sínodo, o Papa Bento XVI continuará a pedir que os ritos litúrgicos promulgados pelo Papa Paulo VI sejam celebrados com mais dignidade – ou, se preferir, em um espírito mais clássico –

em estreita conformidade com as prescrições dos livros litúrgicos. Essa é certamente a linha de conduta mais rígida mantida pelo Prefeito da Congregação para o Culto Divino, como demonstrou em seu discurso na catedral de Westminster em 1º de abril de 2006.

Alguns verão nessa política a anulação da "criatividade" litúrgica que se supunha ser parte do legítimo legado do Concílio no campo da reforma litúrgica. Mas, na verdade, além das escolhas –– um tanto permissivas aqui e ali –– a Liturgia Romana nunca foi um "kit" para uso de planejadores e comitês litúrgicos, sem contar o número incalculável de liturgistas que proliferaram nas últimas décadas. As Rubricas eclesiásticas ainda existem e devem ser respeitadas, pois são as guardiãs dos mistérios mais sagrados da Igreja que celebramos na Liturgia Sagrada e protegem cada um de nós das crises e das fraquezas de nosso clero e dos planejadores litúrgicos, cujas iniciativas não devem ofuscar o culto daquele a quem adoramos.

"O fortalecimento", de certa forma, da influência predominante dessas Rubricas na Liturgia moderna afirma-se estar em conformidade com a tradição da Liturgia. Isso faz parte do desejo de reconsiderar o Concílio nesse espírito de "hermenêutica de continuidade" do qual falou o Santo Padre. O novo Secretário, ainda pouco conhecido, da Congregação para o Culto Divino – a segunda nomeação, e não menos importante, na Cúria pelo Santo Padre – o arcebispo cingalês Malcolm Ranjith, publicou um artigo em 2004 (que aparentemente lhe rendeu a tarefa de colaborar na obra a ser empreendida) no qual defende essa nova abordagem tradicional dos ritos modernos. Recomendo a leitura de seu estudo.

Neste artigo, o arcebispo Ranjith menciona a necessidade de uma formação litúrgica. Afirmo que esse é um dos elementos cruciais para qualquer futuro renovo litúrgico, pois, sem formação no espírito tradicional da Liturgia Sagrada, nosso clero e nossos fiéis têm pouca ou nenhuma chance de participar dos ritos conforme a Igreja os compreende. Como escreveu Dom Oswald McBride: *"Se não prestarmos atenção a essa necessidade, simplesmente condenaremos toda reforma da 'reforma' às mesmas imperfeições, como se observa na liturgia atual."*

Os ordens monásticas possuem uma melhor formação litúrgica do que a maioria, e é por isso que a liturgia moderna, tal como é celebrada nos mosteiros e nas paróquias atendidas por comunidades monásticas, frequentemente se salvou da "obscuridade de uma doutrina e de sua aplicação inaceitáveis" mencionada pelo Papa João Paulo II. É também por isso que tantos fiéis percorrem longas distâncias regularmente para participar da liturgia nos mosteiros.

Isso pode também impor aos mosteiros e ordens monásticas a tarefa particular nos próximos anos de servir à Igreja no campo da formação litúrgica, revivendo o espírito da liturgia tradicional como foi admiravelmente expressado pelos pioneiros do Movimento Litúrgico do século XX: **Lambert Beauduin**, Romano Guardini, Odo Casel, Pius Parch e outros. A obra desses pioneiros não consiste simplesmente em *"documentos históricos importantes que nos mostram onde estávamos há cinquenta ou oitenta anos"*, como foi recentemente afirmado. Eles conservam – e mesmo comportam – uma modernidade, uma atualização, um sentido do que devemos ser hoje em relação à nossa abordagem da liturgia sagrada, independentemente do rito. Desafio qualquer cético que leia os escritos desses autores, começando pelo mais curto, o pequeno livro de Guardini *Os Sinais Sagrados*, a afirmar que eles não podem servir de guia para a vida litúrgica e o renovo atual.

Um aspecto fundamental desse renovo é a recuperação na Liturgia Sagrada da verdadeira natureza da participação ativa. Aqui, o aspecto contemplativo pode desempenhar seu papel, pois a participação ativa – ou mais precisamente, atual – na Liturgia é essencialmente contemplativa. Romano Guardini descobriu esse significado durante a Vigília Pascal na basílica de Monreale em 1929:

A cerimônia sagrada durou mais de quatro horas, mas a participação permanecia sempre viva. Existem diferentes modos de participar piedosamente. Um consiste em ouvir, falar, expressar-se por gestos. Mas o outro reside na contemplação. O primeiro modo é bom em si mesmo, e nós europeus do Norte não conhecemos outros. Mas perdemos algo que ainda estava em Monreale: a capacidade de viver pelo olhar, de se confiar a essa visão, para receber pela contemplação o Sagrado conforme ele é formulado.

Se esse aspecto contemplativo da participação na Liturgia puder renascer, certamente teremos avançado significativamente por meio da formação litúrgica e da celebração correta da Liturgia moderna.

O segundo domínio, um momento um tanto controverso[18] do futuro renovo e da reforma que foi sugerido pelo Cardeal Ratzinger, é a proposta de celebrar livremente nos ritos pré-conciliares. Geoffrey Wainwright e Karen Westerfield Tucker observaram no novo *Oxford History of Christian Worship* que:

A vontade de adotar formas idiomáticas e tecnológicas a partir da cultura popular [na Liturgia] pode ter um certo preço; e alguns retornaram a formas mais "tradicionais" para redar um sentido de mistério perdido em uma época de comunicação instantânea.

Sem dúvida, o número crescente de católicos, especialmente jovens, que assistem regularmente à missa seguindo a Liturgia pré-conciliar age assim, sentindo-se frustrados com uma Liturgia sagrada, teocêntrica, que envolve a transcendência. Em certa medida, pode-se então argumentar que uma celebração correta e mais tradicional dos ritos modernos satisfaria essa necessidade.

No entanto, há outros argumentos significativos em favor da celebração dos antigos ritos. De acordo com o princípio teológico *Lex orandi, lex credendi*, a tradição litúrgica objetiva (em seus ritos e orações e até mesmo em sua disposição e atitudes – todas compreendidas como um todo orgânico) tal como é recebida, é de extrema importância para a ortodoxia e o saudável costume

pastoral da Igreja. Claro, essa objetividade não exclui de maneira alguma o desenvolvimento proporcional da Liturgia Sagrada, como aconteceu na história e como foi reclamado pelo Concílio Vaticano II.

No entanto, os ritos litúrgicos, frutos do *Consilium* pós-conciliar, não podem ser qualificados como desenvolvimentos orgânicos proporcionais à tradição litúrgica objetiva tal como foi recebida "na submissão à fé e por respeito religioso ao mistério da liturgia", conforme mencionado no parágrafo 1125 do *Catecismo da Igreja Católica*. O livro do arcebispo Bugnini fornece amplas provas da criação dos novos ritos por liturgistas alinhados a princípios ideológicos. O trabalho de outros especialistas demonstra claramente, por exemplo, as ideologias ativas na reforma das coletas e das orações de pós-comunhão do Missal de Paulo VI.

Assim, o rito litúrgico em uso em 1962 – embora possa realmente ser melhorado, como o Concílio viu – integra-se à tradição litúrgica e teológica. Ele permite aos fiéis ter um acesso natural a essa tradição, e o uso que dela se faz é uma proteção contra qualquer subjetividade litúrgica e teológica e contra as ideologias que podem ser encontradas no novo ritual.

Há aqueles que não aceitam este argumento, talvez por obediência às reformas que se seguiram ao Concílio. No entanto, o Papa João Paulo II permitiu a reintrodução desse ritual, e seu sucessor é totalmente sincero em querer que ele seja celebrado sem restrições. **Neste ponto, podemos especular que um *Motu proprio* do papa Bento XVI logo tornará isso efetivo. Qualquer que seja nossa posição, parece que a Igreja, em sua sabedoria, permitirá novamente uma pluralidade de usos no rito Romano.** Isso certamente foi o caso durante longos anos em sua história e, deixando de lado toda polêmica, parece não haver motivo para que não seja mais uma vez assim no futuro. Afinal, deveríamos, no século XXI, gastar nossa energia para proibir as pessoas de adorar o Deus todo-poderoso da maneira que foi honrada na Igreja por séculos?

Pouco após o Concílio, o notável liturgista alemão Klaus Gamber escrevia:

Certamente seria um enriquecimento para a Igreja se as formas da liturgia em uso até agora, considerando sua beleza e antiguidade, pudessem continuar a ser cultivadas no futuro, sem qualquer mudança, pelo menos em alguns lugares, como catedrais e certos mosteiros, entre os quais os beneditinos.

Um certo número de comunidades beneditinas de monges e monjas na França e até mesmo nos Estados Unidos já o fizeram, com um sucesso notável, dado o número de vocações que suscitam. Até agora, embora muitos mosteiros ingleses tenham acolhido favoravelmente a celebração ocasional e, às vezes, até regular da liturgia tradicional, nenhum mosteiro das ilhas britânicas teve coragem de considerar essa possibilidade, embora o desejo seja real. Isso pode ser uma outra maneira para a comunidade monástica contribuir no futuro para o renovo litúrgico e eclesiástico.

O terceiro domínio de discussão de princípio sobre o atual renovo litúrgico é a proposta, ou melhor, "as propostas" para uma reforma da reforma pós-conciliar. Elas são baseadas em duas convicções: primeiro, que os ritos estabelecidos pelo Papa Paulo VI não são os desenvolvimentos orgânicos exigidos pelo Concílio, e segundo, que a reforma atualmente reclamadora pelo Concílio deve ser implementada, "corrigindo" assim o ritual moderno.

Usei anteriormente a palavra “proposta” no plural porque, se um certo número de liturgistas e especialistas concordam sobre a necessidade de uma reforma da reforma, há diferentes propostas específicas dependendo do que isso pode implicar. Desde 1995, *Adoremus, uma “sociedade para o renovo da Liturgia Sagrada,”* fundada entre outros pelo Padre Joseph Fessio SJ, tem contribuído para o debate sobre esse tema. Em 2003, o Padre Thomas Kocic publicou um livro intitulado *A reforma da reforma? Um debate litúrgico: reformar ou rejeitar*, que contém um estudo detalhado do *status questionis* com a contribuição do **Padre Aidan Nichols** OP, Monsenhor Peter Elliot, o Padre Brian Harrison e outros... eu recomendo essa obra.

As propostas incluem um amplo uso do latim, o Canon romano voltando a ser o único canon da missa do rito romano, a substituição das orações habituais do ofertório por aquelas que possuem uma clara teologia sacrificatória, o retorno das orações próprias a cada missa em sua forma primitiva, o silêncio na Liturgia, a revalorização dos gestos realizados conforme o ritual da missa que haviam sido abolidos, e finalmente, o retorno ao antigo uso cristão do sacerdote e dos fiéis voltados para o leste, o que agora chamamos de liturgia da Eucaristia. Cada proposta gerará muitas discussões e, por fim, nosso atual Santo Padre ou um de seus sucessores deverá decidir se há necessidade de dar seguimento às mencionadas propostas. É certo que cada uma delas deve contribuir para o renovo em nosso culto de um espírito litúrgico bem claramente católico.

Uma em particular à qual subscrevo seria o exemplo típico, a saber: o retorno *ad Orientem* da celebração da missa na liturgia da Eucaristia. Esse uso (que destrói instantaneamente o idioma uniformemente aceito que se introduziu em nossa psicologia do culto e reafirma os aspectos teocêntricos essenciais e contemplativos do culto católico) é permitido pelos livros litúrgicos modernos e não requer qualquer autorização nem a adoção no futuro de uma reforma oficial. Pode ser (e de fato é) aplicado com proveito junto ao ritual vernáculo moderno. Levaria a sério, desafio você a vê-lo como uma real possibilidade de renovo litúrgico e de reforma no século XXI. A esse respeito, recomendo fortemente o recente estudo do Padre Michael Lang sobre essa questão – prefaciado pelo Cardeal Ratzinger – *Voltados para o Senhor: A Orientação na Oração Litúrgica*.

Considerações especificamente monásticas

Além dessas generalidades, gostaria de abordar dois pontos de vista especificamente monásticos. O primeiro é a celebração do culto divino nos mosteiros. Após o Concílio, os mosteiros realizaram diversas reformas em sua vida religiosa. É interessante ler no *Ampleforth Journal* do verão de 1968, sob o título “Notas de uma Comunidade”, que:

“Para se conformar às necessidades modernas e ao modo de vida do século XX... nós abandonamos mais ou menos inconscientemente a tradição beneditina para uma tradição muito mais antiga cujas raízes se aprofundam no Antigo Testamento e na Igreja primitiva...”

Assim, embora tenhamos abandonado uma prática beneditina venerada desde o século VI, na verdade não estamos renunciando a tudo nessa prática, mas estamos retornando, na verdade, a um costume mais venerável e muito mais universal da Igreja primitiva.

“Ao passar do Latim para nossa língua materna em uma parte do Ofício, estamos agindo da mesma forma: essas mudanças são, de certo modo, reversíveis.”

Não cabe a nós julgar o bom Abade e os monges de Ampleforth naquela época, e, além disso, a congregação beneditina inglesa recebeu em 1967 um rescrito da Santa Sé autorizando tal experimentação. Porém, uma pergunta se impõe: será que isso é um exemplo do arcaísmo do qual falava o jovem Joseph Ratzinger em 1966?

Se estamos falando de uma reforma da reforma, talvez devêssemos considerar se o ofício, tal como é celebrado nos mosteiros hoje, necessita de uma reforma e um renovo para retomar elementos que foram abandonados e que, talvez, não deveriam ter sido. Pode ser que seja hora de nos debruçarmos novamente sobre o *Thesaurus Liturgiae Horarum Monasticae* de 1977 e sobre aqueles que o sucederam? Para isso, talvez devêssemos usar a "hermenêutica de continuidade."

Em respeito ao ofício monástico, essa hermenêutica foi enunciada pelo Papa Paulo VI em seu discurso ao Congresso dos Padres Abades em 1966, onde declarou que sua Carta *Sacrificium Laudis* de 15 de agosto de 1966 era uma tentativa para "salvaguardar sua antiga tradição e proteger seu tesouro de cultura e espiritualidade." *Sacrificium Laudis* advertia:

"Se você extinguir a linguagem que transcende as fronteiras naturais e possui um maravilhoso poder espiritual, assim como a música que sobe do mais profundo da alma onde reside a fé e onde arde a caridade – isto é, o canto gregoriano – o ofício coral se tornará como uma vela apagada, não espalhará mais luz, não atrairá mais os olhares nem a mente dos fiéis."

Sacrificium Laudis continua:

A Igreja introduziu a língua vernácula na Liturgia para fins pastorais, em outras palavras, para aqueles que não conhecem o latim. A mesma Igreja permite que você mantenha a dignidade tradicional, a beleza e a seriedade do ofício coral tanto em sua linguagem quanto em seu canto.

Esses comentários um tanto provocadores de Paulo VI deveriam ser revisados. Certamente, muitas comunidades adaptaram o ofício às diferentes obras apostólicas e, para elas, uma obrigação de canto plain chant seria impossível. Mas esses ofícios cantados não refletem, talvez, os valores que Paulo VI buscava proteger? Eles servem para "a união de cada um de nós com Deus", que é o objetivo do canto coral. Pode ser que seja hora de retomar a antiga tradição do ofício beneditino, de cantar novamente esses magníficos salmos do Laudate todas as manhãs – um paradigma da vocação monástica em todas as suas formas? Também pode ser que seja hora de descobrir o valor do livro de horas como estabelecido na Santa Regra de São Bento?

A segunda consideração monástica sobre a qual gostaria de fazer um breve comentário diz respeito à missa conventual. Os cinco artigos relacionados à missa conventual e o resultado da concelebração relatado na *The Downside Review*, publicado entre 1966 e 1972, destacam sua importância nas comunidades monásticas nos anos de reforma que se seguiram ao Concílio. Dom Gregory Murray expôs em grandes traços a nova visão da missa conventual:

Difícil encontrar uma manifestação mais perfeita da unidade espiritual que governa a comunidade: a total participação de todos no santo Sacrifício, que atinge seu ápice no momento da Eucaristia. Há algo mais inspirador para uma comunidade do que se unir em uma comunhão geral na missa conventual de cada dia?

A isso, gostaria de adicionar uma outra consideração. A missa conventual – com sua diversidade de ministérios litúrgicos, sua solenidade natural e sua beleza, o canto de seus cânticos, especialmente por seu aspecto de lentidão contemplativa – tem muito a oferecer à Igreja de hoje como paradigma da celebração litúrgica (independentemente do rito em vigor). Pois na missa conventual pode-se alcançar e sentir esse espírito litúrgico que se encontraria com muita dificuldade na maneira superficial como muitas vezes a missa é celebrada. Ao manter esse espírito vivo, os mosteiros fazem muito para ajudar a futura reforma litúrgica e seu renovo.

Conclusão

Em julho de 2001, uma conferência litúrgica por iniciativa do Cardeal Ratzinger foi realizada na abadia de Fontgombault, na França, para dar continuidade à discussão sobre a questão da liturgia. Seu conteúdo abrange os três domínios de reforma possível dos quais falamos e demonstramos seu valor. Um tradicionalista francês (em comunhão com a Santa Sé) publicou um livro: *Além do Vaticano II? A Igreja em um novo cruzamento de caminhos* que proclama que:

"Quarenta anos após o término do Concílio Vaticano II, a ascensão de Bento XVI ao trono Pontifício inaugura, nolens volens, uma fase de transição para a Igreja, ou seja, um processo de saída do estado atípico no qual esse Concílio a havia colocado."

Para Barthe, é mais do que Liturgia a que se refere – embora ele certamente a tenha incluído – e, no entanto, ele não é um entusiasta do Concílio. Estejamos ou não de acordo com sua análise, eu penso que devemos reconhecer – especialmente em relação à Liturgia – que a Igreja se encontra hoje em um novo cruzamento de caminhos e que, em muitos aspectos, a reforma e o renovo litúrgicos vão simplesmente além do que se seguiu ao Vaticano II.

É possível que essa transição nos conduza a caminhos – aparentemente novos ou talvez já passados – que talvez não prefiramos ou sequer imaginemos. De qualquer forma, se o fizermos com fé, mantendo a caridade, além do amor e da fidelidade à grande tradição da Liturgia sagrada da Igreja, podemos nós mesmos trazer uma contribuição – por mais modesta que seja – a essa "verdadeira celebração da Liturgia Sagrada que é, de fato, o centro de todo renovo da Igreja."

---

[18] **Nota do Dr. Ried:** O indulto do Papa João Paulo II de 1984 que permitiu sua aplicação foi estigmatizado como

"a pior das traições desde Judas".

Veja as observações do Mestre das Cerimônias Litúrgicas do Soberano Pontífice, o arcebispo Piero Marini, em uma entrevista no site Affaritaliani.it no dia 20 de março de 2006: "o rito Tridentino ou aquele de São Pio V, que é na verdade o Missale Romanum atualizado conforme as últimas disposições de 1962 de João XXIII, foi conservado mediante certas condições para evitar um trauma para os fiéis mais idosos devido à transição do antigo rito para o novo. Subsequentemente, o papa Wojtyla permitiu que a missa de São Pio V pudesse ser celebrada em certas igrejas. Mas ir além seria para a Igreja ir mais longe, e isso não é possível. Se a Liturgia é a prova da unidade da Igreja, não posso admitir, por um lado, um grupo de fiéis que reza certos dias e a uma certa hora, e por outro lado, outro grupo que reza em outro momento, mas de maneira diferente."

ANTONIO RIUS FACIUS

EXCOMUNGADO!

Trajetória e pensamento do Pe. Dr. Joaquín Sáenz y Arriaga

Prefácio Mateus Larsan

Editora Restauração

Edição 2024 - Ação Restauracionista

Excomungado! Biografia do Padre Joaquín Saenz y Arriaga, por Antonio Rius Facius.

Tradução: Gabriel Moreira e Mateus Larsan
Revisão: Luiz Guilherme Muniz Barboza
Diagramação: Cleber Alexandre da Silva
Capa: Pablo Ricardo Moura

CONTEÚDO

ITE INFLAMMATE OMNIA: UM JESUÍTA MEXICANO **v**

AVE MARIA INVIOLATA **viii**

1 ORIGENS DO NEO-MODERNISMO **1**

2 TRAJETÓRIA DE UMA VOCAÇÃO **15**

3 JUVENTUDE CATÓLICA **27**

4 DIRETOR DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS **39**

5 PROVA DE FIRMEZA IGNACIANA **50**

6 O GOLPE DECISIVO **65**

7 A IGREJA PÓS-CONCILIAR **80**

8 O PROGRESSISMO EM AÇÃO **87**

9 A MISSA NOVA **97**

10 EXCOMUNHÃO **106**

11 SEDE VACANTE **117**

12 AO FINAL DA JORNADA **128**

APÊNDICE : OBRAS DO AUTOR **143**

ITE INFLAMMATE OMNIA

Um Jesuíta Mexicano

Padre Saenz Arriaga, o primeiro "Catolibã"[1]

"***Monseigneur, nous ne voulons pas de cette paix***"[2]

Monsenhor Guérard des Lauriers contra os acordos de Dom Marcel Lefebvre, em 1979

"*A verdade é como um leão; você não precisa defendê-la. Liberte-a, e ela se defenderá a si mesma.*" Santo Agostinho.

Se te perguntassem quais seriam as chances de que um jesuíta maldosamente internado por seus superiores liberais, excomungado por um cardeal, que morreu pobre e rodeado de poucos amigos pudesse ter todas as suas obras reeditadas 50 anos após a sua morte?

Convidamos os leitores que conheçam a vida do Reverendo Padre Joaquín Saenz y Arriaga. Um incansável sacerdote que

[1]Catolibã: Termo surgido no contexto da guerra civil sedevacantista de 2023. Católico + Talibã, significando o radicalismo pela fé.

[2]Monsenhor, nós não queremos essa paz.

desde muito antes da Revolução Conciliar empreendia a sua luta contra-revolucionária, inspirando a chama do catolicismo nos corações da juventude mexicana e sendo uma imparável pedra no sapato dos liberais e modernistas de seu tempo (e do nosso!).

Doutor Catedrático pela Faculdade Gregoriana de Roma *(do tempo em que esse título ainda valia alguma coisa*), escritor, jornalista, contra-revolucionário, ativista, e um dos principais autores do Magistral "Complô Contra a Igreja" e, acima de tudo, um exemplo de sacerdote da Igreja Católica. Modelo de vida, não somente enquanto padre, mas de santificação por meio do combate católico. Não somente um padre, mas um soldado santo com a sua pena e escrita.

"*Não é o servo maior do que o senhor. Se eles me perseguiram a mim, também vos hão-de perseguir a vós; se guardaram a minha palavra, também hão-de guardar a vossa.*" São João XV, 20.

Padre Saenz y Arriaga foi expulso da Igreja em que cresceu, simplesmente por ter mantido a fé intacta que desde criança aprendeu. No ano de 1972, enquanto o movimento tradicional ainda engatinhava e procurava o seu norte, Padre Arriaga recebeu a glória da Excomunhão pelos inimigos da fé. Muito antes de Dom Thuc, Dom Lefebvre e Dom Mayer, Don[3] Joaquín Saenz y Arriaga já não pertencia mais a seita conciliar que se apoderou das estruturas católicas.

Mais douto do que quase todos os tradicionalistas da década de 60, Padre Arriaga sofria de uma desvantagem: Não era rico, e nem europeu. Enquanto o Velho Continente ainda se debatia com artigos especulativos[4], Padre Arriaga erguia um monumento intelectual do outro lado do Atlântico. La Nueva Iglesia Montiniana (1971) Cisma ó fe?: Por qué me excomulgaron? (1972) Sede Vacante: Paulo VI no es Papa legítimo! (1973)[5] são os livros de sua autoria que já traziam a luz da doutrina sobre as trevas revolucionárias.

[3]Título que não deve ser confundido com o de bispo.

[4]A exemplo de Arnaldo Xavier Vidigal da Silveira, confira: https://web.archive.org/web/20220910184311/https://truerestoration.org/history-of-the-traditional-catholic-movement-is-sedevacantism-something-recent/

[5]Livros: A Nova Igreja Montiniana; Cisma ou Fé? Por que me excomungaram?; Sedevacante: Paulo VI não é papa Legítimo.

Radical: adjetivo relativo à raiz, origem ou ao fundamento; fundamental, básico, essencial. Etimologia: Do latim, radix.

A Obra do Padre Saenz y Arriaga é a semente contra revolucionária, e graças ao bom Deus, é uma semente que não conhece fronteiras, que é de Domínio Público dos membros da Igreja Católica, Clérigos e Leigos. Padre Arriaga nos legou a semente, e cabe a nossa geração de católicos radicais e intransigentes cultivá-la. Se a sua obra outrora não teve o reconhecimento que mereceu, nós estamos aqui para dar a honra e o prestígio que ela merece.

"*Servo mau e preguiçoso! Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem dez talentos. Porque ao que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o pouco que tem lhe será tirado. E a esse servo inútil lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.*" São Mateus XXV, 26-30.

Que com essas palavras do Santo Evangelho sejamos gratos a Deus pelo legado do Padre Joaquín Saenz y Arriaga e façamos melhor com esta santa semente que recebemos do que aqueles que, conhecendo, a rejeitaram. Que como o Padre Saenz y Arriaga sejamos árduos militantes da pureza doutrinal e inabaláveis mártires das injustas perseguições que padecemos por nossa fé. Que tomemos a Cristiada como a Nova Covadonga e que sejamos nós os sucessores desta Nova Reconquista de nossos tempos. Que a vida do Padre Saenz nos inspire o fogo da santidade combativa e que como ele possam ser estas as nossas últimas palavras:

"*Que o último suspiro da minha alma seja o dos nossos mártires mexicanos: Viva Cristo Rei, Viva a Virgem de Guadalupe!*"

"*Nós não mudamos de Religião, nós somos os que sobraram.*"
†Dom Daniel Dolan

Mateus Larsan, S.C.R.E. – Lider da Ação Restauracionista
Domingo da Ressureição de Nosso Senhor, 31/03/2024

AVE MARIA INVIOLATA

Respondo de boa vontade ao amável convite que os discípulos e amigos do querido padre Joaquín Sáenz Arriaga me dirigiram. Também devo pagar uma dívida de reconhecimento para com um precursor dotado de perspicácia que foi um grande confessor da Santíssima Fé.

Encontrei novamente o padre Sáenz em Roma durante os anos 1970–1972, nas reuniões internacionais que inspiravam o desejo comum e veemente de "salvar" a MISSA. Recordo-me do olhar ardente e das veementes falas com as quais o padre Sáenz queria compartilhar seu fervor e comunicar suas convicções.

Meus contatos com o padre Sáenz foram, no entanto, bastante escassos. Outros expressarão melhor do que eu o que apenas consegui vislumbrar.

No entanto, há um ponto sobre o qual devo insistir, pois está envolto na escura certeza do Mistério da Fé.

O padre Sáenz era considerado, entre os seguidores da Tradição, um "extremista". Desde a primeira hora, destacava-se entre os participantes dessas reuniões que resistiam por instinto à "autoridade" e estavam conscientes do dever de resistir. O padre Sáenz e o professor Reinhard Lauth foram, que eu me lembre, os primeiros e, portanto, os únicos a levantar a questão de se a "autoridade" ainda era a Autoridade. Neste assunto, o padre Sáenz (e também, igualmente, o Dr. Lauth)

respondeu NÃO. Assim, à semelhança de Jesus que clamava pela Verdade, o padre Sáenz clamou esse NÃO! Isso lhe valeu a honra da excomunhão.

Desconheço quais foram os sentimentos que essa severa "sanção" despertou nele. Do que tenho certeza é, antes de tudo, do dogma da comunhão dos Santos. Também tenho certeza de que o padre Sáenz, que se tornou, esperamos, um santo, obteve e continua a obter a luz e a força para que seus irmãos de combate, que aspiram ver a Deus, mas a quem Deus ordena permanecer na terra, sejam contados no número dos eleitos.

Defuntus adhue loguitur (os mortos ainda falam).

Unamo-nos em comunhão com o padre Sáenz e, por sua intercessão, sejamos dóceis ao Espírito e testemunhas da Verdade.

M. L. G. DES LAURIERS, O. P.[6]
En la fiesta de la Inmaculada Concepción
Sábado 8 de diciembre 1979

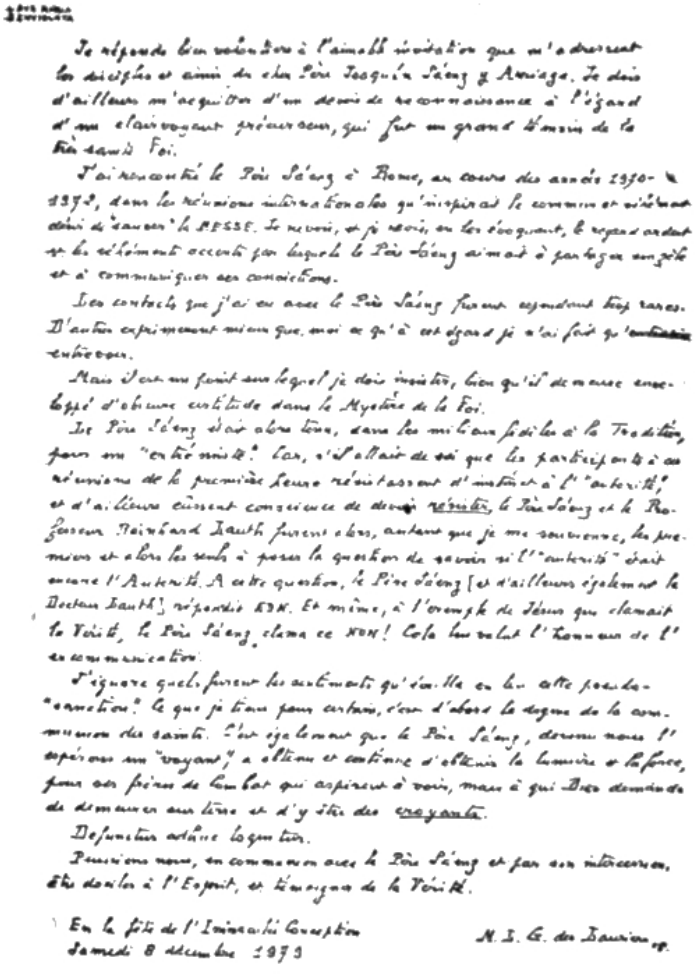
[6]O R. P. Guérard des Lauriers, O. P. consagrou a sua vida ao serviço da Verdade na profundidade e inteligibilidade da Fé, segundo a mais pura tradição da Ordem dos Pregadores.

Ex-aluno da Escola Normal Superior, doutorou-se em matemática quando já era religioso.

Por muito tempo foi professor de Teologia em Saulchoir, no Escolasticado Dominicano na França, e mais tarde na Pontifícia Universidade Lateranense de Roma.

Ele possui o grau excepcional de *Mestre* Laureado em *Teologia Sagrada*.

AVE MARIA INVIOLATA



Je réponds bien volontiers à l'aimable invitation que m'adressent les disciples et amis du cher Père Joaquín Sáenz y Arriaga. Je dois d'ailleurs m'acquitter d'un devoir de reconnaissance à l'égard d'un clairvoyant précurseur, qui fut un grand témoin de la très sainte Foi.

J'ai rencontré le Père Sáenz à Rome, au cours des années 1970-1972, dans les réunions internationales qu'inspirait le commun et véhément désir de "sauver" la MESSE. Je revois, et je revois, en les évoquant, le regard ardent et les véhéments accents par lesquels le Père Sáenz aimait à partager son zèle et à communiquer ses convictions.

Les contacts que j'ai eu avec le Père Sáenz furent cependant trop rares. D'autres expriment mieux que moi ce qu'à cet égard je n'ai fait qu'~~entrevoir~~ entrevoir.

Mais il est un point sur lequel je dois insister, bien qu'il demeure enveloppé d'obscure certitude dans le Mystère de la Foi.

Le Père Sáenz était alors tenu, dans les milieux fidèles à la Tradition, pour un "extrémiste". Car, s'il allait de soi que les participants à ces réunions de la première heure résistassent d'instinct à l'"autorité", et d'ailleurs eussent conscience de devoir résister, le Père Sáenz et le Professeur Reinhard Lauth furent alors, autant que je me souvienne, les premiers et alors les seuls à poser la question de savoir si l'"autorité" était encore l'Autorité. A cette question, le Père Sáenz [et d'ailleurs également le Docteur Lauth] répondit NON. Et même, à l'exemple de Jésus qui clamait la Vérité, le Père Sáenz clama ce NON! Cela lui valut l'honneur de l'excommunication.

J'ignore quels furent les sentiments qu'éveilla en lui cette pseudo-"sanction". Ce que je tiens pour certain, c'est d'abord le dogme de la communion des saints. C'est également que le Père Sáenz, devenu nous l'espérons un "voyant", a obtenu et continue d'obtenir la lumière et la force, pour ses frères de combat qui aspirent à voir, mais à qui Dieu demande de demeurer sur terre et d'y être des croyants.

Defunctus adhuc loquitur.

Puissions nous, en communion avec le Père Sáenz et par son intercession, être dociles à l'Esprit, et témoigner de la Vérité.

En la fête de l'Immaculée Conception
Samedi 8 décembre 1973

M. L. G. des Lauriers, op.

Carta Original de M. L. G. DES LAURIES, O. P.

CAPÍTULO 1

ORIGENS DO NEO-MODERNISMO

A crise pela qual a Igreja pós-conciliar atravessa tem múltiplas facetas que foram expostas de diversas formas por inúmeros escritores eclesiásticos e leigos, tornando mais confuso o entendimento de suas origens e seu real significado. Atualmente, algo semelhante ocorre ao que aconteceu há quatro séculos, quando se consumou o cisma da Reforma, ao qual o cisma atual está relacionado, com o agravante de que não é a Sede Apostólica que, como naquela época, pôde permanecer incontaminada de todo erro doutrinário, mas, dando uma reviravolta de 180°, tornou-se o principal impulsionador do neoprotestantismo, tentando reunir as forças dispersas do cristianismo em uma nova concepção religiosa que acomode todas as seitas anteriormente condenadas pelo magistério pontifício e agora, passo a passo, reconhecidas como iguais à Igreja Católica.

Para adaptar esta teologia disforme aos ritos católicos, foi necessária uma profunda transformação litúrgica que afetou os sacramentos e o sacrifício eucarístico. Como é fácil perceber, existe um longo processo que precisa ser estudado desde suas remotas origens para alcançar a compreensão completa do

problema relacionado com o surgimento e desenvolvimento do protestantismo. A Reforma no século XVI foi um fator decisivo na história da humanidade, pois interrompeu o processo religioso, cultural e social do Ocidente. Sofremos as consequências e continuaremos a sofrê-las ainda por um tempo cujo fim não se vislumbra.

Martinho Lutero iniciou na Alemanha seu protesto, até certo ponto justificado, contra as exceções estabelecidas pela corte pontifícia para cobrir os elevados custos da construção da maior basílica da cristandade. Seu desafio à autoridade eclesiástica possibilitou a apropriação dos bens e receitas da Igreja. As classes poderosas, impulsionadas pela ambição, se rebelaram contra a autoridade pontifícia, e sua atitude contagiosa degenerou em um sentimento anticatólico que culminou com a rejeição da missa e do mistério da Encarnação.

O antecedente mais remoto do protestantismo remonta aos primórdios do Cristianismo. Existem laços sutis que dão continuidade a todos os cismas. No início do século IV, durante o grande movimento de conversão do Império Romano, surge a heresia ariana; esta era, essencialmente, racionalista. Não rejeitava abertamente o catolicismo, mas o questionava à luz da razão, excluindo toda causa natural da existência, como ocorre em grande medida com o progressismo religioso dos nossos dias.

Não foi um fenômeno isolado; teve seus bispos, sua própria organização e grande influência sobre as classes dirigentes durante trezentos anos.

Após a superação dessa cisão, no século VII, surgiu uma nova heresia que adquiriu dimensões inesperadas e permanentes: o islamismo. Expandiu-se, por razões políticas e raciais, para os povos da Ásia Menor, Egito, Norte da África e, no século IX, aventurou-se a conquistar a Espanha.

Não é possível perceber quão terrível foi o assalto muçulmano e as brechas que abriu nas fileiras cristãs até que a Espanha pudesse realizar a Reconquista. No entanto, ficou solidamente estabelecido em parte da Ásia, no Oriente Médio e em vastas nações africanas.

Os ataques à religião católica resultaram em uma prova de fogo para sua divindade. Não cessaram desde o dia em que Cristo morreu na cruz para ressuscitar triunfal e definitiva-

mente no terceiro dia de seu sacrifício.

O movimento albigense, surgido em Albi, França, no início do século XII, alcançou uma organização poderosa. Contava com numerosos bispos, sacerdotes e a capacidade de realizar concílios. Condenava o uso dos sacramentos, o culto externo e a hierarquia eclesiástica. Foi uma perversão *puritana* que rejeitava a beleza exterior e arruinava a bondade interior em prol de uma suposta volta à simplicidade evangélica.

A Reforma no século XVI, impulsionada pela ganância dos príncipes do Renascimento e apoiada por comerciantes e proprietários de terras, alguns de origem (((duvidosa)))[1], constituiu externamente um movimento doutrinário. Isso foi possível devido ao enfraquecimento da autoridade temporal da Santa Sé, enfraquecimento originado quando a corte pontifícia se instalou em Avignon, de 1305 a 1377, sob a hegemonia do Rei da França. Depois ocorreu o que é conhecido como o Grande Cisma do Ocidente: dois papas se enfrentando, um em Roma e outro em Avignon, ambos com a lealdade de diferentes setores de influência política na Europa, até que Santa Catarina de Sena fez com que o papado retornasse a Roma. Esse enredo durou quarenta anos antes que houvesse um único líder supremo da Igreja.

Quando, em 1517, começou a ruptura da unidade católica, a nascente comunidade religiosa adquiriu dimensões inesperadas de ódio em relação à antiga e única religião cristã. Esse ódio se manifestava em insultos abomináveis contra a Eucaristia, os santos, a Mãe de Deus, e incentivava a vileza do homem, degenerando-o em anarquista e iconoclasta.

Aos trinta e cinco anos de idade, Martinho Lutero havia alcançado certo renome local. Embora não fosse um humanista, possuía alguns conhecimentos de teologia. Foi-lhe confiada a direção ativa de seu mosteiro agostiniano e realizou alguns trabalhos na Universidade de Wittenberg.

Quando Leão X assumiu o trono pontifício, ele continuou o mesmo sistema de seu antecessor, Júlio II, para angariar fundos destinados à construção da grandiosa Basílica de São Pedro.

[1]Para mais detalhes, leia o artigo "Lutero era um Rosacruz, um gnóstico, um arqui-inimigo da Igreja" disponível em nosso site: https://acaorestauracionista.com.br/26

Mais por negligência do que por uma falha doutrinária, ocorreram abusos na venda de indulgências. O dogma da Igreja não havia mudado e não poderia mudar: os méritos dos santos podem ser aplicados para a remissão da punição, não para o perdão do pecado. No entanto, as pessoas daquela época, mal informadas, sentiram-se confortavelmente inclinadas a comprar a remissão do pecado em vez de oferecer uma esmola como sacrifício para merecer a redução da punição.

Este erro de interpretação não era generalizado. A concessão de indulgências, deturpada pelo abuso, foi rejeitada pelo cardeal-arcebispo de Toledo, líder da Igreja na Espanha, sem que sua atitude pudesse ser considerada um desafio a Roma. Martinho Lutero fez o mesmo e, de acordo com o costume da época, elaborou noventa e cinco teses e as afixou na porta da igreja do castelo de Wittenberg. Até este ponto, sua atitude não se afastava das regras estabelecidas: suas teses poderiam ser livremente discutidas, aprovadas ou rejeitadas conforme o caso, sem colocar em perigo a autoridade papal e a ortodoxia da Igreja. No entanto, a reação popular ultrapassou os limites do propósito inicial e degenerou em um desafio aberto à autoridade pontifícia. Lutero foi, sem dúvidas, o primeiro surpreendido pela importância que seu protesto alcançou em pouco tempo, pois não pôde prever a reação que os diferentes fatores, como uma mistura explosiva, ativariam para produzir esse terrível cisma.

O Luteranismo experimentou um vertiginoso aumento; em dois anos, Lutero viu-se arrastado por forças estranhas que modificaram substancialmente seu pensamento. Era o herói de uma insurreição religiosa e enfrentou com soberba a excomunhão contida na bula "*Exsurge Domine*", expedida em 1520.

Nessa época, no cantão suíço de Zurique, um padre que desfrutava de crédito científico e usufruía de uma dotação[2] papal uniu-se a Lutero, tornando-se um decidido revolucionário doutrinário, muito semelhante a essa infinidade de eclesiásticos contemporâneos a serviço da anti-Igreja. Seu desafio a Roma propiciou a expropriação dos bens eclesiásticos e a revogação do celibato sacerdotal.

Zwinglio avançou rapidamente; estabeleceu o princípio da livre interpretação da Bíblia e negou todo mistério à Eucaris-

[2]Cremos que dotação Papal signifique um título.

tia. Então, em Zurique, começou uma violenta iconoclastia que destruiu a beleza dos templos católicos e seu simbolismo teológico.

O vírus da heresia saltou de uma cidade para outra como uma praga mortal. Na Inglaterra, incubou-se em um rei muito católico, quase fanático, devoto sincero do Santíssimo Sacramento e da Virgem Maria,

Thomas Cromwell, ministro de Henrique VIII, viu a possibilidade de encher os bolsos com o saque dos bens da Igreja e, aproveitando a confusão na qual o rei estava envolvido, o induziu a romper com Roma. O conflito pessoal entre Henrique VIII e a Santa Sé poderia ter sido resolvido satisfatoriamente, mas as interferências palacianas o impediram. Durante a terceira década do século XVI, foram estabelecidas as bases para a ruptura definitiva, seguida pela dissolução de mosteiros e conventos, e o confisco de todos os seus bens em benefício de proprietários de terras, especuladores e aventureiros.

A dissolução dos monastérios coincidiu com a aparição do livro mais importante na transformação e consolidação da Reforma: "*Instituição da Religião Cristã*", escrito por João Calvino, natural de Noyon, França.

João Calvino, como é conhecido, criou uma nova concepção religiosa e disciplina eclesiástica para opor-se à Igreja Católica.

Nem todos os grandes grupos cismáticos da Europa quiseram seguir Calvino; nem os ingleses e nem os luteranos aderiram à rígida organização calvinista. No entanto, como Hilaire Belloc adverte em "*How The Reformation Happened*"[3] (Como aconteceu a Reforma): "não há dúvida de que o calvinismo, até o dia de hoje, é a alma do protestantismo".

Em 1546, dez anos após a aparição de seu livro, surgiu em Roma a primeira igreja calvinista importante. Em pouco tempo, outras foram estabelecidas, constituindo pequenos estados dentro do Estado.

A situação oscilava entre o temor de uma rebelião religiosa que acabaria por destruir a arte e a cultura ocidental originadas no catolicismo e entre, como destaca Belloc, "um ódio intenso, feroz e crescente que havia sido despertado contra a

[3]Belloc, Hilaire. "Como Aconteceu a Reforma" (How the Reformation Happened), EMECE Editores S. A, Buenos Aires, Argentina. Pág. 150.)

missa, o Santíssimo Sacramento e todo o sistema transcendental; um ódio tal que aqueles que o sentiam estavam, apesar de milhões de divergências, em uma aliança comum. Esse ódio era alimentado pela indignação popular original contra a corrupção do clero, e especialmente contra suas exigências econômicas, mas era muito mais antigo que essa perturbação, nascida no último período medieval; esse ódio era tão antigo quanto a presença da Igreja Católica neste mundo. Era tão antigo quanto os começos da pregação de Jesus Cristo na Galileia. O gênio de Calvino havia proporcionado uma organização, uma filosofia, um plano de ação e uma alma.

Este ódio satânico estava destinado a perdurar ao longo dos anos e, por meio de investidas cada vez mais agudas e sutis, penetraria na muralha do vaticano para destruir, de dentro para fora, a tradição, a doutrina e a liturgia, em uma tentativa, até agora bem-sucedida, de protestantizar a Igreja, atualizando os métodos implementados há quatro séculos.

De 1559 a 1572, resolveu-se em um empate, equivalente à derrota da unidade europeia, o conflito planejado pela Reforma. A Igreja não pôde fazer outra coisa senão definir a doutrina verdadeira. Não haveria mais desvios dogmáticos, não haveria mais interpretações particulares dos mistérios divinos. Quando se tornou evidente o avanço do cisma, a cristandade sentiu a necessidade urgente de convocar um concílio ecumênico que esclarecesse dúvidas e confirmasse os principais dogmas católicos. Os primeiros esforços para convocá-lo datam de 1537, durante o pontificado de Paulo III. Por várias circunstâncias, teve que ser adiado repetidamente, assim como a escolha da sede, até que, finalmente, em 13 de dezembro de 1545, na cidade alemã de Trento, o Sacrossanto e Ecumênico Concílio foi finalmente aberto.

Longa e acidentada é a sua história, assim como importantes e transcendentes foram as suas conclusões. Três pontífices participaram: Paulo III, Júlio III e Pio IV. Treze anos, intervalos e pressões políticas não conseguiram desviar os propósitos iniciais. O Concílio de Trento foi consagrado como um dos mais importantes na história da Igreja.

Desenvolveu-se em três etapas, os teólogos mais sábios daquela época contribuíram com seu conhecimento e, com a inspiração do Espírito Santo, o Concílio estudou e definiu questões

dogmáticas de importância substancial: o cânon das Escrituras, o valor da tradição, o pecado original, a justificação e a graça, os sacramentos, o purgatório, as indulgências, o valor e o significado da Missa; questões todas que haviam sido objetadas, de diversas formas, pelo multifacetado protestantismo.

O capítulo IX, sessão XXII do mencionado Concílio, declara o seguinte: "Visto que muitos erros têm sido disseminados neste tempo contra essas verdades de fé, fundamentadas no sagrado Evangelho, nas tradições dos Apóstolos e na doutrina dos santos Padres; e muitos ensinam e disputam muitas coisas diferentes; o sacrossanto Concílio, após graves e repetidas discussões, realizadas com maturidade, sobre esses assuntos; determinou, por consentimento unânime de todos os Padres, condenar e banir da Santa Igreja por meio dos seguintes Cânones todos os erros que se opõem a esta fé puríssima e doutrina sagrada."[4]

É importante destacar a interpretação que a Reforma dava ao santo Sacrifício do altar. Embora com variações marcantes, eles transformaram a missa em um "memorial da Ceia", uma "assembleia eucarística", uma "reunião de fiéis para invocar o Senhor"; tudo menos "um sacrifício visível, conforme requer a condição dos homens, no qual se representasse o sacrifício cruento que uma vez deveria ser feito na cruz e permanecer em memória até o fim do mundo", conforme definido pelo Concílio de Trento, sessão XXII, capítulo 1.

Após este Concílio, ao cisma não restou outra opção senão reconhecer seus erros para retornar à casa do Pai. No entanto, isso não ocorreu; pelo contrário, o uso das línguas vernáculas e as circunstâncias regionais fizeram com que se multiplicassem as seitas. Aqueles que nasceram e foram educados nessas crenças, exceto por exceções isoladas de notáveis conversos, persistiram em sua fé racionalista e prepararam o terreno do qual brotariam guerras sangrentas. A Revolução Francesa, ao final do século XVIII, equivale a uma revanche dos derrotados huguenotes no século XVI, assim como os sistemas políticos de escravidão coletiva, fundamentados no culto ao homem e na

[4]O Sagrado e Ecumênico Concílio de Trento, traduzido para o idioma castelhano por Don Ignacio Lópes de Ayala. Acrescenta-se o texto latino corrigido conforme à edição autêntica de Roma, publicada em 1564. Quarta edição, na impressora de Ramón Ruiz (Madrid, Espanha), 1798. Página 245.

negação de Deus.

A aparição do socialismo, no meio do século passado, e a progressiva idolatria a Karl Marx, seu ideólogo mais importante, encontraram solo fértil nas estruturas protestantes permeáveis à influência das lojas maçônicas, declaradas inimigas da Igreja Católica. Esta teve que enfrentar sozinha os nefastos erros contidos nas novas teorias em voga. Ninguém, exceto a Igreja, denunciou a maldade intrínseca do verdadeiro socialismo.

Mas como os filhos das trevas são mais sagazes do que os filhos da luz, eis que, com um vocabulário enganador primeiro, e depois com uma violência impiedosa, conseguiram dominar uma grande nação de antiga linhagem cristã, no exato momento em que, derrotados nos campos de batalha, faziam-se ouvir seus clamores por justiça e concórdia.

Quantos milhões de seres inocentes foram assassinados para implantar o comunismo na Rússia? Nunca se saberá. A anti-Igreja havia conquistado uma fortaleza de importância estratégica excepcional no cenário mundial. Os países mais poderosos do mundo naquela hora sombria não tinham consciência dos valores em jogo: o protestantismo era o denominador comum.

A Primeira Guerra Mundial, uma guerra de interesses econômicos, não resolveu a divisão que, quatro séculos antes, havia sido provocada pela Reforma. Essa divisão propiciou a ausência de uma frente comum para combater com sucesso o comunismo, consequência última do racionalismo religioso que nega a natureza divina de Cristo e a autoridade espiritual de Sua Igreja.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o comunismo pôde sobreviver graças ao apoio fornecido pelos Estados Unidos, uma nação heterogênea em raças e credos religiosos, que, na vitória, foi traída por seus presidentes Roosevelt e Truman ao entregar metade da Europa à voracidade comunista. Essa metade da Europa era composta por nações zelosas de suas tradições e de sua fé católica.

O Papa Pio XII resistiu ao assalto de calúnias e pressões morais. Não ficou em silêncio nem cedeu. A Igreja permaneceu, como em outras vezes na história da humanidade, fiel à sua missão sobrenatural.

Em 30 de junho de 1949, S.S. Pio XII aprovou, confirmou e mandou publicar o *Decreto de Excomunhão da Suprema Congregação do Santo Ofício* "àqueles que se inscrevem nos partidos comunistas ou os favorecem, porque o comunismo é materialista e anticristão, e seus líderes... de fato, com a doutrina ou com as obras, mostram-se inimigos de Deus, da verdadeira religião e da Igreja de Jesus Cristo." Portanto, é ilícito "propagar ou ler livros, jornais, periódicos, panfletos que favoreçam a doutrina ou as atividades comunistas..." Aqueles que "conscientemente ou deliberadamente tenham realizado" esses atos devem ser privados da recepção dos Santos Sacramentos. Em resumo: "Os fiéis que professam a doutrina comunista, materialista e anticristã, principalmente aqueles que a defendem e propagam, incorrem, pelo mesmo fato, na excomunhão reservada 'modo especial' à Sé Apostólica como apóstatas da Fé Católica."

Até então, o magistério pontifício não havia sofrido mudanças nem deterioração. Uma única doutrina coerente, um único pensamento, uma condenação inequívoca ao comunismo e àqueles que, de alguma forma, o favoreciam. Favorecer é transigir com ele, negociar com ele, aceitá-lo e admiti-lo como partícipe da verdade e da justiça. Pio IX no *Syllabus*; Leão XIII na encíclica *Apostolici Muneris*; Pio XI na *Quadragésimo Anno*, na *Divini Redemptoris*. Desde o início, a Santa Sé havia rejeitado categoricamente qualquer relação com essa doutrina nefasta, uma em essência, múltipla em suas aceitações: marxismo, socialismo, comunismo, populismo de esquerda, libertação nacional...

Em 1958, ao falecer Sua Santidade Pio XII, ascendeu ao trono pontifício o cardeal Roncalli, que assumiu o nome de João XXIII, anteriormente usado por Baldanare Cosa, um antipapa entronizado em 1410 e deposto em 1415.

Como seu homônimo, João XXIII durou cinco anos no pontificado, tempo suficiente para estabelecer as bases da mudança mais espetacular pela qual a Igreja passou. Encorajado por aqueles que desejavam "atualizar" a política do Vaticano, convocou o Concílio Vaticano II, no qual, apesar de uma considerável corrente de opinião para condenar o comunismo, não houve censura aos erros modernos. Em vez disso, deu margem a mudanças substanciais na liturgia, na disciplina eclesiástica,

no conceito mundano da liberdade religiosa e nas relações, de igual para igual, com outras "igrejas cristãs".

Desde que João XXIII recebeu em 1963 Alexei Adjubei, genro de Kruschev, as influências soviéticas se fizeram sentir dentro da Santa Sé. A *Ostpolitik*[5] do Vaticano tornou-se cada vez mais evidente. O dramático episódio do cardeal Mindszenty[6] expôs o valor relativo das promessas pontifícias e dos possíveis acordos secretos com a maçonaria e o comunismo.

Em sua época, a Reforma Protestante não alcançou, em um período tão curto, as profundas transformações que a Igreja experimentou após o Concílio Vaticano II, com total aprovação de Paulo VI.

Uma característica marcante do ecumenismo pós-conciliar é a busca, salvaguardando todas as condenações anteriores, pela reunificação com o protestantismo de todos os matizes, começando pela Igreja Anglicana e adaptando a liturgia às suas próprias normas, chegando ao extremo da "concelebração" católico-protestante.

Onde ficou o sacrifício incruento que foi canonizado pelo Concílio de Trento? Quem agora atende às claras condenações proferidas por aquele concílio dogmático? "Se alguém disser que o Cânone da Missa – agora substancialmente modificado – contém erros, e que, por essa razão, deve ser abolido; seja excomungado."

"Se alguém disser que deve condenar o rito da Igreja Romana – como agora é condenado ao ser proibido para ser substituído pelo Novus Ordo Missae – , no qual se pronunciam em voz baixa uma parte do Cânon e as palavras da consagração; ou que a Missa deve ser celebrada apenas na língua vernácula, ou que não se deve misturar a água com o vinho no cálice que será oferecido, porque isso vai contra a instituição de Cristo; seja excomungado."[7]

As palavras são claras para todo aquele que opta por obe-

[5]Ostpolitik (na língua alemã significa Política do leste) é um termo usado para descrever os esforços realizados por Willy Brandt, Ministro dos Negócios Estrangeiros e Chanceler da República Federal da Alemanha para normalizar as relações com as nações da Europa de Leste, incluindo a República Democrática Alemã.

[6]Cardeal perseguido pelo governo comunista húngaro que acabou falecendo no exílio.

[7]Ibidem. Sessão XXII, Cânone IX. Pág. 247.

decer antes a Deus que aos homens. Nenhum sofisma poderá apagar as condenações em que incorrem aqueles que desprezam a verdadeira Missa e se juntam conscientemente à liturgia protestante.

A atualização dos mesmos erros que o Concílio de Trento condenou nos evidencia que os princípios consagrados continuam vigentes.

Quem se atreveria a afirmar que o tempo pode transformar falsidades em verdades? Pois este é o absurdo que hoje podemos descobrir na leitura de alguns cânones de Trento:

"Cânone I: Se alguém disser que na Missa não se oferece a Deus um verdadeiro e próprio sacrifício, ou que oferecer isso não é outra coisa senão nos dar Cristo para que o comamos; seja excomungado."

Como admitir agora que "a Ceia do Senhor, ou Missa, é a assembleia sagrada ou congregação do povo de Deus, reunido sob a presidência do sacerdote para celebrar o memorial do Senhor"?

O primeiro passo para alterar as estruturas eclesiásticas e tentar alcançar a unidade em todos os povos de cultura cristã foi a reforma litúrgica, não apenas da Missa, mas também dos sacramentos, reduzindo-os ou aproximando-os a um mero ato simbólico, não para apresentar uma frente comum contra o avanço comunista, mas para abrir o caminho para a convivência com o mais nefasto dos erros humanos.

O magistério da Igreja, anterior ao Concílio Vaticano II, foi visto como inútil: "... temos a oportunidade de refletir sobre a ineficácia das encíclicas", afirma com franca honestidade Peter Hebblethwaite[8] em sua obra "*A Igreja Transbordada*". "Se fossem tão poderosas como às vezes se diz, o movimento ecumênico nascido teria sido sufocado logo ao nascer." Mas não foi assim. Os prelados mais progressistas encontraram amplo apoio em Paulo VI, que, antes de assumir a Cátedra de São Pedro, já havia dado claras indicações de seu liberalismo religioso. A hierarquia católica holandesa, em estreito contato com a maioria protestante de seu país, liderou com o Catecismo Holandês – que não era católico – seguido por outras versões do catecismo e das Sagradas Escrituras para o consumo das novas gerações

[8]Hebblethwaite, Peter. La Iglesia desbordada (The Runaway Church), Editorial Noer, S. À., Barcelona, España, 1977. Pág. 128.

de batizados.

Quando, em março de 1966, o Dr. Michael Ramsey, arcebispo de Canterbury, apresentou-se em Roma como Presidente da Comunhão Anglicana Universal, foi recebido por Paulo VI na esplendorosa Capela Sistina. O pontífice disse-lhe: "Vossos passos não ressoam em casa alheia, levam-vos a um lar que, por razões sempre válidas, podeis chamar de vosso." E certamente podia chamá-lo de seu: Paulo VI fazia todo o possível para aproximar a Igreja Católica do cisma protestante. A correspondência trocada entre o arcebispo de Canterbury e o pontífice romano, publicada no *L'Osservatore Romano*, assim o demonstra.

Para evitar qualquer possível oposição à política vaticana, o Papa Montini – como costumavam chamá-lo em Roma – ampliou as atribuições, tanto pessoais quanto coletivas, dos bispos, comprometendo-os a apoiar as mudanças sucessivas, ignorando as atitudes marxistas de alguns prelados, fazendo vistas grossas a declarações não raro heréticas; e assim, passo a passo, compromisso após compromisso, fechou-lhes toda opção de recuar, sob pena de serem apontados como desobedientes à sua autoridade.

A dessacralização dos templos, a tolerância a todo tipo de experimentos litúrgicos, por mais sacrílegos ou ridículos que pudessem ser, não passaram despercebidos ao arcebispo Dwyer, de Birmingham, Inglaterra. Ao assistir à *Missa normativa* durante o primeiro sínodo de bispos em outubro de 1967, afirmou: "A reforma litúrgica é, em um sentido muito real, a chave do *aggiornamento*. Não se confundam a respeito: a revolução começa aqui."

Sua previsão mostrou-se precisa: "A Igreja Católica Romana se 'protestantizou'. A Reforma, por tanto tempo rejeitada, triunfou de forma incruenta e com efeito retardado. A Igreja de Roma tornou-se indistinguível do protestantismo e passa a repetir seus erros."[9]

Peter Hebblethwaite, autor de "*La Iglesia desbordada*", é um simpatizante inesperado da mudança promovida por Roma após o Concílio Vaticano II.

Uma das consequências mais significativas desta reforma tem sido a redução nas vocações sacerdotais, uma vez que, de

[9]Ibidem. Pág. 250.

acordo com as novas teorias promovidas pelos neomodernistas, "todos somos sacerdotes".

"As saídas do ministério se tornaram uma parte habitual e desanimadora da realidade sacerdotal durante a década", revela Hebblethwaite em seu livro citado. "Mesmo as estatísticas oficiais do *Anuário Pontifício* registram a queda nos números. Em sua edição de 1974, o número de padres diocesanos é contado em 270.737, ou seja, 2.396 a menos, ou 8,8% a menos do que no ano anterior." Se considerarmos o aumento da população mundial, qual será a porcentagem relativa dessa diminuição de vocações somada às deserções ocorridas a cada ano? Isso sem contar o relaxamento disciplinar em institutos religiosos e a redução de requisitos acadêmicos em seminários, nos quais o liberalismo sexual e a política enviesada começam a produzir agitadores sociais e padres guerrilheiros.

Diante da falta da mística da entrega total a Cristo, da dessacralização dos sacramentos e da adulteração da Missa, a quem esses resultados podem surpreender?

Apenas lembrando o processo das grandes apostasias, sempre semelhante, podemos compreender o atual fenômeno religioso. O medo da desobediência, somado à força psicológica do número, domina escrúpulos, cega evidências, convence pusilânimes e acomodados; em suma, explica a traição mais espetacular, ocorrida em todos os tempos, ao magistério milenar da Igreja. São poucos os que se recusaram a seguir as novas correntes de pensamento religioso que desembocam no mar do sincretismo; poucos que, como o profeta bíblico, clamam no deserto. No entanto, suas vozes não se perderão. Um dia, apenas conhecido pela Divina Providência, a razão retornará ao homem, e a verdadeira fé tocará seu coração; então, a memória daqueles que, como o padre Joaquín Sáenz Arriaga, permaneceram fiéis ao seu apostolado, orientados para a luz eterna em meio às trevas, imunes à dor humana, ao insulto, à zombaria, ao escárnio, será abençoada.

Dar a conhecer episódios de sua existência, adentrar-se em seu pensamento religioso, descobrir a força motora de sua fé invicta e fundamentada nos ensinará quão valiosa e transcendente foi sua obra apostólica.

Não chegou ainda a hora de sua total reivindicação; a indiferença coletiva tomou o lugar das batalhas dialéticas, e a

preguiça intelectual detém, fragmenta, minimiza a obra dispersa daqueles que, como ele, resistem a aceitar a derrota do Magistério eclesiástico sustentado ao longo de quase vinte séculos. Mas sua causa, que é a causa de Cristo, não está perdida; sobre a perversão e os erros humanos está a assistência do Espírito Santo.

Com este retrato do homem que se recusou a sucumbir no marasmo da irreligiosidade, das acomodações, das "retificações teológicas", quero oferecer aos espíritos angustiados um alento de esperança no ressurgimento futuro do catolicismo autêntico e imutável.

CAPÍTULO 2

TRAJETÓRIA DE UMA VOCAÇÃO

A imprensa daquele dia destacou a notícia: Por "*injúrias ao papa*", *a Mitra excomunga um padre antiprogressista*.

No mesmo jornal, na seção editorial, o comentário sucinto e preciso advertia: "Este fato tem aspectos muito graves, na nossa opinião, pois levanta, em primeiro lugar, o problema da liberdade dentro da Igreja. Não existe a possibilidade de criticar, censurar, ou simplesmente discordar dentro da Igreja Católica Romana sem correr o risco de ser excomungado? Há muito pouco tempo, outro padre jesuíta militante, Porfirio Miranda, publicou também um livro intitulado *Marx e a Bíblia*, com uma inclinação francamente pró-marxista. A este trabalho, Dom Miguel Darío Miranda deu o «*imprimatur*», ou seja, sua aprovação, e essa diferença de tratamento pode, infelizmente, trazer resultados muito ruins para a Igreja no México. Todo o mundo se perguntará: Por que um padre 'progressista' que se declara marxista é apoiado pela Mitra, e outro, tradicional, é excomungado?"[1]

Miguel Darío, Cardeal Miranda, Arcebispo Primaz do Mé-

[1]O Sol do México. Jornal. 21 de dezembro de 1971.

xico, deu por encerrado este caso e nunca mais voltou a ocupar-se publicamente dele. Como era seu costume, não se dignou a responder à opinião pública nem aos fiéis de sua arquidiocese que se mostraram escandalizados. Por seu alto cargo eclesiástico, acreditava-se infalível em seus julgamentos e imune a toda crítica:

Na Sala de Governo da Cúria do Arcebispado do México, no décimo oitavo dia do mês de dezembro de mil novecentos e setenta e um, assinou a suspensão "*a divinis*" e declarou o padre Joaquín Sáenz Arriaga, doutor em filosofia e teologia, fora da Igreja, cuja trajetória sacerdotal supera a qualquer paralelo humano na história contemporânea da Igreja no México.

Este decreto infame longe de quebrar seu espírito foi para o Reverendo Arriaga um estímulo espiritual; um chamado da Providência para dar um testemunho completo de sua fé, de sua inabalável fé, firme como a rocha, como a dos Apóstolos ao receber o Espírito Santo; como a dos mártires mexicanos quando lançaram seus votos com seu próprio sangue no plebiscito da Guerra Cristera.

Foi mais uma prova de sua vocação sacerdotal, à qual se sentiu chamado desde seus anos infantis até o último dia de sua existência, que foi marcada por um destino superior, por uma tendência natural de superação. Foi uma criança boa, consciente de sua carga hereditária, que soube se conduzir até o final como uma oferta de si mesmo a Deus Trino e à Santíssima Virgem de Guadalupe, da qual foi grande devoto.

Honrou sua linhagem de "cristão velho", como eram chamados antigamente aqueles cuja ascendência não se misturava com infiéis. Em sua árvore genealógica, encontram-se frutos maduros, como o arcebispo Arciga,[2] irmão de Dona Loreto Ar-

[2]José Ignacio Arciga y Ruiz de Chávez (1830–1900) nasceu em Pátzcuaro, Michoacán. Ele fez seus primeiros estudos lá. Ingressou no Seminário de Morelia em 1846 e foi ordenado padre em 1853. No Seminário, lecionou as disciplinas de matemática, física e teologia até que o prédio da instituição foi confiscado em 1859 pelo governo liberal. De 1862 a 1866, atendeu o curato de Guanajuato. Recebeu o cargo de cônego magistral e bispo auxiliar de Morelia. Ilustre arcebispo de Michoacán por quase 31 anos (1869 a 1900), realizou a florescente restauração da arquidiocese. Restabeleceu o Seminário em um belo edifício de estilo neoclássico, onde instalou laboratórios, gabinetes, observatório astronômico e biblioteca bem fornecida. Em 1882, este seminário contava com 600 alunos, e nas filiais abertas em Pátzcuaro, Celaya, Santa Cruz, La Piedad e Puruándiro, foram alojados 500 estudantes. Em Morelia, estabele-

ciga de Sáenz; uma família numerosa e distinta por sua linhagem social, pela inteligência clara de seus membros e por sua profunda religiosidade. De origem espanhola, as gerações dos Sáenz e dos Arriaga – conservadores os primeiros, liberais os segundos e ambos amantes da tradição crioula, representativa da nacionalidade mexicana – contam com dezenas de religiosos e sacerdotes, alguns dos quais foram consagrados bispos e, desde sua alta hierarquia, deixaram uma constância perene de seu amor pela Igreja.

Seu pai, Don Rafael Sáenz Arciga, nasceu em 1863, e sua mãe, Donã Magdalena Arriaga Burgos de Sáenz, fez sua aparição nesta vida em 29 de maio de 1862. Ambos eram naturais da cidade de Morelia; casaram-se e tiveram uma numerosa descendência. Joaquín foi o décimo terceiro dos seus treze filhos; viu a primeira luz no dia 12 de outubro de 1899.

O pequeno Joaquín não teve dúvidas sobre sua vocação. Desde muito novo, sentiu o chamado de Deus em sua consciência. Brincava de sacerdote com seus irmãos. Tinha dez anos quando construiu seu próprio altar em um canto da antiga casa colonial e, diante dele, realizava uma imitação piedosa da santa missa. Impunha sua autoridade ao pequeno público formado por seus irmãos mais novos e algum amiguinho. Luis e Pablo, mais jovens que ele, faziam o papel de coroinhas. Utilizava suas habilidades oratórias em sermões improvisados e tentava impressionar seus ouvintes com descrições acentuadas do Inferno. Sua própria piedade era alimentada com a reza diária do santo Rosário, e, sem perceber, mergulhava diariamente na doutrina cristã que sua mãe lhe ensinava.

Ao final do século XIX, Morelia era uma cidade próspera, apesar de não possuir indústrias importantes, contando apenas com duas fábricas de fiação e tecelagem de algodão. Localizada numa região predominantemente agrícola, sua população limitada a cerca de 34.000 habitantes estava enraizada na terra e ligada a costumes seculares. A antiga Valladolid foi fundada em 18 de maio de 1541 pelo primeiro vice-rei da Nova Espanha, Antonio de Mendoza. As gerações de crioulos que se sucederam preservaram intactas as virtudes religiosas

ceu o Colégio Teresiano para meninas, que alcançou fama e chegou a ter mil alunos. Durante seu ministério, ordenou 760 sacerdotes. Faleceu na Cidade do México no ano de 1900.

e criativas de seus antepassados.

Morelia era a Metrópole do Arcebispado de Michoacán, que compreendia as dioceses de León, Querétaro e Zamora. José Ignacio Arciga era o arcebispo. Cerca de vinte igrejas, algumas reluzentes exemplos de arte sacra, acolhiam a piedade fervorosa dos morelianos. Para atender à educação popular, uma dúzia de escolas abriam suas salas de aula para o ensino. Três bibliotecas – no Colégio de San Nicolás, com 4.000 volumes; a pública do Estado, com 15.000; e a do Seminário, com 32.000 livros de todas as épocas – testemunhavam a preocupação da Igreja Católica em levar cultura ao maior número possível de indivíduos, sem contar as numerosas e seletas bibliotecas particulares que conferiam a Morelia uma destacada categoria humanística entre as mais renomadas capitais provinciais.

Para cursar estudos superiores, existia apenas uma escola preparatória oficial: o Colégio de San Nicolás de Hidalgo, e dois estabelecimentos profissionais: a Escola de Medicina e a de Jurisprudência. No âmbito religioso, havia o Seminário, fundado no século XVIII. Para suprir a ausência de uma escola de ensino preparatório administrada pelo clero, foi fundado em 1902 o Instituto Científico do Sagrado Coração de Jesus, "para educar cristãmente a infância e a juventude das classes principais da cidade".[3]

Neste colégio, oferecia-se educação primária, ensino fundamental, ensino médio, ensino comercial, estudos agrícolas e industriais, e formação de professores; uma ampla gama de cursos que proporcionavam perspectivas civis aos alunos sob os cuidados dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Do ano de 1900 até sua morte em 1911, governou a Arquidiocese Dom Atenógenes Silva y Álvarez Tostado. Ele foi sucedido por Dom Leopoldo Ruiz y Flores, cuja responsabilidade histórica se tornaria significativa com a assinatura infeliz dos "acordos" entre a Igreja e o Estado em 1929.

A importância e influência religiosa em Morelia, onde Joaquín Sáenz Arriaga passou sua infância, ficam evidentes. Saenz frequentou o Instituto Científico del Sagrado Corazón de Jesús, onde cursou o ensino fundamental e médio, obtendo notas excelentes em seus estudos. Destacava-se entre seus colegas pelo talento claro.

[3]O Instituto do Sagrado Coração de Jesus. Folheto, Morelia, México, 1902.

Ainda não completara dez anos de vida e já começava a colecionar aquelas pequenas folhas mensais chamadas de "testimonios de honor"[4], que compõem sua imagem estudantil. Ao concluir o ensino fundamental em 27 de outubro de 1912, foi concedido a ele um diploma em reconhecimento à sua excelente conduta, pontualidade e aplicação.

Sentindo-se chamado para a vida religiosa, o adolescente alerta pensou em ser um cartuxo; ele era atraído pela vida silenciosa e pela autonegação como um valor espiritual oferecido. Monsenhor Leopoldo Ruiz y Flores fez com que ele visse que a Igreja precisava de soldados prontos para a luta e, com razões convincentes, inclinou sua vontade para a Ordem de Santo Inácio.

Aos dezesseis anos de idade, consciente de seu destino pessoal e intransferível, deixou sua casa paterna. Reviravoltas do destino haviam obrigado a família a mudar de residência; agora habitavam uma modesta casa na sexta rua de Aldama, número 1, em Morelia. Dona Magdalena preparou a modesta bagagem de Joaquín. Acompanhado de seu irmão mais velho, Rafael, ele viajou para o porto de Veracruz. Embarcou no navio *Buenos Aires*, de bandeira espanhola, em segunda classe. Em 11 de agosto de 1916, o navio partiu. A bordo, encontravam-se seis freiras teresianas, às quais se uniram mais duas, de Morelia, na breve escala que o vapor fez em Havana, Cuba. Joaquín buscou a amizade delas, pois representavam uma extensão simbólica de seu próprio lar durante a travessia. O *Buenos Aires* atracou em Nova York ao anoitecer do dia 12. No dia seguinte, apoiado na amurada do navio, Joaquín contemplou longamente o perfil da moderna Babel, semelhante às pinheiras de sua terra.

Longos dias de mar e céu antes de avistar a costa espanhola, pátria de seus antepassados distantes.

Desembarcou no porto de Barcelona e dirigiu-se a Loyola, berço do fundador da Companhia de Jesus. Naquele famoso seminário, um delicioso jardim situado entre as íngremes e verdes montanhas de Santander, ingressou em 15 de setembro. A rígida disciplina a que os aspirantes à milícia inaciana eram submetidos não o dobrou. Aprendeu que nada era seu; tudo pertencia à comunidade. Desempenhou trabalhos bastante ár-

[4] "Testemunhos de honra"

duos para um jovem acostumado ao serviço doméstico, a refinamentos sociais e considerações familiares. As dificuldades que enfrentou durante o período de prova foram compensadas com a atenção solícita de seus primeiros mestres. Em nenhum momento ele afrouxou sua vontade de seguir o caminho traçado por aqueles que lhe deram exemplos de religiosidade.

Antes de Joaquín ingressar no Seminário, seu irmão Luis, terceiro na família Sáenz Arriaga, já havia sido ordenado sacerdote católico. Ele foi educado no Colégio Pio Latino de Roma e obteve o título de doutorado em Teologia. Em 1911, foi ordenado sacerdote. Possuía uma inteligência surpreendente e, apesar de sua juventude, dominava sete idiomas. Joaquín não ficaria para trás. Ao longo de sua vida, também aprendeu várias línguas: inglês, francês, italiano, português, um pouco de grego, além, é claro, do latim e do espanhol.

Luis, um apóstolo ativo em um ambiente e época bastante conturbados, contraiu tifo em uma de suas muitas assistências a doentes necessitados. A precária assistência médica – viviam-se momentos dramáticos da Revolução – abriu-lhe as portas da eternidade em abril de 1917. Seu pai, Don Rafael, profundamente afetado com sua morte, não resistiu aos embates de seu coração enfraquecido e, em 19 de junho seguinte, bem assistido espiritual e corporalmente, chegou ao fim de seus dias.

Essas mortes, conhecidas no distante confinamento, fortaleceram ainda mais o propósito de Joaquín, que, com grande empenho, continuou seus estudos sem perder contato com sua família ausente em sua terra natal tão desejada.

No ano seguinte, ele é enviado para Granada, uma cidade com reminiscências mouriscas e uma rica tradição cultural, para cursar o primeiro ano do Juniorado e Literatura.

Em 16 de setembro de 1918, Joaquín faz seus primeiros votos de pobreza, obediência e castidade, que na Companhia de Jesus, ao contrário de outras ordens religiosas, são considerados como perpétuos.

Até 1922, ele permanece nesta cidade, cuja reconquista pelos Reis Católicos unificou a Península Ibérica sob o símbolo da cruz.

À sombra das laranjeiras perfumadas de flor de laranjeira, perto do testemunho artístico islâmico mais notável da Espa-

nha: a Alhambra; no meio da luz e brancura daquele lugar protegido pela Sierra Nevada, o jovem seminarista conclui o Juniorado. Ele estuda Literatura e Humanidades em 1919. Em 1920, ele cursa o segundo grau de ambas as matérias. Inicia-se em Filosofia no ano seguinte e, em 1923, conclui o segundo grau de Retórica.

Não permanece o tempo todo recluso em Granada. Com outros seminaristas, visita lugares de interesse histórico e religioso, como a Basílica del Pilar em Zaragoza, de onde envia um postal carinhoso para sua mãe, que já residia na Cidade do México.

Para o ano letivo de 1923, ele se muda para Sarriá, província de Barcelona, e ingressa no suntuoso Colégio de San Ignacio. Cursa o segundo grau de Filosofia e, no ano seguinte, apresenta um magnífico exame do terceiro grau.

O clima e o ambiente diferem da calorosa terra andaluza. O caráter austero e franco dos catalães se assemelha à sua pátria, íngreme e fria.

A preparação jesuíta é intensa e variada. Os futuros sacerdotes não ficam anos a fio em um só lugar; são transferidos de um lado para outro para que, com o contato com diferentes pessoas e as lições de professores qualificados, adquiram maior desenvoltura e segurança pessoal, ao mesmo tempo em que ampliam e amadurecem seus conhecimentos. Em sua última carta enviada à mãe de Barcelona, em junho de 1924, ele conta que havia visto várias vezes, durante sua estadia na cidade condal, o rei Alfonso XII; Maria Vitória, sua consorte real; e a rainha mãe, Dona Cristina: "É um consolo para os católicos – diz ele – ver e saudar um rei tão católico, que deu grandes e magníficas demonstrações de sua fé e amor a Cristo e à sua Igreja."

O jovem seminarista embarca, com outro colega, em Barcelona. Seu navio parte para a Nicarágua. Cruzam o Canal do Panamá e, em 2 de setembro de 1924, ele e José Bravo chegam a Granada, República da Nicarágua.

São designados para o magistério no Colégio Centroamericano do Sagrado Coração de Jesus.

Imediatamente, ele começa a ensinar como professor do quarto e quinto ano do ensino fundamental. Além disso, auxilia o diretor e fica responsável pela Segunda Divisão de semi-

internos e externos.

Permanece no colégio durante todo o ano de 1925, dando aulas aos alunos do quinto ano e desempenhando também o cargo de diretor. Entre seus colegas está seu conterrâneo José Martínez Cabrera. Essa não seria a única ocasião em que, durante seus estudos, esses bons amigos estariam juntos.

No início de março de 1926, parte da Nicarágua. Do município de La Libertad, República de El Salvador, o reitor do Seminário lhe envia um telegrama convidando-o a visitá-los e desejando-lhe uma feliz viagem. O jovem jesuíta começava a ser conhecido por seu apostolado e sua capacidade intelectual. No entanto, ele não pôde atender ao pedido do Padre Superior do Seminário Salvadorenho, pois precisava continuar sua viagem para o México.

Ele permaneceu no México por alguns meses. Esteve na cidade de Puebla, no Colégio Católico do Sagrado Coração de Jesus. No outono de 1926, partiu novamente para a Espanha e, no Colégio Máximo de San Ignacio de Loyola, em Sarriá, cursou o primeiro grau de Teologia. No início de 1927, ele foi para a cidade de Granada, de onde relata a doña Magdalena que foi visitado em Barcelona por amigos do México, incluindo Miguel Estrada Iturbide, a quem considerou "muito culto e inteligente". Ele também informa que recebeu uma carta de seu parente Leopoldo Lara y Torres, primeiro bispo de Tacámbaro e figura proeminente durante o conflito religioso no México. Observa que em Sarriá, província de Barcelona, seus colegas do seminário, incluindo muitos mexicanos, estão bem informados sobre o que está acontecendo em seu país, e ele anuncia o envio de folhetos de propaganda religiosa.

"No sul da Espanha, as pessoas têm agido menos; muitos ainda não compreenderam as difíceis circunstâncias pelas quais a Igreja Mexicana está passando; eles acreditam que se trata de males e eventos internos e não de uma perseguição contra a Igreja."

"É necessário orar: a oração salvará o México do abismo para onde está indo."

Antes do final de 1927, Joaquín foi enviado ao Woodstock College, em Maryland, Estados Unidos, para estudar o segundo e terceiro graus de Teologia, matéria em que se doutoraria posteriormente, juntamente com Filosofia e Direito Canônico.

Seus títulos levam a assinatura do Prepósito Geral da Companhia de Jesus, do Reitor da Pontifícia Universidade Gregoriana e dos respectivos secretários de ambas as instituições.

No México, a perseguição religiosa se intensificou. A defesa armada dos católicos ganhava impulso heróico. Antes do final de novembro, o sacrifício de dois inocentes e dois implicados em um atentado contra o general Álvaro Obregón chocou a opinião pública mundial. O padre Agustín Pro, S.J., e seu irmão Humberto, sem julgamento prévio, juntamente com o engenheiro Luis Segura Vilchis e Juan Antonio Tirado, foram fuzilados com ostensiva publicidade no pátio da Inspeção Geral de Polícia, localizada no coração urbano da capital da República.

Muitos episódios, próprios de uma epopeia e respaldados pela entrega cristã dos protagonistas, alimentavam o fervor religioso do povo e estimulavam o desejo de emular aqueles que, como Joaquín, se preparavam para o sagrado ministério sacerdotal. O jovem seminarista estava bem informado sobre tudo o que acontecia em seu país e, dentro de suas possibilidades, ajudava a causa cristera enviando propaganda e transmitindo notícias às autoridades eclesiásticas ao seu alcance.

Relatos verdadeiros chegavam até ele por vários meios, incluindo sua correspondência com Monsenhor Leopoldo Lara y Torres, um dos poucos prelados que resistiram, evitando emboscadas policiais sem deixar o país, às investidas anticlericais. Nem nos momentos de perigo mais agudo ele deixou o território nacional, permanecendo fiel à sua qualidade de pastor encarregado de um rebanho ameaçado pelos bárbaros do século XX.

Em uma carta datada na capital da República em 8 de fevereiro de 1928, ele o informa sobre o recrudescimento na luta cristera e narra a destruição do monumento a Cristo Rei no Cerro del Cubilete, perto de Silao, Guanajuato. Também menciona a contínua prisão de leigos e religiosos pelo crime de ouvir missa clandestinamente.

Se Joaquín tivesse imaginado que, muitos anos depois, ele teria que celebrar a missa em segredo em seu lar, uma missa proibida não pelos perseguidores declarados da Igreja, mas por aqueles que exercem autoridade eclesiástica!

Esses não eram comentários superficiais, os de monsenhor Lara y Torres. O bispo de Tacámbaro explicava com conheci-

mento maduro as transgressões legais do governo civil.[5]

Monsenhor também relatava, em outra carta, a busca infrutífera da polícia pelo bispo de San Luis Potosí, monsenhor Miguel de la Mora, vice-presidente do Comitê Episcopal, que, um ano depois, ao reiniciarem as negociações diretas entre Portes Gil e monsenhor Ruiz y Flores, sob a tutela de Mr. Morrow, seria marginalizado pelos responsáveis por tão desastrado acordo que acabou, Deus sabe por quanto tempo, com a possibilidade de restabelecer no México uma ordem social autenticamente cristã.

Durante sua estadia na Nicarágua, Joaquín contraiu amebíase. O clima, a insalubridade e os escassos recursos em sua voluntária reclusão, lhe causaram essa doença persistente, que não o impediu, no entanto, de prosseguir com seus estudos.

No Woodstock College, ele completou o terceiro grau de Teologia, uma matéria pela qual tinha uma predileção especial. Em setembro, ele fez seus exames e depois retornou ao México. O entusiástico jesuíta queria estar em sua terra natal, onde uma nebulosa paz reprimia o desencanto de uma derrota injusta. O conflito religioso, mal resolvido em julho de 1929, permitiu a repatriação dos prelados ausentes e a retomada do culto católico nos templos.

Joaquín foi designado para o Colégio de San José, em Guadalajara, como professor de inglês e assistente do bibliotecário e do Diretor.

Recuperado de seus problemas gástricos, dedicado às suas novas responsabilidades em uma pausa de relativa tranquilidade, em 30 de abril de 1930, na igreja de San Felipe de Jesús, o arcebispo de Guadalajara, Dr. Francisco Orozco y Jiménez, ungiu as mãos do novo sacerdote da Igreja Católica, Apostólica e Romana. O bispo de Tacámbaro, Leopoldo Lara y Torres, atuou como testemunha da ordenação. A essa cerimônia solene também compareceram o cônego Rafael Sáenz Arciga, eclesiásticos e familiares do padre Joaquín Sáenz Arriaga.

Don Francisco, don Leopoldo, don Rafael, doña Magdalena Arriaga de Sáenz e outros membros de sua família aparecem ao lado do jovem sacerdote na fotografia tirada nessa data memorável.

[5]Lara y Torres, Mons. Dr. Leopoldo. Documentos para a história da Igreja Católica no México. Editorial Jus, S. A. México, D. F., 1954. Páginas.

Dois dias após esse evento, o Padre Sáenz realizou seu mais belo ideal humano, a culminação de seus anseios infantis. No mesmo templo de San Felipe de Jesús, ele celebrou sua primeira missa em 2 de maio. Ao elevar a Hóstia consagrada e o Cálice da salvação, o silêncio destacou a emoção mística do celebrante.

Dias depois, no oratório particular da família Olvera, na Cidade do México, ele ministrou a Primeira Comunhão a seus sobrinhos Agustín, Francisco e Rafael Sáenz y Sáenz.

Posteriormente, viajou para os Estados Unidos. Ao chegar ao Texas, passou alguns dias descansando em Ruidoso, um lindo local de lazer cercado por montanhas, antes de ingressar no Woodstock College, em Maryland, para cursar o quarto grau de Teologia.

No início de 1931, visitou a Universidade de Columbia, em Nova York. Em um dia durante o almoço, acompanhado do padre Ford, responsável pelo Newman Club da universidade, sentou-se ao lado de um pastor protestante, professor do Union Theological Seminary. Conversaram sobre Santo Tomás, mencionaram Suárez e trocaram opiniões sobre a filosofia escolástica. Não poderia faltar uma referência ao recém-inaugurado Empire State Building. O pastor perguntou ao padre se ele havia estado lá, ao que Don Joaquín respondeu que não.

– E qual filosofia o senhor vê nesse edifício? – perguntou novamente.

– Doutor, é muita filosofia para dar uma resposta breve. É a filosofia de nossos tempos; é a matéria sufocando o espírito; é a nova Babel que deseja desafiar os poderes divinos.

O ministro protestante ficou em silêncio. Refletiu e disse:

– Felizes vocês, os católicos, que têm algo estável para acreditar; nós gostaríamos de um tipo de ilusão para entreter nossas vidas.

Quando saíram do refeitório, o Padre Sáenz perguntou ao Padre Ford o significado das palavras pronunciadas pelo professor do Union Theological Seminary:

– Nenhum dos professores do Seminário protestante acredita em Cristo, em sua divindade... Eles pensam que a religião é uma exigência da vida, um capricho dos homens, que deve ser satisfeito... Eles, os membros protestantes, são os artistas de

suas igrejas, ganhando assim o seu sustento.[6]

Don Joaquín ia acumulando conhecimentos e experiências humanas. A religião nunca seria para ele um meio de vida, mas o propósito de sua existência.

Ele morava em Poughkeepsie, N.Y. (St. Andrew-on-Hudson), e, dotado para a oratória sagrada, iniciou-se na difícil arte de ministrar exercícios espirituais para audiências muito diversas. Ele os ministrou de maneira muito eficaz para as Servas de Maria na The Xavier High School.

Chegou o momento de realizar sua terceira provação (equivalente a um segundo noviciado, no qual se revisa a vida e as experiências concretas dentro da Companhia de Jesus antes de avançar), e ele fez isso em Poughkeepsie.

Armado cavaleiro da milícia ignaciana, comprovada sua vocação e examinadas suas experiências, foi enviado novamente para a província mexicana.

Em 13 de abril de 1932, teve a seu cargo o piedoso sermão nas solenidades litúrgicas em honra ao Patriarca São José, no mesmo templo onde recebera as ordens sacerdotais dois anos antes.

Duas semanas depois, na Santa Igreja Catedral, por disposição do arcebispo, doutor e mestre Francisco Orozco y Jiménez, ocupou a cátedra sagrada na missa solene que, "para honrar o insigne protetor do catecismo na arquidiocese", foi celebrada de forma pontifical pelo bispo auxiliar, monsenhor José Garibi Rivera. Com sua palavra elegante e emotiva, o padre Sáenz contagiava seu auditório com a firmeza de sua crença, sua fidelidade à Igreja, sua devoção mariana. Seus sermões não eram panegíricos entediantes, mas lições que revelavam as essências evangélicas, expressas com a clareza, simplicidade e sinceridade de um verdadeiro apóstolo de Cristo.

[6]Stoddard, John L., Reedificando uma fé perdida. Tradução do presbítero doutor Joaquín Sáenz Arriaga. 4ª edição. Buena Prensa, México, D.F., 1956. Pág. 183.

CAPÍTULO 3

JUVENTUDE CATÓLICA: REALIDADE E PROMESSA

Ao ingressar plenamente em seu ministério no México, o jovem padre jesuíta não perdeu tempo com trabalhos rotineiros ou acomodados. Em suas interações com os estudantes de Guadalajara, ele demonstrou interesse nos problemas relacionados aos universitários, até se integrar ao movimento de reconquista católica iniciado e continuado sob diferentes planos, convergentes no objetivo, mas divergentes nos meios.

Neste ponto, é necessária uma digressão cuja importância será estabelecida ao observar os resultados alcançados pela UNEC (Unión Nacional de Estudiantes Católicos) e outros grupos que, devido à sua privacidade, não foram devidamente valorizados na história contemporânea do México.

Para defender suas ideias e sua própria existência na Universidade Nacional do México, os estudantes católicos ativos haviam criado, em 1926, a Confederación Nacional de Estudi-

antes Católicos, cujo primeiro assistente eclesiástico foi o jesuíta Miguel Agustín Pro Juárez, fuzilado em 23 de novembro de 1927, antes que pudesse consolidar a obra iniciada.

Ao finalizar o conflito religioso, alguns membros da já diminuída Confederación Nacional de Estudiantes Católicos se reuniram com o propósito de retomar as atividades. Alguém sugeriu a conveniência de consultar o padre Ramón Martínez Silva, S.J., líder da Extensión Universitaria Católica, encarregada de suprir as deficiências na formação religiosa e filosófica dos estudantes. Eles visitaram o sacerdote no Centro Cultural Labor, localizado na rua Cuba 88, na Cidade do México.

O resultado desse encontro foi a instalação, em 31 de abril de 1931, do Comité Organizador da Convención Iberoamericana de Estudiantes Católicos, patrocinada pela CNEC. Esta assembleia ocorreria na Cidade do México durante as comemorações do IV centenário das aparições de Nossa Senhora de Guadalupe.

"A chave da propaganda preparatória da Convenção foi o primeiro jornal estudantil católico que toda uma geração lembra: Proa[1]. Proa foi obra e criação, em Guadalajara, de Antonio Gómez Robledo"[2] autor da melhor biografia do mestre Anacleto González Flores.

Em 8 de dezembro, teve início a Convención Nacional com uma missa celebrada pelo padre Miguel Darío Miranda, assistente eclesiástico da recém-estabelecida Juventud Católica Femenina Mexicana (JCFM), braço fundamental da Acción Católica Mexicana (ACM), que foi constituída com a antiga ACIM que se pretendia, com essa manobra habilidosa, destruí-la; a Unión Femenina Católica Mexicana (UFCM), em substituição à antiga e meritória Unión de Damas Católicas, e a recente Unión de Católicos Mexicanos (UCM), para adultos. A Confederación Nacional de Estudiantes Católicos foi transformada, sob a direção do padre Martínez Silva, S. J., na União Nacio-

[1]Antes de Proa, outras publicações marcaram a presença da juventude. O Centro de Estudiantes Católicos lançou, em 15 de setembro de 1913, o primeiro número de sua excelente revista mensal: El Estudiante, dirigida por Julio Jiménez Rueda; chefe de redação, Alberto de María y Campos; administrador, Luis B. Beltrán y Mendoza. Posteriormente, em 1917, a Asociación Católica de la Juventud Mexicana publicou o jornal, também mensal, intitulado ACIM, e, a partir de janeiro de 1920, editou seu excelente boletim: Juventud Católica.

[2]Calderón Vega, Luis. Cuba 88. México, D. F., 1959. Pág. 30.

nal de Estudantes Católicos (UNEC), Luis Rivero del Val, presidente da Confederação, passou a presidência da UNEC para Manuel Ulloa Ortiz, que a partir desse momento foi considerado o líder moral da União.

Em 12 de dezembro, a Convenção Ibero-Americana foi inaugurada com grande sucesso. Tudo influenciou, além disso, na criação do ambiente. As mesmas circunstâncias negativas externas, 'a oposição adversária que contribuiu um pouco para a sinergização', segundo o pensamento de Gómez Robledo, e a avidez interior que, como retornados de longos exílios espirituais, instigava a todos...

E a qualidade daquele punhado de jovens...

E os mestres. Ao lado da equipe mais brilhante da Companhia de Jesus – padres Martínez Silva, Mariano Cuevas, Eduardo Iglesias, Francisco Stens, Francisco Portas, Joaquín Cordero, Joaquín Sáenz, o padre Saavedra, colombiano, entre outros homens de altíssima cultura universitária...[3]

Na capital da República, foi realizado o Primeiro Congresso Nacional da UNEC. Entre os dias 10 e 20 de setembro de 1933, ocorreram as reuniões das quais Manuel Ulloa Ortiz foi reeleito presidente.[4] Três temas foram programados: *Imperialismo, Problema Agrário e Bibliografia do Estudante Católico*.

Sobre o primeiro tema, o Pe. Mariano Cuevas falou e, sobre questões agrárias, houve um debate acalorado e inesquecível entre os padres Julio Vértiz e Joaquín Sáenz, delineando posições opostas de «esquerda» e «direita».

Na última reunião deste congresso, nos foi feita uma vívida história da Liga de Estudantes Católicos, cujo presidente foi don Pedro Durán, na presença de seu fundador, o P. Carlitos Heredia, e de don Gabriel Fernández Somellera, ex-presidente do Partido Católico Nacional[5].

Um ano depois, a UNEC realizou seu segundo congresso, no qual Armando Chávez Camacho foi eleito presidente. É muito significativo que os membros mais proeminentes da União Na-

[3]Ibidem. Pág. 33.

[4]Em agosto anterior, "por indicação feita em seu favor pelo mestre, licenciado don Manuel Gómez Morin", ingressou no Banco de Londres e México. Leal e eficaz colaborador em suas atividades financeiras e políticas, ele se aposentou em julho de 1972.

[5]Ibidem. Pág. 47.

cional de Estudantes Católicos figuravam como membros distintos do Partido de Ação Nacional, que seria fundado, cinco anos depois, pelo licenciado Manuel Gómez Morín.[6] Nesta lista, estão os nomes de Luis Garibay, Luis Islas García, o próprio Chávez Camacho, o "Chino" Jesús Hernández Díaz, Armando Ramírez, Daniel Kuri Breãia, Gumersindo Galván, Manuel Ulloa Ortiz, Gonzalo Chapela, Carlos Septién García, Luis Calderón Vega, Juan Landerreche Obregón...

O ano de 1934 foi um período em que se acelerou a transformação política e econômica do México. Como resultado do regime revolucionário, surgiu o general Lázaro Cárdenas, com uma ideologia marxista inegável.

Calles, o homem forte do México, proferiu um discurso em Guadalajara em 29 de julho de 1934: "É necessário – disse – que entremos no novo período da Revolução, que eu chamaria de período da revolução psicológica ou de conquista espiritual; devemos estar nesse período e tomar posse das consciências da infância e da juventude, porque a juventude e a infância são e devem pertencer à Revolução. É absolutamente necessário desalojar o inimigo dessa trincheira, e devemos assaltá-la de-

[6] A OCA (Organización, Cooperación y Acción), mais conhecida como a "Base", em sua seção 11, denominada Sinarquismo e Política, agrupou os camponeses na União Nacional Sinarquista e, como órgão político, deu origem a um segundo Partido de Ação Nacional (em 1934, membros do Centro de Estudiantes Católicos haviam fundado um partido político chamado Acción Nacional, uma tentativa imatura que, sem sustentação hierárquica, não conseguiu se consolidar), liderado pelo licenciado Manuel Gómez Morin. A assembleia constituinte ocorreu de 14 a 17 de setembro de 1939; e em 18 de setembro, também na Cidade do México, aconteceu o Primeiro Conselho Nacional Sinarquista, no qual, entre outros, falaram Manuel Gómez Morin, Jesús Vértiz, Miguel Estrada Iturbide, Jesús Guiza y Acevedo e Isaac Guzmán Valdivia, todos membros da "Base", exceto Gómez Morin, cujos antecedentes liberais explicam a independência que o PAN obteve desde o início em relação ao grupo secreto que patrocinou sua fundação.

Cinco anos depois, em dezembro de 1944, o Chefe Nacional do Sinarquismo, juntamente com outros líderes, renunciou à direção do Conselho Supremo da "Base", o que contribuiu para o desaparecimento dessa ambiciosa organização. O Comitê Episcopal, presidido pelo arcebispo Garibi Rivera, diante da "desobediência e perjúrio" às "legítimas autoridades da organização, declarou excomungados todos os líderes e membros juramentados agrupados em torno do chefe Torres Bueno." Nem todos os prelados se submeteram a tão drástica punição.

O arcebispo de Durango, monsenhor José María González y Valencia, decano do Episcopado, levou o caso a Roma. A excomunhão foi declarada inválida em quase todas as dioceses.

cididamente, pois aí está o futuro clero: refiro-me à educação, refiro-me à escola."

O mandato interino do presidente Abelardo L. Rodríguez, que havia substituído o impopular Pascual Ortiz Rubio em metade do governo fantoche movido pelo Líder Máximo da Revolução, General Plutarco Elías Calles, estava prestes a terminar; e Don Abelardo, mais empresário do que ideólogo de esquerda, teve escrúpulos em autorizar, com a sua assinatura, uma reforma radical do Artigo 3º da Constituição estabelecia as normas da educação no México. Em suas memórias, ele faz referência a tal rejeição: "O projeto de reforma do Artigo 3º Constitucional, que propunha a educação socialista, foi impugnado... Sustentei que estava sendo tentada a substituição do fanatismo religioso por outro fanatismo: o socialista".[7]

Lamentavelmente, ele confundia o "fanatismo religioso" com o direito à liberdade de crer e praticar a própria fé, embora fosse explicado por sua filiação maçônica.

Nada deteria aqueles que pretendiam impor a dialética marxista no México. Apenas doze dias após assumir o Poder Executivo, o General Cárdenas promulgou reformas ao Artigo 3º, estabelecendo a obrigatoriedade da educação socialista. Don Lázaro, lisonjeado e perturbado pelo coro de elogios emitidos por seus seguidores, tentou estender a reforma educacional às universidades e, no início de 1935, pediu ao reitor Ocaranza da Universidad Nacional Autónoma de México que a aplicasse às cátedras desta instituição. Vários professores eram pessoalmente adeptos das ideias socialistas ou seus simpatizantes; no entanto, todos rejeitaram o dogmatismo que tentavam impor e defenderam *a liberdade de cátedra*, aberta a toda investigação científica e filosófica.[8] Cárdenas teve que se resignar a contaminar apenas as mentes infantis.

Monsenhor Leopoldo Ruiz y Flores, delegado apostólico, defendeu os privilégios da consciência católica desde o exílio: "Em cumprimento de nossa missão divina, proibimos terminantemente que os católicos, sob pena de incorrer nas censuras estabelecidas pelo Direito Canônico, aprendam, ensinem ou cooperem eficazmente para que se aprenda ou ensine o que tem

[7]Rodríguez, Abelardo L. Autobiografía. México, D. F., 1962. Pág. 150.

[8]Bravo Ugarte, S. J., José. La educación en México. Editorial Jus, S. A. México, D. F., 1966. Pág. 175.

sido chamado no México de 'educação socialista'." "Porque a reforma do Artigo 3º da Constituição se reduz ao ataque sistemático de toda ideia religiosa e à propaganda perniciosa das utopias do comunismo.[9]" Ao longo dos anos, como as diretrizes da Santa Sé e a verticalidade humana de muitos prelados mudariam!

A existência precária do que foi a Liga Nacional Defensora da Liberdade Religiosa, à qual, por exigência categórica do arcebispo Pascual Díaz y Barreto, foi necessário retirar o adjetivo "Religiosa", com suas consequentes implicações de apoio moral e crédito humano que havia alcançado, se sustentava pela comunicação entre antigos cristeros que estavam, alguns deles, evitando o rancor assassino de milicianos e agraristas vingativos.

Surgiram alguns surtos de rebelião armada, prontamente reprimidos pelo repúdio a uma nova "cristiada" por quase todo o Episcopado Nacional, que não apenas se recusou a reconhecer a Liga, coordenadora desses heroísmos inúteis, mas também, em casos específicos, bispos chegaram a anatematizar aqueles que ofereciam seus bens e suas vidas para defender a liberdade cívica e religiosa.

No âmbito juvenil, houve uma resposta saudável aos avanços socialistas. As organizações católicas, UNEC e ACIM, direcionaram a generosidade dos jovens para uma maior consciência religiosa, deixando de lado qualquer atitude política e mesmo social, de acordo com os termos derrotistas estabelecidos nos Acordos de 1929.

Desde o ano de 1933, o Padre Sáenz estava em Guadalajara. Frequentava o templo dos jesuítas e estava encarregado da Congregação Mariana e da de San Luis Gonzaga. Consciente da importância que as "assistências religiosas" haviam adquirido nos grupos de jovens, era convocado para importantes reuniões ou assembleias juvenis, como a mencionada anteriormente da UNEC, realizada no México em setembro daquele ano.

Dentro desse contexto de atividades, que incluía também a função de confessor de jovens e estudantes, o Padre Sáenz permaneceu na capital do estado de Jalisco durante todo o ano

[9]Ruiz y Flores, Exmo. Dr. Leopoldo. Orientaciones y normas dadas por el Exmo. Y Rev. Del. Apost. San Antelo Texas, U. S. A., a 2 de febrero le 1935.

de 1934 e parte de 1935, quando, em 16 de julho, pronunciou seus últimos votos na Cidade do México. Recebeu a nomeação de coadjutor espiritual, ou seja, foi impedido de ocupar cargos de liderança na Companhia de Jesus. Essa atitude de seus superiores se explica provavelmente pela prática comum de agir assim com a maioria dos jovens recentemente ordenados e, possivelmente, por uma desconfiança egoísta e injustificada em relação à sua evidente capacidade intelectual e espírito de independência, embora o Padre Sáenz tenha demonstrado sensatez e capacidade de obediência.

Ao participar na constituição e desenvolvimento de grupos estudantis dedicados a defender de maneira privada os princípios religiosos e os direitos inalienáveis da educação cristã, ele não fez mais do que ser coerente com a realidade mexicana daquele tempo. Padre Saenz sabia que nenhuma sociedade, por mais secreta que seja, é capaz de preservar a doutrina social católica de seus membros, se o ambiente em que ela brota e se desenvolve, não estiver impregnado de fé, orientado por exemplos válidos e dirigido com ortodoxia insuspeita.

Em sua atuação como educador, visando orientar melhor a juventude dando-lhes motivos para recuperar a confiança, ele traduziu a obra de um notável convertido: John L. Stoddard, cujo título revela a qualidade orientadora do livro: "*Reedificando uma fé perdida*".

Embora tipograficamente deixe muito a desejar, esta edição realizada pela editora Layac no México em 1934 teve uma aceitação favorável, o que demonstrou a utilidade do trabalho do tradutor e anotador. Em uma de suas notas explicativas, antecipa-se a um grave dilema que a Igreja enfrentaria no pós-concílio; o da liberdade de crenças: "Uma coisa é a tolerância na ordem das pessoas e outra muito diferente, a tolerância na ordem das ideias. A primeira eleva e enobrece; a segunda rebaixa e avilta..."

"Evidentemente, a Igreja Católica é e deve ser intolerante em sua doutrina, porque essa doutrina constitui o precioso tesouro da Divina Revelação que seu Fundador Divino lhe confiou para custódia e fiel transmissão."

Companheiro e amigo de alguns membros notáveis da Companhia de Jesus, o Padre Sáenz Arriaga destacou-se no campo social e educacional. Ao longo de toda a sua vida, teve a vir-

tude de fortalecer afetos duradouros. Entre seus amigos mais próximos, desde seu retorno definitivo ao México, estavam os padres Ramón Martínez Silva, Eduardo Iglesias, Carlos M. de Heredia (a quem seus colegas submeteriam a uma avaliação psiquiátrica, dizendo que ele estava "louco"), José María Altamirano, José Antonio Romero, Alfredo Méndez Medina, Guillermo Terrazas, e toda aquela plêiade de jesuítas desaparecidos que colocaram a província mexicana em uma posição difícil de ser alcançada em todo o mundo durante a primeira metade do século XX. Depois, viria a traição que mergulharia a Ordem de São Inácio no pior momento de sua história.

Os "Acordos" tiveram a força necessária para dividir pela primeira vez os católicos praticantes. O espírito de obediência predominou na maioria, que assim resolvia confortavelmente seu compromisso interior. Em outros, persistiu o propósito de continuar lutando, de acordo com as circunstâncias, seguindo diferentes tendências e projetos que acabaram por minimizar resultados.

A UNEC foi uma das instituições eclesiásticas em que surgiu o desejo de abrir novas frentes. Em Guadalajara, berço dos cristeros, a União Nacional de Estudantes Católicos desenvolveu uma obra cultural extensa e valiosa, sob a presidência de Antonio Gómez Robledo e, posteriormente, de Francisco López González.

La ACJM, dentro das limitações de sua nova estrutura, reunia seus membros e, discretamente, reconstruía os círculos preparatórios de piedade, estudo e ação limitada à catequese.

Carlos Cuesta Gallardo, sobrinho do governador porfirista Manuel Cuesta Gallardo, precursor de uma reforma agrária condizente com a realidade mexicana, que, por circunstâncias políticas da época, não foi possível realizar, era um estudante apaixonado pela história que, por decisão da família, teve o padre Mariano Cuevas, S. J., como seu professor de história do México.

O governo do Estado de Jalisco, liderado por Everardo Topete, em conformidade com as tendências sociopolíticas da Revolução Mexicana, converteu a antiga Universidade de Guadalajara na Universidade Socialista do Ocidente. Muitos estudantes a abandonaram.

Carlos Cuesta Gallardo, como presidente da Federação de

Estudantes Universitários, liderou a luta contra os avanços planejados da educação socialista, encorajada pela irreligiosidade e anticlericalismo do Jefe Máximo da Revolução, contornada pelo general Abelardo L. Rodríguez, da Presidência do México, e posteriormente "legalizada" por Lázaro Cárdenas.

Em uma assembleia disputada realizada no domingo, 21 de outubro de 1934, a Federação de Estudantes Universitários de Jalisco demonstrou um pensamento unânime e o propósito decidido de rejeitar qualquer ingerência socialista na educação e na vida nacional. O fruto daquela "magna assembleia" foi o manifesto publicado, que terminava com estas palavras solidárias em relação à atitude assumida pelos estudantes:

> *"Não queremos socialismo porque queremos liberdade. Não queremos educação socialista porque queremos ser livres. Não queremos a suspensão da cátedra livre porque exigimos liberdade."*

Carlos e seus colegas contavam com o apoio de todas as classes sociais e com o respaldo moral dos educadores leigos e religiosos, incluindo Sáenz Arriaga, discreto e prudente conselheiro, de caráter pessoal, dos universitários.

O "Giero" Cuesta, como o chamavam carinhosamente seus amigos, Ángel e Antonio Leão Álvarez del Castillo, e Dionisio Fernández, todos eles dirigentes da Federação de Estudantes Universitários de Jalisco, reuniram recursos financeiros e esforços pessoais para fundar uma universidade independente do subsídio oficial.

O evento culminante que provocou a criação da nova universidade ocorreu na Plaza de Armas da cidade de Guadalajara.

Em todo o México, espalhava-se o descontentamento com a educação socialista. Os "*camisas rojas*" (vermelhas)[10]" – jovens recrutados com a promessa de obter benefícios econômicos e favores políticos, precursores dos potenciais guerrilhei-

[10]Dromundo, Baltasar. Tomás Garrido, sua vida e sua lenda. Editorial Guarania, México, 1953. p. 114: "En los años 1934 y 1935 podía observarse que, se esses grupos dependessem diretamente de Garrido, as ordens de este foram transmitidas às camisas vermelhas por meio de três ou quatro pessoas de confiança..." p. 116: "As camisas vermelhas, organizadas militarmente, não são sempre armadas, mas sim ocasionais. Para tanto já haviam lutado contra os universitários do México, em plena rua.

ros de hoje, dirigidos por marxistas-leninistas ativos sob o comando de Tomás Garrido Canabal, Secretário de Agricultura – enfrentavam estudantes, trabalhadores e pessoas de classe média ainda não contaminadas pela filosofia nefasta.

Em Guadalajara, em 28 de fevereiro, membros da Federação de Estudantes Universitários foram atacados por esses jovens exaltados quando rejeitavam, em uma concentração ordenada, a escola socialista.

No dia 3 de março, mil pessoas se reuniram em frente ao Palácio do Governo para manifestar seu repúdio àqueles que se opunham à liberdade de expressão e à rejeição da educação socialista. Surpreendentemente, foram atacadas a tiros da residência oficial. Pânico, gritos, correrias, desafios temerários. Feridos no chão e três mortos: o advogado Salvador Torres González, professor universitário que tentou defender um grupo de meninas e levou um tiro no pescoço; José López, trabalhador; Crescenciano Núñez, camponês. . .

Naquele dia trágico, a Universidade Autônoma de Guadalajara foi formalmente fundada, tendo como primeiro reitor o advogado Agustin Navarro Flores, conhecido intelectual católico que havia feito parte da liderança da Liga Nacional Defensora da Liberdade Religiosa.

"Ativamente, brilhantemente, a equipe da UNEC, com os estudantes mais destacados, participou do movimento, envolvendo os grupos espalhados por todo o país em ações solidárias de escala nacional. Armando Chávez Camacho, então presidente da CNE (Confederação Nacional de Estudantes), se empenhou pessoalmente no empreendimento..."[11]

Posteriormente, houve luta no Conselho da Universidade Nacional Autônoma do México para que a nova universidade em Jalisco fosse reconhecida e oficializada pela UNAM. Nessa ocasião, a UNEC viu sua gente solidarizar-se com os estudantes de Guadalajara e obter o apoio oficial da Universidade Nacional.

Quando a UNEC foi estabelecida em Guadalajara, em 1932, o Superior dos jesuítas no Instituto de Ciências era o R. P. Jesús Martínez Aguirre, E. J. Ao final de 1934, ele e o jovem presbítero Joaquín Sáenz Arriaga, S. J., foram informados sobre a criação e as características de uma sociedade local, cujas

[11] Calderón Vega, Luis. Ibidem. Pág. 145

atividades eram mantidas em absoluto sigilo, ao contrário do trabalho efusivo e ostensivo da UNEC. Era conveniente agir assim, pois a perseguição religiosa permanecia latente; agora, estava direcionada contra a liberdade de ensino.

O grupo juvenil liderado por Carlos Cuesta Gallardo despertou as suspeitas dos entusiasmados líderes da UNEC, que ficaram surpresos ao ver como a nova Universidade Autônoma de Guadalajara era dominada pelos membros dessa misteriosa sociedade chamada "Los Tecos".

Carlos González, presidente do grupo regional da UNEC, não conseguia entender a confiança que o padre Martínez Aguirre, S.J., mostrava em relação a essa associação independente. Quando este se mudou para a Cidade do México para assumir o Instituto Patria, o padre Manuel Figueroa, S.J., chegou a Guadalajara em seu lugar e, ciente do segredo, continuou ignorando essa estranha sociedade que parecia ter superado a UNEC em organização e influência nos círculos católicos.

Houve algumas discordâncias e atritos. O padre Sáenz teve diferenças de opinião com os líderes "tecos" da Universidade Autônoma de Guadalajara, divergências em questões de forma, mas nunca de conteúdo, pois era natural que a Companhia de Jesus, acostumada à obediência cega das instituições colocadas sob sua "assistência religiosa", ressentisse a verdadeira autonomia dos conselheiros responsáveis pela Universidade.

O Terceiro Congresso Nacional da UNEC ocorreu na Cidade do México, durante o mês de setembro de 1936. Daniel Kuri Breña ocupou a presidência e, em abril do ano seguinte, Ramón Martínez Silva entregou a UNEC ao brilhante sacerdote recém-chegado dos mais renomados centros culturais europeus: Jaime Castiello y Fernandez del Valle, S.J., membro de uma família jalisciense. Entusiasta, preparado, dinâmico e criativo, Jaime ainda não havia completado 40 anos. Sua obra, que poderia ter sido valiosa, foi interrompida por um acidente automobilístico que lhe custou a vida em 28 de dezembro de 1937.

Quando esteve em Guadalajara, o Padre Jaime Castiello, S.J., conversou com o arcebispo Garibi Rivera, com Efraín González Luna, com Leão; solicitou uma entrevista privada com Carlos Cuesta, que não aconteceu, e outras pessoas do meio católico. Os jovens da UNEC suspeitavam que Jaime estava

conspirando: “Conspiração muito inocente e realizada à luz do dia”, escreveu a seu pai. “Embora inteiramente indigno, sou Assistente Geral dos grupos de ação católica do país.”[12]

Os ataques aos “tecos” não cessaram. A UNEC estava ressentida por ter perdido sua influência na Autônoma de Guadalajara.

Em substituição a Castiello, foi nomeado o Padre Julio Vértiz, S.J., um célebre pregador sagrado que se fez respeitar e obedecer pelos desorientados dirigentes da UNEC, que se sentiram interferidos e acabaram sendo absorvidos pela ACIM, quando esta foi privada de seu fundador e assistente eclesiástico, Padre Bernardo Bergoênd, S.J., que foi substituído pelo irmão de Don Javier, o R. P. Alfonso Castiello, S.J., o que ocorreu em outubro de 1940. No mesmo ano, o Padre Julio Vértiz deixou a UNEC, sendo substituído por Enrique Torroella, S.J.

O Quarto Congresso da União Nacional de Estudantes Católicos ocorreu em setembro de 1938. “Chino” Jesús Herández Diaz foi eleito presidente. No Quinto Congresso, já com o Padre Torroella como assistente eclesiástico, Luis Calderón Vega assumiu a presidência. Era dezembro de 1940 e, no início de 1941, a UNEC foi desarticulada na tentativa de que seus membros ingressassem no inovador Movimento Estudantil e Profissional (MEP), da ACIM. Como era de se esperar, tal pretensão fracassou retumbantemente. Houve um último congresso da União em dezembro de 1942, e coube a Manuel Cantá Méndez a ingrata responsabilidade de dar por desaparecida para sempre essa União Nacional de Estudantes Católicos, que contou com membros destacados e entusiastas, mas incapazes de conservar incontaminado esse organismo receptor dos mais puros ideais juvenis.

Tudo isso é relevante para oferecer um panorama das influências, interesses e manobras que, dentro da Companhia de Jesus, tornavam-se cada vez mais evidentes dia após dia.

Que força estranha movia, na sombra, os fios dessa trama?

[12]Ortiz Monastério, Xavier. Jaime Castiello mestre e guia da juventude universitária. Editorial Jus, S. A., México, D. F., 1956. Pág. 290.

CAPÍTULO 4

DIRETOR DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS

Uma característica peculiar da Companhia de Jesus é a mudança surpreendente de cidade e a alteração das tarefas atribuídas aos seus membros. O Padre Sáenz Arriaga, que desempenhara tão eficazmente seu trabalho junto aos estudantes de Guadalajara, foi enviado para lecionar espanhol no Spring Hill College, em El Paso, Texas, e no Mobile Co. de Alabama, província eclesiástica de Nova Orleans. Ele passou o ano de 1936 nos Estados Unidos e, em 1937, foi enviado para a casa de retiros de Santa María de Guadalupe, em Chihuahua, Chih. Junto com ele estava o Padre Guillermo Terrazas, também S.J., e ambos se dedicaram a organizar exercícios espirituais não apenas na capital do Estado, mas também em outras cidades do norte.

Estudioso dos sistemas sociopolíticos em relação à doutrina social da Igreja, publicou na revista *Christus*, editada pela Companhia de Jesus, um extenso artigo intitulado "*Sociologia. O comunismo, eis o verdadeiro inimigo*", no qual, além de expor as teses conhecidas dos Papas Pio XI e Pio XII, deixou regis-

trada sua própria reflexão, coincidente com a de seus irmãos de religião. Vale a pena lembrar das conferências concorridas realizadas naquela época pelo Padre Eduardo Iglesias, na igreja de São Francisco, na Cidade do México.

Em 1938, o Padre Sáenz foi para Torreón, Coahuila, designado para a Casa da Santíssima Virgem do Monte Carmelo. Lá, ficou encarregado das Congregações Marianas, a de São Inácio para homens e a de São Luís Gonzaga para menores. Devido a esse trabalho, ele se dedicava ao catecismo e a questões relacionadas à paróquia do Carmelo.

A política internacional, precursora da Segunda Guerra Mundial, na qual os campos rivais estavam se delineando, levou o governo cardenista a um gradual disfarce em seus excessos socialistas e, portanto, a uma maior tolerância com a Igreja Católica. O perspicaz jesuíta soube aproveitar essa situação para fortalecer a obra de proselitismo religioso que a Companhia de Jesus, mais do que qualquer outra ordem, realizava. Com uma visão clara do mundo contemporâneo, o Padre Sáenz apoiou a ideia de realizar um novo congresso nacional das Congregações Marianas masculinas – só existiam dois antecedentes no México, o de 1913, do qual surgiu a ACIM, e o de 1919 – . Este congresso foi realizado na igreja do Carmelo e marcou uma nova etapa na vida dessa instituição em nível nacional.

No ano seguinte, em maio de 1939, a Congregação de Senhoritas, estabelecida na igreja de San Felipe Neri, na Pérola Tapatía, convocou o Primeiro Congresso Nacional de Congregações Femininas.

Em ambos congressos, o estabelecimento da Confederação Nacional das Congregações Marianas foi aprovado por aclamação unânime e entusiástica... Este belo e importante projeto foi acolhido com benevolência paternal, abençoado e aprovado tanto pelo Venerável Episcopado quanto pelos Superiores jesuítas.[1] "O Comitê Organizador, liderado na época pelo Reverendo Padre Manuel Cordero... estabeleceu as bases que serviriam para a organização e vida da Confederação Nacional das Congregações Marianas da República."[2]

[1]Álbum del Magno Congreso de las Congregaciones Marianas de la República Mexicana realizado na cidade do México de 20 a 27 de abril de 1941.

[2]Discurso: "Confederação Nacional do CC. MILÍMETROS. do México", por

Nessas múltiplas tarefas, às quais ele acrescentava missões frutíferas pelo norte do país, o tempo passou. No meio de 1939, ele retornou à Cidade do México. Instalou-se na chamada Casa do Sagrado Coração de Jesus, na Rua Rivera de San Cosme número 5, a residência dos jesuítas. Preparado como estava para desempenhar funções importantes na Sociedade de Jesus, foi colocado à frente do Secretariado Nacional das Congregações Marianas e deu impulso definitivo ao estabelecimento da Confederação projetada nos congressos marianos de Torreón e Guadalajara. Criou e dirigiu como órgão jornalístico dessa associação a revista "Sodálitas"[3], na qual publicou uma série de artigos "tratando alguns temas importantes, direcionados à formação da juventude, principalmente aqueles relacionados com o problema mais sério e transcendental dos jovens, tanto homens quanto mulheres, a escolha do estado".[4]

O estudioso jesuíta compreendia e sabia estimular os jovens, que não lhe economizavam apreço e respeito. O resultado de seu convívio frequente com a juventude católica do México foram os artigos cujos títulos dão uma ideia da sensatez de seu pensamento: "A formação do caráter", "A força da vontade", "A vida sobrenatural das Congregações Marianas", "As normas morais que devem regular o trabalho e os relacionamentos dos jovens de ambos os sexos", "Amor que se valoriza, amor que se vende", "O noivado, tempo de preparação", etc.

Estes artigos, escritos para leitores dentro da influência jesuíta da época, foram considerados suficientemente importantes para não deixá-los se perder nas páginas de uma revista necessariamente efêmera. A sugestão de seus superiores levou o autor a compilá-los em um livro intitulado "*Nuestros jóvenes, ellos y ellas*", publicado pela "Buena Prensa", editora da Companhia, em 1945.

---

el R. P. Joaquín Sáenz Arriaiga, S. J. Pág. 124 do Álbum.

[3]O primeiro número de Sodálitas apareceu em outubro de 1939. Sem interrupção, foi publicado por pouco mais de quatro anos. Além dos editoriais dedicados aos jovens de ambos os sexos, o prolífico periodista jesuíta escreveu, nos anos 1942, 1943, uma série de estudos mariológicos, não por frases menos profundas. Abundam, também, suas notas bibliográficas, seção que colabora com os eruditos Alberto Valenzuela, S. J., José Antonio Romero, S. J., Pbro. García Gutiérrez, etc.

[4]Sáenz Arriaga, S.J., Dr. Nossos jovens, eles e eles. Sua formação e seus problemas. Editorial Buena Prensa, México, D. F., 21945.

Os jesuítas eram, naqueles anos, os principais guias da juventude católica mexicana. As associações juvenis estavam sob sua liderança: estudantes, empregados, adolescentes. Cada associação desenvolvia atividades específicas, dentro do espírito original da Ação Católica estruturada por Pio XI, conforme sua própria definição: "A participação do laicato no apostolado hierárquico da Igreja", que visa à recristianização da pessoa humana, da família, da sociedade e da nação. Esta é a paz de Cristo no reino de Cristo.

O diretor pontifício da Ação Católica Mexicana naqueles anos era o Excelentíssimo Senhor Ignacio Márquez, arcebispo coadjutor de Puebla e, posteriormente, titular.

A Junta Central da ACM era presidida pelo licenciado Mariano Alcocer, um homem de sólida cultura religiosa e social.

Enquanto o padre Joaquín Sáenz Arriaga, S. J., era diretor da Confederação Nacional das Congregações Marianas da República Mexicana, essas congregações, dentro do território da Província do México, solicitaram sua incorporação à ACM. A solicitação foi assinada em 14 de agosto de 1940, pelo notário Luis G. Ortiz y Córdova, secretário da Confederação das Congregações Marianas de varões, Luz Formento, secretária das Congregações Marianas femininas, e pelos respectivos tesoureiros.

Em 27 de agosto, o licenciado Mariano Alcocer enviou uma resposta positiva ao padre diretor da Confederação Nacional das Congregações Marianas.

A Companhia de Jesus completava quatro séculos de existência; quatro séculos nos quais a história universal lhe devia salutares e não poucas interferências. Em seus primórdios, tinha sido um exército poderoso e disciplinado que enfrentou a Reforma Protestante e, embora não a tenha dominado, pelo menos evitou que se apoderasse de importantes redutos católicos.

Para celebrar no México o quarto centenário do reconhecimento pontifício da ordem de Inácio de Loyola, a Confederação Nacional das Congregações Marianas, liderada, como mencionado, pelo R. P. Joaquin Sáenz Arriaga, S. J., lançou o projeto de realizar um grande Congresso Nacional das Congregações Marianas da República Mexicana.

Com essa iniciativa aprovada, o R. P. José María Altami-

rano y Bulnes, S. J., recebeu a responsabilidade de presidir o comitê organizador do evento, que foi programado para a semana de 20 a 27 de abril de 1941.

Este congresso se reuniu "nos momentos em que ocorre no mundo uma das crises mais angustiantes pelas quais a humanidade já passou – apontou em seu discurso a jovem e inteligente congregante Josefina Muriel; uma das mais graves devido à enorme transcendência contida em suas implicações e grave também porque suas convulsões adquiriram proporções universais."

É reconfortante e ao mesmo tempo encorajador que, no meio dessa crise em que os valores humanos estavam subordinados aos interesses materiais, um grupo representativo de cem mil congregantes marianos tenha se dedicado à oração, ao serviço ao próximo, à pregação da paz, do amor e da única e verdadeira fé.

Participaram os talentos mais destacados da Companhia e leigos de inquestionável ortodoxia católica, incluindo o engenheiro Antonio Santa Cruz.

Com uma sessão solene realizada no Frontón México, cheio até a borda, encerrou-se esta memorável assembleia. Falaram Alfonso Junco, Manuel Herrera y Lasso; o padre Gabriel Méndez Plancarte, célebre literato, recitou um poema dedicado a nosso líder:

"Ignacio de Loyola, Capitão destemido da invencível Companhia que carrega o doce nome – nome doce e terrível – de Jesus como insígnia!"

A Comissão Diretora do Congresso foi composta por Francisco Robinson Bours, S. J., provincial da Companhia de Jesus no México; José María Altamirano y Bulnes, S. J., presidente da Comissão; Joaquín Sáenz Arriaga, S. J., diretor da Confederação Nacional das Congregações Marianas; Eduardo Iglesias, S. J., e José Antonio Romero, S. J. Um grupo humano coeso e valioso do qual o padre Sáenz foi o dinamo que gerou a energia para conduzir este bem-sucedido congresso nacional.

Ano após ano, durante a Quaresma, costumavam enviar o zeloso sacerdote aos lugares mais necessitados espiritualmente. Era sabida a fama que os jesuítas tinham como educadores e pregadores, já que ambas as coisas são a mesma no ensinamento do catecismo, um guia seguro para chegar ao céu.

A espiritualidade do padre Sáenz se manifestava em sua pregação fervorosa, em seus conselhos ternos aos penitentes, em suas explicações claras sobre a intrincada Teologia.

Em fevereiro de 1940 e março de 1941, ele chegou ao porto de Tampico e participou das séries de exercícios espirituais oferecidos à população na catedral. Sua crescente celebridade atraía principalmente os jovens. As crianças, uma vez que o conheciam, circulavam ao seu redor como pombas obedientes ao seu chamado. Centenas de criaturas acudiam para ouvir o bondoso padre, que enviava mensagens indescritíveis de bondade aos seus corações. Entre essas centenas de meninos e meninas estava uma garotinha de apenas onze anos de idade, dotada de um talento incomum, grande receptividade e profunda vocação religiosa, que traduzia sua inspiração inata em poemas místicos. Essa menina, que se destacaria desde sua precoce maturidade no mundo das letras castelhanas, sentiu-se sobrecarregada de admiração e, em seu caderno escolar, escreveu versos dedicados "com gratidão e respeito ao padre Sáenz". Sua beleza conceitual, suas metáforas vigorosas, seu ritmo e sua delicadeza não apenas revelam o domínio da palavra por essa poetisa precoce, mas também mostram o quanto a pregação franciscana do padre Sáenz a impactou, e supostamente a todas as crianças:

Passas pelo jardim de nossa vida
como um riacho que, ao regar as flores,
esmalta suas pétalas de mil cores...
Em ti vão beber os rouxinóis
que, cansados, seguem seu caminho,

e esperam em tuas águas cristalinas
recuperar as forças que perderam...

És como o brilhante sol da primavera
que derrama sua luz na pradaria
e assim ajuda a fecundar a terra,
e és na tormenta das almas
o arco-íris que afugenta a nuvem
e nos anuncia o fim da tormenta.

E fazendo tanto bem em nossas almas
não esperas nenhuma recompensa,
mas Deus te premiará em sua glória imensa.

Em 29 de fevereiro de 1940

No ano seguinte, a menina repetiu seus exercícios espirituais após o retorno do padre. Nesta ocasião, ela dedicou não apenas uma, mas duas poesias ao sacerdote que a inspirava "uma grande confiança para falar sobre suas experiências e desejos interiores". Gloria Riestra, a menina em questão, lembra: "Ele me iluminou em muitos aspectos e me firmou em determinações fundamentais que influenciaram toda a minha vida posterior". É importante destacar que essas poesias e conceitos foram elaborados por uma menina de 11 anos. O testemunho de Gloria Riestra é apenas um dos muitos que poderiam ser citados ao longo da vida desse homem que, diante da adversidade e do desprezo de seus próprios irmãos na fé, assim como em meio à bonança de sua celebridade, permaneceu fiel à sua vocação sacerdotal.

A imagem severa do padre escondia um outro lado; por trás de sua expressão austera, revelava-se sua inata bondade e seu desejo constante de agradar. As crianças o adoravam, os jovens se sentiam compreendidos por ele, os adultos o respeitavam e confiavam em sua autenticidade humana e em sua dignidade sacerdotal.

Para comemorar o quarto centenário de sua fundação, a cidade de Mérida estava se preparando para realizar o Primeiro Congresso Eucarístico Arquidiocesano, convocado por Sua Excelência, Dr. Martín Tritschler Córdoba, arcebispo de Yucatán, de 25 a 30 de novembro de 1942.

O Arcebispo não viveu o suficiente para ver seu piedoso projeto realizado, pois Deus o chamou para a eternidade dez dias antes da inauguração do Congresso, que ocorreu conforme os planos por ele programados.

Entre os destacados monsenhores que compareceram estavam os Padres Joaquín Sáenz e Julio Vértiz. O diretor da Confederação das Congregações Marianas escreveu em *Sodálitas*, na edição de janeiro de 1943:

"Uma circunstância muito especial tornou minha estadia em Mérida ainda mais inesquecível: a inesperada e tocante morte de Sua Excelência Reverendíssima Sr. Arcebispo Dr. D. Martin Tritschler y Córdova. Descrever aqui aquela imponente, grandiosa e espontânea manifestação de luto seria totalmente impossível. Eu não vi nada semelhante em nenhum lugar. Todos os eventos públicos foram cancelados no dia da morte do Senhor, o comércio fechou suas portas, todas as casas exibiam sinais de luto em suas portas, e o povo em massa, por quatro dias, prestou seus tributos de apreço, gratidão, carinho filial e dor profunda ao Pai e Pastor, que por quarenta e dois anos governou a Arquidiocese de Yucatán."

Era uma época de respeito e veneração pelos guias espirituais, não políticos, de nosso povo.

Ao chegar a Quaresma de 1943, o Padre se ocupou, como nos anos anteriores, de ministrar Exercícios Espirituais e visitar as Congregações Marianas do interior. Ele esteve em Huiramba, Michoacán, e, ao retornar para a Cidade do México, passou pela cidade de Morelia, onde seu tio e homônimo vivia, o deão da Catedral, que, por suas virtudes, o Monsenhor Luis María Martínez, arcebispo do México, havia escolhido como seu confessor.

Joaquín chegou a Morelia naquela noite e visitou seu tio. Monsenhor Sáenz Arciga fez com que ele visse a inconveniência e dificuldade de partir às dez da noite para o México, mas o sobrinho insistiu: tinha urgência de se apresentar na primeira hora e, junto com dois rapazes da região, alugou um táxi. Às 23h, começaram a viagem difícil e perigosa devido à estrada muito acidentada. Ao chegar ao local conhecido como Mil Cumbres, onde uma curva acentuada leva a outra ainda mais afiada, o motorista perdeu o controle do carro e caíram em uma valeta. Milagrosamente, os companheiros do padre e o motorista saíram ilesos, mas don Joaquín sofreu contusões e cortes, alguns na cabeça que, ao sangrar, davam-lhe uma aparência impressionante. Às 4 da manhã, todos estavam de volta a Morelia. O padre foi internado no Hospital Geral. Sua urgência se transformou em atraso para assumir uma nova responsabilidade. Sua visita ao México foi feita, dias depois, na companhia de um jesuíta e uma dama chamada De la Torre, que se ofereceu voluntariamente para cuidar dele.

Em 9 de maio, foi comemorado o Dia Mundial das Congregações Marianas. Na antiga igreja de San Francisco, ocupada pelos padres jesuítas, foi celebrada uma missa solene. Sáenz Arriaga, embora machucado e cansado, reapareceu nesta cerimônia para dar a bênção com o Santíssimo.

Algumas notícias já circulavam nos bastidores da Ordem, pois don Joaquín recebeu naquele dia um telegrama, assinado por numerosas corporações religiosas de Guadalajara, expressando sua adesão ao "digno cargo" que ocupava nas Congregações Marianas.

Don Joaquín era um homem de ideias firmes, mas ao mesmo tempo acessível a pessoas com diferentes pontos de vista, mesmo em questões de fé, o que explica as boas relações que cultivou com pessoas de alta significação política. Com seu conterrâneo Lázaro Cárdenas, situado no extremo oposto de seu pensamento, soube se fazer apreciar, em justa reciprocidade ao respeito que ele mostrou à sua alta investidura presidencial. Ainda que don Lázaro não gozasse de simpatias generalizadas, é um fato que entre os michoacanos conquistou uma estima franca e leal, sem que seus conterrâneos se sentissem coibidos de apresentar as reclamações e observações que julgavam necessárias.

O padre também manteve relações cordiais com o general Manuel Ávila Camacho, durante o tempo em que ocupou a presidência do México, e ainda mais com sua discreta e fina esposa, doña Soledad Orozco de Ávila Camacho. O seguinte episódio destaca o grau de confiança desfrutado por don Joaquín com a família do Presidente.

Às 10 horas da manhã de 10 de abril de 1944, ao som da Marcha de Honra, o general Ávila Camacho desceu de seu carro no pátio do Palácio Nacional. Ao se aproximar do elevador que o levaria ao seu escritório, o tenente do Exército, Antonio de la Lama Rojas, ficou em posição de sentido diante do Primeiro Magistrado e, imediatamente, sacou sua pistola e disparou um tiro, que roçou a epiderme de don Manuel. O tenente foi desarmado e feito prisioneiro. Ele foi levado ao quartel do 6º Regimento de Cavalaria e, ao tentar fugir, segundo relatos, um de seus guardas atirou nele, ferindo-o com um tiro. Foi conduzido ao Hospital Militar e, após dois dias, morreu, não sem antes receber assistência espiritual do padre Sáenz Arriaga.

Para ajudar as estudantes, além da JCFM, foi criada a União Feminina de Estudantes Católicas, por iniciativa do padre José Mier y Terán, S.J., que assumiu a total responsabilidade desta nova associação.

Os trabalhos foram inaugurados em 12 de outubro de 1935. Na assembleia constitutiva, a jovem María de los Ángeles Cosio foi eleita a primeira presidente. Ela foi sucedida no cargo por María Angelina Servin de la Mora, Delfina Esmeralda López Sarralangue, Emma Verduzeo Velarde e, por último, Carmen Aguayo.

Para um observador atento, não passará despercebida a preocupação da Companhia em orientar a juventude, que seria o fermento da sociedade futura. A aparente repetição de instituições afins se explica pela divergência dos meios sociais e econômicos de seus membros.

Mier y Terán faleceu em 30 de dezembro de 1942. Sua obra havia alcançado um crescimento sólido e, para sucedê-lo nessa delicada direção espiritual e material, a Companhia de Jesus designou o Padre Joaquín Sáenz Arriaga, que também estava encarregado, como vimos, do Secretariado Nacional das Congregações Marianas. O padre estava em comunicação constante com todos os grupos dessa sociedade, viveiro de vocações e excelente escola de vida religiosa para leigos criada pela Companhia de Jesus. Sua prolongada permanência neste cargo dá a medida de sua capacidade e dedicação, virtudes que foram aproveitadas para estender sua atividade fecunda, durante cinco anos, ou seja, desde a morte do padre Mier y Terán, à frente da UFEC. Em 1947, foi sucedido pelo padre David Mayagoitia, S.J., cujo pensamento social diferia substancialmente do seu.

Nunca deixou sua pena ociosa e, naquele tempo, levou às prensas sua obra intitulada "*Donde está Pedro, está la Iglesia*[5]", que demonstra sua fidelidade ao Papado, pedra fundamental da Igreja romana. Este livro se antecipa às calúnias daqueles que estavam interessados em confundir a instituição com a pessoa para acusá-la de heresia.

É importante destacar como, a partir de 1944 até 1952, os antigos jesuítas, com uma sólida formação teológica e como competentes diretores da juventude, estão sendo substituídos

[5]Sáenz Arriaga, SJ, Dr. Donde está Pedro está a Iglesia.

por novos elementos que prenunciam o desastre progressista no qual este instituto religioso, que fez tanto bem às almas, estaria prestes a cair. Agora parece empenhado não apenas em negar seu passado brilhante, mas também em destruir o que seus precursores imediatos fizeram em prol da religião e da pátria.

Acabava de terminar a Segunda Guerra Mundial e, em 1946, realizou-se um congresso das Congregações Marianas na Espanha, no qual participou o carismático jesuíta que estava à frente dessa instituição no México. Alguns congressistas fizeram uma excursão ao Escorial e depois ao Valle de los Caídos. As obras da basílica estavam em seus primórdios, mas os trabalhos na Hospedaria e no Centro de Estudos estavam mais avançados. O projeto geral do monumento evidenciava sua grandiosidade. Não faltou algum compatriota impregnado do espírito utilitário e laico das gerações educadas no "conceito racional e exato do Universo" que expressasse essa opinião:

– Parece mentira que tenha sido gasto tanto dinheiro para fazer este monumento, que estaria bem em outros tempos, mas não depois de uma guerra.

O Padre Sáenz voltou-se para aquele que fazia tal comentário e replicou:

– Para entender essa contradição, é preciso ser católico e espanhol.

Esta grandiosa basílica, coroada com uma cruz colossal, não seria apenas o túmulo do soldado desconhecido, mas sim justo tributo à memória daqueles que, em defesa de Deus e da pátria, fizeram uma entrega desinteressada do maior e mais rico patrimônio do homem: a vida.

O ativo jesuíta liderou o Secretariado e a Confederação Nacional das Congregações Marianas de 1939 a 1947.

CAPÍTULO 5

PROVA DE FIRMEZA IGNACIANA

Ao deixar a direção das Congregações Marianas e da UFEC, Don Joaquín acatou a transferência para o seu novo destino, desta vez na cidade de Puebla. O Instituto Oriente, dirigido por jesuítas, encontrava-se em certo grau de decadência, não apenas acadêmica, mas também religiosa e até social. O Padre Esteban Palomera Quiroz, S. J., havia sido nomeado reitor. Don Joaquín colaborou estreitamente com ele desde o dia de sua chegada à capital angelopolitana. Na igreja do Espírito Santo, mais conhecida como "La Compañía", Padre Sáenz assumiu o cargo de diretor das Congregações e, no Instituto, cuidava da direção espiritual dos jovens.

Em julho de 1948, ele sofreu um acidente de carro; suas feridas causavam dores intensas nas costas e ele teve que ser internado no Sanatório Santa Mônica na Cidade do México, e de lá, para um melhor atendimento, foi transferido para o Sanatório Espanhol. Ele permaneceu praticamente imobilizado, o que o irritava. Seu temperamento sanguíneo, seu dinamismo intelectual e a passividade dos médicos e enfermeiros o deixaram fora de si. Nessa situação, ele veio a lembrar das deficiências, das mesquinharias de alguns membros de sua Ordem

que olhavam mais para seu benefício pessoal do que para a glória de Deus. E ele, incapaz de agir, limitado ao espaço reduzido de seu quarto de doente, privado de sua atividade docente. Diante disso, "seguindo o diagnóstico de um médico anônimo, sem consciência ou escrúpulos", o Padre Rossi, S.J., determinou a conveniência de transferir o enfermo para um sanatório, desta vez para doentes mentais.

Não era, Don Joaquín, o único membro da Companhia que havia enfrentado tal procedimento radical. Já citei o Padre Carlos M. Heredia, que, para se dedicar a desmascarar espiritualistas, teve que aprofundar-se nessa arte de engano, pelo que seus irmãos o rotularam de louco. Ele só se livrou dessa reputação prejudicial quando demonstrou o contrário com um certificado de sanidade. E este não foi o único caso.

A Don Joaquín foi administrado um sonífero, e adormecido, foi transferido para o sanatório do Dr. Manuel Falcón, localizado na Avenida Iztaccíhuatl, número 180, na Colonia Florida, na Cidade do México. Este local, embora central, possui grandes avenidas nas proximidades. É tranquilo e pouco movimentado. A fachada do prédio e seus interiores são de estilo "colonial"; é amplo, arborizado e limpo, atendido por religiosas.

O paciente indefeso foi internado em 28 de junho. Passados os efeitos do anestésico, é fácil imaginar o quão irritado ele ficaria. Sentia-se vítima do abuso de seus superiores hierárquicos. Certamente, nos últimos dias, ele havia mostrado nervosismo, irritabilidade, mas seu comportamento não justificava que, de repente, sem seu conhecimento e muito menos consentimento, o internassem em um hospital psiquiátrico. Ele se considerava não apenas humilhado, mas destruído; ele percebia que, após sua internação neste lugar, poderia ser impedido de exercer seu sagrado ministério. Ele avaliava as graves consequências de sua crítica situação.

O Padre Martínez, Provincial da Companhia, antecipando um possível escândalo, proibiu todos os jesuítas de visitá-lo; o único que ousou desobedecer essa ordem injusta foi o Padre Julio Vértiz, embora discretamente, para evitar sanções.

Don Joaquín se recusava a se submeter aos testes e à disciplina comuns nessas clínicas, até que o Dr. Luis Sáenz Barroso, seu sobrinho e renomado neurólogo, o visitou. Eles conversaram sem restrições, e o médico lhe mostrou que sua in-

transigência, longe de favorecê-lo, mais o prejudicava. Portanto, seria do seu interesse aceitar a situação e se submeter a todos os testes que quisessem para provar sua sanidade. Assim foi feito.

O Dr. Falcón, competente profissional, o examinou, realizou um eletroencefalograma, análises clínicas, e tudo estava normal. Em seguida, prescindindo do exame físico, Don Joaquín foi submetido a um exame psiquiátrico para "demonstrar" que sofria de paranoia: sua exaltação, sua violência verbal "demonstrariam" tal diagnóstico. A paranoia é um transtorno mental que vai desde a simples e evidente vaidade, a exaltação do próprio eu, até o estado delirante de alguém obstinado que discute e nunca cede a razões. Não é impossível provocar um estado paranoico em qualquer pessoa, por mais sensata que seja, sujeita a pressões psicológicas como humilhação, disciplina extrema e rigorismo da obediência diante de escolhas legítimas. A suposta paranoia de Don Joaquín – suposta no sentido de transtorno mental– foi um recurso adequado para tentar contê-lo, dominá-lo e fazê-lo um instrumento dócil das diretrizes inescrutáveis dos jesuítas enraizados em posições-chave da Ordem.

Alguns de seus amigos não o abandonaram, nem lhe faltaram consolos espirituais. Sacerdotes estiveram com ele, testemunhando seu apreço nos dias de experiências amargas. Quando o confinamento começou a se transformar em um castigo injusto e injustificado, Don Joaquín secretamente encarregou um funcionário de entrar em contato com sua irmã Lupe e solicitar sua intervenção. Ela, por sua vez, entrou em contato com o arcebispo, Dr. Luis María Martínez, grande amigo da família Sáenz Arriaga desde sua juventude, pois morou por algum tempo em sua casa em Morelia. Monsenhor Martínez visitou seu amigo, que conhecia desde a infância, e trabalhou para garantir sua imediata saída do sanatório.

Don Joaquín não estava louco, e isso foi comprovado. A única desculpa que ele obteve no final desse pesadelo foi baseada no fato de que um "lamentável erro humano" havia sido cometido. E foi realmente lamentável!

Ele permaneceu na Cidade do México, cuidando da Casa de Exercícios de San Francisco Javier, em Coyoacán. Nesta residência, teve início a Universidade Ibero-americana e agora

abriga professores dessa universidade. O padre Sáenz passou longos meses em constante meditação e estudo, dedicando-se a ministrar contínuas séries dos saudáveis exercícios espirituais criados pelo santo fundador da Companhia. Somente uma vocação como a dele, disposta ao sacrifício; somente uma vontade fortalecida pela fé; somente um talento capaz de medir a mediocridade alheia foi capaz de perdoar e sustentar seu voto de obediência àqueles que o difamaram e tentaram afundá-lo no desprestígio da irracionalidade e loucura.

Retornou à cidade de Puebla, às suas amadas congregações da Santíssima Virgem de Guadalupe e de São Luís Gonzaga.

Em setembro de 1950, à frente de um grupo de peregrinos, visitou a Cidade Eterna e teve a oportunidade de se encontrar com o Santo Padre Pio XII. No dia 13, a bordo de um avião da companhia Iberia, escreveu estas linhas para sua mãe no México:

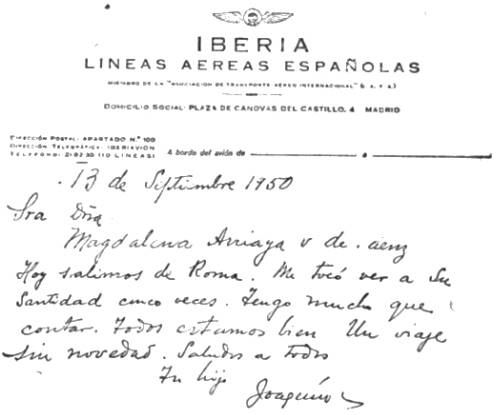
> *"Hoje partimos de Roma. Tive a oportunidade de ver Sua Santidade cinco vezes. Tenho muito o que contar. Todos estamos bem. Uma viagem sem novidades. Saudações a todos.*
>
> *Seu filho, Joaquín."*

Instalado em Puebla, ingressou no Instituto de Oriente para ministrar aulas de Ética, Sociologia e Lógica. Publicou e dirigiu a revista "Forja" do Instituto. Escrevia os editoriais e alguns artigos que apresentava como sendo de seus alunos.

Ele foi o criador e executor do projeto do Centro Cultural Scintia, de grande importância acadêmica e social em Puebla, pois nele eram realizadas conferências, concertos e todo evento relacionado aos propósitos específicos desse tipo de instituição.

Ele se cercou de amigos e discípulos que o seguiam e admiravam. Como demonstração de afeto, no dia de seu santo, 20 de março de 1951, ofereceram-lhe um banquete em sua homenagem no local do Centro. Compareceram distinguidos profissionais, alunos e ex-alunos do prestigiado diretor.

Suas atividades não paravam por aí; ele também atendia às obras das Congregações: hospitais, assistência espiritual aos doentes, visitas a prisioneiros, catequese e, com cuidado



IBERIA
LINEAS AEREAS ESPAÑOLAS

MIEMBRO DE LA "ASOCIACION DE TRANSPORTE AEREO INTERNACIONAL" (I. A. T. A.)

DOMICILIO SOCIAL: PLAZA DE CANOVAS DEL CASTILLO, 4 MADRID

DIRECCIÓN POSTAL: APARTADO N.º 100
DIRECCIÓN TELEGRÁFICA: IBERIAVION
TELÉFONO: 21-82-30 (10 LINEAS)

A bordo del avión de _____ a _____

13 de Septiembre 1950

Sra Dña
Magdalena Arriaga v de. aenz
Hoy salimos de Roma. Me tocó ver a Su Santidad cinco veces. Tengo mucho que contar. Todos estamos bien Un viaje sin novedad. Saludos a todos
Tu hijo
Joaquín

Carta para mãe datada de 13/09/1950

especial, direção religiosa aos jovens, fossem ou não do Instituto de Oriente. Segundo testemunhos de importantes pessoas daquela geração, ele angariava a simpatia e a confiança das almas sob seus cuidados. Ninguém, que não possuísse sua inteligência, sua força e sua vontade, poderia desempenhar uma tarefa tão múltipla e abrangente quanto a dele. Era natural que, com tanto trabalho, ele parecesse nervoso; mas mesmo assim, não deixou de obedecer aqueles que exerciam autoridade na Companhia de Jesus.

O padre Esteban J. Palomera, S.J., reitor do Instituto de Oriente, conhecia as capacidades do padre Sáenz e o encarregava da redação de seus discursos quando a ocasião exigia. Ele tinha depositado sua vontade nele até que dois invejosos, os padres Cervantes e Cavazos, este último diretor do ensino fundamental, se dedicaram a prejudicar sua imagem. O reitor se deixou convencer, e ao final de 1951, sua aversão pessoal ao dinâmico e franco professor era evidente.

O colégio havia recuperado sua boa reputação, muito prejudicada até um ano atrás. A disciplina e a sobriedade dos educadores e educandos pareciam ter sido restabelecidas. O padre Sáenz, rigoroso e eficaz, havia colaborado nesse ressurgimento momentâneo. No quinto ano do ensino médio, ele ministrava

as disciplinas de Ética, Sociologia e Lógica.

Com o afastamento do reitor e de don Joaquín, a má reputação do Instituto retornou. O padre Palomera passava grande parte do seu tempo fora da escola. O padre Cervantes, que o substituía, era antipático aos alunos, quebrando assim a disciplina. Os jesuítas, longe de dar bom exemplo, sem autoridade válida, participavam de jogos de cartas com apostas organizados pelo padre Cavazos.

A direção espiritual do padre Sáenz foi interrompida, e, para piorar, "Maria Villar, uma pecadora pública e escandalosa, cujo filho ilegítimo estava no Colégio da Companhia", liderava os festivais beneficentes. No meio desse relaxamento, ocorreram casos de indisciplina e escândalo aos quais o reitor volúvel não decidia pôr fim. O corpo docente era heterogêneo. Na escola primária, jovens professoras, antecipando-se ao costume atual, tratavam o diretor com uma familiaridade evidente. Ele, envaidecido com sua autoridade, caía em extremos impróprios de um verdadeiro educador. Sua rigidez era inconstante e, por vezes, excessiva, como em uma ocasião em que um grupo de alunos do ensino secundário retirou do colégio os questionários de algumas provas enviadas pela Secretaria de Educação Pública. Quantas vezes esses furtos pouco originais não ocorrem para salvar o ano acadêmico ou, simplesmente, garantir boas notas? O castigo nesses casos consiste geralmente em ludibriar os infratores, trocando os testes para neutralizar a vantagem. Pois bem, ao saber disso, o reitor ficou enfurecido e ordenou que a caminhonete da escola fosse buscar cada um dos envolvidos em suas casas e os levasse para a casa da comunidade, não para o Instituto, para serem interrogados individualmente, ameaçando-os de denunciá-los às autoridades civis por invasão de domicílio, danos à propriedade alheia, roubo e suborno – nada menos! – enquanto o inquisitivo reitor saciava sua refinada inimizade gravando as declarações dos delinquentes para posteriormente informar à Secretaria de Educação. Em seguida, em um ato público vergonhoso, "diante de todos os alunos da escola, com desonra intolerável para os acusados e para seus familiares, o reitor, depois de um discurso imprudente e ofensivo, expulsou mais de vinte rapazes envolvidos no crime, incluindo excelentes alunos, que sempre

haviam merecido as melhores notas."[1] E a isso, que não consigo qualificar, o padre Palomera chamaria de "disciplina ao estilo jesuíta..."!

As amargas queixas não demoraram a surgir. Tais procedimentos feriam as vítimas e amedrontavam todos que tinham relações com o Instituto de Oriente, proporcionando preconceitos maliciosos sobre o comportamento de professores leigos e religiosos.

Em uma cidade como Puebla naquela época, era fácil conhecer todas as pessoas em contato com o público: funcionários, profissionais, professores de escola, agentes de trânsito, etc. Para uso do colégio, os jesuítas adquiriram uma camionete na qual saíam para passear com esses senhores, causando grande desgosto ao padre Sáenz, que, informado das críticas externas à sua amada Companhia, denunciou ao reitor os fatos. Ambos tiveram uma acalorada discussão, sem resultados satisfatórios para nenhum dos contendores. Don Joaquín pediu permissão, por telefone, para ir a San Cayetano – seminário da Ordem no Estado do México – para se encontrar com o Padre Provincial. O padre Palomera ficou ainda mais furioso com a audácia do padre Sáenz e decidiu acompanhá-lo. Ao chegar ao escritório do Padre Guerra, Provincial da Companhia, Palomera se adiantou. Don Joaquín compreendeu a inoportunidade de esperar na sala de espera para ser recebido e deixou, para melhor ocasião, seu propósito de relatar ao Provincial as graves anomalias que estavam acontecendo em Puebla.

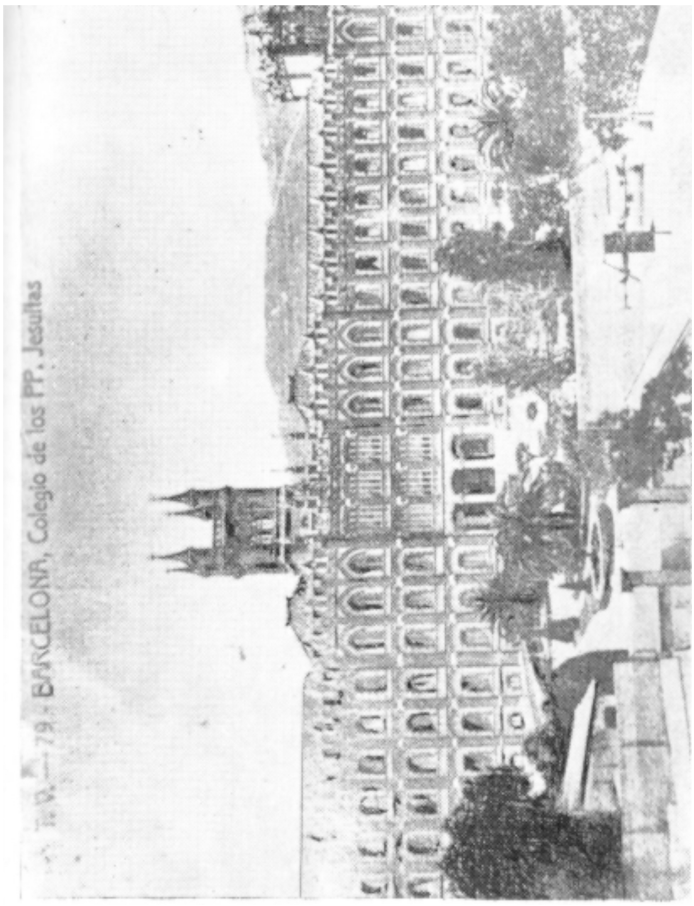
Não lhe surgiria tal oportunidade, e os eventos subsequentes confirmaram suas suspeitas sobre o comportamento de seus superiores, comportamento que ele explicaria mais tarde: "A Província do México tem sido recentemente governada por Superiores que insistem em considerar seus súditos como mentalmente anormais e em buscar na psiquiatria o segredo de seu governo. É o naturalismo (essa denúncia foi feita em 1952, dez anos antes dos eventos no convento de Lemercier, em Cuernavaca) que ignora ou esquece a força da graça. Naturalmente, as consequências dessa visão neurótica e atitude daqueles que têm poder absoluto sobre eles têm sido e são muito variadas: desde o abandono em suas doenças reais até a internação em

[1] Sáenz Arriaga, Dr. Correspondência privada. Carta data de 28 de julho de 1952, dirigida por R. P. Tomás Trevi, S. J., a Roma. Pág. 6.

sanatórios mentais, para serem submetidos a tratamentos de resultados e licitude muito discutíveis, como os eletrochoques e os choques insulínicos. Eu pergunto: pode um Superior, sem o consentimento dos interessados, submetê-los a esses tratamentos desumanos, que podem destruir totalmente a personalidade psíquica dos indefesos pacientes?"

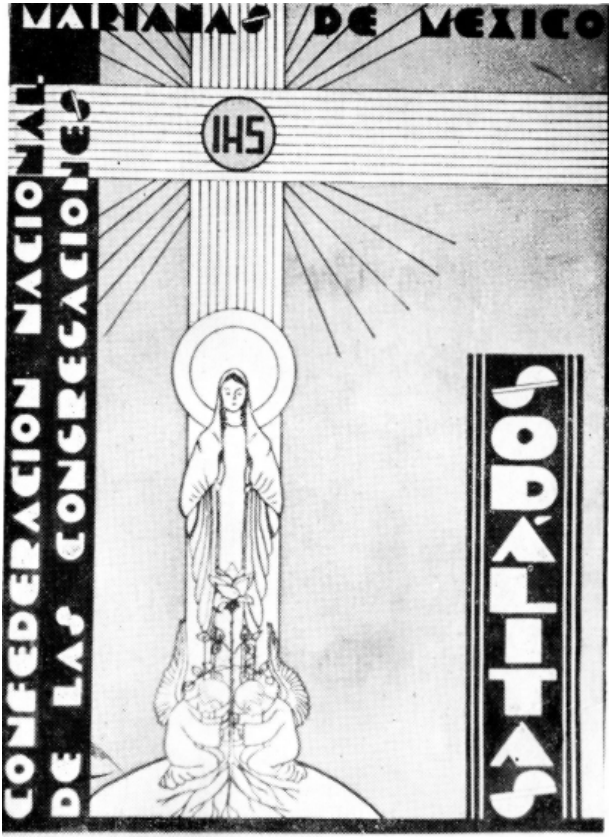
Joaquín Sáenz Arriaga, seminarista em Barcelona, 1923.

Dia da ordenação sacerdotal do Pe. Joaquín Sáenz Arriaga, S. J., acompanhado pelo Decano da Catedral de Morelia, Joaquín Sáenz Arciga, pelo Arcebispo de Guadalajara, Dr. Francisco Orozco y Jiménez e pelo Bispo de Tacámbaro, Leopoldo Lara Torres.



Vista do Colégio dos Padres Jesuítas de Barcelona, na segunda década deste século.

Com o arcebispo de Morelia, Leopoldo Ruiz y Flores, padre Joaquín Saenz Arriaga. S. J.. recentemente ordenado.



Capa da revista Sodálitas, órgão de distribuição da Confederação Nacional das Congregações Marianas, correspondente ao número 15 de 1º de dezembro de 1940.

Puebla, Pue., dezembro de 1949. Na ordem usual, aparecem na primeira linha: 1. R. P. Ramón Gómez Arias, S, J.; 2. Não identificado; 3. RP Felipe Pardiñas, SJ; 4. RP Joaquín Sáenz Arriaga, SJ; 5. Não identificado; 6. Não identificado; 7. Professor Cavazos, do Instituto de Oriente, Puebla. Na segunda fila: 7. R. P. Jacobo Morán, S. J.; 2. Provincial R.P., José de Jesús Martínez, S.J.; 3. Exmo. Senhor Arcebispo de Puebla. José Ignácio Márquez e Toriz; 4. RP José Antonio Romero, SJ; 5, Não identificado; 6. Não identificado

Visita a Sua Santidade Pio XII, com os congregantes marianos, o R. P. Joaquín Sáenz Arriaga, em setembro de 1950.

Participantes do banquete que em homenagem ao R. P. Joaquín Sáens Arriaga lhe foi oferecido no Centro Cultural "Scintia", na cidade de Puebla, em 20 de março de 1951.

CAPÍTULO 6

O GOLPE DECISIVO

Ao finalizar o ano escolar, o padre Sáenz organizou uma excursão a Yucatán com um grupo de jovens da Congregação, da qual era, como mencionado anteriormente, o diretor. Na cidade de Mérida, em 23 de janeiro de 1952, o carro em que viajava virou com alguns de seus acompanhantes. O padre sofreu um golpe na cabeça e uma fissura no pé direito, que foi imediatamente engessado. Ele sentia uma forte dor na região lombar que, inicialmente, não conseguiram diagnosticar. O padre Palomera, ao tomar conhecimento do acidente, se dirigiu a Mérida. Don Joaquín se sentiu um tanto aliviado de sua responsabilidade para com os jovens, especialmente os que saíram feridos.

Uma vez informado dos detalhes do acidente, o padre Palomera pareceu não se preocupar com o problema e, sem levar em consideração o estado físico do padre Sáenz, decidiu que este deveria retornar a Puebla. Ele próprio se dedicou a percorrer a região rica em monumentos arqueológicos. Durante dois meses, o reitor visitou, aparentemente em um plano de estudo, esses testemunhos da cultura maia.

O padre Sáenz, sem saber, começava sua longa peregrinação pelo caminho da dor, da calúnia, da humilhação. Enquanto permaneceu em Mérida, não faltaram visitantes afetuosos e a

ajuda pessoal do arcebispo de Yucatán. Para o cuidado médico, ele viajou de avião para Veracruz e de lá, de carro, para a cidade de Puebla. Às 5 da manhã do dia 30 de janeiro, ele foi internado no Hospital do Sagrado Coração – rua Sur 13, número 1710. Lá, ficou recluso sem atendimento médico imediato até que seus amigos, a família Conde, o levaram ao Dr. Mendívil, que, a bordo de uma ambulância, o transferiu para a Cruz Vermelha para submetê-lo a um rigoroso exame médico. As radiografias mostraram uma fratura fissurada em uma vértebra da coluna. O Dr. Rafael Mendívil Landa ordenou a colocação de um colete ortopédico no paciente. O desconforto intenso do trauma chegou uma semana depois: náuseas, tonturas, dores lombares e outros sintomas de seu estado físico deteriorado.

Pediu que o padre Manuel Figueroa, S.J., fosse para confessá-lo, mas o reitor negou sua autorização: "O que poderia esperar um jesuíta de sua mãe, a Companhia, se mesmo na hora da morte, o Superior espiritual se recusava a atender ao seu chamado?" – explicaria mais tarde ao Prepósito Geral, padre Tomás J. Travi – "*Para mim, este foi o golpe decisivo.*"

Um dia, o reitor chegou com uma ambulância para transferi-lo, sem aviso prévio, para a Cidade do México. "Eu revivi o tremendo trauma psíquico que havia sofrido há quatro anos", escreveria mais tarde, quando, em circunstâncias idênticas, uma manhã o padre Socio chegou com uma ambulância para me retirar do Sanatório Espanhol desta capital, depois de aplicar uma injeção, e me levar ao manicômio do doutor Falcón, onde tive que enfrentar os momentos mais difíceis e angustiantes da minha vida. Naturalmente, aquela revivência provocou em mim uma repugnância incontrolável, que não era senão o instinto natural que todos temos de autodefesa, "ninguém pode compreender o que significa a indescritível tragédia de um sacerdote, consciente de seus atos, ser internado em uma clínica mental entre os mentalmente perturbados. É o colapso de seu sacerdócio, de seu apostolado, de seu prestígio, de sua família, de sua própria dignidade humana".

O padre Sáenz enfrentava um grave conflito de consciência: não podia obedecer. O arcebispo de Puebla o visitou e ofereceu interceder com o reitor do Instituto de Oriente. Ele fez isso, mas não conseguiu nada. Palomera acusava Don Joaquín de rebelião, algo que fez saber à irmã do padre e ao seu amigo, Don

Ángel Solana. Ele se recusou a visitar o doente e exigiu um pedido de desculpas por escrito. Não conseguindo a submissão incondicional do padre Sáenz, difamou-o afirmando que este havia se viciado em drogas, algo que, oportunamente, foi desmentido por médicos e enfermeiras. Um novo colete, desta vez de gesso, imobilizou e aliviou nos dias seguintes o enfermo, que não se livrou de incômodas recaídas. Após um mês, as radiografias mostraram que as fissuras tinham cicatrizado 'quase completamente'.

"Em 7 de abril, saiu do hospital e, por ordem do padre Palomera, mudou-se para a cidade de Tehuacán. A Semana Santa começava. O padre Sáenz foi acolhido na casa de um ex-aluno seu. No dia 11, Sexta-feira Santa, proferiu um longo e emotivo sermão do púlpito da igreja. Seus esforços físicos distanciavam sua recuperação, e um contratempo inesperado quebrou ainda mais sua estabilidade emocional. Em 27 de abril, recebeu, enviada por meio de um estudante do Instituto de Oriente, uma carta do reitor na qual dizia ter visto as radiografias ordenadas pelo Dr. Mendívil, e embora observasse que ele havia melhorado, não o queria de volta na escola:

"A Consulta da casa é de parecer que V.Sa. não retorne a Puebla. Pedi a opinião dos membros do Conselho da Congregação e do 'Centro Cultural'. Todos eles julgam que V.Sa. não deve voltar a Puebla. Portanto, foi determinado que V.Sa. não volte a Puebla e permaneça em Tehuacán até receber ordens do R.P. Provincial (Roberto Guerra). Diante disso, o R.P. Provincial designou, com data de 11 de abril (quatro dias após a saída do padre Sáenz), o padre Manuel Figueroa como diretor do 'Centro Cultural' e da Congregação, ao qual, na data de hoje, tomei posse de seu cargo."

O medo das denúncias feitas pelo padre Sáenz contra o inepto reitor torna-se evidente na redação desta carta, que contém falsidades e equívocos. Os membros do Conselho da Congregação e do Centro Cultural: o Prefeito, o Secretário, o Primeiro Assistente, o Segundo Assistente, o Tesoureiro e o Instrutor de Aspirantes, publicamente desmentiram essa caluniosa afirmação do senhor reitor (sobre a inconveniência do retorno do padre Sáenz) e apresentaram sua renúncia, expondo a verdade das coisas, em busca de justiça, entre as autoridades imediatas, como o Provincial, o arcebispo de Puebla e o arcebispo do Mé-

xico.[1] Esses esforços foram infrutíferos e mais serviram como incentivo para consumar o inaudito rechaço ao respeitável catedrático que, em 2 de maio, obteve um certificado emitido pelo Dr. J. Antonio Salinas Falero, diretor do Sanatório do Sagrado Coração de Jesus – rua Reforma 302, Tehuacán, Pue – , no qual consta que o padre Joaquín Sáenz Arriaga "apresenta um processo infeccioso hepato-vesicular, uma colite crônica e uma lesão na terceira vértebra lombar", que o obrigam a repouso, pois sua recuperação será lenta e prolongada.

O Padre Provincial Roberto Guerra, S.J., havia escrito em 29 de abril ao padre Sáenz, expressando seu pesar ao saber de sua saúde deficiente, algo que, do ponto de vista humano, era desanimador, mas à "luz da fé", são uma bênção de Deus os males que sofremos. Ele também disse que, assim que se sentisse melhor, deveria se transferir para a cidade de Orizaba, Veracruz, "onde o padre Zaragoza o receberá com prazer e caridade como ele costuma fazer."

> "Como surgiram dificuldades para que volte a Puebla, não vá até que fale comigo. Saio pela manhã para o norte com a intenção de voltar dia primeiro de junho."

A suave melosidade do padre Guerra mal disfarçava seu propósito de pressionar o padre Sáenz para anulá-lo. As atividades futuras da Companhia de Jesus estavam em conflito com o espírito religioso deste sacerdote de vida rigorosa.

O padre Sáenz deu uma resposta ampla e clara, embora comedida, à carta do Provincial: começou agradecendo suas expressões de compaixão e lembrou que, apesar de seus 36 anos na Companhia de Jesus, sua carta não continha uma palavra de esperança ou fórmula de solução; apenas uma ordem que seu estado de saúde o impedia de cumprir, pois estava incapacitado para cuidar de si mesmo em sua vida pessoal. Seu traslado para Orizaba, segundo a opinião médica, poderia prejudicá-lo. Lamentou a inexplicável dureza usada por ele e fez notar que, sobre a caridade evangélica e o direito natural, haviam prevalecido as paixões humanas que confundem o exercício da autoridade com os interesses e intrigas. No pós-escrito, antecipando uma possível retaliação, advertiu sua reverência

[1] Ibidem. Pág. 10.

de que não aceitaria "cair novamente nas mãos de um psiquiatra". O Dr. Inis Sáenz, competente neurólogo, negava que ele sofresse de alguma deficiência mental.

A don Joaquín não restava outra opção senão renunciar à Sociedade de Jesus, já que sua permanência nela havia se tornado insustentável para ele e inconveniente para os responsáveis por desviar o caminho do instituto ignaciano. A firmeza e decisão do padre Sáenz, assim como a irredutível ortodoxia de outros velhos jesuítas, eram um obstáculo para realizar a mudança de estruturas eclesiásticas e políticas. Eliminar Sáenz e anular os outros membros de sua geração e mentalidade, acostumados à obediência, privados de influência social, seria o princípio da mudança, que posteriormente o Concílio Vaticano II viria a "legalizar".

Don Joaquín solicitou sua renúncia ao Provincial e se mudou para a Cidade do México. Roberto Guerra, S.J., de maneira muito sutil, confirmou o recebimento de sua carta e respondeu que já havia escrito para o Padre Geral. "Espero que já esteja se sentindo melhor", dizia ele, "e já sabe, dentro ou fora da Companhia, você será sempre para mim um irmão muito querido."

A decisão estava tomada. Naquela hora, não faltaram bons amigos e colegas prestativos que tentaram dissuadi-lo. O padre José Antonio Romero, diretor e gerente da Obra Nacional da Boa Imprensa, e o padre Urdanivia, o visitaram na casa de sua irmã, onde estava hospedado. Os três falaram longamente, e, ao final de sua amigável conversa, as razões do padre Sáenz justificaram sua decisão e convenceram seus amigos.

Os rumores e a difamação encontraram terreno fértil entre outros de seus antigos irmãos na Ordem, incluindo alguns dos mais influentes. Diante dessa situação desconfortável, don Joaquín pediu ao padre Romero que investigasse, com o Provincial, se ele havia faltado a seus deveres sacerdotais. O padre Guerra respondeu textualmente: "A Companhia nem publicamente nem privadamente teve queixa contra o padre Sáenz; ele pediu demissão, e ela foi concedida. A assinatura das mesmas não pode ser adiada indefinidamente, e ele pode assiná-las perante mim, perante o Padre Socio ou perante você (padre Romero). Eu quis dar ao padre Sáenz as maiores facilidades e as menores inconveniências, permitindo inclusive que perma-

necesse por um longo período em sua casa, mas é urgente que isso termine."

A carta do padre Romero, com a transcrição da mensagem do padre Roberto Guerra, é datada de 25 de junho de 1952. Um mês depois, don Joaquin relatou minuciosamente tudo o que aconteceu ao padre Tomás J. Travi, S.J., da Curia *Praepositi Generalis*, em Roma, Itália. Em 17 folhas tamanho carta, escritas na máquina em uma única linha, ele formulou sua queixa sem omitir responsabilidades e defeitos próprios.

CURIA PRAEPOSITI GENERALIS
SOCIETATIS IESU

Roma – Borgo S. Spirito, 5
Roma, 27 de outubro de 1952

Reverendo Padre Joaquin Sáenz
Sociedade de Jesus

Meu caro irmão em Cristo, Padre Sáenz:

Recebi sua atenciosa e detalhada carta em 28 de julho, e peço desculpas pela demora em responder, como é compreensível, devido à grande quantidade de correspondências e à extensão de sua carta, que li e reli, e, o mais importante, trouxe ao pleno conhecimento do Padre Geral, como V. R. e a natureza da carta exigem.

Para ser sincero, meu querido Padre, eu esperava receber uma carta sua após o que aconteceu, com o meu pesar que você pode imaginar, e não me enganei ao recebê-la, considerando o espírito superior com o qual suportaria a passada tribulação. Fico muito feliz em ver que V.R. está seguindo o conselho do Padre Romero para o bem da Companhia.

Digo que não me enganei ao constatar, por sua carta, o afeto e a estima que você conserva pela Companhia e sua constância no respeito e gratidão para com ela. Suas palavras finais, de que guarda para a Companhia todo carinho e respeito, e toda a gratidão de sua alma, e que sentirá um consolo especial em poder prestar algum serviço aos seus irmãos naquela que foi sua Mãe por tantos

anos, confesso, meu querido Padre, que me comoveram de verdade, embora eu não esperasse menos de sua nobreza de sentimentos e bom coração.

Pode ter certeza de que suas manifestações serão consideradas, e, depois de tê-las feito, conforme o exigia a decisão de sua consciência e os conselhos de pessoas experientes, eu o instaria a, com a mesma integridade de alma com que as declarou para que se ponha o remédio necessário, sepultá-las todas no fundo sem fundo da bondade e misericórdia do Divino Coração de Jesus, de quem saíram aquelas magnânimas palavras "non recordabor amplius". Conhecendo você, como acredito conhecer e apreciar, não duvido de que saberá atender meu pedido; e pode ter certeza de que não faltarão de minha parte as orações e preces que me pede, para que em todos os dias de sua vida seja um sacerdote conforme ao Divino Modelo, para muita glória de Deus e bem da Igreja em sua querida nação de Nossa Senhora de Guadalupe.

Sempre e em tudo às suas gratas ordens, sem poder esquecer, recomendo-me sinceramente a seus santos ensinamentos e à sua orientação.

In Corde N. et S., in Christo,

Três meses exatos foram necessários para que o Prepósito Geral da Companhia de Jesus respondesse à extensa declaração e denúncia do padre Sáenz. As graves revelações contidas nela, de fácil comprovação, não podendo ou não querendo lidar com elas, eram comprometedoras para a boa reputação da Companhia; assim, era conveniente silenciá-las, ocultá-las e, ao mesmo tempo, aplacar a justa indignação do denunciante. Deixar passar três meses foi uma medida calculada e inteligente, assim como a resposta sintética, adornada com frases untuosas, foi bem pensada. Dizia que o padre Geral tinha sido informado. "Pode ter certeza de que suas manifestações serão consideradas, e, depois de tê-las feito, conforme o exigia a decisão de sua consciência e os conselhos de pessoas experientes, *eu o instaria a, com a mesma integridade de alma com que as declarou para que se ponha o remédio necessário, as sepulte todas*

no fundo sem fundo da bondade e misericórdia do Divino Coração de Jesus, de quem saíram aquelas magnânimas palavras «non recordaber amplius»." O que, dito sem retórica, significava: "Nunca mais fale sobre este assunto." E, de fato, Joaquín nunca publicou o conteúdo de suas revelações, embora, prevendo ser caluniado, como certamente foi quando denunciou a conspiração pós-conciliar contra a Igreja, tenha deixado cópias e originais da correspondência trocada, protocolizada perante notário. A procedência de todas essas informações é legítima e sua autenticidade é irrefutável.

No cenário nacional, enquanto isso, o futurismo político se antecipava com força incomum. A dois anos do término do regime, o licenciado Miguel Alemán Valdés realizou pesquisas direcionadas à sua reeleição, mas encontrou a franca oposição do cardenismo, que desejava restabelecer seu socialismo frustrado, interrompido pela Segunda Guerra Mundial. Para realizar essa mudança para a extrema esquerda, incentivou o general Miguel Henríquez Guzmán, concessionário de obras públicas e agente de vendas de petróleo no exterior. Em janeiro de 1951, Henríquez Guzmán comunicou a seis jornalistas sua decisão de participar na disputa eleitoral.

Não havia terminado fevereiro quando o primo do Presidente, o licenciado Fernando Casas Alemán[2], inepto chefe do Departamento do Distrito Federal, foi colocado no centro das atenções eleitorais por um grupo de veracruzanos e outro de morelianos. No entanto, naquele ano, choveu fortemente e as ruas da Cidade do México ficaram inundadas como não acontecia desde há muito tempo. Don Fernando teve que desistir de sua tentativa.

O general Lázaro Cárdenas, que havia provocado um "cisma" na maçonaria ao tentar fundar seu próprio rito em Michoacán, havia se reconciliado com seus irmãos da esquadra e do compasso e fora indicado para suceder no grau máximo ao licenciado Luis Cataño Morlet, ex-presidente do Tribunal Superior de Justiça do Distrito Federal.

Este jogo de interesses político-maçônicos se resolveu com

[2]Irma Serrano, "La Tigresa", em sua autobiorafía Um calzón amarrado, publicado no México em 1979, faz um retrato privado deste funcionamento, seu primeiro e dispendioso amante que passou por honesto e cumplido pai de família.

a candidatura oficial à Presidência da República de don Adolfo Ruiz Cortines, que não escapou às críticas violentas de velhos revolucionários que o acusaram de ter estado a serviço dos yanques que invadiram Veracruz em 1914.

Assim, em março de 1951, ao se constituir a Federação de Partidos do Povo, a candidatura extragovernamental do general Miguel Henríquez Guzmán foi formalizada. Em outubro, o PRI anunciou a candidatura de Ruiz Cortines e, em 20 de novembro, aniversário da Revolução Mexicana, a Convenção Nacional do PAN votou na candidatura do licenciado Efraín González Luna, co-fundador do partido, junto com o licenciado Manuel Gómez Morin, ex-subsecretário da Fazenda do general Calles. Don Efraín gozava de grande estima entre os membros do clero que mais tarde manifestariam sua filiação progressista.

Encontrou apoio moral na maioria dos católicos mexicanos que, por experiência justificada, rejeitavam as promessas vazias dos "priistas" e "henriquistas", embora a linguagem de González Luna, artificial e acadêmica, fosse de difícil compreensão para o povo.

O candidato da Ação Nacional solicitou o apoio dos "tecos" através do padre Manuel Figueroa, S. J., reitor do Instituto de Ciências e amigo da Universidade Autônoma de Guadalajara. Os "tecos" não tinham boa opinião de don Efraín; desconfiavam de sua atuação durante a época cristera, de suas ligações com os revolucionários e das intromissões do grupo maritainiano ao qual ele pertencia, para infiltrar a UAG.

Como resposta à recusa do apoio solicitado, a Companhia de Jesus retirou seus professores Felipe Pardiñas, S.J., e Pérez Becerra, S. J., diretor da Faculdade de Química, das salas da Autônoma, inadvertidamente livrando os universitários da má influência que os novos jesuítas exerciam sobre seus alunos, uma vez que a ordem de Loyola havia iniciado não apenas um declínio franco, anulando seus melhores servos, mas também uma reviravolta sinistra inesperada.

A campanha de difamação e isolamento dos antigos jesuítas estava em seu auge. Embora o padre Roberto Guerra, Provincial da Companhia, tenha afirmado que esta "nem publicamente nem em particular apresentou queixas contra o padre Sáenz", circulava entre seus membros a caluniosa especula-

ção de sua loucura. Que incongruência confiar, como vimos, responsabilidades educacionais e espirituais tão significativas a alguém supostamente insano! Não indicava uma loucura maior entre os superiores da Ordem ao colocar nas mãos dele a educação acadêmica e a orientação espiritual de numerosos jovens?

As suspeitas de Don Joaquín estavam plenamente justificadas. Em 1º de dezembro daquele ano crucial, um jesuíta escreveu para Francisco Zenteno, da residência "Relaciones Culturales", em Madrid, Espanha, uma carta que posteriormente chegou às mãos do mencionado: "O pobre padre sofre de uma doença mental, originada por seu primeiro acidente... Infelizmente, não há esperança de alívio. Isso explicará a você a saída do padre da Companhia de Jesus, a seu próprio pedido."

Don Joaquín suportou com resignação cristã os embustes que estavam sendo criados sobre ele, e sem as amarras da obediência àqueles que se juntaram à conspiração moderna que batia às portas da Santa Sé, fechadas para o erro pela providencial resistência do Papa Pio XII, o padre se dedicou a viajar e pregar a verdadeira doutrina. Em Sahuayo, em Morelia, em Mérida, em Tampico, em todos os lugares que visitou, sua obra apostólica deixou uma profunda marca: palestras, retiros espirituais, sermões, administração de Sacramentos; um conjunto de atividades direcionadas, especialmente, para a juventude.

Sua mãe, uma idosa de 91 anos, era cuidada por sua filha Lore, que morava em uma residência na Avenida Diagonal de San Antonio 1016, na Cidade do México. De natureza saudável, ela recebia os cuidados recomendados para sua longevidade. De repente, os primeiros sintomas de um resfriado apareceram, que em poucas horas se transformaram em broncopneumonia. Seus filhos e parentes próximos foram chamados. Joaquín, o filho mais querido, estava em uma missão em Zamora, Michoacán. Viajou a cavalo para a Cidade do México para estar ao lado de sua mãe; chegou à meia-noite, quando dona "Tita" havia perdido a consciência, pouco depois de receber os últimos sacramentos ministrados pelo padre Manuel Fierro. Rodeada por filhos e sobrinhos, doña Magdalena descansou ao sair o sol no dia 24 de janeiro de 1953.

O Padre Joaquín ficou alguns dias na cidade e, aproveitando sua presença, foi convidado por seus sobrinhos, Luis Co-

varrubias e sua esposa, para oficiar no casamento de sua filha, sem que, nessa ocasião, os pais dos noivos tivessem contado a Igreja escolhida para a cerimônia quem seria o celebrante.

Ao se apresentarem os noivos para finalizar os detalhes na Sagrada Família, na Colônia Roma, com todos os preparativos feitos e os convites circulados, ao perguntarem o nome do oficiante, o Padre Quiroz, responsável pela igreja e antigo colega do Padre Sáenz, reagiu violentamente e disse a eles que de forma alguma esse padre poderia oficiar em qualquer Igreja da Companhia. Mais uma vez, o antigo jesuíta foi difamado para tentar justificar sua rejeição.

Naturalmente, o escândalo não demorou a surgir entre familiares e amigos. Embora Joaquín tenha solicitado uma explicação do que aconteceu ao novo Provincial, Enrique Ruiz, S. J., não obteve mais resposta do que o silêncio. A justiça e a caridade estavam ausentes entre os novos jesuítas da província mexicana.

Don Joaquín viajou para a Europa. Nos primeiros dias de junho de 1953, ele esteve em Roma. Entrevistou-se com o Padre Tomás Trevi, S. J., a quem reiterou e ampliou os graves fatos que havia denunciado. Com extrema prudência, o proeminente eclesiástico atendeu ao ex-jesuíta; ninguém se opôs a que visitasse seus antigos amigos na residência da Companhia, e celebrou missa sem nenhum problema nos altares de seus templos. Recebeu atenções e distinções. Pouco depois de deixar a Cidade Eterna, enviaram-lhe dois codicilos-diplomas para o México. O primeiro, datado de 24 de junho, assinado pelo Prepósito Geral, e o segundo, de 9 de julho, um *Officium de Indulgentiis*, da Sacra *Paenitentiara* Apostólica.

O Padre não foi a Roma em busca de títulos honoríficos, mas sim de novas oportunidades para a sua missão apostólica. Ele se mudou para Madri e observou o descuido espiritual em que se encontravam os estudantes hispano-americanos. Em 8 de julho, escreveu ao Padre Trevi, que se ofereceu para prestar atenção às recomendações feitas pelo zeloso sacerdote, enquanto ele poderia se estabelecer nos Estados Unidos.

Ele sentia uma predileção especial pelos jovens a quem havia dedicado o melhor de sua atividade sacerdotal. Pensou em dedicar-se a eles nos lugares onde estivessem mais desprotegidos. Centenas de estudantes hispano-americanos precisavam

de atenção espiritual nos Estados Unidos. Seu projeto foi bem recebido pelo Padre Trevi, que ofereceu ajudá-lo com o apoio de alguns jesuítas: "Espero mais notícias do que foi combinado com o Padre Sobrino desde os EUA para seguir em frente para o destino providencial que almejamos", disse ele em sua resposta ao Padre Sáenz.

De volta ao México, ele se estabelece na rua Saltillo 101 e recebe sua correspondência do Padre José A. Sobrino, S.J., responsável por processar seu visto para morar nos Estados Unidos. Seu projeto de atender espiritualmente aos estudantes hispano-americanos recebe aprovação do Provincial dos jesuítas em Nova York. O local escolhido para trabalhar foi a Universidade de Fordham. Cartas vão e vêm, e surgem diferentes possibilidades, incluindo a de mudar sua futura residência de Nova York para Chicago. O Padre Sobrino, diligente e convencido, viajou para esta cidade, conversou com o Padre Provincial, John Egan, que recomendou o intermediário ao Padre J. D. Connerton, diretor do Newman Club da Universidade de Chicago. O Padre Connerton já havia trabalhado com estudantes hispano-americanos e recebeu com prazer a sugestão de que um padre de língua espanhola colaborasse com ele. Ambos visitaram o Vigário Geral, que se ofereceu para levar o assunto ao Cardeal após seu retorno de Roma, onde estava. Era necessário escrever algumas cartas, certos relatórios, ocultando diplomaticamente a antiga militância do Padre Sáenz na Companhia de Jesus. Finalmente, em 12 de novembro de 1953, o Padre Tomás J. Trevi escreve ao Padre Sáenz, lamentando o fracasso de suas tentativas. Alguns membros da Companhia de Jesus estavam interessados em anular todos os esforços de Joaquín, mas ele sempre se mostrou disposto a colaborar em sua missão educacional e espiritual com seus antigos irmãos da Ordem.

Em 1954, atendendo ao pedido do Padre Manuel Figueroa, S.J., assessores da Universidade Autônoma de Guadalajara estabeleceram em Puebla uma organização juvenil, destinada a neutralizar a crescente influência e intromissão dos comunistas na universidade poblana. Este grupo foi presidido pelo entusiasta Ramón Plata Moreno e recebeu o nome de "Frente Universitario Anticomunista". Seus colaboradores imediatos foram, entre outros, Francisco Mugemburg, Luis Felipe Coello,

Klaus Feldman e Víctor Sánchez Steimpreis.

A nova organização foi bem recebida pelos setores católicos e até por elementos do governo estadual. O próprio arcebispo Octaviano Márquez Toriz concedeu seu apoio e respaldo moral a eles.

El padre Sáenz Arriaga conservava o apreço e a estima do padre Figueroa, e a pedido deste, colaborou nos passos iniciais da Frente Universitario Anticomunista, prestando-lhes assistência religiosa, até que a figura desastrosa do líder começou a revelar sua verdadeira dimensão. Ao surgirem as primeiras divergências com os senhores Plata, Mugembur e Coello, Don Joaquín renunciou a continuar colaborando com eles. O fervor inicial da Frente não foi além da publicação de impressionantes desdobramentos na imprensa de Puebla e do Distrito Federal, atacando os comunistas que, ignorando a inócua ofensiva jornalística, tomaram posse do edifício Carolino, sede da reitoria da Universidade Autônoma de Puebla. Os jovens simpatizantes do Partido Comunista expulsaram estudantes e professores que rejeitaram a dialética marxista e, desde então, transformaram a universidade em um importante centro de doutrinação.

Diante da ineficácia da Frente em deter os mencionados avanços socialistas, Ramón Plata Moreno[3] e seus colaboradores estabeleceram-se na capital do país e se apresentaram como salvadores da Universidade Autônoma do México, para o que fundaram o Movimento Universitário de Renovada Orientação, mais conhecido como MURO. Contando com os recursos inicialmente obtidos em Puebla da iniciativa privada e depois de alguns empresários bem-intencionados do chamado Grupo Industrial de Monterrey, começaram por infiltrar os colégios católicos das ordens la Salle, maristas e jesuítas, principalmente na Universidade Iberoamericana, onde Plata Moreno contou com o apoio do reitor, Hano Martens.

No sangrento conflito estudantil de 1968, os contra-ataques do MURO não conseguiram enfraquecer os obscuros planos soviéticos que tentavam destruir o governo e assumir o poder. Passou mais de um ano para que o cardeal Miranda decidisse desautorizar essa associação em sua arquidiocese, dentro da

[3]Assassinado na cidade do México em 24 de dezembro de 1979. Seus assassinos não foram identificados.

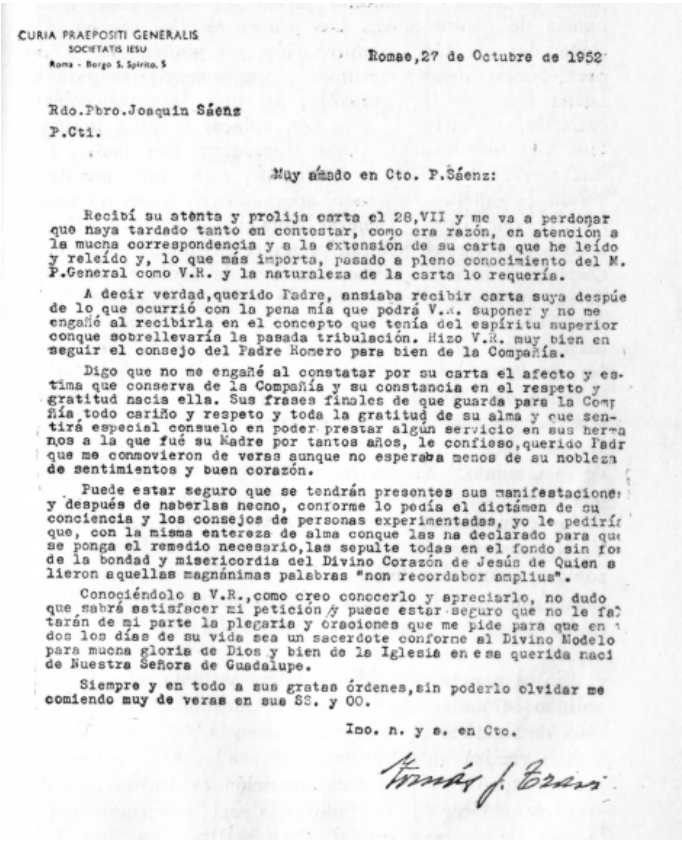
qual, declarou, "trabalham elementos impregnados de materialismo e socialismo marxista, inclinados a minar os fundamentos da sociedade e da Igreja." Sua Eminência se contradizia, como em outras ocasiões.

Federico Mügemburg Rodríguez, em um trabalho documentado sobre a infiltração da Democracia Cristã no México no início dos anos 60,[4] aponta o perigo de tornar essa corrente política a base do socialismo, como ocorreu no Chile, como acontece na Itália, como ocorria na Venezuela... Esse deslizamento ideológico, planejado pelas falsas direitas enraizadas nas estruturas eclesiásticas, encontrou terreno fértil nos quadros juvenis do MURO.

A perspicácia do padre Sáenz previu a infiltração de falsos católicos nesta sociedade, cuja origem era, precisamente, defender a Igreja contra investidas reformistas e socializantes. Ele afastou esse fruto malogrado e continuou a semear fé e amor. Intensificou suas atividades, prosseguiu com dedicação paternal cuidando de seus jovens estudantes, suas missões, seus exercícios espirituais, solicitados e procurados em muitos lugares. Sua inquietação pastoral o obrigava a viajar constantemente, e, quando as circunstâncias o exigiam, ia para Roma. Durante suas estadias na Cidade Eterna, visitou várias vezes Sua Santidade Pio XII. A última vez que o viu, poucos meses antes da morte do Pontífice, foi acompanhado por sua irmã Guadalupe. O Papa os recebeu e posou para uma foto com os irmãos Sáenz Arriaga, mostrando assim especial deferência por don Joaquín.

O ex-jesuíta dedicou-se, como mencionado anteriormente, à atenção preferencial dos estudantes universitários. Na Colônia del Valle, na Cidade do México, abriu uma casa onde fornecia assistência, algumas vezes gratuita, a um grupo de jovens. Ele os ajudava em seus estudos, os orientava e aconselhava. Celebrava a Santa Missa e rezava com todos o Rosário, uma prática que não descuidou desde sua infância até o fim da vida. Assim se passaram esses anos, sem grandes altos e baixos nas atividades desse sacerdote incardinado na Arquidiocese do México, a partir de 14 de julho de 1958.

[4]Mügemburg Rodríguez, Federico. La Cruz é uma arte subversiva? Editorial Ser, SA, México, DF, 1970.



CURIA PRAEPOSITI GENERALIS
SOCIETATIS IESU
Roma - Borgo S. Spirito. 5

Romae, 27 de Octubre de 1952

Rdo.Pbro.Joaquín Sáenz
P.Cti.

Muy amado en Cto. P.Sáenz:

Recibí su atenta y prolija carta el 28,VII y me va a perdonar que haya tardado tanto en contestar, como era razón, en atención a la mucha correspondencia y a la extensión de su carta que he leído y releído y, lo que más importa, pasado a pleno conocimiento del M. P.General como V.R. y la naturaleza de la carta lo requería.

A decir verdad, querido Padre, ansiaba recibir carta suya después de lo que ocurrió con la pena mía que podrá V.R. suponer y no me engañé al recibirla en el concepto que tenía del espíritu superior conque sobrellevaría la pasada tribulación. Hizo V.R. muy bien en seguir el consejo del Padre Romero para bien de la Compañía.

Digo que no me engañé al constatar por su carta el afecto y estima que conserva de la Compañía y su constancia en el respeto y gratitud hacia ella. Sus frases finales de que guarda para la Compañía todo cariño y respeto y toda la gratitud de su alma y que sentirá especial consuelo en poder prestar algún servicio en sus hermanos a la que fué su Madre por tantos años, le confieso, querido Padre que me conmovieron de veras aunque no esperaba menos de su nobleza de sentimientos y buen corazón.

Puede estar seguro que se tendrán presentes sus manifestaciones y después de haberlas hecho, conforme lo pedía el dictámen de su conciencia y los consejos de personas experimentadas, yo le pediría que, con la misma entereza de alma conque las ha declarado para que se ponga el remedio necesario, las sepulte todas en el fondo sin fondo de la bondad y misericordia del Divino Corazón de Jesús de Quien recibieron aquellas magnánimas palabras "non recordabor amplius".

Conociéndolo a V.R., como creo conocerlo y apreciarlo, no dudo que sabrá satisfacer mi petición y puede estar seguro que no le faltarán de mi parte la plegaria y oraciones que me pide para que en todos los días de su vida sea un sacerdote conforme al Divino Modelo para mucha gloria de Dios y bien de la Iglesia en esa querida nación de Nuestra Señora de Guadalupe.

Siempre y en todo a sus gratas órdenes, sin poderlo olvidar me comiendo muy de veras en sus SS. y OO.

Ino. n. y s. en Cto.

Roberto J. Guerra

Carta do Padre Romero, com transcrição da mensagem do padre Roberto Guerra (25/06/1952).

CAPÍTULO 7

A IGREJA PÓS-CONCILIAR

O Papa Pio XII faleceu em Castel Gandolfo em 9 de outubro de 1958.

Durante seu pontificado, ele conseguiu conter a conspiração contínua contra as estruturas da Igreja e a teologia católica, conforme já denunciado por seu antecessor, o Papa Pio X, a quem elevou aos altares.

Após a morte desse Pontífice, no conclave convocado para escolher um novo papa, elementos sutis de discordância foram introduzidos. A ingenuidade e a credibilidade dos velhos cardeais encontraram obstáculos sérios para escolher um fiel continuador da obra realizada pelo *Pastor Angélico*. Finalmente, chegou-se a um acordo na seleção do idoso cardeal Ângelo Roncalli, que habilmente conduziu uma campanha eleitoral para assegurar 36 dos 50 votos no conclave de outubro de 1958, que o elevou ao papado com o nome de João XXIII[1], como revelado pelo cardeal Eugenio Tisserant em um documento divulgado após sua morte.

Uma vez instalado no trono pontifício, João XXIII começou

[1]Excelsior. Diário, México, D. F., 28 de junho de 1972. Pág. 23.

a fazer mudanças, e embora as inovações iniciais não tenham passado despercebidas, poucas pessoas, no entanto, perceberam a importância delas. Faltando com a prudência, ele fez o que seu antecessor havia rejeitado: convocar um concílio ecumênico no momento em que as pressões políticas, as divergências filosóficas, os interesses econômicos globais e as controvérsias sociais exigiam firmeza na doutrina e na liderança.

Desde o momento em que João XXIII tomou a grave decisão de convocar o concílio, vozes autorizadas advertiram sobre o perigo iminente para a Igreja, até então unificada, inabalável no erro e firme em seus fundamentos dogmáticos. Em 31 de agosto de 1962, um grupo de teólogos bem informados sobre os detalhes de um amplo plano para demolir a Igreja denunciou as ameaças e, com uma lógica irrefutável, antecipou as consequências desastrosas do *complô contra a Igreja* que encontraria no concílio um terreno fértil para germinar. Esta obra volumosa e documentada, assinada por Maurice Pinay, circulou entre os padres conciliares. No entanto, sua eficácia foi limitada. Os participantes do complô funcionou como um mecanismo de relógio, lubrificado com todo o dinheiro necessário para orientar notícias e opiniões da imprensa, rádio e televisão em direção a seus objetivos particulares.

Simultaneamente à publicação de "*Complô contra a Igreja*"[2], o Padre Sáenz recebeu uma revista espanhola na qual aparecia um artigo substancial que anunciava, com esperança jubilosa, a oportunidade de reviver as ideias dos irmãos Lehman, famosos convertidos do século passado que defendiam a conversão de seus irmãos judeus, a devoção à Santíssima Virgem e a absolvição da acusação deicida contra o judaísmo. O teólogo avisado percebeu os interesses em jogo e os resultados transcendentes de qualquer concessão doutrinária. Para proteger a Igreja de ataques diretos ou subterrâneos, era necessária a intercomunicação entre aqueles que verdadeiramente amavam e conheciam os perigos que a ameaçavam. Ele viajou para a Europa e publicou seu primeiro panfleto relacionado com a crise iminente: "*Carta de Informação aos Bispos de Espanha, Portugal e América*".

[2]PINAY, Maurício. Complot contra le Iglesia. Edições "Mundo Libre", México, D. F., setembro de 1968 (tradução para o espanhol pelo médico Luis González).

Em Roma, acompanhado pelo padre Rua, estabeleceu contato com o cardeal Samore. Mais tarde, Rua e ele estiveram na Espanha e se encontraram com o general Franco em busca de apoio moral para os católicos mexicanos.

Suas relações eclesiásticas na Europa revelaram que o chamado "Papa Bom", quando era núncio em Paris, havia sido amigo de altos dignitários maçons.

Ele também foi informado sobre a falsificação de certificados de batismo emitidos para israelitas durante a guerra, quando Roncalli era núncio apostólico na Turquia ou Bulgária.

Essas informações foram divulgadas em seu folheto mencionado, de circulação limitada, que não escapou de ataques promovidos por aqueles que se sentiam afetados.

Sua "*Carta de Informação*", embora não tenha uma data específica, pelo contexto deduz-se que tenha sido impressa em julho de 1963, meio ano após o encerramento da primeira etapa do Concílio Vaticano II e três meses antes da abertura, por Paulo VI, da segunda sessão em 29 de setembro de 1968.

João XXIII não pôde ver sua obra concluída. Essa responsabilidade recaiu sobre seu sucessor, Giovanni Battista Montini, arcebispo de Milão, para onde Pio XII o havia enviado para afastá-lo da Cúria Romana. Juan XXIII o tornou cardeal em 1958 e o colocou no caminho para sucedê-lo no cargo, como se confirmou no conclave convocado após o falecimento do Papa Roncalli em 3 de junho de 1963.

Durante o Concílio, ele lutou, do lado de fora, com os quatrocentos bispos tradicionalistas e seus líderes, Ottaviani, Lefebvre, Geraldo de Proença Sigaud – do Brasil– , Carli, que denunciou como contrário aos Evangelhos o postulado sobre os judeus apresentado pelo cardeal Bea – documento incluído na Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões– ; os patriarcas orientais e todos aqueles que, sob o pseudônimo de Maurice Pinay, publicaram o livro "*Complô contra a Igreja*".

À morte de João XXIII, o Padre Sáenz, em aliança com alguns leigos, conseguiu apresentar aos cardeais do Conclave uma biografia com todos os antecedentes modernistas de Giovanni Battista Montini, a quem o presbítero Julio Meinville – culto escritor que denunciou a penetração e o avanço dos postulados do modernismo na nova Igreja– qualificou em particular,

por sua atuação, como Chefe da Maçonaria em Roma.

A habilidade de Montini, a pressão dos centros europeus ameaçando com o cisma, o amor à Igreja dos cardeais Ottaviani e Siri, que representavam a maioria do conclave, foram os fatores determinantes na escolha de Montini. Ao cardeal Ottaviani coube anunciar a elevação ao trono pontifício de Paulo VI.

Durante o Concílio Vaticano II, assembleia em que ocuparam lugares estratégicos os neomodernistas, que se mostraram como os mais piedosos, suaves e diligentes para levar água ao seu moinho, proferiram frases emotivas, mostraram-se insinuantes e partidários de facilitar os difíceis caminhos da exclusividade dogmática. A posse não negociável da verdade que até então havia sido patrimônio intransferível da Igreja Católica ficou sujeita a sutis interpretações. Esses profetas do acordismo democrático pregaram a conveniência do diálogo e abriram as janelas da Revelação Divina ao horizonte sem limites do pensamento humano, a serviço do progressismo religioso.

O Padre Sáenz viajou para Paris; estabeleceu comunicação com Monsenhor Roche, um dos secretários do cardeal Tisserant, que, em seu tempo, foi encarregado por Pio XII de monitorar Monsenhor Montini, na época Secretário de Estado, devido às suas relações suspeitas com pessoas de procedência duvidosa.

O Ulisses da Tradição não parou por aí; ele viajou para o Oriente Médio, cultivou relações com os ritos orientais, cercados pelo sionismo que controla a Cidade Santa, onde estabeleceu a capital de Israel, em oposição à opinião mundial expressa em uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, que supostamente buscava preservar a natureza apolítica de Jerusalém.

Em sua jornada frutífera pela antiga Palestina, em 31 de julho de 1965, Elias Bandak, prefeito de Belém, concedeu a ele o título de cidadão honorário dessa cidade.

O balanço final do Concílio Vaticano II foi prejudicado por suas inúmeras ambiguidades, que, ao longo do tempo, se tornariam terreno fértil para a mudança, falsificação, negação ou condicionamento do magistério anterior da Igreja.

Os primeiros sintomas surgiram imediatamente após o encerramento do Concílio, embora outros eventos, como a pre-

sença de Paulo VI na ONU em 4 de outubro de 1965, indicassem as drásticas mudanças que estavam por vir.

Em sua histórica visita à sede da Organização das Nações Unidas, Paulo VI fundamentou o bem público da humanidade nos valores promovidos por essa organização internacional, e não nos valores morais da Lei Divina Natural e Positiva, como fizeram Santo Agostinho e Santo Tomás.

O Catecismo Holandês, que inevitavelmente foi preparado com antecedência suficiente, foi uma das primeiras badaladas que soaram, claras e contundentes, no meio da crescente agitação do antes pacífico povo de Deus.

No dia 7 de dezembro de 1965, encerrou-se a última reunião da quarta e última etapa do Concílio Vaticano II. A euforia universal rejeitava qualquer advertência de perigo. Ninguém parecia perceber a severa fragmentação que o magistério da Igreja havia sofrido. Apenas alguns, imersos no silêncio de seus retiros, dedicados ao estudo dos documentos conciliares, puderam avaliar as rachaduras que ameaçavam a integridade, até então monolítica, das estruturas eclesiásticas e suas bases doutrinárias.

O Padre Sáenz Arriaga, que havia acompanhado de perto os incidentes do Concílio, que havia estudado os esquemas propostos e as declarações promulgadas, anunciou, antes de muitos, a crise que se aproximava.

"Eu creio na Igreja dos Papas e dos Concílios, não na Igreja de um Papa ou de um Concílio. É absurdo desvincular os ensinamentos dogmáticos, disciplinares ou pastorais do Concílio Vaticano II da estrutura secular de vinte vezes da doutrina apostólica, da doutrina dos Santos Padres e Doutores da Igreja, da doutrina dos Concílios e dos Papas anteriores, da doutrina secular de toda a teologia católica. Qualquer progresso que ignore o passado não é progresso, mas sim ruína e destruição; qualquer interpretação contrária àquela que os dogmas têm não é interpretação, mas sim capitulação."[3]

Tinha passado meio ano desde o encerramento do Vaticano II. Na revista norte-americana Look, de 25 de janeiro de 1966, foi publicada uma extensa crônica escrita por Joseph Roddy, intitulada: "*Como os judeus mudaram o pensamento católico*".

[3]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. Con Cristo o contra Cristo, Hermosillo, Sonora, México, 1966. Pág. 5.

Nela são relatadas as interferências judaicas antes e durante o Concílio, até alcançar a declaração, contrária à verdade histórica e à doutrina da Igreja, que isenta de culpa o povo judeu na morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, admitindo tacitamente a própria culpabilidade por "ódios, perseguições e manifestações de antissemitismo de qualquer época e pessoa contra os judeus."

Esta *Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs* foi promulgada em 28 de outubro de 1965. O capítulo dedicado à religião judaica sofreu inúmeras modificações até culminar com o texto que satisfaria plenamente as demandas israelenses.

Don Joaquín traduziu cuidadosamente o artigo da revista Look. No final do mesmo, acrescentou várias notas nas quais analisa o sentido teológico do texto conciliar e comenta ou expande as intromissões judaicas que conseguiram distorcer o sentido católico da condenação ao povo deicida.

Em nenhuma frase falta a caridade cristã. Escreve com simplicidade, expõe com lógica: "O ataque não é nosso, é deles; não haveria defesa se não houvesse ataque. O ataque do judaísmo à Igreja foi secular, vinte vezes secular; foi permanente: às vezes dissimulado, insidioso, cauteloso; às vezes violento, destrutivo, incendiário e sangrento...".[4]

Ele fundamenta seus argumentos em testemunhos tão válidos, alguns dos quais são provenientes dos próprios judeus e de figuras significativas...

Quando este livro do Padre Sáenz foi lançado, a Mitra Metropolitana enviou-lhe uma advertência, apesar de, na primeira página da obra intitulada "*Com Cristo ou Contra Cristo*", estar impresso o aval de Monsenhor Juan Navarrete, arcebispo de Hermosillo, em cuja arquidiocese foi feita a publicação.

O Cardeal Miranda não escondia seu antagonismo pessoal em relação ao antigo jesuíta. Embora pertencesse à sua arquidiocese, o padre Joaquín não era um dos servis ou incondicionais que, com sua reconhecida capacidade e preparação, buscassem acomodação e acordos com a Mitra. A publicação de seu livro, embora autorizada pelo arcebispo de Sonora, não lhe agradou; ele percebia a resoluta atitude do padre diante das

[4] Ibidem.

mudanças radicais que se aproximavam e que ele teria que implementar em sua arquidiocese.

O cardeal o mandou chamar. O convite foi feito por telefone; o padre, a quem alguns bispos tinham revelado a intenção do cardeal em silenciá-lo, enviou nesse mesmo dia - 26 de janeiro de 1967 - uma carta se desculpando por não poder comparecer à Mitra. Diante da ameaça de repreensão, admitia a possibilidade de ter cometido alguns equívocos em seus trabalhos escritos, no entanto, "com a maior pureza de intenção e com o respaldo de pessoas prudentes de consciência e ciência teológica", pelo que agradeceria a Sua Excelência se dignasse a fazer-lhe, por escrito, suas observações. Ele não comparecia ao encontro por estar sofrendo grande abatimento físico, mas não mental, como alguns eclesiásticos de ideias contrárias às suas maliciosamente propagavam por aí. Aceitava "essa humilhação como sacrifício pessoal a Deus", embora "gostasse que as refutações desses padres fossem mais com razões teológicas do que com ofensas pessoais."[5]

Ele nunca viu seu justo desejo realizado. Nem prelados, nem sacerdotes ou leigos simples foram capazes de refutar uma única de suas sólidas conclusões teológicas.

Ele recebeu um novo chamado telefônico, marcando-o na Mitra para o dia 4 de fevereiro. Desta vez, enviou prontamente desculpas na forma de atestados médicos, assinados por profissionais respeitáveis que atestavam seu mal estado de saúde e a inconveniência, por esse motivo, de atender ao chamado de Dom Miguel Darío.

[5]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. Correspondência privada, Ibidem, Pág. 10.

CAPÍTULO 8

O PROGRESSISMO EM AÇÃO

Durante os meses seguintes, a tensa relação entre o Arcebispo, seu Secretário Chanceler e o padre Sáenz parecia suavizar-se. Em 7 de julho, a Madre Superiora da Congregação das Adoradoras Perpétuas do Santíssimo Sacramento solicitou à Mitra autorização para que o Padre Joaquín Sáenz Arriaga continuasse, pela terceira vez, como confessor ordinário da comunidade, pedido que foi concedido em 10 de agosto.

Naqueles dias, seu livro "*Cuernavaca e o Progressismo Religioso no México*" foi publicado. A publicação desta nova obra do padre Sáenz abriu portas para o espanto. O que estava acontecendo naquela diocese era muito grave e sintomático de um problema com implicações momentaneamente indescritíveis. A lucidez e os conhecimentos do padre descobriam o problema e antecipavam sua origem, seus resultados e futuras consequências, como é fácil perceber no simples enunciado dos capítulos do livro. O primeiro aponta Cuernavaca como planta-piloto do progressismo religioso e denuncia a estreita colaboração do líder do CIDOC (Centro Intercultural de Documentação) Ivan Illich, um sacerdote iugoslavo de ascendência judaica, o ex-

abade Gregório Lemercier e o bispo Sergio Méndez Arceo. Esses três personagens nefastos "necessariamente obedecem a uma inspiração, a um poder, a uma conspiração que ultrapassa as possibilidades individuais de cada um desses atores."[1]

As provas apresentadas são contundentes: a depravação moral, justificada pelo psicanalista de grupo no convento de Lemercier, autor da representação folclórica chamada "Missa Pan-Americana", que desde então foi implantada na catedral de Cuernavaca. Em seguida, vieram outras "*missas*", tão falsas quanto aquelas, destinadas à destruição da fé católica.

Gregorio Lemercier foi conselheiro de Méndez Arceo durante sua participação no Concílio Vaticano II.

O depoimento juramentado de um membro da família Capetillo revelou ao padre que, sob o pretexto religioso do convento de Nossa Senhora da Ressurreição, ocorriam práticas de sodomia. É um fato que a denúncia desencadeou a investigação e posterior condenação de Roma a este verdadeiro antro de prostituição, que funcionava graças à complacência e autorização expressa do bispo progressista de Cuernavaca, que, apesar de todas as denúncias, evidências e confissões, nunca sofreu qualquer repreensão das autoridades vaticanas ou de seus colegas mexicanos.

O caso de Illich também alcançou destaque internacional. Ivan Illich, por meio de seu Centro Intercultural de Documentação, com conexões secretas judaicas e marxistas, realizou um nefasto trabalho de doutrinação comunista através de religiosas e sacerdotes vindos de toda a América Latina e dos Estados Unidos para Cuernavaca.

O livro do Padre Sáenz, claro, contundente e inequívoco, desagradou ao grupo cada vez mais numeroso de progressistas e infiltrados, e, naturalmente, ao hierarca mais comprometido da Igreja no México: Miguel Darío, o Cardeal Miranda, que aguardou por uma oportunidade mais propícia para descarregar seu golpe vingativo contra o primeiro sacerdote que ousou denunciar a conspiração dentro da Igreja, cuja origem poucos intuíam, e menos ainda conheciam.

Em outubro de 1967, o padre Sáenz pediu à Mitra a renovação de suas licenças para exercer seu ministério sacerdotal.

[1]Sáenz Arriaga. Dr. Joaquín. Cuernavaca e o progresso religioso no México. México, DF, 1967. Pág. 8.

No dia 23, ele recebeu uma resposta assinada pelo Secretário, comunicando-lhe "que suas últimas licenças ministeriais terminaram em 20 de fevereiro de 1964; que não há registro, desde essa data, de renovação da faculdade de celebrar duas ou três missas no mesmo dia; que a licença solicitada pela Reverenda Madre María Rosa Guadalupe de la Santa Cruz, das R. R. M. M. Adoradoras Perpétuas do Santíssimo Sacramento, em 7 de julho último, para que continuasse como confessor da Comunidade por um terceiro triênio, *não foi concedida* pelo Excelentíssimo Senhor Arcebispo...". Ele também disse que várias vezes foi chamado pelo Arcebispo e nunca compareceu.

A mentira era evidente; não era surpreendente. À primeira objeção, o Padre Sáenz admitiu que havia passado o tempo para pedir oportunamente a renovação das licenças, algo que acontecia frequentemente com muitos, devido às suas muitas ocupações "e para ser franco – ele admite – por não ter muitos relacionamentos com a Mitra, onde há tanta oposição" ao seu trabalho. E cita casos concretos, alheios ao seu, para demonstrar sua afirmação.

Quanto à segunda objeção de que "não há registro de renovação da faculdade de celebrar duas ou três missas depois dessa data (20 de fevereiro de 1964)", o padre argumenta que celebrava a Santa Missa na paróquia da Divina Providência, onde o senhor padre era chefe de um dos Decanatos – uma instituição criada pelo arcebispo Miguel Darío – e, nas vezes em que celebrou duas ou três missas, o fez por indicação do próprio padre, "a quem supunha ter poderes para delegar".

Referindo-se ao fato de que o arcebispo não concedeu a licença solicitada pela Superiora das R. R. M. M. Adoradoras Perpétuas do Santíssimo Sacramento para que continuasse como confessor da Comunidade, o padre Sáenz respondeu: "Sua Eminência está mentindo, ou está mentindo o Excelentíssimo Senhor Vigário ou, o que é mais provável, está mentindo o Chanceler", pois em 10 de agosto daquele ano, ou seja, dois meses e meio antes da carta do Secretário, o padre Sáenz recebeu o comunicado oficial número 00248–67 da Cúria da Arquidiocese do México, nomeando-o, por um terceiro triênio, confessor ordinário da mencionada comunidade de religiosas.

Como se vê, o propósito de destruir o sacerdote que foi capaz de se manifestar publicamente em defesa da verdade tornou-se

evidente com muita antecedência.

Naqueles dias, um livro composto por Tito Casini, um escritor premiado em letras italianas, surgiu. Seu título é bastante sugestivo: "*A Túnica Rasgada*". Os primeiros exemplares deste pequeno livro apareceram pela primeira vez nas livrarias de Roma por volta do mês de março de 1967. Ele traz um prefácio de Antonio, Cardeal Bacci, datado de 23 de fevereiro de 1967, na Cidade do Vaticano. Um livro revelador, que foi escrito tempos antes e que seu autor teve a coragem de publicar quando apareceu o *Sacrificum Laudis*, carta apostólica de Paulo VI, em 15 de agosto de 1966. "Na semana litúrgica", diz o autor, "celebrada escassas duas semanas após a carta do Santo Padre, foi elaborado um programa ampliando o campo para as línguas vernáculas e os cânticos modernos populares... por tal motivo, tive que levar novamente meu manuscrito às gráficas..."[2]

O Padre Sáenz traduziu esta obra quando esteve em Roma, em maio de 1968, e a publicou em castelhano após seu retorno ao México.

Lá ele se relacionou com a Civilita Cristiana, dirigida por Franco Antico. Muitos membros da aristocracia romana pertencem a esta organização católica tradicionalista, cuja adesão à Igreja é bem conhecida. Uma senhora distinta, de linhagem nobre, ocupada em examinar antigos pergaminhos para podar dos registros genealógicos seus frutos podres e enxertos ilegítimos, descobriu nos anais da nobreza italiana evidências das conexões judaicas da família Montini. Esses dados importantes foram fornecidos ao Padre Sáenz, com os quais ele pôde esclarecer algumas dúvidas sobre a enigmática personalidade de Paulo VI.

Ele também traduziu e publicou a "*Carta para uma Dialética Conciliar*", escrita pelo Abade de Nantes.

O ano de 1968 foi de importância capital na mudança de rumo político e, consequentemente, doutrinal da Santa Sé. Para justificar agora o que antes havia sido condenado, foi necessária audácia e confiança cega no poder da autoridade.

Embora muitos tenham notado a importância das transfor-

[2]CASINI, Tito. A túnica rasgada. Pág. 13. No mesmo volume: Saj, Eduardo. Onde estamos? Christian Book Club of America, Hawthorne, Cal., 1968. Tradução do doutor Rev. Joaquín Sáenz Arriaga.

mações radicais, poucos se atreveram a denunciá-las, e ainda menos a censurá-las. Sáenz Arriaga, testemunha preocupada do que acontecia, registrou, no livro "*A Nova Igreja Montiniana*", publicado três anos depois, o significado desses episódios transcendentais. Esta obra acabaria por trazer represálias inimagináveis, que, no entanto, não conseguiram dobrar seu espírito.

O ponto de partida no ataque à doutrina católica foi o Congresso Eucarístico de Bogotá, seguido pela já célebre Segunda Assembleia da Conferência Episcopal Latino-Americana.

Durante os dias 18 a 28 de agosto de 1968, na cidade de Bogotá, Colômbia, ocorreu este congresso, com características muito peculiares, pois contou com a presença de Paulo VI. Mas não antecipemos os eventos e, com grandes passos, continuemos o relato e os comentários do Padre Sáenz:

"Este congresso mencionado foi o toque de reunir na planejada subversão dos países latino-americanos"... "foi a apresentação solene e oficial, diante do mundo católico, da Igreja Pós-Conciliar reformada, de seu programa, de seus objetivos."[3]

Para encerrar o congresso, "cinco observadores não-católicos" pediram, em uma mensagem marcante dirigida à augusta assembleia, "a faculdade de receber a Sagrada Comunhão com os bispos reunidos em tão importante ocasião."[4] Eles eram um bispo anglicano, um professor luterano, um membro da comunidade de Taizé e outros dois protestantes. O pedido foi aceito e o sacrilégio consumado. Após algum tempo, essa licença foi elevada ao status legal por Paulo VI em benefício de todos os hereges que, sem renunciar a seus erros, desejam participar da comunhão eucarística nas novas missas.

"Este fato inaudito e incompreensível é, como me parece", aponta o Padre Sáenz, "a digna culminação do segundo 'Bogotazo' (Congresso ocorrido na Colômbia) que visa revolucionar todas as estruturas da América Latina. Como católico e como padre... não consigo conter minha justa indignação diante do ultraje que considero sacrílego, deste gesto político, com o qual os prelados latino-americanos, e o próprio Paulo VI, como no-

[3]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. La nueva Iglesia montiniana. México, D. F., 1971. Pág. 5

[4]Ibidem. Pág. 6.

vos Judas, desejam entregar seu Mestre."[5]

Vale ressaltar a presença real de Nosso Senhor Jesus Cristo na Sagrada Eucaristia, pois a Santa Missa ainda não havia sido substituída pela atual assembleia do *Novus Ordo Missae*.

Na Conferência de Medellín, resultou o ponto de partida da subversão marxista na Hispanoamérica. Foi seu justificante, seu eficaz impulsor. O padre Sáenz já o indicava: "Porque os fatos ocorridos no subcontinente após o Congresso Eucarístico e a Conferência de Medellín são extremamente graves e reveladores..." As primeiras consequências se apresentaram na forma de 'sangrentos conflitos estudantis no Uruguai, Brasil e México; o presidente da Bolívia anunciou que as guerrilhas haviam ressurgido no campo boliviano...' Em Costa Rica, Argentina, Panamá e Peru, houve atos terroristas e golpes de Estado. A Teologia da Libertação estava em andamento. O registro desses eventos que ensanguentaram terras da América comprova a influência nefasta da reunião do CELAM no ataque ao poder constituído para promover a mudança de estruturas, no qual Fidel Castro se tornou um intermediário obrigatório entre seus senhores em Moscou e os terroristas que contavam com a dissimulação e até a cumplicidade de clérigos progressistas e prelados de batina vermelha. São conclusivos os documentos publicados e citados pelo padre Sáenz em seu livro.

A viagem de Paulo VI coincidiu com graves problemas de alcance mundial. Na Checoslováquia, havia-se iniciado um processo de dessovietização, uma tentativa audaciosa de recuperar a independência por meio de uma mudança progressiva no sistema socialista mantido por Moscou. Em abril deste ano, formou-se um novo governo que propiciou essas drásticas reformas políticas e econômicas. Em julho, reunidos na URSS, os membros do Pacto de Varsóvia, um instrumento que garante pela força militar a hegemonia comunista na Europa Oriental, enviaram um ultimato ao governo checoslovaco, seguido da brutal invasão do Exército russo até destruir o processo de libertação. Paulo VI lamentou esse fato, mas não o condenou como sabia fazer quando, em algum país livre, julgava e condenava terroristas de esquerda, mantendo assim sua imagem pré-fabricada como novo Cristo dos pobres e famintos.

O ano do Congresso Eucarístico e da Segunda Conferência

[5] Ibidem. Pág. 7.

do CELAM foi o dos estouros revolucionários protagonizados por juventudes estudantis instigadas em Paris e no México. A viril resistência do presidente Gustavo Díaz Ordaz evitou que o país caísse definitivamente nas mãos marxistas. Todo um processo de mudança apoiado na negação teológica anterior para ser substituído por verdadeiras heresias próprias a essa mudança, como demonstra documentalmente Sáenz Arriaga nas páginas centrais de seu livro.

Esta conferência do CELAM não era, em si mesma, mais que a consequência natural das novas correntes teológicas: "Nova Igreja chamam os homens da imprensa a Igreja «reformada» que nasceu do Concílio de João XXIII e de Paulo VI. Nova Igreja que avança irreversivelmente contras as teses tradicionalistas e conservadoras. É, pois, uma alteração na doutrina que apaga, que destrói o passado, porque existe oposição entre essas duas mentalidades, e essa oposição é irreconciliável."[6]

Não é possível seguir página por página o extenso trabalho do padre Sáenz, mas dada a importância que essa obra alcançou na opinião mundial, convém destacar algumas de suas denúncias precisas, entre elas a que se refere ao *Dia do Ecumenismo*, segunda-feira, 19 de agosto de 1968. Transcreve o texto oficial da "concelebração", o diálogo entre o "presidente" e a "assembleia" que contou com os coros da Igreja Batista, da Igreja Anglicana, de outras Igrejas e o Orfeão Antioqueão:

"Ao lado do Legado Pontifício sentaram-se, em desafiadora igualdade, em hábitos litúrgicos, o sacerdote ortodoxo Gabriel Stephen, o nomeado bispo luterano da Baviera Dieszelbinger e o sacerdote ou ministro anglicano Samuel Pinzón... Diante daquele espetáculo insólito, eu pensava na crucificação de Cristo, quando o Senhor, no Calvário, estava em sua cruz entre dois ladrões."[7]

É necessário observar que o padre Sáenz Arriaga esteve no Congresso Eucarístico de Bogotá e na Assembleia do CELAM, em Medellin; portanto, foi testemunha direta desses eventos que acabaram por revelar a terrível conspiração contra a Igreja e a inescapável responsabilidade do mais alto hierarca da Igreja Católica.

Neste caminho, ele continua, passo a passo, analisando a

[6]Ibidem. Pág. 93.
[7]Ibidem. Pág. 121.

mudança imposta à teologia católica: "É evidente que houve uma mudança radical entre a atitude definida, precisa, contundente de Pio XI e Pio XII, e o amolecimento desconcertante e manifesto de João XXIII e Paulo VI."[8] Basta, entre tantos exemplos, o Decreto de excomunhão da Suprema Congregação do Santo Ofício sobre o Comunismo, datado de 29 de junho de 1949, aprovado pelo Papa Pio XII em 1º de julho de 1949. O padre Sáenz o transcreve na página 156 de seu livro e conclui: "A mudança, portanto, de que fala Prezzolini entre a posição de Gregório XVI, Pio IX, Leão XIII, Pio XI e Pio XII, e a política conciliatória de João XXIII e Paulo VI, é clara, é indiscutível."

Ele também fala sobre o Padre Geral da Companhia de Jesus, Pedro Arrupe, sobre sua interferência no CELAM e a mudança de 180 graus que ele impôs à outrora gloriosa instituição ignaciana, e cita a resposta que deu a alguns jornalistas que o entrevistaram:

Por que é tão notória a impaciência dos padres jovens? – Porque toda a gente jovem vê, com razão, que o mundo está mudando. É necessário mudar estruturas e mentalidades. Mas essa mudança se apresenta ao padre jovem de maneira mais profunda, precisamente porque sua vocação o move a viver tudo com mais intensidade.

"Essa mudança de mentalidade, da qual fala o padre Arrupe", reflete o padre Sáenz, "é uma mudança de fé"[9]. Não é surpreendente uma afirmação tão radical quando, mais adiante, ele transcreve os elogios exagerados e a identificação plena e pessoal de Arrupe com o pensamento de Teilhard de Chardin, que, como se sabe, foi censurado por S.S. Pio XII...

Que força oculta inspirava essas mudanças, esse processo demolidor da Igreja? A resposta estaria relacionada com a ostentosa exibição do *Amuleto de Efod*, símbolo do grande sacerdote israelita usado por Paulo VI? Nas fotografias – algumas em cores – que foram tiradas durante as várias viagens e cerimônias realizadas na Colômbia – e posteriormente no próprio Vaticano –, publicadas na imprensa e reproduzidas em livros e panfletos alusivos, esse peitoral misterioso aparece claramente.

Na página 322 de "*A Nova Igreja Montiniana*", seu autor

[8] Ibidem. Pág. 144.
[9] Ibidem. Pág. 229.

copia um artigo escrito e publicado pelo Abbé Georges de Nantes em sua revista "*Contra Reforma*" intitulado "*O amuleto do Papa*": 'Eis, portanto, sobre o coração do Papa, atado ao seu pescoço, o *Pectoral do Juízo*, que o Sumo Sacerdote Arão e seus sucessores deverão usar como adorno ritual, e sobre as doze pedras do qual estavam inscritos os nomes das doze tribos de Israel, «para evocar continuamente sua lembrança diante do Senhor» (Ex 28, 29). Paulo VI carrega a insígnia de Caifás.'[10]

Apesar da importância de tal interpretação, Paulo VI não só guardou silêncio, mas continuou usando em muitas ocasiões o mencionado Amuleto de Efod, *como é fácil comprovar pelas fotografias suas publicadas no L'Osservatore Romano*. Precisamente, na edição semanal de 12 de agosto de 1979, na Nº 554, em língua espanhola, aparece na primeira página 'Uma foto histórica: Paulo VI no Consistório de 26 de junho de 1967, adiciona ao Sacro Colégio dos Cardeais o arcebispo de Cracóvia, Monsenhor Karol Wojtyla, abrindo assim o caminho para o pontificado romano... João Paulo II sempre se refere ao seu antecessor chamando-o de 'mestre', seu 'pai'. Monsenhor Wojtyla, de joelhos diante de Paulo VI que ostenta o discutido símbolo judaico, ouve as palavras que seu antecessor lhe dirige.

Em sua viagem pela América do Sul, o Padre Sáenz visitou chefes de Estado, o Monsenhor Antônio Castro Mayer, bispo de Campos, Brasil, um dos prelados fiéis à tradição católica na Hispanoamérica; Antonio Corso, do Uruguai; e no Instituto de Santo Atanásio, encontrou o grande pensador e escritor católico, Dr. Carlos Disandro, latinista e teólogo excepcional. Sua chegada a Buenos Aires foi saudada por publicações pagas por falsos tradicionalistas que queriam capitalizar o respeito e admiração internacional pelo padre mexicano. Eles ficaram surpresos com suas declarações sobre a heresia montiniana. Chegou a hora de ser coerente com a verdade. Remontar o curso das divergências doutrinais até chegar à fonte do erro. E o padre Sáenz mergulhou corajosamente nesta corrente contrária.

Zeloso pelo valor do tempo, também viajou para os Estados Unidos da América. Este país heterogêneo e liberal oferecia-lhe oportunidades de se relacionar com grupos de resistência em alguns círculos católicos. Contava com a amizade de importantes porta-vozes do tradicionalismo, entre eles o padre Ja-

[10] Ibidem. Pág. 322.

mes Wathen, autor do livro "*O Grande Sacrilégio*", capelão dos Cavaleiros de Malta. Participou de diversos congressos católicos e visitou a comunidade polonesa de Pittsburgh, na igreja de São Pio V, construída por leigos e atendida pelo padre Leo Frederecks.

Em uma das conferências que compareceu, foi convidado a proferir o discurso oficial no banquete de encerramento. Como era de se esperar, foi designado para o lugar de honra na mesa. À sua direita, permaneceu vazio o assento designado para um padre chamado nos Estados Unidos de 'conservador responsável', ou seja, aqueles que defendem a missa tridentina, atacam a maçonaria, mas excluem qualquer referência ao judaísmo e são incapazes de objetar a legitimidade de Paulo VI. O perspicaz padre mexicano avaliou a cena, mediu o desdém e disse:

> "*Os inimigos da Igreja são capazes de nos devolver a Missa em troca de não tocarmos no poder oculto que governa atualmente a divina instituição.*"

Seu discurso resultou numa estupenda lição de teologia católica e uma feliz referência à obra assinada por Maurice Pinay.

CAPÍTULO 9

A MISSA NOVA

Antes de finalizar o ano de 1969, o Padre Sáenz escreveu um pequeno livro intitulado "*A Missa Imposta para 30 de novembro, não é mais uma missa católica*".

Ele se referia à Constituição Apostólica "Missale Romanum" promulgada por Paulo VI em 3 de abril de 1969, com base no Capítulo II da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, promulgada pelo próprio durante o Concílio Vaticano II, em 15 de dezembro de 1963. Neste capítulo, dedicado ao Sacrossanto Mistério da Eucaristia, não se fala de uma reforma substancial da Missa; todo o texto é direcionado a uma possível adaptação popular do Santo Sacrifício; uma ampliação das leituras bíblicas; reafirmação do uso do latim nas partes culminantes da Missa; a importância da homilia, especialmente aos domingos; esclarecimento de alguns aspectos secundários e permissão para estabelecer alguns ritos ou orações em desuso. Em nenhuma parte deste capítulo se fala em transformar o sentido sacrificial, em adaptar o rito ao uso protestante para justificar a heresia centenária de luteranos, calvinistas e anglicanos. No entanto, aconteceu o inesperado. Paulo VI nomeou uma comissão presidida por Annibale Bugnini, um eclesiástico desautorizado, a quem Pio XII havia marginalizado da Cúria Romana.

Este prelado solicitou e obteve a colaboração de cinco ministros protestantes para criar uma nova missa ou ceia luterana, o que deixou seus colaboradores muito satisfeitos, e é claro, todas as seitas reformistas que nunca antes haviam admitido a verdadeira Missa.

Era, segundo a atenção chamada pelo Padre Sáenz, um grito de alarme que se perdeu na surdez dos inimigos, dos indiferentes, dos pusilânimes. Um grito de alarme que não era apenas seu. Era a voz múltipla de várias e autorizadas pessoas representativas da França, da Itália, da Espanha, do México. Em seu estudo, ele expõe pontos irrefutáveis de doutrina e denuncia as graves discrepâncias entre a Missa sacrificial e a missa assemblear; entre o dogma tridentino e a ceia comemorativa.

Don Joaquín conheceu e interagiu amplamente com George Vinson em Paris, e também lá se relacionou com o escritor Michel de St. Pierre, notável pesquisador do judaísmo e suas relações com a Igreja ao longo do tempo.

George Vinson enviou para as imprensas, em 1971, uma breve mas explícita análise do *Novus Ordo Missae*, intitulada "*A nova missa e a consciência católica*". Com notas do Padre Sáenz, foi publicada no ano seguinte no México, traduzida para o espanhol.

É incompreensível como, diante de objeções tão sólidas enviadas oportunamente à Santa Sé, iniciadas com o exame realizado por um grupo de proeminentes teólogos e liturgistas, pastores de almas da Cidade Eterna – o M. G. des Lauriers, O. P., foi um deles – apresentado ao Soberano Pontífice por um grupo de cardeais, entre os quais figuravam Ottaviani e Bacci que assinaram a carta[1], não houve recuo na elaboração e promulgação do novus ordo missae, talvez porque o propósito da mudança era, como disse o arcebispo Marcel Lefebvre, transformar a Igreja. A reforma protestante original levou mais de meio século para se consolidar, ou seja, o tempo que passa aproximadamente entre duas gerações; a reforma pós-conciliar foi consumada em menos de dez anos.

[1]VINSON, Georges. La Misa Impía (La nouvelle messe et la conscience catholique). Versão em espanhol de Lidia Cruz de Rodríguez. Revisão e notas do Pbro. Dr. Joaquín Sáenz Arriaga. Editores Asociados, S. de R. L„ México, D. F., 1972. Pág. 33.

A nova «*ordo missae*» foi instalada e imposta à Igreja contra a vontade do Sínodo Episcopal que, em 1967, majoritariamente rejeitou o que então chamaram de 'missa normativa'. A nova «*ordo missae*» pretende substituir o antigo Missal Romano, promulgado por São Pio V, e a Constituição Apostólica de Paulo VI *Missale Romanum*, que pretende impô-lo, reconhece, com palavras claras e inequívocas, que a dita Missa de São Pio V não foi alterada desde o século XVI ou XVII.[2]

Em seu livro, o Padre Sáenz, além da compilação de opiniões desfavoráveis à anunciada imposição da nova missa pós-conciliar e ecumênica, oferece sérias reflexões baseadas na doutrina do Concílio de Trento sobre o verdadeiro sacrifício eucarístico. Ele apóia seus argumentos no que foi ordenado por São Pio V, "confirmado depois por Clemente VIII, por Urbano VIII e por São Pio X". Ele apresenta "a doutrina de Pio XII na encíclica *Mediator Dei et hominum*", para concluir que "a nova missa não é mais uma missa católica".

O *novus ordo missae* foi imposto, mesmo antes da data estabelecida ao ser promulgado, sem oposição manifesta dos episcopados. As Conferências Episcopais se apressaram na fraudulenta tradução do texto latino para línguas vernáculas, acentuando as mudanças substanciais e o sentido original do Santo Sacrifício.

O ataque frontal à tradição representada por vinte séculos de magistério infalível havia chegado a uma crise. Diante do dilema de aceitar ou rejeitar as mudanças impostas e aceitar ou rejeitar a autoridade dos responsáveis, houve alguns "prudentes" e "sagazes" que optaram por rejeitar as mudanças, mas não a autoridade que as impunha.

Essa corrente, seguida por multidões de católicos, tentou levar o Padre Sáenz. Um antigo colega seu, o Padre Benjamin Campos, S.J., autor de vigorosos ataques ao progressismo, profeta do Apocalipse, escreveu, em 8 de junho de 1971, para seu ex-colega da Ordem: "Nunca digamos que o Papa está no caminho errado, mas declaremos que nós estamos apoiados pelo Papa, e exponhamos a doutrina verdadeira, usando palavras do Papa que confirmem nossa posição."

"Esse modo de agir nos dará: 1) A intocabilidade como católicos. 2) As armas para que o Papa nos dê razão ou se declare

[2]Ibidem. Pág. 40.

contra o dogma. 3) A adesão dos católicos, mesmo dos tímidos, dos covardes...”

“Conheço as razões que vocês têm para proceder abertamente. Que isso nos tire as armas, está claro nas ‘revelações da moça da Villa’[3]... Nestas revelações, é recomendado que devemos estar com o Papa, e não apenas com qualquer Papa, mas com Paulo VI.”[4]

Assinado em Roma, em junho de 1971, terminado de imprimir na cidade do México em 16 de julho seguinte, apareceu o “*Apóstata*!”, crítica ao livro de José Porfirio Miranda y dela Parra, S. J., intitulado *Marx e a Bíblia*, *crítica à filosofia da opressão*. Este livro verdadeiramente herético e subversivo recebeu o *Nihil obstat* de Jorge Manzano, S. J. (que, ironicamente, foi um antigo discípulo do padre Sáenz Arriaga), e Luis G. del Valle, também S. J. O *Imprimi potest* foi dado por Enrique Gutiérrez Martín del Campo, Provincial da Companhia de Jesus, e o *Imprimatur* foi concedido pelo Cardeal Miguel Dario Miranda, Arcebispo Primaz do México. A cumplicidade desses eminentes eclesiásticos é evidente.

“Estive em Roma”, disse don Joaquín em seu livro. “Minha partida (do México) coincidiu com a publicação do livro mais escandaloso, mais satânico já publicado pelos jesuítas da ‘nova onda’, seguindo, com cega obediência, às diretrizes reformistas vindas de Roma.”[5]

[3]Perto da Villa de Guadalupe vivia uma freira chamada Consuló, abadessa de seu convento particular. Ela se fazia passar por iluminada, o que não era, e isso ocorria há décadas, causando impacto significativo. Ela afirmava que Nosso Senhor a visitava em horas incomuns para ditarem mensagens celestiais que ela transmitia aos fiéis por meio de uma pequena revista que publicava sob o título de Estreile. Ela contava com centenas de seguidores crédulos, ansiosos para ver seus pedidos, ensinamentos e visões. Ela se engajava em contar a ação dos infiltrados na Igreja, inimigos do Papa, a quem impediam de exercer sua autoridade.

Tia Isidoro Consuló era uma farsante, Gabiza, uma suposta vidente do Peru, que nunca teve contato pessoal real com a Santíssima Virgem Maria, causando grande dano a inúmeras pessoas ao se passar por representante da tradição católica.

[4]O Padre Benjamin Campos, S.J., nunca escondeu essa tese farisaica. Em certa ocasião, ele me visitou, pensando agora, com o propósito de me unir a essa corrente de pensamento intrinsecamente hipócrita, vergonhosa e mesquinha, já que em privado questionava a legitimidade de Paulo VI e em público se apoiava nela.

[5]Sáenz Arriaga, Dr. Apóstata. Crítica ao livro de José Porfirio Miranda y

Esta denúncia transcendia o território limitado de uma diocese. A poderosa intuição do seu autor descobriu que, por trás deste livro revisado e autorizado por censores autorizados, estava toda a responsabilidade da nova Igreja, que rejeitava a doutrina tradicional, dogmática, incorruptível.

O conhecido liberal padre Enrique Gutiérrez Martin del Campo, Provincial da Província do México, deu luz verde, ou seja, concedeu o *Imprimi potest*, ao fruto gerado pela mente febril e revolucionária de José Porfirio; Sua Eminência Reverendíssima, Miguel Dario, Cardeal Miranda e Gómez, Arcebispo Primaz do México, finalmente concedeu o *Imprimatur*, não sem antes lavar as mãos, como Pilatos, com uma nota marginal, na qual observou "que sua aprovação não significa necessariamente que ele endossa as afirmações do autor..." mas prova que permite, em sua arquidiocese, a sã liberdade de expressão, pois considera "que esta publicação está de acordo com o dogma católico; em nada se opõe à nossa fé."

"Eu, no entanto" continua dizendo o padre Sáenz, "apesar de tantos e tão ilustres garantidores, me atrevo a dizer – pecador que sou – desde o início, que os censores não leram o livro, ou não sabem teologia, ou traem, comprometidos, a sua consciência."

"Afirmo que o livro, cuja publicação ele ordenou com seu «*Imprimatur*», está, aberta, descarada e perversamente, contra o dogma católico, contra a religião que Cristo fundou e contra toda religião; que essa que ele chama de 'sã liberdade de expressão' é simplesmente a difusão diabólica e nociva de erros gravíssimos, já repetidamente condenados por Papas e Concílios; e que, concordando ou não com as teses de José Porfirio Miranda y de la Parra, ele, Sua Eminência, é o principal responsável por todo o dano que esse livro infame produza."[6]

A referência era clara e concisa. Ao longo do livro, ela seria reiterativa, o que desagradou Sua Eminência, que se sentiu impotente para agir contra o rigoroso censor.

Ele não teria melhor oportunidade para exercer sua vingança.

No seu livro, o padre Sáenz aponta, com olho certeiro, os erros doutrinários sustentados pelo jesuíta; revela suas falácias,

de la Parra, S. J., México, DF, 1971. Pág. 5.

[6]Ibidem. Págs. 12-13.

denuncia seus sofismas, sublinha suas heresias:

"Aqui temos, pois, a Marx – a quem José Porfirio Miranda y de la Parra vai identificar com o pensamento salvífico da Bíblia – reabilitado, nada menos que por Paulo VI e os jesuítas da 'nova onda'... Por isso, o próprio jesuíta emite este julgamento definitivo e surpreendente: 'Todos nós estamos sobre os ombros de Karl Marx'."[7]

Há, evidentemente, uma ruptura entre a Igreja pré-conciliar e a Igreja reformada de João XXIII e Paulo VI.

"Admitir... a contradição doutrinal entre o que foi solenemente, repetidamente ensinado pela Igreja, pelos Papas e Concílios anteriores e o que João XXIII, Paulo VI e o Vaticano dizem agora... é negar a inerrância da Igreja e sua indefectibilidade, garantida pelas promessas de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem: «*Et portae inferi non prevalebunt*», e as portas do inferno não prevalecerão..."[8]

O autor de "*Apóstata*!", como era obrigatório, transcreve citações textuais de José Porfirio para demonstrar sua gravíssima heterodoxia, e conclui: "Acredito que provei de sobra a inconsistência, a arbitrariedade de seu pensamento, descaradamente comunista... dizer que o pensamento de Marx se identifica com a mensagem da Bíblia é, a todas as luzes, grosseiramente errôneo, injurioso para a palavra de Deus, blasfemo e intolerante para os ouvidos católicos."[9]

Diante da avalanche de reclamações provenientes de católicos escandalizados, entre os quais se destacava pela fundamentação teológica a do padre Sáenz, os jesuítas ofereceram argumentos inconsistentes em favor do apóstata e tentaram, em vão, exculpar Sua Eminência, que com seu hermético silêncio concedeu razão a todos os que demonstraram sua pessoal cumplicidade.

Esta obra, mais do que as anteriores, provocou sério alarme nos círculos eclesiásticos. Porfirio Miranda teve que enfrentar um grupo de seus impugnadores diante das câmeras de televisão.

No início da década de setenta, entre os programas de televisão mais vistos e comentados, estava "*Anatomías*": entre-

[7]Ibidem. Pág. 14
[8]Ibidem. Pág. 19.
[9]Ibidem. Pág. 155.

vistas, às vezes polêmicas, com um número variável de participantes a quem Jorge Saldana, hábil e muitas vezes malicioso interrogador, disparava perguntas ou fazia comentários surpreendentes para fazer seus interlocutores caírem em contradições. Este programa era transmitido pelo canal 13, da cidade do México, aos domingos às 22h, embora fosse gravado dias antes.

Em "*Anatomías*", foram apresentados argumentos excelentes sobre temas políticos, artísticos e atuais. Falar sobre religião, e especificamente sobre o progressismo controverso, duramente criticado mas gradualmente aceito por muitos católicos desprevenidos, garantiu uma enorme audiência.

Por duas vezes, Miranda apareceu para defender suas teses marxistas e em ambas, embora contasse com a evidente simpatia do apresentador e de parte dos presentes no programa, não saiu justificado. Jorge Saldanha convidou um grupo de destacados "tradicionalistas" para expor seus pontos de vista. No primeiro domingo de agosto, o canal 13 transmitiu o programa em que participaram o padre Joaquín Sáenz Arriaga, o advogado Rafael Capetillo, o professor Celerino Salmerón, o advogado Rafael Rodríguez López e Antonio Ruis Facius.

O autor de "*Apóstata*!" afirmou: "Não sou um rebelde, um obstinado, mas um católico convicto... Na Igreja não pode haver comunhão entre a verdade e o erro."

Suas intervenções foram marcadas pela prudência de suas expressões, pela clareza de seus argumentos, pela solidez de suas exposições teológicas.

Saldanha disparou esta pergunta de repente: "Os progressistas estão excomungados?"

Sáenz Arriaga respondeu:

"– Se nos ativermos às condenações de concílios anteriores, por exemplo, às condenações de Trento, às condenações do Vaticano I, às condenações do Concílio Lateranense IV, estão excomungados, porque essas condenações foram definitivas. O Concílio Vaticano I está plenamente em vigor, assim como o Concílio IV Lateranense."

– Não há lugar para o perdão? – insistiu Saldaña.

"– Pode haver perdão se houver arrependimento, se houver retratação..."

Ao final do programa, ele resumiu seu pensamento nestas

palavras:

"Minhas últimas palavras são de encorajamento para aqueles que no México, como em outras partes do mundo, estamos travando essa batalha dolorosa, estamos passando por esse calvário de verdadeira amargura, porque nós somos os marginalizados, somos os descontinuados; nós somos agora os inimigos, nós, que confiamos na Verdade Eterna, na Verdade de Cristo."

Ainda faltava a sua mais categórica definição pessoal. Há alguns meses, o padre Sáenz estava envolvido em um livro de importância capital, cujo título resume seu vasto e variado conteúdo: "*A Nova Igreja Montiniana*". Ele dedicou este livro à memória de Monsenhor Rafael Rua Álvarez, antigo pároco de Orizaba, Veracruz, autor de uma das cartas que precediam o texto de *Cuernavaca sobre o progressismo religioso no México*.

Este novo livro apareceu dois meses após o "*Apóstata*!" e serviu como justificativa para Sua Eminência Miguel Darío, Cardeal Miranda, descarregar toda a sua autoridade sobre o indomável defensor da tradição e da teologia católica.

Desde a capa, o conteúdo da obra é definido. Uma fotografia de Paulo VI revestido com o amuleto de Ephod[10] de doze pedras semipreciosas, simbolizando as doze tribos de Israel, está presente. Este ornamento litúrgico nunca fez parte do ritual católico.

Sáenz Arriaga – como mencionado anteriormente – relata e examina o significado da viagem de Paulo VI à Colômbia, o conteúdo ideológico da Segunda Conferência do CELAM. Seu julgamento dos fatos poderia ser considerado profético se não fosse simplesmente lógico. Ele adverte sobre as contradições de Paulo VI e se pergunta: "É Giovanni Battista Montini um verdadeiro Papa?"

A resposta está implícita no capítulo intitulado "*Paulo VI e suas responsabilidades no caos atual da Igreja*":

> "O Modernismo, doutrina e movimento denunciado e condenado por São Pio X – diz ele neste capítulo – ressurge e se impõe em nossos dias com uma força e um poder sem paralelo na história.
>
> Acho incompreensível e inaceitável este Concílio (Va-

[10]Ver fotos em: https://www.youtube.com/watch?v=Bo4tIBS9tP0

ticano II), que além de ser equívoco, contém pontos que vieram para revolucionar a doutrina da Igreja, em inegável contradição com as definições de Concílios Ecumênicos anteriores e recentes, e com documentos solenes do Magistério.

A ruína da Igreja coincide tão precisamente com o atual Pontificado e segue tão de perto suas orientações reformistas e revolucionárias, que já é impossível fechar os olhos e não perceber que são os pastores, principalmente Paulo VI, o verdadeiro responsável por esta crise sem precedentes na história da Igreja.[a]"

[a] Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. La nueva Iglesia montiniana. Pág. 341.

Em outra parte de seu livro, o teólogo mexicano retorna ao tema já tratado em outra de suas obras: a Missa, como foi canonizada pelo Concílio de Trento, carregada de toda a sua tradição apostólica, e o *Novus Ordo* de Paulo VI. A simplicidade do texto, unida à profundidade teológica, convence qualquer pessoa que esteja aberta à lógica e disposta a aceitar a verdade.

"A Nova Igreja Montiniana é uma antologia de diversas opiniões sobre o sincretismo religioso pós-conciliar, em oposição à doutrina anterior e constante da Igreja."

CAPÍTULO 10

EXCOMUNHÃO

Dr. Joaquín não ficou tranquilo nem indolente depois de ver seu livro impresso. A edição se espalhou rapidamente. E esgotou-se quase antes de começar a campanha publicitária que recebeu do decreto de excomunhão.

Padre Sáenz, sem descanso, começou a redação de uma nova obra que intitulou "*Cisma ou Fé*?", mas depois das represálias recebidas após o lançamento de "*A Nova Igreja Montiniana*", acrescentou o subtítulo: "*Por que fui excomungado*?"

Ele começa referindo-se aos ataques na imprensa e menciona novamente as mudanças, as aberrações teológicas da nova economia do Evangelho. Fala do último Sínodo em Roma e suas implicações na vida da Igreja e da sociedade.

Foi precisamente quando estava prestes a concluir estas páginas no México que, inesperadamente, recebeu o edital assinado por Miguel Darío, cardeal Miranda, Arcebispo Primaz do México, e por seu chanceler, Monsenhor Luis Reynoso Cervantes, fulminando contra ele "as penas supremas com as quais a Igreja pode ferir mortalmente um sacerdote."[1]

Antes de citar a refutação feita pelo padre Sáenz ao texto deste édito, faço um breve parêntese sobre a personalidade

[1]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. ¿Por qué me excomulgaron?... Pág. 266. Fe? Imprenta Ideal, México, D. F., 25 de enero de 1972.

eclesiástica do excomungador.

Miguel Darío, natural da cidade de León, Guanajuato, nasceu em 19 de dezembro de 1895. Quando foi ordenado sacerdote, nada fazia prever que ele subiria tantos degraus hierárquicos. Sempre enigmático, discreto até em sua rejeição a toda tradição: histórica, artística e religiosa. Seus antagonismos podem ter origem em sua ascendência mestiça, em sua falta de adaptação à cultura ocidental. Desde os dias remotos de sua juventude, suas decisões radicais, como a destruição de arquivos pertencentes a associações comprometidas na luta cristera, a eliminação da primitiva Associação Católica da Juventude Mexicana e sua antipatia por tudo que é hispânico, incluindo a herança da arte virreinal, demonstram isso. Quando um incêndio suspeito destruiu o retábulo do Perdão, a cadeira do coro e também danificou severamente os órgãos de tubos na Catedral, Miguel Darío não disfarçou, após fingida tristeza, sua satisfação pela possibilidade de transformar o interior da Catedral Metropolitana em um amplo depósito, semelhante à Catedral de Cuernavaca, onde seu bom camarada, Sergio Méndez Arceo, liderava as hordas progressistas no México.

Muitas vozes clamaram por justiça, e o projeto destrutivo não se concretizou. O retábulo, os órgãos e a cadeira do coro foram restaurados de acordo com seu design original. Apenas os horrendos vitrais no estilo Cuernavaca permaneceram, desafiando o ambiente, o senso estético e o design original do templo mais notável da Hispanoamérica.

Miguel Darío, astuto e persistente, tornou-se um elemento valioso na *transformação* da Igreja. "Porque não há necessidade de parar na metade quando se quer alcançar fins previstos – afirma Manuel Magaña Contreras na página 231 da segunda edição de seu livro *Poder Laico* - o purpurado Miranda y Gómez excomungou os irmãos Santacruz - María, Carlos e Antonio - em 22 de julho de 1959, quando estavam prestes a ser eleitos líderes mundiais das Congregações Marianas."

"Mas a artimanha de monsenhor Miranda y Gómez foi desmascarada pela Sagrada Rota Romana, em 25 de maio de 1962, em uma sentença registrada no cartório do Vaticano."[2] Miguel Darío sofreu uma derrota total em sua mania excomungató-

[2]Magaña Contreras, Manuel. Poder laico. Segunda edição. México, D.F„ 1972. Pág. 231.

ria, embora tenha alcançado o que se propunha: neutralizar os destacados líderes católicos.[3]

E aqui encerro este parêntese para melhor avaliar o significado da excomunhão decretada contra o padre Joaquín Sáenz Arriaga, que, ao receber o edital infamante, não ficou surpreso: há muito tempo esperava o golpe da Mitra do México, embora certamente não tão feroz, injusto e rancoroso. Ele desfez ponto por ponto as falsidades ali registradas: "O padre Joaquín Sáenz Arriaga... sem qualquer censura ou licença eclesiástica, e apesar de ter sido previamente advertido... editou, entre outros, o livro intitulado *La Nueva Iglesia Montiniana*."

O acusado respondeu: "Diante de Deus, juro que nunca fui advertido... e exijo que se mostre (nunca foi mostrado) um documento assinado por mim, provando que tal advertência foi formalmente feita para mim."

Continua o edital: "Do exame minucioso deste livro, é evidente que ele contém uma série de graves injúrias, insultos e julgamentos heréticos proferidos diretamente contra o Romano Pontífice e os Padres do Concílio Vaticano II; ao ponto de o autor afirmar, com ingênua malícia, que a Igreja está «acéfala», devido à heresia cometida pelo Santo Padre..."

"Creio que, diante de tais acusações tremendas", responde Sáenz Arriaga, "seria necessário apresentar pelo menos algumas provas concretas. E então teria a oportunidade de uma defesa legítima e teria demonstrado que o argumento do meu livro é uma defesa da fé de vinte séculos e um ataque não às pessoas, mas aos erros gravíssimos que denunciei em meu livro."

Apresentar provas era o que menos interessava aos censores, entre outras razões citadas por Joaquín: "...*o que está em questão é minha luta pela minha fé católica*... Mas acima das normas jurídicas e das penas canônicas, está, diante da minha consciência, *a verdade revelada*."

A crise na Igreja, denominada por Paulo VI como autodemolição, já era inegável. Dois campos antagônicos, irreconciliáveis, questionam a unidade: o tradicionalismo e o progres-

[3]Este assunto turbio é o tema central do livro Una enérgica y justa sentencia de la Sagrada Rota Romana, publicado na cidade do México em 1969, pelo licenciado Jerónimo Díaz, advogado defensor no terreno canónico dos irmãos Santacruz.

sismo. "O primeiro é a postura monolítica de uma fé que remonta, através de todos os Papas e todos os Concílios, às fontes da Verdade Revelada... O segundo, por outro lado, é a «nova economia do Evangelho» (Paulo VI, 29 de junho de 1970), chamada de *progressismo, neomodernismo, religião da abertura, diálogo, aggiornamento e mudança*."[4]

Os sólidos conhecimentos do padre Sáenz em Direito Canônico minaram, perante a opinião pública, as falsas bases sobre as quais o Cardeal e seu chanceler tentaram construir o decreto de excomunhão.

Clamando contra a legítima autodefesa do Padre Sáenz Arriaga, falsos tradicionalistas e declarados progressistas se lançaram em uma ofensiva apoiada na autoridade do excomungador, direcionada a Joaquín. Lançaram-lhe mil insultos que não conseguiram destruir seus argumentos, mas confundiram ainda mais as multidões incapazes de formar um julgamento imparcial. A dignidade episcopal prevaleceu sobre a força da razão. Os inimigos ocultos da Igreja montaram uma campanha liderada por Salvador Abascal para difamar, em artigos publicados no "La hoja de combate", o inteligente teólogo mexicano. Os conspiradores progressistas, que têm interesses não apenas sectários, mas também econômicos com os membros do poder laico, denunciados com provas irrefutáveis por Manuel Magaña Contreras, uniram-se à ofensiva na imprensa para abafar as várias vozes independentes e desinteressadas que saíram em defesa do sacerdote ofendido. Magaña os menciona: Ramón Ertze Garamendi, refugiado espanhol; Enrique Maza García, jesuíta de batina vermelha; seu dócil amanuense, Rafael Moya García, seu primo; Alejandro Avilés, inteligente e sagaz democrata-cristão; Abraham López Lara, editorialista protestante; Genaro María González, pretensioso escritor de linhagem progressista; Rafael Vázquez Corona, crítico da Ação Católica; José N. Chávez González, porta-voz dos pós-conciliares na revista "Seal"; Horacio Guajardo, desertor liberal, ex-representante de empresários confiáveis; José Álvarez Icaza, ex-diretor do Movimento Familiar Cristão e ativo líder socialista à frente do CENCOS (Centro Nacional de Comunicação Social), porta-voz oficioso da Hierarquia Eclesiástica; Samuel Bernardo Lemus, padre editorialista, defensor da mu-

[4]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. ¿Por qué me excomulgaron? Pág. 266.

dança litúrgica, econômica, política; Antonio Brambila, padre e filósofo hábil em sofismas temperados com sã doutrina católica... etc., etc.; uma longa lista da elite da subversão religiosa no México, cuja lista incompleta meus leitores encontrarão no mencionado poder laico.[5]

Sergio VII, o de Cuernavaca, não escondeu sua satisfação e, no sermão dominical habitual de sua folclórica missa Panamericana em 3 de janeiro de 1972, lamentou-se dos livros anteriores a "*La nueva Iglesia montiniana*" de Sáenz Arriaga: *Cuernavaca y Apóstata*.

"À Igreja no México, urge uma era de criatividade que poderia ser considerada iniciada precisamente com o livro de Miranda", disse ele. "*O melhor ou um dos melhores livros escritos na América Latina para a libertação do homem pelo Deus libertador*."

Joaquín estava certo ao dizer: "Se esta é a hierarquia que me excomunga, sinto-me muito honrado com essa excomunhão."

Como exemplo dos argumentos ambivalentes empregados pelos detratores do Padre Sáenz, vale mencionar o artigo de Antonio Brambila: "Sobre uma excomunhão", publicado no *El Sol de México*, em 22 de janeiro de 1972.

Para impressionar seus leitores, ele afirma que "Joaquín Sáenz - meu colega do passado e querido amigo - não foi excomungado por ter criticado o Pontífice... ele declara que a Igreja está atualmente acéfala." Uma caluniosa acusação que Sáenz Arriaga desmascarou mais tarde, mas que revela a leviandade de seu crítico por não ter lido previamente o livro no qual fundamentou seus argumentos inválidos. E isso não é tudo: como bom sofista, ele usa a irracionalidade para desculpar Sua Eminência. Referindo-se ao *Imprimatur* concedido por Miguel Darío para "Marx e a Bíblia", afirma: "O senhor Vigário-Geral da Arquidiocese ficou sabendo com algum atraso sobre o lançamento do livro, ostentando o *Imprimatur*, *e cheio de graves erros, e talvez pelo atraso e também porque o Cardeal estava ausente, não se apressou em fazer uma retificação. E quando o Cardeal retornou, provavelmente devido ao acúmulo de várias preocupações e porque o assunto já não estava tão «atual», também não parecia prudente trazê-lo à tona*." Portanto, o "acúmulo de várias preocupações" de Sua Eminência justificou o

[5]Magaña Contreras, Manuel. Ibidem.

Imprimatur que nunca foi negado, muito menos revogado, por quem se solidarizou com as doutrinas marxistas expostas pelo jesuíta Miranda y de la Parra.

Diante de tais evidências, não era de se esperar que o teólogo inabalável firmasse mais em sua fé multissecular e em sua difícil missão?

O isolamento infligido ao Padre Sáenz não diminuiu suas convicções nem apagou seu zelo apostólico; ele aceitou as consequências de sua postura inflexível e recebeu com resignação as falsas acusações e calúnias, não apenas de estranhos, mas originadas até mesmo dentro de sua própria família.

"Alguns dias atrás", revela no prefácio ao estudo do Padre George Vinson, já citado, "uma pessoa, parente meu e, aliás, muito próximo, infectada pelo progressismo em voga, para quem a teologia medieval dos grandes mestres da escolástica da era de ouro, definitivamente superada por Maritain, Teilhard de Chardin, o Papa Montini e os 'jesuítas da nova onda', me condenava por minha postura antiquada, retrógrada e totalmente insustentável diante dos avanços da ciência moderna. Para ele - sua profissão é médico, não filósofo ou teólogo - a 'evolução' é incontível e, dentro de sua dinâmica ininterrupta, deve dominar também a ciência religiosa. O papa Montini, João XXIII e seu Concílio vieram salvar a Igreja da morte inevitável para onde sua decrepitude a levava."

"Esses pobres doutrinados, sem perceber, perderam a fé. Eles acham que Cristo, filho de Deus, não teve visão ou poder para fundar uma Igreja imutável, embora capaz de desenvolvimento e progresso, mas deveria ter incorporado sua obra divina ao curso constante da evolução."[6]

Os seus argumentos são precisos, envoltos em uma fina ironia. Afinal, torna-se fácil defender a tradição com a verdade e revelar o ataque contra a fé, habilmente planejado e executado pelos novos reformistas que emergiram para integrar a nova Igreja pós-conciliar, buscando unir os irmãos separados.

Por outro lado, a repulsa ao proceder arbitrário de Sua Eminência se caracterizou pela solidez dos argumentos apresentados e pela qualidade moral e intelectual daqueles que se solidarizaram com o inabalável teólogo.

[6]Vinson, Georges. Ibidem. Pág. 16.

Talvez a frase mais feliz, resumindo essa postura, tenha sido expressa por René Capistrán Garza, em um memorável artigo publicado poucos dias após o infame decreto do Cardeal Miranda. O título era uma síntese perfeita do conteúdo: "*Em comunhão com o excomungado*". Capistrán Garza, como em seus dias mais significativos de bravura cristera, quando simbolizava a retidão e a firmeza da juventude católica mexicana, empunhou sua pena em defesa da Igreja. Ele colocou, nessa última batalha de sua vida atribulada, todo o fervor e a engenhosidade de seu inimitável estilo literário, no qual, brincando com as palavras, deixava seus oponentes modernos sem defesa. Nas horas de abandono por motivos humanos, pessoas de estirpe religiosa, intelectual e artística estiveram ao lado de Don Joaquín. O poeta Vicente Echeverria del Prado dedicou-lhe este soneto:

"Hoje, como nunca, com você, querido
e venerado Padre Sáenz Arriaga;
hoje que seu coração exibe a chaga
que brilhou mais na verdade.

A do punhal pela traição empunhado
contra a fé que embriaga
o pensamento em uma luz misericordiosa e mágica
que desceu sobre a razão.

A luz de Cristo Deus que você representa,
no turbilhão da tempestade
de falsidades, desencadeada

pela sombra satânica, estendida
de fio a fio, como encruzilhada
do tempo cruel contra a Vida Eterna."

Em meio ao drama, não faltou a nota humorística e engenhosa de Don Luis Vega Monroy, o incomparável epigramista contemporâneo que, sob o pseudônimo de Don Luis, escreveu:

"Tudo mudou tanto
e há tanta confusão,
que já não parece ultraje
alguém, com toda razão,
mandar fazer um traje
de primeira excomunhão."

Em outro de seus célebres epigramas, Don Luis comentou com acerto:

"Se quem faz, paga,
aqui – pelo que eu vejo –
a conta chegou atrasada,
pois faz Méndez Árceo
e paga Sáenz Arriaga."

Cartas de diversas partes da República chegaram a ele. Alguns leigos, outros religiosos. Gloria Riestra reiterou "o afeto filial da filha em Cristo que tem desde muitos anos, quando com sua palavra de apóstolo comoveu sua alma." Jesus Ochoa, padre missionário da Sagrada Família, em Uruapan, Michoacán, esteve presente, assim como o padre Moisés Carmona, de Acapulco, Guerrero, outro dos incansáveis defensores da tradição: "Você foi excomungado por sua fidelidade a Cristo, a seus ensinamentos e à sua Igreja. Bendita excomunhão! Que venham todas as excomunhões se for por isso." E assim aconteceu: pouco tempo depois, o Bispo pós-conciliar de sua diocese o "excomungou" por se recusar a celebrar a nova assembleia comunitária em vez da Santa Missa. Furioso, tentou expulsá-lo da Igreja da Divina Providência, mas todos os seus paroquianos se opuseram. Nenhum deles cedeu, e o Padre Carmona pôde continuar celebrando o Mistério Eucarístico e administrando os sacramentos em sua pureza evangélica original.

Os católicos de Colima publicaram no jornal "*Novedades*", da Cidade do México (5 de janeiro de 1972), uma extensa carta aberta dirigida ao Cardeal Miranda, que, como era de se esperar, não respondeu. Nesta carta, eles expressam sua perplexidade "por uma punição não aplicada a milhares de padres desertores, fugitivos e corruptores que, do púlpito sagrado, des-

troem dogmas, fé e boas maneiras, bem como a liturgia eclesiástica, chegando às missas comunitárias sacrílegas - como está acontecendo nesta Diocese de Colima e nas que são celebradas na Cidade do México - onde pães, sanduíches e tortilhas são consagrados em zombaria à Sagrada Eucaristia, tudo com o conhecimento e a tolerância do Cardeal Miranda."

Da Espanha, França, Itália, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, Argentina e outros países, Don Joaquín recebeu mensagens encorajadoras. Entre os correspondentes mais conhecidos estavam o padre Herve Le Lay, da Argentina, acostumado às perseguições por publicar a excelente revista "*A Tradição*"; o padre Noël Barbara, diretor de "*Forts dans la fei*", da França; o escritor argentino Alberto Boixados; a sociedade The Voice (A Voz) em Nova York, entre outros.

Em nenhum momento Don Joaquín vacilou. Ele não travava uma luta pessoal; estava comprometido com Cristo e Sua Igreja. Voou para Roma em 9 de janeiro de 1972 para participar da Assembleia dos Defensores da Tradição, na qual estavam presentes delegados de 21 países. Sua recente "excomunhão" contribuiu para ampliar a fama que o corajoso sacerdote mexicano desfrutava internacionalmente, sendo recebido em Roma com o entusiasmo peculiar dos italianos. Em uma coletiva de imprensa transmitida para o mundo todo, ele afirmou sua ascendência católica, seu parentesco próximo com mais de meia centena de padres e religiosas; criticou os infiltrados na Igreja que patrocinavam os erros modernos e reiterou sua posição em relação a Giovanni Battista Montini, revelando sua ascendência judaica, suas simpatias maçônicas e comunistas, já que era sabido que a Santa Sé secretamente realizava acordos e compromissos com os governos marxistas do Leste Europeu e seus mestres em Moscou.

A presença do padre Sáenz em Roma exaltou os ânimos de muitos tradicionalistas[7], e um grupo deles arrancou o escudo

[7]Nota do Autor: O termo "tradicionalista" vi-me forçado a usá-lo como uma concessão à linguagem comum, agora em uso. Reconheço, no entanto, que não é correto falar de católicos tradicionalistas ou católicos progressistas pós-conciliares, pois o primeiro é a repetição de um mesmo pensamento expresso de maneiras diferentes, e o segundo é uma contradição. A essência do ser católico é a fidelidade à Tradição Apostólica, o segundo é ao Magistério inválido e à evolução doutrinária, à mutabilidade de princípios canonizados, é esta marcada diferença de tratamento entre um teólogo "tradicionalista" e um professor

do cardeal Miranda, colocado na paróquia romana de Nossa Senhora de Guadalupe; no dia seguinte, apareceram nas paredes da embaixada do México as inscrições: "Viva o padre Sáenz!", "Morte aos traidores", "R. P. Sáenz, patriota". O porta-voz do Vaticano, Federico Alessandrini, apressou-se em condenar o atentado de justiça contra o símbolo do Arcebispo do México, que devia seu cardinalato a Paulo VI, que lhe impôs o chapéu cardinalício em 28 de abril de 1969. De alguma forma, era necessário justificar os Mirandas, os Méndez Arceo, os Suens, os Alírik, os Bugnini, os Helder Cámara, os Tarancón e toda a horda progressista receptora de honras vaticanas.

Em 25 de janeiro de 1972, foi lançado o livro do Padre Sáenz Arriaga, "*Por que fui excomungado*? *Cisma ou Fé*?" E, sem perder tempo, Don Joaquín se impôs a tarefa de escrever e publicar sua próxima obra: "*Sede Vacante*", continuação, ampliação e atualização de "*A Nova Igreja Montiniana*".[8]

---

de teologia "moderno", influente conselheiro no Concílio Vaticano II, é notável. Excomunhão para o primeiro; desautorização pedagógica para o segundo, após doze anos contínuos de acordos amigáveis.

[8]A surpreendente "excomunhão" do padre Joaquín Sáenz Arriaga é mais uma paradoxo nesta época repleta de contradições.

Por querer manter sua antiga fé e ser coerente com os ensinamentos aprendidos em sua casa, no seminário e ao longo de seu ministério sacerdotal, a mais alta autoridade eclesiástica do México o expulsou publicamente e de maneira ignominiosa da comunidade católica. Ao mesmo tempo, diversos membros do clero regular e secular, incluindo célebres prelados, negam dogmas e chegam ao sacrilégio e à blasfêmia sem renunciar ao seu estado privilegiado e dignidade sacerdotal.

Ninguém consegue entender, com lógica adequada, como um Méndez Arceo continua à frente da diocese de Cuernavaca, assim como muitos outros. Também não é explicável que um Salvador Freixedo, autor de livros heréticos, ainda seja considerado sacerdote, assim como uma infinidade de tonsurados sem fé.

No cenário mundial, os exemplos se multiplicam até chegar ao surpreendente caso do professor Hans Küng. A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, após doze anos, decidiu declarar que ele "não pode ser considerado um teólogo católico; e como tal, não pode realizar um ministério de ensino na Igreja Católica".

A primeira advertência foi feita em 1967, após a publicação de seu livro "Die Kirche" ("A Igreja"), Freiburg / Brsg. 1967. A este "teólogo" que contradiz a doutrina dogmática do Concílio Vaticano II sobre a infalibilidade do magistério eclesiástico, que questiona "se Jesus Cristo é realmente Filho de Deus, ou seja, se está no grau e nível do ser de Deus sem diminuição", foi negado apenas o direito de ensinar em nome da Igreja, mas não foi suspenso "ad divinis", nem foi declarado excomungado, pois, como afirma o Cardeal Joseph Höffner, arce-

bispo de Colônia e presidente da Conferência Episcopal Alemã: "O professor Küng não é excluído da Igreja por isso e continua sendo sacerdote." (Documento da Presidência da Conferência Episcopal Alemã sobre o professor Hans Küng, publicado no L'Osservatore Romano, edição em espanhol. 6 de janeiro de 1980, p. 11).

É desnecessário apontar a marcante diferença de tratamento entre um teólogo "tradicionalista" e um professor de teologia "moderno", influente conselheiro no Concílio Vaticano II. Excomunhão para o primeiro; desautorização pedagógica para o segundo, após doze anos de amigáveis acordos.

CAPÍTULO 11

SEDE VACANTE

No apertado casebre, à esquerda da entrada de sua casa estilo colonial na rua Maricopa, número 16, na Colônia Nápoles, onde hospeda uma vintena de estudantes, alguns gratuitamente e outros pagando uma pequena taxa que mal cobre suas despesas, o Padre Sáenz trabalha incansavelmente desde o amanhecer até o anoitecer. Sua saúde debilitada não é um impedimento para escrever, na velha máquina, centenas de páginas que darão forma a seus livros, artigos e conferências.

Papéis empilhados, pilhas de volumes fora da estante lotada de livros e folhetos, revistas de várias partes do mundo, jornais, envelopes abertos, tudo aparentemente desorganizado. O velho sacerdote sabe onde encontrar cada notícia, os dados que precisa, a referência essencial. Ele pressente a proximidade do fim de sua existência e não permite descanso algum. Não é o legado de seu próprio pensamento que o preocupa, mas sim o cumprimento de sua missão heróica que o tornou um defensor resoluto da Igreja.

Encontro-o sentado diante de sua escrivaninha, com pouco espaço para trabalhar. Ele escreve sem interrupção; ocasionalmente para consultar textos latinos, livros e documentos em inglês, francês e espanhol. Busca um dado, confirma uma tese teológica, obtém mais uma prova para adicionar à denúncia da

sistemática e incessante destruição da verdadeira Igreja. Ele pretende fortalecer, com a doutrina mais pura, as estruturas minadas.

O esforço para redigir sua última obra publicada, "*Sede Vacante*", foi extraordinário. Nos escritórios da Editores Associados, S. de R. L., na Cidade do México, este livro foi finalizado em 12 de março de 1978.

O prefácio é de René Capistrán Garza. Não faz referência ao conteúdo da obra, mas ao decreto de excomunhão contra o autor de "*A Nova Igreja Montiniana*", estudo no qual Sua Eminência baseou tal procedimento radical.

Capistrán Garza propõe e é indiscutível que ele consegue demonstrar a nulidade do mencionado decreto e a falta de autoridade do excomungador, já que "... para administrar a justiça, são necessários dois elementos indispensáveis: o juiz e a norma. Um juiz inadequado ou uma lei má, mal aplicada ou interpretada, não são fatores de justiça, mas sim de injustiça. E no caso da excomunhão proferida pelo proeminente Senhor Cardeal contra o modesto Senhor presbítero, nos deparamos com um juiz lamentável e, para surpresa dos leitores, em alguns casos com uma lei mal interpretada e, em outros, com uma lei inexistente... Na compreensão de que um juiz mau que aplica mal a lei, ou aplica uma lei que não existe, se transforma no ato em delinquente, em réu, e é ele e não o acusado que se torna de juiz acusador a sujeito e objeto da lei acusadora."[1] E ele estabelece isso com argumentos irrefutáveis, fundamentados no Direito Canônico e na conduta ambivalente do próprio Cardeal.

No decreto, afirma-se: "Do exame minucioso deste livro, é evidente que ele contém uma série de graves injúrias, insultos e juízos heréticos proferidos diretamente contra o Romano Pontífice e os Padres do Concílio Vaticano II; ao ponto de afirmar o autor, com malícia ingênua, que a Igreja está «sem cabeça» por ter o Santo Padre incorrido em heresia."

Dom René questiona: "Por que examinar tão minuciosamente um texto que é tão evidente? Não; do texto não decorrem tão «evidentemente» as conclusões que Sua Eminência tirou", pois, se fosse assim, não seria necessário um *exame minucioso*.

[1]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. Sede vacante. Editores Asociados, S. de R. L., México, D. F., 1973. Págs. VII-VIII.

Na segunda parte de seu, embora sintético mas não menos explícito exame sobre a inválida excomunhão decretada por Sua Eminência, Capistrán Garza analisa a autorização explícita dada a uma obra repleta de heresias, pelo que, *ipso facto*, a Arquidiocese que se solidarizou com doutrinas previamente condenadas pelo Magistério Pontifício, ficou fora da Igreja.

Sáenz Arriaga, no primeiro capítulo da *Sede Vacante*, oferece uma aula de Direito Eclesiástico sobre o significado de vaga na Sede Apostólica e a diferença substancial com o conceito de Igreja *acéfala*.

"Pela Sé vacante, no linguajar canônico, entende-se a falta, por morte, renúncia, transferência ou desaparição, seja dos bispos, nas igrejas locais, seja do Sumo Pontífice na Igreja Universal.

A *Sé vacante* pode durar, e de fato já durou, como consta na história da Igreja, por longo tempo, sem que essa vacância do pontificado signifique, de modo algum, a desaparição da própria Igreja."[a]

A Igreja nunca está, nem pode estar «sem cabeça», como com 'refinada malícia' me atribuiu ter dito o «terrível» chanceler da Mitra Metropolitana da Arquidiocese do México, o tristemente célebre Luis Reynoso Cervantes", acrescenta mais adiante. "Para prová-lo, basta citar aqui algumas palavras da encíclica *Mystici Corporis Christi* de Sua Santidade Pio XII:

Prova-se que este Corpo místico, que é a Igreja, leva o nome de Cristo, pelo fato de que Ele deve ser considerado como sua Cabeça. *Ele* – diz São Paulo (Col. 1, 18) – *é a Cabeça do Corpo da Igreja*, disposto com devida ordem, cresce e se aumenta, para sua própria edificação (Efés. IV, 16; Col. II, 19)"

Portanto, a Igreja não pode nunca estar «sem cabeça» porque sua verdadeira Cabeça, Cristo, embora falte o Papa ou faltem os bispos, nunca a abandonará, cumprindo assim a divina promessa: «*Eu estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*». Pode faltar o Vigário, o vice-líder, a cabeça visível da Igreja, mas a Igreja nunca pode ficar «sem cabeça».[b]"

[a]Ibidem. Pág. 2.
[b]Ibidem. Pág. 4

"*Sede Vacante*" abrange lições de história, de teologia; investiga, penetra em acontecimentos de importância crucial, refere-se aos temas e conclusões ocorridos no Concílio Vaticano II.

Três questões motivam o Padre Sáenz, com as quais existe absoluta concordância no campo tradicionalista ao pedir:

1. Pela restauração da Missa de São Pio V, a Missa de sempre, a que remonta aos tempos apostólicos, em suas partes principais.

2. Para que os catecismos católicos, livres de resistências, inexactidões e verdadeiros erros, que, infelizmente, circulam em vários países, voltem a ensinar ao povo e, especialmente às crianças e jovens, a doutrina tradicional, apostólica, que sempre foi ensinada na Igreja Católica; e

3. Que não se dê às Sagradas Escrituras o sentido ecumênico, eclético que hoje, apoiando-se na exegese protestante ou dos rabinos judeus, se lhes quer dar, mas o único sentido que "*sempre e em todo lugar a Igreja*", que o Magistério da Igreja sempre ensinou.

É surpreendente que três pontos tão naturais, tão simples embora essenciais, tenham dividido a Igreja. Em outros tempos, essas questões fundamentais eram resolvidas pelo Soberano Pontífice aplicando categoricamente a doutrina católica; agora, o "Papa Montini tolerou, dissimulou, aparentou ceder às exigências absurdas, anticatólicas e, em muitos casos, abertamente heréticas dos líderes do 'progressismo', sejam cardeais, bispos, clérigos ou simples leigos... Qual seria a reação de São Paulo diante da viagem a Genebra, diante do discurso "ecumênico" no Conselho Mundial de Igrejas, no qual a verdadeira e única Igreja de Jesus Cristo foi assimilada e absorvida por esse eclético conglomerado de seitas, cujo denominador comum, se o tiverem, é a negação da verdade imutável e permanente?"[2]

[2]Ibidem. Pág. 13.

Antes de reafirmar "a doutrina católica, dogmática e infalível sobre o Primado de Jurisdição e as demais prerrogativas que Cristo quis dar a Pedro e aos *legítimos sucessores* de Pedro no Pontificado Romano"[3], o Padre Sáenz relata o processo do chamado grande cisma do Ocidente,

Cisma é "a separação da Igreja Católica de um ou alguns de seus membros, por negar a devida obediência ao Romano Pontífice"[4], desde que este seja um verdadeiro e legítimo papa. São Paulo adverte: "*Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anunciasse um Evangelho diferente do que já vos pregamos, que seja anátema*." (Gálatas, 1, 8.)

O cisma, portanto, ocorre pela desobediência ao *Papa legítimo* quando este não se afasta da doutrina invariável da Igreja.

"Quando, como nos tempos atuais, vemos que a tradição apostólica foi menosprezada, quando não abertamente negada; quando circulam impunemente os mais graves erros e heresias, sem que os bispos, nem o próprio Papa reajam energicamente e de forma definitiva... temos o direito, temos o dever de duvidar da legitimidade do Papa Montini, já que é o principal responsável por esse colapso."[5]

"Em seguida, ele faz um breve histórico do cisma do Ocidente que começou em 9 de agosto de 1378 e terminou trinta e nove anos depois, em 8 de novembro de 1417. Nessa terrível crise, vários Papas desfilaram simultaneamente, desfrutando do acatamento e respeito de prelados, clérigos e leigos, ao mesmo tempo em que eram desobedecidos e menosprezados pelos do outro lado. 'Houve momentos em que três distintos eleitos reclamaram a sucessão legítima de Pedro."[6] O que leva a concluir que 'Na Igreja, apesar das promessas e assistência de Cristo, apesar também da ação do Espírito Santo, os homens que então a dirigiam, como os homens que a dirigem agora, os que representavam e representam a Cristo, podem, por suas paixões, por seus equívocos, pelas pressões externas, conduzir a Igreja a um estado caótico, no qual um pontificado tricéfalo dilacere não apenas a disciplina, mas até mesmo os próprios

[3]Ibidem. Pág. 20.
[4]Ibidem. Pág. 21.
[5]Ibidem. Pág. 23.
[6]Ibidem. Pág. 32.

dogmas.'[7]

"O Concílio Vaticano II foi constantemente pressionado para mudar princípios solidamente estabelecidos. 'O Concílio - erroneamente afirmou o teólogo Hans Küng,[8] citado por Sáenz Arriaga - deve levar em conta as *legítimas reivindicações* dos protestantes, ortodoxos, anglicanos e liberais.'[9] Esse critério, bastante generalizado entre os padres conciliares, teve consequências desastrosas; a primeira foi a deterioração da autoridade pontifícia frente à colegialidade episcopal. Sáenz Arriaga estuda extensivamente essa questão, seguindo passo a passo os projetos e resoluções, as interferências, os textos e os necessários esclarecimentos que não conseguiram modificar a ambivalência das conclusões."

"É inegável que a discussão sobre a colegialidade foi uma das mais agitadas e perigosas do Vaticano II. *O ecumenismo, a união das seitas separadas*, um dos principais, se não o principal objetivo deste Concílio Pastoral, esbarrava, como um dos mais graves obstáculos... para a união da Igreja Católica com as seitas protestantes, no 'Conselho Mundial de Igrejas', entre outros pontos fundamentais de nossa fé católica, como o Primado de Jurisdição e a Supremacia do Magistério do Romano Pontífice."[10]

O autor de "*Sede Vacante*" recordava alguns de seus próprios conceitos publicados vinte e cinco anos antes em seu livro "*Onde está o Papa, aí está a Igreja*": "Demonstrado que Cristo fundou em sua Igreja um Magistério autêntico e infalível, preservado do erro pela assistência especialíssima do Espírito Santo, vimos que Pedro, independentemente do Colégio Apostólico como fundamento da Igreja, como Pastor supremo do rebanho de Cristo, como cabeça visível da Igreja, recebeu entre suas prerrogativas e poderes o dom da infalibilidade didática no exercício de seu Supremo Magistério."[11]

"A exposição doutrinária feita por Sáenz Arriaga sobre a primazia do Papa na única e verdadeira Igreja não deixa margem a dúvidas sobre sua ortodoxia católica, pois não se limita

[7] Ibidem. Pág. 39.
[8] Referência sobre o "teólogo" Hans Küng na página 130, nota.
[9] Ibidem. Pág. 42.
[10] Ibidem. Pág. 55.
[11] Ibidem. Pág. 61.

a defender os atributos de Pedro contra qualquer intromissão inimiga, vai além: aos próprios fundamentos do Papado e ao reconhecimento de seu magistério infalível, o qual é, em seu exercício, absolutamente independente, seja da autoridade de um Concílio, seja da aprovação posterior dada por toda a Igreja universal."[12]

"A infalibilidade pontifícia, como a infalibilidade do Magistério da Igreja, considerada de uma maneira geral, provém da assistência divina, para excluir perpetuamente todo erro ou todo perigo de erro no ensino da verdadeira e única doutrina. Assistência especialmente prometida a Pedro e a seus sucessores, até a consumação dos séculos. Este é o ensinamento formal do Concílio Vaticano I na definição do dogma da Infalibilidade Pontifícia, a qual 'só se dá nos atos nos quais o Papa fala com a plenitude de seu poder apostólico, como Pastor e Doutor supremo da Igreja...'"[13] já que " *infalibilidade* não significa, de maneira alguma, uma nova e divina revelação, como a que receberam os Apóstolos e Evangelistas, cujos escritos são recebidos e aceitos como a palavra de Deus..."

"O depósito das verdades reveladas, que ficou fechado com a morte do último dos Apóstolos, não pode ser aumentado nem minimamente alterado pelas doutrinas da Igreja. A Igreja de hoje deve ensinar o que aqueles primeiros evangelizadores ensinaram por prescrição de Cristo. A evolução dogmática não traz novas verdades, apenas revela as verdades que, contidas no depósito da Divina Revelação, não foram definidas, como tais, pelo Magistério da Igreja."[14]

"As lições de teologia contidas em '*Sede Vacante*' tornam este livro um tratado sobre as implicações atuais oferecidas por esta ciência."

Depois de explicar a infalibilidade pontifícia, o teólogo se pergunta: "Pode um Papa cair em heresia?" E responde: "Nada se opõe à infalibilidade pontifícia, definida como dogma de nossa fé católica, que um papa, considerado como pessoa particular, possa incorrer em heresia, não apenas em erro."[15] Para demonstrar essa tese, ele recorre aos ensinamentos de santos,

[12]Ibidem. Pág. 70.
[13]Ibidem. Pág. 72.
[14]Ibidem. Pág. 73.
[15]Ibidem. Pág. 103.

teólogos e doutores da Igreja ao longo de sua história. A resistência ao Espírito Santo, explicável pelo livre arbítrio com o qual Deus dotou toda criatura humana, pode degenerar em incredulidade, em heresia, em apostasia. E é lógico que aquele que voluntariamente renuncie a conduzir o rebanho pelo caminho apontado no Evangelho não será o Pastor universal.

Assim, resulta que Paulo VI "ao seguir com tanto entusiasmo as teses maritenianas, que não apenas eu", afirma Sáenz Arriaga, "mas também muitos outros teólogos consideraram quase heréticas, escandalosas, certamente se equivocou; se equivocou e, certamente, com uma visão incrível e perigosa, ao afirmar em seu discurso na ONU que essa organização heterogênea, controlada por mãos invisíveis, era para a humanidade de hoje e de amanhã a sólida e segura esperança, para forjar um mundo melhor e mais humano. O Papa também errou ao buscar, nas relações diplomáticas com os países dominados pelo comunismo ateu, uma postura anticristã, antirreligiosa e politicamente suicida que garantisse a paz do mundo. E para não alongar muito meu raciocínio, Paulo VI cometeu o mais grave de todos os seus erros ao nos impor o *Novus Ordo Missae*, que é equivocado e favorece a heresia."[16]

"*Sede Vacante*" é também uma extensa e variada denúncia que se inicia com as revelações do que aconteceu no Seminário Moctezuma, instalado perto de Las Vegas, Nevada, Estados Unidos[17], onde, vale dizer, saíram gerações de jesuítas impregnados de idéias modernistas, promotores do socialismo e relutantes ao celibato sacerdotal.

Também trata do Seminário do México e de outros centros "educacionais" igualmente afetados pela contaminação progressista. Essas referências, embora isoladas, levam a pensar nos lamentáveis resultados que o ímpeto reformador e sincrético de prelados e clérigos ativistas têm produzido.

"*Por que os padres se casam*?" é um capítulo amargo, enriquecido com testemunhos verdadeiros que revelam a decadente vocação sacerdotal. Os títulos que encabeçam os subsequentes capítulos de "Sede Vacante" anunciam a importância dos textos: "*Pode haver um papa ilegítimo? Paulo VI continua seu programa reformista. O ecumenismo, meio eficaz para a*

[16]Ibidem. Pág. 105.
[17]Ibidem. Págs. 168 a 173.

autodemolição da Igreja..."

A obra póstuma de Joaquin Sáenz Arriaga contém nutridas lições teológicas sobre eventos recentes e atuais. Este livro, escrito em pouco tempo, abrange diversos temas, apresentando alguns deles de maneira um tanto desordenada devido à urgência do autor em fornecer ao povo católico informações abrangentes e advertências fortes sobre a acelerada mudança eclesiástica cujos resultados ninguém ignora.

Na primeira página do livro, há a reprodução de um cartão escrito pelo Cardeal Ottaviani, datado de dezembro de 1970: "Bendiz o Rev. Padre Joaquín Sáenz y Arriaga e o encoraja a continuar defendendo com entusiasmo a integridade da fé."

"*Sede Vacante*" foi escrito após a mensagem do distinto Cardeal da Cúria Romana, que se opôs, até que suas faculdades físicas o impediram, à propagação dos erros pós-conciliares e criticou vigorosamente o *Novus Ordo Missae* de Paulo VI, sem que seus argumentos conseguissem modificar a decisão tomada pelo Papa.

A inclusão do autógrafo de Ottaviani em seu livro trouxe ao padre Sáenz uma crítica ácida beirando a calúnia. O advogado Salvador Abascal escreveu ao Cardeal perguntando se a inclusão de seu "suposto" cartão em "*Sede Vacante*" significava que ele concordava com a tese proposta pelo autor. Ottaviani, quase cego e surdo, reagiu de acordo com a sugestão da pergunta, rejeitando sua presumível aprovação ao livro que ele só poderia conhecer pelas referências interessadas de seu remetente, pois é improvável que, fisicamente impedido como estava, ele tivesse podido conhecer completamente todo o texto.

A ofensiva contra o *Novus Ordo Missae* obteve notáveis triunfos. No dia 11 de abril de 1974, o abbé Noel Barbara terminou de escrever um estudo intitulado: "*A santa missa celebrada segundo o novo ordo missae de Paulo VI é válida*?"

Sáenz Arriaga, ao retornar da Europa no final de setembro daquele ano, divulgou a tradução deste texto singularmente claro e categórico. Com uma constância incansável, ele viajava uma, duas e até três vezes por ano ao continente europeu, consolidando relações pessoais, trocando notícias e opiniões, visitando pessoas importantes na esfera eclesiástica. Ele não podia permanecer tranquilo e indiferente ao desenvolvimento dos acontecimentos; algo precisava ser feito e ele, doente e an-

gustiado, não cedia à fadiga.

Diante da manifesta oposição à nova missa de cunho luterano e da crescente fidelidade à Missa eterna, a conspiração vaticana realizou uma manobra de intimidação para impedir o retorno à ortodoxia católica. O cardeal James Robert Knox e o arcebispo Annibale Bugnini, respectivamente, prefeito e secretário da Sagrada Congregação para o Culto Divino, assinaram uma notificação em 28 de outubro de 1974 na qual, "com a aprovação do Sumo Pontífice" (Paulo VI), reconheciam a competência das "Conferências Episcopais para a elaboração das versões populares dos livros litúrgicos e as normas a serem seguidas para obter a confirmação da Santa Sé." Tendo sido "postas em prática de maneira gradual em todos os lugares", as mencionadas 'versões populares' eram "quase uma obra perfeita". Uma vez estabelecido o mencionado Missal Romano na língua vernácula, somente seria permitido celebrar a missa "segundo o rito do Missal Romano, promulgado com a autoridade de Paulo VI no dia 3 de abril de 1969... cabe ao Ordinário do lugar conceder a faculdade de usar o Missal Romano de acordo com a edição típica de 1962 (ou seja, a missa tradicional de origem apostólica canonizada no Concílio de Trento)[18], adaptada pelos decretos dos anos de 1965 e 1967, seja na íntegra, seja parcialmente, mas *somente* na celebração da *Missa sem Povo. Os Ordinários não podem conceder essa faculdade para celebrar a Missa com o povo*."

A Constituição Apostólica *Missale Romanum* mencionada por Knox e Bugnini em sua "Notificação" estabelecia: "A Ceia do Senhor, ou Missa, é a assembleia sagrada ou congregação do povo de Deus, reunido sob a presidência do sacerdote para celebrar o memorial do Senhor. Daí que seja eminentemente válida, quando se fala da assembleia local da Santa Igreja, aquela promessa de Cristo: 'Onde estiverem reunidos dois ou três em meu nome, aí estou eu no meio deles' (Mt. 18, 20)."

"Essa definição é totalmente equívoca e, portanto, totalmente anticatólica. Foram tantos os protestos que fizemos em

[18]Nota: O Missal de 1962 é o do Usurpador "João XXIII" que, embora seja um rito válido, não é utilizado por Sacerdotes Sedevacantistas, mas apenas pela falsa oposição dos Reconhecer & Resistir. Também contém as deformas litúrgicas de 55, o qual recomendamos o livro "O Complô Anti-Litúrgico", do Dr. Yuri Maria.

todo o mundo que a Ordenação Geral, neste caso, assim como em outros pontos, teve que ser corrigida. E isso, apesar de a "*Institutio Generalis*" (Ordenação Geral), como diz o Decreto da Sagrada Congregação, ter sido «*aprovada pelo Sumo Pontífice*». «*Contrariis quibuslibet minime obstantibus*», sem que nada pudesse opor-se a estas disposições. Se a infalibilidade do Sumo Pontífice fosse pessoal e constante, como poderíamos explicar essa aprovação dada à Ordenação Geral, que teve que ser prontamente reformada para esconder os erros ou equívocos doutrinários da primeira edição desse *Institutio Generalis do Missal Romano*? Além disso, devemos ter em mente que, mesmo após essas reformas na *Institutio Generalis*, os equívocos ou erros que foram denunciados e corrigidos na *Institutio Generalis* não mudaram em nada a própria nova missa, cujos lamentáveis equívocos e novos ritos têm protestantizado o augusto Sacrifício do Altar, a repetição incruenta do mesmo Sacrifício do Calvário. Podemos manter diante dessas realidades a infalibilidade *pessoal e permanente de Paulo VI*?"[19]

[19]Ibidem. Pág. 108.

CAPÍTULO 12

AO FINAL DA JORNADA

Homem de perspectivas universais, desde sua juventude viajou inúmeras vezes ao exterior; suas viagens não eram excursões turísticas; sempre tinham um propósito apostólico. Daí resulta que sua visão religiosa tem alcance verdadeiramente católico, ou seja, universal. Sua atividade não se concentra em uma paróquia, bairro, cidade ou mesmo em seu próprio país. A doutrina de Cristo escapa a todo limite de tempo e espaço. Don Joaquín não se fecha entre quatro paredes para criticar estéreis distorções doutrinais que levam à apostasia; ele sai ao encontro da conspiração, faz alianças com seus pares, busca concordâncias, recebe apoio e estímulo moral para continuar sua missão.

No final de 1973, voa para a Europa; permanece lá por quase dois meses. Visita o seminário de Ecône e, sempre que necessário, comunica-se com o arcebispo Marcel Lefebvre, a quem conhece desde o Concílio, e outros prelados que atuam discretamente para evitar obstáculos e perseguições.

Em 3 de janeiro de 1974, retorna ao México. Cuida de sua casa de estudantes. Mantém correspondência frequente com amigos do mundo todo e, mesmo quando sua saúde cada vez

mais deficiente o obriga a se recolher em seu quarto, não deixa de estudar e cuidar dos assuntos relacionados ao seu ministério. Ao lado de sua cama de doente, juntam-se frascos de medicamentos, papéis e livros... Prepara escritos originais e corrige edições da revista *Trento*, seu jornal doutrinário que visa combater, ainda que minimamente, a campanha desorientadora de publicações inseridas em um tradicionalismo condicionado ao ataque exclusivo contra Méndez Arceo e seus semelhantes – os semi-tradicionais de seu tempo -, até mesmo revistas de postura marxista e teilhardiana, como a *Christus*, dos novos jesuítas.

O acertado título *Trento* foi proposto pelo padre Moisés Carmona, quando Sáenz Arriaga o visitou no porto de Acapulco, em meados de 1972, e revelou sua intenção de lançar um impresso, com não mais de oito páginas, em papel "diário", mas rico em conteúdo doutrinário.

O primeiro número de *Trento*, dirigido pelo padre Carmona, saiu em 1º de outubro de 1972. A partir do número 2, Abelardo Rodríguez Díaz passou a dirigir esta revista, que sempre esteve sob os cuidados de Don Joaquín, cuja experiência jornalística e conhecimento teológico o tornaram um publicista experiente e um claro expoente do pensamento católico.

Em *Trento*, foram publicados artigos escritos por autores competentes, nacionais e estrangeiros, sobre temas atuais e lições doutrinárias tão valiosas quanto o *Catecismo de São Pio V*.

A polêmica não esteve ausente de suas páginas; não para insultar, não para saciar vinganças ressentidas, mas para mostrar erros e afirmar verdades.

Após a morte do Padre Sáenz, esta combativa publicação ficou sob os cuidados de Gloria Riestra, uma escritora esforçada que soube resistir às pressões eclesiásticas e às lacunas nos meios jornalísticos, que não conseguiram dobrar sua vontade ou minar a solidez de sua fé.

Em 2 de fevereiro de 1974, festa da Apresentação do Senhor, Paulo VI deu sua exortação apostólica "para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Santíssima Virgem Maria", que foi publicada até 22 de março seguinte. Alguns jornalistas que compareceram à conferência de imprensa convocada pelo porta-voz do Vaticano ficaram chocados ao ouvir alguns concei-

tos da exortação.

"A conferência de imprensa oferecida no Vaticano se transformou, em alguns momentos, em um debate tormentoso e houve críticas ao Papa e aos seus especialistas por aceitarem ideologias sacrílegas sobre a mulher e o culto." (*Novedades*, jornal da cidade do México, 22 de março de 1974)

"A exortação do Sumo Pontífice", acrescenta a notícia vinda de Roma, "contém 95 páginas, e nela se chega à conclusão de que 'a imagem da Santíssima Virgem apresentada por certo tipo de literatura devocional não pode ser facilmente conciliada com os estilos de vida atuais, especialmente com a forma como as mulheres vivem hoje'."

"O padre Jean Galot", expressa parágrafos à frente desta notícia, "*judeu convertido e jesuíta francês que trabalha no Vaticano*, disse que no futuro é possível que as mulheres «desempenhem um papel ativo nos Concílios e que esse papel, visto à luz de sua capacidade de decisão, será melhor examinado. *Deus mesmo promoveu a emancipação da mulher*» – declarou. À explicação do padre Galot de que 'Maria é uma mulher que trabalhou ativamente para transformar a sociedade, uma mulher moderna', houve reações indignadas de vários jornalistas. 'Este documento foi ditado por um espírito demagógico e inclinado à propaganda', gritou um indivíduo. 'É um documento incentivado pelo mesmo espírito que enviou um vândalo para destruir La Pietá, de Michelangelo', disse outro."[1]

Ao receber a crônica do ocorrido em Roma, ninguém da hierarquia eclesiástica tentou esclarecer a situação, muito menos defender a devoção mariana. Apenas o excomungado, cheio de santa indignação, defendeu a verdade. Ele esperou ter em mãos a versão espanhola do *L'Osservatore* Romano para conhecer o texto oficial, que, embora diferisse por algumas supressões do texto divulgado na conferência de imprensa, ainda continha pontos inaceitáveis. Ele redigiu um estudo minucioso sobre a exortação de Paulo VI e convocou uma coletiva de imprensa em um salão do Hotel Reforma, na cidade do México, na tarde de 5 de abril de 1974.

"Comparando o documento com os relatos que a imprensa nos deu", ele escreveu posteriormente em seu prefácio ao estudo, "encontramos uma grande probabilidade de afirmar que

[1] Ibidem. Pág. 2.

o texto lido em Roma para as agências informativas internacionais foi posteriormente mutilado pelo *L'Osservatore Romano* em sua versão espanhola..."[2]

Don Joaquín transcreveu integralmente este novo texto da exortação apostólica e, em seguida, analisou o documento: "Reconhecemos a habilidade, já amplamente notada em todos os documentos, discursos, relações e gestos de Giovanni Battista Montini para encobrir suas reformas com o véu piedoso de uma restauração da Igreja, envelhecida por sua história já bimilenar."

..."Não negamos que o documento de Paulo VI, em vários pontos, é um clamor fervoroso e doutrinário sobre a devoção e o culto à Santíssima Virgem, a Mãe de Deus."

"Apesar da linguagem ambígua e do estilo dialético do Pontífice, reconhecemos que o documento tem trechos bonitos e até comoventes. Mas, no meio dessa rica doutrina, na qual Paulo VI enquadra seu pensamento adaptado à mentalidade moderna e sua reconhecida tendência ao *movimento ecumênico*, nos deparamos com pontos inadmissíveis na linguagem tradicional do Magistério."[3] "Uma vez mais nos encontramos com a dificuldade prática de reproduzir o preocupante texto. Pequenas frases aqui e ali mutilam as muitas lições ortodoxas que o livro todo contém."

"Aqui está o relativismo religioso", aponta Sáenz Arriaga depois de reproduzir os ensinamentos de Paulo VI, "que, em sua busca por novas formas de culto, pode chegar, como de fato chegou, às aberrações das *missas panamericanas, dos show-missas*, ou ao Cristo Superstar de Jenson ."

Não estava sem razão o Padre Sáenz; mais tarde seria exibido, por expressa recomendação pontifícia, o sacrílego e absurdo musical no próprio Vaticano, que foi visto e inexplicavelmente aceito e aplaudido por cardeais, bispos, padres e religiosos.

O autor do comentário cita o Papa Pio XII, cujo magistério confronta a nova teologia. Em sua encíclica "*Mediator Dei*", ele expõe ideias muito claras sobre a liturgia católica da Missa, que culmina na devoção mariana sem diminuir o significado sa-

[2]Sáenz Arriaga, Dr. Joaquín. Restauração Montiniana da devoção à Santíssima Virgem. Imprensa Ideal, México, D. F., 1974. Pág. 5.

[3]Ibidem. Pág. 50.

crificial do Mistério Eucarístico: "...muitos fiéis cristãos são incapazes de usar o *Missal Romano*", admite o Pontífice, "mesmo que esteja traduzido para a língua vulgar; e nem todos estão preparados para entender corretamente os ritos e as fórmulas litúrgicas... Quem, levado por esse preconceito, ousaria afirmar que todos esses cristãos não podem participar do Sacrifício Eucarístico e desfrutar de seus benefícios? Podem, certamente, recorrer a outro método que a alguns parece mais fácil, como, por exemplo, meditar piedosamente nos mistérios de Jesus Cristo ou fazer outros exercícios de piedade, e rezar outras orações que, sendo deficientes nos ritos sagrados na forma, no entanto, concordam com eles por sua própria natureza."

No capítulo VII da Exortação Apostólica, Paulo VI se afasta desse sentimento piedoso quando afirma que "é difícil enquadrar a imagem da Virgem, como é apresentada por certa literatura devocional, nas condições de vida da sociedade contemporânea e, em particular, nas condições da mulher, seja no ambiente doméstico... *onde as leis da evolução dos costumes tendem justamente à igualdade e à co-responsabilidade com o homem na direção da vida familiar*: seja no campo político... seja no campo social... assim como no campo cultural..." O Padre Sáenz chega a esta conclusão contundente: "Para Paulo VI, a *mulher moderna* é uma mulher emancipada do ambiente doméstico, uma mulher política, uma ativista no campo social, uma mulher que deixa, cada dia mais, as estreitezas de sua casa para sair a conquistar o mundo das ciências, do dinheiro e do poder"[4]

O bom senso e a experiência de vida fizeram o talentoso teólogo ver as consequências futuras dessas afirmçaões. A tradicional piedade mariana, obsoleta, mutável como Paulo VI queria, tornou-se, nos nossos dias, um grotesco refúgio de mulher libertada, veja só, entre outros exemplos, o 'logotipo' do Congresso Mariano Internacional, realizado em Zaragoza, Espanha, em outubro de 1979. Aparece uma jovem vestindo calças e blusa justa de manga curta, tocando guitarra. O cabelo solto; uma auréola de estrelas rodeia sua cabeça. Aos seus pés, o perfil da Basílica do Pilar de Zaragoza, e acima uma inscrição que diz: *Maria, mulher, jovem, canta*."

João Paulo II, coerente com os ensinamentos de seu amado

[4]Ibidem. Pág. 79.

antecessor, enviou sua bênção a este congresso.

A transformação religiosa gradual, mas firme, é um fato. E o padre Sáenz Arriaga foi um dos mais perspicazes pioneiros a denunciá-la.

Em uma cidade de pouca relevância religiosa, em grande parte devido à origem heterogênea de sua população, a voz convincente de uma mulher dotada de excepcional inteligência, sensibilidade poética, reflexiva e estudiosa, se fazia ouvir, por meio de artigos jornalísticos, em todo o país. Ela havia conquistado a admiração e o reconhecimento da Hispanoamérica com suas poesias, de estilo castiço e profundo misticismo. Agora, ela lutava com a coragem que a posse da verdade infunde na arena católica, sem que os clérigos ou leigos progressistas que cruzavam seu caminho conseguissem afetar sua pena, empunhada em prol da verdadeira Igreja.

Muitos anos haviam se passado. O padre Sáenz a lembrava, ainda menina, durante suas missões no porto de Tampico. Gloria Riestra não tinha esquecido seu conselheiro espiritual. Como leitora de seus livros, ela acompanhava com interesse sua investida dialética contra os inimigos infiltrados do catolicismo.

Ambos se reencontraram, e sua comunicação mútua se tornou constante e proveitosa.

Aqueles que antes exaltavam a escritora, depois tentaram ignorá-la. Isto quando não chegaram às ameaças ou aos insultos. O antigo bispo de Tamaulipas, agora Cardeal e Arcebispo do México, de quem Gloria recebeu sábias lições e bons conselhos, voltou as costas para ela e mudou seu caminho para alcançar altas honras e benefícios na nova igreja. O Bispo sucessor da diocese a ameaçou com a aplicação das mais severas penas canônicas... que não ousou impor, talvez porque compreendeu a inconsequência de sua própria conduta.

Nesse isolamento obrigatório, Gloria recordou o trigésimo aniversário de "sua profissão de escritora, na exposição e defesa da Fé Católica" com uma solene, ainda que privada, "Ação de Graças por meio do Santo Sacrifício da Missa, celebrada segundo o rito tridentino pelo Rev. Padre Joaquin Sáenz Arriaga, no dia 10 de dezembro de 1974."

Don Joaquín, como prova de seu apreço à singular escritora, entregou-lhe o cálice que usou por muitos anos. Ao morrer, dei-

xou para um convento de religiosas contemplativas, que havia fundado na cidade de Celaya, Guanajuato, seus ornamentos e objetos de culto, alguns dos quais foram depois cedidos pelas congregantes para serem usados na capela privada da antiga residência do legatário.

Quando seu físico estava mais enfraquecido, o sacerdote inflexível se dedicava ainda mais à sua obra apostólica. Novamente, suas viagens à Europa. Esteve lá duas vezes em 1974 e outras duas em 1975. Tinha esperanças de ver estendida e reafirmada a postura inicialmente intransigente do arcebispo Marcel Lefebvre. Conhecia vários prelados dispostos a restabelecer a legitimidade pontifícia; mas até o dia de sua morte, ninguém ousou seguir abertamente o doloroso caminho da total renúncia aos seus bens, à sua posição hierárquica, ao respeito humano.

Ainda escreveu mais um livro, que permanece inédito: "*Paulo VI, o político*". A importância relativa desta obra não contribuiria substancialmente para o sucesso de sua luta. Ele deixou seus outros livros, seus sermões, seu exemplo, sua integridade sacerdotal.

A morte espreitava o Padre. Sua saúde declinou nos últimos anos de sua vida, os mais ativos e frutíferos. Um câncer na próstata, pelo qual foi operado três vezes, uma delas em Roma durante uma de suas viagens, destruiu sua resistência física, mas não seu fervor sacerdotal. Sem conhecer a natureza de seu mal, ele pressentia que a morte estava próxima e redobrou seus esforços; não cedeu ao enfraquecimento físico. E como os bons soldados de Cristo, não deu nem pediu descanso.

Perto do final, seu médico determinou que fosse internado no sanatório Santa Fé, na Colônia Roma da Cidade do México. Em seu leito de enfermo, recebia seus amigos, colaboradores, companheiros que, dispersos nos meios de ação, mas unidos no mesmo propósito, travavam, dentro de suas possibilidades humanas e recursos, a batalha pela Igreja de Cristo, confiando na ajuda de Nossa Senhora de Guadalupe.

Aquele hospital era administrado por religiosas que, incapazes de examinar ou compreender a transformação eclesiástica, tinham uma ideia equivocada dos limites da obediência e seguiam diretrizes e práticas religiosas estabelecidas por Paulo VI. Algumas delas, cientes da gravidade física do enfermo, se

aproximaram dele para pedir que aceitasse os sacramentos da nova religião e se reconciliasse com o Cardeal Miranda. O Padre Sáenz reagiu com santa indignação e, ajudado por alguns de seus fiéis amigos, deixou o sanatório para reafirmar, mais uma vez, sua adesão à Igreja única, santa, católica e apostólica.

O Dr. Alejandro Ruiz y Ruiz, amigo do enfermo, assistiu a uma missa celebrada pelo padre Pedro Toledo na capela privada da casa onde o Padre Sáenz morava, na Rua Culiacán, número 103, Cidade do México: e, dias depois, a pedido de Don Joaquín, o Dr. Ruiz levou-o ao padre Maximiliano Reynares, titular da antiga igrejinha de São Salvador El Seco, localizada na rua fechada de mesmo nome. O padre Reynares administrou o sacramento da penitência e a Sagrada Eucaristia ao enfermo, por quem sentia profundo afeto e admirava por sua incansável luta religiosa.

Novamente o padre Maximiliano foi visitar o idoso teólogo, desta vez acompanhado por Xavier Wiechers Conday. Don Joaquín recebeu devotamente o Corpo de Nosso Senhor. Sua sincera piedade, sua vocação sacerdotal encontravam, nos auxílios espirituais da Santa Madre Igreja, um sedativo eficaz para suas dores físicas e suas angústias apostólicas.

Aqueles que estavam mais próximos dele conheciam a extrema gravidade de sua saúde, e não faltou algum conhecido seu que sugerisse chamar Monsenhor Vicente Torres, que cuidava da capela de São João Batista, em Tacubaya, Cidade do México.

Ermilo López era um jovem de condição humilde a serviço do padre. Fazia recados, recebia mensagens e cuidava da casa. No sábado, 10 de abril, o enfermo pediu-lhe para telefonar a Xavier Wiechers. Xavier tinha grande carinho pelo padre Sáenz e estava sempre disposto a ajudá-lo. Don Joaquín pediu a seu bom amigo para procurar Monsenhor Torres. Ele deu seu endereço e número de telefone. Xavier marcou imediatamente um encontro com esse sacerdote, a quem supunha que, tendo sido solicitado por don Joaquín, trataria de suas questões religiosas.

Sem perder tempo, ele foi de carro até Tacubaya e buscou o padre Torres; este, durante o percurso, permaneceu silencioso. Ao chegar à casa na Colônia Roma, tudo estava preparado

para dar a Sagrada Comunhão ao padre Sáenz. Xavier pegou uma vela e a segurou acesa em suas mãos. Ajoelhou-se ao lado da cama do paciente. A cena era emocionante. Aqueles que observavam pressentiam o desfecho próximo.

Antes de dar a Sagrada Hóstia, o Padre Torres, com voz clara, perguntou ao padre Sáenz se pedia perdão por ter ofendido o Papa Paulo VI.

Com voz forte e precisa, acompanhada de gestos com sua mão direita, como era habitual nele, ou seja, juntando o polegar com o indicador e os outros três dedos erguidos, ele respondeu com energia: "Se eu ofendi Paulo VI por minhas falhas, peço perdão. Mas se o ofendi por ter defendido a Igreja Católica, não tenho nada pelo que me arrepender, nem peço perdão por ter defendido a verdade".

Em seguida, Monsenhor Torres perguntou se pedia perdão por ter ofendido seus irmãos jesuítas. De forma análoga, o Padre Joaquín Sáenz respondeu: "Se eu os ofendi por minhas fraquezas, peço sincero perdão. Mas se eles se ofenderam por minha defesa da Santa Igreja Católica, não tenho por que pedir perdão".

Imediatamente, Monsenhor Torres deu a Sagrada Comunhão a ele e depois, aproximando-se, pediu-lhe que rezasse por ele. Ouvi estas palavras: "*Memento mei*". O padre Sáenz respondeu: "*Ad ínvicem*[5]".

Monsenhor Torres retirou-se depois de se despedir do padre Sáenz.[6]

Xavier o levou de volta à sua capela. No caminho, conversaram e, a uma pergunta, Monsenhor respondeu que ele nunca havia se afastado do cânon tridentino. Xavier prometeu assistir à missa em sua igreja no próximo domingo e voltou à casa do padre Sáenz. Ao entrar em seu quarto, o Padre o questionou: Quem era esse sacerdote que havia lhe pedido para se retratar? Xavier respondeu que era a primeira vez que o via e não sabia quem era.

No domingo seguinte, 18 de abril, por convite expresso feito por telefone por Monsenhor Torres, Xavier, acompanhado de sua família, assistiu à missa no templo de São João Batista.

[5]"Lembra-te de mim" e "orem um pelo outro"

[6]Wiechers Condey, Xavier. Relação manuscrita ao autor. Cidade do México, 4 de dezembro de 1979.

Ele não deixou de se surpreender que o celebrante usasse o novo rito, embora, na consagração, baixasse a voz de maneira que o que dizia fosse compreensível. Terminada a missa, o padre Torres mostrou aos seus visitantes, na sacristia, uma imagem da chamada Virgem de Puruarán; mais uma das superstições que atentam contra a integridade católica. Comentando a "excomunhão" do Rev. Pe. Joaquín Sáenz Arriaga, Monsenhor Torres opinou que isso tinha sido uma coisa "*ad hominem*".

Domingo, 25 de abril. O padre Sáenz celebrou sua última missa apoiado em um par de muletas. No meio de profunda emoção, seus fiéis assíduos receberam das mãos dele o Pão dos Anjos. Neste dia, visitaram-no seus amigos, o notário Francisco Villalón Igartúa, Carlos Carrillo, Xavier Wiechers. O teólogo doente compreendeu que chegara o momento de concluir sua obra apostólica. Realizar um último esforço para fazer chegar seu testemunho de fidelidade à Igreja.

Diante de seus amigos, ditou seu Testamento Espiritual, síntese e resumo de sua vida sacerdotal. Com firmeza, estampou sua assinatura ao final deste documento:

> *"Estas palavras presentes constituem meu testamento espiritual, dirigido a todas aquelas pessoas que, de uma forma ou de outra, estiveram em contato espiritual comigo durante toda a minha vida e, em particular, durante o curso de minhas atividades pela causa de Cristo e da Igreja.*
>
> *Em primeiro lugar, declaro que sempre fui católico de coração. Sempre amei o Primado de Cristo na terra e, se alguma vez ergui minha voz para protestar contra os desvios que observei na Fé, meu protesto foi contra o homem que, ao se afastar da tradição milenar da Igreja, colocou a mesma Instituição Divina em gravíssima contingência.*
>
> *Nunca neguei, nem em meu coração nem em minhas palavras, a Doutrina Imutável do Magistério Eclesiástico. Minha vida e tudo o mais precioso que ela poderia ter para mim foram sacrificados por Cristo, pela Igreja e pelo Papado. Peço perdão a todos aqueles que de alguma forma tenha ofendido e de coração perdoo a todos*

aqueles que de alguma forma possam ter me ofendido. Que o último suspiro da minha alma seja o dos nossos mártires mexicanos: Viva Cristo Rei, Viva a Virgem de Guadalupe!

Joaquin Sáenz ARRIAGA."[a]

[a] El Heraldo. Diario. México, D. F., 29 de abril de 1976. Fotocópia do original no arquivo do autor.

Testamento original do Pe. Dr. Joaquín Sáenz Arriaga, assinado de próprio punho, certificado pelos testemunhos de Xavier Wicchers e Carlos Carrillo.

Não possuía bens materiais. A casa onde vivia teve que ser vendida para custear o custo de suas viagens e sua modesta subsistência. Nenhum objeto de valor material; nada que o prendesse aos interesses mutáveis e perecíveis dessa terra. Seu legado se resumia a seus "livros, panfletos, papéis, correspondência e outros documentos". Em um breve testamento - menos de meia página digitada, assinada por ele e pelas mesmas testemunhas -, ele pediu que "sua correspondência privada, trocada entre meus familiares e eu deveria ser incinerada." Essa disposição foi fielmente cumprida pelo engenheiro Anacleto González Flores, depositário de seus modestos pertences. Infelizmente, uma valiosa fonte de informações pessoais para um melhor conhecimento familiar de don Joaquín foi perdida.

Segunda-feira, 26 de abril. As últimas luzes do crepúsculo se dissipam entre a bruma da grande cidade. Os minutos passam ao longo da espera silenciosa. Um pequeno grupo de amigos acompanha o doente.

O idoso sacerdote estava prestes a deixar sua casa para se dirigir ao sanatório. Sua integridade e lucidez não permitiam que demonstrasse qualquer vacilação. O telefone tocou. Gloria Riestra ligava para ele de Tampico. Don Joaquín pegou o telefone; com voz firme, cumprimentou sua antiga discípula. Encorajou-a a continuar sem desanimar na luta árdua empreendida, a rejeitar qualquer fraqueza de ânimo, todo desalento frente aos adversários. Ele reiterou seu compromisso de fidelidade à causa sagrada da verdadeira Igreja. Com a graça de

Deus, seu sacrifício não seria em vão.

– Que se cumpra a vontade de Deus – respondeu o padre Sáenz às palavras de gratidão com as quais sua admirável colaboradora correspondeu às suas encorajadoras recomendações, ela, emocionada, pediu sua bênção. O sacerdote, com voz firme, pronunciou a frase consagrada: "*Benedicat vos omnipotens Deus. Pater, et Fílius, et Spiritus Sanctus. Amén*."

Don Joaquín foi ao sanatório Santa Helena, localizado na rua Querétaro, número 56. Ele foi recluso no quarto 423.

Terça-feira, 27. Desde cedo, Anacleto González Flores, que se retirou para substituir sua esposa, e outros amigos do doente estavam atentos a ele. Este havia chamado, na véspera, o presbítero Moisés Ortega Rey. Don Carlos Carrillo, um exilado cubano cavalheiresco, devoto amigo do padre Sáenz, foi procurá-lo. Ambos chegaram ao sanatório às dez da manhã. O padre Ortega entrou sozinho no quarto de don Joaquín e administrou os sacramentos da Penitência e da Sagrada Eucaristia.

O Padre recebeu os Sacramentos com uma profunda alegria, transbordando de emoção. Ambos os ministros do Senhor se despediram "até a eternidade."[7]

A morte é o termo de um dia... – havia refletido no desenvolvimento de um sermão proferido em 29 de novembro do ano anterior – o dia passageiro, efêmero desta vida presente. Mas a morte é a aurora de outro dia para o crente, o dia da eternidade!

Monsenhor Vicente Torres, a pedido do jesuíta Enrique Torroella, em nome do padre Carlos Soltero, S.J., Provincial da Companhia de Jesus, escreveu sua própria versão do que aconteceu nos minutos anteriores à entrada de Don Joaquín na sala de cirurgia.

Ele diz que, por sua sugestão, fez com que o padre Sáenz Arriaga pedisse perdão a quem pudesse ter ofendido, algo que, condicionado às pessoas, reafirmava as palavras de seu *Testamento Espiritual*, ditado dois dias antes:

"Peço perdão a todos que de alguma forma possa ter ofendido e, de coração, perdoo a todos que possam ter me ofendido." Este ato espontâneo de humildade, longe de se opor, confirmava seu repúdio "contra o homem que, afastando-se da tradi-

[7]Carta original do padre Moisés Ortega Rey, dirigida ao autor.

ção milenar da Igreja, colocou em grave contingência a mesma Instituição."

A hora foi marcada e o doente ficou sob os cuidados do pessoal médico. Ao meio-dia, ele entrou na sala de operações. Os cirurgiões trabalharam por muito tempo em um campo invadido pelo câncer e enfraquecido pelas intervenções anteriores. Pouco restava a fazer para prolongar a vida dele.

Quarta-feira, 28. Sua missão na Terra estava terminada. Às 10 horas e 40 minutos, ele sofreu uma hemorragia que não pôde ser contida. Seu coração, extremamente fraco, parou de bater. Pleno de confiança na misericórdia divina, sua alma se separou da frágil envoltura corpórea para encontrar o Senhor.

O engenheiro González Flores foi informado do falecimento e, imediatamente, compareceu ao sanatório para assumir a situação. Do quarto número 423, os objetos pessoais do falecido sacerdote foram removidos.

O corpo foi transferido para uma funerária para ser velado.

Na capela mortuária, não faltaram missas de réquiem, celebradas por sacerdotes contrários ao *Novus Ordo Missae*.

A imprensa passou sem dar importância à notícia do falecimento do padre e doutor Joaquín Sáenz Arriaga. Seu *Testamento Espiritual* foi publicado e, nos dias seguintes, houve obituários e testemunhos de afeto, alguns deles vindos de países distantes:

"A vida do falecido padre será um exemplo para as gerações futuras", escreveram em uníssono as juventudes católicas de Roma, Buenos Aires, Paris; *Genitum Concordia Pro Ecclesia Catholica*, de Roma; a Associação San Pío V, de Pittsburgh, Pensilvânia, Estados Unidos; Vigília Romana, de Roma, Itália; os católicos pro Missa San Pío V, de Hawthorne, Austrália – nesta fase talvez pré-apocalíptica, por sua dedicação total à causa mais nobre a que o ser humano pode se dedicar:" *a defesa da fé católica em momentos críticos, quando as luzes daqueles que deveriam ser guias e faróis para o povo de Deus se apagam*."

De vários pontos da República Mexicana, chegaram às redações dos jornais, elogios inflamados ao apóstolo desaparecido: de Tampico, de Mérida, de Guadalajara, de Zacatecas, de Acapulco...

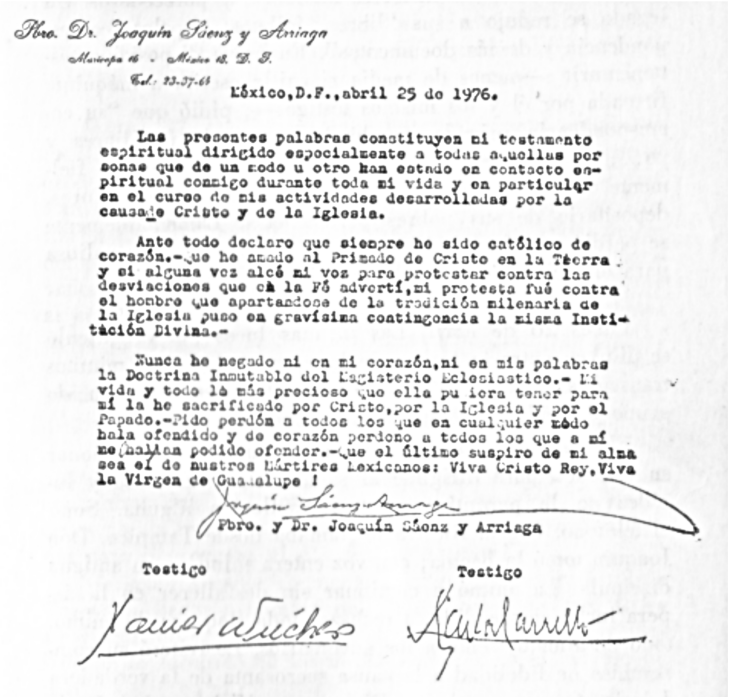
Na quinta-feira, 29 de abril, depois do meio-dia, os restos mortais do padre Sáenz receberam sepultura cristã no Pan-

teón Español, na mesma sepultura onde repousam os restos de doña Magdalena Arriaga de Sáenz, de quem Joaquín era filho predileto. O padre Moisés Carmona esteve presente e, entre os jovens, Rafael Vázquez adiantou-se para proferir uma despedida emocionante e vibrante, que resultou em promessa e afirmação de permanecer nos postos avançados na defesa do catolicismo.

Foi significativa, dias depois, a decisão de Monsenhor Tricarico, Delegado Apostólico da Santa Sé no México. Na capela da Delegação, foram celebradas nove missas do *Novus Ordo* – não poderiam ser outras em tal local – em sufrágio da alma do padre Sáenz Arriaga. Jantares, missas ou assembleias, tanto faz, para as quais foram especialmente convidados os familiares do falecido. Terminado o novenário, Monsenhor Tricarico perguntou pelos documentos e papéis do Padre, ao que uma sobrinha dele respondeu: "Peça aos inquisidores mexicanos, amigos de meu tio"

O presbítero e doutor Joaquín Sáenz Arriaga, como o Cid Campeador, ganhava uma batalha a mais, mesmo depois de morto.

Laus Deo Semper – Sempre Louvar a Deus



Pbro. Dr. Joaquín Sáenz y Arriaga
Maricopa 16 - México 18, D. F.
Tel.: 23-37-64

México, D.F., abril 25 de 1976.

Las presentes palabras constituyen mi testamento espiritual dirigido especialmente a todas aquellas personas que de un modo u otro han estado en contacto espiritual conmigo durante toda mi vida y en particular en el curso de mis actividades desarrolladas por la causa de Cristo y de la Iglesia.

Ante todo declaro que siempre he sido católico de corazón.-Que he amado al Primado de Cristo en la Tierra y si alguna vez alcé mi voz para protestar contra las desviaciones que en la Fé advertí, mi protesta fué contra el hombre que apartandose de la tradición milenaria de la Iglesia puso en gravísima contingencia la misma Institución Divina.-

Nunca he negado ni en mi corazón, ni en mis palabras la Doctrina Inmutable del Magisterio Eclesiastico.- Mi vida y todo lo más precioso que ella pudiera tener para mí la he sacrificado por Cristo, por la Iglesia y por el Papado.-Pido perdón a todos los que en cualquier modo hala ofendido y de corazón perdono a todos los que a mí me hallan podido ofender.-Que el último suspiro de mi alma sea el de nuestros Mártires Mexicanos: Viva Cristo Rey, Viva la Virgen de Guadalupe !

Joaquín Sáenz Arriaga

Pbro. y Dr. Joaquín Sáenz y Arriaga

Testigo

Xavier Wiechers

Testigo

Carlos Carrillo

Testamento original do Pe. Dr. Joaquín Sáenz Arriaga, assinado de próprio punho e certificado pelas testemunhas Xavier Wiechers e Carlos Carrillo.

OBRAS DO AUTOR

Poesia

- Fluxo poético. Edições Saeta, Cidade do México, 1977. (Inclui: Ilusões. Editorial Polis, 1938. Recordações, 1938. Esperança, 1939. Tahosser, 1940. Horizontes interiores, Cidade do México, 1946. Esta ânsia moribunda, 1958. Poema taurino, 1976.)

Contos

- O retrato de Ovalito e outros oito contos. Editorial Patria, Cidade do México, 1959.

Estudos Literários

- Com a prosa da Nova Espanha. Editorial Patria, Cidade do México, 1968.

História

- História da ACIM, 1910–1925. 1ª edição: "De don Porfirio a Plutarco", Editorial Jus, Cidade do México, 1958. 2ª edição: "A juventude católica e a Revolução Mexicana". Editorial Jus, Cidade do México, 1963.
- História da ACIM, 1925–1931. 1ª edição: "México Cristero", Editorial Patria, Cidade do México, 1960. 2ª edição, 1966.

Ensaios

- Palestra espiritual. Editorial Jus, Cidade do México, 1965.

Biografia

- Bernardo Bergoênd, S. J. Editorial Tradição, Cidade do México, 1972.
- Um jovem sem história. Editorial Tradição, Cidade do México, 1973.
- Excomungado! Trajetória e pensamento do Pro. Dr. Joaquín Sáenz Arriaga, Cidade do México, 1980.

Polêmica

- Lança em riste diante dos ataques do progressismo marxista. Cidade do México, 1968.
- Os demolidores da Igreja no México. Edições Saeta, Cidade do México, 1972.
- Igreja Tina, Santa, Católica e Apostólica. Edições Saeta, Cidade do México, 1977.

Face oculta da FSSPX

Face oculta da FSSPX n°3[1] suas conexões com a Maçonaria e várias Organizações Mundialistas

Domingo, 29 de agosto de 2010

Artigo original disponível no site Virgo Maria

- Os Laços Muito Estreitos da Família do Padre Pierre-marie (Avrillé - Geoffroy de Kergorlay) com os Meios Mundialistas Anglo-saxões
- I - O Conde Denis de Kergorlay, um Homem das Redes Mundialistas
  - Introdução
  - O que é o Aspen Institute?
  - O IFRI, dirigido por um próximo de Denis de Kergorlay: Thierry de Montbrial
  - A Fundação Ditchley
  - The KitSon
  - As redes muito sociais de Denis de Kergorlay
- II – A Colusão de Ratzinger e do Vaticano com os Mesmos Meios Globalistas com o Objetivo de Instituir a Futura Religião Universal Anticristã da Nova Ordem Mundial
  - “Conselheiros” nada católicos junto a Bento XVI
  - Bento XVI defende abertamente o globalismo maçônico
  - A perfídia criminosa do padre de Cacqueray e de Dom Fellay
- III – Por Meios de seus Falaciosos Estudos Teológicos, o padre Pierre-marie D’avrillé (Geoffroy de Kergorlay) defende e legitima a Igreja Conciliar e seus Pontífices
  - Introdução

    - Avrillé defende a autenticidade do texto publicado pelo Vaticano em 26 de maio de 2000
    - Avrillé defende a validade do ritual conciliar de consagração episcopal
    - Avrillé divulgou a tese herética de uma hierarquia para duas Igrejas

- Referências

Os Laços Muito Estreitos da Família do Padre Pierre-marie (Avrillé - Geoffroy de Kergorlay) com os Meios Mundialistas Anglo-saxões

OS LAÇOS MUITO ESTREITOS DA FAMÍLIA DO PADRE PIERRE-MARIE (Avrillé - Geoffroy de KERGORLAY) COM OS MEIOS MUNDIALISTAS ANGLO-SAXÕES

Difusão do ótimo dossiê de *Résistance Catholique**[2]*** publicado em 26 de julho de 2010

http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-07-26_D_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_DE-KERGORLAY.pdf

http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-07-26_D_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_DE-KERGORLAY_ANNEXES.pdf

OS LAÇOS DA FAMÍLIA DE KERGORLAY COM OS MEIOS MUNDIALISTAS ANGLO-SAXÕES

Monastério de Avrillé – Castelo de Canisy (Normandia) – Círculo da União Interaliada (Paris)

Apesar das **tentativas de intimidação** e das **ameaças escritas** que nos foram **endereçadas por um representante do Distrito da França** após a publicação das duas partes anteriores de

nosso **dossiê especial**, publicamos hoje sua terceira e última parte.

Nela, iremos retomar informações que foram objeto há algum tempo de um importante dossiê do site ***virgo-maria.org*** que recomendamos vivamente:

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-02-12-A-00-Canisy_Kergorlay.pdf

Aportaremos aqui algumas precisões e desenvolvimentos.

No entanto, convidamos nossos leitores a aprofundar-se em todos os dados factuais que foram publicados. Pois, através desse trabalho pessoal, eles poderão perceber por si mesmos os laços e núcleos que existem entre certos meios mundialistas e maçônicos e os meios da "Tradição", especialmente a FSSPX.

Dois irmãos, dois caminhos... Oposição ou convergência?

> « ***Desmascarar os autores ocultos, expor seu desígnio, torna-se uma necessidade absoluta*** *para melhor* ***esclarecer nossa resistência*** *e solidificar nossa vontade* ».
>
> « *Há mais do que convergência, há* ***identidade de objetivo entre a revolução na Igreja e a grande política internacional****. Essa* ***pseudo-igreja universal*** *à qual se está tendendo não seria senão o* ***suporte espiritual de um governo mundial****, que, por sua vez, seria o* ***aparelho papal e visível de uma nova religião, aquela da humanidade*** ».
>
> « *Finalmente, um sincronismo na marcha de* ***eventos paralelos****.* ***O progresso da revolução na Igreja tem acompanhado, nos últimos dois ou três anos, o avanço do globalismo****.* ***Um laço estreito une os dois movimentos*** *. Não se trata apenas da* ***emulação de eclesiásticos, ambiciosos de estar na crista da onda da história*** *que acelera o primeiro; é, acima de tudo, a* ***urgência do encontro*** *que o precipita. Para compreender bem essa marcha, é necessário reposicioná-la no contexto da grande política internacional* ».
>
> **(Pierre Virion, *O complô*, 1969).**

I - O Conde Denis de Kergorlay, um Homem das Redes Mundialistas

Introdução

Há algum tempo, vemos a maçonaria e suas organizações satélites se exibirem em todo lugar, na capa de numerosas revistas ou ainda sendo tema de programas de televisão. Curiosamente, as diferentes obediências e outros círculos de influência parecem abrir suas portas, alternativamente, para os órgãos de imprensa do Sistema.

Foi assim que *Le Figaro magazine* dedicou, em 30 de abril de 2010, um dossiê especial intitulado « ***os círculos e lugares de poder*** ».

Esse súbito entusiasmo e esse interesse declarado por essas **organizações das sombras** por parte da imprensa sob o controle desses mesmos grupos ocultos não são particularmente perturbadores?

Neste número, *Le Figaro*, um diário nas mãos da Socpresse, fundada por **Robert Hersant** e hoje dirigido pelo industrial e senador **Serge Dassault**, nos fornece, portanto, uma apresentação favorável de alguns dos círculos mais influentes da vida política e econômica francesa.

Entre eles está o ***Círculo da União Interaliada***, presidido, desde recentemente, por um certo... **conde Denis de Kergorlay**, que até então era o mais jovem dos cinco administradores.

No número 290 (de 1 a 15 de fevereiro de 2010) de sua Carta de informações confidenciais, *Fatos e Documentos*, Emmanuel Ratier anunciou a eleição de Denis de Kergorlay à presidência do *Interallié*.

FAITS & DOCUMENTS

LETTRE D'INFORMATIONS CONFIDENTIELLES D'EMMANUEL RATIER

SOMMAIRE PORTRAIT MATTHIEU PIGASSE

N° 290 8 €

1er au 15 février 2010

► C'est finalement Denis de Kergorlay qui a succédé, courant décembre, à l'ancien ministre Pierre-Christian Taittinger, comme président du Cercle de l'Union interalliée (plus connu sous le nom de « L'Interallié »), l'un des clubs les plus chics de la capitale. Président exécutif d'Europa Nostra, de l'association franco-américaine French Heritage Society (depuis 2008), ainsi que du Nouveau Cercle, cet administrateur de sociétés présente un étonnant profil : âgé de 62 ans, il fut, dans sa jeunesse, un adepte de la contre-culture hippie, connue durant ses études aux Etats-Unis. Il participa à la campagne de l'écologiste malthusien René Dumont en 1981. Ayant appelé à voter pour François Mitterrand en 1988, il a également été trésorier de Médecins sans frontières et de Libertés sans frontières. Dans son château de Canisy (Manche), commune dont il fut maire, il organisa, durant des lustres, des séminaires de haut niveau, regroupant des membres de la « nomenklatura politico-journalistico-intellectuelle parisienne » (*Globe*, septembre 1988), souvent membres de l'Institut Aspen-France, filiale d'une importante fondation mondialiste américaine, dont il fut l'un des principaux dirigeants.

Fac-símile de *Faits et documents* n° 290 de 1 a 15 de fevereiro de 2010

Assim, Emmanuel Ratier nos informa que Denis de Kergorlay foi « ***um dos principais dirigentes*** » **do** « ***Instituto Aspen-França, filial de uma importante fundação mundialista americana*** ». Voltaremos a isso mais adiante...

Notemos, a título de curiosidade, que muitos desses círculos de influência mundialistas são presididos por membros da alta aristocracia francesa: o presidente do *Jockey Club* é **François-Eugène de Cossé, duque de Brissac**; o *Novo Círculo da União* é presidido pelo **conde Gaëtan de Boysson**; o *Automobile Club de France*, que abriga os jantares mundialistas do *Siècle* todas as últimas quartas-feiras do mês, é dirigido pelo **marquês Hugues du Rouret**; finalmente, *The Travellers* é dirigido pelo **barão Gérard de Waldner**!

Criado para prolongar os laços estabelecidos entre as potências ao final da Primeira Guerra Mundial, **o Círculo da União Interaliada** rapidamente se abriu para advogados e homens de negócios. Todos se misturam à vontade em um hotel particular do faubourg Saint-Honoré. O hotel dá para um parque de 4.500 m², vizinho ao do Élysée. A atmosfera é propícia para negócios, em torno de um drinque ou de uma refeição, no salão de leitura ou no centro esportivo. Os dirigentes de bancos são numerosos, como **Dominique Bazy**, o chefe da **UBS** França, e **Peter Boyles (HSBC)**. Alguns grandes patrões de empresas públicas também têm seus hábitos por lá, como **Pierre Mongin (RATP)** e **Augustin de Romanet (Caisse des Dépôts)**.

Os jardins do *Interallié* fazem fronteira com os da embaixada da Grã-Bretanha e do Élysée.

Graças a este dossiê do *Figaro*, descobrimos que **Jean-Denis Bredin**, que já mencionamos na primeira parte deste dossiê, **membro da Fundação Pierre Lafue ao lado do padre Alain** [redacted] é dirigido por [redacted]**ergorlay)**.

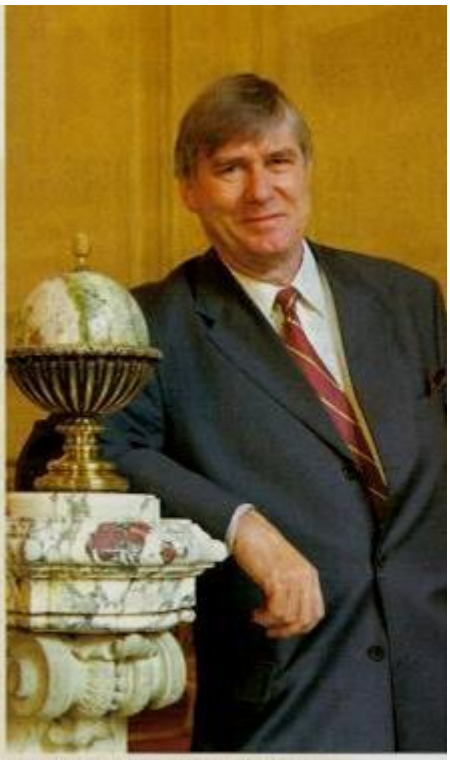
Todas essas

conexões ocultas e mundanas não são um tanto perturbadoras?

Na página 49, *Le Figaro magazine* publica uma entrevista lisonjeira com o recém-eleito presidente do *Interallié*. Reproduzimos aqui na íntegra.

DENIS DE KERGORLAY
« Une certaine image de la réussite et du savoir-vivre »

Pour le président de l'Interallié, « appartenir à un club offre une réelle bouffée d'oxygène ».



« Pour beaucoup, le cercle est presque une seconde famille », explique Denis de Kergorlay.

Le Figaro Magazine – A quoi servent les cercles ?

Denis de Kergorlay – Les cercles ont beaucoup évolué avec le temps. Avant, c'était un « truc » d'hommes où l'on venait pour taper les cartes. Les membres étaient des gens qui n'avaient pas nécessairement besoin de travailler, ils fréquentaient un cercle pour s'occuper, se distraire et voir du monde. Aujourd'hui, c'est différent. Les gens travaillent et, pour eux, l'appartenance à un cercle offre une réelle bouffée d'oxygène. Ce n'est pas un hasard si les jeunes sont de plus en plus nombreux à frapper à nos portes.

Comment expliquez-vous cet engouement ?

Nous vivons dans une société de plus en plus agressive, notamment dans la sphère professionnelle, où la reconnaissance ne s'obtient qu'à la force du poignet. A l'opposé, les cercles sont des lieux de détente très privilégié où les membres sont polis, s'intéressent aux autres, s'estiment et se respectent mutuellement. Tout cela est si rare aujourd'hui ! A l'Interallié, quelqu'un qui se comporterait mal, qui aurait par exemple une mauvaise éthique en affaires, ne serait pas accepté.

Face à la brutalité du monde, les cercles sont donc un refuge...

Ce sont des havres de paix. La fréquentation d'un cercle est un moment privilégié qui vient s'insérer entre le bureau et la vie familiale. Dans leur cercle, les membres se sentent chez eux. Pour beaucoup, c'est presque une seconde famille.

Comment définiriez-vous l'Interallié ?

Le Cercle de l'Union interalliée a été fondé en 1917, au lendemain de l'entrée en guerre officielle des Etats-Unis. L'idée était de créer un lieu d'accueil et d'échanges pour les officiers et personnalités des nations de l'Entente. Encore aujourd'hui, cette dimension internationale perdure : environ 20 % des membres sont des étrangers, ce qui est un gage d'ouverture sur le monde et la vie. Nos membres proviennent de tous les horizons (grands patrons, personnalités politiques, diplomates, avocats...) ; ils incarnent, chacun à leur manière, une certaine image de la réussite et du savoir-vivre. L'Interallié est une très belle vitrine de l'excellence française. C'est aussi, pour ses membres, un formidable lieu d'échanges et de rencontres, chacun pouvant trouver ici l'occasion de s'enrichir personnellement au contact des autres. Enfin, l'Interallié est une institution solide, installée dans la durée et propriétaire de ses murs, qui emploie 150 personnes très attachées au cercle et entretenant avec les membres une relation privilégiée. C'est aussi une institution qui a une légitimité forte, de par le rayonnement qu'elle exerce.

En tant que nouveau président, avez-vous des projets qui vous tiennent à cœur ?

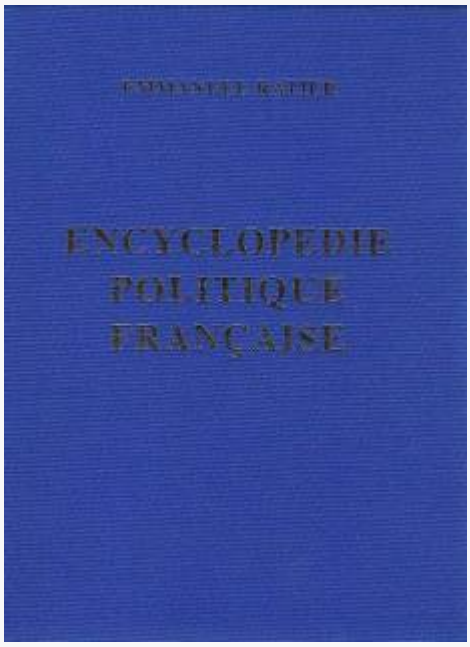
Mon souhait est de définir un nouveau projet culturel pour l'Interallié. Mes prédécesseurs ont dépensé une énergie fantastique pour améliorer les conditions matérielles de la vie du cercle (installations sportives, travaux d'embellissement, rénovations diverses...). Cela étant acquis, j'aimerais que l'Interallié aille à la rencontre des gens qui font le XXIe siècle dans les domaines de la musique, de l'architecture, de la sculpture... et qu'ils s'y sentent bien reçus. Mettons ce formidable outil qu'est l'Interallié, et la variété des réseaux de ses membres, au service de l'art et du rayonnement culturel de notre pays !

Mas quem é precisamente o conde Denis de Kergorlay?

> « Diretor de empresa, nasceu em 9 de fevereiro de 1947 em Paris. É sobrinho do conde Roland de Kergorlay, diretor da Sociedade Europeia de Satélites,

embaixador da CEE nos EUA, com quem tem laços muito próximos. **Seu irmão Pierre-Marie é membro da Fraternidade São Pio X**. **A família Kergorlay, enobrecida em 1671, é aliada aos Wendel por meio do conde Bernard de Kergorlay. Atraído pela contracultura hippie nos Estados Unidos no início dos anos setenta, este diplomado da Universidade de Columbia fez parte do estado-maior de campanha de René Dumont em 1981. Conselheiro municipal de Canisy, sucedeu ao prefeito, falecido, em 1985. Em 1988, ele chamou a votar em François Mitterrand, após ter estado próximo dos meios barristas. Em setembro de 1988, apresentou-se às eleições cantonais contra o conselheiro geral do FN, Fernand Le Rachinel, com o apoio do PS, do RPR e da UDF, que não apresentaram candidatos contra ele. Ele é também tesoureiro da Médicos Sem Fronteiras e de Liberdades Sem Fronteiras. Em seu castelo do século XVII, cercado por um parque de 250 hectares, este** *homem das sombras* **recebe quase todo fim de semana uma cinquentena de hóspedes pagantes da « nomenklatura político-jornalístico-intelectual parisiense » » *(Globe, setembro de 1988). Ele organiza discretos seminários internacionais mundialistas de alto nível em nome do Instituto Aspen-França, criado em 1983*. Trata-se da filial francesa do *Aspen Institute for Humanistic Studies of Washington, fundação mundialista americana* fundada em 1950.**

KERGORLAY Denis (Comte de). Directeur de sociétés, né le 9 février 1947 à Paris. Il est le neveu du comte ◇ Roland de Kergorlay, directeur de la Société européenne de satellites, ambassadeur de la CEE auprès des USA, avec qui il est très lié. Son frère Pierre-Marie est membre de la Fraternité Saint-Pie V. La famille Kergorlay, anoblie en 1671, est alliée aux Wendel par le comte Bernard de Kergorlay. Adepte de la contre-culture hippie aux Etats-Unis au début des années soixante-dix, ce diplômé de l'université de Columbia a appartenu à l'état-major de campagne de René Dumont en 1981. Conseiller municipal de Canisy, il a succédé au maire, décédé, en 1985. En 1988, il a appelé à voter pour François Mitterrand, après avoir été proche des milieux barristes. En septembre 1988, il s'est présenté aux élections cantonales contre le conseiller général sortant FN ◇ Fernand Le Rachinel, avec l'appui du PS, du RPR et de l'UDF qui ne présentèrent aucun candidat contre lui. Il est également trésorier de Médecins sans frontières et de Libertés sans frontières. Dans son château XVII', entouré d'un parc de 250 hectares, cet homme de l'ombre reçoit presque chaque week-end une cinquantaine d'hôtes payants de la « nomenklatura politico-journalistico-intellectuelle parisienne » (*Globe*, septembre 1988). Il organise de discrets séminaires internationaux mondialistes de haut niveau au nom de l'Institut Aspen-France, créé en 1983. Il s'agit de la filiale française de l'Aspen institute for humanistic studies of Washington, fondation mondialiste américaine créée en 1950. Le président est ◇ Olivier Mellério (joaillier), la vice-présidente ◇ Jacqueline Grapin (correspondante du *Figaro* à Washington), le secrétaire général ◇ Denis Zewudacki (secrétaire général du CNPF), le trésorier ◇ Raphaël Hadas-Lebel (secrétaire général d'Elf-Aquitaine). L'une des listes des participants (août 1988) donnera une idée de l'ampleur des manifestations : Umberto Agnelli (Fiat), Bernao Bracher (gouverneur de la Banque centrale du Brésil), Robert Dalziel (président d'ATT), ◇ Jacques-Henri David (directeur général de Saint-Gobain), ◇ Jean-Louis Gergorin (directeur de Matra), Toyoo Ghyohten (chargé des affaires interna-



Enciclopédia Política Francesa de Emmanuel Ratier

> *« O presidente é Olivier Mellério (joalheiro), a vice-presidente Jacqueline Grapin (correspondente do Figaro em Washington), o secretário-geral Denis Zewudackí (secretário-geral do CNPF), o tesoureiro Raphaël Hadas-Lebel (secretário-geral da Elf-Aquitaine). Uma das listas dos participantes (agosto de 1988) dará uma ideia da abrangência das manifestações: Umberto Agnelli (Fiat), Bernao Bracher (governador do Banco Central do Brasil), Robert Dalziel (presidente da ATT), Jacques-Henri David (diretor-geral da Saint-Gobain), Jean-Louis Gergorin (diretor da Matra), Toyoo Gyohten (responsável pelos assuntos internacionais no ministério das Finanças do Japão), Karen Elliot (editorialista do Wall Street Journal), Richard Gardner (ex-embaixador americano na Itália), W.D. Eberle (conselheiro econômico de Nixon e Ford), Robert McNamara, Jacques Delors, Jean-Claude Trichet (diretor do Tesouro), Denis Gautier-Savagnac, Jean-Marie Daillet (deputado mitterrandista de Saint-Lô), Bruno Durieux, Pierre Rosanvallon (secretário-geral da Fundação Saint-Simon), etc.* » **Emmanuel Ratier, em sua *Enciclopédia Política Francesa***, edições *Facta*, 2005.

O **padre Pierre-Marie o.p. (Geoffroy de Kergorlay)**, irmão mais novo de Denis de Kergorlay, nasceu em 6 de março de 1952. Ele foi **guenoniano** antes de se converter ao frequentar o MJCF e as conferências do **padre de Nantes**. Em seguida, juntou-se ao **Padre Guérard des Lauriers** e a Écône, onde foi **ordenado sacerdote em 1983** por Dom Lefebvre.

Para completar o retrato do conde Denis de Kergorlay, **que nos últimos anos experimentou uma « ascensão » particularmente surpreendente**, retomemos aqui os **elementos de biografia** apresentados pelo site ***wikimanche.fr***:

> **« *Denis de Kergorlay*, nascido em Paris em 9 de fevereiro de 1947, é um político e um chefe de empresa da Manche.**
>
> *Denis de Kergorlay é filho de **Yves-Louis de Kergorlay** (1912 - 1976) e de **Marie de Boysson** (1913). Ele é casado com **Marie-Christine de Percin**, com quem tem dois filhos.*
>
> *Ele estudou em Paris, no Instituto de Estudos Políticos, e depois na **universidade de Assas**. Mudou-se para os Estados Unidos para frequentar as aulas da **universidade de Columbia** em Nova Iorque.*
>
> *Iniciou sua carreira profissional em 1976 como attaché cultural na embaixada da França na Tailândia.*
>
> *Em 1977, integrou a organização humanitária **Médicos Sem Fronteiras**. Ele ocupou diferentes cargos na Tailândia, no Camboja, no Afeganistão e na Etiópia. Foi tesoureiro dessa organização de 1981 a 1987.*

> *É proprietário do castelo de Canisy (século XVI), que transformou em 1978 em uma casa de hóspedes, onde organiza concertos e seminários.*
>
> *Foi* ***prefeito de Canisy*** *de 1985 a 1995, e depois primeiro vice-prefeito de 1995 a 1998. Candidatou-se às eleições municipais de 2008, mas sua lista não elegeu nenhum dos 15 postos disponíveis.*
>
> *É amigo da cantora americana* ***Joan Baez*** *(1941), conhecida no Camboja, que recebe regularmente em seu castelo desde 1980.*
>
> *É presidente executivo da associação* ***Europa Nostra****, que milita pela preservação do patrimônio europeu. Ele é administrador da* ***La Demeure historique*** *desde 2000 e presidente da* ***French Heritage Society*** *desde 2008.*
>
> *Foi eleito presidente do* ***Círculo da União Interaliada*** *em 2009. »*
>
> **(http://www.wikimanche.fr/Denis_de_Kergorlay)**

http://www.europanostra.org/news/57/

O Congresso anual de *Europa Nostra*, do qual o conde Denis de Kergorlay é presidente executivo desde 2008, foi realizado este ano em Istambul, na Turquia!

O site ***virgo-maria*** nos fornece essas outras informações:

> “ Denis de Kergorlay é « *casado com uma* ***advogada de negócios***, ***diretora de um escritório de advocacia parisiense*** *e inserida nos meios de comunicação e da política (de 2002 a 2005, foi* ***membro do observatório da paridade entre homens e mulheres****)* ».

http://www.canisy.com/eng/hist.php?Id=4

http://www.canisy.com/histoire-chambres-hotes.php

*« Gerente de mais de 90% das ações da **Sociedade Civil do Domínio de Canisy** (capital de 167.693,92 euros), uma fração é detida por uma herdeira do tio Roland de Kergorlay e outra fração pequena pela associação "Os Amigos de Canisy", sendo que uma alteração menor nas ações ocorreu no 28 de julho de 2009.*

Os estatutos constitutivos datam de 22 de novembro de 1946.

*Uma mudança na gerência ocorreu em 30 de junho de 1978, **com a morte do conde Yves de Kergorlay em 27 de dezembro de 1976**.*

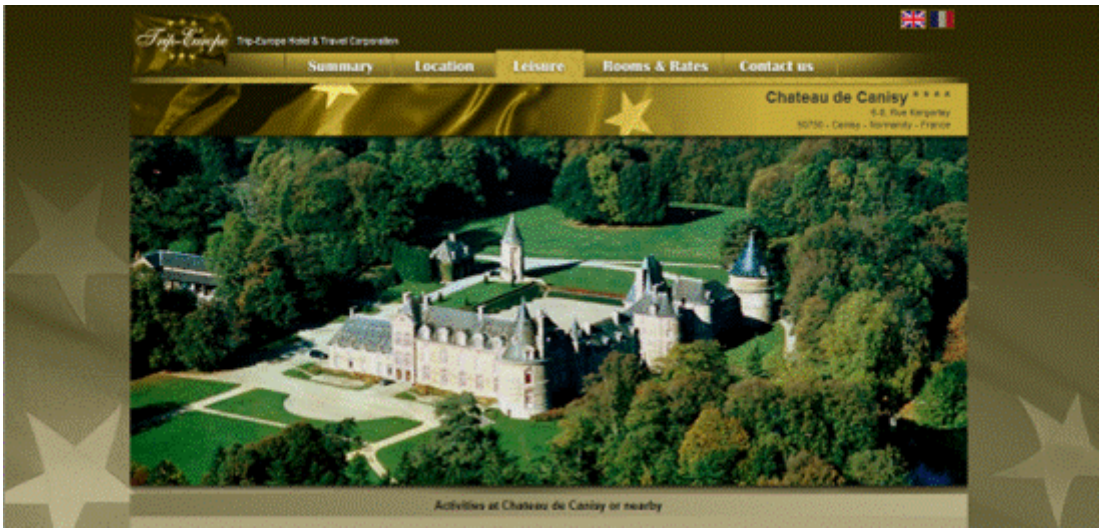
*Portanto, a partir do controle da gerência por Denis de Kergorlay em 1978, se dá a transformação do castelo de Canisy em uma casa de hóspedes **e começa a recepção de círculos mundialistas, incluindo o famoso e muito influente Aspen Institute.***

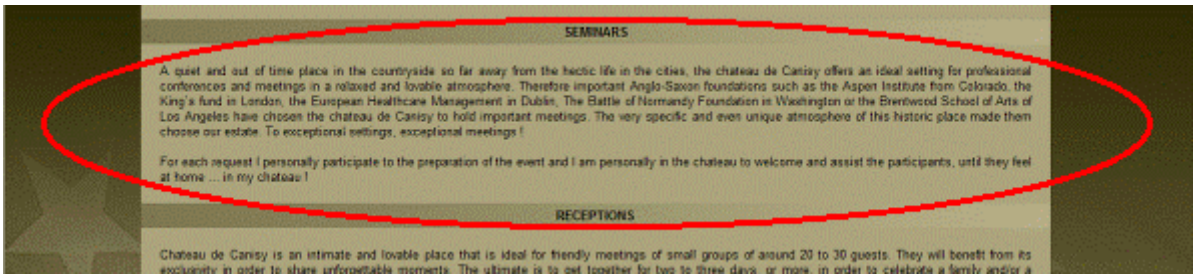
*Destacamos também a **SARL Le Cercle de Canisy**, registrada*

em 30 de junho de 1992 no registro do comércio e das sociedades, e cuja gerência é de Denis de Kergorlay. Seu objetivo é:

> *"a organização de seminários, conferências e todos os serviços acessórios, notadamente tudo o que diz respeito à restauração e hospedagem da clientela."*
>
> *Denis de Kergorlay é também sócio gerente (sócio da **Fundação França**, agindo em nome da **Fundação Canisy** sob sua égide) dentro da **Sociedade Civil e Imobiliária de Kergorlay-Tigery**, registrada em 21 de outubro de 2002 no registro do comércio e das sociedades».*
>
> **http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-02-12-A-00-Canisy_Kergorlay.pdf**

Portanto, é no âmbito da SARL *Le Cercle de Canisy* que o conde de Kergorlay organiza seus seminários e encontros mundialistas...

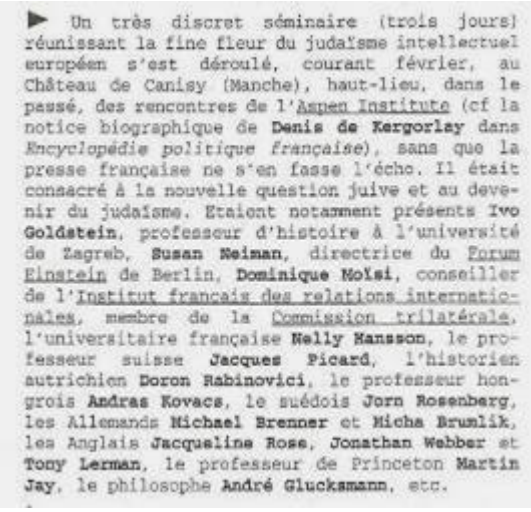




http://www.chateaucanisy.com/chateau_de_canisy_leisure.html

A organização mais importante a realizar suas reuniões no castelo de Canisy é, sem dúvida, o ***Aspen Institute***, mencionado no próprio site do castelo de Canisy (acima).

Denis de Kergorlay também recebe em seu castelo discretos seminários da **comunidade judaica**:



► Un très discret séminaire (trois jours) réunissant la fine fleur du judaïsme intellectuel européen s'est déroulé, courant février, au Château de Canisy (Manche), haut-lieu, dans le passé, des rencontres de l'Aspen Institute (cf la notice biographique de **Denis de Kergorlay** dans *Encyclopédie politique française*), sans que la presse française ne s'en fasse l'écho. Il était consacré à la nouvelle question juive et au devenir du judaïsme. Etaient notamment présents **Ivo Goldstein**, professeur d'histoire à l'université de Zagreb, **Susan Neiman**, directrice du Forum Einstein de Berlin, **Dominique Moïsi**, conseiller de l'Institut français des relations internationales, membre de la Commission trilatérale, l'universitaire française **Nelly Hansson**, le professeur suisse **Jacques Picard**, l'historien autrichien **Doron Rabinovici**, le professeur hongrois **Andras Kovacs**, le suédois **Jorn Rosenberg**, les Allemands **Michael Brenner** et **Micha Brumlik**, les Anglais **Jacqueline Rose**, **Jonathan Webber** et **Tony Lerman**, le professeur de Princeton **Martin Jay**, le philosophe **André Glucksmann**, etc.

Fac-símile de *Faits et documents* n° 171 de 1 a 15 de abril de 2004

Em fevereiro de 2004, « um **seminário muito discreto** (três dias) reunindo a elite do **judaísmo intelectual europeu** ocorreu, durante fevereiro, no castelo de Canisy (Manche)... Ele foi dedicado à **nova questão judaica e ao desenvolvimento do judaísmo** » (Trechos de *Faits et documents* n°171).

A apresentação de todas as organizações ocultas e globalistas com as quais Denis de Kergorlay está envolvido seria longa demais. Por isso, decidimos fazer uma apresentação das mais significativas.

Para isso, nos baseamos em um estudo particularmente detalhado sobre sociedades secretas e círculos ocultos: *Maçonaria e seitas secretas: o lado oculto da história* de Epiphanius (edições *Courrier de Rome*). Este livro, cuja leitura recomendamos fortemente, é uma mina de informações sobre o assunto.

As instituições e organizações globalistas são muito numerosas, o que permite ao poder oculto constituir uma vasta e poderosa rede de influência com múltiplas ramificações.

Uma das principais características dessas redes globalistas é a pertença de certos personagens influentes a várias dessas organizações, o que resulta na criação de pontes entre elas e, consequentemente, na promoção da homogeneidade e

convergência de suas ações dentro da sociedade.

Para ajudar o leitor, publicaremos aqui ou em anexos vários fac-símiles desta obra de referência.

O que é o Aspen Institute?

Emanado do grupo *Bilderberg*, do qual é um dos seus revezes ideológicos, o ***Instituto Aspen***, fundado em Aspen (Colorado) em 1949 e atualmente baseado em Washington, é um « *círculo de reflexão e influência internacional* ». Seu objetivo é « *ajudar os tomadores de decisão provenientes do mundo econômico, político, universitário, associativo, sindical e da mídia a identificar melhor os desafios que enfrentam, buscando juntos soluções para os problemas contemporâneos* ».

O **Instituto Aspen França** é um capítulo do Instituto Aspen. É um « *centro internacional de troca e reflexão criado em 1983* ». Tem sua sede em Lyon e opera como uma rede de tomadores de decisão que se beneficiam do financiamento de empresas, coletividades ou escolas de negócios: Capgemini, Insead, HEC Paris ou Euronews.

Seu comitê de supervisão é presidido por Jean-Pierre Jouyet, que sucedeu Michel Pébereau do BNP Paribas, que se torna presidente honorário.

Vários membros do Instituto Aspen França também pertencem ao *Bilderberg*, à *Trilateral* ou ainda ao *Siècle*.

Para saber mais, os sites da organização são: **www.aspenfrance.org** e **www.aspeninstitute.org**.

Vamos agora examinar o que nos diz a obra *Maçonnerie et sectes secrètes: le côté caché de l'histoire* sobre o *Aspen Institute*.

> « *O Aspen Institute for Humanistic Studies foi* ***fundado em 1949*** *no Colorado por* ***Robert Maynard Hutchins***, ***Grande Comendador da Ordem de São***

> ***João de Jerusalém*** *– uma ramificação da* ***Side Masonery****, a alta maçonaria britânica...* » (página 731).

sistes. Une partie de ce "gouvernement de l'ombre" participa à Turin, du 27 au 29 avril suivants, à un congrès de l'Aspen Institute [1421]. »

L'**Aspen Institute for Humanistic Studies** fut fondé en 1949 au Colorado par Robert Maynard Hutchins, Grand Commandeur de l'Ordre de Saint Jean de Jérusalem - une branche de la *Side Masonry*, la haute maçonnerie britannique. Président de l'Université Rockefeller de Chicago entre 1929 et 1950, créateur avec Giovanni A. Borgese dans l'immédiat après-guerre du mouvement pour le Gouvernement mondial [1422], directeur des programmes de la Fondation Ford au début des années Cinquante, Hutchins était en rapport avec Aldous Huxley pour l'étude des drogues. Il fut impliqué dans les années Soixante, alors qu'il était déjà retraité, dans un trafic de drogue [1423].

Au moment de la fondation, Hutchins avait à ses côtés de nombreux fabiens du C.F.R. américain et du R.I.I.A. britannique qui, sous le prétexte d'« études humanistes », cherchaient à coopter des personnalités du monde économique et industriel pour les orienter vers des analyses et des prospectives « globales », des lois mondialistes au sens technocratique, pour ensuite les faire insérer dans les programmes de gouvernement de leurs pays respectifs.

Depuis 1970 l'Aspen Institue a une succursale à Berlin, et à Rome depuis 1985. Il possède depuis 1986 un château à Canisy en Normandie, où se tiennent souvent ses réunions. Il a aussi, sous un autre nom, un siège à Tokyo.

1421. « *Il Giornale* », 24 avril 1987.
1422. « *Il Sole - 24 ore* », 21 avril 1992.
1423. Cf. Kalimtgis, Steinberg, Goldman, « *Droga, S.p.A.* », pp. 61 et 404 et Peter Blackwood, « *Die Netzwerke der Insider* », Diagnosen Verlag, Leonberg, Allemagne, 1986, p. 196.

731

Fac-símile da página 731

> « *Desde 1970, o* ***Aspen Institute tem uma filial em Berlim e em Roma desde 1985. Desde 1986, possui um castelo em Canisy, na Normandia, onde frequentemente realiza suas reuniões. Também possui, sob um outro nome, uma sede em Tóquio*** » (página 731).

Essa informação é bastante perturbadora.

De fato, **a quem realmente pertence o castelo de Canisy?** Ao conde Denis de Kergorlay ou ao *Aspen Institute*?

> *« O **chefe do Aspen Institute** foi por muito tempo **Robert O. Anderson**, ex-secretário do Tesouro americano, **um dos diretores do C.F.R., membro do Bilderberg e da Trilateral…** » (página 732).*

américaine Dawes, notamment chez le banquier Charles Gates Dawes, membre de la Pilgrims' Society, ambassadeur américain en Grande-Bretagne entre 1929 et 1932, qui avait lié son nom au fameux Plan Dawes pour les réparations de guerre allemandes.

En 1974 la Fondation d'Anderson a financé les mouvements écologistes pour imposer les énergies dites « alternatives » à l'énergie nucléaire, agissant de concert avec l'Aspen Istitute, qui profitait des mêmes financements de l'Atlantic Richfield [1424].

L'objectif de l'Aspen Institute, selon celui qui fut exprimé lors d'un congrès qui se tenait à Venise le 5 septembre 1986 par le président de l'époque de la section italienne, le juif Gianni de Michelis - présent également aux Symposiums du World Economic Forum à Davos :

> « d'asseoir à la même table les principaux protagonistes du monde politique, économique, financier **pour formuler des suggestions et des propositions qui, comme ce fut le cas dans le passé, seraient ensuite examinées par les organes responsables**; la prochaine réunion du Fonds Monétaire International, ainsi que celle *a latere* du G7 (groupe des sept pays les plus industrialisés du monde, N.d.R.) représentent pour cet objectif des rendez-vous importants. » [1425]

Comme on le voit ces intentions sont très proches de celles du Bilderberg, mais probablement dans un rapport de subordination à ce dernier et avec des valeurs plus nettement culturelles, - formations de cadres pour *l'Establishment* - mais aussi économiques, monétaires et commerciales.

L'Institut Aspen organise dans les diverses nations un ou deux « séminaires » par an, selon les nécessités, pour faire le point sur la situation économique, commerciale, financière en rapport avec la situation politique du moment, avec la participation de personnalités et de cadres des gouverne-

1424. Cf. F.W. Engdahl, « *A Century of War : Anglo-American Oil Politics and the New Order* », Concord, MA, 1992, Paul & Company Publishers Consortium. Il convient de mentionner que d'après le journal « *Nouvelle Solidarité* » du 1 octobre 1988, l'Atlantic Ritchfield Corporation et la Volkswagen seraient les multinationales principales responsables du déboisement sauvage de l'Amazonie.
1425. « *Il Giornale* », 6 septembre 1986.

732

Fac-símile da página 732

Os objetivos do ***Aspen Institute*** são « muito próximos » daqueles do ***Bilderberg***:

> *« Essas intenções são muito próximas das do Bilderberg, mas **provavelmente em um relacionamento de subordinação a este último e com valores***

> ***mais nitidamente culturais**, – formações de quadros para o **Establishment** – mas também econômicos, monetários e comerciais » (página 732).*

Você poderá consultar a íntegra do documento em anexo 1.

O IFRI, dirigido por um próximo de Denis de Kergorlay: Thierry de Montbrial

A amizade dele com Denis de Kergorlay merece que nos detenhamos um pouco sobre este personagem chave da intelectualidade globalista de alto nível.

Thierry René Henri Magloire de Montbrial, nascido em 1943, é um professor e pesquisador francês em economia e relações internacionais.

Ele é filho de **François de Montbrial**, inspetor geral do Banco da França, e de **Monique Lecuyer-Corthis**. Casou-se em 1967 com **Marie-Christine de Montbrial, nascida Balling**, produtora de cinema (StarDance Pictures) e filha de **Charles Balling** (nascido em 1912; X 1935). É pai de Thibault de Montbrial, advogado, e de Alexandra de Montbrial.

É graduado pela Escola Politécnica (X63) e pela Escola de Minas (1966). Antigo Engenheiro do corpo das minas, também possui doutorado em economia pela Universidade da Califórnia em Berkeley.

Ele dirigiu o Centro de Análise e Previsão (CAP) do Ministério das Relações Exteriores antes de **Jean-Louis Gergorin**.

Engenheiro geral das minas (honorário desde 1995), é o fundador do **departamento de economia da Escola Politécnica**, do qual foi presidente até 1992. É diretor da revista Política

Estrangeira e leciona ciências econômicas na Escola Politécnica, economia política aplicada e relações internacionais no Conservatório Nacional das Artes e Ofícios, bem como teorias das relações internacionais no Mestrado em Pesquisa em Relações Internacionais da Universidade Paris II Panthéon-Assas.

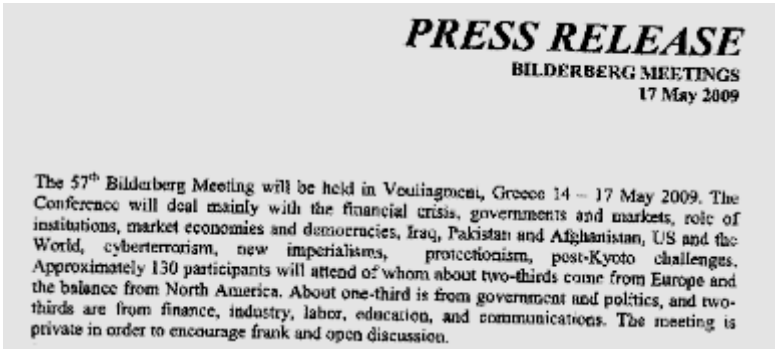
É o **fundador (1979) e diretor geral** do ***Instituto Francês de Relações Internacionais*** **(IFRI)** , que publica o relatório anual *Ramsès* (Relatório anual mundial sobre o sistema econômico e as estratégias).

Membro do Comitê de direção do grupo *Bilderberg* desde 1976, Thierry de Montbrial é membro de direito (julho de 2006) do Conselho do Centro de Estudos Prospectivos e de Informações Internacionais (CEPII) e membro do comitê de redação da revista *Foreign Policy*.

Ele também foi presidente da **Fundação para a Pesquisa Estratégica** de 1993 a 2001 e, desde dezembro de 2003, é presidente delegado do **Conselho de Prospective Europeia e Internacional para a Agricultura e a Alimentação**.

Editorialista no *Le Figaro*, depois no *Le Monde*, **Thierry de Montbrial também pertence à Comissão *Trilateral*** (fundada por **David Rockefeller**) **e ao *Siècle*.**

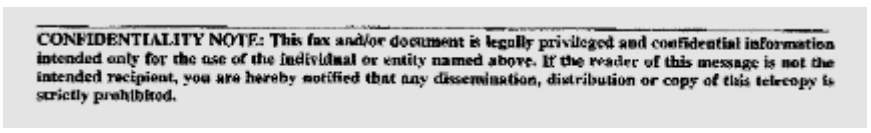
Nos **documentos confidenciais** abaixo, relativos à 57ª reunião do grupo *Bilderberg* que ocorreu de 14 a 17 de maio de 2009 na Grécia, encontramos o nome de Thierry de Montbrial na lista de seus membros-participantes.



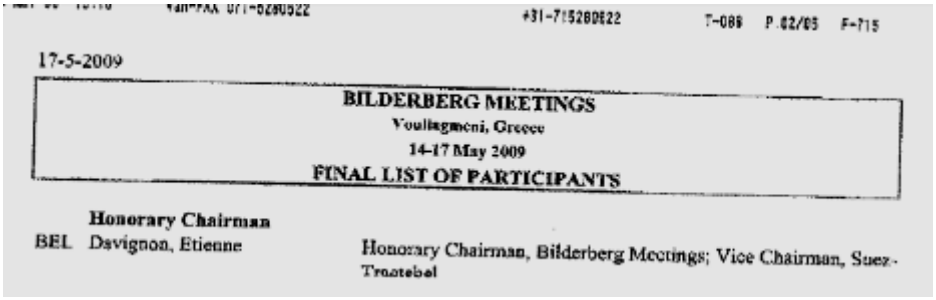
PRESS RELEASE

BILDERBERG MEETINGS
17 May 2009

The 57th Bilderberg Meeting will be held in Vouliagmeni, Greece 14 – 17 May 2009. The Conference will deal mainly with the financial crisis, governments and markets, role of institutions, market economies and democracies, Iraq, Pakistan and Afghanistan, US and the World, cyberterrorism, new imperialisms, protectionism, post-Kyoto challenges. Approximately 130 participants will attend of whom about two-thirds come from Europe and the balance from North America. About one-third is from government and politics, and two-thirds are from finance, industry, labor, education, and communications. The meeting is private in order to encourage frank and open discussion.



CONFIDENTIALITY NOTE: This fax and/or document is legally privileged and confidential information intended only for the use of the individual or entity named above. If the reader of this message is not the intended recipient, you are hereby notified that any dissemination, distribution or copy of this telecopy is strictly prohibited.

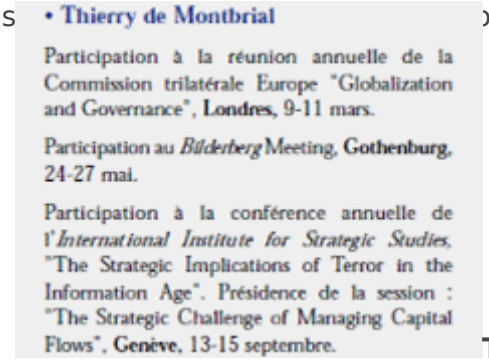


17-5-2009

BILDERBERG MEETINGS
Vouliagmeni, Greece
14-17 May 2009
FINAL LIST OF PARTICIPANTS

	Honorary Chairman	
BEL	Davignon, Etienne	Honorary Chairman, Bilderberg Meetings; Vice Chairman, Suez-Tractebel
GBR	Mandelson, Peter	Secretary of State for Business, Enterprise & Regulatory Reform
INT	Maystadt, Philippe	President, European Investment Bank
CAN	McKenna, Frank	Former Ambassador to the US
GBR	Micklethwait, John	Editor-in-Chief, The Economist
FRA	Montbrial, Thierry de	President, French Institute for International Relations
ITA	Monti, Mario	President, Università Commerciale Luigi Bocconi
ESP	Moratinos Cuyaubé, Miguel A.	Minister of Foreign Affairs
USA	Mundie, Craig J.	Chief Research and Strategy Officer, Microsoft Corporation
CAN	Munroe-Blum, Heather	Principal and Vice Chancellor, McGill University

A lista oficial dos parceiros do Instituto Francês de Relações Internacionais, o IFRI, do qual o diretor Thierry de Montbrial e o Vice-Presidente Tesoureiro, André Lévi-Lang, presidente do SG-Paribas, s o grupo *Bilderberg* e da Comissão *Trilateral*, é vertiginosa.



• Thierry de Montbrial

Participation à la réunion annuelle de la Commission trilatérale Europe "Globalization and Governance", Londres, 9-11 mars.

Participation au *Bilderberg* Meeting, Gothenburg, 24-27 mai.

Participation à la conférence annuelle de l'*International Institute for Strategic Studies*, "The Strategic Implications of Terror in the Information Age". Présidence de la session : "The Strategic Challenge of Managing Capital Flows", Genève, 13-15 septembre.

Trechos da agenda de Thierry de Montbrial publicados no relatório de atividades do IFRI de 2001

O IFRI é uma espécie de CFR à francesa. Nele encontramos políticos de direita e de esquerda, líderes de grandes empresas, jornalistas e alguns acadêmicos.

O IFRI é um dos 3 ***think tanks*** (ou "clubes de reflexão") mais influentes na França, junto com *Le Siècle* e a *Fundação Concorde*. Como seu nome indica, a atividade do IFRI é voltada para a política internacional, o que inclui questões como a economia, a globalização e os métodos de "governança".

Além das adesões de seus membros, o IFRI é **financiado por doações das maiores empresas francesas e de algumas empresas europeias e americanas**. A lista dessas empresas é impressionante. Praticamente todas as sociedades do CAC 40 estão presentes:

> Accor, Air France, Air Liquide, Alcatel, Arcelor, Areva, Arianespace, Axa, Barclays Bank, Bayard Presse, BNP Paribas, Bouygues, Caixa Bank, Carrefour, CCF, CNES,

> Crédit Agricole, Crédit Foncier de France, Crédit Lyonnais, Crédit Mutuel, Crédit Suisse, Daimler Chrysler, Danone, Dassault Aviation, Deutsche Bank, Dexia, EADS, Eiffage, EDF, Eramet, France Telecom, Global Equities, HSBC, IBM France, Instituto Francês do Petróleo, JP Morgan & Chase Manhattan Bank, KSB, La Mondiale, Lafarge, Lazard Frères, Les Echos, L'Oréal, o MEDEF, Mondial Assistance, Morgan Stanley, Natexis Banques Populaires, Nokia, Novartis Europe, PSA Peugeot Citroën, Renault, Banque Rothschild, RTE, Sagem, Sanofi Synthelabo, Schneider Electric, Scor, Siemens, Sociedade do Louvre, Sodexho, Suez, Thales, Total, Vivendi, etc…

A Fundação Ditchley

O relatório de atividades do IFRI de 2001 mencionou um **colóquio sobre as relações transatlânticas que ocorreu no castelo de Canisy de 29 de junho a 1 de julho de 2001. Estavam, entre outros, presentes: Hubert Védrine**, então ministro das Relações Exteriores, **Édouard Balladur** e **Richard Perle, conselheiro no Pentágono.**

Institut Français des Relations Internationales

RAPPORT D'ACTIVITÉ 2001

• Transatlantic Relations : Cooperation and Competitition

Ifri/Ditchley, Château de Canisy, 29 juin-1er juillet

Dominique Moïsi

Cette rencontre, organisée en partenariat avec la Ditchley Foundation (Royaume-Uni), par *Sir Nigel Broomfield*, Ditchley, et *Dominique Moïsi*, Ifri, avait pour objectif d'évaluer l'état des relations transatlantiques dans leur dimension économique et politico-stratégique. Elle a bénéficié de la présence de deux anciens Premiers ministres, co-présidents de la conférence, *Édouard Balladur* et *John Major*, et de celle du ministre des Affaires étrangères, *Hubert Védrine*. Elle a rassemblé des délégations française – conduite par *Thierry de Montbrial* –, britannique, canadienne et américaine.

Denis de Kergorlay, hôte de la réunion au château de Canisy, John Major, ancien Premier ministre de Grande-Bretagne, Hubert Védrine, ministre des Affaires étrangères, Sir Nigel Broomfield, président de la Ditchley Foundation et Thierry de Montbrial, Ifri.

Les participants sont allés au cœur des causes des tensions transatlantiques – alimentées selon les uns par les signaux confus adressés par l'Europe, par le syndrome américain de superpuissance selon les autres. Il a été convenu qu'en raison de la complexité des deux "systèmes", européen et américain, une approche sophistiquée était requise, notamment pour battre en brèche des perceptions mutuelles souvent émotionnelles. Dans le domaine économique, les participants ont reconnu que, si la culture des *shareholders* n'était pas bien établie en Europe à certaines exceptions près (capitalisme rhénan), les convergences entre les systèmes économiques avaient

http://www.ifri.org/?page=rapport-d_activite

Esse colóquio foi organizado por uma organização globalista britânica pouco conhecida: a ***Ditchley Foundation***.

O mesmo relatório do IFRI publicou uma foto onde podemos ver Denis de Kergorlay, anfitrião no castelo de Canisy, ao lado de **John Major**, ex-primeiro-ministro britânico, **de Hubert Védrine** (membro do *Siècle*, da *Comissão Trilateral* e do grupo *Bilderberg*), **de Thierry de Montbrial** e de **Sir Nigel Broomfield**, presidente da *Ditchley Foundation*.

"Governança global", "globalização", "segurança", "perigos e ameaças do crescimento demográfico"* ou ainda *"degradação do meio ambiente", esses eram os temas, caros aos globalistas, que foram abordados durante esse colóquio.

http://www.ditchley.co.uk/page/244/transatlantic-relations.htm

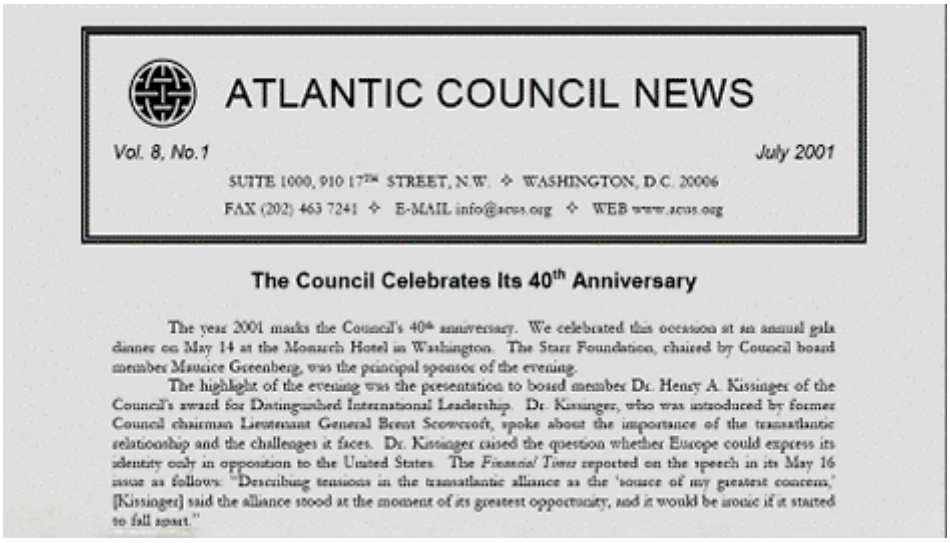
A ***Fundação Ditchley*** (***Ditchley Foundation***) é uma organização britânica totalmente privada fundada em 1958 por Sir David Wills. Ela está localizada na Ditchley House, perto de Chipping Norton, Oxfordshire, e tem como objetivo original desenvolver as relações internacionais entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Hoje, porém, inclui em suas discussões representantes de diferentes países.

http://www.ditchley.co.uk/

Atualmente dirigida pelo ex-primeiro-ministro inglês John Major, a *Ditchley Foundation* reúne quinze vezes por ano, em segredo, empresários, políticos, jornalistas e altos responsáveis da OTAN no Castelo Ditchley, na Inglaterra. Sua filial americana é dirigida por Richard Gardner, ex-embaixador dos Estados Unidos na Itália.

Para mais informações, anexamos no anexo 2 os fac-símiles das páginas do livro *Maçonnerie et sectes secrètes* de Epiphanius que tratam da *Ditchley Foundation*.

O documento abaixo demonstra as **conexões** que existem entre os representantes das mais altas instâncias globalistas (notadamente **Henry Kissinger**, nomeado – cf. abaixo – **conselheiro político do Vaticano por Bento XVI** em 2006!) e esse tipo de organizações satélites que são a *Ditchley Foundation* ou o *IFRI*.



ATLANTIC COUNCIL NEWS

Vol. 8, No.1 — July 2001

SUITE 1000, 910 17TH STREET, N.W. ✧ WASHINGTON, D.C. 20006

FAX (202) 463 7241 ✧ E-MAIL info@acus.org ✧ WEB www.acus.org

The Council Celebrates Its 40th Anniversary

The year 2001 marks the Council's 40th anniversary. We celebrated this occasion at an annual gala dinner on May 14 at the Monarch Hotel in Washington. The Starr Foundation, chaired by Council board member Maurice Greenberg, was the principal sponsor of the evening.

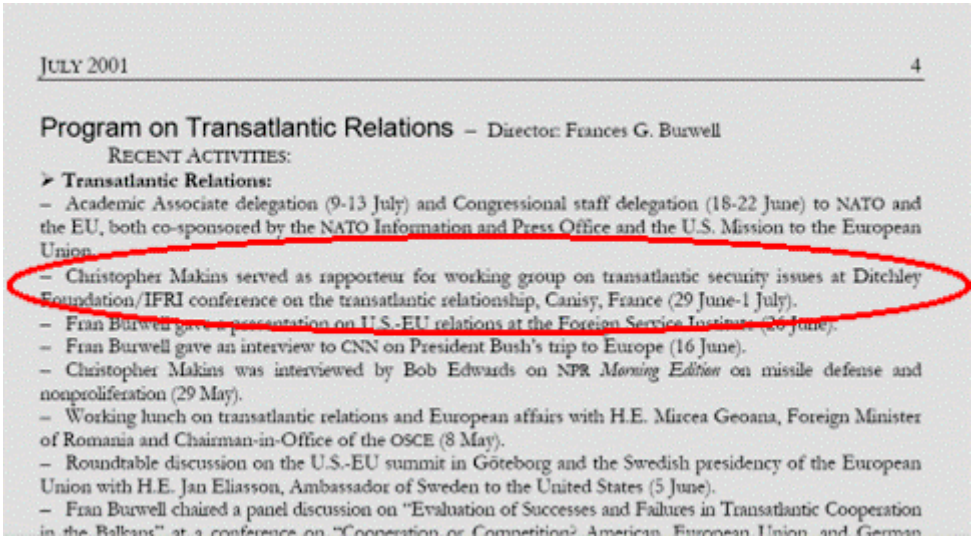
The highlight of the evening was the presentation to board member Dr. Henry A. Kissinger of the Council's award for Distinguished International Leadership. Dr. Kissinger, who was introduced by former Council chairman Lieutenant General Brent Scowcroft, spoke about the importance of the transatlantic relationship and the challenges it faces. Dr. Kissinger raised the question whether Europe could express its identity only in opposition to the United States. The *Financial Times* reported on the speech in its May 16 issue as follows: "Describing tensions in the transatlantic alliance as the 'source of my greatest concern,' [Kissinger] said the alliance stood at the moment of its greatest opportunity, and it would be ironic if it started to fall apart."

Chairman Henry E. Catto made commemorative remarks highlighting the Council's four decades of promoting constructive bipartisan U.S. leadership and engagement in international affairs based on the central role of the Atlantic community in the contemporary world.

Over 400 guests attended the celebration, including many of the Council's corporate sponsors and individual members. The guests also included senior officials from the U.S. Administration, Congressional and military leaders, and many members of the Washington diplomatic community. The evening ended with dancing to music by the Wright Touch.

Ambassador Catto, Dr. Kissinger, General Scowcroft, and Mr. Makins with the Council's Distinguished International Leadership Award

Dr. Henry A. Kissinger



Program on Transatlantic Relations – Director: Frances G. Burwell

RECENT ACTIVITIES:

➢ **Transatlantic Relations:**

– Academic Associate delegation (9-13 July) and Congressional staff delegation (18-22 June) to NATO and the EU, both co-sponsored by the NATO Information and Press Office and the U.S. Mission to the European Union.

– Christopher Makins served as rapporteur for working group on transatlantic security issues at Ditchley Foundation/IFRI conference on the transatlantic relationship, Canisy, France (29 June-1 July).

– Fran Burwell gave a presentation on U.S.-EU relations at the Foreign Service Institute (26 June).

– Fran Burwell gave an interview to CNN on President Bush's trip to Europe (16 June).

– Christopher Makins was interviewed by Bob Edwards on NPR *Morning Edition* on missile defense and nonproliferation (29 May).

– Working lunch on transatlantic relations and European affairs with H.E. Mircea Geoana, Foreign Minister of Romania and Chairman-in-Office of the OSCE (8 May).

– Roundtable discussion on the U.S.-EU summit in Göteborg and the Swedish presidency of the European Union with H.E. Jan Eliasson, Ambassador of Sweden to the United States (5 June).

– Fran Burwell chaired a panel discussion on "Evaluation of Successes and Failures in Transatlantic Cooperation in the Balkans" at a conference on "Cooperation or Competition? American, European Union, and German

http://www.acus.org/docs/0107-Atlantic_Council_Newsletter.pdf

The KitSon

O conde Denis de Kergorlay é também membro do ***KitSon***, onde foi cooptado.

The KitSon é um clube parisiense fundado no final de 2005 por Elisa Kitson. Ele é "*animado por um comitê composto por jornalistas internacionais, escritores, filósofos, diretores de comunicação e* ***especialistas*** *em marketing, diplomatas e profissionais das relações públicas e da política*" (**http://www.thekitson.net/présentation/**).

http://www.thekitson.net/

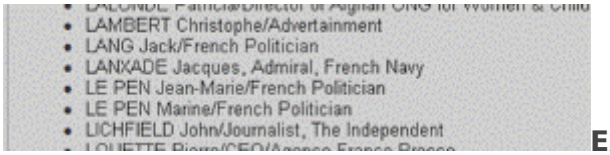
Os jantares-debate organizados pelo *The KitSon* ocorrem em Paris, Genebra ou La Baule.

Esses **eventos sociais** "*acontecem em* ***comitê restrito*** *devido à seleção de seus membros e convidados. Os membros que participam desses jantares podem, assim, compartilhar suas reflexões sobre o debate em andamento e se confrontar com personalidades que não teriam tido a oportunidade de conhecer, o que permite* ***tecer laços privilegiados de alto nível***" (**http://www.thekitson.net/dîners-débats/**).

Esse tipo de contato entre pessoas de diferentes "tendências" acostuma os participantes a **amenizar seus discursos** e a adotar **posições mais conciliantes**. Pouco a pouco, são feitas **concessões** sobre os **princípios**, que acabam **diluídos**. As diferenças são progressivamente apagadas. **Não há mais oposição real, apenas uma oposição de aparência...**

Denis de Kergorlay, durante um jantar-debate dos Kitsons, ao lado do Coronel EJ Herold e da Condessa Nathalie de Baudry d'Asson. Na foto à direita, Alain Bauer e o Embaixador Dr. Naser Al Belooshi.

Nessas reuniões frequentadas por Denis de Kergorlay, encontramos **Alain Bauer**, ex-Grande-Mestre do Grande Oriente e, atualmente, conselheiro próximo de Nicolas Sarközy, mas também **Jean-Louis Gergorin**, que esteve envolvido no caso **Clearstream**. Este último, **membro do grupo *Bilderberg***, é próximo de Dominique de Villepin, assim como de Thierry de Montbrial, com quem dirigiu o Centro de Análise e Previsão (CAP) do Ministério das Relações Exteriores de 1973 a 1984.



Extrato da lista dos convidados de honra do *KitSon*

http://www.thekitson.net/pr%C3%A9sentation/invit%C3%A9s-d-honneur/

Ao consultar a lista dos **convidados de honra** recebidos durante reuniões organizadas pelo *The KitSon*, também descobrimos um certo... Jean-Marie Le Pen com sua filha Marine!

As redes muito sociais de Denis de Kergorlay

Homem das redes globalistas, cuja filha, **Marie-Victoire de Kergorlay**, foi selecionada em 2009 para participar em Paris do muito social **baile das debutantes**, onde se reúnem as figuras mais repugnantes da *jet-set*, Denis de Kergorlay também não despreza as **« redes sociais »** como o ***Facebook***.

Fundado e dirigido por certo **Mark Zuckerberg**, o *Facebook* possui um banco de dados relativo à vida privada de cada um de seus membros, cobiçado por serviços de inteligência como a NSA ou a CIA nos Estados Unidos. Cada inscrito (cerca de 500 milhões) coleciona relações online e expõe sem es » (média de 170 contatos).

http://fr-fr.facebook.com/people/Denis-de-Kergorlay/100000586097026

Sem qualquer formação doutrinária anti-liberal e priorizando sua carreira profissional, o computador e os amigos, os jovens « tradis » também rapidamente se deixaram levar pelo jogo dessa **mundanidade virtual, pálido e trágico reflexo de sua verdadeira mundanidade.**

A mundanidade, aliás, foi uma das principais armas dissolventes por meio das quais o inimigo rapidamente inoculou seu veneno nos meios da Tradição.

Basta acessar o site do *Facebook* para constatar o impressionante número de « tradis » que se exibem lá e se confidenciam sem pudor, em texto e em imagens. Suas referências e trocas são afluentes de **mediocridade** e de **pretensão egocêntrica**.

Quanto aos sacerdotes da FSSPX ou de outras comunidades « tradis », eles não ficam atrás!

Ao consultar a página *Facebook* do conde Denis de Kergorlay, pudemos assim descobrir que sua rede de contatos rapidamente nos remete a numerosos nomes de fiéis da

FSSPX. Encontramos lá nomes conhecidos, como alguns... « de Cacqueray » !!

Segundo o site virgo-maria.org, Denis de Kergorlay participou no dia 17 de junho de 2007 de « *um evento social de alto padrão, sob o* ***alto patrocínio dos Rockefeller e de Henry Kissinger, e a participação de membros do clã Rothschild****,* ***O Baile Marie-Antoinette****,* ***que ocorreu em Versalhes na galeria das espelhos e na laranjeira do castelo****. Denis de Kergorlay participou ao lado das figuras mais poderosas do planeta* ».

Abaixo, algumas fotos do evento:

À esquerda, o Conde Denis de Kergorlay acompanhado de Carol McFadden e Barbara de Portago. À direita, Ondine de Rothschild no meio de seus amigos...

http://www.nysocialdiary.com/node/1816

II – A Colusão de Ratzinger e do Vaticano com os Mesmos Meios Globalistas com o Objetivo de Instituir a Futura Religião Universal Anticristã da Nova Ordem Mundial

« Cuidadoso, com os falsos profetas, que vêm a vocês com pele de ovelha, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os reconhecerão pelos seus frutos (…) Assim, toda árvore boa dá bons frutos, e toda árvore má, frutos maus. Uma boa árvore não pode produzir frutos maus, nem uma árvore má, frutos bons. » (Mateus, VII, 15-21).

“Conselheiros” nada católicos junto a Bento XVI

Desenvolvemos várias vezes o assunto, mas não é inútil aqui fazer alguns lembretes do que escrevemos em algumas de nossas análises anteriores.

http://resistance-catholique.org/documents/2008/RC_2008-02-29_Les-liens-occultes-entre-Ratzinger-et-les-pires-ennemis-de-lEglise.pdf

No dia 28 de setembro de 2006, Ratzinger recebeu em audiência privada o ex-secretário de Estado americano **Henry Kissinger** em sua residência de verão em Castel Gandolfo, segundo o escritório de imprensa do Vaticano e o jornal italiano *La Stampa*.

LA STAMPA

Per informazioni:
sito web: http://archivio.lastampa.it
email: archivio@lastampa.it

DIPLOMAZIA IL PONTEFICE HA RICEVUTO IL VECCHIO NEGOZIATORE AMERICANO DI ORIGINE TEDESCA IL 29 SETTEMBRE SCORSO A CASTEL GANDOLFO

Kissinger consiglia Ratzinger L'ex segretario di Stato consulente del Papa per la politica estera

Pubblicazione: [04-11-2006, STAMPA, NAZIONALE, pag.12] -
Sezione: Esteri
Autore: MASTROLILLI PAOLO

Paolo Mastrolilli NEW YORK Benedetto XVI ha chiesto a Henry Kissinger di entrare in un consiglio consultivo per i temi di politica estera, e ha accettato. La notizia l'ha rivelata lo stesso ex segretario di Stato americano, parlando con un importante membro del governo italiano. Ammesso fosse

http://archivio.lastampa.it/LaStampaArchivio/main/History/tmpl_viewObj.jsp?objid=7305606

De acordo com “*La Stampa*” de 4 de novembro de 2006, Bento XVI convocou Henry Kissinger como conselheiro político. Foi precisamente durante essa audiência privada que Henry Kissinger foi convidado a fazer parte de um grupo de “conselheiros” de Ratzinger sobre Assuntos Estrangeiros e Políticos do Vaticano!

http://www.ncregister.com/site/article/1370/

É bom lembrar que **Henry Kissinger, de origem judaica, é um membro notório de muitos grupos ocultos globalistas, como o *Council on Foreign Relations* (CFR), a *Trilateral*, o *Bilderberg group* (Comitê de Direção), o *Bohemian club* (que se envolve em cultos satânicos!), o *MAJI também conhecido como MJ 12, etc…***

Melhor ainda, o mesmo jornal italiano nos informa que, nos últimos anos, **outros conselheiros, judeus e sionistas**, eles também, assistem aquele que ocupa a Cátedra de Pedro:

Paul Wolfowitz, **membro do comitê de direção (cerca de 35 pessoas) do grupo *Bilderberg* ao lado de Thierry de Montbrial**, ex-secretário de Estado à Defesa dos EUA, ideólogo da guerra de invasão ao Iraque e, atualmente, Presidente do Banco Mundial;

Zbigniew Brzezinski, **co-fundador com David Rockefeller da Comissão *Trilateral***, foi conselheiro de vários presidentes americanos;

http://www.trilateral.org

Bernard Lewis, ex-**conselheiro dos serviços secretos britânicos** durante a Segunda Guerra Mundial, depois consultor do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, e finalmente conselheiro de Benyamin Netanyahu quando este era embaixador de Israel na ONU (1984-88).

Membro do grupo *Bilderberg*, teórico do « *choc das civilizações* », Bernard Lewis é professor emérito de Estudos Próximos Orientais da Universidade de Princeton, que « *se destacou por seu apoio incondicional à política israelense (...). Bernard Lewis tornou-se um conselheiro ouvido, próximo dos neoconservadores, notavelmente de M. Paul Wolfowitz* » (*Le Monde Diplomatique*, agosto de 2005).

Bento XVI também contratou **Peter Sutherland** como **conselheiro financeiro na Seção Extraordinária da Administração do Patrimônio do Sede Apostólica (APSA)**. Esta nomeação foi anunciada em 5 de dezembro de 2006.

governments better understand how migration can benefit their development goals. The Global Forum was acclaimed by UN Member States at the UN High-Level Dialogue on International Migration and Development, in September 2006, and will be launched in Brussels in July 2007.

On 5 December 2006, he was appointed as **Consultor of the Extraordinary Section of the Administration of the Patrimony of the Apostolic See** (a financial adviser to the Vatican).[11]

On 22 January 2010 he said while in Dublin that Ireland should have fewer universities.[12][13][14]

2010 interview [edit]

In an interview with *The Irish Times* in early 2010,[15] Sutherland revealed that in summer 2009, during a holiday, one of his children noticed a swelling on his throat while they sat on a beach. Within a week he was back home in London undergoing a major

http://en.wikipedia.org/wiki/Peter_Sutherland#cite_note-10

http://www.guardian.co.uk/business/2007/jan/19/oilandpetrol.news

Peter Sutherland, irlandês, nascido em Dublin em abril de 1946, ex-ministro da Justiça, ex-comissário europeu, presidente da BP Amoco em Londres, ex-presidente e diretor de gestão da Goldman Sachs, é também **presidente da parte europeia da Comissão *Trilateral*** e também **membro do comitê de direção do grupo *Bilderberg***.

Bento XVI defende abertamente o globalismo maçônico

http://www.resistance-catholique.org/documents/2009/RC_2009-12-01_Benoit-XVI-promoteur-de-la-religion-mondiale-noachide.pdf

Em várias ocasiões, Ratzinger-Bento XVI se fez o **cantor da *Nova Ordem Mundial*.**

Durante seu discurso de **25 de dezembro de 2005**, ele se dirigiu ao **« *Homem moderno* »** pedindo que ele **se« *engajasse na construção de uma nova ordem mundial***, *fundamentada em relações éticas e econômicas justas* », pois dessa forma « ***a humanidade unida*** poderá enfrentar os numerosos e preocupantes problemas do momento presente: desde a **ameaça terrorista** até as **condições de pobreza humilhante** em que vivem milhões de seres humanos, da **proliferação de armas** às **pandemias** e à **degradação do meio ambiente que ameaça o futuro do planeta** » **(?!).**

Em sua **« encíclica »** ***Caritas in Veritate*** de 29 de junho de 2009, ele escreve:

> « *É* ***urgente*** *que seja estabelecida uma* ***verdadeira Autoridade política mundial*** (...) *Esta Autoridade* ***deverá ser reconhecida por todos***, ***ter um poder efetivo*** (..) ***Ela deverá, obviamente, ter a capacidade de fazer respeitar suas decisões*** ».

Por tais declarações, o anti-papa Bento XVI participa ativamente da instauração de uma **religião universal ecumênica e maçônica**, preparando Roma para se tornar o « *sede do Anticristo* », objetivo final das sociedades secretas há séculos.

> « *A constituição de uma* ***religião universal*** *é o objetivo final do judaísmo (...). O culto especial de Israel é a salvaguarda, o meio de realização da* ***verdadeira religião universal ou noachismo****, para usar a palavra dos Rabinos* ». (**Elie Benamozegh**, rabino talmudista, *Israel e a Humanidade*, pp. 28-29, reedição por Albin Michel 1980).
>
> « *O lema da nova religião, que é também o dos Espíritas, é:* ***Fora da caridade não há salvação. Graças a este slogan enganoso, todas as barreiras morais estão caindo em nome da 'tolerância' maçônica.*** *'Graças a este slogan pérfido, o antagonismo religioso deve desaparecer:* ***judeus, católicos, protestantes, muçulmanos se estenderão as mãos, adorando, cada um à sua maneira, o único Deus de misericórdia e paz que é o mesmo para todos***' (Discurso do presidente da Sociedade Espírita de Marennes, na revista *Espírita* de janeiro de 1864)».

Após invocar o "Deus da misericórdia" e apertar a mão dos representantes de outras religiões, o anticristo Bento XVI canta pela paz... maçônica em Israel!!!

Os laços entre o Vaticano e a ***United Religions Initiative*** **(U.R.I.)** se inserem precisamente neste **projeto maçônico e gnóstico** visando instaurar uma **Religião Universal, sustentáculo do futuro governo mundial.**

O fato é que **o padre Levada, ex-"arcebispo" inválido de São Francisco, atual chefe da Congregação para a Doutrina da Fé**, é um fervoroso promotor de uma **religião unificada** e contribui ativamente para a U.R.I. **(*United Religions Initiative*)**, uma espécie de ONU das religiões. Na foto ao lado, podemos ver **"Dom" Levada acompanhado de altos dirigentes da U.R.I.** durante uma **recepção dada no Vaticano** em março de 2006 (http://www.uri.org) **a convite de Bento XVI!!**

http://www.resistance-catholique.org/documents/2008/RC_2008-02-29_Les-liens-occultes-entre-Ratzinger-et-les-pires-ennemis-de-lEglise.pdf

Levada sugeriu em **18 de setembro de 2002** que « *esse progresso* (do diálogo anglicano-católico) *poderia levar as autoridades católicas a reconsiderar a decisão do papa Leão XIII de rejeitar a validade da ordenação anglicana*».

A U.R.I. é uma das últimas organizações criadas para tentar alcançar o projeto anticristão de unificação das religiões.

Assim como a ***Organização das Nações Unidas*** pode ser considerada o embrião do futuro **Governo Mundial**, a ***Iniciativa das Religiões Unidas*** aparece como o embrião da futura **Religião Universal.**

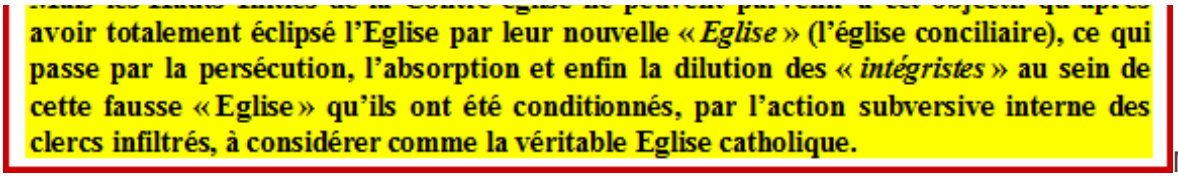
Para que possa se tornar plenamente "operacional" e **estabelecer as bases da futura Religião Universal**, a **"Carta" da U.R.I.** foi formalmente estabelecida em **26 de junho de 2000** em Pittsburgh, na Pensilvânia (EUA). **No mesmo dia, no Vaticano**, **o "cardeal" Ratzinger publicava o falso 3º segredo de Fátima**, **insuportável insulto contra a Santíssima Virgem Maria**, destinado a enterrar este aviso do Céu denunciando a impostura da igreja conciliar estabelecida para "eclipsar" a Igreja Católica.

Podemos mencionar também o **"Congresso dos Chefes das Religiões Mundiais e Tradicionais" que ocorreu, pelo 3º ano consecutivo, em ASTANA no Cazaquistão, nos dias 1 e 2 de julho de 2009, e cujo tema era "O papel dos chefes religiosos na construção de um mundo tolerante, na era da globalização".**

A religião do Anticristo se prepara em ASTANA, anagrama de SATANA!

Bento XVI enviou uma delegação liderada pelo "cardeal" Tauran, primo do padre Aulagnier...

Bento XVI assim cumpre o plano maçônico e gnóstico iniciado há séculos pelas sociedades secretas: realizar uma religião universal sobre as ruínas da Roma católica.


avoir totalement éclipsé l'Eglise par leur nouvelle « *Eglise* » (l'église conciliaire), ce qui passe par la persécution, l'absorption et enfin la dilution des « *intégristes* » au sein de cette fausse « Eglise » qu'ils ont été conditionnés, par l'action subversive interne des clercs infiltrés, à considérer comme la véritable Eglise catholique.

Mas os Altos Iniciados da Contra-igreja não podem alcançar esse objetivo a não ser que tenham totalmente eclipsado a Igreja através de sua nova "Igreja" (a igreja conciliar), o que passa pela perseguição, absorção e, finalmente, diluição dos "integristas" dentro dessa falsa "Igreja" que foram condicionados, pela ação subversiva interna dos clérigos infiltrados, a considerar como a verdadeira Igreja Católica.

II – A Colusão de Ratzinger e do Vaticano com os Mesmos Meios Globalistas com o Objetivo de Instituir a Futura Religião Universal Anticristã da Nova Ordem Mundial

A perfídia criminosa do padre de Cacqueray e de Dom Fellay

Nesse ínterim, o padre de Cacqueray tenta adormecer os fiéis ao apresentar, em grandes **exaltações enfáticas absolutamente indecentes**, Ratzinger-Bento XVI como um **« *mártir* »** que estaria atualmente vivendo sua **« *Paixão* »**!

Lettre aux Amis et Bienfaiteurs

Na sua última ***Carta aos Amigos e Benfeitores*** **(n°76, maio de 2010), onde a manipulação das mentes atinge aqui níveis de perversidade**, o Superior do Distrito da França utiliza as aparentes oposições internas (típicas dos revolucionários) dentro da Contra-Igreja encenadas pelo sistema midiático em relação a Ratzinger, para apresentar o chefe da igreja conciliar e maçônica, não como um dos piores modernistas que existem (um « *super-modernista* », segundo Dom Tissier em sua conferência de 11 de novembro de 2007 em Paris) ou um « *anticristo* », segundo a palavra de Dom Lefebvre, mas sim como um **« *mártir* »** e um **« *velhinho* »** perseguido!

O padre de Cacqueray leva, de fato, sua perfídia ao extremo ao comparar Ratzinger a Nosso Senhor no momento de sua Paixão!!

Seu texto transborda das mais escandalosas e insuportáveis bajulações em relação ao apóstata bávaro!

Não temendo o ridículo, ele escreve sem rir: « *Bento XVI provavelmente não imaginava que seu pontificado seria* ***um verdadeiro caminho da cruz*** » **(?!)** antes de chamar os fiéis a **« *não***

abandonar, em sua desgraça, aquele cujo nome pode já ser inscrito na lista dos pontífices perseguidos **» !!**

Chefe da "máfia conciliar" e aclamado pelos judeus talmudistas, herdeiros daqueles que crucificaram Nosso Senhor…
Algumas fotos do "velho" perseguido que vive sua "Paixão", segundo o padre de Cacqueray!

No dia 6 de julho, em uma conferência na **Bahia (Brasil)**, Dom Fellay mais uma vez se apresentou como íntimo da Cúria conciliar e dos próximos de Ratzinger, de quem regularmente obteria confidências...

Seus contatos romanos visivelmente lhe subiram à cabeça, pois ele parece agora « engolir » as mais grosseiras bobagens que lhe são relatadas e que depois repercute como um ***courvetor*** **beatificado**.

Para convencer os fiéis de que a igreja conciliar é a Igreja católica e Bento XVI, o Vigário de Cristo, Dom Fellay multiplica declarações infundadas e usa sua autoridade para afirmar fatos não verificáveis que apresenta como se fossem verdades estabelecidas, para provocar nos fiéis adulação e veneração em relação a esse notório inimigo da Fé e da Igreja que é Ratzinger.

Assim, Dom Fellay declarou que Bento XVI e seu secretário particular, Georg *Gänswein*, celebrariam a Missa tridentina em privado (clandestinamente até!) em várias circunstâncias. Mas Bento XVI não teria coragem de tornar isso público para evitar uma revolta e até mesmo a « *demissão* » que alguns « bispos » (?!). Tal « revelação » poderia até mesmo « *bloquear o* ***processo de restauração*** *que, por sua vez, ganha cada vez mais a Igreja* » (sic!) nos assegura Dom Fellay!

Ora, a melhor prova de que se trata mais uma vez de uma dessas "rumores" falsas que os agentes da conciliação fazem circular para atrair o "gogo tradi", é que Dom Fellay revela o que não se deve, de maneira alguma, revelar!

O único objetivo é provocar a compaixão dos "tradis" em relação a Bento XVI, apresentado como uma "vítima" que estaria sendo perseguida pelos "maus bispos".

O mais preocupante em tudo isso é que Dom Fellay parece realmente acreditar no que diz!

Honrado e bajulado por seus múltiplos encontros nos salões do Vaticano, assim como pelos vínculos que ali estabeleceu, **Dom Fellay foi como que encantado**.

Ratzinger e seu "cachorrinho helvético"

Mas Dom Fellay não para por aí e acrescenta mais à impostura:

> Bento XVI seria « *um homem de cabeça progressista, mas de coração católico, amante da Tradição* » **(?!)**. O Superior Geral da FSSPX saúda então « *os passos que o Papa dá em direção à Tradição* » (http://www.resistance-catholique.org/documents/2010/2010-05-19_Le_bon_sens_de_Mgr_Fellay.pdf) ao afirmar que estes teriam sido « *realizados em um contexto de extrema tensão* »!

Reconhecendo internamente que os "bispos" conciliares foram preparados para uma próxima integração da FSSPX na igreja conciliar, a Direção da FSSPX precisa, em relação aos seus fiéis, agitar o fantasma de uma suposta "oposição da ala progressista", pois, ao vitimizar assim Ratzinger, que ao mesmo tempo apresenta como um "restaurador", espera obter em seus quadros o apoio mais amplo possível quando Dom Fellay anunciar aos padres e fiéis sua intenção de aceitar, com a aprovação do Capítulo Geral, o status que lhe propõe o Vaticano.

Dom Fellay ao lado do padre Schmidberger, aquele que o introduziu junto às oficinas ocultas do Vaticano e de seu amigo, Joseph Ratzinger.

Dessa forma, Dom Fellay poderá, pela aparente independência que esse status lhe oferecerá, legitimar sua adesão à Contra-Igreja, colocando em destaque a "necessidade de ajudar de dentro o pobre velhinho Bento XVI a restaurar a Igreja face às perseguições que ele sofre".

« ***Nos últimos tempos, a perseguição será sedutora*** »

Bossuet, *Discurso sobre a História Universal*

III – Por Meios de seus Falaciosos Estudos Teológicos, o padre Pierre-marie D’avrillé (Geoffroy de Kergorlay) defende e legitima a Igreja Conciliar e seus Pontífices

Introdução

Os dominicanos de Avrillé, liderados pelo Padre Pierre-Marie o.p. (Geoffroy de Kergorlay), sempre foram vistos, tanto por sacerdotes quanto por fiéis, como sérios e teologicamente sólidos.

Contudo, por trás de uma fachada de firmeza e de estudos algumas vezes interessantes, mas que, na maioria das vezes, não passam de recapitulações de obras antigas, a revista trimestral do convento da Haye-aux-Bonshommes desenvolveu, nos últimos anos, sob a autoridade do R.P. Pierre-Marie e do padre de Cacqueray, superior do Distrito da França, **teses absolutamente insustentáveis, falaciosas em seu desenvolvimento e teologicamente erradas.**

Assim, os dominicanos de Avrillé publicaram em sua revista *Sel de la terre* três "estudos" que, por trás de uma aparência (enganosa!) de profunda erudição, lhes permitem hoje legitimar essa contra-igreja que, paralelamente, pretendem denunciar, especialmente ao divulgar artigos ou obras que combatem o Concílio Vaticano II.

Esses três "estudos" tinham como objetivo demonstrar sucessivamente:

1. **A autenticidade do 3º segredo de Fátima publicado pelo Vaticano em 26 de maio de 2000 (*Le Sel de la terre* n°53, verão de 2005)**
2. **A validade do novo ritual de consagração episcopal (*Le Sel de la Terre*, n°54, outono de 2005)**
3. **A tese de uma hierarquia para duas Igrejas (*Le Sel de la Terre*, n°59, inverno de 2006-2007)**

Curiosamente, esses três dossiês do *Sel de la terre* dizem respeito, precisamente, aos três pontos-chave sobre os quais a FSSPX poderia ter, nestes tempos decisivos de combate à fé, base para denunciar a ilegitimidade da igreja conciliar e a impostura de seus pontífices.

Retornemos, portanto, brevemente a esses três dossiês que evidenciam, através dos **sofismas** e dos muito **perversos procedimentos de manipulação** utilizados, o **papel particularmente subversivo dos dominicanos de Avrillé e, especialmente, de seu superior, o R.P. Pierre-Marie** (Geoffroy de Kergorlay).

Claro que estamos cientes de que há, dentro do convento de Avrillé assim como na FSSPX – sabemos disso – religiosos e sacerdotes honestos que, confrontados com a insanidade de seus superiores, sofrem diante de uma situação que nunca haviam imaginado.

Esperamos que esse dossiê lhes permita, como se deve, reagir, à semelhança de alguns clérigos que, no momento da revolução do Vaticano II, apesar das regras e dos votos que haviam assumido diante de Deus, tiveram que se separar de suas comunidades para poder manter a fé e assim salvar sua alma.

Não nos aprofundaremos aqui em novas refutações detalhadas das teses de Avrillé. Essas já foram realizadas e, até o momento, nunca foram refutadas.

Por outro lado, convidamos nossos leitores, se ainda não o fizeram, a tomarem conhecimento o quanto antes clicando nos links que fornecemos, para que possam, por si mesmos, realizar um estudo comparativo e finalmente perceber o jogo duplo dos dominicanos de Avrillé.

Avrillé defende a autenticidade do texto publicado pelo Vaticano em 26 de maio de 2000

Avrillé defende a autenticidade do texto publicado pelo Vaticano em 26 de maio de 2000, apresentado falaciosamente como o "3º segredo de Fátima" (*Le Sel de la Terre* n° 53, verão de 2005).

Neste número do *Sel de la Terre*, os dominicanos de Avrillé se empenharam em demonstrar a autenticidade do pseudo-"3º segredo de Fátima" publicado em 26 de maio de 2000 pelo Vaticano, tentando refutar os argumentos de **dois estudos essenciais**: aquele do **Irmão Michel da Santíssima Trindade**, que até o momento foi apoiado pela FSSPX (o Irmão Michel deixou, desde algum tempo, a CRC devido às suas derivações e à sua "conciliarização"), e aquele de **Laurent Morlier**, ***O terceiro segredo de Fátima publicado pelo Vaticano em 26 de junho de 2000 é FALSO, aqui estão as provas*****,** cuja leitura recomendamos para melhor compreender **as mentiras do Vaticano e, agora, as de Avrillé assim como da Direção da FSSPX.**

Mesmo saudando o importante e irrefutável trabalho de argumentação realizado pelo Sr. Laurent Morlier, queremos esclarecer aqui que não aderimos de forma alguma a certas considerações pessoais do autor ("sobrevivência") que ele menciona em sua obra, paralelamente ao tema propriamente dito de Fátima.

http://www.fatima.be/fr/editions/dft/etudedft.php

http://www.virgo-maria.org/Livres/laurent_morlier/Laurent_Morlier_3em_secret_de_Fatima_table_glob.htm

Em relação a este artigo do *Sel de la Terre*, uma pergunta evidente se coloca:

Como é que durante 5 anos os "especialistas em teologia" que se supõem serem os dominicanos de Avrillé permaneceram em silêncio sobre este "3º segredo de Fátima"?

Por que divulgar este dossiê somente no verão de 2005, ou seja, 5 anos após a publicação do texto do Vaticano?

Como você poderá constatar, os argumentos e os métodos empregados aqui pelo Padre Louis-Marie de Avrillé são suficientes, por si só, não apenas para denunciar o caráter subversivo desta revista, mas principalmente para melhor compreender o campo para o qual realmente trabalha Avrillé.

Para ilustrar nossos comentários com um exemplo concreto, analisaremos brevemente o 6º dos 11 argumentos (relativo à questão essencial de saber se o 3º segredo é composto de uma visão ou de palavras da Santa Virgem) que o Padre Louis-Marie afirma, em seu artigo, examinar e refutar, por ser, ao que nos parece, sintomático dos métodos utilizados em todo o restante do artigo, assim como nas outras "estudos" publicadas por Avrillé.

Antes disso, recordemos que embora se fale frequentemente de "três segredos", a Santíssima Virgem Maria na verdade comunicou aos videntes **um único segredo dividido em três partes distintas.**

Em seu livro, entre muitos outros argumentos e demonstrações sólidas, Laurent Morlier escreve o seguinte:

> *« A primeira frase do 3º Segredo:* ***"Em Portugal, sempre se conservará o dogma da Fé, etc."*** *vem logo após (sem mesmo um parágrafo no manuscrito original português!) do 2º Segredo e entre os dois, a Irmã Lúcia nunca intercalou uma nova visão nem deixou entender que existisse um "interlúdio", uma ruptura ou uma mudança de estilo entre os dois. Ao contrário, é sempre a Virgem que* ***fala*** *na primeira frase do 3º Segredo, e ela acrescenta, em continuidade ao que Ela lhes diz [simbolizado pelo* ***"etc."****, portanto a frase não está concluída]:* ***"Isto,***

não digam a ninguém. A Francisco, sim, podem dizer." (4ª Memória da Irmã Lúcia). *Esta pequena frase aparentemente sem importância é, contudo, capaz de nos provar que se trata de* ***palavras*** *da santa Virgem e não de uma visão!...*

É preciso, de fato, fazer aqui uma dedução capital: ***Francisco, durante todas as aparições de Fátima*** *(tanto as do Anjo quanto as de Nossa Senhora)* ***sempre viu tudo*** *(inclusive a visão do inferno)* ***mas nunca ouviu nada das PALAVRAS celestiais****. Isso é perfeitamente explicado pela própria Irmã Lúcia no início de sua 4ª Memória de 1941, quando ela retrata Francisco (Agora podemos entender melhor por que Francisco foi privado da graça de ouvir a santa Virgem. A razão permaneceu até hoje misteriosa. Ora, este "handicap" serve hoje para revelar uma enorme impostura!)...*

No entanto, Nossa Senhora diz, ao falar da 3ª parte do Segredo: ***"A Francisco, sim, vocês podem dizer."*** *Assim, temos* ***a prova formal*** *de que a 3ª parte do Segredo não pode conter uma visão, mas sim um conjunto de* ***palavras*** *de Nossa Senhora! Pois se o 3º Segredo pudesse ser* ***dito*** *a Francisco, é porque não continha uma visão... Ele que via todas as aparições e visões, mas não ouvia nada, não haveria necessidade de repetir para ele o conteúdo do 3º Segredo se este fosse apenas uma visão!* ***Argumento decisivo*** *que, por si só, convence da mentira do Vaticano que nos apresenta uma visão simbólica como texto oficial do 3º Segredo!*

Este ponto importante é ainda confirmado pelo ***cônego Barthas****: « Nos documentos do* ***processo canônico****, fala-se do segredo pela primeira vez no interrogatório de Lúcia, durante a investigação de 1924. Ao narrar a aparição de 13 de julho, ela declarou: "Em seguida, a Senhora nos confiou algumas pequenas palavras* ***(palavrinhas)*** *recomendando que não as dissessem a ninguém, apenas a Francisco." ('Fátima, Maravilha do século XX', cônego C.Barthas, 1952, p.81). Aqui, portanto, não há possibilidade de erro uma vez que o cônego Barthas relata em sua obra o termo português preciso utilizado pela Irmã Lúcia durante este interrogatório oficial de 1924: PALAVRINHAS, ou seja, PALAVRAS.*

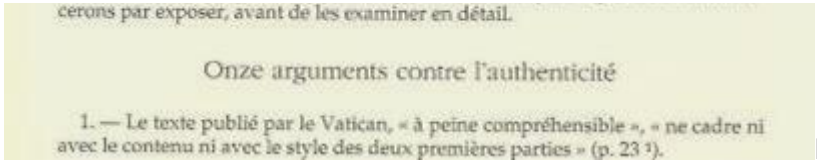
O cônego Barthas, que durante suas conversas com a Irmã Lúcia nos dias 17 e 18 de outubro de 1946 teve a oportunidade de interrogá-la sobre o terceiro Segredo, confirma ainda esta versão: « O texto das PALAVRAS de Nossa Senhora foi escrito pela Irmã Lúcia e colocado em um envelope selado... » ('Fátima, Maravilha do século XX', cônego C.Barthas, 1952, p.83).

Mesmo termo utilizado pelo próprio Vaticano em seu comunicado de imprensa divulgado em 8 de fevereiro de 1960, através da agência portuguesa ANI (A Documentação Católica 1960, página 752...), para anunciar que o segredo não seria publicado. A terceira razão apresentada para justificar a não divulgação

> *está formulada assim: « Embora a Igreja reconheça as aparições de Fátima, não deseja assumir a responsabilidade de garantir a veracidade das PALAVRAS que os três pastorinhos afirmaram que a Virgem lhes havia dirigido. » Versão oficial ainda confirmada pelo Cardeal Ottaviani que, após ler o texto do 3º Segredo, declarou: « Ela escreveu em uma folha o que a Virgem lhe* ***ditou*** *para dizer ao Santo Padre. » ('A verdade sobre o Segredo de Fátima' por P. Alonso, Téqui, 1979, p. 51). Portanto, não há qualquer traço de uma visão.*
>
> *Adicionemos ainda este elemento:*
>
> *« Em 1946, vários historiadores de Fátima puderam esclarecer à Irmã Lúcia alguns pontos importantes, que são os seguintes: (...)*
>
> – Ao escrever o Segredo, você citou literalmente as **palavras** da Santa Virgem? — *« Sim, quando escrevo, procuro citar literalmente. Eu queria, portanto, escrever o segredo* ***palavra por palavra.*** *»*
>
> – Você tem certeza de que lembrou de tudo? – *« Eu penso que sim! E escrevi as* ***PALAVRAS*** *na ordem em que foram pronunciadas! »* ('O prodígio inusitado de Fátima' *pelo Padre J.C. Castelbranco, Téqui 1958, P.76).*
>
> *Mas a enganação vai mais longe, pois as autoridades Vaticanas querem se apoiar, para creditar sua falsa visão, na afirmação de uma suposta Irmã Lúcia à qual fazem dizer, para a ocasião, o oposto do que ela sempre afirmou: a partir de agora, de fato, não se fala mais em PALAVRAS, mas apenas em uma VISÃO. Interrogada em 27 de abril de 2000 sobre o 3º Segredo, por Dom Bertone, ela declarou:* ***« Eu escrevi o que vi, a interpretação não me diz respeito, diz respeito ao Papa. »***
>
> *Nunca antes a Irmã Lúcia havia pedido ao Papa ou à Igreja para interpretar a Mensagem dos dois primeiros segredos! Ela nunca havia solicitado ao Papa que interpretasse sua visão do inferno, que interpretasse sua visão de Tuy (a pedido da consagração da Rússia e devoção reparadora) e as diferentes mensagens que recebeu em outras ocasiões. O conteúdo era claro e não precisava de interpretação alguma!*

Examinemos agora como o Padre Louis-Marie distorce deliberadamente esta análise de bom senso para tentar descreditá-la e, assim, defender a **tese inadmissível e ímpia da autenticidade do texto divulgado por Ratzinger em maio de 2000**.

Primeiramente, para mostrar um ar de seriedade, o Padre Louis-Marie elabora uma lista de « *onze argumentos contra a autenticidade* ».


cerons par exposer, avant de les examiner en détail.

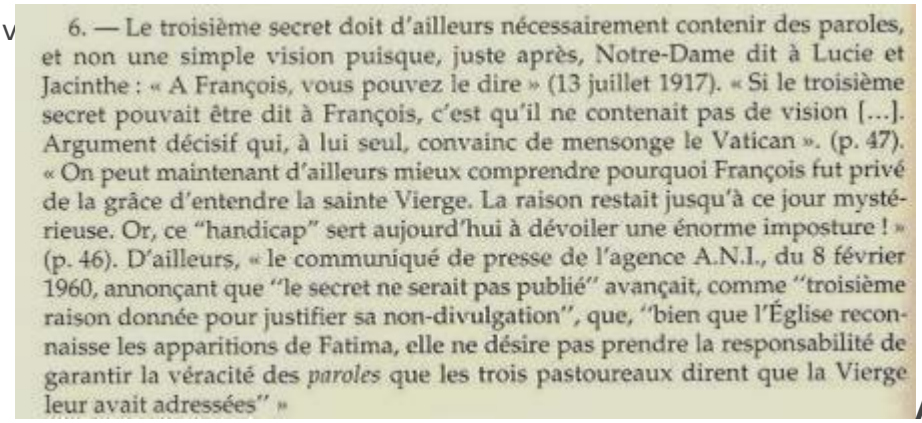
Onze arguments contre l'authenticité

1. — Le texte publié par le Vatican, « à peine compréhensible », « ne cadre ni avec le contenu ni avec le style des deux premières parties » (p. 23 [1]).

Fac-símile de um trecho da página 119

Após ler atentamente a análise de Laurent Morlier, a apresentação particularmente desonesta e fraudulenta que o dominicano faz desses « *onze argumentos* » aparece ainda mais chocante.

Veja v


6. — Le troisième secret doit d'ailleurs nécessairement contenir des paroles, et non une simple vision puisque, juste après, Notre-Dame dit à Lucie et Jacinthe : « A François, vous pouvez le dire » (13 juillet 1917). « Si le troisième secret pouvait être dit à François, c'est qu'il ne contenait pas de vision [...]. Argument décisif qui, à lui seul, convainc de mensonge le Vatican ». (p. 47). « On peut maintenant d'ailleurs mieux comprendre pourquoi François fut privé de la grâce d'entendre la sainte Vierge. La raison restait jusqu'à ce jour mystérieuse. Or, ce "handicap" sert aujourd'hui à dévoiler une énorme imposture ! » (p. 46). D'ailleurs, « le communiqué de presse de l'agence A.N.I., du 8 février 1960, annonçant que "le secret ne serait pas publié" avançait, comme "troisième raison donnée pour justifier sa non-divulgation", que, "bien que l'Église reconnaisse les apparitions de Fatima, elle ne désire pas prendre la responsabilité de garantir la véracité des *paroles* que les trois pastoureaux dirent que la Vierge leur avait adressées" »

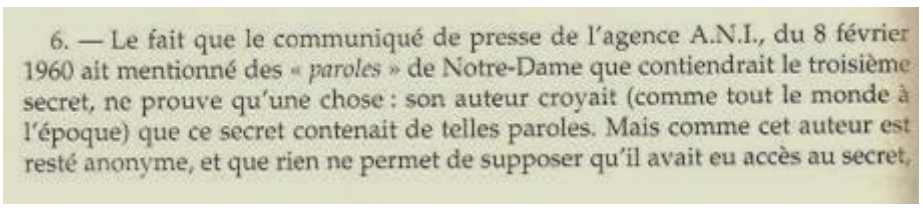
Apresentação do 6º « *argumento contra a autenticidade*» pelo Padre Louis-Marie

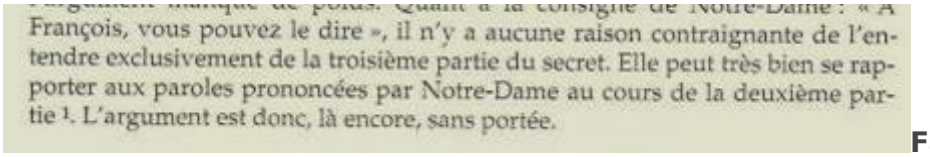
Na explanação que ele afirma fazer do que designa como 6º « *argumento contra a autenticidade* », o Padre Louis-Marie começa truncando a primeira citação que faz do livro de Laurent Morlier. **O extrato, «*'Isto, não digam a ninguém. A Francisco, sim, vocês podem dizer' (4ª Memória da Irmã Lúcia)*»** torna-se sob sua pena, **«*'A Francisco, vocês podem dizer' (13 de julho de 1917)*!**

Em seguida, o Padre Louis-Marie cita o que afirma falsamente ser « *o comunicado de imprensa da agência A.N.I., de 8 de fevereiro de 1960* », fazendo com que Laurent Morlier diga mais uma vez o que ele nunca escreveu, uma vez que Morlier deixa claro em seu livro que se trata do « *comunicado de imprensa que ele* **[o Vaticano]** *divulgou em 8 de fevereiro de 1960 por intermédio da agência portuguesa ANI* », o que não é exatamente a mesma coisa...

Depois, em uma parte intitulada « *exame dos onze argumentos* », o Padre Louis-Marie realiza uma pseudo-« *refutação* », igualmente enganosa, dos « *argumentos contra a autenticidade* ».

Aqui está, portanto, o « *exame* » particularmente leve e fantasioso do 6º argumento produzido por Avrillé:


6. — Le fait que le communiqué de presse de l'agence A.N.I., du 8 février 1960 ait mentionné des « *paroles* » de Notre-Dame que contiendrait le troisième secret, ne prouve qu'une chose : son auteur croyait (comme tout le monde à l'époque) que ce secret contenait de telles paroles. Mais comme cet auteur est resté anonyme, et que rien ne permet de supposer qu'il avait eu accès au secret,


François, vous pouvez le dire », il n'y a aucune raison contraignante de l'entendre exclusivement de la troisième partie du secret. Elle peut très bien se rapporter aux paroles prononcées par Notre-Dame au cours de la deuxième partie [1]. L'argument est donc, là encore, sans portée.

Fac-símile das páginas 126 e 127

Aqui, o Padre Louis-Marie mente descaradamente a seus leitores ao falar mais uma vez do « *comunicado de imprensa da agência A.N.I., de 8 de fevereiro de 1960* » sem outra precisão.

Não se contendo em mais uma mentira, e ocultando que se tratava de fato de um **comunicado de imprensa do Vaticano repercutido pela agência portuguesa A.N.I.**, o Padre Louis-Marie pode, sem vergonha, afirmar em seguida que « *o autor* » sendo « *anônimo* » **(?!)** isso não nos permite « *supor que ele teve acesso ao segredo* »!

Após tentar, assim, descreditar essa referência, ele deixa a entender a seus leitores que se trata da única na qual Laurent Morlier se apoia para afirmar que o 3º segredo contém apenas as « *palavras* » da Santa Virgem.

De fato, o Padre Louis-Marie evita cuidadosamente mencionar, por exemplo, o capítulo de Barthas que cita os documentos do processo canônico ou os encontros e escritos da Irmã Lúcia que são expostos por Laurent Morlier e até mesmo pelo Irmão Michel da Santíssima Trindade em suas obras?

Além disso, por um muito hábil truque de mágica, o Padre Louis-Marie faz então desaparecer uma parte das palavras da Santíssima Virgem Maria para, sub-repticiamente, através dessa omissão pura e simples de algumas palavras, conseguir tornar banal e menos insistente a instrução dada por Nossa Mãe do Céu às pequenas videntes de não revelar esta terceira parte a ninguém exceto a Francisco. O Padre Louis-Marie pode então afirmar impunemente que estas palavras poderiam "muito bem se referir às palavras proferidas por Nossa Senhora durante a segunda parte" do segredo!

No entanto, a Irmã Lúcia havia publicado a integralidade do 2º segredo em sua 3ª Memória, na qual ela não fez nenhuma menção a essa precisão de não contar a ninguém exceto a Francisco.

Essa instrução, relatada pela Irmã Lúcia apenas em seu 4º Memória de 8 de dezembro de 1941 e que aparece logo após as primeiras palavras: "Em Portugal, se conservará o dogma da Fé, etc." que começam a 3ª parte do segredo, não pode, portanto, se aplicar senão a esta terceira parte do segredo.

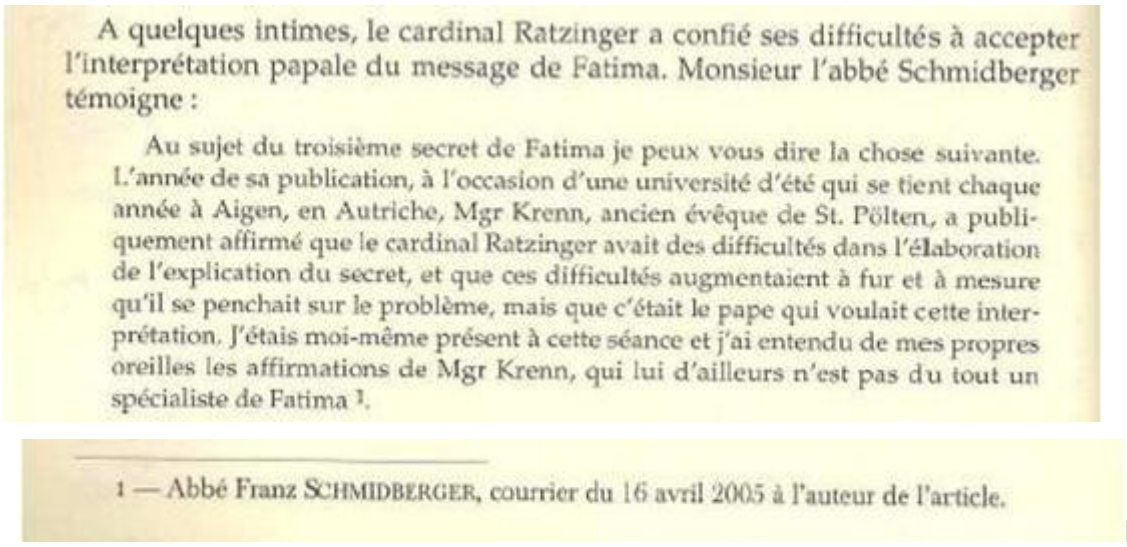
O leitor que confia plenamente nesta revista dos dominicanos, que não leu a obra de Laurent Morlier ou do Irmão Michel da Santa Trindade e que possui apenas um conhecimento aproximado das aparições de Fátima terá, portanto, se deixado facilmente enganar por este dossiê preparado pelo Padre Louis-Marie a pedido do padre Schmidberger.

Ao afirmar que o texto é autêntico, o **principal objetivo de Avrillé** era **lavar de todo o suspeita de mentira o Vaticano e, principalmente, Ratzinger**, que havia acabado de suceder

a João Paulo II e com quem a FSSPX iria iniciar um processo oficial de aproximação após anos de negociações secretas.

Buscando a todo custo preservá-lo, Avrillé chega até a apresentá-lo como a **vítima de uma maquinação da Secretaria de Estado!**

É nesse sentido que o Padre Louis-Marie menciona uma **pretendida confidência totalmente inverificável**, mas cujos vários elementos nos fazem pensar que se trata de uma **falsa informação** espalhada voluntariamente nos círculos da Tradição para **reabilitar a imagem de Ratzinger** e **suscitar a seu respeito a benevolência dos padres e dos fiéis.**



A quelques intimes, le cardinal Ratzinger a confié ses difficultés à accepter l'interprétation papale du message de Fatima. Monsieur l'abbé Schmidberger témoigne :

Au sujet du troisième secret de Fatima je peux vous dire la chose suivante. L'année de sa publication, à l'occasion d'une université d'été qui se tient chaque année à Aigen, en Autriche, Mgr Krenn, ancien évêque de St. Pölten, a publiquement affirmé que le cardinal Ratzinger avait des difficultés dans l'élaboration de l'explication du secret, et que ces difficultés augmentaient à fur et à mesure qu'il se penchait sur le problème, mais que c'était le pape qui voulait cette interprétation. J'étais moi-même présent à cette séance et j'ai entendu de mes propres oreilles les affirmations de Mgr Krenn, qui lui d'ailleurs n'est pas du tout un spécialiste de Fatima [1].

1 — Abbé Franz SCHMIDBERGER, courrier du 16 avril 2005 à l'auteur de l'article.

Fac-símile do *Sel de la terre* n°53, extraído da página 144

Aqui está a análise transmitida por um fiel da FSSPX ao site virgo-maria.org no mês de agosto de 2007:

> Senhor Padre,
>
> A mensagem de *Virgo Maria* sobre Ratzinger e Fátima é muito interessante!
>
> Tendo estudado de forma aprofundada tudo que diz respeito às aparições de Fátima, permito-me adicionar algumas precisões:
>
> O trecho de *Sous la Bannière* que é citado deve, a meu ver, ser relacionado ao trecho de outro artigo: aquele do *Sel de la Terre* n°53. De fato, *Sous la Bannière* (influenciado, me parece, **pelo ilusionista Dom Williamson, que é próximo do padre Schmidberger** nas operações de reunião...) escreve:
>
> >

> « Uma fonte na Áustria, **que não quer ser revelada**, assegura que **o Cardeal Ratzinger teria recentemente confessado a um *bispo austríaco*** *amigo, '****Eu tenho dois problemas na consciência : Dom Lefebvre e Fátima. Para o último, fui obrigado a agir contra a minha vontade; para o primeiro, eu falhei**' ».

O *Sel de la Terre* escreve, por sua vez, em seu número 53 do verão de 2005:

> « A alguns **íntimos**, o cardeal Ratzinger confidenciou suas dificuldades em aceitar a interpretação papal da mensagem de Fátima. Senhor **padre Schmidberger testemunha**: 'Sobre o terceiro segredo de Fátima, posso lhe dizer o seguinte... em uma universidade de verão que se realiza todos os anos em **Aigen, na Áustria, Dom Krenn**... afirmou publicamente... **Eu mesmo estava presente nessa sessão** e ouvi com meus próprios ouvidos as afirmações de **Dom Krenn**...'» (cf. extrato completo anexo).

Então, em nota de rodapé, o Padre Louis-Marie que escreve este artigo nos indica que o padre Schmidberger lhe enviou este « ***testemunho*** » **por uma carta pessoal de 16 de abril de 2005, ou seja, três dias antes da eleição de Ratzinger!!** Estranha coincidência... Seria essa uma artimanha do aluno de Ratzinger destinada a neutralizar uma possível reação abertamente hostil da parte da ala considerada a mais « ***dura*** » da FSSPX diante da eleição de seu amigo que ele sabia iminente?

Ao ler esses dois trechos, surgem, de fato, algumas perguntas sobre esse estranho boato propagado desde a eleição do raposa da Baviera e sobre o papel do padre Schmidberger:

> - Essa « ***confidência*** » atribuída a Ratzinger e divulgada complacentemente por ***SLB*** realmente foi pronunciada por Ratzinger para enganar os incautos ou foi propagada por seus « ***íntimos*** » a seu pedido para preparar suas operações de sedução?
> - O « *bispo austríaco* » do trecho de ***SLB*** não seria Dom Krenn mencionado em *Le Sel de la Terre*?

> - **O que fazia o Padre Schmidberger em uma universidade de verão conciliar na presença de um bispo conciliar?**
> - Essa pretensa « ***confidência*** » do padre apóstata Ratzinger parece, de toda evidência, ter sido divulgada voluntariamente pelo padre Schmidberger nos meios da Tradição para dar a imagem de um Ratzinger « ***arrependido*** », e assim preparar as operações de reunião das quais ele é um dos principais organizadores.
>
> **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-12-A-00-Fatima-Manipulation_Schmidberger.pdf**

Em resposta a todas essas **falsificações e manipulações da parte de Avrillé destinadas a concluir pela autenticidade do texto do Vaticano**, Laurent Morlier havia solicitado um direito de resposta ao Padre Louis-Marie. Você poderá ler nos links abaixo a carta de Laurent Morlier, assim como a resposta, cheia de má-fé, que lhe foi endereçada pelo Padre Innocent-Marie.

http://www.virgo-maria.org/Livres/laurent_morlier/Morlier_Fatima1.pdf

http://www.virgo-maria.org/D-3eme_secret_de_Fatima/documents_fatima/2007-11-05%20-%20Innocent-Marie.pdf

Conclusion : le texte est authentique

Au terme de cette enquête, et au regard tant de la critique externe que de la critique interne, il nous semble pouvoir affirmer avec certitude, comme M. l'abbé Delestre, que le texte publié le 26 juin 2000 par le Vatican est authentique.

Fac-símile de um extrato da página 133

A FSSPX, portanto, recusou-se, a princípio, a denunciar o texto do Vaticano como uma **evidente impostura**. Não houve, aliás, **nenhuma reação oficial**. Somente alguns **padres subordinados** comentaram, aqui e ali, sobre um **problema de interpretação** para, insidiosamente, **isentar Ratzinger e o Vaticano**.

Ratzinger todo sorridente ao publicar o falso "3º segredo"

Mas, com este **"estudo" encomendado aos dominicanos de Avrillé**, a FSSPX não apenas participa abertamente do **MENTIRA PÚBLICA perpetrada por Ratzinger** em 2000 **contra Nossa Senhora**, mas tem agora a audácia, seguindo os inimigos de Nosso Senhor que ocupam os postos de autoridade no Vaticano, de **fazer mentir a Santíssima Virgem Maria assim como a Irmã Lúcia, alterando suas palavras.**

Humilhada, desde o ano de 2000, pela impiedade e traição daqueles que deveriam tê-la defendido imediatamente contra a mentira do Vaticano, mas que, para não frear ou impedir seu processo oculto de reunião com a Roma apóstata, a abandonaram aos ultrajes dos "*anticristos*" do Vaticano, a Santíssima Virgem Maria deixou o braço de Seu Filho... No dia 26 de maio de 2000, a mentira pública do Vaticano revelou a traição pública da FSSPX em relação à Luta da Fé, mas também em relação Àquela a quem foi consagrada na sua fundação. A resposta do Céu não se fez esperar... A FSSPX parece, desde então, como que atingida por uma cegueira...

Irmã Lúcia nos advertia em 1957:

> « *Deus nos oferece o último meio de salvação, Sua Santíssima Mãe.* ***Se desprezamos e rejeitamos esse último meio, não teremos mais o perdão do Céu, porque teremos cometido um pecado que o Evangelho chama de pecado contra o Espírito Santo,*** *que consiste em repelir abertamente, com pleno conhecimento e vontade, a salvação que nos é oferecida.* ***Lembremo-nos de que Jesus Cristo é um Filho muito bom e que Ele não permite que ofendamos e desprezemos Sua Santíssima Mãe.***
>
>
>
> *Temos como testemunho patente a história de vários séculos da Igreja que, por meio de exemplos terríveis, nos mostra como* ***Nosso Senhor Jesus Cristo sempre defendeu a honra de Sua Mãe***» (Entrevista da Irmã Lúcia com o Padre Fuentes, datada de 26 de dezembro de 1957).

Vem à nossa memória o **testemunho comovente** que o **Padre Berto** deu sobre a 2ª Sessão do Concílio Vaticano II (**http://www.a-c-r-f.com/principal.html**).

O que ele descreve pode se aplicar tão bem à traição da FSSPX, que nos permitimos reproduzir suas palavras substituindo algumas palavras por aquelas indicadas aqui em negrito:

> *« O destino **da FSSPX** foi decidido naquele dia, no Céu onde reina um Filho que não quer que ofendam Sua Mãe (...). A vingança foi imediata... ».*
>
> *Em plena negociação oculta com o Vaticano, « a Santa Virgem estava incomodando! A Virgem Maria incomodava **a FSSPX** que a convidava a sair. Oh! Ela não precisou que lhe dissessem duas vezes! A terra não tremeu, o relâmpago não caiu sobre **Écone**, a Virgem Maria saiu discretamente, em um silêncio tão profundo que Ela não disse « Vinum non habent » (« eles não têm mais vinho »); e os destinos de **a FSSPX** foram selados (...).*
>
> *Ela foi formalmente declarada irritante, embaraçosa, incômoda, diante de Seu Filho, Ela que é a Esposa do Santo Espírito.*
>
> *Deve-se saber que colocar a Santa Virgem para fora é uma operação que pode ter consequências e pode não ser ratificada por Alguém que Lhe abriu as Portas do Céu.*
>
> *É preciso olhar um pouco mais além do próprio nariz e não imaginar que se tem direito ao Santo Espírito assim, sob demanda.»*

Avrillé defende a validade do ritual conciliar de consagração episcopal

Avrillé defende a validade do ritual conciliar de consagração episcopal (*Le Sel de la Terre* n° 54, outono de 2005)

Logo no início, sacerdotes como o R.P. Barbara e o padre Moureaux de Nancy denunciaram o novo rito de consagração episcopal e de ordenação sacerdotal. Vários números do boletim *Bonum Certamen* foram dedicados a este tema crucial.

http://www.a-c-r-f.com/principal.html

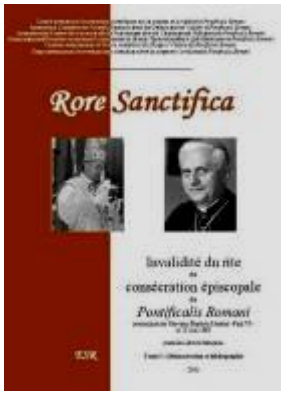
A partir de **1992**, um estudo do Dr. Coomaraswamy (ex-professor no seminário da FSSPX nos Estados Unidos) começou a circular. Dom Tissier ficou, ele mesmo, inquieto.

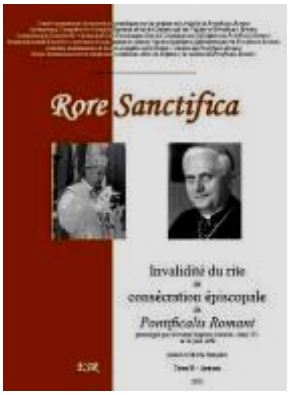
http://www.a-c-r-f.com/principal.html

Esse estudo foi posteriormente distribuído novamente, no início de **2005**, pela carta eletrônica de difusão **CSI** (***Catholicis Semper Idem***). Nesse mesmo momento, « *um ex-seminarista de Zaitzkofen (Alemanha) fez revelações sobre* ***as tentativas de abafar a questão por parte do padre Schmidberger junto a Dom Lefebvre, que ele soube enganar habilmente sobre o assunto*** » (fonte: **virgo-maria.org**).

Esse ex-seminarista, aliás, recentemente publicou nas edições Saint Rémi, em colaboração com um padre do Distrito da Alemanha da FSSPX, uma obra (em língua alemã apenas por enquanto) sobre este tema primordial.

No mesmo ano, um **grupo de teólogos e cientistas** fundou o **Comitê Internacional *Rore Sanctifica* (CIRS)**, que publicou, a partir do verão de 2005, uma série de estudos particularmente sólidos e até o momento nunca refutados, demonstrando de maneira incontestável **a invalidade intrínseca do novo rito de consagração episcopal de 1968.**





Diante do temor de ver se espalhar entre seus membros uma possível e séria contestação pública à legitimidade de Ratzinger-Bento XVI e de sua falsa « Igreja », Dom Fellay incumbiu o Padre Pierre-Marie de produzir um estudo sobre a questão a fim de impor a conclusão da validade do novo rito e assim « salvar » aquele que acabara de suceder a João Paulo II e que ele deveria muito em breve (segundo o plano estabelecido em segredo entre o Vaticano e Menzingen) apresentar como um « *restaurador da Igreja* » e um « *papa providencial* » para justificar junto aos sacerdotes e fiéis o processo de reunificação « *por etapas* » que iria iniciar oficialmente no final de agosto de 2005, sob o pretexto de « *demandas prévias* » e « *discussões doutrinais* ».

Para melhor compreender a **questão da invalidade dos novos rituais conciliares**, assim como a **trapaça absolutamente criminosa dos dominicanos de Avrillé e da FSSPX**, publicamos aqui trechos dos últimos comunicados do CIRS e convidamos nossos leitores a conhecer a totalidade de suas intervenções e publicações referindo-se aos links do site **rore-sanctifica.org** que daremos mais adiante.

> « ***Desde o mês de agosto de 2005***, **o CIRS** publicou nas ***Edições Saint-Rémi*** e em seu site na internet **dois volumes**, assim como muitos **estudos (*Notitiæ*)** e **comunicados** que administraram a demonstração factual da invalidade sacramental INTRÍNSECA radical do novo rito de consagração episcopal promulgado em 18 de junho de 1968 por Montini-Paulo VI (**Pontificalis Romani**).
>
> ***A invalidade per se desse novo rito, aplicado desde 1969 na igreja conciliar (dita 'Igreja Católica') resulta na perda progressiva e agora quase definitiva da sucessão apostólica em seu seio, e arruína completamente, ao mesmo tempo que sua validade, a legitimidade desse falso episcopado conciliar em se declarar católico e em***

> ***administrar validamente o sacramento dos Santos Ordens católicas.***
>
> ***Desde novembro de 2005***, o Padre Pierre-Marie de Kergorlay e os dominicanos de Avrillé decidiram endossar a argumentação falaciosa dos « *reformadores » modernistas conciliares (em particular Dom Botte e o Padre Lécuyer) do Consilium litúrgico de 1968, com base em seus sofismas, cujo principal é a suposta justificativa do novo rito pelo recurso a uma « **forma viva** » supostamente análoga e que seria sacramental no rito de **intronização** do patriarca maronita, que ele nomeia « rito **de ordenação** do Patriarca* ».
>
> *« O rito de intronização do Patriarca Maronita, sendo puramente jurisdicional, está, portanto, desqualificado de fato para servir de comparação para justificar de forma extrínseca a suposta validade sacramental do novo rito de consagração episcopal.*
>
> *Mas, não satisfeito em utilizar um rito não sacramental, os reformadores de 1968, seguidos nisso pelos dominicanos de Avrillé, recorreram a textos errôneos e montagens para aumentar a analogia para as necessidades de sua **pseudo-demonstração**.»*
>
> Os numerosos documentos publicados pelo CIRS demonstram de maneira magistral e implacável « *a ausência de analogia entre o novo rito e o rito de consagração patriarcal maronita, estabelecendo de forma incontestável os três fatos seguintes, a partir do artigo intitulado **O novo ritual de consagração episcopal é válido?**, publicado no outono de 2005 no n°54 da revista dos Dominicanos de Avrillé sob a assinatura do Frère Pierre-Marie o.p.:*
>
> > *“*
> > - *O uso no artigo do n°54 do Sel de la Terre de fontes orientais « errôneas » ou falsificadas.*
> > - *Um « reordenamento » arbitrário ad Hoc do rito maronita, na página 102 do n°54 do Sel de la Terre, para forçar sua « analogia » com a pseudo forma essencial conciliar.*
> > - *Uma pseudo-demonstração centrada no quadro truncado e reordenado do rito do patriarca maronita da página 102.»*

Esse é o modo como o novo rito elaborado por Dom Botte e pelo Padre Joseph Lécuyer, defendido pelo artigo do n°54 do Sel de la terre, é claramente contestado pelos seguintes fatos estabelecidos pelo CIRS em seus diferentes estudos e comunicados:

> - ***Uso de fontes "errôneas" ou falsificadas,***
> - ***Tronçamento inadmissível que suprime o Espírito Santo,***
> - ***Reassemblagem falaciosa de um rito maronita,***
> - ***Comparação de fragmentos de ritos não comparáveis,***
> - ***Justificações das teses uncionistas heréticas do adversário pessoal de Dom Lefebvre (Padre Lécuyer),***
> - ***Oposição ao ensino infalível de Pio XII sobre a validade de um rito de consagração episcopal.***

Para saber mais:

Comunicados de Rore:

http://www.rore-sanctifica.org/biblio-num-011.html

Publicações de Rore:

http://www.rore-sanctifica.org/biblio-num-01.html

A atitude de Avrillé e da FSSPX tem, portanto, hoje, **consequências trágicas**.

Enquanto Dom Lefebvre denunciava os novos sacramentos como sacramentos « *bastardos* », preferindo continuar os « *verdadeiros sacramentos* » cuidando de reordenar os « *clérigos* » conciliares desejosos de integrar sua obra sacerdotal, **a FSSPX não realiza mais nenhuma reordenação** dos pseudo-clérigos conciliares que declaram (certamente de boa fé para a maioria) querer se juntar a ela.

Esse foi o caso recentemente de um **« sacerdote » originário do Níger** que se juntou à FSSPX e agora assiste os padres Nouveau e Demornex no priorado de Nairobi, no Quênia.

http://www.laportelatine.org/archives/entret/2009/obih0909/GregObih.php

Mais recentemente, um cônego conciliar suíço, Yannick-Marie Escher, anunciou sua entrada na FSSPX.

http://www.kipa-apic.ch/index.php?pw=&na=0,0,0,0,f&ki=209839

http://www.summorum-pontificum.fr/article-pourquoi-le-chanoine-escher-a-quitte-l-abbaye-saint-maurice-pour-econe-53607877.html

Dessa forma, **discretamente, estão sendo inseridos na FSSPX pseudo-clérigos conciliares** que, não tendo recebido validamente o sacramento da ordem, são, apesar de si mesmos e, especialmente devido à **política criminosa da Direção da FSSPX**, incapazes de administrar sacramentos válidos (missa, confissão...).

Sem contar que tal negligência dos clérigos da FSSPX sobre este assunto fundamental é uma verdadeira brecha aberta para infiltrações de todos os tipos!

Progressivamente, portanto, sob o pretexto de acolher os « sacerdotes » conciliares que « *descobrem a missa antiga* », permite-se que se realizem nos altares dos priorados e capelas da FSSPX « *missas* » inválidas, ditas, é claro, no rito tradicional, mas celebradas por pseudo-sacerdotes que, apesar de toda a boa vontade que possam ter e manifestar, permanecem perfeitos leigos desprovidos de todo poder sacerdotal devido à invalidade de suas ordenações.

Assim, os sacrilégios se multiplicam pela mistura de espécies sagradas não consagradas.

Além disso, os convites de "padres" conciliares para vir aos priorados aprender e depois celebrar a missa de São Pio V, na maioria das vezes não são conhecidos pelos fiéis, e estes últimos estarão cada vez mais tragicamente confrontados com a dúvida legítima de saber se comungam verdadeiramente o corpo de Nosso Senhor ou apenas um pedaço de pão.

Essa confusão irá se acentuar e se generalizar assim que a FSSPX for oficialmente integrada à igreja conciliar, como parece estar se tornando...

Sala de reunião do Capítulo Geral realizado em Écône, na antiga capela do seminário, a partir de 30 de junho de 2010

Vemos então o quanto a FSSPX hoje participa efetivamente do plano das lojas Rosacruz e da High Church Anglicana, com o objetivo de obter a confusão dos sacerdócios (verdadeiros e falsos) a fim de secar, a longo prazo, todos os canais da graça que são os sacramentos.

Além disso, para poder continuar iludindo, a FSSPX ostenta abertamente a "conversão" e a ordenação de um ex-pastor luterano, multiplicando reportagens fotográficas, vídeos e entrevistas.

http://www.laportelatine.org/communication/presse/2006/ceremonieabjuration/pasteurstandmark/pasteursatndmark.php

http://www.laportelatine.org/archives/entret/2006/Lorans_Sandmark060729/lorans_sandmark.php

http://www.laportelatine.org/international/communic/presse/europe/Zaitzkofen/ordinat10/100626.php

No entanto, os líderes da FSSPX evitam enfatizar que este ex-protestante e maçom sueco, introduzido pelo padre Schmidberger (um clérigo infiltrado e agente de Ratzinger), foi solicitado a realizar apenas três anos de seminário (estranho para um convertido que, uma semana antes de sua cerimônia de abjuração organizada com grande pompa em Saint Nicolas du Chardonnet em 2006, ainda celebrava o culto luterano em seu templo!), antes de sua ordenação (finalmente adiada por um ano após um acidente que necessitou de intervenção cirúrgica), enquanto um jovem de uma família verdadeiramente católica que sempre frequentou as escolas e acampamentos da FSSPX faria 6 ou 7 anos de seminário e, além disso, seria testado para verificar sua capacidade de defender as posições mais heterodoxas da FSSPX sobre a eclesiologia ou o magistério infalível da Igreja e do papa, antes de ser submetido a um juramento no qual teria que reconhecer a legitimidade do pontífice conciliar e dos novos sacramentos!

http://virgo-maria.org/articles_HTML/2006/008_2006/VM-2006-08-18/VM-2006-08-18-2-01-Sandmark_Entrisme_ou_abjuration.htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-08-24-2-00-Sandmark_Nouvelles_Informations.pdf

E depois de tais transgressões, os superiores da FSSPX ousam falar doutamente (como fizeram durante o último Capítulo Geral que ocorreu em Écône de 30 de junho a 2 de julho) sobre a formação dos seminaristas e sua maturidade (isso não foi, claro, o único e mais importante assunto abordado. Voltaremos a isso para garantir que o que é concluído em segredo não fique impune...) eles que os levam, por sua infidelidade, a becos doutrinários tantas vezes condenados pela Igreja e pelos papas!

Avrillé divulgou a tese herética de uma hierarquia para duas Igrejas

Avrillé divulgou a tese herética de uma hierarquia para duas Igrejas (*Le Sel de la terre* n°59, inverno 2006-2007)

Uma análise muito boa dessa tese foi divulgada há algum tempo. Ela coloca em destaque de maneira magistral **a heresia desenvolvida pela FSSPX** assim como os **processos de desinformação e manipulação implementados** para levar os clérigos e os fiéis a admitirem tais **falsidades doutrinais**. Aqui está a introdução:

> « No número 59 (Inverno 2006-2007) da sua revista *Le Sel de la terre*, os dominicanos de Avrillé publicaram dois editoriais intitulados, respectivamente, *"Quando o lobo tenta se esconder"* (SdT 59, p. 1-2) e *"Uma hierarquia para duas Igrejas"* (SdT 59, p. 3-8). Os dois editoriais são acompanhados de um anexo (SdT 59, p. 9-14). O segundo editorial foi parcialmente reproduzido no site da FSSPX, *DICI*. Durante o 8º congresso teológico de *Si Si No No*, que ocorreu em Paris de 2 a 4 de janeiro de 2009, o padre Lorans (responsável pelo site *DICI*) deu uma conferência intitulada *"Um Papa para duas Igrejas"*. Em fevereiro de 2009, no boletim *Le Sainte Anne* do priorado de Lanvallay (FSSPX), o padre Pierre Barrère intitula *"Um papa para duas Igrejas?"* o último parágrafo de seu editorial. É este mesmo texto que também serviu como editorial para o mês de fevereiro no site oficial do distrito da França da FSSPX, *La Porte Latine*. Por fim, no número 115 (janeiro-fevereiro de 2009) de *Nouvelles de Chrétienté*, encontra-se um texto do abade Lorans intitulado *"Um papa para duas Igrejas?"*.
>
> O tema de uma hierarquia ou de um papa para duas Igrejas, desenvolvido originalmente por Avrillé, teve seguidores e parece ter se tornado um dos temas favoritos de certos clérigos da FSSPX na hora das negociações com as autoridades conciliares. O objetivo de todos esses artigos é afirmar que Ratzinger, embora imbuído dos erros e heresias conciliares, é ainda o chefe da Igreja católica.

> Para isso, estudemos por alguns momentos o segundo editorial do número 59 do *Sel de la terre*... »

Para ler a íntegra desta excelente análise:

http://www.virgo-maria.org/Documents/Etude_sur-SDT591.pdf

A análise dessas três "estudos" demonstra que, por meio de **argumentos perfeitamente falaciosos e sofismas absolutamente ímpios**, muitas vezes extraídos de autores do campo inimigo, os dominicanos de Avrillé preferiram, sobre esses três **assuntos capitais**, tergiversar a verdade para evitar despertar em seus leitores (principalmente padres e fiéis da FSSPX) conclusões que pudessem questionar essa falsa "Igreja" que é a igreja conciliar e, de fato, o processo de adesão que a FSSPX iria oficialmente iniciar **a partir de 2005** (que, na verdade, já havia sido iniciado nos bastidores e insidiosamente dentro da FSSPX há vários anos, para que as mentes estivessem prontas para aceitar, no momento certo, o anúncio das funestas "*etapas oficiais*"), após o encontro de Dom Fellay com Ratzinger-Bento XVI, negociado meses antes pelo padre Schmidberger.

Assim, os dominicanos de Avrillé, apresentados artificialmente como "*a ala dura da FSSPX*" e considerados como "*a referência*" em matéria de teologia, bloquearam, por meio de seus estudos enganadores, toda reação salvadora dentro da obra de Dom Lefebvre.

Mas não é perturbador que esses três "estudos", destinados não apenas a convencer os padres e os fiéis da FSSPX da legitimidade da igreja conciliar e de seus pontífices, mas, sobretudo, a neutralizar qualquer estudo sério sobre o tema, tenham sido divulgados imediatamente após a eleição de Ratzinger, que a FSSPX se esforçou em apresentar como o "*restaurador da Igreja e da Tradição*"?

R.P. Pierre-Marie de Kergorlay

Esses "estudos" dos dominicanos de Avrillé, **patrocinados na época por Dom Williamson e o padre Schmidberger**, não foram realizados em algumas semanas. Parece, portanto, que foram decididos e iniciados muito antes para serem publicados no momento apropriado, ou seja, logo após a eleição de Ratzinger, a fim de preservá-lo de possíveis reações que poderiam denunciar sua ilegitimidade.

Vindo especialmente de Londres para o Capítulo geral, Dom Williamson, em 30 de junho de 2010 em Écône, discutindo com um dominicano de Avrillé

Como vimos, a missão de preparar a futura religião da Nova Ordem Mundial foi atribuída a Bento XVI.

E curiosamente, desde 2005, o irmão de Denis de Kergorlay vem, por meio de seus "estudos" falaciosos, reforçando o objetivo dos círculos globalistas.

De fato, para os inimigos da Igreja, é necessário que os católicos reconheçam Bento XVI como "Papa" e sua falsa "Igreja" como a Igreja católica, pois é graças a esse reconhecimento que aquele que ocupa indevidamente a Cátedra de Pedro pode trabalhar na destruição da Igreja e na instalação da religião anticristã. Se fosse denunciado como um usurpador, não seria mais nada. Daí a preocupação maior da Direção da FSSPX, comprometida nesse plano maquiavélico, em combater com afinco qualquer posição etiquetada desdenhosamente como "sedevacantista", que pudesse arruinar seu processo de adesão.

Estranhamente, também a partir de 2005, os dominicanos de Avrillé receberam subitamente doações financeiras significativas que lhes permitiram iniciar numerosos t com aqueles realizados até então…

Travaux dans le réfectoire de l'hôtellerie

Desde 2005, Avrillé tem multiplicado os gastos imobiliários:

biblioteca, Pousada São Tomás, restauração do refeitório e da cozinha da hospedaria, capela do "Priorado", etc.

Em outubro de 2005, os dominicanos escreviam em seu boletim que esperavam conseguir construir sua biblioteca "mais rapidamente que a famosa 'quarta ala' (primeiro golpe de picareta no verão de 1981, fim das obras - com exceção do capítulo - em 2004)".

Na *Carta dos dominicanos de Avrillé* de março de 2007 (n° 41), o Padre Innocent-Marie anuncia:

> **“A biblioteca já começou”, “Graças à sua generosidade, já dispomos de uma boa parte do dinheiro necessário”.**

Em **23 anos (de 1981 a 2004)**, os dominicanos de Avrillé conseguiram **dificilmente finalizar a construção de uma “quarta ala”** e em **2 anos (de 2005 a 2007)**, eles conseguiram obter o financiamento necessário para iniciar múltiplos trabalhos, incluindo a imensa biblioteca (estimada em quase 1,5 milhão de euros), que foi **concluída em 5 de junho de 2009 (data da bênção por Dom Tissier), ou seja, apenas 2 anos após a colocação da primeira pedra !**

Mas de onde pode vir esse dinheiro?

Quem são esses generosos doadores milionários que de repente surgiram para ajudar o convento do Padre Pierre-Marie de Kergorlay?

É possível que esse dinheiro tenha sido uma espécie de "recompensa por serviços prestados"?

Todos os eventos que a FSSPX tem vivido desde os anos 2000-2001 não se devem, como se gostaria que acreditássemos, a uma benevolência do Vaticano em relação à Tradição à qual seus líderes estariam se convertendo. Também não são frutos da suposta "estratégia" dos "pré-requisitos" de Dom Fellay, e ainda menos de suas "cruzadas" sacrílegas. Ao contrário, todos os fatos apresentados neste dossiê parecem demonstrar que estamos diante de uma evidente concertação oculta estabelecida entre os Altos Iniciados do Vaticano, ligados aos círculos globalistas anglo-saxões, e seus agentes infiltrados desde o início dentro da FSSPX, que assumiram a direção total da instituição desde a morte de Dom Lefebvre.

In Christo Rege

Resistência católica

Fim do dossiê da *Resistência Católica* para a parte n° 2

Veja os Anexos da Terceira Parte

- **Ver ANEXO 1**
- **Ver ANEXO 2**

© 2010 virgo-maria.org

Referências

[1] http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-07-26_D_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_DE-KERGORLAY.pdf

http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-07-26_D_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_DE-KERGORLAY_ANNEXES.pdf

[2] http://resistance-catholique.org/

Face oculta da FSSPX (1)

Face oculta da FSSPX n°1 [1] suas conexões com a Maçonaria e várias Organizações Mundialistas

Sexta-feira, 27 de agosto de 2010

Artigo original disponível no site Virgo Maria

- A vida dupla do padre Lorans
- O padre Lorans e a Fundação Pierre Lafue
- O padre Lorans, um "informante" dos Serviços de Informação Geral?
- A ação subterrânea do G.R.E.C., a "Loja São Filipe do Roule"
- Anexos
  - Anexo 1
  - Anexo 2
- Referências

A vida dupla do padre Lorans

Divulgação do excelente dossiê de *Resistência Católica****[2]*** publicado em 25 de junho de 2010.

http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-06-25_B_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_la-Double-Vie-de-LAbbe-LORANS.pdf

A DUPLA VIDA DO PADRE LORANS

Desde sua saída do Instituto Universitário São Pio X em 2002, o padre Lorans é responsável pela comunicação de Dom Fellay e da FSSPX. Diretor da revista *Nouvelles de Chrétienté*, ele possui um **escritório particular** em Paris, permitindo-lhe assim desfrutar de uma **incrível independência**. Ele também conta com uma **secretária particular**. Aliás, ele se esforçou para manter a mesma secretária que tinha quando era Diretor do Instituto Universitário São Pio X...

O padre Lorans e a Fundação Pierre Lafue

Considerando sua vida de padre um pouco monótona, **o padre Lorans** quis "diversificar" suas atividades... Acostumado à vida mundana parisiense e desfrutando de conviver com a intelectualidade francesa, o padre Lorans é, assim, **há vários anos membro do júri do prêmio da Fundação Pierre Lafue.**

É nessa qualidade que, em 2004, esse clérigo desviado, **membro também do conselho de administração da referida Fundação, premiou na sede da UNESCO o "cardeal" Paul Poupard** por seu livro **" *Au cœur du Vatican, de Jean XXIII à Jean-Paul II* "** e, **em 2007, " *Dom* " Francesco Follo**, observador do Vaticano junto à UNESCO, por seu livro **" *Jean-Paul II et la culture contemporaine* "**!

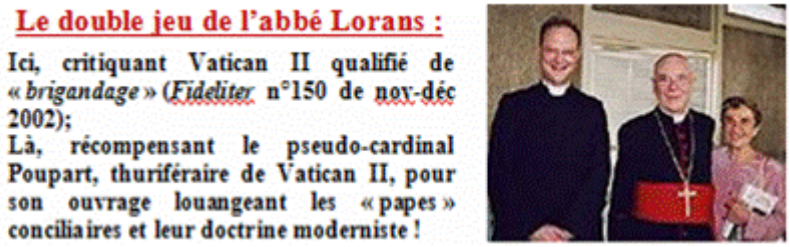
Finalmente, em **2009**, o júri desta fundação, do qual faz parte o padre Lorans, concedeu seu 33º prêmio... a **Dominique de Villepin** por sua obra **" *La chute ou l'Empire de la solitude : 1807 - 1814* "**!

(Fonte : http://www.fondationpierrelafue.org/Projet/prix_de_lannee.html)

Bandeira da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, na sede da qual (Paris) ocorre anualmente, desde 1994, a entrega do prêmio da Fundação Pierre Lafue.

Fontes: http://www.fondationpierrelafue.org/Projet/home.html

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-A-00-Abbe_Lorans_primant_les_conciliaires.pdf



Enquanto em púlpito e em seus escritos, a fim de dar aos fiéis uma aparência de firmeza da FSSPX, o padre Lorans critica amorosamente as autoridades conciliares às quais ele finge dar lições anti-modernistas, na prática, o mesmo padre simpatiza com essas autoridades e lhes distribui prêmios na UNESCO para recompensar seus trabalhos modernistas!!

Ao consultar as obras de Emmanuel Ratier (especializado em movimentos ocultos, seguindo os passos de Henry Coston e Yann Moncomble), especialmente sua *Enciclopédia Política Francesa* e seu livro *No Coração do Poder, investigação sobre o clube mais poderoso da França*, descobrimos que **dois dos membros do júri da Fundação Pierre Lafue, André Fontaine e Jean-Denis Bredin, pertenciam durante o mesmo período ao *Siècle*, um clube oculto de grande influência.**

Através dessa investigação, descobrimos que **André Fontaine, ex-diretor do jornal *Le Monde*,** é também membro da ***Comissão Trilateral*, Alta Instância da Nova Ordem Mundial.**

Jean-Denis Bredin, por sua vez, pertence ao **Círculo da União Interaliada**, que abordaremos em nossa **3ª parte** e que é dirigido pelo **conde Denis de Kergorlay, irmão do Padre Pierre-Marie.**

> A ***Comissão Trilateral*** é uma organização privada fundada em 1973 por iniciativa dos principais líderes do grupo ***Bilderberg*** e do ***Council on Foreign***

> ***Relations***, entre os quais podemos citar: **David Rockefeller**, **Henry Kissinger** e **Zbigniew Brzezinski** (ex-conselheiro do presidente Jimmy Carter). Ela reúne de 300 a 400 personalidades das mais influentes – homens de negócios, políticos, tomadores de decisão, "intelectuais" das 3 principais zonas econômicas: América do Norte, Europa Ocidental, Japão: **http://fr.wikipedia.org/wiki/Commission_Trilat%C3%A9rale**.
>
> **Logo de inspiração maçônica da organização *Trilateral***
>
> ***Le Siècle*** é um "clube de reflexão" fundado em 1944 por **Georges Bérard-Quélin**, reunindo **membros influentes da "classe dirigente" francesa.** A idade máxima para seus membros é de 65 anos. Nele estão altos funcionários, líderes empresariais, políticos de direita e de esquerda, sindicalistas, além de representantes do mundo editorial e dos meios de comunicação e **até mesmo eclesiásticos: http://fr.wikipedia.org/wiki/Le_Si%C3%A8cle**.

Assim, o padre Lorans mantém há mais de dez anos vínculos estreitos com redes influentes e mundialistas em Paris, próximas das altas esferas do poder, ligadas na sua maioria à Maçonaria.

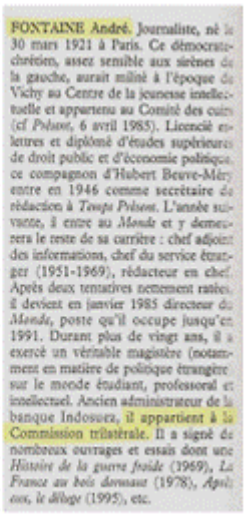
Dom Fellay e o padre de Cacqueray, que não ignoram as associações do padre Lorans com esses círculos e até os incentivam, portanto, cobrem com sua autoridade tais compromissos!

É em sua obra dedicada ao ***Siècle*** (*No Coração do Poder*, Edições *Facta*) que Emmanuel Ratier nos revela que Jean-Denis Bredin, membro da Academia Francesa, e o jornalista André Fontaine pertenciam ambos a esse **clube influente e oculto:**

BREDIN Jean-Denis. Avocat, né le 17 mai 1929 à Paris. Il est le beau-fils du bâtonnier Jean Lemaire, qui fut l'un des avocats du maréchal Philippe Pétain. Agrégé des facultés de droit et licencié ès lettres, il devint en 1950 avocat à la Cour d'appel de Paris. En 1951, il a été premier secrétaire à la conférence du stage, puis professa à Rennes et Lille. Conseiller technique à la direction générale des enseignements supérieurs en 1968-1969 (il demeurera longtemps dans le sillage d'Edgar Faure), il a ensuite enseigné le droit privé à Dauphine (professeur de 1971 à 1993). En parallèle, il a mené une vie politique. Membre du Nouveau Contrat social, il soutint François Mitterrand à l'élection présidentielle de 1974 (puis de 1981) et fut notamment de 1976 à 1980 vice-président du Mouvement des radicaux de gauche. Durant les septennats de François Mitterrand, ce lettré, collaborateur très régulier du *Nouvel observateur* et auteur de plusieurs romans et ouvrages à succès (élu à l'Académie française en 1989) a conduit plusieurs missions ou figuré dans de nombreuses commissions officielles (commission Moinot, commission sur la réforme du cinéma, mission sur l'audiovisuel, etc.).

L'annuaire ultra-confidentiel du Siècle. Il se compose de volumes consacrés aux membres et de volumes consacrés aux invités.

Extraits du livre, *Au cœur du pouvoir*, d'Emmanuel Ratier sur *Le Siècle*


FONTAINE André. Journaliste, né le 30 mars 1921 à Paris. Ce démocrate-chrétien, assez sensible aux sirènes de la gauche, aurait milité à l'époque de Vichy au Centre de la jeunesse intellectuelle et appartenu au Comité des cuirs (cf *Présent*, 6 avril 1985). Licencié en lettres et diplômé d'études supérieures de droit public et d'économie politique, ce compagnon d'Hubert Beuve-Méry entre en 1946 comme secrétaire de rédaction à *Temps Présent*. L'année suivante, il entre au *Monde* et y demeurera le reste de sa carrière : chef adjoint des informations, chef du service étranger (1951-1969), rédacteur en chef. Après deux tentatives nettement ratées, il devient en janvier 1985 directeur du *Monde*, poste qu'il occupe jusqu'en 1991. Durant plus de vingt ans, il a exercé un véritable magistère (notamment en matière de politique étrangère) sur le monde étudiant, professoral et intellectuel. Ancien administrateur de la banque Indosuez, il appartient à la Commission trilatérale. Il a signé de nombreux ouvrages et essais dont une *Histoire de la guerre froide* (1969), *La France au bois dormant* (1978), *Après eux, le déluge* (1995), etc.

Na sua *Enciclopédia política francesa*, Emmanuel Ratier acrescenta o seguinte sobre Jean-Denis Bredin: « Nascido **Hirsh-Bredin**, tornou-se Bredin por decreto de 16 de março de 1950, pai de Frédérique Bredin, ex-**ministro socialista** da Juventude e dos Esportes no **governo Cresson** *[sob **Mitterrand**]*, ele é um ex-associado de **Robert Badinter** [com quem fundou um importante escritório de advogados em Paris] ».

O júri da Fundação Pierre Lafue também inclui... um certo **padre Pascal Thuillier (ex-FSSPX) que rapidamente se tornou seu vice-presidente.**

Antigo primeiro vigário de São Nicolau do Chardonnet, ex-assistente do diretor do Instituto Universitário São Pio X (que não era outro senão o padre Lorans...), ex-capelão da *Civitas* e ex-professor de dogma no seminário de Écône, o padre Thuillier deixou a FSSPX em 2005 após a cisão provocada pelos padres Laguérie, Héry e de Tanoüarn.

De fato, pode ser legítimo preocupar-se com a formação recebida naquele momento por dezenas de seminaristas que se tornaram padres hoje.

De qualquer forma, é bastante significativo ver esses círculos de influência da *Nova Ordem Mundial* e do poder oculto, recuperarem assim clérigos que se juntaram ou estão prestes a se juntar a essa Contra-Igreja globalista e anticristã que é a igreja conciliar.

Renunciando à luta de Dom Lefebvre, o padre Thuillier imediatamente se juntou à igreja conciliar. Assim como seu confrade, o padre **Guelfucci**, que deixou ao mesmo tempo a FSSPX, ele abandonou de imediato sua batina para adotar o clergyman! **Capelão da basílica do Sagrado Coração de Montmartre a princípio, ele foi nomeado em 2009 vigário da igreja São João Batista de Grenelle.**

Par décision du Cardinal André VINGT-TROIS, archevêque de Paris, à dater du 1er septembre 2009

- M. l'Abbé Patrick SEMPÈRE, vicaire à Saint-Christophe de Javel, enseignant à l'École Cathédrale, aumônier de « Aux Captifs la Libération », est nommé vicaire à Saint-Denys du Saint-Sacrement, adjoint à la Maison Saint-Denys du Saint-Sacrement, directeur au Séminaire diocésain. Il demeure aumônier de « Aux Captifs la Libération ».
- M. l'Abbé Pascal THUILLIER, chapelain au Sacré-Cœur, est nommé vicaire à Saint-Jean-Baptiste de Grenelle.
- Mgr Antoine de VIAL curé de Saint-Marcel, est nommé à Notre-Dame d'Espérance.

Image not found or type unknown

http://catholique-paris.cef.fr/108-Nominations-et-portraits-des.html

Image not

Père Pascal Thuillier, vicaire à la paroisse depuis septembre 2009.
Responsable des Jeunes couples et du parcours Elle et Lui ;
Responsable du secteur caritatif ; Eucharistie et Travail ; Evangélisation ;
Organisation des concerts ;
Catéchisme en CE1 ; Responsable de la messe du catéchisme.

Père Pascal Thuillier

http://www.sjbg.org/spip/Les-pretres-et-diacres

E aqui está o Padre Marc Guelfucci (ex-FSSPX) no meio de sua nova "equipe paroquial"...: "a equipe de choque" da igreja São Pedro de Chaillot em Paris!

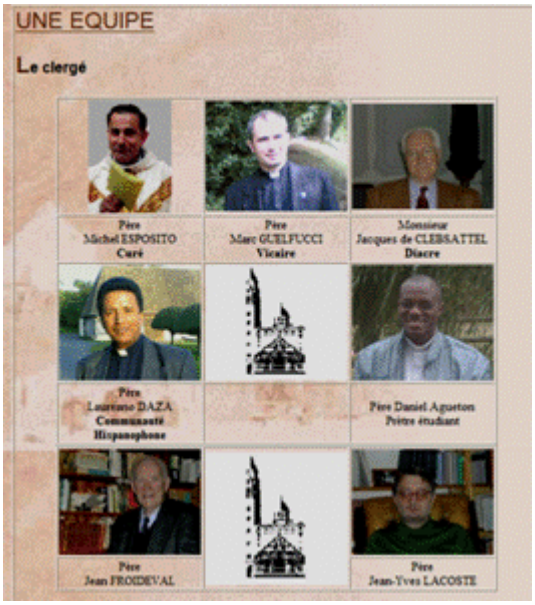


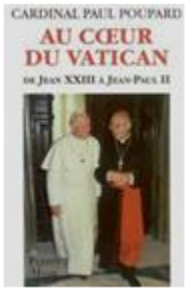
Image not found or type unknown

http://www.premiumwanadoo.com/chaillot/Debut_site/frame5.html

Quem, antes de sua partida, teria imaginado por um único instante uma queda tão profunda por parte desses padres?

Esses padres deixaram a FSSPX, mas quantos continuam a participar, por dentro, com sua doutrina corrompida, dessa insidiosa corrupção das almas que resulta, entre os fiéis, em morosidade, cansaço na luta, relaxamento nas condutas, mundanidade, para finalmente levar, por meio das inevitáveis concessões aos princípios que dela decorrem, a uma fé superficial e heterodoxa que, de fato, já não é católica?

Em 2004, já dissemos, foi o pseudo-cardeal **Poupard** quem foi **agraciado pelo padre Lorans e pela Fundação Pierre Lafue.**

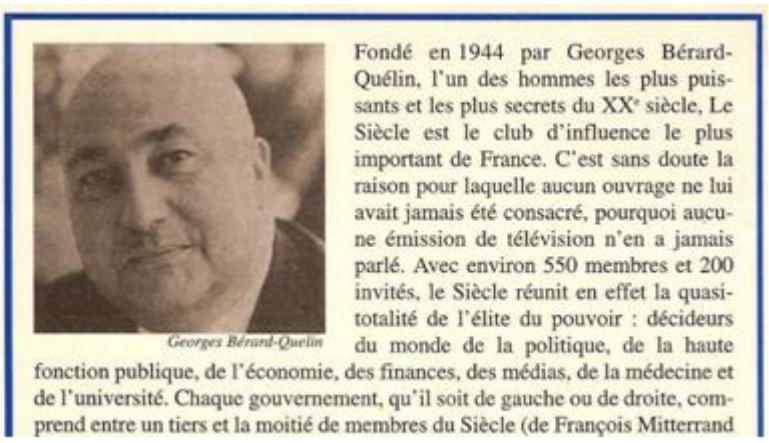


O pseudo-cardeal Poupard, sempre colado à Sra. Lafue... sob o olhar satisfeito do padre Lorans!

POUPART Paul. Cardinal, né le 30 août 1930 à Bouzillé. Ce docteur en théologie a été ordonné prêtre en 1954. Enseignant dès l'année suivante, il sera aumônier d'étudiants en 1957, attaché au CNRS en 1958, puis rejoindra la secrétairerie d'Etat (1959-1971) et l'Institut St Dominique (1963-1971) à Rome. Prélat d'honneur de Paul VI de 1971 à 1978, il fut de 1971 à 1981 recteur de l'Institut catholique de Paris. Evêque auxiliaire du diocèse de Paris en 1979-1980, il devient en 1980 président du secrétariat pour les non-croyants, puis en 1982 président du conseil pontifical de la culture depuis 1982. Il a été fait cardinal en mai 1985. Il est au sein de l'Eglise le grand spécialiste du dialogue avec les non-chrétiens et non-croyants.

Graças novamente ao livro de Emmanuel Ratier sobre ***Le Siècle***, verificamos que este **prelado da igreja conciliar em exercício no Vaticano** também foi **membro dessa organização oculta e mundialista**, assim como André Fontaine e Jean-Denis Bredin, membros do júri da Fundação Pierre Lafue ao lado do padre Lorans.

Uma questão se coloca então. O padre Lorans teria ele mesmo laços com esse "clube muito secreto que alguns compararam às lojas maçônicas ou à Sinarquia"?



Fondé en 1944 par Georges Bérard-Quélin, l'un des hommes les plus puissants et les plus secrets du XXe siècle, Le Siècle est le club d'influence le plus important de France. C'est sans doute la raison pour laquelle aucun ouvrage ne lui avait jamais été consacré, pourquoi aucune émission de télévision n'en a jamais parlé. Avec environ 550 membres et 200 invités, le Siècle réunit en effet la quasi-totalité de l'élite du pouvoir : décideurs du monde de la politique, de la haute fonction publique, de l'économie, des finances, des médias, de la médecine et de l'université. Chaque gouvernement, qu'il soit de gauche ou de droite, comprend entre un tiers et la moitié de membres du Siècle (de François Mitterrand

Georges Bérard-Quelin

Au Cœur du Pouvoir, Investigação sobre o clube mais poderoso da França **(de Emmanuel Ratier, Edições *Facta*)**

> « ***Para fazer parte do Siècle***, a tarefa é particularmente difícil, pois, **ao contrário da maioria dos clubes franceses, você não se candidata, mas é convidado.** "Aqui, o nascimento e o dinheiro realmente não contam: **apenas o poder ou sua proximidade extrema abrem as portas dessa sociedade**

> **ritualizada** » (páginas 87-88).

Quanto à entrega do prêmio ao “cardeal” Poupard, convidamos você a consultar no site da Fundação Pierre Lafue um **e-mail do padre Lorans (divulgado pela agência de notícias vaticana *Zenit*!) endereço à Sra. Yolande d’Argence Lafue nesta ocasião.** Você pode lê-lo no anexo que acompanha o dossiê ou clicando no link a seguir:

Mail envoyé à Madame Yolande Lafue de la part de l'Abbé Alain Lorans
ZENIT, ZENIT - Le monde vu de Rome
Le Prix "Pierre Lafue" au cardinal Poupard :
"Au coeur du Vatican" et "au coeur des cultures" CITE DU VATICAN, Vendredi 11 juin 2004 (ZENIT.org)
Le cardinal Paul Poupard, "ministre de la Culture" de Jean-Paul II, s'est vu attribuer le Prix de la Fondation Pierre Lafue, pour le livre "Au coeur du Vatican" publié en 2003 aux éditions Perrin/Mame : un voyage aussi "au coeur des cultures" et une occasion pour le cardinal Poupard de rendre hommage à Pierre Lafue : "un témoin privilégié, germaniste et écrivain", journaliste "hors pair" et "historien". Le Prix a été remis au cardinal Poupard, président du Conseil pontifical de la Culture, mercredi dernier, le 9 juin 2004, à l'Unesco, à Paris.

Image not found or type unknown

http://www.fondaionpierrelafue.org/Projet/LivreOr/LO_2004.html

http://fr.wikipedia.org/wiki/Fondation_Pierre-Lafue

Em 2007, foi a obra do “Dom” Folio que foi premiada pelo padre Lorans.

Aqui está o resumo do editor que revela o caráter modernista deste livro:

> *« **Em junho de 1980, o papa João Paulo II** veio a Paris e, nesta ocasião, fez duas grandes intervenções sobre a cultura, **uma no Instituto Católico de Paris e a outra na Unesco**, onde afirmava, entre outras coisas: **‘É pensando em todas as culturas que quero dizer, em Paris, na sede da Unesco, com respeito e admiração: Aqui está o homem!’***

Image not found or type unknown

Recebido na época como um verdadeiro golpe de trovão, o discurso papal desafiava tanto as certezas marxistas quanto aquelas do liberalismo econômico, ***colocando o homem como o centro e o fundamento decisivo da cultura e das civilizações.*** *Ao ouvi-lo, cada um descobria o pensamento, forte de pressupostos personalistas e fenomenológicos, de um verdadeiro filósofo, profundo conhecedor dos sistemas ideológicos e capaz de iluminar o destino político de nosso mundo.*

Esta obra oferece uma série de análises dessas duas intervenções de João Paulo II, apresentadas ***durante o colóquio "Cultura, razão e liberdade" organizado, em 2 de junho de 2005, pelo Santo Sé na Unesco****, em colaboração com o Instituto Católico de Paris, por ocasião do* ***25º aniversário desse evento****.* ».

Em 2009, o 33º prêmio da Fundação Pierre Lafue foi concedido a... Dominique de Villepin.

Image not fi

http://www.fondationpierrelafue.org/Projet/LivreOr/33emePrix2009/LO_2009.html

Na enciclopédia de política francesa (Edição 2005) de Emmanuel Ratier, lemos o seguinte sobre Dominique de Villepin:

> « **Em maio de 2003, ele foi acolhido pelo grupo de Bilderberg, que se reuniu em Versalhes de 15 a 18 de maio, recebendo assim a unção dos círculos mundialistas.**
>
> *No dia 25 de junho de 2003, ele recebeu uma delegação de dignitários do* ***Grande Oriente da França*** *(e de obediências aliadas) para o (pseudo) bicentenário dessa organização maçônica. Aqui estão alguns trechos que revelam, muito mais do que outros discursos, o fundo de seu pensamento e de sua ideologia, inteiramente herdados do "Iluminismo":*
>
> *« Estou feliz em recebê-los no Quai d'Orsay, no* ***templo da bússola e do relógio****, vocês,* ***homens e mulheres da esquadra e do compasso*** *[...]. Seus ideais são também aqueles que podem permitir que cada cultura se enriqueça com o olhar das outras [...].* ***A França é herdeira de sua história, assim como a maçonaria, em grande parte, formou a estrutura dos clubes revolucionários que levaram a França à República*** *[...].* ***Como lutar contra os extremismos, os integrismos e os fundamentalismos?*** *Cabe a nós desenvolver uma reflexão e forjar conceitos operacionais, inventar juntos* ***um modelo de humanismo moderno e renovado*** ».

No contexto das recepções parisienses mundanas, o padre Lorans se abana alegremente e com total impunidade com os círculos do poder e os altos prelados modernistas do Vaticano.

Em 2008, durante a 32ª premiação concedida à Sra. Simone Bertière, os padres Lorans e Thuillier todos sorridentes!

http://www.fondationpierrelafue.org/Projet/LivreOr/LO_2008.html

Um padre rotulado de "*integrista*" não se encontra nesses meios "por acaso" sem que haja, da sua parte, concessões ou sem que tenha sido previamente "comprometido".

Verdadeiro homem das sombras, o padre Lorans é um daqueles clérigos infiltrados que, nos bastidores, há anos trabalha para a absorção insidiosa da FSSPX pela igreja conciliar.

Desde o momento em que foi nomeado Diretor do Instituto Universitário São Pio X, no final dos anos 80, o padre Lorans começou a estabelecer discretamente contatos com certos círculos da classe **dirigente francesa e da hierarquia conciliar.**

Então, em 1998, surgiu o **G.R.E.C.** (cf. *A tempestade acalmada* de Huguette Pérol), cuja fundação ele participou ativamente. **O padre Lorans se envolveu particularmente nas reuniões organizadas por esse grupinho com o objetivo de "*contribuir para a reconciliação*" da FSSPX com a Roma modernista.**

> "http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-17-3-00-Petite_grammaire_du_GREC_de_l_abbe_Lorans%20(1).pdf

Introduzido (por quem?) nesses meios, o padre Lorans se deleita nesse papel de agente de influência que, por seu jogo duplo, trabalha pela neutralização da FSSPX pela Roma conciliar.

Seria, aliás, graças a suas redes e conexões secretas dentro dos círculos do poder e do Sistema que a FSSPX conseguiu obter em 2000 o misterioso desbloqueio pelo governo de suas doações e legados que representam vários milhões de euros? Em troca de quê?

O padre Lorans, um "informante" dos Serviços de Informação Geral?

Antes de falar sobre o G.R.E.C., mencionemos aqui as **revelações feitas recentemente em seu último livro pelo ex-diretor dos Serviços de Informação Geral, Yves Bertrand.**

Chefe dos RG de 1992 a 2004, o mesmo declarou, particularmente em uma entrevista na *Radio Courtoisie* em novembro de 2009, ter tido contatos regulares com a FSSPX e, em particular, com o padre Lorans, que lhe fornecia informações.

Isso é, aliás, o que ele confirma em seu último livro:

> « *Eu tinha **contatos regulares com os católicos da FSSPX** alinhados sob a bandeira de Dom Lefebvre (...) **Lembro-me de ter sido convidado a um restaurante na rua do Bac por dois de seus representantes, o padre Lorans e o padre Laurençon.** Esperei o término da oração de bênção para jantar com eles em uma **excelente atmosfera!*** » (**Capítulo 16** « *Redes, Lojas e Capelas* », página 347).

Tal convite nos leva, portanto, a nos questionar.

De fato, os RG (que recentemente se fundiram com a DST) tinham como função, como todo serviço de inteligência, realizar **na mais total discrição** missões de **vigilância** e **coleta de informações.**

É, portanto, particularmente perturbador saber hoje que o padre Lorans convidava pessoalmente e se encontrava regularmente com o chefe dos Serviços de Informação Geral que, ao mesmo tempo, monitorava as atividades da FSSPX!!

A ação subterrânea do G.R.E.C., a "Loja São Filipe do Roule"

A admissão neste **"clube" privado** se dá por **cooptação**, seguindo critérios de seleção muito rigorosos. É necessário ter uma certa rede de relacionamentos no meio "tradicional" (num sentido muito amplo...) ou conciliar e demonstrar uma vontade particular de alcançar a **"*reconciliação*"** entre a FSSPX e Roma, ou seja, sua integração na igreja conciliar.

A sala paroquial (174, rua do faubourg Saint Honoré) onde ocorrem as reuniões do G.R.E.C. a portas fechadas

Este **cénacle oculto**, **uma espécie de "Rotary Club"**, reúne **representantes da igreja conciliar** (« Dom » Breton, « Dom » Fort, « Dom » Rey, « Dom » Aillet, o Padre Lelong, o Padre de la Brosse, um Padre beneditino, Paul Airiau...) **da corrente *Ecclesia Dei*** (o padre Barthe, próximo do Instituto do Bom Pastor, um monge da abadia de Randol, vários membros da Fraternidade São Pedro e do Instituto do Cristo Rei, Luc Perrin, Xavier Arnaud, fundador do **muito subversivo *Forum Católico***, Michel Janva, animador do ***Salon Beige*, blog que adula Bento XVI** divulgando informações orientadas e tendenciosas) mas também **da Fraternidade São Pio X**, entre os quais o padre **Lorans**, o padre **Celier**, Marie-Alix **Doutrebente**, responsável pelo coral em São Nicolau do Chardonnet e alguns outros leigos sobre os quais voltaremos muito em breve...

O padre de Cacqueray figura ele mesmo (entre os nomes de outros padres...) na lista dos membros do G.R.E.C.!

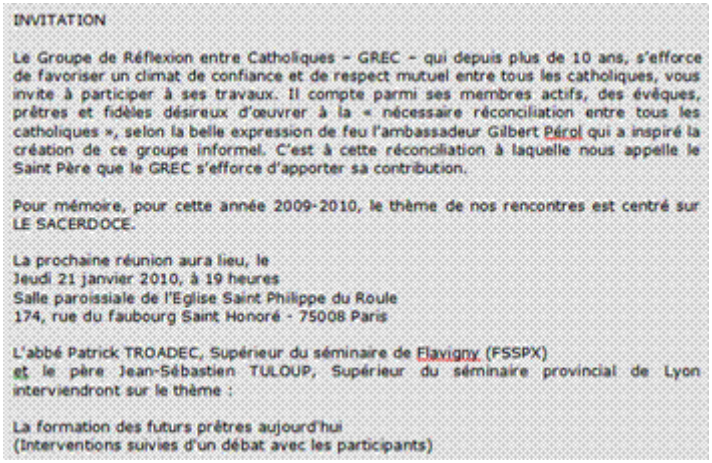
Regularmente, outros padres da FSSPX participam dessas reuniões que ocorrem, **sempre a portas fechadas**, na sala paroquial da igreja São Filipe do Roule no 8º arrondissement.

Na reunião do G.R.E.C. do **21 de janeiro passado**, foi a vez do **padre Troadec**, Superior do seminário de Flavigny, **discutir o tema "a formação dos padres hoje"** ao lado do "padre" **Jean-Sébastien Tuloup, "padre" inválido da igreja conciliar e Superior do seminário provincial**

de Lyon.

O padre Troadec e o pseudo-"padre" Tuloup

Assim como as **vestes brancas abertas das lojas maçônicas**, podem ser admitidos a essas reuniões aqueles que não são "membros ativos" do G.R.E.C., mas estes devem ter recebido pessoalmente um convite diretamente do G.R.E.C. após terem sido **propostos e apresentados** por uma pessoa que já é membro. Os participantes deverão, então, desembolsar 5 € de **"contribuição para os custos"** (?!).



INVITATION

Le Groupe de Réflexion entre Catholiques – GREC – qui depuis plus de 10 ans, s'efforce de favoriser un climat de confiance et de respect mutuel entre tous les catholiques, vous invite à participer à ses travaux. Il compte parmi ses membres actifs, des évêques, prêtres et fidèles désireux d'œuvrer à la « nécessaire réconciliation entre tous les catholiques », selon la belle expression de feu l'ambassadeur Gilbert Pérol qui a inspiré la création de ce groupe informel. C'est à cette réconciliation à laquelle nous appelle le Saint Père que le GREC s'efforce d'apporter sa contribution.

Pour mémoire, pour cette année 2009-2010, le thème de nos rencontres est centré sur LE SACERDOCE.

La prochaine réunion aura lieu, le
Jeudi 21 janvier 2010, à 19 heures
Salle paroissiale de l'Eglise Saint Philippe du Roule
174, rue du faubourg Saint Honoré - 75008 Paris

L'abbé Patrick TROADEC, Supérieur du séminaire de Flavigny (FSSPX)
et le père Jean-Sébastien TULOUP, Supérieur du séminaire provincial de Lyon interviendront sur le thème :

La formation des futurs prêtres aujourd'hui
(Interventions suivies d'un débat avec les participants)

Convite do G.R.E.C. para a reunião de 21 de janeiro de 2010

Os dirigentes do G.R.E.C. atuam como intermediários entre a FSSPX e os conciliares

De acordo com as informações de um antigo "simpatizante", as noites do G.R.E.C. começam com um debate entre dois palestrantes, sendo que um deles é frequentemente um padre da FSSPX. Essas intervenções são seguidas de um intercâmbio com os participantes. A **última reunião (veja anexo 2), datada de 10 de junho de 2010**, foi encerrada com um buffet.

Assim, ao longo dos anos, padres da FSSPX, escolhidos e mandatados pelo Superior do Distrito da França e Dom Fellay, participam desses "diálogos fraternais".

Por meio dessas reuniões que se pretendem "amistosas" e nas quais se pede para buscar **“o que une em vez do que divide”** (?!), os padres da FSSPX estabelecem naturalmente contatos, simpatizam uns com os outros. Então, por respeito humano, para evitar ofender seus novos "amigos", esses padres acabam se deixando levar gradualmente a silêncios, concessões e outros abandonos...

A igreja Saint Philippe du Roule e seu “cura” Jean-Marie Dubois

De ambas as partes, **os clérigos e os leigos devem partir do princípio de que não são “*adversários*” ou “*inimigos*”**, mas que sua oposição decorre apenas de uma incompreensão mútua, de “*excessos*” ou de “*rigidezes*”. Cada um evitará as palavras “*integristas*”, “*modernistas*” ou “*conciliares*” para falar apenas de “*católicos*”. É por isso que, como propõe o G.R.E.C., ao aprender a “*se conhecer melhor*” e ao favorecer **“*um clima de confiança*”**, cada um conseguirá, por esse “*respeito mútuo*”, se **“*reconciliar*”** (?!)

Esses "intercâmbios" têm, portanto, como objetivo, antes de tudo, mudar os "estados de espírito", os "comportamentos" e as "atitudes de desconfiança" e, insidiosamente, facilitar a lenta diluição da FSSPX na igreja conciliar.

Desde a fundação do G.R.E.C., há mais de dez anos, **a FSSPX nunca apresentou a seus fiéis este grupo, aqueles que estão em sua origem, sua organização, seu funcionamento, seus objetivos...**

Em nenhum momento, os fiéis, mas também a maioria dos padres, foram informados das reuniões do que se poderia chamar agora de **“Loja São Filipe do Roule”** e ainda menos da participação da FSSPX nessas **encontros secretos**.

Por que, então, tanta opacidade, se não há nada a esconder?

Communiqué du Groupe de Réflexions Entre Catholiques (GREC)
Paris le 29 janvier 2009

Le Groupe de Réflexions Entre Catholiques (GREC) rend grâce pour la levée de l'excommunication des quatre évêques de la Fraternité Sacerdotale Saint-Pie-X, généreusement décidée par le Saint-Père et promulguée le 24 janvier 2009.

Il se réjouit de tout cœur pour la Fraternité Sacerdotale Saint-Pie-X. Mais il se réjouit surtout pour l'Église, laquelle a besoin plus que jamais, comme l'a dit le pape Benoît XVI à Lourdes, de tous ses enfants dans le champ de l'apostolat.

Cette mesure sert le renforcement de l'unité interne et plus encore de la charité.

Cette décision cause une joie d'autant plus grande au GREC que sa vocation, depuis l'origine, a précisément été de créer un espace de rencontres et de discussions entre catholiques, tout spécialement pour que soit reconnue aux prêtres et aux fidèles de l'œuvre de Mgr Lefebvre, leur place au sein l'Église.

Persuadé que le Saint-Père continuera à favoriser la tenue de colloques qui donneraient sa place à une « herméneutique de continuité » très fortement traditionnelle, le GREC veut poursuivre les efforts qu'il a inlassablement déployés en ce sens.
Il tient à assurer la Conférence épiscopale de France de son soutien pour que soit entendu par tous l'appel du Saint Père à la réconciliation.

Paris, le 29 janvier 2009

http://www.laportelatine.org/district/france/bo/RetraitExcom090124/reactions/Grec/GREC.php

Embora sempre tenha **mantido em absoluto segredo** a existência do G.R.E.C., cujas reuniões contam com a participação de vários de seus padres, **o Distrito da França ainda assim vai tão longe na desfaçatez ao publicar, de forma sub-reptícia, em seu site de propaganda os comunicados desse grupo oculto criado e direcionado pelo Vaticano com o objetivo de amenizar e neutralizar, a longo prazo, a obra de Dom Lefebvre.**

La Porte Latine também dissemina muito complacentemente as considerações e entrevistas do **porta-voz do G.R.E.C.**, um de seus personagens-chave e próximo de Ratzinger, o padre Claude Barthe, que a maioria dos fiéis da FSSPX, no entanto, não conhece. **Mas, para reforçar o condicionamento das mentes ao alinhamento, o site do Distrito da França publica as opiniões desse agente do Inimigo sem quaisquer precisões ou reservas, habituando assim os fiéis à sua dialética enganosa!**

http://www.laportelatine.org/district/france/bo/RetraitExcom090124/reactions/Barthe/Barthe.php

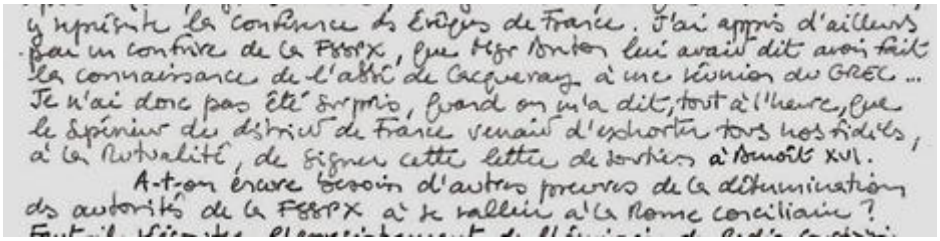
Image not found or type unknown

http://www.laportelatine.org/communication/presse/2007/MPreactions/AbbeBarthe/AbbeBarthe.php

http://www.laportelatine.org/district/france/bo/RetraitExcom090124/reactions/Barthe2/Barthe2.php

Na **sua carta endereçada em 11 de fevereiro de 2009 a todos os superiores das comunidades amigas**, na qual denunciava **a subversão dentro da FSSPX**, o **Padre Jean, destituído de seu cargo de Superior do Noviciado de Aurenque (Gers) por se opor à política de aliança de Dom Fellay, revelou a participação do padre de Cacqueray em uma reunião do G.R.E.C.** :

> « ***Soube, aliás, por um confrade da FSSPX, que o Monsenhor Breton havia dito que conheceu o padre de Cacqueray em uma reunião do G.R.E.C. … Portanto, não fiquei surpreso, quando me disseram, há pouco, que o Superior do distrito da França acabara de exortar todos os nossos fiéis, à Mutualidade****, a assinar esta carta de apoio a Bento XVI.* ***Ainda precisamos de outras provas da determinação das autoridades da FSSPX em se unir à Roma conciliar?*** ».



O padre de Cacqueray, portanto, apoia as atividades subversivas do G.R.E.C., dentro do qual **as interações entre a FSSPX e as autoridades conciliares existem há mais de dez anos!**

Todos os fatos que acabamos de expor demonstram que, por exemplo, **quando, em 2004, ocorreu a operação de motim dos padres Laguérie, Héry e Tanoüarn para desestabilizar e dividir a FSSPX, o padre Lorans mantinha excelentes relações com a hierarquia conciliar, a qual frequentava, especialmente no âmbito das reuniões do G.R.E.C., onde encontrava, sem qualquer remorso, os amigos do padre Laguérie que o apoiaram ativamente na organização de sua cisão.**

Assim, o padre Lorans estava, naquele momento, em contato direto com o mais alto nível da hierarquia do Vaticano, que se apressou em aprovar oficialmente a motim do padre Laguérie e, de fato, **sua tentativa de desestabilização da FSSPX**, ao nomeá-lo Superior do lamentável Instituto do Bom Pastor, que organiza regularmente **simulações de ordenações** conferidas por pseudo-bispos.

« Os falsos profetas vinham até nós como ovelhas » (Mt VII:15)

Como, então, após essa cumplicidade e o apoio público manifestado por Ratzinger e seus agentes em relação a esses motins que tentaram abalar a obra de Dom Lefebvre, a Direção atual da FSSPX teve a audácia de afirmar que aqueles que ocupam o Vaticano são de « boa vontade » e nos querem bem?

Como um iluminado, Dom Fellay faz tudo para apresentar Bento XVI como um « conservador favorável à Tradição ».

Assim, não se contentando com uma fraude a mais, Dom Fellay afirmou recentemente em uma entrevista em alemão divulgada no site *kreuz.net* que Bento XVI queria « usar a FSSPX contra os progressistas » (sic!). Já em dezembro de 2007 em Flavigny, ele afirmou que Bento XVI era um « papa providencial »!

Por suas declarações enfáticas, todas tão grotescas quanto pérfidas, Dom Fellay zomba dos fiéis e engana as almas!

Opondo-se assim à sábia decisão de Dom Lefebvre que, após as ordenações, havia decidido pôr fim às discussões com aqueles que ele qualificava de *"anticristos"*, Dom Fellay dialoga e simpatiza com esses inimigos de Nosso Senhor, **esses *"lobos rapaces"* disfarçados em ovelhas!**

Um dos membros do G.R.E.C., Luc Perrin, próximo dos meios *Ecclesia Dei* e professor na Universidade de Teologia de Estrasburgo, revelava há algum tempo no muito pernicioso *Fórum "católico"* encarregado de moldar e condicionar a opinião para a aliança, que o teólogo conciliar **Charles Morerod, filho-anglicano e membro da ARCIC (destinado a promover o ecumenismo com os anglicanos)** que havia sido nomeado secretário da Comissão Teológica Internacional e que hoje é um dos membros da comissão do Vaticano encarregada das pseudo-"*discussões doutrinais*" com a FSSPX, **tinha participado das reuniões do G.R.E.C. em Paris:**

> *« De fato, pode haver uma ligação com as discussões que se seguirão, visto que o P. Morerod interveio como conferencista convidado no GREC.»*
>
> Luc Perrin (http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=478319).

O teólogo conciliar Charles Morerod

"Pasionária" da aliança e organizadora das reuniões do G.R.E.C. em sua qualidade de secretária, Marie-Alix **Doutrebente**, sob seu pseudônimo de *Chouette*, o confirmou e se alegrou sobre o *Fórum católico* em 23 de abril de 2009:

> *« Tive a oportunidade de ouvi-lo **várias vezes no GREC e durante discussões teológicas de alto nível**, é um grande dominicano, na linha daqueles que tive a chance de conhecer há... mais de 35 anos...*
>
> *É uma grande graça essa nomeação pelo Santo Padre: esperando que todos a considerem como tal... »*
>
> Chouette (http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=478664).

O padre de Cacqueray e o pseudo-bispo "Dom" Breton

Assim, sabemos agora que, **contrariamente às falsas afirmações da Direção da FSSPX, discussões e intercâmbios foram estabelecidos e existiram ao longo dos anos entre a FSSPX e as autoridades conciliares, e isso antes mesmo da pretensa obtenção dos falaciosos "*pré-requisitos*" que não eram, afinal, mais que uma pura manobra** destinada a envolver sob uma aparência atraente o **processo de aliança, por "*etapas*", elaborado em segredo entre Roma e Menzingen e finalmente legitimar as "*discussões doutrinais*" oficiais destinadas a enganar as massas...**

O presente documento demonstra, de fato, que vários clérigos da FSSPX mantêm há muito tempo contatos regulares com membros da igreja conciliar ou das altas esferas do poder.

Sacerdotes infiltrados ou perfeitos "*idiotas úteis*", sua missão tem sido "tecer laços", "criar pontes" para facilitar, no momento certo, a aliança com a Roma modernista.

As "*discussões doutrinais*" que começaram no final de outubro de 2009 entre Roma e a FSSPX não farão mais que confirmar e oficializar o que já havia sido decidido dentro desses círculos ocultos. Esse é o próprio procedimento de toda revolução.

Fim da primeira parte...

In Christo Rege

Resistência católica

Anexos

Anexo 1

E-mail enviado à Senhora Yolande Lafue, por parte do padre Alain Lorans:

Livre d'or du prix Pierre LAFUE 2004

Le 28ème Prix de la Fondation Pierre Lafue a été décerné à son Éminence **Le Cardinal Paul POUPARD** Président du Conseil Pontifical pour la Culture "**Au cœur du Vatican**".

Il a été remis officiellement le mercredi 9 juin 2004 à L'UNESCO.

Mail envoyé à Madame Yolande Lafue de la part de l'Abbé Alain Lorans
ZENIT, ZENIT - Le monde vu de Rome
Le Prix "Pierre Lafue" au cardinal Poupard :
"Au cœur du Vatican" et "au coeur des cultures" CITE DU VATICAN, Vendredi 11 juin 2004 (ZENIT.org)

Le cardinal Paul Poupard, "ministre de la Culture" de Jean-Paul II, s'est vu attribuer le Prix de la Fondation Pierre Lafue, pour le livre "Au cœur du Vatican" publié en 2003 aux éditions Perrin/Mame : un voyage aussi "au coeur des cultures" et une occasion pour le cardinal Poupard de rendre hommage à Pierre Lafue : "un témoin privilégié, germaniste et écrivain", journaliste "hors pair" et "historien". Le Prix a été remis au cardinal Poupard, président du Conseil pontifical de la Culture, mercredi dernier, le 9 juin 2004, à l'Unesco, à Paris.

Le cardinal Poupard confiait à cette occasion "qu'aucun autre" de ses livres ne lui a donné ce bonheur que tant et tant de lecteurs connus et inconnus lui ont "partagé" après leur lecture.
L'auteur rappelait que le livre conduit le lecteur non seulement "Au coeur du Vatican", mais d'abord dans son Anjou natal, puis à Paris, à Varsovie, Ljubljana, Budapest, Klingenthal, Moscou, Bangkok, Mexico, Rio de Janeiro, New York, Québec, Bangalore, Nagasaki, Abidjan, Kinshasa, Nairobi, Yaoundé, Jérusalem, et tant d'autres villes, "au coeur des cultures de notre vaste monde".

A propos de la Fondation Pierre Lafue, le cardinal Poupard disait sa "gratitude respectueuse " à Madame Yolande d'Argence Lafue, qui a créé la Fondation Pierre Lafue, au Chancelier de l'Institut de France" qui la seconde activement dans sa Présidence, "ainsi qu'à tous les Membres du jury."La liste des prix décernés depuis sa création est impressionnante, tant par la qualité des oeuvres que par la personnalité de leurs auteurs, soulignait le cardinal Poupard. Et je mesure l'honneur immérité que vous m'avez réservé en m'introduisant dans cette illustre pléiade".'En fait de mérites, je voudrais brièvement évoquer ceux du regretté Pierre Lafue, continuait le cardinal Poupard, et vous confier combien j'ai été saisi par ces propos "pris sur le vif" que, chère Yolande d'Argence, vous m'avez adressés en souvenir de votre mari Pierre Lafue. Tout un monde, que je croyais englouti, s'est mis pour moi soudain à revivre sous la plume vivante, parfois piquante, mais jamais méchante, d'un journaliste hors pair qui, pendant plus d'un demi-siècle, confie à son Journal ses réflexions jetées à chaud, au sortir d'entretiens étonnants avec des hommes qui furent protagonistes de notre histoire, de Lénine à Hitler, de Mussolini à Ilya Ehrenbourg.

Comment oublier la confidence désabusée de l'auteur du Temps retrouvé ? "Je dirais que ce fut l'histoire réussie d'une vie ratée", les portraits contrastés de Pierre Drieu La Rochelle et de Charles Maurras, Henri Massis et Jean-Paul Sartre, le combat enfiévré de l'auteur de Sous le soleil de Satan, et l'évocation toute en nuance de Georges Mandel, curieux homme ou grand homme d'Etat ?, les préludes à la catastrophe de 1939, la Place Beauveau en mars 1940, l'intermède de Tours en mai, et en septembre, les deux clans littéraires des deux cafés de Saint Germain-des-Prés, de Lipp aux Deux magots.

A propos du pape Montini, et de Pierre Lafue, le cardinal Poupard cite cette anecdote significative lors d'un déjeuner à la Villa Bonaparte, siège de l'ambassade de France près le Saint-Siège, où Pierre Lafue, invité par l'ambassadeur Vladimir d'Ormesson, était placé entre Daniel-Rops et Monseigneur Montini, "apte, celui-ci, à tous les raffinements du langage diplomatique, alors que l'autre convive, Monseigneur Tardini, conjointement prosecrétaire d'Etat, note notre mémorialiste, est tout autre".
Son aspect, comme son langage, sont plus frustres, note le cardinal Poupard. Et notre mémorialiste d'interroger Daniel-Rops : "Entre les deux, quel est celui que Pie XII a peut-être désigné, in petto pour être son successeur, son héritier ?"
La réponse fuse, immédiate - nous sommes le 30 novembre 1963 - et je la transcris en sa brièveté prémonitoire, à dix ans de distances : Plutôt Monseigneur Montini, m'a dit Rops. C'est lui qui sera, je crois, tôt ou tard, l'élu du Conclave, car, qu'on le veuille ou non, une Église nouvelle est en gestation et Monseigneur Montini me paraît qualifié pour en être l'accoucheur", rapporte le ministre de la culture pontifical.
Il rappelle : "Entre les deux, il y eut Jean XXIII l'initateur, et après le court intermède de Jean-Paul 1er en vrai Jean-Baptiste précurseur, c'est aujourd'hui Jean-Paul II le continuateur, dont je suis le modeste collaborateur, après l'avoir été de ses deux grands prédécesseurs Jean et Paul, dont il a voulu symboliquement conjoindre les deux noms en assumant depuis plus d'un quart de siècle avec une prodigieuse fécondité leur double héritage pétrinien".
Le conteur poursuit son récit par cette rencontre entre le journaliste français et le Pape Pie XII et les propos de celui-ci sur l'Allemagne d'après guerre : "Mais nous n'en sommes pas encore là, et vous me permettez, au terme de mon propos, d'évoquer ce jour comme déjà lointain, mais encore si proche du 4 décembre 1953, où Pie XII, très grand et surtout très droit, comme le dépeint notre auteur reçoit en audience privée Pierre Lafue et le retient près de vingt minutes, un peu plus qu'il n'est d'usage sans doute, comme il le note avec satisfaction et pertinence. Le message est clair, véritable Apologia pro vita sua : "On a dit que Nous avions une affection particulière pour l'Allemagne. Tous les peuples catholiques Nous sont également chers, et l'Allemagne ne l'est pas davantage que la France.

Mais elle est aujourd'hui le rempart, le glacis de l'Occident. Si elle s'affondrait, ou si, dans un geste de désespoir, elle se rapprochait de la Russie soviétique, au point de se soumettre à sa loi, alors le péril serait grand pour l'Europe... Les yeux du pape brillent d'un éclat inattendu. Je demande : "Que faudrait-il faire, très Saint-Père, pour limiter ce péril ?"
"Avant tout permettre à l'Allemagne de vivre et de prospérer, l'introduire dans une communauté européenne que Nous appelons de tous nos voeux. L'audience a duré près de vingt minutes. Un peu plus qu'il n'est d'usage sans doute, "comme ce soir peut-être !"

Fonte: http://www.fondationpierrelafue.org/Projet/LivreOr/LO_2004.html

Anexo 2

Quando não dirige os debates do G.R.E.C., o padre Lorans atua como interveniente em nome da FSSPX…

> **CONVITE**
>
> **O *Grupo de Reflexão entre Católicos – GREC*** – que há mais de 10 anos se esforça para favorecer um clima de confiança e de respeito mútuo entre todos os católicos, convida você a participar de seus trabalhos. Conta entre seus membros ativos, com bispos, padres e fiéis desejosos de trabalhar pela “ *necessária reconciliação entre todos os católicos*”, segundo a bela expressão do falecido embaixador Gilbert Pérol, que inspirou a criação deste grupo informal. É a esta reconciliação que o Santo Padre nos convoca e à qual o GREC se esforça para contribuir.
>
> **A próxima reunião terá lugar, na**
>
> **quinta-feira, 10 de junho, às 19 horas**
>
> **Sala paroquial (ao fundo do pátio)**
>
> U174U, rua do faubourg Saint-Honoré - 75008 Paris
>
> **e será seguida de um buffet dinatório (inscrição obrigatória)**
>
> **O Padre Mathieu ROUGE**, **Reitor da *Basílica de Santa Clotilde em Paris,*** diretor do Serviço Pastoral de Estudos Políticos e Professor na *Escola Catedral*, **e o padre Alain LORANS, Responsável da Comunicação da *Fraternidade Sacerdotal São Pio X* (*FSSPX)*, nos falarão sobre:**
>
> **"Ataques contra o papa e o sacerdócio: os escândalos comprometem o ano sacerdotal?"**
>
> **(Intervenções seguidas de um debate com os participantes)**
>
> Desejamos que toda pessoa interessada em ajudar neste *Diálogo entre Católicos* possa se juntar a nós; não hesite em transmitir esta convite e nos enviar os dados postais e eletrônicos das pessoas que possam estar interessadas.

> Uma contribuição de 5€ será solicitada na entrada para cobrir os custos de organização e locação da sala.
>
> **Esta reunião será seguida de um buffet dinatório. Agradecemos que se inscrevam, enviando um cheque de 15€ (em nome de Marie-Alix Doutrebente, 4 avenue de Lowendal – 75007 Paris).**
>
> **A organização deste jantar acarreta custos, portanto pedimos que se inscrevam, seja por telefone pelo número 01 45 51 29 44, ou por e-mail para grec2002@orange.fr. Apenas as pessoas que se inscreverem previamente poderão participar do jantar.**
>
> Permanecemos à sua disposição e pedimos que acreditem em nosso total empenho para esta obra de reconciliação, tão necessária para a Unidade da Igreja.
>
> **Marie-Alix Doutrebente**
>
> ***Pelo Comitê de Organização do GREC***
>
> **Lembramos que essas reuniões, por motivos práticos essencialmente, não são públicas e não podem ser divulgadas sem ter contatado previamente um dos membros organizadores.**

Fim do dossiê de *Resistência Católica* para a parte nº 1.

Referências

[1] http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-06-25_B_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_la-Double-Vie-de-LAbbe-LORANS.pdf

[2] http://resistance-catholique.org/

Face oculta da FSSPX (2)

Face oculta da FSSPX n°2 [1] suas conexões com a Maçonaria e várias Organizações Mundialistas.

Sábado, 28 de agosto de 2010

Artigo Original disponível em Virgo Maria

- O Verdadeiro Rosto de Jean-luc Maxence
- I - Uma aversão visceral aos « integristas »
- II - Dom Lefebvre qualificado de « Savonarola em renda »!
- III - Um desprezo manifesto pela Santíssima Virgem Maria e por suas aparições
- IV - Apóstolo da nova “Igreja” e de seu Concílio
- V - Um precursor da “hermenêutica da continuidade”?
- VI - De « Viva o Cisma dos integristas com a igreja conciliar » a « Viva a integração dos cismáticos na igreja conciliar»
- VII - O jogo duplo de Jean-Luc Maxence
- VIII - O conluio agora público da FSSPX com os piores inimigos de Nosso Senhor e da Igreja!
- Referências

O Verdadeiro Rosto de Jean-luc Maxence

Divulgação do excelente dossiê de *Résistance Catholique* ***[2]*** publicado em 25 de junho de 2010.

http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-06-25_C_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_Le-franc-macon-Jean-Luc-Maxence.pdf

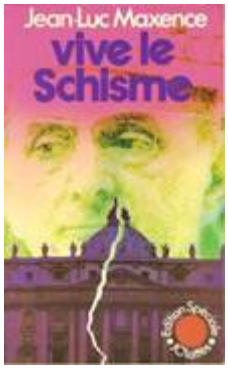
O MAÇON JEAN-LUC MAXENCE ESCOLHIDO PELA FSSPX PARA DIFUNDIR A ESTRATÉGIA DE DOM FELLAY É O AUTOR DE UM LIVRO VIL SOBRE A TRADIÇÃO CATÓLICA

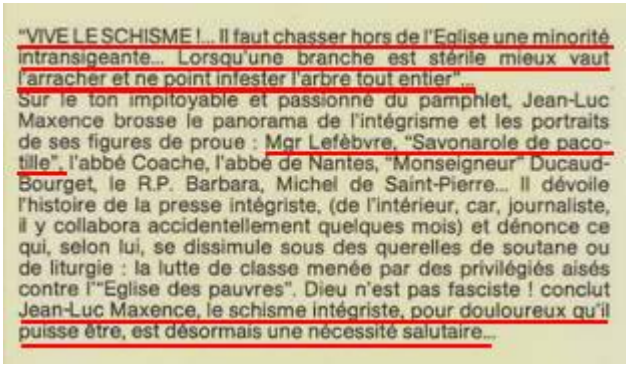
Recentemente, encontramos **um livro de particular violência** escrito **já em 1977** por **Jean-Luc Maxence**, o editor do padre Celier, contra o que ele chama com desprezo de **« *integristas* ».**

Viva o Cisma (Ed. *J.C. Lattès*) se apresenta como um panfleto de « *tono impiedoso e apaixonado* » em que Jean-Luc Maxence, à sua maneira, « *retrata o panorama do integrismo e os retratos de suas figuras de proa* », notavelmente **Monsenhor Lefebvre, qualificado de "*Savonarola de meia tigela* "!**

Por meio de **diatribes injuriosas**, o autor expressa sua **repulsão visceral pela Tradição católica**.

Seu livro é um **desferro de insultos** e **considerações grosseiras** contra tudo que ele designa como « *integrista* ».



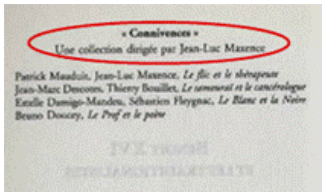

"VIVE LE SCHISME !... Il faut chasser hors de l'Eglise une minorité intransigeante... Lorsqu'une branche est stérile mieux vaut l'arracher et ne point infester l'arbre tout entier"... Sur le ton impitoyable et passionné du pamphlet, Jean-Luc Maxence brosse le panorama de l'intégrisme et les portraits de ses figures de proue : Mgr Lefèbvre, "Savonarole de pacotille", l'abbé Coache, l'abbé de Nantes, "Monseigneur" Ducaud-Bourget, le R.P. Barbara, Michel de Saint-Pierre... Il dévoile l'histoire de la presse intégriste, (de l'intérieur, car, journaliste, il y collabora accidentellement quelques mois) et dénonce ce qui, selon lui, se dissimule sous des querelles de soutane ou de liturgie : la lutte de classe menée par des privilégiés aisés contre l'"Eglise des pauvres". Dieu n'est pas fasciste ! conclut Jean-Luc Maxence, le schisme intégriste, pour douloureux qu'il puisse être, est désormais une nécessité salutaire...

Alguns trechos que publicaremos aqui parecerão particularmente chocantes pela sua extrema vulgaridade. No entanto, julgamos necessário publicar hoje amplos trechos deste libelo para permitir que o maior número possível tome finalmente consciência das “ conivências ” estabelecidas pela Direção da FSSPX com os piores inimigos da Igreja que agora se tornam os porta-vozes de sua política de aproximação com Roma

modernista e maçônica!

Neste livro, a exageração de Jean-Luc Maxence às vezes beira o blasfêmia:

> **« *A religião obrigatória de nossos pais deve ser guardada no armário das relíquias piedosas, no museu, entre o prepúcio hipotético de Jesus e a túnica da Santa Virgem.* Nós não queremos mais dessas superstições histéricas de nossas avós, dessas indulgências que se ganhava à força do terço, dessas absolvições que se obtinha recitando como moinhos de orações dois Pater Noster e três Aves Maria diante da altar da Santa Baderna do Inferno! »** (*Viva o Cisma*, página 62).



Jean-Luc Maxence, diretor da coleção… «*Connivências*»!

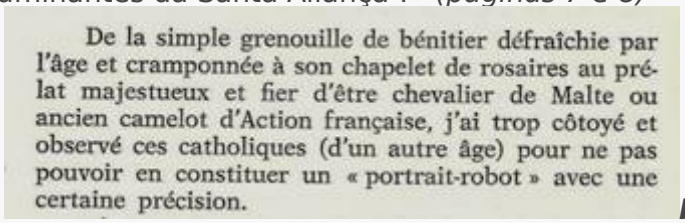
Enquanto a FSSPX possui sua própria editora, da qual o padre Celier foi diretor por 13 anos, esse sacerdote traidor preferiu escolher, com a aprovação de seus superiores, a coleção *Connivences* (nome particularmente significativo!) das edições *Entrelacs* dirigida por seu amigo maçom, Jean-Luc Maxence, para publicar seu livro!

Agora seguros de que nenhuma reação se oporá ao seu plano, tratava-se, na verdade, para os clérigos infiltrados, de enviar uma «mensagem» aos iniciados, informando-os, por meio dessas «piscadelas» discretas, que a FSSPX estava, hoje, sob seu completo controle e cumpria à risca o plano das lojas maçônicas.

I - Uma aversão visceral aos « integristas »

Em seu livro *Vive le Schisme*, Jean-Luc Maxence despeja seu veneno sobre o que deliberadamente e com desprezo ele chama de « *integristas* » e aproveita a oportunidade para ofender algumas figuras de santos.

Os trechos que se seguem dispensam qualquer comentário…

> « Na vida da Igreja, **os antigos carcereiros do Pecado Mortal** fazem muito barulho e mal, e **mais nenhum compromisso é possível**, nem mesmo desejável, com **os maníacos de Satanás justiceiro e Príncipe deste mundo** , **os velhos sapos devotos que recitam terços mecânicos**, os arautos dessas **fórmulas latinas sonolentas** que embalaram as missas de minha infância, **os obcecados pelo perigo vermelho escondido na sacristia, os tagarelas da Doutrina, os colecionadores fanáticos de visões marianas hipotéticas, os anunciadores de uma era de trevas, os medrosos do temporal, os imobilistas da genuflexão, os esquartejadores de dogmas gastos, os ritualistas exacerbados,** enfim, com todos aqueles que o saudoso Jacques Maritain nomeava em sua obra *o Camponês da Garonne* como os « ruminantes da Santa Aliança !» *(páginas 7 e 8)*
>
> 
> De la simple grenouille de bénitier défraîchie par l'âge et cramponnée à son chapelet de rosaires au prélat majestueux et fier d'être chevalier de Malte ou ancien camelot d'Action française, j'ai trop côtoyé et observé ces catholiques (d'un autre âge) pour ne pas pouvoir en constituer un « portrait-robot » avec une certaine précision.
>
> ***Fac-símile de um trecho da página 19***
>
> Para Jean-Luc Maxence, os « *integristas* » e **« *adeptos de Monsenhor Lefebvre* »** são apenas « ***uma minoria de desorientados retrógrados*** » que « *destroem a unidade do edifício de Cristo* » **(página 15)** e que sofrem de uma **« *nevrose persecutória* » (página 23).**
>
> Eles são apenas **« *nostálgicos do passado triunfalista, até imperialista da Igreja* »** que devem **« *metê-los fora de combate com clareza* *(…) mesmo que seja – infelizmente –* *passar por um cisma* » (página 15).**

A vulgaridade deste desajustado maçônico atinge aqui novos patamares:

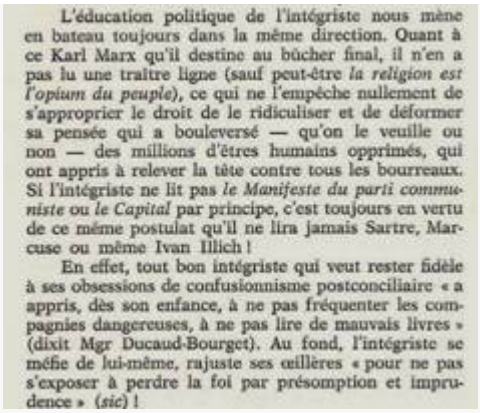
> « ***O integrista típico geralmente usa o cabelo curto à maneira de paraquedista*** **»** e permanece nostálgico da « ***época Santa e Pura*** *em que os C.P., os Chefes de Patrulha, incutiam nos mais jovens de seu grupo* ***os princípios de uma castidade etérea que nos tornava reprimidos cheios de complexos que acreditavam cometer um crime contra o espírito quando se masturbavam às escondidas e manchavam, assim, as figuras heroicas e duvidosas dos santos como Dominique Savio com a completa desencarnação!*** » **(páginas 19 e 20).**
>
> « ***O integrista levanta suas orelhas de burro assim que se fala em sexualidade humana*** *e ele sai correndo quando ouve o nome sacrílego de Freud em um colóquio.* ***Para ele, a equação é elementar: Sexo = Pecado da carne. Então, ele se escapa e se refugia em um confessionário da velha guarda e bate em seu peito enquanto recita longamente a lista dos sete pecados capitais que o ameaçam com as chamas da Geena eterna.***
>
> ***Nosso homem, de fato, tem sempre um pânico do Inferno****, de sua condenação irrevogável. Ele se assusta relendo alguns trechos dos profetas do Velho Testamento...* » **(página 20).**

Para expressar sua **execrável aversão aos « tradicionalistas »**, Jean-Luc Maxence utiliza diversos **qualificativos igualmente agressivos e desdenhosos:**

> **« *Permanentemente angustiados* » (página 57)**, os « *integristas* » são **« *atrasados* » (página 50)** e **« *fanáticos* » (página 48)**.

Esses « ***cristãos estranhos e anacrônicos*** *que seguem à risca encíclicas redigidas há mais de meio século em vez de* ***Mater et Magistra, Populorum Progressio ou Pacem in terris*** *...*» **(páginas 73 e 74)** são, para este **amigo do padre Celier**, **« *os piores pequenos espíritos estreitos e retos, os fascistas mais nefastos* » (página 144)!**

> « ***O integrista (…) teme o futuro, o presente sombrio, até diabólico****, e dedica uma devoção absoluta a seus pares e ancestrais,* ***rezando em latim a todos os santos do calendário*** *para que o protejam de tantos perigos que vêm do mundo*» **(página 19).**



L'éducation politique de l'intégriste nous mène en bateau toujours dans la même direction. Quant à ce Karl Marx qu'il destine au bûcher final, il n'en a pas lu une traître ligne (sauf peut-être *la religion est l'opium du peuple*), ce qui ne l'empêche nullement de s'approprier le droit de le ridiculiser et de déformer sa pensée qui a bouleversé — qu'on le veuille ou non — des millions d'êtres humains opprimés, qui ont appris à relever la tête contre tous les bourreaux. Si l'intégriste ne lit pas *le Manifeste du parti communiste* ou *le Capital* par principe, c'est toujours en vertu de ce même postulat qu'il ne lira jamais Sartre, Marcuse ou même Ivan Illich !

En effet, tout bon intégriste qui veut rester fidèle à ses obsessions de confusionnisme postconciliaire « a appris, dès son enfance, à ne pas fréquenter les compagnies dangereuses, à ne pas lire de mauvais livres » (dixit Mgr Ducaud-Bourget). Au fond, l'intégriste se méfie de lui-même, rajuste ses œillères « pour ne pas s'exposer à perdre la foi par présomption et imprudence » (*sic*) !

Fac-símile da página 24

« *O integrista gosta, na mesma linha, de se gargarejar com os infortúnios anunciados pelo Apocalipse de João, e* ***lamenta o tempo tranquilizador em que se acreditava nos exorcistas e onde se encontravam espíritos malignos em cada canto da sacristia! Quantas vezes ele cita as tribulações rocambolescas do cura de Ars e de seus perseguidores noturnos…*** **» (página 20).**

II - Dom Lefebvre qualificado de « Savonarola em renda »!

Neste livro abjeto, Jean-Luc Maxence multiplica os ataques contra numerosos sacerdotes da luta pela Tradição (Dom Ducaud-Bourget, o padre Coache, o R.P. Barbara, o padre de Nantes e ainda o padre Moureaux):

> Estes « ***pequenos padres ativistas*** foram os tristes sinais precursores de uma **doença infantil do catolicismo renovado**, eles foram os **pálidos e falastrões fuzileiros do integrismo** antes que se afirmasse seu 'mártir', o antigo bispo de Dakar » **(página 106).**

O primeiro alvo continua sendo, é claro, Dom Lefebvre.

> **Como um « *prelado sumptuosamente vestido, passeando de Lille a Besançon sua interminável cruz peitoral, seu cinto violeta e seu anel de ametista* » (página 9), o fundador da FSSPX, descrito como « *teimoso até o absurdo* » (página 126), é qualificado de « *Savonarola em renda* » (página 144) e de « *Savonarola de pacotilha* » (4ª de capa)!**

Segundo Jean-Luc Maxence, o « ***rebelde de Écône*** « *caiu em uma* ***ideologia política ultrapassada*** » **(página 132)!**

Para este próximo do padre Celier e de Olivier Pichon (ex-diretor da redação de *Monde et Vie*), « *os crentes têm vontade de orar e estão mais do que fartos dos* ***humores de Dom Lefebvre*** *e todas essas* ***lágrimas hipócritas*** *derramadas sobre o antigo Ordo, a antiga missa e o antigo missal !* » **(página 109).**

Jean-Luc Maxence também aproveita para ridicularizar a denúncia da maçonaria feita por Dom Lefebvre:

>

> *« Se seguirmos bem Marcel Lefebvre, devemos rejeitar a unidade na confusão e desconfiar* ***desses grandes e maus lobos que são os maçons*** *com suas missas negras, sacrílegas, abomináveis, horríveis! De jeito nenhum devemos dialogar com os comunistas »* **(página 122).**

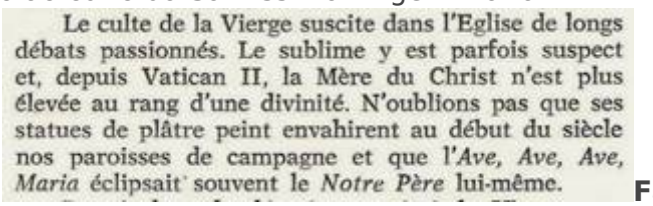
III - Um desprezo manifesto pela Santíssima Virgem Maria e por suas aparições

O editor e prefaciador do livro do padre Celier, apoiado por Dom Fellay e pelo padre de Cacqueray, vai até mesmo insultar a Santíssima Virgem Maria!

Suas **aparições**, nas quais ele vê apenas **« *hipotéticas palavras da Madona falante* » (página 30),** são, por sua vez, **ridicularizadas e desdenhadas!**

> « *Empolgado, traumatizado por tantas mudanças sociológicas e econômicas, nosso* ***arcanjo da Doutrina****, sem argumentos e petrificado de medo, aperta então em suas palmas sempre limpas a medalha milagrosa que ele usa no pescoço. Ele evoca de imediato a Santa Virgem Maria, mãe de Cristo e mãe da Igreja, e lhe atribui declarações alarmistas, sempre as mesmas...*
>
> ***Fátima, pense em Fátima! e em seus avisos solenes. O sol girou em Fátima, você se esqueceu. O que disse a Madona?*** *Decifre sua mensagem celestial. Você verá, é clara: pronuncia-se a favor da revolta de Dom Lefebvre! A Virgem denuncia por toda parte o comunismo ateu e o que Pio XII chama de forças de paganização dos povos. Sua condenação é formal e explícita; Fátima anuncia aos homens males assustadores se não nos convertermos todos!*
>
> ***Nossa Senhora de Fátima (revisada e corrigida à sua maneira) não é suficiente para o fixista irado***. Lourdes e La Salette também não. Nosso fervoroso do sobrenatural exagera. **Ele tem uma curiosa e preocupante tendência a ver aparições marianas em todas as nuvens!** » **(página 29).**
>
> « *Nosso integrista, por sua vez, gosta de alimentar sua crença com imagens talhadas, relíquias ancestrais, rosários iluminados e amuletos piedosos de todos os tamanhos! Ele é um bom cliente para os mercadores do templo...*
>
> *De qualquer forma,* ***ele acredita, com os olhos fechados, nas aparições marianas, sejam de La Salette ou de outro lugar. Apesar da grande inaptidão de algumas dessas revelações celestiais, ele teima em ouvi-las ao pé da letra*** » **(página 33).**

Mas, agora, Jean-Luc Maxence diz estar satisfeito com a mudança operada pela igreja conciliar em relação ao culto da Santíssima Virgem Maria:


Le culte de la Vierge suscite dans l'Eglise de longs débats passionnés. Le sublime y est parfois suspect et, depuis Vatican II, la Mère du Christ n'est plus élevée au rang d'une divinité. N'oublions pas que ses statues de plâtre peint envahirent au début du siècle nos paroisses de campagne et que l'*Ave, Ave, Ave, Maria* éclipsait souvent le *Notre Père* lui-même.

Fac-símile de um trecho da página 32

É com esta « *Igreja* » que J.L. Maxence afirma ter se « *reconciliado* » após o Concílio (página 15). E não é à toa, essa igreja conciliar é tudo, menos católica!!

IV - Apóstolo da nova “Igreja” e de seu Concílio

Discípulo de René Guénon, Jean-Luc Maxence se posiciona como um fervoroso defensor da igreja conciliar!

> “***A Igreja católica não foi reformada, ela se purificou na encarnação lavando o rosto nas grandes águas do concílio ecumênico***. Ela realizou um **retorno às fontes dos primeiros séculos do cristianismo**” **(páginas 15 e 16).**

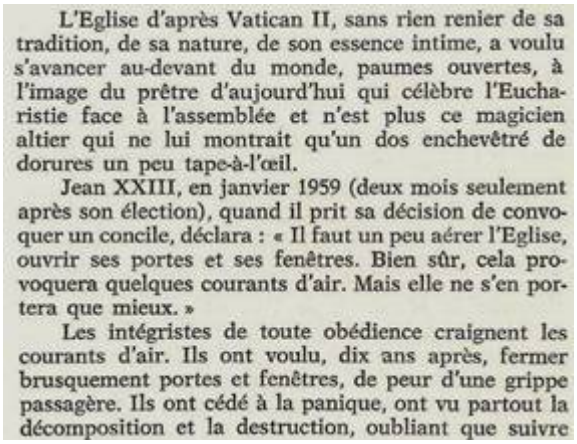
Em 1889, o alto iniciado e luciferiano cônego Roca, sacerdote apóstata, não dizia outra coisa ao anunciar:

> **“*Acredito que o culto divino tal como é regulado pela liturgia, o cerimonial, o ritual e os preceitos da Igreja romana sofrerá em breve uma transformação em um Concílio ecumênico que, ao mesmo tempo em que lhe devolverá a simplicidade da era apostólica, o porá em harmonia com o estado da consciência e da civilização moderna*” (*O Padre Gabriel e sua noiva*, citado por Pierre Virion em *Mistério da iniquidade*, p. 33).**

Em seguida, ele fez até mesmo esta confissão:

> **“*Uma imolação se prepara, que expiará solenemente. A Papalidade sucumbirá; ela morrerá sob a faca sagrada que forjarão os pais do último Concílio*” (*Glorioso centenário*, páginas 462 a 469).**
>
> Jean-Luc Maxence se alegra então com o **“*descascamento de tantas igrejas outrora infestadas de estátuas de gesso à moda de São Sulpício*” (página 63).**
>
> “*Para mim,* ***Cristo é acima de tudo salvador****, sabemos que ele é verdadeiramente o salvador do mundo (João IV, 42),* ***não é um C.R.S. armado***

> ***de cacetes moralizadores**. Para mim, a Igreja católica, **aquela com a qual me reconciliei após o Concílio**, não é uma instituição rígida e severa, é uma família em Cristo (Hebreus III, 6)"* **(página 15).**



L'Eglise d'après Vatican II, sans rien renier de sa tradition, de sa nature, de son essence intime, a voulu s'avancer au-devant du monde, paumes ouvertes, à l'image du prêtre d'aujourd'hui qui célèbre l'Eucharistie face à l'assemblée et n'est plus ce magicien altier qui ne lui montrait qu'un dos enchevêtré de dorures un peu tape-à-l'œil.

Jean XXIII, en janvier 1959 (deux mois seulement après son élection), quand il prit sa décision de convoquer un concile, déclara : « Il faut un peu aérer l'Eglise, ouvrir ses portes et ses fenêtres. Bien sûr, cela provoquera quelques courants d'air. Mais elle ne s'en portera que mieux. »

Les intégristes de toute obédience craignent les courants d'air. Ils ont voulu, dix ans après, fermer brusquement portes et fenêtres, de peur d'une grippe passagère. Ils ont cédé à la panique, ont vu partout la décomposition et la destruction, oubliant que suivre

Fac-símile de um trecho da página 13

Várias vezes, ele se torna o promotor ardente dos movimentos carismáticos.

Ele se congratula com a **revisão do catecismo** do qual ***"o antigo manual francês com suas quinhentas perguntas-respostas a serem aprendidas de cor (…) foi para o lixo da História"*** **(página 64).**

Segundo ele, não é *"dramático fazer a distribuição da santa comunhão por leigos e na palma dos fiéis"* (página 135)!

Quanto à "*nova missa*", ele considera que Dom Lefebvre exagerou "*as diferenças que permitem distinguir a missa de São Pio V da promulgada por Paulo VI*" porque "***entre as duas, as modificações são menores***" **(página 136)!**

V - Um precursor da “hermenêutica da continuidade”?

Utilizando uma **linguagem ambivalente própria dos modernistas e diretamente retirada das lojas**, Jean-Luc Maxence deixa entrever **a armadilha sofística** que será enfatizada e desenvolvida alguns anos depois pela **“serpente”** Ratzinger...

Para tentar deslegitimar a “rebelião” de Dom Lefebvre frente ao Vaticano II, ele tenta insinuar que as derivações pós-conciliares não seriam resultado de **“interpretações abusivas do Concílio” (página 148).**

Jean-Luc Maxence

O Concílio Vaticano II, em si, seria bom. Mas seriam as más **“interpretações”** que dele foram feitas a causa dos “excessos” ou dos “abusos” que os progressistas, eles próprios, estão, aliás, dispostos a reconhecer hoje de bom grado para tentar “salvar” seu Concílio...

> “***Os abusos de quem interpretou as renovações do Concílio são numerosos*** *e resultaram em um laxismo muito real, cada vez mais evidente*” **(página 10), finge lamentar Maxence** enquanto desenvolve neste mesmo livro um **ódio** e considerações **insultantes** em relação à Igreja e seu ensino, que demonstram quão **estranho** a **Fé católica** é esse **personagem, escolhido por Dom Fellay** para editar o **programa de sua política maçônica de alinhamento**.

Mais adiante, ele fala das **“interpretações errôneas das reformas conciliares”** (página 107).

Então, para conseguir exonerar o Concílio Vaticano II e seus autores, Jean-Luc Maxence avança a tese de uma “continuidade” da religião conciliar com a religião anterior ao

Vaticano II:

> “*Na verdade, não existe o que os integristas chamam de ‘uma nova religião’. A religião católica, apostólica e romana antes do concílio Vaticano II e a depois são uma só. Existe uma continuidade lógica e não uma mudança de alma. O que não evolui retrocede. O que está imóvel já cheira a cadáver*” **(página 65)** nos diz ele.

É, precisamente, por esse mesmo sofisma tipicamente maçônico (o falso apresentado como uma extensão lógica e harmoniosa do verdadeiro…) que Bento XVI seduz hoje os meio chamados de “Tradição” ao lhes dar a impressão de realizar um início de contestação do Concílio Vaticano II enquanto, na verdade, apenas o **reforça ao defendê-lo!**

Ratzinger começou a desenvolver esse **conceito enganador e pérfido** em **1985** em seu livro ***Entrevista sobre a fé*** e depois o retomou na ocasião de seu **discurso de 22 de dezembro de 2005 à Cúria**:

> « *Por que a acolhida do Concílio, em grandes partes da Igreja, se desenrolou até agora de maneira tão difícil? Bem, tudo depende da* ***justa interpretação do Concílio*** *ou – como diríamos hoje – da sua* ***justa hermenêutica****, da* ***justa chave de leitura e aplicação****. Os problemas da recepção nasceram do fato de que* ***duas hermenêuticas contrárias se confrontaram e entraram em conflito****. Uma causou confusão, a outra, silenciosamente, mas de forma cada vez mais visível, trouxe e traz frutos. De um lado, existe uma* ***interpretação*** *que eu gostaria de chamar de* ***« hermenêutica da descontinuidade e da ruptura »****; esta muitas vezes contou com a simpatia dos meios de comunicação e também de uma parte da teologia moderna. Por outro lado, há a* ***« hermenêutica da reforma »****, da* ***renovação na continuidade*** *do único sujeito-Igreja que o Senhor nos deu; é um sujeito que cresce no tempo e se desenvolve, mas permanece sempre o mesmo, o único sujeito do Povo de Deus em marcha*. »

Encontramos, aliás, essa **mesma retórica enganadora** em seu **« *Motu proprio* »** de 7 de julho de 2007, onde Ratzinger apresenta a missa de São Pio V e a pseudo-missa de Montini como sendo as **« duas formas de um único e mesmo rito »** (sic!). **Afirmando assim uma « unicidade e identidade » do verdadeiro e do falso rito, esse antipapa não poderia ser mais cínico!**

O princípio da **« reforma da reforma »**, sustentado pelo padre de la Rocque em sua *Carta aos nossos irmãos sacerdotes* de setembro de 2005, procede, aliás, dessa mesma **método ocultista e maçônico** que consiste em **amalgamar os contrários, negando toda contradição.**

Em seu discurso de 22 de dezembro de 2005, Ratzinger acrescenta o seguinte:

> *« Quarenta anos após o Concílio, podemos revelar que o **aspecto positivo** é maior e mais vivo do que parecia na agitação dos anos que se seguiram a 1968. Hoje, vemos que a **boa semente**, mesmo se se desenvolve lentamente, cresce, e que também cresce a nossa **profunda gratidão pela obra realizada pelo Concílio**. »*

Então, ele termina:

> *« Assim, hoje, podemos direcionar nosso olhar com **gratitude** para o Concílio Vaticano II: **se o lermos e o acolhermos guiados por uma justa hermenêutica, ele pode e se tornará sempre mais uma grande força para a renovação sempre necessária da Igreja**. »*

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia_fr.html

Acostumada, nesses últimos anos, aos silêncios e traições, a FSSPX apresentou então esse discurso como um texto **« fundamental »** (sic!) que marcaria a « retoma do controle da Igreja » por Ratzinger!

S'il n'existait qu'une seule interprétation dominante du concile Vatican II dans l'Église, comment faudrait-il comprendre le fondamental discours du pape Benoît XVI le 22 décembre 2005 ? Il y déclare en effet explicitement : « Quel a été le résultat du Concile ? A-t-il été accueilli de la juste façon ? Dans l'accueil du Concile, qu'est-ce qui a été positif, insuffisant ou erroné ? Que reste-t-il encore à accomplir ? (…) Pourquoi l'accueil du Concile, dans de grandes parties de l'Église, s'est-il jusqu'à présent déroulé de manière aussi difficile ? Eh bien ! tout dépend de la juste interprétation du Concile, de sa juste herméneutique, de la juste clef de lecture et d'application. Les problèmes de la réception sont nés du fait que deux herméneutiques contraires se sont trouvées confrontées et sont entrées en conflit. (…) L'herméneutique de la discontinuité et de la rupture a souvent pu compter sur la sympathie des mass media, et également d'une partie de la théologie moderne ».

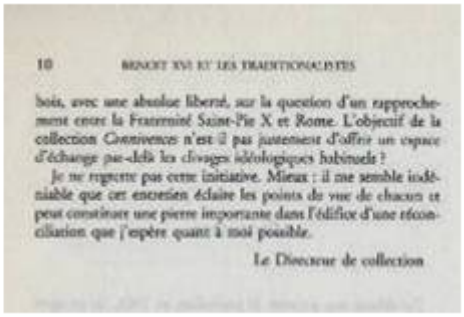
Trecho da *Carta aos nossos irmãos sacerdotes* (n°41, março de 2009, página 5)

VI - De « Viva o Cisma dos integristas com a igreja conciliar » a « Viva a integração dos cismáticos na igreja conciliar»

Aqui está o que Jean-Luc Maxence escreveu em 1977 em seu livro *Vive le Schisme*:

> « *É por isso que nos perguntamos realmente se não seria melhor* ***reconhecer o cisma integrista e expulsar da Igreja Católica uma minoria intransigente*** *do que deixar que se organize uma estrutura anti-conciliar, um contrapeso* » **(página 153).**
>
> « *Afinal,* ***melhor declarar um tal cisma****, de qualquer maneira limitado, e tentar como puder cancelar os efeitos nefastos de outros dois mais antigos e infinitamente mais catastróficos para os milhões de homens e mulheres que creem em Jesus Cristo.* ***O cisma integrista, de fato, permitirá acelerar os aproximamentos com os irmãos separados, principalmente protestantes e ortodoxos*** **» (página 153).**
>
> « ***O cisma integrista, por mais doloroso que possa ser, é agora uma necessidade salutar…*** **» (4ª de capa).**

Então, **30 anos depois**, no prefácio que lhe foi solicitado pelo padre Celier para seu livro ***Bento XVI e os tradicionalistas*****,** esse **notório maçom, adepto do *Rito Escocês Antigo e Aceito* (cf. *A loja e o divã*, edições *Dervy*), saúda o esforço e a política de aproximação da FSSPX com Roma conciliar!**



10 BENOÎT XVI ET LES TRADITIONALISTES

bois, avec une absolue liberté, sur la question d'un rapprochement entre la Fraternité Saint-Pie X et Rome. L'objectif de la collection *Controverses* n'est-il pas justement d'offrir un espace d'échange par-delà les clivages idéologiques habituels ?

Je ne regrette pas cette initiative. Mieux : il me semble indéniable que cet entretien éclaire les points de vue de chacun et peut constituer une pierre importante dans l'édifice d'une réconciliation que j'espère autant à moi possible.

Le Directeur de collection

No seu **prefácio complacente e cúmplice**, **aprovada por Dom Fellay e o padre de Cacqueray**, Jean-Luc Maxence descreve o livro de seu amigo como uma « ***pedra importante na edificação da reconciliação*** » **que ele « *espera possível* » (sic!). Bento XVI é apresentado como aquele que gostaria de «*corajosamente costurar a túnica rasgada da Igreja*» (?!).**

Diante dessas posições que aparentemente são contraditórias por parte de um fervoroso maçom, não devemos nos perguntar?

Não há, ao contrário, entre elas, como uma… « *continuidade* » lógica? Qual pode ser, então, a « *chave de leitura* »?

Uma revolução bem-sucedida é aquela que consegue controlar e, finalmente, absorver a "reação" que se forma naturalmente contra ela ou que ela mesma organizou?

Não é exatamente isso que aconteceu com a FSSPX?

Seguindo o método revolucionário e maçônico do *Solve et Coagula*, não estamos assistindo hoje à aplicação da fase do *Coagula*, que é, por natureza, a mais sedutora?

Para os **agentes do Inimigo**, que chegaram a posições chave na Igreja e, para alguns deles, aos mais altos níveis, o **objetivo prioritário**, uma vez estabelecido, era realizar o projeto dos talmudistas e das seitas Rosacruz britânicas: **destruir o Sacerdócio sacrificial católico.** Para isso, começaram por **invalidar sua transmissão sacramental** ao inventarem uma **nova forma sacramental do rito de consagração episcopal absolutamente inválida**, independentemente da intenção do bispo que oficiava (cf. estudos publicados no site **www.rore-sanctifica.org** e nas edições Saint Rémi).

Por esse único meio, conseguiram **cortar os canais naturais das graças da salvação que são os sacramentos**, sem os quais a Fé católica não pode, sem um milagre extraordinário, se nutrir e subsistir nos clérigos e nos fiéis. **Pouco a pouco, a fé católica iria então se extinguir. Depois de assim investir na Igreja, estabeleceram, dessa forma, uma nova e falsa "Igreja", uma falsificação da Santa Igreja verdadeira de Jesus Cristo,** cumprindo a ordem dada pelas lojas: **« *que o Clero marche sob sua bandeira acreditando sempre marchar sob a bandeira das Chaves apostólicas* »** (de acordo com os documentos secretos publicados a pedido do papa Pio IX por Crétineau-Joly em *A Igreja Romana frente à Revolução* e reprisados por Dom Lefebvre em *Eles a desencorajaram*, página 147).

Alguns infiltrados notórios que realizaram o triunfo da Revolução na Igreja: Dom Beauduin, o Padre Lécuyer, Dom Botte, Dom Bugnini, o cardeal Bea, o padre Ratzinger e Montini.

Paralelamente a essa **tarefa diabólica** e depois de, desde o início, introduzirem seus agentes dentro da nascente FSSPX, os líderes da nova "Igreja" e do poder oculto não cessaram de atacar esse principal “nó de reação” que representava a obra de Dom Lefebvre e que, **preservando o Sacerdócio sacrificial católico e todos os sacramentos válidos**, iria se desenvolver de maneira inesperada e providencial.

O Inimigo não podia suportar ver uma tal obra sacerdotal opor-se, de fato, a seu plano oculto de erradicação do Sacerdócio. Tudo foi então posto em prática para dividi-la, enfraquecê-la e, finalmente, declará-la “*excomungada*”.

Enquanto isso, os agentes infiltrados trabalhavam para sua total tomada de controle. Seu objetivo foi alcançado com a **morte muito suspeita de Dom Lefebvre**, que ainda comporta **muitas áreas de sombra…**

Dom Williamson e o padre Schmidberger, os chefes ocultos dos infiltrados da FSSPX, dos quais fazem parte os padres Lorans, Anglès e Celier, o Padre Pierre-Marie e Dom Fellay, o executor iluminado.

De maneira muito habilidosa, esses clérigos infiltrados, desde o início, difundiram um **ensino absolutamente pérfido em matéria de eclesiologia, assim como sobre a infalibilidade da Igreja e do Papa.**

De fato, ao impor sua **posição galicana muitas vezes condenada pela Igreja**, segundo a qual a Igreja e o Papa poderiam "*errar na fé*" ou "*dispensar um ensino errôneo*", eles bloquearam toda real oposição às falsas autoridades romanas que a FSSPX reconhecia, de fato, como legítimas, preparando assim as mentes para a **fase final do *Coagula***, a etapa do alinhamento.

É esse **trabalho maquiavélico de minagem** que lhes permite assim hoje, para encobrir suas manobras de alinhamento, justificar suas pseudo-« *discussões doutrinais* » com impostores que ocupam ilegitimamente os postos de autoridade em Roma e junto aos quais eles solicitam um status.

Ao reconhecer uma legitimidade a essa falsa « Igreja » que ECLIPSA a Igreja católica, assim como a seus pontífices, a FSSPX finge oposição e participa, de fato, de maneira estratégica e decisiva, do processo revolucionário engajado pelo Inimigo contra a Igreja.

A revolução do Vaticano II e o nascimento da nova « Igreja » conciliar não foram nada mais do que a concretização do programa das lojas Rosacruz e dos maçons da Nova Ordem Mundial, prelúdio a uma religião universal, à religião mundial anticristã.

Quanto à **política atual dos dirigentes da FSSPX**, ela apenas confirma essa **oposição "sob controle"** da qual acabamos de falar e **que hoje obedece claramente a esse mesmo programa anticristão que visa, no momento oportuno, seu reatamento oficial à falsa « Igreja », a fim de favorecer assim a desaparecimento do Sacerdócio sacrificial católico da « *Nova e Eterna Aliança*».**

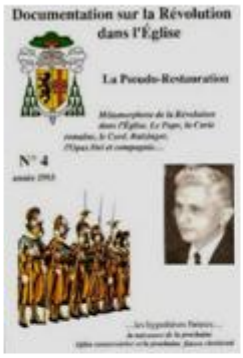
Para iniciar essa fase do *Coagula*, o Vaticano começou, por volta do final do "pontificado" de João Paulo II, a simular uma "pseudo-restauração". Foi para concluir esta última fase que Ratzinger foi escolhido em 2005.

Já há quase 40 anos, um capuchinho, o Reverendo **padre Carl Pulvermacher OFM Cap**, antigo Editor-Chefe da revista *The Angelus* nos anos 1970 (revista da FSSPX nos Estados Unidos), teve essa intuição:

> « *Uma vez que não houver mais sacerdotes validamente ordenados,* ***eles darão a permissão para celebrar a missa latina*** **».**

Em **1993**, no nº 4 de sua brochura ***Documentação sobre a Revolução na Igreja***, o padre **Giulio Maria Tam** (hoje afastado da FSSPX por Dom Fellay) denunciava a futura ***"Pseudo-Restauração"*** e evocava o **próximo nascimento de uma *"igreja conservadora"* e de uma *"falsa cristandade"***.

Não é isso que estamos testemunhando hoje?



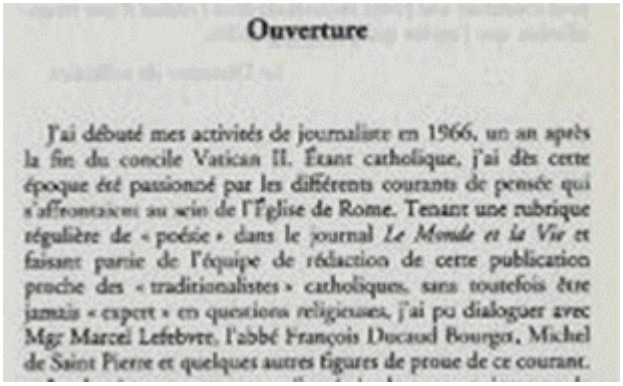
Além disso, a preocupação repentina desse maçom, Jean-Luc Maxence, pela FSSPX e seus encorajamentos manifestos em relação ao processo de "aproximação" iniciado por Dom Fellay com a Roma maçônica aparecem, portanto, claramente hoje como um sinal de satisfação das lojas maçônicas em ver assim se concretizar seu "plano", do qual Dom Fellay se tornou hoje o dócil e miserável lacaio!

VII - O jogo duplo de Jean-Luc Maxence

No prefácio que concedeu ao livro do padre Celier, **Jean-Luc Maxence se apresenta como um « *católico* » (?!)** que foi, desde o fim do concílio Vaticano II, **« *apaixonado pelos diferentes correntes de pensamento que se enfrentavam dentro da Igreja de Roma* » (sic!).**

Para suscitar a confiança dos fiéis da FSSPX, ele imediatamente destaca sua passagem pela equipe editorial do jornal *Le Monde et la Vie*, « *publicação próxima dos "tradicionalistas" católicos* », na qual ele mantinha uma « *rubrica regular de 'poesia'* ».

Em resumo, um « gentil católico »!



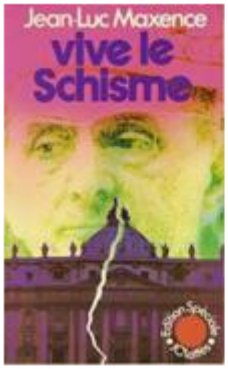
Ouverture

J'ai débuté mes activités de journaliste en 1966, un an après la fin du concile Vatican II. Étant catholique, j'ai dès cette époque été passionné par les différents courants de pensée qui s'affrontaient au sein de l'Église de Rome. Tenant une rubrique régulière de « poésie » dans le journal *Le Monde et la Vie* et faisant partie de l'équipe de rédaction de cette publication proche des « traditionalistes » catholiques, sans toutefois être jamais « expert » en questions religieuses, j'ai pu dialoguer avec Mgr Marcel Lefebvre, l'abbé François Ducaud Bourget, Michel de Saint Pierre et quelques autres figures de proue de ce courant.

Iludidos, os leitores puderam então pensar que Maxence era ele mesmo, desde o início e ainda agora, « *próximo dos tradicionalistas* »…

Vejamos então o que esse especialista em « *poesia* » escrevia em 1977, em seu livro *Viva o Cisma*:

> « *Primeiro jornalista, antes de me tornar editor em 1974, conheci pessoalmente de 1965 a 1968 os movimentos e a imprensa tradicionalistas. Posso falar do integrismo porque vi, de certa forma, nascer e se desenvolver diante dos meus olhos. Procurando trabalho,* ***fui contratado aos vinte anos como um dos secretários de redação da revista contrarrevolucionária Le Monde et la Vie. Abandonei sem arrependimento esse emprego*** *após um desentendimento pessoal com o diretor da publicação.* ***Aliás, sempre recusei, apesar das promessas materiais, entrar ao lado dos integristas em suas cruzadas duvidosas, em suas lutas anacrônicas.*** » (**página 14**).

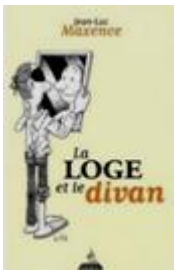


Dois livros, uma mesma lógica… maçônica!

Além disso, é importante notar que, no prefácio ao livro do padre Celier, Jean-Luc Maxence menciona furtivamente e com leveza seu « *pamphlet* » de 1977 **sem, no entanto, citar o título, para evitar despertar qualquer suspeita a seu respeito.** Dessa forma, estava praticamente garantido que ninguém procuraria esse livro, hoje esgotado, e também que não se poderia alegar que ele tinha silenciado sobre ele caso, apesar de tudo, alguns o trouxessem à tona…

Dom Fellay e o padre de Cacqueray, que validaram essa escolha de editor e sua prefácio, não podem, portanto, invocar qualquer ignorância em relação a Jean-Luc Maxence! Isso torna sua « conivência » com esse maçom ainda mais escandalosa!

Jean-Luc Maxence, que simula em seu prefácio ao livro do padre Celier ser um bom « *católico* », se vangloria, em seu último livro *A Loja e o Divã* publicado em 2009, de ter, como psicanalista, incitado um de seus pacientes, tentado, por sua vez, pela fé cristã, a entrar em uma loja maçônica!



> « *Aproveitei, alguns dias depois, em outra sessão, um longo silêncio da parte dele,(…) para lhe* ***evocar o caminho maçônico*** *de uma forma voluntariamente atraente.*
>
> ***Aconselhei-o, sem receio, a bater à porta do Templo*** *para lá encontrar outros « outros », de certa forma, (…). Tive a intuição de que isso o « abalaria » em seu triste isolamento e, sobretudo, que esse tipo de aventura espiritual responderia à sua atração pelas belas liturgias ortodoxas, pelos rituais em geral.* »

Interior do Templo *Franklin Roosevelt* da Grande Loja da França

Na verdade, François V... lamentava o adormecimento de sua parte religiosa, poderia-se dizer de forma bastante ampla. Mas ele também dizia ter medo do embrigadiamento (a palavra era dele) dos dogmas católicos ou ortodoxos que parecia conhecer um pouco. Daí ***minha « indicação » maçônica****, pouco ortodoxa, a respeito de uma psicologia das profundezas, se é que posso dizer « demais ortodoxa ».*

Image not found or type unknown

No entanto, o resultado não tardou: logo depois de ***sua iniciação na Grande Loja da França****, constatei em François uma inegável liberação de suas inibições mais características e* ***uma agradável transformação em sua vida monótona .»***

Afirmarei de maneira ampla que, para aconselhar um paciente no divã a « ver » o lado das lojas, é preciso que o paciente tenha expressado uma espécie de nostalgia do religioso, ou seja, um « lamento pelo religioso » durante sua terapia. Nesse caso, ***a maçonaria é sem dúvida uma resposta frequentemente adequada, ao menos na França, pois parece, em nosso país, como já mencionamos anteriormente, a expressão religiosa menos dogmática e menos « totalitária » do nosso Ocidente cada vez menos cristão .»***

VIII - O conluio agora público da FSSPX com os piores inimigos de Nosso Senhor e da Igreja!

Autor de várias **obras esotéricas e maçônicas**, Jean-Luc Maxence é conhecido há anos como um **adepto da maçonaria.**

Convidamos você a ler ou reler nosso dossiê de 15 de setembro de 2009 em nosso site:

http://www.resistance-catholique.org/documents/2009/RC_2009-09-15_Le_livre_de_labbe_Celier_edite_et_preface_par_un_franc-macon.pdf

Jean-Luc Maxence, **membro da Grande Loja da França**, contribui regularmente, há vários anos, com a **revista trimestral do Grande Oriente da França, *La Chaîne d'Union*.**

Últimos números (51 e 52) da « *Revista de estudos maçônicos, filosóficos e simbólicos* » publicada pelo Grande Oriente da França e na qual participa Jean-Luc Maxence

http://www.gadlu.info/la-chaine-dunion-n%C2%B0-51.html

> *« Criada em 15 de setembro de 1864 em Londres por um grupo de maçons franceses exilados pelo regime despótico de Napoleão III,* ***a Cadeia de União*** *tornou-se, no entanto,* ***um dos maiores jornais maçônicos do século XIX.*** *Suspensa em 1890, retomada em 1934, interrompida durante a ocupação, voltou a aparecer até 1963.*
>
> ***Em 1982, o Grande Oriente da França decidiu relançar a revista.*** *Hoje,* ***A CADEIA DE UNIÃO é a mais antiga revista maçônica francesa ainda em publicação.*** *Editada pelo Grande Oriente da França, a primeira obediência maçônica francesa pelo número de seus membros e por sua antiguidade,* ***os artigos que compõem A CADEIA DE UNIÃO são, no entanto, redigidos pelos membros de seu Comitê Editorial, que é composto de irmãs e irmãos de diversas obediências francesas.***
>
> *A CADEIA DE UNIÃO trata de temas de ordem simbólica, filosófica ou histórica. Também publica entrevistas com destacados representantes do pensamento contemporâneo ».*

http://www.conform-edition.com/page1/page1.html

Esta revista do Grande Oriente até dedicou seu **número 50 de outubro de 2009** ao tema da Maçonaria e da Psicanálise em virtude da publicação do livro de Jean-Luc Maxence, *A loja e o divã*.

> « ***A loja e o divã***
>
> ***Maçonaria e psicanálise***
>
> *Este n°50 aborda um tema geralmente pouco tratado: A maçonaria não seria uma espécie de psicanálise? Colocada dessa forma provocadora, a questão geralmente recebe uma resposta negativa. No entanto, acreditamos que é importante ler este dossiê, e aqueles e aquelas, acadêmicos, psicanalistas, pesquisadores, que, nessa ocasião, se dispuseram a colaborar, muitas vezes pela primeira vez, com a Cadeia de União* ».

http://www.conform-edit.com/lachaineduniondisponibles-c-21_31_37.html

Abaixo, alguns números antigos da revista do Grande Oriente aos quais Jean-Luc

Image not found or type unknown Image not found or type unknown

***Chaîne d'Union* n° 28,**

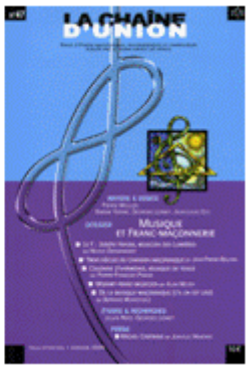
Image not found or type unknown

primavera de 2004

Citemos aqui o tema do dossiê assim como o título do artigo redigido por Jean-Luc Maxence.

> **Dossiê: Luz sobre a iniciação feminina**
>
> **Por uma poesia maçônica**
> *por Jean-Luc MAXENCE*
>
> ***Chaîne d'Union* n° 31, janeiro de 2005**
>
> **Dossiê: A lição de 1905**
>
> **Michel Héroult, o faminto de Luz**
> *por Jean-Luc MAXENCE*
>
> ***Chaîne d'Union* n° 33, julho de 2005**
>
> **Dossiê: Viver sem o GADLU**
>
> **Pierrette Micheloud, elo da cadeia poética**
> *por Jean-Luc MAXENCE*

No exato momento em que o livro do padre Celier foi editado (em 12 de março de 2007), com a aprovação de Monsenhor Fellay e do padre de Cacqueray, Jean-Luc Maxence publicava ainda um artigo nesta revista do Grande Oriente, organização de



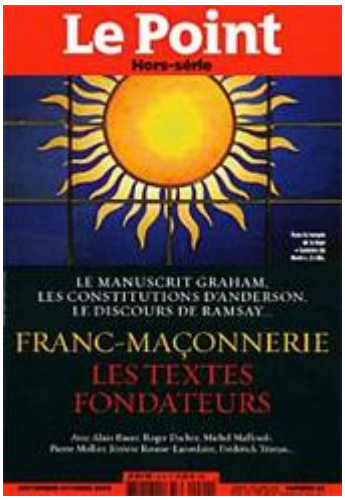
Chaîne d'Union n° 37, julho de 2006

> **Dossiê: O novo vigor do Rito Francês**
>
> **Jean-Noël Cordier e a partilha invisível**
> *por Jean-Luc MAXENCE*
>
> ***Chaîne d'Union* n° 40, abril de 2007**
>
> **Dossiê: Da aprendizagem à iniciação**

> **Francesca Yvonne Caroutch ou as palavras sagradas que curam**
> *por Jean-Luc MAXENCE*
>
> ***Chaîne d'Union* n° 47, janeiro de 2009**
>
> **Dossiê: Música e Maçonaria**
>
> **Michel Cazenave**
> *por Jean-Luc MAXENCE*

No ***Hors-série* n° 24 da revista semanal *Le Point***, Jean-Luc Maxence fala abertamente sobre sua pertença à **Maçonaria, da qual faz elogios, ao lado, entre outros, do ex-Grande Mestre do Grande Oriente da França, Alain Bauer, atual conselheiro de Nicolas Sarkozy.**

Aqui está o que podemos ler no *Blog Maçonnique*:



> *<< Le Point sobre a maçonaria*
>
> *Este número especial (n°24) da revista **Le Point** data de setembro-outubro de 2009 e ainda não havia sido abordado pelo Blog Maçonnique.*

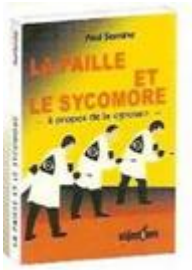
> *Este número especial de 130 páginas foi uma boa surpresa, que quis voltar às fontes e, portanto, se dedica aos textos fundacionais. A escolha dos textos e de seus comentários cabe ao jornalista Eric Vinson, especialista em questões religiosas e espirituais e professor na Sciences Po. Ele soube se cercar de plumas ou respondentes de referência, como* ***Alain Bauer****, Roger Dachez, Michel Maffesoli,* ***Jean-Luc Maxence****, Pierre Mollier, Jérôme Rousse-Lacordaire, Frédérick Tristan,...*
>
> **http://www.hiram.be/Le-Point-sur-la-Franc-Maconnerie_a3061.html**

A proximidade deste maçom e gnóstico militante com o padre Celier não é tão surpreendente.

Recordemos aqui alguns fatos.

Em novembro de 2003, o padre Celier, sob o pseudônimo de *Paul Sernine* (anagrama de Arsène Lupin!), publicou ***A Palha e o Sicômoro***. Este panfleto, publicado pelas **edições *Servir*** do padre de Tanoüarn (primo-irmão do padre de Cacqueray e proprietário da revista *Minute*!), reeditava o essencial do texto de *O Futuro de uma Ilusão* de 1993 e reproduzia as críticas a Jean Vaquié, mas também a Etienne Couvert e os Cahiers Barruel.

O padre Celier assim pretendia negar a existência atual da gnose e, com isso, desacreditar o trabalho daqueles que justamente denunciam seu papel determinante na revolução contra a Igreja e nas infiltrações nos meios católicos tradicionalistas, ou seja, precisamente o cerne da obra de Jean Vaquié, aprovada e incentivada por Monsenhor Lefebvre.



Seu livro foi aplaudido, entre outros, por Yves Chiron e Alain de Benoist, um dos teóricos da Nova Direita, em sua revista *Éléments* (2004), ferozmente anticatólica!

Veja nosso dossiê: http://resistance-catholique.org/articles_html/2008/04/RC_2008-04-16_GC.html

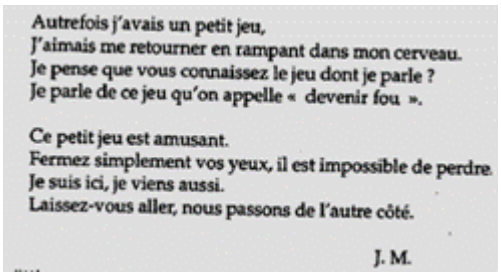
Em novembro de 1994, quando foi **nomeado pelo padre Aulagnier para liderar as edições *Fideliter* (que se tornaram edições *Clovis* em 1995), o padre Grégoire Celier publicava sob o título *O Deus Mortal*, uma introdução à filosofia que retomava o essencial do curso que ele ministrou por anos aos alunos da classe de terminal do colégio Saint-**

Michel de Châteauroux. Este livro constitui, na verdade, uma espécie de **“breviário” da Apostasia**:

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-01-A-00-Celier_Dieu_Mortel.pdf

Na epígrafe de sua obra (página 7), o padre Celier colocou uma citação particularmente estranha e obscura que não é outra senão um trecho de uma canção, « *The Celebration of the Lizard* », do roqueiro satânico, Jim Morrison, que morreu de overdose em Paris em 1971, e por quem parece ter uma singular afeição, uma vez que o menciona novamente de maneira complacente em seu livro *Bento XVI e os tradicionalistas* nas páginas 25 e 26!

Que referência para um sacerdote!


Autrefois j'avais un petit jeu,
J'aimais me retourner en rampant dans mon cerveau.
Je pense que vous connaissez le jeu dont je parle ?
Je parle de ce jeu qu'on appelle « devenir fou ».

Ce petit jeu est amusant.
Fermez simplement vos yeux, il est impossible de perdre.
Je suis ici, je viens aussi.
Laissez-vous aller, nous passons de l'autre côté.

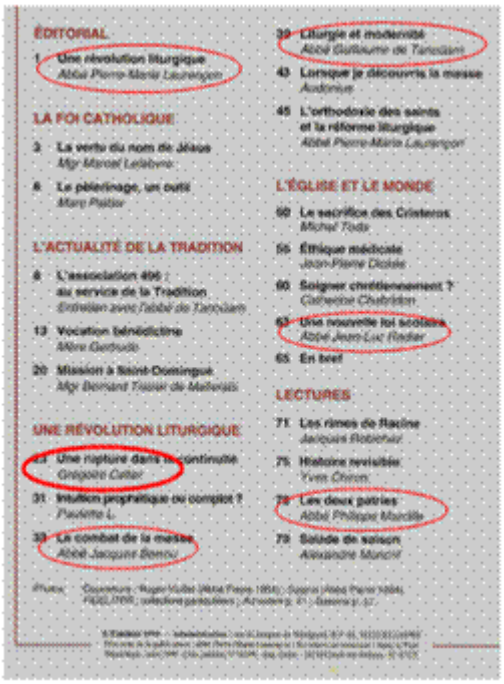
J. M.

> « ***Antigamente eu tinha um joguinho,***
> ***Eu gostava de me contorcer arrastando-me pelo meu cérebro.***
> ***Eu sinto que você conhece o jogo do qual estou falando?***
> ***Estou falando desse jogo que se chama “ficar louco”.***
>
> ***Esse joguinho é divertido.***
> ***Feche seus olhos, é impossível perder.***
> ***Estou aqui, também venho.***
> ***Deixe-se levar, vamos para o outro lado.***
>
> **J.M. »**

Na sua tumba no Père-Lachaise em Paris, figura esta inscrição em grego « *kata ton daimona eautou* » que significa « *desceu para se encontrar com seu próprio demônio* ».

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-17-A-00-Abbe-Celier-Jim-Morrison.pdf

Conhecendo agora **as amizades sombrias deste padre vendido ao Inimigo**, entendemos um pouco melhor por que, **durante anos, ele se recusou a mencionar sua condição de padre ao assinar seus artigos na *Fideliter***!



ÉDITORIAL
1 Une révolution liturgique
Abbé Pierre-Marie Laurençon
LA FOI CATHOLIQUE
3 La vertu du nom de Jésus
Mgr Marcel Lefebvre
6 Le pèlerinage, un outil
Marc Pellier
L'ACTUALITÉ DE LA TRADITION
8 L'association 496 : au service de la Tradition
Entretien avec l'abbé de Tanoüam
13 Vocation bénédictine
Mère Gertrude
20 Mission à Saint-Domingue
Mgr Bernard Tissier de Mallerais
UNE RÉVOLUTION LITURGIQUE
23 Une rupture dans la continuité
Grégoire Celier
31 Intuition prophétique ou complot ?
Paulette L.
33 Le combat de la messe
Abbé Jacques Bonnou
39 Liturgie et modernité
Abbé Guillaume de Tanoüam
43 Lorsque je découvris la messe
Audonius
45 L'orthodoxie des saints et la réforme liturgique
Abbé Pierre-Marie Laurençon
L'ÉGLISE ET LE MONDE
50 Le sacrifice des Cristeros
Michel Toda
55 Éthique médicale
Jean-Pierre Dickès
60 Soigner chrétiennement ?
Catherine Chabrillon
63 Une nouvelle loi scolaire
Abbé Jean-Luc Radier
65 En bref
LECTURES
71 Les rimes de Racine
Jacques Robichez
75 Histoire revisitée
Yves Chiron
78 Les deux patries
Abbé Philippe Murcille
79 Salade de saison
Alexandre Muncrif

O resumo da ***Fideliter* n° 128 de março-abril de 1999** atesta que o padre Celier, então Diretor da revista, é **o único** a não indicar que é padre! **Por que essa omissão?**

Todos os seus artigos serão assim assinados: « *Grégoire Celier* ». Ele também usou vários pseudônimos, como « *Paul Sernine* » ou « *Padre Michel Beaumont* », notavelmente para questionar a doutrina católica do Cristo-Rei em razão da… inevitável globalização (?!).

***Fideliter* n°98 março-abril de 1994 e n°124 julho-agosto de 1998**

Foi somente a partir do *Fideliter* n° 168 de novembro-dezembro de 2005, ou seja, alguns meses após a eleição de Ratzinger, que ele indicou « *padre* » em sua assinatura. No entanto, continuou a usar um de seus pseudônimos.

Trecho do sumário da *Fideliter* n° 168

Ao contrário de Monsenhor Lefebvre, que, após ser alertado por Jean Vaquié, interveio pessoalmente para expulsar do Instituto Universitário São Pio X (então dirigido pelo padre Lorans…) o gnóstico Professor Jean Borella, em nenhum momento Monsenhor Fellay e o padre de Cacqueray quiseram, apesar de todos os dossiês factuais dos quais tiveram conhecimento, tomar as medidas necessárias em relação a este clérigo cujas relações maçônicas não precisam mais ser demonstradas!

Diante de fatos tão graves, seu silêncio não revelaria uma « *conivência* » mais profunda?

O padre Celier, infiltrado e mentor do Superior do Distrito da França, seria ele mesmo um desses padres iniciados que recebem suas ordens diretamente das lojas? A confirmação de sua afiliação provavelmente não tardará…

Monsenhor Fellay teria ele mesmo sido seduzido por uma "iniciação" decorrente de seus contatos secretos e repetidos no seio da Roma maçônica, o que explicaria hoje sua fascinação pelo anticristo Ratzinger?

Pertenceria ele a uma dessas lojas que denunciava ainda em 1999?

À loja São João Batista? Retornaremos a isso…

Fim da segunda parte…

In Christo Rege

Resistência Católica

Fim do dossiê de *Resistência Católica* para a parte n°2

Referências

[1] http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-06-25_C_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_Le-franc-macon-Jean-Luc-Maxence.pdf

[2] http://resistance-catholique.org/

Face oculta da FSSPX (3)

Face oculta da FSSPX n°3[1] suas conexões com a Maçonaria e várias Organizações Mundialistas

Domingo, 29 de agosto de 2010

Artigo original disponível no site Virgo Maria

- Os Laços Muito Estreitos da Família do Padre Pierre-marie (Avrillé - Geoffroy de Kergorlay) com os Meios Mundialistas Anglo-saxões
- I - O Conde Denis de Kergorlay, um Homem das Redes Mundialistas
  - Introdução
  - O que é o Aspen Institute?
  - O IFRI, dirigido por um próximo de Denis de Kergorlay: Thierry de Montbrial
  - A Fundação Ditchley
  - The KitSon
  - As redes muito sociais de Denis de Kergorlay
- II – A Colusão de Ratzinger e do Vaticano com os Mesmos Meios Globalistas com o Objetivo de Instituir a Futura Religião Universal Anticristã da Nova Ordem Mundial
  - “Conselheiros” nada católicos junto a Bento XVI
  - Bento XVI defende abertamente o globalismo maçônico
  - A perfídia criminosa do padre de Cacqueray e de Dom Fellay
- III – Por Meios de seus Falaciosos Estudos Teológicos, o padre Pierre-marie D’avrillé (Geoffroy de Kergorlay) defende e legitima a Igreja Conciliar e seus Pontífices
  - Introdução

    - Avrillé defende a autenticidade do texto publicado pelo Vaticano em 26 de maio de 2000
    - Avrillé defende a validade do ritual conciliar de consagração episcopal
    - Avrillé divulgou a tese herética de uma hierarquia para duas Igrejas

- Referências

Os Laços Muito Estreitos da Família do Padre Pierre-marie (Avrillé - Geoffroy de Kergorlay) com os Meios Mundialistas Anglo-saxões

OS LAÇOS MUITO ESTREITOS DA FAMÍLIA DO PADRE PIERRE-MARIE (Avrillé - Geoffroy de KERGORLAY) COM OS MEIOS MUNDIALISTAS ANGLO-SAXÕES

Difusão do ótimo dossiê de *Résistance Catholique**[2]*** publicado em 26 de julho de 2010

http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-07-26_D_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_DE-KERGORLAY.pdf

http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-07-26_D_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_DE-KERGORLAY_ANNEXES.pdf

OS LAÇOS DA FAMÍLIA DE KERGORLAY COM OS MEIOS MUNDIALISTAS ANGLO-SAXÕES

Monastério de Avrillé – Castelo de Canisy (Normandia) – Círculo da União Interaliada (Paris)

Apesar das **tentativas de intimidação** e das **ameaças escritas** que nos foram **endereçadas por um representante do Distrito da França** após a publicação das duas partes anteriores de

nosso **dossiê especial**, publicamos hoje sua terceira e última parte.

Nela, iremos retomar informações que foram objeto há algum tempo de um importante dossiê do site ***virgo-maria.org*** que recomendamos vivamente:

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-02-12-A-00-Canisy_Kergorlay.pdf

Aportaremos aqui algumas precisões e desenvolvimentos.

No entanto, convidamos nossos leitores a aprofundar-se em todos os dados factuais que foram publicados. Pois, através desse trabalho pessoal, eles poderão perceber por si mesmos os laços e núcleos que existem entre certos meios mundialistas e maçônicos e os meios da "Tradição", especialmente a FSSPX.

Dois irmãos, dois caminhos... Oposição ou convergência?

> « ***Desmascarar os autores ocultos, expor seu desígnio, torna-se uma necessidade absoluta*** *para melhor* ***esclarecer nossa resistência*** *e solidificar nossa vontade* ».
>
> « *Há mais do que convergência, há* ***identidade de objetivo entre a revolução na Igreja e a grande política internacional****. Essa* ***pseudo-igreja universal*** *à qual se está tendendo não seria senão o* ***suporte espiritual de um governo mundial****, que, por sua vez, seria o* ***aparelho papal e visível de uma nova religião, aquela da humanidade*** ».
>
> « *Finalmente, um sincronismo na marcha de* ***eventos paralelos****.* ***O progresso da revolução na Igreja tem acompanhado, nos últimos dois ou três anos, o avanço do globalismo****.* ***Um laço estreito une os dois movimentos*** *. Não se trata apenas da* ***emulação de eclesiásticos, ambiciosos de estar na crista da onda da história*** *que acelera o primeiro; é, acima de tudo, a* ***urgência do encontro*** *que o precipita. Para compreender bem essa marcha, é necessário reposicioná-la no contexto da grande política internacional* ».
>
> **(Pierre Virion, *O complô*, 1969).**

I - O Conde Denis de Kergorlay, um Homem das Redes Mundialistas

Introdução

Há algum tempo, vemos a maçonaria e suas organizações satélites se exibirem em todo lugar, na capa de numerosas revistas ou ainda sendo tema de programas de televisão. Curiosamente, as diferentes obediências e outros círculos de influência parecem abrir suas portas, alternativamente, para os órgãos de imprensa do Sistema.

Foi assim que *Le Figaro magazine* dedicou, em 30 de abril de 2010, um dossiê especial intitulado « ***os círculos e lugares de poder*** ».

Esse súbito entusiasmo e esse interesse declarado por essas **organizações das sombras** por parte da imprensa sob o controle desses mesmos grupos ocultos não são particularmente perturbadores?

Neste número, *Le Figaro*, um diário nas mãos da Socpresse, fundada por **Robert Hersant** e hoje dirigido pelo industrial e senador **Serge Dassault**, nos fornece, portanto, uma apresentação favorável de alguns dos círculos mais influentes da vida política e econômica francesa.

Entre eles está o ***Círculo da União Interaliada***, presidido, desde recentemente, por um certo... **conde Denis de Kergorlay**, que até então era o mais jovem dos cinco administradores.

No número 290 (de 1 a 15 de fevereiro de 2010) de sua Carta de informações confidenciais, *Fatos e Documentos*, Emmanuel Ratier anunciou a eleição de Denis de Kergorlay à presidência do *Interallié*.

FAITS & DOCUMENTS

LETTRE D'INFORMATIONS CONFIDENTIELLES D'EMMANUEL RATIER

SOMMAIRE PORTRAIT MATTHIEU PIGASSE

N° 290 8 €

1er au 15 février 2010

► C'est finalement Denis de Kergorlay qui a succédé, courant décembre, à l'ancien ministre Pierre-Christian Taittinger, comme président du Cercle de l'Union interalliée (plus connu sous le nom de « L'Interallié »), l'un des clubs les plus chics de la capitale. Président exécutif d'Europa Nostra, de l'association franco-américaine French Heritage Society (depuis 2008), ainsi que du Nouveau Cercle, cet administrateur de sociétés présente un étonnant profil : âgé de 62 ans, il fut, dans sa jeunesse, un adepte de la contre-culture hippie, connue durant ses études aux Etats-Unis. Il participa à la campagne de l'écologiste malthusien René Dumont en 1981. Ayant appelé à voter pour François Mitterrand en 1988, il a également été trésorier de Médecins sans frontières et de Libertés sans frontières. Dans son château de Canisy (Manche), commune dont il fut maire, il organisa, durant des lustres, des séminaires de haut niveau, regroupant des membres de la « nomenklatura politico-journalistico-intellectuelle parisienne » (*Globe*, septembre 1988), souvent membres de l'Institut Aspen-France, filiale d'une importante fondation mondialiste américaine, dont il fut l'un des principaux dirigeants.

Fac-símile de *Faits et documents* n° 290 de 1 a 15 de fevereiro de 2010

Assim, Emmanuel Ratier nos informa que Denis de Kergorlay foi « ***um dos principais dirigentes*** » **do** « ***Instituto Aspen-França, filial de uma importante fundação mundialista americana*** ». Voltaremos a isso mais adiante...

Notemos, a título de curiosidade, que muitos desses círculos de influência mundialistas são presididos por membros da alta aristocracia francesa: o presidente do *Jockey Club* é **François-Eugène de Cossé, duque de Brissac**; o *Novo Círculo da União* é presidido pelo **conde Gaëtan de Boysson**; o *Automobile Club de France*, que abriga os jantares mundialistas do *Siècle* todas as últimas quartas-feiras do mês, é dirigido pelo **marquês Hugues du Rouret**; finalmente, *The Travellers* é dirigido pelo **barão Gérard de Waldner**!

Criado para prolongar os laços estabelecidos entre as potências ao final da Primeira Guerra Mundial, **o Círculo da União Interaliada** rapidamente se abriu para advogados e homens de negócios. Todos se misturam à vontade em um hotel particular do faubourg Saint-Honoré. O hotel dá para um parque de 4.500 m², vizinho ao do Élysée. A atmosfera é propícia para negócios, em torno de um drinque ou de uma refeição, no salão de leitura ou no centro esportivo. Os dirigentes de bancos são numerosos, como **Dominique Bazy**, o chefe da **UBS** França, e **Peter Boyles (HSBC)**. Alguns grandes patrões de empresas públicas também têm seus hábitos por lá, como **Pierre Mongin (RATP)** e **Augustin de Romanet (Caisse des Dépôts)**.

Os jardins do *Interallié* fazem fronteira com os da embaixada da Grã-Bretanha e do Élysée.

Graças a este dossiê do *Figaro*, descobrimos que **Jean-Denis Bredin**, que já mencionamos na primeira parte deste dossiê, **membro da Fundação Pierre Lafue ao lado do padre Alain** [redacted] é dirigido por [redacted]**ergorlay)**.

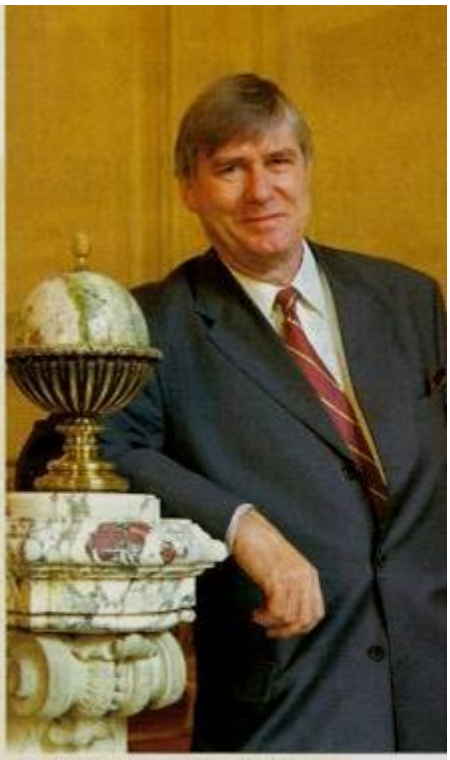
Todas essas

conexões ocultas e mundanas não são um tanto perturbadoras?

Na página 49, *Le Figaro magazine* publica uma entrevista lisonjeira com o recém-eleito presidente do *Interallié*. Reproduzimos aqui na íntegra.

DENIS DE KERGORLAY
« Une certaine image de la réussite et du savoir-vivre »

Pour le président de l'Interallié, « appartenir à un club offre une réelle bouffée d'oxygène ».



« Pour beaucoup, le cercle est presque une seconde famille », explique Denis de Kergorlay.

Le Figaro Magazine – A quoi servent les cercles ?

Denis de Kergorlay – Les cercles ont beaucoup évolué avec le temps. Avant, c'était un « truc » d'hommes où l'on venait pour taper les cartes. Les membres étaient des gens qui n'avaient pas nécessairement besoin de travailler, ils fréquentaient un cercle pour s'occuper, se distraire et voir du monde. Aujourd'hui, c'est différent. Les gens travaillent et, pour eux, l'appartenance à un cercle offre une réelle bouffée d'oxygène. Ce n'est pas un hasard si les jeunes sont de plus en plus nombreux à frapper à nos portes.

Comment expliquez-vous cet engouement ?

Nous vivons dans une société de plus en plus agressive, notamment dans la sphère professionnelle, où la reconnaissance ne s'obtient qu'à la force du poignet. A l'opposé, les cercles sont des lieux de détente très privilégié où les membres sont polis, s'intéressent aux autres, s'estiment et se respectent mutuellement. Tout cela est si rare aujourd'hui ! A l'Interallié, quelqu'un qui se comporterait mal, qui aurait par exemple une mauvaise éthique en affaires, ne serait pas accepté.

Face à la brutalité du monde, les cercles sont donc un refuge...

Ce sont des havres de paix. La fréquentation d'un cercle est un moment privilégié qui vient s'insérer entre le bureau et la vie familiale. Dans leur cercle, les membres se sentent chez eux. Pour beaucoup, c'est presque une seconde famille.

Comment définiriez-vous l'Interallié ?

Le Cercle de l'Union interalliée a été fondé en 1917, au lendemain de l'entrée en guerre officielle des Etats-Unis. L'idée était de créer un lieu d'accueil et d'échanges pour les officiers et personnalités des nations de l'Entente. Encore aujourd'hui, cette dimension internationale perdure : environ 20 % des membres sont des étrangers, ce qui est un gage d'ouverture sur le monde et la vie. Nos membres proviennent de tous les horizons (grands patrons, personnalités politiques, diplomates, avocats...) ; ils incarnent, chacun à leur manière, une certaine image de la réussite et du savoir-vivre. L'Interallié est une très belle vitrine de l'excellence française. C'est aussi, pour ses membres, un formidable lieu d'échanges et de rencontres, chacun pouvant trouver ici l'occasion de s'enrichir personnellement au contact des autres. Enfin, l'Interallié est une institution solide, installée dans la durée et propriétaire de ses murs, qui emploie 150 personnes très attachées au cercle et entretenant avec les membres une relation privilégiée. C'est aussi une institution qui a une légitimité forte, de par le rayonnement qu'elle exerce.

En tant que nouveau président, avez-vous des projets qui vous tiennent à cœur ?

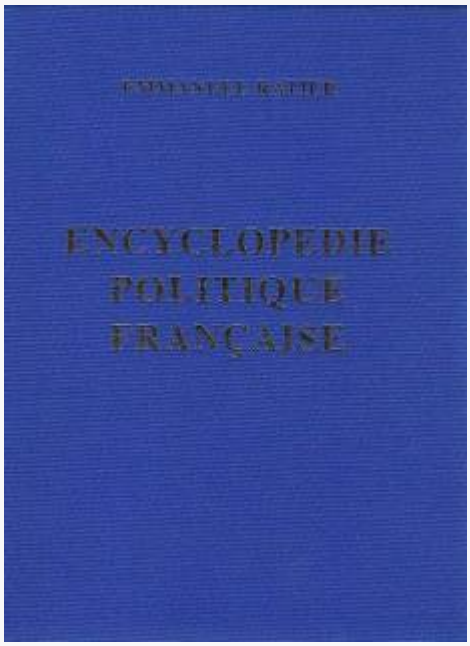
Mon souhait est de définir un nouveau projet culturel pour l'Interallié. Mes prédécesseurs ont dépensé une énergie fantastique pour améliorer les conditions matérielles de la vie du cercle (installations sportives, travaux d'embellissement, rénovations diverses...). Cela étant acquis, j'aimerais que l'Interallié aille à la rencontre des gens qui font le XXIe siècle dans les domaines de la musique, de l'architecture, de la sculpture... et qu'ils s'y sentent bien reçus. Mettons ce formidable outil qu'est l'Interallié, et la variété des réseaux de ses membres, au service de l'art et du rayonnement culturel de notre pays !

Mas quem é precisamente o conde Denis de Kergorlay?

> « Diretor de empresa, nasceu em 9 de fevereiro de 1947 em Paris. É sobrinho do conde Roland de Kergorlay, diretor da Sociedade Europeia de Satélites,

embaixador da CEE nos EUA, com quem tem laços muito próximos. **Seu irmão Pierre-Marie é membro da Fraternidade São Pio X**. **A família Kergorlay, enobrecida em 1671, é aliada aos Wendel por meio do conde Bernard de Kergorlay. Atraído pela contracultura hippie nos Estados Unidos no início dos anos setenta, este diplomado da Universidade de Columbia fez parte do estado-maior de campanha de René Dumont em 1981. Conselheiro municipal de Canisy, sucedeu ao prefeito, falecido, em 1985. Em 1988, ele chamou a votar em François Mitterrand, após ter estado próximo dos meios barristas. Em setembro de 1988, apresentou-se às eleições cantonais contra o conselheiro geral do FN, Fernand Le Rachinel, com o apoio do PS, do RPR e da UDF, que não apresentaram candidatos contra ele. Ele é também tesoureiro da Médicos Sem Fronteiras e de Liberdades Sem Fronteiras. Em seu castelo do século XVII, cercado por um parque de 250 hectares, este** *homem das sombras* **recebe quase todo fim de semana uma cinquentena de hóspedes pagantes da « nomenklatura político-jornalístico-intelectual parisiense » » *(Globe, setembro de 1988). Ele organiza discretos seminários internacionais mundialistas de alto nível em nome do Instituto Aspen-França, criado em 1983*. Trata-se da filial francesa do *Aspen Institute for Humanistic Studies of Washington, fundação mundialista americana* fundada em 1950.**

KERGORLAY Denis (Comte de). Directeur de sociétés, né le 9 février 1947 à Paris. Il est le neveu du comte ◇ Roland de Kergorlay, directeur de la Société européenne de satellites, ambassadeur de la CEE auprès des USA, avec qui il est très lié. Son frère Pierre-Marie est membre de la Fraternité Saint-Pie V. La famille Kergorlay, anoblie en 1671, est alliée aux Wendel par le comte Bernard de Kergorlay. Adepte de la contre-culture hippie aux Etats-Unis au début des années soixante-dix, ce diplômé de l'université de Columbia a appartenu à l'état-major de campagne de René Dumont en 1981. Conseiller municipal de Canisy, il a succédé au maire, décédé, en 1985. En 1988, il a appelé à voter pour François Mitterrand, après avoir été proche des milieux barristes. En septembre 1988, il s'est présenté aux élections cantonales contre le conseiller général sortant FN ◇ Fernand Le Rachinel, avec l'appui du PS, du RPR et de l'UDF qui ne présentèrent aucun candidat contre lui. Il est également trésorier de Médecins sans frontières et de Libertés sans frontières. Dans son château XVII', entouré d'un parc de 250 hectares, cet homme de l'ombre reçoit presque chaque week-end une cinquantaine d'hôtes payants de la « nomenklatura politico-journalistico-intellectuelle parisienne » (*Globe*, septembre 1988). Il organise de discrets séminaires internationaux mondialistes de haut niveau au nom de l'Institut Aspen-France, créé en 1983. Il s'agit de la filiale française de l'Aspen institute for humanistic studies of Washington, fondation mondialiste américaine créée en 1950. Le président est ◇ Olivier Mellério (joaillier), la vice-présidente ◇ Jacqueline Grapin (correspondante du *Figaro* à Washington), le secrétaire général ◇ Denis Zewudacki (secrétaire général du CNPF), le trésorier ◇ Raphaël Hadas-Lebel (secrétaire général d'Elf-Aquitaine). L'une des listes des participants (août 1988) donnera une idée de l'ampleur des manifestations : Umberto Agnelli (Fiat), Bernao Bracher (gouverneur de la Banque centrale du Brésil), Robert Dalziel (président d'ATT), ◇ Jacques-Henri David (directeur général de Saint-Gobain), ◇ Jean-Louis Gergorin (directeur de Matra), Toyoo Ghyohten (chargé des affaires interna-



Enciclopédia Política Francesa de Emmanuel Ratier

> *« O presidente é Olivier Mellério (joalheiro), a vice-presidente Jacqueline Grapin (correspondente do Figaro em Washington), o secretário-geral Denis Zewudackí (secretário-geral do CNPF), o tesoureiro Raphaël Hadas-Lebel (secretário-geral da Elf-Aquitaine). Uma das listas dos participantes (agosto de 1988) dará uma ideia da abrangência das manifestações: Umberto Agnelli (Fiat), Bernao Bracher (governador do Banco Central do Brasil), Robert Dalziel (presidente da ATT), Jacques-Henri David (diretor-geral da Saint-Gobain), Jean-Louis Gergorin (diretor da Matra), Toyoo Gyohten (responsável pelos assuntos internacionais no ministério das Finanças do Japão), Karen Elliot (editorialista do Wall Street Journal), Richard Gardner (ex-embaixador americano na Itália), W.D. Eberle (conselheiro econômico de Nixon e Ford), Robert McNamara, Jacques Delors, Jean-Claude Trichet (diretor do Tesouro), Denis Gautier-Savagnac, Jean-Marie Daillet (deputado mitterrandista de Saint-Lô), Bruno Durieux, Pierre Rosanvallon (secretário-geral da Fundação Saint-Simon), etc.* » **Emmanuel Ratier, em sua *Enciclopédia Política Francesa***, edições *Facta*, 2005.

O **padre Pierre-Marie o.p. (Geoffroy de Kergorlay)**, irmão mais novo de Denis de Kergorlay, nasceu em 6 de março de 1952. Ele foi **guenoniano** antes de se converter ao frequentar o MJCF e as conferências do **padre de Nantes**. Em seguida, juntou-se ao **Padre Guérard des Lauriers** e a Écône, onde foi **ordenado sacerdote em 1983** por Dom Lefebvre.

Para completar o retrato do conde Denis de Kergorlay, **que nos últimos anos experimentou uma « ascensão » particularmente surpreendente**, retomemos aqui os **elementos de biografia** apresentados pelo site ***wikimanche.fr***:

> **« *Denis de Kergorlay*, nascido em Paris em 9 de fevereiro de 1947, é um político e um chefe de empresa da Manche.**
>
> *Denis de Kergorlay é filho de **Yves-Louis de Kergorlay** (1912 - 1976) e de **Marie de Boysson** (1913). Ele é casado com **Marie-Christine de Percin**, com quem tem dois filhos.*
>
> *Ele estudou em Paris, no Instituto de Estudos Políticos, e depois na **universidade de Assas**. Mudou-se para os Estados Unidos para frequentar as aulas da **universidade de Columbia** em Nova Iorque.*
>
> *Iniciou sua carreira profissional em 1976 como attaché cultural na embaixada da França na Tailândia.*
>
> *Em 1977, integrou a organização humanitária **Médicos Sem Fronteiras**. Ele ocupou diferentes cargos na Tailândia, no Camboja, no Afeganistão e na Etiópia. Foi tesoureiro dessa organização de 1981 a 1987.*

> *É proprietário do castelo de Canisy (século XVI), que transformou em 1978 em uma casa de hóspedes, onde organiza concertos e seminários.*
>
> *Foi* ***prefeito de Canisy*** *de 1985 a 1995, e depois primeiro vice-prefeito de 1995 a 1998. Candidatou-se às eleições municipais de 2008, mas sua lista não elegeu nenhum dos 15 postos disponíveis.*
>
> *É amigo da cantora americana* ***Joan Baez*** *(1941), conhecida no Camboja, que recebe regularmente em seu castelo desde 1980.*
>
> *É presidente executivo da associação* ***Europa Nostra****, que milita pela preservação do patrimônio europeu. Ele é administrador da* ***La Demeure historique*** *desde 2000 e presidente da* ***French Heritage Society*** *desde 2008.*
>
> *Foi eleito presidente do* ***Círculo da União Interaliada*** *em 2009. »*
>
> **(http://www.wikimanche.fr/Denis_de_Kergorlay)**

http://www.europanostra.org/news/57/

O Congresso anual de *Europa Nostra*, do qual o conde Denis de Kergorlay é presidente executivo desde 2008, foi realizado este ano em Istambul, na Turquia!

O site ***virgo-maria*** nos fornece essas outras informações:

> “ Denis de Kergorlay é « *casado com uma* ***advogada de negócios***, ***diretora de um escritório de advocacia parisiense*** *e inserida nos meios de comunicação e da política (de 2002 a 2005, foi* ***membro do observatório da paridade entre homens e mulheres****)* ».

http://www.canisy.com/eng/hist.php?Id=4

http://www.canisy.com/histoire-chambres-hotes.php

*« Gerente de mais de 90% das ações da **Sociedade Civil do Domínio de Canisy** (capital de 167.693,92 euros), uma fração é detida por uma herdeira do tio Roland de Kergorlay e outra fração pequena pela associação "Os Amigos de Canisy", sendo que uma alteração menor nas ações ocorreu no 28 de julho de 2009.*

Os estatutos constitutivos datam de 22 de novembro de 1946.

*Uma mudança na gerência ocorreu em 30 de junho de 1978, **com a morte do conde Yves de Kergorlay em 27 de dezembro de 1976**.*

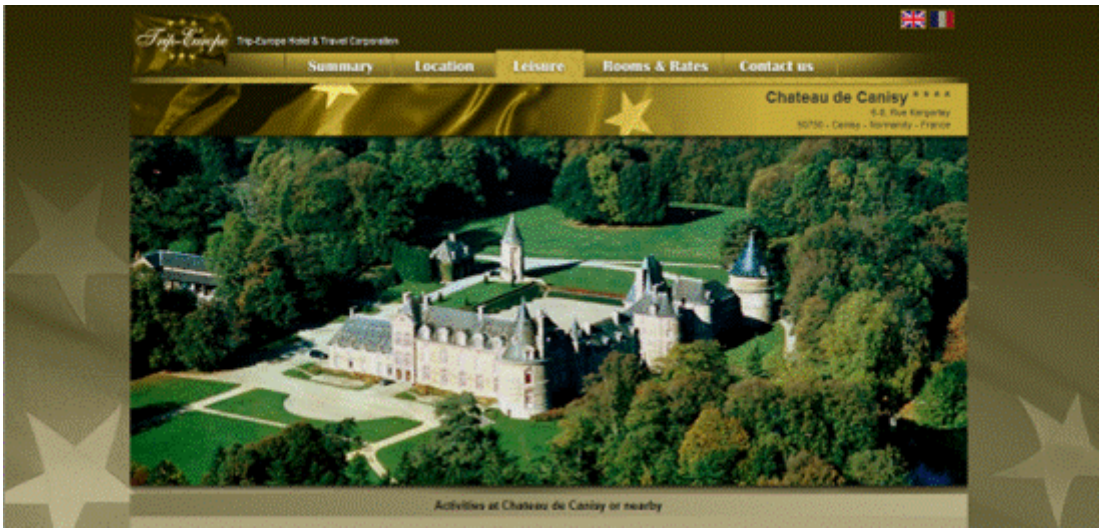
*Portanto, a partir do controle da gerência por Denis de Kergorlay em 1978, se dá a transformação do castelo de Canisy em uma casa de hóspedes **e começa a recepção de círculos mundialistas, incluindo o famoso e muito influente Aspen Institute.***

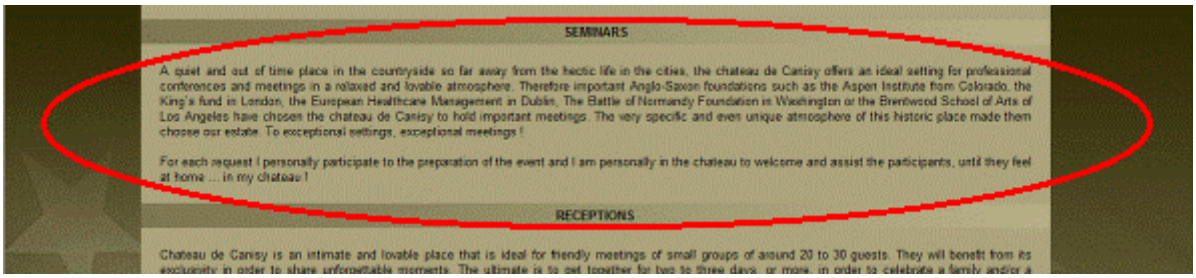
*Destacamos também a **SARL Le Cercle de Canisy**, registrada*

em 30 de junho de 1992 no registro do comércio e das sociedades, e cuja gerência é de Denis de Kergorlay. Seu objetivo é:

> *"a organização de seminários, conferências e todos os serviços acessórios, notadamente tudo o que diz respeito à restauração e hospedagem da clientela."*
>
> *Denis de Kergorlay é também sócio gerente (sócio da **Fundação França**, agindo em nome da **Fundação Canisy** sob sua égide) dentro da **Sociedade Civil e Imobiliária de Kergorlay-Tigery**, registrada em 21 de outubro de 2002 no registro do comércio e das sociedades».*
>
> **http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-02-12-A-00-Canisy_Kergorlay.pdf**

Portanto, é no âmbito da SARL *Le Cercle de Canisy* que o conde de Kergorlay organiza seus seminários e encontros mundialistas...

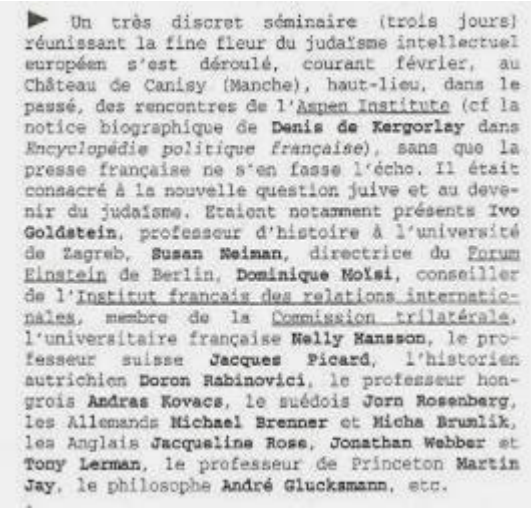




http://www.chateaucanisy.com/chateau_de_canisy_leisure.html

A organização mais importante a realizar suas reuniões no castelo de Canisy é, sem dúvida, o ***Aspen Institute***, mencionado no próprio site do castelo de Canisy (acima).

Denis de Kergorlay também recebe em seu castelo discretos seminários da **comunidade judaica**:



► Un très discret séminaire (trois jours) réunissant la fine fleur du judaïsme intellectuel européen s'est déroulé, courant février, au Château de Canisy (Manche), haut-lieu, dans le passé, des rencontres de l'Aspen Institute (cf la notice biographique de **Denis de Kergorlay** dans *Encyclopédie politique française*), sans que la presse française ne s'en fasse l'écho. Il était consacré à la nouvelle question juive et au devenir du judaïsme. Etaient notamment présents **Ivo Goldstein**, professeur d'histoire à l'université de Zagreb, **Susan Neiman**, directrice du Forum Einstein de Berlin, **Dominique Moïsi**, conseiller de l'Institut français des relations internationales, membre de la Commission trilatérale, l'universitaire française **Nelly Hansson**, le professeur suisse **Jacques Picard**, l'historien autrichien **Doron Rabinovici**, le professeur hongrois **Andras Kovacs**, le suédois **Jorn Rosenberg**, les Allemands **Michael Brenner** et **Micha Brumlik**, les Anglais **Jacqueline Rose**, **Jonathan Webber** et **Tony Lerman**, le professeur de Princeton **Martin Jay**, le philosophe **André Glucksmann**, etc.

Fac-símile de *Faits et documents* n° 171 de 1 a 15 de abril de 2004

Em fevereiro de 2004, « um **seminário muito discreto** (três dias) reunindo a elite do **judaísmo intelectual europeu** ocorreu, durante fevereiro, no castelo de Canisy (Manche)... Ele foi dedicado à **nova questão judaica e ao desenvolvimento do judaísmo** » (Trechos de *Faits et documents* n°171).

A apresentação de todas as organizações ocultas e globalistas com as quais Denis de Kergorlay está envolvido seria longa demais. Por isso, decidimos fazer uma apresentação das mais significativas.

Para isso, nos baseamos em um estudo particularmente detalhado sobre sociedades secretas e círculos ocultos: *Maçonaria e seitas secretas: o lado oculto da história* de Epiphanius (edições *Courrier de Rome*). Este livro, cuja leitura recomendamos fortemente, é uma mina de informações sobre o assunto.

As instituições e organizações globalistas são muito numerosas, o que permite ao poder oculto constituir uma vasta e poderosa rede de influência com múltiplas ramificações.

Uma das principais características dessas redes globalistas é a pertença de certos personagens influentes a várias dessas organizações, o que resulta na criação de pontes entre elas e, consequentemente, na promoção da homogeneidade e

convergência de suas ações dentro da sociedade.

Para ajudar o leitor, publicaremos aqui ou em anexos vários fac-símiles desta obra de referência.

O que é o Aspen Institute?

Emanado do grupo *Bilderberg*, do qual é um dos seus revezes ideológicos, o ***Instituto Aspen***, fundado em Aspen (Colorado) em 1949 e atualmente baseado em Washington, é um « *círculo de reflexão e influência internacional* ». Seu objetivo é « *ajudar os tomadores de decisão provenientes do mundo econômico, político, universitário, associativo, sindical e da mídia a identificar melhor os desafios que enfrentam, buscando juntos soluções para os problemas contemporâneos* ».

O **Instituto Aspen França** é um capítulo do Instituto Aspen. É um « *centro internacional de troca e reflexão criado em 1983* ». Tem sua sede em Lyon e opera como uma rede de tomadores de decisão que se beneficiam do financiamento de empresas, coletividades ou escolas de negócios: Capgemini, Insead, HEC Paris ou Euronews.

Seu comitê de supervisão é presidido por Jean-Pierre Jouyet, que sucedeu Michel Pébereau do BNP Paribas, que se torna presidente honorário.

Vários membros do Instituto Aspen França também pertencem ao *Bilderberg*, à *Trilateral* ou ainda ao *Siècle*.

Para saber mais, os sites da organização são: **www.aspenfrance.org** e **www.aspeninstitute.org**.

Vamos agora examinar o que nos diz a obra *Maçonnerie et sectes secrètes: le côté caché de l'histoire* sobre o *Aspen Institute*.

> « *O Aspen Institute for Humanistic Studies foi* ***fundado em 1949*** *no Colorado por* ***Robert Maynard Hutchins***, ***Grande Comendador da Ordem de São***

> ***João de Jerusalém*** *– uma ramificação da* ***Side Masonery****, a alta maçonaria britânica...* » (página 731).

sistes. Une partie de ce "gouvernement de l'ombre" participa à Turin, du 27 au 29 avril suivants, à un congrès de l'Aspen Institute [1421]. »

L'**Aspen Institute for Humanistic Studies** fut fondé en 1949 au Colorado par Robert Maynard Hutchins, Grand Commandeur de l'Ordre de Saint Jean de Jérusalem - une branche de la *Side Masonry*, la haute maçonnerie britannique. Président de l'Université Rockefeller de Chicago entre 1929 et 1950, créateur avec Giovanni A. Borgese dans l'immédiat après-guerre du mouvement pour le Gouvernement mondial [1422], directeur des programmes de la Fondation Ford au début des années Cinquante, Hutchins était en rapport avec Aldous Huxley pour l'étude des drogues. Il fut impliqué dans les années Soixante, alors qu'il était déjà retraité, dans un trafic de drogue [1423].

Au moment de la fondation, Hutchins avait à ses côtés de nombreux fabiens du C.F.R. américain et du R.I.I.A. britannique qui, sous le prétexte d'« études humanistes », cherchaient à coopter des personnalités du monde économique et industriel pour les orienter vers des analyses et des prospectives « globales », des lois mondialistes au sens technocratique, pour ensuite les faire insérer dans les programmes de gouvernement de leurs pays respectifs.

Depuis 1970 l'Aspen Institue a une succursale à Berlin, et à Rome depuis 1985. Il possède depuis 1986 un château à Canisy en Normandie, où se tiennent souvent ses réunions. Il a aussi, sous un autre nom, un siège à Tokyo.

1421. « *Il Giornale* », 24 avril 1987.
1422. « *Il Sole - 24 ore* », 21 avril 1992.
1423. Cf. Kalimtgis, Steinberg, Goldman, « *Droga, S.p.A.* », pp. 61 et 404 et Peter Blackwood, « *Die Netzwerke der Insider* », Diagnosen Verlag, Leonberg, Allemagne, 1986, p. 196.

731

Fac-símile da página 731

> « *Desde 1970, o* ***Aspen Institute tem uma filial em Berlim e em Roma desde 1985. Desde 1986, possui um castelo em Canisy, na Normandia, onde frequentemente realiza suas reuniões. Também possui, sob um outro nome, uma sede em Tóquio*** » (página 731).

Essa informação é bastante perturbadora.

De fato, **a quem realmente pertence o castelo de Canisy?** Ao conde Denis de Kergorlay ou ao *Aspen Institute*?

> *« O **chefe do Aspen Institute** foi por muito tempo **Robert O. Anderson**, ex-secretário do Tesouro americano, **um dos diretores do C.F.R., membro do Bilderberg e da Trilateral…** » (página 732).*

américaine Dawes, notamment chez le banquier Charles Gates Dawes, membre de la Pilgrims' Society, ambassadeur américain en Grande-Bretagne entre 1929 et 1932, qui avait lié son nom au fameux Plan Dawes pour les réparations de guerre allemandes.

En 1974 la Fondation d'Anderson a financé les mouvements écologistes pour imposer les énergies dites « alternatives » à l'énergie nucléaire, agissant de concert avec l'Aspen Istitute, qui profitait des mêmes financements de l'Atlantic Richfield [1424].

L'objectif de l'Aspen Institute, selon celui qui fut exprimé lors d'un congrès qui se tenait à Venise le 5 septembre 1986 par le président de l'époque de la section italienne, le juif Gianni de Michelis - présent également aux Symposiums du World Economic Forum à Davos :

> « d'asseoir à la même table les principaux protagonistes du monde politique, économique, financier **pour formuler des suggestions et des propositions qui, comme ce fut le cas dans le passé, seraient ensuite examinées par les organes responsables**; la prochaine réunion du Fonds Monétaire International, ainsi que celle *a latere* du G7 (groupe des sept pays les plus industrialisés du monde, N.d.R.) représentent pour cet objectif des rendez-vous importants. » [1425]

Comme on le voit ces intentions sont très proches de celles du Bilderberg, mais probablement dans un rapport de subordination à ce dernier et avec des valeurs plus nettement culturelles, - formations de cadres pour *l'Establishment* - mais aussi économiques, monétaires et commerciales.

L'Institut Aspen organise dans les diverses nations un ou deux « séminaires » par an, selon les nécessités, pour faire le point sur la situation économique, commerciale, financière en rapport avec la situation politique du moment, avec la participation de personnalités et de cadres des gouverne-

1424. Cf. F.W. Engdahl, « *A Century of War : Anglo-American Oil Politics and the New Order* », Concord, MA, 1992, Paul & Company Publishers Consortium. Il convient de mentionner que d'après le journal « *Nouvelle Solidarité* » du 1 octobre 1988, l'Atlantic Ritchfield Corporation et la Volkswagen seraient les multinationales principales responsables du déboisement sauvage de l'Amazonie.
1425. « *Il Giornale* », 6 septembre 1986.

732

Fac-símile da página 732

Os objetivos do ***Aspen Institute*** são « muito próximos » daqueles do ***Bilderberg***:

> *« Essas intenções são muito próximas das do Bilderberg, mas **provavelmente em um relacionamento de subordinação a este último e com valores***

> ***mais nitidamente culturais**, – formações de quadros para o **Establishment** – mas também econômicos, monetários e comerciais » (página 732).*

Você poderá consultar a íntegra do documento em anexo 1.

O IFRI, dirigido por um próximo de Denis de Kergorlay: Thierry de Montbrial

A amizade dele com Denis de Kergorlay merece que nos detenhamos um pouco sobre este personagem chave da intelectualidade globalista de alto nível.

Thierry René Henri Magloire de Montbrial, nascido em 1943, é um professor e pesquisador francês em economia e relações internacionais.

Ele é filho de **François de Montbrial**, inspetor geral do Banco da França, e de **Monique Lecuyer-Corthis**. Casou-se em 1967 com **Marie-Christine de Montbrial, nascida Balling**, produtora de cinema (StarDance Pictures) e filha de **Charles Balling** (nascido em 1912; X 1935). É pai de Thibault de Montbrial, advogado, e de Alexandra de Montbrial.

É graduado pela Escola Politécnica (X63) e pela Escola de Minas (1966). Antigo Engenheiro do corpo das minas, também possui doutorado em economia pela Universidade da Califórnia em Berkeley.

Ele dirigiu o Centro de Análise e Previsão (CAP) do Ministério das Relações Exteriores antes de **Jean-Louis Gergorin**.

Engenheiro geral das minas (honorário desde 1995), é o fundador do **departamento de economia da Escola Politécnica**, do qual foi presidente até 1992. É diretor da revista Política

Estrangeira e leciona ciências econômicas na Escola Politécnica, economia política aplicada e relações internacionais no Conservatório Nacional das Artes e Ofícios, bem como teorias das relações internacionais no Mestrado em Pesquisa em Relações Internacionais da Universidade Paris II Panthéon-Assas.

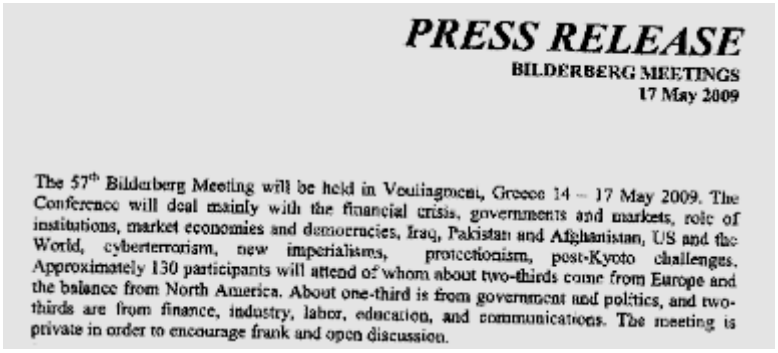
É o **fundador (1979) e diretor geral** do ***Instituto Francês de Relações Internacionais*** **(IFRI)** , que publica o relatório anual *Ramsès* (Relatório anual mundial sobre o sistema econômico e as estratégias).

Membro do Comitê de direção do grupo *Bilderberg* desde 1976, Thierry de Montbrial é membro de direito (julho de 2006) do Conselho do Centro de Estudos Prospectivos e de Informações Internacionais (CEPII) e membro do comitê de redação da revista *Foreign Policy*.

Ele também foi presidente da **Fundação para a Pesquisa Estratégica** de 1993 a 2001 e, desde dezembro de 2003, é presidente delegado do **Conselho de Prospective Europeia e Internacional para a Agricultura e a Alimentação**.

Editorialista no *Le Figaro*, depois no *Le Monde*, **Thierry de Montbrial também pertence à Comissão *Trilateral*** (fundada por **David Rockefeller**) **e ao *Siècle*.**

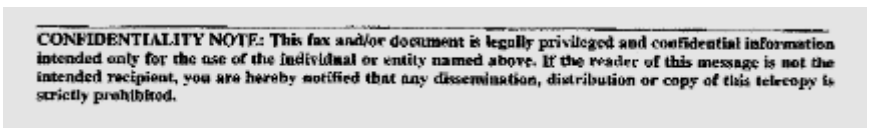
Nos **documentos confidenciais** abaixo, relativos à 57ª reunião do grupo *Bilderberg* que ocorreu de 14 a 17 de maio de 2009 na Grécia, encontramos o nome de Thierry de Montbrial na lista de seus membros-participantes.



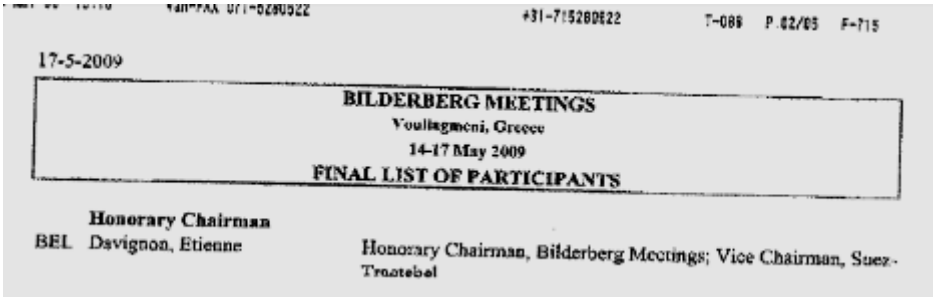
PRESS RELEASE

BILDERBERG MEETINGS
17 May 2009

The 57th Bilderberg Meeting will be held in Vouliagmeni, Greece 14 – 17 May 2009. The Conference will deal mainly with the financial crisis, governments and markets, role of institutions, market economies and democracies, Iraq, Pakistan and Afghanistan, US and the World, cyberterrorism, new imperialisms, protectionism, post-Kyoto challenges. Approximately 130 participants will attend of whom about two-thirds come from Europe and the balance from North America. About one-third is from government and politics, and two-thirds are from finance, industry, labor, education, and communications. The meeting is private in order to encourage frank and open discussion.



CONFIDENTIALITY NOTE: This fax and/or document is legally privileged and confidential information intended only for the use of the individual or entity named above. If the reader of this message is not the intended recipient, you are hereby notified that any dissemination, distribution or copy of this telecopy is strictly prohibited.

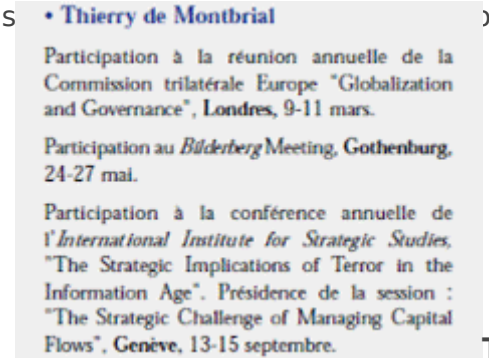


17-5-2009

BILDERBERG MEETINGS
Vouliagmeni, Greece
14-17 May 2009
FINAL LIST OF PARTICIPANTS

	Honorary Chairman	
BEL	Davignon, Etienne	Honorary Chairman, Bilderberg Meetings; Vice Chairman, Suez-Tractebel
GBR	Mandelson, Peter	Secretary of State for Business, Enterprise & Regulatory Reform
INT	Maystadt, Philippe	President, European Investment Bank
CAN	McKenna, Frank	Former Ambassador to the US
GBR	Micklethwait, John	Editor-in-Chief, The Economist
FRA	Montbrial, Thierry de	President, French Institute for International Relations
ITA	Monti, Mario	President, Università Commerciale Luigi Bocconi
ESP	Moratinos Cuyaubé, Miguel A.	Minister of Foreign Affairs
USA	Mundie, Craig J.	Chief Research and Strategy Officer, Microsoft Corporation
CAN	Munroe-Blum, Heather	Principal and Vice Chancellor, McGill University

A lista oficial dos parceiros do Instituto Francês de Relações Internacionais, o IFRI, do qual o diretor Thierry de Montbrial e o Vice-Presidente Tesoureiro, André Lévi-Lang, presidente do SG-Paribas, s o grupo *Bilderberg* e da Comissão *Trilateral*, é vertiginosa.



• Thierry de Montbrial

Participation à la réunion annuelle de la Commission trilatérale Europe "Globalization and Governance", Londres, 9-11 mars.

Participation au *Bilderberg* Meeting, Gothenburg, 24-27 mai.

Participation à la conférence annuelle de l'*International Institute for Strategic Studies*, "The Strategic Implications of Terror in the Information Age". Présidence de la session : "The Strategic Challenge of Managing Capital Flows", Genève, 13-15 septembre.

Trechos da agenda de Thierry de Montbrial publicados no relatório de atividades do IFRI de 2001

O IFRI é uma espécie de CFR à francesa. Nele encontramos políticos de direita e de esquerda, líderes de grandes empresas, jornalistas e alguns acadêmicos.

O IFRI é um dos 3 ***think tanks*** (ou "clubes de reflexão") mais influentes na França, junto com *Le Siècle* e a *Fundação Concorde*. Como seu nome indica, a atividade do IFRI é voltada para a política internacional, o que inclui questões como a economia, a globalização e os métodos de "governança".

Além das adesões de seus membros, o IFRI é **financiado por doações das maiores empresas francesas e de algumas empresas europeias e americanas**. A lista dessas empresas é impressionante. Praticamente todas as sociedades do CAC 40 estão presentes:

> Accor, Air France, Air Liquide, Alcatel, Arcelor, Areva, Arianespace, Axa, Barclays Bank, Bayard Presse, BNP Paribas, Bouygues, Caixa Bank, Carrefour, CCF, CNES,

> Crédit Agricole, Crédit Foncier de France, Crédit Lyonnais, Crédit Mutuel, Crédit Suisse, Daimler Chrysler, Danone, Dassault Aviation, Deutsche Bank, Dexia, EADS, Eiffage, EDF, Eramet, France Telecom, Global Equities, HSBC, IBM France, Instituto Francês do Petróleo, JP Morgan & Chase Manhattan Bank, KSB, La Mondiale, Lafarge, Lazard Frères, Les Echos, L'Oréal, o MEDEF, Mondial Assistance, Morgan Stanley, Natexis Banques Populaires, Nokia, Novartis Europe, PSA Peugeot Citroën, Renault, Banque Rothschild, RTE, Sagem, Sanofi Synthelabo, Schneider Electric, Scor, Siemens, Sociedade do Louvre, Sodexho, Suez, Thales, Total, Vivendi, etc…

A Fundação Ditchley

O relatório de atividades do IFRI de 2001 mencionou um **colóquio sobre as relações transatlânticas que ocorreu no castelo de Canisy de 29 de junho a 1 de julho de 2001. Estavam, entre outros, presentes: Hubert Védrine**, então ministro das Relações Exteriores, **Édouard Balladur** e **Richard Perle, conselheiro no Pentágono.**

Institut Français des Relations Internationales

RAPPORT D'ACTIVITÉ 2001

• Transatlantic Relations : Cooperation and Competitition

Ifri/Ditchley, Château de Canisy, 29 juin-1er juillet

Dominique Moïsi

Cette rencontre, organisée en partenariat avec la Ditchley Foundation (Royaume-Uni), par *Sir Nigel Broomfield*, Ditchley, et *Dominique Moïsi*, Ifri, avait pour objectif d'évaluer l'état des relations transatlantiques dans leur dimension économique et politico-stratégique. Elle a bénéficié de la présence de deux anciens Premiers ministres, co-présidents de la conférence, *Édouard Balladur* et *John Major*, et de celle du ministre des Affaires étrangères, *Hubert Védrine*. Elle a rassemblé des délégations française – conduite par *Thierry de Montbrial* –, britannique, canadienne et américaine.

Denis de Kergorlay, hôte de la réunion au château de Canisy, John Major, ancien Premier ministre de Grande-Bretagne, Hubert Védrine, ministre des Affaires étrangères, Sir Nigel Broomfield, président de la Ditchley Foundation et Thierry de Montbrial, Ifri.

Les participants sont allés au cœur des causes des tensions transatlantiques – alimentées selon les uns par les signaux confus adressés par l'Europe, par le syndrome américain de superpuissance selon les autres. Il a été convenu qu'en raison de la complexité des deux "systèmes", européen et américain, une approche sophistiquée était requise, notamment pour battre en brèche des perceptions mutuelles souvent émotionnelles. Dans le domaine économique, les participants ont reconnu que, si la culture des *shareholders* n'était pas bien établie en Europe à certaines exceptions près (capitalisme rhénan), les convergences entre les systèmes économiques avaient

http://www.ifri.org/?page=rapport-d_activite

Esse colóquio foi organizado por uma organização globalista britânica pouco conhecida: a ***Ditchley Foundation***.

O mesmo relatório do IFRI publicou uma foto onde podemos ver Denis de Kergorlay, anfitrião no castelo de Canisy, ao lado de **John Major**, ex-primeiro-ministro britânico, **de Hubert Védrine** (membro do *Siècle*, da *Comissão Trilateral* e do grupo *Bilderberg*), **de Thierry de Montbrial** e de **Sir Nigel Broomfield**, presidente da *Ditchley Foundation*.

"Governança global", "globalização", "segurança", "perigos e ameaças do crescimento demográfico"* ou ainda *"degradação do meio ambiente", esses eram os temas, caros aos globalistas, que foram abordados durante esse colóquio.

http://www.ditchley.co.uk/page/244/transatlantic-relations.htm

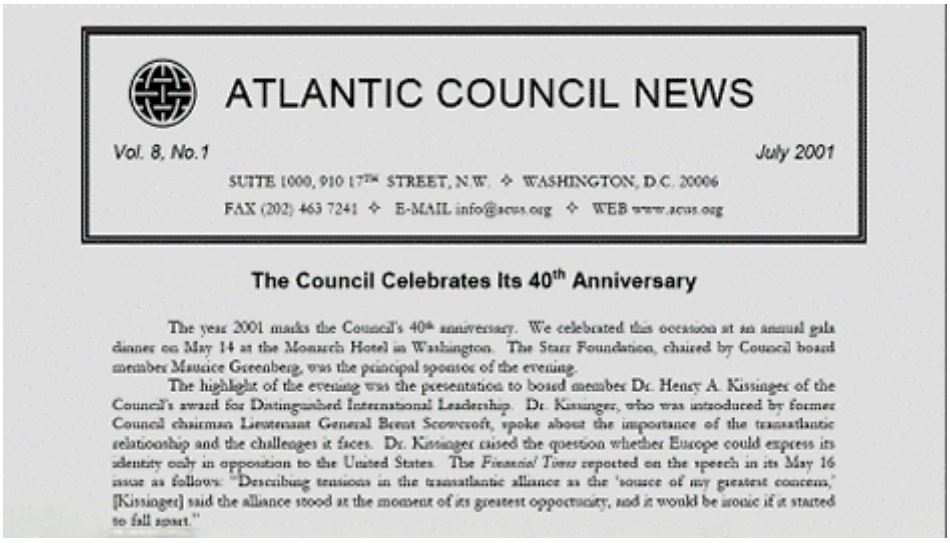
A ***Fundação Ditchley*** (***Ditchley Foundation***) é uma organização britânica totalmente privada fundada em 1958 por Sir David Wills. Ela está localizada na Ditchley House, perto de Chipping Norton, Oxfordshire, e tem como objetivo original desenvolver as relações internacionais entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Hoje, porém, inclui em suas discussões representantes de diferentes países.

http://www.ditchley.co.uk/

Atualmente dirigida pelo ex-primeiro-ministro inglês John Major, a *Ditchley Foundation* reúne quinze vezes por ano, em segredo, empresários, políticos, jornalistas e altos responsáveis da OTAN no Castelo Ditchley, na Inglaterra. Sua filial americana é dirigida por Richard Gardner, ex-embaixador dos Estados Unidos na Itália.

Para mais informações, anexamos no anexo 2 os fac-símiles das páginas do livro *Maçonnerie et sectes secrètes* de Epiphanius que tratam da *Ditchley Foundation*.

O documento abaixo demonstra as **conexões** que existem entre os representantes das mais altas instâncias globalistas (notadamente **Henry Kissinger**, nomeado – cf. abaixo – **conselheiro político do Vaticano por Bento XVI** em 2006!) e esse tipo de organizações satélites que são a *Ditchley Foundation* ou o *IFRI*.



ATLANTIC COUNCIL NEWS

Vol. 8, No.1 — July 2001

SUITE 1000, 910 17TH STREET, N.W. ✧ WASHINGTON, D.C. 20006

FAX (202) 463 7241 ✧ E-MAIL info@acus.org ✧ WEB www.acus.org

The Council Celebrates Its 40th Anniversary

The year 2001 marks the Council's 40th anniversary. We celebrated this occasion at an annual gala dinner on May 14 at the Monarch Hotel in Washington. The Starr Foundation, chaired by Council board member Maurice Greenberg, was the principal sponsor of the evening.

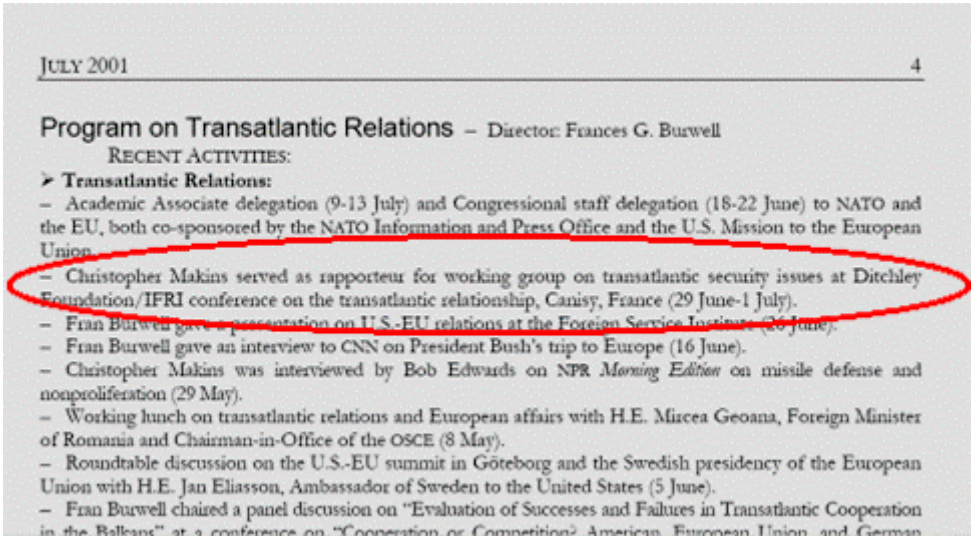
The highlight of the evening was the presentation to board member Dr. Henry A. Kissinger of the Council's award for Distinguished International Leadership. Dr. Kissinger, who was introduced by former Council chairman Lieutenant General Brent Scowcroft, spoke about the importance of the transatlantic relationship and the challenges it faces. Dr. Kissinger raised the question whether Europe could express its identity only in opposition to the United States. The *Financial Times* reported on the speech in its May 16 issue as follows: "Describing tensions in the transatlantic alliance as the 'source of my greatest concern,' [Kissinger] said the alliance stood at the moment of its greatest opportunity, and it would be ironic if it started to fall apart."

Chairman Henry E. Catto made commemorative remarks highlighting the Council's four decades of promoting constructive bipartisan U.S. leadership and engagement in international affairs based on the central role of the Atlantic community in the contemporary world.

Over 400 guests attended the celebration, including many of the Council's corporate sponsors and individual members. The guests also included senior officials from the U.S. Administration, Congressional and military leaders, and many members of the Washington diplomatic community. The evening ended with dancing to music by the Wright Touch.

Ambassador Catto, Dr. Kissinger, General Scowcroft, and Mr. Makins with the Council's Distinguished International Leadership Award

Dr. Henry A. Kissinger



Program on Transatlantic Relations – Director: Frances G. Burwell

RECENT ACTIVITIES:

➢ **Transatlantic Relations:**

– Academic Associate delegation (9-13 July) and Congressional staff delegation (18-22 June) to NATO and the EU, both co-sponsored by the NATO Information and Press Office and the U.S. Mission to the European Union.

– Christopher Makins served as rapporteur for working group on transatlantic security issues at Ditchley Foundation/IFRI conference on the transatlantic relationship, Canisy, France (29 June-1 July).

– Fran Burwell gave a presentation on U.S.-EU relations at the Foreign Service Institute (26 June).

– Fran Burwell gave an interview to CNN on President Bush's trip to Europe (16 June).

– Christopher Makins was interviewed by Bob Edwards on NPR *Morning Edition* on missile defense and nonproliferation (29 May).

– Working lunch on transatlantic relations and European affairs with H.E. Mircea Geoana, Foreign Minister of Romania and Chairman-in-Office of the OSCE (8 May).

– Roundtable discussion on the U.S.-EU summit in Göteborg and the Swedish presidency of the European Union with H.E. Jan Eliasson, Ambassador of Sweden to the United States (5 June).

– Fran Burwell chaired a panel discussion on "Evaluation of Successes and Failures in Transatlantic Cooperation in the Balkans" at a conference on "Cooperation or Competition? American, European Union, and German

http://www.acus.org/docs/0107-Atlantic_Council_Newsletter.pdf

The KitSon

O conde Denis de Kergorlay é também membro do ***KitSon***, onde foi cooptado.

The KitSon é um clube parisiense fundado no final de 2005 por Elisa Kitson. Ele é "*animado por um comitê composto por jornalistas internacionais, escritores, filósofos, diretores de comunicação e* ***especialistas*** *em marketing, diplomatas e profissionais das relações públicas e da política*" (**http://www.thekitson.net/présentation/**).

http://www.thekitson.net/

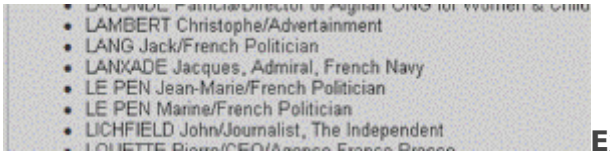
Os jantares-debate organizados pelo *The KitSon* ocorrem em Paris, Genebra ou La Baule.

Esses **eventos sociais** "*acontecem em* ***comitê restrito*** *devido à seleção de seus membros e convidados. Os membros que participam desses jantares podem, assim, compartilhar suas reflexões sobre o debate em andamento e se confrontar com personalidades que não teriam tido a oportunidade de conhecer, o que permite* ***tecer laços privilegiados de alto nível***" (**http://www.thekitson.net/dîners-débats/**).

Esse tipo de contato entre pessoas de diferentes "tendências" acostuma os participantes a **amenizar seus discursos** e a adotar **posições mais conciliantes**. Pouco a pouco, são feitas **concessões** sobre os **princípios**, que acabam **diluídos**. As diferenças são progressivamente apagadas. **Não há mais oposição real, apenas uma oposição de aparência...**

Denis de Kergorlay, durante um jantar-debate dos Kitsons, ao lado do Coronel EJ Herold e da Condessa Nathalie de Baudry d'Asson. Na foto à direita, Alain Bauer e o Embaixador Dr. Naser Al Belooshi.

Nessas reuniões frequentadas por Denis de Kergorlay, encontramos **Alain Bauer**, ex-Grande-Mestre do Grande Oriente e, atualmente, conselheiro próximo de Nicolas Sarközy, mas também **Jean-Louis Gergorin**, que esteve envolvido no caso **Clearstream**. Este último, **membro do grupo *Bilderberg***, é próximo de Dominique de Villepin, assim como de Thierry de Montbrial, com quem dirigiu o Centro de Análise e Previsão (CAP) do Ministério das Relações Exteriores de 1973 a 1984.



Extrato da lista dos convidados de honra do *KitSon*

http://www.thekitson.net/pr%C3%A9sentation/invit%C3%A9s-d-honneur/

Ao consultar a lista dos **convidados de honra** recebidos durante reuniões organizadas pelo *The KitSon*, também descobrimos um certo... Jean-Marie Le Pen com sua filha Marine!

As redes muito sociais de Denis de Kergorlay

Homem das redes globalistas, cuja filha, **Marie-Victoire de Kergorlay**, foi selecionada em 2009 para participar em Paris do muito social **baile das debutantes**, onde se reúnem as figuras mais repugnantes da *jet-set*, Denis de Kergorlay também não despreza as **« redes sociais »** como o ***Facebook***.

Fundado e dirigido por certo **Mark Zuckerberg**, o *Facebook* possui um banco de dados relativo à vida privada de cada um de seus membros, cobiçado por serviços de inteligência como a NSA ou a CIA nos Estados Unidos. Cada inscrito (cerca de 500 milhões) coleciona relações online e expõe sem es » (média de 170 contatos).

http://fr-fr.facebook.com/people/Denis-de-Kergorlay/100000586097026

Sem qualquer formação doutrinária anti-liberal e priorizando sua carreira profissional, o computador e os amigos, os jovens « tradis » também rapidamente se deixaram levar pelo jogo dessa **mundanidade virtual, pálido e trágico reflexo de sua verdadeira mundanidade.**

A mundanidade, aliás, foi uma das principais armas dissolventes por meio das quais o inimigo rapidamente inoculou seu veneno nos meios da Tradição.

Basta acessar o site do *Facebook* para constatar o impressionante número de « tradis » que se exibem lá e se confidenciam sem pudor, em texto e em imagens. Suas referências e trocas são afluentes de **mediocridade** e de **pretensão egocêntrica**.

Quanto aos sacerdotes da FSSPX ou de outras comunidades « tradis », eles não ficam atrás!

Ao consultar a página *Facebook* do conde Denis de Kergorlay, pudemos assim descobrir que sua rede de contatos rapidamente nos remete a numerosos nomes de fiéis da

FSSPX. Encontramos lá nomes conhecidos, como alguns... « de Cacqueray » !!

Segundo o site virgo-maria.org, Denis de Kergorlay participou no dia 17 de junho de 2007 de « *um evento social de alto padrão, sob o* ***alto patrocínio dos Rockefeller e de Henry Kissinger, e a participação de membros do clã Rothschild****,* ***O Baile Marie-Antoinette****,* ***que ocorreu em Versalhes na galeria das espelhos e na laranjeira do castelo****. Denis de Kergorlay participou ao lado das figuras mais poderosas do planeta* ».

Abaixo, algumas fotos do evento:

À esquerda, o Conde Denis de Kergorlay acompanhado de Carol McFadden e Barbara de Portago. À direita, Ondine de Rothschild no meio de seus amigos...

http://www.nysocialdiary.com/node/1816

II – A Colusão de Ratzinger e do Vaticano com os Mesmos Meios Globalistas com o Objetivo de Instituir a Futura Religião Universal Anticristã da Nova Ordem Mundial

« Cuidadoso, com os falsos profetas, que vêm a vocês com pele de ovelha, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os reconhecerão pelos seus frutos (…) Assim, toda árvore boa dá bons frutos, e toda árvore má, frutos maus. Uma boa árvore não pode produzir frutos maus, nem uma árvore má, frutos bons. » (Mateus, VII, 15-21).

“Conselheiros” nada católicos junto a Bento XVI

Desenvolvemos várias vezes o assunto, mas não é inútil aqui fazer alguns lembretes do que escrevemos em algumas de nossas análises anteriores.

http://resistance-catholique.org/documents/2008/RC_2008-02-29_Les-liens-occultes-entre-Ratzinger-et-les-pires-ennemis-de-lEglise.pdf

No dia 28 de setembro de 2006, Ratzinger recebeu em audiência privada o ex-secretário de Estado americano **Henry Kissinger** em sua residência de verão em Castel Gandolfo, segundo o escritório de imprensa do Vaticano e o jornal italiano *La Stampa*.

LA STAMPA

Per informazioni:
sito web: http://archivio.lastampa.it
email: archivio@lastampa.it

DIPLOMAZIA IL PONTEFICE HA RICEVUTO IL VECCHIO NEGOZIATORE AMERICANO DI ORIGINE TEDESCA IL 29 SETTEMBRE SCORSO A CASTEL GANDOLFO

Kissinger consiglia Ratzinger L'ex segretario di Stato consulente del Papa per la politica estera

Pubblicazione: [04-11-2006, STAMPA, NAZIONALE, pag.12] -
Sezione: Esteri
Autore: MASTROLILLI PAOLO

Paolo Mastrolilli NEW YORK Benedetto XVI ha chiesto a Henry Kissinger di entrare in un consiglio consultivo per i temi di politica estera, e ha accettato. La notizia l'ha rivelata lo stesso ex segretario di Stato americano, parlando con un importante membro del governo italiano. Ammesso fosse

http://archivio.lastampa.it/LaStampaArchivio/main/History/tmpl_viewObj.jsp?objid=7305606

De acordo com “*La Stampa*” de 4 de novembro de 2006, Bento XVI convocou Henry Kissinger como conselheiro político. Foi precisamente durante essa audiência privada que Henry Kissinger foi convidado a fazer parte de um grupo de “conselheiros” de Ratzinger sobre Assuntos Estrangeiros e Políticos do Vaticano!

http://www.ncregister.com/site/article/1370/

É bom lembrar que **Henry Kissinger, de origem judaica, é um membro notório de muitos grupos ocultos globalistas, como o *Council on Foreign Relations* (CFR), a *Trilateral*, o *Bilderberg group* (Comitê de Direção), o *Bohemian club* (que se envolve em cultos satânicos!), o *MAJI também conhecido como MJ 12, etc…***

Melhor ainda, o mesmo jornal italiano nos informa que, nos últimos anos, **outros conselheiros, judeus e sionistas**, eles também, assistem aquele que ocupa a Cátedra de Pedro:

Paul Wolfowitz, **membro do comitê de direção (cerca de 35 pessoas) do grupo *Bilderberg* ao lado de Thierry de Montbrial**, ex-secretário de Estado à Defesa dos EUA, ideólogo da guerra de invasão ao Iraque e, atualmente, Presidente do Banco Mundial;

Zbigniew Brzezinski, **co-fundador com David Rockefeller da Comissão *Trilateral***, foi conselheiro de vários presidentes americanos;

http://www.trilateral.org

Bernard Lewis, ex-**conselheiro dos serviços secretos britânicos** durante a Segunda Guerra Mundial, depois consultor do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, e finalmente conselheiro de Benyamin Netanyahu quando este era embaixador de Israel na ONU (1984-88).

Membro do grupo *Bilderberg*, teórico do « *choc das civilizações* », Bernard Lewis é professor emérito de Estudos Próximos Orientais da Universidade de Princeton, que « *se destacou por seu apoio incondicional à política israelense (...). Bernard Lewis tornou-se um conselheiro ouvido, próximo dos neoconservadores, notavelmente de M. Paul Wolfowitz* » (*Le Monde Diplomatique*, agosto de 2005).

Bento XVI também contratou **Peter Sutherland** como **conselheiro financeiro na Seção Extraordinária da Administração do Patrimônio do Sede Apostólica (APSA)**. Esta nomeação foi anunciada em 5 de dezembro de 2006.

governments better understand how migration can benefit their development goals. The Global Forum was acclaimed by UN Member States at the UN High-Level Dialogue on International Migration and Development, in September 2006, and will be launched in Brussels in July 2007.

On 5 December 2006, he was appointed as **Consultor of the Extraordinary Section of the Administration of the Patrimony of the Apostolic See** (a financial adviser to the Vatican).[11]

On 22 January 2010 he said while in Dublin that Ireland should have fewer universities.[12][13][14]

2010 interview [edit]

In an interview with *The Irish Times* in early 2010,[15] Sutherland revealed that in summer 2009, during a holiday, one of his children noticed a swelling on his throat while they sat on a beach. Within a week he was back home in London undergoing a major

http://en.wikipedia.org/wiki/Peter_Sutherland#cite_note-10

http://www.guardian.co.uk/business/2007/jan/19/oilandpetrol.news

Peter Sutherland, irlandês, nascido em Dublin em abril de 1946, ex-ministro da Justiça, ex-comissário europeu, presidente da BP Amoco em Londres, ex-presidente e diretor de gestão da Goldman Sachs, é também **presidente da parte europeia da Comissão *Trilateral*** e também **membro do comitê de direção do grupo *Bilderberg***.

Bento XVI defende abertamente o globalismo maçônico

http://www.resistance-catholique.org/documents/2009/RC_2009-12-01_Benoit-XVI-promoteur-de-la-religion-mondiale-noachide.pdf

Em várias ocasiões, Ratzinger-Bento XVI se fez o **cantor da *Nova Ordem Mundial*.**

Durante seu discurso de **25 de dezembro de 2005**, ele se dirigiu ao **« *Homem moderno* »** pedindo que ele **se« *engajasse na construção de uma nova ordem mundial***, *fundamentada em relações éticas e econômicas justas* », pois dessa forma « ***a humanidade unida*** poderá enfrentar os numerosos e preocupantes problemas do momento presente: desde a **ameaça terrorista** até as **condições de pobreza humilhante** em que vivem milhões de seres humanos, da **proliferação de armas** às **pandemias** e à **degradação do meio ambiente que ameaça o futuro do planeta** » **(?!).**

Em sua **« encíclica »** ***Caritas in Veritate*** de 29 de junho de 2009, ele escreve:

> « *É* ***urgente*** *que seja estabelecida uma* ***verdadeira Autoridade política mundial*** (...) *Esta Autoridade* ***deverá ser reconhecida por todos***, ***ter um poder efetivo*** (..) ***Ela deverá, obviamente, ter a capacidade de fazer respeitar suas decisões*** ».

Por tais declarações, o anti-papa Bento XVI participa ativamente da instauração de uma **religião universal ecumênica e maçônica**, preparando Roma para se tornar o « *sede do Anticristo* », objetivo final das sociedades secretas há séculos.

> « *A constituição de uma* ***religião universal*** *é o objetivo final do judaísmo (...). O culto especial de Israel é a salvaguarda, o meio de realização da* ***verdadeira religião universal ou noachismo****, para usar a palavra dos Rabinos* ». (**Elie Benamozegh**, rabino talmudista, *Israel e a Humanidade*, pp. 28-29, reedição por Albin Michel 1980).
>
> « *O lema da nova religião, que é também o dos Espíritas, é:* ***Fora da caridade não há salvação. Graças a este slogan enganoso, todas as barreiras morais estão caindo em nome da 'tolerância' maçônica.*** *'Graças a este slogan pérfido, o antagonismo religioso deve desaparecer:* ***judeus, católicos, protestantes, muçulmanos se estenderão as mãos, adorando, cada um à sua maneira, o único Deus de misericórdia e paz que é o mesmo para todos***' (Discurso do presidente da Sociedade Espírita de Marennes, na revista *Espírita* de janeiro de 1864)».

Após invocar o "Deus da misericórdia" e apertar a mão dos representantes de outras religiões, o anticristo Bento XVI canta pela paz... maçônica em Israel!!!

Os laços entre o Vaticano e a ***United Religions Initiative*** **(U.R.I.)** se inserem precisamente neste **projeto maçônico e gnóstico** visando instaurar uma **Religião Universal, sustentáculo do futuro governo mundial.**

O fato é que **o padre Levada, ex-"arcebispo" inválido de São Francisco, atual chefe da Congregação para a Doutrina da Fé**, é um fervoroso promotor de uma **religião unificada** e contribui ativamente para a U.R.I. **(*United Religions Initiative*)**, uma espécie de ONU das religiões. Na foto ao lado, podemos ver **"Dom" Levada acompanhado de altos dirigentes da U.R.I.** durante uma **recepção dada no Vaticano** em março de 2006 (http://www.uri.org) **a convite de Bento XVI!!**

http://www.resistance-catholique.org/documents/2008/RC_2008-02-29_Les-liens-occultes-entre-Ratzinger-et-les-pires-ennemis-de-lEglise.pdf

Levada sugeriu em **18 de setembro de 2002** que « *esse progresso* (do diálogo anglicano-católico) *poderia levar as autoridades católicas a reconsiderar a decisão do papa Leão XIII de rejeitar a validade da ordenação anglicana*».

A U.R.I. é uma das últimas organizações criadas para tentar alcançar o projeto anticristão de unificação das religiões.

Assim como a ***Organização das Nações Unidas*** pode ser considerada o embrião do futuro **Governo Mundial**, a ***Iniciativa das Religiões Unidas*** aparece como o embrião da futura **Religião Universal.**

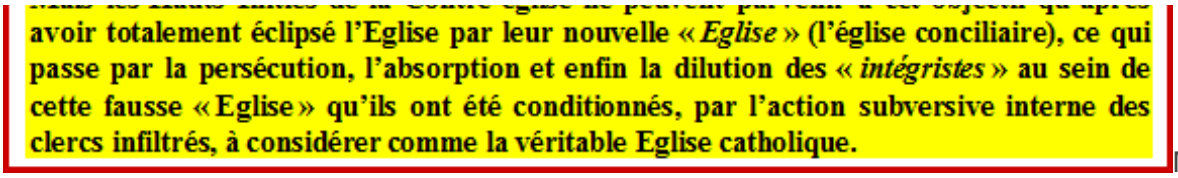
Para que possa se tornar plenamente "operacional" e **estabelecer as bases da futura Religião Universal**, a **"Carta" da U.R.I.** foi formalmente estabelecida em **26 de junho de 2000** em Pittsburgh, na Pensilvânia (EUA). **No mesmo dia, no Vaticano**, **o "cardeal" Ratzinger publicava o falso 3º segredo de Fátima**, **insuportável insulto contra a Santíssima Virgem Maria**, destinado a enterrar este aviso do Céu denunciando a impostura da igreja conciliar estabelecida para "eclipsar" a Igreja Católica.

Podemos mencionar também o **"Congresso dos Chefes das Religiões Mundiais e Tradicionais" que ocorreu, pelo 3º ano consecutivo, em ASTANA no Cazaquistão, nos dias 1 e 2 de julho de 2009, e cujo tema era "O papel dos chefes religiosos na construção de um mundo tolerante, na era da globalização".**

A religião do Anticristo se prepara em ASTANA, anagrama de SATANA!

Bento XVI enviou uma delegação liderada pelo "cardeal" Tauran, primo do padre Aulagnier...

Bento XVI assim cumpre o plano maçônico e gnóstico iniciado há séculos pelas sociedades secretas: realizar uma religião universal sobre as ruínas da Roma católica.


avoir totalement éclipsé l'Eglise par leur nouvelle « *Eglise* » (l'église conciliaire), ce qui passe par la persécution, l'absorption et enfin la dilution des « *intégristes* » au sein de cette fausse « Eglise » qu'ils ont été conditionnés, par l'action subversive interne des clercs infiltrés, à considérer comme la véritable Eglise catholique.

Mas os Altos Iniciados da Contra-igreja não podem alcançar esse objetivo a não ser que tenham totalmente eclipsado a Igreja através de sua nova "Igreja" (a igreja conciliar), o que passa pela perseguição, absorção e, finalmente, diluição dos "integristas" dentro dessa falsa "Igreja" que foram condicionados, pela ação subversiva interna dos clérigos infiltrados, a considerar como a verdadeira Igreja Católica.

II – A Colusão de Ratzinger e do Vaticano com os Mesmos Meios Globalistas com o Objetivo de Instituir a Futura Religião Universal Anticristã da Nova Ordem Mundial

A perfídia criminosa do padre de Cacqueray e de Dom Fellay

Nesse ínterim, o padre de Cacqueray tenta adormecer os fiéis ao apresentar, em grandes **exaltações enfáticas absolutamente indecentes**, Ratzinger-Bento XVI como um **« *mártir* »** que estaria atualmente vivendo sua **« *Paixão* »**!

Lettre aux Amis et Bienfaiteurs

Na sua última ***Carta aos Amigos e Benfeitores*** **(n°76, maio de 2010), onde a manipulação das mentes atinge aqui níveis de perversidade**, o Superior do Distrito da França utiliza as aparentes oposições internas (típicas dos revolucionários) dentro da Contra-Igreja encenadas pelo sistema midiático em relação a Ratzinger, para apresentar o chefe da igreja conciliar e maçônica, não como um dos piores modernistas que existem (um « *super-modernista* », segundo Dom Tissier em sua conferência de 11 de novembro de 2007 em Paris) ou um « *anticristo* », segundo a palavra de Dom Lefebvre, mas sim como um **« *mártir* »** e um **« *velhinho* »** perseguido!

O padre de Cacqueray leva, de fato, sua perfídia ao extremo ao comparar Ratzinger a Nosso Senhor no momento de sua Paixão!!

Seu texto transborda das mais escandalosas e insuportáveis bajulações em relação ao apóstata bávaro!

Não temendo o ridículo, ele escreve sem rir: « *Bento XVI provavelmente não imaginava que seu pontificado seria* ***um verdadeiro caminho da cruz*** » **(?!)** antes de chamar os fiéis a **« *não***

abandonar, em sua desgraça, aquele cujo nome pode já ser inscrito na lista dos pontífices perseguidos **» !!**

Chefe da "máfia conciliar" e aclamado pelos judeus talmudistas, herdeiros daqueles que crucificaram Nosso Senhor…
Algumas fotos do "velho" perseguido que vive sua "Paixão", segundo o padre de Cacqueray!

No dia 6 de julho, em uma conferência na **Bahia (Brasil)**, Dom Fellay mais uma vez se apresentou como íntimo da Cúria conciliar e dos próximos de Ratzinger, de quem regularmente obteria confidências...

Seus contatos romanos visivelmente lhe subiram à cabeça, pois ele parece agora « engolir » as mais grosseiras bobagens que lhe são relatadas e que depois repercute como um ***courvetor*** **beatificado**.

Para convencer os fiéis de que a igreja conciliar é a Igreja católica e Bento XVI, o Vigário de Cristo, Dom Fellay multiplica declarações infundadas e usa sua autoridade para afirmar fatos não verificáveis que apresenta como se fossem verdades estabelecidas, para provocar nos fiéis adulação e veneração em relação a esse notório inimigo da Fé e da Igreja que é Ratzinger.

Assim, Dom Fellay declarou que Bento XVI e seu secretário particular, Georg *Gänswein*, celebrariam a Missa tridentina em privado (clandestinamente até!) em várias circunstâncias. Mas Bento XVI não teria coragem de tornar isso público para evitar uma revolta e até mesmo a « *demissão* » que alguns « bispos » (?!). Tal « revelação » poderia até mesmo « *bloquear o* ***processo de restauração*** *que, por sua vez, ganha cada vez mais a Igreja* » (sic!) nos assegura Dom Fellay!

Ora, a melhor prova de que se trata mais uma vez de uma dessas "rumores" falsas que os agentes da conciliação fazem circular para atrair o "gogo tradi", é que Dom Fellay revela o que não se deve, de maneira alguma, revelar!

O único objetivo é provocar a compaixão dos "tradis" em relação a Bento XVI, apresentado como uma "vítima" que estaria sendo perseguida pelos "maus bispos".

O mais preocupante em tudo isso é que Dom Fellay parece realmente acreditar no que diz!

Honrado e bajulado por seus múltiplos encontros nos salões do Vaticano, assim como pelos vínculos que ali estabeleceu, **Dom Fellay foi como que encantado**.

Ratzinger e seu "cachorrinho helvético"

Mas Dom Fellay não para por aí e acrescenta mais à impostura:

> Bento XVI seria « *um homem de cabeça progressista, mas de coração católico, amante da Tradição* » **(?!)**. O Superior Geral da FSSPX saúda então « *os passos que o Papa dá em direção à Tradição* » (http://www.resistance-catholique.org/documents/2010/2010-05-19_Le_bon_sens_de_Mgr_Fellay.pdf) ao afirmar que estes teriam sido « *realizados em um contexto de extrema tensão* »!

Reconhecendo internamente que os "bispos" conciliares foram preparados para uma próxima integração da FSSPX na igreja conciliar, a Direção da FSSPX precisa, em relação aos seus fiéis, agitar o fantasma de uma suposta "oposição da ala progressista", pois, ao vitimizar assim Ratzinger, que ao mesmo tempo apresenta como um "restaurador", espera obter em seus quadros o apoio mais amplo possível quando Dom Fellay anunciar aos padres e fiéis sua intenção de aceitar, com a aprovação do Capítulo Geral, o status que lhe propõe o Vaticano.

Dom Fellay ao lado do padre Schmidberger, aquele que o introduziu junto às oficinas ocultas do Vaticano e de seu amigo, Joseph Ratzinger.

Dessa forma, Dom Fellay poderá, pela aparente independência que esse status lhe oferecerá, legitimar sua adesão à Contra-Igreja, colocando em destaque a "necessidade de ajudar de dentro o pobre velhinho Bento XVI a restaurar a Igreja face às perseguições que ele sofre".

« ***Nos últimos tempos, a perseguição será sedutora*** »

Bossuet, *Discurso sobre a História Universal*

III – Por Meios de seus Falaciosos Estudos Teológicos, o padre Pierre-marie D’avrillé (Geoffroy de Kergorlay) defende e legitima a Igreja Conciliar e seus Pontífices

Introdução

Os dominicanos de Avrillé, liderados pelo Padre Pierre-Marie o.p. (Geoffroy de Kergorlay), sempre foram vistos, tanto por sacerdotes quanto por fiéis, como sérios e teologicamente sólidos.

Contudo, por trás de uma fachada de firmeza e de estudos algumas vezes interessantes, mas que, na maioria das vezes, não passam de recapitulações de obras antigas, a revista trimestral do convento da Haye-aux-Bonshommes desenvolveu, nos últimos anos, sob a autoridade do R.P. Pierre-Marie e do padre de Cacqueray, superior do Distrito da França, **teses absolutamente insustentáveis, falaciosas em seu desenvolvimento e teologicamente erradas.**

Assim, os dominicanos de Avrillé publicaram em sua revista *Sel de la terre* três "estudos" que, por trás de uma aparência (enganosa!) de profunda erudição, lhes permitem hoje legitimar essa contra-igreja que, paralelamente, pretendem denunciar, especialmente ao divulgar artigos ou obras que combatem o Concílio Vaticano II.

Esses três "estudos" tinham como objetivo demonstrar sucessivamente:

1. **A autenticidade do 3º segredo de Fátima publicado pelo Vaticano em 26 de maio de 2000 (*Le Sel de la terre* n°53, verão de 2005)**
2. **A validade do novo ritual de consagração episcopal (*Le Sel de la Terre*, n°54, outono de 2005)**
3. **A tese de uma hierarquia para duas Igrejas (*Le Sel de la Terre*, n°59, inverno de 2006-2007)**

Curiosamente, esses três dossiês do *Sel de la terre* dizem respeito, precisamente, aos três pontos-chave sobre os quais a FSSPX poderia ter, nestes tempos decisivos de combate à fé, base para denunciar a ilegitimidade da igreja conciliar e a impostura de seus pontífices.

Retornemos, portanto, brevemente a esses três dossiês que evidenciam, através dos **sofismas** e dos muito **perversos procedimentos de manipulação** utilizados, o **papel particularmente subversivo dos dominicanos de Avrillé e, especialmente, de seu superior, o R.P. Pierre-Marie** (Geoffroy de Kergorlay).

Claro que estamos cientes de que há, dentro do convento de Avrillé assim como na FSSPX – sabemos disso – religiosos e sacerdotes honestos que, confrontados com a insanidade de seus superiores, sofrem diante de uma situação que nunca haviam imaginado.

Esperamos que esse dossiê lhes permita, como se deve, reagir, à semelhança de alguns clérigos que, no momento da revolução do Vaticano II, apesar das regras e dos votos que haviam assumido diante de Deus, tiveram que se separar de suas comunidades para poder manter a fé e assim salvar sua alma.

Não nos aprofundaremos aqui em novas refutações detalhadas das teses de Avrillé. Essas já foram realizadas e, até o momento, nunca foram refutadas.

Por outro lado, convidamos nossos leitores, se ainda não o fizeram, a tomarem conhecimento o quanto antes clicando nos links que fornecemos, para que possam, por si mesmos, realizar um estudo comparativo e finalmente perceber o jogo duplo dos dominicanos de Avrillé.

Avrillé defende a autenticidade do texto publicado pelo Vaticano em 26 de maio de 2000

Avrillé defende a autenticidade do texto publicado pelo Vaticano em 26 de maio de 2000, apresentado falaciosamente como o "3º segredo de Fátima" (*Le Sel de la Terre* n° 53, verão de 2005).

Neste número do *Sel de la Terre*, os dominicanos de Avrillé se empenharam em demonstrar a autenticidade do pseudo-"3º segredo de Fátima" publicado em 26 de maio de 2000 pelo Vaticano, tentando refutar os argumentos de **dois estudos essenciais**: aquele do **Irmão Michel da Santíssima Trindade**, que até o momento foi apoiado pela FSSPX (o Irmão Michel deixou, desde algum tempo, a CRC devido às suas derivações e à sua "conciliarização"), e aquele de **Laurent Morlier**, ***O terceiro segredo de Fátima publicado pelo Vaticano em 26 de junho de 2000 é FALSO, aqui estão as provas*****,** cuja leitura recomendamos para melhor compreender **as mentiras do Vaticano e, agora, as de Avrillé assim como da Direção da FSSPX.**

Mesmo saudando o importante e irrefutável trabalho de argumentação realizado pelo Sr. Laurent Morlier, queremos esclarecer aqui que não aderimos de forma alguma a certas considerações pessoais do autor ("sobrevivência") que ele menciona em sua obra, paralelamente ao tema propriamente dito de Fátima.

http://www.fatima.be/fr/editions/dft/etudedft.php

http://www.virgo-maria.org/Livres/laurent_morlier/Laurent_Morlier_3em_secret_de_Fatima_table_glob.htm

Em relação a este artigo do *Sel de la Terre*, uma pergunta evidente se coloca:

Como é que durante 5 anos os "especialistas em teologia" que se supõem serem os dominicanos de Avrillé permaneceram em silêncio sobre este "3º segredo de Fátima"?

Por que divulgar este dossiê somente no verão de 2005, ou seja, 5 anos após a publicação do texto do Vaticano?

Como você poderá constatar, os argumentos e os métodos empregados aqui pelo Padre Louis-Marie de Avrillé são suficientes, por si só, não apenas para denunciar o caráter subversivo desta revista, mas principalmente para melhor compreender o campo para o qual realmente trabalha Avrillé.

Para ilustrar nossos comentários com um exemplo concreto, analisaremos brevemente o 6º dos 11 argumentos (relativo à questão essencial de saber se o 3º segredo é composto de uma visão ou de palavras da Santa Virgem) que o Padre Louis-Marie afirma, em seu artigo, examinar e refutar, por ser, ao que nos parece, sintomático dos métodos utilizados em todo o restante do artigo, assim como nas outras "estudos" publicadas por Avrillé.

Antes disso, recordemos que embora se fale frequentemente de "três segredos", a Santíssima Virgem Maria na verdade comunicou aos videntes **um único segredo dividido em três partes distintas.**

Em seu livro, entre muitos outros argumentos e demonstrações sólidas, Laurent Morlier escreve o seguinte:

> *« A primeira frase do 3º Segredo:* ***"Em Portugal, sempre se conservará o dogma da Fé, etc."*** *vem logo após (sem mesmo um parágrafo no manuscrito original português!) do 2º Segredo e entre os dois, a Irmã Lúcia nunca intercalou uma nova visão nem deixou entender que existisse um "interlúdio", uma ruptura ou uma mudança de estilo entre os dois. Ao contrário, é sempre a Virgem que* ***fala*** *na primeira frase do 3º Segredo, e ela acrescenta, em continuidade ao que Ela lhes diz [simbolizado pelo* ***"etc."****, portanto a frase não está concluída]:* ***"Isto,***

não digam a ninguém. A Francisco, sim, podem dizer." (4ª Memória da Irmã Lúcia). *Esta pequena frase aparentemente sem importância é, contudo, capaz de nos provar que se trata de* ***palavras*** *da santa Virgem e não de uma visão!...*

É preciso, de fato, fazer aqui uma dedução capital: ***Francisco, durante todas as aparições de Fátima*** *(tanto as do Anjo quanto as de Nossa Senhora)* ***sempre viu tudo*** *(inclusive a visão do inferno)* ***mas nunca ouviu nada das PALAVRAS celestiais****. Isso é perfeitamente explicado pela própria Irmã Lúcia no início de sua 4ª Memória de 1941, quando ela retrata Francisco (Agora podemos entender melhor por que Francisco foi privado da graça de ouvir a santa Virgem. A razão permaneceu até hoje misteriosa. Ora, este "handicap" serve hoje para revelar uma enorme impostura!)...*

No entanto, Nossa Senhora diz, ao falar da 3ª parte do Segredo: ***"A Francisco, sim, vocês podem dizer."*** *Assim, temos* ***a prova formal*** *de que a 3ª parte do Segredo não pode conter uma visão, mas sim um conjunto de* ***palavras*** *de Nossa Senhora! Pois se o 3º Segredo pudesse ser* ***dito*** *a Francisco, é porque não continha uma visão... Ele que via todas as aparições e visões, mas não ouvia nada, não haveria necessidade de repetir para ele o conteúdo do 3º Segredo se este fosse apenas uma visão!* ***Argumento decisivo*** *que, por si só, convence da mentira do Vaticano que nos apresenta uma visão simbólica como texto oficial do 3º Segredo!*

Este ponto importante é ainda confirmado pelo ***cônego Barthas****: « Nos documentos do* ***processo canônico****, fala-se do segredo pela primeira vez no interrogatório de Lúcia, durante a investigação de 1924. Ao narrar a aparição de 13 de julho, ela declarou: "Em seguida, a Senhora nos confiou algumas pequenas palavras* ***(palavrinhas)*** *recomendando que não as dissessem a ninguém, apenas a Francisco." ('Fátima, Maravilha do século XX', cônego C.Barthas, 1952, p.81). Aqui, portanto, não há possibilidade de erro uma vez que o cônego Barthas relata em sua obra o termo português preciso utilizado pela Irmã Lúcia durante este interrogatório oficial de 1924: PALAVRINHAS, ou seja, PALAVRAS.*

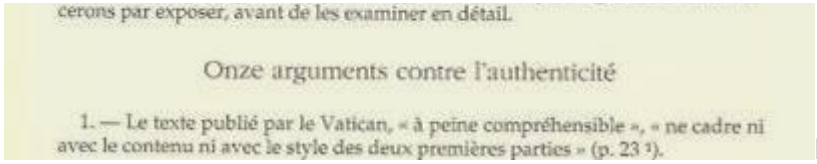
O cônego Barthas, que durante suas conversas com a Irmã Lúcia nos dias 17 e 18 de outubro de 1946 teve a oportunidade de interrogá-la sobre o terceiro Segredo, confirma ainda esta versão: « O texto das PALAVRAS de Nossa Senhora foi escrito pela Irmã Lúcia e colocado em um envelope selado... » ('Fátima, Maravilha do século XX', cônego C.Barthas, 1952, p.83).

Mesmo termo utilizado pelo próprio Vaticano em seu comunicado de imprensa divulgado em 8 de fevereiro de 1960, através da agência portuguesa ANI (A Documentação Católica 1960, página 752...), para anunciar que o segredo não seria publicado. A terceira razão apresentada para justificar a não divulgação

> *está formulada assim: « Embora a Igreja reconheça as aparições de Fátima, não deseja assumir a responsabilidade de garantir a veracidade das PALAVRAS que os três pastorinhos afirmaram que a Virgem lhes havia dirigido. » Versão oficial ainda confirmada pelo Cardeal Ottaviani que, após ler o texto do 3º Segredo, declarou: « Ela escreveu em uma folha o que a Virgem lhe* ***ditou*** *para dizer ao Santo Padre. » ('A verdade sobre o Segredo de Fátima' por P. Alonso, Téqui, 1979, p. 51). Portanto, não há qualquer traço de uma visão.*
>
> *Adicionemos ainda este elemento:*
>
> *« Em 1946, vários historiadores de Fátima puderam esclarecer à Irmã Lúcia alguns pontos importantes, que são os seguintes: (...)*
>
> – Ao escrever o Segredo, você citou literalmente as **palavras** da Santa Virgem? — *« Sim, quando escrevo, procuro citar literalmente. Eu queria, portanto, escrever o segredo* ***palavra por palavra.*** *»*
>
> – Você tem certeza de que lembrou de tudo? – *« Eu penso que sim! E escrevi as* ***PALAVRAS*** *na ordem em que foram pronunciadas! »* ('O prodígio inusitado de Fátima' *pelo Padre J.C. Castelbranco, Téqui 1958, P.76).*
>
> *Mas a enganação vai mais longe, pois as autoridades Vaticanas querem se apoiar, para creditar sua falsa visão, na afirmação de uma suposta Irmã Lúcia à qual fazem dizer, para a ocasião, o oposto do que ela sempre afirmou: a partir de agora, de fato, não se fala mais em PALAVRAS, mas apenas em uma VISÃO. Interrogada em 27 de abril de 2000 sobre o 3º Segredo, por Dom Bertone, ela declarou:* ***« Eu escrevi o que vi, a interpretação não me diz respeito, diz respeito ao Papa. »***
>
> *Nunca antes a Irmã Lúcia havia pedido ao Papa ou à Igreja para interpretar a Mensagem dos dois primeiros segredos! Ela nunca havia solicitado ao Papa que interpretasse sua visão do inferno, que interpretasse sua visão de Tuy (a pedido da consagração da Rússia e devoção reparadora) e as diferentes mensagens que recebeu em outras ocasiões. O conteúdo era claro e não precisava de interpretação alguma!*

Examinemos agora como o Padre Louis-Marie distorce deliberadamente esta análise de bom senso para tentar descreditá-la e, assim, defender a **tese inadmissível e ímpia da autenticidade do texto divulgado por Ratzinger em maio de 2000**.

Primeiramente, para mostrar um ar de seriedade, o Padre Louis-Marie elabora uma lista de « *onze argumentos contra a autenticidade* ».


cerons par exposer, avant de les examiner en détail.

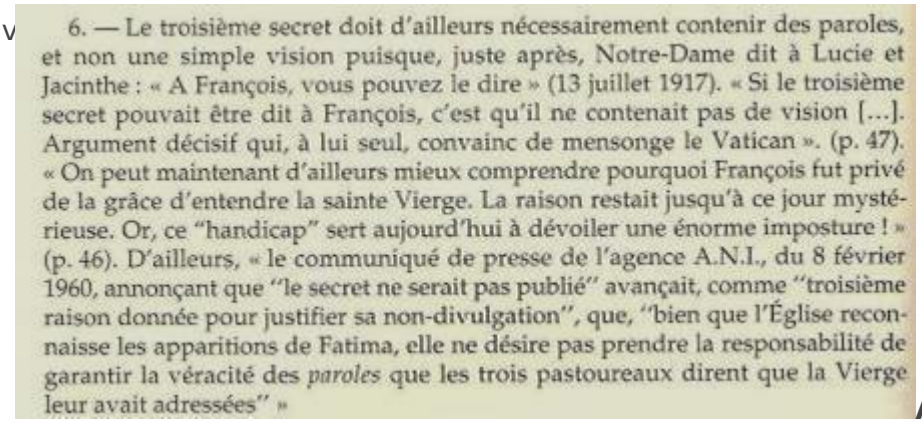
Onze arguments contre l'authenticité

1. — Le texte publié par le Vatican, « à peine compréhensible », « ne cadre ni avec le contenu ni avec le style des deux premières parties » (p. 23 [1]).

Fac-símile de um trecho da página 119

Após ler atentamente a análise de Laurent Morlier, a apresentação particularmente desonesta e fraudulenta que o dominicano faz desses « *onze argumentos* » aparece ainda mais chocante.

Veja v


6. — Le troisième secret doit d'ailleurs nécessairement contenir des paroles, et non une simple vision puisque, juste après, Notre-Dame dit à Lucie et Jacinthe : « A François, vous pouvez le dire » (13 juillet 1917). « Si le troisième secret pouvait être dit à François, c'est qu'il ne contenait pas de vision [...]. Argument décisif qui, à lui seul, convainc de mensonge le Vatican ». (p. 47). « On peut maintenant d'ailleurs mieux comprendre pourquoi François fut privé de la grâce d'entendre la sainte Vierge. La raison restait jusqu'à ce jour mystérieuse. Or, ce "handicap" sert aujourd'hui à dévoiler une énorme imposture ! » (p. 46). D'ailleurs, « le communiqué de presse de l'agence A.N.I., du 8 février 1960, annonçant que "le secret ne serait pas publié" avançait, comme "troisième raison donnée pour justifier sa non-divulgation", que, "bien que l'Église reconnaisse les apparitions de Fatima, elle ne désire pas prendre la responsabilité de garantir la véracité des *paroles* que les trois pastoureaux dirent que la Vierge leur avait adressées" »

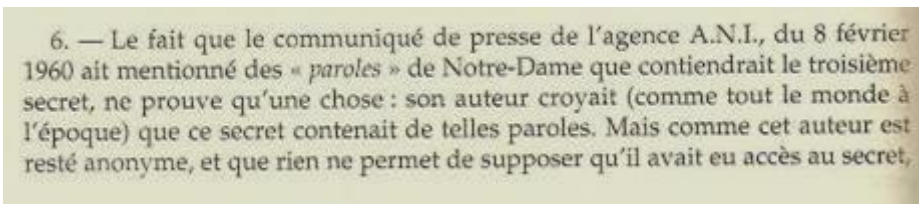
Apresentação do 6º « *argumento contra a autenticidade*» pelo Padre Louis-Marie

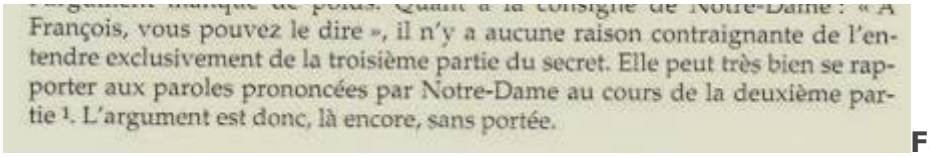
Na explanação que ele afirma fazer do que designa como 6º « *argumento contra a autenticidade* », o Padre Louis-Marie começa truncando a primeira citação que faz do livro de Laurent Morlier. **O extrato, «*'Isto, não digam a ninguém. A Francisco, sim, vocês podem dizer' (4ª Memória da Irmã Lúcia)*»** torna-se sob sua pena, **«*'A Francisco, vocês podem dizer' (13 de julho de 1917)*!**

Em seguida, o Padre Louis-Marie cita o que afirma falsamente ser « *o comunicado de imprensa da agência A.N.I., de 8 de fevereiro de 1960* », fazendo com que Laurent Morlier diga mais uma vez o que ele nunca escreveu, uma vez que Morlier deixa claro em seu livro que se trata do « *comunicado de imprensa que ele* **[o Vaticano]** *divulgou em 8 de fevereiro de 1960 por intermédio da agência portuguesa ANI* », o que não é exatamente a mesma coisa...

Depois, em uma parte intitulada « *exame dos onze argumentos* », o Padre Louis-Marie realiza uma pseudo-« *refutação* », igualmente enganosa, dos « *argumentos contra a autenticidade* ».

Aqui está, portanto, o « *exame* » particularmente leve e fantasioso do 6º argumento produzido por Avrillé:


6. — Le fait que le communiqué de presse de l'agence A.N.I., du 8 février 1960 ait mentionné des « *paroles* » de Notre-Dame que contiendrait le troisième secret, ne prouve qu'une chose : son auteur croyait (comme tout le monde à l'époque) que ce secret contenait de telles paroles. Mais comme cet auteur est resté anonyme, et que rien ne permet de supposer qu'il avait eu accès au secret,


François, vous pouvez le dire », il n'y a aucune raison contraignante de l'entendre exclusivement de la troisième partie du secret. Elle peut très bien se rapporter aux paroles prononcées par Notre-Dame au cours de la deuxième partie [1]. L'argument est donc, là encore, sans portée.

Fac-símile das páginas 126 e 127

Aqui, o Padre Louis-Marie mente descaradamente a seus leitores ao falar mais uma vez do « *comunicado de imprensa da agência A.N.I., de 8 de fevereiro de 1960* » sem outra precisão.

Não se contendo em mais uma mentira, e ocultando que se tratava de fato de um **comunicado de imprensa do Vaticano repercutido pela agência portuguesa A.N.I.**, o Padre Louis-Marie pode, sem vergonha, afirmar em seguida que « *o autor* » sendo « *anônimo* » **(?!)** isso não nos permite « *supor que ele teve acesso ao segredo* »!

Após tentar, assim, descreditar essa referência, ele deixa a entender a seus leitores que se trata da única na qual Laurent Morlier se apoia para afirmar que o 3º segredo contém apenas as « *palavras* » da Santa Virgem.

De fato, o Padre Louis-Marie evita cuidadosamente mencionar, por exemplo, o capítulo de Barthas que cita os documentos do processo canônico ou os encontros e escritos da Irmã Lúcia que são expostos por Laurent Morlier e até mesmo pelo Irmão Michel da Santíssima Trindade em suas obras?

Além disso, por um muito hábil truque de mágica, o Padre Louis-Marie faz então desaparecer uma parte das palavras da Santíssima Virgem Maria para, sub-repticiamente, através dessa omissão pura e simples de algumas palavras, conseguir tornar banal e menos insistente a instrução dada por Nossa Mãe do Céu às pequenas videntes de não revelar esta terceira parte a ninguém exceto a Francisco. O Padre Louis-Marie pode então afirmar impunemente que estas palavras poderiam "muito bem se referir às palavras proferidas por Nossa Senhora durante a segunda parte" do segredo!

No entanto, a Irmã Lúcia havia publicado a integralidade do 2º segredo em sua 3ª Memória, na qual ela não fez nenhuma menção a essa precisão de não contar a ninguém exceto a Francisco.

Essa instrução, relatada pela Irmã Lúcia apenas em seu 4º Memória de 8 de dezembro de 1941 e que aparece logo após as primeiras palavras: "Em Portugal, se conservará o dogma da Fé, etc." que começam a 3ª parte do segredo, não pode, portanto, se aplicar senão a esta terceira parte do segredo.

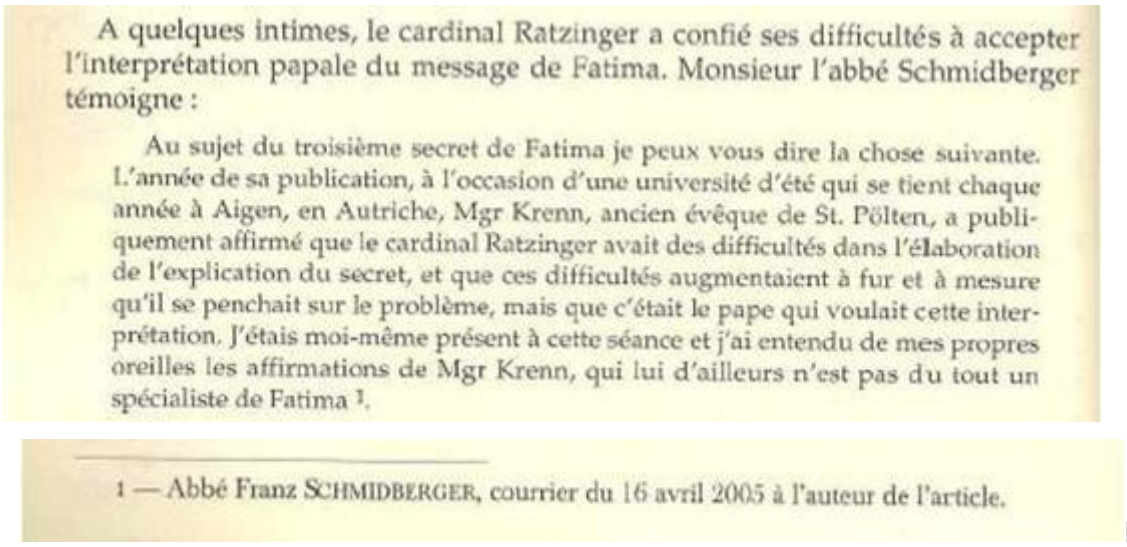
O leitor que confia plenamente nesta revista dos dominicanos, que não leu a obra de Laurent Morlier ou do Irmão Michel da Santa Trindade e que possui apenas um conhecimento aproximado das aparições de Fátima terá, portanto, se deixado facilmente enganar por este dossiê preparado pelo Padre Louis-Marie a pedido do padre Schmidberger.

Ao afirmar que o texto é autêntico, o **principal objetivo de Avrillé** era **lavar de todo o suspeita de mentira o Vaticano e, principalmente, Ratzinger**, que havia acabado de suceder

a João Paulo II e com quem a FSSPX iria iniciar um processo oficial de aproximação após anos de negociações secretas.

Buscando a todo custo preservá-lo, Avrillé chega até a apresentá-lo como a **vítima de uma maquinação da Secretaria de Estado!**

É nesse sentido que o Padre Louis-Marie menciona uma **pretendida confidência totalmente inverificável**, mas cujos vários elementos nos fazem pensar que se trata de uma **falsa informação** espalhada voluntariamente nos círculos da Tradição para **reabilitar a imagem de Ratzinger** e **suscitar a seu respeito a benevolência dos padres e dos fiéis.**



A quelques intimes, le cardinal Ratzinger a confié ses difficultés à accepter l'interprétation papale du message de Fatima. Monsieur l'abbé Schmidberger témoigne :

Au sujet du troisième secret de Fatima je peux vous dire la chose suivante. L'année de sa publication, à l'occasion d'une université d'été qui se tient chaque année à Aigen, en Autriche, Mgr Krenn, ancien évêque de St. Pölten, a publiquement affirmé que le cardinal Ratzinger avait des difficultés dans l'élaboration de l'explication du secret, et que ces difficultés augmentaient à fur et à mesure qu'il se penchait sur le problème, mais que c'était le pape qui voulait cette interprétation. J'étais moi-même présent à cette séance et j'ai entendu de mes propres oreilles les affirmations de Mgr Krenn, qui lui d'ailleurs n'est pas du tout un spécialiste de Fatima [1].

1 — Abbé Franz SCHMIDBERGER, courrier du 16 avril 2005 à l'auteur de l'article.

Fac-símile do *Sel de la terre* n°53, extraído da página 144

Aqui está a análise transmitida por um fiel da FSSPX ao site virgo-maria.org no mês de agosto de 2007:

> Senhor Padre,
>
> A mensagem de *Virgo Maria* sobre Ratzinger e Fátima é muito interessante!
>
> Tendo estudado de forma aprofundada tudo que diz respeito às aparições de Fátima, permito-me adicionar algumas precisões:
>
> O trecho de *Sous la Bannière* que é citado deve, a meu ver, ser relacionado ao trecho de outro artigo: aquele do *Sel de la Terre* n°53. De fato, *Sous la Bannière* (influenciado, me parece, **pelo ilusionista Dom Williamson, que é próximo do padre Schmidberger** nas operações de reunião...) escreve:
>
> >

> « Uma fonte na Áustria, **que não quer ser revelada**, assegura que **o Cardeal Ratzinger teria recentemente confessado a um *bispo austríaco*** *amigo, '****Eu tenho dois problemas na consciência : Dom Lefebvre e Fátima. Para o último, fui obrigado a agir contra a minha vontade; para o primeiro, eu falhei**' ».

O *Sel de la Terre* escreve, por sua vez, em seu número 53 do verão de 2005:

> « A alguns **íntimos**, o cardeal Ratzinger confidenciou suas dificuldades em aceitar a interpretação papal da mensagem de Fátima. Senhor **padre Schmidberger testemunha**: 'Sobre o terceiro segredo de Fátima, posso lhe dizer o seguinte... em uma universidade de verão que se realiza todos os anos em **Aigen, na Áustria, Dom Krenn**... afirmou publicamente... **Eu mesmo estava presente nessa sessão** e ouvi com meus próprios ouvidos as afirmações de **Dom Krenn**...'» (cf. extrato completo anexo).

Então, em nota de rodapé, o Padre Louis-Marie que escreve este artigo nos indica que o padre Schmidberger lhe enviou este « ***testemunho*** » **por uma carta pessoal de 16 de abril de 2005, ou seja, três dias antes da eleição de Ratzinger!!** Estranha coincidência... Seria essa uma artimanha do aluno de Ratzinger destinada a neutralizar uma possível reação abertamente hostil da parte da ala considerada a mais « ***dura*** » da FSSPX diante da eleição de seu amigo que ele sabia iminente?

Ao ler esses dois trechos, surgem, de fato, algumas perguntas sobre esse estranho boato propagado desde a eleição do raposa da Baviera e sobre o papel do padre Schmidberger:

> - Essa « ***confidência*** » atribuída a Ratzinger e divulgada complacentemente por ***SLB*** realmente foi pronunciada por Ratzinger para enganar os incautos ou foi propagada por seus « ***íntimos*** » a seu pedido para preparar suas operações de sedução?
> - O « *bispo austríaco* » do trecho de ***SLB*** não seria Dom Krenn mencionado em *Le Sel de la Terre*?

> - **O que fazia o Padre Schmidberger em uma universidade de verão conciliar na presença de um bispo conciliar?**
> - Essa pretensa « ***confidência*** » do padre apóstata Ratzinger parece, de toda evidência, ter sido divulgada voluntariamente pelo padre Schmidberger nos meios da Tradição para dar a imagem de um Ratzinger « ***arrependido*** », e assim preparar as operações de reunião das quais ele é um dos principais organizadores.
>
> **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-12-A-00-Fatima-Manipulation_Schmidberger.pdf**

Em resposta a todas essas **falsificações e manipulações da parte de Avrillé destinadas a concluir pela autenticidade do texto do Vaticano**, Laurent Morlier havia solicitado um direito de resposta ao Padre Louis-Marie. Você poderá ler nos links abaixo a carta de Laurent Morlier, assim como a resposta, cheia de má-fé, que lhe foi endereçada pelo Padre Innocent-Marie.

http://www.virgo-maria.org/Livres/laurent_morlier/Morlier_Fatima1.pdf

http://www.virgo-maria.org/D-3eme_secret_de_Fatima/documents_fatima/2007-11-05%20-%20Innocent-Marie.pdf

Conclusion : le texte est authentique

Au terme de cette enquête, et au regard tant de la critique externe que de la critique interne, il nous semble pouvoir affirmer avec certitude, comme M. l'abbé Delestre, que le texte publié le 26 juin 2000 par le Vatican est authentique.

Fac-símile de um extrato da página 133

A FSSPX, portanto, recusou-se, a princípio, a denunciar o texto do Vaticano como uma **evidente impostura**. Não houve, aliás, **nenhuma reação oficial**. Somente alguns **padres subordinados** comentaram, aqui e ali, sobre um **problema de interpretação** para, insidiosamente, **isentar Ratzinger e o Vaticano**.

Ratzinger todo sorridente ao publicar o falso "3º segredo"

Mas, com este **"estudo" encomendado aos dominicanos de Avrillé**, a FSSPX não apenas participa abertamente do **MENTIRA PÚBLICA perpetrada por Ratzinger** em 2000 **contra Nossa Senhora**, mas tem agora a audácia, seguindo os inimigos de Nosso Senhor que ocupam os postos de autoridade no Vaticano, de **fazer mentir a Santíssima Virgem Maria assim como a Irmã Lúcia, alterando suas palavras.**

Humilhada, desde o ano de 2000, pela impiedade e traição daqueles que deveriam tê-la defendido imediatamente contra a mentira do Vaticano, mas que, para não frear ou impedir seu processo oculto de reunião com a Roma apóstata, a abandonaram aos ultrajes dos "*anticristos*" do Vaticano, a Santíssima Virgem Maria deixou o braço de Seu Filho... No dia 26 de maio de 2000, a mentira pública do Vaticano revelou a traição pública da FSSPX em relação à Luta da Fé, mas também em relação Àquela a quem foi consagrada na sua fundação. A resposta do Céu não se fez esperar... A FSSPX parece, desde então, como que atingida por uma cegueira...

Irmã Lúcia nos advertia em 1957:

> « *Deus nos oferece o último meio de salvação, Sua Santíssima Mãe.* ***Se desprezamos e rejeitamos esse último meio, não teremos mais o perdão do Céu, porque teremos cometido um pecado que o Evangelho chama de pecado contra o Espírito Santo,*** *que consiste em repelir abertamente, com pleno conhecimento e vontade, a salvação que nos é oferecida.* ***Lembremo-nos de que Jesus Cristo é um Filho muito bom e que Ele não permite que ofendamos e desprezemos Sua Santíssima Mãe.***
>
>
>
> *Temos como testemunho patente a história de vários séculos da Igreja que, por meio de exemplos terríveis, nos mostra como* ***Nosso Senhor Jesus Cristo sempre defendeu a honra de Sua Mãe***» (Entrevista da Irmã Lúcia com o Padre Fuentes, datada de 26 de dezembro de 1957).

Vem à nossa memória o **testemunho comovente** que o **Padre Berto** deu sobre a 2ª Sessão do Concílio Vaticano II (**http://www.a-c-r-f.com/principal.html**).

O que ele descreve pode se aplicar tão bem à traição da FSSPX, que nos permitimos reproduzir suas palavras substituindo algumas palavras por aquelas indicadas aqui em negrito:

> *« O destino **da FSSPX** foi decidido naquele dia, no Céu onde reina um Filho que não quer que ofendam Sua Mãe (...). A vingança foi imediata... ».*
>
> *Em plena negociação oculta com o Vaticano, « a Santa Virgem estava incomodando! A Virgem Maria incomodava **a FSSPX** que a convidava a sair. Oh! Ela não precisou que lhe dissessem duas vezes! A terra não tremeu, o relâmpago não caiu sobre **Écone**, a Virgem Maria saiu discretamente, em um silêncio tão profundo que Ela não disse « Vinum non habent » (« eles não têm mais vinho »); e os destinos de **a FSSPX** foram selados (...).*
>
> *Ela foi formalmente declarada irritante, embaraçosa, incômoda, diante de Seu Filho, Ela que é a Esposa do Santo Espírito.*
>
> *Deve-se saber que colocar a Santa Virgem para fora é uma operação que pode ter consequências e pode não ser ratificada por Alguém que Lhe abriu as Portas do Céu.*
>
> *É preciso olhar um pouco mais além do próprio nariz e não imaginar que se tem direito ao Santo Espírito assim, sob demanda.»*

Avrillé defende a validade do ritual conciliar de consagração episcopal

Avrillé defende a validade do ritual conciliar de consagração episcopal (*Le Sel de la Terre* n° 54, outono de 2005)

Logo no início, sacerdotes como o R.P. Barbara e o padre Moureaux de Nancy denunciaram o novo rito de consagração episcopal e de ordenação sacerdotal. Vários números do boletim *Bonum Certamen* foram dedicados a este tema crucial.

http://www.a-c-r-f.com/principal.html

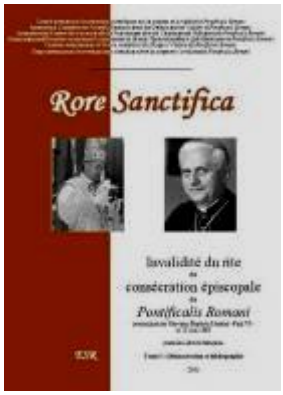
A partir de **1992**, um estudo do Dr. Coomaraswamy (ex-professor no seminário da FSSPX nos Estados Unidos) começou a circular. Dom Tissier ficou, ele mesmo, inquieto.

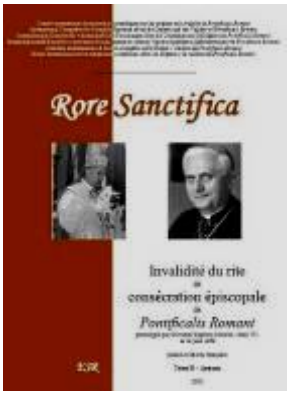
http://www.a-c-r-f.com/principal.html

Esse estudo foi posteriormente distribuído novamente, no início de **2005**, pela carta eletrônica de difusão **CSI** (***Catholicis Semper Idem***). Nesse mesmo momento, « *um ex-seminarista de Zaitzkofen (Alemanha) fez revelações sobre* ***as tentativas de abafar a questão por parte do padre Schmidberger junto a Dom Lefebvre, que ele soube enganar habilmente sobre o assunto*** » (fonte: **virgo-maria.org**).

Esse ex-seminarista, aliás, recentemente publicou nas edições Saint Rémi, em colaboração com um padre do Distrito da Alemanha da FSSPX, uma obra (em língua alemã apenas por enquanto) sobre este tema primordial.

No mesmo ano, um **grupo de teólogos e cientistas** fundou o **Comitê Internacional *Rore Sanctifica* (CIRS)**, que publicou, a partir do verão de 2005, uma série de estudos particularmente sólidos e até o momento nunca refutados, demonstrando de maneira incontestável **a invalidade intrínseca do novo rito de consagração episcopal de 1968.**





Diante do temor de ver se espalhar entre seus membros uma possível e séria contestação pública à legitimidade de Ratzinger-Bento XVI e de sua falsa « Igreja », Dom Fellay incumbiu o Padre Pierre-Marie de produzir um estudo sobre a questão a fim de impor a conclusão da validade do novo rito e assim « salvar » aquele que acabara de suceder a João Paulo II e que ele deveria muito em breve (segundo o plano estabelecido em segredo entre o Vaticano e Menzingen) apresentar como um « *restaurador da Igreja* » e um « *papa providencial* » para justificar junto aos sacerdotes e fiéis o processo de reunificação « *por etapas* » que iria iniciar oficialmente no final de agosto de 2005, sob o pretexto de « *demandas prévias* » e « *discussões doutrinais* ».

Para melhor compreender a **questão da invalidade dos novos rituais conciliares**, assim como a **trapaça absolutamente criminosa dos dominicanos de Avrillé e da FSSPX**, publicamos aqui trechos dos últimos comunicados do CIRS e convidamos nossos leitores a conhecer a totalidade de suas intervenções e publicações referindo-se aos links do site **rore-sanctifica.org** que daremos mais adiante.

> « ***Desde o mês de agosto de 2005***, **o CIRS** publicou nas ***Edições Saint-Rémi*** e em seu site na internet **dois volumes**, assim como muitos **estudos (*Notitiæ*)** e **comunicados** que administraram a demonstração factual da invalidade sacramental INTRÍNSECA radical do novo rito de consagração episcopal promulgado em 18 de junho de 1968 por Montini-Paulo VI (**Pontificalis Romani**).
>
> ***A invalidade per se desse novo rito, aplicado desde 1969 na igreja conciliar (dita 'Igreja Católica') resulta na perda progressiva e agora quase definitiva da sucessão apostólica em seu seio, e arruína completamente, ao mesmo tempo que sua validade, a legitimidade desse falso episcopado conciliar em se declarar católico e em***

> ***administrar validamente o sacramento dos Santos Ordens católicas.***
>
> ***Desde novembro de 2005***, o Padre Pierre-Marie de Kergorlay e os dominicanos de Avrillé decidiram endossar a argumentação falaciosa dos « *reformadores » modernistas conciliares (em particular Dom Botte e o Padre Lécuyer) do Consilium litúrgico de 1968, com base em seus sofismas, cujo principal é a suposta justificativa do novo rito pelo recurso a uma « **forma viva** » supostamente análoga e que seria sacramental no rito de **intronização** do patriarca maronita, que ele nomeia « rito **de ordenação** do Patriarca* ».
>
> *« O rito de intronização do Patriarca Maronita, sendo puramente jurisdicional, está, portanto, desqualificado de fato para servir de comparação para justificar de forma extrínseca a suposta validade sacramental do novo rito de consagração episcopal.*
>
> *Mas, não satisfeito em utilizar um rito não sacramental, os reformadores de 1968, seguidos nisso pelos dominicanos de Avrillé, recorreram a textos errôneos e montagens para aumentar a analogia para as necessidades de sua **pseudo-demonstração**.»*
>
> Os numerosos documentos publicados pelo CIRS demonstram de maneira magistral e implacável « *a ausência de analogia entre o novo rito e o rito de consagração patriarcal maronita, estabelecendo de forma incontestável os três fatos seguintes, a partir do artigo intitulado **O novo ritual de consagração episcopal é válido?**, publicado no outono de 2005 no n°54 da revista dos Dominicanos de Avrillé sob a assinatura do Frère Pierre-Marie o.p.:*
>
> > *“*
> > - *O uso no artigo do n°54 do Sel de la Terre de fontes orientais « errôneas » ou falsificadas.*
> > - *Um « reordenamento » arbitrário ad Hoc do rito maronita, na página 102 do n°54 do Sel de la Terre, para forçar sua « analogia » com a pseudo forma essencial conciliar.*
> > - *Uma pseudo-demonstração centrada no quadro truncado e reordenado do rito do patriarca maronita da página 102.»*

Esse é o modo como o novo rito elaborado por Dom Botte e pelo Padre Joseph Lécuyer, defendido pelo artigo do n°54 do Sel de la terre, é claramente contestado pelos seguintes fatos estabelecidos pelo CIRS em seus diferentes estudos e comunicados:

> - ***Uso de fontes "errôneas" ou falsificadas,***
> - ***Tronçamento inadmissível que suprime o Espírito Santo,***
> - ***Reassemblagem falaciosa de um rito maronita,***
> - ***Comparação de fragmentos de ritos não comparáveis,***
> - ***Justificações das teses uncionistas heréticas do adversário pessoal de Dom Lefebvre (Padre Lécuyer),***
> - ***Oposição ao ensino infalível de Pio XII sobre a validade de um rito de consagração episcopal.***

Para saber mais:

Comunicados de Rore:

http://www.rore-sanctifica.org/biblio-num-011.html

Publicações de Rore:

http://www.rore-sanctifica.org/biblio-num-01.html

A atitude de Avrillé e da FSSPX tem, portanto, hoje, **consequências trágicas**.

Enquanto Dom Lefebvre denunciava os novos sacramentos como sacramentos « *bastardos* », preferindo continuar os « *verdadeiros sacramentos* » cuidando de reordenar os « *clérigos* » conciliares desejosos de integrar sua obra sacerdotal, **a FSSPX não realiza mais nenhuma reordenação** dos pseudo-clérigos conciliares que declaram (certamente de boa fé para a maioria) querer se juntar a ela.

Esse foi o caso recentemente de um **« sacerdote » originário do Níger** que se juntou à FSSPX e agora assiste os padres Nouveau e Demornex no priorado de Nairobi, no Quênia.

http://www.laportelatine.org/archives/entret/2009/obih0909/GregObih.php

Mais recentemente, um cônego conciliar suíço, Yannick-Marie Escher, anunciou sua entrada na FSSPX.

http://www.kipa-apic.ch/index.php?pw=&na=0,0,0,0,f&ki=209839

http://www.summorum-pontificum.fr/article-pourquoi-le-chanoine-escher-a-quitte-l-abbaye-saint-maurice-pour-econe-53607877.html

Dessa forma, **discretamente, estão sendo inseridos na FSSPX pseudo-clérigos conciliares** que, não tendo recebido validamente o sacramento da ordem, são, apesar de si mesmos e, especialmente devido à **política criminosa da Direção da FSSPX**, incapazes de administrar sacramentos válidos (missa, confissão...).

Sem contar que tal negligência dos clérigos da FSSPX sobre este assunto fundamental é uma verdadeira brecha aberta para infiltrações de todos os tipos!

Progressivamente, portanto, sob o pretexto de acolher os « sacerdotes » conciliares que « *descobrem a missa antiga* », permite-se que se realizem nos altares dos priorados e capelas da FSSPX « *missas* » inválidas, ditas, é claro, no rito tradicional, mas celebradas por pseudo-sacerdotes que, apesar de toda a boa vontade que possam ter e manifestar, permanecem perfeitos leigos desprovidos de todo poder sacerdotal devido à invalidade de suas ordenações.

Assim, os sacrilégios se multiplicam pela mistura de espécies sagradas não consagradas.

Além disso, os convites de "padres" conciliares para vir aos priorados aprender e depois celebrar a missa de São Pio V, na maioria das vezes não são conhecidos pelos fiéis, e estes últimos estarão cada vez mais tragicamente confrontados com a dúvida legítima de saber se comungam verdadeiramente o corpo de Nosso Senhor ou apenas um pedaço de pão.

Essa confusão irá se acentuar e se generalizar assim que a FSSPX for oficialmente integrada à igreja conciliar, como parece estar se tornando...

Sala de reunião do Capítulo Geral realizado em Écône, na antiga capela do seminário, a partir de 30 de junho de 2010

Vemos então o quanto a FSSPX hoje participa efetivamente do plano das lojas Rosacruz e da High Church Anglicana, com o objetivo de obter a confusão dos sacerdócios (verdadeiros e falsos) a fim de secar, a longo prazo, todos os canais da graça que são os sacramentos.

Além disso, para poder continuar iludindo, a FSSPX ostenta abertamente a "conversão" e a ordenação de um ex-pastor luterano, multiplicando reportagens fotográficas, vídeos e entrevistas.

http://www.laportelatine.org/communication/presse/2006/ceremonieabjuration/pasteurstandmark/pasteursatndmark.php

http://www.laportelatine.org/archives/entret/2006/Lorans_Sandmark060729/lorans_sandmark.php

http://www.laportelatine.org/international/communic/presse/europe/Zaitzkofen/ordinat10/100626.php

No entanto, os líderes da FSSPX evitam enfatizar que este ex-protestante e maçom sueco, introduzido pelo padre Schmidberger (um clérigo infiltrado e agente de Ratzinger), foi solicitado a realizar apenas três anos de seminário (estranho para um convertido que, uma semana antes de sua cerimônia de abjuração organizada com grande pompa em Saint Nicolas du Chardonnet em 2006, ainda celebrava o culto luterano em seu templo!), antes de sua ordenação (finalmente adiada por um ano após um acidente que necessitou de intervenção cirúrgica), enquanto um jovem de uma família verdadeiramente católica que sempre frequentou as escolas e acampamentos da FSSPX faria 6 ou 7 anos de seminário e, além disso, seria testado para verificar sua capacidade de defender as posições mais heterodoxas da FSSPX sobre a eclesiologia ou o magistério infalível da Igreja e do papa, antes de ser submetido a um juramento no qual teria que reconhecer a legitimidade do pontífice conciliar e dos novos sacramentos!

http://virgo-maria.org/articles_HTML/2006/008_2006/VM-2006-08-18/VM-2006-08-18-2-01-Sandmark_Entrisme_ou_abjuration.htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-08-24-2-00-Sandmark_Nouvelles_Informations.pdf

E depois de tais transgressões, os superiores da FSSPX ousam falar doutamente (como fizeram durante o último Capítulo Geral que ocorreu em Écône de 30 de junho a 2 de julho) sobre a formação dos seminaristas e sua maturidade (isso não foi, claro, o único e mais importante assunto abordado. Voltaremos a isso para garantir que o que é concluído em segredo não fique impune...) eles que os levam, por sua infidelidade, a becos doutrinários tantas vezes condenados pela Igreja e pelos papas!

Avrillé divulgou a tese herética de uma hierarquia para duas Igrejas

Avrillé divulgou a tese herética de uma hierarquia para duas Igrejas (*Le Sel de la terre* n°59, inverno 2006-2007)

Uma análise muito boa dessa tese foi divulgada há algum tempo. Ela coloca em destaque de maneira magistral **a heresia desenvolvida pela FSSPX** assim como os **processos de desinformação e manipulação implementados** para levar os clérigos e os fiéis a admitirem tais **falsidades doutrinais**. Aqui está a introdução:

> « No número 59 (Inverno 2006-2007) da sua revista *Le Sel de la terre*, os dominicanos de Avrillé publicaram dois editoriais intitulados, respectivamente, *"Quando o lobo tenta se esconder"* (SdT 59, p. 1-2) e *"Uma hierarquia para duas Igrejas"* (SdT 59, p. 3-8). Os dois editoriais são acompanhados de um anexo (SdT 59, p. 9-14). O segundo editorial foi parcialmente reproduzido no site da FSSPX, *DICI*. Durante o 8º congresso teológico de *Si Si No No*, que ocorreu em Paris de 2 a 4 de janeiro de 2009, o padre Lorans (responsável pelo site *DICI*) deu uma conferência intitulada *"Um Papa para duas Igrejas"*. Em fevereiro de 2009, no boletim *Le Sainte Anne* do priorado de Lanvallay (FSSPX), o padre Pierre Barrère intitula *"Um papa para duas Igrejas?"* o último parágrafo de seu editorial. É este mesmo texto que também serviu como editorial para o mês de fevereiro no site oficial do distrito da França da FSSPX, *La Porte Latine*. Por fim, no número 115 (janeiro-fevereiro de 2009) de *Nouvelles de Chrétienté*, encontra-se um texto do abade Lorans intitulado *"Um papa para duas Igrejas?"*.
>
> O tema de uma hierarquia ou de um papa para duas Igrejas, desenvolvido originalmente por Avrillé, teve seguidores e parece ter se tornado um dos temas favoritos de certos clérigos da FSSPX na hora das negociações com as autoridades conciliares. O objetivo de todos esses artigos é afirmar que Ratzinger, embora imbuído dos erros e heresias conciliares, é ainda o chefe da Igreja católica.

> Para isso, estudemos por alguns momentos o segundo editorial do número 59 do *Sel de la terre*... »

Para ler a íntegra desta excelente análise:

http://www.virgo-maria.org/Documents/Etude_sur-SDT591.pdf

A análise dessas três "estudos" demonstra que, por meio de **argumentos perfeitamente falaciosos e sofismas absolutamente ímpios**, muitas vezes extraídos de autores do campo inimigo, os dominicanos de Avrillé preferiram, sobre esses três **assuntos capitais**, tergiversar a verdade para evitar despertar em seus leitores (principalmente padres e fiéis da FSSPX) conclusões que pudessem questionar essa falsa "Igreja" que é a igreja conciliar e, de fato, o processo de adesão que a FSSPX iria oficialmente iniciar **a partir de 2005** (que, na verdade, já havia sido iniciado nos bastidores e insidiosamente dentro da FSSPX há vários anos, para que as mentes estivessem prontas para aceitar, no momento certo, o anúncio das funestas "*etapas oficiais*"), após o encontro de Dom Fellay com Ratzinger-Bento XVI, negociado meses antes pelo padre Schmidberger.

Assim, os dominicanos de Avrillé, apresentados artificialmente como "*a ala dura da FSSPX*" e considerados como "*a referência*" em matéria de teologia, bloquearam, por meio de seus estudos enganadores, toda reação salvadora dentro da obra de Dom Lefebvre.

Mas não é perturbador que esses três "estudos", destinados não apenas a convencer os padres e os fiéis da FSSPX da legitimidade da igreja conciliar e de seus pontífices, mas, sobretudo, a neutralizar qualquer estudo sério sobre o tema, tenham sido divulgados imediatamente após a eleição de Ratzinger, que a FSSPX se esforçou em apresentar como o "*restaurador da Igreja e da Tradição*"?

R.P. Pierre-Marie de Kergorlay

Esses "estudos" dos dominicanos de Avrillé, **patrocinados na época por Dom Williamson e o padre Schmidberger**, não foram realizados em algumas semanas. Parece, portanto, que foram decididos e iniciados muito antes para serem publicados no momento apropriado, ou seja, logo após a eleição de Ratzinger, a fim de preservá-lo de possíveis reações que poderiam denunciar sua ilegitimidade.

Vindo especialmente de Londres para o Capítulo geral, Dom Williamson, em 30 de junho de 2010 em Écône, discutindo com um dominicano de Avrillé

Como vimos, a missão de preparar a futura religião da Nova Ordem Mundial foi atribuída a Bento XVI.

E curiosamente, desde 2005, o irmão de Denis de Kergorlay vem, por meio de seus "estudos" falaciosos, reforçando o objetivo dos círculos globalistas.

De fato, para os inimigos da Igreja, é necessário que os católicos reconheçam Bento XVI como "Papa" e sua falsa "Igreja" como a Igreja católica, pois é graças a esse reconhecimento que aquele que ocupa indevidamente a Cátedra de Pedro pode trabalhar na destruição da Igreja e na instalação da religião anticristã. Se fosse denunciado como um usurpador, não seria mais nada. Daí a preocupação maior da Direção da FSSPX, comprometida nesse plano maquiavélico, em combater com afinco qualquer posição etiquetada desdenhosamente como "sedevacantista", que pudesse arruinar seu processo de adesão.

Estranhamente, também a partir de 2005, os dominicanos de Avrillé receberam subitamente doações financeiras significativas que lhes permitiram iniciar numerosos t com aqueles realizados até então…

Travaux dans le réfectoire de l'hôtellerie

Desde 2005, Avrillé tem multiplicado os gastos imobiliários:

biblioteca, Pousada São Tomás, restauração do refeitório e da cozinha da hospedaria, capela do "Priorado", etc.

Em outubro de 2005, os dominicanos escreviam em seu boletim que esperavam conseguir construir sua biblioteca "mais rapidamente que a famosa 'quarta ala' (primeiro golpe de picareta no verão de 1981, fim das obras - com exceção do capítulo - em 2004)".

Na *Carta dos dominicanos de Avrillé* de março de 2007 (n° 41), o Padre Innocent-Marie anuncia:

> **“A biblioteca já começou”, “Graças à sua generosidade, já dispomos de uma boa parte do dinheiro necessário”.**

Em **23 anos (de 1981 a 2004)**, os dominicanos de Avrillé conseguiram **dificilmente finalizar a construção de uma “quarta ala”** e em **2 anos (de 2005 a 2007)**, eles conseguiram obter o financiamento necessário para iniciar múltiplos trabalhos, incluindo a imensa biblioteca (estimada em quase 1,5 milhão de euros), que foi **concluída em 5 de junho de 2009 (data da bênção por Dom Tissier), ou seja, apenas 2 anos após a colocação da primeira pedra !**

Mas de onde pode vir esse dinheiro?

Quem são esses generosos doadores milionários que de repente surgiram para ajudar o convento do Padre Pierre-Marie de Kergorlay?

É possível que esse dinheiro tenha sido uma espécie de "recompensa por serviços prestados"?

Todos os eventos que a FSSPX tem vivido desde os anos 2000-2001 não se devem, como se gostaria que acreditássemos, a uma benevolência do Vaticano em relação à Tradição à qual seus líderes estariam se convertendo. Também não são frutos da suposta "estratégia" dos "pré-requisitos" de Dom Fellay, e ainda menos de suas "cruzadas" sacrílegas. Ao contrário, todos os fatos apresentados neste dossiê parecem demonstrar que estamos diante de uma evidente concertação oculta estabelecida entre os Altos Iniciados do Vaticano, ligados aos círculos globalistas anglo-saxões, e seus agentes infiltrados desde o início dentro da FSSPX, que assumiram a direção total da instituição desde a morte de Dom Lefebvre.

In Christo Rege

Resistência católica

Fim do dossiê da *Resistência Católica* para a parte n° 2

Veja os Anexos da Terceira Parte

- **Ver ANEXO 1**
- **Ver ANEXO 2**

© 2010 virgo-maria.org

Referências

[1] http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-07-26_D_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_DE-KERGORLAY.pdf

http://resistance-catholique.org/documents/2010/RC_2010-07-26_D_Dossier_LA-FACE-OCCULTE-DE-LA-FSSPX_DE-KERGORLAY_ANNEXES.pdf

[2] http://resistance-catholique.org/

IMPORTÂNCIA ECUMÊNICA DO ANGLICANISMO

Quarta-feira, 3 de janeiro de 2007

Um estudo de 1967, elaborado por um professor da Universidade Católica de Nimegue.

Artigo Original: Virgo Maria

- A COMUNHÃO ANGLICANA COMO PROTÓTIPO DA “IGREJA FUTURA”
- CAPÍTULO I - A IMPORTÂNCIA ECUMÊNICA DO ANGLICANISMO
  - I. A SITUAÇÃO ECUMÊNICA ATUAL
  - II. RAZÕES PARA ESTUDAR O ANGLICANISMO
  - III. PONTO DE VISTA E MÉTODO DESTE ESTUDO
  - IV. APRESENTAÇÃO DA COMUNHÃO ANGLICANA

A COMUNHÃO ANGLICANA COMO PROTÓTIPO DA “IGREJA FUTURA”

É absolutamente espantoso que textos como os do **Padre Van de Pol nunca tenham (que saibamos) sido objeto de estudos e comentários por parte dos monges e teólogos da Tradição desde sua publicação em 1967, ou seja, há já 40 anos!**

Este documento oferece uma perspectiva sobre o ecumenismo e apresenta as consequências inevitáveis que decorrem da praxis ecumênica. Ele destaca todo o significado do papel do anglicanismo na criação da reunião das Igrejas que dará origem a uma ***“Comunhão”*** chamada ***“ Igreja futura”***.

Trata-se, na realidade, da concretização da estrutura que será o vetor da religião universal tão preparada pelas lojas maçônicas.

Como é possível que a revista ***Le Sel de la terre***, dirigida pelo Padre Pierre-Marie (Geoffroy de Kergorlay), nunca tenha publicado estudos sobre o papel fundamentalmente subversivo desempenhado pelo modelo da Comunhão Anglicana para o projeto ecumênico tal como vem sendo incansavelmente perseguido há mais de 50 anos pelo que se tornou a Igreja conciliar?

Este documento é assinado pelo Padre Van de Pol, doutor em teologia, professor na Universidade Católica de Nimegue. Intitulado ***“A Comunhão Anglicana e o ecumenismo segundo os documentos oficiais”***, é prefaciado por Monsenhor Willebrands, e traduzido do neerlandês por um Padre beneditino.

Vamos publicá-lo em várias mensagens, acompanhadas de comentários. Esta mensagem presente retoma o capítulo 1°, que trata da importância ecumênica do anglicanismo.

Ele começa com **um panorama sobre a situação ecumênica em 1967** e apresenta **a terceira assembleia, realizada em 1961 pelo Conselho Ecumênico das Igrejas em Nova Deli**.

Van de Pol apresenta a liturgia anglicana como o protótipo futuro da ***“Igreja reunida”***:

> *“Muito se comentou sobre a impressão causada nos representantes das Igrejas mais diversas pelo **serviço de comunhão anglicana**. **O acesso foi aberto a***

> ***todos os que não tinham objeções a essa participação**. Certo número de delegados, é claro, sentiu-se obrigado a abster-se por motivos ditados pela fé de sua Igreja. Para todos, no entanto, este ofício de comunhão se mostrou como uma **prefiguração do que, um dia, voltará a ser realidade para todos os cristãos e que é objeto de nossa fé, esperança e oração**.*
>
> *A liturgia anglicana alcança uma elegante harmonia entre os elementos oriundos do catolicismo clássico, aqueles da Reforma e aqueles do **atual renascimento litúrgico**. Muitos viram aí, sem dúvida, **o protótipo da liturgia futura da Igreja reunida**. Pois **o renascimento litúrgico, em curso em quase todas as Igrejas, comportará precisamente uma síntese e uma integração de tudo o que é verdadeiro, bom e belo na maneira como as diferentes Igrejas, ainda separadas, rendem a Deus louvor, honra, ação de graças e adoração na celebração da santa Eucaristia**."*

E continua:

> *« Cada vez mais ficará claro que **a Igreja futura**, resultante da reunião, **não será idêntica a nenhuma das Igrejas atuais, mas que abraçará as riquezas de fé e de vida de todas as Igrejas** »*

O Padre Van de Pol então fornece indicações sobre as mudanças a serem realizadas:

> *« A esse respeito, percebemos melhor a necessidade de uma **reformulação completa da história eclesiástica**. Toda história elabora fatos a partir de pontos de vista preconcebidos. Hoje em dia, deseja-se **uma "história da Igreja em uma perspectiva ecumênica"[1]. »***

E

> *« Aqui está agora **a outra mudança**: os círculos ecumênicos percebem cada vez mais claramente que a união interior entre os cristãos, através do amor, da compreensão e da cooperação, **não deve esperar que uma solução definitiva seja encontrada para os difíceis problemas que ainda persistem**. Certamente, uma solução deverá ser alcançada um dia. Mas, a longo prazo, essa solução só parecerá possível se se basear em **uma verdadeira unidade interior, já descoberta e já experimentada.** »*

Quanto ao objetivo final buscado para a forma da ***"Igreja futura"***, o Padre Van de Pol extrai do relatório da assembleia de Nova Délhi de 1961 a chave de interpretação: a ***"comunhão"* dinâmica** (como no anglicanismo) e não uma Igreja hierárquica única:

> *« O relatório adverte contra uma **desvalorização da visão de unidade final**. Deve-se evitar o erro antigo de imaginar a Igreja unida no modelo de uma organização humana ou de uma instituição jurídica. A Igreja é, antes de tudo, um organismo que nasce e vive pela ação do Espírito Santo. Ela é uma **realidade dinâmica**, na qual se fala e se escuta, se recebe e se dá. Por isso, os autores do relatório descreveram **a Igreja do futuro em termos de "comunhão" e não em termos de "Igreja"**, como se poderia esperar. »*

A mudança foi preparada por precursores cujo trabalho o autor nomeia:

> *« A virada foi preparada pela obra de pioneiros católicos do ecumenismo, entre os quais se podem citar Pribilla, Congar, Lortz, Karrer, Couturier, Boyer, Sartory, Tavard, Leeming e outros. O choque decisivo, no entanto, veio do Papa João XXIII, considerado com razão como um papa de um tipo "novo". Ele foi o primeiro papa a insistir na **conexão entre renovação e reunião**. Ele não cessou de repetir sua esperança de que o Concílio Vaticano II, por meio de uma verdadeira renovação da Igreja, criasse a possibilidade de relações ecumênicas renovadas e frutíferas. »*

O Professor de Nimegue então apresenta as razões para estudar o anglicanismo. Entre elas, destaca-se a definição do anglicanismo como uma *via media* entre o "extremismo medieval" e o "extremismo puritano".

> *« A introdução do **Book of Common Prayer** de 1662 expressa isso muito bem, logo em sua primeira frase, dirigida aos puritanos:*
>
> *Foi a sabedoria da Igreja da Inglaterra, desde a primeira redação de sua Liturgia pública, sempre manter o meio-termo entre os dois extremos: demasiada rigidez em recusar qualquer mudança e demasiada facilidade em aceitá-las[2].*
>
> *Desde a morte de Henrique VIII, em 1547, até a restauração de 1660, o anglicanismo teve de travar uma guerra contínua em dois frentes opostas. Além disso, ele testou todas as doutrinas e práticas romanas, confrontando-as com as da Igreja indivisa dos primeiros dez séculos. Da mesma forma, comparou todas as doutrinas e práticas dos reformados e puritanos com as intenções originais dos reformadores. Ele se referiu ao testemunho primordial da Reforma,*

> *testemunho que a Igreja Anglicana sempre aceitou com tanta convicção e firmeza quanto as outras Igrejas oriundas da Reforma.*
>
> *A via media do anglicanismo, portanto, não é um caminho entre a Igreja Católica e a Reforma; ela se coloca expressamente a igual distância entre o extremismo do final da Idade Média, de um lado, e o extremismo puritano pós-Reforma, de outro. Em princípio, o anglicanismo, em suas declarações oficiais, posicionou-se ao lado da Reforma. Mas, ao mesmo tempo, recusou-se a se separar da Igreja Católica. O anglicanismo sempre nutriu a convicção de que o Concílio de Trento cumpriu apenas metade de sua tarefa e não conseguiu purificar a Igreja Católica das ideias, doutrinas, hábitos e práticas medievais que, segundo a convicção dos anglicanos, são contrárias ao puro catolicismo, aquele das Escrituras e da antiguidade cristã. »*

E, para o autor, a natureza da Igreja Anglicana (**uma seita segundo o Cardeal Franzelin e o Papa Leão XIII**) torna-se católica:

> *« Por isso, a Igreja Anglicana sempre se considerou como o **prolongamento reformado da Igreja Católica na Inglaterra**. Ela sempre deu **grande importância a uma organização eclesiástica e a uma liturgia que manifestassem claramente a continuidade com a Igreja de antes da Reforma**.*
>
> *A marca principal e característica do anglicanismo é originalmente a **moderação**, que não deve ser confundida com a **comprehensiveness**. »*

Essa ***comprehensiveness***, própria da Comunhão Anglicana, que lhe permite pretender continuar a abrigar todas as variantes, é um modelo ao qual a Igreja conciliar tem tendido a se conformar desde o fim do Vaticano II. Ela inclui tanto os metodistas quanto os anglo-católicos da **High Church**:

> *« Esta última[3], frequentemente elogiada, mas também considerada uma fraqueza, é uma marca de uma época posterior, embora esteja ligada à tendência humanista que sempre foi mais poderosa nas Igrejas Anglicanas do que nas Igrejas "reformadas" e luteranas. Em última análise, a "comprehensiveness" é um produto do latitudinarismo do século XVII, bem como das tendências aparentadas dos séculos XVIII e XIX, o liberalismo e o racionalismo.*
>
> *Até o século XVIII, a Igreja Anglicana tentou manter certa uniformidade. Não conseguiu, no entanto, impedir que correntes mais recentes, como o metodismo*

> *e o anglo-catolicismo, obtivessem um direito de existência de forma duradoura até os nossos dias. É aí que reside a causa principal da atual* ***comprehensiveness*** *do anglicanismo.*
>
> *« O anglo-catolicismo é a tendência que encontrou a oposição mais forte. Os anglicanos da ala evangélica (low Church), assim como muitos modernistas (broad Church), têm a convicção de que a tendência romanizante é fundamentalmente oposta ao caráter e à posição do autêntico anglicanismo. Portanto, não se poderia cometer erro maior do que julgar o anglicanismo apenas pelo anglo-catolicismo e, consequentemente, classificar a Igreja Anglicana entre as Igrejas de tipo "católico". Que a documentação apresentada na continuação desta obra sirva de prova convincente disso. »*

O Padre Van de Pol afirma aplicar um método fenomenológico ao anglicanismo na perspectiva do ecumenismo. Ele então apresenta a Comunhão Anglicana.

A Igreja-mãe da Comunhão Anglicana, a Igreja da Inglaterra (**coração, juntamente com a Maçonaria, do Estado Britânico moderno**), é explicada como tendo suas raízes na Suíça:

> *« Apenas a Igreja da Inglaterra (propriamente dita) é uma* ***Igreja "estabelecida" (Igreja do Estado)****. É óbvio que esse caráter não tem nada de essencial, é puramente acidental. Aliás, esse caráter pertenceu, e ainda pertence em alguns países, à Igreja que está em comunhão com Roma. O mesmo vale para a maioria das Igrejas luteranas, e foi também o caso da Igreja Reformada das Províncias Unidas e de outras Igrejas reformadas. Um estudo publicado na Alemanha em 1953, baseado na correspondência trocada no século XVI entre bispos anglicanos e os líderes da comunidade de Zurique, mostrou a* ***origem suíça do caráter de Igreja do Estado****. Esse caráter atingiu seu apogeu no final do século XVI, sob a influência do arcebispo Whitgift[4]. »*

E o Padre Van de Pol apresenta, em seus últimos parágrafos, a Comunhão Anglicana como o protótipo da ***“Igreja futura”***:

> *« Todas as Igrejas anglicanas têm em comum, no entanto, a preocupação consciente de* ***preservar a fé apostólica e o tipo de culto da Igreja dos primeiros séculos, ao mesmo tempo que assimilam ao máximo tanto as contribuições da Reforma quanto as dos movimentos atuais, na medida em que estes últimos possuem valor positivo e permanente****.*
>
> *O anglicanismo, assim, adota uma atitude característica em relação à tradição e às novas contribuições. Essa atitude está na base de sua moderação e de sua*

> ***comprehensiveness**. **Ela dá ao anglicanismo mundial a aparência de uma antecipação da Una Sancta do futuro**.*
>
> *Isso não é diminuído pela reduzida importância numérica do universo anglicano. Estima-se que o número total de seus batizados seja de cerca de quarenta milhões, com um máximo de vinte e cinco milhões de comungantes. »*
>
> *Uma recente carta pastoral dos bispos da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos (setembro de 1961) fala extensamente sobre **a vocação da Comunhão Anglicana**:*
>
> *Somos uma pequena Igreja. Nossa Comunhão Anglicana é apenas uma parte restrita de toda a comunidade cristã. Mas a vocação e a missão de uma Igreja não podem ser medidas apenas por números. Com sentimentos mistos de orgulho e humildade, podemos reconhecer que entre nossos membros há um número proporcionalmente elevado de homens e mulheres que ocupam, em nosso mundo conturbado, posições influentes e de grande responsabilidade. **Nossa visão da Grande Igreja, cuja missão se dirige a todos os homens sem distinção, está solidamente enraizada em nosso legado do passado** . É isso que nossos símbolos históricos de fé e nossa liturgia preservam. Nossa lealdade mais profunda não é aquela que nos liga à Igreja Episcopal, nem tampouco aquela que nos une à Comunhão Anglicana, mas sim aquela que nos conecta à Igreja Católica e Apostólica»[5].*
>
> *As Igrejas membros da Comunhão Anglicana possuem uma **estrutura episcopal**. Esta estrutura é fundada na **convicção** de que para qualquer pessoa que leia atentamente as Sagradas Escrituras e os autores antigos, é evidente que desde a época apostólica esses três ordens de ministros: bispos, sacerdotes e diáconos, existiram na Igreja de Cristo[6]. »*

Essa análise de um dos promotores do ecumenismo, publicada em 1967, oferece muitas chaves para interpretar a **ação ecumênica, atualmente liderada pelo Padre Ratzinger**, que tem experimentado uma aceleração desde sua eleição em 19 de abril de 2005.

Os teólogos da Fraternidade que redigiram o documento que Dom Fellay enviou aos cardeais estudaram essas questões?

Estão eles plenamente conscientes do papel fundamental e prototípico do anglicanismo no ecumenismo?

Quando o Irmão Santogrossi, promovido e prefaciado pelo Padre Barthe, veio em janeiro de 2006 apresentar sua obra sobre um "***outro ecumenismo***", como é possível que os fiéis sejam tão enganados por essa falsa retórica, **enquanto os princípios diretores revelados pelo Padre Van de Pol continuam a sustentar toda a atividade do Padre Kasper**?

Como é possível que as revistas da Tradição (*Le Sel de la Terre*, *Fideliter*, etc.) que se propõem a produzir estudos façam uma omissão total e sistemática sobre o papel da reforma anglicana, como se só existisse a versão luterana do protestantismo?

Como é possível que não haja nenhum estudo sobre esses assuntos, enquanto a Inglaterra e a Escócia são o berço da Maçonaria e a influência da Rosacruz é fundamental nesses países?

Continuemos o bom combate

Padre Michel Marchiset

---

[1] E. BENZ, História da Igreja em uma perspectiva ecumênica, Leiden, 1961. Cf. J. LORTZ, A Reforma como uma preocupação religiosa hoje, Trier, 1948, pp. 217 et ss.

[2] «*Tem sido a sabedoria da Igreja da Inglaterra, desde a primeira compilação de sua Liturgia Pública, manter o meio-termo entre os dois extremos, de demasiada rigidez em recusar e demasiada facilidade em admitir qualquer variação dela*» (*The Book of Common Prayer*, o prefácio; a primeira redação data de 1549).

[3] Abrangência

[4] KRESSNER, *Origens Suíças do Anglicanismo Estatal*, Gütersloh, 1953.

[5] «*Somos uma pequena igreja. Toda a nossa Comunhão Anglicana é uma pequena parte da comunidade cristã total. Mas o chamado e a missão de uma igreja não podem ser medidos apenas pelo número. Com orgulho e humildade misturados, podemos reconhecer que em nossa filiação se encontra uma parcela desproporcional de homens e mulheres que ocupam posições de grande responsabilidade e influência em nosso mundo tão atribulado*».

«*Secularmente consagrado em nossa herança está nossa visão da Grande Igreja, cuja missão é para todos os tipos e condições de homens. Isso é preservado para nós em nossos credos históricos enraizados nas Escrituras e em nossa oração comum. Nossa mais profunda lealdade não é para a Igreja Episcopal nem para a Comunhão Anglicana, mas para a única Igreja Católica e Apostólica*» (The Christian Century, Chicago, 1961, p. 1306, col. 1).

[6] «*É evidente para todos os homens que leem diligentemente as Sagradas Escrituras e os Autores antigos, que desde o tempo dos Apóstolos houve três Ordens de Ministros na Igreja de Cristo: Bispos, Sacerdotes e Diáconos*». (Prefácio do Ordinal, intitulado: «*A Forma e Maneira de fazer, ordenar e consagrar Bispos, Sacerdotes e Diáconos, de acordo com a Ordem da Igreja da Inglaterra*».) Este prefácio faz parte do Ordinal de 1549 e **foi reproduzido sem modificação em todas as edições posteriores. O Ordinal atualmente em vigor é o de 1662. Pode ser encontrado no final do *Prayer Book***.

CAPÍTULO I - A IMPORTÂNCIA ECUMÊNICA DO ANGLICANISMO

W. H. VAN DE POL
Doutor em Teologia, Professor na Universidade **Católica** de Nimegue
Prefácio por Monsenhor Willebrands
Tradução do neerlandês por Dom André Renard, **O.S.B.**
Les Éditions du Cerf, 29, bd Latour-Maubourg, Paris **1967**

I. A SITUAÇÃO ECUMÊNICA ATUAL

Não temos a intenção, neste capítulo, de nos alongar sobre a origem, o desenvolvimento e a problemática do movimento ecumênico[7]. No entanto, parece que uma descrição rápida da situação ecumênica atual serviria como uma boa introdução ao conjunto desta obra.

O movimento ecumênico deixou de ser, há muitos anos, um campo restrito ao domínio puramente acadêmico, reservado a um pequeno número de especialistas interessados nas diferenças confessionais, eclesiásticas e teológicas, que trocavam opiniões sobre essas questões sem acreditar na possibilidade de superar as oposições e vencer a desunião. A situação em que as Igrejas se encontram, em todo o mundo, tornou-se muito grave para permitir considerações puramente teóricas, como mero passatempo acadêmico.

Estamos agora na **«décima primeira hora» ecumênica**. Estamos atravessando, no plano religioso, uma crise que o cristianismo talvez nunca tenha experimentado antes. Muitos têm a impressão de que se trata de uma questão de "ser ou não ser". Em círculos cada vez mais amplos, muitos começam a considerar a possibilidade de um **fim próximo**.

Essas circunstâncias excluem considerações e palavras vazias; exigem soluções e ações. É por isso que o movimento ecumênico só faz sentido como **um movimento prático, em busca de resultados tangíveis**. Ele deve promover uma **mudança na atitude das Igrejas e incentivar um progresso claramente perceptível no caminho que leva à união perfeita na fé e na organização eclesiástica.**

a) A Assembleia de Nova Délhi.

Entre os resultados alcançados até agora pelo movimento ecumênico, destaca-se em primeiro lugar a criação do Conselho Ecumênico das Igrejas em 1948. Esse Conselho realizou sua terceira Assembleia em Nova Délhi no final de 1961. O número de Igrejas membros naquele momento era de 198[8].

Um olhar sobre os anos **1948 a 1961** revela que, em um período de tempo tão curto, ocorreram **uma clarificação e uma ampliação notáveis da ideia ecumênica**. As Igrejas avançaram na compreensão mútua de suas convicções religiosas e eclesiásticas.

Em Nova Délhi, em particular, ficou claro que as Igrejas estão agora unidas por um vínculo mais sólido e estreito. Um certo número de ressentimentos e preconceitos se dissiparam.

Os esforços árduos dos primeiros pioneiros do ecumenismo começam a dar **frutos visíveis e duradouros**. Vemos sinais claros disso, como a entrada da Igreja Russa do Patriarcado de Moscou no Conselho Ecumênico das Igrejas e a compreensão que ela conseguiu inspirar em relação à sua posição particular. Da mesma forma, a maneira como as Igrejas membros do Conselho Ecumênico souberam acolhê-la. Além disso, houve a recepção cordial dada aos primeiros observadores católicos oficiais, bem como os diálogos que estes mantiveram com os diversos delegados.

Muito se comentou sobre a impressão causada nos representantes das mais diferentes Igrejas pelo **serviço de comunhão anglicana**. **O acesso foi permitido a todos os que não tinham objeções a essa participação**. Certo número de delegados, é claro, sentiu-se obrigado a abster-se por motivos ditados pela fé de sua Igreja. Para todos, no entanto, esse ofício de comunhão se mostrou como uma **prefiguração do que, um dia, voltará a ser realidade para todos os cristãos e que é objeto de nossa fé, esperança e oração.**

A liturgia anglicana alcança uma elegante harmonia entre os elementos oriundos do catolicismo clássico, aqueles da Reforma e aqueles do **renovamento litúrgico atual**. Muitos viram nela, **sem dúvida, o protótipo da liturgia futura da Igreja reunida.** Pois **o renovamento litúrgico, em curso em quase todas as Igrejas, envolverá precisamente uma síntese e uma integração de tudo o que é verdadeiro, bom e belo na maneira como as diferentes Igrejas, ainda separadas, rendem a Deus louvor, honra, ação de graças e adoração na celebração da santa Eucaristia.**

Os relatos dos testemunhos mencionam unanimemente a cordialidade espontânea com a qual delegados, observadores e representantes da imprensa interagiram entre si durante a Assembleia de Nova Délhi. Os jornalistas destacaram **o espírito de cordialidade e franqueza** que prevaleceu entre todos os participantes, bem como o interesse e a paciência demonstrados por todos ao ouvir os outros exporem suas ideias, experiências e projetos.

Certamente, isso poderia ser dito também, em certa medida, das assembleias e outras conferências anteriores. Mas a impressão de muitos foi que, em Nova Délhi, mais do que nunca, todos demonstraram **uma evidente disposição para reconhecer e tratar os outros como verdadeiros cristãos**, **apesar de todas as diferenças, e até mesmo para suportar uns aos outros nos casos em que o acordo ainda não havia sido alcançado.**

A Assembleia de Nova Délhi marcará a história do Conselho Ecumênico, em particular pelos seguintes três eventos: a aceitação de uma nova base, ampliada no sentido trinitário; a integração do Conselho Internacional de Missões; e a entrada da Igreja Russa do Patriarcado de Moscou no Conselho. Mas um dos principais ganhos da Assembleia de Nova Délhi foi também a já mencionada experiência de unidade e comunhão, na qual todos aqueles que acreditam em Cristo e são batizados em seu nome se reconhecem unidos.

Alguns, às vezes, expressaram o temor de que, ao se dar demasiada importância à unidade e à cooperação já alcançadas, se favoreça **o indiferentismo doutrinário**. Esse temor, parece-me, tem sua origem em **uma mentalidade tipicamente pré-ecumênica**. Certamente, a vigilância é necessária, como destacou o arcebispo de Cantuária. O objetivo a ser alcançado não é uma unidade qualquer e indeterminada, mas precisamente uma **«unidade na verdade e na**

santidade»[9], ou seja, uma unidade da qual **nada é excluído do que está contido na revelação divina e nas palavras e obras de Cristo**.

Feita essa ressalva, podemos confiar que toda experiência séria e profunda da unidade já realizada entre os cristãos evidenciará a absurda situação da atual desunião e impedirá que se acomode a ela. Os cristãos que compreendem o quão **insuportável** é essa situação não serão inclinados a ignorar os fatos. Pelo contrário, serão motivados a realizar um estudo minucioso das causas históricas, psicológicas, teológicas e outras que estão na origem da desunião.

Esse estudo terá, entre outras consequências, o efeito de abrir os olhos para este ou aquele elemento essencial da pregação, da estrutura ou da prática de outras confissões, elementos que talvez faltem na Igreja à qual se pertence. Cada vez mais também ficará claro que **a Igreja futura** , resultante da reunião, **não será idêntica a nenhuma das Igrejas atuais, mas abraçará as riquezas de fé e de vida de todas as Igrejas**, desde que se respeite a harmonia com a revelação de Deus e o desígnio de Cristo. Dessa forma, uma valorização positiva da unidade e comunhão já alcançadas não terá o efeito de superficializar; ao contrário, incitará **à ampliação e ao aprofundamento.**

Ainda precisamos chamar a atenção para **duas mudanças** notáveis que ocorreram nos últimos anos no pensamento ecumênico.

A primeira dessas mudanças é a seguinte: em círculos cada vez mais amplos, começa-se a perceber que **a herança do passado** que molda a situação atual não é apenas algo que se aceita e aprecia, mas também algo que **deve ser examinado com um olhar crítico, à luz das exigências do presente e do futuro**. Os cristãos valorizam o papel conservador da tradição e a durabilidade de certas contribuições anteriores, que destacam um ou outro aspecto do conteúdo da Revelação. No entanto, a convicção está se espalhando de que, em muitos aspectos, **o passado é, para as Igrejas, um fardo** sob o qual, como disse um dia um bispo holandês, "a Igreja já teria sucumbido há muito tempo, se não fosse a Igreja".

Mas as Igrejas não estão apenas sobrecarregadas pelo fardo do passado. Elas também estão presas no impasse da divisão, consequência de eventos antigos, às vezes de muitos séculos atrás. Nenhuma força humana pode tirá-las dessa situação. E, no entanto, assim como acontece com o homem curvado sob o peso de seu pecado e responsabilidade, **um recomeço e um caminho para um novo futuro são possíveis**. Isso pode acontecer em Cristo, que, por sua palavra de **perdão e reconciliação**, remove o pesado fardo dos ombros do homem e faz com que todas as coisas sejam **como se a culpa nunca tivesse existido**. As Igrejas, todas e cada uma, precisam dessa libertação pela palavra e pelo espírito de Cristo.

Nesse sentido, vemos melhor a necessidade de uma **reformulação completa da história eclesiástica**. Toda história é construída a partir de pontos de vista preconcebidos. Atualmente, deseja-se **uma "história da Igreja em uma perspectiva ecumênica"[10].**

Antigamente, não apenas as pesquisas históricas, mas também os estudos fenomenológicos, teológicos e dogmáticos sobre a Igreja eram frequentemente realizados com **intenções polêmicas e apologéticas**. Hoje em dia, esses estudos precisam cada vez mais ser **situados em**

uma perspectiva ecumênica, revelando as causas da desunião e os caminhos para a unidade (incluindo a unidade teológica) sob uma luz mais claramente ecumênica.

Aqui está **a outra mudança**: os círculos ecumênicos estão percebendo cada vez mais que a união interior entre os cristãos, por meio do amor, da compreensão e da cooperação, **não deve esperar que uma solução definitiva seja encontrada para os difíceis problemas que ainda persistem**. Certamente, uma solução precisará ser alcançada um dia. Mas, a longo prazo, essa solução só parecerá possível se for baseada em **uma verdadeira unidade interior, já descoberta e já experimentada**.

A Assembleia de Nova Délhi, conforme mencionamos, contribuiu amplamente para a formação dessa **unidade interior**. Toda a Assembleia aprovou o relatório da terceira seção sobre o objetivo ecumênico a ser buscado e o caminho a seguir, e recomendou-o para exame atento das Igrejas. Isso é um fato importante.

O objetivo final do ecumenismo é descrito da seguinte forma no relatório da seção Unidade:

2. Cremos que a unidade, que é ao mesmo tempo o dom de Deus e a sua vontade para a sua Igreja, se torna manifesta quando todos aqueles que, em um mesmo lugar, são ***batizados em Jesus Cristo*** *e o confessam como Senhor e Salvador, são conduzidos pelo Espírito Santo a uma* ***comunidade total****, confessam a mesma fé apostólica, pregam o mesmo Evangelho, partilham o mesmo pão, se unem em uma oração comum, visando uma vida comunitária que resplandece no testemunho e no serviço de todos e, ao mesmo tempo, estão* ***em comunhão com*** *toda a comunidade cristã, em todos os lugares e em todos os tempos, de modo que* ***o ministério e a qualidade de membros são reconhecidos por todos e todos podem agir e falar juntos****, conforme as circunstâncias, para que as tarefas às quais Deus chama seu povo sejam cumpridas. Cremos que devemos orar e trabalhar por tal unidade[11].*

Este parágrafo, o principal do relatório, pode justamente ser considerado a ***Magna Charta*** **do movimento ecumênico.** Ele resume os resultados das deliberações da seção Unida. Seu objetivo é **acima de tudo expressar a visão comum da fé na Igreja do futuro**. Ele busca afirmar a convicção, fundamentada na fé, de que **a plena unidade visível será um dia restaurada**. Aqueles que já estão unidos pela fé e pelo batismo estão a caminho da manifestação plena e visível dessa comunhão, na Igreja una, santa, católica e apostólica.

A primeira parte do relatório da seção Unida explica o significado dos termos e expressões comumente usados no parágrafo principal. A segunda parte faz uma análise minuciosa e detalhada das **implicações concretas**, para o Conselho e para as Igrejas membros, do **objetivo final** exposto acima. Ela indica uma série de **questões que permanecem em aberto.** O relatório também faz sugestões sobre os **meios concretos** a serem empregados para facilitar a realização do objetivo proposto.

O relatório lembra que o **reconhecimento mútuo da validade do batismo** sempre foi a **base** (*foundation stone*) de todo encontro e diálogo ecumênico. Ele conclui com a necessidade de um exame cuidadoso das consequências que decorrem, para o diálogo e seus parceiros, da pertença de todos os batizados à Igreja Católica e de sua união ao Corpo Místico de Cristo. A unidade e a

comunhão que já são reais devem ser levadas muito a sério por todos os envolvidos.

O relatório também enfatiza, como já fazia a encíclica *Mystici Corporis*, que o vínculo da fé e do batismo, por si só, não é suficiente para expressar plenamente a unidade da Igreja. As Igrejas devem examinar cuidadosamente o que é essencial e, portanto, necessariamente exigido para a restauração completa da unidade:

Nossa união com Deus é um mistério que supera nosso entendimento; ela frustra nossos esforços para expressá-la perfeitamente. Mas, assim como Cristo veio a este mundo de forma visível e salvou seres de carne e osso, essa união deve encontrar sua expressão visível[12].

O relatório adverte contra uma **desvalorização da visão da unidade final**. É preciso evitar o erro antigo de imaginar a Igreja unida como uma organização humana ou uma instituição jurídica. A Igreja é, antes de tudo, um organismo que nasce e vive pela ação do Espírito Santo. Ela é uma **realidade dinâmica**, na qual se fala e se escuta, se recebe e se dá. Por isso, os autores do relatório descreveram **a Igreja do futuro em termos de "comunhão" em vez de "Igreja"**, como se poderia esperar.

b) Desenvolvimentos recentes

O movimento ecumênico está claramente no início de uma **nova fase** de sua existência. Isso se deve, entre outras coisas, ao fato de que **as duas mais importantes Igrejas de tipo católico expressaram claramente sua intenção de contribuir de maneira oficial e construtiva para a busca da unidade cristã.**

A Igreja Ortodoxa Russa, no momento de sua admissão ao Conselho Ecumênico, declarou que sua intenção não era permanecer como um membro passivo; ela expressou a esperança de poder contribuir positivamente para a unidade, participando das conversas e outras atividades do Conselho.

A Igreja Católica em comunhão com a Sé Apostólica de Roma não se contentou em enviar observadores oficiais à Assembleia do Conselho Ecumênico em Nova Délhi. Ela criou um **"Secretariado para a Unidade dos Cristãos"**, tornando possível a continuidade das **relações oficiais com o Conselho Ecumênico** e, quando necessário, com as diversas Igrejas membros[13].

Nos Países Baixos, observa-se uma clara melhoria nas relações entre a Igreja Católica e as Igrejas da Reforma. Estas últimas enviaram delegados à reunião na qual a **nova tradução católica do Novo Testamento** foi apresentada ao cardeal Alfrink. Elas também participaram da inauguração, pelo cardeal, do centro ecumênico "Den Eikenhorst", próximo a Boxtel, em novembro de 1961.

As cartas pastorais, coletivas ou não, dos bispos holandeses, assim como os discursos do cardeal Alfrink em 1960 e 1961, testemunham **a atenção dada pelo episcopado aos princípios ecumênicos**. Os bispos têm a convicção de que as relações entre as Igrejas e entre os cristãos devem estar enraizadas na caridade. Eles estão cientes de que uma consciência autêntica e **uma verdadeira mentalidade ecumênica levariam a uma mudança radical na atitude dos cristãos uns em relação aos outros.** Eles também sabem que uma convicção firme é

necessária para que o movimento ecumênico seja fortemente apoiado e estimulado[14].

Dando diretrizes sobre "os limites e as possibilidades de comunhão religiosa entre católicos e protestantes", os bispos holandeses rejeitam como **não ecumênica qualquer conversa que ainda não tenha superado o estágio da controvérsia e da polêmica** ou que seja "animada pela esperança de se converter mutuamente a seu respectivo modo de pensar e viver, considerando-o como a vida e o pensamento cristãos em sua totalidade, em toda a sua pureza e plenitude"[15].

A nova fase do movimento ecumênico é caracterizada por uma verdadeira reviravolta nas relações interconfessionais.

A reviravolta foi preparada pela obra de pioneiros católicos do ecumenismo, entre os quais se destacam Pribilla, Congar, Lortz, Karrer, Couturier, Boyer, Sartory, Tavard, Leeming e outros. O choque decisivo, no entanto, veio do Papa João XXIII, considerado com razão como um Papa de um "novo" tipo. Ele foi o primeiro Papa a insistir na conexão entre renovação e reunião**. Ele não parou de repetir sua esperança de que o Concílio Vaticano II, por meio de uma verdadeira renovação da Igreja, criaria a possibilidade de relações ecumênicas renovadas e frutíferas.**

Em várias ocasiões, João XXIII declarou-se convencido de que a Igreja Católica, em sua realidade humana, merecia censura pela origem e continuação da desunião**. Por** **seu lado, o Papa Paulo VI expressou publicamente o arrependimento pelo que outros cristãos tiveram que suportar por parte dos católicos**.

Os protestantes expressam muitas vezes a queixa de que seus correligionários sofrem perseguições ou vexames em certos países católicos. Será necessário examinar a validade dessa queixa. O Vaticano certamente tomará as medidas necessárias para o desaparecimento de eventuais abusos. O Vaticano não deseja nada mais do que viver em paz com todos os cristãos, de acordo com as exigências da caridade cristã. Que os protestantes estejam plenamente certos disso[16].

Na Inglaterra, a visita do anterior arcebispo de Cantuária ao Papa resultou na melhoria desejada nas relações entre católicos e anglicanos. D. Heenan, arcebispo de Westminster, depois de ter sido bispo de Liverpool, disse dessa visita que ela foi "**o gesto mais forte desde séculos** (the most powerful gesture for centuries)".

O mesmo arcebispo é membro do Secretariado para a Unidade. Ele criou na Inglaterra um secretariado nacional semelhante. Este pode ser considerado o homólogo católico do "Conselho de Relações Exteriores" da Igreja Anglicana, sob a autoridade do arcebispo de Cantuária. O Conselho Anglicano, aliás, instituiu recentemente uma comissão para as relações com os católicos romanos.

A reviravolta nas relações entre as Igrejas é, certamente, um motivo de nova esperança. Contudo, ela não torna o caminho da unidade mais curto ou mais fácil. Ela não elimina a necessidade de se precaver contra esperanças prematuras e aventuras irresponsáveis. A moderação, a prudência, o autocontrole e a sabedoria permanecem necessários. Eles só podem beneficiar o progresso do ecumenismo.

O progresso atual do movimento ecumênico assume três formas diferentes.

1 - A primeira é a **mudança profunda que se introduziu na atitude das Igrejas**. A maneira como elas se encontram, se julgam e se tratam mutuamente é diferente da de antigamente. As Igrejas ganharam em **modéstia** em suas relações com as outras. Elas tomaram consciência dos limites e do caráter relativo dos elementos humanos de sua vida. Elas têm, menos do que antes, **a tendência de se glorificar por possuir a verdade, porque perceberam que é a verdade que as possui**. Mesmo sem serem perturbadas em sua confissão de fé, elas veem, melhor do que no passado, que outras Igrejas não são menos sincera e firmemente apegadas à verdade de suas crenças.

A verdade de Deus é absoluta em sua imutabilidade. No entanto, as Igrejas não conseguem **se acordar sobre o conteúdo da revelação divina, nem sobre a maneira pela qual esta nos é transmitida**. O diálogo é destituído de sentido, a menos que seja concedida plena liberdade a todos os parceiros de expor e defender suas convicções mais profundas. Todos os participantes do diálogo devem também estar dispostos a levar a sério o testemunho prestado por cada um dos outros. Eles precisam ouvir esse testemunho, não apenas pro forma, mas de maneira existencial.

A discussão polêmica e a intenção manifesta de **apanhar os outros em falta** revelam-se cada vez mais contrárias ao espírito ecumênico. Anti-ecumênica também aparece **a pretensão de uma Igreja que se eleva acima das outras** e que, recusando ouvi-las, **decreta o que elas devem crer e fazer**. As Igrejas estão cada vez mais dispostas a retornar **à Sagrada Escritura** como "o ponto de partida, a base e o centro de todo diálogo ecumênico"[17], e a partir dela iniciar um intercâmbio franco e leal.

2 - O progresso se refere então a um segundo aspecto. Meio século de diálogo ecumênico mostrou progressivamente às Igrejas que nenhuma união se fará enquanto cada Igreja acreditar que é seu dever se apegar a um ponto de vista **adotado no passado**, a uma característica **fixada de uma vez por todas**, a uma tradição e uma prática eclesiásticas **a nunca sacrificar**.

A permanência dessa **noção estática** da Igreja limitará as trocas àquelas de informações e manterá as Igrejas no status quo. **Todas as coisas permanecerão em seu estado antigo e nenhum progresso será possível.**

Alguns indícios permitem acreditar que o movimento ecumênico **superou essa fase estática e puramente informativa**. Cada vez mais, é possível falar de uma **dinâmica do ecumenismo**. Um fator notável da mudança de mentalidade foi a descoberta feita pelas Igrejas de que elas tinham que largar muito lastro de natureza convencional e que elas deveriam reconsiderar sua doutrina, sua vida, sua liturgia e sua constituição. Elas também percebem que precisam estar **abertas às contribuições recentes nos campos da exegese, da teologia e das ciências afins**. Elas finalmente veem que **devem dar mais atenção ao conjunto do Ecumenismo do que a si mesmas, que devem se interessar mais pelo crescimento da Igreja do futuro do que por seu particularismo pertencente ao passado.**

Cada vez mais também, as Igrejas se tornaram **dinâmicas internamente**. **Em quase todas elas está atualmente em curso uma revisão das estruturas, da liturgia e das fórmulas de fé.**

Em quase todo lugar, manifesta-se a influência de **novas noções teológicas**. Essa mobilidade torna mais fácil para as Igrejas, em suas relações mútuas, adotar **uma atitude desapegada em relação a suas próprias características**. Isso também lhes permite ser mais livres **para adotar mudanças importantes em sua doutrina, estrutura e liturgia** que atendam às necessidades de nosso tempo e favoreçam a aproximação e a união. Sem essa **flexibilidade**, sem essa **renovação**, sem essa **abertura para o futuro**, a fé na união não passa de uma ilusão.

3 - Em terceiro lugar, torna-se cada vez mais evidente que a reunião depende da **disposição das Igrejas**, não apenas para ouvir, mas também para **reconhecer** quando necessário seu caráter unilateral e, se for o caso, **seus próprios erros**. Ela depende de sua prontidão em **se deixar instruir pelos outros e receber deles o que lhes falta**. A união é um processo de crescimento pelo qual tudo o que havia de verdadeiro, bom e belo nas Igrejas separadas é integrado na plenitude da **Igreja futura**.

A unidade não exige uma **rígida uniformidade**. Basta simplesmente tornar o olhar da fé mais penetrante, para que seja capaz de distinguir claramente o que, por um lado, é essencialmente dado na Revelação e, portanto, pertence necessariamente à fé, e, por outro lado, as muitas **formas de expressão que são acidentais**. As Igrejas devem refletir juntas sobre essa distinção. **Com os olhos voltados para a Igreja do futuro**, se perguntará: quais são **os elementos essenciais que não se podem perder**, porque são dados na Revelação? Quais são **as expressões da fé e da vida que são acidentais**, deixando, portanto, grande latitude ao julgamento das comunidades e dos indivíduos?

Os progressos das Igrejas no caminho da integração dinâmica tornarão cada vez mais evidente que se trata, em definitivo, da relação entre a Igreja e o Evangelho. A própria Igreja tem um lugar no Evangelho; seu ser mais profundo só pode ser compreendido a partir do Evangelho. Por sua vez, o Evangelho só ressoa no interior da Igreja; ele não pode ser anunciado em toda a sua pureza e verdade senão na Igreja e por ela. A Igreja e o Evangelho se exigem mutuamente, assim como Palavra e Sacramento. A reunião dos cristãos se identificará em grande parte a uma nova e completa integração da Igreja e do Evangelho[18].

---

[7] Leia sobre este assunto: W.H. VAN DE POL, De Œkumene, Roermond, 1961; trad. alemã: Probleme und Chancen der OEkumene, Munique, 1962.

[8] *The New Delhi Report*, Londres, 1962. O capítulo I (pp. 1-55), redigido pelo americano Samuel Cavert, narra a história da Assembleia de Nova Deli.

[9] A.M. RAMSEY, *Unity, Holiness and Truth*, em *The Ecumenical Review*, vol. 14, nº 2, janeiro de 1962, p. 188.

[10] E. BENZ, Kirchengeschichte in ökumenischer Sicht, Leiden, 1961. Cf. J. LORTZ, Die Reformation als religiöses Anliegen heute, Trier, 1948, pp. 217 et ss.

[11] *The New Delhi Report*, p. 116. - A versão francesa oficial, reproduzida aqui, encontra-se em *Irénikon*, tomo 35, 1962, p. 506, e em DC, 59, 1962, col. 125. (Nota do tradutor)

[12] Ibid., p. 118, parágrafo 5 (DC, 1962, col. 126).

[13] Desde a redação destas páginas, **a criação de um comitê misto, composto por delegados do Conselho Ecumênico e da Igreja Católica é um fato consumado**. O Comitê Central do Conselho Ecumênico, reunido em Enugu (Nigéria) em janeiro de 1965, havia tomado a iniciativa de recomendar sua formação (ver DC, 62, 1965, col. 370-373). **O cardeal Bea**, presidente do Secretariado para a Unidade, anunciou publicamente, durante sua visita à sede do Conselho Ecumênico em Genebra, em 18 de fevereiro de 1965, a aceitação por Roma deste comitê misto (ver DC, ibid., col. 646-647). A primeira reunião do Comitê Misto ocorreu em Bossey em maio de 1965 (ibid., col. 1109, 1110). Um grupo de trabalho similar foi constituído com a Federação Luterana Mundial, em julho de 1965. (Nota do tradutor.)

[14] *Analecta van het Aartsbisdom Utrecht*, 34º ano, nº 1, p. 7; ver também nº 3 pp. 89 e ss., e nº 11, pp. 239 e ss.

Cf. também a carta pastoral coletiva dos bispos holandeses por ocasião da Assembleia de Nova Deli, ibid., nº 11, pp. 234 e ss. (Tradução do último documento em DC, 1962, col. 144-145).

[15] Ibid., nº 12, pp. 249 e ss. - Essas diretrizes episcopais apareceram em tradução francesa em DC, 1962, col. 689-697. A passagem visada está na base da col. 695. (Nota do tradutor.)

[16] Desde a redação destas páginas, a questão foi examinada pelo Concílio Vaticano II e foi objeto da **Declaração sobre a liberdade religiosa e civil**. (Nota do tradutor.)

[17] *Analecta van het Aartsbisdom Utrecht*, 34º ano, nº 3, p. 95.

[18] Jean GUITTON, L'Église et l'Évangile, Paris, 1959; G. TAVARD, Holy Writ or Holy Church, Londres, 1959 (trad.: *Ecriture ou Église? La crise de la Réforme*, col. "Unam Sanctam", Ed. du Cerf, Paris, 1963). *The Lambeth Conference*, 1958, Londres, 1958, II, pp. 3 e ss., p. 13 e ss. Essas páginas contêm o relatório da comissão sobre a autoridade e a mensagem da Sagrada Escritura. O presidente da comissão era o Dr. A.M. Ramsey, então arcebispo de York. Ver também: A.M. Ramsey, The Gospel and the Catholic Church, Londres, 2ª ed., 1956.

II. RAZÕES PARA ESTUDAR O ANGLICANISMO

A situação ecumênica que acabamos de descrever parece-me justificar um estudo particular do anglicanismo. Pois a **natureza** das Igrejas da Comunhão Anglicana e a posição que elas ocupam lhes conferem **um lugar à parte**. Por sua própria natureza, elas parecem destinadas a **desempenhar um papel particular na reunião de todos os cristãos**.

A primeira razão reside, parece-me, no fato de que a Igreja da Inglaterra e as outras Igrejas da Comunhão Anglicana se interessaram constantemente, durante três quartos de século, pelo exame das possibilidades de união. Elas se entregaram a um exame sistemático dos problemas ecumênicos, esforçaram-se em estabelecer relações e entrar em diálogo em todas as direções. Nisto tudo, elas agiram como **precursoras do movimento ecumênico oficial**.

Geralmente se faz coincidir o nascimento do movimento ecumênico com a Conferência Internacional das Missões, realizada em Edimburgo em 1910. Na realidade, as primeiras resoluções e as primeiras atividades conscientemente ecumênicas situam-se, do lado anglicano, na terceira Conferência de Lambeth, assembleia dos bispos da Comunhão Anglicana que ocorreu em 1888.

Uma segunda razão está ligada à primeira. A Comunhão Anglicana dedicou muitos anos ao estudo e à discussão da ideia ecumênica em diálogo com os representantes de outras Igrejas. Isso lhe permitiu propor uma noção cuidadosamente equilibrada para o exame das outras Igrejas, numa época em que as grandes Conferências de *Life and Work* (Estocolmo 1925) e de *Faith and Order* (Lausanne 1927) ainda não haviam ocorrido. Referimo-nos aqui ao Apelo de Lambeth, pelo qual a sexta Conferência da Comunhão Anglicana, em 1920, instava todas as Igrejas, sem distinção, a levar muito a sério a restauração da unidade[19].

Percebemos hoje que os tempos não estavam maduros para acolher esse **apelo à cooperação de todas as Igrejas**. Elas ainda eram muito estranhas umas às outras, ainda muito animadas pelo espírito de controvérsia. Basta lembrar com que hesitação e dificuldade os participantes das Conferências de Estocolmo e Lausanne, e mais tarde também de Oxford e Edimburgo em 1937, abriram caminho no emaranhado de contradições e mal-entendidos com os quais se viram subitamente confrontados. Pense-se também em quão difícil lhes era mostrar-se compreensivos diante da rigidez, suscetibilidades e exigências de Igrejas estranhas a eles.

Há uma terceira razão, de fato **a principal**, para dar atenção privilegiada ao anglicanismo. É a natureza, o espírito e a mentalidade que lhe são próprios, bem como o lugar à parte que a Igreja Anglicana ocupa entre as demais Igrejas.

O período pré-ecumênico estava impregnado de um espírito de polêmica que tornava difícil ver as coisas dessa maneira. Séculos de lutas pela verdade haviam convencido cada Igreja de que ela possuía a verdade, enquanto o erro pertencia às outras Igrejas. As Igrejas haviam se acostumado a uma atitude puramente negativa em relação às outras. Tornou-se para elas uma certeza a priori que tudo, nelas, era o melhor que havia, enquanto as outras eram condenadas, sem mesmo serem compreendidas, simplesmente pelo motivo de que eram outras.

Nesse ambiente, o anglicanismo não podia esperar muito simpatia da parte das Igrejas não anglicanas. Ele parecia a muitos um fenômeno equívoco, do qual não se sabia bem o que pensar. Os protestantes calvinistas e puritanos o viam como uma ameaça católica. Os católicos romanos o consideravam intrinsecamente protestante. Muitos o viam como uma emanação do Estado, com base no oportunismo, ou como um bastião do humanismo, do idealismo e do racionalismo. Poucos tinham algo de bom a dizer sobre ele.

Na conjuntura ecumênica atual, as Igrejas adquiriram mais humildade. Elas se tornaram mais críticas em relação a si mesmas. Elas não mais consideram as diferenças encontradas nas outras Igrejas como puros produtos do erro ou da decadência. Elas aprenderam a apreciar muitos aspectos de forma positiva. Os contatos ecumênicos fizeram desaparecer boa parte da autossatisfação, dos mal-entendidos e dos preconceitos. Tudo isso faz com que o caminho esteja aberto a uma maior compreensão dos princípios religiosos, eclesiológicos e escriturísticos que têm guiado os anglicanos desde a época da Reforma. Esses princípios estão na base do caráter próprio e original da estrutura eclesiástica do anglicanismo, de seu culto, de sua doutrina e teologia, de sua espiritualidade e de sua mentalidade.

Esse caráter próprio e original do anglicanismo provém, em primeiro lugar, do esforço consciente empreendido pelos bispos e teólogos do século XVI para manter em equilíbrio o barco da Igreja Anglicana no meio das tempestades da época. O curso seguido por eles não foi a busca de um compromisso que pudesse satisfazer todos os partidos. Foi, ao contrário, imposto por um princípio aceito com plena convicção, o princípio da **moderação**. Isso se depreende não apenas dos documentos oficiais e da volumosa correspondência trocada com os reformadores do continente, mas também da obra dos teólogos anglicanos, principalmente de Jewel e Hooker.

O prefácio do *Book of Common Prayer* de 1662 expressa isso muito bem, já em sua primeira frase, dirigida aos puritanos:

Foi a sabedoria da Igreja da Inglaterra, desde a primeira redação de sua Liturgia Pública, sempre manter o meio-termo entre os dois extremos: muita rigidez em recusar qualquer mudança, e muita facilidade em admiti-las[20].

Desde a morte de Henrique VIII, ocorrida em 1547, até a Restauração de 1660, o anglicanismo teve que travar uma guerra contínua em dois fronts opostos. Além disso, colocou à prova todas as doutrinas e práticas romanas, confrontando-as com as da Igreja indivisa dos dez primeiros séculos. Com igual perseverança, comparou todas as doutrinas e práticas dos reformados e puritanos com as intenções originais dos reformadores. Ele se referiu ao testemunho primordial da Reforma, testemunho que a Igreja Anglicana sempre aceitou com tanta convicção e firmeza quanto as outras Igrejas oriundas da Reforma.

O "via media" do anglicanismo, portanto, não é um caminho entre a Igreja Católica e a Reforma; ele se mantém expressamente a igual distância entre o extremismo da Idade Média tardia, por um lado, e o extremismo puritano após a Reforma, por outro. Em princípio, o anglicanismo se posicionou, em suas declarações oficiais, ao lado da Reforma. Mas ao mesmo tempo, ele se recusou a se separar da Igreja Católica. O anglicanismo sempre nutriu a convicção de que o Concílio de Trento apenas realizou metade de sua tarefa e não conseguiu purificar a Igreja Católica das ideias, doutrinas, hábitos e práticas medievais que, segundo a convicção dos anglicanos, são opostos ao catolicismo puro, aquele da Escritura e da antiguidade cristã.

Por isso, a Igreja Anglicana sempre se considerou **o prolongamento reformado da Igreja Católica na Inglaterra**. Ela sempre atribuiu grande importância a uma organização eclesiástica e a uma liturgia que manifestam claramente a continuidade com a Igreja anterior à Reforma.

A marca principal e característica do anglicanismo é originalmente a **moderação**, que não se deve confundir com a "comprehensiveness". Esta última, frequentemente elogiada, mas também considerada uma fraqueza, é a marca de uma época posterior, embora esteja ligada à tendência humanista que sempre foi mais forte nas Igrejas anglicanas do que nas Igrejas "reformadas" e luteranas. Em última análise, a "comprehensiveness" é um produto do latitudinarismo do século XVII, bem como das tendências afins dos séculos XVIII e XIX, o liberalismo e o racionalismo.

Até o século XVIII, a Igreja Anglicana tentou manter uma certa uniformidade. No entanto, ela não pôde impedir que correntes mais recentes, como o metodismo e o anglo-catolicismo, obtivessem um direito de cidadania de forma duradoura até nossos dias. É aí que reside a principal causa da atual "comprehensiveness" do anglicanismo.

O anglo-catolicismo é a tendência que encontrou a mais forte oposição. Os anglicanos da ala evangélica (low Church), mas também muitos modernistas (broad Church) têm a convicção de que a tendência romanizante é fundamentalmente oposta ao caráter e à posição do anglicanismo autêntico. Não se poderia, portanto, cometer maior equívoco do que julgar o anglicanismo apenas pelo anglo-catolicismo e, consequentemente, classificar a Igreja Anglicana entre as Igrejas de tipo "católico". Espera-se que a documentação apresentada na sequência desta obra forneça uma prova convincente disso.

---

[19] O Apelo de Lambeth será estudado mais adiante, no capítulo IV, p. 113.

[20] "Tem sido a sabedoria da Igreja da Inglaterra, desde a primeira compilação de sua Liturgia Pública, manter o meio-termo entre os dois extremos, de demasiada rigidez em recusar e demasiada facilidade em admitir qualquer variação dela" (*The Book of Common Prayer*, o prefácio; a primeira redação data de 1549).

III. PONTO DE VISTA E MÉTODO DESTE ESTUDO

Os fatos, as circunstâncias e as possibilidades mencionadas até agora, consideradas em conjunto, são mais do que suficientes para justificar amplamente uma descrição do anglicanismo sob o ângulo do ecumenismo.

Não nos enganaremos, estamos seguros disso, sobre o móvel deste estudo. Ele não procede de uma preocupação apologética ou dogmática. Não temos de modo algum a intenção de provar qualquer coisa, a favor ou contra o anglicanismo. A Igreja que está em comunhão com a Sé de Cantuária é, ou não, a verdadeira Igreja? O anglicanismo é, ou não, a única forma de cristianismo que seja pura e fiel à Escritura? Tais questões são estranhas às nossas preocupações.

O propósito desta obra pertence diretamente à **fenomenologia**. Seu objetivo é expor, analisar e explicar os caracteres próprios, as posições, as maneiras de ver do anglicanismo e as propostas que ele sugere, na medida em que tudo isso **apresenta um interesse para o ecumenismo** e na medida em que se possa encontrá-lo nos documentos oficiais.

O anglicanismo de que trata este livro é o anglicanismo oficial, autêntico, aquele no qual a maioria dos anglicanos se reconhece. Sem dúvida, acontecerá de nos ocuparmos das "modalidades" extremas, as dos evangélicos, dos modernistas e dos anglo-católicos. Mas essas formas extremas não são representativas do anglicanismo como tal.

Um estudo estritamente fenomenológico pode cumprir uma **função importante na preparação do encontro e do diálogo ecumênicos. Ele ajuda a torná-los possíveis, contribui para seu significado e fecundidade**. O fracasso das conferências ecumênicas é com muita frequência atribuível a um conhecimento insuficiente da situação concreta que forma o quadro do diálogo e à ignorância das armadilhas e possibilidades contidas nessa situação.

Uma das condições a serem cumpridas pela fenomenologia para que ela seja capaz de desempenhar seu papel com utilidade é que ela **se abstenha de antecipar os resultados eventuais do encontro ecumênico**. Ela deve deixar o cuidado integral disso aos parceiros do diálogo. A fenomenologia não tem a tarefa de fornecer soluções antecipadamente.

O serviço que o fenomenólogo procura prestar exige da sua parte **objetividade e imparcialidade** . Sem dúvida, ele possui pessoalmente uma convicção religiosa e uma filiação eclesial. No entanto, isso não impede que, no exercício de sua função de fenomenólogo, ele só possa se tornar útil se se esforçar conscienciosamente em expor "o fenômeno" de uma maneira plenamente conforme à realidade. Por mais penoso que lhe seja, ele deve, enquanto oferecer seus serviços de

fenomenólogo, **abstrair de sua convicção pessoal**. **O leitor, portanto, não deve esperar encontrar neste livro nem uma apologia nem uma refutação do anglicanismo. Tampouco deve pedir ao autor que apresente uma justificativa de sua própria fé.**

O autor tem a intenção de estudar o anglicanismo a partir das contribuições que este trouxe, desde o século passado, **para a solução do problema ecumênico**. Em contrapartida, ele deseja iluminar o problema ecumênico a partir da natureza própria do anglicanismo. Em outras palavras, o problema ecumênico será tratado **na perspectiva anglicana**, e o anglicanismo será estudado na perspectiva ecumênica.

Essa abordagem certamente não é a única possível. Ela não pretende ser a melhor, nem a única correta. Desejamos simplesmente fazer uso desse método, raramente utilizado, para tentar **esclarecer o caráter muitas vezes controverso do anglicanismo.** Queremos também, com a ajuda desse mesmo método, tentar **clarificar a natureza complexa e multiforme do problema ecumênico.**

Os próprios anglicanos escreveram muito sobre o anglicanismo, sobre seu lugar e sua vocação, e sobre seu pensamento e ação ecumênicos dos últimos anos[21].

A "abrangência" (*comprehensiveness*) quase ilimitada do anglicanismo permite que todas as vozes se façam ouvir. Disso resulta uma certa dificuldade em determinar o que, nessa produção, é tipicamente anglicano. Nem sempre é fácil saber também se as opiniões pessoais dos autores e as sugestões que eles fazem encontram a aprovação das autoridades oficiais.

Foi necessário, portanto, escolher um método que assegure o máximo de objetividade e que permita, consequentemente, traçar do anglicanismo uma imagem fiel à realidade e, ao mesmo tempo, recolocar o anglicanismo no conjunto do Ecumenismo.

Para chegar a esse objetivo, uma pesquisa limitada apenas à Igreja da Inglaterra não poderia ser suficiente. Pelo contrário, foi necessário ampliar o ponto de partida para o conjunto da Comunhão Anglicana. Esta conta com dezessete Igrejas anglicanas autônomas, distribuídas por toda a Terra. O sentimento comum a todas essas Igrejas se expressa melhor nos relatórios das assembleias decenais realizadas por seus bispos. Conhecidas como Conferências de Lambeth, essas assembleias, inauguradas em 1867, foram realizadas nove vezes, a última em 1958.

Os relatórios publicados após as Conferências de Lambeth serão a principal fonte de nosso estudo[22]. Cada um desses relatórios se divide em três seções: primeiro, uma carta encíclica, depois as resoluções adotadas pelo conjunto da Conferência, e finalmente o texto completo dos relatórios apresentados à Conferência pelas diversas comissões.

Na utilização dos materiais retirados desses relatórios, seremos guiados pelos três documentos confessionais, considerados como as fontes autorizadas da doutrina e da prática anglicanas. São eles: o *Book of Common Prayer*, os *39 Artigos da Religião* e o *Ordinal* (ou livro das ordenações). Os dois últimos textos são reproduzidos nos exemplares correntes do *Book of Common Prayer* da Igreja da Inglaterra.

Também utilizaremos os relatórios, oficiais ou oficiosos, apresentados ao longo dos anos ao arcebispo de Cantuária e que tratam das relações entre a Igreja Anglicana e as outras Igrejas.

Finalmente, faremos referência a publicações de autores particulares na medida em que elas ajudem a apreciar corretamente os dados retirados das fontes oficiais.

---

[21] Veja o guia bibliográfico no final da obra.

[22] Os relatórios das seis primeiras Conferências de Lambeth (1867, 1878, 1888, 1897, 1908 e 1920) foram reunidos em um único volume: The Six Lambeth Conferences, Londres, 1920. Os relatórios das três conferências seguintes foram publicados separadamente, mas sob um título uniforme: *The Lambeth Conference*, ao qual é acrescentado o ano: 1930, 1948 e 1958.

IV. APRESENTAÇÃO DA COMUNHÃO ANGLICANA

Gostaríamos, para ajudar o leitor a se orientar, de terminar este capítulo com uma breve apresentação da Igreja da Inglaterra e da Comunhão Anglicana.

A *Comunhão Anglicana* é constituída por uma série de Igrejas que têm entre si a plena intercomunhão e que, todas, reconhecem a Igreja da Inglaterra como sua Igreja-mãe e concedem ao arcebispo de Cantuária o posto de "primus inter pares" dos bispos anglicanos.

O anuário oficial da Igreja da Inglaterra para 1962 contava dezessete Igrejas independentes, membros da Comunhão Anglicana, com um total de 298 dioceses[23].

Quarenta e três dessas dioceses pertencem à Igreja da Inglaterra. A elas devem ser acrescentados catorze dioceses situadas fora da Grã-Bretanha, mas que não fazem parte de nenhuma das outras Igrejas independentes. Essas dioceses estão sob a jurisdição metropolitana imediata do arcebispo de Cantuária. Cinco delas foram agrupadas em 1957 para formar a arquidiocese de Jerusalém, mas esta ainda não chegou ao status de Igreja autônoma. Ela permanece, em última instância, sob a responsabilidade do arcebispo de Cantuária.

A Igreja da Inglaterra compreende duas províncias, a de Cantuária e a de Iorque. O arcebispo de Cantuária tem o título de *Primate of All England*, o de Iorque tem o título de *Primate of England[24]* .

O princípio sobre o qual se baseia a Igreja da Inglaterra é que a Reforma do século XVI não ocasionou descontinuidade na organização da Igreja, apesar das mudanças introduzidas na doutrina e na liturgia. Estas foram, no entanto, realizadas em pleno acordo com os princípios fundamentais dos reformadores continentais.

A Sé de Cantuária, erigida em 597 por Agostinho, por ordem do Papa Gregório, o Grande, permaneceu a principal Sé arquiepiscopal da Ecclesia anglicana. O Dr. A.M. Ramsey, que foi empossado em 1961, é o centésimo arcebispo de Cantuária. O Dr. F.D. Coggan o sucedeu na Sé arquiepiscopal de Iorque, que foi erigida em 627. Londres, Durham, Winchester e vários outros Sés estão entre as dioceses que datam de antes da Reforma. Por outro lado, os bispados de Birmingham, Blackburn, Bradford, Guildford, Leicester, Portsmouth e alguns outros datam apenas do século XX.

Apenas a Igreja da Inglaterra (propriamente dita) é **Igreja "estabelecida" (Igreja de Estado).** É evidente que esse caráter não tem nada de essencial, é puramente acidental. Aliás, esse caráter

pertenceu, e ainda pertence em certos países, à Igreja que está em comunhão com Roma. Ele também vale para a maioria das Igrejas luteranas, e foi o de Igreja reformada das Províncias Unidas, assim como de outras Igrejas reformadas. Um estudo publicado na Alemanha em 1953 e baseado na correspondência trocada no século XVI entre bispos anglicanos e os líderes da comunidade de Zurique, mostrou **a origem suíça do caráter de Igreja de Estado**. Esse caráter atingiu seu apogeu no final do século XVI, sob a influência do arcebispo Whitgift[25].

Todos os países protestantes conheceram, desde o século XVI, uma **estreita associação entre a Igreja e o Estado**. O fenômeno da separação entre a Igreja e o Estado não tem sua origem na Reforma, é muito mais tardio. Ele se deve, principalmente nas Igrejas "reformadas", à influência do pietismo e do liberalismo.

As relações entre a Igreja e o Estado na Inglaterra também se modificaram de forma significativa, especialmente com a instituição da *Church Assembly* e com a introdução do *Enabling Act* de 1919. A Igreja da Inglaterra esforça-se atualmente para se livrar dos últimos resquícios da tutela exercida pelo Estado sobre a Igreja.

O título de "chefe supremo da Igreja da Inglaterra", que Henrique VIII havia se arrogado, foi modificado para o de "Soberano supremo" durante o reinado de Elizabeth I. Esse título significa simplesmente que nenhum aspecto da existência nacional pode se subtrair à soberania do príncipe, como aliás diz o direito eclesiástico em sua revisão de 1959:

> ***Nós reconhecemos que a Muito Excelente Majestade da Rainha, agindo de acordo com as leis do país, é o poder mais elevado depois de Deus neste reino, e que ela possui a autoridade suprema sobre todas as pessoas em todos os assuntos, tanto eclesiásticos quanto civis[26]***.

A separação (*disestablishment*) e a desapropriação (*disendowment*) da Igreja já foram realizadas na Igreja Episcopal da Escócia (em 1689 pelo rei Guilherme III), na Igreja da Irlanda (em 1871) e na Igreja do País de Gales (em 1920). Essas três Igrejas anglicanas da Grã-Bretanha e da Irlanda são totalmente independentes da Igreja da Inglaterra.

As outras treze Igrejas membros da Comunhão Anglicana são: a Igreja Episcopal Protestante da América, que conta com cerca de cem dioceses e aproximadamente 3 milhões e meio de batizados, dos quais dois milhões bons de comungantes; a Igreja da Índia, do Paquistão, de Birmânia e do Ceilão; a Igreja Anglicana do Canadá (a única a se dar oficialmente o epíteto de anglicana); a Igreja da Inglaterra na Austrália e Tasmânia; a Igreja da Província da Nova Zelândia; a Igreja da Província das Índias Ocidentais; a "Chung Hua Shang Kung Hai" (a Santa Igreja **Católica** na China); a "Nippon Sei Ko Kai" (a Igreja **Católica** japonesa); a Igreja da Província da África Central; a Igreja da Província da África Oriental; e a Igreja de Uganda e Ruanda-Burundi.

Todas essas Igrejas formam juntas a Comunhão Anglicana. Elas nasceram da Igreja da Inglaterra, seja pela emigração de cristãos anglicanos para os territórios ultramarinos, seja pela atividade das Sociedades missionárias anglicanas. Embora, no direito eclesiástico, elas sejam totalmente

independentes da Igreja da Inglaterra, elas mantiveram a plena comunhão eclesiástica com esta.

Uma aberração da consciência continental às vezes leva a classificar os anglicanos junto com os membros das Igrejas livres da Inglaterra e da América (metodistas, batistas, etc.) sob a denominação comum de "cristianismo anglo-saxão". Mas isso cria confusão nos espíritos. Pois o anglicanismo está enraizado de maneira muito profunda e sólida no cristianismo continental há quase vinte séculos, para que possa ser colocado no mesmo plano que as Igrejas "livres", que se separaram mais ou menos da tradição da Igreja.

Quanto ao nome oficial das Igrejas anglicanas, uma delas se dá ao mesmo tempo por **episcopal** e protestante (a dos Estados Unidos), outras duas se qualificam explicitamente de católicas, duas de episcopais e apenas uma (a do Canadá) retoma, desde 1955, o epíteto de anglicana.

No entanto, todas as Igrejas anglicanas têm em comum a preocupação consciente de **preservar a fé apostólica e o tipo de culto da Igreja dos primeiros séculos, ao mesmo tempo em que assimilam ao máximo tanto as contribuições da Reforma quanto as das correntes atuais, na medida em que estas últimas possuem um valor positivo e permanente**.

O anglicanismo tem assim uma atitude característica em relação à tradição e às novas contribuições. Essa atitude está na base de sua moderação e de sua "comprehensiveness". **Ela confere ao anglicanismo mundial a figura de uma antecipação da Una Sancta do futuro.**

Isso não é diminuído em nada pela importância numérica reduzida do universo anglicano. Estima-se o número total de seus batizados em cerca de quarenta milhões, o de seus comungantes em no máximo vinte e cinco milhões.

Uma recente carta pastoral dos bispos da Igreja Episcopal Protestante da América (setembro de 1961) fala longamente sobre **a vocação da Comunhão Anglicana**:

Somos uma Igreja pequena. Nossa Comunhão Anglicana é apenas uma parte restrita do conjunto da comunidade cristã. Mas a vocação e a missão de uma Igreja não podem ser medidas apenas por números. Com sentimentos mistos de orgulho e humildade, podemos reconhecer que entre nossos membros há um número proporcionalmente elevado de homens e mulheres que ocupam, em nosso mundo atribulado, postos influentes e de grande responsabilidade. **Nossa visão da Grande Igreja cuja missão se dirige a todos os homens sem distinção, está solidamente enraizada em nossa herança do passado**. É isso que nossos símbolos de fé históricos e nossa liturgia nos conservam. Nossa fidelidade mais profunda não é a que nos liga à Igreja Episcopal, nem tampouco a que nos une à Comunhão Anglicana, mas sim a que nos liga à Igreja Católica e Apostólica"[27].

As Igrejas membros da Comunhão Anglicana possuem uma **estrutura episcopal**. Esta se baseia na **convicção** de que *para quem quer que leia com cuidado a Sagrada Escritura e os autores antigos, é evidente que desde a época apostólica esses três ordens de ministros: bispos, presbíteros e diáconos, existiram na Igreja de Cristo[28]*.

Os anglicanos consideram as funções, os ofícios e o culto público como pertencentes à Igreja universal, embora revestidos de uma forma tradicional própria das Igrejas anglicanas. É

assim que o título completo do *Book of Common Prayer* é: "O livro da Oração Pública e outros ritos e cerimônias da Igreja (ou seja, **da Igreja universal**), segundo o uso da Igreja da Inglaterra (ou da Escócia, etc.)"[29].

Segundo a concepção anglicana, **a continuidade de toda a Igreja de todos os séculos encontra sua fonte, sua garantia e sua expressão no episcopado histórico, ou seja, no cargo episcopal na medida em que este se apoia em uma sucessão episcopal ininterrupta**. A eclesiologia dos episcopais implica que somente os bispos detêm o poder de ordenar certas pessoas ao ministério pela imposição das mãos acompanhada de orações (ordenar, consagrar). A ordenação conferida por presbíteros comporta de fato uma certa sucessão no ministério, mas, aos olhos da Igreja Anglicana, ela não deixa de constituir uma ruptura e, portanto, uma falha na continuidade histórica com o conjunto da Igreja de todos os séculos.

À parte o anglo-catolicismo, o anglicanismo oficial se caracteriza por sua **relutância em tirar as conclusões decorrentes, para certas Igrejas, da ruptura na continuidade histórica**. Em termos positivos, **as Igrejas da Comunhão Anglicana gostam de repetir que as funções do ministério nas Igrejas não episcopais não são menos evidentemente abençoadas por Deus, embora não repousem sobre uma ordenação ou consagração.** Um defeito desse tipo na designação do ministério à função eclesiástica, se estiver de acordo com a legislação da Igreja em questão, **não deve levar à conclusão de que a pregação, os atos sacramentais e o culto público estão desprovidos de frutos ou vazios de todo "efeito de graça".**

As Igrejas anglicanas concordam entre si sobre a **estrutura episcopal da Igreja**. Elas têm ainda em comum uma concepção da natureza, da forma ou do conteúdo do culto tal como este se expressa no *Book of Common Prayer* (chamado, brevemente, de *Prayer Book*). Cada Igreja independente possui seu próprio *Prayer Book*, de estrutura semelhante ao das outras Igrejas, mas comportando muitas particularidades de detalhe nos textos e nas orações. O mesmo se aplica à organização episcopal das Igrejas. Cada uma, de fato, incorporou o episcopado à sua maneira em uma ou outra forma de sistema sinodal, no qual é representado o elemento leigo, tanto masculino quanto feminino.

Apesar da unidade que reina entre elas, as Igrejas anglicanas se diferenciaram progressivamente umas das outras. Essa diferenciação pode ser devida em parte à sua evolução própria: algumas delas revestem um caráter evangélico-protestante bastante acentuado, enquanto outras se orientam mais ou menos claramente no sentido do anglo-catolicismo. As **diferenças crescentes** devem ser atribuídas, principalmente, ao fato de que quase todas as Igrejas seguem seus próprios caminhos na revisão em andamento da liturgia, da doutrina e do direito eclesiástico. Se ainda se mantém uma certa linha de conduta comum nessas questões, ela é assegurada principalmente pelas deliberações dos bispos nas Conferências de Lambeth.

De tempos em tempos, manifestam-se **tensões** entre uma das Igrejas anglicanas e o conjunto dessa Comunhão. É assim que muitos anglicanos da tendência evangélica sentem descontentamento, insatisfação e decepção diante das atitudes contraditórias que se manifestaram em relação ao projeto de Igreja unida de Ceilão (Lanka). Com efeito, esse projeto recebeu o apoio de toda a Comunhão Anglicana na Conferência de Lambeth de 1958, enquanto a proposta de admitir a Igreja de Lanka na plena comunhão, submetida em 1961 aos sínodos

(Convocações) da Igreja da Inglaterra, não obteve adesão unânime. Voltaremos a esse assunto no capítulo intitulado "União na Índia"[30].

A "comprehensiveness" do anglicanismo o obriga a levar em conta todos os matizes na tomada de decisões. Ela é também a fonte de problemas e tensões de natureza ecumênica no seio mesmo da Comunhão Anglicana. Nesse sentido, **a Comunhão Anglicana representa um microcosmo do Ecumenismo**.

---

[23] *The Official Year-Book of the National Assembly of the Church of England 1962*, Londres, 1962, pp. 25 e ss.

[24] O leitor continental fará bem em se desfazer da ideia corrente que confunde Inglaterra e Grã-Bretanha. A Igreja da Inglaterra (ou anglicana no sentido primitivo e estrito) cobre apenas a Inglaterra propriamente dita, excluindo, portanto, o País de Gales e a Escócia. Esses dois últimos "países" têm cada um sua Igreja (anglicana no sentido amplo de membro da Comunhão Anglicana) independente. (Nota do tradutor.)

[25] KRESSNER, *Schweizer Ursprrünge des anglikanischen Staatskirchentums*, Gütersloh, 1953.

[26] "Reconhecemos que Sua Majestade a Rainha, agindo de acordo com as leis do reino, é o mais alto poder sob Deus neste reino e tem autoridade suprema sobre todas as pessoas em todas as causas, tanto eclesiásticas quanto civis" (Canon Law Revision 1959, art. I, Londres, 1960, p. 2)

[27] "Somos uma pequena igreja. Toda a nossa Comunhão Anglicana é uma pequena parte da comunidade cristã total. Mas o chamado e a missão de uma igreja não podem ser medidos apenas pelo número. Com orgulho e humildade misturados, podemos reconhecer que em nossa filiação se encontra uma parcela desproporcional de homens e mulheres que ocupam posições de grande responsabilidade e influência em nosso mundo tão atribulado.

"Secularmente consagrado em nossa herança está nossa visão da Grande Igreja, cuja missão é para todos os tipos e condições de homens. Isso é preservado para nós em nossos credos históricos enraizados nas Escrituras e em nossa oração comum. Nossa mais profunda lealdade não é para a Igreja Episcopal nem para a Comunhão Anglicana, mas para a única Igreja Católica e Apostólica" (The Christian Century, Chicago, 1961, p. 1306, col. 1).

[28] "É evidente para todos os homens que leem diligentemente as Sagradas Escrituras e os Autores antigos, que desde o tempo dos Apóstolos houve três Ordens de Ministros na Igreja de Cristo: Bispos, Sacerdotes e Diáconos". (Prefácio do Ordinal, intitulado: "A Forma e Maneira de fazer, ordenar e consagrar Bispos, Sacerdotes e Diáconos, de acordo com a Ordem da Igreja da Inglaterra".) Este prefácio faz parte do Ordinal de 1549 e foi reproduzido sem modificação em todas as edições posteriores. O Ordinal atualmente em vigor é o de 1662. Pode ser encontrado no final do *Prayer Book*.

[29] "O Livro de Oração Comum e Administração dos Sacramentos e outros Ritos e Cerimônias da Igreja de acordo com o uso da Igreja da Inglaterra".

[30] Ver capítulo VI, pp. 187-197.

LA SALETTE: VERDADES E MENTIRAS, CONSEQUÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

Tradução do material em arquivo pdf disponível no site Les Amis du Christ Roi de France

- Introdução
- História da Aparição
  - História da Aparição
  - Mélanie Calvat
  - A aparição da Santíssima Virgem na montanha de La Salette
  - A Bela Senhora Senta-se no Nosso "Paraíso" Sem o Derrubar
  - Como os eclesiásticos receberam o Segredo?
  - A missão de Mélanie: fazer o clero aceitar a mensagem da Virgem Maria
- O que a Santíssima Virgem Maria nos ensina em La Salette

    - Os grandes responsáveis pelos males profetizados pela Santíssima Virgem são os sacerdotes
    - Males que os pecados dos sacerdotes causam à Igreja
    - Horrível atentado das missas sacrílegas
    - Cartas de Mélanie sobre o clero
    - Ministério estéril
    - Roma perderá a fé. A Igreja será eclipsada
    - Cadeia de eventos previstos no Segredo

- Conclusão
- Anexos
    - A « Visão »
    - Visão de Mélanie Calvat sobre os castigos vindouros
    - A ordem religiosa solicitada pela Santíssima Virgem em La Salette foi frustrada pelo bispo de Grenoble
    - Regra dos Apóstolos dos Últimos Tempos dada pela Santíssima Virgem a Mélanie
    - O Segredo de Mélanie foi censurado por Roma?
    - J. Vaquié (Compêndio de Demonologia: extratos)
    - J. Vaquié (Reflexões sobre os inimigos em manobra: extratos)

Introdução

> *Os céus falam suficientemente para que os crentes compreendam e insuficientemente para que os incrédulos não compreendam.*
> Pascal

Para realizar meu modesto trabalho, inspirei-me nos seguintes escritos:

- « A verdadeira Mélanie de La Salette » por Hyacinthe Guilhot
- « A Igreja está eclipsada » por Louis-Hubert Remy
- « A batalha preliminar » por Jean Vaquié
- « A interpretação do Apocalipse » do Padre de Clorivière
- « Meditações para os padres » do R.P. Mach: http://www.a-c-r- f.com/documents/R P MACH Le-tresor-du-pretre.pdf
- « Meditações para os padres » do abade Chevassu
- « Refutação da condenação pelo abade Ricossa do Segredo de La Salette » de Maurice Canioni: http://www.a-c-r-f.com/documents/Canioni-Maurice La-Salette.pdf
- Diversos textos publicados, notadamente pelos redatores dos sites da Internet *Virgo Maria* e *Rore Sanctifica*.

Gostaria de agradecer a todos esses autores por seus trabalhos tão consideráveis. Queiram me perdoar se diminuo de alguma forma o alcance de seus escritos.

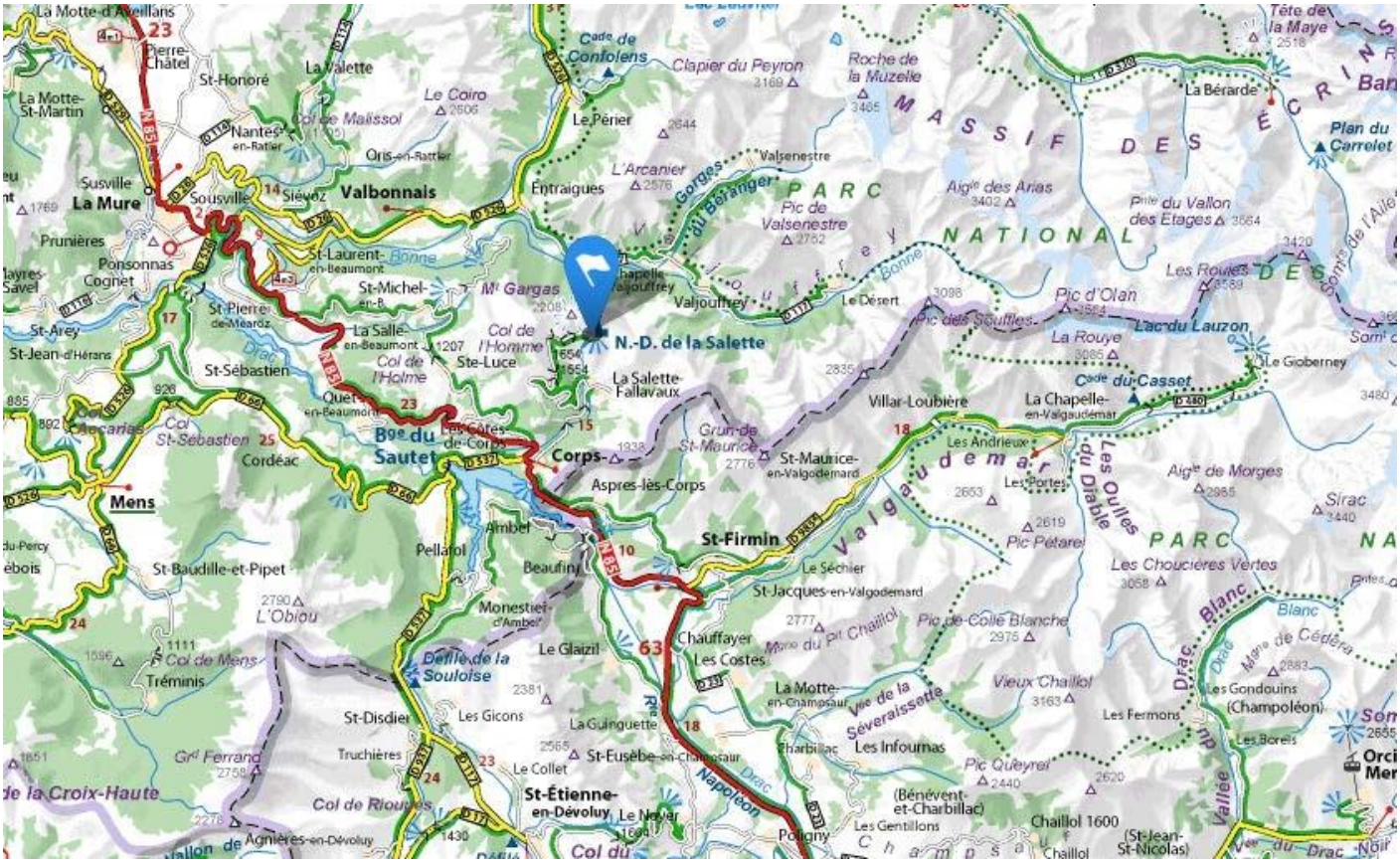
Neste exposé, começaremos fazendo um histórico da aparição, destacando a história extraordinária de Mélanie Calvat, a vidente de La Salette, e a reação dos eclesiásticos em relação ao Segredo confiado a Mélanie. Em seguida, na segunda parte, estudaremos os ensinamentos que a Santa Virgem quis nos dar durante essa aparição.

Image not f

História da Aparição

História da Aparição

No dia 19 de setembro de 1846, a Santíssima Virgem Maria aparece para Mélanie Calvat e Maximin Giraud, pequenos pastores de respectivamente 15 e 10 anos, em La Salette, acima do vilarejo de Corps, no departamento de Isère. Ela confia a ambos uma mensagem para ser conhecida imediatamente por todo o seu povo, e a cada um deles uma mensagem secreta, que poderão publicar mais tarde. Mélanie poderá publicar a sua a partir de 1858.


N.-D. de la Salette
Valbonnais
La Mure
Corps
St-Firmin
Mens
Valjouffrey
Le Désert
Villar-Loubière
Les Andrieux
Aspres-lès-Corps
St-Maurice-en-Valgodemard
St-Jacques-en-Valgodemard
Le Séchier
Chauffayer
Les Costes
Le Glaizil
Pellafol
Beaufin
Ambel
St-Baudille-et-Pipet
Tréminis
St-Disdier
Les Gicons
La Guinguette
St-Eusèbe-en-Champsaur
Le Collet
St-Étienne-en-Dévoluy
Le Noyer
Poligny
Les Infournas
Les Fermons
Les Gondouins (Champoléon)
Les Choucières Vertes
Pic de Colle Blanche
Pic Pétarel
Pic Quèyrel
Chaillol 1600
(St-Jean-St-Nicolas)
Vieux Chaillol
Aigle des Arias
Pic d'Olan
Pic de Valsenestre
Roche de la Muzelle
Clapier du Peyron
Le Périer
Entraigues
L'Arcanier
Le Coiro
Mt Gargas
Col de l'Homme
Col de l'Holme
Ste-Luce
La Salette-Fallavaux
Col St-Sébastien
Col de Riousset
Col de Maïssol
Col de Manse
Col de Poligny
Col du Noyer
Col de la Croix-Haute
Grd Ferrand
Pierre-Châtel
St-Honoré
La Valette
Nantes-en-Ratier
Oris-en-Rattier
Susville
Sousville
Sièvoz
Prunières
Ponsonnas
Cognet
St-Laurent-en-Beaumont
St-Michel-en-B.
St-Pierre-de-Mésroz
St-Arey
St-Jean-d'Hérans
St-Sébastien
Quet-en-Beaumont
La Salle-en-Beaumont
Les Côtes-de-Corps
Cordéac
Bge du Sautet
Monestier-d'Ambel
Le Désert
Les Portes
La Chapelle-en-Valgaudémar
Le Gioberney
Lac du Lauzon
La Rouye
Les Roues
Pic des Souffles
Pic d'Olan
Aigle de Morges
Sirac
Les Oulles du Diable
Vallée du Drac Blanc
Vallée de la Séveraissette
Défilé de la Souloise
Napoléon
Drac
Drac Noir
Gorges du Béranger
Cade de Confolens
Cade du Casset
Plan du Carrelet
Pointe du Vallon des Étages
Pointe de Valsenestre
Mare du Pt Chaillol
Mare de Cédéra
Bonne
Séveraisse
Valgaudemar
Massif des Écrins
Parc National
Chaillol
Bénévent-et-Charbillac
Les Gentillons
Les Borels
Orcières-Merlette
Tête de la Maye
Barre des Écrins
Col de Maïssol
Col de Manse
Col de Poligny
Col du Noyer
Col de la Croix-Haute
Col de Riousset
Col de Mens
Col de Lacariaz
Col St-Sébastien
Col de l'Homme
Col de l'Holme
Col de Maïssol
Col de Riousset
Col de la Croix-Haute
Col de Poligny
Col du Noyer
Col de Manse
Col de Lacariaz
Col de Mens

Mélanie Calvat

Image not found or type unknown

Mélanie Calvat nasceu em uma família pobre no dia 7 de novembro de 1831. Conhecemos sobre sua infância através do que ela mesma escreveu em 1900 em « A Vida de Mélanie, Pastora de La Salette (sua infância) ». Ficamos surpreendidos por:

- O caráter extraordinário dos fatos relatados nesta autobiografia, seja por causas puramente humanas, seja por uma explicação sobrenatural;
- O número e a dureza das provas enfrentadas por Mélanie;
- A elevação dos sentimentos que ela expressa e a heroicidade das virtudes que ela reconhece implicitamente ter praticado;

Por essas razões, esta autobiografia teve detratores, assim como o Segredo confiado a Mélanie pela Santíssima Virgem em 19 de setembro de 1846, mas, se admitirmos que Mélanie teve o privilégio de ver a Santa Virgem em La Salette, o que impede que ela possa, como afirma, ter sido favorecida com outras aparições antes dessa data? Negar isso não faz sentido.

Além disso, é impossível que a Sabedoria infinita de Deus tenha querido confiar uma mensagem da mais alta importância e de alcance universal a uma criança destinada a perder a razão e a se perder em relatos imaginários, aptos a desacreditar essa mesma mensagem e comprometer sua

eficácia. Se o Bom Deus frequentemente se compraz em escolher os instrumentos mais humildes e humanamente menos qualificados (em aparência), jamais a loucura foi admitida entre os atributos desses instrumentos. Não. Mélanie nunca apresentou o menor desequilíbrio intelectual.

O que se revela, então, é que, assim como Santa Joana d'Arc foi preparada por "suas vozes" para a grande missão à qual Nosso Senhor Jesus Cristo a destinava, do mesmo modo o Céu preparou Mélanie, desde a mais tenra infância, para receber a grande mensagem da Santíssima Virgem em La Salette, no dia 19 de setembro de 1846, e para seu futuro ministério junto aos sacerdotes.

Então, Mélanie Calvat era uma Santa? Cabe à Igreja julgar! No entanto, é impossível ocultar os inúmeros testemunhos da virtude de Mélanie. A título de exemplo, aqui está o da Comunidade das Visitandinas de Roma, à qual Mélanie foi confiada por Leão XIII, para que ela pudesse redigir a Regra dada pela Mãe de Deus e as Constituições.

> « *...Sua conduta e suas palavras logo nos revelaram quanta grande santidade estava encerrada nessa alma de elite... É-nos impossível relatar todas as virtudes que vimos praticar a essa grande serva de Deus; apenas podemos assegurar que era uma alma totalmente absorta em Deus, sem que a menor afetação a tornasse singular. Suas palavras eram sempre boas e edificantes e ela se deleitava em falar da Santíssima Virgem. Humilde e agradecida, considerava-se indigna das pequenas atenções que lhe dispensavam, dizendo agradavelmente, nessas ocasiões, que ela não passava de uma boa e simples pastora... Antes de ela nos deixar, nossa muito honrada Madre quis nos proporcionar a consolação de ouvir de sua boca o relato da Aparição da Santa Virgem na Montanha de La Salette. Mélanie obedeceu e, na presença de toda a Comunidade, contou-nos essa maravilhosa Aparição com tanta simplicidade e humildade que, ao final, todos ficaram comovidos até as lágrimas; e permanecemos grandemente edificadas* ». (Fragmento copiado e traduzido para o francês do diário da Comunidade das Salesianas romanas (Visitandinas), redigido pela Irmã Marie-Christine; via Superiora. Citado em «Sœur Marie de la Croix», abade Gouin, Suplemento ao Imparcial, nº 27, 1970).

O testemunho e a vida de Mélanie Calvat são de grande importância para compreender bem o alcance da mensagem da Santíssima Virgem Maria em La Salette. Como veremos, **Mélanie lutou, de fato, toda a sua vida para difundir essa mensagem àqueles que ela interessa de modo especial: os sacerdotes**.

A aparição da Santíssima Virgem na montanha de La Salette

Vamos agora narrar a aparição.

Estamos no dia 18 de setembro de 1846, nos Alpes dauphinoises, a alguns quilômetros de Corps.

Mélanie Calvat, uma menina de quinze anos, está lá, cuidando das vacas de seu patrão, proprietário do povoado de Ablandins. Ela brinca conversando com as pequenas flores do Bom Deus, quando aparece um menino de dez anos, que ela não conhece. Maximin Giraud, esse é seu nome, também está cuidando de um pequeno rebanho e gostaria de brincar com Mélanie. Mas, ciumenta de sua liberdade, Mélanie, sem dizer uma palavra, se afasta do intruso. Ele a alcança. Ela se afasta novamente. E assim por várias vezes, até que, tomada de piedade, Mélanie faz sinal para Maximin sentar-se e, após longos minutos, consente em falar com ele. Eles se conhecem melhor, compartilham o pão que Mélanie trouxe para seu almoço. Ao anoitecer, voltam juntos para Corps, combinando se encontrar no dia seguinte.

No dia 19 de setembro, os dois pastores retornam juntos para a montanha. No caminho, Mélanie descobre em seu pequeno companheiro qualidades que lhe agradam. Ele é alegre, simples, atencioso, não é teimoso, mas um pouco curioso... Ele quer saber o que ela conta para as pequenas flores do Bom Deus...

Chegam ao pasto.

No final da manhã, Mélanie decide construir o que ela chama de *paraíso*. Há, nas proximidades, pedras e flores. Não é preciso mais nada. Logo, o *paraíso* se ergue... não muito alto... Cobrem-no com uma grande pedra, com flores por cima e pelos lados...

O dia está muito bonito. Nenhuma nuvem e, neste dia de setembro, o sol ainda está muito quente. Levantados bem cedo, nossos dois pastores são tomados pelo sono. Eles se deitam na grama e adormecem.

Aqui está a continuação do relato que a Irmã MARIA DA CRUZ, Vítima de Jesus, nascida Mélanie Calvat, Pastora de La Salette, fez ela mesma da aparição, enquanto se encontrava em CASTELLAMARE, em 21 de novembro de 1878. Este relato foi publicado com o Imprimatur de Dom Zola, bispo de Lecce, em 15 de novembro de 1879 :

http://www.a-c-r-f.com/documents/Le-secret-de-melanie.pdf.

A Bela Senhora Senta-se no Nosso "Paraíso" Sem o Derrubar

> « Tendo acordado e não vendo nossas vacas, chamei Maximin e subi o pequeno montículo. De lá, vendo que nossas vacas estavam deitadas tranquilamente, desci e Maximin subia, quando de repente vi uma bela luz, mais brilhante que o sol, e mal consegui dizer essas palavras: “Maximin, você vê, ali? Ah! Meu Deus!” Ao mesmo tempo deixei cair o bastão que tinha na mão. Não sei o que estava acontecendo dentro de mim naquele momento delicioso, mas me sentia atraída, sentia um grande respeito cheio de amor, e meu coração queria correr mais rápido do que eu.
>
> Eu olhava intensamente para aquela luz que estava imóvel, e como se ela tivesse se aberto, avistei uma luz muito mais brilhante e que estava em movimento, e dentro daquela luz uma Senhora muito bonita sentada em nosso “Paraíso”, com a cabeça nas mãos. A Senhora bonita levantou-se, cruzou moderadamente os braços enquanto nos olhava e nos disse: “Aproximem-se, meus filhos, não tenham medo; **estou aqui para anunciar uma grande novidade!**” Essas palavras doces e suaves me fizeram voar até ela, e meu coração queria se grudar a ela para sempre. Chegando bem perto da Senhora bonita, diante dela, à sua direita, ela começou o discurso, e lágrimas começaram a cair de seus lindos olhos.
>
> “Se o meu povo não quiser se submeter, sou forçada a deixar a mão do meu Filho agir. Ela é tão pesada e tão carregada que não posso mais retê-la.
>
> “Há tanto tempo eu sofro por vocês! Se eu quiser que meu Filho não os abandone, sou incumbida de orar incessantemente. E vocês, não se importam com isso. Podem rezar, fazer o que quiserem, nunca poderão recompensar a dor que eu suportei por vocês.
>
> «Eu vos dei seis dias para trabalhar, reservei o sétimo para mim, e não querem me concedê-lo. É isso que torna tão pesado o braço do meu Filho.

«Aqueles que conduzem as carroças não sabem falar sem colocar o Nome do meu Filho no meio. São essas duas coisas que tornam tão pesado o braço do meu Filho.

«Se a colheita se estraga, é apenas por causa de vocês.

«Eu lhes mostrei isso no ano passado com as batatas; vocês não deram importância; pelo contrário, quando encontravam algumas estragadas, vocês blasfemavam e usavam o Nome do meu Filho. Elas continuarão a se estragar, no Natal não haverá mais».

Aqui eu tentava interpretar a palavra: *pommes de terre*; acreditava entender que isso significava maçãs. A bela e boa Senhora, adivinhando meu pensamento, retomou assim:

«Vocês não me compreendem, meus filhos? — Vou dizer de outra forma».

A tradução em francês é esta:

«Se a colheita se estraga, é apenas por causa de vocês; eu lhes mostrei isso no ano passado com as batatas, e vocês não deram importância; pelo contrário, quando encontravam algumas estragadas, vocês blasfemavam e usavam o Nome do meu Filho. Elas continuarão a se estragar, e no Natal não haverá mais.

«Se vocês têm trigo, não devem semeá-lo.

«Tudo o que semearem, os animais comerão; e o que vier, cairá tudo em pó quando vocês o baterem. Virá uma grande fome. Antes que a fome chegue, as crianças pequenas abaixo de sete anos terão tremores e morrerão nos braços das pessoas que as segurarem; os outros farão penitência pela fome. As nozes ficarão ruins; as uvas apodrecerão».

Aqui, a bela Senhora que me encantava ficou um momento sem se fazer ouvir; eu via, no entanto, que ela continuava, como se estivesse falando, a mover graciosamente seus amáveis lábios. Maximin recebia então seu segredo. Em seguida, dirigindo-se a mim, a Santíssima Virgem me falou e me deu um segredo em francês. Eis aqui o segredo inteiro, tal como ela me deu:

«Mélanie, o que vou lhe dizer agora não será sempre secreto: você poderá publicá-lo em **1858**.

«Os padres, ministros de meu Filho, os padres por sua má vida, por suas irreverências e sua impiedade ao celebrar os santos mistérios, pelo amor ao dinheiro, amor à honra e aos prazeres, os padres se tornaram cloacas de impureza. Sim, os padres pedem vingança, e a vingança está suspensa sobre

suas cabeças. Ai dos padres e das pessoas consagradas a Deus que por suas infidelidades e sua má vida crucificam novamente meu Filho! Os pecados das pessoas consagradas a Deus clamam ao Céu e pedem vingança, e eis que a vingança está às suas portas, pois não há mais ninguém para implorar misericórdia e perdão para o povo; não há mais almas generosas, não há mais ninguém digno de oferecer a Vítima imaculada ao Eterno em favor do mundo [1].

«Deus vai castigar de uma maneira sem precedentes.

«Ai dos habitantes da terra! Deus vai esgotar Sua cólera, e ninguém poderá escapar de tantos males reunidos.

«Os chefes, os condutores do povo de Deus **negligenciaram a oração e a penitência**, e o demônio **obscureceu suas inteligências**; eles se tornaram essas estrelas errantes que o velho diabo arrastará com sua cauda para fazê-las perecer. Deus permitirá que a velha serpente coloque **divisões** entre os governantes, em todas as sociedades e em todas as famílias; sofrer-se-á penas físicas e morais; **Deus abandonará os homens a si mesmos**, e enviará castigos que se sucederão por mais de trinta e cinco anos.

«A Sociedade está às vésperas dos flagelos mais terríveis e dos maiores acontecimentos; deve-se esperar ser governado por uma vara de ferro e beber o cálice da cólera de Deus.

«Que o Vigário de meu Filho, o Soberano Pontífice Pio IX, não saia mais de Roma após o ano de 1859; mas que seja firme e generoso, que combata com as armas da fé e do amor; eu estarei com ele.

«Que ele desconfie de Napoleão; seu coração é duplo, e quando ele quiser ser ao mesmo tempo Papa e imperador, logo Deus se retirará dele: ele é aquela águia que, querendo sempre se elevar, cairá sobre a espada que queria usar para obrigar os povos a se fazerem elevar.

«A Itália será punida por sua ambição em querer sacudir o jugo do Senhor dos Senhores; assim, ela será entregue à guerra; o sangue correrá por todos os lados; **as igrejas serão fechadas ou profanadas; os padres e os religiosos serão expulsos; serão mortos, e mortos de uma morte cruel. Muitos abandonarão a fé, e o número de padres e religiosos que se separarão da verdadeira religião será grande; entre essas pessoas se encontrarão até mesmo Bispos.**

«Que o Papa se mantenha em guarda contra os fazedores de milagres, pois chegou o tempo em que os prodígios mais surpreendentes acontecerão na terra e nos ares.

«No ano de 1864, Lúcifer com um grande número de demônios serão soltos do inferno: eles abolirão a fé pouco a pouco e mesmo nas pessoas consagradas a Deus: eles as cegarão de tal maneira que, a menos de uma graça particular, essas pessoas tomarão o espírito desses anjos maus: várias casas religiosas perderão inteiramente a fé e perderão muitas almas.

«Os maus livros abundarão sobre a terra, e os espíritos das trevas espalharão por toda parte um relaxamento universal para tudo o que diz respeito ao serviço de Deus; eles terão um poder muito grande sobre a natureza: haverá igrejas para servir esses espíritos. Pessoas serão transportadas de um lugar a outro por esses espíritos maus, e até mesmo padres, porque eles não se terão conduzido pelo bom espírito do Evangelho, que é um **espírito de humildade, de caridade e de zelo pela glória de Deus**. Far-se-á ressuscitar mortos e justos (*isto é, esses mortos tomarão a figura das almas justas que viveram na terra, a fim de melhor seduzir os homens; esses supostos mortos ressuscitados, que não serão outra coisa senão o demônio sob essas figuras, pregarão um outro Evangelho contrário ao do verdadeiro Cristo Jesus, negando a existência do Céu, ou ainda as almas dos condenados. Todas essas almas parecerão como unidas a seus corpos*). **Haverá em todos os lugares prodígios extraordinários, porque a verdadeira fé se extinguiu e a falsa luz ilumina o mundo. Ai dos Príncipes da Igreja que estarão ocupados apenas em acumular riquezas sobre riquezas, em salvaguardar sua autoridade e em dominar com orgulho!**

«O Vigário de meu Filho terá muito que sofrer, porque por um tempo a Igreja será entregue a grandes perseguições: será o tempo das trevas; **a Igreja terá uma crise terrível**.

«A santa fé de Deus sendo esquecida, cada indivíduo quererá se guiar por si mesmo e ser superior aos seus semelhantes. Abolir-se-ão os poderes civis e eclesiásticos, toda ordem e toda justiça serão pisoteadas; não se verá senão homicídios, ódio, inveja, mentira e discórdia, sem amor pela pátria nem pela família.

«O Santo Padre sofrerá muito. Estarei com ele até o fim para receber seu sacrifício.

«Os maus atentarão várias vezes contra sua vida sem poder prejudicar seus dias; mas nem ele, nem seu sucessor..., verão o triunfo da Igreja de Deus.

«Os governantes civis terão todos um mesmo desígnio, que será abolir e fazer desaparecer todo princípio religioso, para dar lugar ao materialismo, ao ateísmo, ao espiritismo e a todos os tipos de vícios.

«No ano de 1865, ver-se-á a abominação nos lugares santos; nos conventos, as flores da Igreja estarão putrefatas e o demônio se tornará como o rei dos corações. Que aqueles que estão à frente das comunidades religiosas se mantenham em guarda para as pessoas que devem receber, porque o demônio usará toda a sua malícia para introduzir nas ordens religiosas pessoas entregues ao pecado, pois as desordens e o amor aos prazeres carnais serão espalhados por toda a terra.

«A França, a Itália, a Espanha e a Inglaterra estarão em guerra; o sangue correrá nas ruas; o Francês lutará contra o Francês, o Italiano contra o Italiano; em seguida, haverá uma guerra geral que será espantosa. Por um tempo, Deus não se lembrará mais da França nem da Itália, porque o Evangelho de Jesus Cristo não é mais conhecido. Os maus desdobrarão toda a sua malícia; matar-se-ão, massacrar-se-ão mutuamente, até mesmo nas casas.

«Ao primeiro golpe de sua espada fulminante, as montanhas e a natureza inteira tremerão de pavor, porque as desordens e os crimes dos homens perfuram a abóbada dos céus. **Paris será queimada e Marselha engolida; várias grandes cidades serão abaladas e engolidas por terremotos: acreditar-se-á que tudo está perdido**; não se verá senão homicídios, não se ouvirá senão ruídos de armas e blasfêmias. Os justos sofrerão muito; suas orações, sua penitência e suas lágrimas subirão até o Céu, e todo o povo de Deus pedirá perdão e misericórdia, e pedirá minha ajuda e minha intercessão. Então Jesus Cristo, por um ato de Sua justiça e de Sua grande misericórdia para com os justos, ordenará a Seus anjos que todos os Seus inimigos sejam mortos. De repente, os perseguidores da Igreja de Jesus Cristo e todos os homens entregues ao pecado perecerão, e a terra se tornará como um deserto. Então se fará a paz, a reconciliação de Deus com os homens; Jesus Cristo será servido, adorado e glorificado; a caridade florescerá por toda parte. Os novos reis serão o braço direito da santa Igreja, que será forte, humilde, piedosa, pobre, zelosa e imitadora das virtudes de Jesus Cristo. O Evangelho será pregado por toda parte, e os homens farão grandes progressos na fé, porque haverá unidade entre os obreiros de Jesus Cristo, e os homens viverão no temor de Deus.

«Esta paz entre os homens não será longa: vinte e cinco anos de colheitas abundantes os farão esquecer que **os pecados dos homens são a causa de todas as penas que chegam sobre a terra**.

«Um precursor do anticristo, com suas tropas de várias nações, combaterá contra o verdadeiro Cristo, o único Salvador do mundo; ele derramará muito sangue e quererá **aniquilar o culto de Deus** para se fazer ver como um Deus.

«A terra será atingida por todos os tipos de pragas (além da peste e da fome que serão gerais); haverá guerras até a última guerra, que será então feita pelos dez reis do anticristo, reis que terão todos um mesmo desígnio e serão os únicos

que governarão o mundo. Antes que isso aconteça, haverá uma espécie de falsa paz no mundo; só se pensará em se divertir; os maus se entregarão a todos os tipos de pecados; mas os filhos da santa Igreja, os filhos da fé, meus verdadeiros imitadores, crescerão no amor de Deus e nas virtudes que me são mais caras. Felizes **as almas humildes** conduzidas pelo Espírito Santo! Eu combaterei com elas até que cheguem à plenitude da idade.

«A natureza pede vingança pelos homens, e ela estremece de pavor na expectativa do que deve acontecer à terra manchada de crimes.

«Tremei, terra, e vós que fazeis profissão de servir a Jesus Cristo e que interiormente adorais a vós mesmos, tremei; pois Deus vai vos entregar a Seu inimigo, porque **os lugares santos estão na corrupção**; muitos conventos não são mais as casas de Deus, mas os pastos de Asmodeu e dos seus.

«Será durante esse tempo que nascerá o anticristo, de uma religiosa hebraica, de uma falsa virgem que terá comunicação com a velha serpente, o mestre da impureza; seu pai será Ev.; ao nascer, ele vomitará blasfêmias, terá dentes; em uma palavra, será o diabo encarnado; ele soltará gritos assustadores, fará prodígios, se alimentará apenas de impurezas. Ele terá irmãos que, embora não sejam como ele demônios encarnados, serão filhos do mal; aos 12 anos, eles se farão notar por suas valentes vitórias que alcançarão; logo, estarão cada um à frente dos exércitos, assistidos por legiões do inferno.

«As estações serão alteradas, a terra só produzirá frutos ruins, os astros perderão seus movimentos regulares, a lua refletirá apenas uma fraca luz avermelhada; a água e o fogo darão ao globo da terra movimentos convulsivos e horríveis terremotos, que engolirão montanhas, cidades, (etc.).

«Roma perderá a fé e se tornará a sede do anticristo.

«Os demônios do ar com o anticristo farão grandes prodígios sobre a terra e nos ares, e os homens se perverterão cada vez mais. Deus cuidará de Seus fiéis servos e dos homens de boa vontade; o Evangelho será pregado por toda parte, todos os povos e todas as nações terão conhecimento da verdade!

«Dirijo um apelo urgente à terra: chamo os verdadeiros discípulos do Deus vivo e reinante nos céus; chamo os verdadeiros imitadores de Cristo feito homem, o único e verdadeiro Salvador dos homens; chamo meus filhos, meus verdadeiros devotos, aqueles que se entregaram a mim para que eu os guie a meu divino Filho, aqueles que carrego em meus braços, por assim dizer, aqueles que viveram de meu espírito; finalmente, chamo **os Apóstolos dos últimos tempos**, os fiéis discípulos de Jesus Cristo que viveram no desprezo pelo mundo e por si mesmos, na pobreza e na humildade, no desprezo e no silêncio, na oração e na mortificação, na castidade e na união com Deus, no sofrimento e

desconhecidos do mundo. É hora de eles saírem e iluminarem a terra. Vão, e mostrem-se como meus filhos queridos; estou com vocês e em vocês, desde que sua fé seja a luz que os ilumine nesses dias de infortúnio. Que seu zelo os torne famintos pela glória e honra de Jesus Cristo. **Lutem**, **filhos da luz, vocês, o pequeno número que enxerga**; pois este é o tempo dos tempos, o fim dos fins.

«**A Igreja será eclipsada**, **o mundo ficará consternado**. Mas eis Enoque e Elias, cheios do Espírito de Deus; eles pregarão com o poder de Deus, e os homens de boa vontade acreditarão em Deus, e muitas almas serão consoladas; eles farão grandes progressos pela virtude do Espírito Santo e condenarão os erros diabólicos do Anticristo.

«Ai dos habitantes da terra! Haverá guerras sangrentas e fomes; pestes e doenças contagiosas; haverá chuvas de uma granizo terrível de animais; trovões que abalarão cidades; terremotos que engolirão países; ouvirão vozes nos ares; os homens baterão a cabeça contra as paredes; eles chamarão a morte, e de outro lado a morte será seu suplício; o sangue correrá por todos os lados. Quem poderá vencer, se Deus não diminuir o tempo da provação? Pelo sangue, lágrimas e orações dos justos, Deus se deixará comover; Enoque e Elias serão mortos; a Roma pagã desaparecerá; o fogo do Céu cairá e consumirá três cidades; todo o universo será atingido de terror, e muitos se deixarão seduzir porque não adoraram o verdadeiro Cristo vivo entre eles. É hora; o sol se obscurece; **só a fé viverá**.

«Eis o tempo; o abismo se abre. Eis o rei dos reis das trevas. Eis a besta com seus súditos, dizendo-se o "Salvador" do mundo. Ele se elevará com orgulho nos ares para ir até o céu; ele será sufocado pelo sopro do Arcanjo São Miguel. Ele cairá, e a terra, que desde três dias estará em contínuas evoluções, abrirá seu seio cheio de fogo; ele será mergulhado para sempre com todos os seus nos abismos eternos do inferno. Então a água e o fogo purificarão a terra e consumirão todas as obras do orgulho dos homens, e tudo será renovado: Deus será servido e glorificado».

Em seguida, a Santíssima Virgem me deu, também em francês, a Regra de uma nova Ordem Religiosa.

"Depois de me dar a Regra desta nova Ordem Religiosa, a Santíssima Virgem retomou assim a continuação do Discurso:

«Se eles se converterem, as pedras e as rochas se transformarão em trigo, e as batatas serão semeadas pela terra. Vocês fazem bem a sua oração, meus filhos?»

Nós dois respondemos:

«Oh! não, Senhora, não muito».

«Ah! meus filhos, é preciso fazê-la bem, à noite e pela manhã. Quando não puderem fazer melhor, digam um Pai Nosso e uma Ave Maria; e quando tiverem tempo e puderem fazer melhor, dirão mais.

«Só vão algumas mulheres um pouco idosas à Missa; as outras trabalham todo o verão no Domingo; e no inverno, quando não sabem o que fazer, vão à Missa apenas para zombar da religião. Na Quaresma, eles vão à casa de carnes como os cachorros.

«Vocês não viram trigo estragado, meus filhos?»

Nós dois respondemos: «Oh! não, Senhora».

A Santíssima Virgem, dirigindo-se a Maximin:

«Mas você, meu filho, você deve ter visto isso uma vez perto do Canto, com seu pai. O homem da propriedade disse a seu pai: Venha ver como meu trigo está estragando. Vocês foram lá. Seu pai pegou duas ou três espigas em sua mão, as esfregou, e elas caíram em pó. Depois, quando voltavam, quando já não estavam a mais de meia hora de Corps, seu pai lhe deu um pedaço de pão, dizendo: Tome, meu filho, coma este ano, pois não sei quem comerá no próximo ano, se o trigo continuar estragando assim».

Maximin respondeu: «É verdade, Senhora, eu não me lembrava disso».

A Santíssima Virgem terminou seu discurso em francês:

«Bem, meus filhos, vocês o transmitirão a todo o meu povo».

A belíssima Senhora atravessou o riacho; e a dois passos do riacho, sem se virar para nós que a seguíamos (porque ela atraía a si pelo seu brilho e ainda mais por sua bondade que me embriagava, que parecia derreter meu coração), ela nos disse **ainda**:

«Bem, meus filhos, vocês o transmitirão a todo o meu povo».

Então ela continuou a caminhar até o local onde eu havia subido para ver onde estavam nossas vacas. Seus pés tocavam apenas a ponta da grama sem dobrá-la. Chegando ao pequeno outeiro, a bela Senhora parou, e rapidamente me coloquei diante dela, para olhá-la bem, bem, e tentar saber qual caminho ela inclinava mais a seguir; pois estava feito de mim, eu havia esquecido tanto minhas vacas quanto os patrões para os quais eu estava a serviço; eu me havia apegado para sempre e incondicionalmente à *Minha* Senhora; sim, eu não

> queria nunca, nunca mais deixá-la; eu a seguia sem segundas intenções, e com a disposição de servi-la enquanto eu viver.
>
> Com *Minha* Senhora, eu acreditava ter esquecido o paraíso; eu não tinha mais outro pensamento a não ser bem servi-la em tudo; e eu acreditava que eu poderia fazer tudo o que Ela me dissesse para fazer, pois parecia-me que Ela tinha muito poder. Ela me olhava com uma terna bondade que me atraía a Ela; eu teria querido, com os olhos fechados, lançar-me em seus braços. Ela não me deu tempo de fazê-lo. Ela se elevou insensivelmente do chão a uma altura de aproximadamente um metro e mais; e ficando assim suspensa no ar por um instante muito pequeno, minha bela Senhora olhou para o céu, depois para a terra à sua direita e à sua esquerda, então Ela me olhou com olhos tão doces, tão amáveis e tão bons, que eu acreditava que Ela me atraía para seu interior, e parecia-me que meu coração se abria ao dela.
>
> E enquanto meu coração se fundia em uma doce dilatação, a bela figura de minha boa Senhora desaparecia pouco a pouco: parecia-me que a luz em movimento se multiplicava ou se condensava em torno da Santíssima Virgem, para me impedir de vê-La por mais tempo. Assim, a luz tomava o lugar das partes do corpo que desapareciam de meus olhos; ou bem parecia que o corpo de minha Senhora se transformava em luz ao se fundir. Assim, a luz em forma de globo se elevava suavemente em linha reta.
>
> Não posso dizer se o volume de luz diminuía à medida que se elevava, ou se era o afastamento que fazia com que eu visse a luz diminuindo à medida que ela se elevava; o que sei é que fiquei com a cabeça erguida e os olhos fixos na luz, mesmo depois que essa luz, que continuava se afastando e diminuindo de volume, acabou por desaparecer.
>
> Meus olhos se desprenderam do firmamento, olhei em torno de mim, vi Maximin me olhando, e lhe disse: "Mémin, isso deve ser o bom Deus de meu pai, ou a Santíssima Virgem, ou alguma grande santa". E Maximin, erguendo a mão no ar, disse: "Ah, se eu soubesse!">>

Notemos aqui que Mélanie e Maximin receberam a mensagem e seus respectivos segredos parcialmente em francês, língua que eles conheciam muito pouco (eles falavam o dialeto local). Essa é uma das provas da autenticidade da aparição, pois como crianças tão jovens, falando apenas o dialeto local, poderiam se lembrar, anos depois, das palavras que a Santíssima Virgem lhes confiou?

---

[1] Para o entendimento dos termos gerais deste "estilo profético", veja a carta de Mons. Zola de 21 de maio de 1880 ao Abade Roubaud.

Como os eclesiásticos receberam o Segredo?

A autenticidade da Aparição e o segredo de Mélânie aprovados pela Igreja.

A Igreja realmente se pronunciou sobre a origem divina do Segredo de La Salette, autorizou sua divulgação e recomendou seus ensinamentos. Eis como e em quais circunstâncias.

Monsenhor De Bruillard, bispo de Grenoble em 1846, realizou uma longa, rigorosa e minuciosa investigação canônica sobre o fato da Aparição, mas dado que os Segredos dos pastores faziam parte integrante dela (este é um dado histórico que apenas a má-fé contesta a partir de 1875) e que eles poderiam ser decisivos para a causa, e antes de declarar a Aparição autêntica, suspendeu seu julgamento à opinião do Papa Pio IX, ao qual enviou os Segredos redigidos por Maximin e Mélânie. Previamente, ele havia tomado a precaução de ler os textos para não submeter ao Papa algo inconveniente ou indigno dele. A resposta veio de Roma no final de agosto de 1851, trazida pelo abade Rousselot, o enviado de Monsenhor de Bruillard:

> "Nada, nos segredos lidos pelo Papa Pio IX e comunicados por ele ao Prefeito da Congregação dos Ritos, o cardeal Lambruschini, Secretário de Estado, se opõe a que o bispo diocesano não profira seu julgamento". ("O fato de La Salette", Louis Bassette, ed. du Cerf, 1955).

O projeto do Julgamento Doutrinário de Reconhecimento foi enviado ao Prefeito dos Ritos, que respondeu ao cânon Rousselot com uma espécie de "Nihil obstat" que J. Stern resume assim: "Ele leu o Mandamento "muito atentamente". Em sua opinião, o bispo de Grenoble observou "as regras da santa Igreja".

A leitura "não deixou nada a desejar" ao Cardeal, especialmente pelo exame do evento que foi conduzido com edificante e totalmente louvável rigor" (La Salette, Documentos Autênticos, Maio 1849-Nov. 1854, ed. du Cerf, 1984, Paris).

Assim encorajado pelo próprio Papa Pio IX, que tomou conhecimento do caso, a reconhecer a Aparição, e pela autoridade competente, Monsenhor de Bruillard publicou em 19 de setembro

seguinte seu Mandamento pelo qual declarava "indubitável e certa" a Aparição de La Salette e na qual ele especificava:

> "Assim caiu a última objeção que se fazia contra a Aparição, a saber, que não havia segredo, ou que este segredo não tinha importância, era mesmo pueril, e que as crianças não queriam dá-lo a conhecer à Igreja". (Basset, op. cit.).

Entre 1871 e 1874, o Senhor Girard publicou várias obras contendo o Segredo com explicações e a defesa da reputação dos Pastores. Para três dessas obras, ele recebeu, por sua vez, a bênção autógrafa do Papa Pio IX.

Em 3 de dezembro de 1878, durante uma longa e emocionante audiência, houve um diálogo memorável entre Leão XIII e Mélanie. O Papa lhe ordenou que fosse a La Salette para difundir sua mensagem e fundar a Ordem da Mãe de Deus; isso não aconteceu devido à revolta aberta de Monsenhor Fava. O Sumo Pontífice também ordenou a Mélanie que escrevesse a Regra da Ordem dos Apóstolos dos Últimos Tempos e as Constituições, o que ela fez. A Regra dada pela Santa Virgem segue o Segredo.

Em outra ocasião, no Sábado Santo do ano de 1880, Leão XIII declarou ao cardeal Ferrieri e ao R.P. Fusco a respeito do Segredo que eles acabavam de entregar-lhe:

> "Este documento deve ser publicado",

e ordenou ao advogado Amédée Nicolas "redigir um folheto explicativo do Segredo inteiro para que o público o compreenda bem".

Além disso, o relato da Aparição, incluindo o Segredo, redigido por Melânia, recebeu o Imprimatur de Monsenhor Sofrza, de Monsenhor Zola, do R.P. Lepidi, Assistente Perpétuo do Santo Ofício.

A Oposição ao Segredo.

Santo Agostinho : « A verdade agrada a todos, só nos desagrada quando nos repreende ».

O Caso Caterini:

O bispo de Troyes, Monsenhor Cortet, que se opôs à publicação do Segredo de Mélanie em 1879 (com imprimatur de Monsenhor Sforza e de Monsenhor Zola), recorreu ao Índex em 1880, e teve seu pedido negado, sendo encaminhado para a Inquisição. Ele então ameaçou Roma de retirar o dinheiro de São Pedro se nada fosse feito em seu favor. Além disso, uma dúzia de bispos franceses, e não os menos importantes, ferrenhos adversários de Mélanie e do Segredo, ameaçava fazer um

cisma. Foi então que o Cardeal **Caterini**, secretário da Inquisição, escreveu uma carta (datada de 14 de agosto de 1880) destinada a aplacar a violência da oposição (ele mesmo admitirá ter escrito "forçado pelas circunstâncias"). Aqui está o seu conteúdo:

> "Os Eminentíssimos Cardeais juntamente comigo, Inquisidores da fé, me encarregaram de responder que o Santo Sé viu com desagrado a publicação deste opúsculo (o Segredo com imprimatur. NdaR.) e que sua vontade é que os exemplares já distribuídos sejam, tanto quanto possível, retirados das mãos dos fiéis, se (o Segredo) causa tumulto na França, mas **mantenha-os nas mãos do clero para que possam se beneficiar dele**".

À recepção desta carta, Monsenhor Cortet ficou aterrorizado porque, após ter dito para retirar o opúsculo das mãos dos fiéis, o cardeal Caterini acrescentava: «**mas mantenha-o nas mãos do clero para que ele se beneficie**». Esta linha, por si só, provava a origem divina do Segredo; pois não se mantém, mesmo para o bem, nas mãos dos sacerdotes um opúsculo que não seria mais que um panfleto. Não ousando publicar esta carta, o bispo de Troyes a enviou ao seu colega de Nîmes, Monsenhor Besson, que não se importou com tão pouco: ele suprimou a linha incômoda, substituiu-a por uma linha pontilhada e publicou primeiro este documento que não era dirigido a ele, na Semana Religiosa de Nîmes, com sua engenhosa linha pontilhada e algumas liberdades de tradução destinadas a agravar o alcance [2]. Outras dioceses imitaram sem vergonha essa fraude.

Os bispos conjurados contra o segredo de La Salette eram numerosos. Existia na corte pontifícia um partido poderoso, que não recuava diante de nenhuma audácia em sua hostilidade ao Segredo de La Salette. Na França, em 1915, eles eram chefiados pelos cardeais Luçon, arcebispo de Reims, de Cabrières, arcebispo de Nîmes, Amet, arcebispo de Paris, e Sevin, Primaz das Gálias. Sob o pretexto do Consistório, o cardeal de Cabrières foi a Roma para obter a condenação do segredo. No **23 de dezembro de 1915**, Monsenhor Sbaretti enviou de Roma um « decreto », nem mesmo assinado por ele que se dizia Assessor da Santa Sé, a Monsenhor Maurin, e no dia 6 de janeiro de 1916, a Semana Religiosa de Grenoble publicou este decreto anônimo e não aprovado pelo papa, como é obrigatório. Este decreto « *ordena a todos os fiéis, de qualquer país a que pertençam, que se abstenham de tratar e discutir o assunto em questão sob qualquer pretexto e sob qualquer forma que seja...* ». O decreto visava, sob o pretenso cuidado de apaziguar, mas isso era apenas um pretexto, não o conteúdo do Segredo, mas os comentários arriscados e inusitados que haviam sido feitos, por « amigos » conhecidos por sua imprudência, até mesmo seu zelo imoderado (por exemplo, o Padre Parent) ou por detratores pouco escrupulosos que alimentavam a violência da polêmica (por exemplo, o abade Nortet, missionário apostólico da diocese de Grenoble).

Ora, este decreto não indica a data da reunião da Santa Sé; não menciona a aprovação do Papa, o que é indispensável; deve ser assinado pelo secretário da Santa Sé, o cardeal Merry del Val, e por um bispo assessor, o que não é o caso; portanto, ele viola todas as regras eclesiásticas. Este decreto praticamente anônimo poderia proibir a divulgação do Segredo aprovado por Pio IX, Leão XIII, São Pio X, e revestido da aprovação e do imprimatur do cardeal-arcebispo de Nápoles, Monsenhor Sforza, assim como do bispo de Lecce, Monsenhor Zola? (a quem são atribuídos vários milagres e cujo corpo foi encontrado em perfeito estado de conservação vários anos após seu

sepultamento).

É impossível: Bento XV, que reinava em 1915, não podia condenar o Segredo de La Salette, porque, se o tivesse condenado:

1. Ele teria incriminado Pio IX, que encorajou o Ordinário do Local a reconhecer « indubitável e certa » toda a Aparição, sem excluir o Segredo de Mélanie, como uma Mensagem celestial, ao reconhecer esse segredo que não seria mais do que um libelo, obra do demônio;
2. Ele teria minado assim, desde a base, toda a Aparição cuja adoração foi autorizada por Pio IX: pois, se o Segredo de La Salette, « parte integrante, conexa do fato sobrenatural », segundo o vigário geral de Grenoble, Giray, inimigo virulento do Segredo, é uma ilusão ou uma sugestão do demônio, o mesmo deve necessariamente se aplicar ao restante da Aparição;
3. Ele teria convencido Léon XIII e São Pio X de cumplicidade nessa impostura, já que, durante 43 anos, esses papas haviam dado seu assentimento à propagação desse Segredo.

Notemos bem toda a astúcia dos cardeais! O Soberano Pontífice é o único qualificado para proibir o Segredo de La Salette. O decreto anônimo não usa a palavra « *condenação* », mas « proíbe a qualquer um, sob pena de excomunhão, *de tratar e de discutir* a questão do Segredo de La Salette ». Na falta de poder para condenar o Segredo, esforça-se para enterrá-lo vivo.

Notemos também quanto o Santo Ofício manifesta (já!) uma forma acentuada de independência em relação à autoridade soberana do Vigário de Cristo.

Além disso, as coisas não pararam por aí. Uma verdadeira oportunidade surgiu alguns anos depois para o partido muito ativo e bem estruturado dos inimigos de La Salette.

No **10 de maio de 1923**, um segundo decreto do Santo Ofício « proscreve e condena o opúsculo *A Aparição da Santíssima Virgem sobre a Montanha de La Salette, de 19 de setembro de 1845* ».

No entanto, no ano anterior (1922), foi reeditado o texto de Mélanie examinado pelo Index e publicado em 1879 com o imprimatur de Monsenhor Zola; o P. Lepidi, assistente perpétuo do Index, havia acrescentado seu imprimatur e esta menção incomum: « estas páginas foram escritas para a pura verdade » (Brochura dita Lepidi publicada em 1922).

Na realidade, não foi esse texto que o Santo Ofício teve em mãos, mas uma brochura falsificada pelo Dr. Grémillon (alias Mariavé), que havia colado, ao lado do Segredo, um texto contendo absurdos sobre a Igreja e que ele havia enviado por centenas a eclesiásticos de todas as ordens e lugares. A reunião do Santo Ofício ocorreu na ausência do P. Lepidi, doente, que foi colocado diante do fato consumado. O decreto foi publicado nos « *Acta Apostolicæ Sedis* » (Atos da Santa Sé) com um estranho erro de data: 1845 em vez de 1846, e um título truncado em dois terços.

Eis o que há sobre esta terceira condenação, que não foi mais do que a anterior a conclusão de um julgamento canônico apenas do conteúdo do Segredo. Em 1936, Monsenhor Natucci, Promotor da Fé na Sagrada Congregação dos Ritos, confirmará que o Segredo publicado por Mélanie, não

contendo visivelmente nada que fosse contrário à Fé ou à Moral, não estava condenado (segundo uma carta do P. Sorrel, capelão de La Salette, ao cônego Million, antigo capelão do peregrinamento).

Era com uma aparência de justificação e de legalidade que os decretos de 1915 e 1923 pesavam sobre a consciência dos fiéis; hoje, conhecemos a intriga e o abuso de poder aos quais devem sua existência.

O que aconteceu desde o Vaticano deles?

No momento do « concílio » Vaticano deles, os bispos colocaram a Santíssima Virgem Maria para fora [3]. A sanção foi terrível: como Nossa Senhora nos anunciou (veremos mais adiante), a Santa Igreja foi eclipsada e os bandidos eclesiásticos abandonaram o púlpito da Verdade para assumir as rédeas de uma nova igreja conciliar. É bem evidente que, na igreja conciliar, não se fala mais nada do Segredo confiado pela Santíssima Virgem a Mélanie. Não se vai, afinal, dar um tiro no próprio pé.

Alguns clérigos tiveram a coragem de resistir a essa apostasia. Mas, mais uma vez, sem devolver à Santíssima Virgem seu papel primordial. A maioria ignora soberanamente o Segredo de Mélanie, e alguns até retomam, por interesse, a posição de oponente ao Segredo (afinal: « colocamos a verdade onde estão nossos interesses »). É o caso, em particular, do abade Ricossa do Instituto Mater Boni Consilii (IMBC).

Em 1999, traindo Monsenhor Guérard, que era um grande devoto de La Salette [4], **o abade Ricossa** (Sodalitium, nº 48 e 52), extrapola essa condenação do Segredo a partir de uma carta escrita em 1957 pelo **Cardeal Pizzardo**. O abade Ricossa afirma (talvez para dar autoridade à sua demonstração) que esse cardeal não é « nem modernista, nem liberal ». Em sua carta, o referido cardeal afirma que o opúsculo contendo o segredo « foi examinado e condenado » em 1923 « **mesmo sem** a carta do Doutor Mariavé ».

Mas essa carta privada não prova nada, a não ser que esse Cardeal estava sob a influência do partido de oposição ao Segredo e talvez ele próprio um opositor declarado. De fato, se essa carta do Cardeal Pizzardo tivesse sido emitida oficialmente e juridicamente por uma Sagrada Congregação após um julgamento canônico, ela teria sido o eco de um Decreto publicado nos Atos do Sagrado Pontificado. Esse não é o caso. Além disso, teria sido necessário que fossem publicamente e oficialmente desautorizados, de forma circunstanciada, Monsenhor Sforza, Monsenhor Zola e o P. Lepidi, por seus Imprimaturs, e os Papas Pio IX e Leão XIII, por suas altas aprovações e encorajamentos claros! É concebível, conveniente, que a Igreja possa se desdizer assim?

O abade Ricossa esforça-se, no entanto, para nos fazer acreditar que a carta do Cardeal Pizzardo é o resultado de um julgamento canônico do conteúdo do Segredo; ele finge acreditar que essa carta privada reflete pelo menos o pensamento oficioso da Igreja... porque o Cardeal não escreveu para não dizer nada. De fato!

O abade Ricossa também tenta nos fazer acreditar, através da carta do Cardeal Pizzardo, que:

1. O segredo foi condenado pelo decreto de 1923. No entanto, esse decreto, e o abade Ricossa o escreve ele mesmo no mesmo artigo de Sodalitium, « proibiu a posse e a leitura »... portanto, não condenou o conteúdo!
2. O decreto do Santo Ofício de 1923 trata do Segredo e não das adições intempestivas do Dr. Grémillon (Mariavé). Não é isso que significa a expressão « *mesmo sem* »?

Estranhamente, o abade Ricossa não reproduziu o decreto de 1915 no nº 52 de sua revista Sodalitium, como fez com o de 1923? Teria ele temido que o caráter duvidoso e anônimo do texto não tivesse escapado mesmo aos olhos do leitor menos atento?

A fraqueza de sua posição é manifesta pelo necessidade que ele tem de se apoiar em « várias cartas do cardeal Caterini - secretário do Santo Ofício - durante o ano de 1880 ». E, mais uma vez, apesar da segurança exibida, essa nova imprecisão trai ou a ignorância da questão ou a má-fé: duas cartas do Cardeal Caterini (a primeira, datada de 8 de agosto de 1880, destinada ao P. Archier, Superior geral dos Missionários de La Salette. Carta privada, portanto, sem qualquer valor canônico) e não « várias cartas », foram historicamente e fraudulentamente usadas pelos inimigos do Segredo, e já vimos o que se deve pensar sobre isso. Além disso, desde quando a correspondência pessoal de um cardeal tem força de lei em uma matéria reservada ao Papa?

Força é, portanto, constatar que, assim como a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX) adota todos os argumentos dos inimigos da infalibilidade pontifícia (Centuriadores de Magdeburgo, ...) para justificar suas posições heterodoxas, o abade Ricossa e o IMBC adotam os argumentos dos inimigos mais enfurecidos de La Salette e demonstram a mesma má-fé...[5]

Quanto a isso, a FSSPX evita cuidadosamente qualquer referência ao Segredo de Mélanie (o abade Ricossa observa - Sodalitium nº 52 - aliás « a discrição com a qual a Fraternidade ainda defende o “Segredo” »). Esse silêncio é muito oportuno: caso contrário, como poderia ela explicar a « seus » fiéis que está negociando um acordo com uma Roma que « perdeu a fé »?

Quanto ao abade Belmont, ele adota a mesma posição que o abade Ricossa e o IMBC. Sodalitium nº 52:

> « Nos alegramos por não sermos mais os únicos em nossa posição – que é a da Igreja – após os números 134 e 135 do boletim *Notre-Dame de la Sainte-Espérance*, onde o abade Belmont mais uma vez demonstrou seu apego ao ensino da Igreja e seu habitual equilíbrio ao tomar uma posição sobre a questão que compartilhamos inteiramente ».

Abade Belmont, Abade Ricossa, mesmo combate!

No fundo, ontem, como hoje, a Mãe de Deus pode falar... desde que Ela não diga nada e, acima de tudo, que Ela não contrarie os planos de alguns eclesiásticos.

Resposta do Céu:

O Céu respondeu aos eclesiásticos que se opuseram à mensagem de Mélanie. Muitos deles deram conta de sua oposição frontal à Santíssima Virgem. Citamos, por exemplo:

1. Monsenhor Ginoulhiac, bispo de Grenoble e sucessor de Monsenhor De Bruillard, foi o primeiro a perseguir Mélanie e Maximin a respeito de seus segredos. Ele esperava obter a favor do poder político e um arcebispado com um chapéu de cardeal, e para agradar ao imperador, declarou que a missão dos videntes estava terminada. Além disso, chamou Mélanie de louca. Ele morreu louco, brincando com bonecas e com suas fezes...
2. Monsenhor Fava, bispo de Grenoble e sucessor de Monsenhor Ginoulhiac, tentou impor sua regra de preferência àquela dada pela Santíssima Virgem a Mélanie. Ao inaugurar os escritórios de La Croix de L'Isère, ele instalou Nossa Senhora de Lourdes, ignorando novamente, dadas as circunstâncias, o favor que a Santíssima Virgem havia concedido à sua diocese. A noite foi alegre nos escritórios e ele se retirou tarde. No dia seguinte, foi encontrado morto no chão, despido, com os braços torcidos, as mãos cerradas, os olhos e o rosto expressando o terror de uma visão horrível.
3. O cardeal Perraud, querendo se apropriar de um legado do abade Ronjon a Mélanie, a processou na justiça civil, por uma disputa que competia ao tribunal eclesiástico e diante do qual ele sabia que não poderia obter vitória. Viu o governo tomar todos os bens de sua casa. E morreu alguns dias depois. Não lhe restou nem mesmo o túmulo que havia mandado fazer em Paray-le-Monial. Por ordem do prefeito, o cortejo, ao chegar, foi conduzido ao cemitério. Ele é praticamente o único bispo na França que não está enterrado em uma igreja.
4. Dom Guilbert, bispo de Amiens, opositor de La Salette, encontrava-se, em 9 de agosto de 1889, um pouco indisposto... Em 15 de agosto, foi deixado sozinho por um momento. Quando retornaram, viram, pelas marcas, que ele havia se agarrado ao tapete e aos móveis com desespero. Ele estava morto. Durante as pomposas exéquias, o pesado caixão rolou do alto do catafalco e caiu no chão com um barulho de trovão, ecoando sob as altas abóbadas da catedral. A multidão se retirou, aterrorizada, e não assistiu ao sepultamento, que ocorreu à noite.
5. O cardeal Meignan, arcebispo de Tours, inimigo declarado de La Salette, morreu subitamente durante a noite, embora na véspera estivesse com plena saúde.
6. Dom Darbois, arcebispo de Paris, não acreditava em La Salette. E durante duas horas, em 1866, fez o impossível para levar Maximin a declarar a falsidade da aparição...Cinco anos depois, em 18 de março de 1871, foi encarcerado na prisão de La Roquette. Em 24 de maio, caiu sob as balas... após ter feito reparação de honra a Nossa Senhora de La Salette.
7. O padre Henri Berthier, missionário de La Salette, cúmplice de Dom Fava, qualificava a regra da Santa Virgem (que o papa queria impor-lhes) como uma regra impraticável, que exige que os missionários sejam desprovidos de ambição sobre as menores coisas passageiras. Enviado para a Noruega para uma fundação, achou prático colocar os rolos de ouro que carregava em um cinto ao redor de si. Ele caiu na água e afundou rapidamente sob o peso do ouro.

8. Dom Henry, bispo de Grenoble, pregava aos peregrinos, em 14 de julho de 1907, e ousava felicitá-los por terem vindo nesse dia de festa de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Ele os alertava contra o pretenso segredo de Mélanie, sob o pretexto de obter a aprovação de Roma para um ofício em honra de Nossa Senhora de La Salette, mas especialmente com o objetivo de obter o abafamento do segredo. Ele enviou o cônego Grespellier. Em 14 de julho de 1908, um ano depois, o cônego foi interrompido pela morte, no momento em que estava indo pegar seu chapéu para se dirigir à Sagrada Congregação. Em 14 de julho de 1911, quatro anos depois, Dom Henry, em seu leito de parade, aguardava seu enterro.
9. Dom Sevin, arcebispo de Lyon, foi um adversário ferrenho do segredo, mas seus esforços foram impotentes para fazê-lo ser incluído na lista negra. Ele foi vítima de morte súbita, e a decomposição acentuou-se, apesar do embalsamamento, a um ponto aterrorizante durante toda a duração da exposição sob o catafalco. O interior do corpo, relata o doutor Leclerc que assistiu à autópsia, já estava corroído por vermes.
10. O cardeal Amette, arcebispo de Paris (que anteriormente, como bispo de Bayeux, fez tudo para desacreditar as aparições da Rainha do Santíssimo Rosário em Tilly-sur-Seulles, e atacou a vidente Maria Martel), proibiu em seu diocesano o Segredo de La Salette... Ele até mesmo suprimiu *Le Pèlerin de Marie*, uma pequena revista dedicada à defesa de La Salette. Também foi vítima de morte súbita. Seu rosto foi imediatamente devastado pela putrefação, a ponto de tornar a exposição impossível. Ninguém foi admitido na câmara mortuária: o príncipe da Igreja havia se tornado negro como carvão. Não foi possível fazer a toilette dos mortos. Sua própria irmã foi convidada a se retirar sem ter o visto.
11. Dom Dechelette, bispo de Évreux, outro inimigo de La Salette, teve o mesmo fim que o cardeal Amette.
12. Naquela época, vários bispos e cardeais franceses se destacaram por essa escuridão e putrefação imediata ao falecerem.
13. Dom Bouange, bispo de Langres, inimigo de La Salette: morte súbita.
14. Dom d'Oultremont, bispo do Mans, que em duas ocasiões, na Semana Religiosa de seu diocese, protestou contra o segredo de La Salette: morte súbita e funeral no aniversário da aparição.
15. Dom Lobbedey, bispo de Moulins em 1906, bispo de Arras em 1911. Ele havia dito ao abade Combe que nunca daria o imprimatur a uma Vida da Pastora de La Salette. Morte súbita em 24 de dezembro de 1916. Na véspera, ainda havia realizado uma ordenação.
16. O cônego Frézet, no Bulletin do diocese de Reims, 7 de outubro de 1911 e 25 de maio de 1912, proclamava claramente que o segredo, confiado por Mélanie a Pio IX, nunca saiu do Vaticano, que o amontoado de grosseiras e tolices publicadas sob o título de Segredos de La Salette ou Segredo de Mélanie está no Index e constitui um ultraje ao bom senso... Um leigo, Senhor de la Vauzelle, escreveu carta após carta ao cardeal Luçon, exigindo, como católico, uma resposta às suas perguntas. Em 16 de dezembro de 1912, o reverendo padre Lepidi, mestre do Sacro Palácio, por uma carta ao cardeal Luçon, declara oficialmente que o segredo de La Salette nunca foi condenado pelo Index, nem pelo Santo Ofício. A resposta foi transmitida a Monsieur de la Vauzelle, mas nenhuma retratação foi publicada no Bulletin de Reims, nem nas numerosas Semanas Religiosas que a haviam reproduzido. Em 19 de setembro, às três horas da tarde, começou o bombardeio sistemático da catedral de Reims. O cardeal Luçon teria simplesmente exclamado: “Trata-se de algumas coincidências, entre outras.”

Todos esses exemplos deveriam fazer refletir nossos modernos “negacionistas” do Segredo, abade Ricossa e Belmont à frente. Não se brinca com a Santa Virgem!

---

[2] O histórico desta carta Caterini, bem como sua tradução exata e a falsificada por Mons. Besson, podem ser verificados no folheto "A aparição da Santíssima Virgem Maria na Santa Montanha de La Salette no sábado, 19 de setembro de 1846". Reimpressão simples do Texto integral publicado por Mélanie com o Imprimatur de Sua Excelência Mons. Sauveur-Louis Zola, Bispo de Lecce, em 1879, seguido de algumas peças justificativas. Tudo publicado com o Imprimatur do R.P. Lepidi, O.P, Mestre do Palácio Sagrado, Assistente perpétuo da Congregação do Índice, expedido em Roma em 6 de junho de 1922». Link

[3] Veja as cartas do Abade Berto

[4] Isso obrigou as irmãs de Crézan, grandes devotas de La Salette, a preferirem não ter sacramentos a ter que suportar inimigos de La Salette.

[5] O Abade Paladino, em seu folheto _A Voz_ n° 28/29, destacará o oportunismo do Abade Ricossa:

"Primeiro, nosso artigo não tinha como objetivo demonstrar que o Segredo havia sido aprovado pela Igreja, mas apenas dizer que esse Segredo ilustra a situação atual, como o próprio Abade Ricossa havia escrito na época. Não seria descortês observar que, que de acordo com nosso conhecimento, este último não aderiu à tese de Cassiciacum em 1986, enquanto em 1999 se tornou um de seus principais defensores? No entanto, em 1986 o Abade Ricossa era favorável ao Segredo e desde 1999 é contra. Pode-se legitimamente perguntar se não é a adoção da tese de Guérard que é a verdadeira razão de sua mudança de atitude. É verdade que ele já se defendeu dessa acusação, mas não se pode negar que o Segredo de La Salette realmente não se encaixa muito bem na tese de Cassiciacum."

Vamos notar, por outro lado, o papel subversivo desempenhado pelo diretor do IMBC em outros pontos fundamentais de bloqueio da luta atual pela sobrevivência da Tradição Católica:

1. Ele tentou reabilitar o cardeal luciferiano Rampolla, secretário de Estado de Leão XIII, membro da OTO, que quase sucedeu este último na cadeira de Pedro no conclave de 1903.

2. Ele tentou fazer os fiéis acreditarem que o Apocalipse de São João não se referiria de forma alguma nem à situação atual, nem ao futuro atual da Santa Igreja (teses modernistas e racionalistas do Professor Corsini).

3. E ele persiste em recusar-se a considerar a invalidade radical da nova forma sacramental conciliar “ecumênica”, imposta em 18 de junho de 1968 pela pretensa “Constituição Apostólica” *Pontificalis Romani*.

4. Ele traiu o pensamento de Dom Guérard, que, questionado sobre o valor dos atos de um papa materialiter, foi obrigado a responder: nenhum, o que é evidente e, portanto, concluir que sua tese se extinguia com o tempo!

5. Por outro lado, por que ele não divulga os sermões de Mons. Guérard (assim como a FSSPX que se recusa a divulgar os de Mons. Lefebvre), especialmente aqueles sobre La Salette?

A missão de Mélanie: fazer o clero aceitar a mensagem da Virgem Maria

Diante de todas essas "manobras eclesiásticas" para desacreditar a mensagem de Nossa Senhora em La Salette, Mélanie dedicou toda a sua energia para que, ao contrário, o clero a aceitasse...

Desde a infância, o Céu revelou a Mélanie Calvat que sua missão estava diretamente relacionada ao clero. Em seu relato autobiográfico, Mélanie nos conta que, em uma de suas visões:

> « A grande rainha e imperatriz Maria, Virgem Mãe de Deus, (apareceu) toda resplandecente de glória e majestade, vestida e revestida de amor!... que com uma doçura e bondade inexprimíveis me disse:
>
> « - Minha filha, a grande misericórdia de Deus está com você, cuidarei de você como Mãe e Mestra, não tema nada quando, com reta intenção, o olho de sua alma estiver voltado para cumprir o desejo de Deus. É preciso, unida aos méritos de Jesus Cristo, oferecer-se continuamente para a exaltação da santa Igreja e **sobretudo pelo clero**. »

Mélanie não tinha nem seis anos.

Mais tarde, entre os seis e dez anos, enquanto passava oito meses por ano em uma família estranha à sua na comuna de Corps, o Bom Deus confirmou Sua Vontade de que Mélanie fosse uma alma expiatória pelo clero. Ela relata:

> « Eu compreendi imediatamente que não era minha vontade na ação exterior que o Bom Deus me pedia, mas minha vontade no consentimento e na submissão a todas as operações da graça:

> que em minhas alegrias como em minhas tribulações, eu deveria receber tudo, aquiescer ao bom prazer de Deus, com um abandono total de meus sentidos, de meus pensamentos e de toda a minha pessoa; finalmente, que Ele me pedia a transformação da minha vontade na Dele, a retidão de intenção na fé e a renúncia (para mim) aos méritos que se podem adquirir no exercício das virtudes; que os méritos de todas as dores que eu deveria sofrer, eu deveria oferecê-los ao Pai eterno unidos aos de Jesus Cristo e em nome de Jesus Cristo para o benefício de sua Igreja, juntamente com as potências da alma de Jesus Cristo e os méritos de seus sentidos, **para a expiação, a purificação e a santificação de todo o clero**. Tudo isso, eu compreendi instantaneamente e nesse instante eu só podia me liquefazer por um amor tão grande. »

De fato, toda a infância de Mélanie foi uma sequência ininterrupta de experiências dolorosas verdadeiramente aterrorizantes: perseguições por sua mãe, maus-tratos pelas famílias em que era "alugada", etc.

Durante seu décimo primeiro ano, é impressionante a gravidade dos pensamentos que ocupam a mente de Mélanie, completamente impregnada pelo ensinamento divino:

> « Eu compreendi, diz ela, que, no clero, a pureza do espírito é a guardiã da pureza do corpo, que não há castidade do corpo na ausência da constante pureza do espírito e que o espírito e os sentidos não manterão sua pureza se não forem crucificados com Jesus Cristo. »

Em seu manuscrito de 1900, ela fala em cerca de quinze passagens sobre sacerdotes ou, mais geralmente, sobre pessoas consagradas a Deus. Em cada ocasião, é para lamentar que a conduta de muitos não seja o que seu divino Mestre desejaria. Frequentemente, também, é para recordar sua missão ou expressar sua vontade de se sacrificar para redimir sua tibieza, suas negligências, suas quedas e para abreviar as penas que eles têm ou terão de sofrer no purgatório até sua completa purificação.

Por mais respeitoso que seja a linguagem que ela usou, é compreensível que a severidade de tais revelações tenha causado uma viva emoção e provocado uma oposição, às vezes irreversível, em uma parte importante do clero.

- Em alguns, porque eram muito escravos de hábitos prejudiciais para se decidirem a renunciar a eles;
- Em outros, porque, conscientes, como os fariseus do Evangelho, de terem observado a letra da lei, não sentiam a necessidade de respeitar principalmente o espírito dela;
- Em outros, finalmente, porque não podiam admitir que a vontade de Deus lhes fosse comunicada por intermédio de uma simples camponesa.

O que a Santíssima Virgem Maria nos ensina em La Salette

Os grandes responsáveis pelos males profetizados pela Santíssima Virgem são os sacerdotes

O fato de que a Santíssima Virgem fala no tempo presente dos pecados dos sacerdotes, e isso desde o início do Segredo confiado a Mélanie, mostra-nos até que ponto esses pecados são como a raiz dos castigos que vão cair sobre os homens. Além disso, a Santíssima Virgem o diz explicitamente:

> « Os pecados das pessoas consagradas a Deus clamam ao Céu e pedem vingança, e eis que a vingança está às suas portas, pois não há mais ninguém para implorar misericórdia e perdão pelo povo ».

Sacerdotes e povo serão englobados nos castigos.

As palavras usadas por Nossa Senhora são terríveis: "cloaca de impureza". Elas nos lembram as palavras usadas por Nosso Senhor Jesus Cristo contra os sacerdotes da antiga aliança, os escribas e os fariseus:

> 1. "Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo. Sepulcros caiados" (Mateus XXIII:23-24)
> 2. "Serpentes, raça de víboras, como escapareis da condenação da Geena?" (Mateus XXIII:33)
> 3. "Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes compridas; alargam seus filactérios e alongam suas franjas; gostam de ser cumprimentados nas praças públicas e de serem chamados de rabi" (Lucas XX:46; Mateus XXIII:5-7; Marcos XII:38-39)

> 4. "Vós percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito, e quando ele se torna um, o fazeis filho da Geena duas vezes pior do que vós" (Mateus XXIII:15)

Estamos longe do "moderantismo" dos liberais! Que ensinamento do Céu! Quais males a Santíssima Virgem identifica nos sacerdotes:

1. Sua má conduta.
2. Suas irreverências e impiedade ao celebrar os santos mistérios: "não há mais ninguém digno de oferecer a Vítima sem mancha ao Eterno em favor do mundo."
3. O amor ao dinheiro.
4. O amor às honras.
5. O amor aos prazeres.

Os santos e os doutores da Igreja sempre insistiram na gravidade dos pecados do sacerdote e nas graves consequências que esses pecados ocasionam na Igreja.

Males que os pecados dos sacerdotes causam à Igreja

Aqui está o que nos ensina o R.P. Mach S.J sobre o pecado mortal em um sacerdote:

> « São Jerônimo disse: “*Grande é a dignidade dos sacerdotes, mas grande é a ruína se pecarem*” (Hieron. in Ezech. XLIV). Esta ruína é tão grande que São Gregório não hesita em afirmar: “Deus não pode tolerar um mal maior na Igreja do que permitir dar o mau exemplo àqueles que Ele colocou para corrigir os outros, e pecar, àqueles que deveriam fazer guerra ao pecado” (Greg. past. p. I, c. 2, n. 4). De fato, se o povo vier a conhecer a queda de um sacerdote, e como isso é fácil! dia e noite ele o observa com um olhar suspeito e malicioso; uma multidão de línguas, sem qualquer freio, revelam e exageram suas faltas... Que escândalo!... Que desonra para todo o clero!... Os sacerdotes agem assim... não deve haver pecado nisso... Quantos leigos pecam, deixando de lado todo freio e toda vergonha, porque viram um sacerdote pecar! “*Quidquid feceris, id omnes sibi faciendum putant*” (Hieron. ad Eliod). Eles logo pensam e dizem que todos os eclesiásticos são como ele; e começam a vacilar na fé, e a se persuadir de que os sermões, os Sacramentos e o próprio Evangelho não são senão imposturas e invenções humanas. Pode haver males maiores? E sobre quem recai um tal escândalo e um tal pecado, senão sobre aquele que deu ocasião e motivo por sua conduta escandalosa?
>
> « E como reparar esses males? Os sacerdotes, os párocos, os missionários podem muito bem empregar seu zelo infatigável, sacrificar seu descanso, seus interesses, sua saúde e até sua vida, a fim de remediar um mal tão grande: tudo será inútil, tudo se perderá diante das prevenções que o escândalo de um sacerdote fez nascer no coração dos fiéis... E você não treme, meu irmão!... E você não está apavorado com a ideia das contas terríveis que o Senhor um dia lhe pedirá... “*Sanguinem autem ejus de manu tua requiram*” (Ezech. III, 18). Se aquele que enterrou seu talento foi lançado nas trevas exteriores (Matth. V, 20), que castigo não aguardará aquele que usou de astúcia, maus conselhos, carícias, violências, orgulho, autoridade do caráter sacerdotal e, talvez, dos próprios sacramentos para arrancar almas de Deus, para jogá-las no inferno? “Eu vejo que é uma coisa terrível e espantosa”, exclama São João Crisóstomo; “ **um homem possuído pelo demônio não faria tanto mal à Igreja quanto**

> **um sacerdote manchado pelo pecado**” (hom. 83 in Matth). »

Horrível atentado das missas sacrílegas

Em outra meditação, o R.P. Mach insiste no horrível atentado das missas celebradas por sacerdotes em estado de pecado mortal:

> « Perdoem-me, veneráveis Sacerdotes, gente Santa, nação escolhida (I Ped. II, 9), cristos do Deus vivo, deuses da terra, vigários de Jesus Cristo, salvadores do mundo, dispensadores de Suas misericórdias, mediadores entre Deus e o homem; perdoem-me se eu suponho possível entre vocês o mais horrível e detestável crime que se possa imaginar, o de celebrar em estado de pecado mortal. E como não seria isso um grande ultraje, a maior injúria? Supor um sacerdote culpado do mais horrível atentado! Sim, a suposição de que existe tal crime seria uma injúria; e realmente seria impossível cometê-lo se tivéssemos sempre presente em mente o quanto esse pecado é enorme; o quanto ele é doloroso para Jesus Cristo, e o quanto ele é funesto para a alma do sacerdote. Mas, infelizmente! como se esquece isso facilmente! »

Cartas de Mélanie sobre o clero

Muitas cartas de Mélanie atestam a gravidade da situação já no século XVIII (O que ela diria hoje?). Elas destacam bem a correlação entre os pecados dos padres e os castigos que logicamente deles decorrem...

Carta de Mélanie ao abade Le Baillif.

> « Castellamare, 10 de julho de 1880.
>
> « A guerra que o clero faz ao segredo não me surpreende, a perseguição contra Cristo e sua religião também não me surpreende. Não temo os perseguidores da religião, não temo os ímpios, os franco-maçons, nem os ateus, etc.; o que eu temo, **é a fé que falta na maior parte do clero francês**. É a sua infidelidade à sua vocação, à sua sublime missão. Se os primeiros apóstolos de Cristo ainda vivessem, teriam lutado, teriam combatido até derramar todo o seu sangue para sustentar a causa do seu divino Mestre e teriam cantado vitória para a glória de Cristo e a confusão do inferno. Mas o que faz o clero para lutar entre os torrentes de males que nos cercam, que papel ele assume na guerra que se faz contra Cristo?...
>
> « Nada, ele teme com um temor servil e sua preocupação é guardar seus interesses materiais, salvaguardar sua honra, seu cargo, seus bens.
>
> « O clero recebeu o segredo com orgulho; esse segredo revela as chagas que ele tenta cobrir com o véu de uma devoção toda estudada, toda superficial. O segredo, ao levantar a ponta do véu, então ele clama como outrora o sumo sacerdote: ele blasfemou. O segredo não propõe senão a observância da lei de Deus, e se queixa apenas da inobservância dessa mesma lei, e ameaça com castigo, com flagelos, os transgressores da lei santa. Além disso, não sabemos nós que Nosso Senhor foi condenado, foi crucificado pelos sacerdotes?... Não foram os sacerdotes que receberam os reproches mais amargos da parte do Filho de Deus? **E ainda hoje, sim, sim, são os sacerdotes os causadores de todos os nossos males porque não são fiéis à sua vocação**. O clero

> francês (com poucas exceções) é orgulhoso, interesseiro, altivo e grandemente irreligioso, está cheio de vaidade e ambição e Deus, em sua misericórdia, vai humilhá-lo, pôr sua fé à prova. Voltei da França, com o coração desolado de dor, as escolas sem Deus se propagam em todas as aldeias, e o pobre povo se pergunta o que deve pensar de nossa religião, é ela verdadeira, sim ou não. Os senhores padres deixam acontecer, eles não dizem nada!... Ah! eles não se deixarão martirizar pelo seu zelo... Eles têm medo de não receber seu pagamento do governo... Observam eles o primeiro mandamento que nos ordena amar a Deus acima de todas as coisas? acima do dinheiro. »

Carta à madre Saint-Jean.

> « Le Cannet, 1º de junho de 1888.
>
> « Não são as viagens a Roma de Monsenhor Fava e dos padres que estão em La Salette, que poderão levar à obediência às ordens do céu e do papa, já que os revoltados são eles, e são eles mesmos os responsáveis perante Deus e perante os homens.
>
> « E, no entanto, seu pouco sucesso na direção das almas, em seus sermões, a montanha que volta a ser um deserto, etc., tudo isso deveria abrir os olhos desses padres. **Somente os grandes castigos de Deus abrirão os olhos dos menos culpados**; quanto aos outros, Deus sabe o que será deles... »

Carta ao Cônego de Brandt (5 de fevereiro de 1897) :

> « ... Eu, sem nenhum estudo, deixando de lado certos aspectos, ... usando apenas da simples razão, digo a mim mesma: Deus é infinitamente misericordioso, mas também infinitamente justo, e ele nunca recompensa o mal. Ora, o homem, desconhecendo seu Criador, seu Salvador, seu Conservador, nega e renega-o todos os dias por seus malfeitos; ele blasfema seu nome adorável; ele amaldiçoa a divina Providência, etc. Deus recompensará os homens por suas iniquidades?... Ele castigará, e **os castigos** de diversas formas não nos serão dados gratuitamente, não, **nós mesmos os arrancamos das mãos da justiça de Deus**. »

Carta ao Cônego de Brandt (27 de dezembro de 1884) : (Mélanie está visitando sua mãe em Corps)

> « Meu pobre país (Isère) está muito doente: seria melhor que não tivesse pastor: nunca há sermão; nunca se incentiva a confessar-se; no dia 8 de dezembro, nada, nada, tudo como um simples dia de semana, missa baixa às 6h30, outra missa baixa às 7h, e depois tudo acaba. Há por aqui, em nossos vilarejos, padres de vida publicamente escandalosa: o bispo não dá importância a isso; o que faz com que os homens digam que, se o bispo faz o mesmo que esses padres, ele não pode dizer nada. Depois dizem que, se o clero acreditasse em Deus, não faria o que faz; e é por isso que ele não ousa pregar contra a imoralidade, etc. Esses padres, com seus cúmplices, disseram que, se pudessem me ter em suas mãos, me fariam queimar com meus livros do segredo. Com um clero assim, o que pode fazer o pobre povo?... É apavorante. É preciso orar, orar, reparar, chorar e lamentar em nossa solidão, com Maria nossa doce Mãe chorando sobre nossas desgraças.
>
> « O casamento desse pobre padre, sobre o qual você me fala em sua carta, me aflige muito. Oh! quantos há, e até mesmo daqueles que ninguém suspeita, que vivem em concubinato! Que escândalo! E Monsenhor de Grenoble tem um grande número de seus padres que vivem assim, vários deles ao conhecimento do público; e sua Excelência recebeu várias vezes cartas anônimas denunciando os escândalos; ele não dá importância!... **Uma purificação é necessária no clero, Deus a providenciará, não há dúvida disso**. »

Carta ao abade Le Baillif :

> « Castellamare, 20 de fevereiro de 1881.
>
> Acho nossos senhores os bispos da França muito humildes por quererem queimar viva a infame, a vil pastora de La Salette. Se eu estivesse no lugar deles, não ousaria nem mesmo tocá-la com a ponta dos meus pés. Em troca de sua boa vontade, eu gostaria de pegar um grande punhado do fogo que arde no Coração de Jesus, para inflamar de amor a Deus os corações de todos esses bons bispos; depois disso, eu beijaria respeitosamente as marcas de seus pés,

> como beijo hoje as marcas de sua consagração... »

Carta ao abade Combe :

> « Cusset, 20 de novembro de 1903.
>
> « No Juízo Final, quantas coisas surpreendentes veremos, mas não haverá mais tempo. O bispo de Limoges verá à direita do divino Salvador e cercado de glória aquele padre que dizia a verdade para o bem das almas, para iluminar, e para defender os direitos da Igreja. Pobre bispo e pobres bispos! Pois há muitos que não são mais que lobos, e lobos hipócritas, que indicam ao governo os padres que ele deve punir. Vamos esperar: veremos os frutos das obras desses bispos-lobos. »

Carta ao abade Combe :

> « Cusset, 26 de fevereiro de 1904.
>
> « Então, sua Excelência não viu a Mãe de Deus chorar. Ela não acredita nisso, assim como não acredita no nascimento do Filho que não viu! Quando não se tem fé, a incredulidade (em La Salette) é lógica...
>
> « ... Você viu, meu caríssimo Padre, a bela lição dada pelos cinquenta e oito seminaristas, todos eles, que amanhã, dia 27, deveriam receber a ordenação das mãos de Monsenhor Le Nordez (maçom) e recusaram, acabando por ir embora todos... Os bispos maçons estão prestes a fazer uma lei contra a liberdade de imprensa, pois ousam silenciar a Santa Virgem! Esse crime não ficará impune. »

Carta ao abade Combe :

> « Altamura, 6 de outubro de 1904.

>

> Eu soube algo sobre o zelo maçônico de Monsenhor Moulins em relação a você. Eu estava ainda muito doente na época, mas deplorava amargamente sua conduta escandalosa, e me lembrava dessas palavras do divino Salvador: “é necessário que haja escândalo, mas ai daquele por quem o escândalo chega! Seria melhor para ele que lhe pendurassem uma pedra de moinho no pescoço e o lançassem no mar.” Monsenhor Moulins teria feito melhor em reprimir os desordens verdadeiramente escandalosos de vários de seus padres mais queridos...»

Carta à madre Saint-Jean.

> « Saint Barnabé, 31 de outubro de 1891.
>
> Ao ver a França, ou melhor, a Europa, inteiramente nas redes de todas as seitas de quaisquer cores que sejam e até mesmo os eclesiásticos e personagens de alta posição fazendo parte delas; ao ver os blasfêmias contra Deus, a Santíssima Virgem e os santos; ao ver a corrupção geral contra a moralidade, a juventude sendo educada na negação de todo princípio religioso; ao ver o ódio entre os reinos e estados uns contra os outros, as injustiças, os roubos, as fraudes, os suicídios, a independência e a obstinação geral, e as doenças que eram desconhecidas até agora, as estações alteradas, o frio rigoroso e o calor excessivo, as inundações, os terremotos, as colheitas ruins, etc. Tudo, tudo anuncia que o anticristo está prestes a se manifestar e que a paz duradoura só virá após a passagem desse homem do mal... »

Carta ao abade Roubaud :

> « Galatina, 27 de março de 1894.
>
> « O povo é adormecido ou entretido ora de uma maneira, ora de outra. Aqueles que estão no poder cuidam de seus próprios interesses. A França, outrora católica, escolheu todas as imundícies do inferno para colocar à frente da nação... Quando era preciso falar, fizeram-se de surdos; quando era preciso se mostrar, esconderam-se; quando era preciso defender a fé, recuaram. Aqueles que foram escolhidos, eleitos pela França, expulsavam os religiosos e permitiam as associações de sectários, e as seitas hoje dão seus frutos. Mas isso ainda não é tudo; se Deus nos conceder vida, veremos muitas outras explosões. Não se

> quis entender que, fora do serviço de Deus, não pode haver paz e felicidade...»

Carta ao abade Combe

> « Altamura, 14 de novembro de 1904.
>
> « Penso que na minha pobre França as coisas estão andando mal, para a desgraça dos ímpios, dos apóstatas: e haverá muitos assim que a separação for um fato consumado. Não teríamos chegado a esse ponto se a semente do martírio não tivesse se perdido e se a França tivesse colocado em prática os sábios avisos de Nossa Senhora de La Salette... »

Ministério estéril

Em 1905, outro sacerdote, em uma carta dirigida ao clero paroquial, identifica doze causas para a esterilidade geral do ministério dos eclesiásticos:

1. A ausência de espírito interior.
2. O conforto.
3. Um apego secreto aos bens da terra.
4. O apego exagerado aos próprios pais.
5. As relações inúteis com o mundo.
6. A falta de circunspecção nos relacionamentos com as mulheres.
7. A falta de mortificação.
8. A ociosidade.
9. As leituras fúteis ou inoportunas.
10. A negligência em corrigir nossos defeitos.
11. O espírito de independência.
12. O ministério junto aos homens e jovens muito negligenciado, em favor das mulheres.

Como é triste ver o quanto essa constatação continua verdadeira para a maioria dos sacerdotes da Tradição, supostamente a elite da elite, hoje em dia! Mesmo nos meios “não una cum”!

Deveríamos nos surpreender que nossa santa Religião continue (aparentemente) a perder terreno?

Blanc de Saint Bonnet dizia que « o clero santo faz o povo piedoso, o clero piedoso faz o povo honesto, o clero honesto faz o povo ímpio. »

Outro ditado diz: « os fiéis têm os sacerdotes que merecem! »

Parece que estamos em um círculo vicioso: rolamos de abismo em abismo. Quem pode nos tirar dessa situação, senão o Bom Deus? Santa Virgem Maria, venha em nosso socorro! Orai pelos sacerdotes! Concedei-nos sacerdotes santos!

Roma perderá a fé. A Igreja será eclipsada

Um outro ensinamento capital da Santa Virgem para o tempo presente é que « A Igreja será eclipsada ». Nossa Senhora disse isso em 1846, e é forçoso constatar que é isso que estamos vivendo hoje! Vamos ver isso.

Meditamos essas palavras da Santa Virgem!

Um eclipse pressupõe dois astros, um eclipsante e o outro eclipsado

A Santíssima Virgem Maria nos ensina que o astro que está eclipsado é a Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica. O astro que eclipsa não é a Igreja Católica; é uma outra igreja, que não pode ser a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se não é a Igreja de Jesus Cristo, a Cidadela de Deus, é necessariamente satânica, faz parte da Cidadela do diabo!

Queremos provas? Esta igreja conciliar não cessa de tentar destruir tudo o que a Igreja construiu (Leia sobre isso o folheto de M. Louis-Hubert Remy: « Eles destruíram tudo »).

1. Esta igreja conciliar **destruiu** a verdade. Ela não ensina mais a mesma Fé. Passa seu tempo a **atacar a verdade conhecida**, um dos seis **pecados contra o Espírito Santo**, pecados dificilmente remissíveis. O que era bom se torna mau, o que era mau se torna bom; o verdadeiro se torna falso; o falso se torna verdadeiro. **Ela combate apenas um grupo, aqueles que querem permanecer fiéis à Igreja de sempre.** Está assinado: « Diga-me com quem andas, e te direi quem és! »
2. Ela destruiu todos os meios de santificação, todos os auxílios « ordinários » do Católico na aquisição da vida eterna. Ao tornar ontologicamente inválido o sacramento das consagrações episcopais, cortou a árvore dos sacramentos pela raiz. **Esta igreja não é apostólica**: seus sacerdotes não são sacerdotes, seus bispos não são bispos...
3. Ela destruiu a liturgia, a disciplina, as elites, os combatentes, as missões, os princípios de ensino, as vontades, etc.
4. Ela substitui o único verdadeiro fim, que é o amor de Deus, pelo amor do homem.
5. Ela blasfema contra o primeiro mandamento, respeitando todas as outras religiões, das quais o pai é o diabo. Não há mais pecado, exceto permanecer católico.

6. Ela não combate mais os inimigos do nome cristão; pior, ela os chama de seus amigos.
7. Ela não é mais Una, não é mais Santa, não é mais Católica, não é mais Apostólica.
8. Ela denigre sistematicamente a Santa Igreja, atribuindo-lhe falsamente múltiplas faltas.

A falsa autoridade: arma altamente eficaz da falsa Igreja.

Ela usa, para isso, particularmente a « autoridade » que pretende ter, porque ocupa o mesmo lugar (os mesmos locais!) que ocupava a Igreja. O astro que eclipsa ocupa o lugar aparente do astro eclipsado.

O entrismo: outra arma eficaz.

O entrismo é uma arma eficaz para derrubar uma organização. A Santíssima Virgem nos alerta contra o entrismo na Igreja: « O demônio usará toda a sua malícia para **introduzir** nos ordens religiosas pessoas dedicadas ao pecado ».

Claro que esse entrismo não é um fenômeno novo (ver, particularmente, os escritos de São Pedro Damião), mas, ao nos alertar mais uma vez, a Santa Virgem nos faz entender, em 1846, que, ao contrário de todas as tentativas anteriores, esse entrismo terá sucesso (hoje podemos dizer que teve sucesso). De qualquer forma, é possível constatar que, apesar dos avisos, os sacerdotes de ontem e de hoje não prestam muita atenção.

Os dois astros são os dois campos opostos:

Podemos relacionar esses dois astros ao ensino de São Inácio sobre os dois estandartes: há dois campos opostos, adversários, inimigos, irreconciliáveis. O campo de Nosso Senhor, da Santa Virgem (a Igreja Católica) de um lado, e o campo de Satanás do outro. A igreja conciliar que atualmente eclipsa a Igreja Católica é necessariamente do campo de Satanás. Cada um dos dois campos tenta « eclipsar » o outro.

Para nossa salvação, devemos viver como verdadeiros cristãos, e, portanto, necessariamente **REJEITAR TUDO o que vem da igreja conciliar**. Aliás, como vimos, ela não se poupa para destruir tudo o que não é ela.

Claro, a apostasia geral pode nos escandalizar. O ensino da Santa Virgem sobre o eclipse da Igreja nos oferece a solução para a crise e nos enche de confiança.

O astro eclipsado não está destruído

A Santa Igreja Católica não é destruída pela igreja conciliar. O termo usado pela Santa Virgem confirma as promessas de Nosso Senhor: « as Potestades do Inferno não prevalecerão contra Ela ».

Até o fim, permanecerão fiéis, adoradores em espírito e verdade, mesmo que seu número seja muito pequeno. O argumento do número (nominalismo!) é um argumento frequentemente invocado pelos inimigos da verdade (os sectários da igreja conciliar, ou aqueles que querem permanecer em contato com ela), assumindo que esse número assegura a « visibilidade » da Igreja.

No entanto, a Santa Virgem nos fala no Segredo confiado a Mélanie sobre o pequeno número daqueles que permanecerão fiéis: « Combatam, filhos da luz, vocês, **pequeno número** que veem. ». Note bem que Nossa Senhora afirma que esse pequeno número é clarividente... E portanto não terá se deixado enganar pelas ilusões conciliares. Para Nossa Senhora, não é o número que conta, é a qualidade!

Aqui está, sobre este assunto, o que nos ensina o **Padre Faber**:

> « O antigo ódio à heresia torna-se raro; perdemos o hábito de ver Deus como a única verdade, de forma que a existência das heresias não é mais um motivo de pavor. Acredita-se que Deus não deve fazer nada que nos seja penoso e que sua autoridade não deve assumir nenhuma forma desagradável ou ofensiva à liberdade de suas criaturas. Como o mundo rejeitou as ideias exclusivas, Deus deve acompanhar o progresso e abandonar princípios ultrapassados em seu trato conosco. As maiorias devem acabar prevalecendo; tal é a regra e a experiência em um país constitucional. Assim, a discórdia e o erro na religião acabaram por se tornar menos odiosos e menos alarmantes, simplesmente porque nos acostumamos a eles. **É necessário ter uma certa audácia de coração e inteligência para acreditar que toda uma grande nação esteja errada, ou que todo um século possa estar no caminho errado. Mas a teologia, em sua simplicidade, coloca bravamente o mundo inteiro como pecador e não encontra dificuldade em atribuir à verdadeira Igreja apenas uma porção moderada da população do globo.** A crença na facilidade de salvação fora da Igreja é muito atraente, se temos parentes ou amigos envolvidos com heresias; além disso, se aceitarmos esse princípio, o mundo nos perdoará uma infinidade de erros e superstições, e nos fará a honra de considerar nossa religião como um produto literário ou filosófico de nossa própria criação, em vez de um dom de Deus. Será que isso é, então, um grande benefício para que tantas pessoas estejam tão encantadas com isso, pagando caro por isso e sem arrependimento? Está claro que essa crença diminui nossa estima pela Igreja e deve enfraquecer nosso empenho em converter os outros. Aqueles que fazem menos uso do sistema da Igreja são, naturalmente, aqueles

> que a conhecem e a estimam menos, e serão menos capazes de julgá-la; e, com isso, são justamente aqueles que estão mais dispostos a sacrificar generosamente as prerrogativas da Igreja às exigências da moleza e do indiferentismo modernos. »

São Basílio Magno, enquanto escrevia aos seus monges, perseguidos pelo governo que se defendia de ser um perseguidor, confirma esta verdade:

> « Muitos homens honesto, embora achando que vocês são perseguidos injustamente, não consideram como confissão os sofrimentos que vocês suportam pela verdade; mas não é necessário ser pagão para fazer mártires. Nossos inimigos de hoje não nos odeiam menos do que faziam os adoradores dos ídolos; se eles enganam a multidão sobre o motivo de seu ódio, é para tirar de vocês, acreditam eles, a glória que cercava os antigos confessores. Mas tenham certeza: diante do justo juiz, sua confissão permanece. Tenham coragem; sob a tempestade, renovem-se no amor; acrescentem cada dia ao seu zelo, sabendo que em vocês devem permanecer os restos da piedade que o Senhor, em sua vinda, encontrará na terra. Não se perturbe com as traições, de onde quer que venham: foram os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos que armaram as armadilhas onde nosso Mestre quis sucumbir. Não deem importância às opiniões da multidão, que o menor sopro agita em várias direções como a água do mar. **Se houvesse apenas um único a buscar sua salvação como Ló em Sodoma, ele não deve desviar-se da retidão, porque ele só está certo, mas manter inabalável sua esperança em Jesus Cristo.** »

O astro eclipsado desaparece por um momento, depois reaparece, e acaba por devolver sua plena luz e calor.

A igreja conciliar tenta ocultar a Igreja, tomar seu lugar e fazer-se passar por Ela; tenta substituir a luz que a Igreja nos dá por uma luz enganosa, o decálogo de Deus pelo decálogo de Satanás, o realismo católico pelo nominalismo satânico (poder de palavras ilusórias como a « liberdade religiosa », etc.).

É forçoso constatar que a Santa Igreja desaparece pouco a pouco, à medida que muitos perdem a fé. Estamos próximos do eclipse total? Façamos um balanço: quantos permanecem aparentemente como católicos fiéis, como sacerdotes fiéis?

Uma passagem do Segredo revela o caráter progressivo desse eclipse:

> « ...Lúcifer, com um grande número de demônios, será solto do Inferno: **eles abolirão a fé pouco a pouco** e até mesmo nas pessoas consagradas a Deus; eles as cegarão de tal maneira que, a menos que haja uma graça particular, essas pessoas adotarão o espírito desses maus anjos: várias casas religiosas perderão completamente a fé e perderão muitas almas. »

Quando o eclipse for total, como nos anuncia a Santa Virgem, « o mundo estará na consternação », sem referências nem direção, nas trevas mais profundas. Somente o outro astro será visível, que ocupará todo o lugar e tentará se passar pela Santa Igreja. Não restará mais nada aparentemente da Santa Igreja: a Tradição será ou martirizada ou obrigada a se esconder. Restará apenas o terço, como vários videntes profetizaram.

Mas a Santa Virgem, ao usar o termo eclipse, nos dá ao mesmo tempo a garantia de que essa desaparecimento é apenas momentâneo: a luz da Santa Igreja retornará... pouco a pouco, até que Ela recupere sua plena luz, no final do eclipse.

E assim que essa luz retornar, todos os inimigos de Nosso Senhor serão cegados e derrotados. Estamos certos, Ele venceu o mundo, Ele é nossa esperança. Sua santa Mãe nos anunciou até mesmo: "No final, meu coração Imaculado triunfará". No final, obviamente.

Quando esse eclipse começou?

Esse eclipse provavelmente começou com a morte de Pio XII (1958) ou no início do Concílio Vaticano II (29 de outubro de 1963). De qualquer forma, podemos citar a importante confidência de Jean Guitton (amigo de Paulo VI, Maçom 33º grau) à sua secretária Mlle Michèle Reboul:

> « A Igreja Católica morreu no primeiro Dia do Concílio Vaticano II. Ela deu lugar à igreja ecumênica. Ela não deveria mais se chamar católica, mas ecumênica ».

Jean Guitton tem razão ao dizer que, desde o primeiro dia do Concílio, aparece outra igreja, uma outra igreja que não é mais a Igreja Católica e que ele justamente chama de igreja ecumênica. Mas ele se engana ao dizer que a Igreja Católica morreu. Ela está simplesmente eclipsada.

O eclipse da Santa Igreja confirmado pelo Papa Leão XIII:

O Papa Leão XIII confirma o eclipse da Igreja em seu grande exorcismo publicado em 1884:

> « A Igreja, esposa do Cordeiro Imaculado, aqui está saturada de amargura e embriagada de veneno, por inimigos muito astutos; eles puseram suas mãos ímpias sobre tudo o que ela deseja de mais sagrado. **Onde foi instituída a sede do bem-aventurado Pedro, e a cátedra da Verdade, ali colocaram o trono de sua abominação na impiedade; de modo que, o pastor sendo ferido, o rebanho possa ser disperso**. Ó São Miguel, chefe invencível, apresente-se, portanto, ao povo de Deus que está lutando contra o espírito de iniquidade, dê-lhe a vitória e faça-o triunfar ». *Exorcismo de Leão XIII contra Satanás e os anjos apóstatas*, 1884.

Cadeia de eventos previstos no Segredo

No Segredo que Ela confia a Mélanie, a Santíssima Virgem nos traça as grandes linhas da história da Igreja a partir de 1846. Dito isso, muitas coisas são do domínio da interpretação, e absolutamente não é minha intenção me erguer como profeta... No entanto, aqui está uma possível cadeia de eventos:

- que é conforme com a interpretação do Apocalipse do Padre de Clorivière, ou com o que disse Mélanie;
- que é confirmada por numerosos eventos que já ocorreram entre 1846 e os dias atuais...

A ordem dos eventos que transparece nas palavras de Nossa Senhora é a seguinte:

1. Um primeiro período marcado pela apostasia geral dos indivíduos e das nações, o eclipse da Igreja, a chegada do Anticristo, os castigos com os quais Deus punirá os habitantes da Terra, o pequeno número muito purificado dos fiéis que será preservado.
2. Um segundo período marcado por uma restauração, após a conversão dos judeus e dos gentios pelo ministério de Enoque e Elias, e após a queda do Anticristo e da Babilônia.
3. Um terceiro período marcado por um novo esfriamento da fé.

A apostasia geral:

1. **A apostasia geral**, dos indivíduos e das nações:

a. « Haverá em todos os lugares prodígios extraordinários, porque a verdadeira fé se extinguiu e a falsa luz ilumina o mundo. »
b. « A santa fé de Deus sendo esquecida, cada indivíduo desejará se guiar por si mesmo e ser superior aos seus semelhantes. Abolirá os poderes civis e eclesiásticos, toda ordem e toda justiça serão pisoteadas; só se verá homicídios, ódio, ciúmes, mentiras e discórdia, sem amor pela pátria nem pela família. »
c. São nações inteiras que apostatam: « Os governantes civis terão todos o mesmo objetivo, que será abolir e fazer desaparecer todo princípio religioso, para dar lugar ao materialismo, ao ateísmo, ao espiritismo e a todos os tipos de vícios. »

2. Os **castigos** aos quais os maus cristãos e todos os habitantes da Terra estarão sujeitos:

a. « Deus vai castigar de uma maneira sem precedentes. »
b. « Ai dos habitantes da Terra! Deus vai esgotar Sua ira, e ninguém poderá se esquivar de tantos males reunidos. »
c. « As estações serão alteradas, a Terra produzirá apenas frutos ruins, os astros perderão seus movimentos regulares, a lua refletirá apenas uma fraca luz avermelhada; a água e o fogo darão ao globo terrestre movimentos convulsivos e horríveis terremotos, que engolirão montanhas, cidades, (etc.). » d. « Ai dos habitantes da Terra! Haverá guerras sangrentas e fome; pestes e doenças contagiosas; haverá chuvas de granizo horrível de animais; trovões que abalarão cidades; terremotos que engolirão países; ouvir-se-ão vozes nos ares; os homens baterão a cabeça contra as paredes; clamarão pela morte, e de outro lado a morte será seu suplício; o sangue jorrará de todos os lados. Quem poderá vencer, se Deus não diminuir o tempo da provação? »

3. Uma **"falsa paz"** imediatamente antes da chegada do Anticristo. Não é dessa **"falsa paz"** que nos falam constantemente atualmente, e que todos podem ver ser na verdade uma verdadeira guerra (guerra econômica, manipulação das massas, ações de "manutenção da paz")? « Antes que isso aconteça, haverá uma espécie de falsa paz no mundo, e não se pensará senão em se divertir. »

4. A chegada de precursores do Anticristo e do **Anticristo** em si:

a. « Um precursor do Anticristo, com suas tropas de várias nações, lutará contra o verdadeiro Cristo, o único Salvador do mundo; derramará muito sangue e tentará aniquilar o culto a Deus para ser adorado como Deus. »
b. « Será durante esse tempo que nascerá o Anticristo, de uma religiosa hebraica, uma falsa virgem que terá comunicação com a antiga serpente, o mestre da impureza; seu pai será Ev. ; ao nascer, vomitará blasfêmias, terá dentes; em suma, será o diabo encarnado; emitirá gritos assustadores, realizará prodígios e se alimentará apenas de impurezas. Terá irmãos que, embora não sejam como ele demônios encarnados, serão filhos do mal; aos 12 anos, se destacarão por suas valentes vitórias; logo, estarão cada um à frente de exércitos, assistidos por legiões do inferno. »

5. **O eclipse da Igreja**:

a. « O Vigário de Meu Filho terá muito a sofrer, porque por um tempo a Igreja será entregue a grandes perseguições: será o tempo das trevas; a Igreja enfrentará uma crise terrível. »
b. « Roma perderá a fé e se tornará o trono do anticristo. »: esta frase da Santa Virgem parece confirmar que o Anticristo virá na era em que ocorrerá essa eclipse, na era em que Roma perderá a fé. Roma terá perdido a fé antes da chegada do Anticristo.
c. « A Igreja será eclipsada, o mundo estará em consternação. »

6. **Um pequeno número de fiéis será preservado**: « Os demônios do ar com o anticristo farão grandes prodígios sobre a terra e nos ares, e os homens se perverterão cada vez mais. Deus cuidará de Seus fiéis servos e dos homens de boa vontade... »

A restauração

A apostasia geral e o eclipse da Igreja serão seguidas por uma restauração, cujos artífices serão Enoque e Elias, e o pequeno número de « justos » que restarão. Esta restauração, como vimos, já é sugerida no termo «eclipsado» usado pela Santa Virgem. Aqui está outro trecho crucial do Segredo:

1. « No primeiro golpe da espada fulminante [de Deus], as montanhas e a natureza inteira tremerão de espanto, porque as desordens e os crimes dos homens atravessam a abóbada dos céus. Paris será incendiada e Marselha será engolida; várias grandes cidades serão abaladas e engolidas por terremotos: acreditar-se-á que tudo está perdido; só se verá homicídios, só se ouvirá ruído de armas e blasfêmias. Os justos sofrerão muito; suas orações, sua penitência e suas lágrimas subirão até o Céu, e todo o povo de Deus pedirá perdão e misericórdia, e pedirá minha ajuda e minha intercessão. Então Jesus Cristo, por um ato de Sua justiça e de Sua grande misericórdia para com os justos, ordenará a Seus anjos que todos Seus inimigos sejam mortos. **De repente, os perseguidores da Igreja de Jesus Cristo e todos os homens entregues ao pecado perecerão, e a terra se tornará como um deserto. Então haverá paz, a reconciliação de Deus com os homens; Jesus Cristo será servido, adorado e glorificado; a caridade florescerá por toda parte**. Os novos reis serão o braço direito da santa Igreja, que será forte, humilde, piedosa, pobre, zelosa e imitadora das virtudes de Jesus Cristo. O Evangelho será pregado em toda parte, e os homens farão grandes progressos na fé, porque haverá unidade entre os operários de Jesus Cristo, e os homens viverão na reverência a Deus. »

2. « Os demônios do ar, junto com o Anticristo, farão grandes prodígios sobre a terra e nos céus, e os homens se perverterão cada vez mais. Deus cuidará de Seus fiéis servos e dos homens de boa vontade; o Evangelho será pregado em toda parte, todos os povos e todas as nações terão conhecimento da verdade! »

Enoque e Elias serão artesãos importantes dessa restauração, eles são como os elementos desencadeadores da restauração:

3. «A Igreja será eclipsada, o mundo estará na consternação. Mas eis Enoque e Elias cheios do Espírito de Deus; eles pregarão com a força de Deus, e os homens de boa vontade crerão em Deus, e muitas almas serão consoladas; eles farão grandes progressos pela virtude do Espírito Santo e condenarão os erros diabólicos do Anticristo.»

4. Enoque e Elias serão perseguidos e vencidos pelo Anticristo; seu sacrifício, assim como os sofrimentos e as orações dos fiéis, obterão a intervenção de Deus. « Pelo sangue, lágrimas e orações dos justos, Deus Se deixará aplacar; Enoque e Elias serão mortos; Roma pagã desaparecerá.»

O Anticristo será derrotado: « Eis o tempo; o abismo se abre. Eis o rei dos reis das trevas. Eis a besta com seus súditos, dizendo-se o "Salvador" do mundo. Ele se elevará com orgulho pelos ares para chegar até o céu; será sufocado pelo sopro de São Miguel Arcanjo. Ele cairá, e a terra, que desde três dias estará em contínuas evoluções, abrirá seu seio cheio de fogo; ele será mergulhado para sempre com todos os seus nas profundezas eternas do inferno. Então, a água e o fogo purificarão a terra e consumirã todas as obras do orgulho dos homens, e tudo será renovado: Deus será servido e glorificado.»

Roma pagã, a nova Babilônia, provavelmente a nova capital do mundo apóstata, desaparecerá: « Roma pagã desaparecerá; o fogo do Céu cairá e consumirá três cidades.»

Esta restauração será seguida por um novo esfriamento da fé e novos castigos antes da conclusão final, ou seja, o fim do mundo e o Julgamento Final. É isso que a Santa Virgem nos ensina por meio destas palavras:

« Esta paz entre os homens não durará muito: vinte e cinco anos de colheitas abundantes lhes farão esquecer que **os pecados dos homens são a causa de todos os sofrimentos que acontecem sobre a terra**. »

Um certo número de castigos descritos por Nossa Senhora certamente se referem a esse segundo período de esfriamento, que antecede diretamente o fim do mundo.

A Santa Virgem fala apenas de maneira sucinta sobre esse segundo período, para melhor nos alertar sobre os perigos que nos ameaçam atualmente. **A maioria das coisas que nos são anunciadas por Nossa Senhora diz respeito certamente à época da Igreja na qual Ela fala, ou seja, a nossa**.

Deus reconstruirá com nada

A Santa Virgem nos ensina o que caracteriza o pequeno número (http://www.a-c-r-f.com/documents/Abbe_Augustin_LEMANN-Denouement_persecution.pdf) daqueles que permanecerão fiéis discípulos de Nosso Senhor Jesus Cristo durante o período da apostasia geral, os verdadeiros filhos da Santa Igreja:

- Serão filhos da fé.
- Terão verdadeira devoção à Santa Virgem e buscarão imitar Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora.
- Não cessarão de crescer no amor a Deus e nas virtudes que são mais queridas a Nossa Senhora: humildade, espírito de pobreza, mortificação, castidade, desconfiança de si mesmos, confiança em Deus.
- Serão em número muito reduzido, purificado pelas provações.
- O Bom Deus lhes conservará Suas luzes para que possam ver claramente. Nossa Senhora os assistirá pessoalmente na luta que terão de enfrentar.

A Santíssima Virgem lhes dirige um urgente chamado para **lutar**:

> « Faço um apelo urgente à terra: chamo os verdadeiros discípulos do Deus vivo e reinante nos céus; chamo os verdadeiros imitadores de Cristo feito homem, o único e verdadeiro Salvador dos homens; chamo meus filhos, meus verdadeiros devotos, aqueles que se entregaram a mim para que eu os conduza ao meu

> divino Filho, aqueles que eu carrego, por assim dizer, em meus braços, aqueles que viveram do meu espírito; finalmente, chamo **os Apóstolos dos últimos tempos**, os fiéis discípulos de Jesus Cristo que viveram em desprezo do mundo e de si mesmos, na pobreza e na humildade, no desprezo e no silêncio, na oração e na mortificação, na castidade e na união com Deus, na aflição e desconhecidos do mundo. É hora de saírem e iluminarem a terra. Vão, e mostrem-se como meus filhos amados; estou com vocês e em vocês, desde que sua fé seja a luz que os ilumina nestes dias de infortúnio. Que o seu zelo os torne como famintos pela glória e honra de Jesus Cristo. **Lutem**, **filhos da luz, vocês, pequeno número que vêem**; pois eis o tempo dos tempos, o fim dos fins. »
>
> « A terra será atingida por todos os tipos de flagelos (além da peste e da fome que serão gerais); haverá guerras até a última guerra, que será então travada pelos dez reis do anticristo, os quais terão todos o mesmo propósito e serão os únicos que governarão o mundo. Antes que isso aconteça, haverá uma espécie de falsa paz no mundo; as pessoas só pensarão em se divertir; os ímpios se entregarão a todos os tipos de pecados; mas os filhos da santa Igreja, os filhos da fé, meus verdadeiros imitadores, crescerão no amor de Deus e nas virtudes que são mais queridas para mim. Felizes **as almas humildes** guiadas pelo Espírito Santo! Eu lutarei com elas até que cheguem à plenitude da idade. »

A Batalha Preliminar

Jean Vaquié, em sua brochura *A Batalha Preliminar*, nos dá uma visão importante sobre o pequeno número muito purificado mencionado pela Santíssima Virgem:

> « Mas é preciso compreender bem que se Deus conserva uma base ínfima, um único homem, uma família única, um "pequeno número" [6], é porque Ele não está criando algo novo hoje. **Ele faz Suas obras terrenas com "nada", mas não com nada absoluto**. Ele opera com **pequenos restos**, ou seja, com coisas negligenciáveis, com "nada" que lembra o nada do qual Ele tirou a criação, mas "nada" que, no entanto, não é o nada absoluto... O "**pequeno número**" de que falamos é simplesmente uma minoria que Deus constitui Ele mesmo e da qual Ele aumenta ou restringe o número **como Lhe convém**. **Ele recruta essa minoria onde Lhe apraz e não apenas entre aqueles que se acreditam**, **erradamente ou não**, **como a elite designada**. »

Esse « pequeno número » deve dobrar o Céu, adotando uma espiritualidade de combate.

Como Mélanie Calvat, essa minoria deverá dobrar Deus pela oração e pela penitência, aceitando todos os sofrimentos que o Bom Deus lhes enviará. Jean Vaquié prossegue:

> « Vamos agora **contra quem** é dirigida esta "batalha preliminar". Por mais estranho que pareça, ela é **dirigida contra Deus**. É necessário fazer um assalto ao céu. É Deus que deve ser dobrado. E é o próprio Deus quem nos deu armas contra Ele. Essas armas são a **oração**, à qual se deve adicionar a **penitência** que dá asas à oração. Por meio delas, os obstáculos são removidos, a pedra do túmulo é retirada, e a decisão divina de fazer misericórdia é finalmente tomada.
>
> No entanto, observamos precisamente que essa decisão divina está demorando. O Noivo tarda a vir. Todas as obras de Jesus Cristo na terra, tanto as eclesiásticas quanto as temporais, estão corroídas por dentro. Restam apenas as **aparências** e, ainda assim, Deus não dá, por enquanto, sinais manifestos de indignação. Portanto, **a soma dos desejos não alcançou a medida plena**. Deus espera. A Escritura nos ensina que Ele é "lento para a ira". [...]»
>
> Para perfurar a abóbada dos céus e fazer descer o poder e a misericórdia divinos, não seremos tratados de forma melhor do que o Mestre. Ora, é o **grito** dado por Nosso Senhor antes de expirar que perfurou a abóbada dos céus e fez descer o Santo Espírito, cinquenta dias depois. E esse grito Lhe foi arrancado pela dor. Tem-se a temer que nosso clamor só atinja a intensidade suficiente quando for arrancado de nós pela **dor**. No entanto, não temamos nada, mantenhamos a confiança. As graças necessárias sempre acompanham as provações.

O estado de extrema angústia em que nos encontramos quanto à ruína invasiva de todas as obras terrestres de Nosso Senhor Jesus Cristo gera uma verdadeira espiritualidade, ou seja, uma forma particular de piedade. Pois nossa alma está ocupada unicamente por essa **angústia** que apaga e supera todos os outros sentimentos. Tornou-se impossível pensar em outra coisa, dada a situação sem precedentes. Tal deve ter sido também o estado de espírito de Joana d'Arc, que contemplava com tristeza "a grande piedade do reino da França".

> Qual é o eixo dessa "**espiritualidade de combate**"? Em quais preocupações e em qual esperança principal ela está centrada? Tudo termina onde tudo começou. As finalidades do reino muito cristão serão a imagem ampliada de suas origens. A França e sua realeza terminarão no milagre, assim como começaram. É o zelo duplo de nossa origem e de nossa finalidade que irá comandar nossa espiritualidade de combate, nossa devoção particular em tempos de crise.

Os Apóstolos dos últimos tempos

No Segredo confiado a Mélanie, a Santíssima Virgem nos fala dos « apóstolos dos últimos tempos », e Ela manifesta claramente, por outro lado, Seu desejo de ver criado um ordem religiosa missionária, trabalhando para a santificação do clero e para a conversão dos pobres pecadores.

Essa ordem está sem dúvida chamada a surgir, a desempenhar um grande papel no combate futuro que a Igreja terá de enfrentar contra a Besta, ou seja, o Anticristo. É isso que Nossa Senhora nos ensina pela escolha do nome dessa ordem, e que Mélanie nos confirma pela descrição da visão (a *Visão*, como ela a chama) que acompanhava o momento em que a Santa Virgem lhe ditava a regra.

Na **carta endereçada por Mélanie, em 21 de junho de 1879, de Castellamare, ao abade Le Baillif**, lemos o seguinte:

> « Meu muito reverendo Pai, para me conformar aos seus desejos e à vontade de Monseigneur, vou responder o mais claramente possível às perguntas que você me dirige em nome de Sua Grandeza.
>
> 1. É verdade que, na aparição de 19 de setembro de 1846 na montanha de La Salette, a Santíssima Virgem me manifestou que Ela desejava a criação de uma nova ordem religiosa que Ela própria designou pelo nome de Apóstolos dos Últimos Tempos. A prova disso está tanto na regra que Ela me deu então, pessoalmente, após o segredo e que há muito vocês possuem, quanto na visão dessa obra.
>
> Essa ordem compreenderá: 1) padres que serão os missionários da Santíssima Virgem e os apóstolos dos últimos tempos; 2) religiosas, que dependerão dos missionários; 3) fiéis, engajados no mundo, que desejariam se unir e se vincular à obra.
>
> 2. O objetivo dessa nova ordem é trabalhar para a santificação do clero, para a conversão dos pecadores e para expandir o reino de Deus por toda a terra. As religiosas são chamadas, assim como os missionários, a trabalhar com zelo pela salvação das almas através da oração e das obras de misericórdia espiritual e corporal. Quanto ao espírito da ordem, deve ser o espírito dos primeiros apóstolos; a Santíssima Virgem caracterizou suficientemente esse espírito, tanto na regra que Ela me deu quanto no chamado aos Apóstolos dos Últimos Tempos que encerra o segredo.
>
> As obras às quais essa ordem será dedicada estão indicadas na regra dada pela Santíssima Virgem e na *visão* da qual seguem alguns fragmentos, pois não posso escrever tudo:

> Vi que o Evangelho de Jesus Cristo era pregado por toda a terra e a todos os povos em toda a sua pureza.
>
> Vi que Deus queria que essa ordem lutasse contra todos os abusos que levaram à decadência do clero e do estado religioso e à ruína da sociedade cristã...

E na sua carta ao abade Roubaud, escrita em Marselha no dia 3 de janeiro de 1891, Mélanie descreve (a que ela chamou de ***Visão***) o que a Santíssima Virgem lhe mostrou ao mesmo tempo em que Lhe ditava a regra dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Essa visão confirma o papel que os *Apóstolos dos Últimos Tempos* devem desempenhar nos combates que a Igreja terá de enfrentar na época da apostasia dos países católicos. Você encontrará o texto dessa carta no anexo.

Conformidade desses eventos com a interpretação do Apocalipse pelo Padre de Clorivière. A sequência dos eventos, tal como a descrevemos, está de acordo com aquela proposta pelo Padre de Clorivière em sua Interpretação do Apocalipse:

Para ele, a sucessão dos eventos, no sexto e no sétimo século da Igreja, é a seguinte:

A defeção da gentilidade cristã desde o início do sexto período:

> « O primeiro desses eventos, que se apresenta a nós, e um dos mais marcantes, é a grande revolução, ou a defeção dos povos da gentilidade cristã, que renunciarão à religião de Jesus Cristo. Isso nos é mostrado na abertura do sexto selo. »
>
> [...]
>
> « O texto sagrado diz que ocorreu um grande terremoto. Tudo o que, até então, havia de santo e bom nesses Países, que por muito tempo fizeram parte da Igreja, será abalado. Os espíritos das trevas não perturbarão os povos que mantêm sob sua dominação; mas colocarão tudo em confusão nos Países onde a Religião Católica era publicamente professada. Os homens mais ímpios terão em mãos a autoridade. Todas as leis sábias serão abolidas, e aquelas que as substituirão favorecerão o vício e a irreligião. Os estabelecimentos úteis serão destruídos, e tudo será feito para que não reste nenhum vestígio da piedade cristã. »

Lá também, os demônios farão tudo para cortar todos os canais da graça:

> « As mesmas Potências das trevas [...] usam o poder que têm sobre os Mestres do mundo, que lhes são submissos, para prejudicar a Igreja, impedindo a comunicação mútua entre os Fiéis e os Pastores, e os outros meios exteriores de salvação, como a instituição privada, a pregação pública e a administração dos sacramentos; meios que servem normalmente, como veículos do sopro do Espírito Santo, para se comunicar às almas ou para manter nelas a vida sobrenatural da graça. E, sem dúvida, se a Igreja fosse uma obra humana, nada seria mais eficaz para destruí-la completamente. »

No final do sexto período, Deus envia Enoque para a conversão da Gentilidade e Elias para a dos Judeus.

> « Mas, o que podem os homens e os Demônios para impedir o cumprimento dos desígnios de Deus? O tempo da conversão dos judeus chegou. Ele envia um Anjo, com o selo do Deus vivo, que proíbe os espíritos malignos de prejudicar a Terra, que é a Igreja, o mar que é o século; nem as Árvores, que são os Pastores da Igreja, até que ele tenha, juntamente com aqueles com quem se associará, marcado os servos de Deus na testa. Esse enviado extraordinário do Senhor nos parece ser o Profeta Elias, que, segundo os Profetas, foi escolhido por Deus para operar a conversão da nação judaica. É aos homens, e não aos espíritos celestes, que cabe marcar na testa os servos de Deus. A proibição feita aos Demônios de prejudicar os homens prenuncia à Igreja um tempo de calma e paz, no qual ela desfrutará de maior liberdade. » [...] « Deve-se colocar aqui o cumprimento da promessa que o Senhor fez ao Anjo de Filadélfia, de que uma porta seria aberta ao seu zelo, e que Ele retiraria, da sinagoga de Satanás, aqueles que se dizem judeus, para lhes dar, a conversão de toda a nação pelo ministério de Elias; os cento e quarenta e quatro mil marcados com o selo; e a vinda de Enoque, o outro testemunha, que, segundo as Sagradas Escrituras, deve vir para incitar as nações ao arrependimento, *ut det gentibus penitentiam*. »

Eles serão assistidos por uma sociedade de homens apostólicos:

> « É a esse mesmo tempo que se deve relacionar a visão do Anjo, mencionada no cap. 10. A descrição desse Anjo mostra evidentemente que ele é uma figura simbólica, que representa algo mais do que ele mesmo; não um único homem, porque um só homem não seria capaz de fazer o que ele faz, mas uma sociedade de homens Apostólicos que Deus suscitará nesse tempo para o serviço de Sua Igreja. O livro aberto, que o Anjo segura na mão, é o emblema dessa sociedade. Seus pés posicionados, um sobre o mar e o outro sobre a terra, marcam que ela é enviada tanto aos Fiéis quanto aos Infiéis. O juramento do Anjo e tudo o que ele diz revela qual será o conteúdo de suas Precações. A ação de João, que recebe o livro das mãos do Anjo e o devora, indica que os pastores que ele representa se unirão a esses homens Apostólicos, ou melhor, tomarão a liderança deles, para trabalhar em conjunto com eles para a glória de Deus e a salvação do Próximo. »

A Besta, ou seja, o Anticristo, surge na mesma época. Ele conquistará o mundo e será adorado como deus.

> « Toda a Terra, diz o Escritor sagrado, na admiração que lhe causava esse prodígio, seguiu a Besta. Adorou-se o Dragão, de quem a Besta obtinha seu poder; adora-se também a Besta, e em inveja se exalta seu poder como invencível. »
>
> « Então a Besta, sustentada por toda a força de Satanás, abriu a boca para proferir grandes coisas. Ela não impôs mais limites as suas blasfêmias, e o poder de agir lhe foi concedido por quarenta e dois meses. Logo depois, apareceram éditos cheios de blasfêmias, que derrubavam todas as verdades da Religião; e mesmo toda espécie de religião, assimilando as falsas religiões com a verdadeira, para substituir a sua no lugar, e fazer-se adorar exclusivamente por todos os homens. É isso que São Paulo nos faz entender, na segunda carta aos Tessalonicenses, quando nos diz que o Homem do pecado se elevará acima de tudo o que é chamado Deus, sendo reverenciado como Deus. »

Enoque e Elias combatem o Anticristo:

> « Em circunstâncias tão terríveis, o Senhor não deixará os Seus sem um auxílio extraordinário. De acordo com Sua promessa, Ele enviará dois testemunhas. Elias e Enoque, após terem cumprido, cada um à sua maneira, o objetivo particular de sua missão, se reunirão para resistir ao monarca anticristão. Não será possível desconhecer isso, e isso por si só seria suficiente para atestar que sua missão é divina. Eles se oporão com verdadeiros milagres aos falsos milagres da Besta e do falso Profeta; e ferirão a terra com todos os tipos de flagelos, para mostrar ao mundo ímpio que há no Céu um Deus todo-poderoso, a quem nada pode resistir. »

O Anticristo fará com que os dois testemunhas sejam mortos, mas Deus os ressuscitará:

> « Ninguém poderá prejudicá-los enquanto durar o seu testemunho; quando o tempo expirar, a Besta terá o poder de matá-los, mas sua malícia servirá apenas para glorificar mais ainda a Deus. Seus corpos, após terem permanecido três dias e meio estendidos nas praças públicas da grande cidade, serão repentinamente devolvidos à vida de forma milagrosa. Eles se levantarão em pé. Aqueles que os virem serão tomados de terror. Uma grande voz do Céu lhes dirá: 'subam aqui,' e no mesmo instante, eles se elevarão ao Céu em uma nuvem, à vista de seus inimigos. »

Então vem a queda de Babilônia, da Besta e de seu exército, e a feliz revolução a favor da Santa Igreja:

> « Esta ressurreição dos dois testemunhas será como o sinal da próxima conclusão da grande perseguição, da queda de Babilônia, da destruição da Besta e de seu exército, e da feliz revolução que deve ocorrer logo após, a favor da Religião Cristã. É assim que acreditamos que devemos entender o que se segue imediatamente ao que acabamos de ver. Nesse momento, houve um

> grande terremoto, e a décima parte da cidade caiu; e dez mil nomes de homens foram mortos no terremoto, e os outros foram tomados de medo e deram glória a Deus do Céu. Pois, mesmo tomando essas palavras no sentido literal, esse sentido por si só oferece uma figura de três eventos muito importantes para a Igreja, que devem ocorrer antes do fim do sexto período, após a ressurreição das duas testemunhas: a saber, a queda da última Babilônia; isso corresponde à queda da décima parte da cidade. A destruição da Besta e de seu exército; isso são os dez mil nomes de homens mortos. Finalmente, o medo que apoderou as nações apóstatas e a conversão da maioria das outras nações, é o que é claramente expresso no restante do versículo. Isso é ainda mais provável, pois é assim que termina a história dos combates da Igreja no sexto período, contida sob o som da sexta trombeta; e esses mesmos eventos são relatados mais detalhadamente na sequência. » ...
>
> « A feliz transformação que ocorreu naquela época no restante do universo, além do que já foi dito, é relatada no cap. 14. Ela havia começado durante a vida dos dois testemunhas, para os judeus e até mesmo para uma parte dos gentios. Nos outros versículos, admira-se a beleza singular da Igreja judaica. Vê-se que todos os Povos são iluminados pela luz da fé; que se rejubila grandemente pelos julgamentos exercidos sobre Babilônia; que se denunciam os mesmos castigos a todos os adoradores da Besta; e que se proclama em toda parte a bem-aventurança final dos servos de Deus e a perda eterna dos ímpios. »

« A sétima época oferece poucos eventos, mas eles são terríveis

O Senhor se mostra ali o Deus forte. Os conselhos que dá ao Anjo de Laodiceia mostram que, nessa época, Ele provará fortemente aqueles que ama. » Esta sétima época é marcada por um novo esfriamento da fé em um grande número de pessoas e pela expedição de Gog e Magog contra os cristãos, tanto judeus quanto gentios, reunidos na Palestina.

Conformidade desses eventos com o que nos diz Mélanie Calvat:

Mélanie Calvat também teve visões assustadoras sobre as calamidades que ameaçavam o mundo, seguidas pela vitória dos homens de fé. Durante seu décimo terceiro ano, ela relatou a seguinte visão:

>

> « ... Um dia, meus sentidos suspensos, minha inteligência viu o mundo em espessas trevas, incêndios por toda parte e eu ouvia gritos como de bestas ferozes: “Viva a anarquia! Abaixo a batina e os fanáticos! Matem, matem, fuzilem, esfaqueiem, purguemos a terra!” Afogavam pessoas, idosos, mulheres e crianças para ir mais rápido; o sangue corria, as casas se fechavam, mas esses homens sedentos de sangue arrombavam as portas e massacravam todos aqueles que caíam em suas mãos; muitos sacerdotes, religiosos e religiosas eram mortos: havia aqueles que eram conduzidos em bandos com as mãos atadas atrás das costas, levados para uma praça para serem fuzilados. Mulheres eram também tão cruéis, senão mais, do que homens enfurecidos. Esta obra, este castigo desejado (embora indiretamente) pelos maus cristãos, acontecia, mais ou menos horrível, em todas as cidades e vilarejos, e começara ao mesmo tempo, com o sinal dado pelos líderes. Sob a denominação de anarquia escondia-se a seita infernal dirigida pelo primeiro rebelde revolucionário, Lúcifer. As igrejas eram saqueadas, profanadas, incendiadas. As tropas lutavam contra os civis, havia maus sacerdotes nos rangos de uns e de outros; o massacre era horrível; e soldados, ao ver o massacre que haviam feito com seus irmãos, se voltaram e atiraram contra seus líderes. As comunidades oravam, os humildes e os pobres oravam. Foram estes últimos que foram atendidos, mas não antes que se completasse o número das vítimas inocentes. Esta vindima da justiça divina, onde pereceram um grande número de milhares de sacerdotes, durou dois ou três dias. **Os homens de fé prática, embora em pequeno número, ajudados por seus anjos da guarda, foram vencedores**. »

Em uma carta ao cônego de Brandt, Mélanie considera que a restauração ocorrerá após a queda do Anticristo:

> « É um grande erro querer fixar o fim do mundo na época da queda do Anticristo. Após a queda temporal, ou corporal do Anticristo, a Igreja florescerá, mais resplandecente do que nunca. Todos os judeus restantes em vida abraçarão a Fé; todos os cristãos que sobreviverem serão renovados em sua fé viva; não haverá fora da Igreja Católica nenhuma religião nem seita, e a paz mais bela, a mais universal reinará por séculos; após o que a fé se esfriará novamente... »

Carta à mãe Saint-Jean

> « São Barnabé, 31 de outubro de 1891.

> Ao ver a França, ou melhor, a Europa, totalmente envolvida nas teias de todas as seitas, sejam elas de que cor forem, e até mesmo os eclesiásticos e altos personagens fazendo parte delas; ao ver os blasfêmias contra Deus, a Santíssima Virgem e os santos; ao ver a corrupção geral contra a moral, a juventude educada na negação de todo princípio religioso; ao ver o ódio dos reinos e estados uns contra os outros, as injustiças, os roubos, as fraudes, os suicídios, a independência e a obstinação geral, e as doenças até então desconhecidas, as estações alteradas, o frio rigoroso e o calor excessivo, as inundações, os terremotos, as colheitas ruins, etc. Tudo, tudo indica que o anticristo está prestes a se revelar e que a paz duradoura só virá após o passagem desse homem do mal... »

---

[6] "um número tão pequeno que pode facilmente ser chamado por seus nomes", precisará o venerável Holzhauser em sua interpretação do Apocalipse: Link e Link

Conclusão

Aviso importante do Padre de Clorivière:

Aqui está um aviso importante do Padre de Clorivière sobre a maneira como todo católico deveria considerar esses terríveis alertas que o Céu se digna enviar aos fiéis:

> « É útil para os fiéis saber quais males estão prestes a ameaçá-los, para que possam se preparar com mais cuidado. Quando esses males acontecerem; quando nações cristãs, até então, erguerem altivamente o estandarte da incredulidade; esse exemplo terrível, longe de abalar sua fé, apenas a fortalecerá cada vez mais, porque saberão que essas coisas foram preditas desde o início do cristianismo, e que Deus as permitiu apenas para punir os crimes sem número dessas nações, acumulados de geração em geração com um excesso prodigioso. À aproximação dos perigos, as almas fervorosas se prepararão com mais ardor para a batalha, se desprenderão cada vez mais da terra e não se cansarão de implorar o auxílio do Senhor para si mesmas e para os outros fiéis. Os Pastores vigiarão com mais zelo sobre seus rebanhos; os advertirão sobre o perigo e os meios que devem ser tomados para se proteger. Aqueles que desejam se perder, se perderão, mas não terão do que se queixar por não terem recebido as luzes necessárias para se salvar. Foram mostradas a eles as horrores do precipício no qual estavam prestes a se lançar; se essa visão não os desviou de fazê-lo, a culpa é apenas deles. Será também um grande consolo para a Igreja, em meio às amarguras que estará cercada de todos os lados, saber que seus males nunca serão contidos em um certo grau de violência; que, se Deus às vezes permite que seus inimigos triunfem, que insulte sua fraqueza, que a pisoteiem; Ele saberá tirar sua glória disso; fará com que saia vitoriosa da batalha e não demorará a ver seus inimigos abatidos diante dela e castigados por sua temeridade insensata. Que luz não encontrará em um conhecimento detalhado do que deve lhe acontecer, para sua própria conduta e para a de seus filhos, nos tempos mais difíceis; para converter o judeu, quando o Senhor começar a dissipar suas trevas; para aprender a reconhecer os dois testemunhas que serão enviados em seu socorro; para prevenir os fiéis contra a sedução do homem do pecado, contra seus falsos milagres, contra as coisas surpreendentes que ele poderá dizer ou fazer, contra o brilho e a rapidez de suas vitórias, contra sua Babilônia, contra o luxo e o aparato de grandeza com que se cercará, e tudo o que se publicará sobre suas maravilhas, para procurar a conversão de tantos povos que até então terão permanecido em sua barbárie; finalmente, para discernir com certeza os sinais precursores do fim do mundo e

> da vinda próxima do soberano Juiz? »

O que devemos fazer hoje?

Quanto à nossa situação atual, a Santíssima Virgem disse tudo em poucas palavras: a Igreja está eclipsada. Evidentemente, esse estado de coisas é aterrorizante! Mas não tenhamos medo dessa verdade (O medo, o demônio frequentemente o utiliza para nos atrair para miragens "tranquilizadoras"). Se nos são anunciados castigos terríveis, a restauração completa, o fim do eclipse, também o é.

Monsenhor Gaume (O Credo):

> « *Fortalecido por seu CREDO, ele, criança, jovem, pobre servente, pequena operária, obscuro lavrador, deixará passar, tranquilo e confiante, a justiça de Deus. Ele sabe e sempre saberá, que todas essas tempestades foram previstas; que não cairá um fio de cabelo de sua cabeça, sem a permissão de seu Pai celestial; que tudo o que acontece contribui para o bem dos eleitos; que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja, e que seus inimigos logo apodrecerão na cova que haviam cavado para ela.* »

Nosso dever, portanto, é:

- julgar tudo o que acontece à luz da eternidade, com a visão do Bom Deus.
- orar, fazer penitência, confessar humildemente nossa fraqueza e a necessidade que temos de suas luzes e de seu auxílio.
- nos submeter continuamente ao ensino da Igreja de sempre.
- assegurar que nossas obras estejam em conformidade com nossa fé.
- rejeitar o erro sob todas as suas formas, e particularmente a seita conciliar e todas as suas obras satânicas.

Não duvidemos que, então, Nosso Senhor Jesus Cristo encontrará em nós os últimos vestígios de Sua santa Igreja, esses « pequenos nada » sobre os quais Ele poderá se apoiar para reconstruir, para « reinar [novamente] sobre a França, e pela França sobre o mundo » (Mgr Delassus).

Viva Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei da França. Viva a Santíssima Virgem Maria, Rainha da França.

Anexos

A « Visão »

Na sua carta ao abade Roubaud, escrita em Marselha no dia 3 de janeiro de 1891, Mélanie dá uma descrição do que a Santíssima Virgem lhe mostrou e que ela chamou de ***Visão***. Esta visão confirma o papel que os *Apóstolos dos últimos tempos* devem desempenhar nas batalhas que a Igreja deve enfrentar na época da apostasia dos países católicos:

> « Ao mesmo tempo em que a Santíssima Virgem me dava as regras e me falava dos Apóstolos dos últimos tempos, eu vi uma imensa planície com montículos. Meus olhos viam tudo, não sei se eram os olhos do corpo. Eu estaria mais próxima da verdade se eu dissesse que via a terra abaixo de mim, de forma que eu via o universo inteiro com seus habitantes ocupados em suas atividades, cada um segundo seu estado (não todos por justiça, mas sim por ambição, e, como um justo castigo de Deus porque quiseram se passar de Deus, estavam em guerra consigo mesmos). Vi, portanto, essa vasta planície com todos os seus habitantes. Em algumas partes, os homens eram brancos; em outras, eram da cor de madeira, ou um pouco mais ou um pouco menos escuros; vi em outros países homens que eram quase amarelos, de cor palha bem clara e com olhos vermelhos; em outros lugares, eram muito pequenos de tamanho e em outros países eram bastante grandes. Bem! Eu vi que os missionários e as religiosas estavam nesses países e em todas as partes do globo. Os missionários pregavam, confessavam, assistiam os moribundos, davam retiros para os padres, os reis e aqueles que compunham sua corte; para os grandes, os soldados, os empregados, os pobres, as religiosas, as virgens, as mulheres. Vi em certos lugares missionários cuidando de doentes, pobres, prisioneiros, e batizando crianças e adultos. Em outros lugares, vi os discípulos dos Apóstolos junto aos doentes, aos pobres, aos feridos, aos prisioneiros, nas reuniões de homens, nas seitas, etc. Essa visão era muito clara, muito precisa e não me deixava nenhuma dúvida sobre o que eu via; e eu admirava a grandeza de Deus, Seu amor pelos homens, e via que Seu amor não pode ser compreendido na terra, porque supera tudo o que os homens mais santos podem conceber. Compreendi claramente que esses senhores que eu chamo de discípulos dos Apóstolos dos últimos tempos estavam dedicados à obra. Eles acompanhavam os missionários, eram santos e muito zelosos pela glória de Deus. Iam até os doentes, feridos, pobres, associações, etc., porque essas pessoas não queriam se confessar, não queriam ouvir falar de Deus nem dos padres; e então esses anjos terrestres tentavam por todos os meios imagináveis, falar com elas e levá-las a Deus; eu vi até discípulos que comiam e bebiam com ímpios, sempre com a intenção de salvar essas pobres almas que têm cada uma o valor do precioso

> sangue de Nosso Senhor, louco de amor por nós. Oh! Se eu pudesse não morrer uma vez, mas mil vezes por dia para ganhar almas para o nosso bom Deus! Oh! Amor, amor! »
>
> Vi, então, que o Evangelho em toda a sua pureza era pregado sobre toda a terra e a todos os povos. Vi que as religiosas estavam ocupadas em todos os tipos de obras espirituais e corporais, e se espalhavam como os missionários por toda a terra; com elas, havia também mulheres (viúvas) e meninas cheias de zelo que ajudavam as irmãs nas obras.
>
> Compreendi em Deus que os missionários dos últimos tempos deveriam seguir os passos dos apóstolos da Igreja primitiva, com a diferença de que o superior geral teria o cuidado de os convocar, se possível, uma vez por ano, na casa central, para um retiro de dez dias; se isso não for possível na casa central, devido à distância, seria feito em uma das casas centrais da província. Esse retiro seria feito com a intenção de reavivar o fervor e a observância da regra. Vi que os superiores mudavam e mantinham nas casas de retiro os missionários que, devido à contaminação e influência dos grandes da terra, haviam se tornado frouxos: eles perdiam a caridade e tinham menos zelo.

Vi que nosso doce Salvador olhava para Seus operários com muita complacência, porque eles serviam a Deus com um devotamento total e completo, sem buscar a si mesmos, estando completamente na Providência de Deus, com muita fé e confiança em Deus. Vi as almas do purgatório como em festa pelos benefícios que recebiam dos apóstolos dos últimos tempos, e vi que as almas sofredoras do purgatório, aquelas que tinham esse poder, oravam muito e que muitas conversões se realizavam através das orações das almas do purgatório. Pois vi que Deus queria que tanto os missionários quanto as religiosas dessa ordem colocassem todas as suas orações, todas as suas penitências e todas as suas boas obras nas mãos de Maria, para as almas do purgatório em favor da conversão dos pecadores.

Vi que Deus queria que essa ordem lutasse contra todos os abusos que levaram à decadência do clero e do estado religioso e à ruína da sociedade cristã.

Nunca se aceitará, jamais, como missionário ou religiosa, pessoas cujos pais necessitam da caridade de outros, ou que precisam desse filho ou dessa filha para servi-los. E se os pais de algum missionário ou religiosa caírem na miséria, a comunidade, por amor ao quarto mandamento, por prudência ou por caridade e para a tranquilidade dos pais aflitos, deverá prover, mesmo com abundância, às necessidades dessa família; e isso será feito com alegria e gratidão a Deus pelo fato de Ele dar à comunidade a oportunidade de aliviar os membros de Jesus Cristo, esse Jesus que se deu completamente a nós.

Visão de Mélanie Calvat sobre os castigos vindouros

Durante uma visita ao Santíssimo Sacramento (nas raras saídas autorizadas por sua mãe para ir à igreja), Mélanie relatou esta outra visão afligente:

> « … De repente, minha mente se encontrou em uma grande sala à meia-luz. Havia um grande número de senhores, dos quais a maioria escrevia em cadernos ou em folhas soltas vermelhas. Aqueles que pareciam ser os líderes da assembleia pareciam estar possuídos pelo demônio; falavam e gesticulavam freneticamente e davam ordens: uma cruz foi retirada de uma parede da sala, lançada sob seus pés e quebrada; ouviu-se um brado: bravo! Então chegaram despachos, pacotes postais (...); esses pacotes foram entregues a farmacêuticos (designados). Naquela assembleia diabólica, havia três sacerdotes, incluindo um estrangeiro. Mostraram-lhe o que estava escrito nos cadernos. Oh! Horror... As folhas soltas vermelhas também foram lidas, então assinadas por um dos líderes e entregues em pacotes a cinco deles para serem exibidas na hora indicada, e tudo isso desapareceu. Senhor e meu Deus, o que foi que eu vi? Meu querido Jesus, por toda a Sua paixão, pelos méritos de Seu precioso sangue, afaste de minha visão tantas iniquidades! Da luz da grande presença do Altíssimo, ouvi em meu interior Sua doce voz: »
>
> - Minha filha, **a assembleia que você viu é composta por sectários inimigos de Deus e da Igreja; seu número aumentará à medida que os fiéis perderem a fé e negligenciarem a oração**. Os homens que escreviam nos cadernos preparavam novas leis e novos códigos que sufocarão e asfixiarão toda a justiça e coroarão a iniquidade. As folhas soltas são decretos, ordens que serão exibidas nas ruas e praças públicas. Os pacotes postais são medicamentos: os farmacêuticos (escolhidos) administrarão as doses necessárias (veneno lento ou rápido) conforme os casos.

...

>

> - Agora, você Me amará à suas próprias custas; ajude-Me a **suportar Meus ministros caídos**, e lute para reparar tantos ultrajes ao Meu amor e à Minha Santidade. »

A ordem religiosa solicitada pela Santíssima Virgem em La Salette foi frustrada pelo bispo de Grenoble

Pelo resumo da reunião que ocorreu em 22 de janeiro de 1885 entre Mélanie e Madre Saint-Jean, sabemos como o desejo da Santíssima Virgem, quanto à fundação de uma ordem religiosa, foi frustrado no final de 1878 pelo Monsenhor Fava, bispo de Grenoble.

> « Mélanie. - Foi no final de novembro de 1878, quando Monsenhor Fava, acompanhado de um padre de La Salette, foi à basílica para o santuário, ao mesmo tempo em que buscava a aprovação da regra feita por ou para os padres de Nossa Senhora de La Salette. Quando fizeram sua solicitação e apresentaram sua regra, recebi uma carta imediatamente para ir a Roma, o que eu fiz.
>
> O Santo Padre me pediu para examinar essa regra e me perguntou se eu acreditava que era o que a Santíssima Virgem queria. Eu respondi que não era o que a Santíssima Virgem pedia. Então, ele convocou um congresso para decidir sobre La Salette e todas essas questões. »

O Santo Padre, não podendo, como vocês sabem, sair do Vaticano, nomeou para o substituí-lo Monsenhor Ferrieri.

> Monsenhor Fava foi admitido para participar da discussão; mas o padre de La Salette não pôde entrar como desejava e foi barrado na porta. Eu fui admitida e, como sempre, um secretário registrou tudo.
>
> O congresso como um todo foi favorável à aparição e à regra, e decidiu que a regra seria dada aos religiosos e religiosas de La Salette e colocada à prova.

Foi então que Monsenhor Fava, irritado com essa decisão, recusou aceitá-la e disse: « Quando a Igreja me provar que isso veio do céu, eu aceitarei, mas não antes » (isso, ou seja, a aparição e a regra): o que fez acreditar que Monsenhor Fava, que até então tinha sido o escolhido de Deus, não acreditava na aparição. Isso causou indignação.

Mère Saint-Jean. - O Papa, ele acredita na aparição?

Mélanie. - Ele acredita; me afirmou isso várias vezes. E Monsenhor Ferrieri acredita, e muitos cardeais também; e esse congresso é a prova disso.

Tudo isso foi relatado ao Papa. Monsenhor Ferrieri disse ao falar de Monsenhor Fava: « É um rebelde; nunca um bispo falou assim. E ele queria terminar com isso imediatamente. » E o Santo Padre respondeu: « Talvez ele seja apenas um obstinado; é verdade que ele pede algo impossível; pois nunca a Igreja fez, nem pode fazer um decreto para declarar uma aparição. Mesmo se me pedissem isso para Loreto, em quem eu tenho tanta fé, eu não poderia conceder. As aparições e os milagres não estão no domínio da fé e não podem ser impostos. »

Dois dias depois, o Santo Padre me chamou... Finalmente foi decidido que o congresso, apesar da oposição, manteria todo o seu valor e que todas as suas decisões seriam mantidas.

« Talvez, disse o Santo Padre, o tempo e a reflexão possam suavizar os ânimos. Ao menos, para que não se possa dizer que Nós faltamos com a tolerância, e porque, embora fora da submissão e da obediência, eles não estão fora da fé, e não há nenhum erro, usaremos da mais ampla indulgência e concederemos tudo o que pudermos, sem tocar, no entanto, nas decisões do congresso e sem reconhecer nenhuma regra para La Salette. »

Foi então que ele concedeu ao bispo a coroação e o título de basílica menor para o santuário e entregou a regra (dada pela Santíssima Virgem, nota do tradutor), pedindo-lhe para apresentá-la às suas comunidades. Foi por isso que eu acreditava que vocês tinham conhecimento disso.

Em seguida, após ter removido dos padres tudo o que dizia respeito a La Salette e que poderia fazê-los parecer os verdadeiros religiosos de La Salette, ele lhes concedeu um breve laudativo, ou seja, uma palavra de louvor.

Regra dos Apóstolos dos Últimos Tempos dada pela Santíssima Virgem a Mélanie

Essa regra foi rejeitada pelo bispo de Grenoble, Monsenhor Fava. Aqui está o texto autêntico, tal como foi entregue em 5 de janeiro de 1879 ao Papa Leão XIII e como é conservado nos arquivos da Sagrada Congregação dos Regulares:

Regra da Mãe de Deus

« **Art. 1** – Os membros da ordem da Mãe de Deus amarão a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmos, por puro amor a Deus.

Art. 2 – O espírito desta ordem não é outro senão o Espírito de Jesus Cristo em si mesmo e o Espírito de Jesus Cristo nas almas.

Art. 3 – Os membros da ordem se dedicarão a estudar Jesus Cristo e a imitá-Lo, e quanto mais Jesus for conhecido, mais eles se humilharão diante de seu nada, de sua fraqueza, de sua incapacidade de fazer um bem real nas almas sem a graça divina.

Art. 4 – Serão de uma obediência perfeita em tudo e em todos os lugares.

Art. 5 – Cada um se conservará em uma grande castidade de corpo e espírito para que Jesus Cristo faça Sua morada neles.

Art. 6 – Os membros desta ordem terão um só coração e uma só alma no amor de Jesus Cristo. »

Art. 7 – Ninguém terá nada em propriedade para si, mas tudo será comum, sem ambicionar a menor das coisas passageiras; eu desejo que meus filhos estejam nus, despojados de tudo.

Art. 8 – Eles terão uma grande caridade, sem limites, sofrerão tudo de todos, a exemplo de seu divino Mestre, e não farão sofrer ninguém.

Art. 9 – Os membros da ordem obedecerão aos seus superiores e lhes prestarão a honra e o respeito que lhes são devidos com grande simplicidade de coração.

Art. 10 – A superiora cuidará com doçura da observância da regra; de tempos em tempos, ela consultará o padre missionário que terá a responsabilidade de cuidar das suas almas, para ser ajudada na boa administração da casa; ela será a mais humilde e será mais severa consigo mesma do que com os outros. Ela corrigirá os erros de suas filhas com grande doçura e prudência, elevando sempre sua alma a Deus antes de fazer uma correção.

Art. 11 – Haverá no santuário o Santíssimo Sacramento exposto durante o dia e a noite nos meses de setembro, fevereiro e maio, quando os membros da ordem se alegrarão em passar horas felizes, salvo se a caridade ou a salvação das almas os retiverem em outro lugar.

Art. 12 – Eles levarão uma vida interior, embora laboriosa, unindo a vida contemplativa à vida ativa; se sacrificarão e se farão todos vítimas de Jesus e de Jesus crucificado.

Art. 13 – Receberão todos os dias com verdadeira piedade o pão da vida; no entanto, você poderá retirar a comunhão de alguns membros quando perceber que não seguem os passos de Jesus Cristo crucificado.

Art. 14 – Além dos jejuns prescritos pela Igreja, jejuarão também durante os meses de setembro, fevereiro e maio. Utilizarão alguns instrumentos de penitência; aqueles que forem muito fracos e não puderem realizar as obras de expiação oferecerão com humildade e doçura sua enfermidade a Jesus Cristo.

Art. 15 – Jejuarão todas as sextas-feiras e farão penitência. Todas essas obras serão oferecidas pelas almas do purgatório, em favor da conversão dos pecadores e para seu próprio avanço no amor de Deus.

Art. 16 – Os membros da ordem serão muito humildes e muito doces para com os seculares e os receberão com grande bondade; aqueles que forem mais humildes terão o primeiro lugar no coração de Jesus assim como no meu.

Art. 17 – Os membros terão um só coração e uma só alma, nenhum deles se apegará à sua própria vontade.

Art. 18 – Serão de uma pureza angelical, observando uma grande modéstia em tudo e em todos os lugares.

Art. 19 – Todos guardarão um grande silêncio, evitando com cuidado as conversas inúteis com estranhos.

Art. 20 – Os candidatos que desejarem ser admitidos devem estar em uma disposição sincera de se entregar totalmente a Deus e de se sacrificar por Seu amor. Eles se dedicarão à obediência que os conduzirá ao céu.

Art. 21 – Serão admitidos ao número dos postulantes somente após terem feito um retiro de doze dias, durante o qual farão uma confissão geral ao pai missionário, confessor da comunidade; se estiverem dispostos a trabalhar com todas as suas forças, a se santificar e a adquirir as virtudes próprias de uma vítima que deseja se imolar a cada dia para o Deus do céu e da terra, serão

recebidos no noviciado e passarão três meses antes de vestir o hábito da ordem. Eles se lembrarão bem de que foram recebidos na casa da Mãe de Deus apenas para trabalhar em sua santificação por meio da oração, da penitência e de todas as obras que visam à glória de Deus e à salvação das almas.

Art. 22 – Meus missionários serão os Apóstolos dos últimos tempos; eles pregarão o Evangelho de Jesus Cristo em toda a sua pureza por toda a terra.

Art. 23 – Eles terão um zelo infatigável; pregarão a reforma dos corações, a penitência e a observância da lei de Deus; pregarão sobre a necessidade da oração, sobre o desprezo das coisas da terra, sobre a morte, o julgamento, o paraíso e o inferno, sobre a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Fortalecerão os homens na fé, para que, quando o demônio vier, um grande número não seja enganado.

Art. 24 – Formar-se-ão bem os novos membros nas virtudes cristãs e nas práticas da humildade, da caridade, da obediência, do renunciamento e da doçura.

Art. 25 – O noviciado será de seis anos; aqueles que tiverem dado prova de sólidas virtudes e que quiserem se juntar ao número dos combatentes de Jesus Cristo neste ordem, pedirão essa graça de joelhos à superiora, e depois que você lhes tiver feito conhecer suas obrigações conforme a regra que eu lhe dou, se eles prometerem observá-la fielmente, você os aceitará.

Art. 26 – A oração será feita em comum no santuário, na hora que for conveniente e estabelecida.

Art. 27 – Comer-se-á no refeitório comum o que for necessário para sustentar a vida e para trabalhar para a glória de Deus; ao mesmo tempo em que se dará ao corpo o que lhe convém, a alma se fortalecerá por uma santa leitura que será feita durante a refeição.

Art. 28 – Ter-se-á o maior cuidado com os membros enfermos e doentes.

Art. 29 – Se um membro ofender outro membro por alguma palavra ou ato, que repare sua falta o mais rápido possível.

Art. 30 – Todos os membros desta ordem farão a genuflexão sempre que passarem diante do tabernáculo onde está Jesus Cristo.

Art. 31 – Sempre que os membros se encontrarem, um dirá: “Que Jesus seja amado de todos os corações!”, e o outro responderá: “Assim seja.”

Art. 32 – As religiosas rezarão o ofício como as religiosas de Corenc, perto de Grenoble; os capítulos e outras práticas serão feitas igualmente.

Art. 33 – Todos os membros usarão uma cruz como a minha.

O Segredo de Mélanie foi censurado por Roma?

No Bulletin do Diocèse de Reims de 25 de maio de 1912, M. le Chanoine Frézet afirmava o seguinte:

> « ...Dissemos, de fato... que o tecido de grosserias e tolices publicado sob o título de Segredo de La Salette etc... ou de Segredo de Mélanie etc... havia sido colocado no Index, em 7 de junho de 1901 e 12 de abril de 1907. »

Sabendo que essas afirmações eram errôneas, o Marquês de la Vauzelle escreveu, em 6 de novembro de 1912, a Sua Eminência o Cardeal Luçon, Arcebispo de Reims. Por sua carta de 27 de novembro de 1912, Sua Eminência respondeu-lhe:

> « ...Os artigos do Bulletin reproduzem bem meu próprio sentimento. »

E o Cardeal acrescentava que transmitia ao P. Lepidi, Mestre do Sacro Palácio, Membro do Santo Ofício e do Index, as três questões levantadas pelo Marquês de la Vauzelle, para saber se as inclusões no Index cujas datas o Bulletin de Reims forneceu visavam o opúsculo de Mélanie ou apenas obras nas quais ele foi citado e comentado. Sua Eminência ainda lhe mandava:

> « Assim que eu receber a resposta do P. Lepidi, se ele quiser me responder, eu a farei chegar até você. »

Em 19 de Dezembro de 1912, o Cardeal Luçon escreveu ao Marquês de la Vauzelle:

> "Senhor Marquês,
>
> "Eis a resposta que recebo do R. P. LEPIDI às três questões colocadas em suas cartas de 6 e 25 de Novembro e 13 de Dezembro:

> "Eis o que me foi dado recolher através de informações sérias sobre o assunto do Segredo de La Salette em relação às Congregações Romanas, INDEX e SANTO OFÍCIO:
>
> **1º O Segredo de La Salette nunca foi condenado de maneira direta e formal pelas Sagradas Congregações de Roma.**
>
> 2º Dois livros do Sr. Gilbert-Joseph-Émile Combe foram condenados pelo Index:
>
> Um em 1901: *O GRANDE GOLPE COM SUA DATA PROVÁVEL*, estudo sobre o Segredo de La Salette, aumentado do folheto de Melanie e outras peças justificativas.
>
> O outro livro em 1907: *O SEGREDO DE MELANIE E A CRISE ATUAL*.
>
> Estas condenações dizem respeito direta e formalmente aos dois livros escritos pelo Sr. Combe e de modo algum ao Segredo.
>
> Peço a V. E. que aceite, etc... Vaticano, 16 de Dezembro de 1912. Albert LEPIDI, O. P.
>
> "Ao transmitir-lhe esta resposta, peço-lhe, Senhor Marquês, que aceite a expressão dos meus respeitosos sentimentos."
>
> L. J. Card. Luçon, Arcebispo de Reims [7]"

No número de 31 de Dezembro de 1915 dos "*Acta Apostolicae Sedis*" apareceu, COMO EMANANDO DO SANTO OFÍCIO com data de 21 de Dezembro de 1915, um "Decreto" que não portava a assinatura de nenhum dos Cardeais dignitários ou membros da Sagrada Congregação, mas somente a de seu notário Louis Castellano, e, além disso, sem qualquer menção de data, nem do voto do "Decreto" em reunião da Congregação do Santo Ofício, nem de sua apresentação para aprovação do Papa Bento XV...

Ora, é verdade que este "Decreto" proíbe "de tratar e discutir a questão do Segredo de La Salette". Mas ele não traz absolutamente nenhuma censura, nem sobre o opúsculo de Melanie, nem sobre o Segredo em particular, nem nenhuma proibição de possuí-lo, lê-lo e divulgá-lo.

Este "Decreto" deixa, portanto, os católicos em gozo das altas autorizações conferidas ao opúsculo de Melanie pelos Imprimatur, primeiramente do Cardeal RIARIO SFORZA, Arcebispo de Nápoles, depois de Monsenhor ZOLA, Bispo de Lecce; sem contar as aprovações dos Cardeais FERRIERI e GUIDI, e até mesmo do Papa Leão XIII que, não só aceitou por duas vezes o opúsculo de Melanie a ele oferecido pela autora, mas também encarregou o Sr. Amédée NICOLAS, advogado em Marselha, "de redigir um folheto explicativo do Segredo inteiro para que o público o compreenda bem".

ESTAS PÁGINAS FORAM ESCRITAS PELA PURA VERDADE.

Romæ, die 6° Junii 1922.

---

[7] A fotogravura deste documento está contida no folheto _O Segredo de La Salette e o Boletim da Diocese de_ _Reims_, do Marquês de la Vauzelle.

J. Vaquié (Compêndio de Demonologia: extratos)

> Uma página de Santa Francisca Romana vai nos informar sobre certos membros de seu governo e sobre as modalidades do império que ele pode exercer sobre eles. Este trecho é tirado de seu Tratado do Inferno. Esta obra não pertence obviamente nem à Revelação privada nem ao Magistério. No entanto, dado a personalidade de Santa Francisca Romana e seu prestígio na Igreja, deve-se conceder ao que ela escreve uma séria atenção:
>
> > "*Durante a queda dos anjos maus, um terço permaneceu nos ares, outro terço permaneceu na terra, e o último terço caiu no inferno. Essa diferença provém da diferença da falta cometida*".
> >
> > "*Lucifer é o monarca dos infernos, mas um monarca acorrentado e mais infeliz que todos os outros; ele tem sob si três príncipes aos quais todos os espíritos infernais divididos em três corpos estão sujeitos pela vontade de Deus.*"
> >
> > "*O primeiro desses três príncipes é Asmodeu; ele era um querubim no céu. Ele preside aos pecados desonestos.*"
> >
> > "*O segundo é Mammon; era um trono. Ele é o demônio do dinheiro*.

> "*O terceiro é Belzebu; ele pertencia ao coro das dominações; agora está estabelecido sobre os crimes que a idolatria gera*.

> "*Esses três chefes, assim como Lúcifer, nunca saem de sua prisão, mas, quando Deus lhes permite, eles enviam à terra legiões de demônios subordinados. Os demônios subordinados do inferno estão classificados no abismo seguindo a ordem hierárquica: querubins, serafins, etc. Encontramos essas mesmas hierarquias entre os demônios que habitam a terra e os ares, mas eles não têm chefe e vivem em uma espécie de igualdade. São eles que fazem mal aos homens e, por esse meio, diminuem sua confiança na Providência, fazendo-os murmurar contra a vontade de Deus.*
> "

> "*Os demônios que vivem na terra se consultam e se ajudam mutuamente para perder as almas. A única maneira de escapar desse complô infernal seria levantar-se prontamente da primeira queda, e é precisamente isso que não se faz.* ***Nada paralisa melhor os esforços dos demônios e lhes causa maior tormento do que pronunciar o santo nome de Jesus****. Quando as almas vivem no hábito do pecado mortal, os demônios se instalam em seu coração; mas quando recebem a absolvição, eles se retiram rapidamente e se colocam ao lado delas para tentá-las novamente; porém, seus ataques são menos intensos, e quanto mais se confessam, mais eles perdem suas forças.*"

Mélanie Calvat, a pastora de La Salette, retomou, muito tempo depois, a ideia desse "Conselho dos Três Ministros" que cercam e assistem Lúcifer; ela traz, portanto, a Santa Francisca Romana uma confirmação mais recente e não negligenciável.

...

> Portanto, a batalha entre os dois corpos místicos não será o avanço regular e lento da Igreja. Pelo contrário, apresentará flutuações como se estivesse sujeita

> "aos caprichos da guerra".

Cada vitória parcial de Nosso Senhor será seguida por um contra-ataque do demônio, que reunirá suas energias e se vingará. Poderemos observar, para cada um dos dois campos, uma alternância entre derrotas e vitórias, avanços e recuos. E algumas dessas flutuações poderão até ter uma amplitude considerável. Por exemplo, após a edificação da Cristandade na Idade Média, a Igreja, a partir do Renascimento, só experimentou divisões e retrocessos, até a situação atual que constitui, segundo muitos observadores,

> "*a abominação da desolação no lugar santo, de que falou o profeta Daniel*" (Mateus XXIV, 15).

Quando Nosso Senhor tiver edificado um lugar elevado, Satanás não descansará até ter conseguido que este lugar seja ocupado pela besta. Quando Nosso Senhor tiver obtido uma vitória para marcar um ponto alto, Satanás estará à espreita da reaparição deste mesmo ponto alto no ciclo, para retaliar violentamente, como um inimigo invejoso e imitador. No entanto, apesar dessa quase igualdade de forças que resulta em flutuações tão graves, Nosso Senhor mantém no combate duas prerrogativas absolutas. Em primeiro lugar, Ele mantém a iniciativa das operações e, além disso, reserva para Si a vitória final.

> É Jesus Cristo quem mantém a iniciativa. É Ele quem semeia o bom grão, e o inimigo só vem depois espalhar o joio (Mateus XIII, 24-25). É Ele também quem realiza primeiro a Sua Vinda à terra, em um momento em que os demônios não o esperam:

> "*Tu és o Filho de Deus, vindo para nos atormentar antes do tempo*" (Mateus VIII, 29).

"Antes do tempo", isto é, antes da data final do Juízo Final. Pode-se dizer, com toda a verdade, que Jesus Cristo, como faz um general sagaz, atacou de surpresa.

Quanto à vitória final, é evidente que ela está assegurada para o Filho do Homem. É reconfortante saboreá-la antecipadamente:

> > "Pois já está em ação o mistério da iniquidade; somente aquele que até agora o retém, o fará até que seja tirado do meio. E então será revelado o ímpio, a quem o Senhor Jesus destruirá com o sopro de sua boca e exterminará com o esplendor de sua vinda" (II Tessalonicenses II, 7).
>
> Mas esta aparição triunfal do Verbo Encarnado só ocorrerá após a apostasia geral e a vinda do "ímpio", também chamado de "filho da perdição". Enquanto aguardamos os tempos designados, o mistério da iniquidade opera na Igreja, isto é, a lenta maturação deste abscesso formidável. Assim, a vitória efêmera do Anticristo será imediatamente seguida pela vitória definitiva de Cristo.
>
> Até o fim, a batalha entre os dois chefes e seus dois corpos místicos, a Igreja e a Besta, será uma sucessão de derrotas e vitórias, alternadas e opostas.

...

> As flutuações da batalha apresentam certa periodicidade, pois os ataques se sucedem e se repetem. Porém, essa periodicidade não é regular cronologicamente, porque o tempo divino é espiritual. Ela consiste no fato de que todos os triunfos da Igreja se assemelham ao triunfo final de seu Chefe, do qual são anúncio; eles formam, em suma, uma mesma família. Da mesma forma, todas as "horas sombrias" se assemelham à morte do Homem-Deus na cruz, que é a hora sombria por excelência.
>
> É Nosso Senhor quem deu a definição de todas essas horas sombrias quando definiu a Sua própria. E em que termos Ele a definiu? Àqueles que vieram prendê-Lo no jardim do Getsêmani, Ele declarou:
>
> > "*Enquanto cada dia Eu estava convosco no templo, não pusestes as mãos sobre Mim. Mas esta é a vossa hora e o poder das trevas*" (Lucas XXII, 53).
>
> Durante o período das tribulações finais, sob o reinado do Anticristo, toda a Terra experimentará, por sua vez, "a hora e o poder das trevas".
>
> Mas desde hoje, em nossa época de obscurecimento da Igreja, devido à grande semelhança dessa crise com aquela das tribulações finais, podemos legitimamente pensar que alcançamos uma dessas horas sombrias definidas

> pelos termos: Hora e poder das trevas.

...

> O ensinamento das Escrituras sobre o Anticristo é claro: o personagem principal virá por último, mas antes disso terá muitas prefigurações. Esta é a doutrina da personalidade do Anticristo. Ela é segura e pode ser aceita sem medo. Ela se opõe à doutrina menos sólida e cada vez mais abandonada que faz do Anticristo um ser coletivo, baseando-se apenas nestas poucas palavras de São João:
>
> > "*Já muitos anticristos têm surgido*" (I João II, 18).
>
> Será impossível lutar apenas com armas humanas contra o Anticristo e todos os seus auxiliares. Somente o poder de Cristo aparecendo em pessoa será capaz de triunfar sobre ele. São João enumera, resumindo, os poderes que lhe serão concedidos por um tempo:
>
> > "*A besta que vi era semelhante a um leopardo... O dragão deu-lhe o seu poder, o seu trono e grande autoridade... e toda a terra se maravilhou após a besta, dizendo: 'Quem é semelhante à besta e quem pode pelejar contra ela?' E foi-lhe dada uma boca que proferia grandes blasfêmias, e foi-lhe dado poder para agir durante quarenta e dois meses... E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los; e foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação. E todos os habitantes da terra o adorarão...*" (Apocalipse XIII, 2-8).
>
> Conhece-se as circunstâncias da morte do Anticristo? São Paulo descreve sucintamente quando, falando dos últimos tempos, diz o seguinte:
>
> > "*E então será revelado o ímpio, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro da sua boca e destruirá com o esplendor da sua vinda*" (II Tessalonicenses II, 8).

As profecias da revelação privada são ricas em detalhes sobre este golpe fulminante que livrará a humanidade do demônio aparecendo no máximo de seu poder. Citemos uma dessas informações mais antigas:

> "*Quando o filho da perdição tiver cumprido todos os seus desígnios, ele reunirá seus seguidores e lhes dirá que quer subir ao céu. No momento dessa ascensão, um raio o atingirá e o fará morrer*" (Santa Hildegarda).

Nossa Senhora de La Salette se expressa de maneira semelhante:

> "*Eis o tempo; o abismo se abre; eis o rei dos reis das trevas. Eis a besta com seus seguidores, dizendo-se o salvador do mundo. Ele se elevará orgulhosamente no ar para subir até o céu; será sufocado pelo sopro de São Miguel Arcanjo. Ele cairá, e a terra, que durante três dias estará em contínuas convulsões, abrirá o seu seio cheio de fogo; ele será afundado para sempre com todos os seus nos abismos eternos do inferno.*"

E quanto aos auxiliares do Anticristo sobre os quais falamos? Alguns terão desaparecido antes dele, e eles também terão tido um fim repentino e total. Não se cansa de reler o grandioso quadro que São João traça da Queda da Grande Babilônia:

> "*Ela caiu, caiu, Babilônia, a Grande! Ela se tornou morada de demônios, abrigo de todo espírito impuro, refúgio de todo pássaro impuro e odiável... Mantendo-se à distância por medo dos tormentos, eles dirão: Ai, ai! Ó grande cidade, Babilônia, ó poderosa cidade, em uma hora veio o teu julgamento?*" (Apocalipse XVIII, 2-10).

J. Vaquié (Reflexões sobre os inimigos em manobra: extratos)

Três Ministros de Lúcifer

> Mélanie Calvat, a pastora de La Salette, viveu em perpétua contemplação. Ela recebia, por intuição intelectual, constantes luzes sobre o estado da sociedade contemporânea. Um dia, ela revelou a um de seus correspondentes que **Lúcifer** parecia assistido, no governo deste mundo, por uma espécie de ministério composto de três membros: **Mamom, Asmodeu e Belzebu**, que são três poderosos espíritos caídos. Esta reflexão de Mélanie Calvat merece ser meditada [1].
>
> Não é surpreendente saber que, para conduzir sua estratégia mundial, Lúcifer utiliza poderosos auxiliares espirituais que o descarregam de certos trabalhos básicos e que amolecem a sociedade humana para facilitar sua manobra.
>
> **Mamom** é o deus do **dinheiro**. Ele acabou submetendo a humanidade inteira a uma **impregnação mercantil** que a tornou totalmente venalizada. Ele legalizou a usura, tão severamente reprimida pelos cânones da Idade Média. E assim fundou o **capitalismo**, pois sem juros não há capital. Ele, portanto, criou enormes massas monetárias que circulam cada vez mais rápido nas artérias da economia e que imprimem aos intercâmbios um coeficiente de aceleração absolutamente patológico. Pelo ministério de Mamom, tudo está à venda. Ouçamos São João fazer o inventário das cargas dos comerciantes:
>
> > "...*Cargas de ouro, prata, pedras preciosas, pérolas, linho fino, púrpura e escarlate... de trigo, gado, ovelhas e cavalos, e carros, e corpos e almas de homens*" (Apocalipse 18:12-13).

> Negociam-se almas de homens. Assim impregnada de mercantilismo, a sociedade torna-se um húmus fértil para as plantas venenosas do inferno.
>
> **Asmodeu** é o demônio da **luxúria**. Ele é mencionado no livro de Tobias. É o espírito infernal que se apoderou de Sara (não a esposa de Abraão, mas outra Sara). Tinham-lhe dado sucessivamente sete maridos que, um após o outro, foram mortos pelo demônio Asmodeu. Sara foi libertada desse demônio que a infestava, a ela e ao seu entorno, pelo arcanjo Rafael, graças à fumaça do mesmo fígado que devolveu a visão a Tobias, pois **a luxúria produz o cegamento do espírito**. No segredo de La Salette, a Santíssima Virgem disse que alguns conventos se tornarão "pastos de Asmodeu e dos seus". **A impregnação erótica** de nossa sociedade atinge não apenas os moralistas cristãos, mas também os sociólogos agnósticos. É provavelmente dessa impregnação que provém **o cegamento dos espíritos em relação às coisas da Religião**.
>
> **Belzebu** é o deus que envia moscas sobre os rebanhos. Esse nome é a contração de "Baal" e "Zebube"; significa literalmente "o Senhor das moscas". É o deus que lança **maldições** e que tem o poder de expulsar os demônios (ou melhor, de deslocá-los). Ele produz hoje **a impregnação ocultista** da sociedade, criando aí uma verdadeira **contra-religião**, uma superstição outrora subjacente, agora invasiva e dominante. **A superstição ocultista está onipresente**.
>
> A reflexão de Mélanie Calvat não carece de interesse.
>
> 1. Ela explica a profundidade do domínio de Satanás sobre o mundo contemporâneo, a tripla impregnação proporcionada por Mamom, Asmodeu e Belzebu fornece ao "príncipe deste mundo" condições gerais favoráveis à sua estratégia complicada.
> 2. Mas ela nos faz entender também que uma ação simplesmente humana não será suficiente para destruir essa tripla impregnação, pois ela é obra de forças espirituais más muito mais fortes do que os homens. **Será necessário que a força de Deus intervenha**.

...

> “ Os doutores da Sinagoga possuíam mais a ciência do mal. Acostumados a desconfiar das "Nações" e de seus deuses-demônios, eles desconfiaram de Cristo: "É por Belzebu que Vós expulsais os demônios", diziam-lhe.
>
> Inversamente, a Igreja dos Gentios, saturada da ciência do bem, não desconfia do Anticristo; vemos hoje que ela se prepara para reconhecê-lo, pois já acolhe

seus adeptos. Finalmente, a Sinagoga obstinada e a Igreja desviada não terão nada a invejar uma da outra. A primeira terá rejeitado Cristo e a segunda terá acolhido o Anticristo.

É por isso que é necessária **uma ciência equilibrada** que conduza à prudência sem obscurecer o espírito:

> "*Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas*". (Mat. X, 16).

Por esta associação da serpente e da pomba, o texto especifica de qual prudência devemos nos armar. Pois há duas prudências: a prudência tortuosa que foi a da serpente no jardim do Éden e a prudência simples que foi a de São José em Nazaré (Nazaré significa: *jardim das Flores*). O Divino Mestre especifica aqui de qual prudência ele quer falar. Ele quer que pratiquemos a prudência que pode se aliar à simplicidade da pomba.

Para manter a simplicidade na prudência, é preciso cultivar simultaneamente as duas ciências. A da Igreja ilumina a inteligência e aquece o coração. A da contra-igreja nos faz reconhecer as trevas sob a falsa luz. Aqueles que cultivam apenas a ciência da Igreja tornam-se ingênuos que ignoram as armadilhas do Adversário. Aqueles que cultivam apenas a ciência da contra-igreja frequentemente se deixam fascinar pela prodigiosa astúcia dos demônios e acabam por se alistar nas fileiras da contra-igreja. De fato, o estudo dos documentos das seitas, que nos faz conhecer o inimigo, é perigoso; é preciso tomar cuidado para não se comprazer nesses textos, pois eles contêm sutilezas de aparência lógica (o demônio é lógico) mas que obscurecem o espírito e desviam a vontade. É preciso compensá-los com o alimento espiritual e com as luzes que se encontram no Patrimônio da Religião.

---

[8] Santa Francisca Romana, em uma de suas visões do inferno, também menciona este "**grande conselho**" de Lúcifer. Ela até mesmo especifica que Asmodeu tinha no céu a posição de querubim, Mamom a de trono e Belzebu a de dominação.

Malcom Muggeridge, Fabiano arrependido (?) (e ex-membro do MI6), Mentor de Dom Richard Williamson

Artigo Original disponível no site Virgo Maria

[1] Serviço de espionagem Britânico

- Introdução
- Estudo de Virgo-Maria.org

    - Introdução ao estudo sobre o Mentor de Dom Williamson e sobre os laços do bispo com esse jornalista
    - O verdadeiro papel de Dom Williamson na neutralização e no ralliement da FSSPX
    - Malcolm Muggeridge, o mestre do pensamento capital da juventude anglicana de Dom Williamson
    - Malcolm Muggeridge: Proveniente do meio Fabiano e jornalista provocador, adepto tardio da religião conciliar e tornado "profeta do século XX".
    - As Raízes Familiares e Ideológicas de Malcolm Muggeridge e de Sua Esposa: A Sociedade Fabiana e os Casais Webb na Inglaterra do Século XX
    - Um filho de Malcolm Muggeridge, membro da seita dos Irmãos de Plymouth (Darbystas)
    - O papel de John, filho de Muggeridge, e de sua esposa Anne Roche no meio tradicional anglo-saxão
    - Os laços de Malcolm Muggeridge com o teólogo anglicano da Alta Igreja, Alec Vidler
    - Na sua entrevista autobiográfica, Mons. Williamson silencia sobre sua relação com Malcolm Muggeridge
    - Conclusão de nosso estudo

- ANEXOS
    - A Sociedade (Secreta) Fabiana e os Casais Webb
    - Malcolm Muggeridge
    - O filho, John Muggeridge e sua esposa Anne Roche
    - Relações de Dom Williamson e Malcolm Muggeridge

Introdução

Segunda-feira, 17 de setembro de 2007

Malcolm Muggeridge (1903-1990), ex-aluno de Cambridge, jornalista britânico, satirista e provocador, **seus laços familiares *Fabianos***, seus dois filhos, seja **na seita iluminista dos *Irmãos de Plymouth*[**2], seja **no meio católico tradicional raliado**, com destaque para sua nora Anne Roche (e a resenha da obra dela por Ratzinger), **co-autor de um livro com o " *reverendo*" anglicano** da *High Church*, **Alec Vidler, especialista em modernismo e decano em Cambridge**.

O elogio enfático e a dívida de reconhecimento de Dom Williamson para com Muggeridge, seu jogo sutil em dupla com o padre Schmidberger para preparar o raliamento da FSSPX. Descrição da *Fabian Society* e do papel dos esposos Webb, a partir da obra do *Courrier de Rome* (*O lado oculto da História* por Epiphanius).

---

[2] **Os pais de outro famoso graduado de Cambridge que esteve ligado ao MI6, Aleister Crowley**, o mago satanista dos primórdios da seita satanista da ***Golden Dawn***, mais tarde se tornando Grande Mestre da ***Ordo Templi Orientis*** (OTO), seita iluminista satanista da qual o Cardeal Mariano **Rampolla del Tindaro**, Secretário de Estado de Leão XIII, foi um famoso dignitário no início do século XX, **eram, eles também, fanáticos adeptos da seita iluminista apocalíptica muito perigosa dos *Irmãos de Plymouth***, fundada no século XIX pelo pastor metodista **John Nelson Darby**, dissidente iluminado da seita anglicana. Darby é o responsável pela doutrina do "***dispensacionalismo***", segundo a qual Cristo voltará no fim dos tempos e que uma série de eventos precoces (guerra, aparecimento de uma nova ordem política e econômica mundial, retorno dos judeus à Terra prometida a Abraão, chegada do Anticristo) anunciarão os últimos dias do nosso mundo: então ocorrerá **a batalha de *Armaggedon***, confronto final entre o Bem e o Mal, ao final do qual **os verdadeiros crentes serão salvos após terem sido protegidos por um arrebatamento providencial (*Rapture*)**, e os incrédulos serão condenados. É importante ressaltar que **essa doutrina, popularizada por Cyrus Scofield, é muito influente nos meios fundamentalistas norte-americanos, notadamente entre os "*Cristãos Sionistas*", muito influentes e muito próximos do atual governo de Washington**.

Estudo de Virgo-Maria.org

Introdução ao estudo sobre o Mentor de Dom Williamson e sobre os laços do bispo com esse jornalista

Quem investigou Dom Williamson? Quem estudou?

Sobre sua família e sua vida antes de sua conversão tardia e sua entrada em Ecône? Até onde sabemos, ninguém.

Como um ex-anglicano, convertido tardiamente, pôde se tornar padre e até bispo na obra de Dom Lefebvre, este bastião internacional da resistência católica que continua a preservar o Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido e a dispensar sacramentos católicos válidos?

Sabe-se que seus dois irmãos permaneceram anglicanos?

E que **sua mãe morreu anglicana**, há apenas alguns anos?

É por isso que publicamos aqui os primeiros resultados de nossa investigação, e convidamos os leitores que dispõem de informações a nos transmiti-las.

Esta investigação parte dos elementos das biografias de Dom Williamson que **todas ressaltam fortemente a influência do famoso jornalista britânico sobre a juventude de Richard Williamson e sobre sua evolução posterior**. Esses contatos dos anos 60 se prolongaram e, **em 1990, na morte de Muggeridge, o bispo britânico da FSSPX proferiu um elogio fúnebre muito afetuoso** àquele a quem reconhece uma importante dívida.

Muggeridge tinha uma admiração incondicional por seu pai, um *Fabiano*, ardente defensor do socialismo na Inglaterra.

Ele casou-se com Catherine Dobbs, uma sobrinha de Beatrice Webb, fundadora da *Fabian Society* com seu esposo Sidney.

Esse círculo está no cerne das sociedades globalistas, trabalhando para estabelecer um governo mundial sob a forma de socialismo tecnocrático.

Vamos expor isso, principalmente a partir do estudo de ***Epiphanius,*** divulgado pela FSSPX.

Um dos filhos de Malcolm Muggeridge se tornará membro da seita fundamentalista apocalíptica dos *Irmãos de Plymouth* (Darbystas integristas), **que desempenha um papel importante na propagação de uma falsa escatologia, aquela do arrebatamento dos justos**.

Outro de seus filhos, John, se destacará como um combatente do aborto. Sua esposa, Annie Roche, terá um papel na conversão de seu sogro, Malcolm, à religião conciliar em 1982, **e ela mesma é uma das figuras proeminentes do meio tradicionalista ralimado no Canadá. Seu livro receberá uma resenha elogiosa de Ratzinger em 1988.**

Malcolm Muggeridge, assim como seu pai e a jovem da qual foi apaixonado (antes de se casar mais tarde com Kitty Dobbs), está muito ligado a um dignitário anglicano **da *High Church***, o reverendo **Alec Vidler, decano do Kings College em Cambridge, teólogo, especialista em modernismo, que incentivou Malcolm a se juntar à Igreja conciliar em 1982**.

Um todo de influências anglicanas globalistas, milenaristas e tradicionalistas ralimadas gravita, portanto, em torno daquele que continua a ser venerado por Dom Williamson.

Tudo isso é, no mínimo, surpreendente.

Dom Lefebvre tinha consciência de tudo isso quando escolheu o padre Richard Williamson para consagrá-lo bispo?

Vamos agora adentrar no estudo.

O verdadeiro papel de Dom Williamson na neutralização e no ralliement da FSSPX

Desde dezembro de 2006, temos investigado e produzido muitos **fatos[3]** sobre o antigo anglicano (variante metodista) Dom Williamson e seu papel no movimento de ralliement da FSSPX e na tomada de controle desta por parte do excomungado Ratzinger.

A imagem de Épinal fabricada de Dom Williamson: a do ‘ *verdadeiro*’ recurso episcopal que se opõe ao ralliement.

A personalidade de Dom Williamson suscita questionamentos.

Um “***duro***” que seria o chefe natural do último bastião dos resistentes a qualquer ralliement com Roma modernista, essa é **a imagem oficial, a imagem de Épinal, que é disseminada, tanto na grande mídia da imprensa nacional (*Le Figaro*, *Le Monde*, etc.) quanto dentro da FSSPX.**

A entrevista de Dom Williamson por Stephen Heiner em outubro de 2006 reproduz o mesmo clichê.

Dom Williamson é destacado pelos dominicanos de Avrillé, por Bonnet de Villers, por Arnaud de Lassus, etc., em resumo, por todos aqueles que se apresentam, erradamente, como figuras proeminentes da verdadeira resistência católica à revolução conciliar, e dos quais, cada vez mais, desde pelo menos dois anos, se revela que não passam de iscas e **pseudo-opositores** à **Roma “ *antichrist*” (cf. Dom Lefebvre) do excomungado Ratzinger**.

Nos últimos dois anos, a explosão da verdade sobre a conspiração bicentenária contra o episcopado católico que representa o novo rito inválido e herético de consagração episcopal (1968), e a revelação completa de todos os compromissos doutrinais desses meio opositores, assim como sua composição com o erro, **distorcendo ou ocultando os fatos**, provocou o colapso progressivo de sua credibilidade e uma crescente perda de confiança em relação a eles.

Paralelamente, esse desmoronamento inevitável e agora inexorável da autoridade desses pseudo-opositores realçou cada vez mais **a extravagante pobreza dos argumentos e provocações de Dom Williamson**.

Para alguns, o bispo britânico teria multiplicado as "***bobagens***" ou declarações provocativas, o que o teria relegado a uma aparente zona secundária dentro da FSSPX, mas **Dom Williamson ainda seria, ao mesmo tempo, simpático, firme, embora impotente para contrariar a deriva da FSSPX nas mãos do clã Schmidberger-Fellay**, tudo temperado com um toque de excentricidade britânica. Em suma, ele seria o homem caloroso, **junto ao qual seria bom desabafar**, e para quem se poderia compartilhar desilusões, na esperança de que ele transmita a crítica a Dom Fellay e que consiga, ultimamente, influenciar esse último.

E então, se apesar de tudo o irremediável devesse ocorrer pela assinatura fatal do ralliement de Dom Fellay com o excomungado Ratzinger, **o bispo britânico continuaria sendo o salva-vidas, o refúgio episcopal que abrigaria os padres que suas consciências intimassem a recusar acompanhar o movimento de ralliement com a Roma apóstata**.

Tal imagem de Épinal é falsa.

Ela não resiste aos fatos.

Na verdade, já a temos consideravelmente arruinada e desmistificada, e pretendemos destruí-la completamente, **pois ela foi feita para iludir, para seu prejuízo, os clérigos e os fiéis católicos**.

O binômio cúmplice Williamson-Schmidberger a serviço de uma dialética convencional, com os papéis distribuídos (as duas mandíbulas), em favor do ralliement

A realidade é oposta: **Dom Williamson mantém com o padre Schmidberger, seu antigo amigo de seminário (eles entraram juntos em Écône em 1972), uma dialética sutil e artificial dentro da FSSPX**, uma dialética na qual os dois companheiros repartiram os papéis, como as duas mandíbulas de um alicate que deve levar a FSSPX:

- **Grande mandíbula**: O padre Schmidberger, amigo de Ratzinger, conduz as operações de ralliement da FSSPX à Roma apóstata, sendo Dom Fellay seu executor que segue docilmente e ingenuamente suas sugestões e iniciativas, concebidas em ligação com seu antigo amigo, o padre excomungado Ratzinger, para levar a FSSPX a se unirem à Roma apóstata. Será que o bispo suíço esperaria alguns benefícios pessoais que o valorizassem, como a púrpura cardinalícia ou um título patriarcal tridentino? O padre Schmidberger organiza as coisas com força, "*à maneira alemã*", e nos bastidores avança o projeto com ferocidade e grande senso de eficácia e resultado.
- **Pequena mandíbula**: Dom Williamson toma a iniciativa de visitar e manter contato com todos aqueles que, de uma forma ou de outra, se levantam para resistir ou combater o processo revolucionário de ralliement da FSSPX. **Ele simpatiza com eles, faz declarações suficientemente firmes para ganhar sua confiança** (por exemplo, em junho de 2007, se Dom Tissier denuncia o padre Celier, imediatamente Dom Williamson adiciona mais, falando de "*modernismo consumado*"), **faz com que falem e revelem seus projetos, os nomes de suas redes, suas estratégias de ataque, e**

> **permanece com eles mudo como um esfinge sobre o fundo de seu pensamento**, enquanto se lamenta, como um hábil ator, sobre as críticas imaginárias que o padre Schmidberger lhe dirigiria (na realidade, seu amigo de longa data). **Na verdade, Dom Williamson faz coleta de informações e inteligência junto aos verdadeiros opositores do ralliement, duas áreas nas quais os britânicos se destacam.**

O binômio Schmidberger-Williamson, portanto, incorpora dentro da FSSPX, a grande e a pequena mandíbula revolucionária **que Jean Vaquié descreveu tão bem em '*Reflexões sobre os inimigos e as manobras*'**.

O padre Schmidberger trabalha para que 80% da FSSPX se una (grande mandíbula), **Dom Williamson trabalha para que os 20% restantes, os mais ativos, sejam neutralizados** (pequena mandíbula).

Ou seja, Dom Williamson trabalha para que não se encontre mais ninguém, 0% da FSSPX, que possa conduzir uma reação e um combate eficaz, **ele é o homem da esterilização total e definitiva da luta**, ele é o agente **que trabalha no que é mais difícil de obter: neutralizar a elite mais combativa para que não fique nada e que a obra de Dom Lefebvre possa ser totalmente liquidada pela Roma soa anticristos antes mesmo de levantar as questões radicais e mortais que poderiam pôr em perigo a Igreja conciliar**.

Como no Antigo Testamento, na época dos Macabeus e de Gideão, quando Deus purificou o exército dos fiéis para que no final restasse apenas uma elite que levasse a luta final e a quem Deus pudesse manifestar sua glória ao lhe conceder a vitória, **Dom Williamson está lá para dizimar o exército de Gideão da Tradição católica e assegurar que Deus não encontre nem mesmo um pequeno remanescente**.

Dom Williamson é o homem sutil e hábil do envenenamento intelectual e espiritual dos últimos combatentes.

Conduzindo a parte mais difícil da operação de ralliement da FSSPX, pode-se esperar que o ex-anglicano seja também o mais bem recompensado e honrado pela Roma modernista apóstata após seu triunfo final sobre a FSSPX.

É claro que, ao final da assinatura de Dom Fellay que entregará o controle jurídico da FSSPX ao padre excomungado Ratzinger, a recompensa da Roma dos anticristos não irá para o antigo economista valesiano, como, à luz de seu comportamento, poderia se pensar que ele poderia esperar, **mas, ao contrário, irá para aquele que, por seus verdadeiros talentos e sua arte de dissimulação e manipulação, terá conseguido derrubar toda a "*nucleo duro*" dos resistentes da FSSPX, estamos nos referindo ao graduado de Cambridge, Dom Williamson**.

Claro que **o padre Schmidberger também receberá seu bastão de marechal, ou melhor, sua mitra**, seu amigo Ratzinger certamente saberá se mostrar generoso e grato para com seu amigo e compatriota.

Quanto a Dom Fellay, ele verá então se voltar espetacularmente contra ele o jogo da Arte Real que havia subestimado levemente ou até obstinadamente ignorado, se não ridicularizado.

Em boa realpolitik, como a Roma modernista apóstata sempre pratica, é possível imaginar que ele logo, assim que a assinatura for obtida, apodreça em algum confortável armário climatizado, inodoro e asséptico da Igreja conciliar, um falso " *apostolado*" qualquer, tendo apenas os olhos para chorar, sobrecarregado por sua consciência e pelo olhar de Dom Lefebvre que até sua morte o perseguiria, como um condenado, saturado dos sabores amargos da traição que teria cometido obstinadamente, condenado a meditar sem fim sobre as sutilezas da revolução maçônica conciliar à qual teria entregue a FSSPX pela mais insensata das imprudências.

Dom Williamson, um graduado de Cambridge que finge a mediocridade

Desde dezembro de 2006, temos denunciado o papel muito suspeito que Dom Williamson desempenha dentro da FSSPX.

O antigo anglicano adota **uma postura que afeta firmeza, ou até severidade, especialmente em questões de moral**, ou em relação às relações com Roma, que se mescla a discursos e reflexões tão ecléticas quanto originais e provocativas, em um estilo literário muito britânico.

Mas, para todo leitor dos *Cadernos Barruel*, que soube aguçar seu olhar para remontar diretamente aos princípios da crise atual, **Dom Williamson se trai por seus atos decisivos e sempre discretos nas questões doutrinais cruciais**.

Ele é o homem que mantém uma linha de conduta particularmente eficaz e constante há mais de 25 anos, bloqueando com extrema vigilância a análise doutrinária das questões fundamentais que aprisionam e envenenam a luta da FSSPX e das comunidades que a ela se conectam.

Colocado diante da evidência da esterilidade da ação de Dom Williamson, ou de suas contradições, alguns observadores acreditam encontrar a argumentação correta que o isenta, **apresentando o antigo londrino como um espírito incoerente**, levando uma luta medíocre, ou, se forem mais indulgentes, **relegando-o a um papel de incapaz episcopal útil que poderá continuar a ordenar padres em caso de cisão e um dia transmitir seu episcopado válido a um verdadeiro chefe que o fogo da prova terá forjado e feito emergir na batalha final.**

Mas isso não é verdade, e os prestigiosos colégios de Cambridge (classificados entre os centros de excelência mundial em formação) **não têm a reputação de conceder diplomas a tolos ou espíritos fracos e incoerentes**.

À luz dos fatos, Dom Williamson se livra de toda essa camada de falsos julgamentos depreciativos; os fatos confirmados fazem justiça a ele e arrancam essa máscara de mediocridade, fazendo surgir em plena luz a figura de um clérigo que demonstra um raro e notável senso lógico, acompanhado

de um brilho considerável, na mais pura tradição britânica, **trabalhando não com mediocridade, mas com sucesso para impedir que qualquer força de reação chegue a conclusões claras e salutares, ou que a luta desta reação cresça ou se desenvolva**.

Desde os primeiros dias de nascimento do *Virgo-Maria.org* em fevereiro de 2006, Dom Williamson pediu para nos encontrar. **Com o passar do tempo, e como já dissemos, torna-se claro que este encontro fazia parte dessa estratégia agora com três décadas do antigo anglicano de desenvolver relações amigáveis na esperança de que, ao longo do tempo, pudesse nos contornar melhor.**

Mas iluminados pelos fatos que se acumulavam, nossos olhos se abriram e **assim destacamos, há nove meses[4], os diferentes pontos doutrinários sobre os quais a marca de Dom Williamson aparece de forma brilhante para melhor esterilizar completamente a luta de Dom Lefebvre e a obra que ele fundou, desviando-a em ilusões e impasses.**

Assim, **denunciamos, entre outros, o papel particularmente nefasto que Dom Williamson teve ao pressionar sucessivamente o Padre Pierre-Marie d'Avrillé e o padre Calderon, para impedir que a verdade sobre a invalidade do novo rito de consagração episcopal se tornasse amplamente conhecida entre os clérigos e fiéis da FSSPX.**

Denunciamos também **seu jogo duplo em relação ao falso apresentado como sendo o 3º segredo de Fátima por Ratzinger na segunda-feira, 26 de junho de 2000, assim como a preparação das mentes dos fiéis, durante o sermão das ordenações de Écône na sexta-feira, 29 de junho de 2007, para um novo falso, um "*4º segredo*" ou um segredo "*3º bis* "** que traria o epílogo premeditado à questão levantada pela oposição Socci-Bertone, e **manterida intencionalmente desde quinta-feira, 22 de fevereiro de 2007, pelo padre excomungado Ratzinger**.

Por outro lado, enquanto **diferente de um sacerdote, um bispo católico faz parte da Igreja ensinante e recebe as graças de estado para ensinar fiéis e clérigos, principalmente sobre os pontos essenciais da Fé e da verdadeira Doutrina católica, dos quais é, de certa forma, o guardião**, à frente de seu rebanho de fiéis, é extremamente revelador constatar que **em seus sermões e homilias, mesmo as mais solenes, Dom Williamson geralmente evita tratar de assuntos da Fé e da Doutrina que se dirigem à inteligência dos fiéis, como fazia quase sempre Dom Lefebvre**. **Em vez disso, parecendo considerar os fiéis como crianças sem cérebro, ele geralmente se dirige mais a seus sentimentos e quase nunca à sua inteligência**, invocando metáforas às vezes ridículas e infantis.

E em suas intervenções durante colóquios mais intelectuais, como, por exemplo, no 2º Congresso Teológico de *Si Si No No* de 2 a 5 de janeiro de 1996 em Albano, "*Igreja e Contra-Igreja no Concílio Vaticano II*", tratando do tema do *Americanismo*, condenado pela carta apostólica *Testem Benevolantiae* de Leão XIII ao Cardeal Gibbons de 22 de janeiro de 1899, ele frequentemente usa em sua exposição **o procedimento de enunciar o verdadeiro princípio orientador do erro condenado entre as consequências, tendo colocado em sua apresentação como princípio orientador do erro uma de suas consequências**.

Tudo isso é decididamente muito estranho.

---

[3] http://www.virgo-maria.org/D-Mgr-Williamson-leurre/index_mgr_williamson_leurre.htm

[4] http://www.virgo-maria.org/D-Mgr-Williamson-leurre/index_mgr_williamson_leurre.htm

Malcolm Muggeridge, o mestre do pensamento capital da juventude anglicana de Dom Williamson

Dom Williamson, esse Jano de dupla face, possui, no entanto, **seu segredo e sua coerência internas**, mesmo que se cuide de não admiti-los ou deixá-los transparecer.

De maneira muito comum, Dom Williamson deve muito à sua juventude e às influências que o moldaram durante a infância, depois na universidade e, em seguida, durante seus nove anos de experiência profissional (1963-1972) antes de **sua entrada tardia** no seminário.

Entretanto, existe um vazio sobre os anos de juventude de Dom Williamson, que permanecem pouco conhecidos.

O admirador do ***Dailycatholic.org*** escreve que "**poucas coisas são conhecidas de sua vida nos primeiros anos**", no entanto, sua biografia na Wikipedia nos ensina o seguinte:

> *"Richard Nelson Williamson nasceu no Reino Unido em uma família londrina, o caçula de três meninos de pais anglicanos. Ele estudou no colégio Ardingly e no colégio Winchester. Depois de receber um diploma em literatura na*

> *Universidade de Cambridge, ele foi professor em um colégio no Gana.* ***Naquela época, ele estava sob a forte influência de Malcolm Muggeridge, e muitos veem nisso a origem de seu caminho de conversão ao Catolicismo****. Foi durante seus anos na África que Williamson conheceu em Gabão um Albert Schweitzer, então idoso."*
>
> ***"Em 1971, Williamson foi acolhido na Igreja Católica Romana pelo padre John Flanagan, um missionário irlandês que trabalhava na Inglaterra."*** *Ele entrou pouco depois no Seminário Internacional da Fraternidade São Pio X em Écône, na Suíça. Em 1976, foi ordenado sacerdote por Dom Lefebvre.*** Wikipedia**[5]**

Fato singular e capital, a biografia do bispo britânico destaca que durante sua juventude, ao sair de Cambridge, "***ele estava fortemente sob a influência de Malcolm Muggeridge***".

Quem foi Malcolm Muggeridge? Ele era **um homem do meio *Fabiano***, o da técnica do socialismo globalista, que estruturou o partido trabalhista na Inglaterra:

> *"Thomas Malcolm Muggeridge (24 de março de 1903 – 14 de novembro de 1990) foi um jornalista, autor, satirista, personalidade da mídia, espião militar e, mais tarde, apologista cristão."*

E o admirador do *Dailycatholic.org* menciona a estadia do jovem anglicano no Gana como **professor de literatura, sublinhando, durante esse período (1963-1965), a influência considerável de Malcolm Muggeridge sobre o jovem graduado de Cambridge:**

> *"Durante esse tempo, ele foi grandemente influenciado pelo indomável Malcolm Muggeridge, o que muitos veem como o elemento desencadeador de sua conversão ao catolicismo. Dom Williamson escreveu em agosto passado: 'Eu me lembro de ter ouvido Malcolm Muggeridge dizer que, enquanto o mundo moderno se revelou ser uma imensa decepção após a Segunda Guerra Mundial, a Igreja católica poderia e deveria aceitar a rendição incondicional do mundo à sua Verdade, e neste momento, portanto, os homens da Igreja haviam rendido-se ao mundo durante o segundo concílio do Vaticano e se alinhado a esses princípios modernos que significam a dissolução do catolicismo.'"* Dom Williamson

Richard Williamson destaca, como um **leitmotiv, a hostilidade ferrenha de Muggeridge em relação ao mundo moderno**.

No dia 1º de dezembro de 1990, Dom Williamson proferiu um discurso (leia o texto nos anexos a este estudo) que se assemelha a um elogio de forma fúnebre pelo falecimento do mestre de pensamento de seus anos anglicanos. Nesse texto, ele conta Muggeridge "**entre as almas que buscam a Deus**" e o chama de "**Querido Malcolm**":

> "*Assim, Malcolm Muggeridge faleceu, aos veneráveis 87 anos. Ele foi um jornalista e produtor de programas de rádio renomado no mundo anglófono, especialmente em seu próprio país, a Inglaterra, e se converteu ao catolicismo no final de sua vida. Inúmeras almas em busca de Deus lhe devem uma enorme gratidão. Eu era uma delas. Querido Malcolm! — 'Que Deus lhe conceda o descanso de todos os caminhos nos quais ele possa tê-Lo ofendido.* " Dom Williamson

Indignado com os Beatles e os danos que causavam entre a juventude inglesa, Richard Williamson se volta para aquele que brada implacavelmente **contra o século XX**:

> *"Ao retornar à Inglaterra em 1965, após uma estada de dois anos na África, como professor em Londres, encontrei os alunos, assim como seu país, devastados por, entre outros, quatro cabeças quentes indignas conhecidas como os Beatles; procurei uma voz sensata ou um apelo à dignidade, e foi então Malcolm Muggeridge que, com suas palavras escolhidas, mas implacáveis, condenava sem apelo o nosso indigente século XX."* Dom Williamson

O velho bispo elogia a malícia e a habilidade do artesão da língua inglesa que foi Muggeridge, a qual ele soube usar para reduzir a pó os deuses do liberalismo (ou esquerdismo, pois o termo *liberalism* é muito mais marcado em inglês), atraindo, com suas farpas, os sarcasmos dos esquerdistas:

> *"Plenos de astúcia e entusiasmo, os artigos que eu podia ler sob sua pena tratavam dos deuses ficcionais do Liberalismo, para, sem piedade ou malícia, reduzi-los a pedaços. Pobres liberais acusavam Malcolm de ser 'negativo', de ser 'destrutivo' – você conhece bem esse refrão estúpido! – mas para quem tinha olhos para ver e ouvidos para ouvir, havia muito mais nele do que isso. Em primeiro lugar, alguém que não tem nada a dizer não se preocupa com estilo ou profissionalismo para dizê-lo, mas Malcolm sempre teve estilo e se mostrou um hábil artesão da língua inglesa."*
>
> *E em segundo lugar, por trás de todas as suas impiedades irônicas e iconoclastas, corria a consciência coerente de valores reais que condenavam todos os covardes poseurs que os haviam traído. Dessa forma, embora não*

> *fosse Católico na época, e, até onde me lembro, ele próprio não professasse ser Cristão, atraía um grande número de crentes implícitos ou explícitos que não encontravam ninguém mais para defender suas mentes e almas contra a grande mentira do Liberalismo com a qual, enquanto homens, seus líderes oficiais se compunham mais ou menos.* Dom Williamson

Foi de bicicleta, e sem ter se anunciado, que Richard Williamson se dirigiu pela primeira vez à casa dos Muggeridge.

Malcolm ouvirá as angústias do **jovem Williamson, atormentado por seu século e pelo esquerdismo que o oprimia**. Posteriormente, Malcolm Muggeridge o chamaria com afeto de " **meu querido garoto**".

> *"Certa vez, peguei minha bicicleta e fui vê-lo em seu cottage em Robertsbridge, Sussex. Não consigo me lembrar se anunciei ou não minha visita (absolutamente irrelevante). De qualquer forma, ele e sua esposa Kitty me receberam muito bem e me convidaram para almoçar; conversamos; ele ouvia e percebia a essência de tudo o que 'seu querido jovem' tinha a dizer sobre o infortúnio de ter que ensinar uma juventude abandonada neste Londres do meio do século XX."* Dom Williamson

Em 1990, Dom Williamson, **como se quisesse acender contrafuegos preventivos contra eventuais suspeitas, defende que essa visita, prolongada por uma meia dúzia de outras nos anos que se seguiram, não teria iniciado uma privilegiada relação de amizade entre o jovem londrino atormentado pelo mundo moderno e o jornalista fabiano que criticava os excessos liberais do século XX**, afirma não ter essa pretensão, pois, segundo ele, muitos outros britânicos fizeram o mesmo:

> *"Guardei uma lembrança afetuosa de talvez meia dúzia de tais visitas a Malcolm e Kitty ao longo dos poucos anos que se seguiram. Estou me gabando de ter sido um de seus amigos íntimos, mas apenas nisso que Malcolm era para mim um bom amigo, como não duvido que ele tenha sido para centenas, talvez milhares, de abandonados do século XX que, como eu, fizeram a peregrinação para encontrar o Sábio de Cottage Park."* Dom Williamson

Segundo Dom Williamson, tal relação entre ele e Muggeridge, amplificada **por uma tal influência, jamais existiria se Malcolm Muggeridge fosse plenamente católico. Ele vê nisso uma ação da Providência** que conseguiu alcançá-lo e ajudá-lo em um caminho que o deveria levar à Igreja católica:

> *“Como Deus é bom!* ***Acho que se Malcolm tivesse sido na época um Católico de estrita obediência, eu poderia não ter me aproximado dele.*** *Tal como ele era, com seu espírito afiado e independente que o levou diretamente ao seio da esquerda para sair do outro lado, com sua total recusa em ser enganado pelas ilusões do século XX, e com sua sabedoria e bondade de coração que ele manifestava por sua escuta e cordial hospitalidade, ele me impulsionou fortemente para o momento em que deixei Londres para* ***o preceder na Igreja Católica****.”* Dom Williamson

“***O preceder na Igreja Católica***”? **Dom Williamson considera então que, ao se juntar à Igreja conciliar apóstata de Wojtyla-João Paulo II, Malcolm Muggeridge teria realmente se juntado à Igreja católica?**

Após a conversão de Richard Williamson em 1970, e antes da entrada do britânico no seminário de Écône em 1972, outra reunião ocorrerá no Sul da França entre o jovem londrino e o casal Muggeridge, e, os três juntos, irão a uma missa local, que, muito provavelmente, será a nova missa segundo o rito de Bugnini-**Dom Botte-Montini-Paulo VI, que Dom Williamson apresenta, no entanto, como sendo “o verdadeiro mistério da Fé” ao qual assiste o antigo jornalista em busca, mas ainda não convertido:**

> *“Ah, meu querido jovem, assim você se tornou agora um membro totalmente 'filiado',” foi com essas palavras que ele me cumprimentou quando o visitei posteriormente no Sul da França, como se eu tivesse feito algo análogo à minha afiliação ao Partido Comunista! Mas posso me lembrar, enquanto ia com eles a uma missa local, como ele me dizia de certa forma que Kitty e ele iam todos os dias, sentando-se bem atrás... Malcolm me dizia que a simples ideia de receber a Comunhão era algo que ele ainda considerava estranho... no entanto, a reverência com a qual ele assistia à missa, como poderia descrever? Esse homem de cabelos brancos recolhido nas sombras da igreja, a companheira de sua vida ao seu lado, e com seus anos de vida e de lutas atrás de si, várias décadas de esforços e buscas, todas* ***mergulhadas em silencioso tributo diante do grande Mistério*** *em que ele pressentia, mas ainda não conseguia discernir, a Resposta.... E nós iríamos para a luz do dia, e o século XX tomaria novamente o controle com café da manhã e sarcasmo.”* Dom Williamson

E Dom Williamson se alegra em 1990, dois anos após sua ordenação, que Malcolm Muggeridge e sua esposa Kitty tenham se juntado à Igreja conciliar apóstata em 1982.

Sabemos, de seu próprio testemunho, que **Dom Williamson entrou sucessivamente em dois seminários conciliares** antes de ser expulso de cada um deles.

Assim, para Dom Williamson, a adesão dos dois antigos *Fabianos* à Igreja conciliar apóstata representa a entrada dessas duas almas na única Igreja de Nosso Senhor Jesus

Cristo.

Ler estas linhas, que sequer pontuam com a sombra do arrependimento pelo que esse percurso religioso poderia ter se revelado incompleto, inacabado, pois eles se uniram ao que Dom Lefebvre chamava de "nova religião", cujas "cátedras são ocupadas por anticristos", revela o quanto Dom Williamson é, na verdade, fundamentalmente modernista e atado à Igreja conciliar.

A única reserva que Dom Williamson expressa é literária, **ele destaca a surpresa dos católicos que descobrirão na autobiografia de Malcolm Muggeridge a quase ausência de referências cristãs (Santo Agostinho fazendo figura de exceção) na lista dos personagens históricos que Muggeridge venerava**.

E o julgamento de Dom Williamson trai novamente um estado de espírito modernista quando ele declara que foi pelo "coração" que o jornalista se tornou católico, fazendo total abstração em seu discurso da importância da verdade da Fé e da adesão da inteligência.

E não podendo, sem dúvida, negar a evidência (que os biógrafos de Muggeridge constatarão)**, Dom Williamson reconhece que uma "parte da cabeça" do jornalista permaneceu fora da Igreja**. Um tal laxismo de Dom Williamson, agravado pela ação de graças, diante da semi-conversão de Muggeridge à religião conciliar, não revela tanto os segredos da alma de Muggeridge **quanto expõe o fundo do pensamento de Dom Williamson, que o bispo deixa transparecer à luz, sob a emoção da evitação da morte de seu mentor**.

Através destas linhas, **Dom Williamson fala e deixa filtrar suas convicções profundas**, que ele se resguarda de revelar, e podemos devolver a Dom Williamson a apreciação que ele mesmo tem em relação a Muggeridge, mas agora para interrogar o bispo e sem concessões:

O que significa para Dom Williamson uma verdadeira conversão à Fé católica e o que significaria a Igreja conciliar, seria ela verdadeiramente a Igreja católica?

> *"Assim, não foi uma grande surpresa quando, talvez dez anos depois, ele e Kitty entraram na Igreja. Deo gratias. Contudo, alguns* ***leitores católicos poderiam se surpreender, por exemplo, com a escolha não católica de seus heróis*** *, com algumas exceções, como, é claro, a do grande Santo Agostinho, que ele estimava. Lamentavelmente, nunca mais vi Malcolm depois que ele se tornou católico, de modo que não posso ter certeza de como ele evoluiu,* ***mas tenho razões para pensar que ele entrou na Igreja impulsionado por seu coração, especialmente guiado pelo exemplo e pelo contato com Madre Teresa de Calcutá, ao mesmo tempo em que uma certa parte de sua cabeça permanecia do lado de fora****, com os existencialistas e seus progenitores."* Dom Williamson

E a “***sinceridade***” de Malcolm Muggeridge não pode substituir suas falhas na confissão completa da Fé católica.

Buscar no engajamento de Muggeridge pela luta pela vida um certificado de catolicidade, apesar do mérito que ele possa ter ao falar contracorrente nos anos 1960, **um tal discurso poderia ser compreendido na boca de um leitor de *Famille chrétienne*, no meio conservador conciliar, ou ainda na boca de um ralimado, leitor de *Présent* e discípulo de *Jean Madiran*, mas de forma alguma, não é aceitável na boca de um clérigo da FSSPX e muito menos por parte de um de seus bispos**. No entanto, **é isso que Dom Williamson assina em 1º de dezembro de 1990, a menos de quatro meses da morte de Dom Lefebvre.**

Um tal julgamento de Dom Williamson é tipicamente modernista.

> *«Mas que tais leitores estejam certos de que uma grande parte da cabeça de Malcolm era católica – quantos reitores católicos de uma prestigiada universidade teriam se demitido, como ele fez, anos antes de se tornar católico, como sinal de protesto contra a introdução de contraceptivos no campus? Ele acreditava com total sinceridade em tantas valores que muitos 'católicos' simplesmente abandonaram. De qualquer forma, ele foi um farol nas trevas para muitos náufragos espirituais de nossa época, como eu mesmo. Querido Malcolm, obrigado e adeus! Leitores, rezem pela alma de Malcolm e por Kitty, que ele deixou para trás:*
>
> *"Terra, não pressione demais esses ossos*
>
> *de Malcolm, aquele que detestava os charlatães,*
>
> *Para se levantar, eles estão muito cansados agora*
>
> *E mais tarde nada os deterá.”* Dom Williamson

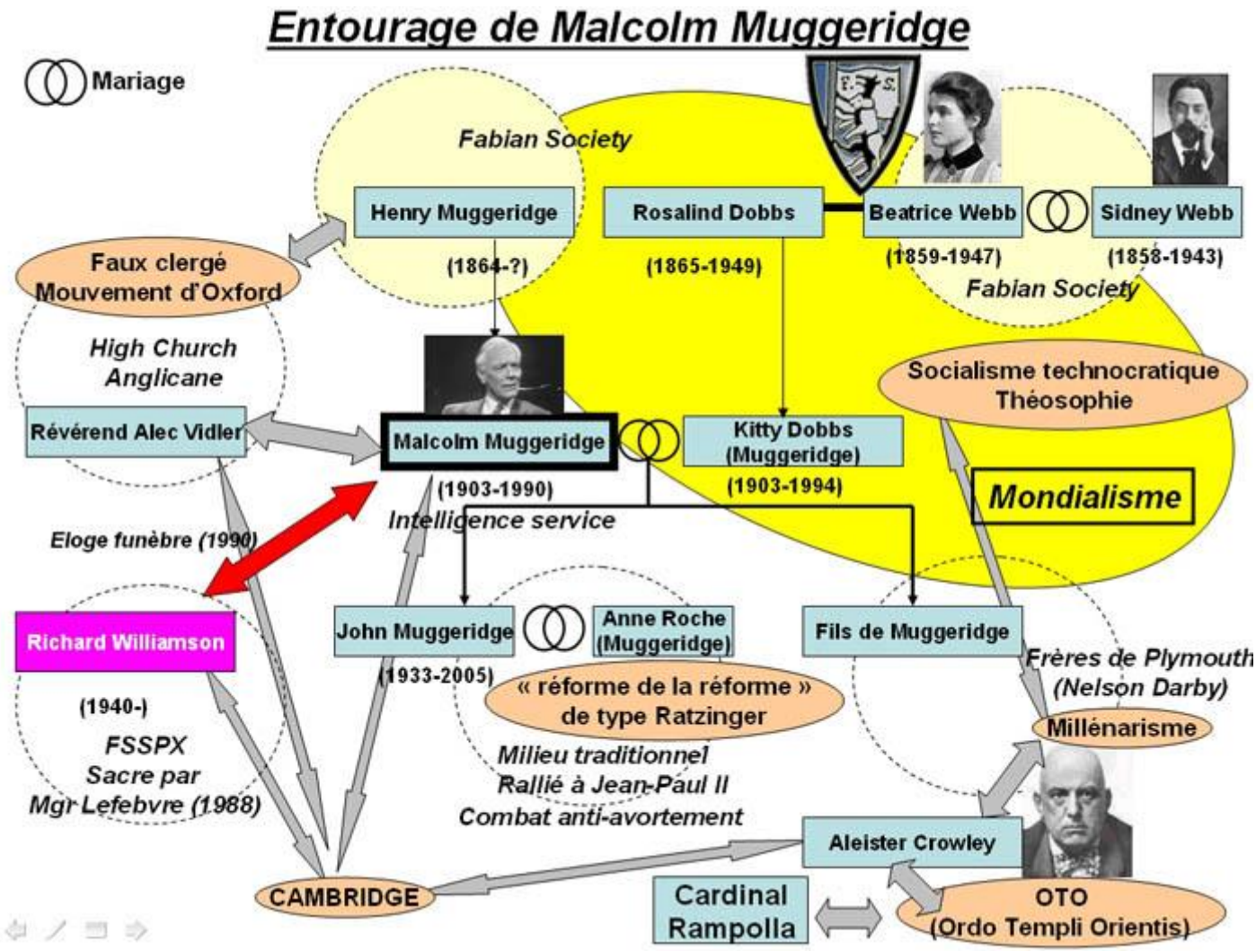
Este elogio fúnebre de Muggeridge nos revela **um Richard Williamson profundamente liberal e ligado à Igreja conciliar**, **mal convertido, e cujas profundas convicções finais se enraízam em um rejeição visceral do mundo moderno e de seus excessos dos anos 1960, particularidade que ele compartilhava com Muggeridge, mas isso não é suficiente para fazer de um católico plenamente convertido**. Uma tal motivação não é própria dos católicos. Um clérigo com formação hegeliana como o padre Schmidberger poderia compartilhá-la, assim como um partidário da Nova Direita.

Continuando nossa investigação sobre Dom Williamson e suas origens, **descobrimos que, muito tempo após sua conversão e menos de 2 anos após sua consagração episcopal, os tropismos de sua juventude anglicana ainda funcionam.**

---

[5] http://en.wikipedia.org/wiki/Richard_Williamson

Malcolm Muggeridge: Proveniente do meio Fabiano e jornalista provocador, adepto tardio da religião conciliar e tornado "profeta do século XX".



Os documentos anteriores iluminaram a profunda influência que Malcolm Muggeridge exerceu sobre o jovem Williamson, do qual o bispo se reconhece profundamente devedor durante a oração fúnebre do jornalista.

Vamos agora descobrir qual foi a vida e o pensamento desse mentor de Dom Williamson e aprofundar nosso conhecimento sobre seu meio de origem.

A vida de Malcolm Muggeridge, nascido no meio *Fabiano* e casado com uma sobrinha dos Webb

Mas quem era esse personagem, por sinal pouco conhecido do público francófono?

Antes de responder com mais detalhes a essa pergunta, apresentamos já alguns elementos biográficos-chave fornecidos pela Wikipedia.

"*Thomas Malcolm Muggeridge (24 de março de 1903 – 14 de novembro de 1990) foi um jornalista, autor, satirista, personalidade da mídia, espião militar e, mais tarde, apologista cristão.*" Wikipedia

A infância e o casamento de Malcolm Muggeridge

"***Seu pai, H.T. Muggeridge, foi um importante Conselheiro Municipal do Partido Trabalhista de Croydon, no Sul de Londres, e foi, por um breve período, membro do Parlamento pelo condado de Romford durante o segundo governo trabalhista de Ramsey McDonald.*** *Sua mãe se chamava Annie Booler.*

Malcolm, um dos cinco irmãos, estudou na escola de gramática Selhurst e no Colégio Selwyn da Universidade de Cambridge por quatro anos, obtendo seu diploma em 1924 com uma menção razoável em ciências naturais. Em seguida, partiu para ensinar na Índia. Enquanto ainda era estudante, ele havia dado aulas durante breves períodos em 1920, 1922 e 1924 no Colégio John Ruskin de Croydon, onde seu pai era presidente dos monitores.

De volta à Inglaterra em 1927, ele casou-se com Katherine Dobbs (1903-1994), também conhecida como Kathleen ou Kitty, cuja mãe, Rosalind Dobbs, era uma jovem irmã de Beatrice Webb. Ele trabalhou como professor substituto, antes de partir seis meses depois para ensinar no Egito. Foi lá que conheceu **Arthur Ransome, que passava pelo Egito como jornalista para o Manchester Guardian. Ransome recomendou Muggeridge aos editores do Guardian e ele foi empregado como jornalista pela primeira vez.**"_ Wikipedia

Moscou

"***Inicialmente atraídos pelo Comunismo, Muggeridge e sua esposa chegaram a Moscou em 1932, onde Malcolm deveria ser o correspondente do Manchester Guardian****, aguardando William Chamberlain, que sairia de licença. No início de sua estadia em Moscou, seu principal trabalho como jornalista foi escrever uma nova chamada 'Picture Palace' sobre suas experiências no Manchester Guardian, que ele terminou e enviou aos editores em janeiro de 1933. Infelizmente, os editores, preocupados com possíveis ações por difamação, não publicaram o livro, o que causou dificuldades financeiras para Muggeridge, que, na realidade, não estava empregado naquela época, recebendo apenas por freelance. Percebendo rapidamente a desilusão com o comunismo, Malcolm decidiu investigar diretamente* ***a fome na Ucrânia, viajando para lá e para o Cáucaso sem a permissão das autoridades soviéticas.*** *Os relatórios que ele enviava ao Guardian através da mala diplomática, e que assim escapavam da censura, não foram impressos em sua íntegra, nem apareceram sob o nome de Muggeridge.*

"*No mesmo período, Gareth Jones, um jornalista rival que conheceu Muggeridge em Moscou, ficou famoso com sua própria história que confirmava a extensão da fome. Escrevendo para o New York Times, Walter Duranty negou descaradamente a existência de qualquer fome. A seu crédito, Gareth Jones escreveu cartas para o Guardian apoiando os artigos de Muggeridge sobre a fome. Entrando diretamente em conflito com a linha editorial do jornal, Muggeridge voltou a escrever reportagens, começando 'Inverno em Moscou' (1934), descrevendo as condições reais na utopia socialista e zombando dos jornalistas ocidentais complacentes com o regime de Stálin. Ele mais tarde chamou Duranty de "o maior mentiroso que já conheci no jornalismo". Posteriormente, ele começou uma colaboração literária com Hugh Kingsmill. As concepções políticas de Muggeridge mudaram quando* ***ele passou de uma perspectiva que pode ser qualificada de socialista independente para o que muitos consideraram uma postura de direita****, que não era menos rigorosa em suas críticas aos problemas sociais. As ideias políticas de Muggeridge nunca se prestaram facilmente a categorizações em termos de partidos políticos.*" Wikipedia

A Segunda Guerra Mundial

"***Durante a guerra, ele fez parte dos serviços do Secret Intelligence Service britânico em operação em Bruxelas****, que era dirigido por Richard Barclay, um homem fraco que Muggeridge e seu colega Donald intimidavam. A tentativa de Muggeridge de atribuir a si mesmo, em busca de glória vazia, o mérito pelo desmantelamento de uma rede de espionagem alemã em Antuérpia, na qual ele não teve nenhum papel, provocou protestos indignados daqueles que estavam envolvidos (Richard Gatty e Charles Arnold-Baker).* ***Ele foi posteriormente enviado a Lourenço Marques, uma cidade neutra na África Oriental Portuguesa, onde se diz que foi responsável pela captura de um submarino alemão****, mas ele também falou mais tarde sobre uma tentativa de suicídio. Pouco* ***depois da Libertação de Paris pelos aliados, Muggeridge foi encarregado de uma investigação preliminar sobre P.G. Wodehouse, que foi processado devido a cinco transmissões de rádio realizadas a partir de Berlim durante a guerra. Embora inicialmente estivesse pronto para detestar Wodehouse, sua entrevista resultou em uma amizade duradoura e em uma relação editorial****. Este encontro mais tarde inspirou uma peça de teatro de Roger Milner chamada '*Além da Piada*'."* Wikipedia

Período pós-guerra

"***Ele trabalhou para outros jornais, incluindo o Calcutta Statesman, o Evening Standard e o Daily Telegraph. Foi editor-chefe da Punch Magazine de 1953 a 1957,*** *um cargo que apresentava um desafio para alguém que proclamava não ter qualquer senso de humor. Em 1957, ele enfrentou um sério desprezo público e profissional por criticar a monarquia britânica em uma revista americana, o Saturday Evening News. Com seu título provocador 'A Inglaterra realmente precisa de uma rainha?', seu artigo foi deliberadamente atrasado por cinco meses por um editor astuto de modo a coincidir com a visita real de Estado a Washington DC que tinha que ocorrer mais tarde naquele ano. Embora esse artigo não fosse mais do que uma reiteração de pontos de vista já expressos em um artigo de 1955 intitulado 'Soap Opera Real', essa infeliz programação gerou uma reação particularmente ultrajada na Grã-Bretanha, e ele foi, por um breve período, proibido de estúdios da BBC, enquanto um contrato com os jornais de Beaverbrook foi cancelado.*

Sua má reputação contribuiu para alavancar sua carreira para se tornar um apresentador de programas de rádio ainda mais conhecido, com uma reputação de entrevistador intransigente. Porém, ao longo dos anos 60, ele estava em uma fase em que suas próprias convicções espirituais começaram a ter mais peso em sua carreira profissional. **Cada vez mais, ele se tornava algo ridículo e caricatural ao se empenhar em denunciar frequentemente, no rádio e na televisão, a nova fadiga sexual dos hippies dos anos 60. Seus sarcasmos visavam particularmente a moda 'Pílulas e Pétard'** – pílulas anticoncepcionais e cannabis. Seu livro de 1966, 'Andar Levemente Porque Você Está Pisando em Minhas Piadas', foi publicado durante seu período de busca espiritual, e, embora mordaz em seu humor, denotava ao mesmo tempo um olhar sério sobre a vida. Este título é uma alusão à última linha do poema de W.B. Yeats intitulado 'Ele Desejava as Vestes do Céu' – 'Ande levemente porque você está pisando em meus sonhos.' Em 1967, ele pregou na Igreja de Santa Maria a Grande em Cambridge, assim como em 1970. **Ao ser eleito reitor da Universidade de Edimburgo, Muggeridge** aproveitou a oportunidade de um sermão na Catedral de São Guilherme em janeiro de 1968 para renunciar ao cargo como forma de protesto contra a posição do Conselho dos

Representantes de Estudantes sobre a questão de 'Pílulas e Pétard'. Este sermão foi publicado posteriormente com o título 'Outro Rei'.

Muggeridge ficou famoso como o "descobridor" de Madre Teresa, sendo o primeiro a entrevistá-la em Londres em 1968. Ele contou ao mundo suas conquistas através de um documentário de televisão filmado em Calcutá, chamado 'Algo Bonito para Deus', bem como um livro do mesmo nome que se tornou um best-seller. *Ele era famoso por seu espírito e seus escritos profundos (como, por exemplo, "Nunca se esqueça de que apenas o peixe morto nada com a corrente"). Ele escreveu uma autobiografia em dois volumes sob o título 'Crônicas do Tempo Perdido'. O primeiro volume (1972) intitulava-se 'O Bastão Verde', e o segundo volume (1973) 'O Bosque Infernal'. Um terceiro volume estava previsto, 'O Olho Bom', para cobrir o período pós-guerra; ele foi iniciado, mas nunca concluído.*" Wikipedia

Conversão ao Cristianismo

"*Depois de ter, quase toda a sua vida, professado publicamente ser um agnóstico, ele descobriu sua vocação cristã ao publicar "Jesus Redescoberto" em 1969, uma série de ensaios, artigos e sermões sobre a Fé. O livro se tornou um best-seller. 'Jesus: O Homem que Está Vivo' seguiu em 1976, uma obra mais substantiva que descreve o evangelho com suas próprias palavras.* ***Em 'Um Terceiro Testamento', ele retrata sete pensadores espirituais, ou 'Espiões de Deus', como os chama, que influenciaram sua vida: Santo Agostinho, William Blake, Blaise Pascal, Leon Tolstói, Dietrich Bonhoeffer, Søren Kierkegaard e Fiódor Dostoiévski****. Foi nesse período que ele produziu vários documentários importantes sobre temas religiosos na BBC,* ***incluindo 'Nos Passos de São Paulo'****.*

"*Em 1979, ele atacou publicamente John Cleese e Michael Palin durante um debate televisivo sobre o blasfêmia pública do filme dos Monty Python 'A Vida de Brian'.*"

A Conversão que se Seguiu ao Catolicismo Romano

"***Em 1982, ele surpreendeu muitas pessoas ao se converter ao Catolicismo Romano aos 79 anos, junto com sua esposa Kitty. Essa conversão foi amplamente influenciada por Madre Teresa****. Seu último livro, 'Conversão', publicado em 1988 e recentemente reeditado, descreve sua vida como uma peregrinação do século XX – uma jornada espiritual.*

Muggeridge era uma figura controversa – amplamente conhecido como um bebedor, fumante inveterado e libertino ao longo de sua vida anterior. Contudo, várias de suas obras mais conhecidas são atribuídas à fé que ele encontrou tardiamente, e que expressou com eloquência em suas transmissões como em seus escritos, além de suas enérgicas batalhas sobre questões morais. Atualmente, ele é lembrado com carinho como São Mugg. Em seu livro 'Jesus: O Homem que Está Vivo', ele diz: "Se o maior de todos, Deus encarnado, escolhe ser o servo de todos, quem poderia querer ser o mestre?" **Ele foi um líder no Festival da Luz em 1971 por toda a Inglaterra, protestando contra a exploração comercial do sexo e da violência na Grã-Bretanha, e se tornando o defensor do ensino de Cristo como a única chave para restabelecer a estabilidade moral da nação.**

Uma sociedade de literatura foi fundada em seu nome em 24 de março de 2003, por ocasião do centenário de seu nascimento, que publica uma carta trimestral intitulada 'A Gárgula'. Esta sociedade, baseada na Grã-Bretanha, está reeditando as obras de Muggeridge. Os escritos de Muggeridge estão reunidos em coleções especiais no Wheaton College, em Illinois, EUA." Wikipedia [6]

Alguns pontos importantes da personalidade de Malcolm Muggeridge

Entre as diversas facetas desta figura atípica, **duas características principais se destacam: Muggeridge nasceu no meio *Fabiano*, mais próximo dos fundadores históricos (os esposos Webb), e é provavelmente amplamente devedor aos *Fabianos*, poderosos na mídia e muito ligados aos círculos maçônicos britânicos, de sua carreira jornalística e midiática.**

Além disso, ele foi, durante a Segunda Guerra Mundial, um agente secreto do *Intelligence Service* britânico.

"***Durante a guerra, ele fez parte dos serviços do Secret Intelligence Service britânico em operação em Bruxelas**, que era dirigido por Richard Barclay, um homem fraco que Muggeridge e seu colega Donald intimidavam. A tentativa de Muggeridge de atribuir a si mesmo, por vaidade, o mérito do desmantelamento de uma rede de espionagem alemã em Antuérpia, na qual não teve nenhum papel, gerou protestos indignados dos que estavam envolvidos (Richard Gatty e Charles Arnold-Baker).”*

É importante lembrar que, de maneira geral, os círculos de inteligência britânicos estão fortemente entrelaçados com a Maçonaria, particularmente na Inglaterra com as tradições maçônicas, característica da aliança entre os círculos anglicanos e os círculos rosacruzes tradicionais.

Dom Beauduin também foi, durante o ano de 1916, um agente do *Intelligence Service*, antes de lançar o movimento ecumênico e prosseguir com o movimento litúrgico, que deveriam ambos convergir na subversão do Vaticano II e na fabricação e instauração, em 1968, de um rito de consagração episcopal inválido.

Mais tarde, **Muggeridge também se tornou provocador em questões de moral, denunciando, nos anos 60, a crescente revolução sexual**.

"***Cada vez mais, ele se tornava algo ridículo e caricatural ao se empenhar em denunciar frequentemente, no rádio e na televisão, a nova fadiga sexual dos hippies dos anos 60. Seus sarcasmos visavam particularmente a moda 'Pílulas e Pétard' – pílulas anticoncepcionais e cannabis. Seu livro de 1966, 'Ande Levemente Porque Você Está Pisando em Minhas Piadas', foi publicado durante seu período de busca espiritual, e, embora mordaz em seu humor, denotava ao mesmo tempo um olhar sério sobre a vida.**”

Isso fez com que esse bebedor e festeiro ("*Muggeridge era uma figura controversa – amplamente conhecido como um bebedor, fumante inveterado e libertino ao longo de sua vida anterior.*"), recebesse o rótulo de ***conservador***, **o que não deixava de ser irônico para um ex-admirador do comunismo stalinista dos anos 30.**

O satirista Muggeridge também é o homem que garante o lançamento midiático da irmã Teresa de Calcutá.

No final de sua vida, em 1982, ele se converterá e se unirá à Igreja conciliar, publicando algumas obras de apologética.

A Infância e a Família de Malcolm Muggeridge

Examinemos agora a infância e a família de Malcolm Muggeridge.

A Infância de Malcolm Muggeridge Segundo Richard Ingrams

Aqui estão alguns trechos do que diz Richard Ingrams, um de seus biógrafos, em seu capítulo sobre a infância do jornalista, conforme publicado pelo *Washington Post*.

O pai de Malcolm estava envolvido na ***Fabian Society*** e militava na vida política como socialista.

A leitura que ele fazia durante o almoço despertou em H.T. Muggeridge um intenso interesse pela política e pela literatura. Embora eventualmente tenha se tornado deputado trabalhista, ele dedicava a maior parte do seu tempo à Associação Liberal de Penge e desempenhou um papel ativo na campanha a favor da criação de uma biblioteca pública no bairro, assim como de banhos públicos. No início dos anos noventa, tornou-se socialista, antes de se juntar à Fabian Society em 189?, e depois ao ILP (Partido Trabalhista Independente). Em 1895, ele se tornou secretário da Sociedade Socialista de Croydon, mas não conseguiu ser eleito para o conselho local de Norwood nem em 1896, nem no ano seguinte. Ele possuía o dom de falar em público, embora nem sempre tivesse a oportunidade. Um relato muito vívido do Croydon Times de 5 de outubro de 1899 fala de uma manifestação organizada contra a guerra dos Bôeres em Duppas Hill, onde uma multidão enfurecida de 2.000 "patriotas" interrompeu a reunião antes mesmo que ela pudesse começar. A infância de Malcolm Muggeridge...

Comportamento típico do jogo duplo dos Fabianos, o pai de Malcolm votará a favor de um projeto apresentado por Oswald Mosley, líder do Partido Nacional Socialista na Inglaterra:

"*Em dezembro de 1930, ele fez parte de um grupo de deputados de todos os partidos que assinaram o manifesto de Oswald Mosley defendendo uma economia planejada para estimular as exportações e planejar o consumo interno. Ele perdeu seu assento em outubro de 1931, mas foi reeleito para o Conselho de Croydon em 1933 até sua renúncia por motivos de saúde em 1940, aos setenta e cinco anos.*"

Aqui, descobrimos **os laços que unem o pai de Malcolm ao reverendo Alec Vidler**, teólogo anglicano que será amigo de Malcolm por sessenta anos e de quem falaremos mais tarde.

"*Annie sempre vive no simples amor daqueles que o Pai eterno lhe deu*", escrevia seu marido em 1926 a Alec Vidler. "Ela nunca pratica a introspecção, não nutre dúvidas, nenhuma ambição, exceto talvez a de permanecer bonita o suficiente, creio, para suscitar inveja.

Annie lhe deu cinco filhos num intervalo de três anos: Douglas, Stanley (morto em um acidente de moto em 19 de agosto de 1922, aos vinte e três anos), Malcolm, Eric e Jack. Seu terceiro filho nasceu em 24 de março de 1903 e foi chamado de Thomas Malcolm, em homenagem a Carlyle, um dos heróis de seu pai. [...]

"*Embora Malcolm tenha falado com carinho da família operária de sua mãe ao longo de sua vida, parece não ter estado nunca muito próximo dela. [...]*

"***Kitty Muggeridge sempre insistiu que Malcolm nunca foi realmente amado por sua mãe** . [...]*

Malcolm se sentirá absolutamente fascinado por seu pai *Fabiano* e absorverá toda a literatura fabiana da época:

"***Seu pai era Deus. "Sempre houve entre nós," ele escreve, "uma espécie de vínculo, uma intimidade especial que me levava a querer compartilhar e explorar todos os seus pensamentos, todas as suas atitudes, tudo o que o interessava" [...]***

"*Quanto às leituras e ideias, **Malcolm foi educado quase inteiramente por seu pai. Ele leu todas as obras de sua biblioteca**, um móvel com portas de vidro protegendo seis ou sete prateleiras cobertas pelas obras que se poderia esperar encontrar em qualquer lar fabiano da época, cujos autores incluíam Carlyle, Dickens, William Morris, Ruskin, Bernard Shaw, assim como os Webbs e R.H. Tawney, que escreveram os grandes clássicos do socialismo. O livro que ele mais estimava era 'A Pageant of English Poetry' (Florilégio da Poesia Inglesa, Clarendon Press), que seu pai lhe havia presenteado no Natal de 1914, quando ele tinha onze anos. Era o primeiro livro que possuía, e ele frequentemente olhava a página de rosto ornamentada com os retratos de seis poetas famosos (incluindo Keats e Tennyson), perguntando a si mesmo qual deles ele se tornaria. [...]*

"*Aos dezessete anos, Malcolm se apaixonou pela primeira vez, e não seria a última. Ela se chamava Dora Pitman, e eles se conheceram nas quadras de tênis municipais. Ele passava muitas horas em sua companhia e ia até sua casa, em Thornton Heath. "Estou terrivelmente apaixonado por uma jovem encantadora que se chama Dora," ele escreveu. "Ela tem olhos simplesmente maravilhosos e escreve poemas" [...]*

Vemos novamente aparecer **Alec Vidler, o clérigo teólogo anglicano, que recebe cartas da jovem cortejada por Malcolm:**

"*Ninguém se importaria de ser julgado pela medida do que fez quando jovem, e muito menos pela sua correspondência daquela época. No entanto, as cartas que Dora escreveu a Alec Vidler e que*

foram preservadas sugerem que Malcolm escapou por pouco: "E ainda assim, eu não te disse como é Malcolm," ela escreveu a seu correspondente em 22 de março de 1923."

A Família de Malcolm Muggeridge

Os arquivos de uma biblioteca inglesa apresentam assim quem se tornou a sogra de Malcolm Muggeridge:

Rosalind Heyworth Dobbs (1865-1949). Rosalind Dobbs era a filha mais nova de Richard Potter, Presidente da *Grand Trunk Railway of Canada* e da *Great Western Railway* (1817-1892); sua irmã Beatrice Webb (1858-1943) era uma destacada reformadora social e esposa de outro adepto da reforma social, Sidney Webb, Barão Passfield (1859-1947). Em 1888, Rosalind casou-se com Arthur Dyson Williams (1859-1896), que era advogado. Eles tiveram um filho, Noel, que foi morto na Primeira Guerra Mundial. Após a morte de seu marido, ela viveu três anos no exterior. Em 1899, casou-se novamente com George Dobbs (1869-1946). Dobbs trabalhava para uma editora chamada Dent, mas após o casamento, fundou sua própria editora em associação com um colega. Após a falência de sua empresa, as irmãs Potter lhe ofereceram para quitar suas dívidas, desde que ele concordasse em viver no exterior com sua esposa. **Portanto, eles se mudaram para a Suíça**, onde Dobbs trabalhou para uma empresa de turismo. Eles tiveram quatro filhos e uma filha, **Kathleen (1903-1994), que se casou com o escritor Malcolm Muggeridge (1903-1990) [7]**.

Constatamos **a forte ligação familiar entre Malcolm Muggeridge e os casais Webb.**

A Conversão Tardia e Controverso de Malcolm Muggeridge e Sua Postura de "Profeta do Século XX"

***Fabiano* por suas origens, Malcolm Muggeridge eventualmente se tornará visto como um anti-comunista e, mesmo no final de seus dias, adotará a postura de "profeta do século XX". Aqui está o que diz M. Decker em 2003:**

Um Profeta do Século XX

"*Reconhecendo que a Universidade era uma torre de marfim sob cerco, Muggeridge declarou ao autor em 1979: “Não há mais comunistas na Rússia; os únicos comunistas vagando por aí têm cátedras nas universidades ocidentais”. Em 1934, ele previu a invasão soviética do Afeganistão quarenta e cinco anos antes do evento; então, no meio dos anos setenta, enquanto as democracias estavam em retirada, ele previu o colapso próximo da União Soviética.”* [...]

Malcolm Muggeridge recebeu Michael Davies em fevereiro de 1983 para uma entrevista:

"*Por exemplo, em 20 de fevereiro de 1983, algumas semanas após se ter convertido ao catolicismo com sua esposa, Muggeridge recebeu os proeminentes jornalistas católicos Roger McCaffrey e Michael Davies em sua casa, no Sussex (Inglaterra), para uma longa sessão de perguntas e respostas.*

Publicada sob o título "Conversas ao Redor da Lareira com Malcolm Muggeridge", e transmitida no programa de rádio de M. McCaffrey, esta entrevista deve ser absolutamente estudada por qualquer um que deseje escrever uma biografia abrangente de Muggeridge, pois ela demonstra bem como ele analisava o estado da Igreja na qual foi magnificamente recebido.

No momento de sua conversão, Malcolm Muggeridge adotou uma atitude crítica em relação ao Vaticano II e a João XXIII:

Falando sobre o Papa João XXIII, que foi o instigador da liberalização iniciada pelo Segundo Concílio do Vaticano (1962-1965), Muggeridge declarou a M. Davies: "O Papa João, a quem se tentaria fazer um pontífice santo e perfeito, o justo de nossa época, causou – conscientemente ou não – mais mal à Igreja do que qualquer outro indivíduo poderia ter causado durante toda a sua história... Parecia quase que o Papa João agia em nome do demônio." [...]

Mas **sua percepção da luta da Fé é prioritariamente moral e não teológica e doutrinária**:

"*Muggeridge, que havia sido durante sua juventude um verdadeiro Casanova, um autêntico liberal, estava intimamente ciente dos perigos espirituais da promiscuidade sexual e ideológica. Ele via a religião como tendo o papel de advertir contra o vício, e não deveria fazer compromissos com ele. Mas as instituições cristãs, agora se esforçando para se unir ao mundo em vez de lutar contra ele, deixavam a cultura indefesa. Aos olhos de Muggeridge, a sociedade estava se entregando, e os homens da Igreja eram infelizmente os primeiros a fazê-lo.*"*[8]*

Em 1990, Dom Williamson destaca esse aspecto, o que não impede que ele lhe conceda grande importância, mas isso é suficiente para um bispo católico?

Em que esses pontos distinguem Dom Williamson do discurso dos aliados?

Traços da Personalidade de Malcolm Muggeridge

Agora vamos explorar alguns traços da personalidade de Muggeridge através das reações de alguns observadores.

Dilettantismo e Mídia

Em 24 de março de 1996, o *New York Times* publica um artigo que apresenta Malcolm Muggeridge como a encarnação **do dilettantismo e do gosto pelos meios de comunicação**:

"*Filho de um orador socialista e apóstolo da província, Muggeridge (1903-1990) empunhou a tocha do dilettantismo inglês durante a maior parte do século XX, mostrando sozinho o caminho, por meio de seus escritos e suas intervenções em programas de televisão, para toda uma geração de indivíduos que não tinham ideia do que queriam fazer, exceto que isso tinha algo a ver com os meios de comunicação. [...]*

Pelo seu estilo e pelo seu tema, M. Ingrams, cronista do diário The Observer, conseguiu brilhantemente fazer de Muggeridge o porta-estandarte das fileiras cada vez mais apertadas daqueles que se encontram presos entre a grandeza e a importância. Na mais pura tradição

britânica, Muggeridge elevou seu dilettantismo primeiro ao nível de uma profissão, e depois ao de uma arte. Seu gênio e o caráter duradouro do legado que ele deixou residem no fato de que, por meio dos meios de comunicação, ele encontrou uma maneira de transformar a nebulosidade em um fim em si mesma." ***[9]***

Dúvida e Madre Teresa

Malcolm Muggeridge é o jornalista que 'descobriu' Madre Teresa e lançou-a nos meios de comunicação.

Em 2007, tornou-se público que esta religiosa provavelmente não tinha a fé, estando verdadeiramente corroída pela dúvida, em proporções impressionantes.

Isso é o que o jornal Le Monde publicou em 28 de agosto de 2007:

"Madre Teresa de Calcutá realmente tinha fé em Deus? Colocada assim, a questão pode parecer sacrilégio para os admiradores desta ícone mundial da caridade que celebrarão, em 5 de setembro, o décimo aniversário de sua morte. No entanto, não é assim, como provam as cerca de quarenta cartas, assinadas por aquela que João Paulo II beatificou a uma velocidade recorde, em 2002, que serão publicadas nos Estados Unidos sob o título *Madre Teresa, vem, seja minha luz*.

Na religiosa albanesa nascida em 1910 em Skopje, fundadora das Missionárias da Caridade, prêmio Nobel da paz em 1979, essas cartas revelam a repetição de noites de dúvidas e provações. *“Onde está minha fé? No fundo de mim, não há nada além do vazio e da escuridão. Meu Deus, quão dolorosa é essa sofrimento desconhecida! Eu não tenho fé,”* ela escreve em **um texto sem data dirigido a... Jesus Cristo, de quem tinha visões frequentes**.

Desde 1959, ela estava atormentada pela dúvida: *“Por que eu faço tudo isso? Se Deus não existe, não pode haver alma. Se não há alma, então Jesus, você também não existe.”* As mesmas palavras reaparecem: "*escuridão*", "*tortura*", "*agonia*". Em outra carta sem data, ela escreve: *“Quando tento me voltear para o Paraíso, há um vazio tão grande (...) Eu chamo, eu me agarro e não há ninguém para responder. Ninguém para quem me apegar, não, ninguém. Sozinha.”*

Em vida, Madre Teresa foi feita um modelo de perfeição cristã, um bloco de certezas. Mas *“meu sorriso é uma máscara,”* ela revela. Em 1979, ela escreve a um amigo pastor: *“Para mim, o silêncio e o vazio são tão grandes que, quando olho, não vejo; quando ouço, não escuto.”* (...)

Desde 1962, Madre Teresa havia expresso este pressentimento: **"*Se um dia eu me tornar uma santa, serei certamente aquela das trevas.*" *[10]***

Essa dúvida de Madre Teresa deve ser relacionada com as palavras de **Malcolm Muggeridge que elogiam a dúvida como parte integrante da fé. Essas declarações são típicas de uma fé sentimental que não é alimentada por uma verdadeira adesão da inteligência à doutrina da Igreja.**

Isso é comentado por um professor de economia financeira do Tennessee sobre uma entrevista de Malcolm Muggeridge dada ao FBS (programa ‘*Firing Line*’):

"É o desenrolar gradual das tragédias humanas que ensinou a Muggeridge que há, por trás do grande drama da vida humana, mais do que a razão pode explicar [...].

Na época de sua entrevista, Muggeridge era cristão, mas não pertencia a nenhuma igreja. Buckley o descrevia como o mais proeminente dos apóstolos leigos do cristianismo. Alguns anos depois, Muggeridge e sua esposa se juntaram à Igreja Católica Romana; entretanto, ele continuou a criticar vehementemente as reformas decorrentes do Vaticano II e preferia abertamente a Igreja como era antes desse concílio. [...]

Quando perguntado como ele encontrou Deus, Muggeridge ria que sua conversão não tinha nada a ver com algum tipo de caminho de Damasco que, de um incrédulo, o teria feito crer da noite para o dia. Ele dizia ter encontrado Deus por meio de "uma iluminação gradual que o deixava cheio de dúvidas como de certezas. Eu costumo acreditar duvidando. Às vezes se diz que isso é a antítese da fé, mas eu acredito que isso está ligado à fé – o que, aliás, Santo Agostinho dizia –, por exemplo, como varas de aço vêm reforçar o concreto em que estão mergulhadas."

Muggeridge tinha razão ao dizer que a fé sem a dúvida não é fé alguma;" ***[11]***

Isso também se reflete nas palavras de Madre Teresa e é o que Dom Williamson reproduz ao explicar **que uma parte da cabeça de Malcolm Muggeridge havia permanecido fora da Igreja.** Essa temática também aparece no sermão de Dom Williamson em 29 de junho de 2007 em Écone.

Um tal comentário **é aceitável por parte de um bispo da FSSPX?**

Tentaríamos esperar encontrar tal formulação na pena de algum pseudo-clérigo conciliar.

---

[6] http://en.wikipedia.org/wiki/Malcolm_Muggeridge

[7] http://library-2.lse.ac.uk/archives/handlists/Dobbs/Dobbs.html

[8] http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3827/is_200310/ai_n9340406/print

[9] http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9403E4DB1439F937A15750C0A960958260

[10] http://www.lemonde.fr/web/article/0,1-0@2-3214,36-948353@51-948467,0.html

[11] http://www.articlecity.com/articles/religion/article_173.shtml

As Raízes Familiares e Ideológicas de Malcolm Muggeridge e de Sua Esposa: A Sociedade Fabiana e os Casais Webb na Inglaterra do Século XX

Já discutimos o contexto familiar de Malcolm Muggeridge; agora, vamos mais a fundo ao examinar a ***Fabian Society***, que se destaca claramente em seu ambiente familiar.

O pai de Malcolm Muggeridge era *Fabiano* e sua esposa Kitty é sobrinha de Beatrice Webb, esposa de Sidney Webb, co-fundador com ela em 1884 da *Fabian Society*.

O que é isso?

Para aqueles que conhecem o papel determinante desempenhado pela ***Fabian Society*** na história da Inglaterra e do globalismo, a presença do nome dos casais Webb na biografia de Malcolm Muggeridge ganha imediatamente um destaque especial.

Duas Opiniões sobre a *Fabian Society*

Segundo a Wikipedia:

*« A Sociedade Fabiana (**Fabian Society**) é um grupo de reflexão britânico fundado em 1884. De orientação socialista e reformista, ela participou da criação do partido trabalhista em 1900 e também da reestruturação deste partido nos anos 90 com o New Labour. A Sociedade Fabiana ou Sociedade dos Fabiens é um movimento intelectual socialista britânico cujo objetivo é promover a causa socialista por meios reformistas e progressivos, em vez de revolucionários. Ela é*

especialmente conhecida por sua atividade inicial no final do século XIX e até a Primeira Guerra Mundial. Sociedades semelhantes também existem na Austrália (a Australian Fabian Society), no Canadá (a Douglas-Coldwell Foundation) e na Nova Zelândia. »

E segundo um observador de esquerda que fornece uma visão apenas parcial e subestimada (**o que mostra como a *Fabian Society* é hábil em mascarar sua real influência, mesmo para observadores de esquerda, com os quais diz ter afinidade**):

« Os fabianos (mais precisamente os webbianos) são, na história das ideias socialistas, a corrente socialista moderna que consumou da forma mais radical seu divórcio com o marxismo; eles estão mais distantes do marxismo. Era um reformismo social-democrata quase quimicamente puro, sem qualquer mistura, particularmente antes da ascensão do movimento de massa e socialista na Grã-Bretanha, movimento que os fabianos não desejavam e que não ajudaram a construir (apesar de um mito muito difundido que afirma o contrário). Os fabianos constituem, portanto, uma experiência muito importante em relação a outros movimentos reformistas que pagaram seu tributo ao marxismo, adotando parte de seu vocabulário, mas distorcendo sua substância. »

E antes de abordarmos a síntese que Epiphanius oferece, mencionemos algumas raízes pagãs dessa sociedade semi-secreta:

*« **1844: Nascimento em Brighton do escritor socialista e reformista Edward Carpenter, que injetará o paganismo no movimento socialista inglês (Socialist League, Fellowship of the New Life, da qual a famosa Fabian Society é originária). Para Carpenter, o socialismo deve levar os povos a reencontrar uma vida livre, primitiva, simples, saudável e moral, baseada nas ideias de Whitman, Thoreau e Tolstói.** Em 1883, Carpenter funda uma "comunidade auto-suficiente" em Millthorpe, entre Sheffield e Chesterfield. Sua obra principal data de 1889 (intitulada: Civilização: Suas Causas e Curativas). **Ele clama especialmente pelo retorno das divindades femininas e apaziguadoras (Astarté, Diana, Ísis, etc.). Carpenter morre em 1929,** após ter exercido uma influência duradoura sobre os movimentos socialistas e pré-ecológicos. » **[12]***

A Síntese de *Epiphanius* (‘*Courrier de Rome*’ – FSSPX) sobre a *Fabian Society*

Consideramos particularmente interessante citar trechos da apresentação que o livro **de *Epiphanius* faz da *Société Fabienne* (“Maçonaria e sociedades secretas – O lado oculto da história” - páginas 189 a 197). Esta sociedade estabelece uma correspondência entre magia e tecnocracia.**

Esta obra foi publicada, em sua nova edição de 2005, pelas *Edições do Courrier de Rome* , que estão sob o controle da FSSPX.

O professor italiano Paolo Taufer colabora nesta publicação.

«A ideia de Saint-Yves [d'Alveydre] sobre a primazia da economia em relação à política — que inverte a ordem natural pela qual toda autoridade vem de Deus e se concretiza através do poder

político exercido por coopt ação — é acompanhada resolutamente pela ideia jacobina de um Estado todo-poderoso..

Duas componentes que operam sinergicamente dão vida à identidade:

primado da economia + onipotência do Estado = socialismo

O socialismo que, em particular no Estado tecnocrático, tende, por sua natureza, a uma forma de universalidade que, normalmente à custa dos próprios tecnocratas, se identifica, na verdade, com a Teocracia universal e, por conseguinte, tira sua seiva do panteísmo gnóstico da Alta Maçonaria, onde o mago reina e "esculpe a pedra cúbica" (ou seja, impõe sua vontade aos iniciados de grau inferior que, por sua vez, são investidos do PODER).

A Fabian Society inglesa é uma boa demonstração dessa *correspondência biunívoca magia-tecnocracia***. »***[13]*** Epiphanius

A *Fabian Society* é originada do movimento socialista inglês, que por sua vez é animado por pessoas que têm fortes conexões com Mazzini (ocultista e correspondente de Albert Pike) e Annie Besant (teósofa).

O nome Fabiano é derivado do consul romano Fábio, o "***temporizador***": **os fabianos agirão, portanto, lentamente e de forma calculada para alcançar seus objetivos sem combates violentos visíveis, paralisando e adormecendo, sem nunca confrontá-los diretamente, aqueles que eles desejam reduzir.**

Seu modo de operação será o entrosamento.

« No outono de 1880, alguns membros do "Rose Street Club" do bairro londrino de Soho se reuniram para "propagar o socialismo na Inglaterra e, em seguida, no mundo". O chefe desse grupo era um tal Henri Mayer Hyndman, formado em Cambridge, colaborador direto de Mazzini e líder de uma associação chamada "The National Socialist Party" (...)

No ano seguinte, em 1881, Hyndman fundou a "Democratic Federation" com a filha de Karl Marx, Eleonore, federação que foi se juntar à amazona Annie Besant (1847-1933), que liderava a nova Sociedade Teosófica e era 33° grau do Rito Escocês da Maçonaria. *Portanto, não devemos nos surpreender com o que escrevia o maçom Eugène Mittler:*

« A maçonaria foi para os socialistas uma escola de primeiro nível » e « as afinidades entre o socialismo e a maçonaria são numerosas, especialmente o ideal que tende à fraternidade dos povos. »

Mas o ano-chave foi 1884, quando, em 4 de janeiro, foi fundada na Inglaterra a Fabian Society, cujo nome se referia a Quintus Fabius Maximus Cunctator (= o Temporizador), o general romano que, após sua derrota no lago Trasimeno, escolheu evitar um combate frontal com seu vencedor Aníbal, aceitando apenas breves confrontos e atacando unicamente em condições particularmente favoráveis. E para os homens da Fabian Society, a reorganização da sociedade em bases socialistas deveria ser baseada neste modelo: uma **peneiração lenta, paciente e**

discreta, de cima, através da fundação de escolas e universidades que forjariam os futuros líderes dos Estados, das administrações públicas e privadas, das indústrias, em suma, dos tecnocratas. »***[14]*** Epiphanius

Enquanto infiltrava Oxford e Cambridge, a ***Fabian Society*** deu origem à muito conhecida ***London School of Economics***, a iniciativa dos casais Sidney e Beatrice Webb.

« É isso que acontece pontualmente: em poucos anos, a Fabian Society infiltrou as universidades de Oxford e Cambridge ***para fundar em 1894, sob a alta autoridade de Sidney Webb, a maior escola marxista da Inglaterra, a London School of Economics, dirigida hoje pelo professor Sir Ralph Dahrendorf, de origem alemã, mas cidadão britânico. Dahrendorf é um maçom de alto grau, membro da Fundação Ford, do Clube Bilderberg e do círculo interno do Instituto de Assuntos Internacionais britânico (R.I.I.A.), "mãe" de todos os Institutos semelhantes, fundado em 1919 com o dinheiro recebido do banqueiro Sir Ernest Cassel, comerciante de canhões, membro da Alta Finança internacional e ex-sócio do Banco Kuhn & Loeb de Wall Street, principal financiador da revolução russa****.*

Ela foi dirigida até 1983 pelo sociólogo alemão naturalizado britânico Sir Ralph Dahrendorf, oriundo de Oxford. Dahrendorf é maçom de alto grau, membro da Fundação Ford, do Clube Bilderberg e do círculo interno do Instituto de Assuntos Internacionais britânico, a "mãe" de todos os Institutos desse tipo, fundado em 1919 (cf. Apêndice 2).

A influência da Fabian Society se estende pela Europa e pelos EUA: em 1914, havia nos EUA pelo menos 52 universidades com "Comitês pela paz" de vocação socialista, *entre as quais as grandes universidades americanas de Harvard, Columbia, Johns Hopkins.* Epiphanius

Na ***Fabian Society***, **George Bernard Shaw, Eleonor Marx (filha de Karl Marx), os casais Webb e Annie Besant** desempenham um papel crucial **ao serviço de visões que misturam teosofia e um projeto coletivista.**

« O elemento marcante deste período efervescente foi o inglês George Bernard Shaw, ao redor de quem gravitavam figuras fabianas como os casais Sidney e Beatrice Webb que, segundo o filósofo e crítico social Elie Halévy (1870-1937), eram "imperialistas de maneira ostensiva... coletivistas" e para os quais "o futuro pertencia às grandes nações administrativas, governadas por burocratas, onde a ordem seria mantida por policiais." 420 ; ou ainda Annie Besant, grande sacerdotisa da Teosofia, que se orientou politicamente para o socialismo e cuja visão dos acontecimentos históricos pode ser resumida nestas palavras:

« Cada guerra contribui para um objetivo definido e quando uma nação ataca outra e a submete, essa conquista é útil tanto para os vencedores quanto para os vencidos [...]. Todas essas guerras e conquistas, essas lutas entre nações, entre raças, fazem parte do Grande Plano [...]. Deve-se, portanto, convencer-se de que onde quer que haja conflitos, eles são dirigidos por Manu; que onde quer que haja discórdias, a poderosa mão do Senhor dos Homens prepara o futuro. »

Eleonor Marx também pertencia à Fabian Society; era a **filha favorita do mesmo Karl Marx que, segundo o pastor protestante romeno Richard Wurmbrand, um convertido, teria pertencido a uma seita satanista cujos adeptos eram reconhecíveis pela forma**

típica de sua grande barba. Eleonor se casou com Edward Aveling, um conferencista da Sociedade Teosófica; ela foi a fundadora de centros fabianos nos EUA antes de se suicidar.

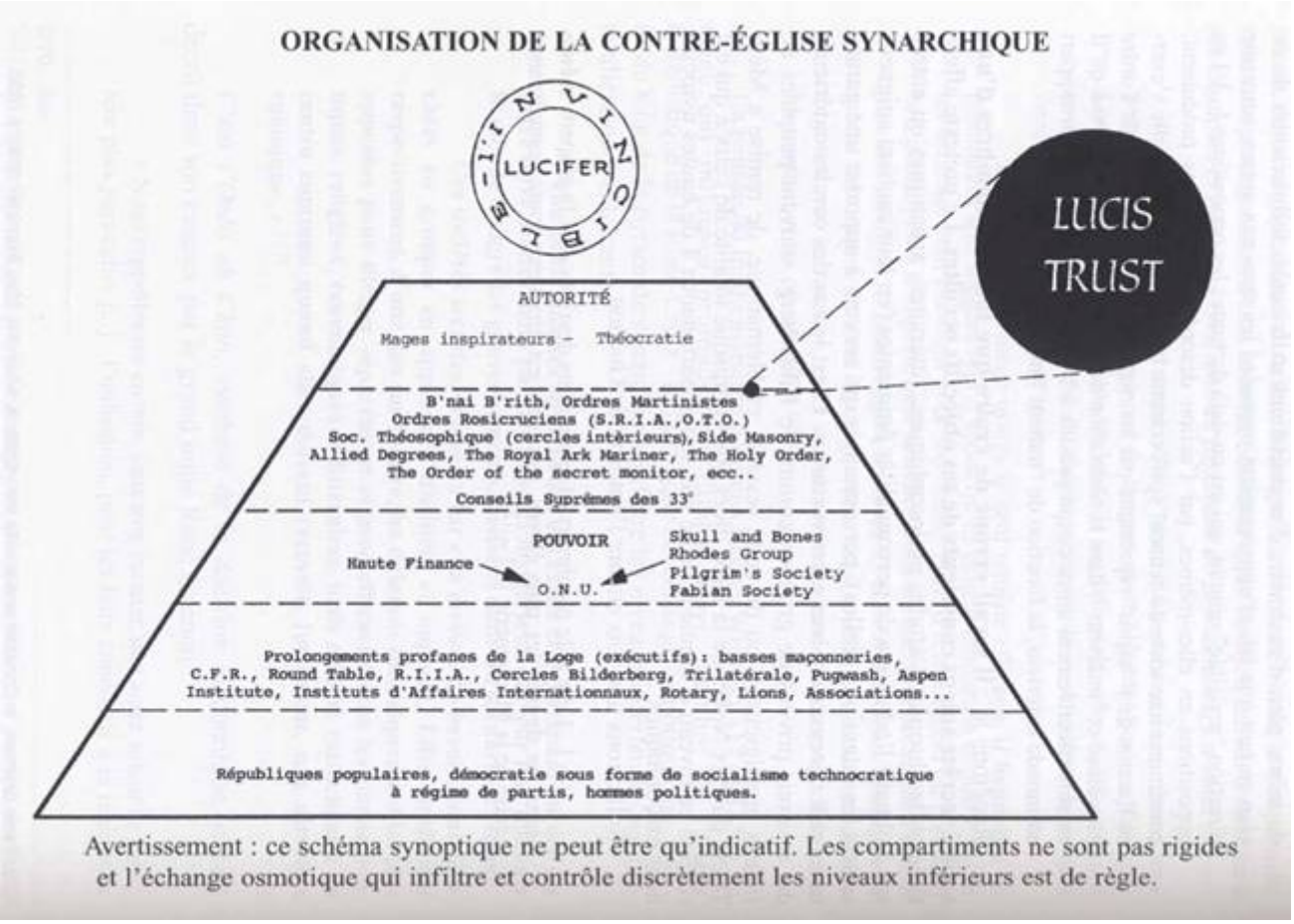
Um outro membro importante do fabianismo foi ***Herbert George Wells (1866-1946), ligação entre o mundo das seitas e a Alta Finança, membro da Fundação Rockefeller, escritor a quem se deve a expressão "Nova Ordem Mundial" que ele adotou como título para uma de suas obras****.*

15. A essência da Sociedade Teosófica é gnóstica, "termo justo que honra a teosofia", cf. *The Theosophist*, dez. 1950, citado no "Bulletin du Grand Orient du Palazzo Giustiniani", abr. 1951, pp. 25, 26.
16. Serge Hutin, "A Maçonaria", ed. Mondadori, 1961, p. 147. A inglesa Annie Besant, cujo nome é inseparável da Teosofia, pertence também aos altos graus de Memphis-Misraïm. Cf. vários autores, "A libera muratoria", ed. Sugar, 1978, p. 110.
17. Eugène Mittler, "A Questão das Relações entre o socialismo, o sindicalismo e a Maçonaria", 2ª ed., Paris, 1911, ed. Universala. Universala era o nome reservado à "Imprensa operária esperantista"; como se sabe, **o esperanto** é uma língua artificial criada em 1887 pelo filólogo polonês Lejzer Ludovik Zamenhof em uma tentativa de criar uma linguagem comum a todos, com o objetivo de encurtar o caminho para o governo mundial. Zamenhof era maçom e chamou o esperanto de "Língua comum mundial". Em 1957, a U.N.E.S.C.O. decidiu atribuí-lo o título de "Benfeitor da humanidade".
18. E. Cassel, "amigo muito próximo do rei Eduardo VII, é filho de um usurário de Colônia que desembarcou em Liverpool em 1868. Eduardo VII foi o padrinho de sua sobrinha Edwina. Esta se casou com Lord Louis Mountbatten [...] (cit. por Yann Moncomble, "A Trilateral e os segredos do globalismo", Paris, 1980, p. 57).
19. Pierre Faillant de Villemarest, "As fontes financeiras do comunismo", ed. C.E.I., 27930 Cierrey, p. 54.
20. Yann Moncomble, "A irresistível expansão...", cit., p. 31.»

Fim da citação de Epiphanius.

Os Objetivos da '*Fabian Society*' e Sua Importância Segundo Trechos de *Epiphanius* (Edição de 2005)

Epiphanius continua revelando a forma de operação da ***Fabian Society***: **uma unidade de objetivos que se adapta a métodos diferentes**.



Esquema de apresentação das sociedades secretas extraído do livro "Maçonaria e seitas secretas: o lado oculto da história", Epiphanius, Publicações do "Courrier de Rome", nova edição 2005, página 630.

Essas edições estão sob a responsabilidade da FSSPX (padre du Chalard).

A "Fabian Society" aparece na hierarquia do PODER.

Citação do livro Epiphanius:

« Um historiador insider (= de dentro) da Fabian Society, Harry W. Laidler, que no início deste século contribuiu para criar nos EUA, graças à colaboração do escritor Upton Sinclair, Jack London e outros, núcleos fabianos de onde surgiu a administração Roosevelt e os governos subsequentes, escreveu em sua "História do socialismo":

« O socialismo fabiano considera que a transição (inevitável) do capitalismo para o socialismo deve ocorrer gradualmente. Preveem a socialização da indústria por meio de agências políticas e econômicas bem controladas; as classes médias são, se necessário, o melhor vetor para introduzir e desenvolver a técnica de uma administração destinada a uma ***nova ordem social*** *[...]. »*

Em 1941, o presidente da Fabian Society (cargo ocupado várias vezes entre 1939 e 1957) George Douglas H. Cole (1889-1959), professor de teoria social e política em Oxford, retomou este tema afirmando a equivalência de todas as formas de socialismo para realizar em escala global a nova ordem fabiana, utilizando para isso:

*« **tanto os partidos sociais-democratas, trabalhistas e outros da Europa e do Novo Mundo, quanto o comunismo na Rússia ou diversos grupos minoritários em outros lugares, desde que entre eles não haja diferença de objetivo, mas apenas de métodos.** »*

E o cientista político francês Pierre Faillant de Villemarest, citando fontes originais:

« O dogma fabiano, lê-se nas publicações internas de Londres, é de permanecer ao mesmo tempo o inspirador de todos os socialismos e de estar sempre presente à esquerda, no centro e à direita. »

*Além disso, **Oswald Ernald Mosley** (1896-1980), chefe dos fascistas ingleses e grande admirador de Mussolini, pertencia à Fabian Society assim como os trabalhistas A. Bevan, Clement R. Attlee, Harold Wilson - presidente da Sociedade em 1954-1955 - James Callaghan, Roy Jenkins, ou o próprio Bernard Shaw, que gostava de proclamar:*

« Somos socialistas, o partido russo é o nosso. »

Sobre a equivalência das diversas formas de socialismo, é interessante notar o que declarou em 1971 no "New York Times", Walter Lippmann, braço direito do "Coronel" House, membro proeminente de sociedades da zona do PODER como os Pilgrims, a Round Table, a Fabian Society, diretor do C.F.R. de 1932 a 1939, presidente do Harvard Socialist Group, jornalista no "New York Herald", mas também uma personalidade típica do círculo restrito do 33º grau F.D. Roosevelt. Em 1971 ele afirmava nas colunas do "New York Times":

« [...] Enquanto um governo mundial não for possível, trata-se de criar um socialismo diversificado. »

E, de fato, o que foram os fascismos senão socialismos nacionais, que se diziam opostos ao comunismo, socialismo internacional por antonomásia? O socialismo fabiano de vocação tecnocrática era, por outro lado, e continua sendo, reservado aos democratas, e se adequa a um governo mundial da Alta Finança, como foi publicamente explicitado, ainda em 1932, pela boca de um de seus representantes muito autorizados, o financista James Paul Warburg:

« Deve-se promover uma economia planejada e socialista e, em seguida, integrá-la em um sistema socialista de dimensões mundiais. »

*Perto de nossos dias, uma confirmação autorizada da identidade dos diversos socialismos nos chega de um dos representantes mais destacados do globalismo tecnocrático atual: o professor **Zbigniew Brzezinski**, que em sua obra "Between Two Ages" ("Entre Dois Séculos") afirma em 1970:*

*« [...] o marxismo é uma vitória da Razão sobre a Fé [...], uma etapa vital e criativa para a maturação da **visão internacionalista do homem**. »*

E mais adiante:

« Palavras como capitalismo, democracia, socialismo e comunismo e o nacionalismo em si mesmo não têm mais significado: as elites globais pensam em termos de problemas globais. »

E, em um livro de título eloquente, "La Grande Fallite" (A Grande Falência, ed. Longanesi, 1989), o ilustre professor observou:

« O comunismo, o fascismo e o nazismo são (na verdade) a considerar como ligados em um sentido geral, unidos historicamente e politicamente muito semelhantes. »

Detalhe, foi Goebbels em pessoa que, em 1936, diante do congresso do partido nacional-socialista, proclamou:

« Nossa batalha contra o bolchevismo não é uma batalha contra, mas ***a favor do socialismo*** *[...]. »*

enquanto o economista liberal austríaco ***Friedrich von Hayek****, prêmio Nobel em 1944, gostava de lembrar estas palavras de Hitler:*

« Fundamentamente, o nacional-socialismo e o marxismo são idênticos, »

e acrescentando também que, no momento do pacto germano-soviético, Hitler, referindo-se às manifestações populares de 1922, dizia:

« Os vermelhos que vimos se tornaram nossos melhores aliados. Nosso partido não era composto, aliás, em 90% por elementos de esquerda? »

Uma outra opinião autorizada vem diretamente de um insider, o historiador das "grandes famílias", Ferdinand Lundberg, vinculado à Carnegie Institution e redator financeiro do "New York Tribune" de 1927 a 1934:

« Assim como na União Soviética e na China comunista (e nos EUA), o poder é detido por manipuladores intrigantes solidamente instalados; com a diferença de que, nos Estados Unidos, a intriga ocorre por trás da fachada constitucional. Na União Soviética e na China, as baionetas aparecem durante purgas periódicas. Essa diferença é suficiente para o homem "razoável", que prefere o sistema americano com todos os seus defeitos: sempre se pode preferir, sem se alegrar, a peste ao cólera. »

Declarações importantes que deveriam fazer refletir aqueles que ainda são capazes, nestes tempos de orgia democrática: é necessário perceber que os partidos, os movimentos e as ligas, com suas diferenças artificiais e seu jogo desonesto, não são mais do que expressões exotéricas da Maçonaria; por trás de uma aparente escolha e, portanto, liberdade, por trás de aparências de irreconciliabilidade entre essas escolhas e pelo jogo hegeliano de tese-antítese-síntese, mais conhecidos como direita conservadora, centro equilibrado e esquerda progressista, eles são orientados pelas sombras para conduzir as massas ignaras e barulhentas em direção a essa forma de socialismo tecnocrático conforme ao Governo mundial (socialismo tecnocrático que se busca introduzir na Rússia, que sucedeu à "grande falência"). Uma sociedade desmantelada pelas rivalidades sociais em conflito permanente, na qual foi iniciada a espiral sem fim greves-inflação-

necessidades, só pode ser guiada por tecnocratas: o socialismo, de fato, busca a felicidade terrestre nas categorias materiais, e quem melhor que o tecnocrata, sabe dominar a matéria?

Como, portanto, surpreender-se ao saber que existe uma "fraternidade" de financiadores internacionais que financiou por um período o nazismo e sua emergência, mas também a revolução bolchevique e a U.R.S.S. até sua morte em 1990? »

Todo esse belo mundo que descrevemos encontramos mais uma vez no terreno pantanoso e malcheiroso das sociedades ocultas de onde também provinha a semi-secreta Fabian Society. A ela se somava, à influência gnóstica da Teosofia, a da Golden Dawn rosacruciana através de personagens como Florence Farr, amiga íntima de George Bernard Shaw, Herbert George Wells, mas sobretudo o mais famoso mago negro do século, Aleister Crowley, que "manifestava uma profunda simpatia por Sir Oswald Mosley, animador do partido hitleriano na Grã-Bretanha." Para P.F. de Villemarest, aliás, a própria Fabian Society teria dado origem à Golden Dawn, mesmo que pareça mais razoável pensar em uma difusão subterrânea, por um sistema de vasos comunicantes, fenômeno constante entre as diversas sociedades secretas.

A importância da Fabian Society é notável: fabianos foram os fundadores dos Institutos de Assuntos Internacionais americano e britânico (CFR = Council on Foreign Relations, e R.I.I.A. = Royal Institute of International Affairs, também conhecido como Chatham House) no período de 1919-1921, e fabianos os diversos movimentos pan-europeus da época, com caráter sinárquico. Após a Segunda Guerra Mundial, muitas personalidades fabianas estiveram presentes no Bilderberg, na Pugwash, no Clube de Roma, no Instituto Aspen; finalmente, muitos representantes eminentes de alguns governos europeus, entre eles o britânico e o alemão, eram fabianos.

A Fabian Society é um fio condutor (não é o único), uma cadeia de transmissão dos bastidores para a cena política onde os diversos responsáveis, Clinton, Eltsin, etc., transmitiam as ordens de serviço em voz alta, prontamente repercutidas pelo eco da mídia de massa, manipuladas pelos meios inesgotáveis da Alta Finança, de modo a criar essa "opinião pública", essa "vontade popular" da qual o socialismo e os partidos se declaram os filhos.

24. Richard Wurmbrand, "A outra face de Karl Marx", p. 59.
25. Segundo o livro várias vezes citado "Droga S.p.A.", p. 320, os Kennedy, entre eles John Fitzgerald, fizeram seus estudos na London School of Economics de Londres, sob a direção de Harold J. Lasky (1893-1950), professor, membro importante da Fabian Society, da qual foi chairman entre 1946 e 1948.
26. Harry W. Laidler, "História do Socialismo", Nova York, Thomas Y. Crowell, 1968.
27. Pierre Faillant de Villemarest, "Nomenclatura mundialista", dossiê "Socialismo e Sociedades Fabianas", C.E.I., 27930 Le Cierrey.
28. "A carta de informação", n° 3/1991.
29. Cf. Y. Moncomble, "A Trilateral...", cit., p. 62. Em março de 1990, a Fabian Society contava com cerca de 4000 afiliados sob a liderança de Simon Crine, 34 anos. Pierre Faillant de Villemarest, "A carta de informação", n° 6/1990).

30. Pierre Faillant de Villemarest, “As fontes financeiras do comunismo”, p. 57.
31. Nascido em Varsóvia em 1928, filho de um diplomata, formou-se em Harvard e logo se tornou uma criatura de David Rockefeller. Teórico e arquiteto da Trilateral, foi também um dos principais artífices da revolução informática e o "instrutor" da figura de Jimmy Carter, de quem, após sua eleição à presidência dos EUA, foi conselheiro próximo. Membro dos círculos mundialistas mais famosos, esteve presente no Bilderberg, no C.F.R., no Instituto Atlântico, no Instituto Internacional de Estudos Estrágicos, no Instituto Aspen, nas Conferências permanentes bilaterais russo-americanas de Dartmouth, e no Instituto dos Assuntos Internacionais italiano como uma figura de confiança dos potentados do Além-Atlântico. Ele atua em estreita colaboração com seu correligionário Henry Kissinger dentro de um círculo exclusivo da Georgetown University, um dos grandes think-tanks do Establishment, o grupo de poder americano. O grupo de Dartmouth nasceu praticamente ao mesmo tempo que a Pugwash (1960), associação reservada aos círculos científicos, e a cada dois anos reunia, a portas fechadas, a elite de Wall Street e dos Institutos de Pesquisa Soviéticos. Seu objetivo era buscar meios de convergência nos âmbitos político, diplomático, econômico e acadêmico entre americanos e soviéticos; a partir de 1964, as conferências foram patrocinadas pelo Grupo Rockefeller (ver também Apêndice 2). O grupo perdeu importância após a “queda” do comunismo, desejada pelos clãs mundialistas.
32. Zbigniew Brzezinski, “Between Two Ages”, Westport, Greenport Press Publishers, 1982, p. 82.
33. A afirmação é repetida mais claramente pelo economista Charles Levinson, que foi durante muito tempo o chefe do sindicato mundial da química: “O Estado, o governo são abstrações. Existem apenas um certo número de indivíduos ligados a partidos que refletem as forças dominantes, seja qual for sua cor política”, citado de “Vodka-Cola” (ed. Vallecchi, 1978, p. 259).
34. Zbigniew Brzezinski, “A grande falência”, p. 21.
35. Pierre Faillant de Villemarest, “A carta de informação”, n° 3/1994.

Fim da citação de Epiphanius.

Fabius « Cunctator », o modelo da Fabian Society

O modelo histórico da Fabian Society se inspira em um consul romano:

« Fabius Maximus Verrucosus Quintus, dito Cunctator (o Temporizador): homem político e militar romano, nascido em Roma por volta de 275 a.C. e morto em Roma em 203 a.C.

Pertencente à muito antiga família patriciana dos Fabii, Fabius Maximus foi eleito duas vezes consul, em 233 e 228 a.C., e censores.

Em 218 a.C., Fabius faz parte da embaixada romana a Cartago e é ele quem, formalmente, declara a guerra à cidade púnica após a tomada de Sagunto por Aníbal.

O Senado o nomeia ditador em 217 a.C. após o desastre do lago Trasimeno em junho. *Consciente de sua falta de recursos,* ***o ditador persegue Aníbal sem atacar diretamente,***

buscando exaurir seu adversário em uma guerra de atrito, recusando sistematicamente o combate. *Uma estratégia que lhe confere seu sobrenome.*

No entanto, sua estratégia é prejudicada pela falta de unidade de comando do exército romano: o Magister equitum, Minucius Rufus, é um adversário político do Cunctator. Só depois de ser salvo in extremis pelo ditador é que Minucius se coloca sob suas ordens.

No final de sua ditadura, o comando é devolvido aos consuls Cneu Sérvilius Gêmio e Marco Atílio Regulo. O desastre sofrido em 216 a.C. pela armada romana na batalha de Canas força os consuls a adotar sua tática de recusar qualquer batalha organizada contra Aníbal.

Fabius Maximus derrota uma parte do exército cartaginês na única batalha que aceitou contra eles, em Capua.

Fabius Maximus Cunctator ainda é nomeado consul três vezes em 215, 214 e 209 a.C., ano em que retoma Tarento, que havia se aliado a Aníbal.

Em 206 a.C., oposto às aventuras ofensivas, o velho Fabius recusa sua confiança ao projeto do jovem e ambicioso Cipião, que propõe levar a guerra à África. Este é seu último ato político, ele morre alguns anos depois.[15]

A tática fabiana consiste, portanto, em **exaurir o inimigo sem combater abertamente. Não é isso que está sendo implementado pela Roma conciliar e seus cúmplices dentro da FSSPX para fazer com que esta caia?**

Os casais Webb

Malcolm Muggeridge está ligado por seu casamento aos casais Webb, que são os fundadores da ***Fabian Society***. Apesar de ser membro da Fabian Society, **H.G. Wells os denunciou, traindo assim as querelas internas resultantes de conflitos de ambição**:

« No livro de H.G. Wells, The Next Machiavel (1911), os casais Webb, sob o nome dos Baileys, são criticados como burgueses manipuladores. Em seu livro, a Fabian Society, da qual Wells foi membro por um breve período, não valia muito mais aos seus olhos. »[16]

Sidney Webb

« Sidney James Webb, 1º Barão Passfield (13 de julho de 1859 - 13 de outubro de 1947) foi um socialista britânico, economista e reformador.

Ele foi um dos primeiros membros da Fabian Society em 1884 junto com G. Bernard Shaw. Com Beatrice Webb, Annie Besant, Graham Wallas, Edward R. Pease, Hubert Bland e Sidney Olivier e G. Bernard Shaw, eles transformaram a Fabian Society em um importante clube político-intelectual na Inglaterra da era eduardiana.

Webb nasceu em Londres. Ele estudou direito na Birbeck Literary and Scientific Institution. Em 1895, ele contribuiu para a fundação da London School of Economics, utilizando uma doação herdada pela Fabian Society. Ele se tornou professor de administração pública em 1912, cargo que ocupou por quinze anos. ***Em 1892, ele se casou com Beatrice Potter Webb, que compartilhava suas ideias e crenças****.*

Ambos eram membros do Partido Trabalhista e desempenhavam um papel político ativo. Sidney tornou-se deputado em 1922. Sua influência era ainda mais significativa, pois organizavam os Coefficients, jantares que atraíam os homens de Estado mais influentes e pensadores da época. Em 1929, ele se tornou Barão Passfield e membro do governo inglês (Secretário de Estado para Colônias e Secretário de Estado para os assuntos dos domínios) sob Ramsay MacDonald. Em 1930, teve que renunciar devido a problemas de saúde. Os Webb apoiaram a União Soviética até suas mortes. Seu livro A verdade sobre a Rússia Soviética (1942) foi publicado em 1942.

Os casais Webb co-escreveram um livro referência sobre os sindicatos, History of Trade Unionism em 1894.

No The Next Machiavelli (1911) de H.G. Wells, os Webb, sob o nome dos Baileys, são criticados por serem burgueses manipuladores. A Fabian Society, da qual Wells foi um membro de muito breve duração, não valia melhor aos seus olhos. »[17]

Beatrice Webb

« Martha Beatrice Potter Webb (22 de janeiro de 1858 - 30 de abril de 1943) foi uma socialista britânica, economista e reformadora.

Beatrice Potter Webb, que nasceu em Gloucester, Gloucestershire, era neta de um deputado radical, Richard Potter. Em 1882, teve um relacionamento com o político radical Joseph Chamberlain, que na época era um ministro do gabinete. Em 1890, conheceu Sidney Webb, que a ajudou em suas pesquisas. Casaram-se em 1892. Ela frequentemente participava das atividades políticas e profissionais de seu marido, incluindo na Fabian Society e na criação da London School of Economics (LSE). **Ela foi coautora de History of Trade Unionism (1894), e foi cofundadora da revista The New Statesman em 1913. » [18]**

Símbolos da *Fabian Society*

« Este é o vitral que adornava a casa de Beatrice Webb, em Surrey (Inglaterra), o antigo quartel-general da Sociedade Fabiana. *Desenhado por George Bernard Shaw, ele mostra Webb e Shaw golpeando o planeta com martelos para "REMODELÁ-LO DE MANEIRA A SE APROXIMAR DOS DESEJOS DO CORAÇÃO", segundo um verso do poeta persa Omar Khayyam. Note* ***o lobo coberto com a pele de ovelha nas armas fabianas que sobrepujam o globo terrestre. Este vitral está hoje exposto na London School of Economics (LSE)****, fundada por*

Sydney e Beatrice Webb. »[19]

“Vitrail em vidro colorido da Fabian Society, realizado por iniciativa do escritor George Bernard Shaw, membro proeminente da Fabian.

Nele, vemos Shaw trabalhando com outro personagem de destaque, Sidney Webb - membro fundador da Fabian Society (e fundador em Londres da “London School of Economics” [marxista], que desde 1894 contribui para fornecer à elite britânica seus quadros dirigentes) - enquanto, com a ajuda de robustos martelos, ele trabalha para moldar o mundo de acordo com a lenda que figura na parte superior do vitral: "remodele mais próximo do desejo do coração". Os adeptos de grau inferior são representados ajoelhados embaixo, em adoração a uma pilha de livros de propaganda socialista, cuja leitura de alguns títulos se mostra difícil: “Fabian Tracts and Essays” (Opúsculosfabianos e ensaios), “Industrial Democracy” (Democracia Industrial), “History of Trade Unions” (História dos Sindicatos), “English Social Government” (Governo Social Inglês), etc. As inscrições no escudo em direção ao centro do vitral, um pouco à esquerda, sintetizam as duas cenas: “ore devotamente”, lê-se acima, enquanto abaixo se encoraja: “golpeie valentamente”.

Entre os dois ferreiros, vemos o emblema da Fabian Society onde é representado um lobo rastejante, com as costas cobertas por uma pele de cordeiro, para testemunhar a agressividade, a decisão e a dissimulação dos iniciados, como atestam as palavras de Arnold Toynbee, discípulo de John Ruskin em Oxford, membro da Round Table e da Fabian Society, quando proclamava:

« [...] devemos constantemente negar com os lábios o que fizemos com as mãos » 932

932. « H. du B. Reports », outubro de 1977 (título da carta informativa de Hilaire du Berrier, um analista de assuntos exteriores, cujo escritório está em Mônaco), e na: « The Social Créditer », jornal do « Social Credit Secretariat » de Edimburgo, dezembro de 1978. Um outro mestre, Voltaire, já havia recomendado algo semelhante: « Minta, minta, sempre ficará algo. Deve-se mentir como o diabo, e não timidamente, e não uma única vez, mas audaciosamente e sempre » (Voltaire, « Carta a Thiriot » de 21 de outubro de 1736; cit. em J. Ploncard d'Assac, « A Igreja Ocupada », Vouillé, ed. de Chiré 1983, pp. 43-44). »

[20]

« Mas o elemento mais revelador são as armas fabianas que figuram entre Shaw e Webb, ou seja, o lobo coberto com a pele de ovelha! »

---

[12] http://foster.20megsfree.com/314.htm

[13] *« Maçonaria e sociedades secretas – O lado oculto da história »* - Epiphanius – Edições do Correio de Roma, 2005, p189

[14] *« Maçonaria e sociedades secretas – O lado oculto da história »* - Epiphanius – Edições do Correio de Roma, 2005, p189-190

[15] http://fr.wikipedia.org/wiki/Quintus_Fabius_Maximus_Verrucosus

[16] http://fr.wikipedia.org/wiki/Beatrice_Potter_Webb

[17] http://fr.wikipedia.org/wiki/Sidney_Webb

[18] http://fr.wikipedia.org/wiki/Beatrice_Potter_Webb

[19] http://www.freedom-force.org/freedomcontent.cfm?fuseaction=fabianwindow&refpage=issues

[20] *« Maçonaria e seitas secretas: o lado oculto da história »*, Epiphanius, Publicações do « Correio de Roma », Nova edição 2005, página 630.

Um filho de Malcolm Muggeridge, membro da seita dos Irmãos de Plymouth (Darbystas)

Esta informação é revelada por Frank Mac Clain, que comenta a biografia de Muggeridge escrita por Wolfe.

Início da citação:

A Seita dos Irmãos Darbystas

"Acautelai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós trajando peles de ovelha, mas por dentro são lobos devoradores" (Mateus VII: 15).

Menos conhecida que os Batistas e os Pentecostais, a Seita dos Irmãos Darbystas, também conhecida pelo antigo nome de Pietistas, é, no entanto, uma presença real que contribui para a apostasia crescente aqui no Quebec. Eles mantêm as mesmas doutrinas do falso batismo por imersão, pregam um mesmo salvamento do livre-arbítrio, são oriundos do movimento dos Reavivamentos e são especialmente reconhecidos como os promotores da perigosa heresia do Pré-milenarismo-dispenacionalismo, da qual são a fonte. É geralmente aceito que a primeira assembleia de irmãos se formou em Dublin em 1827. Um pequeno grupo de crentes, algo decepcionados com a mornidão da Igreja Nacional (Anglicana), se reuniu lá, na casa de um deles, para ler a Bíblia e orar, mas também para compartilhar a Santa Ceia. Conhecemos o nome de quatro deles (mesmo que a história os tenha um pouco esquecido, e os darbystas também): - Dois estudantes de teologia com cerca de trinta anos: Antony Groves e John-Gifford Bellett -Edward Cronin, onde eles se reúnem, e um chamado Francis Hutchinson (ver ***A História das Assembleias de Irmãos chamadas Darbystas****).*

John-Gifford Bellett 1795 - 1884	**Dr. Edward Cronin 1801 - 1882**	**Antony-Norris Groves 1795 - 1853**	**Lord Congleton 1805 - 1883**

Mas esta reunião em Dublin é apenas a parte visível do iceberg: Um pouco por toda a Europa e nos países cristianizados sopra o vento de um Reavivamento espiritual nefasto de fé arminiana, que afeta principalmente as igrejas protestantes, ocorrendo seja em seu seio, seja à margem.

Para entender sua origem, vejamos o que o Centro de Consulta sobre Novas Religiões nos diz sobre eles:

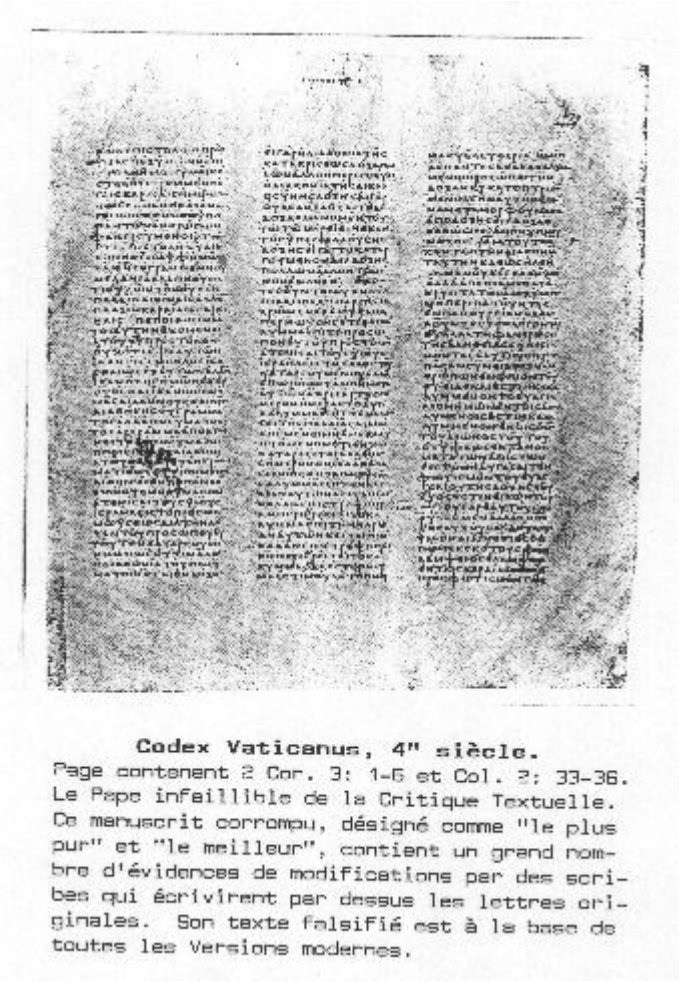
"*Assembléias de Irmãos*" ou "*Assembléias Evangélicas*" ou "*Irmãos de Plymouth*". *Movimento de reavivamento com sabor milenarista, oriundo da Igreja Anglicana, através de seu fundador, John Nelson Darby, pastor anglicano (1800-1882). Os fiéis recusam a denominação de "Darbystas" e não querem ser mais que "Irmãos". A princípio, grupos de "Irmãos" ("cristãos", "santos") se formaram em 1825 no Reino Unido, em torno de uma leitura assídua da Bíblia e especialmente das profecias, em ruptura com as Igrejas oficiais, que julgavam adormecidas. Em 1828, Darby denuncia ainda mais a collusão entre sua Igreja e o Estado, e se torna um pregador itinerante das "comunidades livres" que surgem na Europa e na América. Ele anuncia o próximo fim do mundo e reúne o pequeno rebanho dos verdadeiros fiéis. Mas em 1848, sua recusa intransigente de qualquer colaboração com outras confissões fragmenta o movimento em "Irmãos estreitos" e "largos" (abertos a outros cristãos).*

A questão da sucessão apostólica provocou diversos movimentos dentro desta seita na primeira metade do século 19. Para Darby (1800-1882), essa sucessão se perdeu desde os tempos apostólicos. Desde o 1º século, ele acreditava que não havia mais Igreja visível. Deus nunca restaurando o que está arruinado, toda organização eclesiástica é contrária à ideia de Deus. Os cristãos devem sair de suas diferentes Igrejas e se reunir, sem se organizar, ao redor da Mesa do Senhor, aguardando seu retorno. Uma assembleia importante, em Plymouth, adotou suas ideias. Os membros se chamavam Irmãos. Todos podem participar do culto, que não é presidido por ninguém; mas as mulheres não podem falar.

John-Nelson Darby

Darby praticava um sistema de excomunhão muito rígido. As assembleias dos Irmãos não reconhecem um ministério pastoral instituído, a autoridade sendo delegada aos "Irmãos". O culto consiste em orações espontâneas, hinos e celebração da ceia reservada aos membros, sendo que os visitantes devem apresentar uma carta de recomendação de sua assembleia. O darbysmo defende uma interpretação literal da Bíblia, rigorismo moral, recusa de contato com outras Igrejas e abstenção de engajamento político. Quanto ao futuro da Igreja e o cumprimento das profecias bíblicas, os Irmãos aderem a um conjunto de ensinamentos conhecidos como ***dispensacionalismo****. Alguns Irmãos, entre outros George Müller, de Bristol, se separaram dele, adotando o nome de Irmãos Largos. Uma facção se uniu a Irving (1792-1834), um cúmplice de Darby, para reforçar as fileiras dos Irvinianos.*

Um dos pontos destacados na vida de Darby é que ele produziu sua própria tradução da Bíblia. Poderíamos louvar tal empreendimento, pois os grandes Reformadores como Lutero, Calvino e Bèze trabalharam para produzir uma tradução completa, justa e precisa dos Textos Originais. Porém, Darby não foi um Reformador, mas sim um apóstata que abandonou o Texto Recebido dos Reformadores para se prostituir a um texto falsificado que provém dos Códices Vaticano e Sinaiticus. Essa versão se gaba em sua ***Prefácio*** *de ter abandonado o Texto Recebido dos Reformadores já em sua primeira edição do Novo Testamento, publicada em 1859, e de forma mais completa nas edições de 1872, 1875 e 1878, além da edição atual. Ela afirma que seu Novo Testamento é baseado na "descoberta de muitos manuscritos, alguns muito antigos"; e zombam "das pessoas que temiam que a fé fosse abalada" por sua traição, acusando mesmo sutilmente os Reformadores de "negligência e presunção". Os manuscritos mais antigos, dos quais falam em seu Prefácio, correspondem ao Codex Vaticanus e, principalmente, ao Codex Sinaiticus, descoberto por A.F.C. Tishendorf no lixo do Convento de Santa Catarina no Monte Sinai entre 1844 e 1859, correspondendo precisamente à data em que os tradutores de Darby abandonaram o Texto Recebido para se prostituir a manuscritos defeituosos e corrompidos (veja* ***A Bíblia Autêntica: Qual Versão****). Portanto, os Irmãos Darbystas utilizam uma Bíblia Católica para propagar suas heresias.*

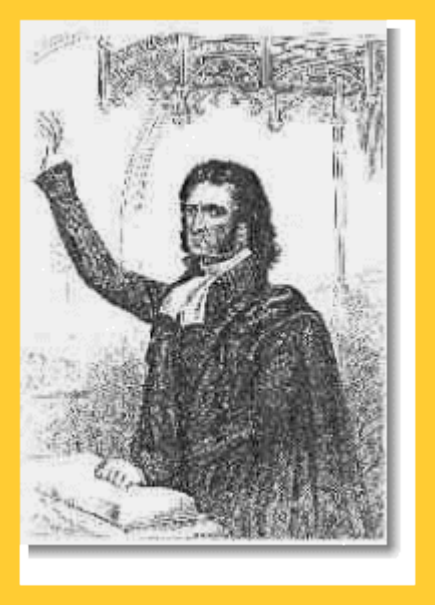


Codex Vaticanus, 4" siècle.
Page contenant 2 Cor. 3: 1-6 et Col. 2: 33-36.
Le Pape infaillible de la Critique Textuelle.
Ce manuscrit corrompu, désigné comme "le plus pur" et "le meilleur", contient un grand nombre d'évidences de modifications par des scribes qui écrivirent par dessus les lettres originales. Son texte falsifié est à la base de toutes les Versions modernes.

*A falsa doutrina do **Arrebatamento Secreto** foi introduzida por Edward Irving, que fundou a Igreja Católica Apostólica em 1832 (veja **A QUESTÃO DO ARREBATAMENTO**). Ele foi destituído do ensinamento na cátedra de pregador em 1832 e privado da dignidade de sacerdote na Igreja da Escócia em 1833. Ele foi expulso da Igreja da Escócia devido ao seu tratado no qual concluiu que Cristo possuía a natureza humana caída. Ele ensinou que uma grande tribulação deveria ocorrer entre a Ressurreição dos Homens Justos e o Arrebatamento dos Santos, seguida pela derrota de Satanás pelo reinado milenar de Cristo. Desde então, muitas variantes do tema do arrebatamento surgiram, mas sua base permanece a mesma. Os dois pregadores do arrebatamento pré-tribulacional, J.N. Darby e Irving, tiveram uma influência considerável.*

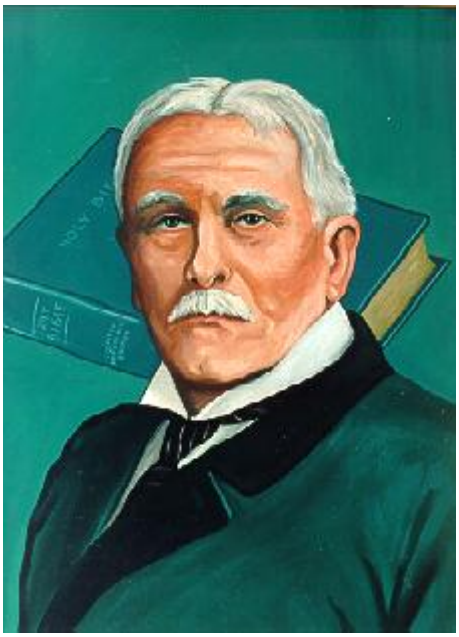
A doutrina de Irving do Arrebatamento Secreto se origina da visão espiritualista de Margarette McDonald em março de 1830, quando ela, em transe, falou de sua visão da vinda de Cristo. Foi uma ocasião histérica que tomou a forma de um boato e mais tarde se tornou uma doutrina que não se baseia em nenhum texto bíblico. Essa doutrinada diabólica penetrou na Confraria de Plymouth com a ajuda de John Nelson Darby (1800 - 1882), que a introduziu na interpretação profética geral. Portanto, essa teoria se baseia apenas na histeria de uma jovem que entrou em transe em março de 1830, em um momento em que visões ocultas estavam na moda. Darby é chamado de pai do Dispensacionalismo moderno, e por isso é justo acusá-lo de propagar esse tipo perigoso de insensatez. Ele foi elevado ao grau de diácono na Igreja da Inglaterra em 1825, mas devido à liturgia fundamental do clero anglicano na época, ele e outros crentes desencantados se reuniram e formaram um novo movimento em Dublin, fazendo de Plymouth seu centro, e é por isso que eles ficaram conhecidos como Confraria de Plymouth. Foi através deste movimento que Darby

propagou as doutrinas de Irving, que se baseavam nas visões ocultas da senhora McDonald.



Edward Irving

O dispensacionalismo como um sistema hermenêutico foi desenvolvido por John N. Darby (1800 a 1882) e seus amigos por volta da década de 1830 no Reino Unido. John Darby foi uma das principais figuras do movimento chamado "Irmãos de Plymouth". Na França, eles foram chamados de "Darbystas", um nome que eles rejeitam. Os Irmãos acabaram se dividindo em dois grandes grupos: "Irmãos estreitos" (Darbystas) e "Irmãos largos" (que se assemelham mais aos Batistas). Conferências de estudos proféticos foram organizadas entre 1831 e 1833 no castelo conhecido como Powerscourt Castle, e mais tarde, eram realizadas em Dublin até 1836. Darby e outros irmãos assistiram a essas conferências, onde Darby desempenhou um papel muito importante. Foi aqui que pela primeira vez ouviram falar do arrebatamento da Igreja antes da "tribulação" (Mateus XXIV,29). Também se ensinou que a 70ª semana profética de Daniel, capítulo IX, veria seu cumprimento após o arrebatamento da Igreja. Muitos evangélicos de várias confissões seguem essa metodologia que mais tarde foi popularizada pela incorporação nas notas da Bíblia de Scofield e mais tarde pela Ryrie Study Bible. Através de seus missionários e de suas Bíblias, essa visão foi disseminada em países de missão: Europa, América Latina, África, etc. Os dispensacionalistas interpretam Daniel X:27 afirmando que "aquele que confirmará a aliança e fará cessar o sacrifício e a oblação" é o Anticristo, que, segundo eles, fará uma aliança de sete anos com Israel. Entretanto, a figura central em toda essa profecia das 70 semanas de Daniel é Cristo e não o Anticristo. O Senhor Jesus Cristo é aquele que foi designado para fazer propiciação pela iniquidade (Daniel IX:24), que fez cessar o valor do sacrifício no Templo por seu próprio sacrifício na cruz, e que estabeleceu uma nova aliança em seu sangue (Daniel IX:27). Assim, os dispensacionalistas atacam o sacrifício da cruz por sua falsa interpretação e se excluem da graça que nos foi concedida gratuitamente.



Cyrus Ingerson Scofield

Essa perversão doutrinária exerceu uma grande influência sobre Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921). Scofield elogiou até Darby como um sábio de grande profundidade em seu tempo. (Dr. C I Scofield's Question Box, p. 93). Através da produção da obra de referência de Scofield e, particularmente, por suas observações sobre profecias, ele contribuiu para a perpetuação de uma doutrina de perversão que subverte o Reino de Deus e causa considerável dano. Na França, a Bíblia Scofield apareceu em 1975, quando a Maison de la Bible (Genebra) lançou uma nova edição da versão Louis Segond que incorporava esse sistema interpretativo. As setenta semanas proféticas, Daniel IX:24-27 são explicadas na Bíblia Scofield, páginas 962-963. Sessenta e nove semanas são contadas até a manifestação do Messias e sua morte. Depois disso, o relógio cronológico (em relação a Israel) é interrompido e então abre-se um parêntese no tempo. É nesse parêntese ou intervalo que Deus chama os membros da Igreja. Quando Jesus voltar pela segunda vez, Ele levará sua Igreja da terra para que esteja com Ele no Céu (veja ***O REINO DE DEUS****).*

Fim da citação[21]

---

[21] http://www.geocities.com/apostasiequebec/Freres.htm

O papel de John, filho de Muggeridge, e de sua esposa Anne Roche no meio tradicional anglo-saxão

Os filhos de Malcolm Muggeridge pertencem à geração de Monsenhor Williamson. Como eles conheceram seu pai, será que ele os encontrou?

John e Anne Muggeridge, dois católicos engajados na luta *pro-vida* e um tradicionalismo de tipo ralliement e ratzingueriano

Outro filho de Malcolm e Kitty Muggeridge, John teve, por seu casamento, uma influência determinante na evolução de Malcolm e Kitty em direção à religião conciliar e sua conversão em 1982. John é o segundo filho, nasceu em 1933 e faleceu em 2005.

« O professor e escritor John Muggeridge recebeu a educação de "um suave anglicano de colégio interno", segundo seu amigo, o jornalista David Warren, mas se tornou um católico ortodoxo e fervoroso opositor ao aborto sob a influência de sua esposa, a escritora e polêmica católica Anne Roche. »

Gentil, com um espírito de ironia desiludida e discreto, ele se tornará pai de cinco filhos após seu casamento com Anne Roche. Ele sacrificará seus estudos em prol da sua família. Com apenas 12 anos, em 1945, ele "testou" para seu pai e para Orwell a famosa obra de George Orwell, '*A Revolução dos Bichos*'.

Após uma infância nos subúrbios de Londres e dois anos de serviço militar no Quênia, estudará em Cambridge (Jesus College). No meio da década de 1950, ele emigrará para o Canadá com o propósito de romper com a monotonia de sua vida na Inglaterra **e para escapar da sombra da reputação de seu pai**:

« Acredito que ele desejava uma mudança », declarou seu filho John Malcolm Muggeridge. « Ele tinha um pai muito conhecido, e ele mesmo queria seguir seu próprio caminho e ensinar. »

Ele começará a ensinar e encontrará **Anne-Marie Roche**, também professora, que se tornará sua esposa. Após um noviciado com as Irmãs da Apresentação, tendo deixado os votos antes de pronunciá-los, essa jovem de grande convicção se casará com ele em 1960. Um ano após o casamento, John Muggeridge se converterá ao catolicismo.

« Mamãe foi o elemento motor nesse sentido. Ela era muito, muito devota e exercia grande influência sobre as pessoas. ***Foi principalmente ela quem originou a conversão de meu pai e de meu avô [em 1982], embora meu pai também tenha sofrido a influência de Madre Teresa e do Papa.*** *»*

« Acho que John veio para o Canadá para se distanciar da notoriedade de seu pai e talvez também para escapar dos espíritos dogmáticos, mas acabou se casando com alguém ainda mais dogmática », afirmou o Sr. Dobbs.

A Sra. Roche se tornará uma autora católica engajada na crítica ao Vaticano II e às reformas que dele decorreram.

Católica de tradição, expressando com veemência seu desagrado com o Vaticano II e os esforços deste para modernizar a Igreja, a Sra. ROCHE é autora de The Gates of Hell: "A Luta pela Igreja Católica" (1975) e de "A Cidade Desolada: Revolução na Igreja Católica" (1986). "Eu não casei com uma católica, eu casei com o catolicismo", dizia M. MUGGERIDGE sobre suas convicções religiosas cada vez mais ortodoxas e sua firme posição anti-aborto.

A obra de Anne Roche, *'A Cidade Desolada: Revolução na Igreja Católica'*, foi publicada em 1986. A autora faz um julgamento do Vaticano II. **Em 1988, o 'cardeal' Ratzinger, Prefeito para a Doutrina da Fé, fará uma resenha na edição número 1 da revista *Communio*.**

Este livro, virulento contra o Concílio Vaticano II, **no entanto, preconiza soluções que caracterizam o meio dos ralimados e da *Ecclesia Dei*. Por exemplo, para Anne Roche, a reversão dos altares para o Oriente seria suficiente para restaurar a Missa. Percebe-se que se trata de uma falsa oposição ao Vaticano II por suas medidas insuficientes e sua compreensão inadequada das razões da Revolução contra a Igreja.**

John Muggeridge se destacará por **seu engajamento na luta antiaborto.** Não tendo completado o doutorado, ele se tornará um professor de literatura em Ontário (Canadá).

Por um certo período, os MUGGERIDGE fizeram parte de um grupo de reflexão conservador que criticava as disposições do Vaticano II. Sob o nome de Sociedade São Atanásio, era liderado por Jim DALY, professor da Universidade McMaster em Hamilton (Ontário, Canadá), e pela Irmã Mary Alexander, professora. *O grupo se dissolveu após a morte precoce do Professor* ***DALY****, em decorrência de um câncer.*

John Muggeridge e sua esposa foram colaboradores regulares da revista ***The Idler*** e ele mesmo escrevia em uma revista conservadora ***Catholic Insight***.

Na obra “Os Últimos Dias de St. Muggs”, John MUGGERIDGE descreve sem rodeios os anos jovens de seu pai, por ele retratado como “um quase playboy, infiel e grande beberrão”, assim como a senilidade que o atingiu nos últimos meses de sua vida, resumindo-o como “semelhante a uma magnífica machado de guerra da controvérsia católica, embora dotado de um coração melancólico, amável e indulgente.”

Introduzido por seu pai, Malcolm, John Muggeridge escreverá regularmente para um trimestral *Human Life Review*, especializado na luta contra o aborto.

Resenha do livro ‘A Cidade Desolada’ de Anne Roche

[N.T.: No original não há esse trecho do artigo]

Os laços de Malcolm Muggeridge com o teólogo anglicano da Alta Igreja, Alec Vidler

O que o biógrafo Wolfe relata

Registremos uma revelação incrível feita por este artigo: **para Malcolm Muggeridge, a sexualidade seria um sacramento! [22]**

http://findarticles.com/p/articles/mi_qa3818/is_199901/ai_n8837577

Malcolm Muggeridge: Uma biografia

McClain, Frank M

Malcolm Muggeridge: Uma Biografia. Por Gregory Wolfe. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Co., 1997. xviii + 462 pp. $35.00 (capa dura).

O livro de Gregory Wolfe não deixa ninguém indiferente. Wolfe possui seu assunto de forma profunda. Com cuidado, ele utilizou documentos não publicados, bem como, aparentemente, várias entrevistas pessoais. É um prazer de ler. Os assinantes da Revista Teológica Anglicana acharão esta biografia ousada. Ela também saberá entretê-los. Afinal, Muggeridge foi um dos maiores editores que o Punch já teve.

Malcolm Muggeridge é, ao lado de Evelyn Waugh, uma das conversões emblemáticas do anglicanismo à Igreja Católica Romana no século XX. Muggeridge e sua esposa foram, na verdade, acolhidos na Igreja Romana perto do final de suas vidas, e esta biografia descreve seu peregrinar espiritual. Contudo, em última análise, são as orações da manhã e da noite, tiradas do Livro de Orações Comuns de 1662, que constituíam a base das devoções diárias dos Muggeridge.

Malcolm se "converteu" pela primeira vez à fé cristã quando estava no Colégio Secundário Selwyn em Cambridge. Foi lá que começou seu diálogo religioso com seu amigo, o teólogo Alec Vidler, que se estenderia por mais de sessenta anos, amadurecendo quando os Muggeridge e Vidler se

estabeleceram em Sussex, a poucos quilômetros um do outro. E, no entanto, a vida de Malcolm foi marcada por inúmeras aventuras sensuais e mundanas. As infidelidades conjugais dos Muggeridge poderiam render várias novelas. No entanto, a Eucaristia permaneceu para ele a pedra de toque que o reteve quando ele estava mais longe de ser um cristão praticante. É a memória do ofício diário enquanto foi, por dois anos, hóspede do Oratório do Bom Pastor em Cambridge, de joelhos na missa ao lado de Madre Teresa em Calcutá, ou ouvindo a proclamação da Páscoa ortodoxa em Kiev, que formou e alimentou as qualidades que fizeram dele um defensor fervoroso da fé cristã.

Malcolm foi apoiado por relações pessoais próximas. Em uma oração de ação de graças, ele menciona três pessoas que, para ele, marcaram sua vida: sua esposa Kitty, Hugh Kings Mill e Alec Vidler:

K., pela um amor imperecível, dado e recebido.

H. K., pela risada e a luz.

A. V., pelas raízes, o tronco, os galhos e as folhas.

As amizades trouxeram à sua vida estrutura e apoio. Mas Malcolm parecia estar em busca de uma certeza e de uma estrutura que a Igreja da Inglaterra nem sua teologia anglicana lhe proporcionava. Talvez isso fosse uma característica familiar. ***Um de seus filhos se uniu à conservadora igreja evangélica dos Irmãos de Plymouth.*** *Outro se antecedeu a Malcolm na Igreja Católica Romana.*

Muggeridge era uma personalidade popular da televisão, um verdadeiro "mestre da palavra" na BBC. Mas ele também era um jornalista que escrevia para jornais tão distintos quanto o Manchester Guardian e o Telegraph. Suas opiniões, muitas vezes surpreendentes para seu público, o caracterizaram como um rebelde não-conformista coerente. No século XX, muitos imperadores estão nus, e Malcolm tinha o gênio de ridicularizá-los. Apesar da proximidade de suas relações familiares com os Sidney Webbs, Muggeridge foi um dos primeiros a pressentir o lado negro do comunismo soviético. O nazismo na Alemanha, o materialismo ocidental, a pretensão imperial britânica na Índia, bem como a sociedade e a cultura inglesa (e americana), tudo isso caía sob seu olhar afiado. Sua oposição ao aborto, à contracepção e à eutanásia causou muito mais espanto nos liberais do que outros puderam se ofender com sua afirmação de que a sexualidade era um sacramento.

Em um documentário chamado "Paulo, o enviado especial", que eles produziram juntos, seu amigo Alec Vidler comparou o gênio de Malcolm ao de São Paulo, que "era um pensador intuitivo. Ele tinha a perspicácia de um vidente e era capaz de expressar o que via com a confiança de um poeta.... Jamais usava palavras como 'possivelmente', 'provavelmente' ou 'talvez'." Muggeridge também não as usava. É o que atesta a biografia de Gregory Wolfe.

FRANK M. McCLAIN

Charleston, Carolina do Sul

Anglican Theological Review, Inc. Inverno de 1999

Fornecido pela ProQuest Information and Learning Company

A personalidade de Alec Vidler

Este 'reverendo' anglicano será editor da revista anglo-católica Theology, o que mostra sua pertença à High Church, e ao meio ao qual pertenceu Lord Halifax.

Alec Vidler é um especialista em modernismo e é comparado por alguns ao francês Émile Poulat. Aqui está um acesso ao **seu livro sobre o modernismo, onde ele o justifica lamentando a condenação por São Pio X:**

http://ia301319.us.archive.org/1/items/modernistmovemen005521mbp/modernistmovemen005521mbp.pdf

Recomendamos a leitura da página 262 do livro sobre o movimento de Oxford.

Alex Vidler também é coautor, junto com Malcolm Muggeridge, de um livro sobre São Paulo.

http://www.antiqbook.co.uk/boox/yes/007118.shtml

Malcolm MUGGERIDGE e Alec VIDLER: « Paul, Envoy Extraordinary » (São Paulo, enviado extraordinário), Londres, Collins, 1972, primeira edição (ISBN: 000215644x). Livro brochado e com sua capa original, 8vo – 23 cm x 17,5 cm. Limpo, estado novo, leve curvatura. Os dois antigos condiscípulos de Cambridge acompanham as pegadas de São Paulo e tentam descobrir sua filosofia neste trabalho baseado em uma série de transmissões da BBC Television.

Todos esses fatos mostram os laços muito estreitos que unem Malcolm Muggeridge, além da importante posição intelectual de Alec Vidler na High Church Anglicana.

---

[22] Sabemos que este tema é uma noção fundamental do satanismo mágico do antigo Cambridgense Aleister Crowley, mundialmente conhecido.

Na sua entrevista autobiográfica, Mons. Williamson silencia sobre sua relação com Malcolm Muggeridge

Nesta entrevista, Monsenhor Williamson omite completamente a influência de Malcolm Muggeridge. Ele admite que entrou sucessivamente em dois seminários conciliares, com menos de dois anos de intervalo, e que foi expulso em ambas as vezes, e que depois se dirigiu a Ecône, apresentado por seu conselho irlandês como o único lugar onde encontraria uma grande liberdade de expressão. Ele não parece ter entrado lá devido ao seu apego à missa tridentina, pois não faz menção alguma a isso. Pode-se até imaginar, com base nas duas expulsões conciliares que admite, que durante um período de dois anos sua experiência com a missa tridentina foi breve antes de sua entrada em Ecône.

http://qien.free.fr/2006/200610/20061002_williamson.htm

Entrevista de S.E. Mons. Richard N. Williamson por Stephen L.M. Heiner – 2 de outubro de 2006 – para o número de outubro de *Angelus* – **Minha Entrevista com S.E. Monsenhor N. Williamson, para o *Angelus* de outubro**

[…]

Vossa Excelência, vamos começar pelo começo. Que vida familiar havia na casa dos Williamson?

Meus pais não eram católicos, mas o que é certo é que se esforçavam para cuidar de seus filhos da melhor forma possível. Eles se asseguraram de que eu recebesse uma boa educação até os dezoito anos, e mesmo até os vinte e um.

Quem eram os outros dois filhos?

Tenho um irmão mais velho e um irmão mais novo. Nenhum deles é católico, mas ambos ainda estão vivos. Meu irmão mais novo vive na Nova Zelândia, então eu o vejo raramente, e meu irmão mais velho vive na Inglaterra, onde o vejo de vez em quando.

O que eles pensam sobre ter um irmão bispo?

Eles não veem objeção a isso. Estão felizes que eu faça o que é importante para mim.

Eu ouvi dizer que você conheceu o doutor Albert Schweitzer na sua juventude. É verdade?

É verdade. De 1963 a 1965, fui professor em Gana, na África Ocidental, país que foi chamado de Costa do Ouro até 1958, ano de sua independência. Durante as férias de verão de 1964, embarquei em um navio francês que descia a costa da África Ocidental até Libreville, capital do Gabão francês, para visitar o doutor Schweitzer, já que ele morava nas proximidades. Naquela época, ele já era muito famoso como um herói missionário na África, uma espécie de Madre Teresa à frente de seu tempo. Passei quatro semanas em seu famoso hospital na selva, pois trabalhadores convidados eram sempre bem-vindos. Tive a oportunidade de conversar pessoalmente com ele em duas ocasiões. Era uma figura interessante. Certamente, ele não possuía a Fé católica, mas tinha uma visão bastante realista sobre a África e sua política. Ele estava bem idoso quando o conheci, era originário da Alsácia e conhecia muito bem a música, especialmente Bach. Lembro-me de ter conversado com ele sobre Beethoven, que ele admirava "por suas modulações e a liberdade de sua orquestração".

Por que esse hospital era famoso?

Embora muito rudimentar pelos padrões modernos, esse estabelecimento fazia muito bem em termos médicos, pois estava adaptado de forma realista às condições africanas. Tive férias extremamente interessantes lá! O doutor Schweitzer foi extremamente hospitaleiro.

Alguns dizem que Beethoven teve um grande papel em sua conversão. É verdade?

Certamente. Se eu não tivesse Beethoven para acompanhar minha adolescência, talvez não fosse católico hoje. Mozart também me ajudou muito, e Wagner conferiu à minha vida uma dimensão religiosa adicional.

Wagner não era o compositor favorito dos nazistas e de Hitler?

Wagner agradava a Hitler justamente porque suas óperas apresentam uma dimensão religiosa desprovida de Fé, prometendo uma espécie de "substituto" para a redenção.

Quem é o redentor nas óperas de Wagner?

Fundamentalmente, é a mulher. Principalmente em O Holandês Voador e no Anel.

Por quê?

Porque, como São Paulo escreve em sua primeira epístola aos Coríntios (11), assim como Cristo é a cabeça do homem, o homem é a cabeça da mulher. Na época da Revolução Francesa, o homem moderno geralmente se recusava a estar sob a dominação de Cristo, mas para que tudo não desmoronasse, a mulher permaneceu sob a dominação do homem por um tempo. Assim, ela "salvou" a situação durante cerca de um século, período em que Wagner escreveu suas óperas. No entanto, no início do século XX, a mulher se cansou disso, e foi então que começou sua "emancipação". As fundações da sociedade não pararam de vacilar desde então!

Para voltar à ópera, o que você diria sobre esse tema que possa nos ajudar a viver como católicos?

A ópera não é, manifestamente, necessária para viver como católico. No entanto, como todas as grandes artes, ela carrega muitas verdades sobre a vida humana. E, como disse São Agostinho, toda verdade pertence aos católicos, o que significa que um católico pode tirar proveito da verdade sempre que a encontra. A ópera é, por sua natureza, muito humana; é por isso que, em um mundo moderno cada vez mais anti-humano, a ópera pode proporcionar uma boa "educação sentimental", ou seja, uma formação do coração humano muito melhor do que a proporcionada por Hollywood ou pela televisão.

Além da música, o que mais contribuiu para a sua conversão?

Principalmente a leitura do início da Summa Theologiae de São Tomás de Aquino. Um jesuíta amigo da família me recomendou ler Pierre Teilhard de Chardin, mas acrescentou que, se eu tivesse o gosto por "coisas mais antigas", poderia tentar São Agostinho ou São Tomás de Aquino. Então experimentei a Summa e gostei muito. É totalmente desprovida de sentimentalismo! Eu, que estava acostumado a uma religião melosa, açucarada, doce, de repente me vi diante de verdades imensas e duras como pregos. Eu realmente gostei muito.

Portanto, você se converteu… à religião da Igreja conciliar?

Inicialmente, sim. Fui recebido na Igreja no início de 1971 por um padre "conservador". Ele não concordava com Monsenhor Lefebvre. Mas ele acreditava na minha vocação, então me enviou primeiro para um diocese, depois para uma congregação religiosa em Londres. Como fui expulso pela segunda vez, ele me disse com seu forte sotaque irlandês: "Se você não sabe fechar a boca, só há um lugar para você: Ecône". Foi para Ecône que eu fui.

Quais foram suas primeiras impressões de Ecône e do Arcebispo?

Ecône: ordem e paz. O Arcebispo: irradiando ordem e paz.

E como você percebeu seus colegas seminaristas, que Monsenhor Tissier descreve em seu livro como um grupo "frágil e desigual"?

Os seminaristas eram homens bons, uma espécie de "fragmentos" oriundos da explosão da década de sessenta, que foram magnetizados pelo Arcebispo, que os acolheu durante os anos setenta. Esse magnetismo era muito forte, sem ser um culto à personalidade. Havia em Ecône uma alegria tranquila e uma tensão em direção a um objetivo.

Conclusão de nosso estudo

Para tomar uma analogia, **um Malcolm Muggeridge pode parecer para alguns, à primeira vista, uma espécie de André Frossard ou Maurice Clavel britânico.**

André Frossard se converteu ao catolicismo em sua juventude, enquanto seu pai era secretário geral do Partido Comunista Francês.

Maurice Clavel se converteu mais tarde, após ter estado bastante envolvido à esquerda.

Ambos não faltavam com talentos para a escrita e possuíam gostos e uma formação literária.

Mas não se trata de maneira alguma desse tipo de personalidade no caso de Muggeridge, que, pelos seus laços familiares com a *Fabian Society*, se encontra em contato com indivíduos e uma mouvance semi-secreta que estão no cerne dos círculos mundialistas mais influentes e em contato com ambientes teosóficos ou seitas muito poderosas.

Um de seus filhos, aliás, se juntará à seita dos *Frères de Plymouth*, cujas teorias milenaristas circulam nos círculos protestantes do poder atualmente nos Estados Unidos.

Ao expressar sua veneração por esse mestre de sua juventude, em quem continua a ver uma espécie de "***profeta do século XX***", **Monsenhor Williamson elogia, portanto, uma pessoa que, apenas por suas ligações mundialistas, é das mais duvidosas e perigosas.** Como se explica que ele mantenha sua afeição por Muggeridge, sabendo que todos os fatos que revelam as origens familiares de Muggeridge são públicos e não são de agora?

Malcolm Muggeridge também permaneceu muito ligado a um teólogo anglicano, Alec Vidler, durante 60 anos. Este clérigo é um especialista em modernismo, é anglo-católico e pertence à *High Church*, ou seja, ao movimento herdeiro do pastor Pusey e do movimento de Oxford, do qual sabemos agora, pelos trabalhos do ***Comitê Internacional Rore Sanctifica***, que está **no cerne do ataque mortal contra a Igreja Católica que representaram os movimentos litúrgico e ecumênico, que culminaram na fabricação e na instituição de um rito de consagração episcopal inválido em 1968 (*Pontificalis Romani*)**.

Frequentando Malcolm Muggeridge, Monsenhor Williamson teria sido apresentado a Alec Vidler, o grande amigo de Malcolm?

Constatamos, de qualquer forma, o papel decisivo de Monsenhor Williamson em barrar o estudo da invalidade do novo ritual de sagrações episcopais, como bispo encarregado de supervisionar a

revista dos dominicanos de Avrillé (*Le Sel de la terre*), que publicou as falsas "*demonstrações*" (SdT n°54 e 56) do Padre Pierre-Marie de Kergorlay, ou ainda **como diretor do seminário de La Reja, sendo que um de seus professores, o padre Calderon, se destacou por uma nova falsa "*demonstração*" da suposta validade sacramental do novo ritual de sagrações (SdT, n°58).**

Outro fato que merece ser citado é que **nunca a revista *Le Sel de la terre* estudou o papel do anglicanismo e sua ação subversiva contra a Igreja Católica. Em 1996, durante o centenário de *Apostolicae Curae*, esta revista ficou muda como um peixe sobre o assunto.**

Quais são os relacionamentos de Monsenhor Williamson com os meio anglicanos?

Ele teria se beneficiado das conexões de Muggeridge e suas poderosas relações nesse campo?

Malcolm Muggeridge tem outro filho que se compromete com uma seita milenarista protestante (Irmãos de Plymouth), que desenvolve toda uma doutrina sobre a vinda iminente do Anticristo e do Grande Castigo do qual alguns "*happy fews*" serão preservados por um "*arrebatamento*" providencial.

De onde vêm esses laços do filho de Malcolm Muggeridge com esses fundamentalistas?

Passam eles pelo meio mundialista fabiano, cujos relacionamentos com a teosofia e doutrinas mais estranhas são bem conhecidos?

John, outro filho de Malcolm Muggeridge, **casa-se com uma mulher tradicionalista, que se revela "ralimã" e que encontraria sua felicidade apenas com a reversão dos altares e o conservadorismo de Wojtyla-João Paulo II, com o casal fazendo do "combate pela vida" o cerne de seu engajamento.**

Monsenhor Williamson, cujas posições sobre questões de moral são especialmente visíveis, se encontra nessa forma de tradicionalismo que não é, na verdade, mais do que uma deserção do combate doutrinal e um ralliement?

Seria este o fundo de seu pensamento e seu objetivo secreto e último: o ralliement a Ratzinger?

Seu duplo jogo, que não deixamos de denunciar, coincide com isso.

Malcolm Muggeridge desenvolve **todo um elogio à dúvida, que Monsenhor Williamson desculpa**. Deve-se ver uma coincidência com **a falsa argumentação de Monsenhor Williamson sobre o "*espírito doente*" dos conciliares ou os sofismas do "*dois e dois são quatro ou cinco*" que nos foram apresentados no dia 29 de junho de 2007**, durante as ordenações em Ecône? Ou ainda com sua teoria pueril do "*mentevacantismo*" de Ratzinger?

Ao explicar que o "*coração*" de Malcolm Muggeridge estava "*convertido*", mas que "*parte de sua cabeça*" não estava, Monsenhor Williamson não cairia ele mesmo na

armadilha modernista que pretende denunciar de outra forma?

O que significam todas essas incoerências de Monsenhor Williamson, o ex-aluno de Cambridge?

Se considerarmos as datas, Monsenhor Williamson sofreu a influência de Malcolm Muggeridge a partir dos anos 60, depois se converteu à Fé católica em 1970 e **finalmente entrou em Ecône em 1972, após duas tentativas frustradas em seminários conciliares.**

Naquela época, Muggeridge ainda não era católico, mas já era conhecido por suas declarações bombásticas sobre questões de moral.

Vale mencionar que, para um agente do *Intelligence Service*, **é uma excelente cobertura passar por um "*ultra conservador*" através de algumas posições como fez Muggeridge. Sua carreira na mídia não sofrerá com esse comprometimento, bem pelo contrário.**

Observamos em Monsenhor Williamson, assim como em Muggeridge, posturas provocativas sobre a questão da moral ou a proibição de universidades para mulheres, ou ainda sobre questões políticas, o que lhe conferiu a reputação de "*ultra*" muito útil para aparecer como alguém que rejeita o ralliement.

Já denunciamos esse jogo, que não engana mais ninguém entre os clérigos e os fiéis.

Monsenhor Williamson, por um mimetismo aplicado ao campo religioso, o da FSSPX, apresenta comportamentos semelhantes aos de Muggeridge no meio da sociedade civil e midiática britânica. O aluno estaria reproduzindo o exemplo do mestre?

Segundo o politólogo francês Pierre Faillant de Villemarest, citando fontes originais:

« O dogma fabiano, lê-se nas publicações internas de Londres, é de permanecer ao mesmo tempo o inspirador de todos os socialismos e estar sempre presente à esquerda, ao centro e à direita. »

Ora, a trajetória de Malcolm Muggeridge **não exemplifica esse aspecto inclassificável que seus biógrafos lhe reconhecem? Seria isso que Malcolm Muggeridge é um Fabiano disfarçado e sutil?**

Agora muitas questões estão abertas sobre as associações e as posições de Monsenhor Williamson.

Nenhum outro bispo da FSSPX se encontra em tal situação, **nem se ostenta um mestre de pensamento tão influente.**

Mais clareza sobre a juventude de Monsenhor Williamson é necessária agora.

Está claro que, em nenhuma hipótese, um tal bispo pode representar uma oposição séria e credível à Roma dos anticristos denunciada por Monsenhor Lefebvre.

Continuemos a boa luta.

Padre Marchiset

ANEXOS

A Sociedade (Secreta) Fabiana e os Casais Webb

2.1.1 A Sociedade Fabiana

2.1.1.1 Origem da Fabian Society

http://foster.20megsfree.com/314.htm

1844: Nascimento em Brighton do escritor socialista e reformista Edward Carpenter, que injetará o paganismo no movimento socialista inglês (Liga Socialista, Comunidade da Nova Vida, da qual surgiu a famosa Fabian Society). Para Carpenter, o socialismo deve levar os povos a reencontrar uma vida livre, primitiva, simples, saudável e moral, baseada nas ideias de Whitman, Thoreau e Tolstói. Em 1883, Carpenter funda uma "comunidade auto-suficiente" em Millthorpe, entre Sheffield e Chesterfield. Sua obra principal data de 1889 (e se intitula: *Civilisation: Its Cause and Cure*). Nela, ele reclama, entre outras coisas, o retorno das divindades femininas e apaziguadoras (Astarté, Diana, Ísis, etc.). Carpenter faleceu em 1929, após ter exercido uma influência duradoura sobre os movimentos socialistas e pré-ecológicos.

2.1.1.2 História

http://en.wikipedia.org/wiki/Fabian_Society

A **Fabian Society** é um movimento intelectual socialista britânico, cujo propósito é promover a causa socialista por meios gradualistas e reformistas, em vez de por meios revolucionários. Famosa pelo seu trabalho inovador que começou no final do século XIX e continuou até a Primeira Guerra Mundial. A sociedade lançou muitos dos fundamentos do Partido Trabalhista durante esse período; posteriormente, influenciou as políticas das recém-independentes colônias britânicas, especialmente Índia, e ainda existe hoje, como uma das 15 sociedades socialistas afiliadas ao Partido Trabalhista. Sociedades semelhantes existem na Austrália (a Australian Fabian Society), no Canadá (a Douglas-Coldwell Foundation e no passado a League for Social Reconstruction) e na Nova Zelândia.

História

A sociedade foi fundada em 4 de janeiro 1884 em Londres como um ramos de uma sociedade fundada em 1883 chamada The Fellowship of the New Life. Os membros da Fellowship incluíam poetas Edward Carpenter e John Davidson, o sexólogo Havelock Ellis e o futuro secretário fabiano, Edward R. Pease. Eles queriam transformar a sociedade criando um exemplo de vida limpa e simplificada para outros seguirem. Mas quando alguns membros também desejavam se envolver politicamente para ajudar na transformação da sociedade, foi decidido que uma sociedade separada, a Fabian Society, também deveria ser criada. Todos os membros eram livres para frequentar ambas as sociedades.

A Fellowship of the New Life se desfez em algum momento no início da década de 1890, mas a Fabian Society cresceu para se tornar a sociedade intelectual preeminente no Reino Unido durante a era eduardiana.

Imediatamente após sua fundação, a Fabian Society começou a atrair muitos intelectuais atraídos pela sua causa socialista, incluindo George Bernard Shaw, H. G. Wells, Annie Besant, Graham Wallas, Hubert Bland, Edith Nesbit, Sydney Olivier, Oliver Lodge, Leonard Woolf e Emmeline Pankhurst. Até mesmo Bertrand Russell se tornaria membro mais tarde. Os dois membros John Maynard Keynes e Harry Dexter White foram delegados à Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas em 1944.

No núcleo da Fabian Society estavam Sidney e Beatrice Webb. Juntos, escreveram numerosos estudos sobre a Grã-Bretanha industrial, economias alternativas aplicadas ao capital, assim como à terra. Sua admiração posterior pela Rússia soviética decorreu parcialmente da "eficiência" de Stalin em adquirir essas rendas.

O grupo, que favoreceu mudanças graduais em vez de mudanças revolucionárias, foi nomeado — por sugestão de Frank Podmore — em honra ao general romano Quintus Fabius Maximus (apelidado de "Cunctator", que significa "o Atrasador"). Ele defendia táticas envolvendo assédio e guerra de atrito, em vez de batalhas de frente contra o exército cartaginês sob o renomado general Aníbal Barca.

Os primeiros panfletos da Fabian Society foram escritos para pressionar por um salário mínimo em 1906, pela criação do Serviço Nacional de Saúde em 1911 e pela abolição dos nobres hereditários em 1917 (Fabian Society).

Os socialistas fabianos eram críticos do livre comércio e abraçaram o protecionismo em interesse de proteger o reino da competição estrangeira.

Os fabianos também favoreciam a nacionalização da terra, acreditando que as rendas coletadas pelos proprietários de terras eram não conquistadas, uma ideia que se baseava fortemente no

trabalho do economista americano Henry George.

Muitos fabianos participaram da formação do Partido Trabalhista em 1900, e a constituição do grupo, escrita por Sidney Webb, emprestou fortemente dos documentos fundacionais da Sociedade Fabiana. Na Conferência de Fundação do Partido Trabalhista em 1900, a Sociedade Fabiana reivindicou 861 membros e enviou um delegado.

No período entre as duas Guerras Mundiais, os "Fabianos da Segunda Geração", incluindo os escritores R. H. Tawney, G. D. H. Cole e Harold Laski, continuaram a ser uma grande influência no pensamento social-democrata.

Foi nessa época que muitos dos futuros líderes do Terceiro Mundo foram expostos ao pensamento fabiano, notavelmente o indiano Jawaharlal Nehru, que posteriormente definiu a política econômica para um quinto da humanidade nos moldes social-democratas fabianos. Um fato pouco conhecido é que o fundador do Paquistão, o advogado Muhammad Ali Jinnah, foi um ávido membro da Sociedade Fabiana no início dos anos 1930. Lee Kuan Yew, o primeiro Primeiro-Ministro de Cingapura, afirmou em suas memórias que sua filosofia política inicial foi fortemente influenciada pela Sociedade Fabiana. No entanto, ele mais tarde alterou suas opiniões, acreditando que o ideal fabiano de socialismo era muito impraticável.

Legado

Ao longo do século 20, o grupo sempre foi influente nos círculos do Partido Trabalhista, com membros como Ramsay MacDonald, Clement Attlee, Anthony Crosland, Richard Crossman, Tony Benn, Harold Wilson e, mais recentemente, Tony Blair e Gordon Brown. O falecido Ben Pimlott foi seu presidente na década de 1990. (Um Prêmio Pimlott para Escrita Política foi organizado em sua memória pela Sociedade Fabiana e pelo The Guardian em 2005 e continua anualmente). A Sociedade está afiliada ao Partido como uma sociedade socialista. Nos últimos anos, o grupo dos Jovens Fabianos, fundado em 1960, tornou-se uma organização importante de rede e discussão para ativistas mais jovens (com menos de 31 anos) do Partido Trabalhista e desempenhou um papel na eleição de Tony Blair como líder trabalhista em 1994. Após um período de inatividade, os Jovens Fabianos Escoceses foram reformados em 2005.

O relatório anual de 2004 da sociedade mostrou que havia 5.810 membros individuais (70 a menos que no ano anterior), dos quais 1.010 eram Jovens Fabianos, e 294 assinantes institucionais, dos quais 31 eram Partidos Trabalhistas de Constituência, sociedades cooperativas ou sindicatos, 190 eram bibliotecas, 58 corporativas e 15 outras—totalizando 6.104 membros. Os ativos líquidos da sociedade eram £86.057, sua receita total foi £486.456 e sua despesa total foi £475.425. Houve um superávit geral para o ano de £1.031.

A última edição do Dicionário de Biografia Nacional (uma obra de referência que lista detalhes sobre britânicos famosos ou significativos ao longo da história) inclui 174 fabianos.

Quatro fabianos, Beatrice e Sidney Webb, Graham Wallas e George Bernard Shaw, fundaram a London School of Economics com o dinheiro deixado para a Sociedade Fabiana por Henry Hutchinson. Supostamente, a decisão foi tomada em uma festa de café da manhã em 4 de agosto de 1894. Os fundadores estão retratados na Fabian Window 1 projetada por George Bernard Shaw. A janela foi roubada em 1978 e reapareceu em Sotheby's em 2005. Foi restaurada para exibição na Shaw Library na London School of Economics em 2006 em uma cerimônia presidida por Tony Blair 2.

Jovens Fabianos

Membros com menos de 31 anos também são membros dos Jovens Fabianos. Este grupo tem seu próprio presidente eleito e executivo e organiza conferências e eventos. Ele também publica a revista trimestral *Anticipations*. Os Jovens Fabianos Escoceses, uma ramificação escocesa do grupo, foram reformados em 2005.

Influência no governo trabalhista

Desde que o Trabalhista assumiu o poder em 1997, a Sociedade Fabiana tem sido um fórum para as ideias do Novo Trabalhista e para abordagens críticas de todo o partido. A contribuição fabiana mais significativa para a agenda política do Trabalhista em governo foi o panfleto de Ed Balls de 1992, que defendia a independência do Banco da Inglaterra. Balls tinha sido um jornalista do Financial Times quando escreveu esse panfleto fabiano, antes de ir trabalhar para Gordon Brown. O editor de negócios da BBC, Robert Peston, em seu livro *Brown's Britain*, chama isso de "um tratado essencial" e conclui que Balls "merece tanto crédito – provavelmente mais – do que qualquer outra pessoa pela criação do moderno Banco da Inglaterra"; [citado aqui; http://www.afsp.msh-paris.fr/archives/congreslyon2005/communications/tr4/wickham.pdf] Wlliam Keegan oferece uma análise semelhante do panfleto fabiano de Balls em seu livro sobre a política econômica do Trabalhista [3](http://politics.guardian.co.uk/bookshelf/story/0,,1041487,00.html "http://politics.guardian.co.uk/bookshelf/story/0,,1041487,00.html"), que traça em detalhe o caminho que levou a essa dramática mudança de política após a primeira semana do Trabalhista no poder.

A Comissão Tributária da Sociedade Fabiana de 2000 foi amplamente creditada 4 por influenciar a política e a estratégia política do governo trabalhista para seu um significativo aumento público de impostos: o aumento da Contribuição Nacional para arrecadar £8 bilhões para gastos do NHS. (A Comissão Fabiana, na verdade, havia pedido um 'imposto do NHS' 5 diretamente vinculado para cobrir o custo total dos gastos com o NHS, argumentando que vincular a tributação mais diretamente ao gasto era essencial para tornar o aumento de impostos aceitável publicamente. O aumento da Contribuição Nacional de 2001 não foi formalmente vinculado, mas o governo se

comprometeu a usar os fundos adicionais para gastos em saúde). Várias outras recomendações, incluindo uma nova alíquota máxima do imposto de renda, estavam à esquerda da política do governo e não foram aceitas, embora essa revisão abrangente da tributação no Reino Unido tenha sido influente em círculos econômicos e políticos 6

Veja também

- Departamento de Pesquisa Trabalhista
- Lista de grupos de reflexão do Reino Unido
- New Statesman Jornal
- Reformismo
- The New Age Jornal
- Young Fabians

Referências

1. ^ Comunicado de imprensa, "Uma peça da história Fabiana revelada na LSE," Arquivos da London School of Economics & Political Science 1 Último acesso em 23 de fevereiro de 2007
2. ^ Andrew Walker, "Inteligência, sabedoria e janelas", BBC News 2 Último acesso em 23 de fevereiro de 2007

Links externos

- Site oficial
- A História da Sociedade Fabiana por Edward R. Pease, seu secretário por 25 anos; do Project Gutenberg
- Catálogo dos arquivos da Sociedade Fabiana mantidos na London School of Economics

2.1.1.3 Símbolos da Sociedade Fabiana

http://www.freedom-force.org/freedomcontent.cfm?fuseaction=fabianwindow&refpage=issues

A JANELA DE VIDROS TÊNUE DA SOCIEDADE FABIANA
Atualizado em 22 de agosto de 2006

Esta é a janela de vitral da Beatrice Webb House em Surrey, Inglaterra, antiga sede da Sociedade Fabiana. Foi projetada por George Bernard Shaw e retrata Sidney Webb e Shaw atingindo a Terra com martelos para "MOLDÁ-LA MAIS PRÓXIMA DO DESEJO DO CORAÇÃO", uma linha de Omar Khayyam. Note o lobo em pele de ovelha no emblema Fabiano acima do globo. A janela agora está em exibição na London School of Economics (LSE), que foi fundada por Sydney e Beatrice Webb.

"A janela foi posteriormente roubada da casa em 1978", diz a arquivista da LSE, Sue Donnelly. "Ela apareceu em Phoenix, Arizona, logo depois, mas depois desapareceu novamente até que ressurgiu repentinamente em uma venda na Sotheby's em julho de 2005." A janela foi comprada pela Webb Memorial Trust e agora está em empréstimo para a LSE, onde é exibida na biblioteca Shaw da escola. Em abril de 2006, a janela foi oficialmente revelada em uma cerimônia com a presença do Primeiro-Ministro britânico Tony Blair, que é membro da Sociedade Fabiana. [1]

Os Fabianos eram originalmente um grupo elitista de intelectuais que formaram uma sociedade semi-secreta com o propósito de trazer o socialismo para o mundo. Enquanto os comunistas queriam estabelecer o socialismo rapidamente por meio de violência e revolução, os Fabianos preferiam fazê-lo lentamente por meio de propaganda e legislação. A palavra socialismo não deveria ser usada. Em vez disso, falariam sobre benefícios para o povo, como assistência social, cuidados médicos, salários mais altos e melhores condições de trabalho. Dessa forma, planejaram alcançar seu objetivo sem derramamento de sangue e até mesmo sem oposição séria. Eles escarneceram dos comunistas, não porque não gostassem de seus objetivos, mas porque discordavam de seus métodos. Para enfatizar a importância do gradualismo, adotaram a tartaruga

como o símbolo de seu movimento. Os três líderes mais proeminentes nos primeiros dias foram Sidney e Beatrice Webb e George Bernard Shaw. [2] Um vitral da Beatrice Webb House em Surrey, Inglaterra, é especialmente illuminante. Na parte superior aparece a última linha de Omar Khayyam:

Querido amor, poderíamos eu e tu conspirar com o destino
Para apreender este triste esquema das coisas inteiras,
Não o despedaçaríamos em pedaços, e então
Moldá-lo-íamos mais próximo do desejo do coração!

Abaixo da linha *Moldá-lo mais próximo do desejo do coração,* o mural retrata Shaw e Webb atingindo a terra com martelos. Na parte inferior, as massas se ajoelham em adoração a uma pilha de livros que defendem as teorias do socialismo. Ignorando as massas dóceis, H.G. Wells, que após deixar os Fabianos, os denunciou como "os novos maquiavélicos." O componente mais revelador, no entanto, é o emblema Fabiano que aparece entre Shaw e Webb. É um lobo em pele de ovelha!

REFERÊNCIAS[1] "Inteligência, sabedoria e janelas," por Andrew Walker, BBC News, 28 de abril de 2006: **http://news.bbc.co.uk/1/hi/magazine/4944100.stm.** Se o site original não responder, clique **aqui.**[2] *A Criatura da Ilha Jekyll; Um Segundo Olhar sobre o Federal Reserve* por G. Edward Griffin: **http://www.realityzone.com/creatfromjek.html.**

2.1.1.4 O "modelo Fabiano" apresentado por um site de esquerda

http://www.alencontre.org/archives/08/08-06.html

O modelo fabiano

Na Alemanha, por trás da figura de Lassalle, surge uma série de “socialismos” que se desenvolvem em uma direção que merece nosso interesse.

Os chamados socialistas acadêmicos (os socialistas das cátedras universitárias: *Kathedersozialisten*, uma corrente do establishment acadêmico) depositavam suas esperanças em Bismarck ainda mais abertamente do que Lassalle. Mas sua concepção de um socialismo de Estado não era, em princípios, muito distante da de Lassalle. A diferença é que este último se arriscava a promover um movimento de massa que partisse de baixo para implementar sua perspectiva; algo arriscado, pois uma vez desencadeado, esse movimento poderia escapar de suas mãos, como aconteceu várias vezes na história.

O próprio Bismarck não hesitou em apresentar suas medidas de política econômica paternalistas como uma espécie de socialismo. Livros foram escritos sobre o *"socialismo monárquico"* ou ainda o *"socialismo de Estado bismarckiano"...*

Movendo-se ainda mais à direita, chega-se ao "socialismo" de Friedrich List, em certa medida um proto-nazista, até alcançar círculos onde o anticapitalismo é uma forma de antissemitismo (E. Dühring, A. Wagner) que forjarão elementos do movimento que se qualificará de socialista sob Adolf Hitler. O elemento que une essa gama, além de todas as diferenças, consiste na concepção de um socialismo que equivale, em essência, a uma intervenção do Estado na vida econômica e social. Como dizia Lassalle: *"Estado, cuida das coisas."* Esse socialismo é característico de todo esse corrente.

É por essa razão que Schumpeter observa com precisão que o equivalente britânico do socialismo de Estado germânico é o socialismo de Sidney Webb, o "fabianismo".

Os fabianos (mais exatamente os webbianos) são, na história das ideias socialistas, a corrente socialista moderna que consumou de forma mais radical seu divórcio com o marxismo; são os que estão mais distantes do marxismo. Era um reformismo social-democrata quase quimicamente puro, sem qualquer mistura, especialmente antes da ascensão do movimento de massa e socialista na Grã-Bretanha, movimento que os fabianos não desejavam e que não ajudaram a construir (apesar de um mito muito difundido que afirma o contrário). Os fabianos, portanto, constituem uma experiência muito importante em comparação com outras correntes reformistas que pagaram seu tributo ao marxismo, adotando parte de sua linguagem, mas distorcendo-a em sua substância.

Os fabianos, claramente oriundos das classes médias em termos de sua extração social e de seu campo de influência, não queriam de forma alguma construir um movimento de massa e muito menos um movimento de massa fabiano.

Eles se viam como uma pequena elite de conselheiros intelectuais que poderiam impregnar as instituições sociais existentes, influenciando assim os verdadeiros líderes tanto na esfera conservadora quanto liberal [alusão aos dois partidos burgueses conservador e liberal que monopolizavam então a esfera política inglesa], impulsionando o desenvolvimento social em direção a seu objetivo coletivista com a força de um "gradualismo imparável". Na medida em que sua concepção de socialismo se baseava apenas na intervenção do Estado (no nível nacional e municipal) e que sua teoria indicava que o capitalismo estava desenvolvendo tendências coletivistas, rapidamente, dia após dia, e que deveria prosseguir nessa direção, sua função consistia simplesmente em acelerar esse processo [uma ideia análoga prevalece na social-democracia durante a adoção do chamado programa de Bade Godesberg na Alemanha ou de

Winterthur na Suíça, 1958-1959]. A sociedade fabiana foi concebida em 1884 para ser o peixe-piloto de um tubarão. Inicialmente, o tubarão foi o Partido Liberal; mas quando a influência sobre o liberalismo fracassou miseravelmente e o Trabalho finalmente conseguiu constituir seu próprio partido de classe [Partido Trabalhista], apesar dos fabianos, o peixe-piloto simplesmente se juntou a este último.

Pode não haver outra tendência socialista que, tão sistematicamente e conscienciosamente, tenha elaborado uma teoria do socialismo de cima para baixo. A natureza desse movimento foi rapidamente identificada, mesmo que, posteriormente, seu caráter tenha sido obscurecido quando o fabianismo se integrou ao conjunto do reformismo trabalhista.

Um dirigente socialista cristão dentro da Fabian Society atacou uma vez Webb como um « coletivismo burocrático » (pode ser essa a primeira utilização desse termo). O livro, uma vez famoso, de Hilaire Belloc, *L'État servile*, publicado em 1912, foi amplamente provocado pelo « coletivismo ideal » de Webb, que era essencialmente burocrático. G.D.H. Cole [historiador inglês de renome do movimento operário, membro da sociedade fabiana] lembrava que *« os Webb naquela época adoravam dizer que toda pessoa ativa em política era seja um « a », seja um « b » - seja um anarquista, seja um burocrata - e que eles eram dos « b »*. Essas caracterizações servem apenas para transmitir o sentido efetivo do coletivismo dos Webb que era o fabianismo. Era uma orientação completamente dirigista (administrativa), tecnocrática, elitista, autoritária, « planejadora ». Webb gostava de usar o termo influência (de manobra) como sinônimo de política.

Uma publicação da corrente fabiana escrevia que eles queriam ser « os jesuítas do socialismo ». Seu evangelho era a Ordem e a Eficiência. O povo, que deveria ser tratado com indulgência, não era apto senão para ser dirigido por especialistas competentes. A luta de classes, a revolução, os levantes populares eram considerados loucura, demência. No livro *O fabianismo e o império*, o imperialismo era elogiado e aceito. Se uma vez o movimento socialista desenvolveu sua própria corrente coletivista burocrática, foi bem nesse caso.

Pode-se pensar que o socialismo era essencialmente um movimento de baixo para cima, um movimento de classe, escreve um representante do fabianismo, Sidney Ball, para desviar o leitor dessa ideia; mas, continua Ball, os socialistas agora « *abordam a questão sob um ângulo científico em vez de popular; eles são teóricos das classes médias* », orgulham-se disso. Ele chega a afirmar que existe uma clara ruptura entre o socialismo da rua e o socialismo da academia.

As consequências disso são bem conhecidas, embora frequentemente camufladas. Enquanto a corrente fabiana como tendência específica desapareceu em 1918 no movimento muito mais amplo do reformismo trabalhista, os dirigentes fabianos adotaram outra direção.

Tanto Sidney e Beatrice Webb quanto Bernard Shaw [o trio mais conhecido da Fabian Society] tornaram-se apoiadores por princípio do totalitarismo stalinista dos anos 30. Anteriormente, Bernard Shaw, que achava que o socialismo necessitava de um *super-homem*, encontrou mais de um. Ele apoiou Mussolini e Hitler como despóticos benevolentes que deveriam oferecer o « socialismo » aos rudes. Ficou decepcionado que esses despóticos não tenham abolido efetivamente o capitalismo. Em 1931, Shaw declarou, após uma visita à URSS, que o regime de Staline era o fabianismo em prática. Os Webb também foram a Moscovo e lá encontraram Deus.

Em sua obra *O comunismo soviético: uma nova civilização?*, eles provavam (a partir dos documentos fornecidos por Moscovo e das próprias declarações de Staline, meticulosamente analisadas) que a Rússia era a maior democracia do mundo. Staline não era um ditador. A igualdade total reinava. A ditadura do partido único era necessária. O Partido Comunista era uma elite completamente democrática que conduzia à civilização os escravos e os mongóis (mas não os ingleses!). A democracia política havia falhado em todos os países ocidentais e não havia razão para que os partidos políticos sobrevivessem em nossa época. Eles apoiaram firmemente Staline e os processos de Moscovo, assim como o pacto Hitler-Staline, sem que nenhuma náusea pudesse ser observada.

Eles morreram sendo pro-stalinistas acríticos de um tipo que hoje [Draper escreve em 1966] não se poderia nem mesmo encontrar no seio do escritório político do Partido Comunista da URSS.

Como Bernard Shaw explicou, os Webb tinham apenas desprezo pela Revolução Russa em si: _« Os Webb esperaram até que a mudança [revolução] se *terminasse em destruição e ruínas, até que os erros fossem corrigidos e que o Estado comunista realmente se estabelecesse.* » Ou seja, esperaram até que as massas revolucionárias tivessem sido aprisionadas em uma camisa de força, que os dirigentes da revolução tivessem sido destituídos e que a eficácia tranquila da ditadura tivesse se imposto no cenário, em outras palavras, que a contra-revolução estivesse firmemente estabelecida. Foi então que os Webb chegaram para declarar o ideal realizado.

Isso se deve a uma incompreensão gigantesca, um erro incompreensível? Ou os Webb estavam certos em pensar que isso [o Estado stalinista] representava esse « socialismo » que correspondia à sua ideologia, certamente ao custo de um pouco de sangue. A mudança do fabianismo - que visava influenciar as classes médias - em direção ao stalinismo representou o giro de uma porta em torno da dobradiça do socialismo de cima para baixo.

2.1.2 Sidney Webb

Sidney James Webb, 1º Barão Passfield (13 de Julho de 1859 - 13 de Outubro de 1947) foi um socialista britânico, economista e reformador.

Ele foi um dos primeiros membros da Fabian Society em 1884 junto com G. Bernard Shaw. Com Beatrice Webb, Annie Besant, Graham Wallas, Edward R. Pease, Hubert Bland e Sidney Olivier, eles transformaram a Fabian Society em um importante clube político-intelectual na Inglaterra da era edwardiana.

Webb nasceu em Londres. Estudou direito na Birbeck Literary and Scientific Institution. Em 1895, contribuiu para a fundação da London School of Economics, utilizando uma doação herdada pela Fabian Society. Ele se tornou professor de administração pública em 1912, cargo que ocupou por quinze anos. Em 1892, casou-se com Beatrice Potter Webb, que compartilhava suas ideias e crenças.

Ambos eram membros do Partido Trabalhista e desempenhavam um papel político ativo. Sidney tornou-se deputado em 1922. Sua influência era ainda maior porque organizavam os Coefficients, jantares que atraíam os mais influentes homens de Estado e pensadores da época. Em 1929, ele se tornou Barão Passfield e membro do governo britânico (Secretário de Estado para as Colônias e Secretário de Estado para os Assuntos dos Domínios) sob Ramsay MacDonald. Em 1930, teve que renunciar devido a problemas de saúde. Os Webb apoiaram a União Soviética até a morte. Seu livro *A Verdade sobre a Rússia Soviética* (1942) foi publicado em 1942.

Os cônjuges Webb co-escreveram um livro referência sobre os sindicatos, *History of Trade Unionism* em 1894.

No livro *The Next Machiavelli* (1911) de H.G. Wells, os Webb, sob o nome de Baileys, são criticados por serem burgueses manipuladores. A Fabian Society, da qual Wells foi um membro de muito breve duração, não era vista com melhores olhos por ele.

Arquivo

Os escritos de Sidney Webb fazem parte dos arquivos Passfield na London School of Economics.

Bibliografia

Obras de Sidney Webb:

- Facts for Socialists (1887)
- Problems of Modern Industry (1898)
- Grants in Aid: A Criticism and a Proposal (1911)
- Seasonal Trades, com A. Freeman (1912)
- The Restoration of Trade Union Conditions (1916)

Obras de Sidney e Beatrice Webb:

- History of Trade Unionism (1894)
- Industrial Democracy (1897)
- English Local Government Vol. I-X (de 1906 a 1929)
- The Manor and the Borough (1908)
- The Break-Up of the Poor Law (1909)
- English Poor-Law Policy (1910)
- The Cooperative Movement (1914)
- Works Manager Today (1917)
- The Consumer's Cooperative Movement (1921)
- Decay of Capitalist Civilization (1923)

- Methods of Social Study (1932)
- Soviet Communism: A new civilization? (1935)
- The Truth About Soviet Russia (1942)

Referências

1. 'A poor thing but our own': the Webbs and the Labour Party.

2.1.3 Béatrice Webb, née Potter

Martha Beatrice Potter Webb (22 de janeiro de 1858 - 30 de abril de 1943) foi uma socialista britânica, economista e reformadora.

Beatrice Potter Webb, nascida em Gloucester, Gloucestershire, era neta de um deputado radical, Richard Potter. Em 1882, manteve um relacionamento com o político radical Joseph Chamberlain, que na época era um ministro do gabinete. Em 1890, ela conheceu Sidney Webb, que a ajudou em suas pesquisas. Casaram-se em 1892. Ela frequentemente participava das atividades políticas e profissionais de seu marido, inclusive na Fabian Society e na criação da London School of Economics (LSE). Foi coautora de *History of Trade Unionism* (1894) e co-criadora da revista The New Statesman em 1913.

No livro de H.G. Wells, *The Next Machiavelli* (1911), os cônjuges Webb, sob o nome de Baileys, são criticados como burgueses manipuladores. No seu livro, a Fabian Society, da qual Wells foi membro por um curto período, não era vista com melhores olhos.

Webb, a teórica da teoria Cooperativa

Webb fez várias contribuições importantes às teorias políticas e econômicas do movimento da Cooperação. Ela foi quem empregou os termos Federalismo Cooperativo e Individualismo Cooperativo em seu livro publicado em 1891, *O Movimento Cooperativo na Grã-Bretanha*. Beatrice Potter Webb se considerava parte do movimento do Federalismo Cooperativo, uma linha de pensamento que defendia as sociedades de consumo cooperativas. Webb acreditava que as sociedades baseadas no consumo cooperativo deveriam formar sociedades baseadas em um modelo de cooperação de venda no atacado e que as Cooperativas Federalistas deveriam comprar fazendas ou fábricas. Ela era muito crítica das cooperativas operárias que buscavam levar ao

socialismo, apontando que, na época em que escrevia, tais tentativas foram amplamente malsucedidas.

Arquivos

Os escritos de Beatrice Webb, incluindo seu diário, estão reunidos nos arquivos Passfield da London School of Economics.

Bibliografia

Obras de Beatrice Potter Webb:

- Cooperative Movement in Great Britain (1891)
- Wages of Men and Women: Should they be equal? (1919)
- My Apprenticeship (1926)
- Our Partnership (1948)

Obras coescritas por Beatrice Potter Webb e Sidney Webb:

- History of Trade Unionism (1894)
- Industrial Democracy (1897)
- English Local Government Vol. I-X (de 1906 a 1929)
- The Manor and the Borough (1908)
- The Break-Up of the Poor Law (1909)
- English Poor-Law Policy (1910)
- The Cooperative Movement (1914)
- Works Manager Today (1917)
- The Consumer's Cooperative Movement (1921)
- Decay of Capitalist Civilization (1923)
- Methods of Social Study (1932)
- Soviet Communism: A New Civilization? (1935)
- The Truth About Soviet Russia (1942)

Referências

1. Potter, Beatrice, “The Co-operative Movement in Great Britain”, Londres: Swan Sonnenschein & Co., 1891.

Malcolm Muggeridge

2.2.1 Biografia de Malcolm Muggeridge (Wikipedia)

Malcolm Muggeridge da Wikipedia, a enciclopédia livre

Thomas Malcolm Muggeridge (24 de março de 1903 – 14 de novembro de 1990) foi um jornalista, autor, satirista, personalidade da mídia, espião militar e, posteriormente, apologista cristão.

Biografia

Seu pai, H.T. Muggeridge, foi um importante conselheiro municipal do Partido Trabalhista de Croydon, ao sul de Londres, e foi, por um breve período, membro do Parlamento pelo condado de Romford durante o segundo governo trabalhista de Ramsay MacDonald. Sua mãe se chamava Annie Booler.

Malcolm, um dos cinco filhos, estudou na escola de gramática Selhurst e no Colégio Selwyn da Universidade de Cambridge durante quatro anos, graduando-se em 1924 com menção passável nas ciências naturais. Ele então partiu para ensinar na Índia. Enquanto ainda era estudante, lecionou brevemente em 1920, 1922 e 1924 no Colégio John Ruskin de Croydon, onde seu pai era presidente dos prefeitos.

De volta à Inglaterra em 1927, casou-se com Katherine Dobbs (1903-1994), também conhecida como Kathleen ou Kitty, cuja mãe, Rosalind Dobbs, era uma irmã mais nova de Beatrice Webb. Ele trabalhou como professor substituto antes de partir, seis meses depois, para ensinar no Egito. Foi lá que conheceu Arthur Ransome, que estava no Egito como jornalista para o Manchester Guardian. Ransome recomendou Muggeridge aos editores do Guardian e ele foi empregado como jornalista pela primeira vez.

Moscou

Primeiramente atraído pelo comunismo, Muggeridge e sua esposa chegaram a Moscou em 1932, onde Malcolm deveria ser o correspondente do Manchester Guardian, aguardando William

Chamberlin que estava de licença. No início de sua estadia em Moscou, seu principal trabalho jornalístico foi escrever uma reportagem chamada *Picture Palace* sobre suas experiências no Manchester Guardian, a qual ele terminou e apresentou aos editores em janeiro de 1933. Infelizmente, os editores, preocupados com possíveis processos por difamação, não publicaram o livro, o que resultou em dificuldades financeiras para Muggeridge, que não estava realmente empregado na época, recebendo apenas por freelance. Perdendo rapidamente suas ilusões sobre o comunismo, Malcolm decidiu investigar diretamente a fome na Ucrânia, viajando até lá e ao Cáucaso sem a permissão das autoridades soviéticas. Os relatórios que ele enviava ao Guardian por meio da mala diplomática, assim evitando a censura, não foram impressos na íntegra, nem apareceram sob seu nome. Ao mesmo tempo, Gareth Jones, um jornalista rival, que havia encontrado Muggeridge em Moscou, se tornou famoso com sua própria história que confirmava a magnitude da fome. Escrevendo no New York Times, Walter Duranty negou descaradamente a existência de qualquer fome. A seu crédito, Gareth Jones escreveu cartas ao Guardian apoiando os artigos de Muggeridge sobre a fome. Como Muggeridge entrou em conflito direto com a linha editorial do jornal, voltou a escrever notícias, começando com *Hiver à Moscou* (1934), descrevendo as condições reais na utopia socialista e ridicularizando os jornalistas ocidentais complacentes com o regime de Stalin. Ele posteriormente chamou Duranty de "o maior mentiroso que já conheci no jornalismo". Mais tarde, envolveu-se em uma colaboração literária com Hugh Kingsmill. As concepções políticas de Muggeridge mudaram quando ele passou de uma perspectiva de socialista independente para o que muitos consideraram uma postura de direita, que não era menos severa em suas críticas às questões sociais. As ideias políticas de Muggeridge nunca se prestaram facilmente à categorização em termos de partidos políticos.

A Segunda Guerra Mundial

Durante a guerra, ele fez parte dos serviços do Secret Intelligence Service britânico operando em Bruxelas, o qual era dirigido por Richard Barclay, um homem fraco que Muggeridge e seu colega Donald intimidavam. A tentativa de Muggeridge de se atribuir, por vaidade, o mérito do desmantelamento de uma rede de espionagem alemã em Antuérpia, na qual ele não tinha desempenhado nenhum papel, provocou a indignação dos que estavam envolvidos (Richard Gatty e Charles Arnold-Baker). Ele foi posteriormente enviado para Lourenço Marques, uma cidade neutra na África Oriental Portuguesa, onde se diz que foi responsável pela captura de um submarino alemão, mas também falou mais tarde sobre uma tentativa de suicídio. Pouco depois da Libertação de Paris pelos aliados, Muggeridge foi encarregado de uma investigação preliminar sobre P.G. Wodehouse, processado a respeito de cinco transmissões de rádio realizadas a partir de Berlim durante a guerra. Embora estivesse inicialmente disposto a desprezar Wodehouse, sua entrevista foi o início de uma amizade duradoura e de uma relação editorial. Esse encontro mais tarde inspirou uma peça de teatro de Roger Milner chamada "Além da Piada".

Período do pós-guerra.

Ele trabalhou para outros jornais, incluindo o *Calcutta Statesman*, o *Evening Standard* e o *Daily Telegraph*. Foi editor do Punch Magazine de 1953 a 1957, um cargo que era um desafio para alguém que proclamava não ter senso de humor. Em 1957, ele foi alvo de um grande desapreço público e profissional por criticar a monarquia britânica em uma revista americana, o *Saturday Evening News*. Dado seu título provocador "*A Inglaterra realmente precisa de uma rainha?*", seu

artigo foi deliberadamente atrasado por cinco meses por um editor astuto, com o objetivo de coincidir com a visita real de Estado a Washington DC que ocorreria mais tarde no ano. Embora este artigo não fosse mais do que um ressurgimento de pontos de vista já expressos em um artigo de 1955, "*Royal Soap Opera*", essa infeliz programação gerou uma reação particularmente indignada na Grã-Bretanha, e ele foi, por um breve período, proibido de estúdios da BBC, enquanto um contrato com os jornais Beaverbrook foi cancelado. Sua má reputação contribuiu para impulsionar sua carreira para se tornar um apresentador de programas de rádio ainda mais conhecido, com uma reputação de entrevistador inflexível. Mas, ao longo dos anos 60, ele estava em um período em que suas próprias convicções espirituais começaram a ter mais peso em sua carreira profissional. Cada vez mais, ele se tornava algo ridículo e caricatural ao tentar denunciar frequentemente, no rádio e na televisão, a nova fadiga sexual dos hippies da década de 60. Seus sarcasmos visavam particularmente a moda "Pílulas e Pétard" – pílulas anticoncepcionais e cannabis. Seu livro de 1966, *Marche légèrement parce que tu marches sur mes plaisanteries*, foi publicado durante sua fase de busca espiritual, e embora mordaz em seu humor, indicava ao mesmo tempo um olhar sério sobre a vida. Este título é uma alusão à última linha do poema de W.B. Yeats *Ele desejava os vestígios do Céu* – "*Caminhe levemente porque você está pisando em meus sonhos.*" Em 1967, ele pregou na Igreja de Santa Maria a Grande em Cambridge, assim como em 1970. Sendo eleito reitor da Universidade de Edimburgo, Muggeridge aproveitou a oportunidade de um sermão na Catedral de São Guilherme em janeiro de 1968 para renunciar ao seu cargo em protesto contra a posição do Conselho dos Representantes dos Estudantes sobre a questão de "Pílulas e Pétard". Esse sermão foi posteriormente publicado sob o título *Outro Rei*.

Muggeridge se tornou famoso como o "descobridor" da Madre Teresa, sendo o primeiro a entrevistá-la em Londres em 1968. Contou ao mundo suas façanhas através de um documentário de televisão filmado em Calcutá chamado *Algo Belo para Deus*, assim como um livro com o mesmo nome que se tornou um best-seller. Ele era famoso por seu espírito e seus escritos profundos (como por exemplo: "*Nunca se esqueça que apenas o peixe morto nada com a corrente*"). Escreveu uma autobiografia em dois volumes sob o título *Crônicas do Tempo Perdido*. O primeiro volume (1972) se intitulava *O Bastão Verde*, e o segundo volume (1973) *O Bosque Infernal*. Um terceiro volume estava previsto, *O Olho Bom*, para cobrir o período do pós-guerra; foi iniciado, mas nunca terminado.

Conversão ao Cristianismo

Depois de professar publicamente ser um agnóstico durante quase toda a sua vida, ele descobriu sua voz cristã ao publicar *Jesus Redescoberto* em 1969, uma série de ensaios, artigos e sermões sobre a fé. Tornou-se um best-seller. *Jesus: O Homem que Está Vivo* seguiu em 1976, uma obra mais substancial descrevendo o evangelho com suas próprias palavras. Em *Um Terceiro Testamento*, ele pinta o retrato de sete pensadores espirituais, ou "Espiões de Deus", como os chama, que influenciaram sua vida: Agostinho de Hipona, William Blake, Blaise Pascal, Leon Tolstói, Dietrich Bonhoeffer, Søren Kierkegaard e Fiódor Dostoiévski. Foi nessa época que produziu vários documentários importantes com temas religiosos para a BBC, incluindo *Nos Passos de São Paulo*.

Em 1979, ele atacou publicamente John Cleese e Michael Palin durante um debate na televisão sobre a questão do blasfêmia pública no filme dos Monty Python, *A Vida de Brian*.

A conversão subsequente ao Catolicismo Romano

Em 1982, ele surpreendeu muitos ao se converter ao Catolicismo Romano aos 79 anos, junto com sua esposa Kitty. Essa conversão foi amplamente devida à influência da Madre Teresa. Seu último livro, *Conversão*; publicado em 1988 e recentemente reeditado, descreve sua vida como uma peregrinação do século 20 – uma jornada espiritual.

Muggeridge era uma figura controversa – amplamente conhecido por ser um bebedor, um fumante inveterado e um libertino em sua vida anterior. No entanto, várias de suas obras mais conhecidas são fruto da fé que ele encontrou tardiamente, a qual expressou com eloquência em suas transmissões, como em seus escritos, e em suas enérgicas batalhas sobre questões morais. Hoje, ele é lembrado com carinho pelo nome de St. Mugg. Em seu livro, *Jesus: O Homem que Está Vivo*, ele diz: "Se o maior de todos, Deus encarnado, escolhe ser o servo de todos, quem gostaria de ser o mestre?" Ele foi um líder durante o Festival da Luz de 1971 em toda a Inglaterra, protestando contra a exploração comercial do sexo e da violência na Grã-Bretanha, advogando que o ensinamento de Cristo é a única chave para restaurar a estabilidade moral da nação.

Uma sociedade de literatura foi fundada em seu nome em 24 de março de 2003, por ocasião do centenário de seu nascimento, que publica uma carta trimestral intitulada *A Gargoyle*. Essa sociedade, com sede na Grã-Bretanha, está reeditando as obras de Muggeridge. Os escritos de Muggeridge estão reunidos em coleções especiais no Wheaton College, em Illinois, EUA.

2.2.2 A infância de Malcolm Muggeridge, os Webb e a Fabian Society (Richard Ingrams – Washington Post)

http://www.washingtonpost.com/wp-srv/style/longterm/books/chap1/muggeridge.htm

Muggeridge
A Biografia
Por Richard Ingrams

Capítulo Um: Infância

A mais antiga lembrança de vida de Malcolm era de homens – seu pai e seus amigos – conversando. Eles se reuniam na sala de estar da casa dos Muggeridge em South Croydon nas noites de sábado e, com a ajuda de pequenas quantidades de uísque e água, discutiam política, embora com matizes literários e filosóficos. Para evitar ser notado e mandado para a cama, Malcolm se escondia em um divã de costas altas coberto de damasco, que era chamado de 'canto aconchegante', uma peça de mobília incongruente que seu pai havia adquirido em uma loja de segunda mão. Assim, oculto, o menino ouvia atentamente a conversa e, quando finalmente ia para

a cama, relembrava incessantemente em sua mente os vários esquemas que haviam sido propostos, como, por exemplo, a superioridade dos bondes municipais em relação a outras formas de transporte, todos os quais ele aceitava incondicionalmente como formas de tornar o mundo um lugar melhor.

O pai de Malcolm, H. T. Muggeridge, que dominou sua infância, era um homem pequeno, de barba, com uma grande estatura, um olho cintilante e um nariz um tanto bulboso que ele passou para seu filho. Ele nasceu em 26 de junho de 1864, o filho mais velho de Henry Ambrose Muggeridge, um agente funerário na então vila de Penge, em Surrey (o Diretório Aspinall de 1867 lista Henry Muggeridge de Maple Road, Penge, sob 'Leiloeiro' e 'Fabricante de Móveis e Tapeceiro'). Quando Henry tinha doze anos, seu pai abandonou sua esposa e onze filhos, e a Sra. Muggeridge foi forçada a sustentá-los administrando uma loja de móveis de segunda mão na Penge High Street. Henry deixou a escola aos treze anos e meio para ganhar a vida ajudando a sustentar a família e conseguiu um emprego como office boy em um escritório de advogados na City. Ele ganhava 7 xelins por semana, que dava para sua mãe, que lhe devolvia um xelim para viajar de trem e 4 pence por dia para comida.

Todos os dias, ele comprava um copo de leite por um penny e um pão doce por outro penny, e gastava os dois pence restantes nas livrarias da Charing Cross Road. Ele se ensinou a falar francês e a tocar piano. Mais tarde, percebendo que nunca conseguiria se tornar advogado, conseguiu um emprego como office boy na MacIntyre, Hogg Marsh e Company, uma empresa de fabricação de camisas na New Basinghall Street EC2 (mais tarde demolida durante o Blitz). Ele permaneceu na empresa até se aposentar, eventualmente se tornando secretário da empresa, embora, para a decepção de sua esposa, tenha recusado uma diretoria, pois achava que isso conflitava com seus princípios políticos.

Das suas leituras durante o almoço, H. T. Muggeridge adquiriu um interesse absorvente por política e literatura. Embora mais tarde tenha se tornado um deputado trabalhista, seu primeiro compromisso foi com a Associação Liberal de Penge, onde teve um papel ativo na campanha por uma biblioteca pública no bairro, assim como por banhos públicos. No início da década de 1890, ele se tornou socialista, juntou-se à Fabian Society em 189, e posteriormente à ILP. Tornou-se secretário da Sociedade Socialista de Croydon em 1895 e se candidatou sem sucesso a um cargo no conselho local em Norwood em 1896 e 1897. Ele era um excelente orador público, embora nem sempre tivesse a oportunidade de ser ouvido. Um relatório animado no Croydon Times de 5 de outubro de 1899 relata uma demonstração contra a Guerra dos Boers em Duppas Hill, onde uma multidão de cerca de 2.000 'patriotas' interrompeu a reunião antes que pudesse sequer começar.

Quando o Sr. H. T. Muggeridge subiu ao palco com o intuito de abrir os trabalhos, foi imediatamente atacado por gritos de 'Kruger', 'Tire-o', 'traidor', etc. No entanto, conseguiu começar - 'Só pedimos por -' disse ele, mas não avançou mais quando gritos de decisão foram levantados. Alguém pediu por "Três vivas para Salisbury", e esses foram dados com entusiasmo, após o que a multidão cantou entusiasticamente o refrão de 'Rule Britannia'.

Sr. Muggeridge: 'Só pedimos por -' (gritos de derrubem o velho Kruger e mais 'Rule Britannia' e outros pedindo vivas pela Rainha, Chamberlain, Ronald Grahame e todos os outros que poderiam pensar - até mesmo pela polícia!).

Um rapaz de aparência rude desenrolou uma espécime suja e esfarrapada da Union Jack, para intensa alegria da multidão que aplaudiu e aplaudiu novamente.

Sentindo que era inútil tentar prosseguir com seu discurso, o Sr. Muggeridge desistiu da tentativa – sua saída do palco foi sinal para mais aplausos.

Apesar do eleitorado predominantemente de classe média da cidade, o socialismo tinha um forte apoio em Croydon e, em 1903, havia cinco membros trabalhistas entre os trinta e seis do conselho. Muggeridge foi eleito em novembro de 1911 e permaneceu conselheiro até 1930. Seu interesse especial era a habitação, e ele foi fundamental na construção das primeiras casas do conselho em Croydon. Ele também fez campanha por taxas de pagamento de sindicatos para todos os funcionários municipais. Ele se candidatou ao Parlamento em South Croydon em quatro eleições sem sucesso e foi finalmente eleito como deputado por Romford em maio de 1929. Em dezembro de 1930, foi um dos deputados de todos os partidos que assinaram o manifesto de Oswald Mosley, pedindo uma economia planejada para estimular as exportações e planejar o consumo interno. Ele perdeu seu assento em outubro de 1931, mas foi reeleito para o Conselho de Croydon em 1933 até renunciar, devido a problemas de saúde, em 1940, época em que tinha 75 anos.

Em 1893, aos vinte e nove anos, H. T. Muggeridge casou-se com Annie Booler, que conheceu enquanto ambos passavam férias na Ilha de Man ("Foi um encontro casual", costumava dizer Malcolm). Mais tarde, ele a visitava em Sheffield, embora mesmo então, parecia que a política tinha precedência sobre a paixão, e Annie ficava sabendo da presença de seu pretendente na cidade quando um de seus irmãos lhe dizia: "Seu Harry está lá fora, nos portões da fábrica, falando." Após o casamento, eles se estabeleceram em Broomhall Road, Sanderstead, uma aldeia nos arredores de Croydon. Annie era uma garota de classe trabalhadora muito bonita, de cabelos claros, filha de Ida e William Booler, um supervisor em uma fábrica de cutelaria em Sheffield. Ela não compartilhava nenhum dos interesses políticos do marido, embora às vezes o acompanhasse em suas reuniões, sentasse ao seu lado no palco e puxasse as abas do seu casaco quando achava que ele estava falando por muito tempo. "Annie ainda vive no mundo do amor simples pelos que o grande pai lhe deu", escreveu seu marido para Alec Vidler em 1926. "Ela não tem introspecção, dúvidas, ou ambições – exceto talvez ainda querer parecer bonita, o que, acredito, é algo a se ter inveja."

Annie lhe deu cinco filhos em intervalos de três anos—Douglas, Stanley (morto em um acidente de motocicleta aos vinte e três anos em 19 de agosto de 1922), Malcolm, Eric e Jack. Seu terceiro filho nasceu em 24 de março de 1903 e foi nomeado Thomas Malcolm em homenagem a um dos heróis de seu pai, Carlyle. Ele foi, segundo seu próprio relato, uma criança bonita e, aos três meses, venceu um concurso de bebês patrocinado pela Mellins Food. Embora Malcolm falasse calorosamente em sua vida posterior sobre os parentes de classe trabalhadora de sua mãe, parece que ele nunca foi muito próximo dela. "Ela era extremamente bonita", escreveu ele, "com cabelos muito claros e uma expressão de inocência insondável... somente, se você olhasse fundo, longe da superfície translúcida, encontraria algo de aço, duro e implacável lá." Kitty Muggeridge sempre insistiu que Malcolm nunca foi realmente amado por sua mãe.

Pouco depois do nascimento de seu filho mais novo, Jack, os Muggeridge mudaram de sua casa geminada de três quartos em Sanderstead para 17 Birdhurst Gardens, South Croydon, uma casa

independente de cinco quartos "em seu próprio terreno", que H. T. M. construiu por meio de uma cooperativa por 1.000 libras (terreno e tudo). Embora bem construída, a casa era simples por dentro, sendo o único aquecimento na ampla sala de estar um fogão fechado de antracito, no qual Malcolm costumava se sentar quando estava em casa. Essa sala também continha um pianola – um presente de um dos amigos de H. T. M. Apesar de ter cinco quartos, três dos meninos (Eric, Jack e Malcolm) tiveram que compartilhar uma cama em um determinado momento, e Jack lembrava que Malcolm frequentemente tinha pesadelos e às vezes andava dormindo.

Birdhurst Gardens era uma estrada curta e não pavimentada, a fundo no coração da suburbia. Os vizinhos dos Muggeridge eram altamente respeitáveis e olhavam para os visitantes socialistas no número dezessete com certa apreensão. Não demorou para que Malcolm e seus irmãos fossem chamados de "aqueles terríveis meninos Muggeridge".

Todos os meninos adoravam seu pai, mesmo que, com seu trabalho na cidade e reuniões políticas à noite, ele estivesse, mais vezes do que não, longe de casa. Ele os levava para passeios de bicicleta no campo aos domingos e, à noite, lia em voz alta para eles a partir de uma grande edição ilustrada das peças de Shakespeare, ou sentava-se ao pianola tocando Beethoven com um cachimbo drogado presa entre os dentes. Sua esposa tinha pouco ou nenhum papel nessas atividades, embora às vezes pudesse ser convencida a cantar acompanhada por ele. Ela não tinha interesse especial em livros e apenas escreveu com dificuldade. Talvez invejosa das conquistas do marido, mantinha-se à parte e, quando, como jovem, Malcolm partiu para a Índia, sua mãe não estava no cais para se despedir dele (uma ausência que ele não parecia achar notável) e raramente escrevia para ele quando estava longe.

Seu pai era Deus. "Desde o início", ele escreveu, "tivemos algum vínculo, alguma intimidade especial que me fez querer compartilhar e explorar todos os seus pensamentos, interesses e altitude." Malcolm caminhava com ele até pegar o trem das 8h30, subindo uma colina bastante íngreme, passando pela torre d'água e pelo campo de recreação até a Estação East Croydon; à noite, ficava encantado ao reconhecer a pequena figura de chapéu-coco avançando à frente da maré de trabalhadores da cidade retornando para casa. Muitas vezes, ele ia diretamente para a Prefeitura de Croydon para uma reunião do Conselho Municipal e, às vezes, como um tratamento especial, Malcolm tinha permissão para se sentar na galeria pública e ouvir seu pai participar do debate. Mas as memórias mais vívidas de Malcolm eram de seu pai no mercado da Surrey Street nas noites de sábado, erguendo sua pequena plataforma e arengando os transeuntes sobre a necessidade do socialismo. Ele tinha uma piada particular que seu filho sempre se lembrava: "Agora, senhoras e senhores. É o governo de Sua Majestade, a Marinha de Sua Majestade, o Escritório de Papelaria de Sua Majestade, isso e aquilo de Sua Majestade. Mas é a Dívida Nacional. Por que não é isso de Sua Majestade? Vamos deixar que Sua Majestade tenha isso, não vamos?"

Desde o início, seu pai olhou para Malcolm como diferente. "Agora tenho três filhos pequenos", ele escreveu para seu irmão Percy na Austrália em 1906. "Little Malcolm, que tem dois anos e meio, é o mais novo e achamos que é o mais promissor de todos." À medida que crescia, seus irmãos também passaram a compartilhar a visão do pai. Seu irmão mais novo, Jack (o único com quem ele realmente se dava bem), sempre estava ciente de um elemento espiritual na formação de Malcolm que faltava nos outros. Não era que ele fosse necessariamente mais inteligente, ele simplesmente era mais consciente. (Jack lembra como Malcolm, ainda estudante, notou que ele era naturalmente

canhoto e o ajudou a escrever com a mão esquerda. Previsivelmente, isso foi imediatamente corrigido quando ele começou a escola.) Ele começou aulas de piano em uma escola dirigida por duas irmãs chamadas Monday, logo ao virar da esquina da casa dos Muggeridge, e, aos sete anos, foi para a escola elementar. Aqui começou aquela estranha sequência de encontros aparentemente acidentais que marcaram sua vida. Sua professora era Helen Corke, que na época em que ensinava Malcolm estava tendo um caso com um jovem professor da escola Davidson Road nas proximidades, cujo nome era D. H. Lawrence, e que estava começando a escrever. Helen Corke mais tarde disse a Kitty que Malcolm era "muito encantador, mas impossível".

Malcolm sempre foi grato pelo fato de ter estudado em escolas públicas, sendo assim poupado dos vários complexos que afetaram seus contemporâneos de colégios particulares. Aos doze anos, ganhou uma bolsa para uma escola de gramática local. "A escola para nós," ele escreveu, "era um lugar de onde sair o mais rápido possível e por tanto tempo quanto possível. Tudo o que era emocionante, misterioso e aventureiro acontecia fora de suas fronteiras, não dentro delas."

Como estudante, Malcolm não deu muitas indicações de habilidades excepcionais. "Certamente, ninguém teria aceitado que ele era excepcional de alguma forma", lembrou seu colega Robert Edgar, que mais tarde se tornou diretor. "De fato, ele tinha uma tendência a ser um pouco bobo... a atitude dos mestres em relação a ele era de tolerância divertida." Outro contemporâneo, Arthur Gibson, recordou: "Todos nós o considerávamos um rapaz meio esquisito. Ele era uma pessoa emocional. Sempre se exaltava e ficava muito irritado com as injustiças. E extremamente excitável. Exibia-se bem em inglês escrito e nas conversas." George Ratcliffe, que se tornou contador-chefe na London Electricity Board, lembrou que Malcolm "geralmente estava na metade inferior da turma quando se tratava de exames. Mas era sempre muito verboso e autoconfiante." (Women's Mirror, 19 de fevereiro de 1966)

No que diz respeito a se exaltarem por injustiças, o irmão de Malcolm, Jack, recordou um incidente que comprova isso. O diretor, Sr. Hillyer, era um sádico que, após os anos de guerra, quando a disciplina na escola estava em baixa, se entregava ao prazer de chicotear meninos em seu escritório ou na biblioteca. Durante uma dessas sessões, Malcolm entrou na biblioteca, pegou o bastão de Hillyer, quebrou-o e saiu sem dizer uma palavra. Não se ouviu nada a respeito depois disso.

Quanto a livros e ideias, Malcolm foi educado quase que inteiramente por seu pai. Ele percorria sua biblioteca – seis ou sete prateleiras em uma estante coberta de vidro – com livros que poderiam ser encontrados em qualquer lar fabiano progressista da época, como obras de Carlyle, Dickens, William Morris, Ruskin, Bernard Shaw, além de clássicos socialistas dos Webb e de R. H. Tawney. Seu livro mais precioso era *A Pageant of English Poetry* (Clarendon Press), que seu pai lhe deu de presente de Natal em 1914, quando ele tinha onze anos. Foi o primeiro livro que possuiu, e ele costumava olhar para a folha de rosto que mostrava seis poetas famosos (Keats, Tennyson, etc.) e se perguntava qual deles ele iria se tornar.

Na casa dos Muggeridge, como em outros lugares, o idealismo e o otimismo sobre um novo mundo foram abafados pela eclosão da guerra em 1914. Como muitos à esquerda, H. T. M., embora não fosse pacifista, antes da guerra tinha um instinto pró-alemão e anti-francês. A guerra o desestabilizou e Malcolm teve uma memória vívida de encontrar seu pai uma manhã sentado à

mesa do café da manhã, fitando a longa lista de baixas nos jornais da manhã, seu rosto banhado em lágrimas.

Para Malcolm, que tinha apenas onze anos quando a guerra começou, tudo era emocionante e glamoroso. Seus irmãos mais velhos se alistaram; Douglas foi para o Exército, Stanley para o Corpo Aéreo Real, e ele ansiava secretamente que a guerra continuasse para que pudesse usar um uniforme e ser como os soldados que ele assistia com inveja dançando com as moças bonitas nas noites de sábado no Greyhound Hotel. Ele chegou a ir ao escritório de recrutamento local quando tinha treze anos, mas quando lhe disseram para apresentar uma certidão de nascimento, fugiu, em pânico, com medo de que sua inscrição fraudulenta fosse denunciada. Aos dezessete anos, Malcolm se apaixonou pela primeira e, de forma alguma, pela última vez. O nome dela era Dora Pitman e eles se conheceram pela primeira vez nas quadras de tênis municipais. A partir de então, ele passou muitas horas com ela, visitando sua casa em Thornton Heath. "Estou terrivelmente apaixonado por uma encantadora garotinha chamada Dora", escreveu; "ela tem olhos simplesmente maravilhosos e escreve poesia."

Nenhum dos poemas de Dora sobreviveu, embora um dos de Malcolm endereçado a Dora tenha ficado, porque ele o incluiu de forma bastante cruel em sua peça *Three Flats*, produzida em 1931.

Venham, amados, vamos dormir e não desperdiçar Nosso tempo em paixão ociosa. Há mil noites iluminadas por estrelas para provar Nossas loins em selvagem moda carnal.

Ninguém gostaria de ser julgado por seus esforços juvenis, quanto mais por suas cartas. No entanto, as cartas sobreviventes de Dora para Alec Vidler sugerem que Malcolm teve uma sorte de escapar. "E agora não lhe contei como Malcolm está", ela escreveu (22 de março de 1923). "Quando fomos lá, ele não parecia tão bem quanto deveria, porque em uma festa maluca que eles tiveram algumas semanas atrás, acidentalmente um jarro foi smash em sua cabeça... Ele é um garoto bobo... Eu acho que isso lhe ensinou uma lição, no entanto, e tenho certeza de que ele será mais cuidadoso no futuro. Em si mesmo, ele é apenas o mesmo garotinho querido e adorável – um pouco mais sério do que costumava ser."

A essa altura, Malcolm já era um estudante de graduação em Cambridge, tendo ingressado no Selwyn College em outubro de 1920. Ele falava depreciativamente do ensino na Selhurst School – muitos dos mestres se alistaram em 1914 – mas não pode ter sido tão ruim assim se ele conseguiu a admissão em um colégio de Cambridge.

Em 1920, Selwyn era, segundo seu historiador, o Professor W. R. Brock, 'muito pequeno, muito pobre, muito anglicano e academicamente bastante medíocre'. Havia cerca de 120 graduandos, aproximadamente igualmente divididos entre meninos de escolas públicas e de gramática. As mensalidades eram mais baixas do que as das faculdades mais antigas e um grande número dos estudantes eram filhos de clérigos. O colégio admitia apenas membros confirmados da Igreja da Inglaterra, uma restrição que significa que o colégio não fazia parte oficialmente da Universidade. Como resultado, Malcolm teve que ser confirmado antes que pudesse ir a Cambridge. Isso, por sua vez, significava que ele também tinha que ser batizado. Malcolm sempre desdenhou de Cambridge, dizendo que não se beneficiava muito de seus estudos. Isso talvez não fosse surpreendente, já que ele foi obrigado a estudar para um diploma em Ciências Naturais – sendo

este o único assunto disponível em sua escola secundária para estudo pós-matriculação. No entanto, as evidências não sustentam completamente a imagem que Malcolm tinha de si mesmo como um solitário outsider de uma escola pública lançado em um mundo de snobs de escolas particulares e homossexuais, odiando cada minuto disso.

Malcolm participou das atividades do colégio. A revista do Selwyn, *The Calendar*, registra que, em 18 de fevereiro de 1922, ele propôs e conduziu uma moção na Sociedade de Debates que "O século 20 mostra uma melhoria geral em relação ao 19". Ele ingressou em outra sociedade de debates, os Friars, e foi eleito presidente em 1923. Ele remou em um dos barcos do colégio, jogou tênis e até mesmo futebol, mas foi excluído porque não era bom. Longe de torcer o nariz para os homens de escolas públicas, ele fez o possível para se tornar como eles. (No entanto, um contemporâneo, C. W. Phillips, que mais tarde se tornou um distinto arqueólogo, lembrou dele como um graduando muito difícil – rebelde e impopular.) Seus irmãos ficaram surpresos com a transformação nele após apenas um semestre. Seu sotaque se tornara uma estranha mistura de Croydon suburbano e um sotaque de classe alta, e sua conversa estava cheia de expressões peculiares, até então desconhecidas em Birdhurst Gardens. Seus pais não eram mais Mamãe e Papai, mas Pater e Mater ou "meus pais", enquanto coisas ou pessoas que ganhavam sua aprovação eram "fantásticas" ou "simplesmente magníficas" (uma descrição que ele aplicou com total seriedade à sua namorada Dora).

Nada sugere que H. T. Muggeridge ficasse desconcertado pela mudança em seu filho ou por sua aparente defeição para a burguesia desprezada. Como muitos homens de sucesso que se fizeram sozinhos, ele valorizava enormemente os benefícios da educação e estava determinado a que seu filho favorito tivesse todas as vantagens que ele mesmo não teve. Todas as suas esperanças estavam depositadas em Malcolm, e ele gastou o que pôde para apoiá-lo em detrimento de seus outros filhos. Ele comprou para Malcolm uma associação vitalícia ao Cambridge Union e em três ocasiões o ajudou a sair de dívidas que ele acumulara com seu alfaiate. Mesmo a falha de Malcolm em se destacar em seus estudos fez pouco para diminuir seu orgulho pelo filho. Pode ser que tenha sido graças às conexões de seu pai que Malcolm obteve uma bolsa do Conselho de Croydon para ajudar a pagar as mensalidades do colégio. Assim, nos termos do Plano do Conselho de Educação, ele estava obrigado a passar quatro anos em Cambridge: três anos para o Tripos e um quarto fazendo um diploma de formação de professores, após o qual se esperava que ensinasse em uma escola pública por dois anos. Isso também o envolveu em práticas de ensino em escolas locais em Croydon durante seus dois primeiros anos do Tripos. Malcolm obteve um diploma de professor (classe 2) em dezembro de 1924. O examinador elogiou seu "esplêndido controle da classe" enquanto ao mesmo tempo observava: "Fala demais, atrapalhado por uma certa quantidade de vaidade."

Seu resumo geral foi o seguinte: "Após sua falha no Tripos, desenvolveu uma predileção por inglês. Ele tem uma opinião confiante de si mesmo. É muito agradável lidar com ele. É franco e agradável na maneira. Seus interesses são amplos e variados, mas ele carece de profundidade. Ele é amigável e cortês e será um colega agradável. Ele é um pouco imaturo e tem uma perspectiva infantil. Ele é devotado ao ensino, que ele prefere acima de todas as coisas..."

Foi uma avaliação perspicaz de seu caráter que muitos que o conheceram na vida posterior reconheceriam. Quanto à falta de profundidade e à imaturidade, levaria algum tempo antes que

essas características fossem completamente erradicadas.

2.2.3 A família de Malcolm Muggeridge: sua sogra Rosalind Dobbs, nascida Potter, irmã de Beatrice Webb

Biblioteca Britânica de Ciências Políticas e Econômicas

COLL MISC 0378

DOBBS ROSALIND HEYWORTH 1865 - 1949 NEE POTTER

1940-1945

Extensão: Um volume

História Biográfica

Rosalind Heyworth Dobbs (1865 - 1949) foi a filha mais nova de Richard Potter, presidente da Grand Trunk Railway do Canadá e presidente da Great Western Railway (1817 - 1892). Sua irmã Beatrice Webb (1858 - 1943) era uma proeminente reformadora social e esposa do reformador Sidney Webb, Barão Passfield (1859 - 1947). Em 1888, ela casou-se com Arthur Dyson Williams (1859 - 1896), um advogado. Eles tiveram um filho, Noel, que morreu na Primeira Guerra Mundial. Após a morte do marido, ela viveu no exterior por três anos. Em 1899, casou-se com George Dobbs (1869 - 1946). Dobbs trabalhou na editora Dent, mas, após seu casamento, fundou uma editora com um colega. A empresa faliu, e as irmãs Potter ofereceram-se para pagar suas dívidas, desde que o casal concordasse em viver no exterior. Eles foram viver na Suíça, e Dobbs trabalhou em um negócio de viagens. Tiveram quatro filhos e uma filha, **Kathleen (1903 - 1994)**, que se casou com o escritor Malcolm Muggeridge (1903 - 1990).

Escopo e Conteúdo

Esboços biográficos do político Joseph Chamberlain (1836 - 1914), do filho de Rosalind Dobbs e campeão britânico de esqui Leonard George Dobbs (1902 - 1945), dos autores George Gissing (1857 - 1903) e H. G. Wells (1866 - 1946), e **Kitty** (1903 - 1994) e **Malcolm Muggeridge** (1903 - 1990) e da família Potter.

Organização

Um volume

Acesso: ABERTO

2.2.4 Um Reverendo incentivou Malcolm Muggeridge a se converter

O Rev. Dr. Alec Vidler (27 de julho de 1987) foi a primeira pessoa a dar um empurrão em direção ao cristianismo para o ex-agnóstico fervoroso Malcolm Muggeridge, que descreveu o então ex-Deão de King's, Cambridge, como "um cético disfarçado de fé". Vidler teria ficado surpreso, talvez alarmado, ao ver o grau de austeridade sub-agostiniana ao qual Muggeridge se entregou em sua eventual crença (Católica Romana). Eles compartilhavam o gosto pelo pão caseiro, assado, no caso de Malcolm, por sua esposa santa e longânima, Kitty.

2.2.5 Malcolm Muggeridge, apresentado como um "profeta do século XX": Michael Davies entrevista Muggeridge

Malcolm Muggeridge foi visto como uma figura profética no século XX, e suas entrevistas, como a realizada por Michael Davies, destacavam sua visão singular do mundo e suas convicções. Os temas de suas conversas frequentemente abordavam questões de moralidade, crença e o papel do indivíduo na sociedade moderna, explorando como suas experiências pessoais moldaram sua fé e seus pontos de vista teológicos. Essa perspectiva única, combinada com seu estilo de vida e suas realizações, contribuiu para sua imagem como uma voz influente e provocadora de sua época.

Embora as fontes e detalhes exatos da entrevista de Michael Davies não sejam apresentados aqui, essa descrição reflete o impacto que Muggeridge teve como pensador e comentarista social em seu tempo.

Um profeta do século XX

Decker, Brett M

O importante legado de Malcolm Muggeridge Um profeta do século XX É frequentemente perspicaz saber como escritores eminentes medem seus colegas escritores. O historiador Paul Johnson escreveu sobre o falecido jornalista inglês Malcolm Muggeridge que "Nenhum homem de sua geração, exceto o falecido Evelyn Waugh, valorizou as palavras tão profundamente ou as usou com tal exatidão fastidiosa". O que poderia ter sido mais pertinente é que nenhum homem da geração de Muggeridge, exceto o falecido George Orwell, era melhor em prever o futuro.

Em seu livro, Malcolm Muggeridge: Uma Biografia, Gregory Wolfe reconta a vida notável de um homem que tinha um talento para profecias precisas, mas desagradáveis.

Um dos legados literários mais importantes de Muggeridge é sua crônica sobre os horrores das fomes soviéticas. Em uma missão como correspondente estrangeiro em Moscou, em março de 1933, ele desafiou uma proibição de viagem e embarcou em um trem para a Ucrânia e o Cáucaso do Norte.

Do campo, ele escreveu sobre cadáveres em decomposição nos campos e mais tarde comparou as 7 a 10 milhões de vítimas do genocídio de Stalin ao Holocausto nazista. Na época, os esquerdistas se recusavam a acreditar em suas dispatches dos campos de morte soviéticos, e seus editores no liberal Manchester Guardian cortaram suas histórias e as enterraram nas páginas finais do jornal.

O trabalho do Sr. Wolfe está cheio de anedotas sobre Muggeridge e como os movimentos de esquerda estavam destruindo a base moral da cultura. Referindo-se ao nazismo e ao comunismo, ele escreveu no início da década de 1930 que "É o mesmo espetáculo." Ele criticou a obsessão da cultura moderna pelo sexo e se referiu à aceitação do aborto, contracepção e eutanásia como o "desejo de morte" do liberalismo.

Reconhecendo o cerco da Torre de Marfim, Muggeridge, em 1979, disse ao autor: "Não existem comunistas na Rússia; os únicos comunistas que estão por aí hoje ocupam cátedras em universidades ocidentais." Em 1934, ele previu a invasão soviética do Afeganistão com 45 anos de antecedência e, então, em meados da década de 1970 — quando as democracias estavam em retrocesso — previu o iminente colapso da União Soviética.

Um problema com a biografia moderna é que muitas vezes carece da profundidade de pesquisa comum no passado. Vários biógrafos usam os mesmos textos prontamente disponíveis em bibliotecas universitárias ou de descendentes prestativos ansiosos por um elogio do querido e velho avô. O Sr. Wolfe não pode ser injustamente chamado de biógrafo preguiçoso, pois ele entrevistou associados de Muggeridge, examinou arquivos empoeirados e cartas antigas e passou tempo com o próprio Muggeridge. No entanto, há algumas fontes que são inexcusavelmente não examinadas.

Por exemplo, em 20 de fevereiro de 1983, algumas semanas após Muggeridge e sua esposa se converterem ao catolicismo, ele recebeu os proeminentes jornalistas católicos Roger McCaffrey e Michael Davies em sua casa em Sussex, Inglaterra, para uma longa sessão de perguntas e respostas.

Publicada como Um Bate-Papo à Beira da Lareira com Malcolm Muggeridge e transmitida no programa de rádio do Sr. McCaffrey, a entrevista é indispensável para uma biografia completa de Muggeridge, pois mergulha em sua análise do estado da igreja à qual ele foi recebido de forma célebre.

Referindo-se ao Papa João XXIII, que instigou o liberalizante Concílio Vaticano II (1962-1965), Muggeridge disse ao Sr. Davies: "O Papa João, que é apresentado como uma espécie de papa santo e perfeito, o bom homem de nosso tempo, quer conscientemente ou inconscientemente, fez mais dano à Igreja do que possivelmente qualquer outro homem individual tenha feito em toda a sua história... Parecia quase que o Papa João estava operando em nome do Diabo."

Ele não estava sozinho nesta opinião sombria sobre a hierarquia da igreja que, entre outros erros, iniciou a reaproximação com estados comunistas. O romancista Evelyn Waugh, o converso inglês mais famoso ao catolicismo, escreveu sobre os "múltiplos males" do concílio, que os bispos do concílio "estão destruindo tudo que é superficialmente atraente sobre minha Igreja" e que a nova liturgia introduzida na década de 1960 era "empobrecida." Um mês antes de morrer na Páscoa de 1966, um Waugh deprimido escreveu para sua velha amiga Lady Diana Mosley: "O Concílio Vaticano derrubou as minhas entranhas."

As críticas desses escritores à Igreja Católica pós-Vaticano II são importantes porque sua autodemolição epitomiza as tendências suicidas da sociedade ocidental como um todo.

Um Casanova e um liberal por direito próprio quando era mais jovem, Muggeridge estava intimamente ciente dos perigos espirituais da promiscuidade sexual e ideológica. Ele via como papel da religião advertir contra o vício, não acomodá-lo. À medida que as instituições do cristianismo se esforçavam para serem uma com o mundo em vez de antagônicas a ele, a cultura foi deixada desprotegida. Como Muggeridge via as coisas, a sociedade estava jogando a toalha, e os clérigos eram tristemente os primeiros a se render.

O Sr. Decker é um bolsista da Phillips Foundation de 2003.

Human Events Publishing, Inc. 27 de outubro de 2003
Fornecido pela ProQuest Information and Learning Company.

2.2.6 Revisão da biografia de Malcolm Muggeridge por Gregory Wolfe

http://findarticles.com/p/articles/mi_m1282/is_n16_v49/ai_19722911/print

Malcolm Muggeridge: Uma Biografia - críticas de livros

Digby Anderson

MALCOLM Muggeridge foi, em vários momentos, um socialista radical, um adúltero egoísta, um corajoso denunciador da União Soviética, autor de peças e romances "falhos", um vegetariano, um converso ao catolicismo romano e um apologista cristão. Ele foi, durante quase toda a sua vida adulta, um jornalista e um homem obcecado por si mesmo. O jornalismo era originalmente escrito, o que ele fazia muito bem, e mais tarde na forma de rádio, onde se expressava com uma voz afetada e arrogante, mas com muito sucesso. Gregory Wolfe escreveu uma biografia muito boa, de fato. A questão é saber se Malcolm Muggeridge merece isso. Não me refiro a se ele merece uma boa biografia. Quero dizer se ele merece uma biografia no geral. E se merece, em qual das capacidades acima é isso justificado?

Há quem pense que a decisão sobre se a biografia de alguém deve ser escrita não se trata de mérito. Mas uma reflexão momentânea mostra que isso é um absurdo. Não podemos realmente

permitir que todos e qualquer um tenha sua vida escrita. Mesmo agora, quando, sei lá, talvez uma em cada várias centenas de milhares de pessoas recebe uma biografia, claramente há biografias demais. A biografia está se tornando uma indústria impulsionada pelos produtores. Uma sociedade que perdeu a discriminação tácita necessária para decidir quem deve e quem não deve receber uma biografia está em sérios apuros. Muggeridge achava que a sociedade moderna havia perdido seus valores — ou seja, suas prioridades, sua capacidade de discriminar entre o grandioso e o trivial. Que ironia se sua biografia fosse testemunha dessa perda.

Pois à primeira vista, o Sr. Muggeridge — ou "Malcolm", como o Sr. Wolfe revela de maneira irritante — não merece uma biografia. Grande parte deste livro, assim como outras obras sobre Muggeridge, ocupa-se em discutir quem ele realmente era ou em qual das diferentes capacidades acima ele apresentou o verdadeiro Muggeridge. Mas não se pode negar que, se ele foi alguma coisa, foi um jornalista. No final das contas, ele não foi um romancista, e foi no jornalismo que ele se destacou.

Tem sido argumentado que o jornalismo é o romance de hoje. Ou melhor, que homens que teriam sido romancistas no passado agora são jornalistas. Eu acho que isso é verdade. Ao tomar essa decisão, eles recebem certas recompensas e punições. Jornalistas, pelo menos o tipo que Muggeridge era, podem ganhar muito dinheiro e ter muita influência. Mas seu meio é efêmero. Isso é verdade mesmo que os pensamentos que exprimem não sejam efêmeros. Devemos realmente permitir que jornalistas, mesmo os excelentes, tenham biografias? Como jornalistas, quero dizer? O Sr. O'Sullivan e o Sr. Buckley merecem biografias como colunistas e editores?

Eles podem, no entanto, merecer biografias em outros fundamentos. Eles podem ter tido vidas interessantes, ter sido "grandes" homens, ou mesmo apenas proporcionar ao biógrafo uma desculpa para especulações e discussões interessantes.

Wolfe claramente acredita que Muggeridge foi um grande homem. Ele considera suas Crônicas do Tempo Perdido uma "obra-prima literária", seu estilo de prosa "entre os melhores de sua geração". Ele o coloca como um escritor e "espírito" ao lado de Samuel Johnson, G. K. Chesterton e Evelyn Waugh. Ele acredita que ele é o segundo, somente atrás de C. S. Lewis, como apologista cristão entre os escritores modernos. Isso é simplesmente exagero. Se Muggeridge deve ser elevado às fileiras dos melhores, então outros cem de qualquer escritor, espírito ou apologista preferido também devem ser. Então deixa de ser uma classe dos melhores. Após a inflação de notas, temos a inflação de biografias.

Não, o fundamento em que esta biografia é justificada é que Muggeridge teve uma vida interessante. Foi interessante não porque os eventos fossem especialmente intrigantes, mas porque ele enfrentou de uma maneira intensificada vários dos dilemas que muitas pessoas de seu tempo enfrentaram, e esses dilemas são uma oportunidade útil para especulações fascinantes. Os dois principais são sobre a natureza do socialismo e a fonte dos valores na sociedade moderna. A história que provoca o primeiro é o encontro de Muggeridge com o socialismo através do fabianismo de seu pai, seu próprio quasi-marxismo mais severo, sua visita à União Soviética em 1932-33 e sua desilusão.

O segundo começa com sua leitura secreta da Bíblia na adolescência, sua conversão, como aluno de graduação, ao cristianismo e sua contemplação de uma vocação, seu encontro com a Índia após a universidade, seu renovado apoio ao cristianismo como uma visão de mundo após o episódio soviético, e sua eventual aceitação do cristianismo institucional em sua submissão romana em 1982. Não há dúvida de que sua postura contra a União Soviética após -- de fato, durante -- sua visita foi corajosa e lhe custou caro entre os muitos literatos que o acompanhavam. Em sua postura contra a contracepção, ele também foi corajoso. E sua aceitação final da autoridade divina como a única defesa contra a modernidade relativista foi à frente de seu tempo.

Wolfe vê tudo isso como parte de um todo Muggeridge. Muggeridge, o performer, o debunker em busca de citações, o "espírito" presunçoso, está realmente mostrando uma forma de repulsa em relação ao mundo que, no final, faz sentido em relação ao convertido das "duas cidades" do catolicismo agostiniano. Isso é justo, até certo ponto. E, até certo ponto, suponho que isso também pode se aplicar ao adultério. Sr. Wolfe está certo ao censurar aqueles que veem a conversão de Muggeridge a Roma como isolada de sua vida inicial e intermediária. Mas ele vai longe demais na outra direção. Havia outro Muggeridge, egoísta, sujo, obcecado por si mesmo e trivial. Esse eu também era real. Posso me lembrar de quão chateados estavam muitos provincianos ingleses de classe média quando aquele "terrível" "artificial" homem apareceu em suas telas de televisão. E o profundamente desagradável Muggeridge não pode ser concilidado de maneira simples com "São Mugg." Por que deveria ser? Podemos encontrar tudo em qualquer um de nós?

De outra forma, o relato de Wolfe é excessivamente neat, confortável demais. Ele pode não ter pretendido, mas o efeito de seu relato é apresentar uma história que termina bem. "Malcolm" volta para casa, para a Igreja, para o lugar que sempre o aguardou e para a paz. Wolfe admite algumas ondulações, para seu crédito. Muggeridge não era um católico ortodoxo em crença ou prática. Mais seriamente, ele estava preocupado com os desenvolvimentos modernos na própria Igreja. Wolfe não prossegue com isso. Ele deveria ter.

Pois a Igreja na qual Newman, Manning, Knox e Waugh foram recebidos não era a Igreja que Muggeridge entrou. Essencialmente, para os católicos, era e é a mesma, na medida em que é a verdade. Mas a Igreja é grande. E o que Waugh percebeu -- como revelado por sua correspondência com o Cardeal Heenan -- e o que Muggeridge notou é que uma mudança ocorreu. Muggeridge via a Igreja como o único e último bastião contra a modernidade relativista. O que acontece quando a modernidade relativista se manifesta dentro da Igreja, dentro do único e último bastião? Pois não há dúvida de que o argumento da relatividade cultural agora está presente na Igreja. Ele é resistido por um corajoso e enfermo Pontífice e um astuto Cardeal Ratzinger. Mas ele está presente. Isso não promove paz e tranquilidade, ou mesmo uma sensação de um lar seguro. Alguns dizem que sempre foi assim. A heresia esteve sempre na Igreja. Mas a heresia do relativismo é algo novo, como Muggeridge percebeu. Não é tanto que seja errada, mas que é corrosiva de toda crença e ainda mais de paz e segurança.

A vida de Muggeridge foi mais confusa do que Wolfe permitirá. E nosso mundo, incluindo a Igreja Cristã, está em uma situação mais confusa do que ele sugere. Mas a vida de Muggeridge valeu uma biografia, afinal. E esta é uma muito bem pesquisada e bem escrita, uma leitura fascinante; apenas muito arrumada e não quase sombria o suficiente. Coisas que nunca se poderia ter acusado "Malcolm" de.

DIREITO AUTORAL 1997 National Review, Inc.
DIREITO AUTORAL 2004 Gale Group

2.2.7 Um retrato de Muggeridge pelo New York Times

Como Ter Sucesso na Grã-Bretanha Sem Realmente Tentar

Por BRUNO MADDOX

Publicado em: 24 de março de 1996

MUGGERIDGE: A Biografia. Por Richard Ingrams. Ilustrado. 264 pp. San Francisco: HarperSanFrancisco. $27,50.

As mais antigas memórias de Malcolm Muggeridge eram de homens meio bêbados discutindo política "com nuances literárias e filosóficas", e suas memórias posteriores seguiam a mesma linha. Filho de um orador socialista extrovertido das províncias, Muggeridge (1903-90) carregou a tocha do dilettantismo inglês durante a maior parte do século XX, estabelecendo, como escritor e apresentador de televisão, o tom para uma geração global de pessoas que não têm ideia do que querem fazer, exceto que isso tem algo a ver com Mídia.

Um protegido de Muggeridge, Richard Ingrams, usa habilidosamente a amizade deles como um pretexto para não tentar, nesta biografia, exagerar as realizações do homem, rastreando em vez disso o suave fluir de sua personalidade. Como jovem romancista, Muggeridge recebeu boas críticas; mas ele se sentiria mais à vontade na televisão do que em qualquer outro lugar. Ele foi um pioneiro daquela legião de figuras da televisão britânica que usam sua "não-televisividade" para implicar grandeza e especialização em outras áreas não nomeadas. Ele não era bonito e não tinha uma dicção particularmente boa, então as pessoas presumiram que ele era um gênio. E estavam certas.

Depois de se formar em Cambridge no início da década de 1920, Muggeridge passou alguns anos obrigatórios se comportando de forma excêntrica na ainda britânica Índia antes de subir com estilo e irreverência nos meios literários para editar o jornal satírico Punch e ajudar a dar à luz seu rival mais afiado, Private Eye. Apesar de dizer a quem quisesse ouvir que colaboraria com os nazistas se eles invadissem a Inglaterra, ele, no entanto, fez sua parte na Segunda Guerra Mundial como um espião eloquente na África do Sul, despejando seu entusiasmo pelo relacionamento alegre e descomplicado com mulheres casadas que falhou repetidamente em abalar sua esposa dedicada, Kitty.

Quando estava em seus 50 anos, o humor mundano e a proficiência em conversar com bêbados de Muggeridge chamaram a atenção da BBC, que o tornou uma das primeiras personalidades puras da televisão, um entrevistador e apresentador versátil viajando pelo mundo, sendo ele mesmo. Enquanto a maioria dessas figuras daquele período era tão rígida quanto as câmeras que as

filmavam, a facilidade de Muggeridge fez dele uma celebridade instantânea, famoso principalmente por ser famoso.

Ele fez maior sucesso em uma viagem da BBC à Índia em 1968. A reputação impecável de Muggeridge como cínico fez com que o espetáculo de sua adulação por Madre Teresa -- ele estava convencido de que Deus, e não a Kodak, havia permitido que o interior sombrio de seu hospício em Calcutá aparecesse no filme -- a transformasse da noite para o dia, aos olhos do público britânico, na maior freira da era pós-"Sonho de Liberdade". Essa visita, e sua amizade subsequente com Madre Teresa, tornaram Muggeridge um católico romano inabalável, embora não particularmente convincente, até sua morte aos 87 anos. No entanto, em vez de amolecê-lo, sua conversão às vezes parecia quase uma manobra tática para realizar ataques escandalosos à contracultura.

Biografias frequentemente revitalizam; "Muggeridge" deixa você admirado com quanta talentosa, sensibilidade e visão um homem pode ter e ainda assim não encontrar um emprego que goste. Talvez, no entanto, isso seja perder o ponto do amadorismo britânico. Tanto em seu estilo quanto em seu assunto, o Sr. Ingrams, colunista do The Observer, consegue brilhantemente fazer de Muggeridge um ícone para as crescentes fileiras daqueles presos entre grandeza e importância. Na mais fina tradição britânica, Muggeridge elevou seu dilettantismo primeiro a uma profissão e depois a uma forma de arte. Seu gênio e seu legado duradouro são que, através da Mídia, ele encontrou uma maneira de transformar a falta de foco em um fim em si mesmo.

Bruno Maddox escreve frequentemente para o New York Times Book Review.

2.2.8 A conversão de Malcolm Muggeridge e a dúvida

http://www.articlecity.com/articles/religion/article_173.shtml

Como se Encontra a Fé? Católico Relapso por: **Michael A. S. Guth**

O título deste artigo é uma pergunta que William F. Buckley inicialmente fez ao ensaísta britânico Malcolm Muggeridge em um dos melhores programas já produzidos na série de televisão PBS Firing Line. Muggeridge respondeu à pergunta observando que, como jornalista e comentarista social, ele havia observado eventos humanos por mais de cinquenta anos. Essa experiência pessoal de ver a devastação após a Segunda Guerra Mundial, os efeitos do comunismo e o declínio do cristianismo na Europa o levou a buscar uma verdade superior àquela que a humanidade poderia descobrir por si mesma. É o desdobramento gradual das tragédias humanas que ensinou Muggeridge que deve haver mais para o grande drama da vida humana do que aquilo que a razão pode explicar.

Li e reli a transcrição da entrevista de Bill Buckley com Malcolm Muggeridge muitas vezes e acredito que Muggeridge articulou algumas verdades duradouras durante essa entrevista. Neste artigo, apresento e respondo às mesmas perguntas que Muggeridge e comparo nossas respostas. Na época de sua entrevista, Muggeridge era cristão, embora não fosse membro de nenhuma

denominação. Buckley o descreveu como o principal apóstolo leigo do cristianismo. Poucos anos após sua entrevista, Muggeridge e sua esposa se juntaram à Igreja Católica Romana; no entanto, ele permaneceu criticamente atento às reformas que se seguiram ao Segundo Concílio do Vaticano e preferiu a igreja em seus modos anteriores ao Vaticano II.

Minha própria experiência e formação consistem em uma pessoa nascida e criada na igreja católica, que posteriormente parou de frequentar a missa, porque se sentia espiritualmente seco. Não tenho grandes divergências de política com a Igreja Católica, embora distinga entre os comentários feitos à imprensa por membros da hierarquia da igreja e aqueles que seriam defendidos por Jesus Cristo, se ele estivesse vivo hoje. Quando há diferenças entre os dois, eu me posiciono firmemente ao lado que reflete os próprios ensinamentos de Jesus, conforme citado no Novo Testamento. Hoje, descubro que tenho uma conexão espiritual com a Igreja Católica e freqüentemente assisto à missa às sextas-feiras, seguida por um breve serviço do rosário. Mas não sou nutrido espiritualmente com as missas aos domingos.

Quando perguntado como encontrou Deus, Muggeridge riu, dizendo que não teve nenhum tipo de conversão na estrada de Damasco, onde era um não-crente em um dia e um crente no dia seguinte. Em vez disso, ele encontrou Deus através “do desdobramento de uma iluminação que é cheia de dúvida, assim como de certeza. Eu realmente acredito na dúvida. Às vezes se pensa que é a antítese da fé, mas eu acho que está conectada à fé – algo que, na verdade, Santo Agostinho disse – como, você sabe, concreto armado, e você tem aquelas tiras de metal no concreto, que o tornam mais forte.”

Concordo que aqueles que buscam a iluminação, não para ganhar conhecimento, mas em uma tentativa de entender circunstâncias e encontrar a verdade, descobrirão as limitações do pensamento humano e das teorias científicas. Ao longo do caminho, essas pessoas estarão expostas a explicações religiosas, que poderão investigar mais a fundo ou rejeitar como meras superstições. Mas, quanto mais elas procuram, mais esbarrarão em questões em que acreditam, mesmo sem evidências que comprovem suas crenças. Essas crenças não precisam ser de natureza religiosa. Por exemplo, as pessoas podem acreditar que existem formas de vida inteligente em algum lugar do vasto universo. Ou podem acreditar que não há Deus, mesmo que não consigam provar a não existência de Deus melhor do que aqueles que acreditam em Deus podem provar sua existência. Talvez menos importante do que realmente descobrir e dominar alguma verdade transcendental seja a busca pela verdade; a verdade é o que a mente inquisitiva busca para se libertar.

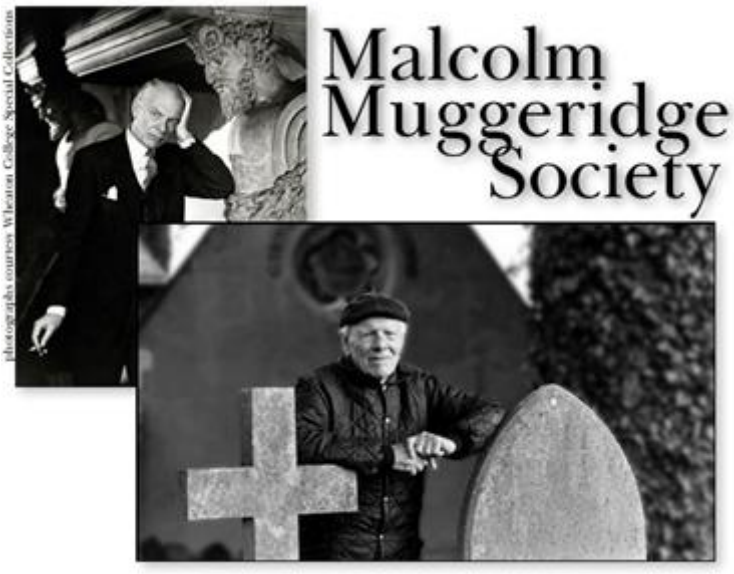
Muggeridge estava certo ao dizer que a fé sem dúvida não é fé alguma; é uma espécie de aceitação entorpecente de tudo que é ensinado, sem qualquer segundo pensamento ou questionamento. Se eu perguntasse a meus amigos religiosos se eles têm dúvidas sobre sua fé, a maioria, senão todos, responderia imediatamente "não", e alguns ficariam ofendidos por sua fé poder até ser objeto de dúvida. Mas essa é completamente a resposta errada. Ter fé em Deus significa que uma pessoa testou e avaliou outras teorias concorrentes para explicar vários fenômenos e voltou às suas crenças iniciais. A menos que uma pessoa tenha uma mente aberta para ouvir os desafios à sua fé, ela nunca poderá ter certeza de que suas crenças religiosas são mais do que mitologia, semelhante à que o homem moderno ridiculariza dos antigos gregos.

Na mitologia grega, o sol atravessava o céu porque o deus Apolo dirigia sua carruagem nos céus. A mudança das estações supostamente se devia a alguma deusa grega sendo negada de visitar sua filha. A fé no conceito judaico-cristão de Deus deve ter uma base mais firme do que explicações bobas para forças da natureza. Uma maneira de diferenciar o conceito judaico-cristão da mitologia grega é pela longevidade das crenças. A igreja cristã já tem quase 2.000 anos. Quando começo a me perguntar se sou tolo por acreditar em Deus, encontro conforto no fato de que, ao longo dos séculos, muitas pessoas muito inteligentes (assim como um número ainda maior de pessoas simples e não educadas) acreditaram que Deus existia e que teríamos maior proximidade e comunhão com Deus na vida após a morte. É possível que todos aqueles bilhões de pessoas estivessem simplesmente erradas? Sim, é possível, mas altamente improvável.

http://michaelguth.com/lawnews.htm

Dr. Michael A. S. Guth, Ph.D., J.D. é Professor de Economia Financeira e Direito em várias universidades com programas de graduação on-line e advogado no Tennessee. Ele escreve petições legais e apelações para firmas de advogados, bem como para seus próprios clientes. Na parte de varejo, sua prática jurídica busca capacitar indivíduos a se representarem em tribunal sem um advogado. Ele auxilia essas partes pro se na redação de documentos judiciais (pleitos) e na realização de pesquisas jurídicas. Suas informações de contato estão exibidas em cada uma das páginas da web dos negócios acima.

2.2.9 A Sociedade Malcolm Muggeridge



http://www.malcolmmuggeridge.org/

2.2.10 O Anglicano Alec Vidler e Malcolm Muggeridge

Malcolm Muggeridge: Uma Biografia

McClain, Frank M.

Malcolm Muggeridge: A Biography. Por Gregory Wolfe. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Co., 1997. xviii + 462 pp. $35,00 (capa dura).

O livro de Gregory Wolfe é impressionante. Wolfe tem uma profunda apreciação por seu tema. Com cuidado, ele usou documentos inéditos, material publicado e, aparentemente, uma série de entrevistas pessoais. É uma leitura deliciosa. Os assinantes da *Anglican Theological Review* acharão a biografia desafiadora e também se entreterão. Afinal, Muggeridge foi um dos melhores editores de *Punch* de todos os tempos.

Malcolm Muggeridge está ao lado de Evelyn Waugh como um dos conversos emblemáticos do anglicanismo para a Igreja Católica Romana no século XX. Muggeridge e sua esposa, de fato, foram recebidos na Igreja Romana no final de sua vida, e a biografia descreve uma peregrinação espiritual. No entanto, até o final, as Orações da Manhã e da Tarde do Livro de Oração Comum de 1662 formavam a base das devoções diárias dos Muggeridge.

Malcolm primeiro "se converteu" à fé cristã quando era estudante de graduação no Selwyn College, em Cambridge. Seu diálogo religioso com seu amigo, o teólogo Alec Vidler, começou ali, continuou por mais de sessenta anos e amadureceu quando os Muggeridge e Vidler moraram a algumas milhas de distância em Sussex. No entanto, a vida de Malcolm foi marcada por inúmeras excursões para caminhos sensuais e mundanos. As infidelidades matrimoniais dos Muggeridge forneceriam material para várias novelas. No entanto, a Eucaristia foi a pedra angular que o sustentou quando ele estava mais longe de ser um cristão praticante. A memória da celebração diária quando viveu como hóspede por dois anos na casa do Oratório do Bom Pastor em Cambridge, ajoelhando-se ao lado de Madre Teresa na missa em Calcutá, ou ouvindo a Proclamação da Páscoa Ortodoxa em Kiev, formou e nutriu as qualidades que o tornaram um defensor fervoroso da fé cristã.

Malcolm também foi sustentado por relacionamentos pessoais próximos. Em uma oração de agradecimento, ele lembrou-se das três pessoas que mais significaram para ele em sua vida: sua esposa Kitty, Hugh Kings Mill e Alec Vidler:

K., por amor eterno, dado e recebido.

H. K., por risos e luz.

A. V., por as raízes, o tronco, os ramos e as folhas.

As amizades deram estrutura e apoio à sua vida. Mas Malcolm parecia buscar uma certeza e uma estrutura não fornecidas pela Igreja da Inglaterra e pela teologia inclusiva do anglicanismo. Talvez isso fosse uma característica familiar. Um de seus filhos se juntou aos conservadores evangélicos dos Irmãos de Plymouth. Outro precedeu Malcolm na Igreja Católica Romana.

Muggeridge foi uma personalidade popular da televisão, um verdadeiro "fala-cabeça" da BBC. Mas também foi um jornalista de destaque, escrevendo para jornais tão diversos quanto o *Manchester Guardian* e o *Telegraph*. Suas opiniões, muitas vezes uma surpresa para seu público, o marcaram como um rebelde não-conformista consistente. Muitos imperadores não estavam vestidos no século XX, e Malcolm tinha o dom de detectá-los todos. Apesar de sua estreita conexão familiar com os Sidney Webbs, Muggeridge foi um dos primeiros a perceber o lado sombrio do comunismo soviético. O nazismo na Alemanha, o materialismo ocidental, a pretensão imperial britânica na Índia, e a sociedade e cultura inglesa (e americana) foram todas alvo de sua aguda observação. Sua oposição ao aborto, à contracepção e à eutanásia levantou sobrancelhas liberais, não mais do que outras eram levantadas em resposta a sua afirmação da sexualidade como um sacramento.

Em um documentário, *Paulo: Enviado Extraordinário*, que os dois produziram juntos, seu amigo Alec Vidler comparou o gênio de Malcolm ao de São Paulo, que "era um pensador intuitivo. Ele tinha os insights de um vidente e conseguia expressar o que via com a confiança de um poeta... Ele nunca usava palavras como 'possivelmente', 'provavelmente' ou 'talvez'." Nem Muggeridge. A biografia de Gregory Wolfe atesta isso.

FRANK M. McCLAIN

Charleston, Carolina do Sul

Anglican Theological Review, Inc. Inverno de 1999

Fornecido pela ProQuest Information and Learning Company.

O filho, John Muggeridge e sua esposa Anne Roche

Biografia de John Muggeridge

http://www.ogs.on.ca/ogspi/200od/05dal004.htm

DALY o@ca.on.york.toronto.globe_and_mail 2005-12-01 publicou John MUGGERIDGE, Professor e Escritor: (1933-2005)

Filho do famoso jornalista e autor britânico, construiu sua vida no Canadá como escritor, educador e fervoroso defensor do movimento "pro-life", que, de certa forma, apresentou seu pai ao catolicismo, escreve Sandra MARTIN.

Por Sandra MARTIN, quinta-feira, 1 de dezembro de 2005, Página S9

O professor e escritor John MUGGERIDGE foi criado "um anglicano moderado de internato", de acordo com seu amigo, o jornalista David WARREN, mas se tornou um católico ortodoxo e fervoroso antiabortista sob a influência de sua esposa, a escritora e polemica católica Anne ROCHE.

Apesar de sua postura pública e política como defensor da vida, o Sr. MUGGERIDGE nunca condonou ou apoiou as atividades homicidas de alguns ativistas antiaborto, de acordo com o Sr. WARREN, que também é um convertido ao catolicismo. "O ponto principal é que ele estava defendendo a vida, e não psicopatas. Ele seria muito mais propenso a acolher a mulher que teve um aborto e que se dá conta de que fez uma coisa terrível."

Um homem gentil e modesto com um humor ácido, ele nunca reconheceu quantas pessoas foram tocadas por sua fé na bondade essencial delas. O Sr. MUGGERIDGE submergiu suas próprias ambições em seu papel como pai e provedor para uma grande família de quatro filhos e uma filha. "Ele deixou sua carreira acadêmica em segundo plano por causa da família", disse seu filho mais velho, John Malcolm MUGGERIDGE. "Ele sacrificou seus estudos porque precisava de uma renda."

Seu talento literário nascente foi convocado quando George Orwell pediu que ele lesse o manuscrito de *A Revolução dos Bichos* antes de sua publicação em 1945. "Orwell e seu pai estavam preocupados que o manuscrito pudesse sofrer o mesmo destino que *Viagem a Gulliver*, ou seja, tornar-se um livro infantil", disse o escritor Kildare DOBBS, que é parente dos MUGGERIDGES pela mãe. John, aos 12 anos, leu a obra-prima de Orwell e a proclamou um livro para adultos.

John MUGGERIDGE nasceu nos arredores de Londres, Inglaterra, o segundo de quatro filhos do jornalista, escritor e comentarista Thomas Malcolm MUGGERIDGE e sua esposa **Katherine "Kitty" DOBBS, sobrinha da socialista fabiana Beatrice WEBB.** Seu irmão mais velho, Leonard, disse que realmente não conhecia John MUGGERIDGE na infância porque foram "enviados para internatos muito cedo" devido ao fato de que seu pai famoso estava "aqui, ali e em toda parte." Os dois irmãos só se tornaram próximos nas últimas duas décadas.

O Sr. MUGGERIDGE estudou no Cranbrook College e depois fez os então obrigatórios dois anos de serviço militar no Quênia. Ao retornar à Inglaterra, estudou história no Jesus College, Cambridge. Após a graduação, imigrou para o Canadá em meados da década de 1950 "por tédio", como contou a um de seus netos que estava escrevendo uma redação escolar sobre imigração.

"Acho que ele queria uma mudança", disse seu filho John Malcolm MUGGERIDGE. "Seu pai era bem conhecido e ele queria fazer seu próprio caminho e queria ensinar." Ele olhou no *The Times* de Londres e encontrou dois empregos anunciados: um em Hong Kong e um em Corner Brook, Newfoundland.

Foi assim que conheceu sua futura esposa Anne-Marie ROCHE. Ela havia entrado para as Irmãs da Apresentação como noviça, mas deixou a ordem antes de fazer seus votos. As irmãs haviam encontrado um emprego para ela na escola católica local em Corner Brook. O Sr. MUGGERIDGE, que lecionava na escola pública, conheceu-a em uma reunião da união dos professores.

Alguns anos depois, o Sr. MUGGERIDGE deixou Corner Brook para estudar para um mestrado em história canadense na Universidade de Toronto. "Ele e minha mãe se corresponderam por carta", disse seu filho. Casaram-se em 1960 e seu pai se converteu ao catolicismo cerca de um ano depois. "Mamãe foi a força motriz nessa decisão. Ela era muito, muito devota e tinha uma forte influência sobre as pessoas. **Ela foi a principal razão para a conversão do pai e para a do avô [em 1982], embora ele também tenha sido influenciado por Madre Teresa e pelo papa."**

"Minha teoria é que John veio para o Canadá para se afastar da notoriedade de seu pai e também, talvez, para se afastar de pessoas opressivas em suas opiniões, mas então ele se casou com uma pessoa ainda mais opinionada," disse o Sr. DOBBS.

Uma católica tradicional que discordou veementemente do Vaticano II e suas tentativas de modernizar a Igreja, a Sra. ROCHE é autora de *The Gates of Hell: The Struggle for the Catholic Church* (1975) e *The Desolate City: Revolution in the Catholic Church* (1986). "Eu não casei com uma católica, eu casei com o catolicismo," costumava dizer o Sr. MUGGERIDGE sobre suas opiniões religiosas cada vez mais ortodoxas e sua forte posição antiaborto.

"Na visão católica, não pode haver nada de certo em relação ao aborto," disse o Sr. WARREN, ele mesmo um convertido ao catolicismo. "As posições morais podem ser difíceis de manter na vida pessoal das pessoas, mas não são difíceis de entender."

O Sr. MUGGERIDGE ensinou história e francês no Ridley College no início da década de 1960 e depois lecionou na Earl Haig High School em Toronto, antes de se mudar com sua crescente família

para Hamilton, onde buscou um doutorado na Universidade McMaster.

Por um tempo, os MUGGERIDGE estiveram envolvidos em um grupo de discussão conservador crítico das disposições do Vaticano II. Chamado de Sociedade São Atanásio, foi liderado por Jim DALY, um professor da McMaster, e pela Irmã Mary Alexander, uma professora. O grupo se desfez após a morte precoce do Prof. **DALY** devido ao câncer.

O Sr. MUGGERIDGE não completou seu doutorado. Ele mudou sua família, que já contava com três filhos, para o Niagara College em Welland, Ontário, em 1969, onde ensinou literatura inglesa, composição e Estudos Canadenses. Ele se aposentou no início da década de 1990. Um ávido leitor, ele lia para sua esposa dormir todas as noites com uma seleção de Shakespeare, Dickens, Jane Austen, P.G. Wodehouse ou John Donne e os poetas metafísicos.

Como escritor, o Sr. MUGGERIDGE frequentemente contribuiu com resenhas de livros para *The Globe and Mail*, escreveu regularmente para a agora extinta revista *The Idler* e atuou como editor colaborador da revista mensal ortodoxa *Catholic Insight*. "Ele era um cavalheiro cristão, muito gentil," disse o editor associado David DOOLEY, um professor de inglês aposentado do St. Michael's College na Universidade de Toronto.

O Sr. MUGGERIDGE não era um escritor rápido, segundo o Sr. DOOLEY. "Dê-lhe uma resenha de livro e o resultado viria lentamente, muito bem pensado e com um bom senso de estilo."

Tanto ele quanto sua esposa escreveram regularmente para *The Idler* na década de 1980 e se tornaram amigos próximos do editor fundador David WARREN. "Ele nunca realmente se considerou um escritor," disse o Sr. WARREN, explicando que o Sr. MUGGERIDGE principalmente expressava suas habilidades literárias através de cartas à moda antiga. No entanto, conseguia focar um olhar frio e claro sobre seu assunto.

Em "Os Últimos Dias de St. Muggs," um artigo que escreveu na edição de janeiro/fevereiro de 1991 de *The Idler*, o Sr. MUGGERIDGE escreveu francamente sobre os dias de juventude de seu pai como "um infiel, bebedor inveterado e quase playboy," a senilidade progressiva de seus últimos meses e o resumiu como "uma magnífica e contundente figura de um polêmico católico, com um coração nostálgico, perdoador e gentil."

O Sr. MUGGERIDGE também contribuiu regularmente para *Human Life Review*, um periódico sectário que William F. Buckley uma vez elogiou como "o foco da discussão civilizada sobre a questão do aborto." Ele chegou ao periódico por meio de seu pai, que era bom amigo do editor fundador, J.P. McFadden. "Ele trouxe clareza, humor, otimismo, sabedoria, paciência e perseverança," à publicação, disse a editora sênior Faith Abbott, a viúva do fundador.

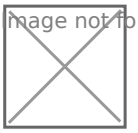
A esposa do Sr. MUGGERIDGE, Anne, começou a apresentar sinais de demência no início da década de 1990, foi diagnosticada com a doença de Alzheimer e institucionalizada em Toronto há cerca de cinco anos. O Sr. MUGGERIDGE se mudou para Toronto para ficar perto de sua esposa e ia todos os dias alimentá-la no almoço. Sua própria saúde começou a declinar por volta de 2000. Ele sofria de mieloma múltiplo e passou por um exaustivo transplante de medula óssea cerca de três anos atrás. Sobreviveu ao tratamento drástico, mas adoeceu neste outono com um câncer de intestino previamente não diagnosticado que havia metastatizado para seu fígado. Sua vida foi celebrada

em uma missa latina na Igreja de São Vicente de Paulo em Toronto na terça-feira.

John MUGGERIDGE nasceu em Croydon, perto de Londres, Inglaterra, em 28 de fevereiro de 1933. Ele morreu em Toronto na sexta-feira, 25 de novembro, devido ao câncer de intestino. Ele tinha 72 anos. Deixa sua esposa Anne, seus filhos John, Charles, Peter e Matthew, sua filha Rosalind, e seu irmão mais velho Leonard.

2.3.1 Recensão de La Cité désolée de Anne Roche Muggeridge por John F. McCarthy

http://www.rtforum.org/lt/lt27.html



ÓRGÃO DO FORUM TEOLOGICO ROMANO

Editor: Monsenhor John F. McCarthy, J.C.D., S.T.D.

Distribuído várias vezes ao ano para membros interessados.

Editor Associado: Rev. Brian W. Harrison, O.S., M.A., S.T.D.

Não deve ser republicado sem permissão.

Por favor, encaminhe toda correspondência para:

www.rtforum.org e-mail: jfm@rtforum.org

Living Tradition, Oblates of Wisdom, P.O. Box 13230, St. Louis, MO 63157, EUA

No. 27

Fórum Teológico Romano | Índice de Artigos | Programa de Estudo

Janeiro de 1990

REAVALIANDO A REFORMA LITÚRGICA Anne Roche Muggeridge, *A Cidade Desolada: Revolução na Igreja Católica*
(Harper and Row: São Francisco, 1986)

analisado por John F. McCarthy

Em *A Cidade Desolada*, Anne Muggeridge se propõe a mostrar que uma revolução anti-católica ocorreu na Igreja e que, desde 1968, vários setores locais e nacionais da Igreja caíram *de fato* nas mãos de revolucionários (92).

UMA AVALIAÇÃO SOMBRIA

Para descrever o desenrolar da revolução, a Sra. Muggeridge utiliza uma estrutura técnica e um vasto repertório de evidências documentais. A estrutura técnica diz respeito a "certas características comuns às revoluções", que são, segundo ela: "uma classe aggraviada, um clima propício à mudança radical, um governo enfraquecido, um incidente desencadeador, uma fase moderada enfatizando a continuidade com a antiga ordem, uma fase radical proclamando uma nova ordem, consolidação e institucionalização *ou* contra-revolução" (49).

A *classe aggraviada* era "aquele grande grupo de teólogos católicos e professores universitários, em sua maior parte sacerdotes e religiosos, a quem a Igreja delegou sua tarefa de instrução na fé" (50). Havia um clima de descontentamento, que não deve ser exagerado, mas que, entre pessoas que "não conseguem sustentar pela oração o esforço de lembrar que estão realmente trabalhando para Cristo, fornece terreno fértil para recrutamentos quando um verdadeiro descontentamento revolucionário se manifesta" (51).

Muggeridge aponta que não havia um *clima geral de mudança* na Igreja quando o Vaticano II começou. De fato, os católicos ortodoxos estavam desolados com as mudanças que ocorreram após o Segundo Concílio Vaticano e tendiam a ver o Concílio como tendo "servido apenas ao propósito de derrubar uma comunidade religiosa próspera e em expansão" (54). O Concílio não era, em si, um evento revolucionário; "ele foi acompanhado por uma revolução que não foi de sua própria criação, uma revolução importada para ele por um grupo descontentes de intelectuais clericais", influenciados pela ideologia do neo-modernismo (55). O Concílio chamou esses intelectuais descontentes para consultas sobre a natureza e o futuro da Igreja e, ao fazê-lo, "sem saber, atuou a favor da revolução assim como o Rei Luís XVI quando convocou os Estados Gerais para sessão no início da Revolução Francesa" (56).

A ideia de que o Segundo Concílio Vaticano foi um concílio 'pastoral', não voltado para a precisão dogmática, permitiu que os inovadores "obtivessem a aprovação de certas formulações com uma tendência moderna", como apontou Edward Schillebeeckx, entre outros. Essa lacuna no pensamento entre 'doutrinário' e 'pastoral' lançou uma sombra sobre os debates do Concílio, que os pensadores tradicionais nunca conseguiram aceitar. A história muitas vezes acaba sendo a propaganda dos vencedores e, infelizmente, "a percepção da mídia sobre o que aconteceu no Concílio se tornou a verdade pós-conciliar". No estágio inicial do Concílio, poucos dos padres conciliares estavam suficientemente cientes dos fatos para levar a sério o aviso do Cardeal Ottaviani de que uma revolução estava sendo desencadeada. "No final do Concílio, com sua inocência perdida", os bispos poderiam pelo menos ter insistido em salvaguardas, mas não o fizeram. As propostas verdadeiramente revolucionárias foram rejeitadas pelo Concílio, mas os inovadores nas comissões de redação redigiram trechos em uma linguagem deliberadamente ambígua, a fim de conquistar amplo apoio conciliar, e os intelectuais descontentes usaram essas

expressões ambíguas para promover a revolução após a promulgação dos decretos.

O relato de Muggeridge está repleto de nomes e instâncias ao longo do texto. Ela acredita, com Ralph Wiltgen (*O Reno Flui para o Tibre*), que a mente teológica mais ominosa e influente presente no Concílio foi a de Karl Rahner, a quem o Cardeal Frings chamou de "o maior teólogo do século". O Cardeal Siri (*Getsemani*) acusou Rahner de destruir "por meio de um grande número de proposições habilmente entrelaçadas toda a verdade da doutrina da Encarnação de Jesus Cristo". Os teólogos radicais queriam romper completamente o domínio da autoridade central da Igreja e usaram para isso as simpatias ingênuas que muitos bispos tinham por uma maior ênfase na colegialidade. Um exemplo primário dessa interação é a Constituição do Concílio sobre a Sagrada Liturgia, na qual "poderes novos impressionantes para sobrepor a autoridade central são concedidos às hierarquias locais e nacionais". Elementos tradicionais aparentemente mantidos da liturgia são repetidamente, "por um quase desdém", tornados sujeitos ao julgamento da "autoridade territorial competente". Muggeridge afirma que "essa disposição para o pluralismo litúrgico foi uma ruptura radical com a tradição moderna", porque, desde a época da revolução protestante, a introdução de mudanças tem sido um veículo para a introdução de ideias heréticas na liturgia.

Não houve "fraqueza ou tremor no forte papado de Pio XII", e ainda assim, ao final de seu pontificado, "todo o grande trabalho litúrgico reconstrutivo e explicativo havia sido concluído". Portanto, "a rejeição de sua reforma pelas comissões pós-conciliares e a aceitação, em vez disso, de todas as tendências contra as quais ele havia alertado em *Mediator Dei* deve ser considerada uma enorme tragédia religiosa e cultural". Mas um *governo enfraquecido* surgiu, primeiro sob João XXIII e depois sob Paulo VI. "Ortodoxo na doutrina, liberal na inclinação, indeciso por temperamento, (Paulo VI) foi o papa mais fraco" em um século.

O *incidente motivador* ocorreu no debate sobre contracepção. Bernard Häring e outros persuadiram a maioria da comissão de estudo especial a abandonar todo o argumento da lei natural que sustentava o ensinamento da Igreja sobre os atos matrimoniais. A votação final da comissão foi de 64 a 4 a favor da remoção da proibição da contracepção artificial. Apesar dessa derrota esmagadora da moralidade tradicional em uma comissão nomeada pelos próprios Papas, Paulo VI prosseguiu e publicou *Humanae Vitae* em julho de 1968, na qual declarou: "Nenhum crente desejaria negar que a autoridade de ensino da Igreja é competente para interpretar até mesmo a lei moral natural. Isso é, de fato, indesmentível". Mas, em 1968, a definição de 'crente' de Paulo VI "não se aplicava mais a muitos daqueles que ainda se chamavam 'católicos'", e essa massiva perda de crença "foi uma consequência direta da maneira como a revolução usou a questão da contracepção para reintroduzir o princípio protestante da autoridade na Igreja".

Durante o Concílio, Paulo VI se contentou com uma linguagem ambígua sobre os propósitos do matrimônio na Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno (*Gaudium et Spes*), e após o Concílio, teólogos radicais interpretaram essas palavras como uma desvalorização da procriação a uma posição de igualdade com os valores não procriativos do matrimônio. Eles declararam, inclusive na conferência de imprensa que anunciava oficialmente a publicação de *Humanae Vitae*, que a decisão na encíclica não deveria ser considerada infalível. Charles Curran, em menos de vinte e quatro horas, obteve a aprovação de muitos (ultimamente mais de seiscentos) autodenominados 'teólogos' em dissenso público ao ensinamento de *Humanae Vitae*, e declarou:

"Nossa resposta rápida e contundente, apoiada por tantos teólogos, cumpriu seu propósito. No dia seguinte à promulgação da encíclica, católicos americanos puderam ler em seus jornais matinais sobre seu direito de discordar e o fato de que os católicos podiam, em teoria e na prática, discordar do ensinamento papal e ainda serem leais católicos romanos". Este "esforço rápido, bem organizado e colegial" foi, de fato, uma transição da colegialidade dos bispos para a colegialidade dos teólogos dissidentes e "desde seu golpe anti-*Humanae Vitae* tem sido o governo *de facto*, se não ainda *de iure*, da Igreja em níveis locais e nacionais. Pois, ao ter dividido os bispos de Roma, a revolução prosseguiu com desprezo e facilidade para conquistá-los".

Em 10 de novembro de 1968, quatro mil 'teólogos' revolucionários se reuniram em Washington, D.C., para afirmar o que Richard McCormick chama de "o segundo magistério", e os 'especialistas' se acomodaram para começar a administrar a Igreja como uma espécie de 'hierarquia paralela'. "No Canadá, o magistério hierárquico oficialmente se rendeu. Estabeleceu [pelo Winnipeg Statement] o princípio protestante como a norma que os católicos canadenses poderiam seguir em sua prática de ética sexual".

Anne Muggeridge acredita que o fim da *fase moderada da revolução* coincidia com o fim do Concílio em 1965. A partir de então, tornou-se cada vez mais o papel dos teólogos radicais "preceder e preparar as opiniões do magistério". Especialmente desde a 'Revolução de Julho' de 1968, uma ideologia revolucionária tem a palavra final, "pois, embora o magistério continue a manter e repetir seu ensinamento moral, vê isso em toda parte repudiado e carece ou sente que carece do apoio necessário para uma contraofensiva". Por exemplo, nos Estados Unidos, de acordo com Andrew Greeley, em 1979, apenas dez por cento dos menores de trinta anos concordavam que o Papa é infalível em questões de fé e moral. Como em outras verdadeiras revoluções, em 1968, os símbolos capacitadores da ordem existente da autoridade eclesiástica católica foram "arrastados de sua habitual existência subliminar integrada para a ruidosa praça pública ideológica".

Muggeridge observa que as "bombas-relógio" de expressões ambíguas nos textos do Concílio não poderiam ter sido detonadas (por exemplo, no Canadá) "sem a sanção de empoderamento do grupo dominante de bispos nacionalistas progressistas" (114). Em seu ponto de vista, a característica mais inquietante dos primeiros anos da revolução após o Concílio foi "a reversão dramática e aparentemente repentina de posições ortodoxas confiantes pelas próprias pessoas que haviam ensinado uma obediência a essas posições" (115). Thomas Sheehan, escrevendo em junho de 1984 na *New York Review of Books*, poderia afirmar com justificativa que "o desmantelamento da teologia católica romana tradicional" já era "um *fait accompli*," e que "em quase duas décadas" teólogos e exegeses católicos haviam colocado a mais 'avançada' scholarship bíblica "a serviço de uma reavaliação radical de sua fé." Por outro lado, ele observou, "os estudiosos que continuam a empregar os métodos mais antigos se veem empurrados para as margens do discurso acadêmico" (120-121). O resultado de tudo isso, resume Muggeridge, é que "a dissidência se tornou a ortodoxia," enquanto "a revolução se tornou o governo legítimo em todos os níveis abaixo do papado," e "o Papa é o líder de uma Igreja reduzida apenas" (122).

Esta é a *fase radical da revolução*, proclamando uma nova ordem na Igreja, inicialmente e de forma mais gráfica através do Novo Ordinário da Missa. "Em verdade, ao empoderar os radicais litúrgicos para fazer o seu pior, Paulo VI, consciente ou inconscientemente, empoderou a

revolução" e "a reforma que recebemos não foi a realmente pretendida pelo Concílio" (126-127). Muggeridge vê o atual culto público da Igreja Latina como "um ritual institucionalizado de revolução" (132), com sua mudança de ênfase do sagrado para o secular e sua cosmologia truncada da comunidade humana apenas (127). No nível da prática pessoal, em muitos casos, "um culto literal ao eu agora substituiu o culto a Deus" (141, citando James Hitchcock).

Em 1978, Charles Curran e outros inovadores radicais podiam exclamara: "Embora o ensino oficial não tenha mudado, na verdade a igreja mudou, pois muitas pessoas que agem em contrariedade ao ensino oficial participam plenamente de sua vida" (101). Desde então, vimos "uma consolidação das forças conservadoras em seus bolsões encolhidos de poder; o vigoroso avanço da exegese e teologia liberais em círculos acadêmicos, e a igualmente vigorosa busca do evangelho social onde questões de política e moralidade estão envolvidas" (145, citando Thomas Sheehan). O comportamento de muitos bispos sugere que "eles não operam mais a partir de uma visão de mundo católica coerente" (170). Muggeridge concede que "a revolução tem boas razões para se sentir confiante" porque neste ponto o 'consenso liberal' está "em controle sem contestação nos níveis local e nacional de todos os aspectos da vida católica" (145).

A revolução tem sido uma experiência alienante e depressiva. "Eu percebo com uma tristeza indescritível," ela diz, "que, a menos que ocorra um milagre (e eu não excluo essa possibilidade), sentirei pelo resto da minha vida como uma estranha no culto oficial da Igreja, e que o mundo católico ao qual pertenço está morto" (176). Para o futuro próximo, ela prevê, na melhor das hipóteses, "uma contra-revolução, resultando em uma Igreja Católica muito reduzida" (182).

Muggeridge pensa que o Papa João Paulo II, "por seu entusiasmo missionário mundial pelo ensino fundamental sobre a moral sexual," iniciou oficialmente *a contra-revolução* (102). Assim também foram os pronunciamentos da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a teologia da libertação (160). Ela acredita que o Magistério Romano "iniciou o processo de identificação, isolamento e expulsão pelo qual o modernismo foi controlado no final do século XIX" (162). Ela clama pela reafirmação por todos os bispos de "todo o ensinamento da Igreja sobre a transmissão da vida humana" (173). Mas ela ainda aguarda "alguma ação simbólica dramática de Roma contra o cerne da revolução" (175). O Oratório Canadense fez muito para reconciliar os católicos ortodoxos com a nova Missa, especialmente com a nova Missa em vernáculo. "Sua única Missa dominical em latim e sua Missa regular em inglês e Vésperas provam que a nova liturgia, quando a letra da *Constituição sobre a Sagrada Liturgia* do Concílio é seguida, pode ser aceitável" (186).

No final das contas, conclui a autora, o modernismo não funcionou. Ele não renovou a Igreja nem tornou o Evangelho mais razoável para o homem moderno. Em vez disso, ele minou a fé de milhões, esvaziou as igrejas e "legitimou dentro da Igreja aquele retrocesso ao comportamento sexual pagão que está ocorrendo na sociedade secular" (189). A contra-revolução começou, mas "aqueles que 'detêm e ensinam a fé católica que nos vem dos Apóstolos' já são um remanescente." A perspectiva, portanto, permanece sombria. "A única coisa boa sobre o futuro é que não há um único momento dele que seja previsível" (193).

RUMO A UM FUTURO RECONCILIADO COM O PASSADO

Osangue Cidade é uma exposição penetrante da angústia que Anne Roche Muggeridge, uma leiga católica, enfrentou como resultado das mudanças efetivadas na Igreja após o Conselho Vaticano II. Sua experiência e documentação dizem respeito especialmente à Igreja no Canadá e nos EUA. No âmbito das "características comuns às revoluções", ela consegue mostrar de forma convincente que uma revolução de algum tipo ocorreu dentro da Igreja Católica, embora essa revolução não seja abrangente e completa. Ela restringe sua análise a alguns níveis locais e nacionais da Igreja, enfatizando especialmente as áreas de prática litúrgica e ensino doutrinal.

Parece que Anne Muggeridge desenhou um retrato notavelmente negativo da Igreja contemporânea, embora verdadeiro a partir das experiências que vivenciou. Várias áreas locais de atividade católica caíram *de fato* nas mãos de revolucionários, mas o fato permanece que outras áreas não caíram, e a hierarquia permanece, *de iure* e *de fato*, em sua maior parte não revolucionária. Os bispos foram fracos e complacentes diante da revolução, alguns deles se uniram a ela, mas a revolução não conseguiu assumir o controle da Igreja.

O Conselho Vaticano II não concedeu às hierarquias locais e nacionais "poderes novos e chocantes para sobrepor a autoridade central"; o poder de confirmar ou rejeitar foi mantido pela Santa Sé. Mas a Santa Sé confirmou um número surpreendente de iniciativas locais, mesmo que influências derivadas de sistemas de pensamento não católicos estivessem frequentemente presentes no nível local, e muitos problemas sérios surgiram a partir dessas concessões. Da mesma forma, os bispos não foram "divididos de Roma" de forma juridicamente discernível; eles simplesmente foram levados a uma ideia exagerada de sua própria autonomia. Richard McCormick falava com arrogância ao descrever o papel do teólogo como "preparar e anteceder as opiniões do magistério." Embora vários bispos tenham sido certamente enganados por ideias falsas de teólogos, o magistério como um todo foi apenas superficialmente influenciado por elas. "A dissidência se tornou a ortodoxia" em muitos círculos teológicos e pastorais, mas a maioria dos bispos não está dissentindo do ensino do Papa e da Santa Sé.

O Papa Paulo VI não permitiu exatamente que os radicais litúrgicos "fizessem o que quisessem"; ele impediu que o Arcebispo Annibale Bugnini, seu principal responsável litúrgico, realizasse as piores coisas que tinha em mente. Um estudo das memórias do Arcebispo Bugnini (*A Reforma Litúrgica*) revelará que, mesmo durante os anos mais precipitados e imprudentes da reforma, restrições foram impostas às inovações dos radicais, e esse controle deve ser atribuído ao Espírito Santo, atuando na Igreja. Se os resultados da reforma em sua plena manifestação podem, de certa forma, ser vistos como "um ritual institucionalizado de revolução", esse julgamento só é verdadeiro onde as rubricas foram interpretadas de forma revolucionária por ministros individuais ou por comitês litúrgicos locais.

Pode-se dizer que entre os membros conservadores e moderados da hierarquia e em seus arredores pastorais imediatos não há um espírito consciente de revolução contra a autoridade central do Papa ou contra os essenciais da tradição católica. O que ocorreu, na verdade, foi uma política de permissividade, pela qual em níveis inferiores muitos em autoridade pastoral, muitos em autoridade acadêmica, muitos obrigados pelo seu estado de consagração a dar um bom e edificante exemplo, foram autorizados a se engajar em um testemunho revolucionário que escandaliza os bons, trazendo tristeza e perplexidade sobre eles. Na experiência de Anne Muggeridge, tais pessoas agora estão na maioria. Em amplas áreas, ela provavelmente está certa,

e nessas áreas "a revolução se tornou o governo legítimo".

Eu já estava ciente de um certo clima de rebeldia contra a Tradição que já existia em alguns círculos acadêmicos católicos antes do início do Conselho Vaticano II. Isso era mais evidente entre os críticos de forma e entre aqueles teólogos não escolásticos que estavam ansiosos para trazer os "insights do mundo moderno" para a atmosfera claustral da Igreja. Alguns já haviam abraçado um pluralismo radical de pensamento, pelo qual seu pensamento se tornara apenas parcialmente católico e, em alguns casos, somente residual. Outros estavam dispostos a seguir o mesmo caminho de forma ingênua. O método de pensamento deles era um processo de "desfolhar a rosa" para chegar à 'essência' da crença e prática, da tradição e do propósito da existência. Esse era o método do humanismo existencial plenamente explorado nos escritos do apóstata católico Martin Heidegger e levado a sua conclusão lógica pelo teólogo protestante liberal Rudolf Bultmann.

O clima de muitos bispos no Conselho favoreceu esses revolucionários. O caráter 'pastoral' do Conselho significou para muitos bispos que eles não estavam lá principalmente para ponderar e valorizar valores perenes, mas sim, enquanto preservavam a 'essência' desses valores, para abrir a porta a novos insights e sentimentos modernos. Eles não pensaram que uma revolução poderia ser desencadeada enquanto os 'essenciais' fossem mantidos; não acreditavam que a linguagem ambígua pudesse causar muito dano enquanto o verdadeiro significado das palavras ainda estivesse presente por baixo. Eles realmente queriam iniciar algo novo, e não estavam dispostos a se preocupar muito sobre o que as novas direções poderiam causar à tradição - especialmente ao que era 'essencial' na tradição. Havia neles o entusiasmo de um novo começo, de uma emergência do gueto do passado, e eles levaram pouco tempo para escrutinar a natureza da porta que estava sendo aberta ou do caminho que levava além dela. Durante todo o curso do Conselho, apenas uma minoria dos bispos percebeu a metodologia de Heidegger e Bultmann ou seus objetivos finais.

Acredito que Anne Muggeridge está basicamente correta ao afirmar (66) que "os teólogos radicais queriam quebrar ainda mais a autoridade central do que os bispos, e colaboraram de todo o coração na busca episcopal pela colegialidade." Mas não creio que os bispos tenham tido qualquer intenção clara de "quebrar" a autoridade da Santa Sé. Era a ideologia do existencialismo por trás das novas ideias teológicas que buscava reduzir o Papa a um mero figurante, enquanto teólogos e bispos eram apenas seus instrumentos semi-conscientes. A ideologia em si era produto de mentes que estavam maioritariamente fora do Conselho, e sua influência mortal foi diluída na assembleia como um todo. Seus efeitos são visíveis na linguagem ambígua dos decretos e na falha em estabelecer limites definitivos sobre as mudanças que afetam a doutrina e a prática na Igreja. Foi o desejo de *enfraquecer* o exercício do Papado que estava disseminado entre os bispos, e Muggeridge constata que esse objetivo foi alcançado.

A Sra. Muggeridge vê a nova ênfase no "pluralismo litúrgico" como o principal veículo para introduzir a heterodoxia na Igreja. O ritual implica uniformidade, e não há dúvida de que as exigências por liberdade de escolha na liturgia, em detrimento das fórmulas milenares, tinham motivações que excediam a mera violação do bom senso. Era claro para o Papa Paulo VI que a reforma da Missa de Papa Pio V teria que permanecer um mero ajuste de um rito substancialmente duradouro. A impressão agora comum entre os fiéis em muitos lugares de que as celebrações da nova Missa não são mais o mesmo rito que o de Pio V constitui, para aqueles que percebem o que está em jogo, uma ocasião de medo de que a reforma da Missa tenha ultrapassado seus limites

naturais e possa, portanto, não sobreviver a longo prazo.

Muggeridge sustenta categoricamente a validade da nova liturgia "quando é celebrada de acordo com a mentalidade da Igreja," e ela mesma assiste à nova Missa, sabendo por experiência que "a presença exige uma luta constante para manter a visão de mundo católica diante da expressão litúrgica atual dela" (135). O que ela se opõe é à celebração da Missa segundo uma perspectiva de humanismo existencial que ela chama de "neo-modernismo." O Missal de Paulo VI de 1970 já apresenta mudanças extensas além do que é vislumbrado na Constituição do Conselho sobre a Sagrada Liturgia, mas o que particularmente incomoda católicos como Anne Muggeridge é o processo de mudanças contínuas que o novo Missal sugere, ou pelo menos sugeriu a aqueles encarregados de sua implementação. Esse processo está seguindo em uma direção, e, no entanto, o objetivo final não está definido, nem são estabelecidos limites absolutos.

A nova Missa permanece substancialmente a mesma que a antiga, desde que seja celebrada *no mesmo espírito* e com o uso de opções tradicionais. Na experiência de Anne Muggeridge, não apenas as opções tradicionais não eram utilizadas, mas o próprio desejo por elas era visto por alguns padres como ignorantemente retrocedente. Eles consideravam que a introdução de cada vez mais mudanças fazia parte da reforma de Paulo VI. As formulações e rubricas de seu novo Missal não eram vistas como formulações destinadas a permanecer inalteradas por décadas e séculos, mas sim como o ponto de partida para uma nova mentalidade litúrgica, focada principalmente nas inovações já produzidas e nas próximas a serem realizadas. Pessoas como Anne Muggeridge não conseguem conciliar essa nova mentalidade com a visão mais antiga de que a Missa é essencialmente um rito imutável. E elas ficaram chocadas ao encontrar uma atitude de hostilidade aberta em relação a práticas litúrgicas e devocionais que, até alguns anos atrás, eram universalmente reconhecidas como expressões autênticas do culto católico. Muggeridge acredita que essa hostilidade não provém do Espírito Santo, mas do espírito deste mundo, que é essencialmente anticatólico. O que, na visão dela, tomou o lugar do sacrifício imutável da Missa é a autoconsciência emergente da comunidade orante de que "eles são a Igreja" de uma maneira cada vez mais humanística e existencial.

Do ponto de vista progressista, o problema de Anne Muggeridge não existe objetivamente: nenhuma revolução ocorreu, nenhuma ideologia alienígena entrou em vigor, fracassos e abusos não foram causados pelas novas políticas em vigor, não há declínio espiritual decorrente da reforma, não há perigos nas próximas mudanças que estão sendo contempladas. Mas a angústia do coração não pode ser negada, e a hostilidade, desprezo ou simples entretenimento com que essa angústia é recebida pelos eclesiásticos 'mainstream' deve levá-los a refletir. Por que há tão pouca simpatia pelo que era especificamente católico até poucos anos atrás? Muitos buscam atribuir essa hostilidade ao "espírito do Vaticano II", e havia tal espírito presente em alguns bispos francos que participaram do Concílio, mas outros veem isso como derivado de um egotismo descontrolado que caiu na armadilha do humanismo existencial. A nova hostilidade em relação ao culto católico tradicional pode ser, na análise final, um sentimento anticatólico.

O novo pluralismo fez parecer que muitos em autoridade pastoral não estão mais operando "a partir de uma visão de mundo católica coerente". Qualquer tal coerência é considerada "integrismo." E assim ocorre o vigoroso avanço da exegese e teologia liberais, bem como a recusa de se opor a isso por coerência com a tradição católica. Os professores mais rebeldes e

anticatólicos são ocasionalmente disciplinados, mas o consenso liberal permanece em controle sem contestação. Os defensores do catolicismo ortodoxo são frequentemente tolerados pela hierarquia, mas raramente ajudam.

As esperanças de Anne Muggeridge, em 1986, por "alguma medida dramática de Roma contra o cerne da revolução" parecem não ter se concretizado, embora movimentos mais recentes contra correntes como a "teologia da libertação" tenham sido significativos, e o motu proprio *Ecclesia Dei* de 2 de julho de 1988, convocando a compreensão, especialmente por parte dos bispos, das "aspirações legítimas" de "todos os fiéis católicos que se sentem ligados a algumas formas litúrgicas e disciplinares anteriores da tradição latina" pode ser verdadeiramente descrito como a magna carta da crença e prática tradicional na Igreja. Este documento do Papa João Paulo II veio em um momento de preocupação de que o cisma do Arcebispo Lefebvre não recebesse as condições para crescer, mas o tom do documento é impressionante. Muitos, no entanto, o viram como aplicável apenas àqueles que primeiro entram em cisma e depois buscam reconciliação com a Igreja de Roma, e não àqueles que resistiram pacientemente à tentação de se afastar da autoridade visível da Igreja. Espero e rezo para que as condições em que o cisma poderia crescer sejam mitigadas por ação pastoral oportuna e que aqueles que têm um apego devocional às formas litúrgicas e disciplinares mais antigas aceitem a cruz de permanecer obedientes a seus pastores legítimos enquanto a Igreja lentamente avança para fornecer cuidados pastorais adequados para eles.

Anne Muggeridge suportou essa cruz, e seu livro é uma expressão eloquente de uma espiritualidade profundamente tradicional que nunca desapareceria na Igreja. Outros livros similares ao dela foram publicados nas últimas décadas, cronicando as experiências de católicos tradicionais em uma medida nunca antes alcançada. Esses católicos têm encontrado comunidade entre si dentro dos limites permitidos pela lei. Suas "aspirações legítimas" começaram a receber reconhecimento estrutural e cultural da Santa Sé e de muitos ordinaries locais, especialmente na disponibilidade de celebrações da Missa de acordo com o Missal de 1962. Novas inovações na prática litúrgica contemporânea ampliarão a lacuna existente agora, ou o uso de opções tradicionais tenderá para a reconciliação com o passado? Mãos liberais estão prontas para desprender a pétala do altar masculino da rosa da prática litúrgica, com o argumento de que a exclusão das mulheres é 'não essencial.' Abaixo estão as pétalas do diaconato masculino e do sacerdócio masculino. Teólogos radicais já prepararam a opinião de que essas duas pétalas estão apenas na superfície e não dizem respeito à 'essência' do culto católico, especialmente em uma Igreja que está se tornando cada vez mais consciente de si mesma como uma comunidade que adora. Então, há católicos tradicionais obedientes como Anne Muggeridge, que sofrem porque não conseguem participar dessa mentalidade. E há aqueles que não têm a paciência e a prudência de Anne Muggeridge.

2.3.2 Resenha da Cidade Desolada por Ratzinger na revista Communio

Ratzinger escreveu uma resenha de seu livro na revista Communio

http://www.communio-icr.com/ratzinger.html

"Discursos do Cardeal Frings Durante o Segundo Concílio Vaticano: A Propósito de *A Cidade Desolada* de A. Muggeridge." 15, n.º 1 (1988): 131-47 NC.

2.3.3 Anne Roche Muggeridge recomenda reverter os altares

http://www.adoremus.org/1199-Kocik.html

Em seu livro *A Cidade Desolada,* Anne Roche Muggeridge oferece esta proposta contundente:

Se um anjo me permitisse uma sugestão sobre o que mais rapidamente restauraria o sentido do sagrado na Missa, seria acabar com a Missa voltada para o povo. Estou convencida de que a posição do sacerdote no altar é o único símbolo litúrgico "externo" mais importante, aquele que carrega o maior peso doutrinário. Colocar o sacerdote de volta do nosso lado do altar, voltado conosco para Deus, restauraria de uma só vez a Missa de um exercício de relacionamento interpessoal para a oração universal da Igreja a Deus nosso Pai. Com o sacerdote voltado para Deus novamente como líder do povo, a importância do microfone diminuirá, e o sacerdote poderá parar de fazer caras para nós. Ele e nós podemos voltar a pensar apenas no que está acontecendo no Mistério. (Anne Roche Muggeridge, *A Cidade Desolada: Revolução na Igreja Católica,* ed. rev. São Francisco: Harper & Row, 1990, pp. 176-77.)

Relações de Dom Williamson e Malcolm Muggeridge

2.4.1 Passagens biográficas da vida de Dom Williamson sobre Malcolm Muggeridge

Completando as honras ao clero hoje, apresentamos, em ordem alfabética, o **Troféu Torre de Trent** ao **Bispo Richard Williamson**, que foi Reitor de Seminaristas por 21 anos e lecionou por quase 40 anos. Assim como **Bispo Bernard Fellay**, que homenageamos na última terça-feira, o Bispo Williamson foi consagrado bispo por **Arcebispo Marcel Lefebvre** na consagração histórica de 29 de junho de 1988, que, para os modernistas, foi a gota d'água que quebrou o *sensus Protestantius* do camelo progressista. Como todos sabemos, o Arcebispo Lefebvre e os quatro que ele elevou à episcopado foram sumariamente e ilegalmente excomungados sem o devido processo canônico. Foi uma tática de intimidação que os liberais da Nova Ordem planejaram por mais de 15 anos. Como vimos desde 1988, a determinação desses quatro recém-ordenados se fortaleceu, especialmente na Brit de Deus com seu maravilhoso intelecto.

Richard Williamson nasceu em uma família anglicana na Inglaterra em 8 de março de 1940. Embora não tivesse consciência disso na época, ele nasceu literalmente à sombra da festa do Doutor angélico **São Tomás de Aquino** em 7 de março, que viria a desempenhar um papel tão importante em sua vida. Sua infância foi passada sendo levado a abrigos antiaéreos quando as sirenes de ataque aéreo soavam para alertar os ingleses sobre a aproximação de aviões nazistas da Luftwaffe. Sobrevivendo à guerra e aos bombardeios, ele se tornou um jovem forte que se matriculou na grande e prestigiosa Universidade de Cambridge, onde obteve seu diploma em Literatura. Pouco se sabe sobre sua vida nos primeiros anos, mas após a faculdade ele começou a lecionar Literatura em Gana, na África. **Durante esse período, ele foi grandemente influenciado pelo indomável Malcolm Muggeridge, e muitos acreditam que isso despertou sua conversão ao catolicismo. O Bispo Williamson escreveu em agosto passado: "Posso lembrar que Malcolm Muggeridge dizia que, justo quando o mundo moderno havia se provado um fracasso total após a Segunda Guerra Mundial, e justo quando a Igreja Católica poderia e deveria ter aceitado a rendição incondicional do mundo à sua Verdade, nesse momento os próprios clérigos católicos se renderam no Concílio Vaticano II, e se entregaram a esses princípios modernos que são a dissolução**

do catolicismo." Sua busca pela verdade o levou a um velho padre irlandês que, como Deus assim quis, teve uma grande influência na conversão de um amadurecido Richard e possivelmente o guiou para Econe, pois o padre da velha terra percebeu que a Igreja havia embarcado em um caminho fatídico ao seguir o Vaticano II.

O caminho de Richard o levou à Suíça e ao Seminário em Econe. É muito interessante para este editor que o Seminário em Econe foi estabelecido no mesmo ano - 1970 - em que muitos seminários no mundo estavam fechando - incluindo o colégio jesuíta em St. Mary's, Kansas e, a cerca de 250 milhas ao sudeste, o muito ortodoxo seminário católico dos Oblatos de Maria Imaculada, que frequentei de 1957 a 1963, em Carthage, Missouri. Foi fechado devido à falta de vocações, quando, durante meu tempo lá, as vocações estavam florescendo. Que triste ver esses campos de sementes de vocações sacerdotais sendo abandonados. Para alguns, aquilo que foi descartado pode ser tesouros, e foi isso que o Arcebispo Lefebvre encontrou em Econe. Outro tesouro, embora o Arcebispo pode não ter sabido disso na época, era Richard Williamson, que o Arcebispo precisou recrutar para o corpo docente a fim de ensinar seus colegas seminaristas em 1976, quando pressões indevidas e ilegais de Roma moderna - começando pelo Secretário de Estado **Cardeal Jean Villot** - afastaram muitos dos professores ordenados. O Arcebispo Lefebvre recrutou aqueles que podiam ensinar, e não havia ninguém melhor em literatura do que Richard Williamson. Sua maturidade e domínio na condução dos alunos impressionaram muito o Arcebispo, tanto que, após sua ordenação ao sacerdócio em 1982, ele foi enviado para lecionar no Seminário da Sociedade em Zaitzkofen, na Alemanha - Seminário Internacional do Sagrado Coração, que havia sido transferido de Weissbad em 1978.

Ele ficou lá por apenas um curto período antes de ser transferido para o Seminário São Tomás de Aquino em Ridgefield, Connecticut, em 1983. Ridgefield era o Seminário americano da Sociedade, que havia começado em Armada, Michigan e se mudado para Ridgefield em 1979. Logo após sua chegada, com a bênção do Arcebispo, o novo Vigário Geral **Padre Franz Schmidberger** nomeou o Padre Williamson como Reitor do Seminário São Tomás de Aquino.

Pouco sabia Richard que ficaria afiliado ao Seminário São Tomás de Aquino pelos próximos vinte anos. O seminário continuou a crescer, com 19 novos aspirantes se matriculando em 1987. No meio do ano, o seminário já havia se tornado pequeno demais, e a Providência forneceu a resposta ao direcionar a Sociedade para uma propriedade vazia pertencente aos dominicanos, acima das margens do rio Mississippi, em Winona, Minnesota, no Stockton Hill. Com alguns reparos e a Providência de Deus, a Sociedade conseguiu se mudar de Ridgefield para estabelecer-se no novo São Tomás de Aquino, em uma extensa propriedade com uma magnífica capela de mármore no sudeste de Minnesota. Assim como Armada não foi abandonada, mas transformada em um noviciado, Ridgefield também não foi fechado. Em vez disso, tornou-se uma casa de retiros, enquanto o seminário americano agora estava totalmente sediado no coração do meio-oeste.

Em 1988, o Padre Williamson foi escolhido entre outros três para ser elevado ao episcopado, e essa honrosa distinção foi concedida em 29 de junho de 1988 por Sua Excelência, o Arcebispo Lefebvre. Como mencionamos em nossa homenagem a Sua Graça, encorajamos você a ler a excelente série de doze partes sobre as ordenações listadas nos arquivos em As Ordenações Episcopais Ilícitas do Arcebispo Marcel Lefebvre.

Em verdadeira fashion de pastor, ele foi enviado em viagens de Confirmação de volta à sua terra natal, a Inglaterra, e depois à Irlanda, antes de seguir para a África do Sul, Zimbábue e então a longa jornada até a Oceania, com visitas na Nova Zelândia, Austrália e finalizando no Havai. Em 1993, ele dedicou a bela igreja de São Pio X em Cincinnati, Ohio, e um ano depois, recebeu em Winona a Conferência Anual de Sacerdotes, onde 41 sacerdotes da SSPX se reuniram no Stockton Hill. Além de atribuições especiais de natureza missionária, o Bispo Williamson passou a maior parte do tempo como Reitor do seminário em Minnesota, onde esteve até o outono passado, quando foi nomeado o novo Reitor do Seminário Nossa Senhora Co-Redentora em La Reja, Argentina, que foi construído em 1981 para seminaristas sul-americanos. Ele foi substituído pelo **Pai Albert Le Roux**, que ele ordenou em 1990, conforme ilustrado aqui.

Enquanto ele era um cultivador de almas como o jardineiro da colheita, também percebeu a necessidade de eliminar aqueles que poderiam enfraquecer o solo. Tal foi a situação em 1997, quando ele expeliu **Padre Carlos Urrutigoity** e dois seminaristas do Seminário São Tomás de Aquino. Eles subsequentemente se refugiaram na diocese problemática de Scranton, acolhidos pelo indiscriminado **Bispo Timlin**, que ignorou os avisos dos Bispos Williamson e Fellay. Agora, o sucessor de Timlin em Scranton está colhendo os amargos frutos de processos judiciais por abuso sexual movidos contra sacerdotes da Sociedade de São João, que o rebelde Urrutigoity formou quando não conseguiu atender às expectativas sob a vigilante e cuidadosa supervisão de Williamson. Graças a Deus, o Bispo era um bom jardineiro e um dos sinais da SSPX é guardar cuidadosamente não apenas o Sagrado Depósito da Fé, mas também as virtudes da castidade e da modéstia.

Para agradecer aos benfeitores e mantê-los informados sobre as situações, o Bispo Williamson começou uma carta mensal que logo se tornou leitura obrigatória para todos. Com o advento da internet, tornou-se muito popular e nós a pegamos em 2001, publicando o máximo que pudemos. Era uma oportunidade de encontrar algum sentido e senso católico na loucura que vinha de Roma, e o Bispo Williamson nunca hesitou em enfrentar a controvérsia de dizer as coisas como elas são. Ele não tinha problemas em afirmar que existem liberais bons e liberais ruins, mas um fato permanece: ambos são liberais. Essa mensagem ficou clara em suas cartas e, em sua última carta aos benfeitores em agosto, ele escreveu:

" Muitos de vocês, abençoados, têm perguntado se, na véspera de minha partida dos Estados Unidos, planejo ainda escrever uma carta mensal. Se eu o fizer, certamente não será esta carta, que pertence ao Seminário e, portanto, irá para o novo Reitor do Seminário, que fará o que desejar. Também não deveria ninguém interferir com um sucessor em um cargo de comando 'permanecendo por perto'. Nem qualquer carta escrita para um público argentino seria exatamente a mesma. Mas o tempo pode fazer com que eu pegue a caneta novamente - eu poderia até ser levado para a Internet! Mas não de bom grado!"

Que possamos rezar para que um dia ele encontre seu caminho de volta à web, pois seus escritos são profundamente sentidos. Apesar de seu humor, ele sempre teve um método em sua loucura ao alertar os fiéis sobre a loucura que vai por parte dos modernistas em Roma e, até mesmo em sua coluna de despedida, **Persevere na Verdade**, ele escreveu:

"Enquanto isso, anexado você tem o poema de despedida prometido. O Irmão Marcel fez as caricaturas. Espero que ele e elas sugiram o quanto eu aproveitei meus 21 anos nos Estados Unidos, e agradeço a todos vocês pelo apoio e amizade. Quando chegar à Argentina, precisarei de uma operação cardíaca - o buraco deixado por todos vocês! Entretanto, para que o poema leve qualquer pessoa a pensar que desta vez eu realmente perdi a razão, deixem-me esboçar mais uma vez o sério perigo representado pela Roma de hoje."

Ele terminou sua última carta com um poema espirituoso que resume muito mais do que podemos escrever aqui, e o incluímos novamente junto com as caricaturas do **Irmão Marcel** de Winona que o mostram saindo descalço com sua bolsa britânica em direção a La Reja. A outra ilustração é de um Williamson chorando, que diz: "Não chore por mim, Argentina, pois a terra de Evita nunca mais será a mesma!" Por isso, dizemos que o Bispo Williamson formará sacerdotes santos na América do Sul, agora a Argentina e toda a Cristandade estarão melhores por isso.

A seguir está o poema que Sua Excelência escreveu em sua despedida.

Então, queridos amigos, após vinte e um anos
Deixo os Estados Unidos, com muitas lágrimas.
Aos sessenta e três, dei o que pude dar,
É hora de ceder meu lugar a um homem mais jovem.
Quando cheguei aqui, vim com o coração pesado,
E agora, com igual tristeza, parto.
Pois quando vim, eu não queria sair
De onde estive antes. Então, agora, lamento.
Deixar o cenário de um terço da minha vida,
Carregado com o trabalho sacerdotal e uma luta feliz.
Mas lembro claramente, quando cheguei,
A três companheiros no avião
Disse: "Eu me divertirei nos EUA!"
E isso se provou verdadeiro. Então, agora meu tempo acabou,
Eu poderia esperar a mesma diversão onde vou,
Exceto - a América é única, e assim
O lado divertido da minha carreira deve terminar,
Enquanto vou em direção a uma terra mais séria.
Meus amigos podem derramar uma lágrima, mas não meus inimigos
Que pensam que minha partida finaliza suas aflições.
Mas que não se regozijem! "EU VOLTAREI"
Como Bispo, para ordenar e confirmar!
Então, se os liberais ousarem se levantar novamente
Eu trovejarei, rosnarei e atacarei com todas as minhas forças!
Agora não me falem de mulheres se tornando S-L-A-C-K,
Ou instantaneamente estarei de volta!!
E se elas estiverem S-L-A-C-K-I-N-G quando eu estiver morto,
Meu fantasma virá assombrá-las, feroz e temido!

Enquanto isso, queridas damas e meninas dos EUA, que Deus as abençoe
Por serem tão dóceis com seus trajes femininos!
Nunca os homens precisaram tanto de mulheres verdadeiras!
Na Europa, eles poderiam aprender uma coisa ou outra
Com as garotas yankees, elegantemente vestidas!
Muito bem! - por seus próprios filhos vocês serão abençoadas
Que aprendem o que é uma mãe - NÃO UM HOMEM!
Infelizmente, é difícil fazer um plano
Para futuras newsletters. Elas dificilmente se encaixam
Em países carentes da velha... sagacidade yankee!
Mas confiem que eu os apoio de longe.
Homens, sejam bons pais. No lar, vocês são
Por desígnio de Deus a cabeça. Não se deixem abater!
Não são apenas as mulheres que devem ser devotas!
Estejam cheios de Deus e liderem contra o mundo -
Por homens católicos, o Diabo deve ser lançado
De volta ao inferno! Orem firme! A dor está a caminho
Com gritos e lamentos de tristeza, nem é aquele dia
Longe. Então, cingam os quadris, sejam fortes, mantenham-se altos -
O amanhã não tem espaço para espíritos pequenos.
Fujam da eletrônica. Fiquem com a vida real.
Dediquem tempo, amor e atenção à sua esposa.
Esqueçam "A Noviça Rebelde", coisas bobas
Sobre as quais o mundo já teve mais do que o suficiente.
Assim termina a última newsletter que escreverei.
Em breve, deverei voar para o sul, longe na noite.
Ah, meus queridos amigos! - Sinto que posso chorar!
ATÉ LOGO! ADEUS! AUF WIEDERSEHEN! ADEUS!

Embora não esteja na internet, ele pode não receber essa homenagem a menos que alguém lhe escreva ou quando voltar a Winona em junho para ordinar os quatro novos padres. Mas não é importante que ele a veja, mas que outros a vejam e, em oração, agradeçam por homens como o Bispo Richard Williamson, enquanto o celebramos no Hall da Honra da Torre de Trent na festa de seu conterrâneo santo, o primeiro Arcebispo de Canterbury **São Agostinho de Canterbury**, e lhe apresentamos o Troféu da Torre de Trent e declaramos este dia **Dia do Bispo Richard Williamson** em toda a Cristandade.

2.4.2 Oração fúnebre de Monsenhor Williamson pela morte de Malcolm Muggeridge

Malcolm Muggeridge

Apreciação do Bispo Richard Williamson:

"Assim, Malcolm Muggeridge faleceu, com a venerável idade de 87 anos. Ele foi um famoso jornalista e locutor no mundo de fala inglesa, mas especialmente em seu próprio país, a Inglaterra, e em seus últimos anos se converteu ao catolicismo. Incontáveis almas que buscam a Deus devem muito a ele. Eu fui uma delas. Querido Malcolm! - '*Que Deus o descanse, a todos que ele ofendeu.*'

"Quando retornei à Inglaterra em 1965, após dois anos na África, e, como mestre escolar em Londres, encontrei os alunos, assim como seu país, devastados por, especialmente, quatro mop-heads indignos conhecidos como os Beatles. Procurei por uma voz de sanidade, ou um representante de valor, e destacando-se em sua condenação articulada, engraçada, mas implacável de nosso século XX sem valor, sem deixar-lhe chance de apelo, estava Malcolm Muggeridge.

"Com cláusulas bem elaboradas e astúcia alegre, seus artigos que eu lia atacavam os falsos deuses do Liberalismo, e sem misericórdia ou malícia os despedaçava. Os pobres liberais acusavam Malcolm de ser 'negativo', de ser 'destrutivo' - você sabe toda a linha bobinha! - mas para quem tivesse olhos para ver ou ouvidos para ouvir, havia mais nele do que isso. Em primeiro lugar, alguém que não tem nada a dizer geralmente não se preocupa com estilo ou técnica para dizê-lo, mas Malcolm sempre teve estilo e era um artesão da língua inglesa.

"E então, em segundo lugar, por trás de toda a zombaria travessa e iconoclasmo, havia uma sensação coerente de que havia alguns **valores reais** pelos quais todos os poltrões fingidos que os traíram estavam condenados. Assim, embora ele não fosse católico na época, nem mesmo, pelo que me lembro, professasse ser cristão, atraía um grande número de crentes implícitos e explícitos que não tinham mais ninguém para defender suas mentes e almas contra a grande mentira do Liberalismo, com a qual seus líderes oficiais estavam, de um modo ou de outro, concordando.

"Então, um dia, peguei uma bicicleta e fui até sua casa em Robertsbridge, Sussex, para visitá-lo. Não me lembro se anunciei minha visita (completamente sem importância) com antecedência ou não. De qualquer forma, ele e sua esposa Kitty me receberam com muita cordialidade, me sentaram para o almoço, e conversamos, e ele ouviu, e essencialmente entendeu tudo que 'meu querido garoto' tinha a dizer sobre os males de ensinar a juventude abandonada em Londres, na metade do século XX.

"Tenho boas lembranças de talvez meia dúzia de tais visitas a Malcolm e Kitty ao longo dos anos seguintes. De forma alguma estou me gabando de que eu era um amigo especial deles, apenas que Malcolm foi um bom amigo para mim, um amigo em necessidade, como não tenho dúvida de que foi para centenas, talvez milhares, de derelictos espirituais do século XX que, assim como eu, fizeram a peregrinação até o Sábio de Park Cottage.

"Quão bom é Deus! Penso que se Malcolm tivesse sido um católico plenamente reconhecido na época, eu talvez não tivesse me aproximado dele. Como estava, com sua mente afiada e independente que havia penetrado no esquerdismo e saído do outro lado, com sua total recusa em acreditar nas ilusões do século XX, e com sua sabedoria e bondade manifestadas em seu ouvido atento e calorosa hospitalidade, ele me ajudou muito até o momento em que deixei Londres e fui à

frente dele para a Igreja Católica.

"*Ah, meu querido garoto, agora você é um membro pleno e portador de cartão,*" foi sua saudação a mim quando o visitei novamente no sul da França, como se eu tivesse feito algo como me juntar ao Partido Comunista! Mas posso me lembrar de como fui com eles a uma Missa local, algo que ele me disse que ele e Kitty faziam todos os dias, e como eles se sentaram no fundo... Malcolm disse que a mera ideia de receber a Comunhão era algo ainda alheio a ele... ainda assim a reverência com que ele assistiu à Missa, como descrever? Este homem de cabelos brancos recuado para o fundo da igreja escura, com sua companheira de vida ao seu lado e com anos de vida e batalhas vividas atrás dele, várias décadas de luta e questionamento, tudo lançado em homenagem silenciosa diante do grande Mistério no qual ele pressentia, mas ainda não podia discernir, a Resposta... E então emergíamos para a luz do dia, e o século XX recomeçava com café e café da manhã e conversas informais.

"Assim, não foi uma grande surpresa quando, talvez dez anos depois, ele e Kitty entraram na Igreja. ***Deo gratias.*** No entanto, leitores católicos de seus vários livros autobiográficos podem se surpreender, por exemplo, com sua escolha de heróis não católicos, com exceções como, é claro, o grande Santo Agostinho, que ele amava. Lamentavelmente, nunca mais encontrei Malcolm depois que ele se tornou católico, então não posso ter certeza de como ele evoluiu, mas suspeito que ele entrou na Igreja pelo coração, atraído especialmente pelo exemplo e pelo contato com a Madre Teresa de Calcutá, enquanto uma certa parte de sua razão permaneceu do lado de fora, com os existencialistas e seus progenitores. Mas que esses leitores fiquem assegurados de que uma grande parte da cabeça de Malcolm *era* católica - quantos reitores católicos de uma universidade prestigiosa desistiriam, como ele fez, anos antes de se tornar católico, em protesto à disponibilidade de contraceptivos no campus? Ele acreditava sinceramente em muito do que muitos 'católicos' haviam simplesmente abandonado. De qualquer forma, ele foi um farol na escuridão para muitos dos vagabundos espirituais do nosso tempo, como eu. Querido Malcolm, obrigado e adeus! Leitores, rezem por Malcolm e pela Kitty que ele deixou para trás:

"*Terra, não pressione duro sobre esses ossos*

de Malcolm, o que odeia hipocrisia,

Para subir, eles estão muito cansados agora

E nada os impedirá depois."

- Richard Williamson. 1.12.90

Especialmente recomendado: - Um Testemunho do Século XX

Leituras adicionais: - Conversas à Beira da Lareira (Angelus Press)

Por Kitty Muggeridge **-** Olhando para a Verdade

Kitty e Malcolm foram recebidos juntos na Igreja Católica e ambos tinham ampla experiência em escrita, reportando de todo o mundo e aparecendo na televisão e nos principais jornais. "*Desde o*

início da minha vida", ele escreveu uma vez, "*nunca duvidei que as palavras eram meu 'metier'. Não havia nada mais que eu quisesse fazer a não ser usá-las; nenhuma outra realização ou conquista que eu tivesse a menor consideração ou desejo de emular. Sempre amei palavras e ainda as amo, por sua própria sake. Pelo poder e beleza delas; pelas coisas maravilhosas que podem ser feitas com elas.*" Em uma conferência dada no salão de Westminster, o Sr. Muggeridge comparou sua própria vilificação pela mídia liberal ao tratamento semelhante de certos setores em relação ao Arcebispo Lefebvre. Duas citações suas em particular são memoráveis, ambas dos dias antes de sua conversão final e recepção na Uma Verdadeira Fé: "*Enquanto os não católicos nunca foram deixados em dúvida sobre a singularidade e a autoridade do catolicismo romano, o atual delírio ecumênico dá a impressão distinta de que as denominações cristãs estão indiferentemente se atropelando, como tantos bêbados se apoiando uns aos outros... para não tropeçar no caminho que estão cambaleando em direção a casa,*" e "*Exceto mostrar Shakespeare em Stratford-upon-Avon, eu realmente adoraria mostrar Jesus Cristo ao redor do Vaticano.*"

Ele e sua esposa são lembrados por europeus orientais gratos como os primeiros jornalistas a explodir o mito do *paraiso operário* soviético de Stalin na primeira metade deste século e a alertar a atenção mundial sobre a situação de milhões que morreram de fome sob o Plano Quinquenal. Malcolm *falecer* antes de sua esposa por quatro anos. Que suas almas e as almas de todos os fiéis defuntos, pela misericórdia de Deus, descansem em paz.

"*O Aquário de Peixes Dourados*"; este Perfil é o texto de uma conferência em Belfast e Dublin dada (1984) pelo biógrafo do Arcebispo M. Lefebvre, autor e apologista Michael Davies. Este galês, que possui um Diploma de Honra da Universidade de Londres e um diploma de ensino do St. Mary's College, Twickenham, tem sido professor nos últimos vinte e cinco anos em escolas católicas.

Além disso, ele escreveu muitos artigos para periódicos católicos em todo o mundo de língua inglesa e é autor de vários panfletos de sucesso. Por fim, ele escreveu alguns livros de maior extensão, como *Apologia Pro Marcel Lefebvre*, que agora se desdobra em vários volumes, a série de três volumes sobre Revolução Litúrgica, e uma esplêndida narrativa da luta de São Pio X contra os modernistas do século passado - e as lições para nós hoje - intitulada *Partidários do Erro*. Seu trabalho foi traduzido para muitas línguas, sem excluir o galês, é claro...

Fotocopie e difunda

MISTÉRIO DA INIQUIDADE: Investigação Teológica, Histórica e Canônica

- MISTÉRIO DA INIQUIDADE: investigação teológica, histórica e canônica
- Prefácio de Mons. Dolan
- Prefácio
- Introdução
  - A. Algumas citações surpreendentes
  - B. O plano maçônico de infiltração na Igreja romana
  - C. Investigação Teológica, Histórica e Canônica
- Investigação Teológica: A Infalibilidade Papal
  - 1. PODE UM PAPA DESVIAR-SE DA FÉ?
  - A. A prefiguração da infalibilidade pontifical pela cátedra de Moisés
  - B. Os Evangelhos

- C. Os Pais da Igreja
- São Tomás de Aquino
- E. Os Papas
- 2. É possível que um papa ensine um erro na fé?
- 3. UM PAPA PODE CAIR EM HERESIA COMO 'DOCTOR PRIVADO'?
- A. A rejeição da noção de "doutor privado" pelos Padres do Vaticano
- B. São Bellarmino refuta os partidários da tese do "doutor privado herege"
- C. Os Padres do Vaticano comentam o "Formulaire d'Hormisdas": os pontífices romanos são "IMUNIZADOS contra o erro"
- D. Um papa "JAMAIS" falhará na fé: esse é o dogma definido por Pio IX e pelos Padres do Vaticano!
- 4. A HISTÓRIA ECLESIÁSTICA CONHECE CASOS EM QUE UM PONTÍFICE APOIOU UMA HERESIA?
- A. Das fábulas caluniosas, cem vezes refutadas
- B. São Pedro
- C. São Libério
- D. Honório I
- E. João XXII
- 5. DOS MOVIMENTOS HERÉTICOS QUE ESTÃO NA ORIGEM DA NEGAÇÃO DA INFALIBILIDADE PAPAL
- A. Os cortesãos de Luís da Baviera
- B. O atentado contra o papa Bonifácio VIII
- C. Os carrascos de Santa Joana d'Arc
- D. O grande cisma do Ocidente
- E. Os galicanos
- F. Os Hussitas
- G. A Heresia de Pedro de Osma
- H. Os protestantes
- I. Os jansenistas
- J. Os febronianos
- K. Os maçons
- L. Os velhos católicos
- M. Os modernistas

- Inquérito Histórico: Infiltrações Antigas e Recentes
  - UMA CINQUENTA DE ANTIPAPAS
  - A. Algumas informações estatísticas
  - B. Usurpadores heréticos ou flertando com os hereges
  - C. "Anacleto II"
  - D. Rampolla
  - Conclusão
  - Uma Centena de Conciliábulos
  - VATICANO II: CONCÍLIO INFALÍVEL OU CONCILIÁBULO FALÍVEL
  - A. Vaticano II: pastoral ou dogmático?
  - B. Magistério infalível extraordinário ou ordinário?
  - C. Valor de Obligação do Vaticano II
  - D. Contradição entre o Vaticano II e a doutrina católica
  - E. É permitido contestar este concílio?
  - Conclusão
  - 9. WOJTYLA É CATÓLICO?
  - A. Uma doutrina heterogênea
  - B. Wojtyla aprovou ex cathedra heresias?
  - C. "Eu creio em Deus, Pai Todo-Poderoso" [ERROS SOBRE O PODER POLÍTICO]
  - D. Eu creio em Deus, "Criador de todas as coisas" [EVOLUCIONISMO]
  - E. Eu creio "em um só Senhor, Jesus Cristo" [O CRISTO-REI DESTRONADO PELO HOMEM-REI]
  - F. Eu creio no "Filho único de Deus" [JESUS NÃO É O MESSIAS]
  - G. Eu creio que o Filho é "consubstancial ao Pai" ["DA MESMA NATUREZA" SEGUNDO ÁRIO E A IGREJA CONCILIAR]
  - H. Eu creio que "Ele se encarnou da Virgem Maria" [ATAQUE CONTRA O DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO]
  - I. Eu creio que "Ele desceu aos infernos" [HERESIA DE ABELARDO E DE CALVINO]
  - J. Eu creio que "Ele subiu aos céus" [FICÇÃO METAFÓRICA]
  - K. Eu acredito que Ele 'voltará para julgar os vivos e os mortos' [HERESIA DE ZANINUS DE SOLCIA AMPLIFICADA POR WOJTYLA]
  - L. Eu creio no Espírito Santo" [TRÊS PECADOS WOJTYLIANOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO]

    - M. Eu creio "na Igreja una, santa, católica e apostólica" [A RELIGIÃO À LA CARTE]

- INQUÉRITO CANÔNICO: A VISIBILIDADE DA IGREJA
    - UM NÃO CATÓLICO PODE SER ELEITO PAPA?
    - A. Uma lei de direito divino
    - B. Um princípio constante da legislação apostólica bimilenar
    - C. A constituição apostólica Cum ex apostolicum (1559) do papa Paulo IV
    - D. Paulo IV emitiu um julgamento ex cathedra
    - E. O Papa São Pio V ordena que as prescrições de Paulo IV sejam "observadas inviolavelmente"
    - F. O Papa São Pio X faz inserir a bula de Paulo IV no código de direito canônico
    - G. O Papa Pio XII confirma a inelegibilidade dos não-católicos para o pontificado supremo
    - Conclusão
    - RONCALLI, MONTINI, LUCIANI E WOJTYLA DESVIARAM-SE DA FÉ ANTES DE SUA ELEIÇÃO?
    - A. O juramento antimodernista de São Pio X traído
    - B. Aplicação prática da lei a Angelo Roncalli
    - C. Aplicação prática da lei a Giovanni Battista Montini
    - D. Aplicação prática da lei a Albino Luciani
    - E. Aplicação prática da lei a Karol Wojtyla
    - Conclusão
    - O TRONO PAPAL PODE SUBSISTIR TEMPORARIAMENTE SEM PAPA?
    - Ausência de Papa
    - Conclusão
    - AS QUATRO MARCAS DA IGREJA VISÍVEL
    - A. A marca da unidade
    - B. A marca da santidade
    - C. A marca da catolicidade
    - D. A marca da apostolicidade
    - A Igreja conciliar não possui as quatro notas da Igreja visível!
    - Conclusão

- CONCLUSÃO

    - A. A invalidade dos Conclaves
    - B. A "ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO NOS LUGARES SANTOS"
    - C. APOLOGIA DA IGREJA ROMANA
    - D. A VIRTUDE DA ESPERANÇA

- Posfácio
- ANEXOS
    - ANEXO A: Honório I, um papa "brilhante pela sua doutrina", que "instruiu eruditamente o clero"
    - A. A ortodoxia de Honório comprovada pelos testemunhos de seus contemporâneos e por seus próprios escritos
    - B. Primeiras Falsificações (640-649) Contra Honorius, Desmascaradas pelos Contemporâneos do Papa Falecido
    - C. A falsificação dos atos do VI Concílio Ecumênico (680-681)
    - D. Fraudes dos Gregos contra Honório definitivamente condenadas pela Igreja
    - E. Os trabalhos históricos que tratam Honorius como herege são proibidos pela Igreja.
    - ANEXO B: A bula de Paulo IV inserida no direito canônico
    - ANEXO C: O que é um "herege"?
    - A. A Pertinácia
    - B. Ninguém está isento de ignorar o magistério
    - C. Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla são pertinazes?
    - D. Os hereges não fazem parte da Igreja

- BIBLIOGRAFIA
    - A. Coletâneas de textos do magistério
    - Nova Página

MISTÉRIO DA INIQUIDADE: investigação teológica, histórica e canônica

> "O mistério da iniquidade está em formação desde agora, aguardando apenas que o obstáculo que o retém desapareça" (São Paulo).

INIQUIDADE (adj.): Que falta gravemente à equidade, muito injusto. Ação iníqua, usurpatória.

INIQUIDADE (s.f.): Corrupção dos costumes; depravação, estado de pecado. Ver ilegalidade. Ver crime, usurpação. (Paul Robert: Dicionário Alfabético e Analógico da Língua Francesa, Paris 1981).

A Nossa Senhora de La Salette, que como mãe previdente nos anunciou tudo e nos quer em seu exército.

A Nossa Senhora do Sagrado Coração, que sempre nos tem ajudado.

A São José, protetor da Santa Igreja.

Ao papado, que nos guiou ao longo de nossa investigação sobre o "mistério da iniquidade". Pois, como disse São Tomás de Aquino (*Quaestiones quodlibetales*, q. 9, a. 16):

> "É preciso seguir a sentença do papa, a quem compete pronunciar em matéria de fé, mais do que a opinião de todos os sábios".

Prefácio de Mons. Dolan

Queridos amigos,

Agradeço-lhes pelo envio de "O Mistério da Iniquidade", o qual li com grande interesse. Sua apresentação gráfica atraente e clara destaca um estilo lúcido e lógico.

Estou convencido de que este livro contribuirá significativamente para o estudo e o debate sobre os elementos cruciais que permitem entender como a Igreja tem sido atacada em nosso tempo.

Acho particularmente impressionante sua apresentação dos abundantes juízos do magistério da Igreja, bem como dos escritos de muitos teólogos e santos. Alguns desses textos são quase desconhecidos, e vocês prestaram um grande serviço aos católicos ao trazê-los à luz.

Isso esclarecerá muitos debates que, infelizmente, com frequência descem ao nível de opiniões pessoais, de argumentos destinados a servir interesses próprios, e de teorias complicadas.

A argumentação de um homem vale apenas tanto quanto valem as autoridades que ele cita -- e seus argumentos, queridos amigos, são realmente fortes!

Que Deus os abençoe, a vocês e ao seu trabalho.

Em Jesus e Maria,

Mgr Daniel L. Dolan

Prefácio

> "Se conseguirmos demonstrar que todas as 'novidades' que hoje perturbam a Igreja são apenas antigas heresias constantemente condenadas por Roma, poderemos concluir que a Igreja, neste fim do século XX, está sendo ocupada por uma seita estrangeira, exatamente como um país pode ser ocupado por um exército estrangeiro" (Jacques Ploncard d'Assac: L'Église occupée, Chiré-en-Montreuil 1975, segunda edição 1983, p. 7).

Nesta guerra das ideias, os escritores católicos têm o dever de soar o alarme.

> "Soai, soai sempre, clarins do pensamento" (Victor Hugo: Les châtiments, 1853, livro VII, cap. 1).

> "Ninguém imagine que seja proibido aos particulares cooperar de certa maneira neste apostolado, especialmente aqueles a quem Deus concedeu dons de inteligência com o desejo de se tornarem úteis. Sempre que a necessidade o exige, eles podem facilmente, não assumindo o papel de doutores, mas comunicando aos outros o que eles mesmos receberam, e ser, por assim dizer, o eco do ensinamento dos mestres. Além disso, a cooperação privada foi considerada tão oportuna e fecunda pelos Padres do Concílio Vaticano que eles acharam necessário exigir formalmente: 'Todos os fiéis cristãos', dizem eles, 'especialmente aqueles que presidem ou têm a responsabilidade do ensino, nós os suplicamos pelas entranhas de Jesus Cristo, e lhes ordenamos, pela autoridade deste mesmo Deus Salvador, que dediquem seu zelo e sua ação para afastar e eliminar esses erros da Santa Igreja, e para espalhar a luz da fé mais pura' (constituição *Dei Filius*, passagem final). Portanto, que cada um se lembre que pode e deve espalhar a fé católica pela autoridade do exemplo, e pregá-la pela firmeza da profissão que faz dela. Assim, nos deveres que nos ligam a Deus e à Igreja, uma grande importância é dada ao zelo com o qual cada um deve trabalhar, na medida do possível, para propagar a fé cristã e repelir os erros" (Leão XIII: encíclica Sapientiae christianae, 10 de janeiro de 1890).

O presente estudo pretende ser simplesmente o 'eco' do magistério, uma coleção de documentos e textos da Igreja una, santa, católica, apostólica e romana.

"O mistério da iniquidade", escreve o apóstolo São Paulo, "já está em ação, aguardando apenas que o que o detém agora desapareça" (2 Tessalonicenses II, 7). Quando a fé tiver desaparecido praticamente por toda parte e a apostasia geral tiver chegado, então o Anticristo se manifestará.

Segundo São Paulo, o Anticristo "se assentará no Templo de Deus" (2 Tessalonicenses II, 4). Comentando este texto paulino, Santo Agostinho ensina que o Anticristo será um indivíduo, mas que também podemos aplicar o termo "Anticristo", de forma figurada, a toda uma sociedade anticristã. Esse Anticristo coletivo, que deve preparar o caminho para o Anticristo individual, se assentará "*in templo Dei*". Em latim, observa Santo Agostinho, a preposição "in" pode ser traduzida como "dentro" ou "no lugar de". A expressão "*in templo Dei*" pode, portanto, ser interpretada tanto literalmente quanto de forma figurada.

- No sentido literal, será um homem que entrará no Templo para ser honrado pessoalmente como um ser divino.
- No sentido figurado, será uma sociedade apóstata, uma falsa Igreja que usurpará o lugar da verdadeira Igreja. Será uma sociedade de apóstatas que se erguerá como "Templo de Deus", um grupo de infiltrados que pretenderá representar a Igreja de Cristo. "Este trecho, que se refere ao Anticristo, aplica-se não apenas ao príncipe dos ímpios, mas de certa forma a todos aqueles que estão com ele, isto é, à multidão de homens que lhe pertencem". Deve-se interpretar não "dentro do Templo de Deus", mas sim "como Templo de Deus", como se o próprio Anticristo fosse o Templo de Deus, que nada mais é do que a Igreja" (Santo Agostinho: *Cidade de Deus,* livro XX, capítulo 19). **Assim, o Anticristo será (ou já é!) uma seita herética que pretende representar a Igreja católica.**

Santo Agostinho relata como se desenrolará o triunfo no grande dia do mistério da iniquidade. "Outros pensam que as palavras 'vós sabeis o que o detém' (2 Tessalonicenses II, 6) e 'já está em ação o mistério da iniquidade' (2 Tessalonicenses II, 7) se referem apenas aos maus e aos simuladores que estão dentro da Igreja. Até o momento em que, multiplicando-se, alcançarão um número suficiente para formar o grande povo do Anticristo. É o mistério da iniquidade, porque se esconde. As palavras do Apóstolo seriam então um exortação aos fiéis para permanecerem firmes na fé [...] 'até que isso se manifeste saindo do meio', ou seja, até que o mistério da iniquidade, que está momentaneamente escondido, surja **do meio da Igreja**" (*Cidade de Deus,* livro XX, cap. 19).

Outra interpretação da Segunda Epístola aos Tessalonicenses merece ser mencionada aqui, mesmo que provenha de um exegeta pouco conhecido. Este exegeta é um monge francês, que viveu de 1092 a 1156. Seu nome é Pedro, o Venerável. Ele é um santo canonizado (celebração em 25 de dezembro), antigamente famoso por sua erudição, mas hoje em dia esquecido. E é uma pena, porque este autor parece ter tido uma iluminação especial para expor as Sagradas Escrituras. Aqui está, de fato, seu comentário na epístola aos Tessalonicenses, um comentário que lança uma luz singular sobre nosso tempo:

> "O Cristo permitiu que o Anticristo - cabeça de todos os cismáticos - se assentasse no Templo de Deus, que os seus [os cristãos] seriam exilados, e que aqueles que não são os seus ocupariam um dia o Trono de Pedro" (São Pedro, o

> Venerável: *De miraculis libri duo,* livro II, cap. 16).

Introdução

A. Algumas citações surpreendentes

Aqui estão algumas afirmações que certamente causam perplexidade:

> "Os elementos do marxismo são de natureza a levar muitos homens ao cristianismo vivido de uma maneira nova. [...] Vemos no islã, no humanismo, no marxismo, um desejo inconsciente e uma busca titubeante pelo verdadeiro rosto de Jesus Cristo, que nós, cristãos, frequentemente obscurecemos." (*O Catecismo Holandês. Uma introdução à fé católica. O novo catecismo para adultos realizado sob a responsabilidade dos bispos dos Países Baixos,* Paris 1968, p. 58).

> "No budismo, em suas várias formas, reconhece-se a insuficiência radical deste mundo mutável e ensina-se um caminho pelo qual os homens, com um coração devoto e confiante, podem alcançar o estado de libertação perfeita, atingir a iluminação suprema por seus próprios esforços ou com ajuda vinda do alto." (declaração conciliar *Nostra aetate,* 28 de outubro de 1965, § 2).

> "Nós oferecemos o cachimbo ao Grande Espírito, à mãe Terra e aos quatro ventos." (oração recitada a pedido de Wojtyla, em 26 de outubro de 1986 em Assis).

> "Que São João Batista proteja o Islã." (oração recitada pelo próprio Wojtyla, em 21 de março de 2000).

> "Eu venho a vocês, ao legado espiritual de Martinho Lutero, venho como peregrino." (encontro de Wojtyla com o Conselho da Igreja Evangélica, em 17 de

> novembro de 1980).

> "O ateísmo proporciona um 'livre desenvolvimento espiritual'." (Wojtyla, 1º de setembro de 1980).

> "Colocar o homem no altar" é próprio dos maçons (Jacques Mitterrand, 33º grau, ex-Grande Mestre do Grande Oriente).

> "Nós temos o culto ao homem" (Montini: discurso de encerramento do Vaticano II, 7 de dezembro de 1965).

> "Não pensamos que um maçom digno desse nome, comprometido com a prática da tolerância, não possa se regozijar irrestritamente com os resultados irreversíveis do Concílio". Os católicos devem "manter-se nessa corajosa noção de liberdade de pensamento, que, iniciada em nossas lojas maçônicas, se estendeu magnificamente sobre o domo de São Pedro" (Yves Marsaudon: *O ecumenismo visto por um maçom de tradição,* 1964, p. 119-121).

> "Se o mundo muda, a religião não deveria também mudar? [...] Esta é exatamente a razão pela qual a Igreja, especialmente após o concílio, empreendeu tantas reformas" (Montini: audiência geral, 2 de julho de 1969).

Ao ler essas frases curiosas, não podemos deixar de fazer perguntas. Mas o que está acontecendo em Roma?

B. O plano maçônico de infiltração na Igreja romana

Aqui estão alguns trechos do plano de infiltração da Igreja romana, elaborado pela maçonaria italiana e descoberto pela polícia do Papa Pio IX: "O que devemos buscar e esperar, como os judeus esperam o messias, **é um papa segundo as nossas necessidades** [...] Para garantir um papa nas proporções exigidas, é primeiro necessário moldar para este papa uma geração digna do reinado que sonhamos. Deixem de lado a velhice e a idade madura; foquem na juventude [...] Em poucos anos, este jovem clero terá, por força das circunstâncias, invadido todas as funções; ele governará, administrará, julgará, formará o conselho do soberano, será chamado a escolher o pontífice que deverá reinar, e este pontífice, como a maioria de seus contemporâneos, será necessariamente mais ou menos imbuido dos princípios [...] que começaremos a disseminar [...] Que o clero marche sob sua bandeira, sempre acreditando estar marchando sob o estandarte das chaves apostólicas [...] **Vocês terão pregado uma revolução em tiara e capa**, marchando com a cruz e a bandeira, uma revolução que precisará apenas [...] de ser um pouco incentivada para incendiar os quatro cantos do mundo" (in: Crétineau-Joly: *A Igreja romana diante da revolução,* 1859, reedição Paris 1976, Livro II, p. 82-90).

Durante o Concílio Vaticano I, um alto dignitário da maçonaria se regozijou "com o apoio valioso que encontramos há vários anos em um partido poderoso, que nos serve como intermediário entre nós e a Igreja, o partido católico liberal. É um partido que devemos cuidar, e que serve aos nossos propósitos mais do que pensam os homens mais ou menos eminentes que o compõem na França, na Bélgica, em toda a Alemanha, na Itália e até mesmo em Roma, ao redor do próprio papa" (in: Monsenhor Delassus: *Verdades sociais e erros democráticos,* 1909, reedição Villegenon 1986, p. 399).

Léon XIII (encíclica *Inimica vis,* 8 de dezembro de 1892) advertiu o episcopado da Itália. "Os sectários maçons buscam seduzir o clero inferior por meio de promessas. Com que objetivo? [...] O que eles querem é gradualmente ganhar para sua causa os ministros das coisas sagradas, e então, uma vez envolvidos nas novas ideias, torná-los revoltados contra a autoridade legítima".

Léon XIII faleceu em 1903. A maçonaria desejava a eleição de um sucessor imbuido do espírito maçônico. Aqui está o retrato do candidato ideal, esboçado em 1903 pela revista maçônica *Acacia*: "Um papa que afrouxasse os laços do dogmatismo estendidos ao extremo, que não desse ouvidos aos teólogos fanáticos e denunciantes de heresias, que permitisse que os exegetas trabalhassem à sua maneira, limitando-se a manter uma unidade que seria mais uma solidariedade entre os diversos ramos da Igreja, que não entrasse em conflito com os governos, que praticasse e recomendasse a tolerância entre as outras religiões, inclusive em relação ao livre pensamento, que não renovasse a excomunhão da maçonaria" (*Acacia,* setembro de 1903, in: *Leitura e Tradição,* nº

94, março/abril de 1982).

Em 1903, os católicos quase tiveram como papa, em vez de Giuseppe Sarto (São Pio X), o cardeal maçom Rampolla, Secretário de Estado de Leão XIII. Ele recebeu a maioria dos votos, mas foi afastado devido à intervenção do Império Austro-Húngaro.

Apesar deste fracasso pontual, o plano maçônico funcionou muito bem. O Papa São Pio X (encíclica *Notre Charge Apostolique,* 25 de agosto de 1910) denunciou as infiltrações maçônicas no movimento "Le Sillon" (movimento da juventude cristã francesa). "Conhecemos muito bem *os sombrios gabinetes* onde se elaboram essas doutrinas deletérias, que não deveriam seduzir mentes esclarecidas. Os líderes do Sillon não puderam se defender disso: a exaltação de seus sentimentos, a cega bondade de seus corações, seu misticismo filosófico misturado com um certo iluminismo, os levaram a um novo evangelho, no qual eles acreditaram ver o verdadeiro Evangelho do Salvador, ao ponto de ousarem tratar Nosso Senhor Jesus Cristo com uma familiaridade supremamente irreverente, e, seu ideal sendo aparentado ao da revolução, **eles não hesitam em fazer comparações blasfemadoras entre o Evangelho e a Revolução**".

O clero também estava infiltrado. Sentindo os "modernistas" (clérigos que adotaram os princípios maçônicos do racionalismo, do subjetivismo, da indiferença em matéria de religião e da reforma da Igreja) rondando ao seu redor, este santo papa exclamou angustiado: "Inimigos da Igreja, eles certamente são, e ao dizer que não há piores, não estamos longe da verdade. Na verdade, não é de fora, como já foi observado, [é de dentro que tramam sua ruína; o perigo está hoje quase nas próprias entranhas e veias da Igreja]" (encíclica *Pascendi,* 8 de setembro de 1907).

Nas décadas de vinte, a conspiração havia tomado proporções alarmantes, pois não apenas o clero inferior e a juventude, mas também uma parte significativa do alto clero estavam agora militando sob a bandeira da revolução. Durante o consistório secreto de 23 de maio de 1923, Pio XI interrogou cerca de trinta cardeais da Cúria sobre a oportunidade de convocar um concílio ecumênico. O cardeal Boggiani considerou que uma parte considerável do clero e dos bispos estava impregnada de ideias modernistas. "Essa mentalidade pode levar alguns Padres a apresentar moções, a introduzir métodos incompatíveis com as tradições católicas". O cardeal Billot foi ainda mais direto. Ele expressou o temor de ver o concílio "manipulado" pelos "piores inimigos da Igreja; os modernistas, que já se preparam, como indicam certos sinais claros, **para fazer a revolução na Igreja, um novo 1789**" (citado em: Mgr Marcel Lefebvre: *Eles a decronaram. Do liberalismo à apostasia. A tragédia conciliar,* Escurolles 1987, p. 158 - 159).

Com a morte de Pio XII, o sonho da maçonaria se realizou: uma "revolução em tiara e capa". Angelo Roncalli (que havia sido iniciado em uma sociedade secreta na Turquia em 1935, e depois se afiliou a uma loja maçônica em Paris) assumiu o nome de "João XXIII". Ele convocou o Concílio Vaticano II, que revolucionou completamente a religião, por exemplo, proclamando a "liberdade de pensamento, que, partindo de nossas lojas maçônicas, se estendeu magnificamente sobre o domo de São Pedro" (Yves Marsaudon: *O ecumenismo visto por um maçom tradicional,* 1964, p. 121).

Os defensores da mudança são chamados de "conciliares" (nome derivado do "concílio" Vaticano II). Os oponentes se chamam "católicos" (devido ao seu apego ao catolicismo).

Desde 1958, Roma adotou uma posição contrária ao que o papado sempre ensinou. Algumas pessoas então elaboram o seguinte silogismo: toda vez que um papa não define solenemente *ex cathedra* um dogma, ele pode estar errado. Portanto, não somos obrigados a obedecê-lo sempre que ele ensina ou ordena algo contrário à fé. Os homens no poder em Roma desde 1958 têm proferido heresias, mas não *ex cathedra*. Portanto, esses homens são papas.

Outras pessoas estabelecem um silogismo diferente: o ensinamento *ex cathedra* é transmitido não apenas pelo modo "extraordinário" (definições solenes), mas também pelo modo "ordinário" (escritos do dia a dia). Um papa não erra *em nenhum momento* no campo da fé, porque ele é *constantemente* assistido pelo Espírito Santo, conforme a promessa formal de Cristo (João XIV, 15-17). "Como um verdadeiro papa sucessor de Pedro, assegurado da assistência do Espírito Santo, pode presidir à destruição da Igreja?" (Mgr Lefebvre, in: *Bonum certamen,* nº 132, Nancy). Essa falha não seria um sinal de que os homens que governam o Vaticano desde 1958 não são *verdadeiros* papas, mas *usurpadores*, ocupantes ilegítimos da Sé de Pedro?

Para abordar o problema, essas duas formas de consideração são ambas lógicas. No entanto, um silogismo pode ser lógico e ainda assim ser falso. Isso ocorre porque tudo depende das premissas das quais se chega a uma conclusão. Se uma premissa é falsa, um raciocínio logicamente correto pode levar a uma conclusão falsa. Antes de começar a raciocinar como um bom lógico, é essencial garantir que as bases sobre as quais o raciocínio se apoia correspondam à realidade. "A maioria dos erros dos homens vem menos do fato de raciocinarem mal a partir de princípios verdadeiros, do que de raciocinarem corretamente a partir de julgamentos inexatos ou princípios falsos" (Charles Augustin Sainte-Beuve: *Causeries du lundi*, Paris 1851-1862, t. X, p. 36).

Para evitar raciocínios vazios, empreendemos uma ampla investigação teológica, histórica e canônica. Coletamos muitas informações e documentos para estabelecer uma base muito sólida para este estudo, cujo plano será apresentado no próximo ponto.

C. Investigação Teológica, Histórica e Canônica

I. INVESTIGAÇÃO TEOLÓGICA: A INFALIBILIDADE PONTIFICAL

A premissa que precisa ser esclarecida é a seguinte: um papa pode naufragar na fé? A infalibilidade papal se manifesta apenas a cada cem anos, em uma definição solene (1854: Imaculada Conceição; 1950: Assunção)? Ou Nosso Senhor assiste o papa continuamente para impedi-lo de cair em heresia? Esta questão será abordada na primeira parte, dedicada à infalibilidade pontifical. Inclui também um capítulo sobre casos históricos de papas que supostamente falharam, como São Libério, Honório I ou João XXII.

II. INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA: INFILTRAÇÕES ANTIGAS E RECENTES

Na segunda parte, o leitor descobrirá um fato pouco conhecido: a história da Igreja registra cerca de cinquenta antipapas e cerca de cem "conciliábulos" (= assembleias heréticas, falsos concílios). Poderia haver precedentes para a situação atual? Vamos examinar se o Vaticano II foi um concílio infalível ou um conciliábulo falível.

III. INVESTIGAÇÃO CANÔNICA: A VISIBILIDADE DA IGREJA

A terceira parte, dedicada à visibilidade da Igreja, responderá a algumas questões vitais: Um não católico pode ser eleito papa validamente? A Igreja pode subsistir sem um papa? Quais são os traços que identificam a Igreja visível?

Investigação Teológica: A Infalibilidade Papal

1. PODE UM PAPA DESVIAR-SE DA FÉ?

"A Igreja é infalível em seu magistério **ordinário**, que é exercido **diariamente** principalmente **pelo papa**, e pelos bispos unidos a ele, que por essa razão são como ele, infalíveis com a infalibilidade da Igreja, pelo Espírito Santo **todos os dias**, [...]"

Questão: A quem, então, pertence **cada** dia que Deus faz:

1. declarar as verdades implicitamente contidas na Revelação?
2. definir as verdades explícitas?
3. defender as verdades atacadas?

Resposta: Ao papa, seja em concílio, seja fora do concílio. O papa é, de fato, o Pastor dos pastores e o Doutor dos doutores" (Mgr d'Avanzo, relator da Deputação para a fé do Primeiro Concílio do Vaticano, 1870).

Desde a definição do dogma da infalibilidade pontifícia em 1870, os católicos acreditam que um papa não pode se enganar quando ensina *solene e oficialmente* uma verdade de fé. No entanto, há opiniões divergentes quanto ao seu ensinamento *ordinário*. Um papa, infalível em *definições solenes*, pode ele cair em heresia em seu *ensinamento diário*, ou a assistência do Espírito Santo impede que sua fé falhe *em nenhum momento* de seu pontificado?

No caso de dúvida, deve-se aderir ao que foi crido em todos os lugares e por todos nos tempos antigos, pois a antiguidade não pode ser seduzida pela novidade (*Commonitorium* de São Vicente de Lérins, 434). A ideia de que o papa pode errar na fé surgiu na época moderna sob a influência de correntes heréticas (ver capítulo 5). Teólogos católicos foram influenciados por novas ideias e afirmaram que um papa poderia errar. No entanto, essa novidade, por ser nova, não está de acordo com a doutrina católica *tradicional*. Esta doutrina tradicional é encontrada no Antigo e no Novo Testamento, nos Padres da Igreja, em Santo Tomás de Aquino e nos escritos dos próprios papas.

A. A prefiguração da infalibilidade pontifical pela cátedra de Moisés

Para começar, é importante distinguir entre "infaillibilidade" e "impecabilidade"[1].

Os doutores da antiga Sinagoga eram, certamente, corrompidos, mas ainda assim infaillíveis. Assim como houve prefigurações de Cristo no Antigo Testamento, também houve uma prefiguração da infalibilidade pontifical. A cátedra de Pedro é, de fato, prefigurada pela "cátedra de Moisés".

A "cátedra de Moisés" na antiga Sinagoga era infalível. Quando uma questão religiosa ou moral era disputada ou não claramente entendida, os judeus tinham que submeter suas controvérsias ou dúvidas ao veredicto da cátedra de Moisés. A cátedra de Moisés era um tribunal que decidia com autoridade soberana e infalível as questões religiosas ou morais. Os escribas e fariseus sentados na cátedra de Moisés interpretavam a Lei sem a possibilidade de erro.

"Então Jesus disse à multidão e aos seus discípulos: 'Os escribas e os fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Observai, pois, tudo o **que vos disserem**, mas não imiteis suas obras, porque dizem e não fazem'" (Mateus XXIII, 2-3).

Comentário de São João Crisóstomo (Homilia 71, citada por São Tomás de Aquino em sua Cadeia de Ouro): "Para que ninguém pudesse desculpar sua negligência nas boas obras pelos vícios daquele que ensina, o Salvador destrói esse pretexto acrescentando: 'Fazei tudo o que eles vos disserem' etc.. Pois eles não ensinam sua própria doutrina, mas as verdades divinas com as quais Deus compôs a lei que deu por Moisés."

Comentário de Santo Agostinho (*Contra Faustum* XVI, 29): "Nestas palavras do Senhor, há duas coisas a observar. Primeiramente, a honra que Ele dá à doutrina de Moisés, na cátedra da qual até os malvados não podem sentar-se sem serem OBRIGADOS a ensinar o bem, pois os prosélitos se tornavam filhos do inferno não por ouvirem as palavras da lei da boca dos fariseus, mas por imitarem sua conduta."

Comentário de Santo Agostinho (*De doctrina christiana* IV, 27): "O verdadeiro e o justo podem ser pregados com um coração perverso e hipócrita. Esta cátedra, portanto, que não era deles, mas de Moisés, os FORÇAVA a ensinar o bem, mesmo quando eles não o faziam. Assim, eles seguiam

suas próprias máximas em sua conduta; mas uma cátedra que lhes era estranha não lhes permitia ensiná-las [...]. São muitos aqueles que buscam a justificação de seus desvios na conduta daqueles que são encarregados de instruí-los, dizendo interiormente e às vezes até mesmo exclamando em público: 'Por que me mandas fazer o que tu não fazes?'. Assim, eles [...] desprezam tanto A PALAVRA DE DEUS quanto o pregador que a prega."

São Francisco de Sales (1576 - 1622) raciocinava da seguinte maneira: se a cátedra de Moisés já era infalível quando ensinava sobre a fé ou os costumes, com muito mais razão a cátedra de Pedro não pode errar. Este doutor da Igreja compôs um livro notável sobre a infalibilidade, onde se pode ler o seguinte: "A Igreja sempre necessita de um confirmador infalível [2] a quem possa recorrer, de um fundamento que as portas do inferno, e principalmente o erro, não possam derrubar, e que seu pastor não possa levar seus filhos ao erro: os sucessores de São Pedro têm, portanto, todos esses mesmos privilégios, que não seguem a pessoa, mas a dignidade e o cargo público."

São Bernardo (*De consideratione*, Livro II, cap. 8) chama o papa de outro "Moisés em autoridade": ora, quão grande foi a autoridade de Moisés, não há ninguém que desconheça, pois ele sentava-se e julgava todas as disputas que havia entre o povo e todas as dificuldades que surgiam no serviço de Deus. Assim, o supremo pastor da Igreja é para nós um juiz competente e suficiente em todas as nossas maiores dificuldades, caso contrário estaríamos em pior condição do que aquele antigo povo que tinha um tribunal ao qual podia recorrer para a resolução de suas dúvidas, especialmente em questões de religião" (São Francisco de Sales: *As Controvérsias*, parte III, cap. 6, art. 14, in: *Obras de São Francisco de Sales*, Annecy 1892, vol. 1, p. 305, ortografia modernizada por nós).

"O sumo sacerdote dos judeus usava sobre o peito um pedaço de pano quadrado chamado 'racional'. Sobre este racional estava escrito 'doutrina e verdade' (*Êxodo* XXVIII, 30). A razão pela qual o sumo sacerdote tinha um racional sobre o peito 'a doutrina e a verdade', era sem dúvida [...] 'a verdade do seu julgamento' (*Deuteronômio* XVII, 9) [...]. Rogo-vos, se na sombra havia iluminações da doutrina e perfeições da verdade no peito do sacerdote, para alimentar e fortalecer o povo, o que não terá o nosso sumo sacerdote? De nós, digo, que estamos no dia e sob o sol nascente? O sumo sacerdote antigo [...] presidia à noite, por suas iluminações, e o nosso preside ao dia, por suas instruções" (São Francisco de Sales, p. 307).

---

[1] Isso dito, todos os papas levaram uma vida correta, até mesmo santa. Alexandre VI Bórgia, apresentado como o papa supostamente mais depravado da história da Igreja, na realidade é inocente dos crimes que lhe são imputados. Existe um estudo magistral que reabilita completamente este grande papa, redigido por Monsenhor Peter De Roo (*Material for a History of Pope Alexander VI. His Relatives and His Time*, The Universal Knowledge Foundation, Nova York 1924, 5 volumes). Este estudo é definitivo, pois nunca foi refutado por ninguém desde sua publicação. Monsenhor De Roo dedica o primeiro volume à genealogia dos Bórgia para dissipar as confusões mantidas - intencionalmente ou não - pelos historiadores. Ele trabalha com documentos contemporâneos: crônicas, biografias e arquivos. Conclui-se que este papa foi vítima de sua própria generosidade. Seus inimigos políticos - as famílias rivais romanas: Orsini, Colonna, Savelli, Estouteville etc. - difamaram-no porque ele tentou conter suas ambições. Quando o cardeal Rodrigo Bórgia (futuro Alexandre VI) acolheu seus sobrinhos órfãos, espalhou-se o boato de que eram seus bastardos.

[2] O manuscrito original de São Francisco de Sales foi "corrigido" por editores galicanos hostis à papado, desejosos de anular a infalibilidade pontifical: "A Igreja sempre necessita de um confirmador infalível" tornou-se assim "...confirmador permanente"!

B. Os Evangelhos

Sob o Antigo Testamento, aquele que se recusasse a obedecer ao sumo sacerdote deveria ser morto. "Dirige-te aos sacerdotes, filhos de Levi, e ao juiz que houver naqueles dias; consultar-te-ás, e te anunciarão a sentença [...] e procederás conforme ao que te anunciarem, de acordo com a lei que te ensinarem e segundo o juízo que te disserem; não te desviarás nem para a direita nem para a esquerda. E aquele que, com soberba, não der ouvidos ao sacerdote, que ali está para servir ao Senhor teu Deus, ou ao juiz, esse morrerá" (Deuteronômio XVII, 12).

Sob o Novo Testamento, Jesus Cristo ordenou:

> "Se recusar ouvir a Igreja, seja para ti como o pagão e o publicano" (Mateus XVIII, 17).

Essa obrigação estrita de obedecer à Igreja implica que ela não pode errar nem nos enganar. Se Deus nos obriga a ouvir o magistério com confiança e submissão, é porque a Igreja Romana está protegida do erro.

> "Jesus Cristo instituiu na Igreja um magistério vivo, autêntico e perpétuo [...], e quis e ordenou severamente que os ensinamentos doutrinais deste magistério fossem recebidos como os seus próprios. [... se o ensinamento da Igreja] de alguma maneira pudesse ser falso, seguiria-se, o que é evidentemente absurdo, que Deus mesmo seria o autor do erro dos homens" (Leão XIII: encíclica *Satis cognitum*, 29 de junho de 1896).

Nosso Senhor fez uma promessa solene a São Pedro: "Simão, Simão, eis que Satanás pediu para vos joeirar como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma os teus irmãos" (Lucas XXII, 32). São Pedro recebeu assim a promessa formal de que nunca poderia perder a fé. Essa firmeza inabalável era vital para a sobrevivência da Igreja, pois Pedro seria estabelecido como doutor de toda a Igreja, encarregado de fortalecer a fé de seus irmãos e dissipar quaisquer erros que pudessem surgir no futuro.

Em outra ocasião, o Salvador disse a São Pedro:

>

> "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus XVI, 18).

Novamente, o Filho de Deus assegurou a Pedro que sua fé seria à prova de tudo, pois a comparou à estabilidade imutável de uma pedra.

Com base nesses dois textos, um Papa é **sempre infalível**. Pois se um pontífice desviasse da fé por um momento sequer em particular, Cristo teria mentido. Além disso, é distorcer o texto dizer que essa promessa se aplica apenas a definições solenes, e não à vida cotidiana. Se fosse assim, Jesus teria especificado, Ele que não fala nenhuma palavra ao acaso e pesa cada palavra. Nenhum teólogo ou exegeta tem o direito de acrescentar, por conta própria, uma restrição mental à palavra do Filho de Deus!

Que o Papa (assim como o episcopado) seja assistido **diariamente** pelo Espírito Santo ressalta-se ainda mais por outra promessa de Nosso Senhor:

> "Ide, pois, ensinai a todas as nações [...] Estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mateus XXVIII, 19-20).

A Igreja ensinante (papa **e** bispos) desfruta de uma assistência **permanente** do Espírito Santo.

> "Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Defensor, para que fique **eternamente** convosco. É o Espírito da Verdade" (João XIV, 15-17).

C. Os Pais da Igreja

São Irineu de Lyon (ca. 130 - ca. 208) elogia "a Igreja muito grande, muito antiga e universalmente conhecida, que os dois muito gloriosos apóstolos Pedro e Paulo fundaram e estabeleceram em Roma [...]. A tradição que ela recebe dos Apóstolos e a fé que ela anuncia aos homens chegaram até nós através das sucessões dos bispos [...]. Com esta Igreja, devido à sua origem mais excelente, deve necessariamente concordar toda a Igreja, ou seja, os fiéis de toda parte" (*Contra as Heresias III, 3, 2*). São Irineu exortava os fiéis a alinharem sua fé com a do pontífice romano, pois este transmitia intacta a tradição vinda dos apóstolos.

São Cipriano (ca. 200 - 258) defendeu a autoridade e a infalibilidade pontifical em seu famoso tratado *Da Unidade da Igreja*. "Aquele que não guarda a unidade da Igreja, acredita que guarda a fé? Aquele que se opõe à Igreja, que abandona a cátedra de Pedro sobre a qual a Igreja é fundada, pode se vangloriar de ainda estar na Igreja?" (*De unitate Ecclesiae*, cap. 4). "**A cátedra de Pedro é esta principal Igreja de onde emanou a unidade sacerdotal, junto à qual o erro não pode ter acesso**" (*Carta 40 e 55*).

Santo Atanásio (ca. 295 - 373) usou uma carta de um papa para lutar contra os hereges arianos. O papa São Dionísio havia escrito, por volta do ano 260, uma carta doutrinal a Dionísio, bispo de Alexandria, condenando a heresia sabeliana, que mais tarde seria retomada pelos arianos. Por isso, Santo Atanásio repreendeu os arianos por já terem sido condenados há muito tempo por um julgamento definitivo, o que prova que ele acreditava na infalibilidade pontifical (*De sententia Dionysii*). Em uma carta a Félix, ele escreveu esta frase memorável: "A Igreja romana sempre mantém a verdadeira doutrina sobre Deus".

Santo Efrém (ca. 300 - 373), o grande doutor da Igreja síria, celebrou a grandeza do ensinamento pontifical, continuamente assistido pelo Espírito Santo: "Salve, ó sal da terra, sal que nunca pode tornar-se insípido! Salve, ó luz do mundo, que aparece ao Oriente e resplandece por toda parte, iluminando aqueles que estavam sob as trevas e queima sempre sem ser renovada. Esta luz é Cristo; seu castiçal é Pedro; a fonte de seu óleo é o Espírito Santo" (*Encomium in Petrum et Paulum et Andream, etc.*).

Santo Epifânio (ca. 315 - 403) interpretou *Mateus* XVI,18. Ele afirmou que era impossível que a Igreja Romana fosse vencida pelas portas do inferno, isto é, pelas heresias, porque ela estava apoiada na sólida fé de Pedro, junto ao qual se encontrava a resposta correta para todas as questões doutrinais. "A Pedro, o Pai revela seu próprio Filho, e é por isso que ele é chamado de bem-aventurado. Pedro, por sua vez, manifesta o Espírito Santo [em seu discurso aos judeus no dia de Pentecostes], como convinha àquele que era o primeiro entre os apóstolos, àquele que era a pedra inabalável sobre a qual a Igreja de Deus é fundada, e contra a qual as portas do inferno não prevalecerão. Por essas portas do inferno, devem-se entender as heresias e os autores das heresias. Em todos os aspectos, a fé é solidamente fundamentada nele: ele recebeu as chaves do

céu, ele desata e ata tanto na terra quanto no céu. Nele são resolvidas as questões mais difíceis da fé" (*Anchoratus. Capítulo 9*).

São Basílio (329 - 379) informa seu amigo São Atanásio que tinha a intenção de pedir ao soberano pontífice que exercitasse sua autoridade para exterminar a heresia de Marcelo de Ancira (*Carta 69*). "A carta de São Basílio, mencionando este pedido de intervenção do bispo de Roma como algo comum e ordinário, leva a concluir que naquela época não era apenas a convicção pessoal de Basílio, mas também a convicção de todos, mesmo no Oriente, que o bispo de Roma possuía o poder de julgar soberanamente, por si mesmo, questões doutrinais" (Vacant e Mangenot: *Dicionário de Teologia Católica,* artigo "infallibilité du pape"). Por que consultar Roma e não outra autoridade? "Pedro", diz São Basílio, "foi encarregado de formar e governar a Igreja, porque ele se destacava na fé" (*Contra Eunômio*, livro 2). Graças à promessa de Cristo, o papa perseverava absolutamente sem qualquer falha, pois sua fé tinha a mesma estabilidade que a do próprio Filho de Deus! "Pedro foi colocado para ser o fundamento. Ele disse a Jesus Cristo: 'Tu és o Cristo, Filho do Deus vivo', e por sua vez foi dito a ele que ele era Pedro, embora não fosse pedra imóvel, mas apenas pela vontade de Jesus Cristo. Deus comunica aos homens suas próprias dignidades. Ele é sacerdote, e faz sacerdotes; Ele é pedra, e dá a qualidade de pedra, tornando assim seus servos participantes do que lhe é próprio" (*Homilia 29*). Este último trecho de São Basílio desfruta de autoridade particular na Igreja Católica, pois foi inserido no Catecismo do Concílio de Trento (explicação do símbolo, seção *Credo in Ecclesiam*).

São Gregório de Nazianzo (ca. 330-390) elogiou a indefectibilidade da fé romana em um poema. "Quanto à fé, a antiga Roma, desde o início até hoje, segue felizmente seu curso, e ela mantém todo o Ocidente nos laços da doutrina que salva" (*Carmen de Vita sua*, versos 268 - 270).

São Gregório de Nissa (falecido em 394), irmão mais novo de São Basílio, afirmou: "A Igreja de Deus tem sua solidez em Pedro, pois é ele que, de acordo com a prerrogativa que lhe foi concedida pelo Senhor, é a pedra firme e muito sólida sobre a qual o Salvador construiu a Igreja" (*Laudat. 2 in St. Stephan* para o fim).

Santo Ambrósio (340 - 397) interpretou o versículo de *Lucas* XXII, 32 no sentido de que o Senhor havia fortalecido a fé de Pedro, para que, "imóvel como uma rocha", pudesse sustentar eficazmente o edifício da Igreja (Sermão 5). Em seu comentário sobre o Salmo 40, Ambrósio estabeleceu uma equação que se tornaria famosa: "Onde está Pedro, ali está a Igreja. Onde está a Igreja não é a morte, mas a vida eterna" (*Ennarratio in Psalmum XL*, cap. 19). Em outras palavras: fora do papa, não há salvação.

São João Crisóstomo (340 - 407) é o mais famoso dos Padres gregos. Devido aos seus ensinamentos admiráveis, ele mereceu o apelido de "boca de ouro". São João Crisóstomo sugeriu a admirável solidez da fé de Pedro por meio de uma imagem: "Existem muitas ondas impetuosas e tempestades cruéis, mas não tenho medo de ser submerso, porque estou sobre a rocha. Que o mar se agite furiosamente, pouco me importa: ele não pode derrubar esta pedra inabalável" (*Carta 9 a Ciríaco*). Ele enfatizou a etimologia simbólica do nome do primeiro papa: "São Pedro foi assim chamado por causa de sua virtude. Deus como que depositou neste nome uma prova da firmeza do apóstolo na fé" (*Quarta Homilia sobre as mudanças de nomes*).

São Jerônimo (347-420), em sua carta ao Papa Dâmaso, defendeu rigorosamente a necessidade de estar unido ao pontífice romano. "Eu acreditei que devia consultar a cátedra de Pedro e esta fé romana louvada por São Paulo (...). Você é a luz do mundo, você é o sal da terra. Eu sei que a Igreja é construída sobre esta pedra; quem quer que tenha comido o Cordeiro fora desta casa, é um profano" (*Carta 15*). Segundo São Jerônimo, os fiéis podiam seguir com toda segurança os ensinamentos pontificais, pois a cátedra de Pedro guardava incorruptivelmente a herança da fé: "A santa Igreja romana, que sempre permaneceu sem mancha, permanecerá ainda em todos os tempos futuros firme e imutável no meio dos ataques dos hereges, e isso pela proteção providencial do Senhor e pela assistência do bem-aventurado Pedro" (citado em: Mgr de Ségur: *Le Souverain Pontife, in Œuvres complètes* Paris 1874, t. III, p. 80).

Santo Agostinho (354 - 430) fez uma interpretação muito relevante de Lucas XXII, 32. Antes de reproduzi-la aqui, é importante destacar que o Papa Leão XIII, após destacar os talentos de cada um dos Padres da Igreja, concluiu afirmando que "entre todos, a palma parece voltar a Santo Agostinho" (encíclica *Aeterni Patris,* 4 de agosto de 1879). O bispo de Hipona foi assim o maior dos Padres da Igreja. Ele se pronunciou categoricamente a favor da infalibilidade permanente do pontífice romano! Aqui está seu texto magistral:

"Se, defendendo o livre arbítrio não segundo a graça de Deus, mas contra ela, você diz que pertence ao livre arbítrio perseverar ou não no bem, e que se perseverar, não é por um dom de Deus, mas por um esforço da vontade humana, o que você inventará para responder a estas palavras do Mestre: 'Eu roguei por ti, Pedro, para que tua fé não desfaleça'? Ousará dizer que, apesar da oração de Cristo para que a fé de Pedro não falhasse, essa fé teria falhado, no entanto, se Pedro quisesse que falhasse, isto é, se ele não quisesse perseverar até o fim? Como se Pedro pudesse querer outra coisa além do que Cristo pedia para ele querer! Quem ignora que a fé de Pedro deveria perecer, se sua própria vontade, a vontade pela qual ele era fiel, falhasse, e que deveria permanecer até o fim, se sua vontade permanecesse firme? Mas como a vontade é preparada pelo Senhor, a oração de Cristo por ele não poderia ser vã. Quando ele orou para que sua fé não desfalecesse, o que ele pediu afinal, senão que ele tivesse uma vontade de crer ao mesmo tempo perfeitamente livre, firme, invencível e perseverante? Assim se defende a liberdade da vontade, segundo a graça, e não contra ela. Pois não é por sua liberdade que a vontade humana adquire a graça, mas sim pela graça que ela adquire sua liberdade, e para perseverar, ela recebe ainda da graça o dom de uma deliciosa estabilidade e de uma força invencível" (*De la correction et de la grâce,* livro VIII, cap. 17).

São Cirilo de Alexandria (380 - 444), em seu *Comentário sobre Lucas* (XXII, 32), explicou que a expressão "confirma teus irmãos" significava que Pedro era o mestre e o apoio daqueles que vinham a Cristo pela fé. Ele também comentou sobre o evangelho segundo São Mateus: "De acordo com esta promessa (*Tu es Petrus*), a Igreja apostólica de Pedro não contrai nenhuma mancha de todas as seduções da heresia" (São Cirilo, citado em: São Tomás de Aquino: *Cadeia de ouro sobre Mateus* XVI, 18).

São Fulgêncio de Ruspe (467 - 533) observa: "O que a Igreja romana mantém e ensina, todo o universo cristão acredita sem hesitação com ela" (*De incarnatione et gratia Christi,* cap. 11).

São Bernardo (1090 - 1153) foi o último dos Padres da Igreja. Citemos algumas palavras que servirão como conclusão: "Os ataques feitos à fé devem ser reparados precisamente por aquele cuja fé não pode falhar. Esta é a prerrogativa deste Trono" (*De error Abaelardi,* prefácio).

Nenhum Pai fala da possibilidade (mesmo teórica) de que um papa possa errar em um único instante. "É principalmente para a explicação da palavra sagrada que eles [os Padres da Igreja] permanecerão sempre nossos mestres. Nenhuma pesquisa, por mais profunda que seja a ciência, nos dará o que eles tinham então: o mundo como Jesus o conheceu, o mesmo aspecto dos lugares e das coisas, e especialmente o ensinamento dos fiéis. Eles, tendo vivido perto dos apóstolos, podiam transmitir suas instruções. Essas circunstâncias reunidas dão à autoridade dos Padres um brilho tão grande que até os teólogos protestantes foram impressionados por isso. Eles admitem: 'Desviar-se de um consenso entre eles é uma loucura e um absurdo'" (Abbé C. Fouard: *La vie de Notre-Seigneur Jésus Christ* vigésima sexta edição, Paris 1920, p. XVI).

Em 13 de novembro de 1564, o Papa Pio IV estabeleceu a obrigação para todo o clero de prestar juramento de obediência a uma profissão de fé, que dizia, entre outras coisas: "Eu interpretarei sempre a Escritura de acordo com o consentimento unânime dos Padres".

São Tomás de Aquino

São Tomás de Aquino (1225 - 1274) é o maior de todos os doutores da Igreja. É chamado de "doutor comum", "doutor angélico" ou "anjo da escola" devido à excelência de sua doutrina. Foi frequentemente exaltado pelos papas.

> "Tomás, sozinho, iluminou mais a Igreja do que todos os outros doutores. Sua doutrina só poderia ter vindo de uma ação miraculosa de Deus" (João XXII: bula de canonização).

O que ensina, então, esse doutor quase tão infalível quanto o papa?

O **doutor angélico é um defensor** da **infallibilité absoluta e permanente** do **sumo** pontífice: "A Igreja apostólica [de Pedro], situada acima de todos os bispos, pastores, chefes de igrejas e fiéis, permanece pura de todas as seduções e artifícios dos hereges em seus pontífices, em sua fé sempre íntegra e na autoridade de Pedro. Enquanto outras igrejas são desonradas pelos erros de alguns hereges, apenas ela reina, apoiada em fundamentos inabaláveis, silenciando e fechando a boca de todos os hereges; e nós [...], confessamos e pregamos em união com ela a regra da verdade e da santa tradição apostólica" (citação de São Cirilo de Alexandria retomada por São Tomás em sua *Cadeia de Ouro*, onde ele comenta *Mateus* XVI, 18).

Baseado em Lucas XXII, 32, o doutor comum ensina que a Igreja não pode errar, porque o papa não pode errar.

> "A Igreja universal não pode errar, pois Aquele que é ouvido em tudo por sua dignidade disse a Pedro, sobre a profissão de fé na qual a Igreja é fundamentada: 'Eu roguei por ti para que tua fé não desfaleça'" (*Summa Theologica*, suplemento da III parte, q. 25, a. 1).

> "A unidade da fé poderia ser mantida na Igreja, como exige o Apóstolo (1 Coríntios I, 10), se as questões levantadas a respeito da lei não fossem definidas pelo chefe da Igreja, o sumo pontífice" (*Summa Theologica*, II-II, q. 1, a. 10).

> « Uma vez que as coisas tenham sido decididas pela autoridade da Igreja universal, aquele que persistentemente se recusar a se submeter a essa decisão será considerado herege. Esta autoridade da Igreja reside principalmente no Sumo Pontífice. Pois é dito (Decreto XXIV, q. I, cap. 1.2): 'Sempre que uma questão de fé é debatida, eu penso que todos os nossos irmãos e colegas no episcopado devem se submeter apenas a Pedro, isto é, à autoridade de seu nome e de sua glória'. Nem Agostinho, nem Jerônimo, nem qualquer outro doutor contradisse seu parecer contra sua autoridade. Portanto, São Jerônimo dizia ao Papa Dâmaso (in expo. symbol.): 'Esta é a fé, Santíssimo Padre, que aprendemos na Igreja Católica: se em nossa exposição há algo pouco exato ou pouco seguro, pedimos que o corrija, vós que possuís a fé e a cátedra de Pedro. Mas se nossa confissão receber a aprovação de vosso julgamento apostólico, quem quer que me acuse provará ser ignorante, mal-intencionado ou não católico. Mas ele não provará que eu sou herege' (Summa Theologica II-II, q. 11, a. 2).

> "Deve-se aderir ao julgamento do Papa, a quem pertence pronunciar em matéria de fé, em vez da opinião de todos os sábios" (*Quaetiones quodlibetales* q. 9, a. 16).

No Salmo 39, versículo 10, está escrito: 'Anunciei a tua justiça na grande assembleia'. Eis o comentário de São Tomás:

> O salmista falou 'na grande assembleia', ou seja, na Igreja Católica, que é grande por seu poder e firmeza: 'As portas do inferno não prevalecerão contra ela' (Mateus 16, 18) (São Tomás: Comentário sobre os Salmos).

Esta 'firmeza', a Igreja a deve, em primeiro lugar, à fé inabalável dos pontífices romanos, como é explicado em um dos Opúsculos do santo doutor.

A Igreja é uma, santa, católica e "firme". "Quarta, ela *é firme*. Uma casa é firme 1. quando suas fundações são sólidas". A verdadeira fundação da Igreja é Cristo (1 Coríntios 3, 2) e os doze apóstolos (Apocalipse 21, 14). Para sugerir firmeza, Pedro é chamado de rocha. "2. A firmeza de uma casa também aparece quando ela não pode ser derrubada por um abalo". A Igreja não pôde ser derrubada nem pelos perseguidores, nem pelas seduções do mundo, nem pelos hereges. Segundo Mateus 16, 18, as "portas do inferno" (= os hereges) podem prevalecer sobre tal ou tal igreja local, mas não contra a Igreja de Roma onde reside o papa. "É por isso que **somente a Igreja de Pedro (a quem foi atribuída a Itália durante o envio dos discípulos) permanecerá sempre firme na fé. E enquanto em outros lugares a fé não existe de todo, ou é misturada com muitos erros, a Igreja de Pedro é forte na fé e pura de todos os**

erros, o que não é surpreendente, visto que o Senhor disse a Pedro: 'Eu roguei por ti, para que tua fé não desfaleça'" (São Tomás: *Opuscula*, opúsculo intitulado *Expositio symboli apostolorum*, trecho relativo ao artigo "creio na Igreja católica" do símbolo dos apóstolos).

O ensinamento do doutor angélico pode, portanto, ser resumido assim: **a fé do papa é de uma firmeza absoluta e permanente**.

A doutrina do doutor angélico deve ser "religiosamente mantida" (sancte) por todos os professores de seminários (cânone 1366, § 2)! A Igreja dá a entender com isso o quanto considera necessário que os jovens seminaristas (que mais tarde formarão o clero baixo e alto) sigam completamente o doutor comum. São Pio X dizia:

> "Afastar-se de São Tomás nunca ocorre sem grave perigo" (motu proprio *Sacrorum antistitum* 1º de setembro de 1910).

E ainda:

> "Aqueles que se afastam de São Tomás são assim levados à extremidade de se separarem da Igreja" (Carta *Delata Nobis*, 17 de novembro de 1907, dirigida ao Padre Tomás Pègues).

E. Os Papas

St. Lucius, papa e mártir (253 - 254), ensina: "A Igreja romana, santa e apostólica, é mãe de todas as Igrejas, e é constatado que ela nunca se desviou do caminho da tradição apostólica, conforme a promessa que o Senhor mesmo fez a ela, dizendo: 'Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça'." (Carta aos bispos da Gália e da Espanha, nº 6)

St. Inocêncio I (401 - 417) comparou a Igreja da cidade de Roma a uma fonte pura de toda impureza herética, que vivificava as igrejas locais, "como as águas que jorram de sua fonte original e fluem para todas as regiões do mundo por rios puros provenientes da fonte não poluída" (carta *In requirendis*, 7 de janeiro de 417, aos bispos do Concílio de Cartago).

St. Sisto III (432 - 440) disse que São Pedro "recebeu uma fé pura e intacta, uma fé que não está sujeita a qualquer controvérsia".

St. Leão Magno (440 - 461) indicava que São Pedro vivia e ensinava através de seus sucessores: "O bem-aventurado Pedro, conservando sempre essa solidez de pedra que recebeu, não abandonou o leme da Igreja [...] Se, portanto, fazemos algo bom, se discernimos corretamente nas questões [...] é obra, é mérito daquele cujo poder vive e cuja autoridade governa em seu Trono" (Sermon 3 do aniversário da sua Assunção).

Este papa ainda disse: "Ao longo de tantos séculos, nenhuma heresia pôde manchar aqueles que estavam sentados na cátedra de Pedro, pois é o Espírito Santo que os ensina" (Sermon 98). Os Padres do Concílio de Calcedônia declararam formalmente sobre São Leão: "Deus, em sua providência, escolheu para si, na pessoa do pontífice romano, um atleta invencível, impenetrável a qualquer erro, que acabou de expor a verdade com a maior clareza".

St. Gelásio I (492 - 496) dirigiu uma decreto aos gregos: "Pedro brilhou nesta capital [Roma] pela sublime potência de sua doutrina, e teve a honra de derramar gloriosamente seu sangue aqui. É aqui que ele repousa para sempre, e assegura a este Trono, abençoado por ele, que nunca será vencido pelas portas do inferno" (Decreto 14, intitulado *De responsione ad Graecos*).

St. Hormisdas (514 - 523) redigiu uma profissão de fé em 11 de agosto de 515, que foi aceita por toda a Igreja e repetida nos concílios de Constantinopla IV e Vaticano I. Após lembrar que Cristo "edificou a Igreja sobre a pedra" contra a qual o inferno não prevalecerá *(Mateus XVI, 18)*, o papa comentou com confiança: "Esta afirmação é verificada pelos fatos, pois a religião católica sempre foi guardada imaculada no Trono Apostólico".

St. Agatão (678 - 681) redigiu um texto crucial [1], que foi lido e aprovado pelo Sexto Concílio Ecumênico.

St. Leão IX (1049 - 1054), depois de afirmar que a Igreja construída sobre Pedro não poderia "ser dominada pelas portas do inferno, isto é, pelas disputas dos hereges" *(cf. Mateus XVI, 18)* e citar a promessa de Cristo a Pedro *(Lucas XXII, 32)*, repreendeu os cismáticos gregos Miguel Cerulário e Leão de Ácrida em sua carta *In terra pax* de 2 de setembro de 1053: "Então, alguém será suficientemente louco para ousar pensar que a oração daquele para quem querer é poder pode ser sem efeito em algum ponto? O Trono do príncipe dos apóstolos, a Igreja romana, não tem, seja por Pedro próprio, seja por seus sucessores, condenado, refutado e vencido todos os erros dos hereges? Não confirmou os corações dos irmãos na fé de Pedro, que até agora não falhou e que, até o fim, não falhará?"

Pio IX (1846 - 1878) afirmou desde sua elevação ao pontificado (no *Discurso de sua exaltação*) que um papa nunca poderia "JAMAIS" desviar da fé! Ele também escreveu o mesmo em sua encíclica *Qui pluribus* de 9 de novembro de 1846. Para interpretar a Escritura, os homens precisam de uma autoridade infalível: Pedro, cujo Cristo "prometeu que a fé nunca falhará". A Igreja romana "sempre manteve íntegra e inviolada a fé recebida do Senhor Cristo, e a ensinou fielmente". O mesmo é afirmado na carta *In suprema Petri* de 6 de janeiro de 1848 e na encíclica *Nostis et nobiscum* de 8 de dezembro de 1849: "jamais".

Leão XIII (1878 - 1903) reafirmou a antiga crença em sua encíclica *Satis cognitum* de 29 de junho de 1896: nunca um pontífice romano desviou na fé. Sua encíclica sobre o Espírito Santo contém um comentário memorável sobre o Evangelho segundo São João. No dia de Pentecostes, "o Espírito Santo começou a produzir seus benefícios no corpo místico de Cristo. Assim se cumpria a última promessa de Cristo aos seus apóstolos, relativa ao envio do Espírito Santo [...]: 'Quando vier aquele Espírito de Verdade, ele vos guiará em toda a verdade' *(João XVI, 12)*. Esta verdade Ele concede e dá à Igreja, e, por sua presença CONTÍNUA, ele vigia para que nunca ela sucumba ao erro" (encíclica *Divinum illud*, 9 de maio de 1897).

São Pio X (1903-1914) ensina: "O primeiro e o maior critério da fé, a regra suprema e inabalável da ortodoxia é a obediência ao magistério **SEMPRE** vivo e infalível da Igreja, estabelecida por Cristo 'a coluna e o sustentáculo da verdade'" *(1 Timóteo III, 15)*.

São Paulo diz: 'Fides ex auditu' - A fé vem não pelos olhos, mas pelos ouvidos, pelo magistério vivo da Igreja, sociedade visível composta de mestres e discípulos [...]. Jesus Cristo mesmo ordenou a seus discípulos que ouvissem as lições dos mestres [...], e disse aos mestres: 'Ide ensinar todas as nações. O Espírito da Verdade vos ensinará toda a verdade. Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos'" (São Pio X: discurso *Con vera soddisfazione* aos estudantes católicos, 10 de maio de 1909).

"Os filhos devotos do papa são aqueles que obedecem à sua PALAVRA e o seguem em **TUDO**, não aqueles que estudam meios de evadir seus mandamentos" (discurso aos novos cardeais, 27 de maio de 1914).

O Dicionário de Teologia Católica (artigo "infallibilité du pape") argumenta que o papa **Inocêncio III** (1198-1216) teria se pronunciado contra a infalibilidade perpétua do papado. Como prova, o dicionário cita a seguinte frase: "Tenho especialmente necessidade da fé, porque para todas as outras faltas eu sou julgado apenas pelo tribunal de Deus; para as faltas contra a fé, pelo contrário,

posso ser julgado pela Igreja."

Pode-se interpretar este trecho no sentido de que um papa pode errar na fé e, consequentemente, poderia ser julgado pela Igreja (por exemplo, por um concílio geral). No entanto, é importante notar que o *Dicionário de Teologia Católica* se envolveu em uma falsificação do texto. Este método é tão antigo quanto o mundo: cita-se um trecho fora de contexto e se lhe dá um sentido oposto ao que o autor original pretendia. Que leitor terá o trabalho de ir às fontes para verificar! Aqui está o texto ***não amputado***:

"Se eu mesmo não tivesse *uma fé sólida*, como poderia fortalecer os outros na fé? E esta é uma das partes principais das minhas funções, porque o Senhor não disse a São Pedro: 'Eu roguei por ti, para que tua fé não desfaleça', e 'Quando te converteres, fortalece teus irmãos'. Ele orou, e foi ouvido em tudo por causa de sua obediência. Assim, a fé da Santa Sé nunca vacilou nos tempos de tribulação, mas permaneceu sempre firme e inabalável, para que o privilégio de São Pedro permanecesse inviolável. Mas precisamente por esta razão, tenho especialmente necessidade da fé, porque para todas as outras faltas eu sou julgado apenas pelo tribunal de Deus; para as faltas contra a fé, pelo contrário, posso ser julgado pela Igreja. Tenho a fé e *uma fé constante*, porque ela é apostólica" (Inocêncio III: discurso principal ao povo após sua consagração; tradução francesa em: J.B.J. Champagnac: Philippe Auguste et son siècle, Paris 1847, p. 264).

O *Dictionnaire de théologie catholique* (artigo "infallibilité pontificale") portanto mentiu ao cortar parte do sermão de Inocêncio III. Em outro artigo ("déposition"), o mesmo dicionário peca novamente por omissão ao citar uma frase de outro texto de Inocêncio III sem indicar que, no mesmo texto, Inocêncio defende a ortodoxia do papado ("Pedro negou com a boca, mas não com o coração"). Assim é como este dicionário deturpa o pensamento de Inocêncio III!

Para não deixar dúvidas sobre o pensamento autêntico deste papa, citaremos agora outro texto dele. Inocêncio III, depois de lembrar a promessa a São Pedro ("Eu roguei por ti, para que tua fé não desfaleça"), fez o seguinte comentário: "Nosso Senhor evidentemente insinua por estas palavras que os sucessores de Pedro nunca se afastariam EM NENHUM TEMPO da fé católica, mas antes a restaurariam nos outros; assim, Ele lhe concede o poder de fortalecer os outros, para impor-lhes a obrigação de obedecer" (carta *Apostolicae Sedis primatus* ao bispo de Constantinopla, 12 de novembro de 1199). Este trecho é crucial, pois a expressão "em nenhum tempo" (*nullounquam tempore*) torna absolutamente irrefutável a tese da infalibilidade perpétua do sumo pontífice!

Conclusão do primeiro capítulo: Os evangelistas e os representantes da Tradição (Padres, São Tomás, papas e concílios) *clamam unanimemente* que o pontífice romano nunca pode falhar na fé em NENHUM momento.

RESUMO: UM PAPA NUNCA FARÁ NAUFRÁGIO NA FÉ, PORQUE TODOS OS PAPAS, CONCÍLIOS E PAIS DA IGREJA O DISSERAM.

O sumo sacerdote judeu vestido com o pedaço de tecido quadrado, chamado "racional", que Deus ordenou a Moisés e aos outros israelitas: "Gravareis no racional do julgamento: 'doutrina e verdade', que estarão sobre o peito de Arão quando ele entrar [no tabernáculo para se apresentar] diante do Senhor, e ele sempre levará sobre o seu peito o racional do julgamento, [onde estarão escritos os nomes] dos filhos de Israel, quando ele se apresentar diante do Senhor, [para que ele se lembre de que está encarregado de instruí-los na doutrina e ensinar-lhes a verdade]" (Êxodo XXVIII, 30). "Se na sombra havia iluminações de doutrina e perfeições de verdade no peito do sacerdote, para alimentar e fortalecer o povo, o que não terá o nosso sumo sacerdote? De nós, digo eu, que estamos no dia e sob o sol levantado? O antigo sumo sacerdote [...] presidia à noite, com suas iluminações, e o nosso preside ao dia, com suas instruções" (São Francisco de Sales).

[1] Este texto está reproduzido no Apêndice A do livro.

2. É possível que um papa ensine um erro na fé?

A CÁTEDRA DE SÃO PEDRO
Image not found or type unknown

A CÁTEDRA DE SÃO PEDRO

Na Basílica de São Pedro, no fundo da abside, é preservada, inserida em um relicário de bronze dourado, a preciosa cátedra que foi utilizada por São Pedro. Esta cátedra (termo em latim: *cathedra*) deu origem às definições "*ex cathedra*", proclamadas "do alto da cátedra" pelo Vigário de Cristo.

> "Este assento estava decorado com ornamentos de marfim [...]. A cátedra de São Pedro era feita de carvalho, como pode ser facilmente deduzido hoje pelas peças principais da estrutura original, como os quatro grandes pés, que ainda estão preservados em seu lugar e mostram vestígios dos numerosos furtos cometidos pelos fiéis ao longo dos tempos, retirando lascas para conservá-las como relíquias. A cátedra possui dois anéis laterais nos quais eram inseridos bastões para seu transporte; isso corresponde perfeitamente ao testemunho de São Enódio, que a chamou de *sedes gestatoria* (cadeira de portadores)" (Dom Prosper Guéranger: *Santa Cecília e a sociedade romana nos dois primeiros séculos*, Paris 1874, p. 69-70).

Se o papa **tem uma fé sempre pura, não se vê como ele poderia ensinar um erro na** fé. A este argumento de razão, pode-se acrescentar a voz do magistério.

O Concílio Ecumênico Vaticano I publicou dois textos sobre a infalibilidade: *Dei Filius* e *Pastor Aeternus*.

Os Padres do Vaticano afirmam categoricamente a infalibilidade DIÁRIA de São Pedro e de sua Igreja. Pela bula *Aeterni Patris* de 3 de julho de 1868, Pio IX convocou um concílio ecumênico e exortou o mundo católico a confiar na Igreja. "Para que ela (a Igreja) procedesse sempre com uma ordem e uma retidão infalíveis, o divino Salvador prometeu estar com ela até a consumação dos séculos". O ensinamento de Pio IX foi retomado e desenvolvido pelos Padres do Concílio em sua constituição dogmática *Dei Filius* de 26 de abril de 1870. O prólogo é muito belo: "Jesus Cristo, prestes a retornar ao seu Pai celestial, prometeu estar com sua Igreja militante na terra **todos os**

dias [!] até a consumação dos séculos [cf. Mateus XXVIII, 19]". Um pouco mais adiante, os Padres conciliares se alegraram que a Igreja fosse perpetuamente governada pelo Espírito Santo. "Portanto, **em nenhum momento,** ela *pode,* cessar de testemunhar e pregar a verdade de Deus, que cura tudo; ela não ignora que lhe foi dito: 'Meu Espírito, que está em ti, e minhas palavras que pus em tua boca, não se afastarão de tua boca desde este dia até a eternidade' *(Isaías* LIX, 21)".

> "Devem ser cridas, de fé divina e católica, todas as coisas que estão contidas na palavra de Deus, seja escrita ou transmitida por tradição, e que a Igreja, **seja por um julgamento sol**ene, seja pelo magistério ordinário e universal, propõe como sendo divinamente revelado" (Vaticano I: constituição dogmática *Dei Filius,* 26 de abril de 1870, capítulo 3, intitulado "*de fide*"). Portanto, o ensinamento infalível da Igreja pode assumir duas formas: uma definição solene em grande pompa (bula, concílio) ou um documento de aparência modesta (discurso, encíclica...).

Ao apresentar o esquema deste texto aos Padres do Vaticano, Monsenhor Simor, relator da Deputação da Fé, disse-lhes: "Este parágrafo é dirigido contra aqueles que afirmam que só se deve acreditar no que foi definido por um concílio, e que não se está obrigado a crer igualmente no que a Igreja ensinante dispersa prega e ensina de acordo unânime como divinamente revelado" (em: Jean Michel Alfred Vacant: *Estudo sobre as constituições do Concílio do Vaticano* de acordo com os atos do concílio, Paris e Lyon 1895, 1. II. p. 89).

Segundo outro relator da Deputação da Fé, Monsenhor Martin, este parágrafo ensina que o magistério ordinário é tão infalível quanto o magistério extraordinário. "É necessário crer em todas as coisas que Deus revelou e nos propõe crer, por meio da Igreja, e QUALQUER QUE SEJA O MODO DE EXPRESSÃO que ela escolha *(quomodocumque)*. Por esta doutrina é excluído o erro daqueles que querem que se deva apenas crer de fé divina nos artigos de fé formalmente definidos, e que, portanto, se esforçam para reduzir quase ao mínimo a quantidade de verdades a serem cridas" (ibidem, p. 372).

"Jesus Cristo, prestes a retornar ao seu Pai Celestial, prometeu estar com sua Igreja militante na terra TODOS OS DIAS, até a consumação dos séculos. Portanto, ele não deixou EM NENHUM TEMPO (*nullo unquam tempore*) de sustentar sua amada esposa, DE ASSISTI-LA EM SEU ENSINAMENTO, de abençoar suas obras e socorrê-la nos perigos" (Vaticano I: Dei Filius, Prólogo).

Esta infalibilidade diária, atribuída a toda a Igreja em *Dei Filius*, deriva da infalibilidade diária do papa sozinho. Os bispos de todo o mundo não se enganam em seu magistério ordinário diário, porque se apoiam na fé indefectível do pontífice romano. A Igreja é infalível porque repousa sobre o rochedo indestrutível da fé de Pedro. Isso é claramente destacado na constituição dogmática *Pastor Aeternus,* publicada em 18 de julho de 1870 por Pio IX com a aprovação dos Padres do Vaticano.

> "Para que o episcopado fosse uno e não dividido", como está escrito no prólogo de *Pastor Aeternus*, "para que a multidão de todos os fiéis fosse conservada na unidade da fé. [... Cristo colocou] o bem-aventurado Pedro acima dos outros apóstolos [... para que] sobre a firmeza de sua lei se erguesse o sublime edifício da Igreja que deve ser levado até o céu".

O capítulo 4 de *Pastor Aeternus* é mais explícito: "[Os cristãos das províncias] comunicaram ao Sé Apostólico os perigos particulares que surgiam em matéria de fé, para que os danos causados à fé fossem reparados onde ela não pode sofrer **falha** (cf. São Bernardo: *Carta* 190)._ [... Todos os Padres da Igreja e todos os doutores ortodoxos] sabiam perfeitamente que este Sé de Pedro permanecia **puro** de **qualquer erro,** conforme a promessa divina de nosso Senhor e Salvador ao chefe de seus discípulos. 'Eu roguei por ti, para que tua fé não desfaleça; e quando te converteres, fortalece teus irmãos' (cf. a carta do Papa São Agatão ao imperador, aprovada pelo Sexto Concílio Ecumênico)[1]. Este carisma de verdade e fé **sempre indefectível** foi concedido por Deus a Pedro e a seus sucessores nesta cátedra".

O que é notável é que o capítulo 4 de *Pastor Aeternus*, onde se trata da fé inabalável do papa, culmina precisamente com a definição da infalibilidade pontifical.

Esta definição começa com as palavras "Por isso..." Pela expressão "por isso", os Padres estabelecem uma ligação com o que foi mencionado anteriormente, ou seja, a fé inabalável. A infalibilidade do ensinamento - notemos bem a conexão! - decorre da fé sempre pura. Portanto, uma vez que a fé é sempre pura, o ensinamento será consequentemente sempre puro de qualquer erro!

> "Este carisma de verdade e fé sempre indefectível foi concedido por Deus a Pedro e aos seus sucessores nesta cátedra (...) **POR ISSO**, ligando-nos fielmente à tradição recebida desde o início da fé cristã, definimos como um dogma revelado por Deus:

O pontífice romano, quando fala *ex cathedra,* isto é, quando, cumprindo seu dever de pastor e doutor de todos os cristãos, define, com base em sua suprema autoridade apostólica, que uma doutrina sobre a fé ou os costumes deve ser mantida por toda a Igreja, desfruta, pela assistência divina prometida a ele na pessoa de São Pedro, desta infalibilidade que o divino Redentor quis que sua Igreja possuísse ao definir a doutrina sobre a fé e os costumes. Portanto, tais definições do pontífice romano são irrevogáveis por si mesmas e não pelo consentimento da Igreja. Se alguém, o que Deus não permita, tiver a presunção de contradizer esta definição, seja anátema" *(Pastor Aeternus, Cap. 4).*

Destacamos imediatamente que esta definição não prescreve nenhum modo específico de ensino. O Vaticano I afirma: o pontífice romano é infalível "quando ele define", e não "somente quando ele define solenemente". Também não é especificado que o pontífice romano deva obrigatoriamente escrever: "Nós definimos". Basta que ele declare que determinado ponto faz parte da doutrina ou

moral cristã.

Examinemos mais de perto a definição: o papa ensinando sozinho "desfruta [...] desta infalibilidade da Igreja". Ora, esta infalibilidade da Igreja, como vimos no prólogo e no capítulo 3 de *Dei Filius*, abrange ambos os modos de ensino (magistério extraordinário e magistério ordinário). Portanto, o papa ensinando sozinho é infalível ao impor uma doutrina aos fiéis, seja por uma definição solene (modo extraordinário) ou por seu ensinamento cotidiano (modo ordinário).

Vamos lembrar bem disso: o Vaticano I não diz de forma alguma que o papa seria "APENAS" infalível em suas definições solenes. Por quê? Bem simplesmente porque o papa também é infalível em seu ensinamento cotidiano! Isso fica claramente evidenciado em uma explicação de Monsenhor d'Avanzo, relator da Deputação da Fé do Vaticano I:

> "A Igreja é infalível em seu magistério **ordinário,** que é exercido **diariamente principalmente pelo papa,** e pelos bispos unidos a ele, que por essa razão são, como ele, infalíveis pela infalibilidade da Igreja, que é assistida pelo Espírito Santo **todos os dias.** [...]

Pergunta: A quem então pertence todos os dias que Deus faz:

1. declarar as verdades implicitamente contidas na revelação
2. definir as verdades explícitas?
3. defender as verdades atacadas?

Resposta: Ao papa, seja em concílio, seja fora do concílio. De fato, o papa é o Pastor dos pastores e o Doutor dos doutores" (Monsenhor d'Avanzo), relator da Deputação para a fé do primeiro Concílio do Vaticano: "*Status questionis*" ("estado da questão da infalibilidade"), início de julho de 1870; documento histórico nº 565 do apêndice B dos atos do concílio, in: Gerardus Schneemann (ed.): *Acta et decreta sacrosancti oecumenici concilii Vaticani cum permultis aliis documentis ejusque historiam spectantibus,* Freiburg 1892, col.1714)

Aqui está outra intervenção, também do mesmo relator da Deputação da Fé. "Há, na Igreja, **um duplo modo de infalibilidade: o primeiro é exercido pelo magistério ordinário. (...)** Portanto, assim como o Espírito Santo, o Espírito da Verdade permanece TODOS OS DIAS na Igreja, a Igreja também ensina todos os dias as verdades da fé, com a assistência do Espírito Santo. Ela ensina todas as verdades já definidas, ou explicitamente contidas no depósito da revelação, mas ainda não definidas, ou ainda aquelas que são objeto de fé implícita. Estas verdades, a Igreja as ensina DIARIAMENTE, PRINCIPALMENTE PELO PAPA, assim como por cada um dos bispos em comunhão com ele. Todos, tanto o papa quanto os bispos, neste ensinamento ordinário, são infalíveis pela própria infalibilidade da Igreja. Eles diferem apenas nisso: os bispos não são infalíveis por si mesmos, mas precisam da comunhão com o papa que os confirma, MAS O PAPA, ELE NÃO PRECISA DE NADA ALÉM DA ASSISTÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO, QUE LHE FOI PROMETIDA. Assim, ele ensina e não é ensinado, ele confirma e não é confirmado" (intervenção oficial de Monsenhor d'Avanzo, relator da Deputação da Fé, diante dos Padres do Vaticano, in: Dom Paul Nau

"O magistério pontifício ordinário, lugar teológico. Ensaio sobre a autoridade dos ensinamentos do sumo pontífice", in: *Revue thomiste,* 1956, p. 389 - 412, separata Neubourg 1962, p. 15)._

Algumas anos após o concílio, o Papa Pio IX criticou os católicos liberais (carta *Per tristissima*, 6 de março de 1873). Nela encontramos uma frase-chave: "Eles se consideram mais sábios do que esta cátedra à qual foi prometido um auxílio divino, especial e PERMANENTE". Visto que a Cátedra de Pedro desfruta de uma assistência permanente do Espírito Santo, a infalibilidade "ordinária" é atribuída não apenas à Igreja universal, mas também ao papa ensinando sozinho. O magistério pontifício ordinário também é infalível.

O conhecimento de todos esses trechos constitui uma ajuda preciosa para entender bem o sentido da famosa definição da infalibilidade pontifícia feita no Vaticano I. Pois o perigo é grande de interpretar mal o *Pastor aeternus.* Um especialista na questão, Dom Nau, advertiu os teólogos que dissertavam sobre o crédito a ser dado ao magistério pontifício: "O perigo mais grave" é "abalando a confiança e a adesão dos fiéis. Seria particularmente perigoso opor magistério solene e ordinário com base em categorias demasiadamente simplistas de falível e infalível" (Nau: *op. cit.*). O domínio da infalibilidade do papa abrange não apenas o magistério extraordinário, mas também o magistério ordinário. A grande maioria dos católicos, sem mencionar os teólogos, sabe que o Vaticano I proclamou a infalibilidade do pontífice romano.

Mas o que é frequentemente **esquecido** é que **o Vaticano I define uma infalibilidade para os *dois* modos de ensino: 1. o ensino pontifício extraordinário (solene); 2. o ensino ordinário.**

O magistério pontifício *ordinário* também é infalível, seja em um discurso, em uma encíclica ou em uma bula de canonização. Para que o texto seja infalível, basta que o papa queira impor uma doutrina a todos os fiéis usando sua autoridade pontifícia. Algumas formulações usadas em documentos relacionados ao magistério ordinário provam que o papa deseja usar sua infalibilidade. Um exemplo disso é:

A proibição da contracepção artificial é "a expressão de uma lei natural e divina, contrária à ordem estabelecida por Deus" (Pio XII: *Discurso às parteiras*, 29-30 de outubro de 1951).

> "Como supremo mestre da Igreja, nós, sentado na cátedra de São Pedro *(ex cathedra Divi Petri)*, pronunciamos solenemente: 'Em honra da Santíssima Trindade e indivisível, para a exaltação da lei católica e a expansão da religião cristã, pela autoridade de NSJC, dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo e pela nossa (...), definimos e declaramos que a bem-aventurada Joana Antida Thouret é santa'" (Pio XI: carta decretal *Sub salutiferae*, 14 de janeiro de 1934).

> "Cheios do dever do nosso cargo apostólico, e cheios de solicitude pela nossa santa religião, pela sã doutrina, pela salvação das almas que nos é confiada do

> alto e pelo bem mesmo da sociedade humana, julgamos necessário elevar novamente a voz" (Pio IX: encíclica *Quanta cura*, 8 de dezembro de 1864).

> "Como doutor da Igreja universal", Pio XII ensina os "mistérios revelados por Deus" válidos para "todo o povo de Deus" (encíclica *Mystici corporis*, 29 de junho de 1943). Os termos utilizados por Pio XII não indicam claramente que ele está falando ex cathedra? E esse ensinamento infalível não está presente em um escrito ordinário? Portanto, como podemos limitar o campo da infalibilidade pontifícia apenas às definições solenes, como a definição da Imaculada Conceição em 1854 e da Assunção em 1950? Não seria isso mutilar a doutrina católica?

Visto que alguns teólogos (pseudo-católicos) negavam a infalibilidade do magistério ordinário pontifício, Pio XII reafirmou claramente a infalibilidade permanente dos pontífices: "Não se deve pensar que o que é proposto nas cartas encíclicas não exige por si só o assentimento, sob o pretexto de que os papas não exercem nelas o poder supremo do seu magistério. Com efeito, este ensinamento pertence ao magistério ordinário e para este magistério vale também a palavra de Cristo aos Apóstolos: 'Quem vos ouve, a mim ouve' *(Lucas* X, 16), e frequentemente o que é proposto e imposto nas encíclicas pertence há muito tempo à doutrina católica. Se, nos seus atos, os Sumos Pontífices deliberadamente emitem um julgamento sobre uma questão até então disputada, torna-se evidente a todos que, conforme o espírito e a vontade desses mesmos pontífices, essa questão não pode mais ser considerada uma questão livre entre teólogos" (encíclica *Humani generis*, 12 de agosto de 1950).

Aqui, Pio XII se opõe àqueles que, sob o pretexto de o papa não ensinar solenemente, acreditam que outros escritos podem conter opiniões contestáveis. Mas as encíclicas e outros atos do "magistério ordinário", diz Pio XII, são a voz de Cristo. E como Cristo nunca mente, esses textos são, por natureza, sempre infalíveis. Portanto, a infalibilidade é permanente, não limitada apenas a definições solenes pontuais.

E o mesmo papa disse em outra ocasião: "Assim que se faz ouvir a voz do magistério da Igreja, tanto ordinário quanto extraordinário, receba esta voz com ouvido atento e espírito dócil" (Pio XII aos membros do Angelicum, 14 de janeiro de 1958).

O Papa Leão XIII ordena aos católicos que creiam **em tudo** o que o papa ensina (uma nova prova da infalibilidade permanente do sumo pontífice): "É necessário **aderir** com adesão inabalável a **TUDO** o que os pontífices romanos ensinaram ou ensinarão, e, sempre que as circunstâncias o exigirem, fazer disso profissão pública" (Leão XIII: encíclica *Immortale Dei*, novembro de 1885). O papa não faz nenhuma distinção entre magistério extraordinário ou ordinário: "Portanto, sempre que a palavra deste magistério declare que tal ou tal verdade faz parte do conjunto da doutrina divinamente revelada, cada um deve crer com certeza que isso é verdadeiro; pois se isso de alguma maneira pudesse ser falso, seguir-se-ia, o que é evidentemente absurdo, que Deus mesmo seria o autor do erro dos homens" (Leão XIII: encíclica *Satis Cognitum*, 29 de junho de 1896).

Todas as encíclicas que condenam os erros modernos desde 1789 pertencem ao magistério ordinário. E Leão XIII afirma que a esse respeito, "cada um deve se ater ao julgamento da Sé Apostólica e pensar como ele próprio pensa. Portanto, se, nessas conjunturas tão difíceis [crise da Igreja e da sociedade], os católicos nos ouvirem como devem, eles saberão exatamente quais são os deveres de cada um tanto em teoria quanto em prática" (*Immortale Dei*, 1º de novembro de 1885). Portanto, o magistério pontifício ordinário é infalível. O papa é infalível diariamente.

A expressão "infaillibilité quotidienne du pape" pode surpreender o leitor, pois é raro ler tal afirmação em revistas ou livros atuais. No entanto, essa interpretação do Vaticano I é de fato o reflexo do que o papado ensinou sobre a infalibilidade do magistério pontifício ordinário. Já citamos *Humani Generis*; vamos citar mais uma interpretação autêntica da definição do Vaticano I, que deve ganhar a adesão do leitor, pois vem de um papa:

> "O magistério da Igreja - o qual, segundo o plano divino, foi estabelecido neste mundo para que as verdades reveladas subsistam PERPETUAMENTE e sejam transmitidas facilmente e com segurança ao conhecimento dos homens - se exerce TODOS OS DIAS pelo pontífice romano e pelos bispos" (Pio XI: encíclica *Mortalium Animos*, 6 de janeiro de 1928).

CONCLUSÃO DO SEGUNDO CAPÍTULO:

RESUMO: de acordo com o Concílio Vaticano I, um papa nunca ensinará um erro na fé.

O ensinamento do papa será sempre irrepreensível. Isso é simples de provar, bastando comparar os prólogos de dois textos do Vaticano I:

1.1 A Igreja ensina a verdade todos os dias (prólogo de Dei Filius).

1.2 Esta infalibilidade diária da Igreja ensinante repousa na fé indestrutível do papa (prólogo de Pastor aeternus).

1.3 Portanto, o papa prega a verdade todos os dias, assim como os bispos em comunhão com ele.

Esta conclusão é corroborada por outros documentos do Vaticano I apresentados no capítulo seguinte.

[1] Esta carta está reproduzida no Apêndice A de nosso trabalho.

3. UM PAPA PODE CAIR EM HERESIA COMO 'DOCTOR PRIVADO'?

3. UM PAPA PODE CAIR EM HERESIA COMO 'DOCTOR PRIVADO'?

A. A rejeição da noção de "doutor privado" pelos Padres do Vaticano
B. São Belarmino refuta os partidários da tese do "doutor privado herege"
C. Os Padres do Vaticano comentam o "formulário de Hormisdas": os pontífices romanos estão "IMUNES contra o erro"!
D. Um papa nunca falhará "JAMAIS" na fé: este é o dogma definido por Pio IX e pelos Padres do Vaticano

Pio IX
Image not found or type unknown

No dia 18 de julho de 1870, Pio IX, o papa da infalibilidade, anatematizou qualquer pessoa que ousasse afirmar a tese do "papa podendo errar como doutor privado". Segundo Pio IX, o papa é "aquele cuja fé não pode falhar" (carta Ad apostolicae, 22 de agosto de 1851).

A. A rejeição da noção de "doutor privado" pelos Padres do Vaticano

Durante os preparativos do primeiro Concílio do Vaticano, um postulado dos bispos italianos continha uma frase onde se admitia que o papa poderia errar como um simples particular, mas que seria infalível como doutor público. Os bispos italianos propuseram que essa frase servisse de base para a definição da infalibilidade pontifical.

No entanto, este postulado **NÃO FOI ACEITO** pelos Padres, especialmente devido à passagem sobre o doutor privado falível! O Vaticano I define claramente que o pontífice romano possui uma fé "para sempre infalível" e que ela não pode sofrer falhas (Pastor Aeternus, capítulo 4).

Durante as deliberações do concílio, o relator da Deputação da Fé, Monsenhor Zinelli, fez esta intervenção contra a tese do "doutor privado herege":

> "E não têm peso válido os casos hipotéticos do pontífice caindo em heresia como pessoa privada ou sendo incorrigível, que podem ser comparados com outros casos, como o do pontífice caindo em demência etc... Confiando na providência sobrenatural, consideramos, com uma probabilidade amplamente suficiente, que isso (um papa herege) nunca acontecerá" (relatório de Monsenhor Zinelli, relator da Deputação da Fé, no primeiro Concílio do Vaticano, in: Gerardus Schneemann (ed.): Acta et decreta sacrosancti oecumenici concilii Vaticani cum permultis aliis documentis concilium ejusque historiam spectantibus, Freiburg 1892, col. 357).

B. São Bellarmino refuta os partidários da tese do "doutor privado herege"

Quanto ao papa como doutor privado, Monsenhor Zinelli confia na Providência; ele se refere, sem dúvida, a um trecho bem conhecido do cardeal Bellarmino sobre as relações entre a providência e a inerrância do papa como pessoa particular. São Roberto Bellarmino (1542 - 1621), doutor da Igreja, sustenta que um papa não pode errar, mesmo como simples particular. Aqui estão suas palavras de um capítulo intitulado "do papa como simples pessoa particular":

> "É provável e pode ser piedosamente acreditado que o sumo pontífice, não apenas não pode errar como papa, mas também não pode ser herético ou crer com pertinácia em qualquer erro na fé como simples particular *(particularem personam)*. Isto é provado, primeiramente, porque é requerido pela suave disposição da providência de Deus. Pois o pontífice não apenas não deve e não pode pregar a heresia, mas também deve sempre ensinar a verdade, e sem dúvida o fará, dado que Nosso Senhor lhe ordenou que fortalecesse seus irmãos [...]. No entanto, eu pergunto, como um papa herético poderia fortalecer seus irmãos na fé e sempre lhes pregar a verdadeira fé? Deus poderia, sem dúvida, arrancar de um coração herético uma confissão de verdadeira fé, como em outro tempo fez falar a jumenta de Balaão. Mas isso seria mais por violência e de forma alguma conforme com o modo de agir da divina providência, que dispõe todas as coisas com suavidade. Isso é provado, em segundo lugar, pelo evento, pois até hoje, ninguém foi herético [...]; portanto, é um sinal de que isso não pode acontecer. Para mais informações, consulte o manual de teologia elaborado por Pighius" (São Roberto Bellarmino: *De Romano Pontifice,* IV, cap. 6).

São Bellarmino remete para mais informações a Pighius. Quem é Pighius? O neerlandês Albert Pighius (1490 - 1542) foi um teólogo muito estimado pelos papas de sua época. Ele compôs um Tratado sobre a Hierarquia Eclesiástica (*Hierarchiae Ecclesiasticae Assertio,* Colônia 1538). Neste tratado (especialmente no livro IV, cap. 8), Pighius demonstrou que um papa é incapaz de desviar da fé, mesmo como simples particular [1].

Saint Robert Bellarmino (*De Romano Pontifice,* livro II, capítulo 30) faz este julgamento sobre a tese de Pighius: "É fácil de defender!"

Ao contrário do que muitos comentadores de São Bellarmino afirmam, o santo cardeal não acredita de forma alguma na possibilidade de um papa ser herético. Ele adere, de fato, à tese de Pighius. Apenas como uma especulação intelectual puramente hipotética, ele estuda a possibilidade de um "papa herético". Citemos o trecho onde ele adere à tese de Pighius, enquanto anuncia que estudará as opiniões contrárias: "Há cinco opiniões sobre esta questão. A primeira é a de Albert Pighius (*Hierarchiae Ecclesiasticae Assertio,* livro IV, capítulo 8), para quem o papa não pode ser herético e, portanto, não pode ser deposto em nenhum caso. Esta opinião é provável e fácil de defender, como veremos mais adiante, em tempo oportuno. No entanto, dado que isso não é certo e que a opinião comum é o oposto, é útil examinar a solução a ser dada a esta questão, na hipótese de o papa poder ser herético" (*De Romano Pontifice,* livro II, capítulo 30).

Depois de anunciar que adere à primeira opinião, o santo cardeal apresenta as outras quatro opiniões. Em seguida, uma vez feita essa apresentação das cinco hipóteses, São Bellarmino demonstra que a tese de Pighius é a única verdadeira: 1. pela suave disposição da providência de Deus; 2. pelo evento (livro IV, capítulo 6; ver texto citado anteriormente).

O livro do cardeal Bellarmino está incluído na bibliografia especial sobre a infalibilidade estabelecida pelos Padres do Vaticano I (ver nosso capítulo 4). Na verdade, a obra especializada do cardeal Bellarmino sobre o pontífice romano é o ponto de referência constante dos Padres do Concílio do Vaticano. Eles se referem a ele continuamente em seus trabalhos, citando-o para provar seus postulados e intervenções. Pode-se dizer que o livro *De Romano Pontifice* é, de certa forma, a "Bíblia" dos Padres do Vaticano, assim como a *Summa Theologiae* de Santo Tomás foi a "Bíblia" dos Padres de Trento.

Na declaração conjunta sobre o esquema preparatório de *Pastor Aeternus*, os Padres reconhecem a autoridade doutrinária do santo cardeal ("a autoridade de Bellarmino"), dando-lhe ampla voz, excluindo todos os outros autores (!), para a interpretação autêntica de Lucas 22, 32, o que prova que o consideram como o melhor dos "autores testados" ("probatos auctores"). Este doutor da Igreja refuta de maneira vitoriosa os galicanos negadores da infalibilidade pontifícia e demonstra que "o Senhor rezou para obter dois privilégios para Pedro. Um deles consiste em que Pedro nunca poderá perder a fé (...). O outro consiste em que, como papa, Pedro nunca poderá ensinar algo contra a fé, ou seja, nunca se encontrará que ele ensina contra a verdadeira fé do alto de sua cátedra". O privilégio de nunca ensinar o erro "certamente permanecerá em seus descendentes ou sucessores" (*De Romano Pontifice*, livro IV, capítulo 4, citado pelos Padres: *Relatio de Observationibus Reverendissimorum Concilii Patrum in Schema de Romani Pontificis Primatu*, in: Schneemann: *Acta...* col. 288).

---

[1] Para provar suas afirmações, ele apresentava sete argumentos teológicos, além de uma demonstração histórica:

a. O papa é a regra de fé de todos os fiéis católicos: se ele errasse, um cego guiará outro cego (o que seria contrário à providência divina);

b. Que Pedro não possa errar é uma crença da Igreja universal (todos os católicos de todos os tempos e lugares o têm acreditado: portanto, é verdade);

c. A promessa de Cristo em Mateus XVI, 18;

d. A promessa de Cristo em Lucas XXII, 32;

e. A necessidade de manter a coesão: é necessário um centro estável e sólido (Roma), para contrariar as forças centrípetas (tantos povos diversos, às vezes vivendo em terras heréticas, precisam de um polo que os mantenha na fé).

f. É preciso evitar os hereges (Tito III; 2 Tessalonicenses III). "E não nos é permitido de modo algum separar-nos da cabeça do corpo da Igreja: separar-se é ser cismático". Pedro é o fundamento unido indissoluvelmente à Igreja, contra a qual as portas do inferno (... os hereges) não prevalecerão: "o que não seria possível se o papa fosse herege".

g. O herege ou o cismático não têm o poder de ligar ou desligar (Santos Atanásio, Agostinho, Cipriano, Hilário). O pleno exercício do poder é necessário à cabeça da Igreja visível. Portanto, Deus não permitirá que o papa caia na heresia.

O autor então empreende uma refutação dos supostos casos históricos de papas que teriam desviado da fé.

C. Os Padres do Vaticano comentam o "Formulaire d'Hormisdas": os pontífices romanos são "IMUNIZADOS contra o erro"

Que um papa não possa, de modo algum, desviar-se da fé fica claro na profissão de fé do papa São Hormisdas, que foi incorporada (em abreviado) no próprio texto de *Pastor aeternus*. Em 11 de agosto de 515, o papa São Hormisdas publicou seu *Libellus fidei* (literalmente traduzido como "programa ou panfleto da fé"; mas este texto é mais conhecido como *Formulaire d'Hormisdas*). O papa Adriano II impôs o *Formulaire d'Hormisdas* no VIII Concílio Ecumênico ("Constantinopla IV") a todos os bispos do Oriente e do Ocidente. O Concílio Ecumênico do Vaticano I incorporou uma citação abreviada do *Formulaire* no capítulo 4 de *Pastor aeternus*: "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja" (Mateus 16,18); o que foi dito e comprovado pelos fatos; pois a religião católica sempre foi guardada sem mancha na Sé Apostólica e a doutrina católica sempre foi professada em sua santidade (...) Esperamos merecer permanecer na comunhão com vocês que é pregada pela Sé Apostólica, comunhão na qual reside, completa e verdadeira, a solidez da religião cristã. Este formulário não é claro como água cristalina?

De acordo com o *Formulaire d'Hormisdas*, o dogma da infalibilidade papal "se verificou nos fatos". Os Padres do Vaticano comentam: "Isso deve ser entendido não apenas como um simples fato (facto), mas também como um direito (jure) constante e imutável, em virtude das palavras de Cristo ['Tu és Pedro etc.'], que permanecem imutáveis. Enquanto durar a pedra sobre a qual Cristo fundou a Igreja, assim a religião católica e a doutrina santa serão guardadas imaculadas na Sé Apostólica, e isso por direito divino.

[...A infalibilidade papal] está perfeitamente contida no *Formulaire d'Hormisdas* (com a adição de Adriano II), que afirma: em virtude das palavras de Cristo 'Tu és Pedro etc.', na Sé Apostólica, ou seja, por Pedro e por aqueles que o sucedem nesta cátedra, a religião e a doutrina sempre foram guardadas imaculadas, e como foi mostrado acima, por direito divino, sempre serão guardadas [no futuro]. Isso equivale certamente à proposição que diz: **os bispos romanos que ocupam a Sé**

de Pedro são, em relação à religião e à doutrina, IMUNIZADOS contra o erro" (Relatio de observationibus Reverendissimorum concilii Patrum in schema de romani pontificis primatu, in: Schneemann: Acta..., col. 281 - 284).

D. Um papa "JAMAIS" falhará na fé: esse é o dogma definido por Pio IX e pelos Padres do Vaticano!

É preciso acabar de uma vez por todas com essa maldita opinião de que "o papa pode se tornar herético como doutor privado", uma calúnia extremamente injuriosa para a honra do papado! Duas simples citações do capítulo 4 de *Pastor aeternus*, que define o dogma da infalibilidade papal, são suficientes para encerrar o debate de uma vez por todas.

Primeira citação: "A Sé de Pedro está SEMPRE isenta de todo **ERRO**." Segunda citação: "O carisma da fé **NUNCA** falhante."

Portanto, segundo Pio IX e os Padres do Vaticano, o papa está "SEMPRE" livre de qualquer erro doutrinal, e sua fé é "para SEMPRE" indefectível. Se as palavras ainda têm algum significado, isso significa que a tese do "papa doutor privado herético" é um erro na fé.

Além disso, a definição da infalibilidade papal deve ser entendida no sentido como a Igreja a definiu. A Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana, Mãe e Mestra de todos os fiéis, definiu a infalibilidade papal no sentido de uma imunidade DIÁRIA do Sumo Pontífice contra o vírus do erro. O parágrafo final do capítulo 4 (*Pastor aeternus*) declara: "Se alguém, o que Deus não permita, tiver a presunção de contradizer esta definição, que seja anátema".

Um concílio ecumênico tem autoridade infinitamente superior à de qualquer teólogo, que não é, ele próprio, infalível em tudo o que escreve. A Igreja decidiu em 1870: **a opinião daqueles que consideram que um papa pode cair em heresia como doutor privado já não é uma opinião livre, mas uma opinião contrária à fé solenemente definida por um concílio ecumênico.**

Que alguns teólogos tenham uma opinião oposta ao magistério não nos impressiona de modo algum, pois em caso de desacordo, é a Igreja que tem a última palavra. "Poderíamos ter nos perguntado se é a palavra dos teólogos ou a do magistério da Igreja que tem mais peso e oferece uma melhor garantia de verdade. A este respeito, lemos na encíclica *Humani generis*: 'Este depósito (da fé) não foi confiado pela nosso Divino Redentor à interpretação autêntica de cada um

dos fiéis, nem mesmo dos próprios teólogos, mas apenas ao magistério da Igreja (...). Além disso, Pio IX, nosso predecessor de imortal memória, quando ensinou que o papel muito nobre da teologia é mostrar como a doutrina definida pela Igreja está contida nessas fontes, acrescentou, não sem grave razão, estas palavras: 'no sentido em que a Igreja a definiu' (Inter gravissimas, 28 de outubro de 1870)'". Portanto, para o conhecimento da verdade, o que é decisivo não é a "opinião dos teólogos", mas o "sentido da Igreja". Caso contrário, seria quase tornar os teólogos "mestres do magistério", o que é um erro evidente" (Pio XII: discurso na sexta semana italiana de adaptação pastoral, 14 de setembro de 1956).

CONCLUSÃO DO TERCEIRO CAPÍTULO: **Que um papa possa desviar-se da fé como "doutor privado" é uma heresia absurda condenada solenemente pelo Concílio Vaticano.**

4. A HISTÓRIA ECLESIÁSTICA CONHECE CASOS EM QUE UM PONTÍFICE APOIOU UMA HERESIA?

A. Fábulas caluniosas, repetidas cem vezes
B. São Pedro
C. São Libério
D. Honório I
E. João XXII

A. Das fábulas caluniosas, cem vezes refutadas

A tese da infalibilidade permanente do papa é solidamente estabelecida por argumentos de razão e autoridade. Além disso, essa tese é confirmada pelos *fatos:* nunca nenhum papa se desviou da fé.

Que alguns papas tenham errado na fé é uma fábula caluniosa, inventada no século XVI por um grupo de historiadores protestantes chamados "centuriadores de Magdeburgo". Seus mentirosos foram retomados pelos galicanos e depois pelos anti-infaibilistas do século XIX. "Este é o tipo de ataque adotado há três séculos pelos centuriadores de Magdeburgo. Como, de fato, os autores e promotores das novas opiniões não conseguiram derrubar as muralhas da doutrina católica, eles adotaram uma nova estratégia, empurrando a Igreja para discussões históricas. O exemplo dos centuriadores foi seguido pela maioria das escolas que se revoltaram contra a antiga doutrina e também, o que é ainda mais lamentável, por vários católicos [...]. Começou-se a examinar os menores vestígios de antiguidades; a vasculhar todos os cantos dos arquivos; a trazer à luz fábulas fúteis, a repetir cem vezes imposturas já refutadas. [...] Entre os maiores pontífices, mesmo aqueles de virtude eminente foram acusados e manchados [...]. Os mesmos fios ainda estão em uso hoje; e certamente, mais do que nunca, pode-se dizer que neste tempo o artifício do historiador parece ser uma conspiração contra a verdade" (Leão XIII: breve *Saepenumero considerantes, 18* de agosto de 1883).

De 1868 a 1870, houve uma verdadeira batalha jornalística em torno dos "casos históricos" de papas que teriam falhado na fé. Os anti-infaibilistas ingleses, franceses e alemães atacaram diretamente o papa Honório I. "Hoje testemunhamos esses debates infelizes que tendem a acusar sua memória e a manchar indiretamente a Sé de Pedro", lamentava o Padre Chéry, diretor da *Revue œcuménique du Vatican* (in: Guérin: *Concile œcuménique du Vatican. Son histoire, ses décisions en latin et en français,* Bar-le-duc et Paris 1877, p. 116).

O Padre Gratry, considerando que Honório tinha sido herege, tentou impedir a pronunciação do dogma da infalibilidade pontifical. Ele condenou ao inferno aqueles que ignorassem sua proibição: "Todos aqueles que, apesar destas razões e fatos, ousarem passar por cima e pronunciar na escuridão, prestarão contas no tribunal de Deus" (*L'Univers*, 19 de janeiro de 1870).

O beneditino Dom Prosper Guéranger (um erudito célebre por seus trabalhos sobre a liturgia: *Instituições Litúrgicas + O Ano Litúrgico*) refutou completamente as acusações de Gratry em *Defesa da Igreja Romana contra as Acusações do Pe. Gratry*, Paris 1870. Um ano antes, Dom Guéranger havia publicado um estudo sólido sobre os "casos históricos" dos papas caluniados em *A Monarquia Pontifical*, Paris e Le Mans 1869. O Papa Pio IX o felicitou calorosamente, lamentando

ao mesmo tempo a campanha de imprensa desencadeada pelos anti-infaibilistas: "Esta loucura chega a tal extremo que eles se propõem a refazer até a constituição divina da Igreja e a adaptá-la às formas modernas de governos civis, a fim de rebaixar mais facilmente a autoridade do supremo Chefe que Cristo lhe designou e cujas prerrogativas eles temem [= infalibilidade e autoridade]. Assim, vemos-os ousadamente apresentar como indubitáveis ou pelo menos completamente livres certas doutrinas repetidamente reprovadas, ressuscitar CHICANAS HISTÓRICAS, CITAÇÕES MUTILADAS, CALÚNIAS lançadas contra os pontífices romanos, sofismas de todos os tipos conforme os antigos defensores dessas mesmas doutrinas. Com impudência, eles trazem tudo isso à tona, ignorando completamente os argumentos com os quais foram CENTENAS DE VEZES REFUTADOS.

Seu objetivo é agitar as mentes e incitar aqueles de sua facção e o público ignorante contra o sentimento comummente professado. Além do mal que causam ao semear tal perturbação entre os fiéis e ao entregar às discussões de rua as questões mais sérias, nos fazem lamentar em sua conduta uma irracionalidade igual a sua audácia" (Pio IX: breve *Dolendum profecto*, 12 de março de 1870, endereçado a Dom Guéranger para felicitá-lo por seu livro *A Monarquia Pontifical*, no qual o célebre beneditino defende a infalibilidade permanente do papa).

O papa lamentou essa campanha de imprensa mentirosa em outro breve: "É extremamente apropriado que tenhamos de maneira global e bem coordenada aquilo que a razão teológica nos demonstra, aquilo que as Sagradas Escrituras nos ensinam, aquilo que sempre foram mantidos e nos foram transmitidos da forma mais constante por este Trono Apostólico, pelos concílios, pelos doutores e pelos Padres, em relação à primazia, ao poder, às prerrogativas do pontífice romano, e ao mesmo tempo as razões muito sérias pelas quais há muito tempo foram REFUTADOS OS SOFISMAS que, se disfarçando sob as aparências enganosas da novidade, são jogados ao público através de panfletos e jornais, e isso com tanta confiança que se diria serem descobertas feitas pela sabedoria moderna e até então desconhecidas" (Pio IX: breve *Cum ad sacrae*, 5 de janeiro de 1870, endereçado ao Padre Jules Jacques, que havia publicado uma tradução dos escritos de Santo Afonso de Ligório sob o título *Do Papa e do Concílio*).

Os Padres do Primeiro Concílio do Vaticano, conhecendo melhor a história eclesiástica do que os pseudo-historiadores anti-infaibilistas, não se deixaram de modo algum impressionar pela agitação midiática. O concílio, ignorando essas calúnias, definiu a infalibilidade e afirmou claramente que a *teoria* da infalibilidade era confirmada pelos *fatos:* "O que foi dito é comprovado pelos FATOS; pois a religião católica sempre foi mantida imaculada junto ao Trono Apostólico [...]. Nossos predecessores trabalharam incansavelmente para a propagação da doutrina salvadora de Cristo entre todos os povos da terra e cuidaram com igual zelo de sua conservação autêntica e pura onde ela foi recebida" (constituição dogmática *Pastor aeternus*, 18 de julho de 1870, cap. 4).

Além disso, durante os trabalhos preparatórios do *Pastor aeternus*, os Padres fizeram uma declaração especial sobre o esquema preparatório do *Pastor aeternus*, acompanhada de uma bibliografia científica destinada a refutar as objeções dos "casos históricos" de papas que teriam falhado!!! Aqui estão trechos de sua declaração crucial, infelizmente totalmente desconhecida nos dias de hoje:

Os Padres observaram que alguns se opunham à proclamação do dogma da infalibilidade, devido a supostas "exceções retiradas da história eclesiástica". No entanto, segundo os Padres, "a

infalibilidade do pontífice romano é uma verdade divinamente revelada; portanto, nunca será possível demonstrar, através de fatos históricos, que isso seja falso; pelo contrário, se tais fatos históricos forem opostos a esta verdade, esses fatos devem ser considerados falsos, visto que estão em oposição a uma verdade absolutamente certa". Os Padres então citaram um trecho do capítulo 4 da constituição conciliar *Dei Filius*, que acabara de ser votada (esse trecho de *Dei Filius* era na verdade uma retomada de uma definição feita pelo V Concílio de Latrão): "Portanto, definimos como completamente falsa qualquer afirmação contrária à verdade da fé iluminada". Os Padres do Vaticano tiraram a seguinte conclusão (em sua declaração sobre o esquema preparatório do *Pastor aeternus*): "Portanto, conclui-se que todas as conclusões da ciência, ou da história eclesiástica, que se opõem à infalibilidade do pontífice romano (que manifestamente deriva das fontes da Revelação) devem ser consideradas certamente como erros".

Um pouco mais adiante, os Padres escreveram: "A refutação dessas dificuldades [históricas], levantadas para se opor a esta verdade, não é tanto o negócio dos Padres do concílio, mas sim da escola dos teólogos, que, no que diz respeito a esta causa, já fizeram seu trabalho há muito tempo. De fato, essas exceções históricas - questão discutida no momento presente - não são novas, mas são há muito tempo muito difundidas e comuns. As mencionadas dificuldades históricas foram frequentemente e completamente, e até elegantemente, resolvidas por aqueles que trataram das coisas da teologia (em suas dissertações sobre a primazia da Santa Sé, a infalibilidade da Igreja Católica e outras verdades católicas), durante suas diversas controvérsias contra os protestantes, jansenistas, febronianos e outros [hereges].

Parece menos adequado e menos apropriado para os Padres voltar à questão e reexaminar novamente uma por uma essas dificuldades, como se as objeções feitas contra as verdades católicas tivessem um fundamento de realidade e como se tivessem conservado até hoje um verdadeiro valor e força; ou ainda - o que seria o mesmo - como se esta verdade revelada e a doutrina da Igreja Católica não fossem suficientemente protegidas e defendidas" (*Relatio de observationibus Reverendissimorum concilii Patrum in schema de romani pontificis primatu,* in: Schneemann (ed.): *Acta...,* col. 287 - 288).

Por isso, os Padres recusaram-se a examinar a história eclesiástica e simplesmente se contentaram em referir-se a uma bibliografia científica, onde as supostas quedas dos papas eram refutadas: "Que se consultem então autores sérios e comprovados, que escreveram sobre as principais exceções que são opostas [ao dogma]" [1].

A princípio, se o magistério afirma que um papa nunca pode falhar na fé, o crente julgará desnecessário verificar essa afirmação examinando a história de todos os pontificados desde São Pedro. No entanto, dado que arianos, galicanos, protestantes e jansenistas se esforçaram para provar que tal ou tal papa caiu em heresia, e que seus argumentos são constantemente retomados e repetidos pelos meios católicos hoje em dia, parece ainda inevitável estudar esses casos controversos.

[1] Aqui está a bibliografia deles:

a) **na causa do papa Virgílio**: Giuseppe Agostino Orsi: *De irreformabili Romani Pontificis in definiendis fidei controversiis iudicio,* Roma 1739,1. 1, parte **1,** cap. 19 - 20; Ieremias a Benettis:

Privileg. S. *Petri vindic,* Roma 1759, parte II, t. V, App. § 5; Ballerini: *De vi et ratione Primatus,* cap. 15; Louis de Thomassin d'Eynac: *Dissertationes, commentarii, notae in concilia generalia et particularia* (J.T. de Rocaberti: *Bibliotheca Maxima Pontificia,* t. XV), Roma 1698,1. **1,** *Disp.* XIX; Pierre de Marca (autor do século XVII): *Diss. de Vigilio;* e recentemente Al. Vincenzi in S. Gregorii Nyss. et Origenis scripta cum App. de actis Synodi V., 1. IV et V;

b) **na causa do papa Honório**: entre os autores mais antigos: Joseph Biner: *Apparatus eruditionis ad jurisprudentiam praesertim Ecclesiasticam,* Augsburgo e Freiburg 1754, partes III, IV e XL; Orsi: *op. cit.* cap. 21 28; St. Robert Bellarmin: *De romano pontifice,* livro IV, cap. II; Thomassin: *op cit.,* Diss. XX; Alexandre Natalis: *Historia Ecclesiastica veteris novique testamenti Constantini Roncaglia et Joannis Dominici Mansi notis et animadversionibus castigate et illustrata,* Veneza 1776,1. V, século VII, Diss. II; François Antoine Zaccaria: *Anti-Febronio,* 1767 [tradução alemã: Augsburgo 1768; tradução francesa: *L 'Antifebronius ou la primauté du pape justifiée par le raisonnement et par l'histoire,* Paris 1859-1860, 4 vols.], parte II, livro IV [refutação do livro de Justinus Febronius: *De statu Ecclesiae et legitima potestate romani pontificis...,* colocado no Índice em 27 de fevereiro de 1764, 3 de fevereiro de 1766, 24 de maio de 1771 e 29 de março de 1773]; entre os autores mais recentes: *Civiltà cattolica,* ano 1864, série V, volume XI e XII; Gerhard Schneemann: *Studien über die Honorius-Frage,* Freiburg 1864 [a *Civiltà cattolica* e Schneemann refutam o livro de Döllinger (principal teólogo da seita dos "velhos-católicos") publicado no ano anterior, intitulado *Die Papstfabeln des Miltelalters];* Joseph Pennacchi: *De Honorii I. Romani Pontificis causa in Concilio VI. dissertatio. Ad Patres Concilii Vaticani,* Roma 1870;

c) **na causa da queda [suposta] do pontífice romano no que diz respeito ao ministro do sacramento da ordem**: Orsi: *op. cit.* livro III, cap. 31; Tournely, que em seu tratado *De Sacramento Ordinis* refuta as objeções de Morini, etc.;

d) **na causa da bula de Bonifácio VIII**: Aguirre: *Defens. Cathedrae* S. *Petri_,_* disp. 32 - 33; Joseph Hergenröther: *Anti-Ianus. Eine historisch-theologische Kritik der Schrift* "*Der Papst und das Concil*" *von Janus,* Freiburg 1870, p. 133 sqq. [refutação de um livro colocado no Índice em 26 de novembro de 1869, publicado sob o pseudônimo "Janus" por Johann Joseph Ignaz von Döllinger, o mentor da seita dos "velhos-católicos"].

B. São Pedro

Vamos começar com uma acusação dirigida ao primeiro papa, São Pedro. São Pedro não foi repreendido por São Paulo por colocar em risco a sã doutrina? *(Gálatas* II, 11)?

Desde os primórdios do cristianismo, alguns falsos irmãos tentaram judaizar a Igreja. "Falsos irmãos se infiltraram secretamente entre nós, para espiar a liberdade que temos em Cristo Jesus e nos escravizar de novo", nos sujeitando novamente ao jugo das prescrições legais judaicas *(Gálatas* II, 4)_. Esses falsos irmãos exigiram que os pagãos convertidos ao cristianismo também observassem as prescrições da lei do Antigo Testamento. No Concílio de Jerusalém, São Pedro disse que não era necessário impor essa observância aos pagãos. Os participantes do concílio concordaram com a opinião do primeiro papa *(Atos dos Apóstolos XV, 1-29; Gálatas II, 1-6)*.

São Pedro deixou Jerusalém e foi para Antioquia. Ele já não observava as prescrições legais do judaísmo. No entanto, algum tempo depois, cristãos de origem judaica de Jerusalém chegaram a Antioquia, que ainda praticavam a antiga lei. Como resultado, São Pedro passou a comer com eles à maneira judaica, para não ofendê-los. Isso lhe rendeu uma repreensão por parte de São Paulo.

São Paulo mesmo relata, em sua epístola aos Gálatas, como ocorreu o incidente em Antioquia. Citamos essa epístola, acrescentando algumas explicações entre colchetes.

"Quando Cefas [São Pedro] veio a Antioquia", conta São Paulo, "eu me opus a ele em face, porque ele estava repreensível. Pois, antes que alguns homens [= cristãos de origem judaica que ainda seguiam as prescrições judaicas] do grupo de Tiago [bispo de Jerusalém] chegassem, ele comia [indiferentemente todo tipo de carne] com os gentios [convertidos]; mas, após a chegada deles, ele se retirou e se separou [desses gentios], temendo [escandalizar] os circuncisos, [para quem esse costume de comer carnes proibidas pela lei parecia um grande pecado]. E os outros judeus também dissimularam com ele, a ponto de levar até Barnabé a se deixar levar por essa dissimulação.

Mas, quando vi que não estavam agindo corretamente conforme a verdade do Evangelho, [que era ofendida por essa falsa observância das cerimônias da lei], eu disse a Cefas na frente de todos: 'Se você, sendo judeu, vive como os gentios e não conforme a lei judaica, como você pode [por seu exemplo] obrigar os gentios a judaizar? [..,] O homem não é justificado pelas obras da lei [antiga], mas somente pela fé em Jesus Cristo'" *(Gálatas II, 11-16)*.

Vamos destacar primeiro que São Pedro *não ensinou* que se deveria judaizar, mas teve simplesmente um *comportamento* nessa direção ("não andava" segundo o Evangelho, mas não "não ensinava" segundo o Evangelho). Isso foi destacado já no século III pelo escritor eclesiástico Tertuliano (*Da prescrição contra os hereges,* capítulo 23): São Pedro cometeu ali "um erro de procedimento, não de doutrina".

Além disso, ele agiu assim por medo de escandalizar os cristãos de origem judaica, como prova a expressão "por medo". A palavra "dissimulação" também indica que ele não estava expressando sua verdadeira convicção, que era ortodoxa. Por fim, ao ouvir sem responder os severos reproches de São Paulo e depois mudar sua atitude, ele deu a todos uma grande lição de humildade.

Para entender bem o incidente de Antioquia, é necessário conhecer o contexto histórico e geográfico da época. Havia, de fato, uma diferença significativa entre a comunidade cristã em Jerusalém e a de Antioquia.

As prescrições da lei judaica sobre alimentos, circuncisão, ritos de purificação, etc., não eram obrigatórias para os gentios (decisão de São Pedro no Concílio de Jerusalém), e tampouco o eram para os judeus convertidos ao cristianismo.

Em Jerusalém, os cristãos de origem judaica ainda observavam as prescrições legais, enquanto em Antioquia, os cristãos de origem judaica já as haviam abandonado. Por quê? Porque em Jerusalém, todos os habitantes eram judeus, enquanto em Antioquia, a população era mista: ao ver que os cristãos gentios de Antioquia não praticavam a lei judaica, os cristãos judeus de Antioquia também acabaram por abandonar suas antigas práticas judaicas.

Para preservar a sensibilidade da comunidade cristã de Jerusalém, como observou São João Crisóstomo, "Pedro não ousava dizer claramente e abertamente aos seus discípulos que era necessário abolir completamente essas práticas. Ele temia que, se tentasse eliminar prematuramente esses hábitos, poderia ao mesmo tempo destruir neles a fé em Cristo, pois o espírito dos judeus, há muito tempo imbuído de preconceitos da sua lei, não estava preparado para ouvir tais conselhos. Portanto, São Pedro permitia que eles seguissem as tradições judaicas" (São João Crisóstomo: *Comentário sobre a Epístola aos Gálatas*).

Por isso, São Pedro, por consideração aos cristãos judeus da Palestina, observava as prescrições judaicas enquanto estava em Jerusalém. No entanto, ao chegar a Antioquia, ele podia viver como os gentios sem temer chocar os cristãos judeus locais, que há muito haviam abandonado a observância das leis judaicas.

Mas quando alguns cristãos judaizantes de Jerusalém chegaram a Antioquia, São Pedro mudou novamente seu comportamento e passou a observar a lei judaica para não escandalizar os recém-chegados, como explica São João Crisóstomo:

"Enquanto Pedro vivia assim [em Antioquia], alguns judeus enviados por Tiago chegaram lá, ou seja, de Jerusalém, que sempre viveram naquela cidade e nunca conheceram outro modo de vida, mantendo os preconceitos judaicos e seguindo muitas dessas práticas. Então Pedro, vendo esses discípulos que vieram de Tiago e de Jerusalém e que ainda não estavam fortalecidos na fé, temeu que, se escandalizados, rejeitassem a fé. Assim, ele mudou novamente sua conduta, cessando de viver como os gentios e retornando à sua primeira atitude de condescendência, observando as regras alimentares" (São João Crisóstomo: *Homilia sobre o texto: "Eu resisti a ele em face*").

No entanto, quando percebeu (graças à repreensão de São Paulo) que sua atitude condescendente em relação aos judaizantes de Jerusalém poderia prejudicar a fé dos cristãos em Antioquia, São

Pedro mudou imediata e definitivamente sua postura.

Em resumo, a crítica de São Paulo foi justificada porque a atitude excessivamente condescendente de São Pedro em relação aos judaizantes de Jerusalém estava prejudicando os fiéis de Antioquia.

No entanto, é preciso mencionar em defesa de São Pedro que sua conduta foi inspirada por um motivo nobre, pois ele começou a judaizar apenas para evitar escandalizar os cristãos que chegaram de Jerusalém: "Ele temeu que, se escandalizados, rejeitassem a fé", disse São Crisóstomo. São Pedro agiu assim por caridade, e não porque ele próprio tivesse se desviado da fé!

O príncipe dos teólogos, São Tomás de Aquino, não diz outra coisa em seu comentário sobre a atitude de São Pedro em Antioquia. "Ele agia assim, 'porque temia aqueles que vinham dos circuncisos' (Gálatas II, 12), isto é, dos judeus, não por um medo humano ou mundano, MAS POR UM MEDO INSPIRADO PELA CARIDADE, ou seja, para que não fossem escandalizados, diz a Glosa. Pedro se tornou, assim, como um judeu entre os judeus, fingindo pensar como os fracos. No entanto, esse medo dele era contrário à ordem, porque nunca se deve abandonar a verdade por medo do escândalo" (São Tomás: *Comentário sobre todas as epístolas de São Paulo;* lição 3 sobre o capítulo II da epístola aos Gálatas).

Como conclusão, citaremos ainda São Jerônimo: "Ele se retirava e se separava, temendo os reproches dos circuncisos. Ele temia que os judeus, dos quais ele era apóstolo, se afastassem da fé de Cristo por causa dos gentios; **IMITADOR DO BOM PASTOR, ele tremia em perder o rebanho confiado** aos seus cuidados" (São Jerônimo: *Carta* endereçada a São Agostinho em 404).

C. São Libério

C. São Libério

Autor	Título	Link
Abbé J.-E. Darras	Da suposta queda do Papa Libério	Comprar na Editions Saint Remi
Abbé Louis Nazaire Béguin	A primazia e infalibilidade dos SOBERANOS PONTÍFICES [O arianismo e o Papa Libério pp 147-185]	Baixar em PDF [Atenção! 22.5MB]
Bibliothèque Saint Libério [http://www.liberius.net]	O Papa São Libério	Baixar em PDF
Para outros papas, por exemplo Honório Clique aqui e leia o estudo do abbé Béguin		

Certos escritores afirmam que o Papa São Libério (352 - 366) teria apoiado os hereges arianos e excomungado o bispo católico São Atanásio.

Essa acusação é completamente injusta, pois São Libério se destacou exatamente pelo seu combate ao arianismo, o que inclusive resultou no seu exílio de Roma pelo imperador ariano. Longe de excomungar Atanásio, ele o defendeu contra seus adversários!

A crítica a São Libério é tão infundada que até um oponente destacado da infalibilidade papal como o Monsenhor Bossuet não pôde usá-la. "Em 1684, Bossuet foi encarregado por Luís XIV de compor a *Defesa da declaração da Igreja da França* [defendendo o galicanismo]. Ele imediatamente iniciou este trabalho, que lhe custaria tanto esforço e lhe daria tão pouca satisfação. Em busca de tudo que pudesse enfraquecer a infalibilidade dos papas, ele logo se deparou com a queda de Libério. Qual foi o resultado do longo exame que ele fez deste fato? Seu secretário, o abade Ledieu, nos informa: depois de escrever e reescrever vinte vezes o capítulo sobre Libério, ele acabou por removê-lo completamente, pois não provava o que ele queria" (abade Benjamin Marcellin Constant: *A história da infalibilidade dos papas ou pesquisas críticas e históricas sobre os atos e decisões pontificais que alguns escritores consideraram contrários à fé*, segunda edição, Lyon e Paris 1869, vol. I, p. 357, baseado em *História de Bossuet, Peças justificativas*, V, 1, vol. II).

"Libério subiu ao trono pontifício em 22 de maio de 352. Poucos meses depois, duas delegações chegaram a Roma: uma, enviada pelos bispos do Oriente, trouxe uma acusação contra o bispo de

Alexandria [...]; a outra veio fazer, em nome de todos os bispos do Egito, a defesa completa do mesmo personagem. O que Libério fez? Ele convocou um concílio em Roma, fez a leitura das cartas dos bispos do Oriente e dos bispos do Egito, ouviu os argumentos de ambas as partes e, suficientemente convencido sobre a questão, encerrou os debates e declarou que a acusação contra Atanásio era sem fundamento.

"No concílio realizado em Arles em 353, o legado Vicente de Capua acredita que o bem da Igreja exige que se faça o sacrifício de um homem para a paz geral. A fé de Niceia é respeitada, mas Atanásio é condenado. Libério, ao receber a notícia, fica profundamente entristecido; ele chama seu legado de prevaricador, jura morrer antes de abandonar o inocente. [...]

> "Um ano depois, o imperador ariano Constâncio reprova novamente Libério por seu apoio ao bispo de Alexandria [... mas o papa permanece firme]."

Em 355, o oficial Eusébio e, depois, o próprio imperador, pressionaram Libério para que condenasse aquele que consideravam seu inimigo pessoal. "Como, eu lhes pergunto", respondeu Libério, "agir assim com Atanásio? Como podemos condenar aquele que dois concílios de toda a terra declararam puro e inocente, aquele que um concílio em Roma enviou em paz? Quem nos persuadirá a separar de nós, na sua ausência, aquele que, em sua presença, admitimos à comunhão e recebemos com ternura? [...]". Não havia espaço para excomunhão; pelo contrário, tudo estava repleto de provas do mais sincero apego" (Constant, vol. 1, p. 329-331).

O imperador tentou fazer São Libério ceder através de presentes e ameaças, mas em vão. Então, o imperador ordenou que ele fosse exilado para Beroé, na Trácia, e instalou um antipapa em Roma chamado "Félix II".

Após uma petição das mulheres romanas, o imperador chamou São Libério de volta. São Libério teria feito concessões doutrinárias ao arianismo para poder retornar do seu exílio em Roma?

O antipapa "Félix II", embora fosse fiel à fé de Niceia, mantinha relações com os arianos. Por essa razão, era odiado pelos fiéis em Roma e sua igreja estava vazia. Quando São Libério retornou, foi recebido pelo povo de forma triunfal. Se São Libério tivesse feito qualquer concessão aos arianos, os paroquianos teriam demonstrado a mesma hostilidade que mostraram a "Félix II".

O bispo Ósio manteve a fé até os 90 anos, quando assinou uma fórmula ariana sob coação. Sua queda causou grande repercussão. Se São Libério tivesse caído de maneira semelhante, o escândalo teria sido ainda maior e sua memória teria sido manchada para sempre. Pelo contrário, este pontífice desfruta de uma renomada excepcional, incompatível com uma suposta queda. "Deve-se admirar que Sirício o considere um de seus predecessores mais ilustres; que São Basílio o chame de 'bem-aventurado, muito bem-aventurado'; São Epifânio, de 'pontífice de memória feliz'; Cassiodoro, de 'o grande Libério, o santíssimo bispo que supera todos os outros em mérito e é um dos mais célebres em tudo'; Teodoreto, de 'o ilustre e vitorioso atleta da verdade'; Sozomeno, de 'um homem raro em todos os aspectos'; Lúcio Dexter, de 'São Libério'; Santo Ambrósio, de 'santo, muito santo bispo'" [1].

> "Argumentar-se-á que que Santo Atanásio fala da queda de Libério, tanto em sua 'Apologia contra os arianos', quanto em sua 'História dos arianos dirigida aos solitários'; mas todos concordam que a 'Apologia' foi escrita no máximo até 350, ou seja, dois anos antes de Libério se tornar papa. O trecho onde se fala de sua queda é claramente uma adição posterior, feita por uma mão estranha e inexperiente; pois longe de fortalecer a 'Apologia', ela a torna incoerente e ridícula. A 'História dos arianos' também foi escrita antes do período em que se supõe a queda de Libério, ou pelo menos antes do momento em que Santo Atanásio poderia ter conhecimento disso, assim como Osius; pois várias vezes fala-se de Leôncio de Antioquia como ainda vivo. E vimos que sua morte foi informada em Roma, na época em que as mulheres romanas suplicaram a Constâncio que permitisse o retorno do papa, que certamente então não tinha ainda transgredido. Portanto, o trecho onde se fala de sua queda é ainda outra adição posterior, que não se harmoniza tanto com o que a precede quanto com o que a segue. Mas quem poderia ter feito essas interpolações? Vimos que ainda em vida os arianos supuseram uma carta de Santo Atanásio a Constâncio. O que puderam fazer durante sua vida, puderam fazê-lo ainda mais facilmente após sua morte" (Abbé René François Rohrbacher: 'Histoire universelle de l'Église catholique', 1842-1849, vol. III, p. 167).

> "Objetarão ainda que Santo Hilário, em vários lugares de seus escritos, teria anatematizado São Libério como herege. Mas aqui novamente são interpolações de copistas arianos. O historiador Ruffin escreveu, de fato, cinquenta anos após a morte de São Libério: 'Os livros tão instrutivos compostos por Santo Hilário para contribuir para a conversão dos signatários de Rimini [concílio ariano], foram tão falsificados pelos hereges que até Hilário não os reconheceria' (in: Constant, vol. 1, p. 328).

Os arianos falsificaram os escritos de Santo Atanásio, de São Jerônimo, de Santo Hilário e de São Libério também (análise detalhada em Constant, vol. 1, p. 294-349).

Que São Libério tenha caído no arianismo e excomungado Atanásio é uma invenção forjada por falsificadores arianos. 'A história dos arianos apresenta uma coleção de falsificações em todos os níveis: inserem sub-repticiamente uma carta em uma palavra para alterar seu sentido. [...] Apagam assinaturas [...]. Acrescentam secretamente artigos às decisões tomadas em público. [...] Supõem cartas: acabamos de ver aquelas atribuídas a Libério. Atanásio também foi alvo desse tipo de provação: 'Quando soube que os arianos afirmavam que eu havia escrito uma carta ao tirano Magêncio, e que diziam mesmo ter uma cópia dessa carta, fiquei fora de mim; passei noites sem dormir; ataquei meus acusadores presentes; gritei alto de indignação e implorei a Deus com lágrimas e soluços que vocês ouvissem favoravelmente minha justificação' (Santo Atanásio: 'Apologia ad Const.'). Às vezes forjam petições e simulam assinaturas. [...] Por fim, dão o nome de um concílio católico a suas reuniões e, sob essa roupagem, publicam seus próprios atos

como se tivessem sido canonicamente redigidos e aprovados; e esse ardil foi tão bem-sucedido que até mesmo São Agostinho confundiu por muito tempo o concílio ariano de Filipópolis com o respeitável concílio de Sárdica. Parece-nos, depois disso, que não será surpreendente que alguns de seus escritores tenham acusado Libério de compartilhar seus sentimentos, que alguns católicos tenham dado crédito a calúnias tão habilmente fabricadas e audaciosamente sustentadas" (Constant, vol. 1, p. 359-361).

São Libério condenou os concílios heréticos de Tiro, Arles, Milão e Rimini. Isso é uma nova prova de sua ortodoxia.

Outra prova: ele não foi convidado para o concílio de Rimini organizado pelos arianos. Em 359, o imperador ariano Constâncio convocou o concílio de Rimini, mas cuidou para não convidar São Libério, Atanásio e os cinquenta bispos exilados do Egito!

São Jerônimo comentou os efeitos do concílio de Rimini com uma frase que se tornou famosa: "O universo gemeu e se espantou por ser ariano". **São Libério SOZINHO** teve o mérito de corrigir a situação: ele anulou o concílio de Rimini e persuadiu os bispos signatários a rejeitarem a interpretação herética. "Os termos 'hipóstase' e 'consubstancial' são como uma fortaleza inexpugnável, que sempre desafiará os esforços dos arianos. Em vão em Rimini eles tiveram a habilidade de reunir os bispos para forçá-los por artimanhas ou ameaças a condenar palavras prudencialmente inseridas no símbolo, este artifício não serviu para nada [...]. Recebemos em nossa comunhão os bispos enganados em Rimini, contanto que renunciem publicamente a seus erros e condenem Ário" (in: Constant, vol. 1, p. 401-403).

A situação se tornou ainda mais dramática no ano seguinte. No concílio de Constantinopla (359 ou 360), os acacianos e os arianos retomaram a fórmula de Rimini e a heresia do concílio ariano de Niceia na Trácia (359), que rejeitava a palavra "substância" (sempre com o objetivo de minar a fé definida no concílio católico de Niceia em 325). "O concílio fez todos os bispos assinarem esta fórmula e a enviou para todas as províncias do império, com uma ordem do imperador de exilar todos os que se recusassem a assinar. A grande maioria dos bispos assinou" (Paul Guérin: 'Les conciles généraux et particuliers', Bar-le-duc 1872, vol. 1, p. 141). Entre os raros defensores da fé que se recusaram a assinar estava o papa São Libério.

É triste ler, sob algumas penas, que São Libério teria sido ariano. Ele teve o imenso mérito de salvar, sozinho, todo o universo católico, que havia caído no arianismo, quando centenas de bispos reunidos no conciliábulo de Rimini assinaram documentos suscetíveis de interpretação ariana. Ele levou os bispos de Rimini a retratarem suas posições. Quando esses bispos se retrataram, São Libério informou os bispos da Macedônia. Sua carta merece ser citada, pois, ao lê-la, é impossível ver como este papa canonizado poderia ser rotulado como ariano! Pelo contrário, ele demonstra uma santa intransigência, o que é todo o seu crédito e o crédito da papalidade.

> "Queremos informá-los, para que não ignorem, que todos os blasfêmias de Rimini foram anatematizados por aqueles que foram enganados pela fraude", ou seja, os bispos persuadidos por alguns arianos durante a realização do

> conciliábulo, mas que depois reconsideraram graças ao papa. "Mas vocês devem avisar a todos, para que aqueles que, pela força ou fraude, sofreram danos em sua fé, possam agora sair do engano herético para alcançar a luz divina da liberdade católica. Se alguém se recusar (...) a expulsar o vírus da doutrina perversa, a rejeitar todas as blasfêmias de Ário e a condená-las com anátema: saiba que - assim como Ário, seus discípulos e outros serpentes, como sabelianos, patripassianos ou qualquer outro herege - ele é estrangeiro e está fora da comunhão da Igreja, que não tolera filhos adulterinos" (São Libério: carta 'Optatissimum nobis, 366).

Para concluir, aqui está uma citação do antigo historiador Teodoro (História Eclesiástica, livro II, capítulo 37): São Libério foi verdadeiramente "o ilustre e vitorioso atleta da VERDADE"!

---

[1] Constant, vol. I, p. 381-382, referindo-se a: São Siricus: Epist. ad Himer.; São Basílio, Epist. 263, al. 74; São Epifânio: Haer. 75, 2; Cassiodoro: Hist. tripart., livro V, cap. 18; Teodoret: Hist. ecles., livro II, cap. 37; Lucius Dexter: Chron., 353.

D. Honório I

Alguns escritores afirmam que o Papa Honório I (625 - 638) teria sido anatematizado pelo Sexto Concílio Ecumênico (680 - 681) por ter apoiado os monotelitas hereges.

A ideia de que este papa tenha sido monotelita é desinformação inventada pelos próprios monotelitas, com o objetivo de usar a autoridade papal para dar mais credibilidade à sua heresia. Os monotelitas foram desmentidos por calúnia pelo Santo Máximo, o Confessor (contemporâneo de Honório), pelo antigo secretário do papa falecido e pelo Papa João IV (segundo sucessor de Honório). Algumas décadas depois, gregos falsificaram os atos do Sexto Concílio Ecumênico, adicionando secretamente Honório à lista de monotelitas anatematizados. No entanto, dois séculos depois, o Oitavo Concílio Ecumênico, realizado em Constantinopla (!), condenou aqueles que "espalhavam boatos injuriosos contra a Santa Sé" e ordenou: "Que ninguém redija ou componha escritos e discursos contra o santíssimo papa da antiga Roma, **sob o pretexto de supostos erros que ele teria cometido**". Além disso, todos os clérigos do Oriente e do Ocidente assinaram uma profissão de fé, segundo a qual nenhum papa jamais deixou de servir a doutrina santa.

O caso de Honório parecia estar encerrado; no entanto, seis séculos depois, ressurgiu! Os centuriões de Magdeburgo (historiadores protestantes) desenterraram a antiga fábula sobre Honório. Logo foram apoiados pelos galicanos, claramente interessados em tudo o que pudesse minar a infalibilidade de Roma, com a qual estavam em guerra devido à sua subserviência ao rei da França.

Naturalmente, os apologistas católicos não permaneceram em silêncio, muito pelo contrário! O brilhante teólogo e historiador Pighius defendeu os papas contra seus detratores em sua obra *Hierarchiae ecclesiasticae assertio* (Colônia 1538). Durante um colóquio entre eruditos alemães em Ratisbona, em 1541, Pighius foi violentamente atacado por um de seus colegas, que triunfantemente levantou o caso de Honório e intimou Pighius a se retratar, sob ameaça de não conseguir sua salvação! Pighius não se deixou intimidar: ele estabeleceu um prazo de três dias. Durante este prazo, ambos os adversários deveriam reunir documentos para provar sua tese. Ao fim do prazo, Pighius apresentou aos seus colegas um volumoso dossier repleto de documentos inocentando Honório. O adversário de Pighius, por outro lado, chegou de mãos vazias[1]!

Depois, o erudito cardeal Baronius (cuja "incrível erudição" foi admirada por Leão XIII em sua breve *Saepenumero considerantes*), sem mencionar o doutor da Igreja São Roberto Belarmino (cuja obra *De romano pontifice* está na bibliografia científica dos Padres do Vaticano mencionada acima), demonstraram a impostura dos pseudocientistas protestantes.

A controvérsia se transformou em uma verdadeira batalha jornalística quando o Concílio Vaticano foi convocado para definir a infalibilidade. A Igreja decidiu a favor da inocência, recomendando a leitura de certos historiadores favoráveis a Honório e colocando na lista de proibições alguns livros

escritos por pseudohistoriadores contrários a Honório.

Caso encerrado? De jeito nenhum, infelizmente! Escritores contemporâneos, desejosos de defender a qualquer custo a legitimidade dos papados de Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla, constantemente utilizam o caso de Honório para afirmar que um papa pode cair em heresia e ainda assim permanecer papa. Eles perpetuam uma calúnia atroz, forjada pelos antigos hereges e depois propagada pelos hereges modernos, contra aquele que São Máximo chamou de "o divino Honório"!

O caso de Honório provocou mais discussões do que todos os pontificados dos outros papas juntos. Por isso, dedicamos a ele um estudo científico particularmente minucioso, baseado em:

1. Fontes primárias: textos de concílios, de papas e de contemporâneos;
2. Literatura científica: três teses universitárias especializadas sobre Honório, além de numerosos trabalhos históricos sobre esse assunto (consulte nosso resumo no Apêndice A).

Nota importante: ao ler os documentos compilados no Apêndice A, o leitor terá apenas um *resumo* da defesa. Como disse Anastácio, o bibliotecário: "Se quisermos reunir tudo o que podemos para a defesa de Honório, faltará papel antes que falte discurso!" Anastácio, o bibliotecário (800 - 879), viveu em Roma, onde trabalhava para os papas. Era arquivista e tradutor deles. Famoso por seu conhecimento do grego, ele traduziu os atos dos concílios. Comparou os atos originais dos concílios preservados em Roma com as cópias feitas pelos gregos em Constantinopla e descobriu que os gregos eram falsificadores. Nossa conclusão será a mesma de Anastácio, o bibliotecário: Honório foi "caluniosamente acusado" por falsificadores!

---

[1] Albert Pighius: *Controversiarum praecipuarum in comitiis Ratisponensibus tractatarum et quibus nunc potissimum exagitatur Christi fides et religio. diligens et luculenta explicatio,* Colônia 1542, fólio 2 verso. O dossier de Pighius é, de fato, muito detalhado; por falta de espaço, não incluímos no Apêndice A todas as provas que inocentam Honório.

E. João XXII

O Papa João XXII (1316 - 1334) teria ensinado uma heresia sobre a visão beatífica durante anos e só se teria retratado em seu leito de morte. Acusa-se João XXII de ter pregado que as almas dos justos, separadas de seus corpos, só veriam a essência e as pessoas divinas após a ressurreição geral; e, enquanto isso, desfrutariam apenas da visão da humanidade santa do Salvador.

Na verdade, este papa acreditava exatamente no oposto da opinião que lhe foi atribuída! Eis a sua profissão de fé: "Declaramos da seguinte maneira o pensamento que É e que ERA nosso. [...] Acreditamos que as almas purificadas, separadas dos corpos, são reunidas no céu [...] e que, segundo a lei comum, veem a Deus e a essência divina face a face" (João XXII: bula *Ne super his*, de 3 de dezembro de 1334, redigida pouco antes de sua morte). A expressão "que é e que era" prova que ele acreditava nisso durante toda a sua vida.

Este papa foi um defensor intrépido da fé, pois refutou incansavelmente hereges de diversos países, sem temer se tornar o pior inimigo deles. Entre eles estava o monarca bávaro Luís IV, que até instalou um antipapa em Roma. Luís IV foi excomungado por João XXII. Os cismáticos da Baviera se vingaram de maneira ignóbil: atribuíram ao papa palavras que ele nunca disse e espalharam por toda parte que ele teria se desviado da fé. Isso levou o rei da França, Filipe VI de Valois, a ordenar uma investigação. Os teólogos da Sorbonne, comissionados pelo rei, examinaram este assunto com o maior cuidado e concluíram pela inocência de João XXII.

Para compreender adequadamente a origem das calúnias proferidas contra João XXII, é importante conhecer melhor seus inimigos: os "fraticelli" e seu protetor, Luís da Baviera.

Os fraticelli eram monges franciscanos heréticos e cismáticos. Em 1294, os franciscanos se dividiram em dois grupos: os "conventuais", que aceitavam a propriedade comum dos rendimentos e bens imobiliários; e os "fraticelli" (ou "eremitas pobres" ou "espirituais"), que rejeitavam essa ideia.

Os fraticelli se entusiasmaram com as visões apocalípticas de Olieu e de Casale, derivadas das heresias de Joaquim de Fiore. Segundo Joaquim de Fiore, retomado pelos fraticelli, a era da Igreja havia terminado. Com o fim da Igreja começava (finalmente) a era do Espírito Santo. A Igreja era a grande prostituta, entregue aos prazeres da carne, ao orgulho, à avareza; os fraticelli, por outro lado, representavam a nova Igreja, casta, humilde e, sobretudo, absolutamente pobre. João XXII os repreendeu severamente: "O primeiro erro, portanto, que sai de sua oficina repleta de trevas, inventa duas Igrejas, uma carnal, esmagada pelas riquezas, transbordando de riquezas e manchada de males, sobre a qual dizem que reinam o pontífice romano e os outros prelados inferiores; a outra espiritual, pura pela sua frugalidade, adornada de virtudes, cercada pela pobreza, na qual se encontram apenas eles e seus semelhantes, e à qual igualmente presidem eles

mesmos pelo mérito de uma vida espiritual, se é que se pode acreditar em suas mentiras" (constituição *Gloriosam Ecclesiam,* 23 de janeiro de 1318).

Identificando sua regra e interpretação com o Evangelho em si, os fraticelli recusaram a reunificação de sua ordem com os conventuais (exigida por Clemente V e João XXII). Quando João XXII solicitou algumas mudanças em sua regra monástica, eles o declararam inimigo do Evangelho e desprovido de toda autoridade. O papa condenou várias proposições absurdas dos fraticelli (constituição *Gloriosam Ecclesiam,* 23 de janeiro de 1318), o que lhe rendeu um ódio persistente deles. Com sua bula *Cum inter nonnul/os* de 12 de novembro de 1323, o papa condenou especialmente como herética a opinião de que Cristo e os apóstolos não possuíam nada em comum ou em particular. Muitos franciscanos se revoltaram abertamente. Refugiaram-se na corte de Luís da Baviera, que estava em conflito com a Santa Sé. De lá, inundaram a Europa com panfletos contra aquele que eles desdenhosamente chamavam de "João de Cahors", porque o consideravam deposto do pontificado devido à sua (suposta!) "heresia".

O monarca Luís IV da Baviera (1287 - 1347) queria se colocar acima da papado, de certa forma ser superior ao papa. Sua pretensão insensata correspondia bastante a uma tese proferida por um filósofo da época, mas taxada de herética por João XXII. O mestre parisiense Marsílio de Pádua foi, de fato, condenado pelo papa (constituição *Licet iuxta doctrinam,* 23 de outubro de 1327) por apoiar várias heresias, incluindo esta: "Cabe ao imperador corrigir o papa, puni-lo, instituí-lo e destituí-lo".

Na eleição do imperador do Sacro Império Romano-Germânico em 1314, os príncipes eleitores não conseguiram chegar a um consenso. Alguns escolheram o austríaco Frederico, o Belo, outros Luís da Baviera. Luís ganhou a batalha de Mühldorf (28 de setembro de 1322) e aprisionou Frederico, o Belo. Mas o papa recusou a coroa imperial a Luís da Baviera, pois queria manter a neutralidade entre os dois rivais. O papa reservou para si a administração dos territórios italianos do Império, conforme a decretação *Pastoralis cura* de Clemente V, que dizia: "Uma vez que o recurso ao poder secular não é mais possível, o governo, administração e jurisdição supremos do Império pertencem ao Sumo Pontífice, a quem Deus, na pessoa de São Pedro, entregou o direito de governar tanto nos céus quanto na terra".

Apesar disso, Luís não hesitou em exercer sua (pretensa) soberania imperial na Itália e, além disso, acolheu os fraticelli heréticos em sua corte. Ele foi excomungado em 23 de março de 1324. Em resposta, fez redigir pelos fraticelli o apelo de Sachsenhausen (22 de maio de 1324), que declarava João XXII como herege e deposto do pontificado. O papa, por sua vez, decretou em 11 de julho de 1324 que Luís havia perdido todo direito à coroa.

Luís então empreendeu uma expedição militar na Itália (1327 - 1330). Ele encontrou apoio entre os hereges italianos e conseguiu tomar Roma. Foi coroado na Cidade Eterna em 17 de janeiro de 1328 por quatro romanos (em clara violação do direito, pois somente o papa podia coroar um imperador!). Em 18 de abril de 1328, declarou a deposição de João XXII e em 12 de maio impôs o antipapa Pietro Rainallucci, que adotou o pseudônimo artístico de "Nicolas V" (1328 - 1330). O antipapa era natural de Corvara, um vilarejo na região de Aquila, terra natal do líder dos fraticelli, Pedro de Morrone.

O papa legítimo, João XXII, residia em Avignon. O "conclave" dos cismáticos ocorreu em Roma. O candidato designado por Luís da Baviera era um de seus cortesãos. "Este antipapa adicionava a heresia ao seu cisma, ao afirmar que Jesus Cristo e seus discípulos não possuíam nada em comum, nem em particular" (Mgr Paul Guérin: *Les conciles généraux et particuliers,* Bar-le-duc 1872, t. III, p. 5). Da mesma forma, ele tinha uma concepção exagerada da pobreza monástica.

O "conclave" viola todas as regras mais elementares do direito: "O povo de Roma se reuniu diante de São Pedro, homens e mulheres, todos os que quiseram. Era o sagrado colégio que entrava em conclave. O assim chamado imperador Luís apareceu no tablado, que estava no alto dos degraus da igreja. [...] Ele chamou um certo monge, e, levantando-se de seu assento, o fez sentar-se sob o dossel. Era um franciscano cismático, Pedro, natural de Corbière nos Abruzos, que sustentava que os religiosos mendicantes não podiam sequer ter propriedade sobre a sopa que comiam, e que afirmar o contrário era uma heresia. E foi por isso que" Luís da Baviera o fez sentar-se ao seu lado", para criá-lo antipapa (abade René François Rohrbacher: *Histoire universelle de l'Église catholique,* 1842 - 1849, t. VIII, p. 483). Pois Pedro de Corvara e Luís da Baviera tinham ambos a mesma concepção falsa da pobreza evangélica.

Ao suposto sagrado colégio, composto de homens, mulheres e crianças (!), foi feita a questão ritual: "Quereis como papa o irmão Pedro de Corvara?". Os pobres ficaram tão temerosos do imperador e de seus soldados que concordaram.

João XXII renovou a excomunhão do imperador. Este último esperava sua vingança. Enquanto isso, acolheu em sua corte filósofos tristemente célebres por suas heresias: Marsile de Padua, Ockham, Cesena e Bonagratia.

Marsile de Padua (1290 - 1343(?)) tornou-se reitor da universidade de Paris em 1312. Em 1324, publicou seu livro *Defensor pacis*, o que lhe valeu, em 1326, uma citação para comparecer perante o inquisidor da arquidiocese de Paris. Marsile preferiu fugir para a Baviera. Várias proposições tiradas do *Defensor pacis* foram qualificadas como heréticas por João XXII. Marsile havia sustentado que o imperador estava acima do papa; a separação da Igreja e do Estado estava contida em germe em seu livro. Luís da Baviera o nomeou seu diretor espiritual *("vicarius in spiritualibus").* Acredita-se que tenha sido Marsile quem incentivou Luís a se coroar em Roma sem o consentimento do papa.

Guilherme de Ockham (1285 - 1347) é considerado um dos mais importantes filósofos (heréticos!) da Idade Média. Este franciscano inglês abalou a filosofia medieval e influenciou a doutrina de Lutero. Seu ensinamento naturalista o levou a questionar a transubstanciação. Ele então foi convocado para Avignon, onde o papa residia. De 1324 a 1328, Ockham viveu em um convento avignonês, enquanto a Inquisição examinava seus escritos. Lá ele conheceu os fraticelli Cesena e Bonagratia, e adotou suas ideias.

Michel de Cesena (morto em 1342) era o ex-superior geral dos fraticelles. Ele foi convocado a Avignon devido à sua heresia.

Bonagratia de Bergamo (1265 - 1340) também foi citado perante o tribunal de Avignon.

Na noite de 26 para 27 de maio de 1328, os três comparsas fugiram e se juntaram a Luís da Baviera em Pisa. Eles o acompanharam depois para a Baviera e lá permaneceram até suas mortes. Todos os três excomungados, cismáticos e hereges, lideraram uma guerra de palavras maliciosa contra a Santa Sé, criticando a autoridade do papa, as riquezas da Igreja oficial, etc.

No tempo de João XXII, a questão da "natureza" da "visão beatífica" ainda não havia sido resolvida pela Igreja. Portanto, os teólogos estavam livres para discutir sobre isso. Uma corrente majoritária sustentava que as almas dos falecidos no céu viam a essência de Deus, enquanto uma minoria de teólogos pensava que elas veriam a essência de Deus apenas após o Juízo Final, e que deveriam se contentar, enquanto isso, com a visão apenas da humanidade de Nosso Senhor.

Nesse debate entre teólogos, João XXII acreditava firmemente que a opinião majoritária estava correta (como atestam sua bula citada anteriormente e o testemunho de seu sucessor, Bento XII citado abaixo), mas ele também quis examinar os argumentos contrários. Para isso, ele reuniu diversos testemunhos dos Padres da Igreja e convidou os doutores a discutirem os prós e os contras.

No entanto, seus inimigos aproveitaram a oportunidade para distorcer suas intenções. "Naquele momento, em 1331, por malícia, os bávaros que certamente haviam seguido o cisma de Luís IV da Baviera e os pseudo-frades menores condenados por heresia [= os fraticelles], cujos líderes eram Michel de Cesena, Guilherme de Ockham e Bonagratia [...], mancharam por meio de calúnias a reputação pontifícia, afirmando que João teria pronunciado uma definição *ex cathedra* segundo a qual as almas não veriam a essência divina antes do Juízo Final. Por isso, pouco depois, impelidos por um zelo perverso, começaram a formular pedidos para a convocação de um concílio ecumênico contra ele como herege" (Odorico Raynald: *Annales ecclesiastici ab anno MCXVIII ubi desinit cardinalis Baronius*, anotado e editado por Jean Dominique Mansi, Lucae 1750, ano 1331, nº 44).

"Os inimigos caluniaram o pontífice. Um ilustre doutor alemão, Ulrico, os refutou. [...] Ele demonstrou, ao final de seu trabalho (livro IV, último capítulo, manuscrito No 4005 da Biblioteca do Vaticano, p. 136), contra os caluniadores do pontífice, que os ditos criticados pelos inimigos, o papa os havia proferido como moderador de um debate escolástico" (Raynald, ano 1331, nº 44).

O que se entende por um "debate escolástico"? Deve-se entendê-lo como uma "disputatio", ou seja, um debate contraditório onde os adversários apresentam argumentos a favor e contra determinado ponto da doutrina. São Tomás de Aquino, na "Summa Theologiae", procede da mesma forma: ele enumera sistematicamente uma série de argumentos a favor da tese errônea e em seguida a refuta com argumentos opostos. Seria desonesto afirmar que São Tomás é herege só porque ele cita também argumentos falsos. E no entanto, é exatamente isso que fizeram os bávaros cismáticos em relação ao papa: acusaram-no de heresia, quando na verdade João XXII simplesmente "citou", sem aderir de modo algum, alguns textos dos Padres que iam contra a opinião predominante. O próprio papa disse ter mencionado essas palavras patrísticas "ao citar e ao relatar, mas não ao determinar ou aderir" (João XXII: bula "Ne super his" de 3 de dezembro de 1334).

O "ilustre doutor" em teologia Ulrico explica: "Se verdadeiramente se compreende piedosamente e saudavelmente o estilo pontifício, descobrir-se-á, ao pesar cuidadosamente as coisas, que não se

trata propriamente de um sermão, nem de uma definição, nem de uma determinação, nem de uma pregação, mas sim de um debate contraditório (scholastica disputatio) ou confrontação de opiniões disputadas" (Ulrico, in: Raynald, ano 1333, nº 44).

O papa, continua Ulrico, "evita a forma e o modo e o costume da 'pregação de um sermão'; ele assume a forma e o modo e o costume das 'disputas escolásticas': citações de autoridades, raciocínios, analogias, argumentos, glosas, silogismos e muitas outras sutilezas verbais, mostrando assim que ele fala não como 'pregador', mas como 'disputante'" (ibidem).

A intervenção de Ulrico acalmou os ânimos por um tempo. Mas a questão da visão beatífica ainda não estava resolvida.

A controvérsia recomeçou com força total dois anos depois, em 1333. "Desejando ardentemente encerrar este debate, João XXII apresentou diante dos cardeais suas coleções de oráculos da Sagrada Escritura e das sentenças dos Padres da Igreja, que poderiam ser invocadas por ambos os lados. Foi ordenado aos cardeais, superiores e outros doutores [...] examinar com cuidado e diligência a controvérsia, e trazer de todos os lados as palavras pronunciadas pelos Santos Padres que ainda pudessem ser encontradas. O pontífice reuniu esses dados em um livro, que ele transmitiu a Pedro, arcebispo de Rouen [futuro Clemente VI]. Neste livro, nada era de sua própria autoria, mas todas as palavras eram retiradas da Sagrada Escritura e dos Padres" (Raynald, ano 1333, No 45).

Os doutores de Paris estavam divididos entre si. Uma minoria pensava que as almas dos falecidos salvos veriam a essência divina somente após o Juízo Final. "Espalhou-se a calúnia de que o pontífice era o autor e o porta-estandarte de sua opinião. [...] Mas o pontífice, para contrariar essa calúnia, escreveu várias cartas ao rei e à rainha da França; ele se queixou que essa coisa lhe fosse atribuída por mal-intencionados, que ele nunca havia estabelecido qualquer coisa nesta questão, mas que tinha colecionado apenas as palavras dos Padres para que se empenhassem no estudo para buscar a verdade. [...] Ele pediu ao rei que não silenciasse nenhum dos lados, para que da discussão pudesse brotar a verdade" (Raynald, ano 1333, nº 45).

"Não proferimos nenhuma palavra de nossa própria cabeça", escreveu João XXII ao rei, "mas apenas as palavras da Sagrada Escritura e dos santos (aqueles cujos escritos são aceitos pela Igreja). Muitas pessoas - cardeais assim como outros prelados, próximos ou distantes de nós - falaram a favor e contra neste assunto em seus discursos. Nos discursos, até públicos, os prelados e mestres em teologia discutem sobre esta questão de várias maneiras, para que a verdade possa ser encontrada mais completamente" (João XXII: carta "Regalem notitiam", 14 de dezembro de 1333, endereçada ao rei da França, Filipe VI de Valois, in: Raynald, ano 1333, No 46).

As notícias que inundaram a França vinham dos schismáticos bávaros. Na Baviera, os fraticelles afiaram suas penas contra o soberano pontífice. Bonagratia publicou um comentário mentiroso: como verdadeiro falsificador, ele fazia crer que João XXII pretendia impor a opinião minoritária. Ockham e Nicolas le Minorite publicaram sermões totalmente fictícios de João XXII. Michel de Cesena percorreu reinos e províncias para organizar um conciliábulo na Alemanha contra "João de Cahors", o então papa. O maestro da conspiração era, é claro, o autoproclamado imperador Luís IV da Baviera.

Em 28 de dezembro de 1333, João XXII convocou um consistório e informou a rainha da França: "Ordenamos aos cardeais, prelados, doutores em teologia e canonistas presentes na cúria que fizessem um estudo diligente e nos apresentassem sua opinião; e para que pudessem fazê-lo mais rapidamente, fizemos uma cópia das coleções dos santos, das autoridades e dos cânones que poderiam ser invocados por um lado ou pelo outro" (João XXII: carta *Quid circa*, 1334, in: Raynald, ano 1334, No 27). O papa ordenou a leitura das autoridades que havia coletado. Essa leitura durou cinco dias (admirável erudição do papa, diga-se de passagem!).

Um ano depois, em sua bula, ele declarou que sempre acreditara na opinião majoritária e que apenas *expor*, como uma hipótese contestável, a opinião minoritária: "Acreditamos que as almas purificadas separadas dos corpos [...] veem a Deus e a essência divina face a face [...]. Mas se de alguma forma sobre este assunto algo diferente tivesse sido dito por nós, [...] afirmamos tê-lo dito assim *citando*, *relatando*, mas de modo algum *determinando* ou mesmo aderindo a ele" (João XXII: bula *Ne super his*, 3 de dezembro de 1334). Os termos "*recitando et conferendo*", usados pelo papa, significam:

- *recitare* significa "ler em voz alta (uma lei, um ato, uma carta), produzir, citar" (Plauto: *Persa* 500 e 528; Cícero: *In Verrem actio* II, 23): o papa apenas *cita* opiniões de outros;
- *Conferre* significa "trazer junto, trazer de todos os lados, reunir" (Cícero: *In Verrem actio* IV, 121; César: *De bello gallico* VII, 18,4 etc.): o papa apenas *reúne* documentos sobre este assunto. *Conferre* também pode ter o sentido de "colocar juntos para comparar" (Cícero: *De Oratore* I, 197: "comparar nossas leis com as de Licurgo e Sólon"): o papa realiza uma *disputatio*, que consiste em *comparar* argumentos antes de se pronunciar.

Os termos utilizados pelo papa coincidem perfeitamente com os termos de um julgamento feito pelos doutores de Paris, encarregados de examinar a ortodoxia do papa. O rei Filipe VI de Valois ordenou uma investigação, que começou em 19 de dezembro de 1333. Os teólogos da Sorbonne, após uma investigação minuciosa, emitiram seu veredito, que continha esta frase chave: "Nós, observando também o que ouvimos e aprendemos pela relação de vários testemunhos dignos de fé, que tudo o que Sua Santidade disse sobre este assunto, ela disse não *afirmando* ou mesmo *opinando*, mas apenas *citando*" (in: Constant, t. II, p. 423; Constant traduz por "recitando").

O Papa Bento XII, que sucedeu a João XXII, procedeu com a mesma prudência que seu predecessor. Embora estivesse convencido da correção da opinião majoritária, o novo papa continuou examinando a questão iniciada por seu predecessor. Em 7 de fevereiro de 1335, ele realizou um consistório onde convocou aqueles que pregaram a opinião minoritária e os solicitou a expor seus argumentos. Em 17 de março, ele designou uma comissão de cerca de vinte especialistas encarregados de preparar uma definição *ex cathedra*. Entre os especialistas estava Gérard Eudes, partidário da opinião minoritária! O papa retirou-se por quatro meses para o castelo de Pont-de-Sorgues, perto de Avinhão, estudando extensivamente o caso. Finalmente, em 29 de janeiro de 1336, ele definiu *ex cathedra* que a opinião majoritária deveria doravante ser mantida como um dogma (constituição *Benedictus Deus*).

No preâmbulo desta constituição *Benedictus Deus*, Bento XII cuidou para **defender seu predecessor** atacado injustamente pelos caluniadores bávaros. Sobre a questão da visão

beatífica, muitas coisas foram escritas e ditas, especialmente "por nosso predecessor de FELIZ MEMÓRIA (*felicis recordationis*) o papa João XXII e por vários outros em sua presença. [...] Querendo repelir as palavras e línguas dos MALVADOS (*malignantium*), e desejando esclarecer 'suas intenções', João XXII havia preparado sua profissão de fé, a bula *Ne super his*, que Bento XII citou na íntegra. Então o novo papa prosseguiu, definindo solenemente a verdade *ex cathedra*.

Essa verdade solenemente definida por Bento XII, João XXII sempre acreditou. Temos como prova não apenas sua bula de 1334, mas também certos textos escritos anteriormente pelo santo papa João XXII: as bulas de canonização de São Luís de Toulouse (1317), de São Tomás de Hereford (1320) e de São Tomás de Aquino (1323). Especificamente para São Luís de Toulouse, o papa João XXII mostrou este jovem santo entrando no céu em sua inocência, para contemplar a essência divina com alegria e abertamente: "*ad Deum suum contemplandum in gaudio, facie revelata*" (bula de canonização, § 18).

Infelizmente, as falsificações de Ockham, Bonagratia e Cesena foram posteriormente revividas pelos hereges nos séculos seguintes, que embelezaram suas fábulas. Um desses "historiadores" posteriores foi o herege de Genebra João Calvino (Instituição da Religião Cristã, 1536, livro IV, capítulo 7, § 28). São Roberto Belarmino, após citar as palavras de Calvino contra João XXII, exclamou: "Digo a Calvino: você proferiu, em poucas palavras, cinco mentiras descaradas" (De Romano Pontifice, livro IV, capítulo 14). Em seguida, ele refutou com grande facilidade o pseudo-historiador genebrino.

Os hereges de todas as épocas acusaram muitos outros papas, mas para que mencionar todas as suas fraudes? Muito antes de nós, o erudito e santo cardeal Belarmino sozinho reabilitou cerca de quarenta acusados, sendo o trigésimo sexto deles o Papa João XXII.

CONCLUSÃO DO QUARTO CAPÍTULO:

A história eclesiástica não registra NENHUM caso em que um papa tenha se enganado na fé ou ensinado um erro. Escritores falsificadores arianos, monotelitas, cismáticos gregos, protestantes, galicanos, fébronianos, anti-infaibilistas acusaram papas, *porque odiavam o papado* que os anatematizava. Sobre eles, o Papa Leão XIII disse: "A arte do historiador parece ser uma conspiração contra a verdade".

Martinho Lutero recusou-se a obedecer à papado *(Apelo contra o papa ao concílio,* 28 de novembro de 1518). Sob o pretexto de que São Pedro teria (supostamente!) errado na fé durante sua estadia em Antioquia, Lutero afirmou que o Papa Leão X estava completamente errado e, portanto, todo cristão poderia seguir suas próprias luzes em vez da voz do papado.

O maçom Voltaire, inimigo ardente do cristianismo, teve o prazer malicioso de destacar as (supostas!) falhas de Honório e João XXII em seu *Ensaio sobre os costumes* (1756). Que valor atribuir a essa obra? Nenhum! Pois o próprio Voltaire escreveu a seu confidente Thiriot, em 21 de outubro de 1736: "É preciso mentir como um diabo, não timidamente, não por um tempo, mas

audaciosamente e sempre".

As supostas quedas de alguns papas pertencem à pseudociência histórica. Esta falsa ciência é diretamente contrária à fé católica. "Reprovo igualmente o erro daqueles que afirmam que a fé proposta pela Igreja pode estar em contradição com a história [...]. Condeno e rejeito também a opinião daqueles que dizem que o cristão erudito assume uma dupla personalidade, a do crente e a do historiador, como se fosse permitido ao historiador manter o que contradiz a fé do crente, ou estabelecer premissas de onde se seguirá que os dogmas são falsos ou duvidosos, desde que esses dogmas não sejam diretamente negados" (São Pio X: juramento antimodernista).

"Canon 2: Se alguém disser que as disciplinas humanas devem ser tratadas com tal liberdade que, mesmo que suas afirmações se oponham à doutrina revelada, possam ser reconhecidas como verdadeiras e não possam ser proibidas pela Igreja, que ele seja anátema.

Canon 3: Se alguém disser que é possível que os dogmas propostos pela Igreja recebam, por vezes, devido ao progresso da ciência, um sentido diferente daquele que a Igreja compreendeu e ainda compreende, que ele seja anátema" (Vaticano I: *Dei Filius,* capítulo 4, intitulado "*Defide et ratione*").

"Toda teoria ou doutrina filosófica, moral, teológica ou científica que contradiz a fé cristã é necessariamente falsa e mentirosa. Um católico que a professa e se apega a ela [...], é um não-católico, um apóstata e um seguidor do Anticristo" (Clemente XII: carta secreta contra os maçons, anexada à sua bula "*In eminenti*" de 4 de maio de 1738).

Resumo: a história eclesiástica não conhece nenhum caso em que um papa tenha se desviado da fé ou ensinado uma heresia.

5. DOS MOVIMENTOS HERÉTICOS QUE ESTÃO NA ORIGEM DA NEGAÇÃO DA INFALIBILIDADE PAPAL

- A. Os cortesãos de Luís de Baviera
- B. O atentado contra o Papa Bonifácio VIII
- C. Os algozes de Santa Joana d'Arc
- D. O Grande Cisma do Ocidente
- E. Os Galicanos
- F. Os Hussitas
- G. A heresia de Pedro de Osma
- H. Os protestantes
- I. Os jansenistas
- J. Os febronianos
- K. Os maçons
- L. Os Velhos-Católicos
- M. Os modernistas

Portanto, de onde vem essa ideia de que um papa possa desviar-se da fé? A ideia de que um papa possa errar na fé surgiu na época moderna, impulsionada por movimentos heréticos, especialmente o galicanismo e o protestantismo.

Todos os santos canonizados eram favoráveis à infalibilidade pontifical. "Diante desses homens que veneramos nos altares, podemos primeiro notar, no campo dos adversários da infalibilidade papal, todos os inimigos da Igreja que a traíram internamente [...]. Eu pergunto, o senso católico, por si só, não nos levaria para o lado onde estão os santos, mesmo que apenas para evitar a triste companhia daqueles que são, é verdade, inimigos da infalibilidade do papa, mas que comprometem de forma tão estranha aqueles que se aventuram com eles?" (Dom Prosper Guéranger: *La monarchie pontificale,* Paris et Le Mans 1869, p. 220 - 221).

A. Os cortesãos de Luís da Baviera

Por razões políticas, Luís IV da Baviera (1287 - 1347) quis usurpar a autoridade do papado. O ambicioso monarca apoiou-se em teólogos servis de seu círculo, que, por meio de seus escritos, procuraram minar a autoridade do papa (rever nosso capítulo 4).

Um desses filósofos-cortesãos, Marsílio de Pádua, afirmava que o papa era falível. No entanto, sua tese foi condenada como herética pela faculdade de teologia de Paris, em 1330!

B. O atentado contra o papa Bonifácio VIII

O "galicanismo" transfere o poder doutrinário e administrativo do papa para o rei. Esta heresia nasceu sob o reinado de Filipe IV, o Belo (1268 - 1314), rei da França.

Filipe, o Belo, com falta de dinheiro, decidiu confiscar injustamente certas rendas do clero. O papa Bonifácio VIII enviou-lhe vários legados para protestar. Ele mandou, notavelmente, ao rei uma carta intitulada *Ausculta fili,* contendo um aviso impregnado de doçura paternal. No entanto, Pierre de la Flotte, um dos próximos do rei, escondeu a carta e substituiu-a por outra, toda seca e picante, contendo exigências desmedidas. Outro conselheiro do rei, Guillaume de Nogaret, elaborou um ato de acusação contra Bonifácio VIII, considerando-o herético, portanto, deposto do pontificado. Filipe, o Belo, convocou os Estados do reino em 10 de abril de 1302. Pierre de la Flotte acusou o papa de vários crimes. "Mas sobretudo ele acusou Bonifácio de pretender que o rei lhe era submisso pelo temporal de seu reino e que devia reconhecer que o mantinha dele; como prova, Flotte apresentou a carta que ele próprio havia fabricado" (Rohrbacher, t. VIII, p. 389).

Em 1303, Bonifácio VIII se encontrava na cidade italiana de Anagni. Soldados franceses chegaram. Nogaret aproximou-se dele e ameaçou levá-lo a Lyon para ser deposto por um concílio geral. O pontífice respondeu dignamente: "Aqui está minha cabeça, aqui está meu pescoço. Estou disposto a sofrer tudo pela fé de Cristo e pela liberdade da Igreja; papa, legítimo vigário de Jesus Cristo, ver-me-ei pacientemente condenado e deposto por hereges!" (in: Rohrbacher, t. VIII, p. 396). Esta última palavra atemorizou Nogaret: seu pai havia sido queimado como albigense! Cumprindo as ordens do rei, os soldados prenderam o papa e chegaram à impudência de esbofeteá-lo. No entanto, Deus castigou muito severamente este crime de sacrilégio e lesa-majestade!

O "esbofeteamento de Anagni", ou seja, o golpe dado a Bonifácio VIII em Anagni, atraiu sobre essa cidade a ruína. O sucessor de Bonifácio VIII, São Bento XI, excomungou os autores e cúmplices do atentado. "Um fato memorável deve ser notado aqui. O anátema pronunciado pelo papa São Bento sobre a cidade de Anagni, assim como o de Davi sobre a montanha de Gelboé, foi executado pelos eventos. Esta cidade, até então muito rica e muito populosa, não parou de decair desde aquela época. Eis como fala sobre ela um viajante do século XVI, Alexandre de Bolonha: 'Anagni, cidade muito antiga, meio arruinada e desolada. Passando por lá no ano de 1526, vimos com espanto imensas ruínas, em particular as do palácio construído antigamente por Bonifácio VIII. Tendo perguntado a causa, um dos principais habitantes nos disse: "A causa é a captura do papa Bonifácio; desde esse momento, a cidade sempre esteve em decadência: a guerra, a peste, a fome, os ódios civis a reduziram ao estado calamitoso que vocês veem [...]. Por isso, não faz muito tempo, o pequeno número de cidadãos que ainda restava, tendo procurado ansiosamente qual poderia ser a causa de tantos males, reconheceram que era o crime de seus ancestrais, que

haviam traído o papa Bonifácio, crime que não tinha sido expiado até então. Em consequência, eles suplicaram ao papa Clemente VII que lhes enviasse um bispo para absolvê-los do anátema incorrido por seus pais, por terem posto as mãos sobre o soberano pontífice'" (Raynald, anno 1303, no 43)" (Rohrbacher, t. VIII, p. 399).

O rei Filipe, o Belo, autor principal do crime, deixou três filhos. Eles se sucederam no trono, mas nenhum deles teve filhos. Assim se extinguiu a dinastia de Filipe, o Belo. Ela foi substituída, coisa surpreendente, pela posteridade de Carlos, conde de Valois, *amigo e capitão-geral de Bonifácio VIII* !

A cidade de Roma, que participou do crime, foi privada da presença de seus pontífices durante sessenta e oito anos. Após o atentado de Anagni, de fato, os papas, não se sentindo mais seguros na Itália, fixaram sua residência em Avignon (de 1309 a 1377).

A França havia participado do crime: foi punida pela Guerra dos Cem Anos (1337 - 1453): invasão pelos ingleses e guerra civil devido à cessão (inválida) do reino ao rei da Inglaterra. Deus enviou Santa Joana d'Arc para salvar a monarquia de direito divino e o pretendente legítimo ao trono, Carlos VII.

O castigo providencial da França foi reconhecido oficialmente pelo Conselho Real de Carlos VI. Em um conselho extraordinário de regência, começou-se a buscar a causa dos males do país. Um dos presentes disse "que ele havia visto várias histórias e que todas as vezes que os papas e os reis da França tinham estado unidos em boa amizade, o reino da França tinha estado em boa prosperidade; e ele suspeitava que as excomunhões e maldições que o papa Bonifácio VIII fez sobre Filipe, o Belo, até a quinta geração, fossem a causa dos males e calamidades que se viam. Essa coisa foi muito ponderada e considerada por aqueles da assembleia" *(Crônica de Carlos VI,* escrita por Monsenhor Juvenal des Ursins, durante a vida de seu pai Jean des Ursins, advogado do rei no parlamento que havia participado da reunião; Monsenhor Juvenal des Ursins, arcebispo de Reims, desempenhou um papel importante no processo de reabilitação de Joana d'Arc; encontramos esta citação na obra notável do abade Marie Léon Vial: *Jeanne d'Arc et la monarchie,* 1910, p. 121).

Deus enviou Santa Joana d'Arc para salvar a monarquia, como dissemos. Mas há um outro aspecto de sua missão que merece ser meditado: sua luta pela infalibilidade e autoridade do pontífice romano. Também é digno de atenção que os mesmos juízes iníquos que condenaram a santa eram os piores inimigos do papa reinante e chegaram a depô-lo (invalidamente, claro) por (suposto) crime de heresia e cisma. Este aspecto desconhecido da história de Santa Joana d'Arc merece uma reflexão mais atenta.

C. Os carrascos de Santa Joana d'Arc

Santa Joana d'Arc foi entregue por Jean de Luxembourg, que estava a serviço do duque de Borgonha, aliado da Inglaterra. Condenada em Rouen, seu dossiê foi enviado para a faculdade de teologia de Paris. A Sorbonne (200 teólogos mais 16 bispos e abades!) a condenou injustamente.

Um historiador perspicaz compara a atitude dos doutores galicanos depravados em relação a Santa Joana d'Arc com a que tiveram em relação ao papa reinante, Eugênio IV, quando estavam reunidos no conciliábulo cismático de Basileia. Este conciliábulo contava apenas com 60 bispos ou padres (contra 480 bispos reunidos em Ferrara, depois Florença, para apoiar Eugênio IV). Por outro lado, havia entre 300 e 400 doutores, provenientes em sua maioria da universidade de Paris, foco do galicanismo:

"Na perseguição à donzela, os doutores parisienses desprezaram a sentença dos bispos reunidos em Poitiers; na sessão que tentou depor o grande Eugênio IV, havia apenas 39 prelados mitrados, a maioria abades; sete ou oito bispos apenas votaram pelo crime; mas havia mais de 300 doutores. Vários dos motivos da pretensa condenação do pontífice são idênticos aos da pretensa condenação da donzela: ambos são declarados violadores dos santos cânones, em revolta contra o santo concílio, cismáticos, hereges, obstinados, etc." (J.BJ. Ayroles: *Jeanne d'Arc sur les autels et la régénération de la France,* terceira edição, Paris 1886, p. 168).

Muitos dos teólogos que condenaram Santa Joana d'Arc tiveram, de fato, uma parte preponderante no conciliábulo de Basileia, que defendia a superioridade do concílio sobre o papa ("conciliarismo") e chegou a depor o papa legítimo Eugênio IV:

> • Guillaume Érard, que havia atacado violentamente Santa Joana d'Arc, lançou a assembleia de Basileia no caminho funesto do cisma;
>
> • O abade Loyseleur, que havia simulado amizade para arrancar da candida acusada os segredos da confissão e desorientá-la com conselhos pérfidos, estava a caminho de Basileia quando morreu subitamente;
>
> • Midi, o falsário que redigiu os caluniosos doze artigos contra Joana d'Arc, apoiava a assembleia cismática de Basileia diante do parlamento de Paris;

> • Beaupère, que havia interrogado Joana com animosidade, foi um dos doutores de Basileia;
>
> • Courcelles, que fez um requisitório tão parcial que o tribunal rejeitou a maior parte dele, propôs submeter Joana à tortura (contrariando a lei, que proibia torturar mulheres, idosos e crianças); ele foi a alma do conciliábulo de Basileia e o apóstolo do galicanismo.

Instada a retratar-se de seus (supostos) erros, Santa Joana d'Arc, em várias ocasiões, apelou ao papa. Mas seus juízes, imbuídos da heresia galicana anti-romana, não deram a menor atenção. Aqui está, a título de exemplo, um diálogo em que Joana apelou ao papa de Roma, apelo que seus juízes se recusaram a transmitir por desprezo ao papa:

"Eu me submeto a Deus e ao nosso Santo Padre, o papa". O que responderam os doutores? "Isso não é suficiente; não se pode ir buscar nosso Santo Padre tão longe; e também os ordinários são juízes cada um em seu diocese. É por isso que você deve se submeter à nossa Mãe, a Santa Igreja, e aceitar o que os clérigos e pessoas competentes dizem e determinaram sobre suas palavras e ações" (Processo ordinário, sessão de 24 de maio de 1431). Em última análise, Santa Joana d'Arc foi levada à fogueira por causa do galicanismo!

Essa violação do direito de apelação motivou a anulação do processo pela papado vinte e cinco anos depois: "Vistas as recusas, submissões, apelos e múltiplas requisições pelos quais a dita Joana reclamou que todos os seus ditos e feitos fossem transmitidos à Sé Apostólica e ao nosso santíssimo Senhor, o soberano pontífice, ao qual ela se submetia e submetia todos os seus atos [...], declaramos que os ditos processos e sentenças estão manchados de dolo, calúnia, iniquidade, mentira, erro manifesto de direito e de fato, [...] nulos, inválidos, inexistentes e vãos" (Julgamento do processo de reabilitação, 7 de julho de 1456).

Assim se justificava, a título póstumo, a confiança absoluta de Santa Joana d'Arc na infalibilidade pontifical, expressa na sessão de 2 de maio de 1431: "EU CREIO MUITO BEM QUE A IGREJA MILITANTE NÃO PODE ERRAR NEM FALHAR!".

[Excertos extensos dos processos foram publicados em francês: *Le Procès de condamnation et le Procès de réhabilitation de Jeanne d'Arc* traduzidos, apresentados e anotados por Raymond Oursel, Paris 1959.]

D. O grande cisma do Ocidente

Os cardeais franceses recusaram-se a reconhecer o papa legítimo Urbano VI, que eles mesmos haviam acabado de eleger. Eles elegeram, em oposição ao papa em Roma, um antipapa que fixou sua residência em Avignon. Esse "grande cisma do Ocidente" durou trinta e nove anos (1378-1417).

O grande cisma do Ocidente, em que dois ou até três pretendentes disputavam a tiara pontifical, abalou o prestígio do papado e fortaleceu os movimentos anti-infalibilistas em toda a Europa. Como foi o *concílio* ecumênico de Constança que depôs vários pretendentes à tiara, e como esse mesmo concílio declarou ser a autoridade suprema da Igreja (decreto não confirmado por Martinho V), alguns teólogos afirmaram que o concílio era superior ao papa e que os decretos do soberano pontífice deveriam ser confirmados pelo consentimento da Igreja universal para entrarem em vigor. Essa teoria herética é chamada de "conciliarismo".

Na verdade, o conciliarismo é baseado em *uma falsificação*. Em dezembro de 1865, um prelado descobriu nos arquivos da biblioteca vaticana os manuscritos originais de todas as sessões do concílio de Constança. Ele notou que falsificadores haviam copiado infielmente os atos originais: substituíram uma letra por outra, trocando a letra "d" pela letra "n". Mudando apenas uma letra do alfabeto, transformaram a palavra "*finem*" em "*fidem*", o que dá um sentido totalmente diferente. Pois o concílio de Constança se reuniu para pôr "*fim*" ao cisma, e não para julgar a "*fé*" do papa (portanto, não para sustentar que o concílio seria superior ao papa).

"Este sínodo, legitimamente reunido em nome do Espírito Santo, formando um concílio geral que representa a Igreja Católica militante, detém diretamente de Jesus Cristo seu poder, ao qual toda pessoa de todo estado, de toda dignidade, até mesmo papal, é obrigada a obedecer, no que diz respeito à **extinção** e à erradicação do referido cisma *(obedire tenetur in his quae pertinent **ad finem** et extirpationem dicti schismatis)* " (concílio de Constança, 4ª sessão, 30 de março de 1414). VERSÃO FALSA: "é obrigada a obedecer no que diz respeito à fé e à erradicação do referido cisma".

E. Os galicanos

O conciliarismo, heresia baseada em uma falsificação, tornou-se infelizmente a tese oficial dos doutores galicanos em 1682, durante o reinado de Luís XIV.

No século XVII, de fato, Luís XIV quis espoliar o papa de uma renda[1] e, para se justificar, fez com que o clero francês redigisse a declaração de 1682, que negava a infalibilidade do papa. A declaração do clero galicano de 1682 fazia depender do consentimento da Igreja universal, reunida em concílio, a validade irreformável dos julgamentos doutrinais do papa.

Essa declaração estava em contradição com a antiga crença da Igreja da França (leia os numerosos testemunhos e citações em Mgr de Ségur: *Le souverain pontife*). A faculdade de teologia de Paris havia até condenado várias vezes como herética a opinião de certos doutores partidários do "papa falível" (Marsílio de Pádua em 1330, Jean Morand em 1534, Marc Antoine de Dominis mais tarde).

A declaração de 1682 "não havia sido emitida em total liberdade e consciência, mas sim sob o império do medo ou com vista ao favor real [...]. Ela não foi para a Igreja galicana fonte de nenhuma glória, de nenhuma liberdade, mas sim uma mancha e uma verdadeira servidão" (Pio IX: breve dirigido em 17 de fevereiro de 1869 a Charles Gérin, autor de muito interessantes *Recherches historiques sur l'assemblée du clergé de France de* 1682, Paris 1869).

Tournély, que era um teólogo partidário da heresia galicana, admitiu ainda assim que esta declaração tinha sido subscrita por medo do todo-poderoso rei-sol: "Não podemos esconder, diante da massa de testemunhos reunidos por Bellarmino, Launoy e outros, que é muito difícil não reconhecer como certa e infalível a autoridade da Sé Apostólica ou da Igreja Romana; mas é ainda mais difícil conciliar esses testemunhos com a declaração do clero de França [de 1682], *da qual não nos é permitido afastar-nos*" (Tournély: *Praelect. theol. De Ecclesia Christi,* q. 5, a. 3, Paris 1727, 1. II, p. 134).

Por servilismo ao rei, praticamente todos os bispos da França (eram mais de uma centena) assinaram - exceto três defensores intrépidos da fé. Luís XIV secretamente desprezava os bispos-cortesãos e admirava a firmeza dos três prelados que ousaram enfrentá-lo. Ele disse com um toque de humor: "Tenho três bispos em meu reino".

A declaração do clero galicano foi revogada e anulada por Inocêncio XI (breve *Paternae caritati,* 11 de abril de 1682) e por seu sucessor Alexandre VIII (constituição *Inter multiplices,* 4 de agosto de 1690). Em um decreto de 7 de dezembro de 1690, Alexandre VIII condenou 33 proposições heréticas, incluindo a 29ª: "O poder do pontífice romano sobre o concílio, e sua infalibilidade na decisão das questões de fé, é uma afirmação fútil e refutada centenas de vezes". Esta proposição condenada resumia o pensamento galicano.

En 1684, Luís XIV encarregou Monsenhor Bossuet de defender os princípios galicanos anti-infaibilistas. O Papa Bento XIV criticou severamente a *Defensio cleri gallicani* de Monsenhor Bossuet em uma bula de 13 de julho de 1748, dirigida ao inquisidor geral da Espanha: "Seria difícil encontrar uma obra que seja tão contrária à doutrina recebida em todos os lugares, exceto na França, sobre a infalibilidade do Sumo Pontífice definindo *ex cathedra*, e sobre sua superioridade sobre todo concílio ecumênico. No tempo de Clemente XII, nosso predecessor de feliz memória, houve a intenção de proibir esta obra, e acabou-se por decidir não fazer nada a respeito, não apenas por causa da reputação do autor que tanto mereceu da religião em muitos outros aspectos, mas também por receio fundado de provocar novos distúrbios". Muitas obras que exaltavam as "liberdades da Igreja galicana" (na verdade, sua subserviência ao rei da França) foram colocadas no Índice.

Em 1693, é verdade, os bispos da França se retrataram, enviando uma carta coletiva ao Papa Inocêncio XIII. Luís XIV também acabou por revogar a declaração de 1682. No entanto, essa declaração herética teria consequências funestas no futuro:

> · ela deu origem, no século seguinte, ao "febronianismo" (uma heresia que contaminou o Império Germânico: ver abaixo);
>
> · inspirou a "Constituição Civil do Clero", que precipitou a França no cisma durante a Revolução Francesa;
>
> · foi propagada pelos teólogos franceses (Napoleão Bonaparte até ordenou expressamente aos professores de seminário que ensinassem a declaração de 1682 aos futuros padres), o que fortaleceu consideravelmente o movimento anti-infaibilista.

Notáveis obras foram escritas no século XIX contra o galicanismo. Esta heresia foi definitivamente derrotada por Pio IX e os Padres do Vaticano, que especificaram claramente, contra os galicanos, que uma decisão do Sumo Pontífice é "irreformável *por si mesma, e não em virtude do consentimento da Igreja*" (Pastor aeternus, cap. 4).

---

[1] O rei queria privar a Santa Sé das receitas dos bispados vacantes, chamadas "annates". As "annates" são uma taxa sobre os rendimentos atuais de certos benefícios eclesiásticos vacantes, destinada à "Câmara Apostólica". A Câmara Apostólica é um tribunal da Cúria Romana responsável pela gestão do tesouro e dos bens do Estado Eclesiástico, bem como por certas questões relacionadas aos benefícios. É presidida por um cardeal chamado "camerlengo".

[2] Dom Prosper Guéranger: *A Monarquia Pontifical*, Paris e Le Mans 1869

Joseph de Maistre: *Do Papa* (muitas edições)

Joseph de Maistre: *Da Igreja Galicana em sua relação com o Sumo Pontífice*, Lyon e Paris 1821

Mgr de Ségur: *O Sumo Pontífice*, em: Obras Completas, Paris 1874, vol. III

F. Os Hussitas

Outros oponentes da infalibilidade do papa foram os hussitas. O Concílio de Constança (15ª sessão, 6 de julho de 1415, confirmada por Martinho V em 22 de fevereiro de 1418) condenou várias proposições de João Huss (no mesmo dia da sessão, Huss foi queimado). A 7ª proposição condenada foi: "Pedro não foi e não é a cabeça da Santa Igreja Católica". A 29ª: "Os apóstolos e os sacerdotes fiéis de Cristo dirigiram firmemente a Igreja nas coisas necessárias para a salvação antes que a função de papa fosse introduzida; e assim fariam até o dia do julgamento em caso de uma falha totalmente possível do papa".

O que devemos concluir da condenação da proposição 29 de Huss? A Igreja usou A INFALIBILIDADE de seu magistério solene (concílio ecumênico aprovado pelo papa) para afirmar que UMA FALHA DO PONTÍFICE ROMANO É IMPOSSÍVEL!

G. A Heresia de Pedro de Osma

No século XV, a Igreja qualificou como "escandalosa e herética" a seguinte proposição: "*Ecclesia urbis Romae errare potest*" ("A Igreja da cidade de Roma pode errar"). Esta proposição, extraída das obras de um doutor espanhol chamado Pedro de Osma, foi censurada em 15 de dezembro de 1476 pelo vigário capitular de Saragoça e em 24 de maio de 1478 por uma comissão de teólogos presidida pelo arcebispo de Toledo. O papa Sisto IV confirmou sua sentença por um julgamento EX CATHEDRA:

"Declaramos [...] que as proposições acima mencionadas são falsas, contrárias à santa fé católica, errôneas, escandalosas, totalmente estranhas à verdade da fé, contrárias aos decretos dos santos Padres e às constituições apostólicas, e que contêm uma heresia manifesta" (Sisto IV: constituição apostólica na forma de bula *Licet ea,* 9 de agosto de 1478).

O que devemos concluir da condenação de Pedro de Osma por Sisto IV? A Igreja utilizou sua infalibilidade (julgamento *ex cathedra* do pontífice romano) para afirmar o seguinte: AFIRMAR QUE UM PAPA PODE ERRAR É UMA HERESIA!

Começando nossas pesquisas sobre a infalibilidade pontifical, consultamos o *Dicionário de Teologia Católica* (artigo "infalibilidade do papa") e aprendemos pela primeira vez sobre a existência deste julgamento de Sisto IV. Algum tempo depois, adquirimos a edição mais recente da coletânea de Heinrich Denzinger: *Símbolos e Definições da Fé Católica,* Paris 1996. Foi então que fizemos uma descoberta que nos deixou perplexos: Sisto IV não teria condenado esta proposição de Pedro de Osma! A comissão teológica presidida pelo arcebispo de Toledo, reunida em Alcalá, condenou onze proposições de Pedro de Osma. No entanto, os editores do Denzinger afirmam que "das onze proposições de Alcalá, três não são mencionadas [por Sisto IV] (a saber: 7; 10; 11; mencionaremos a proposição 7: 'A Igreja da cidade de Roma pode errar', '*Ecclesia urbis Romae errare potest*');* as outras proposições são citadas com variações mínimas e em ordem diferente" (Denzinger, p. 396).

Não depositamos fé cega na edição moderna do Denzinger, uma vez que os próprios editores gentilmente alertam os compradores que o *verdadeiro* Denzinger foi profundamente modificado a partir de 1963. A 23ª edição (1963) é obra de Adolf Schönmetzer, que "remove as exagerações papalistas [...] e introduz textos que são importantes para o diálogo ecumênico [...]. Schönmetzer eliminou uma série de textos constrangedores na perspectiva ecumênica devido à sua rigidez. [...11 minimizou a infalibilidade do magistério da Igreja" (prefácio da edição francesa, Paris 1996, p. XL).

Portanto, fomos verificar as edições *anteriores* do Denzinger. O resultado desta investigação é muito instrutivo. Em uma edição muito antiga (*Enchiridion Symbolorum, definitionum et declarationum de rebus fidei et morum,* Freiburg 1913, p. 253, No 730), a proposição está de fato entre as proposições condenadas por Sisto IV, e o tipógrafo até se preocupou em destacar a palavra "errar": "*Ecclesia urbis Romae* ***errare*** *potest*".

No entanto, já na edição de 1937, esta famosa proposição é mencionada apenas como uma nota de rodapé! Ela começa a ser relegada ao esquecimento, sendo removida do corpo principal do texto e colocada em um lugar que geralmente não é lido pela maioria dos leitores.

Em seguida, na edição alemã de 1963, Schönmetzer contesta que esta proposição tenha sido mencionada pelo papa. A edição francesa de 1996 segue o mesmo caminho, como vimos anteriormente.

Querendo esclarecer esta questão de uma vez por todas, verificamos o assunto voltando diretamente às fontes, ou seja, à grande coleção em nove volumes de textos magisteriais reproduzidos *integralmente* (!) pelo cardeal Pietro Gasparri. E aí, a fraude astuta de Schönmetzer veio à tona: o papa menciona várias proposições heréticas de Pedro de Osma relacionadas à confissão e às indulgências, e acrescenta (o que Schönmetzer oculta!!!) que ainda condena as outras proposições de Pedro de Osma:

« ... e as outras [proposições] que deixamos de mencionar devido à sua enormidade (que aqueles que conhecem delas as esqueçam, e que aqueles que não têm conhecimento delas não sejam informados por nossa presente!), nós as declaramos falsas, contrárias à santa fé católica, errôneas, escandalosas, totalmente estranhas à verdade da fé, contrárias aos decretos dos santos Padres e às constituições apostólicas, e contendo uma heresia manifesta ».

Portanto, ao contrário do que afirmam os editores modernos do Denzinger, o papa realmente *mencionou* a proposição de Pedro de Osma sobre a possibilidade de erro da Igreja. Além disso, ele considerou essa proposição tão enorme, grave e perniciosa que julgou melhor não revelar seu conteúdo. Não seria melhor que apenas a comissão de teólogos e ele próprio soubessem da existência de uma máxima tão perversa? A história provou que ele estava certo: a disseminação da heresia de Pedro de Osma nos séculos subsequentes resultou em terríveis guerras religiosas iniciadas pelos protestantes e na apostasia de nações inteiras. Foi necessário convocar um concílio ecumênico específico (Vaticano I) contra essa heresia.

Hoje em dia, são poucos os católicos que acreditam sem hesitação que a proposição "A Igreja da cidade de Roma pode errar" é uma HERESIA CONDENADA EX CATHEDRA.

"Meu Deus, eu creio firmemente em TUDO o que você revelou e que a Santa Igreja Romana ME ORDENA a crer, porque é você, Ó VERDADE INFALÍVEL, que o revelou a ela e você não pode nos enganar nem se enganar" (oração da manhã, "ato de fé").

Os inimigos incessantemente denunciados por São Pio X continuaram seu trabalho de minar os textos da Verdade, modificando de uma edição para outra. Não é mais surpreendente que padres ou monges idosos tenham recebido um ensino errado durante sua formação teológica.

Vamos tomar um exemplo entre tantos outros: o reitor do seminário francês em Roma, Padre Le Floch. Esse professor de seminário totalmente herético tinha como lema reduzir ao máximo a infalibilidade pontifical. Ele afirmou, em 1926: "A heresia que está por vir será a mais perigosa de todas; consiste na exageração do respeito devido ao papa e na extensão ilegítima de sua infalibilidade."

Padre Le Floch teve como aluno um seminarista que viria a ser conhecido mais tarde: Monsenhor Marcel Lefebvre...

---

[1]Esta é a conclusão da lista das heresias condenadas:

Et romanum pontificem purgalorii poenam remittere, et super his quae universalis Ecclesia statuit, dispensare non posse. Sacramentum quoque poenitentiae, quantum ad collationem gratiae, naturae, non autem institutionis novi aut veteris testamenti exsistere, et alias quas propter earum enormitatem (ut illi qui de eis notitiam habent obliviscantur earum, et qui de eis notitiam non habent ex praesentibus non instruantur in eis) silentio praetereundas ducimus, falsas, sanctae catholicae fidei contrarias, erroneas, et scandalosas, ac a fidei veritate alienas, ac Sanctorum Parrum decretis, et Apostolicis constitutionibus contrarias fore, manifestam haeresim continere, dictarum literarum, et per illas sibi concessae facultatis vigore, declaravit, et pro talibus haberi, et reputari debere decrevit , prout in quibusdam authenticis scripturis desuper confectis. plenius continetur » (Sixte IV: constitution apostolique sous forme de bulle Licet ea, 9 août 1478, § 3, in: Pietro Gasparri (éd.): Codicis Juris Canon ici Fontes, cura emi. Petri card. Gasparri editi, Rome 1947, t. 1., p. 85 - 87, n° 58).

H. Os protestantes

Os pensadores hostis à infalibilidade papal logo encontraram novos aliados: o século XVI gerou os protestantes. Leão X (bula *Exsurge Domine*, 15 de junho de 1520) condenou algumas proposições de Martinho Lutero, incluindo: 7ª: "É certo que não está ao poder da Igreja ou do papa estabelecer artigos de fé, e muito menos leis concernentes aos costumes ou boas obras". 28ª: "Se o papa pensasse de tal ou qual maneira com grande parte da Igreja, ele não estaria errado; no entanto, não é pecado nem heresia pensar o contrário, especialmente em uma questão que não é necessária para a salvação, até que um concílio universal condene uma opinião e aprove a outra".

Historiadores protestantes atacaram a infalibilidade papal, alegando que certo papa teria naufragado na fé. Infelizmente, alguns teólogos católicos, em vez de realizar pesquisas científicas (que teriam provado a inadequação das fábulas protestantes), acharam mais conveniente evitar o golpe, inventando uma distinção absurda entre "doutor privado" (falível) e "doutor público" (infalível). Segundo eles, o Papa Honório I teria "apenas" desviado como "doutor privado". Essa maneira desajeitada de defender a infalibilidade teve um efeito prejudicial: ela credenciou, nos círculos católicos, a opinião de que um papa poderia errar na fé. Felizmente, São Roberto Belarmino e o Concílio do Vaticano desfizeram essa opinião herética!

I. Os jansenistas

No século XVII, os jansenistas travaram uma luta surda e obstinada contra Roma. Argumentavam com distinções sutis: estavam dispostos a obedecer ao "*sedes*" (a *Sede* apostólica), mas não ao "*sedens*" (o papa sentado na Sede)! Dezenas de obras jansenistas, que pregavam a insubordinação contra o papa e o apelo (daí o nome de "apelantes") a um futuro concílio contra o papa, foram colocadas no Index.

Jansenistas e galicanos redigiram a Constituição Civil do Clero (1790), que subvertia a hierarquia eclesiástica e levava a França ao cisma.

J. Os febronianos

Justinus Febronius (pseudônimo de Nikolaus von Hontheim, bispo auxiliar de Tréveris, 1701 - 1790) deu origem à seita dos "febronianos". Segundo ele, o papa não seria infalível, pois Cristo teria conferido a infalibilidade apenas ao concílio ecumênico, ao qual o papa estaria completamente subordinado.

Além disso, se um papa se opuser aos decretos de um concílio *nacional* e separar um reino de sua comunhão, Fébronius defendia que essa Igreja nacional deveria ser provida de um "chefe extraordinário e temporário": o rei ou o imperador.

Foi especialmente essa proposta que seduziu Joseph II (1741 - 1790), imperador maçom do Sacro Império Romano-Germânico. Desejando se tornar o líder da Igreja austríaca, este monarca pretensioso começou a reformar o que ele desdenhosamente chamava de "piedade barroca" (*Barockfrömmigkeit*): ele proibiu procissões, introduziu o vernáculo na liturgia, modificou textos litúrgicos, reduziu o número de velas no altar, restringiu o culto aos santos etc. Ele confiscou os bens da Igreja, suprimiu ordens religiosas e impediu o clero austríaco de se comunicar com Roma. Joseph II chegou ao ponto de ordenar que, por questões econômicas, os funerais fossem racionalizados: os falecidos deveriam ser enterrados obrigatoriamente "completamente nus"!

As doutrinas de Fébronius foram postas em prática pelo imperador não apenas nas províncias austríacas, mas também na Toscana, onde seu irmão Leopoldo era grão-duque. A introdução do febronianismo na Toscana ocorreu com a cumplicidade do bispo Scipion Ricci, que se tornou tristemente célebre pelo famoso sínodo herético que presidiu em sua cidade episcopal de Pistoia em 1786 (ver capítulo 7).

O livro de Fébronius (*De statu Ecclesiae et legitima potestate romani pontificis*, 1763) também provocou uma decadência quase geral da religião na Alemanha, embora os bispos alemães o tenham condenado como sendo "cheio de escândalo e perigo, um filho das trevas, a seiva das heresias e um produto de Satanás" (citado por Pio VI em sua resposta ao arcebispo de Mainz, 1789). O livro de Fébronius foi várias vezes proibido pelo Santo Padre (colocado no Índice em 27 de fevereiro de 1764, 3 de fevereiro de 1766, 24 de maio de 1771 e 29 de março de 1773). Clemente XIII descreveu o autor como "um homem astuto e de má fé, misturando habilmente heresia e aparência católica", e "cujo livro saiu da oficina de Satanás"[1].

Fébronius foi refutado por São Alfonso de Ligório (*Defesa do poder supremo do soberano pontífice contra Justin Fébronius*) e por um notável estudioso recomendado pelos Padres do Vaticano: Francisco Antônio Zaccaria (*Anti-Febronio*, 1767, tradução alemã Augsburgo 1768; tradução francesa Paris 1859 - 1860).

[1] *« Callidus fraudum artifex, [...] sive haereticus. qualem ex ipso libro possumus suspicari, sive catholicus, qualis videri vult. [...] Ejusmodi libri, qui fortasse in officina Satanae cuduntur »* (Clément XIII: Carta ao bispo de Wurzburgo, 24 de março de 1764).!

K. Os maçons

O século XVIII viu surgir os maçons e os racionalistas, claramente hostis a qualquer infalibilidade: "O que devemos impor", conforme se lê em uma revista maçônica, "é a convicção de que cada um deve formar suas próprias opiniões, através dos resultados de suas reflexões ou dos ensinamentos que recebeu e que lhe pareceram bons. E se cada um tem a liberdade de formar sua própria opinião, deve respeitar essa mesma liberdade nos outros, [...] pensar que, como o erro é uma fraqueza comum à espécie humana, ele próprio pode estar errado" (revista maçônica *Acácia*, março de 1908).

Para dissipar o erro de homens contaminados pela ideologia anti-infalibilista herdada do protestantismo, do galicanismo e da maçonaria, o Papa Pio IX, no século XIX, convocou um concílio no Vaticano. Em *Pastor aeternus* é indicado o motivo da convocação deste concílio: "Como neste tempo [...] não faltam homens que contestam sua autoridade, julgamos absolutamente necessário afirmar solenemente a prerrogativa [da infalibilidade] que o Filho único de Deus dignou-se unir à função pastoral suprema".

A maçonaria respondeu convocando um "anti-concílio". O movimento anti-infalibilista secular culminou na realização de um "anti-concílio", que ocorreu exatamente no mesmo dia em que começava o Concílio do Vaticano. Este anti-concílio maçônico ocorreu em Nápoles, em 8 de dezembro de 1869, exatamente no dia da abertura do Concílio do Vaticano em Roma.

O convite foi assim formulado: "Aos pensadores livres de todas as nações. *Post tenebras lux!*"

O local da reunião foi Nápoles, porque esta cidade "teve a glória de se opor constantemente às pretensões e interferências da Corte de Roma, depois de ter, nos dias mais sombrios da Idade Média, [...] repelido de maneira constante e enérgica aquele infame tribunal da Inquisição. [...] Assim, no mesmo dia em que, na cidade eterna, abrirá esse concílio, cujo objetivo evidente é apertar as correntes da superstição e nos fazer recuar em direção à barbárie, nós, pensadores livres [...], nova maçonaria agindo à luz do sol" etc., etc. (in: Schneemann: *Acta...,* col. 1254 - 1255).

O grão-mestre da maçonaria francesa ofereceu seu apoio oficial. Os delegados franceses presentes no contra-concílio fizeram uma declaração final explosiva:

"Considerando que a ideia de Deus é o suporte de todo despotismo e de toda iniquidade; considerando que a religião católica é a mais completa e terrível personificação dessa ideia; [...] os pensadores livres de Paris assumem o compromisso de trabalhar para abolir pronta e radicalmente o catolicismo, e de solicitar seu *aniquilamento,* com todos os meios compatíveis com a justiça, incluindo o uso da força revolucionária, que é a aplicação na sociedade do direito de legítima defesa" (ibidem, col. 1258 - 1259).

Na época do Concílio do Vaticano I, um alto dignitário da maçonaria se regozijou com "o apoio valioso que encontramos há vários anos em um partido poderoso, que nos serve como intermediário entre nós e a Igreja, o partido católico liberal. Este é um partido que precisamos manejar com cuidado e que serve aos nossos interesses mais do que pensam os homens mais ou menos proeminentes que pertencem a ele na França, na Bélgica, em toda a Alemanha, na Itália e até em Roma, ao redor do próprio papa" (in: Mgr Delassus: *Verdades Sociais e Erros Democráticos,* 1909, reedição Villegenon 1986, p. 399).

Entre os Padres conciliares, havia de fato bispos opostos à infalibilidade. Eles formavam um verdadeiro grupo, liderado pelo Bispo Dupanloup. Os anti-infaibilistas tinham apoio na imprensa, no mundo político e até na maçonaria, como relatado por um contemporâneo e testemunha ocular, o Visconde de Meaux (memórias citadas por Jacques Ploncard d'Assac: *A Igreja Ocupada,* segunda edição, Chiré-en-Montreuil 1983, p. 100 - 102). Os anti-infaibilistas contavam com o apoio dos carbonários (maçons italianos), que planejavam privar o papa de sua soberania temporal, assim como o imperador francês Napoleão III, que também era carbonário. Ao ver que os Padres conciliares estavam prestes a definir a infalibilidade pontifical, a maçonaria tentou interromper o concílio provocando uma guerra militar contra Pio IX. O papa, tendo conhecimento desse plano, acelerou o processo e a infalibilidade pontifical foi votada *in extremis*, por um dia de diferença! A votação do *Pastor aeternus* ocorreu em 18 de julho de 1870; a declaração de guerra da França à Prússia no dia seguinte (19 de julho); a evacuação de Roma pelos franceses (portanto, sem mais proteção militar) em 5 de agosto, o que permitiu aos "patriotas" italianos tomar a Cidade Eterna em 20 de setembro e expulsar Pio IX de seu estado.

L. Os velhos católicos

Após a definição do dogma da infalibilidade pontifical (18 de julho de 1870), alguns anti-infaibilistas persistiram em seu erro e formaram a seita dos "velhos católicos".

Muitos livros dos velhos católicos, que afirmavam que um papa poderia errar, foram colocados no Índice.

M. Os modernistas

Nos séculos XIX e XX, os hereges conhecidos como "modernistas" buscaram minar a Igreja de dentro, permanecendo em seu seio sem romper abertamente com o Papa. Pio IX, Leão XIII e São Pio X os condenaram repetidamente. Os modernistas evitaram os golpes de duas maneiras:

- Primeiro, distorcendo o sentido das encíclicas (uma censura se tornava uma aprovação, um documento geral se transformava em um texto destinado apenas à Igreja da Itália), e
- Segundo, tentando classificar os escritos antimodernistas dos papas na categoria "falível", para minimizar sua importância.

Assim, habituou-se a fazer a equação errônea: solene = infalível; ordinário ≠ falível. "A infalibilidade do *Syllabus*, que teve seus defensores, hoje é praticamente abandonada", conforme se lê no *Dicionário de Teologia Católica* (artigo "infalibilidade do papa"). Por que essa dúvida sobre a infalibilidade do *Syllabus* prevaleceu sobre os defensores da infalibilidade? Simplesmente porque os modernistas, condenados pelo *Syllabus*, se multiplicaram! Em vez de atacar frontalmente, criticando abertamente o *conteúdo*, eles atacaram de lado, alegando que *o modo pelo qual o conteúdo é veiculado* não seria infalível. E assim conseguiram seus intentos.

Para evitar condenações, os modernistas evitaram afirmações diretas (um *escrito* herético é fácil de identificar e colocar no Índice), mas inauguraram uma *prática* de simplesmente ignorar as condenações doutrinárias emitidas pelos sumos pontífices. Foi nesse perigoso terreno que Pio XI os combateu, denunciando aqueles que "agem exatamente como se os ensinamentos e ordens promulgados tantas vezes pelos sumos pontífices, especialmente por Leão XIII, Pio X e Bento XV, tivessem perdido seu valor inicial ou mesmo não precisassem mais ser considerados". O papa concluiu com um julgamento formal: "Este fato revela uma espécie de modernismo moral, jurídico e social; nós o condenamos tão formalmente quanto o modernismo dogmático" (Pio XI: encíclica *Ubi arcano*, 28 de dezembro de 1922).

Inquérito Histórico: Infiltrações Antigas e Recentes

UMA CINQUENTA DE ANTIPAPAS

A. Algumas informações estatísticas
B. Usurpadores heréticos ou flertando com os hereges
C. "Anacleto II"
D. Rampolla

A. Algumas informações estatísticas

Antipapa é o termo usado para qualquer pessoa que tome o nome de papa e exerça, ou pretenda exercer, suas funções sem fundamento canônico. Assim, um antipapa pode ser um papa eleito de maneira não canônica [...], um competidor designado em circunstâncias duvidosas contra um papa eleito regularmente [...], ou até mesmo um intruso que se afirme pela força durante um pontificado [...]. Na Antiguidade e na Alta Idade Média, usava-se principalmente o termo "intruso", que implicava invasão e usurpação *(invasor, pervasor, usurpador)*; menos frequentemente, como mais tarde, usava-se "heresiarca" ou "cismático". Antíteses do termo "papa" eram bastante comuns: "falso papa" *(falsus papa, adulterinus papa)*, "pseudo-papa" e até o helenismo "catopapa" (Philippe Levillain: *Dicionário Histórico da Papado,* Paris 1994, entrada "antipapa"). Em grego, katw = abaixo, saído dos infernos ou do reino dos mortos. Catopapa = papa morto.

Um antipapa não é um verdadeiro papa, mas um usurpador eleito de forma irregular e, portanto, não reconhecido pela Igreja Romana. É um impostor sem autoridade nem assistência do Espírito Santo.

Usurpar a tiara é um pecado gravíssimo. Santa Catarina de Siena fez críticas severas aos três cardeais italianos culpados por abandonar "Cristo na terra, o papa Urbano VI", para se juntarem ao antipapa e aos cardeais cismáticos. A santa acusou: "Demônios encarnados elegeram o demônio" *(Carta* 31, in: Rohrbacher, t. IX, p. 41).

Seria inadmissível admitir - mesmo como uma especulação teórica puramente hipotética - a possibilidade de uma usurpação do título de "soberano pontífice" por um homem de nossa época? Um ocupante ilegítimo da Cátedra de São Pedro - algo jamais visto? Jamais visto, portanto impensável, inadmissível?

Na verdade, este caso hipotético não é algo "jamais visto", mas sim "já visto", portanto pensável, admissível! Pois a história da Igreja está marcada pela aparição de cerca de cinquenta intrusos. O que poderia ter acontecido em algum momento da Idade Média muito bem poderia se repetir na segunda metade do século XX.

No volume 1 dos *Atos de São Pio X* (Bonne Presse, Paris) encontra-se a lista cronológica oficial *(Annuario pontifico)* dos papas e antipapas, lista que complementamos com informações fornecidas por Guérin *(Os Concílios Gerais e Particulares, Bar-le-Duc 1872)* e Rohrbacher *(História Universal da Igreja Católica)*. A partir disso, estabelecemos uma estatística abrangendo dezenove séculos de papado, excluindo o século XX.

De um total de 300 (100%), tivemos: 244 papas legítimos (81%)

56 impostores (19%), dos quais 45 eram antipapas (15%) e 11 eram papas duvidosos (4%). "Papa duvidoso" = dois ou até três pretendentes à tiara, mas sem saber qual é o papa legítimo (especialmente durante o Grande Cisma do Ocidente de 1378 a 1417, onde os "papas duvidosos" de Avignon, Pisa e Roma competiam entre si). "*Papa dubius, papa nullus - Um papa duvidoso é um papa nulo*".

Entre os pretendentes à tiara, um em cada cinco (!) era ilegítimo ou duvidoso.

Ao longo de dezenove séculos (100%), a Igreja experimentou 12 séculos (63%) com antipapas ou papas duvidosos e 7 séculos (37%) sem antipapas nem papas duvidosos. Os séculos "com" predominam!

B. Usurpadores heréticos ou flertando com os hereges

Enquanto um verdadeiro pontífice supremo está seguro de nunca desviar da fé, o mesmo não se pode dizer de um falso papa. Assim, não é surpreendente ver que nove falsos papas foram não apenas cismáticos, mas também hereges. Por exemplo, mencionemos Novaciano, que não apenas era um herege, mas até mesmo um "heresiarcha" (fundador de uma seita herética). Ele sustentava que nunca se deveria perdoar novamente aos cristãos que sacrificaram aos ídolos, mesmo que se arrependessem sinceramente. Em 251, Novaciano "enviou dois homens de seu grupo para três bispos simples e rudes que moravam em uma pequena área da Itália e os trouxe para Roma. [...] Quando chegaram, Novaciano os trancou em um quarto, os embriagou e se fez ordenar bispo [de Roma]. O papa Cornélio, em um concílio de sessenta bispos, condenou Novaciano e o expulsou da Igreja" (Pluquet: *Dictionnaire des hérésies,* Paris 1847 (vol. XI da *Encyclopédie théologique* editada pelo abade J.P. Migne), artigo "Novaciano"). A seita dos novacianos tomou o nome de "cataros" (puros) e perdurou no Ocidente até o século VIII (não confundir com os "cátaros" albigenses dos séculos posteriores).

Os católicos africanos, que haviam considerado o antipapa Novaciano como verdadeiro papa, se retrataram e prestaram obediência a Cornélio, o papa legítimo, nestes termos: "Confessamos nosso erro; fomos vítimas de uma fraude; fomos enganados pela perfídia e pelos discursos enganosos; pois mesmo que parecesse que estávamos em comunhão com um homem cismático e herege, nosso coração sempre esteve na Igreja" (in: Heinrich Denzinger: *Symboles et définitions de la foi catholique,* Paris 1996, p. 33).

Como exemplo de usurpador católico, mas flertando com os hereges, podemos mencionar "Félix II". Ele foi eleito pelos arianos para substituir o papa exilado São Libério. "A eleição ocorreu de maneira bastante estranha. Três eunucos representaram a assembleia do povo; três bispos, indignos desse nome, entre os quais estava Acácio de Cesaréia na Palestina [ariano que teve papel preponderante no exílio de São Libério], impuseram-lhe as mãos no palácio do imperador [o ariano Constâncio]; pois o povo romano não permitiu que uma ordenação tão irregular ocorresse na igreja, e nenhum habitante de Roma quis entrar nela desde então, quando Félix estava presente. No entanto, é justo reconhecer que ele sempre manteve a fé de Niceia e foi irrepreensível em sua conduta, exceto pela associação que tinha com os arianos desde antes de sua ordenação" (Rohrbacher, vol. III, p. 150).

C. "Anacleto II"

"Anacleto II" (1130 - 1138) era um "marrano", ou seja, um falso convertido de origem judaica. Sua família, os Pierleoni, havia acumulado uma enorme fortuna através da usura, o que lhe permitiu ascender ao cardinalato. Uma vez cardeal, ele despojou as igrejas e, com esse ouro, subornou outros cardeais em vista do futuro conclave. O papa Honório II, já moribundo, percebendo que o bloco judaizante havia se tornado predominante, reduziu o sagrado colégio a oito cardeais, eliminando assim muitos cardeais partidários dos Pierleoni. Os eleitores legítimos elegeram Inocêncio II. Poucos dias depois, Pierleoni, tendo seduzido dois terços dos outros cardeais, se fez eleger (anti)papa, sob o nome de "Anacleto II".

Segundo os contemporâneos, "Anacleto II" despojou as igrejas. Citando um deles, o abade Ernold: "Quando até mesmo os maus cristãos que o seguiam se recusaram a destruir os cálices e crucifixos de ouro, para fundi-los, Anacleto executou este plano através de judeus. Estes últimos destruíram com entusiasmo os vasos sagrados e as imagens. Esses objetos foram vendidos e com esse dinheiro [...], Anacleto foi capaz de perseguir os partidários de Inocêncio II" (in: Maurice Pinay: *Verschwonmg gegen die Kirche,* Madrid 1963, p. 547).

Inocêncio II teve que fugir para a França. São Bernardo tentou unir a Inocêncio II as duas potências principais da Europa, Alemanha e França. Escreveu ao imperador alemão Lotário em 1135: "É uma afronta a Cristo que um homem de origem judaica esteja sentado no trono de Pedro" (carta 139, in: *Sancti Bernardi opera,* Roma 1974, vol. VII, p. 335 ou *Obras completas de São Bernardo,* Paris 1865 - 1867, vol. 1, p. 261). São Bernardo interveio no concílio de Etampes (1130), convocado pelo rei da França, Luís VI, o Gordo. O rei apoiou então Inocêncio II. São Bernardo frustrou as tentativas diplomáticas de "Anacleto II", que se vangloriava de "restaurar à Igreja a pureza dos primeiros tempos" através de reformas (!).

São Norberto defendeu a causa do papa legítimo no concílio de Wurzburgo. O episcopado alemão se uniu a Inocêncio II. No grande concílio de Reims em 1131, convocado por Inocêncio II e São Bernardo, os bispos da Inglaterra, Castela e Aragão também reconheceram o verdadeiro papa. "Anacleto II" tinha a seu favor a Itália e a Sicília.

Seguindo os conselhos de São Bernardo e São Norberto, o imperador Lotário empreendeu uma cruzada contra o usurpador, mas falhou. Em 1135, Lotário partiu novamente rumo a Roma, pelo qual o papa legítimo agradeceu em uma carta: "A Igreja, inspirada por Deus, te escolheu como legislador, como um segundo Justiniano, e te elegeu para que combata a infâmia herética dos judeus, como um segundo Constantino" (in: Pinay, p. 551). Esta segunda cruzada também falhou, e o antipapa permaneceu no Trono de Pedro até sua morte (25 de janeiro de 1138). "Demos graças a Deus por ter afundado este miserável na morte", exclamou São Bernardo na época.

D. Rampolla

Na morte de Leão XIII, os católicos quase tiveram um papa maçom, até mesmo um maçom que alcançou os mais altos graus dos cultos luciferianos! O cardeal **Rampolla di Tindaro**, secretário de Estado de Leão XIII, frequentava regularmente aos sábados uma loja próxima à abadia de Einsiedeln (Suíça) e a cada quinze dias uma loja interna em Zurique. Esta loja interna fazia parte da O.T.O., *Ordo Templi Orientis*. Este Ordem do Templo Oriental tinha afiliações com diversas organizações, incluindo a Igreja Católica Gnóstica; a Ordem dos Templários (Cavaleiros Templários); a Igreja Oculta do Santo Graal; a Fraternidade Hermética da Luz; a Ordem dos Rosacruzes de Heredom; bem como várias organizações maçônicas: os Iluminados da Baviera; o rito antigo e primitivo da Maçonaria (sistema com 32 graus iniciáticos); o rito de Memphis (97 graus); o rito de Misraim, fundado pelo irmão judeu Bédarride (90 graus); o rito escocês antigo e aceito (33 graus); a Ordem dos Martinistas (fundada pelo luciferiano Saint-Martin); o rito de Swedenborg (que previu antecipadamente a Revolução Francesa) (informações fornecidas por Georges Virebeau: *Prélats et Francs-Maçons*, Paris 1978, p. 28-33).

Rampolla era um iniciado de alto grau, pertencente aos oitavo e nono graus da O.T.O., os únicos graus autorizados a se aproximar do Grande Mestre Geral Nacional e do Chefe Supremo da Ordem, chamado *Fater Superior* (Irmão Superior) ou O.H.O. (*Outer Head of the Order*). É interessante notar que a *Ordo Templi Orientis* foi fundada por Aleister Crowley, considerado o maior satanista dos tempos modernos e que se autodenominava o Anticristo! A decência impede relatar em detalhes as orgias e rituais luciferianos que ele organizou com seus discípulos.

Monseigneur Jouin, fundador e diretor da *Revue Internationale des Sociétés Secrètes*, ao ter em mãos as provas da afiliação do cardeal Rampolla, encarregou seu editor-chefe, o marquês de La Franquerie, de levá-las aos cardeais e bispos da França. Félix Lacointa, diretor do jornal *Le Bloc Anti-Révolutionnaire (ex-Bloc Catholique)*, testemunhou em 1929: "Durante nossa última conversa com Monsenhor Marty, bispo de Montauban, ao mantê-lo informado das descobertas recentes e ao mencionarmos o cardeal Rampolla di Tindaro, ele mencionou que, durante sua visita *ad limina* a Roma, pouco tempo após a morte do antigo Secretário de Estado de Leão XIII, ele foi chamado por um cardeal [Merry del Val, Secretário de Estado de São Pio X] que detalhou que na morte do cardeal Rampolla, provas concretas de sua traição foram descobertas em seus papéis. Esses documentos incriminadores foram levados ao Papa Pio X: o santo pontífice ficou chocado, mas desejando preservar a memória do prelado traidor da desonra e para evitar um escândalo, ele disse, emocionado: 'O pobre homem! Queimem!' E os papéis foram queimados na presença dele" (segundo Virebeau, p. 28).

O poder oculto incumbiu o irmão Rampolla de duas missões:

1. Estabelecer dentro do Vaticano uma loja (a de "São João de Jerusalém"), que forneceria altos dignitários da Santa Sé;

2. Ser eleito papa na morte de Leão XIII. Rampolla realizou a primeira tarefa, mas falhou por pouco na segunda.

No conclave, Rampolla conseguiu concentrar a maioria dos votos, mas o cardeal Pucielsko y Puzyna, arcebispo de Cracóvia, apresentou uma carta escrita pelo governo da monarquia austro-húngara. O imperador Francisco José vetou a eleição de Rampolla. Por quê? A polícia austríaca tinha conhecimento da afiliação do cardeal. Como esse motivo não foi divulgado durante o conclave, os cardeais ficaram escandalizados com essa interferência do poder civil. No próximo escrutínio, Rampolla recebeu mais votos, mas, protestando contra o veto, declarou que não aceitaria. O sagrado colégio então elegeu Giuseppe Sarto, que assumiu o nome de Pio X. Em sua primeira encíclica, o novo papa, ainda sem saber os motivos por trás do veto, protestou contra a interferência da Áustria no conclave. Foi somente após a morte de Rampolla que ele descobriu o motivo da intervenção imperial.

Algumas décadas depois, o sobrinho do cardeal luciferino formou (ou continuou) um círculo de conspiração, apostando em... Montini (ver capítulo 10)!

VER Documentos de Virgo-Maria sobre Rampolla

Conclusão

A história eclesiástica registra 56 usurpadores do trono pontifical, incluindo 9 hereges. Ao contrário de um *verdadeiro* papa, um *pseudo-pontífice* pode cair em heresia. Daí uma regra simples de discernimento: um homem que ensina erros na fé não pode ser papa, mas é certamente um impostor.

Houve épocas na história da Igreja em que ela enfrentou impostores que se autoproclamavam "papa". A situação atual apresenta algumas semelhanças com os tempos de São Bernardo, quando a Sé de Pedro foi ocupada por um usurpador marrano. No entanto, as duas situações não são completamente idênticas: em oposição ao antipapa ("Anaclet II"), havia um papa legítimo (Inocêncio II), além do braço secular ainda católico. Hoje, pelo contrário, os hereges instalados na Sé de Pedro reinam como mestres sem oposição; eles não são "antipapas" porque não foram eleitos "contra" um papa legítimo. Em vez de chamá-los de "antipapa", deveríamos designá-los mais apropriadamente por outro termo tradicional: "invasor", que pode ser traduzido como "envahisseur" ou "usurpador".

Amadeu de Saboia foi um usurpador que adotou o pseudônimo de "Félix V" como artista. No entanto, o Concílio de Ferrara-Florença (1438 - 1445, 9ª sessão) chamou esse usurpador não de "Félix V", mas de "Amadeu anticristo" ("Amedeus antichristus"). Da mesma forma, nós designaremos os usurpadores atuais não pelos seus pseudônimos, mas por seus nomes verdadeiros: Angelo Roncalli (em vez de "João XXIII"), Giovanni Battista Montini (em vez de "Paulo VI"), Albino Luciani (em vez de "João Paulo I") e Karol Wojtyla (em vez de "João Paulo II"). Ao falar deles, nunca usaremos o título de "papa", "Santo Padre" ou "sucessor de Pedro". Vamos até evitar a expressão "sucessores de Pio XII".

Os clérigos da Igreja conciliar, não sendo católicos, não são nem "bispos do lugar" nem "cardeais da Igreja romana". Portanto, devem ser designados apenas pelo seu nome de família, por exemplo, "Honoré" (em vez de "Dom Honoré") ou "Ratzinger" (em vez de "cardeal Ratzinger").

Somente o pontífice romano tem o direito de convocar e confirmar um concílio geral. No entanto, o Vaticano II foi convocado não por um pontífice romano, mas por um usurpador (Roncalli) e foi confirmado por outro usurpador (Montini). Portanto, é ilícito atribuir à reunião do Vaticano II o título de "concílio" (ou mesmo de "*sacrosanctum concilium*"!). Deve ser chamado de "conciliábulo Vaticano II". Um "conciliábulo" é uma assembleia ilegítima, cujos atos são nulos e sem efeito.

A história eclesiástica conhece mais de uma centena de conciliábulos, como veremos no próximo capítulo.

Resumo: um papa nunca ensinará um erro na fé, mas a história da Igreja conhece dezenas de antipapas, dos quais vários eram hereges.

O Papa São Libério foi banido pelo imperador por se recusar a excomungar São Atanásio. Durante seu exílio na Trácia, os arianos em Roma prestaram obediência ao antipapa "Félix II". De 355 a 365, a Sé de Pedro em Roma foi ocupada por um falso papa que praticava o ecumenismo!

A ortodoxia heroica de São Libério foi destacada por um de seus sucessores: "E quanto a esses pontífices, quem ousará dizer que falharam, mesmo em um ponto, na missão que receberam de Cristo, de confirmar seus irmãos? Longe disso; para permanecer fiéis a esse dever, alguns seguem sem hesitar o caminho do exílio, como Libério, Silvério, Martinho; outros corajosamente tomam nas mãos a causa da fé ortodoxa e de seus defensores que apelaram ao papa, vingando a memória deles mesmo após sua morte" (Bento XV: encíclica *Principi apostolorum,* 5 de outubro de 1920).

Uma Centena de Conciliábulos

> "Não se dá o nome de igrejas [em grego *ecclesia* = assembleia, concílio], mas de conciliábulos aos conventículos dos hereges" (concílio geral africano, realizado em Cartago em 398, cânone 71).

Um concílio com o papa está protegido do erro; um concílio sem papa pode se equivocar, e de fato na história da Igreja ocorreu que bispos reunidos em concílio sem papa caíram em heresias. Exemplos de conciliábulos:

No conciliábulos de Rimini (359), centenas de bispos de todo o mundo foram enganados pelos arianos e assinaram uma fórmula suscetível de interpretação herética. "O universo gemeu e se surpreendeu por se tornar ariano" (São Jerônimo).

O conciliábulos de Constantinopla in Trullo (692), realizado pelos cristãos do Oriente, permitiu que homens casados fossem ordenados padres. Ao saberem disso, os cristãos do Ocidente, fiéis ao celibato eclesiástico, zombaram dos Orientais incapazes de guardar a continência.

O Concílio de Basileia (1431 - 1443) foi dissolvido pelo papa, mas então se revoltou contra essa decisão. A partir desse momento, não era mais um concílio, mas um conciliábulo. Os prelados (apenas algumas dezenas de bispos, mas centenas de teólogos) se declararam superiores ao papa e o depuseram, o que causou grande indignação aos centenas de bispos fiéis reunidos nos concílios de Ferrara e Florença com Eugênio IV (que condenaram o conciliábulo em 1438). Os prelados reunidos em Basileia até elegeram um antipapa, "Félix V". Este sínodo cismático foi condenado pelo V Concílio de Latrão. São Antonino chamou este sínodo de Basileia de "um conciliábulo sem força e a sinagoga de Satanás" (História, parte III, título 22, capítulo 10, nº 4). São João Capistrano o descreveu como "uma assembleia profana e excomungada, uma caverna de serpentes e um antro de demônios" (Sobre o poder do papa e dos concílios, início da segunda parte, III, nº 8). O bispo de Meaux o chamou de "sínodo em delírio" (em: Odoric Raynald: Anais Eclesiásticos, 1750, ano 1441, nº 9).

A Assembleia do Clero Galicano (1682) alegou erroneamente que os príncipes não estariam abaixo do papa, que o concílio era superior ao papa e que as declarações do papa só seriam infalíveis com o consentimento da Igreja universal. As decisões dessa assembleia foram anuladas pelo papa em 1690.

O Sínodo de Pistoia (1786) caiu em muitos erros: democratização da Igreja, reforma da liturgia (contra relíquias no altar; a favor do vernáculo!), reforma da disciplina, atribuição de infalibilidade ao concílio nacional sem o papa. O papa Pio VI (constituição Auctorem fidei, 28 de agosto de 1794) condenou nada menos que 85 proposições retiradas dos atos do sínodo, mas não foi ouvido de forma alguma.

Sob o Diretório, de fato, o conciliábulo nacional francês de 1797, presidido pelo abade maçom Grégoire, atacou vigorosamente as relíquias, as velas, e o uso do latim. Solicitaram-se missas celebradas na língua vernácula e expressou-se um desejo de ecumenismo "estendido até aos representantes do judaísmo".

Ao consultar a coleção de concílios editada por Paul Guérin (Os Concílios Gerais e Particulares, Bar-le-Duc 1872), encontram-se 1138 concílios católicos, além de 96 conciliábulos.

Entre os concílios católicos, dois concílios ecumênicos não foram integralmente aprovados pelo papa reinante. O 28º cânone do Concílio de Calcedônia (atribuindo uma importância exagerada ao bispo de Constantinopla) e um cânone do Concílio de Constança (afirmando que o concílio é superior ao papa) não foram reconhecidos.

CONCLUSÃO:

O episcopado reunido em concílio nacional, ou mesmo os bispos e cardeais de todo o mundo reunidos em concílio geral, podem errar na fé. O único garante é o papa.

Nunca foi visto um concílio dito "ecumênico" (geral), aprovado por um papa, ser herético. Se os bispos reunidos no Concílio de 1963 a 1965 estiverem errados, isso não indicaria que lhes faltava o garante?

Isso será examinado no próximo capítulo.

> **Resumo: um concílio é infalível com o papa, mas sujeito ao erro sem o papa; existem cerca de cem conciliábulos que erraram.**

VATICANO II: CONCÍLIO INFALÍVEL OU CONCILIÁBULO FALÍVEL

- A. Vaticano II: pastoral ou dogmático?
- B. Magistério infalível extraordinário ou ordinário
- C. Valor de obrigação do Vaticano II
- D. Contradição entre Vaticano II e a doutrina católica
- E. É permitido contestar este conciliábulo?

Vaticano II é o triunfo de uma corrente herética, chamada de "católicos liberais" (século XIX), depois "modernistas" (século XX). Os ensinamentos do Vaticano II são contrários à fé. Quem os adere se separa da Igreja Católica.

Podemos estabelecer o seguinte raciocínio:

§ 1. Um concílio geral é infalível (Vaticano I: *Dei Filius*, capítulo 3), desde que seja confirmado pelo pontífice romano (*Código de Direito Canônico de 1917*, cânone 227).

§ 2. O Vaticano II foi um concílio geral. Mas errou.

§ 3. Portanto, o homem que confirmou o Vaticano II não foi um pontífice romano.

Portanto, Montini não era papa e o Vaticano II não foi um "concílio", mas um "conciliábulo", ou seja, uma assembleia herética cujos atos são nulos.

Um concílio com o papa está livre do erro. Se o Vaticano II errou, isso prova que Montini não era papa. Este raciocínio muito simples e claro deveria ser suficiente.

No entanto, alguns pensadores tentam evitar a conclusão deste raciocínio (que prova que Montini é um impostor). Eles procedem da seguinte maneira:

§ 1. Eles contestam o dogma da infalibilidade dos concílios gerais (imitando assim Martinho Lutero).

§ 2. Além disso, eles afirmam que o Vaticano II não teria afirmado sua própria infalibilidade. Segundo eles, este concílio teria tido "um caráter pastoral, mas não dogmático". Portanto, não teria tomado nenhuma decisão infalível.

§ 3. Sua conclusão: como o Vaticano II não teria afirmado sua infalibilidade, não se poderia provar que Montini não era papa. Portanto, ele seria papa.

A. Vaticano II: pastoral ou dogmático?

O que significa "pastoral"? Seria sinônimo de "disciplinar"? Mas então, o caráter "disciplinar" não exclui o caráter dogmático, e vice-versa, porque desde Niceia até o Vaticano I, todos os concílios ecumênicos trataram da fé e todos (exceto o II e III de Constantinopla) também trataram *igualmente* da disciplina.

O adjetivo "pastoral" é derivado do substantivo comum "pastor". Os pastores são ministros religiosos que têm a responsabilidade pelas almas. E a responsabilidade pelas almas não requer que o pastor fale tanto dos dogmas a serem cridos quanto da moral a ser observada? O "caráter pastoral do Vaticano II" está longe de excluir a doutrina, pelo contrário: "Para cumprir seu dever *pastoral*, nossos predecessores trabalharam incansavelmente na propagação da *doutrina*" (Vaticano I: *Pastor aeternus*, capítulo 4). "Consideramos um dever de nossa missão *pastoral* expor a toda a comunidade cristã, nesta carta encíclica, a *doutrina...*" (Pio XII: *Mystici corporis*, 29 de junho de 1943). "A responsabilidade *pastoral* do magistério está assim ordenada para garantir que o povo de Deus permaneça na *verdade* que liberta. Para cumprir este serviço, Cristo dotou os pastores com o carisma da _infa...

É verdade que Montini falou do "caráter pastoral" do Vaticano II, mas Wojtyla lhe atribuiu um caráter doutrinal: "...a continuidade do concílio com a Tradição, especialmente em pontos doutrinais que..." (motu proprio *Ecclesia Dei*, 2 de julho de 1988). Roncalli, também, atribuiu-lhe um caráter doutrinal, pois ele tinha designado para o conciliábulo "como tarefa principal melhor guardar e explicar o depósito precioso da doutrina cristã" (Wojtyla: constituição apostólica *Fidei depositum*, 11 de outubro de 1992). O caráter pastoral está intimamente ligado ao aspecto doutrinal: "Os Padres conciliares conseguiram elaborar, ao longo de quatro anos de trabalho, um conjunto considerável de exposições doutrinais e diretrizes pastorais" *(ibidem).*

É verdade que vários textos conciliares são "constituições pastorais". Mas existem também dois textos conciliares que têm exatamente o título de "constituição DOGMÁTICA *Lumen Gentium*" e "constituição DOGMÁTICA *Dei Verbum*! Como "constituições dogmáticas" poderiam vir de um conciliábulo supostamente "não-dogmático"?

Além disso, em *Dignitatis Humanae* encontram-se palavras que indicam um caráter dogmático, como "doutrina, verdade, palavra de Deus, Revelação divina".

O Vaticano II não foi apenas pastoral, mas também dogmático. O Vaticano II foi pastoral e dogmático ao mesmo tempo.

O Vaticano II foi também dogmático, pois o dogma, segundo o sentido comum da palavra, são as verdades da fé a serem cridas, derivadas da Revelação. No Vaticano II, a liberdade de culto e de imprensa foi apresentada como contida na Sagrada Escritura, portanto, como sendo de fé divina. "Este Concílio Vaticano investiga a tradição sagrada e a santa doutrina da Igreja" (*Dignitatis Humanae*, § 1); a liberdade religiosa tem seu fundamento na "palavra de Deus" (§ 2); ela corresponde "à ordem estabelecida por Deus mesmo" (§ 3); é necessária para uma sociedade preocupada "com a fidelidade dos homens para com Deus e sua santa vontade" (§ 6); agir contra ela seria "agir contra a vontade de Deus" (§ 6); "esta doutrina da liberdade tem suas raízes na Revelação divina, o que, para os cristãos, é um motivo a mais para ser fiel a ela" (§ 9); ela corresponde "à palavra e ao exemplo de Cristo" e "os apóstolos seguiram o mesmo caminho" (§ 11); por isso, "a Igreja, fiel à verdade do Evangelho, segue o caminho que Cristo e os apóstolos seguiram ao reconhecer o princípio da liberdade religiosa como conforme à dignidade do homem e à Revelação divina [...] Esta doutrina, recebida de Cristo e dos apóstolos, ela a guardou e transmitiu ao longo dos tempos" (§ 12).

B. Magistério infalível extraordinário ou ordinário?

Para negar a infalibilidade do Vaticano II, algumas pessoas se baseiam na famosa declaração feita por Montini em 12 de janeiro de 1966: "Dado o caráter pastoral do concílio, este evitou proclamar segundo o modo 'extraordinário' dogmas afetados pela nota da infalibilidade". Isso parece dar razão aos opositores da infalibilidade do Vaticano. No entanto, esta frase foi truncada. Não nos contentemos com o *texto truncado* do discurso de Montini, mas também leiamos *o restante*, conforme relatado no *L'Osservatore Romano* de 13 de janeiro de 1966: "Dado o caráter pastoral do concílio, este evitou proclamar segundo o modo 'extraordinário' dogmas afetados pela nota da infalibilidade. No entanto, o concílio atribuiu a seus ensinamentos a autoridade do magistério supremo ordinário". Montini assimilou o Vaticano II ao magistério ordinário. No entanto, como ensina o Vaticano I (*Dei Filius*, capítulo 3), o magistério ordinário também é sempre infalível.

Na verdade, esta declaração de Montini é bastante estranha: ele classifica um concílio (ou melhor, um "conciliábulo"!) como pertencente ao "magistério ordinário", cometendo assim um erro grosseiro de classificação. Por definição, todo concílio, especialmente um concílio geral, faz parte do magistério extraordinário. Independentemente do que Montini disse, o Vaticano II faz parte do magistério extraordinário, não do magistério ordinário. Poderíamos invocar, em apoio a esta afirmação, uma frase de Wojtyla: "O Segundo Concílio do Vaticano SOLIDAMENTE recordou que o direito à liberdade religiosa é sagrado para todos os homens" (discurso de 22 de dezembro de 1979). Poderíamos ainda nos referir ao seu motu proprio *Ecclesia Dei* de 2 de julho de 1988, que assimila o Vaticano II ao magistério extraordinário, colocando-o entre os concílios ecumênicos (que, por definição, pertencem ao magistério extraordinário): "O resultado alcançado pelo movimento promovido por Mons. Lefebvre pode e deve ser uma oportunidade para todos os fiéis católicos refletirem sinceramente sobre sua própria fidelidade à Tradição da Igreja, autenticamente interpretada pelo magistério eclesiástico, ordinário e extraordinário, especialmente nos concílios ecumênicos, desde Niceia até o Vaticano II".

Então? Extraordinário ou ordinário? Na nossa opinião: extraordinário. Mas na verdade, pouco importa o modo, porque seja ordinário ou extraordinário, o magistério deve ser considerado como sendo infalível, conforme as palavras de Pio XII: "Sempre que se faz ouvir a voz do magistério da Igreja, tanto ordinário quanto extraordinário, recebam esta voz com ouvidos atentos e espírito dócil" (Pio XII aos membros do Angelicum, 14 de janeiro de 1958). Ou ainda Leão XIII: "Todas as vezes, portanto, que a palavra deste magistério declara que tal ou tal verdade faz parte do conjunto da doutrina divinamente revelada, cada um deve crer com certeza que isso é verdadeiro" (Leão XIII: encíclica *Satis Cognitum*, 29 de junho de 1896).

À conclusão de *Dignitatis humanae*, Montini aprovou integralmente todo o texto, exercendo sua autoridade suprema como (suposto) Vigário de Cristo: "Todo o conjunto e cada um dos pontos que foram estabelecidos nesta declaração agradaram aos Padres. E nós, pelo poder apostólico que nos foi confiado por Cristo, em união com os veneráveis Padres, os aprovamos no Espírito Santo, os decretamos, os estabelecemos e ordenamos que o que foi estabelecido no concílio seja promulgado para a glória de Deus. Roma, em São Pedro, 7 de dezembro de 1965. Eu, Paulo, bispo da Igreja Católica".

Segundo o Vaticano II, a liberdade religiosa faz parte da fé católica, pois está contida no Evangelho. Negá-la seria, de acordo com as próprias palavras de Montini citadas acima, ir contra o veredicto do Espírito Santo, que falou através do órgão de um concílio ecumênico infalível.

Por sua vez, Wojtyla aprovou o *Catecismo da Igreja Católica* (Paris 1992), onde se lê no n° 891: "A infalibilidade prometida à Igreja reside também no corpo dos bispos quando exerce seu magistério supremo em união com o sucessor de Pedro" (constituição dogmática *Lumen Gentium*, § 25; cf. Vaticano I), especialmente em um concílio ecumênico. Quando, pelo seu magistério supremo, a Igreja propõe algo "para ser acreditado como revelado por Deus" (constituição dogmática *Dei Verbum*, § 10) e como ensinamento de Cristo, "é necessário aderir na obediência da fé a tais definições" (*Lumen Gentium*, § 25). Se compararmos os termos deste catecismo com os de *Dignitatis humanae*, concluímos que o Vaticano II cumpre as condições de infalibilidade: "Revelado por Deus" (*C.I.C.*) = "raízes na Revelação divina" (*D.H.*); "ensinamento de Cristo" (*C.I.C.*) = "doutrina recebida de Cristo" (*D.H.*).

Além disso, o caráter "pastoral" do Vaticano II não diminui sua infalibilidade, pelo contrário: "A carga pastoral do magistério é assim ordenada para assegurar que o povo de Deus permaneça na verdade que liberta. Para cumprir este serviço, Cristo dotou os pastores do carisma da infalibilidade em matéria de fé e moral" (*Catecismo da Igreja Católica*, n° 890).

C. Valor de Obligação do Vaticano II

Montini impôs aos fiéis a aceitação do ensinamento não apenas de *Dignitatis humanae*, mas de todos os textos conciliares. Em seu discurso de 12 de janeiro de 1966, ele afirmou: "O concílio atribuiu aos seus ensinamentos a autoridade do magistério supremo ordinário, o qual é tão manifestamente autêntico que deve ser acolhido por todos os fiéis segundo as normas estabelecidas pelo concílio, considerando a natureza e o propósito de cada documento".

Montini fez anexar a *Lumen gentium* uma declaração que já havia ordenado ser lida na aula conciliar por Felici, secretário do conciliábulo. "Perguntou-se qual qualificação teológica deve ser atribuída à doutrina exposta neste esquema. A comissão doutrinal respondeu que se baseia nas regras gerais conhecidas por todos, e remete à sua declaração de 6 de março de 1964: 'Considerando o costume conciliar e o propósito pastoral do presente concílio, este sagrado sínodo define que a Igreja deve reter apenas os elementos relativos à fé e aos costumes que ele declarou abertamente como tais'".

O vocabulário utilizado em *Dignitatis humanae* indica claramente que a liberdade religiosa é um "elemento relativo à fé e aos costumes" (§ 10: "Portanto, é plenamente conforme ao caráter próprio da fé que, em questões religiosas, seja excluída qualquer forma de coerção").

> E outro texto conciliar que deve ser considerado como relacionado à fé é o decreto sobre o ecumenismo Unitatis redintegratio. Pois o esquema preparatório desse decreto foi aprovado pelos Padres em 1º de dezembro de 1962 da seguinte forma: "Após a conclusão do exame do decreto sobre a unidade da Igreja, os Padres do concílio o aprovam como um documento que reúne as verdades comuns da fé" (in: Documentos conciliares. Concílio Ecumênico Vaticano II. A Igreja. O ecumenismo. As Igrejas orientais, Centurion, Paris 1965, p. 166). Dignitatis humanae e Unitatis redintegratio, além das duas constituições dogmáticas Dei Verbum e Lumen gentium, que contêm elementos relacionados à fé, devem ser "mantidos" (Comissão doutrinal, 6 de março de 1964, citado acima).

Todo este conciliábulo tem "um valor particular de obrigação" (Wojtyla, 1º de setembro de 1980). Este conciliábulo é, para os conciliares, O concílio por excelência. Tem, aos seus olhos, uma infalibilidade e um valor de obrigação que ultrapassa em muito todos os outros concílios. Montini exclamou indignado: "Como hoje alguém poderia se comparar a São Atanásio [alusão a Monsenhor Lefebvre] enquanto ousa combater um concílio como o Segundo Concílio do Vaticano, que não tem menos autoridade, e que é até, em alguns aspectos, mais importante do que o de Niceia?" (Montini: Carta a Monsenhor Lefebvre, 29 de junho de 1975).

Wojtyla, por sua vez, classificou esta reunião na categoria dos concílios ecumênicos, aos quais todo bom cristão deve obedecer. Segundo ele, o Vaticano II definiu verdades de fé em conexão com a Revelação divina: "Por sua vez, a Sé Apostólica tinha um único objetivo nessas conversas com você [Monsenhor Lefebvre]: promover e proteger essa unidade na obediência à Revelação divina, traduzida e interpretada pelo magistério da Igreja, especialmente nos vinte e um concílios ecumênicos, de Niceia ao Vaticano II" (carta de Wojtyla a Monsenhor Lefebvre, 9 de junho de 1988). Segundo Montini e Wojtyla, o Vaticano II é um concílio ecumênico que desfruta da mesma autoridade e infalibilidade que os concílios ecumênicos de Niceia, Calcedônia, Constantinopla, Latrão, Trento e Vaticano I.

D. Contradição entre o Vaticano II e a doutrina católica

Os maus livros foram sempre combatidos, a liberdade de imprensa sempre abominada. São Paulo mesmo encorajou os cristãos convertidos a queimar publicamente seus livros de feitiçaria (Atos dos Apóstolos XIX, 19).

No palácio dos papas em Avignon está afixado um decreto pontifical da época de Bento XIV: os impressores culpados de imprimir escritos dos hereges protestantes deveriam sofrer nada menos que A PENA DE MORTE!!

> "É preciso lutar com coragem, tanto quanto a coisa o exige, e exterminar com todas as forças o flagelo de tantos livros funestos; nunca se fará desaparecer a matéria do erro, se os elementos criminosos da corrupção não perecerem consumidos pelas chamas" (Clemente XIII: encíclica Christianae reipublicae salus, 25 de novembro de 1766).

"Essa licença de pensar, de dizer, de escrever e até de fazer imprimir impunemente [...] tudo o que pode sugerir a imaginação mais desregrada" é "um direito monstruoso" (Pio VI: breve Quod aliquantum, 10 de março de 1791).

A liberdade de imprensa é uma "liberdade execrável pela qual nunca se terá horror suficiente" (Gregório XVI: encíclica Mirari vos, 15 de agosto de 1830).

A condenação da liberdade de imprensa faz parte do magistério pontifício ordinário. Este ensinamento é infalível, segundo São Pio X (juramento antimodernista): "Eu, N., abraço e recebo firmemente todas e cada uma das verdades que a Igreja, por seu magistério infalível, definiu, afirmou e declarou, especialmente esses chefes de doutrina que são diretamente dirigidos contra os erros deste tempo".

No entanto, o Vaticano II se opõe a esse ensinamento infalível, afirmando: "Os grupos religiosos também têm o direito de não ser impedidos de ensinar e manifestar sua fé publicamente, de viva voz e por escrito" (Dignitatis humanae, § 4). Assim, xintoístas, cainitas (seita cujos discípulos se

esforçam para cometer todo tipo de pecado, imitando Caim), supra-lapsários (grupo protestante), gomaristas (idem), luciferianos (antigamente discípulos de Lúcifer de Cagliari, combatidos por São Jerônimo; hoje, adeptos do culto a Lúcifer), adoradores da cebola (existem na França atualmente) e adeptos de todas as outras seitas bizarras - perdão, deveria ter dito "grupos religiosos" - estão autorizados a espalhar seus delírios pela imprensa.

Isso levanta um problema de autoridade: a liberdade de imprensa foi condenada pelo magistério pontifício ordinário "infalível" (São Pio X). No entanto, essa mesma liberdade de imprensa foi aprovada pelo Vaticano II como decorrente da "Revelação divina" (termo que envolve a infalibilidade do Vaticano II).

Da mesma forma, a liberdade dos cultos, qualificada como "desastrosa e uma heresia para sempre deplorável" por Pio VII (carta apostólica Post tam diuturnas, 29 de abril de 1814), foi apresentada como uma verdade de fé pelo Vaticano II.

Um dos redatores de Dignitatis humanae, o Padre Congar, escreveu que, segundo este texto, a liberdade religiosa estava contida na Revelação. No entanto, ele mesmo admitiu que tal afirmação era falsa. "A pedido do Papa, eu colaborei nos últimos parágrafos da declaração sobre a liberdade religiosa: era para mostrar que o tema da liberdade religiosa já aparecia na Escritura, mas isso não é verdade" (in: Éric Vatré: A la droite du Père, Paris 1994, p. 118). Que confissão! Declarar que uma doutrina é revelada, sabendo perfeitamente que isso é falso! Os bispos do conciliábulo que aprovaram este texto - incluindo Montini - são impostores!

A liberdade religiosa é até contrária à Revelação. Quando os judeus adoraram o bezerro de ouro, Moisés os parabenizou? Ele não os encorajou a "manifestar livremente a eficácia singular de sua doutrina para organizar a sociedade e vivificar toda a atividade humana" (Dignitatis humanae, § 4). A inexistência do direito à liberdade religiosa é uma verdade revelada. Por exemplo, Deus ordenou a Gideão que derrubasse o altar erguido a Baal por seu próprio pai (Juízes 6:25). O profeta Elias matou com suas próprias mãos os sacerdotes de Baal (2 Reis 18:40). Elias é o maior dos profetas, pois foi especialmente honrado por Nosso Senhor Jesus Cristo durante a Transfiguração (portanto, Cristo é contra a liberdade religiosa). O sucessor de Elias, Eliseu, ungiu Jeú. O rei Jeú mandou massacrar todos os seguidores de Baal, demolir o altar e "também derrubaram o templo de Baal e fizeram dele um latrina, o que ele é até hoje" (2 Reis 10:27). Esta latrina perto de Jerusalém é chamada de Geena...

"Além disso, a liberdade religiosa exige que os grupos religiosos não sejam impedidos de manifestar livremente a singular eficácia de sua doutrina para organizar a sociedade e vitalizar toda a atividade humana" (Dignitatis humanae, § 4). No entanto, Cristo disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (João 14:6). Ele não disse que outras religiões além da sua trazem vida. Além disso, Cristo disse: "Sem mim, nada podeis fazer" (João 15:5). Ele não disse que algo pode ser feito (organizar eficazmente a sociedade) por meio de Buda ou Maomé. Cristo disse: "Quem não crer será condenado" (Marcos 16:16). Portanto, Ele não deu permissão para honrar o Ser supremo (termo querido pelos maçons) por meio de qualquer culto X. Se o Vaticano II afirma que budistas, muçulmanos, protestantes, animistas, etc., têm o direito de "honrar publicamente a divindade suprema" (Dignitatis humanae, § 4; a expressão "divindade suprema" também aparece em Nostra

aetate), isso prova que os prelados adotaram a ideologia e a linguagem das lojas maçônicas, assim como Wojtyla em Assis, pedindo aos seus convidados para simplesmente rezar "a uma potência suprema", "o Ser absoluto", "uma potência acima de todas as nossas forças humanas", "essa realidade que está além de nós".

"Divindade suprema"? Um comentarista atento poderia até destacar que o adjetivo "suprema" implica que também existem divindades inferiores. O Vaticano II estaria então professando o politeísmo...

Passamos agora ao decreto sobre o ecumenismo intitulado Unitatis redintegratio, também aprovado "no Espírito Santo" por Montini, em 21 de novembro de 1964. "Justificados pela fé recebida no batismo, incorporados a Cristo, eles têm direito a ser chamados de cristãos, e os filhos da Igreja Católica os reconhecem justamente como irmãos no Senhor" (§ 3). É um passo curioso e inédito: os adeptos das diversas seitas heréticas ou cismáticas são agora considerados ter fé?!

"As 'ações sagradas' desses irmãos 'certamente podem efetivamente produzir a vida da graça, e deve-se reconhecer que elas dão acesso à comunhão da salvação. [...] O Espírito de Cristo não se recusa a usá-las [das seitas protestantes ou cismáticas] como meios de salvação" (ibidem).

O Vaticano II obriga a crer como verdade de fé divina ("deve-se reconhecer") que o protestantismo leva à salvação. A infalibilidade está claramente envolvida.

Mas Pio IX ensinou ex cathedra o contrário: "É também muito conhecido esse dogma católico: que ninguém pode se salvar fora da Igreja Católica, e aqueles não podem obter a salvação eterna que conscientemente se mostram rebeldes à autoridade e às definições da Igreja, bem como aqueles que estão separados voluntariamente da unidade da Igreja e do pontífice romano, sucessor de Pedro, a quem foi confiada pelo Salvador a guarda da vinha" (Pio IX: carta Quanto conficiamus, 10 de agosto de 1863).

E os concílios anteriores a Pio IX vão na mesma direção. Citamos apenas um texto pouco conhecido do Concílio de Sens, realizado em 1528: "O luteranismo é uma exalação da serpente infernal". E esse mesmo concílio não era realmente favorável à liberdade religiosa: "Nós suplicamos [...] ao rei [...] que demonstre o zelo com que está preenchido pela religião cristã, afastando todos os hereges das terras de sua obediência, exterminando essa peste pública, preservando nesta fé essa monarquia", e proibimos "as reuniões secretas dos hereges".

E. É permitido contestar este concílio?

Sim, mas a argumentação precisa ser contundente! O argumento de "concílio pastoral" não tem validade, pois este concílio também foi doutrinal (é o próprio Wojtyla quem assegura isso, e, pela primeira vez, ele está certo: constituição **dogmática** *Dei Verbum;* constituição **dogmática** *Lumen gentium!).* E dizer que o Vaticano II não teria engajado sua infalibilidade *solene* também não faz sentido: por definição, **todo** concílio faz parte do magistério solene! Mesmo adotando o ponto de vista (equivocado) de Montini, classificando o Vaticano II na categoria do magistério *ordinário* universal, a infalibilidade ainda estaria engajada (Vaticano I: *Dei Filius,* cap. 3).

Afirmar que este concílio é contrário à Tradição está de acordo com a verdade. Contestar o Vaticano II argumentando a flagrante contradição com a sã doutrina é um bom reflexo do católico. No entanto, este reflexo instintivo não é suficiente, por si só, para resolver uma questão misteriosa: como é possível que um concílio ecumênico, em princípio assistido pelo Espírito Santo, tenha errado?

O primeiro concílio, o de Jerusalém, escolheu uma fórmula que se tornou célebre: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" *(Atos dos Apóstolos* XV, 28). O Papa Pio XII ensina: "Cristo, embora invisível, preside aos concílios da Igreja e os guia com a sua luz" (encíclica *Mystici corporis,* 29 de junho de 1943, baseando-se em São Cirilo de Alexandria: *Ep.* 55 *de Synod.).* Montini, agindo como doutor público da Igreja universal, aprovou o Vaticano II "no Espírito Santo". Montini e Wojtyla colocam o Vaticano II no mesmo nível que os vinte concílios ecumênicos (de Niceia até o Vaticano I).

Ou qualquer pessoa que conteste um concílio ecumênico - como os arianos contra Niceia ou os protestantes contra Trento - é herege. Pretender que se pode pensar de forma diferente de um concílio ecumênico é uma heresia. Eis a 29ª proposição de Martinho Lutero: "Foi-nos dado o poder de refutar a autoridade dos concílios, de contradizer livremente seus atos, de nos tornar juízes dos atos que eles promulgaram, e de afirmar com segurança tudo o que nos parece verdadeiro; que isso seja aprovado ou reprovado por qualquer concílio". Esta proposição foi condenada por Leão X (bula *Exsurge Domine,* 16 de maio de 1520). Ao negar a infalibilidade de um concílio geral, Lutero avançava uma doutrina até então desconhecida na Igreja. Lutero fez "discípulos" no século XX: os modernistas (clérigos católicos contaminados pelos erros modernos) começaram também a contradizer os concílios, levando o Papa São Pio X a retomar a condenação da 29ª proposição de Lutero em sua encíclica *Pascendi,* de 8 de setembro de 1907. Por meio de seu motu proprio *Praestantia,* de 18 de novembro de 1907, ele adicionou a pena de excomunhão *ipso facto* para aqueles que propagassem doutrinas condenadas em *Pascendi*.

Os católicos não podem invocar nem as Escrituras nem a Tradição contra um concílio ecumênico (como o Vaticano II), pois os protestantes usaram a Bíblia contra Trento e os velhos católicos defenderam a Tradição contra o Vaticano I. Também não se pode referir a Monsenhor Lefebvre, pois (deve-se lembrar desse truísmo) a autoridade doutrinal suprema na Igreja não é um bispo emérito, mas sim o pontífice romano. Ora, Montini assegurou, *como doutor público,* a conformidade deste concílio com a Tradição, e Wojtyla também certificou, *como doutor público,* que o Vaticano II estava de acordo com a Tradição:

"Nada do que foi decretado neste concílio, assim como nas reformas que decidimos para sua implementação, é contrário ao que a Tradição bimilenar da Igreja contém de fundamental e imutável. Disso somos garantes, não por nossas qualidades pessoais, mas pelo cargo que o Senhor nos conferiu como legítimo sucessor de Pedro e pela assistência especial que Ele nos prometeu como a Pedro: 'Eu orei por ti, para que tua fé não desfaleça'" *(Lucas* XXII, 32). Com nós é garantido o episcopado universal" (Montini: *Carta* a Monsenhor Lefebvre, 11 de outubro de 1976).

> « A amplitude e a profundidade dos ensinamentos do Concílio Vaticano II exigem um compromisso renovado de aprofundamento, que permitirá destacar a continuidade do concílio com a Tradição, especialmente em pontos de doutrina que, talvez devido à sua novidade, ainda não foram plenamente compreendidos em alguns setores da Igreja » (Wojtyla: motu proprio Ecclesia Dei, 2 de julho de 1988).

Os católicos devem seguir até o fim as exigências da Verdade e respeitar toda a Tradição, incluindo a sentença de Leão X condenando a 29ª proposição de Lutero. Se é proibido contestar um concílio ecumênico legítimo, restam apenas duas soluções canonicamente corretas: ou aceitar religiosamente o Vaticano II como um dom do Espírito Santo à Igreja; ou verificar se esse concílio foi realmente ecumênico ou não. Mas não se pode agradar a gregos e troianos, aceitando que esse conciliábulo figure oficialmente entre os concílios ecumênicos e, ao mesmo tempo, ignorá-lo (atitude luterana).

CADA um dos concílios ecumênicos é invulnerável. TODO concílio ecumênico é assistido pelo Espírito Santo. Este é o ensinamento EX CATHEDRA de Pio XII em Mystici corporis (pois o papa escreveu esta encíclica "como doutor da Igreja universal" para ensinar "todo o povo de Deus" os "mistérios revelados por Deus")!

Adicionemos ainda o especialista por excelência em infalibilidade: o Papa Pio IX: "Se eles acreditavam firmemente, junto com os outros católicos, que o concílio ecumênico é governado pelo Espírito Santo, que é somente pelo sopro deste Espírito divino que ele define e propõe o que deve ser crido, jamais lhes ocorreria que coisas não reveladas ou prejudiciais à Igreja poderiam ser definidas e impostas à fé, e não imaginariam que manobras humanas poderiam deter o poder do Espírito Santo e impedir a definição de coisas reveladas e úteis à Igreja" (bula Dolendum profecto, 12 de março de 1870).

É crucial entender o seguinte: se o Vaticano II é um dos concílios ecumênicos, ele É inspirado pelo Paráclito e, portanto, teologicamente e canonicamente invulnerável! Por outro lado, se não é ecumênico (por falta do guardião: o Papa), não possui a garantia da assistência do Espírito Santo, mesmo com a presença de muitos bispos (como no conciliábulo de Rimini, por exemplo).

Aqueles que insistem em considerar Montini como Papa devem nos demonstrar de forma plausível como Cristo, ao contrário de suas quatro promessas (Lucas 20, 32; Mateus 16, 18 e 28, 19-20; João 14, 15-17), poderia abandonar seu Vigário durante um concílio ecumênico???

Da mesma forma, devem explicar de maneira coerente por que a fórmula "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" (Concílio dos Apóstolos em Jerusalém) teria funcionado, enquanto a fórmula "Aprovamos no Espírito Santo" (Vaticano II) não funcionaria???

Em suma, afirmar que se pode rejeitar um concílio ecumênico aprovado por um Papa (Montini) equivale a dar razão a Lutero contra Leão X e São Pio X.

Conclusão

O Vaticano II afirmou sua infalibilidade, mas mesmo assim errou. Como explicar essa falha?

Montini afirma ter CONFIRMADO "NO ESPÍRITO SANTO", enquanto o Vaticano II É HERÉTICO em vários pontos. Isso PROVA que ele não poderia ter sido um verdadeiro Papa e que o Espírito Santo não o assistiu. Se ele tivesse sido Papa, a Igreja universal, apoiada em Pedro, não poderia ter errado, como ensina o Doutor Angélico *(Suma Teológica, suplemento da III parte, q. 25, a. 1)*.

Conhecemos a famosa exclamação dos Padres do Concílio Ecumênico de Calcedônia: "Pedro falou pela boca de Leão!" Bem, Pedro falou pela boca de Montini? Se sim, aqueles que contestam o Vaticano II não seriam melhores do que os contestadores nestorianos, que recusaram o veredicto de Pedro em Calcedônia; se não, Montini não era o sucessor de Pedro. *Tertium non datur.* ("Não há terceira solução").

Dizer que Montini não teria falado de modo algum seria ridículo, já que ele aprovou todos e cada um dos documentos conciliares em seu próprio nome. E afirmar que ele teria agido apenas como um "doutor privado" seria grotesco: aprovar um concílio ecumênico é um ato *público*, destinado a ser levado ao conhecimento de todo o mundo. Pedro falou pela boca de Montini? *Est est, non non!*

Além disso, Montini ele próprio estabeleceu muito claramente que ele engajava sua infalibilidade para certificar a ortodoxia do Vaticano II: "Nada do que foi decretado neste concílio, assim como nas reformas que decidimos implementar para colocá-lo em prática, está em oposição ao que a Tradição bimilenar da Igreja comporta de fundamental e imutável. Disso, nós garantimos, em virtude não de nossas qualidades pessoais, mas do cargo que o Senhor nos confiou como sucessor legítimo de Pedro e da assistência especial que Ele nos prometeu como a Pedro: 'Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça' *(Lucas* XXII, 32). Conosco está garantido o episcopado universal.

E você não pode invocar a distinção entre dogmático e pastoral para aceitar alguns textos deste concílio e rejeitar outros. Certamente, tudo o que é afirmado em um concílio não requer um assentimento da mesma natureza: apenas o que é afirmado como objeto de fé ou verdade anexa à fé, por meio de atos "definitivos", exige um assentimento de fé. Mas o restante também faz parte do magistério solene da Igreja, ao qual todo fiel deve dar uma acolhida confiante e uma aplicação sincera.

Resta que, em consciência, você diz que ainda não vê como conciliar alguns textos do concílio [...] com a sã tradição da Igreja [...]. Mas como uma dificuldade pessoal interior [...] permitiria que você se erigisse publicamente como juiz daquilo que foi adotado legitimamente e praticamente por unanimidade, e conscientemente levasse uma parte dos fiéis ao seu repúdio? Se as justificações são úteis para facilitar intelectualmente a adesão [...], elas não são por si mesmas necessárias para o assentimento de obediência que é devido ao concílio ecumênico e às decisões do papa. É o

sentido eclesial que está em questão [...].

Nós dizemos a você, irmão, que você está em erro. E com todo o ardor de nosso amor fraternal, COM TODO O PESO DE NOSSA AUTORIDADE COMO SUCESSOR DE PEDRO, convidamos você a se retratar, a se corrigir e a parar de infligir feridas à Igreja de Cristo.

[Exigimos de você uma retratação pública de seu repúdio ao Vaticano II]. Esta declaração deve afirmar que você adere francamente ao concílio ecumênico Vaticano II e a todos os seus textos - *sensu obvio* -, que foram adotados pelos Padres do concílio, aprovados e promulgados por nossa autoridade. Pois tal adesão sempre foi a norma na Igreja desde os primórdios, no que diz respeito aos concílios ecumênicos" (Montini: *Carta* a Monsenhor Lefebvre, 11 de outubro de 1976).

Certos pensam que Montini *perdeu* o pontificado ao assinar *Dignitatis humanae.* Nós, ao contrário, pensamos que ele *nunca o possuía desde o início*, pois, se tivesse sido legitimamente eleito papa, o carisma da infalibilidade o teria preservado de cair em heresia. Se ele nunca foi papa desde o início, isso significa que sua eleição deve ter sido inválida. As razões da invalidade de sua eleição serão apresentadas no capítulo 10.

Mas antes disso, no capítulo 9, faremos um estudo "bis" sobre seu sucessor Wojtyla.

> **Resumo: O Vaticano II, sendo princípio infalível, errou porque lhe faltava um elemento constitutivo essencial: um papa.**

Veneráveis sereias! Nosso convidado de honra no Concílio Vaticano II irá explicar como a liberdade religiosa "tem suas raízes na Revelação divina".

9. WOJTYLA É CATÓLICO?

A. Uma doutrina heterogênea
B. Wojtyla aprovou ex cathedra as heresias?
C. "Eu creio em Deus Pai todo-poderoso" [ERROS SOBRE O PODER POLÍTICO]
D. Eu creio em Deus, "criador de todas as coisas" [EVOLUCIONISMO]
E. Eu creio "em um só Senhor, Jesus Cristo" [O CRISTO-REI DESTRUÍDO PELO HOMEM-REI]
F. Eu creio no "Filho único de Deus" [JESUS NÃO É O MESSIAS]
G. Eu creio que o Filho é "consubstancial ao Pai" ["DA MESMA NATUREZA" SEGUNDO ÁRIO E A IGREJA CONCILIAR]
H. Eu creio que "Ele nasceu da Virgem Maria" [ATAQUE CONTRA O DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO]
I. Eu creio que "Ele desceu aos infernos" [HERESIAS DE ABELARDO E DE CALVINO]
J. Eu creio que "Ele subiu aos céus" [FICÇÃO METAFÓRICA]
K. "Eu creio que "Ele virá julgar os vivos e os mortos" [HERESIA DE ZANINO DE SOLCIA AMPLIADA POR WOJTYLA]
L. "Eu creio no Espírito Santo" [TRÊS PECADOS WOJTYLIANOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO]
M. Eu creio "na Igreja, una, santa, católica e apostólica" ["A RELIGIÃO À LA CARTE"]

A. Uma doutrina heterogênea

A doutrina de Wojtyla é *heterogênea:* por um lado, ele enuncia heresias dogmáticas; por outro, ele defende a moral. Por quê?

Wojtyla deseja unir as religiões monoteístas. É um retorno aos Dez Mandamentos de Moisés. Uma tentativa de judaizar a Igreja, simplesmente. Wojtyla dissolve os *dogmas* do cristianismo, mas mantém a *moral:* judeus, cristãos e muçulmanos, todos nós temos o mesmo único Deus; todos somos filhos de Abraão; todos defendemos a ordem moral. E assim está feito! Os conservadores, tranquilizados pelos discursos moralizadores de Wojtyla, se alegram e esquecem de abrir uma investigação canônica por crime de heresia contra ele! Segundo eles, Wojtyla também diz coisas boas. Por isso, concedem a ele o que chamam de "fé residual". *Sic!* Isso significa que a alma de Wojtyla é em grande parte herética, mas que ainda resta um pequeno resíduo de fé católica. A alma de Wojtyla está em grande parte obscurecida pela heresia, mas ainda há um pequeno canto de alma católica, "senão ele não seria papa". *Sic!* Os defensores dessa teoria extraordinária insinuam, de certa forma, que um ser humano pode ter duas almas, uma má e uma boa, o que é uma heresia anatematizada pelo VIII Concílio Ecumênico, cânon 11. A expressão "fé residual" ou a teoria do canto católico dentro da alma herética evita afirmar claramente que Wojtyla não tem fé, portanto não é católico de forma alguma, portanto fora da Igreja Católica, portanto...? Sim! Se ele não é católico, qual é a consequência disso? Um não-católico pode ser o líder da Igreja Católica? Eis a questão crucial que se contorna ao inventar o termo "fé residual"!

Ato de fé "Meu Deus, creio firmemente em tudo o que a Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana me ordena crer...". A fé consiste em crer em tudo. Aquele que nega mesmo uma única verdade do catolicismo não tem fé alguma. Ele não teria nem mesmo uma "fé residual". "Tal é a natureza da fé que nada é mais impossível do que crer em uma coisa e rejeitar outra. [...] Aquele que, mesmo em um único ponto, recusa seu assentimento às verdades divinamente reveladas, realmente abdica completamente da fé, pois recusa se submeter a Deus como Ele é a suprema verdade e o próprio motivo da fé" (Leão XIII: encíclica *Satis cognitum*, 29 de junho de 1896).

Wojtyla enuncia heresias. O fato de ele também enunciar verdades sobre a moral não o desculpa de forma alguma. Pelo contrário, isso apenas *agrava* seu caso. O *jogo duplo* é característico dos piores inimigos da fé: os modernistas! "Ao ouvi-los, ao lê-los, poderíamos ser tentados a acreditar que estão em contradição consigo mesmos, que são oscilantes e incertos. Longe disso: tudo é medido, tudo é intencional neles [...]. Uma página de seu trabalho poderia ser assinada por um católico; vire a página, você pensa estar lendo um racionalista" (São Pio X: encíclica *Pascendi*, 8 de setembro de 1907).

Se Wojtyla dissesse *exclusivamente* coisas ruins, não seria aceito pelos "conservadores". Para ser aceito, ele precisa então "fingir" *(dixit* São Pio X: *Pascendi),* dizendo também coisas boas, o que adormece a vigilância dos conservadores. Para atrair os conservadores, ele *enrola* seu veneno em uma camada grossa de chocolate fino e oferece a eles um praliné muito tentador... fazendo-os confundir alhos com bugalhos.

A mesma tática já foi usada por Montini durante o conciliábulo. Quando os bispos conservadores protestavam contra uma passagem herética, Montini fazia *adicionar* uma passagem ortodoxa que dizia exatamente o oposto. Tranquilizados, os conservadores votaram em *Dignitatis humanae.* O chocolate fez com que engolissem o veneno. E uma vez que a declaração foi votada, o sucessor de Montini, Karol Wojtyla, deixando de lado as "boas passagens", destacaria as "más passagens", citando repetidamente e principalmente o detestável parágrafo 2, que defende a liberdade religiosa!

B. Wojtyla aprovou ex cathedra heresias?

Certos pensadores, obrigados a admitir a evidência de que Wojtyla professa heresias, ainda assim tentam salvá-lo, alegando que ele seria papa apesar de suas heresias. Eis o raciocínio deles: ele teria "apenas" (apenas! Como se fosse uma trivialidade...) desviado como um simples particular, mas não como um doutor ensinando *ex cathedra.*

Esse raciocínio é baseado em uma análise incorreta da situação. Pois Wojtyla utilizou (pelo menos uma vez) sua autoridade como doutor *ex cathedra* para impor heresias. Ele aprovou *ex cathedra* o *Catecismo da Igreja Católica,* que contém heresias em vários pontos. Este catecismo contém várias heresias: evolucionismo, abandono do *Filioque,* direito à insurreição, liberdade religiosa, deicídio. Tomemos, por exemplo, a apresentação do deicídio pelo *Catecismo da Igreja Católica,* para demonstrar a HERESIA FORMAL de quem o redigiu e de quem o aprovou.

Vamos primeiro resumir a doutrina cristã sobre o deicídio. Quem é responsável pela morte de Jesus? Ouçamos o ensinamento da Igreja Católica. "Eles afiaram as suas línguas como uma espada" [Salmo 63]. Que os judeus não digam: "Nós não matamos Cristo". É verdade que eles o entregaram ao juiz Pilatos, para parecerem, de alguma forma, inocentes de sua morte. Pois Pilatos, tendo-lhes dito: "Fazei-o morrer vós mesmos", eles responderam: "Não nos é permitido matar ninguém". Eles queriam rejeitar a injustiça de seu ato sobre a pessoa do juiz; mas poderiam eles enganar a Deus, que também é juiz? Pilatos foi participante de seu crime na medida do que ele fez; mas se comparado a eles, ele é encontrado muito menos culpado. Pois ele insistiu tanto quanto pôde para livrá-lo de suas mãos; e foi por isso que ele o mostrou a eles após a flagelação. Ele fez Jesus ser flagelado não com a intenção de perdê-lo, mas porque queria apaziguar a fúria deles, esperando que, ao ver o estado em que ele estava depois da flagelação, eles se suavizassem e desistissem de querer matá-lo. Então, isso é o que ele fez. Mas quando os judeus persistiram em sua perseguição, vocês sabem que ele lavou as mãos e declarou que não era o autor dessa morte, e que ele permanecia inocente. Mesmo assim, ele o fez morrer, mas se ele é culpado por tê-lo condenado, mesmo que relutantemente, eles são inocentes, aqueles que o obrigaram a obter essa condenação? De modo algum. Pilatos pronunciou a sentença contra Jesus, ordenou que fosse crucificado, e o imolou como se fosse ele mesmo; mas foram vocês, ó judeus, que realmente o mataram. Como vocês o mataram? Com a espada de suas línguas, pois afiaram suas línguas. E quando o feriram, senão quando gritaram: "Crucifica-o, crucifica-o"? (Matinas da Sexta-feira Santa, sexta lição, retirada do *Tratado sobre os Salmos (Salmo 63)* de Santo Agostinho).

Esta lição de Santo Agostinho, aprovada pela Santa Igreja, está em conformidade com a Revelação. Aqui estão alguns trechos das Sagradas Escrituras que confirmam isso.

Pilatos perguntou aos judeus: "Então, que farei de Jesus, que é chamado Cristo?". Todos eles responderam: "Crucifica-o!". O governador replicou: "Mas que mal ele fez?". E eles começaram a gritar ainda mais alto: "Crucifica-o!". Pilatos, vendo que não conseguia nada, mas que, se continuasse a tentar salvar Jesus, o tumulto aumentaria ainda mais, trouxe água, lavou as mãos diante de todo o povo, e disse: "Estou inocente do sangue deste justo; vede isso por vós mesmos". E TODO O POVO respondeu: "Que o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (Mateus 27:22-25).

Que os judeus tenham pedido a crucificação de Jesus não é apenas evidente no trecho de São Mateus citado acima, mas também nos relatos de São Marcos (15:11-14), São Lucas (23:18-23) e São João (19:6-15). No Evangelho segundo São João, encontramos não apenas os mesmos gritos ("Crucifica-o!"), mas também um diálogo muito instrutivo entre Jesus e Pilatos. Falando a Pilatos, Nosso Senhor ele próprio (!) define claramente o grau de responsabilidade dos judeus e de Pilatos: "Aquele que me entregou a ti cometeu pecado maior do que o teu, que me condenas por fraqueza" (João 19:11).

O primeiro papa, São Pedro, dirigiu-se assim ao povo judeu: "Homens de Israel [...] Jesus de Nazaré, varão aprovado por Deus entre vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a este, que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos [...]. Deus o ressuscitou, soltando-o dos grilhões da morte" (Atos dos Apóstolos 2:22-23, 36).

Ao pregar em Antioquia da Pisídia, o apóstolo São Paulo exclamou na sinagoga: "Os moradores de Jerusalém e os seus príncipes [...] não tendo achado nenhuma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto" (Atos dos Apóstolos 13:27-28). O mesmo apóstolo escreveu aos fiéis de Tessalônica: "Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que na Judéia estão em Jesus Cristo; porquanto também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles, os quais mataram também o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e nos têm perseguido, e não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens; impedindo-nos de anunciar aos gentios a salvação, para encherem sempre a medida dos seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim" (1 Tessalonicenses 2:14-16).

Agora, mostremos a contradição entre a doutrina cristã e o ensinamento da Igreja conciliar. Os conciliares negam que os judeus sejam responsáveis pelo deicídio (Nostra aetate, § 4). A lição litúrgica da Sexta-Feira Santa, que afirma expressamente que os judeus são os instigadores da crucificação de Jesus, foi suprimida. O Catecismo da Igreja Católica (nº 597) nega explicitamente que os judeus sejam responsáveis pelo deicídio: "Não se pode atribuir a responsabilidade global aos judeus de Jerusalém".

Vamos agora provar que os autores deste catecismo são hereges. Estes autores são hereges porque contestam a Sagrada Escritura. São hereges porque eles próprios indicam várias referências bíblicas, mas ensinam exatamente o oposto do que é claramente afirmado nesses textos bíblicos!

"Considerando a complexidade histórica do processo de Jesus manifestada nos relatos evangélicos, e seja qual for o pecado pessoal dos atores do processo (Judas, o Sinédrio, Pilatos), que só Deus

conhece, não se pode atribuir a responsabilidade ao conjunto dos judeus de Jerusalém, apesar dos gritos de uma multidão manipulada e das críticas globais contidas nos apelos à conversão após o Pentecostes" (Catecismo da Igreja Católica, nº 597).

Esta frase do catecismo inclui, em nota de rodapé, 9 referências escriturísticas (Marcos 15:11; Atos dos Apóstolos 2:23, 36; 3:13-14; 5:30; 7:52; 10:39; 13:27-28; 1 Tessalonicenses 2:14-15). Os autores, apesar de se referirem a esses textos, contradizem-nos formalmente, negando a responsabilidade dos judeus "apesar" dos gritos da multidão judaica e "apesar" das críticas globais que os apóstolos dirigiram ao povo deicida após o Pentecostes. Os autores do catecismo reconhecem que sua teoria contradiz a Sagrada Escritura, já que eles próprios usam a palavra "apesar". O termo "apesar" e as 9 referências bíblicas provam que eles sabem que sua tese é contrária à Revelação. SUA HERESIA FORMAL é assim evidente. Pois se uma verdade é revelada, "manter uma opinião falsa sobre esses assuntos é, *por si só*, incorrer em heresia, especialmente se for feito com obstinação" (São Tomás de Aquino: Summa Theologiae, I, q. 32, a. 4). A obstinação dos autores do Catecismo da Igreja Católica é particularmente grave, pois eles se opõem ao discurso de São Pedro *no dia de Pentecostes*, e portanto, ao próprio Espírito Santo! O Espírito Santo disse pela boca de São Pedro: "Homens de Israel [...] vós o crucificastes".

Além disso, a Igreja definiu que os judeus são deicidas (matinas da Sexta-feira Santa, sexta lição). Os redatores do Catecismo da Igreja Católica (C.E.C.), de certa idade, celebraram por décadas na liturgia antiga; portanto, eles conhecem a sexta lição da Sexta-feira Santa, mas a contradizem obstinadamente. "Uma vez que a Igreja definiu que esta posição leva a uma consequência contrária à fé, o erro nesta matéria não está mais isento de heresia. [...] Aquele que, nesta questão, mantiver uma opinião falsa, percebendo que ela leva a uma consequência contrária à fé, cairá no pecado da heresia" (São Tomás de Aquino: Summa Theologiae, I, q. 32, a. 4).

Os redatores do C.E.C., assim como Wojtyla que o aprovou, são, portanto, hereges. Vamos agora provar que Wojtyla aprovou este catecismo pseudo-católico não apenas como "simples particular", mas como "doutor falando ex cathedra".

Wojtyla (constituição apostólica Fidei depositum, 11 de outubro de 1992) impôs ex cathedra à Igreja universal o Catecismo da Igreja Católica. "O Catecismo da Igreja Católica, que eu aprovo no último dia 25 de junho e hoje ordeno a publicação em virtude da autoridade apostólica, é uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, confirmada ou iluminada pelas Sagradas Escrituras, pela Tradição apostólica e pelo magistério eclesiástico. Eu o reconheço como [...] uma norma segura para o ensino da fé. [...] A aprovação e a publicação do C.E.C. constituem um serviço que o sucessor de Pedro quer prestar à Santa Igreja Católica [...]: o de sustentar e confirmar a fé de todos os discípulos do Senhor Jesus (cf. Lucas 22). [...] Portanto, peço aos pastores da Igreja e aos fiéis que recebam este catecismo [...], que lhes é dado para servir como um texto de referência seguro e autêntico para o ensino da doutrina católica". Os termos utilizados implicam a infalibilidade: como "sucessor de Pedro", em virtude de sua "autoridade apostólica", Wojtyla "pede" a "todos" os fiéis que recebam este catecismo como uma "norma segura" da fé católica.

Wojtyla aprovou ex cathedra um catecismo herético. Portanto, como poderia ele ser o Vigário de Cristo?

Wojtyla nega vários artigos do Credo. Abaixo estão alguns exemplos de textos heréticos. Esta é uma lista não exaustiva de erros na fé cometidos por Wojtyla. Eles serão apresentados metodicamente, seguindo a ordem adotada pelo Credo de Niceia-Constantinopla.

---

[1] A diferença entre "herege formal" e "herege material" é explicada no Apêndice C.

C. "Eu creio em Deus, Pai Todo-Poderoso" [ERROS SOBRE O PODER POLÍTICO]

É bem conhecido que "toda autoridade vem de Deus" (São Paulo) e que, por reconhecimento e dever, os líderes governamentais devem exercer sua autoridade de acordo com a vontade de Deus, fazendo cumprir a moral cristã e proibindo as falsas religiões.

Wojtyla ensina três erros sobre o poder político:

1. Ele deturpa a noção de "bem comum";
2. Ele contesta São Paulo sobre a obediência devida ao governo;
3. Ele promove a liberdade religiosa, que é uma heresia.

1. O QUE É O "BEM COMUM"? O "bem comum" significa que a sociedade está orientada para promover o bem-estar material, é claro. Mas o "bem comum" requer, em primeiro lugar e acima de tudo, que as condições sejam ótimas para ajudar os cidadãos a alcançar sua salvação eterna. "O governo deve, de fato, esforçar-se para promover a salvação daqueles a quem ele governa" (Santo Tomás de Aquino: *De regimine principum ad regem Cypri*, cap. 2). Em outras palavras, o Estado deve ser cristão.

O objetivo do poder político é o seguinte: o governo deve permitir que os cidadãos vivam de acordo com as leis de Deus. "A absurdez da opinião de que é necessário separar as coisas do Estado e as da Igreja se entende sem dificuldade. A própria natureza clama por isso, é necessário que a sociedade dê aos cidadãos os meios e facilidades para passar suas vidas com honestidade, isto é, de acordo com as leis de Deus" (Leão XIII: encíclica *Libertas*, 20 de junho de 1888). Hino a Cristo Rei: "Que os chefes das nações o honrem com um culto público, que os magistrados e juízes o venerem, que as leis e as artes expressem sua realeza" (Hino das segundas vésperas da festa de Cristo Rei).

Este hino foi suprimido sob Montini. A separação entre a Igreja e o Estado ocorreu por iniciativa de Montini (Colômbia 1973, Portugal 1975, Espanha 1976) e de Wojtyla (Peru 1980, Itália 1984). É importante notar a diferença em relação às separações anteriores: por exemplo, na França, quando o governo maçônico da Terceira República impôs unilateralmente a separação entre a Igreja e o Estado, o Papa São Pio X protestou solenemente e a declarou nula perpetuamente. No entanto, as separações das décadas de 1970 e 1980 ocorreram por iniciativa da hierarquia

vaticana, que teve que superar as resistências dos governos! Em uma conferência realizada em Barcelona em 29 de dezembro de 1975, Monsenhor Lefebvre revelou que havia aprendido, do próprio secretário da Conferência Episcopal Colombiana, que o Vaticano havia pressionado a presidência da república durante dois anos para obter a separação entre Igreja e Estado na Colômbia!

A noção de "bem comum" foi redefinida pela seita conciliar: "Em nome do bem comum, as autoridades públicas são obrigadas a respeitar os direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana. [...] O bem comum reside no exercício das liberdades naturais [...] incluindo o direito à liberdade justa, inclusive em assuntos religiosos" (*Catecismo da Igreja Católica*, nº 1907). Este catecismo enumera ainda como componentes do bem comum: alimentação, vestuário, saúde, trabalho, paz - mas não faz NENHUMA menção às leis cristãs, cuja observância conduz à felicidade eterna!

Se o Estado coloca todas as religiões em pé de igualdade, é "a apostasia legal" da sociedade! Este é o veredicto do Papa Leão XIII, que ensina: um Estado que adota a liberdade religiosa adota "uma posição condenada não apenas pela fé, mas pela razão e pelo sentimento comum dos antigos pagãos eles mesmos": é "a APOSTASIA legal" da sociedade (Leão XIII: carta *Egiunto*, 19 de julho de 1889).

---

2. A OBEDIÊNCIA DEVIDA AO GOVERNO: A revolta contra o poder é permitida? Não, absolutamente. É proibido rebelar-se contra os chefes, pois todo poder vem de Deus, e não do povo. "Temei a Deus, honrai o rei!" (1 Pedro 2, 17). "Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que existem foram instituídas por Deus. Portanto, aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenança de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação" (Romanos 13, 1-2).

Um cristão pode "resistir à opressão" de um governo verdadeiramente tirânico? "Se, no entanto, os príncipes ultrapassarem temerariamente no exercício de seu poder, a doutrina católica não permite se insurgir contra eles por si mesmos, para que a tranquilidade da ordem não seja cada vez mais perturbada e a sociedade não sofra maior dano. E quando o excesso chega ao ponto em que não parece haver mais esperança de salvação, a paciência cristã ensina a procurar o remédio no mérito e nas orações fervorosas a Deus" (Leão XIII: encíclica *Quod apostolici*, 28 de dezembro de 1878).

As palavras do grande Papa Leão XIII se confirmaram pelos eventos. Pois a oração é um meio mais eficaz do que a revolta: as revoltas húngara, tcheca, polonesa e da Alemanha Oriental foram esmagadas pelos tanques soviéticos, enquanto os austríacos, através da recitação do terço, conseguiram fazer as tropas soviéticas de ocupação se retirarem. Da mesma forma, no Brasil, um ditador comunista fugiu após a população recitar o terço.

Primeira heresia de Wojtyla: o poder não vem de Deus, mas do povo (muitos discursos de Wojtyla em favor da democracia moderna surgida em 1789).

Segunda heresia de Wojtyla: a revolta armada contra o governo é autorizada. "A resistência à opressão do poder político não recorrerá legitimamente às armas, exceto se estiverem reunidas as

seguintes condições: 1. em caso de violações certas, graves e prolongadas dos direitos fundamentais; 2. depois de terem sido esgotados todos os outros recursos; 3. sem provocar desordens piores; 4. houver uma esperança fundamentada de sucesso; 5. se for impossível prever razoavelmente soluções melhores" (Catecismo da Igreja Católica, nº 2243). Nota bene: Wojtyla autoriza a revolta não quando a religião cristã é atacada, mas quando os princípios ímpios de 1789 não são aplicados!

---

3. A LIBERDADE RELIGIOSA, MARCO PARA O ESTABELECIMENTO DA RELIGIÃO UNIVERSAL: A liberdade religiosa corresponde ao *solve* (= dissolver, destruir o antigo) dos maçons. A construção de uma federação universal de todas as religiões corresponde ao *coagula* (= coagular, construir sobre novas bases) maçônico. Montini iniciou a primeira fase; Wojtyla inaugura a segunda: *solve et coagula!*

Wojtyla incessantemente propaga a liberdade religiosa *usque ad nauseam*. E ele vai ainda mais longe, pois considera que as preces dos adeptos de outras religiões, dirigidas aos seus ídolos ou manitus, são mais eficazes do que uma *Ave Maria*. Durante o encontro de Assis (26 de outubro de 1986), de fato, nenhuma *Ave Maria* foi recitada. Em contrapartida, uma estátua de Buda foi colocada sobre o altar católico e incensada!

Durante a abertura da porta selada na cerimônia de inauguração da suposta "ano santo" (pseudo-jubileu do ano 2000), uma cerimônia surpreendente foi vista. Wojtyla estava vestido com um manto de todas as cores, predominando o azul, uma cor não litúrgica. Cantores protestantes, judeus e muçulmanos entoavam seus cânticos, enquanto mulheres asiáticas não cristãs adornavam a porta sagrada com flores e a esfregavam com aromas (quem sabe a qual rito pagão isso correspondia!). Incensos foram queimados enquanto um instrumento de cordas japonês tocava uma melodia oriental.

Em outubro de 1988, em Estrasburgo, Wojtyla disse, conversando com jovens: "Agora que estou prestes a me tornar o representante da religião universal..." Esta religião universal não terá dogmas, como profetizou Victor Hugo: "O século XX será o da extinção dos dogmas". O único dogma que restará será o culto ao homem. O dogma do Homem-Deus (= NSJC) será agora aplicado a cada homem, que se tornará assim, ele próprio e acima de tudo, "homem-deus". Cada religião, "unida na diversidade" com as outras religiões, contribuirá com sua liturgia e cerimônias peculiares para um toque folclórico na religião universal. O futuro não é difícil de prever: será a federação de todas as religiões do globo, sob a orientação benevolente do Anticristo.

D. Eu creio em Deus, "Criador de todas as coisas" [EVOLUCIONISMO]

Deus criou os animais "segundo a sua espécie" (Gênesis 1,24). Portanto, a evolução das espécies é contrária à Revelação (além disso, é cientificamente falsa).

Deus criou não um meio macaco, nem um pitecantropo, mas um homo sapiens: "Homem e mulher Ele os criou" (Gênesis 1,27). A teoria de que o homem descende do macaco é insustentável: até hoje, nenhum arqueólogo encontrou o famoso "elo perdido" entre o macaco e o homem. O Dr. Dubois, em seu leito de morte, confessou que o pitecantropo (que ele supostamente descobriu em 1891) era na verdade um falso criado a partir do crânio de um macaco, para criar a ilusão de um elo perdido. O "homem de Piltdown" é obra de um falsificador, como reconhecido pelo Museu Britânico. O "homem de Pequim" é uma impostura do pseudo-arqueólogo e pseudo-teólogo Teilhard de Chardin (mentor de Montini). Haeckel, para justificar sua teoria da "recapitulação" (o embrião humano passaria por todos os estágios animais conforme cresce no ventre materno), fez desenhos fantasiosos. O pseudo-paleontólogo indiano Gupta foi pego em flagrante: os fósseis que supostamente descobriu na Índia na verdade comprou na Europa! Quando os pseudo-geólogos datam minerais, automaticamente eliminam resultados que não se encaixam em sua teoria preconcebida; as datas que aproximadamente coincidem com o evolucionismo são anotadas em seus relatórios; aquelas que se encaixam são destacadas no corpo do texto. E assim por diante. Qual é o objetivo deles? "Liberar a ciência de Moisés" (free science from Moses), como declarado abertamente por um evolucionista, ou seja, minar a credibilidade do Gênesis, escrito por Moisés sob a inspiração de Deus. A Bíblia, no entanto, não contém erros históricos ou científicos, conforme declarado pelo Papa Leão XIII (encíclica Providentissimus Deus, 18 de novembro de 1893).

O evolucionismo não é apenas uma heresia, mas também uma ineptidão e até mesmo uma fraude do ponto de vista científico. No entanto, é exaltado no Catecismo da Igreja Católica, no número 283: "A questão das origens do mundo e do homem tem sido objeto de numerosas pesquisas científicas que enriqueceram grandemente nosso conhecimento sobre a idade e as dimensões do cosmos, o desenvolvimento das formas vivas, o surgimento do homem. Essas descobertas nos convidam a admirar ainda mais a grandeza do Criador, a Lhe render graças por todas as suas obras e pela inteligência e sabedoria que Ele concede aos cientistas e pesquisadores. Com Salomão, estes podem dizer: 'Foi Ele quem me deu o conhecimento verdadeiro [...]' (Sabedoria 7, 17-21)".

Vamos reconsiderar as (supostas) contribuições desses mesmos cientistas, enaltecidas pelos redatores do Catecismo:

- "a idade do cosmos": 6.000 anos segundo a cronologia bíblica, doutrina arruinada pelas especulações dos cientistas que falam de bilhões de anos sem qualquer prova;
- "as dimensões do cosmos": Deus criou o mundo do nada e o ordenou em seis dias, doutrina arruinada pela teoria do Big Bang;
- "o desenvolvimento das formas vivas": segundo a Bíblia, Deus criou os animais cada um segundo sua espécie, doutrina arruinada pelo evolucionismo darwinista;
- "o surgimento do homem": Adão e Eva foram criados por Deus, doutrina arruinada pela invenção da fábula do macaco, nosso ancestral.

E todos esses agnósticos ou ateus fraudulentos recebem o selo da suprema qualidade: Deus lhes teria "dado o conhecimento verdadeiro"! É o cúmulo!

Na manhã do lançamento deste famoso catecismo anti-católico (1992), um de seus redatores, Honoré (pseudo-arcebispo de Tours), fez uma declaração no rádio "France Inter". Uma jornalista lhe fez a seguinte pergunta: "Se entendi corretamente, a Igreja adotou a teoria da evolução?". E Honoré exclamou: "Mas é claro!"

Quatro anos após o lançamento do Catecismo da Igreja Católica, Wojtyla fez a apologia do evolucionismo. A teoria da evolução, disse ele, é "mais do que uma hipótese". A "convergência" dos trabalhos científicos "constitui por si só um argumento significativo a favor desta teoria" (mensagem à Academia Pontifícia de Ciências, 22 de outubro de 1996). Essa mudança de posição da Igreja, esse abandono do criacionismo, causou grande alvoroço na imprensa da época. Uma vitória total para os ateus! Um golpe de mestre ainda mais pernicioso porque, precisamente nesse momento, cientistas criacionistas haviam começado a minar seriamente o edifício oficial dos evolucionistas. Não havia de fato uma "convergência" das teorias evolucionistas, mas sim uma "convergência" das evidências criacionistas. Que sorte Wojtyla ter vindo em socorro dos evolucionistas, cujas especulações haviam se tornado indefensáveis do ponto de vista estritamente científico!

E. Eu creio "em um só Senhor, Jesus Cristo" [O CRISTO-REI DESTRONADO PELO HOMEM-REI]

Jesus disse a Pilatos: "Eu sou rei". O Papa São Gregório Magno ensina: "Os magos reconhecem em Jesus a tripla qualidade de Deus, homem e rei. Eles oferecem ao rei o ouro, ao Deus o incenso, ao homem a mirra. Porém, há alguns hereges que creem que Jesus é Deus, creem também que Jesus é homem, mas absolutamente se recusam a crer que seu reinado se estenda por toda parte".

"*Sunt vero nonnulli haeretici*" - Wojtyla certamente faz parte desses "poucos hereges" denunciados por São Gregório. Pois ele destronou o Cristo-Rei em favor do homem-rei. Cristo não seria rei: "Não é a soberania sobre o homem, é a soberania para o homem" (Wojtyla: mensagem de Natal de 1980). Em sua homilia do Domingo de Ramos do mesmo ano, ele já havia proferido este blasfêmia: "Jesus de Nazaré aceita nossa liturgia como aceitou espontaneamente o comportamento da multidão de Jerusalém, porque ele quer que desta maneira se manifeste a verdade messiânica sobre o reino, que não significa domínio sobre os povos, mas que revela a realeza do homem".

"Diz-se, e é a pedra angular maçônica, que o grande segredo de alguma forma é a eminente realeza do homem. É a afirmação da primazia do homem diante da Revelação [...]. O homem, diz a maçonaria, é um Deus possível. Organizemo-lo socialmente, internacionalmente, universalmente, e ele poderá brincar com o Deus da lenda e do pesadelo que o persegue. É a libertação do homem em relação ao divino. [...]. Pretender possuir a verdade, formulá-la em dogmas imperativos, impondo-a à fé, corresponde a um regime que já passou da hora" (in: Léon de Poncins: *A Maçonaria Segundo Seus Documentos Secretos*, quarta edição, Chiré-en-Montreuil, 1972, p. 14).

Pilatos disse, mostrando Jesus à multidão: "Eis o homem". Wojtyla aplica isso de forma blasfema a qualquer homem na rua: "Quero dizer em voz alta aqui, em Paris, na sede da UNESCO, com respeito e admiração: 'Eis o homem'. A educação consiste em fazer o homem tornar-se cada vez mais homem" (*Documentation catholique*, 15 de junho de 1980).

Que o homem se torne cada vez mais *cristão* e *virtuoso* é o objetivo da educação católica. Que ele se torne cada vez mais *homem* é um objetivo digno dos maçons anticlericais!

F. Eu creio no "Filho único de Deus" [JESUS NÃO É O MESSIAS]

Em 24 de junho de 1985, a Comissão Pontifícia para as Relações com o Judaísmo publicou Notas para uma apresentação correta dos judeus e do judaísmo na pregação e na catequese da Igreja Católica (in: Documentação Católica de 21 de julho de 1985, p. 733 - 738). Ela observou que "o povo de Deus" (judeus + cristãos!) estava dividido sobre o messias: para alguns, era necessário aguardar o "retorno" do messias que já veio uma vez (ponto de vista cristão); para outros, era necessário aguardar a "vinda" do messias que ainda não veio de forma alguma (ponto de vista judaico). Entre essas duas opções, a comissão escolheu a dos judeus! Portanto, a comissão considera que Jesus não é o messias. Isso parece incrível, mas está escrito em todas as letras. "O povo de Deus da Antiga e da Nova Aliança tende para objetivos análogos: a vinda ou o retorno do Messias - mesmo que seja a partir de dois pontos de vista diferentes. [...]. Judeus e cristãos [... devem] preparar o mundo para a vinda do messias trabalhando juntos". E essas Notas... foram calorosamente aprovadas por Wojtyla em 28 de outubro de 1985!

G. Eu creio que o Filho é "consubstancial ao Pai" ["DA MESMA NATUREZA" SEGUNDO ÁRIO E A IGREJA CONCILIAR]

Segundo o credo do Concílio de Niceia (325), o Filho é "consubstancial" (da mesma substância) que o Pai. Os arianos negaram esse dogma e tentaram substituí-lo por "da mesma natureza" que o Pai. Em 359, o Papa São Libério excomungou todos aqueles que recusaram o termo "consubstancial": "Os termos 'hipóstase' e 'consubstancial' são como uma fortaleza inexpugnável, que sempre desafiará os esforços dos arianos" (in: Constant, t. J, p. 401 - 403).

Acreditava-se que o arianismo estava morto e enterrado. Mas não! Ário está de volta! Os missais em língua francesa da nova missa "traduzem" o termo "consubstancialem" por... "da mesma natureza"! E há muitas outras "traduções" questionáveis. "É importante também notar que os erros de tradução do latim da nova missa são *os mesmos em todas as línguas vernáculas,* exceto o polonês. [...]. Não há dúvida de que os erros de tradução tiveram a clara aprovação de Paulo VI. O arcebispo Hannibal Bugnini nos informa em suas memórias que Paulo VI reservou para si a aprovação das traduções" (Rama P. Coomaraswamy: *Os problemas da nova missa,* Lausanne 1995, p. 115). As reclamações feitas contra esses erros de tradução sempre foram deliberadamente ignoradas por Montini e Wojtyla.

H. Eu creio que "Ele se encarnou da Virgem Maria" [ATAQUE CONTRA O DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO]

Segundo a doutrina católica, é a bem-aventurada Virgem Maria quem esmaga a cabeça da serpente. "Ela te comanda, a altíssima Mãe de Deus, a Virgem Maria, que, desde o primeiro instante de sua Imaculada Concepção, esmagou, pela sua humildade, a tua cabeça cheia de orgulho" (Leão XIII: _Exorcismo contra Satanás e os anjos apóstatas).

Wojtyla ensina uma heresia: "Já tivemos a oportunidade de lembrar anteriormente que esta versão 'Ela te esmagará a cabeça' não corresponde ao texto hebraico, no qual não é a mulher, mas sim sua descendência, seu descendente, que deve esmagar a cabeça da serpente. Este texto atribui, portanto, não a Maria, mas a seu Filho, a vitória sobre Satanás" (Wojtyla, in: *Osservatore Romano,* 30 de maio de 1996).

O Concílio de Trento decretou que a tradução latina feita por São Jerônimo (chamada "Vulgata") é a versão "autêntica", oficial da Bíblia. De acordo com a Vulgata e também segundo os exegetas católicos, é realmente a mulher que esmaga a cabeça da serpente. Assim entendeu a Tradição católica, e assim foi DEFINIDO EX CATHEDRA pelo Papa Pio IX, ao proclamar O DOGMA DA IMACULADA CONCEIÇÃO!!! "Deus predisse e anunciou que colocaria inimizade entre ti e a mulher", e, sem dúvida alguma, ela esmagou a cabeça venenosa dessa mesma serpente; e por esta razão, eles [os Padres da Igreja] afirmaram que a mesma Virgem bem-aventurada foi, pela graça, isenta de toda mancha de pecado [...] A Virgem bem-aventurada, toda bela e toda imaculada, esmagou a cabeça da cruel serpente e trouxe salvação ao mundo" (Pio IX: constituição *Ineffabilis Deus,* 8 de dezembro de 1854).

E Pio IX acrescentou o seguinte: "Se alguém tiver a presunção [...] de pensar contra a nossa definição [da Imaculada Conceição], que aprenda e saiba que, CONDENADO PELO SEU PRÓPRIO JULGAMENTO, ele sofreria naufrágio na fé e CESARIA DE ESTAR NA UNIDADE DA IGREJA; e que, além disso, ele incorreria, POR ISSO MESMO, nas penas do direito, se ousasse expressar em voz alta ou por escrito ou de qualquer outra maneira externa que fosse o que ele pensa".

I. Eu creio que "Ele desceu aos infernos" [HERESIA DE ABELARDO E DE CALVINO]

Segundo a doutrina cristã bimilenar, Jesus morreu, desceu aos infernos (= aos limbos, mas não ao inferno), ressuscitou e depois subiu ao céu.

Segundo o herege Abelardo, combatido por São Bernardo, Nosso Senhor desceu aos infernos não com sua alma, mas "apenas em poder". Wojtyla retomou a heresia abelardiana em seu discurso na audiência geral de 11 de janeiro de 1989.

O herege genebrino Calvino também afirmava que a descida aos infernos seria uma descida imaginária (Calvino: *Instituição da Religião Cristã,* 1536, livro II, cap. XVI, § 10-12).

J. Eu creio que "Ele subiu aos céus" [FICÇÃO METAFÓRICA]

Segundo Wojtyla, a ascensão de Jesus é uma "representação metafórica". Isso significa que a ascensão é apenas uma imagem, uma ficção poética. De acordo com Wojtyla, o relato da ascensão é "uma frase 'condensada' em poucos dias pelos textos que tentam apresentá-la de forma acessível para aqueles acostumados a raciocinar e falar por meio de metáforas temporais e espaciais".

K. Eu acredito que Ele 'voltará para julgar os vivos e os mortos' [HERESIA DE ZANINUS DE SOLCIA AMPLIFICADA POR WOJTYLA]

Proposição condenada: 'Todos os cristãos serão salvos' (Erro de Zaninus de Solcia condenado pelo papa Pio II: carta *Cum sicut,* 14 de novembro de 1459).

A Igreja conciliar vai além de Zaninus de Solcia: não apenas todos os cristãos, mas até mesmo todos os homens sem exceção são salvos. 'Pela sua encarnação, o Filho de Deus de certo modo se uniu a todo homem' (declaração conciliar *Gaudium et Spes,* § 22, citada no *Catecismo da Igreja Católica,* nº 521). Jesus Cristo 'se uniu para sempre a cada um' (Wojtyla, 22 de dezembro de 1979). Portanto, ou Jesus queima em união com os condenados, ou todos os homens são salvos. Qualquer que seja a opção escolhida, é herética."

L. Eu creio no Espírito Santo" [TRÊS PECADOS WOJTYLIANOS CONTRA O ESPÍRITO SANTO]

O herege Wojtyla:

1. Abandona o *Filioque,*
2. Atribui ao Espírito Santo a obstinação no paganismo e
3. Arruína a teologia dos sacramentos.

1. ABANDONO DO FILIOQUE: Primeiramente, o dogma católico. O Espírito Santo procede do Pai *e do Filho* (em latim: *Filioque).* Os gregos cismáticos (inadequadamente chamados de "ortodoxos") negam este dogma. Fotius negou-o, assim como o bispo de Constantinopla, Miguel Cerulário, que desencadeou o cisma oriental em 1054. Os gregos retornaram à doutrina correta durante o Segundo Concílio de Lyon, mas logo caíram novamente no erro. Eles reconheceram novamente o *Filioque* no Concílio Ecumênico de Florença, depois que um cardeal latino citou uma sentença de São Epifânio, um dos Padres da Igreja gregos muito venerado pelos orientais. No entanto, após o concílio, os gregos voltaram à sua heresia. Em 1453, oito anos após o Concílio de Florença, a cidade de Constantinopla foi capturada pelos turcos. Os gregos haviam blasfemado contra o Espírito Santo ~ sua capital foi invadida no dia de Pentecostes, que é a festa do Espírito Santo!

Que os gregos tenham sido punidos por Deus por terem negado o *Filioque* não se deve apenas a essa extraordinária coincidência de datas, mas também a uma revelação privada do bem-aventurado Constante de Fabriano (falecido em 1481). Ele fazia fervorosas orações para que os muçulmanos não invadissem Constantinopla. No entanto, Deus revelou-lhe que permitiria a invasão turca para punir os gregos cismáticos, culpados por terem negado o *Filioque.*

Laxismo wojtyliano: ao invés de distinguir entre os "católicos" que reconhecem o *Filioque* e os "hereges" gregos que negam este dogma, Wojtyla transforma os cismáticos (e hereges) gregos em "cristãos orientais". Segundo ele, existiria uma "tradição oriental" e uma "tradição ocidental", que seriam complementares. "Esta legítima complementaridade, se não for rigidificada, não afeta a identidade da fé na realidade do mesmo mistério confessado" (*Catecismo da Igreja Católica,* nº 248).

Esta maneira de apresentar a fé é errônea:

1. A verdadeira tradição oriental favorece o *Filioque* (São Gregório de Nissa, São Epifânio), enquanto os gregos cismáticos a traem. Os gregos até agem como falsificadores, pois suprimiram em escritos de São Gregório de Nissa e também nos atos do Sexto Concílio Ecumênico passagens onde o dogma do *Filioque* é ensinado!
2. Não há "complementaridade", mas **negação da fé solenemente definida** no Concílio de Florença **por gregos e latinos!**
3. Aquele que permanece firmemente ligado ao *Filioque* é hipocritamente acusado de "rigidez na complementaridade": não se poderia desacreditar melhor a sã intransigência sobre um artigo de fé católica e divina!
4. É **de fé** que a adição do "Filioque" no credo foi uma medida razoável e útil.

Wojtyla afirma até mesmo que a Igreja romana precisaria das luzes dos hereges gregos: "Por serem complementares, as duas tradições são, até certo ponto, *imperfeitas* se consideradas isoladamente. É no encontro delas que podem se complementar mutuamente e apresentar uma interpretação *menos inadequada* do 'mistério oculto desde séculos e gerações, mas agora manifestado aos santos'" (*Documentation catholique,* 16 de fevereiro de 1986, p. 183).

Os gregos negam um artigo de fé. Wojtyla alinha-se a eles. "Alguns católicos, incluindo o papa, admitem que se possa recitar o *credo* sem o *Filioque,* como foi feito em São Pedro de Roma" (Michel Endokimov, *La Croix,* 15 de fevereiro de 1986).

---

2. A OBSTINAÇÃO NO PAGANISMO, FRUTO DO ESPÍRITO SANTO: Wojtyla retoma algumas antigas heresias. Mas ele também sabe ser criativo. De fato, devemos a ele uma invenção original. A obstinação no paganismo seria... o fruto do Espírito Santo!

"O Espírito Santo está até misteriosamente presente nas religiões e culturas não-cristãs" (discurso de 26 de março de 1982). Isso é evidentemente falso, pois contrário às Sagradas Escrituras: "Todos os deuses das nações pagãs são demônios" (*Salmo* XCV, 5). Mais uma vez, chegamos à mesma conclusão: Wojtyla é um herege. Pois aquele que sustenta o contrário do que foi claramente revelado na Bíblia é, *ipso facto*, um herege (São Tomás: *Suma Teológica,* I, q. 32, a. 4).

Qualquer pessoa que estude as religiões não-cristãs rapidamente percebe que são um tecido de absurdos e até de torpezas. Bem, a partir de agora, a adesão a tais erros deve ser atribuída ao Espírito Santo. Citando Wojtyla: "A firmeza na crença daqueles que professam religiões não-cristãs vem do Espírito da Verdade" (encíclica *Redemptor hominis,* 4 de março de 1979).

Existem traduções de *Redemptor hominis* que são inexatas: a firmeza dos pagãos seria "às vezes um efeito do Espírito da Verdade". A divergência entre os tradutores exige um exame do texto latino oficial da encíclica. Aqui está ele: "Nonne interdum firma persuasio non christianas religiones profitentium, quae et ipsa procedit a Spiritu veritatis, extra fines aspectabiles Corporis mystici operante - forsitan confundat christianos...". Uma tradução correta seria formulada assim: "Não acontece por vezes que a firme convicção daqueles que professam religiões não-cristãs - que também procede do Espírito da Verdade, operando além dos limites visíveis do Corpo místico - não envergonhe os cristãos...?".

É verdade que a frase está na forma interrogativa, mas ela contém no meio uma afirmação. O "quae et ipsa" se refere à "firma persuasio". A proposição afirmativa inserida no meio da frase interrogativa é esta: "firma persuasio non christianas religiones profitentium procedit a Spiritu veritatis, extra fines aspectabiles Corporis mystici operante". Isso significa afirmar que a obstinação no paganismo anticrostão procede do Espírito Santo.

---

3. RUÍNA DA TEOLOGIA SOBRE OS SACRAMENTOS: Em outra encíclica (*Dominum et vivificantem,* 18 de maio de 1986), Wojtyla afirma a suposta habitação do Espírito Santo "no coração de cada homem". O Espírito Santo "é dado aos homens. E da abundância deste Dom não criado, cada homem recebe em seu coração o dom criado particular pelo qual os homens se tornam participantes da natureza divina. Assim, a vida humana é penetrada pela vida divina." Com esta encíclica, Wojtyla arruína a teologia católica sobre os sacramentos, fonte da graça. Se todos têm o Espírito Santo, para que servem então o batismo ou a confissão? Sempre este novo dogma do "homem-deus".

---

[1] Os verdadeiros registros do Sétimo Concílio, mantidos pelos Latinos, mencionam "Credimus et in Spiritum sanctum Dominum, et vivificatorem, ex Patre Filioque procedentem"; enquanto nos exemplares mantidos pelos Gregos, lê-se apenas "ex Patre procedentem". No Concílio de Florença (onde se reuniram Gregos e Latinos), o cardeal Julianus observou esta omissão. Julianus obteve suas informações de Emmanuel Caleca, um tipo de "transfuga" grego convertido à Igreja Latina e Romana em 1396 (informação encontrada em Baronius: *Annales Ecclesiastici,* anno 680). Os Gregos, para negar o *Filioque*, removeram a preposição "ex" de um texto de São Gregório de Nissa (informação encontrada em Guérin: *Les conciles généraux et particuliers,* Bar-le-duc 1872, t. II, p. 557).

[2] "Portanto, em nome da Santa Trindade, do Pai, do Filho e do Espírito Santo, com a aprovação deste santo concílio universal de Florença, NÓS DEFINIMOS ESTA VERDADE DE FÉ para que seja crida e recebida por todos os cristãos, e que todos a professam: que o Espírito Santo procede eternamente do Pai e do Filho (*ex Patre et Filio*), e que ele possui sua essência e seu ser subsistente tanto do Pai quanto do Filho ao mesmo tempo, e que procede eternamente de ambos como de um único princípio e de uma única espiração" (Concílio de Florença: bula *Laetentur caeli,* 6 de julho de 1439).

[3] "NÓS DEFINIMOS AINDA MAIS: a explicação contida nestas palavras: '*Filioque*' foi adicionada ao símbolo de maneira lícita e razoável para iluminar a verdade e por uma necessidade urgente naquela época" (Concílio de Florença: bula *Laetentur caeli,* 6 de julho de 1439).

M. Eu creio "na Igreja una, santa, católica e apostólica" [A RELIGIÃO À LA CARTE]

Wojtyla, com o objetivo de federar todas as religiões do globo, revaloriza as religiões não-católicas:

1. **LUTERANISMO**: Primeiramente, recordemos alguns dados históricos. Os luteranos são considerados hereges e foram alvo de vários anátemas pelo Concílio de Trento. Para justificar suas especulações, Lutero falsificou a Bíblia. Ele *acrescentou* uma palavra a uma frase de São Paulo ("a fé salva" tornou-se "a fé *somente* salva") e *suprimiu* a epístola de São Tiago por causa da frase "a fé sem obras é morta". Lutero fez *Comentários de Mesa (Tischgespräche)* desagradáveis sobre a sexualidade de Nosso Senhor; "casou-se" com uma freira, frequentemente se embriagava e acabou se enforcando após uma orgia. Ele admitiu em seus escritos que sua doutrina sobre a Missa era do diabo.

Lutero exclamava: "Quando a Missa for abolida, eu penso que teremos derrubado o papado! [...] Tudo desmoronará quando sua Missa sacrílega e abominável desabar". Alguns séculos depois, seu desejo foi realizado: *seis pastores protestantes* deram instruções à comissão litúrgica de Montini, que criou uma "nova Missa" luterano-conciliar.

Pequeno detalhe significativo: a Missa católica invoca a Deus nove vezes *(Kyrie eleison. Kyrie eleison. Kyrie eleison. Christe eleison,* etc.). Isso imita os nove coros dos anjos, como explica Dom Guéranger. O *Novus Ordo Missae* de Montini contém apenas três invocações *(Kyrie eleison. Christe eleison. Kyrie eleison)*. Isso imita a *Deutsche Messe* ("Missa alemã") codificada por Lutero, que reduziu para três o número de invocações.

"Venho a vocês, ao legado espiritual de Martinho Lutero, venho como peregrino" (encontro de Wojtyla com o Conselho da Igreja Evangélica, em 17 de novembro de 1980). "Este diálogo encontra seu sólido fundamento, segundo os textos evangélicos luteranos, naquilo que nos une mesmo após a separação: ou seja, a palavra das Escrituras, as confissões de fé, os concílios da Igreja antiga" (Mensagem de Wojtyla a Willebrands por ocasião do 500º aniversário do nascimento de Lutero; *Documentation catholique,* 4 de dezembro de 1983, p. 1071). Wojtyla, portanto, tem a mesma "confissão de fé" que os luteranos, que são considerados hereges.

A "Confissão de Augsburgo" *(Confessio Augustana)* é a profissão de fé fundamental da seita luterana. Foi redigida por Melanchton (amigo de Lutero) em latim e alemão, e apresentada ao

imperador Carlos V durante a Dieta de Augsburgo em 1530. Em 31 de outubro de 1999, aniversário da "Confissão de Augsburgo", luteranos e conciliares assinaram uma "Declaração Comum sobre a Justificação", além de um "Apêndice". Aqueles que assinam ou elogiam a declaração comum são anátemas pelo Concílio de Trento. No entanto, a sala de imprensa do Vaticano (www.vatican.va) anunciou: "LOUVOR DA DECLARAÇÃO COMUM SOBRE A JUSTIFICAÇÃO" e reproduziu um discurso que culminava com esta frase: "Um documento como este constitui uma base sólida para a continuidade da pesquisa teológica ecumênica" (Wojtyla: discurso durante o Angelus, 31 de outubro de 1999).

Um trecho do apêndice desta declaração comum passou praticamente despercebido. No entanto, é surpreendente ao extremo! Aqui está ele: "A Igreja Católica e a Federação Luterana Mundial iniciaram o diálogo e o continuaram como parceiros com direitos iguais *('par cum pari')* . Apesar das diferentes concepções de autoridade na Igreja, cada parceiro respeita o processo seguido pelo outro para tomar decisões doutrinárias" (Apêndice à declaração, nº 4, in: *Documentation catholique, 1999,* p. 722).

O dogma da infalibilidade é assim negado indiretamente: se "respeitar o processo seguido pelo outro para tomar decisões doutrinais" significa endossar a insurgência de Lutero contra Leão X, absolver a revolta dos protestantes contra a infalibilidade do papado e da Igreja Católica, definida solenemente no Vaticano I! E se considerarmos que a Igreja Católica e a seita luterana dialogam como "par cum pari", estamos destruindo completamente a constituição divina da Igreja, pois essa expressão latina deve ser traduzida como "de igual para igual". Mas, segundo o Papa Pio VII, "colocar a Igreja - a santa e imaculada esposa de Cristo, fora da qual não há salvação - em pé de igualdade com as seitas dos hereges" é uma "heresia desastrosa e eternamente deplorável" (Pio VII: carta apostólica *Post tam diuturnas*, 29 de abril de 1814)!

Poderíamos traduzir de outra forma a expressão "par cum pari". Mas o resultado seria igualmente prejudicial para a Igreja. Encontramos em Cícero (*Cato Major, de senectute,* 7) a seguinte frase: "pares cum paribus congregantur", que significa "os semelhantes se reúnem".

Conclusão: os protestantes são hereges. Os conciliares que se reúnem com eles provam por si mesmos que também são hereges. Como disse o grande filósofo grego Platão: "o semelhante se reúne ao semelhante".

---

2. ISLAM: "Ele é Deus único, Deus implorado. Ele não gerou nem foi gerado" (surata muçulmana, pronunciada em 26 de outubro de 1986 em Assis). "Aquele que crê na Trindade é impuro da mesma forma que o excremento e a urina" (artigo 2 da lei muçulmana).

Wojtyla estaria se convertendo ao islamismo? Um trecho de um de seus discursos sugere isso. "Os muçulmanos são nossos irmãos na fé em Deus único" (discurso aos muçulmanos, Paris, 31 de maio de 1980). Em maio de 1985, Wojtyla, ao se dirigir aos muçulmanos da Bélgica, mencionou "nossos respectivos livros sagrados"! Em 14 de maio de 1999, ele abraçou o Corão! Em 21 de março de 2000, ele rezou desta maneira: "Que São João Batista proteja o Islã" (*Osservatore Romano*, edição francesa de 28 de março de 2000)!

---

3. ANIMISMO: "Fugi da idolatria. O que os pagãos sacrificam é oferecido aos demônios, e não a Deus. E eu não quero que vocês tenham comunhão com os demônios. Vocês não podem beber da taça do Senhor e da taça dos demônios ao mesmo tempo. Não queremos provocar o ciúme do Senhor? Será que somos mais fortes do que ele?" (1 Coríntios 10:14-22).

IDOLATRIA WOJTYLIANA: Segundo o *Osservatore Romano* (edição italiana, agosto de 1985, em um artigo intitulado "Uma oração na floresta sagrada"), Wojtyla participou do culto a falsas divindades na "floresta sagrada" do lago Togo. Um feiticeiro evocou espíritos infernais: "Poder da água, eu te invoco; ancestrais, eu os invoco...". Em seguida, foi apresentado a Wojtyla um recipiente cheio de água e farinha; ele se curvou e espalhou a mistura em todas as direções. Este rito pagão significa que aquele que recebe a água, símbolo da prosperidade, a compartilha com os ancestrais ao espalhá-la sobre a terra. Wojtyla sabia perfeitamente que se tratava de um ritual religioso: "Particularmente característica foi a reunião de oração no santuário do lago Togo, onde rezei, pela primeira vez, com os animistas" (*La Croix*, 23 de agosto de 1985).

Nas Ilhas Fiji, ele consumiu o *kava* (uma bebida mágica preparada por feiticeiros, contendo uma droga).

---

4. BUDISMO E HINDUÍSMO: Na Índia, em 2 de fevereiro de 1986, uma sacerdotisa de Shiva marcou Wojtyla na testa com o sinal do *tilac* (fotografado em *La Croix*). Em 5 de fevereiro, em Madras (Sul da Índia), trouxeram-lhe uma cana-de-açúcar trançada em forma de *lingam* (falo), uma oferenda hindu ao deus carnal. Um homem aplicou-lhe *vibhuti* (cinzas "sagradas", feitas de esterco de vaca).

"A colaboração entre todas as religiões é necessária para a causa da humanidade [...] Hoje, como hindus, sikhs, budistas, jainistas, parsis e cristãos, estamos reunidos para proclamar a verdade sobre o homem [...] Discriminações baseadas em raça, cor, crença, sexo ou origem étnica são radicalmente incompatíveis com a dignidade humana" (Wojtyla, em: *La Croix*, 4 de fevereiro de 1986). O *Dictionnaire pratique Quillet* (1963) define o termo "discriminação" como "Faculdade de distinguir, discernir. A discriminação entre o bem e o mal". Wojtyla não distingue mais entre verdadeiro e falso; segundo ele, todas as religiões proclamam "a verdade sobre o homem". Mas então, se os hindus, etc., já proclamavam a verdade muito antes da Encarnação, para que serviu fundar o cristianismo?

Wojtyla, descalço em peregrinação ao túmulo de Gandhi, compartilha seu entusiasmo com a multidão: "Que estas palavras [as bem-aventuranças] e outras expressões dos livros sagrados das outras grandes tradições religiosas presentes no solo fértil da Índia sejam uma fonte de inspiração para todos os povos [...] Mahatma Gandhi nos ensinou que se todos os homens e mulheres, independentemente de suas diferenças, se apegarem à verdade, com respeito e dignidade únicos de todo ser humano, uma nova ordem mundial, uma civilização do amor, pode ser alcançada" (*Documentation catholique*, 1986, p. 284-285). Assim, os católicos deveriam agora meditar nos textos do paganismo da Índia ("livros sagrados!"), a fim de ter sucesso onde dois mil anos de cristianismo falharam. Gandhi era maçom. Além disso, ele foi iniciado na teosofia. Sua doutrina "não violenta" foi um fracasso, pois ele foi assassinado e a Índia descolonizada imediatamente mergulhou em guerra civil. Segundo Wojtyla, o ensinamento de Mahatma seria mais eficaz do que

o de Nosso Senhor Jesus Cristo, chamado de "Príncipe da Paz", e mais eficaz do que sua santa Mãe, invocada como "Rainha da Paz".

«Aquele que vos fala hoje está convencido de que o homem é o caminho que a Igreja Católica deve seguir para ser fiel a si mesma. [...] Não é isso que Mahatma Gandhi expressou: 'O que eu quero alcançar, pelo que tenho me esforçado [...] é a realização de mim mesmo: ver Deus face a face'» (*Documentation catholique*, 1986, p. 289). Segundo a filosofia panteísta da Índia, todo homem tem dentro de si uma parte de Deus. A "realização espiritual" consiste em despertar a consciência de que se é Deus. É por isso que Gandhi, ao se ver a si mesmo, pensa estar vendo a Deus, que não é senão Gandhi mesmo! O homem é Deus; é por isso que, para Wojtyla, o caminho da Igreja é o homem. Wojtyla está imerso na gnose panteísta.

"Permitam-me dirigir uma saudação especial aos membros da tradição budista enquanto se preparam para celebrar os festivais do nascimento de Buda. Que sua alegria seja completa e sua felicidade plena" (Seul, 6 de maio de 1984). Que espírito missionário!

---

5. JUDAÍSMO: Em 1935, um memorando secreto da B'nai B'rith (uma associação maçônica exclusiva para judeus) mencionava os progressos alcançados na questão da infiltração: "Empurramos alguns de nossos filhos para se integrarem no corpo católico com a missão explícita de trabalhar muito mais eficazmente na desintegração da Igreja Católica. [...] Nisso, seguimos o conselho de nosso príncipe dos judeus, que sabiamente disse: 'Façam alguns de nossos filhos cardeais e bispos para que eles destruam a Igreja'" (in: *La lettre de l'alliance Saint-Michel*, nº 73, Modane, fevereiro de 1996).

Em 1963, Maurice Pinay (pseudônimo do bem informado jesuíta Saenz y Arriaga) distribuiu seu *Complot contre l'Église* aos bispos reunidos no Vaticano, revelando os planos dos marranos: a revogação da excomunhão dos comunistas, a condenação do antissemitismo, a modernização da Igreja.

Pouco antes da morte de Roncalli, Pinay, na prefácio da edição austríaca, profetizou: "A insolência do comunismo, da maçonaria e do judaísmo chegou a tal ponto que eles já falam em colocar sob seu controle o próximo conclave, com o objetivo de colocar um de seus auxiliares no trono de São Pedro". Ele estava se referindo a Montini, cujos pais eram judeus.

Em 12 de março de 2000, Ratzinger, o suposto prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, inaugurou de maneira bastante estranha uma cerimônia de arrependimento: ele acendeu um candelabro de sete braços, que é, como todos sabem, o símbolo por excelência do judaísmo. Durante a cerimônia, o pseudo-pontífice Wojtyla fez um pedido de perdão sem precedentes: "Deus de nossos pais, tu escolheste Abraão e sua descendência para que o teu nome seja levado às nações: estamos profundamente entristecidos pelo comportamento daqueles que, ao longo da história, os fizeram sofrer, eles que são teus filhos e, ao pedir-te perdão, queremos nos comprometer a viver uma fraternidade autêntica com o povo da aliança".

Esta maneira de apresentar o povo judeu é judaica e não cristã: os judeus se consideram como "filhos da aliança" (a organização maçônica judaica se chama precisamente "B'nai B'rith", que significa "filhos da aliança"). Por outro lado, os cristãos ainda falam da "antiga aliança". Esse uso

remonta ao próprio Cristo: não foi Ele quem instituiu, na Quinta-Feira Santa, "uma aliança nova e eterna" com os cristãos? O fato de Wojtyla usar a expressão "povo da aliança" e não "povo da antiga aliança" provavelmente se explica por suas origens familiares. Na época de sua eleição, a *Tribune juive* revelou que sua mãe era judia.

Em abril de 1999, Ariel Sharon, líder do Likud (um partido político de direita em Israel), visitou Wojtyla e lhe presenteou um mapa-múndi do século XVII, *Nova totius terrarum orbis tabula*, onde a Judeia e Samaria são mencionadas em latim. Wojtyla olhou para o mapa e repetiu várias vezes: "Eu estou chegando na Terra Prometida". Sharon ficou surpreso que Wojtyla evocasse "a Terra Prometida dos judeus e não a Terra Santa dos cristãos". Então, diante dos olhares atônitos de seus interlocutores, Wojtyla, com os olhos semi-cerrados, recitou em hebraico o nome de cada um dos lugares santos listados em latim no mapa (*Paris-Match*, 6 de abril de 2000)!

Em 26 de março de 2000, Wojtyla foi ao Muro das Lamentações, o último vestígio do Templo de Salomão em Jerusalém e um lugar sagrado do judaísmo. Seguindo uma prática exclusivamente judaica, ele colocou um pequeno bilhete em uma rachadura no muro. Neste bilhete estava escrita sua solicitação de perdão aos judeus conforme citado acima.

O escritor israelense Yoram Kaniuk explicou esse gesto judaico de Wojtyla da seguinte maneira: "É absurdo esperar que o papa expresse um arrependimento maior ou se desculpe mais do que já fez pelo Holocausto e pela Inquisição, assim como pelos milênios de ódio. Ele não tem mandato de seus predecessores, que, por serem papas, não podiam errar. Ele tem, por outro lado, um mandato de amor recebido de seu Deus e que vem de sua mãe, tanto para se desvencilhar disso como cristão, quanto ao mesmo tempo para pedir piedade como órfão de uma judia" (Yoram Kaniuk: artigo no *La Repubblica* de 22 de março de 2000, citado pela revista *Sodalitium*, nº 50, junho/julho de 2000).

Um ashkenazi, Aaron Lustiger (pseudo-arcebispo de Paris), acrescentou uma observação interessante: "Ele orou, ele orou como um crente [judeu], que sabe que este muro de Herodes é o muro do Templo onde reside a glória de Deus" (*La Croix*, 6 de abril de 2000).

Entretanto, o Templo de Jerusalém não é mais de forma alguma um lugar "onde reside a glória de Deus", pelo contrário! Pois os anjos guardiães deixaram o Templo... no dia de Pentecostes! "O que poderia ser mais impressionante do que o terrível ruído que os sacerdotes ouviram dentro do santuário no dia de Pentecostes, e aquela voz clara que saiu do fundo deste lugar sagrado: 'Saímos daqui, saímos daqui'? Os santos anjos protetores do Templo declararam claramente que o abandonavam, porque Deus, que havia estabelecido ali sua morada durante tantos séculos, o tinha rejeitado" (Mgr. Jacques Bénigne Bossuet: *Discurso sobre a história universal*, 1681, parte II, capítulo 21, citando como referências o historiador judeu Flávio Josefo: *A Guerra dos Judeus*, livro VII, capítulo 13 (outras fontes livro VI, capítulo 5) e o historiador pagão romano Tácito: *Histórias*, livro V, capítulo 13).

Em 29 de agosto de 70, o Templo foi destruído pelo exército romano, como punição pelo deicídio, conforme profetizado pelo Filho de Deus (Mateus XXIV, 1-2; Lucas XIX, 41-44). Os habitantes de Jerusalém, por não terem reconhecido o Messias, foram reduzidos à escravidão pelos romanos. O povo judeu foi expulso da Palestina e disperso pelo mundo. Assim surgiu a "diáspora".

Algumas colunas do Templo de Jerusalém destruído foram transportadas para Roma e reutilizadas na construção da Basílica de São Pedro. Assim, de certa forma, o novo Templo, o novo "lugar sagrado" por excelência, agora está em Roma.

O profeta Daniel e o próprio Nosso Senhor predisseram "a abominação da desolação no lugar santo" (Mateus XXIV, 15)!

No contexto bíblico, "abominação" frequentemente é sinônimo de "ídolo", porque o culto falso aos ídolos é abominável. O "lugar santo", como mencionamos, agora está em Roma. E Roma não tem como ídolo Karol Wojtyla, líder de um culto falso?

São Vicente Ferrer (1350 - 1419) viveu durante o Grande Cisma do Ocidente, quando vários falsos papas estavam em atividade. Segundo São Vicente, "um falso papa é um ídolo", e obedecer a tal ídolo equivale a um ato de idolatria. "O papa legítimo é o pai universal dos cristãos, e a Igreja é a mãe. Portanto, ao prestar obediência a alguém que não é papa e ao atribuir-lhe as honras papais, violamos o primeiro mandamento da primeira tábua, que ordena: 'Não terás outros deuses diante de mim; não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima nos céus' (Deuteronômio V, 7-9). O que é um falso papa, senão um deus estrangeiro neste mundo, um ídolo, uma imagem ou representação fictícia de Cristo?" (São Vicente Ferrer: *Tratado sobre o Cisma Moderno*, parte 1, capítulo 3).

INQUÉRITO CANÔNICO: A VISIBILIDADE DA IGREJA

UM NÃO CATÓLICO PODE SER ELEITO PAPA?

A. Uma lei de direito divino
B. Um princípio constante da legislação eclesiástica bimilenar
C. A constituição apostólica Cum ex apostolicum (1959) do papa Paulo IV
D. Paulo IV emitiu um julgamento ex cathedra
E. O papa São Pio V ordena que as prescrições de Paulo IV sejam "observadas inviolavelmente"
F. O papa São Pio X inclui a bula de Paulo IV no direito canônico
G. O papa Pio XII confirma a inelegibilidade dos não-católicos ao soberano pontificado

A. Uma lei de direito divino

Quem é elegível para o conclave?

"São elegíveis todos aqueles que, de direito divino ou eclesiástico, não são excluídos. São excluídas as mulheres, as crianças, os dementes, os não batizados, os hereges e os cismáticos" (Raoul Naz: *Traité de droit canonique,* Paris 1954, t. 1, p. 375, reprisado pelo *Dictionnaire de théologie catholique,* artigo "élection").

"É uma opinião comum que a eleição de uma mulher, uma criança, um demente ou um não-membro da Igreja (não batizado, herege, apóstata, cismático) seria nula por lei divina." [1]

A opinião de que um homem herege ocupando a Sé de Pedro possa, no entanto, ser papa é praticamente rejeitada por unanimidade por todos os doutores e teólogos de todas as épocas. "Essa opinião é defendida por um único teólogo, entre os 136 antigos e modernos cujas posições pudemos verificar sobre este assunto. Estamos falando do canonista francês D. Bouix (falecido em 1870)" (Arnaldo Xavier da Silveira: *La nouvelle messe de Paul VI: Qu'en penser?,* p. 246).

Até os protestantes sabem que os conclaves são regidos pelo princípio da catolicidade dos candidatos à tiara. "É elegível qualquer cristão (mesmo um leigo) masculino, católico, que não tenha caído em heresia" (*Realencyclopädie für protestantische Theologie und Kirche,* terceira edição, Leipzig 1904, artigo "*Papstwahl*").

A cláusula de catolicidade que rege os conclaves é uma lei de direito divino. Nosso Senhor deu o exemplo: antes de colocar São Pedro à frente da Igreja, ele primeiro pediu que fizesse sua profissão de fé. Só depois de se certificar da ortodoxia do "papabile" é que Cristo o designa como pedra fundamental da Igreja. "«E vós», disse-lhes ele, «quem dizeis que eu sou?». Simão Pedro tomou a palavra: «Tu és o Cristo», disse ele, «o Filho do Deus vivo!». Então Jesus tomou a palavra e lhe disse: «És feliz, Simão, filho de Jonas, pois não foi a carne e o sangue que te revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus. E eu te declaro: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela»" (*Mateus* XVI, 15-18).

Que a cláusula de catolicidade dos candidatos à tiara seja uma lei de direito divino foi bem destacada pelo jesuíta espanhol Francisco Suarez (1548-1617). Suarez era célebre como filósofo, teólogo e jurista. Depois de mostrar, baseando-se em passagens das Escrituras, que a fé é o fundamento da Igreja, Suarez escreve: "Por isso, se a fé é o fundamento da Igreja, ela também é o fundamento do pontificado e da ordem hierárquica da Igreja. Isso é confirmado pelo fato de que essa é a razão dada para explicar por que Cristo pediu a São Pedro uma profissão de fé antes de lhe prometer o papado (*Mateus* XVI, 13-20)" (Francisco Suarez: *De fide,* disputatio X, seção VI, nº 2, in: *Opera omnia,* Paris 1858, t. XII, p. 316).

Entre os teólogos católicos, o mais célebre é sem dúvida o doutor angélico. Sua obra principal, a *Suma Teológica,* foi colocada no altar durante o Concílio de Trento. Ora, nesta *Suma,* encontramos duas passagens particularmente interessantes:

São Tomás ensina que a eleição de um candidato mau (e todo herege é mau!) é juridicamente contestável: "De acordo com o direito (*in Glos.* em *ch. Custos*) basta escolher o que é bom, mas não é necessário que se decida pelo melhor. [...] **Para que uma eleição não possa ser contestada** perante o tribunal eclesiástico, basta que o eleito seja um homem de bem, mas não é necessário que seja o melhor, porque nesse caso toda eleição poderia ser contestada" (*Suma Teológica,* II-II, q. 63, a. 2).

Em outro lugar, o doutor angélico ensina que nem os cismáticos, nem os hereges podem governar a Igreja: "São Cipriano (*Carta* 52) diz que aquele que não observa nem a unidade do espírito, nem a união da paz, e que se separa da Igreja e da assembleia dos sacerdotes, não pode ter nem o poder, nem a dignidade episcopal. Embora os cismáticos possam ter o poder de ordem, são, no entanto, privados do poder de jurisdição. [...] O poder de jurisdição [...] não se apega de maneira imutável àquele que o recebe. Portanto, ele não existe nos cismáticos e hereges; por conseguinte, eles não podem nem absolver, nem excomungar, nem conceder indulgências, nem fazer nada semelhante. Se fizerem essas coisas, elas são nulas. Assim, quando se diz que os cismáticos e os hereges não têm poder espiritual, deve-se entender por isso o poder de jurisdição" (*Suma Teológica* II-II, q. 39, a. 3).

Nossos ancestrais na fé às vezes contestaram a eleição de tal ou tal falso papa. A história eclesiástica é tão rica em ensinamentos!

Na época paleocristã, os Padres da Igreja são unânimes sobre a incompatibilidade radical entre a heresia e o soberano pontificado. Exemplo: o antipapa Novaciano, que era cismático e herege, foi declarado deposto do clero por São Cipriano. "Ele não pode ter o episcopado, e se foi inicialmente bispo, separou-se [por sua heresia] do corpo episcopal de seus confrades e da unidade da Igreja" (São Cipriano: livro IV, epístola 2).

Na Idade Média, o caminho seguido pelos católicos foi o seguinte: **não depor um papa, mas contestar a validade da eleição de um antipapa intruso**. O historiador alemão Zimmermann, após analisar uma a uma as deposições dos antipapas sucessivos, resume assim os princípios do procedimento: "Parecia perfeitamente legítimo afastar tal herege de sua posição usurpada e desconsiderar, neste caso, a máxima jurídica 'a primeira Sé não é julgada por ninguém'. **O que se tirava de tal papa, só se retirava aparentemente, pois ele nunca havia realmente possuído; é por isso que seu pontificado era ilegítimo desde o início** e ele mesmo só deveria ser considerado como um invasor do Santo Sé. Nas fontes sobre as deposições de papas, pode-se ler – ainda mais frequentemente do que a suspeita de simonia, e sem dúvida não por acaso – a acusação de usurpação, o que colocava em dúvida um pontificado em sua raiz, pois se expressava assim que o referido acusado nunca havia sido um ocupante legítimo da 'primeira Sé' ou nunca teria tido o direito de se considerar como tal. É por isso que a palavra 'invasio' volta regularmente nas fontes, como termo técnico para um pontificado que deve ser considerado como ilegítimo" (Harald Zimmermann: *Papstabsetzungen des Mittelalters,* Graz, Viena e Colônia 1968, p.

175).

A mesma observação é feita no *Dicionário de Teologia Católica* (artigo "deposição"): quando se privava os antipapas cismáticos de seu ofício, não se os depunha do pontificado, mas, importante nuance, se lhes tirava um pontificado que eles nunca haviam possuído desde o início. "Na verdade, os papas cismáticos foram simplesmente tratados como usurpadores e despojados de uma Sé que não possuíam legitimamente (cf. o decreto contra os simoníacos do concílio de Roma de 1059, Hardouin, t. VI, col. 1064; Graciano, dist. LXXIX, c. 9; Gregório XV: constituição *Aeterni Patris* (1621), sect. XIX, *Bullarium romanum,* t. III, p. 446). Os concílios que os atingiram apenas examinaram seus títulos à tiara. Não foram os papas que julgaram, mas a eleição e o ato dos eleitores."

---

[1] Arnaldo Xavier da Silveira: *La nouvelle messe de Paul VI: Qu'en penser?,* Chiré-en-Montreuil 1975, p. 298; o autor indica em nota suas referências: Ioannes-B. Ferreres: *Institutiones canonicae,* Barcelona 1917, t. I, p. 132; Matthaeus Conte a Coronata: *Institutiones iuris canonici,* Turim 1928, volume I, p. 360; Franciscus Schmalzgruber: *Ius ecclesiasticum universum,* Roma 1843, t. I, parte II, p. 376, nº 99; Caetano: *De auctoritate...,* cap. 26, nº 382, p. 167 - 168.

B. Um princípio constante da legislação apostólica bimilenar

Os não-católicos são "irregulares", o que os exclui não apenas do soberano pontificado, mas também do clero em geral. "As irregularidades são defeitos contrários às regras canônicas, pelos quais se é afastado das ordens ou de suas funções" (Louis Thomassin: *Ancienne et nouvelle discipline de l'Église,* Bar-le-Duc 1864 - 1867, l. VII, p. 564). Os defeitos se dividem em:

· irregularidades *ex defectu* (defeito corporal: epilepsia, debilidade mental, etc.) e em

· irregularidades *ex delicto* (delito: heresia, homicídio, aborto, bigamia, etc.).

O direito eclesiástico em vigor até São Pio X declarava apóstatas e hereges como irregulares (cânon *Qui in aliquo,* dist. 51 e cânon *Qui bis. de consecratione,* dist. 4). Essa disposição foi retomada por São Pio X em seu novo código de direito canônico: "São irregulares *ex delicto:* os hereges, os apóstatas da fé e os cismáticos" (*Codex iuris canonici,* 1917, cânon 985, nº 1).

Que os não-católicos sejam irregulares é um princípio constante da legislação eclesiástica bimilenar. Aquele que não é católico não pode se tornar nem sacerdote, nem bispo, nem papa. Esta regra é absoluta e não sofre nenhuma exceção. Citamos alguns documentos legislativos a esse respeito:

O primeiro documento provém de um papa que conheceu pessoalmente São Pedro. O papa São Clemente I (morto no ano 90) escreveu as regras da Igreja Católica em suas *Constituições Apostólicas*. Um capítulo, intitulado "Como devem ser aqueles que serão ordenados", enumera os critérios de recrutamento do clero. "Escolhei bispos, sacerdotes e diáconos dignos do Senhor, ou seja, homens piedosos, justos, mansos, não avarentos, amigos da verdade, comprovados, santos, que não fazem acepção de pessoas, que são competentes para ensinar a linguagem da piedade, E QUE SE MOSTREM DE UMA RETIDÃO PERFEITA ('que cortem corretamente') EM RELAÇÃO AOS DOGMAS DO SENHOR" (São Clemente I: *Constitutiones apostolicae*, livro VII, cap. 31).

Os *Statuta Ecclesiae Antiqua* (meados ou fim do século V) prescrevem um exame de fé antes da consagração episcopal. "Aquele que deve ser ordenado bispo será examinado previamente para saber [...] se ele afirma com palavras simples os ensinamentos da fé. [...] [segue uma enumeração dos numerosos pontos de doutrina sobre os quais o candidato deve ser interrogado]. Quando,

tendo sido examinado sobre todos esses pontos, ele for considerado plenamente instruído, então [...] que seja ordenado bispo".

São Ivo de Chartres (1040-1116, bispo de Chartres; a não confundir com o padroeiro dos juristas, São Ivo, 1253-1303) participou da elaboração do direito canônico. Devemos a ele uma vasta coleção de leis, intitulada *Decretos*. Ele cita uma lei do papa São Leão IV (século IX): "A eleição e a consagração do futuro pontífice romano devem ser feitas conforme a justiça E AS LEIS CANÔNICAS" (*Decreti*, quinta parte, cap. 14, dist. 63, cap. *Inter nos*). E a primeira e principal lei canônica é – evidentemente – que o candidato seja católico! Isso é o mínimo...

Esta lei também é citada por Graciano (*Decreto*, primeira parte, dist. 63, cap. 31). O monge italiano Graciano reuniu leis dispersas e as compilou em uma coleção jurídica conhecida como *Decreto* (1140). Assim, ele lançou os fundamentos da ciência do direito canônico. Sua coleção de leis tornou-se uma autoridade a partir do século XII; no século XVI, o papa Gregório XIII ordenou uma publicação oficial em nome da Igreja. "Graciano (*Dist.* LXXXI) recusa a entrada de hereges e apóstatas no clero. Portanto, eles ainda são considerados irregulares" (Thomassin, t. III, p. 591).

São Tomás de Aquino, que frequentemente cita as leis compiladas por Graciano, ensina: "Aqueles que são irregulares em virtude do direito da Igreja não estão autorizados a ascender às ordens sagradas" (*Suma Teológica*, II-II, q. 187, a. 1; cf. também II-II, q. 185, a. 2).

O célebre XIX Concílio Ecumênico, reunido em Trento de 1545 a 1563, prescreve um exame da ortodoxia dos candidatos ao sacerdócio nestes termos: "Quando o bispo desejar conferir as ordens, ele convocará à cidade, na quarta-feira anterior ou no dia que desejar, todos os que desejarem recebê-las; e assistido por homens versados nas Sagradas Escrituras e bem instruídos nas ordenanças eclesiásticas, ele os examinará cuidadosamente sobre sua família, pessoa, idade, educação, costumes, doutrina e fé" (Concílio de Trento: *Decreto de Reforma*, cap. 7, 23ª sessão, 15 de julho de 1563).

A disciplina bimilenar se reflete no pontifical romano. Segundo este venerável livro, em uso desde tempos imemoriais, é necessário examinar a retidão doutrinária dos candidatos ao episcopado antes de sua consagração. O examinador se dirige assim ao candidato: "A antiga instituição dos Padres ensina e prescreve que aquele que é escolhido para a ordem do episcopado seja previamente examinado com o maior zelo". Entre as questões sobre a fé e os costumes dirigidas ao candidato, está a seguinte: "Você quer acolher com veneração, ensinar e servir as tradições dos Padres ortodoxos, bem como as decretais e constituições da Santa Sé Apostólica?" (*Pontificale Romanum Summorum Pontificum Iussu Editum a Benedicto XIV et Leone XIII Pontificibus Maximis Recognitum et Castigatum*, Mechliniae [Malinas, Bélgica] 1958, cerimônia "*De consecratione electi in episcopum*", rubrica "*Examen*").

De acordo com a Tradição bimilenar, os não-católicos não são admitidos nem ao sacerdócio, nem ao governo da Igreja.

O não-católico, como já dissemos, não pode de forma alguma ser admitido ao clero. Ainda mais: a Igreja é extremamente severa, pois desconfia até mesmo dos hereges **convertidos**: “Aqueles que, abandonando a heresia ou o cisma, vêm para a Igreja Católica não são admitidos ao clero” (Santo

Agostinho: *De unico Baptismo*, cap. 12).

Desde o início do cristianismo até os dias de hoje, mesmo os hereges **convertidos ao catolicismo** (!) são considerados irregulares. Um dos primeiros concílios, o de Elvira, na Espanha (c. 300-303), declarou essa irregularidade de forma tão afirmativa e severa que é um sinal de que essa prática era muito antiga. “Se alguém, vindo de qualquer heresia, se juntar a nós como fiel (leigo), ele não deverá ser promovido ao clero de forma alguma. Quanto aos que foram ordenados anteriormente [quando ainda estavam na seita herética], eles devem certamente ser destituídos do clero” (Concílio de Elvira, cânon 51).

O papa São Inocêncio I (401 - 417) decreta: “A lei de nossa Igreja Católica é impor as mãos e conceder apenas a comunhão laica [não admitir nos cargos do clero] aos batizados que vêm a nós após terem deixado os hereges e não escolher ninguém entre eles para conferir as honras do clero”. E o papa esclarece que essa prática está conforme a Tradição, a saber, “as antigas regras, transmitidas (traditas) tanto pelos apóstolos quanto pelos homens apostólicos, que a Igreja Romana mantém e ordena que sejam mantidas” (São Inocêncio I: carta *Magna me gratulatio*, 18 de dezembro de 414, dirigida aos bispos da Macedônia).

Aquele que nasceu em uma seita herética, mas se converte mais tarde, não pode ser admitido ao clero. O católico que se torna herege, mas depois se retrata, também não pode se tornar sacerdote. “Quanto àquele que passa da fé católica para a heresia ou apostasia”, continua São Inocêncio I (*ibidem*), “mas que, [depois] se arrepende e quer voltar [à Igreja Católica], ele poderia ser autorizado a ser admitido nos cargos do clero? Aquele cujo crime não pode ser apagado, a menos que faça uma longa penitência? Após sua penitência, não lhe será permitido se tornar clérigo, em virtude das leis eclesiásticas (cânones) que são autoritárias”.

Se já os antigos hereges **convertidos ao catolicismo** são, por princípio, não admitidos ao sacerdócio, entender-se-á facilmente que os hereges **que persistem na sua heresia** não poderão, de forma alguma e sob nenhum pretexto, ser admitidos ao clero, e muito menos ao soberano pontificado!

C. A constituição apostólica Cum ex apostolicum (1559) do papa Paulo IV

Esse ensinamento tradicional foi codificado juridicamente no século XVI pelo papa Paulo IV. O papa Paulo IV redigiu um texto legislativo para evitar que um cardeal suspeito de heresia pudesse ser eleito papa. Ele confidenciou a um de seus próximos: "Para dizer a verdade, queríamos nos opor aos perigos que ameaçavam o último conclave e tomar em vida **precauções para que o diabo não coloque no futuro um dos seus no Trono de São Pedro**" (in: Louis Pastor: *Histoire des papes depuis la fin du Moyen Âge*, Paris 1932, vol. XIV, p. 234).

O que aconteceu "no último conclave"? O cardeal herético Morone, que fazia ecumenismo com os protestantes, quase foi eleito papa, mas foi afastado após a intervenção enérgica do prefeito do Santo Ofício da Inquisição, o cardeal Carafa (futuro Paulo IV). Carafa abriu secretamente processos contra alguns cardeais, incluindo Morone. Com a morte do papa Júlio III (1555), os cardeais Carafa, Pio de Carpi e Juan Alvarez trouxeram ao conclave um dossiê dos processos contra vários papáveis. As acusações graves e documentadas de heresia contra Morone, Pole e Bertano impediram sua eventual eleição (cf. Massimo FIRPO: *Inquisizione romana e Controriforma. Studi sul cardinal Giovanni Morone e il suo processo di eresia*, Bolonha 1992, p. 312).

Carafa foi eleito e tomou o nome de Paulo IV. Ele encarcerou Morone e redigiu a bula *Cum ex apostolatus* (15 de fevereiro de 1559), segundo a qual a eleição de um homem que, mesmo que apenas uma vez, tenha errado em matéria de fé antes da eleição, não poderia ser válida.

A constituição apostólica na forma de bula *Cum ex apostolatus* de 15 de fevereiro de 1559 do papa Paulo IV estipula, no § 6, que um homem que tenha se desviado da fé não pode de forma alguma se tornar pontífice, mesmo que todos os cardeais estejam de acordo, mesmo que os católicos de todo o mundo lhe prestem alegre obediência durante décadas. Todos os atos e decisões de tal pseudo-pontífice seriam juridicamente nulos e sem efeito, e isso *ipso facto*, sem que seja necessária outra declaração por parte da Igreja.

Aqui estão os principais trechos do texto de Paulo IV[^1]:

« A carga apostólica, confiada a nós por Deus apesar de nossa indignidade, nos impõe o cuidado geral do rebanho do Senhor. Para guardá-lo na fé e conduzi-lo no caminho da salvação, devemos, como pastores atentos, vigiar constantemente e cuidar diligentemente de afastar do aprisco do

Senhor aqueles que, em nossa época, entregues aos pecados, confiando em suas próprias luzes, se insurgem com uma rara perversidade contra a regra da verdadeira fé e, distorcendo a compreensão das Sagradas Escrituras, esforçam-se por dividir a unidade da Igreja Católica [...]. Se desdenham ser discípulos da verdade, não devem continuar a ensinar o erro.

§ 1. Diante da situação atual tão grave e perigosa, não se deve permitir que se acuse o pontífice romano de desviar na fé. Ele é na terra o Vigário de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo; ele possui a plenitude da autoridade sobre as nações e os reinos; ele é o juiz universal e não deve ser julgado por ninguém nesta vida. Além disso, quanto maior é o perigo, maior deve ser a vigilância completa e atenta, para que os falsos profetas, ou mesmo outros homens, revestidos de autoridade secular, não possam lamentavelmente capturar nas suas redes as almas simples e arrastar consigo para a perdição e a ruína da condenação os inúmeros povos confiados ao seu cuidado e direção, tanto espiritual como temporal; também para que nunca sejamos testemunhas da "abominação da desolação no lugar santo" anunciada pelo profeta Daniel, enquanto desejamos com todo o nosso poder, com a ajuda de Deus, segundo nosso encargo pastoral, capturar as raposas que se esforçam por devastar a vinha do Senhor e afastar os lobos dos apriscos, para não nos assemelharmos a cães mudos incapazes de latir, nem nos perdermos com maus agricultores, nem sermos comparados a mercenários.

§ 2. Após madura deliberação sobre este assunto com nossos veneráveis irmãos, os cardeais da Santa Igreja Romana, por seu conselho e com seu assentimento unânime, pela nossa autoridade apostólica, aprovamos e renovamos todas e cada uma das sentenças, censuras e penas de excomunhão, suspensão, interdição e privação que foram promulgadas e decretadas, de qualquer maneira que seja, contra os hereges e os cismáticos: [...] »

· todos os pontífices romanos, nossos predecessores [...] até através de suas cartas extravagantes;

· os sagrados concílios da Igreja de Deus;

· os santos Padres em seus decretos e estatutos;

· os sagrados cânones, constituições e ordenanças apostólicas;

e desejamos que sejam observados perpetuamente e reintegrados em pleno vigor, se necessário, e que permaneçam assim.

Elas se aplicam a todos aqueles que, até agora, tenham sido pegos em flagrante, confessado ou sido convencidos de terem se desviado da fé católica, caído em alguma heresia, incorrido em cisma ou o terem suscitado ou cometido. Elas se aplicam ainda [...] àqueles que, no futuro, ou se desviarem, ou caírem em heresia, ou incorrerem em cisma [...].

§ 3. [...] De acordo com esta nossa constituição, VÁLIDA PARA SEMPRE, por repulsa a um crime tão grande, o mais grave e pernicioso possível na Igreja de Deus, na plenitude de nosso poder apostólico, nós decidimos, estabelecemos, decretamos e definimos:

[§ 4 e 5: os clérigos ou príncipes seculares hereges são depostos de seus cargos; o § 6 trata do conclave:]

§ 6. [...] que se acontecer que um bispo, mesmo exercendo a função de arcebispo, patriarca ou primaz; que um cardeal da Igreja romana, mesmo legado; que um soberano pontífice, mesmo antes de sua promoção ou elevação ao cardinalato ou ao pontificado supremo, tenha se desviado da fé católica ou caído em alguma heresia, a promoção ou elevação, mesmo que tenha ocorrido com o consentimento unânime de todos os cardeais, é NULA, INVÁLIDA, VAZIA, e não se poderá dizer que se tornou válida ou que se tornaria válida porque o interessado aceita a carga, recebe a consagração, ou assume depois o governo e a administração ou pela entronização do pontífice romano, ou pelo ato de ajoelhar-se diante dele, ou pelo ato de obediência prestado por todos, independentemente da duração dessa situação.

A eleição não poderá ser considerada legítima em qualquer uma de suas partes, e ela não confere nem pode ser considerada conferir qualquer poder de comando, seja no campo espiritual ou temporal, a tais homens promovidos a bispos, arcebispos, patriarcas ou primazes, ou elevados ao cardinalato ou ao pontificado supremo. Todas as suas palavras, todos os seus atos e gestos, todos os seus atos administrativos, com tudo o que deles decorre, NÃO TÊM O MENOR EFEITO JURÍDICO, e não conferem a ninguém o menor direito. Tais pessoas assim promovidas ou elevadas seriam, por esse fato mesmo, SEM QUE NECESSITE DE QUALQUER OUTRA DECLARAÇÃO ULTERIOR, privadas de toda dignidade, posição, honra, título, autoridade, função e poder ao mesmo tempo [...].

§ 7. É lícito se desvincular impunemente da obediência e do serviço para com eles [os não-católicos promovidos como pseudo-papa] e evitá-los como mágicos, pagãos, publicanos, hereges [...]; e para maior confusão daqueles homens assim promovidos ou elevados, se eles desejarem continuar a governar ou administrar, será lícito apelar contra eles ao braço secular [...].

§ 8. Não obstante... etc. [fórmula habitual de promulgação; o mesmo para o § 9]

§ 10. Portanto, a nenhuma pessoa será permitido violar este texto de nossa aprovação, inovação, sanção, estatuto, derrogação, vontade e decreto com temerária audácia. Se alguém tiver a presunção de tentar isso, saiba que atrairá sobre si a indignação de Deus Todo-Poderoso e dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo.

---

[1] Cette bulle figure dans les *Codicis Juris Canonici Fontes,* Typis Polyglottis Vaticanis, Rome 1947, t. 1, p. 163 - 166. Comme l'indique le titre de ce recueil, il s'agit d'une collection des « sources » *(fontes)* officielles du droit ecclésiastique, édité par le cardinal Gasparri, membre de la commission pontificale (présidée par SI. Pie X) qui élabora le code de 1917. Typis Polylottis Vaticanis est la maison d'édition du Saint-Siège. Dans ce recueil, le texte de la bulle est reproduit jusqu'au § 7 inclusivement. Le *contenu* est ainsi repris, car les § 8 sqq. sont seulement les/ormu_les stéréotypées de promulgation,_ identiques pour tous les textes pontificaux. Afin de gagner de la place, ces paragraphes stéréotypés finaux ne sont pas imprimés dans les *Fontes,* mais seulement sous-entendus par un début de citation suivi de la mention « etc. ». Le *Bullarium roman/IIII* reproduit la bulle en entier (§ 1 - 10, plus les signatures du pape et des cardinaux).

[2] On appelle « lettres extravagantes » celles qui ne sont pas contenues dans le droit canonique.

[3] « … perpetuum valitura constitutione […], de apostolicae potestatis plenitudine sancimus, statuimus, decernimus et definimus… »

[4] « … si ullo umquam tempore apparuerit […] romanum pontificem ante eius promotionem […] a fide catholica deviasse, aut in aliquam haeresim incidisse, promolio, seu assumptio de eo etiam in concordia, et de unanimi omnium cardinalium assensu facta, nulla, irrita, et inanis existat… »

D. Paulo IV emitiu um julgamento ex cathedra

A constituição apostólica de Paulo IV é uma definição dogmática solene *ex cathedra,* que preenche as quatro condições de infalibilidade estabelecidas pelo primeiro Concílio do Vaticano, a saber:

- COM SUA SUPREMA AUTORIDADE APOSTÓLICA: "na plenitude de nosso poder apostólico"
- O PAPA DEFINE: "Nós [...] definimos"
- UMA DOUTRINA SOBRE A FÉ: o documento trata diretamente da fé, visto que o termo aparece várias vezes no texto. Este é o principal objetivo de Paulo IV: proteger a fé contra os hereges.
- Além disso, a bula não trata do modo eleitoral (portanto, disciplinar). Não especifica que os eleitores são os cardeais, nem que devem deliberar em determinada sala, etc.

O historiador Pastor afirmava que o texto de Paulo IV seria disciplinar, e não dogmático. Esta interpretação não é mais sustentável nos dias de hoje, pois desde que Pastor escreveu sua "História dos papas desde o fim da Idade Média", a Igreja forneceu uma "interpretação autêntica" do texto de Paulo IV. Desde São Pio X, de fato, os teólogos são obrigados a considerar este texto não como disciplinar, mas como doutrinal (relativo à fé). Por quê? Porque a Igreja o relacionou com uma boa dúzia de cânones do Código de Direito Canônico de 1917 que tratam de heresia, retidão doutrinal, renúncia à fé e propagação de doutrinas condenadas (ver Apêndice B).

Especificamente, "Nós decidimos, estabelecemos, decretamos" uma doutrina "válida para sempre", portanto, irreformável por si mesma, e que todos devem observar sob pena de incorrer na indignação de Deus Todo-Poderoso e dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo.

Além disso, o Papa Paulo IV escolheu expressar sua vontade por meio de uma constituição apostólica em forma de bula, o que representa o ápice da solenidade de um documento pontifical. "A constituição apostólica se distingue por seu alcance geral e alto grau de solenidade"; ela é "um instrumento normativo essencial nas mãos do soberano pontífice" (Philippe Levillain: "Dicionário Histórico da Papado", Paris 1994, artigo "constituição apostólica").

Assim, Paulo IV, falando solenemente ex cathedra, emitiu um julgamento dogmático infalível. Sua decisão, irreformável por si mesma, **PERMANECERÁ EM VIGOR ATÉ O FIM DOS TEMPOS.**

E. O Papa São Pio V ordena que as prescrições de Paulo IV sejam "observadas inviolavelmente"

Após a morte de Paulo IV, os arquivos da Inquisição foram incendiados pelo povo, resultando na falta de provas e no encerramento do processo contra o Cardeal Morone. Este último foi libertado da prisão. Quando o Papa Pio IV faleceu em 1565, Morone estava prestes a ascender à Cátedra de São Pedro. O Cardeal Michel Ghislieri (futuro Papa São Pio V) estava determinado a evitar a eleição de Morone a qualquer custo. Ele resgatou o processo de Morone, que tinha guardado e mantido cuidadosamente nos dobras de sua túnica por anos. Ghislieri interveio assim contra Morone: "O novo pontífice não deve ter nenhuma reputação de condescendência com a heresia, e nesse aspecto Morone não oferece ao sagrado colégio as garantias necessárias" (segundo o Cardeal Georges Grente: "O Papa dos grandes combates São Pio V", Paris 1956, p. 35). O conclave elegeu não o Cardeal Morone, mas o Cardeal Ghislieri, que assumiu o nome de "Pio V".

Ghislieri foi o segundo sucessor de Paulo IV. Antes de se tornar papa, o Cardeal Ghislieri tinha trabalhado sob as ordens de Paulo IV, que o havia promovido a prefeito da Inquisição. Ele admirava a luta intransigente do santo idoso contra os hereges e a corrupção dos costumes. No dia de sua elevação ao pontificado, perguntaram-lhe qual seria a linha de conduta de seu pontificado. São Pio V respondeu com entusiasmo: "Aquela de Paulo IV!" (segundo Carlo Bromato: "História de Paulo IV, Sumo Pontífice", Ravena 1748, segunda edição 1753, vol. II, p. 616).

O Papa São Pio V ordenou solenemente que as prescrições de Paulo IV fossem fielmente observadas. "Por nosso próprio movimento e conhecimento certo, e na plenitude de nosso poder apostólico [...] concernente à constituição de Paulo IV, [...] dada em 15 de fevereiro de 1559, renovamos agora seu teor, e ainda o confirmamos. E queremos e ordenamos que seja observada inviolavelmente e com o maior cuidado, conforme sua sequência e teor" (São Pio V: motu proprio "Inter multiplices curas", 21 de dezembro de 1566, § 1).

O termo "series", usado por São Pio V, significa "sequência, continuidade". Isso significa que a bula de Paulo IV deve ser considerada em seu encadeamento lógico e contínuo, do começo ao fim.

F. O Papa São Pio X faz inserir a bula de Paulo IV no código de direito canônico

Também São Pio X desejava que a bula de Paulo IV fosse observada, pois a tomou como referência para o novo código de direito canônico.

Esta mesma bula possui um valor jurídico inegável até os dias de hoje, pois foi incorporada no código de direito canônico de 1917. Este código foi elaborado por uma comissão pontifical presidida por São Pio X e promulgado pelo Papa Bento XV (constituição apostólica "Providentissima", 27 de maio de 1917).

Com o desejo de reunir todas as leis eclesiásticas em um único código, São Pio X decidiu: "1. Instituímos um conselho, ou, como se diz, uma *comissão* pontifical, à qual será confiada a direção e a responsabilidade por todo este assunto. Ela será composta por um certo número de Suas Eminências Reverendíssimas os cardeais, que serão nomeados especificamente para este fim pelo pontífice. 2. Este Conselho será presidido pelo pontífice, e na sua ausência, pelo cardeal decano dos cardeais assistentes. [...] " (São Pio X: motu proprio "Arduum sane", 19 de março de 1904).

Esta comissão, presidida por São Pio X, tinha um duplo objetivo, como explicou o secretário da comissão, o cardeal Gasparri:

1. "distribuir metodicamente todo o direito canônico em cânones ou artigos, à maneira dos códigos modernos";
2. "fazer uma coleção de todos os documentos [...] dos quais os mencionados cânones ou artigos foram emprestados" (cardeal Gasparri: carta de 5 de abril de 1904, in: F. Cimetier: "As fontes do direito eclesiástico", Paris 1930, p. 195).

A bula de Paulo IV foi explicitamente e especificamente incluída nesta coleção das "Fontes" do código de direito canônico ("Codicis Juris Canonici Fontes. cura emi. Petri card. Gasparri editi, Rome 1947, 1. J, p. 163 - 166). Isso é significativo: de acordo com a carta do cardeal Gasparri citada acima, isso significa que o código "emprestou" algo da bula de Paulo IV. Em outras palavras, o fato de a bula de Paulo IV estar nas "Fontes..." indica que suas disposições foram incorporadas ao direito canônico de 1917.

Além das "Fontes...", pode-se consultar o próprio "Codex iuris canonici". Existem duas edições: uma apenas com o texto das leis e outra com o texto das leis e suas fontes. Estas edições anotadas são pouco conhecidas, mas extremamente valiosas! A equipe de canonistas que trabalhou sob a direção de São Pio X cuidadosamente registrou o nome dos documentos legislativos anteriores que serviram de base para cada novo cânone. O secretário desta comissão pontifical, o cardeal Gasparri, publicou o código adicionando, para cada cânone, notas de rodapé com os documentos do magistério que serviram de fonte para elaborar o texto. A coleção com estas preciosas "fontium annotatione" (notas com as fontes) tem o título: "Codex iuris canonici, Pii X pontificis maximi iussu digestus, Benedicti papae XV auctoritate promulgatus, praefatione, fontium annotatione et indice analytico-alphabetico ab emo. Petro card. Gasparri auctus." Esta é uma edição oficial, feita pelo secretário da comissão pontifical que elaborou o código, publicada pela editora do Vaticano Typis Polyglottis Vaticanis (veja a reprodução em fac-símile no Apêndice B).

Ao consultar as "fontium annotatione" do "Codex..." (e também ao consultar o índice geral das "Codicis Juris Canonici Fontes...", 1. IX), percebe-se que a constituição apostólica em forma de bula de Paulo IV foi inserida no direito eclesiástico não menos que QUINZE VEZES! Quinze cânones se referem explicitamente a ela. No topo está o próprio texto do cânone; abaixo, na nota de rodapé, estão todas as referências que foram usadas para elaborar esse cânone (veja a reprodução em fac-símile no Apêndice B).

Todos e cada um dos parágrafos da bula (1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7) são mencionados no código. A bula foi incorporada na íntegra.

G. O Papa Pio XII confirma a inelegibilidade dos não-católicos para o pontificado supremo

Uma bula pontifical não precisa absolutamente ser confirmada pelo sucessor do papa falecido para permanecer em vigor. Por exemplo: "Espalhou-se o boato de que, após a morte de Clemente XII, a pena de excomunhão estipulada em sua bula [In eminenti, 4 de maio de 1738, contra os maçons] seria sem efeito, já que essa bula não havia sido expressamente confirmada por seu sucessor. Certamente era ABSURDO pretender que as bulas dos antigos pontífices caíssem em desuso se não fossem expressamente aprovadas por seus sucessores" (Leão XII: Carta apostólica Quo graviora, 13 de março de 1826).

A bula de Paulo IV, "válida perpetuamente", não precisa ser confirmada por ninguém. Se, no entanto, foi confirmada por São Pio V e São Pio X, foi simplesmente para que não caísse no esquecimento e fosse observada escrupulosamente.

A bula de Paulo IV às vezes é dita ter sido revogada. Mas revogada por quem? E quando? Que nos seja citado então o papa que explicitamente revogou esta bula! Até hoje, ninguém conseguiu fornecer tal documento. Esta bula está oficialmente incluída no código das leis da Igreja Católica (ver apêndice B). Portanto, ela não foi revogada, muito pelo contrário!

Para que uma lei eclesiástica perca sua validade jurídica, é necessário que seja explicitamente revogada por um papa. "Para que uma lei na Igreja seja suprimida, é necessário que um documento a declare expressamente. Isso é claro nos 30 primeiros capítulos do código publicado por Bento XV. No entanto, nenhum documento oficial suprimiu a bula de Paulo IV, que está, ao contrário, oficialmente incluída no corpo das leis canônicas" (Padre Mouraux, in: Bonum certamen, nº 80).

Vamos considerar um caso concreto de revogação. O Papa Júlio II (constituição Cum tam divino, 19 de fevereiro de 1505) declarou nulas as eleições simoníacas. Mais tarde, São Pio X aboliu explicitamente este impedimento à elegibilidade: "O crime de simonia é abominável, tanto do direito divino quanto do direito humano. Como é amplamente estabelecido que é absolutamente

reprovável na eleição do pontífice romano, assim também nós o reprovamos e o condenamos, e aplicamos aos culpados a pena de excomunhão latae sententiae, embora tenhamos suprimido a nulidade da eleição simoníaca (que Deus afaste tal eleição!) decretada por Júlio II (ou qualquer outro decreto pontifício), para remover um pretexto para questionar a validade da eleição do pontífice romano" (São Pio X: constituição Vacante Sede Apostolica, 25 de dezembro de 1904, § 79).

A cláusula de simonia, explicitamente abolida por São Pio X, não está mais em vigor; por outro lado, a cláusula de catolicidade, nunca revogada por ninguém, permanece em vigor. Aliás, ninguém no mundo poderia revogar a cláusula de catolicidade, pois esta cláusula é uma lei de direito divino e, além disso, um dogma definido ex cathedra!

Em 1945, o Papa Pio XII publicou um novo regulamento que rege o conclave (constituição Vacantis Apostolicae Sedis, 8 de dezembro de 1945, in: Documentation catholique de 26 de outubro de 1958). Nele, ele confirma que as leis estabelecidas no direito canônico devem ser observadas, pois pressupõe que o pretendente tenha sido eleito conforme o direito eclesiástico antes de ser coroado com a tiara. Isso é evidenciado pela expressão "após a eleição canonicamente feita" (Pio XII: constituição Vacantis Apostolicae Sedis, § 100). Os termos "canonicamente feita" significam conforme os "cânones" (= regras, leis) estabelecidos pelo código de direito canônico.

No § 101 da constituição de Pio XII, é feita uma referência precisa ao cânone 219, que trata do pontífice romano recém-eleito. "O pontífice romano legitimamente eleito...". A palavra "legitimamente" é sinônimo de "canonicamente", ou seja, de acordo com as leis eclesiásticas ("legitime electus" tem como etimologia "lex, legis" = a lei).

Aquele que não foi eleito legitimamente não se torna papa de forma alguma! No cânone 109, de fato, é explicitamente especificado que, "por direito divino, alcança-se o pontificado supremo, DESDE QUE A ELEIÇÃO TENHA SIDO LEGÍTIMA!"

Então, quais são as leis a serem observadas durante um conclave para que a eleição do pontífice supremo seja legítima, canônica, válida, juridicamente inatacável?

O cânone 167, § l, que trata da eleição dos clérigos, estipula o seguinte: "Não podem dar votos [...] 4° aqueles que deram seu nome a uma seita herética ou cismática ou que aderem publicamente a ela". Se os não-católicos já são excluídos do direito de "eleger", presume-se que a intenção do legislador era, a fortiori, privá-los do direito de "ser eleitos". Pode-se objetar que isso não está explicitamente no texto da lei, e concordamos com isso. Na época em que o código foi elaborado, era óbvio que um candidato a um cargo eclesiástico deveria ser católico. O fato de que hoje em dia seja necessário provar essa evidência apenas mostra a distorção mental de nossa época. Mas é bastante fácil demonstrá-lo!

Um leigo poderia ser eleito validamente papa, mas é mais conveniente que o eleito seja escolhido entre os cardeais. No entanto, os cardeais, conforme especificado no código, devem ser "eminentes em doutrina" (cânone 232, § 1). Uma vez que lhes é exigido superar outros clérigos pela excelência de sua doutrina, é justo esperar deles, no mínimo, retidão doutrinal simples. Isso é o mínimo necessário.

Se um cardeal aderisse, por exemplo, a uma seita protestante, tornar-se-ia, por isso mesmo, inelegível. Pois, de acordo com o direito, clérigos que aderem a uma seita não-católica "são *ipso facto* infames" (cânone 2314, § 1, no 3). E "aquele que é atingido por infâmia de direito é [...] incapaz de obter benefícios, pensões, cargos e dignidades eclesiásticas" (cânone 2294, § 1, com uma referência, em nota, ao § 5 da bula de Paulo IV).

Que se deva professar a fé católica para ser papável é evidente em muitos outros textos legislativos. Segundo o cânone 343, o bispo deve zelar pela salvaguarda da ortodoxia em sua diocese. Como o bispo de Roma poderia zelar pela manutenção da fé em sua diocese e também no mundo inteiro, se fosse firmemente contrário à fé católica? Além disso, antes de poder se tornar bispo, é necessário ter feito previamente uma profissão de fé católica (cânone 332, § 2). Da mesma forma, o cânone 1406 prescreve a recitação de uma profissão de fé aprovada pelo Santo Sé para aqueles que acabaram de ser promovidos a bispos, cardeais, etc. Se um bispo já deve professar a verdadeira fé, não é natural e evidente que o papa, *que também é bispo*, deva ter a fé?

Que todo candidato ao supremo pontificado deva ter a fé é confirmado pelo princípio jurídico da "irregularidade" dos não-católicos. Cânone 985, nº 1: "São irregulares *ex defectu:* os hereges, os apóstatas da fé e os cismáticos". Seu crime de heresia, que resulta em uma irregularidade de natureza perpétua (cânone 983), torna os antigos hereges irregulares mesmo após sua conversão ao catolicismo (Comissão pontifícia para a interpretação autêntica do *Codex iuris canonici*, 30 de julho de 1934, in: Acta Apostolicae Sedis, Roma 1934, p. 494).

Os hereges *convertidos* (!) podem, mediante uma dispensa especial reservada à Santa Sé, acessar o *sacerdócio*, mas não estão habilitados a acessar o *episcopado*. Segundo o cânone 991, § 3, "a irregularidade que foi objeto de *dispensa* (!) permite o acesso às ordens menores, até mesmo ao sacerdócio, mas torna inelegível para o cardinalato, o episcopado, o abaciato, a prelazia *nullius*, o cargo de superior em uma religião clerical isenta". Ora, todo papa é bispo de Roma! Sua "irregularidade" impede os hereges *convertidos* (sem mencionar os não-católicos) de acessar o episcopado e, consequentemente, o supremo pontificado. A eleição de um "irregular" para o supremo pontificado é juridicamente NULA E SEM EFEITO!

Cânon 2335: "Aqueles que se associam à seita maçônica ou a outras associações desse tipo, que conspiram contra a Igreja ou contra as legítimas autoridades civis, incorrem por esse fato na excomunhão reservada à Sé Apostólica".

Cânon 2336: "§ 1. Clérigos que cometeram uma infração conforme aos cânones 2334 ou 2335, além das penas estabelecidas por esses cânones, devem ser suspensos ou privados de seu cargo, benefício, dignidade, pensão ou renda, se tiverem. Os religiosos devem ser punidos com a privação do cargo e a perda do direito de eleição ativa ou passiva, e por outras penas de acordo com as regras de sua ordem monástica. § 2. Além disso, clérigos ou religiosos que aderem à maçonaria ou a outras associações semelhantes devem ser denunciados à Sagrada Congregação do Santo Ofício". O Santo Ofício (antigamente chamado de "Inquisição") tem a tarefa de descobrir e punir os hereges.

Portanto, o cânon 2336 estipula que um maçom não pode ser papa.

O cânon 188 é crucial. "*Por uma renúncia tácita admitida pelo próprio direito, qualquer cargo fica vago por si mesmo e sem qualquer declaração, se o clérigo [...] 4° se afasta publicamente da fé católica*". Assim, um não-católico não pode se tornar papa, pois, devido à sua não-catholicidade, há uma "renúncia tácita" ao supremo pontificado.

Este cânone pode ser invocado para contestar a validade da eleição de uma pessoa que não é mais católica, mesmo desde a constituição de Pio XII. Pois Pio XII não anula de forma alguma o direito canônico, pelo contrário, ele explicitamente reafirma essas regras do direito eclesiástico em sua constituição. No entanto, poder-se-á objetar ainda que Pio XII fala do "verdadeiro papa" após a aceitação da eleição. Segundo Pio XII (*Vacantis Apostolicae Sedis*, § 100 e § 101), é necessário que a pessoa eleita pelo conclave *aceite* sua eleição. "Você aceita a eleição que acaba de ser feita canonicamente de sua pessoa como sumo pontífice? Este consentimento dado [...] faz imediatamente do eleito um VERDADEIRO papa e ele adquire por este fato e pode exercer uma plena e absoluta jurisdição sobre o universo inteiro". Certamente, mas analisemos mais profundamente! Pio XII diz claramente "a eleição que acabou de ser feita *canonicamente*".

Um homem não-católico é incapaz de receber o pontificado. De fato, a defeção na fé constitui automaticamente uma "renúncia tacitamente" a qualquer cargo eclesiástico (cânone 188, nº 4). Esta renúncia tácita impede a aceitação da eleição pelo eleito. Mesmo que ele aceite verbalmente sua eleição, essas palavras são invalidadas por sua não-catholicidade e ele não é papa de forma alguma. Este raciocínio é de lógica elementar: é impossível *aceitar* o pontificado enquanto ao mesmo tempo *renuncia-se* por ter abandonado a fé!

Que o cânone 188 possa e deva ser aplicado durante o conclave é claramente evidente nas "*fontium annotatione*" (veja a reprodução fotográfica na página seguinte, e também as reproduções maiores no Apêndice B). Essas "anotações" foram feitas pelo legislador para cada cânone, a fim de fornecer referências incontestáveis para uma interpretação correta da lei. Cada cânone inclui, ao pé da página, uma nota que serve como auxílio à interpretação. Ela indica várias "*fontes*" (ou "fontes", ou seja, textos doutrinários ou legislativos que devem ser usados como referência para entender o cânone em questão). No cânone 188 estão incluídas várias "fontes" doutrinais, incluindo os §§ 3 e 6 da bulle de Paulo IV, que tratam precisamente da eleição do sumo pontífice!

Aqui está a reprodução fotográfica de uma edição *anotada* do código de direito canônico, elaborado por São Pio X e promulgado por Bento XV em 27 de maio de 1917. Para uma melhor compreensão, adicionamos algumas explicações nas margens (consulte também o Apêndice B no final de nosso trabalho).

Fac-símile da página 47 do Codex Iuris Canonici. Promulgado pela autoridade de São Pio X, Pontífice Máximo, e elaborado sob a autoridade de Bento XV, com uma introdução, anotação de fontes e um índice analítico-alfabético aumentado pelo mesmo Cardeal Gasparri, Tipis Polyglottis Vaticanis, Roma 1918.

Tudo se relaciona: Pio XII faz referência ao direito canônico, e o direito canônico, por sua vez, faz referência à bulle de Paulo IV. Assim, o conclave DEVE observar as disposições dos §§ 3 e 6 da constituição *Cum ex apostolatus* de Paulo IV, sob pena de NULIDADE DA ELEIÇÃO!

Uma questão ainda resta a ser resolvida. Pio XII especificou claramente que nem mesmo a excomunhão de um eleito poderia invalidar a eleição.

> "Nenhum cardeal pode ser excluído de qualquer maneira da eleição ativa e passiva do sumo pontífice sob o pretexto ou motivo de qualquer excomunhão, suspensão, interdição ou outro impedimento eclesiástico. Nós suspendemos essas censuras apenas para esta eleição; elas manterão seus efeitos para todo o resto" (Pio XII: *Vacantis Apostolicae Sedis*, § 34).

Isso não significa que os hereges (excomungados segundo o cânone 2314) tenham se tornado elegíveis! Pois Pio XII de forma alguma escreveu:

> "Nós autorizamos os hereges a se elegerem papa"!

Ele nunca escreveu algo semelhante. Ele simplesmente suspendeu toda excomunhão durante o tempo que dura o conclave.

Por que suspender toda excomunhão? É impossível que o papa tenha pensado nos hereges, pois os clérigos não-católicos são automaticamente destituídos de seu cargo (cânone 188) e não têm o direito de votar (cânone 167). Portanto, Pio XII estava apenas considerando os cardeais excomungados por algum delito que não seja heresia. **De fato, pode-se ser não-herético, mas excomungado. Aqui estão alguns delitos punidos com excomunhão pelo direito canônico: tráfico de relíquias falsas (2326), violação do claustro monástico (2342), usurpação de bens da Igreja (2345), aborto (2350), etc.** Suponhamos que um cardeal, por ganância, se envolveu no tráfico de relíquias falsas. Sua excomunhão é suspensa durante o conclave. Se ele for católico, esse cardeal é elegível.

Por outro lado, um homem não-católico permanece inelegível. Pois ele enfrenta um DUPLO obstáculo:

1. sua excomunhão e
2. sua não-catholicidade.

Certamente, Pio XII levanta (pelo tempo que durar o conclave) todas as excomunhões. Mas o homem herege, mesmo que não esteja temporariamente excomungado, não faz parte dos candidatos papáveis, pois outro obstáculo, a cláusula de catholicidade, ainda é aplicável a ele.

Que Pio XII fosse muito apegado à cláusula de catholicidade é evidente para quem conhece bem este papa de santa memória. Podemos mencionar quatro indícios:

1. Pio XII considerava "um patrimônio da Igreja" precioso, "constituído principalmente pela fé, que recentemente defendemos contra novos perigos" (discurso no primeiro congresso internacional dos religiosos, 8 de dezembro de 1950). Como poderia este papa, que valorizava a defesa do patrimônio da fé como a menina dos seus olhos, desejar ignorar o princípio da catholicidade durante a eleição pontifical?
2. Este papa tinha tanta preocupação em manter a integridade da fé que passava horas e horas todos os dias atrás de sua máquina de escrever (não se deitava antes da uma da manhã) para expor a doutrina sã e refutar erros. Para suas pesquisas, Pio XII "tinha uma enorme biblioteca de manuais especializados, enciclopédias e resumos de ciências, totalizando mais de cinquenta mil volumes. Ele era assistido em suas pesquisas pelo Padre Hentrich e pelo sempre fiel Padre Robert Leiber, além de uma equipe improvisada de jesuítas bem-intencionados. Intransigente quanto à precisão, não hesitava em criticar seus auxiliares, verificando e re-verificando cada referência e citação. Um dia ele disse a um monsenhor: 'O papa tem o dever de fazer tudo melhor em todos os aspectos; outros podem ser perdoados por suas imperfeições, mas para o papa, nunca. Não!'" (John Cornwell: *O Papa e Hitler. A história secreta de Pio XII,* Paris 1999, p. 437). Como este "maníaco" da verdade, este inimigo implacável de qualquer erro, mesmo involuntário, poderia tolerar a ideia de que, após sua morte, alguém usasse seu nome para afirmar que ele teria autorizado um herege a se tornar papa?

- Este papa enriqueceu o missal, criando um ofício que não existia antes dele: o "comum dos papas". Naturalmente, a seita conciliar se apressou em suprimir este ofício. Por quê? Porque este ofício contém duas orações extraordinárias que constituem uma poderosa proteção para os católicos desejosos de permanecer *integralmente* católicos.

Aqui está o texto da secreta: "*Munera quae tibi, Domine, laetantes offerimus, suscipe benignus, et praesta ut, intercedente beato N, Ecclesia tua et fidei integritate laetetur, et temporum tranquillitate semper exsultet*" ("Aceitai com bondade, Senhor, os dons que alegremente vos oferecemos, para que, pela intercessão do bem-aventurado N., vossa Igreja se alegre na INTEGRIDADE DA FÉ e se regozije sempre na tranquilidade dos tempos").

Aqui está o texto da pós-comunhão: "*Refectione sancta ellutritam gubema, quaesumus, Domine, tuam placatus Ecclesiam: ut potenti moderatione directa, et incrementa libertatis accipiat et in religionis integritate persistat*" ("Ó Senhor, que aplacado governais vossa Igreja com a santificação do alimento sagrado, concedei-lhe, vos pedimos, que dirigida por vossa poderosa providência, ela receba o crescimento da liberdade e persista na INTEGRIDADE DA RELIGIÃO").

Isso é o que o Papa Pio XII desejava para o "comum dos pontífices": que eles perseverassem na fé católica *integral* e que a Santa Igreja conservasse *a integridade* da religião! Como ele poderia desejar abolir a cláusula de catholicidade que governa o conclave, já que esta cláusula é parte *integrante* da fé?

- Um ano antes de sua morte, Pio XII declarou: "Se um leigo fosse eleito papa, ele só poderia aceitar a eleição sob a condição de estar apto para receber **a ordenação** e estar disposto a ser ordenado; o poder de ensinar e governar, assim como o carisma da infalibilidade, ser-lhe-iam concedidos desde o momento de sua aceitação, mesmo antes

> de sua ordenação" (*Discurso no segundo Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos,* 5 de outubro de 1957). Or nous avons vu plus haut que pour être apte à recevoir l'ordination, il faut être catholique (canon 985). Un non-catholique est inapte. Si l'élu du conclave n'est pas apte à recevoir l'ordination, dit Pie XII (5 octobre 1957, cité ci-dessus), il ne peut pas accepter le pontificat. Ainsi donc, PIE XII A CONFIRMÉ EXPRESSÉMENT LA CLAUSE DE CATHOLICITÉ EN 1957.

E lembremos que o mesmo Pio XII já havia confirmado a cláusula de catolicidade em 1945, ao exigir que a eleição fosse "canonicamente feita", ou seja, em conformidade com o cânone 188, que remete à bula de Paulo IV.

E o que diz o Santo Papa Pio X? Ele diz: "Após a eleição feita canonicamente..." Não, não é um erro de impressão. Esta frase é realmente dele! "Post electionem canonice factam consensus electi per cardinalem decanum nomine totius S. Collegii requiratur" (Santo Pio X: constituição Vacante Sede Apostolica, 25 de dezembro de 1904, § 87, com uma nota de referência ao Ceremoniale Romanum, livro 1, título 1, De conclavi et electione papae, § 34).

Resumamos a situação jurídica. Segundo o cânon 241, "estando vacante a Sé Apostólica, o sagrado colégio dos cardeais e a Cúria Romana não possuem outro poder senão aquele definido na constituição Vacante Sede Apostolica de 25 de dezembro de 1904 de Pio X". Santo Pio X concedeu aos cardeais o poder de eleger de maneira canônica o novo papa. Os cardeais não têm o poder de eleger de maneira não canônica um não-católico. Uma tal eleição feita não canonicamente constitui um abuso de poder, que torna o conclave juridicamente nulo e inválido.

Nota bene: Os haereticis ("hereges" = aqueles que contestam conscientemente a doutrina católica), assim como os errantes ("errantes" = aqueles que erram na fé por ignorância), são excluídos do pontificado pelo Papa Paulo IV. De fato, estão excluídos das eleições aqueles que "se desviaram da fé católica OU TAMBÉM (aut) caíram em alguma heresia".

Portanto, para contestar a eleição de tal ou qual candidato, basta constatar que ele "se desviou da fé", independentemente de ter desviado conscientemente ou por ignorância, e independentemente de ter recebido ou não um aviso de seus superiores (monição canônica individual). Se os escritos ou discursos do candidato contiverem um erro na fé, isso é suficiente para invalidar a eleição, pois a constituição Cum ex apostolatus torna inelegíveis não apenas os hereges formais, mas também aqueles que se desviam da fé por ignorância do magistério. Um único erro na fé - involuntário ou voluntário - e a eleição é nula "por si mesma, sem que seja necessário qualquer outra declaração posterior" (Cum ex apostolatus, § 6).

Para aqueles que se interessam, realizamos um estudo que define o que é um homem "herege", explica o que constitui "pertinácia" e prova que Roncalli, Montini, Luciani, Wojtyla são "pertinazes" (consultar o anexo C).

Conclusão

Os não-católicos são inelegíveis por cinco razões:

- Existe uma "lei divina", ou seja, enraizada nas Escrituras. De acordo com as Escrituras, nenhum não-católico pode se tornar *(Mateus* XVI, 15) ou permanecer *(Tito* III, 10-11 e João 10-11) o líder dos católicos. Uma lei de direito divino obriga independentemente do direito eclesiástico (como especificado no cânone 6, nº 6).
- Os não-católicos são excluídos do clero e dos cargos eclesiásticos não apenas pelas Escrituras, mas também pela Tradição (Santos Cipriano, Agostinho, Tomás, etc.).
- A cláusula de catolicidade foi definida *ex cathedra* por um pontífice romano (Paulo IV, 1559). De acordo com o Vaticano I *(Pastor aeternus,* cap. 4), tal definição é "irreformável por si mesma, e não em virtude do consentimento da Igreja"; se alguém ousar afirmar o contrário, "seja anátema".
- O texto de Paulo IV não apenas está implicitamente contido, mas também é citado explicitamente no *Codex iuris canonici,* não apenas uma vez, mas em QUINZE lugares diferentes.
- O regulamento que rege os conclaves, redigido por Pio XII em 1945, estabelece que a eleição deve ser "canonicamente feita" (= de acordo com o direito canônico) para ser válida.

Aquele que se desvia da fé não é papável: esta é a lei católica. Agora, façamos a aplicação prática desta lei.

Resumo: aqueles que se desviaram da fé católica antes de sua eleição não são elegíveis para serem Papa.

ÚLTIMA OBJEÇÃO, POUCA SERIEDADE: Pio XII não menciona explicitamente os hereges como sendo inelegíveis. Portanto, eles seriam elegíveis.

@ Um pouco de humor... A título de piada, observemos que Pio XII também não menciona que o eleito deva obrigatoriamente ser um ser humano. Por que então excluir do conclave os animais? Deus não falou através da boca de um jumento *(Números* XXII, 28-30)? E um doutor da Igreja não retomou esta anedota em um tratado especializado sobre a questão do Papa (!) (São Roberto Belarmino: *De romano pontifice,* livro IV, capítulo 6)? E o primeiro Papa (!) não elogiou a pregação deste jumento (2. *Pedro* II, 15-16)? Além disso, uma mula não ensinou o dogma da presença real de Nosso Senhor na Eucaristia ao se ajoelhar diante da hóstia, seguindo a instrução de Santo Antônio de Pádua? Peixes não ergueram suas cabeças fora d'água para ouvir um sermão deste mesmo santo? E o historiador Suetônio não relata que o imperador romano Calígula nomeou seu cavalo como cônsul? Se os animais são capazes de falar, de defender o dogma contra os incrédulos, de apreciar a sã doutrina de um bom pregador e de governar um vasto império, por

que seriam excluídos das eleições para o pontificado supremo? Já que a constituição *Vacantis Apostolicae Sedis* de Pio XII não exclui os animais do conclave, isso deve ser permitido. Q.E.D.

Uma brincadeira duvidosa, deslocada ao abordar um assunto tão grave? Digamos apenas que nossa piada tinha como objetivo levar até o absurdo a lógica daqueles que afirmam que os hereges são elegíveis, porque Pio XII não teria estipulado nada a respeito deles em *Vacantis Apostolicae Sedis.*

RONCALLI, MONTINI, LUCIANI E WOJTYLA DESVIARAM-SE DA FÉ ANTES DE SUA ELEIÇÃO?

A. O juramento de São Pio X traído
B. Aplicação prática da lei a Angelo Roncalli
C. Aplicação prática da lei a Giovanni Battista Montini
D. Aplicação prática da lei a Albino Luciani
E. Aplicação prática da lei a Karol Wojtyla
Conclusão do capítulo

A. O juramento antimodernista de São Pio X traído

Para combater os hereges modernos (chamados "modernistas"), o Papa São Pio X instituiu todo um programa de luta: vigilância nos seminários, censura de livros e periódicos, conselhos diocesanos de vigilância, e o juramento antimodernista (São Pio X: motu proprio *Sacrorum antistitum,* 1º de setembro de 1910).

A resposta dos modernistas não demorou: após a morte deste santo Papa, espalharam o boato de que suas prescrições contra o modernismo não teriam mais valor, pois não teriam sido incorporadas no novo código de direito canônico, promulgado em 1917 por seu sucessor, Bento XV. O novo Papa desfez a manobra desleal dos modernistas ao publicar um esclarecimento.

"As prescrições acima mencionadas [de *Pascendi* e de *Sacrorum antistitum*], dadas por causa das serpentes contidas nos erros modernistas, são, por sua natureza, temporárias e transitórias, e não puderam, por essa razão, ser integradas no código de direito canônico. Por outro lado, enquanto o vírus do modernismo não cessar completamente de existir, elas devem manter sua plena força [de lei], até que o Sé Apostólico decida de outra forma" (decreto do Santo Ofício sobre os conselhos de vigilância e o juramento antimodernista, aprovado e confirmado pelo Papa Bento XV "por sua autoridade suprema", dado em Roma em 22 de março de 1918, in: *Acta Apostolicae Sedis,* Roma 1918, p. 136).

De acordo com as prescrições de São Pio X (*Sacrorum antistitum*), todo homem deve prestar um "juramento antimodernista" antes de se tornar clérigo, ou antes de assumir uma cátedra de ensino ou um cargo eclesiástico. E o que diz esse juramento? "Eu, N..., abraço e recebo firmemente todas e cada uma das verdades que foram definidas, afirmadas e declaradas pelo magistério infalível da Igreja, principalmente os princípios de doutrina que são diretamente contrários aos erros deste tempo". Assim, todo padre é esperado estar familiarizado com os escritos pontifícios dirigidos contra o liberalismo: *Mirari vos*, o *Syllabus*, e muitos outros documentos hoje colocados de lado. Além disso, o futuro clérigo ainda deve jurar: "Também me submeto, com a devida reverência, e adiro de todo o coração a todas as condenações, declarações, prescrições encontradas na encíclica *Pascendi* e no decreto *Lamentabili*". Portanto, todo padre é esperado conhecer esses dois escritos antimodernistas do santo Papa Pio X.

São Pio X (motu proprio *Sacrorum antistitum,* 1º de setembro de 1910) obrigou todos os clérigos a recitar o juramento. E acrescentou esta frase: "No entanto, se alguém - o que, Deus não permita! - tiver a audácia de violar este juramento, que seja imediatamente encaminhado (illico) ao tribunal do Santo Ofício". E, como todos sabem, os inquisidores do Santo Ofício têm o dever de identificar e punir os hereges!

Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla não puderam se esquivar desta obrigação de prestar o juramento antimodernista. Isso PROVA INEQUIVOCAMENTE que eles *conheciam*, portanto, todos os textos pontifícios antiliberais e antimodernistas. Foi *com pleno conhecimento de causa* que eles *desobedeceram voluntariamente* e gravemente ao magistério da Igreja Católica, através de todas as reformas que empreenderam ao assumirem o poder, assim como por sua doutrina liberal e modernista, pregada do alto da cátedra de São Pedro, que se tornou uma cátedra de pestilência.

São Pio X, em sua encíclica *Pascendi* de 8 de setembro de 1907, denunciou veementemente os modernistas hereges e seu programa de reforma: "Que releguem a filosofia escolástica [...] entre os sistemas obsoletos, e que ensinem aos jovens seminaristas a filosofia moderna, a única verdadeira, a única adequada ao nosso tempo [...]. Que nos catecismos não se insira mais, em matéria de dogmas, senão aqueles que tenham sido reformados e que sejam compreensíveis pelo vulgo. No que diz respeito ao culto, que se diminua o número das devoções exteriores [...]. Que o governo eclesiástico seja reformado em todas as suas partes, especialmente na disciplinar e dogmática. Que seu espírito, seus métodos externos se harmonizem com a consciência, que se inclina para a democracia [...]. Reforma das congregações romanas, especialmente as do Santo Ofício e do Índice. Que o poder eclesiástico mude 'de linha de conduta no terreno social e político'. Todo este programa de demolição dos modernistas, denunciado por São Pio X, foi no entanto realizado meio século mais tarde, pelos hereges do Concílio. Montini teve até a audácia, em 1967, de suprimir o juramento!

Estas palavras de São Pio X são mais atuais do que nunca: "Não lutamos mais, como no início, com sofistas que se apresentam cobertos de peles de ovelha, mas com inimigos declarados e cruéis, inimigos de dentro, que, tendo feito um pacto com os piores inimigos da Igreja, se propõem à destruição da fé. Falamos desses homens que, todos os dias, se levantam audaciosamente contra a sabedoria que nos vem do céu: arrogam-se o direito de reformá-la, como se estivesse corrompida; pretendem renová-la, como se o tempo a tivesse tornado obsoleta; desejam aumentar seu desenvolvimento e adaptá-la aos caprichos, ao progresso e às conveniências do século, como se ela fosse contrária não apenas à leviandade de alguns, mas ao próprio bem da sociedade" (*Sacrorum antistitum*).

Segundo São Pio X (*Pascendi*), os modernistas são "os piores inimigos da Igreja". E segundo este mesmo santo Papa, o modernismo é "o esgoto coletor de todas as heresias" (motu proprio *Praestantia,* 18 de novembro de 1907).

Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla estão completamente imersos nesta *cloaca maxima* que é o modernismo. Eles são verdadeiramente hereges, uma vez que perjuraram seu juramento. Seu programa de demolição da Igreja Católica é herético do começo ao fim. Como eles prestaram o juramento antimodernista, é absolutamente certo que eles *conhecem* a doutrina católica. Sua *pertinácia* está assim comprovada. Portanto, eles são indiscutivelmente hereges formais. Como

perjuros que violaram seu juramento antimodernista, deveriam ter sido levados perante o Santo Ofício da Inquisição da perversidade herética, conforme as diretrizes de São Pio X. Que nenhum clérigo tenha tido a ideia (ou a coragem) de denunciá-los ao Santo Ofício faz parte do "mistério da iniquidade".

De qualquer forma, devemos lembrar: Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla são modernistas, ou seja, hereges da pior espécie. No entanto, um papa (como amplamente demonstrado na primeira parte) nunca cairá em heresia. Portanto, desde o início, eles nunca foram papas. Sua eleição deve ter sido inválida, pois se tivessem sido eleitos validamente, o carisma da infalibilidade os teria preservado de cair nos esgotos da heresia modernista.

Este raciocínio é confirmado pelos fatos: basta examinar um pouco a biografia desses perjuros para descobrir que eles já haviam se desviado da fé antes de sua eleição para o (pseudo) pontificado supremo.

A lei de Paulo IV, retomada por São Pio V, São Pio X e Pio XII, certamente se aplica a eles.

---

[1] A noção de "pertinácia" é estudada detalhadamente no apêndice C.

B. Aplicação prática da lei a Angelo Roncalli

Roncalli foi iniciado em uma seita gnóstica na Turquia em 1935 (Pier Carpi: *As Profecias do Papa João XXIII,* Roma 1976; tradução francesa Paris 1976, depois 1978). Ele entrou para a maçonaria quando era núncio em Paris (informação fornecida pelo padre Mouraux em sua revista *Bonum Certamen*; o padre Mouraux tinha um paroquiano cujo irmão estava inscrito na mesma loja que Roncalli).

Antes de sua eleição, Roncalli recebeu do poder oculto a previsão de que se tornaria papa, bem como as instruções para governar a Igreja conforme os pontos de vista das lojas maçônicas, especialmente convocando um concílio. O boletim ocultista *Os Ecos do Sobrenatural* de fato publicou o testemunho de Gaston Bardet, autor de vários livros pseudo-místicos, para não dizer luciferianos. Seu nome de iniciação é "Jean de la Joie". Ele é martinista. Saint-Martin, maçom do século XVIII, financiou a Revolução Francesa e fundou sua própria seita luciferiana, a dos "martinistas". Aqui está o testemunho de Gaston Bardet: "Em relação ao concílio, escrevi ao cardeal Roncalli (ex-núncio em Paris, do qual eu era conselheiro) em 14 de agosto de 1954, para anunciar sua futura eleição [para o papado] e pedir um encontro durante as férias em seu país natal para estudar seu primeiro trabalho [...]: o Concílio. E eu esclareci: 'Você gostaria de refletir sobre tudo isso, pois não haverá tempo para hesitar. Assim que subir ao trono pontifício, o plano deve ser executado imediatamente e surpreender todos os políticos'" (*Os Ecos do Sobrenatural*, dezembro de 1961 / janeiro de 1962, in: Latour, Loubier e Alexandre: *Quem ocupa o trono de Pedro?*, Villegenon 1984, p. 17). Quatro anos antes da morte de Pio XII, a maçonaria já havia designado seu sucessor e lhe atribuído seu primeiro trabalho: convocar um concílio revolucionário, guiado pelas lojas maçônicas!

Desde o início do século XX, houve adeptos do (falso) ecumenismo. "Esse movimento começou na Igreja Católica com uma tentativa de reforma litúrgica às vésperas da Primeira Guerra Mundial por um monge belga, Dom Lambert Beauduin. No entanto, aos poucos suas iniciativas começaram a colidir com a ortodoxia romana, e o Papa Pio XI não demorou a reagir, condenando essa tentativa em sua encíclica *Mortalium animos* em 1928. Infelizmente, apesar dessa censura e de sucessivos exílios, Dom Lambert Beauduin continuou a trabalhar nas sombras. Desde 1924, ele havia desenvolvido uma amizade fiel com Monsenhor Roncalli, que havia ingressado na diplomacia após perder, devido ao seu modernismo, sua cátedra no Ateneu Lateranense. Ao saber da morte de Pio XII, o idoso Dom Lambert, então com 85 anos, confidenciou ao Padre Bouyer (L. Bouyer: *Dom L. Beauduin, um homem da Igreja*, Casterman, 1964, p. 180): 'Se eles elegerem Roncalli, tudo estará salvo; ele será capaz de convocar um concílio e consagrar o ecumenismo'. As ideias do reformador haviam conquistado o coração do futuro papa. João XXIII declararia um dia (Bouyer, p. 135): 'O

método de Dom Lambert Beauduin é o correto'" (Padre Daniel Le Roux: *Pedro, tu me amas? João Paulo II: Papa da Tradição ou Papa da Revolução?*, Escurolles 1988, p. 36).

Depois de (invalidamente) eleito, Roncalli proclamou que a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) era um "passo e avanço para o estabelecimento de uma ordem jurídica e política para todos os povos existentes no mundo". Ele fez uma lista interminável de direitos (vestuário, alimentação, descanso etc.), e acrescentou o direito "à liberdade na busca da verdade e, com a salvaguarda das exigências da ordem moral e do bem comum, o direito de poder expressar e divulgar sua opinião". A religião foi mencionada por último, indicando que era o elemento menos importante aos seus olhos. Além disso, ele nem sequer reivindicou o direito dos católicos de viver em um Estado católico, mas sim o ímpio direito dos hereges de professar sua heresia. "Deve-se também contar entre os direitos do homem que cada um possa honrar a Deus de acordo com a justa regra da consciência e professar sua religião na vida privada e pública" (encíclica *Pacem in terris*, 11 de abril de 1963). Roncalli fez entregar um exemplar de sua encíclica à ONU, em sinal de solidariedade. Assim, ele contradisse a posição papal, varrendo com essas poucas linhas duzentos anos de advertências pontifícias contra os princípios da revolução. Quando a ONU adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), o Vaticano protestou (Osservatore Romano, 15 de outubro de 1948). Mas Roncalli chegou, e A MAÇONARIA SENTOU NO TRONO DE PEDRO.

A culminância do "mistério da iniquidade": este maçom foi "beatificado" (?) em 3 de setembro de 2000!

C. Aplicação prática da lei a Giovanni Battista Montini

Nos anos 1970, o príncipe Scotersco, ao retornar de Roma a Paris, revelou que possuía provas formais de que Montini era maçom. Ele foi assassinado naquela semana e seus documentos desapareceram.

Winckler revelou que o sobrinho de Rampolla havia formado um grupo de cardeais que esperava "ter sucesso com Montini onde Rampolla havia falhado" e que Montini era um agente dos judeus (Winckler conseguiu se infiltrar nesse grupo de traidores porque erroneamente o consideravam um marrano; testemunho em Latour, Loubier e Alexandre: *Quem Ocupa a Cátedra de Pedro?*, Villegenon 1984, p. 61-62).

Montini adotou a teologia panteísta de Teilhard de Chardin, teologia que foi colocada no Índice sob o Papa Pio XII. Montini, antes de sua (inválida) elevação ao (pseudo) pontificado soberano, fez observações singulares em um discurso em Turim: "O homem *moderno* não chegará um dia, à medida que seus estudos científicos *progredirem* e descobrirem leis e realidades ocultas por trás do rosto silencioso da matéria, a ouvir a voz maravilhosa do espírito que pulsa nela [heresia panteísta, popularizada na década de 1950 por Teilhard de Chardin]? Não será essa a *religião do futuro?* Einstein ele mesmo vislumbrou a espontaneidade de uma religião do universo. Ou talvez não seja essa, hoje, a minha religião?" (*Documentation catholique* 1960, páginas 764-765). Montini assim deixou entrever que o panteísmo evolucionista já era sua religião pessoal. Não é desinteressante notar que essa "religião do universo" inspirará o missal montiniano: "Bendito sejas, Deus do universo". E quem é esse "Deus do universo"? A resposta a essa pergunta será fornecida no capítulo 13...

O amigo e mentor de Montini foi o filósofo herege Jacques Maritain, falecido em 1973. Maritain escreveu: "À cristandade medieval de tipo sacral e teocrático [...] **deve** suceder hoje uma nova cristandade caracterizada [...] pela emancipação recíproca do temporal e do espiritual, e pelo pluralismo religioso e cultural da cidade". Maritain é conhecido como o pai da liberdade religiosa do Concílio Vaticano II. Ele foi antecipadamente condenado, por exemplo, por Leão XIII (encíclica *Longinqua oceani,* 6 de janeiro de 1895).

D. Aplicação prática da lei a Albino Luciani

Luciani era um defensor da pílula contraceptiva (mesmo após a publicação da *Humanae Vitae* de Montini). Ele lutou contra a Missa de São Pio V em seu próprio diocese. Escreveu um artigo contra Monsenhor Lefebvre, onde defendia a liberdade religiosa, apoiava a nova missa e se tornava apóstolo do pluralismo, do ecumenismo e do diálogo; ele chamava essas três ideias de "as palavras mais sagradas". Em sua conclusão, comparou Monsenhor Lefebvre a um discípulo de Voltaire, que dizia: "O papa é uma pessoa sagrada; então beijemos seus pés, mas amarremos suas mãos". [1].

Logo após sua elevação ao (pseudo) pontificado, ele recomendou aos educadores as obras do maçom italiano Carducci, autor do infame *Hino a Satanás*. Em 1910, Monsenhor Delassus (*La conjuration antichrétienne*) lamentou que alguns educadores católicos tivessem sido seduzidos pelos escritos de Carducci; em 1978, os educadores católicos foram apresentados a esses mesmos escritos como modelo a ser seguido! O discurso de Luciani, publicado no *Osservatore Romano*, causou escândalo. Alguns chegaram a questionar se ele próprio não seria maçom.

---

[1] Albino Luciani: "Lefebvre como Voltaire", em: *Il Gazzettino di Venezia,* junho de 1977. A citação que Luciani faz é aproximada, pois Voltaire (*Le sottisier*, "soberania real dos papas") escreveu textualmente: "O papa é um ídolo a quem se amarram as mãos e se beijam os pés".

E. Aplicação prática da lei a Karol Wojtyla

Quando Wojtyla chegou a Nancy, o prefeito, que era maçom, o recebeu conferindo-lhe a qualidade de maçom (testemunho do padre Mouraux, residente em Nancy).

O jovem Wojtyla foi influenciado pela teosofia. Em Wadowice, ele encontrou Mieczyslav Kotlarczyk, diretor e teórico de teatro, e foi iniciado em uma dramaturgia esotérica. Kotlarczyk era adepto do ocultismo. "Sobre a relação entre palavras e coisas, Kotlarczyk leu e meditou textos da tradição teosófica (de Helena Petrovna Blavatsky), de fonética e linguística (Otto Jespersen), da tradição hebraica (Ismar Elbogen), fundindo tudo em uma síntese totalmente pessoal. Annie Besant e Rudolf Steiner foram sucessores de Madame Blavatsky na liderança da sociedade teosófica. O cristianismo de Steiner era um cristianismo 'cósmico', não dogmático e, claro, evolucionista. Incluía uma iniciação à magia ocultista que conectava seus adeptos com 'forças', permitindo o exercício do 'pensamento fora do corpo'. Os meios de difusão do steinerianismo eram e ainda são o teatro, a dança, etc." (Le Roux: *Pierre m'aimes-tu?*, p. 63). Wojtyla escreveu um prefácio para um livro de Kotlarczyk e pregou em seu funeral.

Wojtyla descrevia a atmosfera na qual trabalhava como ator da seguinte forma: "Era uma missão, uma vocação; era o sacerdócio da arte. Os atores, como 'sacerdotes da arte', dotados de uma força ilimitada para renovar o mundo, para refazer toda a humanidade, para curar a moral através da beleza pregada, transmitiam os mais altos valores metafísicos. Essas eram as ideias cantadas pelo 'arcipreste' Kotlarczyk" (em: *ibidem*, p. 64). O vocabulário utilizado - "força ilimitada, sacerdotes da arte, renovar o mundo, curar a moral" - não é muito católico...

---

§No momento do Vaticano II, Wojtyla tornou-se apóstolo da ideologia das lojas maçônicas, o que lhe valeu aplausos da maçonaria. "É preciso aceitar o perigo do erro. Não se abraça a verdade sem ter certa experiência do erro. Portanto, é necessário falar do direito de procurar e errar. Reivindico a liberdade para conquistar a verdade" (terceira sessão do conciliábulo Vaticano II, in: *Bulletin du Grand Orient de France,* nº 48; novembro/dezembro de 1964).

Quando estava à frente da arquidiocese de Cracóvia, Wojtyla visitou Taizé duas vezes. Ele convidou o irmão Roger para pregar diante de 200.000 trabalhadores da mina (*Le Monde,* 7 de outubro de 1986). Em Kroscienko, aos pés dos Cárpatos, ele demonstrou sua simpatia pelo movimento "Oasis", a "Taizé polonesa" (*Témoignage chrétien,* 28 de maio de 1979). Tornando-se pseudo-papa, ele visitou Taizé no início de outubro de 1986: "Passamos por Taizé como passamos perto de uma fonte".

Durante o retiro que Wojtyla pregou diante de Montini e seus colaboradores em 1976, intitulado *O sinal da contradição*, ele definiu assim a "função real" que Jesus reivindicou diante de Pilatos: "A função real - *munus regale* - não é principalmente o direito de exercer autoridade sobre os outros, mas de revelar a realeza do homem. Esta realeza está inscrita na natureza humana, na estrutura da pessoa" (Karol Wojtyla: *O sinal da contradição,* Paris 1979, p. 176). Em suma, todos os homens são reis - exceto Jesus!

Aqui está a tradução para o português:

Em 1969, Wojtyla publicou, em polonês, um livro herético que depois foi traduzido para o francês: *Pessoa e Ato*.

Para Wojtyla, "o homem se realiza como pessoa" e é "cada ato que representa um cumprimento da pessoa". A norma para realizar um ato é a "norma de sua subjetividade pessoal". Portanto, não importa o ato, as noções de bem e mal são iguais. Todo ato é bom, desde que seja realizado.

Wojtyla vai além: a transcendência, a liberdade e a verdade não estão mais fora do homem: agora são os próprios atos do homem que tornam possível a transcendência e a liberdade, e que estabelecem a norma da verdade. "A pessoa é transcendente por sua própria ação, porque é livre". A escolha do ato marca a liberdade. E a verdade consiste em se realizar, ou seja, em existir realizando atos de acordo com seus próprios valores. "O poder normativo da verdade encontra sua explicação no dever", que "consiste em se realizar a si mesmo".

Assim, para Wojtyla, o propósito na terra e a felicidade consistem em se realizar: "Realizar-se, se realizar e ser feliz é quase a mesma coisa".

Deus é praticamente ausente nesta obra, ou apenas marginalmente presente. O paraíso não interessa ao autor. O homem pode prescindir de Deus, seu criador, pois se compreende como criador, porque "o homem se cria através do ato".

Essa concepção wojtyliana do homem se encaixa perfeitamente em um movimento filosófico moderno chamado "existencialismo". O existencialismo foi explicitamente condenado por Pio XII (encíclica *Humani generis*, 12 de agosto de 1950).

Em 1972, Wojtyla publicou um vade-mécum do Vaticano II para os fiéis poloneses (traduzido para o francês em 1981: *Nas Fontes da Renovação*). O autor nega um artigo da fé católica.

Wojtyla é assim "pego em flagrante" (cf. a bula de Paulo IV) por ter desviado da fé antes de sua eleição.

Wojtyla negou um artigo do *credo* antes de sua eleição, o da unidade da Igreja. Primeiramente, a doutrina sólida: "A Igreja é constituída na unidade por sua própria natureza. Ela é UNA, embora as heresias tentem dividi-la em várias seitas" (São Clemente de Alexandria: *Stromates* VII, 17). A unidade *existe* na Igreja Católica. Os hereges e cismáticos devem *se unir à unidade existente*, convertendo-se ao catolicismo.

Segundo Wojtyla, porém, a unidade da Igreja *foi perdida*. Católicos, "irmãos separados" (= protestantes hereges) e "ortodoxos" (= gregos cismáticos e hereges) devem *reconstruir juntos uma unidade que não mais existe*. "A Igreja [está atualmente] dividida pelos homens", mas "os homens, com a ajuda da graça e apesar das divisões atuais e antigas, alcançarão um dia essa unidade que é a da Igreja no pensamento e na vontade de Cristo: 'Por uma humilde oração, devemos pedir perdão a Deus e aos irmãos separados, assim como perdoamos àqueles que nos ofenderam'" (Vaticano II: *Unitatis redintegratio,* § 7) (Karol Wojtyla: *Nas Fontes da Renovação,* Paris 1981, p. 261). Portanto, os católicos também seriam culpados de cisma, pois deveriam pedir perdão a Deus por terem pecado contra a unidade.

Mesma linha após sua eleição (inválida): "Estamos caminhando para a unidade que caracterizava a Igreja apostólica em seus primórdios, e que buscamos" (encíclica *Ut unum sint,* 25 de maio de 1995). "A divisão dos cristãos está em contradição com a verdade que eles têm a missão de defender" (*ibidem*). "Não há dúvida de que o Espírito Santo age nesta obra de 'recomposição da unidade dos cristãos'" (*ibidem*).

Em 12 de março de 2000, diante do mundo inteiro, Wojtyla pediu perdão por todos os pecados da Igreja Católica, incluindo o de ser responsável pela perda da unidade. Etchegaray, presidente do comitê do pseudo-jubileu do ano 2000, rezou assim: "Oremos para que o reconhecimento dos pecados que romperam a unidade do corpo de Cristo e feriram a caridade fraterna abra caminho para a reconciliação e a comunhão de todos os cristãos". Wojtyla continuou imediatamente: "Pai misericordioso, na véspera de sua paixão, teu Filho rezou pela unidade daqueles que creem nele, mas, contra sua vontade, eles se opuseram e se dividiram, se condenaram mutuamente e lutaram uns contra os outros. Invocamos com força o teu perdão e te pedimos para nos dar um coração arrependido, para que todos os cristãos, reconciliados contigo e entre si, formando um único corpo e um único espírito, possam reviver a alegre experiência da plena comunhão" (em: *La Croix,* 13 de março de 2000).

No dia de sua ordenação, Karol Wojtyla (assim como Roncalli, Montini e Luciani) pronunciou este juramento antimodernista (imposto por São Pio X a todos os padres): "A fé não é um sentimento religioso cego, surgindo das profundezas sombrias do subconsciente moralmente informado sob a pressão do coração e o impulso da vontade". Com seu juramento antimodernista, Wojtyla comprometeu-se a não substituir o depósito da fé "por uma criação da consciência humana, que se formou gradualmente pelo esforço dos homens".

No entanto, este juramento foi uma mentira, porque, na verdade, Wojtyla tinha uma concepção diametralmente oposta da fé, como ele confidenciou a seu amigo Frossard: "Nunca considerei minha fé como 'tradicional' [...] Ao considerar objetivamente minha própria fé, sempre constatei que ela não tinha nada a ver com qualquer conformismo, que nasceu nas profundezas do meu próprio 'eu', que também era fruto dos esforços de minha mente buscando uma resposta para os mistérios do homem e do mundo" (em: André Frossard: *Não Tenhais Medo,* Paris 1982, p. 40-41).

A fé é um dom de Deus, pelo qual aderimos firmemente às verdades do catecismo. No entanto, Wojtyla, como bom maçom, rejeita o que ele chama de "verdades prontas". Ele disse a seu amigo Frossard: "A fé não constrange a inteligência, não a submete a um sistema de verdades prontas"

(em: Frossard, p. 63). Isso está em completo oposto ao juramento antimodernista, segundo o qual a fé "é um verdadeiro assentimento da inteligência à verdade recebida de fora pela audição".

"Diga-me quem você admira, e eu direi quem você é.

"Teólogos tão eminentes como Henri de Lubac, Y. Daniélou, Y. Congar, H. Küng, R. Lombardi, Karl Ralmer e outros desempenharam um papel extraordinário nesses trabalhos preparatórios" do conciliábulo do Vaticano II (Wojtyla: entrevista em 1963 com o Padre Malinski: *Meu Amigo Kami Wojtyla,* Paris 1980, p. 189). Todos os teólogos mais escandalosos não só são elogiados por Wojtyla, mas às vezes são elevados ao (pseudo) cardinalato por ele. Resumimos brevemente as teses de todos esses teólogos, que Wojtyla tanto aprecia.

BALTHASAR afirma que o inferno está vazio.

Hans Urs von Balthasar, que o *Le Monde* de 20 de outubro de 1981 qualificou como "mentor de João Paulo II", foi criado cardeal em 28 de junho de 1988.

CAMARA acredita que o marxismo é legítimo. O Evangelho é um fermento revolucionário. "Longe de rejeitar a socialização, devemos aderir a ela com alegria como uma forma de vida social mais adequada ao nosso tempo e mais conforme ao Evangelho". Marx está certo ao criticar a religião como sendo "o ópio do povo", porque "a Igreja apresenta aos párias um cristianismo passivo, alienado e alienante, verdadeiramente um ópio para as massas" (1968).

Em 15 de agosto de 1981, Wojtyla parabenizou Dom Helder Camara: "Tua alma de pastor contribui para nossa santificação. [...] Temos por ti um amor especial".

CONGAR, várias vezes exilado por Pio XII devido à sua heresia, jubila: "Fui agraciado. As grandes causas que tentei servir culminaram no concílio: renovação eclesiológica... reformismo, ecumenismo, leigos". "A Reforma nos supera em quatro séculos nas demandas do espírito moderno".

"Teólogo eminente" segundo Wojtyla (em: Malinski: *Meu Amigo Karol Wojtyla,* p. 189).

KÜNG nega todos os dogmas. Ele é tristemente famoso por seus ataques à divindade de Jesus e à infalibilidade pontifical.

"Teólogo eminente" segundo Wojtyla!

LUBAC faz uma confusão entre natural e sobrenatural. Cada homem é Deus: "Ao revelar o Pai e ser revelado por ele, Cristo completa a revelação do homem a si mesmo" (1938).

Lubac foi criado cardeal por Wojtyla em 2 de fevereiro de 1983. "Inclino minha cabeça diante do Padre Henri de Lubac, teólogo jesuíta que estava nos primeiros lugares, ao lado do Padre Congar, ambos tendo tido dificuldades com Roma antes do período conciliar" (Wojtyla na França, *Le Monde*, 3 de junho de 1980).

MARITAIN advoga pela separação entre Igreja e Estado: "À cidade medieval de tipo sacral e teocrático deve suceder hoje uma nova cristandade, caracterizada pela emancipação mútua do temporal e do espiritual, e pelo pluralismo religioso e cultural da cidade". Maritain acredita em uma anistia final obtida por Satanás.

Maritain foi amigo e mentor de Montini e Wojtyla. Maritain "sustentou que uma concepção justa da pessoa humana era a base necessária para qualquer estrutura social e política digna do homem" (Wojtyla para o centenário do nascimento de Maritain, 1983).

RAHNER acredita que cada homem é Deus: "Em minha essência, há Deus". Ele nega o privilégio da Imaculada Conceição, porque nega o pecado original. Esse dogma "não significa de maneira alguma que o nascimento de um ser seja acompanhado por algo contaminante, por uma mancha, e que para evitá-lo, Maria deveria ter tido um privilégio" (1968). Negação da transubstanciação e do inferno.

"Karl Rahner faleceu aos 80 anos. Entre as provas de estima, Rahner acabara de receber votos pessoais de João Paulo II" (*Témoignage chrétien*, 9 de abril de 1984).

KIERKEGAARD, HUSSERL E SCHELER batizaram sua filosofia de "existencialismo". Segundo esses filósofos, os Evangelhos não são históricos, mas um testemunho da Igreja. Os dogmas se tornam relativos e mutáveis. A Redenção não passa de uma vitória sobre a injustiça, o racismo, o fascismo. Cristo é apenas um homem exemplar. Os sacramentos são apenas símbolos, etc.

Wojtyla, embora sua tese de doutorado sobre "A possibilidade de fundamentar uma ética cristã com base filosófica em Max Scheler" tenha sido criticada por seus examinadores, faz constantes referências aos filósofos Kierkegaard, Husserl e Scheler.

QQuando Wojtyla foi eleito, um cardeal visitou Jean Guitton, amigo de Montini e... maçom. Jean Guitton estava preocupado: o sucessor de Montini iria questionar as conquistas maçônicas de seu antecessor? O cardeal o tranquilizou: "As pessoas são tão tolas que acreditam que basta ser polonês para ter fé!" (testemunho de Michèle Reboul, secretária de Jean Guitton que assistiu à conversa).

---

[1] A expressão usada por Le Roux é imprecisa, pois Steiner deixou a teosofia e fundou sua própria seita, que ele chamou de "antroposofia". O centro dos antropósofos está localizado em Dornach (Suíça), onde Steiner mandou construir um edifício de madeira chamado "Goetheanum", que foi destruído por um incêndio e substituído por um edifício de pedra. A "eurythmie" (uma forma de dança teatral esotérica) é um componente essencial da antroposofia.

Conclusão

Considerando que Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla desviaram da fé antes do conclave, sua eleição é inválida de acordo com o direito divino e o direito eclesiástico.

A Igreja já tomou uma decisão antecipada: "Por renúncia tácita admitida pelo próprio direito, qualquer ofício fica vago de fato e sem qualquer declaração, se o clérigo [...] 4° se afasta publicamente da fé católica" (cânone 188). Um renomado canonista comenta sobre a noção de "renúncia tácita" do cânone 188: "Sabe-se que ela é o efeito de uma presunção legal e nem precisa ser objeto de um julgamento declarativo" (Raoul Naz: *Dictionnaire de droit canonique,* Paris 1957, artigo "ofícios eclesiásticos").

A Igreja já tomou uma decisão ao promulgar uma lei chamada "irritante". O que significa "lei irritante"? A palavra vem do latim *in-ratus*, que significa não ratificado, nulo. Segundo o cânone 11, leis irritantes determinam que um ato é nulo. "Leis irritantes ou incapacitantes são aquelas que decidem explicitamente ou em termos equivalentes que um ato é nulo ou que uma pessoa é incapaz".

A Igreja já resolveu a "questão do papa", pois estabeleceu uma lei irritante, de acordo com a qual a eleição de um não-católico é *automaticamente* nula, já que o § 6 da lei eclesiástica *Cum ex apostolatus* torna inválidas "de fato, sem necessidade de qualquer outra declaração posterior", as eleições de Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla.

> Este é o que os canonistas chamam de "*nullitas latae sententiae plenissima*", ou seja, um ato eleitoral nulo de pleno direito, sem qualquer intervenção posterior de um tribunal eclesiástico. Segundo o *Dictionnaire de droit canonique* (artigo "nullités"), "a *nullitas latae sententiae plenissima* anula o ato tanto no foro interno quanto no foro externo, na ausência de qualquer sentença judicial". Este dicionário especifica que qualquer pessoa simples (até mesmo um leigo) está autorizada a constatar essa nulidade e agir conforme necessário. As eleições de Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla SÃO nulas desde já; qualquer católico está autorizado a tornar este fato conhecido.

É até mesmo um dever proclamar a invalidez dessas eleições. Pois o Papa Paulo IV redigiu uma "constituição" à qual todo católico deve obedecer sob pena de pecado. Segundo Santo Tomás de Aquino, de fato, "a ignorância da lei não desculpa. Ora, a constituição do papa estabelece a lei. Portanto, aquele que faz algo contra a constituição do papa por ignorância é inescusável. [...] A ignorância é um pecado, quando se ignora algo que se pode e deve saber; todos são obrigados a conhecer a constituição do papa. Se alguém a ignora por negligência, não está isento de culpa se age contra a constituição" (Santo Tomás de Aquino: *Quaestiones quodlibetales,* n.º 1, q. 9, a. 3).

A constituição de Paulo IV é indubitavelmente um "ato do Santo Sé". Portanto, de acordo com o cânone 2333, a oposição direta para impedir a execução dos atos do Santo Sé é um crime punível com excomunhão.

Aqueles que se opõem à constituição de Paulo IV incorrem *ipso facto* em uma maldição divina (*Cum ex apostolatus,* § 10).

> **Resumo: Visto que Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla desviaram da fé antes do conclave, sua eleição é inválida de acordo com a lei divina e a legislação eclesiástica vigente.**

O TRONO PAPAL PODE SUBSISTIR TEMPORARIAMENTE SEM PAPA?

- A ausência de papa
- Conclusão do capítulo

Ausência de Papa

Desde a morte de Pio XII, não há mais um papa. Este fato não é de modo algum incompatível com a noção de "visibilidade" da Igreja, pois o Trono Pontifício e a Igreja Católica podem subsistir temporariamente sem um papa. A Igreja visível às vezes possui um papa, às vezes está sem papa. A vacância do Trono Apostólico é um fenômeno completamente normal, que ocorreu mais de 250 vezes na história da Igreja. A cada morte de um papa, o Trono Apostólico permanece vago por alguns meses, às vezes anos. Se a vacância do Trono Apostólico fosse contrária à visibilidade da Igreja, a Igreja teria desaparecido e ressuscitado mais de 250 vezes desde sua fundação! Quem defenderia tal absurdo?

A Igreja Católica e o Trono Apostólico são pessoas jurídicas (cânone 100). Uma pessoa jurídica de direito eclesiástico é de natureza perpétua (cânone 102). Por ser de natureza perpétua, a Igreja Católica não pode desaparecer, mesmo que temporariamente privada de um papa.

"Mesmo que vários meses ou anos se passem sem eleger um novo papa, ou mesmo que antipapas surjam, como aconteceu algumas vezes, o intervalo não destruirá de forma alguma a sucessão, porque então o clero e o corpo dos bispos sempre subsistem na Igreja com a intenção de eleger um sucessor para o papa falecido assim que as circunstâncias o permitirem" (Padre Barbier: *Les trésors de Cornelius a Lapide...,* Paris 1856, l. J, p. 724 - 725).

São Pio X previu a possibilidade de vacância do Trono, e previu tão bem que promulgou um regulamento completo para essa situação (constituição *Vacante Sede Apostolica, 25* de dezembro de 1904). Além disso, ele até criou um cânone específico para essa circunstância. "Com o Trono Apostólico vago, o sagrado colégio dos cardeais e a cúria romana não têm outro poder além do definido na constituição *Vacante Sede Apostolica* de 25 de dezembro de 1904 de Pio X" (cânone 241).

Certamente! Aqui está a tradução para o português:

"Este santo pontífice até previu que a Sé Apostólica possa ser ocupada por um usurpador! Eis o que ele decretou a esse respeito: 'Quando um cargo eclesiástico está vago de direito, mas ainda ocupado ilegitimamente, pode ser conferido a outro, desde que, segundo o costume dos santos cânones, sua ocupação seja declarada ilegítima; e essa declaração deve ser mencionada no ato da nomeação' (cânone 151).

Outro santo Papa que se preocupou com a vacância da Sé Apostólica foi São Pio V. Este Papa também considerou não ser de modo algum impossível que a Sé se torne um dia vaga. Ele também regulou essa eventualidade, não administrativamente, mas liturgicamente. No missal do altar, no início, estão as instruções sobre como celebrar a missa. É bem especificado que - devemos dizer? ORDENADO! - em caso de vacância da Sé Apostólica, o celebrante deve omitir a

menção do Papa no cânone da missa ('*Una cum famulo tuo papa nostro N.*'). 'Onde se diz "em união com vosso servo nosso Papa N.", expressa-se o nome do Papa; por outro lado, quando a Sé Apostólica está vaga, as palavras acima mencionadas são omitidas' (São Pio V: *Missale Romanum;* "*Ritus servandus in celebratione Missae*", capítulo 7, § 2). O padre deve retomar o texto a partir de "e de todos os ortodoxos,,27".

O célebre liturgista Dom Prosper Guéranger (Explicação das orações e cerimônias da missa, reedição *27 São Pio V prescreve que se ore assim: "Te igitur, clementíssimo Pai, por Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor, suplicantes rogamos e pedimos que aceites e abençoes estes + dons, estes + presentes, estes + santos sacrifícios imaculados. Em primeiro lugar, os que te oferecemos pela tua santa Igreja católica: que dignes pacificar, guardar, unir e governar em todo o mundo, e por todos os ortodoxos, cultores da fé católica e apostólica. Lembra-te, Senhor... etc* Bruxelas 1986, p. 106) comenta: 'Se a Sé Apostólica estivesse vaga, essa menção seria omitida'."

"O mesmo autor tem palavras reconfortantes para os cristãos que vivem durante a vacância da Sé Apostólica: 'Que um Decius, com suas violências, provoque uma vacância de quatro anos no Trono de Roma; que se levantem antipapas apoiados uns pela popularidade, outros pela política dos príncipes; que um longo cisma torne duvidosa a legitimidade de vários pontífices; o Espírito Santo permitirá que o teste se desenrole, fortalecerá, durante sua duração, a fé de seus fiéis; finalmente, no momento marcado, ele produzirá seu eleito, e toda a Igreja o receberá com aclamação' (Dom Guéranger: *L'année liturgique*, quarta-feira de Pentecostes).

Lucius Lector (*Le conclave*, Paris s.d., publicado sob Leão XIII) escreveu nada menos que 784 páginas sobre as leis e cerimônias que regem os conclaves e a vacância da Sé Apostólica. V. Martin escreveu um livro sobre a vacância (*Les cardinaux et la curie, Tribunaux et offices, la vacance du Siège apostolique*, Paris 1930). Charles Pichon publicou *Le pape, le conclave, l'élection et les cardinaux* (Paris 1955). Se esses livros foram escritos, é uma prova de que a existência de uma vacância da Sé Apostólica é teologicamente possível!

A vida da Igreja visível continua, mesmo quando privada de um papa. Houve até consagrações de bispos durante a vacância da Sé Apostólica.

E o Papa Paulo IV especifica que essa vacância pode durar muito tempo. Se um usurpador fosse eleito ilegitimamente, a Sé estaria vacante, 'e isso, independentemente da duração dessa situação' (*Cum ex apostolatus*, § 6).

Que a privação de um papa dure anos, até décadas, é certamente lamentável, mas de modo algum impossível. Vacância (25 de outubro de 304 - 27 de maio de 308) entre São Marcelino e São Marcelo I: três anos e sete meses. Vacância (29 de novembro de 1268 - 1º de setembro de 1271) entre Clemente IV e São Gregório X: dois anos e nove meses. Vacância (1º de abril de 1292 - 5 de julho de 1294) entre Nicolau IV e São Celestino V: dois anos e três meses. Papas duvidosos (portanto, inválidos) durante o Grande Cisma do Ocidente (1378 - 1417): trinta e nove anos (se adicionarmos a linha cismática dos antipapas do Concílio de Basileia, chegaríamos a setenta anos!).

CONCLUSÃO DO DÉCIMO SEGUNDO CAPÍTULO: Segundo os cânones 100 e 102, a Igreja subsiste perpetuamente. Em caso de vacância da Sé Apostólica, ela é governada pelo cânone 241. A vacância da Sé Apostólica é um fenômeno doloroso, porém não incompatível com a noção de 'visibilidade' da Igreja.

A visibilidade da Igreja compreende quatro características distintas, que serão delineadas no próximo capítulo."

Conclusão

A vacância da cátedra de Pedro é prevista pela legislação eclesiástica. Ela não interrompe a vida da Igreja. Portanto, não é de modo algum incompatível com a noção de "visibilidade" da Igreja Católica.

AS QUATRO MARCAS DA IGREJA VISÍVEL

A. A marca da unidade
B. A marca da santidade
C. A marca da catolicidade
D. A marca da apostolicidade
E. A Igreja conciliar não possui as quatro marcas da Igreja visível!
Conclusão

A. A marca da unidade

"Não há senão um só Senhor, uma só fé, um só batismo" (Efésios IV, 4). "Só há uma fé que TODOS devem guardar e professar publicamente" (Catecismo Romano).

Os 2.221 bispos que votaram, em 28 de outubro de 1965, na declaração Nostra aetate do Concílio Vaticano II, caíram diretamente sob um anátema do Concílio Vaticano I:

Concílio Vaticano II: Declaração *Nostra aetate* (1965): "O budismo ensina [...] um caminho pelo qual os homens [...] podem 'adquirir o estado de libertação perfeita, alcançar a iluminação suprema por seus próprios esforços'."

Concílio Vaticano I (1870): *De revelat.,* cânon 3 (citado em *Pascendi*): "Se alguém disser que o homem não pode ser elevado a um conhecimento e a uma perfeição que excedam a natureza, mas que ele pode e deve, por um progresso contínuo, 'finalmente alcançar por si mesmo a posse de todo o verdadeiro e todo o bem', que seja anátema."

Poderíamos multiplicar os exemplos de divergência entre a fé católica e a crença conciliar. A esse respeito, Romano Amerio forneceu um livro com mais de 600 páginas (*Iota unum*), deixando de lado pelo menos cinquenta temas!

A Igreja conciliar não professa a mesma fé que a Igreja Católica. Portanto, **LHE FALTA A MARCA DE UNIDADE**.

B. A marca da santidade

> "A Igreja é santa porque ela sozinha possui o culto do sacrifício legítimo e o salutar uso dos sacramentos, estes instrumentos eficazes da graça divina pelos quais Deus nos comunica a santidade" (Catecismo Romano).

Montini fez elaborar uma nova missa pelo maçom Bugnini e seis pastores protestantes. O resultado é apropriado. Como simples exemplo, observe que a invocação do Espírito Santo ("Vinde, Espírito Santo...") foi suprimida e substituída por: "Bendito sejais, Senhor Deus do universo". Mas quem é esse "Deus do universo"? Um livro escrito por um maçom luciferiano convertido fornece a resposta: "O que é então o Senhor dos Céus, senão o Deus dos preguiçosos, ociosos e vagabundos, que imaginam o espírito e se satisfazem com matéria; que vivem de ideias e consomem a realidade? Não há espírito sem matéria, e eles são identificados um ao outro, ou então o Senhor dos Céus é o Deus do Nada; enquanto Satanás, pelo contrário, é o Deus do Universo! O Deus do Universo, pois ele compreende em um único ser espírito e matéria, sendo que uma não pode subsistir sem a outra. Apenas esse deve ser para nós o Deus que governa ambos, e esse é Satanás" (Domenico Margiotta: *Le palladisme. Culte de Satan-Lucifer dans les triangles maçonniques,* Grenoble 1895, p. 44).

A luta católica está focada na "missa de sempre". Este foco faz esquecer que todos os rituais e todos os sacramentos foram mudados. O rito foi mudado em todos os lugares, a matéria e a forma às vezes.

À luz dessas informações sucintas, pode-se afirmar que a Igreja conciliar não possui um "sacrifício legítimo" e que os outros sacramentos, em sua maioria duvidosos ou inválidos, contribuem pouco para a santificação. Por isso, LHE FALTA A MARCA DA SANTIDADE.

C. A marca da catolicidade

"Todos os fiéis que existiram desde Adão até hoje, todos aqueles que existirão enquanto o mundo existir, ao professar a verdadeira fé, pertencem a esta mesma Igreja estabelecida sobre os apóstolos e os profetas" (Catecismo Romano). "Católico" significa "universal". A fé "católica" é "universal" no tempo e no espaço: é o que foi crido por todos, em toda parte e em todos os tempos, como disse São Vicente de Lérins (Commonitorium, 434).

Uma rápida análise (nossa investigação) ou numerosos e volumosos estudos (publicados por católicos desde os anos 1960) provam abundantemente que a crença professada pela Igreja conciliar não tem nada de "católica", pois está em contradição com o que foi crido e ensinado nos dois mil anos de catolicismo, ou até mesmo nos seis mil anos, pois a Igreja começou com Adão, como diz o Catecismo Romano e como explica magistralmente o padre Barbier (Les trésors de Cornelius a Lapide..., Paris 1856).

Além dos estudos católicos, pode-se citar até mesmo confissões dos próprios conciliares, que se orgulham publicamente de não serem mais católicos!

Segundo o (pseudo) prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o texto conciliar Gaudium et Spes "desempenha o papel de um contra-syllabus na medida em que representa uma tentativa de uma reconciliação oficial da Igreja com o mundo como ele se tornou desde 1789" (Ratzinger: Les Principes de la théologie catholique, tradução francesa 1985, p. 426). Os conciliares, portanto, renegam o ensinamento ex cathedra do Syllabus de Pio IX! Isso é uma apostasia.

Congar, um dos teólogos mais importantes do Vaticano II, afirmou: "A Igreja fez, pacificamente, sua revolução de outubro" (in: Monsenhor Lefebvre: Lettre ouverte aux catholiques perplexes, Paris 1985, p. 133).

Enfrentando a ideologia dos direitos humanos, a Igreja "passou de um comportamento de condenação a um comportamento positivo e encorajador" (Comissão Pontifícia "Justiça e Paz": L'Église et les droits de l'homme, Cidade do Vaticano 1975, p. 21). Triunfo póstumo dos maçons de 1789!

Como a Igreja conciliar não é católica, LHE FALTA A MARCA DA CATOLICIDADE.

D. A marca da apostolicidade

"Eis um último caráter próprio que nos faz distinguir a verdadeira Igreja: ela remonta aos apóstolos, que publicaram o Evangelho. A doutrina da Igreja não é uma doutrina nova que apenas começou a aparecer, mas é aquela mesma que foi ensinada pelos apóstolos e espalhada por eles por toda a terra. Por isso, os Padres do Concílio de Niceia, inspirados por Deus, para nos fazer compreender o que era a Igreja Católica, acrescentaram no Credo a palavra 'apostólica'" (Catecismo Romano).

Os apóstolos queimaram livros ímpios (Atos dos Apóstolos XIX, 19); Montini suprimiu o Índice e elogiou a liberdade de imprensa.

O apóstolo São Paulo proibiu sacrificar aos ídolos (1 Coríntios X, 14-22); Wojtyla o fez na África e na Índia.

O apóstolo São Pedro acusou os judeus de deicídio (Atos dos Apóstolos II, 23); o Vaticano II (Nostra aetate, § 4) nega esse fato.

Os apóstolos e os discípulos de Nosso Senhor expulsavam demônios; a seita conciliar suprimiu os exorcismos do batismo, o exorcismo das santas óleos na Quinta-feira Santa, o sal exorcizado, o pequeno exorcismo de Leão XIII recitado no final da missa, a ordem dos exorcistas (Montini suprimiu a ordem dos exorcistas em 15 de agosto de 1972, concedendo, no entanto, aos bispos a faculdade de manter um exorcista se achassem bom). Em 29 de setembro de 1985 (Documentação Católica, 1986, p. 197), a Congregação para a Doutrina da Fé formalmente proibiu que qualquer um recitasse o pequeno ou grande exorcismo de Leão XIII. As orações para os agonizantes foram expurgadas: toda menção ao demônio, adversário temível na última hora, foi suprimida. As completas dos beneditinos foram amputadas da bela lição do apóstolo São Pedro: "Irmãos, sede sóbrios e vigilantes, porque o vosso adversário, o diabo, anda ao redor como um leão, rugindo, procurando a quem devorar; resisti-lhe firmes na fé" (1 Pedro V, 8).

Os líderes conciliares assim derrubaram todas as defesas sobrenaturais contra as forças infernais. Isso é diametralmente oposto ao ensinamento dos apóstolos São Pedro (citado acima) e São Paulo, segundo o qual devemos lutar contra os poderes infernais espalhados pelos ares (Efésios VI, 10-17).

A Igreja conciliar é diferente daquela estabelecida pelos apóstolos. Isso significa que LHE FALTA A MARCA DA APOSTOLICIDADE.

A Igreja conciliar não possui as quatro notas da Igreja visível!

A Igreja conciliar não possui as notas de unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade, que são os sinais da Igreja visível. Portanto, a Igreja conciliar não é a Igreja visível!

Em setembro de 1988, Dom Lefebvre proferiu uma palestra sobre a visibilidade da Igreja, demonstrando que a Igreja conciliar não possuía essas quatro notas, enquanto os católicos que rejeitaram a Igreja conciliar as possuíam (bons sacramentos, doutrina católica, poder episcopal remontando aos apóstolos). Ele resumiu mais tarde essa palestra em duas frases: "Somos nós que somos a Igreja visível". "São os outros que não fazem mais parte dela" (entrevista em *Le Choc*, nº 6, Paris 1989).

Aqui estão os principais trechos de sua conferência crucial, intitulada *A visibilidade da Igreja e a situação atual*, proferida diante dos antigos seminaristas em Ecône, em 9 de setembro de 1988 (in: *Bulletin officiel du district de France de la Fraternité Sacerdotale Saint Pie X*, nº 29, setembro de 1988):

"[...] Onde está a Igreja visível? A Igreja visível é reconhecida pelos sinais que sempre deu para sua visibilidade: ela é UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA.

Eu pergunto a vocês: onde estão os verdadeiros sinais da Igreja? Estão mais na Igreja oficial (não se trata da Igreja visível, mas da Igreja oficial) ou em nós, no que representamos, no que somos? É claro que somos nós que guardamos a UNIDADE da fé, que desapareceu na Igreja oficial. Um bispo acredita nisso, outro não, a fé é diversa, seus catecismos abomináveis contêm heresias. Onde está a unidade da fé em Roma?

Onde está a unidade da fé no mundo? Somos nós que a mantivemos. A unidade da fé realizada em todo o mundo é a CATOLICIDADE. No entanto, essa unidade da fé no mundo já não existe mais, portanto, praticamente não há mais catolicidade. Em breve, haverá tantas igrejas católicas quantos bispos e dioceses. Cada um tem sua maneira de ver, de pensar, de pregar, de ensinar seu catecismo. Não há mais catolicidade.

A APOSTOLICIDADE? Eles romperam com o passado. Se fizeram alguma coisa, foi isso mesmo. Eles não querem mais o que aconteceu antes do Concílio Vaticano II.

A apostolicidade: nós estamos ligados aos apóstolos pela autoridade. Meu sacerdócio vem dos apóstolos; o seu sacerdócio vem dos apóstolos. Somos filhos daqueles que nos deram o episcopado. Nosso episcopado desce do santo Papa Pio V e através dele remontamos aos apóstolos. Quanto à apostolicidade da fé, cremos na mesma fé dos apóstolos. Não mudamos nada e não queremos mudar nada.

E então, a SANTIDADE. Não vamos nos fazer elogios ou louvores.

Tudo isso mostra que somos nós que temos os sinais da Igreja visível. Se ainda há uma visibilidade da Igreja hoje, é graças a vocês. ESSES SINAIS NÃO SE ENCONTRAM MAIS NOS OUTROS. Eles não têm mais a unidade da fé, e é a fé que é a base de toda visibilidade da Igreja.

A catolicidade é a fé una no espaço. A apostolicidade é a fé una no tempo, e a santidade é o fruto da fé, que se concretiza nas almas pela graça de Deus, pela graça dos sacramentos. É completamente falso nos considerar como se não fizéssemos parte da Igreja visível.

Não somos nós, mas os modernistas que estão saindo da Igreja. Quanto a dizer "sair da Igreja visível", É UM ERRO ASSIMILAR A IGREJA OFICIAL E A IGREJA VISÍVEL.

Todos os domingos na missa, os católicos cantam o Credo de Nicéia-Constantinopla. *« ...Et unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam ».* Desprovida das notas de unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade, a Igreja conciliar não representa de forma alguma a verdadeira Igreja visível, como fica claro no *credo*, definido pelos Padres de Nicéia, retomado pelos Padres de Constantinopla e devidamente explicado pelos Padres de Trento *(Catecismo Romano***). Reconhecer Roncalli, Montini, Luciani e depois Wojtyla como chefes da verdadeira Igreja é contradizer um artigo do Credo de Nicéia-Constantinopla!!!

O *Catecismo Romano* foi escrito justamente para ajudar os fiéis a discernir a verdadeira Igreja e a não confundí-la com seitas que são sua contrafação. Estudamos cuidadosamente os critérios fornecidos por este catecismo e, com a ajuda desses pontos de referência, descobrimos que a Igreja conciliar não é mais do que uma seita qualquer, fundada por impostores. Então, como homens que não fazem parte da Igreja visível poderiam ser sua cabeça? Desde quando se pode ser o Vigário de Cristo sem fazer parte do corpo místico de Cristo?!

Dom Antonio de Castro-Mayer, bispo emérito de Campos (Brasil), compreendeu muito bem que a Igreja visível não tem nada a ver com a Igreja conciliar. Na véspera das ordenações episcopais em Ecône (1988), de fato, Dom de Castro-Mayer defendia a validade da causa católica:

« Deixe o mundo dizer que essas consagrações são feitas em desacordo com a cabeça visível da Igreja. Mas deixe-me fazer uma pergunta. Onde está a cabeça visível da Igreja? Podemos aceitar como cabeça visível da Igreja *um bispo* que coloca divindades pagãs no altar ao lado de Nosso Senhor Jesus Cristo? Se todos os homens de Igreja vierem a aceitar os ensinamentos de Assis, este erro de colocar as divindades pagãs no mesmo nível de Nosso Senhor, qual será a consequência? Será a apostasia geral » (in: *Bonum certamen,* no 132, ou ainda in: *Simple lettre,* Serre-Nerpol julho/agosto de 1993).

Aqui está o texto integral (traduzido do latim) de uma declaração corajosa de um arcebispo da Igreja Romana:

DECLARAÇÃO

Nos dias de hoje, sob que aspecto a Igreja Católica nos aparece? Em Roma reina o "papa" João Paulo II, cercado pelo colégio cardinalício, bem como um grande número de bispos e prelados. Fora de Roma, a Igreja Católica parece florescente com seus bispos e padres. Os católicos estão em número imenso. Todos os dias, a missa é celebrada em tantas igrejas e, no dia do Senhor, as igrejas acolhem muitos fiéis para ouvir a missa e receber a sagrada comunhão.

Mas, aos olhos de Deus, qual é o aspecto da Igreja de hoje? Essas missas - diárias e dominicais, às quais os fiéis assistem - agradam a Deus? De modo algum! Pois essa missa é idêntica para católicos e protestantes. Por essa razão, ela não é agradável a Deus e é inválida. A única missa agradável a Deus é a missa de São Pio V, que um pequeno número de padres e bispos, dos quais eu faço parte, celebram.

É por isso que, na medida do possível, abrirei um seminário para candidatos a um sacerdócio agradável a Deus.

Além dessa "missa" que desagrada a Deus, há muitos elementos que Deus rejeita, como por exemplo na ordenação dos padres, na consagração dos bispos, no sacramento da confirmação e no da unção dos enfermos.

Além disso, esses "padres" professam:

1. o modernismo,
2. um falso ecumenismo,
3. a adoração do homem,
4. a liberdade de abraçar qualquer religião;
5. eles não querem condenar as heresias nem expulsar os hereges.

É por isso que, como bispo da Igreja Católica Romana, julgo que a Sé da Igreja Católica em Roma está vaga e que é meu dever, como bispo, fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que a Igreja Católica Romana perdure, em vista da salvação eterna das almas.

Junto a esta declaração alguns documentos muito elucidativos:

1. São Pio V: bula Quo primum;
2. Concílio de Trento, 22ª sessão;
3. Pio VII: brefo Adorabile eucharistiae, e Concílio de Florença: Decreto para os armênios; Decreto para os jacobitas;
4. São Pio V: Missal Romano: "Dos defeitos na celebração da missa": "Defeitos de forma";
5. Pio VI: Constituição Auctorem fidei; São Pio X: decreto Lamentabili e encíclica Pascendi;
6. Concílio de Florença: Decreto para os jacobitas; Pio IX: encíclica Quanta cura; Bonifácio VIII: bula Unam sanctam;
7. Codex iuris canonici, cânone 1322;

8. Paulo IV: bula Cum ex apostolatus; Codex iuris canonici, cânone 188, nº 4;
9. Pontificale romanum: "Da consagração dos eleitos ao episcopado": "Forma do juramento" e "Exame".

Munique, 25 de fevereiro de 1982

Pierre Martin Ngô-dinh-Thuc, arcebispo.

Conclusão

Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla não fazem parte da Igreja visível, mas de uma seita não-católica. Aquele que não faz parte do corpo místico de Cristo não pode, de forma alguma, ser o Vigário de Cristo. "Não pode ser a cabeça da Igreja aquele que não é membro dela" (São Roberto Belarmino: *De romano pontifice,* livro II, cap. 30).

Demonstração em três partes de que esses homens não são papas:

§ 1. "Seria absurdo dizer que aquele que está fora da Igreja possa presidi-la" (Leão XIII: encíclica *Satis cognitum,* 29 de junho de 1896).

§ 2. "Somente são verdadeiramente contados como membros da Igreja aqueles que receberam o batismo de regeneração e professam a verdadeira fé" (Pio XII: encíclica *Mystici corporis,* 29 de junho de 1943).

§ 3. Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla não professam a verdadeira fé.

> Conclusão: aquele que não professa a verdadeira fé não é um membro do corpo da Igreja e, portanto, não pode ser o chefe supremo dela.

> Resumo: a Igreja dita "conciliar", não possuindo as quatro notas características da verdadeira Igreja, é uma seita, uma "imitação de Igreja". Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla lideram uma seita herética; eles não são papas da Igreja católica.

"Uma vez que se ataca a própria cidadela da fé, [...] devemos lembrar deste preceito frequentemente ensinado por São Carlos Borromeu (*Concílio Provincial,* cap. 1): 'O primeiro e maior cuidado dos pastores deve ser ocupar-se da conservação integral e inviolável da fé católica, desta fé que a Santa Igreja Romana professa e ensina, e sem a qual é impossível agradar a Deus'" (São Pio X: encíclica *Editae saepe Dei,* 26 de maio de 1910).

Um dos artigos da fé particularmente atacado nos dias de hoje é este: "Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica" (ordinário da missa, recitação do *Credo* de Niceia-Constantinopla).

"Que se faça ressoar o *Credo:* por este canto a verdadeira fé se afirma de maneira brilhante e a alma das populações católicas, avivando sua crença, se prepara para receber a comunhão do corpo e do sangue de Cristo" (III Concílio de Toledo, 589, cânon 2).

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A. A invalidade dos Conclaves

Quando o conclave termina, um cardeal anuncia uma « grande alegria » ao povo: « Habemus papam! » (« Nós temos um novo papa! »). Desde a morte de Pio XII, uma pergunta atormenta muitas consciências: Habemus papam? Nosso Senhor não poderia de forma alguma permitir a apostasia geral sem antes ter deixado todos os argumentos para discerni-la e para se manter afastado dela. Da mesma forma, a « questão do papa » já deveria ter sido resolvida de antemão, pela própria papado, inspirada e regida pelo Espírito Santo.

A **CHAVE** para compreender a crise atual da Igreja Romana é a **INVALIDEZ DOS CONCLAVES.** Os homens que chegaram ao poder desde a morte de Pio XII haviam se desviado da fé antes dos conclaves. Sua elevação ao pontificado foi, portanto, inválida. Esta constatação tem como fundamentos:

- A constituição apostólica *Cum ex apostolatus* de Paulo **IV,** datada de 15 de fevereiro de 1559, retomada quinze vezes no código de direito canônico de 1917, e notadamente no cânon 188;
- A exclusão dos maçons dos cargos eclesiásticos no cânon 2336;
- A retidão doutrinal exigida dos bispos e cardeais (cânones 232, 343 e 1406);
- A noção de "irregularidade", que exclui os não-católicos do sacerdócio, do episcopado e do pontificado supremo: cânones 985 e 991, além do discurso de 5 de outubro de 1957 do papa Pio XII.

Não sendo papas, eles podiam desviar-se da fé e levar os fiéis ao erro, o que não teria acontecido "em nenhum momento" (Inocêncio III: carta *Apostolicae Sedis primatus,* 12 de novembro de 1199) se fossem verdadeiros sucessores de Pedro. O concílio de Vaticano II - que, em princípio, deveria ter sido um concílio ecumênico infalível - pôde errar e efetivamente errou, porque lhe faltava o elemento constitutivo obrigatório: o papa (cf. Santo Tomás: *Suma Teológica,* suplemento da Parte III, q. 25, a. 1 e Vaticano I: *Pastor aeternus,* prólogo).

Aquele que se desviou da fé não é de modo algum elegível como papa, conforme a Sagrada Escritura (*Mateus* XVI, 15) e a Tradição (Santos Cipriano, Agostinho, Tomás de Aquino, etc.). Além disso, a cláusula de catolicidade foi definida *ex cathedra* por um pontífice romano (Paulo IV, 1559), o que a torna "irreformável por si mesma, e não em virtude do consentimento da Igreja" (Vaticano I: *Pastor aeternus,* cap. 4). Além do mais, o texto de Paulo IV foi explicitamente retomado no *Codex iuris canon ici* de 1917. E o regulamento que rege os conclaves, redigido por Pio XII em 1945, estipula claramente que a eleição deve ser "feita de acordo com o direito canônico" para ser válida. Em uma palavra: só se torna papa "sob a condição de que a eleição tenha sido legítima"

(cânon 109)!

B. A "ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO NOS LUGARES SANTOS"

Por que querer afastar a todo custo os não-católicos do clero e, sobretudo, do pontificado supremo? É o papa Paulo IV quem dá a resposta: “Diante da situação atual tão grave e tão perigosa, não deve haver possibilidade de reprovar o pontífice romano por desviar-se na fé. Ele é na terra o Vigário de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo; ele tem a plenitude da autoridade sobre as nações e os reinos; ele é o juiz universal e não deve ser julgado por ninguém aqui embaixo. Além disso, quanto maior o perigo, maior deve ser a vigilância, para que os falsos profetas [...] não possam [...] arrastar consigo à perdição e à ruína da condenação os povos inumeráveis confiados aos seus cuidados”, o que seria a “abominação da desolação no lugar santo” anunciada pelo profeta Daniel *(Cum ex apostolatus,* § 1).

“Pode-se entender por ‘abominação da desolação’”, explica São Jerônimo, “o dogma perverso. Quando o virmos estabelecido no lugar santo, ou seja, na Igreja, e se apresentando como Deus, devemos fugir da cidade para as montanhas”, ou seja, sair dessa pseudo-Igreja herética (São Jerônimo, in: leitura de matinas do breviário romano, 24º domingo depois de Pentecostes). E como o dogma pode ser pervertido em grande escala ao ponto de contaminar (quase) toda a Igreja? Evidentemente, por um herege eleito (falso) papa, em violação das leis divinas e eclesiásticas. Segundo Paulo IV, a instalação de um não-católico na cadeira de Pedro constitui a “abominação da desolação”, anunciada pelo profeta Daniel e também por Nosso Senhor *(Mateus* XXIV, 15). Esta interpretação das Sagradas Escrituras feita por Paulo IV concorda com o ensinamento do Padre e Doutor da Igreja São Bernardo. São Bernardo, ao falar do falso papa marrano “Anacleto II”, lamentou amargamente: “A abominação está no lugar santo” (São Bernardo: *Carta* 124 a Hildeberto, arcebispo de Tours).

Como reconhecer um falso papa? A história eclesiástica nos ensina que houve nove falsos papas que caíram na heresia, enquanto não existe absolutamente nenhum papa que tenha se desviado da fé. Os santos doutores, os papas e os concílios certificam unanimemente que um papa nunca se desviará da fé. Daí vem uma regra de discernimento muito simples e prática: um homem que professa erros na fé é, com certeza, um impostor. Se tal falso profeta conseguir ser eleito (invalidamente) por um conclave, ele se torna uma abominável idolatria. Que ele seja adorado pelos iludidos e então estará realizada a “abominação da desolação no lugar santo”. Infelizmente para nós, esse cenário de pesadelo tornou-se realidade após a morte de Pio XII: “Onde foi instituída a sede do bem-aventurado Pedro e a cadeira da Verdade [...], lá colocaram o trono da abominação

de sua impiedade” (Leão XIII: Exorcismo contra Satanás e os anjos apóstatas, 1884).

Que esses usurpadores, uma vez eleitos (invalidamente), difundam suas heresias do alto da cadeira de Pedro e eis que nasce a "Igreja herética" predita por São Cesário de Arles para o fim dos tempos! Esta "Igreja herética", diz São Cesário, eclipsará a verdadeira Igreja.

Como distinguir a verdadeira Igreja da Igreja herética? Para não confundir a verdadeira Igreja com sua(s) falsificação(ões), é necessário meditar atentamente o *Catecismo Romano*. Eis o que diz o catecismo de Trento, que é o catecismo oficial da Igreja Romana, que não pode errar nem nos enganar: "O Espírito Santo que preside à Igreja só a governa pelo ministério dos apóstolos. Pois foi a eles que este Espírito Santo foi primeiramente dado; e ele permaneceu sempre na Igreja como um efeito da caridade infinita de Deus para com ela. De modo que, assim como é impossível que esta Igreja, que é governada pelo Espírito Santo, possa errar, nem na fé, nem na regra dos costumes, é também necessário que todas as outras sociedades que USURPAM o nome de Igreja, sendo conduzidas pelo espírito do demônio, estejam em erros muito perniciosos, tanto na doutrina quanto nos costumes" *(Catecismo Romano,* rubrica "explicação do símbolo dos apóstolos", na seção "*Credo in... sanctam Ecclesiam catholicam*").

Segundo o catecismo de Trento, a verdadeira Igreja é governada pelo Espírito Santo, enquanto as seitas são inspiradas pelo demônio. Apliquemos agora as regras do "discernimento dos espíritos". Foi mostrado, no capítulo 13, que os dirigentes conciliares suprimiram todos os exorcismos e orações contra as forças infernais. Questão de discernimento dos espíritos: foi o Espírito Santo ou o espírito das trevas que inspirou tais reformas? Ratzinger proibiu a qualquer um de recitar os exorcismos de Leão XIII. Que espírito, então, anima a Igreja conciliar? Os maçons luciferianos prestam culto a Satanás, chamando-o de "Deus do universo". Ora, a nova missa, fabricada por um maçom (Bugnini), contém justamente uma oração dirigida ao "Deus do universo"! Questão de bom senso: a Igreja conciliar é a Igreja de Deus ou a "sinagoga de Satanás" *(Apocalipse* fi, 9)?

Continuemos nossa investigação baseada no *Catecismo Romano*. Segundo este catecismo, as seitas outras que a Igreja Católica caem em erros relativos à fé ou aos costumes. Visto que os conciliares ensinam inumeráveis erros, isso indica infalivelmente que eles certamente não fazem parte da Igreja Católica! A Igreja conciliar é uma dessas seitas que "USURPAM o nome de Igreja" *(Catecismo Romano)*. Os chefes desta seita são usurpadores.

Quitte a enunciar uma obviedade, sublinhamos, no entanto, uma verdade simples: UM APÓSTATA NÃO PODE SER PAPA! Durante os três primeiros séculos, contam-se onze milhões de mártires das catacumbas, dos quais dois milhões e meio em Roma (número calculado pelo abade J. Gaume: *História das catacumbas de Roma*, Paris 1848, p. 590 - 591). Eles preferiram morrer a sacrificar às ídolos. Os "lapsi" (aqueles que "caíram") eram considerados apóstatas e, se fossem clérigos, eram tidos como depostos de seu cargo e reduzidos ao estado laico. Ora, Wojtyla sacrificou-se às ídolos voluntariamente, sem sequer ser coagido pelo medo da tortura ou da morte. É por isso que ele não pode ser papa. Onze milhões de mártires testemunham isso com seu sangue!

Uma vida humana não seria suficiente para enumerar as incontáveis blasfêmias e heresias proferidas pela seita conciliar, seja pelo (pseudo) cura de uma paróquia rural, seja pelo (pretenso) bispo local, ou pelo heresiarca supremo em Roma, que, graças à sua experiência adquirida como

ex-ATOR DE TEATRO, desempenha perfeitamente seu papel de “lobo DISFARÇADO em cordeiro” *(Mateus* VII, 15)!

Em resumo: *ANATHEMA SIT!* Wojtyla é anátema, assim como os nestorianos. Os nestorianos foram anatematizados por negarem que Maria seja a mãe de Deus. Ora, segundo Wojtyla, pode-se negar que Maria seja a mãe de Deus e ainda manter a fé. Segundo ele, aqueles “que contestaram as fórmulas dogmáticas de Éfeso e de Calcedônia” são, no entanto, “testemunhas da fé cristã” (encíclica *Ut unum sint*, 25 de maio de 1995, § 62). Wojtyla tem a mesma crença que os nestorianos: “Temos a mesma fé vinda dos apóstolos” *(ibidem).*

Em 431, quando Nestório, bispo de Constantinopla, sustentou no púlpito que Maria não era a mãe de Deus, um leigo muito corajoso levantou-se em pleno sermão e pronunciou uma única palavra: “Anátema!” (Dom Guéranger: *O ano litúrgico*, 9 de fevereiro).

Que Wojtyla seja anátema, ou seja, excluído da comunhão da Igreja Católica, é muito fácil de demonstrar. Ele concede aos nestorianos o título de "testemunhas da fé cristã" e se recusa a reiterar a condenação dos erros de Nestório. O que acontece com todos aqueles que não querem condenar Nestório? O V Concílio Ecumênico fornecerá a resposta para essa questão crucial. O V Concílio Ecumênico (Constantinopla II, 8ª sessão, 2 de junho de 553, cânon II) declara o seguinte: "Se alguém não anatematizar Ário, Eunômio, Macedônio, Apolinário, Nestório, Êutiques e Orígenes, bem como seus escritos ímpios, e todos os outros hereges condenados e anatematizados pela Santa Igreja Católica e Apostólica e pelos quatro santos concílios acima mencionados, bem como todos aqueles que mantiveram ou mantêm opiniões semelhantes às dos hereges acima mencionados e que persistiram até a morte em sua própria impiedade, que tal pessoa seja anátema". E no cânon 14, o mesmo concílio declara: "Caso alguém se proponha a transmitir, ensinar ou escrever algo que seja contrário às declarações que formulamos, se ele for bispo ou membro do clero, visto que agiria de maneira incompatível com o estado sacerdotal e eclesiástico, será privado do episcopado ou do clero".

De acordo com o direito canônico (cânon 2257), a palavra "anathema" é sinônimo de "excomunhão solene". Wojtyla se recusa a anatematizar Nestório e os nestorianos; portanto, ele mesmo é anátema, portanto, ele é excomungado, portanto, ele está fora da Igreja, portanto, ele é privado do episcopado (sem mencionar o pontificado, que ele nunca possuiu desde o início).

E poupamos nossos leitores de uma lista exaustiva das dezenas de anátemas incorridos pelos líderes da seita conciliar por heresias, crimes e sacrilégios diversos. Basta procurar nas coleções de textos dos pontífices romanos e dos concílios católicos (ver nossa bibliografia no final do volume). O anátema mais adequado é sem dúvida o intitulado *«Contra falsam synodum»* ("contra o conciliábulo"!), que se encontra na coleção jurídica de São Ivo de Chartres *(Decreti,* quarta parte, cap. 198): "Guardamos inviolavelmente todas as tradições eclesiásticas, sejam elas escritas ou não escritas. Portanto, se alguém violar qualquer tradição eclesiástica, seja ela escrita ou não escrita, que seja anátema". Esse anátema, por sua abrangência geral, resume melhor o "falso sínodo" do Vaticano II e todas as reformas pós-conciliares. Roncalli, Montini, Luciani e especialmente Wojtyla estabeleceram, de fato, um RECORD HISTÓRICO, acumulando uma quantidade jamais vista na história da Igreja de enormidades, blasfêmias, traições, atentados e injúrias contra a Santa Igreja.

Fenômeno surpreendente!

Que eles encontrem uma oposição tão fraca por parte dos católicos é outro fenômeno surpreendente. O nervo da guerra dos maus é a fraqueza dos bons, como dizia o saudoso papa São Pio X!

---

[1] « Nos dias de hoje, mais do que nunca, a principal força dos maus é a covardia e a fraqueza dos bons, e todo o nervo de guerra de Satanás reside na fraqueza dos cristãos. Oh! Se me fosse permitido, como fazia em espírito o profeta Zacarias, perguntar ao divino Redentor: "Que são estas chagas no meio das vossas mãos?", a resposta não seria duvidosa: "Elas me foram infligidas na casa daqueles que me amavam, por meus amigos que nada fizeram para me defender e que, em todas as ocasiões, se tornaram cúmplices dos meus adversários"» (S. Pio X: *Beatificação de Joana d'Arc,* 13 de dezembro de 1908).

« Na hora em que uma guerra tão cruel se abate contra a religião, não é permitido ceder à apatia vergonhosa, permanecer neutros, arruinar os direitos divinos e humanos por meio de compromissos duvidosos; é necessário que cada um grave em sua alma esta palavra tão clara e expressiva de Cristo: "Quem não está comigo está contra mim" *(Mateus* XII, 30)» (S. Pio X: encíclica *E Communium rerum,* 21 de abril de 1909).

C. APOLOGIA DA IGREJA ROMANA

Profissão de fé de Nicéia-Constantinopla: *«Credo... Et unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam».* A Igreja é uma sociedade visível, que se reconhece por quatro características ("notas"): ela é una, santa, católica e apostólica. Ora, de acordo com um estudo teológico feito por Dom Lefebvre (reproduzido no capítulo 13), e também de acordo com nossa própria análise baseada no *Catecismo Romano*, a Igreja conciliar é desprovida das quatro notas da Igreja visível. Portanto, é de fé que os conciliares não são papas: ninguém pode presidir simultaneamente uma seita não católica e a Igreja Católica! Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla pertencem a uma seita herética, e não à verdadeira Igreja. Portanto, de forma alguma podem ser papas da verdadeira Igreja. Essa é a conclusão *totalmente ortodoxa e lógica* do bom católico que deseja permanecer fiel ao *credo* e ao catecismo da Igreja una, santa, católica, apostólica e romana!

Acreditar que esses homens são impostores não é simplesmente uma *opinião* teológica defensável, mas sim uma *certeza de fé*, apoiada por inúmeras provas concordantes: Evangelhos, Padres e doutores da Igreja, doutor angélico, papas, concílios, história eclesiástica, vidas de santos e mártires, direito canônico, liturgia, catecismo. Além do *credo* de Nicéia-Constantinopla!

Essa maravilhosa concordância prova que o admirável magistério da Santa Igreja Romana é inspirado pelo Paráclito, conforme as promessas do divino Mestre: «Eu pedirei ao Pai, e Ele lhes dará outro Defensor, para que permaneça eternamente com vocês. É o Espírito da Verdade» *(João* XIV, 15-17).

O magistério da Igreja Romana é admirável. O apóstolo São Paulo já louvava a fé inabalável da Igreja da cidade de Roma, no início de sua epístola aos *Romanos*. "A sua fé é célebre no mundo inteiro!" E nos séculos seguintes, a fé da Igreja de Roma gozou da mesma celebridade. Por quê? Porque o pontífice romano tem uma fé tão sólida quanto a do próprio Filho de Deus *(Catecismo Romano,* explicação do símbolo, citando a homilia 29 de São Basílio). Os papas dispensam um ensinamento admirável, sublime, divino. Por isso, temos uma ideia tão elevada dos pontífices romanos que não os confundimos com a sua "contrafação" adúltera! O apóstolo São Pedro (2 *Pedro* III, 3), o apóstolo São Paulo (1 *Timóteo* IV, 1-2) e o apóstolo São Judas *(Epístola Católica,* 17-19) nos advertem que, "nos últimos tempos", muitos homens abandonarão a fé para seguir "doutrinas diabólicas, ensinadas por impostores hipócritas". Ora, a impostura consiste em "enganar por falsas aparências", notadamente "fingindo ser o que não se é". Esta definição nos parece bastante adequada para explicar a crise atual da Igreja...

E, afinal, somos bastante polidos, contentando-nos em empregar os termos "impostor" ou "usurpador". São Pedro Damião, confrontado com o pseudo-papa "Clemente III", foi muito mais

veemente: "perturbador da Santa Igreja, destruidor da disciplina apostólica, inimigo da salvação da humanidade, raiz do pecado, arauto do diabo, apóstolo do Anticristo, flecha já tantas vezes disparada da aljava de Satanás, vara de Assur, filho de Belial, filho da perdição, novo herege" (in: Philippe Levillain: *Dictionnaire historique de la papauté,* Paris 1994, artigo "antipapa"). E o Concílio de Constança (37ª sessão, 26 de julho de 1417) qualificou o falso papa "Bento XIII" como: "perjuro, escandaloso, cismático e herege, prevaricador, notoriamente e evidentemente incorrigível, rejeitado por Deus, excluído da Igreja como um membro podre".

São Tomás de Aquino considerava que os hereges mereciam a pena de morte *(Suma Teológica,* II-II, q. 11, a. 3). O pacífico "doutor angélico" não hesitou em lançar contra o herege Guilherme de Saint-Amour e seus discípulos violentas invectivas: "inimigos de Deus, ministros do diabo, membros do Anticristo, ignorantes, perversos, reprovados". São Bernardo chamou Arnaldo de Brescia de "sedutor, vaso de injúrias, escorpião, lobo cruel". São Paulo qualificou assim os hereges de Creta: "mentirosos, bestas selvagens, glutões preguiçosos". São João recusou-se a cumprimentar Marcião; interrogado por este herege sobre por que não o saudava, o apóstolo chamou-o de servo de Satanás. Nosso Senhor não foi indulgente com seus inimigos: "hipócritas, sepulcros caiados, geração perversa e adúltera, raça de víboras, filhos do diabo"!

E nós, diante de hereges que estabeleceram um recorde absoluto na demolição da Igreja, deveríamos nos curvar a eles, conferir-lhes o título sagrado de "Santíssimo Pai" e assegurar-lhes "nosso devotamento filial"?! Permanecer neutros e impassíveis enquanto eles arrastam a Igreja na lama, pedindo perdão ao mundo inteiro por supostos erros cometidos pelos verdadeiros papas católicos?! Ficar indiferentes enquanto crucificam novamente Nosso Senhor?! Permanecer em silêncio enquanto o "mistério da iniquidade", outrora oculto, agora opera à luz do dia?!

D. A VIRTUDE DA ESPERANÇA

Nossa Senhora o anunciou em La Salette: "Roma perderá a fé e se tornará o trono do Anticristo". Roma perdeu a fé e está pronta para se tornar a capital do Anticristo.

Encerraremos nosso estudo sobre o "mistério da iniqüidade" com uma nota de esperança. Santa Teresinha do Menino Jesus apreciava muito um livro escrito pelo Cônego Arminjon, intitulado *Fim do mundo presente e mistérios da vida futura*. Nele encontramos esta frase: "No momento em que a tempestade será mais violenta, quando a Igreja estará sem piloto, quando o sacrifício não sangrento terá cessado em todo lugar, quando tudo parecer humanamente desesperado, veremos, diz São João, surgirem dois testemunhas. Um é Enoque, trisavô de Noé, o ancestral em linha direta de toda a humanidade. O outro é Elias". Atualmente, estamos privados de um "piloto", mas nos consolamos em saber que em breve Enoque e Elias virão em nosso auxílio.

Enquanto esperamos por essas duas testemunhas com sua palavra de fogo, sejamos nós mesmos apóstolos zelosos dos últimos tempos, respondendo ao apelo urgente feito por Nossa Senhora em La Salette: "Faço um apelo urgente à terra; chamo os verdadeiros discípulos do Deus vivo e reinante nos céus, chamo os verdadeiros imitadores de Cristo feito homem, o único e verdadeiro Salvador dos homens; chamo meus filhos, meus verdadeiros devotos, aqueles que se deram a mim para que eu os conduza ao meu divino Filho, aqueles que carrego como que nos meus braços, aqueles que viveram do meu espírito; finalmente, chamo os apóstolos dos últimos tempos, os fiéis discípulos de Jesus Cristo que viveram no desprezo do mundo e de si mesmos, na pobreza e na humildade, no desprezo e no silêncio, na oração e na mortificação, na castidade e na união com Deus, no sofrimento e desconhecidos do mundo. É hora de saírem e virem iluminar a terra. Vão, e mostrem-se como meus filhos queridos; estou com vocês e em vocês, contanto que sua fé seja a luz que os ilumine nestes dias de desgraça. Que seu zelo os torne famintos pela glória e pela honra de Jesus Cristo. Lutem, filhos da luz, vocês, o pequeno número que vêem claramente; pois eis o tempo dos tempos, o fim dos fins".

Posfácio

Pós-escrito

Caros leitores

Se os documentos do magistério da Igreja os convenceram, ficaríamos muito gratos se contribuíssem para a disseminação deste livro, quebrando a conspiração do silêncio. "Os modernistas perseguem com toda a malícia, com toda a acrimônia, os católicos que lutam vigorosamente pela Igreja. Não há insulto que não vomitem contra eles. [...] Quando se trata de um adversário cuja erudição e vigor intelectual os tornam temerosos, eles procuram reduzi-lo à impotência organizando em torno dele *a conspiração do silêncio!* Esta conduta é tanto mais condenável porque, ao mesmo tempo, sem limites nem medida, eles elogiam aqueles que se alinham com eles" (São Pio X: encíclica *Pascendi*, 8 de setembro de 1907).

É evidente que os modernistas infiltrados nas fileiras dos católicos farão de tudo para abafar a voz dos papas, concílios, Padres e doutores da Igreja. Mas isso não deve nos surpreender excessivamente: "Entre vós, haverá _falsos doutores, que introduzirão *furtivamente* heresias perniciosas" (2 Pedro 2, 1).

Seu valor será recompensado por Deus: "Embora lutar para arrancar a Terra Santa das mãos dos pagãos seja a garantia de merecer a vida eterna, pensa-se que é um mérito muito maior, se se combate a impiedade daqueles que exterminam a fé [...] e tramam a ruína geral da Igreja" (Gregório IX: bula *Dei Filius*, 21 de outubro de 1239).

Os autores

ANEXOS

ANEXO A: Honório I, um papa "brilhante pela sua doutrina", que "instruiu eruditamente o clero"

A. A ortodoxia de Honório comprovada pelos testemunhos de seus contemporâneos e por seus próprios escritos
B. As primeiras calúnias (640-649) contra Honório, desmascaradas pelos contemporâneos do falecido papa
C. A falsificação dos atos do Sexto Concílio Ecumênico (680-681)
D. As fraudes dos gregos contra Honório definitivamente condenadas pela Igreja E. Os trabalhos históricos que acusam Honório de heresia são proibidos pela Igreja

A. A ortodoxia de Honório comprovada pelos testemunhos de seus contemporâneos e por seus próprios escritos

A biografia oficial de Honório, inserida no *Liber Pontificalis*, elogia este papa por suas numerosas boas obras, especialmente por ter instruído eruditamente o clero ("Multa bona fecit. Hic erudivit clerum", in: *Liber Pontificalis*, edição anotada por Louis Duchesne e alunos da Escola de Roma, Paris 1955, 1. J, p. 323). Jonas de Bobbio, que viu o papa em Roma, fez um retrato muito favorável dele: venerável, sábio, de bom conselho, gentil, humilde, "BRILHANTE PELA SUA DOUTRINA (doctrina clarens)" (Bobbio: *Vida de São Bertulfo*, cap. 6). Este elogio está em consonância com a epígrafe de Honório: seu nome é em grande honra, ele é sábio, grande em mérito, de poder divino em matéria de canto sagrado, "PODEROSO PELA SUA DOUTRINA (doctrina potens)" (in: *Liber Pontificalis*, nota explicativa 19).

Ele teve um zelo santo pela doutrina, pois repreendeu os bispos espanhóis por sua tibieza na fé. O bispo de Saragoça, Braulio, falando em nome dos bispos reunidos no Sexto Concílio de Toledo (638), tentou se justificar e concluiu com um elogio: "As duas partes do mundo, ou seja, Oriente e Ocidente, avisadas pela tua voz, compreenderam que a ajuda residia em tua presidência divina e que era necessário destruir a perfídia dos maus" (Braulio de Saragoça: *Epistolario*, 129, in: Georg Kreuzer: *A Questão de Honório na Idade Média e na Era Moderna* (coleção "Papas e Papado", vol. VIII), tese de doutorado, Stuttgart 1975, p. 19). Segundo o especialista universitário Kreuzer, Braulio fez uma alusão à valente luta de Honório contra o monotelismo.

A heresia monotelita alega que Nosso Senhor teria apenas "uma vontade", enquanto na verdade Ele possui duas: a divina e a humana. Contudo, na época de Honório, a Igreja ainda não tinha resolvido essa questão e os teólogos estavam em disputa a respeito. Além disso, os teólogos ainda discutiam uma segunda questão: Cristo possui uma ou duas vontades humanas? Portanto, três opiniões:

a) Cristo possui uma vontade divina mais uma vontade humana boa (= teologicamente correto);

b) Cristo possui apenas uma vontade (= heresia monotelita);

c) Cristo possui uma vontade humana boa (espírito) mais uma vontade humana viciosa (carne) (= heresia).

A situação é confusa, o que pode levar a mal-entendidos - o que de fato ocorreu! Pois o bispo de Constantinopla, Sérgio, questionou o papa Honório I sobre a opinião c). O papa disse que a opinião c) era falsa e aderiu à opinião a) (além disso, ordenou que todos se abstivessem de discutir sobre a questão). No entanto, os monotelitas mais tarde alegaram que o papa teria aprovado a opinião b). Daí a fábula de "Honório monotelita"!

Em vez de atacar a heresia com anátemas e excomunhões, Honório simplesmente ordenou aos teólogos que se abstivessem de discutir sobre a questão. Em sua carta *Scripta fraternitatis* (634) ao bispo Sérgio de Constantinopla, o papa Honório I de fato pediu que se guardasse silêncio, evitando disputas vãs amadas pelos sofistas: "Que Jesus Cristo seja o mesmo que opera coisas divinas e coisas humanas, as Escrituras mostram claramente. Mas saber se, por causa das obras da divindade e da humanidade, devemos dizer ou entender uma operação ou duas, isso não deve nos preocupar, e deixamos isso para os gramáticos, que têm o costume de vender às crianças as palavras que inventaram. [...] NSJC tem duas naturezas. Devemos rejeitar essas novas palavras que escandalizam as Igrejas, para que os simples, chocados com o termo duas operações, não nos considerem nestorianos, ou nos considerem eutiquianos, se não reconhecemos em Jesus Cristo apenas uma operação. Para não reacender o fogo de disputas mal adormecidas, confessemos com simplicidade que o mesmo Jesus Cristo opera tanto na natureza divina quanto na natureza humana. É melhor deixar os vãos dissecadores de naturezas, os filósofos inflados com voz de rãs, gritarem contra nós do que deixar o pobre povo com fome. Exortamos você, portanto, a evitar a nova expressão de uma ou duas operações, e a pregar conosco, na fé ortodoxa e na unidade católica, que Jesus Cristo único opera nas duas naturezas e tanto o que é da divindade quanto o que é da humanidade" (in: Rohrbacher, t. IV, p. 390).

Assim, o papa impôs o *silêncio* sobre a questão das vontades de Cristo. Essa abordagem, motivada pela preocupação de evitar disputas vãs, não é fundamentalmente má em si mesma. Séculos depois, franciscanos e dominicanos discutiam entre si se as gotas de sangue perdidas por Jesus em seu caminho da cruz permaneciam ou não em união hipostática com Nosso Senhor. O papa reinante não decidiu sobre a questão, mas proibiu os teólogos de se envolverem nesse tipo de especulação ociosa (Pio II: bula *Ineffabilis*, 1º de agosto de 1464). Da mesma forma, o Quinto Concílio Ecumênico de Latrão (II sessão, 14 de janeiro de 1516) impôs o silêncio, proibindo que qualquer um pretendesse determinar a data do fim do mundo.

Agora surge a questão: Honorius teria caído ele mesmo na heresia? A resposta é não. Sobre o que se tratava nos debates teológicos?

Desde o pecado original, os seres humanos têm duas vontades humanas contraditórias, a do espírito e a da carne.

Nosso Senhor, que assumiu nossa natureza sem o pecado, tomou apenas a vontade humana não corrompida pelo pecado original (tomou a do espírito, mas não a da carne). Além disso, sendo Deus, Nosso Senhor também possui uma vontade divina. Portanto, ele tem duas vontades, uma humana e outra divina.

Os monotelitas erroneamente sustentavam que Nosso Senhor tinha apenas uma única vontade (negando as duas vontades humana e divina).

O bispo de Constantinopla, Sérgio, escreveu a Honorius, reclamando que alguns afirmavam que em Nosso Senhor havia duas vontades contrárias. Enquanto ensinava longa e detalhadamente que Cristo tomou uma (e não duas) vontades humanas, Honorius afirmou brevemente (apenas de passagem, pois o objeto do questionamento de Sérgio eram as duas vontades humanas opostas) que Cristo também tinha uma vontade divina.

Portanto, o ensinamento do papa Honorius I era irrepreensível: ele acreditava e ensinava que Cristo não tinha duas vontades humanas contrárias, mas apenas uma, e que também tinha uma vontade divina.

B. Primeiras Falsificações (640-649) Contra Honorius, Desmascaradas pelos Contemporâneos do Papa Falecido

Honorius respondeu, portanto, que em Nosso Senhor não havia duas vontades humanas opostas (espírito e carne). Por um **MAL-ENTENDIDO**, algumas pessoas alegaram então que o papa teria negado a existência das duas vontades humana e divina!

Três anos após a morte de Honorius, seu secretário, ao descobrir o abuso que alguns monotelitas começavam a fazer no Oriente com a correspondência de seu antigo mestre, escreveu ao imperador Constantino: "Quando falamos de 'uma única vontade' no Senhor, não estávamos nos referindo à 'sua dupla natureza', mas apenas à 'sua humanidade'. Pois Sérgio, ao afirmar que em Jesus Cristo havia duas vontades contrárias, dissemos que não podíamos reconhecer nele essas duas vontades, ou seja, 'a da carne e a do espírito', como nós mesmos temos desde o pecado" (em: Mgr de Ségur: *O Sumo Pontífice,* em: *Obras Completas,* Paris 1874, vol. III, p. 269).

O papa João IV, segundo sucessor de Honorius, corroborou o mesmo em uma carta notável, ditada ao mesmo padre que havia sido secretário de Honorius. João IV também lamentou um **MAL-ENTENDIDO**: "Meu predecessor acima mencionado, portanto, disse em seu ensinamento sobre o mistério da encarnação de Cristo que não existiram nele, como em nós pecadores, duas vontades contrárias, a do espírito e a da carne. Alguns, porém, interpretaram isso à sua maneira e pensaram que ele teria ensinado uma única vontade de sua divindade e humanidade, o que é totalmente contrário à verdade" (João IV: carta *Dominus qui dixit* ao imperador Constantino III, primavera de 641).

Um santo canonizado, o abade Maximo, o Confessor, defendeu vigorosamente a memória do papa contra a tentativa dos monotelitas de se apropriarem dela. 'Deve-se rir, ou melhor, deve-se chorar ao ver esses desgraçados [bispos Sérgio e Pirro] que se atrevem a citar supostas decisões favoráveis à ímpia Ekthesis [manifesto monotelita de Sérgio, aprovado pelo imperador em 638],

tentando incluir entre eles o grande Honório, e se adornam diante do mundo com a autoridade de um homem eminente na causa da religião. [...] Quem então pode ter inspirado tanta audácia a esses FALSÁRIOS? Que homem piedoso e ortodoxo, que bispo, que Igreja não os exortou a abandonar a heresia! Mas sobretudo, o que não fez o divino Honório!' (em: Ségur, p. 269).

Esse famoso santo (que mais tarde seria martirizado pelos monotelitas) analisou os escritos de Honório e concluiu que o papa reconheceu em Cristo duas vontades, a vontade divina e a vontade humana não corrompida. Ele relata que a tentativa fraudulenta dos hereges gregos de reivindicar o nome de Honório para a causa monotelita provocou indignação no clero de Roma. 'O excelente abade Anastácio, ao voltar de Roma, nos relatou que havia discutido com os sacerdotes mais respeitados de todas as grandes igrejas sobre a questão da carta que eles escreveram a Sérgio, perguntando-lhes: 'Como devemos entender a expressão: uma vontade em Cristo, contida nesta carta?' Anastácio descobriu que esta questão os afligia e que estavam prontos para defender Honório. Anastácio também conversou com o abade João Symponus, que havia redigido esta carta em latim por ordem de Honório. A opinião deste abade foi: 'Quod nullo modo mentionem in ea per numerum fecerit unios omnimodae voluntatis', ou seja, que em sua carta Honório nunca sustentou que se deveria contar apenas uma única vontade em Cristo, e esta opinião lhe foi atribuída por aqueles que traduziram a carta para o grego. Não se devia negar em Cristo a existência da vontade humana em geral, mas apenas a existência da vontade corrompida pelo pecado." (São Máximo: Tomus endereçado ao padre Marinos, 640/641, em: Charles Joseph Hefele: História dos Concílios de acordo com os documentos originais, Paris 1909, vol. III, p. 382).

Georg Kreuzer (A Questão de Honório na Idade Média e Moderna (Papas e Papado, vol. VIII), tese de doutorado, Stuttgart 1975) editou um texto grego da carta de Honório. Ele especifica que este texto apresenta nada menos que QUARENTA variantes em relação a outras versões gregas do mesmo texto!

Há um contraste evidente entre o original em latim, que é diotelita, e a tradução grega monotelita: a palavra latina "discrete" (= de forma distinta) é traduzida por um termo grego que significa exatamente o oposto: (= sem distinção)! Honório escreveu: Cristo "operou o que é humano pela carne assumida de maneira inefável e única e preenchida pela divindade de forma distinta". O falsário grego traduziu: Cristo "operou o que é humano pela carne assumida de maneira inefável e única e preenchida pela divindade sem distinção" (original latino, cópia grega infiel e tradução francesa desses dois textos em Heinrich Denzinger: Símbolos e Definições da Fé Católica, Paris 1996, p. 176). Quem é mais credível: o secretário do papa que escreveu o original em latim em Roma, ou os copistas de Constantinopla que traduziram mal a carta para o grego?

São Maximo registrou um diálogo que teve em 645 em Cartago com o monotelita Pyrrhus, que sucedeu ao bispo de Constantinopla, Sérgio, mas que foi deposto por crime de heresia e exilado na África. Após o diálogo com São Maximo, Pyrrhus renunciou aos seus erros, mas posteriormente recaiu neles, o que lhe rendeu um anátema do papa. Este diálogo é muito instrutivo, pois mostra como os monotelitas manobraram fraudulentamente para se adornar com a autoridade de Honório, que estaria (supostamente) do lado deles.

"- Pyrrhus: O que tens a dizer sobre Honório, pois ele ensinou claramente ao meu predecessor que só há uma vontade em Cristo."

·Maxime: À qui faut-il demander le sens des propositions d'Honorius, à celui qui a rédigé la lettre, ou bien à ceux de Constantinople, qui rapportent les faits en les dénaturant d'après les désirs de leur cœur?

· Pyrrhus: Claramente para aquele que a redigiu.

· Maxime: Esse ainda vive e ilustrou o Ocidente com suas virtudes e também com suas definições em matéria de fé, em conformidade com a piedade [o antigo secretário de Honório tornou-se papa com o nome de Teodoro I (642 - 649) na época (645) em que São Maximo escrevia seu Diálogo com Pyrrhus]. Eis o que ele escreveu ao falecido imperador Constantino: "Nós afirmamos que há apenas uma vontade no Senhor, não a da divindade e da humanidade, mas apenas a da humanidade; pois Sergius nos escreveu que alguns afirmavam duas vontades opostas em Cristo. Respondemos que Cristo não possui duas vontades opostas, a carne e o espírito, mas apenas uma vontade que naturalmente caracteriza sua humanidade. A prova disso é que foi mencionado membros e carne, coisas que não é lícito atribuir à divindade. Mas por que Honório não mencionou a divindade? Porque ele se limitou a responder à solicitação de Sergius, e então nos mantivemos no costume das Escrituras, que falam às vezes apenas da divindade, às vezes apenas da humanidade. Com o mesmo objetivo de evitar a divisão da pessoa de Cristo, Honório defende que não se fale de uma ou duas operações, mas afirma que Cristo age de várias maneiras" (São Maximo: Diálogo com Pyrrhus).

Jean IV (640 - 642) realizou um sínodo romano em 640: condenação do monotelismo, mas silêncio sobre Honorius!

Pouco depois da morte de Honorius, as Igrejas da África e do Oriente afirmaram a infalibilidade papal em duas cartas ao Papa São Teodoro I, terceiro sucessor de Honorius (em: Dom Prosper Guéranger: A Monarquia Pontifical, Paris e Le Mans 1869, p. 172 - 175). Portanto, Honorius não poderia ter errado!

A pedido dos bispos africanos, São Teodoro I publicou uma carta sinodal, exigindo que Paulo (bispo de Constantinopla, sucessor de Pirro que havia sido deposto pela segunda vez) abandonasse a doutrina monotelista. Paulo respondeu que reconhecia apenas uma vontade (monotelismo) e teve a audácia de invocar a autoridade de Honorius a favor de sua heresia. São Teodoro I obviamente não deu crédito a essa nova tentativa de envolver o falecido papa na causa do monotelismo. Ele anatematizou Paulo - mas não Honorius! Este fato foi relatado pelo Papa Martinho I (649 - 653) no Concílio de Latrão (em: Jean Dominique Mansi: Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio, Florença 1764 - 1765, reedição Paris 1901, reedição Graz 1960, vol. X, p. 878) e pelo autor da Vita Theodori (em: Liber Pontificalis).

O Concílio de Latrão, realizado em Roma em 649, reuniu 105 bispos, em sua maioria italianos, mas também gregos (!). O nome de Honorius foi mencionado neste concílio. Durante o concílio, o Papa Martinho I leu uma carta do bispo monotelita Paulo de Constantinopla para o Papa São Teodoro I. Nesta carta, Paulo afirmava se apoiar em Sérgio de Constantinopla e Honorius de Roma. Paulo escreveu: "Mas todos os piedosos doutores e pregadores retiveram em sua mente desta maneira uma vontade [= heresia monotelita: uma única vontade de Cristo]. Sobre isso, [...] temos

testemunhos: com este fato concordam Sérgio e Honorius de piedosa memória, que adornam a Sé sacerdotal suprema, um aquele da Nova Roma [= Constantinopla], o outro da Antiga Roma; portanto, recebemos isto [= a doutrina monotelita] deles" (em: Mansi: Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio, vol. X, col. 1026). Esta carta claramente visava Honorius como monotelita. O que fez o concílio então? Anatematizou Paulo e Sérgio, mas não Honorius, indicando que os Padres de Latrão consideravam absolutamente infundada a equação "Honorius = monotelita"!

Na 5ª sessão (31 de outubro de 649, cânone 18), foram anatematizados os líderes da seita monotelita: Teodoro de Faran, Cirilo de Alexandria, Sérgio de Constantinopla e seus sucessores Pirro e Paulo - mas de forma alguma Honorius I!

Ninguém cogitava condenar este papa de santa memória, muito pelo contrário! No mesmo Concílio de Latrão, o bispo Estêvão de Dor deu um testemunho de extrema importância. São Sofrônio (bispo falecido em 638, principal adversário do monotelita Sérgio), ainda durante a vida do papa, tinha sido informado da carta de Honorius pedindo a Sérgio que guardasse silêncio. Como Sérgio continuava a propagar suas heresias, São Sofrônio então disse a Estêvão para ir de Jerusalém a Roma para informar o papa. "Marche do nascer do sol até o pôr do sol, até que chegue ao Sé apostólico, onde está o fundamento da doutrina ortodoxa, e não cesse de revelar aos homens santos que lá estão as maquinações dos hereges, até que a nova heresia seja completamente aniquilada" (em: Gerhard Schneemann: Estudos sobre a Questão de Honorius, Freiburg 1864, p. 20). Este testemunho constitui uma prova formal da ortodoxia de Honorius e do clero romano.

O sínodo reunido em Roma em 680 pelo Papa São Agatão também não condenou Honorius! São Agatão teve até a prudência de redigir expressamente duas cartas para remover qualquer possibilidade de acusação contra o falecido papa. "Com razão se acredita que o Papa Agatão fez esta declaração para remover qualquer suspeita de erro por parte de Honorius" (São Afonso: Dissertação sobre a Autoridade do Papa, artigo 1, § 3, em: Obras Completas, 1887, reeditado na Bélgica em 1975, vol. IX, p. 330). Sabendo que um concílio ecumênico estava prestes a se abrir em Constantinopla, e que os monotelitas desta cidade já haviam tentado duas vezes usar o nome de Honorius (cf. acima), o papa estabeleceu uma espécie de "certificado de ortodoxia" para todos os papas que reinaram antes dele. A autenticidade dessas duas cartas não é contestada por NENHUM historiador, enquanto muitos historiadores afirmam que os atos do Sexto Concílio Ecumênico de Constantinopla são interpolados. Portanto, na dúvida, devemos nos ater a essas duas cartas de Agatão, cuja autenticidade foi verificada e certificada PELOS PARTICIPANTES DO PRÓPRIO CONCÍLIO!

"A autenticidade da carta de Agatão ao imperador foi certificada na quarta sessão; seu conteúdo foi aprovado pelos bispos na décima oitava sessão: esta carta foi 'escrita por Deus [...] e por Agatão Pedro falou'. Portanto, esta é a carta que deve servir como guia."

O papa exortou o imperador a manter a fé "definida pelos predecessores santos e apostólicos e pelos cinco concílios ecumênicos". Esta fé, "recebemos pela tradição dos apóstolos e dos pontífices apostólicos", ou seja, pelos papas. Em seguida, Agatão expôs a sã doutrina (refutação do monotelismo) e acrescentou: "Eis a verdadeira e imaculada profissão da religião cristã, que não é inventada pela malícia humana, mas ensinada pelo Espírito Santo pela boca dos pontífices

romanos" (incluindo Honorius!). Agatão, ciente de que Teodoro e Macário (e antes deles Pirro e Paulo) haviam acabado de invocar o nome de Honorius em favor da causa monotelita, tomou a iniciativa e inocentou antecipadamente o papa Honorius.

> "Sob a presidência de São Pedro, esta Igreja apostólica, que é a sua, nunca se desviou do caminho da verdade para se alinhar com algum partido de erro. Em todos os tempos, a Igreja católica de Cristo inteira e os concílios universais abraçaram fielmente a sua autoridade e a seguiram em todas as coisas, como sendo a do príncipe de todos os apóstolos. Todos os veneráveis Padres se conformaram a esta doutrina apostólica [...]. Esta é a doutrina que os santos doutores ortodoxos veneraram, enquanto os hereges a perseguiram com suas acusações e a repeliram com todo o seu ódio [...]. Pela graça do Deus todo-poderoso, jamais se poderá demonstrar que esta Igreja tenha se desviado do caminho da tradição apostólica, nem que tenha sucumbido à corrupção diante das novidades heréticas, mas, graças ao príncipe dos apóstolos, ela permanece imaculada, segundo a promessa divina do Senhor [segue a citação de Lucas XXII, 32]."

O Cristo prometeu que a fé de Pedro não falhará; exortou-o a confirmar seus irmãos, O QUE OS PONTÍFICES APOSTÓLICOS, MEUS ANTECESSORES, SEMPRE FIZERAM COM AUDÁCIA. Meus predecessores 'nunca negligenciaram exortar os hereges e admoestá-los com súplicas para que abandonassem os erros dogmáticos da heresia, ou, ao menos, que se calassem', e não causassem assim um cisma ao ensinar uma vontade e uma operação em Nosso Senhor Jesus Cristo. Agatão fez aqui uma clara alusão a Honorius, que tinha pedido a Sérgio que se calasse.

Em seguida, ele prosseguiu:

> "Ai de mim se eu negligenciar pregar a verdade do Senhor que estes [meus predecessores, DOS QUAIS HONORIUS] pregaram sinceramente. Ai de mim se eu enterrar a verdade com meu silêncio' (Agatão: carta Consideranti mihi ao imperador, 27 de março de 680, em: Mansi, vol. XI, col. 234 e seguintes). Como se vê, nem sequer se pode reprovar Honorius por ter guardado o silêncio, pois Agatão diz que todos os seus predecessores sem exceção pregaram a verdade e repreenderam os hereges. Já se viu um melhor certificado de bom comportamento? Lembre-se: este certificado de bom comportamento foi exaltado pelos Padres do concílio: 'Por Agatão Pedro falou!' Portanto, como poderiam eles condenar um papa por crime de heresia???"

C. A falsificação dos atos do VI Concílio Ecumênico (680-681)

No entanto, ao ler certos trabalhos históricos, encontra-se a informação de que Honório teria sido anatematizado pelo VI Concílio Ecumênico. Como explicar essa contradição entre os elogios do Papa Agatão e os registros do concílio? A explicação está na falsificação dos registros desse concílio pelos gregos.

Os gregos frequentemente falsificavam os registros dos concílios. "Adicionar ou retirar partes dos registros dos concílios eram práticas comuns entre os gregos", afirmava Anastácio, o bibliotecário (em: Ségur, p. 271). Anastácio, o bibliotecário (800-879), viveu em Roma. Ele foi arquivista dos papas e um tradutor famoso pela sua proficiência no grego.

São Roberto Belarmino escreve: "Se os gregos corromperam os concílios IV, V e VII, não é surpreendente que também tenham corrompido o VI?" (*De romano pontifice*, livro IV, cap. II).

Os gregos eram mal vistos por Roma devido às suas múltiplas fraudes. Os papas frequentemente se queixavam disso. O Papa São Nicolau I concedeu uma autorização baseada em um documento que ele havia recebido da Grécia, mas especificou: "desde que este documento não seja falsificado conforme o costume dos gregos" (carta ao Imperador Miguel). O Papa São Leão I, o Grande (Carta *Puritatem fidei*, 10 de março de 454), lamentou-se porque alguns haviam falsificado sua carta a Flaviano. Após alterarem algumas palavras e sílabas, os falsificadores afirmaram que o Papa Leão havia caído na heresia de Nestório. Uma situação semelhante aconteceria com o Papa Honório. Desde as primeiras sessões do VI Concílio, descobriu-se a presença de falsificadores entre os participantes!

Logo no início da primeira sessão, os legados pontifícios declararam que, nos últimos 46 anos, o monotelismo havia sido ensinado pelos bispos de Constantinopla Sérgio, Paulo, Pirro e Pedro, assim como por Cirilo, patriarca de Alexandria, e Teodoro, bispo de Farã (sem menção a Honório!). Apesar dos esforços do Siège apostólico, eles persistiram no erro com obstinação.

O Patriarca de Antioquia, Macários, respondeu que os monotelitas baseavam sua doutrina nos concílios, nos Padres da Igreja "e também em Honório, outrora Papa da antiga Roma" (em: Mansi, t. XI, col. 213). O concílio então examinou os documentos apresentados por Macários. Foi lido um trecho do concílio de Éfeso, que continha uma citação de São Cirilo de Alexandria. Esta citação não

era monotelita (como afirmava Macários), mas diofisita. Durante a terceira sessão, foram lidos os atos do V Concílio Ecumênico: uma carta do bispo de Constantinopla, Mênas, contendo a fórmula "una voluntas", pareceu suspeita aos legados. O texto apresentado por Macários foi comparado com os originais dos arquivos imperiais, e ficou claro que Macários tinha adicionado a carta de Mênas nos atos do V Concílio! Na sétima sessão, descobriu-se que Macários também havia fabricado outro falso, uma carta do Papa Vigílio que definia (supostamente) uma "operação" de Cristo. Na nona sessão, as citações patrísticas apresentadas por Macários foram comparadas com os exemplares autênticos mantidos pelo patriarcado, e ficou provado que Macários havia falsificado os escritos dos Padres. O bispo de Antioquia persistiu e se apegou às suas (supostas) autoridades (concílios, Padres, Honório). Ele foi então anatematizado e deposto por crime de falsificação.

Na décima primeira sessão, foi lido um documento anterior de Macários, segundo o qual Honório já teria sido condenado por seu monotelismo. Isso era um mentira tão óbvia que ninguém levou a sério.

Há todas as razões para acreditar que os registros posteriores do VI Concílio tenham sido alterados por um falsário. Aqui estão algumas evidências.

A CARTA DE AGATÃO. Em sua carta ao imperador, lida na 4ª sessão, o Papa São Agatão havia condenado especificamente sete hereges monotelitas (em: Mansi, t. XI, col. 274-275). Na 13ª sessão, os Padres do concílio escreveram (supostamente!) ao Papa Agatão: "Nós excluímos do rebanho do Senhor aqueles que erraram na fé, ou, para falar como Davi, nós os matamos com anátemas, conforme a sentença pronunciada anteriormente em suas sagradas cartas contra Teodoro de Farã, Sérgio, Honório, Cirilo, Paulo, Pirro e Pedro" (em: Mansi, t. XI, col. 683). Os Padres do concílio (ou melhor: o copista que falsificou a declaração dos Padres) são aqui pegos em flagrante mentira: eles substituíram o nome de um dos condenados pelo de Honório! Vamos comparar as duas listas:

LISTA AUTÊNTICA, lida na 4ª sessão (autor: o Papa São Agatão): "1. Teodoro, o herege de Alexandria, 2. Cirilo de Alexandria, 3. Teodoro bispo de Farã, 4. Sérgio de Constantinopla, 5. Pirro (partarca de Constantinopla), 6. Paulo também, seu sucessor, 7. Pedro seu sucessor".

LISTA FALSA da SUPOSTA 13ª sessão (autor: copista falsificador): "1. Honório, 2. Cirilo, Teodoro bispo de Farã, 4. Sérgio, 5. Pirro, 6. Paulo, 7. Pedro".

O nome do herege Teodoro de Alexandria foi apagado e substituído pelo de Honório! Isso constitui uma prova incontestável de que os registros do concílio foram falsificados!

A ATITUDE DO IMPERADOR. Na carta imperial que confirmava o concílio, o imperador repetiu o anátema que supostamente atingia os seguintes hereges monotelitas: "Designamos como tais Teodoro, antigo bispo de Farã, Sérgio, antigo bispo desta cidade imperial protegida por Deus [Constantinopla]. Com eles, da mesma opinião e impiedade, estava Honorius, outrora papa da antiga Roma, que era herege como eles, concordava com eles e fortalecia a heresia; e também Cirilo, bispo de Alexandria, assim como Pirro, Pedro e Paulo..." (em: Mansi, t. XI, col. 710-711).

No entanto, de maneira bastante curiosa, esse mesmo imperador, em duas cartas endereçadas ao Papa Leão II para informá-lo dos resultados do concílio, não fez NENHUMA menção à condenação de Honorius, como destacou um historiador perspicaz. "Outra prova de que os atos foram falsificados e que o texto original não continha a condenação nem o nome de Honorius é que o imperador não estava ciente disso. Teriam sido cuidadosos em mantê-lo no escuro; portanto, ele escreveu ao Santo Leão II, sucessor de Santo Agatão, e ao concílio romano de acordo com os verdadeiros registros das sessões, nas quais ele sempre participou. Portanto, não há uma única palavra sobre Honorius nessas duas cartas" (Édouard Dumont: "Provas da falsificação dos atos do VI concílio contra Honorius", em: *Annales de philosophie chrétienne*, Paris 1853, p. 417). Se o concílio realmente tivesse anatematizado um papa, o imperador não teria deixado de mencionar um evento tão sensacional para Leão II. No entanto, ele não o fez. Seu silêncio prova que não houve condenação de Honorius.

Há algo de suspeito. Intrigados pela reflexão de Édouard Dumont, procuramos por essas duas cartas do imperador para Leão II. Surpresa!

Trecho da primeira carta: "A lei antiga saiu da montanha de Sião; o ápice da perfeição doutrinal está na montanha apostólica em Roma" (em: Mansi, t. XI, col. 715). De maneira muito poética, o imperador aqui faz um magnífico elogio ao papado!

"Glória a Deus, que fez coisas gloriosas e preservou a fé íntegra entre nós. De forma alguma poderá acontecer - e Deus predisse que isso nunca será - que as portas do inferno (isto é, as armadilhas da heresia) possam prevalecer contra esta pedra sobre a qual Ele fundou a Igreja" (em: Mansi, t. XI, col. 718). O imperador manifesta assim de forma extremamente explícita que nenhuma heresia jamais prevalecerá contra um papa.

Trecho da segunda carta, dirigida ao sínodo romano: "Estamos admirados com a relação de Agatão, que é a própria voz de Pedro" (em: Mansi, t. XI, col. 722). É importante lembrar que Agatão afirmou não menos que quatro vezes em sua carta ao imperador que nenhum papa falhou.

Que contraste gritante! Por um lado, o imperador enaltece o papado ("ápice da perfeição doutrinal"; "pedra" inacessível à heresia); por outro lado, ele teria anatematizado um papa "herege" da mesma forma que os monotelitas, "em acordo com eles" e que teria "fortalecido a heresia"?! Não é esta uma boa prova adicional de que os registros do concílio foram alterados?

A biografia de Agatão é uma fonte de informações independente dos atos (falsificados) do concílio. De acordo com essa biografia, os Padres, os legados e o imperador removeram dos dipticos da igreja de Santa Sofia em Constantinopla os nomes de "Cirilo, Sérgio, Pirro, Paulo e Pedro", devido à sua heresia (*Liber Pontificalis*, vida de Agatão, t. 1, p. 354). É notável: nenhuma menção a Honório!

UMA CARTA FICTÍCIA DE HONÓRIO. Na 13ª sessão, foram lidas *duas* cartas de Honório a Sérgio, o que é uma fraude! Pois Honório havia escrito apenas *uma* carta, não duas. Isso é atestado pelo secretário do falecido papa, que menciona uma resposta a Sérgio. A segunda carta é atribuída a "Sericus", enquanto o secretário de Honório se chamava "João". Resumo de uma tese de doutorado especializada: "O testemunho dos escritores contemporâneos nos permite considerar a segunda

carta como totalmente falsa e a primeira como falsificada" (Abbé Benjamin Marcellin Constant: *Étude historique sur les lettres d'Honorius* (tese de doutorado defendida em Lyon), Paris 1877, p. 57). A primeira carta (*Scripta fraternitatis*, 634) foi mal traduzida para o grego (cf. acima nosso exemplo latim-grego-francês); a segunda carta (*Scripta dilectissimi*, 634) é inautêntica (cf. também o artigo de C. Silva Tarouca em *Gregorianum*, nO 12, 1931, p. 44-46).

O ESTRANHO SILÊNCIO DOS LEGADOS E DO PAPA AGATÃO. Honório foi (supostamente) acusado na 12ª sessão e então anatematizado a partir da 13ª sessão. "Até a 12ª sessão do VI Concílio Ecumênico, os legados pontificais frequentemente tomavam a palavra. [...] Seu comportamento parece ainda mais estranho após a 12ª sessão. Quando as duas cartas de Honório foram lidas, não se ouviu uma palavra dos legados em sua defesa. [...] Eles aceitaram em silêncio a condenação de Honório I e confirmaram sem contestação o anátema pronunciado contra ele" (Kreuzer, p. 97-100).

No *Liber Pontificalis* estão as biografias oficiais dos papas. No entanto, na biografia de Agatão, não há menção da condenação de Honório. Erich Caspar (*Geschichte des Papsttums*, Tübingen 1930-1933,1. l, p. 609) tentou explicar a ausência da condenação de Honório I na *Vita Agathonis*, sugerindo que os legados pontificais teriam parado de enviar relatórios a Roma a partir de março/abril de 681 devido ao "desenvolvimento desfavorável" do concílio. No entanto, esta hipótese é desmentida pelo conteúdo da *Vita* em si, que ainda menciona eventos que podem ter ocorrido apenas após 26 de abril (momento da 15ª sessão) (ver Duchesne: *Liber Pontificalis*, 1. 1, p. 356, nota explicativa 13).

Refletindo um pouco: se Agatão realmente tivesse recebido uma notícia tão sensacional - sem precedentes na história da Igreja e em flagrante contradição com a carta que acabara de escrever para certificar a ortodoxia dos papas - ele certamente teria reagido. No entanto, na *Vita Agathonis*, não há menção alguma da condenação de Honório, o que sugere que é puramente fictícia. Da mesma forma, os legados, se realmente tivessem tentado anatematizar Honório, certamente teriam feito comentários a respeito. Seu silêncio repentino e anormal indica que um copista inseriu o anátema contra Honório, mas esqueceu de inventar também alguns discursos dos legados, o que teria tornado a situação plausível. "Mas suponha-se que o nome de Honório não estivesse envolvido em tudo isso, o silêncio dos legados se explicaria muito bem. Eles obviamente não teriam nada a dizer nesse caso" (Dumont: "O VI Concílio e o Papa Honório", in: *Annales de philosophie chrétienne*, Paris 1853, p. 58).

CARTAS FICTÍCIAS DE LEÃO II. Agatão morreu em 10 de janeiro de 681. Ele foi substituído apenas no final do ano por Leão II (681-683). O bispo de Constantinopla, Teodoro, então fabricou cartas fictícias do Papa Leão II, que teria (supostamente) confirmado o anátema contra Honório (muitas evidências de falsificação em Dumont, p. 418-419 e em Caesar Baronius: *Annales Ecclesiastici*, Antuérpia 1600 (várias reedições), ano 683). Dessa forma, Teodoro propagou entre os gregos a fábula do anátema contra Honório. Essa fábula chegou aos ouvidos de Roma. Dois séculos depois, Roma vingou solenemente a memória ultrajada de Honório.

D. Fraudes dos Gregos contra Honório definitivamente condenadas pela Igreja

O CONCÍLIO DE ROMA: Durante o concílio realizado em Roma em 869, o papa Adriano II fez um discurso e declarou: "Lemos que o pontífice romano julgou os prelados de todas as Igrejas; mas não lemos que ele tenha sido julgado por quem quer que seja" (citado por Leão XIII: encíclica *Satis cognitum*, 29 de junho de 1896). No entanto, os Gregos afirmavam que Honório tinha sido julgado. Como explicar essa discrepância entre a afirmação do papa Adriano II e a dos Gregos?

É Anastase o bibliotecário quem vai fornecer a resposta. Ele escreveu ao papa João VIII que os atos do VI Concílio Ecumênico detidos pelos Gregos estavam interpolados, porque continham elementos apócrifos do VI concílio. "É muito notável que neste concílio se encontrem vários cânones e decisões dos apóstolos e do VI concílio, cuja interpretação não é conhecida nem recebida entre nós" (Anastase: *Prefácio* de sua tradução do VII concílio, in: Dumont, p. 434). Assim, os Orientais acreditavam na condenação de Honório com base em atos falsificados, enquanto os Ocidentais, possuindo os atos autênticos, tinham Honório em alta estima.

Essa divergência entre Oriente e Ocidente sobre o caso de Honório é corroborada pela omissão (Gregos) ou menção (Romanos) de Honório nos dipticos após o VI concílio. Em Constantinopla, o nome de Honório foi apagado dos dipticos sob Justiniano II. Justiniano II foi assassinado pelo usurpador Bardanes, discípulo do monotelita Macário. O monotelita Bardanes restaurou Serge e Honório nos dipticos. Mas dois anos depois, ele foi deposto pelo novo imperador Anastácio II, que novamente removeu Serge e Honório dos dipticos (testemunho de um contemporâneo grego, o diácono Agatão de Constantinopla: *Epílogo*, 714, in: Dumont, p. 420). Em Roma, por outro lado, o nome de Honório nunca foi removido dos dipticos (testemunho de Anastase o bibliotecário, que viveu em Roma no século IX, in: Baronius, ano 681).

Cette questão dos dipticos é importante. Ser mencionado nos dipticos é uma prova de ortodoxia. "Prometo não recitar durante os santos mistérios os nomes daqueles que estão separados da comunhão da Igreja católica" (São Hormisdas: *Libellus fidei*, 11 de agosto de 515). O fato de Honório continuar a ser mencionado nos dipticos em Roma indica que ele nunca foi excluído da comunhão da Igreja católica. Em outras palavras, a Igreja de Roma nunca ratificou a (suposta)

condenação de Honório, inventada pelo falsificador grego Teodoro e retomada pelo cismático grego Fócio.

O VIII CONCÍLIO ECUMÊNICO: Na 7ª sessão do VII Concílio Ecumênico (Constantinopla IV), o Papa Adriano II observou que os gregos, mas não os papas, afirmavam que Honório estava anátema. Adriano II afirmou que julgar um papa era completamente contrário ao direito canônico. "Esta é uma presunção intolerável que não podemos ouvir. Quem entre vocês, eu pergunto, já ouviu tal coisa, ou quem já encontrou em algum lugar menção de uma enormidade tão temerária? Nós lemos que o pontífice romano pronunciou sobre os chefes de todas as Igrejas, não lemos que alguém tenha pronunciado sobre ele. Pois embora se tenha dito que Honório foi anátema, após sua morte, pelos Orientais, deve-se saber que ele foi acusado de heresia, por causa da qual apenas é lícito aos inferiores resistir à impulso dos superiores e rejeitar suas más opiniões. Mas mesmo assim, não teria sido permitido a nenhum dos patriarcas e outros bispos proferir qualquer sentença sobre ele, se antes o pontífice do mesmo Primeiro Trono não tivesse intervindo previamente por autoridade de seu consentimento" (in: Mansi, vol. XVI, col. 126). Adriano II menciona que Honório foi acusado pelos Orientais, mas também estabelece que não há aprovação pontifical desse ato. Isso confirma que os exemplares dos atos do VI Concílio detidos pelos gregos foram alterados por falsificadores. "Os manuscritos feitos em Roma são muito mais verdadeiros do que aqueles fabricados pelos gregos, porque entre nós não se pratica nem artifícios nem imposturas" (São Gregório Magno: *Carta 6 a Narses*).

Adrien II, afin de montrer que nul n'a le droit d'anathématiser un pape, évoqua ensuite le cas du pape Symmaque, qui avait été accusé (calomnieusement) de plusieurs crimes. « Le roi d'Italie Théodoric, voulant attaquer le pape Symmaque jusqu'à obtenir sa condamnation en justice » convoqua de nombreux clercs de son royaume et leur dit que plusieurs crimes horribles avaient été commis par Symmaque. Il leur enjoignit de se réunir en synode et de « constater cela par un jugement ». Les prélats se réunirent par déférence pour le roi. Mais ils savaient que la « primauté » du pape ne permettait pas qu'il rut « soumis au jugement de ses inférieurs ». Que faire? Juger un pape en violation du droit, ou bien encourir la colère du roi en refusant de s'ériger en juge? « À la fin, ces prélats vraiment vénérables, quand ils virent qu'ils ne pouvaient pas, sans autorisation pontificale, porter leur main contre la tête [le pape] - et ce quels que fussent les actes du pape Symmaque dénoncés -, ils réservèrent tout au jugement de Dieu » (in: Mansi, 1. XVI, col. 126).

Toujours en vue de montrer qu'il est illicite d'accuser et de juger un pape, Adrien II cita en exemple l'attitude de Jean, évêque d'Antioche. Ce prélat avait anathématisé un *évêque,* mais avait interdit de s'attaquer au *pape.* Jean n'avait pas hésité à anathématiser 1 'hérétique Cyrille, évêque d'Alexandrie; et pourtant, ce même Jean écrivit dans une lettre au pape St. Célestin 1er, approuvée par le concile d'Éphèse (3e session), qu'il était illicite de juger le Siège de Rome, vénérable par l'ancienneté de son autorité. « Si l'on donnait la licence à ceux qui veulent de maltraiter par des injures les Sièges plus anciens *[majores* = « plus anciens » ou « plus grands »] et de porter des sentences (contrairement aux lois et canons) contre eux, alors qu'ils n'ont aucun pouvoir contre ces Sièges, les affaires de l'Église iront jusqu'à la confusion extrême » (in: Mansi, t. XVI, col. 126).

O discurso de Adriano II teve seu efeito. De fato, os Padres do concílio redigiram um cânon expresso contra alguns gregos (incluindo Fotius, que havia atacado Honorius e pretendido depor o legítimo Papa Nicolau I) que pretendiam criticar, ou mesmo julgar, os papas. A Igreja Católica

nunca aceitou tal insolência. A (suposta) condenação de Honorius foi expressamente criticada por Adriano II e pelos Padres do VIIIº Concílio: "A palavra de Deus, que Cristo dirigiu aos santos apóstolos e discípulos (‘Quem vos recebe a mim me recebe’ [Mateus 10, 40] e ‘Quem vos despreza a mim despreza’ [Lucas 10, 16]), cremos que foi dirigida também a todos aqueles que, após eles e seguindo o seu exemplo, se tornaram sumos pontífices. [...] Que ninguém redija nem componha escritos ou discursos contra o santíssimo papa da antiga Roma, sob pretexto de pretensos erros que ele teria cometido; isso foi feito recentemente por Fotius, e Dióscoro muito antes dele. Qualquer um que tiver a audácia de injuriar por escrito ou sem escrito a Sé do príncipe dos apóstolos, Pedro, será condenado como eles. [...] Se um concílio universal é reunido e surge alguma incerteza e controvérsia sobre a Santa Igreja de Roma, deve-se com respeito, em toda a conveniência, investigar a questão levantada, aceitar a solução, e usá-la para o bem, sem ousar pronunciar-se contra os pontífices da antiga Roma" (VIIIº Concílio Ecumênico (867), cânon 21).

O Papa Adriano II impôs a todos os clérigos do Oriente e do Ocidente a assinatura da profissão de fé do Papa São Hormisdas. Honorius assim teve seu "certificado de ortodoxia", pois esta profissão de fé afirma que a promessa de Cristo "se cumpriu; pois a religião católica sempre foi guardada sem mancha na Sé apostólica".

DECISÕES DO VATICANO I FAVORÁVEIS A HONÓRIO I: Os Padres do Vaticano I compilaram uma lista de bons livros sobre os "casos históricos" das supostas falhas dos papas (capítulo 4).

Os Padres do Vaticano I tratam da (suposta) condenação de Honório no Sexto Concílio Ecumênico? Isso pode ser deduzido de uma alusão discreta, mas firme. No capítulo 4 da *Pastor Aeternus*, os Padres do Vaticano escrevem que "esta Sé de Pedro permaneceu pura de todo erro" e remetem, em nota, ao seguinte: "cf. a carta do Papa Santo Agatão ao imperador, aprovada pelo Sexto Concílio Ecumênico". Nos esquemas preparatórios da *Pastor Aeternus*, foram citados trechos dessa carta; no esquema definitivo, restou apenas a referência de rodapé. Segundo os Padres do Vaticano, do Sexto Concílio Ecumênico deve-se reter não uma (FICTÍCIA) condenação de Honório, mas sim a carta (AUTÊNTICA) do papa reinante, que certifica que todos os papas eram ortodoxos e lutavam contra as heresias. Além disso, eles mencionam o formulário de Hormisdas-Adriano II (ver acima) e afirmam explicitamente: "Nossos predecessores trabalharam incansavelmente na propagação da doutrina salvadora de Cristo entre todos os povos da terra e cuidaram com igual cuidado de sua conservação autêntica e pura, onde quer que tenha sido recebida".

E. Os trabalhos históricos que tratam Honorius como herege são proibidos pela Igreja.

O Bispo Jacques Bénigne Bossuet, por subserviência ao rei galicano Luís XIV, escreveu um panfleto pseudo-científico contra a infalibilidade. Ele abordou extensivamente o caso de Honorius nesta *Defensio declarationis conventus cleri Gallicani anni* 1682 (1730, livro VII, capítulos 21-29). Honorius teria aprovado a heresia de Sérgio e teria sido condenado no VI Concílio por precipitar a Igreja no erro. O papa reinante considerou colocar o livro de Bossuet no Índice, mas se absteve por razões políticas (para não indispor Luís XIV). Em uma carta ao inquisidor geral da Espanha, datada de 13 de julho de 1748, Bento XIV desaprovou este livro e acrescentou: "No tempo de Clemente XII, nosso predecessor de feliz memória, considerou-se proibir este trabalho, mas acabou-se concluindo não fazê-lo, não apenas por causa da reputação do autor, que tanto contribuiu para a religião em muitos outros aspectos, mas também por temer fundadamente provocar novos distúrbios".

De acordo com outros trabalhos de historiadores protestantes, galicanos e jansenistas, Honorius teria sido herege. É interessante notar que eles foram colocados no Índice[[1]]. Assim, a Santa Igreja sugere que a teoria "Honorius = herege" é uma tese ilícita!

CONCLUSÃO DE NOSSO APÊNDICE A: Dizer que Honorius foi condenado por crime de heresia é uma afirmação cientificamente falsa. Dizer que ele foi "apenas" anatematizado por sua negligência em combater a heresia também é uma afirmação falsa. De acordo com o testemunho dos contemporâneos - que estavam bem posicionados para saber! - este papa "poderoso por sua doutrina" (epitáfio) 1. lutou vigorosamente contra o monotelismo (testemunho dos bispos espanhóis), 2. esforçou-se para corrigir o monotelita Sérgio (testemunho de São Máximo).

Resumo: Honorius I foi um papa "brilhante por sua doutrina", que lutou vigorosamente contra a heresia monotelita. A Igreja definiu dogmaticamente (Vaticano I) que todos os papas sem exceção foram ortodoxos e colocou no Índice livros de pseudo-historiadores que afirmavam o contrário.

[1] Uma bibliografia de obras a favor e contra Honorius é fornecida por Wilhelm Plannet: *Die Honoriusfrage auf dem Vatikanischen Konzil,* tese de licenciatura em teologia, Marburg 1912. Uma bibliografia mais abrangente com um resumo do conteúdo é fornecida por Georg Kreuzer: *Die Honoriusfrage im Mittelalter und in der Neuzeit* (coleção "Päpste und Papsttum", vol. VIII), tese de doutorado, Stuttgart 1975. Alguns livros resumidos por Kreuzer foram colocados no Índice:

- Edmond Richer (galicano): *Opera omnia,* 29 de outubro de 1622 e 4 de abril de 1707; *Historia Conciliorum generalium,* 17 de março de 1681 (bula de Inocêncio XI);
- Simon Vigor (galicano): *Opera omnia* (ele calunia Honorius em sua *Apologia contra Vallam*), 17 de julho de 1615, 5 de março de 1622 e 23 de novembro de 1683;
- Johann Gerhard (luterano): *Opera omnia* (ele calunia Honorius no livro *Confessio catholica*), 5 de julho de 1672, 27 de abril de 1716 e 10 de maio de 1757;
- Louis Ellies du Pin (jansenista e galicano); em uma carta dirigida a Luís XIV, o Papa Clemente XI chamou este autor de "um homem de doutrina detestável e culpado de vários excessos contra a Sé Apostólica"): *De antiqua Ecclesiae disciplina dissertationes historicae,* 22 de janeiro de 1688 (bula de Inocêncio XI); *Histoire de l'Église en abrégé,* 4 de dezembro de 1719;
- Louis Maimbourg (galicano): *Traité historique de l'établissement et des prérogatives de l'église de Rome et de ses évêques,* 4 de junho de 1685 (bula de Inocêncio XI);
- Peter Le Page Renouf (anti-infallibiliste inglês): *The condemnation of pope Honorius, 14 de dezembro de 1868;*
- Janus (pseudônimo de Johann Joseph Ignaz von Döllinger, o mentor do movimento dos velhos-católicos): *Der Papst und das Concil,* 26 de novembro de 1869;
- Gratry: *Mgr l'évêque d'Orléans et Mgr l'archevêque de Malines,* proibido em 1870 pelo bispo de Estrasburgo e pela quase totalidade do episcopado francês.

ANEXO B: A bula de Paulo IV inserida no direito canônico

Ao consultar uma edição *anotada* do código (veja a página de título reproduzida abaixo em fac-símile), observa-se que os seguintes cânones fazem referência à bula de Paulo IV (como exemplo, a página relativa ao cânone 188 é reproduzida abaixo em fac-símile).

Provavelmente o cânone mais importante é o cânone 188 (por isso é REPRODUZIDO EM FAC-SÍMILE A SEGUIR), que se refere, no rodapé, aos §§ 3 e 6 de Paulo IV: "Por uma renúncia tácita admitida pelo próprio direito, qualquer ofício fica vago por si só e sem nenhuma declaração, se o clérigo [...] se afasta publicamente da fé católica".

Aqui estão outros cânones que incorporam alguma disposição de Paulo IV:

- Cânone 167 (referência no rodapé ao § 5 da bula de Paulo IV): "Não estão habilitados a eleger [...] 4° aqueles que deram seu nome a uma seita herética ou cismática ou que aderiram publicamente a ela".
- Cânone 218, § 1 (referência ao § 1 de Paulo IV): "O pontífice romano, sucessor do primaz São Pedro, tem não apenas um primado de honra, mas também a suprema e plena autoridade de jurisdição sobre a Igreja universal, no que diz respeito à fé e aos costumes, e no que diz respeito à disciplina e ao governo da Igreja dispersa por todo o globo".
- Cânone 373, § 4 (referência ao § 5 de Paulo IV): "O chanceler e os notários devem ter uma reputação sem mancha e acima de qualquer suspeita".

1. **Cânon 1435 (§ 4 e 6 de Paulo IV)**: (concerne à privação de benefícios eclesiásticos ou ainda à nulidade das eleições para benefícios).
2. **Cânon 1556 (§ 1 de Paulo IV)**: "O primeiro assento não é julgado por ninguém".
3. **Cânon 1657, § 1 (§ 5 de Paulo IV)**: "O procurador e o advogado devem ser católicos, maiores de idade e de boa reputação; os não católicos não são admitidos, exceto em casos excepcionais e por necessidade".
4. **Cânon 1757, § 2 (§ 5 de Paulo IV)**: "São a ser recusados como testemunhas suspeitas: 10 os excomungados, perjuros, infames, após sentença declaratória ou condenatória".
5. **Cânon 2198 (§ 7 de Paulo IV)**: "Somente a autoridade eclesiástica, às vezes recorrendo à ajuda do braço secular onde julgar necessário ou oportuno, persegue o delito que, por sua natureza, lesa apenas a lei da Igreja; as disposições do cânon 120 permanecendo intactas, a autoridade civil pune, por direito próprio, o delito que lesa exclusivamente a lei civil, embora a Igreja mantenha competência sobre ele devido ao pecado; o delito que lesa a lei de ambas as sociedades pode ser punido pelos dois poderes".

6. **Cânon 2207 (nenhum parágrafo de Paulo IV no *Codex* (esquecido?), mas ainda assim mencionado no índice das *Fontes*; este cânon corresponde, em nossa opinião, ao § 1 de Paulo IV)**: "O delito é agravado, entre outras causas: 10 pela dignidade da pessoa que comete o delito ou que é vítima dele; 20 pelo abuso da autoridade ou do cargo utilizado para cometer o delito".
7. **Cânon 2209, § 7 (§ 5 de Paulo IV)**: "O elogio do delito cometido, a participação no lucro, o ato de esconder e ocultar o delinquente, e outros atos posteriores ao delito já consumado podem constituir novos delitos, se a lei os punir com uma pena; mas, a menos que haja um acordo culpável antes do delito, eles não implicam a imputabilidade desse delito."
8. **Cânon 2264 (§ 5 de Paulo IV)**: "Todo ato de jurisdição, tanto no foro interno quanto no foro externo, realizado por um excomungado é ilícito; e se houve uma sentença condenatória ou declaratória, o ato é até mesmo inválido."
9. **Cânon 2294 (§ 5 de Paulo IV)**: "Aquele que é atingido por uma infâmia de direito é irregular, conforme o cânon 984, 5°; além disso, ele é incapaz de obter benefícios, pensões, cargos e dignidades eclesiásticas, de exercer atos legítimos eclesiásticos, um direito ou um emprego eclesiástico, e deve ser afastado de todo exercício das funções sagradas."
10. **Cânon 2314, § 1 (§ 2, 3 e 6 de Paulo IV)**: "Todos os apóstatas da fé cristã, todos os hereges ou cismáticos e cada um deles: 1° incorrem automaticamente em excomunhão; 2° a menos que, após serem advertidos, se arrependam, devem ser privados de todo benefício, dignidade, pensão, cargo ou outra função na Igreja, devem ser declarados infames e, se forem clérigos, depois de repetida advertência, devem ser depostos; 3° se derem seu nome a uma seita não católica ou aderirem publicamente a ela, são infames automaticamente e, levando em conta a prescrição do cânon 188, 4°, os clérigos, após uma advertência infrutífera, devem ser degradados."
11. **Cânon 2316 (§ 5 de Paulo IV)**: "Aquele que, de qualquer forma, ajuda espontaneamente e conscientemente a propagar a heresia, ou que participa *in divinis* [= que assiste ao culto de uma seita não católica] com os hereges contrariamente à prescrição do cânon 1258, é suspeito de heresia."

ANEXO C: O que é um "herege"?

A. A pertinácia
B. Ninguém deve ignorar o magistério
C. Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla são pertinazes?
D. Os hereges não fazem parte da Igreja

A. A Pertinácia

É considerado herege aquele que nega um dogma "com pertinácia". O advérbio latino "*pertinaciter*" pode ser traduzido para o francês como: com obstinação, teimosia, determinação.

Os teólogos distinguem duas categorias de pessoas: aquelas que estão no erro sem serem pertinazes e aquelas que aderem ao erro com obstinação:

O "herege material" é aquele que está materialmente no erro (desvio da fé), mas está neste erro por IGNORÂNCIA da doutrina católica. Ele não faz realmente parte dos "haereticis", mas está na categoria dos "errantes".

O "herege formal", por outro lado, está no erro não por ignorância, mas por malícia: ele SABE que suas ideias são contrárias ao magistério da Igreja Católica, mas ainda assim se apega a elas. Ele é herege.

São Tomás define o ato de heresia como um ato de rejeição do magistério: "É manifesto que aquele que adere à doutrina da Igreja como a uma regra infalível concorda com tudo o que a Igreja ensina; do contrário, se entre as verdades ensinadas pela Igreja ele retém apenas o que quer e deixa de lado o que não quer, ele não adere mais à doutrina da Igreja como a uma regra infalível, mas ao seu próprio julgamento. Assim, o herege que rejeita obstinadamente um único artigo de fé não está disposto a seguir o ensinamento da Igreja sobre os outros... ele possui, portanto, em matéria de fé, apenas uma opinião humana, ditada pela sua vontade" (São Tomás de Aquino: *Suma Teológica*, II-II, q. 5, a. 3).

Sustentando-se em São Tomás e em muitos teólogos, o *Dicionário de Teologia Católica* (artigo "heresia") define os termos "heresia" e "pertinácia" da seguinte forma: "O ato de heresia sendo um julgamento errôneo da inteligência, basta, portanto, para cometer o pecado de heresia, emitir consciente e voluntariamente este julgamento errôneo, em oposição ao ensinamento do magistério da Igreja. Desde o momento em que se CONHECE suficientemente a regra da fé na Igreja, e que em qualquer ponto, por qualquer motivo e de qualquer forma, se recusa a se submeter a ela, a heresia formal está consumada [...]. Esta oposição deliberada ao magistério da Igreja constitui a *pertinácia*, que os autores exigem para que haja pecado de heresia [...]. É preciso observar com Cajetano *In IIam IIae, q. XI a.* 2) e Suarez *(loc. cit.,* nº 8), que ESTA PERTINÁCIA NÃO IMPLICA NECESSARIAMENTE uma longa obstinação por parte do herege e ADVERTÊNCIAS POR PARTE DA IGREJA".

O que constitui a pertinácia é o *conhecimento* e a *rejeição* do MAGISTÉRIO (e não o rejeito de uma admoestação canônica INDIVIDUAL). É a oposição ao magistério (e não a desobediência a um aviso individual expedido pelo ordinário do lugar) que constitui a pertinácia. Segundo o Doutor Angélico, apenas a IGNORÂNCIA do magistério eclesiástico desculpa da heresia: "... se ele não é pertinaz,

mas está pronto para corrigir seu julgamento conforme determina a Igreja, e assim erra não por malícia, mas por IGNORÂNCIA, ele não é herege" (São Tomás de Aquino: *Comentário sobre todas as Epístolas de São Paulo*, lição 2 sobre *Tito* III, 10).

"Se houver aqueles que defendem sua maneira de pensar, ainda que falsa e perversa, sem colocar qualquer animosidade obstinada, mas buscando a verdade com cuidado e cautela, estando prontos para se corrigir assim que a encontrarem, não devem ser contados entre os hereges de forma alguma" (Santo Agostinho: *Epist.* 43, cap. 3; *Decretais*, § 24), porque de fato não escolhem estar em contradição com o ensinamento da Igreja. [...]. Pelo contrário, depois que as coisas foram definidas pela autoridade da Igreja universal, se alguém repugnar obstinadamente a tal decisão, ele será herege" (São Tomás: *Suma Teológica*, II-II, q. 11, a. 2).

Segundo o Doutor Angélico, o que constitui a pertinácia é uma oposição à verdade conhecida - e não o rejeito de uma admoestação canônica individual enviada pelo bispo local. Por isso, um homem perverso, que nega conscientemente dogmas, mas nunca foi detectado e julgado individualmente pela autoridade, ainda é considerado herege.

Se argumentássemos que é absolutamente necessário um julgamento do Sé apostólico ou do bispo local contra tal indivíduo, chegaríamos ao absurdo. Ao nosso conhecimento, Calvino nunca recebeu uma admoestação canônica individual, assim como o reformador suíço Zwinglio ou o amigo de Lutero, Melanchthon. Então, eles não seriam hereges?! Da mesma forma, milhões de protestantes que ignoraram os anátemas pronunciados pelo Concílio de Trento não seriam hereges, porque teriam que ser citados um por um diante do tribunal?!

Se apenas aqueles que rejeitaram uma admoestação canônica individual fossem considerados hereges, chegaríamos a outro absurdo. Bastaria então que a Igreja deixasse de enviar admoestações canônicas, e então nunca mais ninguém seria herege. Esta seria uma solução elegante que tornaria desnecessárias as pregações e orações pela conversão dos hereges. Adotar tal posição equivaleria a imitar a Igreja conciliar.

Nota importante: Existem dois tipos de admoestações e condenações: as individuais e as coletivas. Por exemplo, Lutero foi sujeito a uma condenação individual. Uma condenação coletiva pela Igreja geralmente se apresenta na forma "Se alguém afirmar que... (segue-se a opinião proibida)... que seja anátema". A Igreja ainda pode dar uma ordem positiva: "Definimos que... (tal dogma católico)... faz parte da Revelação divina". Qualquer pessoa que conscientemente desobedeça a tais injunções é considerada herege, *sem necessidade de outra declaração por parte da Igreja.*

O ensinamento de São Tomás sobre este ponto (ver acima) está perfeitamente alinhado com o que o Papa Pio IX ensina indiretamente: "Se alguém tiver a presunção [...] de pensar contrariamente à nossa definição [da Imaculada Conceição], que ele saiba e reconheça que, CONDENADO POR SEU PRÓPRIO JULGAMENTO, teria naufragado na fé e DEIXADO DE ESTAR NA UNIDADE DA IGREJA; e, além disso, incorre POR ISSO MESMO nas penas do direito, se ousar expressar o que pensa por palavra falada, por escrito ou por qualquer outra forma exterior" (Pio IX: constituição *Ineffabilis Deus,* 8 de dezembro de 1854).

Essas poucas citações são suficientes para definir a "pertinácia". É herege pertinaz aquele que contradiz conscientemente a doutrina católica. A admoestação canônica *individual* não é necessária, pois há um aviso *coletivo*: a voz do magistério substitui a admoestação universal dirigida a todos os fiéis.

B. Ninguém está isento de ignorar o magistério

Segundo São Tomás *(Suma Teológica,* I, q. 32, a. 4), todos os católicos são supostos conhecer o magistério da Igreja e as verdades reveladas na Sagrada Escritura. O código de direito canônico estipula que todos os fiéis não só devem acreditar em tudo o que a Igreja ensina (portanto, todos são supostos conhecer o magistério!), mas também são obrigados a evitar heresias ou opiniões próximas da heresia (portanto, todos são supostos conhecer os avisos contra o protestantismo, o liberalismo, o modernismo, etc.). Foi por isso que São Pio X obrigou cada clérigo a pronunciar o juramento antimodernista, para assegurar que ninguém permanecesse ignorante das condenações feitas contra os erros maçônicos modernistas.

OBRIGAÇÃO LEGAL DE CONHECER O MAGISTÉRIO: "Devem ser cridas, de fé divina e católica, todas as coisas que estão contidas na Palavra de Deus, seja escrita ou transmitida pela tradição, e que a Igreja, seja por um julgamento solene, seja pelo magistério ordinário e universal, propõe como divinamente revelado" (cânon 1323, § 1, citando o Concílio Vaticano I: Constituição Dogmática Dei Filius, 26 de abril de 1870, cap. 3, intitulado "de fide").

OBRIGAÇÃO LEGAL DE CONHECER AS HERESIAS OU ERROS PRÓXIMOS DA HERESIA: "Não é suficiente evitar a depravação herética, mas é necessário também fugir diligentemente desses erros que se aproximam mais ou menos dela. Portanto, todos devem seguir as constituições e decretos pelos quais essas opiniões são proscritas e proibidas pelo Santo Sé" (cânon 1324).

As decisões do magistério - seja para ensinar a verdade ou para proibir um erro - TÊM FORÇA DE LEI. E ninguém está isento de ignorar a lei: "A ignorância da lei geralmente não se presume" (cânon 16, § 2).

A ignorância pode ser "afetada", ou seja, voluntária, resultante da decisão de não se instruir sobre a lei para poder violá-la mais livremente. Uma atitude tão detestável não isenta de nenhuma pena *latae sententiae*. "A ignorância **afetada** da lei, ou apenas da pena, nunca desculpa de nenhuma pena *latae sententiae*" (cânon 2229, § 1). A pena *latae sententiae*, vale ressaltar, é uma punição decretada *previamente* pelo legislador. Por exemplo, São Pio X (motu proprio *Praestantia*, 18 de novembro de 1907) excomungou *previamente* qualquer pessoa que, *no futuro*, professasse os erros modernistas.

Quando a ignorância é apenas fruto de negligência, diz-se que a pessoa está em uma ignorância "crassa" (sinônimo: "supina"). Mas mesmo nesse caso, a ignorância não desculpa de nenhuma pena *latae sententiae*. "A ignorância crassa **ou supina** da lei, ou apenas da pena, não desculpa de

nenhuma pena *latae sententiae*" (cânon 2229, § 3). A ignorância "crassa" é própria dos preguiçosos, que negligenciam instruir-se sobre o que deveriam saber. Por exemplo, um médico ou parteira que ignorasse seus deveres específicos de estado, simplesmente porque não quis ler, por exemplo, o *Discurso às Parteiras* de Pio XII.

Outro exemplo: um clérigo que fizesse o juramento antimodernista sem nunca ter lido os escritos antimodernistas e antiliberais aos quais o juramento faz referência explícita. Se tal clérigo - Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla, para citar alguns - caísse na heresia modernista, mesmo que por ignorância crassa, incorreria nas penas *latae sententiae* aplicadas aos modernistas: excomunhão e perda automática de seu cargo eclesiástico.

C. Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla são pertinazes?

- Roncalli, Montini, Luciani e Wojtyla têm um perfeito conhecimento da doutrina católica. A prova:
- O juramento antimodernista que prestaram (ver capítulo 11) e...
- As referências de rodapé em seus próprios escritos!

No § 2 da *Dignitatis humanae* (documento lido e aprovado por Montini), encontramos, de fato, uma referência à encíclica *Libertas* do Papa Leão XIII, na qual a liberdade religiosa é formalmente condenada!

E no § 6 da *Dignitatis humanae*, há uma nota que faz referência à encíclica *Immortale Dei*, onde Leão XIII condena a separação entre a Igreja e o Estado!

Da mesma forma, a encíclica *Mortalium animos* de Pio XI, que condena antecipadamente o falso ecumenismo da seita conciliar, é citada como referência de rodapé no novo código (inválido e herético) de direito canônico, promulgado em 25 de janeiro de 1983 por Wojtyla (Pontificia commissio Codici juris canonici authentice interpretando: *Codex iuris canonici auctoritate Ioannis Pauli PP. II promulgatus fontium annotatione et indice analytico-alphabetico auctus*, Cidade do Vaticano 1989, nota de rodapé do cânon 755, § 1).

- Da mesma forma, no *Catecismo da Igreja Católica* (tão querido por Wojtyla que ele o impôs a todos os conciliares), encontramos referências a documentos pontifícios diametralmente opostos às heresias de Wojtyla:
- Pio VI: breve *Quod aliquantum* de 10 de março de 1791, condenando os direitos do homem;
- Pio IX: encíclica *Quanta cura* de 8 de dezembro de 1864, proibindo os erros modernos (incluindo a liberdade religiosa);
- Leão XIII: encíclica *Diuturnum* de 29 de junho de 1881, encíclica *Immortale Dei* de 1º de novembro de 1885, encíclica *Libertas* de 20 de junho de 1888, que proíbem a separação entre a Igreja e o Estado;
- Pio XI: encíclica *Quas primas* de 11 de dezembro de 1925, sobre Cristo Rei;
- Pio XII: encíclica *Mystici corporis* de 29 de junho de 1943, contra uma falsa concepção da Igreja;
- Concílios ecumênicos de Niceia I e II, Constantinopla I, II, III e IV, Éfeso, Calcedônia, Latrão IV e V, Lyon II, Viena, Constança, Florença, Trento e Vaticano I.

Com um tal background cultural, Wojtyla está certamente ciente da doutrina cristã! Todas essas referências aos papas e concílios provam incontestavelmente que ele CONHECE o magistério. Portanto, é em plena CONSCIÊNCIA que ele se OPÕE a ele. Por isso, sua PERSISTÊNCIA é mais do que evidente - desde que se queira abrir os olhos e encarar a realidade de frente...

D. Os hereges não fazem parte da Igreja

Os hereges não fazem parte da Igreja, mesmo sem qualquer declaração da parte dela. São Roberto Belarmino especifica uma consequência importante do pecado da heresia: "Os hereges, antes mesmo de serem excomungados, estão fora da Igreja e privados de toda jurisdição. Pois eles se condenaram por sua própria sentença, como ensina o Apóstolo (Tito III, 10), ou seja, cortaram-se do corpo da Igreja sem excomunhão" (São Belarmino: *De romano pontifice,* livro II, capítulo 30).

O Catecismo do Concílio de Trento ensina o mesmo: "Os hereges e os cismáticos estão excluídos da Igreja, porque se separaram dela; de modo que não pertencem a ela mais do que um desertor pertence ao exército que abandonou. O que não impede [mas não é de modo algum obrigatório] que eles estejam sob o poder da Igreja, e que ela possa julgá-los, puni-los e atingi-los com anátema".

CONCLUSÃO DE NOSSO ANEXO C: É herege aquele que se opõe conscientemente ao magistério eclesiástico. Roncalli, Montini, Luciani, Wojtyla são hereges porque *conhecem* a verdadeira doutrina, mas ensinam o contrário.

"Afasta-te do homem herege!" (Tito III, 10).

"Se alguém vem a vós e não traz esta doutrina [de Jesus Cristo], não o recebais em vossa casa e nem o saudeis. Pois quem o saúda participa de suas más obras", mostrando, por essa cortesia que lhe presta, não ter horror suficiente de sua heresia (2 João 10-11).

Resumo: Aquele que, como Roncalli, Montini, Luciani ou Wojtyla, se opõe conscientemente ao magistério eclesiástico é herege e, por esse fato, está fora da Igreja.

BIBLIOGRAFIA

A. Coletâneas de textos do magistério

Acta Apostolicae Sedis (A.A.S) Jornal oficial da Santa Sé

Atos de papas de diversas épocas que foram incorporados no direito canônico: ver abaixo a coletânea de Gasparri.

Atos de **Pio VI**: *Coleção geral das bulas e instruções de nosso santíssimo pai o papa Pio VI relacionadas à Revolução Francesa*, editado pelo padre M.N.S. Guillon, Le Clere, Paris 1798, 2 vols. (edição original Roma 1796); tradução alemã: *Coleção completa de todas as bulas, instruções, concessões de indulgência e negociações de nosso santo pai Pio Papa VI sobre a Revolução Religiosa Francesa, organizada e traduzida da edição romana por Dom. A. Guilleaume (sic;* a ortografia correta é Guillon), 2 vols. pela H.S. Haas und Sohn, Colônia 1797; 3 vols. pela Coppenrath em Münster; 3 vols. pela W. Ranck em Leipzig.

Atos de **Pio VII, Leão XII, Pio VIII, Gregório XVI**: não há tradução francesa de seus atos, exceto algumas encíclicas ou documentos isolados: *Cartas apostólicas de Pio IX, Gregório XVI, Pio VII*, Bonne Presse, Paris (várias edições).

Atos de **Pio IX**: Coletânea de allocuções consistoriais, encíclicas e outras cartas apostólicas dos soberanos pontífices Clemente XII, Bento XIV, Pio VI, Pio VII, Leão XII, Gregório XVI e Pio IX citadas na encíclica e no syllabus de 8 de dezembro de 1864, Le Clere, Paris 1865.

Atos de LEÃO XIII: *Atos de Leão XIII*, Boa Imprensa, Paris (inúmeras edições), 7 1.

Atos de São PIO X: *Atos de Pio X*, Boa Imprensa, Paris (inúmeras edições), 8 1.

Atos de BENOÍTO XIV: *Atos de Benedito XIV*, Boa Imprensa, Paris 1924-1926, 31.

Atos de PIO XI: *Atos de Pio XI*, Boa Imprensa, Paris 1927-1945, 181.

Atos de PIO XII: *Atos de Pio XII*, Boa Imprensa, Paris 1949-1960, apenas os volumes 1-8, XIX e XX foram publicados; felizmente, existe, em outro editor, a integral desse papa: *Documentos pontifícios de S.S. Pio XII*, edições São Agostinho, Paris e Saint-Maurice (Suíça) 1950-1963, 211.

Bullário Romano (várias edições)

DENZINGER, Heinrich: *Símbolos e definições da fé católica*, Cerf, Paris 1996 (latim e francês; também existe em latim e alemão na Herder Verlag, Friburgo). AVISO: com a 23ª edição (1963), Adolf Schonmetzer reviu completamente o *Enchiridion symbolorum* de Denzinger, eliminando muitos textos sobre a papado e contra o ecumenismo (deriva lamentável); portanto, pode ser frutífero consultar também uma edição anterior a 1963. Curiosamente, os editores do Denzinger eles mesmos confessam seu erro na introdução de 1996: Schönmetzer "suprime as exagerações papaístas [...] e introduz textos que têm sua importância na discussão ecumênica [...] Schönmetzer eliminou uma série de textos embaraçosos na perspectiva ecumênica devido à sua rigidez. [...] minimizou a infalibilidade do magistério da Igreja".

DUMEIGE, Gervais: *Textos doutrinais do magistério da Igreja sobre a fé católica*, Orante, Paris 1975

GASPARRI, cardeal Pietro: Código de Direito Canônico, compilado por ordem do Papa Pio X, promulgado pela autoridade do Papa Bento XV, com prefácio, anotações de fontes e índice analítico-alfabético pelo cardeal Pietro Gasparri, Tipografia Poliglota Vaticana, Roma 1918 (existem edições posteriores; a edição de 1996 está disponível na Libreria Editrice Vaticana)

GASPARRI, cardeal Pietro: *Fontes do Código de Direito Canônico*. Editado pelo cardeal Pietro Gasparri, Tipografia Poliglota Vaticana, Roma (várias edições; disponível na Libreria Editrice Vaticana), 9 1.

GUÉRIN, Monsenhor Paul: Concílio Ecumênico do Vaticano. Sua história, suas decisões em latim e francês, Bar-le-Duc e Paris 1877

GUÉRIN, Monsenhor Paul: *Os concílios gerais e particulares*, Bar-le-Duc 1872, 3 1.

LABBE, Philippe e **COSSART**, Gabriel: *Concílios sacrossantos...*, Paris 1671-1672, 171.

MANSI, João Domingos: *Coleção nova e amplíssima dos concílios sagrados*, Florença 1764-1765, reedição Paris 1901, reedição Graz 1960, 53 1.

MIGNE, abade J.P.: *Curso completo de Patrologia*, Paris 1855 sqq.: essa coleção contém os escritos dos papas até Inocêncio III, além dos escritos dos Padres da Igreja. Ela se divide em duas séries: *Série Grega* (abreviação: *P. G.:* 161 volumes em grego com tradução latina) + *Série Latina* (abreviação: *P.L.:* 221 volumes em latim). Um século mais tarde, A.G. Hamman publicou um suplemento contendo textos (heréticos!) sob o título *Suplemento à Patrologia Latina* (5 volumes, 1958-1974). A patrologia de Migne está disponível em fac-símile na Brepols Publishers, Turnhout (Bélgica). A livraria Chadwick nos EUA comercializa uma versão eletrônica da série latina de Migne (abreviação: *P.L.D.* = Banco de Dados de Patrologia Latina), acessível apenas por meio dos computadores das universidades ou bibliotecas públicas que assinaram um contrato com essa editora.

SCHNEEMANN, Gerardus: Atos e decretos do sagrado concílio ecumênico do Vaticano, com muitos outros documentos relacionados ao concílio e sua história (coleção "Coleção Lacense", t. VII), Friburgo 1892

SOLESMES, monges de: *A Igreja* (coleção "Os ensinamentos pontificais"), Desclée, Bélgica 1959, 2 t. (na mesma coleção, existem outros recolhimentos temáticos, mas que não se relacionam com nosso assunto)

Nova Página

B. Obras Especializadas sobre a Papado

BELLARMIN, cardeal São Roberto: *De romano pontifiee*, em: *Disputationes de controversiis christianae fidei adversus huius temporis haereticos*, Ingolstadt 1586 - 1593; ou ainda em: *Opera omnia*, Paris 1870, v. 1 e II

CONSTANT, abade Benjamin Marcellin: *A História da Infalibilidade dos Papas ou Pesquisas Críticas e Históricas sobre os Atos e Decisões Pontifícias que Diversos Escritores Acreditaram Contrárias à Fé*, segunda edição, Lyon e Paris 1869, 2 volumes.

GUÉRANGER, Dom Prosper: *A Monarquia Pontificia*, Paris e Le Mans 1869

GUÉRANGER, Dom Prosper: *Defesa da Igreja Romana contra as Acusações do R.P. Gratry*, Paris 1870

GUÉRANGER, Dom Prosper: *Resposta às Últimas Objeções*, Paris 1870

NAU, Dom Paul: « O Magistério Pontifício Ordinário, Lugar Teológico. Ensaio sobre a Autoridade dos Ensinamentos do Soberano Pontífice », em: *Revue thomiste*, 1956, p. 389 - 412, separado em Neubourg 1962

NAU, Dom Paul: *Uma Fonte Doctrinal: As Encíclicas. Ensaio sobre a Autoridade de seu Ensino*, Cèdre, Paris 1952

PIGHIUS, Albert: *Assertio Hierarchiae Ecclesiasticae*, Colônia 1538

PIGHIUS, Albert: *Explicação Diligentes e Luculenta das Controvérsias Principais Tratadas nos Concílios de Ratisbona, e pelas Quais Agora Principalmente se Agita a Fé e Religião de Cristo. Adiante, uma Apresentação sobre os Atos que Recentemente foram Publicados, dos VI. e VII. Concílios, para que Sejam Reconhecidos como Falsos e Não Genuínos. Diatribae de Alberti Pighij*, Colônia 1542

ROHRBACHER, abade René François: *História Universal da Igreja Católica*, 1842 - 1849 (várias reedições no século XIX), 13 volumes.

SALES, Monsenhor São Francisco de: *As Controvérsias*, em: *Obras de São Francisco de Sales*, Annecy 1892, 1 volume.

SÉGUR, Monsenhor de: *O Soberano Pontífice*, em: *Obras Completas*, Paris 1874, 1 volume.

VACANT, Jean Michel Alfred: *Estudos Teológicos sobre as Constituições do Concílio do Vaticano, de Acordo com os Atos do Concílio*, Paris e Lyon 1895, 2 volumes.

ZACCARIA, François Antoine: *Anti-Febronio*, 1767, tradução alemã Augsburgo 1768; tradução francesa: *L'Antifebronius ou a Primauté do Papa Justificada pelo Raciocínio e pela História*, Paris 1859 - 1860, 4 volumes.

MONS. WILLIAMSON, AINDA UM INFILTRADO (DE SUBSTITUIÇÃO)?

Quarta-feira, 31 de janeiro de 2007.

Artigo original: Virgo Maria

- 1 - MONS. WILLIAMSON, O PROTETOR DISCRETO MAS EFICAZ DO PADRE CELIER
- 2 - MONS. WILLIAMSON, AINDA UM INFILTRADO?
- 3 - AS ORIGENS RELIGIOSAS ANGLICANO-METODISTAS DE MONS. WILLIAMSON
- 4 - A ESPIRITUALIDADE DO “ENTUSIASMO”, UMA TÉCNICA DE MANIPULAÇÃO PSICOLÓGICA POR DOM WILLIAMSON
- 5 - A AUSÊNCIA DE CRÉDITO DE DOM WILLIAMSON ENTRE OS CATÓLICOS TRADICIONALISTAS INGLESES
- 6 - UMA ESTRATÉGIA « POLÍTICA » DE DOM WILLIAMSON DE SUBSTITUIÇÃO, A PRIORI ANTI-DOM FELLAY
- 7 - DO « BOLO ENVENENADO » (VATICANO II) ÀS DECLARAÇÕES ENVENENADAS DE DOM WILLIAMSON
    - INTRODUÇÃO

    - 1 - DOM WILLIAMSON SILENCIA A CONFUSÃO DOS SACERDÓCIOS QUE SURGIRÁ COM A PROMULGAÇÃO DO MOTU PROPRIO
    - 2 - DOM WILLIAMSON SILENCIA O PROBLEMA DO MAGISTÉRIO DO VATICANO II
    - 3 - COMO DOM WILLIAMSON SILENCIA OS VERDADEIROS ARGUMENTOS QUE LHE PERMITIRIAM NÃO ESTAR FORA DE ASSUNTO SOBRE O PROBLEMA DA LEGITIMIDADE DAS AUTORIDADES DA IGREJA CONCILIAR
    - 4 - OS GRAVES ERROS SOBRE A NOÇÃO DE IGREJA, AS PROPOSIÇÕES PROVOCATIVAS E AS OPINIÕES CONTRADITÓRIAS DE DOM WILLIAMSON

- 8 - CONCLUSÃO
- ANEXOS
    - ANEXO I
    - ANEXO II

1 - MONS. WILLIAMSON, O PROTETOR DISCRETO MAS EFICAZ DO PADRE CELIER

Em 1995, Mons. Williamson intervém pessoalmente junto ao Pai Innocent-Marie para proteger o padre Celier

Mons. Williamson interveio em 1995 para impedir que Avrillé (*Le Sel de la terre*) refutasse completamente a obra naturalista de filosofia que o padre Celier acabara de publicar (*« O Deus mortal »*). Profundamente naturalista, este livro deveria ter sido afastado. Os dominicanos de Avrillé haviam começado a refutação e a denúncia do conteúdo desta obra em 1995. Eles foram interrompidos em seu ímpeto pela intervenção de Mons. Williamson junto ao Pai Innocent-Marie. Uma sanção desse tipo teria certamente evitado que a Tradição visse o padre Celier ocupar um lugar importante por mais de treze anos. Os danos são irreversíveis: toda uma geração que acredita estar formada é, na realidade, apenas deformada e desarmada intelectualmente. Mons. Williamson e Avrillé carregam essa responsabilidade.

O padre Celier havia sido promovido em 1994, como diretor das Edições Clovis e da revista *Fideliter*. No ano anterior, em 1993, este padre havia atacado Jean Vaquié e sua obra, em um panfleto publicado pelas Edições Grichat (*À noite todos os gatos são pardos*, será que o padre Celier é um adolescente eterno?), sob o título *« A Escola dos Cadernos Barruel – O futuro de uma ilusão »*.

Em 1989, Mons. Lefebvre apoia Jean Vaquié, que o padre Celier atacará após a morte de ambos

Jean Vaquié e os Cadernos Barruel realizaram um enorme trabalho para denunciar a gnose e a escola do esoterismo cristão. **Este trabalho foi saudado e encorajado por Mons. Lefebvre, que o expressou em uma carta**:

> *« Mons. Lefebvre expressa suas sinceras felicitações e profunda gratidão ao Senhor Jean Vaquié pela notável obra que ele redigiu sobre a Escola do esoterismo cristão (a gnose).*

> *Com isso, ele realiza o desejo de Leão XIII e de São Pio X, dizendo que é preciso tirar a máscara dessas pessoas que se disfarçam de católicos para melhor passar suas doutrinas perversas.*
>
> *Que Deus o abençoe! ». assinado* ***Mons. Lefebvre****, carta a Jean Vaquié, 27 de setembro de 1989[2]*

O padre Celier agiu desde 1993 para tentar desqualificar aqueles que denunciam o perigo do desenvolvimento do pensamento gnóstico nos meios católicos. Em 2003, ele retomará esse trabalho sob um pseudônimo (Paul Sernine, anagrama de Arsène Lupin), com seu cúmplice da época, o padre de Tanoüarn, em uma brochura feita de sofismas, *A Palha e o sicômoro*, que deveria provocar a indignação de todos os fiéis bem formados. Em nenhum momento Mons. Williamson intervirá para denunciar essa manobra tipicamente modernista do padre Celier.

---

[2] Carta reproduzida no *Sel de la terre*, n°4, primavera de 1993.

2 - MONS. WILLIAMSON, AINDA UM INFILTRADO?

Ele anima o polo de uma **falsa oposição, por meio de declarações tão vãs quanto tonitruantes, ao mesmo tempo em que vigia atentamente**, em conjunto com a direção de Avrillé e do *Sel de la terre* (Pai Pierre-Marie Geoffroy de Kergorlay), com o diretor de *Sous la bannière* (Adrien Loubier de Bonnet de Villers), **para sufocar cuidadosamente todos os estudos que poderiam chegar a pontos fundamentais da luta** contra a revolução na Igreja.

Mons. Williamson desvia a Tradição dos verdadeiros argumentos, perdendo-a em argumentos vagos e inconsistentes

Em suas declarações em particular, **seu método consiste em assegurar que os verdadeiros argumentos precisos da luta sejam sistematicamente obscurecidos, para que sejam substituídos por argumentos vagos e particularmente fracos e facilmente refutáveis, argumentos que os inimigos da Tradição não podem deixar de se regozijar entre eles**. Trata-se de um **comportamento de sabotagem da verdadeira luta da resistência** católica diante das tentativas do padre apóstata Ratzinger.

Ponto mais recente, a publicação de um texto de algumas páginas do padre Calderon (*Sel de la terre*, n° 58), que ensina no Seminário de La Reja dirigido por Mons. Williamson, texto que ignora todos os estudos e refutações já publicadas pelo CIRS[3], fazendo de conta diante de seus leitores que as ignora, para continuar a sustentar diante deles, contra a evidência e apesar das refutações já publicadas, a falsa demonstração de validade sacramental do novo rito conciliar de consagração episcopal de Dom Botte-Lécuyer, retomada, sem o conhecimento dos leitores, sob a assinatura do Pai Pierre-Marie Geoffroy de Kergorlay na n° 54 do *Sel de la Terre* de novembro de 2005.

---

[3] Comitê Internacional *Rore Sanctifica*, site: **http://www.rore-sanctifica.org**

3 - AS ORIGENS RELIGIOSAS ANGLICANO-METODISTAS DE MONS. WILLIAMSON

Recebemos confidências de clérigos sobre Mons. Williamson. Elas nos permitem afinar nosso julgamento **sobre este personagem chave no plano de bloqueio da obra de Mons. Lefebvre**, visando paralisá-la e possibilitar sua tomada de controle por Ratzinger. Aqui está uma dessas reações:

> *« Ele não era um anglicano. Seu ambiente religioso remetia ao que comumente se chama na Inglaterra de "capela" - na verdade, evangélico protestante ou metodista/calvinista. Esse tipo de grupos religiosos não se interessa pela Liturgia, pela "high church" nem por um status "uni-mas não absorvido" com Roma (à maneira de Lord Halifax ou das Conversações de Malines).*
>
> *Eu encontrei muitos anglicanos, e posso lhe assegurar que Mons. Williamson não tem uma mentalidade propriamente anglicana. »*

Temos que temperar este julgamento de nosso leitor.

O Professor Tighe[4] mostrou em seu estudo sobre *a Diáspora anglicana* que a questão da identidade anglicana é delicada. Ela permanece hoje o ponto comum, mas também o prisma através do qual aparecem todas as variantes dos « *Anglicanos permanentes* », em ruptura com o Anglicanismo oficial.

Da mesma forma, o Pai Van de Pol classifica **em 1967** os Metodistas nos correntes decorrentes da revolução litúrgica anglicana. Ele os distingue e até os opõe aos anglo-católicos.

> *« A via média do anglicanismo, portanto, não é um caminho entre a Igreja católica e a Reforma; ela se mantém expressamente a uma distância igual entre* ***o extremista da Idade Média*** *que está chegando ao fim de um lado, e o extremista puritano pós-Reforma do outro lado. Em princípio, o anglicanismo se posicionou, em suas declarações oficiais,* ***do lado da Reforma. Mas ao***

> ***mesmo tempo, ele se recusou a se separar da Igreja católica**. O anglicanismo sempre nutriu a convicção de que o Concílio de Trento não cumpriu totalmente sua tarefa e não conseguiu **purificar a Igreja católica das ideias, doutrinas, hábitos e práticas medievais que, segundo a convicção dos anglicanos, são opostas ao puro catolicismo**, aquele da Escritura e da antiquidade cristã.*
>
> *É por isso que a Igreja Anglicana sempre se considerou como **o prolongamento reformado da Igreja católica na Inglaterra**. Ela sempre atribuiu uma **grande importância a uma organização eclesiástica e a uma liturgia que manifestem claramente a continuidade com a Igreja anterior à Reforma**.*
>
> *A marca principal e característica do anglicanismo é originalmente a **moderação**, que não deve ser confundida com a **comprehensiveness***. Esta última, frequentemente elogiada, mas também considerada uma fraqueza, é a impressão de uma época posterior, embora esteja ligada à tendência humanista que foi sempre mais poderosa nas Igrejas anglicanas do que nas Igrejas "reformadas" e luteranas. Em última análise, a «**comprehensiveness**» é um produto do **latitudinarismo** do século XVII, assim como das **tendências relacionadas dos séculos XVIII e XIX, o liberalismo e o racionalismo**.
>
> *Até o século XVIII, a Igreja anglicana tentou manter uma certa uniformidade. No entanto, não pôde impedir que correntes mais recentes, como o metodismo e o anglo-catolicismo, obtivessem um direito de cidadania de forma duradoura até os nossos dias. É aí que reside a principal causa da atual comprehensiveness do anglicanismo.*
>
> *O anglo-catolicismo é a tendência que encontrou a mais forte oposição. Os anglicanos da ala evangélica (low Church), mas também muitos modernistas (broad Church), têm a convicção de que a tendência romanizadora é fundamentalmente oposta ao caráter e à posição do anglicanismo autêntico. Portanto, não se poderia cometer maior equívoco do que julgar o anglicanismo com base apenas no anglo-catolicismo e classificar, consequentemente, a Igreja anglicana entre as Igrejas de tipo "católico". Que a documentação apresentada na sequência deste trabalho forneça a prova convincente disso.* [5]

A juventude de Mons. Williamson deve, portanto, ser relacionada, dentro da ***comprehensiveness* anglicana, à variante metodista**. Esta origem « *metodista* » de Mons. Williamson é muito preocupante. Ele não provém do meio do anglo-catolicismo, **mas de uma variante do anglicanismo muito próxima da Reforma protestante**.

---

[4] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-C-00-Tighe_commente_Anglicans_de_Tradition_2.pdf**

[5] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-D-00-Van_de_Pole_1_c.pdf**

4 - A ESPIRITUALIDADE DO “ENTUSIASMO”, UMA TÉCNICA DE MANIPULAÇÃO PSICOLÓGICA POR DOM WILLIAMSON

Vamos continuar a citação do nosso leitor:

> *« Sua maneira de conceber a religião é a do “entusiasmo”. Apesar de usar uma linguagem tomista,* ***a espiritualidade que ele promove é a de uma manipulação psicológica simulando a piedade ignaciana****. Ele mantém aqueles sob sua direção em expectativa – especialmente os seminaristas -* ***expressando proposições provocativas, emitindo opiniões contraditórias, agindo ocasionalmente de maneira muito singular, para finalmente medir as reações e ver quem vai protestar****.*
>
> *Ao longo dos anos, antigos seminaristas do seminário da FSSPX se abriram comigo. E eu conheço pelo menos dois seminaristas que Dom Williamson destruiu dessa maneira.*
>
> *Diferentemente daqueles de nós que succionaram o Catolicismo no berço, e que sabiam como a Igreja realmente era antes do Vaticano II, o único “Catolicismo” que Dom Williamson pôde experimentar se limita à versão particular praticada em Écone. »*

Não é essa a *« espiritualidade do entusiasmo »* que Dom Williamson pratica novamente em sua entrevista com Jérôme Bourbon ao elogiar o martírio, enquanto acaba de fazer comentários triviais sobre os *« bolos »*?

5 - A AUSÊNCIA DE CRÉDITO DE DOM WILLIAMSON ENTRE OS CATÓLICOS TRADICIONALISTAS INGLESES

E nosso leitor continua:

> *« Ele é levado a sério como um "duro" pelos franceses, alemães e americanos (estes últimos sempre bastante estúpidos por não deixarem de se impressionar por um bom sotaque britânico), mas isso é apenas um caso de aplicação da máxima "Omne ignotum pro magnifico est."*
>
> *Os tradicionalistas na Inglaterra (disseram-me isso várias vezes) não o levam a sério, por isso ele nunca empreendeu qualquer apostolado lá.*
>
> *Meu prognóstico: no caso, pouco provável, de Dom Fellay assinar um acordo com Ratzinger, Dom Williamson* ***lideraria um pequeno grupo de dissidentes sob a bandeira, não do sedevacantismo, mas da "fidelidade à verdadeira linha de Dom Lefebvre****."*
>
> *O padre Marchiset prestou um grande serviço ao fornecer um excelente resumo de todas as estranhas ações de Dom Williamson ao longo do último ano.*
>
> *Embora normalmente seja um tanto cético em relação às histórias de conspiração, ao longo dos anos ouvi diversas pessoas afirmarem que Dom Williamson (em vez de um "cripto-anglicano") seria um "infiltrado" cujo objetivo real seria identificar e reunir para neutralizar qualquer verdadeira oposição aos modernistas.* ***Mesmo que, de fato, ele não fosse um infiltrado, suas declarações e iniciativas produzem os mesmos efeitos deletérios***[6].

> *Lemos Virgo Maria com grande interesse.”*

---

[6] Aqueles que conhecem os Exercícios de Santo Inácio não deixarão de notar que Dom Williamson é o exemplo tipo da **segunda classe de homens**, aqueles do **sim, mas...**; aqueles que querem conciliar os dois estandartes (os dois "partidos"); mas que acabam sempre por desagradar ambos os lados. A sanção é terrível, pois essa classe de homens não pode alcançar sua salvação eterna. Não somos nós que dizemos isso, é Santo Inácio.

6 - UMA ESTRATÉGIA « POLÍTICA » DE DOM WILLIAMSON DE SUBSTITUIÇÃO, A PRIORI ANTI-DOM FELLAY

Esta estratégia política visa fragmentar a FSSPX e a neutralizar os elementos excluídos, afastando-os da questão explosiva da invalidade das consagrações conciliares.

A intervenção de Dom Fellay ocorre uma semana depois que ele tinha emitido, em substância, uma mensagem de « ***non possumus*** » em Paris. Dizemos bem: **em Paris**, pois somos, de fato, obrigados a constatar que os fiéis de província ou do mundo inteiro não tiveram conhecimento da verdadeira mensagem dessa conferência.

A indignação dos fiéis diante da censura da conferência de Dom Fellay pelos infiltrados

Contrariamente ao habitual, os padres de Suresnes, assim como os padres Lorans e Sélégny, obstinam-se a não tornar público o registro das palavras de seu Superior geral, enquanto o assunto começa a fazer grande alarde entre os fiéis, que se indignam por serem assim privados das palavras de Dom Fellay. O véu começa a se rasgar sobre os métodos da facção que controla Suresnes e os meios de comunicação da FSSPX.

Portanto, a verdadeira mensagem de Dom Fellay foi censurada pelos infiltrados, como explicamos em um envio anterior. Até hoje, ela permanece censurada (exceto para os leitores de *Virgo-Maria.org*).

Dom Williamson escolheu, com a complacência de Jérôme Bourbon, intervir em *Rivarol*, portanto na França, e notamos que ele não confia suas revelações a nenhum dos meios da Tradição. Nem *Fideliter*, nem *DICI*, nem *Les Nouvelles de chrétienté*, nem *SI SI NO NO*, nem mesmo *La Porte Latine* o citam, nem mesmo em eco. Ele é lido somente em *Sous la Bannière*, em *Minute* e hoje em *Rivarol*.

Um papel excessivamente fabricado de “opositor” e de substituição por vir

Lá, novamente, nos perguntamos algumas questões. Por quê? Trata-se de uma estratégia concertada com a rede dos infiltrados que controla os meios de comunicação da FSSPX? Assim, o comportamento dos infiltrados modernistas coloca (por um acordo comum entre eles?) Dom Williamson em uma posição midiática de excluído, de opositor, como se quisessem associá-lo, na mente dos fiéis e dos padres, a um futuro chefe de substituição a um Dom Fellay que teria se conciliado.

Nesta entrevista, Dom Williamson antecipa um possível *ralliement* de Dom Fellay à Roma anticristã e adota a postura do chefe do último bastião que seria fiel a Dom Lefebvre.

Anúncio estrondoso, ele se declara pronto para consagrar bispos

Quem, então? O Padre Pierre-Marie de Kergorlay (no novo rito de Dom Botte-Lécuyer « certamente válido »!)? O padre Calderon, essa glória da teologia sacramental? O padre Celier, seu protegido, e do qual Jean Madiran acaba de escrever em *Présent* que o Diretor da revista *Fideliter* mereceria tornar-se bispo?

Enorme!

Dom Williamson, um fellay-vacantista?

Este anúncio de novas consagrações por Dom Lefebvre cai por terra, pois o assunto é realmente atual? Dom Williamson se acha no lugar de Dom Lefebvre? Ele se comporta como se Dom Fellay já tivesse assinado e que a posição de sucessor de Dom Lefebvre estivesse vaga.

A verdadeira razão desse anúncio estrondoso de Dom Williamson é, sem dúvida, muito prosaica: ele deseja enviar uma mensagem aos padres que poderiam estar tentados a não seguir o ralliement, **incitando-os a se unir à sua bandeira. *“Sob a bandeira”* de Dom Williamson? Ele também atiça as ambições episcopais de alguns**.

A estratégia subversiva dos dois anéis revelada pelo satanista padre Rocca

Assim, devemos relembrar, para compreender bem o que está se desenhando, esta confidência, em 1889, do satanista cônego Rocca (em "***Glorieux centenaire***, p. 447, obra de referência, disponível nas Edições Saint-Rémi sob o título « *Nouveau Monde* ») sobre os inimigos de Nosso Senhor Jesus Cristo que dirigem o complô contra Sua Igreja:

> "***Eles formam neste momento um anel que se romperá pelo meio; e cada uma de suas duas metades formará outro anel. Essa cisão vai acontecer: haverá o anel dos retrógrados, e haverá o anel dos progressistas***".

Isso significa que eles escolhem a hora da ruptura e, portanto, sabem se organizar antes, e, principalmente, que escolhem antecipadamente o chefe dos retrógrados e o lançam em órbita para controlar bem a resistência, ou seja, o segundo anel.

Dom Williamson destinado a controlar o segundo anel, à semelhança das "consagrações" anglicanas de Denver?

Assim, o objetivo de Dom Williamson seria evitar que se constituísse uma nova Fraternidade ou outra sociedade clerical, que se reclamasse de Dom Lefebvre e adotasse as conclusões já **factual e publicamente** demonstradas sobre a invalidade sacramental do novo rito de consagração episcopal de Dom Botte-Lécuyer. No plano do inimigo, é muito importante que nenhuma estrutura organizada, ainda mais internacional, levante as verdadeiras questões que embaraçariam a Roma apóstata do padre Ratzinger e iniciariam o início do crepúsculo para os responsáveis da Igreja conciliar.

Agindo assim (agente convicto ou simples agente manipulado pelos puxadores de cordas nas sombras?), o antigo anglicano-metodista se prepara **para reproduzir sobre as ruínas da FSSPX explodida, o esquema já aplicado dentro do anglicanismo permanente pelos 4 sacramentos de Denver de 1979 e suas sequelas**.

Dom Williamson em conluio com os infiltrados modernistas?

Relatamos como o Professor Tighe descreveu essa atomização do anglicanismo em que os grupos vão de cisão em explosão, cada facção alegando representar a « ***verdadeira identidade anglicana*** ». Teríamos, então, grupos oriundos da FSSPX, recusando o *ralliement*, e cada um alegando defender o « ***verdadeiro legado de Dom Lefebvre*** ».

É em um contexto assim que Dom Williamson desempenharia um papel **assegurando que esses grupos desenvolvam argumentações fracas que nunca levantem as verdadeiras questões**.

Curiosamente, essa intervenção de Dom Williamson ocorre no momento em que os infiltrados modernistas censuram a verdadeira mensagem de Dom Fellay, e onde ele acaba de expressar um « ***non possumus*** » em Paris e de anunciar nos Estados Unidos, no dia 12 de janeiro de 2007, o envio de sua carta do « ***buquê*** ».

Convicção íntima ou duplicidade de Dom Fellay? Coordenação entre Dom Williamson e os infiltrados?

Após esta primeira análise, vejamos agora de forma mais precisa como Dom Williamson enterra a questão primordial e angustiante da **confusão entre o Sacerdócio católico válido e os falsos padres supostamente ordenados pelos falsos bispos conciliares.**

Adicionamos a **esta análise nossos comentários sobre** as declarações do bispo sobre o Vaticano II, sobre a Igreja conciliar, assim como sua opinião sobre Bento XVI e o futuro da Igreja.

7 - DO « BOLO ENVENENADO » (VATICANO II) ÀS DECLARAÇÕES ENVENENADAS DE DOM WILLIAMSON

INTRODUÇÃO

> ***« É necessário que haja heresias entre vós, para que se descubra assim aqueles entre vós que têm uma virtude provada »*** I Coríntios, xi, 19

Todos os nossos leitores entenderam que Bento XVI continua metodicamente, como seus predecessores, a construção da IGREJA UNIVERSAL. Para isso, um dos objetivos de seu "pontificado-conciliar" é o desaparecimento da FSSPX. Nós já explicamos várias vezes que confundir a seita conciliar com a santa Igreja católica, Una, obriga a discursos incoerentes e a graves sofismas sobre diferentes pontos. Aqui está mais um exemplo.

A complacência deliberada de Jérôme Bourbon, que interroga Dom Williamson na edição de 12 de janeiro da revista *Rivarol*, permite que este último **enterre à boa conta a questão angustiante para os tradicionalistas da confusão entre o Sacerdócio católico válido e os falsos padres supostamente ordenados pelos falsos bispos conciliares** que será instaurada na Tradição, a pedido da FSSPX, pela próxima promulgação do *Motu Proprio*, apoiada por Dom Williamson nesta mesma entrevista.

Essa complacência combinada entre o jornalista e Dom Williamson permite que este último mantenha um *blackout* total sobre essa questão capital para a salvação dos fiéis e de suas famílias.

Isso é de tal modo intolerável e vergonhoso que há apenas um mês, na mensagem pública de 5 de dezembro de 2006 [7], levantamos novamente publicamente as seguintes questões a Dom Williamson:

- Como é que Dom Williamson ainda não respondeu à carta aberta solene aos quatro bispos de 10 de outubro sobre o Sacerdócio, que lhe é endereçada nominalmente?
- Como é que o ANTIGO ANGLICANO-METODISTA QUE SE TORNOU BISPO nunca menciona a questão central da preservação do Sacerdócio católico sacramentalmente válido? Especialmente na perspectiva de uma « *liberalização* » do rito tridentino da missa, que para os fiéis da Tradição vai organizar a confusão entre o Sacerdócio católico autêntico sacramentalmente válido e os falsos padres ordenados pelos falsos bispos conciliares (*Ecclesia Dei, FSSP, Christ Roi, Campos*, etc). Seus silêncios VOLUNTÁRIOS não valem uma resposta?

Enquanto o risco para muitos leitores dessa entrevista consiste em considerar as declarações do bispo como a manifestação de uma posição e de uma doutrina firmes, declarações que não

deixarão de ser opostas à linguagem dupla de Dom Fellay, vamos demonstrar, ao contrário, que apesar dessas aparências, **o pensamento e a doutrina de Dom Williamson não são senão as consequências dos eternos erros doutrinais** sobre o magistério e a infalibilidade da Igreja e seus inevitáveis sofismas pelos quais as autoridades da FSSPX distorceram, por várias décadas, demasiadas inteligências.

---

[7] cf. http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-A-00-Mgr_Williamson_rejette_le_Motu_Proprio_1.pdf

1 - DOM WILLIAMSON SILENCIA A CONFUSÃO DOS SACERDÓCIOS QUE SURGIRÁ COM A PROMULGAÇÃO DO MOTU PROPRIO

Em sua entrevista, o bispo faz, portanto, total omissão da questão da invalidade das consagrações episcopais de Montini - Paulo VI. E nisso, ele se alinha ao mesmo *blackout* operado por Dom Fellay durante seu discurso na Mutualité no domingo, 7 de janeiro de 2007.

Como já destacamos essa omissão feita pelo superior da FSSPX em uma mensagem anterior, vamos retomar alguns elementos de nossa análise:

> **« Ele afirma que o Sacerdócio estaria atingido em seu espírito (sua "forma"), e que bastaria reencontrar a Fé, restabelecer a Tradição para que a Igreja recomeçasse.**
>
> *Dom Fellay não percebeu que a situação é muito mais dramática, pois devido à supressão radical do rito de consagração episcopal,* ***as consagrações episcopais conciliares são sacramentalmente inválidas desde 18 de junho de 1968****.*
>
> *O rito episcopal conciliar* ***não expressa mais de forma unívoca a graça do Espírito Santo nem o poder da Ordem episcopal (potestas ordinis)****, como o Papa Pio XII* ***definiu solenemente e infalivelmente em novembro de 1947 em sua Constituição Apostólica Sacramentum Ordinis, que sua validade sacramental era absolutamente exigida****.*

> *Logo, os impetrantes não podem mais receber ontologicamente um episcopado católico que não é mais significativo de nenhuma maneira pelas palavras da forma essencial determinada por Montini-Paulo VI desde 18 de junho de 1968.*
>
> ***Assim, os padres ordenados por esses falsos bispos católicos não são de forma alguma padres! Eles estão, em particular, agora despidos de todos os poderes sacramentais e sacrificial.***
>
> ***Os sacramentos administrados por esses falsos padres não são mais sacramentos, exceto o batismo.***
>
> *Durante as chamadas "missas" desses padres conciliares, os fiéis, enganados, recebem apenas pão. Apenas pão e não o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. As absolvições pronunciadas por esses falsos padres conciliares são inválidas.*

Portanto, essa mesma omissão que encontramos aqui em Dom Williamson, enquanto a entrevista concedida ao bispo **lhe permitiria abordar esse assunto a partir de quatro perguntas sucessivas**.

Nas três primeiras perguntas, Dom Williamson só falará sobre os riscos que seriam enfrentados pela falta de clareza doutrinal nessa situação criada por este *Motu Proprio* « *liberalizando* » a missa de São Pio V, e só mencionará o caso das « *missas híbridas* », ou seja, do possível misto dos dois ritos, um promulgado por Montini-Paulo VI e o outro, o rito de São Pio V, a missa de sempre que ninguém pode proibir e que, o que é um paradoxo, deverá em breve ser "liberada" pelo usurpador Ratzinger!

Aqui estão essas perguntas agrupadas na entrevista sob o título **:**

« A LIBERALIZAÇÃO DA MISSA TRIDENTINA : UMA FONTE DE CONFUSÃO? »

R.: Bento XVI deve, diz-se, em breve liberalizar a missa tradicional. Esta medida é capaz de resolver a crise da Igreja?

Dom R. W.: Posso estar errado, mas acho que a liberalização, mesmo que parcial, da missa tradicional seria um passo adiante para a Igreja universal. A forte graça dessa missa, que agora está sufocada pelo rito de Paulo VI, começaria a fluir mais uma vez em todo o mundo. Mas seria necessário muito mais do que restaurar o bom rito da missa para resolver a crise da fé.

R.: Este motu proprio sobre a missa não vai, ao contrário, criar mais confusão do que clareza doutrinal?

Dom R. W.: Exatamente, permitir o bom rito da missa não é formar os fiéis para que participem adequadamente. Tudo deve ser reconstruído, e em um primeiro momento, realmente haveria muita confusão, como por exemplo, missas híbridas. Mas a reconstrução deve começar em algum lugar, e é preciso confiar na força intrínseca do bom rito.

R.: Os fiéis tradicionalistas não correm o risco de se dissolverem nas paróquias conciliares em detrimento da fé integral?

Dom R. W.: Se, após esta liberalização do bom rito, fiéis da Tradição frequentassem regularmente as paróquias conciliares, é porque não teriam compreendido muito sobre a luta pela fé integral. É responsabilidade dos líderes da Tradição formar bem suas ovelhas de modo que essa eventual liberalização faça mais bem aos conciliaristas do que mal aos tradicionalistas. Por isso, eles devem entender que o problema de fundo é a fé total, e não apenas o rito da missa.

> Vamos destacar o sofisma implícito das perguntas do jornalista. ***Jérôme Bourbon pratica uma inversão astuta que escamoteia a questão sacramental.*** Ao sugerir que o *Motu Proprio* poderia criar mais confusão do que clareza doutrinal, Jérôme Bourbon aplica a técnica da inversão. O *Motu Proprio*, ao misturar verdadeiros e falsos padres, vai criar uma confusão sacramental. Por outro lado, o desenvolvimento de um rito tradicional, doutrinalmente impecável, não é de forma alguma « fonte de confusão ». Mas, por meio da inversão sutil que pratica em sua pergunta, o jornalista desloca a confusão do terreno sacramental (que ele não aborda de maneira alguma) para o terreno doutrinal (que não está de modo algum em questão pelo novo rito). Enquanto na quarta pergunta o tema se tornava ainda mais preciso, uma vez que se tratava de discutir a legitimidade, ou pelo menos, **o valor do *novus ordo missae* de Paulo VI**, Dom Williamson menciona, à maneira de um padre Aulagnier, **apenas a luta pela missa** e a razão da oposição à missa de sempre.

R.: Pedir a liberalização da missa tradicional sem voltar ao novus ordo missae de Paulo VI não é aceitar o princípio da coexistência e da igual dignidade entre o que Dom Lefebvre chamava de « missa de sempre » e a « missa de Lutero »?

Dom R. W.: « Ab inimico disce », aprenda com seu inimigo, diziam os latinos. Por que tantos bispos conciliares se agitam diante da simples possibilidade da liberalização do bom rito da missa? Não é porque eles sabem que, se colocarmos a Arca da Aliança em seus templos, seus ritos de Dagon estão em perigo? Veja o Primeiro Livro dos Reis, capítulo V! Seríamos nós, com o rito de Pio V, mais medrosos do que os conciliares com seu rito de Paulo VI?

Portanto, **o bispo silenciou-se voluntariamente**, com a astuciosa cumplicidade do jornalista, sobre um assunto crucial e muito mais importante do que o da missa, e sem que seu silêncio fosse abordado pelo jornalista, **sendo que sabemos que ele recebeu a carta aberta de 10 de outubro mencionada anteriormente,** endereçada nominalmente a cada um dos quatro bispos da FSSPX, **e que ele possui os documentos do CIRS sobre a questão.**

Uma ignorância deliberada do problema das ordenações inválidas da Fraternidade São Pedro

Ele também sabia que **seu dever como bispo mais elementar o impedia de ignorar a situação trágica na qual se encontram os fiéis, que já não distinguem** mais dentro da Fraternidade São Pedro, para não falar apenas dessa Fraternidade criada após as Consagrações de

Dom Lefebvre em junho de 1988, que se beneficia de um indulto para a celebração da liturgia tradicional, **quais são os verdadeiros padres e os falsos padres, os verdadeiros sacramentos e os "sacramentos" inválidos.**

Assim, não resta, em detrimento dessa questão crucial, **um argumento comum** aos dois bispos, e isso a apenas alguns dias de distância:

> « *reencontrar a fé, restabelecer a Tradição para que a Igreja recomece* »,

segundo as palavras de Dom Fellay na Mutualidade em 7 de janeiro de 2006, e, embora afirmado de forma diferente,

> « *o problema de fundo é a fé total, e não apenas o rito da missa* »,

segundo as palavras de Dom Williamson nesta entrevista ao jornal *Rivarol*.

Dom Williamson e Dom Fellay falam da Fé, mas desassociada da teologia sacramental

Como se, neste recobrimento da fé e neste restabelecimento da Tradição, nesta « *fé total* », não devesse figurar o dever de estudar a teologia sacramental **para que seja transmitido em primeiro lugar aos clérigos um episcopado válido (transmissão do verdadeiro Sacerdócio sacramentalmente válido, que constitui em primeiro lugar a verdadeira luta de Dom Lefebvre e o primeiro dever da FSSPX que ele fundou)** e, então, aos padres assim validamente ordenados, a liturgia tradicional da Igreja!

As respostas de Dom Williamson, assim como as de Dom Fellay, são **típicas da inversão** que está sendo atualmente praticada, e é exatamente por isso que continuamos a martelar essas duas questões:

- *De que serviria, de fato, que o verdadeiro rito da missa fosse celebrado por falsos padres?*

- *Será que se deseja « conciliar » os verdadeiros padres que ainda celebram **a verdadeira** missa com um clero tão inválido quanto o falso clero anglicano?*

Adicionemos a isso o que aqui novamente mencionamos em nossa análise anterior:

> « *Portanto, afirmar que o sacerdócio está atingido **em seu espírito** e que bastaria reencontrar a fé, restabelecer a Tradição para que a Igreja recomeçasse, pensamento que Dom Fellay explica regularmente em suas*

> *conferências,* ***sem mencionar o grave problema da invalidade sacramental fática das consagrações conciliares desde 1968,*** *não seria mais do que um remendo sobre uma perna de pau, pois os canais da graça, necessários à santificação das almas e à edificação do Corpo Místico, não estariam restabelecidos. Sem contar que a verdadeira questão nesses remédios propostos por Dom Fellay, a legitimidade dessas reformas litúrgicas e de seus promulgares, sendo a liturgia parte dos objetos da infalibilidade da Igreja, continua sempre ausente ou sem resposta doutrinariamente católica.*

Não apenas todas essas questões permanecem sem resposta, mas graças às últimas declarações de Dom Williamson, vamos perceber o nível de gravidade da falta de conhecimento da doutrina sobre o magistério em que se encontram certos clérigos da FSSPX e de sua corrente.

2 - DOM WILLIAMSON SILENCIA O PROBLEMA DO MAGISTÉRIO DO VATICANO II

Se considerarmos, de fato, sob o ângulo da doutrina sobre o magistério da Igreja as respostas às perguntas dirigidas ao bispo, estas nos proporcionam a oportunidade de destacar mais uma vez os **graves erros doutrinais sobre a infalibilidade e até mesmo sobre a fé e o sentido da Igreja.**

Quanto às **incoerências** que continuam a caracterizar o pensamento do antigo anglicano, que se posiciona cada vez mais, por sua falsa firmeza, como o bispo que conduzirá o restante dos clérigos e dos fiéis da FSSPX que rejeitarão as compromissos com os « romanos », para retomar o termo ao qual o bispo recorre tão frequentemente, estas são tanto as consequências desses erros, mas também, como já sinalizamos pelo testemunho acima, a manifestação exterior de sua maneira de conceber a religião.

O Magistério, regra próxima da Fé, desrespeitado

Já expusemos suficientemente em nosso estudo *40 anos de erro sobre a infalibilidade da Igreja[8]* e em *Constatação doutrinal sobre a tradição e a FSSPX*, as causas da situação doutrinal atual, assim como suas consequências. Portanto, é possível remeter-nos a essas análises para examinar as declarações de Dom Williamson.

De uma forma geral, notamos que a origem dessa posição incoerente vem dos graves erros doutrinais sobre o magistério da Igreja em geral e sobre o magistério ordinário e universal em particular, sem falar, naturalmente, da falta de conhecimento sobre a natureza e os métodos do adversário de Cristo e de sua Igreja.

Ao contornar o problema apresentado pelo caso do Vaticano II, seja forjando uma falsa definição do magistério ordinário e universal (usando as palavras *magistério* e *universal* com um significado diferente daquele utilizado pelos teólogos do Vaticano I), seja minimizando os erros contidos nos decretos e constituições ratificadas por Montini-Paulo VI[9], constatamos com mais espanto quão desdenhoso é, até em seu próprio fundamento, o magistério, regra próxima da fé, que Nosso Senhor nos deu, quando disse aos Apóstolos:

> *« Quem vos escuta, a mim escuta ».*

Não é possível aqui revisar tudo o que pode ser destacado nesse campo, mas parece-nos necessário compartilhar uma confissão que chegou a propósito para confirmar nossa análise sobre esses erros doutrinais relativos ao magistério, dos quais Dom Williamson, evidentemente, não escapa.

Uma confissão do padre Laguérie: o MOU é infalível, mas o Vaticano II não seria o MOU

Trata-se de uma afirmação do padre Philippe Laguérie que declara no *Forum catholique* em 17 de outubro de 2006:

> *« Em 1979, data da minha ordenação, estourou na Fraternidade a querela sedevacantista. Nenhum confrade, digo bem, nenhum, da Fraternidade tinha os meios para responder teologicamente a essa querela. Os professores de dogmática em Écone ensinavam que o Magistério Ordinário e Universal não era infalível, ou que dependia do consentimento da Igreja, enquanto o Concílio Vaticano I diz exatamente o contrário. Não tendo na época os meios intelectuais para refutar os sedevacantistas, passei dois anos estudando a questão. No final, concluí que o MOU é infalível, mas que o Vaticano II não é do MOU, apesar do que disse o padre Lucien (o teólogo mais brilhante da época). Desde então, não tenho mais remorso – e o que eu detesto nos sedevacantistas é que eles não ousam nem se confessar como tais. Como disse o Papa na audiência pública da última quarta-feira, "A afirmação de nossa identidade cristã (...) pressupõe a clareza, a força e a audácia da provocação que são próprias da fé."*

Essa intervenção do padre Laguérie no *Forum catholique* é interessante porque era preferível que os erros doutrinais da grande maioria dos clérigos de Écone que destacamos fossem confirmados pelo testemunho direto de um clérigo que seguiu sua formação sacerdotal dentro da própria FSSPX. Quanto à sua crítica aos clérigos, pejorativamente chamados de sedevacantistas, isso nos dá a oportunidade de constatar mais uma vez que, nessa falta de meios intelectuais (como o padre Laguérie admite), os superiores da FSSPX não tiveram outra solução a propor senão o afastamento dos clérigos que queria compensar essa falta de meios intelectuais e que levantaram as verdadeiras questões sobre o magistério do Vaticano II e sobre as autoridades conciliares e pós-conciliares[10].

Que algumas soluções propostas e adotadas entre esses clérigos sejam imperfeitas ou incompletas é humanamente explicável, uma vez que o que vivemos atualmente continua sendo um mistério, esse mistério da iniquidade, que, como todo mistério, como o da Paixão de Nosso Senhor e a Paixão de Seu Corpo Místico, contém por definição, elementos misteriosos dos quais, no entanto, a Santíssima Virgem Maria em La Salette quis levantar um pouco o véu:

> « Roma perderá a fé e será o trono do anticristo », *« a Igreja será eclipsada »*

e em Fátima, quando ela nos acrescenta as condições necessárias e suficientes para manter a fé e a esperança:

> *« No final, Meu Coração Imaculado triunfará ».*

O padre Laguérie trai o Vaticano I

No que diz respeito às declarações do padre Laguérie, e apesar dos dois anos que ele dedicou a estudar a questão do Magistério ordinário e universal, ele não faz outra coisa senão cair no mesmo erro destacado anteriormente, ou seja: usar um **outro significado** do que aquele empregado pelos teólogos do Vaticano I quando falaram desse modo de ensino infalível na Constituição *Dei Filius*.

De fato, no posfácio do livro de seu confrade, o padre Héry, *Non lieu sur un schisme*, posfácio que estudaremos com mais detalhes, o padre Laguérie não encontrou nada melhor do que dar ao termo *universal* o sentido de « unanimidade », e, graças a um silogismo errôneo, concluir que o Vaticano II (por causa da falta de unanimidade numérica nas votações dos decretos e constituições) « não era do Magistério ordinário e universal »!

Isso lhe permite, se compreendemos bem o sentido de sua intervenção no *Forum catholique*, não ter mais « remorsos » sobre a questão do Vaticano II e acabar finalmente na posição comum a todos os ralliados e ralliadores que conhecemos.

Uma concepção errônea do Magistério martelada nos congressos de Si si No no

Portanto, tanto se trata dos professores de dogmática em Écone nos anos do seminário do padre Laguérie, professores do seminário que incluíam, aliás, o padre Williamson, quanto de um grande número de seminaristas e padres da FSSPX e sua corrente (este ensino errôneo sobre o magistério ordinário estando longe de ser retificado ou mesmo silenciado para não gerar novas polêmicas), vimos como isso gerou numerosos ensaios teológicos, particularmente durante os congressos de *Si si No no* ou ainda nas publicações do *Sel de la terre* dos dominicanos de Avrillé.

Esses « ensaios », incluindo o do padre Calderon, professor no seminário de La Reja e que também vemos « patrocinado » por Dom Williamson para tentar contrabalançar os estudos do CIRS sobre a invalidade do ritual das consagrações de Montini-Paulo VI de 1968, esses ensaios, portanto, que, comparados à sã doutrina, são todos igualmente errôneos, têm **sempre um mesmo objetivo: evitar as verdadeiras questões sobre a legitimidade das autoridades conciliares e pós-conciliares**, e não nos esqueçamos, ferir os sedevacantistas ao longo do caminho, como o fez novamente o padre Laguérie em sua breve intervenção no *Forum catholique*.

É fácil, portanto, entender por que, uns se antecipando aos outros, todos já estão adquiridos à causa e se posicionam para interpretar o concílio « à luz da Tradição ». Enquanto isso, do lado dos anticristos em Roma, e Ratzinger em primeiro lugar, fazem questão de não falar sobre a autoridade e a infalibilidade do magistério ordinário, bem como da integridade doutrinal dos homens que ratificaram, aplicaram o concílio e promulgaram as reformas litúrgicas. Astuto, o padre Ratzinger, conhecendo as lacunas da maioria tradicional nesse âmbito, propõe a *hermenêutica* do Vaticano II, a fim de se posicionar para o diálogo com os pseudos teólogos atuais e, em princípio, com os futuros interlocutores da FSSPX.

Um espírito de ralliamento que tem origem na falsa concepção do Magistério

Essas precisões dadas, compreenderemos que a principal causa dos ralliamentos sucessivos à Igreja não é tanto « a fadiga da luta », « a sedução de Roma », « a fraqueza humana », como afirma Dom Williamson em uma de suas respostas, mas sim **a consequência direta dos erros sobre o magistério e a infalibilidade da Igreja, assim como, repetimos, a falta de conhecimento da natureza do inimigo e de suas estratégias.**

Assim, quando o bispo, ainda nessa mesma resposta, propõe como estratégia a ser observada em relação a Roma para manter o equilíbrio: « me agarrando à verdade, cuja busca está longe de ser sempre fácil », lembramos a ele que antes de tudo deveria tomar consciência de que a FSSPX não detém em seu ensino « a plenitude da verdade católica [11] », como ele afirma em seu sermão de ordenação em 27 de junho de 2003 em Écone.

Ao contrário, com um ensino errôneo no domínio do magistério e recusando a aplicar o princípio da não-contradição a respeito das obras da Igreja conciliar, mesmo que uma criança entenda que uma Igreja que ensina o erro não pode ser a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, a sedução da qual fala Dom Williamson pode, de fato, prevalecer se a maioria tradicional, principalmente em suas autoridades, não tiver consciência da **necessidade de retificar seus erros** e, em vez de silenciá-los, assumir **os verdadeiros argumentos canônicos** que os venerados pontífices, no entanto, nos legaram.

Abordemos agora as outras declarações de Dom Williamson. Estas nos darão a oportunidade de examinar os verdadeiros argumentos que permitem ter uma visão inteiramente católica sobre a situação atual.

A entrevista com título VATICANO II ENSINA A HERESIA? aqui está o que o bispo responde sobre este assunto:

R.: Você considera que o Vaticano II ensina o erro ou a heresia e diria que essa assembleia de bispos foi um verdadeiro concílio ecumênico ou um conciliábulo? E você expressa a posição oficial da FSSPX?

Dom R. W.: Dom Lefebvre dizia que o Vaticano II foi um verdadeiro Concílio ecumênico em sua convocação, mas não em seu desenvolvimento. Em outras palavras, os cerca de 2000 bispos foram

validamente reunidos, mas os 16 documentos que produziram são quase todos ruins, e muito ruins. Se esses documentos não são claramente heréticos, eles se afastam da heresia e acabam na heresia, outra expressão de Dom Lefebvre que corresponde seguramente à posição oficial da FSSPX.

R.: O Instituto do Bom Pastor considera que não se pode ignorar a existência do Vaticano II e que, portanto, é necessário reinterpreta-lo. O que você pensa sobre isso?

Dom R. W.: "Não se pode ignorar o Vaticano II"? – Eu faço uma distinção. O Vaticano II é um fato gigantesco na história recente da Igreja, concordo. Mas seus documentos são muito sutil e profundamente envenenados para que precisemos reinterpreta-los. Um bolo parcialmente envenenado vai todo para o lixo!

Na primeira resposta que, portanto, se supõe expressar a posição oficial da FSSPX, mas também na segunda, vemos como Dom Williamson totalmente evacuou o problema do magistério ordinário da Igreja ao Vaticano II. **Não há sequer uma alusão a isso.** Enquanto essa questão já havia feito Dom Lefebvre tropeçar e que gerou, como não precisamos mais demonstrar, os erros sobre o magistério ordinário e universal na maioria tradicional, não pode ser escamoteada ou silenciada sem provocar uma grave violação da infalibilidade da Igreja, pois se trata de uma rejeição de um dos dois modos de ensino infalíveis da Igreja.

A infalibilidade reduzida por Dom Williamson a um único modo do Magistério: o modo extraordinário

Assim, para Dom Williamson, e isso praticamente trinta anos após o problema levantado em Écone, a questão do magistério, regra da fé, nem mesmo é levantada; é evitada como se a Igreja possuísse apenas um único modo de ensino infalível, o modo extraordinário, ou seja, as definições dogmáticas ou *ex cathedra*, o que confirma que os erros sobre a infalibilidade da Igreja constituem a heresia desse século XX que passou e do começo do XXI entre a maioria tradicional.

As consequências diretas, e bem as temos diante de nós: são esses compromissos de uns e outros, ralliados e ralliadores, esse processo dos « pré-requisitos », que conduzem irremediavelmente a essa « **abertura de discussões doutrinais**, ou seja, à reinterpretação do Vaticano II com o astuto padre de Tübingen usurpando o trono de São Pedro, sempre fazendo com que, nesse trabalho de estudo e recepção do concílio, os artífices **acreditem estar marchando "sob a bandeira das chaves apostólicas"**!

A impasse de Dom Williamson sobre o Magistério ordinário e universal, modo de infalibilidade

Depois de ignorar a grave questão da invalidade do ritual das consagrações episcopais de 1968, Dom Williamson também ignora o magistério ordinário e universal, um dos dois modos de ensino infalíveis da Igreja!

Nessas condições, seria necessário que Dom Williamson nos desse as razões que lhe permitem afirmar que « os 16 documentos do Vaticano II são quase todos ruins, se afastam da heresia e acabam na heresia », e especialmente que nos dissesse por que o Vaticano II é « um bolo envenenado que deve ser jogado no lixo ». Deus sabe quantas hipóteses foram já inventadas pelos pseudos teólogos da maioria tradicional, até criando um « magistério dialogado » para o Vaticano II, sem nenhum grau de autoridade, sempre com o intuito de evitar o problema da legitimidade das autoridades conciliares e pós-conciliares. A única explicação válida, porque totalmente católica, existe. Claro, teremos a oportunidade de voltar a isso. Por enquanto, Dom Williamson não oferece nenhuma explicação. Suas declarações manifestam apenas uma **falsa firmeza diante do Vaticano II.**

---

[8] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-02-05-A00-Refutation_erreurs_sur_infaillibilite.pdf**

[9] Mas mesmo nesse caso não pode haver um único erro, senão seria tornar Deus responsável pelo erro dos homens. Recordemos a este respeito o que Leão XIII dizia em sua Encíclica *Satis cognitum*: « ***Todas as vezes portanto que a palavra deste magistério declara que tal ou tal verdade faz parte do conjunto da doutrina revelada, cada um deve crer com certeza que isso é verdade; pois se isso pudesse de alguma maneira ser falso, resultaria, o que é evidentemente absurdo, que Deus mesmo seria o autor do erro dos homens (…) ».***

Recordemos ainda que a Igreja Católica, como nosso Senhor, já que Cristo e a Igreja são uma só, não pode errar, nem nos enganar e que, portanto, nos Atos do Magistério da Igreja Católica TODO o ensinamento é "*NIHIL OBSTAT*". Isso os clérigos e os fiéis esquecem cada vez mais com Bento XVI!

[10] É de se lamentar que, se em 1979 o ensinamento de Écone sobre esses diversos pontos era confuso, em 2006, ainda repetir os mesmos erros, após estes terem sido várias vezes claramente refutados, constitui uma pertinácia que ainda hoje confina ao "pecado contra o Espírito Santo" com sua sanção dramática.

[11] *« (…) nós, que pela graça de Deus detemos a verdade, a plenitude da verdade católica (…). Trecho **censurado** e, portanto, que o leitor não poderá encontrar na versão escrita deste sermão publicado nas Edições Fideliter.*

3 - COMO DOM WILLIAMSON SILENCIA OS VERDADEIROS ARGUMENTOS QUE LHE PERMITIRIAM NÃO ESTAR FORA DE ASSUNTO SOBRE O PROBLEMA DA LEGITIMIDADE DAS AUTORIDADES DA IGREJA CONCILIAR

Quanto mais avançamos na análise das respostas de Dom Williamson, mais percebemos que o bispo não leva absolutamente em conta os meios que ele não pode ignorar para garantir respostas doutrinariamente corretas sobre o problema da legitimidade das autoridades conciliares.

De fato, à pergunta de Jérôme Bourbon, que, por sua vez, não fará mais do que *trazer água para o moinho* do bispo para uma nova crítica ao sedevacantismo, não podemos deixar de lamentar o lamentável desenvolvimento que Dom Williamson estabelece sobre essa falsa questão dos « papas hereges »:

R.: Visto que você denuncia a nova missa, os novos ritos sacramentais, o novo código de direito canônico, o novo catecismo, as novas beatificações (João XXIII) e canonizações (Dom Escriva de Balaguer, fundador do Opus Dei), isso não levanta a questão da autoridade dos pontífices conciliares que promulgaram todas essas reformas que você considera desastrosas?

Dom R. W.: Os múltiplos maus frutos dos pontífices conciliares, João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e agora Bento XVI, provam que eles são maus pontífices, mas não necessariamente que eles não foram pontífices de modo algum.

Abordemos o argumento principal dos « sedevacantistas ». Ninguém, que eu saiba, afirma que um herege puramente material perde automaticamente seu ofício, pois ele não se opõe conscientemente à doutrina nem à autoridade da Igreja católica. Portanto, os « sedevacantistas » devem afirmar que esses papas são hereges formais, o que requer a pertinácia na heresia. Mas a pertinácia é uma questão interna ao homem, da qual só Deus pode julgar sem se enganar. Portanto, para julgar se um herege era formal, a Igreja antigamente o obrigava a renunciar externamente à sua heresia ou a persistir externamente nela. Porém, tal processo não poderia vir senão de uma autoridade superior. Agora, nesta crise sem precedentes na história da Igreja, são as autoridades supremas da Igreja, particularmente o Vigário de Cristo, que estão invadidas pela heresia modernista. Portanto, é impossível, pelo menos por enquanto, provar que esses papas são hereges formais de tal modo que perdessem ou teriam perdido necessariamente seu ofício.

Mais do que nunca é possível fazer o mal pensando que se faz o bem. Esses papas conciliares estão profundamente enganados pelo mundo moderno, especialmente devido à sua perda kantiana da verdade objetiva (veja Pascendi, cujo centenário celebramos este ano). Penso que eles são "sinceros" como todo liberal convicto e sou ainda menos inclinado a pensar que são hereges formais. Não vejo outro argumento sério para concluir que a Sé de Roma está vazia.

Em *40 anos de erro sobre a infalibilidade da Igreja* nós respondemos suficientemente a esse falso problema . Que nos baste, portanto, retomar aqui o que é de natureza a cortar a polêmica que Dom Williamson continua a alimentar, enquanto sua argumentação, repetimos, está fora de assunto.

A lupa sobre a heresia material ou formal é desviada da elegibilidade do eleito

De fato, não se trata de provar a heresia material e mesmo simplesmente formal de um Soberano Pontífice, (sabemos que isso nunca ocorreu na história da Igreja e que essa eventualidade não passa de "um caso de escola") **mas de olhar, acima de uma eleição ao Soberano Pontificado, se o sujeito eleito é canonicamente (validamente) elegível**.

Não hesitemos em citar os principais trechos deste estudo que sempre pode ser relido em sua integralidade[12] **porque estes nos servem para dar, como anunciamos, a verdadeira razão que nos permite rejeitar o Vaticano II e as diferentes reformas, tanto litúrgicas quanto canônicas que dele resultaram.**

> *«Todos os nossos leitores sabem, Paulo IV estipula em uma constituição datada de 15 de fevereiro de 1559, que um clérigo ou mesmo um simples batizado que tenha desviado na fé não poderia de forma alguma se tornar Pontífice, ainda que todos os cardeais concordassem, ainda que os católicos do mundo inteiro lhe prestassem alegre obediência durante décadas. Todos os atos e decisões de um tal falso-pontífice seriam juridicamente nulos e não avenidos, e isso ipso facto, sem que seja necessária uma declaração por parte da Igreja (...)».*
>
> *«É portanto todo esse ensinamento que encontramos nesta constituição cum ex apostolatus, documento ex cathedra, envolvendo a infalibilidade do magistério de Paulo IV, para evitar que um personagem suspeito de heresia possa ser eleito papa. Ele, de fato, confiou a um de seus íntimos:*
>
> *«Para lhe dizer a verdade, nós quisemos nos opor aos perigos que ameaçavam o último conclave e tomar em vida precauções para que o diabo não coloque no futuro um de seus no trono de São Pedro» (Louis Pastor: História dos papas desde o fim da Idade Média, Paris 1932, volume 14, p. 234).*
>
> *«E é por isso que a constituição estipula de maneira muito clara as consequências de uma tal eleição:*
>
> «Nós acrescentamos que se algum dia acontecer que um bispo, mesmo desempenhando a função de Arcebispo, de patriarca ou de primaz; que um cardeal da Igreja romana, mesmo legatário, que um Sumo Pontífice mesmo, antes de sua promoção ou elevação ao cardinalato ou ao Sumo Pontificado, tenha se desviado da fé ou caído em alguma heresia, a promoção ou a elevação, mesmo que esta última ocorra em entendimento e com o consentimento unânime de todos os cardeais, é nula, sem efeito, sem valor (...)».

Este argumento é o único, nós dissemos, que permite considerar o Vaticano II como um conciliábulo, pois a infalibilidade da Igreja, «dádiva sobrenatural que Nosso Senhor Jesus Cristo fez à Igreja de não errar em matéria de doutrina e de crença» (Dom de Ségur), não pode ser concedida a uma assembleia de bispos, por maior que seja, e mesmo que todos os bispos se reclamem de sua união a um «Pontífice» se esse mesmo «pontífice» não for canonicamente eleito.

O silêncio de Dom Williamson sobre a bula de Paulo IV

Ao passar sob silêncio esta Bula de Paulo IV[13]**, vemos quão falaciosa é a argumentação de Dom Williamson, pois a aplicação do que estipula esta Bula Pontifícia às autoridades conciliares é o único argumento que pode permitir dizer a respeito do Vaticano II que «um bolo em parte envenenado vai todo ele para o lixo!» para retomar a expressão do bispo. Expressão que, portanto, não impressionará mais do que o leitor crédulo, aquele que, como na moral de uma das famosas fábulas de La Fontaine, permite que o bispo «viva à custa daquele que o escuta».**

Não tendo recurso a esse argumento, o bispo, como bem outros clérigos e fiéis, infelizmente, não pode deixar de permanecer nas incoerências doutrinais.

Assim é na sua demonstração sobre **Ratzinger:**

Provando que o teólogo de Tübingen é herege porque modernista, o que é mais do que suficiente para provar, segundo a Bula de Paulo IV, que o padre Ratzinger é um usurpador no trono de São Pedro, Dom Williamson não trará, mais uma vez, nenhuma conclusão prática à sua argumentação. Ao contrário da conclusão que se impõe, justifica o teólogo de Tübingen, agora Bento XVI, invocando o pretexto de seu pensamento hegeliano, e de uma maneira geral para « *«esses papas conciliares»* que *«são profundamente enganados pelo mundo moderno, em razão, notadamente, de sua perda kantiana da verdade objetiva»*!**

Diante de tal atitude, só podemos reafirmar ao bispo, que, aliás, não pode ignorar, o que condena expressamente o magistério da Igreja.

Citemos então o padre Mouraux (cujas obras teremos o cuidado de ler na íntegra de seu comentário sobre a Bula de Paulo IV que colocamos no anexo I) que, em 1992, convidava seus leitores a examinar à luz desses textos pontifícios, os atos anteriores dos clérigos eleitos na sequência do Papa Pio XII:

> **« *Alguns pensaram escapar a essas leis dizendo que elas não teriam nenhuma validade de aplicação sobre um Pontífice que teria a consciência falseada, e que acreditaria estar cumprindo seu dever ao ensinar a heresia ou ao se associar com os hereges e os pagãos até mesmo em seus ritos ímpios. Uma tal opinião é totalmente falsa e condenada "de fide" pelo Vaticano I (Dz. 1794): "Se alguém diz... que os católicos podem ter uma causa justa para suspender sua adesão à fé que receberam do Magistério da Igreja ou para revogá-la em dúvida, que seja anátema* "(os caracteres em negrito e sublinhados são de nossa autoria).**

Essa lembrança corresponde tanto à atualidade, não apenas sobre o padre Ratzinger durante sua passagem pela Mesquita Azul em Istambul, mas também em relação à posição de Dom Williamson e de todos aqueles que ele representa aqui, uma vez que este sustenta a mesma argumentação anatemizada pelo Concílio Vaticano I, que deixamos ao leitor para que faça as próprias aplicações.

Aproveitemos ainda a ocasião para ressaltar um outro ponto que o leitor atento não deixará de notar, pois neste anátema do Concílio Vaticano I se encontra sintetizado o que nos diz São Tomás de Aquino ao afirmar que *Ninguém deve ignorar o magistério.*

Já falamos deste valioso ensinamento do Doutor Angélico em "*40 anos de erro sobre a infalibilidade da Igreja*", mas o citaremos mais uma vez aqui, já que o impasse criado por Dom Williamson nos obriga a isso:

> *Segundo São Tomás (Suma Teológica, I, q. 32, a*. 4), todos os católicos são considerados como conhecedores do magistério da Igreja e das verdades reveladas na *Sagrada Escritura. O código de Direito Canônico estipula que todos os fiéis devem não apenas crer em tudo que a Igreja ensina (portanto, todos são considerados conhecedores do magistério), mas também que são obrigados a evitar as heresias ou opiniões próximas à heresia e, como consequência, todos são considerados conhecedores das advertências contra o protestantismo, o liberalismo, o modernismo, etc.*
>
> *É exatamente por isso que São Pio X obrigou cada clérigo a pronunciar o juramento antimodernista[14], a fim de garantir que ninguém permanecesse ignorante das condenações pronunciadas contra os erros maçônicos modernistas.*
>
> *É, portanto, impossível contornar o que se aplica a esses personagens. Acabamos de falar de Montini, sobre o qual é preciso acrescentar o problema de suas origens, o dos marranos introduzidos na vinha do Senhor, mas também é necessário citar Roncalli[15] modernista iniciado na Maçonaria,* aquele que foi o instrumento ideal para o plano da conjuração antirreligiosa e convocar um concílio, Luciani, inclinado ao modernismo, Wojtyla, embebido de falsa filosofia e teologia, assim como Ratzinger, cujos pensamentos e escritos modernistas são conhecidos, o que, sem abjuramento de sua parte, o torna a ele e aos outros personagens, novamente *ipso facto* fora da Igreja antes de sua eleição ao conclave.
>
> *Diante desses fatos, uma dificuldade persiste, cuja causa é condenável: o laxo do nosso mundo atual, do qual a maioria tradicional não está isenta, pois nunca denuncia o perjúrio desses homens que, no entanto, todos diziam professar a fé católica e prestaram o juramento antimodernista.*

Dom Williamson, ao não levar em conta esses juízos preciosos que nos são dados, por um lado, por São Tomás de Aquino e, por outro, pelo magistério da Igreja, juízos que se aplicam sem reservas a esses homens, particularmente ao padre Ratzinger, vemos quão insípido é o discurso do bispo, que não é mais do que um cenário de teatro sobre o qual se inscreve em trompe-l'œil sua prosa sobre "os romanos", designando-os, sem dúvida, de "tubarões, lobos", ou ainda falando de Bento XVI como "de espírito doente", mas nunca trazendo argumentos e conclusões doutrinalmente e canonicamente católicas.

Que nos seja, portanto, ainda é permitido observar que quando redigimos em dezembro de 2005 este comentário sobre *Ninguém deve ignorar o magistério* **de São Tomás de**

Aquino, colocamos, em conclusão, esta interrogação: «Quais são aqueles que falam de bispos hereges ou de um padre herege no que diz respeito a Ratzinger?» Desde então, temos a entrevista de Dom Williamson na qual ele fala de Ratzinger como um herege; mas a atitude de Dom Williamson, que não conclui de forma alguma sobre as atitudes a serem tomadas em face do herege e, caindo mesmo sob o peso do anátema do Vaticano I, é ainda mais perigosa. Esta, de fato, ignorando a única argumentação católica que pode ser aplicada a esses personagens que se colocaram *ipso facto* fora da Igreja antes de sua eleição ao conclave, continua a arrastar clérigos e fiéis para a comunhão com o herege, e isso, até o Cânon do Santo Sacrifício da Missa, a respeito do qual está claramente estipulado que nenhuma menção do herege pode ser feita! [16]

Tendo isso em mente, aqui está a resposta de Dom Williamson, onde o bispo demonstra que Ratzinger é herege **enquanto apresenta uma opinião totalmente falsa e condenada "*de fide*" pelo Vaticano I** (voltaremos mais tarde à sua resposta sobre a passagem do padre Ratzinger pela Mesquita Azul para tratar **da *Communicatio in sacris* e da apostasia).**

R. : Você qualificaria Bento XVI como modernista?

Dom R. W. : Se um modernista é alguém que quer adaptar a Igreja Católica ao mundo moderno, certamente Bento XVI é um modernista. Ele ainda acredita que a Igreja deve se reapossar dos valores da Revolução Francesa. Talvez ele admire menos o mundo moderno do que Paulo VI, mas ainda o admira muito. Seus escritos passados estão cheios de erros modernistas. Ora, o modernismo é a síntese de todas as heresias (Pascendi, São Pio X). Portanto, como herege, Ratzinger supera de longe os erros protestantes de Lutero, como disse muito bem Dom Tissier de Mallerais. Apenas um hegeliano como ele está persuadido de que seus erros são a verdadeira continuação da doutrina católica, enquanto Lutero sabia – e dizia – que rompía com a doutrina católica.

A análise que acabamos de estabelecer sobre as palavras de Dom Williamson nos permite agora reunir os "pecados por omissão" do bispo:

- **ele enterrou a questão angustiante para os tradicionalistas da confusão entre o Sacerdócio católico válido e os falsos sacerdotes supostamente ordenados pelos falsos bispos conciliares;**

- não mencionou de forma alguma o problema levantado pelo magistério do Vaticano II, deixando a impressão de que a Igreja possui apenas um único modo de ensino infalível;

- não colocou as verdadeiras **questões sobre a legitimidade das autoridades da Igreja conciliar, desviando-se do assunto ao falar da heresia material ou formal de um papa, quando um verdadeiro Sumo Pontífice herético só é possível em casos de escola e isso nunca existiu e não existirá na história da Igreja;**

- e, uma vez mais, ignorou os verdadeiros argumentos que lembramos, a saber, a Bula de Paulo IV, o julgamento de São Tomás de Aquino intitulado *Ninguém pode ignorar o magistério*, e o anátema do Vaticano I, **continuando, sem nunca concluir em sua análise** sobre o modernista

e herege padre Ratzinger, **a arrastar e manter clérigos e fiéis em** comunhão com o herege, usurpador da Sé de São Pedro.

Portanto, somos obrigados a concluir, neste primeiro constato, que Dom Williamson se afasta tanto de longe como de perto de um discurso realmente católico, e a continuação de nossa análise nos provará que ainda não chegamos ao fim de nossos sofrimentos em todas as suas aproximações, incoerências e sofismas.

Após este primeiro resumo, vejamos como, em suas respostas, o bispo comete graves erros de julgamento sobre a Igreja, Corpo místico de Cristo.

---

[12] Baixável no site http:// www.virgo-maria.org/ - 5 de fevereiro de 2006

[13] ***embora já tendo respondido ao argumento avançado por alguns sobre a suposta ab-rogação deste Bula pontifícia de Paulo IV, queremos aqui sinalizar o que dizia sobre este assunto o padre Mouraux, em um de seus excelentes Boletins Bonum certamen.***

[14] Juramento que o padre Ratzinger teve que pronunciar para sua ordenação sacerdotal. Aproveitemos para perguntar aos bispos e aos padres da FSSPX se eles renovam regularmente e oficialmente este juramento que é muito preciso e compromissado.

[15] João XXIII fez, ele, este juramento, ao aceitar o « pontificado », como o fizeram todos os seus predecessores:

"Eu prometo não diminuir nem mudar nada do que me foi transmitido por meus veneráveis predecessores. Como seu fiel discípulo e sucessor, comprometo-me a não admitir nenhuma novidade, mas, pelo contrário, a venerar com fervor e a conservar com todas as minhas forças o depósito que me foi confiado. Em consequência, seja conosco ou com outro, submetemos ao mais severo anátema quem quer que tenha a presunção de introduzir alguma novidade que seja oposta a esta tradição evangélica ou à integridade da Fé e da Religião Católica". A conclusão que se impõe é, portanto, bem o PERJÚRIO.

[16] "**No Canôn da Missa**, **não se reza por aqueles que estão fora da Igreja**". Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino: III, q. 79.

4 - OS GRAVES ERROS SOBRE A NOÇÃO DE IGREJA, AS PROPOSIÇÕES PROVOCATIVAS E AS OPINIÕES CONTRADITÓRIAS DE DOM WILLIAMSON

Nas últimas respostas do bispo, constatamos ainda graves erros sobre a noção de Igreja, assim como a confirmação do julgamento feito no testemunho que citamos, a saber:

> « *Ele mantém aqueles que dirige na expectativa - especialmente os seminaristas* - ***enunciando proposições provocativas, emitindo opiniões contraditórias, agindo ocasionalmente de maneira muito singular, para finalmente mensurar as reações e ver quem vai protestar***».

Antes de tudo, **os graves erros sobre a noção de Igreja**.

É realmente consternante ver como o bispo, assim como alguns outros clérigos da maioria tradicional, canalizam essas fontes doutrinariamente envenenadas que são esses "ensaios teológicos" dos quais falamos acima. Não esquecemos, de fato, que Dom Williamson anima o polo de uma **falsa oposição, por declarações tão vãs quanto estrondosas, ao mesmo tempo em que observa atentamente**, em conjunto com a direção de Avrillé e do *Sel de La Terre*, **para que as verdadeiras questões FACTUAIS sejam enterradas**.

A esse respeito, uma resposta de Dom Williamson nos dá a oportunidade de ressaltar as opiniões doutrinárias comuns do bispo e aquelas publicadas no editorial do último número do *Sel de La*

Terre.

R. : A respeito precisamente de seu episcopado, você se considera membro da Igreja ensinante e do colégio apostólico?

Dom R. W. : Eu não faço parte nem da Igreja ensinante conciliar nem do colégio apostólico conciliar. Por outro lado, da Igreja ensinante católica e do colégio apostólico católico, eu faço parte sim. Em contrapartida, os bispos diocesanos conciliares formam um bolo envenenado como um todo, mas não em todas as suas partes.

Nesta distinção estabelecida por Dom Williamson entre Igreja conciliar e Igreja católica, notamos, de fato, que para o bispo é implicitamente evidente que uma única e mesma hierarquia (que o bispo considera, obviamente, como legítima) dirige duas Igrejas e, por conseguinte, preside a duas religiões, uma verdadeira e outra falsa! E é essa posição totalmente equivocada, posição que não é de modo algum católica, que encontra explicação e justificação neste último número do *Sel de la Terre*.

Como teremos a oportunidade de voltar a esses escritos publicados sob a égide dos dominicanos de Avrillé, escritos onde se observa uma aplicação muito singular das quatro causas da filosofia escolástica à Igreja como sociedade e ser moral, é importante destacar aqui que essa argumentação cai por terra quando se apresenta frente a essa hipótese, a teologia do Corpo místico.

De fato, esses pseudo-teólogos, dos quais Dom Williamson não pode senão se reclamar, se não é ele o mandatário dessa hipótese, ousam propor a seguinte argumentação:

Uma única hierarquia para duas Igrejas, a Igreja católica e a Igreja conciliar, e, claro, duas religiões seguindo a fórmula consagrada de Dom Williamson: « a religião do Deus que se fez homem e a religião conciliar do homem que se faz Deus ».

Portanto, se seguirmos esses pseudo-teólogos, estaríamos diante de uma única e mesma entidade composta por dois corpos (Igreja católica e Igreja conciliar) com uma única cabeça, uma vez que « a cabeça da Igreja é Cristo »:

Até mesmo o simples fiel compreenderá aqui que estaríamos, então, diante de um monstro!

Com este breve, mas essencial, lembrete da teologia do Corpo místico, Nosso Senhor Jesus Cristo sendo a cabeça da Igreja, o Espírito Santo sendo a alma, eis que a santa Esposa de Cristo estaria composta por dois corpos:

- um seria animado pelo Espírito Santo,

- o outro inanimado, ousamos esperar, pois não podemos de forma alguma imaginar que os defensores dessa hipótese chegariam a dizer que o Espírito Santo apoia o erro dos homens, apoia essa falsa religião.

Uma cabeça, dois corpos, dos quais um inanimado, devemos confessar que não ousamos imaginar esse monstro, pura criação dos pseudo-teólogos da maioria tradicional!

Com tal **desvio**, é o mínimo que se pode dizer, medimos o quanto os espíritos têm naufragado e nos vem mais uma vez à mente o que já dizia Dom Gaume em uma de suas cartas na segunda metade do século XIX:

> *« Nestes momentos temerosos, uma espécie de **vertigem** parece cair sobre o mundo. As cabeças **tontam**. As palavras mudam de significado. As mentes mais firmes já não raciocinam, as outras **desraciocinam** completamente. No conflito incessante de opiniões contraditórias, as convicções vacilam. A incerteza do verdadeiro engendra a incerteza do direito. Daí, **uma multidão de julgamentos errôneos e, muitas vezes, eternamente lamentáveis** ».*

Citação à qual devemos também adicionar o que nos diz o padre Augustin Lémann sobre essa mesma subversão dos espíritos, mas sob a perspectiva da ação dos « espíritos de erro » e das « doutrinas dos demônios ».

> *« É a palavra de São Paulo, escreve o padre Augustin Lémann: "O Espírito diz agora que, nos últimos tempos, muitos se afastarão da fé, apegando-se a espíritos de erro e às doutrinas dos demônios." Essa defeição que o grande Apóstolo anunciará mais tarde para os últimos tempos da Igreja, ocorrerá antes nos últimos tempos da Sinagoga. Os **espíritos de mentira** que não cessaram, desde nossos primeiros pais, de seduzir e desviar as inteligências humanas, vão mais particularmente circundar as inteligências judaicas. Haverá, portanto, uma doutrina messiânica dos demônios assim como houve até então uma doutrina messiânica dos profetas; e o pobre povo judeu, seduzido, desviado por ela, se afastará do caminho da verdade, sendo precipitado nos abismos da mentira* ».

Não é, portanto, surpreendente que nos tempos que vivemos, enquanto os clérigos são especialmente supostos conhecer essas lições do Antigo Testamento, e por conseguinte, supostos estarem alertados para avisar a sua vez os fiéis, assistamos a esse **envolvimento nas trevas do erro.**

No que diz respeito a toda a tradição, o erro não podendo mais recair sobre o retrato do Messias, é agora sobre a Igreja, sobre seu magistério e sua infalibilidade, que o inimigo de Cristo e de sua Igreja vai concentrar seus esforços, espalhando seu **espírito de mentira**.

Com as enormidades que acabamos de destacar anteriormente, já podemos ter uma ideia da **gravidade da situação**, uma vez que observamos, nos últimos anos, as autoridades da maioria tradicional afirmando publicamente o que certamente não poderia ser imaginado por nossos autores antiliberais do século XIX e, principalmente, pelos verdadeiros teólogos no Vaticano I: **tornar a própria Igreja responsável pela apostasia!**

> « *A Igreja católica não age mais como um farol da verdade que ilumina os corações e dissipa o erro, mas mergulha a humanidade na névoa do indiferentismo religioso, e logo nas trevas da apostasia silenciosa* » (p. 33 da *Carta aos nossos irmãos sacerdotes*, janeiro de 2004. FSSPX).

Se analisarmos finalmente as últimas declarações de Dom Williamson sob o ângulo de proposições provocativas e de suas opiniões contraditórias, vemos de fato que, em uma única e mesma resposta, ao recusar denunciar o processo maquiavélico dos « pré-requisitos », mas, ao contrário, aceitando em princípio a abertura de discussões doutrinárias com o Vaticano para a FSSPX, o bispo, em uma manifestação de falsa firmeza, colocará uma frase provocativa e totalmente contraditória, confirmando o pouco crédito que se pode dar ao antigo anglicano (variante metodista) que se tornou bispo.

Para sublinhar bem essa incoerência, sinalizamos esta frase contraditória em destaque.

R. : Após a obtenção dos dois pré-requisitos, a FSSPX deseja a abertura de discussões doutrinárias com o Vaticano. Sobre o que elas irão tratar?

Dom R. W. : Elas tratarão da ruptura entre a doutrina católica e a de Vaticano II. Elas teriam sucesso se trouxessem os romanos de volta à Fé de sempre. Elas "teriam sucesso", aos olhos dos conciliares, se a FSSPX abandonasse essa Fé. Mas mesmo falar de um acordo distorce o problema, se se sonha com isso como uma forma de pôr fim à guerra mortal entre a religião do Deus que se fez homem e a religião conciliar do homem que se faz Deus. ***Pois essa religião conciliar só cederia lugar a um sucessor igualmente falso, suscitado pelo mesmo diabo.***

Que vem fazer, de fato, essa frase reproduzindo o pensamento **de Paulo IV** a respeito da Bula *Cum ex apostolatus*, « Para lhe dizer a verdade, quisemos nos opor aos perigos que ameaçavam o último conclave e tomar, em vida, precauções para que o diabo não assente, no futuro, um de seus na cadeira de São Pedro », uma vez que, no contexto que conhecemos, Dom Williamson tem continuamente ignorado o argumento canônico apresentado na Bula de Paulo IV? Tudo isso significaria que o Vigário de Jesus Cristo poderia ser, ao mesmo tempo, o chefe da sinagoga de Satanás!

Essa frase, destinada uma vez mais a impressionar, é, portanto, uma incoerência adicional, e esta apenas confirma o julgamento que podemos fazer sobre os métodos do bispo e a concepção que ele tem da religião e da Igreja.

8 - CONCLUSÃO

Assim, é necessário constatar, mesmo que na verdade ele não fosse um infiltrado, que as proposições e intervenções de Dom Williamson produzem os mesmos efeitos deletérios de um "infiltrado", cujo objetivo real seria identificar e reunir para neutralizar qualquer verdadeira oposição aos modernistas.

Enquanto recebemos ecos sobre a credulidade daqueles que interpretaram as respostas de Dom Williamson como uma linguagem « clara e firme », afirmamos, ao contrário, parafraseando os próprios termos do bispo sobre o concílio Vaticano II, « bolo envenenado », que suas declarações, por sua vez, são « **envenenadas** ». Não podemos deixar de pronunciar um « ***non possumus*** » aos erros e às incoerências doutrinárias manifestadas pelo bispo e continuamos a denunciar suas tentativas **de sufocar todos os estudos que poderiam se debruçar sobre pontos fundamentais e FACTUAIS da luta** contra a destruição da Igreja.

Quanto à sua maneira de conceber a religião, que é aquela do "entusiasmo", notamos isso novamente em sua última resposta:

R. : Muitos católicos desesperam de uma crise da Igreja que se arrasta. O que lhes dizer?

Dom R. W. : Que esses católicos reavivem sua fé, elevando-se a uma visão sobrenatural da crise atual! Se o Bom Deus permitiu que, à vista humana, tudo esteja perdido, é apenas para nos obrigar a olhar para cima! Ele nos criou para o céu, não para esta terra! Que sorte temos que esta terra esteja menos sedutora do que nunca! E que sorte temos com nosso atual "martírio seco" e a possibilidade do martírio sangrento! Vamos! "Sua redenção está próxima", diz Nosso Senhor.

A única visão sobrenatural possível sobre o que estamos vivendo atualmente não pode ser outra senão um olhar englobando o grave problema da invalidade dos rituais de Montini-Paulo VI, e, consequentemente, da preservação do episcopado e do sacerdócio, os canais da graça para a edificação do Corpo místico, assim como um retorno à sã doutrina sobre a Igreja e a retenção e a aplicação concreta do que a Santíssima Virgem nos permite desvendar neste mistério de iniquidade quando nos diz que "Roma perderá a fé e será o sede do Anticristo".

Desde 38 anos de aplicação da reforma do rito episcopal, especialmente, essa hierarquia clerical conciliar tornou-se falsa, mentirosa, pois carrega o nome de católica, se arroga inclusive, mas não pertence mais ao verdadeiro corpo episcopal e presbiteral da Igreja católica que subsiste na Terra.

Essa hierarquia é estrangeira à Igreja católica. Ela representa o artifício demoníaco mais espetacular dessa revolução contra a Igreja permitida por Deus e anunciada maternalmente por Nossa Senhora em La Salette, quando ela disse « ***a Igreja será eclipsada*** ».

Uma vez que, em sua concepção "entusiasta" da religião, Dom Williamson fala sobre o martírio, perguntamos então por qual Igreja ele deseja ser mártir?

Deseja ser mártir por este monstro que ele e os pseudo-teólogos concebem atualmente, ou retornando à sã doutrina sobre a Igreja, ele deseja ser, assim, um verdadeiro confessor da fé e mártir pela santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, eclipsada pela Igreja conciliar?

Uma pergunta adicional, que vem a seguir àquelas cujas respostas ainda aguardamos, especialmente aquelas feitas na **Carta aberta e solene aos quatro bispos de 10 de outubro de 2006 sobre o Sacerdócio**, e reiteradas no comunicado público de 5 de dezembro de 2006 (cf. notas de rodapé acima).

Continuemos a boa luta.

padre Michel Marchiset

ANEXOS

ANEXO I

Comentário do padre Mouraux sobre a Bula de Paulo IV

Bonum certamen N°124, Nov.Dez. 1992, pp. 10 e 11

DIANTE DE TEXTOS TÃO CLAROS, TÃO CONFORMES À TRADIÇÃO, RACIOCINAMOS E REFLETIMOS

Paulo IV declara que sua Bula será ***válida para sempre****, que foi promulgada em virtude de seu* ***poder apostólico****. As palavras que ele utiliza são precisas e não deixam espaço para equívocos. Elas são: «* ***Nós decidimos, estabelecemos, decretamos e definimos*** *». Além disso, ele não inova. Ele está em conformidade com a tradição constante da Igreja e perfeitamente alinhado com o Evangelho. Jesus, de fato, estabeleceu Pedro como chefe de sua Igreja somente após fazer com que ele confessasse sua fé nestes termos: «* ***Você é o Cristo, o Filho do Deus vivo*** *» (Mateus XV, 13-19) e é apenas após este* ***ato solene*** *que ele se torna o* ***fundamento inabalável*** *da* ***Igreja e recebe o poder das chaves****. [9]*

Adicionemos que seria ilógico e indigno de um Deus supor que Aquele que diz a São João « ter vindo para dar sua vida por suas ovelhas » as entrega ao « ***ladrão*** *» (João X, 10), ou seja, para falar claramente: ao* ***herético****, ao* ***demagogo****, que é ovacionado por multidões desprovidas de senso religioso, que se misturam com os inimigos da fé católica, frequentam seus templos ou sinagogas... E, no entanto,* ***Pio IX descobriu nos documentos*** *que fez apreender nas* ***Lojas****, que era de um* ***tal papa*** *que sonhavam a Maçonaria, para arruinar a Igreja católica. Felizmente, Deus deu ao seu fiel servo* ***Paulo IV*** *uma* ***ciência profética*** *que o fez escrever um texto que impede para sempre tal infortúnio, pois libera os fiéis da obediência a um Pontífice que não está em comunhão de* ***fé com seu Mestre, o CRISTO****.*

São Pio X ***insere esta Bula no corpo do Código de Direito Canônico. A morte o surpreendeu antes que pudesse publicá-la. Foi seu sucessor Bento XV quem fez essa promulgação. Mas, nas sombras do papa, o cardeal Gaspari, imbuído do espírito de Rampolla, retirou, antes da publicação do corpo das leis canônicas, a Bula de Paulo IV e a colocou no corpo dos L lugares canônicos. Uma substituição gravíssima, cuja confissão me foi feita por um Prelado do Vaticano…*** *É um ato de traição. Mas um ato perfeitamente nulo em direito, pois, repetimos,* ***a Bula*** *está ainda assim colocada no corpo dos L lugares canônicos. Mas se o efeito jurídico é nulo, o efeito* ***psicológico*** *foi e permanece real entre aqueles que conhecem pouco ou nada o direito canônico. Adicionemos que* ***para que uma lei na Igreja seja suprimida, é necessário que um documento a declare expressamente****. Isso se evidencia nos trinta primeiros capítulos do Código publicado por Bento XV. Porém, nenhum documento oficial suprimiu* ***a Bula de Paulo IV.***

*Persistentes, os adversários da Bula de Paulo IV insistem dizendo que **Pio XII** publicou uma Constituição « Sede vacante » em 1945, que estipula que « nenhum cardeal pode ser excluído da eleição do soberano Pontífice, sob o pretexto de excomunhão, de suspensão ou de impedimento eclesiástico; que todas essas censuras são **levantadas** durante o Conclave; mas permanece em vigor, por outro lado »... A leitura desta frase mostra, evidentemente, que a objeção é **sem valor**. Não se trata aqui, de fato, como na Bula de Paulo IV, **de HERESIA**, mas de **CENSURAS DISCIPLINARES**.*

Além disso, esta Bula foi confirmada por São Pio V em 21 de dezembro de 1566 por seu Motu proprio intitulado « Inter multiplices curas » (cf: Bull, Rom. Volume VII, pp 499-502). E que não se diga que o cânon 6 do código de Bento XV anula todas as leis anteriores às suas. Porque ele anula apenas as leis disciplinares que ele não reapresenta, sem tocar nas que foram conservadas na liturgia nem nas leis que se baseiam no direito natural e divino. Aqui está o texto:

> *« Se qua ex ceteris disciplinaribus legibus, quae usque adhuc viguerunt, nec explicite nec implicite in Codice contineatur, ea vim omnem amississe dicenda est, nisi in probatis liturgicis libris reperiatur, aut lex sit juris divini, sive positivi, sive naturalis » (« Toda lei disciplinar em vigor até agora que não seja explicitamente nem implicitamente reapresentada é considerada revogada, a menos que seja de direito divino, positivo ou natural, ou que se encontre em algum livro litúrgico aprovado ») (...).*

*Ademais, o código retoma no cânon 188/4 o essencial da **Bula** de Paulo IV:...*

> *« Ob tacitam renuntiationem ab ipso jure admissam quaelibet officia vacant ipso facto et sine ulla declaratione, si clericus a fide catholica publice defecerit (4°) » (**Um ofício é vacante por renúncia tácita, se o sujeito que o ocupa cometer publicamente um ato contrário à fé católica**).*

Este é o ensinamento do Papa Inocêncio III, que declara:

> *« Um papa que cair na heresia e perseverar nela deixará de ser membro da Igreja e, por consequência, deixará de ser papa. Ele se deposita a si mesmo » (Cf: Dicionário de Teologia, Tomo IV, col. 520).*

***Alguns acreditaram escapar a essas leis dizendo que elas não teriam valor de aplicação sobre um Pontífice que teria a consciência distorcida**, e que acreditaria estar cumprindo seu dever ao ensinar a heresia ou ao conviver com hereges e pagãos até em seus ritos ímpios. Uma tal opinião é totalmente falsa e condenada « de fide » pelo Vaticano I (Dz. 1794):*

> «***Se alguém disser… que os católicos podem ter uma justa causa para suspender sua adesão à fé que receberam do Magistério da Igreja ou para duvidar dela, seja anátema***».

Após ter estudado este texto, o Católico que esteja preocupado em se esclarecer sobre a legitimidade dos sucessores de Sua Santidade Pio XII deve ler seus escritos e examinar seus atos anteriores à sua promoção. *Encontrarão ali as raízes das heresias de seu governo e tirarão, para sua conduta pessoal, uma conclusão solidamente fundamentada na Bula de Paulo IV*. Além disso, *uma vez que um Pontífice perde toda a sua autoridade se for comprovado que errou na fé antes de sua eleição, é evidente que, se ele propaga a heresia como papa, ele se deposita a si mesmo*.

---

[9] Após a Ressurreição, às margens do Lago de Genesaré, com as Palavras de Nosso Senhor: « Paz, minhas ovelhas (...) Paz, meus cordeiros » (São João XXI,15-17) Ndlr.

ANEXO II

Dom Williamson, interrogado pelo jornalista Jérôme Bourbon

(*Rivarol*, sexta-feira, 12 de janeiro): texto da entrevista.

Dom Richard Williamson: «*Vaticano II é um bolo envenenado*» - Entrevista por Jérôme Bourbon

Decano dos quatro bispos da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, Dom Richard Williamson, 66 anos, dirige desde 2003 o seminário argentino de La Reja. Após sua conversão, este britânico poliglota, formado em Cambridge, ingressou em 1972 em Écône, onde foi ordenado sacerdote em 1976 por Dom Lefebvre, que o consagrou bispo doze anos depois. Ele se declara oposto a qualquer acordo com Bento XVI.

RIVAROL: Bento XVI ocupa a cadeira de Pedro há quase dois anos. Que balanço você faz de seu reinado?

Dom Richard WILLIAMSON: Bento XVI parece essencialmente continuar na linha de seu predecessor João Paulo II. Até agora, portanto, ele se mostrou um pontífice do Concílio Vaticano II. Poderíamos esperar isso.

A LIBERALIZAÇÃO DA MISSA TRIDENTINA: UMA FONTE DE CONFUSÃO?

R.: Diz-se que Bento XVI deverá, em breve, liberalizar a missa tradicional. Essa medida é capaz de resolver a crise da Igreja?

Dom R. W.: Eu posso estar errado, mas penso que a liberalização, mesmo que parcial, da missa tradicional seria um passo à frente para a Igreja universal. A forte graça dessa missa, que agora se encontra praticamente sufocada pelo rito de Paulo VI, começaria a fluir em muitos lugares ao redor do mundo. Mas seria necessário muito mais do que restaurar o bom rito da missa para resolver a crise da fé.

R.: Esse motu proprio sobre a missa não deverá, ao contrário, criar mais confusão do que clareza doutrinal?

Dom R. W.: Exatamente, permitir o bom rito da missa não significa formar os fiéis para que participem dela corretamente. Tudo precisa ser reconstruído, e, em um primeiro momento, de fato

haveria muita confusão, como por exemplo, missas híbridas. Mas a reconstrução deve começar em algum ponto, e é preciso confiar na força intrínseca do bom rito.

R.: Os fiéis tradicionalistas não correm o risco de se dissolver nas paróquias conciliares em detrimento da fé integral?

Dom R. W.: Se, após essa liberalização do bom rito, os fiéis da Tradição frequentassem regularmente as paróquias conciliares, isso significaria que não compreenderiam muito bem a luta pela fé integral. Compete aos líderes da Tradição formar adequadamente seus fiéis para que essa possível liberalização faça mais bem aos conciliares do que mal aos tradicionalistas. Por isso, eles devem entender que o problema fundamental é a fé total, e não apenas o rito da missa.

R.: Pedir a liberalização da missa tradicional sem revisar o novus ordo missae de Paulo VI não seria aceitar o princípio de coexistência e de igual dignidade entre o que Dom Lefebvre chamava de « a missa de sempre » e a « missa de Lutero »?

Dom R. W.: « Ab inimico disce », aprenda com seu inimigo, diziam os latinos. Por que tantos bispos conciliares ficam em alvoroço pela simples possibilidade da liberalização do bom rito da missa? Não é porque eles sabem que, se colocarmos a Arca da Aliança de volta em seus templos, seus ritos de Dagom estão em perigo? Veja o Primeiro Livro dos Reis, no capítulo V! Seríamos nós, com o rito de Pio V, mais medrosos que os conciliares com seu rito de Paulo VI?

BENTO XVI: UM MODERNISTA!

R.: Na Suma Teológica, São Tomás de Aquino escreve que venerar o túmulo de Maomé é, para um cristão, um ato de apostasia. Você considera que Bento XVI é culpado de communicatio in sacris ao se recolher na Mesquita Azul de Istambul e sua atitude não equivale a renegar a fé?

Dom R. W.: Se Bento XVI orou dentro de uma mesquita, cercado por muçulmanos, segundo a maneira de orar dos muçulmanos, ele cometeu um grave pecado contra a fé católica e um escândalo enorme diante de toda a Igreja.

R.: Você qualificaria Bento XVI como modernista?

Dom R. W.: Se um modernista é alguém que quer adaptar a Igreja Católica ao mundo moderno, certamente Bento XVI é um modernista. Ele ainda acredita que a Igreja deve reapropriar-se dos valores da Revolução Francesa. Talvez ele admire menos o mundo moderno do que Paulo VI, mas ele ainda o admira demais. Seus escritos passados estão cheios de erros modernistas. Ora, o modernismo é a síntese de todas as heresias (Pascendi, São Pio X). Portanto, como herético, Ratzinger ultrapassa de longe os erros protestantes de Lutero, como disse muito bem Dom Tissier de Mallerais. Somente um hegeliano como ele está persuadido de que seus erros são a verdadeira continuação da doutrina católica, enquanto Lutero sabia – e dizia – que estava rompendo com a doutrina católica.

QUAL AUTORIDADE PARA A IGREJA CONCILIAR? O VATICANO II ENSINA A HERESIA?

R.: Você considera que o Vaticano II ensina o erro ou a heresia e diria que essa Assembleia de Bispos foi um verdadeiro concílio ecumênico ou um conciliábulo? E expressa aí a posição oficial da FSSPX?

Dom R. W.: Dom Lefebvre dizia que o Vaticano II era um verdadeiro concílio ecumênico em sua convocação, mas não em seu desenrolar. Em outras palavras, os cerca de 2000 bispos foram validamente reunidos, mas os 16 documentos que produziram são quase todos ruins, mesmo muito ruins. Se esses documentos não são claramente heréticos, eles derivam da heresia e culminam na heresia, ainda uma expressão de Dom Lefebvre que corresponde seguramente à posição oficial da FSSPX.

R.: O Instituto do Bom Pastor considera que não se pode ignorar a existência do Vaticano II e que, portanto, é necessário reinterpretá-lo. O que você pensa sobre isso?

Dom R. W.: « Não se pode ignorar o Vaticano II »? – Eu faço uma distinção. O Vaticano II é um enorme fato na história recente da Igreja, de acordo. Mas seus documentos são muito sutil e profundamente envenenados para que sejam reinterpretação. Um bolo parcialmente envenenado vai todo para o lixo!

R.: Uma vez que você denuncia a il legitimacy e a nocividade do Vaticano II, da nova missa, dos novos ritos sacramentais, do novo código de direito canônico, do novo catecismo, das novas beatificações (João XXIII) e canonizações (Dom Escriva de Balaguer, fundador do Opus Dei), isso não leva à questão da autoridade dos pontífices conciliares que promulgaram todas essas reformas que você considera desastrosas?

Dom R. W.: Os múltiplos frutos ruins dos pontífices conciliares, João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e agora Bento XVI, provam que são maus pontífices, mas não necessariamente que não foram pontífices de modo algum.

Vamos abordar o argumento principal dos “sedevacantistas”. Ninguém, ao que sei, afirma que um herege puramente material perde automaticamente seu ofício, porque não se opõe conscientemente à doutrina nem à autoridade da Igreja católica. Portanto, os “sedevacantistas” devem afirmar que esses papas são hereges formais, o que requer pertinácia na heresia. Mas a pertinácia é uma questão interior ao homem, que só Deus pode julgar sem errar. Então, para julgar se um herege era formal, a Igreja antigamente o obrigava a renunciar exteriormente à sua heresia ou a persistir exteriormente nela. Mas tal processo só poderia vir de uma autoridade superior. Ora, nesta crise sem precedentes na história da Igreja, são as autoridades supremas da Igreja, em particular o Vigário de Cristo, que estão invadidas pela heresia modernista. Portanto, é impossível, pelo menos por enquanto, provar que esses papas são hereges formais a ponto de perderem ou terem perdido necessariamente seu ofício. Cada vez mais é possível fazer o mal pensando que se faz o bem. Esses papas conciliares estão profundamente enganados pelo mundo moderno, em particular devido à sua perda kantiana da verdade objetiva (veja Pascendi, que celebramos este ano o centenário). Eu penso que eles são “sinceros”, como todo liberal convicto, e eu tenho ainda

menos inclinação para pensar que são hereges formais. Não vejo outro argumento sério para concluir que a Sé de Roma está vacante.

R.: Os sucessivos alinhamentos à Igreja conciliar de Barroux, da Fraternidade São Pedro, de Campos, do Instituto São Filipe Neri e do Instituto do Bom Pastor não se explicam pela propensão a fazer da questão da autoridade na Igreja pós-Vaticano II um tabu?

Dom R. W.: Será que realmente se tornou tabu discutir a autoridade na Igreja pós-conciliar? Recusa-se a discutir com os chamados "sedevacantistas"? Qual é a força da Tradição Católica se não é a Verdade? E o que seria uma Tradição incapaz de discutir a Verdade? Não são os "sedevacantistas" que se recusam a ouvir qualquer argumento contrário à sua posição? Quanto aos sucessivos alinhamentos à Igreja Conciliar por parte de antigos resistentes ao Concílio, não se explicam suficientemente pela fadiga da luta, pela sedução de Roma, pela fraqueza humana? Se eu quero manter meu equilíbrio, não é caindo à direita que evitarei cair à esquerda! Eu mantenho meu equilíbrio segurando-me à verdade, cuja busca está longe de ser sempre fácil.

R.: Tratando justamente dessas entidades eclesiásticas, quais são o futuro e a margem de manobra delas dentro da Igreja conciliar?

Dom R. W.: O que os grupos eclesiais poderão realizar dentro da Igreja conciliar depende, em grande parte, de sua fé. Quanto mais eles acreditarem, mais se tornarão inassimiláveis em um sistema concebido para absorvê-los, para colocá-los em linha... conciliar! Mas é preciso reconhecer que esse sistema é forte, muito forte! É um perigo mortal para a sua fé se se meter, nem que seja, o dedo mindinho!

R.: Onde você vê a Igreja católica em vinte ou trinta anos?

Dom R. W.: A Nova Ordem Mundial, que corresponde à apostasia branda dentro da Igreja, avança a passos largos. Mas a Igreja é indestrutível. Portanto, de duas coisas uma: ou Deus intervirá, em cinco, dez, vinte anos, com um castigo exemplar para restabelecer a ordem, ou a Igreja estará gemendo nas catacumbas, aguardando essa intervenção. De qualquer forma, a situação atual é irrecuperável por esforços puramente humanos.

NOVOS SACRES DE BISPOS

R.: Com a crise se prolongando, você está pronto para consagrar bispos sem mandato pontifical?

Dom R. W.: Sim. Mas não sem a prudência exigida por todas as circunstâncias, espero.

R.: Em relação justamente ao seu episcopado, você se considera membro da Igreja ensinante e do colégio apostólico?

Dom R. W.: Eu não faço parte nem da Igreja ensinante conciliar nem do colégio apostólico conciliar. Por outro lado, da Igreja ensinante católica e do colégio apostólico católico, eu faço parte sim. Por outro lado, os bispos diocesanos conciliares formam um bolo envenenado como um todo, mas não

em todas as suas partes.

R.: Após a obtenção dos dois pré-requisitos, a FSSPX deseja a abertura de discussões doutrinárias com o Vaticano. Sobre o que elas irão tratar?

Dom R. W.: Elas tratarão da ruptura entre a doutrina católica e a de Vaticano II. Elas teriam sucesso se trouxessem os romanos de volta à Fé de sempre. Elas « teriam sucesso », aos olhos dos conciliares, se a FSSPX abandonasse essa Fé. Mas mesmo falar de um acordo distorce o problema, se se sonha com isso como uma forma de pôr fim à guerra mortal entre a religião do Deus que se fez homem e a religião conciliar do homem que se faz Deus. Pois essa religião conciliar só cederia lugar a um sucessor igualmente falso, suscitado pelo mesmo diabo.

R.: Muitos católicos desesperam de uma crise da Igreja que se arrasta. O que lhes dizer?

Dom R. W.: Que esses católicos reavivem sua fé, elevando-se a uma visão sobrenatural da crise atual! Se o Bom Deus permitiu que, à vista humana, tudo esteja perdido, é apenas para nos obrigar a olhar para cima! Ele nos criou para o céu, não para esta terra! Que sorte temos que esta terra esteja menos sedutora do que nunca! E que sorte temos com nosso atual "martírio seco" e a possibilidade do martírio sangrento! Vamos! « Sua redenção está próxima », diz Nosso Senhor.

Propostas coletadas por Jérôme BOURBON.

MOTU PROPRIO, BLITZKRIEG IMINENTE DE RATZINGER CONTRA MONS. FELLAY?

Domingo, 25 de março de 2007

NT: Blitzkrieg - 'guerra relâmpago' em alemão. No texto original do Virgo Maria essa explicação é dada na referêcia [1]

Artigo Original: Virgo Maria

- INTRODUÇÃO
- 1 - APÓS O FRACASSO DO “BUQUÊ”, UM GRANDE SILÊNCIO QUE PREPARA O PLANO B CONTRA MONS. FELLAY
    - 1.1 - FEBRILIDADE NO VATICANO, O MOTU PROPRIO IMINENTE: TALVEZ JÁ ESTA SEMANA?
    - 1.2 - A OPERAÇÃO SACRILÉGIO DO "BUQUÊ" ESPIRITUAL FRUSTRADA POR VIRGO-MARIA.ORG. O CONDICIONAMENTO DAS MENTES NÃO OCORREU

    - 1.3 - DESDE DOIS MESES, O GRANDE SILÊNCIO SUSPEITO QUE TRAI A ELABORAÇÃO DE UM PLANO B "SURPRESA"

- 2 - 25 ANOS DE TRABALHO DE MINAGEM DO PADRE RATZINGER PARA CONSEGUIR QUE O SUPERIOR DA FSSPX ASSINE. O PAPEL FUNDAMENTAL E POUCO CONHECIDO DE MONS. WILLIAMSON
    - 2.1 - QUAL PODERIA, PORTANTO, SER O PLANO B DO PADRE RATZINGER PARA CONCLUIR A DESTRUIÇÃO DA FSSPX?
    - 2.2 - O PAPEL CENTRAL E PERSISTENTE DE MONS. WILLIAMSON PARA NEUTRALIZAR TODA OPOSIÇÃO SÉRIA
    - 2.3 - EM 2004, O APOIO BARULHENTO DE MONS. WILLIAMSON AOS MUTINOS QUE TENTAVAM DESESTABILIZAR MONS. FELLAY

- 3 - A REPETIÇÃO DO PRECEDENTE DE LUÍS XVI PARA MONS. FELLAY?
    - 3.1 - PERGUNTAS A MONS. FELLAY, E LIÇÃO DADA PELOS FATOS DOS ÚLTIMOS MESES?
    - 3.2 - O PRECEDENTE DE LUÍS XVI: UMA QUEDA INAUDITA EM 3 ANOS, FRUTO DA AÇÃO PACIENTE E HÁBIL DE INFILTRADOS REVOLUCIONÁRIOS
    - 3.3 - O PADRE APÓSTATA RATZINGER: UM INIMIGO MORTAL DA IGREJA DE JESUS CRISTO QUE BRILHA NAS SOMBRAS

- 4 - UM “GRANDE SILÊNCIO” QUE TRAI UMA MANOBRA EM PREPARAÇÃO CONTRA MONS. FELLAY
    - 4.1 - O ESTRANHO “GRANDE SILÊNCIO” ANTES DO MOTU PROPRIO: UMA PREPARAÇÃO DA ‘BLITZKRIEG’ CONTRA MONS. FELLAY?
    - 4.2 - QUAL É O ESQUEMA PARA A BLITZKRIEG DO PADRE RATZINGER CONTRA MONS. FELLAY?

- 5 - A COORDENAÇÃO DAS AÇÕES DOS INFILTRADOS E DOS AGENTES DE ROMA TORNA-SE CADA VEZ MAIS VISÍVEL
    - 5.1 - O PADRE DE LA ROCQUE ANUNCIA EM 24 DE MARÇO EM MONTAUBAN A PUBLICAÇÃO DO MOTU PROPRIO ANTES DA PÁSCOA, E ATÉ MESMO JÁ NESTA SEMANA QUE COMEÇOU
    - 5.2 - O PADRE LAGUÉRIE APOIA O LIVRO DO PADRE CELIER

- 5.3 - O PADRE DE CACQUERAY DECLARA QUE A FSSPX E RATZINGER TÊM A MESMA « PROBLEMÁTICA » E APOIA O LIVRO DO PADRE CELIER QUE CONTÉM SEU « RITO PIPAULE »

INTRODUÇÃO

O Padre Ratzinger está planejando atacar Mons. Fellay de surpresa para fazê-lo adotar uma decisão que o levaria inexoravelmente a assinar? Uma decisão aparentemente inofensiva, como a convocação do Capítulo geral, mas que permitiria aos infiltrados iniciar um processo de assembleia que enfraqueceria o poder de Mons. Fellay, que, no entanto, está plenamente legitimado há 12 anos?

O **VIRUS** do ***Motu Proprio*** vai atingir a FSSPX, espalhando dentro dela a diversidade litúrgica e a confusão dos Sacerdócios. O *Motu Proprio* não foi feito para o exterior, mas é uma arma bumerangue de dissolução da FSSPX. Ratzinger compreendeu isso perfeitamente.

À medida que se aproxima o *Motu Proprio*, confiantes em suas forças, a rede dos infiltrados tem se agitado muito desde a semana passada; após o Padre Schmidberger, Mons. Williamson acabou de intervir por meio de outros para tentar fazer recuar *Virgo-Maria.org* em sua denúncia do “ ***Orquestra Negra*** [2]” da FSSPX e de sua “*sessão de música clássica profana*” na Alemanha com o Padre Schmidberger.

---

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-23-A-00-Orchestre_noir_de_la_FSSPX_V3.pdf

1 - APÓS O FRACASSO DO “BUQUÊ”, UM GRANDE SILÊNCIO QUE PREPARA O PLANO B CONTRA MONS. FELLAY

1.1 - FEBRILIDADE NO VATICANO, O MOTU PROPRIO IMINENTE: TALVEZ JÁ ESTA SEMANA?

Estamos em 25 de março, data do aniversário da morte de Mons. Lefebvre, e também festa da Anunciação. Segundo os rumores dos últimos dias na imprensa italiana, é também entre esta data e o dia de Páscoa que a Roma apóstata poderia publicar o *Motu Proprio*. Retomando o site[3] do Vaticano, o site alemão *Kreuz.net* anunciou que

> *“na quinta-feira à noite o Padre Ratzinger recebeu o prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, cardeal Francis Arinze, assim como o presidente da Comissão Pontifícia Ecclesia Dei, cardeal Dario Castrillon Hoyos, em audiências separadas. Os conteúdos das conversas não foram revelados”*[4]

O site anglofone *Rorate Caeli*[5] traz a mesma informação.

Os eventos portanto vão se acelerar, o Padre Ratzinger está coordenando seus responsáveis.

Nossos leitores entenderam muito bem que a publicação deste *Motu Proprio* é uma arma nas mãos da “*Roma dos anticristos*” (segundo as próprias palavras de Mons. Lefebvre em sua carta de missão aos quatro futuros bispos da FSSPX[6]) para obter o respaldo da FSSPX **e, organizando agora a confusão dos sacerdócios** (cf. mensagens anteriores VM e A carta solene aos quatro bispos da FSSPX)**, a fim de pôr fim à obra de preservação do verdadeiro Sacerdócio católico, dotado dos poderes sacramentais e sacrificais válidos da ordem de Melquisedeque, obra de preservação fundada por Mons. Lefebvre**.

---

[3] http://212.77.1.245/news_services/press/vis/dinamiche/d1_en.htm

[4] http://www.kreuz.net/article.4911.html e

[5] http://rorate-caeli.blogspot.com/

[6] Carta solene aos quatro bispos da FSSPX.

1.2 - A OPERAÇÃO SACRILÉGIO DO "BUQUÊ" ESPIRITUAL FRUSTRADA POR VIRGO-MARIA.ORG. O CONDICIONAMENTO DAS MENTES NÃO OCORREU

Desde o fracasso da fraude sacrílega do “*buquê*” espiritual, uma verdadeira ofensa à Santíssima Virgem Maria, que denunciamos assim que o Padre Lorans começou a promovê-la de forma exagerada e sacrílega, os planos do Padre Ratzinger sofreram atrasos e o efeito inicialmente esperado, a saber, uma espécie de entusiasmo beato dos fiéis e dos clérigos, assim enganados, pelo “*milagre*” do *Motu Proprio* planejado para meados de novembro de 2006, sobre o qual o Padre Ratzinger contava inicialmente, já não se faz presente.

Os fiéis e os clérigos entenderam a tempo a manipulação do “*buquê*” espiritual.

A fraude foi tão exposta que Mons. Fellay nem se atreveu a mencionar novamente publicamente esse famoso “*buquê*” durante a comemoração dos “30 anos de São Nicolau”.

As operações de acompanhamento do *Motu*, como as operações previstas no rastro do *Motu*, também foram descobertas preventivamente pelo nosso site, e seus verdadeiros objetivos divulgados e bem compreendidos por todos.

Pensamos aqui no “*rito de La Rocque*”, na obra do Padre Celier sobre o “*rito Pipaule*”, etc. (cf. mensagens anteriores VM).

1.3 - DESDE DOIS MESES, O GRANDE SILÊNCIO SUSPEITO QUE TRAI A ELABORAÇÃO DE UM PLANO B "SURPRESA"

Desde meados de janeiro, após o caso Wielgus, a atualidade do *Motu Proprio* repentinamente deu lugar a um grande silêncio, um silêncio geral e enganoso: o Padre Barthe, até então onipresente nos meios da Tradição, de repente desapareceu da cena da Tradição, os infiltrados modernistas explicam que o *Motu Proprio* nunca será publicado (o Padre Lorans até falou na Mutualidade em fevereiro sobre um adiamento do *Motu* para as calendas gregas),... enfim, tudo parece como se uma ordem vinda de não se sabe onde tivesse repentinamente guardado o *Motu Proprio* nas prateleiras das quimeras, desarmando a vigilância dos fiéis.

O que está acontecendo?

2 - 25 ANOS DE TRABALHO DE MINAGEM DO PADRE RATZINGER PARA CONSEGUIR QUE O SUPERIOR DA FSSPX ASSINE. O PAPEL FUNDAMENTAL E POUCO CONHECIDO DE MONS. WILLIAMSON

É certo que o Padre Ratzinger **que trabalha há mais de 25 anos** para capturar a FSSPX a fim de destruí-la e **assim concluir a destruição do Sacerdócio católico sacramentalmente válido e autêntico** (Operação Rampolla, cf. mensagens anteriores VM), **o que constitui o verdadeiro objetivo principal de seu pontificado**, não pode ter parado por aí.

Após o plano A que falhou, o Padre Ratzinger e sua equipe certamente estabeleceram um plano de contingência. Este plano de contingência foi certamente comunicado aos agentes de Ratzinger que, seja no meio unido, seja dentro da rede dos infiltrados modernistas na FSSPX, **preparam as mentes para o respaldo**.

2.1 - QUAL PODERIA, PORTANTO, SER O PLANO B DO PADRE RATZINGER PARA CONCLUIR A DESTRUIÇÃO DA FSSPX?

O verdadeiro alvo: a mão de Mons. Fellay que segura a caneta que assinará o respaldo e, portanto, a morte-apostasia da FSSPX, e o fim da obra de preservação do verdadeiro sacerdócio católico sacramentalmente válido fundada por Mons. Lefebvre.

Acabamos, em uma mensagem de 24 de março de 2007, de relatar a informação do Padre Cekada, explicando como **desde 1983, o trio infernal Ratzinger-Schmidberger-Williamson se agitava ao redor de Mons. Lefebvre para fazê-lo assinar o respaldo da FSSPX à Roma apóstata, enquanto silenciava a oposição sobre a questão da validade sacramental das ordenações conciliares**.

Após Mons. Lefebvre em 1983, aqui está o novo alvo em 2007: a mão de Mons. Fellay que segurará a caneta que assinará o respaldo da FSSPX.

2.2 - O PAPEL CENTRAL E PERSISTENTE DE MONS. WILLIAMSON PARA NEUTRALIZAR TODA OPOSIÇÃO SÉRIA

Para isso, foi necessário **que, durante 25 anos, o Padre Ratzinger cercasse o Superior da FSSPX com um entourage a seu serviço, orquestrado pelo Padre Schmidberger, e que promovesse um falso opositor, Mons. Williamson**, destinado a neutralizar a reação conduzindo-a a falsas argumentações pueril e inofensivas, ao mesmo tempo em que proibia estudos sobre assuntos de caráter estratégico (invalidade das Ordens, infalibilidade do Magistério ordinário universal, etc.) antes da assinatura, para se colocar, por suas declarações estrondosas e intempestivas, em posição de liderar os clérigos da FSSPX que se opusessem ao respaldo ao Padre apóstata Ratzinger, para melhor neutralizá-los.

É bem concebido! Parabéns: realmente muito britânico!

Essa manobra é tão clara que basta ler os meios de comunicação **oficiais como *Le Figaro*, *Le Monde*,** etc.: todos eles **são unânimes em apresentar Mons. Williamson como o único opositor real a qualquer respaldo; Mons. Williamson é sistematicamente apresentado como o "*duro*" da FSSPX**.

Da mesma forma entre os fiéis, **alguns elos trazem a Mons. Williamson a chancela de Avrillé (sob o controle de Mons. Williamson), Avrillé sendo, ele mesmo, reputadamente um sólido polo de oposição ao respaldo**.

Esse esquema é muito simples e clássico nos processos de subversão.

Isso mostra simplesmente que **Mons. Fellay não está lidando com crianças de coro**, mas com homens que são herdeiros do ensinamento e do saber-faire multi-secular da Arte Real maçônica

dos Rosacruz. Um domínio no qual Mons. Fellay, visivelmente, ignora tudo... ou quase.

2.3 - EM 2004, O APOIO BARULHENTO DE MONS. WILLIAMSON AOS MUTINOS QUE TENTAVAM DESESTABILIZAR MONS. FELLAY

Por fim, a questão dos *Mutinos* desde o verão de 2004, durante a ocasião do "*peregrinação*" de Wojtyla-JP2 a Lourdes, acabou prejudicando essa imagem pública de Mons. Williamson.

Na verdade, sua intervenção no dia 17 de outubro de 2004, em seu sermão na Saint Nicolas du Chardonnet, onde ele expressou seu apoio público aos *Mutinos* (Padre Laguérie, Padre de Tanoüarn, etc.), revelou ao clero da FSSPX na França seu verdadeiro rosto, e desde então muitos passaram a desconfiar desse ex-anglicano que se tornou bispo e que, após essa provocação, se tornou *persona non grata* no Distrito da França.

No entanto, Mons. Williamson acabaria reincidindo ao apoiar, em dezembro de 2004, o primeiro congresso dos *Mutinos* em 6 de fevereiro de 2005.

Foi necessário um deslocamento especial de Mons. Fellay à Argentina para obter seu silêncio e uma aparente retratação por parte do antigo anglicano (variante metodista) que se esforçava para minar na prática a autoridade do Superior da FSSPX.

3 - A REPETIÇÃO DO PRECEDENTE DE LUÍS XVI PARA MONS. FELLAY?

3.1 - PERGUNTAS A MONS. FELLAY, E LIÇÃO DADA PELOS FATOS DOS ÚLTIMOS MESES?

Desde a questão da mutinaria do verão de 2004, Mons. Fellay **aprendeu com sua falta de experiência diante de tal adversidade e dos métodos do adversário da obra de Mons. Lefebvre?**

Desde a questão programada do "*buquê*" espiritual sacrílego que o fez, em consequência, e diante do Padre Lorans, propagandista do caso, proferir uma mentira pública em outubro de 2006, na Radio Courtoisie, Mons. Fellay tirou alguma lição disso?

Ele finalmente identificou a rede que, ao seu redor, dentro e ao redor do Capítulo geral de julho de 2006, havia introduzido e promovido essa "*boa ideia*" do "*buquê*" espiritual sacrílego?

Ele **entrelaçou metodicamente os fatos, reestabeleceu seu cronograma**, e constatou a extraordinária engenharia de foguetes que estava combinada por trás da operação do "*buquê*", depois as incursões televisivas do Padre Lorans em Saint Nicolas du Chardonnet, depois o kit de DVD de São Pio V acompanhado do "*rito de La Rocque*", depois "*o rito Pipaule*" do Padre Celier que, na Albin Michel, dita a política dos acordos com Roma – cf. mensagens anteriores VM, depois as pressões político-eclesiais do arcebispado de Paris sobre a restauração de Saint Nicolas du Chardonnet, depois a futura promoção anunciada (por seu amigo Yves Chiron) do Padre Celier na comunicação da FSSPX por meio de folhetos destinados a estruturar "***as futuras discussões doutrinárias***[7]" que condicionariam a assinatura do acordo final por parte do Superior Geral da FSSPX, Mons. Fellay?

Depois de 25 anos de um trabalho paciente da "*aranha universal*", o Padre apóstata Ratzinger, o verdadeiro arquiteto nos bastidores do pontificado de Wojtyla-JP2, para tecer sua teia e fazer cair sua presa, o Superior da FSSPX agora entendeu com quem realmente está lidando?

Tudo leva, infelizmente, a duvidar disso.

[7] Elas serão destinadas a embalar a aceitação do Vaticano II em um pacote aceitável "à luz da Tradição"

3.2 - O PRECEDENTE DE LUÍS XVI: UMA QUEDA INAUDITA EM 3 ANOS, FRUTO DA AÇÃO PACIENTE E HÁBIL DE INFILTRADOS REVOLUCIONÁRIOS

Ele entendeu que, ao permitir que essa rede de infiltrados modernistas agisse livremente, ao conceder-lhes facilmente os cargos-chave na liderança dos meios de comunicação (incluindo a tutela do *Sel de la terre* de Avrillé) e em postos de autoridade, como atualmente o do Distrito da Alemanha e do seminário de La Reja, e ao cobri-los obstinadamente, ele reproduziu na FSSPX, e, em proporções adequadas, à escala que lhe cabe, a situação que Luís XVI permitiu prosperar ao seu redor, e que lhe custou o trono, a vida e a de sua esposa?

Mons. Fellay: O precedente de Luís XVI

Luís XVI também se recusou obstinadamente a agir contra os infiltrados e agressores de toda sorte que logo proliferaram em seu entorno e minavam pacientemente o edifício treze vezes secular da realeza francesa.

O resultado foi que, após um trabalho de preparação de várias décadas pelas lojas maçônicas, em apenas três anos, o Rei Muito Cristão, o Monarca mais poderoso de toda a Cristandade e do universo, o herdeiro de Clóvis, foi conduzido do trono ao cadafalso.

Portanto, se a monarquia francesa não conseguiu resistir a tal conjuração e **a tais métodos pacientemente implementados**, que dizer da frágil FSSPX, da qual Mons. Lefebvre disse, no prefácio aos estatutos que aprovou em 1990, um ano antes de sua morte, **que a Providência lhe entregou "a *Arca da Aliança do Novo Testamento*, o Sacerdócio de Melquisedeque"**?

É bem verdade que, em tais assuntos supremos, Deus é realmente o único bastião que vale, MAS A CONDIÇÃO DE que aquele que é justamente investido da autoridade legítima permaneça FIEL A TODOS OS DEVERES DE SUA AUTORIDADE, e que não prevarique.

3.3 - O PADRE APÓSTATA RATZINGER: UM INIMIGO MORTAL DA IGREJA DE JESUS CRISTO QUE BRILHA NAS SOMBRAS

Desde que assumiu o cargo em 1982 à frente da CDF, o Padre Ratzinger compreendeu bem que o sucesso final da *Operação Rampolla* (cf. mensagens anteriores VM), que visa o fim do verdadeiro sacerdócio de Melquisedeque, se joga na liderança da FSSPX e que o essencial é **obter a assinatura rápida do chefe**.

É por isso que, desde 1982, ele mantém uma correspondência secreta com Mons. Lefebvre.

O Padre apóstata Ratzinger se destaca nas táticas das sombras, é visivelmente nesse meio que ele se sente mais à vontade. Se ele deve aparecer à luz do dia, em evidência, como tem sido desde 19 de abril de 2005, ele imediatamente multiplica os erros, os deslizes e as gafes (Mesquita Azul, Wielgus...).

A questão Wielgus, de fato, nos revela mais uma vez um Padre Ratzinger que age nas sombras para promover um agente completamente comprometido e a seu serviço, a fim de sufocar *Radio Maryja* na Polônia[8], mas a questão, como já explicamos em nossas mensagens anteriores no VM, acabou não saindo como ele esperava.

---

[8] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-28-A-00-Compromission_communiste_Eglise_conciliare.pdf

4 - UM “GRANDE SILÊNCIO” QUE TRAI UMA MANOBRA EM PREPARAÇÃO CONTRA MONS. FELLAY

4.1 - O ESTRANHO “GRANDE SILÊNCIO” ANTES DO MOTU PROPRIO: UMA PREPARAÇÃO DA ‘BLITZKRIEG’ CONTRA MONS. FELLAY?

Desde a questão Wielgus, o Padre Ratzinger impôs um silêncio completo sobre a publicação do *Motu Proprio*. E reorganizou seu plano para levar em conta o fracasso da operação sacrílega do “ *buquê*” espiritual, que deveria suscitar o entusiasmo sabiamente condicionado dos fiéis.

Nossas análises nos levam agora a considerar, da parte de Ratzinger, um cenário que combinaria uma operação *Motu Proprio*, embora já tenha sido revelada há meses, mas **a qual seria adicionada um elemento novo, combinado com uma ação súbita e brutal dos infiltrados para condicionar Mons. Fellay e arrastá-lo em um processo de assinatura inevitável, do qual ele não poderia mais se desvincular**.

O objetivo seria **criar um choque psicológico para iniciar um processo que levaria inevitavelmente Mons. Fellay à assinatura**.

O silêncio artificial dos últimos dois meses teria sido destinado a **acordar a desconfiança da Direção da FSSPX, dos clérigos e dos fiéis,** enquanto o Padre apóstata Ratzinger trama com seus cúmplices um **verdadeiro golpe contra Mons. Fellay** para arrancar a assinatura que ele tem relutado em conceder nos últimos 6 anos.

4.2 - QUAL É O ESQUEMA PARA A BLITZKRIEG DO PADRE RATZINGER CONTRA MONS. FELLAY?

Pode-se considerar que a operação de respaldo passou por **três fases históricas sucessivas:**

4.2.1 - Fase 1/ “Hoyos / Schmidberger”: Do encontro de Mons. Fellay e do Padre Schmidberger com o Padre Ratzinger em 29 de agosto de 2005 até a Quinta-feira Santa de 2006.

Essa fase conheceu uma elaboração secreta com o Padre Castrillon Hoyos em 15 de novembro de 2005 em Roma.

Ao mesmo tempo, **Mons. Williamson se esforçava, junto com o Padre Pierre-Marie de Avrillé, para contrabalançar, por meio das publicações do *Sel de la Terre* e do *The Angelus*, as primeiras publicações do CIRS (rore-sanctifica.org) que revelavam rigorosamente aos fiéis a inegável invalidade sacramental da pseudo consagração episcopal conciliar**, cuja forma sacramental foi inventada de todas as formas pelo trio infernal Bugnini-Lécuyer-DomBotte e promulgada a um preço colossal de mentira em 18 de junho de 1968 por Montini-Paulo VI, desferindo assim o golpe mortal contra o verdadeiro sacerdócio católico, dotado realmente dos poderes sacramentais e sacrificiais válidos segundo a ordem de Melquisedeque.

Depois vieram as intervenções públicas “*sim e não*” de Mons. Fellay em Paris por volta de 10 de dezembro de 2005, simultaneamente com a vontade de difamar a carta informativa CSI, que tratava publicamente e livremente dessas questões cruciais, permitindo que seu responsável, M. Louis-Hubert Remy, fosse caluniado abominavelmente pelo site *honneur.org*, apoiado publicamente pelo Padre Régis de Cacqueray, Superior do Distrito da França da FSSPX.

Em seguida, vieram as declarações de Mons. Fellay em Paris diante de jornalistas católicos no dia 13 de janeiro de 2006, a mudança de Flavigny no início de fevereiro de 2006, os novos avanços de Mons. Fellay em direção a Roma, até que, durante a Semana Santa, o Padre apóstata Ratzinger decidiu de forma brutal interromper tudo, o que deixou o Padre Barthe, que estava muito em alta nos círculos anglicanos, desenvolver de maneira contraditória suas declarações sobre o assunto na rádio courtoisie na Quarta-Feira Santa.

Ao mesmo tempo, Mons. Fellay autorizava seus Padres a participar de encontros discretos, até mesmo secretos, com personalidades do mundo conciliar francês no âmbito do GREC (cf. mensagens VM), dentro do qual o Padre Lorans fazia relatórios discretos e regulares das conversas ao nuncio apostólico em Paris.

O Padre Ratzinger parece ter recuado, avaliando provavelmente que a influência de seus agentes sobre a FSSPX ainda era insuficiente, e que o respaldo, se devesse ocorrer nas condições atuais, não aconteceria em condições ideais: muitos clérigos e fiéis não se uniriam ou sairiam já nas primeiras semanas. E tudo isso teria ocorrido em um clima pré-eleitoral na FSSPX.

Uma tal iniciativa poderia até desestabilizar a eleição prevista e eleger um novo superior que poderia destituir a rede dos infiltrados.

Para não correr tais riscos, o Padre Ratzinger decidiu, portanto, esperar pela reeleição de Mons. Fellay em julho de 2006. Mas ele não ficou inativo; lançou, nesse meio tempo, a preparação da fase seguinte: a fraude sacrílega do "*buquê*" espiritual.

Desde sua criação no início de fevereiro de 2006, nosso site ***Virgo-Maria.org*** não deixou de denunciar todas essas manobras e essas traições da obra de Mons. Lefebvre, revelando aos fiéis informações significativas.

Nosso trabalho foi eficazmente precedido pelo site CSI-Diffusion, que agora desapareceu devido a ameaças judiciais e pressões do Padre Celier sobre M. Louis-Hubert Remy, assim como calúnias contra ele do site *honneur.org*, hoje fechado após a ação vigorosa do Padre Laguérie, e cujo webmaster não era outro senão aquele de *La Porte Latine*, o site oficial do Distrito da França da FSSPX.

4.2.2 - Fase 2/ "buquê / Lorans": A segunda fase vai da reeleição de Mons. Fellay em 12 de julho de 2006 até a metade de janeiro de 2007

Ela começa com a operação sacrílega de promoção do "*buquê espiritual*" fortemente divulgada pelo Padre Lorans.

A intensa campanha se estende do mês de agosto de 2006 até outubro.

Ela levou até Mons. Fellay a proferir uma mentira pública em 12 de outubro de 2006 sobre seus relacionamentos com Roma e com o Padre Ratzinger na Radio Courtoisie, como *Virgo-Maria*

revelou[9].

O objetivo era fazer com que os fiéis orassem para pedir à Santíssima Virgem *o Motu Proprio* que o Padre Ratzinger estava na realidade determinado a promulgar de qualquer forma, pois constituía o dispositivo chave para confundir os sacerdócios conciliares inválidos com o autêntico católico dotado de poderes sacrificiais (cf. Carta solene aos quatro bispos da FSSPX).

A decisão de promulgar *o Motu* havia, aliás, já sido anunciada[10] pelo Dr. Alcuin Reid diante dos beneditinos conciliares ingleses em 19 de abril de 2006.

Ela deveria ser concluída com a esperada promulgação do *Motu Proprio* **para meados de novembro de 2006.**

Trata-se de enganar os fiéis fazendo-os acreditar que esse milagre foi obtido por suas orações.

Nosso site *Virgo-Maria.org* foi o primeiro **e único site na internet a denunciar** todas essas manobras, e esperamos ter contribuído assim para o fracasso desta operação sacrílega.

Enquanto isso, uma sucessão de eventos públicos também interferiu para Ratzinger, que o incomodaram consideravelmente:

- O caso da provocação de Ratisbona em relação aos muçulmanos em setembro,
- O caso da apostasia da mesquita azul em Istambul no final de novembro. Este caso foi acompanhado pelos dois atos sacrílegos de ecumenismo com os ortodoxos cismáticos em Istambul e o suposto Arcebispo de Cantuária em Roma em novembro.
- E, sobretudo, houve a demissão espetacular do novo suposto arcebispo de Varsóvia, quando seu passado como ex-colaborador da ex-polícia secreta comunista foi finalmente revelado publicamente no início de janeiro de 2007. Esta sucessão de falhas ou obstáculos obrigava o Padre Ratzinger a mais prudência e exigia uma temporização (cf. mensagens anteriores VM sobre esses assuntos).

Esta operação incluía vários níveis, uma vez que à promulgação prevista do *Motu Proprio* sucedia a difusão maciça na França do kit de São Pio V em DVD, com a carta de acompanhamento do Padre de La Rocque apresentando o "*rito de La Rocque*", ou seja, o rito da missa de São Pio V em vernáculo (francês) e voltado para o povo. Esta operação foi lançada em dezembro de 2006.

Então, em início de março de 2007, chegou o livro do Padre Celier, em andamento desde o mês de setembro anterior[11], onde ele assumia diante da mídia o papel não oficial de porta-voz da FSSPX, especialmente para as questões dos relacionamentos da FSSPX com Roma.

O livro do Padre Celier amplia ainda mais o "*rito de La Rocque*" ao preconizar o "*rito Pipaule*" que mistura tanto o rito de São Pio V quanto o rito de Paulo VI.

Paralelamente, o Padre Lorans mescla cada vez mais sua imagem à de São Nicolau do Chardonnet por sua presença constante nesta igreja.

4.2.3 - Fase 3/ “*Motu Proprio* / Schmidberger-Williamson-Lorans-Celier”:

A terceira fase começará assim que o *Motu Proprio* for publicado: a partir de 25 de março de 2007 ou talvez na Quinta-feira Santa, 5 de abril de 2007, símbolo da instituição do Sacrifício de Melquisedeque que este *Motu Proprio* visa precisamente destruir ao instaurar a confusão dos Sacerdócios (cf. carta solene aos quatro bispos da FSSPX).

O Padre apóstata Ratzinger sabe que já não possui o elemento psicológico sobre o qual contava após o fracasso da operação sacrilége do “*buquê espiritual*” para uma “*aliança cantada*” em uma atmosfera de euforia. Então, como obter o efeito de arrastamento desejado?

4.2.3.1 - A necessidade de um elemento psicológico para cristalizar em torno de Ratzinger

Esse elemento psicológico indispensável poderia ser trazido de fora. De fato, os rumores se multiplicam e se intensificam sobre os preparativos militares americanos no Golfo e seu próximo e possível ataque por bombardeios ao Irã. Segundo ecos provenientes de serviços secretos russos, o ataque poderia ocorrer muito em breve, talvez já na sexta ou no sábado santo[12].

Se tal ataque ocorresse, ele provocaria imediatamente um choque financeiro, econômico e social, ao mesmo tempo em que levantaria uma imensa emoção na França, assim como na Europa.

As relações se polarizariam imediatamente em torno de dois polos: Ocidente e Islã, e isso iniciaria a dinâmica do “*choque das civilizações*” tão almejado pelos “***neo-cons***” que dirigem a política anglo-saxônica atual.

O discurso consistiria, então, em declarar a “***união sagrada do Ocidente, e principalmente do Cristianismo frente ao Islã***”.

E, na Tradição católica, **não há dúvida de que seria exigido o alinhamento incondicional em torno do “*papa Bento XVI*” supostamente “*tampão do Ocidente*”** (Ratzinger estando de fato muito ligado, na realidade, à família Bush e aos “*neo-cons*” americanos).

Colocando em destaque a “*União sagrada*” atrás de Ratzinger, e frente ao Islã, os aliados e os infiltrados modernistas **exigiriam silenciar todas as discussões doutrinais**, tais como aquelas que versam sobre a invalidade das consagrações conciliares, **debates que seriam taxados de “*controvérsias bizantinas*” diante de um perigo de civilização**.

4.2.3.2 Conseguir que Dom Fellay aceite reunir o Capítulo Geral após o anúncio público de Ratzinger de uma proposta de acordo

Mas ainda há um problema para o Padre Ratzinger: como forçar a assinatura da mão de Dom Fellay? Até agora, as hesitações do bispo suíço (Sim e não) mantiveram um *status quo*.

Reduzimos-nos a fazer hipóteses, sem pretender, de maneira alguma, adivinhar precisamente o futuro.

Mas podemos imaginar que, ao não conseguir obter a assinatura formal do Superior Geral da Fraternidade, o Padre Ratzinger considere engajá-lo em um processo de assembleia que lhe impusesse a assinatura desejada.

Assim, poderíamos imaginar que **Roma crie uma situação que permitiria à sua rede de infiltrados modernistas exigir a reunião do Capítulo Geral da FSSPX para decidir em última instância**.

4.2.3.3 Uma instrumentalização revolucionária da assembleia dos 40 do Capítulo Geral que acurralaria Dom Fellay

Neste caso, o objetivo dos infiltrados seria **assegurar o controle da maioria dos votos dentro do Capítulo Geral.** Este inclui 40 membros, e é provável que os infiltrados modernistas, dos quais alguns pertencem ao Capítulo, já estejam trabalhando discretamente em membros-chave para garantir suas assinaturas no momento decisivo. Isso é algo que podemos imaginar a partir da última reunião na Alemanha em 23 de fevereiro de 2007 entre o Padre Schmidberger e Dom Williamson.

A subversão revolucionária já adquiriu, de fato, uma grande experiência na manipulação de assembleias. Recomendamos aos leitores que leiam sobre isso a obra "***Grupos redutores e núcleos dirigentes***", redigida a partir das célebres investigações do historiador Augustin Cochin do século XIX sobre o funcionamento das assembleias durante a Revolução Francesa.

Assim procederam os modernistas no Concílio Vaticano II, onde uma minoria conseguiu imediatamente tomar o controle dos trabalhos de 2.500 Padres conciliares.

Entre os 40 membros, o núcleo dos infiltrados modernistas já é significativo dentro do Capítulo Geral da FSSPX.

4.2.3.4 Qual seria a repartição dos papéis dos infiltrados modernistas que poderíamos imaginar?

Com base na observação das ações desses personagens nos últimos meses, podemos avançar como hipótese plausível:

- O Padre Celier, porta-voz oficial da FSSPX (cargo de Comunicação compartilhado com o Padre Lorans)

- O Padre Lorans, Pároco de São Nicolau do Chardonnet em substituição ao Padre Beauvais
- O Padre de La Rocque dirigindo a "***Comissão teológica para discussões doutrinais com Roma***"
- O Padre Laurençon assumindo *Fideliter* e as *edições Clovis* (com a exclusão ou "promoção" do Padre Toulza)
- O Padre Sélégny, à frente do Distrito da França, em substituição ao Padre de Cacqueray, que assim encerraria suas responsabilidades na lamentável questão do site caluniador *honneur.org*.
- Dom Fellay, a longo prazo, não teria mais voz na questão se persistisse....

Logo após a assinatura do acordo com Roma, e com a divulgação nos meios de comunicação (*Le Figaro*, *Le Monde*, etc.), Dom Williamson se oporia barulhentamente, tentando tomar a dianteira de uma falsa resistência. Ele tentaria, de fato, atrair os padres não juramentados para melhor neutralizá-los, enquanto os padres juramentados se juntariam à estrutura canônica estabelecida pela Roma apóstata.

Na sua nova « Fraternité », em trompe-l'œil[A], Dom Williamson se apresentando como o continuador fiel de Dom Lefebvre interdiria o « sedevacantismo » e recusaria sempre tratar seriamente da questão da invalidade das consagrações conciliares. Esta nova « Fraternité » poderia ainda ser unida por Avrillé.

E, em tal hipótese, de divisão em divisão, o rebanho continuaria a se diminuir... até a última insignificância.

---

[9] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-14-A-00-Faux_fuyants_de_Mgr_Fellay.pdf

[10] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-06-A-Reid_reforme_de_la_reforme_4.pdf

[11] Assim como prova a imagem infantil do petroleiro que vira de borda exposto neste livro, utilizada já pelo Padre de Cacqueray na sua conferência de condicionamento de 27 de setembro de 2006 http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2006/010_2006/VM-2006-10-12/VM-2006-10-12-D-00-Tentations_abbe_Lorans.htm

[12] http://www.mondialisation.ca/index.php?context=viewArticle&code=RIA20070320&articleId=5134

A - NT: ilusão de ótica

5 - A COORDENAÇÃO DAS AÇÕES DOS INFILTRADOS E DOS AGENTES DE ROMA TORNA-SE CADA VEZ MAIS VISÍVEL

5.1 - O PADRE DE LA ROCQUE ANUNCIA EM 24 DE MARÇO EM MONTAUBAN A PUBLICAÇÃO DO MOTU PROPRIO ANTES DA PÁSCOA, E ATÉ MESMO JÁ NESTA SEMANA QUE COMEÇOU

Os rumores se multiplicam. O mais recente é aquele do Padre de La Rocque, comunicado em 24 de março em Montauban. Portanto, teremos de voltar a este ponto muito em breve. As últimas informações anunciam uma publicação iminente do *Motu Proprio*.

5.2 - O PADRE LAGUÉRIE APOIA O LIVRO DO PADRE CELIER

Em 25 de março de 2007, na Igreja de São Eloi, o livro do Padre Celier foi calorosamente recomendado aos fiéis.

> « De fato, esta manhã em São Eloi os Padres do instituto do Bom Pastor saudaram o importante trabalho realizado pelo Padre Celier em sua última obra: "Bento XVI e os tradicionalistas". Eles recomendaram sua leitura». [14] Um participante no Fórum Católico.

A antiga cumplicidade entre o Padre de Tanoüarn, o Padre Celier e o Padre Laguérie ressurge (caso Sernine, revista *Certitudes*, etc). Ela havia aparentemente desaparecido para dar a impressão de mudança. Mas, com a aproximação da manobra de Roma, as precauções são menos necessárias para os infiltrados e as máscaras caem.

---

[14] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=272009

5.3 - O PADRE DE CACQUERAY DECLARA QUE A FSSPX E RATZINGER TÊM A MESMA « PROBLEMÁTICA » E APOIA O LIVRO DO PADRE CELIER QUE CONTÉM SEU « RITO PIPAULE »

Na sua *Carta aos Nossos Irmãos Sacerdotes* de dezembro de 2006, o Padre de Cacqueray insinua que a FSSPX e o Padre Ratzinger compartilhariam a mesma « problemática ».

> *« A problemática abordada tanto por Bento XVI quanto pela Fraternidade São Pio X é completamente diferente »* Padre de Cacqueray, dezembro de 2006, n°32

Ele retoma assim seu discurso de 27 de setembro de 2006, onde na Mutualité em Paris, havia apresentado a imagem infantil do petroleiro. Após um eclipse de três meses, durante os quais o Padre de Cacqueray condenou barulhentemente a apostasia da mesquita azul, ele parece ter virado a página e se esforça para disseminar a temática do discurso dos infiltrados, tendo o Padre Celier ao seu lado.

E no número seguinte da *Carta aos Nossos Irmãos Sacerdotes*, dirigida pelo Padre de La Rocque, o Padre de Cacqueray faz um elogio entusiástico do livro do Padre Celier, o mesmo livro que inclui o

« rito Pipaule » que agrava ainda mais o « rito de La Rocque »:

> *« Para isso, só posso recomendar a leitura do livro que publica nestes dias um sacerdote da nossa Fraternidade, M. o Padre Celier: Bento XVI e os tradicionalistas (cf. abaixo, p. 6). Este livro-entrevista não é nada menos que um grito de amor e esperança para a Igreja católica e sua Tradição »* Padre de Cacqueray, março de 2006, n°33

O Padre de Cacqueray se vê assim lado a lado com o Padre Laguérie elogiando as virtudes do livro do Padre Celier, sendo tudo publicado pelo Padre de La Rocque, que possui acesso direto aos « cardeais » em Roma, o que contorna o Padre de Cacqueray, reduzindo-o ao papel de executor. Enquanto isso, o Padre Lorans continua ativamente as reuniões do GREC e reporta ao Padre Hoyos e ao nuncius em Paris, além de estar muito presente na mídia na igreja de São Nicolau do Chardonnet.

Pode-se dizer que a *« rede francesa »* que é endossada pelo Padre de Cacqueray não deixa nada a desejar, em termos de eficácia do alinhamento, em relação à *« rede alemã »* que é efetivamente dirigida pelo Padre Schmidberger.

Continuemos a boa luta

Padre Michel Marchiset

O clérigo predador homossexual Urrutigoity protegido pelo antigo anglicano, Mons. Williamson- ‘Cunctator[1]’ à Rosa [2]

Artigo Original disponível em Virgo Maria

***

[1] Cf. messages VM des 17 septembre et 02 octobre 2007 :

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[2] Cf. message VM des 15 et 18 octobre 2007 :

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

- Um padre homossexual ordenado na FSSPX, protegido por Mons. Williamson e denunciado por Mons. Fellay
- Histórico do caso Urrutigoity: um predador homossexual e modernista protegido por Mons. Williamson
- Os escândalos de moral do padre Urrutigoity e seu modernismo litúrgico
- Alguns fatos principais revelados pela Sra. Randy Engel, pelo Dr. Bond e pelo padre Morello
- Sobre as questões relativas a Mons. Williamson e as interrogações acerca da hipótese de uma rede homossexual infiltrada dentro da FSSPX
- Nossas perguntas sobre a atuação de Mons. Williamson
- Recapitulativo das ações de Monsenhor Williamson que bloquearam a luta da FSSPX
- Nossas perguntas sobre a ação de Monsenhor de Galaretta
- Nossas perguntas sobre a hipótese da existência de uma rede homossexual infiltrada na FSSPX
- Uma proteção ao padre Urrutigoity que se exerce dentro da FSSPX assim como na Igreja Conciliar
- A lição doutrinal que nos dá o ensinamento de São Paulo sobre esses escândalos
- Notas
    - Nota sobre o padre Andrés Morello, o primeiro denunciador do seminarista Urrutigoity

    - Nota sobre as funções do antigo anglicano, o padre Williamson-‘Cunctator’, que se tornou Dom. Williamson-‘Cunctator’ à Rosa
    - Nota sobre as funções do padre apóstata Castrillón Hoyos

- Anexos
    - Tradução de um trecho do livro de Randy Engel
    - Versões originais em inglês da Tradução de um trecho do livro de Randy Engel
    - Dossiê do caso Urrutigoity no bispado de Scranton nas páginas da internet dos EUA
    - Carta aberta do Dr. Jeffrey M. Bond
    - Chronology
    - Trechos de informações sobre Urrutigoity e Williamson
    - Extracts froms news about Urrutigoity and Williamson

Um padre homossexual ordenado na FSSPX, protegido por Mons. Williamson e denunciado por Mons. Fellay

Que significa essa proteção? Por que durou tanto tempo? (10 anos)

Deveríamos considerar agora a hipótese de uma rede homossexual infiltrada na FSSPX?

Para Mons. Williamson, seria melhor ser homossexual do que ter a opinião "sedevacantista"?

Os fatos estranhos relacionados a Mons. Williamson continuam a se acumular. E um conjunto de ações e conexões está vindo à tona a respeito do antigo graduado de Cambridge[3], revelando um personagem real em oposição à imagem de opositor incondicional ao ralliement e à Igreja conciliar que ele pretende ser.

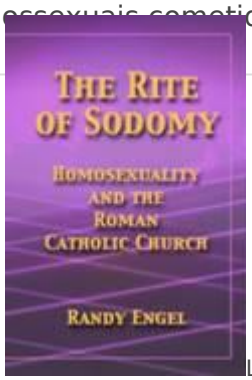
Mons. Williamson se revela por suas ações constituir um engodo, junto com o padre Schmidberger, cujo papel consiste em expulsar da FSSPX todo clérigo suspeito de opiniões sedevacantistas, e atrair os verdadeiros opositores para os braços da Roma dos "*anticristos*" neutralizando-os.

Assim, ele se fez atribuir o controle da revista *Le Sel de la terre* dos dominicanos de Avrillé.

Revelamos o entorno anglicano-fabiano e globalista de seu mentor, Malcolm Muggeridge[4].

Depois, seu estranho brasão episcopal com a simbologia abertamente rosacruz[5].

Um clérigo que conheceu bem Mons. Williamson, **também nos revelou a proteção que ele concedeu ao padre Urrutigoity[6],** agora sob o efeito de vários processos por atos homossexuais cometidos em diversas vítimas em colégios ou seminários religiosos católicos[7].



Livro da Sra. Engel (‘*O rito da Sodomia*’)

O padre Carlos Urrutigoity à elevação.

Mme Randy Engel nos ensina mais sobre seu livro « ***O Rito da Sodomia*** », publicado em 2006 nos Estados Unidos. Em um total de **1318 páginas e 4523 notas**, a jornalista americana de investigação Randy Engel[8] faz **o histórico das redes de pederastia dentro da Igreja Católica há mais de 100 anos**.

Neste trabalho monumental de investigação, **ela examina a rede de Cambridge e seus vínculos com os serviços secretos britânicos, em particular o MI5 britânico**.

Ela também detalha a questão da homossexualidade de Montini-Paul VI e as inúmeras acusações contra ele, começando pelas feitas pelo padre de Nantes em 1969 e em 1993.

Em seu livro, Randy Engel dedica ainda várias páginas ao caso Urrutigoity e ao papel de Mons. Williamson, além da implicação de Mons. de Galaretta.

Nos anexos nós disponibilizamos os originais e fornecemos uma tradução para o português.

Essas páginas descrevem com detalhes muito cruéis e **difíceis de ler**, **a horrível realidade dos atos perpetuados pelo padre Urrutigoity.**

É diante da gravidade terrível dos fatos, e porque nos recusamos categoricamente a cobrir com o « *manto de Noé* » essas práticas e escândalos horríveis que, sob o falacioso motivo de « *piedade* » e de não querer « *escandalizar os fiéis* », foram obstinadamente escondidos dos fiéis por tanto tempo, com seus autores infiltrados beneficiando-se muitas vezes da cobertura da **leniência e da indulgência culpável das autoridades religiosas**, e que graças a tais comportamentos dos responsáveis, acabaram por arruinar completamente a Igreja, **que decidimos manter a**

integralidade do texto da Sra. Engel.

---

[3] http://www.virgo-maria.org/D-Mgr-Williamson-leurre/index_mgr_williamson_leurre.htm

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

[5] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

[6] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf**

[7] **TODO o dossiê do caso Urrutigoity no diocese de Scranton (cartas, julgamentos, testemunhos, artigos...) está disponível nesta página da internet e em seus 9 links:**

http://www.saintjustinmartyr.org/news/notices.html

[8] http://www.riteofsodomy.com/index.php?act=viewDoc&docId=5

Histórico do caso Urrutigoity: um predador homossexual e modernista protegido por Mons. Williamson

Vindo da cidade de Mendoza na Argentina, Carlos Urrutigoity ingressou no seminário de La Reja (Argentina – FSSPX).

Suas tendências homossexuais e seus atentados ao pudor foram detectados em 1987 por aquele que era então o superior do seminário de La Reja, o padre Morello, que estabeleceu um dossiê contra ele e pediu sua demissão.

O padre de Galaretta, então superior do Distrito da América do Sul da FSSPX, assim como outros « ***padres influentes*** » da FSSPX, intervieram imediatamente para proteger o seminarista pederasta.

De acordo com uma nota manuscrita do padre Morello, Mons. de Galaretta teria intervindo para proteger Urrutigoity, a pedido da família Calderón.

Mons. Williamson justificará para o Dr. Bond (o superior do colégio Santo Justin Martyr que tornará o caso público) esse comportamento de Mons. de Galaretta, pela iminência de um perigo sedevacantista que representava o padre Morello para o Distrito da América do Sul.

Após a ação do padre Morello, e após uma rápida passagem do padre Urrutigoity pelo priorado da FSSPX de Córdoba (Argentina), que lhe permitiu receber uma recomendação e se "branquear", **Mons. Williamson o acolheu no seminário de Winona, nos Estados Unidos, em 1989.**

Durante essa circunstância, **o padre Morello foi temporariamente afastado, no primeiro semestre de 1989, para Santiago do Chile, enquanto o padre Schmidberger era o superior da FSSPX e decidia as transferências**.

Por iniciativa de Mons. Williamson, o padre Urrutigoity escreverá uma carta de autojustificação assim que chegar a Winona em 1989, e Mons. Williamson-'*Cunctator*' à Rosa entregará pessoalmente essa carta a Mons. Lefebvre, solicitando e obtendo sua autorização para a admissão de Urrutigoity em Winona. O arcebispo, assim visivelmente "instrumentalizado" por Mons. Williamson, exigirá que Mons. Williamson vigie o seminarista

suspeito "com um olho de águia".

Na véspera da ordenação do padre Urrutigoity em 1989, o padre Morello se deslocará pessoalmente a Winona para denunciar o padre Urrutigoity, que Mons. Williamson apoiará diante dele em nome da "humildade" de Urrutigoity, chegando até a chamar o padre Morello de "mentiroso". O padre Morello será acusado de "sedevacantismo" e, nos dias seguintes à sua visita a Mons. Williamson, será expulso da FSSPX.

No outono de 1993, o padre Urrutigoity se tornará professor de dogma, latim e música sacra no seminário de Winona. Essa promoção do padre Urrutigoity será seguida por esforços significativos empregados no seminário de Winona para o aperfeiçoamento dos seminaristas no canto gregoriano. Além do aprofundamento do canto gregoriano, **o padre Urrutigoity se destacará ao promover "experimentos" na liturgia e se mostrar favorável ao rito reformado de 1965; essas posições não são sem lembrar a carta do padre de La Rocque (FSSPX) em janeiro de 2007, na qual ele defendia adaptações do rito tradicional da missa.**

De finais de 1993 a 1997, a efervescência crescerá dentro do seminário a ponto de, em meados de 1997, as questões litúrgicas e de canto sagrado se tornarem tópicos de profundas discórdias entre os seminaristas. A doutrina do padre Urrutigoity, que propunha um retorno a um "modelo medieval" idealizado e romântico, do qual teriam sido subtraídos o que ele considerava "excessos" da Contra-Reforma católica proveniente do concílio de Trento. Essa nova doutrina litúrgica e de canto sagrado atrairá ao redor dessa figura, a partir de então considerada um guru, uma pequena rede de seminaristas que ele projetará organizar sob a forma de uma associação secreta dentro do seminário, rejeitando o que ele considera "desvios" tridentinos, que não são outras senão as glórias da Igreja.

Finalmente, com a agitação do padre Urrutigoity continuando e seu projeto de fundação de uma nova comunidade sendo rejeitado por Mons. Fellay, ele será expulso de Winona em 1997. Mons. Williamson qualificará o padre Urrutigoity como um "jovem sacerdote argentino talentoso, mas orgulhoso".

Dentro da Igreja conciliar, sob a proteção de ‘Mons.’ Timlin, ele fundará a SSJ (Sociedade São João), marcada por um espírito tradicional em matéria de liturgia e canto gregoriano, que rapidamente será comprometida em escândalos sexuais.

Até que, com as questões de moral se acumulando, o padre Urrutigoity seja finalmente implicado e levado aos tribunais por um leigo corajoso, o Dr. Bond, superior do colégio Santo Justin Martyr (vinculado à SSJ), que, tentando sensibilizar em vão "Mons." Timlin, e desafiando todas as ameaças, lutará até fazer a verdade emergir e retirará em outubro de 2001, o colégio que dirige, da tutela da SSJ.

Todos esses fatos, embora comunicados pelo Dr. Bond em 2001 ao "cardeal" Castrillon Hoyos, superior do dicastério romano da Congregação do Clero, serão cobertos por um grande silêncio, e a SSJ será protegida pelas autoridades eclesiásticas conciliares.

Apesar desses processos e da eclosão pública de todos esses escândalos sexuais causados pelo padre Urrutigoity, o suposto '*bispo*' conciliar Timlin continuará a encobrir Urrutigoity.

Em fevereiro de 1999, Mons. Fellay escreverá uma carta na qual denunciará o padre Urrutigoity.

Mons. Williamson continuará a manter publicamente o silêncio sobre esse caso, sendo que somente Mons. Fellay reagiu por meio de um escrito oficial às autoridades conciliares.

As queixas e denúncias continuarão a se acumular **contra a SSJ, o padre Urrutigoity e contra o padre Marschall Roberts (um desertor do Instituto do Cristo Rei acolhido pela SSJ)**, com uma vítima exigindo 1 milhão de dólares em danos e prejuízos em 2002.

Agora existe um site na internet que contém todos os documentos deste processo contra o padre Urrutigoity e a SSJ (cf. Anexos).

Tendo encontrado refúgio junto ao "***bispo***" conciliar de *Ciudad del Este*, no Paraguai, "***Mons.***" Rogelio Livieres Plano, o padre Urrutigoity será ainda protegido por uma carta deste suposto '*bispo*' conciliar, que escreverá no dia 8 de setembro de 2006 uma correspondência para apoiar a SSJ.

Os escândalos de moral do padre Urrutigoity e seu modernismo litúrgico

Desde 1987, o padre Urrutigoity chama a atenção do superior do seminário de *La Reja*, devido a um orgulho manifesto, a manutenção de "***amizades particulares***", **à constituição de um grupo de discípulos e tendências homossexuais, além de escândalos de moral.**

Em *La Reja*, ele se dedicará a toques nos órgãos íntimos dos seminaristas à noite, nos quartos, enquanto eles dormem, ou nos banheiros; banhar-se-á quase nu na presença dos seminaristas, fará comentários chocantes e se agradará durante as confissões ao evocar as tentações de impureza e moralidade.

Padre Carlos Urrutigoity[9]

Um ex-discípulo do padre Urrutigoity em Winona, o ex-seminarista Matthew Selinger, acusará em 1999 o padre Urrutigoity de tê-lo convidado a introduzir um supositório diante dele, de ter se banhado nu na sua presença, ou ainda de ter entrado em sua Câmara à noite para toques em seu corpo enquanto ele dormia.

Randy Engel ressalta com razão que o uso original que Urrutigoity fazia dos supositórios remete às técnicas do "*sacerdote*" anglicano teósofo e pederasta Charles Webster[10] Leadbeater, muito ligado ao meio das sociedades secretas britânicas e às lojas Rosacruz. Praticam-se nesses ambientes ocultistas britânicos técnicas de magia sexual. Já mencionamos isso em nosso dossiê dedicado ao entorno de Malcolm Muggeridge[11], o mentor de Mons. Williamson.

Em 1998, começam as queixas oficiais nos Estados Unidos contra as atrocidades sexuais do padre Urrutigoity. Durante esse mesmo ano, **a SSJ, dirigida pelo padre argentino, decide integrar um sacerdote expulso do Instituto do Cristo Rei devido a problemas de moral**.

Em março de 1998, a polícia é obrigada a intervir, a pedido do padre Paul Carr (Fraternidade São Pedro), porque alguns padres da SSJ distribuíram álcool para menores.

A partir de agosto de 2001, o Dr. Bond, que dirige o colégio Santo Justin Martyr, começará a tomar medidas para denunciar a SSJ e o padre Urrutigoity junto às autoridades conciliares.

O colégio que o Dr. Bond dirige está sob a dependência da SSJ, e ele cortará os laços em 14 de outubro de 2001, para proteger os adolescentes.

No dia 19 de novembro de 2001, o Dr. Bond denunciará o padre Urrutigoity por meio de cartas ao núncio apostólico nos Estados Unidos e ao '*cardeal*' Castrillon Hoyos.

No dia 21 de novembro, o padre Urrutigoity ameaça o Dr. Bond.

Essa abordagem junto a Castrillon Hoyos parece não ter tido seguimento. Já explicamos que o "*cardeal*" Castrillon Hoyos interveio junto à Conferência '*episcopal*' americana para dissuadi-la de sancionar os '*sacerdotes*' conciliares pedófilos, e isso em nome da "*misericórdia*".

Castrillon Hoyos parece desempenhar um papel de proteção aos clérigos conciliares envolvidos em questões de moralidade.[12]

No dia 12 de janeiro de 2002, o diocese de Scranton recebe uma queixa de uma vítima dos comportamentos imorais do padre Urrutigoity.

No dia 6 de fevereiro de 2002, o padre Marshall Roberts é implicado em uma questão de moral.

No dia 20 de março de 2002, um ex-estudante processa a SSJ, a Fraternidade São Pedro e o diocese de Scranton. **Ele reivindica um milhão de dólares em danos e prejuízos.**

---

[9] http://www.bishop-accountability.org/news/2006_07_09_TimesLeader_CrimesAnd.htm

[10] **[Nota de VM]** http://en.wikipedia.org/wiki/Charles_Webster_Leadbeater :

Charles Webster Leadbeater, 1854-1934, ordenado "sacerdote" anglicano em 1879, teósofo membro da Sociedade Teosófica de Helena Petrovna Blavatsky, colaborador próximo desde 1895 da teósofa fabiana Annie Besant (33º grau do rito escocês), foi acusado de pedofilia já em 1906: Mary Lutyens, em "Krishnamurti: The Years of Awakening", escreve:

"Então, em 1906, após o retorno de Leadbeater à Inglaterra, o filho de quatorze anos do Secretário Correspondente da Seção Esotérica em Chicago, que Leadbeater havia levado consigo a São Francisco em sua primeira turnê de palestras, confessou a seus pais a razão pela qual havia desenvolvido antipatia por seu mentor, a quem inicialmente tinha grande devoção – Leadbeater o havia encorajado a ter o hábito da masturbação. Quase simultaneamente, o filho de outro funcionário teosófico em Chicago acusou Leadbeater do mesmo crime, sem aparentemente haver qualquer conluio entre os dois meninos. Então, uma carta datilografada, não assinada e sem data,

foi apresentada; havia sido encontrada por um faxineiro suspeito no chão de um apartamento em Toronto onde Leadbeater havia estado com o segundo menino e alegava-se que tinha sido escrita por Leadbeater. O código era simples e, quando decifrado, revelou uma passagem de tal obscenidade, para aqueles dias, que a carta não poderia ser publicada legalmente na Inglaterra. Quando decifrado, a passagem ofensiva dizia: 'A sensação prazerosa é tão agradável. Mil beijos, querido.'"

[11] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

[12] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

Alguns fatos principais revelados pela Sra. Randy Engel, pelo Dr. Bond e pelo padre Morello

A coleta e o cruzamento dos diferentes testemunhos e documentos nos revelam os seguintes fatos:

- **Em 1982, o padre Williamson torna-se superior do seminário da FSSPX nos Estados Unidos (Ridgefield), e censura uma revista americana sobre a questão da invalidade sacramental das ordens conciliares e dos novos ritos reformados de ordenação de 1968. Sua ação é seguida por uma grave divisão interna dentro da FSSPX nos Estados Unidos.**
- **Em 1983, o padre Williamson está no centro da crise que abala a FSSPX, resultando na expulsão de 9 sacerdotes acusados de "*sedevacantismo*", dos 11 sacerdotes do distrito do Nordeste dos Estados Unidos.**
- **De 1981 a 1988, o padre Morello é superior do seminário da FSSPX em La Reja (Argentina).**
- No seminário de La Reja, o padre Canale aconselhava os seminaristas a trancar a porta à noite para não receber a visita noturna do padre Urrutigoity. (fonte: carta do Dr. Bond)
- **1987 - O padre Morello, superior do seminário de La Reja, elaborou um dossiê sobre o padre Urrutigoity, no qual recomendava a expulsão desse seminarista devido a um orgulho manifesto, à manutenção de "*amizades particulares*", à constituição de um grupo de discípulos e a tendências homossexuais e escândalos morais** (fonte: Randy Engel e carta do padre Morello reproduzida pelo Dr. Bond em 2 de setembro de 2002).
- **Em 1987, o padre de Galaretta, superior do distrito da América do Sul, interveio para proteger Urrutigoity, a fim de satisfazer a família Calderón, e para se opor a sacerdotes da FSSPX acusados de sedevacantismo**. (fonte: Randy Engel e carta do padre Morello com nota manuscrita sobre a família Calderón endereçada ao Dr. Bond).
- Em 29 de agosto de 1987, o padre Williamson e o padre de Galaretta recebem uma carta pessoal de Mons. Lefebvre convidando-os a se prepararem para receber a consagração episcopal (fonte: carta de Mons. Lefebvre aos quatro futuros bispos).
- Após sua denúncia pelo padre Morello, superior de La Reja, **mas se beneficiando do apoio do padre de Galaretta, o padre Urrutigoity é transferido temporariamente**

para o priorado da FSSPX em Córdoba (Argentina), onde, durante sua estada, recebe recomendações e o apoio de quem viria a ser Mons. de Galaretta para ser transferido ao seminário de Winona, nos Estados Unidos, sob a direção de quem viria a ser Mons. Williamson (fonte: carta do padre Morello traduzida pelo Dr. Bond).

- Ao mesmo tempo (1 ano antes da morte de Mons. Lefebvre), **de fevereiro de 1989 a julho de 1989, o padre Morello, superior de La Reja, é transferido temporariamente para Santiago de Córdoba da FSSPX** (fonte: carta do padre Morello traduzida pelo Dr. Bond).
- Assim que chegou ao seminário de Winona, nos Estados Unidos (1 ano antes da morte de Mons. Lefebvre), **Mons. Williamson pede ao padre Urrutigoity que redija uma defesa intitulada '*manifestação de consciência*' em resposta às acusações feitas contra ele. Mons. Williamson entrega pessoalmente a Mons. Lefebvre este texto autojustificativo do padre Urrutigoity, mas não se sabe se Mons. Lefebvre pôde conhecer e ler o dossiê de acusações do padre Morello contra Urrutigoity.** O arcebispo autorizou a admissão de Urrutigoity no seminário de Winona, ordenando a Mons. Williamson para que o vigiásse "*com um olho de águia*" (fonte: carta do Dr. Bond de 2 de setembro de 2002).
- **Em julho de 1989** (9 meses antes da morte de Mons. Lefebvre), **alguns dias antes da ordenação sacerdotal de Urrutigoity em Winona e após ter enviado a Mons. Williamson um dossiê completo que comprometia o clérigo homossexual argentino, o padre Morello deslocou-se pessoalmente do Chile para alertar cara a cara Mons. Williamson e pedir que não procedesse à ordenação sacerdotal do predador homossexual.**
- O padre Morello explica que **embora seu relatório para Mons. Williamson seja secreto, Mons. Williamson violou as regras canônicas ao torná-lo conhecido imediata e diretamente ao acusado, o padre Urrutigoity – portanto, Mons. Williamson viola abertamente as regras do direito canônico e protege um predador homossexual ao agir assim** (fonte: carta do padre Morello traduzida pelo Dr. Bond).
- Em julho de 1989 (9 meses antes da morte de Mons. Lefebvre), durante essa visita corajosa do padre Morello, Mons. Williamson opõe-se ao relato do padre Urrutigoity ('*manifestação de consciência*'), já lido por Mons. Lefebvre (a iniciativa preventiva do britânico), que o aprovou, **e trata o padre Morello de mentiroso, rejeitando sua acusação, elogiando a "*humildade*" de Urrutigoity. Mons. Williamson então procede à ordenação do padre Urrutigoity.**
- **No dia 16 de julho de 1989** (9 meses antes da morte de Mons. Lefebvre), alguns dias após sua visita a Mons. Williamson, para denunciar o homossexual Urrutigoity, na véspera de sua ordenação sacerdotal, o padre Morello é expulso da FSSPX por motivos de opinião 'sedevacantista'.
- **No dia 25 de março de 1991, morte súbita de Mons. Lefebvre em Ecône.**
- **No outono de 1993** (2 anos e meio após a morte de Mons. Lefebvre), Mons. Williamson nomeia o padre Urrutigoity professor de dogma, latim e canto sagrado no seminário de Winona que ele dirigia.
- O padre Urrutigoity professou um reformismo litúrgico caracterizado e **inspirado por um espírito anti-Tridentino**, em nome de um retorno ao "***modelo medieval***." O padre

Urrutigoity ensinou livremente esse reformismo litúrgico à vista e conhecimento do superior do seminário, **Mons. Williamson, que vigiava muito atentamente tudo o que acontecia em seu seminário** (fonte: entrevista do padre Urrutigoity por Thomas A. Droleskey em novembro de 1999[13]).

- **Em maio de 1997, Mons. Fellay recusará o projeto de fundação de comunidade do padre Urrutigoity e o expulsará da FSSPX devido às suas atividades subversivas; o padre Urrutigoity será expulso, assim como outro sacerdote e dois outros seminaristas (incluindo Selinger). Esses desligamentos serão seguidos por outros seis seminaristas pouco depois.**
- **Em dezembro de 1997, o padre Robert L. Neville também deixará a FSSPX. Ele publicará uma carta a esse respeito.**
- **O padre Urrutigoity, tendo sido expulso em maio de 1997, será substituído na função de conselheiro espiritual por padre Eric Ensey (6 anos após a morte de Mons. Lefebvre), que, mesmo tendo essa responsabilidade oficial junto a Mons. Williamson em Winona, contribuirá para criar a SSJ dirigida pelo padre Urrutigoity**. (fonte: Randy Engel)
- **Em fevereiro de 1999, Mons. Fellay toma a iniciativa de finalmente escrever ao "*bispo*" Timlin, uma carta que claramente responsabiliza o padre Urrutigoity, qualificando-o de "*perigoso*."** Naquele momento, o padre Urrutigoity está em um cargo em uma escola para jovens meninos mantida pela Fraternidade São Pedro (St Gregory's Academy em Helmhurst, na Pensilvânia). Apesar da carta de Mons. Fellay, o "***bispo***" Timlin mantêm Urrutigoity como capelão de adolescentes (fonte: carta do Dr. Bond).
- Em 1999, o seminarista Selinger, então presente em Winona e anteriormente admirador do padre Urrutigoity, declara ter sido assediado sexualmente por este e ter sido vítima de toques inadequados por parte do mesmo.
- **Em junho de 1999, ocorre uma reunião no seminário de Winona, em resposta à denúncia de Urrutigoity por Selinger: estão presentes Mons. Williamson, Matthew Selinger e um conselho diocesano composto pelo "*bispo*" auxiliar John Dougherty, um "*sacerdote*" diocesano, além de um advogado do diocese de Scranton. Esse conselho diocesano é designado pelo "*bispo*" Timlin, que, apesar das evidências, não dará seguimento ao caso.**
- **Em 1999, interrogado pelo Dr. Bond, Mons. Williamson nega ter conhecimento de problemas de moral envolvendo o padre Urrutigoity no seminário de Winona e declara ter rejeitado as acusações do padre Morello contra Urrutigoity, alegando que o padre Morello era sedevacantista.**
- **O padre Devillers, Superior da Fraternidade São Pedro desde julho de 2000[14]**, apoiará silenciosamente 'Mons.' Timlin.
- Quando fica sabendo que está sendo convocado para comparecer nesse caso, Selinger recebe a visita do **padre Eric Ensey, antigo sucessor de Urrutigoity escolhido por Mons. Williamson em Winona**, que quer persuadi-lo a deixar os Estados Unidos para não testemunhar contra o padre Urrutigoity. E diante da recusa de Selinger em acatar, **o padre Ensey ameaça Selinger e sua família com punições pela máfia, caso ele persistisse em querer testemunhar.** Diante de todas essas ameaças, Selinger expulsará o padre Ensey de sua casa.

Padre Eric Ensey[15]

- **No dia 8 de dezembro de 2001, o padre Eric Ensey, nomeado por Mons. Williamson como sucessor do padre Urrutigoity no cargo de diretor espiritual no seminário de Winona, é denunciado por razões de delitos sexuais.** O Dr. Bond elabora um texto público.
- **Em 2002, Mons. Williamson declara ao Dr. Bond que "*nunca viu qualquer prova da homossexualidade de Urrutigoity quando ele era seminarista, padre ou professor em Winona*."**
- Em 2002, o padre Morello afirma que foi expulso da FSSPX devido a "***um pedido confidencial que fez para um exame canônico de certos padres da FSSPX e também devido ao apoio que deu a alguns seminaristas que haviam deixado o seminário de La Reja***."

---

[13] http://www.christorchaos.com/MarchtoOblivion.htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

[14] http://www.amdg.asso.fr/archives/situation_fssp.htm

[15] http://www.bishop-accountability.org/news/2006_07_09_TimesLeader_CrimesAnd.htm

Sobre as questões relativas a Mons. Williamson e as interrogações acerca da hipótese de uma rede homossexual infiltrada dentro da FSSPX

Uma certa família Calderon estaria envolvida, segundo o padre Morello, na proteção do homossexual Urrutigoity.

Uma certa família Calderon que, segundo a nota manuscrita do padre Morello, teria intervenido desde o início desta questão em 1987 junto ao padre de Galaretta em *La Reja*, para que ele concedesse proteção ao padre homossexual Urrutigoity, não seria outra senão a família do padre Álvaro Calderon, atualmente professor no seminário de *La Reja*, sob a direção de Mons. Williamson?

Lembremos que este padre Álvaro Calderon se tornou conhecido por seus sofismas publicados por *Le Sel de la terre*, revista dos dominicanos de Avrillé e controlada por Mons. Williamson, a favor da suposta validade sacramental do novo rito de consagração episcopal (*Pontificalis Romani*, 1968). Essa argumentação falaciosa (um desvio do rito copta) foi totalmente refutada pelo Comitê Internacional *Rore Sanctifica* (CIRS).

O padre Álvaro Calderon também propaga uma doutrina falaciosa da eclesiologia sobre a questão da infalibilidade papal e do magistério ordinário universal.

Finalmente, o padre Álvaro Calderon faz parte dos 5 membros da Comissão Teológica Oculta estabelecida por Mons. Fellay para preparar as próximas "*discussões*" doutrinárias com Roma[16].

A questão que colocamos aqui sobre seus laços com a família Calderon mencionada no início deste caso pelo padre Morello é, portanto, uma questão importante.

Continuamos nossas pesquisas e investigações sobre o padre Calderon e sua relação com toda essa questão. Se esse for o caso, não deixaremos de manter nossos leitores informados.

---

[16] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-B-00-Commission-theologique.pdf

Nossas perguntas sobre a atuação de Mons. Williamson

Por que o pedido do padre Morello para que fosse realizada uma investigação canônica a respeito do padre Urrutigoity e de "*vários outros sacerdotes*" nunca foi atendido?

Quem o bloqueou?

O padre Schmidberger que foi superior de 1982 a 1994?

Por que o padre Morello foi transferido por 6 meses para um priorado isolado, enquanto ocorria a transferência do padre Urrutigoity para Winona?

Quem tomou a decisão dessa mudança de 6 meses?

O padre Schmidberger que era superior da FSSPX naquela época?

Monsenhor Williamson-'*Cunctator*' na Rosa e seu brasão episcopal com simbolismo semelhante ao dos Rosacruzes

Por que Monsenhor Williamson, que era superior de Winona, nunca fez essa investigação?

Por que ele violou abertamente as regras do direito canônico ao revelar ao padre Urrutigoity as acusações feitas secretamente e segundo as regras pelo padre Morello ao seu superior, Monsenhor Williamson?

Por que, em vez de fazer a investigação canônica que era necessária, Monsenhor Williamson agiu em sentido oposto, incitando o acusado a redigir uma autojustificação?

Por que ele demonstrou tal zelo em submeter imediatamente a Monsenhor Lefebvre essa autojustificação do padre Urrutigoity?

Não teria sido mais apropriado em sua missão, como bispo (o protetor do rebanho das almas), alertar Monsenhor Lefebvre sobre as acusações e solicitar uma investigação canônica?

Além da autojustificação do padre Urrutigoity, Monsenhor Lefebvre teve conhecimento do dossiê constituído pelo padre Morello?

Por que Monsenhor Williamson nomeou como sucessor do padre Urrutigoity no seminário de Winona, o padre Ensey, que se revelou posteriormente um delinquente sexual da mesma estirpe?

Por que este novo "erro" na gestão do pessoal do seminário por parte de Monsenhor Williamson?

Por que Monsenhor Williamson negou diante do Doutor Bond não ter tido a menor noção de qualquer delito sexual cometido pelo padre Urrutigoity, parecendo perfeitamente alheio a essa questão, ao mesmo tempo que, apesar das denúncias do padre Morello, ele se esforçou para não iniciar qualquer investigação canônica, mas além disso, sendo ele quem pediu ao padre Urrutigoity que redigisse sua defesa **para fazer com que fosse imediatamente aprovada por Monsenhor Lefebvre, bloqueando assim, pela autoridade de Monsenhor Lefebvre, qualquer contestação do padre Urrutigoity, comprometendo, por sua vez, a autoridade do Fundador da FSSPX nessa questão sordida**?

Porque, evidentemente, se ficasse claro que a decisão de integrar Urrutigoity em Winona foi tomada por Monsenhor Lefebvre, ninguém pensaria em contestar essa situação.

Por que, ao conhecer todas as acusações feitas contra o padre Urrutigoity, Monsenhor Williamson decidiu promover o argentino ao cargo de professor em Winona?

Por que foi quem tinha razão, o padre Morello, que foi expulso da FSSPX, e não o culpado, o predador homossexual Urrutigoity?

Por que foi quem denunciou o crime que foi expulso, e não o criminoso?

Por que o criminoso foi promovido por Monsenhor Williamson?

Por que Monsenhor Williamson **deixou o padre Urrutigoity ensinar o reformismo litúrgico, quando como bispo católico lhe compete zelar pela integridade da doutrina e da liturgia?**

Por que Monsenhor Williamson protege modernistas comprovados, enquanto ao mesmo tempo se apresenta como um garantidor da ortodoxia doutrinária litúrgica?

Por que Monsenhor Williamson faz diante dos fiéis sermões ostensivos ou conferências chamativas sobre o comprimento das saias das mulheres ou ainda sobre seu dever de não frequentar a Universidade, enquanto ao mesmo tempo oferece sua proteção vigilante e persistente a um predador homossexual determinado e reincidente entre seus seminaristas?

O que significa esse jogo duplo, esse discurso ambíguo?

De onde vem tal hipocrisia? Tal dissimulação, por parte de um superior de seminário meticuloso e organizado que, segundo os testemunhos dos antigos seminaristas de Winona, se preocupava especialmente em não ignorar o que poderia acontecer em seu seminário de Winona (cf. testemunhos da mensagem VM[17] de 17 de setembro de 2007)?

Para Monsenhor Williamson, a opinião sedevacantista seria pior que o abuso físico de seus seminaristas?

Como pode-se tolerar um panegírico de Monsenhor Williamson que o apresenta como um bispo atencioso e protetor do rebanho, enquanto ele agiu em sentido oposto durante toda essa história?

« ***Enquanto ele era um cultivador de almas como jardineiro da colheita, ele soube enfrentar a necessidade de erradicar aqueles que teriam estragado o solo.*** *Tal foi a situação em 1997 quando ele expulsou* ***o padre Carlos Urrutigoity*** *e dois seminaristas do Seminário St. Thomas Aquinas. Estes últimos encontraram abrigo posteriormente no diocese conturbada de Scranton, recebidos sem discernimento por* ***Monsenhor Timlin****, que quis ignorar os avisos de Monsenhores Williamson e Fellay. Agora, o sucessor de Timlin em Scranton está colhendo os amargos frutos dos processos por abusos sexuais cometidos por padres da Sociedade de São João que o rebelde Urrutigoity organizou, enquanto ele não pôde suportar o exame cuidadoso e vigilante de Monsenhor Williamson.* ***Graças a Deus, o bispo foi um bom jardineiro e constituiu um dos sinais de que a FSSPX preservava cuidadosamente, não apenas o Sagrado Depósito da Fé, mas também as virtudes de castidade e modéstia.” [18]***

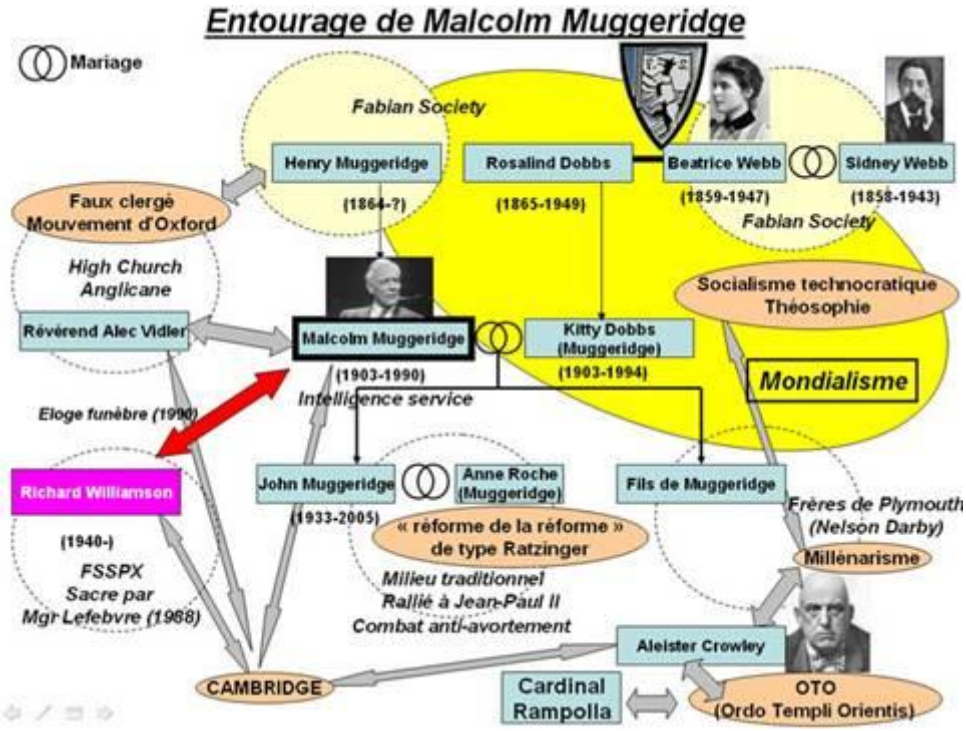
Uma tal deformação da verdade, oposta aos fatos, **é absolutamente escandalosa e realmente insuportável, senão propriamente demoníaca**.

Já publicamos em 17 de setembro de 2007 revelações feitas por um clérigo que lê Virgo-Maria e que conhece Monsenhor Williamson. Ele colocava claramente em questão Monsenhor Williamson nesta situação Urrutigoity, afirmando que Monsenhor Williamson não ignorava nada do que se passava, em todos os mínimos detalhes, no seminário de Winona:

> ***«O caso do padre Carlos Urrutigoity (protegido de Williamson, e por muito tempo professor em Winona) realmente merece um outro artigo separado, e completa outra peça faltante na história de Williamson, agente secreto do inimigo.***
>
> ***Em resumo, este jovem muito inteligente e carismático estava prestes a ser expulso de La Reja por questões de moralidade, quando Williamson organizou sua transferência para Winona. Após sua ordenação, Urrutigoity permaneceu lá como professor de seminário, e não tardou a formar um grupo de jovens leais.***

> ***Urrutigoity é fortemente suspeito (…). Ele é originário da (…) cidade de Mendoza, Argentina, (...)***
>
> ***As características que distinguiam a "direção espiritual" que Urrutigoity dispensava a seus discípulos em Winona (…) :***
>
> ***(a) Ele odiava o Santíssimo Sacramento. Incitava seus dirigidos a evitarem a Bênção do Santíssimo Sacramento e a permanecerem sentados se fossem forçados a assisti-la.***
>
> ***(b) (…) Urrutigoity desprezava as estátuas, assim organizou uma campanha para substituir as estátuas por ícones no seminário e nas capelas da FSSPX.***
>
> ***(c) "Seus padres" eram treinados para presidir uma espécie de "Ceia de Páscoa" na véspera de sua primeira Missa.***
>
> **(Posteriormente, após sua saída de Winona, Urrutigoity se revelou como um homossexual exuberante e manipulador de uma seita homossexual, a Sociedade de São João. Essa parte de sua vida está bem documentada na internet. Veja:**
>
> ***http://www.saintjustinmartyr.org/news/notices.html)***
>
> ***Já em Winona, Urrutigoity incentivava seus dirigidos a nadar nus durante caminhadas.***
>
> ***Agora, peço que mantenham em mente que tudo isso ocorreu sob a direção de Monsenhor Williamson, um homem que mantinha com o maior cuidado o registro minucioso de TUDO o que acontecia em seu seminário.» [19] Assinado por um clérigo, leitor de Virgo-Maria.org***

Esses novos fatos sobre a ação de Monsenhor Williamson neste caso Urrutigoity complementam a questão de seu brasão episcopal com simbolismo Rosacruzes, além das informações coletadas sobre o círculo de Malcolm Muggeridge, o mentor de Monsenhor Williamson, cujo esquema sintético lembramos abaixo:



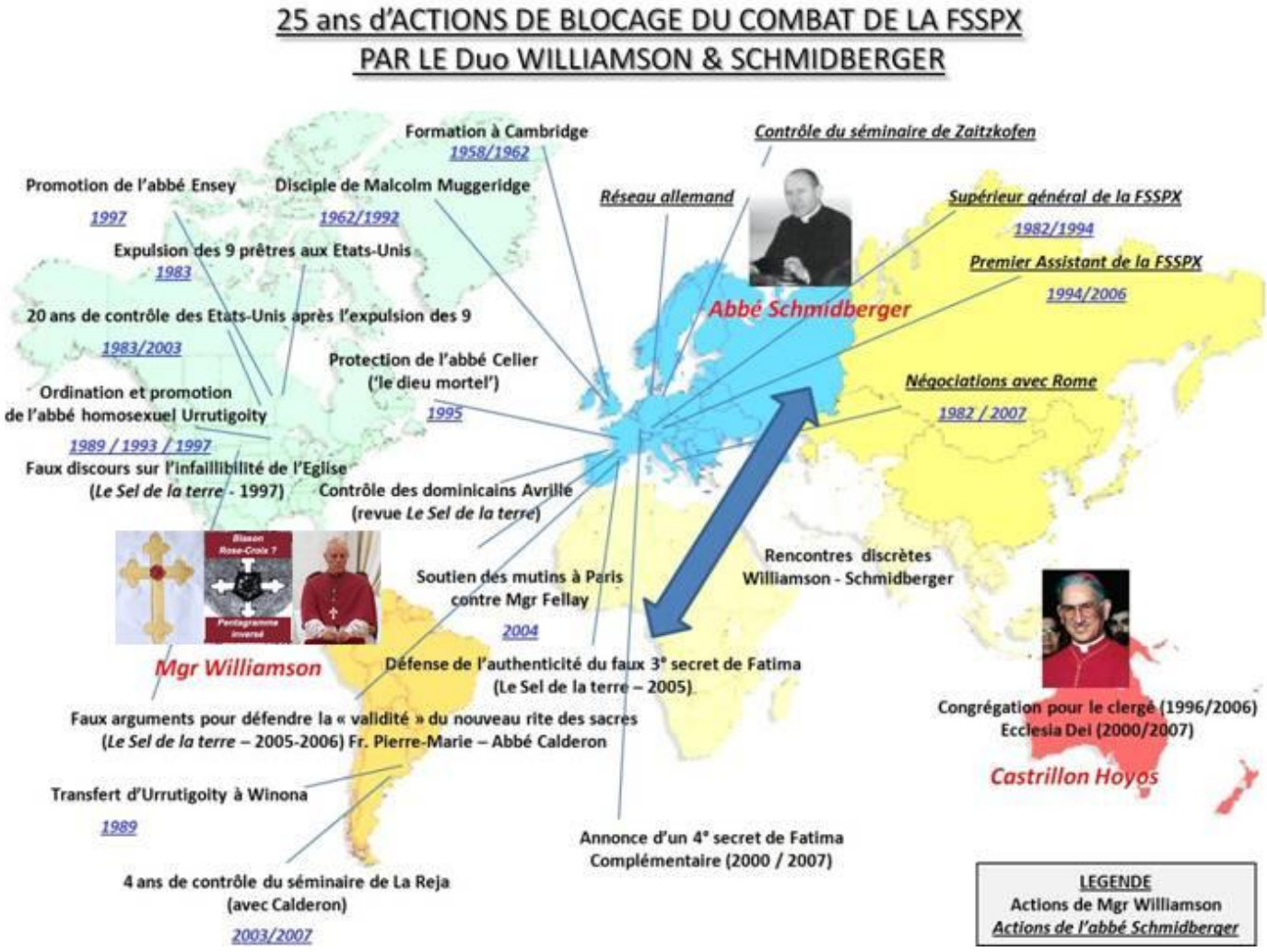
---

[17] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf**

[18] *http://www.dailycatholic.org/issue/04May/may28ttt.htm. Texto original em inglês :* ***While he was a tiller of souls as the gardener of the harvest, he also found the necessity to weed out those who would weaken the soil.*** *Such was the situation in 1997 when he expelled* ***Father Carlos Urrutigoity*** *and two seminarians from St. Thomas Aquinas Seminary. They subsequently took up refuge in the troubled diocese of Scranton, welcomed by the undiscerning* ***Bishop Timlin*** *who ignored the warnings of Bishops Williamson and Fellay. Now Timlin's successor in Scranton is reaping the bitter fruits of sexual abuse lawsuits by priests of the Society of Saint John which the rebellious Urrutigoity formed when he could not pass muster under Williamson's watchful, careful scrutiny.* ***Thank God the Bishop was a good gardener and one of the signs of the SSPX to guard carefully not only the Sacred Deposit of the Faith, but the virtues of chastity and modesty."***

[19] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

Recapitulativo das ações de Monsenhor Williamson que bloquearam a luta da FSSPX



Nossas perguntas sobre a ação de Monsenhor de Galaretta

Monsenhor de Galaretta

Por que Monsenhor de Galaretta protegeu o padre Urrutigoity?

Em seu testemunho, o padre Morello acrescentou à mão:

(Escrito à mão) « ***de Galarreta did not expel him because of the problems this could cause, especially with the Calderon family*** »

(« ***de Galaretta não o expulsou devido aos problemas que isso causaria, especialmente com a família Calderon*** »).

Por quê?

E quem é essa família Calderon?

Quais são os problemas que essa família poderia ter causado a Monsenhor de Galaretta?

Por que Monsenhor de Galaretta se prestou a todas essas manobras que resultaram em proteger um predador homossexual?

Se a boa-fé de Monsenhor de Galaretta pode ter sido surpreendida nesta questão, o fato é que ele parece não ter, ao contrário da virtude da justiça, reparado nada das consequências gravíssimas para certos seminaristas e padres dos erros que sua cegueira os levou a cometer.

Nossas perguntas sobre a hipótese da existência de uma rede homossexual infiltrada na FSSPX

Durante dez anos, essa trajetória absolutamente surpreendente do padre Urrutigoity prosperou apenas graças à sucessão de uma série de proteções e circunstâncias que o mantiveram protegido e lhe asseguraram total impunidade.

Entrando em um primeiro seminário, o predador homossexual se entregou a suas atrocidades sem qualquer reprimenda, sem que ninguém o denunciasse ou o expulsasse.

O superior do seminário, ao descobrir, o denunciou e viu sua própria denúncia recusada por seu superior, que impediu uma investigação canônica.

Melhor ainda, o predador homossexual foi transferido por um curto período para um priorado onde recebeu recomendações para ser transferido para um segundo seminário, enquanto o superior do seminário que o denunciou foi deslocado por seis meses para um pequeno priorado afastado.

Durante sua estadia transitória no priorado, onde foi temporariamente afastado, e durante a qual ele reuniu recomendações, o predador homossexual continuou suas práticas, sempre sem ser importunado.

Mal chegou ao segundo seminário, o mesmo predador foi solicitado pelo superior deste seminário a redigir um documento para sua própria defesa. Assim que o elaborou, o superior o entregou pessoalmente ao fundador da congregação, e voltou com uma autorização de integração ao segundo seminário dada pelo fundador histórico pessoalmente.

Enquanto o superior do primeiro seminário o denunciava novamente, a algumas semanas de sua ordenação sacerdotal, o superior do segundo seminário imediatamente comunicou a ele, desconsiderando as leis canônicas, as acusações. Não obstante a insistência do superior do primeiro seminário, que se deslocou pessoalmente para se encontrar com o superior do segundo seminário, este último defendeu publicamente o criminoso e acusou o superior do primeiro seminário de mentir.

O acusador do criminoso foi expulso da instituição poucos dias após sua visita para acusá-lo. E alguns dias depois, Urrutigoity recebeu a ordenação sacerdotal.

Quatro anos depois, foi promovido como professor neste mesmo seminário. Ele então pôde, durante três anos, desenvolver impunemente teorias modernistas sobre o reformismo litúrgico e criar ao seu redor um pequeno grupo de adeptos de suas teorias. Ele continuou a cometer seus crimes sexuais no seminário, sem ser em absoluto incomodado.

Uma sucessão de circunstâncias tão favoráveis ao predador homossexual faz parecer que há uma coordenação humana que explicaria a extraordinária proteção que ele poderia ter recebido durante 10 anos.

Assim, somos levados, **diante da coerência e constância dos fatos**, a nos perguntar sobre a hipótese da existência de um grupo de pessoas que dentro da FSSPX **buscava proteger esse predador homossexual.**

Essa proteção foi exercida **por decisões do superior do Distrito da América do Sul, do superior do seminário de Winona e do superior geral da FSSPX em 1987 e 1989, ou seja, os padres de Galaretta, Williamson (que se tornaram bispos em 1988) e o padre Schmidberger.**

Devemos, portanto, concluir que existe uma rede homossexual organizada infiltrada na FSSPX?

Ainda é cedo para concluir, no entanto, notamos que **o conjunto dos fatos acumulados em torno desta terrível e sórdida questão do padre Urrutigoity claramente levanta o problema.**

Não deixaremos de informar nossos leitores sobre informações complementares e a continuidade de nossas análises sobre essa grave questão.

Isso questiona toda a gestão de Monsenhor de Galaretta, e depois de Monsenhor Williamson, dos estabelecimentos da FSSPX na América do Sul e do Norte, com as ondas de saídas iniciadas pelos nove, primeiro em 1983 (o padre Cekada, entre outros), depois com a saída do padre Morello em 1989, seguida pela saída do padre Neuville em 1997, junto com suas cartas motivacionais.

Uma proteção ao padre Urrutigoity que se exerce dentro da FSSPX assim como na Igreja Conciliar

O trabalho de Randy Angel **demonstra a gravidade da infiltração de uma vasta rede homossexual ao longo de mais de um século dentro da Igreja Católica e, em seguida, na Igreja Conciliar.**

A proteção da qual goza o padre Urrutigoity **caracteriza-se por uma impunidade dentro da FSSPX durante 10 anos, seguida de uma impunidade que continua na Igreja Conciliar que ele integrou.**

O padre apóstata Castrillón Hoyos, prefeito da Congregação para o Clero, no momento dos fatos.

Alertado sobre este caso em 2001, Castrillón Hoyos permaneceu impassível, protegendo os delinquentes.

Já mostramos **o papel que o padre apóstata Castrillón Hoyos desempenhou ao dissuadir os pseudo-bispos conciliares e suas conferências episcopais de agirem contra os padres pedófilos**[20].

Tomaso Stenic, chefe de gabinete da Congregação para o Clero e que fez uma profissão de fé homossexual na televisão.

As notícias dos últimos meses também revelaram um enorme escândalo homossexual no círculo do padre apóstata Ratzinger, no topo do Vaticano, **na liderança de um dos departamentos da mesma congregação do clero, que foi dirigida pelo padre apóstata Castrillón Hoyos, e que é responsável por essas questões de moral.**

Refere-se ao clérigo Stenico. Dedicamos uma mensagem a isso VM[21].

---

[20] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

[21] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

A lição doutrinal que nos dá o ensinamento de São Paulo sobre esses escândalos

São Paulo explica que tais escândalos **entre os padres servem para sancionar divinamente seu abandono da Verdade divina.**

Epístola de São Paulo Apóstolo aos Romanos

> **Capítulo 1**
>
> **16** Pois não me envergonho do evangelho; porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu, e também do grego.
>
> **17** Porque a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: "O justo viverá pela fé."
>
> **18** Pois do céu se revela a ira de Deus contra toda impiedade e injustiça dos homens, que pela injustiça retêm a verdade;
>
> **19** porque o que de Deus se pode conhecer neles se manifestou; pois Deus lhes manifestou.
>
> **20** Porque as suas perfeições invisíveis, seu eterno poder e divindade, desde a criação do mundo, são claramente visíveis, sendo percebidas por meio das coisas criadas. São, portanto, inescusáveis,
>
> **21** pois, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; mas se tornaram vãos em seus próprios raciocínios, e o coração insensato deles se obscureceu.
>
> **22** Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos;
>
> **23** e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem do homem corruptível, de aves, de quadrúpedes e de répteis.

24 Por isso Deus os entregou, nas concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem entre si os seus próprios corpos,

25 pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, (o qual é bendito eternamente. Amém!)

26 Por isso Deus os entregou a paixões infames; pois suas mulheres mudaram o uso natural em seu oposto;

27 semelhantemente também os homens, deixando o relacionamento natural com a mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, cometendo torpeza, e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro.

28 E como não se importaram em ter conhecimento de Deus, Deus os entregou a um sentimento reprovável, para fazerem coisas que não convêm,

29 estando cheios de toda a espécie de injustiça, maldade, prostituição, avareza, malícia; cheios de inveja, homicídios, contendas, enganos, malignidade; sendo murmuradores,

30 caluniadores, aborrecedores de Deus, arrogantes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes a pai e mãe,

31 sem entendimento, infiéis, sem afeição natural, implacáveis, sem misericórdia.

32 E, embora conheçam o juízo de Deus, que são dignos de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que as praticam.

Continuemos o bom combate

Padre Michel Marchiset

Notas

Notas

Nota sobre o padre Andrés Morello, o primeiro denunciador do seminarista Urrutigoity

O padre Morello foi superior do seminário da FSSPX em La Reja (Argentina) de 1981 a 1988.

Ele foi então transferido temporariamente, de fevereiro a julho de 1989, para o priorado de Santiago do Chile, antes de ser expulso em 16 de julho de 1989.

Desde então, foi ordenado bispo, fora da FSSPX, **em 30 de novembro de 2006**, em Tonala, Jalisco, no México, por **Dom Robert L. Neville**, ex-sacerdote do Distrito dos EUA da Fraternidade, que deixou Winona em dezembro de 1997, e que por sua vez foi ordenado bispo em **28 de abril de 2005** em Highland, Michigan, por **Dom Robert F. McKenna, O.P.**, que foi ordenado bispo em **22 de agosto de 1986** em Raveau, na França, por Dom **Michel Guerard des Lauriers, O.P.**

Notas

Nota sobre as funções do antigo anglicano, o padre Williamson-‘Cunctator’, que se tornou Dom. Williamson-‘Cunctator’ à Rosa

O padre Williamson tornou-se superior do seminário da FSSPX nos Estados Unidos em 1982. Foi ordenado bispo por Dom Lefebvre em 30 de junho de 1988. Ele permaneceu como superior do seminário da FSSPX em Winona, nos Estados Unidos, até 2003.

Dom Williamson é um ex-anglicano, graduado em Cambridge, e teve como mentor o antigo Fabien (arrependido?) Malcolm Muggeridge.

Notas

Nota sobre as funções do padre apóstata Castrillón Hoyos

O padre apóstata Castrillón Hoyos é originário da Colômbia.

De 1983 a 1987, ele foi secretário geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), do qual se tornou presidente de 1987 a 1991.

Em 16 de dezembro de 1992, ele foi nomeado arcebispo de Bucaramanga.

Em junho de 1996, após sua nomeação na Congregação para o Clero, ele foi responsável pelas celebrações comemorativas do quinquagésimo aniversário da ordenação sacerdotal do "Papa" João Paulo II. Ele assumiu a liderança da Congregação do Clero em 1998. Foi criado cardeal na diaconia do Ss. *Nominis Mariae ad forum Traiani* por João Paulo II no consistório de fevereiro de 1998.

Ele foi nomeado presidente da comissão *Ecclesia Dei* em 2000, e por isso ficou encarregado das relações com as comunidades tradicionalistas.

Atingido pelo limite de idade, ele foi **mantido em suas funções por Bento XVI em 2005**.

Ele renunciou ao cargo na Congregação do Clero em 31 de outubro de 2006, permanecendo à frente da comissão *Ecclesia Dei*.

(Fonte: Wikipedia[23])

---

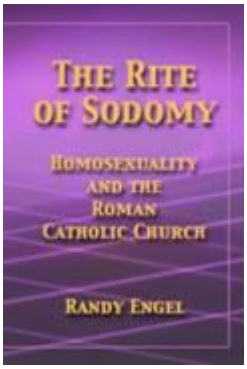
[23] http://fr.wikipedia.org/wiki/Dar%C3%ADo_Castrill%C3%B3n_Hoyos

Anexos

Tradução de um trecho do livro de Randy Engel

***« The Rite of Sodomy – Homosexuality and the Roman Catholic Church »* (O Rito da Sodomia - A Homossexualidade e a Igreja Católica Romana)** - Randy Engel – *New Engel Publishing*, 2006

http://www.riteofsodomy.com



Página 963

« Guru-tigoity », predador homossexual desmascarado

Em 11 de fevereiro de 1999, Dom Bernard Fellay, Superior Geral da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, enviou uma comunicação oficial a Dom Timlin para informá-lo de que o padre Carlos Urrutigoity havia sido acusado de atentado ao pudor em relação a um seminarista sob sua responsabilidade espiritual no seminário de São Tomás de Aquino da FSSPX, localizado em Winona, Minnesota (Estados Unidos da América).

Dom Fellay também destacou que, desde 1987, ou seja, antes de Urrutigoity entrar no seminário de Winona, o padre Andrés Morello, reitor do Seminário de Maria Co-Redentora em La Reja, Argentina, havia acusado esse sacerdote de práticas homossexuais.

O padre Morello disse que tentou expulsar Urrutigoity do seminário de La Reja devido ao seu orgulho, ao hábito de formar "amizades especiais", ao fato de ter reunido ao seu redor uma facção de seminaristas agindo sob sua influência, bem como a graves denúncias sobre questões morais.

Entre as acusações feitas contra Urrutigoity por colegas seminaristas e leigos que viviam no seminário de La Reja estavam suas visitas noturnas, sem convite, aos quartos dos jovens enquanto dormiam, bem como as carícias e massagens que ele praticava nas partes genitais e nas nádegas de um seminarista no banheiro, dizendo ao jovem que adorava seu "bumbum empinado". Urrutigoity também foi acusado de se interessar excessivamente, ao confessar ou dar conselhos espirituais, pelas tentações sexuais dos penitentes e de se vestir de maneira imodesta durante um acampamento de verão que organizou para os jovens do seminário (ele nadava de sunga).

Infelizmente, o padre Morello nunca conseguiu levar adiante seu plano de expulsar Urrutigoity, pois o seminarista contava com o apoio de Dom Alfonso de Galarreta, Superior de Distrito da FSSPX, assim como de outros sacerdotes influentes.

Em vez disso, Urrutigoity foi enviado ao priorado de Córdoba (Argentina), onde obteve as recomendações necessárias para poder ser posteriormente transferido ao seminário de Winona da Fraternidade São Pio X. Enquanto isso, o padre Morello havia sido designado para Santiago do Chile, o que o colocava temporariamente fora de ação.

No entanto, em julho de 1989, quando o padre Morello soube que Urrutigoity seria muito em breve ordenado em Winona, ele enviou a Richard Williamson, reitor do seminário de São Tomás de Aquino, um dossiê confidencial sobre o aspirante ao sacerdócio. Temendo que esse esforço não fosse suficiente para impedir a ordenação, ele se dirigiu ao seminário acompanhado de um associado. Ao chegarem, Williamson se opôs a eles com a negativa ou "*manifestação de consciência*" de Urrutigoity, que se proclamava inocente do que estava sendo acusado. Williamson elogiou a "*humildade*" de Urrutigoity e acusou Morello e seu companheiro de mentir.

Poucos dias depois, em 16 de julho de 1989, Morello, que estava em conflito interno com a FSSPX sobre questões não relacionadas ao caso Urrutigoity, foi expulso da Fraternidade.

Williamson alegou então que, se não acreditou em Morello, foi porque lhe haviam informado que ele estava ligado a um grupo sedevacantista oposto a Dom de Galarreta. No entanto, ele recebeu a ordem de seu superior, Dom Marcel Lefebvre, que examinou o dossiê de Morello, para vigiar Urrutigoity "*com olhos de águia*", uma tarefa praticamente impossível dada a vida secreta de um predador homossexual como Urrutigoity.

O padre Urrutigoity, portanto, conseguiu manipular um grupo tradicionalista contra outro para atingir seus objetivos.

Não apenas foi ordenado, mas também foi encarregado de ensinar no seminário de São Tomás de Aquino, onde era chamado de "*Gourou-tigoity*".

Não é surpreendente que, em sua carta de advertência de fevereiro de 1999 a Dom Timlin, Dom Fellay tenha descrito Urrutigoity como perigoso e ressaltou:

Se ele teve problemas com os superiores da Fraternidade São Pio X, foi sobretudo porque, aos nossos olhos, ele exercia uma influência estranha, anormal sobre os seminaristas e os sacerdotes,

que pareciam estar ligados à sua personalidade brilhante e carismática. Quando ele me pediu para reconhecer a fraternidade que pretendia fundar, mencionei explicitamente entre os motivos de minha recusa essa estranha ligação pessoal – análoga à que suscita um guru – entre os discípulos e seu líder.

Segunda acusação contra Urrutigoity

Foi apenas dois anos após a expulsão do padre Urrutigoity do seminário de São Tomás de Aquino por "atividades subversivas", ou seja, os preparativos secretos para a criação da Fraternidade São João, que ele se estabeleceu no bispado de Scranton, temporariamente residindo na Academia São Gregório, que um seminarista de Winona se apresentou para acusar o sacerdote de atentado ao pudor.

O alvo das tentativas de sedução e das assiduidade sexuais forçadas de Urrutigoity era um jovem chamado Matthew Selinger, que havia idolatrado o sacerdote. Os dois homens haviam formado uma amizade especial no seminário, onde Urrutigoity tinha sido o diretor espiritual do seminarista por dois anos antes de passar à ação.

Selinger tinha histórias estranhas para contar sobre o padre Urrutigoity.

Ele declarou que, em um dia em que estava constipado, foi até o padre Urrutigoity pedir um laxante (Metamucil). O sacerdote, em vez disso, lhe deu um supositório. Nunca tendo usado um antes, o seminarista achou que era um medicamento para uso oral e colocou-o na boca. O sacerdote lhe explicou o uso correto e insistiu para que o jovem o introduzisse na sua presença, como parte de um "ato de **humildade**". Para sua grande vergonha, Selinger resistiu a essa ordem e foi até o banheiro, constantemente se recriminando por não ser maduro o suficiente espiritualmente para seguir as ordens de Urrutigoity e crucificar seu "**orgulho viril**".

Em outra ocasião, Urrutigoity convidou Selinger e seu amigo para nadar nus com ele.

Uma noite, o jovem seminarista acordou para encontrar o sacerdote ajoelhado aos pés de sua cama e se masturbando até excitá-lo. Selinger disse que sua primeira ideia foi golpear o sacerdote, mas como o padre Urrutigoity era um *Alter Christus*, um outro Cristo, ele preferiu se virar e fazer de conta que voltava a dormir, enquanto Urrutigoity desaparecia silenciosamente na escuridão.

O uso original que Urrutigoity fazia dos supositórios no âmbito de seu repertório de "grooming" (preparação, para fins sexuais, de pessoas influenciáveis) **não deixa de lembrar as técnicas empregadas para o mesmo fim pelo "sacerdote" anglicano teósofo e pederasta do século XX, Charles Webster Leadbeater**.

Leadbeater utilizava lavagens intestinais, manipulações genitais e onanismo como meios para estimular a vigor físico, psíquico e espiritual (oculto) de seus jovens discípulos. "Essa espiritualização da pederastia o absolve da culpa que o faz odiar a sociedade... Sua fraqueza não tem mais nada de comum e humano, pois ele sentiu o fogo purificador da divindade," escreve sobre ele seu biógrafo, Gregory Tillet.

Antes que Selinger informasse seus superiores em Winona de que Urrutigoity havia abusado sexualmente dele, o fundador da Fraternidade Sacerdotal São João já tinha se estabelecido confortavelmente como capelão na Academia São Gregório, **de onde ele deveria escolher sua nova vítima em um vasto reservatório de jovens** que, à semelhança de Selinger antes do que o sacerdote lhe fez, literalmente beijavam o chão por onde ele passava.

Em junho de 1999, houve uma reunião em Winona entre Matthew Selinger, Williamson, reitor do seminário, e a equipe pastoral que o Conselho Diocesano de Revisão encarregou de investigar as acusações contra Urrutigoity. A equipe pastoral incluía o bispo auxiliar John Dougherty, um padre diocesano e um advogado do bispado de Scranton.

No entanto, mesmo após ler o relatório do Conselho sobre o testemunho de Selinger e sabendo que estava diante da segunda acusação credível de sedução homossexual e atentado ao pudor contra Urrutigoity, **Dom Timlin decidiu que as evidências fornecidas contra o fundador da Fraternidade Sacerdotal São João não eram "conclusivas" e não tomou nenhuma providência sobre o caso. Uma operação clássica de encobrimento estava, assim, sendo conduzida sob a direção do Ordinário do bispado de Scranton, com a cooperação do padre Devilliers, parceiro silencioso de Timlin e Superior da Fraternidade São Pedro.**

Se não fosse pela coragem e determinação do Dr. Jeffrey M. Bond, Presidente do Colégio de São Justino Mártir, assim como pelo apoio moral e jurídico que ele recebeu do advogado James M. Bendel, Procurador de Washington, essa operação de encobrimento poderia ter sido bem-sucedida.

Nota 25:

Selinger acabou deixando o seminário, casou-se e se estabeleceu na Califórnia para criar sua família. Quando se soube que ele seria chamado como testemunha contra o padre Urrutigoity no caso John Doe, o padre Eric Ensey, que havia contribuído para a criação da Fraternidade Sacerdotal São João e substituiu Urrutigoity por um certo tempo como conselheiro espiritual em São Tomás (Winona), fez uma visita a ele para convencê-lo a deixar o país e não testemunhar contra Urrutigoity. Ele declarou ao ex-seminarista que Urrutigoity tinha um "problema médico" com o pênis. Acrescentou que, se o sacerdote-fundador caísse, ele (Ensey) também cairia junto. **Vendo que esses argumentos não emocionavam Selinger, Ensey disse-lhe que o advogado de Urrutigoity estava ligado à máfia, insinuando que, se Selinger testemunhasse contra o sacerdote, um mal poderia acontecer com ele ou sua família.** Selinger respondeu que não tinha a intenção de deixar sua esposa e filhos para fugir de uma intimação e pôs Ensey para fora.

Fim da Tradução de um trecho do livro de Randy Engel

Versões originais em inglês da Tradução de um trecho do livro de Randy Engel

***« The Rite of Sodomy – Homosexuality and the Roman Catholic Church »* (O Rito da Sodomia - A Homossexualidade e a Igreja Católica Romana)** - Randy Engel – *New Engel Publishing*, 2006

http://www.riteofsodomy.com

“The Rite of Sodomy – Homosexuality and the Roman Catholic Church” - Randy Engel – New Engel Publishing, 2006

http://www.riteofsodomy.com

Página 963

"Guru-tigoity" Exposed as a Homosexual Predator

On February 11, 1999, Bishop Bernard Fellay, Superior General of the Society of St. Pius X, sent a formal communication to Bishop Timlin informing him that Father Carlos Urrutigoity had been accused of molesting a seminarian under his spiritual care at the SSPX's St. Thomas Aquinas Seminary in Winona, Minnesota.

Bishop Fellay also indicated that in 1987, prior to Urrutigoity's acceptance by the Winona seminary, Fr. Andres Morello, Rector of Our Lady Co-Redemptrix Seminary in La Reja, Argentina, had accused the priest of homosexual practices.

According to Fr. Morello, he had intended to expel Urrutigoity from the La Reja seminary because of his significant pride, his habit of forming "particular friendships," his formation of a faction of seminarians acting under his influence, and grave denunciations regarding moral matters.

Among the accusations brought against Urrutigoity by seminarians and laymen living at the La Reja seminary were his uninvited nocturnal visits into the rooms of young men while they were asleep, the fondling and massage of a seminarian's genitals and buttocks under the guise of a medical exam, and the touching of the private parts of a seminarian in a restroom accompanied by the

remark that the priest adored his "little round butt." Urrutigoity was also accused of excessive probing during confession and spiritual counseling sessions regarding the sexual temptations of penitents; and immodest dress (swimming in his underwear) at a summer camp that he organized for young men from the seminary.

Unfortunately, the planned dismissal of Urrutigoity by Fr. Morello never took place as the seminarian had the support of Bishop Alfonso de Galarreta, the SSPX District Superior, and other influential priests.

Instead of being expelled, Urrutigoity was sent to the Priory of Cordoba (Argentina), where he received the necessary recommendations that enabled him to transfer to the SSPX seminary in Winona. By this time, Fr. Morello had been posted to Santiago, Chile, so he was temporarily out of the picture.

However, in July 1989, when Fr. Morello heard of Urrutigoity's imminent ordination in Winona, he sent a confidential dossier on the candidate to Rector Richard Williamson at St. Thomas Aquinas Seminary. Fearing this effort would not be sufficient to stop the ordination, Father Morello traveled to the seminary in the company of an associate. Upon their arrival, they were confronted by Williamson with a denial or "manifestation of conscience" by Urrutigoity, who proclaimed his innocence of the charges against him. Williamson defended Urrutigoity's "humility" and accused Morello and his companion of lying.

A few days later, on July 16, 1989, Morello, who had been involved in an internal dispute with the SSPX on matters unrelated to the Urrutigoity affair, was expelled from the Society.

Williamson later claimed that Morello was not believed because he was reported to be connected to a sedevacantist group in opposition to Bishop de Galarreta. Nevertheless, Williamson was ordered by his superior, Archbishop Marcel Lefebvre, who had reviewed the Morello dossier to watch Urrutigoity "like a hawk," a virtualïy impossible task given the secretive life of a homosexual predator like Urrutigoity.180

Fr. Urrutigoity had successfully manipulated one traditionalist group against another for his own ends.

Not only was he ordaîned, but he was also assigned to teach at St. Thomas Aquinas Seminary were he was known as "Guru-tigoity."181

Little wonder that in his warning letter to Bishop Timlin in February 1999, Bishop Fellay described Urrutigoity as "dangerous" and noted:

The reason why he got into trouble with the Superiore of the Society of St. Pius X is mainly because we felt he had a stränge, abnormal influence on the seminarians and priests, whom he seemed to attach to his brilliant, charismatic personality. When he asked me to recognize the society he intended to found, among the reasons of my refusai, I explicitly mentioned this stränge personal, guru-like attachment between the disciples and their leader.182

Urrutigoity Faces Second Accusation

It was not until two years after Fr. Urrutigoity had been dismissed from St. Thomas Aquinas Seminary in Winona for "subversive activities," namely, the secret planning of the Society of St. John, and had settled into the Diocèse of Scranton with temporary quarters at St. Gregory's Academy, that a Winona seminarian came forward to accuse the priest of sexual molestation.

The object of Urrutigoity's attempts at séduction and forced sexual attention was a young man named Matthew Selinger who once idolized the priest. The two men had formed a particular friendship at the seminary and Urrutigoity served as the seminarian's spiritual director for two years before making his move.

Selinger had some stränge taies to tell about Fr. Urrutigoity.

He said that on one occasion he was constipated and went to Fr. Urrutigoity to get some Metamucil. The priest offered him a rectal suppository instead. Never having used one before, the seminarian thought it was an oral médication and put it in his mouth. The priest instructed him in its correct use and insisted that the young man insert it in his présence as an act of "humility." Selinger reluctantly resisted the order and went into the bathroom to insert the suppository all the while rebuking himself for not being spiritually mature enough to follow Urrutigoity's orders and crucify his "manly pride."183

On another occasion, Urrutigoity invited Selinger and his friend to swim with him in the nude.

One night, the young seminarian awoke from his sleep to find the priest kneeling by his side massaging his genitals hard enough to produce an érection. Selinger said his first instinct was to punch the priest's lights out, but because Fr. Urrutigoity was an Alter Christus, another Christ, he turned over and pretended to go back to sleep while Urrutigoity quietly slipped away into the darkness.184

The novel use of rectal suppositories as part of Urrutigoity's grooming répertoire is reminiscent of the grooming techniques employed by the early 20th Century theosophist/pederast Charles Webster Leadbeater.

Leadbeater promoted enemas, genital manipulation, and onanism as a means of promoting physical, psychic and spiritual (occult) vigor among his youthful disciples. "This spirituali2ing of paederasty absolves him from the guilt which makes him hate society. ... His is no longer a common human weakness, for he has feit the cleansing fire of divinity," related Gregory Tillet, Leadbeater's biographer.185

By the time that Selinger informed his superiore at Winona that Urrutigoity had sexually molested him, the SSJ founder was safely ensconced as a chaplain at St. Gregory's Academy selecting his next victim from a large pool of young men, who like Selinger before he was molested, literally wor-shipped the ground that Urrutigoity walked on.186

In June 1999, a meeting took place in Winona between Matthew Selinger and SSPX Rector Wiliiamson, and the pastoral team that the Diocesan Review Board had assigned to investigate the accusations against Urrutigoity. The pastoral team consisted of Auxiliary Bishop John Dougherty, a diocesan priest, and a lawyer from the Diocèse of Scrantòn.

However, even after reading the Board's report on Selinger's testimony and with the knowledge that this was the second crédible accusation of homosexual séduction and molestation against Urrutigoity, Bishop Timlin decided that the évidence against the SSJ founder was "inconclusive." He took no further action on the matter.187 A classic cover-up was underway led by the Ordinary of the Diocèse of Scrantòn with the coopération of Timlin's silent partner Fr. Devillers, Superior of the FSSP.

Were it not for the courage and détermination of Dr. Jeffrey M. Bond, President of the College of St. Justin Martyr and the moral and legal support given to Dr. Bond by Washington State attorney James M. Bendell, the cover-up may well have succeeded.

Notes

176 See http://www.saintjustinmartyr.org/news/CarlosUrrutigoityinLaReja.htm. Fr. Morello was rector of the SSPX seminary in La Reja from 1981-1988. He is currently the rector of a group called "Campania de Jesus y de Maria" located in the Andes.

177 Ibid.

178 Ibid.

179 Ibid.

180 Ibid.

181 Terrie Morgan-Sesecker, "Accuser to get reports in priests," March 24, 2004, *Times Leader.*

182 Ibid.

183 Deposition of Matthew Selinger in Civil Action No. 02-0444 in Pittsburgh, PA on October 24,2003.

184 Ibid.

185 See Tiltett, *The Eider Brother.*

186 Selinger eventually left the seminary, married and settled in California to raise a family. When it became known that he would likely be subpoenaed to testify against Fr. Urrutigoity in the Case of John Doe, Fr. Eric Ensey who helped found the SSJ and who replaced Urrutigoity as spiritual advisor for a time at St. Thomas in Winona, paid a visit to Selinger and attempted to persuade him to leave the country to prevent him from being called as a witness against Urrutigoity. He told the former seminarian that Urrutigoity had "*a medicai protocol*" about the penis. He said that if the priest-

founder went down he would take him (Ensey) and the whole order down with him. When thèse arguments failed to move Selinger, Ensey said that Urrutigoity's lawyer had connections to the Mafia - a suggestion that implied that harm might come to Selinger or his family if he testified against the priest. Selinger said he had no intention of leaving his wife and children to escape a subpoena and showed Ensey the door.

187 Jeffrey Bond Fourth Open Letter of May 19, 2002 to Bishop Timlin, Diocèse of Scranton at http://www.saintjustìnmartyr.org/news/BishopTimlinOpenLetter4.html.

Fim das Versões originais em inglês da Tradução de um trecho do livro de Randy Engel

Dossiê do caso Urrutigoity no bispado de Scranton nas páginas da internet dos EUA

http://www.saintjustinmartyr.org/news/notices.html

TODO o dossiê do caso Urrutigoity no bispado de Scranton (cartas, correspondência, julgamentos, testemunhos, artigos...) pode ser encontrado nesta página da web e em seus 9 anexos.
Último conteúdo novo...

I. O Caso contra a SSJ

II. Artigos de Jornal

Quarta-feira, 12 de julho de 2006

III. Cartas para o Bispo Timlin e o Bispo Joseph F. Martino

IV. Processos Judiciais contra a SSJ

V. Declarações de Testemunhas

VI. Declaração do Rev. Munkelt

VII. Inconduza Financeira

VIII. Academia São Gregório

IX. Petições ao Tribunal da Igreja

Em 14 de outubro de 2001, o Colégio de São Justino Mártir se desvinculou formalmente da Sociedade de São João (SSJ), uma associação clerical no Bispado de Scranton, Pensilvânia. Desde então, o Colégio tem se esforçado para expor a corrupção moral da SSJ. Embora o objetivo principal do Colégio seja se estabelecer como uma instituição de artes liberais com grande tradição de livros e um caráter católico ortodoxo, o Colégio acredita firmemente ter a obrigação moral de impedir que a SSJ cause mais danos a almas jovens e continue a enganar doadores católicos.

A batalha moral do Colégio contra a SSJ trouxe-o a um conflito direto com o Bispo James C. Timlin, que, inexplicavelmente, persiste em apoiar e proteger a SSJ apesar das evidências esmagadoras de incondução sexual e financeira por parte dos membros da SSJ. Em represália pelos esforços do Colégio para informar o Bispado sobre a grave incondução da SSJ, o Bispo Timlin buscou obstruir e prejudicar os negócios legítimos e os objetivos do Colégio. Em resposta ao ataque gratuito do Bispo Timlin, o Colégio entrou com ações judiciais contra o Bispado e a SSJ. Os leitores são convidados a se informar sobre o caso contra a SSJ acessando os documentos e artigos aqui disponibilizados.

A batalha moral do Colégio resultou em um conflito direto com o Bispo James C. Timlin, que, inexplicavelmente, se recusa a defender a SSJ e a proteger, apesar das evidências contundentes da má conduta sexual e financeira de seus membros. Em retaliação aos esforços do Colégio para informar o Bispado sobre a grave má conduta da SSJ, o Bispo Timlin tentou bloquear e prejudicar a administração e os objetivos legítimos do Colégio. Em resposta a esse ataque gratuito do Bispo Timlin, o Colégio processou o Bispado e a SSJ. Os leitores são convidados a se informar sobre o caso judicial contra a SSJ consultando os documentos e artigos disponibilizados aqui.

1.1.1.1.1 V. Declarações sobre o Escândalo da SSJ

1.) Declaração de Mr. Jude Huntz sobre a SSJ

2.) Declaração de Mr. Paul Hornak sobre a SSJ

3.) Carta do Irmão Alexis Bugnolo sobre a SSJ

4.) Declaração de Mr. Joseph Sciambra sobre a SSJ

5.) Declaração de Diane Toler sobre a SSJ

6.) Declaração de um Antigo Noviço da SSJ

7.) Carta de Mr. Conal Tanner para o Bispo Timlin

8.) Declaração de Mr. Joseph Girod

9.) Declaração de Mrs. Louise Carbonaro

Carta aberta do Dr. Jeffrey M. Bond

Carta aberta do Dr. Jeffrey M. Bond, Presidente do Colégio de São Justino Mártir, e testemunho do padre Andrés Morello sobre o caso Urrutigoity

http://www.saintjustinmartyr.org/news/CarlosUrrutigoityinLaReja.htm

September 2, 2002

Dear Friends,

In a letter dated December 8, 2001, I revealed that Fr. Carlos Urrutigoity, the founder and former superior general of the Society of St. John, had been dismissed for homosexual behavior when he was a seminarian at the Society of St. Pius X (SSPX) seminary in La Reja, Argentina. In that same letter, I noted that Urrutigoity, after he had been dismissed from the seminary in La Reja, was admitted as a seminarian into the SSPX seminary in Winona, Minnesota, where he was eventually ordained and made a professor. Finally, I further mentioned that Fr. Urrutigoity was subsequently expelled from the seminary in Winona as a result of his subversive activities.

My letter left many readers with the same question: How could it be that the SSPX dismissed Carlos Urrutigoity for homosexual behavior from one of its seminaries, but subsequently accepted him into another SSPX seminary, and then ultimately ordained him a priest and even made him a professor there?

I put this same question to Bishop Richard Williamson of the SSPX whom I contacted shortly after I learned that Fr. Urrutigoity had been accused of homosexual behavior as far back as his seminary days in La Reja. Bishop Williamson explained to me that Carlos Urrutigoity had indeed been dismissed from the SSPX seminary in La Reja for homosexual behavior, but that he was received into the SSPX seminary in Winona because the key SSPX authorities in North and South American did not believe the charges against him.

According to Bishop Williamson (and others within the SSPX with whom I spoke), the charges against then seminarian Urrutigoity were not believed because of a deep division that was then taking place within the SSPX district in South America. Fr. Andres Morello, the rector of the SSPX seminary in La Reja, was the head of the sedevacantist group. The District Superior, then Fr. Alfonso de Galarreta, led the opposing group. The division was apparently so intense that the two factions avoided each other. As a result, the SSPX authorities - other than Fr. Morello - were willing to believe that the charges of homosexual behavior made against seminarian Urrutigoity were

trumped up. Urrutigoity himself claimed that he was being persecuted and slandered because of his stance against Fr. Morello's group.

Bishop Williamson further explained that when seminarian Urrutigoity arrived in Winona, he was questioned and given the opportunity to write a defense, or "manifestation of conscience," in response to the accusations against him. Bishop Williamson then presented Archbishop Lefebvre himself with Urrutigoity's written defense. According to Bishop Williamson, Archbishop Lefebvre, after reading Urrutigoity's defense, told Bishop Williamson to admit Urrutigoity to the seminary, but to "watch him like a hawk."

Bishop Williamson then told me that he never saw any evidence of Urrutigoity's homosexuality while Urrutigoity was a seminarian, priest, or professor at Winona. Bishop Williamson said that Fr. Urrutigoity was eventually expelled from the seminary in Winona not for homosexuality, but for subversive activities, namely, the secret planning of the Society of St. John in concert with others. Bishop Williamson hastened to add, however, that after Fr. Urrutigoity had been expelled from Winona, a young seminarian, who had left Winona with him, subsequently accused Fr. Urrutigoity of homosexually molesting him. This young seminarian, with whom Fr. Urrutigoity had had a very close particular friendship at Winona, had been under Fr. Urrutigoity's spiritual direction for two years before Fr. Urrutigoity molested him.

Bishop Williamson also told me that he had accompanied this young seminarian when he gave testimony against Fr. Urrutigoity at a Diocese of Scranton inquiry in July 1999. The inquiry was held at the request of Bishop James Timlin of Scranton who sent his auxiliary bishop, John Dougherty, along with another diocesan priest and an attorney, to hear this young seminarian's testimony. Bishop Bernard Fellay of the SSPX had set this whole process in motion when he formally accused Fr. Urrutigoity in a letter to Bishop Timlin dated February 11, 1999. Bishop Fellay had sent this letter to Bishop Timlin because Bishop Timlin had welcomed Fr. Urrutigoity and his followers into the Diocese of Scranton after Fr. Urrutigoity's expulsion from Winona. At the time of Bishop Fellay's formal communication to Bishop Timlin, Fr. Urrutigoity was working as a chaplain at St. Gregory's Academy, an all-boys high school in Elmhurst, Pennsylvania, owned and operated by the Fraternity of St. Peter. Despite Bishop Fellay's letter and the testimony of the molested seminarian, Bishop Timlin allowed Fr. Urrutigoity to continue in his position as chaplain to adolescent boys.

In order to learn more about the charges against seminarian Urrutigoity, I next contacted Fr. Andres Morello, the former rector of the SSPX seminary in La Reja. Fr. Morello is currently the rector of a group called "*Campania de Jesus y de Maria*" located in the Andes. **I wrote to Fr. Morello to ask him about the accusations against Carlos Urrutigoity while he was a seminarian at La Reja. Below is a literal translation of Fr. Morello's response :**

I was the rector of the seminary of La Reja from 1981 until 1988, having been previously the vice-rector; therefore I was able to witness the behavior of now Father Urrutigoity all throughout his stay in that seminary

I was transferred to the priory of Santiago in Chile in 1989, and I remained there from February until July of the same year. I was expelled because of a denunciation or better said a confidential request I made for a canonical investigation of some priests members of the Society of St. Pius X, and also because of the support I gave to some seminarians who left the seminary of La Reja.

When I was rector at the seminary of La Reja, I had the intention of expelling the then seminarian Carlos Urrutigoity for a number of reasons, mainly:

- a significant pride

- maintaining particular friendships

- forming a faction of seminarians under his influence

- grave denunciations regarding moral matters (probably the very ones you already know about)

Against my intention of expelling him, as the product of a delicate situation of intrigues which at the time affected the seminary, and undoubtedly with the support of certain priests and the then superior of the district (bishop de Galarreta), instead of being expelled he was sent to the priory of Cordoba (Argentina). The good recommendations obtained there, as well as the support which I just mentioned, motivated his transfer to the seminary of Winona (USA). Meanwhile I had already been posted at Santiago, Chile.

His imminent ordination to the major orders obliged me in conscience to write a confidential report to the rector of Winona's seminary, bishop Williamson, in order to stop the ordination. A canonical report of such characteristics demanded reciprocal confidentiality, and in particular to keep it secret from the person in question. Bishop Williamson made it known to the then seminarian Urrutigoity so that he could defend himself from our accusations.

On July 1989 we traveled to Winona, and bishop Williamson read to us the defense of Father Urrutigoity, defended his "humility" and accused us of lying. A few days later, on July 16, 1989, I was expelled from the Society.

You know better than I the rest of the story.

According to Fr. Morello's account above, he not only sought to expel Urrutigoity from La Reja for the four reasons stated, but he even traveled all the way to Winona from Chile to argue against Urrutigoity's ordination to the priesthood. The "grave denunciations in moral matters," which Fr. Morello mentions as the fourth reason for expelling Urrutigoity, were set down in writing as part of a dossier given to Archbishop Lefebvre when Fr. Morello requested a canonical investigation of certain SSPX priests (as Fr. Morello explains in his letter above). The accusations of homosexual behavior made against seminarian Urrutigoity appear in this dossier as part of a report entitled "Documento No. 2." This report was signed by a group of priests and seminarians from the seminary of La Reja. Below is a literal translation from the three pages of "Documento No. 2" which focus solely on Urrutigoity:

Page 4, three last paragraphs.

The third case is the one of seminarian Carlos Urrutigoity. Here the subject becomes profoundly disagreeable because of the turpitude of the issues involved, and therefore it is for us very difficult to speak about them. This is why we will only present to you the most serious items.

During his stay in the seminary of La Reja, this seminarian was denounced by a young layman who lives in the seminary, for the following reasons which became most serious as the time passed. Frequently the seminarian brought up in conversation the subject of chastity. He asked him if he had temptations and what did he do in such cases. Also he asked him whether he was a virgin, or if he performed dishonest acts alone or with women.

In a particular conversation he asked him if he went to the movies, and if the films excited him provoking temptations. The lad answered yes, and Urrutigoity asked if this prompted him to search for women, to which the young man replied again yes. Then the seminarian asked if he would consider making the dishonest act with a man. The lad said no.

Page 5.

The same witness denounced as well the seminarian for entering his room without knocking previously. One night at about 3:00 AM he woke up and found him inside the room uncovering him. The excuse that Urrutigoity gave next day was that he had entered the room in order to cover him. Before this situation the lad went to Father Canale, a priest whom he trusted. He laughed and said to him: "The only thing I can tell you is to lock the door." Father Canale was therefore fully aware of the situation and he never talked about it with the superior of the house.

The witness says also that on one occasion the seminarian entered into his room and, finding him in bed, told him that he had a fever. The lad replied that he was feeling well, but Urrutigoity insisted that he had a fever and that in order to confirm it he was going to fondle his genitals to see if they were inflamed, and he did it.

One day Carlos Urrutigoity gave him underwear, insisted that he should get naked and try it on before him to see if it fit. He proposed that he take measurements every week of his physical development, naked and with his back towards the wall, which the young man refused to do.

He gave him a shot and insisted on massaging his buttocks, which he did.

We finish here the testimony of the young man, and we wish to make it clear that these are not all the incidents, just those which we consider more relevant.

A seminarian declares that being in the restroom he touched him in his private parts, and that often he told him things about the private parts, among others that "he adored his buttocks" (the seminarian had not yet received the soutane). He said: "I adore your little round butt" (and made a gesture with his hands).

Another seminarian tells us that he asked him about the sexual life of his past and about his present temptations.

Two traditional young laymen declare that during a summer camp organized by Carlos Urrutigoity - with the inexplicable authorization of Bishop de Galarreta, who knew about the situation, and while the seminarian was in the priory of Cordoba under observation because of his disciplinary problems - he went to the river with a group of young men. There he removed his clothes before the others and remained in underwear. One of the youngsters offered immediately a swimming suit which Urrutigoity rejected, and in such attire he bathed in the river.

(Handwritten) De Galarreta did not expel him because of the problems this could cause, especially with the Calderon family.

We ask your forgiveness, Father, for writing about these unpleasant issues but we consider it necessary since nobody has heard our complaints. What worries us right now is that (a) the superiors know about this situation. Not only was the seminarian not expelled, but the solution to his moral and disciplinary problems is simply to send him to another seminary. (b) Carlos Urrutigoity is about to receive major orders in Winona, USA. (c) a serious investigation was never started.

Page 6, first paragraph.

We are worried and scandalized by all this. We have tried by all means to inchoate an investigation to no avail. Bishop de Galarreta made it impossible to take measures against him, and despite the fact that he now acknowledges his mistake, he still does nothing to repair it.

Those who are familiar with Fr. Urrutigoity's more subtle modus operandi will readily recognize in the testimony above the incipient techniques of a sexual predator who was not yet able to manipulate others by means of the full authority of the priesthood. Indeed, the above account confirms reports of Fr. Urrutigoity's frequent initiation of discussions on "chastity" in order to test the willingness of his objects of seduction. And given what is already known about Fr. Urrutigoity's fondness for suppositories, it is not surprising to read about seminarian Urrutigoity's efforts to manipulate "medical problems" for his own perverse purposes. We also see in the account above a slightly more modest version of Fr. Urrutigoity's willingness to parade naked in front of potential victims. Moreover, we see here further testimony of Fr. Urrutigoity's penchant for late night visits to those who are asleep and thereby vulnerable to his advances. Although Document No. 2 does not accuse seminarian Urrutigoity of sleeping in the same bed with other seminarians, there is ample testimony that Fr. Urrutigoity slept one-on-one with seminarians under his authority at Winona, and with boys and young men under his spiritual direction at St. Gregory's Academy and at the Society of St. John's property in Shohola.

Document No. 2 and Fr. Morello's letter also reveal that Fr. Urrutigoity's present suspension is nothing new for him. Carlos Urrutigoity has been formally accused of homosexual molestation in three different places, yet each time he has managed to evade justice by enlisting episcopal support. Urrutigoity was first accused, as we have seen above, when he was a seminarian in La Reja, Argentina. After Urrutigoity was ordained a priest, and soon after he left the seminary in Winona, Minnesota, he was accused again, this time by the young seminarian who left Winona with him. The third accusation was made in a federal lawsuit by a graduate of St. Gregory's Academy when Urrutigoity was the superior general of the Society of St. John. Note that Fr. Urrutigoity's

victims came from three completely different backgrounds and that they knew nothing about the prior victims. Hence, there is absolutely no basis for the Society of St. John's claim that the accusations of homosexual molestation reflect a conspiracy against Fr. Urrutigoity.

Note also that even those who initially found themselves on opposite sides, such as Bishop Williamson and Fr. Morello, are now all agreed on at least one thing: Carlos Urrutigoity is a homosexual predator. How then can Bishop Timlin, without whose assistance and support Fr. Urrutigoity would have long ago been stopped, continue to protect this Rasputin in a Roman collar? Although Bishop Timlin has been repeatedly warned that Fr. Urrutigoity continues even to this day to create scenarios that place him in the company of young men, Bishop Timlin still does nothing but claim that all the accusations against Fr. Urrutigoity have been fabricated by his enemies.

All who are disgusted with Bishop Timlin's failure to protect his flock from a clear and present danger should write to him at xxxxxx. I also encourage all concerned parties to contact Mr. Andrew Jarbola, the District Attorney of Lackawanna County: (1) to exhort him to ensure that the ongoing criminal investigation of Fr. Urrutigoity and Fr. Eric Ensey is both rigorous and independent of diocesan influence; and (2) to ask why there is no news of impaneling a grand jury.

Sincerely,

Dr. Jeffrey M. Bond
President
The College of St. Justin Martyr
142 Market Road
Greeley, PA 18425

jmb3@ltis.net

www.saintjustinmartyr.org

Chronology

Date	Who	What
Chronology		
1987-88	SSPX Argentina	Accusations of sexual misconduct by Fr. Urrutigoity in the wake of his departure from the seminary of the SSPX in La Reja, Argentina. **Despite these accusations, Fr. Urrutigoity is accepted into the seminary of the SSPX in the USA**.
May 1997	SSPX USA	Fr. Carlos Urrutigoity, along with another priest and 2 seminarians are expelled from the seminary of the SSPX in the USA. Six other seminarians soon leave as well. We are told that the reason for the expulsion is that they were planning to found a new religious order.
1997	Diocese of Scranton	The former priests and seminarians of the SSPX find refuge in the Diocese of Scranton PA, where the Fraternity of St. Peter has its North American HQ. Bishop Timlin of the Diocese of Scranton accepts them without doing background checks.
1998	Diocese of Scranton	Accusations of sexual misconduct by Fr. Urrutigoity in the wake of his departure from the seminary of the SSPX in Winona, MN. After a diocesan inquiry is held, Bishop Timlin of the Diocese of Scranton decides that there is insufficient evidence, despite a letter of condemnation from Bishop Fellay of the SSPX.
1998	Institute of Christ the King	Fr. Marshall Roberts is expelled from the seminary of the Institute of Christ the King because of accusations of sexual misconduct. He finds refuge in the SSJ.
March 1998	St. Gregory's Academy, FSSP	The police are called in by Fr. Paul Carr of the FSSP (Fraternity of St. Peter) after it is discovered that the priests of the SSJ have served alcohol to minors (boys).

Date	Who	What
Aug-Oct 2001	Dr. Bond of St. Justin Martyr College	Dr. Bond, HeadMaster of St. Justin Martyr College, which is affiliated with the SSJ, learns of the sexual misconduct of Fr. Urrutigoity. Dr. Bond then begins a series of discussions with Bishop Timlin, and with the SSJ. Bishop Timlin refuses to suspend any of the SSJ priests, despite evidence of wrongdoing. The SSJ refuses to admit there is a problem.
Oct 14, 2001	Dr. Bond of St. Justin Martyr College	Dr. Bond decides that St. Justin Martyr College must separate from the SSJ.
Nov 19, 2001	Dr. Bond of St. Justin Martyr College	Dr. Bond sends letters to Apostolic Nuncio for USA and to Cardinal Hoyos, Prefect for the Clergy, telling them about the sexual misconduct of Fr. Urrutigoity.
Nov 21, 2001	Fr. Urrutigoity	Fr. Urrutigoity threatens Dr. Bond with libel.
Dec 8, 2001	Dr. Bond of St. Justin Martyr College	Sexual misconduct by Fr. Eric Ensey becomes known. Dr. Bond issues a public notice to concerned Catholics.
Jan 12, 2002	Diocese of Scranton	The Diocese of Scranton receives a letter of complaint from one of those molested by Fr. Urrutigoity.
Jan 15, 2002	Roman Catholic Faithful (organization)	Press Release, asking for suspension of Fr. Urrutigoity and any other priests involved in sexual misconduct, for resignation of Bishop Timlin, for criminal investigation.
Jan 25, 2002	Diocese of Scranton	Bishop Timlin transfers Frs. Urrutigoity and Ensey elsewhere in the Diocese of Scranton, but does not suspend them.
Jan 26, 2002	Times Leader (paper)	News of the scandal hits the secular press.
Feb 6, 2002	Dr. Bond of St. Justin Martyr College	Fr. Marshall Roberts becomes a third suspected sexual offender.
Feb 27, 2002	Scranton Times-Tribune (paper)	The DA's office of Lackawanna County, PA, launches an investigation into allegations of sexual misconduct by members of the SSJ.
Mar 20, 2002	National Review Online (paper)	A former student of St. Gregory's Academy launches a $1 million lawsuit against the SSJ, FSSP and Diocese of Scranton.

Date	Who	What
Mar 28, 2002	St. Justin Martyr College	Fr. Richard Munkelt, formerly with the SSJ, comes forward with further insights into the scandal.

Trechos de informações sobre Urrutigoity e Williamson

(Tradução do anexo 5)

http://www.sspxseminary.org/whoweare/winona.shtml

No outono de 1993, o Seminário recebeu dois novos professores: os padres Juan Iscara e Carlos Urrutigoity. O padre Iscara assumiu as disciplinas de Teologia Moral e História da Igreja. **O padre Urrutigoity tornou-se professor de Dogma, Latim e Música Sacra. Foi sob a influência do padre Urrutigoity que o Seminário rapidamente começou a se concentrar fortemente no aperfeiçoamento dos seminaristas no canto Gregoriano.**

O ano acadêmico de 1996-97 começou sem maiores problemas, mas conforme o segundo semestre se aproximava, uma certa agitação começou a se espalhar pelo Seminário. Formaram-se cliques, e um fosso cada vez mais amplo tornava-se perceptível, opondo em tudo os seminaristas da área de Liturgia àquela do Canto Gregoriano e até mesmo às atividades de lazer. Os sinais iniciais do problema pareciam insignificantes, mas, subjacente a pequenas diferenças de gosto, surgia um "Medievalismo" prejudicial – o desejo de "restaurar" o verdadeiro currículo reconstituído segundo um "modelo medieval" à moda romântica, abandonando o que era chamado de excessos e desvios que teriam sido introduzidos pela Contra-Reforma. Cinco meses depois, descobriu-se que uma sociedade de dissidência havia sido secretamente planejada. A Sociedade de São João havia, de fato, sido concebida para estabelecer uma vida religiosa livre das "desvios" tão desprezados (que na verdade eram as glórias da Igreja).

Esse retorno a uma Idade de Ouro imaginária era, na verdade, a construção de algo completamente novo; a Idade Média foi embora e seu retorno é impossível. Para tentar realizar um projeto como esse no mundo de hoje, seria necessário introduzir novidades que nunca existiram ao longo da história da Igreja, e muito menos na Idade Média. É exatamente isso que os Modernistas fizeram no Concílio Vaticano II. Cada inovação era justificada pelo apelo ao retorno à pureza original da antiga Igreja, enquanto, ao mesmo tempo, nunca se admitia a intenção de se livrar das cargas que a vida segundo a doutrina e as leis da Igreja impõem a nós.

Após longos adiamentos, Dom Williamson afastou do Seminário o "***talentoso, mas orgulhoso jovem padre argentino***" (para utilizar as palavras do próprio bispo) que havia sido o ponta de

lança do plano dessa nova sociedade. Ele já havia observado isso antes: um padre recém-ordenado, intelectualmente brilhante, utilizando suas capacidades para tentar reformar a FSSPX à sua própria imagem, e para, finalmente, frustrado em seus planos, recorrer à subversão e à desobediência – levando outros à sua queda. Esses homens deveriam seguir seu caminho, enquanto o Seminário deveria continuar a manter o que havia recebido do Arcebispo Lefebvre.

Como consequência dessa situação, o Seminário perdeu dois padres e mais de 12 seminaristas. Após esses eventos difíceis, o Seminário foi solenemente consagrado ao Sagrado Coração de Jesus em 6 de junho, para dar glória ao Seu nome e reafirmar que o Seminário é Seu domínio.

http://www.christorchaos.com/MarchtoOblivion.htm

No entanto, ainda há mais de um punhado de padres da Sociedade de São Pio X e da Fraternidade Sacerdotal São Pedro que olham com entusiasmo para o *Ordo Missae* de 1965, que permaneceu em vigor por apenas cinco anos antes de ser substituído pelo *Novus Ordo Missae* (o que constituiu um período exatamente três anos mais longo do que aquele em que o Missal modernizado de 1961 de João XXIII esteve em vigor). **Ainda há padres na Sociedade de São Pio X, por exemplo, que permanecem, embora em privado, adeptos das concepções litúrgicas do padre Carlos Urrutigoity, o fundador da corrupta Sociedade de São João**, que agora encontrou refúgio sob a proteção, acreditem ou não, do bispo conciliar de Ciudad del Este no Paraguai, Rogelio Livieres Plano (que enviou uma carta de apoio à Sociedade de São João em 8 de setembro de 2006), um pequeno fato que deveria provar que a perversão não é de forma alguma um impedimento para ser bem recebido nos quartéis gerais da igreja conciliar.

A convicção de Urrutigoity, tal como ele mesmo a expressou pessoalmente durante uma entrevista que me concedeu em Shohola, Pennsylvania, em novembro de 1999, é que "***devemos considerar em que direção a liturgia poderia ter se desenvolvido***" se as "*polêmicas*" dos anos 1960 não tivessem ocorrido. Em outras palavras, "*nós*" devemos permanecer abertos à mudança litúrgica para não "*cimentar*" a Missa de acordo com um Missal qualquer, razão pela qual Urrutigoity, que tinha o pleno apoio da Comissão Pontifícia *Ecclesia Dei*, não hesitaria em usar de vez em quando o Missal de 1910, o Missal de 1955, o Missal de 1962 ou o Missal de 1965, mas em nenhum caso o Missal de 1969, como ele enfatizava**. **Urrutigoity declarou estar a favor de um certo grau de experimentação litúrgica "*aprovada*", ponto de vista que ensinava durante seus anos de professor no Seminário Santo Tomás de Aquino em Winona, Minnesota, antes de sua expulsão da Sociedade de São Pio X por volta de 1998**.

Havia em Winona seminaristas que apoiavam a abordagem litúrgica de Urrutigoity, mas não ousavam se opor ao legado do Arcebispo Lefebvre ao segui-lo, Urrutigoity, para fora da Sociedade de São Pio X. **Existe pelo menos uma corrente de simpatia pelas concepções litúrgicas de Urrutigoity dentro de certos círculos da Sociedade de São Pio X**. Assim, a própria questão que devastou tantas almas na falsa igreja que é a igreja conciliar, a saber, **a experimentação litúrgica, encontra, em graus variados, apoio entre padres da Sociedade de São Pio X, assim como entre alguns "*padres*" da Fraternidade Sacerdotal São Pedro**, que incorpora em suas fileiras na França o "***lote***" adicional de "***padres***" que celebram o culto protestante e judéo-maçônico que é o *Novus Ordo Missae* a pedido do bispo local conciliar (cf. de Griff Ruby **A RESSURREIÇÃO DA IGREJA CATÓLICA ROMANA**, uma excelente recensão de toda a história do

movimento Tradicional, "***honesta e equilibrada***", assim como uma certa rede de propaganda sob obediência maçônica que em si mesma a promove).

Extracts froms news about Urrutigoity and Williamson

http://www.dailycatholic.org/issue/04May/may28ttt.htm

While he was a tiller of souls as the gardener of the harvest, he also found the necessity to weed out those who would weaken the soil. Such was the situation in 1997 when he expelled **Father Carlos Urrutigoity** and two seminarians from St. Thomas Aquinas Seminary. They subsequently took up refuge in the troubled diocese of Scranton, welcomed by the undiscerning **Bishop Timlin** who ignored the warnings of Bishops Williamson and Fellay. Now Timlin's successor in Scranton is reaping the bitter fruits of sexual abuse lawsuits by priests of the Society of Saint John which the rebellious Urrutigoity formed when he could not pass muster under Williamson's watchful, careful scrutiny. Thank God the Bishop was a good gardener and one of the signs of the SSPX to guard carefully not only the Sacred Deposit of the Faith, but the virtues of chastity and modesty.

http://www.sspxseminary.org/whoweare/winona.shtml

In the fall of 1993, the Seminary received two new professors: Fr. Juan Iscara and Fr. Carlos Urrutigoity. Fr. Iscara assumed duties teaching Moral Theology and Church History. Fr. Urrutigoity became professor of Dogma, Latin and Sacred Music. Through Fr. Urrutigoity’s influence, the Seminary would soon begin to focus heavily on perfecting the Gregorian chant of the seminarians.

(…)

The 1996-97 academic year began smoothly, but as the second semester approached, there was a certain restlessness at the Seminary. Cliques had formed, and an ever-widening rift became perceptible, dividing seminarians in everything from the Liturgy to Gregorian Chant to recreational activities. The initial signs of the problem seemed insignificant, but underlying the minor differences in taste was an unhealthy “Medievalism” – the desire to “restore” the tried and true curriculum according to a romanticized “medieval model,” leaving behind what were termed the excesses and deviations brought about by the Counter-Reformation. Five months later, it was discovered that a break-away society was secretly being planned. The Society of St. John was to establish a religious life without the despised “deviations” (which were in fact the glories of the Church).

This return to an imagined Golden Age was, in fact, the construction of something completely new; the Middle Ages are past and its return is impossible. In trying to execute such a project in today’s world, it would be necessary to introduce novelties that never existed in the history of the Church, much less in the Middle Ages. This is precisely what the Modernists did at Vatican II. Every

innovation was justified by the call of a return to the pristine purity of the ancient Church, while alongside there was the never avowed intention of avoiding the burdens that life according to the Church's doctrine and laws, and our own statutes, impose upon us.

After a long build-up, Bishop Williamson dismissed from the Seminary the "talented but proud young Argentinian priest" (to quote the Bishop) who had spearheaded the plans for the new society. He had seen this happen before: a recently-ordained, intellectually brilliant priest using his skills in an effort to reshape the SSPX in his own image and finally, when frustrated in his plans, resorting to subversion and disobedience – taking others with him in his fall. Such as these would have to go their own ways, while the Seminary continued to hand on what it received from Archbishop Lefebvre.

As a consequence of this affair, the Seminary lost two priests and over 12 seminarians. Following these painful events, the Seminary was solemnly consecrated to the Sacred Heart of Jesus on June 6th, to give glory to His name and reaffirm that the Seminary is His domain.

http://www.christorchaos.com/MarchtoOblivion.htm

Nevertheless, however, there are more than a handful of priests in the Society of Saint Pius X and in the Priestly Fraternity of Saint Peter who look fondly upon the *Ordo Missae* of 1965, which was in place for just five years before being replaced by the *Novus Ordo Missae* itself (which was a period precisely three years longer than the modernized 1961 Missal of John XXIII had been in place). There are still some priests in the Society of Saint Pius X, for example, who remain supportive, albeit privately, of the liturgical views of Father Carlos Urrutigoity, the founder of the corrupt Society of Saint John, which has now taken refuge under the protection, believe it or not, of the conciliar bishop of Ciudad del Este in Paraguay, Rogelio Livieres Plano (who issued a letter in support of the Society of Saint John on September 8, 2006), a little fact that should prove that perversion is no impediment to being welcomed in the official quarters of the conciliar church.

Urrutigoity's belief, expressed to me personally in an interview I conducted with him in Shohola, Pennsylvania, in November of 1999, is that "we should see where the liturgy would have gone" had there not been the "polemics" of the 1960s. In other words, "we" should be open to liturgical change so as not to "cement" the Mass according to any one Missal, which is why Urrutigoity, who had the full support of Pontifical Commission Ecclesia Dei, said that he would sometimes use the Missal of 1910 or the Missal of 1955 or the Missal of 1962 or the Missal of 1965, but never the Missal of 1969, he emphasized. Urrutigoity thus was in favor of some degree of "approved" liturgical experimentation, a view that he professed during his days as a teacher at Saint Thomas Aquinas Seminary in Winona, Minnesota, before his expulsion from the Society of Saint Pius X circa 1998.

There were some seminarians in Winona who supported Urrutigoity's liturgical approach but who did not want to denounce the late Archbishop Lefebvre by following him, Urrutigoity, out of the Society of Saint Pius X. There is at least some sympathy for Urrutigoity's view of the liturgy in some circles with the Society of Saint Pius X. Thus the very thing that has so devastated souls in the counterfeit church of conciliarism, liturgical experimentation, has varying degrees of support among some priests in the Society of Saint Pius X and among a few "priests" in the Priestly

Fraternity of Saint Peter, which has the additional "baggage" of "priests" within its ranks in France who will celebrate the Protestant and Judeo-Masonic service that is the *Novus Ordo Missae* at the behest of the local conciliar bishop (see Griff Ruby's **THE RESURRECTION OF THE ROMAN CATHOLIC CHURCH**, an excellent review of the entire history of the Traditional movement, "fair and balanced" as a certain Masonically-owned cable propaganda network advertises itself).

http://www.angelqueen.org/forum/viewtopic.php?t=5849

Fotocopie e difunda

O LIBERALISMO É PECADO

Pe. Félix Sardá y Salvany

- Introdução
- 1. Existe hoje algo que se chama liberalismo?
- 2. Que é o liberalismo?
- 3. Se o Liberalismo é pecado, e que pecado é.
- 4. Da especial gravidade do pecado do Liberalismo
- 5. Dos diferentes graus que podem existir e existem na unidade específica do Liberalismo
- 6. Do chamado liberalismo católico ou catolicismo liberal
- 7. Em que consiste provavelmente a essência ou razão intrínseca do liberalismo católico
- 8. Sombra e penumbra, ou a razão extrínseca desta mesma seita católico-liberal
- 9. Outra distinção importante: o liberalismo prático e o liberalismo especulativo ou doutrinal
- 10. O Liberalismo de todo matiz e caráter já foi formalmente condenado pela Igreja?
- 11. Da última e mais solene condenação do Liberalismo: o Syllabus
- 12. De algo que parece liberalismo e que não o é, e de algo que é liberalismo, ainda que não o pareça
- 13. Notas e comentários sobre a doutrina exposta no capítulo anterior
- 14. Pode o católico gloriar-se de ser liberal?
- 15. Uma observação simplíssima que acabará de mostrar a questão sob seu verdadeiro ponto de vista
- 16. Pode-se encontrar hoje o erro de boa-fé no liberalismo?
- 17. Dos vários modos como, sem ser liberal, um católico pode tornar-se cúmplice do liberalismo

- 18. Sinais mais comuns para reconhecer se um livro, jornal ou pessoa está infectado ou somente manchado de liberalismo
- 19. Principais regras de prudência cristã que o bom católico deve observar no trato com os liberais
- 20. Sobre a necessidade de precaver-se contra as leituras liberais
- 21. Da sã intransigência católica em oposição à falsa caridade liberal
- 22. Da caridade nas chamadas “formas de polêmica”, e se têm nisto razão os liberais contra os apologistas católicos
- 23. Se é conveniente, ao combater o erro, combater e desacreditar a personalidade de quem o sustenta e divulga.
- 24. Resposta a uma objeção, à primeira vista grave, contra a doutrina dos dois capítulos precedentes
- 25. Confirmação do que ultimamente disse um ponderadíssimo artigo de La Civiltá Cattolica
- 26. Continua a bela e contundente citação da Civiltá cattolica
- 27. Terminando a tão oportuna e decisiva citação de “La Civiltá Cattolica”
- 28. Se há ou pode haver na Igreja ministros de Deus atacados do horrível contágio do liberalismo
- 29. Que conduta deve observar o bom católico com os ministros de Deus contaminados de liberalismo?
- 30. O que se deve pensar das relações que o papa mantém com governos e personagens liberais
- 31. Dos caminhos por onde mais frequentemente os católicos caem no liberalismo
- 32. Causas permanentes do liberalismo na sociedade atual
- 33. Quais são os remédios mais eficazes e oportunos que devem ser aplicados aos povos dominados pelo liberalismo
- 34. Sinal claríssimo com o qual se poderá conhecer facilmente o que procede do espírito verdadeiramente católico e o que procede do espírito contaminado de liberalismo ou radicalmente liberal
- 35. Quais são os bons e quais os maus jornais, e o que se deve pensar do bem que se encontra nos maus e do mal que se encontra nos bons

Introdução

Não te assustes, pio leitor, e não comeces desde o princípio a mostrar cara feia a este opúsculo. Não o rejeiteis com espanto ao folheá-lo, porque por mais abrasadas e candentes que sejam as questões que nele ventilamos, e iremos esclarecer nestas familiares e amistosas conferências, não queimarás teus dedos com elas, pois o fogo de que se trata aqui é metáfora e nada mais.

Já sei, e em tom de desculpa me dirás, que não és o único que sente invencível repulsa e profundo horror por essas matérias. Sei muito bem o quanto esta maneira de pensar e sentir tornou-se uma enfermidade, uma espécie de mania quase que geral. Mas, diz-me, em consciência: se fugimos das questões candentes, isto é, das questões vivas, palpitantes, contemporâneas e atuais, a que assuntos de verdadeiro interesse a controvérsia católica pode consagrar-se? A combater inimigos vencidos há séculos, e que como mortos e putrefatos, jazem esquecidos de todos no panteão da história? Ou a tratar a sério e com muita cortesia assuntos de hoje, é verdade, mas acerca dos quais não há nenhum desacordo na opinião pública, e nada de hostil aos direitos sagrados da verdade?

Por Deus! E será para isto que nós nos chamamos soldados, nós os católicos, e dizemos representar como exército a Igreja, e chamamos capitão a Nosso Senhor? É será essa a vida de luta a que somos sem cessar intimados, desde que pelo batismo e pela crisma fomos armados cavaleiros de tão gloriosa milícia? Será guerra de brincadeira em que se luta contra inimigos imaginários, com armas de festim e espadas sem ponta, a que somente se exige que brilhem e façam vão ruído, porém sem ferir nem causar nenhum prejuízo ao inimigo?

Claro que não; porque se o catolicismo é a verdade divina, como de fato é, verdade e dolorosa verdade são também seus inimigos; verdade e sangrenta verdade, os combates que contra eles trava. Reais, portanto, e não pura fantasia de teatro, seus ataques e defesas. Verdadeiramente devemos nos lançar nessas empresas, verdadeiramente levá-las a cabo. Reais e verdadeiras devem ser, por conseguinte, as armas que se usem, reais e verdadeiros os golpes e revezes que se deem, reais e verdadeiros as feridas que se causem ou recebam.

Se abro a história da Igreja, em todas as suas páginas encontro essa verdade escrita muitas vezes com letras de sangue. Jesus Cristo, nosso Deus, anatematizou com energia sem igual a corrupção judaica; e frente a frente com as mais delicadas preocupações nacionais e religiosas da sua época, hasteou a bandeira da sua pregação, pagando-a com a vida.

Os apóstolos, ao sair do Cenáculo em dia de Pentecostes, não hesitaram um só minuto em lançar em rosto dos príncipes e magistrados de Jerusalém o assassinato judicial do Salvador; e por ter ousado, naquele momento, tocar uma questão tão candente, foram de pronto açoitados, e depois mortos.

Desde então, todo herói de nosso glorioso exército tornou famosa a respectiva questão candente que lhe coube elucidar, a questão candente, a do dia e não a já fria e passada, que não interessa

mais; nem a questão futura, que permanece nos segredos do porvir.

Os primeiros apologistas as elucidaram, no embate corpo a corpo com o paganismo coroado e sentado no trono imperial. Eram, portanto, questões candentes em que se arriscava a vida.

Atanásio, por exemplo, sofreu persecuções, desterros, fugas, ameaças de morte, excomunhões de falsos concílios, por causa da questão candentíssima do arianismo, que conturbou todo o mundo. E Agostinho, o grande campeão de todas as questões candentes do seu século, por acaso teve medo dos grandes problemas levantados pelos pelagianos, por que eram problemas de fogo?

Assim, de século em século, de época em época, a cada questão candente que o inimigo de Deus e do gênero humano traz incandescente das fornalhas infernais, a Providência suscita um homem, ou muitos homens que, como martelos de grande potência, batem fortemente nos erros candentes. Pois martelar sobre ferro candente é bom trabalho; e martelar sobre ferro frio é trabalhar em vão.

Martelo dos simoníacos e dos concubinários da Alemanha foi Gregório VII; Martelo de Averróis e dos falsos aristotélicos foi Tomás de Aquino; martelo de Abelardo foi Bernardo de Claraval; martelos dos albigenses foi Domingos de Gusmão, e assim até nossos dias. E se perderia muito tempo ao percorrer a história passo a passo para comprovar uma verdade que, de tão evidente, não merece discussão; mas, assim deve ser, por causa de tantos infelizes que, à força de levantar poeira, se empenham em obscurecer a própria evidência.

Basta pois deste assunto, amigo leitor; e dando um pequeno passo a mais, te direi, em segredo, para que ninguém nos ouça, que assim como cada século teve suas questões candentes, também o nosso deve necessariamente ter as suas. E uma delas, a questão das questões, a questão maior, tão incandescente que não se pode tocá-la sem que solte fagulhas por todos os lados, é a questão do liberalismo.

"São muitos os perigos que corre a fé do povo nestes tempos", disseram há pouco os sábios e valentes prelados da província eclesiástica de Burgos, "mas se resumem num só: que é, digamos assim, seu grande denominador comum: o naturalismo... Chame-se racionalismo, socialismo, revolução ou liberalismo, por sua maneira de ser e sua própria essência será sempre a negação franca ou artificiosa, mas radical, da fé cristã, e por conseguinte importa evitá-lo com diligência, assim como importa salvar as almas".

A questão candente de nosso século está oficialmente formulada nesta grave declaração. E, com ainda maior autoridade e claridade, pronunciou-se no mesmo sentido e repetidamente, em centenas de documentos, o grande Pio IX. Pronunciou-se assim também ao mundo, não com menos afinco, nosso atual Pontífice Leão XIII, na Encíclica *Humanus Genus.* Encíclica que deu, dá e dará o que falar, e que talvez não seja ainda a última palavra da Igreja de Deus sobre essas matérias.

E por que o liberalismo haveria de ter, sobre todas as demais heresias que o precederam, um privilégio especial de respeito e quase de inviolabilidade? Seria porque na negação radical e absoluta da soberania divina ele as resume e compreende todas? Seria porque mais que qualquer outra, estendeu sua infecção e gangrena por todo o corpo social? Ou seria porque, como justo

castigo de nossos pecados, realizou o que jamais havia realizado nenhuma heresia: ser erro oficial, legalizado, entronizado nos conselhos dos príncipes e todo-poderoso no governo dos povos? Não, porque esses motivos são precisamente os que devem mover e forçar todo bom católico a pregar e sustentar contra o liberalismo, custe o que custar, aberta e generosa cruzada.

A este inimigo, a este lobo, temos nós, que recebemos do céu a missão de cooperar para a saúde espiritual do povo cristão, temos de gritar a todas as horas, seguindo a ordem do Pastor Universal.

A campanha está aberta, e esta série de breves e familiares conferências começada. Não será antes, porém, que eu tenha declarado que todas e cada uma das minha afirmações, nos menores detalhes, ficam sujeitas ao inapelável juízo da Igreja, único oráculo seguro de infalível verdade.

Sabadell, mês do Santíssimo Rosário,1884

1. Existe hoje algo que se chama liberalismo?

Sem dúvida alguma, e a não ser que todos os homens de todas as nações da Europa e da América, regiões principalmente infestadas desta epidemia, tenham concordado em nos enganar ou nos fazer de enganados, seria desnecessário ocuparmo-nos em demonstrar a seguinte assertiva: existe hoje no mundo uma escola, um sistema, um partido, uma seita, ou chame-se como quiser, conhecida por seus amigos e por seus inimigos com o nome de liberalismo.

Os seus jornais, associações e governos qualificam-se abertamente de liberais. Seus adversários lançam-lhes ao rosto este nome e eles não protestam, se desculpam nem atenuam a acusação.

Mais ainda: lê-se diariamente que existem correntes liberais, tendências, reformas, projetos, personagens, datas e recordações, idéias e programas liberais. Em contrapartida, dá-se o nome de anti-liberalismo, clericalismo, reacionarismo ou ultramontanismo a tudo o que se opõe ao sentido dado à palavra “liberal”.

É, portanto, incontestável que existe atualmente uma certa coisa que se chama liberalismo e uma certa outra coisa que se chama anti-liberalismo. Como muito acertadamente já se disse, liberalismo é uma palavra de divisão, pois tem dividido o mundo em dois campos opostos.

Mas não é só uma palavra, pois a toda palavra corresponde uma idéia; nem é só uma idéia, pois a uma idéia corresponde de fato toda uma ordem de acontecimentos exteriores. Existe então o liberalismo, isto é, existem doutrinas liberais, obras liberais e, conseqüentemente, existem homens que professam doutrinas e praticam obras liberais. Ora, esses homens não são indivíduos isolados; eles vivem e trabalham como um grupo organizado com um fim comum, unanimemente aceito, sob a direção de chefes nos quais reconhecem o poder e a autoridade. O liberalismo, pois, não é apenas uma idéia, uma doutrina, uma obra, mas é sobretudo uma seita.

Portanto é evidente que quando tratamos de liberalismo e de liberais, não estudamos seres imaginários, puros conceitos intelectuais, mas realidades verdadeiras e palpáveis do mundo exterior. Bastante verdadeiras e palpáveis, infelizmente!

Sem dúvida nossos leitores terão observado que, em tempos de epidemia, a primeira preocupação que se manifesta é sempre a de sustentar que ela não existe. Não há lembrança, nas diferentes epidemias que nos afligiram no século presente ou nos séculos passados, de que uma só vez tenha deixado de se passar este fenômeno:

A enfermidade já devorou em silêncio grande número de vítimas e dizimou a população, quando enfim se começa a reconhecer que ela existe. Os comunicados oficiais têm sido por vezes os mais

entusiasmados propagadores da mentira, e há casos em que a própria autoridade impôs até penas aos que afirmaram a realidade da epidemia.

O que se produz na ordem moral de que estamos tratando é análogo. Depois de cinqüenta anos ou mais vivendo em pleno liberalismo, ainda ouvimos pessoas respeitáveis nos perguntarem com assombrosa candidez: “Ah! Levas a sério essa de liberalismo? Não serão talvez apenas exageros do rancor político? Não valeria mais esquecer essa palavra que nos divide e nos indispõe uns contra os outros?”

Quando a infecção se difunde na atmosfera a ponto de a maior parte dos que a respiram se habituarem à contaminação e já não sentirem mais a infecção no ar, é sinal de um gravíssimo sintoma!

Logo o liberalismo existe, caro leitor; é um fato, e disto não te permitas nunca duvidar.

2. Que é o liberalismo?

Ao estudar um objeto qualquer, depois da pergunta sobre sua existência, an sit?, faziam os antigos escolásticos a de sua natureza, quid sit? É desta que vamos nos ocupar no presente capítulo.

Que é o liberalismo?

Na ordem das idéias, é um conjunto de idéias falsas; na ordem dos fatos, é um conjunto de fatos criminosos, conseqüência prática daquelas idéias.

Na ordem das idéias, o liberalismo é o conjunto dos chamados princípios liberais, com as conseqüências lógicas que deles derivam. São princípios liberais: a absoluta soberania do indivíduo, com inteira independência de Deus e de sua autoridade; a soberania da sociedade, com absoluta independência do que não provenha dela mesma; a soberania popular, isto é, o direito do povo de legislar e governar com absoluta independência de todo critério que não seja o da sua própria vontade, expressa primeiro por sufrágio e depois pela maioria parlamentar; a liberdade de pensamento sem limites políticos, morais ou religiosos; a liberdade de imprensa, igualmente absoluta ou insuficientemente limitada; e a liberdade de associação também ilimitada.

São esses os princípios liberais em seu mais cru radicalismo.

O seu fundo comum é o racionalismo individual, o racionalismo político e o racionalismo social, de onde derivam: a liberdade de culto, mais ou menos restrita; a supremacia do Estado em suas relações com a Igreja; o ensino laico ou independente, sem laço algum com a religião; o matrimônio legislado e sancionado unicamente pela intervenção do Estado. Sua última palavra, que tudo abarca e sintetiza, é “secularização”, isto é, a não intervenção da religião em qualquer ato da vida pública, verdadeiro ateísmo social que é a conseqüência última do liberalismo.

Na ordem dos fatos, o liberalismo é um conjunto de obras inspiradas e reguladas por esses princípios; tais como as leis de desamortização[1]; a expulsão das ordens religiosas; os atentados de todo gênero — oficiais e extraoficiais — contra a liberdade da Igreja; a corrupção e o erro publicamente autorizados, seja na tribuna, na imprensa, nas diversões e nos costumes; a guerra sistemática contra o catolicismo e tudo o que é tachado de clericalismo, teocracia, ultramontanismo etc.

É impossível enumerar e classificar os atos que constituem a ação prática liberal, pois compreendem desde o ministro e o diplomata que legislam ou intrigam, até o demagogo que discursa no clube ou que assassina na rua; desde o tratado internacional ou a guerra iníqua, que usurpa do papa o seu principado temporal, até a mão que ambiciona o dote da monja ou que se apodera da candeia do altar; desde o livro pretensamente profundo e erudito que se passa como leitura na universidade, até a vil caricatura que faz a alegria dos bufões na taverna. O liberalismo prático é um mundo completo: tem suas máximas, modas, artes, literatura, diplomacia, leis, maquinações e atropelos. É o mundo de Lúcifer, disfarçado hoje sob o nome de liberalismo, e em

oposição radical e guerra aberta com a sociedade dos filhos de Deus — a Igreja de Jesus Cristo.

Eis o liberalismo do ponto de vista da doutrina e da prática.

---

[1] Série de leis de confisco e desapropriação da propriedade visando, principalmente, à propriedade eclesiástica.

3. Se o Liberalismo é pecado, e que pecado é.

O liberalismo é pecado, seja considerado na ordem das doutrinas, seja na ordem dos fatos.

Na ordem das doutrinas, é pecado grave contra a fé, porque suas doutrinas são uma heresia.

Na ordem dos fatos, é pecado contra os mandamentos da lei de Deus e de sua Igreja, porque infringe a todos. Para esclarecer: na ordem das doutrinas, o liberalismo é a heresia radical e universal, porque compreende todas as heresias. Na ordem dos fatos, é a infração radical e universal da lei de Deus, porque autoriza e sanciona todas as outras infrações.

Procedamos por partes na demonstração.

Na ordem das doutrinas o liberalismo é uma heresia. Heresia é toda doutrina que nega formalmente e de maneira pertinaz um dogma da fé cristã. Ora, o liberalismo doutrinal começa por negar todos os dogmas do cristianismo em geral, e depois nega cada um deles em particular.

Ele os nega todos em geral quando afirma ou supõe a independência absoluta da razão individual no indivíduo, e da razão social ou critério público na sociedade.

Dizemos “afirma” ou “supõe", porque às vezes o princípio liberal não é afirmado nas conseqüências secundárias, mas tem-se já por suposto e admitido.

Ele nega a jurisdição absoluta de Cristo Deus sobre os indivíduos e as sociedades e, por conseqüência, nega a jurisdição delegada que o chefe visível da Igreja recebeu de Deus sobre todos e cada um dos fiéis, qualquer que seja sua condição e dignidade.

Nega a necessidade da revelação divina e a obrigação que tem o homem de admiti-la, se quer alcançar seu fim último.

Nega o motivo formal da fé, isto é, a autoridade de Deus que revela, admitindo da doutrina revelada apenas algumas verdades que seu curto entendimento alcança.

Nega o magistério infalível da Igreja e do Papa e, desta forma, nega todas as doutrinas definidas e ensinadas por eles.

E, depois dessa negação geral e em bloco, o liberalismo nega cada um dos dogmas, parcialmente ou por inteiro, à que medida que, segundo as circunstâncias, os encontra opostos ao seu juízo racionalista. Assim, por exemplo, ele nega a fé do batismo quando admite ou supõe a igualdade dos cultos; nega a santidade do matrimônio quando estabelece a doutrina do chamado matrimônio

civil; nega a infalibilidade do Pontífice Romano quando recusa admitir como leis seus mandatos oficiais e seus ensinamentos, sujeitando-os ao seu exequatur, não para assegurar-se da autenticidade, como se praticava outrora, mas para julgar o seu conteúdo.

Na ordem dos fatos, o liberalismo é a imoralidade radical.

Ele o é porque destrói o princípio, ou regra fundamental de toda moral, que é a razão eterna de Deus impondo-se à razão humana; porque canoniza o absurdo princípio da moral independente, que é no fundo a moral sem lei, a moral livre, ou, o que é o mesmo, a moral que não é moral, pois a idéia de moral implica não só a idéia de direção, mas contém ainda essencialmente a idéia de refreio ou de limite. Ademais, o liberalismo é todo imoralidade, porque em seu processo histórico cometeu e sancionou como lícita a infração de todos os mandamentos, desde o que manda o culto de um só Deus, que é o primeiro do Decálogo, até o que prescreve o pagamento dos direitos temporais da Igreja e que é o último dos cinco que Ela promulgou[1].

Pode-se dizer então que o liberalismo, na ordem das idéias, é o erro absoluto, e que na ordem dos fatos é a desordem absoluta. Por conseguinte, nos dois casos, é pecado grave, ex genero suo, pecado gravíssimo, pecado mortal.

---

[1] Quinto Mandamento da Igreja: Ajudá-la em suas necessidades materiais.

4. Da especial gravidade do pecado do Liberalismo

Ensina a teologia católica que nem todos os pecados graves são igualmente graves, mesmo na condição essencial que os distingue dos pecados veniais.

Há graus no pecado, mesmo dentro da categoria dos pecados mortais, assim como há graus de boas obras dentro da categoria das boas obras e conformes à lei de Deus. A blasfêmia, por exemplo, que ataca diretamente a Deus, é um pecado mortal mais grave do que um pecado que ataca diretamente o homem, como o roubo.

Pois bem, à exceção do ódio formal contra Deus e da desesperação absoluta, que raríssimas vezes são cometidos pela criatura, a não ser no inferno, os pecados mais graves de todos são os pecados contra a fé. A razão é evidente. A fé é o fundamento de toda a ordem sobrenatural e o pecado é pecado enquanto ataca algum ponto dessa ordem sobrenatural; por conseguinte, o pecado máximo é aquele que ataca o fundamento primordial dessa ordem.

Um exemplo para aclarar: talha-se uma árvore, cortando-lhe algum de seus ramos. Quanto mais importante o ramo que se retira, maior será o dano. Se se cortar o tronco ou a raiz o dano será mais grave ou mortal. Santo Agostinho, citado por Santo Tomás, dá ao pecado contra a fé esta fórmula incontestável: Hoc est peccatum quo tenentur cuncta peccata — “Este é um pecado que contêm todos os pecados”.

O Doutor Angélico discorre sobre esse ponto com sua habitual clareza: “Tão mais grave é um pecado, quanto mais por ele o homem se separa de Deus. Pelo pecado contra a fé, o homem se separa o mais que pode de Deus, pois se priva de seu verdadeiro conhecimento; daí que, conclui o Santo Doutor, o pecado contra a fé é o maior que se conhece.” [1]

Porém, o pecado contra a fé é ainda mais grave quando não é simplesmente uma ausência culpável dessa virtude e desse conhecimento de Deus, mas negação e ataque formal aos dogmas expressamente definidos pela revelação divina. Neste caso, o pecado contra a fé, em si gravíssimo, adquire uma gravidade ainda maior, que constitui o que se chama “heresia”. Ele inclui toda a malícia da infidelidade, além de um protesto expresso contra um ensinamento da fé que, sendo falso e errôneo, é condenado pela mesma fé. Esse pecado gravíssimo contra a fé é agravado pela obstinação e contumácia, e por uma preferência orgulhosa: a da razão própria à razão de Deus.

Portanto as doutrinas heréticas e as obras heréticas constituem o maior pecado de todos, à exceção do ódio formal a Deus, ódio de que são capazes, como já dissemos, apenas os demônios e os condenados.

Por conseguinte o liberalismo, que é uma heresia, e as obras liberais, que são obras heréticas, são os pecados máximos que conhece o código da fé cristã.

Desta maneira, salvo os casos de boa-fé, de ignorância e de indeliberação, o fato de ser liberal constitui um pecado maior do que ser blasfemo, ladrão, adúltero, homicida, ou qualquer outra coisa que proíba a lei de Deus e que castigue sua justiça infinita.

O moderno naturalismo não o entende assim, é verdade. Mas as leis dos Estados católicos sempre o creram assim, até o advento da presente era liberal. A lei da Igreja assim prossegue ensinando, e assim continua julgando o tribunal de Deus. Sim, a heresia e as obras heréticas são os piores pecados de todos, e, portanto, o liberalismo e os atos liberais são, ex genere suo, o mal acima de todo mal.

---

[1] II-II, q.10, a.3.

5. Dos diferentes graus que podem existir e existem na unidade específica do Liberalismo

O liberalismo, como sistema de doutrinas, pode ser chamado de escola; como organização de adeptos para difundi-las e propagá-las, de seita; como agrupamento de homens dedicados a fazê-las prevalecer na esfera do direito público, de partido. Mas, quer se considere o liberalismo como escola, seita, ou partido, vê-se que ele oferece, dentro de sua unidade lógica e específica, diferentes graus ou matizes que o teólogo católico deve estudar e expor.

Antes de tudo, convém notar que o liberalismo é uno, isto é, constitui um organismo de erros perfeita e logicamente encadeados, motivo pelo qual o chamamos de sistema. Com efeito, se partirmos do seu princípio fundamental, a saber, que o homem e a sociedade são perfeitamente autônomos ou livres, com absoluta independência de qualquer outro critério natural ou sobrenatural que não seja o individual, chegaremos, por uma perfeita dedução de conseqüências, a tudo aquilo que a demagogia mais avançada proclama em seu nome.

A Revolução não tem nada de grande, a não ser sua inflexível lógica. Até os seus atos mais despóticos, executados em nome da liberdade, e que à primeira vista tachamos de inconseqüências monstruosas, obedecem a uma elevadíssima lógica. Porque se a sociedade reconhece como única lei social a opinião da maioria, não admitindo outro critério ou regulador, como se pode negar ao Estado o direito absoluto de cometer todo tipo de atropelo contra a Igreja, todas as vezes que, segundo seu único critério social, achar conveniente fazê-lo?

Admitindo-se que a maioria tem sempre razão, admite-se também que a única lei é a do mais forte, e assim, muito logicamente, se pode chegar até as últimas brutalidades.

Entretanto, apesar dessa unidade lógica do sistema, os homens não são sempre lógicos, e isto produz dentro dessa unidade a mais assombrosa variedade ou gradação de tintas. As doutrinas derivam necessariamente e por virtude própria umas das outras; mas os homens, ao aplicá-las, são em geral ilógicos e inconseqüentes.

Se os homens levassem até as últimas conseqüências seus princípios, eles seriam todos santos, quando os princípios fossem bons; e todos demônios do inferno, quando os princípios fossem

maus.

É a inconseqüência que faz meio bons os homens bons, e meio maus os homens maus.

Aplicando essas observações ao presente assunto do liberalismo, nós diremos que, pela graça de Deus, encontram-se relativamente poucos liberais completos; o que não impede que a maioria, ainda que não tenha atingido o último limite da depravação liberal, seja composta de verdadeiros liberais, ou seja, verdadeiros discípulos, partidários ou sectários do liberalismo (conforme se considere o liberalismo uma escola, seita ou partido).

Examinemos estas variedades da família liberal.

Há liberais que aceitam os princípios, mas fogem das conseqüências, pelo menos das mais cruas e extremas.

Outros aceitam uma ou outra conseqüência ou aplicação que lhes agrada, enquanto são escrupulosos em aceitar radicalmente os princípios.

Quiseram alguns o liberalismo aplicado tão somente ao ensino; outros, à economia; outros tão só às formas políticas.

Só os mais avançados pregam sua aplicação em tudo e para tudo. As atenuações e mutilações do credo liberal são tão numerosas quanto numerosos são os favorecidos ou prejudicados por sua aplicação. Pois, geralmente, existe o erro de crer que o homem pensa com a inteligência, quando o usual é que pense com o coração, e muitas vezes ainda com o estômago.

Daí que os diferentes partidos liberais preguem o liberalismo em diversos graus, assim como o taberneiro serve aguardente em diversos graus, ao gosto do consumidor.

É por isso que não existe liberal para quem seu vizinho mais avançado não seja um brutal demagogo, ou seu vizinho menos avançado não seja um furioso reacionário. É questão de escala alcoólica e nada mais. Assim, tanto os que em Cádis batizaram hipocritamente em nome da Santíssima Trindade seu liberalismo, como os que, nestes últimos tempos, têm como lema o grito "Guerra a Deus!", ocupam degraus diferentes na escala liberal. E a prova disto é que todos aceitam e invocam o denominador comum de liberal.

O critério liberal ou independente é sempre o mesmo para todos, ainda que as aplicações sejam mais ou menos acentuadas de acordo com os indivíduos.

De que depende essa maior ou menor intensidade? Muitas vezes dos interesses; não poucas vezes do temperamento; de certos traços de educação que impedem alguns de darem os passos precipitados que outros dão; de respeitos humanos, talvez, ou de considerações de família; de relações e amizades etc., etc. Sem contar a tática satânica que às vezes aconselha o homem a não radicalizar uma idéia, a fim de não alarmar as pessoas, de torná-la mais viável e facilitar sua aplicação.

Essa maneira de proceder pode, sem juízo temerário, ser atribuída a certos liberais conservadores, entre os quais sob a máscara de conservadorismo se oculta, comumente, um franco demagogo.

Mas, nos “semi-liberais”, em geral, a caridade pode supor certa dose de candor e de natural bonhomie ou tolice, que, embora não os torne inimputáveis, como mostraremos depois, obriga, não obstante, que se tenha para com eles alguma compaixão.

Fica pois demonstrado, caro leitor, que o liberalismo é um só, ao passo que os liberais, assim como o mau vinho, têm diferentes cores e sabores.

6. Do chamado liberalismo católico ou catolicismo liberal

De todas as inconseqüências e antinomias que se encontram nos graus médios do liberalismo, a mais repugnante e odiosa é a que pretende nada menos que unir o liberalismo com o catolicismo, para formar o que se conhece na história dos modernos desvarios pelo nome de “liberalismo católico” ou “catolicismo liberal”. E todavia ilustres inteligências e honradíssimos corações, que não podemos crer mal-intencionados, pagaram tributo a esta absurdidade! O liberalismo teve sua época de moda e prestígio que, graças ao céu, vai passando ou já passou.

Nasceu este funesto erro de um desejo exagerado de conciliar e pacificar a coexistência de doutrinas forçosamente inconciliáveis e inimigas por sua própria essência.

O liberalismo é o dogma da independência absoluta da razão individual e social. O catolicismo é o dogma da sujeição absoluta da razão individual e social à lei de Deus.

Como conciliar o sim e o não de doutrinas tão opostas?

Isto pareceu fácil aos fundadores do liberalismo católico. Alegaram uma razão individual, sujeita à lei do Evangelho, e inventaram uma razão pública ou social, coexistente com ela e livre de todo entrave. Disseram: “O Estado como tal não deve ter Religião, ou deve tê-la somente até certo ponto, que não disturbe os que não queiram tê-la”. Assim, o cidadão particular deve sujeitar-se à revelação de Jesus Cristo, mas por sua vez o homem público pode comportar-se como se a revelação não existisse. Deste modo compuseram a célebre fórmula: “Igreja livre no Estado livre”. Fórmula para cuja propagação e defesa se juramentaram na França vários católicos insignes, e entre eles um ilustre bispo [1].

Esta fórmula devia ser suspeita, desde que Cavour a tomou como divisa da revolução italiana contra o poder temporal da Santa Sé, porém nenhum de seus autores ainda se retratou formalmente, segundo sabemos, malgrado o seu evidente fracasso.

Esses ilustres sofistas não viram que, se a razão individual tem a obrigação de submeter-se à lei de Deus, a razão pública e social não pode dela se subtrair, sem cair num dualismo extravagante, que submete o homem à lei de dois critérios opostos e de duas consciências opostas. De modo que a distinção do homem privado e do homem público, o primeiro obrigado a ser cristão, e o segundo autorizado a ser ateu, cai imediatamente ao chão sob o peso esmagador da lógica integralmente católica. O Syllabus, do qual falaremos adiante, acabou de afundar esta tese, sem chance de

remissão. Resta ainda desta brilhante mas funestíssima escola um e outro discípulo tardio, que já não se atreve a sustentar publicamente a teoria católico-liberal da qual foram em outros tempos fervorosos panegiristas, mas à qual ainda seguem obedecendo na prática; talvez, não se dão conta de que querem pescar com redes que, de tão conhecidas e usadas, o diabo já mandou recolher.

---

[1] Alusão à famosa reunião presidida por Dom Félix Dupanloup no castelo de la Roche-em-Breny, na Borgonha, na casa de Montalembert, que colocará em seguida, ele mesmo, na sua capela privada, a seguinte inscrição: “Neste oratório, Félix, Bispo de Orléans, distribuiu o pão da palavra e o pão da vida cristão a um pequeno rebanho de amigos que, depois de longo tempo acostumados a combater juntos pela Igreja livre na pátria livre, renovaram o pacto de consagrar o resto de suas vidas a Deus e à liberdade. 12 de outubro de 1862.”

Estavam presentes: Alfredo, conde de Falloux, Théophile Foisset, Augustin Cochin, Charles de Montalembert; ausente de corpo mas presente de espírito: Alberto, príncipe de Broglie.

7. Em que consiste provavelmente a essência ou razão intrínseca do liberalismo católico

Se refletirmos sobre a essência do liberalismo chamado católico (comumente chamado “catolicismo liberal”), veremos que, provavelmente, ela consiste apenas num falso conceito do ato de fé. Os católicos liberais parecem fundamentar toda a razão de sua fé não na autoridade de Deus, infinitamente veraz e infalível, que Se dignou revelar-nos o caminho único que nos há de conduzir à bem-aventurança sobrenatural, mas na livre apreciação de um juízo individual, que dita ao homem ser melhor uma crença do que qualquer outra. Não querem reconhecer o magistério da Igreja como único autorizado por Deus a apresentar aos fiéis a doutrina revelada e a determinar-lhe o verdadeiro sentido. Ao contrário, fazendo-se a si mesmos juízes da doutrina, aceitam dela o que lhes agrada, reservando-se porém o direito de crer no contrário, sempre que supostas razões pareçam demonstrar como falso hoje o que parecia verdadeiro ontem.

Para refutar essa pretensão basta conhecer a doutrina fundamental de Fide, exposta sobre esta matéria pelo Santo Concílio Vaticano [1].

Ademais, os católicos liberais se intitulam católicos porque crêem firmemente que o catolicismo é a verdadeira revelação do Filho de Deus; mas se intitulam católicos liberais, ou católicos livres, porque julgam que uma crença não lhes pode ser imposta, a eles nem a ninguém, por nenhum motivo senão o da sua livre apreciação. De maneira que, sem perceberem, o diabo maliciosamente substituiu neles o princípio sobrenatural da fé pelo princípio naturalista do livre exame. Com isso, ainda que julguem ter a fé das verdades cristãs, não a têm verdadeiramente, mas possuem simples convicção humana, a qual é essencialmente distinta daquela.

Por conseguinte, julgam a sua inteligência livre para crer ou não crer, e igualmente livre a de todos os outros. Na incredulidade, pois, não vêem um vício, enfermidade, ou cegueira voluntária do entendimento e mais ainda do coração, mas um ato lícito do foro interno de cada um, tão senhor de si para crer em certa coisa, como para não crer em coisa alguma. O seu horror à toda pressão exterior moral ou física, que previna ou castigue a heresia decorre dessa doutrina, e produz entre eles o seu horror às legislações civis francamente católicas. Daí o profundo respeito com o qual querem sempre tratar as crenças alheias, mesmo as mais opostas à verdade revelada; porque, para eles, as mais falsas são tão sagradas quanto as verdadeiras, já que todas nascem de um

mesmo princípio igualmente sagrado: a liberdade individual. É assim que se erige em dogma o que se chama tolerância, e que se impõe à apologética católica contra os hereges um novo código de leis, que nunca conheceram na antiguidade os grandes polemistas do catolicismo.

Sendo essencialmente naturalista seu conceito primário da fé, segue-se que é naturalista também todo seu desenvolvimento no indivíduo e na sociedade. Daí resulta que a apreciação primeira e, às vezes, exclusiva que os católicos liberais fazem da Igreja, se limita às vantagens culturais e civilizacionais que proporciona aos povos. Esquecem e quase nunca citam seu fim primário, sobrenatural, que é a glorificação de Deus e a salvação das almas. Diversas apologias católicas escritas na época presente estão repletas deste falso conceito. De modo que, para tais pessoas, se o catolicismo por infelicidade tivesse sido causa em algum tempo de atraso material para os povos, já não seria verdadeira nem louvável, em boa lógica, essa religião. E, com certeza, assim já se passou [na história], pois que, para alguns indivíduos e famílias, o ser fiéis à sua religião é ocasião de verdadeira ruína material; e nem por isso deixa ela de ser menos excelente e divina.

Este critério é o que dirige a pluma da maior parte dos periódicos liberais; se eles lamentam a demolição de um templo, só assinalam ao leitor a profanação da arte. Se advogam em favor das ordens religiosas, é apenas para ponderar os benefícios que prestaram às letras; se exaltam as Irmãs da Caridade, é tão-só em consideração aos serviços humanitários com que suavizam os horrores da guerra; se admiram o culto, não é senão por causa de seu brilho exterior e poesia; se na literatura católica respeitam as Sagradas Escrituras, é porque se fixam apenas em sua majestosa sublimidade.

Deste modo de louvar as coisas católicas apenas por sua grandeza, beleza, utilidade ou excelência material, resulta logicamente que o erro, quando reunir essas condições, merece iguais louvores, como sem dúvida as reúne, aparentemente e em certos momentos, algumas das falsas religiões.

A maléfica ação deste princípio naturalista chega até mesmo à piedade, e a converte em verdadeiro pietismo, quer dizer, em falsificação da piedade verdadeira. Vemos isto em tantas pessoas que não buscam nas práticas devotas senão a emoção, o que é puro sensualismo da alma e nada mais. Também vemos inteiramente enfraquecido hoje em muitas almas o ascetismo cristão, que é a purificação do coração por meio da repressão dos apetites, e desconhecido o misticismo cristão, que não é a emoção, nem a consolação interior, nem outra dessas delícias humanas, mas a união com Deus por meio da sujeição à sua santíssima vontade e do amor sobrenatural.

Por isso, o catolicismo de um grande número de pessoas em nosso tempo é um catolicismo liberal, ou, mais exatamente, um catolicismo falso. Não é catolicismo, mas um simples naturalismo, um racionalismo puro; é, numa palavra, se nos permitem a expressão, paganismo com linguagem e formas católicas.

---

[1] Vaticano I (1870-1871).

8. Sombra e penumbra, ou a razão extrínseca desta mesma seita católico-liberal

Após termos visto no capítulo anterior a razão intrínseca, ou formal, do liberalismo católico, passemos agora a examinar o que poderíamos chamar sua razão extrínseca, histórica, ou material, se a nossos leitores agradar mais essa classificação escolástica.

As heresias que estudamos hoje, no vasto curso dos séculos que intervalam a vinda de Jesus Cristo e os tempos em que vivemos, mostram-se a nós, à primeira vista, como pontos clara e definitivamente circunscritos a seu respectivo período histórico. De modo que parece possível demarcar, como que a compasso, o ponto onde elas começam e onde acabam, ou seja, a linha geométrica que separa esses pontos negros do restante do campo luminoso em que se estendem.

Mas essa apreciação, se a consideramos com atenção, não é mais que uma ilusão causada pela distância. Um estudo mais aprofundado, que com a lente de uma boa crítica nos aproxime dessas épocas, e nos ponha em contato intelectual com elas, permite-nos observar que nunca em nenhum período histórico os limites que separam o erro da verdade foram bastante geometricamente definidos. Não que a verdade, em sua realidade própria, não esteja clarissimamente formulada nas definições da Igreja, mas, porque, na sua apreensão e profissão exterior, a respectiva geração manifesta um modo mais ou menos franco de negá-la ou professá-la.

O erro na sociedade é como uma mancha num precioso tecido. Identifica-se claramente, mas é difícil precisar seus limites. Suas fronteiras são vagas como os crepúsculos que separam o dia que morre da noite que se aproxima, ou como a aurora que religa as últimas sombras da noite ao dia que renasce. Esses limites precedem o erro, que é uma negra sombra; eles o seguem e rodeiam de uma vaga penumbra, que pode por vezes ser identificada com a própria sombra, iluminada ainda por um e outro reflexo de luz moribunda, ou com a própria luz, encoberta e escurecida já pelas primeiras sombras.

Assim, todo erro claramente formulado na sociedade cristã teve em torno de si outra atmosfera do mesmo erro, porém menos densa, e mais tênue e mitigada. O arianismo teve o seu semi-arianismo; o pelagianismo, o semi-pelagianismo; o luteranismo feroz, o jansenismo, que não foi senão um luteranismo moderado. Do mesmo modo na época presente, o liberalismo radical tem em torno de si seu semi-liberalismo, que outra coisa não é que a seita católico-liberal que estamos aqui examinando.

É o que o Syllabus chamou de racionalismo moderado; é o liberalismo sem a franca crueza de seus princípios descobertos, e sem o horror de suas últimas conseqüências: o liberalismo para uso dos que não consentem ainda em deixar de parecer ou crer-se católicos.

O liberalismo é o triste crepúsculo da verdade que começa a obscurecer-se na inteligência, ou da heresia que ainda não tomou completa possessão dela. Observamos com efeito que costumam ser católicos-liberais os católicos que vão deixando de ser firmes católicos, e os liberais puros que, desiludidos em parte de seus erros, não chegaram ainda plenamente aos domínios da verdade íntegra. É o meio sutil e engenhosíssimo que encontrou sempre o diabo para reter em seu serviço muitos que, de outro modo, teriam detestado verdadeiramente, se as tivessem conhecido, suas maquinações infernais.

Este meio satânico consiste em permitir que tenham um pé no terreno da verdade, desde que tenham o outro já completamente no campo oposto. É desta forma que os que ainda não têm a consciência calejada evitam os salutares horrores do remorso; é assim igualmente que os espíritos pusilânimes e vacilantes, que são a maior parte, evitam os compromissos das resoluções decisivas; é assim que os oportunistas conseguem figurar, segundo lhes convém, um pouco em cada campo, mostrando-se em ambos como amigos e filiados; é assim que, finalmente, o homem pode aplicar um paliativo oficial e reconhecido à maior parte de suas misérias, debilidades e inconseqüências.

Talvez a presente questão não tenha sido ainda devidamente estudada por este lado, na história antiga e contemporânea. Se este lado é o menos nobre, é por isso mesmo o mais prático, já que infelizmente, é no menos nobre e elevado que muitas vezes se encontra o mecanismo secreto da maior parte dos fenômenos humanos. De nossa parte, pareceu-nos conveniente fazer aqui esta indicação, deixando a inteligências mais hábeis e experimentadas o cuidado de completá-la e desenvolvê-la.

9. Outra distinção importante: o liberalismo prático e o liberalismo especulativo ou doutrinal

A filosofia e a teologia ensinam que há duas classes de ateísmo: um doutrinal e especulativo, e outro prático. O primeiro consiste em negar franca e redondamente a existência de Deus, pretendendo anular ou desconhecer as provas irrefutáveis em que esta verdade se sustenta. O segundo consiste em viver e agir sem negar a existência de Deus, mas como se Deus não existisse realmente. Os primeiros chamam-se ateus teóricos ou doutrinais, os segundos ateus práticos, e são os mais numerosos.

O mesmo ocorre com o liberalismo e com os liberais. Há liberais teóricos e liberais práticos. Os primeiros são os dogmatizadores da seita: filósofos, professores, deputados ou jornalistas. Ensinam o liberalismo em seus livros, discursos ou artigos, por argumentos e por autoridade, em conformidade com um critério racionalista em oposição velada ou manifesta ao critério da revelação divina e sobrenatural de Jesus Cristo.

Os liberais práticos são a maioria do grupo, os ingênuos, que crêem de pés juntos tudo o que lhes dizem os mestres, ou que, sem o crer, seguem docilmente a quem os conduz. Nada sabem de princípios nem de sistemas, e talvez até os detestariam, se conhecessem toda a sua perversidade. Entretanto, são as mãos que obram, assim como os teóricos são as cabeças que dirigem. Sem eles o liberalismo não sairia do recinto das academias; são os que lhe dão vida e movimento exterior. Pagam o jornal liberal, votam no candidato liberal, apóiam as alianças liberais, aclamam os representantes do liberalismo, celebram suas festas e aniversários. Constituem a matéria-prima do liberalismo, disposta a tomar qualquer forma, e a servir sempre a qualquer tolice. Muitos deles iam à Missa, e mataram os frades; mais tarde assistiam a novenas, punham seus filhos na carreira eclesiástica, e compravam bens roubados da Igreja. Talvez hoje rezem o Rosário e votem no deputado partidário da liberdade de cultos. Formularam para si certa lei de viver com o século, e crêem (ou querem crer) que estão bem assim. Isto os exime de responsabilidade ou de culpa diante de Deus? Não, por certo, como veremos depois.

Liberais práticos são também os que, evitando explicar a teoria liberal, que sabem estar já desacreditada para certas inteligências, procuram contudo sustentá-la no que se refere ao procedimento prático de todos os dias, escrevendo e discursando à moda liberal, propondo e

elegendo candidatos liberais, elogiando e recomendando seus livros e homens, julgando sempre os acontecimentos segundo o critério liberal e manifestando sempre ódio tenaz a tudo o que tenda a desacreditar ou menosprezar seu querido liberalismo. Esta é a conduta de muitos jornalistas prudentes, que dificilmente são pegos em delito de formular proposições concretamente liberais, mas que, todavia, em tudo o que dizem ou calam não deixam de fazer a maldita propaganda sectária. De todos os répteis liberais, são esses os mais venenosos.

10. O Liberalismo de todo matiz e caráter já foi formalmente condenado pela Igreja?

Sim, o liberalismo, em todos os seus graus e em todas as suas formas, está formalmente condenado. De modo que, além das razões de malícia intrínseca que o fazem mau e criminoso, todo fiel católico tem acesso à suprema e definitiva declaração da Igreja a respeito do liberalismo: ela o julgou e anatematizou. Não se podia permitir que um erro de tal transcendência deixasse de ser incluído no catálogo das doutrinas oficialmente reprovadas, e aliás foi ele incluído em várias ocasiões.

Já quando apareceu na França, em sua primeira Revolução, a famosa Declaração dos Direitos do Homem, que continha em germe todos os desatinos do moderno liberalismo, foi condenada por Pio VI. Mais tarde, esta doutrina funesta foi desenvolvida e aceita por quase todos os governos da Europa, mesmo pelos príncipes soberanos, o que é uma das mais terríveis cegueiras que a história das monarquias ofereceu. Tomou em Espanha o nome pelo qual hoje é conhecida em toda parte: liberalismo.

Ocorreram as terríveis contendas entre monarquistas e constitucionalistas, que se designaram mutuamente pelos nomes de servis e liberais. Da Espanha essa denominação estendeu-se a toda a Europa. Pois bem, na maior força da luta, por ocasião dos primeiros erros de Lamennais, Gregório XVI publicou sua Encíclica Mirari vos[1], condenação explícita do liberalismo, tal como era então entendido, ensinado e praticado pelos governos constitucionais.

Com o tempo, a corrente avassaladora dessas idéais funestas cresceu, tomando até, em virtude de alguns extraviados talentos, a máscara de catolicismo. Suscitou Deus à sua Igreja o Pontífice Pio IX, que, com toda razão, passará à história com o título de açoite do liberalismo.

O erro liberal, em todas as suas faces e matizes, foi desmascarado por esse papa. Para que mais autoridade tivessem suas palavras neste assunto, dispôs a Providência que a repetida condenação do liberalismo saísse dos lábios de um Pontífice que os liberais, desde o princípio, procuraram apresentar como seu partidário. Depois dele, já não restou mais subterfúgio algum ao qual pudesse recorrer este erro. Os numerosos Breves e Alocuções de Pio IX mostraram ao povo cristão o liberalismo tal qual é, e o Syllabus colocou o último selo na condenação.

Vejamos o conteúdo principal de alguns desses documentos pontifícios. Citaremos apenas alguns, dentre muitos que poderíamos citar.

Em 18 de junho de 1871, Pio IX, respondendo a uma comissão de católicos franceses, falou-lhes assim:

“O ateísmo nas leis, a indiferença em matéria de religião e as máximas perniciosas chamadas católico-liberais, são, sim, verdadeiramente a causa da ruína dos Estados; foram elas a perdição da França. Crede-me, o mal que vos anuncio é mais terrível que a Revolução, e ainda mais que a Comuna. Sempre condenei o catolicismo-liberal, e voltarei quarenta vezes a condená-lo, se preciso for.”

No Breve de 6 de março de 1873, dirigido ao presidente e aos membros do Círculo de Santo Ambrósio de Milão, o soberano pontífice se expressa assim:

“Não falta quem tente fazer uma aliança entre a luz e as trevas, e uma associação entre a justiça e a iniqüidade, em favor das doutrinas chamadas católico-liberais, que, baseadas em perniciosos princípios, mostram-se favoráveis às invasões do poder secular nos negócios espirituais; inclinam seus partidários a estimar ou ao menos tolerar leis iníquas, como se não estivesse escrito que ninguém pode servir a dois senhores. Os que procedem assim são, sob todos os ângulos, mais perigosos e funestos do que os inimigos declarados, não só porque, sem que sejam advertidos, talvez mesmo sem que percebam, secundam as tentativas dos maus, mas também porque, mantendo-se dentro de certos limites, eles se mostram com aparências de probidade e sã doutrina para alucinar os amigos imprudentes da conciliação, e seduzir as pessoas honradas que teriam certamente combatido o erro manifesto.”

No Breve de 8 de maio do mesmo ano, à Confederação dos Círculos Católicos da Bélgica, ele afirmou:

“O que sobretudo louvamos em vossa religiosíssima empresa é a absoluta aversão que, segundo me consta, professais aos princípios católico-liberais, e vossa intrépida vontade de desarraigá-los de seus adeptos. Em verdade, ao esforçar-vos em combater esse erro insidioso, tão mais perigoso que a inimizade declarada quanto mais se encobre sob o especioso véu de zelo e caridade, e em procurar com afinco apartar dele as pessoas simples, extirpareis uma funesta raiz de discórdias e contribuireis eficazmente para unir e fortalecer os ânimos. Seguramente, vós, que acatais com tão plena submissão todos os documentos desta Sé Apostólica, e que conheceis as reiteradas reprovações dos princípios liberais, não necessitais destas advertências.”

No Breve ao La Croix, jornal de Bruxelas, em 21 de maio de 1874, o papa diz o seguinte:

“Não podemos deixar de elogiar o propósito expresso em vossa carta, e ao qual soubemos que satisfaz plenamente o vosso jornal, de publicar, divulgar, comentar e inculcar nos ânimos tudo quanto esta Santa Sé tem ensinado contra as perversas, ou ao menos falsas doutrinas professadas em tantas partes, e particularmente contra o liberalismo católico, empenhado em conciliar a luz com as trevas e a verdade com o erro.”

Em 9 de junho de 1873, escreveu ao presidente do Conselho da Associação Católica de Orleães, e, sem nomeá-lo, retratou o liberalismo pietista e moderado nos seguintes termos:

“Ainda que vossa luta tenha que ser travada rigorosamente contra a impiedade, talvez por este lado não vos ameace um perigo tão grande, como por parte desse grupo de amigos imbuídos daquela doutrina ambígua que, ainda que rejeite as últimas conseqüências dos erros, retêm obstinadamente seus germes, e não querendo abraçar-se com a verdade íntegra, nem se atrevendo a rejeitá-la por inteiro, afanam-se em interpretar as tradições e doutrinas da Igreja, ajustando-as ao molde de suas opiniões privadas.”

Mas, para não nos tornarmos intermináveis e cansativos, nos contentaremos em ajuntar algumas passagens de outro Breve, o mais expressivo de todos, e que portanto não podemos em consciência omitir. É aquele dirigido ao bispo de Quimper, em 28 de julho de 1873. Nele o Papa diz o seguinte, referindo-se à Assembléia Geral das Associações Católicas, que acabava de ser celebrada naquela diocese:

“Seguramente tais associações não se apartarão da obediência devida à Igreja nem pelos escritos, nem pelos atos com que, mediante injúrias e invectivas, a perseguem; mas essas opiniões chamadas liberais poderão pô-las na escorregadia senda do erro, já que são aceitas por muitos católicos, homens de bem e piedosos, que, em razão da própria influência de sua religião e piedade, podem ter seus ânimos facilmente captados e induzidos a professar máximas muito perniciosas. Inculcai, portanto, venerável Irmão, aos membros dessa assembléia católica, que quando nós repreendemos tantas vezes os sequazes dessas opiniões liberais, não temos em vista os inimigos declarados da Igreja, os quais seria ocioso denunciar, mas a esses outros que aludimos há pouco, que, conservando o vírus oculto dos princípios liberais que beberam com o leite, como se não estivesse impregnado de palpável malignidade, e como se fosse tão inofensivo para a Religião como eles pensam, o inoculam facilmente nos ânimos, propagando assim a semente dessas discórdias que há tanto tempo revolvem o mundo. Procurem, pois, evitar estas ciladas, e esforcem-se em dirigir seus golpes contra este insidioso inimigo, e certamente merecerão a homenagem da Religião e da pátria.”

Nossos amigos e também nossos adversários o vêem: o papa diz tudo que se pode dizer sobre esta questão nesses Breves, particularmente no último, que nós devemos estudar em todos os detalhes.

---

[1] 15 de abril de 1832.

11. Da última e mais solene condenação do Liberalismo: o Syllabus

Resumindo tudo o que foi dito do liberalismo pelo papa em diversos documentos, devemos indicar os seguintes e duríssimos epítetos com que, em diferentes ocasiões, ele o qualificou.

Em seu Breve a Mons. de Ségur[1], a respeito de seu conhecido livro Hommage[2], ele chamou o liberalismo de pérfido inimigo; em sua alocução ao bispo de Nevers[3], chamou-o de verdadeira calamidade atual; em sua carta ao Círculo Católico de Santo Ambrósio de Milão[4], pacto entre a justiça e a iniqüidade; nesse mesmo documento, qualificou-o de mais funesto e perigoso do que um inimigo declarado; na já citada carta ao bispo de Quimper[5], vírus oculto; no Breve aos Belgas[6], erro insidioso e encoberto; em outro Breve a Monsenhor Gaume[7], peste perniciosíssima. Todos esses documentos podem ser lidos na íntegra no citado livro de Mons. de Ségur, Hommage aux catholiques libéraux.

No entanto, o liberalismo poderia com certa aparência de razão recusar a autoridade dessas declarações pontifícias, pois todas foram feitas em documentos de caráter meramente privado. A heresia é sempre tenaz e capciosa, agarra-se a qualquer pretexto ou escusa para eludir uma condenação. Fez-se necessário, portanto, um documento oficial, público, solene, de caráter geral, universalmente promulgado e, por conseguinte, definitivo. A Igreja não podia negar à ansiedade de seus filhos esta formal e decisiva palavra de seu soberano magistério. E ela foi dada, com o Syllabus de 8 de dezembro de 1864.

Todos os bons católicos o acolheram com entusiasmo igual aos paroxismos de furor com que o saudaram os liberais. Quanto aos católicos-liberais, eles creram mais prudente feri-lo de soslaio por meio de interpretações capciosas. Uns e outros tinham razão em reconhecer-lhe a devida importância. O Syllabus é um catálogo oficial dos principais erros contemporâneos, em forma de proposições concretas, tais como se encontram nos autores mais conhecidos que os propalaram. Nelas se encontram, pois, em detalhe, tudo o que constitui o dogmatismo liberal. Ainda que o liberalismo só seja nomeado em uma das proposições, é certo que a maior parte dos erros ali expostos são erros liberais e, portanto, a condenação separada de cada um deles resulta na condenação total do sistema. Enumeraremos rapidamente estas proposições.

Condenação da liberdade de cultos (proposições 15ª, 77ª e 78ª); do beneplácito régio (proposições 20ª e 28ª); da desamortização (proposições 26ª e 27ª); da supremacia absoluta do Estado (proposição 39ª); do laicismo no ensino público (proposições 45ª, 47ª e 48ª); da separação da Igreja e do Estado (proposição 15ª); do direito absoluto de legislar sem Deus (proposição 56ª); do

princípio de não-intervenção (proposição 63ª); do matrimônio civil (proposições 73ª e outras); da liberdade de imprensa (proposição 79ª); do sufrágio universal como princípio de autoridade (proposição 60ª); por fim, do próprio nome “liberalismo” (proposição 80ª).

Vários livros, expondo clara e suscintamente cada uma dessas proposições, foram escritos desde então; os leitores podem consultá-los. Mas a interpretação e o comentário mais autorizado do Syllabus foi dada por seus próprios impugnadores, os liberais de todos os matizes, uma vez que o apresentaram sempre como seu mais odioso inimigo, como o símbolo mais completo do que chamam de clericalismo, ultramontanismo e a reação. Satanás, que é mau mas não bobo, viu muito claramente onde levaria um golpe tão certeiro, e acabou pondo em tão grandioso monumento o selo mais autorizado de todos, depois do de Deus: o de seu profundo rancor. Neste ponto, acreditemos no pai da mentira; pois o que ele aborrece e difama, traduz por si só uma garantia certa e segura de verdade.

---

[1] 1º de abril de 1874. [2] Título completo: Hommage aux jeunes catholiques-liberaux. [3] 18 de junho de 1871. [4] 6 de março de 1873. [5] 28 de julho de 1873. [6] 8 de maio de 1873. [7] 15 de janeiro de 1872.

12. De algo que parece liberalismo e que não o é, e de algo que é liberalismo, ainda que não o pareça

O diabo é um grande mestre em astúcias e enganos, e sua diplomacia mais hábil consiste em introduzir confusão nas idéias. O maldito perderia metade do seu poderio sobre os homens, se as idéias boas e más, que ele manipula, aparecessem em toda a clareza e franqueza. Observemos, de passagem, que chamar o diabo de diabo não é moda hoje, sem dúvida porque o liberalismo nos acostumou a tratar também o senhor diabo com certo respeito. Portanto, a primeira coisa que faz o diabo em tempos de cismas e heresias é baralhar e desordenar o sentido próprio das palavras: meio infalível de marear e desordenar a maior parte das inteligências.

Assim se passou com o arianismo, a ponto de vários bispos de grande santidade chegarem a subscrever, no Concílio de Milão, uma fórmula que condenava o insigne Atanásio, martelo dessa heresia; e esses prelados apareceriam na história como verdadeiros fautores dela, se o santo mártir Eusébio, legado pontifício, não tivesse acudido a tempo para desenredar desses laços — o que o Breviário chama captivatam simplicitatem — alguns daqueles inocentes anciãos. O mesmo se passou com o pelagianismo; e mais tarde com o jansenismo. Hoje acontece o mesmo com o liberalismo.

Para alguns o liberalismo consiste em certas formas políticas; para outros, num certo espírito de tolerância e generosidade oposto ao despotismo e à tirania; para outros ainda, é a igualdade civil; para muitos, uma coisa vaga e incerta que se poderia traduzir simplesmente como o oposto a toda arbitrariedade governamental. É, portanto, indispensável tornar a perguntar aqui: o que é o liberalismo? Ou melhor: o que o liberalismo não é?

Em primeiro lugar, as formas políticas de qualquer natureza que seja, tão democráticas ou populares que se suponham, não são por si mesmas (ex se) o liberalismo. Cada coisa é o que é; as formas são formas, e nada mais. Uma república unitária, federal, democrática, aristocrática ou mista; um governo representativo ou misto, com mais ou menos atribuições para o poder real, ou seja, com o máximo ou mínimo de rei que se queira pôr na mistura; uma monarquia absoluta ou temperada, hereditária ou eletiva, nada disso tem que ver por si (repare-se bem neste por si) com o liberalismo. Tais governos podem ser perfeita e integramente católicos. Se eles aceitam a soberania de Deus, reconhecem tê-la recebido d'Ele e se sujeitam em seu exercício ao critério

inviolável da lei cristã; se dão por indiscutível em seus parlamentos tudo o quanto definido por essa lei; se reconhecem como base do direito público a supremacia moral da Igreja e seu direito em tudo o que é de sua competência, esses governos são verdadeiramente católicos, e ninguém, nem os mais exigentes ultramontanos, pode censurá-los, porque eles são verdadeiramente ultramontanos.

A história nos oferece repetidos exemplos de poderosíssimas repúblicas fervorosamente católicas. Tais foram a república aristocrática de Veneza, a república mercantil de Gênova e a de certos cantões suíços. Como exemplo de monarquias mistas muito católicas, podemos citar a nossa gloriosíssima de Catalunha e Aragão, a mais democrática e, ao mesmo tempo, a mais católica do mundo na Idade Média; a antiga monarquia de Castela, até a casa de Áustria; a monarquia eletiva da Polônia, até o iníquo desmembramento deste religioso reino. Acreditar que as monarquias são por si, ex se, mais religiosas que as repúblicas, é um prejulgamento. Precisamente os mais escandalosos exemplos de perseguição ao catolicismo foram dados nos tempos modernos pelas monarquias, como a da Rússia e a da Prússia.

Um governo é católico, qualquer que seja a sua forma, se sua Constituição, sua legislação e sua política estão baseadas em princípios católicos; ele é liberal se baseia sua Constituição, legislação e sua política sobre princípios racionalistas. Não é o ato de legislar do rei na monarquia, do povo na república, ou dos dois juntos nas formas mistas, que constitui a natureza essencial de uma legislação ou de uma Constituição. O que a constitui é o fato de proceder ou não, em tudo, sob o selo imutável da fé e conforme ou não ao que a lei cristã manda aos Estados e aos indivíduos. Da mesma forma que, entre os indivíduos, um rei com sua púrpura, um nobre com seu brasão, e um trabalhador com sua blusa de algodão podem ser igualmente católicos, assim os Estados podem ser católicos, qualquer que seja o lugar que se lhes dê no quadro sinótico das formas de governo. Por conseguinte, o fato de ser liberal ou anti-liberal não tem nada a ver com o horror natural que todo homem deve professar à arbitrariedade e à tirania, com o desejo de igualdade civil entre todos os cidadãos e muito menos com o espírito de tolerância e generosidade, que, em sua devida acepção, não são mais que virtudes cristãs. Não obstante, tudo isto, na linguagem de certas gentes e mesmo de certos jornais, chama-se liberalismo. Eis, portanto, uma coisa que aparenta ser liberalismo, mas que não o é de forma alguma.

Há porém uma coisa que, não parecendo liberalismo, efetivamente o é. Imaginai uma monarquia absoluta, como a da Rússia, ou como a da Turquia, se preferirdes; ou ainda um desses governos chamados conservadores de hoje, e o mais conservador que se possa imaginar; e suponde que a Constituição e a legislação dessa monarquia ou desse governo conservador seja baseada no princípio da vontade livre do rei ou no da vontade livre da maioria conservadora, em lugar de se basear nos princípios do direito católico, na indiscutibilidade da fé, ou no respeito rigoroso aos direitos da Igreja; essa monarquia e esse governo conservador são perfeitamente liberais e anti-católicos. Pouco importa para o caso que o livre-pensador seja um monarca com seus ministros responsáveis, ou que ele seja um ministro responsável com seus corpos co-legisladores: do ponto de vista das conseqüências, é absolutamente a mesma coisa. Em ambos os casos, aquela política marcha sob a direção do livre-pensamento e, por conseguinte, é liberal. Pouco importa que tenha ou não, entre seus objetivos, agrilhoar a imprensa; que açoite o país por qualquer pretexto; que ela reja seus súditos com vara de ferro: o miserável país poderá não ser livre, mas será certamente liberal. Assim foram os antigos impérios asiáticos, assim várias monarquias modernas; assim será,

se o sonho de Bismarck se realizar, o Império alemão; é assim a monarquia atual de Espanha, cuja Constituição declara o rei inviolável, mas não Deus.

Eis portanto o caso de algo que, parecendo não ser liberalismo, o é verdadeiramente, e o mais refinado e desastroso, justamente porque não aparenta sê-lo.

Daqui se verá com que delicadeza se deve proceder, quando se trata de tais questões. É preciso antes de tudo definir os termos do debate e evitar o equívoco, que é o que mais favorece o erro.

13. Notas e comentários sobre a doutrina exposta no capítulo anterior

Dissemos que as formas de governo democráticas ou populares, puras ou mistas, não são liberais por si, ex se, e cremos tê-lo provado suficientemente. Entretanto, o que é verdade especulativamente ou abstratamente falando, não o é tanto na prática, isto é, na ordem dos fatos, à qual o polemista católico deve estar sempre atento.

Com efeito, apesar de que, consideradas em si mesmas, essas formas de governo não são liberais, elas o são em nosso século, tendo em vista que a revolução moderna, que não é senão o próprio liberalismo em ação, no-las apresenta sempre baseadas em suas doutrinas errôneas. Assim o vulgo, que entende pouco de distinções, classifica como liberalismo tudo o que em nossos dias se apresenta como reforma democrática no governo das nações; porque se não o é na essência mesma das idéias, ela o é de fato. Eis por que nossos pais mostraram um grande tino e uma singular prudência quando rechaçavam, como contrária à sua fé, a forma de governo constitucional ou representativa, preferindo-lhe a monarquia pura, que nos últimos séculos era o governo de Espanha. Um certo instinto natural fazia compreender mesmo aos menos avisados que as novas formas políticas, por mais inofensivas que fossem em si mesmas, tal como formas, vinham impregnadas do princípio herético liberal, razão pela qual faziam muito bem em chamá-las de liberais. Semelhantemente, a monarquia pura, que em si podia ser muito ímpia e mesmo herética, aparecia-lhes como uma forma de governo essencialmente católica, pois desde muitos séculos os povos a conheceram imbuída do espírito do catolicismo.

Ideologicamente falando, portanto, nossos monarquistas erravam quando identificavam a religião com o antigo regime político, e reputavam ímpios os constitucionalistas; mas acertavam, praticamente falando, porque, com o claro instinto da fé, eles viam a idéia liberal oculta sob aquilo que lhes queriam apresentar como uma mera forma política indiferente.

Isto sem contar tudo o que os corifeus e sectários do partido liberal fizeram, com blasfêmias e atentados, para que o povo não conhecesse qual era no fundo o verdadeiro significado de sua odiosa bandeira.

Também não é rigorosamente exato que as formas políticas sejam indiferentes à religião, ainda que esta as aceite todas. A filosofia sensata as estuda, as analisa, e sem condenar nenhuma, não deixa de manifestar sua preferência por aquelas que mais a salvo deixam o princípio de autoridade, que se baseia principalmente na unidade; o que nos permite dizer que a monarquia é a forma de governo mais perfeita de todas, porque, mais que as outras, ela se assemelha ao governo

de Deus e da Igreja; assim como a mais imperfeita é a república, pela razão inversa. A monarquia exige a virtude de um homem só, a república exige a virtude da maioria dos cidadãos. É, pois, logicamente falando, mais difícil de realizar o ideal republicano que o ideal monárquico. Este último é mais humano que o primeiro, porque exige menos perfeição humana, e se acomoda melhor à ignorância e a aos vícios da maioria.

Mas de todas as razões que deve considerar o católico de nosso século contra os governos de forma popular, a mais forte deve ser o afã constante com que a maçonaria tem procurado em toda parte implantá-los. Por uma intuição maravilhosa, o inferno descobriu que esses sistemas de governo eram os melhores condutores de sua eletricidade, e que nenhum outro poderia servir-lhe mais a seu gosto. É pois indubitável que um católico deve considerar suspeito tudo o que, sob esse conceito, a Revolução lhe recomenda como mais apropriado a seus fins, e, portanto, considerar como liberalismo verdadeiro tudo o que a Revolução exalta e difunde com o nome de liberalismo, ainda que seja apenas questão de formas; porque, neste caso, as formas não são outra coisa senão o invólucro com o qual querem fazer-nos admitir em casa o contrabando de Satanás.

14. Pode o católico gloriar-se de ser liberal?

Permita-nos sobre isto transcrever aqui integralmente um capítulo de outra obra nossa (Coisas do dia), em que essa questão é respondida. Diz assim:

“Que Deus me ajude, caro leitor, com as palavras liberalismo e liberal! Andas realmente enamorado delas, e o amor te deixou cego, como todos os namorados. Que inconvenientes pode ter, me perguntarás, o uso dessas palavras? Para mim tem tantos, que chego a ver nele matéria de pecado. Não te assustes, mas escuta-me com paciência. Tu me entenderás logo e sem dificuldade. Não há dúvida de que a palavra liberalismo significa na Europa, no presente século, uma coisa suspeita e que não está inteiramente de acordo com o verdadeiro catolicismo. Não me digas que exponho o problema em termos exagerados. Deverás, com efeito, conceder-me que, na acepção ordinária da palavra, liberalismo e liberalismo católico são coisas reprovadas por Pio IX. Deixemos de lado, por enquanto, os poucos ou muitos que pretendem poder continuar professando um certo liberalismo que, no fundo, não querem reconhêce-lo como tal. Mas o certo é que a corrente liberal na Europa e na América neste século XIX em que escrevemos, é anti-católica e racionalista. Corramos os olhos pelo mundo: vê o que significa partido liberal na Bélgica, na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Holanda, na Áustria, na Itália, nas repúblicas hispano-americanas, e em noventa por cento da imprensa espanhola. Pergunta a todos o que significa, na língua comum, critério liberal, corrente liberal, atmosfera liberal etc.; e vê se, entre homens que se dedicam a estudos políticos e sociais na Europa e América, noventa por cento deles não entendem por liberalismo o puro e cru racionalismo aplicado às ciências sociais.

“Pois bem. Por mais que tu e algumas dezenas de pessoas vos empenheis em dar um sentido de coisa indiferente ao que a corrente geral já marcou com o selo de coisa anti-católica, é indubitável que o uso, árbitro e norma suprema em matéria de linguagem, continua a ter o liberalismo como uma bandeira contra o catolicismo. Por conseguinte, ainda que em meio a mil distinções, exceções e sutilezas, consigas formar para ti apenas, um liberalismo que não tenha nada de contrário à fé, na opinião dos outros, a partir do momento em que te chames liberal, pertencerás como todos à grande família do liberalismo europeu, tal como o mundo o entende. Se tens um jornal e o chamas de ‘liberal’, ele será na opinião geral um soldado a mais entre os que, sob essa divisa, combatem a Igreja Católica de frente ou de flanco. Em vão te desculparás uma vez ou outra. E essas desculpas e explicações, tu não as pode dar todos os dias; isto seria muito trabalhoso. Em compensação, terás de usar em cada parágrafo a palavra liberal. Serás, pois, na crença comum, apenas mais um soldado como tantos outros que militam sob essa divisa, e por mais que, em teu interior, sejas tão católico como o papa (como se jactam de sê-lo alguns liberais), o certo é que, no movimento das idéias, na marca dos sucessos, influirás como um liberal; e mesmo contra a tua vontade, serás um satélite a mover-se dentro da órbita geral em que gira o liberalismo. E tudo isso por causa de uma palavra! Uma simples palavra! Sim, meu amigo, isto é o que ganharás por te chamares liberal e

por chamares liberal o teu jornal. Desengana-te. O uso dessa palavra te faz quase sempre, e em grande parte, solidário ao que se ampara à sua sombra. E o que se ampara à sua sombra, já o vês e não podes negá-lo, é a corrente racionalista. Eu teria pois escrúpulos, em minha consciência, de aceitar essa solidariedade com os inimigos de Jesus Cristo.

“Vamos a outra reflexão. É também indubitável que, dentre os que lêem teus jornais e ouvem tuas conversas, poucos são capazes de fazer como tu distinções sutis entre liberalismo e liberalismo. É pois evidente que uma grande parte tomará a palavra no sentido geral, e crerá que tu a empregas assim. Sem ter essa intenção, e mesmo contra tuas intenções, obterias o seguinte resultado: adquirir adeptos para o erro racionalista.

“Diz-me agora: sabes o que é escândalo? Sabes o que é induzir o próximo ao erro com palavras ambíguas? Sabes o que é, por apego mais ou menos justificado a uma palavra, semear a dúvida, a desconfiança, e fazer vacilar na fé as inteligências simples? Quanto a mim, na qualidade de moralista católico, vejo nisto matéria de pecado, e se não tens a desculpa de uma extrema boa-fé ou de algum outro atenuante, matéria de pecado mortal.

“Ouve esta comparação: Sabes que nasceu, quase em nossos dias, uma seita que se chama: a Seita dos velhos católicos[1]. Ela teve o bom humor de chamar-se assim, deixemo-la fazer. Suponhamos agora que eu, por exemplo, que sou, pela graça de Deus e ainda que pecador, católico, e para cúmulo sou dos mais velhos, porque meu catolicismo data do Calvário e do Cenáculo de Jerusalém, datas muito antigas; suponhamos, dizia, que eu funde um jornal mais ou menos ambíguo e o intitule: Diário velho católico. Este título será uma mentira? Não, porque sou um velho católico, no bom sentido da palavra. Mas, dirás tu, por que adotar um título mal soante, que é divisa de um cisma, e que dará ocasião para que os incautos creiam que sou cismático, e para que se encham de júbilo os velhos católicos da Alemanha, crendo que aqui lhes nasceu um novo confrade? Por que escandalizar assim os simples? — Uso esta expressão em bom sentido. — Que seja, mas não seria melhor evitar fazer crer que dizes em mau sentido?

“Eis aqui, pois, o que eu diria a quem ainda se empenhasse em considerar inofensivo o título de liberal, reprovado pelo papa, e causa de tanto escândalo para os verdadeiros crentes. Por que fazer gala de títulos que exigem explicações? Por que suscitar suspeitas, que logo será preciso procurar dissipar? Por que contar-se no número dos inimigos e fazer gala de sua divisa, se no fundo se é dos amigos?

“Dirás: as palavras não têm importância! Elas têm mais do que imaginas, meu amigo. As palavras são a fisionomia exterior das idéias, e tu sabes quanto a boa ou má fisionomia de um assunto é importante ao seu sucesso. Se as palavras não tivessem nenhuma importância, os revolucionários não se empenhariam tanto em trajar o catolicismo com palavras feias, chamando-o a toda hora de obscurantismo, fanatismo, teocracia, reação; eles o chamariam pura e simplesmente catolicismo, e eles mesmos não buscariam adornar-se a cada instante com formosos vocábulos de liberdade, progresso, espírito do século, direito novo, conquistas da inteligência, civilização, luzes, etc., mas se intitulariam sempre com seu próprio e verdadeiro nome: Revolução.

“Foi sempre assim. Todas as heresias começaram como um jogo de palavras, e acabaram como uma luta sangrenta de idéias. Algo semelhante devia já ter ocorrido no tempo de São Paulo, ou o

bendito Apóstolo teve a intuição do que se passaria nos tempos futuros quando, dirigindo-se a Timóteo (I Tm 6,20), o exorta a viver prevenido, não só contra a falsa ciência (oppositiones falsi nominis scientiae), mas também contra a simples novidade na expressão ou nas palavras (profanas vocum novitates). Que diria hoje o Doutor das gentes, se visse certos católicos adornarem-se com o adjetivo de liberais, em oposição aos católicos que se chamam simplesmente com o antigo sobrenome da família, e permanecerem surdos às repetidas reprovações que com tanta insistância lançou a cátedra apostólica contra esta profana novidade de palavras? Que diria ao vê-los acrescentar à palavra imutável 'catolicismo', esse odioso apêndice que não conheceram nem Jesus Cristo, nem os Apóstolos, nem os Padres, nem os Doutores, nem um só dos mestres autorizados que constituem a magnifica cadeia da tradição cristã?

"Medita nisto, amigo, nos momentos lúcidos, se é que te concede alguma a cegueira da tua paixão, e conhecerás a gravidade do que à primeira vista te parece mera questão de palavras. Não, tu não podes ser católico-liberal, nem podes chamar-te com este nome reprovado, ainda que, por meio de sutis sofismas, chegues a encontrar um meio secreto de conciliá-lo com a integridade da fé. Não, a caridade cristã te proíbe, esta santa caridade que tu invocas a toda hora e que, se entendo bem, é para ti sinônimo da tolerância revolucionária.

"A caridade te proíbe, porque a primeira condição da caridade é de não trair a verdade, de não ser uma armadilha destinada a surpreender a boa-fé dos menos avisados. Não, meu amigo, não; não podes chamar-te liberal."

Nada mais temos a dizer aqui sobre este ponto, completamente resolvido, para um homem de boa-fé. Ademais, hoje os próprios liberais fazem já menos uso que antes desse nome, de tão gasto e desacreditado que anda, graças à misericórdia de Deus. Mas é todavia freqüente encontrar homens que, renegando a cada dia e a cada hora o liberalismo, estão dele imbuídos até a medula, e não sabem escrever, falar, agir, senão sob sua inspiração: estes homens são, hoje em dia, os que mais devemos temer.

---

[1] Essa seita reagrupava os católicos alemães que recusaram o dogma da infalibilidade pontifícia definido no Concílio Vaticano I.

15. Uma observação simplíssima que acabará de mostrar a questão sob seu verdadeiro ponto de vista

Não entendo como os liberais de boa-fé, se algum há que mereça ainda este caridoso atenuante de sua triste denominação, não façam cada dia uma reflexão que me fiz mil vezes. Vejamo-la:

Em nossos dias o mundo católico relaciona, com justiça e razão, a idéia de impiedade ao qualificativo de livre-pensador, aplicado a uma pessoa, a um jornal, a uma instituição qualquer. Academia livre-pensadora, sociedade de livres-pensadores, jornal escrito com critério livre-pensador, são expressões odiosas que suscitam horror à maior parte de nossos irmãos, mesmo aos que afetam estar mais afastados da feroz intransigência ultramontana.

E todavia veja-se como são as coisas, e quão pouca importância se dá em geral a meras palavras. As pessoas, as associações, os livros, os governos que não sejam regidos em matéria de fé e moral pelo critério único e exclusivo da Igreja Católica, são liberais. E reconhecem que o são, honram-se de sê-lo, e ninguém se escandaliza com isso, a não ser nós, os terríveis intransigentes!

Mudai porém a palavra; chamai-os de livres-pensadores: logo rejeitam o epíteto como uma calúnia, e dai graças a Deus se não vos pedirem satisfação pelo insulto.

Mas, vejamos, meus amigos, por que essas variações, cur tam varie?

Não haveis banido de vossa consciência, de vosso governo, de vosso jornal ou de vossa academia o veto absoluto da Igreja?

Não haveis erigido a razão livre como critério fundamental de vossas idéias e resoluções?

Pois, dizeis bem: sois liberais e ninguém pode contestar esse título. Mas, sabei-o: sois por isso mesmo livres-pensadores, ainda que esta denominação vos desagrade. Todo liberal, de qualquer grau ou matiz que seja, é ipso facto livre-pensador. E todo livre-pensador, por mais odiosa e ofensiva que seja esta denominação do ponto de vista das conveniências sociais, não é nada mais que um liberal lógico. É doutrina precisa e exata como uma equação matemática!

Aplicações práticas. Sois católicos mais ou menos condescendentes ou contaminados, e pertenceis, por infelicidade de vossos pecados, a um Ateneu[1] liberal. Recolhei-vos por um momento e perguntai-vos: continuaria eu pertencendo a este Ateneu se amanhã ele se declarasse pública e francamente um Ateneu livre-pensador?

Que vos dizem a consciência e o pudor? Dizem que não.

Pois bem! Ordenai que se retire vosso nome do registro desse Ateneu, pois como católicos não podeis pertencer a ele.

Recebeis um jornal, vós o ledes e sem escrúpulo o dais a ler aos vossos, embora ele se intitule liberal e discorra como liberal. Continuaríeis assinando-o, se de repente aparecesse em sua primeira página o título de jornal livre-pensador? Parece-me que não, de forma alguma.

Portanto fechai-lhe logo as portas da vossa casa. Esse liberal, moderado ou violento, há anos não era nada mais nada menos que um livre-pensador.

Ah! De quantos prejuízos nos livraríamos, se apenas prestássemos um pouco de atenção ao significado das palavras! Toda associação científica, literária ou filantrópica, liberalmente constituída, é uma associação livre-pensadora. Todo governo, liberalmente organizado, é um governo livre-pensador. Todo livro ou jornal, liberalmente escrito, é um livro ou um jornal de livres-pensadores. Rejeitar com desgosto a palavra e não a coisa que ela representa, é uma cegueira manifesta. Pensem bem aqueles de nossos irmãos que, com a consciência demasiado endurecida, demasiado mole ou demasiado acomodada, consentem sem escrúpulo algum em fazer parte de círculos, de concursos literários, de redações, de governos, de instituições estabelecidas com plena independência do magistério da fé.

Em todas essas instituições reina o liberalismo e, por conseguinte, o livre-pensamento. Ora, nenhum católico pode fazer parte de um grupo livre-pensador, sem deixar de aceitar como seu o critério livre-pensador do grupo em questão. Logo, tampouco pode pertencer a um grupo liberal.

Quantos católicos, não obstante, servem intrepidamente ao diabo participando de obras desse gênero! Estarão agora convencidos da perversidade do liberalismo? Convencidos do justo horror que um católico deve ter às coisas liberais? Convencidos, enfim, de que nada é mais natural e mais legítimo que nossa intratável intransigência ultramontana?

---

[1] Estabelecimento destinado a leituras e lições públicas.

16. Pode-se encontrar hoje o erro de boa-fé no liberalismo?

Falei acima de liberais de boa-fé, e me permiti exprimir uma dúvida sobre se existe ou não in rerum natura algum tipo desta raríssima família. Inclino-me a crer que poucos há, e que hoje o erro de boa-fé na questão do liberalismo, que poderia alguma vez tornar desculpável a sua profissão, é quase impossível. Não negarei porém em absoluto que um ou outro caso excepcional possa dar-se, porém defendo que será verdadeiramente um caso fenomenal.

Em todos os períodos históricos dominados por uma heresia, deram-se casos freqüentíssimos de um ou mais indivíduos que, arrastados de certa maneira pela torrente invasora, tornaram-se participantes da heresia, sem que se possa explicar tal participação, a não ser por uma suma ignorância ou boa-fé.

É preciso convir, porém, que se jamais um erro se apresentou isento de aparência alguma que o tornasse desculpável, este erro é o do liberalismo. A maior parte das heresias que assolaram o campo da Igreja procuraram cobrir-se com disfarces de piedade afetada, que dissimulassem sua procedência maligna. Os jansenistas, mais hábeis que qualquer um de seus antecessores, chegaram a ter um grande número de adeptos, a quem pouco faltou para que o vulgo cego tributasse as honras devidas somente à santidade. Sua moral era rígida, seus dogmas tremendos, o exterior de suas pessoas ascético e até iluminado. Acrescente-se que a maior parte das antigas heresias versaram sobre pontos muito sutis do dogma, só discerníveis por um teólogo hábil, e sobre os quais a multidão ignorante era incapaz por si própria de formar um juízo distinto do que recebia confiadamente dos seus mestres. Por isso, era natural que, quando o superior de uma diocese ou província caísse no erro, a maior parte de seus subordinados, plenos de confiança em seu pastor, caísse com ele; sobretudo quando as comunicações, naquela época mais difíceis com Roma, tornavam menos acessíveis para toda a grei cristã a voz infalível do Pastor Universal. Isto explica a difusão de muitas das antigas heresias, que nos permitiremos adjetivar de “puramente teológicas”. Isto dá a razão daquele angustioso grito com que exclamava São Jerônimo no século IV, quando disse: Ingemuit universus orbis se esse arianum: “O mundo inteiro gemeu, assombrado de encontrar-se ariano”. E isto explica também como, em meio aos maiores cismas e heresias, como são o cisma russo e a heresia inglesa, é possível que Deus preserve muitas almas, em quem não está extinta a raiz da verdadeira fé, por mais que esta, em sua profissão exterior, apareça deformada e viciada. Essas almas, unidas ao corpo místico da Igreja pelo batismo, e à sua alma pela graça interior santificante, podem chegar a ser conosco partícipes do reino celestial.

Acontece isto com o liberalismo? Apresentou-se envolto com o disfarce de meras formas políticas; porém este disfarce foi já, desde o princípio, tão transparente, que muito cego havia de ser quem não adivinhou toda a perversidade do miserável assim disfarçado.

O liberalismo não soube conter-se no véu da hipocrisia e do pietismo com que o encobriam alguns de seus panegiristas. Prontamente rasgou-o e anunciou com sinistros resplendores sua origem infernal. Saqueou igrejas e conventos; assassinou religiosos e padres; deu rédea solta a toda impiedade, e até nas imagens mais veneradas cevou seu ódio de condenado. De imediato acolheu debaixo da sua bandeira toda a escória social, e em toda parte a corrupção calculada foi sua precursora e introdutora.

Os novos dogmas que pregava e queria instituir em lugar dos antigos não tinham nada de abstratos e metafísicos: eram fatos brutais, que bastava ter olhos para vê-los e simples bom senso para abominá-los.

Viu-se naquela ocasião um fenômeno importante, de grande utilidade para sérias meditações.

O povo simples e iletrado, mas honrado, foi o mais refratário à novidade. Os grandes talentos, corrompidos pelo filosofismo, foram os primeiros seduzidos, enquanto que o bom senso natural dos povos fez imediatamente justiça aos atrevidos reformadores. Nisto, como sempre, foi confirmado que a pureza de coração vê mais claro que a perspicácia da inteligência. E se o que acabamos de dizer se aplica justamente ao liberalismo em sua aurora, que não se poderá dizer dele hoje, quando tanta luz tem sido lançada sobre seu odioso desenvolvimento?

Jamais um erro teve contra si mais severas condenações: da experiência, da história e da Igreja. Mesmo quem não creia nesta última como bom católico, haverá de persuadir-se pelo testemunho da experiência e da história, a menos que tenha perdido até a sua honradez meramente natural.

O liberalismo, em menos de cem anos de reinado na Europa, já deu todos os seus frutos; a presente geração está recolhendo os últimos, que são bem amargos e perturbam sua tranqüila digestão. A lição do divino Salvador, que nos manda julgar a árvore por seus frutos, raras vezes teve aplicação mais oportuna.

Por outro lado, não se viu claramente desde seu princípio qual era o parecer da Igreja sobre a nova reforma social? Entre seus ministros, alguns, é verdade, foram arrastados à apostasia pelo liberalismo, e era este o primeiro dado com que os simples fiéis haviam de julgar uma doutrina que arrastava tais prosélitos. Mas, o conjunto da hierarquia católica não foi sempre reputado com muita razão como inimigo do liberalismo? A palavra clericalismo, com a qual os liberais têm honrado a escola mais tenazmente oposta a suas doutrinas, que prova ela senão que a Igreja docente foi sempre sua inimiga implacável? Como os liberais têm considerado o papa, os bispos, os padres e religiosos de todos os hábitos, e o comum das pessoas de piedade e de sã conduta? Eles os consideram sempre como clericais, ou seja, como anti-liberais. Como pode, pois, alguém alegar boa-fé num assunto em que aparece tão claramente distinta a corrente ortodoxa da heterodoxa? Logo, os que compreendem claramente a questão podem ver as razões intrínsecas dela; e os que não a compreendem têm autoridade extrínseca de sobra para formar um juízo exato, como deve fazê-lo todo bom cristão sobre as coisas relacionadas à sua fé. Luz não tem faltado, por

misericórdia de Deus; o que tem sobrado é indocilidade, interesses bastardos, desejo de vida livre. O que produziu o erro aqui não foi a sedução que deslumbra o entendimento com um falso resplendor, mas a sedução que, envolvendo em negros vapores o coração, obscurece o entendimento.

Cremos, pois, que salvas raríssimas exceções, só grande esforço de engenhosíssima caridade pode fazer que, discorrendo segundo os retos princípios de moral, se admita hoje no católico a desculpa de boa-fé na questão do liberalismo.

17. Dos vários modos como, sem ser liberal, um católico pode tornar-se cúmplice do liberalismo

Um católico pode se tornar cúmplice do liberalismo de diversos modos, sem ser precisamente um liberal. Eis aqui um ponto prático, ainda mais prático que o anterior, e sobre o qual a consciência do fiel cristão nestes tempos deve estar cuidadosamente prevenida.

É certo que há pecados, de que nos fazemos culpados, não por verdadeira e direta comissão, mas por pura cumplicidade ou conivência com seus autores, sendo de tal natureza esta cumplicidade, que chega muitas vezes a igualar-se em gravidade ao ato pecaminoso diretamente cometido. Pode-se, pois, e deve aplicar-se ao pecado de liberalismo tudo quanto sobre esta questão da cumplicidade ensinam os autores de teologia moral.

Nosso objetivo é apenas deixar anotados aqui brevemente os principais modos pelos quais, acerca do liberalismo, se pode hoje tornar-se culpado por cumplicidade.

1° - Filiando-se formalmente a um partido liberal. É a maior cumplicidade nesta matéria, e mal se distingue da ação direta a que se refere. Há muitos que, em seu claro juízo, vêem toda a falsidade doutrinal do liberalismo, conhecem seus sinistros propósitos, e abominam sua detestável história. Mas por tradição de família, rancores hereditários, esperança de ganhos pessoais, reconhecimento de favores recebidos, temor de prejuízos que lhes possa sobrevir ou por outra causa qualquer, aceitam um posto no partido que sustenta tais doutrinas e propósitos, e permitem que sejam contados publicamente entre seus membros, e se honram com seu nome e trabalham sob sua bandeira.

Estes infelizes são os primeiros cúmplices, os grandes cúmplices de todas as iniqüidades do partido; e, mesmo sem conhecê-las detalhadamente, são verdadeiros co-autores delas e participam de sua imensa responsabilidade.

Assim, temos visto em nossa pátria verdadeiros homens de bem, excelentes pais de família, comerciantes ou artesãos honrados, figurar em partidos que trazem em seu programa usurpações e rapinas que nenhuma honradez humana pode justificar. São, pois, responsáveis diante de Deus por estes atentados, como o tal partido que os cometeu, sempre que esse partido os considere não

como fatos acidentais, mas como um procedimento lógico do caminho que foi traçado. A honradez de tais sujeitos só serve para tornar mais grave esta cumplicidade, porque é claro que, se um partido mau fosse composto apenas de malvados, não haveria muito a temer dele. O horrível é o prestígio dado a um partido mau por pessoas relativamente boas, que o honram e recomendam figurando em suas fileiras.

2° - Sem estar formalmente filiados a um partido liberal, e mesmo declarando publicamente não pertencer a nenhum, tornam-se cúmplices ao manifestarem simpatias públicas por ele, elogiando seus personagens, defendendo ou desculpando seus jornais, tomando parte em seus festejos. A razão é evidente. O homem, sobretudo se vale alguma coisa por seu talento ou posição social, favoriza muito uma idéia qualquer quando se mostra em relações mais ou menos benévolas com seus fautores. Dá mais com seu prestígio pessoal do que se desse dinheiro, armas, ou qualquer outro auxílio material. Assim, por exemplo, um católico, sobretudo se é sacerdote, quando honra um jornal liberal com sua colaboração, o que faz é favorecê-lo com o prestígio de sua firma, ainda que com esta firma não defenda a parte má do jornal, e ainda que discorde publicamente desta mesma parte. Dir-se-á talvez que escrever ali é um meio de fazer com que muitos ouçam a voz da verdade, que em outro jornal não seria escutada. É verdade, mas por outro lado, a firma de um homem bom serve ali para abonar tal jornal à vista dos leitores pouco hábeis em distinguir as doutrinas de um artigo das de outro. Assim, o que se pretendia que fosse um contrapeso e uma compensação ao mal, se converte, para a maioria dos leitores, em uma efetiva recomendação dele. Mil vezes temos ouvido: "Será mau esse jornal? Ora, não escreve nele D. Fulano de tal?" Assim raciocina o vulgo, e vulgo é quase a totalidade do gênero humano. Por desgraça, é frequentíssima em nossos dias esta cumplicidade.

3° - Torna-se culpado de verdadeira cumplicidade quem vota em candidatos liberais, ainda que não se vote neles porque são liberais, mas por causa de suas opiniões em economia política, administração etc. Por mais que numa questão destas possa tal deputado estar de acordo com o catolicismo, é evidente que nas demais questões falará e votará segundo seu critério herético, e se tornará cúmplice de suas heresias quem o colocou na posição de escandalizar com elas o país.

4.º - É cumplicidade assinar um jornal liberal, ou recomendá-lo em um jornal de sã doutrina, ou lamentar seu desaparecimento ou sua suspensão pelas falsas razões de companheirismo ou de falsa cortesia. Ser assinante de um jornal liberal é dar dinheiro para fomentar o liberalismo. Mais ainda, é fazer com que, pelo exemplo, outro incauto se decida a lê-lo. É, além disso, ministrar à família e aos amigos da casa uma leitura mais ou menos envenenada. Quantos jornais maus seriam obrigados a renunciar da sua perniciosa e deplorável propaganda, se não fossem sustentados por assinantes tão ingênuos! O mesmo dizemos dos chavões dos jornalistas: "nosso estimado colega", ou aquela outra, de desejar-lhe "um grande número de assinaturas", ou a mais comum, "sentimos a perda do nosso colega", clichês usados quando se trata do primeiro número ou da suspensão de um jornal liberal. Não deve haver estes compadrios entre soldados de bandeiras tão opostas, como são a de Deus e a de Satanás. Ao cessar ou ser suspendido um jornal destes, deve-se dar graças a Deus, porque Sua Divina Majestade conta um inimigo a menos; e no dia de sua aparição, longe de saudar sua vinda, deve-se lamentá-la como uma calamidade.

5° - É cumplicidade administrar, imprimir, vender, distribuir, anunciar ou subvencionar jornais ou livros liberais, ainda que se o faça em conjunto com outros que são bons e ainda que seja por mera

profissão, como meio material de ganhar o sustento diário.

6° - É cumplicidade dos pais de família, diretores espirituais, chefes de oficinas, professores e mestres, ficar em silêncio quando são perguntados sobre este tema, ou simplesmente não o explicar, quando têm a obrigação de ilustrar as consciências de seus subordinados.

7° - É cumplicidade às vezes ocultar suas boas convicções, dando assim ocasião de suspeitar que elas sejam más. Não se pode esquecer que há mil ocasiões em que é obrigação do cristão dar testemunho público da verdade, mesmo sem ser formalmente requerido.

8° - É cumplicidade comprar, sem autorização da Igreja, propriedades pertencentes ao clero ou obras de beneficência, ainda que a lei de desamortização as ponha em leilão, a não ser que sejam compradas para serem devolvidas ao legítimo dono. É cumplicidade remir foros eclesiásticos sem a permissão do verdadeiro senhor deles, ainda que se apresente muito lucrativa a operação. É cumplicidade intervir como agente em tais compras e vendas, publicar os anúncios de leilões, praticar corretagens etc. Todos estes atos trazem também consigo a obrigação de restituir na proporção do que com eles se contribuiu para a iníqua espoliação.

9° - É cumplicidade, de algum modo, emprestar a própria casa ou alugá-la para obras liberais, tais como: escolas laicas, clubes, redação de jornais liberais etc.

10° - É cumplicidade celebrar festas cívicas ou religiosas em homenagem a atos notoriamente liberais ou revolucionários; assistir voluntariamente a tais festas; celebrar exéquias patrióticas cujo caráter seja mais revolucionário que cristão; pronunciar elogios fúnebres de defuntos notoriamente liberais; adornar seus sepulcros com coroas e fitas etc. Quantos incautos terão vacilado na fé por essas causas!

Fazemos estas indicações compreendendo só as cumplicidades mais freqüentes nesta matéria. Elas podem variar tanto como os atos da vida do homem, que, por serem infinitos, são inclassificáveis.

Grave é a doutrina que acabamos de assentar; porém se a teologia moral é segura, aplicada a outros erros e crimes, por que será menos aplicável ao objeto de nosso atual exame?

18. Sinais mais comuns para reconhecer se um livro, jornal ou pessoa está infectado ou somente manchado de liberalismo

Nesta variedade, ou melhor, confusão de matizes e meias-tintas que oferece a diversificada família do liberalismo, haverá sinais ou notas características com que se pode distinguir facilmente o liberal do não liberal? Eis outra questão também muito prática para o católico de hoje, e que de um modo ou de outro o teólogo moralista tem de resolver freqüentemente.

Para facilitar a solução, dividiremos os liberais (pessoas ou escritos) em três classes.

1° Liberais exaltados.

2° Liberais moderados.

3° Liberais impropriamente ditos, ou apenas eivados de liberalismo.

Ensaiemos uma descrição semi-fisiológica de cada um desses tipos. É um estudo que não carece de interesse.

O liberal exaltado se conhece de imediato, porque não trata de negar nem encobrir sua maldade. É inimigo formal do papa, dos padres, de toda gente da Igreja; basta que qualquer coisa seja sagrada para excitar seu ódio implacável. Dentre os jornais, procura os mais incendiários; vota nos candidatos mais abertamente ímpios; e de seu funesto sistema aceita até as últimas conseqüências. Glorifica-se de viver sem prática alguma de religião, e a duras penas a tolera em sua mulher e filhos. Costuma pertencer às seitas secretas, e quase sempre morre sem nenhum socorro da Igreja.

O liberal moderado costuma ser tão mau como o precedente, mas cuida bastante de não o parecer. As boas formas e as conveniências sociais são tudo para ele; salvo este ponto, o resto pouco lhe importa. Incendiar um convento parece demais para ele; apoderar-se do solar do

convento incendiado, parece-lhe coisa muito mais normal e tolerável. Que um jornaleco qualquer, desses de bordel, venda suas blasfêmias em prosa, verso ou gravura a dez réis o exemplar, é um excesso que ele proibiria e até lamenta que um governo conservador não proíba; porém, que se digam absolutamente as mesmas coisas em frases cultas, em um livro bem impresso, ou em um drama de sonoros versos, sobretudo se o autor é acadêmico ou coisa semelhante, já não o acha inconveniente. Ouvir falar de clubes[1] lhe dá calafrios e febre, porque ali, diz ele, se seduzem as massas e se subvertem os fundamentos da ordem social; mas, segundo ele, pode-se muito bem consentir na abertura de escolas livres; afinal, quem condenará a discussão científica dos problemas sociais? Escolas sem catecismo são um insulto à nação católica que paga por elas; mas uma universidade católica, ou seja, uma universidade inteiramente sujeita ao catecismo, ou mais exatamente ao critério da fé, devem ser relegadas aos tempos da Inquisição. O liberal moderado não detesta o papa; só desaprova certas pretensões da Cúria Romana e certos exageros do ultramontanismo[2], que não condizem bem com as idéias de hoje. Ele gosta dos padres, sobretudo dos "esclarecidos", ou seja, dos que pensam à maneira moderna, como ele. Quanto aos fanáticos e reacionários, ele os evita ou deles se compadece. Vai à Igreja, e por vezes até mesmo se aproxima dos sacramentos; porém a sua máxima é que na Igreja se deve viver como cristão, mas fora dela convém viver conforme o século em que se nasceu e não se obstinar em remar contra a corrente. Navega assim entre duas águas, e costuma morrer com o sacerdote ao lado, porém com a biblioteca cheia de livros proibidos.

O católico simplesmente eivado de liberalismo se reconhece assim: Homem de bem e de práticas sinceramente religiosas, ele exala, não obstante, um odor de liberalismo em tudo o que diz, escreve, ou traz entre as mãos. Poderia dizer a seu modo, como Madame de Sevigné: "Não sou a rosa, mas estive perto dela, e peguei algo de seu perfume". Este bom homem fala e age como um liberal sem que se dê conta. O seu forte é a caridade, ele é a caridade em pessoa. Como detesta os exageros da imprensa ultramontana! Chamar mau um homem que difunde más idéias parece, aos olhos desse singular teólogo, pecado contra o Espírito Santo. Para ele não há senão extraviados. Não se deve resistir nem combater; o que se deve procurar sempre é atrair. "Afogar o mal com a abundância do bem", é sua fórmula favorita, que leu um dia em Balmes por acaso, e foi a única coisa que do grande filósofo catalão lhe ficou na memória. Do Evangelho, cita apenas os textos a sabor de açúcar e mel. Explica as terríveis invectivas contra o farisaísmo como excesso de gênio ou de zelo do divino Salvador. O que não o impede de se servir delas, e muito violentamente, contra os insuportáveis ultramontanos, que com seus exageros comprometem a cada dia a causa de uma religião que é toda paz e amor. Contra estes, o contaminado de liberalismo, normalmente tão doce, mostra-se acerbo e violento. Contra estes seu zelo é amargo, sua polêmica ácida, e sua caridade agressiva. A respeito dele exclamou o Pe. Félix, num discurso célebre a propósito das acusações de que era objeto a pessoa do grande Louis Veuillot: "Senhores, amemos e respeitemos até os nossos amigos". Mas não, nosso homem eivado de liberalismo não faz assim; guarda todos os tesouros da tolerância e da caridade liberal para os inimigos jurados da fé! É claro, de que outra maneira o infeliz os atrairá? Em troca, só tem o sarcasmo e a intolerância cruel para os mais heróicos defensores dessa mesma fé.

Em suma, o eivado de liberalismo não consegue compreender a oposição per diametrum[3] de que fala Santo Inácio em seus Exercícios Espirituais. Não conhece outra tática senão a de atacar pelos flancos, tática que, em religião, costuma ser a mais cômoda, porém não a mais decisiva. Bem quisera ele vencer, mas à condição de não ferir o inimigo, nem lhe causar mortificação ou enfado.

A palavra "guerra" irrita-lhe os nervos, mas ele se acomoda à discussão pacífica. Está pelos círculos liberais, onde se discursa e delibera, e não pelas associações ultramontanas, onde se dogmatiza e censura. Numa palavra, se pelos frutos se reconhece o liberal exaltado e o liberal moderado, é pelas afeições, principalmente, que se reconhecerá o eivado de liberalismo .

Por esses traços mal delineados, que não chegam a desenho ou esboço, e muito menos a verdadeiro e acabado retrato, será fácil discernir prontamente qualquer um dos tipos da família liberal, em suas diversas gradações.

Para resumir em poucas palavras o traço mais característico da fisionomia de cada um: o liberal exaltado ruge seu liberalismo; o liberal moderado o discursa; o pobre liberal eivado o suspira e o geme.

“Todos são maus”, como dizia dos seus pais aquele velhaco da fábula; porém, é preciso reconhecer que ao primeiro paraliza-o muitas vezes seu próprio furor; ao terceiro a sua condição híbrida, por natureza estéril e infecunda. O segundo é o tipo satânico por excelência, o que em nossos tempos é verdadeira causa da devastação liberal.

---

[1] Hoje diríamos, por exemplo, “grupos terroristas”.

[2] No século XIX, essa corrente de pensamento representava os defensores do papa, que recusavam todo compromisso com o mundo saído da Revolução Francesa.

[3] Diametralmente oposta.

19. Principais regras de prudência cristã que o bom católico deve observar no trato com os liberais

E não obstante, caro leitor, com os liberais exaltados, os liberais moderados e com os católicos miseravelmente eivados de liberalismo temos de viver no século presente, como com os arianos se viveu no século quarto, com os pelagianos no quinto, com os jansenistas no décimo sétimo. E não é possível deixar de conviver com eles, porque os encontramos em toda parte: nos negócios, nas diversões, nas visitas, talvez até nas igrejas e na própria família.

Como deverá, pois, se portar o bom católico em suas relações com esses empestados? Como prevenir e evitar, ou diminuir pelo menos, o constante risco de contaminação?

É dificílimo indicar regras precisas para cada caso, mas é possível indicar as máximas gerais de conduta, deixando à prudência de cada um o cuidado de aplicá-las no que lhe diz respeito individualmente.

Parece-nos que, antes de tudo, convém distinguir três classes de relações possíveis entre um católico e o liberalismo, ou melhor, entre um católico e um liberal. Dizemos assim porque as idéias, na prática, não se podem considerar como separadas das pessoas que as professam e sustentam. O liberalismo ideológico é um puro conceito intelectual; o liberalismo real e prático são as instituições, as pessoas, os livros e os jornais liberais. Três classes, pois, de relações se podem supor entre um católico e um liberal:

- Relações necessárias.
- Relações úteis.
- Relações de pura afeição ou prazer.

1° - Relações necessárias. As relações necessárias são impostas a cada um por seu estado ou posição particular: não se pode evitá-las. São as que existem entre filhos e pais, marido e mulher, irmãos e irmãs, subordinados e superiores, patrões e empregados, discípulos e professores etc. É claro que, se um bom filho tem a infelicidade de seu pai ser liberal, não deve abandoná-lo por isso, nem a mulher ao marido, nem o irmão ou parente a outros da família, a não ser nos casos em que o liberalismo destes chegasse a exigir de seus respectivos subalternos atos essencialmente

contrários à religião, induzindo-os à apostasia formal. Não, quando somente se impedisse a liberdade de cumprir os preceitos da Igreja, pois é sabido que a Igreja não pretende obrigar ninguém sub gravi incommodo[1].

Em todos esses casos, o católico deve suportar com paciência sua dura situação e rodear-se de todas as precauções para evitar o contágio do mau exemplo. Como se aconselha em todos os livros que tratam das ocasiões próximas necessárias, o católico deve ter o coração elevado a Deus, e rogar todo dia pela sua própria salvação e pela das infelizes vítimas do erro; fugir sempre que possível de conversações e discussões sobre tais matérias, e não entrar nelas senão bem munido de armas ofensivas e defensivas; estas armas lhe serão fornecidas na leitura de bons livros e jornais, aprovados por um diretor prudente; contrabalançar a inevitável influência de pessoas contaminadas de tais erros pela freqüentação de outras pessoas de ciência e autoridade, que estejam em posse clara da sã doutrina; obedecer a seu superior em tudo que não se oponha à fé e à moral católica, porém renovar cada dia o firme propósito de negar obediência a quem quer que seja, em tudo que seja direta ou indiretamente oposto à integridade do catolicismo. E não desanime quem se encontra nessa situação. Deus, que observa suas lutas, não faltará com o auxílio conveniente.

Convém observar aqui que os bons católicos de países liberais e de famílias liberais costumam distinguir-se, quando são verdadeiramente bons, por seu especial vigor e têmpera de espírito. É este o constante proceder da graça de Deus, que auxilia com mais firmeza aí onde mais urgente e apertada vê a necessidade.

2° - Relações úteis. Outras relações há que não são absolutamente indispensáveis, mas que o são moralmente, porque sem elas não é possível a vida social, que se baseia toda numa troca mútua de serviços. Tais são as relações de comércio, as do patrão e seus empregados, as do artista com seus clientes etc. Nestas não há a estrita sujeição das relações do grupo anterior; pode-se, pois, agir com mais independência. A regra fundamental é não por-se em contato com tal gente, senão quando o exige a engrenagem da máquina social. Se és comerciante, não traves outras relações que as de comércio; se és empregado, limita-te às que exige o serviço; se és artesão, contenta-te ao “entregue” e ao “recebido” relativos à tua profissão.

Guardando esta prudência, e considerando as precauções gerais recomendadas no grupo anterior, pode-se viver sem prejuízo da fé, mesmo em meio a um povo de judeus; sem esquecer que neste caso não pode haver razão alguma de vassalagem, e que a independência católica tem o dever de manifestar-se com freqüência para impor respeito aos que crêem poder aniquilar-nos com seu liberalismo indecente. E no caso de uma imposição arbitrária, deve-se repeli-la com toda a franqueza, e erguer-se ante a desfaçatez do sectário com toda a nobre e firme intrepidez de um discípulo da fé.

3° - Relações de mera afeição. Estas são as que contraímos e mantemos por gosto ou inclinação e que podemos romper livremente, bastando querê-lo. Com liberais devemos abster-nos delas como de verdadeiros perigos para a nossa salvação. Aqui tem pleno lugar a sentença do Salvador: “Quem ama o perigo perecerá nele” (Eclo 3, 27). Custa? Rompa-se o laço perigoso, ainda que muito custe. Tenhamos presente as seguintes considerações, que certamente nos convencerão, ou pelo menos nos confundirão, se não nos convencem. Se certa pessoa estivesse atacada de uma

moléstia contagiosa, terias contato com ela? Sem dúvida não. Se tuas relações com ela comprometessem tua reputação, as manteria? É certo que não. Por acaso a visitaria, se professasse idéias injuriosas com respeito à tua família? Também não. Pois bem, nesta questão que toca à honra de Deus e à salvação espiritual, façamos o que a prudência humana nos aconselha fazer pelo nosso interesse material e nossa honra humana.

Sobre este ponto, lembramo-nos ter ouvido uma pessoa de alta hierarquia hoje na Igreja dizer: "Nada com os liberais; não freqüenteis suas casas, não cultiveis suas amizades!" O Apóstolo São Paulo já antes havia dito a seus contemporâneos: Ne commiscemini: "Não vos relacioneis com eles" (1Cor 5, 9) Cum hujusmodi nec cibum sumere: "Com eles nem sentar-se à mesa." (1Cor 5, 11).

Horror, pois, à heresia que é o mal acima de todo mal! Em país empestado, o que primeiro se procura é isolar-se. Quem nos dera poder estabelecer hoje um cordão sanitário absoluto entre os católicos e os sectários do liberalismo!

---

[1] Se disso se resultasse um grave inconveniente .

20. Sobre a necessidade de precaver-se contra as leituras liberais

Se esta conduta convém observar com as pessoas, muito mais conveniente, e por sorte muito mais fácil, é observá-la com as leituras.

O liberalismo é sistema completo, como o catolicismo, ainda que em sentido contrário. Tem, pois, suas artes, suas ciências, suas letras, sua economia, sua moral, ou seja, um organismo inteiramente próprio e seu, animado por seu espírito, marcado com seu selo e sua fisionomia. Também o tiveram as mais poderosas heresias, como por exemplo, o arianismo na antiguidade e o jansenismo nos tempos modernos. Há, pois, não só jornais liberais, mas livros liberais, ou contaminados de liberalismo; são abundantes e, triste é dizê-lo, deles se nutre principalmente a geração atual, motivo por que mesmo sem saberem ou suspeitarem, são tantos os que se encontram miseravelmente contaminados.

Que regras dar neste caso? Regras análogas ou quase idênticas às que demos com relação às pessoas. Leia-se o que dissemos há pouco, e aplique-se aos livros o que se disse dos indivíduos. Não é trabalho difícil e popupará, a nós e aos leitores, o incômodo da repetição.

Daremos aqui apenas uma advertência, especialmente em relação aos livros. É que nós devemos nos guardar de desfazer-nos em elogios a livros liberais, seja qual for seu mérito científico ou literário, a menos que o façamos com grandíssimas reservas e ressalvando sempre a reprovação que merecem por seu espírito ou sabor liberal.

Insistamos um pouco neste ponto. Muitos católicos ingênuos (mesmo no jornalismo católico), querem ser considerados imparciais, e dar-se um verniz de saber sempre lisonjeiro. Deste modo, tocam bombo e sopram a trombeta da fama em favor de qualquer obra científica ou literária vinda do campo liberal. Dizem que assim agem para provar que aos católicos não custa reconhecer o mérito, onde quer que se encontre (maldito sistema de atração, que acaba por tornar-se o jogo de ganha-perde, pois, sem sentir, somos nós os atraídos); e que, finalmente, não há perigo algum nisto, mas sim notório espírito de equidade.

Que pena nos deu há poucos meses ler num jornal fervorosamente católico repetidos elogios e recomendações de um poeta célebre que escreveu, em ódio à Igreja, poemas como Visão de Pe. Martinho e A Última Lamentação de Lorde Byron! Que importa seja grande ou não o seu mérito literário, se serve para assassinar as almas que devemos salvar? Seria o mesmo que ter consideração para com o bandido pelo brilho da espada com que nos ataca, ou pelos belos

entalhes que adornam o fuzil com que dispara contra nós. A heresia envolvida nos artificiosos afagos de uma rica poesia é mil vezes mais mortífera do que a revestida de silogismo escolástico, árido e fastidioso. A grande propaganda herética de quase todos os séculos foi sempre ajudada por versos sonoros. Os arianos tiveram seus poetas de propaganda; tiveram-nos também os luteranos, entre os quais muitos se prezavam, com seu Erasmo, de cultos humanistas. Quanto à escola jansenista de Arnauld, de Nicole e de Pascal, é desnecessário dizer que foi essencialmente literária. Todos sabem a que Voltaire deveu o começo e a duração de sua espantosa popularidade. Como é possível, pois, que nós, os católicos, nos façamos cúmplices de tais sirenes do inferno, dando-lhes nome e fama, e ajudando-os em sua obra de fascinação e corrupção da juventude? O que lê em nossos jornais que tal ou qual poeta é um admirável poeta, ainda que liberal, vai e compra na livraria aquele admirável poeta, ainda que liberal; e o devora avidamente, ainda que liberal; assimila-o e envenena com ele o seu sangue, tornando-se por fim tão liberal como seu poeta favorito. Quantas inteligências e corações foram perdidas pelo infeliz Espronceda! Quantas, o ímpio Larra! Quantas, há pouco, o malfadado Bécquer! Sem falar dos vivos, que poderíamos citar às dezenas. Por que temos de fazer à Revolução o serviço de pregar suas glórias funestas? Para que fim? Para parecer imparcial? Não, a imparcialidade não é permitida quando ofende a verdade, cujos direitos são imprescritíveis. Uma mulher de má vida é infame por bela que seja, e quanto mais bela, mais perigosa é. Seria por gratidão? Não, porque os liberais, mais prudentes que nós, não recomendam nossas obras, ainda que sejam tão belas quanto as suas; ao contrário, antes procuram desacreditá-las pela crítica, ou enterrá-las pelo silêncio.

Santo Inácio de Loyola, diz seu ilustre biógrafo, o Pe. Ribadeneyra, era tão zeloso neste ponto, que nunca permitiu se lesse em suas aulas obra alguma do famoso humanista de sua época, Erasmo de Roterdã. E o motivo é que, embora muitos de seus elegantes escritos não se referissem à religião, a maior parte deles tinha sabor protestante.

Do Pe. Faber[1], que ninguém acusará de pouco letrado, inserimos aqui um precioso trecho a propósito de seus famosos compatriotas Milton e Byron. Dizia assim o grande escritor inglês, em uma de suas belíssimas cartas:

“Não compreendo a estranha anomalia das gentes do mundo, que citam com elogio homens como Milton e Byron, manifestando ao mesmo tempo que amam a Cristo e põem n'Ele toda a esperança de salvação. Se amam a Cristo e à Igreja, por que louvam na sociedade os que blasfemam da Igreja e de Cristo? Bradam contra a impureza como coisa odiosa a Deus, mas exaltam um autor cuja vida e obras estão saturadas deste vício. Não posso compreender a distinção entre o homem e o poeta, entre as passagens puras e as passagens impuras. Se alguém ofende o objeto de meu amor, não posso receber dele consolo nem prazer, e não posso conceber que alguém, tendo amor ardente e delicado a nosso Salvador, possa gostar das obras de seus inimigos. A inteligência admite distinções, o coração não. Milton (maldita seja a memória do blasfemo!) passou grande parte de sua vida escrevendo contra a divindade de meu Senhor, minha única esperança e meu único amor. Este pensamento me exaspera! Byron, esquecendo os seus deveres para com a pátria e todos os afetos naturais, rebaixou-se vergonhosamente, vestindo com formosos versos o crime e a incredulidade. O monstro que colocou (ousarei dizê-lo?) Jesus Cristo no nível e como companheiro de Júpiter e de Maomé, não é para mim outra coisa que uma besta feroz, mesmo em suas passagens mais puras, e nunca me arrependi de ter lançado no fogo, em Oxford, uma bela edição de suas obras em quatro volumes... A Inglaterra não precisa de Milton. Como pode meu país

necessitar de uma política, de um mérito, de um talento ou de qualquer outra coisa amaldiçoada por Deus? E como pode o Pai Eterno abençoar o espírito e a obra de quem, em prosa e em verso, renegou, ridicularizou e blasfemou da divindade de seu Filho? Si quis non amat Dominum Nostrum Jesum Christum, sit anathema, dizia São Paulo.”

Nestes termos escrevia o grande literato católico inglês, um dos maiores nomes da literatura inglesa moderna. E escrevia antes de ter feito a sua abjuração completa do protestantismo. Assim discorreu sempre a sã intransigência católica, assim falou sempre o bom senso da fé.

Espanto-me de que tenha havido tantas discussões e polêmicas sobre se convinha à juventude a educação clássica, baseada no estudo dos autores gregos e latinos da antiguidade pagã, embora atenuada em seus efeitos pela distância dos séculos, pela diferença das idéias e diversidade das línguas, e que quase nada se tenha dito sobre o veneno mortal da educação revolucionária, que muitos católicos dão ou toleram sem escrúpulo a seus filhos.

---

[1] Nascido em 24 de junho de 1814 numa família calvinista refugiada na Inglaterra, converteu-se ao catolicismo em 1845 e se tornou padre. Morreu em 26 de setembro de 1863, com 49 anos.

21. Da sã intransigência católica em oposição à falsa caridade liberal

Intransigente! Intransigência! Assim ouço exclamar uma parte de meus leitores mais ou menos eivados de liberalismo, após a leitura do capítulo anterior.

Que modo pouco cristão de resolver a questão!, dizem eles. São os liberais ou não nossos próximos, como quaiquer outros? Onde vamos parar com essas idéias? Como tão descaradamente se recomenda contra eles o desprezo da caridade?

“Lá vêm eles!”, exclamaremos por nossa vez. Já lançam em nossa face a “falta de caridade”. Vamos, pois, responder também a esta crítica, que é para alguns o verdadeiro cavalo de batalha da questão. Se não o é, serve ao menos como verdadeiro parapeito contra nossos inimigos, os quais, como muito a propósito disse um autor, forçam gentilmente a caridade a servir como barricada contra a verdade.

Vejamos, antes de tudo, o que significa a palavra caridade.

A teologia católica nos dá a definição pelo órgão mais autorizado da propaganda popular, o catecismo, tão pleno de sabedoria e filosofia. Define-a assim: A caridade é uma virtude sobrenatural que nos inclina a amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos por amor de Deus. Desta definição, depois da parte que se refere a Deus, resulta que devemos amar o próximo como a nós mesmos, e isto não de qualquer maneira, mas em ordem e com sujeição à lei de Deus e por amor de Deus.

Pois bem, o que é amar? Amare est velle bonum, diz a filosofia: “Amar é querer bem a quem se ama”. E a quem diz a caridade que se há de amar ou querer bem? Ao próximo, isto é, não a tal ou qual homem somente, mas a todos os homens. E qual é o bem que se há de querer, para que dele resulte o verdadeiro amor? Primeiramente, o bem supremo, que é o bem sobrenatural; logo depois, os demais bens de ordem natural, que não são incompatíveis com aquele. E tudo vem a resumir-se naquela frase “por amor de Deus”, e em mil outras de análogo sentido.

Segue-se, pois, que se pode amar e querer bem ao próximo (e muito) desgostando-o, contrariando-o, prejudicando-o materialmente, e até privando-o da vida em certas ocasiões. Tudo se reduz a examinar se naquilo que o desgosta, o contraria, ou o mortifica, age-se ou não para seu próprio bem, para o bem de alguém cujos direitos são superiores aos seus, ou simplesmente para o maior serviço de Deus.

1° - Para o seu próprio bem. Se claramente se demonstra que, desgostando e ofendendo o próximo, age-se para o seu bem, é evidente que neste caso ele é amado, mesmos nas contrariedades e desgostos que lhe sejam impostos. Por exemplo: ama-se o doente queimando-o com o cautério, ou cortando sua gangrena com o bisturi; ama-se o mau corrigindo-o com repreensões ou castigos etc. Tudo isto é excelente caridade.

2° - Para o bem de outro cujos direitos são superiores. Muitas vezes é necessário contrariar alguém, não para seu próprio bem, mas para livrar de um mal a outrem que aquele lhe queira causar. Neste caso, é uma obrigação de caridade defender o agredido da violência injusta do agressor; e pode-se fazer ao agressor tanto mal quanto seja preciso ou conveniente para defesa do agredido. Assim sucede quando, em defesa de um passageiro, se mata o ladrão que o ataca. E então matar o injusto agressor, feri-lo, neutralizá-lo de qualquer modo, é ato de verdadeira caridade.

3.º - Para o serviço devido a Deus. O bem de todos os bens é a glória divina, assim como Deus é para todo homem o próximo de todos os próximos. Por conseguinte, o amor devido aos homens como próximos, deve estar sempre subordinado ao que todos nós devemos a nosso comum Senhor. Para seu amor e serviço, pois, deve-se (se necessário) desgostar os homens, feri-los e até (sempre se necessário) matá-los. Atente-se para a importância dos parênteses (se necessário); eles indicam claramente o único caso em que o serviço de Deus exige tais sacrifícios. Assim como numa guerra justa os homens se ferem e matam pelo serviço da pátria, assim pode-se também ferir e matar pelo serviço de Deus. E assim como, em cumprimento da lei, pode-se executar homens por suas infrações ao Código humano; tem-se o direito, numa sociedade catolicamente organizada, de justiçar os homens por infrações ao Código divino, naquilo que ele obriga exteriormente. Assim se justifica plenamente a criticada Inquisição. Todos esses atos (quando são justos e necessários) são atos de virtude e podem ser mandados pela caridade.

Não a entende assim o liberalismo moderno, e portanto a entende mal. Por isso, ele possui e dá aos seus adeptos uma falsa noção de caridade, e desconcerta os católicos mais firmes com suas censuras e acusações banais de intolerância e intransigência, renovadas sem cessar. Nossa fórmula é muito clara e concreta. É a seguinte: a suma intransigência católica não é senão a suma caridade católica. Esta caridade se exerce em benefício do próximo quando, para o seu próprio bem, ela o confunde, o envergonha, o ofende e o castiga. Ela se exerce em benefício de um terceiro quando, para livrá-lo do erro e de seu contágio, desmascara seus autores e fautores, chamando-os pelo verdadeiro nome, de maus, perversos, tornando-os odiáveis e desprezíveis como devem ser, denunciando-os à execração pública, e, se possível, ao zelo da autoridade social encarregada de os reprimir e castigar. Ela se exerce, finalmente, dirigida a Deus, quando por sua glória e serviço faz-se necessário impor silêncio a todas as considerações humanas, saltar todos os obstáculos, afrontar todo respeito humano, ferir todos os interesses, expor a própria vida e todas as vidas cujo sacrifício seja necessário para tão alto fim.

E tudo isto é pura intransigência no verdadeiro amor, e por isso, é suma caridade. Os tipos dessa intransigência são os heróis mais sublimes da caridade, como entende a verdadeira religião. E porque hoje há poucos intransigentes, há também pouca gente verdadeiramente caridosa. A caridade liberal, hoje em moda é, na forma, condescendente, afetuosa, e mesmo tenra, porém no fundo é o desprezo essencial dos verdadeiros bens do homem e dos supremos interesses da

verdade e de Deus.

22. Da caridade nas chamadas “formas de polêmica”, e se têm nisto razão os liberais contra os apologistas católicos

Mas não é este último principalmente o terreno em que o liberalismo coloca a questão, porque sabe que no campo dos princípios seria irremediavelmente vencido. Ele prefere, em sua propaganda, acusar os católicos de pouca caridade, e é neste ponto que, como temos dito, certos católicos, bons no fundo, mas influenciados da maldita peste liberal, costumam especialmente insistir. O que há, pois, sobre este particular?

Há o seguinte: Que nós, os católicos, temos razão nisto como no mais, e que os liberais não têm nem sombra dela. Fixemo-nos para isto nos seguintes pontos:

1° Pode claramente o católico dizer a seu adversário liberal que é de fato um liberal. Ninguém porá em dúvida esta proposição. Se um autor, jornalista ou deputado começa a jactar-se de liberalismo, e não oculta nem pouco nem muito suas idéias ou afeições liberais, que injúria se faz em chamá-lo de liberal? É um princípio do direito: Si palam res est, repetitio injuriam non est: “Não é injúria repetir o que está à vista de todos”. Muito menos em dizer do próximo o que ele diz de si mesmo a todas as horas. Quantos liberais, no entanto, particularmente os do grupo dos mansos ou moderados, tomam como grande injúria que um adversário católico os chame de liberais ou amigos do liberalismo?

2° Dado que o liberalismo é coisa má, não é falta de caridade chamar maus os defensores públicos e conscientes do liberalismo.

Isto é, em substância, aplicar ao caso presente a lei de justiça que foi aplicada em todos os séculos. Nós, os católicos de hoje, não fazemos inovação neste ponto, nos atemos à prática constante da antigüidade. Os propagadores e fautores de heresias foram em todos os tempos chamados hereges, como os seus autores. E como a heresia foi sempre considerada na Igreja como mal gravíssimo, tais fautores e propagadores foram chamados sempre pela Igreja maus e malvados. Consultai as coleções dos autores eclesiásticos. Vede como os Apóstolos trataram os

primeiros heresiarcas e como seguiram tratando-os os Santos Padres e depois os controversistas modernos e a própria Igreja em sua linguagem oficial. Não há, pois, falta de caridade em chamar ao mau, mau; aos autores, fautores e seguidores do mal, malvados; e ao conjunto de todos seus atos, palavras e escritos, iniqüidade, maldade e perversidade. O lobo foi sempre chamado lobo e nada mais, e nunca se acreditou que, ao chamá-lo assim, se fizesse obra má ao rebanho nem a seu dono.

3° Se a propaganda do bem e a necessidade de atacar o mal exigem o emprego de frases duras contra os erros e seus reconhecidos corifeus, seu emprego nada tem contrário à caridade. É um corolário ou conseqüência do princípio anterior. É preciso tornar o mal detestável e odioso; e não se pode fazer isto senão denunciando-o como mau, perverso e desprezível. A oratória cristã de todos os séculos autoriza o emprego das figuras retóricas mais violentas contra a impiedade. Nos escritos dos grandes atletas do cristianismo é contínuo o uso da ironia, da imprecação, da execração, dos epítetos depreciativos. A lei de tudo isto deve ser unicamente a oportunidade e a verdade.

Há ainda outra razão. A propaganda e apologética popular (e a religiosa é sempre popular) não pode guardar as formas sofisticadas e sóbrias da academia e da escola. Não se convence o povo senão falando-lhe ao coração e à imaginação, que só se emocionam com a literatura calorosa, inflamada e apaixonada. A paixão produzida pela santa paixão da verdade não é má. As chamadas intemperanças do moderno jornalismo ultramontano, além de muito leves se comparadas com as do jornalismo liberal (temos exemplos recentes por aí a cada passo), estão plenamente justificadas, basta abrir em qualquer página as obras dos grandes polemistas católicos dos melhores tempos.

São João Batista começou por chamar aos fariseus “raça de víboras”. Jesus Cristo Nosso Senhor não se absteve de lançar-lhes os epítetos de “hipócritas”, “sepulcros caiados”, “geração perversa e adúltera", sem que com isso cresse manchar a santidade de sua mansíssima pregação. São Paulo dizia, dos cismáticos de Creta, que “eram mentirosos, bestas más, ventres preguiçosos”[1]. Ao sedutor Elimas, o mago, chama o mesmo Apóstolo “homem cheio de toda fraude e embuste, filho do diabo, inimigo de toda verdade e justiça”.

Se abrimos as coleções dos Padres, encontramos por toda parte tratos desta natureza, que não hesitaram empregar a cada passo em sua eterna polêmica com os hereges. Citaremos apenas um ou outro dos principais: São Jerônimo, disputando com o herege Vigilâncio, lança-lhe em rosto sua antiga profissão de taberneiro e lhe diz: “Outras coisas aprendeste (e não teologia) desde tenra idade; a outros estudos te dediscaste. Averiguar ao mesmo tempo o valor das moedas e o dos textos da Escritura; provar os vinhos e ter a inteligência dos profetas e dos apóstolos certamente não são coisas que um mesmo homem possa bem executar”. E vê-se que o santo controversista tinha afeição a esta maneira de desautorizar o adversário, pois em outra ocasião, atacando o mesmo Vigilâncio, que negava a excelência da virgindade e do jejum, pergunta-lhe com muita graça “se pregava assim para não perder o consumo de sua taverna”. Oh! Quantas queixas teria feito um crítico liberal, se tivesse escrito isto um de nossos controversistas contra um herege de hoje!

Que diremos de São João Crisóstomo na sua famosa invectiva contra Eutrópio, cujo caráter pessoal e agressivo só tem comparação com as cruéis invectivas de Cícero contra Catilina ou contra Verres? O melífluo São Bernardo não era certamente de mel ao tratar com os inimigos da fé. Chama Arnaldo de Bréscia, o grande agitador liberal de sua época, com todas as letras de "sedutor, vaso de injúrias, escorpião, lobo cruel".

O pacífico Santo Tomás de Aquino esquece a calma de seus frios silogismos para lançar contra seu adversário Guilherme de Saint-Amour e seus discípulos, as violentas apóstrofes de "inimigos de Deus, ministros do diabo, membros do Anticristo, ignorantes, perversos, réprobos". Nunca disse tanto o ilustre Louis Veuillot. O seráfico São Boaventura, tão cheio de doçura, dirige increpções a Geraldo com os epítetos de "imprudente, caluniador, espírito maléfico, ímpio, impudico, ignorante, embusteiro, malfeitor, pérfido e insensato". Ao chegar a época moderna, vemos aparecer a figura encantadora de São Francisco de Sales, que, por sua distinta delicadeza e mansidão, mereceu ser chamado a imagem viva do Salvador. Credes que ele mostrou alguma consideração pelos hereges de seu tempo e país? Vamos então! Perdoou-lhes as injúrias, cobriu-os de benefícios, procurou até salvar a vida a quem tinha atentado contra a sua. Chegou a dizer para um rival: "Se me arrancasses um olho, não deixaria com o outro de olhar-te como irmão". Pois bem; com os inimigos da sua fé não mostrava nenhum tipo de comedimento e consideração. Perguntando por um católico se podia dizer mal de um herege, que espalhava suas venenosas doutrinas, respondeu: "Sim, podeis, contanto que não digais dele coisa contrária à verdade, e só pelo sabeis da sua má conduta, falando do que é duvidoso como duvidoso, e segundo o grau maior ou menor de dúvida que sobre isto tenhais".

Em sua Filotéia, livro tão precioso como popular, ele se exprime ainda mais claro: "Os inimigos declarados de Deus e da Igreja devem ser culpados e condenados com toda força possível. A caridade obriga a todos a gritar: 'o lobo!', quando este se introduzir no rebanho, e até em qualquer lugar em que se encontre."

Haverá necessidade de dar a nossos inimigos um curso prático de retórica e de crítica literária? Em resumo, acabamos de dizer tudo o que há sobre a tão decantada questão das formas agressivas usadas pelo escritores ultramontanos, vulgo católicos verdadeiros. A caridade nos proíbe fazer aos outros o que razoavelmente não queremos para nós mesmos. Note-se o advérbio razoavelmente, no qual está todo o quid da questão.

A diferença essencial entre o nosso modo de ver e o dos liberais neste assunto, é que estes senhores consideram os apóstolos do erro como simples cidadãos livres, que, no uso do seu perfeito direito, opinam em matéria de religião diferentemente de nós. Por conseguinte, se crêem obrigados a respeitar essa opinião e não contradizê-la, senão nos termos de uma discussão livre. Nós, ao contrário, não vemos neles senão inimigos declarados da fé que estamos obrigados a defender, e em seus erros não vemos livres opiniões, mas heresias formais e culpáveis, tal como ensina a lei de Deus. Com razão, pois, diz um grande historiador católico aos inimigos do catolicismo: "Fazei-vos infames com vossas ações; pois bem, eu acabarei de vos cobrir de infâmia com meus escritos". E com igual teor a lei das Doze Tábuas ensinava a viril geração romana dos primeiros tempos de Roma: Adversus hostem aeterna auctoritas esto, que se pode traduzir "contra os inimigos, guerra sem tréguas".

[1] Tito, 1, 12.

23. Se é conveniente, ao combater o erro, combater e desacreditar a personalidade de quem o sustenta e divulga.

Dirá alguém: “É certo que assim se passa com as doutrinas abstratas. Mas será conveniente combater o erro, por maior que seja, ao se fixar e encarniçar contra a personalidade de quem o sustenta?” Eis a nossa resposta: Sim, muitíssimas vezes é conveniente, e não só conveniente, mas até indispensável e meritório diante de Deus e da sociedade. E ainda que se possa deduzir essa afirmação do que anteriormente foi exposto, queremos todavia tratá-la aqui ex professo, pois é grande a sua importância.

Com efeito, não é pouco frequente a acusação que se faz aos apologistas católicos de preocupar-se sempre com pessoas, e quando se lança essa acusação a um dos nossos, parece aos liberais e aos contaminados de liberalismo que já não há mais que dizer para condená-lo. E contudo não têm razão; não, não a têm. As idéias más devem ser combatidas e desacreditadas, e é preciso torná-las odiosas, desprezíveis e detestaveis à multidão, a quem elas tentam enganar e seduzir.

Assim como as idéias não se sustentam em nenhum caso por si mesmas, elas não se difundem nem se propagam sozinhas; não poderiam, por si mesmas, produzir todo o mal de que sofre a sociedade. São como as flechas ou balas, que a ninguém iriam ferir, se não houvesse quem as disparasse com o arco ou o fuzil.

Ao arqueiro e ao fuzileiro devem se dirigir, pois, os tiros de quem pretenda destruir a sua mortal pontaria. E qualquer outro modo de fazer guerra será tão liberal como queiram, mas não terá senso comum.

Os autores e propagandistas de doutrinas heréticas são soldados com armas de envenenados projéteis; suas armas são o livro, o jornal, o discurso público, a influência pessoal. Não basta, pois, desviar-se para evitar o tiro. Não, a primeira coisa a se fazer, a mais eficaz, é inabilitar o atirador.

Assim, convém desautorizar e desacreditar o livro, o jornal e o discurso do inimigo; e não só isto, mas também, em certos casos, desautorizar e desacreditar a sua pessoa. Sim, a sua pessoa, pois este é o elemento principal do combate, como o artilheiro é o elemento principal da artilharia, e não a bomba, a pólvora ou o canhão. Pode-se, pois, em certos casos revelar em público suas infâmias, ridicularizar seus costumes, cobrir de ignomínia seu nome e sobrenome. Sim, leitor, e pode-se fazer em prosa ou em verso, a sério ou de piada, em caricaturas e por todos os meios e procedimentos que no futuro se possa inventar. É importante apenas não pôr a mentira a serviço da justiça. Isso não; não se pode sob pretexto algum faltar com a verdade, nem um iota. Porém, sem sair dos estritos limites desta verdade, lembremo-nos daquele dito de Crétineau-Joly: A verdade é a única caridade permitida à história; poderíamos acrescentar: e à defesa religiosa e social.

Os mesmos Santos Padres, que já citamos, provam esta tese. Os próprios títulos de suas obras dizem claramente que, ao combater as heresias, o primeiro tiro procuravam dirigi-lo contra os heresiarcas. Quase todos os títulos das obras de Santo Agostinho se dirigem ao nome do autor da heresia: Contra Fortunatum manichoeum, Adversus Adamanctum; Contra Felicem; Contra Secundinum; Quis fuerit Petilianus; De gestis Pelagii; Quis fuerit Julianus etc. De modo que quase toda a polêmica do grande Agostinho foi pessoal, agressiva, biográfica, por assim dizer, tanto como doutrinal; lutando corpo a corpo com o herege, como também contra a heresia. E o que dizemos de Santo Agostinho poderíamos dizer de todos os Santos Padres.

De onde o liberalismo tirou, pois, a novidade de que ao combater os erros se deve prescindir das pessoas e até mesmo as lisonjear e agradar? Firmem-se no que ensina sobre isto a tradição cristã, e deixem-nos a nós, os ultramontanos, defender a fé como se defendeu sempre na Igreja de Deus.

Que penetre, pois, a espada do polemista católico; que fira e vá direto ao coração! É a única maneira real e eficaz de combater.

24. Resposta a uma objeção, à primeira vista grave, contra a doutrina dos dois capítulos precedentes

Uma dificuldade, à primeira vista gravíssima, podem os nossos adversários opor à doutrina estabelecida nos capítulos anteriores. Convém-nos, antes de avançar, deixar nosso caminho livre e desembaraçado de escrúpulos ou outros obstáculos dessa natureza.

O papa, dizem, e é certo, tem recomendado várias vezes aos jornalistas católicos a temperança, a moderação, o respeito e a caridade nas formas de polêmica. Quer que se evitem as maneiras agressivas, os epítetos depreciativos e as invectivas injuriosas. Ora, dirão agora, a doutrina que acabais de expor é diametralmente oposta às recomendações pontifícias.

Com ajuda de Deus, vamos demonstrar que não há contradição entre nossas indicações e os sábios conselhos do papa. E não nos custará, por felicidade, dar a prova evidente.

Com efeito, a quem se dirigiu o Santo Padre nas suas reiteradas exortações? Sempre à imprensa católica, sempre aos jornalistas católicos, supondo-os que o são. Por conseguinte, é evidente que, ao dar esses conselhos de moderação e temperança, o Santo Padre dirigiu-se a católicos que tratavam de questões livres com outros católicos, e não a católicos que travavam contra anti-católicos declarados o feroz combate da fé.

É evidente que não aludiu às incessantes batalhas entre católicos e liberais; porque diante do fato de que o catolicismo é a verdade e o liberalismo a heresia, as batalhas travadas entre seus representantes devem considerar-se, em boa lógica, como batalhas entre católicos e hereges.

É claríssimo que o papa quis que se aplicassem os seus conselhos só em relação com nossas dissidências de família, infelizmente muito comuns, e não pretendeu que com os inimigos da Igreja e da fé lutássemos com espadas sem fio e sem ponta, usadas só em justas e torneios.

Por conseguinte, não há oposição entre a doutrina por nós exposta e a contida nos Breves e Alocuções de Sua Santidade, porque a oposição, em boa lógica, deve ser ejusdem, de eodem et secundum idem, o que não ocorre aqui. E como poderia a palavra do papa interpretar-se corretamente de outra maneira? É uma regra de sã exegese que um texto da Sagrada Escritura

deve ser interpretado em sentido literal, quando este sentido não se opõe ao contexto; e só deve recorrer-se ao sentido livre ou figurado quando esta oposição se apresenta. Igualmente, podemos seguir a mesma regra ao tratar da interpretação dos documentos pontifícios.

Poderá supor-se o papa em contradição com toda a tradição católica, desde Jesus Cristo até os nossos dias?

Poderão crer-se condenados por um risco de pena o estilo e a maneira dos mais célebres apologetas e polemistas da Igreja, desde São Paulo até São Francisco de Sales?

É evidente que não. E é evidente que assim seria, se tais conselhos de moderação e temperança devessem ser entendidos no sentido em que (para conveniência de sua causa) os interpreta o critério liberal. Por conseguinte, a única conclusão admissível é que os conselhos do papa, que todo bom católico deve considerar como ordens, não se referiu às polêmicas entre católicos e inimigos do catolicismo, como são os liberais, mas às dos bons católicos, entre si, em suas dissidências e diferenças.

Não, não pode ser de outra maneira, o próprio senso comum o diz. Nunca em batalha alguma o capitão proibiu seus soldados de ferirem gravemente o adversário; nunca lhes recomendou brandura para com eles; nunca afagos nem atenções. Guerra é guerra, e nunca foi feita de outra maneira senão causando danos. É suspeito de traidor quem, no fragor do combate, anda gritando entre as filas dos combatentes: "Cuidado para não incomodar o inimigo! não lhe ataque no coração!".

Que mais dizer? O próprio Papa Pio IX nos deu a interpretação autêntica de suas santas palavras, e mostrou de que maneira seus conselhos de temperança e moderação devem aplicar-se. Aos sectários da Comuna, numa ocasião memorável, chamou demônios, e aos sectários do catolicismo-liberal [1] chamou piores do que aqueles demônios. Esta frase correu o mundo, e saída dos lábios mansíssimos do papa, permanece gravada na testa do liberalismo como estigma de eterna execração. Quem depois dela temerá exceder-se na dureza dos qualificativos?

As próprias palavras da Encíclica Cum multa, de que tanto abusou contra os mais firmes católicos a impiedade liberal, são as mesmas palavras com que nosso Santíssimo Padre Leão XIII recomenda aos escritores católicos que “evitem o tom de violência na defesa dos direitos sagrados da Igreja e recorram de preferência às armas mais dignas da moderação, de sorte que o peso das razões mais que a aspereza e violência do estilo, deem a vitória ao escritor.” É evidente que o Santo Padre não fala aqui senão de polêmicas entre católicos e católicos sobre o melhor modo de servir a sua causa comum, e não das polêmicas entre católicos e inimigos declarados do catolicismo, tais como os sectários formais e conscientes do liberalismo.

A prova está à vista de qualquer um, basta olhar o contexto da admirável encíclica citada.

O papa a termina exortando para que se mantenham unidas as associações e os indivíduos católicos. E depois de ponderar as vantagens desta união, assinala como meio principal de conservá-la, essa moderação e temperança no estilo, que acabamos de indicar.

Daqui deduzimos um argumento que não tem contestação.

O papa recomenda a suavidade do estilo aos escritores católicos, para que esta os ajude a conservar a paz e a mútua união. Esta paz e mútua união, o papa não pode, evidentemente, querê-la senão entre católicos e católicos, e não entre católicos e inimigos do catolicismo. Logo, a suavidade e moderação que o papa recomenda aos escritores só se referem às polêmicas dos católicos entre si, e nunca às que existem entre católicos e sectários do erro liberal.

Ainda mais claro: O papa ordena esta moderação e temperança como meio de alcançar como fim a união. Este meio deve, por conseguinte, caracterizar-se por este fim a que está ordenado. Ora, este fim é puramente a união entre católicos, e nunca (quia absurdum) entre católicos e inimigos do catolicismo. Logo, aquela moderação não pode entender-se aplicada a outra esfera.

---

[1] Em 18 de junho de 1871, à deputação francesa que foi a Roma festejar o 25º aniversário de seu pontificado, Pio IX declarava: “Meus queridos filhos, é preciso que minhas palavras vos digam bem aquilo que trago no coração. O que aflige vosso país e o impede de merecer as bênçãos de Deus, é a mescla de princípios. Direi a palavra, e não a calarei: o que temo, não são todos esses miseráveis da Comuna de Paris, verdadeiros demônios do inferno que passeiam pela terra. Não, não é isso; o que temo, é esta infeliz política, esse *liberalismo católico* que é o verdadeiro flagelo. Disse-o mais de quarenta vezes; e vos repito, por causa do amor que vos tenho. Sim, é este jogo... Como se diz em francês? Em italiano chamamo-lo *altalena*... Sim, justamente, esse jogo de básculo que destruiria a religião. É preciso sem dúvida praticar a caridade, fazer o possível para reunir os que estão dispersos: mas para isso não é necessário compartilhar de suas opiniões.”

25. Confirmação do que ultimamente disse um ponderadíssimo artigo de La Civiltá Cattolica

Duvidamos que se encontre uma saída a este argumento, porque simplesmente não há. Mas como a questão é da mais alta importância e tem sido nestes últimos tempos objeto de uma acalorada controvérsia, sendo além disso escassa e de pouco peso a nossa autoridade para falar definitivamente sobre ela, pedimos a nossos leitores permissão de reproduzir, em favor de nossa doutrina, um voto de mais reconhecida, para não dizer incontestável e incontestada, competência.

É o da Civiltá Cattolica, o primeiro jornal religioso do mundo, senão oficial em sua redação, ao menos em sua origem, pois foi fundado por um Breve especial de Pio IX, e por ele confiado aos Padres da Companhia de Jesus. Este jornal cujos artigos, ora em forma séria, ora em sátira, não deixam sossegar os liberais italianos, viu-se várias vezes repreendido pelos mesmos liberais por falta de caridade. Para responder a essas farisaicas homilias sobre a moderação e a caridade, a Civiltá Cattolica publicou um graciosíssimo artigo, tão pleno de humor como de profunda filosofia.

Vamos reproduzi-lo aqui para consolação de nossos liberais e desengano de tantos pobres católicos contaminados de liberalismo, que fazem coro com eles, escandalizando-se a todas as horas de nossa tão anatematizada falta de moderação. O artigo se intitula: "Um pouco de caridade!", é como se se

> ”De Maistre diz que a Igreja e os papas nunca pediram para sua causa mais do que a verdade e a justiça. Ao contrário dos liberais, os quais por um respeitoso horror que naturalmente professam à verdade e sobretudo à justiça, não fazem senão pedir-nos a caridade a todas as horas.
>
> “Há cerca de doze anos que, por nossa parte, estamos assistindo a este curioso espetáculo dado pelos liberais italianos, que não cessam um segundo de mendigar, com lágrimas, a nossa caridade, suplicando-nos, de braços cruzados, em prosa e em verso, em folhetos e em jornais, em cartas públicas e privadas, anônimas e pseudônimas, direta ou indiretamente, que por amor de Deus

> tenhamos com eles um pouco de caridade; que não mais nos permitamos fazer o próximo rir à sua custa; que não nos entretenhamos em examinar tão detalhada e minuciosamente os seus sublimes escritos; que não sejamos tão pertinazes em trazer ao público suas gloriosas façanhas; que façamos vista grossa e ouvidos surdos aos seus descuidos, solecismos, mentiras, calúnias e mistificações; que, numa palavra, os deixemos viver em paz.
>
> "Pois em última análise, caridade é caridade; e que os liberais não a tenham, é natural e compreende-se bem, mas que não a usem os escritores, como os da Civiltá Cattolica, isso é outra história.
>
> "Justo castigo de Deus é que os liberais, que tanto aborreceram a mendicidade pública, a ponto de a proibirem em muitos países sob pena de prisão, se vejam agora forçados a tornar-se mendicantes públicos, pedindo em nome do céu, como ardilosos reacionários... um pouco de caridade!
>
> "Com esta edificante conversão ao amor da mendicância, os liberais imitaram aquela outra não menos célebre e edificante, a do rico avarento à virtude da esmola. Este, tendo assistido uma vez ao sermão e ouvido uma exortação muito fervorosa à prática da esmola, de tal modo se comoveu, que chegou a ter-se por verdadeiramente convertido. Em verdade, fora tão fortemente tocado pelo sermão, que dizia ao sair da Igreja: É impossível que esses bons cristãos que o ouviram não me dêem de vez em quando alguma coisa por caridade.

Assim os nossos sempre estupendos liberalaços, depois de haverem demonstrado (cada um segundo os seus meios), por atos e escritos, que têm à caridade o mesmo amor que o diabo tem à água benta; quando depois, ouvindo falar em caridade, voltam a si e se recordam que há no mundo algo que se chama a virtude da caridade e que esta pode em certas ocasiões ser-lhes proveitosa, mostram-se de repente furiosamente enamorados dela e vão pedi-la com gritos ao papa, aos bispos, ao clero, aos frades, aos jornalistas, a todos... até aos redatores da la Civiltá!

> "E é preciso ouvir as belas razões que sabem aduzir em seu favor! Se neles crermos, teríamos de pensar que não falam por interesse próprio. Santo Deus, não! Se assim falam, é com o interesse de nossa santíssima religião, que eles têm no íntimo do coração e que por certo sairá muito prejudicada de nossa maneira tão pouco caridosa de defendê-la. Falam no interesse dos próprios reacionários e, especialmente (quem o acreditará?) em nosso próprio interesse, no interesse dos redatores da Civiltá Cattolica.
>
> "Que necessidade tendes — dizem, em tom confidencial — de meter-vos nessas querelas? Não tendes já bastantes hostilidades para enfrentar? Sede tolerantes e vossos adversários o serão convosco. Que ganhais com esse triste ofício de cães ululando sempre aos ladrões? E se no final saís batidos e golpeados, a

quem dareis a culpa, senão a vós mesmos e a esta indomável obstinação que tendes em procurar as pancadas?

“Sábia e desinteressada maneira de discorrer, cujo único defeito é o de assemelhar-se muito àquela que o comissário de polícia recomenda a Renzo Tramaglino no romance Os noivos, quando tentava levá-lo à prisão persuadindo-o, presumindo que, se usasse de força, o jovem não se deixaria conduzir. ’Creia-me, dizia Renzo, tenho prática nessas coisas. Caminha devagarinho e sempre adiante, sem ir de um lado para o outro, e sem que o notem. Assim, ninguém nos reparará, ninguém advertirá o que se passa, e conservarás portanto tua reputação.’ Mas aqui observa Manzoni[1] que Renzo não acreditava em nenhuma de suas belas razões. Não podia acreditar que o comissário o estimasse, que se interessasse por sua honra e reputação, ou tivesse verdadeira intenção de favorecê-lo. De sorte que tais exortações só serviram para confirmá-lo no desígnio já pré-concebido de portar-se inteiramente ao contrário do que lhe foi aconselhado.”

“Este desígnio, falando com franqueza, nós também estamos muito tentados a formá-lo; porque não podemos persuadir-nos de que os liberais se importem pouco ou muito com o dano que possamos causar à religião, ou que se preocupem com o que possa nos convir. Cremos, ao contrário, que se os liberais julgassem verdadeiramente que o nosso modo de agir prejudicava à religião ou pelo menos a nós mesmos, não somente se guardariam de nos advertir, porém ainda nos incentivariam com aplausos.

“Consideremos que mostrarem-se zelosos conosco, rogar-nos que modifiquemos o nosso estilo, são sinais claros de que a religião nada perde com isso, e que os nossos escritos têm alguns leitores, o que para um escritor não deixa de ser sempre uma consolação.

“No que diz respeito a nossos interesses e ao princípio utilitário, visto que os liberais têm sido com justa razão considerados sempre como mestres neste ponto, e têm fama de haver aplicado sempre este princípio muito mais em proveito próprio do que em nosso favor, é preciso que nos permitam crer, como temos crido até hoje, que em toda controvérsia sobre nosso modo de escrever contra eles, não somos nós os que saem mais prejudicados, nem tampouco é a religião.

“Por conseguinte, havendo manifestado esta nossa pobre opinião, e supondo que as razões que poderíamos chamar intrínsecas e independentes do princípio utilitário, que alegam os liberais em favor próprio e contra nosso modo de escrever, têm sido já muitas vezes refutadas nas séries passadas da Civiltá Cattolica, só nos restaria aqui despedir com bons modos esses mendigos de nova espécie, aconselhando-os que cumpram daqui em diante o seu ofício de advogados em causa própria, melhor do que faziam com Renzo aqueles esbirros

> do século XVII.
>
> “Mas, porque muitos entre eles continuam a mendigar, e recentemente publicaram em Perusa um opúsculo intitulado: Que é o partido chamado católico?, que consagraram inteiramente a mendigar à Civiltá Cattolica um pouco de caridade, não será inútil repetir mais uma vez, no princípio desta quinta série, as mesmas antigas respostas contra as mesmas antigas objeções. E será isto também grande caridade, não certamente aquela que os liberais imploram de nós, mas outra bastante meritória: a caridade de escutá-los com paciência pela centésima vez.
>
> Do resto, o tom humilde e queixoso com que, desde algum tempo, eles andam nos pedindo um pouco de caridade, não merece menos.”

---

[1] Autor italiano do romance em questão (1785-1873).

26. Continua a bela e contundente citação da Civiltá cattolica

O famoso artigo da Civiltá Cattolica e nossa oportuníssima citação continuam assim:

> ”Se os liberais nos pedem a verdadeira caridade, a única que lhes convém e que nós, como redatores da *Civiltá Cattolica*, lhes podemos e devemos dar, tão longe estamos de querer negá-la que, ao contrário, julgamos tê-la prodigado bastante até agora, senão segundo todas as suas necessidades, ao menos segundo a nossa possibilidade.
>
> “Os liberais cometem um intolerável abuso de palavras dizendo que nós não usamos de caridade para com eles. A caridade, una em seu princípio, é variada e multiforme em suas obras. Muitas vezes, o pai que bate fortemente em seu filho, tanto usa de caridade como o que o cobre de beijos. E ocorre freqüentemente que a caridade do pai que beija seu filho seja inferior à do pai que o castiga.
>
> “Nós batemos nos liberais, não negamos, e batemos neles com muita freqüência (com palavras, é claro), mas quem poderá concluir deste fato que nós não os amamos, que não temos caridade para com eles? Isto poderia ser dito antes daqueles que, malgrado as prescrições da caridade, interpretam mal as intenções do próximo. No que nos diz respeito, tudo o que os liberais poderão dizer é que nossa caridade para com eles não é a caridade que desejam. Mas nem por isso deixa de ser caridade, sim senhor, e grande caridade; e visto que são eles que pedem caridade, e nós os que lha concedemos em vão, bem poderiam recordar aqui o velho provérbio: ’A cavalo dado não se olhe para o pelo’.
>
> “A caridade que queriam de nós, seria a de os louvar, admirar, apoiar, ou de ao menos os deixar agir à vontade. Nós, ao contrário, não queremos fazer-lhes senão a caridade de gritar-lhes, repreendê-los, exortá-los por mil modos a sair do seu mau caminho. Quando dizem uma mentira, semeiam uma calúnia ou pilham os bens alheios, os liberais gostariam que lhes encobríssemos estes e

outros pecados veniais com o manto da caridade. Nós, ao contrário, os apostrofamos de ladrões, embusteiros, caluniadores, exercendo assim para com eles a caridade mais excelente de todas, a de não adular nem enganar aqueles a quem queremos bem. Quando lhes escapa algum disparate gramatical, de ortografia, de linguagem, ou simplesmente de lógica, gostariam que fizéssemos vista grossa; e choram, e lamentam-se quando os advertimos em público, queixando-se de que faltamos com caridade. Nós, ao contrário, fazemos-lhe uma boa obra obrigando-os a apalpar com suas próprias mãos uma coisa que não devem ignorar, a saber: que não somente não são mestres, como pensam, mas que não passam de estudantes medíocres. Deste modo contribuímos, na medida de nossas forças, à cultura das belas artes na Itália, e ao exercício da humildade cristã no coração desses liberais que têm, como se sabe, grande necessidade dela.

"Os senhores liberais gostariam sobretudo que fossem tomados sempre muito a sério, estimados, reverenciados, obsequiados, e tratados como figuras importantes. Resignar-se-iam a que os refutássemos, sim, contanto que o fizéssemos de chapéu em mão, corpo inclinado e cabeça baixa em reverente e humilde atitude. Daí vêm suas queixas, quando às vezes são caricaturados, isto é, quando se zomba deles. Deles! Os pais da pátria, os verdadeiros italianos, a própria Itália, como costumam dizer de si mesmos! Quem tem, pois, a culpa, se é tão ridícula essa pretensão que ao próprio Heráclito faria soltar uma gargalhada?

"Pois bem! Devemos, para o seu agrado, passar a vida reprimir todo movimento natural de riso? Deixar-nos rir quando certamente não se pode deixar de o fazer é também obra de misericórdia, que os liberais poderiam outorgar-nos de boa vontade, já que por sua parte não custa muito. Todos compreendem muito bem que, assim como fazer rir honestamente, à custa do vício e dos viciosos, é em si coisa muito boa, segundo o dito *castigat ridendo mores*, e aquele outro *ridendo dicere verum, quid vetat?*, assim, fazer rir uma e outra vez os nossos leitores, à custa dos liberais, é verdadeira obra de misericórdia e caridade para os mesmos leitores, que certamente não hão de estar sempre sérios e rigorosos, enquanto lêem o jornal. E afinal os mesmos liberais, se bem considerarem, ganham muito em que os outros riam à sua custa, porquanto deste modo todo mundo vem a conhecer que nem todos os seus feitos são tão horríveis e espantosos, como podem parecer, já que normalmente só costumam provocar o riso as deformidades inofensivas.

"Não nos agradecerão nunca o caráter ingênuo com que procuramos apresentar algumas de suas picardias? Como não percebem que não há meio mais eficaz para conseguir que se corrijam delas, do que a chacota e o riso daqueles que as vêem por nós expostas em sua devida luz? E como não vêem que não têm direito algum de acusar-nos, quando assim o fazemos, de não obrar com eles como manda a caridade?

“Se tivessem lido a vida do seu grande Victor Alfieri, escrita por ele mesmo, saberiam que, quando pequeno, sua mãe que o queria muito bem educado costumava, quando o apanhava em alguma travessura, mandar-lhe ir à missa com a gorra de dormir. E conta Alfieri que este castigo, que não era senão expô-lo um pouco ao ridículo, de tal maneira o afligiu uma vez, que por mais de três meses se portou do modo mais impecável. “Depois disto, diz ele, quando, ao primeiro sinal de travessura, ameaçavam-me com a terrível gorra de dormir, imediatamente eu entrava tremendo na linha de meus deveres. Um dia, tendo caído em certo pecadilho, disse à senhora minha mãe uma solene mentira para desculpá-lo, e por isto fui de novo sentenciado a levar em público a gorra de dormir. Chegou a hora; a gorra fora colocada em minha cabeça, eu chorava e gritava em vão. Meu aio pegou-me pela mão para sairmos e um criado me empurrava por detrás.” Porém por mais que ele chorasse, gritasse e pedisse caridade, a mãe que queria o seu bem, permaneceu inexorável. E qual foi o resultado? “Foi, continua Alfieri, que por muito tempo não me atrevi a dizer outra mentira. E quem sabe se àquela bendita gorra de dormir não devo o haver-me tornado um dos homens mais inimigos da mentira!” Nesta última frase mostra-se de passagem o fariseu, que sempre costuma ter-se por melhor que os outros homens. Nós, portanto, que devemos supor que todos os liberais têm em alta conta os elevados sentimentos do seu grande Alfieri, por que razão não esparíamos nós corrigi-los do vício vergonhoso de dizer mentiras, ou pelo menos impedir de publicá-las, enviando-os com a gorra de dormir malgrado seus gritos, esperneios e apelos à caridade... não à missa, que isso é impossível, mas a dar uma volta pela Itália, e isso nem sempre que lhes escape uma mentira, pois que seria demasiado freqüente, mas ao menos todas as vezes que imprimam um milhar delas de uma só vez?

“Não insistam, pois, os liberais na queixa de que não os tratamos com caridade. Digam antes, se quiserem, que a caridade que lhes damos, esta não a recebem de boa vontade. Já o sabíamos. Mas isso só prova que, por seu estragado gosto, precisam ser tratados com a sábia caridade que empregam os cirurgiões com seu doentes, ou os médicos do manicômio com seus loucos, ou as boas mães com seus filhos mentirosos.

“Mas ainda que fosse verdade que não tratamos com caridade os liberais, e que os tais nada disso hão de agradecer-nos, nem por isso teriam direito algum a queixar-se de nós. É sabido que nem a todo mundo é possível fazer caridade. Nossas faculdades são muito escassas: fazemos caridade segundo a medida delas, preferindo, como é nosso dever, aqueles que a mesma lei de caridade bem ordenada manda preferir.

“Dizemos (entenda-se bem) que fazemos aos liberais toda a caridade que podemos, e cremos tê-lo demonstrado. Mas na suposição de que não a fazemos, insistimos ainda que nem por isso devem fatigar-nos com queixas os liberais.

“Eis um fato semelhante que vem muito ao caso. Um assassino de punhal na mão está agarrado a um pobre inocente para cravá-lo em sua garganta. Acontece passar na ocasião alguém que leva na mão um bom taco, e dá no assassino uma forte tacada na cabeça; deixa-o inconsciente, o amarra e entrega à justiça, livrando assim, por sua boa estrela, da morte a um inocente, e de um malfeitor a sociedade.

“Faltou este terceiro com caridade em algum ponto? Se escutarmos o assassino, para quem naturalmente lhe dói o golpe, dirá que sim. Discorrerá talvez que, contra a chamada *norma inculpatae tutelae*, o golpe foi forte demais, e com menos força teria bastado. Mas, à exceção do assassino, todos louvarão o passageiro, e dirão que praticou um ato não só de valor, mas ainda de caridade, não certamente em favor do assassino, mas da vítima; e que se para salvar este, teve de abrir a cabeça do outro sem ter muito tempo para medir escrupulosamente a força do golpe, não foi certamente por falta de caridade, mas porque a urgência da situação era tal que não se podia usar de caridade para com um, sem sacudir bem o outro. Teria ele tempo para demorar-se em sutilezas sobre o mais ou o menos da *inculpata tutela*.

“Apliquemos a parábola. Publica-se, por exemplo, um folheto maledicente, calunioso e escandaloso contra a Igreja, contra o papa, contra o clero, contra qualquer coisa boa. Muitos crêem que tudo naquele folheto é pura verdade, já que seu autor é um célebre, distinto e honrado escritor, qualquer que seja. Se, para defender os caluniados e livrar os leitores do erro, alguém dá umas tantas pauladas no desavergonhado autor, terá faltado com a caridade?

“Não poderão agora negar os liberais, eles se encontram mais freqüentemente na situação de salteadores do que na de vítimas. Que haverá de espantoso, portanto, que levem por isto uma paulada? Que haverá de estranho se queixarem de que não são tratados com caridade? Parem de comportar-se como desordeiros e arruaceiros; acostumem-se a respeitar os bens e a honra dos outros; não contem tanta mentira; não levantem tanta calúnia; pensem um pouco antes de falar sobre qualquer coisa; tenham em maior conta as leis da lógica e da gramática; sejam sobretudo honrados, como há pouco aconselhou o barão de Ricasoli, com pouca esperança de bom êxito, apesar da autoridade e *exemplos* de tal conselheiro, e poderão então queixar-se com razão se não são tratados com o respeito de que, como aquele da liberdade, pretendem ser os absolutos monopolizadores.

“Mas já que agem tão mal como escrevem; já que andam sempre com o punhal na garganta da verdade e da inocência, assassinos de uma e da outra com seus feitos e com seus livros, tenham paciência se não podemos em nossos jornais prodigar-lhes outra caridade que aquela algo dura, que cremos, embora contra seu parecer, seja a mais proveitosa, tanto para eles como para a causa dos homens de bem.”

27. Terminando a tão oportuna e decisiva citação de “La Civiltá Cattolica”

> ”Temos defendido, prossegue a *Civiltá*, contra os liberais, a nossa maneira especial de escrever, demonstrando sua perfeita conformidade com a caridade que tão constantemente nos recomendam. E visto que até aqui falávamos a liberais, ninguém se surpreenderá com o tom irônico que temos empregado com eles, e convencidos estamos de que não é excesso de crueldade opor com algumas poucas figuras retóricas os ditos e feitos do liberalismo. Mas já que tocamos hoje neste assunto, não será talvez ocioso que, mudando de estilo e repetindo agora o que já noutra ocasião escrevemos com o mesmo propósito, terminemos este artigo com algumas palavras dirigidas seriamente e com todo o respeito aos que, não sendo de modo algum liberais, mas antes firmes adversários do liberalismo, possam todavia crer que jamais é lícito, escreva-se contra quem quer que seja, sair de certas formas de respeito e caridade, às quais julguem não estarem talvez suficientemente submetidos nossos escritos.
>
> “Querendo responder a esta censura, tanto pelo respeito devido a essas pessoas, como pelo interesse de nossa própria defesa. E cremos não o poder fazer melhor, do que brevemente resumindo aqui o que o Pe. Mamachi, da ordem do Pregadores, diz de si mesmo na introdução ao livro III de sua doutíssima obra, *Do livre direito da Igreja de adquirir e possuir bens temporais*:
>
> “Alguns, diz, embora confessem estar convencidos de nossas razões, declaram-nos contudo amigavelmente que teriam preferido mais moderação nas respostas que damos a nossos adversários. Não temos combatido por nós, mas pela causa de Nosso Senhor e da Igreja, e por mais que nos ataquem com manifestas mentiras e atrozes imposturas, jamais quisemos sair em defesa de nossa própria pessoa. Se empregamos, pois, alguma expressão que possa parecer a alguém áspera ou exagerada, que não se faça a injustiça de pensar que isso provenha de nosso mau coração ou do rancor que tenhamos aos escritores que combatemos; deles não recebemos injúrias, nem sequer os conhecemos ou com eles temos relações. O zelo que devemos ter pela causa de Deus é que nos colocou na situação de gritar e levantar a nossa voz *como voz*

de trompeta.

“Mas, e o decoro do homem honrado? E as leis da caridade? E as máximas e exemplos dos santos? E os preceitos dos apóstolos? E o espírito de Jesus Cristo?

“Calma, aos poucos chegaremos lá. É verdade que os homens pervertidos e enganados devem ser tratados com caridade, mas apenas quando haja fundada esperança de os conduzir à verdade com tal procedimento. Se não há tal esperança, e sobretudo se está provado por experiência que calar-nos e não revelar publicamente a têmpera e o caráter de quem espalha erros redunda em gravíssimo dano aos povos, seria crueldade não levantar com toda a liberdade o grito contra o propagandista, e deixar de lhe dirigir frontalmente as invectivas que bem merece.

“Os Santos Padres, por certo, tinham conhecimento muito claro das leis da caridade cristã. Por isso, o Doutor Angélico, Santo Tomás de Aquino, no princípio de seu célebre opúsculo *Contra os impugnadores da Religião*, apresenta Guilherme e seus sequazes (que com certeza não estavam ainda condenados pela Igreja) como ‘inimigos de Deus, ministros do diabo, membros do Anticristo, inimigos da salvação do gênero humano, difamadores, semeadores de blasfêmias, réprobos, perversos, ignorantes, imitadores de Faraós piores que Joviniano e Vigilâncio. Por acaso temos nós chegado a tanto?

“Contemporâneo de Santo Tomás foi São Boaventura, que entendeu dever increpar com a maior dureza a Geraldo, chamando-o de insolente, caluniador, louco, ímpio, asno chapado, fraudulento, envenenador, ignorante, embusteiro, malvado, insensato, pérfido. Alguma vez chamamos assim a nossos adversários?

“Muito justamente — prossegue o Pe. Mamachi — é chamado melífluo São Bernardo. Não nos deteremos a copiar aqui o que escreveu durissimamente contra Abelardo. Contentaremo-nos em citar o que escreve contra Arnaldo de Bréscia, pois havendo este levantado bandeira contra o clero, querendo privá-lo de seus bens, foi um dos precursores dos políticos de nossos tempos. Trata-o, pois, o santo doutor de desordenado, vagabundo, impostor, vaso de ignomínia, escorpião vomitado de Bréscia, visto com horror em Roma e abominação na Alemanha, desdenhado do Sumo Pontífice, glorificado pelo diabo, artífice de iniqüidade, devorador do povo, boca cheia de maldição, semeador de discórdias, fabricador de cismas, lobo feroz’.

“São Gregório Magno, repreendendo João, bispo de Constantinopla, lança-lhe à face seu ‘profano e nefando orgulho, sua soberba de Lúcifer, suas néscias palavras, sua vaidade, seu curto talento’.

> “Do mesmo modo falaram São Fulgêncio, São Próspero, São Jerônimo, o papa São Sirício, São João Crisóstomo, Santo Ambrósio, São Gregório Nazianzeno, São Basílio, Santo Hilário, Santo Atanásio, Santo Alexandre, bispo de Alexandria, os santos mártires Cornélio e Cipriano, Atenágoras, Irineu, Policarpo, Inácio de Antioquia, Clemente, todos os Padres enfim, que nos melhores tempos da Igreja se distinguiram por sua heróica caridade.
>
> “Omitirei os cautérios aplicados por alguns destes aos sofistas do seu tempo, ainda que menos delirantes do que os dos nossos, e agitados de menos ardentes paixões políticas.
>
> “Citarei apenas algumas passagens de Santo Agostinho, que observou ‘que os hereges são tão mais insolentes quanto menos repreensão sofrem; e que muitos, dirigem àqueles que os repreendem os epítetos de brigões e provocadores’. E depois acrescenta: ‘que alguns extraviados devem ser tratados com uma caridosa aspereza’. Vejamos agora como colocava em prática as regras traçadas por ele mesmo. A vários chama sedutores, malvados, cegos, tontos, inchados de soberba, caluniadores; a outros, impostores de cujas bocas só saem monstruosas mentiras, perversos, maledicentes, delirantes, néscios estúpidos, furiosos, frenéticos, espíritos das trevas, rostos desavergonhados, línguas insolentes. E a Juliano lhe dizia: ‘Ou tu calunias de propósito, inventando tais coisas, ou não sabes o que dizes, acreditando em embusteiros’; e noutro lugar o chama de ‘enganador, mentiroso, de juízo insano, caluniador, néscio’.
>
> “Respondam agora nossos acusadores: temos dito alguma vez coisa parecida? E não estamos muito abaixo disto?
>
> “Mas basta já desse extrato, em que não pusemos palavra nossa, apesar de termos omitido algumas do Pe. Mamachi, como a indicação da fonte nas obras dos Santos Padres, com intuito de abreviar. Igualmente, não transcrevemos a parte da defesa, em que o mesmo Padre tira do Evangelho iguais exemplos de caridosa aspereza.
>
> “De tais exemplos, pois, nossos amáveis censores bem podem deduzir que a sua crítica, qualquer que seja o motivo, quer se baseie em um princípio moral ou em regras de conveniência social e literária, encontra-se plenamente refutada pelo exemplo de tantos santos, dos quais alguns foram excelentes literatos, ou, pelo menos que ela fica muito desautorizada e reduzida a um valor muito incerto.
>
> “E se agora, à autoridade dos exemplos quisermos reunir à das razões, muito breve e claramente as expôs o Cardeal Pallavicini, no capítulo II do livro I de sua *História do Concílio de Trento*. Neste capítulo, antes de começar a provar como Sarpi foi ’perverso, de notória malícia, falsário, réu de enormes traições, depreciador de toda religião, ímpio e apóstata‘, o sábio cardeal diz, entre outras

> coisas, que ’assim como é caridade não perdoar a vida a um malfeitor, para salvar muitos inocentes, assim é caridade não perdoar a fama de um ímpio, para salvar a honra de muitos bons‘. Toda a lei permite que, para defender um cliente de uma falsa testemunha, se mostre em juízo e se prove tudo o que pode infamar esta última, ato que, em outras circunstâncias, seria castigado com gravíssima pena. Por isso eu, que defendo neste tribunal do mundo, não um cliente particular, mas toda a Igreja Católica, seria vil prevaricador, se não estampasse no rosto das testemunhas falsas as nódoas de infâmia que anulem, ou ao menos enfrequeçam o seu testemunho.
>
> “Se, pois, todos julgariam prevaricador o advogado que, podendo demonstrar que quem acusa seu cliente é um caluniador, não o fizesse por razões de caridade, por que então acusar de ter violado a caridade quem cumpriu seu dever contra os perseguidores de toda espécie de inocência? Seria desconhecer a instrução que dá São Francisco de Sales em sua Filotéia, no final do capítulo XX da 2ª parte: “Faço exceção dos inimigos declarados de Deus e de sua Igreja, os quais devem ser difamados tanto quanto possível (sem faltar com a verdade), sendo grande obra de caridade gritar: ‘o lobo!’, quando está entre o rebanho, ou visível onde quer que se encontre.”

Assim se exprime La Civiltá Cattolica (vol. I, série V, página 27), cujo artigo tem a força de sua elevada e respeitabilíssima origem; a força das razões irrefutáveis que aduz; a força, por fim, dos gloriosos testemunhos que apresenta. Parece-nos que muito menos era preciso para convencer quem não seja liberal, ou miseravelmente contaminado de liberalismo.

28. Se há ou pode haver na Igreja ministros de Deus atacados do horrível contágio do liberalismo

Por desgraça, é muito comum que se encontrem eclesiásticos contaminados de liberalismo, o qual se favorece em grande medida deste fato. Nestes casos, a singular teologia de certa gente converte em argumento de grande peso a opinião ou os atos de tal ou qual eclesiástico; disto tivemos experiências deploráveis em todos os tempos na Espanha católica. Convém, pois, tratar deste ponto ressalvando todos os respeitos, e perguntar com sinceridade o seguinte: Pode haver ministros da Igreja manchados de liberalismo?

Sim, amigo leitor, sim, infelizmente pode haver também ministros da Igreja que sejam liberais exaltados, liberais moderados ou eivados de liberalismo, exatamente como entre os leigos. Não está isento o ministro de Deus de pagar o miserável tributo à fraqueza humana, e por conseguinte, várias vezes o tem pago ao erro contra a fé.

E que tem isto de extraordinário, se não houve jamais uma única heresia na Igreja de Deus que não tenha sido criada ou propagada por um eclesiástico? Mais ainda, é historicamente certo que, se desde o começo não houvesse clérigos a seu serviço, em nenhum século as heresias teriam causado problemas ou se desenvolvido.

O clérigo apóstata é o primeiro fator que busca o diabo para realizar sua obra de rebelião. Necessita apresentá-la com aparência de autoridade aos olhos dos incautos, e para isso nada lhe serve tanto como a firma de um ministro da Igreja. E como infelizmente nunca faltam nela clérigos corrompidos em seus costumes, corrupção por onde mais comumente a heresia caminha; ou cegos de soberba, causa também muito freqüente de todo erro; daí que a este último, sob todas as formas e em todas as manifestações, nunca lhe tenham faltado apóstolos e fautores eclesiásticos.

Judas, que começou em seu próprio apostolado a murmurar e a semear suspeitas contra o Salvador, e acabou por vendê-lo a seus inimigos, é o primeiro tipo do sacerdote apóstata e semeador de cizânia entre seus irmãos. Ora, notai bem, Judas foi um dos doze primeiros sacerdotes ordenados pelo próprio Redentor.

A seita dos Nicolaítas originou-se com o diácono Nicolau, um dos sete primeiro diáconos ordenados pelos Apóstolos para o serviço da Igreja, e companheiro de Santo Estêvão, protomártir.

Paulo de Samosata, grande heresiarca do século III, foi bispo de Antioquia.

Novaciano, padre de Roma, foi o pai e fundador do cisma dos Novacianos, que tanto perturbou a Igreja universal.

Melécio, Bispo de Tebaida, foi autor e chefe do cisma dos Melecianos.

Tertuliano, também sacerdote e eloqüente apologista, cai na heresia dos Montanistas e nela morre.

Entre os Priscilianistas espanhóis, que causaram tanto escândalo em nossa pátria no século IV, figuram os nomes de Instâncio e Salviano, dois bispos, desmascarados e combatidos por Higínio, e condenados em um concílio reunido em Saragoça.

De todos os heresiarcas que teve a Igreja, Ário talvez tenha sido o principal. O Arianismo chegou a arrastar consigo tantos reinos como o Luteranismo o fez hoje; Ário era um padre de Alexandria, ressentido de não ter alcançado a dignidade episcopal. Esta seita teve um clero tão numeroso que por muito tempo, em grande parte do mundo, não houve outros bispos e sacerdotes senão os arianos.

Nestório, outro famoso herege dos primeiros séculos da Igreja, foi monge, padre, bispo de Constantinopla e grande pregador. Dele procedeu o Nestorianismo.

Eutiques, autor do Eutiquianismo, era padre e abade de um monastério de Constantinopla.

Vigilâncio, o herege taberneiro tão elegantemente satirizado por São Jerônimo, fora ordenado sacerdote em Barcelona.

Pelágio, autor do Pelagianismo, objeto de quase todas as polêmicas de Santo Agostinho, era monge, e doutrinado nos erros sobre a graça por Teodoro, bispo de Mopsuesta.

O grande cisma dos Donatistas chegou a contar com grande número de clérigos e bispos. Deles diz um historiador moderno (Amat, Hist. de la Iglesia de J. C.): “Todos imitaram logo a altivez de seu chefe Donato. Possuídos de uma espécie de fanatismo de amor-próprio, não houve evidência, nem obséquio, nem ameaça que pudesse apartá-los do seu ditame. Os bispos acreditavam-se infalíveis e impecáveis; e os fiéis que seguiam estas idéias se imaginavam seguros, seguindo os seus bispos mesmo contra toda evidência.”

Sérgio, Patriarca de Constantinopla, foi o pai e doutor dos hereges Monotelistas.

Félix, bispo de Urgel, foi dos Adopcianos.

Constantino, bispo de Natólia; Tomás, bispo de Claudiópolis e outros prelados combatidos por São Germano, patriarca de Constantinopla, caíram na seita dos Iconoclastas.

Do grande cisma do Oriente não precisamos nomear os autores, pois é sabido que o foram Fócio, patriarca de Constantinopla, e seus bispos sufragâneos.

Berengário, o perverso detrator da Sagrada Escritura, foi arcediago da Catedral de Angers.

Wicliffe, um dos precursores de Lutero, era pároco na Inglaterra.

João Huss, seu companheiro de heresia, era também pároco na Boêmia. Os dois foram condenados e executados como chefes dos Wiclefitas e Hussitas.

De Lutero basta recordar que foi monge agostinho de Wittemberg.

De Zuínglio, que foi pároco de Zurique.

De Jansênio, bispo de Iprés, que foi autor do maldito Jansenismo.

O cisma anglicano, promovido pela luxúria de Henrique VIII, foi principalmente apoiado pelo seu favorito, o arcebispo Cranmer.

Na Revolução francesa, os mais graves escândalos na Igreja de Deus foram dados pelos padres e bispos revolucionários. As apostasias que afligiram os homens de bem naqueles tristíssimos tempos causam espanto e horror, e a Assembléia Francesa testemunhou cenas que o leitor pode ler em Henrion ou qualquer outro historiador.

O mesmo sucedeu depois na Itália. Conhecidas são as apostasias públicas de Gioberto, de frei Pantaleão, de Passaglia, e do Cardeal Andrea.

Na Espanha, houve padres nos clubes da primeira época constitucional; padres nos incêndios dos conventos; padres ímpios nas Cortes; padres nas barricadas; padres entre os primeiros introdutores do protestantismo depois de 1869. Sob o reino de Carlos III, houve bispos jansenistas em abundância (veja-se sobre isto o tomo III dos Heterodoxos de Menéndez Pelayo). Muitos deles pediram em suas cartas pastorais a iníqua expulsão da Companhia de Jesus, e muitos a aplaudiram. Hoje mesmo, em várias dioceses espanholas, são conhecidos publicamente alguns padres apóstatas e casados após sua apostasia, como é lógico e natural.

Está portanto constatado que, desde Judas até o ex-padre Jacinto, a raça dos ministros da Igreja traidores de seu Chefe e vendidos à heresia se sucede sem interrupção; que, ao lado e diante da tradição da verdade, há também na sociedade cristã a tradição do erro; que, em contraste com a sucessão apostólica dos ministros bons, o inferno possui uma sucessão diabólica dos ministros pervertidos, o que não deve escandalizar ninguém. Recorde-se a este propósito a sentença do Apóstolo, que não se esqueceu de prevenir-nos: É preciso que haja heresias, para que se manifeste quem são entre vós os verdadeiros fiéis.

29. Que conduta deve observar o bom católico com os ministros de Deus contaminados de liberalismo?

Está bem, dirá alguém ao chegar aqui. Tudo isto é facílimo de compreender, e basta apenas folhear a história para tê-lo por averiguado. Mas o delicado e espinhoso é expor a conduta que deve observar, para com tais ministros da Igreja desviados, o fiel leigo, tão santamente zeloso da pureza de sua fé como dos direitos legítimos da autoridade.

É indispensável estabelecer aqui várias distinções e classificações e responder diferentemente a cada uma delas.

1° - Pode ocorrer que um ministro da Igreja seja publicamente condenado por ela como liberal; neste caso, bastará recordar que todo fiel eclesiástico ou leigo, a quem a Igreja separou do seu seio, deixa de ser católico (quanto ao direito de merecer tal consideração), até que, por meio de uma verdadeira retratação e um formal arrependimento, faça-se outra vez admitido à comunhão dos fiéis. Quando isto ocorre com um ministro da Igreja, trata-se de um lobo; não é pastor, nem sequer ovelha. É necessário evitá-lo, e sobretudo rezar por ele.

2° - Pode dar-se o caso de um ministro da Igreja, caído na heresia, mas sem ter sido ainda oficialmente declarado culpável pela Igreja. Neste caso é preciso agir com maior circunspecção. Um ministro da Igreja caído em erro contra a fé não pode ser oficialmente desautorizado senão por quem tenha sobre ele jurisdição hierárquica. Entretanto, no terreno da polêmica puramente científica, pode ser combatido por seus erros e condenado por eles, deixando sempre a última palavra, ou seja, ou a sentença definitiva à única autoridade infalível do Mestre Universal. A grande regra, a única regra em tudo, estamos a dizer, é a prática constante da Igreja de Deus, segundo aquele adágio de um Santo Padre: Quod semper, quod ubique, quod ab omnibus [1]. Pois bem, assim se procedeu sempre na Igreja de Deus. Simples fiéis perceberam num eclesiástico doutrinas opostas às que comumente se ensinaram como as únicas sãs e verdadeiras; deram o grito de alarme contra elas em seus livros, de viva voz e em seus folhetos, pedindo assim ao magistério infalível de Roma a sentença decisiva. São os latidos do cão que advertem o pastor. Não houve

heresia no catolicismo que não tenha começado a ser confundida e desmascarada desta maneira.

3° - Pode dar-se o caso de que o infeliz extraviado seja um ministro da Igreja ao qual estamos particularmente subordinados. É preciso então proceder com temperança e discrição ainda maiores. Deve-se respeitar sempre nele a autoridade de Deus, até que a Igreja o declare deposto dela. Se o erro é duvidoso, deve-se chamar a atenção dos superiores imediatos, a fim de que peçam ao suspeito explicações claras. Se o erro é evidente, nem por isto é lícito colocar-se em rebeldia aberta, mas é preciso contentar-se com a resistência passiva à autoridade, nos pontos em que ela se coloca manifestamente em contradição com as doutrinas reconhecidas como sãs pela Igreja. Deve-se, porém, conservar por ela todo respeito exterior que lhe é devido, obedecer-lhe no que não pareça doutrina condenada ou danosa, resistir-lhe pacífica e respeitosamente no que se aparte do sentimento comum católico.

4° - Pode dar-se o caso (e é o mais comum) de que o extravio de um ministro da Igreja não verse sobre pontos concretos de doutrina católica, mas sobre certas apreciações de fatos ou pessoas ligadas mais ou menos com ela. Neste caso, a prudência cristã aconselha olhar com prevenção para esse padre contagiado de liberalismo, preferir aos seus conselhos os de quem não tenha tais contágios, e de recordar esta máxima do Salvador: “Um pouco de levedura faz fermentar toda a massa”. Por conseguinte, uma prudente desconfiança é neste caso a regra de maior segurança; e neste ponto, como em tudo, pedir luz a Deus, conselhos a pessoas dignas e de fé íntegra, procedendo sempre com grande reserva contra quem não julga muito retamente ou não fale muito claro sobre os erros da atualidade.

E eis tudo o que podemos dizer sobre este ponto, cheio de inumeráveis dificuldades, e impossível de resolver em tese geral. Não esqueçamos uma observação que derrama torrentes de luz: conhece-se melhor o homem por suas afeições pessoais, do que por suas palavras e seus escritos. Ser amigo de liberais, mendigar seus favores e louvores é, regularmente falando, para um padre, prova mais que duvidosa de ortodoxia doutrinal.

Que nossos amigos reparem neste fenômeno, e verão quão segura norma e quão infalível critério lhes dá.

---

[1] “O que foi sempre crido por toda a parte e por todos”, São Vicente de Lerins (primeira metade do século V).

30. O que se deve pensar das relações que o papa mantém com governos e personagens liberais

Mas então, brada alguém, que devemos pensar das relações e amizades que a Igreja tem com os governos e as pessoas liberais, ou, o que é o mesmo, com o liberalismo?

Resposta. Devemos julgar que são relações e amizades oficiais, e nada mais. Não supõem afeto algum particular às pessoas com quem se mantêm, e muito menos aprovação de seus atos, e muitíssimo menos adesão às suas doutrinas ou sanção delas. Este é um ponto que convém esclarecer, porque sobre ele os sectários do liberalismo armam grande aparato de teologia liberal para combater a sã intransigência católica.

Convém antes de tudo observar que há na Igreja de Deus dois ministérios: um que chamaremos apostólico, relativo à propagação da fé e à salvação das almas; e outro que poderíamos muito bem chamar de diplomático, relativo às relações humanas com os poderes da terra.

O primeiro é o mais nobre; é, por assim dizer, o primário e o essencial. O segundo é inferior e subordinado ao primeiro, do qual é unicamente o auxiliar. No primeiro a Igreja é intransigente e intolerante; vai direto ao seu fim, e prefere romper-se a dobrar-se: Frangi non flecti. Veja-se apenas a história das suas perseguições. Trata-se de direitos divinos e de deveres divinos, e portanto não cabe neles atenuação nem transação possíveis. No segundo ministério, a Igreja é condescendente, benévola e plena de paciência. Ela discute, solicita, negocia, elogia com o fim de abrandar, cala-se às vezes para melhor triunfar, recua talvez para melhor avançar e para tirar em seguida um melhor partido da situação. Nesta ordem de relações sua divisa poderia ser: flecti non frangi. Trata-se aqui de relações humanas, e estas admitem certa flexibilidade e uso de recursos especiais.

Neste terreno, tudo o que não é declarado mau e proibido pela lei comum, nas relações ordinárias entre os homens, é licito e bom. Mais claro: nesta esfera a Igreja julga poder valer-se, e vale-se de fato, de todos os recursos que pode utilizar uma diplomacia honrada.

Quem se atreverá a censurá-la, seja porque envia e recebe embaixadores de governos maus e mesmo de príncipes infiéis; seja porque dá e recebe dos mesmos, presentes, obséquios e honras

diplomáticas; porque oferece distinções, títulos, condecorações a seus representantes; honra com frases de cortesia e urbanidade as suas famílias e concorre a suas festas por meio de seus representantes?

Porém logo os tontos e os liberais vêm a nosso encontro: “Por que razão deveríamos detestar o liberalismo e combater os governos liberais, quando o papa trata com eles, reconhece-os, e os cobre de distinções?” Malvado ou estúpido — talvez os dois juntos! —, escuta a comparação que vou fazer e julga em seguida.

Supõe que és pai de família e tens quatro ou seis filhas, a quem educas com a mais rigorosa honestidade. Em frente à tua casa ou simplesmente separadas de ti por uma parede vivem umas vizinhas infames. Tu recomendas continuamente a tuas filhas a não ter nenhum tipo de relação com aquelas mulheres de má vida. Tu as proíbe até de olhá-las e saudá-las. Queres que tuas filhas tenham-nas por perversas e corrompidas e que aborreçam sua conduta e suas idéias; que tomem cuidado para em nada se assemelharem a elas, nem pela linguagem, nem pelas obras, nem pelos trajes. Tuas filhas, boas e dóceis, têm o dever evidente de seguir as tuas ordens, que são as de um pai de família prudente e muito ajuizado. Mas eis que uma questão se suscita entre ti e essa vizinhança sobre um ponto de interesse comum, sobre demarcação de limites, ou passagem de águas, por exemplo; e torne-se preciso que tu, honrado pai, sem deixar de o ser, venha a tratar com uma daquelas infames mulheres, que por isso não deixam de ser infames, ou pelo menos com quem as represente. Deves tratar do assunto e ter encontros, e falas e fazes os cumprimentos e fórmulas de cortesia usuais na sociedade, e procuras de todos os modos entender-te e chegar a um acordo sobre a questão em litígio.

Terão razão tuas filhas, se disserem logo: “Já que nosso pai trata com essas vizinhas más, não devem ser tão más como ele diz. Podemos tratar com elas nós também, reputar como bons seus costumes, modestos os seus trajes, e louvável e honrada sua maneira de viver”?

Diz-me: não falariam como néscias tuas filhas, se falassem assim? Apliquemos agora a parábola ou comparação.

A Igreja é a família dos bons (ou dos que deveriam sê-lo e que ela deseja que o sejam); mas está rodeada de governos perversos em maior ou menor grau. Ela diz então a seus filhos: “Detestai as máximas desses governos; combatei-os; sua doutrina é erro, suas leis, iniqüidade”. Porém, ao mesmo tempo, nas questões que envolvem interesse próprio ou de ambos, ela se encontra na necessidade de tratar com os chefes ou representantes desses governos maus; e efetivamente trata com eles, recebe seus cumprimentos e usa para com eles das fórmulas de urbanidade diplomática usuais em todos os países. Pactua com eles sobre assuntos de interesse comum, procurando tirar o melhor partido possível de sua situação entre esses vizinhos. É isto mau? Sem dúvida, não. Mas não é ridículo que saia logo um católico tomando tal conduta como uma aprovação de doutrinas que a Igreja não cessa de condenar, e como uma aprovação de atos que ela não cessa de combater?

Vejamos: por acaso a Igreja aprova o Corão, quando trata de potência a potência com os sectários do Corão? Aprova a poligamia, quando recebe presentes e embaixadas do Grão-Turco? Pois bem! Do mesmo modo, a Igreja não aprova o liberalismo, quando ela condecora seus reis e ministros,

quando lhes envia suas bênçãos, que são simples fórmulas de cortesia cristã que o papa outorga até aos protestantes. É um sofisma pretender que a Igreja autoriza com tais atos o que por outros não deixa de condenar. Seu ministério diplomático não anula seu ministério apostólico; e é neste último que se deve buscar a explicação das aparentes contradições de seu ministério diplomático.

Assim se comporta o papa com os chefes das nações, assim o bispo com os da diocese, assim o pároco com os da paróquia. Cada um sabe até onde vão suas relações oficiais e diplomáticas e qual é o seu verdadeiro sentido; só os infelizes sectários do liberalismo e os que estão contaminados dele ignoram isto, ou fingem ignorá-lo.

31. Dos caminhos por onde mais frequentemente os católicos caem no liberalismo

São vários os caminhos por onde o fiel cristão cai no erro do liberalismo, e importa sobremaneira apontá-los aqui, tanto para compreender por seu estudo a universalidade desta seita, como para prevenir os incautos contra suas armadilhas e seus perigos.

Muito freqüentemente, cai-se na corrupção do coração pelos erros da inteligência; é todavia mais freqüente cair no erro da inteligência pela corrupção do coração. A história das heresias demonstra claramente este fato. Seus começos apresentam quase sempre o mesmo caráter: é um ressentimento de amor-próprio, ou um agravo que se queira vingar; é uma mulher que faz o heresiarca perder o juízo e a alma, ou uma bolsa de dinheiro pela qual ele vende sua consciência. Quase sempre o erro se origina, não de profundos e laboriosos estudos, mas daquelas três cabeças de hidra que São João aponta e que chama de concupiscentia carnis, concupiscentia oculorum, superbia vitae[1]. É por aí que se cai em todos os erros, por aí que se vai ao liberalismo. Vejamos esses caminhos nas formas mais usuais:

1° - O homem torna-se liberal por um desejo natural de independência e vida livre.

O liberalismo é necessariamente simpático à natureza depravada do homem, assim como o catolicismo lhe é repulsivo por sua própria essência. O liberalismo é emancipação, o catolicismo é coerção. Ora, o homem decaído ama por uma certa tendência muito natural um sistema que legitime e santifique o orgulho de sua razão e o desenfreio de seus apetites. Daí que assim como a alma, em suas nobres aspirações, é naturalmente cristã, como disse Tertuliano, assim pode-se igualmente dizer que o homem, pelo vício de sua origem, nasce naturalmente liberal. É, pois, lógico que se declare formalmente liberal, logo que comece a compreender que do liberalismo virá proteção para todos os seus caprichos e desenfreios.

2° - Pelo desejo de progredir. O liberalismo é hoje em dia a idéia dominante; ele reina em todas as partes e principalmente na esfera oficial. É, portanto, recomendação segura para fazer carreira.

Sai o jovem do seu lar e, olhando para as distintas vias que conduzem à fortuna, ao renome ou à glória, percebe que em todos é condição necessária ser homem do seu século, ser liberal. Não ser

liberal é criar para si mesmo a maior de todas as dificuldades. É necessário, pois, heroísmo para resistir ao tentador, que lhe fala, como a Cristo no deserto, mostrando-lhe um futuro impressionante: haec omnia tibi dabo si cadens adoraveris me: "Tudo te darei se, prostrado, me adorares". Ora, os heróis são raros. É pois natural que a maior parte da juventude comece sua carreira afiliando-se ao liberalismo. Isto proporciona elogios nos jornais, recomendação de poderosos patronos, reputação de esclarecidos e letrados. O pobre ultramontano precisa de mérito cem vezes maior para dar-se a conhecer e criar nome; e a juventude é geralmente pouco escrupulosa. O liberalismo, ademais, é essencialmente favorável à vida pública que a juventude tanto ama. Ele tem em perspectiva deputações, comissões, redações etc., que constituem o organismo da sua máquina oficial. É, pois, maravilha de Deus e da sua graça encontrar-se um jovem que deteste tão pérfido corruptor.

3° - Pela cobiça. A desamortização[2] foi e continua a ser a principal fonte de prosélitos para o liberalismo. Esta iníqua espoliação dos bens eclesiásticos foi decretada tanto para privar a Igreja de seus meios de influência humana, como para adquirir com sua ajuda fervorosos adeptos da causa liberal. Os próprios corifeus do liberalismo o confessaram, quando foram acusados de ter dado quase de graça a seus amigos as ricas posses da Igreja. E ai daquele que um dia comeu o fruto do jardim alheio! Um campo, uma herança, umas casas que pertenceram ao convento ou à paróquia, e que hoje estão nas mãos de tal ou qual família, encadeiam esta família para sempre no erro liberal. Na maior parte dos casos, não há esperança provável de que renunciem ao liberalismo. O demônio revolucionário soube erguer entre eles e a verdade essa barreira insuperável. Temos visto ricos e influentes lavradores, católicos puros e fervorosos até 1835, e de então para cá liberais decididos e contumazes. Quereis a explicação? Observai aqueles campos irrigados, aquelas terras de trigo ou aqueles bosques, outrora propriedades do mosteiro. Com eles o lavrador de quem falamos aumentou suas fazendas, com eles vendeu sua alma e sua família à Revolução. A conversão de tais injustos possuidores é moralmente impossível. Todos os argumentos de amizade, todas as invectivas dos missionários, todos os remorsos de consciência tropeçam na dureza de sua alma, entrincheirada atrás de suas aquisições sacrílegas. É a desamortização que fez e ainda está fazendo o liberalismo. Esta é a verdade.

Tais são as causas ordinárias da perversão liberal, e a elas podem reduzir-se todas as demais. Quem tiver mediana experiência do mundo e do coração humano dificilmente poderá apontar outras.

---

[1] I Jo II, 16: "concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, orgulho da vida."

[2] Ver nota 1 do Capítulo II.

32. Causas permanentes do liberalismo na sociedade atual

Além desses caminhos por onde se vai ao liberalismo, há o que poderíamos chamar de causas permanentes dele na sociedade atual, e é nestas que devemos buscar as razões pela quais a sua extirpação se torna tão difícil.

São em primeiro lugar causas permanentes do liberalismo as mesmas que apontamos antes como caminhos e declives que conduzem a ele. Diz a filosofia: Per quae res gignitur, per eadem et servatur et augetur: “as coisas comumente se conservam e aumentam pelas mesmas causas que por que nasceram”. Porém, além dessas causas podemos apontar algumas outras que oferecem caráter especial.

1° - A corrupção dos costumes. A maçonaria a decretou, e à letra se cumpre seu programa infernal. Espetáculos, livros, quadros, costumes públicos e privados, tudo se procura saturar de obscenidade e lascívia. O resultado é infalível: de uma geração imunda, necessariamente sairá uma geração revolucionária. Assim se nota o empenho que tem o liberalismo em dar rédea solta a toda imoralidade. Sabe bem quanto esta o serve. É seu apóstolo e propagandista natural.

2° - O jornalismo. É incalculável a influência que exercem sem cessar os muitos periódicos difundidos todo dia e por todas as partes pelo liberalismo. Eles fazem — parece mentira! — com que o cidadão de hoje, queira ou não, tenha de viver dentro de uma atmosfera liberal. O comércio, as artes, a literatura, a ciência, a política, as notícias nacionais e estrangeiras, quase tudo chega por canais liberais, e tudo, por conseguinte, toma cor e sabor liberal. De tal modo que, sem perceber, o homem pensa, fala e age à moda liberal; tal é a maléfica influência deste ambiente envenenado. O pobre povo o traga com mais facilidade que ninguém, por sua natural boa-fé. Traga-o em verso, em prosa, em gravuras, a sério ou em piadas, na praça pública, na oficina, no campo, por toda parte. Este magistério liberal apoderou-se dele e não o deixa um instante sequer. E a sua ação se torna ainda mais perniciosa pela condição especial do discípulo, como mostraremos agora.

3° - A ignorância quase geral em matéria de religião. O liberalismo, ao rodear por todas as partes o povo de mestres embusteiros, aplicou-se muito habilmente em romper suas comunicações com o único mestre que lhe poderia fazer notar o embuste: a Igreja. Todo o empenho do liberalismo, de cem anos para cá, tem sido de paralisar a Igreja, de emudecê-la, para lhe deixar no máximo um caráter oficial e impedir-lhe todo contato com o povo. Foi este o objetivo — confessaram os liberais — da destruição dos conventos e mosteiros, das travas impostas ao ensino católico, do empenho

tenaz em desprestigiar e ridicularizar o clero. A Igreja se vê rodeada de laços artificiosamente armados, para que em nada perturbe a marcha avassaladora do liberalismo. As concordatas, tal como se cumprem hoje em quase todas as nações, são como outras tantas argolas para apertar sua garganta e paralizar seus movimentos. Entre o clero e o povo abriu-se, e continua-se abrindo, mais e mais a cada dia, um abismo de ódios, preocupações e calúnias. De modo que uma parte do nosso povo, cristão pelo batismo, sabe tão pouco de sua religião quanto das de Maomé e de Confúcio. Procura-se, ademais, evitar todo contato possível com a paróquia, pela instituição do registro civil, matrimônio civil, sepultura civil etc., o fim dessas medidas é conduzir à ruptura de todo laço entre o povo e a Igreja. É um programa separatista completo, em cuja unidade de princípios, meios, e fins, se vê bem clara a mão de Satanás.

Poderíamos ainda apontar outras causas, mas a extensão desta obra não o permite, e nem todas se poderiam dizer aqui.

33. Quais são os remédios mais eficazes e oportunos que devem ser aplicados aos povos dominados pelo liberalismo

Indicaremos alguns.

1° - A organização de todos os bons católicos, quer sejam numerosos ou não. Em cada localidade, é preciso que se conheçam, se vejam, se reúnam. Não deve haver hoje uma cidade ou vila católica que não tenha o seu núcleo de homens de ação. Isto atrai os indecisos, encoraja os hesitantes, contrapesa a influência do que dirão, faz forte a cada um com a força de todos. Ainda que sejais apenas uma dezena de corações firmes, fundai uma academia de juventude católica, uma conferência ou ao menos uma confraria. Ponde-vos logo em contato com uma sociedade análoga do povo vizinho ou da capital. Apoiai-vos deste modo em toda fronteira, associações com associações; formando como que a famosa testudo que formavam os legionários romanos, juntando seus escudos, e isto vos tornará invencíveis. Assim unidos, por poucos que sejais, levantai ao alto a bandeira de uma doutrina sã, pura, intransigente, sem ambigüidades nem alteração, sem pacto nem aliança com o inimigo. A firme intransigência tem seu aspecto nobre, simpático e cavalheiresco. É belo ver um homem atingido como um penhasco por todas as ondas e todos os ventos, e que permanece fixo, imóvel, sem retroceder. Bom exemplo, sobretudo, bom exemplo constante! Pregai com toda a vossa conduta, e pregai em todas as partes com ela. Já vereis como vos será fácil, primeiro, impor respeito, logo admiração, depois simpatia. Não vos faltarão prosélitos. Oh, se todos os católicos sãos compreendessem o brilhante apostolado secular que desta maneira podem exercer em suas respectivas comunidades! Unidos ao pároco, aderindo como a hera ao muro paroquial, firmes como seu velho campanário, podem desafiar toda tempestade e fazer frente a toda borrasca.

2° - Os bons jornais. Escolhei, entre os bons jornais, o melhor e que mais se adapte às necessidades e inteligência dos que os rodeiam. Lede-o, mas não vos contenteis com isto. Dai-o a ler, explicai-o e contai-o, fazei dele vossa base de operações. Fazei-vos correspondentes da sua administração, cuidai das assinaturas e pedidos, facilitai esta operação, que é a mais custosa de todas, aos pobres operários e lavradores. Dai-o aos jovens que começam suas carreiras, proponde-

o pelo belo de suas formas literárias, pelo seu estilo acadêmico, pela sua vivacidade e elegância. Começarão gostando do molho, e acabarão comendo o cozido. Assim trabalha a impiedade, e assim devemos nós trabalhar. Um bom jornal é uma necessidade neste século. Diga-se o que se quiser de seus defeitos, nunca igualarão suas suas vantagens e benefícios. Convém, ademais, favorecer a circulação de qualquer outro impresso de caráter análogo: o folheto oportuno, o discurso notável, a carta pastoral enérgica etc.

3° - A escola católica. Onde o mestre oficial for um bom católico e de confiança, seja ele apoiado com todas as forças; onde não for, procure-se falar claramente para desautorizá-lo. Um homem assim é a pior praga da localidade. É necessário que todo mundo conheça por diabo aquele que é diabo, a fim de que não se lhe entregue incautamente o principal, que é a educação. Sendo assim, busque-se um modo de colocar escola contra escola, bandeira contra bandeira. Se possível, entregai-a a religiosos; se não os há, ponha-se um leigo íntegro à frente desta boa obra. Que a escola seja gratuita, e que abra no horário mais conveniente para todos: de manhã, de tarde, de noite. Nos dias festivos, que se atraiam as crianças, presenteando-as e animando-as. E que se lhes diga claramente que a outra escola do professor mau é a escola de Satanás. Um célebre revolucionário, Dantón, gritava sem cessar: “Audácia! Audácia!” Nosso grito de sempre há de ser: “Franqueza! Franqueza! Luz! Luz!” Nada vale mais para afugentar esses corvos do inferno, que só podem seduzir com a obscuridade.

34. Sinal claríssimo com o qual se poderá conhecer facilmente o que procede do espírito verdadeiramente católico e o que procede do espírito contaminado de liberalismo ou radicalmente liberal

Vejamos agora outra coisa, a propósito da última palavra do capítulo anterior. A obscuridade é o grande auxiliar da iniquidade. Qui male agit odit lucem, disse o Senhor. Daí o empenho constante da heresia em envolver-se entre névoas. Não há grande dificuldade em descobrir o inimigo que se apresenta de viseira levantada, ou em reconhecer como liberais os que, desde o princípio declaram que o são. Mas esta franqueza não convém ordinariamente à seita. Assim, pois, é preciso adivinhar o inimigo por trás do disfarce; e este muitas vezes é hábil e extremamante cauteloso. Acrescentemos, além disso, que na maioria das vezes o olho que terá de reconhecê-lo não é um olho de lince; torna-se necessário, portanto, um critério fácil, simples, popular para distinguir a cada momento o que é obra católica e o que é infernal armadilha do liberalismo.

Sucede freqüentemente que, no anúncio de um novo projeto, uma nova empresa, uma nova instituição, o fiel católico não consegue distinguir prontamente a que tendências obedece aquele movimento; e se por conseguinte convém a ele associar-se ou opor-se com todas as forças. Isto ocorre sobretudo quando o inferno procura astuciosamente tomar alguma das cores mais atrativas de nossa bandeira, ou mesmo empregar, em certas ocasiões, nosso próprio idioma. Nestes casos, muitos infelizmente fazem o jogo de Satanás, persuadidos de boa-fé que contribuem com uma

obra católica! Mas, dirão: “Cada um pode consultar a Igreja, cuja palavra infalível dissipa toda incerteza”. Muito bem, mas a autoridade da Igreja não se pode consultar a cada momento nem para cada caso particular. A Igreja costuma deixar sabiamente estabelecidos os princípios e as regras gerais de conduta; mas a aplicação deles aos mil e um casos concretos de cada dia, ela deixa ao critério prudencial de cada fiel. E os casos desta natureza apresentam-se todos os dias, e devem ser resolvidos instantaneamente, em plena marcha. O jornal que aparece, a associação que se estabelece, a festa pública a que se convida, a assinatura que se pede, tudo isto pode ser de Deus ou do diabo, e o que é pior, pode ser do diabo apresentando-se, como temos dito, com toda a gravidade mística e compostura das coisas de Deus. Como guiar-se, pois, em tais labirintos?

Eis duas regras, de caráter bem prático, que nos parecem dever servir a todo cristão, para que em terreno tão escorregadio possa pisar com segurança.

1° - Observar cuidadosamente que classe de pessoas promovem o assunto. É a primeira regra de prudência e senso comum. Funda-se naquela máxima do Salvador: Não pode uma árvore má dar bons frutos. É evidente que os liberais estão naturalmente inclinados a produzir escritos, obras e trabalhos liberais, lamentavelmente informados de espírito liberal, ou pelo menos contaminados dele. Vejam-se, pois, quais são os antecedentes daquela, ou daquelas pessoas que organizam ou promovem a obra em questão. Se são tais que não podeis confiar inteiramente em suas doutrinas, olhai com cautela todas as suas empresas. Não as reproveis imediatamente, pois há um axioma de teologia que diz que nem todas as obras dos infiéis são pecados, e o mesmo se pode dizer das obras dos liberais. Porém não as considereis imediatamente como boas. Desconfiai delas, sujeitai-as a um detido exame, aguardai os resultados.

2° - Examinar o tipo de pessoas que louvam a obra em questão. É regra ainda mais segura que a anterior. Há no mundo atual duas correntes públicas e perfeitamente distintas. A corrente católica e a corrente maçônica ou liberal. A primeira é produzida, ou melhor, é refletida nos jornais católicos. A segunda é refletida e materialmente produzida cada dia pelos jornais revolucionários. A primeira busca sua inspiração em Roma. A segunda é inspirada pela maçonaria.

Anuncia-se um livro? Publicam-se as bases de um projeto? Olhai se a corrente liberal o aprova e recomenda e o toma por sua. Se sim, o livro e o projeto estão julgados: são coisa sua, porque é evidente que o liberalismo, ou o diabo que o inspira, reconhece imediatamente o que lhes é prejudicial ou favorável, e não são tão néscios a ponto de ajudar os que lhes são contrários, ou de oporem-se aos que favorecem seus projetos. Os partidos e as seitas têm um instinto ou intuição particular (olfactus mentis, como disse um filósofo) que lhes revela a priori o que para eles é bom e o que é hostil. Desconfiai, pois, de tudo o que louvam e admiram os liberais. Se assim o fazem, é claro que reconheceram no objeto, ou origem, ou meios, ou fins favoráveis ao liberalismo. Não costuma equivocar-se nisto o claro instinto da seita. Mais fácil é que se equivoque um jornal católico, louvando e recomendando como boa uma coisa que em si talvez não o seja muito. Em verdade, mais confiamos no olfato de nossos inimigos do que no de nossos próprios irmãos. Ao homem bom, cegam-no às vezes certos escrúpulos de caridade e natural costume de pensar bem, a ponto de ver intenções boas onde, por desgraça, não existem. Não é assim com os maus. Estes desde logo disparam artilharia pesada contra quem não concorda com seu modo de pensar, e tocam, incansáveis, a trombeta de todos os reclames em favor do que, por um lado ou por outro, ajuda a sua maléfica propaganda. Desconfiai, pois, de tudo que vossos inimigos recomendam.

Retiramos de um jornal os seguintes versos, que poderiam ser melhores, mas não poderiam ser mais verdadeiros.

Dizem assim, falando do liberalismo:

Diz que sim? Pois é mentira.

Diz que não? Pois é verdade.

O que ele chama iniquidade

Tu como virtude o mira;

Ao que persegue com ira,

Tem tu por homem honrado;

Mas evita com cuidado

Quem ele por bom queira dar-te;

Fazendo assim da tua parte,

Já o terá estudado.

Parece-nos que estas duas regras de senso comum, que antes poderíamos chamar de bom senso cristão, bastam, se não para nos fazer julgar definitivamente toda a questão, ao menos para nos impedir de tropeçar facilmente nas escabrosidades deste tão acidentado terreno em que marchamos e lutamos hoje.

Não se esqueça o católico, sobretudo o de nosso século, que a terra em que pisa está minada de todos os lados pelas sociedades secretas, que são as que dão voz e tom à polêmica anti-católica, e às quais servem inconscientemente muitas vezes ainda os mesmos que mais detestam seu trabalho infernal. A luta de hoje é, principalmente, subterrânea e contra um inimigo invisível, que raras vezes se apresenta com sua verdadeira divisa. É preciso, pois, cheirá-lo, mais do que vê-lo. É preciso adivinhá-lo com o instinto, mais do que apontá-lo com o dedo. Bom olfato, pois, e senso prático são mais necessários que raciocínios sutis e laboriosas teorias. O binóculo que recomendamos a nossos amigos nunca nos induziu ao erro.

35. Quais são os bons e quais os maus jornais, e o que se deve pensar do bem que se encontra nos maus e do mal que se encontra nos bons

Supondo que a corrente, boa ou má, que aplaude ou condena uma coisa, deve constituir, para o católico simples, um critério comum e familiar de verdade, para viver ao menos com cautela e prevenido; e supondo que os jornais costumam ser o meio em que mais e melhor transparece esta corrente, e aos quais, portanto, se torna necessário recorrer em mais de uma ocasião, pode perguntar-se aqui: Quais devem ser, para o católico de hoje, os jornais que lhe inspirem verdadeira confiança? Ou melhor: Quais devem inspirar-lhe pouquíssima, e quais nenhuma?

Primeiramente, é claro (per se patet) que os jornais que se honram (ou melhor, se desonram) chamando a si mesmos liberais e considerando-se como tais, não devem nos inspirar nenhuma confiança. Como nos fiar a eles, se são precisamente os inimigos contra quem temos de prevenir-nos a toda hora e a quem temos de hostilizar constantemente? Este ponto está portanto fora de toda discussão. O que hoje se chama liberal, certamente o é; e por conseguinte é nosso formal inimigo e da Igreja de Deus. Não se deve, pois, levar em consideração suas recomendações ou aprovação, a menos que o façamos para olhar como suspeito tudo que acerca de religião ele recomende ou aprove.

Há uma classe de jornais, contudo, não tão descarada e pronunciada, que gosta de viver na ambigüidade de cores indefinidas e tintas indecisas. A toda hora ela se proclama católica, e por vezes detesta e abomina o liberalismo, ao menos como palavra. É comumente conhecida pelo nome de católico-liberal. Desta é preciso confiar menos ainda, e não se deixar ludibriar com seus fingimentos e pietismo. É certo que, apurado o caso, predominará nela a tendência liberal sobre a católica, ainda que entre ambas se proponha uma convivência fraterna. Assim se viu sempre e assim deve logicamente suceder.

A corrente liberal é mais fácil de seguir, em prosélitos é a mais numerosa, e ao amor-próprio a mais simpática. A corrente católica é mais áspera na aparência, tem menos seguidores e amigos, exige que se navegue sempre contra o impulso natural e corrompido das idéias e paixões. Em um coração ambíguo e vacilante, como o dos liberais, é portanto normal que esta corrente católica sucumba e que a corrente liberal prevaleça. Não se deve, pois, confiar nos casos difícies da imprensa católico-liberal. Mais ainda, esta apresenta o inconveniente de que seus juízos não nos servem, bem como os da imprensa liberal, para formularmos a prova contraditória, pela simples razão de que seu juízo não é absoluto e radical em nada, mas sim regularmente oportunista.

A imprensa boa é a imprensa integralmente boa, ou seja, a que defende o bem em seus princípios bons e em suas aplicações boas; a mais oposta a todo mal reconhecidamente mal, opposita per diametrum, como diz Santo Inácio, no livro de ouro de seus Exercícios; a que está do lado oposto das fronteiras do erro; a que olha sempre o inimigo de frente; e não a que por vezes anda em suas filas, ou apenas se opõe a certas evoluções suas; a que é inimiga do mal em tudo, porque é no todo que o mau é mau, ainda que, casualmente, possa trazer consigo algum bem.

Vamos fazer uma observação para explicar esta nossa última frase, que a muitos parecerá atrevida.

Os jornais maus costumam às vezes ter algo de bom. Que se deve pensar deste bem que por vezes os jornais maus trazem consigo? Deve-se pensar que não deixam de ser maus, porque é má a sua natureza intrínseca ou doutrina. Antes, este bem pode e costuma ser um artifício satânico para que se recomende o jornal, ou pelo menos para dissimular o mal essencial que ele traz consigo. Algumas qualidades acidentalmente boas não retiram de um ser mau sua natureza má. Um assassino ou um ladrão não são bons porque recitam às vezes uma Ave Maria ou dão esmola a um pobre. São maus, malgrado suas obras boas, porque o conjunto essencial dos seus atos é mau, assim como suas tendências habituais. E se se servem do bem que fazem para mais autorizar a sua maldade, resulta que, mesmo o que em si seria ordinariamente bom, torna-se mau pelo fim a que se propõe.

Ao contrário, sucede algumas vezes que jornais bons caem em tal ou qual erro de doutrina, ou em algum excesso de paixão, e fazem efetivamente algo que não se pode aprovar. Devem por isso ser chamados de maus? Devem ser reprovados? Não, por uma razão inversa, ainda que análoga. O mal neles é acidental, e o bem é substancial e ordinário. Um pecado ou alguns não fazem mau a um homem, sobretudo se protesta contra eles pelo arrependimento e pela emenda. Só é mau quem o é em plena consciência de causa, habitualmente, e protesta querer sê-lo. Os jornalistas católicos não são anjos, mas homens frágeis, miseráveis, e pecadores. Querer, pois, condená-los por um ou outro erro, uma ou outra indiscrição ou excesso, é fazer do bom e do virtuoso um conceito farisaico e jansenista, em desacordo com todos os princípios da sã moral. Se se deve julgar desta maneira, que instituição haverá boa e digna de estima na Igreja de Deus?

Em resumo: há jornais bons e jornais maus; dentre estes últimos devem incluir-se os ambíguos ou indefinidos. O que é mau não se torna bom por ter algumas coisas boas, e o que é bom não se torna mau por causa de alguns defeitos e mesmo de alguns pecados em que incorra. Se o bom católico julgar e decidir lealmente com base nestes princípios, raramente se equivocará.

O livro-programa "Bento XVI e os tradicionalistas"

O livro-programa "Bento XVI e os tradicionalistas" (12 de março de 2007) do padre Celier (FSSPX), editado e prefaciado por um maçom

Quinta-feira, 3 de setembro de 2009

Artigo Original disponível em Virgo Maria

- Introdução
- 1. A publicação
- 2. A primeira campanha
- 3. Em 7 de julho de 2007, Bento XVI publica o Motu Proprio.
- 4 - Revelada a nomeação pelo Monsenhor Fellay do padre Celier para a Comissão Teológica encarregada da preparação das “discussões” com Roma.
- 5 - A segunda campanha
- 6 - Violenta crítica à obra de filosofia do padre Celier
- 7 - A campanha oculta
- 8 - Sufocando a Revolta de Dom Fellay
- 9 - Revelação do editor do padre Celier
- 10 - Emmanuel Ratier repercute a informação
- 11 - Publicização pela revista dos dominicanos de Avrillé
- 12 - Divulgação pelo padre Chautard
- 13 - Publicização pelo boletim paroquial da igreja de São Nicolás do Chardonnet
- 14 - Virgo Maria mostra a ligação

- 15 - Persistência de Dom Fellay no erro
- Conclusão
- Anexos
  - Anexo A - Prefácio do livro do padre Celier
  - Dossiê das Referências Virgo Maria sobre o abade Grégoire Celier e seus malfeitos dentro da FSSPX
  - ATENTADOS contra Virgo-Maria e atos do padre de Cacqueray
  - Humanum genus

Introdução

Prova da premeditação maçônica da política de acolhimento imposta por Monsenhor Fellay à FSSPX

Um escândalo maçônico sem precedentes no cume da obra sacerdotal de Monsenhor Lefebvre

Diante desses FATORES assustadores, a questão agora se coloca:

A FSSPX estaria hoje dirigida por um maçom[1]?

E se esse for o caso, de quando dataria sua entrada na Loja?

Monsenhor Fellay à hora dos desafios: ou – ao trair Monsenhor Lefebvre – **ele continua sua política maçônica** descrita no livro-programa editado e prefaciado por um **maçom**, **o que seria a marca pública de sua submissão à Loja**, **ou ele expulsa o padre Celier[2]** da FSSPX **e revoga o padre de Cacqueray** por incompetência, pois ele cobriu com sua autoridade e **vendeu[3] ele mesmo este livro maçônico**.

Comentário sobre as intenções e métodos maçônicos da política de Monsenhor Fellay:

Na ausência de qualquer desmentido por parte de Monsenhor Fellay, mais de um mês após o surgimento do escândalo sem qualquer reação por parte dele, devemos concordar que o padre Celier aparentemente teve, durante dois anos, da parte de Monsenhor Fellay e de Cacqueray a ordem de percorrer a França, a fim de apresentar em todos os priorados, diante dos clérigos e dos fiéis, este livro-programa do acolhimento da FSSPX à Roma maçônica globalista apóstata, livro editado e prefaciado por um maçom.

Foi somente ao **final de outubro de 2008** que **M. J.L. Maxence**, psicanalista, e editor e autor do prefácio do livro-programa "Bento XVI e os Tradicionalistas" publicou **seu próprio livro ("A Loja e o Divã") onde ele revela ele mesmo[4] o esquema, o qual só foi conhecido e revelado mais tarde, graças à edição 269 de 1 a 15 de fevereiro da revista "Fatos & Documentos" de M. Emmanuel Ratier**.

O livro-programa do padre Celier, prefaciado e editado por um maçom, **foi publicado em 12 de março de 2007** e foi imediatamente **divulgado e promovido nos meios de comunicação da FSSPX e nos priorados**, **com o apoio total e ativo da autoridade do padre de Cacqueray, que o vendeu ele mesmo em Nantes**.

le Secrétaire, qui est lui à sa droite, puis pour les deux Surveillants de Colonnes, évidemment —, la parole n'est jamais sollicitée directement auprès du Vénérable. Le Frère qui souhaite parler, demande au Surveillant* responsable de sa Colonne, le Surveillant transmet au Vénérable, le Vénérable répond et le Surveillant transmet cette réponse au demandeur. On appelle cela *la triangulation de la parole*. Le moins que l'on puisse dire est que le cheminement n'est pas direct.

En premier lieu, le terme *Surveillant* m'avait semblé inadéquat. Il traduisait, pensais-je, un rapport hiérarchique que je ne comprenais pas. J'avais en tête le jeune étudiant chargé de faire régner la discipline sur le réfectoire de mes années d'écolier. Évidemment, le mot n'a pas ici ce sens profane. Le Surveillant est élu à cet office par les Maîtres, il a la responsabilité du bon déroulement des travaux et siège sur le plateau qui correspond à sa charge.

Ensuite, j'ai supposé que cette complexité procédurière avait pour but d'endiguer les réactions spontanées. Dans le cas d'Initiés de fraîche date, elle avait en tout cas pour conséquence de faire perdre à celui qui obtenait enfin la parole la substance du propos qu'il voulait tenir.

Página 57 de "*Eu fui maçom*" de André

Clodic[5]

O primeiro capítulo da terceira parte de "Bento XVI e os tradicionalistas" dedicado ao processo de "reconciliação" com a Roma modernista é intitulado "triangulação", termo que inevitavelmente nos faz pensar na "triangulação da palavra" que, nas práticas maçônicas, designa a fala solicitada pelo iniciado junto ao Venerável e concedida através do Vigilante; essa prática simboliza um caminho indireto.

Isso significa que **este livro-programa foi redigido no segundo semestre de 2006, ou seja, de agosto a dezembro, no momento do lançamento do "buquê" sacrílego, justamente quando o padre de Cacqueray começava em Paris as conferências, e já lia em público trechos do livro-programa maçônico, ainda não publicado** na sua conferência[6] (episódio infantil e risível do petroleiro que muda de rumo e que faz parte do livro maçônico que saiu 6 meses depois) **de 27 de setembro de 2006[7] na sala da Mutualidade**, respondendo às perguntas pro-acolhimento **do padre Lorans**.

Durante essa famosa conferência, o padre de Cacqueray expôs diante dos fiéis **a ideia de que a FSSPX deveria aceitar atenuar suas críticas, enquanto se integrava à Igreja Conciliar**.

No entanto, ao longo de sua campanha na primavera de 2007 nos priorados, **o padre Celier não cessou de declarar que atuava com o consentimento de Monsenhor Fellay, e que seu**

livro expressava o pensamento de Monsenhor Fellay.

Na época, *VM* teve dificuldade em acreditar, tanto a coisa parecia **inconcebível**.

Mas se agora levamos o padre Celier a sério e aceitamos que ele realmente disse a verdade, **então este livro-programa, sua publicação e seu prefácio pelo editor maçom Jean-Luc Maxence foram acordados com Monsenhor Fellay já em meados de 2006**, para contribuir para o êxito da política de acolhimento da FSSPX por uma manipulação do tipo PSY-OPS dos fiéis.

Monsenhor Fellay então escolheu fazer passar pelo padre Celier o discurso de acolhimento que ele próprio não ousava apresentar abertamente, preferindo ficar em um claro-escuro para melhor enganar os clérigos e os fiéis, enquanto o escritor maçom destilava o veneno da capitulação na mente dos padres e leigos da FSSPX.

Jean-Luc Maxence era, para dizer o mínimo, um conhecido admirador da gnose, sua escolha como editor, certamente ratificada por Monsenhor Fellay, revela uma "*conivência*" mais profunda: Monsenhor Fellay não poderia ignorar as conexões maçônicas do antigo colaborador de "Mundo & Vida".

Monsenhor Fellay escolheu esse editor por sua afiliação à GLF?

Ou essa escolha foi o fruto de uma concertação entre a GLF e o superior da FSSPX?

Da mesma forma, Monsenhor **Fellay, em comunicação permanente com as autoridades maçônicas Conciliatórias de Roma**, deveria estar ciente da próxima saída[8] do ***Motu Proprio***; ele deveria possuir informações sobre o cronograma previsto, e portanto **o "*milagre*" fabricado do "*buquê espiritual*"** estava realmente – como *VM* imediatamente denunciou[9] - **destinado a enganar a piedade dos fiéis**, o livro-programa maçônico representando a "***próxima etapa***", aquela que encorajaria o impulso em direção às chamadas "***discussões***", e depois a integração final.

Monsenhor Fellay, o padre Celier e o editor maçônico da GLF projetaram publicar um livro-programa que seria propagado pelo padre Celier em metade dos priorados da FSSPX na França, em duas campanhas que emolduriam a saída do *Motu Proprio* como um sanduíche.

É evidente que **o padre Celier beneficiou-se, da parte do padre de Cacqueray, de um apoio financeiro** para os gastos que ele teve durante sua operação subversiva.

Posteriormente, é forçoso constatar que **o padre Celier teve um apoio inabalável por parte do padre de Cacqueray e de Monsenhor Fellay**, apesar dos artigos e das ações de protesto que se multiplicavam.

“Em primeiro lugar, arranquem da Maçonaria a máscara com a

qual ela se cobre e façam-na ver como realmente é.” Leão XIII

Como anexo final a esta mensagem *VM*, convidamos insistentemente nossos leitores – sejam clérigos ou leigos – a **ler, reler e meditar o texto INFALÍVEL da encíclica de 20 de abril de 1884 do Magistério do Papa Leão XIII -** *Humanum Genus*, por meio da qual este Pontífice expõe, denuncia e condena **infalivelmente** diante da Santa Igreja a “***Seita dos Maçons***”, assim como seus métodos “***enganosos***” e suas ***“empresas infames e criminosas***”.

Ao meditar sobre os termos INFALÍVEIS escolhidos pelo Papa **Leão** XIII para condenar veementemente a Maçonaria por sua encíclica ***Humanum Genus***, **os leitores católicos, sejam eles clérigos ou simples fiéis, poderão medir o caráter absolutamente GRAVÍSSIMO da aprovação pública por parte de um Maçom confirmado, gnóstico confesso e entusiasta, do livro-programa do padre Celier para a adesão da FSSPX à Igreja Conciliar “*ecumênica*”, globalista, maçônica e apóstata.**

Leão XIII aponta os métodos secretos da seita maçônica:

> *"Se se vai ao fundo das coisas, pode-se ver que elas pertencem à família das sociedades clandestinas e que conservam suas feições. Há, de fato, entre elas,* ***espécies de mistérios que sua constituição proíbe com o maior cuidado de divulgar, não só a pessoas de fora, mas mesmo a muitos de seus adeptos****.”*

E o que pratica Monsenhor Fellay desde o ano 2000 na FSSPX? Os mesmos métodos maçônicos do segredo!

Este culto do segredo não cessa de progredir na governança da FSSPX por Monsenhor Fellay. As chamadas “***discussões***” doutrinárias com a Roma dos anticristos, por meio das quais o bispo suíço joga todo o futuro da FSSPX, **se desenrolarão em segredo, À HUIS CLOS**.

E agora, novo avanço da metodologia do segredo, **os nomes dos membros da Comissão também permanecerão secretos!**

Discussões À HUIS CLOS, conduzidas por pessoas que não revelam sua identidade ao público, isso não lhe lembra nada? É exatamente o funcionamento da Loja maçônica.

Não podemos deixar de notar que **Monsenhor Fellay impõe à FSSPX a metodologia de funcionamento da Loja maçônica: é um FATO**.

Ao contrário de Monsenhor Fellay e da Loja, Monsenhor Lefebvre aplicava o comportamento católico: ele conduzia suas relações com Roma à vista e ao conhecimento dos fiéis e não hesitava em solicitar a opinião dos leigos.

Como explicar que, desde 2000, data da peregrinação a Roma, a Direção da FSSPX tenha adotado as metodologias de funcionamento da Loja maçônica?

E isso de forma crescente desde a visita de Monsenhor Fellay ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI em 29 de agosto de 2005?

Interpelem seus padres e seus bispos:

- **Como é possível que a Direção da FSSPX difunda e venda este livro-programa maçônico sem qualquer sanção?**
- **Como é possível que Monsenhor Fellay imponha por meio do terror esta política maçônica?**
- **Vocês querem, então, que nossos filhos terminem na Loja?**

[Faremos a seguir a] Cronologia da publicação e da difusão do livro-programa maçônico dentro do Distrito da França da FSSPX durante dois anos com o total apoio e a participação ativa do padre de Cacqueray.

---

[1] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-05-A-00-Suresnes-Loge_et_divan.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-30-A-00-Jean_Luc_Maxence-Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-12-A-01-Jean-Luc_Maxence_et_Celier_2.pdf

[2] **Veja no final do artigo a lista de referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o padre Celier, da Fraternidade São Pio X, e sobre seu poder de perturbação estratégica dentro dessa Fraternidade.**

[3] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-17-A-00-Flop_abbe_Celier_Montpellier.pdf**

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-05-A-00-Suresnes-Loge_et_divan.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-30-A-00-Jean_Luc_Maxence-Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf

[5] http://books.google.fr/books?id=ZyMgQYurWQQC&pg=PA57&lpg=PA57&dq=triangulation+franc-maçonnerie&source=bl&ots=k2027lF4NU&sig=HyA9OEb49JolJ9dOPheycS8wH4s&hl=fr&ei=M7yeSuzLDpPs-Aa29tHaCw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=4#v=onepage&q=&f=false

[6] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-12-D-00-Tentations_abbe_Lorans.pdf

[7] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-12-E-00-DIAPO_Oeuvre_de_Mgr_Lefebvre_trahie_par_Menzingen.pdf

[8] **Desde o mês de novembro de 2006, a imprensa londrina, geralmente a mais bem informada hoje sobre esses assuntos religiosos, destacava que o *Motu Proprio* já havia sido assinado** pelo padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, e que essa iniciativa em relação à FSSPX **estava, de fato, correlacionada com o calendário da integração prevista na Igreja Conciliar romana da TAC Anglicana**:

Cf. **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Motu_Hilarant_Times_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-28-A-00-Motu_proprio_signe_1.pdf

[9] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-14-A-00-Faux_fuyants_de_Mgr_Fellay.pdf

1. A publicação

A publicação em 12 de março de 2007 do livro-programa de acolhimento do padre Celier, editado e prefaciado por Jean-Luc Maxence, um maçom ainda não confessado da GLF

17 de janeiro de 2007: **Anúncio das edições *Entrelacs*, dirigidas por Jean-Luc Maxence**.

> "As Edições Entrelacs (filial da Albin-Michel) irão publicar em 12 de março próximo um livro do Padre Grégoire Celier e de Olivier Pichon: **Bento XVI e os tradicionalistas**.
>
> A terceira parte, "***Futuro***", a mais original do livro, constitui uma apresentação sistemática das relações da Fraternidade São Pio X com Roma, especialmente no que diz respeito aos famosos «acordos».
>
> **O primeiro capítulo**, intitulado «***Triangulação[10]***», retoma o que a Fraternidade São Pio X chamou de dois «***preliminares***», a saber, **a liberdade total** para qualquer padre celebrar a missa tradicional (anterior ao Vaticano II) e **a revogação** das excomunhões romanas de 1988 que atingiam os quatro bispos auxiliares da Fraternidade São Pio X **e seus dois co-consagradores**. Respondendo às objeções de Olivier Pichon, o padre Celier explica **por que e como a Fraternidade São Pio X propôs a Roma esses dois preliminares antes de qualquer outra discussão.**
>
> O segundo capítulo intitula-se (entender-se-á por quê ao lê-lo) «***Missa pipaule*** ». Este capítulo trata prioritariamente das «***discussões doutrinárias***», que devem constituir, segundo a Fraternidade São Pio X, a segunda etapa do processo de reconciliação. Ao responder às indagações de Olivier Pichon, o padre Celier tenta mostrar, através de alguns exemplos históricos, que aos olhos da Fraternidade São Pio X seria possível, desde já, avançar nessas discussões com Roma. **Este capítulo, o mais inovador da obra, também propõe à Igreja perspectivas de futuro surpreendentes e até explosivas da parte de um padre "*tradicionalista*".**

> O terceiro capítulo, intitulado «***Fábula da garça***», tem como objetivo responder à objeção central de Olivier Pichon: «*Não é agora que é preciso assinar*, pois a eleição de Bento XVI é para vocês **uma oportunidade histórica**? Se vocês não assinarem hoje, não correm o risco de perder tudo?» Depois de fazer um histórico dos acordos anteriores, o padre Celier explica em detalhes por que, nas circunstâncias atuais, **a Fraternidade São Pio X não contempla assinar um acordo a curto prazo com Roma, *mesmo que considere que a situação pode mudar abrupta e rapidamente a seu favor, o que motivaria então a assinatura de tal acordo*.**

28 de fevereiro de 2007: o padre Celier expõe a política oficial das relações da FSSPX com Roma na *Rádio Courtoisie*:

> *«De fato, há uma situação geral que, em certos pontos, evolui e uma reflexão dentro da **Fraternidade** que **tenta se adaptar a essa situação** (...). O Sede Apostólica pode muito bem restituir à Tradição sob qualquer outra forma (...). **Não dizemos que esses dois preliminares sejam absolutamente obrigatórios** se sob uma outra forma, por exemplo, o Sede Apostólica manifestasse que o amor pela Tradição, pela Igreja, está restaurado (...)»*
>
> *«Quanto aos 'debates doutrinários', digo explicitamente que no momento presente é a fórmula dada por Monsenhor Fellay, mas que ele está aberto a que isso ocorra de maneira diversa (...). Digo no livro, explicitamente, que **nós contemplamos fazer um acordo canônico mesmo que todos os problemas não estejam resolvidos**, desde que uma mudança de rumo seja feita»* **(Padre Célier na *Rádio Courtoisie* em 28 de fevereiro de 2007).**

11 de março de 2007: *VM*[11] expõe os fatos e coloca em questão o padre Celier por seu livro pró-acolhimento:

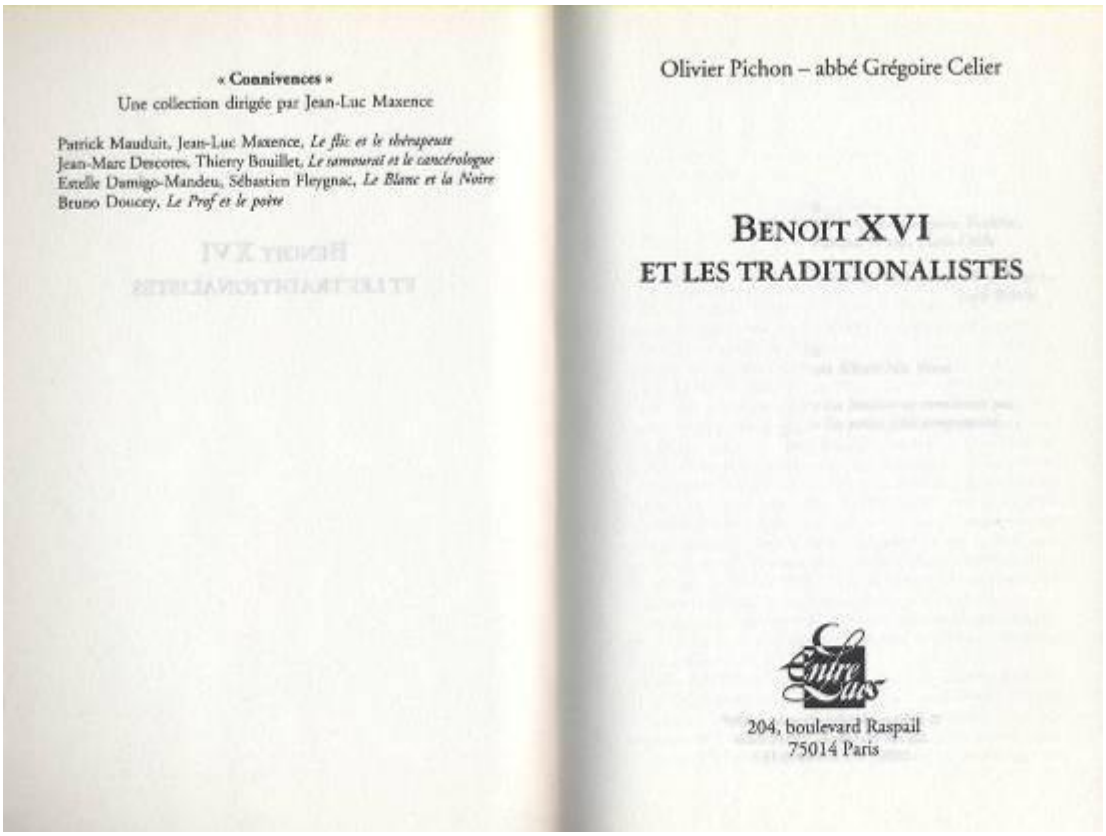
> *«As graves derivas do padre Celier denunciadas por um fiel. O crescimento do clamor entre os fiéis da FSSPX diante da rede de infiltrados modernistas»*

12 de março de 2007: O padre Celier expõe em *"Bento XVI e os tradicionalistas"*, o programa de acolhimento da FSSPX à Roma modernista

Na introdução da obra do padre Celier, o maçom ainda disfarçado, **Jean-Luc Maxence, declara desejar o sucesso do acolhimento – que ele chama eufemisticamente de "*aproximação*"**

– da FSSPX ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI:

No entanto, o Sr. Jean-Luc Maxence não havia, evidentemente, **nunca até então** - e «***durante décadas[12]***» - revelado aos leitores tradicionalistas inconscientes e confiantes da revista ***Mundo & Vida***, dos quais estes últimos constituíam a maior parte do público, **sua afiliação ativa e fervorosa aos ateliês da GLF,** o que caracteriza bem o método habitual de insinuação e de engano denunciado há muito pelo Magistério infalível da Santa Igreja e de seus Pontífices (cf. Por exemplo, **Leão XIII, 1884, Encíclica *Humanum Genus***).



« Connivences »
Une collection dirigée par Jean-Luc Maxence

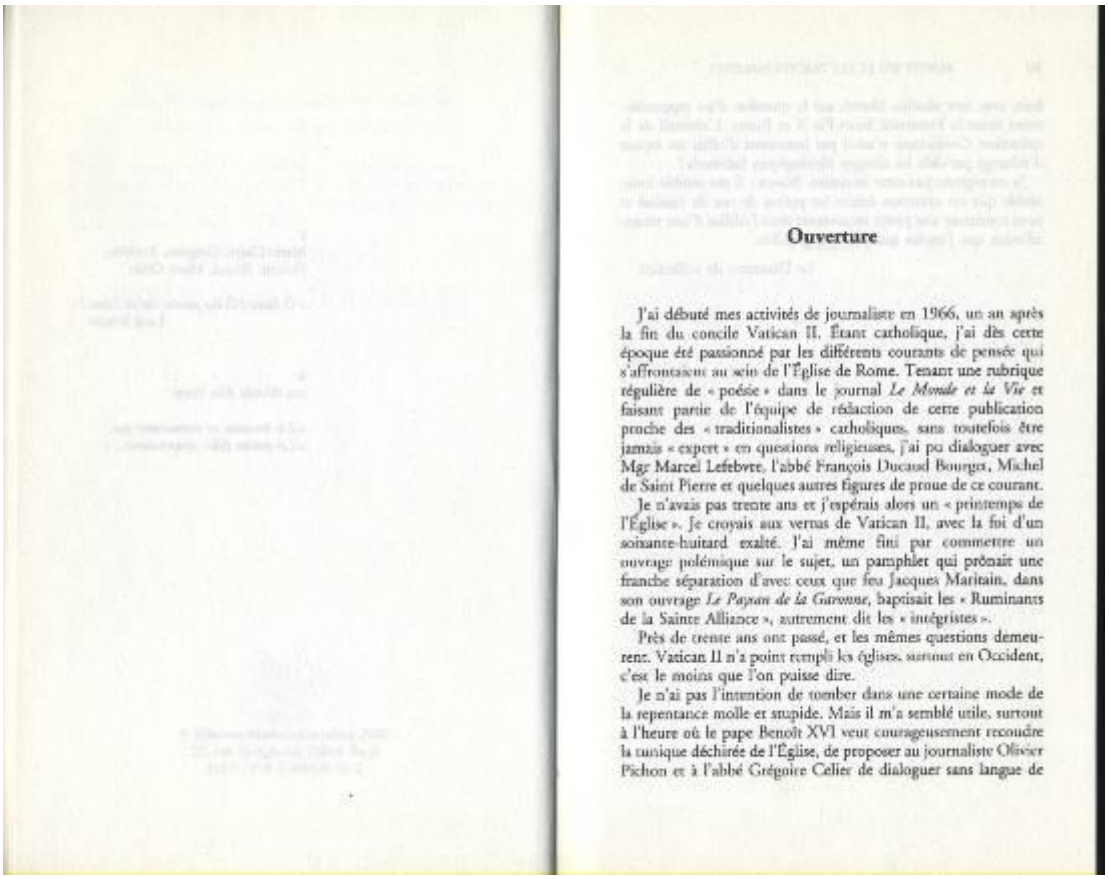
Patrick Mauduit, Jean-Luc Maxence, *Le flic et le thérapeute*
Jean-Marc Descotes, Thierry Bouillet, *Le ramoneur et le cancérologue*
Estelle Damigo-Mandeu, Sébastien Fleygnac, *Le Blanc et la Noire*
Bruno Doucey, *Le Prof et le poète*

Olivier Pichon – abbé Grégoire Celier

BENOIT XVI
ET LES TRADITIONALISTES

Entre Lacs

204, boulevard Raspail
75014 Paris



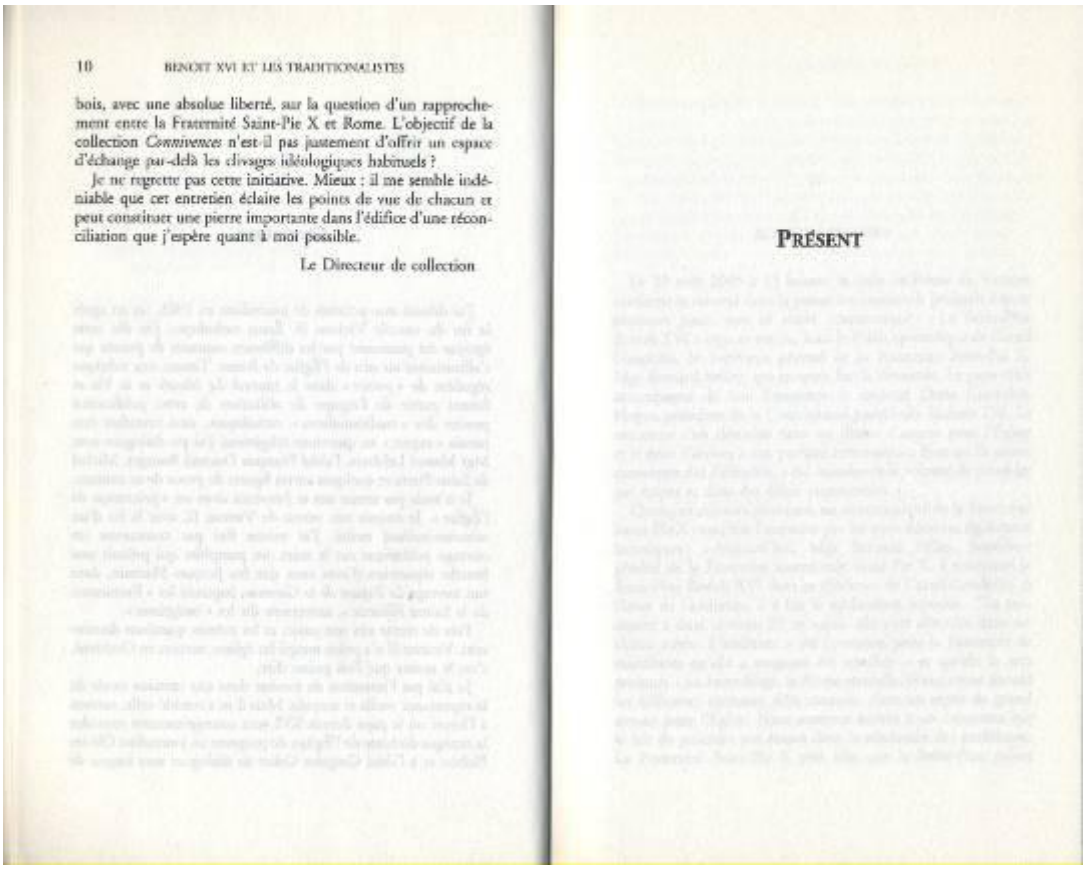
Ouverture

J'ai débuté mes activités de journaliste en 1966, un an après la fin du concile Vatican II. Étant catholique, j'ai dès cette époque été passionné par les différents courants de pensée qui s'affrontaient au sein de l'Église de Rome. Tenant une rubrique régulière de « poésie » dans le journal *Le Monde et la Vie* et faisant partie de l'équipe de rédaction de cette publication proche des « traditionalistes » catholiques, sans toutefois être jamais « expert » en questions religieuses, j'ai pu dialoguer avec Mgr Marcel Lefebvre, l'abbé François Ducaud Bourget, Michel de Saint Pierre et quelques autres figures de proue de ce courant.

Je n'avais pas trente ans et j'espérais alors un « printemps de l'Église ». Je croyais aux vertus de Vatican II, avec la foi d'un soixante-huitard exalté. J'ai même fini par commettre un ouvrage polémique sur le sujet, un pamphlet qui prônait une franche séparation d'avec ceux que feu Jacques Maritain, dans son ouvrage *Le Paysan de la Garonne*, baptisait les « Ruminants de la Sainte Alliance », autrement dit les « intégristes ».

Près de trente ans ont passé, et les mêmes questions demeurent. Vatican II n'a point rempli les églises, surtout en Occident, c'est le moins que l'on puisse dire.

Je n'ai pas l'intention de tomber dans une certaine mode de la repentance molle et stupide. Mais il m'a semblé utile, surtout à l'heure où le pape Benoît XVI veut courageusement recoudre la tunique déchirée de l'Église, de proposer au journaliste Olivier Pichon et à l'abbé Grégoire Celier de dialoguer sans langue de



bois, avec une absolue liberté, sur la question d'un rapprochement entre la Fraternité Saint-Pie X et Rome. L'objectif de la collection *Connivences* n'est-il pas justement d'offrir un espace d'échange par-delà les clivages idéologiques habituels ?

Je ne regrette pas cette initiative. Mieux : il me semble indéniable que cet entretien éclaire les points de vue de chacun et peut constituer une pierre importante dans l'édifice d'une réconciliation que j'espère quant à moi possible.

Le Directeur de collection

PRÉSENT

> « Comecei minhas atividades como jornalista em 1966, um ano após o término do Concílio Vaticano II. Sendo católico, desde essa época fui apaixonado pelos

diferentes correntes de pensamento que se confrontavam dentro da Igreja de Roma. **Mantendo uma coluna regular de "*poesia*" no jornal *Le Monde et la Vie* e fazendo parte da equipe editorial dessa publicação próxima aos "tradicionalistas" católicos**, embora nunca tenha sido um "*especialista*" em questões religiosas, pude dialogar com Monsenhor Marcel Lefebvre, o padre François Ducaud Bourget, Michel de Saint Pierre e algumas outras figuras proeminentes desse movimento.

« Eu não tinha trinta anos e esperava então uma "***primavera da Igreja***". Acreditava nas virtudes do Vaticano II, com a fé de um exaltado da geração de 68. Acabei escrevendo um livro polêmico sobre o assunto, um panfleto que defendia uma franca separação daquelas pessoas que o falecido Jacques Maritain, em sua obra ***Le Paysan de la Garonne***, chamava de ***"Ruminantes da Santa Aliança***", ou seja, os "***integristas***".

« Quase trinta anos se passaram, e as mesmas questões permanecem. O Vaticano II não encheu as igrejas, principalmente no Ocidente, para dizer o mínimo.

« Não tenho a intenção de cair numa certa moda de arrependimento mole e estúpido. Mas pareceu-me útil, especialmente agora que **o Papa Bento XVI quer corajosamente remendar a túnica rasgada da Igreja**, propor ao jornalista Olivier Pichon e ao padre Grégoire Celier dialogar sem rodeios, com total liberdade, **sobre a questão de um acolhimento entre a Fraternidade São Pio X e Roma**. **O objetivo da coleção *Connivences* não é justamente oferecer um espaço de troca além das habituais clivagens ideológicas?**

« Não me arrependo dessa iniciativa. Melhor: parece-me inegável que esta conversa esclarece os pontos de vista de cada um e pode constituir **uma pedra importante no edifício de uma reconciliação que eu espero ser possível**.

O Diretor da coleção » (Jean-Luc Maxence, GLF segundo o Rito Escocês Antigo e Aceito**[13])**

13 de março de 2007: *VM*[14] se interroga sobre as ideias gnósticas do editor do padre Celier, Jean-Luc Maxence:

> «***O pensamento de Monsenhor Fellay editado por um admirador da gnose? O livro do padre Celier, que pretende expressar o pensamento de Monsenhor Fellay, editado por J.L. Maxence, autor de obras esotéricas e guenonianas***»

> «A revista *Vehementer* (distribuída exclusivamente pela internet) revela que **Jean-Luc Maxence está fortemente ligado aos círculos da gnose. É mencionado que ele já publicou várias obras sobre assuntos de esoterismo e René Guénon, um alto iniciado gnóstico**. A revista *Vehementer* é dirigida por alguns dominicanos de Avrillé. Ela é distinta do ***Sel de la terre***, revista dirigida pelo Padre Pierre-Marie de Kergorlay.»
>
> «**O padre Celier afirma de fato falar em nome de Monsenhor Fellay ao expressar exatamente seu pensamento. Ele até afirma que sua obra foi relida e aprovada por seus superiores. Monsenhor Fellay teria, portanto, aceitado**, segundo o padre Celier – e se isso for verdade, a situação é realmente muito grave - que seu pensamento pessoal sobre a FSSPX e seu futuro, assim como sobre o ponto muito estratégico das relações com Ratzinger, áreas das quais ele é pessoalmente responsável e o principal interessado como Superior Geral da FSSPX, seja expresso por um editor, o Sr. Jean-Luc Maxence, que já publicou e disseminou os seguintes livros? · ***Jung e o futuro da Maçonaria***, 2004; · ***O egrégoro***; · ***A energia psíquica coletiva***, Dervy, 2003; · ***René Guénon, o filósofo invisível***, 2001; · ***Antologia da poesia mística contemporânea***, 1999 » *VM*

---

[10] O padre Celier intitula o primeiro capítulo da terceira parte (« *Futuro* » (sic)) de seu livro-programa para a adesão da FSSPX com o termo « *Triangulação* », que só poderia « *fazer sentido* » para todo leitor maçônico, e assim chamar imediatamente toda a sua atenção.

[11] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-11-A-01-Derives_abbe_Celier_par_un_fidele.pdf

[12] De acordo com seus próprios termos publicados no final de 2008 em seu livro *A Loja e o Divã*.

[13] « **FM da *Grande Loja da França* conforme ao Rito Escocês Antigo e Aceito », essas qualificações e detalhes só se tornarão publicamente conhecidos pela própria pena do Sr. Jean-Luc Maxence, psicanalista, após a publicação em outubro de 2008 (depósito legal) de seu livro *A Loja e o Divã*, lançado pelas edições Dervy-Livres, especializadas em obras de esoterismo, e por meio da leitura do número 269 da revista *Faits & Documents* de Emmanuel Ratier, datado de 1 a 15 de fevereiro de 2009.**

[14] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-12-A-01-Jean-Luc_Maxence_et_Celier_2.pdf

2. A primeira campanha

A primeira campanha (maio-junho de 2007) de publicidade do padre Celier em 12 priorados do Distrito da França para divulgar seu livro-programa “Bento XVI e os tradicionalistas” editado e prefaciado pelo maçom da GLF

5 de maio de 2007: *VM*[15] expressa preocupação e questiona o primeiro tour pela França em 12 priorados da FSSPX realizado pelo padre Celier para apresentar seu livro “*Bento XVI e os tradicionalistas* ”:

> « **Como explicar** que o padre Celier se promova assim sem obstáculos ao primeiro plano midiático da FSSPX na França, mesmo enquanto se prepara para deixar (finalmente!) a revista ***Fideliter*** (revista cujo nível se tornou agora patético) e as edições ***Clovis***, depois que o Capítulo geral, que se reúne uma vez a cada 12 anos, teve que decidir oficialmente, em julho de 2006, demiti-lo dessa revista e dessas edições? **Quem tem autoridade superior** ao Capítulo geral para decidir que suas decisões não devem ser executadas sem demora, e que parece exercer na FSSPX um poder executivo que supera o do Capítulo Geral? Não se trataria do que já designamos pela expressão *“Orquestra negra”*, que corresponde à rede de infiltrados modernistas? (cf. mensagens *VM* anteriores).
>
> **O padre de Cacqueray assinou a missão do tour pela França do padre Celier?**
>
> É para custear essas deslocações dispendiosas e essa atividade de propaganda pro-acolhimento que os donativos dos fiéis deveriam ser utilizados?
>
> Enquanto as famílias precisam economizar arduamente para pagar os estudos de seus filhos nas escolas da FSSPX, os fiéis poderão assim verificar como é usado o dinheiro que eles doam.
>
> Aproximadamente 7500 km (segundo o cálculo das diversas rotas em www.viamichelin.com) e, portanto, de acordo com a tabela fiscal: 3500 € em deslocamentos (incluindo amortizações) + despesas diversas! **Seriam necessários, portanto, mais de 1000 livros vendidos para que os lucros**

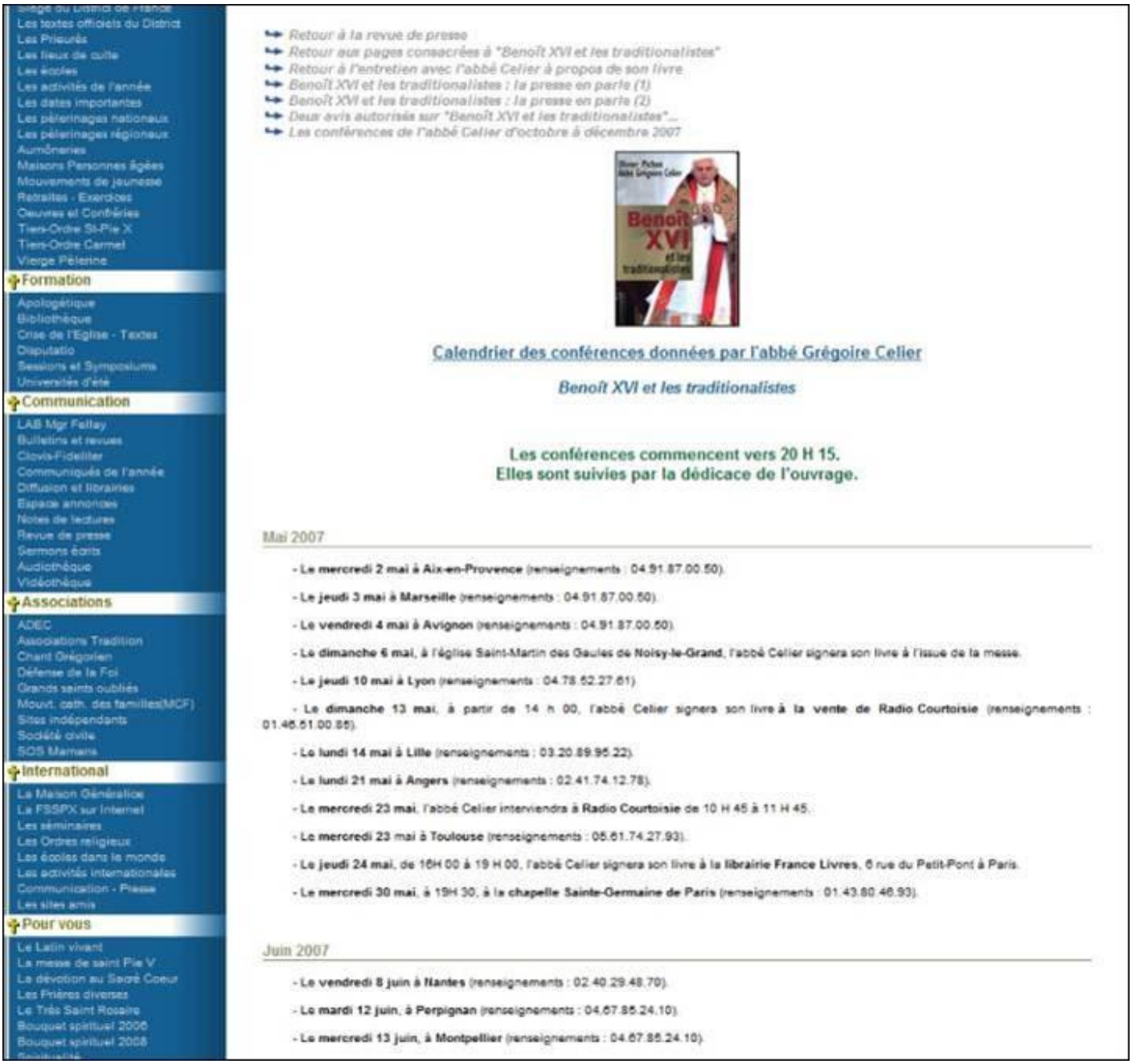
> **obtidos pela margem permitissem cobrir tal soma**. » *VM*

8 de maio de 2007: *VM*[16] repercute um texto de “***Sob a bandeira***” que pergunta publicamente a Monsenhor Fellay sobre a legitimidade do padre Celier para se expressar por meio de seu livro:

> *« O padre se expressa continuamente em nome da Fraternidade pelo uso da primeira pessoa do plural.* ***Nós*** *temos;* ***nós*** *somos;* ***nós*** *reconhecemos. Na página 221, em 14 linhas, este modo de expressão é utilizado 7 vezes pelo padre Celier. E na página 212, esta forma “nós”, ou “ela”, ou “a Fraternidade”, é utilizada 18 vezes em 24 linhas. Não há dúvida para o leitor médio!* ***É realmente um "responsável histórico" que se expressa*** *em nome da Fraternidade São Pio X.* ***Resta saber se os verdadeiros responsáveis por ela estão cientes disso e se aceitam.*** **»** *Sob a bandeira – n°130*

18 de maio de 2007: *VM*[17] informa sobre o fracasso das primeiras conferências do padre Celier nos priorados:

> « De acordo com nossas informações, **o padre Celier reuniu 50 fiéis durante sua conferência de 3 de maio de 2007 no priorado de Marselha**. Poucos livros foram vendidos, alguns fiéis fizeram autografar seus próprios exemplares. Vale mencionar que, devido às teses modernistas e naturalistas que ele tem promovido desde os anos 1995, o padre Celier constituiu uma espécie de contra-clientela que compra seus livros ou as revistas contendo seus artigos (publicados sob seu nome ou sob um de seus pseudônimos) para examinar como essas obras contêm ideias modernistas ou naturalistas. Isso faz com que, independentemente do que publica, ele tenha um mínimo garantido de vendas provenientes de seus opositores. **Em seguida, no dia 10 de maio de 2007, no priorado de Lyon, apenas um pouco mais de fiéis estiveram presentes (cerca de 60). 30 livros teriam sido vendidos.** Entre os ouvintes, muitos eram opositores às teses divulgadas pelo padre Celier nos últimos anos, sob seu nome ou pseudônimos (padre Beaumont ou Paul Sernine), e reinava durante a conferência de Lyon um clima de hostilidade. **O padre Lamerand, o prior, chegou a intervir para expulsar uma pessoa que estava distribuindo o artigo de *Sob a bandeira* que estabelece uma crítica implacável da obra do padre Celier**. Crítica da qual informamos em nossa mensagem *VM* de 8 de maio de 2007. »



23 de maio de 2007: *VM*[18] informa sobre a oposição de Monsenhor Tissier de Mallerais ao livro-programa do padre Celier, que ele qualifica de « ***fantasia*** »:

> « Ao ser questionado sobre o livro[1] do padre Celier durante uma conferência para os fiéis, Monsenhor Tissier de Mallerais declarou: *« O livro do padre Celier, eu ainda não o li. O padre Celier é uma, é uma visão, é uma visão, eu não sei,* ***uma visão fantasiosa do futuro****, uma imaginação do futuro, como poderia ocorrer um retorno progressivo à Tradição litúrgica, à missa tradicional. Bom, isso é provavelmente isso. É* ***uma obra de fantasia ou de imaginação****, mas não posso dizer mais porque não li este livro,* ***não o comprei, não me***

> ***interessa, não o lerei, não me interessa nem um pouco***. » Monsenhor Tissier de Mallerais[2]

25 de maio de 2007: *VM*[19] divulga um documento de 2004 que analisa teológica e filosoficamente os escritos do padre Celier e conclui que eles são prejudiciais. O padre Celier interveio novamente na *Rádio Courtoisie*.

> « Apesar do fracasso que conhece sua campanha nos priorados da França, o padre Celier, em 24 de maio de 2007, na rádio, já se projetava para um cargo de comunicação no Distrito da França. » *VM*

26 de maio de 2007: *VM*[20] titula « *Monsenhor Tissier desautoriza os escritos do padre Celier. O fracasso do padre Celier isolado dentro da FSSPX e rejeitado* » e publica a gravação de áudio[21] do repúdio do livro-programa « ***Bento XVI e os tradicionalistas*** » do padre Celier por Monsenhor Tissier de Mallerais.

27 de maio de 2007: *VM*[22] informa sobre « *A derrocada do padre Celier em campanha: o fiasco de Toulouse* ».

> « Apenas 40 pessoas compareceram. O padre de La Rocque, o prior da FSSPX em Toulouse, havia alugado uma sala para 300 pessoas. Entre essas 40 pessoas, contavam-se 3 padres e alguns jovens, os outros eram fiéis muito idosos, todos do priorado. Algum tempo antes, Michel de Jaeghere havia atraído mais público no mesmo local, reunindo ouvintes de todos os horizontes. A conferência começou com 20 minutos de atraso, o padre de La Rocque vendo a sala quase vazia e esperando que a multidão chegasse antes de começar, mas a multidão nunca veio. Proferindo um discurso bastante vazio, o padre Celier parecia muito pouco à vontade. (...) Durante sua conferência, o padre Celier afirmou com firmeza que falava em nome da FSSPX e de Monsenhor Fellay, enquanto apresentava « sua » posição. » *VM*

3 de junho de 2007: O padre de Cacqueray se dirigiu ao priorado de Saint-Louis em Nantes no domingo, uma semana antes da vinda do padre Celier, **e ele mesmo vendeu o livro-**

programa maçônico « *Bento XVI e os tradicionalistas* » aos fiéis:

> « Recebemos dois testemunhos sobre o "***grande sucesso***" de Nantes. É preciso lembrar que, após Paris, Nantes é a segunda cidade da França na luta pela Tradição. **A vinda do padre Celier foi precedida pela do padre de Cacqueray, que veio no domingo anterior com obras do padre Celier, e que não conseguir vender, segundo um testemunho que nos chegou**. » *VM*[23] de 17 de junho de 2007

6 de junho de 2007: *VM*[24] informa sobre a reação de rejeição ao livro do padre Celier entre os fiéis:

> « O livro do Sr. o Padre é ruim. Intrinsecamente ruim. Pior ainda do que o último, que era totalmente condenável segundo os critérios mais católicos (e que foi, aliás, condenado). Ao lê-lo (felizmente, não tive que comprá-lo), fico atônito com o cegueira das autoridades da FSSPX, que não punem este sacerdote por seus erros, sua liberdade impertinente de tom e de ação, bem como por sua evidente vontade de não seguir o ensino de Monsenhor Lefebvre. O Sr. o Padre Celier não é o porta-voz da Tradição católica; nem dos seus fiéis, nem mesmo de sua hierarquia. » Um fiel antes da conferência do padre Celier em Paris.

8 de junho de 2007: O padre Celier se dirige ao priorado de Saint-Louis em Nantes e reúne penosamente 100 ouvintes, **no domingo anterior, o padre de Cacqueray havia se deslocado de Paris para incitar os fiéis a ouvir a próxima conferência do padre Celier**.

> « **Os agentes do padre Celier em Nantes fizeram uma enorme publicidade na cidade para a conferência do padre Celier. Apesar disso, apenas 90 pessoas apareceram**. Segundo um fiel de Nantes, « ***não faz muito tempo, Monsenhor Lefebvre, quando vinha, falava diante de cerca de 1200 pessoas. Monsenhor Williamson atraiu 800 fiéis, Monsenhor Tissier um pouco menos de 600, o padre Aulagnier cerca de 400, o padre de Tanouarn mal 300 e hoje o padre Celier nem sequer uma centena. (…)*** *Assistimos na noite de sexta-feira, no priorado Saint Louis de Nantes, a um espetáculo de ilusionismo patético, se considerarmos o que*

> *está em jogo, realizado pelo Senhor padre Grégoire Célier, que veio apresentar seu último livro, « Bento XVI e os tradicionalistas ».* ***Diante de uma centena de ouvintes, muitos fiéis do priorado, muitas vezes encorajados por seu prior e, no domingo passado, pelo próprio superior de distrito***, e alguns curiosos, o padre apresentou, com um tom cordial, modesto, talvez *chatô*, como diriam as línguas maldosas, e com muitas precauções verbais, o que deve ser chamado de ***papinha para os gatos, pontuada por algumas « boas » palavras fáceis, para tentar conquistar a sala para seu lado*** ». *VM*[25] de 17 de junho de 2007

15 de junho de 2007: *VM*[26] publica **um dossiê de 50 páginas analisando o livro « *Bento XVI e os tradicionalistas* » e demonstrando as evidentes contradições formais que ele contém com o pensamento e os escritos de Monsenhor Lefebvre**.

> « O padre Celier desenvolve uma ilusão sedutora que é a antítese de Nossa Senhora em La Salette. O padre Celier ridiculariza o sentido Providencial e sobrenatural, designando-o como um « *fallacioso pretexto de 'Deus proverá'* » (sic), enquanto o último texto de Monsenhor Lefebvre opõe a ele o Apocalipse e o « *Veni Domine Jesu* ». Quase 50 páginas de análise do último livro do padre Celier e uma evidência sob a forma de tabelas de citações das oposições fundamentais entre, por um lado, as ideias do padre Celier e, por outro lado, as intenções de Monsenhor Lefebvre e os ensinamentos da Igreja ou de Nossa Senhora em La Salette. 'Regulariza-se' uma obra Providencial? Com mais razão com « ***a Roma dos anticristos*** » (Monsenhor Lefebvre). O livro do padre Celier compara a FSSPX (que Monsenhor Lefebvre considerava uma '***obra Providencial***') a um '*verme*' e aquele que a dirige, Monsenhor Fellay, a uma '*garça*'. » *VM*

17 de junho de 2007: *VM*[27] informa sobre « *O fracasso da campanha do padre Celier - Seu fracasso magistral no Sofitel-Antigone de Montpellier* ».

> *« O combate da fé muda de forma, ele se transforma »* declara o diretor da *Fideliter*. A operação patética de desinformação dos comparsas do **padre Celier** sobre a *Porte Latine*. *Em Montpellier, foi um total fracasso!* ***A conferência começou com 20 minutos de atraso, pela falta de público. O padre***

> ***Celier contava nervosamente os poucos fiéis que haviam se deslocado. Em uma sala para 100 lugares alugada (por quem?) no luxuoso hotel SOFITEL-Antigone de Montpellier, ao preço de cerca de 650 euros*** *(após informações obtidas com o hotel), estavam presentes: 2 padres (o padre Vernoy, que é o prior, e o padre Jérôme, ex-membro do Barroux reintegrado recentemente na FSSPX, mas estranhamente deixado na região de seu antigo mosteiro...), 2 freiras e 26 fiéis, sendo que* ***4 opositores firmes não pararam de interpelar o padre Celier com perguntas muito embaraçosas****, especialmente sobre o uso que ele faz de pseudônimos como padre Michel Beaumont ou Paul Sernine. Ele se recusou a dizer quem estava por trás do pseudônimo do padre Michel Beaumont até que* ***aquele que o interpelou o revelasse publicamente aos fiéis presentes. Furioso, o padre Vernoy ameaçou o jovem opositor do padre Celier de expulsá-lo da sala, em vão.*** *A pergunta sobre o estado de cisma das autoridades conciliatórias foi, por sua vez, eludida. Para explicar sua escolha por parte da editora Entrelacs*, ele alegou o fato de ser um padre parisiense, da FSSPX e um padre que "**domina a escrita**" ! ***Ele afirmou que Monsenhor Fellay lhe concedeu seu " imprimatur" para publicar seu livro. Aliás, ele não parou de repetir que não se "esforçou muito para escrever este livro" porque ele apenas " plagiou Monsenhor Fellay" !*** Segundo outra fonte, havia apenas 22 pessoas na conferência do padre Celier em Perpignan, no dia 12 de junho de 2007, a maioria vindo do meio *Ecclesia Dei*. Também foi um retumbante fracasso. A hora do balanço chegou para a campanha mal-sucedida do **padre Celier**. No total, ele terá reunido mal e mal mais de 450 fiéis nos cerca de dez priorados onde se apresentou durante 6 semanas. Entre seus ouvintes, uma parte significativa consistia de opositores que manifestaram sua desaprovação. O **padre Celier** terá vendido pouco mais de uma centena de livros. E os gastos incorridos somam vários milhares de euros. O **padre Celier** trabalha com dois “bispos” conciliatórios! O **padre Celier** se opõe a **Monsenhor Lefebvre**, afirmando: "***o combate da fé muda de forma, ele se transforma. Este livro se inscreve nessa transformação***".

---

[15] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-05-B-00-Livre_Abbe_Celier_par_un_lecteur.pdf**

[16] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-08-B-00-SLB_sur_livre_abbe_Celier.pdf**

[17] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-18-A-00-Tour_de_France_Abbe_Celier.pdf**

[18] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-23-A-00-Abbe-Celier_desavoue_par_un_eveque.pdf

[19] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-23-A-00-Abbe-Celier_desavoue_par_un_eveque.pdf

[20] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-26-A-00-Mgr_Tissier_desavoue_abbe_Celier.pdf

[21] http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-tissier/Mgr-Tissier-Libre-abbe-Celier.mp3

[22] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-27-B-00-Fiasco_abbe_Celier_a_Toulouse.pdf

[23] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-17-A-00-Flop_abbe_Celier_Montpellier.pdf

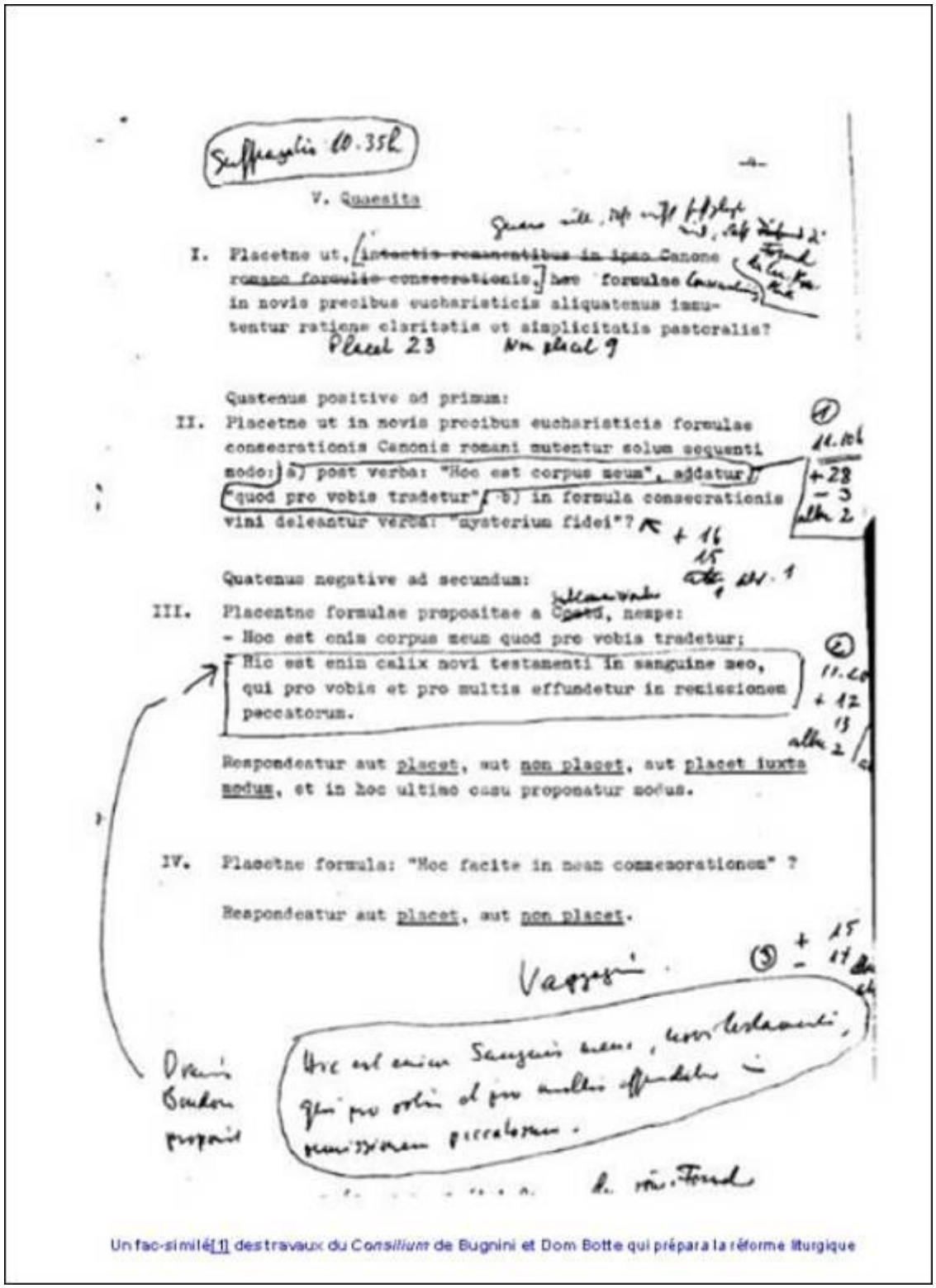
[24] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-27-B-00-Fiasco_abbe_Celier_a_Toulouse.pdf

[25] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-17-A-00-Flop_abbe_Celier_Montpellier.pdf

[26] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-15-A-00-Binome_Aulagnier_Celier.pdf

[27] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-17-A-00-Flop_abbe_Celier_Montpellier.pdf

3. Em 7 de julho de 2007, Bento XVI publica o Motu Proprio.



Suffragatio 10.35h

-4-

V. Quaesita

I. Placetne ut, ~~intactis remanentibus in ipso Canone romano formulis consecrationis,~~ hae formulae in novis precibus eucharisticis aliquatenus immutentur ratione claritatis et simplicitatis pastoralis?

Placet 23 Non placet 9

Quatenus positive ad primum:

II. Placetne ut in novis precibus eucharisticis formulae consecrationis Canonis romani mutentur solum sequenti modo: a) post verba: "Hoc est corpus meum", addatur "quod pro vobis tradetur"; b) in formula consecrationis vini deleantur verba: "mysterium fidei"?

① 11.10h +28 −3 alba 2 +16 15

Quatenus negative ad secundum:

III. Placentne formulae propositae a ~~Coetu~~ Subcommissione, nempe:
- Hoc est enim corpus meum quod pro vobis tradetur;
- Hic est enim calix novi testamenti in sanguine meo, qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum.

② 11.20 +12 13 alba 2

Respondeatur aut placet, aut non placet, aut placet iuxta modum, et in hoc ultimo casu proponatur modus.

IV. Placetne formula: "Hoc facite in meam commemorationem"?

Respondeatur aut placet, aut non placet.

Vaggagini

③ + 15 − 17

Hic est enim Sanguis meus, novi testamenti, qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum.

Un fac-similé[1] des travaux du *Consilium* de Bugnini et Dom Botte qui prépara la réforme liturgique

Quatro meses antes, o livro-programa de acolhimento do padre Celier foi publicado, e a saída do ***Motu*** é enquadrada nas duas campanhas do padre Celier nos priorados, para seu livro-programa editado e prefaciado por um adepto da GLF

O texto acima é extraído dos arquivos do ***Consilium***[28] **litúrgico conciliar** que preparou o novo rito da missa promulgado por Paulo VI em 1969.

Este documento de arquivo mostra que o **texto é uma pura composição de 1967**, onde cada fragmento das novas palavras da "***consagração***" foi submetido a votação em sessão (contagem

dos ***Placet***).

No entanto, em seu ***Motu Proprio***, o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI afirma que se trataria do "***rito romano único***", e que este novo rito, **proveniente na realidade de rascunhos e de votos frase por frase em 1967, que figuram nos arquivos oficiais**, formaria a "***forma ordinária***" deste "***rito único***" do qual o rito tradicional promulgado por São Pio V **não seria mais do que a** "***forma extraordinária***":

> « Art. 1. O Missal romano promulgado por Paulo VI é a expressão ordinária da « ***lex orandi*** » da Igreja católica de rito latino. O Missal romano promulgado por S. Pio V e reeditado pelo B. João XXIII *deve ser considerado como a expressão extraordinária da mesma « **lex orandi** » da Igreja e ser honrado em razão de seu uso venerável e antigo. Essas duas expressões da « lex orandi » da Igreja não induzem nenhuma divisão da « lex credendi » da Igreja; são de fato* ***duas implementações do único rito romano.*** *»[29]*

Essas afirmações públicas do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI são, portanto, **puras mentiras, contraditas pelo estudo textual e científico dos arquivos**, sendo, na realidade, uma formidável impostura intelectual que diz muito sobre o nível de desvio deste acadêmico alemão que conseguiu tomar o controle do patrimônio da Igreja católica.

É desse mesmo texto, dito do "***Motu Proprio***", que contém essa ignóbil impostura histórica e intelectual, que **Monsenhor Fellay se alegrou, obrigando os clérigos da FSSPX a compartilhar sua alegria e a cantar *Te Deum***.

Comportando-se assim, com tal **desprezo pelos fatos**, e endossando através de seu comportamento indecente essa fraude litúrgica, Monsenhor Fellay fez sua esta votação democrática pelo "*placet*" das próprias palavras da "***consagração***" do que agora reconhece ser a "***forma ordinária***" do "***rito romano único***".

Se Monsenhor Lefebvre tivesse tido conhecimento dos arquivos do ***Consilium*** **litúrgico conciliar**, armazenados em Tréveris e **que só se tornaram públicos na internet graças ao site www.rore-sanctifica.org[30] no início de 2006**, ele teria gritado contra tais comportamentos sacrílegos que conduzem a "***escolher***" democraticamente as palavras da Consagração.

É inaudito e ímpio que Monsenhor Fellay, que Monsenhor Lefebvre promoveu ao episcopado em 1988, tenha podido traí-lo, ele e sua obra, e adotar os projetos litúrgicos ímpios da maçonaria clerical, celebrá-los pessoalmente nos meios de comunicação, e obrigar todos os priorados da FSSPX a cantar *Te Deum* por uma tal empresa blasfematória e subversiva.

Monsenhor Fellay teria perdido a razão?

Ou então teria ele próprio[31] entrado na Loja e estaria defendendo agora seus “*irmãos* ” maçons e seus projetos de descristianização?

---

[28] http://www.rore-sanctifica.org

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-09-B-00-Cuisine_Consilium.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-FLASH-2007-07-14-D-00-Unique-Rite_et_Vote.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/02-reforme_de_1968_et_suivante-consilium-groupe_xx/1965-1968_-_Consilium_-_Botte_-_Lecuyer/Schemata_N-218.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-10-A-00-Mgr_Lefebvre_validite_NOM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Reflexions_NOM_Mgr_Guerard_1977.pdf

[29] http://www.cef.fr/catho/actus/archives/2007/20070607summorum_pontificum.pdf

[30]**http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_2007-03-31_Les_10_Cartons_des_Archives_officielles_du_Consilium_et_des_Schemata.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-04-A-00-Photos_Consilium_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/004_2007/VM-2007-04-11/Cleri_sanctitati-Pie_XII-2_juin_1957.pdf

[31] Ele que, em 1999, ainda denunciava em um vídeo alemão « ***as quatro lojas especiais, reservadas aos eclesiásticos, que oficiam hoje no Vaticano*** ».

O que, portanto, aconteceu com ele desde o ano 2000 e a peregrinação da FSSPX a Roma que ele organizou naquele ano???

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-01-A-00-Mgr_Fellay_denonce_quatre_loges_au_Vatican.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-fellay/VM-Mgr_Fellay_denonce_quatre_loges_au_Vatican.htm

4 - Revelada a nomeação pelo Monsenhor Fellay do padre Celier para a Comissão Teológica encarregada da preparação das “discussões” com Roma.

4. Em 5 de outubro de 2007, foi revelada a nomeação pelo Monsenhor Fellay do padre Celier (editado e prefaciado por um FM***)*** **para a *Comissão Teológica* encarregada da preparação das “*discussões*” com Roma.**

16 de outubro de 2007: *VM*[32] publica a informação, divulgada em 5 de outubro, revelando que **o padre Celier** (editado e prefaciado por um ***FM***) **faz parte da chamada *Comissão Teológica* encarregada das chamadas « *discussões doutrinárias* » com Roma**.

> *« Monsenhor Bernard Fellay anunciou oficialmente aos membros da FSSPX* ***a nomeação de uma Comissão Teológica especializada no estudo do Vaticano II, que inclui os Padres Patrick de La Rocque, Grégoire Celier, Thierry Gaudray, Alvaro Calderón e Jean-Michel Gleize.*** *Isto confirma as informações* ***provenientes de meios próximos à FSSPX de Toulouse e do Studium dos RRPP Dominicanos dessa mesma cidade sobre longas horas de discussões doutrinárias que tiveram lugar em uma Universidade de Roma, em várias ocasiões, entre teólogos da FSSPX e***

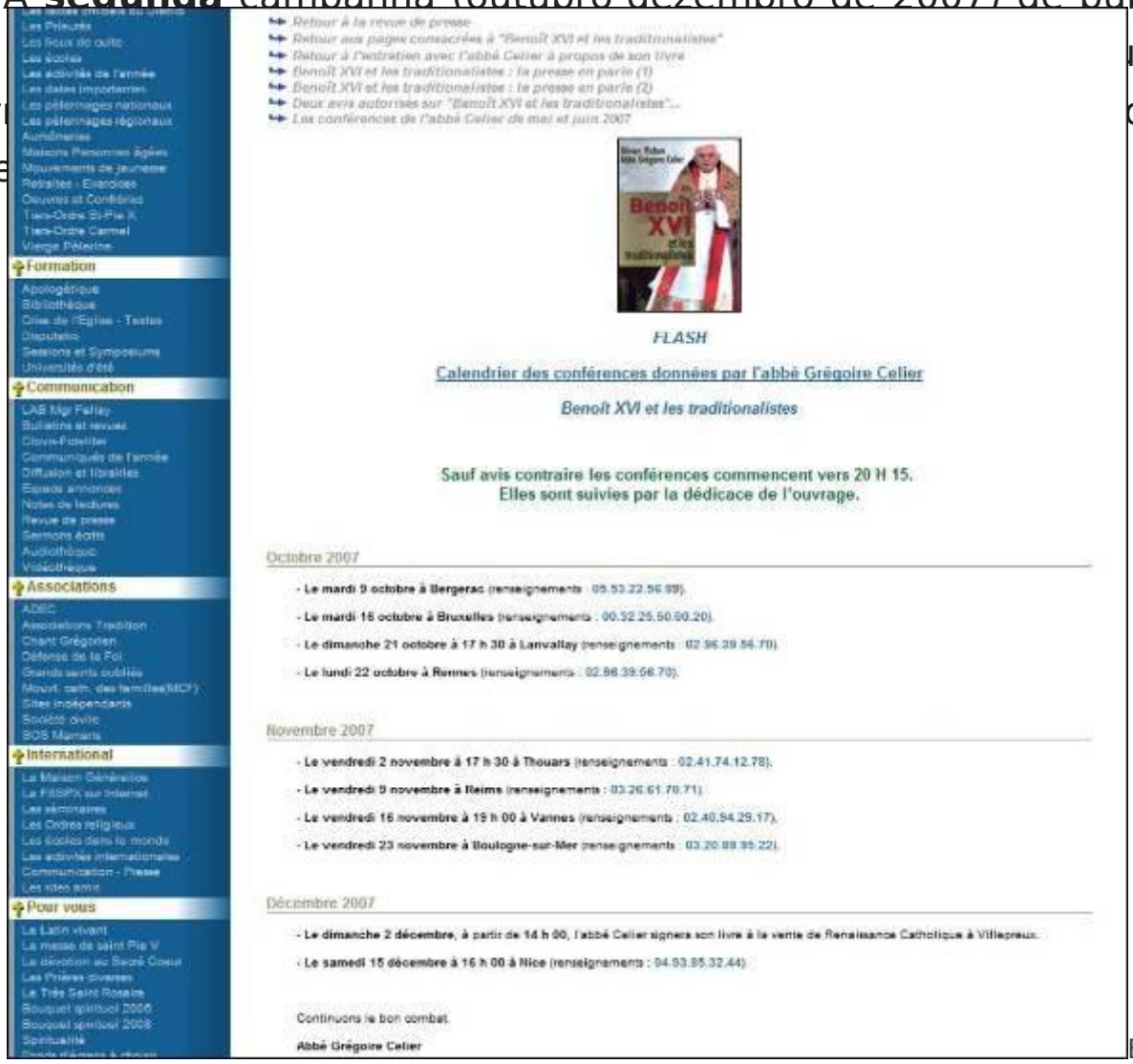
> ***teólogos romanos, como o cardeal Cottier, discussões que abordaram a nova missa, o ecumenismo e a colegialidade***. » VM

---

[32] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-B-00-Commission-theologique.pdf

5 - A segunda campanha

5. A **segunda** campanha (outubro-dezembro de 2007) de publicidade do ulgar **seu liv** ditado e pre



Esse é **o**

calendário divulgado pelo site oficial do Distrito da França do padre de Cacqueray, ***La Porte Latine***.

6 - Violenta crítica à obra de filosofia do padre Celier

6. Em 1 de dezembro de 2007, violenta crítica à obra de filosofia do padre Celier (« *o deus mortal* ») por um círculo universitário, como sendo um « *guia iniciático da apostasia* »

1 de dezembro de 2007: *VM*[33] publica um estudo do ***Círculo de Atenas***: « ***O deus mortal* ou a morte de Deus, o guia iniciático da apostasia! O livro anátema do padre Celier** », por O Círculo de Atenas.

> « Renegado: pessoa que renuncia à sua religião. Desde sua décima terceira página, é por meio deste credo introdutório do « ***deus mortal*** » que o padre Celier assina sua renúncia sacerdotal. Mas resta descobrir o processo de apostasia gradativa implementado por este apóstata, para conduzir suas vítimas a segui-lo, neste livro perverso que, desde as primeiras páginas, cai das mãos de qualquer leitor são e preservado dessas coceiras desmesuradas do orgulho que o tornariam vulnerável às fábulas nietzschianas do super-homem lutando e gritando « ***Deus está morto! Deus está morto! E somos nós quem o matamos!*** », esta citação mais famosa de Friedrich Nietzsche em ***Assim Falou Zaratustra***, a bíblia do padre Celier. »

---

[33] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-01-A-00-Celier_Dieu_Mortel.pdf**

7 - A campanha oculta

7. Em março de 2008, a campanha oculta, mas revelada do padre Celier para divulgar um segundo documento de acolhimento junto aos clérigos da ***FSSPX***

19 de maio de 2008: *VM*[34] informou, após ***Tychique*** de Max Barret, que o padre estava conduzindo uma « ***Agit-prop*** » sorrateira.

> Por meio da instrumentalização dos escritos de Monsenhor Lefebvre, o padre Celier quer fazer acreditar, 'a nível do Distrito da França', que o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI seria « ***perfeitamente católico*** ».
>
> **M. o padre Celier teólogo oficial da Fraternidade Sacerdotal São Pio X?**
>
> Ele acaba de redigir um documento de 43 páginas, sem destinatários designados, mas certamente não destinado ao grande público.
>
> Aqui está o texto da carta que acompanhava este documento:
>
> > « ***M. "A pedido de Monsenhor Fellay, permito-me enviar-lhe o documento anexo que foi elaborado a nível do Distrito da França. "Este texto é comunicado a você de forma confidencial na medida em que uma eventual publicação e/ou um remanejamento e/ou uma utilização por partes ainda não foram decididos. "Desejando-lhe uma boa leitura, peço-lhe que aceite, M… a expressão de minha religiosa devoção***. » « Grégoire Célier. »
>
> Este panfleto com um título deliberadamente provocador compreende duas partes:
>
> 1. A primeira, onde tenta, por meio de artifícios, mostrar que Dom Fellay pode ter discussões, visando o retorno da FSSPX, com o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, sem se opor a Dom Lefebvre, e que qualquer argumento contrário seria "***sedevacantista***",

2. E na segunda parte, finge opor-se aos argumentos daqueles que querem que Dom Fellay assine um acordo agora.

Este texto de 43 páginas, **repleto de citações de Dom Lefebvre tiradas de seu contexto e apresentadas em uma ordem cronológica deliberadamente caótica que mascara a evolução coerente de 1982 a 1988 do pensamento do prelado em relação às autoridades romanas à medida que observava os penosos fatos** que foi obrigado a estabelecer, culminando em suas declarações públicas reiteradas após as ordenações (1988-1991), quando ia por todos os lugares, repetindo a quem quisesse ouvir: "***Não é possível que esses papas sejam os verdadeiros sucessores de Pedro***". Temos vários testemunhos diretos. E cada um dos quatro bispos sabe disso, começando por Dom Fellay.

---

[34] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-19-A-00-Celier_contre_Mgr_Tissier.pdf

8 - Sufocando a Revolta de Dom Fellay

8. De junho a agosto de 2008, o padre Celier, auxiliado pelo padre Lorans, sufoca com insolência e como se soubesse que não tem nada a temer, a revolta de Dom Fellay e dos bispos da FSSPX contra o ultimato imposto por Roma no início de junho de 2008.

Certo de seu controle por agentes da FSSPX, Roma parece ter querido queimar etapas, e vai querer acelerar o calendário no início de junho de 2008. É o ultimato a Dom Fellay, que não vai reagir bem, esse erro de Roma será explorado pelo clã de Dom Tissier dentro da FSSPX para encorajar Dom Fellay e iniciar uma dissociação em relação a Roma. Mas após a publicação em 7 de julho de 2007 do *Motu Proprio* do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, a audácia do padre Celier realmente não conhece mais limites.

O padre Celier agora se envolve pessoalmente de forma cada vez mais clara, com seu cúmplice o padre Lorans, na censura da nova comunicação pública de Dom Fellay, o Superior Geral, e dos outros bispos, como revela ***Virgo-Maria*** em várias mensagens postadas **em seu blog**, relatando em particular **o incidente tão revelador ocorrido entre o padre Celier e Dom Fellay na manhã seguinte às ordenações de Écône em 27 de junho de 2008, e a censura repetida do Sermão de Dom de Galaretta durante essas ordenações:**

> **“ Dom Fellay silenciado pelos padres Lorans, Celier e outros infiltrados [35]?**
>
> *julho 3, 2008*
>
> por A Redação.
>
> Temos andado de surpresa em surpresa durante uma semana. Após o ultimato do Vaticano, **não existe atualmente nenhuma declaração pública de Dom Fellay divulgada pelos órgãos de mídia da instituição Sacerdotal que ele dirige**.
>
> **Primeira censura:** O sermão de Winona de 20 de junho de 2008, durante o qual Dom Fellay expressou, publicamente e diante de numerosos clérigos e fiéis, seu repúdio ao ultimato de Bento XVI-Ratzinger / Castrillon Hoyos, foi censurado

pelos meios de comunicação da FSSPX.

Foi durante esse sermão que Dom Fellay revelou nos Estados Unidos a existência do ultimato de Roma contra a FSSPX. Ele denuncia e rejeita o "Feche a boca" (Shut up) do Vaticano:

"*Mas hoje, eles não pedem mais 'celebre UMA missa', eles dizem apenas: 'Cale-se'... Ao ponto de que Roma me enviou um ultimato; parece que a última carta aos benfeitores não foi muito bem recebida em Roma, onde a veem como uma marca de orgulho, de arrogância. Mas nós não queremos isso, e não nos calaremos. Estamos ainda e sempre na mesma luta. É sempre a mesma história. Sob diferentes aparências, nada mudou.*"

E ele desmascara o engodo do *Motu Proprio*, que é a nova ponta do iceberg da nova religião (que não é a religião católica). Esta "nova religião" foi analisada e denunciada durante três simpósios teológicos da FSSPX no Instituto Universitário São Pio X (2003 – 2004 – 2005) nos quais Dom Fellay participou:

"*O que está acontecendo com este Motu Proprio é como se eles tivessem adotado a ponta do iceberg da Tradição. O que vemos nos leva a pensar: 'Muito bem, eles adotaram a ponta, então devem ter adotado também tudo o que está abaixo...' Mas não é exatamente isso que eles fizeram. Eles tentaram remover essa ponta e plantá-la no topo do outro iceberg, aquele da nova religião.*"

Esta declaração oficial de Dom Fellay, em um contexto muito solene (o de ordenações) e diante de um público numeroso, **não pode ser consultada em nenhum outro lugar além do site Virgo-Maria.**

A Porta Latina não diz uma palavra. **Dici.org,** o órgão do veneno-piloto do projeto imobiliário de Villepreux (outubro de 2007), **o padre Lorans, mantém um silêncio total sobre esta declaração muito importante de Dom Fellay.**

Esse silêncio total dos meios de comunicação da FSSPX contrasta singularmente com o do Vaticano. Pois essa rejeição ao ultimato do Vaticano por Dom Fellay será registrado pelo Vaticano no dia seguinte ao sermão de Winona, como testemunha **Rádio Vaticano**, que comenta: "*Em Winona, Dom Fellay saiu de seu silêncio rejeitando as condições impostas por Roma.*"

O que prova que **as mídias da FSSPX** estão nas mãos de um clã de infiltrados (**padre Lorans, padre Sélégny, padre Celier, padre de La Rocque**) que silencia seu próprio superior, uma vez que os sermões e as alocuções de Dom Fellay são censurados ali.

Segunda censura, as declarações feitas na tarde de sexta-feira, 27 de junho, em Écône por Dom Fellay, das quais alguns fragmentos vazaram no *Forum Catholique*:

"Dom Fellay falou há um pouco menos de uma hora diante dos padres e fiéis que vieram a Écône.

Visivelmente bastante sereno, ele abordou o problema do ultimato, um texto cuja forma não lhe parece estar à altura do problema e que o desconcerta. Segundo ele, essa forma lembra aquela dos anos 1970, quando um ultimato foi imposto a Dom Lefebvre em 1976.

Diante do cardeal, ele pediu três vezes condições muito claras. No entanto, esses pontos não significam muito. Segundo ele, não se pode resolver uma crise de 40 anos com uma pirueta diplomática. Assim, ele indicou que continuaríamos.

"*Deixemos tudo isso nas mãos do Bom Deus, não nos preocupemos demais com as consequências. As medidas de intimidação, as ameaças, já conhecemos isso muitas vezes. Enquanto o médico se preocupar com o termômetro, isso não cura o doente. Portanto, é preciso cuidar da doença e aqui se trata da salvação das almas.*"

Interrogado pela televisão francesa, ele disse:

"*Para nós, essa história do ultimato não nos parece séria. O fundo do problema é mais sério.*" Ele estabeleceu uma comparação com os semáforos: É como quando se ultrapassa um sinal vermelho, pode haver uma razão muito séria para fazê-lo.

"*Confiemo-nos à Santíssima Virgem, ao nosso fundador e às suas orações.*"

A Porta Latina dedica um importante dossiê, muito ilustrado, sobre o dia das ordenações em Écône. Mas **censura totalmente a celebração dos 20 anos das ordenações que ocorreu à tarde**, e **não menciona uma palavra sobre as declarações de Dom Fellay**, embora ele seja o superior da FSSPX.

E, como é curioso, após essa censura, logo em seguida, das duas intervenções públicas de Dom Fellay diante dos fiéis, chega na segunda-feira, 30 de junho, este **comunicado do padre Lorans** que não tem nada de oficial, é assinado apenas com seu nome, sem mais, sem qualquer cabeçalho.

E, segunda coisa muito curiosa, este texto se pretende uma espécie de **atenuação do sermão de Dom de Galarreta**, que colocou **a resposta da FSSPX a Roma no campo da Fé**. **O padre Lorans quer também apagar as**

palavras de Dom Fellay em Winona, que falou de **La Salette**, enquanto o padre Lorans nos escreve um comunicado digno de um político de baixo nível, totalmente alheio ao ensinamento dos dois bispos.

Após a **derrota da diplomacia vaticana perante a reação doutrinária e firme dos bispos,** a pequena camarilha de padres infiltrados tenta silenciar o superior da FSSPX cujas palavras não lhes agradam?

Até quando os bispos da FSSPX, membros da Igreja ensinante, tolerarão ser assim silenciados por clérigos a serviço do ralimã?

VM

A comunicação de Dom Fellay recuperada e desnaturalizada pelo padre Lorans – Dom de Galarreta censurado pelo padre Celier[36]

julho 7, 2008

por A Redação

O texto que segue, extraído de um blog, explica bem a tonalidade atual na Internet:

A resposta da FSSPX ao Vaticano tornou-se o texto do padre Lorans, ou seja, **o sermão de Dom de Galarreta** (que era a verdadeira resposta oficial no dia seguinte ao conselho ampliado) **foi totalmente ignorado**. Ninguém mais fala sobre isso, ao menos **nenhum site oficial da FSSPX menciona.**

A publicação do **padre Lorans** (no Dici.org) é **imposta pelos canais de mídia** como *Dici.org* ou *A Porta Latina*, **como o único documento oficial.**

Dessa forma, **um simples padre, o padre Lorans**, sendo **apoiado pelo padre Celier**, **coloca-se acima de um bispo, membro da Igreja ensinante, Dom de Galarreta,** cortando sua fala ao impor um comunicado que é reconhecido como "ambiguo". Mesmo quando **a resposta da FSSPX ao ultimato de Roma, por meio do sermão das ordenações de Écône em 27 de junho de 2008, é de uma clareza muito grande**: é um NIET e, **com base nas epístolas de São Paulo**, uma **acusação contra Bento XVI-Ratzinger** ("liberal modernista") e sua equipe acusada de dirigir uma "obra de demolição" da Igreja, de "descristianização".

Dom Fellay, em seguida, deu eco a esse sermão escrevendo aos membros da FSSPX, uma carta que termina com um muito claro "Non possumus" (texto revelado na Grã-Bretanha, mas ocultado na França).

Fato sem precedentes, **diante de um sermão histórico**, pronunciado em **circunstâncias históricas**, o vigésimo aniversário das ordenações de 1988, e **por um bispo**, **no dia seguinte a um conselho ampliado**, **em total osmose com Dom Fellay**, um simples padre conseguiu manobrar para impor "seu" comunicado "oficial da FSSPX" na segunda-feira seguinte (um texto ambiguo), e seu cúmplice, o padre Celier, fez então desaparecer de *A Porta Latina* a verdadeira resposta oficial e episcopal: a de Dom de Galarreta.

Podemos ver como o círculo infiltrado tomou completamente o controle, silenciando a voz dos bispos e os censurando. **Dom Fellay está cercado** pelo padre Lorans e pelo padre Celier.

Ele percebeu isso?

A **comunicação de Dom Fellay é assim recuperada e desnaturalizada pelo padre Lorans**. Já o padre Lorans tentava, em Écône, fazer com que os jornalistas não entrevistassem Dom Fellay, segundo os ecos que nos chegaram.

Tudo acontece como se **a direção da FSSPX tivesse externalizado sua comunicação** *para as mãos de uma pequena camarilha de agentes favoráveis a Roma de Bento XVI-Ratzinger* e ainda não tivesse percebido a manipulação da qual se tornava vítima.

VM

O papa Bento XVI e os integristas

É um evento de grande importância que, logicamente, pode ter escapado à vigilância geral, já que o assunto é, em suma, próprio do catolicismo, e a semana foi das mais carregadas entre um vídeo cuja inanidade prefiro não comentar, Carcassonne, Carolis e depois Ingrid Betancourt.

No entanto, é possível que se comente ainda por várias décadas como uma etapa essencial na consolidação de um cisma ou na unidade da Igreja, mais certamente do que se lembrará de outros assuntos.

Esta semana viu, de fato, o rejeição (ambígua) de uma oferta de diálogo feita pelo Vaticano à Fraternidade São Pio X, a instituição que agrupa o clero e os fiéis integristas. Esse rejeito foi, na verdade, aguardado, tanto pela recepção que lhe foi dada, que já era indicativa.

O Cardeal Dario Castrillon Hoyos, presidente da comissão pontifícia "*Ecclesia Dei* ", havia de fato transmitido um documento contendo cinco condições impostas pelo Vaticano para a continuidade do diálogo entre a Fraternidade São Pio X (nos referiremos como “FSPX”) e ele mesmo. Em resposta, durante uma homilia, Dom Fellay (atual superior da mencionada fraternidade) explicou que o que o Vaticano estava pedindo era “just shut up”, era um “*ultimato*”, termo que, aparentemente, foi, complacentemente, utilizado de ambos os lados por todos aqueles que não desejam que uma reconciliação possa ocorrer. Diante de uma interpretação, no mínimo, tendenciosa das referidas condições, o Vaticano decidiu publicar o texto dessas cinco condições, para que todos pudessem julgar. Estas condições são:

1. Compromisso de uma resposta proporcional à generosidade do papa.
2. Compromisso de evitar qualquer intervenção pública que não respeite a pessoa do papa e que possa ser negativa para a caridade eclesial.
3. Compromisso de evitar a pretensão de um magistério superior ao do Santo Padre e de não designar a Fraternidade em oposição à Igreja.
4. Compromisso de demonstrar a vontade de agir honestamente em plena caridade eclesial e no respeito à autoridade do vigário de Cristo.
5. Compromisso de respeitar a data – fixada para o final do mês de junho – para responder positivamente. Esta será uma condição requerida e necessária como preparação imediata à adesão para ter a plena comunhão.

Em resposta, a FSPX **forneceu um texto ambíguo e dilatório que (i) não é uma aceitação das condições mencionadas e (ii) impõe pré-requisitos ao diálogo.**

Encontramos nessa resposta uma mentalidade específica. Assim, a FSPX afirma não pretender um magistério[2] superior ao do Papa, nem tê-lo feito anteriormente. Ao mesmo tempo, destaca que este texto pressupõe um reconhecimento implícito do Vaticano II, uma vez que exige uma aceitação do magistério superior do Papa. Compreenderemos, no mínimo, que reivindica um magistério igual, pois reivindica poder fazer sua própria seleção nos atos conciliares. Isso é, evidentemente, difícil de conceber, mas perfeitamente revelador.

No entanto, essas condições foram geralmente compreendidas como admissíveis por qualquer católico. Elas eram, em suma, bastante gerais e pouco

restritivas e não mencionavam, por espírito de conciliação, a demanda expressa e prévia de um reconhecimento do Vaticano II. O passo, por parte do Vaticano, estava longe de ser irrelevante.

Em Écône[37], o padre Celier lembra publicamente Dom Fellay quem manda!

nov 22, 2008

por A Redação.

Um testemunho nos chegou sobre **o incidente que ocorreu em Écône durante o café da manhã de 28 de junho de 2008**, no dia seguinte às ordenações do dia anterior, **opondo o padre Celier a Dom Fellay**, diante de testemunhas, clérigos e leigos.

"*Durante o café da manhã, Dom Fellay falou diante dos padres e leigos que estavam à mesa e comentou, em tom divertido, o ultimato de Roma contra a FSSPX,* ***declarando que 'havia pregado uma boa peça ao cardeal Castrillon Hoyos***'."

"*Em resposta,* ***o padre Celier, que estava presente****, interveio publicamente para repreender o Superior Geral, lembrando-o do respeito que é devido ao Papa e a seus colaboradores, e fazendo-o saber quanto considerava inapropriadas e desrespeitosas em relação a Roma as palavras de Dom Fellay.*"

"Diante dessa reprimenda pública do padre Celier, Dom Fellay se submete ***e se cala.*** *Há muitos testemunhas dessa cena que ocorreu à mesa; muitos clérigos e leigos haviam se deslocado ao seminário de Écône para este ano.*" - Um testemunha.

Este **testemunho foi confirmado por outra pessoa** que também assistiu à cena.

O padre Celier se considera ter poder suficiente para desautorizar e corrigir publicamente o Superior Geral da FSSPX, Dom Fellay, sem risco

> **de sofrer qualquer reprimenda por parte dele.**
>
> ***Que poder surpreendente, então, tem o padre Celier sobre Dom Fellay?***
>
> **A quem obedece Dom Fellay? E por quê?**
>
> **Chantagem? Pressões inconfessáveis?**
>
> **O que se esconde dos clérigos e dos fiéis?**
>
> Essa altercação clerical não esclarece a **deriva atual da FSSPX e o renegar cada vez mais claro de sua missão** de Salvaguarda do sacerdócio Sacrificial católico sacramentalmente válido que lhe foi atribuída por Dom Lefebvre?
>
> Se *Dom Fellay não é mais capaz de se opor publicamente às insolências do padre Celier,* ele ainda tem, na prática, e **por trás do "cenário"**, o controle real da obra de Dom Lefebvre?
>
> Após o salutar **rejeição do ultimato** pelos bispos em junho, após a **censura dos discursos** e sermões de julho e agosto desses mesmos bispos pelo padre de Cacqueray-Celier e sua equipe dos *pequenos censores de Suresnes*, e após o **novo revés de Dom Fellay** com o lançamento em Lourdes da sacrílega "cruzada" pelo "retorno" do decreto de excomunhões no final de outubro, essas *manobras sucessivas* levantam claramente a questão:
>
> **A quem obedecem, na realidade, os bispos da FSSPX, inclusive Dom Fellay**, e até onde se estende **o poder real dos infiltrados (padres Celier, Lorans, etc.)** na obra de Dom Lefebvre?
>
> VM

Esse comportamento **público** inadmissível, **repetido e cada vez mais incompreensível** por parte do padre Celier levou, **desde junho de 2007**, ***Virgo-Maria* a levantar publicamente a questão**[38]:

"Quem governa a Fraternidade São Pio X?"

E de fato, após invocar o segredo de La Salette durante todo o verão, **Dom Fellay será colocado em seu lugar e retornará à linha do ralimã já em outubro de 2008, iniciando sua nova e segunda "cruzada" ímpia para obter o retorno do decreto de "excomunhão"**.

---

[35] http://virgo-maria.info/wordpress/?p=72

[36] http://virgo-maria.info/wordpress/?p=77

[37] http://virgo-maria.info/wordpress/?p=148

[38] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-17-A-00-Mgr_Fellay_censure_par_infiltres_5.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-29-A-01-Role_abbe_Celier_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-07-A-00-Qui_gouverne_la_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-08-A-00-Celier_patron_de_la_France.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-05-A-00-Celier_censure_Galaretta.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-11-C-00-Abbe_Celier_censure_Mgr_de_Galarreta.pdf

9 - Revelação do editor do padre Celier

9. Em outubro de 2008, Jean-Luc Maxence, editor do padre Celier, revela sua afiliação à ***Grande Loja da França***, "***desde décadas***".

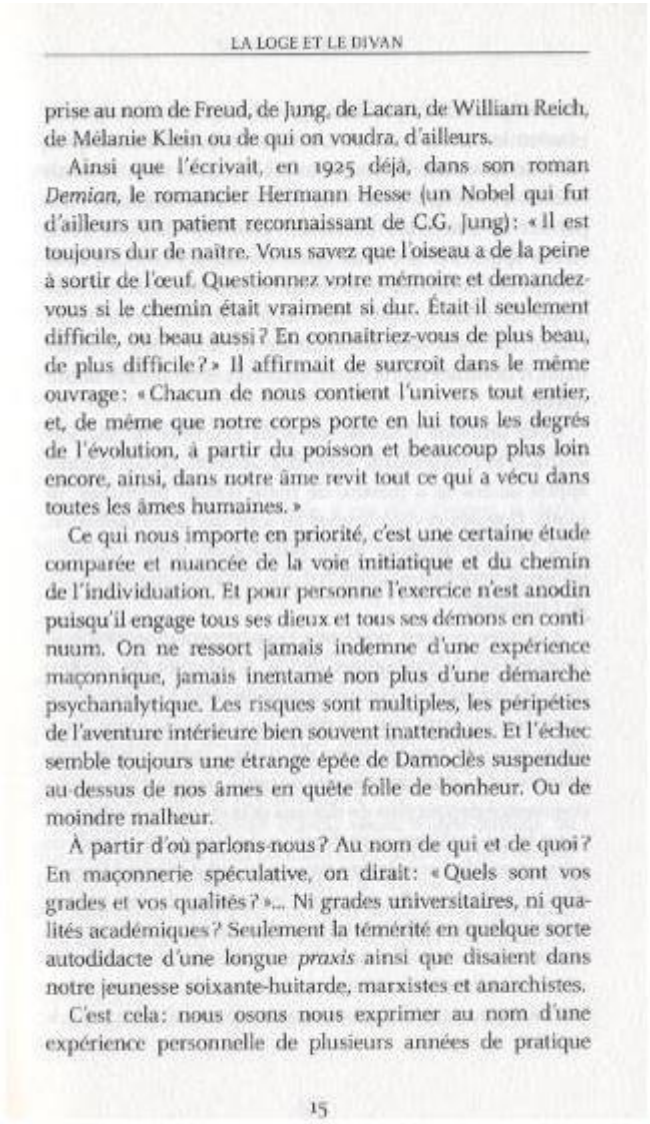
"Jean-Luc Maxence admite praticar a maçonaria do *REAA* (GLF) há 'várias décadas'"

Aqui estão os trechos em que **o editor e prefaciador do padre Celier faz suas confissões:**

> "
>
> > "*De onde falamos? Em nome de quem e de quê? Na maçonaria especulativa, se diria: 'Quais são os seus graus e suas qualidades?' ...* ***Nem graus universitários, nem qualidades acadêmicas[39]****? Somente a temeridade de uma certa maneira autodidata de uma longa prática, como diziam em nossa juventude de 68, marxistas e anarquistas.*"
> >
> > "*Isso é: ousamos nos expressar* ***em nome de uma experiência pessoal de vários anos de prática tanto no***

> ***plano da psicanálise (de inspiração junguiana e segundo as ferramentas da psicologia profunda) quanto no plano da abordagem maçonica (segundo o Rito Escocês Antigo e Aceito, para ser preciso).*** *Essa prática nos permite testemunhar a utilidade profunda de uma e outra abordagem. Os dois caminhos, em última instância, nos permitem entender melhor a nós mesmos, realizar-nos, ou seja, aceitar-nos mais para melhor amar o outro*, esteja ele sozinho ou envolvido em uma comunidade de homens humanistas, espirituais e de boa vontade sincera."
>
> "*Recusamos desde o princípio nos expressar de maneira abstrata e universitária, segundo conceitos ou dogmas aprendidos ao longo de nossa dupla peregrinação de Jano.* ***Dogmas e catecismos não são nossa obsessão. Somente o amor permanece nossa justificativa para existir. E nosso imenso sonho (nossa utopia?) de uma certa unidade redescoberta da humanidade***." pp 55
>
> "*Vamos permanecer voluntariamente nas deambulações rituais do REAA, por um lado, e no domínio junguiano, por outro. Nosso objetivo, de fato, consiste em refletir a partir de duas experiências vividas (há várias décadas em uma certa discrição voluntária). Sem discorrer e ceder a palavras de encantamento ou efeitos de retórica ou estilo!*" **Jean-Luc Maxence**, ***A Loja e o Divã***, pp 15 e 16

Ao celebrar o "***imenso sonho (nossa utopia?) de uma certa unidade redescoberta da humanidade***", Jean-Luc Maxence não faz nada além de destacar **este conceito maçonico maior e ilusório da** "***unidade espiritual da espécie humana***." *VM*[40], 31 de julho de 2007



LA LOGE ET LE DIVAN

prise au nom de Freud, de Jung, de Lacan, de William Reich, de Mélanie Klein ou de qui on voudra, d'ailleurs.

Ainsi que l'écrivait, en 1925 déjà, dans son roman *Demian*, le romancier Hermann Hesse (un Nobel qui fut d'ailleurs un patient reconnaissant de C.G. Jung): « Il est toujours dur de naître. Vous savez que l'oiseau a de la peine à sortir de l'œuf. Questionnez votre mémoire et demandez-vous si le chemin était vraiment si dur. Était il seulement difficile, ou beau aussi? En connaîtriez-vous de plus beau, de plus difficile? » Il affirmait de surcroît dans le même ouvrage: « Chacun de nous contient l'univers tout entier, et, de même que notre corps porte en lui tous les degrés de l'évolution, à partir du poisson et beaucoup plus loin encore, ainsi, dans notre âme revit tout ce qui a vécu dans toutes les âmes humaines. »

Ce qui nous importe en priorité, c'est une certaine étude comparée et nuancée de la voie initiatique et du chemin de l'individuation. Et pour personne l'exercice n'est anodin puisqu'il engage tous ses dieux et tous ses démons en continuum. On ne ressort jamais indemne d'une expérience maçonnique, jamais inentamé non plus d'une démarche psychanalytique. Les risques sont multiples, les péripéties de l'aventure intérieure bien souvent inattendues. Et l'échec semble toujours une étrange épée de Damoclès suspendue au-dessus de nos âmes en quête folle de bonheur. Ou de moindre malheur.

À partir d'où parlons-nous? Au nom de qui et de quoi? En maçonnerie spéculative, on dirait: « Quels sont vos grades et vos qualités? »... Ni grades universitaires, ni qualités académiques? Seulement la témérité en quelque sorte autodidacte d'une longue *praxis* ainsi que disaient dans notre jeunesse soixante-huitarde, marxistes et anarchistes.

C'est cela: nous osons nous exprimer au nom d'une expérience personnelle de plusieurs années de pratique

15

LA LOGE ET LE DIVAN

tant au plan de la psychanalyse (d'inspiration jungienne et selon les outils de la *psychologie des profondeurs*) qu'au plan de la démarche maçonnique (selon le Rite Écossais Ancien et Accepté pour être précis). Cette pratique nous permet de témoigner de l'utilité profonde de l'une et de l'autre approche. Les deux voies, en dernier recours, nous permettent de mieux nous comprendre, nous réaliser, c'est-à-dire de nous accepter davantage afin de mieux aimer l'autre, qu'il soit seul ou impliqué au sein d'une communauté d'hommes humanistes, spirituels et de sincère bonne volonté.

Nous refusons d'emblée de nous exprimer de manière abstraite et universitaire, selon des concepts ou des dogmes appris au fur et à mesure de notre double pèlerinage de Janus. Dogmes et catéchismes ne sont pas notre obsession. Seul l'amour demeure notre justification d'être. Et notre immense rêve (notre utopie?) d'une certaine unité retrouvée de l'humanité.

À la théorie nous préférons l'expérimentation pratique, l'exploration, le témoignage de vie. À l'abstrait des notions dites et commentées comme autant de mots à définir d'une énumération sans âme ni désir, sans élan de vivre (sans *libido* dans le sens jungien du terme), nous privilégions sciemment la relation concrète de notre *voyage à deux voies* commencé depuis plus de dix ans déjà et qui ne s'achèvera, nous le pressentons avec force, qu'au moment ultime de notre mort, de notre énigmatique passage à l'Orient éternel. C'est d'ailleurs cette manière volontaire de ne vouloir approfondir la réflexion qu'à partir de son cheminement personnel et singulier qui va nous décider, d'employer le « je » aux allures romantiques plutôt que le « nous », à nos yeux un peu trop distant et aristocratique, élitaire pour le moins.

16

As confissões do editor e prefaciador do padre Celier são muito claras e explícitas em outubro de 2008.

---

[39] O que deveria estar à altura do imponente calibre da bagagem intelectual e universitária do padre Célier, o famoso « *engenheiro higienista IUT Bac+2* » da FSSPX, membro eminente da agora célebre « *Comissão Teológica* » da FSSPX, oficialmente encarregada por Dom Fellay de conduzir em nome da Fraternidade São Pio X as pseudo-« *discussões doutrinais* » À PORTAS FECHADAS com os especialistas da Roma modernista « *ecumênica* » globalista maçônica apóstata:

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-B-00-Commission-theologique.pdf

[40] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-30-A-00-Jean_Luc_Maxence-Celier.pdf

10 - Emmanuel Ratier repercute a informação

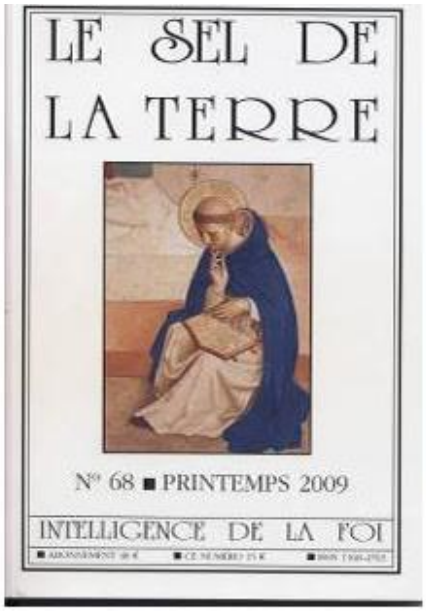
10. Em 1º de fevereiro de 2009, Emmanuel Ratier repercute a informação da afiliação maçônica de Jean-Luc Maxence na ***Faits & Documents***.

1º de fevereiro de 2009: Aqui está o trecho do ***Faits & Documents*** **n°269:**

> « ***Diretor por mais de dez anos do Centro de reintegração Didrot (toxicodependência), Jean-Luc Maxence, que foi um colaborador regular da revista católica Monde & Vie, revela sua pertença maçônica (Grande Loge de France)*** em ***La Loge et le divan*** **(Dervy).** »

11 - Publicização pela revista dos dominicanos de Avrillé

11. Em março de 2009, a revista dos dominicanos de Avrillé (***le Sel de la terre***) torna pública a afiliação maçônica de Jean-Luc Maxence.

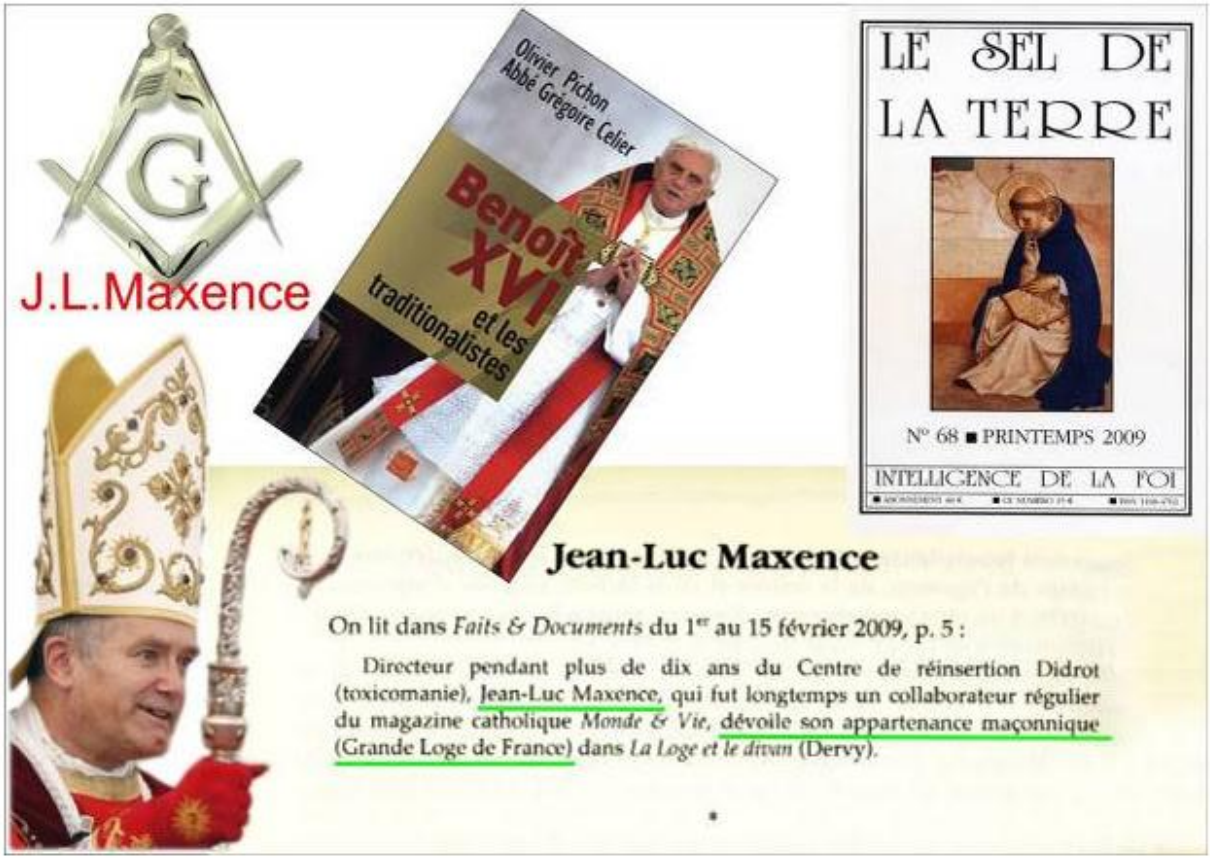


Jean-Luc Maxence

On lit dans *Faits & Documents* du 1er au 15 février 2009, p. 5 :

Directeur pendant plus de dix ans du Centre de réinsertion Didrot (toxicomanie), Jean-Luc Maxence, qui fut longtemps un collaborateur régulier du magazine catholique *Monde & Vie*, dévoile son appartenance maçonnique (Grande Loge de France) dans *La Loge et le divan* (Dervy).

*



12 - Divulgação pelo padre Chautard

12. Em 10 de maio de 2009, em sua conferência na IUSPX sobre subversão, o padre Chautard, primeiro vigário da igreja de São Nicolás do Chardonnet, divulga a afiliação maçônica de Jean-Luc Maxence.

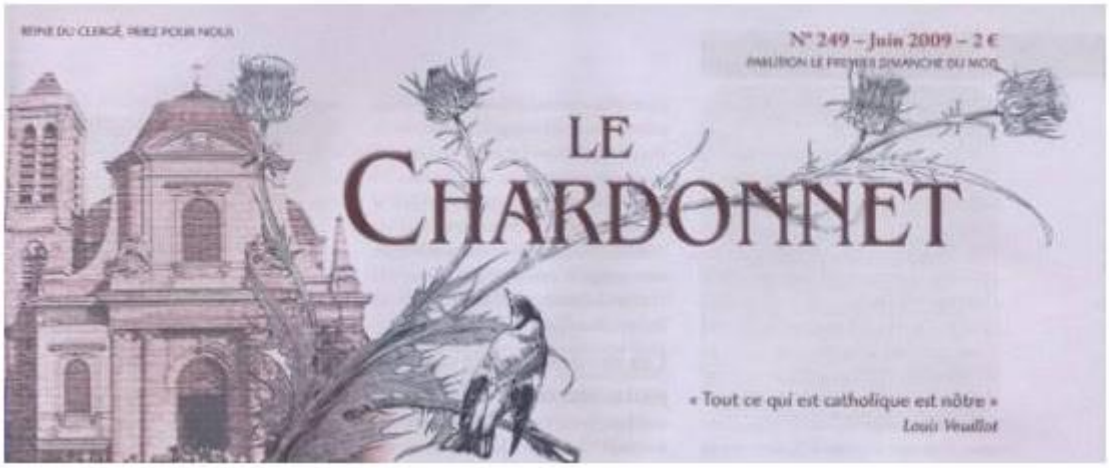
> "*...A esse respeito, "Le Sel de la Terre" indicou a filiação de Jean-Luc Maxence à maçonaria, o que ele mesmo reconheceu — Jean-Luc, não Philippe, Jean-Luc Maxence, ex-cronista de poesia no jornal Monde et Vie...*"**[41]** Padre Chautard 2009-05-11-

---

[41] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-12-A-00-Chardonnet_manipulateur.pdf**

13 - Publicização pelo boletim paroquial da igreja de São Nicolás do Chardonnet

13. Em junho de 2009, o boletim paroquial da igreja de São Nicolás do Chardonnet (« ***Le Chardonnet*** ») torna pública a afiliação maçônica de Jean-Luc Maxence.



et s'était fait ordonner diacre. De même, en mars dernier, J.-L. Maxence, ancien chroniqueur littéraire au journal *Monde et Vie* et actuel directeur d'une collection *Connivences* (sic) aux éditions Entrelacs, affirmait son appartenance à la Franc-maçonnerie[1].

1. Cf. Danièle et Pierre de Villemarest, *Le KGB au cœur du Vatican*, éd. De Paris, 2006, p. 184.
2. Cf. *Faits et documents* du 1er au 15 février 2009, p. 5.

> « **Da mesma forma, em março passado, J.-L. Maxence, ex-cronista literário do jornal *Monde et Vie* e atual diretor de uma coleção**

> ***Connivences* (sic) nas edições *Entrelacs*, afirmava sua pertença à Maçonaria.** » ***Chardonnet***, junho de 2009.

14 - Virgo Maria mostra a ligação

14. Em julho de 2009, VM faz a ligação entre o **livro-programa** do padre Celier e a afiliação maçônica de Jean-Luc Maxence à **Grande Loja da França**.

27 de julho de 2009: *VM*[42] publica: « *O padre Celier (FSSPX) editado por um Franc-Maçon declarado!* »

« No seu número 249 (junho de 2009) do ***Chardonnet***, na página 8, o **padre Beauvais** repercute a informação publicada por **Emmanuel Ratier** (***Faits & Documents* n°269** – de 1 a 15 de fevereiro de 2009 – página 5) sobre a afiliação de **Jean-Luc Maxence** à maçonaria: ***« em março passado, J.-L. Maxence, ex-cronista literário do jornal Monde et Vie e atual diretor de uma coleção Connivences (sic) nas edições Entrelacs, afirmava sua pertença à Franc-maçonaria »***. Como, então, não ver os vínculos evidentes que existem entre o projeto declarado de um maçon da **Grande Loja da França**, **Jean-Luc Maxence**, que deseja promover o ralimã da **FSSPX** à Roma "ecumênica" mundialista maçonica apostata e o papel subversivo desempenhado pelo obscuro **padre Celier**, que concede essa entrevista e, plenamente apoiado por seu Superior do Distrito da França, o **padre de Cacqueray**, assegura depois a difusão em duas campanhas de conferências na maioria dos priorados da **FSSPX** em toda a França? Como superior do **Distrito da França da FSSPX**, o **padre de Cacqueray**, como ***VM*** documentou na época, tornou-se um cúmplice ativo e frenético da difusão dessa obra editada por um maçon declarado. É um fato sem precedentes que um padre da **FSSPX** seja editado por um membro da **Grande Loja da França**! Essa situação escandalosa e inadmissível não pode permanecer sem consequências; os clérigos e fiéis têm agora o direito de exigir explicações públicas do **padre de Cacqueray** e de **Dom Fellay**, além de sanções. Desde quando a Direção da **FSSPX** persegue os mesmos objetivos que os da **Grande Loja da França**, claramente exibidos por um de seus membros mais avisados e declarado como tal, **Jean-Luc Maxence**? Após um escândalo público como esse, o ***padre Celier continuará a ocupar seu cargo em Suresnes*** *? VM*

30 de julho de 2009: *VM*[43] publica: « **O padre Celier fez publicar seu** *« Bento XVI e os Tradicionalistas »*, **difundido pelo padre de Cacqueray**, **por um maçon gnóstico que desvia do cristianismo**.

> « O escândalo recai sobre o ***padre de Cacqueray***, ***que tem obstinadamente coberto, apesar de todos os avisos e advertências argumentadas, um padre editado por um autor maçon declarado, profundamente anticatólico e gnóstico.*** *O livro publicado por* ***Jean-Luc Maxence***, ***La loge et le divan***, *expressa a confissão de sua afiliação à maçonaria há várias décadas, o que significa que ele era maçon durante o período em que foi um colaborador ativo do* ***Monde & Vie***, *que na época era amplamente difundido na* ***FSSPX*** *com a bênção de* ***Dom Fellay*** *e dos* ***padres Aulagnier*** *e* ***de Cacqueray***. *Jean-Luc Maxence admite praticar a maçonaria do REAA (GLF) há 'várias décadas'. Segundo a quarta capa do livro de Jean-Luc Maxence, ele 'ousa transmitir uma mesma gnose para um novo século'. Jean-Luc Maxence desvia um católico perturbado para a maçonaria e rejeita o 'dogmatismo' religioso. Para o editor do livro pro-ralimã do padre Celier, a maçonaria especulativa seria, portanto, uma 'expressão religiosa' que seria 'adequada', ao passo que ele preconiza a 'reconciliação' da FSSPX com a Roma 'ecumênica', mundialista e maçônica do apóstata Ratzinger-Bento XVI. E para o padre de Cacqueray, a maçonaria seria também uma 'resposta muitas vezes adequada' e uma 'expressão religiosa'? VM*

[42] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf**

[43] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf**

15 - Persistência de Dom Fellay no erro

15. No final de agosto de 2009, diretamente implicado e atingido pelo escândalo, Dom Fellay persiste em apoiar os padres Celier e de Cacqueray e a política maçônica exposta no **livro-programa** « ***Bento XVI e os tradicionalistas*** ».

ALGUNS RECAPITULAÇÕES CRONOLÓGICAS ELUCIDATIVAS:

É precisamente quando Dom Fellay, e especialmente o padre de Cacqueray, Superior do Distrito de França, se empenhavam muito ativamente - como já lembramos acima - em condicionar as mentes dos clérigos e fiéis tradicionais para prepará-los para a publicação do ***Motu Proprio*** do apóstata Ratzinger-Bento XVI, com grande apoio de "***conferências***" públicas utilizando, sem citá-las, as boas páginas do livro-programa maçônico « ***Bento XVI e os Traditionalistas*** », que estava em processo de redação e que deveria ser publicado seis meses

depois. ***Virgo Maria*** tomou a iniciativa de divulgar amplamente a carta aberta solene de 10 de outubro de 2006 dos fiéis da Tradição católica aos quatro bispos[44].

Entendemos melhor, hoje em retrospectiva, **o silêncio desdenhoso e obstinado, incompreensível, ao qual se deparou de parte dos bispos da Fraternidade esse chamado solene angustiado**, tão respeitoso quanto perfeitamente legítimo.

No entanto, foi também nessa época, em outubro de 2006, que ***Virgo Maria*** **conseguiu convencer Dom Fellay de mentir[45] publicamente em 12 de outubro de 2006 ao microfone da *Rádio Courtoisie* com a intenção de enganar os ouvintes sobre suas relações com as autoridades romanas Conciliatórias.**

E foi em 5 de novembro de 2006, durante a instituição midiática do ***Instituto do Bom Pastor***, integrado à igreja romana Conciliar maçônica e mundialista sob a direção do ex-pároco de São Nicolás do Chardonnet em Paris, o padre Philippe Laguérie, **que o padre Lorans utilizou a Sacristia[46] dessa mesma igreja,** seu pároco na época, **o padre Beauvais[47]**, ao que parece – **segundo seu sermão no púlpito** – mantido na ignorância, **para convocar uma conferência de imprensa**, declarar no telejornal da Claire Chazal na TF1, desde a sacristia de São Nicolás do Chardonnet, que « ***se sente diabolizado*** », e que deseja « ***retomar seu direito de cidadania na Igreja*** »: essa entrevista televisiva foi reprisada e divulgada em horário nobre no jornal das 20h da *TF1* da jornalista Claire Chazal, **oferecendo assim mundialmente, a apoio a essas declarações, o peso da imagem da igreja de São Nicolás do Chardonnet, conhecida mundialmente desde 1977 como a « *igreja-faro* » da resistência da Tradição Católica à subversão litúrgica da igreja Conciliar maçônica e mundialista e apóstata...**

Após a censura por parte dos padres Celier e Lorans das observações muito cautelosas pelas quais, na ocasião do colóquio de 7 de janeiro de 2007 em Paris de « *Si-si-No-no* », Dom Fellay tinha ousado criticar a apostasia pública toda recente e muito midiática do apóstata Ratzinger-Bento XVI na mesquita azul de Istambul, que já lembramos acima, **o padre Celier apressou-se em disponibilizar à venda em Paris um folheto de 12 páginas (*D'Assise à Istanbul*) dedicado à apostasia da mesquita azul[48].**

O comentário do padre Celier **visava apenas amenizar e tornar aceitável o comportamento do apóstata Ratzinger diante dos clérigos e dos fiéis, e atenuar dentro da FSSPX a onda de choque do escândalo** causado por essa apostasia.

Foi em 25 de março de 2007, 16 anos dia a dia após a morte repentina de Dom Lefebvre, na aproximação da publicação anunciada do *Motu Proprio* do apóstata Ratzinger-Bento XVI, que Dom Fellay, questionado sobre a validade sacramental das novas Ordens Conciliatórias por uma leiga, então muito próxima de Suresnes como de Menzingen, em seu próprio site na internet *Donec Ponam*, respondendo pela primeira vez publicamente a essa questão gravíssima (que já constituía o cerne do apelo público solene angustiado dos fiéis de outubro de 2006 aos quatro bispos da FSSPX, permanecendo até então sem resposta) teve a ousadia de afirmar publicamente as três propostas seguintes[49], já anatemizadas **por estarem em total contradição com o Magistério constante e infalível da Santa Igreja Católica e de seus Pontífices sobre essa questão vital:**

- **Primeira proposta:**

*« Em relação ao sacerdócio (...) quando um bispo confere o sacramento do sacerdócio, mesmo segundo o novo ritual, observando as prescrições do ritual, especialmente se expresso em latim, o sacramento é **a priori** válido. (...) O mesmo se aplica à consagração episcopal. »*

- **Segunda proposta:**

*« devemos insistir sobre **a probabilidade de validade** de uma ordenação. »*

- **Terceira proposta:**

*« **Os fiéis**, por sua vez, **devem** partir do **princípio a priori** de que esses padres são **validamente ordenados** porque a invalidade da ordenação permanece uma exceção. Portanto, devem considerar que uma ordenação, mesmo moderna, é válida. »*

Esse *probabilismo sacramental*, particularmente gravíssimo em relação às Santas Ordens, é intolerável e severamente condenado pelo Magistério Inafalível da Santa Igreja. Isso acabou por emocionar alguns padres da FSSPX, entre eles o padre Scott[50], então Superior do Distrito da Austrália da FSSPX, que lembrou, em um artigo publicado na revista americana da Fraternidade ***The Angelus***, a doutrina *Tutiorista* da Igreja sobre a questão, refutando esse ***probabilismo* ímpio, defendido por Dom Fellay para não contrariar a saída então iminente do *Motu Proprio*.**

No final de abril de 2007, à medida que se aproximava a publicação do *Motu Proprio* do apóstata Ratzinger-Bento XVI, *Virgo-Maria*, na pessoa de seu responsável na época, o padre Marchiset, foi alvo de uma agressão judicial deliberada *« em referência hora a hora »*, que pretendia ser "letal" e definitiva por parte de uma leiga próxima de Suresnes e Menzingen, visando arruinar financeiramente o padre Marchiset e, especialmente, obter o fechamento definitivo do site de informações religiosas *Virgo-Maria*[51], **cujas informações já perturbavam muito os infiltrados dentro da FSSPX.**

A proteção da Santíssima Virgem Maria, essa admirável e poderosa *Mater Admirabilis*, sob o patrocínio especial da qual este site *Virgo-Maria* se colocou oficialmente desde sua fundação em fevereiro de 2006, permitiu milagrosamente ao padre Marchiset superar vitoriosamente[52] esse episódio particularmente difícil e recuperar quase integralmente todos os seus custos judiciais.

A Fraternidade São Pio X organizou os **9, 10 e 11 de novembro de 2007** um simpósio em Paris em comemoração ao **centenário da encíclica *Pascendi Dominis Gregis* do Santo Papa Pio X** , famosa encíclica pela qual este Santo Patrono da Fraternidade São Pio X definia e condenava inafalivelmente o Modernismo, **colocando-o sob a égide de Dom Tissier de Mallerais, que ficou encarregado da síntese final em sua conferência de encerramento.**

Nesta conferência, já famosa graças a *Virgo-Maria* - a conferência de encerramento[53], ao se dedicar a uma análise minuciosa dos textos publicados pelo apóstata Ratzinger-Bento XVI, antes e após sua "eleição" ao Pontificado, Dom Tissier de Mallerais demonstrou a constância e a

coerência ao longo do tempo do pensamento desse herege apóstata, mostrando que, de acordo com os critérios mesmo enunciados de forma inafalível há um século pelo grande Papa Santo Pio X, o devemos qualificar como "Super Modernista".

Sabendo que **essa conferência capital seria, evidentemente, ferozmente censurada pelos clérigos infiltrados** que bloqueiam a comunicação midiática da FSSPX, ***Virgo-Maria* conseguiu a gravação em fita, fez a transcrição fiel, e imediatamente garantiu a mais ampla difusão entre os clérigos e fiéis da Tradição,** para grande descontentamento dos clérigos infiltrados.

Esse texto capital do ***verbatim*** da conferência de encerramento de Dom Tissier **será mesmo reprisado e divulgado posteriormente de seu lado por Max Barret, em acompanhamento de sua correspondência *Tychique*, sem que ele ousasse reconhecer publicamente a origem!**

E de fato, como havia corretamente antecipado ***Virgo-Maria***, quando **os atos** desse simpósio foram **publicados dezoito meses depois, em junho de 2009**, pelos cuidados de Suresnes (isto é, entre outros, pelos de **padre Celier e padre Cocault-Duverger**), **a conferência e o nome mesmo de Dom Tissier haviam simplesmente desaparecido completamente do livro[54]**, conforme as práticas e métodos das edições sob o regime bolchevique durante seus piores períodos criminosos!

Finalmente, acrescentamos que, diante das persistentes denúncias factuais e documentadas dos danos causados pelo **ex(?)-Anglicano britânico, Dom Richard Williamson, o bispo da Rosa da Fraternidade, sua "mole" infiltrada n°1 desde 1972 dentro da obra sacerdotal de Dom Lefebvre**, durante anos protetor, ordenante e promotor – embora devidamente avisado – de clérigos homossexuais predadores dentro de seu Seminário da FSSPX em Winona, *o padre de Cacqueray, Superior do Distrito da França, buscando silenciar em particular as denúncias factuais e documentadas de Virgo-Maria sobre esse assunto, visando proteger o bispo da Rosa da Fraternidade, procurou, desde julho de 2008, fazer ameaçar com severas ações judiciais o padre Schoonbroodt, responsável pela Virgo-Maria desde fevereiro de 2008, por um[55] de seus colaboradores leigos mais próximos e mais ativos de Suresnes.*

Poderíamos alongar indefinidamente essa lista cronológica, mas a evidência demonstrativa da eficácia e o caráter irremovível do papel de *VM* para manter, direcionada a clérigos e fiéis, uma informação religiosa factual e documentada sobre a deriva mortal atualmente em curso na obra de preservação do Sacerdócio **sacrificial** sacramentalmente válido, fundada em 1970 por Dom Lefebvre, **frente às ações perversas dos clérigos desviados infiltrados dentro de sua obra, já está plenamente estabelecida a partir desses poucos elementos cronológicos que acabamos de recordar:** o leitor que desejar obter informações mais precisas a esse respeito pode se referir aos diversos links eletrônicos colocados a cada vez em notas de rodapé, que detalham cada um desses casos.

---

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-16-A-00-Video_lettre_aux_4_eveques.pdf

[45]**http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-19-A-00-L_abbe_Lorans_compromet_Mgr_Fellay.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-20-A-00-Les_mensonges_de_Mgr_Fellay.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-23-A-00-Traditio_denonce_le_mensonge_public_de_Mgr_Fellay_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-30-A-00-La_lettre_secrete_de_Hoyos_a_Mgr_Fellay.pdf

[46] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-05-A-00-Abbe_Lorans_TF1_St_Nicolas.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2006/011_2006/VM-2006-11-05/2006-11-05_TF1_Lorans.mp3

[47] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-12-A-00-Chardonnet_manipulateur.pdf

[48] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-17-A-00-Mgr_Fellay_censure_par_infiltres_5.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-26-A-01-Plan%20de%20Matraquage_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-04-A-00-Ratzinger_apostasie_mosquee_bleue.pdf

[49] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-04-A-00-Mgr_Fellay_Donec_Ponam.pdf**

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-06-03_Probabilisme_Mgr_Fellay.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-27-A-00-Constellation_tutiorisme.pdf

[50] **http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2008/RORE_Communique-2008-09-25_Abbe_Scott-reordinations.pdf**

O mesmo padre Scott se destacará, por sua vez, **denunciando corajosamente as heresias** contidas nas encíclicas do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, **e especialmente protestando desde sua publicação contra o *Motu Proprio*** que rebaixou a Santa Missa Tridentina, qualificada hipocritamente e descaradamente pelo padre apóstata Ratzinger-Bento XVI como « ***forma extraordinária*** », a um nível ainda inferior ao da Sinaxe maçônica sacrilégio e inválida de Bugnini-Montini-Paulo VI, qualificada como « ***forma ordinária do ÚNICO rito latino da Santa Missa Católica*** »

http://w ww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-FLASH-2007-07-11-F-00-Abbe_Scott_contre_Unique_rite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-14-C-00-Abbe_Scott_Motu_Proprio.pdf

[51] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Qui_veut_la_mort_de_Virgo_Maria_2.pdf**

[52] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-26-A-00-Jugement_du_refere.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Refere-2007-05-10.pdf

[53] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-29-MgrTissier_SuperModernisme.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-14-A-00-Mgr_Tissier_a_Paris.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/2007-11-11-Mgr_Tissier_Modernisme.pdf

[54] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-22-A-00-Conciliarisation-rampante-de-la-FSSPX.pdf

[55] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-22-A-00-Abbe_de_Cacqueray-contre_VM.pdf

Conclusão

EM TERMOS DE CONCLUSÃO PROVISÓRIA: uma HIPÓTESE compatível com ESTES FATOS CHOCANTES ESTABELECIDOS

Não esperamos mais do que um intrépido e improvável Mino Peccorelli francês, pronto para arriscar sua pele para revelar a verdade sobre a infiltração maçônica da Fraternidade, publique a esse respeito os registros correspondentes da maçonaria clerical.

Que não desagrade a Dom Tissier de Mallerais, que ousou, no coro de São Nicolás do Chardonnet, em 12 de março de 2009, na presença do Santíssimo Sacramento, negar[56] gratuitamente a autenticidade da lista Peccorelli, cuja publicação custou a vida ao jornalista italiano!

Relembramos o método de inscrição dos nomes de código dos afiliados nos registros maçônicos[57] publicados em setembro de 1978, ao custo de sua vida pelo jornalista Mino Peccorelli, *ou seja, que o nome de código de um maçom contido nesses registros é formado por quatro letras:* ***as duas primeiras do sobrenome seguidas das duas primeiras do nome. Por exemplo, Annibale Bugnini consta sob o nome de código de BUAN****.*

Seguindo esse método, e **na hipótese** de que o padre Celier, como seu editor e prefaciador, o FM Jean-Luc Maxence, também pertencesse à Loja, **o que permanece hoje uma simples hipótese, isso daria: Grégoire Celier = CEGR.**

É extremamente surpreendente que encontremos exatamente a anagrama do GREC, **este círculo clerical que é frequentado assiduamente pelos padres Celier e Lorans[58]**, onde importantes personalidades eclesiais conciliárias se encontram regularmente com padres da FSSPX em Paris, **círculo discreto totalmente dedicado ao ralimã da Fraternidade São Pio X à Roma maçônica mundialista apostata**.

Coincidência?

De qualquer forma, podemos nos perguntar por que esse grupo escolheu um nome tão peculiar para se designar!

Isso poderia ser uma alusão clerical destinada aos iniciados?

A esse respeito, estamos reduzidos a conjecturas.

No entanto, podemos **simplesmente observar que a ascensão surpreendente do padre Celier dentro da FSSPX começou em Paris em 1994[59]**, após a eleição naquele ano por doze anos de Dom Bernard Fellay como *Superior Geral da Fraternidade São Pio X*, o GREC sendo fundado quatro anos depois, em 1998, na mesma cidade.

A fundação do GREC ocorreu em Paris em 1998, dois anos antes da Peregrinação da FSSPX a Roma por ocasião do Jubileu do ano 2000, peregrinação decidida por Dom Fellay, a Fraternidade também tendo que lidar, naquele ano, com legados muito importantes[60], ainda bloqueados na França, pelo Ministério francês do Interior e Cultos, cujos laços com as obediências maçônicas são bem conhecidos, desde o famoso "pequeno pai Combes".

Se uma tal HIPÓTESE, relativa ao padre Celier e seu eventual nome de código, se provar fundada, isso significaria que esse personagem seria de fato considerado, tanto pela FM francesa quanto Vaticana, como uma peça chave dentro da Fraternidade e de seu Distrito da França para organizar finalmente o ralimã rápido à Roma Conciliar, maçonica mundialista da FSSPX, e assim realizar rapidamente a desagregação da única obra sacerdotal que ainda preserva em todos os cinco continentes a transmissão do verdadeiro Sacerdócio Sacrificial católico segundo o rito latino sacramentalmente válido (cf www.rore-sanctifica.org).

Não sabemos, mas, de qualquer forma, tal hipótese poderia perfeitamente explicar a influência e a autoridade total tão chocantes e surpreendentes que manifestam nos FATOS já bem estabelecidos[61] pela constante e notável conduta do padre Celier sobre seus "Superiores" dentro da Fraternidade São Pio X, tanto em Menzingen com Dom Fellay, quanto em Suresnes com o padre de Cacqueray, influência e autoridade dignas de um verdadeiro "Padrinho".

À vista dos FATOS ESTABELECIDOS, tudo parece indicar que a Fraternidade São Pio X, nesta política de "reconciliação" com a Roma maçônica e mundialista, estaria agora sendo pilotada pela própria Loja.

Continuemos a boa luta
A Redação de *Virgo-Maria*
© 2009 virgo-maria.org

---

[56] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-23-B-00-Reseaux_de_Sodano.pdf

[57] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/ListeAGNOLI_Pecorelli_version_1_3reduit.xls

[58] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-A-00-Abbe_Lorans_primant_les_conciliaires.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-31-A-00-Abbe_Lorans-GREC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-17-3-00-Petite_grammaire_du_GREC_de_l_abbe_Lorans%20(1).pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-19-Rectificatif_de_la_petite_grammaire_du_GREC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-25-1-00-Communique_de_Mme_Perol_recu_le_24_juin_2006.pdf

[59] **Em 1994, três anos após a morte inesperada de Dom Lefebvre, o padre Celier foi de fato « *bombardeado* » por Dom Fellay**, **novo Superior Geral da FSSPX, e pelo padre Aulagnier, então Superior do Distrito da França da Fraternidade, para a direção da revista *Fideliter* e das edições *Clovis***.

Ele exercia **naquela época, há mais de uma década, em ligação com seu amigo Yves Chiron, a função de Professor dos alunos do último ano do Colégio tradicional católico de ensino secundário da Fraternidade em Chateauroux**, ministrando-lhes seu « ***curso de Filosofia*** », que ele começará a publicar imediatamente em 1994 sob o título « ***o deus mortal*** » pelas edições *Fideliter*, livro que constitui, segundo a demonstração que foi dada pelo ***Círculo de Atenas***, **um verdadeiro « *Guia iniciático da Apostasia* » ensinado por mais de uma década aos alunos do último ano do Colégio católico tradicional de Chateauroux, dos quais alguns, assim desviados, puderam depois entrar no Seminário de Écône, para serem ordenados sacerdotes da Fraternidade São Pio X**:

Cf. **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-01-A-00-Celier_Dieu_Mortel.pdf**

[60] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-A-00-Lettre_a_Mgr_Fellay_dons_et_legs.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-B-00-Wikipedia-FSSPX-censure-dons-et-legs.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-10-A-00-Lettre_Upinsky_a_Mgr_Tissier.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/A-A_Upinsky/2009-04-04-Communique_UNIEF_Mgr_Tissier_de_Mallerais.pdf

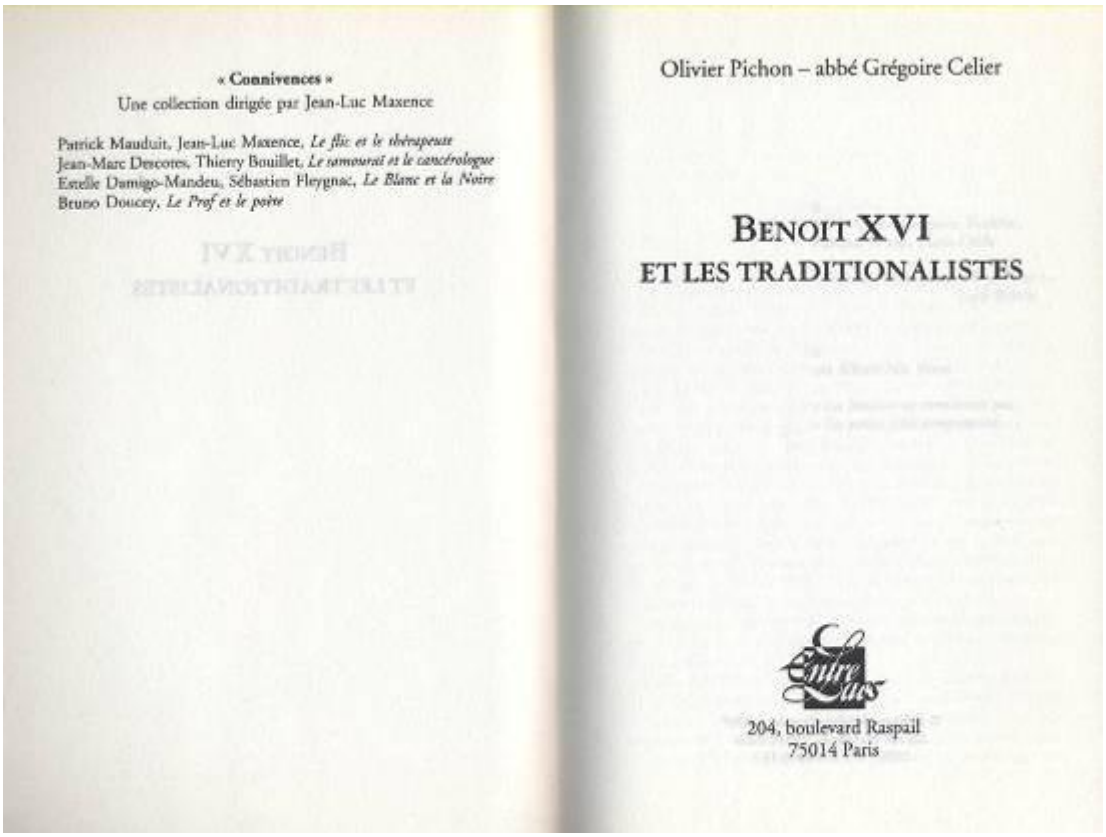
http://www.virgo-maria.org/Documents/A-A_Upinsky/2009-04-04-Lettre_ouverte_a_Mgr_Tissier_de_Mallerais.pdf

[61] E, para alguns deles, mencionados anteriormente.

Anexos

Anexo A - Prefácio do livro do padre Celier

ANEXO A – Prefácio do livro do padre Celier por Jean-Luc Maxence, um maçon declarado da GLF



« Connivences »
Une collection dirigée par Jean-Luc Maxence

Patrick Mauduit, Jean-Luc Maxence, *Le flic et le thérapeute*
Jean-Marc Descotes, Thierry Bouillet, *Le samouraï et le cancérologue*
Estelle Damigo-Mandeu, Sébastien Fleygnac, *Le Blanc et la Noire*
Bruno Doucey, *Le Prof et le poète*

Olivier Pichon – abbé Grégoire Celier

BENOIT XVI
ET LES TRADITIONALISTES

Entre Lacs
204, boulevard Raspail
75014 Paris

Ouverture

J'ai débuté mes activités de journaliste en 1966, un an après la fin du concile Vatican II. Étant catholique, j'ai dès cette époque été passionné par les différents courants de pensée qui s'affrontaient au sein de l'Église de Rome. Tenant une rubrique régulière de « poésie » dans le journal *Le Monde et la Vie* et faisant partie de l'équipe de rédaction de cette publication proche des « traditionalistes » catholiques, sans toutefois être jamais « expert » en questions religieuses, j'ai pu dialoguer avec Mgr Marcel Lefebvre, l'abbé François Ducaud Bourget, Michel de Saint Pierre et quelques autres figures de proue de ce courant.

Je n'avais pas trente ans et j'espérais alors un « printemps de l'Église ». Je croyais aux vertus de Vatican II, avec la foi d'un soixante-huitard exalté. J'ai même fini par commettre un ouvrage polémique sur le sujet, un pamphlet qui prônait une franche séparation d'avec ceux que feu Jacques Maritain, dans son ouvrage *Le Paysan de la Garonne*, baptisait les « Ruminants de la Sainte Alliance », autrement dit les « intégristes ».

Près de trente ans ont passé, et les mêmes questions demeurent. Vatican II n'a point rempli les églises, surtout en Occident, c'est le moins que l'on puisse dire.

Je n'ai pas l'intention de tomber dans une certaine mode de la repentance molle et stupide. Mais il m'a semblé utile, surtout à l'heure où le pape Benoît XVI veut courageusement recoudre la tunique déchirée de l'Église, de proposer au journaliste Olivier Pichon et à l'abbé Grégoire Celier de dialoguer sans langue de

bois, avec une absolue liberté, sur la question d'un rapprochement entre la Fraternité Saint-Pie X et Rome. L'objectif de la collection *Connivences* n'est-il pas justement d'offrir un espace d'échange par-delà les clivages idéologiques habituels ?

Je ne regrette pas cette initiative. Mieux : il me semble indéniable que cet entretien éclaire les points de vue de chacun et peut constituer une pierre importante dans l'édifice d'une réconciliation que j'espère quant à moi possible.

Le Directeur de collection

Présent

Anexos

Dossiê das Referências Virgo Maria sobre o abade Grégoire Celier e seus malfeitos dentro da FSSPX

2009

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-10-A-00-Fideliter-se-distancie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-22-A-00-Conciliarisation-rampante-de-la-FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-08-05-A-00-Suresnes-Loge_et_divan.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-30-A-00-Jean_Luc_Maxence-Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-07-27-A-00-Abbe_Celier_edite_par_FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-25-B-00-Abbe_Celier_maitrise_de_philo.pdf

2008

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-12-B-00-Critique_de_B16_et_les_Traditionalistes.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-11-C-00-Abbe_Celier_censure_Mgr_de_Galarreta.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-05-A-00-Celier_censure_Galaretta.pdf

Em Écône, o padre Celier chama publicamente à ordem Dom Fellay, que se submete! – 22 de novembro de 2008 - **http://virgo-maria.info/wordpress/?p=148**

A comunicação de Dom Fellay recuperada e desfigurada pelo padre Lorans – Dom de Galarreta censurado pelo padre Celier – 7 de julho de 2008 – **http://virgo-maria.info/wordpress/?p=77**

Dom Fellay silenciado pelos padres Lorans, Celier e outros infiltrados? – 3 de julho de 2008 – **http://virgo-maria.info/wordpress/?p=72**

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-08-A-00-Celier_patron_de_la_France.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-06-A-00-Chapitre_general_de_la_cartouche.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-05-A-00-Airiau_Apocalyptisme_Celier-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-29-A-01-Mgr_Williamson-cartouche_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-22-A-00-2_Apologues_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-21-D-00-Chaussee_Celier_agent.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-19-A-00-Celier_contre_Mgr_Tissier.pdf

2007

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-01-A-00-Celier_Dieu_Mortel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-C-00-Chaussee_denonce_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-B-00-Commission-theologique.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-29-A-00-Chaussee-n2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-28-A-00-Chaussee-n1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-17-A-00-Abbe-Celier-Jim-Morrison.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-11-A-00-FLASH-La_Rocque_et_MP.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM_2007-06-28-A-00-Abbe-Celier_censure_Mgr_Lefebvre.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-17-A-00-Flop_abbe_Celier_Montpellier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-15-A-00-Binome_Aulagnier_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-07-A-00-Qui_gouverne_la_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-A-00-Abbe_Celier_sans_argument_sur_les_sacres.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-B-00-Courriel_contre_livre_abbe_Ceilier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-05-A-00-Echec_politique_du_ralliement.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-03-B-00-Mgr_Williamson_lache_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-27-B-00-Fiasco_abbe_Celier_a_Toulouse.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-tissier/Mgr-Tissier-Libre-abbe-Celier.mp3

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-26-A-00-Mgr_Tissier_desavoue_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Analyse_ecrits_Tanouarn_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-25-A-00-Analyse_ecrits_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-23-A-00-Abbe-Celier_desavoue_par_un_eveque.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-18-A-00-Tour_de_France_Abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/005_2007/VM-2007-05-08/LFC_Sous-la-Banierre/viewtopic.php.htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-08-B-00-SLB_sur_livre_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-05-B-00-Livre_Abbe_Celier_par_un_lecteur.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-02_Replique_a_Abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-04-B-00-Le_CIRS_replique_a_l_abbe_Celier.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-01_Abbe_Cekada_replique_a_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-03-A-00-Abbe_Cekada_replique_a_abbe_Celier_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-26-A-00-Abbe_de_la_Rocque_sur_le_Motu_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-12-A-01-Jean-Luc_Maxence_et_Celier_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-11-A-01-Derives_abbe_Celier_par_un_fidele.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-25-B-00-Revolution_liturgique_des_infiltres_V2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-25-A-00-de_La_Rocque_NOW_V2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-23-A-00-Orchestre_noir_de_la_FSSPX_V3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-21-A-00-Petipeu_rejette_le_rite_de_la_Rocque_V1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-15-A-00-Laguerie_denonce_de_La_Rocque_V1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-13-B-00-Traditio_denonce_de_La_Rocque_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-13-A-00-Abbe_Celier_diffuse_Opus_Dei_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-05-A-01-Rite_de_La_Roque.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-29-A-01-Role_abbe_Celier_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-26-A-01-Plan%20de%20Matraquage_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-17-A-00-Mgr_Fellay_censure_par_infiltres_5.pdf

2006

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-23-C-00-L_abbe_de_la_Rocque_pour_abandon_rite_de_Saint_Pie_V_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-07-20-1-00-Le_plan_Tanouarn_Celier_pour_diriger_la_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-07-11-1-00-Abbe_Celier_contre_LHR.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-25-1-00-Communique_de_Mme_Perol_recu_le_24_juin_2006.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-19-Rectificatif_de_la_petite_grammaire_du_GREC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-28-02-00-Rectificatif.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-17-3-00-Petite_grammaire_du_GREC_de_l_abbe_Lorans%20(1).pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-06-28-1-00-Abbe_Celier_Beaumont_contre_Mgr%20Lefebvre.pdf

ATENTADOS contra Virgo-Maria e atos do padre de Cacqueray

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Qui_veut_la_mort_de_Virgo_Maria_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-26-A-00-Jugement_du_refere.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Refere-2007-05-10.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-07-00-Des-pirates-informatiques-tentent-d-imposer-le%20silence-a-Virgo-Maria.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-14-C-00-Cacqueray_excommunication_heresie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-06-A-00-Abbe_de_Cacqueray_dissident.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-07-B-00-Cacqueray_perd_ses_nerfs.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-22-A-00-Abbe_de_Cacqueray-contre_VM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-08-A-00-Abbe_de_Cacqueray_aux_pretres.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page2.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page3et4.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/FSSPX/2009-01-24_Fax_Suresnes_Cacqueray/2009-24-01_Fax_Suresnes_Cacqueray_page5a9.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-09-A-00-Avrille_insulte_abbe_Schoonbroodt.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Seldelaterre-N.68Hiver2009-Attaque_contre_abbe_Schoonbroodt.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-20-A-00-Mgr_Tissier-doutes-sur-Benoit_XVI.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/eveques/mgr-tissier/2009-02-28-Mgr_Tissier_de_Mallerais_a_abbe_Schoonbroodt.pdf

Humanum genus

CARTA ENCÍCLICA
HUMANUM GENUS
O SUMO PONTÍFICE
PAPA LEÃO XIII

A TODOS OS NOSSOS VENERÁVEIS
IRMÃOS, OS PATRIARCAS,
PRIMAZES, ARCEBISPOS
E BISPOS DO ORBE CATÓLICO,
EM GRAÇA E COMUNHÃO
COM A SÉ APOSTÓLICA

SOBRE A MAÇONARIA

1. O Gênero Humano, após sua miserável queda de Deus, o Criador e Doador dos dons celestes, "pela inveja do demônio," separou-se em duas partes diferentes e opostas, das quais uma resolutamente luta pela verdade e virtude, e a outra por aquelas coisas que são contrárias à virtude e à verdade. Uma é o reino de Deus na terra, especificamente, a verdadeira Igreja de Jesus Cristo; e aqueles que desejam em seus corações estar unidos a ela, de modo a receber a salvação, devem necessariamente servir a Deus e Seu único Filho com toda a sua mente e com um desejo completo. A outra é o reino de Satanás, em cuja possessão e controle estão todos e quaisquer que sigam o exemplo fatal de seu líder e de nossos primeiros pais, aqueles que se recusam a obedecer à lei divina e eterna, e que têm muitos objetivos próprios em desprezo a Deus, e também muitos objetivos contra Deus.

2. Este reino dividido Sto. Agostinho penetrantemente discerniu e descreveu ao modo de duas cidades, contrárias em suas leis porque lutando por objetivos contrários; e com sutil brevidade ele expressou a causa eficiente de cada uma nessas palavras: "Dois amores formaram duas cidades: o amor de si mesmo, atingindo até o desprezo de Deus, uma cidade terrena; e o amor de Deus, atingindo até o desprezo de si mesmo, uma cidade celestial."[1] Em cada período do tempo uma tem estado em conflito com a outra, com uma variedade e multiplicidade de armas e de batalhas, embora nem sempre com igual ardor e assalto. Nesta época, entretanto, os *partisans* (guerrilheiros) do mal parecem estar se reunindo, e estar combatendo com veemência unida, liderados ou auxiliados por aquela sociedade fortemente organizada e difundida chamada os Maçons. Não mais fazendo qualquer segredo de seus propósitos, eles estão agora abruptamente levantando-se contra o próprio Deus. Eles estão planejando a destruição da santa Igreja publicamente e abertamente, e isso com o propósito estabelecido de despojar completamente as nações da Cristandade, se isso fosse possível, das bênçãos obtidas para nós através de Jesus Cristo nosso Salvador. Lamentando estes males, Nós somos constrangidos pela caridade que urge Nosso

coração a clamar freqüentemente a Deus: "Ó Deus, eis que Teus inimigos se agitam; e os que Te odeiam levantaram as suas cabeças. Eles tramam um plano contra Teu povo, e conspiram contra Teus santos. Eles disseram: 'vinde, destruamo-nos, de modo que eles não sejam uma nação'."[2]

3. Em uma crise tão urgente, quando tão feroz e tão forte assalto é feito sobre o nome Cristão, é Nosso ofício apontar o perigo, marcar quem são os adversários, e no máximo de Nosso poder fazer uma barreira contra seus planos e procedimentos, para que não pereçam aqueles cuja salvação está confiada a Nós, e para que o reino de Jesus Cristo confiado a Nosso encargo possa não só permanecer de pé e inteiro, mas possa ser alargado por um crescimento cada vez maior através do mundo.

4. Os Pontífices Romanos nossos predecessores, em sua incessante vigilância pela segurança do povo Cristão, foram rápidos em detectar a presença e o propósito desse inimigo capital tão logo ele saltou para a luz ao invés de esconder-se como uma tenebrosa conspiração; e, além disso, eles aproveitaram e tomaram providências, pois a eles isso competia, e não permitiram a si mesmos serem tomados pelos estratagemas e armadilhas armadas para enganá-los.

5. A primeira advertência do perigo foi dada por Clemente XII no ano de 1738 [3], e sua constituição foi confirmada e renovada por Bento XIV [4]. Pio VII seguiu o mesmo caminho [5]; e Leão XII, por sua constituição apostólica, *Quo Graviora* [6], juntou os atos e decretos dos Pontífices anteriores sobre o assunto, e os ratificou e confirmou para sempre. No mesmo sentido pronunciou-se Pio VIII [7], Gregório XVI [8], e, muitas vezes, Pio IX [9].

6. Tão logo a constituição e o espírito da seita maçônica foram claramente descobertos por manifestos sinais de suas ações, pela investigação de suas causas, pela publicação de suas leis, e de seus ritos e comentários, com a freqüente adição do testemunho pessoal daqueles que estiveram no segredo, esta sé apostólica denunciou a seita dos Maçons, e publicamente declarou sua constituição, como contrária à lei e ao direito, perniciosa tanto à Cristandade como ao Estado; e proibiu qualquer um de entrar na sociedade, sob as penas que a Igreja costuma infligir sobre as pessoas excepcionalmente culpadas. Os sectários, indignados por isto, pensando em eludir ou diminuir a força destes decretos, parcialmente por desprezo, e parcialmente por calúnia, acusaram os soberanos Pontífices que os passaram ou de exceder os limites da moderação em seus decretos ou de decretar o que não era justo. Este foi o modo pelo qual eles esforçaram-se para eludir a autoridade e o peso das constituições apostólicas de Clemente XII e Bento XIV, e também de Pio VII e Pio IX [10]. Entretanto, na própria sociedade, encontraram-se homens que relutantemente concordaram que os Pontífices Romanos tinham agido dentro de seu direito, de acordo com a doutrina e disciplina Católicas. Os Pontífices receberam a mesma concordância, em termos fortes, de muitos príncipes e chefes de governo, que tomaram como um dever ou delatar a sociedade maçônica à sé apostólica, ou por seu próprio acordo por leis específicas declará-la perniciosa, como, por exemplo, na Holanda, Áustria, Suíça, Espanha, Bavária, Savóia, e outras partes da Itália.

7. Mas, o que é da maior importância, o curso dos eventos demonstrou a prudência dos Nossos predecessores. Pois a sua providente e paternal solicitude não conseguiu sempre e em todo lugar o resultado desejado; e isto, ou por causa do fingimento e astúcia de alguns que eram agentes ativos na maldade, ou então da irrefletida leviandade do resto que deveria, em seu próprio interesse, ter dado ao assunto sua diligente atenção. Em conseqüência, a seita dos Maçons cresceu com uma

velocidade inconcebível no curso de um século e meio, até que se tornou capaz, através de fraude ou audácia, de obter tal acesso em cada nível do Estado de modo a parecer quase a sua força governante. Este veloz e formidável avanço trouxe sobre a Igreja, sobre o poder dos príncipes, sobre o bem estar público, precisamente aquele grave dano que Nossos predecessores tinham previsto muito antes. Tal condição foi atingida que de agora de diante haverá grave razão para temer, não realmente pela Igreja — porque sua fundação é firme demais para ser derrubada pelos esforços dos homens — mas por aqueles Estados em que prevalece o poder, ou da seita da qual estamos falando ou de outras seitas não diferentes que curvam-se a ela como discípulas e subordinadas.

8. Por estas razões Nós, tão logo chegamos ao timão da Igreja, claramente vimos e sentimos ser Nosso dever usar Nossa autoridade em sua máxima extensão contra um mal tão vasto. Nós já por muitas vezes, conforme as ocasiões surgiram, atacamos alguns pontos principais dos ensinamentos que demonstraram de uma maneira especial a perversa influência das opiniões Maçônicas. Assim, em nossa carta encíclica, *Quod Apostolici Muneris*, Nós Nos esforçamos por refutar as monstruosas doutrinas dos socialistas e comunistas; depois, em outra começando com *Arcanum*, Nós penosamente defendemos e explicamos a verdadeira e genuína idéia da vida doméstica, da qual o matrimônio é o ponto de partida e a origem; e novamente, naquela que começa com "*Diuturnum*"[11], Nós descrevemos a idéia de governo político conforme os princípios da sabedoria Cristã, que é maravilhosa em harmonia, por um lado, com a ordem natural das coisas, e, por outro lado, com o bem-estar tanto dos príncipes soberanos quanto das nações. É agora Nossa intenção, seguindo o exemplo de Nossos predecessores, tratar diretamente a própria sociedade maçônica, todo o seu ensinamento, seus objetivos, e a sua maneira de pensar e agir, de modo a trazer mais e mais à luz seu poder para o mal, e fazer o que Nós pudermos para deter o contágio desta peste fatal.

9. Há vários corpos organizados os quais, embora diferindo em nome, em cerimonial, em forma e origem, são contudo tão unidos por comunhão de propósito e pela similaridade de suas principais opiniões, de modo a formar de fato uma só coisa com a seita dos Maçons, a qual é um tipo de centro ao qual todos eles se dirigem, e do qual todos eles retornam. Agora, estes não mais mostram um desejo de permanecer escondidos; pois eles realizam seus encontros à luz do dia e à vista do povo, e publicam seus próprios jornais; e contudo, quando completamente compreendidos, descobre-se que eles ainda retêm a natureza e os hábitos de sociedades secretas. Há muitas coisas como mistérios que é regra fixa esconder com extremo cuidado, não somente de estranhos, mas de muitos e muitos membros, também; tais como seus desígnios secretos e últimos, os nomes de seus maiores líderes, e certos segredos e encontros privados, assim como suas decisões, e os caminhos e meios de executá-las. Este é, sem dúvida, o objetivo das múltiplas diferenças entre os membros quanto a direito, cargo e privilégio, das distinções recebidas de ordens e graus, e da severa disciplina que é mantida.

Os candidatos são geralmente ordenados a prometer — e mais, com um especial juramento, a jurar — que eles não irão nunca, a nenhuma pessoa, em qualquer tempo ou de qualquer modo, dar a conhecer os membros, as senhas, ou os assuntos discutidos. Assim, com uma aparência externa fraudulenta, e com um estilo de fingimento que é sempre o mesmo, os Maçons, como os Maniqueístas de antigamente, esforçam-se, tanto quanto possível, para encobrir a si mesmos, e

para não admitir testemunhas exceto seus próprios membros. Como uma maneira conveniente de disfarce, eles assumem o caráter de homens de letras e acadêmicos associados com o objetivo de aprender. Eles falam de seu zelo por um maior refinamento cultural, e de seu amor pelos pobres; e eles declaram que seu único desejo é a melhoria da condição das massas, e o compartilhamento com o maior número possível de pessoas de todos os benefícios da vida civil. Mesmo que estes propósitos fossem visados verdadeiramente, eles não são de modo algum o todo de seu objetivo. Ainda mais, para ser alistado, é necessário que os candidatos prometam e assumam ser daí em diante estritamente obedientes aos seus líderes e mestres com a mais completa submissão e fidelidade, e estar de prontidão para cumprir suas ordens à mais leve expressão de seu desejo; ou, se desobedientes, submeter-se aos mais penosos castigos e à própria morte. De fato, se algum é julgado ter traído as obras da seita ou ter resistido às ordens dadas, a punição é infligida neles não infreqüentemente, e com tanta audácia e destreza que o assassino muito freqüentemente escapa à detecção e punição de seu crime.

10. Mas fingir e desejar permanecer escondido; atar homens como escravos com as mais fortes correntes, e sem dar qualquer razão suficiente; usar homens escravizados aos desejos de outro para qualquer ato arbitrário; armar as mãos direitas de homens para o massacre após assegurar a impunidade pelo crime — tudo isso é uma enormidade diante qual a natureza recua. Por este motivo, a razão e a própria verdade tornam claro que a sociedade da qual nós estamos falando está em antagonismo com a justiça e a retidão natural. E isto se torna ainda mais claro, uma vez que outros argumentos, também, e muito evidentes, provam que ela é essencialmente oposta à virtude natural. Pois, não importando quão grande possa ser a inteligência do homem em disfarçar e a sua experiência em mentir, é impossível evitar os efeitos de qualquer causa de mostrarem, de algum modo, a natureza intrínseca da causa da qual eles vêm. "Uma boa árvore não pode produzir mau fruto, nem uma árvore ruim produzir bom fruto."[12] Agora, a seita maçônica produz frutos que são perniciosos e do mais amargo sabor. Pois, daquilo que Nós acima mostramos da maneira mais clara, aquele que é o seu propósito último força-a a se tornar visível — especificamente, a completa derrubada de toda a ordem religiosa e política do mundo que o ensinamento Cristão produziu, e a substituição por um novo estado de coisas de acordo com as suas idéias, das quais as fundações e leis devem ser obtidas do mero naturalismo.

11. O que Nós dissemos, e estamos para dizer, deve ser entendido com respeito à seita dos Maçons tomada genericamente, e tanto quanto ela compreende as associações aparentadas a ela e confederadas com ela, mas não dos seus membros individuais. Pode haver pessoas entre eles, e não poucos que, embora não livres da culpa de terem se enleado em tais associações, ainda assim não são eles mesmos parceiros em seus atos criminosos nem conscientes do objetivo último que eles estão se esforçando por alcançar. Do mesmo modo, algumas das sociedades afiliadas, talvez, de modo algum aprovem as conclusões extremas que eles iriam, se consistentes, abraçar como conseqüências necessárias de seus princípios comuns, se a sua própria maldade não os enchesse de horror. Alguns deles, novamente, são levados pelas circunstâncias dos tempos e lugares ou a visar coisas menores do que os outros normalmente tentam ou do que eles mesmos desejariam tentar. Eles não devem, entretanto, por esta razão, ser considerados como estranhos à federação maçônica; porque a federação maçônica deve ser julgada não tanto pelas coisas que ela tem feito, ou concluído, quanto pela soma de suas opiniões pronunciadas.

12. Agora, a doutrina fundamental dos naturalistas, que eles tornam suficientemente conhecida em seu próprio nome, é que a natureza humana e a razão humana deveriam em todas as coisas ser senhora e guia. Eles ligam muito pouco para os deveres para com Deus, ou os pervertem por opiniões errôneas e vagas. Pois eles negam que qualquer coisa tenha sido ensinada por Deus; eles não permitem qualquer dogma de religião ou verdade que não possa ser entendida pela inteligência humana, nem qualquer mestre que deva ser acreditado por causa de sua autoridade. E desde que é o dever especial e exclusivo da Igreja Católica estabelecer completamente em palavras as verdades divinamente recebidas, ensinar, além de outros auxílios divinos à salvação, a autoridade de seu ofício, e defender a mesma com perfeita pureza, é contra a Igreja que o ódio e o ataque dos inimigos é principalmente dirigido.

13. Nos assuntos a respeito de religião que se veja como a seita dos Maçons age, especialmente aonde ela é mais livre para agir sem barreiras, e então que qualquer um julgue se realmente ela não deseja executar a política dos naturalistas. Por um longo e perseverante labor, eles esforçam-se para alcançar este resultado — especificamente, que o ofício de ensinar e a autoridade da Igreja tornem-se sem valor no Estado civil; e por esta mesma razão eles declaram ao povo e argumentam que a Igreja e o Estado devem ser completamente desunidos. Por este meio eles rejeitam das leis e da nação a saudável influência da religião Católica; e eles conseqüentemente imaginam que os Estados devem ser constituídos sem qualquer consideração pelas leis e preceitos da Igreja.

14. Nem eles pensam ser suficiente desconsiderar a Igreja — a melhor das guias — mas eles também a ferem por sua hostilidade. Realmente, para eles está dentro da lei atacar com impunidade as próprias fundações da religião Católica, em palavra, em escritos e em ensinamentos; e até os direitos da Igreja não são poupados, e os ofícios com os quais ela é divinamente investida não estão seguros. A mínima liberdade possível para administrar os assuntos é deixada à Igreja; e isto é feito por leis aparentemente não muito hostis, mas na realidade armadas e ajustadas para dificultar a liberdade de ação. Ainda mais, Nós vemos leis excepcionais e opressivas impostas sobre o clero, a fim de que eles possam ser continuamente diminuídos em número e meios necessários. Nós também vemos os remanescentes das possessões da Igreja restringidos pelas mais estritas condições, a sujeitados ao poder e ao desejo arbitrário dos administradores do Estado, e as ordens religiosas reviradas e espalhadas.

15. Mas contra a sé apostólica e o Pontífice Romano a contenda destes inimigos tem sido por um longo tempo dirigida. O Pontífice foi primeiro, por razões sem substância, atirado para fora da proteção de sua liberdade e de seu direito, o principado civil; logo, ele foi injustamente forçado em uma condição que era insuportável por causa das dificuldades levantadas de todos os lados; e agora o tempo chegou em que os *partisans* (guerrilheiros) da seita abertamente declaram, o que em segredo entre eles mesmos eles têm por um longo tempo planejado, que o poder sagrado dos Pontífices deve ser abolido, e que o próprio papado, fundado por direito divino, deve ser totalmente destruído. Se outras provas fossem desejadas, este fato seria suficientemente revelado pelo testemunho de homens informados, dos quais alguns em outros tempos, e outros recentemente, declararam ser verdadeiro a respeito dos Maçons que eles desejam especialmente atacar violentamente a igreja com irreconciliável hostilidade, e que eles nunca descansarão até que eles tenham destruído o que quer que os supremos Pontífices tenham estabelecido como religião.

16. Se aqueles que são admitidos como membros não são ordenados a abjurar por quaisquer palavras as doutrinas Católicas, esta omissão, muito longe de ser adversa aos desígnios dos Maçons é mais útil para os seus propósitos. Primeiro, deste modo eles facilmente enganam os ingênuos e os incautos, e podem induzir um número muito maior a se tornarem membros. Novamente, como todos que se oferecem são recebidos qualquer que possa ser sua forma de religião, eles deste modo ensinam o grande erro desta época — que uma consideração por religião deveria ser tida como assunto indiferente, e que todas as religiões são semelhantes. Este modo de raciocinar é calculado para trazer a ruína de todas as formas de religião, e especialmente da religião Católica, que, como é a única que é verdadeira, não pode, sem grande injustiça, ser considerada como meramente igual às outras religiões.

17. Mas os naturalistas vão muito mais longe; pois, tendo, nas mais altas coisas, entrado em um curso completamente errôneo, eles são levados impetuosamente a extremos, ou por causa da fraqueza da natureza humana, ou porque Deus inflige sobre eles a justa punição do seu orgulho. Assim acontece que eles não mais consideram como certas e permanentes aquelas coisas que são totalmente entendidas pela luz natural da razão, tais como certamente são — a existência de Deus, a natureza imaterial da alma humana, e sua imortalidade. A seita dos Maçons, por uma similar trilha de erro, é exposta a estes mesmos perigos; pois, embora de um modo geral eles possam professar a existência de Deus, eles mesmos são testemunhas que eles não mantêm todos esta verdade com total concordância da mente e com uma firme convicção. Nem eles escondem que esta questão sobre Deus é a maior fonte e causa de discórdias entre eles; de fato, é certo que uma discussão considerável sobre este mesmo assunto existiu entre eles muito recentemente. Mas, realmente, a seita permite grande liberdade aos seus membros juramentados por voto, de modo que para cada lado é dado o direito de defender a sua própria opinião, ou de que há um Deus, ou de que não há nenhum; e aqueles que obstinadamente argumentam que não há nenhum Deus são tão facilmente iniciados como aqueles que argumentam que Deus existe, embora, como os panteístas, eles tenham falsas noções acerca dEle: tudo que não é nada mais do que retirar a realidade, retendo algumas absurdas representações da natureza divina.

18. Quando esta maior e fundamental verdade foi derrubada ou enfraquecida, segue que aquelas verdades, também, que são conhecidas pelo ensinamento da natureza devem começar a cair — especificamente, que todas as coisas foram feitas pelo livre desejo de Deus o Criador; que o mundo é governado pela Providência; que as almas não morrem; que a esta vida dos homens sobre a terra sucederá outra em uma vida eterna.

19. Quando estas verdades foram eliminadas, as quais são os princípios da natureza e importantes para o conhecimento e para o uso prático, é fácil de ver o que irá ser da moralidade pública e privada. Nós não dizemos nada daquelas virtudes mais celestiais, as quais ninguém pode exercer ou mesmo adquirir sem um especial dom e graça de Deus; das quais necessariamente nenhum traço pode ser encontrado naqueles que rejeitam como desconhecida a redenção da humanidade, a graça de Deus, os sacramentos, e a felicidade a ser obtida no céu. Nós falamos agora dos deveres que têm a sua origem na retidão natural. Que Deus é o Criador do mundo e seu providente Governador; que a lei eterna exige que a ordem natural seja mantida, e proíbe que ela seja perturbada; que o fim último do homem é um destino muito acima das coisas humanas e além desta parada sobre a terra: estas são as fontes e estes são os princípios de toda justiça e moralidade.

Se eles forem removidos, como os naturalistas e Maçons desejam, imediatamente não haverá nenhum conhecimento quanto ao que constitui justiça e injustiça, ou sobre qual princípio a moralidade é fundada. E, em verdade, o ensinamento de moralidade que exclusivamente encontra o favor da seita dos Maçons, e em que eles argumentam que os jovens deveriam ser instruídos, é o que eles chamam "civil", e "independente", e "livre", especificamente, aquele que não contém qualquer crença religiosa. Mas, quão insuficiente tal ensinamento é, quanto deixa a desejar em firmeza, e quão facilmente movido por cada impulso da paixão, é suficientemente provado por seus tristes frutos, que já começaram a aparecer. Pois, aonde quer que, removendo a educação Cristã, este ensinamento começou a reinar mais completamente, aí a bondade e integridade da moral começou rapidamente a perecer, monstruosas e vergonhosas opiniões têm crescido, e a audácia dos atos malignos tem se elevado a um alto grau. Tudo isso é comumente lamentado e deplorado; e não poucos daqueles que de modo algum desejam fazê-lo são compelidos pela abundância de provas a dar não infreqüentemente o mesmo testemunho.

20. Ainda mais, a natureza humana foi manchada pelo pecado original, e é portanto mais disposta ao vício do que à virtude. Pois uma vida virtuosa é absolutamente necessária para restringir os movimentos desordenados da alma, e para fazer as paixões obedientes à razão. Neste conflito as coisas humanas devem freqüentemente ser desprezadas, e os maiores trabalhos e durezas devem ser executados, de modo que a razão possa sempre manter o seu domínio. Mas os naturalistas e Maçons, não tendo fé naquelas coisas que nós aprendemos pela revelação de Deus, negam que nossos primeiros pais tenham pecado, e conseqüentemente pensam que o livre desejo não é de modo algum enfraquecido e inclinado ao mal [13]. Pelo contrário, exagerando bastante o poder e a excelência da natureza, e colocando somente ali o princípio e regra da justiça, eles não podem nem mesmo imaginar que haja qualquer necessidade de uma constante luta e uma perfeita firmeza para dominar a violência e governo de nossas paixões.

Por isso nós vemos que homens são publicamente tentados pelos muitos encantamentos do prazer; que há jornais e panfletos sem moderação nem vergonha; que peças de teatro são notáveis pela licenciosidade; que desenhos para obras de arte são de uma maneira desavergonhada buscados nas leis de um assim chamado realismo; que os planos de uma vida fácil e delicada são cuidadosamente elaborados; que todas as seduções do prazer são diligentemente buscadas pelas quais a virtude possa ser ninada até adormecer. Depravadamente, também, mas ao mesmo tempo de um modo bastante consistente, fazem aqueles atos que eliminam a expectativa das alegrias do céu, e trazem para baixo toda a felicidade para o nível da mortalidade, e, de fato, a afundam na terra. Do que Nós dissemos o seguinte fato, estarrecedor não tanto por si mesmo quanto em sua aberta expressão, pode servir como confirmação. Pois, uma vez que geralmente ninguém está acostumado a obedecer homens hábeis e inteligentes tão submissamente como aqueles cuja alma está enfraquecida e quebrada pelo domínio das paixões, tem havido na seita dos Maçons alguns que têm simplesmente determinado e proposto que, engenhosamente e de propósito estabelecido, a multidão deveria ser saciada com uma licença sem limite para o vício, pois, quando isso tivesse sido feito, ela iria facilmente cair sob o seu poder e autoridade para quaisquer atos de audácia.

21. Quanto ao que se refere à vida doméstica nos ensinamentos dos naturalistas é quase tudo contido nas seguintes declarações: que o casamento pertence ao gênero dos contratos humanos, que pode ser legalmente revogado pelo desejo daqueles que o fizeram, que os governadores civis

do Estado têm poder sobre o laço matrimonial; que na educação dos jovens nada deve ser ensinado em matéria de religião como opinião certa e fixada; e cada um deve ser deixado livre para seguir, quando chegar à idade, qualquer que ele preferir. Os Maçons concordam completamente com estas coisas; e não somente concordam, mas têm longamente esforçado-se para transformá-las em lei e instituição. Pois em muitos países, e aqueles nominalmente Católicos, é estabelecido que nenhum casamento deve ser considerado legal a não ser aqueles contraídos pelo rito civil; em outros lugares a lei permite o divórcio; e em outros todos os esforços são feitos para torná-lo legal tão logo quanto possível. Portanto, o tempo está rapidamente se aproximando em que os casamentos vão ser tornados em outro tipo de contrato — ou seja em uniões mutáveis e incertas que um capricho pode unir, e que do mesmo modo quando se modificar pode desunir.

Com a maior unanimidade a seita dos Maçons também esforça-se para tomar a si mesma a educação da juventude. Eles pensam que eles podem facilmente moldar às suas opiniões aquela idade macia e maleável, e torcê-la no que quer que eles desejem; e que nada pode ser mais adequado do que isto para permitir a eles levar a juventude do Estado a seguir seu próprio plano. Portanto, na educação e instrução de crianças eles não permitem qualquer participação, quer no ensinamento ou na disciplina, aos ministros da Igreja; e em muitos lugares eles têm procurado obter que a educação dos jovens esteja exclusivamente nas mãos de leigos, e que nada que trate dos mais importantes e mais sagrados deveres dos homens para com Deus deva ser introduzido na instrução sobre moral.

22. E ainda há as suas doutrinas sobre política, em que os naturalistas decretam que todos os homens têm o mesmo direito, e são em todos os aspectos da mesma e igual condição; que cada um é naturalmente livre; que nenhum tem o direito de comandar a outrem; que é um ato de violência requerer que homens obedeçam qualquer autoridade outra que aquela que é obtida deles mesmos. De acordo com isto, portanto, todas as coisas pertencem ao povo livre; o poder é exercido pela ordem ou permissão do povo, de modo que, quando o desejo do povo muda, os governantes podem ser legalmente depostos e a fonte de todos os direitos e deveres civis está ou na multidão ou na autoridade governante quando esta é constituída de acordo com as últimas doutrinas. É sustentado também que o Estado deve ser sem Deus; que nas várias formas de religião não há razão pela qual uma devesse ter precedência sobre outra; e que todas elas devem ocupar o mesmo lugar.

23. Que estas doutrinas são igualmente aceitáveis aos Maçons, e que eles desejariam constituir Estados de acordo com este exemplo e modelo, é excessivamente bem conhecido para requerer prova. Por algum tempo eles tem abertamente esforçado-se para tornar isto realidade com toda a sua força e recursos; e deste modo eles preparam o caminho para não poucos homens audaciosos que estão se apressando a fazer até as piores coisas, em seu esforço para obter igualdade e comunhão de todos os bens pela destruição de todas as distinções de título e propriedade.

24. O que, portanto, a seita dos Maçons é, e que trilha ela persegue, aparece suficientemente do sumário que Nós resumidamente demos. Seus dogmas principais estão tão grandemente e manifestamente apartados da razão que nada pode ser mais perverso. Desejar destruir a religião e a Igreja que o próprio Deus estabeleceu, e cuja perpetuidade Ele assegura por Sua proteção, e trazer após um lapso de dezoito séculos as maneiras e costumes dos pagãos, é notável insensatez e audaciosa impiedade. Nem é menos horrível nem mais tolerável que eles repudiem os benefícios

que Jesus Cristo tão misericordiosamente obteve, não somente para os indivíduos, mas também para as famílias e a sociedade civil, benefícios os quais, mesmo de acordo com o julgamento e testemunho de inimigos da Cristandade, são muito grandes. Nesta empreitada insana e pervertida nós quase podemos ver o ódio implacável e o espírito de vingança com o qual o próprio Satanás está inflamado contra Jesus Cristo. Do mesmo modo o estudado esforço dos Maçons para destruir as principais fundações da justiça e honestidade, e para cooperar com aqueles que desejarem, como se fossem meros animais, fazer o que eles quiserem, tende somente para a ignominiosa e desgraçada ruína do gênero humano.

O mal, também, é agravado pelos perigos que ameaçam a sociedade doméstica e civil. Como Nós demonstramos, no matrimônio, de acordo com a crença de quase todas nações, há algo sagrado e religioso; e a lei de Deus determinou que os matrimônios não devam ser dissolvidos. Se eles forem desprovidos do seu caráter sagrado, e feitos dissolúveis, problemas e confusão na família serão o resultado, a esposa sendo despojada de sua dignidade e as crianças deixadas sem proteção quanto aos seus interesses e bem-estar. Não ter nos assuntos públicos qualquer cuidado pela religião, e nos arranjos e administração dos assuntos civis não ter maior consideração para com Deus do que se Ele não existisse, é uma imprudência desconhecida dos próprios pagãos; pois em seus corações e almas a noção de uma divindade e a necessidade de uma religião pública estavam tão firmemente estabelecidas que eles teriam pensado ser mais fácil ter uma cidade sem fundamentos do que uma cidade sem Deus. A sociedade humana, para a qual nós verdadeiramente por natureza somos formados, foi constituída por Deus, o Autor da natureza; e dEle, como de seu princípio e fonte, fluem em toda a sua força e permanência os incontáveis benefícios com os quais a sociedade abunda. Como todos e cada um de nós somos admoestados pela própria voz da natureza para cultuar a Deus em piedade e santidade, como o Doador da vida e de tudo que é bom nela, do mesmo modo e pela mesma razão, nações e Estados estão obrigados a cultuá-lO; e portanto é claro que aqueles que querem absolver a sociedade de todos os deveres religiosos agem não só injustamente mas também com ignorância e insensatez.

25. Como os homens são pela vontade de Deus nascidos para a união civil e sociedade, e como o poder de governar é um elo de união tão necessário à sociedade que, se ele é retirado, a sociedade necessariamente e imediatamente se desfaz, segue que dEle que é o Autor da sociedade veio também a autoridade de governar; assim quem quer que governe, é ministro de Deus. Portanto, como o fim e a natureza da sociedade humana requerem, é correto obedecer às justas ordens da autoridade legal, como é correto obedecer a Deus que governa todas as coisas; e é extremamente falso que o povo tenha como um poder jogar de lado sua obediência quando quer que lhe agrade.

26. De maneira semelhante, ninguém duvida que todos os homens são iguais uns aos outros, tanto quanto se refere à sua origem e natureza comuns, ou o fim último que cada um deve atingir, ou os direitos e deveres que são daí derivados. Mas, como as habilidades de todos não são iguais, como um difere do outro nos poderes da mente e do corpo, e como há realmente muitas dessemelhanças de maneiras, disposição, e caráter, é extremamente repugnante à razão esforçar-se por confinar todos dentro da mesma medida, e estender completa igualdade às instituições da vida civil. Assim como uma perfeita condição do corpo resulta da conjunção e composição de seus vários membros, os quais, embora diferindo em forma e propósito, fazem, por sua união e distribuição de cada um em seu próprio lugar, uma combinação bela para ser mantida, firme em

força, e necessária para o uso; desse modo, na comunidade, há uma quase infinita dessemelhança de homens, como partes do todo. Se eles devem ser todos iguais, e cada um deve seguir seu próprio desejo, o Estado vai aparecer extremamente deformado; mas se, com uma distinção de graus de dignidade, de ocupações e empregos, todos habilmente cooperarem para o bem comum, eles irão apresentar a imagem de um Estado bem constituído e conformado à natureza.

27. Agora, dos perturbantes erros que Nós temos descrito os maiores perigos para os Estados devem ser temidos. Pois, sendo retirados o temor a Deus e a reverência pelas leis divinas, sendo desprezada a autoridade dos governantes, a sedição permitida e aprovada, e as paixões populares exacerbadas até o desprezo pela lei, sem qualquer freio a não ser o castigo, uma mudança e derrubada de todas as coisas necessariamente seguirá. Sim, esta mudança e derrubada é deliberadamente planejada e colocada em curso por várias associações de comunistas e socialistas; e aos seus propósitos a seita dos Maçons não é hostil, mas favorece grandemente seus desígnios, e tem em comum com eles suas principais opiniões. E se estes homens não se esforçam imediatamente e em todo lugar para levar à frente seus pontos de vista extremos, isso não deve ser atribuído ao seu ensinamento e sua vontade, mas à virtude daquela divina religião que não pode ser destruída; e também porque a parte mais sólida dos homens, recusando-se a ser escravizada às sociedades secretas, vigorosamente resiste às suas insanas tentativas.

28. Se todos os homens julgassem a árvore pelo seu fruto, e reconhecessem a semente e origem dos males que nos pressionam, e dos perigos que estão nos ameaçando! Nós temos que lidar com um inimigo enganoso e habilidoso, que, gratificando os ouvidos do povo e dos príncipes, os tem enleado por falas macias e por adulação. Entrando nas boas graças dos governantes sob a alegação de amizade, os Maçons têm se esforçado para fazê-los seus aliados e poderosos auxiliadores para a destruição do nome Cristão; e para que eles possam mais fortemente pressioná-los, eles têm, com determinada calúnia, acusado a Igreja de maliciosamente contender com os governantes em assuntos que afetam a sua autoridade e soberano poder. Tendo, por estes artifícios, assegurado a sua própria segurança e audácia, eles começaram a exercer grande peso no governo dos Estados: mas entretanto estão preparados para sacudir as fundações de impérios, para perturbar os governantes do Estado, para acusá-los, e para expulsá-los, tão freqüentemente quanto eles aparentam governar de modo diferente do que eles próprios poderiam ter desejado. De modo semelhante, eles têm por falsos elogios iludido o povo. Proclamando com uma alta voz a liberdade e prosperidade pública, e dizendo que era por causa da Igreja e dos soberanos que a multidão não era retirada de sua injusta servidão e pobreza, eles se impuseram sobre o povo, e, excitando-os por uma sede por novidades, eles os pressionaram a assaltar tanto a Igreja quanto o poder civil. Entretanto, a expectativa de benefícios que era esperada é muito maior do que a realidade; realmente, as pessoas comuns, mais oprimidas do que elas eram antes, estão privadas em sua miséria daquele consolo que, se as coisas tivessem sido arranjadas de um modo Cristão, eles teriam tido com facilidade e em abundância. Mas, quem quer que lute contra a ordem que a Divina Providência constituiu paga usualmente a penalidade por seu orgulho, e encontra-se com a aflição e a miséria quando eles insensatamente esperavam encontrar todas as coisas prósperas e conforme os seus próprios desejos.

29. A Igreja, se ela dirige os homens a prestar obediência principalmente a acima de tudo a Deus o soberano Senhor, é erradamente e falsamente considerada ou invejosa do poder civil ou de se arrogar algo dos direitos dos soberanos. Pelo contrário, ela ensina que o que é retamente devido

ao poder civil deve ser prestado a ele com convicção e consciência de dever. Ensinando que do próprio Deus vem o direito de governar, ela adiciona uma grande dignidade à autoridade civil, e ainda ajuda a obter a obediência e boa intenção dos cidadãos. Amiga da paz e sustentáculo da concórdia, ela abraça a todos com amor maternal, e, intencionando apenas auxiliar o homem mortal, ela ensina que à justiça deve ser ajuntada a clemência, eqüidade à autoridade, e moderação à legislação; que o direito de ninguém pode ser violado; que a ordem e a tranqüilidade pública devem ser mantidas e que a pobreza daqueles que estão em necessidade deve, tanto quanto possível, ser aliviada pela caridade pública e privada. "Mas por esta razão," para usar as palavras de Sto. Agostinho, "os homens pensam, ou gostariam de acreditar, que o ensinamento Cristão não é adequado para o bem do Estado; pois eles desejam que o Estado seja fundado não em sólida virtude, mas na impunidade do vício."[14] Sabendo destas coisas, os príncipes e o povo agiriam com sabedoria política[15], e de acordo com as necessidades da segurança geral, se, ao invés de juntar-se aos Maçons para destruir a Igreja, eles se juntassem à Igreja para repelir os seus ataques.

30. O que quer que o futuro possa ser, neste grave e difundido mal é Nosso dever, veneráveis irmãos, esforçar-nos por encontrar um remédio. E porque Nós sabemos que a Nossa melhor e mais firme esperança de um remédio está no poder daquela divina religião que os Maçons odeiam em proporção ao seu medo dela, Nós pensamos ser de capital importância chamar esse grande poder salvífico em Nosso auxílio contra o inimigo comum. Portanto, tudo que os Pontífices Romanos Nossos predecessores decretaram com o propósito de opor-se aos projetos e esforços da seita maçônica, e tudo que eles tenham legislado quanto à entrada ou saída de homens de sociedades deste tipo, Nós ratificamos e confirmamos completamente pela nossa autoridade apostólica: e confiando grandemente na boa intenção dos Cristãos, Nós rogamos e imploramos a cada um, pela sua salvação eterna, para ser o mais conscienciosamente cuidadoso para não divergir o mínimo que seja daquilo que a sé apostólica tem ordenado neste assunto.

31. Nós rogamos e imploramos a vós, veneráveis irmãos, a juntar os vossos esforços com os Nossos, e esforçadamente lutar pela extirpação desta praga maligna, que está se esgueirando através das veias do corpo da política. Vós deveis defender a glória de Deus e a salvação do vosso próximo; e com o objetivo de vosso combate à vossa frente, nem coragem nem força irão faltar. Será por vossa prudência que julgareis por quais modos vós podeis melhor sobrepujar as dificuldades e obstáculos com os quais vos encontrardes. Mas, como pertence à autoridade de Nosso ofício que Nós mesmos apontemos algumas maneiras apropriadas de procedimento, Nós desejamos que o vosso primeiro ato seja arrancar a máscara da Maçonaria, e deixar que ela seja vista como realmente é; e por sermões e cartas pastorais instruir o povo quanto aos artifícios usado pelas sociedades deste tipo para seduzir os homens e persuadi-los a entrar em suas fileiras, e quanto à perversidade de suas ações e à maldade de seus atos. Como Nossos predecessores por muitas vezes repetiram, que nenhum homem pense que ele possa por qualquer razão que seja ajuntar-se à seita maçônica, se ele dá valor ao seu nome Católico e à sua salvação eterna como ele deveria valorizá-los. Que nenhum seja enganado por uma pretensão de honestidade. Pode parecer a alguns que os Maçons não exigem nada que seja abertamente contrário à religião e à moral; mas, como todo princípio e objetivo da seita está naquilo que é vicioso e criminoso, ajuntar-se com estes homens ou em algum modo ajudá-los não pode ser legítimo.

32. Além disso, por assíduos ensinamentos e exortações, a multidão precisa ser levada a aprender diligentemente os preceitos da religião; para este propósito Nós encarecidamente recomendamos que por oportunos escritos e sermões lhes sejam ensinados os elementos daquelas sagradas verdades nas quais a filosofia Cristã está contida. O resultado disto será que as mentes dos homens serão fortalecidas pela instrução, e serão protegidas contra muitas formas de erro e induções à depravação, especialmente na presente liberdade de escrita sem limites e insaciável desejo de aprender.

33. Grande, realmente, é a obra; mas nela o clero irá compartilhar os vossos trabalhos, se, através de vosso cuidado, eles estiverem à altura disto através do aprendizado e de uma vida bem orientada. Este bom e grande trabalho requer o auxílio também da indústria daqueles entre os leigos em que um amor pela religião e pela pátria existe ao lado da instrução e retidão de vida. Unindo os esforços do clero e dos leigos, batalhai, veneráveis irmãos, para fazer os homens conhecer e amar completamente a Igreja; pois, quanto maior o seu conhecimento e amor pela Igreja, mais eles se desviarão das sociedades clandestinas.

34. Por este motivo, não sem causa Nós usamos esta ocasião para declarar novamente o que nós declaramos em outro lugar, ou seja, que a Ordem Terceira de São Francisco, cuja disciplina Nós algum tempo atrás prudentemente mitigamos[16], deveria ser refletidamente promovida e sustentada; pois todo o objetivo desta Ordem, como constituída por seu fundador, é convidar os homens a uma imitação de Jesus Cristo, a um amor à Igreja, e à observância de todas as virtudes Cristãs; e portanto ela deveria ser de grande influência em suprimir o contágio das sociedades pervertidas. Que, portanto, esta santa irmandade possa ser fortalecida por um crescimento diário. Entre os muitos benefícios a serem esperados disso estará o grande benefício de voltar as mentes dos homens à liberdade, fraternidade e igualdade de direito; não tais como os Maçons absurdamente imaginam, mas tais como Jesus Cristo obteve para o gênero humano e aos quais São Francisco aspirou: a liberdade, Nós queremos dizer, de filhos de Deus, através da qual nós podemos ser livres da escravidão a Satanás ou a nossas paixões, ambos os mais perversos mestres; a fraternidade cuja origem está em Deus, o Criador comum e Pai de todos; a igualdade a qual, fundada na justiça e caridade, não remove todas as distinções entre os homens, mas, das variedades da vida, dos deveres, e das ocupações, forma aquela união e aquela harmonia que naturalmente tende ao benefício e dignidade da sociedade.

35. Em terceiro lugar, há um assunto sabiamente instituído por nossos ancestrais, mas no decorrer do tempo deixado de lado, que pode agora ser usado como um padrão e forma de algo semelhante. Nós queremos dizer as associações ou organizações de trabalhadores, para proteger, sob a direção da religião, os seus interesses temporais e a sua moralidade. Se nossos ancestrais, por longa prática e experiência, sentiram o benefício destas associações, nossa época talvez irá senti-lo ainda mais por causa da oportunidade que eles darão de esmagar o poder das seitas. Aqueles que sustentam a si mesmos pelo trabalho de suas mãos, além de serem, pela sua própria condição, mais dignos acima de todos os outros de caridade e consolação, são também especialmente expostos às tentações de homens cujos caminhos estão na fraude e no engano. Portanto, eles devem ser ajudados com a maior bondade possível, a ser convidados a juntar-se a associações que são boas, para que eles não sejam arrastados para outras que são malignas. Por esta razão, Nós grandemente desejamos, pela salvação das pessoas, que, sob os auspícios e patrocínio dos bispos, e em oportunidades convenientes, estas associações possam ser

restauradas de uma maneira generalizada. Para Nossa grande alegria, irmandades deste tipo e também associações de mestres já foram estabelecidas em muitos lugares, tendo, cada classe delas, por seu objetivo ajudar os honestos trabalhadores, a proteger e guardar suas crianças e família, e a promover neles a piedade, o conhecimento Cristão, e uma vida moral. E neste assunto Nós não podemos nos omitir de mencionar aquela sociedade exemplar, denominada de acordo com o seu fundador, São Vicente, que tem merecido tanto das classes mais baixas. Seus atos e seus alvos são bem conhecidos. Todo o seu objetivo é dar alívio ao pobre e miserável. Isto ela faz com singular prudência e modéstia; e quanto menos ela deseja ser notada, mais ela se adequa ao exercício da caridade Cristã, e para o alívio dos sofredores.

36. Em quarto lugar, de modo a mais facilmente atingir o que Nós desejamos, à vossa fidelidade e vigilância Nós recomendamos de um modo especial os jovens, como sendo a esperança da sociedade humana. Devotai a maior parte do vosso cuidado à instrução deles; e não pensai que qualquer precaução possa ser grande o suficiente para mantê-los afastados de mestres e escolas aonde o hálito pestilento das seitas deva ser temido. Sob a vossa direção, deixem os pais, instrutores religiosos, e padres tendo a cura de almas, usar cada oportunidade, em seu ensinamento Cristão, para advertir suas crianças e pupilos da natureza infame destas sociedades, para que eles possam aprender em bom tempo a terem cuidado com os variados e fraudulentos artifícios pelos quais seus promotores costumam laçar as pessoas. E aqueles que instruem os jovens em conhecimento religioso agirão sabiamente se eles induzirem todos eles a se resolverem e se comprometerem a nunca ligar-se a qualquer sociedade sem o conhecimento de seus pais, ou o conselho de seu padre ou diretor.

37. Nós bem sabemos, entretanto, que os nossos esforços unidos não serão de modo algum suficientes para arrancar estas sementes perniciosas do campo do Senhor, a menos que o Celestial Mestre da vinha misericordiosamente nos ajude em nossos esforços. Nós precisamos, portanto, com grande e ansioso cuidado, implorar a Ele a ajuda que a grandeza do perigo e da necessidade requer. A seita da Maçonaria mostra-se insolente e orgulhosa de seu sucesso, e parece que ela não colocará limites à sua pertinácia. Seus seguidores, ajuntados por perversos acordos e por conselhos secretos, ajudam-se uns aos outros, e excitam-se uns aos outros a uma audácia nas coisas malignas. Um ataque tão veemente exige uma igual defesa — especificamente, que todos os homens de bem formem a mais abrangente associação possível de ação e de oração. Nós imploramos a eles, portanto, com corações unidos, a permanecer unidos e firmes contra as forças das seitas que avançam; e em aflição e súplica estender suas mãos a Deus, orando que o nome Cristão possa florescer e prosperar, que a Igreja possa desfrutar da sua necessária liberdade, que aqueles que se extraviaram possam retornar a uma mente reta, que o erro difundido possa dar lugar à verdade, e o vício à virtude. Tomemos como nossa auxiliadora e intercessora a Virgem Maria, Mãe de Deus, para que ela, que desde o momento de sua concepção derrotou Satanás possa mostrar seu poder sobre estas seitas malignas, nas quais revive o contumaz espírito do demônio, juntamente com sua perfídia insubmissa e enganosa. Imploremos a Miguel, o príncipe dos anjos celestes, que lançou fora o infernal inimigo; e José, o esposo da santíssima Virgem, e patrono celeste da Igreja Católica; e os grandes Apóstolos, Pedro e Paulo, os pais e campeões vitoriosos da fé Cristã. Por seu patrocínio, e pela perseverança na união de oração, Nós esperamos que Deus irá misericordiosamente e oportunamente socorrer o gênero humano, que é rodeado por tantos perigos.

38. Como garantia dos dons celestes e de Nossa benevolência, Nós amorosamente concedemos no Senhor a vós, veneráveis irmãos, e ao clero e todo o povo confiado ao vosso vigilante cuidado, Nossa bênção apostólica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no vigésimo dia de abril de 1884, o sexto ano de Nosso pontificado.

LEÃO PP. XIII

Notas:

[1] *De civ. Dei*, 14, 28 (PL 41, 436).

[2] *Sl* 82,2-4.

[3] Const. *In Eminenti*, 24 de abril de 1738.

[4] Const. *Providas*, 18 de maio de 1751.

[5] Const. *Ecclesiam a Jesu Christo*, 13 de setembro de 1821.

[6] Const. dada a 13 de março de 1825.

[7] Enc. *Traditi*, 21 de maio de 1829.

[8] Enc. *Mirari,* 15 de agosto de 1832.

[9] Enc. *Qui Pluribus*, 9 de novembro de 1846; pronunciamento *Multiplices inter*, 25 de setembro de 1865. etc.

[10] Clemente Xll (1730-40); Bento XIV (1740-58), Pio VII (1800-23); Pio IX (1846-78). [11] Ver números 79, 81, 84.

[12] Mt 7,18.

[13] Trid., sess. VI, *De justif,* c. 1. Texto do Concílio de Trento: "tametsi in eis (sc. *Judaeis*) liberum arbitrium minime extinctum esset, viribus licet attenuatum et inclinatum."

[14] Ver *Arcanum*, no. 81.

[15] Epístola 137, *ad Volusianum*, c. v, n. 20 (PL 33, 525).

[16] (17 de setembro de 1882), na qual o Papa Leão XIII tinha recentemente glorificado S. Francisco de Assis por ocasião do sétimo centenário de seu nascimento. Nesta encíclica, o Papa apresentou a Ordem Terceira de S. Francisco como uma resposta Cristã aos problemas sociais da época. A constituição *Misericors Dei filius* (23 de junho de 1883) expressamente relembrou que a negligência com a qual as virtudes Cristãs são tidas é a causa principal dos males que ameaçam as sociedades. Confirmando a regra da Ordem Terceira e adaptando-a às necessidades dos tempos

modernos, o Papa Leão XIII intencionava trazer de volta o maior número possível de almas à prática destas virtudes.

O padre Paladadino desmonta as falsificações operadas pelo padre Ricossa

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011

Artigo original disponível no site Virgo Maria.

- Introdução
- Outras Falsificações do Padre Ricossa
- O Segredo de La Salette é nada menos que uma Apocalipse mariano[9]
- Falsificação... é uma solução para romper a «monotonia»?
- Quando «herético»... torna-se «herético»
- As outras falsificações do padre Ricossa... A confusão dos diferentes "sistemas"
- A confusão sobre a palavra "Parusia"
- Dom Spadafora e o Apocalipse
- Anexos

    - Anexo 1: Dicionário da Bíblia publicado por F. Vigouroux, 1908, Paris; fascículo III, p. 750.
    - Anexo 2: Marco Sales, exegeta dominicano italiano
    - Anexo 3: A palavra «Apocalipse» no Dicionário de Teologia Católica (tomo I) de E. Mangenot
    - Anexo 4: A palavra «profecia» no Dicionário de Teologia Católica (t. XIII) de E. Mangenot

- Referências

Introdução

NOSSA RESPOSTA À SUA «*NÃO-RESPOSTA*»... CONTINUAÇÃO DO NOSSO PRIMEIRO DOCUMENTO DE OUTUBRO DE 2009. A FALSIFICAÇÃO DO PENSAMENTO DO CARDINAL BILLOT... OU
« O *Aoocalipse SEGUNDO RICOSSA* »

POR DOM FRANCESCO-MARIA PALADINO.

Publicamos o texto (veja abaixo) que o padre Paladino nos enviou, no qual demonstra **como o muito « *estranho* » padre Ricossa se entrega a verdadeiras falsificações dos comentários do cardinal Billot sobre o texto inspirado do Apocalipse de São João.**

Esta manobra consideravelmente « ***surpreendente*** » do padre Ricossa **tem o efeito objetivo de retirar todo valor do texto do Apocalipse, para a interpretação pelos clérigos e pelos fiéis católicos dos eventos atuais e futuros, e em particular da vinda do Anticristo anunciada pelas Sagradas Escrituras (Revelação)**.

Pode-se dizer que as pequenas « *combinações* » do padre Ricossa não têm nada de inocente, e que ele realiza ***de fato***, (***volens nolens***?) em seu cargo **um trabalho de sabotagem muito útil para os inimigos da Igreja, ao retirar dos clérigos e dos fiéis as bússolas que a Divina Providência lhes deu para atravessar esta crise aterradora**.

Já em outubro de 2009, o padre Paladino havia iniciado uma primeira exposição das falsificações operadas pelo Superior da IMBC. *VM* publicou[1] este texto em 30 de outubro de 2009. Os leitores já foram devidamente alertados em relação aos artigos do padre Ricossa.

Ele declara hoje não ter recebido nenhuma resposta por parte do padre Ricossa.

Este silêncio do padre Ricossa equivale a uma confissão. Diante da verdade e da demonstração factual, ele não sabe mais o que responder.

> « O padre Ricossa escreveu na n° 63 da *Sodalitium*: “ *Considero este número (o n° 48) como um dos melhores e mais importantes de nossa revista* ”. De fato, **no que diz respeito às manipulações de textos... sim, isso não deixa dúvida!** » Padre Paladino

Lembramos que há mais de um ano, o padre Ricossa se destacou por **tentar branquear o maçom iluminista Rosacruz, o cardeal Rampolla del Tindaro, ex-secretário de Estado do Papa Leão XIII e membro da seita luciferiana da O.T.O.**

Sobre este assunto, em breve traremos no site ***Virgo-Maria*** elementos complementares **inéditos, desconhecidos do padre Ricossa**.

Virgo-Maria.org é, de fato, praticamente o único meio na internet a denunciar os incômodos objetivos do padre Ricossa dentro da Tradição católica, **e seu jogo mais do que estranho, considerando a lógica que ele esboça: um jogo decididamente muito turvo, senão muito preocupante**, **agindo *de fato* como um agente dissimulado do padre apóstata Ratzinger-Benedito XVI, que buscaria bloquear as investigações históricas absolutamente necessárias à identificação do inimigo e à compreensão de sua ação e estratégia, todas questões absolutamente vitais para a eficácia da luta católica nos pontos essenciais.**

Uma espécie de Monsenhor Williamson italiano, em seu próprio registro, à frente da IMBC, de certa forma!

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2011 virgo-maria.org

Outras Falsificações do Padre Ricossa

Nossa resposta à sua «não-resposta»... continuação do nosso primeiro documento de outubro de 2009

A falsificação do pensamento do cardinal Billot... ou o Apocalipse segundo Ricossa

por Dom Francesco-Maria Paladino

com a colaboração de um grupo de fiéis

Em 18 de janeiro de 2011, na festa da Cátedra de São Pedro em Roma

Alguns dizem que, para não alimentar a polêmica[2], não é oportuno continuar essa discussão sobre a questão do Apocalipse segundo Ricossa e, ao mesmo tempo, sobre o Segredo de La Salette, mas **a importância desses assuntos**, à qual se soma, por um lado, sua **ausência de desmentido em relação à sua falsificação** e, por outro, **suas outras falsificações**, nos leva a fazê-lo.

Após a publicação, há pouco mais de um ano, de nosso primeiro documento intitulado A falsificação do pensamento do cardinal Billot... ou o Apocalipse segundo Ricossa[3], que era uma resposta ao artigo O Apocalipse segundo Corsini (*Sodalitium* n° 48)[4] do padre Ricossa, um sacerdote do Instituto *Mater Boni Consilii* me disse que este último responderia a ele, assim como a um artigo publicado anteriormente ao nosso sobre *Si si no no*, edição italiana.

Hoje, de fato, em seu artigo intitulado Notas para o estudo da Sagrada Escritura (e das outras ciências eclesiásticas em geral) da n° 63 da revista *Sodalitium* (página 45)[5], o padre Ricossa escreve que não considerou oportuno até agora responder às críticas suscitadas, na França como na Itália, entre outras, pelo seu artigo *O Apocalipse segundo Corsini*, especialmente à medida que elas cresciam em violência. (De qualquer forma, essa violência constatada pelo padre Ricossa não se refere às nossas palavras; alguns até nos reprovaram por termos sido muito comedidos).

Mas agora, o padre Ricossa "se explica": ele diz (página 63) "também evocamos críticas sobre a exegese, sustentadas principalmente pelo periódico francês *La Voie* e pelo bimensal italiano *Si si no no*". É bom ressaltar que, no que se refere às nossas críticas, elas não foram sustentadas pela revista *La Voie*, da qual sou, de fato, o diretor; foram divulgadas por meio de correio e internet em um documento independente assinado por mim, com a colaboração de um grupo de fiéis.

Vamos ao cerne de seu artigo. Primeiro, o padre Ricossa apresenta, corretamente, o princípio geral segundo o qual, enquanto uma doutrina, uma verdade ou uma teoria não tenham sido fixadas pelo

magistério, os católicos podem sempre pesquisar, discutir e trocar opiniões sobre a questão, citando, para validar este raciocínio, o próprio magistério e vários autores.

Depois, em sua exposição intitulada *Magistério e consenso unânime dos Padres*, ele escreve na nota 3 o seguinte comentário:

> "Para alguns, ao contrário, a expressão 'infallibilidade do consenso unânime dos Padres' tornou-se uma fórmula extremamente útil para apresentar suas próprias opiniões pessoais legítimas, mas discutíveis, como verdades de fé (basta afirmar, sem demonstrar, que são expressões do consenso unânime dos Padres) e taxar de heréticos quem não pensa como eles (e especialmente, quem não lhes é simpático). Os Padres e a verdade merecem um respeito muito diferente."

Notemos que, em relação à nossa referência aos Padres da Igreja, nós nos limitamos, quanto a nós, a citar o que ensina o santo Concílio de Trento sobre a exegese:

> "Além disso, para conter os espíritos indóceis, decreta que ninguém, nas coisas da fé ou dos costumes relacionadas ao edifício da fé cristã, deve, apoiando-se em um único julgamento, ousar interpretar a Sagrada Escritura desviando-a para seu sentido pessoal, indo contra o sentido que teve e que mantém nossa santa Mãe Igreja, que tem o direito de julgar o sentido e a interpretação verdadeiros das Sagradas Escrituras, ou indo ainda contra o consentimento unânime dos Padres, mesmo que tais interpretações nunca devam ser publicadas." Denz. S. 1507.

Acreditar que o padre Ricossa conta com o fato de que seus leitores, em uma polêmica, não leiam outra coisa senão seus escritos[6]. E ele não teria encontrado nada além disso em nosso documento para criar a impressão de uma "falha" da nossa parte: afirmar que se poderia utilizar "a expressão 'infallibilidade do consenso unânime dos Padres' para apresentar nossas próprias opiniões pessoais como verdades de fé"! E, é claro, ele não esclarece que a suposta "opinião pessoal"... é simplesmente o fato de que o Apocalipse fala sobre o futuro da Igreja, desde sua fundação até o fim dos tempos (veja anexos), e não, como ele diz, "desde a criação até a fundação da Igreja"! De fato, não podemos acreditar que os leitores, mesmo os incondicionais do padre Ricossa, possam aceitar uma afirmação tão absurda.

Mais o que poderiam dizer os Padres e os teólogos, senão repetir o que São João escreveu em seu livro sagrado? De fato, é possível que estes últimos não tenham escrito explicitamente que o Apocalipse fala do futuro e não do passado, simplesmente porque é algo que se entende por si mesmo. Mas, de qualquer forma, todos afirmam que este livro profético[7] fala sobre a história da Igreja, desde sua fundação até o fim dos tempos, ou seja, do futuro, mesmo que haja diversas interpretações, como veremos adiante. De qualquer modo, a respeito da questão da “unanimidade

dos Padres”, pode-se dizer que o padre Ricossa tem “razão” no sentido de que, de fato, não era necessário “perturbar” os Padres da Igreja para “sustentar nossa opinião pessoal”, que não é nada mais, evidentemente, do que o que São João mesmo diz, a saber, que o Apocalipse diz respeito ao futuro[8]. É evidente, portanto, que todos os Padres e teólogos também têm essa “opinião pessoal”. Assim, pode-se pensar legitimamente que eles nem mesmo se perguntaram a respeito. Além disso, nos diferentes manuais da Sagrada Escritura, como os de Vigouroux, Fillon, Spadafora, Romeo, ou Sales, onde são enumeradas as diferentes interpretações do Apocalipse, nenhuma delas sustenta que ele fala sobre o passado.

O Segredo de La Salette é nada menos que uma Apocalipse mariano[9]

O padre Ricossa, até o dia em que, provavelmente, como ele diz, “reapreendeu o livro de Corsini”, não hesitou em convencer o leitor, **em 1986**, no *Sodalitium* n° 12 (edição italiana), de que o Apocalipse fala realmente do futuro. Antes de enumerar, neste artigo, os diferentes “motivos da oposição ao Segredo de La Salette”, ele escreve: “Não pretendemos conhecer todos, nem julgar suas intenções. Apenas tentamos entender um fato **inexplicável**: a luta contra uma aparição que é reconhecida como verdadeira”. Em sua enumeração dos “**motivos da oposição**”, retemos **os III e IV**:

Vamos primeiro ao III motivo, onde o padre Ricossa, apoiando-se em **Wilfrid**, usa o termo “ **profético**” para indicar uma revelação sobre o futuro: “**O caráter profético e apocalíptico do segredo** pode desconcertar o leitor. Contudo, **Wilfrid** escreve **não sem razão**: ‘Tudo está dito, de fato, mas como em uma página da Sagrada Escritura, com muita clareza para aquele que possui o sentido bíblico; com muita obscuridade também, como nos Livros inspirados, para nos deixar o mérito da fé. Constata-se, de fato, aparentes anacronismos e uma sobreposição de eventos, às vezes separados por intervalos de tempo bastante longos, que a Visão do Profeta mostra, como em um afresco, em um mesmo plano. **O Segredo de La Salette é nada menos que uma Apocalipse Mariano**. Seu estilo mesmo se aproxima do dos Profetas, pela forma incisiva e a rigorosa doutrina. Na verdade, **é como um desenvolvimento do próprio Apocalipse**, um desenvolvimento que chega agora a seu tempo, para nos dar, em termos claros, **o que nos interessa saber hoje sobre o que São João proclama, de absoluta necessidade, para os homens dos Últimos Tempos**: ‘Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro’ (Ap, XXII, 7). Bem-aventurado também aquele que **guarda as palavras de Maria, cuja Mensagem ilumina aquelas do vidente de Patmos**” (*In difesa del segreto de La Salette*, Roma, 1946, página 100)”.

Nada surpreendente que o padre Ricossa, que não “**guardou as palavras da profecia deste livro**”, de qualquer forma não tenha **guardado “as palavras de Maria, cuja Mensagem ilumina aquelas do vidente de Patmos”**!

Em seguida, o IV motivo, no qual o padre Ricossa, após ter feito corretamente a relação entre a ocultação do Segredo e a horrível crise, evoca o sublime paralelo entre Jesus e Sua Mãe: “**Por outro lado, a predição de tudo que parecia impossível se realiza diante de nossos olhos: assim como veremos, é a horrível crise da hierarquia da Igreja que estamos vivendo atualmente. O resultado foi a ocultação do aviso da Santa Virgem. Da mesma forma que**

Jesus anunciou Sua Paixão para que, uma vez chegada, seus discípulos não se escandalizassem, Maria também anunciou o eclipse da Igreja para que, uma vez ocorrido, não nos escandalizássemos".

Não é para enfiar mais o pé na ferida, mas é preciso constatar que agora é o mesmo padre Ricossa quem assume a responsabilidade e continua a trabalhar para "**a ocultação do aviso da Santa Virgem**". De fato, em seu número 48 de **1999**, ele havia tomado o cuidado, em seu apêndice sobre certas profecias e revelações privadas, de apresentar todas as possíveis razões que pôde encontrar a fim de justificar seu encorajamento implícito a não ler nem divulgar o Segredo da Mãe de Deus. **Tudo o contrário do que ele escreveu em 1986**, notadamente os quatro motivos, que permanecem válidos para explicar a oposição ao Segredo: o liberalismo de certos bispos, a reprovação ao clero, o caráter profético e apocalíptico e a predição da crise da hierarquia da Igreja.

Falsificação... é uma solução para romper a «monotonia»?

Fechado o “parêntese” sobre o Segredo de La Salette, vamos ao título do nosso documento: a falsificação do cardinal Billot, assunto que o padre Ricossa não abordou de forma alguma, assim como não discutiu, como vimos, a ideia de que o Apocalipse fala do passado e não do futuro. Não tendo **mencionado** esses dois pontos principais do nosso documento, como o padre Ricossa pôde escrever: «nós **mencionamos** também críticas sobre a exegese»?

Por que esses dois pontos não foram abordados? Não vemos outra possibilidade senão a sua **dificuldade em desmentir nosso trabalho**, que não era nada mais do que demonstrar uma falsificação da parte dele, uma “verdadeira impostura intelectual”, segundo um de seus colegas franceses. Ele afirma que uma “revista de estudo e aprofundamento não pode cumprir sua tarefa sem suscitar interesse e também contestações, caso contrário ela se limitaria a repetir com **monotonia** o que todo mundo já sabe”. Ele cita Dom Guérard des Lauriers: “a teologia consiste, ao menos às vezes, em refletir e não apenas em repetir”. De fato, repetimos o que os Padres e os teólogos sempre disseram; é verdade que não é proibido, é claro, refletir e eventualmente avançar em pontos que não estão estabelecidos e universalmente sustentados, **mas de forma alguma a reflexão pode levar a conclusões contrárias às afirmações destes últimos, e muito menos àquelas de São João mesmo no Apocalipse**.

Certamente, todos “**já sabem**” que o Apocalipse fala do futuro e não, como o padre Ricossa tenta nos fazer acreditar, que é “uma explicação de toda a Revelação sobre Jesus Cristo, desde a criação até a fundação da Igreja”! Ninguém tem o direito, principalmente em uma revista como *Sodalitium*, que ele alega ser “integralmente católica e intransigente” e a “única atualmente que explica exaustivamente a situação da autoridade na Igreja”, de contar uma coisa dessas, ainda que para romper a “monotonia” dos exegetas como Billot, Spadafora, Romeo e Allo, que não podem ser censurados por repetir o próprio Apocalipse e os Padres da Igreja... que, de fato, “merecem um respeito muito diferente”!

Quando «herético»... torna-se «herético»

“A expressão ‘infallibilidade do consenso unânime dos Padres’ tornou-se uma fórmula extremamente útil para... taxar de herético quem não pensa como eles (e, especialmente, quem não lhes é simpático). Os Padres, e a verdade, merecem um respeito muito diferente.” Mas como se pode pensar assim?

Dado que o padre Ricossa pretende responder indubitavelmente à revista *Si si no no*, é preciso saber que esta última nunca usou a palavra “herético”, mas a expressão “herética”, que por sinal retomamos em nosso parágrafo intitulado uma opinião herética?: “segundo outros, ao contrário, a teoria de Corsini é absurda e herética”.

De qualquer forma, levantamos esta questão: como definir uma teoria como a sustentada por Corsini e pelo padre Ricossa, que vai contra o que disseram todos os Padres, os teólogos, São João ele mesmo e até mesmo o catecismo para crianças?

A respeito do fato de que o padre Ricossa busca deslocar o problema, para, em nossa opinião, não ter que resolver as objeções, falando sobre questões pessoais, como “hostilidade pessoal”, “falsos amigos”, “amigos bem-intencionados ou que são menos” ou “que não lhe são simpáticos”, a ponto de chegar a escrever que certos indivíduos são capazes de taxar alguém de herético... isso é tão deslocado que, francamente, não merece nem ser mencionado.

Além disso, é importante ressaltar que o termo herético nunca teve como objetivo qualificar uma pessoa, mas sim uma teoria.

Vale a pena notar, por acaso, e isso é o cúmulo, que o padre Ricossa afirma que: “Os Padres, e a verdade, merecem um respeito muito diferente”, enquanto é ele mesmo que se permite falsificar, não apenas o pensamento do cardinal Billot, mas também os de três exegetas que ele menciona a seguir: “O abaixo assinado, [o padre Ricossa] se alinha nessa opinião de um Billot, de um Spadafora, de um Romeo ou de um Allo... **não é do futuro que fala o Apocalipse**, mas sim do passado” p. 46, **enquanto ao contrário** Billot escreve em A Parusia: “As predições apocalípticas abrangiam (...) desde o fim do reinado de Domiciano, data da revelação feita a São João, (...) até o fim dos tempos” pp. 302-303 “O tempo abrangido pelo livro do Apocalipse vai da primeira vinda de Jesus Cristo até o fim do mundo, onde ocorrerá a segunda” p. 302.

As outras falsificações do padre Ricossa... A confusão dos diferentes "sistemas"

Em nosso primeiro documento, dissemos “não nos preocupar aqui com os três exegetas aos quais o padre Ricossa faz referência”, mas “preocupar-nos apenas com o cardinal Billot”. Em seguida, fomos ver o que os outros três dizem.

O padre Ricossa falsificou o pensamento de Billot ao truncar seu texto para confortar sua opinião; constatamos que ele agiu de forma semelhante com Dom Spadafora, Dom Romeo e Allo.

Ele começa a citar o primeiro a respeito da refutação do eschatologismo, sistema segundo o qual Jesus teria pregado essencialmente o iminente fim do mundo, que se diferencia da exegese escatológica, e escreve: “A esta objeção, os exegetas católicos responderam amplamente, entre outros, o falecido Dom Francesco Spadafora, ex-professor na Universidade Pontifícia do Laterano, que foi o inimigo mais radical do eschatologismo. A refutação desse erro está presente em quase todas as suas obras: lembremos *Gesù e la fine di Gerusalemme* (1950), no que diz respeito à chamada pregação escatológica de Jesus nos Evangelhos sinóticos (Lc XVII, Mt XXIV, Mc XIII, Lc XXI), que não anunciam o fim do mundo, mas a destruição de Jerusalém e do Templo, e *L’escatologia in san Paolo* (1957), principalmente no que diz respeito às duas cartas aos Tessalonicenses. **A Parusia, ou vinda do Senhor**, indica, tanto no Evangelho quanto no texto paulino, a intervenção do Senhor para socorrer a Igreja perseguida pela Sinagoga: “o fim da nação judaica será a libertação da Igreja” (Spadafora, Dizionario Biblico, seção Escatologia). No que diz respeito ao Apocalipse (cf. Dizionario Biblico), Dom Spadafora se alinha, como seu mestre Dom Antonino Romeo (cf. seção Apocalipse da Enciclopédia Católica, redigida por Romeo) à posição do Pe. Allo ao refutar a exegese “escatológica” (segundo a qual, com o Apocalipse, “teríamos a predição dos eventos que precederão imediatamente e acompanharão a aparição do Anticristo, sua luta, sua derrota definitiva, com o juízo final. Muitos cairão na erro do milenarismo literal...”) assim como aquela que vê no Apocalipse a descrição das épocas ou eras da história da Igreja (muito disseminada antigamente por Joaquim de Fiore). E, no entanto, quem pode afirmar nunca ter pensado em toda sua vida, e especialmente em períodos de crise na história e de crise para a Igreja, que o que falam os últimos livros da Sagrada Escritura, com expressões misteriosas e aterrorizantes, é exatamente o que deve acontecer no final do mundo e da Igreja? Eis o que escreveu a esse respeito o cardinal Billot: “Entre os preconceitos a respeito dos livros de...”»[10].

O que vai fazer o padre Ricossa? Ele passa indevidamente do eschatologismo para o escatológico: escreve que Dom Spadafora, Dom Romeo e Allo refutam o sistema escatológico. Na realidade, Dom Spadafora, em sua frase acima "teríamos a predição... milenarismo literal” **fora de seu contexto**,

expõe o primeiro sistema na enumeração dos diferentes sistemas, mas não o refuta de forma alguma, mesmo que ele siga mais o sistema recapitulativo. Aqui está a frase **em** seu contexto:

«a) [ou 1º sistema] Os primeiros escritores até Victorino Pettao que, aliás, inaugurou a teoria da recapitulação, projetaram principalmente, para não dizer exclusivamente, o Apocalipse para o final do mundo: **teríamos a predição dos eventos que precederão imediatamente e acompanharão a aparição do Anticristo, sua luta, sua derrota definitiva, com o juízo final. Muitos cairão na erro do milenarismo literal** (Papias, São Irineu, etc). Este sistema exegético (o mais antigo) é chamado de "escatológico": ainda hoje é muito disseminado (L. C. Fillon, Marco Sales, J. Sickenberger, etc)». Por que, então, o padre Ricossa não se deu ao trabalho de especificar, como fez Dom Spadafora, que este sistema ainda hoje é muito disseminado e sustentado por Fillon, que é uma autoridade na França, e Marco Sales, na Itália?

Depois, no 4º sistema, Dom Spadafora diz:

«d) Finalmente, o sistema recapitulativo mencionado ou implícito junto aos melhores representantes latinos do primeiro sistema (a) (Beda, Alcuin) é o único, junto com o escatológico, que pode ser considerado tradicional». É verdade que Dom Spadafora refuta o eschatologismo e não, como se viu, o 1º sistema chamado escatológico. Aliás, mesmo que se limite à citação feita pelo padre Ricossa de Dom Spadafora, vê-se claramente que este sistema não é o eschatologismo, mas sim o escatológico.

Resumindo, o padre Ricossa cita quatro sistemas: o eschatologismo, o escatológico, o sistema de Joaquim de Fiore e o sistema recapitulativo. E faz crer que Dom Spadafora refuta esses sistemas, enquanto Dom Spadafora refuta o eschatologismo, e depois as derivações milenaristas do escatológico e não esse sistema como tal, nem o sistema pelo qual o Apocalipse fala de toda a história da Igreja cronologicamente, especialmente como apresentado por Joaquim de Fiore. Por outro lado, Dom Spadafora aprova o sistema recapitulativo.

Portanto, se, para o padre Ricossa, o Apocalipse não fala da vinda iminente de Jesus Cristo (o eschatologismo), nem dos últimos tempos (o escatológico), nem de todas as épocas da Igreja, **não lhe resta outra solução senão dizer que o Apocalipse... fala do passado**. É assim que ele pode "se alinhar a opinião de Billot, Spadafora, Romeo ou Allo... **não é do futuro que fala o Apocalipse, mas sim do passado**"! É simplesmente incrível essa maneira de agir, e incrível no verdadeiro sentido da palavra, ou seja, que, até que se constate, não se pode acreditar. Não consigo encontrar palavras para qualificar uma atitude assim[11].

No entanto, em 1999, o padre Ricossa havia realmente citado o trecho onde Dom Spadafora diz que o Apocalipse fala do futuro, quando ele menciona que "o [método] recapitulativo... é o único, junto com o escatológico, que pode ser considerado tradicional", mas sem realmente considerar isso de forma adequada. Aqui está o contexto nas páginas 47-48 do artigo do padre Ricossa:

"Na introdução (pp. 11-8; pp. 15-63 ed. fr.), Corsini expõe sua teoria e os princípios exegéticos que o guiaram. No que diz respeito ao primeiro, aqui está como ele é resumido na p. 18 (pp. 23-24 fr.): **o Apocalipse, como indica seu nome, significa 'revelação', 'é de fato a descrição de uma**

vinda, da vinda de Jesus Cristo: mas não se trata daquela que virá no fim dos tempos, mas da que se realizou ao longo de toda a história, desde a criação do mundo, e que teve seu ponto culminante no grande 'evento' (gr. kairós) da vinda histórica de Jesus Cristo, principalmente em sua morte e ressurreição. Para chegar a essa conclusão, Corsini parte do princípio, que deveria ser óbvio, da unidade da obra: não devemos nos permitir interpretar o Ap. como se cada uma de suas partes, cada um de seus símbolos fossem independentes uns dos outros; o Apocalipse é um todo articulado em quatro septenários (7 cartas, 7 selos, 7 trompetas, 7 taças). Qual é o vínculo entre esses quatro septenários? **Corsini segue, portanto, a método "recapitulativo", "o *único, junto com o escatológico, que pode ser considerada tradicional***. O Apocalipse não expõe eventos futuros que se sucedem cronologicamente, [ou seja, o Apocalipse expõe eventos futuros, mas não que se sucedem cronologicamente; nota do tradutor], mas oferece em diversos quadros, que muitas vezes retomam e desenvolvem os anteriores, uma visão profética[12] da luta perpétua entre o Cristo[13] e Satanás, com a vitória do Reino de Deus militante e triunfante" (Spadafora); vitória, precisaria Corsini, já essencialmente conquistada e realizada com a morte e ressurreição do "Cordeiro de pé e como ferido" (= o Cristo morto e ressuscitado) que domina todo o Apocalipse".

Parece-nos óbvio que aqui o leitor, a partir do que diz Dom Spadafora, é indevidamente levado à opinião de Corsini, ou seja, que a Parusia "é de fato a descrição de uma vinda, da vinda de Jesus Cristo: **mas** não se trata daquela que virá no fim dos tempos".

Na medida em que Dom Spadafora diz claramente que o Apocalipse predita o futuro ao expor o sistema recapitulativo, mesmo que não o faça de maneira cronológica, como pôde o padre Ricossa escrever que Dom Spadafora tem a opinião de que o Apocalipse fala "muito mais do passado"?

A confusão sobre a palavra "Parusia"

A respeito da Parusia, o padre Ricossa vai “jogar”, de certa forma, com essa palavra, fazendo crer que para Dom Spadafora, **a Parusia, ou vinda do Senhor**, diz respeito apenas à primeira vinda de Jesus Cristo. Depois de escrever que “a Parusia ou vinda do Senhor indica no Evangelho, assim como no texto paulino, a intervenção do Senhor para socorrer a Igreja perseguida pela sinagoga”, o padre Ricossa cita apenas esta frase de Dom Spadafora: “o fim da nação judaica será a libertação da Igreja” (Dizionario Biblico, seção Escatologia). Mas ele não diz que Dom Spadafora, ainda nesta mesma seção, designa a Parusia como “a intervenção de Deus na história, intervenção que se perpetua”. E ele não menciona que Dom Spadafora diz explicitamente: “a Parusia final, a última vinda ou manifestação, quando Cristo selará seu triunfo também sobre a morte, ressuscitando os corpos e apresentando os eleitos ao Pai, fechará a fase terrestre do Reino dos Céus (I Tes, IV, 14-17, I Cor, XV, 22-28 - 50-57). Ela é a solenidade confirmação e epílogo de todas essas Parusias anteriores, como juiz na morte de cada um, como vingador e protetor de sua Igreja e da justiça no mundo, através de todos os tempos”.

Dom Romeo, mestre de Dom Spadafora, expressa as mesmas ideias, e ele chama a segunda e última vinda de Cristo de “Parusia suprema”. É evidente que isso é o mesmo que a “Parusia final”.

É por isso que o termo **Parusia**, de forma geral, é comumente utilizado para indicar a 2ª vinda, o **retorno** de Cristo. Para Dom Spadafora, a primeira vinda de Jesus Cristo é apenas uma das Parusias. Ao não redigir o verdadeiro pensamento de Dom Spadafora e de Dom Romeo, o padre Ricossa pôde assim citar e concordar com o “progressista” Corsini que diz que o Apocalipse “é de fato a descrição de uma vinda, da vinda de Jesus Cristo: **mas não se trata daquela que virá no fim dos tempos**, mas da que se realizou ao longo de toda a história, desde a criação do mundo, e que teve seu ponto culminante no grande ‘evento’ da vinda histórica de Jesus Cristo, especialmente em sua morte e ressurreição”.

Dom Spadafora e o Apocalipse

Mas o que realmente diz Dom Spadafora sobre o termo Apocalipse no Dizionario Biblico? Em todo o artigo, em nenhum momento é afirmado que o Apocalipse fala do passado em relação à Encarnação do Verbo, mas sim o contrário. Aqui estão alguns trechos significativos: “São João fala do inimigo em sua época, o império romano (a Besta, instrumento histórico do Dragão-Satanás, a prostituta, Babilônia=Roma) para prever sua derrota, a ruína completa, e assegurar o triunfo da Igreja, que é a única que permanecerá vitoriosa. Ao redor dessa profecia central, São João ilustra qual é o plano de Deus a respeito do desenvolvimento de sua Igreja, a partir dos eventos passados (perseguições dos judeus, destruição de Jerusalém; a perseguição de Nero, violenta, sangrenta, mas já passada), da história de Israel que, após o exílio, experimentou contra os inimigos a intervenção do Senhor; o período de perseguição: três anos e meio=42 meses, em relação à perenidade do triunfo de Cristo, é extraído da duração da perseguição de Antíoco Epifânio: e todas as outras imagens derivadas dos profetas, especialmente Zacarias, e dos evangelhos sinóticos” (página 36).

Após dizer que a primeira parte do Apocalipse trata da Encarnação do Verbo e do “estabelecimento do reino de Deus na terra”, Dom Spadafora afirma que “Somente agora - no capítulo XII - começa a parte estritamente profética, referente à luta contínua e a ruína do império romano. Após a queda do império, a luta contra a cidade de Deus será continuada pelos reis, etc., mas sempre com o mesmo resultado”. O autor desenvolve esse argumento e mais adiante diz que trata-se da “mesma luta idêntica **desde a Encarnação do Verbo até o fim da fase terrestre da Igreja**” (página 38). Vale notar que essa frase é praticamente a mesma que a do cardinal Billot.

Depois, posteriormente, Dom Spadafora cita Bonsirven, que se refere ao exegeta Dom Romeo: “O Apocalipse é a síntese conclusiva, das ideias, das esperanças do Novo Testamento, e **a profecia da era messiânica**, era definitiva, **começada com a Encarnação do Verbo**” (cf. A. Romeo; J. Bonsirven, Teologia do N.T p. 58) (página 39). Em seguida, Dom Spadafora enumera as diferentes interpretações do Apocalipse que são aproximadamente as mesmas que as do Dicionário da Bíblia, publicado por F. Vigouroux (ver no anexo 1), e, claro, nenhuma delas diz que o Apocalipse fala do passado.

Aqui estão mais algumas passagens de Dom Romeo extraídas da Enciclopédia Católica, sob a palavra Apocalipse: “... a vitória final de Deus inclui a Parusia e o juízo final; depois, seguem-se as visões que ilustram com mais precisão as destinações do reino de Deus (Igreja) **até o fim do mundo**. Depois, a besta que sai do mar com 7 cabeças e 10 chifres coroada (anticristo político, Roma Pagã **e poderes seguintes**)... Após a introdução nos capítulos II-III, o Apocalipse pinta em formas alegóricas a história futura ou escatológica, mas em estreita conexão com o presente, conforme o cânon da verdadeira profecia; ele ensina que o reino de Deus e de Cristo já está em ato

e que agora já vivemos os últimos tempos nos quais Deus e Cristo vencem as últimas violentas resistências do inimigo já derrotado... Ele descreve a era messiânica na qual as perseguições e tribulações dão ocasião ao testemunho fiel, a exemplo de Jesus, até o momento em que o juízo de Deus entrará no tribunal humano".

Dom Romeo diz também que o sistema recapitulativo (do qual já falamos) afirma que foi restaurado hoje na forma pura e tradicional por Allo (1921). Ele resume esse sistema assim: "O Apocalipse não expõe os eventos futuros em uma série progressiva contínua, mas descreve alguns eventos supremos entre Cristo e Satanás, repetindo com símbolos diferentes as mesmas realidades até a maturação e o resultado: é o reino de Deus militante, e, finalmente, triunfante... O Apocalipse prevê as linhas gerais da história espiritual da humanidade, **da Encarnação até o fim do mundo**... Este sistema preserva o caráter profético (espiritual) e unitário do Apocalipse e deve integrar o que há de verdadeiro nos 3 primeiros [sistemas] [na enumeração de Romeo, o sistema recapitulativo é o 4º]. O Apocalipse é escatológico e não uma predição detalhada da história universal; mas os últimos tempos devem ser entendidos no sentido profético e apostólico: eles são a era messiânica, era religiosa e definitiva. A maior parte dos símbolos se refere primeiro às perseguições do império romano e, como toda profecia, o Apocalipse era um escrito de atualidade; mas a luta entre a Roma pagã e a Igreja representa e prevê as fases sucessivas da luta perpétua entre as potências satânicas e Cristo que, ao final, triunfará em sua Igreja".

Então, se Dom Romeo mantém o mesmo discurso que Dom Spadafora e Allo, como pôde o padre Ricossa escrever que "o abaixo assinado se alinha a opinião de Billot, Spadafora, Romeo ou Allo: não é do futuro que fala o Apocalipse, mas sim do passado", uma vez que eles pensam **exatamente o contrário dele, a não ser... devido a todas as suas falsificações e confusões**, que, por sua vez, lhe permitiram amalgamar os quatro autores citados... em uma só expressão: "***nisto***"?

O padre Ricossa escreveu na n° 63 do *Sodalitium*: "Eu considero este número (o n° 48) como um dos melhores e mais importantes da nossa revista". De fato, no que diz respeito às manipulações de textos... sim, isso não deixa dúvidas!

Anexos

Anexo 1: Dicionário da Bíblia publicado por F. Vigouroux, 1908, Paris; fascículo III, p. 750.

Aqui está um rápido resumo:

«VI. Interpretação do Apocalipse... divisão em **três classes** entre os intérpretes: [...]

A **primeira** classe - O Apocalipse abrange **toda a história da Igreja** e celebra os triunfos que Cristo obteve sobre seus inimigos nas diversas épocas dessa história [...]

A **segunda** classe - Nenhum intérprete antigo se junta a ela. Ela coloca o cumprimento da maior parte das predições do vidente de Patmos na queda do judaísmo e do politeísmo; apenas os últimos capítulos falam sumariamente sobre **o fim do mundo**. [...]

A **terceira** classe - Vê em todo o Apocalipse a **predição dos destinos últimos da Igreja no tempo do Anticristo**, enquanto a história da época primitiva da Igreja é apenas levemente abordada e de passagem. Muitos dos Padres da Igreja compartilham essa opinião: Irineu, Hipólito, Agostinho, André de Cesareia, Arétas, Victorino, Primásio, Beda [...]».

Que o Apocalipse seja «**uma explicação sobre toda a revelação sobre Jesus Cristo, desde a criação até a fundação da Igreja**» é uma **opinião desconhecida** no Dicionário Bíblico de Vigouroux.

Anexo 2: Marco Sales, exegeta dominicano italiano

Aqui estão algumas citações de autores sobre o mesmo assunto. Vamos primeiro ao exegeta dominicano Marco Sales, que, na Itália, é uma autoridade. Ele é, de fato, o equivalente a Fillon na França: «**O Apóstolo São João dá a seu livro o nome de Apocalipse, ou seja, Revelação, e diz explicitamente que ele trata das coisas futuras**, as quais devem em breve se cumprir. Por essa razão, o apóstolo também chama seu livro de **profecia**, e em todos os tempos o Apocalipse sempre foi considerado um livro **profético**».

O autor afirma que há muitas obscuridades e conclui da seguinte forma: «Portanto, o Apocalipse é um dos livros mais difíceis de interpretar e, apesar da aplicação e dos estudos de tantas gerações, os exegetas estão bem longe de concordar sobre o significado exato das diferentes visões descritas, **embora todos concordem que o tema principal do Apocalipse é a segunda vinda de Jesus Cristo no final dos tempos**. Todos os exegetas reconhecem que no Apocalipse há uma unidade de propósitos, e que todas as diferentes partes tendem a um mesmo fim, a saber, o triunfo de Jesus Cristo e de seus eleitos» e «Devem ser rejeitados todos esses sistemas racionalistas que negam o caráter profético do Apocalipse, e supõem que o autor não quisesse fazer nada além de escrever um poema religioso reunindo os diferentes elementos dos Apocalipses judaicos ou da mitologia. Devem ser rejeitados também todos esses sistemas que afirmam que o Apocalipse não trata de outra coisa senão da história contemporânea contada sob forma profética» (página 613 da Sacra Bibbia).

Se Marco Sales rejeita esses sistemas, o que diria ele sobre um sistema que diz que o Apocalipse fala do passado? Além disso, quando esse autor resume as diferentes interpretações em três classes - praticamente as mesmas que todos os outros - e diz que, é claro, todas falam do futuro, **ele não considera sequer um sistema que falaria do passado!**

Nos *Commentarii in Sacram Scripturam* (edição Pelagaud e Lesne, Lyon, 1840), encontramos isto: Apocalipse (*Apocalypsis, id est revelatio...) : « Apocalypsis, inquam, sive revelatio eorum "quæ oportet fieri cito," hoc est, quæ cito incipient fieri, licet non cito finientur. Nam persecutiones Christianorum, quæ hic revelantur, coeperunt sub Trajano, qui post Nervam succesit Domitiano, et terminabuntur in fine mundi. [...] »* (o Apocalipse, ou seja, a revelação... o Apocalipse, digo, ou **a revelação das coisas que devem acontecer em breve, ou seja, que começarão a acontecer em breve, mas não terminarão em breve**. De fato, as perseguições aos cristãos que são reveladas aqui começaram sob Trajano, o qual, após Nerva, sucedeu a Domiciano, e terminarão no fim do mundo).

Anexo 3: A palavra «Apocalipse» no Dicionário de Teologia Católica (tomo I) de E. Mangenot

Col 1471

São João apresenta ele mesmo seu livro como uma revelação que recebeu, Apoc., I, 1, e como uma profecia, Apoc., I, 3.

São Irineu, em seu *Contra hæreses*, expôs **sobre o fim dos tempos ideias emprestadas em parte do Apocalipse**.

Col 1474 - 4 -

Em seu comentário sobre o Apocalipse, Nicolau de Lyra inaugurou, em 1329, uma nova época. A seus olhos, a profecia de São João é a predição de **toda a história da Igreja desde sua fundação até o fim dos tempos**.

Col 1474 - 5 -

O início do Apocalipse diz respeito à época mais próxima do autor, mas a maior parte do livro não se realizará senão no fim do mundo, que será precedido pela vinda do Anticristo.

Col 1475

Desde a segunda metade do século XVIII, **os racionalistas deixaram de ver no Apocalipse uma profecia do futuro**; eles o reconheceram como uma história, escrita sob forma simbólica e apocalíptica. O autor fala, portanto, exclusivamente de seu tempo, a saber, da luta da Igreja contra o império pagão de Roma, figurado por Babilônia e pela besta.

Col 1476

Se os comentaristas discutem o sentido de suas visões simbólicas, **eles concordam em reconhecer ensinamentos precisos sobre** Deus, Jesus Cristo, a Igreja, os anjos **e o fim dos tempos**.

Se tivéssemos que escolher entre um grande número de interpretações ou simplesmente indicar nossas preferências, estaríamos fortemente impedidos. Sem fixar nossa escolha, **afastaríamos toda explicação que seja inconciliável com o caráter profético, que a tradição constante da Igreja reconheceu ao Apocalipse.**

Col 1478 III Igreja

Todo o livro do Apocalipse tem como objetivo descrever as lutas da Igreja contra o paganismo e seus outros adversários, **com seu triunfo final**.

Col 1478 V O fim dos tempos

Os ensinamentos relativos à consumação final são mais ou menos completos e mais ou menos detalhados, conforme se **aplique o Apocalipse aos últimos tempos**, a partir do capítulo IV, do capítulo XIII ou apenas do capítulo XX.

... Portanto, relataremos **somente ao fim do mundo os últimos capítulos do Apocalipse**.

Anexo 4: A palavra «profecia» no Dicionário de Teologia Católica (t. XIII) de E. Mangenot

Col 709 – 710

No *De veritate*, Santo Tomás, inspirando-se em Cassiodoro, in Psalt., praef, c. I, P. L., t. XIX, col. 12, dá uma definição da profecia entendida no sentido muito estrito, cujos elementos a distinguem de toda "profecia" humana: *divina inspiratio, rerum eventus immobili veritate denuntians*. Cf. II-II, q. CLXXI, a. I, obj-4: Deus é o princípio imediato (que, no entanto, se adapta ao ministério intermediário dos anjos) do conhecimento verdadeiramente profético. *Rerum eventus... denuntians* : trata-se de um conhecimento que revela os elementos futuros, mesmo indeterminados, enquanto que uma "profecia" natural não pode ter como objeto senão eventos mais ou menos determinados já em suas causas. *Immobili veritate*: a profecia natural sempre possui algum aspecto de incerteza, enquanto que a **verdadeira profecia prevê os eventos futuros de uma maneira absolutamente infalível.**

Col 713: Últimas precisões, consagradas pelo concílio do Vaticano [I] e as decisões recentes da Comissão bíblica

O argumento profético, tomando como ponto de partida a profecia entendida em seu sentido muito estrito – conhecimento sobrenatural e predição de um evento futuro imprevisível – foi definitivamente consagrado no concílio do Vaticano. Deve-se consultar os textos conciliares reproduzidos no art. MILAGRE, t. X, col. 1799. Na constituição Dei Filius, o concílio coloca as profecias no mesmo plano que os milagres, e as chama de "argumentos externos da revelação", "fatos divinos... que, porque manifestam de maneira excelente a onipotência divina e sua ciência infinita, são sinais muito certos e apropriados para a inteligência de todos". E, como confirmação de sua afirmação, o concílio traz o texto de II Pedro, I, 19: *Habemus firmiorem propheticum sermonem, cui bene facitis, attendentes quasi lucernae in caliginoso loco*. C. III, De fide, Denz-Banw., n. 1790. Essas ideias se encontram na fórmula antimodernista de Pio X. Ibid., n. 2145. Veja o art. MILAGRE, col. 1799. Desde, os decretos da Comissão bíblica sobre Isaías (29 de junho de 1908), dub. I-III; sobre os salmos (1 de maio de 1910), dub. VIII; sobre o sentido do salmo XV, 10-11 (1 de julho de 1933), dub. I; sobre as predições propriamente ditas contidas nesses escritos,

mostram bem em que sentido a autoridade eclesiástica entende a palavra profecia em apologética…

Mas há mais: o concílio entende por profecia não a manifestação de toda verdade revelada, mas o anúncio de um evento futuro. De fato, na primeira redação do texto conciliar, os teólogos usavam não a palavra *prophetiæ*, mas a palavra *vaticinia*, que, em seu significado primário, significa "anúncio do futuro". Além disso, o que lemos no decreto relativo à força probante das profecias não seria exato se a profecia devesse ser entendida no sentido de manifestação de qualquer verdade revelada, enquanto que tudo é verdade das profecias entendidas no sentido muito estrito.

A constituição, de fato, declara que as profecias reconhecem a revelação divina, da qual são, como os milagres, sinais muito certos e apropriados para a inteligência de todos. **Ora, a manifestação de qualquer verdade revelada não preencheria essas condições. O anúncio de eventos futuros, indeterminados em suas causas próximas, e, portanto, naturalmente imprevisíveis, constitui, pelo contrário, uma prova da revelação. Esses eventos só podem ser conhecidos por Deus; pois tratam-se de futuros contingentes, cuja conhecimento requer a ciência infinita de Deus. A profecia, entendida nesse sentido, é, portanto, realmente uma prova da intervenção divina, tão certa quanto a prova dos milagres de ordem física.**

… É que, precisamente, apoiando-se nas profecias para demonstrar a verdade da revelação cristã, ele se detém com complacência nas profecias messiânicas que a II Pedro tem em vista: "Possuímos os oráculos dos profetas, cuja certeza é firmada (*firmiorem propheticum sermonem*), sobre os quais é bom que fixem seus olhares, como uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso". Evidentemente, este texto apresenta as profecias messiânicas do Antigo Testamento como uma excelente prova da divindade da missão e da pessoa de Jesus Cristo.

Col. 715

O verdadeiro profeta, no sentido pleno da palavra, conhece ele mesmo essa luz profética que o ilumina, e sua certeza das coisas por ele preditas é absoluta. Como poderia ele falar aos homens em nome de Deus?

Referências

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-30-A-00-Rectificatif_abbe_Paladino.pdf

[2] «**A paz**: sim, sem dúvida, é o ardente desejo do meu coração, [escreve o cardeal Pie] é a necessidade da minha natureza, é a inclinação marcada do meu caráter. Mas o Espírito Santo me ensinou que **o amor à verdade deve prevalecer sobre todo outro amor, mesmo sobre o amor à paz**: VERITATEM TANTUM ET PACEM DILIGITE (Zacar, VIII, 19). Uma das orações que foram pronunciadas sobre minha cabeça no dia da minha consagração episcopal foi esta: "**QUE ELE AME A VERDADE, E QUE NUNCA A ABANDONE, NEM SOB A INFLUÊNCIA DO MEDO, NEM SOB A INFLUÊNCIA DA LISONJA**: *veritatem diligat, neque eam unquam deserat, aut laudibus aut timore superatus*". E a experiência que o mundo acaba de viver deve ter ensinado a todos vocês, meus Irmãos, quão fecunda em calamidades de toda espécie é o erro. Portanto, tenham **confiança** em nosso ministério, e estejam resolvidos a **respeitar nossas palavras e nossos atos**, mesmo quando porventura não os compreendam. Deixem-nos **salvaguardar**, em suas causas e em seus princípios, os efeitos e as consequências às quais vocês atribuem tanto valor; deixem-nos **trabalhar** por vocês, algumas vezes contra a sua vontade; e lembrem-se de que, do cume da montanha, o pastor vê mais alto e mais longe do que as ovelhas que se estendem suavemente no vale.

Não, eu exclamarei com o profeta, não, "**por Sião eu não me calarei, e por Jerusalém eu não terei descanso**: *propter Sion non tacebo, et propter Jerusalem non quiescam*" (Isa., LXII, 1), **até que o Salvador Jesus, rejeitado pela insolência dos homens de nosso tempo, se levante novamente sobre o mundo para iluminá-lo com Seus raios e salvá-lo por este esplendor salutar**. O que seu grande doutor dizia aqui a seus pais, o espetáculo das coisas contemporâneas confirmou-o suficientemente: "não há nada tão calamitoso para o mundo quanto não ter recebido Jesus Cristo: *Et quid mundo tam periculosum quam non recepisse Christum ?*"

Assim, as mentes menos cristãs atualmente concordam em encorajar a independência de nosso ministério, a ousadia de nossa palavra. Nesses dias de confusão e desordem, se os profetas permanecem em silêncio, quem falará? **Se os púlpitos da verdade estão mudos, quem fará reviver os direitos da verdade?** Que lhes baste saber que nosso zelo será invariavelmente guiado pela caridade, e que se alguma vez formos forçados a **fazer guerra**, será sempre **com o objetivo de fazer a paz**, a única que merece esse nome, que é **A PAZ NA VERDADE**: *pacem in veritate*.

Essa paz, meus amados irmãos, eu a desejo a todos vocês hoje com toda a efusão da ternura da minha alma; a meus irmãos no sacerdócio, e a essas almas de elite que se dedicaram à prática da perfeição evangélica; aos homens em dignidade, e a todos aqueles que estão sob sua autoridade; aos grandes e pequenos, ricos e pobres; aos anciãos e jovens; aos esposos e esposas; aos pais e filhos; aos justos e pecadores; aos fiéis discípulos da Igreja, e a nossos irmãos separados que tiveram o infortúnio de nascer fora de seu seio materno; em suma, a todos aqueles que a graça de

Deus e do trono apostólico confiaram à minha guarda: Que a bênção do Pai, do Filho e do Espírito Santo desça sobre vocês, e que nela permaneça para sempre. Amém». Obras de Dom o bispo de Poitiers, o cardeal Pie, T.I, p. 128 a 134. Oudin, 1873, 4ª ed.

[3] http://www.gloria.tv/?media=90198

[4] http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=entry_view&iden=33

[5] http://www.sodalitium.eu/index.php?ind=downloads&op=entry_view&iden=196

[6] Uma vez, a respeito do Apocalipse, um fiel que frequentava o Instituto nos pediu explicações sobre como o padre Ricossa havia manipulado o pensamento do cardeal Billot. Esse fiel não queria acreditar, achando isso absurdo. Intrigado, ele consultou o n° 48 da revista *Sodalitium* e adquiriu o livro do cardeal Billot, *La Parousie*. Ele me telefonou, atônito, algum tempo depois, dizendo que, infelizmente, eu tinha razão.

Em outra ocasião, um fiel, que leu em 1999 o artigo do padre Ricossa, comentou em uma discussão que este havia respondido muito bem no n° 63 de *Sodalitium* ao nosso trabalho sobre o Apocalipse. Quando perguntei se ele havia lido nosso escrito, ele respondeu que não. Ah! Mesmo!

Mais uma vez, discuti com alguém que havia lido a resposta do padre Ricossa ao nosso livro *Petrus es tu?*, o padre Paladino e a tese de Cassiciacum, e, claro, estava convencido da veracidade das afirmações do padre Ricossa. Ao perguntar se ele havia lido meu livro, ele respondeu que ler o padre Ricossa era suficiente para ele. Ah! Mesmo novamente! Assim, portanto, sem ter lido meu livro, como ele poderia perceber que o padre Ricossa havia manipulado meus escritos em vários pontos?

[7] É verdade que, como observa o padre Ricossa, a palavra "profecias" não significa apenas o anúncio do futuro, mas, nesse contexto, é evidente que é utilizada nesse sentido. (Veja o anexo 4)

[8] “A revelação de Jesus Cristo que Deus lhe deu, para descobrir a seus servos as coisas que devem acontecer em breve,... Bem-aventurado aquele que lê e ouve as palavras desta profecia e guarda as coisas que nela estão escritas, pois o tempo está próximo”.

É assim que começa o Apocalipse (I, 1–3). E aqui está como o Apocalipse termina (XXII, 6–20): “O Senhor Deus dos espíritos dos profetas enviou seu anjo para descobrir a seus servos o que deve acontecer em breve. Eis que venho em breve... Não sele as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo... Eu voltarei em breve, e minha recompensa está comigo para dar a cada um segundo suas obras... Eu, Jesus, enviei meu anjo para lhes dar testemunho destas coisas nas Igrejas... Sim, eu voltarei em breve. Amém: vem, Senhor Jesus”.

[9] **O padre Paladino poderia ter precisado que este importante livro de Wilfrid estava disponível nas Ed. Saint-Rémi!**

[10] O padre Ricossa continua esta citação que não reproduziremos novamente, pois já a tratamos em nosso documento anterior.

[11] Alguns nos perguntaram qual é seu interesse em fazer tudo isso; não sabemos. É apropriado perguntar ao próprio padre Ricossa.

[12] É evidente que aqui a palavra "profético" é utilizada no sentido de que prediz eventos futuros.

[13] Ou seja, o Filho de Deus feito homem, portanto, necessariamente após a Encarnação.

O padre Rosmini condenado por Leão XIII e 'beatificado' por Ratzinger

Quinta-feira, 17 de abril de 2008

Artigo Original disponível em Virgo Maria

- Introdução
- 1. Pequena cronologia dos eventos de 1826 a 1859 em torno de Rosmini e das origens do Instituto da Caridade (Rosminianos)
- 2. História e papel na subversão da Igreja
  - 2.1. Quem é Rosmini?
  - 2.2. Por que foi condenado?
  - 2.3. A simbologia do brasão de Rosmini é semelhante à simbologia Rosacruz
  - 2.4. As “Cinco chagas da Igreja”: o livro-programa da crucificação da Igreja pelo Vaticano II: um livro codificado para iniciados
  - 2.5. Antonio Rosmini-Serbati: um jovem ambicioso escolhido por inimigos da Igreja
  - 2.6. A morte de Rosmini convencido de ter sido envenenado
  - 2.7. As conexões de Rosmini e dos Rosminianos com a Inglaterra

- 3. A reabilitação e a 'beatificação' de Rosmini após o Vaticano II sob a liderança de Ratzinger
  - 3.1. Como e quando os modernistas conciliares o reabilitaram e "beatificaram"?
  - 3.2. Rosmini é apresentado pelas autoridades e pelos autores conciliares como o precursor do Vaticano II e da liberdade religiosa em particular
  - 3.3. Luciani-João Paulo I rejeitou o pensamento de Rosmini, mas "teria finalmente mudado de ideia" (testemunho posterior à morte de João Paulo I que David Yallop escreve que não foi natural)
  - 3.4. A rede maçônica da Cúria que realizou a reabilitação e a "beatificação" de Rosmini
- 4. A reação e os silêncios da Tradição católica diante desta 'beatificação' de Rosmini
  - 4.1. O padre Tam denuncia a reabilitação de Rosmini em seu boletim n.º 3, onde examina os textos do Osservatore Romano do ano 2001
  - 4.2. Qual foi o comportamento da FSSPX diante dessa reabilitação e dessa beatificação?
- 5. Um Rosminiano na FSSPX: o padre Robert Belwood
  - 5.1. Quem é o “padre” Belwood?
  - 5.2. O “padre” Belwood foi ordenado no novo rito que não é válido, portanto, ele não é sacerdote (além do que não sabemos nada sobre o bispo que o “ordenou”)
- Anexos
  - Anexo 1 - Lista das 40 proposições de Rosmini condenadas pelo Papa Leão XIII
  - Anexo 2 - Artigo de Sodalitium n°52 de janeiro de 2002 denunciando a reabilitação de Rosmini, este sacerdote condenado pela Igreja sob o pontificado de Leão XIII
  - 3. Anexo 3 - Artigo de « Trinta Dias», mensal italiano modernista (órgão vinculado à igreja conciliar), retratando a história da 'beatificação' de Rosmini, condenado pelo Papa Leão XIII
  - Anexo 4 - Nota de Ratzinger reabilitando Rosmini (30 de junho de 2001)
  - ANEXO 5 - A missão rosminiana na Inglaterra
  - Anexo 6 - Um filósofo italiano do século XIX – Obras de Rosmini traduzidas para o francês

- Anexo 7 - Entrevista do ‘cardeal’ durante a beatificação de Rosmini (texto em inglês) pelo jornal modernista conciliar ‘Trente Jours’ – N°9 – Ano XXV – Setembro de 2007
- Anexo 8 - Rosmini, profeta da liberdade religiosa do Vaticano II - pelo jornal modernista conciliar Trente Jours - Nº 9 - Ano XXV - Setembro de 2007
- Anexo 9 - Antonio Rosmini: um sacerdote filósofo nos altares - pela revista modernista conciliar ‘Liberté politique’ – Novembro de 2007
- Anexo 10 - Wikipedia – Biografia de Mellerio

Introdução

Antonio Rosmini (1797-1855) padre com brasão apresentando semelhanças com a simbologia Rosacruz

'*As 5 chagas da Igreja*' de Rosmini (1848): **o livro-programa da crucifixação da Igreja pelo Vaticano II, cem anos depois. Um livro codificado para iniciados.**

O caso da reabilitação e beatificação de Rosmini impulsionado por maçons da *lista Picorelli* no Vaticano.

O padre **Belwood** (capelão das dominicanas de Kernabat desde setembro de 2007 e protegido do ex-anglicano Monsenhor Williamson) **assistiu em Roma à '*beatificação*' de Rosmini** por Ratzinger em 18 de novembro de 2007, e fez-se depois, em Kernabat, junto às crianças das famílias fiéis da FSSPX, o **zeloso propagandista** do padre condenado.

A ordenação do padre Belwood foi feita no novo rito inválido promulgado em 1969 e **não é válida**. **Senhor Robert Belwood**, à luz da teologia sacramental católica tradicional, **é um simples leigo** e não possui poderes sacerdotais. Ele não foi reordenado sob condições.

E enquanto isso, Monsenhor Fellay negocia com os Rosacruz do Vaticano as condições de sua 'plena comunhão' com esses meios maçônicos iluministas, pelo *ralliement* da obra de Monsenhor Lefebvre.

Os livros e vídeos importantes sobre Rosmini estão disponíveis para download a partir dessa página do site VM:

Agradecemos os conselhos sábios das pessoas que nos guiaram em nossas pesquisas para o estudo do caso de Rosmini.

1. Pequena cronologia dos eventos de 1826 a 1859 em torno de Rosmini e das origens do Instituto da Caridade (Rosminianos)

1829, 31 de março, o Monsenhor Francesco Castiglioni (20 de novembro de 1761 - 30 de novembro de 1830) é eleito Papa sob o nome de Pio VIII.

Pio VIII sucede ao Monsenhor Annibale Sermattei della Genga, Papa sob o nome de Leão XII, de 28 de setembro de 1823 a 20 de fevereiro de 1829, particularmente hostil ao liberalismo e considerado como "*o Papa da Santa Aliança*".

Leão XII havia consagrado seu breve pontificado de cinco anos e meio a lutar contra a sociedade secreta dos carbonários e a reprimir por meio de sua polícia os assassinatos e atentados cometidos por estes últimos nos estados pontifícios.

Com esse objetivo, ele havia publicado em 1826 sua importante encíclica "*Quo Graviora*", pela qual renovava a sua vez infalivelmente as excomunhões contra todos os membros das sociedades secretas e da Maçonaria, seguida em 26 de junho de 1827 de sua carta apostólica "*Dirae Librorum* ", condenando seus escritos.

As famosas e capitais "*Cartas da Alta Vendita dos Carbonários*", apreendidas mais tarde pela polícia pontifícia de Gregório XVI, e que seriam publicadas por Crétineau-Joly bem mais tarde em 1859 sob o reinado de Pio IX, nos dois volumes de sua obra "*A Igreja Romana face à Revolução*", começam sob seu reinado e abrangem o período de 1820-1846. Esta obra seria reeditada em 1976 por Monsenhor Marcel Lefebvre.

Foi no final do reinado de Leão XII que um jovem padre de origem veneziana, Antonio Rosmini-Serbati, nascido em 25 de março de 1797 em Rovereto, ordenado padre católico sob o reinado de Pio VII aos 24 anos em 21 de abril de 1821 em Chioggia, após ter concluído seus estudos em Pádua e Pavia, fez aos 30 anos o conhecimento em junho de 1827, em Milão, na residência de seu grande amigo, o rico e poderoso Conde Giacomo Mellerio (da famosa família de ourives-joalheiros Mellerio,

ou Meller, protegida de Maria de Médici - cuja casa foi fundada mais tarde em Paris em 1613 - originários de Craveggia, no Val Vigezzo, ao lado de Domodossola) de um jovem padre da mesma idade, Giovanni Lowenbruck, vindo da Lorena, que lhe pediu com insistência para ajudá-lo a fundar uma sociedade religiosa, o que fizeram na Quaresma seguinte, em fevereiro de 1828, no Sacro Monte Calvario, próximo a Domodossola, Rosmini redigindo as constituições de sua nova sociedade religiosa: o Instituto da Caridade, inicialmente aberto a clérigos e leigos.

Os fundadores deste instituto (Lowenbruck, Rosmini, Gentili, Molinari) lhe atribuíram como emblema um pelicano se dilacerando as entranhas para alimentar seus filhotes (em referência ao hino católico do "*Pio Pelicano*"), mas emblema que é também o da iniciação do 18º grau maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito, grau do Cavaleiro Iluminado da Rosacruz.

1830, aparição da Santíssima Virgem Maria à Irmã Lazarista Catherine Labouré na capela da Congregação, rua do Bac, em Paris, pedindo-lhe para difundir a "*medalha milagrosa*", sob a invocação "*Ó Maria, concebida sem pecado*".

1830, o padre Félicité de Lamennais funda o jornal "*Avenir*" com o dominicano Henri de Lacordaire e Charles de Montalembert, no qual reclamava a liberdade de consciência, de imprensa e a liberdade religiosa, e no qual os cristãos liberais podiam desenvolver suas ideias de separação da Igreja e do Estado.

1830, 30 de novembro, morte do Papa Pio VIII.

1831, 2 de fevereiro, Bartolomeo Capellari (8 de setembro de 1765 - 1º de junho de 1846), Pai padre da ordem dos Camaldulenses, é eleito Papa sob o nome de Gregório XVI.

1831, 6 de fevereiro, o padre eleito Papa, Bartolomeo Capellari, após receber a plenitude do Sacerdócio por sua consagração episcopal, é coroado com a tiara pontifícia.

1831, Gregório XVI recebe em Roma os "*peregrinos da Liberdade*", redatores do jornal francês "*Avenir*", o padre Félicité Lamennais, o padre dominicano Henri Lacordaire e Charles de Montalembert.

1832, 15 de agosto, Gregório XVI publica sua Encíclica "*Mirari Vos*", condenando o Liberalismo filosófico, o Catolicismo Liberal e a Liberdade Religiosa.

1832, o padre Antonio Rosmini-Serbati conclui aos 35 anos no Sacro Monte Calvario (Domodossola) a redação de sua obra "*Das cinco chagas da Igreja*", que não publica, mas da qual faz ler o manuscrito a um círculo muito restrito de "*amigos seguros*", obra que traça o programa de uma "*reforma*" fundamental da Santa Igreja e da Santa liturgia sobre os princípios liberais e "*democráticos*", cujo programa seria realizado ponto por ponto 130 anos mais tarde pelos Decretos e Constituições do Vaticano II (de quinta-feira, 11 de outubro de 1962 a quarta-feira, 8 de dezembro de 1965).

1834, Félicité de Lamennais persiste em publicar suas "*Palavras de um crente*".

1834, pelo Breve pontifício "*Singulari nos*", Gregório XVI condena novamente pessoalmente o padre Félicité de Lamennais.

1834, dezembro, pelo Breve, o Papa Gregório XVI, que o padre Antonio Rosmini havia conhecido desde 1823, antes de sua eleição pontifícia, quando ainda era apenas Pai padre Camaldulense, responde ao padre Rosmini, que o havia interrogado sobre o envio à Inglaterra de três companheiros em missão para converter os anglicanos, indicando-lhe que "*deixa à sua prudência aceitar ou não a missão proposta por Monsenhor Baines*".

1835, partida para a Inglaterra para a conversão dos anglicanos de três companheiros do Instituto da Caridade, um italiano Luigi Gentili (membro fundador) e dois franceses Emile Belisy e Antoine Rey, chamados pelo bispo beneditino católico Monsenhor Augustine Baines, de Bath, em Prior Park, e por Ambrose Lisle March Phillipps De Lisle, um ex-anglicano convertido católico, amigo do pastor anglicano Georges Spencer, próximo da família real, em breve a sua vez convertido católico.

1838, 20 de dezembro, o Papa Gregório XVI aprova as Constituições do Instituto da Caridade, revisadas pelo padre Antonio Rosmini.

1839, 25 de março, 20 rosminianos pronunciam seus votos na Itália e 6 na Inglaterra (em Spetisbury e Prior Park).

1839, 20 de setembro, a carta apostólica "*In sublimi*" de Gregório XVI resume as autorizações pontifícias concedidas à Ordem e nomeia o padre Antonio Rosmini-Serbati, Prefeito Geral da Ordem, por toda a vida.

1840, Dom Guéranger, Pai Padre da Abadia beneditina de Solesmes, publica sua obra monumental "*As Instituições Litúrgicas*", na qual define a heresia anti-litúrgica.

1843, 17 de agosto, nascimento de Mariano Rampolla del Tindaro em Polizzi Generosa, na Sicília.

1846, 1º de junho, morte do Papa Gregório XVI de uma crise de erisipela.

1846, 16 de junho, eleição de Monsenhor Giovanni Maria Mastai Ferreti (13 de maio de 1792 - 7 de fevereiro de 1878) ao Papado sob o nome de Pio IX.

1846, 19 de setembro, a Santíssima Virgem aparece a dois pequenos pastores na montanha de La Salette, perto de Grenoble, Maximin Giraud e Mélanie Calvat. Ela confia a cada um um "*Segredo*", pedindo a Mélanie para "*fazer passar a todo seu povo*" o seu, que anuncia que "***Roma perderá a Fé e se tornará o trono do Anticristo***".

1848, 16 anos após ter concluído a redação de seu manuscrito e o ter conservado "*confidencial*" desde 1832, "*Das cinco chagas da Igreja*" que traça o programa de uma "*reforma*" fundamental da Santa Igreja e da Santa liturgia sobre os princípios liberais e "*democráticos*", cujo programa seria realizado ponto por ponto 130 anos mais tarde pelos Decretos e Constituições do Vaticano II (de quinta-feira, 11 de outubro de 1962 a quarta-feira, 8 de dezembro de 1965), Antonio Rosmini decide publicá-lo em tiragem limitada para um círculo de amigos "*que - escreveu - haviam partilhado meus sofrimentos, e que agora, como eu, esperavam no futuro*".

1848, 15 de agosto, Antonio Rosmini-Serbati chega a Roma, embaixador enviado por Vincenzo Gioberti, pelo Rei Carlo Alberto de Saboia-Piemonte, para negociar com o Papa Pio IX um Concordato entre os Estados Pontifícios e o Reino de Sardenha-Piemonte da Casa de Saboia, e formar entre os dois Estados uma aliança contra a Áustria (ex-Império Romano germânico), que estava em guerra contra esse Reino, originando as hostilidades, bem como o modelo de uma futura Federação que unifica os Estados italianos "*sob a autoridade espiritual do Papa*".

1848, 15 de novembro, o novo Primeiro-Ministro dos Estados Pontifícios, nomeado por Pio IX, Pellegrino Rossi, é assassinado com um golpe de punhal na Chancelaria e distúrbios eclodem simultaneamente em Roma. Padres e alguns cardeais são mortos.

1848, 16 de novembro, um novo governo dirigido por Antonio Rosmini, que também assumiria o cargo de Ministro da Educação, é brevemente proposto sob a autoridade de Pio IX para acalmar os ânimos. Rosmini teria recusado o cargo.

1848, 24 de novembro, o Papa Pio IX deixa Roma incógnito para Gaeta e a República é proclamada. No dia seguinte, Antonio Rosmini deixa Roma também para se juntar a ele em 26 de novembro.

1849, 19 de março, o Padre Oratoriano Theiner publica, sob o título "*Cartas histórico-críticas sobre o livro das Cinco Chagas da Igreja do P. Antonio Rosmini-Serbati*", uma crítica áspera e aprofundada da obra do padre Antonio Rosmini-Serbati, que havia sido publicada recentemente.

1849, em Gaeta, o Papa pede ao padre Antonio Rosmini, a respeito de sua obra recentemente publicada "*Das cinco chagas da Igreja Santa*", para se explicar sobre sua posição concernente aos quatro pontos seguintes expressos em sua obra:

1. O "*direito divino*" do clero e do povo à eleição dos bispos,
2. O uso do vernáculo na Liturgia,
3. Sua crítica à Escola Escolástica,
4. A separação da Igreja e do Estado.

1849, 30 de maio, por decreto, a Sagrada Congregação do Índice condena a obra de Antonio Rosmini-Serbati "*Das cinco chagas da Igreja Santa*", bem como suas duas cartas em anexo sobre a eleição dos bispos católicos pelo clero e os fiéis, ao mesmo tempo que sua obra "*A Constituição segundo a justiça social*", condenação ratificada por Gaeta em 6 de junho de 1849 pelo Papa Pio IX.

1849, 19 de junho, Antonio Rosmini é obrigado a deixar Gaeta sob a pressão do Cardeal Giacomo Antonelli, Secretário de Estado de Pio IX.

1849, 3 de julho, as tropas francesas entram em Roma, defendida pelo carbonário Giuseppe Garibaldi, e restauram o poder temporal do Santo Sínodo.

1851, 21 de novembro, nascimento de Désiré Mercier, futuro cardeal, em Braine, na Bélgica.

1854, 8 de dezembro, Pio IX proclama o dogma da Imaculada Conceição por sua Bula "*Ineffabilis Deus*".

1855, 1º de julho, o padre Antonio Rosmini-Serbati, que havia acabado de voltar doente de uma breve estadia em Rovereto, seu local de nascimento e antiga paróquia, morre aos 58 anos de uma causa indeterminada, em Stresa, que havia se tornado a sede da Ordem.

1858, 25 de março, na festa da Anunciação, aparição em Lourdes a Bernadette Soubirous da Santíssima Virgem, que Se nomeia em patoá local "*Que soy era immaculada concepciou*".

1859, o Papa Pio IX autoriza, por um breve pontifício, Crétineau-Joly a publicar as famosas e capitais "*Cartas da Alta Vendita dos Carbonários*", que abrangem o período de 1820-1846, apreendidas pela polícia pontifícia de seu predecessor Gregório XVI, nos dois volumes de sua obra "*A Igreja Romana e a Revolução*". Essa obra seria reeditada em 1976 por Monsenhor Marcel Lefebvre.

Fim da breve cronologia

Era necessário apresentar ao leitor, **para que ele a mantenha presente em sua mente**, essa breve cronologia dos eventos significativos para a Santa Igreja e para Antonio Rosmini **dos 33 primeiros anos da gestação e do nascimento de sua Ordem**, que foi formalmente reconhecida por Gregório XVI **em 20 de setembro de 1839, 11 anos após a redação de suas constituições**.

Além disso, durante esse período, o Instituto da Caridade viveu especialmente das larguezas e doações de **dois poderosos e generosos protetores** que lhe concederam liberalidades financeiras e doações de vários imóveis e propriedades, notadamente em Domodossola, Stresa e em outros lugares privilegiados: **o Conde Giacomo Mellerio** (em Domodossola, em particular) de um lado, e **o Rei de Sardenha-Piemonte Carlo Alberto, Chefe da Casa de Saboia** (em Stresa, Turim, etc.) de outro lado. **De modo que, em 1839, essa nova instituição religiosa já estava materialmente bem dotada**, quando a Ordem Rosminiana recebeu, finalmente, em 20 de setembro, seu reconhecimento oficial por parte do Papa Gregório XVI.

2. História e papel na subversão da Igreja

2.1. Quem é Rosmini?

A Wikipédia fornece o seguinte resumo autobiográfico breve.

"*Antonio Rosmini, nascido em 25 de março de 1797 em Rovereto e morto em 1º de julho de 1855.*

Antonio Rosmini pertence a uma família da nobreza abastada; ele entra no seminário e, após estudos em Pavia e Pádua, é ordenado padre em 21 de abril de 1821. Em 1828, ele funda uma nova ordem religiosa, o Instituto da Caridade (também chamado de ordem dos Rosminianos). Os membros podem ser padres ou leigos e se dedicam à pregação, ao ensino da juventude e às obras de caridade, quer sejam materiais, morais ou intelectuais. Eles se estabelecem na Itália, na Inglaterra, na Irlanda, na França e na América.

Dois de seus trabalhos, "As Cinco Chagas da Igreja Santa" e "A Constituição da Justiça Social", suscitam oposição na época, notadamente da parte dos Jesuítas; eles são colocados no Índice em 1849. Rosmini faz ato de submissão em Roma e se retira para Stresa, às margens do Lago Maior, onde morre seis anos mais tarde. Antes de sua morte, ele descobre que a censura que pesava sobre seus escritos foi levantada pela Congregação do Índice. Vinte anos mais tarde, a palavra usada pela Congregação para levantar a censura (dimittantur) é objeto de polêmica: alguns afirmam que isso equivale a aprovar a obra, enquanto outros sustentam que a fórmula é puramente negativa e não implica que não haja nenhum erro nos trabalhos de Rosmini. A controvérsia é resolvida em 1887 pelo papa Leão XIII: ele condena quarenta teses rosminianas e proíbe que sejam ensinadas.

A heroicidade de suas virtudes foi reconhecida pela Igreja Católica em 26 de junho de 2006. Após a assinatura de um decreto de beatificação pelo papa Bento XVI em 3 de junho do ano seguinte, ele foi beatificado em 18 de novembro de 2007, em Novara, pelo cardeal Saraiva Martins."

É claro que não é a verdadeira Igreja Católica que beatificou um padre cujos escritos foram condenados pelos Papas Pio IX e Leão XIII.

Autor prolífico, Rosmini produziu 120 obras, das quais apenas alguns títulos estão disponíveis em francês e um pouco mais em inglês.

Obras completas de Rosmini

2.2. Por que foi condenado?

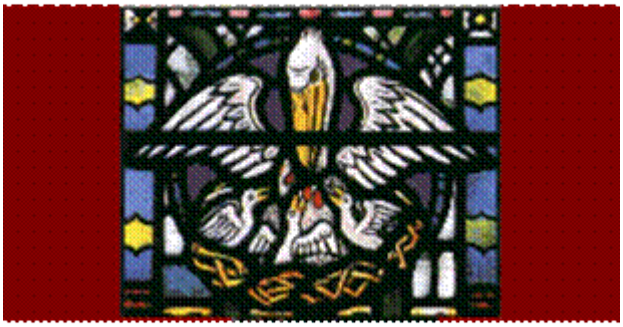
Seus escritos foram objeto de **duas condenações**.

Em primeiro lugar, uma **inclusão de dois de seus trabalhos no Index no dia 30 de maio de 1849 sob Pio IX**:

APPENDICE

Office contre les sociétés secrètes, franc-maçonnerie et autres.
1884. — Rescrit du Saint-Office contre la participation au *duel*.
1885. — *Léon XIII*, encyclique *Immortale Dei* sur la constitution chrétienne des Etats.
1886. — Décrets du Saint-Office contre la crémation (et l'adhésion aux sociétés dont les membres demandent à être incinérés) et le divorce.
1887. — Décrets du Saint-Office condamnant 40 propositions d'Antoine de *Rosmini-Serbati* (ontologisme, erreurs sur la création, l'âme humaine, la Trinité, l'Incarnation, l'Eucharistie, la justification, la vision béatifique...)
1888. — *Léon XIII*, encyclique *Quid* ...

Condenação de Rosmini registrada nos atos do Magistério



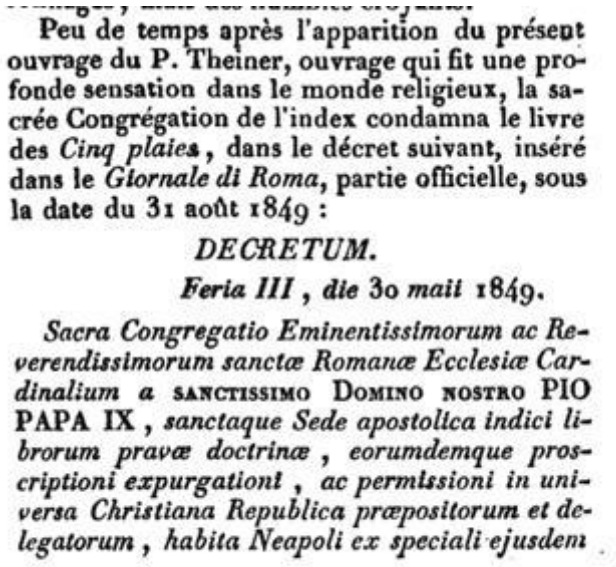
Desde a sua publicação, **a obra de Rosmini ('As cinco chagas da Igreja') foi atacada por um oratoriano, o Padre Theiner, em 19 de março de 1849**. A tradução para o francês de sua obra (*'Cartas histórico-críticas sobre o livro das Cinco Chagas da Igreja do P. Antonio Rosmini-Serbati'*), realizada em 1851 pelo padre P. de Geslin, pode ser baixada [4].

Essa refutação de Rosmini pelo Padre Theiner levou à intervenção da congregação do Index.

O Padre Theiner mostra o desprezo ou a ignorância histórica completa de Rosmini pela história da eleição dos bispos na Igreja:

> *"Quanto às matérias que ele trata em seu livro, elas são expostas e desenvolvidas com mais imaginação do que com verdadeira erudição e ciência".*

> O Padre Theiner não esconde sua consternação: *"Quanto a estrutura e a economia geral de todo o trabalho, acredito que posso chamá-la de infeliz".***[5]**



Peu de temps après l'apparition du présent ouvrage du P. Theiner, ouvrage qui fit une profonde sensation dans le monde religieux, la sacrée Congrégation de l'index condamna le livre des *Cinq plaies*, dans le décret suivant, inséré dans le *Giornale di Roma*, partie officielle, sous la date du 31 août 1849 :

DECRETUM.

Feria III, *die* 30 *mail* 1849.

Sacra Congregatio Eminentissimorum ac Reverendissimorum sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinalium a SANCTISSIMO DOMINO NOSTRO PIO PAPA IX, *sanctaque Sede apostolica indici librorum pravæ doctrinæ, eorumdemque proscriptioni expurgationi, ac permissioni in universa Christiana Republica præpositorum et delegatorum, habita Neapoli ex speciali ejusdem*

SANCTISSIMI DOMINI NOSTRI *jussu damnavit et damnat, proscripsit, proscribitque, vel alias damnata atque proscripta in indicem librorum prohibitorum referri mandavit et mandat opera quæ sequuntur:*

Delle Cinque piaghe della santa Chiesa, trattato dedicato al Clero cattolico, *etiam* con appendice di due Lettere sulla elezione dei Vescovi mediante il Clero ed il Popolo.

La Constituzione secondo la Giustizia sociale, con una appendice sulla unita Italia. *Di Antonio Rosmini Serbati. — Decret.* 30 *maii* 1849. *Auctor laudabiliter sese subjecit.*

Il Gesuita moderno, per Vincenzo Gioberti. *Decret. eod*

Discorso funebre pei morti di Vienna, recitato il giorno 27 novembre 1848, nella insigne chiesa di S. Andrea della Valle dal Rmo P. D. Gioacchino Ventura. *Cum* Introduzione e Protesta dell' autore. *Decret. eod.*

Itaque nemo cujuscunque gradus et conditionis prædicta opera damnata atque proscripta, quocunque loco et quocunque idiomate, aut in posterum edere, aut edita legere, vel retinere audeat, sed locorum ordinariis aut hereticæ pravitatis inquisitoribus ea tradere teneatur sub pœnis in indice librorum vetitorum indictis.

Quibus SANCTISSIMO DOMINO NOSTRO PIO PAPA IX *per me infra scriptum de speciali ejusdem sanctissimi mandato pro-secretario relatis,* SANCTITAS SUA *decretum probavit et promulgari præcepit. In quorum fidem, etc.*

Datum Cajetæ die 6 junii 1849.

J. A. CARD. BRIGNOLE, PRÆFECTUS.

Loco † sigilli. Petrus GIANNELLI, pro-secret.

Decreto de 6 de junho de 1849 de inclusão dos dois trabalhos de Rosmini no Index pelo Papa Pio IX

Aqui está a tradução publicada em 1849 em Paris:

> *"A Sagrada Congregação dos Eminentes e Reverendos Cardeais da Santa Igreja Romana, encarregados do Index dos maus livros por Nossa Santidade o Papa Pio IX e pela Santa Sé Apostólica, e delegados para proibir, corrigir e permitir a leitura em toda a Cristandade, reuniram-se em Nápoles por ordem especial de Sua Santidade, condenaram e condenam, proibiram como proíbem, ou ordenaram e ordenam, quanto aos escritos já condenados e proibidos anteriormente, de incluir no Catálogo dos livros proibidos os seguintes trabalhos:*

> - *Das cinco chagas da Santa Igreja, tratado dedicado ao Clero católico, com um apêndice de duas cartas sobre a eleição dos Bispos pelo Clero e pelo Povo,*
> - *A Constituição segundo a justiça social, com um apêndice sobre a unidade da Itália,*
>
> *por Antônio Rosmini Serbati. — Decreto de **30 de maio de 1849. O autor se submeteu de forma louvável.***
>
> - *O Jesuíta moderno, por Vicente Gioberti. **-** Mesmo decreto.*
> - *Discurso fúnebre para os mortos de Viena, proferido em 27 de novembro de 1848 na igreja insigne de S. André-della-Valle, pelo P. Joachim Ventura. ” Com uma introdução e uma protestação do autor. Mesmo decreto.*
>
> *Consequentemente, não é permitido a ninguém de qualquer cargo ou condição, publicar daqui em diante, em qualquer idioma, os trabalhos condenados e proibidos, lê-los ou guardá-los; mas, ao contrário, é obrigado a entregá-los aos Ordinários ou aos inquisidores da heresia, sob as penas estabelecidas no Index dos livros proibidos.*
>
> *Essas decisões, tendo sido submetidas a Nossa Santidade o Papa Pio IX por sua ordem especial, Sua Santidade as aprovou e as fez publicar. Em fé do que, etc.*
>
> *Dado **em Gaëte, em 6 de junho de 1849.***
>
> *J. A. Gard. Brigisole, ” Prefeito.”**[6]***

Essa **condenação de Rosmini foi aprovada pelo Superior da Ordem** da qual Rosmini era o fundador.

Essa inclusão no Index foi seguida **trinta e oito anos depois por uma condenação de 40 de suas proposições extraídas de suas obras pelo Decreto do Santo Ofício "*Post obitum*" de 14 de dezembro de 1887, sob o reinado do Papa Leão XIII**.

(Nós damos no anexos 1, a lista das quarenta proposições de Rosmini condenadas pelo Santo Ofício. A filosofia desenvolvida por **Rosmini integra elementos do idealismo de Emmanuel Kant**.)

Aqui estão os comentários feitos pelo **Padre Theiner sobre Rosmini em 1849 em seu livro ‘Cartas histórico-críticas …’:**

> “Meu caro amigo,

O recente opúsculo de Rosmini me inspirou a mesma dor que a todos, e eu respondo voluntariamente ao seu convite para que você conheça minha opinião sobre o assunto; e, como você acha que as observações que eu lhe fiz em nossas conversas íntimas podem contribuir para completar e refutar as ideias, equívocas em parte e erradas em parte, que contém em grande número esse livro, eu decidi declarar publicamente o que eu penso sobre ele. Essa tarefa, eu confesso sinceramente, é penosa para mim; você entende, você que conhece a grande estima que eu professo por um autor cujas virtudes, conhecimento vasto e, especialmente, o nobre zelo pela defesa de nossa santa Igreja eu admiro e venero. Você se lembra, sem dúvida, da ardor que eu pus em defendê-lo, em outras ocasiões, contra seus adversários, quando eles me pareciam atacá-lo com demasiada violência. Esse reconhecimento que eu faço aqui, claro e leal, diante de todo o mundo, me dá a esperança de que eu não verei minhas palavras interpretadas de maneira desfavorável, e que não se suspeitará de meus sentimentos, se, agora, com franqueza e lealdade semelhantes, eu assinalar alguns dos defeitos e das partes fracas da última obra de Rosmini, e **se eu manifestar minhas dúvidas sobre algumas das opiniões que ele professa**.

Quanto à estrutura e à economia geral de todo o trabalho, eu acredito que posso chamá-la de infeliz; ela causa, desde o início, uma impressão desagradável ao leitor. O autor tendo se servido, para representar a Igreja, da imagem sublime do corpo de Jesus Cristo, pergunta-se por que, se ele nos expôs em palavras vivas e ardentes essa pintura tão tocante e tão bela, **ele não julgou adequado indicar os motivos que o levaram a distribuir essas cinco chagas da maneira que ele fez**. Parece que essa dissertação poética, que se mostrou até agora sob o manto de uma prosa entusiasta, ainda não pôde se elevar a essas regiões sublimes e profundas onde habita a mística cristã, e onde penetravam esses veneráveis e grandes autores da Idade Média, cujos nomes apenas parecem ter estado presentes em seu espírito.

Agora, quanto às matérias que ele trata em seu livro, elas são expostas e desenvolvidas **com mais imaginação do que com verdadeira erudição e ciência**, e isso é ainda mais lamentável porque elas são de natureza mais grave, e penetraram mais profundamente no espírito da Igreja; **o que lhe falta acima de tudo é a tranquilidade de espírito, a moderação e a penetração**, qualidades tão essenciais para quem quer se dedicar com fruto a semelhantes investigações, e sem as quais elas não podem ter nenhum valor. A ausência dessas qualidades na obra em questão é, para nós, um verdadeiro enigma, e não nos surpreende medianamente da parte de um autor conhecido pelo calmo edificante e salutar que reina em seus outros escritos. É assim que, no entanto, **ele também foi apanhado, recentemente, pela agitação febril de nossos dias**, e, infelizmente, ainda por ela invadido, apanhado, arrastado. Se quisermos definir sua obra em poucas palavras, podemos chamá-

la de uma coroa tecida das mais deslumbrantes teorias, mas cuja execução prática, possível talvez, pelo menos na fantástica imaginação do inventor, deve ser reservada para tempos melhores, e certamente para um futuro distante. Para atender ao seu desejo, meu amigo, eu venho expor **minha opinião sobre a quarta chaga da Igreja, quero dizer, a eleição dos bispos pelo poder secular**, essa chaga **que Rosmini coloca no pé direito, mais tarde, eu examinarei as outras chagas**.

A eleição dos bispos é, sem dúvida, de suma importância para a Igreja, e é realmente lamentável que ela **tenha sido tratada por nosso autor com tanta superficialidade quanto ignorância**. Nós não podemos compreender **como ele pôde se gabar de ter *levantado esse grande véu de ignorância que, há muito tempo, cobre essa matéria das eleições episcopais***. Para ter o direito de ser tão afirmativo, ele deveria nos ter mostrado como o episcopado, instituído por Jesus Cristo, foi, pela Igreja, ou melhor, pela comunidade dos fiéis, desenvolvido ao longo dos séculos; como ele assumiu a forma de instituição metropolitana; quais eram suas relações recíprocas com o sistema metropolitano; qual foi, finalmente, sua dupla influência sobre a Igreja e sobre o corpo clerical, bem como sobre a massa dos fiéis. Era desejável que ele nos tivesse, com fidelidade histórica, exposto todos os motivos de ordem religiosa e social que fizeram com que os soberanos adquirissem essa influência imensa sobre a eleição dos bispos; influência às vezes necessária, às vezes útil, outras vezes pérfida e prejudicial; e como essa influência se estabeleceu e se manifestou ao longo dos séculos até nossos dias. **Todas essas altas e sérias questões, cuja solução poderia, no entanto, conduzir à compreensão dessa matéria, ele as negligenciou quase completamente**, ou, pelo menos, ele não as esclareceu senão superficialmente, e com uma tal parcialidade que **parece que ele fala apenas para dar um curso livre à sua aversão contra os soberanos e à sua *injusta*** ode, sem ter em conta as diferentes condições sociais dos tempos diversos que produziram essa influência dos príncipes temporais. Para ampliar seu caminho, parece que ele quer, por assim dizer, agarrar todas as oportunidades pelos cabelos, e poderíamos ser tentados a crer que o autor se compadece do destino dos imperadores e dos outros príncipes seculares, que abandonaram o paganismo para abraçar a religião cristã.

Todos, o clero em primeiro lugar, o povo e os príncipes em seguida, todos, na eleição dos bispos, foram culpados. É um dever sagrado para o historiador pesar com justiça a cada um sua parte de culpa na culpa universal; mas, quando **Rosmini acredita e declara puros de todo pecado o clero e o povo, para fazer, com uma fúria selvagem, recair a responsabilidade inteira sobre a cabeça dos reis, é uma injustiça enorme**. Para nós, temos uma ideia muito alta de seu caráter para não admitir que **ele foi induzido ao erro por sua falta de conhecimento da história**, e enganado por seu zelo nobre e

santo, é verdade, mas indiscreto às vezes e pouco esclarecido, que o leva a desejar uma certa independência, ou, **para melhor dizer, uma separação absoluta entre a Igreja e o Estado**.

Nosso autor fala das eleições dos bispos de nossos dias, como se elas ainda se fizessem nas condições deploráveis do nono século até o tempo de Gregório VII. Se fosse assim, nós encontraríamos suas palavras razoáveis e justas, e não apenas dignas de elogio, mas dignas ainda de serem defendidas e admiradas. Graças a Deus! Os tempos mudaram, e o estado da sociedade, como o da Igreja, assumiu outra forma e outros modos. Sem querer levar em conta as prudentes disposições de Inocêncio III e de seus sucessores, que devolveram a eleição dos bispos àqueles a quem ela pode pertencer de direito divino, isto é, ao clero e aos capítulos das catedrais, disposições que, em geral, salvo as modificações necessárias pela exigência dos tempos, e concedidas mais tarde pelos soberanos Pontífices, ainda estão hoje, em grande número de Igrejas particulares, em uso e em plena vigor, e **não foram abolidas, nem mesmo pelo santo Concílio de Trento**. Ele, o autor, nos quer lançar novamente nas tumultuosas e bastardas eleições de bispos dos primeiros séculos da Igreja, e restituí-las ao clero e ao povo: é para atingir esse objetivo que ele desdobra toda a força de sua eloquência, e uma erudição deslumbrante e enganosa; e é da realização desse desejo que ele espera, para a Igreja, todos os bens imagináveis, e sua própria ressurreição.

Se Rosmini não se engana, é preciso dizer que se enganaram e erraram todos os Papas que se sucederam desde Inocêncio III até nossos dias; pois cada um sabe que foi Inocêncio III quem, ao retirar ao povo a eleição dos bispos e transferi-la aos capítulos catedrais, reconheceu ao mesmo tempo aos soberanos temporais uma certa influência, a qual, sempre restrita dentro dos limites da justiça e do dever, foi algumas vezes ampliada por seus sucessores, em circunstâncias imperativas. **Da mesma maneira se teriam enganado e errado os Padres do Concílio ecumênico de Trento**, se cheios de santidade e luzes, e entre os quais deviam se encontrar, eu penso, alguns bispos, prelados e sacerdotes não menos eruditos e zelosos pelo bem da Igreja que Rosmini ele mesmo, e que, no entanto, **não julgaram oportuno mudar e subverter a prática introduzida por Inocêncio III na Igreja, para a eleição dos bispos** .

Se Rosmini tivesse consultado a história; se ele tivesse bebido nas fontes originais dos tempos; **se ele tivesse tido um conhecimento perfeito do direito canônico positivo, ele nunca teria professado a doutrina de que a eleição dos bispos deve ser feita pelo clero e pelo povo, doutrina que, se fosse posta em prática em nossos dias, não tardaria a abalar e a derrubar em seus fundamentos mais íntimos todo o edifício social e hierárquico da Igreja**, e a fazer à mesma Igreja a mais profunda e incurável ferida. Se Rosmini tivesse lançado um único olhar rápido sobre a história de

> algumas das eleições dos Papas, dos primeiros tempos da era cristã até os de Alexandre II e Gregório VII (eleições às quais, **por causa da influência terrível e ímpia que o povo exercia sobre elas**, não podemos pensar sem indignação e sem horror), ele teria podido compreender quão errônea e perniciosa é sua proposição. A quais perigos esse uso não expôs a Igreja universal? **Se então não tivéssemos visto frequentemente os soberanos cristãos, e em particular os imperadores da Alemanha, interpor sua mediação; se eles não tivessem atacado e destruído, com suas armas poderosas, as facções ímpias, e dispersado os indignos aspirantes à tiara, candidatos favoritos do povo**, a Igreja teria sido, certamente, dilacerada pelos mais hediondos cismas. Em nossas reflexões, passaremos em silêncio essas cenas de escândalo, ou as tocamos, brevemente, para não reabrir velhas feridas, e falar apenas da eleição dos bispos; e, ainda assim, nos esforçaremos por ser breves, limitando-nos a relatar apenas alguns raros exemplos da influência funesta que o povo exerceu sobre ela.
>
> Para dar a nossas observações sobre a forma de eleição dos bispos mais clareza e precisão, as dividiremos em três épocas diferentes: a primeira, desde a fundação da Igreja até Carlos Magno; a segunda, de Carlos Magno a Inocêncio III, e, finalmente, a terceira, desde Inocêncio III até o Concílio de Trento. Trataremos muito brevemente dessa terceira época, contentando-nos em mostrar **como as eleições dos bispos caíram nas mãos dos príncipes, e como elas foram, em seguida, reivindicadas para a Igreja por esse santo Concílio ecumênico**". Padre Theiner, 19 de março de 1849, Roma

---

[4] Cf. www.philosophiedudroit.org, link para o Centro francês de estudos rosminianos.

[5] Edições Bière, BP 27, 33023 Bordeaux cedex. Tel/fax: 05.56.72.91.88. M.-C. Bergey, *A Robe Púrpura, Vida de Antonio Rosmini*, Ed. Bière, coleção Biblio. Phil. Comp., Clássicos – 2, 2000.

[6] A. Rosmini, *Introdução à filosofia*, Ed. Bière, coleção Biblio. Phil. Comp., Clássicos – 1, 1992.

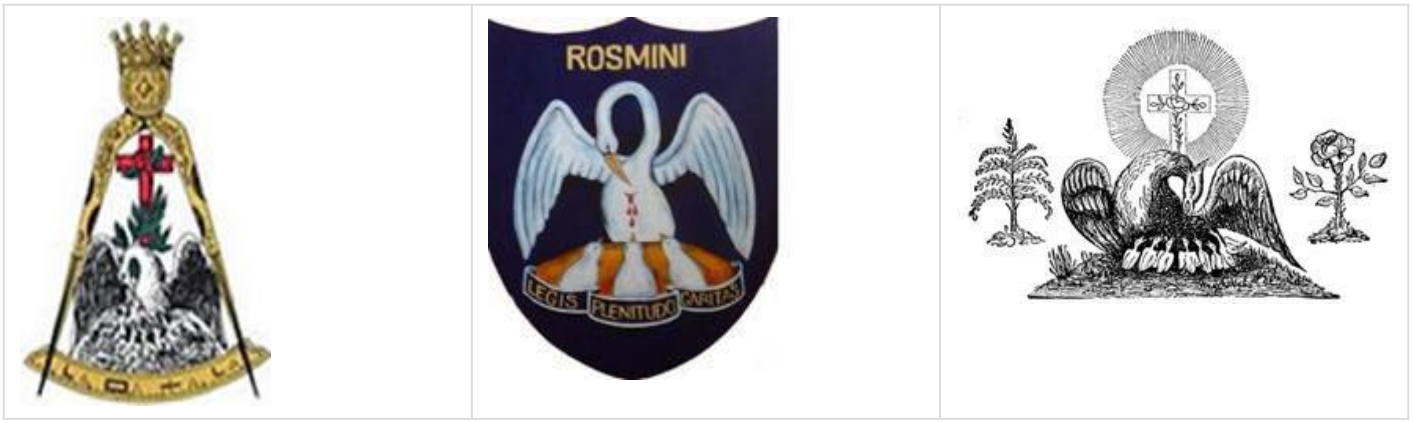
Annales de Philosophie chrétienne, Volume XX, 1849 - páginas 280-281, Paris.

2.3. A simbologia do brasão de Rosmini é semelhante à simbologia Rosacruz

O brasão de Rosmini apresenta uma simbologia perturbadora para um sacerdote católico, tamanha é a semelhança com a simbologia das lojas iluministas Rosacruz.

Ele se baseia na representação de um pássaro que se dilacera as entranhas para alimentar seus filhotes (evocando o hino católico do “**piedoso pelicano**”).

Os iluministas rosacruzes utilizam uma simbologia idêntica que representa o mesmo pelicano.



Símbolo Rosacruz[7] – Brasão de Rosmini – Símbolo Rosacruz

Esse emblema do pelicano se encontra nos adornos que estão **associados ao 18° grau de iniciação maçônica do “rito escocês antigo e aceito”, o de Cavaleiro da Rosacruz:**

Jóia do 18° grau de Cavaleiro da Rosacruz[8]

---

[7] http://altreligion.about.com/od/symbolsandimages/ig/Rosicrucian-Images/

http://altreligion.about.com/od/symbolsandimages/ig/Rosicrucian-Images/index.01.htm

[8] http://en.wikipedia.org/wiki/Rosicrucian

2.4. As “Cinco chagas da Igreja”: o livro-programa da crucificação da Igreja pelo Vaticano II: um livro codificado para iniciados

O livro ‘*Das cinco chagas da Igreja*’ é sem dúvida a obra mais conhecida de Rosmini. Foi **qualificado de ‘profético’ por Montini-Paulo VI** e todos os seus capítulos encontraram uma realização no Vaticano II e nas reformas que se seguiram.

Essa correspondência exata e precisa entre os capítulos do livro de Rosmini de 1848 e os documentos promulgados por ocasião do Vaticano II **foi estabelecida de forma precisa e muito detalhada pelos rosminianos do Rosmini Center localizado na Grã-Bretanha**.

Nós damos um link[9] para esse documento capital que mereceria uma tradução em português.

1ª chaga	Ver a ***Constituição sobre a liturgia*** *(SL)*
2ª chaga	Ver o *Decreto sobre a formação dos sacerdotes (FP)*; ver também o *Decreto sobre o ministério e a vida dos sacerdotes (MVP)*
3ª chaga	Ver o *Decreto sobre a missão pastoral dos bispos na Igreja (CPE)*. Ver também *Lumen Gentium (LG)*.
4ª chaga	Ver o *Decreto sobre a missão pastoral dos bispos na Igreja (CPE)*. Ver também a *Declaração sobre a liberdade religiosa (LR)*
5ª chaga	Ver a *Declaração sobre a liberdade religiosa (LR)*. Ver também diversas Encíclicas Papais sobre questões sociais.

Tabela de correspondências estabelecida pelos rosminianos ingleses[10]

Com a distância de 160 anos, e a destruição da Igreja provocada pelo Vaticano II, **agora entendemos que este livro de Rosmini deve ser lido como um livro-programa, um livro-código para iniciados, que as gerações de Rosacruz que trabalhavam na destruição da Igreja sabiam traduzir** em sua simbologia e que pretendiam, em um sentido diferente do sentido literal, cada ponto de destruição da Igreja.

Este livro-programa é o livro da crucificação da Igreja, crucificando novamente Cristo.

Cada 'chaga' representa um ângulo de ataque contra o Corpo místico de Nosso Senhor Jesus Cristo **para que seja tornada vã Sua Encarnação.**

Para entender bem o que representa esse ódio de Nosso Senhor Jesus Cristo pelos Rosacruz, é necessário reler este trecho de Jules Doisnel:

> *"**I** (esus) **N** (azarenus) **R** (esurrexit) **I** (ncassum).*
>
> *É em vão que Jesus, o Nazareno, ressuscitou. A fé na Igreja, em seu poder, em sua missão, repousa inteiramente sobre este fato: a ressurreição do Senhor. Lúcifer não nega e não pode negar essa gloriosa manifestação da divindade de Jesus Cristo. Ele sabe, e não pode não saber que todo o cristianismo se baseia nesse milagre da onipotência de Deus. Se ele se depara com maçons ignorantes, nega e ri, com Renan ou Voltaire, que ele inspirou. Se ele se depara com luciferistas instruídos na doutrina católica - e foi o caso - ele se abstém de negar ainda. Ao contrário, afirma. Ele diz: Sim, o Nazareno realmente ressuscitou. Mas acrescenta: e é em vão que ele ressuscitou! O que significa, pois nada é mais claro: eu, Satanás, destruirei o benefício dessa ressurreição. Eu a tornarei inútil, perdendo as almas cristãs. E sua ressurreição será vã, porque essa ressurreição não salvará aqueles que estão destinados ao meu império; digamos a palavra: **OS CONDENADOS**. E a palavra sagrada que ele dá aos Rosacruz que têm a infelicidade de participar de sua obra maldita é precisamente **o INRI infernal**, pelo qual ele afirma que Jesus ressuscitou, mas que ele, Satanás, tornará nula a ressurreição. Eis uma profundidade de malícia e um profundo ódio que imprimem à interpretação que acabei de dar um selo terrível, o selo luciferiano.*
>
> *Nem Ragon, nem Pike, nem ninguém, conseguiria encontrar por conta própria essa tradução horrenda da palavra profanada. E quando, de fato, Satanás usa a inscrição da Cruz que resgata e salva, para negar tão audaciosamente o efeito salvador da cruz, ele dá a medida de sua hostilidade formidável contra o Senhor. **O grau de Rosacruz contém, portanto, o satanismo em alta dose** . Ele é o germe dos altos graus, assim como o grau de aprendiz era o germe do grau de Mestre: com essa diferença, porém, que o grau de Rosacruz constitui o maçom perfeito, o maçom que contraiu, se for inteligente, se tiver senso religioso, um **pacto formal com o inimigo de Jesus Cristo**.*

> *Não contente em ter assim dado um sentido doutrinário a essa palavra sagrada, Lúcifer a utiliza como uma **invocação** diretamente dirigida à sua divindade e a opõe à fórmula pela qual se reconhece como cristão. O cristão, de fato, se assina dizendo: Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo; e por essas palavras, ele confessa sua fé e se proclama cristão. O Rosacruz, por sua vez, faz o sinal do Bom Pastor, ou o sinal do esquadro, dizendo: **I\N\R\I** E ao dizer INRI, o Rosecruz diz: I(n) N(omine) R(egis) I(nferni) **Em nome do Rei do Inferno**! Ele pronuncia, como o cristão, sua profissão de fé, mas a pronuncia em um sentido absolutamente contrário. Ele se proclama luciferiano. Ele se proclama fiel do Inferno. Ele se proclama reprovado. Que o mistério inominável que eu revelo ilumine os confessores e faça estremecer os infelizes que receberam **o estigma da besta: o Esquadro.**" **Lúcifer desmascarado - Jean Kostka - capítulo XXI - cavaleiro rosa-cruz[11]***

Os Rosacruz querem, portanto, tornar vã a Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, crucificando Sua Igreja e **destruindo o Sagrado Sacerdócio sacramentalmente válido** do qual ela é depositária por meio da Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo e pela instituição do Sacramento da Ordem que Ele realizou entre seus apóstolos, **DE FORMA A SECAR OS CANAIS ORDINÁRIOS DA GRAÇA**.

Assim como o '**deus mortal**', o livro-código do padre Celier é **um guia iniciático da apostasia para iniciados**, o livro de Rosmini é um livro-programa onde já estão traçadas as reformas-chave que virão em ocasião do Vaticano II para destruir a Igreja.

É por isso que **o Rosacruz Roncalli-João XXIII** declarava tanto amar a leitura das obras de Rosmini, especificando muitas vezes que o livro deste último '*Das cinco chagas da Igreja*' havia se tornado "**seu livro de cabeceira**".

A tese da eleição dos bispos pelo povo e a santidade do povo que faria o bom clero é absurda. Nos anos 1820, Blanc de Saint-Bonnet resumiu a doutrina da Tradição católica sobre a origem da santidade no povo pela fórmula que se tornou muito célebre:

> "*O clero santo faz o povo piedoso, o clero piedoso faz o povo honesto, o clero honesto faz o povo ímpio....*"

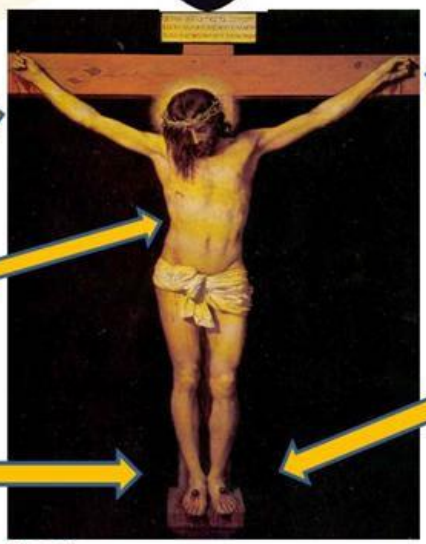
Ele não especificou o que fazia o clero ímpio... como hoje!

São os verdadeiros bispos católicos que vivem a plenitude de seu Sacerdócio que fizeram os povos cristãos, e não o contrário.

‘*Les 5 plaies de l’Eglise*’ (Rosmini) : le livre-programme de la crucifixion de l’Eglise par Vatican II

1848

Rosmini



2° plaie de la main droite de l’Eglise : la formation insuffisante des clercs

Le recyclage moderniste du clergé
L’idéalisme comme base de la formation du nouveau clergé
(‘Comprehensiveness’ Anglican)

3° plaie du côté de l’Eglise : la désunion entre les évêques

La collégialité épiscopale
L’œcuménisme et la mutation vers une structure fédérative de patriarcats sur le type de la ‘Communion’ Anglicane

4° plaie du pied droit de l’Eglise : la nomination des évêques laissée entre les mains du pouvoir civil

Le nouveau rite de consécration épiscopale (1968)
Evolution vers un épiscopat non-sacrificiel et purement juridictionnel, vers un ‘ministère de la parole’ (de type Anglican)

1ère plaie de la main gauche de l’Eglise : la division entre le peuple et le clergé pendant le culte public

Novus Ordo Missae (1969)
Le Sacerdoce des fidèles
Le ‘Peuple de Dieu’
(liturgie de type Anglicane)

5° plaie du pied gauche de l’Eglise : la restriction dans l’usage libre par l’Eglise de ses propres biens temporels

L’appauvrissement de l’Eglise et la dissipation de ses biens
L’abandon progressif des églises, leur ruine puis leur démolition

Benoît XVI
Ratzinger

1ère plaie	Voir la *Constitution sur la liturgie (SL)*
2ème plaie	Voir le *Décret sur la formation des prêtres (FP)* ; voir aussi le *Décret sur le ministère et la vie des prêtres (MVP)*
3ème plaie	Voir le *Décret sur la charge pastorale des évêques dans l’Eglise (CPE)*. Voir aussi *Lumen Gentium (LG)*.
4ème plaie	Voir le *Décret sur la charge pastorale des évêques dans l’Eglise (CPE)*.. Voir aussi la *Déclaration sur la liberté religieuse (LR)*
5ème plaie	Voir la *Déclaration sur la liberté religieuse (LR)*. Voir aussi diverses Encycliques Papales sur les questions sociales.

(source du tableau : Rosmini Center (GB)

1965

[9] http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Rosmini_Center-5_Wounds_and_Vatican_II.pdf

[10] http://www.rosminicentre.co.uk/studyfivewounds1.html

[11] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-A-00-Bon_Pasteur_Symbolique_Rose_Croix_1.pdf

2.5. Antonio Rosmini-Serbati: um jovem ambicioso escolhido por inimigos da Igreja

Rosmini aparece em cena por volta de 1821.

As cartas da Alta-Venda (publicadas pela primeira vez em 1859, enquanto as primeiras destas cartas da Alta-Vendita dos carbonários italianos são datadas da primeira metade da década de 1820), que Monseigneur Lefebvre fez republicar em 1976, **cobrem o período de 1820 a 1846** ('A Igreja romana diante da Revolução', de Crétineau-Joly).

Essas cartas já mostram a seita dos infiltrados maçônicos em ação dentro da Igreja[12], ocupando-se em escalar, com uma astúcia consumada, os degraus da hierarquia.

O '***manipulador das cordas***' dessa infiltração dos iluminados carbonários assina suas cartas com o nome de código ***Piccolo Tigre***.

Rosmini aparece então como **um jovem prelado intelectual, mas ambicioso, que se deixou aliciar e, em seguida, arrastar, segundo os métodos comprovados e sutis preconizados nessas cartas**.

Quais foram, portanto, as influências que levaram Rosmini a escrever este livro-programa?

É no final do reinado de Leão XII que o jovem sacerdote de origem veneziana Antonio Rosmini-Serbati, nascido em 25 de março de 1797 em Rovereto, ordenado sacerdote católico aos 24 anos em 21 de abril de 1821 em Chioggia, após ter concluído seus estudos em Pavia e Pádua, **vai a Milão para um encontro decisivo. Com 30 anos, ele conhece em junho de 1827, um jovem sacerdote da mesma idade, Giovanni Lowenbruck, vindo da Lorena.**

Esse encontro ocorre na casa de **seu grande amigo, o rico e influente Conde Giacomo Mellerio[13]** (da famosa família de ourives-bijutistas Mellerio (ou Meller), protegida de Maria de Médici – cuja casa foi fundada mais tarde em Paris em 1613 – originária de Craveggia no Vale Vigezzo, próximo a Domodossola) **que ele conhecia desde sua chegada em fevereiro de**

1826 a Milão, ou seja, 14 meses antes. É o Conde Mellerio quem o apresenta a este jovem padre Lowenbruck da mesma idade que ele.

O padre Lowenbruck, que não o conhece, pede, entretanto, e com insistência, que ele o ajude a fundar uma sociedade religiosa. Que pedido curioso para um primeiro contato!

O assunto não demora, pois eles o realizam na Quaresma seguinte, em fevereiro de 1828, no Sacro Monte Calvário, próximo a Domodossola (região de origem da família do Conde), Rosmini redigindo as constituições de sua nova sociedade religiosa: o *Instituto de Caridade*, inicialmente aberto a clérigos e leigos.

Quando encontra o padre Lowenbruck em junho de 1827, Rosmini aparece como um jovem padre intelectual e ambicioso. E em menos de oito meses, ele vai realizar um projeto de fundação de um Instituto. Apenas oito meses. Isso parece bastante estranho. Quem inspirou e insuflou em Rosmini uma ambição tão grande?

Os fundadores desse instituto (Lowenbruck, Rosmini, Gentili, Molinari) lhe atribuem como emblema um pelicano que se dilacera as entranhas para alimentar seus filhotes (em referência ao hino católico do Piedoso Pelicano), mas emblema que se revela também precisamente aquele da iniciação do 18º grau maçônico do Rito Escocês Antigo e Aceito, grau do Cavaleiro Iluminado da Rosacruz.

Foi apenas quatro anos após a fundação deste Instituto, **em 1832**, que Rosmini escreverá seu livro-programa (‘*As cinco chagas da Igreja*’) do qual fará circular o manuscrito em uma difusão restrita em seu círculo próximo.

Ele não publicará este manuscrito em tiragem limitada senão dezesseis anos depois, em 1848, quando, apoiado pelo chefe da Casa de Savoia, o Rei da Sardenha-Piemonte Carlo Alberto, seu outro protetor, aspirará a ocupar responsabilidades importantes junto ao novo Papa Pio IX sobre a “*abertura de espírito*” da qual ele e seus amigos e protetores “*liberais*” contavam.

Mas sua hora de trevas ainda não havia chegado, e a Providência fez fracassar cruelmente seu projeto, como lembra a breve cronologia de 33 anos colocada na introdução.

Pouco tempo após a fundação do Instituto de Caridade, **em 16 de junho de 1835, começará a missão na Inglaterra dos membros do Instituto (Gentili) e esses sacerdotes estarão em contato com os meios anglicanos e o *movimento de Oxford* e os tractaristas do Pastor Pusey.**

Um jovem convertido do anglicanismo, o aristocrata inglês William Lockhart, amigo do futuro Cardeal Manning (futuro membro da *Round Table*) e do futuro Cardeal Newman (ambos ainda anglicanos nessa época), ingressa no *Instituto de Caridade*[14].

Lucienne Portier (professora emérita na Sorbonne) **detalha o grande interesse de Rosmini pelos ritos orientais, estimulado nisso pelo padre Pagani, superior da missão inglesa do**

***Instituto de Caridade*.**

> *"Reflexões sobre as missões continuarão por muito tempo. Ao Monsenhor Luquet, bispo de Hesebon, trata-se dos ritos orientais dos quais Rosmini afirma: « o apego dos povos ao seu rito é tão grande, eu ousaria dizer tão cego que acredito ser impossível fazer entrar na Igreja as nações cismáticas e heréticas do Oriente se se pretender ao mesmo tempo fazê-las mudar de ritos, conduzindo-as ao rito latino ou outro. » Assim, a sabedoria da Igreja recomendou aos missionários, particularmente pelos decretos de Bento XIV, respeitar as « liturgias antigas e veneráveis dos povos orientais, mantendo ou restituindo a seus ritos toda a dignidade que eles possam ter perdido aos olhos do Ocidente. » Uma ideia muito feliz é, de fato, « introduzir os diversos ritos junto aos membros das Congregações Católicas destinadas a se tornarem Missionários para o Pastor dessas ovelhas afastadas do rebanho. » O Instituto de Caridade, cuja divisa era Omnibus omnia, estaria pronto* ***para instituir vários colégios, cada um destinado aos povos que professam tal rito.*** *Seria totalmente conforme à sua instituição e ao seu espírito* ***que houvesse, « digamos, um colégio de Missionários para os russos, um para os gregos, um para os armênios e assim por diante. »*** *Giovanni Battista Pagani, que é superior da missão inglesa há já dez anos, sugeriu o projeto de missões em países distantes. Enquanto pede a ele para desenvolver amplamente seu pensamento, Rosmini expõe o que lhe parece bom em uma longa carta.* ***Ele volta à necessidade de um colégio especial para cada país em vista****, pois é necessário se limitar e não se dispersar." [15]*

Estamos nos anos de 1835-1850, e já aparece nesse ambiente inglês que influencia Rosmini, um interesse muito estranho pelos ritos orientais.

É precisamente nesse campo dos ritos orientais que floresceram as tentativas anglicanas para o reconhecimento da suposta validade de suas ordenações (1875 com o Cardeal Manning da Round Table e 1895 por Lord Halifax e o padre Portal), **até que o Papa Leão XIII, após uma luta acirrada de várias décadas, declarou infalivelmente « *absolutamente nulas e totalmente vãs* » por sua magnífica bula *Apostolicae Curae* de 1896, verdadeira vitória de Lepanto do Sacerdócio Sacrificial Católico.**

É ainda esse mesmo terreno dos ritos orientais que servirá ao trio infernal Lécuyer-DomBotte-Bugnini para forjar sua contrafação de forma sacramental essencial de consagração episcopal que precisamente pretendem falaciosamente e com astúcias ser « *equivalentes* » às formas sacramentais episcopais orientais (cf. www.rore-sanctifica.org), nova forma sacramental essencial episcopal **que na realidade se revela « *absolutamente nula e totalmente vã* »** que será imposta à santa Igreja Romana para a consagração dos bispos de rito latino **em 18 de junho de 1968 pela « *Constituição Apostólica* » factualmente duplamente enganosa de Montini-Paulo VI *Pontificalis Romani* (cf. www.rore-sanctifica.org),**

destruindo assim, desde então, o Sacerdócio Sacrificial Católico na Igreja de rito latino.

Ao ler estes comentários de Rosmini sobre seus projetos de missões especializadas e multi-rituais em direção aos múltiplos ritos orientais, **acredito ouvir Dom Beauduin, ou mais perto de nós, o Padre Michaël Sim e sua fundação muito suspeita dos Redentoristas Transalpinos.**

Rosmini pode, sem dúvida, ser considerado um manipulado nos primeiros anos, e **sua sede de ambição permitiu que inimigos poderosos, pacientes e astutos da Igreja se servissem dele para criar uma estrutura flexível, um *Instituto Religioso* que permitiria posteriormente a redes, em conexão com os anglicanos, se estabelecerem, se desenvolverem e funcionarem.**

É muito possível que o muito liberal padre Antonio Rosmini não tenha sido iniciado nas últimas finalidades dos poderosos personagens que asseguraram sua carreira. Mas sua inteligência não poderia deixar de fazer com que ele pressentisse isso rapidamente.

Sua morte por envenenamento tende a indicar isso.

E vemos que **mal criado, o *Instituto de Caridade* se torna o canal de temáticas de origem anglicana que moldarão nas décadas seguintes a história secreta da alta subversão na Igreja.**

---

[12] http://www.dici.org/thomatique_read.php?id=000140

[13] http://fr.wikipedia.org/wiki/Mellerio

[14] '*Antonio Rosmini (1797-1855) – Um grande espiritual à luz de sua correspondência*' – Lucienne Portier, Edições du Cerf, 1991 – página 140

[15] '*Antonio Rosmini (1797-1855) – Um grande espiritual à luz de sua correspondência*' – Lucienne Portier, Edições du Cerf, 1991 – páginas 141-142

2.6. A morte de Rosmini convencido de ter sido envenenado

Lucienne Portier relata a convicção de Rosmini de ter sido envenenado:

> *"Após uma estada em Rovereto, ele voltou doente,* ***convencido de que havia sido envenenado durante uma refeição de despedida, após uma primeira tentativa três meses antes****."* [16]

> *"Em seu diário,* ***Rosmini registrou um episódio incomum:***
>
> *"****1852, 25 de fevereiro, dia da Cinzas****. No jardim de Stresa, entrou uma pessoa bem vestida com um traje preto e um manto azul. A Antonio Carli, que estava lá, ele perguntou se ele era o criado do padre Rosmini. Após uma resposta afirmativa, ele disse que tinha um favor a lhe pedir, uma coisa sem importância, mas* ***que se ele o fizesse, lhe dariam uma quantia considerável de dinheiro.*** *Tirando de seu bolso um pequeno frasco,* ***ele pediu a Carli que despejasse o líquido contido no café ou no chocolate que o padre Rosmini tomava pela manhã****. Carli, atordoado com essa proposta, recusou, e o estranho imediatamente acrescentou que ele não deveria se preocupar e, saindo tranquilamente do jardim, caminhou diretamente para a margem do lago, onde uma barca com três ou quatro barqueiros o aguardava, e ele embarcou e desapareceu."* [17]

---

[16] '*Antonio Rosmini (1797-1855) – Um grande espiritual à luz de sua correspondência*' – Lucienne Portier, Edições du Cerf, 1991 – página 287

[17] ‘*Antonio Rosmini (1797-1855) – Um grande espiritual à luz de sua correspondência*’ – Lucienne Portier, Edições du Cerf, 1991 – página 257

2.7. As conexões de Rosmini e dos Rosminianos com a Inglaterra

Não aprofundaremos este assunto aqui, mas apenas mencionaremos alguns fatos.

Um anexo do documento do Rosmini Center britânico, redigido em inglês, oferece uma visão geral sobre as **conexões entre Rosmini e o Instituto que ele fundou, e os meios católicos ingleses, dos quais alguns elementos eram provenientes do anglicanismo.**

É evidente que a área de influência atual dos Rosminianos **se identifica essencialmente com o mundo anglo-saxão, com exceção da Itália e de dois locais de instalação na América do Sul.**

A presença dos Rosminianos no mundo

3. A reabilitação e a 'beatificação' de Rosmini após o Vaticano II sob a liderança de Ratzinger

3.1. Como e quando os modernistas conciliares o reabilitaram e "beatificaram"?

A beatificação de Rosmini ocorreu **em 18 de novembro de 2007**, **e foi precedida de uma reabilitação por Ratzinger durante o governo de Wojtyla-João Paulo II em 30 de junho de 2001**.

A proposição nº 34, extraída das obras de Rosmini e condenada em 14 de dezembro de 1887 pelo Santo Ofício, é enunciada assim:

> *« 34 - Para preservar a bem-aventurada Virgem Maria do pecado original,* ***bastava que permanecesse não corrompida uma minúscula semente de homem, talvez negligenciada pelo demônio****, e que dessa semente não corrompida, transmitida de geração em geração, surgisse em seu tempo a Virgem Maria.»*

Rosmini imagina, então, que a Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria proviria de sua ascendência carnal que teria transmitido, **uma *'semente de homem não corrompida'* - isto é, na visão de Rosmini, totalmente isenta de todo pecado original - mas inoperante na cadeia de seus pais que a transmitiam de gerações em gerações**, e que seria apenas no momento da geração carnal da Santíssima Virgem Maria por esses pais que essa *'semente de homem não corrompida'* subitamente se tornaria plenamente operante e assim poderia totalmente proteger a SVM de todo pecado original, dando origem à sua Imaculada Conceição.

Uma tal concepção é puramente grotesca.

Além disso, é **absolutamente oposta à Revelação e à Tradição católicas** que ensinam, em particular, que **a geração carnal da humanidade por Adão e Eva**, pela qual o pecado original é propagado à Humanidade de gerações em gerações, **começou após a maldição divina e a sua expulsão do Paraíso** terrestre. Ensina-se também que **o privilégio de sua Imaculada**

Conceição foi concedido à Santíssima Virgem Maria por meio de **sua "*participação*" atemporal na Encarnação do Verbo Eterno**.

E o que nos diz Ratzinger em 2002?

> *« Atualmente se pode **considerar como ultrapassados os motivos de preocupações e de dificuldades doutrinais e prudenciais que determinaram a promulgação do Decreto Post Obitum que condenava as "Quarenta Proposições"** extraídas das obras de Antônio Rosmini. E isso porque **o sentido das proposições**, assim compreendidas e condenadas pelo mesmo Decreto, **não pertence na realidade à autêntica posição de Rosmini**, mas a possíveis conclusões da leitura de suas obras. Contudo, permanece a questão da plausibilidade do sistema rosminiano em si, de sua consistência especulativa e das teorias ou hipóteses filosóficas e teológicas expressas por ele, remetendo ao debate teórico.*
>
> *Nesse mesmo tempo, **a validade objetiva do Decreto Post Obitum permanece**, no que diz respeito à prescrição das proposições condenadas, **para quem as lê fora do contexto do pensamento rosminiano**, numa ótica idealista, ontológica, e num sentido contrário à fé e à doutrina católica. »*

Para citar Dom Fellay em 2005:

> *«Nos dizem que a condenação de Rosmini, **se for considerada com os olhos do tomismo vigente no momento em que ele foi condenado pela Igreja, então essa condenação é totalmente válida. Mas hoje é diferente, se analisarmos as teses de Rosmini com os olhos de Rosmini, sua doutrina é admissível. É uma abordagem da verdade totalmente subjetiva!** (…) É o fim da verdade. Notem bem, é o fim da verdade objetiva; e isso é muito, muito grave. **Isso mostra quem é o Cardeal Ratzinger, pelo menos no nível de sua formação teológica.*** » (ver abaixo).

Essa declaração do apóstata Ratzinger é tão grotesca que gostaríamos de saber, por qual raciocínio absurdo, essa geração sucessiva do tipo *«semente de homem não corrompida»* seria concebível e nos permitiria "*considerar como ultrapassados os motivos de preocupações e de dificuldades doutrinais e prudenciais que determinaram a promulgação do Decreto Post Obitum*"?

O padre Ratzinger gostaria de nos fazer crer na possibilidade de **um contexto para a proposição nº 34 que tornaria possível essa transmissão quase mágica de uma espécie de *"antivírus anti-pérego original"*** totalmente inativo para quem a transmite, mas radical e totalmente eficaz no caso da geração da SVMM?

De onde vêm essas ideias tão absurdas quanto estranhas a toda a teologia católica?

Na verdade, essa ideia de uma transmissão misteriosa de uma ainda mais misteriosa *"semente de homem não corrompida"* assemelha-se mais às crenças gnósticas.

Dada a simbologia Rosacruzes do pelicano que adorna o brasão de Rosmini, **as pesquisas deveriam se orientar mais para o exame dos vínculos entre os meios gnósticos-rosacruzes e o padre Rosmini**.

Poderíamos também comentar a proposição nº 33:

*« 33 - Quando os demônios tomaram posse do fruto, **pensaram que entrariam no homem se comessem dele**; a comida sendo transformada em corpo animado do homem, poderiam entrar livremente na animalidade, isto é, na vida subjetiva desse ser, e **por isso dispor como tinham proposto**.»*

Assim, **Rosmini reduz a falta original a uma espécie de possessão diabólica** que se operaria através da matéria, enquanto a doutrina do pecado original explica que esse ato de morder a maçã **é uma desobediência plena e completa a Deus, e que essa desobediência aplicada à árvore do conhecimento do bem e do mal se une ao pecado de Lúcifer que se revolta por orgulho** e se recusa a se submeter.

A serpente tenta Eva assim: ***«vós sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal»***.

Mr. le Docteur d'Allioli comenta assim:

> *« Eva escuta primeiro a voz do sedutor; em seguida, ela se deleita em considerar o objeto que ele lhe apresenta; finalmente, ela o deseja, estende a mão, e sucumbe: tabela fiel do que acontece em toda espécie de tentação: resistam prontamente à voz sedutora da concupiscência; o prazer que você tomaria ao ouvi-la já seria uma falta. O pecado de Adão e Eva foi um fracasso muito grave, não foi apenas uma falta de sensualidade, **de desobediência, um orgulho de revolta** contra aquele de quem recebia tudo: a vida, os bens, a felicidade: eles quiseram sacudir o jugo da dependência do Criador e se tornarem como deuses: **Vocês serão como deuses. O desejo de se tornar semelhante a Deus**, a adoração de si mesmo, que leva a negar a glória do Deus vivo e Senhor das criaturas, **foi também a falta e o princípio da queda de Satanás (Isaías XIV, 14)**; ele quis arrastar o homem para o mesmo abismo. Este é também o caráter de toda revolta contra a fé. Veja II Tessalonicenses II, 4. »**[18]***

---

[18] Bíblia do Dr. d'Allioli, Volume I, página 97, 3ª edição, 1860

3.2. Rosmini é apresentado pelas autoridades e pelos autores conciliares como o precursor do Vaticano II e da liberdade religiosa em particular

O '**cardeal**' José Saraiva Martins, prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, destacou em setembro de 2007, em sua entrevista à '**Trente Jours**', que **Rosmini foi precursor da constituição do Vaticano II sobre a liturgia e do que diz respeito à liberdade religiosa**:

> ***« Outra das feridas assinaladas por Rosmini é aquela que diz respeito à liturgia...***
>
> *SARAIVA MARTINS: Rosmini compreendia o drama de **uma liturgia que não era mais compreendida pelo povo e muitas vezes, pelos próprios celebrantes**. Também aqui, suas intuições anteciparam o movimento de renovação litúrgica e as exigências expressas na constituição Sacrosanctum Concilium do Concílio Vaticano II. »*
>
> **« Quais são os outros aspectos do Vaticano II que Rosmini antecipou?**
>
> *SARAIVA MARTINS: Um dos aspectos precursores do Concílio que Rosmini certamente percebeu foi o da liberdade religiosa. Sobre essa questão, Rosmini foi realmente um antecipador incompreendido. **A declaração Dignitatis humanæ deve muito a ele** »**[19]***

Rosmini aparece, portanto, como **um Pai muito distante, mas também muito certo desta destruição da Igreja que constituiu o Vaticano II.**

E Giuseppe de Rita vai na mesma linha em setembro de 2007:

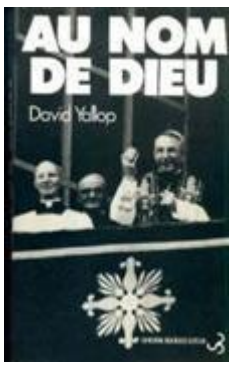
> *« **O primeiro é o da liberdade religiosa**. Após o Concílio Vaticano II, isso parece uma evidência. Mas pensemos na época de Rosmini, quando ainda existiam o Estado Pontifício e o Sumo Pontífice e que ninguém se escandalizava porque estava escrito no Estatuto Albertino que o catolicismo era "religião de Estado". **O único que reagiu duramente foi Rosmini, que escreveu: "A religião católica não precisa de proteções dinásticas, mas de liberdade. Ela precisa que sua liberdade seja protegida, e nada mais".** A Igreja, sendo uma sociedade natural e espontânea, não se condensa no poder, mas filtra e penetra em toda parte como o ar e a água; e ela só precisa de não ser obstaculizada. **A fé entra nos corações sem passar pelos poderes do topo** . Raros são aqueles que, ao longo das décadas marcadas pelo concílio Vaticano I, tiveram a coragem de emitir afirmações desse tipo. »**[20]***

---

[19] Veja a entrevista completa nos anexos deste documento.

[20] http://www.30giorni.it/fr/articolo.asp?id=15818

3.3. Luciani-João Paulo I rejeitou o pensamento de Rosmini, mas "teria finalmente mudado de ideia" (testemunho posterior à morte de João Paulo I que David Yallop escreve que não foi natural)



A revista mensal '*Trente jours*' nos informa sobre a hostilidade de Albino Luciani a Rosmini:

> *« Encontrar-se-á reproduzida nestas páginas a reconstituição, publicada a partir da Positio super virtutibus do padre de Rovereto (vol. I, p. 426-427), do singular relatório entre o próximo bem-aventurado Antônio Rosmini e o servo de Deus Albino Luciani, o papa João Paulo I.*
>
> ***Em 1947**, **Dom Albino Luciani**, então com trinta e cinco anos, obtém seu doutorado na Gregoriana com uma tese intitulada **A origem da alma humana segundo Antônio Rosmini**. Em seu trabalho, **o futuro Sumo Pontífice chega à conclusão** - amplamente compartilhada pelo mundo teológico e eclesiástico da época - de que **a doutrina do padre de Rovereto "não é conforme ao ensino da Igreja". Na mesma tese, Dom Luciani escreve que o decreto Post obitum é "praticamente irreformável".** A tese de Dom Albino é publicada em Belluno em 1950 e em 1958, ano em que Luciani é nomeado bispo de Vittorio Veneto, a Gregoriana Editrice de Pádua imprime uma segunda edição. Enquanto isso, **em 1956, o padre rosminiano Clemente Riva, então com trinta e quatro anos, entra em polêmica com a tese de Luciani em sua obra O problema da origem da alma intelectiva segundo Antônio Rosmini**. Em 1975, Riva é nomeado auxiliar de Roma e, três anos depois, ele se encontra com Luciani, com quem havia debatido cerca de vinte anos antes, como bispo de sua diocese. O encontro entre João Paulo I e o bispo Riva, contado por este último, talvez seja um dos episódios mais curiosos da Positio. » **Gianni Cardinale [21]***

Luciani-João Paulo I morreria subitamente após 33 dias de reinado, na quinta-feira, 28 de setembro de 1978.

E um testemunho vem hoje afirmar que, sobre Rosmini, Luciani "teria mudado de ideia"...

É mais fácil depois da morte do interessado, que já não pode desmentir.

As circunstâncias dessa **morte súbita de Albino Luciani** foram estudadas pelo grande jornalista inglês David Yallop (‘*Em Nome de Deus – Foi assassinado o Papa João Paulo I?*’, Christian Bourgois editor, 1984), **que conclui que não foi natural, mas criminosa.[22]**

---

[21] http://www.30giorni.it/fr/articolo.asp?id=15821

[22] http://www.affaires-criminelles.com/livre_170.php

3.4. A rede maçônica da Cúria que realizou a reabilitação e a "beatificação" de Rosmini

Na revista mensal '*Trente jours*', Claudio Massimiliano Papa, o postulador da causa de beatificação, revela as incessantes e sucessivas tentativas para reabilitar Rosmini (cf. anexo 3 adiante).

Após o decreto *Post Obitum* de 14 de dezembro de 1887 que condenava as 40 proposições de Rosmini, os rosminianos esperaram até 1928 e a ascensão, sob o governo de Pio XI, do Cardeal Gasparri, então Secretário de Estado, ex-"pupilo" do Cardeal Rampolla, alto iniciado RC do OTO (cf. o *dossiê Rampolla* em www.virgo-maria.org), para tentar novamente reanimar a causa... Mas os tempos ainda não estavam maduros.

Foi mais tarde, sob o governo do RC Angelo Roncalli-João XXIII, em 1962, que os contatos em nível mais alto da Cúria foram retomados para relançar a causa...

Foi de fato especialmente a partir dos contatos privilegiados **com membros dos mais influentes das comissões sucessivas criadas por Pio XII, João XXIII e Paulo VI para preparar a "*Reforma*" da Liturgia Latina,** que a questão da reabilitação foi relançada no final dos anos 50. Esses membros privilegiados receberam cada um um exemplar do livro programa de Rosmini, ***Das cinco feridas da Igreja***.

Essas comissões, lembremos, foram as seguintes, constituídas por outros personagens[23]:

- **A *Comissão Piana* (1948-1960)** de **13 membros**, instituída na sexta-feira, 28 de maio de 1948, sob Pio XII, incluindo os Cardeais **Arcadio Larraona, Agostino Bea (B'B'),** o lazarista Annibale Bugnini, e o padre Ferdinando Antonelli O.F.M.**
- **A *Comissão Litúrgica Preparatória* (1960-1962)** de **66 membros e consultores**, incluindo o Cardeal **Arcadio Larraona, o lazarista Annibale Bugnini, o beneditino Dom Botte (Henri), e os Padres Pierre-marie Gy O.P. e Aimé-Georges Martimort.**
- **A *Comissão Conciliare sobre a Liturgia* (1962-1964)** de **52 membros e periti**, incluindo os Cardeais **Arcadio Larraona, Giacomo Lercaro, o padre Ferdinando Antonelli O.F.M., o lazarista Annibale Bugnini, e o Padre Aimé-Georges**

Martimort.

- **O *Consilium Litúrgico encarregado da aplicação da Constituição Sacrosanctum Concilium* (1964-1975) de 294 membros, consultores e conselheiros,** instituído pelo bispo apóstata Montini-Paulo VI na quarta-feira, 26 de fevereiro de 1964 e dissolvido na quinta-feira, 31 de julho de 1975, incluindo os Cardeais **Giacomo Lercaro, Benno Gut, Agostino Bea (B'B'), Ferdinando Antonelli O.F.M., John Patrick Cody, Arcadio Larraona, Michele Pellegrino, Virgilio Noe, o lazarista Annibale Bugnini, o beneditino Dom Botte (Henri), o padre espiritano Joseph Lécuyer, os padres Louis Bouyer, Pierre-marie Gy O.P., Jean Daniélou S.J., Aimé-Georges Martimort, e Karl Rahner, grande amigo de Joseph Ratzinger.**

Dentre essas personalidades religiosas católicas, **que pertenciam e colaboraram com as quatro comissões** sucessivas encarregadas de "refazer" completamente a liturgia católica romana de rito latino, antes, durante e após o "*Concílio*" Vaticano II, **há um número de nomes que pertencem notoriamente à Maçonaria**, em particular aqueles que figuram na lista publicada pelo jornalista Mino Pecorelli na edição de terça-feira, 12 de setembro de 1978, do jornal *Osservatore Politico*, em seu artigo intitulado *a Grande Loja Vaticana*.

25 semanas depois, na terça-feira, 20 de março, Mino Pecorelli foi assassinado em retaliação em seu carro no meio da rua no centro de Roma à luz do dia.

Lembremos que esta lista foi republicada em março de 2001 pelo Dr. Carlo Alberto Agnoli em seu livro ***A Maçonaria na conquista da Igreja***, **publicado por *Le Courrier de Rome* e distribuído pela FSSPX**.

Os nomes são os seguintes:

- **BEA Agostino,** jesuíta, morreu na sexta-feira, 15 de novembro de 1968, conhecido por estar próximo da ordem maçônica dos *B'nai B'rith*, Cardeal, Secretário de Estado sob João XXIII e Paulo VI, muito próximo desses "Papais", ex-confessor de Pio XII.
- **BUGNINI Annibale,** lazarista, nome de código **Matrícula 1365/75 – BUAN, registrado no GO da Itália desde terça-feira, 23 de abril de 1963**, **Arcebispo Pro-Núncio no Irã (exílio), ele foi quem concebeu e redigiu o *Novus Ordo Missae* N.O.M. de 1969.**
- **PELLEGRINO Michele,** carmelita, nome de código **Matrícula 352/36 – PALMI, registrado no GO da Itália desde segunda-feira, 2 de maio de 1960, Cardeal, Arcebispo de Turim, Itália, Conservador Pontifical do Santo Sudário. Ele foi quem concluiu em 1988 que esta peça arqueológica sagrada era uma falsificação, depois das falsas datações anglo-saxonas por carbono 14.**
- **NOÊ Virgilio,** nome de código **Matrícula 43652/21 - VINO, registrado no GO da Itália desde segunda-feira, 3 de abril de 1961, Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação para o Culto Divino. Ele foi quem, com Bugnini, associou cinco pastores protestantes e um rabino judeu para elaborar o *Novus Ordo Missae* N.O.M. de 1969.**

Todas essas pessoas estão sensíveis à causa da "reabilitação" de Rosmini, que se encaixa perfeitamente em seu programa de ação.

Em particular, **o Cardeal Arcadio Larraona**, **que fez parte desde 1948 de todas as quatro Comissões de *reforma* da Liturgia Latina,** que conseguiu, embora permanecendo amigo do padre Ferdinando Antonelli o.f.m., o *alter ego* do lazarista, exilar temporariamente em 1962 o lazarista Annibale Bugnini, apesar do apoio que este último sempre recebeu do Cardeal Giacomo Lercaro, **permanecendo constantemente,** como nos informa ***Trente Jours***, **um fiel apoio da causa de Rosmini** (cf. Anexo 3 abaixo):

« **No tempo de João XXIII, a partir de 1962,** o padre-geral da época, Giovanni Gaddo, começa a coletar uma série de informações para verificar a oportunidade de uma nova tentativa. **Os contatos com o cardeal Larraona, prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, com Dom Antonelli, promotor da Fé,** e com o cardeal Ottaviani, secretário do Santo Ofício, todos têm um desfecho positivo. **O cardeal Larraona,** em cujas mãos a causa é depositada (pois segundo a vontade explícita de seu fundador, o Instituto não tem um cardeal protetor) **se mostra particularmente benevolente.**

O Papa, por sua vez, em sua prudência e solicitude, se interessa pela causa de Rosmini com o objetivo declarado de se ocupar dela assim que o Concílio terminar e deseja que a causa de Rosmini seja uma causa histórica e não doutrinal. O novo clima é encorajador e o pedido de obtenção do *nihil obstat* por parte da Sagrada Congregação dos Ritos parte em 17 de setembro de 1962, mas o surto de esperança de alcançar o objetivo é aniquilado pela morte do papa, em junho de 1963.

Enquanto isso, **os Padres conciliares discutem os problemas relacionados à liturgia, e o procurador geral acha bom enviar em homenagem ao cardeal Larraona o livro *As cinco feridas*, que trata dessas questões.** Ele acompanha seu presente com reflexões sobre as razões históricas e políticas pelas quais este livro havia sido colocado no Index, formulando o desejo de que ***essa proibição possa ser levantada no momento oportuno***.

Em março de 1965, os contatos para abrir a causa de Rosmini foram retomados. Em um encontro com o cardeal Ottaviani, Secretário da Congregação do Santo Ofício, o padre geral ouviu: «Comecemos mesmo agora. Prepare todas as objeções e já acrescente algumas respostas, de modo que quando o processo nos chegar, tudo esteja preparado para uma boa solução. É necessário buscar pessoas muito competentes».

A Suplica foi enviada em meados de dezembro e foi comunicada através de **Monsenhor Angelo Dell'Acqua** para obter o consentimento do Papa para a abertura do processo. Em torno do mês de **novembro de 1966**, o padre Bolla, rosminiano, procurador do Instituto da Caridade, lembrou ao cardeal Larraona que nenhuma resposta ainda havia chegado, enquanto o padre geral, durante um encontro com Monsenhor Dell'Acqua, portador da petição, questionou sobre esse atraso e recebeu como resposta que «são questões que devem ser bem refletidas», com o conselho de solicitar uma audiência ao Santo Padre. Mas algum tempo depois, ele deu a entender que seria melhor desistir. As novas esperanças, alimentadas por essas vozes favoráveis, se dissiparam como as anteriores, e as razões para esse silêncio permanecem vagas.

Existem nos arquivos gerais rosminianos documentos datados dos primeiros meses de 1971 que provam a intenção de reativar a causa de beatificação de Rosmini. **Na data de 19 de maio, encontra-se um Relatório sobre o problema das "quarenta proposições", apresentado a Monsenhor Giuseppe Del Ton com um Promemória anexo e enviado ao cardeal Franjo Seper, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé**, no qual se pede o *Nihil obstat*. Ainda em 20 de maio, existe uma Petição ao papa por parte do padre geral. A resposta do cardeal Seper a Monsenhor Del Ton é datada de 9 de junho, informando-o de que «este Dicastério não concede um *Nihil obstat* desse tipo na fase preventiva; é por isso que esta Sagrada Congregação se reserva o direito de tratar com a maior imparcialidade a questão da eventual beatificação em questão **assim que chegar uma requisição oficial da parte da Congregação para as causas dos santos**».

Os contatos informais para uma nova tentativa foram retomados no final do verão de 1971. Monsenhor Del Ton e o cardeal Nasalli Rocca di Corneliano reafirmam ao padre rosminiano Clemente Riva que os meios do Vaticano, incluindo o Papa, estão favoráveis. Este mesmo padre recebe instruções precisas sobre o procedimento a seguir de parte de **Monsenhor Frutaz, sub-secretário da Congregação para as Causas dos Santos**. É necessário: a Suplica ao Papa por parte do padre geral em nome do Instituto, de amigos e especialistas de Rosmini, que ressaltam a personalidade e a atual utilidade da vida santa e do pensamento rosminiano, o Perfil de sua vida e de suas virtudes, a alusão explícita às "quarenta proposições", o *Nihil obstat* e um Ponent (um cardeal ou o superior geral ele mesmo) que apresenta ao Papa a petição com todo o material.

No dia 24 de maio de 1972, uma Suplica é apresentada ao Santo Padre através de Monsenhor Pasquale Macchi.

Assim, entre os primeiros intervenientes importantes **desde 1972** para tentar pessoalmente e "reabilitar" Rosmini, encontramos **o** «**cardeal**» **Pasquale Macchi, Secretário pessoal de João-Batista Montini-Paulo VI, um notório homossexual, que estava listado na lista Picorelli dos maçons do Vaticano [24].**

Ele usava o nome de código Matrícula 5463/2 – MAPA.

Inscreveu-se na quarta-feira, 23 de abril de 1958, no Grande Oriente da Itália, sob o pontificado do Papa Pio XII.

Essas informações foram fornecidas por Agnoli ('*A maçonaria na conquista da Igreja*' publicada pelo *Courrier de Rome* e distribuída pela FSSPX, a partir da famosa "***lista Pecorelli***" cuja publicação por este último lhe custou a vida algumas semanas depois), **Pasquale Macchi** foi « *Cardeal*, Secretário privado e Prelato de Honra de Paulo VI, até sua excomunhão por heresia, e foi **reintroduzido pelo Secretário de Estado, o Cardeal Jean Villot, ele mesmo listado nesta lista do GO desde sábado, 6 de agosto de 1966, sob o nome de matrícula 041/3 - JEANNI (Zurique).**

O Cardeal Pasquale Macchi, maçom homossexual

No entanto, essas tentativas sucessivas não resultarão.

Terá que esperar até que o padre apóstata Joseph Ratzinger seja nomeado, em 1982, pelo bispo apóstata Karol Wojtyla, "cardeal" *Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé*, para que a "reabilitação" de Rosmini comece realmente.

Além disso, esta última fase ativa e triunfal do processo de "reabilitação" de Rosmini irá envolver, como nos informa novamente o jornal *Trente Jours*, **dois personagens importantes que, em 1994, coordenaram a questão tecnicamente dentro das Congregações romanas**, entre eles Monsenhor **Giovanni-Battista Ré** e o **Cardeal Alberto Bovone**, que, por sua vez, figura na **lista Pecorelli**, elaborada 18 anos antes:

> *«Na Instrução comunicada pelo padre Eszer, é indicado que devem constar como documento, entre os capítulos da bibliografia documental, as "quarenta proposições" condenadas pelo Santo Ofício em 1887, com* ***uma introdução que prove que as doutrinas condenadas não são as do servo de Deus.*** *Este capítulo será apresentado* ***separadamente à Congregação para a Doutrina da Fé, conforme estabelecido pelo excelentíssimo arcebispo Alberto Bovone, secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, na carta de 19 de janeiro de 1994 enviada a sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Giovanni Battista Re, substituto da Secretaria de Estado.****» (Trente Jours)*

- **BOVONE Alberto**, **Carmelita,** nome de código **Matrícula 254/3 – ALBO, registrado no GO da Itália desde domingo, 30 de abril de 1967, Cardeal, Subsecretário do Santo Ofício.**

Não se deve deixar de destacar que as principais Congregações da Cúria estavam, ao longo das últimas décadas, **"coordenadas"** em questões sensíveis por um personagem considerável desta **lista Picorelli**, que não poderia ignorar nem a causa de Rosmini nem sua importância:

- **SUENENS Leo**, nome de código **Matrícula 21/64 – LESU**, registrado no GO da Itália desde quinta-feira, 15 de junho de 1967, Cardeal, Membro de três Congregações: A Sagrada Congregação para a Propagação da Fé, a Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino e a Sagrada Congregação para o Clero (Seminários), Protetor da Igreja São Pedro aos Grilhões.

Se todas as tentativas **fracassaram antes de 1994**, incluindo sob Paulo VI, isso significa que a rede Rosacruz infiltrada na Cúria considerava que não estava ainda suficientemente bem implantada no Vaticano antes dessa data para conseguir levar a cabo **sem nenhum perigo** essa “ **beatificação**” de Rosmini, preferindo aguardar.

Isso também confirma muito claramente que o padre apóstata **Joseph Ratzinger é realmente um dos homens-chave dessa rede iluminista Rosacruz na Cúria Romana, visto que ele foi o artífice da reabilitação e, posteriormente, da “*beatificação*” de Rosmini**.

Cerimônia de beatificação de 18 de novembro de 2007

O vídeo completo da cerimônia pode ser consultado no site VM[25].

---

[23] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/ListeAGNOLI_Pecorelli_version_1_3reduit.xls

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-C-00-Liste-Pecorelli.pdf

[24] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-C-00-Liste-Pecorelli.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/ListeAGNOLI_Pecorelli_version_1_3reduit.xls

[25] http://www.virgo-maria.org/Fichier_Video/rosmini_messa/rosmini-massa-conciliare.html

4. A reação e os silêncios da Tradição católica diante desta 'beatificação' de Rosmini

4.1. O padre Tam denuncia a reabilitação de Rosmini em seu boletim n.º 3, onde examina os textos do Osservatore Romano do ano 2001

Os comentários entre colchetes [ ] são do padre Tam.

As citações são extraídas do *Osservatore Romano* em 2001, ano da reabilitação de Rosmini pelos modernistas.

Capítulo IV – A Revolução anti-filosófica[26]

O Papa e o cardeal Ratzinger abrem a porta à filosofia moderna e reabilitam Antonio Rosmini

A Congregação para a Doutrina da Fé, Cardeal Ratzinger, O.R. 1.7.2001:

*«...pode-se considerar como **ultrapassadas** as preocupações de prudência e as dificuldades doutrinais que determinaram a **promulgação do Decreto** Post obitum de **condenação** das **"Quarenta Proposições"** extraídas da obra de **Antonio Rosmini… A Carta Encíclica de João Paulo II** Fides et ratio... introduz Rosmini entre os pensadores mais recentes, nos quais se realiza um **encontro fecundo** entre o saber filosófico e a palavra de Deus... É preciso ainda afirmar que a empresa especulativa intelectual de Antonio Rosmini, caracterizada por muita ousadia e coragem... **se desenvolveu em um espírito ascético** e **espiritual.»***

[É uma tese da pseudo-restauração do **Cardeal Ratzinger**: **a Revolução na Igreja é melhor feita se for feita de joelhos… e se possível em latim!** Assim como, no século XVII, a Revolução mundial precisou enraizar seu liberalismo na filosofia subjetivista de Descartes, da mesma forma, para a Revolução na Igreja, **chegou a hora de introduzir a mesma filosofia moderna e assim assentar a liberdade religiosa, a colegialidade e o ecumenismo**. Estas são as três bombas-relógio introduzidas pelo Vaticano II na Igreja, e denunciadas, com autoridade, por S. E. Dom Marcel Lefebvre].

Giuseppe Lorizio, *O rosminismo*, O.R. 5.7.2001:

[O mesmo O R. reconhece que **Rosmini é filho do *kantismo e do jansenismo*, que foi tomado como emblema pelos maçons italianos, que foi o inspirador de Fogazzaro e que sustentou a tese da mudança de natureza, ou seja, a teoria panteísta e evolucionista pela qual a matéria se torna espírito** *"de tal modo que o princípio sensitivo muda de natureza e se torna intelectivo."*]

*«Outro manual de filosofia... expunha uma série de observações sobre a teoria de **Rosmini** quanto à origem das ideias, fazendo notar que seu sistema **não era outra coisa senão uma exemplificação do criticismo kantiano…** quanto ao conteúdo... o início dos anos (mil novecentos) quarenta, parece querer propor novamente a polêmica que... viu se desdobrar contra os Jesuítas os **discípulos** mais ou menos conscientes de **Jansenius** e de Baïus... Na período que se seguiu à condenação e à unidade da Itália, **franges maçônicas** milanesas tomaram Rosmini como emblema anti-católico e propunham a ereção de um monumento em sua honra... Ele era tomado como emblema para uma radical reforma eclesial, inspirando, entre outros, Fogazzaro e sua **"ecclesiologia"**... A teoria da mudança de natureza consiste no fato de que "o princípio sensitivo muda de natureza e se torna intelectivo."»*

Antonio Livi, O.R. 12.7.2001

[O Cardeal Ratzinger, após ter negado o valor universal da filosofia grega, abre a porta a outros sistemas filosóficos: *«A Igreja faz sua a universalidade das linguagens do homem, de suas imagens e de seus conceitos... A doutrina da Igreja deve ser compreendida e interpretada somente na Fé...»* (O Cardeal Ratzinger, Com. Theo. Inter., Civ. Catt., 21.4.1990).

O *Osservatore Romano* reconhece que **Rosmini é filho de Descartes**]:

«O Magistério da Igreja confirmou** com autoridade... **a doutrina dos pensadores** cristãos **que**, mesmo estando na unidade da fé católica, **praticaram caminhos muito diferentes** para elaborar uma proposta própria **da filosofia cristã.** A Encíclica* **Fides et ratio_… menciona… os filósofos… exatamente Antonio Rosmini…** *(com) muitos outros, **optaram por uma nova tradição inaugurada pelo católico René Descartes**... Henri de Lubac fez parte desta escola... **A Nota (do Card. Ratzinger) reconhece a compatibilidade substancial do sistema teosófico de Antonio Rosmini com a doutrina católica…** especialmente pela metodologia que inspirou o sistema... Com o sistema de Hegel, a teosofia rosminiana tem um outro ponto de contato mais importante. ...**a teosofia rosminiana é uma verdadeira filosofia cristã**... O diálogo com o pensamento moderno, que se inicia com a virada da metodologia cartesiana, **leva

***Rosmini a adotar**, em diversos casos, a linguagem e o**s procedimentos** filosóficos **típicos do racionalismo…** Sem se preocupar muito em demonstrar o ponto de partida... que possa justificar a adoção de tais conceitos... Tomemos o conceito rosminiano do "divino" na natureza... o ser "ideal" concebido como "algo divino em si, ou seja, tal como pertence à natureza divina".»*

Antonio Staglianò. Espiritualidade de Rosmini, O.R. 19.7.01

[Neste artigo, o O.R. ensina que: 1. – Um autor com uma má doutrina, se for devoto, sua devoção é uma *«garantia de ortodoxia.»*

2 – No caso de Rosmini, a *«garantia de ortodoxia»* é, além disso, confirmada por uma revelação privada que Deus lhe concedeu. **Na Revolução na Igreja, muitos subversivos que quiseram ensinar algo contrário à Revelação pública, interpretada exclusivamente pelo Magistério romano tradicional, sentiram a necessidade de apoiar sua doutrina em uma revelação privada.** Um outro exemplo importante é o do cardeal **Nicolau de Cusa** com sua visão do *"Congresso das religiões"* (ver *Pseudo-restauração*, Doc. Rév. Égl. N° 4, p. 27), realizado pelo Papa no Congresso de Assis de 1986].

*«Assim, a recente **Nota (do Card. Ratzinger)… credibiliza com autoridade a ortodoxia de Rosmini** e conduz à solução da longa e complexa "questão rosminiana", deslocando o foco do verdadeiro problema de ontem e de hoje, que é o da inculturação da fé.* [Ou seja, a fé "inculturada" na filosofia moderna].

***A ascese e a espiritualidade de Rosmini** acreditam a interpretação ortodoxa de seu empreendimento especulativo: **elas são como a garantia suprema** da impossibilidade de ler seu pensamento sob uma ótica idealista e ontológica...*

(Rosmini diz): ***"Estou convencido de que minha doutrina vem de Deus** e que somente Ele me a comunica, eu até acrescentaria, sem fazer grande uso dos meios humanos, mas **por meio da luz** da graça..."*

*Essa consciência que parece conferir à pensamento de Rosmini uma unção particular, **justifica**... a obra das reformas da filosofia e do renascimento da teologia... Sua filosofia desenvolvia nele a certeza de ter descoberto um sistema de pensamento único, capaz de ser **o único** instrumento científico utilizável para um desenvolvimento teológico **coerente da doutrina da fé.»***

Leão XIII, Decreto do Santo Ofício *Post Obitum* que condena os erros de Antonio Rosmini Serbati, sintetizados em 40 proposições:

Enunciado de algumas das 40 erros condenadas em 14 de dezembro de 1887

n° 1. Na ordem das coisas criadas, se manifesta imediatamente à inteligência humana algo que é divino em si mesmo, tal como pertence à natureza divina.

n° 2. Quando falamos do divino da natureza, não tomamos esta palavra "divino" para significar um efeito não divino de uma causa divina; e não é nossa intenção falar de algo que seria divino por participação.

n° 3. Na natureza do universo, isto é, nas inteligências que nele se encontram, há portanto algo a que convém a denominação de divino, não em sentido figurado, mas em sentido próprio – é uma realidade que não é distinta do resto da realidade divina...

n° 19. O Verbo é essa matéria invisível da qual, como diz a Sabedoria 11, 18, todas as coisas do universo foram criadas.

n° 20. Não repugna que a alma se multiplique por geração, de modo que seja concebida como progredindo do imperfeito, isto é, do grau sensitivo, ao perfeito, ao grau intelectual.

n° 21. Quando o ser se torna objeto de intuição para o princípio sensitivo, por este único contato, por esta única união, este princípio que primeiro apenas sentia e que agora compreende, se eleva a um estado mais nobre, muda de natureza e se torna inteligente, subsistente e imortal.

n° 22. Não é impossível conceber que, pela potência divina, possa ocorrer que a alma intelectiva seja separada do corpo animado, e que este continue a ser animal; pois permanecendo nela, como a base do puro animal, o princípio animal que anteriormente estava nela como apêndice.

n° 23. No estado natural, a alma do falecido existe como se não existisse; dado que não pode exercer reflexões sobre si mesma, nem ter consciência de si mesma, pode-se dizer que sua condição é semelhante ao estado de trevas perpétuas e do sono eterno.

n° 25. Uma vez que o mistério da Trindade é revelado, sua existência pode ser demonstrada por argumentos puramente especulativos, com certeza negativos e indiretos, mas tais, no entanto, que por eles essa verdade é reduzida às disciplinas filosóficas e se torna uma proposição científica como as demais: porque se ela fosse negada, a doutrina teosófica da *pura razão,* não apenas permaneceria incompleta, mas seria aniquilada por ofuscações surgindo de toda parte.

n° 27. Na humanidade de Cristo, a vontade humana foi tão arrebatada pelo Espírito Santo e unida ao ser objetivo, isto é, ao Verbo, que lhe cedeu completamente o governo do homem, e que o Verbo a assumiu de modo pessoal ao unir-se assim à natureza humana. Por isso, a vontade humana deixou de ser pessoal no homem, e enquanto é pessoa nos outros homens, permanece natureza em Cristo.

N° 30. A transubstanciação completada, pode-se pensar que, ao corpo glorioso de Cristo, algumas partes incorporadas a ele, não separadas dele e igualmente gloriosas, estão unidas.

N° 31. No sacramento da eucaristia, em virtude das palavras, o corpo e o sangue de Cristo estão unicamente presentes na medida que corresponde à quantidade (*a quel tanto*) da substância do pão e do vinho transubstanciados: o resto do corpo de Cristo está presente por concomitância.

n° 34. Para preservar a Bem-Aventurada Virgem Maria do pecado original, bastava que permanecesse incorrupta uma minúscula semente de homem, negligenciada talvez pelo demônio, e dessa semente não corrompida, transmitida de geração em geração, saiu a seu tempo a Virgem Maria.

N° 35. Quanto mais se está atento à ordem da justificação no homem, mais justo parece o discurso da Escritura segundo o qual Deus cobre ou não imputa certos pecados. Segundo o salmista (Sl XXXII, 1), há uma diferença entre as iniquidades que são remetidas e os pecados que são cobertos: aquelas são faltas atuais e livres; estes, em contrapartida, são pecados não livres daqueles que pertencem ao povo de Deus e que por isso não recebem nenhum dano.

…(..)…

[Conclusão] : (Censura confirmada por **o Sumo Pontífice)**: o santo Ofício **julgou que as proposições… são a serem proscritas e desaprovadas segundo o sentido do autor, e por este decreto geral as desaprova, condena, proscreve…»**

São Pio X, *Pascendi*:

"Em consequência, **as fórmulas dogmáticas estão sujeitas a essas mesmas vicissitudes,** sendo, portanto, passíveis de mutação. **Assim se abre o caminho para a variação substancial dos dogmas.** Um acúmulo infinito de sofismas, onde toda religião encontra sua sentença de morte.

Evoluir e mudar, não apenas o dogma pode, ele deve: é o que os modernistas afirmam em voz alta e que, aliás, decorre manifestamente de seus princípios. As fórmulas religiosas, de fato, para serem verdadeiramente religiosas e não meras especulações teológicas, devem estar vivas, e da própria vida do sentimento religioso: isto é uma doutrina capital em seu sistema, deduzida do princípio da imanência vital..."

Pio XII, *Humani Generis*:

"É claro também que **a Igreja não pode se vincular a qualquer sistema filosófico,** cujo reinado dura pouco tempo; mas as expressões que, durante séculos, foram estabelecidas com o consentimento comum dos doutores católicos para se chegar a alguma compreensão do dogma, não repousam certamente sobre um fundamento frágil...

Assim, **é da maior imprudência** negligenciar ou rejeitar ou privar de seu valor tantos conceitos importantes que homens de um gênio e uma santidade não comuns, sob a vigilância do magistério e não sem a iluminação e a condução do Espírito Santo, conceberam, expressaram e precisaram no trabalho secular que formulou sempre exatamente as verdades da fé, **Leão XIII, *Æterni Patris* : «A filosofia grega**, pelo seu concurso, nada acrescenta ao poder da verdade; mas **como ela destrói os argumentos opostos** a essa verdade pelos sofistas, e que ela dissipa as armadilhas que lhe são tendidas, **ela foi chamada a sebe e a paliçada da qual a vinha se municiou..."**

---

[26] http://www.marcel-lefebvre-tam.com/pdf/francese/livre_12.pdf

4.2. Qual foi o comportamento da FSSPX diante dessa reabilitação e dessa beatificação?

Em 2001, a FSSPX condenava a reabilitação de Rosmini e denunciava o '*cardeal*' Ratzinger, a quem qualificava de *modernista*, como fez Dom Tissier de Mallerais em Paris no dia 11 de novembro de 2007.

Em 2007, no dia 18 de novembro, durante a '*beatificação*' de Rosmini, Dom Fellay e os meios de comunicação da FSSPX mantêm um silêncio ensurdecedor sobre essa ' *beatificação*' inválida.

O que aconteceu nesse intervalo???

Aqui estão os termos em que **'*Nouvelles de Chrétienté*' (revista da FSSPX) denunciava em junho de 2002 a reabilitação** de Rosmini ocorrida em julho de 2001:

> "***Canonizar um padre condenado?***
>
> *Em julho de 2001, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou um veredicto escandaloso sobre o padre Antonius de Rosmini Serbati (1797-1855), esse padre italiano cujas 40 proposições foram condenadas postumamente pelo Santo Ofício em 1887. Apesar disso, o Papa Paulo VI iniciou um trabalho visando à beatificação de Rosmini e estabeleceu uma comissão para estudar esse problema, uma vez que não se pode canonizar alguém que foi condenado pela Igreja. Essa comissão emitiu seu veredicto: "Não, você não pode beatificá-lo". O Papa João Paulo II convocou uma nova comissão para estudar o mesmo problema; esta também deu um veredicto idêntico. O que fez o papa? Ignorou. O problema permanece que Rosmini foi condenado, e com razão.*

> ***O cardeal Ratzinger veio em socorro:*** *"Que ele tenha sido condenado, em seu tempo, era normal. Mas agora, não é mais assim. No momento em que ele foi condenado, o Vaticano usava óculos tomistas para dar seus julgamentos. Se você usar óculos tomistas, ele é condenado. Por outro lado, se você usar os óculos de Rosmini, a condenação não tem mais valor, pode ser contestada."*
>
> ***O que o cardeal Ratzinger está dizendo? Ele está colocando a verdade em uma ladeira escorregadia.*** *E mais uma vez,* ***os modernistas entenderam muito bem o que aconteceu****. Eles dizem que,* ***pela primeira vez, o Vaticano fez uso da "método histórico-crítico" em relação a uma condenação da Igreja.*** *Esse "método histórico-crítico" é* ***uma tática bem conhecida dos modernistas que proclamam que a verdade evolui, que as verdades dogmáticas de ontem diferem das de hoje e que o que foi considerado falso ontem, pode bem ser considerado verdadeiro hoje.*** *Este caso de Rosmini provocará uma confusão enorme." Nouvelles de Chrétienté*, n°75 – Junho 2002 (publicação da FSSPX)[27]

Surpreende-nos que, **a reabilitação de Rosmini datando de julho de 2001, a reação da FSSPX tenha ocorrido apenas quase um ano depois, em junho de 2002?**

Isso significa que a FSSPX, estando em plena negociação com Roma, não quis reagir?

Mas qual foi o evento que decidiu essa reação?

Seria a publicação em janeiro de 2002 pela revista *Sodalitium* dos padres de Verrua, de um artigo que denunciava então o escândalo? Esse artigo de Sodalitium figura nos anexos do nosso presente documento.

Mas então, o que significa essa defesa da verdade por *Nouvelles de Chrétienté*?

Fica cada vez mais claro que esses meios de comunicação da FSSPX estão nas mãos de uma pequena rede de infiltrados que os mantém sob seu controle.

E no dia 13 de junho de 2005 em Bruxelas, Dom Fellay une sua voz àqueles que denunciam essa "*reabilitação*" de Rosmini por Ratzinger:

> *« Um outro exemplo dessa ideia segundo a qual a verdade evolui. Ele se encontra na explicação que a Congregação para a Doutrina da Fé deu no momento em que tentava justificar Rosmini. Vocês sabem que o Papa João Paulo II queria beatificar Rosmini, ou pelo menos abrir o caminho para a beatificação de Rosmini. Já Paulo VI havia estabelecido uma comissão para estudar seu processo de beatificação. O problema de Rosmini é que ele foi condenado pela Igreja. Assim, temos uma primeira comissão sob Paulo VI que diz: Não, isso não*

> *é possível, ele foi condenado! Mas João Paulo II, que gostaria de ver esse processo de beatificação começar, cria uma nova comissão... que diz como a primeira. Então, vamos impedir que ela emita um julgamento definitivo; isso vai permanecer nas gavetas. E vamos tentar sair de outra forma. Vamos fazer com que a Congregação para a Doutrina da Fé emita um decreto que tentará explicar algo um pouco difícil de aceitar. Assim, nos dizem que a condenação de Rosmini, se olharmos com os olhos do tomismo vigente no momento em que ele foi condenado pela Igreja, então essa condenação vale totalmente. Mas hoje é diferente, se olharmos as teses de Rosmini com os olhos de Rosmini, sua doutrina é admissível. É uma abordagem da verdade totalmente subjetiva! Rosmini falou, sua obra foi compreendida. A Igreja a compreendeu e disse que o que era compreensível era condenável. Mas, um pouco mais tarde, nos dizem que não era assim que deveríamos entender, que era necessário entrar na cabeça de Rosmini para entender sua visão das coisas.* ***É o fim da verdade. Notem bem, é o fim da verdade objetiva; e isso é muito, muito grave. Isso mostra quem é o Cardeal Ratzinger, ao menos em nível de sua formação teológica.*** *Eu digo que ela é hegeliana por causa de outro aspecto. Ao lado do elemento evolucionista, você tem a famosa trilogia tese-antítese-síntese. Isso é muito marcante quando consideramos, desta vez, não mais as verdades especulativas - essas verdades sobre as quais se reflete, mas que não têm uma aplicação diretamente prática - mas, de fato, quando observamos uma aplicação prática segundo o cardeal Ratzinger. Esta perspectiva dinâmica de tese-antítese-síntese quer explicar os eventos da história por um encontro conflituoso que termina em um novo estado, supostamente melhor que os anteriores, mas que é fruto desse encontro, desse conflito entre a tese e a antítese. Aqui está uma aplicação totalmente concreta feita pelo prefeito da Congregação da Fé. »* Dom Fellay, 13 de junho de 2005 – *Nouvelles de Chrétienté* n°94 – julho-agosto de 2005[28]

Após tais palavras escandalizando-se com a reabilitação de Rosmini em 2001, por que Dom Fellay permaneceu em silêncio durante a "*beatificação*" em 2007?

É verdade que, entrementes, Dom Fellay encontrou o '*beatificador*', o padre apóstata Joseph Ratzinger, no dia 29 de agosto de 2005 em Castel Gandolfo.

Dom Fellay teria agora colocado os óculos de Ratzinger?

Terá ele sucumbido às tentações de promoção patriarcal tridentina que lhe faz vislumbrar o temível Castrillon Hoyos?

Em uma palavra, por que Dom Fellay mudou de posição em relação a Rosmini?

***"É o fim da verdade"* dizia ele, sua frase se aplica agora a ele?**

---

[27] http://www.dici.org

[28] http://www.dici.org/dl/nouvelles/Nouvelles_94.pdf

5. Um Rosminiano na FSSPX: o padre Robert Belwood

5.1. Quem é o “padre” Belwood?

Um caso bastante curioso na Tradição.

O padre Belwood pertence ao Instituto da Caridade, congregação dos Rosminianos, tornados agora conciliares.

Depois de oficiar **na Normandia no priorado de Gavrus da FSSPX com o padre Aulagnier, ele foi nomeado a partir de setembro de 2007 como capelão da escola de Kernabat** (na Bretanha), mantida pelas irmãs dominicanas que pertencem a uma das ***comunidades amigas*** da FSSPX.

E assim, mesmo ocupando responsabilidades em atividades dependentes do perímetro da FSSPX, o padre Belwood tem como superior um religioso da igreja conciliar!

Um intruso da igreja conciliar dentro do perímetro da FSSPX e, além disso, esse marginal de sua Ordem rosminiana conciliar seria considerado pelo Geral (conciliar) de sua congregação conciliar como “***o melhor de seus religiosos***”!

Mas que doutrina ensina, então, o padre Belwood aos filhos das famílias da FSSPX que confiam sua prole a Kernabat?

> *« O padre Roux é rosminiano e, a esse título, pertence a uma congregação cujo superior é INTELIGENTE: é ele, de fato, quem lhe concedeu a liberdade da qual goza e* ***que manifestou a mesma confiança a Monsieur o padre Belwood****, que já auxiliou valiosamente o priorado de Caen e as dominicanas de Saint-Manvieu (não sei como está atualmente, mas suponho que ele deve continuar essa colaboração). Disseram-me até que ele disse (a um padre da Fraternidade ou às dominicanas, não sei) quando lhe concedeu essa liberdade que o padre Belwood era o melhor de seus religiosos... Os sacerdotes dessa congregação gozam, portanto, da maior liberdade para agir em benefício das almas, enquanto permanecem totalmente em obediência (o Padre de Chivré também teve a graça de não ser obrigado a se separar de seus superiores, embora certamente não tenha desfrutado da mesma benevolência por parte deles). »* Luciole[29]

[29] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=126668

5.2. O “padre” Belwood foi ordenado no novo rito que não é válido, portanto, ele não é sacerdote (além do que não sabemos nada sobre o bispo que o “ordenou”)

Mas há algo ainda mais grave. VM mencionou esse assunto muito sério em seu site desde o verão de 2007[30].

Vamos lembrar imediatamente que durante a vida de Dom Lefebvre, a FSSPX tinha como linha de conduta reordenar condicionalmente todo padre que se juntasse a ela para colaborar e que tivesse sido ordenado no rito conciliar de 1969.

O “padre” Belwood foi ordenado nos anos 1970 (e por qual(is) bispo(s)?) no novo rito sacramentalmente inválido promulgado em 1969 e não é válido. **Monsieur Robert Belwood**, à luz da teologia sacramental católica tradicional, não é mais que um simples leigo, pois **não possui os poderes sacerdotais católicos. Ele não foi reordenado condicionalmente.**

- De fato, parece que **não se sabe nada sobre o seminário** (conciliar?) onde o “*padre*” Belwood recebeu sua formação sacerdotal.
- Ignora-se **tudo sobre a data e o local exato de sua ordenação** segundo o rito conciliar (duvidoso ou inválido).
- Ignora-se, principalmente, quem foram os “*bispos*” conciliares que o teriam ordenado, nem se esse(s) bispo(s) possuía(m) a realidade da plenitude da *Potestas Ordinis*

episcopal, ou seja, **não se sabe se esses "*bispos*" tinham sido consagrados segundo o novo rito conciliar episcopal que certamente é sacramentalmente inválido de *Pontificalis Romani* de 18 de junho de 1968** (cf. www.rore-sanctifica.org), ou se ele(s) foram consagrado(s) no antigo rito sacramentalmente válido.

Isso significa que **os sacramentos que o "padre" Belwood distribui às religiosas de Kernabat, como às crianças que elas educam, são inválidos, não transmitem a graça sacramental**.

Esses falsos sacramentos não são mais operantes do que na igreja conciliar, à qual, aliás, o senhor Robert Belwood está atrelado por sua pertença à congregação dos Rosminianos.

Segundo uma fonte bem informada, o padre Belwood dizia, em uma época, que **Dom Lefebvre havia querido reordená-lo condicionalmente, mas o padre Belwood se opôs a isso. Agora, o padre Belwood afirma que nunca houve questão de reordenação.**

O apego do "padre" Belwood à igreja conciliar é real, uma vez que **durante a falsa "*beatificação*" de Rosmini por Ratzinger no dia 18 de novembro de 2007, ele foi a Roma para participar dessa farsa**. Essa data coincidiu com a festa da escola.

O "padre" Belwood preferiu ir a Roma em vez de participar das festividades de sua escola em Kernabat, onde ele havia sido recém-nomeado.

Após seu retorno de Roma, ele distribuiu para as turmas de formatura um documento sobre Rosmini, dizendo que ele era um grande homem, um grande católico.

Retornado a Kernabat, ele se entregou à propaganda, distribuiu para as turmas de formatura um documento sobre Rosmini, dizendo que ele era um grande homem.

Publicamos essa brochura conciliar aqui[31].

Trata-se de um panegírico em inglês em louvor a Rosmini, o clérigo cujos escritos foram condenados pelos Papas Pio IX e Leão XIII. Esse documento visa preparar o bicentenário de seu nascimento.

Esse documento modernista é publicado pelo *Centro Internacional para Estudos Rosminianos*.

Centro Internacional para os Estudos Rosminianos às margens do Lago Maior na Itália
[32]

Essa situação totalmente anormal do "*padre*" Belwood dentro da Tradição católica deve ser amplamente conhecida e não é suportável.

Iremos retornar a isso.

A seguir...

Continuemos a boa luta

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 virgo-maria.org

---

[30] http://www.virgo-maria.org/D-Faux-pretre/index_faux_pretres.htm

[31] http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Plaquette_Rosmini.pdf

[32] http://www.rosmini.it/Objects/Pagina.asp?ID=62&T=Centro%20Intern.%20Studi%20Rosminiani

Anexos

Anexo 1 - Lista das 40 proposições de Rosmini condenadas pelo Papa Leão XIII

Decreto do Santo Ofício "*Post obitum*", 14 de dezembro de 1887.

Erros de Antonio ROSMINI-SERBATI[33]

3201
1 - Na ordem das coisas criadas se manifesta imediatamente à inteligência humana algo que é divino em si, tal como pertence à natureza divina.

3202
2 - Quando falamos do divino na natureza, essa palavra ‘divino’ não a tomamos como significando um efeito não divino de uma causa divina; e não é nossa intenção falar de algo que seria divino por participação.

3203
3 - Na natureza do universo, ou seja, nas inteligências que nele existem, há, portanto, algo a que se aplica a denominação de divino, não no sentido figurado, mas no sentido próprio. - É uma realidade que não é distinta do restante da realidade divina.

3204
4 - O ser indeterminado, que sem dúvida é conhecido por todas as inteligências, é este divino que é manifestado ao homem na natureza.

3205
5 - O ser, objeto da intuição humana, é necessariamente algo do ser necessário e eterno, da causa criadora, determinante e final de todos os seres contingentes e isso é Deus.

3206
6 - No ser que abstrai de suas criaturas e de Deus, ou seja, o ser indeterminado, e em Deus o ser não indeterminado, mas absoluto, a essência é a mesma.

3207
7 - O ser indeterminado da intuição, o ser inicial, é algo do Verbo, que a inteligência do Pai distingue do Verbo não realmente, mas segundo a razão.

3208
8 - Os seres finitos, dos quais o mundo é composto, resultam de dois elementos, ou seja, do termo real finito e do ser inicial que confere a esse termo a forma do ser.

3209
9 - O ser, objeto da intuição, é o ato inicial de todos os seres. - O ser inicial é o começo tanto do que é cognoscível quanto do que existe: ele é também o começo de Deus, tal como O concebemos, e das criaturas.

3210
10 - O ser virtual e sem limites é a primeira e mais simples de todas as entidades, de tal modo que toda outra entidade é composta, e que o ser virtual é sempre e necessariamente um dos seus componentes. - (O ser inicial) é a parte essencial de todas as entidades sem exceção, qualquer que seja a maneira como elas são divididas pelo pensamento.

3211
11 - A quididade (o que é uma coisa) do ser finito não é constituída pelo que ele compreende de positivo, mas por seus limites. A quididade do ser infinito é constituída pela entidade, e é positiva; a quididade do ser finito, por outro lado, é constituída pelos limites da entidade, e é negativa.

3212
12 - A realidade finita não é, mas Deus a faz existir ao adicionar a limitação à realidade infinita. - O ser inicial torna-se a essência de todo ser real. - O ser que atua as naturezas finitas, estando unido a elas, é tomado de Deus.

3213
13 - A diferença entre o ser absoluto e o ser relativo não é a mesma que existe entre uma substância e outra, mas uma diferença muito maior; um, de fato, é absolutamente ser, o outro é absolutamente não-ser. Mas este outro é relativo. Logo, quando se posita um ser relativo, o ser que é absolutamente não é multiplicado; por isso, o ser absoluto e o ser relativo não são uma substância única, mas um ser único; e nesse sentido não há diversidade de ser, mas unidade de ser.

3214
14 - Pela abstração divina é produzido o ser inicial, primeiro elemento dos seres finitos; mas pela imaginação divina é produzido o real finito, ou seja, todas as realidades das quais é feito o mundo.

3215
15 - A terceira operação do ser absoluto criando o mundo é a síntese divina, ou seja, a união dos dois elementos que são o ser inicial, começo comum de todos os seres finitos, e o real finito, ou melhor: as diversas realidades finitas, os termos diferentes do mesmo ser inicial. É por essa união que são criados os seres finitos.

3216
16 - O ser inicial, relacionado pela inteligência por meio da síntese divina, não como inteligível, mas como pura essência, com os termos finitos reais, faz com que os seres finitos existam subjetivamente e realmente.

3217
17 - Tudo o que Deus faz ao criar é positar o ato inteiro da existência das criaturas; esse ato, portanto, não é propriamente feito, mas posito.

3218
18 - O amor com que Deus se ama igualmente nas criaturas, e que é a razão pela qual Ele se determina a criar, constitui uma necessidade moral que, no ser mais perfeito, produz sempre seu efeito: é apenas na maioria dos seres imperfeitos que esse tipo de necessidade deixa intacta a liberdade bilateral.

3219
19 - O Verbo é essa matéria invisível da qual, como diz em *Sb 11, 18*, todas as coisas do universo foram criadas.

3220
20 - Não repugna que a alma se multiplique por geração, de modo a ser concebida como progredindo do imperfeito, ou seja, do grau sensitivo, ao perfeito, ou seja, ao grau intelectual.

3221
21 - Quando o ser se torna objeto de intuição para o princípio sensitivo, por esse único contato, por essa única união, esse princípio que antes somente sentia e que agora compreende é elevado a um estado mais nobre, muda de natureza e se torna inteligente, subsistente e imortal.

3222
22 - Não é impossível conceber que pela potência divina possa ocorrer que a alma intelectual se separe do corpo animado, e que este continue a ser animal; em efeito, permaneceria nele, como base do puro animal, o princípio animal que anteriormente estava nele como um apêndice.

3223
23 - No estado natural, a alma do falecido existe como se não existisse; dado que ela não pode exercer reflexão sobre si mesma, nem ter consciência de si mesma, pode-se dizer que sua condição é semelhante ao estado das trevas perpétuas e do sono eterno.

3224
24 - A forma substancial do corpo é, antes, o efeito da alma e o termo interior de sua operação: por isso a forma substancial do corpo não é a própria alma. - A união da alma e do corpo consiste propriamente na percepção imediata pela qual o sujeito que tem a intuição de uma ideia afirma o sensível após ter intuitado a essência.

3225
25 - Uma vez que o mistério da Trindade é revelado, sua existência pode ser demonstrada por argumentos puramente especulativos, certamente negativos e indiretos, mas tais, no entanto, que

por eles essa verdade é reduzida às disciplinas filosóficas e se torna uma proposição científica como as outras: pois, se fosse negada, a doutrina teosófica da pura razão não apenas permaneceria incompleta, mas seria aniquilada por obscuridades que surgiriam de toda parte.

3226
26 - As três formas supremas do ser, a saber, subjetividade, objetividade e santidade, ou realidade, idealidade e moralidade, se transferidas ao ser absoluto, não podem ser concebidas de outra forma senão como pessoas subsistentes e vivas; - O Verbo, na qualidade de objeto amado e não na qualidade de Verbo, ou seja, objeto subsistente em si conhecido por si, é a pessoa do Espírito Santo.

3227
27 - Na humanidade de Cristo, a vontade humana foi tão elevada pelo Espírito Santo a aderir ao ser objetivo, ou seja, ao Verbo, que ela cedeu-lhe totalmente o governo do homem, e que o Verbo assumiu este de forma pessoal ao unir-se assim à natureza humana. Com isso, a vontade humana deixou de ser pessoal no homem, e enquanto ela é pessoal nos outros homens, ela permanece natureza em Cristo.

3228
28 - Segundo a doutrina cristã, o Verbo, caráter e face de Deus, é impresso na alma daqueles que recebem com fé o batismo de Cristo. - O Verbo, ou seja, o caráter impresso na alma, é, segundo a doutrina cristã, o ser real (infinito) manifesto por si mesmo, e que nós reconhecemos ser a segunda pessoa da santíssima Trindade.

3229
29 - Não pensamos que seja uma conjectura estranha à doutrina católica, que é a única verdade, afirmar que no sacramento eucarístico a substância do pão e do vinho se torna a verdadeira carne e o verdadeiro sangue de Cristo quando Cristo fazem do sacramento o termo de seu princípio sensitivo e o vivifica por sua vida, quase da maneira como o pão e o vinho são transubstanciados em nossa carne e nosso sangue, uma vez que se tornam o termo de nosso princípio sensitivo.

3230
30 - Após a transubstanciação completada, pode-se pensar que no corpo glorioso de Cristo alguma parte incorporada a ele, não separada (dele) e igualmente gloriosa, lhe é unida.

3231
31 - No sacramento da eucaristia, em virtude (as palavras, o corpo e o sangue de Cristo estão presentes apenas na medida que corresponde à quantidade (aquel tanto) da substância do pão e do vinho que é transubstanciada: o restante do corpo de Cristo está presente por concomitância.

3232
32 - Porque aquele que "não come a carne do Filho do homem e não bebe seu sangue não tem a vida em si" *Jo 6, 54* e que, no entanto, aqueles que morrem com o batismo de água, de sangue ou de desejo obtêm de forma certa a vida eterna, deve-se dizer que àqueles que nesta vida não comeram o corpo de Cristo, esse alimento celestial é administrado na vida futura, no instante mesmo da morte. - É por isso que, quando desceu ao inferno, Cristo pôde também se comunicar

sob as espécies do pão e do vinho aos santos do Antigo Testamento para torná-los aptos à visão de Deus.

3233
33 - Quando os demônios tomaram posse do fruto, pensaram que entrariam no homem se dele comessem; a comida, ao ser transformada em corpo animado do homem, poderia permitir-lhes entrar livremente na animalidade, ou seja, na vida subjetiva desse ser, e assim dispor dela como haviam planejado.

3234
34 - Para preservar a bem-aventurada Virgem Maria do pecado original, bastava que permanecesse não corrompida uma minúscula semente de homem, talvez negligenciada pelo demônio, e que dessa semente não corrompida, transmitida de geração em geração, surgisse em seu tempo a Virgem Maria.

3235
35 - Quanto mais se está atento à ordem da justificação no homem, mais justo parece o discurso das Escrituras segundo o qual Deus cobre ou não imputa certos pecados. - Segundo o Salmista *Sl XXXII,1*, há uma diferença entre as iniquidades que são perdoadas e os pecados que são cobertos; aquelas são faltas atuais e livres; estes, por outro lado, são os pecados não livres daqueles que pertencem ao povo de Deus e que por isso não recebem nenhum dano.

3236
36 - A ordem sobrenatural é constituída pela manifestação do ser na plenitude de sua forma real; o efeito de sua comunicação ou manifestação é o sentimento (sentimento) deiforme que, começando nesta vida, constitui a luz da fé e da graça, e que, completado na outra vida, constitui a luz da glória.

3237
37 - A primeira luz que torna a alma inteligente é o ser ideal; a segunda primeira luz é também o ser, não apenas ideal, mas subsistente e vivo: este oculta sua personalidade e mostra apenas sua objetividade; mas aquele que vê a segunda (que é o Verbo), embora como em um espelho e em enigma, vê Deus.

3238
38 - Deus é o objeto da visão beatífica na medida em que é o autor das obras ad extra.

3239
39 - As marcas da sabedoria e da bondade que brilham nas criaturas são necessárias para aqueles que contemplam (no céu); reunidas de fato no exemplar eterno, elas são essa parte dele que pode ser vista por eles (que é acessível a eles), e fornecem o assunto dos louvores que os bem-aventurados cantam a Deus por toda a eternidade.

3240
40 - Visto que Deus não pode, nem mesmo pela luz da glória, se comunicar totalmente aos seres finitos, Ele só pôde revelar e comunicar sua essência àqueles que contemplam (no céu) segundo o modo que é conveniente para inteligências finitas, ou seja, que Deus se manifesta a eles na

medida em que é em relação a eles como seu criador, sua providência, seu redentor, seu santificador.

3241
(A censura confirmada pelo sumo pontífice: o Santo Ofício) julgou que as propostas... devem ser proscritas e reprovadas segundo o sentido do autor, e por este decreto geral as reprova, as condena, as proíbe...

---

[33] http://www.catho.org/9.php?d=bxb#eur

Anexo 2 - Artigo de Sodalitium n°52 de janeiro de 2002 denunciando a reabilitação de Rosmini, este sacerdote condenado pela Igreja sob o pontificado de Leão XIII

O caso Rosmini: o "*in proprio Auctoris sensu*"

contra "*uma distinção astuciosa*" do cardeal Ratzinger

(extrato de Sodalitium n°52 de janeiro de 2002)

Monsenhor Benigni relata em sua *Storia sociale della Chiesa* [História social da Igreja] sobre os arianos: *"O grupo em que se destacava o exilado Eusébio de Nicomédia (daí a denominação de grupo dos eusébicos) retratava sua subscrição não à doutrina de Nicéia, mas à condenação de Ário: isto é, afirmava que não era a doutrina ariana que o Concílio havia condenado. Esta* ***astuciosa*** *distinção criou escola: e entre tantos outros, encontra-se o exemplo notório das distinções jansenistas nas condenações papais da doutrina do bispo de Ipres"* (1).

As notas históricas do "Denzinger" explicam o episódio ao qual Monsenhor Benigni faz alusão: *"depois que foram condenadas as cinco proposições de Jansênio, seus partidários, sob a liderança de Antônio Arnauld, distinguiram entre a 'quæstio facti' e a 'quæstio iuris': a condenação não se referiria a uma heresia fictícia, mas sim à verdadeira concepção de Jansênio"* (2). O Papa Alexandre VII teve então que, pela Constituição *Ad sanctam beati Petri sedem* (16 de outubro de 1656), refutar a *"astuciosa distinção": "Uma vez que ... para grande escândalo dos fiéis de Cristo, certos*

filhos da iniqüidade não temem afirmar que as cinco propostas (...) ou não se encontram no livro mencionado de Cornelius Jansen, mas foram montadas de forma fictícia e arbitrária, ***ou não foram condenadas segundo o sentido visado por este****, Nós (...) declaramos e definimos que estas cinco proposições foram tiradas do livro do mencionado Cornelius Jansen, bispo de Ipres, que tem o título 'Augustinus',* ***e que foram condenadas segundo o sentido visado por este mesmo Cornelius Jansen****"* ("*in sensu ab eodem Cornelio Jansenio intento*, DS 2010-2012). Esta Constituição de Alexandre VII demonstra como a Igreja tem autoridade para definir não apenas que a doutrina de tal autor é errônea, mas também que foi de fato sustentada por este autor no sentido que a Igreja lhe atribuiu; ao contrário, o exemplo dos arianos primeiro e dos jansenistas depois demonstra, por sua vez, que negar que uma doutrina condenada pela Igreja tenha sido realmente sustentada por seu autor é uma escapatória típica dos hereges.

Uma velha escapatória volta à atualidade

Nihil novi sub sole... [Nada de novo sob o sol] A velha escapatória utilizada no passado pelos arianos e jansenistas (entre outros), tornou-se mais atual do que nunca com o Vaticano II e o "magistério" que se seguiu. De um lado, de fato, o Vaticano II sustentou - em vários pontos - uma doutrina e uma prática contrárias à doutrina e à prática da Igreja. Do outro, a menos que renunciem a toda legitimidade, não é possível aos partidários do Vaticano II admitir explicitamente a existência dessa contradição e a realidade dessa ruptura. Para os partidários da nova doutrina e da nova prática conciliar, o principal problema consiste, portanto, em apresentar uma nova doutrina sem renegar explicitamente o passado.

No que diz respeito à prática, mais ligada ao contingente, a tática escolhida é a do *"mea culpa"*, ou seja, de pedidos incessantes de perdão, através dos quais se pode denunciar todo o passado da Igreja. A escapatória utilizada consiste em pedir perdão não pelas "faltas da Igreja", mas pelas faltas dos "filhos da Igreja" (como se, em muitos casos, esses "filhos da Igreja" não tivessem atuado na qualidade de autoridade suprema da Igreja).

No que diz respeito à doutrina oficial, as coisas são mais difíceis (mesmo que menos evidentes). Pensou-se em relativizar os documentos do passado, diminuindo sua autoridade (não infalíveis, mas sim apenas prudenciais) e historicizando-os (válidos apenas para uma época dada e um contexto determinado) etc.

É essa tática que foi utilizada, como veremos, no caso que tomamos aqui em consideração.

Existe uma outra tática: a de afirmar que o magistério passado da Igreja - sempre válido, claro! - não tem mais atualmente nenhuma eficácia: os anátemas solenes do Concílio de Trento sobre a justificação, por exemplo, atingiriam protestantes imaginários, ou no máximo protestantes falecidos, pois os protestantes de hoje não sustentariam mais a doutrina condenada. Trata-se de uma sutil variação da escapatória ariano-jansenista da qual falávamos acima. No caso que eu examino aqui, a escapatória é, por outro lado, reapresentada tal como é, e é o que veremos...

Reabilitar Rosmini, e além...

Nesse contexto, parece previsível e necessário reabilitar Rosmini, condenado *post mortem*, em 1887, pelo Decreto do Santo Ofício *Post obitum*. Este sacerdote da cidade de Rovereto é, antes de

tudo, um representante eminente do pensamento católico liberal que o Vaticano II adotou (o cardeal Ratzinger ele mesmo o admitiu). Além disso, ele foi "vítima" - conjuntamente - do Santo Ofício e da filosofia e teologia tomistas, vitimas por sua vez do Vaticano II. Um "mea culpa" sobre o caso Rosmini era previsível, e até mais. De fato, existe uma nova maneira de enterrar o passado da Igreja sem deixá-lo à mostra; consiste em beatificar e canonizar personagens outrora afastados; já para lançar sombra sobre a santidade de São Pio X, João XXIII desejou a beatificação do cardeal Ferrari e a quis com todas as suas forças. A canonização de Rosmini, já prevista, ofuscará ainda mais a Igreja "pré-conciliar" e dará aos liberais um novo patrono.

Uma "Nota" da Congregação para a Doutrina da Fé "reabilita" Rosmini e abre o caminho

para sua "beatificação"

Em 1° de julho de 2001, o cardeal Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, e Monsenhor Bertone, o secretário, assinaram uma Nota "*sobre o valor dos Decretos doutrinais concernentes ao pensamento e às obras de Antonio Rosmini Serbati*". (*L'Osservatore Romano*, 1-2 de julho de 2001; *La Doc. Cath*., 5-19 de agosto de 2001, n° 2253, p. 725-726).

A Nota, como lembra a Postulação de Rosmini, *"responde ao texto apresentado pelo Postulador Geral em dezembro de 1999 no intuito de esclarecer a 'questão rosminiana' (com referência particular ao Decreto 'Post obitum') como foi pedido no decreto de 22 de fevereiro de 1994, quando o Prefeito da Congregação para as causas dos santos da época concedia o 'nihil obstat' da parte do Santo Sé à abertura da Causa de Beatificação do Servo de Deus Antonio Rosmini. O decreto em questão assinalava que '...a Congregação para a Doutrina da Fé deveria ser novamente interpelada a respeito do julgamento doutrinal definitivo sobre este assunto'"* (3).

De qualquer forma, a resposta positiva da Congregação para a Doutrina da Fé não poderia faltar depois que João Paulo II, no mesmo ano de 1999, tivesse publicado a encíclica *Fides et ratio*, na qual Rosmini se encontra "*incluso entre os pensadores mais recentes em que se realiza um encontro fecundo entre saber filosófico e Palavra de Deus*" (8). João Paulo II deve, portanto, ser considerado responsável por esta reabilitação de Rosmini, tanto por tê-la solicitado pela encíclica *Fides et ratio*, quanto por ter pessoalmente aprovado a Nota da Congregação para a Doutrina da Fé (4).

A reabilitação era, portanto, necessária; mas como realizá-la?

A "astuciosa distinção" resgatada para reabilitar Rosmini e enterrar - sem dizer - o magistério da Igreja

Isso estabelecido, peço ao leitor que se lembre do que é dito no início deste artigo sobre a tática dos hereges para despojar um decreto de condenação da Igreja de todo valor: essa tática consiste em afirmar que esse decreto condena uma heresia fictícia, imaginária, que nunca foi realmente sustentada pelo autor ao qual é atribuída essa doutrina. E isso foi o que fez a Congregação para a Doutrina da Fé...

Aqui está, de fato, o argumento essencial da Nota, expresso nos números 6 e 7 do documento: *"Além disso, deve-se reconhecer que um estudo científico global, sério e rigoroso do pensamento de Antonio Rosmini, que se expressou no âmbito católico por teólogos e filósofos pertencentes a diversas escolas de pensamento, demonstrou que* ***essas interpretações contrárias à fé e à doutrina católica não correspondem, de fato, à posição autêntica de Rosmini****. A Congregação para a Doutrina da Fé, após um exame aprofundado dos dois decretos doutrinais promulgados no século XIX, e considerando os resultados fornecidos pela historiografia e pela pesquisa científica e teórica das últimas décadas, chegou à seguinte conclusão:*

Atualmente, pode-se considerar que os motivos de preocupação e as dificuldades doutrinárias e prudenciais que determinaram a promulgação do Decreto 'Post obitum' de condenação das "quarenta proposições" extraídas das obras de Antonio Rosmini estão agora superados. E isso se deve ao fato de que ***o sentido das proposições, tal como foi compreendido e condenado por esse Decreto, não pertence, na realidade, à posição autêntica de Rosmini, mas sim a conclusões possíveis da leitura de suas obras"****.*

Essa é a substância da Nota sobre Rosmini: as 40 proposições foram condenadas porque compreendidas *"numa ótica idealista, ontológica e em um sentido contrário à fé e à doutrina católica"* (n. 7). Mas, na realidade, esse não era o pensamento do autor, Antonio Rosmini Serbati.

O decreto de condenação de Rosmini afirma o contrário do que sustenta a Nota de reabilitação, a qual contradiz, portanto, o magistério da Igreja

Mas o Santo Ofício - solicitado e aprovado por Leão XIII - realmente condenou 40 teses extraídas das obras de Rosmini sem comprometer sua própria autoridade sobre o fato de que essas teses refletem o pensamento de Rosmini?

Lembremos ao leitor que, segundo a Constituição *Ad Sanctam* de Alexandre VII citada acima, é certo que a Igreja pode não apenas condenar proposições, mas também definir que essas proposições estão realmente contidas nessa obra e mesmo que as proposições em questão foram condenadas **no sentido entendido pelo autor**. A autoridade da Igreja, envolvida em um decreto desse tipo, se estende também ao fato de que as teses condenadas foram condenadas justamente e precisamente no sentido entendido e desejado pelo autor, e não no sentido atribuído por terceiros ou pela Igreja.

Ora, aqui estão as palavras do famoso decreto *Post obitum*, qualificado de *"ultrapassado"* pela Nota da Congregação para a Doutrina da Fé:

"A Santidade de Nosso Senhor Leão XIII Papa, por divina providência, a quem é caro acima de tudo que o depósito da doutrina católica seja conservado puro e isento de erro, incumbiu o Sagrado conselho dos Muito Eminentes Cardeais, Inquisitores gerais em toda a república cristã, de examinar as proposições denunciadas. A Suprema Congregação, portanto, como é de costume, iniciou um exame dos mais diligentes e procedeu à confrontação dessas proposições com as outras doutrinas do autor, especialmente aquelas que se destacam claramente dos livros póstumos; a Suprema Congregação julgou que devem ser reprovadas, condenadas, ***segundo o sentido visado pelo Autor****, as seguintes proposições que este decreto geral [Post obitum] reprova, condena e*

proscreve efetivamente: sem que isso permita a quem quer que seja deduzir que as outras doutrinas do mesmo Autor, que não são condenadas por este decreto, sejam de qualquer forma aprovadas. Após isso, um relatório cuidadoso de tudo isso sendo apresentado à Santidade de N.S.

Leão XIII, Sua Santidade aprovou, confirmou o decreto dos Eminentes Padres e ordenou que fosse observado por todos" (5).

Essa citação mostra, evidentemente, que as 40 proposições de Rosmini foram condenadas não apenas em si mesmas (ou no sentido que lhe foi dado *"fora do contexto do pensamento rosminiano em uma ótica idealista, ontológica e em um sentido contrário à fé e à doutrina católica"* , como afirma a Nota, no n. 7) mas ***"in proprio Auctoris sensu, no sentido mesmo do Autor".*** Essa é a mesma fórmula utilizada em 1656 para reafirmar que as teses de

Jansênio haviam sido condenadas ***"segundo o sentido visado por esse mesmo …, in sensu ab eodem… intento"*** (6).

A contradição entre um texto indiscutível do magistério eclesiástico aprovado pelo Papa Leão XIII e a Nota do cardeal Ratzinger aprovada por João Paulo II é absolutamente evidente e inegável.

Tentativa vã de negar a contradição ao invocar o precedente de 1854, quando as obras

rosminianas foram "retiradas do processo"

a) a influência dos fatores culturais

A Nota da Congregação para a Doutrina da Fé lembra (à sua maneira, como veremos) os precedentes que dizem respeito à "questão rosminiana". *"O Magistério da Igreja (…) interessou-se várias vezes, ao longo do século XIX, pelos resultados do trabalho intelectual do padre Antonio Rosmini Serbati (1797-1855). Ele colocou no Índice duas de suas obras em 1849, depois declarou isentas de todo suspeita [o texto original diz: 'dimettendo poi dal esame', o que pode ser traduzido mais corretamente por 'retirando do processo', nt]*, por Decreto doutrinal da Sagrada Congregação do Índice em 1854, a opera omnia, e condenou mais tarde, em 1887, quarenta proposições extraídas de obras na maioria póstumas e de algumas obras publicadas de sua vida, por Decreto doutrinal da Sagrada Congregação do Santo Ofício, intitulado 'Post obitum' (Denz 3201-3241). Uma leitura aproximada e superficial dessas diversas intervenções poderia fazer pensar em uma contradição intrínseca e objetiva por parte do Magistério na interpretação do conteúdo do pensamento rosminiano e sua avaliação diante do povo de Deus"_ (nn. 1 e 2). De fato, segundo a versão apresentada pela Nota, *"o Decreto de 1854, pelo qual as obras de Rosmini foram lavadas de todo suspeita [o texto original diz 'vennero dimesse', mesma observação acima], atestam a reconhecimento da ortodoxia de seu pensamento e de suas intenções declaradas…". De fato, se um Decreto de 1854 tivesse atestado a ortodoxia do pensamento de Rosmini, enquanto um Decreto de 1887 havia condenado 40 proposições (como a Nota pretende fazer crer), seria difícil negar a existência de certa contradição "intrínseca e objetiva", e isso, precisamente no Magistério mais "tradicional"! A Nota, que nega essa contradição para poder sustentar que ela mesma não contradiz o decreto de condenação de 1887 (*"está na mesma linha que se situa a presente Nota sobre o valor doutrinário desses decretos"_, n. 2), a Nota, dizíamos, se deleita quase em assinalar uma presunta incerteza da Igreja que, em 1854, atesta a ortodoxia do pensamento de Rosmini e,

em 1887, atesta sua heterodoxia. Como explicar essa aparente contradição? A Nota a explica 'à maneira modernista':

"Uma leitura atenta, não apenas dos textos, mas também do contexto e da situação de sua promulgação" (n. 2) permitirá a Ratzinger explicar a "contradição" inventada por ele: a condenação de 1887 é devida às mudanças dos *"fatores de ordem histórico-cultural"* (n. 4), ou seja, ao renascimento do tomismo promovido por Leão XIII. Assim, uma condenação de ordem doutrinária é reduzida a uma simples questão entre diversas escolas teológicas; a atual conclusão do neotomismo explica como teses percebidas na época como erradas, não o são mais hoje. A Nota historiciza e, portanto, relativiza o Magistério por meio de uma operação que poderia ser aplicada a qualquer texto do Magistério - mesmo ao mais solene - que, devido às mudanças dos *"fatores de ordem histórico-cultural"*, se tornaria, assim, *"ultrapassado"* (**7**).

b) omissões e falsificações sobre o Decreto de 1854

Se a "contradição" entre os dois decretos (aquele de 1854 sob Pio IX e aquele de 1887 sob Leão XIII) não é resolvida pela nebulosa explicação do contexto cultural, como solucioná-la? Deveríamos admitir – como os partidários mais ferrenhos de Rosmini no século passado? – que a contradição existe e que Leão XIII... não era Papa!? (8). De jeito nenhum. Na realidade, é a Nota do cardeal Ratzinger que, com suas omissões e suas falsificações, impõe ao leitor um problema que não existe.

Aqui está a falsificação: afirmar que o Decreto de 1854 reconheceu a ortodoxia do pensamento de Rosmini. Quanto à omissão, ela consiste em não falar minimamente sobre esses documentos do Magistério que negam explicitamente essa falsa interpretação.

Um pouco de história esclarecerá as ideias do leitor. Após a inclusão de duas obras de Rosmini no Índice em 1849, muitos católicos denunciaram à Congregação do Índice sua *opera omnia* editada até então. *"Após os censores terem examinado suas obras durante três anos, os cardeais decidiram na sessão de 3 de julho de 1854, presidida por Pio IX: 'dimittantur' [retirar da consideração]"* (9). Mas que interpretação dar a essa fórmula? *"Os amigos de Rosmini e o teólogo da cúria papal interpretaram a decisão dos cardeais no sentido de uma aprovação tácita. A Civiltà Cattolica e L'Osservatore Romano negaram que houvesse aprovação:*

A obra de Rosmini é simplesmente não proibida" (nota 9). A Sagrada Congregação do Índice, a mesma que "retirou da consideração" (absolveu) a obra de Rosmini em 1854, teve então - forçada pelas falsas interpretações dos rosminianos - que intervir pela primeira vez em 21 de junho de 1880 (e deste decreto a Nota do cardeal Ratzinger não faz menção): *"A Sagrada Congregação do Índice ... declarou que a fórmula 'a retirar' [dimittantur] significa somente que uma obra que é retirada não é proibida"* (10). Assim, ficou evidente que a Congregação dava razão aos adversários de Rosmini e erro a seus discípulos. Mas estes insistiram. *"O desacordo – escrevia a Civiltà Cattolica – não cessou, porque os discípulos de Rosmini entenderam esse 'não proibidas' como se, devido à sua qualidade e ortodoxia notórias, não poderiam ser proibidas e, portanto, que os filósofos e teólogos nada poderiam encontrar para censurá-las nem filosoficamente nem teologicamente"*

(11). Não é essa a tese do cardeal Ratzinger: o decreto de 1854 garantiu a ortodoxia das obras rosminianas? Mas essa pretensão (e hoje a de Ratzinger e da sua Nota) foi mais uma vez desmentida pela Congregação do Índice, à qual foram feitas as seguintes perguntas: *"1. Obras que foram denunciadas à Sagrada Congregação do Índice e que foram retiradas por ela do processo, ou que não foram proibidas, devem ser consideradas como isentas de todo erro contra a fé e os costumes?*

2. Se a resposta for sim, as obras que foram retiradas pela Sagrada Congregação do Índice ou que não foram proibidas podem ser atacadas tanto filosoficamente quanto teologicamente sem incorrer no reproche [sic] de temeridade?

No dia 5 de dezembro de 1881, a Congregação do Índice respondeu negativamente à primeira pergunta (os livros retirados do processo não são, portanto, necessariamente isentos de todo erro contra a fé e os costumes) e afirmativamente à segunda (pode-se, assim, criticar as obras em questão sem temeridade, ou seja, sem estar em oposição ao decreto de 1854). O Papa Leão XIII aprovou essa resposta em 28 de dezembro (12). Também não há registro dessa segunda decisão da Congregação do Índice na Nota da Congregação para a Doutrina da Fé que, no entanto, afirma ter praticado uma *"exame aprofundado".* O motivo é evidente: referir-se a esses dois decretos significaria destruir totalmente a falsa interpretação que se queria dar ao decreto de 1854: este não *"atestou"* [não] _a reconhecimento da ortodoxia de sua [de Rosmini] *pensamento e de suas intenções"* (n. 2), como se pretende fazer crer na Nota, mas concede apenas uma absolvição "por insuficiência de provas" a Rosmini (13).

Dessa forma, entre os dois Decretos, o de 1854 e o de 1887, não existe mesmo uma aparência de contradição intrínseca e objetiva, como pretende fazer crer a Nota: *"sob Pio IX – escrevia na época a Civiltà Cattolica – ficou definido que mesmo nas obras de Rosmini retiradas da consideração poderiam existir proposições condenáveis, porque contrárias à fé e aos costumes, e que sob Leão XIII ficou definido que nelas existiriam de fato. Se eu digo que pode chover e, em seguida, chove efetivamente, onde estaria a contradição? A existência de algo não se opõe à sua possibilidade, ela a inclui"* (l.c., p. 274).

Para a Nota, a culpa da condenação de 1887 reside no neotomismo. Mas a aversão à Escolástica é um sinal distintivo do modernismo

Segundo a Nota, como vimos, o Decreto de 1887 se enganou ao atribuir a Rosmini erros que ele não professava: "*o sentido das propostas, assim entendido e condenado por esse mesmo Decreto, não pertence, na realidade, à posição autêntica de Rosmini*" (n. 7). Mas a que se deve esse suposto erro? Para a Nota, o "primeiro fator" de "ordem histórico-cultural" que *"coloca as premissas de um julgamento negativo em relação a uma posição filosófica e especulativa como a posição rosminiana*" foi o "*projeto de renovação dos estudos eclesiásticos promovido pela encíclica Æterni Patris (1879) de Leão XIII, na linha da fidelidade ao pensamento de Santo Tomás de Aquino*". O segundo fator foi a dificuldade de compreender o pensamento de Rosmini, agora falecido, por aqueles que o liam "*na perspectiva neotomista*" (n. 4). Sem dúvida, a condenação de Rosmini amadureceu no clima da restauração da teologia escolástica e tomista promovida por Leão XIII... Mas nos questionamos: que valor os redatores da Nota, e João Paulo II que a aprovou, atribuem aos muito numerosos documentos do Magistério a favor da escolástica e da doutrina de Santo Tomás?

(14). Suponhamos que, como o Decreto *Post obitum*, eles também devem ser considerados como "ultrapassados", uma vez que a Nota não parece reconhecer-lhes valor doutrinal e disciplinar para o tempo presente (caso contrário, os princípios tomistas que levaram à condenação de Rosmini em 1887 teriam levado novamente à sua condenação em 2001). Isso é particularmente grave porque não é *"especialmente (...) contra o risco do ecletismo"* como afirma a Nota (n. 4), que a Igreja recomendou a escolástica e o tomismo, mas também e especialmente contra os erros modernos, proclamando que o fato de se afastar deles traz um grave e perigoso prejuízo à Fé (nota 14). É principalmente ao modernismo que a filosofia escolástica e a doutrina tomista representam um obstáculo, como recordava Santo Pio X na Encíclica *Pascendi*: *"três coisas, eles sentem bem, barram seu caminho: a filosofia escolástica, a autoridade dos Pais e a tradição, o magistério da Igreja. A essas três coisas eles fazem uma guerra feroz. (...)*

E é um fato que, com o amor às novidades, vai sempre a par a aversão ao método escolástico; e não há indício mais seguro de que o gosto pelas doutrinas modernistas começa a aparecer em um espírito do que vê nascer o desgosto por este método". A Nota, de um só golpe, declara "ultrapassados" os três obstáculos ao modernismo: escolástica, tradição e magistério.

Outras inexatitudes da Nota

Até agora, expusemos os erros mais graves da Nota sobre Rosmini. Contudo, ainda haveria muito a dizer: vamos abordar dois pontos.

a) O Decreto de 1887 teria sido apenas a expressão de uma preocupação!

O constrangimento da Nota transparece também na tentativa de minimizar a condenação (reconhecida como tal) de 1887. Ela é apresentada como *"uma tomada de distância"* (n. 4), um *"julgamento negativo"* (n. 4), expressando *"as preocupações reais do Magistério"* (n. 5) e *"os motivos de preocupação e as dificuldades doutrinárias e prudenciais"* (n. 7). A Nota afirma em particular que *a profunda coerência do julgamento do Magistério em suas diversas intervenções sobre o assunto é verificada pelo fato de que este mesmo Decreto doutrinal Post obitum não contém um julgamento que concerne a uma negação formal de verdades de fé por parte do autor, mas trata, antes, do fato de que o sistema filosófico-teológico de Rosmini era considerado como insuficiente e inadequado para guardar e expor certas verdades da doutrina católica, reconhecidas e confessadas pelo próprio autor"* (n. 5). No entanto, se lermos o Decreto *Post obitum*, não encontraremos nada disso. Se não diz explicitamente (mas isso não é excluído) que as proposições condenadas são heréticas, diz-se, no entanto, que elas não são conformes à verdade católica e que, como tais, são condenadas, proscritas e reprovadas: não há vestígio de insuficiência, inadequação ou simples dificuldade doutrinária, e ainda menos de caráter prudencial. Da mesma forma que exagera a importância da "absolvição" das obras feita em 1854, fazendo-a passar por um certificado de ortodoxia, a Nota diminui da mesma maneira a relevância da condenação de 1887, disfarçando-a como uma simples preocupação prudencial por uma doutrina insuficiente. Isso certamente não denota grande honestidade intelectual...

b) As interpretações heterodoxas do pensamento rosminiano seriam atribuídas a não-católicos

Ainda para atenuar a gravidade dos erros de Rosmini e a gravidade de sua condenação, a Nota atribui as *"interpretações errôneas e desviantes do pensamento rosminiano"* em oposição à fé católica *"em uma perspectiva idealista, ontológica e subjetivista"* aos *"pensadores não católicos"* e aos *"setores intelectuais da cultura filosófica laicista, marcada pelo idealismo transcendental ou pelo idealismo lógico ou ontológico"* (n. 5). Mas o autor do livro *Le Rosminianisme, synthèse du Panthéisme et de l'Ontologisme*, escrito e publicado em 1881 – com a aprovação do Mestre da sagrada Cúria (teólogo do Papa) – era católico ou não? É possível que católicos e não católicos tenham se enganado ao considerar a pensamento de Rosmini como heterodoxo?

As ambigüidades de Rosmini, ou como "embelezar a pílula"

A Nota admite, de fato, que o pensamento de Rosmini contém ambigüidades e equívocos. Mas se se acredita que assim é, como pode ser considerada a canonização de um pensador que permanece ambiguo e equívoco na Fé? Portanto, tem-se o receio de que essas concessões (o pensamento de Rosmini contém ambigüidades) tenham sido feitas para "embelezar a pílula", para que logo sejam esquecidas e se tornem, posteriormente, "ultrapassadas", enquanto permanecem na memória a reabilitação e a próxima beatificação de Rosmini.

Conclusão: um documento de importância aparentemente "menor", na realidade grave e simbólico

Alguns pensarão que a questão que acabamos de abordar é de importância menor, e que, portanto, perdemos nosso tempo. Rosmini não era um ímpio, mas um sacerdote piedoso; muitos outros erros, muito mais graves do que a reabilitação de Rosmini, nos são continuamente infligidos. É verdade, existem fatos e documentos que em si são mais graves e escandalosos; mas – embora este seja um documento de importância aparentemente menor – ele continua a representar uma realidade grave e sintomática do aniquilamento progressivo e sorrateiro do magistério da Igreja.

Após o Decreto *Post obitum*, qual será a próxima vítima do "aggiornamento"?

Notas

1. Mgr Umberto Benigni, *Storia sociale della Chiesa*, vol. II, tomo I, p. 216, Vallardi, Milão 1912.
2. Heinrich Denzinger, *Símbolos e definições da Fé católica...*, editado por Peter Hünermann para a edição original e por Joseph Hoffman para a edição francesa, Ed. do Cerf, Paris 1996, p. 513.
3. *"As dificuldades doutrinárias em relação aos escritos de nosso Pai Fundador podem ser consideradas como superadas",* carta da Postulação da Causa de Beatificação de Rosmini datada de 1º de julho de 2001, assinada pelo Preposto geral do Instituto da Caridade, pela Superiora geral das Irmãs da Providência, pelo Postulador Geral e pelo Vice-Postulador da Causa.
4. *"O Soberano Pontífice João Paulo II, durante a audiência de 8 de junho de 2001, concedida ao subscrito cardeal Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, aprovou esta Nota sobre o valor dos decretos doutrinais concernentes ao pensamento e às obras do*

sacerdote Antonio Rosmini Serbati, decidida em sessão ordinária, e ordenou sua publicação."

5. Nossa tradução francesa do decreto *Post obitum* publicado por *La Civiltà Cattolica*, ano XXXIX, vol. X, série XIII, 1888, pp. 63-64.
6. Os Padres de *La Civiltà Cattolica* também não deixaram de ressaltar esse ponto do Decreto de condenação de Rosmini: "*O mesmo conselho [dos Cardeais] afirma que teve conhecimento do sentido em que Rosmini empregou as proposições em questão, e julgou que é no sentido mesmo empregado pelo autor que elas deveriam ser reprovadas, condenadas e proscritas; e é nesse sentido que ela as reprova, condena e proscreve*, *propositiones quæ sequuntur, in proprio auctoris sensu reprobandas, damnandas, ac proscribendas esse iudicaverit, prout hoc generali decreto reprobat, damnat, proscribit*" (La Civiltà Cattolica, ano 39, vol. X, série 13, 1888, pp. 269-270: *Soluzione della questione rosminiana* [Solução da questão rosminiana]).
7. Certamente, não queremos negar a existência de certa influência do contexto histórico sobre os textos doutrinários em geral, e, neste caso particular da condenação de Rosmini, a influência da promoção do tomismo por Leão XIII, assim como não queremos negar a utilidade de conhecer o contexto histórico de um documento para sua melhor compreensão. Mas negamos categoricamente que o exame do contexto histórico e cultural de um documento do Magistério (ou da Escritura Sagrada) possa autorizar a considerá-lo como "ultrapassado" em outro contexto, como se as fórmulas doutrinárias e/ou dogmáticas não tivessem um valor em si, e fossem apenas um produto sociocultural de uma época dada. A posição insinuada pela Nota destrói, de fato, radicalmente o próprio conceito e a permanência do Magistério eclesiástico (e mesmo da Revelação divina).
8. O fato é autêntico, e eu o encontrei consultando os velhos números de *La Civiltà Cattolica*, "*Soluzione della questione rosminiana*", l.c., p. 273.
9. Denzinger, *op. cit.* pp. 703-704.
10. ASS 13 [1880/81] 92. Denzinger, *op. cit.*, p. 704.
11. *La Civiltà Cattolica, "Solução da questão rosminiana"*, l.c., p. 261.
12. Denzinger, nn. 3154-3155; ASS 14 [1981/82] 288.
13. "*É claro que, se sua culpabilidade tivesse sido demonstrada com certeza, ele deveria ser condenado; se sua culpabilidade não tivesse sido demonstrada, ele deveria ser absolvido, ou seja, solto; (...) A certeza prévia é necessária à condenação, porque é uma regra de direito que nemo præsumitur reus nisi legitime probetur; o que vale para qualquer tribunal."* Leia a esse respeito toda a p. 260 de *La Civiltà Cattolica*, l.c.
14. Por exemplo, Leão XIII, Enc. *Æterni Patris*, DS 3139-3140 e a carta ao ministro geral da OFM de 27 nov. 1878; S. Pio X, Enc. *Pascendi*, m.p. *Sacrorum antistitum*, m.p. *Doctoris angelici*, e as 24 Teses, DS 3601-3624; Código de Direito Canônico, cann. 580§1 e 1366§2; Pio XI, c.ap. *Deus scientiarum Dominus* e Enc. *Studiorum ducem,* DS 3665-3667; Pio XII, Enc.

3. Anexo 3 - Artigo de « Trinta Dias», mensal italiano modernista (órgão vinculado à igreja conciliar), retratando a história da 'beatificação' de Rosmini, condenado pelo Papa Leão XIII

ANTONIO ROSMINI BEATO[34]

História de uma causa tumultuada

O postulador da causa de beatificação retrata os passos que levaram Rosmini aos altares

por Claudio Massimiliano Papa
do Instituto da Caridade

Vista da abadia beneditina da Sacra di San Michele, no Vale de Susa, que foi confiada aos rosminianos em 1836

A reputação de homem de Deus que acompanhou Antonio Rosmini desde sua juventude é ainda reforçada por algumas graças obtidas por sua intercessão. O padre Francesco Paoli, seu primeiro biógrafo, vê nessas graças e na devoção crescente a ele a oportunidade de introduzir a causa de beatificação imediatamente após sua morte; ele consulta diversas pessoas, mas logo encontra aqueles que freiam sua iniciativa. Em contrapartida, **os cardeais Hohenlohe e Bartolini, assim como os bispos piemonteses de Casale e Turim**, se pronunciam a favor da causa de beatificação.

Lorenzo Gastaldi, em particular, bispo de Turim, não se contenta em apenas aprovar a iniciativa, mas oferece seus conselhos e apoio. Em uma carta ao padre geral Luigi Lanzoni, ele o pressiona escrevendo: «Você deve apresentar sem demora seu pedido à cúria de Novara para que o processo seja aberto...».

E este mesmo prelado apoia os padres rosminianos, enviando uma carta ao bispo de Novara na qual se diz certo de que ele aceitará «o pedido mais do que legítimo desses excelentes Pais, à oração dos quais acrescento a minha»; em seguida, declarando-se disposto a dar à causa toda a ajuda possível, conclui que «***trata-se de cooperar para a glória de um dos personagens que mais iluminou a Igreja e o clero neste século***».

No dia 22 de abril de 1882, o padre Paolo solicita ao bispo de Trento a permissão para coletar em seu diocesano testemunhos extrajudiciais sobre as virtudes do servo de Deus, com a intenção de abrir um processo informativo. A pesquisa foi iniciada, mas o processo não começou: não parecia prudente ao padre Lanzoni abrir «a grande causa de beatificação» naquele momento, **quando as obras de Rosmini estavam sendo examinadas pelo Santo Ofício.**

Foi exatamente com base nessa nova informação que o padre Lanzoni, no início de 1882, havia dirigido ao Papa Leão XIII o seguinte pedido: «... que pela graça, me sejam comunicadas (caso as notícias privadas fossem verdadeiras), pelo meio que Vossa Santidade encontrar mais adequado, ***as propostas que eventualmente poderiam ter sido incriminadas nas ditas obras, a fim***

de esclarecer as obscuridades, ou seja, refutar as objeções que parecessem eventualmente ofender a santa doutrina da Igreja e da Sé apostólica». Durante os dois anos seguintes, Paoli prossegue seu incansável trabalho, escrevendo a segunda parte do livro Della vita di Antonio Rosmini-Serbati, sob o título Delle sue virtù.

Nesta obra, ele não se limita a demonstrar as virtudes heróicas praticadas por Antonio Rosmini, mas acrescenta cerca de trezentos testemunhos sobre as virtudes e a santidade deste último, apresentados por pessoas do mundo eclesiástico e laico que o haviam conhecido. Embora o material provando sua santidade de vida tenha se tornado considerável, **os superiores do Instituto religioso acharam melhor adiar o pedido de abertura do processo de beatificação, especialmente após o decreto Post obitum de 1887 que indicava possíveis erros doutrinários em quarenta propostas extraídas das obras de Rosmini**. O eventual pedido de abertura do processo de beatificação é, portanto, momentaneamente colocado de lado e não é mais mencionado por quarenta anos.

Foi em 1928 que o padre geral Balsari considerou oportuno tentar abrir a causa de beatificação de Antonio Rosmini. Além das curas miraculosas que haviam surgido justamente naquele ano, que são a razão principal, também foi **o ano do centenário da fundação do Instituto da Caridade** e ao se engajar a favor de Rosmini, dava-se novo ânimo ao Instituto, enfraquecido e humilhado pelo fato de ter sido fundado por um homem que ainda não havia sido compreendido. E também era necessário evitar a perda dos poucos testemunhos de visão ainda existentes e garantir os testemunhos *de auditu*.

A iniciativa de Balsari é incentivada não apenas pelas palavras do Papa, mas também pelo parecer do cardeal Gamba, arcebispo de Turim, e de Dom Mariani, secretário da Sagrada Congregação dos Ritos. O pedido feito aos bispos de Novara e Trento recebe um parecer favorável. Em 13 de janeiro, recebe sem dificuldades **da Sagrada Congregação dos Ritos o mandato de procuração para o padre Giuseppe Sannicolò e para os dois vice-postuladores, com o nihil obstat emitido pela Chancelaria da mesma Congregação e assinado pelo substituto, Dom Di Fava.** Com base nos cânones 2038 e 2939, então em vigor, os bispos podiam, ***iure proprio***, instituir o processo informativo sobre a fama de santidade e o processo de não-culto. Enquanto **o bispo de Trento leva isso em consideração, instituindo o Tribunal e celebrando a primeira sessão, o de Novara escreve em 6 de janeiro de 1928 ao secretário de Estado, o cardeal Gasparri,** uma carta para solicitar informações. Como isso não era da sua competência, Dom Gasparri encaminha a carta ao **procurador geral da fé, Dom Salotti**. Após suas considerações sobre o caso Rosmini, ele responde ao bispo de Novara desaconselhando a introdução da causa de beatificação para «não reavivar antigas polêmicas, incitar discussões nem oportunas nem úteis, e despertar entre os clérigos e os leigos essas divisões que a caridade e a prudência aconselham a evitar».

No dia 5 de fevereiro seguinte, o padre Balsari, armado desses testemunhos, escreve ao Papa uma longa carta, em parte para informá-lo e em parte para suplicá-lo, pedindo que o processo de beatificação seja aberto no diocese de Novara e que seja continuado naquele de Trento, onde já tinha começado. Mas nenhuma ação é tomada e tudo é interrompido.

Várias outras tentativas foram feitas posteriormente para introduzir a causa. **Com exceção de Lanzoni, que é o homem da obediência humilde e silenciosa ao Post obitum, nenhum padre geral do Instituto da Caridade abandonou a tentativa de introduzir a causa de beatificação** de seu fundador.

Após o padre Balsari, a petição apresentada pelo padre geral Giuseppe Bozzetti durante o pontificado de Pio XII terá o mesmo resultado que a de 1928. Ali também, tudo estava pronto para a abertura do processo informativo no diocese de Novara, e o **postulador já estava nomeado na pessoa do padre John Hichey.** Mas no dia 4 de julho de 1947, o padre provincial recebe uma carta de Novara: ela é assinada por Dom Giovanni Cavigioli, que «com uma alma profundamente consternada» comunica **a resposta negativa da Sagrada Congregação dos Ritos. É o próprio cardeal Salotti, na qualidade de prefeito da Congregação, que a redigiu e que reafirma o "não"** com base nas mesmas motivações dadas em 1928.

Uma foto de época do Colle Rosmini com o santuário onde está sepultado o padre de Rovereto e onde se encontra o Colégio que lhe é dedicado.

No tempo de João XXIII, a partir de 1962, o padre geral da época, Giovanni Gaddo, começa a recolher uma série de informações para verificar a oportunidade de uma nova tentativa. **Os contatos com o cardeal Larraona, prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, com Dom Antonelli, promotor da Fé,** e com o cardeal Ottaviani, secretário do Santo Ofício, têm todos uma saída positiva. **O cardeal Larraona,** em cujas mãos a causa é depositada (pois, segundo a vontade explícita de seu fundador, o Instituto não tem um cardeal protetor) **mostra-se particularmente benevolente.**

O próprio Papa, em sua prudência e solicitude, se interessa pela causa de Rosmini com a intenção declarada de lidar com ela assim que o Concílio fosse concluído, desejando que a causa de Rosmini fosse uma causa histórica e não doutrinária. O novo ambiente é encorajador e o pedido de obtenção do nihil obstat por parte da Sagrada Congregação dos Ritos parte em 17 de setembro de 1962, mas o ímpeto de esperança de alcançar o objetivo é aniquilado pela morte do papa, em junho de 1963.

Enquanto isso, **os Padres conciliares discutem os problemas relacionados à liturgia, e o procurador geral julga bom enviar como homenagem ao cardeal Larraona o livro Les cinq plaies, que aborda essas questões.** Ele acompanha seu presente com reflexões sobre as razões históricas e políticas pelas quais esse livro foi colocado no Index, expressando o desejo de

que «***essa proibição possa ser levantada no momento oportuno***».

Em março de 1965, os contatos para abrir a causa de Rosmini são retomados. Em um encontro com o cardeal Ottaviani, Secretário da Congregação do Santo Ofício, o padre geral ouve: «Vamos começar agora mesmo. Prepare todas as objeções e já adicione respostas a elas, de modo que, quando o processo nos chegar, tudo esteja preparado para uma boa solução. Precisamos buscar pessoas muito competentes».

A petição é enviada em meados de dezembro e é comunicada por meio de **Dom Angelo Dell'Acqua** para obter o consentimento do Papa para a abertura do processo. Por volta de **novembro de 1966, o padre Bolla, rosminiano, procurador do Instituto da Caridade, lembra ao cardeal Larraona** que nenhuma resposta ainda foi recebida, enquanto o padre geral, durante um encontro com Dom Dell'Acqua, portador da petição, questiona sobre esse atraso e recebe como resposta apenas que «são coisas que precisam ser bem refletidas», com o conselho de solicitar uma audiência ao Santo Padre. Mas algum tempo depois, ele faz entender que é melhor desistir. As novas esperanças, alimentadas por essas vozes favoráveis, se apagam como as anteriores, e as razões para esse silêncio permanecem vagas.

Existem nos arquivos gerais rosminienses documentos datados dos primeiros meses de 1971 que comprovam a intenção de reativar a causa de beatificação de Rosmini. **Em 19 de maio, encontra-se de fato um Relatório sobre o problema das "quarenta propostas", apresentado a Dom Giuseppe Del Ton com um Memorando em anexo, enviado ao cardeal Franjo Seper, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé,** no qual se solicita o Nihil obstat. Também no dia 20 de maio, há uma Petição ao papa por parte do padre geral. A resposta do cardeal Seper a Dom Del Ton é datada de 9 de junho e informa que «este Dicastério não concede um Nihil obstat desse tipo em nível preventivo; é por isso que esta Sagrada Congregação se reserva para tratar com a maior imparcialidade a questão da eventual beatificação assim que uma requisição oficial for recebida por parte da Congregação para as causas dos santos».

Os contatos informais para uma nova tentativa são retomados no final do verão de 1971. Dom Del Ton e o cardeal Nasalli Rocca di Corneliano reafirmam ao padre rosminiano Clemente Riva que os círculos do Vaticano, inclusive o Papa, estão favoráveis. Esse mesmo padre recebe orientações precisas sobre o procedimento a seguir por parte de **Dom Frutaz, subscrutador da Congregação para as Causas dos Santos**. É necessário: a Petição ao Papa por parte do padre geral em nome do Instituto, de amigos e especialistas de Rosmini, que enfatizam a personalidade e a utilidade atual da vida santa e do pensamento rosminiano, o Perfil de sua vida e de suas virtudes, a alusão explícita às "quarenta propostas", o Nihil obstat e um Ponente (um cardeal ou mesmo o superior geral) que apresente ao Papa a petição com todo o material.

Em 24 de maio de 1972, uma Petição é apresentada ao Santo Padre por meio de Dom Pasquale Macchi. Os signatários são o padre Francesco Berra, procurador do Instituto, e o padre Clemente Riva, vigário do padre geral. No final do mês de maio, Dom Macchi informa que a Petição e a documentação que a acompanha foram corretamente encaminhadas. **Em 18 de novembro de 1972, a Congregação para a Doutrina da Fé se dirige ao padre Cornelio Fabro, estigmatino,** e ao padre rosminiano Clemente Riva (em 7 de dezembro de 1973) para obter a

opinião deles sobre a questão rosminiana.

O bispo de Novara, Renato Corti (o segundo da esquerda), e o padre Claudio Massimiliano Papa (o segundo da direita), postulador da causa de beatificação, durante a coletiva de imprensa de apresentação da cerimônia de beatificação de Rosmini.

Dada a complexidade da questão, **uma comissão é constituída em abril de 1974 junto à Congregação para a Doutrina da Fé** para estudar a questão rosminiana e apresentar as conclusões aos membros do dicastério. Fabro e Riva fazem parte dessa comissão. O trabalho continua até meados de 1976 e é apresentado na sessão plenária do dicastério; um grande número de membros parece favorável à abolição do Post obitum, enquanto outros são contrários. O padre rosminiano Clemente Riva deixará a comissão ao ser eleito bispo auxiliar de Roma alguns meses antes da conclusão dos trabalhos.

A Congregação para a Doutrina da Fé, após examinar o caso, não emite um parecer negativo, mas, como relata a Dom Riva **Dom Hamer, secretário da Congregação, decide o *non expedit nunc*** devido à disparidade de julgamento dos consultores. Além disso, convida os especialistas a aprofundar seu conhecimento sobre Rosmini para encontrar uma interpretação que permita levantar a censura.

Há nesta resposta um sério problema: um autor pode ser e permanecer condenado quando a "suprema autoridade" mesmo duvida que esse autor possa estar certo e que possa haver uma interpretação favorável a ele? Essas dúvidas atormentam os especialistas e admiradores de Rosmini.

Com base em novas pesquisas, **em 5 de junho de 1990, o padre geral Giovanni Zantedeschi envia à Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé** a documentação relativa a «novos elementos de avaliação que podem esclarecer a posição exata de Antonio Rosmini em relação às "quarenta propostas" condenadas no decreto Post obitum».

No mês seguinte, o padre Remo Bessero Belti é nomeado como especialista do Instituto, com a intenção de instituir uma comissão de estudos encarregada de reexaminar a questão rosminiana. A procedure seguida pela Sagrada Congregação é a seguinte: numa primeira fase, é apresentada ao especialista rosminiano as dificuldades e as reservas levantadas sobre o pensamento de Rosmini durante a análise anterior, realizada em 1976; em seguida, sua resposta por escrito a essas dificuldades e questionamentos; finalmente, convoca-se a Comissão de estudos, da qual o padre Bessero Belti é membro, com a tarefa de discutir e expressar um parecer sobre o assunto.

O resultado da análise é positivo e permite a redação **da Declaratio de 19 de fevereiro de 1994 com o *non obstare* no sentido de que "se possa abrir a causa de beatificação do servo de Deus Antonio Rosmini, padre fundador do Instituto da Caridade e das Irmãs da Providência". Pode-se ler, ao final do documento, que a "Congregação da fé deverá ser de novo chamada a se pronunciar sobre o julgamento doutrinal definitivo a esse respeito".**

No dia 18 de fevereiro seguinte, o superior geral comunica a **Dom Renato Corti, bispo de Novara**, no diocese do qual começará o processo informativo. O bispo procede à nomeação dos três teólogos e da Comissão histórica para o diocese de Novara, onde Rosmini viveu e morreu, e sugere a constituição de uma comissão idêntica para o diocese de Trento, onde Rosmini nasceu e foi educado. **Em 10 de março de 1994, o decreto de *non obstare* é notificado a todos os bispos da Conferência Episcopal piemontesa**.

Em 1º de julho de 1997, é constituído o Tribunal diocesano para o processo informativo sobre a fama de santidade do servo de Deus Antonio Rosmini e eu, religioso rosminiano, sou nomeado novo postulador geral do Instituto da Caridade e das Irmãs da Providência. A irmã Carla Cattoretti, religiosa das Irmãs da Providência, é nomeada vice-postuladora. Ela deixará esse cargo em 2001, quando for eleita superiora geral. **Em 20 de fevereiro de 1998, conclui-se o processo diocesano e o Transunto é comunicado à Congregação para as Causas dos Santos. Em março de 1999, o padre Ambrogio Eszer, op, me convoca imediatamente e me fornece instruções precisas sobre como conduzir o estudo para compor a Positio.**

Na Instrução comunicada pelo padre Eszer, é indicado que deverão constar como documento, entre os capítulos da bibliografia documental, as "quarenta propostas" condenadas pelo Santo Ofício em 1887, com **uma introdução que prove que as doutrinas condenadas não são as do servo de Deus.** Este capítulo será apresentado **separadamente à Congregação para a Doutrina da Fé, de acordo com o que foi estabelecido pelo excelentíssimo arcebispo Alberto Bovone, secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, na carta de 19 de janeiro de 1994 enviada a Sua Excelência Reverendíssima Dom Giovanni Battista Re, substituto na Secretaria de Estado.**

É com esse objetivo que **em 2 de dezembro de 1999, submeto ao relator o capítulo da Positio** que examina as circunstâncias históricas e as conclusões teológicas que levaram ao Post obitum. Este estudo, completamente preparado por mim, busca demonstrar que «o sentido das "propostas" condenadas não pertence de fato à posição autêntica do autor».

Em 1º de julho de 2001, L'Osservatore Romano publica a Nota da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a "valoração dos decretos doutrinais relativos ao pensamento e às obras do reverendo padre Antonio Rosmini Serbati". A Nota é assinada por quem era então o prefeito da Congregação, o cardeal Joseph Ratzinger.

Em 1º de julho de 2001, dia do centésimo quadragésimo sexto aniversário da morte do servo de Deus Antonio Rosmini, L'Osservatore Romano publica a Nota da Congregação para a Doutrina da Fé sobre a «valoração dos decretos doutrinários relativos ao pensamento e às obras do reverendo padre Antonio Rosmini Serbati». Na Nota, após uma investigação histórica e um cuidadoso estudo

do contexto, é declarado: «***Pode-se considerar que os motivos de preocupação e dificuldades doutrinárias e prudenciais que determinaram a promulgação do decreto Post obitum de condenação das "quarenta propostas" extraídas das obras de Antonio Rosmini estão, hoje, ultrapassados. E isso se deve ao fato de que o sentido das propostas, conforme entendido e condenado por este mesmo decreto, não pertence, na realidade, à posição autêntica de Rosmini, mas a conclusões possíveis da leitura de suas obras***». O documento é assinado por quem era então o **prefeito da Congregação, o cardeal Joseph Ratzinger**. Posteriormente, o Santo Padre Bento XVI autoriza a Congregação para as Causas dos Santos, dirigida pelo **prefeito, o cardeal José Saraiva Martins**, a promulgar, em 26 de junho de 2006, o decreto sobre o exercício heróico das virtudes testemunhadas por Antonio Rosmini, e um ano depois, **em 1º de junho de 2007, o decreto sobre o milagre** ocorrido por intercessão do venerável Antonio Rosmini.

Hoje, finalmente, após todo o trabalho realizado, primeiramente pelo **diocese de Novara, ao qual agradeço ao bispo Monseigneur Renato Corti** e sua cúria diocesana, e depois pela congregação para as Causas dos Santos, à qual expresso sempre minha gratidão, começando por seu prefeito já citado, assim como pelo atual secretário Dom Michele Di Ruberto, e a todos que trabalharam para levar a cabo esta difícil causa, ao oferecer ao Santo Padre Bento XVI a documentação necessária para promulgar o decreto de beatificação, cujo anúncio será feito no dia 18 de novembro próximo no diocese de Novara, conforme os novos procedimentos para os ritos de beatificação.

Claudio Massimiliano Papa (modernista da igreja conciliar)

---

[34] http://www.30giorni.it/fr/articolo.asp?id=15819

http://www.30giorni.it/fr/articolo_stampa.asp?id=15819

Anexo 4 - Nota de Ratzinger reabilitando Rosmini (30 de junho de 2001)

NOTA DA CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ [35]

SOBRE O VALOR DOS DECRETOS DOUTRINAIS RELACIONADOS AO PENSAMENTO E ÀS OBRAS

DO REV. PADRE ANTONIO ROSMINI SERBATI,

30.06.2001

1. O magistério da Igreja, que tem o dever de promover e guardar a doutrina da fé, e de preservá-la das ameaças recorrentes de alguns correntes de pensamento e práticas determinadas, se interessou várias vezes durante o século XIX pelos resultados do trabalho intelectual do Rev. Padre Antonio Rosmini Serbati (1797-1855), colocando no Índice duas de suas obras em 1849, depois excluindo desse exame a *opera omnia* em 1854, por um Decreto doutrinal da Santa Congregação do Índice, e, em seguida, condenando em 1887 quarenta proposições, extraídas em sua maioria de obras póstumas, e de outras obras inéditas durante a vida, pelo Decreto doutrinal, chamado *Post Obitum*, da Santa Congregação do Santo Ofício (Denz 3201-3241).
2. Uma leitura aproximativa e superficial dessas diversas intervenções poderia levar a pensar em uma contradição intrínseca e objetiva por parte do Magistério na interpretação dos conteúdos do pensamento rosminiano, e em sua avaliação diante do povo de Deus. No entanto, uma leitura atenta, não apenas dos textos, mas também do contexto e da situação em que foram promulgados, ajuda a compreender, e mais ainda em um necessário desenvolvimento, uma apreciação ao mesmo tempo vigilante e coerente, considerando, como sempre, que em qualquer circunstância, deve-se proteger a fé católica e se mostrar determinado a não consentir em suas interpretações desviantes ou redutivas. É nesta linha que se insere a presente *Nota* sobre o valor dos mencionados decretos.
3. O Decreto de 1854, pelo qual foram excluídas as obras de Rosmini, atesta o reconhecimento da ortodoxia de seu pensamento e de suas intenções declaradas, quando, a respeito da inclusão de duas de suas obras no Índice em 1849, escrevia ao Bem-aventurado Pio IX: “Quero me apoiar em tudo na autoridade da Igreja, e quero que

todos saibam que é a essa autoridade apenas que adiro”[1]. No entanto, o Decreto em si não pretendia significar a adoção, por parte do Magistério, do sistema de pensamento rosminiano como instrumento filosófico-teológico de mediação da doutrina cristã, nem pretendia expressar qualquer opinião sobre a plausibilidade especulativa e teórica das posições do autor.

4. Os eventos ocorridos após a morte do Rovérétain exigiram que se tomasse distância de seu sistema de pensamento, e particularmente de algumas de suas formulações. É necessário esclarecer os principais fatores de ordem histórico-cultural que influenciaram tal distância, que culminou com a condenação das “Quarenta proposições” do decreto *Post Obitum* de 1887.

Um primeiro fator refere-se ao projeto de renovação dos estudos eclesiásticos promovido na Encíclica *Aeterni Patris* (1879) de Leão XIII, na linha da fidelidade ao pensamento de São Tomás de Aquino. A necessidade reconhecida pelo Magistério pontifício de fornecer um instrumento filosófico e teórico, fixado no tomismo, apto a garantir a unidade dos estudos eclesiásticos, principalmente na formação dos padres nos seminários e nas Faculdades teológicas, contra o risco do ecletismo, colocava as premissas de um julgamento negativo em relação a uma posição filosófica e especulativa, como a posição rosminiana, que diferia pela linguagem e por todo o aparato conceitual da elaboração filosófica e teológica de São Tomás de Aquino.

Um segundo fator a ser mantido em mente é que as proposições são extraídas em grande parte de obras póstumas do autor, cuja publicação se encontrava desprovida de um aparato crítico capaz de explicar o sentido preciso das expressões e dos conceitos que haviam adotado. Assim se favoreceu uma interpretação em um sentido heterodoxo do pensamento rosminiano, o que se deve também à dificuldade objetiva em interpretar suas categorias, principalmente se fossem lidas na perspectiva neotomista.

5. Além de tais fatores determinados pela contingência histórico-cultural e eclesial da época, deve-se reconhecer que o sistema rosminiano contém conceitos e expressões às vezes ambíguos e equívocos que exigem uma interpretação vigilante e que podem ser esclarecidos apenas à luz do contexto mais geral da obra do autor. A ambiguidade, a equívoca, e a difícil compreensão de certas expressões e categorias, presentes nas proposições condenadas, explicam, entre outras coisas, as interpretações em um sentido idealista, ontologista e subjetivista, que foram aquelas dos pensadores não católicos, contra as quais o Decreto *Post Obitum* se opunha objetivamente. O respeito pela verdade histórica exige, por outro lado, que se destaque e se confirme o papel importante do Decreto de condenação das “Quarenta proposições”, na medida em que não apenas expressava as reais preocupações do Magistério contra os erros e as interpretações desviantes do pensamento rosminiano, em oposição à fé católica, mas também prevenia contra o fato atestado da recepção do rosminianismo no campo intelectual da cultura filosófica laica, marcada pelo idealismo transcendental ou pelo idealismo lógico e ontológico. A profunda coerência da escolha do Magistério em suas diversas intervenções a esse respeito se verifica no fato de que o mesmo Decreto doutrinal *Post Obitum* não se referia ao julgamento sobre a negação formal da verdade da fé por parte do autor, mas sim ao fato de que o sistema filosófico-teológico de Rosmini era considerado insuficiente e inadequado para preservar e explorar certas verdades da doutrina católica, que no

entanto o próprio autor reconhecia e confessava.

6. Por outro lado, deve-se reconhecer que uma leitura científica ampla, séria e rigorosa do pensamento de Antonio Rosmini, particularmente no campo católico de teólogos e filósofos pertencentes a diversas escolas de pensamento, mostrou que tais interpretações contrárias à fé e à doutrina católica não correspondiam, na realidade, à posição autêntica do Rovérétain.
7. A Doutrina para a Doutrina da Fé, após um exame aprofundado dos dois decretos doutrinais, promulgados no século XIX, e com base nos resultados da historiografia e da pesquisa científica e teórica das últimas décadas, chegou à seguinte conclusão:

Pode-se atualmente considerar como ultrapassados os motivos de preocupações e de dificuldades doutrinárias e prudenciais que determinaram a promulgação do Decreto *Post Obitum* que condenava as "Quarenta proposições" extraídas das obras de Antonio Rosmini. E isso porque o sentido das proposições, assim compreendidas e condenadas pelo mesmo Decreto, não pertence de fato à posição autêntica de Rosmini, mas a possíveis conclusões da leitura de suas obras. Contudo, permanece a questão da plausibilidade do sistema rosminiano em si, de sua consistência especulativa e das teorias ou hipóteses filosóficas e teológicas por ele expressas, ainda a ser debatida teoricamente.

Ao mesmo tempo, a validade objetiva do Decreto *Post Obitum* permanece, no que diz respeito à prescrição das proposições condenadas, para quem as lê fora do contexto do pensamento rosminiano, sob uma ótica idealista, ontológica, e em um sentido contrário à fé e à doutrina católica.

8. Ademais, a própria Carta Encíclica de João Paulo II *Fides et ratio*, enquanto situa Rosmini entre os pensadores mais recentes nos quais se realiza a união fecunda do saber filosófico e da Palavra de Deus, indica ao mesmo tempo que, por essa expressão, não se pretende "avalizar todos os aspectos de seu pensamento, mas apenas propor exemplos significativos de um caminho de pesquisa que se beneficiou consideravelmente da confrontação com os dados da fé"[2].
9. Deve-se também afirmar que a empreitada especulativa e intelectual de Antonio Rosmini, caracterizada por grande audácia e coragem, mesmo que testemunhe uma certa ousadia arriscada, especialmente em algumas formulações, ao tentar oferecer novas oportunidades à doutrina católica em relação aos desafios do pensamento moderno, se desenvolveu em um horizonte ascético e espiritual, reconhecido também por seus mais ferrenhos adversários, e encontrou sua expressão nas obras que acompanharam a fundação do Instituto da Caridade e das Irmãs da Providência Divina.

O Sumo Pontífice João Paulo II, durante a audiência de 8 de julho de 2001, concedida ao abaixo-assinado Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, aprovou esta Nota, decidida em Sessão Ordinária, sobre o valor dos decretos doutrinais referentes ao pensamento e às obras do Rev. Antonio Rosmini Serbati, e ordenou sua publicação.

Roma, Sede da Congregação para a Doutrina da Fé,

1 de julho de 2001-08-18.

JOSÉ Card. RATZINGER
Prefeito

TARCÍSIO BERTONE, S.D.B.
Arcebispo emérito de Vercelli
Secretário

[1] ANTONIO ROSMINI, "Carta ao Papa Pio IX", em *Epistolário completo*, Casale Monferrato, tip. Pane 1892, vol. X, 541; (lett. 6341).

[2] GIOVANNI PAOLO II, Lett. Enc. *Fides et ratio*, n.74, em AAS, XCL, 1999 – I, 62.

---

[35] http://www.philosophiedudroit.org/note%20congregation%20trad%20francaise.htm

ANEXO 5 - A missão rosminiana na Inglaterra

Terence WATSON, i.c.

Casa Rosmini

Durham (Inglaterra).

1- Rosmini e a Inglaterra

Antonio Rosmini nutria uma afeição especial pela Inglaterra. Ele rapidamente reconheceu algumas qualidades dessa nação, como sua estabilidade política e o equilíbrio de sua constituição. Além disso, aceitou o espírito religioso do povo. Ele escreve: "Os católicos ingleses ocupam um lugar especial no meu coração. Não sei o que faria se pudesse ajudá-los em alguma coisa. Quanto a mim, penso em não negligenciar de forma alguma tudo o que a Divina Providência me convidaria a fazer em benefício deles; eu gostaria de dar até mesmo meu sangue pela glória do nosso Senhor, embora meu sangue não tenha nenhum valor." Em sua grande obra, a *Filosofia do Direito*, ele escreve que a Inglaterra é "uma nação onde não se pode negar que o sentimento de moralidade e justiça é grande e popular." Pode-se ver que Antonio Rosmini já estava preparado, pelo menos mentalmente, para uma obra apostólica na Grã-Bretanha.

2- A situação católica na Inglaterra.

Na Grã-Bretanha, desde o reinado do rei Henrique VIII até o século XIX, a Igreja Católica não tinha nenhum direito legal de existir. No entanto, no início do século, os católicos podiam praticar sua religião sem muito assédio, desde que não realizassem atos públicos. Não lhes era permitido construir igrejas. Mas as coisas mudaram quando o governo passou o Ato de Emancipação em 1829. Então, dentro de uma seção da Igreja Anglicana, desenvolveu-se uma espécie de renovação que se chamou de Movimento de Oxford. Muitos anglicanos se converteram à fé católica, e o resultado geral foi um entusiasmo vibrante e zeloso pela conversão de toda a Inglaterra. Falava-se de uma nova primavera para a fé católica, "the Second Spring", ou seja, o segundo primavera. Assim, durante esse período, alguns anglicanos se converteram: John Henry Newman, Lord Shrewsbury, F.W. Faber, Nicholas Wiseman (que se tornaria o primeiro cardeal de Westminster), Henry Manning (também se tornou cardeal de Westminster), Augustus Welby Pugin (que, como arquiteto, projetou dezenas de novas igrejas para os católicos, após a Emancipação), e também um certo William Lockhart, amigo e discípulo de Newman e, posteriormente, discípulo de Rosmini, tanto religiosamente quanto filosoficamente.

Pode-se realmente dizer que o terreno religioso na Inglaterra estava pronto para receber uma nova evangelização e que a Igreja Católica deveria desempenhar um papel na vida pública da nação. A Providência estava preparando uma contribuição italiana a essa Segunda Primavera.

3- Bispo Baines.

Um católico inglês que acolheu a Emancipação da Igreja com muita energia cristã foi Augustine Baines. Homem de caráter excêntrico, ele era um monge beneditino, anteriormente o subprior de um mosteiro no norte da Inglaterra. Ele deixou esse mosteiro para trabalhar na missão beneditina de Bath, uma cidade histórica procurada pela alta sociedade inglesa. Entre seus projetos, ele desejava fundar um colégio, um seminário e, de maneira otimista, uma universidade católica, pois mesmo após a Emancipação, nenhum católico podia frequentar as duas universidades de Oxford e Cambridge. Baines, para realizar sua ambição, precisava de assistentes. Ele, então, retornou ao seu mosteiro com sete monges (e também com vacas!) para ocupar um grande e esplêndido castelo chamado Prior Park, localizado perto de Bath. Mais tarde, ele se tornou bispo e foi nomeado Vigário apostólico dessa região. No entanto, após todas essas peregrinações e seus relacionamentos difíceis com várias pessoas, sua saúde não conseguiu mais suportar, e ele precisou descansar: foi para Roma, sem perder contudo seu entusiasmo, e durante sua estadia, se dedicou a recrutar professores para seu colégio.

3-Ambrose Philips Delisle.

Entre os convertidos ao catolicismo, havia um jovem chamado Ambrose Delisle. De uma família anglicana, Delisle se converteu quando tinha apenas dezesseis anos. Imediatamente, ele se entregou totalmente à sua nova Fé e desejava trabalhar pela conversão de toda a Inglaterra. Assim, três anos depois, quando tinha dezenove anos, cheio de zelo apostólico, ele converteu um sacerdote anglicano chamado Spencer, que era um antepassado da atual Princesa de Gales. Delisle se casou com uma jovem de uma antiga família católica inglesa e, para esse casamento, recebeu de seu pai a mansão e a propriedade que levam o nome francês de "Grâce à Dieu". Assim, ele se tornou proprietário de uma importante terra no condado de Leicestershire, no centro da Inglaterra. Finalmente, seguindo o costume de muitos convertidos, ele quis visitar a capital do mundo católico e chegou a Roma em 1830.

4-Antonio Rosmini.

No desenrolar dessa história, um terceiro personagem desempenhou um papel decisivo: Antonio Rosmini. Em 1828, ele foi a Roma para obter a aprovação papal da obra que havia empreendido em Monte Calvario, no vale de Ossola, não longe da fronteira suíço-italiana: um novo instituto religioso chamado Instituto da Caridade. No entanto, seus negócios se prolongaram, e durante essa estadia forçada, ele publicou o livro que apresenta a fundação de todo o seu sistema filosófico: a *Origem das Ideias*. Além disso, em 1830, ele conheceu um jovem romano, estudante em vista do sacerdócio, Luigi Gentili.

6-Luigi Gentili.

Luigi Gentili, um verdadeiro romano, tinha diploma em direito civil e canônico, e nutria a grande ambição de se tornar membro do "set" social e aristocrático de Roma. Cheio de confiança e

energia, ele buscou e obteve um título de nobreza e aprendeu a tocar piano, pois tinha uma voz forte e melodiosa e sabia cantar bem. Assim, conseguiu se introduzir nas classes altas da sociedade romana. Frequentava os salões das famílias aristocráticas e ricas e, para ajudar nesse propósito, começou a falar fluentemente inglês. Um dia, conheceu uma jovem inglesa da qual se apaixonou. Ele lhe propôs casamento, o que ela aceitou. Mas, infelizmente, o guardião da jovem era o bispo Baines de Bath, que não considerava Gentili um marido adequado para sua pupila! Sem perder mais tempo, Baines levou a pobre jovem apressadamente para longe de Roma. Para Gentili, o mundo desmoronou. Ele se tornou desencantado com a vida da sociedade e começou a cultivar não mais as coisas do mundo, mas as de Deus, e começou a trabalhar para seu sacerdócio. Durante esse período, o encontro com Rosmini o impressionou tanto que ele desejou se tornar membro do novo instituto religioso fundado por Rosmini.

7-As origens da missão.

Devemos, portanto, voltar nossa atenção para Roma, pois é lá que as origens da missão rosminiana inglesa encontram suas raízes.

Embora o Monsenhor Baines não quisesse Gentili como o esposo de sua pupila, ele percebeu suas notáveis qualidades. Evidentemente, Gentili, como sacerdote, seria um bom professor. Ele o convidou, portanto, a vir para Prior Park. Gentili, sempre pronto para fazer algo pelo bem da Inglaterra, respondeu positivamente.

Ambrose Delisle, também durante sua visita a Roma, buscava um sacerdote "zelozo e bem preparado" que evangelizasse os inquilinos de suas terras em Leicestershire, cuja pobreza era extrema. Ele se dirigiu ao Colégio Irlandês, onde conheceu Gentili, e os dois discutiram a possibilidade de uma missão inglesa. Novamente, Gentili se mostrou muito entusiasmado com a empreitada. Mas ele não poderia mais tomar nenhuma decisão porque já havia se submetido à obediência a Rosmini.

Em 1831, Rosmini retornou a Monte Calvario. Gentili lhe escreveu para informá-lo das solicitações dos dois ingleses. Rosmini mostrou o mesmo entusiasmo que Gentili, mas primeiro queria que ele completasse seu noviciado em Monte Calvario e se preparasse para a missão. Enquanto isso, Delisle partira de Roma para começar sua viagem de retorno à Inglaterra. Ele ficou alguns dias em Milão e lá fez conhecimento pessoal com Antonio Rosmini. Os dois homens estabeleceram uma amizade íntima. Naturalmente, Delisle falou entusiasticamente sobre seus planos de evangelização, e Rosmini mais uma vez expressou seu próprio entusiasmo, disposto a cooperar com o projeto do jovem.

Monsenhor Baines, por sua vez, se dirigira diretamente e pessoalmente a Rosmini para obter professores para seu colégio em Prior Park. Portanto, era necessário que Rosmini decidisse entre Baines e Delisle, mas a solução do problema já estava escrita nas Constituições do Instituto da Caridade: deve-se dar preferência aos pedidos dos bispos. De qualquer forma, Baines havia persuadido Delisle a retirar seu pedido. Então, decidiu-se que os missionários rosminianos iriam ensinar no colégio de Prior Park.

8 - Os missionários.

No noviciado de Monte Calvario, havia um jovem francês, de Carpentras, na Savoia, chamado Émile Belisy, e parece que Rosmini já o considerava adequado para a missão inglesa. Mais tarde, outro francês, Antoine Rey, também savoyardo, ingressou no Instituto, e Rosmini o destinou para ser o terceiro membro da missão. O número dos primeiros missionários ficou, assim, em três: um padre italiano que falava fluentemente inglês e dois franceses que, naquele momento, não falavam nada.

O período de preparação para essa missão durou quatro anos. Durante esse tempo, além da vida religiosa, os dois franceses deveriam aprender inglês, e Rosmini, que havia sido escolhido para se tornar pároco da sua cidade natal, Rovereto, levou Gentili consigo para aprofundar seu sistema filosófico.

Todos os três missionários deveriam se reunir em Prior Park, prontos para começar o ano letivo de 1835.

Neste ponto da história, é importante mencionar a relação entre Rosmini e o Papa Gregório XVI. Rosmini, em sua primeira visita a Roma em 1823, conheceu o Padre Mauro Capellari, e ambos se tornaram bons amigos. Rosmini havia solicitado conselhos e direção sobre a fundação do novo instituto, e Capellari o apoiou e encorajou. Além disso, Capellari apreciava o talento filosófico do jovem padre. Essa troca de ideias e o apoio permaneceram sólidos e cordiais quando o padre se tornou cardeal e, finalmente, foi eleito papa, adotando o nome de Gregório XVI. Rosmini desejava que seu Instituto permanecesse sempre fiel e vinculado à Santa Sé. Assim, no momento em que a missão inglesa parecia se tornar uma realidade, ele buscou primeiro a aprovação do Papa, que lhe enviou um *Breve* (dezembro de 1834) no qual indicava que deixava "à sua prudência aceitar ou não a missão proposta por Monsenhor Baines". Uma vez decidido, Rosmini enviou Gentili e seus dois confrades a Roma para receberem a bênção pessoal do Papa. O Papa recebeu os peregrinos calorosamente em 15 de maio: informou-os de que havia apenas dezesseis padres em Londres, apesar de uma população católica tão grande quanto a de Roma. Assim, os encorajou: "Que o Senhor lhes abra um amplo campo. Apeguem-se a princípios sadios e ensinem a doutrina sã. Que Deus os abençoe, ajude e faça prosperar." Uma semana depois, os viajantes deixaram a Cidade Eterna para pegar o barco em Gênova, mas antes da partida, o Papa subiu a bordo para abençoá-los mais uma vez. Eles viajaram via Paris, onde Gentili, a pedido de Rosmini, fez uma visita de cortesia ao filósofo Victor Cousin.

Chegaram a Londres no dia 16 de junho de 1835. Sua primeira impressão foi sombria e melancólica. Gentili escreveu a Rosmini: "Parecia que estávamos entrando na cidade de Plutão: casas escuras, barcos negros, marinheiros sujos, tudo coberto de sujeira. As águas do Tâmisa eram de uma cor amarelada e exalavam um fedor muito agressivo. Em terra, tudo era ruído e confusão: cavalos, carroças, homens de todas as classes, que corriam e se cruzavam - em resumo, o diabo estava lá, entronizado, exercendo seu domínio tirânico sobre os miseráveis mortais."

9 - Prior Park.

Assim, no outono de 1835, os três missionários começaram a ensinar no colégio de Prior Park: Gentili ensinava filosofia e italiano, Rey teologia e Belisy francês. Mas desde o início, as coisas não foram bem. Além das dificuldades de adaptação aos costumes e ao modo de vida dos ingleses,

sem mencionar o estado precário da religião católica (de acordo com a opinião de Gentili), eles precisavam combater as peculiaridades e a dominação de Monsenhor Baines, assim como o mau tempo inglês! Baines começou a exercer certa autoridade sobre a pequena comunidade religiosa, que ameaçava sua independência de ação. Além disso, faltava aos três religiosos essa união de espírito tão desejada e recomendada por Rosmini. Uma das queixas era que Gentili só permitia que os outros se barbeassem duas vezes por semana! Rosmini os encorajava constantemente e os aconselhava de acordo com o espírito de sua vocação. Contudo, apesar dessas dificuldades e das reclamações contra os "costumes romanos" introduzidos por Gentili na prática da religião, o empreendimento prosperava, e o bispo estava tão satisfeito que nomeou Gentili Presidente do Colégio.

No entanto, o comportamento do bispo afastou alguns dos professores, e para substituí-los, ele solicitou a ajuda do Instituto da Caridade. Assim, Rosmini enviou generosamente mais cinco membros da jovem ordem: um desses homens chamava-se Giovanni Batista Pagani, sacerdote e ex-diretor espiritual no seminário de Novara. Infelizmente, Antoine Rey não conseguiu superar suas dificuldades pessoais e, posteriormente, deixou a ordem, embora continuasse a ensinar no colégio. Contudo, os distúrbios e dificuldades envolvendo Monsenhor Baines aumentavam. Além disso, ele intervinha na disciplina. Mas a maior dificuldade para o pobre bispo era que um dos monges que o acompanhavam no mosteiro havia entrado na ordem de Rosmini. Baines temia que todo o pessoal se tornasse rosminiano e decidiu enviar Gentili para outro lugar! Pagani então se tornou o superior da comunidade em Prior Park.

10 - Loughborough, Grâce à Dieu e Ratcliffe.

Mas a Providência não descansava. Pois foi nesse momento que Ambrose Delisle reiterou seu pedido a Rosmini para acolher Gentili, a fim de que este cumprisse missões nas proximidades de Grâce à Dieu, em Leicestershire. Gentili chegou a Grâce à Dieu em junho de 1840. Agora, ele estava em posição de iniciar um trabalho que traria muitos benefícios à Igreja católica na Inglaterra. E em poucos anos, de fato, ele converteu à Fé centenas de pessoas em Leicestershire. Passava o dia inteiro visitando as aldeias ao redor de Grâce à Dieu, pregando corajosamente a palavra de Deus a um povo protestante ou quase sem religião. Naturalmente, seus esforços geraram uma oposição acirrada: nas ruas, lançavam-lhe imundícies, barro, queimavam sua efígie... Mas ele, sem interrupções, continuava seu apostolado de evangelização. No mesmo ano, Delisle entregou a Rosmini a primeira paróquia rosminiana na Inglaterra, na pequena cidade de Loughborough, não longe do casarão de Grâce à Dieu, e pela primeira vez (1841) a ordem possuía uma casa estável no país.

Rosmini sempre desejou que o Instituto fundasse um noviciado na Inglaterra. Inicialmente, um noviciado foi estabelecido na casa paroquial de Loughborough, mas era muito pequena. Dom Luigi, ou "Doctor Gentili" (como os ingleses o chamavam) buscava um lugar mais adequado onde fosse possível construir um noviciado. Finalmente, ele conseguiu comprar (secretamente, é claro, por medo dos vizinhos protestantes) um terreno situado a 10 quilômetros de Loughborough, bem perto da aldeia de Ratcliffe, e ali foi edificado o noviciado. Além disso, Gentili queria abrir um colégio para meninos e pensava em construir um edifício suficientemente grande para as duas funções. Rosmini aprovou. Assim, o noviciado começou em 1844 e, quatro anos depois, os primeiros alunos do Ratcliffe College se estabeleceram. Pode-se realmente dizer que a missão rosminiana na

Inglaterra agora estava bem enraizada.

No entanto, em Prior Park, os relacionamentos entre os rosminiados e o bispo continuavam a se deteriorar. Após alguns desentendimentos com Baines (três ingleses haviam ingressado no Instituto), Pagani e outros dois rosminiados deixaram o colégio para se fixar em Loughborough. Os rosminiados que permaneceram em Prior Park também não conseguiam encontrar paz e harmonia: Baines havia começado a usar alguns deles fora do colégio. Finalmente, em 1842, o Instituto deixou Prior Park, o primeiro estágio do trabalho rosminiano na Grã-Bretanha.

11 - As missões nas paróquias.

Os trabalhos apostólicos e zelosos de Luigi Gentili produziram grandes frutos nas proximidades de Grâce à Dieu. Como mencionei anteriormente, centenas de protestantes se converteram à Igreja Católica. Assim, sua reputação e influência começaram a se espalhar por todo o reino. Seu modo de vida ascético e sua total aplicação do Evangelho causaram uma grande impressão. As solicitações para seu ministério se multiplicavam. O resultado foi que ele e outro rosminiano inglês iniciaram, em 1843, um novo ministério, o de pregar missões nas paróquias. Até então, essa forma de ministério não era conhecida na Inglaterra. Também pediram a Dom Luigi para pregar exercícios espirituais ao clero. Ele passava muito tempo abordando questões confessionais; introduziu novas devoções, especialmente o culto da Mãe de Deus no mês de maio; se dedicava totalmente o dia inteiro, comendo e dormindo pouco. Os fiéis vinham em grande número às missões para ouvir esse orador italiano. Em 1848, seu ministério foi solicitado na Irlanda, mas durante uma missão em um bairro pobre de Dublin, ele contraiu tifo e morreu em 26 de setembro. Dom Luigi Gentili foi a primeira oferta da missão inglesa.

12 - As irmãs da Providência (rosminianas).

É preciso mencionar, mesmo em um relato muito breve como este, a outra ramificação da família rosminiana, as irmãs da Providência, irmãs rosminianas. Depois que o Instituto se estabeleceu em Loughborough, em 1843, Rosmini enviou três irmãs italianas para fundar uma escola. Essa empreitada foi bem-sucedida e jovens garotas inglesas se juntaram posteriormente à congregação, que continuou a crescer e promover obras de caridade.

13 - Conclusão

Antonio Rosmini, seguindo as orientações da Providência e confiando completamente em Deus, lançou a missão na Inglaterra na época da Segunda Primavera, e a dirigiu pessoalmente, prudentemente e corajosamente, por meio de uma intensa correspondência, sem nunca colocar os pés em solo inglês. Essa grande empresa que ele pôs em marcha por meio dos missionários italianos e franceses e das irmãs, hoje se identifica completamente com a Igreja católica inglesa (e galesa!). O colégio de Ratcliffe ainda existe, um colégio coeducacional do qual os alunos vêm de Hong Kong, Singapura, Níger, Espanha e até da França. A mansão de Ambrose Delisle tornou-se a escola preparatória de Ratcliffe. A paróquia de Loughborough permanece sempre sob o ministério dos filhos espirituais de Rosmini. E me agrada pensar que, em 1985, durante a celebração do centésimo quinquagésimo aniversário da missão rosminiana, na catedral de Canterbury (um local muito histórico para a religião cristã na Inglaterra), estavam presentes em espírito Antonio

Rosmini, Luigi Gentili, Giovanni Batista Pagani e muitos outros homens e mulheres rosminiados que trabalharam com dedicação na vinha do Senhor.

Letters, vol. 3, p. 589

A biografia de Rosmini foi traduzida para o francês no final do século XIX pelas Edições Perrin.

Giorni Antichi, vol. 3, p. 14.

---

[36] http://www.philosophiedudroit.org/watson,%20mission%20anglaise.htm

Anexo 6 - Um filósofo italiano do século XIX – Obras de Rosmini traduzidas para o francês

Documento do site da **Biblioteca de Filosofia Comparada** e do **Centro Francês de Estudos Rosminianos**[37]:

http://www.philosophiedudroit.org/

ANTONIO ROSMINI

Um filósofo italiano do século XIX

Nascido em 1797 em uma família aristocrática em Rovereto, província italiana do Trentino, então sob ocupação austríaca, Antonio Rosmini estuda filosofia e teologia na universidade de Pádua. Ordenado sacerdote em 1821, estabelece-se no Piemonte em 1829, em Domodossola, onde funda uma ordem religiosa, o Instituto da Caridade.

Mas a Itália é abalada pelo grande movimento de restauração nacional, alimentado por influências diversas e eventos às vezes contraditórios, o Risorgimento. Rosmini será frequentemente chamado a participar dele, apesar de si mesmo. Cheio de modéstia, ele paga muito caro por suas tentativas diplomáticas junto ao Santo Sé, a fim de negociar, para o Reino do Piemonte, uma confederação dos estados italianos. Durante os violentos confrontos romanos de 1848, acompanha Pio IX em sua fuga para Gaeta, mas lá se depara com a hostilidade do círculo do papa e retorna ao Piemonte, em Stresa, onde continuará até o fim de sua vida (1855) sua obra apostólica e filosófica.

Pois Rosmini é, acima de tudo, um filósofo com uma obra surpreendentemente abundante: toda a sua vida foi dedicada a uma intensa reflexão e sua produção é extremamente rica, incluindo nos domínios mais específicos, como a filosofia moral, jurídica e política, a lógica e as matemáticas, a economia, a medicina, as artes e a literatura (sua amizade por Manzoni o mergulha nas agitações linguísticas e poéticas da Itália nascente). Tanto percurso a serviço da inteligência metafísica, conduzida em suas aplicações mais concretas, em uma época conturbada onde a filosofia nunca deixou de ser atacada e na qual ele se preocupa em restituí-la ao mesmo tempo em uma

perspectiva cristã. Com uma reflexão sutil e rigorosa, Rosmini eleva-se acima dos conflitos pós-revolucionários gerados pela hegemonia do racionalismo positivista, para redefinir o valor ontológico da concepção clássica do saber. Longe de todo ecletismo, Rosmini rejeita com força as teorias empiristas e se empenha em integrar as filosofias de seu tempo, como o idealismo alemão de Kant a Hegel, mas superando-as, dentro de uma concepção dinâmica das formas dialéticas do ser.

Retomando Platão e S. Agostinho, atendo-se ao método universalista de S. Tomás de Aquino, ele consegue, portanto, sintetizar na *philosophia perennis* elementos de uma nova filosofia, continuando assim um movimento filosófico interrompido após a crise nominalista medieval e prefigurando amplamente a fenomenologia, as filosofias da vida e da existência.

Finalmente, Rosmini, fundador de ordem, deve ser também inscrito na linhagem dos grandes espirituais. Sua obra aqui é igualmente considerável, desde as Constituições de sua ordem até os exercícios espirituais. Além disso, Rosmini se mostra incansável em sua correspondência, não deixando nenhuma carta sem resposta, com 8.319 reunidas em 13 volumes! Adicionemos os *diários* onde Rosmini narra memórias marcantes de uma existência voltada para o que ele denomina *caridade intelectual*.

A obra de Rosmini conta com cerca de 120 volumes, dos quais muitos ainda estão por editar, e muito poucos foram traduzidos para o francês. E, no entanto, não foi ele eleito por unanimidade, em 1843, para a *Academia de Ciências Morais e Políticas*, a pedido de Victor Cousin, e traduzido pela livraria acadêmica Perrin?

É difícil resumir essa produção intensa. Aqui nos referiremos aos livros em língua francesa:

Obras sobre Rosmini:

- François Évain, s.j., *Ser e pessoa em Antonio Rosmini* (tese com prefácio de Henri Gouhier), Paris/Roma, Beauchesne/ Univ. Gregoriana, 1981,
- Lucienne Portier, *Antonio Rosmini, 1797-1855, Um grande espiritual à luz de sua correspondência*, Paris, Cerf, 1991,
- Maria-Adelaide Raschini: *Rosmini e a ideia de progresso*, Biblioteca de Filosofia Comparada, Bordeaux, Bière, 1995
- Marie-Catherine Bergey, *O manto de púrpura. Vida de Antonio Rosmini*, Bordeaux, Bière, 2000.

Contribuições diversas, ver a bibliografia dada por J.-M. T. em sua tradução da *Introdução à filosofia* de Rosmini, p. 27 ss.

Tradução das obras de Rosmini:

- *Antropologia moral*, trechos, trad. F. Évain, Paris, precedido de uma « Introdução à ontologia personalista de A. Rosmini » por F. Évain, prefácio de J. Chaix-Ruy, Beauchesne, 1973,
- *Introdução à filosofia*, prefácio e trad. de J.-M. Trigeaud, Bordeaux, Bière, 1992,

- *Filosofia da política*, trad. J. Plaisance-Léglise, introd. J.-M. Trigeaud, Bordeaux, Bière, 1999,

Traduções mais antigas:

- *Psicologia* em três volumes, trad. E. Segond, Paris, Perrin, 1888
- *Antologia filosófica*, textos agrupados sob a direção de Mgr. R. Jolivet, Lyon, Vitte, 1954,
- *Teoria do assentimento*, M.-L. Roure, Lyon, Vitte, 1956,
- *Máximas de perfeição cristã e explicação do "Magnificat"*, trad. G. Roth, prefácio do Card. Tisserand, Nancy, Guyot, 1970.

Outras traduções, ver a bibliografia dada por J.-M. T. em sua tradução da *Introdução à filosofia* de Rosmini, p. 26.

Para as obras na língua original e em inglês, assim como os diferentes sites, cf. nossos links.

---

[37] http://www.philosophiedudroit.org/antonio%20rosmini.htm

Anexo 7 - Entrevista do ‘cardeal’ durante a beatificação de Rosmini (texto em inglês) pelo jornal modernista conciliar ‘Trente Jours’ – N°9 – Ano XXV – Setembro de 2007

Um grande cristão[38]

Entrevista do ***cardeal José Saraiva Martins, prefeito da Congregação para as Causas dos Santos:***

«O homem que está sendo beatificado é uma personalidade sacerdotal límpida, que se ofereceu por inteiro a Jesus e à sua Igreja, que sofreu por isso, uma personalidade que foi um guia e um conforto para muitos cristãos que vieram depois dele»

Entrevista do cardeal José Saraiva Martins por Gianni Cardinale

A igreja São Marco em Rovereto, onde Rosmini foi batizado em 25 de março de 1797; de 1834 a 1835, Rosmini foi o pároco dessa mesma igreja, onde proferiu, em setembro de 1823, o *Panegírico à santa e gloriosa memória de Pio VII*

«Estou realmente contente que Antonio Rosmini seja finalmente elevado à glória dos altares. Estou feliz pela Igreja e, se posso me permitir, por mim pessoalmente. Desde a época em que eu era **professor na Universidade Pontifícia Urbaniana,** sempre citei com prazer os escritos iluminadores desse grande pensador, lúcido e profético». O **cardeal José Saraiva Martins** já está preparando com grande cuidado a homilia que pronunciará em novembro próximo em Novara, quando presidirá à celebração na qual o grande filho de Rovereto tomará seu lugar na lista dos bem-aventurados. Ele não oculta sua satisfação por finalmente chegarmos a este importante encontro eclesial, ainda que isso não aconteça todos os dias, de fato, que um eclesiástico cujas certas propostas foram formalmente condenadas pelo Santo Ofício seja objeto de uma reabilitação tão completa.

Eminência, por que você parece tão feliz por poder presidir a beatificação de Rosmini?

JOSÉ SARAIVA MARTINS: Porque se trata de uma personalidade sacerdotal límpida, que se ofereceu por inteiro a Jesus e à sua Igreja, que sofreu por isso, uma personalidade que foi um guia e um conforto para muitos cristãos que vieram depois dele. Cristãos que pertencem ao meio intelectual, porque Rosmini era um grande pensador, mas também simples fiéis, que foram tocados pelo testemunho dos religiosos e religiosas das congregações fundadas pelo padre de Rovereto. Rosmini é realmente um cristão que viveu da maneira mais elevada as virtudes humanas e cristãs.

E, no entanto, para Rosmini, não foi fácil obter que essas virtudes fossem reconhecidas...

SARAIVA MARTINS: De fato, a causa de beatificação – imagino que é a isso que você se refere – foi particularmente complexa, por muitas razões.

Por razões doutrinárias, antes de tudo.

SARAIVA MARTINS: De fato, os escritos de Rosmini foram alvo de críticas por parte de outros eclesiásticos, críticas que culminaram com o decreto Post obitum, emitido pelo Santo Ofício da época, no qual foram condenadas quarenta propostas extraídas de suas obras. Mas tratava-se de

uma condenação póstuma, que ocorreu após sua morte – como bem diz o termo post obitum –. Rosmini não pôde, portanto, se defender; e, além disso, tratava-se de propostas extrapoladas de seu contexto e, portanto, interpretadas de maneira arbitrária.

Os jesuítas estavam entre os "inimigos" históricos de Rosmini...

SARAIVA MARTINS: Trata-se de algumas figuras da Companhia de Jesus da época. Mas os jesuítas já mudaram de opinião há muito tempo. **O atual prepósito geral, Kolvenbach, escreveu um artigo na revista Filosofia oggi (f. IV/1997) no qual antecipa Rosmini como um profeta do terceiro milênio**. Nesse artigo, Kolvenbach escreve: «Durante sua vida, alguns jesuítas, e para ser sincero, "não os melhores", publicaram libelos contra ele... é oportuno lembrar que esses jesuítas, que haviam infringido a regra da obediência, foram desaprovados pelo prepósito geral, o reverendo padre Jan Roothaan». E, há vários anos, a Civiltà Cattolica chegou a abrir suas colunas a um artigo "reparador" do falecido **bispo rosminiano Clemente Riva**, o que é bastante raro, já que essa revista bimestral publica exclusivamente artigos assinados por padres jesuítas.

O padre Cornelio Fabro, crítico não arrependido de Rosmini, escreveu que a evolução do julgamento dos jesuítas se deve a um «complexo de culpa excessivo».

SARAIVA MARTINS: É verdade que **o falecido padre Fabro manteve seu julgamento negativo sobre Rosmini**, um julgamento respeitável, mas agora mais do que minoritário.

A verdade é que, de qualquer forma, no final, o decreto *Post obitum* foi revogado.

SARAIVA MARTINS: De fato, a Congregação para a Doutrina da Fé, dirigida pelo cardeal Ratzinger, reconsiderou a questão rosminiana e acabou estabelecendo que, apesar do decreto Post obitum, nada impedia a beatificação do religioso.

A causa de Rosmini também sofreu de um aspecto político, devido ao seu ativismo em favor de uma unidade política da Itália e à sua aversão, aliás compartilhada, à dominação austríaca...

SARAIVA MARTINS: As ideias e opiniões políticas não são, em si, determinantes para a beatificação. O fato é que a Igreja já elevou à glória dos altares o papa Pio IX que, após inicialmente compartilhar, precisamente no campo político, as ideias de Rosmini, distanciou-se posteriormente. O que podemos dizer é que, a partir de então, a história tomou um rumo que Rosmini mesmo havia, de certa forma, imaginado.

Na Positio apresentada pelo padre Papa, menciona-se alguns testemunhos que poderiam sugerir várias tentativas de envenenamento de Rosmini, mas faltam provas certas a esse respeito. Não é surpreendente, no entanto, que o padre possa ter sido alvo de tentativas de eliminação física.

A relação de Rosmini com Pio IX é um aspecto importante de sua vida. Em um primeiro momento, parece que o papa queria criá-lo cardeal, mas depois a relação teve que ser rompida...

SARAIVA MARTINS: Existem, de fato, testemunhos segundo os quais Pio IX tinha Rosmini em grande estima, querendo criá-lo cardeal e até mesmo nomeá-lo seu secretário de Estado. Mas as turbulências políticas e a criação da República Romana de 1849 sepultaram essa hipótese. Como algumas fontes históricas destacam, as inimizades e antipatias de certos cardeais mais próximos da Áustria, começando pelo influente Giacomo Antonelli, não favoreceram Rosmini.

De forma mais geral, qual foi a atitude dos diferentes pontífices em relação à personalidade de Rosmini?

SARAIVA MARTINS: Em geral, de grande estima. A Positio citou muitos documentos e testemunhos a esse respeito; permito-me mencionar particularmente **as palavras proferidas na época por Paulo VI em diferentes discursos e o fato de que João Paulo II o tenha citado positivamente na encíclica Fides et ratio**. E, além disso, a relação com João Paulo I foi singular.

Ou seja?

SARAIVA MARTINS: **O servo de Deus Albino Luciani, quando era jovem padre, escreveu uma tese muito crítica sobre Rosmini e foi um jovem rosminiano, Clemente Riva**, que se tornou depois auxiliar de Roma, quem lhe respondeu. Em 1978, quando Luciani se tornou papa, ele quis encontrar-se com o cardeal vigário e seus auxiliares. Quando chegou a vez de Riva, João Paulo I disse a Poletti: «Ele, eu o conheço...». Mas ele fez isso com um grande sorriso. Assim, Dom Riva – ele mesmo conta – que tinha uma certa apreensão sobre esse encontro, se sentiu muito aliviado. É importante acrescentar que existem testemunhos dignos de fé segundo os quais João Paulo I expressou o desejo de reabilitar pessoalmente Rosmini.

A obra mais famosa de Rosmini é certamente Delle cinque piaghe della santa Chiesa [Das cinco chagas da santa Igreja, nota do tradutor]. Colocada no Índice, ela foi plenamente reabilitada antes mesmo de que o Índice dos livros proibidos fosse abolido...

SARAIVA MARTINS: Trata-se em certos aspectos **de um livro profético, antecipador,** talvez até demais para a sua época. Contudo, o destino dos profetas, na Bíblia, mas também, infelizmente, na história da Igreja, é frequentemente ser mal interpretado e perseguido.

Uma das cinco chagas apontadas por Rosmini é a das nomeações episcopais...

SARAIVA MARTINS: A questão das nomeações episcopais é sempre um ponto extremamente delicado na vida da Igreja. Eu percebo isso especialmente porque **sou membro da Congregação para os Bispos há anos.** Rosmini queria erradicar a influência, já prejudicial, que os poderes mundanos exerciam na escolha dos pastores e ele propôs, para isso, o retorno à antiga prática segundo a qual **os bispos eram escolhidos pelo clero e pelo povo.**

É realmente possível voltar a essa prática?

SARAIVA MARTINS: Não sendo de direito divino, as normas segundo as quais se escolhem os bispos são sempre aperfeiçoáveis. **Mas o envolvimento direto, quase eletivo, dos fiéis leigos na**

escolha de um bispo seria impensável hoje. Basta pensar, entre outras coisas, no papel que os meios de comunicação social poderiam desempenhar nesse sentido. A televisão não existia na época de Rosmini...

Outra das chagas apontadas por Rosmini é a que diz respeito à liturgia...

SARAIVA MARTINS: Rosmini compreendia o drama de uma liturgia que não era mais compreendida pelo povo e, muitas vezes, nem mesmo pelos próprios celebrantes. Aqui também, **suas intuições anteciparam o movimento de renovação litúrgica e as exigências expressas na Constituição Sacrosanctum Concilium** do Concílio Vaticano II.

Permita-me uma pergunta que pode parecer um tanto impromptu. Qual seria a atitude que Rosmini teria hoje em relação ao motu proprio Summorum Pontificum?

SARAIVA MARTINS: Não se faz história com "se". Mas não acredito que, se Rosmini vivesse hoje, ele se opusesse ao motu proprio em questão, nem que fosse porque ele tinha um elevado senso de liberdade e teria apreciado muito o gesto do papa que concede aos fiéis que o pedem a liberdade de poder assistir ao que foi, de qualquer forma, a liturgia oficial da Igreja por séculos. Além disso, é necessário levar em conta o fato de que Rosmini desejava que o clero e o povo pudessem compreender e amar a liturgia, e afirmava assim **a necessidade de aprofundar o estudo da liturgia** e não apenas – como alguns acreditam – traduzi-la para a língua corrente.

Vista panorâmica da localidade do Monte Calvário de Domodossola.

Quais são os outros aspectos do Vaticano II que Rosmini antecipou?

SARAIVA MARTINS: **Um dos aspectos precoces do Concílio que Rosmini certamente percebeu foi o da liberdade religiosa.** Sobre essa questão, Rosmini realmente foi um antecipador incompreendido. **A declaração Dignitatis Humanæ lhe deve muito.**

Quando Rosmini morreu, ele tinha sessenta anos. É verdade que se falou em envenenamento?

SARAIVA MARTINS: De fato, na Positio apresentada pelo padre Papa, alude-se a certos testemunhos que sugerem várias tentativas de envenenamento de Rosmini, mas faltam provas certas a esse respeito. Não é surpreendente, no entanto, que o padre pudesse ter sido alvo de

tentativas de eliminação física: ele era uma personalidade incômoda, especialmente para alguns centros de poder político.

O postulador da causa de Rosmini revelou que o custo da causa em si e da cerimônia de beatificação é bastante elevado. Perdoe minha formulação um pouco irreverente: custa muito caro se tornar santo?

SARAIVA MARTINS: Não existe uma tabela de preços para se tornar beato ou santo. Certamente, todo processo inevitavelmente custa dinheiro: para papel, para impressão, para os justos honorários dos especialistas leigos e eclesiásticos e para os postuladores e seus colaboradores. Devo, no entanto, acrescentar que existem fundos dos quais se pode recorrer para as causas que se pode chamar de “necessitadas”.

---

[38] http://www.30giorni.it/fr/articolo.asp?id=15816

Anexo 8 - Rosmini, profeta da liberdade religiosa do Vaticano II - pelo jornal modernista conciliar Trente Jours - Nº 9 - Ano XXV - Setembro de 2007

O profeta da liberdade católica[39]

Ele dialogou com os grandes de sua época; lutou a batalha desse catolicismo liberal que acabaria por vencer a guerra na democracia ocidental típica da segunda metade do século XX; escreveu milhares de páginas de filosofia. Mas nada disso o teria salvo do esquecimento geral se os rosminianos não estivessem lá.

por Giuseppe De Rita

DELLE
CINQUE PIAGHE
DELLA
SANTA CHIESA
Trattato
DEDICATO AL CLERO CATTOLICO
PROP. C A BOSONE
LUGANO
1848.

A folha de rosto do ensaio *Delle cinque piaghe della santa Chiesa*, a obra publicada pela primeira vez por Rosmini em 1846 e que seria incluída no Index em junho de 1849

É um mestre que, sem seus discípulos, não teria escapado ao ostracismo cultural e eclesial. É aí que reside o misterioso mecanismo que levou, após um século e meio, à decisão da Igreja de beatificar Antonio Rosmini.

Este dialogou ao longo da vida com os grandes de sua época, de Carlos Alberto da Sardenha a Pio IX e a Manzoni; travou vigorosamente a batalha desse catolicismo liberal que acabaria por vencer a guerra na democracia ocidental típica da segunda metade do século XX; e, sobretudo, escreveu milhares de páginas de filosofia, cultura religiosa e reflexão social. Mas nenhum desses três aspectos (a amizade com os grandes, o fato de ter profetizado "a liberdade católica" e o de ter escrito milhares de páginas) jamais teria salvo Rosmini do esquecimento e do ostracismo. Seus inimigos eram numerosos, especialmente entre os membros da Igreja; seu pensamento era e é difícil de entender; muitos entre os professores e clérigos preferiram julgá-lo "inteligente demais" para as pobres mentes dos fiéis. E, além disso, o santo Ofício o havia punido, e isso forneceu um álibi a todos.
Se escapou ao esquecimento generalizado, deve-o essencialmente aos rosminianos, aos seus discípulos do Instituto da Caridade que ele fundou, tenazmente fiéis à sua pertença à Igreja, contra todos os ostracismos. **São os rosminianos que, com suas escolas, formaram dezenas de milhares de jovens segundo uma filosofia de tipo personalista e liberal, implicitamente oposta à pedagogia estatal totalizante ou à pedagogia jesuítica militante (à qual devo, aliás, a minha maneira de raciocinar)**. São os rosminianos que, com constância, mas sem ostentação pública, **continuaram durante décadas a levantar a questão da qualidade estrutural da Igreja, resgatando *Le cinque piaghe* [As cinco chagas da santa Igreja, obra de Antonio Rosmini, ndr] e, sobretudo, propondo a primazia espiritual da liberdade da Igreja em relação ao poder temporal**. São os rosminianos que optaram por dialogar com essa parte da elite cultural italiana que, durante décadas, cultivou o espírito democrático, o sentido de convivência coletiva, o entusiasmo diário pela caridade espiritual ao longo dos anos; posso testemunhar ao prestígio "elitista" que cercava o pai Bozzetti nos anos do pós-guerra, e muitos podem atestar **a forte influência exercida por Clemente Riva sobre grande parte da classe**

dirigente italiana de hoje.

Portanto, são os rosminianos, tenazmente convencidos de estarem em seu direito mesmo nas épocas de maior frustração, que salvaram Rosmini de um possível esquecimento (e mesmo desejado e provocado por muitas pessoas). Honra, portanto, aos rosminianos. Mas honra também a seu fundador, se é verdade que os líderes se reconhecem por seus discípulos: afinal, é a profundidade de seu pensamento (inesgotável para aqueles que o frequentaram) que deu tal força à vontade dos rosminianos de testemunharem. Como dizia Buber, "É a raiz que sustenta".

É difícil fazer uma escolha de importância relativa entre os componentes dessa "raiz", mas para o "afiliado diletante" que sou, parece que **Rosmini e os rosminianos estiveram certos em quatro grandes temas:** primeiro, ao insistir neles e depois **ao fazê-los entrar na consciência coletiva**, sem se colocar em destaque ou tocar tambores midiáticos.

O primeiro é o da liberdade religiosa. Após o Concílio Vaticano II, isso parece uma evidência. Mas pensemos na época de Rosmini, quando ainda existiam o Estado Pontifício e o Soberano Pontífice e que ninguém se escandalizava porque estava escrito no Estatuto Albertino que o catolicismo era "religião de Estado". O único que reagiu duramente foi Rosmini, que escreveu: «A religião católica não precisa de proteções dinásticas, mas de liberdade. Ela precisa que sua liberdade seja protegida, e nada mais». A Igreja, sendo uma sociedade natural e espontânea, não se condensa no poder, mas filtra e penetra em toda parte como o ar e a água; e só precisa não ser impedida. A fé entra nos corações sem passar pelos poderes do alto. Raros são aqueles que, ao longo das décadas marcadas pelo Concílio Vaticano I, tiveram a coragem de fazer afirmações desse tipo.

O segundo grande tema rosminiano foi a liberdade do papado em relação ao seu poder temporal. Já mencionei em outro contexto uma carta de Rosmini ao cardeal Castracane em 1848, na qual ele escrevia: «Se a unidade federativa da Itália ocorrer, o Soberano Pontífice permanecerá um príncipe totalmente pacífico e enviará núncios para os assuntos espirituais; e os enviará, além disso, não para os príncipes, mas para as Igrejas do mundo». Ele estava certo e os fatos lhe deram razão, pois hoje correspondem à sua opção. Ora, essa opção, repito, remonta a 1848, ou seja, mais de vinte anos antes da unificação nacional de 1870.

Os dois temas mencionados até aqui (liberdade religiosa e distanciamento do poder temporal) estão subterraneamente ligados a outro grande tema rosminiano: a recusa da dominação do poder político, a grande escolha que fez de Rosmini o paladino italiano do catolicismo liberal, e – a menos que alguns se sintam incomodados com esse termo – do catolicismo democrático. Sempre apreciei muito sua recusa à "senhoria que não cria sociedade, mas dominação e servidão", porque também associo essa frase a outra que destaca que "a construção da sociedade é um conjunto de atos e uma pluralidade de pessoas", na qual percebemos o início da temática do pluralismo cultural e político e deste "desenvolvimento do povo" que caracterizou a democracia italiana das últimas décadas.

O primeiro tema é o da liberdade religiosa. Após o Concílio Vaticano II, isso parece uma evidência. Mas pensemos na época de Rosmini, quando ainda existiam o Estado Pontifício e o Soberano Pontífice e que ninguém se escandalizava porque estava escrito

no Estatuto Albertino que o catolicismo era “religião de Estado”.

Portanto, eu associo espontaneamente e naturalmente essa fé no desenvolvimento operado por uma pluralidade de pessoas a outra consideração, segundo a qual uma sociedade composta por tantos sujeitos não pode crescer e não pode explorar serenamente todas as suas possibilidades apenas se respeitar e fizer respeitar todos os direitos, e o livre uso de todos os direitos. O liberalismo de Rosmini, que lhe trouxe tantos problemas, a ele e à sua congregação, não é outra coisa: **a sociedade deve ser construída de tal forma que cada um possa ter o livre uso de seus próprios direitos.** Esse é o bem comum que transparece de sua complexa reflexão sociopolítica: a centralidade do sujeito, enquanto permanecendo fechada sobre si mesma, é privada de vitalidade, tornando-se vital apenas quando entra em relação com os outros e “conspira com os outros para **a criação de uma sociedade que tenha como fim comum o livre uso dos direitos**”.

Podemos imaginar, neste ponto, quanto eu gostaria de continuar nas vias abertas por essas temáticas: o valor da subjetividade individual como grande motor social, quando não se deixa levar pelo subjetivismo ético; o valor da relação como percurso de vidas que não se encerram na autocensura, seja em termos de narcisismo e/ou depressão; o valor da relação com os outros, com “o outro de você” como a verdadeira rota que permite chegar ao Outro absoluto. Mas esses caminhos seriam longos demais, obrigariam a entrar em questões e disputas que animam o debate filosófico e sociológico de nossa época. Portanto, obrigo-me a evitá-los porque quero permanecer fiel à intenção com a qual comecei a escrever: a de demonstrar que Rosmini foi certamente um grande homem, mas que teve a sorte de que seus rosminianos defenderam suas ideias (a liberdade religiosa, o fim do poder temporal, a opção pelo pluralismo democrático, a fé em um desenvolvimento multisujeitos) durante décadas, desenvolvendo-as, acompanhando-as ao longo do tempo e fazendo delas não mais questões de uma minoria reprovada, mas de uma ala combativa da Igreja em sua evolução histórica nos últimos cento e sessenta anos. Foram humildemente fiéis à Igreja e a seu fundador e profeta; merecem todos, mesmo aqueles que já partiram, considerar o fato de terem chegado a esta beatificação como sua vitória pessoal.

---

[39] http://www.30giorni.it/fr/articolo.asp?id=15818

Anexo 9 - Antonio Rosmini: um sacerdote filósofo nos altares - pela revista modernista conciliar ‘Liberté politique’ – Novembro de 2007

Antonio Rosmini: um sacerdote filósofo nos altares[40]

Bertrand de Belval

No dia 18 de novembro, o filósofo italiano Antonio Rosmini (1797-1855) será beatificado em Novara (Itália). Ou seja, um desconhecido para o público francês. Afinal, quem conhece esse intelectual brilhante, cuja obra é a de um precursor e cuja vida, marcada pela busca da verdade e da liberdade política, foi inteira a expressão da caridade?

Rosmini não é uma figura irrelevante. Marie-Catherine Bergey-Trigeaud, sua biógrafa francesa, o apresenta como “o mais importante filósofo italiano e um dos principais mestres da história da filosofia católica”. Chaix-Ruy o considerava “um dos maiores espíritos de todos os tempos”. Na sua encíclica *Fides et Ratio* (n. 74), João Paulo II fala dele como um mestre. Bento XVI o cita frequentemente. E João XXIII fez de um de seus livros, *Maximes de perfection chrétienne*, sua leitura de cabeceira durante o Concílio Vaticano II. Para os italianos esclarecidos, Rosmini é indispensável...

A beatificação de Rosmini é, acima de tudo, a de um sacerdote filósofo a serviço da Igreja, um observador exigente que, em seu tempo, denunciou as falhas (especialmente do clero) (cf. sua obra *Les Cinq Plaies de l’Église*). Era para amá-la melhor, para proclamar melhor sua Santidade, convidando seus servos a estarem mais próximos dela. Mas, como veremos, Rosmini era, antes de tudo, um espírito universal, sempre alerta. Ele foi um verdadeiro filósofo, buscando abranger tudo.

Liberal, seu engajamento o levou a servir a causa da unidade italiana e do rei Carlos Alberto (a Itália estava então sob domínio austríaco).

Se sua abordagem o aproximava de Deus, ela passava necessariamente pelo homem ou pela pessoa. É isso que torna sua atualidade extraordinária: como advogado de Deus, ele pleiteou pela pessoa humana e sua liberdade, sinal e caminho do Criador. Como filósofo, interpretou as palavras de Cristo: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Para ele, cada "ovelha" é única. Rosmini era, em essência, um contemplativo ativo: de uma fé fervente e de uma ação transbordante, para sempre melhor penetrar o rosto de Cristo no coração de cada pessoa.

Um filósofo injustamente desconhecido

Portanto, sua ocultação parece ainda mais injusta. Na verdade, isso não foi sempre assim. Os espíritos superiores, em nosso país, perceberam sua potência. Em seu curso de *Filosofia do Direito*, Boistel, no final do século XIX em Paris, falava de Rosmini nestes termos: "Eu já conhecia esse eminente filósofo e, sem compartilhar todas as suas doutrinas, admirava a potência de concepção, a vigorosa argumentação e a riqueza de argumentação que caracterizam suas obras, notadamente seu tratado fundamental, *Nouvel Essai sur l'Origine des idées*". Podemos mencionar também, em Lyon, o Monsenhor Régis Jolivet, que frequentemente mencionou Rosmini em seus escritos e até lhe dedicou uma notável introdução em sua *Antologia filosófica*. Mas é forçoso constatar que esses pensadores também caíram no esquecimento e não conseguiram estabelecer o pensamento rosminiano no panorama intelectual francês.

Por isso, deve-se esperar que a beatificação de Rosmini tire o filósofo de uma confidencialidade totalmente injustificada. A esse respeito, é importante destacar o trabalho salutar e muito importante do professor Jean-Marc Trigeaud (Bordeaux) e de sua esposa Marie-Catherine Bergey que, há muitos anos, na aridez do deserto francês, se dedicam a reabilitar Rosmini, por meio de publicações, traduções e um centro francês de estudos rosminienses.

Em 2000, devemos a Mme Bergey a primeira biografia de Rosmini, *La Robe pourpre, vie d'Antonio Rosmini* (Ed. Bière). A leitura dessa rica biografia perfeitamente controlada é um pré-requisito para descobrir um pensamento que não é uma construção intelectual dissociada de sua vida concreta. O que dá força a Rosmini é fundamentalmente a participação de sua vida em sua obra, a encarnação de seu pensamento. Rosmini fez corpo com sua obra. Não se pode compreender seu pensamento sem conhecer sua vida.

Uma vida atormentada

Muito brevemente, lembramos que Rosmini esteve envolvido em eventos, às vezes muito violentos, que conduziram à unidade italiana. Ele estava próximo dos papas, a quem aconselhou. Fundador de uma congregação religiosa (o Instituto da Caridade), ele tinha relações com Lamennais, Cousin, na França. Admirador de Tocqueville, ele chegou até a ser membro da Academia de Ciências Morais e Políticas (o que indica que sua notoriedade não foi total na época na França). O padre teve uma vida tudo menos tranquila, por assim dizer, pois nunca renunciou a correr riscos pelo que considerava justo.

Ele se dedicou intensamente ao trabalho (cerca de 80.000 páginas escritas), enfrentando as intrigas de outros clérigos que tentaram comprometer suas obras, algumas das quais foram provisoriamente colocadas no índice (sendo consideradas demasiado liberais), mas cujos principais escritos foram salvos pelo próprio Papa alguns tempos antes de sua morte. Isso não o impediu de ser contestado novamente algumas décadas após sua morte. Contudo, ao longo do tempo, as críticas feitas a Rosmini derreteram-se como neve ao sol, não conseguindo resistir à crítica. Como Santo Tomás de Aquino, Rosmini teve, de certo modo, o "erro" de estar certo antes dos outros!

Homem plenamente enraizado na realidade, ator de seu tempo, com conhecimentos enciclopédicos, Rosmini era um moderno voltado para o futuro, esse eterno presente, para retomar a expressão agostiniana. As obras que nos legou aparecem proféticas. Para se convencer disso, e como primeira abordagem, sugerimos a leitura das magistral introduções redigidas pelo Professor Trigeaud de duas obras-primas de Rosmini, *Introdução à filosofia* e *Filosofia da política* (aguardando a próxima publicação de sua *Teodicéia*).

A experiência do ser e a comunhão das pessoas

A força da filosofia rosminiana reside em seu reflexo da experiência do ser. Enquanto seu tempo estava, para expressar de forma ampla, estirado entre o idealismo e a escolástica que havia "petrificado" (Prof. Trigeaud) o tomista, Rosmini buscou transcender esses obstáculos revelando o substrato fundamental de toda filosofia: a pessoa humana. O que pode parecer comum era verdadeiramente original. A Ideia e o Método ofuscavam o fim da filosofia: a busca do ser, da verdade, de sua ontologia bem compreendida. Rosmini contribuiu para dar vida ao Logos, que havia derivado para uma lógica idealo-materialista. Ao fazer isso, ele mostrava que a filosofia é indissociável de uma teologia – ao menos cristã. O que é o Verbo encarnado, senão a participação do ser no Ser, como disse, entre outros, o padre Joseph de Finance? À sua maneira, Rosmini antecipou os existencialistas do século XX, em especial Gabriel Marcel, ao pleitear uma redescoberta da pessoa que, em sua humildade, vive e permanece um mistério.

Na hora da repetição dos direitos do "homem", onde a pessoa humana é empunhada como um estandarte, a mensagem rosminiana é singularmente estimulante. Ela permite separar o bom grão da palha, evitando confundir a verdade da pessoa. Para Rosmini, a pessoa é o todo antes das partes, cada pessoa tem um fim próprio. Em outras palavras, a pessoa não deve ser assimilada à humanidade, que é um gênero. A pessoa integra o singular do "eu" e o universal do "nós" – que não é "nós". Ela é única, ao mesmo tempo em que participa dessa humanidade.

Por isso, é preferível falar de comunhão das pessoas, em vez de *alter ego*, de pluralidade de pessoas — conceitos que apagam a singularidade de cada um. As pessoas parecem mais estar na ordem do reconhecimento – dignidade e respeito – do que na ordem da igualdade – todos iguais. Essa alteridade bem compreendida também era profética em relação ao que a história produziu: o choque entre o socialismo e o liberalismo. Rosmini saiu dessa dialética que muitas vezes leva ao erro, lembrando que a natureza da pessoa não opõe o um e o plural. Ela associa a liberdade e a sociedade, na medida em que a pessoa, cada pessoa, é singular e a pessoa remete à alteridade, a outras pessoas, como Pedro, Paulo e Tiago, etc., que assim se reconhecem. Isso implica não negar a sociedade invisível sob a sociedade visível, não reduzir a pessoa ao social, como faz Marx, nem conceber a liberdade como uma autonomia.

A serviço da verdade que se busca

Rosmini, portanto, combateu os sofismas de seu tempo, que são também os nossos. Ele os enfrentou através do testemunho de sua vida e do esforço intelectual, levando a reflexão até suas últimas consequências, diríamos hoje. Em outras palavras, ele se preocupava com a verdade, com a verdade que se busca e não com a que se fabrica. Era necessário, ao mesmo tempo, esse esforço que demanda muita energia, mas também coragem para combater os erros. Como escreve o Prof. Trigeaud, "os pensamentos falsos são pensamentos injustos".

Nestes tempos em que a democracia tende a se dissolver na lei do mais forte, Rosmini se apresenta como um guardião da razão que protege a verdade objetiva inscrita na natureza da pessoa da lei da maioria.

A beatificação de Rosmini aparece, portanto, como duplamente oportuna. Ela deve permitir tirar do esquecimento um pensamento rico e produtivo, e contribuir, sobretudo, para aproximar a fé e a razão, pelo modelo de vida que a Igreja oferece como exemplo para se comprometer ao serviço da verdade, o que não é uma missão desprovida de interesse hoje — basta lembrar o discurso de Ratisbona. O compromisso que a Igreja chama os cristãos a assumirem através do bem-aventurado Rosmini é um exercício da inteligência. Não há diálogo sem uma busca, sem uma autêntica dialética, sem um debate que mereça esse nome. E quando se sabe o quanto os desvios teológicos são o efeito de lacunas filosóficas, e o quanto a Igreja (notadamente na França) carece desesperadamente de filósofos, tendo negligenciado essa disciplina em favor da exegese e da própria teologia, mede-se o quanto a beatificação de um filósofo é sinal dos tempos. Rosmini será seguramente um companheiro neste trabalho de desbravar a verdade, desmascarar as falsas verdades, abrir o caminho do real e da vida.

Em suma, sejamos mais filósofos para sermos mais cristãos. Em seu leito de morte, Rosmini expirou deixando três instruções a seus amigos: « *Adorare, tacere, gaudere* — adorar, calar, alegrar-se». Essas foram suas últimas palavras.

Essa falta de filosofia…

“Essa falta de filosofia, dessa filosofia que considera o homem *como um todo* com as exigências de seu coração e os desejos de sua natureza, é uma das principais e mais profundas razões dos males das sociedades civis atuais.

O estado das coisas chegou a tal ponto que falar sobre as necessidades reais do homem inteiro e sua plena satisfação é considerado por muitos um argumento antigo e trivial; o escritor atual tem vergonha de abordá-lo: teme não parecer suficientemente progressista para seus leitores. É uma pena que ele não perceba que o primeiro passo realmente progressista que se dará depois dele mostrará sua ignorância!”

Antonio Rosmini,

Philosophie de la politique

Para saber mais:

- O site oficial www.rosmini.it
- Sobre Rosmini, pensador político liberal, Chiesa.espresso.repubblica.it (em francês)

---

[1] Citamos um autor da filosofia do direito italiano que o menciona, embora não compartilhe sempre de sua opinião: G. Del Vecchio_, Filosofia do direito_, Dalloz, reimpressão, 2003.

[2] A. Boistel, *Curso de filosofia do direito*, Paris, 1899, prefácio XI.

[3] Por ex. R. Jolivet, *Tratado de filosofia*, volume IV, Moral, Emmanuel Vitte, 1966, Antonio Rosmini, *Antologia filosófica*, sob a direção de R. Jolivet, Emmanuel Vitte, 1954.

[4] Cf. www.philosophiedudroit.org, link para o Centro francês de estudos rosminianos.

[5] Edições Bière, BP 27, 33023 Bordeaux cedex. Tel/fax: 05.56.72.91.88. M.-C. Bergey, *A Robe Púrpura, Vida de Antonio Rosmini*, Ed. Bière, coleção Biblio. Phil. Comp., Clássicos – 2, 2000.

[6] A. Rosmini, *Introdução à filosofia*, Ed. Bière, coleção Biblio. Phil. Comp., Clássicos – 1, 1992.

[7] A. Rosmini, *Filosofia da política*, Ed. Bière, coleção Biblio. Phil. Comp., Filosofia política – 2, 2000.

[8] J. de Finance, sj, *Conhecimento do Ser, tratado de ontologia*, DDB, 1966.

[9] J.-M. Trigeaud, na introdução, *Filosofia da política*, op. cit., p. 23.

[10] Cf. a obra coletiva reunindo notadamente Maritain, Journet, De Corte, De Greef, Vignaux, Reuter, e G. Marcel, *Os homens são iguais?*, Edições carmelitanas, 1939. Ver notadamente a contribuição de G. Marcel, Considerações sobre a igualdade, p. 161 *sq*, espec. p. 168. O autor indica que « o termo que expressa mais fielmente essa interdependência ativa [n.e.d.l.r.: das pessoas] e mesmo criadora não é o termo igualdade, mas sim o termo *fraternidade* » [nós sublinhamos]. Citamos outra passagem com acentos rosminianos de G. Marcel, p. 170: « Os sujeitos entre os quais se pretende instaurar uma igualdade metafísica ou originária não são, portanto, mais sujeitos que nominalmente, uma vez que estão ipso facto despojados do índice metafísico que é um índice de criatividade, do qual se reduzem a dados, à inércia, à morte. Se o igualitarismo se revela mortificante em suas consequências, é porque repousa sobre um ato de desvitilização inicial do sujeito. »

[11] *Filosofia da política*, op. cit., p. 20.

---

[40] http://www.libertepolitique.com/public/decryptage/article-2043-Antonio-Rosmini-:-un-pretre-philosophe-sur-les-autels.html

Anexo 10 - Wikipedia – Biografia de Mellerio

Um artigo da Wikipédia, a enciclopédia livre.[41]

Os **Mellerio** ditos **Meller** formam uma famosa dinastia da alta joalheria parisiense e francesa.

Desde o início do século XVI, três ourives-joalheiros, os Mellerio, originários de Craveggia, deixaram seu vale no norte da Itália, o Val Vigezzo (localizado perto de Domodossola), para se instalar na França, a fim de exercer sua profissão. Eles fizeram a viagem a pé, como muitas pessoas na época, atravessando os Alpes com sua caixa de amostras — a *marmotte* — nas costas.

Os Mellerio obtiveram privilégios da parte da regente Maria de Médici, que lhes concedeu a autorização para exercer livremente sua atividade em todo o reino, protegendo-os das hostilidades das Corporações.

Esse status privilegiado se confirmou posteriormente, e seus descendentes se tornaram os fornecedores oficiais dos grandes da corte. A joalheria, propriamente dita — a arte de montar as pedras preciosas para fazer joias — realmente nasceu sob o reinado de Luís XIII. O Cardeal Mazarin desenvolveu o gosto por isso, adquirindo os mais belos diamantes de seu tempo, fazendo-os montar em joias, e legando-os à Coroa da França. Sob o rei Luís XIV, diz-se que a Sra. de Montespan tinha um conjunto de joias combinado com a cor de cada um de seus vestidos. Seus descendentes também trabalharam com a rainha Maria Antonieta, Napoleão I, a imperatriz Joséphine, e as irmãs do imperador, Pauline Borghèse e Caroline Murat.

Eles se instalaram na 9 Rue de la Paix (Paris), durante a escavação da rua, sob o Iº Império, dando sua marca a este bairro parisiense, que se prolonga pela Place Vendôme.

Eles sempre mantiveram o vínculo com Craveggia, onde retornam todo ano.

Hoje a décima quinta geração dos Mellerio continua sua atividade na Alta Joalheria francesa e estrangeira.

---

[41] http://fr.wikipedia.org/wiki/Mellerio

O PROFESSOR TIGHE ANALISA A «DIÁSPORA DOS ANGLICANOS DE TRADIÇÃO»

Quarta-feira, 3 de janeiro de 2007

O rito Anglicano? « *Uma ortodoxia católica explícita e atraente*» (sic)!

Um resumo comentado de uma conferência de **2001** do Professor (conciliar) Tighe

Artigo Original: Virgo Maria

- LIÇÕES PARA A SITUAÇÃO ATUAL DA TRADIÇÃO CATÓLICA EM 2007
- RESUMO E COMENTÁRIO DA CONFERÊNCIA PÚBLICA DO PROFESSOR TIGHE
  - O « ANGLICANISMO OFICIAL »
  - UM POUCO DE HISTÓRIA DA REFORMA HISTÓRICA ORIUNDA DE CRANMER
  - A ORTODOXIA ANGLICANA E O TERMO « ANGLICANISMO »
  - A RAMIFICAÇÃO DISSIDENTE DO « ANGLICANISMO PERMANENTE »

    - O RITO ANGLICANO DENTRO DA IGREJA CONCILIAR – UMA EXPLICAÇÃO FUNDAMENTAL DE TIGHE INSPIRADA EM MASCALL

- CONCLUSÃO
- A DIÁSPORA DOS ANGLICANOS DE TRADIÇÃO
    - ANGLICANISMO, CATOLICISMO & O SIGNIFICADO DO "RITO ANGLICANO" NA IGREJA CATÓLICA
    - O ANGLICANISMO OFICIAL
    - "ANGLICANISMO PERMANENTE"
    - CATOLICISMO
    - O RITO ANGLICANO

LIÇÕES PARA A SITUAÇÃO ATUAL DA TRADIÇÃO CATÓLICA EM 2007

A fragmentação da « *Igreja da Inglaterra* » dentro da *Comunhão Anglicana* descreve o futuro do que está se tornando a Igreja conciliar surgida da usurpação realizada por Roncalli-João XXIII em 1958, pelo concílio Vaticano II e pela revolução litúrgica (*Pontificalis Romani*, *Novus Ordo Missae*) que a seguiu.

A estrutura hierárquica anglicana, supostamente e falsamente episcopal, que sucedeu à Igreja católica na Inglaterra desde Cranmer em 1547 se desintegrou para dar lugar à noção de Comunhão, onde não é mais exigida nem unidade de doutrina nem unidade de liturgia. **Analogamente, desde 1965, o concílio Vaticano II iniciou uma evolução idêntica através da colegialidade episcopal e pela instauração de uma nova liturgia onde cada « missa » se tornou matéria de inovação**.

O Professor Tighe é um dos melhores especialistas em anglicanismo. Ele ensina na Pensilvânia. Ele apresenta nesta conferência pública várias características deste mundo dos « ***anglicanos de Tradição*** ».

Já tivemos a oportunidade de citá-lo[1] nos dias 20 e 27 de novembro de 2006 através de seu blog e do artigo do *Time* de Ruth Gledhill, onde ele revelava **a negociação de um Indulto Anglicano** (extensão do « ***Anglican Use*** » americano) **para uma integração do TAC** (***Traditional Anglican Communion***), uma dissidência da Comunhão anglicana, **dirigida por « Dom » Hepworth**, que foi **qualificado de « Dom Fellay » anglicano**.

Estamos felizes em publicar esta síntese que retoma fatos do artigo do Professor Tighe, assim como outras citações sobre este mundo do anglicanismo.

Através da análise que faz Tighe, tomamos conhecimento de uma confirmação magistral **do papel que o Anglicanismo, e agora as paróquias de Rito anglicano dentro da Igreja conciliar de Ratzinger**, **desempenham como ponta de lança da « *reforma da reforma* » (ou reforma Anglo-Tridentina) promovida pelo padre Barthe, intermediário de seu amigo, o antigo teólogo de Tübingen**.

Já em 1967, o Padre van de Pol, doutor em teologia pela Universidade Católica de Nimègue, escrevia:

> *« A liturgia anglicana realiza uma elegante harmonia entre os elementos derivados do catolicismo clássico, aqueles da Reforma e os do* ***renovo litúrgico atual****. Muitos viram nela* ***sem dúvida o protótipo da liturgia futura da Igreja reunida.*** *Pois* ***o renovo litúrgico, em andamento em quase todas as Igrejas, comportará precisamente uma síntese e uma integração de tudo o que é verdadeiro, bom e belo na maneira como as diferentes Igrejas, ainda separadas, rendem a Deus louvor, honra, ação de graças e adoração na celebração de a santa Eucaristia.*** »[2] Padre van de Pol

Enquanto a manobra do ***Motu Proprio***, coroamento da impostura do « ***buquê*** » espiritual sugerido a Dom Fellay, está prestes a começar, esperamos que a divulgação de todos esses fatos no mundo francófono (e mesmo anglófono) que nos lê, permita **medir melhor os desafios da adesão da FSSPX favorecida por uma pequena facção de padres conciliadores em seu seio**.

Vamos divulgar os trabalhos do ecumenista van de Pol. Estes são muito esclarecedores, pois **desvendam os objetivos do movimento ecumênico** que hoje Ratzinger serve e no qual o anglicanismo desempenha um papel privilegiado, o de modelo:

> *« Todas as Igrejas anglicanas têm, no entanto, em comum a preocupação consciente de* ***preservar a fé apostólica e o tipo de culto da Igreja dos primeiros séculos, enquanto se assimilam ao máximo tanto os aportes da Reforma quanto os dos correntes atuais, na medida em que estes últimos possuem um valor positivo e permanente*** *.*
>
> *O anglicanismo tem assim uma atitude característica em relação à tradição dos novos aportes. Esta atitude é a base de sua moderação e de sua abrangência.* ***Ela confere ao anglicanismo mundial a aparência de antecipação da Una Sancta do futuro.***
>
> *Isso não é diminuído em nada pela importância numérica reduzida do universo anglicano. Avalia-se o número total de seus batizados em cerca de quarenta milhões, o de comungantes em vinte e cinco milhões no máximo.*
>
> *Uma recente carta pastoral dos bispos da Igreja Protestante Episcopal da América (setembro de 1961) fala extensivamente sobre* ***a vocação da Comunhão anglicana*** *:*
>
> *Somos uma pequena Igreja. Nossa Comunhão anglicana é apenas uma parte restrita do conjunto da comunidade cristã. Mas a vocação e a missão de uma Igreja não podem ser medidas unicamente por números. Com sentimentos mistos de orgulho e humildade, podemos reconhecer que entre nossos membros há um número proporcionalmente elevado de homens e mulheres que ocupam,*

> *em nosso mundo conturbado, postos influentes e de grande responsabilidade.* ***Nossa visão da Grande Igreja cuja missão se dirige a todos os homens sem distinção, está solidamente enraizada em nosso legado do passado*** . É isso que nossos símbolos de fé históricos e nossa liturgia nos preservam. Nossa lealdade mais profunda não é aquela que nos liga à Igreja Episcopal nem à Comunhão anglicana, mas sim aquela que nos une à Igreja católica e apostólica»[3]. *Padre van de Pole, 1967*

« O anglicanismo mundial é uma antecipação da Una Sancta do futuro. » *Não poderia ser mais claro.* ***É para isso que o padre Ratzinger tem trabalhado incansavelmente desde 1982, e pelo qual acelera as decisões desde 19 de abril de 2005, data de sua eleição****.*

Após o *Solve*, o atentado contra a sucessão apostólica perpetrado em 18 de junho de 1968 (*Pontificalis Romani*, novo rito conciliar sacramentalmente inválido de consagração episcopal), **uma falsa Igreja, que através de uma aparente transmutação despojou a Igreja católica de seus bens e ocupou seus assentos, a Igreja conciliar foi estabelecida para substituir o Sacerdócio de Melquisedeque** sacramentalmente válido (perpetuado por Dom Lefebvre em 1988), deixando assim o caminho agora livre para realizar finalmente o *Coagula* deste plano meditado há décadas.

Ressaltamos que a análise do Professor Tighe deixa de lado a análise do TAC (Traditional Anglican Communion) que iniciou desde 1992 um « processo de reconciliação » secreto com Ratzinger.

Continuemos o bom combate

padre Michel Marchiset

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf e http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf

[2] *« La Comunhão anglicana e o ecumenismo segundo os documentos oficiais »* Le Cerf, 1967, Prefácio de Dom Willebrands

[3] « Somos uma igreja pequena. Nossa Comunhão Anglicana inteira é uma pequena parte da comunidade cristã total. Mas a vocação e a missão de uma igreja não podem ser medidas apenas pelos números. Com um orgulho misturado com humildade, podemos reconhecer que em nossa membresia encontram-se uma parcela desproporcional de homens e mulheres que ocupam posições de grande responsabilidade e influência em nosso mundo tão atribulado.

« Secularmente consagrado em nossa herança está nossa visão da Grande Igreja, cuja missão é para todos os tipos e condições de homens. Isso é preservado para nós em nossos credos históricos enraizados nas Escrituras e em nossa oração comum. Nossa lealdade mais profunda não é à Igreja Episcopal nem à Comunhão Anglicana, mas à única Igreja Católica e Apostólica » (The Christian Century, Chicago, 1961, p. 1306, col. 1).

RESUMO E COMENTÁRIO DA CONFERÊNCIA PÚBLICA DO PROFESSOR TIGHE

RESUMO E COMENTÁRIO DA CONFERÊNCIA PÚBLICA DO PROFESSOR TIGHE

O « ANGLICANISMO OFICIAL »

Uma distinção deve ser feita entre os « Anglicanos oficiais » e os « Anglicanos permanentes ». Os primeiros estão mais ou menos vagamente ligados à Comunhão Anglicana, ou seja, ao suposto arcebispado de Cantuária.

> *« Refiro-me a essas igrejas que estão em comunhão com Cantuária, como a Igreja Episcopal dos EUA (ECUSA) e a Igreja Anglicana do Canadá – Igrejas do mundo ocidental de língua inglesa (exceto a maioria das igrejas "anglicanas" oficiais da África e da Ásia, que resistiram mais ou menos ao liberalismo teológico, embora algumas, como a Igreja da Província da África do Sul tenham sucumbido). »* **Professor Tighe**

Este « Anglicanismo oficial » caiu no ultra-liberalismo. As partes tradicionais (Anglo-católicos, Tractarianos) estão pouco ou nada representadas. Tighe atribui essa evolução a um ponto de partida: a « ordenação » das mulheres.

Dentro da ECUSA (episcopalianos americanos), que é parte integrante da Comunhão Anglicana ou ainda Igreja da Inglaterra, o movimento FiF (*Forward-in-Faith*) reúne membros que desejam obter uma ampla autonomia por meio da criação de uma « Província Livre ».

> *« O essencial dos esforços da organização inglesa F-i-F parece orientado para garantir sua saída da Igreja da Inglaterra sob o aspecto mais ou menos disfarçado de uma "terceira província", pode-se concluir com certeza que seus aderentes não veem um futuro a longo prazo para o Anglo-Catolicismo na Igreja da Inglaterra. »* **Professor Tighe**

Esta « Província Livre » da Igreja da Inglaterra ambiciona uma « reconciliação » com o padre Ratzinger. Por enquanto, trabalha para fomentar, dentro dos países escandinavos, a reunião de um conjunto de Igrejas tradicionais (ou « Altas Igrejas ») provenientes das Igrejas luteranas e que fogem do ultra-liberalismo.

> *« Os contatos que o F-i-F empreendeu nos últimos sete ou oito anos com os grupos de “oposição ortodoxa catolicizante” ou pelo menos “alta igreja” nas igrejas luteranas escandinavas (especialmente na Suécia e na Noruega) parecem claramente, embora tacitamente, estabelecer o princípio de que os próximos 10 a 15 anos verão a contínua descida das igrejas anglicanas e escandinavas para o abandono do ensino sexual/ético e uma relativização de sua atitude em relação aos dogmas tradicionais - algumas igrejas escandinavas, a Igreja Estatal da Dinamarca por exemplo, nas quais o clero é legalmente autorizado a "abençoar" as "associações" homossexuais, parecem já ter chegado a esse ponto, com os suecos um pouco atrás - e o surgimento de grupos de igrejas separadas em todos esses países em associação frouxa com uma "Província Livre" da Igreja da Inglaterra. É claro que algumas das figuras proeminentes desse movimento contemplam a saída final disso tudo em uma reconciliação com a Santa Sé. »* **Professor Tighe**

RESUMO E COMENTÁRIO DA CONFERÊNCIA PÚBLICA DO PROFESSOR TIGHE

UM POUCO DE HISTÓRIA DA REFORMA HISTÓRICA ORIUNDA DE CRANMER

Iniciada sob Henrique VIII, que foi excomungado pelo Papa em 1533, no ano seguinte o Ato de Supremacia o estabeleceu como « chefe supremo » da Igreja da Inglaterra. Foi sob o reinado de Eduardo VI (1547-1553) que a revolução litúrgica avançou verdadeiramente sob a liderança do arcebispo de Cantuária, Thomas Cranmer, secretamente protestante. O BCP (Book of Common Prayer) foi publicado em 1549 e 1552. Após o interlúdio da restauração católica pela rainha Maria Tudor de 1553 a 1558, ela própria assistida pelo legado Reginald Pole, ocorreu o compromisso elizabetano (*Elizabethan settlement*) que restabeleceu o BCP de 1552 com algumas modificações. Durante o reinado de Elizabeth I (1558-1603) desenvolveu-se a perseguição contra os católicos (chamados recusantes), enquanto ao mesmo tempo o poder real se opunha a uma deriva da Igreja da Inglaterra (anglicana) em direção aos Presbiterianos (ou Puritanos), ao contrário da Escócia onde estes se fortaleciam inspirados pelo calvinismo.

> *« O termo “Anglicanismo”, tal como é tradicionalmente compreendido tanto pelos Anglo-Católicos quanto pelos Anglicanos de base - na verdade, por todos, exceto pelos Protestantes Anglicanos mais conservadores - era, na base, a invenção intelectual de Richard Hooker durante a década que precedeu sua morte em 1600, em reação contra a ideia irresistivelmente dominante entre bispos e teólogos ingleses de que sua igreja era uma igreja "Reformada", tirando sua inspiração teológica dos principais teólogos da Reforma Suíça*, Zwingle, João Calvino e Heinrich Bullinger. » **Professor Tighe**

A aparição deste termo decorreu da ação de dois homens:

> *« No meio desses tempos turbulentos, dois teólogos defenderam a posição anglicana. John Jewel (1522-1571), apoiando-se na Escritura e na prática da Igreja antiga, sustentou o compromisso elizabetano e concluiu que a Ecclesia Anglicana era plenamente católica. Ele acompanhou essa defesa com uma vigorosa condenação de Roma. Richard Hooker (1554-1600), seu discípulo,*

> *defendeu sua Igreja contra os puritanos, refutando seu argumento de que a Escritura é o único critério para a Igreja. Para ele, como para Jewel, a Igreja da Inglaterra não havia se separado da grande Igreja católica. »[4]* **Suzanne Martineau** *(p20-21)*

E o termo « anglicanismo » começaria a se impor sob o reinado de Jaime VI da Escócia:

> *« Foi após a Restauração de 1660 que a palavra "Anglicanismo" (que não foi usada para descrever a religião da Igreja da Inglaterra antes do século XIX) começou a emergir como uma distinção consciente entre Roma e o Protestantismo dogmático confessionário. "Anglicanismo" - a palavra se não a coisa - é uma invenção do século XVII, enquanto de 1559 a 1600 ou mesmo 1620 a Igreja da Inglaterra era mais nitidamente uma igreja "**Reformada**". »* **Professor Tighe**

Foi em 1662, no seguimento desse movimento de restauração, que uma nova versão do BCP foi difundida.

---

[4] *« Os Anglicanos »* Edições Brépols, 1996

RESUMO E COMENTÁRIO DA CONFERÊNCIA PÚBLICA DO PROFESSOR TIGHE

A ORTODOXIA ANGLICANA E O TERMO « ANGLICANISMO »

Dividida entre a Igreja Católica que transformou na Inglaterra e os doutores da Reforma protestante continental, a aparição da Igreja da Inglaterra com o arcebispo apóstata Cranmer deu origem a um novo termo (« anglicanismo ») a partir do final do século XVI, em reação ao movimento dos Puritanos.

O termo « anglicanismo » não deveria, portanto, ser usado para designar formas de Igrejas episcopais muito próximas da Reforma. Tighe não poupa palavras para criticar o ultra-liberalismo que tomou a ECUSA, a iniciativa da « capela Latitudinária ». Ele identifica apenas dois movimentos de resistência que ele designa sob o termo de « organizações Evangélicas moderadamente conservadoras »: o *American Anglican Council* (AAC) e a *Anglican Mission in America* (AMiA). No entanto, essas duas instâncias aprovam a ordenação de mulheres.

Segundo Tighe, a questão da « ortodoxia anglicana » é, portanto, um assunto controverso dentro das comunidades oriundas da reforma de Cranmer.

RESUMO E COMENTÁRIO DA CONFERÊNCIA PÚBLICA DO PROFESSOR TIGHE

A RAMIFICAÇÃO DISSIDENTE DO « ANGLICANISMO PERMANENTE »

De acordo com o Professor Tighe, os « Anglicanos permanentes » são oriundos da ordenação de quatro « bispos » em Denver em 1979. Trata-se de anglicanos que deixaram a estrutura oficial, muitas vezes à custa do abandono dos edifícios de culto. Em tais saídas, confirma-se que poucos fiéis seguem (25% a 33%). Este fato ainda mantém muitos « clérigos » anglicanos dentro da ECUSA, aguardando o momento oportuno para a dissidência. Essas ordenações de Denver tinham como objetivo « garantir um episcopado » segundo Tighe e foram realizadas ao custo de uma « irregularidade canônica permanente »! O comentário não deixa de ser irônico quando se conhece a realidade da invalidez das ordenações anglicanas e a ausência total de jurisdição nessa seita (*secta anglicana* segundo o *Votum* do Cardeal Franzelin) cortada da Igreja Católica.

Esta cisão se concretizou a partir de 1977, em decorrência da crise provocada dentro da ECUSA (Episcopais americanos) pela questão da ordenação das mulheres em 1973-74, segundo Tighe. Os 4 bispos se mostraram incapazes de permanecer unidos. A questão das sagrações, da jurisdição, das relações com as outras comunidades anglicanas e dos pontos de doutrina fragmentaram esse movimento dissidente, ao qual Tighe testemunha uma certa simpatia.

> *« A questão do que constitui a ortodoxia Anglicana surgiu sob uma forma aguda no “Anglicanismo permanente”, e, devido ao fato de que existem três ou talvez quatro respostas possíveis, as divergências a respeito disso agravam fortemente os outros motivos de divisão. »* **Professor Tighe**

Essa dissidência explodiu em várias tendências:

1 - Tendência ‘Protestante reformada’

> *« Existe o tipo de ortodoxia agressivamente Protestante Reformada que veria o surgimento do “Anglicanismo” desde os anos 1620 como um retrocesso da pureza da doutrina das reformas Elisabetanas e Edwardianas, assim como*

> *poderiam ver o Livro de Oração de 1662 como um enfraquecimento do Protestantismo puro dos de 1559 e 1552. »* **Professor Tighe**

Essa tendência pode ser ilustrada por Dale Doren, “bispo” consagrado em Denver em 1979. Em seu rastro aparecem: a Arquidiocese de Sydney, a Igreja da Inglaterra na África do Sul, a Igreja Episcopal Reformada da América. Além disso, não se reivindicando exclusivamente do “legado do anglicanismo histórico”, dois outros grupos podem ser juntados: a Igreja Anglicana Ortodoxa e a Igreja Episcopal Unida.

2 - Tendência ‘Anglo-católica’**

Ela compreende a Província Anglicana do Cristo Rei (APCK), à qual se vincula o “bispo” Robert Morse, “consagrado” em Denver.

> *« Tive o privilégio de conversar com o arcebispo Morse, que me deixou claro que, se o Anglicanismo tinha um “fundamento Católico”, este, em sua opinião, havia sido definitivamente prejudicado desde suas origens em 1559 pelo “compromisso Elisabetano”, como ele o qualificava – uma tentativa de tornar os formulários o mais ambíguos possível, assim como de permitir uma ampla introdução das “Atitudes, crenças e práticas Protestantes” - um compromisso que, segundo ele, era a missão de sua Província repudiar, a fim de produzir um Anglicanismo Católico puro, e para este propósito, como ele me confidenciou, havia se distanciado dos outros grupos “Anglicanos permanentes” que ele considerava ou Protestantes ou mais ligados a perpetuar o "compromisso Elisabetano". »* **Professor Tighe**

Tighe também acrescenta a essa tendência, o Sínodo Anglicano nas Américas (“Metropolitano” Herbert Groce). Sua posição seria supostamente “Católica ocidental”.

> *« A APCK não parece ter uma devoção particular em relação à Reforma ou algum problema fundamental com a papalidade em si, no entanto, a maioria de seus líderes poderia rejeitar a Apostolicae Curae do Papa Leão XIII (que declara os ordens Anglicanas inválidas) ou questionar a papalidade quanto a sua recusa histórica em aceitar a natureza “Católica” da Igreja da Inglaterra e de suas igrejas irmãs. »* **Professor Tighe**

Dentro desse arquipélago de grupos que explodem, se fundem e se multiplicam novamente, Tighe menciona posições características em relação à Igreja Católica. Este movimento anglicano inventa o conceito de “Ortodoxia ocidental”. Descobre-se o uso de um “cânon romano”.

> *« A Igreja Anglicana Católica (ACC), ao contrário, pelo menos após a perda da metade de seus participantes em 1991 com a fusão entre os partidários do Arcebispo Louis Falk com a Igreja Episcopal Americana de Anthony Clavier e antes de seu cisma em 1997, aspirava a uma espécie de "Ortodoxia Ocidental" considerando o Anglicanismo como uma restauração, em parte pelo menos, dessa Ortodoxia comum do primeiro milênio que foi, no Ocidente, ofuscada pela ascensão do "**papalismo**" a partir do século XI. No entanto, foi dito que a ACC minimizou a natureza normativa dessa visão "pro-orientalista" desde 1997, embora eu não saiba se isso é verdade. O grupo minoritário após o cisma de 1997, a Santa Igreja Católica de Rito Anglicano, não conserva a normatividade da teologia Ortodoxa para uma verdadeira compreensão da catolicidade, mas sustenta que a tradição litúrgica e o gênio espiritual anglicano podem adequadamente representá-la em um modo Ocidental; mas em 1999, esse grupo também se dividiu com o surgimento da Santa Igreja Católica de Rito Ocidental, que, considerando o Anglicanismo histórico como uma tentativa de resolver os "problemas Ocidentais" em princípios Ocidentais e, em última análise, apenas soma os problemas, deixou de se considerar de qualquer forma "**Anglicana**" mas utiliza uma liturgia no estilo do Livro de Oração, embora com um Cânon Romano "**Gregoriano**" (como eles o definem) utilizado exclusivamente. »* **Professor Tighe**

Dentro da corrente que desenvolve a ortodoxia "de rito ocidental", em relação à qual os ortodoxos orientais permanecem muito hostis, é mencionada a ressurreição de ritos extintos, e a este respeito a Igreja Galicana e algumas tendências gnósticas. Virgo-Maria.org já publicou uma análise sobre este assunto através da evocação da personalidade de Hyacinthe Loyson[5].

Tighe também menciona a Igreja Católica Nacional Polonesa (PNCC) durante o período de 1976-1985. Dessa última, subsiste apenas uma paróquia em Denver.

Diante dessa alternância de fragmentação e reunificações, Tighe previu que ao final *« o verdadeiro conceito de "Anglicanismo permanente" em si se esvazia de seu sentido na prática, dada a grandeza das diferenças »*

Um cisma previsível dentro da Igreja conciliar dos Estados Unidos

Em 2001, quando Tighe pronuncia sua conferência, ele pressente um cisma iminente dentro da Igreja conciliar nos Estados Unidos.

> « Eu não penso que o estado de divisão da Igreja Católica em países como os EUA, o Canadá e em outros lugares – para não falar apenas dos países de língua inglesa – possa continuar indefinidamente. Um cisma certamente vai ocorrer, ou

> pelo menos uma grande defeção por parte dos Católicos. A Igreja Católica dos EUA opera em uma tonalidade de dioceses tão ampla quanto se pode imaginar, desde o cardeal Mahony em Los Angeles até o Arcebispo Chaput de Denver e o bispo Bruskewitz de Lincoln, e todas as nuances entre esses extremos (O Canadá, por outro lado, ainda é dominado por bispos liberais, os piores sendo os "***Francófonos***"*). »* **Professor Tighe**

Descrevendo a deriva e a decomposição avançada da Igreja conciliar nos Estados Unidos, Tighe sinaliza que o único ponto onde a Roma modernista marca uma oposição é a questão da tradução dos textos litúrgicos para o vernáculo (documento *Liturgiam Authenticam*). Desde a conferência de Tighe, no final de 2006, Ratzinger acaba de publicar um texto sobre a tradução do *pro multis*, em “ *for many*”. Trata-se de uma peripécia final nesta questão que permanece marginal. É bastante cômico que o padre Lorans e o site da Porta Latina do Distrito da França da FSSPX tenham elevado essa questão insignificante a um grande destaque, e que o padre Barthe, promotor da “reforma da reforma”, a tenha apresentado como o início da grande restauração, que não será verdadeiramente mais do que uma consolidação da reforma conciliar em uma forma de reforma Anglo-Tridentina.

Sobre a rebelião que se aproxima dentro da Igreja conciliar nos Estados Unidos, Tighe recomenda a leitura do cenário proposto por Lee Penn (ex-episcopaliano que se tornou conciliar) e publicado na *New Oxford Review*: *« O grande realinhamento de 2004-2012 ».* Segundo Tighe:

> *« Para esses Católicos de Rito Anglicano, no entanto, a Liturgiam Authenticam oferece a possibilidade de liderar um renovamento litúrgico autenticamente Católico. Circunstâncias difíceis provocaram atrasos prejudiciais na publicação do Livro do Culto Divino do Rito Anglicano oficial (“característico” em sentido litúrgico), mas considerando que partes do Rito II (a versão “Inglesa contemporânea” de seu rito de Missa) e até mesmo do Rito I das Orações da Oferta (a versão “Inglês clássico”), extraídas tal como estão do Missal Romano de 1970, estão disponíveis apenas em Inglês contemporâneo que discorda do resíduo desse Rito e contraria evidentemente as exigências da Liturgiam Authenticam, sua revisão à luz deste recente documento faria da Missa Católica de Rito Anglicano um culto Católico exemplar neste país. Uma rápida conclusão deste trabalho seria uma contribuição notável à vida da Igreja Católica enquanto tal no mundo de língua Inglesa. »* **Professor Tighe**

Assim, a questão das traduções vernáculas para o mundo anglo-saxão oferece a oportunidade aos anglicanos que se integraram à Igreja conciliar de liderar uma restauração supostamente católica. Notemos, o que Tighe não percebeu, que em termos estratégicos de subversão, essa posição dos anglicanos dentro da Igreja conciliar é hábil. As peles de ovelhas da “reforma da reforma” cobrem, portanto, “lobos anglicanos”.

[5] Mensagem de 11 de novembro de 2006: http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-10-A-00-Role_de_Hyacinthe_Loyson.pdf

RESUMO E COMENTÁRIO DA CONFERÊNCIA PÚBLICA DO PROFESSOR TIGHE

O RITO ANGLICANO DENTRO DA IGREJA CONCILIAR – UMA EXPLICAÇÃO FUNDAMENTAL DE TIGHE INSPIRADA EM MASCALL

Tighe questiona a presença desse rito anglicano dentro da Igreja conciliar.

Na Reforma protestante que se seguiu a Lutero, a maioria das comunidades desse movimento rejeitou o episcopado e a economia sacramental católica e só considerou a doutrina e as tradições dos Pais da Igreja na medida em que *« são compatíveis com seus documentos confessionais clássicos da Reforma. »*

> *« A Igreja da Inglaterra, por contraste, manteve uma ambiguidade estudada sobre, por exemplo, a atitude e a necessidade dos bispos ao longo da época da Reforma, e sua única declaração de doutrina, os Trinta e Nove Artigos, embora claramente Protestante sob certos aspectos, evitava completamente os outros e deixava "buracos" que poderiam permitir dar-lhes interpretações mais ou menos "Católicas", embora frequentemente com dificuldade e de forma pouco credível. Além disso, desde os primeiros dias do reinado de Elizabeth I, muitos Protestantes da Igreja da Inglaterra, irritados com o que consideravam a falta de clareza de seu Protestantismo e a tolerância em relação às visões Católicas, começaram a responsabilizar os bispos e sustentaram, consequentemente, que os bispos deveriam ser abolidos. Os Protestantes que queriam proteger os bispos logo começaram a apelar para a prática da Igreja dos primeiros cinco séculos e ao ensino dos Pais da Igreja para defender sua legitimidade, e muito cedo essas pessoas e seus seguidores começaram a olhar a Igreja dos primórdios e seus Pais como possuindo uma autoridade muito maior do que os Calvinistas e Luteranos queriam lhes conceder. »* **Professor Tighe**

O apelo Anglicano à Tradição: não à tradição anglicana, mas um apelo à Tradição dos primeiros séculos da Igreja.

> *« Assim começa "**o apelo Anglicano à Tradição**" como Eric Mascall me sugeriu. Enquanto os Luteranos e outros Protestantes apelam à sua própria tradição, a Tradição Luterana, por exemplo, e apenas por precaução à Tradição com "T" maiúsculo, o "apelo Anglicano à Tradição" não é um "apelo à Tradição Anglicana"* mas àquela dos primeiros tempos da Igreja. Agora, dado, por um lado, o lado sumário das fórmulas doutrinárias Anglicanas, como os Trinta e Nove Artigos, e por outro lado a tendência de teólogos Anglicanos, ao menos alguns deles, de apelar ao ensino da Igreja dos Pais, não demorou muito para que alguns desses teólogos começassem a criticar ou a questionar certos aspectos do *pensamento Protestante*, ou, para dizer que se uma parte ou a maioria dos atores da *Reforma Inglesa* (como o Arcebispo Cranmer) eram claramente Protestantes, suas próprias "***opiniões***" não coincidiam com as doutrinas da Igreja da Inglaterra. Em outras palavras, tornou-se possível para pensadores Anglicanos rejeitar muitos aspectos do *pensamento Protestante* comum, baseando-se no que a Igreja dos Pais pensava e praticava, sem se considerar "mau Anglicano" ou "Católico Romano disfarçado", enquanto apareciam semelhantes a outros Protestantes e a muitos outros Anglicanos também. Assim, tornou-se possível sustentar que a Igreja da Inglaterra possuía o melhor dos dois mundos, concordando com os Protestantes em sua crítica à papalidade e a algumas outras crenças Católicas, enquanto afirmavam que somente os Anglicanos haviam conservado uma correta compreensão da estrutura da Igreja, que era mais próxima daquela dos Católicos e dos Ortodoxos. » **Professor Tighe**

Essa análise citada por Tighe é crucial, pois descreve o anglicanismo como uma via média entre o Protestantismo do qual se defende e o que considera como desvios da Igreja Católica, que qualifica de "romana". Na situação de 2006, onde observamos há 48 anos (e ressaltamos: segundo as aparências apenas, pois a Igreja em si não pode se transformar em outra coisa) uma transmutação da Igreja Católica tornando-se assim a Igreja conciliar, constatamos que o modelo histórico desta Igreja conciliar do padre Ratzinger é o do anglicanismo. A reforma litúrgica pós-Vaticano II (*Novus Ordo Missae + Pontificalis Romani*) reclamou ela própria de um "retorno à Igreja dos Pais". O recurso a uma suposta Tradição apostólica falsamente atribuída a Hipólito de Roma segue essa lógica.

E Tighe descreve precisamente o sentimento que têm os anglo-católicos, os Tractarianos do movimento de Oxford por volta de 1850, que afirmam "ser católicos":

> *« Com os Tractarianos do século XIX e a ascensão do Anglo-Catolicismo, tornou-se possível para alguns Anglicanos acreditar que o Protestantismo estava errado*

> *na maioria ou até mesmo em todos os aspectos, e que os Anglicanos rejeitavam ou deveriam rejeitar as crenças Protestantes segundo as quais as igrejas Anglicanas eram "igrejas Católicas" semelhantes às igrejas Católicas e Ortodoxas, e não diferiam senão em questões menores - e tornou-se possível para os Anglicanos que seguiam esse caminho viver vidas religiosas baseadas em um sentimento Católico da Cristandade, da Igreja e dos sacramentos (obviamente, não sempre facilmente). A questão não é se sua visão sobre a Reforma Inglesa ou a história Anglicana estava correta, mas que eram capazes de acreditar nisso e escapar disso na maioria desde cerca de 1850, para moldar sua vida religiosa, seu culto e suas orações com a certeza de serem Católicos, não Protestantes, e que se a Igreja Anglicana deixasse de ser compatível com sua fé Católica, ou demonstrasse um rejeição da ortodoxia Católica, não lhe deveriam lealdade alguma, e estariam de fato obrigados a deixá-la. »* **Professor Tighe**

E após a Segunda Guerra Mundial, devido aos encontros ecumênicos que se desenvolviam, Tighe explica então a emergência de uma base que possa fundar a legitimidade da aparição de um rito Anglicano dentro da Igreja conciliar:

> *« A Igreja Católica foi capaz de reconhecer no Anglo-Catolicismo uma versão do anglicanismo possuindo uma autenticidade Católica, mesmo que as igrejas Anglicanas elas mesmas não pudessem ser reconhecidas como "**Católicas**". O caminho estava assim aberto para que a Igreja Católica reconhecesse que não faltava muito à "forma Católica" do Anglo-Catolicismo, e que se os Anglicanos Católicos estivessem preparados para entrar na Igreja Católica, confessar sua fé, e aceitar sua autoridade, seria perfeitamente possível aceitar uma expressão do Catolicismo com um espírito Anglicano, o Rito Anglicano. »* **Professor Tighe**

O julgamento de Tighe sobre o anglicanismo é esclarecedor:

> *« Em razão das circunstâncias singulares da Reforma Inglesa*, a Igreja da Inglaterra nunca foi capaz de se definir claramente e univocamente como Protestante. » **Professor Tighe**

E após o turbilhão ultra-progressista pós-Vaticano II, Tighe vem sugerir que o Anglo-Catolicismo integrado à Igreja conciliar pode trazer uma lufada de tradição!

> *« Assim, as paróquias de Rito Anglicano estão posicionadas hoje na Igreja Católica da América de tal maneira que têm muito a oferecer dentro e fora da Igreja Católica e dentro e fora da Tradição Anglicana. Aos Católicos, elas oferecem a realidade de uma liturgia em língua Inglesa respeitosa e sagrada na tradição Ocidental, uma realidade que é ao mesmo tempo obrigatoriamente Católica em si mesma e que oferece esperança e fornece um meio de reforma e renovação em meio a uma extensão de confusão litúrgica. »* **Professor Tighe**

Aprofundando a lógica, Tighe observa que essas paróquias de rito Anglicano podem até mesmo se tornar a vanguarda de uma « reforma da reforma ». Ele aborda assim em 2001, este projeto que Ratzinger acalenta, ao menos desde 1982 (declaração do Figaro de 12 de dezembro de 2006) e promove junto a Robert Moynihan em uma entrevista de 1995. Em 2001, também é o ano em que (influenciado por quem?) Monsenhor Fellay coloca seu « pré-requisito » da « liberdade » do rito de São Pio V em relação à Roma modernista, enquanto a experiência nos demonstra hoje que esse « pré-requisito » é a primeira etapa indispensável e mortal da « reforma da reforma » (ou reforma Anglo-Tridentina) para aprisionar a FSSPX e destruir o último bastião internacional que ainda possui o Sacerdócio católico sacramentalmente válido.

> *« O Rito Anglicano pode desempenhar seu papel ao encorajar uma "reforma da reforma*". Em relação a isso, também, esses eclesiásticos e particularmente os bispos que incentivam o desenvolvimento das comunidades de Rito Anglicano, e aqueles que se opõem, revelando assim sua posição, naquilo que Monsenhor George Kelly qualificou de "***batalha pela alma da Igreja Católica***" *na América. Para os estrangeiros impressionados pelo contraste aparente dentro do Catolicismo, cujas reivindicações foram objeto de suas pesquisas e o que eles podem ter experimentado ao assistir a Missas sombrias ou durante conversas com eclesiásticos complacentes, as paróquias de Rito Anglicano oferecem o testemunho de que não é necessário que seja assim. E se um cisma ameaça o Catolicismo Americano, as paróquias de Rito Anglicano poderiam desempenhar um papel inestimável ao testemunhar uma ortodoxia Católica explícita e atraente. »* **Professor Tighe**

Assim, o Rito Anglicano dentro da Igreja conciliar deveria desempenhar um *« papel inestimável ao testemunhar uma ortodoxia Católica explícita e atraente »* (sic)!

Se Monsenhor Lefebvre tivesse tomado conhecimento desses fatos, não há dúvida de que ele teria protestado energicamente para denunciar uma tal pretensão do anglicanismo de se erigir como representante da ortodoxia católica.

E para Tighe, as paróquias de Rito Anglicano representam de certa forma a tábua de salvação para os Anglicanos. Pois o “anglicanismo oficial” se dissolve no ultra-liberalismo, e o “anglicanismo permanente”, desprovido de autoridade manifesta, se divide sobre a questão da “ortodoxia anglicana”.

> *« Para os Anglicanos, paróquias de Rito Anglicano robustas oferecem uma apropriação do melhor do patrimônio Católico do Anglicanismo, livre daquilo que não é Católico, assim como dessas disputas intermináveis e sem solução sobre o que constitui a "Ortodoxia Anglicana". Na maioria do "Anglicanismo oficial", a ortodoxia Anglicana, se é que existe, foi ou está se transformando em uma espécie de jogo dialético que justifica seguir cada vez mais os costumes e práticas da religiosidade liberal e do culto da realização pessoal, enquanto no "Anglicanismo permanente" a questão do que é a ortodoxia Anglicana constitui a causa primeira e eterna da divisão entre as diferentes jurisdições. »* **Professor Tighe**

A Igreja conciliar de Ratzinger, dotada de um Indulto para o rito Anglicano (em negociação relacionada ao de "Monsenhor Hepworth" do TAC), é portanto chamada, segundo Tighe, a desempenhar o papel de guardiã do templo do anglicanismo.

« É somente no Catolicismo de Rito Anglicano – e, para ser justo, em uma versão da "Ortodoxia de Rito Ocidental", caso ela venha e prospere, o que parece improvável – que todo esse bom, verdadeiro e Católico Anglicanismo pode ser preservado em um contexto que transcenda essas disputas. » **Professor Tighe**

CONCLUSÃO

Este artigo do Professor Tighe apresenta um grande interesse, além da boa documentação dos fatos, ao evidenciar todo o enjeito do desenvolvimento do rito Anglicano dentro da Igreja conciliar de Ratzinger e seu papel previsto como ponta de lança da “reforma da reforma” promovida no mundo francófono pelo padre Barthe, amigo de Ratzinger.

A DIÁSPORA DOS ANGLICANOS DE TRADIÇÃO

Tradução do artigo da *New Oxford Review* de janeiro de 2003
(com nossos agradecimentos ao tradutor)

ANGLICANISMO, CATOLICISMO & O SIGNIFICADO DO "RITO ANGLICANO" NA IGREJA CATÓLICA

Janeiro de 2003, por William J. Tighe

William J. Tighe é Professor Adjunto de História no Muhlenberg College na Pensilvânia. Este artigo é uma adaptação de suas notas de palestra na Conferência do Rito Anglicano na Igreja Católica Nossa Senhora da Reparação em San Antonio, Texas, em 4 de outubro de 2001, que foi publicado originalmente na edição de 26 de outubro de 2001 da Salve, o boletim da paróquia Católica de Rito Anglicano da Virgem Maria de Arlington, Texas, que autorizou sua utilização. Para conhecer o contexto do Rito Anglicano na Igreja Católica, consulte "Anglican Use' Catholic Parishes" de Charles M. Wilson em nossa edição de novembro de 2001.

Embora historiador de profissão, com especialidade no século 16 inglês, tenho pouca experiência prática do "Rito Anglicano" na Igreja Católica, além da presença ocasional nas Missas da Congregação de São Atanásio na área de Boston. No entanto, tenho interesse pelo Anglicanismo e pela Ortodoxia Oriental desde meus estudos em Georgetown há cerca de 30 anos. Sendo estudante em Yale, abandonei mais ou menos o Catolicismo – de fato, mas não de jure – e vivi como Anglicano por cerca de cinco anos, na América, depois na Inglaterra, antes de "retornar" à Igreja Católica em 1979. Desde então, continuei a ter um grande interesse pelo declínio da ortodoxia histórica nas Igrejas Anglicanas do mundo de língua inglesa e pelas diversas fortunas dos grupos da 'continuidade Anglicana' que se separaram do anglicanismo oficial.

Além disso, tive a sorte de conhecer o agora cônego Eric Macall – um Anglo-Católico britânico muito engajado e erudito, por assim dizer – resultado da repentina decisão da Sexta-feira Santa de 1977 de ir ouvi-lo pregar durante a Oração das Três Horas na Igreja da Transfiguração, em Nova York. Nós trocamos apenas algumas palavras naquela ocasião, mas quando ficou claro que eu deixaria Yale para a Universidade de Cambridge no outono de 1978, escrevi para ele e ele me convidou para tomar chá no Presbitério de Santa Maria, na Bourne Street, onde residia há mais de 25 anos após deixar Christ Church, Oxford, devido ao cargo de Professor de Teologia Histórica no King's College de Londres em 1962. Essa foi a primeira de uma longa série de encontros durante os oito anos que passei na Inglaterra. Durante minhas visitas de verão seguintes a Londres, eu o visitava na casa de repouso de Seaford, na costa de Sussex, onde ele passou os tristes últimos cinco anos e meio de sua vida depois de contrair uma doença debilitante em 1987, da qual nunca se recuperou completamente.

Na Inglaterra, particularmente, minha vida foi marcada por amizades com católicos ortodoxos inteligentes que haviam sido Anglicanos, e que trouxeram à Igreja uma sensibilidade que não se sentia à vontade com as "experimentações" muitas vezes perturbadoras das décadas seguintes ao Vaticano II, incluindo o famoso teólogo dominicano Pe. Aidan Nichols (que se converteu ao catolicismo enquanto era estudante em Christ Church, Oxford) e o Prof. John Saward (Capelão do Lincoln College, Oxford, e depois pároco de Tregony na Cornualha, antes de se converter ao Catolicismo em 1979). Contudo, isso é compreensível, pois sou um forte simpatizante do "Rito Anglicano" e de seu lugar na Igreja Católica. E sou também alguém que acredita que a finalidade, ou *telos*, do Anglicanismo Católico histórico se encontra na Igreja Católica.

Neste ensaio, desejo apresentar algumas reflexões sobre o futuro do Anglicanismo em suas diversas manifestações contemporâneas, o futuro do Catolicismo Romano nos Estados Unidos e em ambientes semelhantes, e o significado do "Rito Anglicano", assim como as razões de sua posição na Igreja Católica.

O ANGLICANISMO OFICIAL

Por "anglicanismo oficial", entendo aquelas igrejas que estão em comunhão com Canterbury, como a Igreja Episcopal dos EUA (ECUSA) e a Igreja Anglicana do Canadá – Igrejas do mundo ocidental de língua inglesa (com a exceção da maioria das igrejas "Anglicanas" oficiais da África e da Ásia, que mais ou menos resistiram ao liberalismo teológico, embora algumas, como a Igreja da Província da África do Sul, tenham sucumbido). Do ponto de vista histórico “Anglo-Católico”, “Tractariano”, ou mais simplesmente “Carolina” ou “alta igreja antiga”, a ortodoxia Anglicana está morta nessas igrejas, ou pelo menos moribunda, sem esperança de cura. A razão pode ser resumida em duas palavras: “ordenação de mulheres”, e tudo o que se seguiu e continuará a seguir. (Outra razão, talvez mais profunda, como Eric Mascall me indicou, encontra-se na Conferência de Lambeth em 1930 e sua aceitação da contracepção, a partir da qual surgiram todo tipo de tolices e revisões em matéria sexual). É claro, sem dúvida, que todas as "Igrejas apostólicas" históricas anteriores à Reforma – a Igreja Ortodoxa, as Igrejas Ortodoxas Orientais, e a Igreja Assíria do Oriente, sem falar da Igreja Católica – rejeitam a ordenação de mulheres como incompatível com a ortodoxia Cristã. Apenas a Igreja Anglicana e os Velhos Católicos Europeus "anglicanizados" afirmam o contrário.

Existem Anglicanos que admiro e respeito, como o Rev. David Moyer do Forward-in-Faith North America, que permanece como uma testemunha da ortodoxia Anglo-Católica dentro da ECUSA, mas acho que posso afirmar com certa segurança que aqueles que lhe são semelhantes permanecem na ECUSA por razões pragmáticas e “pastorais” de curto prazo, sem compromisso real com “a instituição” em si, ou porque não sabem para onde ir. Da mesma maneira, existe a organização inglesa Forward-in-Faith que sempre teve uma atitude mais “entusiástica” em relação “aos poderes e às autoridades” em sua igreja do que seus colegas americanos (e isso em parte à vista dos resultados na América). O essencial dos esforços da organização inglesa F-i-F parece orientado para garantir sua saída da Igreja da Inglaterra sob o aspecto mais ou menos disfarçado de uma “terceira província”, por isso pode-se concluir com certeza que seus membros não veem futuro a longo prazo para o Anglo-Catolicismo na Igreja da Inglaterra. Os contatos que a F-i-F fez nos últimos sete ou oito anos com grupos de “oposição ortodoxa católica” ou pelo menos de “alta igreja” nas igrejas luteranas escandinavas (especialmente na Suécia e na Noruega) parecem claramente, embora tacitamente, afirmar que os próximos 10 a 15 anos verão a descida contínua das igrejas inglesas e escandinavas em direção ao abandono do ensino sexual/ético e uma relativização de sua atitude em relação aos dogmas tradicionais – algumas igrejas escandinavas, como a Igreja Estatal da Dinamarca, onde o clero é legalmente autorizado a "abençoar" as "uniões" homossexuais, parecem já ter chegado a esse estágio, com os suecos logo atrás – e a emergência de grupos de igrejas separadas em todos esses países em associação frouxa com uma "Província Livre" da Igreja da Inglaterra. É claro que algumas das figuras proeminentes desse movimento contemplam a saída última de tudo isso em uma reconciliação com a Santa Sé.

Ao esboçar o que precede, omiti considerar uma questão anterior muito significativa, a saber, o que é "a Ortodoxia Anglicana"? Ao longo do último quarto de século, um bom número de pesquisas

históricas conduzidas por historiadores desinteressados (por exemplo, Patrick Collinson, Peter Lake, Nicholas Tyacke, Anthony Milton), muitas vezes não cristãos, demonstraram de forma conclusiva que a palavra “anglicanismo”, tal como é entendida tradicionalmente tanto pelos Anglo-Católicos quanto pelos Anglicanos comuns – na verdade, por todos, exceto pelos protestantes anglicanos mais radicais – era na essência a invenção intelectual de Richard Hooker durante a década que precedeu sua morte em 1600, em reação à ideia irresistivelmente dominante dos bispos e teólogos ingleses de que sua igreja era uma igreja "Reformada" que tirava sua inspiração teológica dos principais teólogos da Reforma Suíça, Zwinglio, João Calvino e Heinrich Bullinger. Foi após a Restauração de 1660 que a palavra “anglicanismo” (que não foi usada para descrever a religião da Igreja da Inglaterra antes do século 19) começou a emergir como uma distinção consciente entre Roma e o Protestantismo dogmático confessional. “Anglicanismo” – a palavra senão a coisa – é uma invenção do século 17, enquanto de 1559 a 1600 ou mesmo 1620 a Igreja da Inglaterra era mais nitidamente uma igreja "Reformada". Isso significa que a espécie de Anglicanismo firmemente protestante que existiu apenas no século passado nas margens da ECUSA, mas que sustentou a formação da Igreja Episcopal Reformada por volta de 1870, e que constitui a verdadeira razão de ser do Arcebispado Anglicano de Sydney, Austrália, pode verdadeiramente reivindicar os direitos de propriedade da religião da Reforma Inglesa (com a exceção, e insisto, do termo "anglicanismo" usado para designá-la).

Desde pelo menos 1660, “A ortodoxia Anglicana” é um assunto de controvérsia entre duas tendências teológicas dentro da Igreja da Inglaterra e suas igrejas filhas ou irmãs, com a aparição subsequente de uma terceira – a capela “Latitude” ou “igreja ampla” ou “moderada” ou (finalmente) “liberal”, que reivindicou sintetizar, ou ao menos justapor, os melhores aspectos das duas outras, mas que, no último século, constituiu a vanguarda do modernismo na Comunhão Anglicana. Reivindicando o uso das “nuances” do “pensamento contemporâneo” para realizar essa síntese, essa atitude se mostrou quase totalmente incapaz de criticar o Espírito do Tempo, e assim se tornou o vetor do “SIDA teológico” que infectou as igrejas anglicanas que costumavam ser chamadas de Primeiro Mundo. Pode ser que organizações evangélicas moderadamente conservadoras na ECUSA, como o American Anglican Council (AAC) ou a Anglican Mission in America (AMiA), possam atuar para retardar o triunfo final das forças da heterodoxia totalitária dentro da ECUSA, mas até onde isso irá? A teimosia da AAC em querer permanecer a todo custo na ECUSA parece ser sua posição inalterável, enquanto a AMiA aparece, de muitas maneiras, visando uma versão mais conservadora da Igreja Episcopal após 1976. Ambas apoiam a ordenação de mulheres, mesmo que a AMiA tenha decretado temporariamente um moratório sobre a aplicação enquanto aguarda o resultado de um "estudo teológico" de dois anos sobre a questão. Essas organizações merecem ser consideradas com desconfiança por "Anglicanos tradicionais" de toda espécie e por esses amigos católicos tradicionalistas e ortodoxos.

"ANGLICANISMO PERMANENTE"

Minha repugnância em relação ao “anglicanismo oficial” contemporâneo, que me leva a questionar o que as autoridades católicas do Canadá, que continuam a apoiar reuniões como a “Conferência de Mississauga” de maio de 2001 perto de Toronto, que reuniu 30 bispos “Anglicanos oficiais” e 30 bispos católicos para descobrir como as duas comunhões poderiam aproximar seus “caminhos de convergência”, esperam alcançar com tais desperdícios de tempo e dinheiro – abre espaço, no caso dos grupos do "anglicanismo permanente", para o respeito e a admiração. Admiro o amor pela ortodoxia cristã e a convicção de que a verdade é mais importante do que tudo que levaram os “Anglicanos permanentes” a tomar a difícil decisão de ir para o deserto e pagar o preço, muitas vezes deixando queridas e familiares igrejas para prestar seu culto em lugares pouco familiares e muitas vezes incongruentes. (Anglo-Católicos que ainda estão na ECUSA, especialmente clérigos, frequentemente me disseram que a razão principal para permanecer era que se conseguissem deixar a ECUSA com sua “instalação paroquial”, levariam consigo a grande maioria dos membros ativos de sua congregação, enquanto se tivessem que deixar a igreja para trás e presidir – como me disse um deles – "em um ginásio de colegial", talvez atraíssem apenas um quarto ou um terço deles).

No entanto, após duas décadas de “anglicanismo permanente”, é claro que nada pode impedir a fragmentação permanente da qual ele sofre desde sua origem em 1977-79. Em parte, isso parece ser devido a erros cometidos no início dos anos críticos previamente mencionados: a pressa em garantir um episcopado, mesmo às custas de uma irregularidade canônica aparente; a impossibilidade de chegar a um acordo sobre uma estrutura canônica para a Igreja Anglicana na América do Norte, como foi originalmente nomeada antes de se fragmentar; divergências nas posições teológicas e nas atitudes em relação ao exercício da autoridade entre os quatro bispos originalmente consagrados em Denver em 1979; assim como desavenças sobre a posição em relação a grupos religiosos de tradição anglicana cuja origem é anterior à crise da ECUSA sobre a ordenação de mulheres de 1973-74.

A isso podemos acrescentar que a questão de o que constitui a ortodoxia Anglicana surge de forma aguda no “anglicanismo permanente”, e, dado que existem três ou talvez quatro respostas possíveis, as divergências a esse respeito agravam fortemente outros motivos de divisão.

Quais são as possíveis respostas? Primeiramente, há o tipo de ortodoxia agressivamente Protestante Reformada que veria a ascensão do “Anglicanismo” desde os anos 1620 como um retrocesso da pureza da doutrina das reformas Elizabetanas e Edwardianas, assim como poderiam ver o *Book of Common Prayer* de 1662 como um enfraquecimento do Protestantismo claro dos de 1559 e 1552. Essa tendência poderia ser representada hoje como “anglicanismo oficial” pelo

Arcebispado de Sydney, e, para além de suas fronteiras, pela Igreja da Inglaterra na África do Sul (não confundir com a Igreja da Província da África do Sul, o grupo oficial, que em um tempo era uma igreja de alta, mas que se tornou liberal) e pela Igreja Episcopal Reformada da América.

Em seguida, menos univocamente protestantes em suas posições teológicas e desejando mais do que o legado do "anglicanismo histórico", enquanto permanecem univocamente Protestantes e de "baixa igreja" em sua concepção, figuram grupos como a Igreja Anglicana Ortodoxa e a "implosão" da Igreja Episcopal Unida, fundada por Dale Doren, um dos quatro bispos "anglicanos permanentes" consagrados em Denver em 1979.

Há, do outro lado do espectro do “anglicanismo permanente”, grupos de uma composição fortemente Anglo-Católica. Assim, a Província Anglicana do Cristo Rei (APCK), cuja Arquidiocese é liderada por Robert Morse, um dos bispos consagrados em Denver em 1979. Tive o privilégio de conversar com o arcebispo Morse, que me deixou claro que, se o Anglicanismo possuísse uma "base Católica", esta, em sua visão, foi definitivamente handicapada desde suas origens em 1559 pelo “compromisso Elizabetano”, como ele o chamava – uma tentativa de tornar os formulários o mais ambíguos possível, permitindo uma ampla introdução das “Atitudes, crenças e práticas Protestantes”. Ele dizia que era a missão de sua Província repudiar esse compromisso, a fim de produzir um Anglicanismo Católico verdadeiro. Para esse fim, conforme me confidenciou, havia se distanciado das outras “grupos anglicanos permanentes” que considerava ou Protestantes ou comprometidos em perpetuar o "compromisso Elizabetano".

Havia também o Sínodo Anglicano nas Américas, com seu metropolitano, Herbert Groce, que se reivindicava como a Província Americana da Igreja Católica Independente das Filipinas, que também assumiu uma posição de “Catolicismo Ocidental”. Mas, no início de 2002, todos os bispos desse grupo, exceto um, anunciaram a fusão entre sua “jurisdição” e um grupo “Anglicano permanente” menos Anglo-Católico, deixando o último bispo e sua pequena quantidade de clérigos (que cabiam nos dedos de uma mão) isolados em Delaware e na costa leste de Maryland. A APCK não parece ter uma devoção particular à Reforma ou algum problema fundamental com a papalidade em si mesma; no entanto, a maioria de seus líderes poderia rejeitar *Apostolicae Curae* do Papa Leão XIII (que declarou os ordens Anglicanos como inválidos) ou interpelar a papalidade sobre sua recusa histórica de aceitar a natureza “Católica” da Igreja da Inglaterra e de suas igrejas irmãs.

A Igreja Anglicana Católica (ACC), ao contrário, pelo menos após a perda de metade de seus participantes em 1991 com a fusão entre os apoiadores do Arcebispo Louis Falk com a Igreja Episcopal Americana de Anthony Clavier e antes de seu cisma em 1997, aspirava a uma espécie de “Ortodoxia Ocidental”, vendo o Anglicanismo como um redirecionamento, pelo menos em parte, dessa Ortodoxia comum do primeiro milênio que foi, no Ocidente, obscurecida pela ascensão do "papalismo" a partir do século 11. No entanto, dizem que a ACC minimizou a natureza normativa dessa visão “pro-orientalista” desde 1997, embora eu ignore se isso é verdade. O grupo minoritário após o cisma de 1997, a Santa Igreja Católica de Rito Anglicano, não mantém a normatividade da teologia Ortodoxa para uma verdadeira compreensão da catolicidade, mas sustenta que a tradição litúrgica e o gênio espiritual Anglicano podem representá-la adequadamente em um modo Ocidental. Porém, em 1999, esse grupo também se dividiu com a aparição da Santa Igreja Católica de Rito Ocidental, que, considerando o Anglicanismo histórico como uma tentativa de resolver os

“problemas Ocidentais” em princípios Ocidentais e, em última análise, simplesmente somando os problemas, deixou de se considerar "Anglicana", utilizando uma liturgia no estilo do *Book of Common Prayer*, com um Cânon Romano "Gregoriano" (como eles o definem) utilizado exclusivamente.

Fortemente Protestante de um lado e fortemente “Católica” do outro (Ocidental ou Oriental), existem outras possibilidades? Não se esperaria encontrar o liberalismo que triunfa na ECUSA nesses meios de “anglicanos permanentes”, e eu não encontrei nenhum (a menos que consideremos a AMiA como “liberal” devido à sua posição ambígua sobre a ordenação de mulheres), mas pode haver grupos que apresentem algumas características aparentes de “igreja ampla”, que poderiam ser caracterizados como desejando retornar a uma versão da Igreja Episcopal tal como acreditam que teria sido "antes da Queda", talvez por volta de 1950 ou um pouco antes, digamos em 1928. A Igreja Anglicana na América do Arcebispo Louis Falk parece se aproximar disso, pelo menos em alguns dioceses, embora seu clero seja majoritariamente Anglo-Católico em suas visões. A Província Anglicana de Walter Grundorf poderia se aproximar ainda mais, com sua atitude permissiva em relação ao divórcio e ao "novos casamentos" entre clérigos e leigos.

Sem dúvida, existem outros grupos que ignoro cujas atitudes teológicas pertencem a um ou outro dos paradigmas que esbocei acima.

E para completar o quadro, há aqueles que tentaram perpetuar certos aspectos de seu patrimônio Anglicano em outros contextos: os Católicos de Rito Anglicano da “Reserva Pastoral” (veja mais adiante), mas também as paróquias encontradas em várias jurisdições Ortodoxas, e algumas congregações da “Igreja Católica Nacional Polonesa” cujos membros e clérigos são (ou eram) da tradição Episcopal.

Assim como ocorre com o “Rito Ortodoxo Ocidental”, a legitimidade real de tal conceito é fortemente questionada por algumas igrejas e teólogos Ortodoxos, particularmente de ascendência grega, na medida em que, no mundo contemporâneo, a tradição bizantina do culto, das orações e da disciplina é um dos sinais de reconhecimento da Ortodoxia, que se protege dos riscos de diluição da identidade Ortodoxa, ou do que a implementação do "Rito Ocidental" Ortodoxo possa se aproximar do tipo de Rito Oriental "Uniate" do Catolicismo, ao qual os Ortodoxos se opõem tão fortemente.

Ademais, entre os Ortodoxos que aceitam a legitimidade da Ortodoxia de "Rito Ocidental", a maioria estipula que os únicos ritos “Ocidentais” seriam aqueles anteriores ao cisma entre Oriente e Ocidente, como o Rito Romano – com a supressão do que é visto pelos Ortodoxos como adições heterodoxas posteriores, como o *filioque* do Credo e talvez adições como uma epiclese explícita para alinhar esses ritos com o ensino Ortodoxo. Muitos também insistiriam na ressurreição ou recriação de ritos extintos, como o “Rito Galicano” Francês de antes do século IX – uma tarefa empreendida desde 1940 por uma pequena Igreja Ortodoxa Francesa que foi acusada de tendências gnósticas e que, repetidamente, foi admitida em, e depois excluída da comunhão de uma ou outra das igrejas Ortodoxas históricas – que não deve ser encorajada a nenhum custo. A maioria das paróquias Ortodoxas de “Rito Ocidental” de contexto Anglicano utiliza uma versão do Missal Romano traduzido para o Inglês “Cranmeriano” para seu culto.

De forma semelhante à Igreja Católica Nacional Polonesa (PNCC), a experiência conduzida de 1976 a 1985 com o clero e as paróquias ex-episcopalianas revelou-se insatisfatória para ambos os lados. Ficou claro, por um lado, que muitos dos ex-episcopalianos desejavam mais autonomia paroquial e a continuidade de sua existência anterior como episcopalianos, o que a PNCC não estava disposta a conceder – sem falar nas ambições episcopais, satisfeitas em outros lugares, de certos clérigos – e, por outro lado, que algumas correntes de opinião fortes dentro da PNCC desejavam que essas paróquias adotassem a liturgia e o gênio da PNCC após um curto período de transição. No PNCC, resta apenas uma única paróquia de origem episcopaliano em Denver, Colorado.

Para concluir, acredito que a dificuldade da questão da natureza da “ortodoxia Anglicana”, e o fato de que respostas contraditórias, embora plausíveis, possam ser dadas, significa que os grupos “anglicanos permanentes” vão, ou continuar a se fragmentar ou pelo menos se direcionar a outro grupo em acordo com suas diferentes respostas à questão – ou, se isso não ocorrer, será apenas por razões pragmáticas, como demonstram alguns dos "concordados" singulares entre grupos bastante improváveis de "anglicanos permanentes". Alguns desses grupos podem prosperar, outros podem desaparecer, e é bem possível que no final o verdadeiro conceito de "anglicanismo permanente" se esvazie de seu sentido na prática, dada a grande diversidade existente.

CATOLICISMO

Não penso que o estado de divisão da Igreja Católica em países como os EUA, o Canadá e em outros lugares – para não falar apenas dos países de língua inglesa – possa continuar indefinidamente. Um cisma certamente ocorrerá, ou pelo menos uma grande defeção por parte dos católicos. A Igreja Católica dos EUA funciona dentro de uma gama tão ampla de dioceses quanto se possa imaginar, desde o cardeal Mahony em Los Angeles até o arcebispo Chaput de Denver e o bispo Bruskewitz de Lincoln, e todas as nuances entre esses extremos (o Canadá, por sua vez, ainda é dominado por bispos liberais, sendo os piores os "francófonos"). Esses católicos de Rito Anglicano não precisam que eu os informe sobre as diferenças de temperamento episcopal na Igreja Católica; basta que eu pronuncie as palavras “Las Vegas” (onde uma paróquia de Rito Anglicano foi extinta nos últimos anos) ou “Los Angeles” (onde as autoridades arquidiocesanas negaram a entrada na Igreja Católica a uma paróquia anteriormente episcopal).

Até recentemente, os bispos americanas geralmente governaram uma casa orgulhosa e rebelde, e foram muitas vezes cúmplices desse espírito orgulhoso e rebelde. Nos últimos 35 anos, os bispos americanos solicitaram a Roma a autorização para novidades como a Comunhão na mão, meninas servindo na missa, uma linguagem “inclusiva” para o culto, e quando, em todos os casos, exceto o último, Roma respondeu negativamente, eles se recusaram a aceitar a resposta, não tentaram suprimir essas práticas, reiteraram seus pedidos inúmeras vezes, até que Roma – infelizmente – cedeu ao ponto. Muitos bispos permitiram, ou pelo menos nada fizeram para desencorajar, a renovação – diria eu a "massacrovation"? – de muitas igrejas sob o pretexto falacioso de que a "lei da Igreja" ou as "normas do Vaticano II" o exigiam. Os bispos deixaram muitas universidades “católicas” se tornarem cidadelas da dissidência, sem fazerem muito a respeito, e ignoraram as diretrizes de Roma sobre a governança das universidades católicas (de acordo com *Corde Ecclesiae*) a tal ponto que implicitamente concederam o "direito à dissidência" até mesmo àqueles que deveriam ser professores de teologia nas instituições católicas. No que diz respeito à “linguagem inclusiva”, Roma parece ter decidido não fazer concessões, e no recente documento *Liturgiam Authenticam*, sobre os princípios de tradução litúrgica do latim para o vernáculo, Roma parece ter lançado uma verdadeira "Contra-Reforma", contradizendo os princípios segundo os quais todas as traduções em inglês de mais de 30 anos estavam fundamentadas e insistindo em um "plano de ação" para remediar as falhas das traduções em vigor. Felizmente, a ordenação de mulheres ao sacerdócio foi infalivelmente proscrita pela Santa Sé, e parece que uma condenação semelhante para a ordenação ao diaconato está em andamento.

A razão pela qual a reação ao *Liturgiam Authenticam* foi relativamente abafada (embora tenha havido explosões de raiva entre os “suspeitos habituais”) deve-se à esperança dos opositores à política papal de que estamos no fim do atual pontificado e que, após João Paulo II, teríamos, senão um “papa liberal”, pelo menos um papa que não tentaria dizer aos católicos americanos como fazer sua igreja funcionar.

Mas e se tivéssemos outro papa no mesmo molde, ou simplesmente com a ortodoxia do atual Santo Padre? Bispos mais romanos, *Liturgiam Authenticam* aplicado, e nenhuma concessão feita às demandas da "Amchurch" e de sua nomenclatura burocrática? Isso não levaria um ou outro desses liberais de toda espécie à ira, ao desafio e à insubordinação? Isso não provocaria, em retorno, medidas disciplinares, destituições e, posteriormente, excomunhões? Eu aconselho aqueles que desejam desenvolver a questão do cisma a ler o interessante cenário esboçado por Lee Penn, ele mesmo um ex-episcopal que se tornou católico, em um artigo da edição de dezembro da NEW OXFORD REVIEW, "O Grande Realinhamento de 2004-2012." Se um cisma formal na Igreja Católica da América fosse adiado por, digamos, a eleição de um papa fraco e indeciso ou pela prolongação da incapacidade do atual Santo Padre, as contendas simplesmente continuariam a se agravar.

Para esses católicos de rito anglicano, no entanto, *Liturgiam Authenticam* oferece a possibilidade de liderar um renovação litúrgica autenticamente católica. Circunstâncias difíceis provocaram atrasos prejudiciais à publicação do Livro do Culto Divino do rito anglicano oficial ("característica" em sentido litúrgico), mas dado que porções do Rito II (a versão "inglesa contemporânea" de seu rito de missa) e até mesmo do Rito I das Orações da Ofertório (a versão "inglês clássico"), extraídas tal quais do Missal Romano de 1970, estão disponíveis apenas em inglês contemporâneo discordante com o resíduo desse rito e estão em evidente contradição com os requisitos de *Liturgiam Authenticam*, sua revisão à luz desse recente documento faria da missa católica de rito anglicano um culto católico exemplar neste país. Uma conclusão rápida desse trabalho seria uma contribuição notável à vida da Igreja Católica como um todo no mundo de língua inglesa.

O RITO ANGLICANO

Por que um Rito Anglicano na Igreja Católica? É uma questão que requer alguma reflexão, se a posição tradicional da Igreja Católica – que a Igreja da Inglaterra é uma entidade Protestante Reformada em suas origens e em sua natureza profunda, embora com uma tendência catolicizante desde seus primórdios – for levada ao pé da letra no que se refere ao status do Anglicanismo, como eu acredito. (Não proponho aqui resolver o problema das ordenações anglicanas nem a fascinante questão do efeito possível da participação de bispos Velhos Católicos nas consagrações episcopais anglicanas desde 1932 – salvo para notar que essa infusão de Velhos Católicos sustentou a decisão da Santa Sé de permitir a ordenação sob condição de Graham Leonard em 1994, ex-bispo de Londres na Igreja da Inglaterra). Não se pode esperar que os católicos ortodoxos nutram projetos para um “Rito Batista”, um “Rito Presbiteriano” ou mesmo um “Rito Luterano”, apesar da existência entre os luteranos de aqueles que se qualificam como "católicos evangélicos", então, por que haveria um Rito Anglicano? Acredito que a razão se encontra em algum lugar nessas linhas.

No momento da Reforma, a maioria das entidades protestantes produziu crenças que, em pontos-chave, divergiam e rejeitavam os ensinamentos da Igreja Católica sobre diversos assuntos, e, ao mesmo tempo, alterava a fé, a estrutura ministerial e a economia sacramental de seus grupos, resultando em algo incompatível com o Catolicismo. A maioria das entidades protestantes rejeitou completamente a Ordem Episcopal, por exemplo, ou, quando o título de "bispo" era mantido, ele correspondia a uma função puramente administrativa. (Mesmo no caso da Igreja da Suécia, a única entidade luterana que afirma ter preservado a sucessão apostólica durante o período da Reforma, as declarações confessionais dessa igreja, seus rituais de ordenação e a natureza das relações passadas ou presentes com outras igrejas mostram claramente que isso não tem grande significado e que os bispos não são de forma alguma necessários para uma "verdadeira igreja"). As entidades protestantes, mesmo que pudessem ser “alta igreja” em alguns aspectos, em última análise, se forem fiéis às suas convicções históricas, apelam para práticas e crenças da Igreja dos Pais na medida em que sejam compatíveis com seus documentos confessionais clássicos da Reforma. A Igreja da Inglaterra, em contraste, manteve uma ambiguidade estudada sobre, por exemplo, a atitude e a necessidade dos bispos ao longo da época da Reforma, e sua única declaração de doutrina, os Trinta e Nove Artigos, embora claramente protestante em certos aspectos, evitava completamente outros pontos e deixava “lacunas” que poderiam permitir interpretações mais ou menos "católicas", embora muitas vezes com dificuldade e de forma pouco crédula.

Além disso, desde os primórdios do reinado de Elizabeth I, muitos protestantes da Igreja da Inglaterra, irritados com o que consideravam a falta de clareza de seu Protestantismo e a tolerância em relação às visões católicas, começaram a responsabilizar os bispos e sustentaram, consequentemente, que os bispos deveriam ser abolidos. Os protestantes que desejavam proteger os bispos logo começaram a recorrer à prática da Igreja dos primeiros cinco séculos e ao ensino

dos Pais da Igreja para defender sua legitimidade, e muito em breve essas pessoas e aquelas que as seguiam passaram a ver a Igreja dos primeiros tempos e seus Pais como possuindo uma autoridade muito maior do que os calvinistas e luteranos queriam conceder. Assim começou o "apelo anglicano à Tradição", como Eric Mascall me sugeriu. Enquanto os luteranos e outros protestantes apelam para sua própria tradição, a tradição luterana, por exemplo, e apenas cautelosamente para a Tradição com um “T” maiúsculo, o “apelo anglicano à Tradição” não é um “apelo à Tradição Anglicana”, mas à daquela dos primeiros tempos da Igreja. Agora, dado, por um lado, o caráter sumário das fórmulas doutrinárias anglicanas, como os Trinta e Nove Artigos, e, por outro lado, a tendência de teólogos anglicanos, pelo menos alguns deles, de apelar para o ensino da Igreja dos Pais, não levou muito tempo para que alguns desses teólogos começassem a criticar ou questionar certos aspectos do pensamento protestante ou, por dizer que se uma parte ou a maioria dos protagonistas da Reforma Inglesa (como o Arcebispo Cranmer) eram claramente protestantes, suas próprias "opiniões" não coincidiam com as doutrinas da Igreja da Inglaterra. Em outras palavras, tornou-se possível para pensadores anglicanos rejeitar muitos aspectos do pensamento protestante comum com base no que a Igreja dos Pais pensava e praticava, sem se considerarem “maus anglicanos” ou “católicos romanos disfarçados”, enquanto permaneciam semelhantes a outros protestantes e a muitos outros anglicanos também. Assim, tornou-se possível sustentar que a Igreja da Inglaterra possuía o melhor dos dois mundos, alinhando-se aos protestantes em sua crítica à papado e a algumas outras crenças católicas, afirmando ao mesmo tempo que apenas os anglicanos conservaram uma compreensão adequada da estrutura da Igreja, que era mais próxima daquela dos católicos e dos ortodoxos.

Com os Tractarianos do século XIX e a ascensão do Anglo-Catolicismo, tornou-se possível para alguns anglicanos acreditar que o Protestantismo estava errado na maioria ou até mesmo na totalidade dos aspectos, e que os anglicanos rejeitavam ou deveriam rejeitar as crenças protestantes que viam as igrejas anglicanas como “igrejas católicas” semelhantes às igrejas católicas e ortodoxas, diferindo apenas em questões menores – e tornou-se possível para os anglicanos que seguirem este caminho viver vidas religiosas baseadas em um sentimento católico da cristandade, da Igreja e dos sacramentos (evidentemente, nem sempre de forma fácil). A questão não é saber se sua visão sobre a Reforma Inglesa ou a história anglicana estava correta, mas que eles eram capazes de acreditar nisso e de escapar, na maior parte, desde cerca de 1850, para moldar sua vida religiosa, seu culto e suas orações baseando-se na certeza de serem católicos, não protestantes, e que se a Igreja Anglicana deixasse de ser compatível com sua fé católica, ou mostrasse um rejeição à ortodoxia católica, eles não deveriam nenhuma lealdade a ela e estariam, de fato, obrigados a deixá-la.

Embora a Igreja Católica e os católicos em geral tenham demonstrado um desprezo desdenhoso pelas reivindicações sobre a natureza “essencialmente católica” do anglicanismo desde as origens do Anglo-Catolicismo por volta de 1840 (descrevendo frequentemente os anglo-católicos como “protestantes adornados”), os mais razoáveis entre eles frequentemente reconheceram que, em termos de crenças professadas e práticas, muitos, senão a maioria dos anglo-católicos, viviam de acordo com o que a Igreja Católica pensava e acreditava, a tal ponto que com os primeiros sinais de abertura do catolicismo ao ecumenismo após a Segunda Guerra Mundial, muitos católicos mostraram ao menos um certo grau de boa vontade para revisar sua atitude em relação ao anglicanismo, apenas para ver seus suspeitos sobre o "anglo-catolicismo" confirmados pelo que ocorreu na Igreja Episcopal, na Igreja da Inglaterra e em outros lugares a partir de 1970, como pela

consciência de que havia tendências do pensamento anglicano que não eram de forma alguma mais evidentemente "católicas" do que, digamos, o pensamento luterano ou metodista. Mas, ao lado disso, felizmente, a Igreja Católica foi capaz de reconhecer no anglo-catolicismo uma versão do anglicanismo que possuía uma autenticidade católica, mesmo que as igrejas anglicanas em si não pudessem ser reconhecidas como "católicas". Assim, o caminho estava aberto para que a Igreja Católica reconhecesse que não faltava muito à “forma católica” do anglo-catolicismo, e que se os anglicanos católicos estivessem preparados para entrar na Igreja Católica, confessar sua fé e aceitar sua autoridade, seria perfeitamente possível para ela aceitar uma expressão do catolicismo com um espírito anglicano, o Rito Anglicano.

Em razão das circunstâncias singulares da Reforma Inglesa, a Igreja da Inglaterra nunca foi capaz de se definir claramente e de forma inequívoca como protestante, e fez, em seguida, seu possível para adotar atitudes, crenças e práticas que se enraizavam em um solo hostil desde o início, e por vezes até mesmo prosperar, ou ao menos aparentar isso, mesmo que a aparência do Anglicanismo Católico frequentemente ocultasse uma abordagem mista, um pouco de incenso aqui, um pouco de controle de natalidade ali, uma bênção aqui, um divórcio e um "novo casamento" acolá, uma Missa Solene aqui, mas celebrada por uma sacerdotisa ali. Contudo, uma piedade e uma teologia nutridas pelo Movimento de Oxford e seus aderentes e “justificadas” pela reivindicação de uma origem que remontava a Lancelot Andrewes, William Laud, Jeremy Taylor, Thomas Ken e os Não Juradores, tomaram realmente uma forma e um conteúdo católicos concretos na vida da fé, e foram finalmente reconhecidas como tal, ao mesmo tempo que foram complementadas e realizadas por sua aceitação pela Igreja Católica e pela posição que encontraram em seu interior. *Passer invenit sibi domum, et turtur nidum, ubi ponat pullos suos: Altaria tua, Domine virtutum, Rex meus et Deus meus* - (Salmo 84:3).

Assim, as paróquias de Rito Anglicano estão posicionadas hoje na Igreja Católica da América de tal maneira que têm muito a oferecer dentro e fora da Igreja Católica e dentro e fora da Tradição Anglicana. Aos católicos, oferecem a realidade de uma liturgia em língua inglesa que é respeitosa e sagrada na tradição ocidental, uma realidade que é tanto obrigatoriamente católica em si mesma quanto oferece esperança e fornece um meio de reforma e renovação em meio a uma vasta bagunça litúrgica.

Considere as palavras severas que o Cardeal Newman escreveu em 1850 durante suas Dificuldades Anglicanas sobre a Igreja da Inglaterra, em relação ao que ele chamava de a ilusão romântica de sua natureza católica por parte dos anglo-católicos:

> “Assim como nos contos de fadas, o castelo mágico desaparece quando o encantamento é quebrado, e não se vê nada além da charneca selvagem, da rocha nua e do pasto abandonado, assim é conosco em relação à Igreja da Inglaterra, quando consideramos com espanto nossas crenças tão quiméricas, que encontramos tão banais ou sem valor”.

Isso pode ser demonstrado plenamente hoje se substituirmos “Igreja da Inglaterra” por “liturgia católica americana renovada”. O Rito Anglicano pode desempenhar seu papel ao encorajar uma

“reforma da reforma”. A esse respeito, também, esses clérigos, e especialmente os bispos que incentivam o desenvolvimento de comunidades de Rito Anglicano, e aqueles que se opõem a isso, revelam assim onde se posicionam, naquilo que Dom George Kelly qualificou de "batalha pela alma da Igreja Católica" na América. Para os estrangeiros impressionados pelo contraste aparente dentro do catolicismo, cujas reivindicações foram objeto de suas pesquisas e o que podem ter experimentado ao assistirem a missas sombrias ou durante conversas com clérigos complacentes, as paróquias de Rito Anglicano oferecem o testemunho de que não é necessário que assim seja. E se um cisma ameaça o catolicismo americano, as paróquias de Rito Anglicano podem desempenhar um papel inestimável ao testemunhar uma ortodoxia católica explícita e atraente.

Para os anglicanos, paróquias de Rito Anglicano robustas oferecem uma apropriação do melhor do patrimônio católico do anglicanismo, livre do que não é católico, assim como dessas disputas intermináveis e insolúveis sobre o que constitui a “ortodoxia anglicana”. Em sua maioria, no “anglicanismo oficial”, a ortodoxia anglicana, se é que existe, foi ou está se transformando em uma espécie de jogo de palavras dialético que justifica seguir cada vez mais os costumes e práticas da religiosidade liberal e do culto da realização pessoal, enquanto no “anglicanismo permanente” a questão sobre o que é a ortodoxia anglicana constitui a causa primária e eterna da divisão entre as diferentes jurisdições. É apenas no catolicismo de Rito Anglicano – e, para ser justo, em uma versão da “Ortodoxia de Rito Ocidental”, se ela vier e prosperar, o que parece pouco provável – que todo esse bom, verdadeiro e católico anglicanismo pode ser preservado em um contexto que transcende essas disputas.

O RETORNO OFENSIVO DA GNOSE

- Introdução
- Capítulo I - O Fermento da Malícia
  - A Gnose Simoniana
  - A Intuição Contemplativa
  - O Docetismo de Basílides
  - O Pleroma Valentiniano
  - Os Hílicos, os Psíquicos e os Pneumáticos
  - A Antinomia de Marcião
  - A Confecção dos Apócrifos
  - Os Padres da Contra-Igreja
  - A Escola de Alexandria
  - O Ramo Maniqueísta
  - Um Cristianismo de Fantasia
- Capítulo II - O Broto Martinista
  - A Letra G
  - O Tratado da Reintegração
- Capítulo III - A Metafísica da Esfinge

    - O Aprendizado Maçônico de Guenon
    - A Extensão às Religiões Orientais
    - O Princípio Supremo
    - A Via Metafísica
    - Nada de Mística Devocional
    - Se Sobrepor Sem se Opor
    - A Tradição Universal
    - O Discurso de Compatibilidade

- Capítulo IV - Os Gurus de Laboratórios
    - A Gnose de Princeton
    - O Politeísmo Moderno
    - Mais uma vez os Grandes Iniciados
    - Os Participantes Profetas
    - A Gnose Anexa a Ciência

- Capítulo V - Abel e Belial
    - A Gnose de Raymond Abellio
    - A Loucura de Louis Lambert
    - A Carne se fará Verbo
    - A Sublimação Universal
    - Um Imenso Cérebro
    - A Estrutura Absoluta
    - Uma Beleza Tenebrosa

- Capítulo VI - A Gnose Religião de Estado
    - O G.R.A.C. de Perpignan
    - O Saber e o Poder
    - A Epignose
    - Um Doutorado em Gnose?

- Conclusão

Introdução

A literatura esotérica e orientalista veio a inundar tudo. Silenciosamente, ela se espalha, infiltra-se e se derrama por toda parte. Acabou-se por não prestar mais atenção a isso, mas é um fenômeno cultural tão alarmante quanto incontestável. Há alguns anos, esse tipo de publicação era reservado a um pequeno número de editores especializados. Hoje, todas as grandes editoras possuem suas coleções gnósticas, hinduístas, rosacrucianas ou sufistas.

A quantidade de obras assim colocadas à disposição do público é absolutamente enorme. É necessário constatar que isso manifesta um verdadeiro movimento de pensamento. Pois isso supõe primeiramente leitores em quantidade crescente e também toda uma intelectualidade redacional que é, pelo menos em parte, de um nível muito alto, e por conseguinte muito sedutora.

Esse movimento de pensamento pode, sem exagero, ser chamado de "nova gnose", pois lembra a efervescência sincrética que perturbou os três primeiros séculos do Cristianismo e que ficou na História sob o nome de "Gnose", palavra grega que significa ao mesmo tempo "ciência" e "conhecimento".

Antes de listar e analisar os principais temas da gnose moderna, é necessário reavivar nossas lembranças da antiga, ou seja, da gnose histórica que quase comprometeu a edificação do esplêndido e temível edifício do dogma cristão: esplêndido para aqueles que nele habitam em paz, e temível, por causa de sua solidez, para aqueles que o atacam.

Capítulo I - O Fermento da Malícia

A Gnose Simoniana

O primeiro dos gnósticos, o fundador da Escola, é sem contestação possível **Simão, o Mago**. Foi ele quem traçou as grandes linhas do pensamento gnóstico, especialmente no que diz respeito **à essência da divindade e à natureza do mundo dos espíritos**. Cada novo líder subsequente apenas trouxe variações e complementos a esse quadro primitivo, principalmente no que se refere às **origens do homem** e às **modalidades de sua salvação**.

Simão, o Mago, nos é apresentado nos Atos dos Apóstolos com características que se tornaram proverbiais:

> "Na cidade de Samaria, havia um homem chamado Simão, que praticava a magia e maravilhava o povo da Samaria, apresentando-se como alguém de grande importância... Vendo Simão que o Espírito Santo era concedido pela imposição das mãos dos Apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: Dai-me também esse poder, para que aquele a quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo. Mas Pedro lhe disse: Que teu dinheiro pereça contigo, pois pensaste que o dom de Deus se obtém por dinheiro! Não tens parte nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus." (Atos VIII, 9-21)

No auge de sua teologia, que é, como veremos, uma verdadeira mitologia onde a invenção é soberana, Simão, o Mago, coloca um **Princípio universal**. Este princípio é uma espécie de **fogo espiritual** que se manifesta externamente, dando **nascimento**, por **emanação**, a **espíritos chamados éons**. Esta noção de éon não é rara no pensamento antigo. Pertencia, naquela época, ao patrimônio filosófico corrente.

Esses éons procedem aos pares: um éon masculino agindo em cooperação com um éon feminino. Cada casal de éons forma uma sizígia. A sizígia é uma espécie de andrógino angélico. Vemos reaparecer na gnose, e por muito tempo, a velha lenda **hermafrodita** que circula no paganismo há tantos séculos.

O Princípio universal produz primeiro por emanação três sizígias, cada uma com dois éons, que constituem com ele o "*mundo superior*" ou "*mundo divino*".

Abaixo deste mundo divino, Simão, o Mago, coloca o "***mundo do meio***", que é formado principalmente por novos éons que surgem, sempre por emanação, dos éons superiores ou divinos. Mas encontramos também, no mundo do meio, outros personagens: Epinoia, os anjos, as potências e o Demiurgo.

Epinoia é o nome dado ao pensamento divino. Inexplicavelmente, essa Epinoia abandona o princípio universal do qual ela saiu e, voltando sua predileção para os seres inferiores, chama à existência os anjos e as potências, que são mantidos, não se sabe por quê, na ignorância do Princípio imutável, ignorância inicial e fatal que leva os anjos a uma série de erros. **O pecado original é, portanto, um pecado de ignorância**. A essa ignorância primordial, a gnose vai agora opor o "***conhecimento***" que deve restabelecer tudo em ordem.

O Demiurgo é o artífice do universo físico. Ele molda uma "*materia prima*" eternamente pré-existente. Ele não faz surgir o cosmos do nada; ele apenas precisa organizá-lo; é por isso que é chamado de "*artífice*", demiurgo em grego. Reconhece-se aí a origem do "*Grande Arquiteto do Universo*" que a maçonaria aceita e "*tolera*" como divindade.

O papel respectivo de Epinoia, dos anjos, das potências e do Demiurgo não é claramente definido nos textos simonianos, que nos chegaram apenas por meio das citações dos Padres e dos "*Philosophoumena*". De qualquer forma, da colaboração, das rivalidades e da revolta deles, vai nascer o mundo inferior, assim como a humanidade que o habita. Em resumo, **o homem** (e isso é o essencial a ser retido) **é o produto da ignorância, da inépcia e até da malícia dos criadores angélicos do "mundo do meio".**

Por ser obra dos anjos prevaricadores, o homem é viciado em sua natureza e em sua origem. Ele está submetido ao poder tirânico dos anjos que o formaram e manifesta uma tendência incoercível de se emancipar.

A Intuição Contemplativa

Estes são os primeiros marcos do que foi muito justamente chamado de gnose simoniana, a manifestação inicial de uma Escola semi-soterrada que se perpetuou por mais de três séculos.

Simão, o Mago, foi auxiliado na pregação e até na elaboração de sua doutrina por sua companheira, Helena, uma cortesã que ele havia encontrado em Tiro e que também possuía dons proféticos. Ela era, sem dúvida, habitada pelo pensamento divino, Epinoia em pessoa, o que fazia dela, para o mago Simão, uma inspiradora ideal.

É comum notar que a teogonia simoniana toma seus elementos constitutivos simultaneamente das Escrituras Sagradas da Sinagoga, dos primeiros textos da Igreja nascente e das teorias filosóficas de Platão e Filon. Portanto, constitui uma síntese devida à cultura e à ciência de Simão, que era um "gnóstico", ou seja, um "sábio". É uma construção intelectual. Mas não é apenas isso; é muito importante compreender isso claramente.

Pois seus dons de magos davam a Simão e Helena acesso a outra fonte, a da intuição contemplativa. Eles tinham a pretensão de profetizar. Não apenas como um sábio, mas também como um vidente, Simão era visto pelo povo da Samaria:

> "Todos o ouviam, desde o menor até o maior, e diziam: Este homem é a virtude de Deus, aquela que se chama a Grande." (Atos VIII, 10).

Assim, desde o início, o conhecimento gnóstico é não apenas especulativo e "discursivo", como se diz, mas também **intuitivo**. Ele se reivindica de uma certa inspiração celestial diretamente percebida. Claro, essa inspiração não é realmente de Deus, como São Pedro afirmava com veemência:

> "Não tens parte nem sorte neste ministério, pois o teu coração não é reto diante de Deus" (Atos VIII, 21).

A mística da gnose nunca será outra coisa senão a **falsa mística**, contra a qual os mestres cristãos da vida espiritual sempre nos advertiram.

No estado em que Simão, o Mago, a deixou para seus sucessores, essa primeira gnose é incompleta, certamente; veremos sua evolução e proliferação. Mas ela já contém algumas noções essenciais que manterão uma certa constância, e aqui estão as principais: **o Princípio universal** -

a emanação como modalidade geral de surgimento dos seres - **o Demiurgo** como organizador da matéria eterna - o homem dotado de uma natureza viciada da qual ele tenta se libertar - **a contemplação mística** como fonte de conhecimento.

Mas só poderemos definir o espírito gnóstico após termos assistido ao conjunto de sua manifestação histórica.

O Docetismo de Basílides

É evidentemente na Samaria que se encontra o primeiro foco gnóstico. Após a morte do casal fundador, os adeptos honraram estatuetas de Simão com as características de Júpiter e de Helena com as de Minerva.

Também é na Samaria que encontramos **Menandro**, o primeiro sucessor de Simão. Temos informações sobre ele, como sempre em questões de gnose, por meio de São Irineu, bispo de Lyon, e de uma compilação muito antiga conhecida como "Philosophoumena". Menandro exigia de seus discípulos a recepção de um batismo especial que ele havia instituído (uma espécie de iniciação) e a prática da **magia**. Magia que ele elevava ao nível de um meio necessário de salvação. Em seu ensino geral, ele insistia especialmente na formação da humanidade pelos anjos.

Por sua vez, Menandro da Samaria teve dois discípulos: Saturnino, que fundou uma escola gnóstica em Antioquia, e Basílides, que levou a gnose para Alexandria.

Saturnino, fundador da "gnose síria", se limitou a transmitir os ensinamentos de Simão e de Menandro. Mas ele deu um destaque maior a um ponto de doutrina que mais tarde seria amplamente desenvolvido, a tese chamada de **antinomia**.

É a teoria segundo a qual o Deus dos judeus, o Yahweh da Bíblia, não é outro senão o mais poderoso dos anjos que criaram o homem desajeitadamente tal como o vemos, infeliz e ignorante; e Jesus Cristo vem precisamente combater o Deus dos judeus e salvar o homem trazendo-lhe a centelha divina que seus criadores não lhe deram.

É nisso que consiste a "antinomia" de Saturnino, ou seja, o antagonismo entre o Deus dos judeus e Jesus. Essa teoria será retomada mais tarde por **Cerdon** e **Marcião**, que dela tirarão consequências extremas.

O sistema de Saturnino também contém a condenação da instituição do casamento, com o argumento de que ele perpetua uma raça má e infeliz. Deve-se abster de procriar.

Basílides, o segundo discípulo de Menandro, veio se instalar em Alexandria e logo se tornou o chefe da "gnose egípcia", a mais brilhante de todas. Ele não abandona, pelo contrário, a prática mágica de seus predecessores. Quanto ao seu ensino propriamente dito, ele introduz muitas noções filosóficas que vêm enriquecer sua teogonia. Ele admite, como já fazia Simão, o Mago, a existência de **três mundos** sobrepostos: um mundo hipercósmico ou divino, um mundo intermediário ou supralunar, e um mundo sublunar que é o dos homens.

No mais elevado desses três mundos, Basílides colocava o Deus-Nada, o "nada que existe", o "Deus-Devir" que contém todos os germes. Este Deus é mais um princípio abstrato do que um ser vivo. No entanto, a noção de "Pai Celestial", que o cristianismo impunha cada vez mais, não é

abandonada; embora não tenha um ponto de aplicação muito preciso nesta teogonia, ela reaparece em várias circunstâncias do raciocínio gnóstico.

O mundo intermediário, segundo Basílides, englobava 365 céus, dos quais o mais elevado era a ogdóade (construída sobre o número oito) e o mais inferior a hebdómada (sobre o número sete). Cada um desses céus possui um chefe chamado Arconte (em lembrança dos Arcontes da cidade grega). Todos esses céus são povoados por éons emanados do Deus-Nada.

Mas, coisa estranha, o grande Arconte da ogdóade desconhece a existência do Deus-Nada e transmite essa ignorância para os céus abaixo dele. Quanto ao Arconte da hebdómada, ele não é outro senão o Deus dos judeus, o criador do mundo sublunar e, portanto, da humanidade. É ele que está na origem da ignorância em que a humanidade se encontra: ele não podia, de fato, transmitir um conhecimento superior que ele próprio não possuía.

Basílides introduz em seu sistema a ideia de redenção, que ele obviamente toma emprestada do cristianismo e que não pode mais ser ignorada. Um Salvador, curiosamente chamado "Evangelho", nasce no mundo divino hipercósmico e desce, de céu em céu, através do mundo intermediário. Ele chega ao mundo sublunar e traz à humanidade o conhecimento do Deus-Nada, do qual ela estava até então privada. Este é a salvação. A salvação é "gnóstica" pois consiste em um conhecimento.

Um dos primeiros, Basílides fez uso do **docetismo**, tese segundo a qual Jesus Cristo não se encarnou realmente. Ele se manifestou apenas em aparência, mas não na realidade. O docetismo tornou-se um dos elementos doutrinários mais constantes da gnose. Ele aparece até mesmo em algumas heresias. Era uma maneira astuta de sugerir que Nosso Senhor não sofreu durante a Paixão, a qual foi apenas fictícia. Mas então, se a Paixão foi sem dor, também é sem méritos. Vê-se que o docetismo destrói completamente o culto do Redentor.

A gnose alexandrina (ou egípcia), que Basílides fundou, vai produzir um rebento de audácia particular: **Carpócrates**. Ele vai tomar emprestado de Saturnino (da escola síria) sua tese antinomista, e de Pitágoras sua metempsicose.

E aqui está o resultado desse amálgama: Jesus, filho de Maria e José, lembrando-se do que viu em uma vida anterior (metempsicose), eleva-se acima dos outros homens e empreende lutar contra o Deus de Moisés, que criou o homem ignorante (antinomia); mas então, desprezando o Deus de Moisés, ele também despreza a lei de que ele é autor. Violar a lei torna-se um dever e até mesmo um meio de salvação. Os adeptos de Carpócrates se destacaram, como se pode entender, por suas "ágapes fraternas", que se tornaram **orgias**. Mas esses mesmos desvios também se encontram em todos os grupos gnósticos que professavam a antinomia, e não apenas entre os discípulos diretos de Carpócrates.

O Pleroma Valentiniano

Com **Valentim**, chegamos ao auge da "gnose histórica". Egípcio de nascimento, ele frequentou a Escola de Alexandria, onde se familiarizou não apenas com as teorias gnósticas, mas também com a filosofia neoplatônica e até com as doutrinas pagãs do antigo Egito, sem contar, é claro, com o cristianismo ortodoxo que todos estudavam com afinco. Valentim era, portanto, uma pessoa de grande cultura.

De aluno, tornou-se professor e logo ensinava em Alexandria. Depois, mudou-se para Roma, onde permaneceu por muito tempo. Ele morreu em Chipre, onde, segundo São Epifânio, teria se convertido à verdadeira Religião *in articulo mortis*. Mas seus discípulos permaneceram na gnose e se dividiram em duas escolas: a escola oriental e a escola itálica, cujas doutrinas não diferem essencialmente.

Não parece que Valentim tenha escrito muito. Conhecemos suas teorias através de seus discípulos, assim como dos escritores da Igreja que as citavam para refutá-las.

Valentim adota o sistema dos três mundos já exposto por seus predecessores, Menandro, Saturnino, Basílides: um mundo divino, um mundo intermediário e um mundo humano. Mas ele o enriquece com complementos tirados certamente de suas leituras, mas também de sua mística, a famosa "apreensão intuitiva" dos gnósticos. E ele chega a uma construção brilhante que exerceu uma verdadeira fascinação sobre as mentes.

O mundo superior, ou mundo divino, é por ele chamado de **Pleroma**, que significa "plenitude". Mas já é, como veremos, um meio extremamente complexo.

No topo do Pleroma, reside o Deus-Princípio, que é a unidade global. Esse Deus-Uno, no entanto, se multiplica por emanação. Ele gera primeiramente uma díade: o casal "Nous-Alétheia" (Espírito-Verdade). Deste primeiro casal, ainda por emanação, surge um segundo: "Logos-Zoé" (Verbo-Vida). Deste segundo casal emana um terceiro: "Anthropos-Ecclesia" (Homem-Igreja). Observa-se que essa série de casais, emanados uns dos outros, está diretamente relacionada ao sistema de sízígias que já observamos na gnose simoniana.

Mas o Pleroma de Valentim ainda não está completo; faltam-lhe a década e a dodecada. Aqui está como elas vêm a existir. O casal "Espírito-Verdade" produz dez éons que formam a década. Depois, o segundo casal "Verbo-Vida" produz doze éons que constituem a dodecada. Esta aritmética do mundo pleromático, ou seja, do mundo divino, impõe a comparação com as dez **sefirotes**, esses "números-criadores" que se tornarão, muito mais tarde, um dos temas favoritos da mística judaica, sobre a qual tanto se fala hoje. Aqui, Valentim precedeu a **Cabala**.

Os Hílicos, os Psíquicos e os Pneumáticos

Abaixo do Pléroma divino, Valentim coloca, como os outros gnósticos, o mundo intermediário. Nele, encontramos dois grupos de éons que Basílides já nos apresentou: os oito éons da Ogdoade e os sete éons da Hebdomade. Portanto, neste nível médio, prevalece o mesmo simbolismo numérico que acabamos de encontrar no Pléroma.

O que é curioso na gnose valentiniana é a importância dada à personagem de **Sophia**. A Sabedoria, Sophia, é um dos éons femininos da Hebdomade. De natureza ardente, ela deseja gerar sozinha. Mas, não sendo incriada como o Pai, ela só consegue produzir um ser informe chamado ectroma, que é, portanto, fruto de sua ignorância. Esta espécie de aborto causa um profundo distúrbio entre todos os éons do mundo intermediário. É então que, para reparar o erro de Sophia (em suma, os infortúnios de Sophia), o casal celestial "Espírito-Verdade" (que pertence ao Pléroma) produz um novo casal de éons: Christos-Pneuma, que realiza uma espécie de redenção do mundo intermediário afastando o aborto ectroma.

Quanto ao mundo terrestre de Valentim, ele não difere radicalmente daquele de seus antecessores. Ele é produzido pelo Demiurgo, sempre organizador de uma "matéria prima" eterna e preexistente. No entanto, no sistema valentiniano, a humanidade é obra de vários demiurgos porque há vários tipos de homens que não poderiam ter sido feitos pelo mesmo "artesão".

Um demiurgo produziu os homens **hílicos** (hulé = matéria), ou seja, os materialistas grosseiros cuja alma é totalmente animal. Um segundo demiurgo formou os homens **psíquicos** (psiqué = alma), cujas almas, desta vez, são mais sutis, mas ainda ignorantes; são os cristãos, por exemplo. Um terceiro demiurgo finalmente criou os homens **pneumáticos** (pneuma = espírito), que são os espirituais possuindo o "conhecimento do Pléroma", como os gnósticos.

O mundo terrestre é o cenário de uma indiscutível redenção (esta é uma ideia que não pode mais ser evitada), mas no sistema de Valentim, ela é obra de um segundo Jesus, bem diferente do "Christos-Pneuma" que reparou o erro de Sophia afastando o ectroma do mundo intermediário. O segundo Jesus, aliás, veio à terra, não de verdade, mas em aparência, segundo o docetismo agora constante entre os gnósticos.

Não terminaríamos nunca se quiséssemos expor o mecanismo dessas duas redenções. É uma verdadeira mitologia tão complicada quanto a de Hesíodo. Onde Valentim buscava todas essas noções e todos esses episódios simbólicos? Ele se baseava em suas leituras, certamente, pois era um erudito (gnóstico significa erudito). E entre essas leituras, não devemos esquecer os **hermética**. Os "hermética" eram as traduções e adaptações gregas de antigos papiros egípcios

dos quais Hermes Trismegisto era considerado o autor; eles transmitiam um paganismo ao mesmo tempo filosófico e lírico, que fazia enorme sucesso nos círculos intelectuais.

Mas Valentim também se baseava, como faziam todos os gnósticos desde Simão e Helena, na meditação filosófica intensa, que era considerada capaz de fornecer um "conhecimento intuitivo direto" das coisas do Pléroma divino. É evidente, para um cristão, que tal método de inspiração, praticado fora da Fé e da disciplina eclesiástica, não estava isento de uma séria influência demoníaca, influência que se reconhece na heterodoxia manifesta de todas essas cogitações gnósticas.

A Antinomia de Marcião

Enquanto os grupos valentinianos prosperavam na Itália e no Egito, uma nova forma de gnose surgia em certos círculos de Roma. O sírio **Cerdão** começou a desenvolver um ponto de doutrina que havia sido professado antes dele e que já mencionamos: a tese da "antinomia". Saturnino havia ensinado que o Deus da Bíblia e o Deus do Evangelho não eram o mesmo Deus e que existia entre eles uma antinomia, ou seja, em última análise, um antagonismo. O Deus da Bíblia judaica é o demiurgo, o organizador desajeitado e malévolo da matéria e o artesão do universo visível; é um deus mau, duro e rancoroso; ele é combatido pelo Deus bom e redentor do Evangelho. Portanto, o princípio da salvação é se elevar contra o Deus dos judeus e, assim, contra o decálogo, que é sua obra.

Um discípulo de Cerdão, chamado **Marcião**, dará a essa doutrina da antinomia uma extensão considerável. Ele a associará a um docetismo radical e a uma doutrina de austeridade que impressionará profundamente seus contemporâneos e atrairá muitos seguidores.

Marcião foi chamado por Tertuliano de "o lobo do Ponto", aludindo ao seu país de origem, à margem do Mar Negro, e ao seu papel devastador na Igreja. Ele havia sido cristão inicialmente e se destacou em Roma por doações consideráveis feitas à caixa eclesiástica. Sua cultura filosófica e até mesmo religiosa era vasta. Ele havia aprendido a usar a exegese, ou seja, a interpretação das Escrituras, e a utilizava com talento, mas contra a Igreja. Ele procurava justificar seu "antinomismo" usando a parábola evangélica do vinho novo que não se deve colocar em odres velhos para não fazê-los romper. Ele explicava que o vinho novo era o Evangelho e que os odres velhos representavam a Lei de Moisés; era necessário, portanto, abandonar a Lei de Moisés que o Evangelho veio ab-rogar. Finalmente, Marcião, o "lobo do Ponto", foi expulso da Igreja junto com suas doutrinas.

No entanto, deve-se notar que a gnose de Marcião foi de longe a mais bem organizada de todas. Ele criou espécies de dioceses que galvanizou com seu ascetismo rigoroso e espetacular. Ele eliminou completamente o Antigo Testamento e, entre os Evangelhos, manteve apenas o de São Lucas, e ainda assim após tê-lo censurado. Essas igrejas marcionitas sobreviveram por muito tempo após a morte de seu fundador, havendo ainda vestígios importantes delas no século V.

Mas ao redor do Mestre, suas doutrinas de desprezo pela lei mosaica resultaram em uma mistura de cinismo e fanatismo. Durante as perseguições imperiais, alguns marcionitas preferiram se deixar martirizar como os verdadeiros cristãos, em vez de serem considerados maniqueus.

Diz-se que quando São Policarpo, o venerável bispo de Esmirna, "Pai Apostólico", pois havia conhecido São João, veio em visita a Roma, Marcião ousou se apresentar diante dele e perguntar: "Você me reconhece?" O bispo respondeu: "Eu reconheço o primogênito de Satanás". Essa era a opinião de um pai apostólico sobre a verdadeira natureza desse ensinamento gnóstico extraído da

falsa contemplação.

A Confecção dos Apócrifos

Antes de testemunharmos a entrada em cena da gnose moderna, é necessário responder, em relação à gnose antiga, a algumas perguntas que nos permitirão compreender melhor sua filiação. Perguntemo-nos primeiro como os gnósticos podiam se declarar cristãos, eles cuja filosofia permanecia tão impregnada de panteísmo, politeísmo e mitos emanatistas. Para se passarem por cristãos, utilizavam documentos recentemente constituídos por eles, mas que apresentavam todas as aparências da autenticidade cristã.

As doutrinas gnósticas sempre se apresentavam como provenientes tanto de um raciocínio filosófico, visto que a gnose era a "ciência por excelência", quanto de uma revelação sobre-humana, ou seja, de um "conhecimento intuitivo" e direto dos mistérios celestes que ultrapassam o entendimento humano ordinário. Esta inspiração mística, os visionários da gnose a consignavam em uma multitude de pequenos tratados, supostamente revelados, e que se atribuía, para lhes conferir peso, a redatores ilustres, universalmente conhecidos por seu comércio com o além.

Alguns desses tratados eram supostamente compostos por **Zoroastro**, o fundador do **mazdeísmo** na Pérsia, pouco antes do reinado de Dario. Outros se apresentavam como escritos por **Manés**, o restaurador, então contemporâneo, do velho dualismo persa, sob o nome de **maniqueísmo**. Outros emanavam, dizia-se, do próprio **Orfeu**. Outros só poderiam ter como autor **Buda**. Outros ainda, os mais numerosos, eram devidos ao estilete do "secretário dos deuses", **Hermes Trismegisto**, o antigo sábio do Egito; esses constituíam o que se chamava os "**Hermetica**".

Como os gnósticos se comportariam em relação aos livros sagrados do cristianismo? Certamente utilizariam aqueles que a Igreja reconhece como verdadeiros. Mas, para fazê-los coincidir com suas doutrinas, teriam que se entregar a interpretações violentamente tendenciosas, que não seriam muito convincentes. O melhor, portanto, seria redigir pseudo-livros sagrados cristãos como já se fazia para as outras religiões: esses seriam os famosos "**apócrifos**", apresentados como revelados e dos quais alguns chegaram até nós.

Vê-se assim germinar, na penumbra da floresta gnóstica, "evangelhos", "epístolas" e "apocalipses" que a Igreja não reconhece como autênticos, mas que, não obstante, possuem títulos prestigiosos. Certamente circulou um grande número desses textos, pois as nomenclaturas fornecidas pelos Padres diferem notavelmente umas das outras. Existem muitas coletâneas de apócrifos, mas todas são incompletas, pois ainda hoje se descobrem novos textos, como veremos.

Um dos apócrifos mais conhecidos é a "**Pistis Sophia**", que é um suposto diálogo, totalmente romanesco, entre Jesus Cristo e Seus apóstolos após a Ressurreição, continuado mesmo após a Ascensão, diálogo durante o qual Ele lhes teria ensinado, como era de se esperar, uma doutrina secreta que a Igreja não conhece e à qual apenas os gnósticos têm acesso.

Citam-se também alguns "evangelhos apócrifos", por exemplo, o de Tomé, o de Filipe, o de Matias e o chamado "dos Egípcios", cujo exemplar foi recentemente encontrado em Nag-Hammadi, no alto Egito.

As "epístolas apócrifas" são menos numerosas: conhecemos a de Pedro a Filipe e a chamada "de Eugnosto". Em contrapartida, os "apocalipses" são abundantes: o de Nicoteu, o de Adão, o de Abraão, a de Elias, etc. Citam-se ainda "assunções apócrifas", como a de Paulo e a de Isaías. Também possuímos "paráfrases", como a de Sete, texto que deu seu nome a uma das seitas gnósticas, os setianos, que atribuíam a esta paráfrase uma importância maior.

Este método dos apócrifos atraiu inicialmente um grande número de adeptos para a gnose porque, naquela época, os tratados que se apresentavam como cristãos e, *a fortiori*, como apostólicos (ou seja, como tendo um dos apóstolos por autor) eram cercados de um enorme prestígio. Graças aos apócrifos, os gnósticos se faziam passar por cristãos, pois exibiam documentos aparentemente idênticos aos da Igreja.

O magistério eclesiástico teve de empreender uma luta árdua para livrar as Escrituras Sagradas de toda essa vegetação parasitária e para fixar definitivamente a lista dos Livros autenticamente inspirados, ou seja, "o cânone das Escrituras". Esta foi uma das operações mais delicadas e necessárias que o magistério romano teve de realizar durante os primeiros séculos.

Ora, hoje precisamente, assistimos a um reaparecimento dos apócrifos. Esse reaparecimento é um dos sintomas do retorno ofensivo da gnose. Consulte, por exemplo, a bibliografia de um desses livros esotéricos dos quais estamos sobrecarregados, e você encontrará, na maioria das vezes, uma lista abundante de apócrifos, geralmente citados sob a rubrica "Escrituras Sagradas", juntamente com as referências bíblicas.

O sinal desse renascimento foi dado por **Papus** quando ele publicou uma tradução da "*Pistis Sophia*" acompanhada de seus comentários. Coletâneas de apócrifos circulam novamente, com destaque para os "Evangelhos da Infância", que constituem, reconheçamos, um dos apócrifos menos nocivos.

Os Padres da Contra-Igreja

Resta-nos perguntar por que os historiadores da Igreja não classificam a gnose entre as heresias, mas sempre a tratam como uma manifestação de um gênero especial. Depois de responder a essa pergunta, compreenderemos melhor a gnose de hoje.

Os heresiarcas, isto é, os líderes das heresias, rejeitam um número restrito de proposições dogmáticas, mas continuam a aceitar as outras. Eles se defendem de colocar em questão o conjunto da Fé e das instituições. Recusam apenas **alguns** artigos da Fé. Por exemplo, Ário nega a divindade de Jesus Cristo. Pelágio contesta a necessidade da graça e afirma que o homem pode se salvar por meios naturais. Nestório não quer admitir que haja em Jesus Cristo duas naturezas em uma única pessoa. Êutiques não reconhece a natureza humana de Nosso Senhor; ele considera que ela é totalmente absorvida pela natureza divina.

Mas todos eles pretendem conservar os dogmas que não atacam expressamente. Tanto quanto sua posição aventureira lhes permite, mantêm os sacramentos, a moral, a disciplina clerical, as circunscrições territoriais e o conjunto das instituições eclesiásticas.

A **gnose**, ao contrário, **questiona toda a ortodoxia para edificar um sistema completo e diferente**. Ela busca em outras fontes; admite outras revelações que se somam à Revelação de Cristo e naturalmente a transformam. Assim, ela não constitui uma heresia definida, mas as engendra todas. Pode-se chamar a gnose de "**a mãe das heresias**", pois ela contém todas em germe.

Em plena época patrística, e em face dos "Padres da Igreja", constituiu-se verdadeiramente um colégio antagonista de "Padres da Contra-Igreja". Pois é assim que se pode chamar personagens como Menandro, Basílides, Valentim, Marcião e outros. A gnose é comparável a um vasto *micélio* rastejante do qual as heresias surgiram como enormes cogumelos. Gerando as heresias, a gnose desempenhou incontestavelmente um papel de **maternidade**.

Mas o que é ainda mais grave, é que ela também se pretende **suplantadora**. Unificando o politeísmo, a filosofia, o judaísmo e o Evangelho, ela quer tirar da Igreja sua catolicidade, ou seja, sua universalidade.

Ela ambiciona suplantá-la, dominá-la. Ela lhe opõe uma universalidade mais ampla. A Igreja é assim reduzida a não ser mais que um caso particular da gnose universal.

E é precisamente essa mesma ambição que vamos encontrar na gnose moderna à qual estamos chegando. Mas, antes, é preciso examinar como a ideia sincrética também foi desenvolvida por outro movimento de pensamento, que não é positivamente gnóstico e que se chama a escola de Alexandria ou escola neoplatônica.

A Escola de Alexandria

Quatro nomes resumem a escola neoplatônica: **Plotino**, **Porfírio**, **Jâmblico** e **Proclo**. Eles constituem como uma única e mesma entidade. Não se pode separá-los. Eles formam, entre os quatro, um dos marcos mais bem definidos da história da filosofia da escola de Alexandria.

O fundador da escola é **Plotino**. Ele deve ser bem distinguido de Filon o Judeu, também filósofo de língua grega, que nasceu em Alexandria 200 anos antes, mas que não pertence à escola neoplatônica, embora seja alexandrino de nascimento. Plotino, portanto, é um filósofo eclético do século III depois de Cristo. Entre as doutrinas que ele se esforça para conciliar, o platonismo, como era de se esperar, desempenha o papel principal. Mas Plotino traz ao platonismo uma modificação que nos interessa em primeiro lugar porque vamos vê-la reaparecer na gnose moderna. Platão havia colocado no topo de sua construção metafísica o "**Soberano Bem**"; essa era sua etapa final; ele não imaginava nada além disso. Plotino, por sua vez, não se detém aí. Ele retoma a ideia do "Princípio ígneo universal" de Simão o Mago e lhe dá uma definição filosófica mais precisa.

Acima do Soberano Bem de Platão, ele concebe ainda a "**Unidade Total**", mais abrangente que o Soberano Bem, e na qual todas as distinções são neutralizadas, compensadas e apagadas. E ele acrescenta que essa hiperessência, esse **Hypertheos** pode ser apreendida pelo homem. Pode-se alcançá-la através da meditação filosófica intensa e particularmente pela êxtase, que é sua fase paroxística. Assim, Plotino, como os gnósticos, faz da contemplação mística um dos meios de aquisição do conhecimento metafísico.

O primeiro discípulo de Plotino é **Porfírio**. Ele organiza os cinquenta e quatro tratados deixados por seu mestre e os publica em seis volumes, cada um com nove tratados, sob o nome de Eneadas, ou seja, "novenas". Porfírio dá à contemplação mística menos importância do que Plotino havia dado. Seu método é mais filosófico e discursivo.

O sucessor de Porfírio como chefe da escola de Alexandria é **Jâmblico**. Impressionado pela teologia trinitária ensinada pela Igreja e à qual se torna impossível escapar, ele edifica, utilizando os elementos neoplatônicos de seus dois predecessores, uma metafísica trinitária cuja constituição é a seguinte. Na origem de tudo encontra-se o UNO ou Monade; depois vem a inteligência ou diade; finalmente aparece o demiurgo ou tríade. É o demiurgo que formou o mundo, como também dizem os gnósticos. O universo criado representa a década que contém o conjunto das emanações da monade primordial. Encontramos aqui, novamente, o emanatismo dos gnósticos.

Aquele que dá à escola neoplatônica seu último brilho é **Proclo**. Ele se faz o defensor, bastante tardio, do paganismo, cujos mitos ele tenta coordenar. Mas, ao mesmo tempo, ele cultiva o espírito eclético da escola alexandrina. Sua máxima era que uma filosofia deve abraçar todas as religiões, impregnando-se do seu espírito. Ele se dizia o **Hierofante universal**. Nós diríamos o sacerdote da religião universal. Como Plotino, ele acreditava na virtude reveladora da contemplação intensa e

do êxtase filosófico. Ele compunha hinos aos deuses do paganismo e dizia-se honrado por suas aparições.

Os quatro e inseparáveis "Alexandrinos", Plotino, Porfírio, Jâmblico e Proclo, são portanto ao mesmo tempo **sincretistas**, **panteístas emanatistas e místicos**. Mas também incluem em seus sistemas, deformando-os, é claro, alguns dogmas cristãos. Portanto, temos o direito de nos perguntar em que eles realmente diferem dos gnósticos. Bem, justamente, eles não diferem muito. E, no entanto, a história nos ensina que os alexandrinos não queriam de maneira alguma ser considerados gnósticos, que, aliás, não deixavam de atacar.

Por que tanta hostilidade quando eram filosoficamente tão próximos? Enquanto os neoplatônicos eram estudiosos respeitados, os gnósticos de base recrutavam-se mais frequentemente entre uma população bem menos instruída e davam, em seus ensinamentos e práticas rituais, um espaço muito maior para a astrologia e a magia. Compreende-se que os neoplatônicos, que eram autênticos eruditos, não quisessem ser confundidos com eles, apesar da semelhança de suas doutrinas fundamentais.

O Ramo Maniqueísta

A escola neoplatônica é uma irmã ou uma filha da gnose? É muito difícil dizer. O que é certo é que elas têm uma proximidade muito grande. Os gnósticos recrutaram uma clientela mais popular, à qual deram hábitos mais religiosos e mais ritualísticos. Os neoplatônicos ensinaram uma gnose muito refinada, que interessou apenas aos grandes intelectuais. Mas, na mesma época, também encontramos outra filha (ou se preferirmos, outra irmã) da gnose; é a religião de **Mani**.

Mani (ou Maniqueu), o fundador do funesto maniqueísmo, era gnóstico de formação. Ele ensinava que o universo é obra de dois princípios opostos, um bom, outro mau, ambos eternos e independentes. Esse dualismo, renovado do mazdeísmo de Zoroastro, é igualmente apenas a radicalização dos temas gnósticos sobre a imperícia do demiurgo e a nocividade essencial da matéria e, consequentemente, do corpo humano.

O maniqueísmo é, também, um fungo nascido sobre o *micélio* gnóstico. Mas ele se distinguiu historicamente pelo menos por uma vitalidade particularmente longa, já que é ele que encontramos na origem das doutrinas **cátaras**, na Idade Média.

Um Cristianismo de Fantasia

Se acreditarmos nos neognósticos de hoje e na sua literatura exuberante, a gnose histórica teria preservado o depósito da suprema inteligência e da "suprema conhecimento" contra o autoritarismo limitado do clero romano. Fazem tanto alarde que seríamos tentados a nos deixar meio convencidos.

A realidade é bem menos brilhante. Dois testemunhos nos mostrarão isso. O primeiro é o de Ernest Renan, no entanto cético e inimigo de posições firmes; é surpreendente o julgamento severo que ele faz da gnose. Eis o que ele diz em "*A Igreja Cristã*":

> «Tudo isso era inconciliável com o cristianismo. Essa metafísica de sonhadores, essa moral de solitários, esse orgulho bramânico que teria trazido de volta, se deixado agir, o regime de castas, teriam matado a Igreja, se a Igreja não tivesse tomado a dianteira...

> «O que havia de realmente grave era **a destruição do cristianismo** que era **o fundo de todas essas especulações**. Suprimia-se na realidade o Jesus vivo; deixava-se apenas um Jesus fantasma sem eficácia para a conversão dos corações: substituía-se o esforço moral por uma pretensa ciência; colocava-se o sonho no lugar das realidades cristãs, cada um se dando o direito de moldar um cristianismo de fantasia, nos dogmas e nos livros anteriores. Isso não era mais cristianismo, era um parasita estrangeiro que buscava se passar por um ramo da árvore da vida».

O segundo testemunho que invocamos é o de Jean Doresse, estudioso totalmente atual ao qual devemos precisamente livros sobre os papiros gnósticos de Nag-Hammadi, descobertos durante os anos 50 no alto Egito, um pouco ao norte de Luxor. Eis como ele se expressa em "*O Livro Secreto dos Gnósticos do Egito*":

> «O cristianismo não teria sido ele mesmo, em seus primórdios, próximo da gnose? Mas logo, diante da luminosa simplicidade dos grandes Evangelhos, diante do claro e profundo pensamento de São Paulo, diante até mesmo das visões do apocalipse joanino, é surpreendente a diferença entre os dois ensinamentos. Ler primeiro os escritos gnósticos, depois retomar o Novo

> Testamento é uma experiência a se fazer: sente-se a incomparável superioridade desses textos acessíveis a todos em suas imagens e em seu sentido. Surpreende-se que as gnoses tenham podido por tanto tempo competir com eles; e compreende-se que os sectários tenham preferido, frente a uma tal Religião, guardar o segredo de seu próprio dogma e se esconder nas trevas».

Capítulo II - O Broto Martinista

A Letra G

Bem pregados e cuidadosamente prevenidos que somos contra qualquer tentação de triunfalismo, e convencidos de que o lugar normal da religião cristã nesta terra é o enterro, temos dificuldade em representar o brilho da vitória da ortodoxia, após as dez grandes perseguições e o entusiasmo que ela provocou em todo o Mediterrâneo. A vitória dos mártires havia sido celebrada em 313, no momento do Edito de Milão, promulgado pelo Imperador Constantino para conceder solenemente a liberdade jurídica à Igreja. E a vitória dos Doutores havia seguido de perto; ela foi definitiva no Concílio de Calcedônia, quarto ecumênico, em 451.

As objeções levantadas pela gnose, pelas heresias que são suas filhas e pelo maniqueísmo e o neoplatonismo que são seus irmãos, desapareceram como a névoa ao sol. Os grandes dogmas trinitários, as duas naturezas na Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, a maternidade divina de Maria, a criação ex-nihilo, o pecado original, o cânon das Escrituras, a liturgia sacrificial, o ciclo sacramental... todo o edifício do cristianismo se impunha à admiração pública com tanta evidência e realidade quanto as grandes basílicas constantinianas que vieram dominar o velho fórum. É próprio da verdade triunfar.

Doravante, os apócrifos gnósticos, os hermetica, os hinos de Menandro e de Valentim já não interessavam a ninguém. Não se encontrou mais ninguém para preservar esses grimórios errôneos e maliciosos que tanto perturbaram os espíritos. Eles foram queimados e, acima de tudo, esquecidos. Daí a escassez de vestígios gnósticos de que os historiadores se queixam. Os papiros da gnose sobreviveram apenas nas fronteiras orientais do Império Romano, na Pérsia, na Mesopotâmia, no Alto Egito, onde os reencontramos hoje.

É nessas regiões fronteiriças que os **Maometanos** os trarão à luz a partir do século VIII. Não tendo as mesmas razões que os cristãos para desprezá-los, eles se interessaram por eles e finalmente os transmitiram ao Ocidente. Mas foi sob uma nova forma, pois eles os misturaram com noções alquímicas e as produções de seu próprio misticismo.

Não estudaremos aqui o lento caminho e a germinação, no território ocidental, da gnose assim veiculada e remodelada pelos árabes. É um assunto complexo que nos atrasaria muito. Após um grande salto sobre os cátaros e os Rosa-Cruz, cheguemos imediatamente, em meados do século XVIII, sob o reinado de Luís XV, no momento em que vemos aparecer, de maneira muito sintomática, as primeiras letras **G** nos frontispícios das lojas maçônicas. Sabe-se que as doutrinas das lojas se alimentam principalmente das fontes da gnose, do hermetismo, da alquimia, da cabala, da rosa-cruz e, mais recentemente, das religiões orientais. Mas é a gnose que é a fonte mais importante, pois ela serve de canal coletor para todas as outras. A letra G dos brasões maçônicos simboliza essa **gnose** que assim acaba de reaparecer na Europa nos tempos modernos.

Sob o impulso ao mesmo tempo inventivo e persistente das diversas obediências maçônicas, a contaminação gnóstica da sociedade cristã começará. Mas é impossível, no âmbito destes poucos artigos, traçar a história completa dessa contaminação. Teremos que nos contentar em relatar algumas de suas manifestações características.

O Tratado da Reintegração

O primeiro episódio típico que escolhemos é o aparecimento das teorias martinistas. Dois doutrinários contribuíram para dar nome ao martinismo: são **Martinez-Pasqualis** e **Louis-Claude de Saint Martin**. Façamos notar, para os puristas, que o nome "martinismo" deveria ser reservado mais especialmente à doutrina de L-C. de Saint Martin, enquanto a de Martinez-Pasqualis deveria ser chamada de "martinezismo". E é exatamente o que fazem os especialistas nessas questões.

Mas as duas doutrinas são próximas e, vistas de longe, elas podem responder à mesma denominação de "**martinismo**".

Martinez-Pasqualis (às vezes também escrito M. de Pasqually) é o fundador da *Ordem dos Eleitos Coens* e o autor de uma obra de grande influência intitulada "*O Tratado da Reintegração*" que contém tanto a doutrina religiosa quanto o regulamento da Ordem.

A doutrina religiosa é baseada nesse mesmo emanatismo que mostramos nos antigos gnósticos. Todos os seres do Universo são emanados da Divindade, por um fluxo de sua própria substância. A alma humana, em particular, pertence aos espíritos emanados. Ela é, portanto, **divina** em sua natureza. Todas as almas foram formadas ao mesmo tempo e elas esperam, na morada celestial, serem, uma após a outra, unidas a um corpo, à medida das necessidades. Antes de ser aprisionada em um corpo material, a alma levou uma vida "supraceleste". Após a morte desse corpo, ela está normalmente destinada à **reintegração**, ou seja, à recuperação dessa vida supraceleste.

Para poder desfrutar, no além, da reintegração, a alma deve já nesta terra passar pela **reconciliação**. E essa reconciliação é operada por "espíritos reconciliadores". É exatamente o trabalho dos Eleitos Coens proceder a essas reconciliações preparatórias à reintegração supraceleste e definitiva. Coen, em hebraico, significa **sacerdote**. A função dos Eleitos Coens é uma função **sacerdotal**. Ela consiste em "reconciliar" os adeptos da Ordem.

No fim dos tempos, quando todas as reintegrações individuais tiverem sido realizadas, todo ser emanado, toda existência distinta, retornará a se perder na fonte primeira. Toda emanação será reabsorvida na Divindade que lhe deu origem. Há aí uma noção, aparentada ao **nirvana**, que deixa pressentir uma abertura da gnose moderna em direção às doutrinas orientais.

O Tratado da Reintegração dedica amplos desenvolvimentos às disposições psicológicas nas quais o eleito-coen deve se colocar, tanto durante o período que precede a cerimônia da reconciliação quanto posteriormente, quando ele prepara sua reintegração supraceleste. A prática da **meditação intensa** lhe é recomendada.

A mística de Martinez-Pasqualis decorre logicamente dos princípios da gnose. Sabe-se que a gnose não é uma doutrina de "comportamento", mas uma doutrina de "conhecimento". Que quer dizer isso? O mundo terrestre é devido à ignorância do demiurgo e da Sophia que são seus criadores, como vimos, e é por isso que ele é mau. Ele é mau porque é uma morada de ignorância. Não se liberta deste mundo mau por um "comportamento" qualquer que seja. Liberta-se dele fazendo **cessar a ignorância** que é a causa do mal. O que é necessário é compensar a ignorância original pelo **conhecimento**. E como se obtém o conhecimento? Pela intuição mística, ou seja, pelo contato direto da alma com o mundo transcendente. Tal é, com variantes, a posição de todos os gnósticos e tal é também a base da mística martinista.

As posições relativas do homem, da alma e da divindade assim definidas por tudo o que acabamos de dizer, elas vão implicar nos gnósticos uma atitude contemplativa particular. A alma do gnóstico é considerada divina em sua natureza e ela busca reintegrar o estado "supraceleste" do qual ela desfrutava antes de sua descida à Terra. Dado este objetivo, a contemplação martinista pode ser considerada como pertencendo às "**místicas da essência**", já que ela dirige a alma humana para a recuperação de sua suposta essência original.

Na doutrina da Igreja, não é assim de modo algum. A alma humana não é emanada de Deus, mas criada por Ele. De sua própria natureza, ela não tem nada de divino, pois, precisamente, Deus a criou do nada. Mas se a provação terrestre lhe for favorável, a alma está destinada a participar da vida divina. Trata-se de uma participação sem perda de identidade. Mesmo no auge da bem-aventurança, a alma nunca se confunde com a substância espiritual de Deus. Poderá haver uma infusão de Deus nela; nunca haverá confusão com Deus.

O Tratado da Reintegração dedica longos trechos aos métodos contemplativos pelos quais a alma do eleito-coen pode recuperar o lugar arquetípico que ocupava na essência divina antes de se dela destacar por emanação. Ele fala da "Coisa" que deve ser evocada e invocada com perseverança, a "Coisa" que acaba por "passar" acima da assistência, provocando, no espírito dos candidatos à **reconciliação**, imagens, cores, sons e toda sorte de fenômenos psicológicos.

O católico que toma conhecimento desses ritos martinistas de encantação tem o direito de se perguntar quais eram então os espíritos que podiam bem responder assim, nos ateliês dos Eleitos-Coens, a essas evocações. Certamente não eram anjos do céu.

A síntese gnóstica contida no *Tratado da Reintegração* é extremamente **completa**. Martinez-Pasqualis retirou seus elementos tanto do pitagorismo quanto das doutrinas de Zoroastro, da cabala quanto dos rosacruzes do século XVII. Ela é o fruto de uma cultura muito vasta. Sua **influência** foi **profunda**. Haveria muito a colher nela, mas não podemos nos demorar nessa obra apesar de sua importância. Escolhemos reter apenas os trechos relativos à mística, pois ela está no coração de toda a gnose, tanto da moderna quanto da antiga.

Ramificação do velho *micélio* gnóstico, o broto martinista não é o único que desabrochou nas férteis estufas das lojas do século XVIII. Houve muitos outros. Mas, obrigados a nos limitar a episódios marcantes, nós o escolhemos, talvez um pouco arbitrariamente, como um dos mais típicos. O que é certo é que *O Tratado da Reintegração* exerceu, por mais de um século, uma **influência considerável**.

Capítulo III - A Metafísica da Esfinge

O Aprendizado Maçônico de Guenon

Queimando, portanto, as etapas, transportemo-nos para a véspera da Grande Guerra de 1914-1918. Havia então em Paris muitos **magos**, mas o mais majestoso desses magos, o mais pontífice, era **Papus**, com sua barba negra e seus olhos negros sem fundo. Ele havia fundado, em 1888, na Rua Séguier, 13, uma instituição à qual dera o nome de **Escola Hermética.**

Foi na Escola Hermética que René Guénon, jovem professor de filosofia e matemática, foi um dia se inscrever como ouvinte. Rapidamente, ele obteve uma cátedra. Entre os outros professores, ele estabeleceu contato com os últimos representantes de uma "Ordem Martinista" que gravitava em torno de Papus. René Guénon também ingressou nela e recebeu o grau de "superior desconhecido".

Muito inteligente, muito estudioso e muito ativo, ele participou, em 1908, da organização do congresso espiritualista e maçônico que se realizou em Paris sob os auspícios da revista "***Le Voile d'Isis***", à qual já colaborava. Essa revista deveria, em 1933, mudar de nome para "***Les Études Traditionnelles***". Ela permaneceu, até os dias de hoje, um dos principais órgãos de expressão das doutrinas guenonianas.

Tudo leva a crer que René Guénon procurou deliberadamente fazer o tour completo das congregações iniciáticas em atividade naquela época. Ele se deleitava, certamente, entre os intelectuais de todas essas escolas. Foi assim que ele entrou em uma loja do "Rito Primitivo Swedenborguiano" na qual não tardou a receber o cordão de seda preta dos **cavaleiros Kadosch** (*kadosch* significa santo). Simultaneamente, ele também se fez receber em uma loja parisiense pertencente a uma obediência espanhola, a loja "Humanidad". Na sequência de uma reformulação, essa simples loja se tornou a "Loja-Mãe do Rito de Mênfis-Misraim". Foi lá que R. Guénon foi ele mesmo promovido ao trigésimo grau maçônico.

Não contente com essa dupla pertença à maçonaria, e para enriquecer ainda mais uma experiência que ele quer a mais vasta possível, ele obtém sua adesão a uma terceira loja, a loja "**Thébah**" que dependia da Grande Loja da França. Ele deu uma palestra notável sobre o tema do ensino iniciático que foi publicada na revista "***Le Symbolisme***".

Na mesma época e ainda em busca de novas experiências, R. Guénon entrou também na "**Igreja Gnóstica**" sob o nome de **Palingenius** (o que significa "renascido", ou seja, René). Ele se tornou "**bispo gnóstico**" e fundou até mesmo uma revista "***La Gnose***" onde escreveu importantes artigos, alguns dos quais foram posteriormente reformulados para se tornarem livros. René Guénon assinava geralmente seus artigos com seu próprio nome. Mas ocasionalmente acontecia

de ele usar pseudônimos. Ele assinava às vezes "**o Esfinge**", nome que combina muito bem com o claro-obscuro enigmático de seus desenvolvimentos metafísicos. É por isso que intitulamos este capítulo: a metafísica do Esfinge.

A Extensão às Religiões Orientais

Em resumo, o barco de R. Guénon já navega em pleno mar gnóstico. Ele não tardará a perceber que este mar, do lado do Oriente, está largamente aberto para o Oceano Índico. Assim como os árabes haviam amalgamado a alquimia à gnose primitiva quando a propagaram novamente no Ocidente, assim como Martinez Pasqualis havia incorporado a cabala medieval, R. Guénon também fará entrar as **doutrinas orientais** na gnose ainda ampliada em que ele trabalha. Esse fenômeno de extensibilidade da gnose, em nossa opinião, merece ser notado. O cristão conhece a aplicação desse fenômeno, pois a Igreja já fez a experiência no momento das grandes perseguições. Reside no fato de que todas as tradições não cristãs são **miscíveis** entre si. **A única religião que não é miscível com as outras é o Cristianismo, porque ele provém de uma origem totalmente diferente. Ele mesmo rejeita as outras religiões e é rejeitado por elas.**

Atraído, portanto, pelo Oriente, R. Guénon começa por se informar com notável aplicação, junto aos **orientalistas** franceses mais competentes na época. Ele se dirige a Léon Champrenaud e Albert de Pouvourville.

Léon **Champrenaud** pertencia à Ordem Martinista (mais ou menos autenticamente reconstituída) que se reunia na Escola Hermética. Ele escrevia em publicações ocultistas e simbólicas e era redator-chefe da revista "***L'initiateur***". Mais tarde, como Guénon, ele abraçaria a **religião islâmica**. Ele começou por introduzir Guénon nos meios orientalistas de Paris.

Albert de **Pouvourville** não é outro senão o famoso **Matgioï**, o autor de dois livros que causaram a mais duradoura impressão em Guénon: "*La Voie rationnelle*" e, sobretudo, "*La Voie métaphysique*". Parte da terminologia guenoniana vem desses dois livros. Matgioï também havia escrito outra obra em colaboração com confrades: "*Les enseignements secrets de la Gnose*". Ele era versado principalmente no **Taoísmo** e nas **sociedades secretas chinesas**.

Esses dois orientalistas franceses ensinaram muito a R. Guénon, mas seu ensino não conseguiu satisfazer sua curiosidade. Ele acabou, não se sabe muito bem como, por estabelecer contato em Paris com Orientais que seus biógrafos concordam em proclamar "autênticos". Quem eram, então, essas personagens? Eis a resposta de Paul **Chacornac** em "*La Vie simple de R. Guénon*" (1958):

> "Guénon, portanto, teve um mestre ou mestres hindus. Foi-nos impossível ter a menor precisão sobre a identidade desse ou desses personagens, e tudo o que se pode dizer com certeza é que se tratava, em todo caso, de um ou de

> representantes da **escola Vedanta** "advaita" (advaita significa não dualista), o que não exclui que houve outros".

O que é certo é que R. Guénon adotou imediata e definitivamente a **filosofia advaita**, ou seja, o "**não-dualismo**". Essa filosofia é assim denominada porque não é monista. Ela não é nem materialista, nem idealista. Para ela, a realidade suprema transcende tanto a matéria quanto o espírito, e ela reúne todas as oposições. É essa metafísica não-dualista que R. Guénon expõe a partir de então em todos os seus livros: "*Introdução ao Estudo das Doutrinas Hindus*", "*O Homem e seu Devir segundo o Vedanta*", "*A Metafísica Oriental*"...

Mas Guénon não para por aí. Simultaneamente, ele entra em contato com o **Islã** por intermédio de um pintor sueco chamado **Aguéli**. Ele se converte à religião muçulmana em 1912, mantendo sua nova filiação em segredo de seu entorno. Ele só praticará abertamente o Islã após sua instalação no Egito, em 1930.

Ele vai, no entanto, retardar seus contatos com os meios católicos? De forma alguma. Aqui, somos obrigados a remeter aos livros muito documentados de **Marie-France James** "*Cristianismo e Esoterismo*" (Nouvelles Éditions Latines). Eles descrevem a colaboração de R. Guénon em várias publicações católicas, como a revista "***Regnabit***". Eles provam que ele se infiltrava nos meios de devoção ao Sagrado Coração, onde pensava implantar gradualmente seu hinduísmo. Essa penetração foi felizmente denunciada pelos neotomistas que gravitavam em torno de Jacques Maritain. E finalmente, R. Guénon compreendeu que os meios tradicionais ainda não estavam maduros para aceitar o esoterismo oriental. Adiando a manobra para mais tarde, ele se retirou para o Egito em 1930, praticando ali o Islã ao qual havia se convertido secretamente desde 1912.

Tal é o personagem, impregnado de maçonaria, hinduísmo e islamismo, que agora se quer nos fazer aceitar como o doutrinador que melhor compreendeu o âmago da religião cristã. Seria preciso ser o último dos **ingênuos** para subscrever à gnose guenônica. Eis, de fato, quais são suas grandes linhas.

O Princípio Supremo

A teologia de R. Guénon é dominada por um "**princípio supremo**" chamado **Brahma**. É um princípio abstrato que ele define como sendo a possibilidade universal. Este princípio pertence à essência e não à existência. Não tem nada de pessoal. É uma **entidade de raciocínio**.

Abaixo deste Hipérteos ou supremo Brahma, coloca-se um segundo princípio, menos geral e já mais próximo da existência real. Ele recebe o nome de Ishwara. Define-se como a **virtualidade particular** do mundo presente.

Abaixo de Ishwara, encontra-se uma espécie de **trindade**, chamada Trimurti, que reúne três divindades: Brahma, Vishnu e Shiva. Este segundo Brahma é o reflexo divino e existencial do supremo Brahma e representa, na Trimurti, o fator de produção. Vishnu é o fator de conservação e Shiva é o fator de evolução. Tal é, pelo menos, a descrição de R. Guénon. Mas não garantimos que seja realmente o pensamento antigo da Índia.

Depois vem o universo concreto. Ele não é chamado de "criação", mas de **Manifestação**. Ele realiza, na existência diferenciada, a "virtualidade particular" contida abstratamente em Ishwara. A Manifestação não é produzida "*ex nihilo*". Ela resulta de um processo do tipo **emanatista**. Compreende-se que Guénon tenha querido evitar a palavra criação e preferido a de Manifestação, que se distingue claramente da terminologia cristã.

Desse emanatismo, mais tácito, aliás, do que claramente expresso, resulta que a alma humana não difere da divindade senão pelo grau, mas não pela natureza. Este ponto doutrinário acarretará consequências na conduta da contemplação. Ele nos reconduzirá ao tipo de contemplação já descrito no *Tratado da Reintegração* de Martinez-Pasqualis.

Qual será, com efeito, o objetivo do adepto que medita intensamente? Obviamente, ele vai dirigir sua alma em direção ao Princípio Supremo, do qual ela emana em última instância. Ele vai tentar fazer com que ela "**reintegre**" a virtualidade essencial que contém seu arquétipo e cuja manifestação existencial ela é.

A Via Metafísica

Compreende-se muito bem que, para atingir este objetivo, um certo **método** de contemplação seja particularmente adaptado. Não se trata mais, de fato, de dilatar sua alma para receber o "hóspede divino" que deve vir ocupá-la, como é o caso na mística praticada na Religião do verdadeiro Deus. Trata-se aqui, para a alma, por um mecanismo mental apropriado, de retornar ao seu princípio: a mola psicológica que vai entrar em jogo não será mais o amor de Deus, mas uma tendência natural à **auto-realização**.

Que nome R. Guénon dá à operação intelectual que deve levar a esta "identificação" da alma com seu arquétipo? Ele a chama de "**a via metafísica**". Esta via, ou seja, este método de meditação, é praticada, diz ele, nas religiões orientais.

Para compreender bem este termo "via metafísica", é preciso saber que R. Guénon, durante o período em que elaborava sua doutrina, hesitou por muito tempo antes de dar-lhe um nome. Ele teria desejado chamá-la de "teosofia", palavra cuja etimologia correspondia muito bem ao que ele pedia que ela designasse: a sabedoria divina. Infelizmente, este termo estava, naquela época, monopolizado pelos adeptos da Sra. Blavatzki e de Annie Besant, com os quais R. Guénon estava em muito maus termos por razões complexas que seria muito longo examinar agora. Ele não podia, portanto, dar o nome de teosofia a seu sistema. Era preciso que ele encontrasse outra denominação.

Ele se decidiu por "metafísica", o que não era ruim também, dado que seu Princípio supremo não é uma pessoa viva, mas uma entidade global, a Unidade por excelência, a Virtualidade universal. Portanto, o termo metafísica, para designar tal doutrina, correspondia bastante bem a seu objeto. Em seguida, querendo ser chefe de escola, ele permaneceu fiel a este termo cuidadosamente escolhido.

E muito naturalmente, ele vai dar o nome de "via metafísica" ao esforço de meditação e abstração que conduz a alma a se **identificar** com o Princípio supremo, objeto da ciência metafísica assim definida. Quais serão as características desta via e em que ela vai se distinguir da mística cristã?

Nada de Mística Devocional

R. Guénon precisa incansavelmente em todos os seus livros que a via metafísica é "**puramente intelectual**". Ele entende com isso que ela não é, sobretudo, devocional e sentimental. Não é uma atitude religiosa, é uma atitude filosófica. De fato, em seu sistema (do qual ele declara que é aquele da Índia imemorial, o que nós tomamos cuidado para não confirmar), não se trata de dilatar sua alma, por um sentimento de amor, para receber o hóspede divino; trata-se apenas de um esforço especulativo que consiste em **se identificar** a si mesmo com seu próprio princípio. É, portanto, um procedimento de intelectual, e não de devoto.

Ele consagrará, então, numerosos capítulos para explicar a posição relativa da "via metafísica" que é a sua e da simples mística religiosa. Eis a substância de seu raciocínio.

A via metafísica, própria às disciplinas esotéricas, está tão acima da "mística religiosa" quanto o Princípio supremo está acima do Deus pessoal. A "via mística" é praticada nas religiões populares, devocionais e exotéricas, em particular no catolicismo. Mas ela tem como objetivo apenas o Deus pessoal e criador, o qual não é senão uma "determinação particular" do Princípio supremo.

Para compreender bem os desenvolvimentos de R. Guénon, é preciso ter apreendido esta relação de **subordinação** entre as duas vias contemplativas. A via mística não é, segundo ele, senão uma exaltação sentimental completamente subjetiva, enquanto a via metafísica conduz a um ponto de observação que domina ao mesmo tempo a criação e o criador.

O cristão que examina uma tal doutrina só pode rejeitá-la. E isso por duas razões.

Primeiro, é falso que o Princípio Supremo domine o Deus Criador e Pessoal. O Deus que se revelou é ao mesmo tempo existente e infinito. Ele não está subordinado a nenhum princípio externo a Ele, pois é Ele quem estabelece os princípios. Não há princípios, por mais abstratos que sejam, que estejam acima de Deus. Ele não é escravo de nenhuma lógica, pois é Ele quem a elabora e a dá como regra aos nossos espíritos humanos. Portanto, devido ao objeto a que ela conduz, é a via mística que é superior e ao mesmo tempo a via mais realista, pois ela conduz ao verdadeiro Deus.

Enquanto isso, "a via metafísica" é uma via ilusória, pois conduz, no melhor dos casos, a uma abstração. Dizemos no melhor dos casos, porque de fato o hálito gelado de Lúcifer se mistura, na maioria das vezes, a todas essas especulações, por mais intensas e extáticas que sejam.

Uma segunda razão justifica a desconfiança dos cristãos. A "via metafísica" de R. Guénon está longe de ser tão "puramente intelectual" quanto ele gostaria de dizer. Ele mesmo explica longamente que ela é baseada nos princípios do **yoga**. Ora, o yoga consiste na ascensão da "**Kundalini**". Definida em termos simples e evitando as palavras hindus, a Kundalini é um nó de **sensibilidade psíquica** que normalmente reside na região lombar e que o yoga tem o efeito de

fazer subir, em etapas sucessivas, ao longo da coluna vertebral, até a região cervical.

R. Guénon admite que o treinamento realizado pelo yoga é uma excelente preparação para "a via metafísica", a qual, consequentemente, está longe de ser tão "puramente intelectual" quanto ele afirma.

Portanto, não se deve deixar impressionar pelos raciocínios do "Esfinx". Sua terminologia induz à confusão. Devemos lembrar que sua "metafísica" e a "via" pela qual ela é completada não são uma filosofia. Elas constituem uma **mística**, mas uma mística que não conduz ao verdadeiro Deus. Ela conduz ao **nirvana** e representa, na realidade, uma das formas mais características do que os mestres cristãos da vida espiritual chamam de "**falsa mística**".

Se Sobrepor Sem se Opor

R. Guénon contribuiu muito para divulgar a noção dupla de esoterismo e exoterismo, que certamente não inventou, mas que, graças ao seu impulso, incorporou-se de maneira indelével à gnose moderna. Na terminologia que ele acabou impondo, o exoterismo designa o conjunto de formulações oficiais e populares em uma determinada religião. O exoterismo é a parte exterior e visível da religião. É a expressão devocional e sentimental da religião para o grande público.

Quanto ao esoterismo, ele é a versão ao mesmo tempo supereminente e subjacente da religião oficial. **Supereminente** porque pretende apreendê-la em sua essência mais elevada, em vez de se ater à superfície e às aparências. Mas, ao mesmo tempo, versão **subjacente** porque permanece oculta aos fiéis comuns, que não a compreenderiam; só pode ser revelada às pessoas que possuem as "qualificações" necessárias. O Islã possui seu esoterismo, o judaísmo possui o seu; quanto ao cristianismo, também possui um, mas não lhe presta atenção; por negligenciá-lo, chegou a ignorá-lo.

Ora, acontece, sempre de acordo com Guénon, que os esoterismos de todas as religiões coincidem, de modo que se pode falar de um esoterismo universal. Esperamos então que nos indiquem, pelo menos em suas linhas gerais, o conteúdo conceitual dessa religião essencial. Infelizmente, aprendemos que o esoterismo se confunde com o "conhecimento". Chegamos ao cerne do problema, pois o "conhecimento" é propriamente a gnose, ou seja, o contato experimental, pessoal e intuitivo da alma com "a divindade", para usar a palavra da moda.

Você deseja obter esse contato intuitivo e, portanto, adquirir o conhecimento? Isso só é possível, dir-lhe-ão, através dos métodos contemplativos em uso nas congregações iniciáticas.

Em resumo, para conhecer o esoterismo comum a todas as religiões, é necessário receber **a iniciação**. Somente então, graças à dupla fonte do ensino iniciático e da contemplação pessoal, você obterá o conhecimento esotérico e compreenderá a essência profunda de todas as religiões. E assim, você poderá se sobrepor discretamente à Igreja exotérica da qual faz parte nominalmente.

Essa é, muito precisamente, a orientação que R. Guénon dava a seus discípulos católicos. Não abandonem o catolicismo. Pratiquem-no, ao contrário, "com sinceridade" e, pelo conhecimento do esoterismo, vocês poderão se sobrepor à Igreja sem se opor a ela. Não podemos deixar de notar que essas são também as orientações da maçonaria: "se sobrepor sem se opor".

A Tradição Universal

Segundo R. Guénon e seus discípulos, as doutrinas orientais não seriam outra coisa senão a antiga tradição primordial, também chamada de "**tradição universal**". É no Oriente, dizem-nos, que ela foi conservada com o máximo de pureza. Eles acrescentam que a tradição cristã, não só é de elaboração muito mais recente, mas também constitui um ramo desviado. Este **desvio**, ou melhor, esta série de desvios, alegam eles, afasta a Igreja Católica da tradição primordial e universal.

Um católico trairia verdadeiramente sua religião se aderisse a tal doutrina. A Igreja, de fato, sempre ensinou que a tradição primordial, ou adâmica, está incluída na Tradição apostólica da qual ela é guardiã. A tradição primordial constitui, portanto, parte essencial da Tradição apostólica. Já examinamos isso em artigos anteriores, mas não é ruim repeti-lo, porque é muito importante.

O texto do **Cânon da Missa** contém até uma oração particularmente probatória a este respeito. É a oração "*Supra quæ propitio*" que o celebrante recita imediatamente após o "*Unde et memores*". O "*Supra quæ propitio*" designa solenemente "os presentes do justo Abel" como o protótipo do sacrifício que acaba de ser oferecido no altar. Não é possível ser mais claro e mais formal. Não é possível remontar mais longe. A Igreja não é absolutamente um "ramo desviado" da Revelação e da tradição primordiais. Pelo contrário, é ela a detentora mais autêntica e mais autorizada. E ela tem perfeita consciência disso.

Qual é então o verdadeiro lugar das tradições orientais? São elas que se desviaram. Qual é, de fato, sua origem? Elas provêm de **Babel**. São a continuação de uma religião que Deus não quis. Ele não a quis quando dispersou as nações para impedir a edificação da Torre que a teria definitivamente consagrado. E não a quis quando suscitou **Abraão** precisamente para transmitir as antigas tradições messiânicas esquecidas pelas nações. Consequentemente, o famoso teorema da "tradição universal" e o da "unidade transcendente das religiões" que é seu corolário, são ambos **falsos**. Não existe uma única tradição universal. Na realidade, há duas tradições, das quais uma é fiel e a outra é desviada. A tradição fiel é a da Igreja que ainda oferece o sacrifício do qual o de Abel era a figura. E a tradição desviada é a tradição oriental, é a gnose de antes e depois de Jesus Cristo.

O Discurso de Compatibilidade

É uma **pretensão** muito antiga da gnose aquela de sua **compatibilidade** com o Cristianismo - Êmulo de Basílides e Valentim. René Guénon reivindica a mesma compatibilidade para a gnose enriquecida de Hinduísmo e Islã que nos inunda hoje e para cuja elaboração ele contribuiu poderosamente. Ele declara possível, e até desejável, que um cristão que pratica sua religião em nível exotérico, adira ao mesmo tempo à gnose em nível esotérico.

Olhando mais de perto, não se trata de uma simbiose, mas de uma **subordinação** da Religião à gnose e até mesmo de uma **suplantação** da Religião pela gnose. O que acontece, de fato, na mente daqueles que são capazes dessa **duplicidade**? Sua religião se torna para eles um caso particular da gnose. A teologia cristã se torna um caso particular da teosofia universal. A mística cristã se torna um caso particular da mística universal (ou *via metafísica* na terminologia propriamente guenoniana). A tradição apostólica se torna um caso particular da tradição universal. Esta é a situação que o guenonismo pretende atribuir à Igreja. Mas esta não é a posição que N.S.J.C. lhe deu. Na realidade, não há compatibilidade alguma, nenhuma simbiose possível entre a gnose e a Religião de Jesus Cristo.

A gnose de Guénon veicula ainda muitas outras noções. Seria preciso citar sobretudo aquela do "**mundo intermediário**" que acarreta tantas e tão graves consequências em matéria de demonologia. Mas devemos parar aqui nossa enumeração e nosso estudo para concluir rapidamente.

R. Guénon, escritor ao mesmo tempo encantador e arrogante, soube dar à sua gnose hinduísta e islâmica uma extraordinária força de expansão. Seus **discípulos**, próximos ou distantes, são **inumeráveis**. Nenhum deles segue o mestre de maneira incondicional, pois todos lhe fazem algumas críticas. Mas todos o apresentam de comum acordo como **chefe de Escola**. Ele já tem seus biógrafos e comentadores. Ele criou uma das famílias mais ativas da gnose moderna.

Formou-se uma verdadeira rede guenoniana que possui suas publicações, seus livros, sua estratégia, seus encontros, como por exemplo o "Colóquio de Cérisy-la-Salle de julho de 1973" que reuniu cerca de trinta escritores de valor. Esta rede, para cuja constituição Guénon trabalhou toda sua vida, mesmo quando residia no Cairo, é hoje perfeitamente **operacional**.

Capítulo IV - Os Gurus de Laboratórios

A Gnose de Princeton

Raymond Ruyer, professor da Universidade de Nancy, sinalizou em 1974 a existência de um grupo gnóstico americano que ele considerava **muito influente**. Ele declarava compartilhar as ideias deste grupo e até mesmo as fazer inteiramente suas. Essas ideias, ele as expõe em dois livros que marcaram época, ambos publicados pela Éditions Fayard: "*A Gnose de Princeton*" (1974) e "*Os cem próximos séculos*" (1977) com o subtítulo: "O destino histórico do homem segundo a nova gnose americana".

Ele apresenta esta doutrina, explicitamente e com insistência, como sendo uma gnose e, portanto, como aparentada à gnose dita histórica, isto é, aquela dos séculos II e III de nossa era, da qual se afasta apenas em certos pontos que não são essenciais.

Esta gnose modernizada consiste principalmente, sob a pena de Raymond Ruyer, em uma **futurologia** de ampla amplitude que se estende por uma duração de cem séculos, ou seja, dez milênios. E é uma futurologia unicamente **científica**, já que não recorre a nenhum dado profético proveniente da Escritura ou da Tradição. Aliás, o lugar da religião cristã neste sistema é praticamente nulo. Ela é considerada como **ultrapassada** e como tendo feito seu tempo. E é precisamente para **substituí-la**, já que está moribunda e até mesmo **morta**, que é necessária uma gnose científica. Reconhece-se aí as disposições de espírito de Auguste Comte em sua religião positivista.

> «Este sistema cristão, abandonado de fato pelo clero, escreve R. Ruyer, não ressuscitará tal qual. Mas será necessário algo análogo que unifique, como o sistema cristão, a preocupação com a imortalidade pessoal, familiar, e a preocupação com a longa duração do povo». ("*Os cem próximos séculos*", p. 292).

O Politeísmo Moderno

O Professor **Ruyer** esclarece que se trata realmente de uma gnose e não de uma simples futurologia. E, de fato, encontramos nela traços de parentesco com a gnose histórica. Existe primeiro, no sistema de Princeton, um "*Princípio Supremo*" muito semelhante ao "Princípio Universal" de Simão, o Mago, e ao de R. Guénon. É a **consciência cósmica** à qual R. Ruyer dá diferentes nomes, muito esclarecedores sobre a concepção que ele faz dela: "a grande consciência", "o gênio misterioso da vida", "a lei sobre-humana", "a norma invisível", "a norma todo-poderosa", "a consciência total do espaço-tempo".

A grande consciência de Princeton possui todos os atributos do Princípio Supremo do hinduísmo? Talvez não. Mas ainda assim ela exerce a função de **divindade**, pois é objeto de **contemplação** por parte de alguns contemplativos mais ou menos especializados.

A produção de "**consciências coletivas**" é dada como um fenômeno absolutamente geral. Ela ocorre em todos os agregados e em todas as massas feitas de unidades reunidas, sejam essas unidades elementares materiais ou espirituais. Inobserváveis nos agregados de pouca importância, as consciências coletivas adquirem um valor enorme quando se trata de povos inteiros ou de constelações siderais. Haveria assim, no universo, não apenas uma grande consciência total, mas consciências coletivas subdivididas, espécies de pulsões gregárias parciais **se impondo** aos indivíduos. Elas desempenhariam o papel de divindades subalternas. Inevitavelmente, pensamos não apenas nos deuses do politeísmo antigo, mas também nos Eones e Arcontes das teogonias gnósticas e platônicas. Compreende-se que R. Ruyer tenha dado ao sistema de Princeton o nome de gnose, não obstante sua aparência "científica" ultramoderna.

Mais uma vez os Grandes Iniciados

Esse sistema também é gnóstico pelo **sincretismo** que forma sua estrutura. Ele apresenta todas as religiões como equivalentes e miscíveis. Portanto, não é surpreendente ver reaparecer a teoria dos **Grandes Iniciados**, tornada célebre em nossos dias por **Édouard Schuré**, mas que é muito mais antiga que ele.

Na verdade, encontramo-la formulada já no século III d.C. por Mani, primo dos gnósticos, nos primeiros parágrafos de seu *Shapourakan*:

> "A sabedoria e as obras sempre foram reveladas ao mundo pelos enviados de Deus. Assim, em determinada época, elas foram trazidas à Índia pelo enviado chamado Buda, em outra, por Zoroastro à Pérsia, em outra ainda por Jesus ao Ocidente. Finalmente, esta revelação presente desceu, esta profecia se manifestou nesta idade suprema para mim, Mani, o mensageiro do deus da verdade no país da Babilônia". (Mani, século III d.C.).

Em "*Os cem próximos séculos*", R. Ruyer mostra por sua vez sua inclinação por esta doutrina:

> "...os fundadores religiosos não batizam simplesmente um século, eles abrem uma **nova era**, como Moisés, Buda, Jesus Cristo, Maomé. Assim, vemos neles deuses, enviados de deus e pelo menos "grandes iniciados" aos segredos dos deuses, e não simples mortais ou simples super-homens". (página 110)

Os Participantes Profetas

Outro traço de parentesco da gnose de Princeton com a gnose antiga é o modo de aquisição do conhecimento religioso pela via do **misticismo**. Reconhecendo o peso psicológico da "grande consciência", constatando a atração, quase mágica, exercida por ela sobre todo espírito, os sábios da sociedade futura se colocarão à sua escuta para transmitir aos homens os grandes **impulsos** que ela gera.

Entre os gnósticos de Princeton, alguns, por sua aptidão à contemplação, se tornarão os mediadores da "norma invisível":

> "Pode-se prever", escreve R. Ruyer, "novas religiões" gnósticas-científicas "cujos cleros não serão constituídos por sábios enquanto tais, mas por todos os participantes dos grandes seres do cosmos". (página 289)

Esses participantes serão místicos que transmitirão à humanidade as **inspirações** extraídas da contemplação dos grandes seres. E se nos perguntarmos que forma tomará esse neo-misticismo científico, R. Ruyer nos responderá:

> "Essa participação poderá tomar todas as formas, desde a eventual comunicação por rádio com outras humanidades ou espécies inteligentes, até a participação psíquica por consciência transcendente, por transe ou outros processos psíquicos ou orgânicos com a consciência da espécie ou com a consciência total do espaço-tempo". (página 289)

R. Ruyer especifica mesmo os **poderes** que se poderá conceder a esses novos videntes gnósticos, esses homens ao mesmo tempo sábios e místicos. Ele os chama de "participantes-profetas" e eis o que ele diz a respeito:

> "Os participantes-profetas estarão em condições, ou se julgarão em condições, de dar à humanidade e aos poderes temporais, cuja docilidade será intermitente, **missões** e **direções**. Seus discípulos, constituídos em um clero mais institucional, comentarão e explicarão aos fiéis as instruções sobre-humanas e as comunicações sagradas". (página 289)

Assim, a futura religião gnóstica será alimentada pelo misticismo. Mais ainda, as almas dos **falecidos** participarão dessa alimentação permanente:

> "O novo sistema poderá ser uma crença na **reencarnação**, uma crença na transformação da alma dos falecidos em **espíritos protetores**, capazes de se comunicar pessoalmente com os vivos, ao mesmo tempo que participam das comunicações sagradas com os grandes seres sobre-humanos" (*Os cem próximos séculos*).

Vemos que o **espiritismo de Allan Kardec** também faz parte desse amálgama.

A Gnose Anexa a Ciência

Já se percebe, em R. Ruyer, uma **metamorfose** que deve chegar a seu pleno florescimento com **R. Abellio**: a saber, a espiritualização gnóstica da ciência quantitativa. Uma vez que apreende o espírito cósmico, a ciência atinge a divindade e se torna religião:

> "A fé possível para o futuro é mais a fé em uma ciência além da ciência positiva, em uma ciência reencontrando os grandes seres vivos por si mesmos em uma natureza animada, misteriosa, mágica e participável, natureza ou antes cosmos vivo, onde o homem, como indivíduo e como espécie, desempenha um papel obscuro, mas que ele pode pressentir e aprender a conhecer cada vez melhor, comunicando-se com os grandes seres do cosmos". (*Os Cem Próximos Séculos*, página 288).

Não se encontra explicitamente nos escritos de R. Ruyer o emanatismo que forma o fundamento da teologia gnóstica. Nele, ao contrário, os "grandes seres" parecem não ser produtores do universo, mas antes produzidos pelo universo, do qual eles personificam o automatismo, já que são chamados de "normas invisíveis". Mas como entender que o universo tenha produzido seus próprios legisladores? Tudo isso é de uma teologia bastante simplista.

Quanto à **escatologia**, ou seja, a ciência das "últimas coisas", ela não é claramente definida como **cíclica**, como é geralmente a escatologia gnóstica. A gnose de Princeton é uma futurologia indefinidamente prolongada, em um tempo sem limite, onde se distingue apenas uma vaga alternância de civilizações e barbáries. Obviamente, não há nesta construção toda, nem juízo final, nem inferno, nem reino eterno.

O professor Ruyer não engana seus leitores quando dá o nome de gnose ao sistema que ele expõe. Encontra-se ali, de fato, em um sincretismo muito amplo, o princípio supremo: os eões, os arcontes, e na terra, os "participantes" contemplativos dedicados à escuta dos grandes seres e aos quais o cristão pode dar de antemão e sem risco de se enganar, os nomes de **falsos místicos** e de **falsos profetas**.

Capítulo V - Abel e Belial

A Gnose de Raymond Abellio

Diante da impossibilidade de descrever em detalhes o percurso da contaminação gnóstica, escolhemos apenas assinalar os marcos mais característicos. É assim que chegamos à obra de Raymond Abellio. Ele é um dos escritores contemporâneos que melhor transmitem a profundidade e a extensão dessa **contaminação**.

Não examinaremos o conjunto de sua obra: ela é muito diversificada, estendendo-se da filosofia ao romance, e já é objeto de uma crítica geralmente bastante elogiosa. Examinaremos aquele de seus livros que o torna um dos porta-vozes mais autorizados da gnose moderna: "*bordagens da nova gnose*" (Gallimard, 1981).

Essa obra é composta de maneira bastante singular. O autor reuniu nela uma quinzena de prefácios que escreveu, em diferentes épocas, para livros variados, mas que têm todos em comum pertencer eles mesmos à gnose moderna, de tal forma que essa coletânea apresenta uma incontestável **unidade** e um precioso valor de **síntese**.

Encontram-se ali os componentes clássicos de toda gnose, como por exemplo a alquimia e a mística filosófica, também chamada "natural", mas também contribuições recentes, o que não nos surpreende, pois, como já constatamos várias vezes, é o destino do grande rio gnóstico receber, de século em século, novos afluentes.

A Loucura de Louis Lambert

R. Abellio não pode deixar de encontrar a mística natural entre os novos gnósticos; ela caminha lá, como já caminhava no tempo de Menandro, Basílides e Valentim. Ele a examina principalmente no prefácio que compôs para uma reedição de "*Louis Lambert*" de **Balzac**. Este romance é **autobiográfico**, esta é a opinião unânime. Balzac nos fala de si mesmo sob o nome de Louis Lambert. O herói é apresentado como discípulo de Swedenborg, o que equivale a dizer que Balzac também o era. Ora, Louis Lambert, no romance, dedica-se, sob a direção póstuma, e livresca é claro, de seu mestre sueco, a experiências não apenas meditativas, mas também **evocatórias**, e isso com tanto ardor que no final ele sucumbe à **loucura**. Este é o tema do romance.

O prefaciador, R. Abellio, não tem dificuldade em reconhecer que se o herói Louis Lambert, no romance, enlouquece, é porque o romancista Balzac, na realidade, não esteve longe de enlouquecer ele próprio, que sentiu o abismo se abrir sob seus pés e que deve sua salvação unicamente à interrupção de suas experiências. Este perigo é bem conhecido. O próprio Swedenborg não o esconde, pois escreve: "Cuidado, é um caminho que leva ao hospital dos loucos". Notemos ainda que encontramos advertências análogas em muitos autores esotéricos, particularmente em René Guénon.

Em suma, Louis Lambert, o herói do romance, enlouquece, e Balzac revela a **causa** de seu desequilíbrio mental; ele meditou com muita intensidade, explica, e colocou muita insistência em suas evocações. Mas esta explicação balzaquiana não serve de forma alguma para R. Abellio porque desacredita a mística natural à qual ele se apega em primeiro lugar; é ela, de fato, que é a fonte do famoso "conhecimento" gnóstico, já que a gnose é em grande parte uma ciência intuitiva; sem mística, não há gnose.

Ele vai, portanto, opor outra explicação à de Balzac. Ele considera, por sua parte, que Louis Lambert enlouqueceu, não por causa de um excesso e uma saturação, mas por causa de uma **falta** e uma **insatisfação**. Se sua mente divagou, é porque girou no vazio. E se girou no vazio, é porque não teve tempo de se preencher e se alimentar; ele ainda não tinha feito a experiência do "conhecimento" que lhe teria trazido um alimento, uma regularidade de funcionamento e, por fim, uma **plenitude**.

Esta é a explicação que R. Abellio dá para a loucura de Louis Lambert, mostrando assim que está profundamente convencido da excelência da "mística natural", pois, segundo ele, se pode acontecer de pecar por falta, não se deve temer pecar por excesso. Nunca se mergulha profundamente demais nela.

A Carne se fará Verbo

Embora R. Abellio conteste as explicações de Balzac quanto à origem da loucura de Louis Lambert, ele, no entanto, não lhe retira a sua confiança gnóstica e continua a considerá-lo um verdadeiro **vidente**. Ele dá como prova dessa inspiração uma frase que Balzac faz seu herói dizer e que reproduzimos aqui sem alteração, apesar de sua sintaxe um pouco desordenada:

> "Também talvez um dia, o sentido inverso de 'et Verbum caro factum est' será o resumo de um novo evangelho que dirá: 'e a carne se fará Verbo', ela se tornará a Palavra de Deus".

Trata-se, como se vê, de uma **inversão** completa da fórmula evangélica. Balzac evoca aqui um tempo futuro em que a carne se fará Verbo, ou seja, em que o homem se fará Deus. Diante dessa profecia balzaquiana, bastante gnóstica, de fato, R. Abellio inclina-se com admiração; e eis, em substância, o comentário que ele lhe dedica.

Certamente, ele não o nega, houve "uma encarnação do espírito a serviço da vida, uma descida do espírito na matéria". E ele faz algumas alusões, nebulosas, aliás, para permanecer no estilo gnóstico, à Natividade e ao Pentecostes. Então ele dá a essa encarnação e a essa descida do espírito o lugar que lhes cabe na perspectiva esotérica: elas constituem os "pequenos mistérios", ou seja, os mistérios que a Igreja cristã exotérica compreendeu bem e dos quais ela se contenta.

Mas além desses pequenos mistérios, há os "**grandes mistérios**", ou seja, a revelação do fenômeno inverso da encarnação, a saber, o fenômeno da **assunção** da matéria no espírito, assunção que se traduz pela transfiguração da carne e a espiritualização da matéria. Claro, os cristãos exotéricos não atingem essas alturas. Os "grandes mistérios" são propriamente gnósticos.

Em resumo, os cristãos sabem que o espírito desceu na matéria, o que não é falso (pequenos mistérios) e os gnósticos sabem que, ao mesmo tempo, a matéria é "assunta" no espírito, o que é ainda mais fundamental (grandes mistérios). Essa é a opinião de Abellio.

Assim, nossos dois gnósticos, Balzac e Abellio, concordam em anunciar um "novo evangelho", o da carne que se torna palavra de Deus por suas próprias forças. Bravo! Nada poderia ser melhor escolhido para fazer os verdadeiros cristãos se sobressaltarem. Eles não podem deixar de reagir vigorosamente contra uma pretensão tão grande. É bem evidente que, se lhes falam de um "novo evangelho", sua desconfiança é imediatamente despertada, advertidos como estão pelas exortações de São Paulo:

> "...mesmo que um anjo vindo do céu vos anuncie um evangelho diferente daquele que vos anunciamos, seja ele anátema". (Gal. I, 8)

A Sublimação Universal

A síntese de R. Abellio também abrange outro componente indelével da gnose: **a alquimia**. Lembramos que esta constitui um de seus temas favoritos. Ele se compraz em notá-la em muitos autores modernos. Ele próprio é um adepto fervoroso e, aliás, muito competente: ele sabe do que está falando. Em sua coletânea "*Aproximações da nova gnose*", ele reproduziu o prefácio que havia escrito para outro romance de Balzac: "*A Busca do Absoluto*". Um romance alquímico, se os há, e cujo tema é o seguinte:

> "Um rico flamengo se apaixona pela química e pela alquimia e quer descobrir o segredo do absoluto, ou seja, a unidade da matéria".

Toda a obra de R. Abellio mostra que ele está muito interessado no problema da **constituição** da matéria e de suas virtualidades de **transmutação**. Sempre que pode, ele se empenha em sugerir que, se conhecesse a textura última da substância material, o homem poderia acelerar a **transfiguração** do universo. Infelizmente, ele se expressa à maneira habitual dos alquimistas, ou seja, por uma sucessão de símbolos enigmáticos e líricos, e como sua língua é muito rica e muito imagética, somos levados a uma espécie de vertigem e precisamos nos convencer para não nos deixar convencer. É assim que ele **sugere** (mais do que demonstra) o nascimento de um "**outro mundo**" sob o efeito da alquimia. Elogiando o "profetismo balzaquiano", ele o comenta assim:

> "Pode-se discutir este ou aquele ponto, mas a matéria romanesca é aqui levada a tal grau de pureza e intensidade que só conta a magia do conjunto, essa visão projetiva, extremista e de certa forma ideal que, no mundo real, faz nascer um outro mundo". (*Aproximações*..., página 107).

É esse "nascimento de um outro mundo" que apaixona R. Abellio: a assunção do universo, sua transmutação, sua metamorfose, sua transfiguração... Ele é assombrado por essas noções e retorna a elas constantemente em seus livros. Esse é também o ideal dos alquimistas: a sublimação da matéria, ou seja, a liberação da faixa espiritual que, a seus olhos, ela esconde secretamente.

Queremos saber quais serão as **modalidades** da transfiguração universal que o alquimista vislumbra e prepara? O prefaciador de Balzac nos ensina que, longe de exigir o poder criador de Deus, essa assunção geral será de tipo **mágico**:

>

> "Então entrará em jogo a transposição, a transfiguração, ou seja, um deslocamento, uma desorientação em que as articulações e as leis não são mais da realidade, mas daquilo que se deve chamar de magia".

E não imaginemos que a alquimia transfigurativa de R. Abellio seja um simples tema folclórico e romanesco. Pelo contrário, ele a leva muito a sério e reconhece-lhe uma **eficácia** transcendente:

> "Também não se lerá *A Busca do Absoluto* como um documento de época mais ou menos descritivo, mas como uma evocação simbólica de certos cumes e de certas abismos fora do tempo" (página 107)

Aproximando essas sugestões diversas, obtemos, sem grande risco de erro, a **síntese** a seguir: o mundo seria o palco de um processo "mágico" e permanente (fora do tempo) de sublimação, processo que pertence às *virtualidades* naturais da matéria e que os alquimistas aspiram a conhecer para cooperar com ele; tratar-se-ia, portanto, em última análise, de uma espécie de **glorificação** por via natural e automática, de uma passagem espontânea do mundo a esse novo estado que a Igreja designa pelo nome de estado de glória, mas de uma glória obtida sem a intervenção da onipotência de Deus.

Quando procede a essas sugestões, com sua linguagem premente e sua autoridade, R. Abellio torna-se o porta-voz de toda uma intelectualidade alquímica que proliferou, desde a guerra de 1939-1945, a um ritmo prodigioso, e que conta hoje, é preciso reconhecer, com muito hábeis divulgadores. Mas como um cristão poderia aderir a uma doutrina tão grande?

A metamorfose alquímica do universo não é senão um pálido sucedâneo daquele grandioso episódio que a Fé nos faz esperar na passagem final ao estado de glória:

> "*Et expecto résurrectionem mortuorum et vitam venturi sæculi*... Espero a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro...".

Mas assim como a criação do mundo, surgindo do nada (*ex nihilo*), necessitou do poder divino, sua glorificação, ou seja, sua elevação a um novo estado, também requer o poder divino. O próprio dinamismo da natureza é incapaz de lhe proporcionar esse novo estado. No entanto, os alquimistas pretendem ajudá-la nisso. Mas é uma ambição totalmente **ridícula**. Surpreende-nos até que eles tenham podido concebê-la. Esperariam eles ressuscitar os mortos e provocar a descida da Jerusalém celeste? A Sagrada Escritura é formal e seu sentido nunca foi contestado: no momento da passagem ao estado de glória, é Deus quem intervém por uma manifestação solene de seu poder.

> "*Eis que faço novas todas as coisas*". (Apoc. XXI, 5)

Um Imenso Cérebro

R. Abellio também destaca outro elemento constitutivo da gnose, talvez menos usual que os outros: **a astrologia**. Ele inseriu em sua coletânea três prefácios que lhe pediram para escrever para três livros tratando de astrologia: "*Não queime a bruxa*", de Élisabeth Teissier, "*A Astrologia encontra a ciência*", de Jean Barets, e "*Retorno ao zodíaco das Estrelas*", de Jacques Dorsan.

Ele acredita que se obtém muitos benefícios ao fazer da astrologia uma disciplina gnóstica plena. Retomaremos apenas dois deles.

O primeiro benefício que a astrologia proporciona à gnose é servir-lhe de terreno de entendimento com a ciência quantitativa. De fato, a astrologia trata precisamente da influência imponderável, e no entanto determinante, dos astros sobre o comportamento humano; ela mostra que o homem responde a **estímulos** que são ao mesmo tempo materialmente observáveis, sem contestação possível, e no entanto não quantificáveis. A astrologia, concluiu ele, é portanto em parte científica, embora não quantitativa em seus efeitos materiais. E ao mesmo tempo, em sua qualidade de antiga disciplina tradicional e indemonstrada, ela também é uma matéria gnóstica e "iniciática" (página 169). A astrologia, por ser ao mesmo tempo científica e gnóstica, constitui **o ponto de encontro** designado da ciência e da gnose.

Portanto, R. Abellio convida a ciência a estudar a astrologia, a incorporá-la e assim realizar sua própria **espiritualização** (página 157). A ciência quantitativa se tornará então verdadeiramente uma disciplina gnóstica. Aliás, uma evolução irreversível já está se operando nesse sentido:

> "Na medida em que desconhecem o alcance dessa revolução espiritual, os detratores da astrologia são apenas atrasados". (p. 157)

A astrologia também proporciona à gnose um segundo benefício ao trazer uma confirmação ao velho **panteísmo**, que é um de seus componentes mais antigos. A astrologia se baseia, de fato, segundo R. Abellio, em um postulado que lhe é caro, o da **interdependência universal**. Para ele, essa interdependência é absoluta; não apenas o universo age sobre o homem, mas o homem age sobre o universo:

> "Minha menor emoção, meu menor pensamento, ficam inscritos para sempre no tecido infinito da interdependência global". (p. 157)

Só que o homem não está incorporado a um universo mecânico e morto: "Esse universo prodigioso das interações e correspondências globais", R. Abellio não quer mais que o consideremos como uma imensa máquina. Ele é, na verdade, segundo ele, um imenso cérebro. E esse imenso cérebro é realmente vivo:

> "Se os astros, como dizia Swedenborg, também são seres, não obedecem eles também ao dinamismo de toda a vida?" (p. 171).
>
> Ora, precisamente "a astrologia restaura ao homem suas relações com o universo". (p. 156)

Um universo que tem consciência de si mesmo e que vive. Reencontramos aqui a consciência universal sobre a qual R. Ruyer nos falou em "*A gnose de Princeton*" e que não é outra coisa senão o elemento central do antigo panteísmo.

A Estrutura Absoluta

A elaboração de uma nova lógica ocupa um lugar muito importante nos trabalhos dos gnósticos de hoje. Todos pensam que a lógica antiga não atende mais às necessidades do raciocínio científico moderno. Todos a criticam por sua **rigidez**. Todos questionam o "princípio da identidade" que constitui uma de suas bases, princípio segundo o qual uma coisa não pode ser ao mesmo tempo o que ela é e seu contrário; os novos lógicos querem se livrar desse princípio. Todos fazem à lógica antiga a acusação de manter a distinção fundamental entre o sujeito e o objeto. Todos consideram que ela foi construída sobre critérios que a ciência reconhece hoje como arbitrários.

Mais genericamente, a crítica que fazem à lógica antiga é seu **dualismo**. Este dualismo, dizem eles, conduz a filosofia e a ciência a uma série de situações de **dúvida**. A palavra da moda para designar tal situação é **aporia**, que significa "sem saída"; certamente não é nova, mas tem um ressurgimento de uso entre os Gnósticos da moda. Em resumo, todos querem se livrar da velha lógica para estabelecer outra que não será mais dualista, mas que será mais flexível, mais polivalente e que finalmente admitirá a "*coincidentia oppositorum*" da qual esperam maravilhas.

R. Abellio se preocupa muito com esta questão e a tratou em profundidade naquele que ele mesmo apresentou como a mais importante de suas obras, "*A Estrutura Absoluta*", obra que não deve ser confundida com "*A Busca do Absoluto*", romance de Balzac do qual acabamos de falar. É em "*A Estrutura Absoluta*" que R. Abellio coloca o postulado que já conhecemos dele, o da interdependência universal. Deste postulado, ele deduz um certo número de consequências e, em particular, uma crítica à lógica dualista e sua substituição por um esquema de raciocínio de quatro termos, esquema ao qual ele naturalmente dá o nome de "**quaternidade**" e que justifica da seguinte maneira.

Toda observação científica é uma percepção sensorial que não coloca em jogo apenas os dois termos aos quais era reduzida antigamente, a saber, o olho do **observador** e o **objeto observado**. Pois basta tomar um pouco de distância para constatar que o olho do observador pertence a um corpo humano que também tem sua parte na elaboração global da percepção. Consequentemente, na formulação desta percepção, participam não apenas o olho no sentido estrito, mas o corpo do observador inteiro. Este é o primeiro ponto, que diz respeito ao sujeito observador.

Se agora considerarmos o objeto que foi observado, constatamos que ele também pertence a um universo do qual não se pode dissociá-lo, porque esse objeto é impressionado e como que impregnado de **vibrações** provenientes do universo inteiro. Este é o segundo ponto. Não é difícil encontrar, nos dois pontos assim estabelecidos, a aplicação do postulado da interdependência universal.

Em toda observação científica, portanto, R. Abellio não distingue apenas dois termos, mas quatro. Os quatro termos da "quaternidade" são: o olho, o corpo, o objeto e o mundo. Esses quatro termos obviamente reagem uns sobre os outros e formam um **todo orgânico**. É arbitrariamente, estima nosso filósofo, que os separaríamos.

Após definir os quatro termos da "quaternidade", é preciso evidenciar as **relações** que eles têm entre si. Para tornar essas relações mais visíveis, R. Abellio recorre a um **gráfico**. Ele coloca o olho e o corpo nas extremidades opostas do diâmetro de uma esfera. Então, da mesma forma, dispõe o objeto e o mundo nas duas extremidades de outro diâmetro perpendicular ao primeiro. Esses dois diâmetros têm seu ponto de intersecção no centro da esfera e formam entre si uma cruz que representa a "quaternidade" e que vai concretizar suas relações.

Este esquema de quatro termos é, ao que parece, de uso muito mais universal do que a estéril dualidade da lógica antiga. R. Abellio não espera dele nada menos que a unificação da ciência e da gnose. Pois é utilizável tanto nas disciplinas mais quantitativas quanto nas especulações mais espirituais. Ele abole as separações entre observadores e objeto observado; entre matéria e espírito, entre tudo o que estava separado; e finalmente coloca em **comunicação** os abismos de baixo com os abismos de cima, o que é provavelmente o objetivo da manobra.

R. Abellio pensa, graças à "quaternidade", não apenas ter encontrado um instrumento lógico totalmente geral, mas também poder explicar a **constituição última** da matéria. Daí o nome de "estrutura absoluta" que ele dá à sua obra.

Aqueles que gostariam de ter detalhes sobre a "quaternidade" universal são convidados a consultar os capítulos 1 e 2 de *A Estrutura Absoluta* e o capítulo 2 de *O Fim do Esoterismo*. A demonstração, de fato, está longe de ser simples e nós apenas a resumimos aqui para dar uma primeira ideia.

De nossa parte, não estamos convencidos pela "quaternidade" polivalente de R. Abellio. Será difícil nos afastar do preceito lógico contido no Evangelho de São Mateus, preceito que todo católico conhece de cor, tão claro ele é:

> «*Sit autem sermo vester : est, est ; non, non. Quod autem his abundantius est, a malo est*». «Que o vosso discurso seja: o que é, é; o que não é, não é; e tudo o que for além disso vem do **Maligno**». (Mat. V, 37)

E achamos que há muitas "coisas a mais" nos raciocínios "lógicos" de R. Abellio.

Uma Beleza Tenebrosa

O romancista-filósofo se chama na realidade Georges **Soullès**. Afirma-se que ele forjou o pseudônimo de Abellio condensando Abel e Belial. Diz-se também que ele escolheu o prenome Raymond por causa de sua semelhança com Ammon-Raa, nome do Júpiter egípcio. Não haveria nada de surpreendente nisso.

Concorda-se em reconhecer em R. Abellio um grande talento de escritor. Não discordaremos disso. Ele colocou, na exposição de toda essa gnose, um frêmito romântico totalmente fascinante ao qual não se pode ficar indiferente. É até permitido detectar nela uma espécie de religiosidade intelectual. Mas a riqueza e a elegância da forma encobrem um conteúdo cheio de erros. As páginas são belas, de fato, mas de uma beleza tenebrosa.

A heterodoxia desses desenvolvimentos vibrantes é imediatamente manifesta aos olhos de um cristão. Nem a transfiguração alquímica do universo, nem o determinismo astrológico, nem "o outro evangelho", nem o misticismo cósmico, nem mesmo a inclusão do cristianismo na pluralidade da gnose conseguirão convencer uma alma verdadeiramente católica.

O cristão fiel tem muito melhor do que essa gnose, por mais cintilante que seja, para alimentar as reflexões de sua inteligência e as meditações de seu coração. Basta-lhe considerar os serenos esplendores da verdadeira Religião.

Capítulo VI - A Gnose Religião de Estado

O G.R.A.C. de Perpignan

Avançando a grandes passos, tivemos que negligenciar muitos episódios secundários que teriam sido, no entanto, muito instrutivos. Nossa última etapa será **o G.R.A.C. de Perpignan**. O "Grupo de Pesquisa de Antropologia Criacional", fundado na universidade de Perpignan em 1982, publica uma revista intitulada "***Epignosis***", cujo primeiro número apareceu em junho de 1983.

A antropologia de que se trata é dita "**criacional**", porque o homem é considerado, pelos pesquisadores do G.R.A.C., como sendo de natureza divina e, consequentemente, como detentor de certo poder criador, não apenas sobre si mesmo para fazer eclodir nele o deus que ele é na realidade, mas também para colaborar na **transfiguração** do universo e na **produção** de uma humanidade de um **novo tipo**.

De onde vem a palavra "Epignosis"? Y. A. **Dauge**, o membro mais ativo da equipe fundadora, explica que ela foi escolhida na Epístola de São Paulo aos Colossenses, onde se encontra no texto grego:

> "...revesti-vos do homem novo, aquele que caminha para o verdadeiro conhecimento (eis epignosia) renovando-se à imagem de seu Criador" (Col. III, 9-11).

Epignosis é, portanto, o **conhecimento** que faz do homem um **criador**. É pelo menos o que o contexto nos faz entender.

Essa etimologia escriturística não nos surpreende. Já constatamos muitas vezes o hábito dos gnósticos de extrair sua terminologia da Escritura ou do dogma para depois desviá-la de seu sentido cristão. É o que acontece aqui. A etimologia assim exposta mostra claramente que o Cristianismo fará parte da síntese que nos será apresentada. A revista *Epignosis* permanece fiel à linha dos velhos gnósticos que associam o paganismo, a filosofia, o judaísmo e o cristianismo. Ela acrescenta as religiões orientais, já que tal é a "abertura" atual, elaborando assim uma espécie de **Sabedoria universal**, que não é outra senão o primeiro rudimento, ainda nebuloso, da religião universal. Dizemos rudimento porque falta toda a parte sacramental que deve comportar uma religião completa, mas na qual *Epignosis* não toca, pelas razões que evocaremos em seguida.

O G.R.A.C. e sua revista multiplicam as declarações de pertencimento à gnose imemorial. Não somos nós, portanto, que os classificamos arbitrariamente entre os gnósticos. Eles próprios se classificam assim.

Três brilhantes **universitários** formam a equipe fundadora do G.R.A.C.: Yves-Albert DAUGE, Jean BIES e Joël THOMAS. Os colaboradores que posteriormente atraíram também são, em sua maioria, universitários. Cada número da revista reproduz a lista de trinta e um membros e colaboradores do G.R.A.C. Mencionemos apenas aqueles que têm mais chances de serem conhecidos por nossos leitores: Raymond Abellio, filósofo e romancista, Jacques d'Arès, diretor da revista "**Atlantis**", Jean-Gaston **Bardet**, urbanista e ao mesmo tempo especialista em cabala, Bernard **Besret**, doutor em teologia, ex-prior da abadia de Boquen, Robert Linssen, diretor do Instituto de ciência e filosofia novas de Bruxelas. Limitemo-nos a esses poucos nomes.

A equipe universitária de Perpignan está longe de esconder suas fontes doutrinárias. Pelo contrário, ela estabeleceu um inventário extremamente bem feito, sob a forma de uma bibliografia comentada, classificada por assuntos, cuja compilação é muito interessante. Mas os escritores, antigos e modernos, que devem ser mais diretamente considerados como seus "**mestres de pensamento**" foram reunidos desde o primeiro número de *Epignosis*. Eles são vinte e quatro, eis os principais:

C.G. Jung, G. Bachelard, R. Guénon, Fr. Schuon, R. Abellio, H. Corbin, St Lupasco, G. Durand, M. Eliade, G. Scholem, R. Linssen.

A simples leitura dessa lista de mestres do pensamento nos faz pressentir que a síntese da *Epignosis* será muito ampla, pois vemos nela figurar escritores pertencentes a tendências até agora bastante distintas, como por exemplo a tendência guenoneana, que é de espírito muito religioso, e a tendência do círculo *Eranos* de Ascona, com seu "Sagrado sem Deus".

O lançamento em flecha do G.R.A.C. de Perpignan exige imperiosamente a comparação com os começos estrondosos do G.R.E.C.E.: método análogo, segurança na manobra, federações de agrupamentos pré-existentes, viés pluridisciplinar marcado, terminologia sobreposta em muitos pontos. Trata-se de uma filiação real ou de um simples mimetismo involuntário, devido a circunstâncias análogas? J. A. Dauge seria o "Alain de Benoist" da "Nova Gnose"? Colocamos essa questão sem ter, hoje, nenhum indício decisivo para respondê-la.

O Saber e o Poder

A ideia de **transfiguração** é uma das que aparecem com mais frequência nas páginas da *Epignosis*. Ela nunca é claramente definida, o que é quase uma regra nas exposições gnósticas. A transfiguração designa a "passagem a um modo de ser inédito da existência terrestre". E o agente dessa passagem será obviamente o homem, pois ele também é co-criador. O homem é um ser "**mutal**" submetido a uma dinâmica de transformação; ele possui "um estatuto ontológico fundado na mutação, uma capacidade evolutiva indefinida".

> "O objetivo prático do esoterismo é transformar o homem e aperfeiçoar a criação. Trata-se, portanto, de uma energética da metamorfose universal, tendo tantos pontos de partida quanto há pessoas envolvidas no processo, pois é sempre preciso partir de si mesmo. A justa compreensão e a utilização correta das energias criadoras (humanas, cósmicas, divinas) permitem um desenvolvimento integral de nossas possibilidades. Elas nos conferem a todo-poderosa benéfica: a capacidade de estar acima do mundo e, simultaneamente, de viver dentro do mundo, agindo como artifex através de tudo". *(Nº 1, 1º caderno, p. 31)*

Essa transfiguração geral, nós a encontramos frequentemente, particularmente em R. Ruyer e em R. Abellio. Ela leva ao advento de uma **super-humanidade**. Mas, como nos fazem notar, "não esqueçamos que cada um de nós carrega em si o germe de sua divindade". Também devemos lembrar "do caráter teândrico da natureza humana". Daí a super-humanidade cuja chegada nos é anunciada será uma humanidade de deuses:

> "a antropologia bem compreendida conduz, portanto, à teogênese" (p. 9).

A teogênese, de acordo com a etimologia da palavra, é a arte de fabricar deuses. Esse é precisamente o papel do "conhecimento gnóstico".

A ambição de superar as gnoses anteriores obviamente não é alheia à empreitada do G.R.A.C. O nome Epignosis indica claramente que se visa a uma **super-gnose**. A síntese empreendida, de fato, se pretende absolutamente geral. Ela abrange todas as religiões, incluindo a religião cristã, é claro, e todas as ciências; ela também compreende todas as místicas e todas as filosofias. Trata-se, diz-se, "da união do materialismo espiritual e da física gnóstica". Compreende-se que essa síntese não possa se realizar sob o modo sincrético, que exigiria uma amálgama homogênea impossível de ser elaborada com constituintes tão numerosos e tão díspares. Ela é concebida sob a forma da

unidade transcendente (à maneira de Schuon), ou seja, da **unidade esotérica** deixando subsistir, na base, um certo pluralismo.

O G.R.A.C. conseguirá impor sua super-gnose? Isso é pouco provável, pois ele próprio não está situado no topo da hierarquia esotérica. Um sintoma mostra isso quase com certeza. Nos desenvolvimentos sobre a vida interior e a contemplação, os autores da *Epignosis* chegam naturalmente a falar da iniciação e a apresentam como o desfecho normal do treinamento meditativo. E o que é muito claro é que eles a recomendam, mas não a conferem.

Ora, para todos os espíritos que frequentam o mundo iniciático, existe uma **distinção** clássica **entre o círculo do "saber" e o círculo do "poder".** Como eles recomendam a iniciação sem conferí-la, isso significa que o G.R.A.C. (enquanto tal) pertence ao "círculo do saber" e não ao "círculo do poder". Ele não constitui, portanto, uma congregação iniciática. Ele ensina uma gnose a uma elite ampla destinada a sua vez a ensinar o grande público. Mas existe indubitavelmente, acima dele, uma congregação iniciática que confere poderes e da qual o G.R.A.C. é apenas o aparelho de ressonância, voltado para o exterior.

Temos aqui a resposta à questão que colocávamos anteriormente. Por que o G.R.A.C. se contenta em elaborar e difundir uma "sabedoria universal" capaz de inspirar uma "religião universal" e por que não toca na parte sacramental? É simplesmente porque ele pertence ao círculo do saber e não dispõe dos poderes que lhe permitiriam conferir a iniciação. *Epignosis* é uma revista ainda muito jovem para que possamos discernir o que constitui sua superestrutura. Trata-se de uma rede iniciática oriental? É possível, mas não certo. Ou então não seria simplesmente a maçonaria?

A Epignose

Todos os números da revista *Epignosis* são de alta qualidade em termos literários. Eles são escritos por acadêmicos que sabem escrever e que são profundos conhecedores dos temas que abordam. É essencial reconhecer-lhes o mérito, antes de manifestarmos nosso total desacordo com as conclusões que tiram e com o espírito que os anima.

Na já extensa produção da *Epignosis* (mais de 400 páginas), encontramos uma das características mais constantes da gnose desde as suas origens: a **prolixidade**. A riqueza de expressão dos escritores do G.R.A.C. é surpreendente. Os mesmos temas são retomados sob formas incrivelmente variadas. Os neologismos abundam, sem serem realmente necessários. O entusiasmo dos autores por sua tese provoca expressões exageradas que contribuem para a exuberância de todos esses desenvolvimentos. Somos arrebatados pela abundância da palavra que, em muitos lugares, se transforma em **logomáquia**. Essa **hipertrofia verbal** não é acidental. Ela pertence à pedagogia dos novos gnósticos, pois realiza inegavelmente um efeito de deslumbramento que é muito eficaz. Compreende-se facilmente que muitos intelectuais se deixem seduzir, graças à riqueza da forma, pelo que se pode considerar, de fato, uma cultura muito elevada.

A pertença do G.R.A.C. ao antigo movimento gnóstico é explicitamente e incansavelmente reivindicada. O título da revista *Epignosis* seria suficiente para prová-lo. Portanto, não somos nós que decidimos arbitrariamente dessa pertença após exame. É toda a equipe editorial que se reivindica dessa filiação.

Uma intensa **religiosidade** impregna todos os artigos da *Epignosis*. Mas trata-se de uma religiosidade gnóstica, evidentemente. O que é meditado com intensidade são os mitos indianos ou orientais que são retomados e reexaminados sob todos os seus aspectos para extrair deles um suco que é necessariamente gnóstico. Os mistérios cristãos também são meditados, mas em um sentido desviado, ou seja, em um sentido esotérico. A Fé, tal como definida pela Igreja, está totalmente ausente dessas meditações: estamos a léguas de distância dela.

Que imagem os redatores da *Epignosis* fazem da divindade? A noção de "Pai" certamente não é excluída. O cristianismo impôs essa noção e já não está ao alcance de ninguém evitá-la completamente. Os antigos gnósticos, como vimos, foram obrigados a se inclinar. Mas, ao admitir a pessoa divina do "Pai", pelo menos verbalmente, os doutrinários da revista *Epignosis* a fazem ser superada, como era de se esperar, por um princípio abstrato que lhe dita sua lógica. É assim que se nos fala de "a entidade transpessoal" e do "absoluto irredutível a quaisquer provas", entidade e absoluto que por vezes são simplesmente chamados de "**a Energia**".

A ciência desse deus abstrato, pode-se imaginar, vai se reduzir a uma "energética". Desde o primeiro número da *Epignosis*, Y.A. Dauge define essa teologia energética nestes termos:

> "Quer se trate das disciplinas experimentais, da moral, da religião, da filosofia, da arte, dos problemas de química ou de alquimia, tudo isso pertence a uma única e mesma energética que é absolutamente necessário conceber em sua unidade. Imersos nessa dinâmica universal, na qual temos um papel essencial a desempenhar, devemos reconhecer em todo lugar e sempre os polos e as estruturas, as correntes ascendentes e descendentes, as concentrações e as irradiações. Devemos reconhecer e controlar todas as mutações energéticas desde o domínio da microfísica até o da teologia, desde as "emissões devidas às formas" até as modalidades do divino criador". (N° 1, 1º caderno)

A ciência da divindade, ou seja, em definitivo, da "Energia", estando assim definida, vamos agora receber uma definição do homem. Não nos surpreende saber que o homem é composto não apenas de um corpo e uma alma, mas de **três elementos**:

> "Para escapar do confusionismo, é de fato indispensável distinguir o que pertence aos corpos, o que pertence à psique e o que se refere ao plano do espírito". (N° 1, 1º caderno, p. 75)

A *Epignosis* adota, portanto, a doutrina da "**tripartição**" que se encontra na quase totalidade dos gnósticos antigos e modernos. Já a encontramos. O corpo pertence ao mundo material, o espírito ao mundo espiritual, e entre os dois a psique pertence ao "mundo intermediário". Eis mais um ponto em que a gnose se distingue claramente da doutrina da Igreja, na qual o mundo intermediário é totalmente desconhecido. Há apenas dois mundos, o mundo dos espíritos e o mundo dos corpos. O homem é composto apenas de dois elementos, um corpo e uma alma. E a alma é uma substância espiritual homogênea; ela não é composta. Deus cria uma nova alma cada vez que há um corpo a ser animado.

Apenas a alma assume duas funções. Não há duas almas, mas apenas duas funções de uma única e mesma alma. Voltada para baixo, ela está infinitamente associada ao corpo cuja administração ela deve assegurar. Chama-se então "anima". E voltada para cima, ela é atraída por Deus como uma chama que sobe; chama-se então "spiritus". Essas duas funções da alma pertencem à tradição eclesiástica desde sempre. Elas são mencionadas nas Escrituras e figuram, em particular, no Magnificat, também chamado de cântico de Maria:

> "*Magnificat ANIMA mea Dominum e exultavit SPIRITUS meus in Deo salutari meo* ".

Mas, mais uma vez, trata-se das duas funções de uma mesma substância espiritual. Tal é o ensino da Igreja.

Depois de subscrever a antiga doutrina gnóstica da tripartição, a *Epignosis* adotará também a tese, muito antiga entre os gnósticos também, da participação do homem na natureza divina. O homem e Deus são **co-criadores**. As afirmações nesse sentido são absolutamente inequívocas. No primeiro caderno da *Epignosis*, página 42, deseja-se

> "uma tomada de consciência pelo homem de sua vocação de criador, de Alter ego de Deus, participante do poder transmutador e iluminador do Verbo".

Mas então, a antropologia se confundirá com a cristologia. É exatamente isso que nos é dito:

> "A cristologia torna-se autologia (isto é, ciência de si mesmo), aprofundamento de nossa dupla natureza divina e humana; ela é a apreensão do poder do Verbo criador que está em germe no coração, ela é via de deificação". (p. 21).

Ainda se precisa que "o ser humano é aliás um segundo deus". (p. 39). Os novos gnósticos devem, portanto, ocupar-se em "procurar como funciona essa complementaridade humano-divina". (p. 26). Essa co-naturalidade de Deus e do homem é formulada laconicamente por expressões como esta: "Ele-Deus-Pai, Eu-Deus-Filho". Em suma, somos **pequenos Verbos encarnados**.

Só que a *Epignosis* acabou de nos dizer que não há nenhuma distinção radical entre Deus e o universo. Também não há entre o homem e o universo. Tudo isso é um só. Deus, o homem e o universo são um só. O homem, diz-se-nos, "é um ser teândrico perfeito e um antropocosmo realizado". (p. 37). Expressão que ainda se condensa dizendo: "A chave da doutrina é realizar o teoantropolocosmo".

A essa forma gnóstica de teologia vai corresponder uma forma gnóstica de **espiritualidade**. O "conhece-te a ti mesmo" que é a base de toda vida interior e que a *Epignosis* retoma porque não é possível fazer de outro modo, esse "conhece-te a ti mesmo" transforma-se naturalmente em "torna-te o deus que tu és". E os redatores da *Epignosis* não se privam de nos repeti-lo sob formas infinitamente variadas com seu talento habitual. Mas como o deus que eu sou se confunde com o cosmos, a espiritualidade gnóstica vai se reduzir a uma comunhão cada vez mais íntima com o cosmos, reencontrando assim as espiritualidades orientais e islâmicas.

A equipe diretora do G.R.A.C. parece atribuir a maior importância à prática efetiva da contemplação. A espiritualidade dominante entre eles parece se assemelhar ao **budismo**. Mas a revista é ainda muito recente para que se possa formular um julgamento definitivo. Outros tipos de meditação podem vir a se somar a ela. Em suma, teologia inaceitável por derivar do "Princípio supremo" e conduzir ao panteísmo. Antropologia igualmente inaceitável por se basear na tripartição. Espiritualidade também inaceitável por resultar na comunhão cósmica.

Um Doutorado em Gnose?

A gnose, cujas grandes etapas relembramos, pode, no seu conjunto, ser definida como "a teologia da contra-igreja". Ora, nos dias de hoje, é um fato incontestável, **a contra-igreja domina o Estado**. Portanto, é lógico que ela busque impor sua teologia ao Estado. Pode-se, teoricamente ao menos, esperar uma oficialização progressiva da gnose. A revista *Epignosis* e o G.R.A.C. fornecem um sintoma desse começo de oficialização.

> «*Epignosis* é o órgão do Grupo de Pesquisa de Antropologia Criacional, fundado na Universidade de Perpignan, em 1982».

Esta menção aparece no cabeçalho de todos os cadernos, desde o primeiro. Cada número traz também a seguinte menção:

> «Este número foi produzido com o apoio da Universidade de Perpignan».

O "Copyright" também é registrado em nome do G.R.A.C. e da Universidade de Perpignan. Quanto às modalidades de pagamento, os assinantes são solicitados a enviar seu cheque ao Sr. agente contábil da Universidade de Perpignan. O patrocínio não poderia ser mais completo.

Existem, em todas as Universidades da França, e mesmo da Europa, "células gnósticas" semelhantes. Todos sabem que, em nossas faculdades, o que não é marxista é gnóstico. Isso significa que uma cátedra de gnose está sendo constituída em cada universidade? Não é apenas uma cátedra, pois a gnose, como vimos, se pretende pluridisciplinar. Os gnósticos, portanto, tendem a estender sua influência sobre uma série de disciplinas e até sobre todas: sobre as disciplinas que podemos chamar "qualitativas" assim como sobre as "quantitativas", já que se fala da "união do materialismo espiritual e da física gnóstica". O G.R.A.C. não esconde sua intenção de **inspirar todo o ensino.**

Epignosis se regozija em constatar que muitos organismos, tanto privados quanto públicos, militam nesse mesmo sentido. Alguns o precederam, outros o seguiram. Em posição de destaque vem, obviamente, a Fundação *Etanos* de Ascona, que reúne os discípulos de Jung e os partidários do "sagrado sem deus"; foi para reunir os membros dessa fundação em uma memorável sessão de trabalho que *France-Culture* organizou o Encontro de Córdoba.

Vem em seguida o "Centro Interdisciplinar de Estudos Filosóficos" da Universidade de Mons, na Bélgica. Na mesma linha, a revista menciona o "Grupo de Pesquisa sobre os Símbolos" da

Universidade de Genebra e a "Sociedade Internacional de Simbolismo". Menção também ao muito ativo "Centro de Pesquisas sobre o Imaginário" de Chambéry-Grenoble. A "Universidade São João de Jerusalém" merece também, por parte de *Epignosis*, a saudação devida a um grande veterano. O "Grupo de Estudo Carl-Gustave Jung" faz parte desses organismos de inspiração gnóstica. Nota-se ainda a fundação, em Liège, em 1978, do "Instituto Nacional de Antropologia" (I.N.A.C.). Além disso, destaca-se a formação do "G.RE.CO 56", que coordena uma importante parte desse tipo de pesquisa sob os auspícios do C.N.R.S. E a enumeração termina, muito provisoriamente aliás, com a evocação dos "diversos institutos e laboratórios de pesquisas sobre o imaginário nas universidades francesas". Vê-se imediatamente que Perpignan não tem o monopólio da gnose.

Tais são os órgãos oficiais ou semi-oficiais que a revista *Epignosis* menciona como atuando, no meio universitário, na mesma direção que ela. Parece-nos que se pode ver aí o anúncio de uma **oficialização** do ensino da gnose em nossas faculdades. O futuro dirá se acertamos em nossa previsão.

Se essa eventualidade vier a ocorrer, os cidadãos dos Estados modernos terão direito, quanto à religião, a duas opções. Certamente terão o direito de ser ateus. Mas se forem religiosos, serão considerados oficialmente gnósticos; e assim será até mesmo para os cristãos, pois o cristianismo, como repetidamente nos dizem, não é senão um caso particular da gnose, que é a teologia da religião universal.

Conclusão

Esse retorno ofensivo da gnose, cujas fases mais características acabamos de relembrar, impõe um **terrível perigo** sobre o que nos resta de Fé. Os católicos que escaparam da armadilha progressista correm sério risco de cair na armadilha gnóstica porque esta está mascarada sob um cenário tradicional. E não vamos nos iludir pensando que podemos nos defender contra a má gnose ao mesmo tempo que aceitamos uma **pretensa boa gnose**, que na realidade não é mais que um **gnosticismo melhor camuflado.**

Quem nos defenderá da contaminação senão nós mesmos? Muitos sacerdotes estão secretamente atraídos pelo esoterismo, ao qual sucumbiram pelo seu encanto. Eles estão decididos a **não lutar**, acreditando na "conversa da compatibilidade" e achando mais conveniente abandonar ao fogo uma grande parte.

Esse não é o caminho que escolhemos. A alma cristã pertence ao Espírito da Verdade (*Spiritus veritatis*, dizem as ladainhas). A gnose é uma falsa sabedoria onde se misturam a verdade e o erro. Ora, Jesus e Belial não foram feitos para se abraçar, mas para se **combater**.

Os gnósticos de hoje opõem à Igreja as mesmas doutrinas errôneas que já lhe opunham os antigos gnósticos. A Igreja nasceu em terra pagã e a gnose não pode assustá-la, pois ela já triunfou sobre isso. Moisés, também ele, separou-se vitoriosamente do paganismo terrivelmente sutil dos egípcios. Antes dele, Abraão foi retirado por Deus do fogo pagão de Ur, na Caldeia, pois Deus não quer gnose, ou seja, qualquer entendimento com o paganismo.

E hoje, diante do mesmo inimigo, quem sabe se Nosso Senhor, após todas as derrotas aparentes que sofreu desde a época da Reforma, não está se preparando para finalmente conquistar uma nova vitória.

É isso que acreditamos.

O Sermão de São Leonardo de Porto-Maurício Sobre o Número dos Eleitos

- Introdução
- I – Aquilo que encheu de terror os maiores santos
- II - Aquele que se perde, se perde por sua própria malícia
- III - Isso não é uma curiosidade, mas uma pregação
- IV - Testemunhos da Santa Escritura
- V - Exame dos diversos estados
- VI - Os dois caminhos
- VII - As confissões
- VIII - Como as areias do mar ... Como as estrelas do firmamento...
- IX - Deus, Pai Justo
- X - Não tem desculpa
- XI - A sorte dos católicos pecadores
- XII - Se vós quiserdes, vós vos salvareis
- Notas

Introdução

O sermão de São Leonardo de Porto-Maurício sobre o número dos eleitos:

São Leonardo de Porto-Maurício foi um dos grandes pregadores de missões populares. Seus quarenta e quatro anos de ministério apostólico se passaram a percorrer incansavelmente a Itália. Em Roma mesmo, sobre Navona, São Leonardo pregou uma missão na qual o Papa Bento XIV assistiu. Sua pregação foi extremamente eficaz.

"*Meus sermões são à base não de belas palavras mas de* ***belas verdades***__*... Eu me servirei de palavras simples, familiares para ser entendido dos mais rupestres e dos mais ignorantes, sem, no entanto, cansar os mais inteligentes*"

Seu infatigável companheiro, o Fr. Jacques de Florência, aconselhou-o um dia de mudar seus temas de sermão, pois, dizia ele, fazendo sempre os mesmos sermões, não obtemos a mesma quantidade de fruto do que se nós variarmos. O Santo lhe respondeu por esse argumento decisivo: "*Fazei-o, e tu serás um pequeno doutor presunçoso que procura a glória do mundo e não a de Deus".* Assim raciocinam os santos.

"Com dois ou três companheiros, a pé, sem sapatos, cajado na mão, São Leonardo, nos diz o Padre Gemelli (*El Franciscanismo, VI*), percorria toda a Itália central, quase toda a Itália do Norte e o Meio até Nápoles. Em todo lugar que ele parava, provocava um concurso extraordinário do povo. Desde os primeiros sermões, a igreja se achava muito pequena para a multidão que acorria; basta citar que durante suas pregações em praças públicas, elas se enchiam de tal forma que haviam ouvintes até nos telhados. Uma vez terminado o sermão, os confessionários eram ocupados; e o missionário, sem aparentar cansaço, confessava horas após horas, de dia e de noite, com a coragem do soldado que **recusa abandonar o campo de batalha até que ele tenha obtido uma completa vitória**; sem esquecer que, após a batalha, falta-lhe ainda perseguir o inimigo: " *contra o inferno, dizia ele, tenhais a espada na mão... estejam prontos a combater o inferno até vosso último suspiro*". O Papa Bento XIV o chamou de "*o grande caçador do Paraíso*".

Figura apostólica célebre e muito popular, São Leonardo é o Patrono das missões populares. Qual é a razão desse patronado? É o fato de que ele cumpria perfeitamente aquilo que o código de direito canônico, no cânon 1347, demanda:

1. A pregação sacra deverá expor, antes de tudo, o que os fiéis devem crer e praticar para se salvarem.
2. Os pregadores da palavra divina devem se abster de tratar dos afazeres profanos, dos sujeitos abstratos que ultrapassam a capacidade ordinária dos ouvintes. Eles devem exercer seu ministério evangélico não por razões persuasivas de uma eloquência humana, nem por parecer profano ou a sedução de uma vã e ambiciosa eloquência, mas mostrando-se em sua pregação **pleno o espírito e a virtude de Deus, não se pregando eles mesmos, mas o Cristo Crucificado.**

Um dos mais célebres sermões de São Leonardo de Porto-Maurício foi aquele do pequeno número dos eleitos; É a esse sermão que é atribuída a **conversão de grandes pecadores**. Nesse sermão - que foi submetido a exame canônico, como seus outros escritos, no curso do processo de canonização -, ele passa em revista os diferentes estados de vida dos Cristãos e

conclui o pequeno número (relativo) daqueles que se salvam, sendo feita em comparação com a totalidade dos homens.

O leitor meditará, ele mesmo, sobre esse texto notável, e, fazendo talvez abstração de algumas expressões que podem parecer pitorescas à mentalidade moderna, ele apreenderá a solidez da argumentação que a fez merecer aprovação da Igreja.

Aqui está, então, o sermão vibrante e comovedor do grande missionário.

Sermão para a terça-feira após o quarto Domingo da Quaresma "Sobre o número dos eleitos", extraído do livro *Sermons du bienheureux Léonard de Port Maurice* (traduzido do Italiano para o Francês por Ch. Sainte Foy), pp. 134-161.

I – Aquilo que encheu de terror os maiores santos

Graças a Deus, o número de discípulos do Redentor não é tão pequeno que de tal forma que a maldade dos escribas e dos fariseus venham triunfar. Embora eles se esforcem em caluniar o Inocente e de derrubar a multidão por seus **pérfidos sofismas**, desacreditando a doutrina e o caráter de Nosso Senhor, achando manchas até no sol, muitos reconheceram Nele o Verdadeiro Messias, e sem receio das punições e nem das ameaças, abraçaram abertamente Seu partido. Malgrado as imposturas de Seus inimigos: "*De turba autem multi crediderunt in Eum*". (Mas) Todos aqueles que seguiram o Cristo, o seguiram até na Sua Glória? Oh! É aqui que, venerando esse profundo mistério, eu adoro em silêncio os abismos dos decretos divinos, antes que decidir com temeridade um tão grande ponto! É um grave tema aquele de que devo tratar hoje; ele fez tremer mesmo as colunas da Igreja, encheu de terror os maiores santos e a população dos anacoretas dos desertos. Essa instrução, na qual se trata de decidir se o número dos cristão que se salvam é maior ou menor que o número de cristão que se perdem, vos inspirará, eu espero, **um receio salutar dos julgamentos de Deus.**

II - Aquele que se perde, se perde por sua própria malícia

Meus irmãos, eu queria, por causa do amor que eu vos tenho, poder vos assegurar por prognósticos de uma felicidade eterna, dizendo a cada um de vós: o paraíso vos está assegurado; o maior grande parte dos cristão se salvam, então, vocês irão se salvar também. Mas, como poderia eu vos dar essa doce segurança, se, inimigos de vós mesmos, vós vos revoltais contra os decretos de Deus? Eu percebo em Deus um sincero desejo de vos salvar, mas eu vejo em vós uma inclinação decidida a se perderem. **Que farei eu, pois, hoje, se eu falo claramente? Eu vos desagradarei. Mas, se eu não falar, eu desagradarei a Deus**. Eu partirei então esse tema em dois pontos: no primeiro, para vos aterrorizar, deixarei os teólogos e os Padres da Igreja decidirem a questão, e pronunciar que a maior parte dos cristãos adultos se danam; e, adorando em silêncio esse **terrível mistério**, eu deixarei escondido meu próprio sentimento. No segundo ponto, tentarei vingar contra os ímpios a bondade de Deus, provando-vos que a**queles que se perdem, se perdem por sua própria malícia, porque eles quiseram se condenar**. Aqui estão, pois, **duas verdades muito importantes**. Se a primeira vos assusta, não a tomeis de mim, como se eu quisesse estreitar o caminho do Céu. Pois, eu quero ser neutro nessa questão: tomeis disso vós, antes, dos Teólogos e dos Padres da Igreja, que, por força de razões, vos imprimirão essa verdade no coração. Se vocês estão corrigidos pela segunda, rendei graças a Deus, que não quer alguma coisa a não ser que vós Lhe deis inteiramente vossos corações. Enfim, se vós me forceis a dizer claramente o que eu penso, eu o farei para vossa consolação.

III - Isso não é uma curiosidade, mas uma pregação

Isso não é uma vã curiosidade, mas uma pregação salutar, fazendo soar do alto do púlpito certas verdades que servem maravilhosamente para reprimir a insolência dos libertinos, às quais, falando sempre da misericórdia de Deus e da facilidade de se converter, vivem mergulhados em toda sorte de pecados e **dormem com segurança no caminho da perdição**. **Para os desiludir e os acordar de seu torpor**, examinemos hoje essa grande questão: o número de cristãos que se salvam é maior que aquele de cristãos que se perdem? Almas piedosas, retirai-vos, este sermão não é para vós: ele tem unicamente por objetivo reprimir o orgulho desses libertinos que, matando em seus corações o santo temor de Deus, se ligam ao demônio, o qual, no sentimento de Eusébio, **perde as almas tranquilizando-as** "*immittit securitatem ut immittat perditionem*". Para resolver essa dúvida, colocai de um lado os Padres da Igreja, tanto gregos como latinos, e de outro os teólogos mais sábios, os historiadores mais eruditos e ponha no meio a Bíblia exposta ao olhar de todos. Escutai, pois, não o que eu vou dizer-vos, pois eu vos declarei que não queria tomar eu mesmo a palavra nem decidir a questão, mas sim o que vos dirão esses grandes espíritos que servem como de faróis na Igreja de Deus, para esclarecer os outros afim de que eles não percam o caminho do céu. Dessa forma, guiados pela tripla luz da **Fé, da Autoridade e da Razão**, nós poderemos resolver seguramente essa grave questão.

Observai bem que não se trata aqui de todo o gênero humano, nem de todos os católicos sem distinção, mas somente dos católicos adultos que, tendo o livre arbítrio, podem cooperar na grande obra de sua salvação. Consultemos em primeiro lugar os teólogos no qual reconhecemos que examinaram as coisas de mais perto e não exageraram em seus ensinamentos; escutemos dois sábios cardeais, **Caetano e Belarmino**: eles ensinam que **a maior parte dos cristão adultos de perdem**, e, se eu tivesse o tempo de vos expor as razões sobre as quais eles se apoiam, vocês delas estariam convencendo a vós mesmos. Eu me contentarei em citar aqui **Suarez** que, depois de ter consultado todos os teólogos, depois de ter estudado atentamente a questão, escreveu essas palavras: "*o sentimento mais comum toma que no meio cristão há mais reprovados que predestinados*".

Se, diante da autoridade dos teólogos, vocês quiserem juntar aquela dos Padres gregos e latinos, achareis em quase todos que dizem a mesma coisa. É o sentimento de São Teodoro, de São Basílio, de Santo Efrém, de São João Crisóstomo. Mais ainda, na exposição de *Baronius,* era uma opinião comum entre os Padres Gregos que essa verdade foi expressamente revelada à São Simão Stilita e que era para assegurar o negócio de sua salvação que ele decidiu, logo após essa

revelação, viver em pé durante quarenta anos sobre uma coluna, exposta a todas às variações do tempo, modelo para todos de penitência e de santidade. Consultai agora os Padres Latinos, e vós escutareis São Gregório Magno dizer-vos em termos claros: "*Muitos vem a obter a fé, mas poucos o reino celeste*". "*São poucos que se salvam*", diz Santo Anselmo, e Santo Agostinho fala ainda mais claramente: "*São, pois, poucos que se salvam em comparação com aqueles que se perdem*". **O mais terrível, no entanto, é São Jerônimo** que, no fim de sua vida, em presença de seus discípulos, pronunciou essa terrível sentença: "*De cem mil, no qual a vida foi sempre má, acharás neles um apenas que merece a indulgência*".

IV - Testemunhos da Santa Escritura

Mas por que procurar as opiniões dos Padres e dos Teólogos, quando a Santa Escritura define tão claramente essa questão? Percorrei o Antigo e o Novo Testamento e vós neles encontrareis uma multidão de figuras, de símbolos e de palavras que fazem destacar claramente essa verdade: são muito poucos os que se salvam. No tempo de Noé, todo o gênero humano foi submergido pelo dilúvio, e oito pessoas apenas foram salvas na arca. "No entanto, essa arca, diz São Pedro, era a figura da Igreja", "*e essas oito pessoas que se salvaram, retoma Santo Agostinho, significam que há muito poucos cristãos salvos, porque são muito poucos que* ***renunciam sinceramente ao século***__*, e que aqueles que não o renunciam mais do que por palavras, não pertencem portanto ao mistério representado por essa arca*". A Bíblia nos diz ainda que dois Hebreus somente sobre dois milhões entraram na terra prometida depois da saída do Egito; quatro pessoas somente escaparam do incêndio de Sodoma e das outras vilas infames que pereceram com ela. Tudo isso significa que o número de reprovados, que devem ser **jogados ao fogo como a palha**, superam e muito o número dos eleitos que o Pai celeste deve recolher um dia, como um precioso trigo no seu celeiro.

Eu não terminaria portanto, se começasse a falar aqui todas as figuras pelas quais os livros santos confirmam essa verdade. Contentemo-nos de escutar o Oráculo Vivo da Sabedoria Encarnada. Que respondeu **Nosso Senhor** aos curiosos do Evangelho que Lhe perguntaram: "*Senhor, serão poucos que se salvarão?*" Guardou Ele o silêncio? Respondeu Ele hesitando? Dissimulou Ele seu pensamento com receio de aterrorizar a multidão? Não: interrogado por um só, Ele se endereçou a todos aqueles que estavam presentes. *Você me pergunta*, disse-lhes Ele, *se são poucos os que se salvam. Aqui está minha resposta: "Esforçai-vos em entrar pela porta estreita, pois muitos, eu vos digo,* ***procurarão entrar e não poderão***". Quem Fala aqui?! É o Filho de Deus, a Verdade Eterna, que diz mais claramente ainda em uma outra ocasião: "*muitos são chamados, mas poucos são eleitos*". Ele não diz: "*Todos são chamados, e entre todos os homens poucos são eleitos*. Mas diz: *muitos são chamados*, quer dizer, como explica São Gregório, *que entre todos os homens,* ***muitos são chamados à verdadeira fé***__*, mas entre eles são poucos os que se salvam*. Essas palavras, meus irmãos, são de Nosso Senhor Jesus Cristo; são elas claras? Elas são **verdadeiras**. Diga-me agora se é possível **de ter a Fé em seu coração, e não tremer.**

V - Exame dos diversos estados

Ah! percebo que falando assim de todos em geral, eu falto com meu objetivo: Apliquemos então essa verdade aos diversos estados, e vós compreendereis que é preciso ou renunciar a razão, a experiência e ao senso comum dos fiéis, ou confessar que a maior parte dos católicos se perdem. Existe no mundo um estado mais favorável à inocência, onde a salvação parece mais fácil e no qual nós temos uma mais alta ideia que aquele dos **Padres,** que são os **tenentes de Deus?** Quem não acreditará, de primeira impressão, que a maior parte dentre eles são não somente **bons** , mas ainda **perfeitos**; e, no entanto, eu estou **tomado de horror**, quando escuto um **São Jerônimo** adiantar que, embora o mundo seja pleno de padres, **deles apenas um sobre cem padres vivem de uma maneira conforme o seu estado;** quando ouço um servo de Deus atestar que aprendeu por revelação que o número de padres que caem diariamente no inferno é tão grande, que não lhe parecia possível restar ainda tantos padres sobre a terra; quando eu escuto **São João Crisóstomo escrever com lágrimas nos olhos:** "***Eu não creio que tenha muitos padres que se salvam, mas eu creio no contrário, que o número daquele que se perdem é bem maior***"

Olhai mais alto ainda; veja os prelados da Santa Igreja, os párocos tendo o encargo das almas: o número daqueles que se salvam entre eles é maior que o número dos que se perdem?

Escutai Tomás de Cantimpré, ele vos recordará um fato, isto será encarregado a vós de dele tirar as consequências. Teve um sínodo em Paris: um grande número de prelados e de párocos encarregados de almas ali se achavam; o rei e os príncipes vieram ainda acrescentar por sua presença a centelha dessa assembleia. Um célebre pregador foi convidado a pregar; e durante a preparação de seu sermão, um horrível demônio apareceu-lhe e disse-lhe: "*Deixai de lado todos teus livros; se você quer fazer um sermão útil a esses príncipes e prelados, contentai- vos em dizer-lhes de nossa parte: "Nós, príncipes das trevas, vos rendemos graças, a vós príncipes, prelados e pastores de almas, pois, **por vossa negligência, o maior número de fieis se perde;** assim, nós nos reservamos de recompensar esse favor, quando vocês estiverem conosco no inferno*".

Infelizes de vós que comandeis aos outros: se tantos se perdem por vossa culpa, o que será de vós? Se entre aqueles que são os primeiros na Igreja de Deus, são poucos que se salvam, o que virá a ser de vós? Tomai todos os estados, todos os sexos, todas as condições, maridos, esposas, viúvas, jovens moças, jovens rapazes, soldados, comerciantes, artesãos, ricos, pobres, nobres, plebeus; que diremos de todas essas pessoas que vivem tão mal em outros lugares? **São Vicente Ferrer** vos mostrará por um fato o que vós deveis pensar. Ele relata que um subdiácono de Lyon, tendo renunciado à sua dignidade e estando retirado em um deserto para lá fazer penitência, morreu no mesmo dia e na mesma hora que São Bernardo. Aparecendo a seu bispo

depois de sua morte, disse-lhe: "*Sabei, meu senhor, que na mesma hora que eu expirei, trinta e três mil pessoas morreram. Sobre esse número, Bernardo e eu subimos ao céu sem demora, três entraram no Purgatório, e todos os outro caíram no inferno*".

Nossas crônicas testemunham um fato mais assustador ainda. Um de nossos religiosos franciscanos, célebre por sua doutrina e sua santidade, pregando na Alemanha, representou com tanta força a feiura do pecado da impureza que uma mulher caiu morta de dor à vista de todos. Depois, voltando à vida, ela disse: "*quando eu fui apresentada diante do Tribunal de Deus, sessenta mil pessoas chegaram lá ao mesmo tempo de todas as partes do mundo; sobre esse número, três foram salvas passando pelo purgatório, e todo o resto foi condenado*".

Ó abismo dos julgamentos de Deus! **De trinta e três mil, cinco somente se salvaram! De Sessenta mil não tiveram senão três que foram ao céu!** Pecadores que me escutais, de qual número sereis vós? ... Que tendes a dizer? ... O que pensais?

VI - Os dois caminhos

Eu vejo que quase todos vós abaixais a cabeça, apreendidos de surpresa e de horror. Retirai, porém, vosso estupor, e ao invés de nos aliciarmos, **tentemos tirar de nosso receio alguma vantagem**. Não é verdade que existem duas vias que conduzem ao Céu, que são a **inocência e o arrependimento?** Ora, se eu vos demonstro que são pouquíssimos que tomam uma dessas rotas, vós concluís disso, como homens racionais, que são pouquíssimos que se salvam. E para disso vir as provas, qual idade, qual emprego, qual condição vos encontrais onde o número de comerciantes não seja cem vezes mais considerável que aquele dos bons, e do qual pudéssemos dizer: "*os bons ali são raros e os comerciantes numerosos*"*?* Podemos dizer de nossos tempos o que São Salviano (1) disse do dele_: é mais fácil achar uma multidão_ *inumerável de pecadores mergulhados em toda sorte de iniquidades que alguns inocentes.*

Quantos há entre eles, entre os servidores, que sejam inteiramente honestos e fieis em seu ofício? Quantos entre os mercadores, que são justos e equitativos em seu comércio? Quantos, entre os artesãos, são exatos e verídicos? Quantos, entre os negociantes, são desinteressados e sinceros? Quantos, entre os homens da lei, que não traem a equidade? Quantos soldados que não calcam com os pés a inocência? Quantos chefes que não retém injustamente o salário daqueles que os servem ou que não procuram dominar seus inferiores? Em toda parte os bons são raros e os perversos numerosos. Que não sabe que hoje existe tanto libertinagem entre os jovens rapazes, tanta malícia entre os homens maduros e tanta liberdade entre as jovens moças, de vaidade entre as mulheres, de licenças na nobreza, de corrupção na burguesia, de dissolução do povo, tanta audácia entre os pobres, que podemos dizer o que Davi disse de seu tempo: "*Todos parecem extraviados... e não há quem faça o bem, nem mesmo um só*" (Ps. XIII e LII)

Nós chegamos, ai de nós! Chegamos a esse dilúvio universal de vícios predito por Oseias:

maledictum et mendacium et furtum et adulterium inundaverunt.

Percorrei as ruas e as praças, os palácios e as casas, as vilas e os campos, os tribunais e os cursos, e mesmo os templos de Deus: onde achareis vós a virtude? "*Ai de nós!* Diz São Silvano, *à exceção de um grande pequeno número que fogem do mal, o que é a assembleia dos cristãos, senão um porão de todos os vícios?*" Não achamos e**m toda parte senão interesse, ambição, gula e luxúria**. Não é verdade que a grande parte dos homens se contaminaram pelo vício da impureza, e São João não tinha ele razão de dizer que o mundo, se é que podemos chamar assim alguma coisa também tão imunda, está inteiramente posto no mal? Não sou eu quem vos diz, é a razão que vos força a crer que entre tantas pessoas que vivem assim tão mal, são pouquíssimos os que se salvam.

VII - As confissões

Mas a penitência, dizeis vós, não pode ela reparar com vantagem a perda da inocência? É verdade, concordo: mas sei também que a penitência **é tão difícil, na prática, que ou ele perdeu extremamente o uso ou os pecadores abusam extremamente** dele, que isso só basta para vos convencer que são poucos os que se salvam por esta via. Oh! Que esse caminho é de difícil acesso, estreito, semeado de espinhos, horrível de ver, duro para subir! Temos nele visto em toda parte traços de derramamento de sangue, e de coisas que lembram tristes lembranças. Quantos fracos nada chegaram a ver! Quantos desistem no começo! Quantos caem fatigados no meio, quantos se abandonam miseravelmente no fim! **E, quão poucos são os que nele perseveram até a morte!** Santo Ambrósio declara que é mais fácil achar homens que guardaram a inocência que entre eles achar quem tenha feito uma penitência conveniente: "*Facilius inveni qui innocentiam servaverint, quam qui congruam poenitentiam egerint*".

Se vós considereis a penitência enquanto Sacramento, quantas confissões censuradas, quanto apologias estudadas, quantos arrependimentos enganosos, quantas promessas falsas, quantos propósitos ineficazes, quantas absolvições inválidas! Por acaso olhai como válida a confissão daquele que se acusa de seus pecados desonestos do qual ele se guarda da ocasião próxima de levá-lo ao pecado, ou daquele que se acusa das injustiças manifestas sem ter intenção de os reparar o tanto que ele pode; ou daquele que, apenas tendo confessado, recai nas mesmas iniquidades? **Oh! Abusos horríveis de um tão grande Sacramento!**

Um se confessa para evitar a excomunhão, o outro para dar-se a si mesmo a reputação de um penitente. Aquele se livra de seus pecados para acalmar seu remorsos, esse aqui os esconde por vergonha; Certos pecados ele acusa imperfeitamente por malícia, outros descobre por hábito. Aquele não se propõe pois ao verdadeiro fim do sacramento; A aquele falta-lhe a dor necessária; ao outro falta um firme propósito. Pobres confessores, quanto esforço não vos é preciso para convencer a maior grande parte dos penitentes à essas resoluções, a esses atos, **sem os quais a confissão é um sacrilégio, a absolvição uma condenação e a penitência uma ilusão!**

Onde estão agora aqueles que acreditam que o número dos eleitos entre os cristão é maior que aquele de reprovados e que, para autorizar a opinião deles, convencem assim a maior parte dos católicos adultos que morrem em seus leitos, **munidos de Sacramentos da Igreja**, então, pois, a maior parte dos católicos adultos são salvos? Oh! Que belo raciocínio! **É preciso dizer totalmente o contrário. A maior parte dos católicos adultos se confessam mal durante toda a vida, então, ainda com mais forte razão eles se confessam mal no momento da morte;** concluímos, pois, que a maior parte é condenada. Digo: com mais razão, porque quando algum moribundo que não se confessou bem enquanto estava com boa saúde, terá ele ainda mais dificuldade em bem se confessar quando ele estiver no leito de morte, com o coração oprimido, com a cabeça vacilando, e com a razão sonolenta; (nesse momento) quando será combatido de várias formas pelos objetos ainda vivos, pelas ocasiões que ainda se produzirão, pelos hábitos contraídos, e sobretudo pelos demônios que buscam todos os meios de precipitá-lo no inferno? No

entanto se a todos esses **falsos penitentes vós acrescentardes tantos outros pecadores que morrem de improviso no pecado**, ou pela ignorância dos médicos, ou pela falta dos pais, que morrem envenenados ou enterrados em um terremoto, ou atacados de um acidente vascular cerebral, ou em uma queda, ou em um campo de batalha, ou em uma rixa, ou pegos em uma armadilha, ou atacados por um relâmpago, ou queimados, ou afogados, não é forçoso concluir que a maior parte dos cristãos adultos são condenados? É o raciocínio de **São João Crisóstomo**. ***A maior parte dos cristãos,*** *disse esse santo*_**, não caminham eles toda suas vidas no caminho do inferno? Por**_ ***que, pois, vos surpreendeis de que a grande partes deles vá para o inferno? Para chegar à porte é preciso pegar o caminho que a ela nos leva*****.** Que tendes vós para responder assim a um tão forte argumento?

VIII - Como as areias do mar ... Como as estrelas do firmamento...

A resposta, vós me direis, é que **a misericórdia de Deus é grande. Sim, mas para aquele que o teme**: "*Misericordia Domini super timentes eum*", diz o Profeta; **mas Sua justiça é grande para aquele que não o teme**, e ele reprova todos os pecadores teimosos: "*Discedite a Me, omnes operarü iniquitatis*".

Mas então, vós me direis, para quem é, então, o Paraíso, se ele não é para todos os cristãos? Ele é para os cristãos, sem dúvida, mas para aqueles que não desonram esse seu carácter e que vivem como **cristãos**. E, além disso, se ao número de cristãos adultos que morrem na graça de Deus vós acrescentardes aquela multidão inumerável de crianças que morreram depois do Batismo, antes de terem chegado ao uso da razão, vós não vos surpreendereis mais do que o Apóstolo São João disse falando dos eleitos: "*Eu vi uma grande multidão que ninguém poderia contar*".

E é aí que erram aqueles que pretendem que o número dos eleitos entre os católicos é maior que o de reprovados. É certo que, se vós tomardes todos os católicos juntos, a maior parte se salva, porque, após as observações que foram feitas, a metade das crianças sobre as que morrem depois do batismo, morreram antes do uso da razão. No entanto, se a esse número vós ajuntardes os adultos que conservaram o vestido da inocência, ou que, após ter contaminado, lavaram-se nas lágrimas da penitência, é certo que a maior parte está salva; e é isso que explica essas palavras do Apóstolo São João: "*Eu vi uma grande multidão*", e essas outras de Nosso Senhor: "*Muitos virão do Oriente e do Ocidente, e se repousarão com Abraão, Isaac e Jacó no reino dos Céus*", e essas outras figuras que temos costume de citar em favor dessa opinião. Mas se falamos dos cristãos adultos, a experiência, a razão, a autoridade, a conveniência e a Escritura se concordam em provar que a maior parte se condena. **Não acrediteis por isso que o paraíso seja deserto; é, antes, o contrário, é um reino muito populoso**; e se os reprovados são também tão numerosos quanto as areias do mar, os eleitos os são o tanto quanto as estrelas do firmamento, quer dizer então que tanto uns como os outros são **inumeráveis**, embora em proporções muito diferentes. São João Crisóstomo, pregando um dia na catedral de Constantinopla e considerando essa proporção, não pode conter-se de tremer de horror: "*Quantos,* diz ele_, entre esse povo tão numeroso,_ *acrediteis vós que haverão de eleitos?*" E sem esperar a resposta, acrescentou: "*Entre tantos milhares de pessoas, não acharás cem que se salvem, e entre esses cem eu ainda tenho dúvida*". Que coisa terrível! O grande santo acreditava que em um povo tão numerosos teria apenas cem que deveriam se salvar, e ainda não estava ele certo desse número. Que acontecerá de vós que me escuteis? Ó Deus Grande? Não posso nisso pensar sem tremer. **É uma coisa bem**

difícil, meus irmão, o negócio da salvação; pois segundo a máxima dos teólogos, quando um fim exige grandes esforços, poucos somente o atingem. "*Deficit in pluribus, contingit in paucioribus*"

É por isso que o **Doutor Angélico Santo Tomás**, depois de ter, com sua imensa erudição, pesado todas as razões pró e contra, conclui no fim que a maior parte dos católicos adultos se perdem: "*A beatitude eterna excede o estado comum da natureza, sobretudo desde que ela está privada da graça original, e por isso é pequeno o número dos que se salvam*" (2)

IX - Deus, Pai Justo

Tirai, pois, dos vossos olhos essa venda no qual vos cega o amor-próprio, e que vos impede de crer em uma **verdade assim evidente**, dando-vos as ideias mais falsas sobre a justiça de Deus. "*Pai Justo! O mundo não vos conheceu portanto*", diz Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele não diz Pai Todo-Poderoso, Pai Bondosíssimo, Misericordioso, Ele diz: "***Pai Justo***", para nos fazer entender que de todos os atributos de Deus, nenhum é tão pouco conhecido como Sua Justiça, porque os homens recusam crer no que eles tem receio de experimentar. Tirai pois o véu que vos cobre os olhos, e diga com lágrimas: Ai de mim! A maior parte dos católicos, a maior parte dos habitantes desse lugar, e talvez mesmo desse auditório, será condenada. Qual tema merece mais vossas lágrimas? O rei Xerxes, vendo do alto de uma colina seu exército composto de cem mil soldados dispostos em ordem de batalha, e considerando que de tudo isso não haveria um só homem vivo em cem anos, não pôde conter suas lágrimas. Não temos nós muito mais razão de chorar pensando que, de tantos católicos, a maior parte será condenada?

Esse pensamento não deveria ele tirar de nossos olhos córregos de lágrima ou ao menos excitar em nossos corações o sentimento de **compaixão** que provou certa vez o venerável

Marcelo de São Domingos, religioso Agostiniano? Como ele meditava um dia sobre as penas eternas, o Senhor mostrou-lhe quantas almas iam naquele momento ao inferno e fez-lhe ver um caminho muito largo onde vinte dois mil reprovados corriam em direção ao abismo, batendo-se uns nos outros. A essa vista, o servo de Deus, estupefato, exclamava! "*Oh! Que número! Que número! E ainda vem outros. Ó Jesus! Ó Jesus! Que loucura!*" (3) Deixai-me pois repetir com Jeremias: "*Quem dará água à minha cabeça e uma fonte de lágrimas aos meus olhos, e eu chorarei aqueles que a filha de meu povo perdeu*". Pobres almas! C**omo correis vós assim tão ansiosos para o inferno?** Parem por favor, e escutem-me um instante. Ou vós compreendeis isso que eu quero dizer e se salvar, ou bem, vós não compreendeis e se perder por toda a eternidade. Se vós o compreenderes, e se malgrado isso vós não vos decidirdes **hoje a mudar de vida, a fazer uma boa confissão, e calcar o mundo aos pés, em uma palavra, a fazer todos os vossos esforços para ser do pequeno número daqueles que se salvam, eu digo que vós não tendes a Fé.** Se vós não o compreendeis, vós sois mais desculpáveis; pois, é preciso dizer que você perdeu o sentido. Se salvar durante toda a eternidade! Se perder (danar) por toda a eternidade! **E não fazer todos seus esforços para evitar um e assegurar o outro**, é uma coisa que não se pode conceber.

Talvez não acrediteis ainda as verdades terríveis que eu venho vos ensinar. Mas esses são os teólogos mais consideráveis, os Padres mais ilustres que vos falou pela minha boca. Como podeis vós, pois, resistir à essas razões fortificadas por tantos exemplos, por tantas palavras da Escritura? Se, malgrado isso, vós hesiteis ainda, e se vosso espírito pende para a opinião oposta, essa só consideração não é suficiente para vos fazer tremer? Ah! Vós fazeis ver por isso que vós haveis pouca preocupação com a vossa salvação! Nesse negócio importante, um homem de bom senso é mais atacado pela ignorância do perigo que ele corre pela evidência de uma ruína completa em

seus outros negócios onde a alma não é pois interessada. Também, um de nossos religiosos, o bem-aventurado Gille, tinha costume de dizer que, se um só homem devia se condenar, ele teria feito todo o possível para assegurar que não seria ele. Que devemos nós, pois, fazer, nós que sabemos que, não somente entre todos os homens, mas ainda entre os católicos, a maior parte será condenada? O que devemos nós fazer? Tomar a resolução de pertencer ao pequeno número daqueles que se salvam. Se o Cristo, dizeis vós, queria me condenar, por que ele me colocou no mundo? Cale a boca, língua temerária! Deus não criou ninguém, nem mesmo os Turcos, para os condenar; mas, quem quer que se condena, se condena porque ele bem quis. Eu quero, pois, empreender agora a defesa da bondade de meu Deus, e de a vingar de toda blasfêmia: esse será o tema do segundo ponto.

Antes de ir mais longe, recolhei de um lado todos os livros e todas as heresias de Lutero e de Calvino, e do outro os livros das heresias dos Pelagianos, dos semi-pelagianos, e colocai no fogo. **Uns destroem a graça, outros a liberdade, e todos são cheios de erros; jogai-os, pois, ao fogo.** Todos os reprovados trazem gravados em suas frontes o oráculo do Profeta Oséias: *Tua perda vem de ti, afim de que eles possam compreender que* ***quem quer que se condene, se condena por sua própria malícia, e porque ele quer se condenar.***

Peguemos em primeiro lugar por base essas duas verdades incontestáveis: "*Deus quer que todos os homens se salvem*". "*Todos tem necessidade da graça de Deus*". No entanto, se eu vos demonstro que **Deus tem a vontade de salvar todos os homens, e que por isso Ele lhes dá, a todos, Sua graça, com todos os outros meios necessários** para obter esse fim sublime, vós sereis forçados a concordar que quem quer que se condene deve a responsabilidade à sua

própria malícia, e que, se o maior número de cristãos são reprovados, é porque eles querem. "***Tua perda vem de ti; em Mim está somente o seu seguro***"

Que Deus tenha verdadeiramente vontade de salvar todos os homens, Ele nos declara em cem lugares dos livros santos. "*Eu não quero a morte do pecador, mas antes que ele se converta e que ele viva. Eu vivo, diz o Senhor, eu não quero a morte do ímpio - convertei-vos e vivei*". Quando alguém deseja muito uma coisa, dizemos que ele morre de desejo, é uma hipérbole. Mas, Deus quis, e quer ainda, tão fortemente a nossa salvação que Ele por ela morreu de desejo, e Ele sofreu a morte para nos dar a vida: "*et propter nostram salutem mortuus est*". Essa vontade de salvar todos os homens não é, pois, em Deus, uma vontade afetada, superficial e aparente, é uma **vontade verdadeira, efetiva e benfeitora, pois Ele nos fornece todos os meios** mais perfeitos para nos salvar, Ele nos dá, não para que eles não tenham então seu efeito ou porque Ele quer que eles não tenham; mas Ele nos dá com uma vontade sincera, com a intenção de que elas obtenham seus efeitos e, se eles não o obtém, Ele se mostra aflito e ofendido. Ele ordena aos reprovados a que eles mesmos empreguem a obra de sua salvação, Ele para isso os exorta, para isso os obriga, e, se eles não fazem, eles pecam. Eles podem, pois, o fazer e assim se salvarem.

Bem mais, Deus, vendo que sem Sua ajuda nós não poderíamos mesmo nos servir de Sua graça, nos dá **outros socorros** e se eles ficam algumas vezes ineficazes, a culpa disso é nossa, porque com esses mesmos socorros, *in actu primo*, como dizem os teólogos, com esses mesmos socorros no qual um o abusa e com os quais ele se condena, um outro pode fazer o bem e se salvar; ele o poderia mesmo com socorros menos poderosos. Sim, pode acontecer que um abuse de uma graça

maior e se perca, enquanto outro que coopera com uma graça menor se salve.

"*Se, pois, alguém se afasta da justiça (santidade),* exclama Santo Agostinho_, ele é arrebatado_ *por seu livre arbítrio, incitado por sua concupiscência, enganado por sua própria persuasão. Mas para aqueles que não escutam a teologia, aqui está o que eu tenho a dizer-lhes: Deus é tão bom que, quando Ele vê um pecador correndo para sua perdição, Ele corre atrás dele, chama-o, suplica-lhe e o acompanha até as portas do inferno; e o que não faz Ele, então, para o converter? Ele envia-lhe boas inspirações, santos pensamentos, e, se ele não aproveita, Ele se zanga, se indigna, e o persegue. Vai Ele ferir-lhe? Não: Ele deixa isso de lado, e o perdoa. Mas o pecador não se converte ainda: Deus envia-lhe uma doença mortal. Tudo está acabado para ele, sem dúvida. Não, meus irmãos, Deus o cura; o pecado se obstina no mal, Deus procura na Sua Misericórdia algum novo meio; Ele lhe dá ainda um ano, e, o ano acaba, e aceita dar ainda um outro. Mas se, malgrado tudo isso o pecador quer se lançar no inferno, que faz Deus? O abandona? Não: ele o toma pela mão, e enquanto ele tem um pé no inferno e outro fora, ele o exorta ainda, e suplica-lhe a não abusar de Suas graças. No entanto, eu vos pergunto, se esse homem se condena, não é verdade que ele se condena contra a vontade de Deus e porque ele quer se condenar?*" Venham dizer-me agora: se Deus queria me condenar, por que colocou-me Ele no mundo? ...

X - Não tem desculpa

Pecador **ingrato**, aprendei hoje que se vós vos condenais, não é pois a Deus que é preciso responsabilizar, mas **a vós e à vossa própria vontade**. Para vos convencerdes disso, descei até as portas do abismo: de lá vos farei vir alguém desses infelizes reprovados que queimam no inferno, a fim de que ele vos explique essa verdade. E aqui está um: "*Dizei-me, quem és tu? - Eu sou um pobre idólatra, nascido em uma terra desconhecida; eu nunca escutei falar*

nem do céu nem do inferno, nem do que eu sofro agora. - Pobre infeliz! Vai-te, não és tu que procuro". *Que algum outro venha; ei-lo aqui;* "*Quem és tu? - Eu sou um cismático dos últimos confins da Tartária, eu vivi sempre em um estado selvagem, sabendo apenas que há um Deus. - Isto não é o que eu pergunto, retornai ao inferno*". E aqui está um outro: "E tu, quem és? - Eu sou um pobre herético do Norte. Eu nasci sobre o pólo, sem jamais ter visto nem a luz do sol nem a luz da Fé - Isso não é ainda o que eu quero, retornai ao inferno". Meus irmãos, eu tenho o coração quebrado ao ver entre os reprovados esses infelizes que nunca conheceram nada da verdadeira Fé. Sabei, portanto, que a sentença de condenação foi pronunciada contra eles; nós dizemos-lhes: *Perditio tua ex te*. Eles se condenaram porque eles quiseram. E quantos foram os socorros que eles receberam de Deus para se salvar! Não os conhecemos, mas eles sabem bem, e eles gritam agora: "***Vós sois justo, Senhor, e Vossos julgamentos são retos***" (Ps CXIX, 137).

Vós deveis saber, meus irmãos, que **a lei mais antiga é a lei de Deus**, e que nós a portamos todos **escrita em nosso coração, na qual ela aprendemos sem mestres**, e que é suficiente ter a luz da razão para conhecer todos os preceitos dessa lei. É por isso que os próprios bárbaros se escondiam para cometer seus pecados, porque eles sabiam que era o mal o que eles faziam; e eles estão condenados por não terem observado a lei natural que eles tinham gravada em seus corações, pois, se a tivessem observado, Deus teria feito antes um milagre do que deixá-los se condenar; Ele lhes enviaria alguém para os instruir e lhes dar outros socorros nos quais eles se tornaram indignos por não viverem conforme às inspirações de sua própria consciência que nunca faltou-lhes em advertir do bem que deviam fazer e do mal que deviam evitar. Assim, também, **é sua consciência que os acusa no Tribunal de Deus,** é ela que lhes diz continuamente no inferno: *Perditio tua ex te, perditio tua ex te*. Eles não sabem o que responder, e são forçados a confessar que eles mereceram essa sorte. No entanto, se esses infiéis não tem desculpa, terão desculpas para um **católico, que tinha a sua disposição tantos sacramentos, tantos sermões, e tantos socorros**? Como ousa ele dizer: *se Deus deveria me condenar, por que colocou-me ele no mundo?* Como ousa ele falar assim, quando Deus lhe dá tantos socorros para se salvar? Terminemos, pois, de o confundir.

XI - A sorte dos católicos pecadores

Respondei, vós que sofreis nos abismos. Há católicos entre vós? Oh, se há! E quantos! Que um deles venha, pois, aqui. É impossível, eles estão extremamente no fundo, e, para os fazer vir, precisaria revirar completamente o inferno; é mais fácil para um daqueles que ali caem. Eu me dirijo, pois, a tu que vives no hábito do pecado mortal, no ódio, na lama do vício impuro e que a cada dia te aproximas ainda mais do inferno. Pare, retornai no sentido contrário; é **Jesus** que te chama e que, por Suas feridas, como que sendo tantas vozes eloquentes, te gritam: "***Meu filho__**, se tu te condenares, tu não terás a queixar senão de ti: perditio tua ex te". Elevai os olhos, e veja quantas de quantas graças eu te enriqueci, afim de assegurar sua salvação eterna. Eu poderia te fazer nascer em uma floresta de Bárbaros; eu o fiz para tantos outros, mas para ti, **eu te fiz nascer na fé católica; eu te elevei para um tão bom pai, uma mãe excelente, no meio de instruções e de ensinamentos dos mais puros; se, malgrado isso tu te condenas, à quem será atribuída a falta?** A ti, **Meu filho__**, a ti Perditio tua ex te. Eu tive paciência contigo; eu te escutei durante longos anos, eu te escuto ainda hoje na Penitência. Se, malgrado tudo isso, te condenas, de quem é a falta? É tua, **Meu Filho__**, é tua: Perditio tua ex te. Tu sabes quantos são mortos em reprovação diante dos teus olhos: esses eram uma advertência para ti; Sabei quantos outros eu recoloquei no bom caminho para te dar o bom exemplo. Tu te lembras o que te disse esse excelente confessor?*

*Foi Eu quem o fiz dizer. Não te exortou ele **para que mudes de vida, à fazer uma boa confissão__**? Era Eu quem lhe inspirava. Lembra-te daquele sermão que te tocou o coração, foi Eu quem havia conduzido. E aquilo se passou entre Mim e ti no segredo de teu coração, tu não o saberás esquecer. Essas inspirações interiores, esses conhecimentos tão claros, esses remorsos contínuos de tua consciência, tu ousarás negá-los? Tudo isso, eram tantos socorros de Minha graça, **porque eu queria te salvar__**. Eu os recusei a tantos outros e eu lhes dei a ti, porque eu te amei ternamente. **Meu filho, Meu filho__**, quantos outros, se eu lhes falasse também ternamente o que eu te falo hoje, se recolocariam no bom caminho! E tu, tu Me viras as costas. Escute o que vou te dizer, e serão minhas últimas palavras: tu me custastes Sangue; se, malgrado esse sangue que Eu derramei por ti, tu queres se condenar, não te queixes de Mim, não acuse outro a não ser a ti, e durante toda a eternidade não esqueça que se tu te condenas, tu te condenas contra Minha Vontade, tu te condenas porque tu queres te condenar: Perditio tua ex te*".

Ah! Meu bom Jesus, mesmo as pedras se dividiriam diante dessas doces palavras, de expressões assim tão afetuosas. Há aqui alguém que manifeste querer se condenar com tantas graças e socorros? Se para isso ainda tem alguém, que me escute, e que ele resista depois se puder.

XII - Se vós quiserdes, vós vos salvareis

Barônio lembra que Juliano, o apóstata, depois de sua infame apostasia, concebeu um ódio tão grande contra o Batismo, que ele procurava **dia e noite** os meios de cancelá-lo. Ele preparou, para isso, um banho com sangue de cabras e se colocou nele, querendo, com esse sangue impuro de uma vítima consagrada a Vênus, retirar de sua alma o carácter sagrado do Batismo. Essa conduta vos parece **abominável:** mas se Juliano tivesse atingido seu desejo, é certo que ele sofreria muito menos no inferno.

Pecadores, o conselho que eu quero vos dar vos parecerá sem dúvida, estranho; e, no entanto, para conseguir o bem, é (esse conselho), pelo contrário, inspirado por uma tenra compaixão por vós. Eu vos conjuro pois **de joelhos**, pelo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e pelo Coração de Maria, **que mudem de vida, que vos recoloqueis no caminho que conduz ao Céu, e de fazer tudo o que vocês puderem para pertencerem ao pequeno número dos eleitos**. Se, ao invés disso, vós quereis continuar a caminhar na via que conduz aos infernos, achai ao menos o meio de cancelar de vós o Batismo. Infelizes de vós, se vos transportais ao inferno tendo gravado em vossa alma o nome Sagrado de Jesus Cristo e o carácter sagrado de cristão. Vossa confusão, por causa disso, será ainda maior. Fazei, pois, isto que eu vos aconselho: se vós não querer vos converterdes, ide a partir de hoje pedir ao vosso pároco para tirar vosso nome do registro dos Batizados, afim de que não reste mais nenhuma lembrança de que você era cristão; suplicai ao vosso anjo da guarda de cancelar de seu livro as graças, as inspirações e os socorros que ele vos deu por ordem de Deus, pois, infelizes de vós se ele os lembrar. Dizei a Nosso Senhor que Ele retome para si a sua Fé, o seu Batismo e os Seus sacramentos. Vós estais apreendidos de horror por esse tipo de pensamento. Jogai-vos, pois, aos pés de Jesus Cristo, e dizei-Lhe, com lágrimas nos olhos e com o coração contrito: "*Senhor, eu confesso que até aqui eu não vivi como cristão, eu não sou digno de ser contado entre os vossos eleitos, reconheço que mereço a condenação, mas Vossa misericórdia é grande: e, cheio de confiança em Vossa graça, eu protesto que* ***eu quero salvar a minha alma,*** *deva eu sacrificar minha fortuna, minha honra, e mesmo minha vida, contanto que eu salve a minha alma* (4). *Até aqui eu fui infiel, eu me arrependo, eu deploro, e detesto minha*

infidelidade, e vos peço, disso, ***humildemente perdão. Perdoai-me, meu Bom Jesus, e fortificai-me*** *ao mesmo tempo, afim de que eu me salve. Eu não Vos peço nem riquezas, nem honras, nem prosperidade; eu peço apenas uma coisa:* ***a salvação da minha alma***__".

E Vós, ó Jesus! Que dizeis? Aqui está a ovelha errante que voltou a Vós, ó Bom Pastor! Abraçai esse pecador arrependido, abençoai suas lágrimas e seus suspiros, ou, antes, abençoai esse povo tão bem disposto e que não quer mais buscar outra coisa que sua salvação. Protestemos, meus irmãos, aos pés de Nosso Senhor, que nós queremos, custe o que custar, salvar nossa alma. Falemos-Lhe, com lágrimas nos olhos: "***Bom Jesus, eu quero salvar a minha alma***". Óh,

benditas lágrima, óh bem-aventurados suspiros!

Eu quero, meus irmãos, mandar-vos novamente, hoje, todos **consolos**. Se, pois, vós me pedis meu sentimento sobre o quanto ao número dos eleitos, ei-lo aqui: quer tenham muitos ou poucos eleitos, eu digo que aquele que **quer** se salvar, se salva, e que ninguém se perde se não quer se perder. E, se é verdade que são poucos que se salvam, é porque existem poucos que **vivem bem**. De resto, comparem essas duas opiniões: *a primeira*, que diz que a maior parte dos católicos são condenados; *a segunda*, que pretende, ao contrário, que a maior parte dos católicos são salvos; representai-vos um anjo, enviado por Deus para confirmar a primeira opinião, que venha dizer-vos não somente que a maior parte dos católicos são condenados, mas que, de toda essa multidão aqui presente, um apenas será salvo. **Se você obedece aos mandamentos de Deus, se você detesta a corrupção do século, e se você abraça com um espírito de penitência a Cruz de Jesus Cristo**, você será, então, esse único que se salvará. Representai-vos, em seguida, que esse anjo volta entre vós, e que, para confirmar a segunda opinião, ele vos diz que não somente a maior parte dos católicos são salvos, mas que de todo esse auditório uma só pessoa será condenada, e todos os outros se salvarão. Se você continua, depois disso, com vossas deteriorações, vossas vinganças, vossas ações criminais, e com vossas impurezas, vós sereis, então, esse único que será condenado.

Pra que serve, pois, saber se são poucos ou muitos que se salvam? "*Empregai-vos em garantir vossa salvação certa por vossas boas obras*", nos diz São Pedro. "***Se vós quiserdes, vós vos salvareis***", disse Santo Tomás de Aquino à sua irmã, que perguntou-lhe o que ele deveria fazer para ir ao céu. Eu vos digo a mesma coisa: e aqui está, como provo minha asserção. Ninguém se condena se não peca mortalmente, isso é de Fé; ninguém peca mortalmente se não quer, é uma proposição teológica incontestável (5). Logo, **ninguém vai ao inferno se ele não quer**. A consequência é evidente. Isso não é suficiente para vos consolar? Chorai os pecados passados, confessai-vos bem, não pequem mais no futuro, e vós sereis todos salvos. Por que, pois, tanto se atormentar, desde que é certo que para ir pro inferno é preciso pecar mortalmente, e que para pecar mortalmente, é preciso querer, e, por consequência, não vamos ao inferno somente se queremos? Isso não é uma opinião, mas uma verdade incontestável e bem consoladora; que Deus vos faça compreender e vos abençoe. Amém.

Notas

São Salviano (390, morto em 484), festa dia 22 de Julho. Nascido sobre as extremidades do Reins, casado, depois padre, Monge em Lérins e em Marseille; apologista e moralista. Ele deixou cartas e duas obras: *De gubernatione Dei* (Do governo de Deus) e *Adversus avaritiam* (Contra a avareza) onde faz um quadro satírico dos costumes da sociedade romana no século V, onde ele contrasta a pureza de costumes entre os bárbaros.

Ele viu na invasão dos bárbaros, conforme os planos da Providência, a salvação do povo Romano.

1. "(...) **RESPOSTA À TERCEIRA.** — O bem proporcionado ao estado comum da natureza se realiza em muitos seres e falha em poucos. Mas, ao contrário se dá com o bem excedente a esse estado comum. Assim, a ciência suficiente para administrar a própria vida muitos a têm, e os poucos que dela carecem se chamam tolos ou estultos; são porém pouquíssimos em relação aos outros os que atingem à ciência profunda das coisas inteligíveis. **Ora, consistindo na visão de Deus, a eterna beatitude excede o estado comum da natureza, sobretudo porque a graça se perdeu pela corrupção do pecado original, e por isso poucos se salvam.** E aqui refulge por excelência a misericórdia de Deus, elevando alguns à salvação, que muitos não alcançam, abandonados ao curso comum e inclinação da natureza." (**Santo Tomás de Aquino, Suma Teológica**, *Iª parte, questão XXIII, artigo 7*)
2. Poderíamos aqui acrescentar a visão dos três pastorinhos de Fátima, onde a Santíssima Virgem mostrou-lhes o inferno. Observemos bem que em nenhum momento nas mensagens de Fátima foi dito que estavam indo muitas almas para o Céu, muito pelo contrário, pelo fato de estarem indo inúmeros almas para o inferno, disse a Santíssima Virgem: "*Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração*" "Bem o segredo consta de três coisas distintas, duas das quais vou revelar.

A primeira foi pois a vista do inferno!

Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados nesse fogo os demônios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras, ou bronzeadas com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que d'elas mesmas saiam, juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das folhas nos grandes incêndios sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Os demónios distinguiam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes e negros. Esta vista foi um momento, e graças à nossa Boa Mãe do Céu; que antes nos tinha prevenido com a promessa de nos levar para o Céu (na primeira aparição) se assim não fosse, creio que teríamos morrido de susto e pavor.

Em seguida, levantamos os olhos para Nossa Senhora que nos disse com bondade e tristeza:

— Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a meu Imaculado Coração. Se fizerem o que eu disser salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar, mas se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite, alumiada por uma luz desconhecida, sabei que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz, se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja, os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas, por fim o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz." (http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000626_message-fatima_po.html)

4- "Se teu olho direito é para ti causa de queda, arranca-o e lança-o longe de ti, porque te é preferível perder-se um só dos teus membros, a que o teu corpo todo seja lançado na Geena. E se tua mão direita é para ti causa de queda, corta-a e lança-a longe de ti, porque te é preferível perder-se um só dos teus membros, a que o teu corpo inteiro seja atirado na Geena." (Mt V, 29- 30)

"Pois que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?" (Mc VIII, 36)

5 - "**Que é o pecado mortal?** O pecado mortal é uma transgressão da lei divina, pela qual se falta gravemente aos deveres para com Deus, para com o próximo, ou para com nós mesmos." "**Além da gravidade da matéria, que mais se requer para haver um pecado mortal?** Além da gravidade da matéria, para haver um pecado mortal requer-se a plena advertência desta gravidade, e a vontade deliberada de cometer o pecado." (Catecismo Maior de São Pio X, **Vª parte** : *Das virtudes principais e de outras coisas que o cristão deve saber*; cap. V - dos pecados e das suas espécies principais)

Resumindo, o pecado mortal é:

1. A violação da lei de Deus ou da Igreja em matéria grave;
2. Feita com inteiro conhecimento;
3. Com plena vontade.

Faltando um desses três itens, o pecado não é grave, mas apenas leve, que a Igreja chama de pecado venial.

OBSERVAÇÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DO OCULTO NO DISCURSO TRADICIONAL CATÓLICO

- Introdução
- Parte I: Valentin Tomberg e Sua Herança
- Parte II: Perenialismo e a “Unidade transcendente das religiões”
- Parte III: A Metafísica Gnóstica da Cabala
- Parte IV: Cabala para Católicos? “Católicos hebreus” e seu Cardeal

- Parte V: O Renascimento do Neoplatonismo e a Tradição Hermética
- Parte VI: Rumo a uma Síntese Tradicionalista-Modernista?
- Parte VIII: Tudo flui para o Tibre! A sincrética “Igreja Vindoura”

Introdução

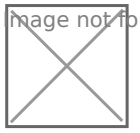
O texto a seguir, que traduzimos do original em inglês, foi escrito por um autor que se apresenta com o codinome Alistair McFadden.

É uma análise interessante a respeito do esoterismo subjacente em editoras e autores americanos que se apresentam como católicos tradicionais. Essa falsa direita católica está muito disseminada e engana a muitos, como o próprio autor do texto admite.

O artigo original está em

https://justacatholic.medium.com/...

> ***"Porque virá tempo em que muitos homens não suportarão a sã doutrina, mas acumularão mestres em volta de si, ao sabor de suas paixões, (levados) pelo prurido de ouvir. Afastarão os ouvidos da verdade e os aplicarão às fábulas." - 2 Timóteo 4:3-4***



Eu começo essa monografia, que está dividida em 8 partes, com uma advertência. Eu sou um leigo Católico tradicional sem formação em filosofia ou teologia. Eu escrevo sem autoridade nem desejo de julgar ideias, muito menos pessoas. Apesar disso, meus "ouvidos piedosos" foram ofendidos, e o alarme de meu "sensus fidei" foi disparado, e portanto eu ofereço essas observações na esperança de que a pequena luz que sou capaz de projetar nisso que me tem escandalizado, possa em breve ser acompanhada por outras maiores luzes. Talvez então nós teremos uma claridade, tão necessária.

Parte I: Valentin Tomberg e Sua Herança

Eu li um livro peculiar recentemente: *Cor Jesu Sacratissimum: From Secularism e Nova Era para uma Cristandade Renovada*, um trabalho semi-autobiográfico no qual o autor, Roger Buck, relata sua conversão ao Catolicismo de um movimento espiritual estilo Nova Era e emite um comovente apelo para um retorno à Tradição Católica. Assim como em seu livro anterior, *The Gentle Traditionalist*, o qual Buck descreve retrospectivamente como "a versão 'gibi' desse trabalho muito maior, mais aprofundado," *Cor Jesu Sacratissimum* foi recebido com considerável reconhecimento por Católicos tradicionais após o seu lançamento em dezembro de 2016.

"Roger Buck prestou um grande serviço para a Igreja", escreveu Dr Joseph Shaw no popular blog *Rorate Caeli*, um site geralmente considerado como uma voz autorizada da Tradição na blogosfera Católica. "Buck é um dos poucos autores que escrevem atualmente que captam a íntima conexão entre a fé Católica e a cultura Católica," acrescenta Thomas Storck, provavelmente o maior expoente do Ensino Social Católico tradicional do mundo Anglófono, que recomenda *Cor Jesu Sacratissimum* por oferecer aos leitores Americanos "a possibilidade de escapar da prisão do triste mundo intelectual e espiritual da cultura Protestante." O autor tradicionalista Católico Charles A. Coulombe também se juntou ao coro dos admiradores, chamando-o um "livro refinado" que "habilmente critica o mundo moderno, com seus gêmeos horrorosos do materialismo arrogante e 'espiritualidade' indeterminada."

Críticas Positivas que foram feitas para *The Gentle Traditionalist* e seu sucessor, *The Gentle Traditionalist Returns*, do mesmo modo vieram do Dr Peter Kwasniewski, que foi tão longe a ponto de incluir *Cor Jesu Sacratissimum* juntamente com *Fundamentals of Catholic Dogma* e o *Catechism of the Council of Trent* de Ludwig Ott na sua lista de oito "livros recomendados para estudo", publicada no *LifeSiteNews,* outro site largamente lido por católicos de tendência tradicionalista. A popularidade de Buck entre Católicos tradicionais é ainda mais evidenciada pelo fato de que suas obras, incluindo *Cor Jesu Sacratissimum*, está disponível para compra na loja online de livros da Latim Mass Society (LMS) do Reino Unido e da comunidade tradicional Beneditina do Priorado de Silverstream da Irlanda.

Eu considero esse livro "muito peculiar" por duas razões. A primeira se acha nos Agradecimentos, que termina do seguinte modo:

> "*E restam dois autores já falecidos, **Valentin Tomberg** e Hilaire Belloc a quem, acima de todos, devo por esse livro ... Ambos os escritos de Belloc e **Tomberg me guiam e inspiram como nenhum outro**. E isso é tão verdade, que*

> *embora eu nunca os tenha encontrado neste mundo, dificilmente eu poderia omití-los da lista de meus mais queridos amigos, familiares e apoiadores."* [1]

Belloc, certamente, dispensa a apresentação, mas os leitores provavelmente não estão familiarizados com Tomberg, a quem Buck credita o fato de tê-lo "guiado, não somente para a Igreja, mas, a cada ano, em direção a um Catolicismo tradicional mais profundo." [2] Buck é tão ligado a Tomberg, que quis que fosse lida uma passagem de sua *magnum opus* em seu casamento. [3]

E qual é essa *magnum opus* de Tomberg? É *Meditations On Tator: A Journey into Christian Hermeticism*, publicado pela primeira vez (anonimamente) em 1980. Esse é o livro que Buck louva como o "trabalho de um gênio – o fruto da vida de um homem idoso que demostravelmente atingiu o mais lúcido pensamento com o mais terno dos corações. Um *tour de force* de 600 páginas, que caracteriza uma espantosa síntese de teologia, filosofia, história, política, psicologia, ciência --- e, de fato, também assuntos de natureza mais esotérica." [4]

De fato. Valentin Tomberg, que morreu em 1973 (seu *Meditations* foi publicado postumamente), era um Russo ocultista e mago que, em seus últimos anos, foi recebido na Igreja Católica. Foi durante esse último período de sua vida que ele escreveu *Meditations on the Tarot.* O falecido Hamilton Reed Armstrong, escrevendo para o jornal Católico *Christian Order*, faz o seguinte resumo deste bizarro tomo:

"*O autor ´anônimo´* ***apresenta Gnosticismo, Magia, Cabala e Hermetismo não somente como compatíveis, mas essencial para a verdadeira crença Católica.*** *À medida em que cita São Paulo e São João Evangelista e exalta as visões de católicos místicos como São João da Cruz, Teresa de Ávila e São Francisco de Assis, assim como cita Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e São Boaventura,* ***ele dá igual importância aos 'iniciados' Maçons...*** *Papus, Louis Claude de Saint Martin (Martinismo), Saint-Yves dÁlveydre, reconhecido Luciferiano, Stanislau de Guaita, o Mago Satanista Elephias Levy, assim como o falso Messias Cabalista Sabbatai Zevi, Madame Blavatsky, Swami Vivekananda, Rudolf Steiner, Telhard de Chardin, Jacob Boehme, Swedenborg, Carl Jung, e muitos outros.*

"A premissa geral do livro – dedicado à Virgem de Chartres – é que ***há uma energia cósmica geral denominada 'egregore' (Deus) que perpassa todas as religiões, assim como a Franco maçonaria. Essa energia unificada é manifestada na dualidade: claro-escuro, macho-fêmea, bem-mal, etc.,*** *a qual no Hinduísmo é chamada Advaita Vedanta, Monismo entre osseguidores de Spinoza, e na tradição Cristã (citando São João fora de contexto), estão unidas pelo 'Amor' (p. 32). Todos os mestres espirituais entram misticamente nessa espiritualidade cósmica pela 'iniciação', entendida como 'o estado de consciência onde tudo, a eternidade e o momento presente são um'.* ***Nesse estado de consciência, poderes mágicos são adquiridos*** *(p. 87). Jesus era um iniciado, assim como aqueles que viram antes dele. i.e. o Hebreu Moisés e o Egípcio Hermes Trimegisto, assim como Eliphias Lévi, Stanislau de Gauita, e Saint-Yves d'Alveydre, etc.* ***Reincarnação é 'simplesmente um fato da experiência'*** *(p. 93), por exemplo, Jesus era consciente de seus poderes 'mágicos', e o teurgista Senhor Philip 'fez de si mesmo um instrumento da divina magia de Jesus Cristo' (p. 193). A Santíssima Trindade é formada pela Pai, Filho e Espírito*

Santo ou, Pai, Mãe e Filho intercambiavelmente. ***A cruz é símbolo do casamento dos opostos*** *(p. 259) e a Virgem Maria é 'uma entidade cósmica, Sabedoria, A Virgem da Luz da [Gnóstica] Pistis Sophia, ... a Shekinah dos Cabalistas' (pp. 547-549, 582). 'O grande Mani [fundador do Maniqueísmo] ensinou uma síntese [que mobilizou] a boa vontade de toda a humanidade – Pagã, Budista e Cristã – para um único e universal esforço de 'sim' em direção ao espírito eterno e 'não' em direção às coisas da matéria' (p. 471).*

"O autor tece conjuntamente essas crenças sincretistas, Gnósticas, Cabalistas e Maniqueístas, e ao mesmo tempo sustenta que que tudo o que foi dito acima está em conformidade com a Fé Católica ortodoxa..."

Esse ecletismo teológico, Buck concede, é "definitivamente problemático para os Católicos", mas ele desconsidera esses elementos ocultos por serem "não primários, nem secundários ou mesmo terciários ..." De minha parte, contudo, estou longe de estar convencido de que eles podem ser tão facilmente desconsiderados como apenas *obter dicta* (apenas retórica); pelo contrário, eu suspeito que eles são *substancialmente prejudiciais* à ortodoxia católica. De fato, mesmo se pudesse ser dito que Valentin Tomberg fosse noventa porcento ortodoxo e "somente" um por cento herético, nós poderíamos ainda lembrar a advertência do Papa Leão XIII de sua encíclica de 1896 *Satis Cognitum*:

> "*Não há* ***nada mais perigoso*** *do que aqueles hereges que admitem quase toda a doutrina,* ***e ainda que seja por uma palavra,*** *como uma gota de veneno, infectam a fé simples e real por Nosso Senhor e transmitida pela tradição Apostólica.*"

À medida em que *Meditations* de Tomberg é conhecido entre Católicos tradicionais é largamente – se não inteiramente – devido ao fato do efusivo Prefácio para a edição em Alemão (e depois em Inglês) que foi escrita por Hans Urs von Balthasar. A preferência por Tomberg do falecido teólogo suíço e Cardeal eleito (ele o chamou um "pensador e pregador Cristão de inconfundível pureza") e seu esotérico "Hermetismo Cristão" foi muito comentado por blogueiros tradicionais Católicos, incluindo o autor do ensaio que eu acabei de citar, e eu não transcrever o comentário agora. Embora a influência de Balthasar na teologia pós Conciliar – e sobre o Papa "Emérito" bento VXI pessoalmente[5] – dificilmente pode ser subestimada, muitos Católicos tradicionais bem formados já estão a par de seu pensamento heterodoxo, e não o consideram um dos seus.

O mesmo não pode ser dito do filósofo alemão Robert Spaemann, cujo falecimento em 2018 foi lamentado como uma grande perda para a causa da Tradição Católica: "Em Spaemann," elogiou _Rorate Caeli, "_o mundo intelectual Católico perdeu uma de suas grandes luzes, e um eloquente defensor da Missa tradicional e da doutrina tradicional Católica ..." Martin Mosebach, autor de *Heresy of Formlessness*, que se tornou algo como um clássico moderno entre os defensores da Missa Tradicional em Latim (e cujo Prefácio foi escrito pelo mesmo Robert Spaemann), tomou as páginas de *First Things* para pagar o tributo às "longas décadas de batalha de seu camarada pela liturgia tradicional Católica ... Para Spaemann, era somente no rito – abrangendo todas as épocas – que um pessoa pode experimentar a unidade da família humana."

Na época da controvérsia a respeito de *Amoris Laetitia*, na qual Spaemann pronunciou seu criticismo aos esforços do Papa Francisco para superar os ensinamentos da Igreja sobre o casamento, a celebridade da mídia social "Trad" Fr John Zuhlsdorf aconselhou os leitores de seu blog homônimo Fr Z, "Quando Spaemann fala, nós devemos escutar." Num post posterior, ele acrescentou, "Embora teólogos alemães hoje deixem a desejar quanto à claridade e a ortodoxia, Spaemann é claramente o melhor teólogo entre eles. E ele tem fé."

Causa surpresa, então, que um homem com tal reputação a favor da doutrina ortodoxa junte sua voz à aprovação que dá Hans Urs von Balthasar ao livro *Meditations on Tarot.* E no entanto ele o fez; dos dois prefácios para a edição alemã de *Meditations*, o segundo foi escrito pelo professor Robert Spaemann: "O tempo certo para esse livro chegou ... Como somos afortunados ... [de ter] o mundo espiritual aberto para nós pelo autor dessas Cartas [que é o que contém o livro *Meditations* .]"[6]

O entusiasmo do falecido filósofo pelo tratado esotérico de Tomberg (se diz que ele deu de presente ao Papa João Paulo II a edição em dois volumes que apareceu em uma fotografia de 1988 na mesa do pontífice) poderia explicar um outro inexplicável relatório da conversa entre Spaemann e o autor italiano Pietro Archiati, que apostatou formalmente em 1987. Archiati, como Tomberg, passou a crer na realidade da reencarnação e julgou (diferentemente de Tomberg) que ele não poderia em boa consciência permanecer um Católico. Ele lembra que quando informou seu amigo Spaemann de sua decisão de renunciar à Igreja de seu batismo, "Prof Spaemann ... ficou muito perturbado ... [e] disse que ele iria me mostrar que a Igreja era bem mais aberta e liberal do que eu pensava ... e que há espaço na Igreja para pessoas que, como eu, estão convencidas da reencarnação." Se o próprio professor Spaemann acreditava na reencarnação não se sabe, mas de acordo com Archiati, ele soube "com certeza" que João Paulo II *realmente* areditava, e que portanto pode ser considerada uma opinião perfeitamente ortodoxa.

Retornando agora ao livro *Cor Jesu Sacratissimum,* do auto-declarado "aspirante ao Hermetismo Cristão" Roger Buck, a segunda razão que eu chamo "muito peculiar" se deve à editora que o publicou: Angelico Press.

Católicos Tradicionais provavelmente tem ao menos um título da Angelico em suas prateleiras; em suas próprias palavras, Angelico Press é "dedicada a tornar a rica tradição da vida intelectual e cultural Católica mais disponível para as famílias, estudantes e acadêmicos." Para esse fim, ela tem publicado muitos trabalhos de luminares da Tradição Católica, tais como o Bispo Athanasius Schneider, o historiador Prof Roberto de Mattei, o advogado e jornalista Christopher Ferrara, Prof John Rao (que faz parte também do conselho consultivo da Angelico), o Dr Peter Kwaniewski, o presidente da LMS Dr Joseph Shaw, o Dr Edmund Mazza, e o jornalista Antonio Socci, assim como tem republicado muitos clássicos Católicos de autores como Ven Fulton Sheen, Fr Bryan Houghton, Bella Dodd, G.K. Chesterton, St Thomas Aquinas, Dom Prosper Gueranger, Bl Columba Marmion e São Francisco de Sales. Entre os títulos originais da Angelico, os leitores tradicionais Católicos irão, sem dúvida, reconhecer *In Sinu Jesu*, um bestseller e clássico da espiritualidade de 2016, endossado por ninguém menos que suas eminências Raymond Leo Cardeal Burke e Arcebispo Carlo Maria Vigano.

Essa visão geral do catálogo da Angelico – repleta como é de volumes sobre Fátima, a antiga liturgia Romana, Chesterbelloc, a heresia Modernista, e a vida e visões de Anne Catherine Emmerich – serve para demonstrar porque eu, e muitos padres e leigos com os quais conversei, considerei, por muito tempo, a Angelico Press não somente uma editora confiável da literatura ortodoxa Católica ("uma das fundamentais editoras do pensamento Católico hoje em dia," como coloca *Rorate Caeli*), mas mesmo uma resposta da vanguarda intelectual de resistência contra o Modernismo na Igreja. Essa impressão é evidentemente compartilhada pelo Dr Peter Kwasniewski, por exemplo, que tem louvado a Angelico como "a primeira editora de livros tradicionais Católicos imaginativos e intelectualmente rigorosos," e "uma das poucas editoras Católicas de hoje em dia e cujas novas edições alguém pode se inscrever para receber e não ficar desapontado com cada título que chega por e-mail. Publicações da Fraternidade, o ramo de livros e publicações da Fraternidade Sacerdotal São Pedro (FSSP), vendeu não poucos livros da Angelico.[7]

Tudo isso para dizer que, para o bem ou para o mal, a Angelico Press contribui de forma significante para o discurso tradicional Católico, e pode, portanto, ser dito que tem uma certa influência na formação intelectual de Católicos tradicionais.

Menos de quatro anos após a publicação de *Cor Jesu Sacratissimum*, em Janeiro de 2020, a Angelico Press lançou um atraente e ilustrado livro de capa dura que, curiosamente, mesmo um ano após o fato, *não pode ser encontrado em nenhuma parte de seu website*. Olhando para a contracapa, o leitor é recepcionado por aprovações elogiosas dos autores da Angelico Dr Michael Martin e o falecido Stratford Caldecott, assim como pelo já falecido Prof Robert Spaemann e outros, além da seguinte sinopse:

"*Publicado agora com um índice extendido, material suplementar, notas recentemente descobertas, e um exaustivo índice bibliográfico, a edição pela Angelico Press desse* ***clássico espiritual****, que tem trazido louvores sem limite, é um presente inestimável para os que buscam espiritualidade atualmente."*

De modo incomum para um "clássico espiritual" Católico proclamado (por Dr Martin) como possivelmente "o mais radicalmente ortodoxo ... trabalho do último século," o livro está atualmente (no momento em que escrevo esse artigo) na posição 77 do ranking da categoria "Hermetismo & Rosacrucianismo" da Amazon, e na posição 129 na categoria "Magia & Alquimia" da Amazon UK.

O título do livro é *Meditations on the Tarot: A Journey into Christian Hermeticism.*

Notas:

[1] Buck, R., *Cor Jesu Sacratissimum: From secularism and the New Age to Christendom Renewed* (Angelico Press, 2016), p.15

[2] Ibid, p.239

[3] Ibid, p.240

[4] Ibid, p.238

[5] A propósito, se diz “que Joseph Cardinal Ratzinger, antes de se tornar o Papa Bento XVI, autorizou a edição Russa de *Meditations on Tarot.”* [https://corjesusacratissimum.org/2013/12/meditations-on-the-tarot-and-the-vatican/]

[6] Anônimo [Tomberg, V.], *Meditations on the Trot: A Journey into Christian Hermeticism* (Angelico Press, 2020), pp.v-vi

[7] “Não importa se pela Angelico Press, St. Augustine Academy Press ou vários outros lugares, a FSSP opta por vender o que considera os melhores livros tradicionais sendo atualmente impressos.” [https://www.ncregister.com/features/traditional-books-abound-amid-latin-mass-revival]

Parte II: Perenialismo e a “Unidade transcendente das religiões”

No ano de 2005, o autor já mencionado, publicado em quatro ocasiões pela Angelico Press, Stratford Caldecott, postou – e aparentemente aprovando – o texto de uma carta enviada a ele pelo seu colega na editora Angelico, prof. Wolfgang Smith, no fórum online de seu empreendimento chamado Second Spring, fundado por Stratford e sua esposa, que “oferece serviços editoriais e educacionais no ramo da Fé e da Cultura”. Até hoje essa empresa publicou um total de onze livros sob o selo “Second Spring” com a Angelico, que lamentou por Caldecott (que faleceu em 2014) considerando-o “uma luz orientadora para todos nós da Angelico Press”. A carta do prof. Smith diz, em um excerto:

“Só nos últimos tempos (talvez nos últimos um ou dois anos) parece que finalmente fiz as pazes com a doutrina da UT [Unidade Transcendente]...

*“**Estou plenamente convencido de que EXISTE uma unidade transcendente da qual toda religião autêntica constitui uma manifestação desejada por Deus**. Parece-me que esta unidade transcendente é de fato a pérola da verdade consagrada em cada religião, que os fiéis estão destinados a descobrir e tomar posse no final do caminho, quando tiverem, Deo volente, alcançado o que o cristianismo chama de theosis; pois, de fato, essa verdade não é mais uma questão de doutrina, de concepções teológicas ou metafísicas, mas é o próprio Deus: eu sou a verdade, disse Cristo”.*

Do meu ponto de vista de simples leigo, não posso compreender como essa “unidade transcendente das religiões” seja materialmente diferente da afirmação “O pluralismo e as diversidades de religião [...] fazem parte daquele sábio desígnio divino”, à qual o Papa Francisco, de forma controversa, deu assentimento papal ao assinar o “Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum”, em 2019, e por este foi tão duramente criticado nos círculos católicos tradicionais, inclusive por Mons. Athanasius Schneider, aquele grande defensor da Fé em nossos tempos. De fato, a carta de Smith vai ainda mais longe, tornando explícito o que esse documento apenas insinua; ou seja, que Deus certamente deseja uma multiplicidade de religiões. E, no entanto, essa parece ser uma opinião compartilhada pelos principais autores da Angelico, que consideram Stratford Caldecott – “Strat” para seus fãs – como um líder visionário deles [ ].

Eu exagero? Creio que não. Outra evidência do consenso da “unidade transcendente” que existe na Angelico Press pode ser encontrada em outra de suas publicações, a coleção “Sophia Perennis”,

sob a qual Angelico publicou dezenove títulos até o momento, tornando-se a principal da Angelico. Pertence a uma editora de mesmo nome, liderada pelo cofundador da Angelico Press, James Wetmore[ ]., cujo site declara sua missão nestes termos:

"Sophia Perennis se dedica a publicar os melhores escritos contemporâneos sobre as tradições de sabedoria do mundo, em grande parte conforme uma perspectiva tradicionalista ou "perenealista", bem como reimprimir clássicos reconhecidos. Tentamos permanecer fiéis aos princípios centrais tradicionalistas – notadamente a Unidade Transcendente das Religiões – enquanto exploramos novas aplicações desses princípios, bem como retornamos às próprias grandes revelações para uma nova visão."

De acordo com a página "FAQ" de Sophia Perennis, a "regra" cardeal do Tradicionalismo/Perenealismo – daqui em diante usarei este último termo quando me referir à escola filosófica para evitar confusão com o tradicionalismo católico – é que "um tradicionalista deve permanecer fiel ao seu ou sua prática pessoal e a uma, e apenas uma, das Tradições reveladas..." Nesse sentido, a Escola Perenealista se posiciona em contraposição ao sincretismo religioso (como defendido pela Teosofia ou a Nova Era, por exemplo):

"O tradicionalismo rejeita todo sincretismo. As diferenças entre as religiões são tão providenciais quanto os aspectos que têm em comum. Misturar religiões é como tentar trilhar caminhos separados, mas paralelos ao mesmo tempo; não se deve fazer, exceto na fantasia. As religiões verdadeiras e reveladas foram todas enviadas, remetem e dão acesso à mesma Realidade Absoluta, mas seus caminhos não convergem neste mundo; a Unidade das Religiões existe apenas no Transcendente. Assim, o Tradicionalismo, enquanto permanecer fiel aos seus princípios primeiros, se opõe totalmente a todas as tentativas de confederar as religiões do mundo sob uma autoridade não-religiosa, ou de criar uma religião global".

Isso, no entanto – como qualquer leitor católico reconhecerá imediatamente – é o puro indiferentismo religioso; como tal, cai na mesma categoria de erro que o sincretismo a que pretende se opor. O autor da seção "FAQ" da página Sophia Perennis, reconhecendo esse aparente paradoxo, procura resolvê-lo colocando e respondendo às seguintes perguntas:

"O tradicionalismo implica que somos obrigados a assumir um compromisso sério com UMA das religiões reveladas. Isso não entra em conflito com a ideia de que mais de uma religião é válida? Como é possível se comprometer seriamente com uma religião, se ela não é vista como a própria Verdade?

"A única maneira, em última análise, é desenvolver um senso tão profundo e inabalável de Deus ou Realidade Absoluta que ela mesma, e não sua religião em particular, se torne o foco principal de sua fé – e então entender seu caminho religioso como um presente incomparável dado a você por Aquele Único, O Qual especificamente o chamou para se aproximar Dele por meio desse caminho. Sua religião torna-se, assim, como sua amada, sua "primeira e única"; compará-la com outras religiões é inútil, irrelevante - na verdade, um insulto Àquele que o chamou a Ele por meio dela - uma vez que tais comparações exigem que você desvie sua atenção Dele e se concentre em questões secundárias. Ao perseguir a Unidade Transcendente das Religiões, aprendemos a deixar os outros em seus próprios caminhos designados e descobrimos (se Deus quiser) que nosso único

dever é seguir nosso próprio até o fim último".

Esses "assuntos secundários", é claro, são as óbvias diferenças doutrinárias que existem entre as múltiplas religiões do mundo. Na linguagem perenealista, são chamados de representações meramente circunstanciais, "exotéricas" (externas e superficiais) de verdades universais, "esotéricas" (íntimas e profundas); qualquer um que leve o primeiro modo muito a sério – evangelizando não-católicos, por exemplo – está perdendo o foco.

É somente trabalhando a partir de tal premissa que se pode chegar à mesma conclusão do professor da Angelico Wolfgang Smith, "que a verdade não é mais uma questão de doutrina, de concepções teológicas ou metafísicas, mas é o próprio Deus: eu sou a verdade, disse Cristo." Embora não sem uma certa lógica interna, é revelador que esta conclusão exija do cristão perenealista uma abreviatura bastante dissimulada da declaração de Nosso Senhor: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai, senão por mim". (João 14:6). Cristo, em outras palavras, compreendido da maneira devida, não é apenas o destino final ("a verdade"), a se "tomar posse no final do caminho", como Smith imagina, mas também é a via ("o caminho") em si; aliás, o caminho único e exclusivo, na direção contrária ao perenealismo.

Qualquer esforço para forçar a forma quadrada do cristianismo – e especialmente do catolicismo – no buraco redondo do perenialismo, invariavelmente mutila tanto a Escritura quanto a Tradição. Dá testemunho disso, por exemplo, esta tentativa do falecido professor James S. Cutsinger, outro estudioso cristão da Escola Perenealista, de reconciliar sua fé com a sua filosofia, em um ensaio com que contribuiu para *Christianity: The Complete Guide*: "Deve-se admitir", ele escreve, *"que o cristianismo tradicional é amplamente hostil à filosofia perene..."*

"De acordo com [Frithjof] Schuon e outros perenealistas, essa atitude dominante entre os cristãos não é surpreendente, nem deve ter sua utilidade questionada em relação à grande maioria dos crentes. O objetivo de qualquer religião é garantir a salvação do maior número possível de pessoas, e a maioria das pessoas, sejam cristãs ou não, são capazes de levar sua tradição a sério apenas ao estarem convencidas de que é a melhor, se não a única forma para chegar a Deus..."

[Há ecos aqui de Valentin Tomberg (vide Parte I), que supostamente impressionou um de seus discípulos – note bem, após sua conversão ao catolicismo – sobre a importância de "Viver na Tradição! Somente aquele com gênio deve (e pode) transcendê-la". As conotações gnósticas são inconfundíveis; as verdades mais altas, mais profundas e mais puras devem permanecer veladas e inacessíveis ao homem comum, e ensinadas apenas aos iniciados.]

"...Os críticos têm argumentado que o Novo Testamento, tomado como um todo, se opõe à filosofia perene, e isso é, em geral, verdade... Mas para o perenealista isso simplesmente mostra que o objetivo principal das religiões do mundo, começando com suas escrituras e autoridades apostólicas, é ajudar seus adeptos a permanecerem focados em uma única forma da verdade salvífica, não para estabelecer as bases do diálogo inter-religioso. Por outro lado, dada a origem comum das religiões em uma Fonte transcendente que, como todas as próprias tradições atestam, excede infinitamente até mesmo suas próprias auto-expressões, é da natureza das coisas que as formulações escriturísticas e dogmáticas de cada religião incluam certas aberturas ou pistas para a validade subjacente da filosofia perene..."

“Seguindo o fio de tais pistas [como são encontradas no cristianismo], começa-se a sentir que o Filho ou Verbo, longe de estar limitado a uma única religião, é o princípio divino por trás de toda revelação e a fonte eterna de salvação em toda tradição autêntica. Embora verdadeiramente encarnado como Jesus Cristo no cristianismo, ele também opera de forma salvífica dentro e por meio de religiões não-cristãs. Em algumas está presente de forma também pessoal, como em Krishna e nos demais avatares hindus, nos quais também “fez-se homem” (Credo de Nicéia), enquanto em outros aparece de forma impessoal, como no Alcorão, do Islã, onde se fez livro...”

Que Nosso Senhor é simultaneamente um homem, um livro e um demônio – “Porque todos os deuses dos gentios são demônios...” (Salmo 95:5) – e que os dogmas da Fé existem apenas para manter obedientes as massas não iniciadas, espero, seja um choque para os fiéis católicos. Mas a Angelico Press aparentemente não se incomoda com a sugestão e mantém sua parceria com Sophia Perennis independentemente. De fato, Stratford Caldecott até se juntou a seu colega prof. Smith ao contribuir com um longo endosso de contracapa para um dos títulos exclusivos de Sophia Perennis, Guénonian Esoterism and Christian Mystery [Esoterismo guenoniano e Mistério cristão], do filósofo perenialista francês Jean Borella.

Sem dúvida será de interesse para os leitores católicos tradicionais que Borella, um auto-intitulado tradicionalista católico [ ], que Caldecott frequentemente citou em seus escritos e recomendou [ ] a seus leitores, foi o tema de um livro de 1996, The Gnostic Heresies of Professor Jean Borella, para o qual o Bispo Bernard Tissier de Mallerais da Fraternidade São Pio X (SSPX) escreveu o prefácio:

“[Muitas] das ideias centrais ao pensamento de Borella se chocam com as condenações históricas da Igreja aos erros gnósticos...

“O Pecado Original, ele argumenta, é ‘a vontade do ser condicionado de se conhecer como tal’, e acabar com aquele é simplesmente uma questão de o homem ‘retornar ao poder operativo e à ***eficácia salvífica do conhecimento****’. Essa é uma cosmovisão convidativa, na qual o pecado é um erro intelectual e a salvação uma questão meramente de conhecimento?” [5].*

O gnosticismo (do qual falaremos mais na Parte III) está intimamente ligado ao perenealismo. O professor Smith certamente percorre com dificuldade suas águas turvas no tratamento que dá à “afirmação de um ingrediente sobrenatural no homem..., [a] “pequena centelha” em cada ser humano,... chamada ‘incriada e incriável’...” da mística heterodoxa de Mestre Eckhart. Smith claramente concorda com este ensinamento de Eckhart (apesar de sua condenação pelo Papa João XXII em 1329[6]), mas, no entanto, aplaude a rejeição “pastoral” da Igreja, porque “tais concepções são compreensíveis para muito poucos, e... a divulgação para os fiéis em geral não é apenas desnecessária, mas perigosa ao extremo; como disse Clemente de Alexandria: ‘Não se estende uma espada a uma criança’”. Valentin Tomberg (não estritamente um perenialista, mas cuja crença em “uma energia cósmica geral... que permeia todas as religiões” certamente o situaria dentro dessa tradição filosófica) assume a mesma postura obscurantista em relação à reencarnação em suas “Meditações sobre os 22 arcanos maiores do Tarô” (página 361):

> *"Vê agora, caro amigo desconhecido, por que a Igreja era hostil à doutrina da reencarnação,* ***embora o fato de repetidas encarnações fosse conhecido... por um grande número de pessoas fiéis à Igreja*** *com autêntica experiência espiritual... sucumbir à tentação de preparar-se para uma futura vida terrestre...* ***Vale cem vezes mais... negar a doutrina da reencarnação****, do que direcionar pensamentos e desejos para a futura vida terrestre e assim ser tentado..."*

Mons. Tissier de Mallerais continua:

"Borella também é altamente heterodoxo no que diz respeito ao Apocalipse, afirmando ***'a origem divina das revelações' – note o plural – 'após a necessária revelação de Cristo'****, bem como "****a presença de um elemento central e propriamente divino na religião não-cristã****". Isso, afirma ele, se deve à generosidade desenfreada do dom divino da salvação, à existência de visionários em religiões não-cristãs e à beleza transcendente, que não pode ter origem humana, dessas religiões."*

"Borella afirma que 'a inteligência, em sua forma pura, supera a ordem da natureza... [e] é, em si, ordenada ao transcendente'. Ao fazê-lo, ele nega tanto a gratuidade quanto a origem sobrenatural da graça infundida do Batismo. Da mesma forma, ele afirma que 'o conhecimento da fé, no qual consiste a ***verdadeira gnose, não precisa ser gerado por uma infusão de uma graça particular****, como uma experiência mística extraordinária', mas 'é capaz de ativar (isto é, ser posta em ação) [a] capacidade natural [do intelecto], ou pelo menos permitir ao intelecto realizar um ato cognitivo que começa a* ***revelar ao intelecto sua própria natureza deiforme/teomórfica'.*** *Isso, novamente,* ***equivale a uma negação da distinção entre as ordens natural e sobrenatural****: uma negação que não deixa espaço para a crença na gratuidade ou na origem sobrenatural da graça santificante e da virtude teologal da fé... virtude do sacramento do Batismo!"*

A Angelico Press, de fato, publicou cinco livros de Borella; e, claramente, vários de seus autores mais proeminentes sorveram de maneira profunda das taças do perenialismo. Mas há outras razões para supor que não apenas esses indivíduos, mas a própria Angelico Press, como instituição, abraçou essa filosofia. De que outra forma explicar a publicação, no próprio site, de um artigo chamado "The Covenants of the Prophet Muhammad" [As Alianças do Profeta Maomé], que afirma que "as alianças em questão não foram o produto de sua própria iniciativa humana [de Maomé], não o resultado de inspiração divina, mas sim a consequência real da revelação divina", e fala do Alcorão como "o livro divinamente inspirado e agraciado a Muhammad ibn 'Abd Allah por meio do Anjo Gabriel"?

Por mais chocante que seja ler tal declaração em um site ostensivamente católico, cuja página inicial é encabeçada pelo slogan: "Aprofundar nosso conhecimento da tradição católica. Encontrar novas maneiras de viver nossa fé dentro dessa tradição", está, no entanto, em perfeita harmonia com o pensamento de Stratford Caldecott – a "luz guia" da Angelico, lembre-se – que opinou em "O Mistério do Islã: Reflexões Adicionais", que "o Islã e o cristianismo podem, de fato, estar doutrinariamente mais próximos do que se supõe frequentemente..."

"*[Fr Roch] Kereszty escreve: '**Os cristãos não podem deixar de reconhecer que Deus falou através do Alcorão** e comunicou a experiência e o conhecimento de si mesmo a um número incontável de milhões de pessoas'. **O Islã é uma árvore que deu inúmeros frutos bons, e também maus…***"

Além disso, o fundador da Angelico Press e atual Presidente John Riess – que, segundo ele mesmo admitiu, criou a Angelico "para dar vazão a vozes católicas contemporâneas como Stratford Caldecott, Jean Borella e Jean Hani" (o último dos quais é mais um filósofo perenialista) – pertence a "uma academia e grupo de reflexão", Restore the Arts Inc., cujo manifesto Junguiano "neo-humanista" declara que "muitos membros deste grupo são pessoas de fé e crentes no Deus Único das revelações Judaico-Cristãs-Islâmicas" – uma formulação decididamente indiferente (para não mencionar praticamente maçônica).

Que esse assim chamado perenialismo tenha suas origens no ocultismo é tão óbvio que dificilmente precisamos nos deter nisto. Basta notar que o fundador da Escola Perenialista, o ocultista francês e apóstata católico, René Guénon, era um maçom de rito escocês; e citar um texto de *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry* (1871) do Maçon Albert Pike:

> *"O Brâmane, o Judeu, o Maometano, o Católico, o Protestante, cada um professando sua religião peculiar, sancionada pelas leis, pelo tempo e pelo clima, **deve mantê-la, e não pode ter duas religiões**; pois as leis sociais e sagradas adaptadas aos usos, costumes e preconceitos de países particulares são obra dos homens. Mas a Maçonaria ensina, e preservou em sua pureza, os princípios cardeais da antiga fé primitiva, que dão forma e são **o fundamento de todas as religiões**".*

Notas:

[1] E eu quero dizer "visionário" no sentido literal: "O próprio Stratford, quando jovem, teve sonhos visionários com o Santo Graal…". Ele também afirmou que testemunhou a ascensão da alma de seu falecido pai: "enquanto eu rezava sozinho com seu corpo, acredito que tive um vislumbre da batalha por sua alma, e sabia que ele havia sido vitorioso." (https://www.patheos.com/blogs/standingonmyhead/stratford-caldecott-gnosis-and-grace)

[2] Em uma entrevista com o padre Dwight Longenecker sobre o trabalho da Angelico Press, o fundador John Riess faz referência a "Meu parceiro de negócios James Wetmore e eu…" Roger Buck também expressa sua gratidão a "John Riess e James Wetmore da Angelico Press" nos Agradecimentos de sua obra The Gentle Traditionalist Returns.

[3] "Algumas figuras luminares como Jean Borella... estavam de fato associadas tanto à Escola Perenialista quanto ao movimento tradicionalista católico...".

[4] Por exemplo, “eu também recomendo os escritos de Jean Borella, um perenialista que se tornou católico ortodoxo, especialmente... seu livro tratando do... “Esotérisme guénonien et mystère chrétien”.

[5] Original em francês. Todas as citações deste trabalho são do próprio autor e traduzidas do inglês.

[6] João XXII “condenou dezessete das proposições de Eckhart consideradas heréticas, e onze consideradas obscuras, precipitadas e suspeitas de heresia...”. (CATHOLIC ENCYCLOPEDIA: Meister Eckhart (newadvent.org))

Parte III: A Metafísica Gnóstica da Cabala

O que é essa "velha fé primitiva" que, segundo os maçons, é o "fundamento de todas as religiões"? Todo o opúsculo de Albert Pike é uma resposta maçônica a esta pergunta:

*"**Todas as religiões verdadeiramente dogmáticas saíram da Cabala e volvem a ela**: tudo que é científico e grandioso nos sonhos religiosos de todos os illuminati, Jacob Boehme, Swedenborg, Saint-Martin e outros, é tomado de empréstimo da Cabala; todas as associações maçônicas devem a esta seus segredos e seus símbolos."*

*"Somente a Cabala consagra a aliança da Razão Universal e do Verbo Divino; estabelece, **pelos contrapesos de duas forças aparentemente opostas**, o eterno equilíbrio do ser; só ela reconcilia Razão com Fé, Poder com Liberdade, Ciência com Mistério; tem as chaves do Presente, do Passado e do Futuro."*

"A Bíblia, com todas as alegorias que contém, expressa, de maneira apenas incompleta e velada, a ciência religiosa dos hebreus..."

*"A Cabala é a tradição primeva... e nas Tradições Secretas da Cabala encontramos uma Teologia inteira, perfeita, única... O Segredo do **EQUILÍBRIO UNIVERSAL… entre o Bem e o Mal**, a Luz e as Trevas no mundo, que assegura que tudo é obra da Sabedoria Infinita e de um Amor Infinito..."*

A Cabala (como se escreve mais comumente) é uma tradição mística judaica esotérica de origem incerta. O rabino Geoffrey W. Dennis, professor de Cabala na Universidade do Norte do Texas e autor de The Encyclopedia of Jewish Myth, Magic, and Mysticism, oferece a seguinte introdução aos princípios básicos e à prática no site oficial da Union for Reform Judaism:

*"Cabala (também grafada Kabbalah, Cabala, Qabala) – às vezes traduzida como 'misticismo' ou '**conhecimento oculto**' – é uma parte da tradição judaica que lida com a essência de Deus..."*

*"Seus praticantes tendem a ver **o Criador e a Criação como um continuum, e não como entes díspares**, e desejam experimentar intimidade com Deus... Dentro da alma de cada indivíduo há uma parte oculta de Deus que está esperando para ser revelada..., o cabalista Moses Cordovero escreve: "**A essência da divindade encontra-se em cada coisa**, nada existe senão Ela ... Ela existe em cada existente".*

*"Há três dimensões em quase todas as formas de misticismo judaico, que provavelmente serão **compreendidas por apenas um pequeno número de pessoas que possuem conhecimento especializado** ou interesse no tópico:"*

"O aspecto especulativo da Cabala envolve a busca da ***realidade oculta*** *do universo e do* ***conhecimento secreto*** *sobre suas origens e sua organização – uma busca que é mais esotérica do que mística..."*

"A dimensão da experiência da Cabala envolve a busca real pela experiência mística: um encontro direto, intuitivo e imediato com uma Divindade próxima, mas oculta. Como escreveu Abraham Joshua Heschel, os místicos '... querem provar todo o trigo do espírito antes que seja moído pelas mós da razão'. Os místicos buscam especificamente extasiante de Deus, e não meramente o conhecimento sobre Deus..."

"A dimensão prática da Cabala envolve ***rituais para ganhar e exercer poder*** *para efetuar mudanças em nosso mundo e nos mundos celestiais além do nosso. Este poder é gerado pela ação dos mandamentos, convocando e controlando forças angélicas e demoníacas, e de outra forma explorando as energias sobrenaturais presentes na Criação... O verdadeiro mestre desta arte cumpre o potencial humano de* ***ser um co-criador junto a Deus…****"*

Se tudo isso – o dualismo, o panteísmo, os segredos, *a feitiçaria* – parece ao leitor católico com o odor fragrante da heresia gnóstica, não parece erroneamente. O filósofo israelense Gershom Scholem, o proeminente estudioso moderno da Cabala, admite isso na *Encyclopaedia Judaica*:

"Desde o início de seu desenvolvimento, a Cabala abraçou um esoterismo próximo ao espírito do gnosticismo, que não se restringia à instrução no caminho místico, mas também incluía ideias sobre cosmologia, angelologia ***e magia****".*

Com base na erudição de Scholem, o falecido professor Orlando Fedeli, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, explica que, como os gnósticos, "a Cabala supõe que há dois princípios opostos em Deus: o do bem e o do mal... [Citando Scholem:] "Tudo o que é diabólico tem suas raízes em alguma parte do mistério de Deus".

O caráter inegavelmente gnóstico desse misticismo judaico também é reconhecido por Joseph Dan, professor de Cabala na Universidade Hebraica de Jerusalém, que observou a apresentação da Cabala do "universo como um campo de batalha entre poderes divinos satânicos e poderes divinos benéficos, traçando um mundo paralelo de divinas "emanações da esquerda", que são os inimigas de Deus, mas são divinas no sentido total do termo... A Cabala crê firmemente que o destino dos poderes divinos é decidido pelas boas e más ações dos seres humanos, e que é tarefa do povo judeu 'corrigir' (tikkun) a incompletude da própria divindade"; isto é, unificando os opostos de Deus e Satanás, bem e mal, ser e não-ser, ordem e caos.

"*Ai de vós os que ao mal chamais bem, e ao bem mal, que tomais as trevas por luz, e a luz por trevas, que tendes o amargo por doce, e o doce por amargo!" (Isaías 5:20). " "Até quando claudicareis vós para os dois lados (inclinando-nos umas vezes para o Senhor e outras para Baal)? Se o Senhor é Deus, segui-o; se, porém, o é Baal, segui-o". (1 Reis 18:21)" "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há-de odiar um e amar o outro, ou há-de afeiçoar-se a um e desprezar o outro". (Mateus 6:24) "Pois, que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que sociedade entre a luz e as trevas? Que concórdia entre Cristo e Belial?*" (2 Coríntios 6:14-15). Estas são as perguntas bíblicas que eu colocaria não apenas ao maçom Pike e ao judeu Dennis, mas aos autores

católicos promovidos pela "principal editora de livros católicos tradicionais de imaginação e intelectualmente rigorosos", Angelico Press: Valentin Tomberg, prof. Jean Borella, Roger Buck, Stratford Caldecott, prof. Wolfgang Smith e Dr. Michael Martin, como também para aqueles outros católicos, supostamente tradicionais, de opinião teológica semelhante (alguns dos quais encontraremos nas Partes IV e V) .

Já vimos (na Parte I) que a Cabala é uma grande influência nas Meditações sobre os arcanos do tarot de Tomberg, em que, para citar apenas um exemplo, o leitor é informado "que Jesus Cristo é a chave para o mundo, e que o mundo – como era antes da Queda e como será depois de sua Regeneração – é o Verbo, e que o Verbo é Jesus Cristo..." (p. 195) Nesta curta passagem estão contidas as duas doutrinas mais fundamentais (e, acredito, as mais errôneas) da Cabala: emanacionismo e apocatástase, que foram condenadas – e seus proponentes anatematizados – no Concílio Vaticano I[1] e no segundo Concílio de Constantinopla[2], respectivamente. Contra essas heresias gêmeas que o grande padre Reginald Garrigou-Lagrange se levantou quando escreveu seu famoso ensaio de 1946, "Onde nos leva essa 'nova teologia'?":

Autores como Téder e Papus, em sua explicação da 'doutrina martinista', ensinam um panteísmo místico e um neo-gnosticismo pelo qual ***tudo sai de Deus por emanação*** *(há então uma queda, um 'mal cósmico', um pecado original 'sui generis'),* ***e todos aspiram 'ser reintegrados' na divindade****, e "todos" lá chegarão. Isto está em muitas obras de ocultistas recentes tratando do 'Cristo moderno', e 'plenitude em termos de luz astral',* ***ideias que não são as da Igreja e que são inversões blasfemas*** *porque sempre negam por um meio panteísta o verdadeiro sobrenatural, e muitas vezes até mesmo a negação da distinção entre bem moral e mal moral, a fim de permitir apenas o que é um bem útil ou desejado, incluindo o mal cósmico ou físico, que, com a reintegração [i.e. apocatástase] de todos, sem exceção, desaparecerá".*

O pensamento Gnóstico-Cabalista do autor de *Meditações* é igualmente claro em uma observação feita por seu amigo (ainda vivo), Dr. Martin Kriele, representante literário e herdeiro de Tomberg:

"*Ocasionalmente, [Tomberg] falava do mal no qual via* ***não apenas só uma 'ausência de ser', mas poderes reais*** *múltiplos e caóticos... Para combater isso, havia a necessidade de um Esoterismo Cristão 'branco', do bem, que por si estava à altura dessa tarefa. Poderia desenvolver efeitos 'mágicos' se a vontade do homem estiver em perfeita harmonia com a vontade de Deus.*"

Tais ideias, como diria o padre Garrigou-Lagrange, "não são de modo algum as da Igreja", porque toda a tradição da Igreja testemunha, com São Tomás de Aquino, que "bondade e ser são realmente a mesma coisa... nenhum ser pode ser mal, formalmente como ser, mas apenas na medida em que carece de ser". Afirmar que o mal existe é insistir que Deus criou o mal e, portanto, é Ele mesmo em certa medida mal – o que, é desnecessário dizer, tanto constitui uma blasfêmia no catolicismo quanto evidentemente um *truísmo* na Cabala: "Quando o Santo, bendito seja Ele, criou o mundo", ensina o Zohar, o texto fundamental da Cabala, "...todas as coisas estavam contidas umas nas outras, a boa e a má inclinação, a direita e esquerda, Israel e as nações, branco e preto. Todas as coisas dependiam umas das outras."

Nada disso, no entanto, impediu a "luz-guia" da Angelico Press, o falecido Stratford Caldecott, de exaltar Valentin Tomberg como um profeta quase como Elias clamando no deserto do catolicismo

decrépito, como ele faz quando proclama, na parte de trás capa da edição cuidadosamente revisada e atualizada da Angelico, sobre a magnum opus de Tomberg, "*Meditações sobre o Tarot* mostra que o cristianismo não foi perdido, mas vive e respira". Além disso, dois dos livros de Caldecott – *All Things Made New* [3] e *The Radiance of Being* – fazem menções frequentes à Cabala, em cujos textos abstrusos, ele afirma, pode-se encontrar "o anel da verdade".

O amigo e colega de Caldecott, Dr. Michael Martin, um católico bizantino que, em suas próprias palavras, "se inspira muito nas formas espiritualmente nutritivas do catolicismo... na obra de Stratford Caldecott", é igualmente apaixonado por Tomberg: "*As Meditações sobre o Tarot* são uma companhia e uma fonte de renovação espiritual", escreve ele, e defende a crença do autor na reencarnação (que ele considera "provavelmente verdadeira") alegando que, embora "alguns sugiram que a Bíblia não ensina a reencarnação, eu não acho é tão simples assim... [porque] a cabala, um ensinamento místico judaico nascido da profunda contemplação das Escrituras, propõe uma doutrina de *sod ha-gilgul*, "a revolução das almas". O Dr. Martin também se inspira no trabalho de outro "cristão esotérico", Rudolf Steiner, cujas próprias especulações metafísicas são igualmente Cabalísticas:

"*Nos últimos anos, achei a concepção de Rudolf Steiner de Lúcifer e Ahriman muito útil para diagnosticar nossas próprias lutas com o Espírito do Tempo. Embora eu discorde de Steiner em certos aspectos de sua cristologia...* ***acho que algo se aproveita em relação a Lúcifer e Ahriman***".

"*Para Steiner, Lúcifer é o princípio (ou ser espiritual) que nos tenta com promessas de 'liberdade', o desejo de autoexpressão, individualização e uma criatividade absoluta. Ahriman, por outro lado, é o princípio (ou ser espiritual) que promete ordem e uma espécie de eficiência tecnológica e corporativa que nos escraviza ao subumano, nos transforma efetivamente em máquinas.* ***Entre essas duas polaridades, Steiner aponta para Cristo*** *como aquele princípio que nos guia através dos perigos das promessas feitas por Lúcifer e Ahriman e nos ajuda a permanecer no real*".

No post do blog citado acima - publicado no site da Angelico Press - vemos ainda outra expressão do dualismo gnóstico no coração da Cabala, que a cristologia de Steiner, como a de Tomberg (e aparentemente também a de Martin), fazem de Nosso Senhor o "princípio" harmonizador no qual a ordem (Ahriman) e o caos (Lúcifer) encontram seu equilíbrio. Tal é a concordância que Cristo tem com Belial; São Paulo tem a resposta.

Mas, de todos os autores da Angelico, nenhum é um devoto mais entusiasmado da Cabala do que o professor Wolfgang Smith. Em nenhum lugar isso é mais claramente evidenciado do que em sua correspondência com o falecido padre Malachi Martin, compilada pela Angelico Press sob o título *In Quest of Catholicity* e comercializada como uma "fascinante troca de cartas entre dois célebres tradicionalistas católicos...":

"Se eu fosse mais jovem, adoraria seguir seus passos para aprender hebraico e mergulhar na literatura cabalística – sem, é claro, esquecer Jacob Boehme. Na verdade, parece-me que a Cabala, o Hermetismo e a doutrina da nossa mística alemã dificilmente podem ser separadas. Esses três legados parecem formar uma tradição subjacente, ***uma grande doutrina perene, que, como você disse, brota do próprio Cristo****. O que Boehme fez foi expor essa doutrina mais claramente*

e em termos abertamente cristãos. Talvez, graças a ele, ***a Igreja Católica um dia faça da Cabala coisa própria!*** *E eu me pergunto se talvez não será com base nessa Cabala assimilada que a Igreja acabará por* ***resolver o enigma das 'religiões separadas'*** *e, ao fazê-lo, realizará sua própria catolicidade autêntica e definitiva*" [4].

Jacob Boehme, é claro, era um herege luterano. Mas o odor da heresia não parece nada desagradável ao professor Smith, que não foi dissuadido de "envolver-se" com o pensamento de Boehme, nem com os ensinamentos místicos de Mestre Eckhart (ver a Parte II), censurados pelo papa, como lemos na sinopse da obra *Christian Gnosis* de Smith (publicado conjuntamente pela Sophia Perennis e Angelico Press):

"Baseando-se em fontes cristãs – literalmente 'de São Paulo a Mestre Eckhart' – Wolfgang Smith formula o que chama de um relato 'não expurgado' da 'gnose', e demonstra seu lugar central na perfeição da vida centrada em Cristo... O 'fato da gnose'... tem uma influência decisiva na noção teológica de 'creatio ex nihilo'... O que assim exige-se, ele afirma, é ***a noção inerentemente cabalística de uma 'creatio ex Deo et in Deo' [ie emanacionismo]****, não para substituir, mas para complementar a 'creatio ex nihilo'. Isso leva a* ***um envolvimento com a Cabala Cristã*** *(Pico de la Mirandola, Johann Reuchlin e Cardeal Egidio di Viterbo especialmente)* ***e com Jacob Boehme*** *, culminando em uma exegese da doutrina de Mestre Eckhart. O autor argumenta, em primeiro lugar, que Eckhart não defende (como muitos pensaram) uma teologia de "Deus além de Deus": em outras palavras, não sustenta uma visão inerentemente sabeliana da Trindade. Smith sustenta que Eckhart de fato não transgrediu um único dogma trinitário ou cristológico; o que ele nega implicitamente, fica demonstrado, não é outra coisa senão a 'creatio ex nihilo', que de fato Eckhart substitui pela 'creatio ex Deo' cabalística. Nessa mudança, além disso, Smith percebe* ***a transição de 'exotérico' para 'esotérico' dentro do domínio integral da doutrina cristã****".*

Por que razão a integração de "noções Cabalísticas" na doutrina católica é "exigida"? Por que é tão desejável que a Igreja "faça a sua própria Cabala"? Acredito ter encontrado a resposta do prof. Smith para essas perguntas, oculta nas páginas de *Sophia: The Journal of Traditional Studies*:

"*Há níveis de significado no Novo Testamento também [como no Antigo] – que podem incluir o mais alto! – que provam ser* ***acessíveis apenas por meios cabalísticos***".

Mas, se assim for, e se, como diz São Jerônimo, "ignorar as Escrituras é ignorar a Cristo"; e se, além disso, como nos assegura o Catecismo de Baltimore: "Quando O conhecermos, O amaremos... [e] quanto melhor O conhecermos, mais o amaremos"; então por que é, eu me pergunto, que na marcha dos "Cabalistas Cristãos" que vieram antes de nós – Pico della Mirandola, Johann Reuchlin, Egídio de Viterbo, Francesco Giorgi, Paolo Riccio, Athanasius Kircher, e assim por diante – com toda a erudição mundana que possuíam e "conhecimento" cabalístico inferido de Cristo, nem um foi reconhecido como santo?

Notas:

[1] "Se alguém disser que as coisas finitas, tanto corporais como espirituais, ou pelo menos espirituais, emanam da substância divina; ou que a essência divina, pela manifestação e evolução de si mesma se torna todas as coisas ou, finalmente, que Deus é um ser universal ou indefinido

que, por autodeterminação estabelece a totalidade das coisas distintas em gêneros, espécies e indivíduos: seja anátema" (Decretos do Concílio Vaticano I).

[2] Se alguém disser que todos os seres racionais um dia unir-se-ão em um, quando as hipóstases, bem como os números e os corpos, tiverem desaparecido, e que o conhecimento do mundo vindouro levará consigo a ruína dos mundos, e a rejeição dos corpos como também a abolição de [todos] nomes, e que haverá finalmente uma identidade da γνῶσις e da hipóstase; além disso, que nesta pretensa apocatástase, só os espíritos continuarão a existir, como era em uma pretensa forma de preexistência: seja anátema" (Segundo Concílio de Constantinopla – Sessão I – Sumário dos Atos).

[3] "De uma forma erudita e ao mesmo tempo acessível, encontramos consultas à Cabala…" [All Things Made New de Stratford Caldecott].

[4] Martin, M. & Smith, W., *In Quest of Catholicity: Malachi Martin Responds to Wolfgang Smith* (Angelico Press, 2016), p. 76

Parte IV: Cabala para Católicos? “Católicos hebreus” e seu Cardeal

Quando tomei conhecimento da crescente influência da Cabala no diálogo católico tradicional, entrei em contato com um estimado padre-teólogo franciscano em boas relações com a Igreja, a quem conheço pessoalmente e em cujo julgamento em tais assuntos confio de maneira tácita. Perguntei-lhe diretamente se a Cabala poderia ter alguma aplicação legítima na teologia católica ortodoxa. Sua resposta foi estranhamente incisiva: “Não, não pode”. De fato, como eu li mais tarde na Enciclopédia Católica, “várias de suas doutrinas lembram as de Pitágoras, Platão, Aristóteles, os neoplatônicos de Alexandria, os panteístas orientais, ou egípcios, e os gnósticos das primeiras eras cristãs. Suas especulações sobre a natureza e a relação de Deus com o universo diferem materialmente dos ensinamentos da Revelação”.

Deve-se notar neste ponto, para evitar dúvidas, que a radical irreconciliabilidade da Cabala com o Depósito da Fé não é de forma alguma um preconceito dos tradicionalistas católicos judeufóbicos, e até os estudiosos católicos e filo-semitas reconheceram o fato. O Dr. John Lamont, da Universidade Católica da Austrália, por exemplo, ao escrever o que é um tratamento extremamente simpático ao judaísmo (intitulado “Por que os judeus não são os inimigos da Igreja”) para a revista de grande circulação *Homiletic & Pastoral Review*, interpola uma qualificação importante: “Deve-se mencionar que a Cabala... não é compatível com o monoteísmo”. Não apenas incompatível com o cristianismo, mas até com o monoteísmo!

A extensão em que os Cabalistas estão ganhando força no meio da Tradição Católica é difícil de quantificar com precisão, mas talvez possamos avaliar um pouco considerando o caso da Associação de Católicos Hebreus (AHC em inglês: Association of Hebrew Catholics), um apostolado leigo antes sediado na Diocese de Lansing, nos EUA, e ostentando cerca de dez mil membros em todo o mundo, cuja missão declarada é “preservar a identidade e a herança dos judeus dentro da Igreja... ajudar todos os católicos a entender as raízes judaicas da fé católica e servir a todas as pessoas em sua jornada espiritual, tanto dentro como fora da Igreja Católica”. A AHC se esforça para alcançar esses objetivos conectando seus membros separados geograficamente para facilitar, entre outras coisas, “Havurot” (no plural; “Havurah” no singular) – irmandades regionais e informais dos chamados “católicos hebreus” que se reúnem regularmente para socializar, rezar e estudar. Um exemplo de atividades típicas de Havurah é dado no site da AHC:

“*Do Bnei Miriam Havurah, Tasmânia, Austrália...”*

“Nossas atividades de Havurah incluem uma celebração semanal da tradicional refeição do Sabá Judaico. Acendemos as luzes usando as orações tradicionais e depois fazemos a oração da noite presente no ofício católico. Rezamos o Salmo judaico do dia e depois cantamos o Lecha dodi (“Vem, meu amado”) em homenagem a Nossa Senhora, a Rainha do Sabá. Também cantamos a canção de boas-vindas aos anjos e rezamos outras orações do Sidur antes de dizer o Kidush. Após a refeição, rezamos o Birkat Mazon (Graça). Durante a refeição conversamos ou compartilhamos algum aspecto da vida judaica da Torá. Em outras ocasiões, também ***estudamos os ensinamentos de Rebe Nachman [cabalista] ou do Zohar*** *ou outros escritos judaicos à luz de nossa fé católica. Também participamos de certos eventos com a comunidade judaica ortodoxa local em Hobart”.*

Entre 2002 e 2004, *The Hebrew Catholic*, o boletim trimestral oficial da associação AHC, publicou em três edições um ensaio, “A Eucaristia e a Tradição Mística Judaica”[1], no qual o autor, líder da AHC e ativista Athol Bloomer, opina que “o estudo da tradição mística judaica [ie Cabala] à luz da Eucaristia é... essencial no desenvolvimento futuro de uma espiritualidade Católica Hebraica que enriqueceria toda a Igreja”. Para Bloomer, “uma das coisas importantes para o movimento Católico Hebreu é desenvolver uma autêntica teologia e espiritualidade Católica Hebraica que seja centrada na eucaristia. Se vamos ser apenas católicos gentios, helenísticos-romanos, que por acaso já foram judeus, acho que devemos fechar a boca e admitir que o regime da assimilação triunfou”. Seu ensaio foi posteriormente republicado no site da AHC, onde ainda pode ser lido hoje [2].

Também estão disponíveis no site da AHC – com o objetivo presumido de promover essa “autêntica teologia e espiritualidade Católica Hebraica” – textos como “*The Book of Understanding*” (O livro do entendimento), do “estudioso das Escrituras e de textos rabínicos”, Michael Anthony, que o falecido rabino Joseph H. Ehrenkranz recomenda como “uma obra enciclopédica que nos permite subir a Escada do Entendimento... Enquanto [o autor] apresenta cada degrau da escada, ele invoca as Sagradas Escrituras, Midrashic e outros textos rabínicos, o Talmude Babilônico e de Jerusalém, o Zohar, além de comentários da tradição Cristã e Judaica”. Confesso que não li esta obra, mas se é uma leitura adequada para a edificação dos católicos, então como é que um rabino judeu ortodoxo – um adepto de uma *religião completamente diferente (e falsa)* – pode descrevê-la como “em essência um livro para a vida, uma grande contribuição para aqueles que procuram um modo de vida baseado na fé fundamental que conduz ao Entendimento”?

Em 2006, dois anos após o texto “A Eucaristia e a Tradição Mística Judaica” aparecer no *The Hebrew Catholic,* a AHC transferiu sua sede para a Arquidiocese de Saint Louis, onde o arcebispo em exercício provou ser um anfitrião muito complacente. Em uma carta a David Moss, presidente da AHC, ele escreveu:

“Em primeiro lugar, ***permita-me expressar minha estima*** *pelo apostolado da Associação dos Hebreus Católicos. A missão da vossa associação responde,* ***da maneira mais adequada****, ao desejo da Igreja de respeitar plenamente a característica vocação e herança dos Israelitas na Igreja Católica. A Igreja Católica Romana conhece e valoriza o vosso quinhão particular e privilegiado na economia da salvação, atribuída por Deus Pai ao povo de Israel...”*

“A sede da Associação dos Católicos Hebreus é muito bem-vinda vindo para ser realocada na Arquidiocese de Saint Louis. Além disso, se houver algo que eu possa fazer para vos ajudar a

estabelecer a sede da Associação na Arquidiocese, por favor me avise. Instruí minha equipe a dar-vos ***toda a ajuda possível*** *na localização de um local adequado para a sede e aposentos pessoais".*

O mesmo arcebispo - agora emérito - atualmente faz parte do Conselho de Assessores da AHC. Ele é o Cardeal Raymond Leo Burke, o *suposto porta-estandarte da Tradição na Hierarquia Católica!*

Talvez Sua Eminência desconheça as inclinações cabalísticas da AHC. Talvez o Dr. Taylor Marshall, outro decano do movimento católico tradicional, também não soubesse quando discursou em uma conferência da AHC, em 2010, e depois escreveu em seu blog popular: "Foi um momento maravilhoso e espero participar novamente no futuro". Não posso falar por nenhum deles, é claro, embora suspeite que o Dr. Marshall – que mais tarde provocaria a ira dos católicos liberais ao se manifestar contra a prática "judaizante" dos cristãos que celebram o Seder de Pessach, que o AHC encoraja ativamente – de fato tenha participado sem plena consciência desses problemas. O Cardeal Burke, por outro lado, participou de pelo menos um desses Seders organizados pela AHC que o Dr. Marshall argumenta convincentemente (citando São Tomás de Aquino e o Concílio de Florença) é pecado mortal para um católico participar. Como se explica isso?

Surpreendeu-me que o Cardeal Burke, por quem sempre tive o maior respeito e admiração, não só deixasse de censurar uma organização sob sua jurisdição que se propõe a "enriquecer toda a Igreja" com uma espiritualidade Gnóstico-Cabalista, mas optasse por endossar e até mesmo associar-se pessoalmente a ela. Eu posso estar mostrando minha ingenuidade de leigo aqui, mas eu teria pensado que qualquer prelado católico que pretenda ser fiel à Tradição necessariamente defenderia essa tradição em sua totalidade, incluindo o decreto de 1887 do Papa Leão XIII proscrevendo os vários textos da Cabala (entre outros), onde se lê, em parte:

"*Vossa Santidade, o Papa Clemente VIII, em sua Constituição contra escritos ímpios e livros judaicos, publicada em Roma no ano de Nosso Senhor 1592... expressamente e especialmente estabeleceu e desejou que os ímpios Talmúdicos,* ***Cabalísticos*** *e outros nefastos livros dos judeus sejam* ***inteiramente condenados*** *e que devem permanecer sempre condenados e proibidos, e que sua Constituição sobre esses livros deve ser observada* ***perpétua e inviolavelmente***".

Talvez Sua Eminência possa fazer a gentileza de esclarecer sua posição sobre o assunto?

Notas

[1] Parte I (edição nº77 verão-outono de 2002); Parte II (edição №78, inverno-primavera de 2003); Parte III (edição №80, verão de 2004) [PDF indisponível]

[2] Disponível em:

https://www.hebrewcatholic.net/eucharist-jewish-mystical-tradition-part-1/

https://www.hebrewcatholic.net/eucharist-jewish-mystical-tradition-part-2/

https://www.hebrewcatholic.net/eucharist-jewish-mystical-tradition-part-3/

Parte V: O Renascimento do Neoplatonismo e a Tradição Hermética

Intimamente relacionado ao fenômeno da Cabala está o Hermetismo, o qual, de acordo com Albert Pike, "pode ser precisamente definido como Cabala em ativa realização..." Os assim chamados Hermetistas são discípulos de (o mitológico) Hermes Trimegistro – um suposto oráculo (ou algumas vezes a encarnação humana) do antigo deus Egipcio Thoth – e estudantes de antigos textos a ele atribuídos, coletivamente conhecidos como *Corpus Hermeticum*. É para esses praticantes das ocultas "ciências Herméticas" que Valentim Tomberg endereça as epístolas que compõem seu *Meditations on the Tarot.*

Já vimos (na Parte Um) que Roger Buck, o celebrado autor de *Cor Jesu Sacratissimum* e *The Gentle Traditionalist*, simultaneamente se identifica como um "Católico tradicional" e "um aspirante ao Hermetismo Cristão" ("A tradição Hermética originando com Hermes Trimegistro deve ser *Cristianizada* – não repudiada," ele defende[1]); e (na Parte Três) que o "tradicionalista Católico" Professor Wolgang Smith concebe o Hermetismo como um afluente da "única grande doutrina perene, a qual ... jorra de Cristo Mesmo."[2] Na lista desses defensores do Hermetismo podemos adicionar o já mencionado Dr Michael Martin – um confesso "Rosacruciano" – e Stratford Caldecott, que argumentou que "os escritos Herméticos ... fornecem muitos dos recursos que nós precisamos para desenvolver uma mistagogia contemporânea efetiva"; e, em outro lugar:

"*[Citando Tomberg:] Agora é o momento para o movimento Hermético fazer a verdadeira paz Cristã com a Igreja e deixar de ser seu filho semi-ilegítimo, levando uma vida parcialmente tolerada mais ou menos na sombra da Igreja – e para* ***tornar-se eventualmente uma criança adotada****, e mesmo um filho reconhecido como legítimo. Mas 'são precisos dois para que haja amor' ... [fim da citação.]"*

"O desafio de ***desenvolver uma ciência dos 'milagres'*** *(no senso comum e largo da palavra) é sério.* ***Não se deve descartar todo o movimento Hermético*** *como se significasse somente o ressurgimento da heresia e culto satânico."*

Num post em um blog, "imaginação Hermética," o escritor tradicional Católico Charles A. Coulombe – o autor de muitos livros Católicos, incluindo o recém lançado *Blesses Charles of Austria: A Holy Emperor and His Legacy* (O Bendito Carlos da Austria: Um Santo Imperador e Sua Herança), da tradicionalista TAN Books – que fez um grande elogio para *Cor Jesu Sacratissimum* (ver Parte Um), inicia com uma "extensa citação [que] serve bem como uma introdução à visão de mundo Hermética ou Mágica":

"*Além desses campos e dessa fronteira há o lendário mundo-maravilha da teurgia, assim chamado, da* ***Magia e Bruxaria, um mundo de fascinação e terror****, e à medida que a mente o observa ela é acalmada, mas de qualquer modo é a antítese de uma possibilidade que possa ser admitida. Lá todos os paradoxos parecem ser realizados,* ***contradições coexistem logicamente****, o efeito á maior do que a causa e a sombra é mais do que a substância. Lá o visível derrete no não visto, o invisível é manifestado abertamente, o movimento de um local a outro é alcançado sem que se atravesse a distância que os separa, matéria atravessa matéria. Lá duas linhas retas podem definir um espaço; o espaço tem uma quarta dimensão, e campos inexplorados além dele; sem metáfora e sem fraude, o círculo é matematicamente quadrado. Lá a vida é prolongada, a juventude renovada,* ***a imortalidade física assegurada.*** *Lá a terra se torna ouro, e ouro terra. Lá palavras e desejos possuem poder criativo, pensamentos são coisas, o desejo realiza seu objeto. Lá, também,* ***os mortos vivem e as hierarquias de inteligência extra-mundana se comunicam facilmente,*** *e se tornam ministros ou algozes, guias ou destruidores do homem. Lá a Lei da Continuidade é suspensa pela interferência da lei superior da Fantasia. (A.E. Waite,* ***The Book of Ceremonial Magic,*** *University Books, NY 1961, pp. 3-4)"*

Se o "lendário mundo-maravilha" de Waite parece totalmente estranho e pertubador, o que segue é mais estranho ainda – porque o texto de quase 8.000 palavras que este longo excerto precede é uma *aprovação* da "visão mágica do mundo" que ele descreve. Mais que isso, é praticamente um tributo à oculta Ordem Hermética Golden Dawn (na qual o notório Satanista Aleister Crowley começou sua diabólica carreira) e aos gigantes literários cuja espiritualidade esotérica ele influenciou:

"*A G.D. [Golden Dawn] aspirava não somente a ser uma academia completa de conhecimento oculto... mas também um forum para a prática Místico-Mágica – e essa Mágica era entendida no mesmo sentido que dava Eliphas Levi. Nas palavras de Stephan Hoeller, Mágico nesse sentido é 'um termo guarda-chuva para o crescimento ou expansão da consciência por meio de modalidades simbólicas.' Para transmitir ambos conhecimento e prática, um elaborado sistema de graus foi estabelecido; à medida que o estudante alcançava esses graus, ele ou ela aprendia habilidades ainda mais esotéricas. Essas incluíam conhecimentos de* ***Cabala (a qual... era a estrutura conceitual básica da G.D.); Tarot; Geomancia; Astrologia; Alquimia; e ritual Mágico.*** *Os trabalhos associados a esse último incluíam* ***a confecção de símbolos mágicos e talismãs, comunhão com espíritos, evocação de Demônios, e invocação de Anjos.*** *Além disso, o iniciado na Golden Dawn aprendia a* ***'perscrutar,' o que incluía tanto a clarevidência quanto a viagem astral ...***

"Não pode haver dúvida de que muitos irmãos e irmãs da G.D. alcançaram em suas próprias vidas devocionais a mesma síntese entre Hermetismo/Neoplatonismo e Cristianismo Sacramental que caracterizou os Ultra-Realistas Medievais [e] Humanistas Renascentistas... Em uma palavra, seu Cristianismo, enquanto ligados aos dogmas da Revelação, viu o mundo tanto como um símbolo e ocultação de realidades mais elevadas, contato que era alcançado através de mágica e adivinhação, quanto num mais puro e mais elevado nível, através dos Sacramentos."

"O maior representante destes foi talvez o Católico A.E. Waite, o qual ... escreveu sobre a própria Golden Dawn: 'Não está em competição com Igrejas Cristãs externas, mas é ***uma Igreja dos Eleitos, uma Assembleia Oculta e Santa****... é uma Casa do Santo Graal na santidade de um*

Elevado Simbolismo, onde o sagrado intento da Ordem é consumado sobre Pão e Vinho'...

[A ideia de uma "Igreja dos Eleitos", secreta e mística, tipicamente identificada com o Apóstolo São João, distinta (embora nunca separada) da visível e "exotérica" Igreja de São Pedro, é um tema recorrente na tradição Cristã-Hermética, e é explícita nas *Meditations* de Tomberg (p. 6): "O discípulo amado que ouviu o coração do Mestre era, é, e sempre será o guardião deste coração... A missão de João é manter a vida e a alma da Igreja *viva* até a Segunda Vinda do Senhor... Este é o espírito do Hermetismo."]

*"Por diversas razões escritores Cristãos e não-Cristãos tentam estabelecer uma dicotomia entre elementos Cristãos e ocultos nos textos deles [os autores que discutimos]... **onde na verdade o que há é uma síntese...***

*"Essa **união do Católico com o Hermético**, do Cristão com o Esotérico, teria... feito todo sentido para o Ultra-Realista, o Humanista, ou o camponês..."*

"Todos esses conceitos, aplicados à Cristandade, podem parecer peculiares... Mas somente é idiossincrático se alguém se refere às formas Aristotélicas e/ou à pós-Reforma do Cristianismo..."

*"O hermetismo Cristão contemplado pela Golden Dawn, como todo Hermetismo deste tipo, poderia bem... ser simbolizado pelo Ás de Copas do Baralho de Tarot. Considerado meramente como uma ferramenta de advinhação da sorte, ele pode significar planos ou pensamentos ocultos, pronto para ser posto em ação mas cujo sentido ainda está escondido. Em um nível mais elevado pode significar proteção e conhecimento. Mas sua aparência sugere um mundo de significados. Pois ele mostra um cálice sustentado por uma mão que sai de uma nuvem. A Pomba do Espírito Santo leva uma hóstia, que tem gravada uma cruz, diretamente para dentro do cálice, e água pura e viva sai do cálice e jorra para o mar. Nós temos num só desenho a representação do sistema Sacramental (a Eucaristia e o Batismo), e do Santo Grall. Dois mistérios, um conquistado somente no fim de uma longa busca, e o outro tão próximo que pode ser considerado garantido. Ainda que, de fato, eles sejam um. **Este é certamente o mais profundo Hermetismo Cristão. É uma honra para a Golden Dawn que a Ordem ao mesmo tempo desenvolveu uma autêntica vertente desse Hermetismo, e atraiu membros do calibre necessário para transmiti-lo a um mundo que necessita dele."***

[Coulombe – outro dos admiradores de Tomberg – tem uma particular afinidade com o Tarot, como veremos.]

A síntese Cristã-Hermética exemplificada pelos ocultistas da Golden Dawn, nos asseguram repetidamente, teria feito "todo sentido" para os Católicos "Ultra-Realistas" (i.e. Neoplatonistas) da Renascença, e é com esses que Coulombe resolutamente se alinha, como fica evidente em outra de suas postagens em blog, "Ultra-Realism FAQ." Nesse artigo, o convicto Neoplatonista Coulombe zomba da filosofia "Aristotélica" de São Tomás de Aquino, a qual ele denuncia como "adequada para Católicos débeis", "simplesmente falsa", e "uma receita para o desastre" e responsável por "devastar" a Cristandade. "A canonização de São Tomás", ele lamenta, "e o emprego de sua filosofia (ou, para ser mais preciso, versões mais ou menos distorcidas dela) na Contra-Reforma, pareceu dar a ela um status oficial, como se fosse A filosofia Católica." Na avaliação de Coulombe,

a Cristandade tem percorrido uma espiral em direção à ruína desde então: O Tomismo "contribuiu para o declínio da Igreja... [e] abalou as fundações da Igreja e do Estado Medievais," ele escreve.

O único modo de parar e reverter esse suposto declínio é repudiar o Tomismo e abraçar a "visão de mundo Mágica" da Golden Dawn; esse é o argumento fortemente implicado no texto citado acima, e dito explicitamente no "A Ortodoxia Esotérica do Catolicismo," um artigo de 1990 escrito por Coulombe para a décima sexta edição da (agora extinta) revista *Gnosis*, na qual ele (supostamente)[3] escreveu:

"Ninguém pode dizer com completa precisão o que irá acontecer. Mas nós podemos saber ***o que deve acontecer para que a Igreja funcione de forma adequada.*** *Ela deve retornar para a... visão mágica da vida; e o processo de batizar o Hermetismo, interrompido pela Reforma, deve ser completado."*

Um malabarismo retórico está sendo feito aqui, já que a "Reforma" Protestante somente pode realmente ser acusada de ter interrompido "o processo de batisar o Hermetismo" na medida em que provocou a *Contra-Reforma* inaugurada pelo Concílio de Trento, no qual – como o Papa Leão XIII ressaltou em sua (vigorosamente Tomista) encíclica *Aeterni Patris* – "os Padres de Trento ordenaram que no conclave deve estar presente no altar, juntamente com a sagrada Escritura e os decretos dos supremos Pontífices, a Suma de Tomás de Aquino, para buscar Conselho, razão, e inspiração."

O Tomismo, em outras palavras, foi efetivamente canonizado em Trento (uma honra frequentemente renovada pelos mais sábios dos Pontífices Romanos, incluindo especialmente Leão XIII e São Pio X) e isso foi este ato *Católico* – e *não* a heresia Protestante por ele rejeitada – que bloqueou os esforços dos Hermetistas de insinuarem-se com o Magistério: "Elementos ortodoxos da Contra-Reforma," explica Dr John F. Nash, Editor Emérito da coleção revisada *Esoteric Quarterly,* "... [produzida] para abafar qualquer influência que o Hermetismo ainda tivesse nos altos escalões da Igreja Romana. Em uma deliberada desfeita para com o Neoplatonismo Renascentista e para com o Hermetismo, ao qual este último havia dado legitimidade, o Concílio de Trento reafirmou o Aristotelismo de Tomás de Aquino como sendo a filosofia oficial da Igreja Católica." Que desgosto para Charles A. Coulombe!

É irônico que Coulombe pudesse asseverar que "não podemos dizer ... o que irá acontecer," porque há inúmeros arquivos de áudio disponíveis online nos quais ele – juntamente com seu amigo de longa data Dr Stephan A. Hoeller, um "bispo" da *Ecclesia Gnostica* (Igreja Gnóstica) – tenta predizer o futuro através da leitura de cartas de Tarot. Esses são registros do evento anual "Tarot Forecast for the U.S.A." organizado (numa loja Teosófica) pela Sociedade Gnóstica de Los Angeles, cujo website orgulhosamente anuncia a participação de "nosso bom amigo, Charles Coulombe" na sua "popularíssima sessão de advinhação anual." Não sou de modo algum um filósofo, mas se isso é a aplicação prática do "Ultra-Realismo" Neoplatonista, que foi colocado de lado pela ascensão do Tomismo, então não estou nem um pouco surpreso ou desapontado de que a Divina Providência tenha escolhido o Doutor Angélico, com sua grande sabedoria e com o trabalho de sua vida, para inocular a Igreja contra maléfica influência.

Charles Coulombe, certamente, é um excêntrico. Mas ele é também um Editor Contribuinte da tradicionalista *Crisis Magazine*, assim como da "Scholar-in-Residence" na Tumblar House, um editor pequeno mas prestigioso que reclama para si "uma reputação por publicar livros Católicos de qualidade que são aderentes à tradição e ortodoxia Católica," e cujos autores incluem Robert Cardinal Sarah, Fr Chad Ripperger, e Dr Taylor Marshall. A "Imaginação Hermética" e o "FAQ Ultra-Realismo" de Coulombe, citado acima, foram ambas publicadas no blog oficial da Tumblar House.

Fr Ripperger pode ter sido mais que correto do que imaginou quando ele alertou no mesmo blog (apesar de que um pouco hiperbolicamente) que "o movimento tradicionalista está lentamente se tornando um movimento Gnóstico entre alguns ..."

Notas:

[1] Buck, R., *Cor Jesu Sacratissimum: From Secularism and the New Age yo Christendom Renewed* (Angelico Press, 2016),p.249

[2] Martin, M. & Smith, W., *In Quest of Catholicity: Malachi Martin Responds to Wolfgang Smith* (Angelico Press, 2016), p.76

[3] Eu digo supostamente porque não consegui encontrar o artigo em questão online, embora ele certamente exista e foi de fato redigido por *Gnosis* – como o nome sugere, uma publicação Gnóstica – pelo Sr Coulombe; a citação aqui reproduzida foi postada em um forum de internet Católico.

Parte VI: Rumo a uma Síntese Tradicionalista-Modernista?

Até aqui tenho apresentado uma pesquisa bem limitada, longe de ser completa, sobre os discursos inter-relacionados, Perenialistas, Cabalistas e Hermetistas, que penetraram no movimento tradicional Católico – mais notavelmente via Angelico Press (ver Partes Um, Dois, Três e Cinco). Duas óbvias e importantes questões surgem: Por que alguns Católicos tradicionais se mostram suscetíveis a essas influências ocultas, e por que outros de fato aderem? E como isso poderia afetar o futuro desenvolvimento do tradicionalismo Católico e, finalmente, a própria Igreja? Nas últimas três partes dessa monografia, me empenho em articular algumas ideias que eu – como leigo sem formação – tenho a oferecer e que penso ser de valor aos esforços de comentadores melhor qualificados para responder a essas questões primordiais.

Esteticamente falando, ocultistas e tradicionais Católicos tem muito em comum; ambos tem um profundo respeito e aspiração pelo ritual, mistério e tradição transcendente, e um correspondente profundo desdém pelo materialismo, racionalismo e secularismo crasso da espiritualidade árida de nosso mundo moderno. Alguém pode certamente considerar, portanto, como uma predileção por esse "ambiente espiritual" poderia facilmente, na ausência da fé sobrenatural, excitar a curiosidade por "feitiçaria". Isso não é hipotético. Um artigo na Anglicana *Church Times* ilustra o quanto disseminado esse fenômeno pode se tornar:

"*EM 1978, A. N. Wilson publicou 'Unguarded Hours', uma sátira da vida em um seminário Anglo-Católico... No clímax do livro, um reitor liberal, visitando o seminário, encontra alguns seminaristas envolvidos em um ritual mágico...*

"Wilson sabia sobre o que estava escrevendo ..."

"*O envolvimento Anglo-Católico com o ocultismo é maior e mais profundo do que a maioria das pessoas poderia suspeitar. Considere, por exemplo, a Ordem Hermética da Golden Dawn... [a qual] recruta pesadamente membros do clero..."*

"Leigos Anglo-Católicos destacados como Evelyn Underhill, Arthur Machen e Charles Williams se arriscaram no 'misticismo' iniciático da Golden Dawn, formando suas próprias ideias a respeito da relação entre hermetismo e Cristandade em conversas com seu amigo comum A. E. Waite (1857-1942). Waite, embora não pessoalmente crente, mantinha um saudável respeito por formas rituais da Cristandade – ***especialmente a missa em Latim..."***

“Essas figuras tão diferentes foram unidas por dois segmentos normalmente considerados como mutuamente exclusivos. Primeiro, todos ele compartilham um comprometimento com a tradição Católica Anglicana. Eles também têm um profundo interesse em (e, em alguns casos, participam) várias crenças e práticas ocultistas.”

“As fronteiras entre essas duas tendências provaram ser permeáveis. *O Anglo-Catolicismo e o ocultismo tiveram, âmbos, um senso do ritual, com frequência um romantismo Gótico, e uma visão de mundo sacramental. Ambos sugeriram que o sobrenatural poderia perpassar o mundo material, e ambos ofereceram suas próprias vias de ‘misticismo’ para penetrar além do mundo material...”*

“O ocultismo Anglo-Católico era, nas mentes de muitos de seus praticantes, ***uma censura ao mundo descrente*** *exterior ao claustro e ao sanctum... O Ocultismo poderia aumentar a religião convencional, e não era de forma alguma tão marginal quanto se pudesse supor.”*

Isso deveria ser lido pelos Católicos tradicionais como uma lição; aconteceu com o Anglicanismo, mas poderia facilmente acontecer com a gente. Pode ser considerado que a multiplicação de heresias entre hereges é esperada – o que é bem verdade – mas não deveríamos ser tão complacentes; a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, diferentemente da Anglicana, é indefectível, *mas seus membros individuais não.* Católicos tradicionais e os chamados “Anglo-Católicos” – embora não compartilhemos nenhuma comunhão (nem “imperfeita”, nem de qualquer forma) – têm, no nível natural, mais do que alguns traços, atitudes e preferências em comum, e isso nos torna vulneráveis aos mesmos perigos espirituais; consequentemente foi dado o alerta do Ven Papa Pio XII contra qualquer indulgência ao misticismo exótico como “uma censura ao mundo descrente”, em sua encíclica *Mystici Corporis Christi* de 1943:

“Enquanto ainda sobrevive um falso racionalismo, que ridiculariza qualquer coisa que transcenda e desafie a genialidade humana, o qual é acompanhado de um erro cognato, o assim chamado naturalismo, que vê e deseja ver na Igreja nada além de uma união social e jurídica, ***há por outro lado um falso misticismo se infiltrando,*** *o qual, na sua tentativa de eliminar a inamovível fronteira que separa as criaturas do seu Criador, falsifica as Sagradas Escrituras.”*

Todo falso misticismo (como eu o entendo) é, fundamentalmente, uma consequência da fusão das ordens natural e sobrenatural – ou seja, natureza e graça – (a qual o Professor “Católico tradicional” Jean Borella, por exemplo, parece culpado; ver a Parte Dois), porque fazendo isso nos incentiva – ao invés de olhar *ao alto* para Deus – a olhar *para dentro*, para a auto deificação; ou *para fora*, para um cosmos divinizado – de qualquer modo, uma negação implícita do Pecado Original. (O Budismo seria o exemplo perfeito). O Papa São Pio X visa os propagadores desse tipo de erro em sua encíclica anti-Modernista *Pascendi Dominici Gregis*:

“E sobre este ponto nos vemos de novo obrigados a lamentar que não faltem católicos que, conquanto rejeitem a doutrina da imanência como doutrina, todavia se utilizam dela na apologética; e fazem-no tão incautamente, que parecem admitir ***não somente certa capacidade ou conveniência na natureza humana para a ordem sobrenatural, (o que os apologetas católicos com as devidas restrições sempre demonstram), mas também uma estrita e verdadeira exigência****. Para sermos mais exatos, dizemos ainda que esta exigência da religião*

católica é sustentada pelos modernistas mais moderados. Pois, aqueles que podem ser denominados integralistas, pretendem que se deve mostrar ao homem que ainda não crê, ***como se acha latente dentro dele*** *mesmo o gérmen que esteve na consciência de Cristo, e que Cristo transmitiu aos homens. Eis aqui, Veneráveis Irmãos, sumariamente descrito o método apologético dos modernistas, em tudo conforme com as doutrinas; e tanto o método* ***como as doutrinas estão cheios de erros, capazes só de destruir e não de edificar, não de formar católicos, mas de arrastar os católicos à heresia...****"*

Não é essa uma refutação direta, antecipada, da afirmação do Professor Wolfgang Smith, "de que há um ingrediente sobrenatural no homem," a "pequena centelha" teorizada por Mestre Eckhart (veja a Parte Dois), da qual ele presume "uma natural disposição para o sobrenatural"? Desse modo Smith, o Cabalista (veja a Parte Três) – juntamente com o Perenialista (e acusado de Gnóstico) Jean Borella, com o Hermetista Valentin Tomberg, e sua turma – se junta à tradição de *falsos místicos* proto-Modernistas que "desejam eliminar a inamovível fronteira que separa as criaturas de seu Criador" e, assim fazendo, "falsificam as Sagradas Escrituras." O Ven Pio XII iria mais tarde dar continuidade à sua *Mystici Corporis Christi* com *Humani Generis* em 1950, na qual ele reforça a crítica de que "novidades deste tipo já deram seus frutos mortais" por, *inter alia*, "destruir a gratuidade da ordem sobrenatural" e "perverter o conceito de pecado original..."

Um perfeito exemplo desse "falso misticismo insinuante" aparece no artigo de *Church Times* citado acima, pois entre os "ocultistas Anglo-Católicos" citados, Dom Aelred Carlyle – um entusiasmado estudante de Voodoo – iria mais tarde "cruzar o Tibre," com a comunidade Beneditina que ele fundou em Caldey Island. A boa fé tradicionalista do abade (ele amava a liturgia Tridentina) nada fez para prevení-lo de abastecer a biblioteca de seu mosteiro com uma "enorme seleção de livros e panfletos que abordavam a Teosofia, o Rosacrucismo, a reencarnação, e formas similares de misticismo não-cristão", nem de procurar o que ele dizia serem as relíquias do Bl Richard Whyting por meio de uma sessão espírita. (E eu sou inclinado a acreditar que os múltiplos escândalos de abuso sexual de crianças que abalaram Caldey Abbey – que agora aloja uma comunidade de monges Trapistas – em 2017, não foram desvinculados das atividades ocultistas que lá ocorreram um século antes. Os exorcistas conhecidos meus, estou certo, concordariam).

A fortaleza da Tradição Católica, nós sabemos, tem estado sob contínuo ataque por, no mínimo, os últimos cem anos – pelas forças nominalmente Católicas do Modernismo em uma frente, e de legiões de racionalistas expressamente anti-Católicos em outra. Condições de cerco como essas podem produzir estranhas companhias, e há sempre a tentação de compromisso, especialmente quando o compromisso oferecido se reveste de uma síntese simpática (como aquela sustentada por Charles A. Coulombe, por exemplo; veja a Parte Cinco). Uma vez mais Roma nos alertou antes exatamente a respeito dessa ameaça, dessa vez através do Papa Pio XI, em uma carta de 1926 para o Cardeal Andrieu, Arcebispo de Bordeaux:

"Nós lemos com alegria a resposta de Sua Eminência para o grupo de jovens Católicos que lhe questionaram a respeito da 'Action Française'... Sua eminência indica... um perigo que... toca, mais ou menos diretamente, ***e sem parecer,*** *a moral e a fé Católicas; poderia* ***involuntariamente causar*** *o desvio do verdadeiro espírito Católico..."*

*“Sua Eminência corretamente lista e condena... os **sinais de um novo sistema religioso, social e moral**, por exemplo no que se refere à noção de Deus, da Encarnação, da Igreja e, genericamente, da moral e do dogma Católicos... Em substância, há, nessas manifestações [da Ação Francesa], traços de **um renascimento do Paganismo,** ao qual está ligado o Naturalismo... contra os quais eles mesmos sempre combateram tão ardentemente...”*

Muitos Católicos tradicionais – incluindo o santo Marcel Lefebvre[1] – argumentaram que Pio XI agiu imprudentemente ao condenar a *Action Française*, cujos líderes positivistas eram pragmaticamente pro-Católicos (reconhecendo, como fizeram, a Igreja como um pilar essencial da sociedade Francesa) mas privadamente detestavam a Fé e achavam o paganismo mais apto para gerar uma civilização grandiosa. É possível que ele tenha de fato errado em seu julgamento, talvez tendo exagerado a percepção do risco para a fé dos piedosos Católicos franceses que se juntaram ao movimento, dos quais havia muitos. De qualquer modo, algum risco *realmente* existia, embora a aliança entre Católicos e positivistas representada pela *Action Française* fosse somente um síntese *política.* Quanto mais, então, devemos nós, Católicos tradicionais, estarmos de alerta em relação à síntese *teológica* proposta por Perenialistas, Gnósticos, Cabalistas e Hermetistas?

Tal síntese pode muito bem ser sedutora. Ela pode apelar para o nosso orgulho intelectual, como o Gnosticismo sempre faz, nos tentando com a promessa de um conhecimento secreto, e a iniciação em um círculo mais interno de uma elite de crentes “iluminados”. (Fr Chad Ripperger notou a particular vulnerabilidade dos Católicos tradicionais a essa tentação em uma palestra da *Sensus Fidelium*, “10 Problemas no Movimento Tradicionalista,” cujo primeiro é “Tornar-se Gnóstico e Elitista.”) Ou, como no Perenialismo, que parece nos trazer o luxo de manter os aspectos “positivos” da Tradição – a antiga liturgia e os costumes da Igreja pré-Conciliar – e ao mesmo tempo desprezando (ou ao menos mitigando) os aspectos “negativos”: *extra Ecclesiam nulla salus*, o escândalo da particularidade, e o Pecado Original. Mas nunca devemos oferecer nem um grão de incenso aos falsos deuses do ocultismo: *“O que adianta a um homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?”* (Mateus 16:26)

Não adianta combater o Modernismo com o Martinismo, ou qualquer outra teosofia, assim como não é prudente tratar enjôos matinais com talidomida; poderia ser eficaz, mas a que custo? Muitas das mulheres grávidas a quem foi administrada talidomida tiveram, em consequência, crianças horrivelmente deformadas. Se a Igreja “se apropriasse da Cabala,” como o Prof Smith esperançosamente previu (veja a Parte Três), o que poderia resultar desse casamento? Pensando sobre a questão, me lembrei do Segredo de La Salette:

*“Antes que isto aconteça [a era do Anticristo], **haverá uma espécie de falsa paz no mundo. Não se pensará em outra coisa, senão em se divertir.** Os maus se entregarão a toda sorte de pecados...”*

“Tremei, ó Terra, vós que fizestes profissão de servir a Jesus Cristo, mas que no vosso íntimo adorais a vós próprios. Tremei, pois Deus vos entregará a seu inimigo, porque os lugares santos estão imersos na corrupção. Muitos conventos não são mais casas de Deus, mas pastagens de Asmodeu e os seus [demônios].

*Durante esse tempo **nascerá o Anticristo de uma religiosa hebraica**, uma falsa virgem que terá comunicação com a velha serpente. E o mestre da impureza, **seu pai, será bispo**. Ao nascer, vomitará blasfêmias e terá dentes. Numa palavra, será o diabo encarnado. Dará gritos aterrorizadores, fará prodígios, alimentar-se-á só de impurezas."*

"Roma perderá a fé e se tornará sede do Anticristo..."

"*A Igreja será eclipsada, o mundo estará na consternação... Todo o universo será tomado de terror, e muitos se deixarão seduzir, porque não adoraram o verdadeiro Cristo vivo entre eles. Chegou a hora, o sol se obscurece, só a fé viverá..."*

Estamos familiarizados com os quatro sentidos da Sagrada Escritura; poderia aí também haver múltiplas camadas de significado, além do histórico-literal, nesta revelação privada para Melanie Calvat? Claro que eu posso apenas especular, mas eu pergunto se essa aterrorizante mensagem de Nossa Senhora, entendida como alegoria pressagia uma tentativa de cruzamento entre a Cabala Judaica (personificada como "uma religiosa hebraica") e o Catolicismo Romano ("um Bispo") – com desastrosas consequencias para a Igreja.

Notas:

[1] "Não era um movimento Católico, mas era um movimento contra a desordem semeada por Francomaçons no país, na França: era uma reação saudável, uma determinação para reestabelecer a ordem e a disciplina, um retorno à moralidade e para a moralidade Cristã... Pio XI não era um liberal. Mas ele era fraco, muito fraco na esfera prática e, ao contrário, inclinado para o compromisso com o mundo..."

Parte VII: A Letal Eclesiologia do Neo-Tradicionalismo Tomberguiano

No curso de minha investigação sobre a influência do oculto no discurso Tradicional Católico, o Hermetista Valentin Tomberg – cujas *Meditations on the Tarot* eu apresento, *devem* ser estudadas e criticadas por estudiosos Católicos fiéis à Tradição – surgiu como o denominador comum, ao qual quase todos os tradicionais Católicos citados nessa monografia estão ligados ou são por ele inspirados.

A força da atração de Tomberg entre tradicionalistas, apesar de seu ecletismo, está nas suas notáveis credenciais contra-revolucionárias. Tomberg se opunha consistentemente e veementemente não somente às revoluções políticas da América, França e Rússia, mas também às revoluções religiosas de Martinho Lutero e, mais relevantemente, o Concílio Vaticano Segundo. Em

seu livro (póstumo) de 1985, *Lázaro, Saia!*, ele escreve:

"O Concílio foi convocado pelo Papa João XXIII por um desejo de renovação, ou seja, aprofundar, elevar e expandir a herança tradicional da Igreja. Uma tremendo mal-entendido então surgiu; ao invés da renovação da Igreja no sentido de ***aprofundamento, elevação e expansão da tradição,*** *surgiu um esforço para revisar a tradição..."*

"O Concílio não refletiu as inspirações atemporais do céu, mas, ao contrário, as necessidades, queixas, desejos terrenos e aspirações da época. Tornou-se uma espécie de 'parlamento religioso' com uma 'esquerda progressista', 'uma direita conservadora', e um 'centro moderado'. Então se falou de uma 'democratização' da Igreja, agora se realizando. O 'mundo' notou com satisfação: a Igreja Católica está se aproximando de nós; sim, mais um pouco e ela será parte de nós – o Concílio exala um 'vento fresco', o vento de um espírito livre e moderno! E um 'vento fresco' de fato soprou do Concílio. Ele detonou problemas como: a abolição do celibato dos padres, de repente se tornando urgente; o problema dos casamentos mistos com pessoas de outra fé; o problema da aceitação da 'pílula' e outros métodos de contracepção; o problema da 'desmitilogização' da Sagrada Escritura e da tradição; o problema da Missa, no sentido de abolir o Latim como a língua litúrgica e sagrada, e a substituição por diversas línguas nacionais; e muitos outros problemas associados com a conformidade ao espírito da época, ao custo da tradição."[1]

A ladainha de queixas sentidas de Tomberg mexerá com qualquer tradicional Católico digno do nome. Mas nem tudo que brilha é ouro; o que achamos nos textos de Tomberg, se pode ser chamado de tradicional, é *extremamente heterodoxo,* e mesmo um "tradicionalismo Católico" *dubiamente Católico*, o qual Roger Buck (que venera Tomberg como "um autêntico gênio e santo") caracteriza "ao mesmo tempo menos que tradicional e extremamente tradicional." Um outro Tomberguiano declarado, Dr Michael Martin – para quem _Meditations é "_uma fonte de constante renovação e companheirismo espiritual" e "o trabalho mais radicamente ortodoxo... do último século" – coloca da seguinte forma:

"*Parte da maravilha presente em 'Meditations' é a forma como ele* ***equilibra um sutil (ainda que altamente idiossincrático) tradicionalismo com algumas proposições ousadas*** *a respeito de astrologia, reencarnação e, mais importante para sua mensagem, a sofiologia..."*

"O ***tradicionalismo não-tradicional*** *de Tomberg (para resumir numa frase) reside em sua devoção aos dogmas da Igreja, sua defesa do papado, e sua veneração pelos santos, doutores e professores de Catolicismo (ele é particularmente afeiçoado a João da Cruz, Tereza de Ávila, Boaventura e Bernardo de Claraval, entre outros) –* ***enquanto ao mesmo tempo expressa sua admiração por certas figuras do Reavivamento Ocultista Francês*** *do século dezenove (por exemplo, Joséphin Péladan, Eliphas Levi, Louis-Claude de Saint-Martin, e assim por diante). Seu tradicionalismo, de fato, vai tão longe a ponto de questionar o Vaticano II..."*

"Desnecessário dizer que uma boa parte do mais zelozos leitores de Tomberg seguem essa mesma trilha... e se juntam ao coro dos detratores do Vaticano II, quando não flertando com o Sede-vacantismo ou outras bizarrices da direita Católica. Mas o desgosto com o Vaticano II não é tudo o que há em Valentin Tomberg."

"Mais importante, Tomberg era também ***um inovador religioso que nutria uma profunda admiração por Teilhard de Chardin..., Henri Bergson e C. G. Jung.*** *Ele também entendia a reencarnação como uma realidade metafísica e reconhecia a influência das estrelas sobre a vida humana... **De forma que ele não era tão tradicional assim**. Tomberg é um paradoxo."*

"O que Tomberg faz, eu penso, é sugerir noções complacentes com aquilo que significa ser 'Católico'..."

Tomberg deplorava toda novidade – religiosa, política ou outra qualquer – e isso pesa a seu favor, mas seu zelo desordenado pela tradição levou ele à rejeição dos erros modernos (e.g. o racionalismo) com a adoção de erros antigos (falso misticismo; ver a Parte Seis). Nem tudo que é antigo e venerável é útil para a salvação pois, de fato, que criatura pode reclamar uma maior antiguidade do que a serpente primordial? Todo erro, não importa se antigo ou moderno, procede em última instância do demônio, "*o pai da mentira,"* (cf. João 8:44) e no fim conduz de volta a ele – o verdadeiro paradigma emanacionista-apocatastático (veja a Parte Três), o diabólico *solve et coagula* do credo dos alquimistas. Esse é o infeliz resultado que decorre necessariamente de todo tradicionalismo não-Católico, como São Paulo – um ex tradicionalista não-Católico se é que havia existido algum – bem compreendeu: *"Vede que ninguém vos engane por meio da filosofia inútil e enganadora, segundo a tradição dos homens, segundo os elementos do mundo, e não segundo Cristo."* (Colossenses 2:8)

Nós podemos justificadamente suspeitar, portanto, que quando Tomberg expressa sua esperança por "um aprofundamento, elevação e expansão da tradição," e especialmente quando, algumas linhas depois em *Lázaro, Saia!,* ele substitui a palavra *"tradição"* por *"revelação,"* e começa, ao invés, a falar "do 'milagre do segundo Pentecostes' esperado e rogado pelo Santo Padre [Papa João XXIII] – a proclamação pelo Concílio Mundial de um tesouro aprofundado, elevado e expandido da revelação da Igreja..." A era da revelação pública não terminou definitivamente com a morte do Apóstolo São João na ilha de Patmos, por volta do ano 100? O que precisamente, então, significa este "aprofundamento, elevação e expansão da tradição" e/ou "revelação"? Dado que Tomberg está agora há 50 anos no túmulo (e era para a maioria um escritor impenetrável, de qualquer forma), a questão deva ser colocada para seus discípulos. Então voltemos, mais uma vez, ao Dr Martin:

"Em 1986, o ano seguinte ao da publicação pela primeira vez em inglês, eu me deparei com 'Meditations on the Tarot' de Tomberg. Além de meu espanto em relação à largura e profundidade do conhecimento do autor sobre as tradições espirituais, tanto do Ocidente como do Oriente ***(Budismo, Vedanta, yoga, Cabala, misticismo Católico, Ortodoxia Oriental, Sufismo, Teosofia, Antroposofia, e assim por diante)****, sem mencionar sua familiaridade com ciências, política e as artes e suas discussões sobre* ***reencarnação, astrologia e alquimia,*** *eu fui particularmente surpreendido por* ***sua visão expansiva do Catolicismo****. Em resumo, após ler o texto tive um entendimento de que o Catolicismo era algo muito maior do que... meu limitado contato com a 'tradição' foi capaz de me mostrar.* ***Muito, muito maior.*** *'Na casa de meu pai há muitas moradas'. [João 14:2]"*

Falar de "uma visão expansiva do Catolicismo" englobando um vasto conjunto de crenças e práticas pagãs e ocultistas é alarmante, para dizer o mínimo – especialmente quando o Catolicismo

"expansivo" e contrastado, favoravelmente, com o que Martin, no mesmo post, chama "o terrível *Catecismo de Baltimore,"* do qual ele teve seu *"limitado contato com a 'tradição'..."* Esta noção de uma tradição Católica *escondida* mais profunda, mais rica e mais autêntica – da qual o ignorante "Trad," agarrado miseravelmente a sua cópia do *Catecismo de Baltimore,* é inteiramente e lamentavelmente ignorante – é o *sine qua non* do Catolicismo "esotérico". Isso pode ser percebido, por exemplo, nos escritos do "bispo" reformado Sedevacantista [2] Jason Spadafore, que promove o que ele chama de "Ocultismo Católico" em seu website:

"As fontes do Ocultismo Católico são as mesmas fontes da religião Católica: A Bíblia, o Credo, os Padres da Igreja, os Concílios Ecumênicos, os escritos dos Místicos e Santos, os Manuais (livros texto dos seminários), a Liturgia, as devoções Católicas e os Decretos Papais. ***Essas fontes são consultadas juntamente com o 'paradigma científico' [i.e. Hermetismo]*** *tal como conhecidas e entendidas pela Igreja Medieval (quatro elementos, sete planetas, doze signos, as ervas e outros conhecimentos disponíveis naquele tempo)..."*

"O Ocultismo Católico é um produto do Catolicismo pré-Vaticano II, o que significa que ele é compatível com o Catolicismo Tradicional e ***mais compatível ainda com o Catolicismo pré-Tridentino..."***

"Ao contrário do Católico exotérico, o Ocultista Católico... não tem medo de se envolver com o ensino ou a prática espiritual de outros períodos da história da Igreja ***(em relação à qual o Católico exotérico médio ou desconhece ou se sentiria desconfortável)****, ou fazer uma sóbria análise do 'joio versus o trigo' em* ***sistemas não-Católicos...****"*

"Como os Católicos Ocultistas buscam suas práticas diferentemente, o primeiro livro que nós recomendaríamos é 'A Mágica do Catolicismo: Mágica Real para Católicos Devotos' (Irmão A.D.A. [um dos pseudônimos de Spadafore], 2015), o qual apresenta o conceito de ***Catolicismo como um sistema mágico,*** *discute suas iniciações e práticas, e dá um quadro claro para alguém iniciar sua própria prática."*

A semelhança deste "Ocultismo Católico" com o "Hermetismo Católico" de Charles A. Coulombe (discutido na Parte Cinco) é imediatamente óbvio, especialmente na sustentação de ambos escritores de que o Concílio de Trento, ao invés de revivificar uma Igreja mergulhada no escândalo e heterodoxia, representou um infeliz *estreitamento* da Tradição Católica. Do mesmo modo Dr Martin lamenta "o reacionarismo da Contra Reforma Católica... que posteriormente sempre denegriu [a astrologia] como sendo 'ocultismo' e 'esoterismo'..."

"Como [o historiador] Ioan Couliano escreveu, 'Como resposta a Lutero e ao Puritanismo, a Igreja empreendeu sua própria reforma... ***Longe de consolidar as posições assumidas pelo Catolicismo durante a Renascença, esse movimento se separou completamente delas*** *e foi nas mesmas direções tomadas pelo Protestantismo. Foi tomando uma linha de severidade e dureza que a Reforma se desenvolveu, tanto do lado Protestante quanto do lado Católico'...* ***Eu acho que é o momento de recapturar uma relação saudável com o cosmos.****"*

Um outro escritor, o teólogo Oriental Ortodoxo David Bentley Hart (publicado duas vezes pela Angelico Press) exibe o mesmo viés anti-Tridentino em seu ensaio, "O Mito do Cisma," no qual ele

venenosamente zomba de “um certo tipo de extremismo eclesial...”

“*...quem pode imaginar uma versão da fé Católica que não esteja conforme, em cada detalhe, com as práticas e preconceitos de sua infância... De fato, em quase todos os casos, a grande ironia dessas pessoas... é que o que elas geralmente assumem ser a herança imemorial da fé Católica é a forma distintamente moderna da Igreja que manteve o controle nos dias em que suas mentes infantis ainda tinham uma flexibilidade idílica. Então quando um determinado padre Católico militantemente conservador ensinava que o celibato sacerdotal era a prática universal da igreja primitiva, estabelecida por Cristo em seus apóstolos..., alguém historicamente astuto entre nós reconhece que tal delírio é possível somente para uma pessoa sem compreensão de um sacerdócio mais sofisticado do que as memórias imaculadas de menino de Fr O´Reilly, e o exemplo brilhante de seu celibato, e a calma autoridade com a qual ele comandou a vida da igreja paroquial de St Anne of Green Gables. E quando esse mesmo padre se aventura a dar opiniões teológicas ou eclesiológicas, é quase certo que* ***o que ele entende ser Catolicismo apostólico na verdade é um tipo de Catolicismo Barroco pós-Tridentino****, mantido a partir de princípios sacramentais e eclesiológicos não anteriores a 1729...”*

Esse é o mesmo David Bentley Hart cuja coleção de ensaios, _The Dream-Child’s Progress, pertence ao vasto catálogo da seção de “_Esoterismo Cristão”, que tem mais de 30 títulos, da Angelico Press, incluindo trabalhos do filósofo Perenialista Prof Jean Borella (veja a Parte Dois), do Cabalista Prof Wolfgang Smith, do entusiasta de Tomberg Roger Buck, de Stratford Caldecott, e – o mais expressivo de todos, com nove volumes “esotéricos” em seu nome – o “Rosacruciano” Dr Michael Martin. Esses escritores Católicos “esotéricos”, ainda que convenientemente tradicionais em muitos aspectos, são muitas vezes descritos como *neo-tradicionalistas* – um rótulo que eu teria dificuldade em definir exatamente, mas que parece ser caracterizado em primeiro lugar por uma eclesiologia inédita, quase-Joaquimita – os quais, com seu pai espiritual, Valentin Tomberg, avidamente esperam aquele “milagroso segundo Pentecostes” (a ser introduzido pelo “batismo” do Hermetismo e da Cabala), através do qual “um tesouro aprofundado, elevado e expandido da revelação da Igreja” emergirá, das cinzas do Catolicismo Tridentino, cuja era acabou.

O que isso significa para o futuro da Igreja? O falecido Caldecott, ‘luz-guia” da Angelico, sugere enigmaticamente em uma resposta:

“*Cristo veio uma vez como homem, e isso foi no meio do inverno. A vida que ele trouxe criou – do chão estéril, logo encharcado com o sangue dos mártires – uma civilização reconhecidamente Cristã, ainda que profundamente imperfeita. Aquela civilização tinha sua vida natural, com altos e baixos e, após 2.000 anos, foi em grande parte reduzida a cinzas.* ***Mas seu propósito foi atingido; ela deu nascimento a muitos santos. Suas sementes foram plantas para dar origem a uma nova primavera, que desta vez não irá suceder e sim preceder sua Vinda****. A Segunda Vinda é causada pelas energias dispensadas na terra pela Cruz, e pelo grão que tem que morrer para frutificar cem vezes mais. Seu propósito é preparar os vales e as colinas para Aquele que vem. Ele virá num momento que não esperamos. Mas quando ele vier, as flores desabrocharão, de modo que caminharemos nos prados, não em terra nua.”*

Esta enigmática previsão, em si, desafia uma interpretação fácil. Mas eu suspeito que Tomberg, a quem Caldecott tanto admira, tem a chave para decifrar seu significado. E quem melhor para

manejar esta chave do que o colega e amigo de Caldecott, o esotérico mor da Angelico, Dr Michael Martin, inspirado como é pelas "formas espiritualmente enriquecedoras de Catolicismo... dos trabalhos de Stratford Caldecott"; e cujo livro de Sofiologia, *A Realidade Submersa*, Roger Buck "plenamente recomenda... a qualquer um que esteja tentando entender o projeto de Tomberg para curar o Oeste"? Martin escreve:

"Pode ser que nem mesmo Tomberg percebeu a força do que propôs. [Sua] Sofiologia, no contexto da Cristandade contemporânea, traz uma completa ***mudança de paradigma****. Ninguém gosta de mudanças, muito menos de mudar paradigmas, mas isso é claramente com o que somos confrontados no trabalho de Tomberg. Mais uma vez, para citar [o Marxista filósofo Eslavo] Zizek:*

"... 'É possível hoje redimir a essência do Cristianismo somente com uma atitude de ***abandono da carapaça de sua organização institucional*** *(e, ainda mais, de sua específica experiência religiosa). A lacuna é irredutível: ou se cai na forma religiosa, ou se mantém a forma mas se perde a essência. Esse é o último gesto heróico que espera a Cristandade: para salvar seu tesouro,* ***ela tem que sacrificar a si própria*** *– como Cristo, que teve que morrer para que a Cristandade pudesse emergir'."*

Se a consequência lógica do neo-tradicionalismo Tomberguiano é nada menos do que *a morte da Santa Madre Igreja* então o que realmente, em última análise, o diferencia do Modernismo – que é a "síntese de todas as heresias", e cujos adeptos "se vangloriam de serem reformadores da Igreja" enquanto pedem, invariavelmente (conscientemente ou não) "a destruição... da religião Católica," como o Papa São Pio X astutamente observou? É um Modernismo "da Igreja Conservadora", na melhor das hipóteses. Ainda que redigido em termos que apelam para as naturais simpatias entre tradicionalistas e conservadores, a pretensão de Tomberg do "aprofundamento, elevação e expansão da tradição," como foi concebida, resulta na prática em um deliberada eliminação (ou uma "reinterpretação") de, no mínimo, quatro séculos de desenvolvimento eclesiástico e maturação doutrinária do período entre os Concílios de Trento e Vaticano II – indiscutivelmente uma idade de ouro do Catolicismo, como de fato argumentou o grande Servo de Deus Prosper Gueranger em sua obra prima de quinze volumes, *O Ano Litúrgico*:

"[O Bispo Jacques-Benigne] Bossuet, falando do Concílio de Trento..., afirma que ele ***trouxe a Igreja para a sua pureza original****, na medida em que a iniquidade do tempo permitiu. E quando as sessões ecumênicas do [Primeiro Concílio] Vaticano foram iniciadas, o Bispo de Poitiers, o futuro Cardeal Pie, falou 'daquele Concílio de Trento, que mereceu,* ***mais verdadeiramente mesmo do que o de Nicéia,*** *ser chamado o grande Concílio; aquele Concílio, no que se refere ao que nós podemos afirmar com confiança, que* ***desde a criação do mundo nenhuma assembleia de homens teve sucesso em comunicar à humanidade tamanha perfeição;*** *aquele Concílio a respeito do qual tem sido dito que, como uma árvore da vida,* ***restaurou para sempre na Igreja o rigor de sua juventude.*** *Mais de três séculos se passaram desde que seus trabalhos foram acabados, e sua virtude de cura e fortalecimento ainda é sentida'."*

Há um nome para o tipo de ideologia, que ficaria adormecida ao lado de séculos de tradição, e que pede a restauração dessa tradição; e vem a nós através do Papa Pio XII, e é enfaticamente *não* o piedoso tradicionalismo, mas impiedoso *antiquarianismo*. Em sua encíclica de 1947 sobre a liturgia (mas cujos princípios não são menos aplicáveis a qualquer outro aspecto do patrimônio da Igreja),

Mediator Dei, o último dos pontífices pré-Conciliares escreve:

"***A Igreja é sem dúvida um organismo vivo,*** *e como um organismo, também quanto à sagrada liturgia,* ***ela cresce, amadurece, se desenvolve, se adapta*** *e se acomoda às necessidades e circunstâncias temporais, desde que a integridade de sua doutrina seja preservada. Não obstante isso, a temeridade e o atrevimento daqueles que... solicitam* ***a restauração de ritos obsoletos*** *sem harmonia com as leis e rubricas em vigor,* ***merecem severa reprovação...***"

"A liturgia dos primeiros tempos é certamente digna de toda veneração. ***Mas o uso do que é antigo não deve ser estimado como mais próprio e adequado,*** *tanto em seu próprio direito ou em sua significância para tempos futuros e novas situações,* ***com base simplesmente no fato de que ele tem sabor e aroma de antiguidade.*** *Os ritos litúrgicos mais recentes merecem, do mesmo modo, reverência e respeito. Eles, também, devem sua inspiração ao Espírito Santo, que assiste a Igreja em cada época até o fim do mundo..."*

*"****Não é também sábio nem louvável*** *reduzir tudo à antiguidade de qualquer modo que seja..."*

"Claramente ***nenhum Católico sincero pode recusar aceitar a formulação da doutrina Cristã elaborada mais recentemente*** *e proclamada como dogmas pela Igreja, sob a inspiração do Espírito Santo com abudantes frutos para as almas,* ***porque lhe agrada se voltar para as velhas fórmulas...***"

"Esse modo de agir considera justo reviver o ***antiquarianismo exagerado e sem sentido,*** *o qual o ilegal Concílo de Pistóia fomentou. Tenta igualmente restituir uma série de erros que foram responsáveis pela convocação daquele encontro, assim como os resultados dele, com* ***graves danos para as almas****, e aos quais a Igreja, a guardiã sempre atenta do 'depósito da fé' e que recebeu essa tarefa de seu divino Fundador, tinha* ***todo direito e razão de condenar...***"

O que faz os neo-tradicionalistas antiquarianos, penso eu, é que ao invés de genuínos tradicionalistas, sua ideia de Igreja (pelo menos nos resultados práticos) não é "um organismo vivo" que "cresce, amadurece, se desenvolve e se adapta" – sua "Tradição" somente sempre esmaece e decai – mas como algo *morto e enterrado*, a ser *exumado e reanimado*. Eles são os Victor Frankensteins do Catolicismo – e os resultados de sua necromancia Prometeana (como veremos na Parte Oito), não importa quão bem intencionados, são previsivelmente mostruosos.

Notas:

[1] Tomberg, V., *Lazarus, Come Forth! Meditations of Christian Esotericist* (SteinerBooks, 2006)

[2] A propósito, um dos pensadores principais da Escola Perenialista de origem ocultista é Rama Coomaraswamy, outro Sedevacantista. Ele foi ordenado padre pelo bispo da linha de Thuc (embora a validade de sua ordenação tenha sido questionada) em 1997, após romper com a SSPX, em cujo seminário de Connecticut ele tinha ensinado durante cinco anos. Desse modo, parece que a influência do ocultismo não está limitado ao tradicionalismo Católico mainstream, mas se estende também fora de suas fronteiras.

Parte VIII: Tudo flui para o Tibre! A sincrética “Igreja Vindoura”

A eclesiologia distorcida de modo perigoso, infundida com o espírito do que o Venerável Papa Pio XII condenou como um “antiquarianismo exagerado e sem sentido”, e ainda mais poluída por um “falso misticismo” adulatório sobre o qual esse mesmo santo pontífice soou o alarme (ver Parte VI), é provavelmente o que leva o esotérico responsável da Angelico Press, Dr. Michael Martin, em um post de blog refletindo sobre as implicações dos crimes hediondos do ex-Cardeal Theodore McCarrick, a concluir:

*“Para mim, pelo menos, o escândalo McCarrick... **põe em questão a própria noção de um Magisterium** – por que alguém confiaria em um corpo tão disposto a jogar cordeiros aos lobos? E não me refiro apenas a voltar ao Vaticano II, ou Vaticano I, ou Trento, ou mesmo IV de Latrão. E eu tenho que me questionar se muitos dos assim chamados hereges ao longo dos tempos foram meras vítimas de alguma política intramuros muito viciada, para não mencionar a coerção de Teilhard [de Chardin] e [Henri] de Lubac. Você vê? De repente, tudo é suspeito...”*

“[A] Igreja, a verdadeira Igreja, pode agora ser, em grande parte, invisível. E provavelmente sempre foi...”

A esta última declaração, o *Catecismo de Baltimore* responde inequivocamente: “A Igreja é a congregação de todos aqueles que professam a fé em Cristo, participam dos mesmos Sacramentos e são governados por seus pastores legítimos sob uma cabeça visível”. Mas o Dr. Martin provavelmente reluta em levar a sério um livro tão “terrível” (ver a Parte VII). O Papa Leão XIII acrescentaria: “Aqueles que arbitrariamente evocam e imaginam uma Igreja oculta e invisível estão em erro grave e pernicioso”; e Pio XII, da mesma forma, “Erram em matéria de verdade divina [aqueles] que imaginam a Igreja invisível, intangível, algo... pelo qual muitas comunidades cristãs, embora difiram umas das outras em sua profissão de fé, estão unidas por um vínculo invisível” – para citar apenas dois pronunciamentos magisteriais da Santa Sé. Para que não sejam demasiado modernos para o gosto de antiquário de Martin, podemos também acrescentar o testemunho de Santo Inácio de Antioquia, *escrevendo em 107 DC*: “Onde está o bispo, ali está o povo, assim como onde está Jesus Cristo, ali está a Igreja Católica”.

Os “chamados de hereges” do Dr. Martin, entre os quais ele conta o cabalista e rosacruz inglês Robert Fludd, o alquimista galês Thomas Vaughan, o astrólogo Sir Kenelm Digby (um inglês católico que apostatou em prol de sua carreira política), “e muitos da coorte a que dediquei minha atenção acadêmica não eram malucos ou pontos fora da curva. Na verdade, se foram algo, foram

tradicionalistas contra um neoescolasticismo intelectualizado e corrupto... Em suma, eles estavam defendendo o que entendiam como tradição cristã" Estes, Martin afirma – mais uma vez, no blog oficial da Angelico Press – são os verdadeiros tradicionalistas:

*"Pode ser que **esses chamados hereges possuam algo que muitos cristãos supostamente 'fiéis' não possuíam: uma abordagem sincera da figura de Jesus, livre de obrigações dogmáticas**. Por causa de tal sinceridade, Jesus é capaz de sangrar para além da obscuridade e da fábula. Isso não acontece, infelizmente, com uma quantidade significativa da teologia ortodoxa."*

"Opiniões hereges ou heterodoxas – ou simplesmente ideias antigas – muitas vezes assustam as pessoas que sentem a necessidade de aderir a um pacto de lei e não a um pacto de sabedoria..."

*"No entanto, **aprendi muito sobre Jesus com os hereges**. Que eles sejam abençoados".*

Já vimos (na Parte VII) que Roger Buck – o autor tradicionalista católico e incansável promotor de Valentin Tomberg cuja alardeada semi-autobiografia, *Cor Jesu Sacratissimum*, primeiro me alertou para o crescente problema do ocultismo entre os católicos tradicionais (ver Parte I) – recomenda fortemente os escritos de Michael Martin "a qualquer um que tente entender o projeto de Tomberg para curar o Ocidente". Ele conclui a resenha do livro (de *The Submerged Reality*, de Martin, publicado pela Angelico Press) da qual extraí essas palavras, com um apoio efusivo:

*"Este livro é uma chama viva no escuro. Se você se preocupa com o destino da humanidade, peço que considere estudar Martin. Ele está, junto a Valentin Tomberg, apontando para a única esperança que tenho para o Ocidente: um catolicismo obediente, piedoso e profundamente tradicional, que não tem medo de abraçar o cristianismo oriental, nem mesmo qualquer sabedoria cristã, **onde quer que se encontre**".*

Aqui, novamente, ouvimos o som do clarim para forjar a "visão expansiva do catolicismo" apresentada por Tomberg, que é tão ampla que abrange todos os tipos de hereges e suas heresias, ao mesmo tempo em que se disfarça de "um catolicismo obediente, piedoso, profundamente tradicional...". O professor Wolfgang Smith – um "celebrado tradicionalista católico", nos dizem – aceita esse desafio em seu *In Quest of Catholicity* (também publicado pela Angelico Press, e citado na Parte III), uma troca epistolar entre ele e o saudoso Pe. Malachi Martin, no qual prescreve que "nos incumbe alargar o nosso horizonte ontológico – abrir portas e janelas, se assim se pode dizer, que estão fechadas há muito tempo...

*"O que é realmente necessário é **uma compreensão radicalmente mais profunda do cosmos**: a descoberta – ou redescoberta, para ser preciso – de estratos ontológicos inacessíveis não apenas à percepção sensorial comum, mas também ao modus operandi da ciência contemporânea... O que está em questão são as chamadas ciências 'tradicionais', que também podem ser chamadas de ciências 'sagradas' na medida em que pertencem potencialmente à busca religiosa..."*

*"Em certos aspectos, o caso da ciência tradicional, lamento dizer, é ainda pior entre os católicos conservadores [do que entre os progressistas]: o fato de que essas ciências sejam 'sagradas' – que elas constituem, em outras palavras, **um complemento à religião** – é, em geral, o suficiente para provocar uma denúncia no mesmo instante: 'superstição pagã' parece ser o termo canônico.*

Agora, sempre considerei tal resposta instintiva como indigna de um católico, como 'un-katholikos' de fato. Mas indo direto ao ponto: ***investi décadas na exploração de tais 'superstições pagãs'****, não apenas por meio de fontes escritas, mas por meio de contatos pessoais envolvendo meia dúzia de longas estadias em partes da Índia e do Nepal, por exemplo, onde felizmente a nossa cultura de McDonald's ainda não havia penetrado. E, à luz dessas investigações,* ***estou convencido de que existe uma sabedoria pré-cristã de origem supra-humana****, perpetuada por meio de cadeias ininterruptas de transmissão de mestre a discípulo – começando concebivelmente com o próprio Adão – cujos vestígios ainda podem ser encontrados em várias partes do mundo. Além disso, passei a acreditar que a sabedoria em questão – essa verdadeira 'sophia perennis' –* ***é algo de que nós da época atual precisamos urgentemente...****"*

"Desde o início, senti-me inclinado a submeter minhas – às vezes aparentemente 'não ortodoxas' – concepções ao escrutínio deste grande homem e sacerdote, [P. Malachi Martin,] que era alguém qualificado para julgar e aconselhar... que, ***de um ponto de vista católico ultratradicional, muito desse material era suspeito, para dizer o mínimo****, e que seria de fato fútil abrir meus pensamentos sobre tais assuntos para teólogos de base de cada lado do racha contemporâneo. Percebi, ao mesmo tempo, que partes do que eu tinha a dizer seriam de fato bem recebidas pelos aficionados do Vaticano II; mas deixe-me ser absolutamente claro: submeto-me sem reservas ao ensinamento autêntico da Igreja Católica, que* ***transcende tanto a estreiteza pedante e às vezes farisaica da extrema direita teológica*** *quanto às fantasias liberais e os sonhos da esquerda..."*

"Isso me leva finalmente ao meu ponto final: além de qualquer interesse humano que as cartas de Malachi Martin possam ter e a luz que possam lançar sobre este grande homem, seu significado primordial, parece-me, reside no fato de que elas testemunham ***a Igreja, não apenas como era, mas também – e especialmente – como será****. Ele parece estar de olho tanto no futuro quanto no passado, e nos dá a entender que, enquanto as verdades essenciais de nossa fé católica precisam naturalmente ser preservadas,* ***há elementos estranhos a serem descartados e fronteiras artificiais a serem destruídas****. Certamente tudo o que é ortodoxo será encontrado novamente na Igreja que está se formando agora silenciosamente sob os escombros da atual desintegração; no entanto,* ***essa Igreja vindoura estará, sem dúvida, livre das limitações de perspectiva e idiossincrasias endêmicas desta ou daquela época, como também da autocracia de qualquer estilo teológico particular: por exemplo, do Tomismo*** *como geralmente o concebemos. E isso explica não apenas por que 'precisamos realmente de um novo Tomás de Aquino', mas também coloca em perspectiva a resposta afirmativa de Malachi Martin às várias doutrinas 'estranhas' com as quais o confrontei, começando com* ***os ensinamentos de Jacob Boehme****, o visionário que, na opinião de alguns, 'cristianizou'* ***a sabedoria alquímica pertencente à tradição Hermética****. Isso explica por que Malachi Martin pôde* ***abraçar tais doutrinas 'suspeitas' com alegria sem fingimento e visível entusiasmo****... No lugar das referências costumeiras, abertas ou veladas, a 'superstições pagãs', encontramos... a perfeita receptividade de uma mente e coração purificados no Sangue de Cristo. E quem pode duvidar que* ***este padre fala, ainda agora, pela Igreja vindoura!****"*

De alguma forma, o professor Smith é capaz de sustentar essas opiniões e ainda professar – para satisfação de si próprio, se não para os demais – sua submissão "sem reservas ao ensinamento autêntico da Igreja Católica", assim como Tomberg "tece... crenças sincréticas, gnósticas,

cabalísticas e maniqueístas juntas, defendendo que tudo [isso] está em conformidade com a fé católica ortodoxa". Como é possível? Eu pergunto com toda a sinceridade.

Se minha pesquisa (cujos frutos são apresentados nesta monografia) serve de base, a "igreja por vir" da imaginação dos neotradicionalistas tomberguianos encarna "um catolicismo obediente, piedoso, profundamente tradicional" em toda sua glória pré-conciliar, com sua antiga liturgia e costumes restaurados, mas "que [não] tem medo de abraçar... a sabedoria cristã, onde quer que se encontre" (Buck) e, de fato, a encontra devidamente nos supostos ditos do deus egípcio Thoth – "a sabedoria alquímica pertencente à tradição hermética" da "grande doutrina perene, que... brota do próprio Cristo" (Smith) [1] e "deve ser *Cristianizada* – não repudiada" (Buck)[2] – e na Cabala, onde vê um "anel da verdade". (Caldecott) É "com base nesta Cabala assimilada" que a "Igreja vindoura" "realizará sua própria catolicidade autêntica e definitiva", tendo finalmente "resolvido o enigma das 'religiões separadas'..."(Smith)[3] *Separadas*, isto é; não que uma seja *falsa*, porque "a presença de um elemento central e propriamente divino na religião não-cristã" (Borella) não seria mais negada, mas afirmada: "Os cristãos não podem deixar de reconhecer que Deus falou através do Alcorão", por exemplo, "...[que] deu inúmeros bons frutos..." (Caldecott).

Esta nova Igreja Católica, mais *autenticamente Católica*, ao retomar "o processo de batizar o Hermetismo" e retornar à "visão mágica da vida", finalmente alcançará uma "síntese entre Hermetismo/Neoplatonismo e Cristianismo Sacramental" – uma "união da Igreja Católica com o Hermético" (Coulombe) – tendo se livrado dos grilhões do Tomismo; (Smith, Coulombe) "da Neo-Escolástica intelectualizada e corrompida"; e "o reacionarismo Tridentino da Contra-Reforma", que durante séculos impediu o desenvolvimento de "uma relação saudável com o cosmos" baseada na astrologia (Martin), que negou o acesso aos "escritos Herméticos... que precisamos para desenvolver uma mistagogia contemporânea efetiva" e uma "ciência dos milagres"; (Caldecott) e "contribuiu para o declínio da Igreja" ao minar "os próprios fundamentos tanto da Igreja Medieval quanto do Estado" (Coulombe).

Como possuiremos uma "visão expansiva do Catolicismo" (Martin), quando a Igreja estiver "livre das limitações de perspectiva e idiossincrasias endêmicas desta ou daquela época, como também da autocracia de qualquer estilo teológico particular" (Smith) e quando os neo-tradicionalistas, seguindo Tomberg, terminarem de "implodir as noções complacentes do que significa ser 'Católico'..."! (Martin).

Uma vez que é "muito mais aberta e liberal" do que a antiga Igreja, "há espaço na [nova] Igreja para pessoas que... estão convencidas da reencarnação" (Spaemann)[4] – um "fato da experiência" (Tomberg , p. 93) que é "provavelmente verdade", porque a Cabala afirma. (Martin) A "Igreja futura" não será tão "aberta" a ponto de promulgar formalmente isso como dogma, no entanto, pois "vale cem vezes mais... negar a doutrina da reencarnação do que transformar pensamentos e desejos para a futura vida terrestre e, assim, ser tentado..." (Tomberg, p. 361). Qualquer coisa que não seja uma repetida obscuridade sobre o assunto não seria "pastoral..." (Smith). No entanto, "a revolução das almas" (Martin) fará parte de um magistério superior e esotérico de ensinamentos secretos - para incluir também a "afirmação de um elemento sobrenatural no homem ... [que é] 'incriado e incriável'", e "a unidade transcendente das religiões", entre outros - que "são compreensíveis para muito poucos, e... [cuja] divulgação para os fiéis em geral não é apenas desnecessária, mas perigosa ao extremo" (Smith) e, portanto, serão

ensinadas apenas aos iniciados, que podem se beneficiar delas. Para todos os outros, o magistério inferior, tradicional e exotérico será suficiente: “Somente aquele com gênio deve (e pode) transcendê-lo”. (Tomberg)

Mas antes que o Corpo Místico de Cristo possa ser transfigurado dessa maneira – antes que o “segundo milagre de Pentecostes” do “aprofundamento, elevação e expansão da tradição” (Tomberg)[5] possa acontecer – o Catolicismo deve passar por “uma completa mudança de paradigma” pelo “abandono da casca de sua organização institucional”, a Igreja de outrora, que “deve se sacrificar – como Cristo, que teve de morrer para que o Cristianismo pudesse emergir”; exceto, neste caso, que o que emerge será “a verdadeira Igreja”, que até agora tem sido “em grande parte invisível” (Martin) conduzida através dos tempos pelo espírito de São João Apóstolo, o “discípulo amado que... foi, é e sempre será o representante e guardião do coração [de Cristo]...” (Tomberg, p. 6). Os católicos não devem se alarmar com essa transformação aparentemente cataclísmica, no entanto, porque a velha Igreja “teve sua vida natural” e “seu propósito foi cumprido; as sementes foram plantadas para uma nova primavera, que desta vez não se seguirá, mas pressagiará à vinda [de Cristo]”. (Caldecott)

E quando Cristo vier, *quão melhor Ele será do que o velho Cristo de nossos equívocos tão estreitos*! O velho Cristo era apenas um Homem-Deus; o novo e *verdadeiro* Cristo – revelado a nós pelos “chamados hereges... livre de obrigações com dogmas”, como “aquele princípio que nos guia através dos perigos das promessas feitas por Lúcifer e Ahriman e nos ajuda a permanecer no real” (Martin) – é *muito mais* do que a *mera* Segunda Pessoa da Santíssima Trindade: Ele *é o próprio universo*, pois “Cristo é a chave para o mundo, e esse... mundo – tal como era antes da Queda e tal como será depois de sua Regeneração – é o Verbo, e esse... Verbo é Jesus Cristo” (Tomberg, p. 195) a quem os fiéis de *todas as religiões* “estão destinados a descobrir e tomar posse no final do caminho, quando eles tiverem, *Deo volente*, alcançado o que o cristianismo chama de *theosis*; pois, de fato, essa verdade não é mais uma questão de doutrina, de concepções teológicas ou metafísicas, mas é o próprio Deus”. (Smith)

Ó admirável nova Igreja, que tem gente assim...!

Como diz o Dr. Martin, “ninguém gosta de mudar, muito menos mudar os paradigmas...”, pois é, de fato: “...mas isso é claramente o que nos confronta na obra de Tomberg”. Pode me chamar de ludita, mas não tenho certeza de que essa seja uma direção que o movimento católico tradicional queira tomar – porque *nada disso* tem qualquer semelhança com a fé na qual fui catequizado quando era apenas um jovem convertido.

Mas, de novo, me ensinaram “o terrível *Catecismo de Baltimore*”, então que sei eu?

Alistair McFadden é um pseudônimo. Embora ele deseje permanecer anônimo, ele pode ser contactado por e-mail em justacatholic@protonmail.com, ou @JustACatholic1 no Twitter

Notas:

[1] Martin, M. & Smith, W., In Quest of Catholicity: Malachi Martin Responds to Wolfgang Smith (Angelico Press, 2016), p. 76

[2] Buck, R., Cor Jesu Sacratissimum: From Secularism and the New Age to Christendom Renewed (Angelico Press, 2016), p. 249

[3] Martin, M. & Smith, W., In Quest of Catholicity: Malachi Martin Responds to Wolfgang Smith (Angelico Press, 2016), p. 76

[4] Isto é, Pietro Archiati, parafraseando o que ele alega que Spaemann lhe transmitiu (e que Spaemann nunca negou).

[5] Tomberg, V., Lazarus, Come Forth! Meditations of a Christian Esotericist (SteinerBooks, 2006), [sem paginação]

OCULTISMO E FÉ CATÓLICA: OS PRINCIPAIS TEMAS GNÓSTICOS

As ciências ocultas estão na moda. Sua literatura está presente em muitas livrarias: seus símbolos cobrem as capas dos discos de rock, que são distribuídos em centenas de milhares de exemplares; eles se erguem aos olhos de todos sob a forma de monumentos espetaculares, como esta famosa pirâmide de seiscentas e sessenta e seis faces de vidro recentemente construída no pátio do Louvre em Paris.

Ora, o ocultismo é sustentado por uma doutrina (ou melhor, uma ideologia) multifacetada, mais ou menos secreta e, portanto, difícil de conhecer: **a gnose,** doutrina que consegue se infiltrar até mesmo em ambientes católicos.

O estudo de Jean Vaquié analisa um a um os principais temas gnósticos; ele constitui assim uma espécie de conhecimento elementar da gnose.

- Os principais temas gnósticos
- Uma palavra sobre a Gnose Histórica
- A Gnose Moderna
- As definições da Gnose
- Exoterismo e Esoterismo
- O Hiper-deus

- A Manifestação
- A teoria dos ciclos
- O Mundo Intermediário
- A Sophia
- A Tripartição
- A Libertação
- A Reencarnação
- A Iluminação
- A Alquimia
- O Andrógino
- O Graal
- A Gnose Universal
- A Tradição Universal
- A Mística Universal
- O Simbolísmo Universal

Os principais temas gnósticos

Começaremos nosso raciocínio com uma constatação que todos podem fazer: a proliferação atual e relativamente recente da literatura que antigamente se chamava **ocultista** e à qual hoje se dá indiferentemente o nome de **esotérica** ou **gnóstica.** Essa proliferação, que atinge enormes proporções, supõe uma grande quantidade de escritores gnósticos para alimentá-la, mas também uma considerável clientela de leitores para dela se nutrir. Pode-se falar de um fenômeno cultural com o qual é normal se ocupar, ou até mesmo se preocupar.

O esoterismo é o novo nome que se dá ao ocultismo. As duas palavras são construídas sobre o mesmo modelo: "esotérico" vem de um radical grego que significa "interior", e "oculto" é derivado de um verbo latino que quer dizer "esconder". As ciências ocultas ou esotéricas são ciências reservadas em princípio a iniciados. O movimento de pensamento, do qual essa literatura abundante é a emanação, qualifica-se a si mesmo de neognóstico ou mesmo simplesmente de gnóstico, marcando assim que trabalha para a ressurreição moderna da gnose chamada histórica que envenenou os três primeiros séculos de nossa era.

Gostaríamos, no trabalho que se segue, definir os principais temas filosóficos e religiosos que são desenvolvidos, com uma incrível volubilidade, na literatura ocultista, esotérica e gnóstica contemporânea.

Esses grandes temas são expressos pelos autores com uma confusão estudada. Vamos simplificá-los o máximo possível, pois queremos apenas chamá-los à atenção dos leitores. Não temos a ambição de resolver definitivamente as questões que vamos evocar. Trata-se apenas de esquemas reunidos em um aide-mémoire. Neste trabalho, não citaremos nenhuma fonte. Desejamos apenas facilitar a identificação dos grandes temas gnósticos nos documentos que a vida moderna nos apresenta.

Uma palavra sobre a Gnose Histórica

Desde o primeiro século, a Igreja se encontrou em oposição com dois adversários de tipos diferentes: o paganismo e a gnose.

O paganismo representava para a Igreja o inimigo declarado, do qual ela era separada por uma linha de demarcação precisa e sensível. Os cristãos se recusavam a sacrificar aos ídolos porque, por trás de cada ídolo, residia e operava um demônio. São Paulo, o Apóstolo dos Gentios, ou seja, das nações cristãs, havia proibido todo comércio espiritual com os pagãos, precisamente por esta razão:

> *«Digo que o que os pagãos oferecem em sacrifício, imolam aos demônios e não a Deus; ora, não quero que estejais em comunicação com os demônios. Não podeis beber ao mesmo tempo do cálice do Senhor e do cálice dos demônios; não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios»* (I Cor. X, 20-21).

A incompatibilidade das duas religiões, cristã e pagã, era clara e reconhecida pelos dois campos. Ela resultou em uma guerra aberta. Os cristãos recusavam os honores divinos aos ídolos e os pagãos se esforçavam para extirpar a nova religião por meios físicos.

Os gnósticos agiam de maneira bem diferente. Eles não rejeitavam absolutamente o cristianismo, do qual admitiam, ao contrário, certos elementos originais. Pretendiam apenas combinar essas novas contribuições com o antigo politeísmo e com a filosofia dos pagãos, para realizar uma religião sincrética. A síntese que elaboravam apresentava, certamente, variações porque cada escola gnóstica preconizava empréstimos ao cristianismo mais ou menos significativos. O que variava, de uma escola para outra, era a composição da mistura. Mas o princípio da síntese pagano-cristã permanece a característica comum de todas as escolas gnósticas dos três primeiros séculos.

Houve, no entanto, a guerra entre a gnose e a Igreja porque a Igreja queria preservar a pureza de sua doutrina e rejeitava toda ideia de compromisso. No entanto, a guerra que os gnósticos quiseram sustentar contra a Igreja não foi física, mas doutrinária; não havia entre elas a fronteira visível das ídolos. A gnose fomentou contra a Igreja uma multidão de heresias; ela é a mãe das heresias.

Essa primeira gnose, chamada histórica, desapareceu totalmente. Ela deixou apenas alguns vestígios literários que tiveram de esperar o período do humanismo para serem exumados e revividos.

A Gnose Moderna

A gnose moderna opera exatamente como a antiga. Ela não combate a Igreja de frente. Ela não deseja sua abolição. Quer apenas subordiná-la. Trabalha para uma síntese do cristianismo e de todas as outras confissões, mesmo as mais distantes, para realizar uma religião universal. Hoje, como antigamente, os gnósticos (ou neognósticos) elaboram versões diversas da gnose, conforme a proporção dos elementos que entram na constituição da síntese; alguns, por exemplo, aumentam as contribuições do hinduísmo; outros, as do islamismo; e outros ainda, as da cabala.

Outros ensinam, com elegância e autoridade, uma gnose extremamente próxima do cristianismo, tão próxima que podem apresentá-la, com certa verossimilhança, como **compatível** com o catolicismo mais tradicional. Os elementos gnósticos que introduzem estão tão bem disfarçados na terminologia cristã, seus ângulos tão bem limados, que sua heterogeneidade é muito difícil de perceber. E, no entanto, esses elementos gnósticos estão realmente presentes na mistura e não podem deixar de produzir os frutos que sempre produzem os erros de doutrina.

Esses doutrinários, meio cristãos, meio gnósticos, chamam a sua empresa de **esoterismo cristão.** Nosso trabalho, portanto, consistirá em projetar, sobre esses corpos estranhos gnósticos, a luz da fé, para identificá-los, isolá-los e defini-los como tais; e isso para evitar que os católicos sinceros se deixem enganar.

As definições da Gnose

A gnose não é definida da mesma maneira por seus amigos e por seus inimigos.

Os esotérico-ocultistas tradicionalmente lhe dão a dupla definição de "ciência" e de "conhecimento".

A gnose, dizem eles, é uma **ciência.** É a ciência das coisas divinas. É uma especulação da inteligência que associa a teologia e a metafísica e que tende a **elucidar os mistérios divinos.** O gnóstico não contempla os mistérios, ele tem a ambição de esclarecê-los, de explicá-los. É nisso que ele é "sábio" (gnóstico quer dizer "sábio"). Mas então, as explicações que ele dá, em um domínio assim, são aquelas da simples razão humana. Enquanto ciência, a gnose implementa um verdadeiro racionalismo religioso.

Mas a gnose, dizem-nos, é também um **conhecimento intuitivo** das coisas divinas. O gnóstico mantém contatos pessoais e experimentais com a divindade, ou com o que ele acredita ser a divindade. A gnose é, portanto, em última análise, uma **mística.** O gnóstico fala como um homem que tem revelações. Mas digamos desde já que é uma mística que não sabe "discernir os espíritos" e, por conseguinte, toma inspirações demoníacas por inspirações divinas.

Para nós, que somos seus inimigos porque constatamos o sutil envenenamento do catolicismo ao qual ela se entrega, vemos essa mesma gnose sob outro aspecto e a definimos como a **teologia da religião universal** que as congregações iniciáticas estão progressivamente implementando. Mais precisamente, para um cristão, a gnose aparece como um **cristianismo invertido,** no qual Lúcifer toma o lugar de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Pode-se esperar **extirpar** totalmente a gnose? Certamente não. Ela é o joio no campo. Ninguém jamais impedirá que, a cada geração, um certo número de espíritos equivocados construam por si mesmos sua própria religião, por meio de leituras heterogêneas e frequentações nefastas. É um fenômeno de religiosidade inerente à natureza decaída e que só terminará com ela.

Para a geração que está crescendo, há uma aventura apaixonante a ser vivida: a aventura da ortodoxia católica. É preciso fazê-la triunfar. É necessário explicá-la, mostrando ao mesmo tempo sua lógica sobrenatural e seu majestoso mistério. Aventura apaixonante por duas razões: primeiro, porque a batalha será dura, o que já é um atrativo para espíritos combativos; e, em seguida, porque a vitória está garantida devido à incomparável solidez do dogma. É próprio da verdade triunfar.

> *«Tenham confiança, eu venci o mundo»*, disse Jesus (João, XVI 33).

> *«Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida»* (João, XIV 6).

Exoterismo e Esoterismo

Vemos em toda parte aparecer, sob a influência dos escritores neognósticos, as duas noções gêmeas de exoterismo e esoterismo. Esses escritores pretendem distinguir, em todas as religiões, dois níveis de doutrinas e práticas, em suma, duas religiões sobrepostas.

O nível superficial e visível é chamado **exotérico.** É o do povo, que é muito sumariamente instruído sobre as coisas da religião. O exoterismo é a forma pública e oficial da religião; com suas formulações dogmáticas, suas práticas cultuais, suas circunscrições territoriais, sua disciplina...

O nível inferior, que é reservado aos iniciados, é chamado **esotérico.** É o das explicações mais sutis, que não seriam compreendidas pelo grande público, mas que fornecem a uma elite religiosa uma compreensão mais aprofundada, menos formalista, mais universal das instituições oficiais. O nível esotérico formaria a infraestrutura tradicional de cada religião, ligando-a assim, sem que ela saiba, à tradição primordial.

Tal é a distinção que é atualmente aceita em todas as escolas gnósticas. E em toda parte se especifica enfaticamente que ela também se aplica à religião cristã, que teria assim, sem saber, a mesma infraestrutura esotérica que todas as outras religiões.

Examinemos a validade dessa dupla noção. A distinção entre o ensino esotérico e o ensino exotérico é real apenas nas religiões que se ligam aos **mistérios inferiores**, que são mistérios de trevas e, portanto, precisam de uma zona de trevas para se perpetuar. Essas religiões realmente possuem um nível inferior que deve permanecer oculto, reservado que está aos iniciados, aos "iluminados" que passaram por uma afiliação a esses mistérios inferiores. Há um esoterismo islâmico, assim como há um esoterismo nas religiões iranianas e orientais. E é assim porque essas religiões são alimentadas por uma mística de ordem luciferiana.

Mas a distinção desses dois níveis não se aplica à religião cristã porque ela se liga aos **mistérios do alto**, que são mistérios de luz: *«Foi publicamente que falei ao mundo. Não ensinei em segredo»* . A luz que Jesus Cristo trouxe não deve ser colocada debaixo do alqueire, mas sim no candelabro, para iluminar toda a casa. A Igreja Católica não possui ensinamento secreto. Os sacramentos iniciam nos mistérios do alto; eles não são práticas de ocultismo; são administrados publicamente.

Quando vemos um escritor se referir ao par "esoterismo-exoterismo" e fazer disso a base de seus desenvolvimentos, já temos uma sólida presunção de pertencimento à gnose moderna. Tal posição lhe permite expor as verdades cristãs em termos nebulosos, ambíguos e estranhos, sob o pretexto de lhes dar uma formulação menos rígida, menos contingente, menos "dogmática". Nessas ambiguidades e estranhezas, ele introduzirá conceitos gnósticos como os que vamos analisar. Desconfiemos daqueles que falam de um esoterismo cristão.

O Hiper-deus

Os neognósticos, mesmo aqueles que se apresentam como cristãos ortodoxos, mencionam o "Princípio Supremo". Eles o descrevem como a **Super-divindade.** Alguns lhe dão o nome de hiper-deus. Eles o colocam acima da existência. Para eles, ele não pertence nem mesmo ao domínio da essência, pois o chamam de "sobre-essencial". Este princípio supremo é totalmente indiferenciado, ou seja, não possui nenhuma determinação. Ele é superior e anterior às hipóstases, ou seja, à distinção das Pessoas divinas. Ele é a **Virtualidade universal.** Ele contém todos os possíveis, tanto os manifestados como os não-manifestados. Ele transcende o bem e o mal. Nele, o bem e o mal se equilibram.

É bastante evidente que essa concepção da divindade suprema não corresponde de forma alguma ao Deus da religião cristã. O Deus que Se revelou é, ao mesmo tempo, um Deus existente e infinito. Ele é um Deus existente, pois diz: *«Ego sum qui sum».* Eu sou Aquele que sou. E é esse mesmo Deus, realmente existente, que é também infinito, absoluto e onipotente. Não existem dois deuses, um **infinito** e outro **existente.** Há apenas um. E é justamente aí que reside o mistério.

Os neognósticos, seguindo René Guénon no caminho do "princípio supremo", rejeitam a unidade divina acima e fora da Trindade, que então se torna uma espécie de **hipo-deus**, um sub-Deus, criador talvez, mas secundário e relativo ("diferenciado", como dizem), de qualquer forma subordinado ao absoluto do princípio supremo e à sua lógica.

A fé católica é totalmente diferente. A unidade e a imensidade de Deus não devem ser separadas de Sua Trindade; elas não devem ser consideradas mais essenciais do que Sua Trindade. Para provar isso, temos dois textos incontestáveis: o texto do prefácio da Santíssima Trindade e o do Símbolo de Santo Atanásio.

O prefácio da Santíssima Trindade diz o seguinte:

> "... Um único Deus, um único Senhor, não na solidão de uma única pessoa, mas na Trindade de uma única substância... confessando a verdadeira e eterna Divindade, adoramos a propriedade nas pessoas, a unidade na essência e a igualdade na majestade..."

Quanto ao símbolo de São Atanásio, ele contém as seguintes formulações:

> "O Pai é não-criado, o Filho é não-criado, o Espírito Santo é não-criado. O Pai é imenso, o Filho é imenso, o Espírito Santo é imenso. O Pai é eterno, o Filho é

> eterno, o Espírito Santo é eterno. E contudo, não há três eternos, mas um único eterno. Nem três não-criados, nem três imensos, mas um único não-criado e um único imenso... E nesta Trindade não há nada anterior ou posterior, nada maior ou menor."

A unidade e a imensidade de Deus não são maiores do que Sua Trindade. Elas também não são anteriores a Ele. É claramente visível que a própria noção de "princípio supremo" e de hiper-deus é rejeitada por estes dois textos, cuja autoridade não precisa ser enfatizada, pois ambos são litúrgicos. Portanto, cuidado com aqueles que nos vêm com seu hiper-deus.

A Manifestação

Os escritores esotéricos não chamam o universo de "criação". Eles o chamam de **manifestação**. Eles consideram o universo como uma **emanção** existencial do Princípio supremo. Para eles, o universo não foi criado da maneira como entendemos; é a concretização de uma das potencialidades contidas no Princípio supremo. Esses autores explicam que na "manifestação" existem vários níveis que são emanações uns dos outros.

Segundo eles, o universo atual teria sido precedido por outras manifestações em número ilimitado. E no futuro, será seguido por uma infinidade de outras. Cada uma dessas manifestações sucessivas descreve uma trajetória entre um polo espiritual positivo, através do qual ela surge à existência, e um polo material negativo ao qual ela chega após um lento processo de degradação. Emergindo do Princípio sob uma forma espiritual, cada manifestação é o campo de um lento processo de materialização.

Quando a materialização universal está em seu máximo, ocorre uma espécie de explosão, de aniquilamento, e o ciclo recomeça. Cada universo é comparável a uma imensa **pulsão** elementar, indefinidamente precedida e seguida por outras pulsões. Assim, o universo vive através de uma sucessão de sístoles e diástoles.

A doutrina da Igreja está muito distante desta gnose. E isso essencialmente por duas razões:

1. O universo não é "emanado de Deus". Ele não é um fluxo exterior da substância divina, pois, nesse caso, seria ele mesmo divino, o que equivaleria a um panteísmo. O universo foi **criado ex nihilo**; mais precisamente, Deus o fez aparecer onde não havia nada. De modo que existe, entre o Criador e a criação, um abismo que apenas o Criador pode atravessar. A cosmologia cristã não é "emanatista"; ela é criacionista.
2. Os universos não se sucedem indefinidamente uns aos outros. O mundo, no estado em que o vemos hoje, chamado de "estado de natureza", é precário, provisório e **preparatório**. Ele será erigido em um estado definitivo chamado estado de **glória**, muito diferente do estado atual. A natureza, embora seja apta a essa mudança, não possui em si mesma a força de se glorificar espontaneamente. A glorificação exige um novo decreto divino e um novo desdobramento do poder divino que virão aperfeiçoar o ato criador inicial que suscitou a saída do nada.

Em resumo, a teoria da manifestação é incompatível com o cristianismo e se assemelha, queiramos ou não, ao panteísmo emanatista. Quando vemos aparecer a palavra "manifestação" para designar o universo, devemos ficar vigilantes e não tardaremos a ver surgir, um após o outro, todos os grandes temas gnósticos.

A teoria dos ciclos

De acordo com os gnósticos contemporâneos, a "manifestação" estaria sujeita a um ritmo cíclico sem fim, realizando uma imensa pulsação universal:

> *«A imensa arquitetura do tempo, que responde àquela do espaço, aparece como um conjunto de edifícios encaixados uns nos outros, correspondendo-se e respondendo-se em uma* ***série indefinida*** *de momentos perfeitamente organizados, à maneira de grandes órgãos emitindo não sons, mas durações que se fundem sem se confundir, na taça da* ***eternidade***__*»* (Jean Biès, *Passaporte para Novos Tempos*, páginas 33-34).

Na maioria dos sistemas cíclicos, a unidade básica é o Yuga. É uma era de vários milhares de anos que se subdivide em quatro idades. O yuga ao qual pertencemos começou pela era do Satya-yuga, que é a idade de ouro. Vieram depois outras duas idades, o Trata-yuga e o Drapara-yuga. Finalmente, a era termina pela idade na qual nos encontramos atualmente, o Kali-yuga, que é uma idade sombria. É a última idade de nossa grande era. É uma época de degradação, muito pouco espiritual, onde tudo é dessacralizado e materializado. É a civilização ocidental moderna, com seu mercantilismo, seu socialismo e sua tecnicidade. O Kali-yuga deve terminar, como todos os ciclos, por uma catástrofe.

Vários yugues sucessivos formam juntos uma vasta revolução chamada Manvantara, que também tem forma cíclica. Por sua vez, vários manvantaras consecutivos compõem um ciclo global imenso que recebe o nome de Kalpa. O que há além? As teorias cíclicas que tivemos em mãos não indicam isso. Vemos que, no geral, cada ciclo é formado por uma série de subciclos. O sistema geral sendo o do eterno recomeço.

Qual é a posição da doutrina católica nesta matéria? Certamente os "doutores" cristãos observam que o estado da natureza envolve ciclos. Os ciclos cronológicos constituem mesmo uma das principais características do estado da natureza. As inúmeras constelações têm suas revoluções. A substância viva é animada por pulsações regulares que são uma espécie de ciclos. Compreende-se que os contempladores do estado da natureza se maravilhem diante dessa respiração universal e que, por seu lado, os doutores cristãos a reconheçam igualmente.

Mas os cristãos sabem que a natureza não foi feita para durar para sempre. E, portanto, eles não atribuem aos ciclos naturais uma importância absoluta. **A vida eterna** (*vita venturi saeculi*), que a fé nos ensina, é um eterno presente que, portanto, não será a recondução indefinida da natureza e de seus ciclos. O Reino dos Céus será, ao contrário, uma estabilização, um **repouso** e uma paz na alegria.

A referência à teoria dos ciclos cósmicos é um dos sintomas mais convincentes de pertencimento à gnose.

O Mundo Intermediário

Quase todos os esoteristas contemporâneos adotam um dos postulados mais importantes do ocultismo, a saber, a existência de um "mundo intermediário", que estaria situado entre o mundo físico e o mundo espiritual. Vamos primeiro tentar descrever o sistema. Então, faremos a crítica.

O conjunto dos três mundos forma uma esfera. O mundo espiritual ocupa o hemisfério superior e o mundo físico ocupa o hemisfério inferior. Entre os dois hemisférios, no nível do equador, o mundo intermediário adota a forma de um disco plano do mesmo raio que a esfera global. Este disco separador, mas também intermediário, empresta suas características, em sua face superior, ao mundo espiritual e, em sua face inferior, ao mundo físico. Essa é, em linhas gerais, a teoria do mundo intermediário.

Nesta construção ideal, que tem a aparência da lógica, o mundo intermediário seria o das **vibrações sutis** que estão no limite extremo da percepção de nossos aparelhos e às quais os ocultistas atribuem a dupla qualidade de semi-espirituais e semi-físicas. Quais são, para os gnósticos, as vantagens deste mundo intermediário? Há duas.

Primeiro, este mundo misto lhes fornece um ponto de passagem, uma etapa, entre o espírito e a matéria, etapa que constitui uma grande vantagem para os adeptos das doutrinas emanatistas, sempre inimigos de qualquer ideia de limites, gêneros e espécies.

Mas eles encontram aí uma segunda vantagem. Eles vão fazer deste mundo intermediário a residência dos demônios. Os gênios elementares da natureza física são os habitantes deste mundo intermediário. Nesta teoria, os demônios são, portanto, entidades vibratórias, meio espírito meio corpo, que atraem os homens para baixo. Eles têm uma tendência "natural" a materializar o homem, não por causa de sua maldade (eles não a têm), mas por causa de seu lugar na escala da natureza.

Toda a demonologia da gnose moderna é construída sobre este esquema, ou sobre esquemas análogos. Para ela, os demônios são forças naturais que têm sobre o homem um poder materializante. E se nos fazem notar que eles são particularmente influentes em nossa era sombria do Kali-yuga.

Esta doutrina está muito distante daquela da Igreja. As primeiras palavras do Credo de Niceia são precisamente dedicadas a esta questão dos dois universos espirituais e materiais: *«Credo in unum Deum... factorem caeli et terre, visibilium om- nium et invisibilium».* Um só Deus, criador do céu e da terra, de todo o mundo visível e de todo o invisível. O "visível" é o mundo dos corpos; o "invisível" é o mundo dos espíritos. Nunca se trata do mundo intermediário na doutrina católica.

Sem dúvida, a substância física, e especialmente a substância biológica, apresenta eflorescências tênues, radiações, energias impondéráveis que dela emanam. Mas por serem sutis e impondéráveis, elas não deixam de ser **físicas** e é um erro apresentá-las como intermediárias

entre o espírito e a matéria. As vibrações sutis que rodeiam a matéria compacta são comparáveis a uma **cabeleira** leve, certamente, mas autenticamente material.

Quanto aos demônios, eles são de natureza plenamente **espiritual** e não mista. São espíritos reprovados. Eles não procuram nos materializar, mas nos condenar. Claro, eles entram em nós pelos sentidos corporais. Mas quando estão em nós, eles dialogam com nosso espírito e nos sugerem pensamentos desordenados. Ora, há os desregramentos do corpo, mas também os desregramentos do espírito. E as doutrinas falsas estão entre os desregramentos do espírito. Desconfiemos dessas referências gnósticas a um mundo intermediário que não existe.

A Sophia

A gnose sempre buscou incluir a Mãe do Verbo em sua construção teosófica. Vamos ao fundo das coisas e digamos que Lúcifer não se contenta em suplantar o Cristo, ele também gostaria de suplantar sua Mãe. A Escritura nos adverte que o "suplantador" por excelência chegará a morder seus pés, se puder. A **Sophia** (a Sabedoria) dos gnósticos é a "virgem demoníaca". Ela é muito literalmente uma virgem louca. É uma Sabedoria em loucura. Não podemos, neste estudo restrito, traçar o histórico da Sophia através de todos os sistemas gnósticos dos primeiros séculos cristãos. Tomemos apenas o exemplo da construção elaborada por Valentim porque é uma das mais claras.

No topo do universo está o Abismo incriado, o Abismo não gerado, e seu duplo andrógino: o Silêncio. Este casal protótipo gera o "Intelecto" e seu duplo, a "Verdade". Eis já dois casais de dois éons cada: o casal "Abismo-Silêncio" e o casal "Intelecto-Verdade".

O Intelecto e a Verdade vão gerar o Verbo e a Vida, que por sua vez gerarão o "Homem" e a "Igreja". Eis mais dois novos casais que elevam a oito o número de éons superiores. Estes oito primeiros éons formam a **Ogdóade.**

Mas o Intelecto e a Verdade produzem novamente cinco casais de éons, o que forma a **Década.**

Tomado de emulação, o casal "Verbo-Vida", por sua vez, produz doze éons, igualmente dispostos em casais. É a **Duodécada.**

O Pleroma, ou seja, o universo celestial, está agora completo e conta com a Ogdóade, a Década e a Duodécada, o que totaliza 32 éons.

Ou, na última posição da Duodécada, encontra-se uma espécie de criança terrível, o éon **sabedoria**, a famosa "Sophia" dos gnósticos, que, por sua presunção, irá perturbar toda a bela ordem do Pleroma divino. A Sabedoria gnóstica não se contenta em admirar as maravilhas do Pleroma e a série de suas "emanações". Como boa gnóstica, ela quer conhecer tudo, elucidar tudo. Ela quer penetrar o Abismo não gerado. Pior que isso, ela vai tentar produzir sua própria emanação, sem recorrer à ajuda de seu éon masculino, um certo Theletos ("Voluntário"). Ela quer, a todo custo, imitar o Abismo não gerado e procriar sem esposo. Sua paixão é tal que ela consegue gerar um aborto ao qual dará o nome de **Hachamoth** e que todos os éons do Pleroma imediatamente detestarão.

Trata-se agora de reparar os erros da Sophia. Encontrar-se-á um retiro para esconder o aborto Hachamoth, enquanto o Abismo não gerado, como um digno Júpiter, encarrega o casal "Intelecto-Verdade" de emanar um novo par de éons. Será o Cristo e seu éon feminino, o Espírito Santo.

Então todos os éons do Pleroma, livres de Hachamoth que agora tem seu substituto, unem suas forças e, num esforço coletivo, produzem Jesus, o Grande Pontífice e Salvador.

Tal é a estrutura da mitologia valentiniana. Haveria muito a dizer sobre isso. Reteremos apenas dois traços:

1. A Sophia, que acabamos de ver desempenhando o papel de "Virgem-Mãe", exerce, no Pleroma, uma função ao mesmo tempo grotesca e nefasta.
2. O Cristo e Jesus são dois personagens diferentes (Encontramos essa mesma distinção até nos sistemas gnósticos mais recentes, por exemplo, no de R. Steiner).

Onde Valentim foi buscar todas essas elucubrações? Em seus predecessores, é claro, em particular em Simão o Mago, que já havia descrito um sistema semelhante. Mas ele também foi inspirado por seu "conhecimento intuitivo", ou seja, por sua mística. Em outras palavras, foram revelações que lhe mostraram tudo isso. Revelações singulares das quais não é preciso se perguntar de onde vêm. Como não identificar, nesse conhecimento mítico da "Sophia", o sarcasmo luciferino contra a Virgem-Mãe, da qual ele faz um personagem vaidoso, ridículo e malfazejo.

É assim que a Sabedoria começou sua carreira na gnose antiga. Hoje, os gnósticos inventaram entidades muito mais sutis. As metamorfoses da Sophia na gnose moderna exigiriam um estudo especial muito volumoso para ser incluído aqui. Devemos nos contentar em chamar a atenção para este problema que muitas vezes passa despercebido.

Na gnose moderna, o personagem da Sophia será substituído por noções mais abstratas. O duplo conceito de "Virgem" e "Mãe" será hipertrofiado. Em meio a uma exuberância lírica que pode ter bela aparência quando não se é muito exigente, os neo-gnósticos amplificarão desmedidamente o papel de Maria como esposa do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, eles feminizarão esse mesmo Espírito Santo. E, de maneira geral, eles sexualizarão a geração do Verbo e a processão do Espírito Santo.

Mas fiquemos por aqui por enquanto. Inventariar, analisar e resumir todas as passagens e até mesmo todas as obras dos gnósticos modernos que se entregam a todas essas extrapolações teológicas, tudo isso exigiria um trabalho dedicado unicamente a este assunto.

A Tripartição

A tripartição é a aplicação da teoria do mundo intermediário à constituição elementar do homem. Assim como o macrocosmo, ou seja, o universo, é composto de três mundos, o microcosmo, ou seja, o homem, é composto de três substâncias. Ele também possuirá seus dois hemisférios e seu disco intercalar. Daí o nome de tripartição; diz-se também tricotomia.

O corpo do homem é o equivalente ao hemisfério inferior do globo cósmico; ele pertence ao mundo físico, ninguém discorda disso. **O espírito,** ao qual os gnósticos dão o nome de *Pneuma* em grego e de *Spiritus* em latim, pertence ao hemisfério superior, ou seja, espiritual; aí também todos concordam. Quanto à **alma,** que eles chamam de psyché em grego e anima (ou às vezes "animus") em latim, ela é representada pelo disco intercalar; ela é, portanto, de natureza mista, pois tem uma face espiritual e uma face corporal.

Os partidários desta teoria invocam a seu favor todas as passagens da Sagrada Escritura onde se fala de "anima" e "spiritus"; e essas passagens são numerosas. Sem entrar nos problemas de interpretação dessas passagens, constatemos por ora que a teoria da tripartição acarreta graves erros de doutrina.

Se a alma humana (então chamada animus ou psyché), por sua pertença ao mundo intermediário, é ao mesmo tempo semi-material e semi-espiritual, ela oferece um ponto de passagem privilegiado para a ascensão da matéria em direção ao espírito e depois em direção a Deus, sem solução de continuidade. É precisamente nesta ascensão que trabalham os alquimistas. Eles querem colocar em movimento a **Transmutação** do universo, e a do homem em particular, como veremos mais adiante. É por isso que os alquimistas se apoiam solidamente na teoria da tripartição.

Esta mesma teoria é igualmente preciosa para todos os doutrinários que afirmam que o homem possui, em sua natureza essencial, um **germe divino** acidentalmente enterrado na ganga corporal. O corpo é material. A psyché é mista. O pneuma é espiritual, portanto divino. O conceito de tripartição constitui, portanto, para os gnósticos que querem fazer de todo homem um fragmento da "deidade", uma excelente base teórica.

Não é este o ensinamento da Igreja sobre o homem. O magistério sempre estipulou que o homem é composto apenas de dois elementos, um corpo físico e uma alma espiritual. O concílio de Vienne (5º ecumênico) o definiu assim:

> "Além disso, com a aprovação do santo Concílio, reprovamos como errônea e oposta à fé católica toda doutrina ou toda tese que afirme temerariamente que a substância da alma racional e intelectual não é verdadeiramente e por si mesma a forma do corpo humano ou que a coloque em dúvida; e definimos,

> para que todos conheçam a verdade da fé pura e para fechar a porta à entrada sub-reptícia de todo erro, que qualquer um que ousar doravante afirmar, defender ou sustentar obstinadamente que a alma racional ou intelectual não é por si mesma e essencialmente a forma do corpo, seja considerado como herético" (G. Dumeige, A fé católica, § 265).

Quando vemos um autor se engajar nesta teoria da tripartição, podemos estar certos de que, algumas páginas adiante, encontraremos em seus escritos outras proposições gnósticas.

A Libertação

Os escritores que pertencem às diversas escolas esotéricas modernas dão o nome de **eu** à individualidade humana. O eu é aquilo que distingue um indivíduo de outro. O eu é mais especificamente o homem interior na relatividade da existência terrena. Diz-se que o eu é "diferenciado".

Mas, no fundo desse eu diferenciado, esses escritores distinguem um elemento **absoluto** e "indiferenciado" ao qual dão o nome de **si**. É um germe de natureza e origem divina, um fragmento da divindade. O si é dito "indiferenciado" porque participa do absoluto. Durante a existência terrena, o si está imerso nas escórias corporais. O homem deve passar sua vida terrena a se espiritualizar para libertar o si essencial que, na morte, retornará ao absoluto de onde saiu e que constitui sua verdadeira natureza. O si indiferenciado se dissolverá então no absoluto igualmente indiferenciado.

O que é, então, a libertação? É precisamente esse retorno do si ao absoluto. É a libertação do si fora da prisão material. Essa libertação ocorre após a morte, quando a alma, após percorrer a série de reencarnações, deixa o "samsara", a roda das coisas e o eterno recomeço. É pela libertação que ela alcança o nirvana, que é a imersão no absoluto.

A libertação também pode ser obtida, durante a vida, pelos grandes contemplativos mediante um treinamento intensivo na concentração do espírito. É um dos efeitos da iniciação apressar a libertação. Os homens assim "liberados" continuam a levar uma vida aparentemente normal, mas se sentem diferentes e dizem que adquiriram um estado superior e definitivo.

A libertação também recebe outros nomes de acordo com as escolas gnósticas. Ela é chamada de **reintegração** quando se quer destacar que, no momento da libertação, o "si" retorna ao princípio supremo do qual era originalmente uma das virtualidades. Ele "reintegra" seu absoluto original. Ela é ainda chamada de **realização** quando se quer mostrar que o "eu" é apenas uma ilusão efêmera, enquanto o desabrochar do "si" revela a única realidade que existe no homem.

Quando, nos desenvolvimentos sobre o homem e sua natureza, vemos aparecer essa terminologia: o eu, o si, a libertação, a reintegração, a realização, podemos prever com certeza que se trata de uma obra esotérica. A continuação não deixa de provar isso.

E agora, o que diz a sã doutrina sobre tudo isso?

Basta se referir ao Concílio de Trento e ao que ele ensina sobre a justificação. Aqui estão as principais passagens desse ensinamento:

> **Cap. 7: A justificação do ímpio e suas causas.**

«Desta justificação, aqui estão as causas: causa final, a glória de Deus e de Cristo, e a vida eterna; causa eficiente, Deus, que, em sua misericórdia, purifica e santifica gratuitamente (I Co VI, 11) "pelo selo" e a unção "do Espírito Santo prometido, que é o penhor de nossa herança" (Ef I, 13 ss); causa meritória, o Filho unigênito amado de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, que, "quando éramos inimigos" (Rm V, 10), devido ao extremo amor com que nos amou (Ef II, 4), mereceu nossa justificação (nº 592) por sua santíssima Paixão na madeira da Cruz e satisfez por nós a Deus seu Pai; causa instrumental, o sacramento do batismo, o "sacramento da fé" (Ambrósio de Milão, De Spiritu Sancto, 1.1, C. 3, 42: PL 16, 714 A; Agostinho, epístola 98 Ad Bonifacium episc., C. 9 s. v.: PL 33, 364); sem o qual nunca aconteceu a ninguém ser justificado. Finalmente, a única causa formal é a justiça de Deus, "não aquela pela qual ele é justo em si mesmo, mas aquela pela qual ele nos faz justos" (nº 592-593) (Agostinho, De Trinitate, 1.13, C.12, 15: PL42, 1048); recebida dele como um dom que nos renova no mais íntimo da alma, pela qual não apenas somos reputados justos, mas realmente justos e chamados assim, recebendo em nós a justiça, na medida em que "o Espírito Santo distribui a cada um conforme lhe apraz" (I Co XII, 11) e segundo a disposição e cooperação pessoais de cada um.

*(...) Assim, na própria justificação, com a remissão dos pecados, o homem recebe ao mesmo tempo, por Jesus Cristo em quem está inserido, todos esses dons infusos: a fé, a esperança e a caridade. Pois se a esperança e a caridade não se unem à fé, a fé não une perfeitamente a Cristo e não faz um membro vivo de seu Corpo. É por isso que se diz com toda a verdade: "A fé sem obras é morta" (Tg II_*, 17 ss) e inútil (n° 601), e_ "*Em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor, mas a fé que opera pela caridade" (Gl V_*, 6 ;_ *VI _*, 15). É essa que, segundo a tradição_ *dos Apóstolos, os catecúmenos pedem à Igreja antes do sacramento do batismo, quando pedem "a fé que concede a vida eterna" (Ritual romano do batismo, n° 1) que, sem a esperança e a caridade, a fé não pode conceder. Assim, ouvem imediatamente a palavra de Cristo: "Se queres entrar na vida, observa os mandamentos " (Mt XIX_,_ 17). »*

Cap. 10: O aumento da justificação recebida.

*«Assim, os justificados, tornados "amigos de Deus e membros de sua família" (Jo XV_*, 15 ; Ef_ *II_*, 19), caminhando "de virtude em virtude" (Sl_ *LXXXIII_*, 8), "se renovam", como diz o Apóstolo, "dia após dia" (II Co_ *IV_*, 16), ou seja, "mortificando os membros de sua carne" (Cl_ *III_*, 5) e oferecendo-os como armas à justiça para a santificação, pela observância dos mandamentos de Deus e da Igreja; eles crescem na justiça que receberam pela graça de Cristo, "a fé cooperando com as boas obras" (Tg_ *II_*, 22), e são justificados ainda mais (n° 606, 614), como está escrito: "Aquele que é justo, ainda será justificado" (Ap_ *XXII_*, 11), e também: "Não temas ser justificado até a morte" (Eclo_ *XVIII_,_ 22), e ainda: "Você vê que o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé" (Tg II_*, 24). Este aumento de justiça, a santa Igreja o pede em sua oração: "Dai-

> nos, Senhor, mais fé, esperança e caridade" (Missal Romano, 13º domingo após Pentecostes, coleta) »_ (G. Dumeige, *La foi catholique,* 562 a 566 e 569).

Assim, o Magistério católico não nos fala de "libertação", mas de **justificação**. A alma cristã é justificada, ou seja, "feita justa", pela Justiça de Deus *«não aquela*, diz o Concílio, *pela qual ele é justo em si mesmo, mas aquela pela qual ele nos faz justos».*

Vê-se, na decisão do Concílio de Trento mencionada acima, as maravilhosas etapas desse caminho de justificação: o batismo, a fé, a esperança, a caridade, os sacramentos...

A que tipo de "libertação" pode chegar a alma gnóstica, que não tem outro salvador senão a si mesma? Ela está verdadeiramente em total impotência e em plena ilusão. E se for salva, será eventualmente em virtude de sua ignorância invencível.

A Reencarnação

Quase todas as doutrinas esotéricas modernas envolvem a crença na reencarnação das almas. Quando não se referem explicitamente a essa crença, geralmente é porque a subscrevem implicitamente.

A **reencarnação** é o novo nome da **metempsicose**. Também é chamada de teoria da **migração** ou da **transmigração** das almas. Encontra-se ainda, para designá-la, a palavra **palingênese**, que, segundo a etimologia, significa a mesma coisa: "palin" quer dizer "de novo" e "gênese" sugere a ideia de geração e, portanto, de encarnação. Diz-se também, embora mais raramente, **revivescência**. Todas essas denominações, que diferem apenas por pequenas nuances, são praticamente sinônimas. É possível, portanto, dar-lhes uma definição comum: é a doutrina segundo a qual as almas humanas passam de um corpo a outro. As almas sobrevivem aos corpos (o que ninguém duvida); e, após aguardarem por um tempo mais ou menos longo e em situações diversas, segundo as escolas, elas retornariam à terra para animar novos corpos no momento de seu nascimento.

Sabe-se que se trata de uma doutrina muito arcaica. Contudo, é preciso notar que ela não é absolutamente primitiva. Assim, por exemplo, nem os textos, mesmo os mais antigos, da Bíblia, nem os primeiros escritos védicos (aqueles que foram trazidos à Índia pelos arianos) fazem menção à **transmigração** das almas. É provável que essa concepção tenha surgido na época em que o politeísmo empírico começou a se sistematizar e a ser objeto de teogonias mais ou menos coerentes.

No entanto, é difícil atribuir uma origem precisa à doutrina da reencarnação. Alguns dizem: ela vem do **orfismo**. Outros, não sem algumas razões, a consideram uma teoria **egípcia**. Sabe-se também que o budismo contribuiu amplamente para difundi-la no Extremo Oriente. De qualquer forma, sua área de difusão cobre o mundo inteiro, apesar da hostilidade de alguns filósofos como, por exemplo, Aristóteles (que a criticava) e da resistência que o Cristianismo lhe opõe desde o início.

Os **gnósticos** dos três primeiros séculos ensinaram a metempsicose de diversas formas. No entanto, o Cristianismo, com o qual ela não é compatível, conseguiu eliminá-la completamente do Ocidente. Essa crença só sobreviveu em terras cristãs ao se marginalizar. Ela foi professada, discretamente, apenas pelos ocultistas de todas as épocas. No século XIX, foram os **espíritas** e os **teosofistas** que voltaram a ensiná-la publicamente e até a fazer dela uma das peças principais de seus sistemas.

Precisamos agora examinar quais são as diferentes fases do **raciocínio reencarnacionista.**

Façamos uma primeira constatação. A reencarnação supõe a crença na **sobrevivência** da alma após a morte. Ora, um exame, mesmo rápido, nos ensina que os partidários da reencarnação são quase sempre também partidários da dualidade da alma. Eles pensam todos, ou quase todos, que

o homem possui duas almas: um "princípio vital" (animus ou psique) que é gerado pelos pais e um "princípio pensante" (spiritus ou pneuma) que vem do além. Para eles, o **princípio vital**, com vocação vegetativa, morre ao mesmo tempo que o corpo, ou sobrevive a ele por pouco tempo. Enquanto o **princípio pensante** é dotado de uma sobrevivência a longo prazo. As coisas se complicam ainda mais nas escolas que admitem o "duplo astral". Mas, enfim, quaisquer que sejam as escolas, há sempre, entre os reencarnacionistas, um princípio espiritual que sobrevive ao corpo.

Numa segunda constatação, observamos que a reencarnação é invocada, como base de raciocínio, por todos aqueles que pretendem **desdramatizar a morte.** Temos ouvido muito falar dessa "desdramatização" atualmente por aqueles que militam a favor do aborto e da eutanásia. Manobras inofensivas, dizem eles, já que a morte não é um drama. A morte constitui apenas uma mudança de estado. É a aquisição de um novo estado que apresenta suas vantagens e desvantagens, assim como o estado terrestre.

Ora, para "desdramatizar a morte", nada melhor que a reencarnação. Nesses sistemas, de fato, a alma não deixa definitivamente a terra e a natureza. Ela está destinada a voltar para seguir um processo automático de purificações sucessivas. Não há nem julgamento particular da alma, nem sentença imediata de recompensa ou de castigo. Fora com essas superstições medievais! A ciência moderna da psicologia humana nos reensinou noções antigas que o cristianismo havia lançado no esquecimento. Daí os inúmeros livros tratando da sobrevivência, da transmigração das almas e das supostas lembranças de nossas vidas anteriores.

A "desdramatização" da morte nos dá o exemplo de um caso de aplicação da teoria da reencarnação. Mas é hora de ver como essa teoria é estruturada em seu conjunto.

A versão mais completa da metempsicose é a professada no hinduísmo. Para o hinduísta, a existência terrestre é um **mal.** É um exílio e uma decadência. É uma decadência porque, na existência terrestre, as almas individuais são separadas da **alma universal**, tornando-se, assim, frações excêntricas. Elas se encontram temporariamente "fora de seu caminho". Pois é somente na alma universal que se realiza o ser perfeito, a totalidade da essência, a unidade absoluta e, portanto, a felicidade inefável.

As almas em estado individual, separadas do centro cósmico, são arrastadas no turbilhão exterior chamado **samsara**, que constitui a imensa "roda cósmica". E a lei que incorpora as almas individuais à roda do "samsara" é chamada de lei do **karma.**

Segundo a lei do "karma", toda ação realizada pelo homem gera consequências terrestres infinitamente, como os círculos que uma pedra provoca ao cair na água. As boas ações provocam consequências libertadoras, e as más ações, ao contrário, consolidam os vínculos que aprisionam a alma ao samsara.

Mas a alma humana é habitada pela "sede de existência" que se chama **trishna.** É dessa sede de existência que vem todo o mal, pois é ela que arrasta a alma na cadeia de consequências de suas ações terrestres, ou karma.

Como, então, acabar com essa cadeia de consequências que prende a alma à roda cósmica? Há dois meios:

O primeiro consiste em deixar fluir a sequência de reencarnações até que a soma dos atos reprováveis cometidos ao longo das vidas sucessivas seja compensada pela soma das boas ações libertadoras.

O segundo meio pode ser utilizado já nesta vida. Ele consiste em abolir em sua alma a sede de existência por meio de uma inação total e da evacuação de todo pensamento e de toda volição. Assim, o homem interrompe a cadeia das consequências kármicas e sua alma deixa o samsara, e portanto, a necessidade eterna de reviver.

Em ambos os casos, a alma, ou mais exatamente sua parte espiritual, se une à alma universal da qual era apenas um fragmento excêntrico. Ela perde sua individualidade distinta, que causou seu infortúnio na terra, e se funde no **nirvana** onde reina a unidade absoluta sem qualquer distinção individual.

Vê-se que, no hinduísmo, a reencarnação faz parte de um vasto mecanismo através do qual é a própria alma que opera sua própria libertação. O hinduísmo ignora a Redenção e não sente necessidade dela, pois as reencarnações operam uma espécie de redenção automática. Entende-se a impermeabilidade do Extremo Oriente à pregação cristã.

Vimos que a metempsicose também se encontra no Ocidente mediterrâneo, embora englobada em sistemas um pouco diferentes. Mas esses sistemas apresentam em comum os seguintes traços.

1. A metempsicose é mais comumente fundamentada no princípio da **preexistência** das almas. Todos os espíritos teriam sido criados ao mesmo tempo, tanto as almas quanto os anjos ou outros gênios. O número de almas seria, portanto, fixo. Não poderia aumentar.
2. Em seguida, as almas humanas foram submetidas a uma projeção brusca sobre a terra, em corpos carnais, devido a um processo e por razões que diferem de acordo com as escolas. Ora é o seu próprio apetite que as leva a isso. Ora, como entre os gnósticos, é devido a uma incompetência do "Demiurgo". Em todos os casos, essa encarnação da alma é uma coisa **nefasta** para a própria alma.
3. As almas entram, assim, na roda das reencarnações, que, em seu conjunto, têm um valor **expiatório.** A metempsicose constitui um sistema de **auto-retribuição.** Ela dilui a noção de "julgamento" até fazê-la desaparecer.
4. É necessário constatar que os sistemas reencarnacionistas supõem que a alma humana é **polivalente**, no sentido de que ela é capaz de se adaptar a todo tipo de corpo. Em alguns desses sistemas, elas se reencarnaram tanto em corpos de animais quanto em corpos humanos, em plantas quanto em pedras.

Os autores esotéricos observam que a Igreja nunca condenou explicitamente a doutrina da reencarnação. É verdade, de fato, mas há uma razão evidente para isso. A metempsicose é considerada por todos os escritores da Igreja e pelo magistério como **incompatível** com o ensino comum sobre o "composto humano". Essa incompatibilidade aparece em dois pontos de doutrina particularmente incontestáveis.

Primeira incompatibilidade. A reencarnação pressupõe a preexistência da alma. Na hipótese reencarnacionista, toda alma humana já animou outro corpo em um passado mais ou menos

remoto. Ora, a Igreja Católica ensina a **não- preexistência** da alma. O sínodo de Constantinopla declara em 543:

> "*Se alguém diz ou pensa que as almas dos homens preexistem, no sentido de que elas eram anteriormente espíritos e santas potências que, cansadas da contemplação de Deus, teriam se voltado para um estado inferior; que, por esse motivo, o amor de Deus teria esfriado nelas, o que as teria feito chamar em grego 'almas' e que elas teriam sido enviadas para os corpos como punição, que seja anátema*" (Dumeige, *A fé católica*, 1961, p. 169).

A alma é a forma substancial do composto humano. Ela é criada no momento da concepção.

Mas então é preciso esclarecer que Deus, ao criar as almas sucessivamente (e não todas juntas no início do mundo), apenas multiplica a espécie humana em conformidade com a lei que Ele mesmo impôs no final do Sexto dia: "*Crescei e multiplicai-vos*".

Segunda incompatibilidade. Ela aparece não mais no momento do nascimento, mas no momento da morte. A sentença proferida no momento do julgamento particular ao qual cada alma é submetida após a morte é executada imediatamente. De acordo com o segundo concílio de Lyon (1274), as almas dos justos "*são **imediatamente** recebidas no céu*". E de acordo com o concílio de Florença (1439), "*as almas dos condenados descem **imediatamente** ao inferno para lá sofrerem o castigo de penas desiguais*".

Quanto às almas que não são imediatamente eleitas, nem imediatamente condenadas no momento do julgamento particular, elas entram no purgatório. No entanto, nem o magistério nem nenhum doutor jamais ensinaram que o purgatório consistia em uma migração das almas de corpo em corpo.

Vê-se, portanto, que o sistema da reencarnação é duplamente incompatível com a ortodoxia católica.

Nota

É bom responder a uma objeção que os gnósticos levantam com frequência. Eles afirmam que o profeta **Elias** se **reencarnou** na pessoa de São João Batista, oferecendo assim, dizem eles, o exemplo de uma reencarnação registrada e certificada pela Sagrada Escritura.

Na realidade, trata-se de uma interpretação equivocada. Eis o texto de São Mateus. Imediatamente após a Transfiguração e enquanto descem da montanha, os três discípulos que lá estiveram interrogam Nosso Senhor, dizendo:

> "*Por que, então, os escribas dizem que é necessário que Elias venha primeiro? Mas Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias deve vir e restaurar todas as coisas. Mas eu vos digo que Elias já veio e eles não o reconheceram... Então os discípulos compreenderam que ele lhes havia falado de São João Batista*" (Mt 17,

> 10-13).

Comentário do Padre Fillion:

> "*Em sua resposta, Jesus distingue duas aparições sucessivas de Elias. Uma real e pessoal, no final dos tempos, a outra figurativa e já cumprida na pessoa de São João Batista*".

João Batista, portanto, não é uma reencarnação de Elias. Ele apenas desempenhou um papel **precursor** análogo ao de Elias. O Batista é o precursor de Jesus sofredor. Elias, em sua aparição no final dos tempos, será o precursor de Jesus triunfante. É por causa de seu papel de "precursor" que se pode chamar João Batista de "um Elias".

A Iluminação

Os escritores das diversas escolas gnósticas frequentemente mencionam um episódio particular da psicologia individual que chamam de "iluminação". Aquele que é iluminado percebe, como o nome sugere, uma certa comoção cerebral acompanhada de uma impressão luminosa mais ou menos intensa e mais ou menos subjetiva. Mas, sobretudo, ele adquire, sob o efeito dessa pequena comoção, uma **nova mentalidade**.

A partir de sua iluminação, o sujeito não vê mais o mundo como antes. Essa mudança de perspectiva é duradoura e, na maioria das vezes, definitiva. Em algumas escolas gnósticas, fala-se da aquisição, pelo iluminado, de uma **influência espiritual**.

Quais são as circunstâncias da iluminação? Ela pode ser iniciática ou espontânea. A iluminação é dita **iniciática**, como se pode imaginar, quando ocorre após uma cerimônia de admissão em uma sociedade iniciática (às vezes, ela ocorre durante a própria cerimônia). A impressão luminosa nem sempre é muito nítida; às vezes é inexistente. Mas a mudança de mentalidade é quase sempre percebida com agudeza. O iluminado tem a impressão de ter se tornado outro homem. Para ele, o mundo exterior é iluminado por outra "luz".

A iluminação é dita **espontânea** quando ocorre, fora de qualquer filiação cerimonial, em indivíduos que se entregam a meditações intensas ou a uma paixão intelectual prolongada. É uma espécie de espasmo da inteligência que sobrevém após uma forte atenção ou uma forte jubilação do espírito. Esse fenômeno da psicologia humana era conhecido pelos antigos, que lhe davam o nome de "momentum intelligentiæ", expressão que pode ser traduzida como "instante de compreensão", onde se encontra a ideia de nova mentalidade.

Qual é o agente desse fenômeno iluminativo? Podemos identificar dois agentes diferentes.

Ou o contemplativo é abruptamente submetido a uma influência demoníaca, geralmente **euforizante**, aliás, e isso pode ocorrer tanto no caso da iluminação iniciática quanto no da iluminação espontânea.

Ou ele é simplesmente submetido a forças mentais que provêm de seu próprio interior; ele é impressionado por suas próprias cogitações que assumem uma forma paroxística devido à intensidade da preparação. Neste caso, daremos à sua iluminação o nome de **ênstase**, para marcar que houve autoestimulação e recolhimento em si mesmo, e para distingui-la do "êxtase", que é um fenômeno objetivo. Na iluminação por "ênstase", é o espírito que implode sobre si mesmo. A palavra ênstase é relativamente recente.

Interroguemos agora os doutores espirituais do cristianismo sobre a questão da iluminação e do julgamento que se deve fazer sobre ela. O verdadeiro iluminador da alma é o Verbo encarnado. Ele é iluminador porque é ele quem tornou visível o que é invisível. Ele nos faz conhecer Deus "que ninguém viu":

> "*Quem me vê, vê também o Pai*".

Quem não conhece também a "grande antífona"?:

> "*Ó Oriens splendor lucis æternæ et sol justitiæ; veni et illumina sedentes in tenebris et umbra mortis*" Ó Oriente, esplendor da luz eterna e sol da justiça; vinde e iluminai aqueles que estão sentados nas trevas e à sombra da morte.

O cristão é "iluminado" pelos sacramentos, especialmente aqueles que imprimem na alma um caráter. A liturgia da missa, das horas e dos sacramentos nos familiariza com essa ideia de iluminação.

Dentro da Igreja, devido **à fé** do sujeito e à graça que ele possui, sua alma fervorosa pode alcançar uma iluminação real, ou seja, um contato objetivo com a luz divina.

"*Eu sou a luz do mundo*", disse Jesus (Jo. VIII, 12). Os escritos dos grandes místicos católicos nos informam sobre a iluminação que receberam de Deus.

A Alquimia

O tema da alquimia é muito sintomático da pertença à escola gnóstica moderna. Existem, em princípio, duas alquimias: a alquimia operativa e a alquimia especulativa ou espiritual.

A alquimia operativa tem por objetivo a **transmutação** dos metais e mais particularmente a transformação do "vil chumbo" em ouro. Esta transformação complicada, longa e aleatória é uma das formas da magia. É indubitável que ela envolve, ao mesmo tempo que certas forças naturais pouco manuseáveis, forças diabólicas.

A alquimia especulativa visa um objetivo espiritual. Não se trata mais de transformar o metal, mas o homem. É uma escola de vida interior que tem por objetivo **espiritualizar** o "eu" individual e elevá-lo à altura do "si" metafísico. Em outras palavras, a alquimia espiritual trabalha para fazer eclodir o germe de absoluto que cada homem é suposto abrigar no fundo de si mesmo. Este método de germinação é rodeado, entre os alquimistas, de um folclore muito especial. A "via contemplativa" da alquimia se apresenta em termos de ciência natural, astronomia e laboratório. Fala-se de dessecação, solução, destilação, sublimação, quintessência, mas também de zodíaco. O fundo do método é uma mística naturalista.

A alquimia operativa e a alquimia especulativa têm em comum uma mesma mentalidade: a da transmutação. A mentalidade alquímica tende a **sublimar** a natureza (física ou humana) utilizando as forças de sublimação incluídas na própria natureza. É por isso que a literatura esotérica moderna, que adota largamente este estado de espírito alquímico, está repleta de alusões à **transfiguração** e à **assunção**. É o homem e o mundo inteiro que devem ser "assuntos" e transfigurados. Apresentam-nos a operação como iminente e como já começada.

Notemos bem que a mutação alquímica do universo não recorre à intervenção divina. É uma auto-sublimação que permanece na ordem da natureza e que o alquimista deve apenas ajudar e acelerar, por meios de ordem mágica, como vimos. Se acontece que se faz referência a Deus, é a um Deus que opera fora da Igreja. Podemos, portanto, perguntar-nos se se trata realmente do verdadeiro Deus.

Analisemos agora essa mística e essa mentalidade alquímica à luz da fé. Não há dúvida de que o Criador destinou a criação a ser transformada. A Escritura nos ensina que, no final dos tempos, por um decreto que completará e mesmo superará em poder o da criação *ex nihilo*, Deus **fará todas as coisas novas** _(Ecce nova facio omnia, Apoc., XXI, 5). Já Isaías havia dito, no mesmo sentido: "*Não vos lembreis mais dos acontecimentos passados, nem considereis as coisas antigas. Eis que faço coisas novas (Ecce ego facio nova) e agora elas brotam*" (Is 43,18-19). Esse novo estado do universo é **o estado de glória**.

Certamente, a natureza comporta uma **aptidão** para a glorificação, pois as obras de Deus se preparam umas às outras. A natureza aspira a essa transformação. Ela aspira a isso, mas é incapaz de realizá-lo por suas próprias forças. O decreto divino e o poder que Ele colocará em ação são

indispensáveis para realizar a passagem ao estado de glória. É Deus quem o realizará *(Eis que Eu)*.

É essa necessária operação divina que os alquimistas não querem admitir. Eles querem "assumptar" e "transfigurar" o mundo sem a fé, sem a graça, sem Deus. Eles querem antecipar seus decretos. É uma atitude tipicamente luciferina.

Estaremos atentos para não nos deixarmos enganar por essas palavras de "transfiguração" e "assunção" que a literatura gnóstica emprega de forma errada e indiscriminada. Elas pertencem à terminologia cristã, mas ao aplicá-las a um suposto florescimento espontâneo da natureza, os alquimistas lhes dão um significado que não é cristão e as incorporam a raciocínios totalmente distorcidos.

O Andrógino

O tema do andrógino é um dos mais frequentemente tratados pelos autores esotéricos. De acordo com eles, o homem, tal como figura no projeto divino antes de sua vinda à existência, seria ao mesmo tempo homem e mulher. **O arquétipo** do homem seria andrógino. Esse andrógino arquetípico recebe também, por vezes, o nome de "homem universal".

Na literatura gnóstica atual, os desenvolvimentos sobre este assunto são muito frequentes, muito abundantes, mas também muito confusos. Consegue-se distinguir neles três tipos ou, antes, três níveis de androginia.

1. Há primeiro a androginia **arquetípica** de que acabamos de falar. O homem ideal, no pensamento de Deus, seria andrógino. Mas então, por que não o teria permanecido?
2. Distingue-se, em seguida, uma androginia **primordial** ou ancestral. Adão teria sido andrógino antes da criação de Eva; a distinção dos sexos dataria da formação de Eva.
3. Finalmente, vislumbra-se também uma androginia que chamaremos **escatológica**: quando ocorrer a "reconstituição de todas as coisas", o homem revestirá novamente a forma andrógina, pois ela lhe é, aparentemente, essencial.

Essas considerações, apresentadas, aliás, com mais lirismo do que bom senso (sem contar uma infatigável volubilidade), são típicas da literatura gnóstica moderna. Mas a própria noção é muito antiga; ela data dos primórdios da gnose histórica. Encontra-se mesmo no paganismo antigo.

Qual é a doutrina da Igreja sobre tal assunto? **Na verdade, o magistério nunca se ocupou muito disso, pois essa hipótese é tão estúpida.** Pode-se, no entanto, recordar um certo número de verdades inquestionáveis que se opõem a essa monstruosidade.

O homem não tem senão um único arquétipo, que é o **Verbo encarnado.** Não há outro. Ele é "o primogênito de toda a criação". Cristo é o modelo sobre o qual toda a espécie humana foi constituída. A própria Virgem Maria, que é a segunda Eva, foi formada segundo o modelo de Cristo; Ela é a "ajuda semelhante a Ele" de que fala a Escritura. Ora, Nosso Senhor não era andrógino, sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem: "*Um menino nos nasceu. Um Filho nos foi dado*".

Na distinção dos sexos, que é uma das grandes leis da natureza viva, Deus quer, evidentemente, nos fazer meditar sobre um **mistério de dualidade.** No quarto dia da criação, vemos aparecer simultaneamente os dois grandes luminares. O sol é a figura de Nosso Senhor Jesus Cristo, que será chamado de "sol da justiça". E a lua é a figura da Virgem Maria, que será chamada "espelho da justiça" porque reflete a luz do sol, não tendo luz própria.

Nunca foi escrito em lugar algum que o sol e a lua proviriam de um astro anterior que os teria contido a ambos e que se teria desdobrado posteriormente. O que vemos de imediato são dois astros, dos quais um, menor, tira sua luz do outro. É esse mistério de dualidade, expresso nos fatos, que temos de meditar, sem ir inventar outro que nem a Escritura, nem a natureza nos

fornecem. Nem a Escritura, nem a Tradição, nem os Padres (salvo algumas exceções que se contam nos dedos de uma mão), nem o magistério jamais falaram de um ser simultaneamente homem e mulher que teria constituído a etapa preparatória da humanidade.

Ao contrário, encontramos abundantemente o andrógino entre as divindades pagãs, as quais são entidades satânicas segundo os salmos: "*Todos os deuses dos pagãos são demônios (Sl 96,5)*". No mundo do politeísmo, temos a escolha entre os ancestrais do andrógino.

Por que Deus recorreu a dois sexos diferentes para realizar a procriação? Esse é o mistério que Ele nos dá para meditar. Podemos encontrar alguns começos de explicação. Não podemos elucidá-lo totalmente. O que é certo é que o andrógino, sob o pretexto de esclarecer esse mistério, o obscurece singularmente e cria mais problemas do que resolve.

O andrógino é o tipo mesmo da **monstruosidade** demoníaca. É uma maneira, para Lúcifer, de tomar, na religião mundial, o lugar de Jesus Cristo. Pois, nessa concepção, seria o monstro andrógino, isto é, Satanás, que geraria, por desdobramento, o Cristo e Sua Mãe, os quais teriam, portanto, um ancestral comum que não seria outro senão Lúcifer. Que cristão digno desse nome aceitará uma doutrina assim?

O Graal

O tema do Graal, que é eminentemente cavalheiresco, é muito frequentemente tratado por autores esotéricos e especialmente por aqueles que têm pretensões ao catolicismo mais seguro. Este tema, de fato, é verdadeiramente ideal para transmitir insensibilmente ideias gnósticas, fazendo-as passar por cristãs e até mesmo particularmente tradicionais. É necessário, portanto, retomar toda essa questão, resumindo-a, é claro, e tentando determinar onde termina o cristianismo e onde começa a gnose.

Do que se trata, muito resumidamente, na história do Graal? O Graal da lenda é, originalmente, o cálice no qual o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, caindo da Cruz, teria sido recolhido pelos anjos e então confiado por eles a José de Arimateia. Este "santo vaso" teria sido trazido para a Europa e escondido em uma série de misteriosos castelos da Bretanha e da Inglaterra. Os contos do Graal relatam as peripécias da **busca** pelo Graal, ou seja, sua procura, e depois sua descoberta por um cavaleiro particularmente irrepreensível. Essa é a estrutura cristã de toda essa lenda.

À primeira vista, nada é mais cristão, mais cavalheiresco e mais edificante do que este tema. Ele se alinha, em princípio, ao gênero do maravilhoso cristão que consiste em bordar sobre uma trama real e embelezá-la, por exemplo, acrescentando milagres à vida de um santo. Além disso, é incontestável que a veneração dos instrumentos da Paixão é um sentimento autenticamente religioso. É a este zelo que se deve a descoberta da Cruz por Santa Helena, assim como a conservação da placa da Cruz (em Roma), da Santa Túnica (em Argenteuil) e do Santo Sudário (em Turim). Da mesma maneira, encontrar o Santo Graal, que descoberta maravilhosa! Se a lenda pudesse ser verdadeira! Em suma, nada mais tranquilizador do que o tema da busca pelo Graal.

Vejamos agora sob qual forma essa lenda entrou na literatura. Sabe-se que existe toda uma família de poemas e romances chamados graalianos. Esta família constitui o que os historiadores literários chamam de **subclasse graaliana**, que pertence ao grande "ciclo arturiano". Consequentemente, os poemas e romances do Graal não devem ser classificados entre as obras do "ciclo carolíngio", que é anterior, que trata de Carlos Magno e cujas peças principais são a *Gesta de Santa Fé* e a *Canção de Rolando*.

Por que se faz da família graaliana um subclasse da gesta arturiana? Porque muitos personagens dos romances arturianos se encontram naqueles do Graal, em particular o próprio rei Arthur, o mago Merlin e o cavaleiro Lancelot, sem contar alguns outros de menor importância.

Eis, portanto, nosso subclasse graaliano situado em relação aos seus vizinhos na literatura da Idade Média. O ramo graaliano se desenvolveu sobre o tronco arturiano, rejuvenescendo-o. Mas ele vai explorar um tema totalmente independente da lenda arturiana, a saber, a história do **Santo Vaso** de José de Arimateia.

Em quais grimórios "a arte confusa de nossos velhos romancistas" buscou a história deste vaso? Chega-se facilmente a reconstituir a lista. As fontes graalianas são: o proto-evangelho apócrifo de

Tiago, o pseudo-evangelho de Nicodemos, os Gesta Pilati, a Vindicta salvatoris, também chamada de *História de Vespasiano* e, finalmente, uma série de documentos antigos que são reunidos sob o nome de História da Santa Cruz. Nenhum desses documentos é canônico; todos são apócrifos. Entre eles, parece que a principal fonte seja o pseudo-evangelho de Nicodemos.

Os contos do Graal apareceram em dois florescimentos sucessivos. O primeiro florescimento conserva as belas aparências cristãs que o assunto impõe e que o público medieval também exige. No entanto, já se encontram neles **bizarrices** imaginativas que certamente lhes conferem charme literário, mas que obrigam a constatar neles subentendidos mais ou menos heterodoxos. Os historiadores modernos da literatura concordam em reconhecer neles, ao mesmo tempo, uma influência cisterciense, para a parte cristã, e uma influência cátara para a parte heterodoxa.

Cinco autores estão na origem deste primeiro florescimento: Robert de Boron, Chrétien de Troyes, Wauchier de Dandin, Manessier e Gerbert de Montreuil. Eles pertencem ao início do século XIII. Cada um conta à sua maneira a jornada do Graal, depois a "busca" empreendida por personagens míticos e sobretudo típicos para encontrá-lo. As variantes do relato são notáveis. Mas o que é constante são os heróis que reaparecem em todos os romances e em todos os poemas. O mais característico é **Galaad**, que encarna a perfeção cavalheiresca.

Quanto aos temas desenvolvidos pelos cinco escritores desta primeira floração grálica, eis os principais:

- O "Palácio Espiritual" no qual se desenrolam as grandes cenas; é construído na misteriosa cidade de Sarraz. Por que "Sarraz", palavra na qual não podemos deixar de encontrar a raiz de "Sarraceno"? Esta alusão recebeu várias explicações: vê-se uma de duas coisas, ou a ideia muito medieval da conversão dos muçulmanos, ou, pelo contrário, uma surda admiração pela cultura muçulmana.
- Cerimônias mais ou menos eucarísticas ocorrem em castelos imprecisos, com cortejos impecavelmente regulados para acompanhar a lança de Longino ou o próprio Graal. Algumas descrições são de grande beleza. Encontramos aqui o gosto dos beneditinos e cistercienses pelo cerimonial.
- Aparece um **sacerdócio espiritual** que não depende dos poderes de São Pedro. É um "novo sacerdócio" que foi conferido a José de Arimateia pelo próprio Nosso Senhor Jesus Cristo. Nessas cenas muito místicas, vemos aparecer um "maravilhoso vaso de ouro" que ora se confunde com o Graal, ora se distingue dele. Nunca se fala do clero paroquial, nem do bispo, nem da catedral. Em contrapartida, encontramos eremitas enigmáticos mais ou menos iluminados.
- Um "pequeno povo", recém-nascido de "nascimento espiritual", escuta as profecias do eremita Nascien e por vezes até assiste a visões do futuro.
- O castelo de **Corbenyc** é um dos principais palcos dos episódios grálicos. Vemos ali três tipos de cavaleiros em ação: o guerreiro grosseiro e cruel, o cavaleiro pecador arrependido e, finalmente, o verdadeiro cavaleiro sem mancha, que é geralmente a personagem de **Galaad**, que atinge o mais alto grau da vida interior, "a união mística".

Esses são os temas mais frequentemente desenvolvidos pelos cinco primeiros cantores do Graal. Não há dúvida de que, sob um cenário cristão de grande beleza, desenrola-se um processo cheio

de subtendidos: um novo sacerdócio, a posse de um segredo, um pequeno povo escolhido para cercar uma entidade misteriosa, alusões reiteradas a um ensinamento secreto de Cristo, a ideia de que a perfeição natural e racional coincide com o início do sobrenatural sem solução de continuidade.

No meio do século XIII, uma segunda floração grálica é inaugurada por Wolfram von Eschenbach, que escreve o famoso *Parzival.* Alguns anos depois, Albrecht (1270) lhe sucede com o *Novo Titurel.* A partir de então, o esoterismo do mito não deixa mais dúvida.

Wolfram von Eschenbach ainda se inspira em Chrétien de Troyes, de quem retoma e repete, pelo menos em parte. Mas ele também bebe de outra fonte: a obra de Kyot, o Provençal, que é uma lenda análoga à do Graal, mas de tonalidade e espírito claramente árabes. Eis o que ele mesmo diz a respeito:

> "*Kyot, o mestre bem conhecido, encontrou em Toledo a matéria desta aventura anotada em escrita árabe*".

Em outras palavras, Wolfram von Eschenbach vai associar a lenda cristã do Graal à "matéria" de um conto árabe. A partir de então, não se falará mais de José de Arimateia.

As novas aventuras chegarão mesmo a abandonar o mundo e os personagens arturianos para substituí-los pelo mundo oriental e novos atores. O castelo de Corbényc é substituído pelo de **Montsalvage** (ou Monte Salvífico). O próprio Graal muda de natureza; ele se torna uma "pedra oca possuindo as mais maravilhosas virtudes"; aprende-se mesmo que essa pedra não é outra coisa senão a **esmeralda** que enfeitava o diadema de Lúcifer e que caiu sobre a Terra no momento da queda do arcanjo. O templo do Graal nem mesmo se encontra mais na Terra. Um certo tom cristão é assegurado por alguns episódios, como, por exemplo, a descida anual de uma pomba que vem renovar a hóstia do novo Graal. No entanto, todo o *Parzival* imerge em uma estranha atmosfera de astrologia e alquimia. Eis, portanto, a mutação concluída; o mito do Graal da segunda floração tornou-se positivamente esotérico. Mas é preciso reconhecer que esse esoterismo já estava em germe nas produções dos cinco primeiros poetas.

Quando R. Wagner, no século XIX, retomará o facho do Graal, ele se inspirará no *Parzival* de Wolfram von Eschenbach. Wagner inaugura a onda grálica dos tempos modernos. Depois dele, uma abundante literatura grálica ainda florescerá, na qual só restarão vagas reminiscências do Cálice de Cristo. O Graal da antiga lenda cristã terá produzido duas entidades. Primeiro, a **Pedra Caída** do Céu, com todas as interpretações luciferinas que isso implica (pois afinal, uma pedra caída do Céu não é o símbolo do próprio Lúcifer?). Mas também a **Cornucópia**, com todos os comentários que se pode fazer sobre a reabertura do paraíso terrestre. Todos esses temas são retomados hoje e amplamente explorados por uma grande quantidade de obras, revistas, congressos e sociedades grálicas. A obra que marca mais nitidamente o ponto final de todo esse "movimento grálico" é a de **Julius Evola**, intitulada *O Mito do Graal e a Ideia Imperial Gibelina*, título atrás do qual sente-se vibrar a ambição de um **Sacro Império Gnóstico**.

Seja sob a forma da antiga lenda ou sob a do mito moderno, o Graal é um dos temas favoritos dos esoteristas cristãos, pois ele permite a passagem do cristianismo à gnose por uma série de transições imperceptíveis.

A Gnose Universal

Depois de terem usado por muito tempo circunlocuções prudentes, na época em que a Igreja ainda lhes inspirava certo temor, os escritores gnósticos se expressam hoje abertamente. Eles proclamam que a gnose não é outra coisa senão a teologia da futura e próxima religião universal.

Apenas a gnose ainda é apenas uma doutrina **esotérica**, pelo menos em teoria, ou seja, uma doutrina reservada a uma elite. Uma elite por muito tempo confinada a congregações iniciáticas, mas que se está ampliando a todo tipo de círculos intelectuais e universitários, e isso em todo o mundo.

Esta gnose, ainda esotérica, deixa subsistir acima dela, na superfície social, as religiões **exotéricas**, ou seja, as grandes confissões estabelecidas. E ela se contenta, por enquanto, em unificá-las insensivelmente. De modo que não saímos da fase do **pluralismo**. **É esse pluralismo religioso que o ecumenismo conciliar põe em prática e em aplicação com uma notável docilidade.** A diversidade das religiões estabelecidas é mantida enquanto a gnose subjacente não tiver conseguido unificá-las substancialmente. Ora, elas resistem a essa uniformização porque seu clero, é bem natural, apega-se ao seu papel de liderança.

Será preciso, no entanto, chegar um dia, sob a pressão das sociedades gnósticas, a essa unificação final, ou seja, ao estabelecimento de uma religião **sincrética**. É por ela, muito mais do que pelo pluralismo, que Lúcifer proclamará publicamente seu triunfo. O pluralismo ecumênico é apenas uma etapa. A religião sincrética será a gnose universal.

Quais serão os agentes dessa passagem do pluralismo ao sincretismo? Simplificaremos e enumeraremos apenas os três principais desses agentes que vemos tão frequentemente aparecer como temas da gnose moderna. O que convém unificar, nas diversas religiões do mundo, para fundir em uma única religião? Basta unificar a tradição, a mística e o simbolismo. Retomemos sucessivamente cada um desses agentes de unificação.

A Tradição Universal

Os gnósticos se dizem depositários da "tradição imemorial", a qual contém, segundo eles, os vestígios fiéis da "revelação primordial". Essa é uma das grandes ideias de René Guénon.

Essa revelação primordial teria se transmitido, dizem eles, em colégios de iniciados que inspiraram, com mais ou menos eficácia, as formas religiosas exotéricas que surgiram na superfície social e que são evidentemente diferentes de um continente para outro e mesmo de um milênio para outro.

A tradição primordial pode, portanto, também receber o nome de "tradição universal", pois é ela que se encontra, com mais ou menos fidelidade, no fundo esotérico das grandes confissões estabelecidas.

É no Oriente, desconfia-se, que a tradição universal teria se conservado com a maior fidelidade. É lá que se encontram suas formas mais **arcaicas**, em particular nos escritos védicos. Esses escritos védicos são: os quatro livros dos Vedas, os Upanishads que são os comentários dos Vedas e, finalmente, o Vedanta, que é uma explicação metafísica e mística mais tardia dos Vedas. É, portanto, de preferência no Oriente que se deve buscar a tradição universal, sem negligenciar, no entanto, o fundo esotérico e gnóstico das outras religiões, onde também se a encontra.

As grandes religiões darão um grande passo em direção à sua unidade cultivando sua fonte comum, que é a tradição universal. As sociedades esotéricas se encarregarão de fazê-las conhecê-la. Essa é, muito esquematicamente definida, a tradição universal segundo os gnósticos de hoje.

Perguntemos-nos agora qual é a doutrina da Igreja sobre esse assunto tão importante.

O fio da tradição primordial foi milagrosamente conservado por Abraão. A peça-chave dessa antiga tradição era o anúncio de um **Salvador** que deveria vir "nos tempos marcados". Anúncio que finalmente só se perpetuou intacto no povo de Israel.

Os grandes marcos dessa tradição autêntica são, portanto: Adão, Noé, Abraão e Moisés. Ela está contida no Antigo Testamento. E ela culmina em Nosso Senhor Jesus Cristo, que é a sua realização, sendo o Salvador anunciado.

Jesus Cristo procede a uma Nova Revelação, a qual é consignada no Novo Testamento e na Tradição apostólica.

Duas tradições estão fundamentalmente em luta diante de nossos olhos. Longe de veicular o mesmo conteúdo conceitual, essas duas tradições são **antagônicas**. Uma transmite, sem disfarce, a religião do verdadeiro Deus, é a **Tradição apostólica** na qual a autêntica tradição primordial está inteiramente incluída. A outra, chamada pelos neognósticos de **Tradição primordial**, transmite, sob um disfarce de luz, a religião tenebrosa daquele que quer tomar o lugar de Deus.

A Mística Universal

Para proceder à unificação das religiões, os homens da gnose também buscam uniformizar suas místicas, ou seja, seus métodos contemplativos. Eis como eles procedem.

Eles constatam primeiro (o que é perfeitamente exato) que o homem é naturalmente dotado de faculdades contemplativas e que essas faculdades se encontram em grande uniformidade. O aparelho místico do homem é o mesmo, independentemente da religião. Os gnósticos partem, portanto, de uma constatação exata. Veremos como eles logo depois bifurcam.

Dessa uniformidade do aparelho místico, eles concluem que o conteúdo conceitual que se pode extrair dele é também uniforme. Expliquemo-nos. Para eles, desde que a alma se desabroche em direção ao mundo dos espíritos, ela só pode captar mensagens divinas. Desde que haja exercício da faculdade mística, ou seja, da faculdade de comunicação com o mundo espiritual, é inútil perguntar com quais entidades a alma efetivamente se encontra em relação; só pode ser com o mundo divino. A gnose, a moderna como a antiga, conclui que todas as religiões são alimentadas pela contemplação divina. Todo místico só pode ter um inspirador, que é Deus.

Portanto, os gnósticos se dirigirão aos cristãos dizendo-lhes:

> "*Vocês afirmam que seus místicos comunicam com Deus; vocês têm razão. Mas os místicos de todas as outras religiões também comunicam com Deus*".

Todas as religiões se equivalem no domínio da contemplação. A afirmação da **equivalência mística** universal é um dos meios mais seguros de unificar as religiões.

Aqui está a posição católica sobre este assunto.

A alma cristã se distingue daquela que não é cristã. Ela se distingue essencialmente **pela Fé** da qual recebeu a marca no batismo. A partir de então, é a graça divina que vai iluminá-la e instruí-la.

A alma não cristã de boa vontade pode receber de Deus graças adaptadas à sua situação. Mas ela não chegará à contemplação do Deus Trindade e do Verbo Encarnado Redentor da humanidade.

Os mestres da vida espiritual católica estabeleceram as regras bem conhecidas do **discernimento dos espíritos.** Uma das principais é que as "consolações místicas" não devem ser buscadas. É preciso apreciá-las quando se apresentam, mas não se deve fazer nada para provocá-las. Ora, precisamente a mística de todas as outras religiões é feita de receitas para provocar a visão, o êxtase, o comércio sensível com o além.

O Simbolísmo Universal

Eis, portanto, todas as religiões, incluindo a religião cristã, unificadas por sua tradição e por sua mística. A gnose, que se infiltra em todos os lugares, tentará unificá-las ainda mais por seu simbolismo. Segundo ela, o cristianismo nem sequer tem o direito de reivindicar a singularidade de seu simbolismo; o simbolismo cristão se confundiria com o simbolismo universal. Como a gnose chega a esse resultado? Mais uma vez, ela partirá de um postulado correto e depois se desviará no caminho.

Não há dúvida de que as obras de Deus estão em **harmonia** umas com as outras e que o universo testemunha uma correspondência universal. As obras de Deus estão em harmonia no espaço, pois Deus coloca unidade entre as diversas partes de sua obra. Elas também o estão no tempo, pois as obras de Deus se chamam e se recordam. Todos os sábios do mundo tomaram consciência dessa harmonia e dessa correspondência universais. A *Tábua de Esmeralda*, que é o código dos alquimistas, contém esta famosa proposição:

> "*O que está em cima é como o que está embaixo e o que está embaixo é como o que está em cima*".

Ao subscrever esta máxima, a gnose moderna não diz nada além do que dizem muitos escritores da Igreja.

O meditativo gnóstico, ao comparar as obras de Deus entre si, obviamente encontrará harmonias em número ilimitado. Ele inventariará um universo indefinidamente harmonioso. Ao fazer isso, declarará que pratica um **simbolismo aberto** porque não se imporá nenhuma regra. Seu pensamento sendo **cosmocêntrico**, ele verá o universo como sendo seu próprio símbolo. Para ele, o cosmos, cujo alto corresponde ao baixo e fornece o tipo, será **autossignificante**. E ele escolherá, como emblema dessa "autocorrespondência", a serpente circular que morde a própria cauda. É a "serpente Ouroboros", ou seja, a serpente que devora a si mesma. E o gnóstico concluirá sua meditação simbólica pedindo à Igreja que também se submeta a esse "simbolismo aberto", universalmente aceito, acrescentará ele.

Diante desse simbolismo aberto, quais serão os princípios do simbolismo cristão? O ponto de partida é o mesmo. É a constatação da harmonia que Deus colocou entre as diferentes partes de suas obras. O pensador cristão dirá:

> "*O céu que vemos é a imagem do Céu em que acreditamos*".

Mas ele irá além porque o eixo do simbolismo cristão não é "cosmocêntrico", ele é **Cristocêntrico**. Ele se preocupa em saber por quem e para quem um edifício tão harmonioso foi construído.

O Modernismo Litúrgico de Antônio Donato Paulo Rosa

O Modernismo Litúrgico de Antônio Donato Paulo Rosa: A Missa Nova Segundo a Perspectiva do São Moita

- Introdução
- Donato e “A Liturgia da Missa Segundo o Concílio Vaticano II”
- Breves comentários ao livro “A Liturgia da Missa Segundo o Concílio Vaticano II”
- A verdade sobre a missa nova e o Concílio Vaticano II
- Conclusão

Introdução

Quem é Antônio Donato Paulo Rosa? É difícil responder. Não podemos afirmar exatamente o que ele é, mas podemos afirmar o que ele não é: católico e tradicional.

Ele é nas palavras de Olavo de Carvalho o “melhor padre que existe no Brasil” e foi “ordenado mil vezes no céu”. Perante o julgamento do “Padre” Paulo Ricardo, Donato é um grande filósofo tomista e devotou para ele mais de seis aulas de longos louvores sobre o livro “A Educação Segundo a Filosofia Perene”, a obra-prima do pensamento moitaniano. A Rosa que se esconde na Moita, Antônio Donato Paulo Rosa, é o pai da nova geração de tomistas tupiniquins e foi o tutor de Olavo de Carvalho em muitas coisas e especula-se que também foi o mestre de dois grandes tomistas cariocas. Próximo de centros de estudos simbólicos e de estudos tradicionais medievais, possui amizades em vários círculos de pesquisas clássicas sobre a figura de Raimundo Lúlio. A nova geração de tomistas brasileiros nascida na década de noventa é mais próxima dos escritos de Lúlio do que da Suma Teológica.

Seus alunos estão por todas as partes e criaram uma rede quase infinita de influências. Entusiasta do movimento pró-vida, Donato conseguiu ter muito poder dentro do neoconservadorismo brasileiro e dominou intelectualmente grandes esferas da política em Brasília. Ele criou e comanda vários centros católicos no Brasil.

Um personagem curioso para se dizer o mínimo e a prudência não nos permite ir além disso. Perguntamo-nos, porém, se essa moita é semelhante com aquela sarça ardente que Moisés contemplou. Mesmo em chamas, permanecerá a moita intacta? A história ainda está por nos responder.

A Rosa pode esconder-se dentro da moita, mas não seu perfume. Encontramos em várias regiões os escritos do São Moita e um deles chamou nossa atenção. Trata-se do livro “A Liturgia da Missa Segundo o Concílio Vaticano II” (https://www.cristianismo.org.br/lit-00.htm). Nele, Donato defende que o Concílio Vaticano II é contra o mundo moderno e que a missa nova é a representação da tradição católica em sua forma mais cristalina. Pensando que se tratava de uma comédia logo nas primeiras linhas, descobrimos, entretanto, que o autor realmente acredita nessa preposição e que não se tratava de um artifício retórico humorístico inicial. É sobre esse escrito do São Moita que desejamos escrever.

O presente artigo estará dividido nos principais argumentos de Antônio Donato Paulo Rosa em defesa da missa nova, uma breve análise destes argumentos, uma exposição litúrgica-teológica sobre a verdadeira razão do Concílio Vaticano II e da missa nova e, por fim, a conclusão. Já deixamos, todavia, a conclusão de nossa investigação logo na introdução: Donato não é católico e nem tradicional, mas o maior modernista da história do Brasil.

Donato e “A Liturgia da Missa Segundo o Concílio Vaticano II”

Transcrevemos abaixo os pontos críticos do livro “A Liturgia da Missa Segundo o Concílio Vaticano II” escrito por Donato.

A LITURGIA DA MISSA
SEGUNDO O CONCÍLIO
VATICANO II

I

Para um mundo cada vez mais irreversivelmente comprometido com o progresso material em evidente detrimento e abandono das realidades eternas, a decisão de convocar o Concílio Vaticano II, vigésimo primeiro da série dos Concílios Ecumênicos, foi anunciada em 1959, no dia da festa da conversão do Apóstolo São Paulo. Segundo São Bernardo, a data não poderia ter sido mais sugestiva:

> "A Igreja faz solene memória desta conversão",

diz São Bernardo,

> "para que ninguém perca a esperança, por maiores que sejam os seus extravios, ao ouvir como Saulo, ainda arquitetando ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, foi convertido subitamente em vaso de eleição. Quem, daqui para a frente,
> oprimido pelo peso de suas iniqüidades, poderá dizer que não pode mais levantar-se a uma vida santa, ao ver Saulo, no mesmo caminho, sedento de sangue, de perseguidor crudelíssimo transformar-se em pregador fidelíssimo? Nesta única conversão manifesta-se com todo o esplendor a grandeza da misericórdia de Deus e a eficácia de sua graça". PL 183, 359

Tão repentina como a conversão de São Paulo foi também a convocação do Concílio Vaticano II. Nesta data Sua Santidade, o Papa João XXIII, estava na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, junto ao local onde vinte séculos antes havia sido martirizado o apóstolo São Paulo. Junto com ele estavam diversos cardeais. Subitamente veio-lhe uma inspiração. Não nomeou nenhuma comissão para estudar previamente o assunto, não consultou nenhum especialista, não fêz perguntas a ninguém, nem estudou o problema longamente por si próprio. Naquele mesmo local, dali a poucos momentos, anunciou aos cardeais o seu firme propósito de convocar o Concílio Vaticano II.

Mais tarde João XXIII referiu-se várias vezes a este fato:

> "A idéia do Concílio não amadureceu como fruto de prolongada consideração, mas como o florir espontâneo de uma inesperada primavera". Alocução 9/8/59

> "Consideramos inspiração do Altíssimo a idéia de convocar um Concílio Ecumênico, que desde o início de nosso pontificado
> se apresentou à nossa mente como o florir de uma inesperada primavera". M.P.Supernu Dei Nutu,5/6/60

> "A idéia mal surgiu em nossa mente e logo a comunicamos com fraternal confiança aos senhores cardeais, lá na Basílica Ostiense de São Paulo Fora dos Muros, junto ao sepulcro do Apóstolo dos Gentios, na festa comemorativa de sua conversão,
> a 25 de janeiro de 1959". Alocução 20/6/62

A decisão de convocar o Concílio Ecumênico, portanto, não necessitou de tempo para amadurecer na alma do Pontífice. Surgiu, consumou-se e foi comunicada à Igreja em questão de poucos momentos. Muito diversa, entretanto, era a natureza dos motivos que levaram João XXIII a esta convocação. Os concílios ecumênicos nunca foram assembléias que se reunissem a intervalos regulares; todos os vinte concílios anteriores aos Vaticano II haviam sido convocados por motivos graves e excepcionais. É, portanto, uma questão importante saber que problemas João XXIII tinha em mente, tão graves e excepcionais, a ponto de fazê-lo julgar necessária a convocação de um concílio ecumênico.

O próprio João XXIII respondeu a esta pergunta no discurso que fêz aos cardeais naquele 25 de janeiro de 1959, ao anunciar pela primeira vez o Concílio. Não há melhor exposição do que suas próprias palavras:

> "Se o bispo de Roma estende o seu olhar sobre o mundo inteiro, de cujo governo espiritual foi feito responsável pela divina missão que lhe foi confiada, que espetáculo triste não contempla diante do abuso e do comprometimento da liberdade humana que, não conhecendo os céus abertos e recusando-se à fé em Cristo Filho de Deus, redentor do mundo e fundador da Santa Igreja, volta-se todo em busca dos pretensos bens da terra, sob a tentação e a atração das vantagens da ordem material que o progresso da técnica moderna engrandece e exalta.
>
> Todo este progresso, enquanto distrai o homem da procura dos bens superiores, debilita as energias do espírito, com grave prejuízo daquilo que constitui a força de resistência da Igreja e de seus filhos aos erros, erros que, no curso da história do Cristianismo, sempre levaram à decadência espiritual e moral e à ruína das nações.
>
> Esta verificação desperta no coração do humilde sacerdote que a divina providência conduziu a esta altura do Sumo Pontificado uma resolução decidida para a evocação de algumas formas antigas de afirmações doutrinárias e de sábias ordenações da disciplina eclesiástica que, na história da Igreja, em épocas de renovação, deram frutos de extraordinária eficácia para a clareza do pensamento e para o avivamento da chama do fervor cristão.
>
> Veneráveis irmãos e diletos filhos!
>
> Pronunciamos diante de vós, por certo tremendo um pouco de emoção, mas ao mesmo tempo com humilde resolução de propósito, o nome e a proposta de celebração de um Concílio Ecumênico para a Igreja Universal".

Este texto é muito importante, porque mostra que João XXIII, ao ter convocado o Concílio Vaticano II, não estava pensando, pelo menos de modo principal, na unidade dos cristãos, na reforma litúrgica, nem em outros temas específicos. Ele estava na realidade aflito diante do triste espetáculo do homem contemporâneo,

> "distraído da busca dos bens superiores, envolvido com os bens da terra, que o progresso da técnica engrandece e exalta".

Não era a primeira vez que um papa apontava a preocupação da Igreja perante um fato tão grave e para o qual a própria humanidade nele envolvida vinha perdendo, a cada geração, cada vez mais a capacidade de apreciá-lo em seu justo significado. Na sua mensagem de Natal de 1953, Pio XII havia abordado este problema com a mesma clareza de proporções que em 1959 levaria João XXIII a convocar o Concílio:

>

> "O moderno progresso técnico, em suas múltiplas aplicações, com a absoluta confiança que infunde e com as inexauríveis possibilidades que promete, estende diante dos olhos do homem de nossa época uma visão tão vasta que para muitos passa a ser confundida com o próprio infinito",

disse na época Pio XII.

> "A conseqüência deste fato é que os homens passam a atribuir a estas realidades uma autonomia impossível, e, não obstante isso, esta suposta autonomia passa a se constituir no fundamento de uma concepção de vida e do mundo que consiste em:
>
> - Considerar como o mais alto valor do homem e da vida humana extrair o maior proveito possível das forças e dos elementos naturais; - Fixar como objetivos preferenciais a todas as demais atividades humanas o desenvolvimento de novas tecnologias de produção de bens materiais;
> - Colocar nestes processos a perfeição da cultura e da felicidade terrena.
>
> Qualquer um poderá ver, porém, que um mundo conduzido desta maneira não pode mais dizer-se iluminado por aquela luz, nem possuído daquela vida que o Verbo de Deus, esplendor da glória divina, fazendo-se homem, veio trazer aos homens". Alocução de Natal 1953

No Natal de 1961 João XXIII retomou novamente o mesmo assunto e, na Bula Humanae Salutis voltou a expor as causas da convocação do Concílio Ecumênico, as mesmas que havia apontado no dia em que, três anos antes, falou pela primeira vez sobre o assunto:

> "A Igreja assiste hoje a grave crise da sociedade. Enquanto para a humanidade surge uma nova era, obrigações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas de sua história. A sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral. Daí enfraquecer-se o anseio pelos valores do espírito e crescer o impulso para a procura quase exclusiva dos gozos terrenos, que o avanço da técnica põe, com tanta facilidade, ao alcance de todos. Diante do espetáculo de um mundo que se revela em tão grave estado de indigência espiritual, acolhendo como vinda do alto uma voz íntima de nosso espírito, julgamos estar maduro o tempo para oferecermos à Igreja Católica e ao mundo o dom de um novo Concílio Ecumênico. Ao mundo perplexo, confuso e ansioso sob a contínua ameaça de novos e assustadores conflitos, o próximo Concílio é chamado a suscitar pensamentos e propósitos de paz, de uma paz

> que pode e deve vir sobretudo das realidades espirituais e sobrenaturais da inteligência e da consciência humana".

As palavras de João XXIII são particularmente claras: o que preocupa o Pontífice é

> "o gravíssimo estado de indigência espiritual da humanidade, por cujos bens ela já nem anseia senão muito debilmente, enfraquecida pela procura quase exclusiva dos gozos terrenos que o progresso põe com grande facilidade ao alcance de todos".

No pensamento de João XXIII, esta foi a preocupação fundamental por trás de seu propósito de convocar o Vaticano II. Resta, porém, perguntar ainda o que ele esperava concretamente que o Vaticano II fizesse para responder a tão grave problema. Vimos como foi convocado o Concílio; vimos também o motivo pelo qual foi convocado. O que se esperava, porém, que ele fizesse?

João XXIII quis ser claro quanto ao que pensava a este respeito. Repetidas vezes, em vários pronunciamentos que antecederam o Concílio, disse o que esperava que o Concílio fizesse e como os cristãos deveriam preparar-se para a celebração deste evento.

No dia 13 de setembro de 1960 ele explicou em linhas gerais qual deveria ser o objetivo do Concílio Ecumênico. Disse então João XXIII:

> "A obra do Concílio Ecumênico é verdadeiramente concebida para restituir ao semblante da Igreja de Cristo todo o esplendor dos seus traços mais simples e mais puros das suas origens, a fim de apresentá-la tal como o seu divino fundador a criou".

No dia seguinte, 14 de novembro, João XXIII explicava que, sendo estes os objetivos do Concílio, ele não estava sendo convocado para discutir algum ou alguns pontos específicos da doutrina cristã, como havia sido o caso dos vinte concílios anteriores. Ao contrário, a problemática do mundo contemporâneo era tal que exigia de um Concílio Ecumênico uma tarefa que não havia sido exigida dos anteriores:

> "Na época moderna",

disse João XXIII em 14 de novembro,

> "num mundo de fisionomia profundamente mudada, no meio das situações e dos perigos da procura quase exclusiva dos bens materiais, no esquecimento ou no enfraquecimento dos princípios da ordem espiritual e sobrenatural que caracterizavam a penetração e a extensão da civilização cristã através dos séculos, mais do que tal ou tal ponto de doutrina, trata-se de repor em todo o seu valor e em toda a sua luz a substância do pensamento e da vida humana e cristã, de que a Igreja é depositária e mestra pelos séculos".

Segundo esta passagem, pois, o objetivo do Concílio não seria discutir um ou outro ponto de doutrina, mas sim

> "repor em toda a sua luz a substância do pensamento e da vida cristã".

Em outras ocasiões ele chegou a explicar mais concretamente o que isto queria dizer. Talvez o momento em que o fêz mais claramente foi na alocução de 20 de junho de 1961, quando afirmou que

> "O sentido do Concílio Ecumênico por nós pensado desde o princípio é, em poucas palavras e concretamente:
>
> - Fazer com que o clero se revista de novo fulgor de santidade;
> - que o povo seja eficazmente instruído nas verdades da fé e da moral cristã;
> - que as novas gerações sejam instruídas retamente;
> - que se cultive o apostolado social;
> - e que os cristãos tenham um coração missionário".

Na intenção de João XXIII, portanto, os principais objetivos do Concílio Ecumênico seriam, diante da materialidade do mundo moderno, encontrar os meios para

> "revestir o clero de novo fulgor de santidade e instruir o povo eficazmente nas verdades da fé e da moral cristã".

É importante frisar isto, pois é em torno deste propósito que iremos analisar o que aconteceu no Concílio em relação à reforma litúrgica. João XXIII nutria grandes esperanças de um revigoramento espiritual da Igreja em face ao Concílio Vaticano II. Na exortação apostólica de 6 de janeiro de 1962 ele afirma que

>

> "Todos nós estamos na expectativa de uma nova era, fundada sobre a fidelidade ao patrimônio antigo, que se abra às maravilhas de um verdadeiro progresso espiritual".

E ainda:

> "Nestes últimos meses nosso coração tem se derramado em documentos múltiplos, destinados a preparar o clima espiritual do Concílio Ecumênico que se aproxima. A todos convidamos para uma oração mais acentuada, que dilate os horizontes do fervor religioso e empenhe em maior santidade de vida" Alocução 28/4/62
>
> ---
>
> "É à luz deste próximo Concílio que desejamos orientar e incentivar a atitude de nossos filhos. Todos os que são eclesiásticos sabem por que vias se ascende à familiaridade com o Senhor, fonte de graça e de santificação. A eles foi feito o convite de entesourarem as riquezas que se ocultam no cotidiano sacrifício eucarístico do altar e, mais recentemente, à recitação digna, atenta e devota deste pomo sacro e encantador que é o breviário. À oração mais intensa, em preparação ansiosa dos grandes prodígios da graça celeste, deve-se juntar um cuidado atento e delicado da vida espiritual. Quem é bom cristão é bom entendedor. Poucas palavras resumem toda a substância da grande transformação que esperamos para a pessoa e para a família de cada um, e para a vida social. Interrogue cada um de vós a si mesmo se o ouvido do coração ouve estas palavras:
>
> - desejar a pátria celeste,
> - conter os desejos da carne,
> - declinar a glória do mundo, - não ambicionar a riqueza alheia,
> - dispender as próprias riquezas em socorro da pobreza alheia.
>
> Com estas indicações ficamos entendidos: além da oração prosseguida mais viva e vibrante, estes cinco avisos apostólicos são importantes para assimilar a fisionomia que deverão assumir os bons católicos durante a época do Concílio Ecumênico Vaticano" Carta Romanos 8/4/62

II

Em todos os textos que citamos, João XXIII não se refere nunca à reforma litúrgica como objetivo prioritário do Concílio Vaticano II. É certo que fala da liturgia no último texto, a carta aos romanos de abril de 1962, mas aí não se trata do um objetivo do Concílio, e sim da forma como ele desejava que os cristãos se preparassem para o evento.

As orientações de João XXIII sobre os objetivos do Concílio Ecumênico eram mais genéricas: "revestir o clero de novo fulgor de santidade", "instruir o povo nas verdades da fé e da moral", sem que se mencionasse nelas nenhum problema litúrgico.

Em 5 de junho de 1960 João XXIII instituía onze comissões preparatórias para estudar os diversos problemas da Igreja no mundo moderno, sem dar propriamente prioridade a nenhuma. Havia uma Comissão Teológica, para examinar os problemas relativos à Sagrada Escritura, tradição, fé e costumes; e outras para os bispos e governo das dioceses, disciplina do clero, religiosos, sacramentos, liturgia, seminários, Igreja Oriental, missões, apostolado dos leigos, meios de comunicação. A liturgia estava aí sim, mas como um assunto entre todos os assuntos.

Entretanto, - e é importante salientar este fato à luz das orientações gerais de João XXIII para o Concílio -, ao ser iniciado o Vaticano II em outubro de 1962, verificou-se que a liturgia era na realidade um assunto prioritário, o primeiro assunto a ser discutido e, pode-se dizer também, o único assunto a ser discutido no Concílio durante o pontificado de João XXIII que então chegava ao fim. Dessa discussão resultou a promulgação, no início do pontificado de Paulo VI, do primeiro documento do Concílio, a Constituição Sacrossantum Concilium, versando sobre a liturgia. Obteve a surpreendente votação de 2147 votos contra 4, além de ter sido, dentre todos os documentos que iriam se seguir, o que mais facilmente conseguiu ser aprovado por parte dos padres conciliares. Foi como se eles já soubessem de antemão por um consenso geral que, se se deviam buscar os objetivos de João XXIII, a liturgia deveria ter prioridade e, ademais, como se também houvesse um certo acordo a respeito do sentido em que ela deveria ser prioritária.

Esta orientação que a liturgia ganhou dentro dos objetivos traçados por João XXIII para o Concílio Vaticano II não vinha do próprio João XXIII, pelo menos como de sua principal fonte de inspiração. De onde veio e que sentido os padres conciliares quiseram dar a ela durante o Concílio e após o mesmo é o que constitui o tema deste livro.

Para isto, porém, teremos que tratar o assunto desde as suas raízes. Já que a Missa é o centro da liturgia, e a Missa é um sacrifício, deveremos tratar primeiramente da natureza do sacrifício em geral, depois de como ele entrou no Cristianismo e as intervenções do Magistério da Igreja em relação à missa até antes do Vaticano II. Esperamos com isto dar uma contribuição à obra de santificação que o Concílio começou a empreender para o homem de hoje que, se ainda não produziu todos os frutos que se esperavam, isto se deve em parte à pouca compreensão que os cristãos ainda têm de uma obra tão grandiosa.

XI

Os apelos e a doutrina de Pio XII contidos na Encíclica Mediator Dei, dirigidos a todos os bispos do mundo, não podiam ficar sem resposta. Não ficaram sem resposta. Conforme veremos adiante, esta resposta concretizou-se no Concílio Vaticano II, e de um modo que, ao contrário do que muita gente hoje está propensa a pensar, o Concílio Vaticano II não representou uma ruptura com a tradição, mas, ao contrário, foi na verdade um fiel continuador desta tradição, e de uma tradição que, conforme viemos mostrando, vem mesmo de muito antes da fundação da própria Igreja.

O anúncio da convocação do Concílio Vaticano II foi dado por João XXIII em janeiro de 1959. Iniciados os trabalhos preparatórios, ficou logo evidente que a matéria a ser tratada seria tão ou mais vasta que a do próprio Concílio de Trento. Entretanto, aberto o Concílio, de uma pauta tão vasta e problemática, o primeiro assunto a ser apresentado à discussão foi precisamente a questão litúrgica. Quando, anos depois, foi encerrado o Concílio, verificou-se que o documento que daí havia resultado, a Constituição Sacrossantum Concilium sobre a Sagrada Liturgia, havia sido, de todos os documentos do Vaticano II, o que menos dificuldades havia causado. Foi o primeiro a ficar pronto e o primeiro a ser aprovado, pela significativa votação sem abstenções de 2147 votos contra 4. A explicação é que na realidade a constituição continuava a tradição de perto, mais de perto do que habitualmente se imagina; e não seria mesmo concebível que se ela representasse a destruição da tradição cristã tivesse havido uma votação tão unânime em tais circunstâncias.

Esteve presenta ao Concílio um teólogo bem conhecido, atualmente bispo da Igreja, que aproveitou a ocasião para escrever a crônica do Concílio Vaticano II, dia por dia. Esta crônica foi posteriormente publicada em cinco volumes, com o título de Concílio Vaticano II, de frei Boaventura Kopplenburg. Nela o cronista procurou produzir um relato tanto quanto possível objetivo do que vinha acontecendo, mas apresentando cada notícia tal como se mostrava ao observador no próprio dia do fato, e não como se lhe pareceu posteriormente, após o término do Concílio. Podemos, assim, seguir novamente ainda hoje o Concílio como se lá estivéssemos, participando dos mesmos dilemas e esperanças por que passaram os padres conciliares.

Receberam o nome de Congregações Gerais, durante o Concílio, as reuniões plenárias dos padres conciliares. Aberto o Concílio, as três primeiras congregações gerais, havidas nos dias 13, 16 e 20 de outubro de 1962 trataram das eleições das comissões de trabalho e dois dias depois começou o Concílio propriamente dito, na quarta congregação geral. O primeiro tema apresentado aos padres conciliares foi a questão litúrgica, debatida da quarta à décima oitava congregação geral, de 22 de outubro a 13 de novembro.

Nosso cronista participou dos trabalhos das comissões preparatórias do Concílio e acompanhou depois o próprio Concílio na qualidade de perito. Vamos recolher aqui alguma coisa de suas impressões:

> "Reuniu-se esta manhã, às nove horas, a Quarta Congregação Geral do vigésimo Concílio Ecumênico. Foi iniciado o estudo da Constituição sobre a Sagrada Liturgia que, como já foi anunciado, será o primeiro assunto da discussão propriamente conciliar.
>
> A Constituição incluirá a necessidade de uma sadia educação para a piedade litúrgica. A escolha do esquema `De Sacra Liturgia', como o primeiro assunto a ser tratado nas sessões conciliares, de preferência a outros temas talvez de maior interesse para a opinião pública mundial, compreende-se facilmente se se refletir sobre a finalidade do Concílio. Pois, segundo o pensamento de João XXIII, pretende-se antes de mais nada uma renovação interna da Igreja. Ora, a obra da Redenção, predita por Deus nas Sagradas Escrituras e realizada por Cristo, é

> continuada pela Igreja principalmente mediante a Liturgia, com o Sacrifício da Cruz perpetuamente renovado sobre o altar".
>
> "Hoje observamos nas celebrações litúrgicas que uma é a oração do sacerdote oficiante e outra, totalmente outra, é a oração do fiel assistente. Não sintonizam.
>
> Enquanto o sacerdote recita belas orações litúrgicas em uma língua que os fiéis não compreendem, os fiéis se defendem rezando o terço. A maioria dos que o assistem o fazem mais com a simples consciência de cumprir um dever do que para buscar doutrina e alimento na mesa da palavra e do Corpo do Senhor. Esta será a primeira vez na história da Igreja que um Concílio Ecumênico, estando literalmente presentes todos os bispos do mundo católico, haverá de tratar ex professo da vida litúrgica não só dos sacerdotes mas, e sobretudo, dos fiéis".
>
> "No debate emergiram cada vez mais claramente alguns grandes princípios que devem orientar a reforma litúrgica. O primeiro é que a principal fonte do verdadeiro espírito cristão está na participação ativa dos sacrossantos Mistérios da Igreja. São as mesmas palavras de São Pio X contidas no *Motu Proprio Tra Le Sollecitudini* de 1903".
>
> "Foi repetidamente sublinhado que à tarefa agora é favorecer e promover a liturgia, e não fazer novos pronunciamentos dogmáticos'.
>
> Isto é plenamente conforme o discurso de abertura de João XXIII pronunciado na Primeira Congregação Geral:
>
> 'O ponto saliente deste Concílio não é a discussão de um ou outro artigo da doutrina fundamental da Igreja, repetindo ou proclamando o ensino dos padres e dos teólogos antigos e modernos, pois isto supõe-se bem presente e familiar ao nosso espírito, e para isto não haveria necessidade de um novo Concílio'".
>
> "O desejo dos padres, repetidas vezes expresso, de facilitar a participação no Santo Sacrifício da Missa e a consciência de um sacerdócio comum a todos os fiéis em virtude do caráter do Batismo e da Crisma, foi uma das características não somente das intervenções da Décima Primeira Congregação Geral, mas de todo o movimento litúrgico".

Estas palavras, redigidas por um perito conciliar fazendo a crônica das sessões plenárias ainda durante os debates preliminares à Constituição sobre a Sagrada Liturgia são muito importantes para se entender porque o texto final aprovado é pobre, quando comparado aos textos anteriores do Magistério da Igreja, em declarações dogmáticas. Isto fêz com que alguns que leram a constituição posteriormente achassem o texto suspeito e que isto teria acontecido devido a intenções escusas; mas deve-se dizer, ao contrário, à luz de todo o conjunto dos fatos, que tal se deu apenas porque desta vez o Magistério da Igreja interveio em alguma coisa onde não havia

nenhuma questão controvertida e ser dirimida; o objetivo do documento não era dirimir nada, mas oferecer normas para fomentar a piedade litúrgica dos fiéis.

XII

Aprovada a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, suas primeiras palavras, que são também as primeiras palavras do Concílio Ecumênico, visto ter sido este o primeiro dos documentos aprovados, considerando tudo quanto viemos dizendo, não podiam deixar de ser outras:

> "O Sacrossanto Concílio propõe-se a fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis: por isso julga ser seu dever cuidar de modo especial da reforma e do incremento da Liturgia".

Vem em seguida uma exposição sobre a natureza da Liturgia, bastante curta quando comparada com a extensão total do documento. Daí a constituição passa diretamente ao tema a que se propôs, o de estabelecer as normas para fomentar a piedade litúrgica dos fiéis, objeto de todo o restante do texto. "A Sagrada Liturgia", diz a Constituição Sacrossantum Concilium,

> "não esgota toda a ação da Igreja". S.C. 9
>
> "Todavia, a Liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte de onde emana toda a sua força". S.C. 10
>
> "Deseja ardentemente a Mãe Igreja",

continua o documento,

> "que todos os fiéis sejam levados àquela plena, cônscia e ativa participação das celebrações litúrgicas, que a própria natureza da liturgia exige e à qual o povo cristão, sacerdócio régio, tem direito e obrigação". S.C. 14
>
> "Não havendo, porém, esperança alguma que tal possa ocorrer se os próprios pastores de almas não estiverem antes profundamente imbuídos do espírito e da força da Liturgia e dela não se tornarem mestres, faz-se, por isso, muitíssimo necessário que antes de tudo se cuide da formação litúrgica do clero". S.C. 14

Diante disso a constituição sobre a liturgia passa a estabelecer normas para a formação de professores de liturgia para o clero (S.C. 15), para a formação do clero que será feita através

destes professores (S.C. 16-17), para fomentar a vida litúrgica dos sacerdotes já formados (S.C. 18), para a instrução litúrgica do povo (S.C. 19).

Mas o documento estabelece que não é suficiente apenas uma renovação da formação litúrgica do clero e dos leigos:

> "A Santa Mãe Igreja deseja com empenho cuidar (também) da reforma geral de sua Liturgia, a fim de que o povo cristão na Sagrada Liturgia consiga com mais segurança graças mais abundantes. Pois a Liturgia consta de uma parte imutável, divinamente instituída, e de uma parte suscetível de mudanças. Estas, com o correr dos tempos, podem ou mesmo devem variar, se se tornarem menos aptas. Com esta reforma o texto e as cerimônias devem ordenar-se de tal modo que de fato exprimam mais claramente as coisas que elas significam e o povo cristão possa compreendê-las facilmente e participar plena e ativamente". S.C. 21
>
> "A fim de que se mantenha a sã tradição, sempre preceda uma cuidadosa investigação teológica, histórica e pastoral de cada uma das partes da Liturgia a serem reformadas. Não se façam inovações, a não ser que a verdadeira e certa utilidade da Igreja o exija e tomando a devida cautela de que as novas formas brotem como que organicamente daquelas que já existiam". S.C. 23

Mesmo assim, a

> "regulamentação da Sagrada Liturgia é de competência exclusiva da autoridade da Santa Sé Apostólica e, segundo as normas do direito, do Bispo. Jamais algum outro, ainda que sacerdote, tire ou mude por conta própria qualquer coisa à Liturgia". S.C. 22
>
> "As cerimônias resplandeçam de nobre simplicidade, sejam transparentes por sua brevidade e sejam acomodadas à compreensão dos fiéis e de tal maneira que não necessitem de muitas explicações para serem compreendidas". S.C. 34

Será permitido, dentro deste espírito,

> "dar um lugar mais amplo ao vernáculo no lugar do Latim, conforme as normas que serão posteriormente estabelecidas". S.C. 36

"A preocupação de fomentar e reformar a Sagrada Liturgia é tida com razão como sinal dos desígnios providenciais de Deus sobre nossa época, como passagem do Espírito Santo em sua Igreja". S.C. 43

"Na última ceia, na noite em que foi entregue, nosso Salvador instituíu o Sacrifício Eucarístico de seu Corpo e Sangue. Por ele perpetua pelos séculos, até que volte, o sacrifício da Cruz, confiando à sua Igreja o memorial de sua morte e ressurreição; sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo da caridade, banquete pascal, em que Cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura glória". S.C. 47

"Por isso a Igreja com diligente solicitude zela para que os fiéis não assistam a este mistério da fé como estranhos ou expectadores mudos, mas cuida para que participem consciente, piedosa e ativamente da ação sagrada, sejam instruídos pela Palavra de Deus, saciados pela mesa do Corpo do Senhor e dêem graças a Deus. E aprendam a oferecer-se a si próprios oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos do sacerdote mas também juntamente com ele e assim tendo a Cristo como mediador, dia a dia se aperfeiçoem na união com Deus e entre si, para que, finalmente, Deus seja tudo em todos". S.C. 48

"Para que o Sacrifício da Missa alcance plena eficácia pastoral, também quanto à forma das cerimônias, o Sacrossanto Concílio determina ..." S.C. 49

"... que o ordinário da Missa seja revisto de tal forma que apareça claramente a índole própria de cada uma das partes, bem como a sua mútua conexão, e facilite a participação piedosa e ativa dos fiéis. As cerimônias sejam simplificadas, conservando cuidadosamente a substância". S.C. 50

"Nas missas celebradas com o povo, pode-se dar conveniente lugar à língua vernácula". S.C. 54

"Vivamente recomenda-se aquela participação mais perfeita da Missa, pela qual os fiéis, depois da comunhão do sacerdote, comunguem o Corpo do Senhor do mesmo Sacrifício". S.C. 55

"Todo o conjunto e cada um dos pontos que foram enunciados nesta constituição agradaram aos Padres do Sacrossanto Concílio. E nós, pela autoridade apostólica por Cristo a nós confiada, juntamente com os veneráveis padres, no Espírito Santo os aprovamos, decretamos e estatuímos. Ainda

> ordenamos que o que foi assim determinado em Concílio seja promulgado para a Glória de Deus.
>
> 4 de dezembro 1963
> Paulo, Bispo da Igreja Católica".

Breves comentários ao livro “A Liturgia da Missa Segundo o Concílio Vaticano II”

Selecionamos algumas absurdidades do Donato e comentaremos brevemente sobre a gravidade de suas afirmações:

> “Tão repentina como a conversão de São Paulo foi também a convocação do Concílio Vaticano II. Nesta data Sua Santidade, o Papa João XXIII, estava na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, junto ao local onde vinte séculos antes havia sido martirizado o apóstolo São Paulo. Junto com ele estavam diversos cardeais. Subitamente veio-lhe uma inspiração. Não nomeou nenhuma comissão para estudar previamente o assunto, não consultou nenhum especialista, não fêz perguntas a ninguém, nem estudou o problema longamente por si próprio. Naquele mesmo local, dali a poucos momentos, anunciou aos cardeais o seu firme propósito de convocar o Concílio Vaticano II.”
>
> “A decisão de convocar o Concílio Ecumênico, portanto, não necessitou de tempo para amadurecer na alma do Pontífice. Surgiu, consumou-se e foi comunicada à Igreja em questão de poucos momentos.”
>
> “Este texto é muito importante, porque mostra que João XXIII, ao ter convocado o Concílio Vaticano II, não estava pensando, pelo menos de modo principal, na unidade dos cristãos, na reforma litúrgica, nem em outros temas específicos. Ele estava na realidade aflito diante do triste espetáculo do homem contemporâneo, 'distraído da busca dos bens superiores, envolvido com os bens da terra, que o progresso da técnica engrandece e exalta'.”
>
> “Em todos os textos que citamos, João XXIII não se refere nunca à reforma litúrgica como objetivo prioritário do Concílio Vaticano II.”

“Entretanto, - e é importante salientar este fato à luz das orientações gerais de João XXIII para o Concílio -, ao ser iniciado o Vaticano II em outubro de 1962, verificou-se que a liturgia era na realidade um assunto prioritário, o primeiro assunto a ser discutido e, pode-se dizer também, o único assunto a ser discutido no Concílio durante o pontificado de João XXIII que então chegava ao fim.”

“Foi como se eles já soubessem de antemão por um consenso geral que, se se deviam buscar os objetivos de João XXIII, a liturgia deveria ter prioridade e, ademais, como se também houvesse um certo acordo a respeito do sentido em que ela deveria ser prioritária.”

“Esta orientação que a liturgia ganhou dentro dos objetivos traçados por João XXIII para o Concílio Vaticano II não vinha do próprio João XXIII, pelo menos como de sua principal fonte de inspiração.”

“Os apelos e a doutrina de Pio XII contidos na Encíclica Mediator Dei, dirigidos a todos os bispos do mundo, não podiam ficar sem resposta. Não ficaram sem resposta. Conforme veremos adiante, esta resposta concretizou-se no Concílio Vaticano II, e de um modo que, ao contrário do que muita gente hoje está propensa a pensar, o Concílio Vaticano II não representou uma ruptura com a tradição, mas, ao contrário, foi na verdade um fiel continuador desta tradição, e de uma tradição que, conforme viemos mostrando, vem mesmo de muito antes da fundação da própria Igreja.”

“Quando, anos depois, foi encerrado o Concílio, verificou-se que o documento que daí havia resultado, a Constituição *Sacrossantum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, havia sido, de todos os documentos do Vaticano II, o que menos dificuldades havia causado. Foi o primeiro a ficar pronto e o primeiro a ser aprovado, pela significativa votação sem abstenções de 2147 votos contra. A explicação é que na realidade a constituição continuava a tradição de perto, mais de perto do que habitualmente se imagina; e não seria mesmo concebível que se ela representasse a destruição da tradição cristã tivesse havido uma votação tão unânime em tais circunstâncias.”

“Estas palavras, redigidas por um perito conciliar fazendo a crônica das sessões plenárias ainda durante os debates preliminares à Constituição sobre a Sagrada Liturgia são muito importantes para se entender porque o texto final aprovado é pobre, quando comparado aos textos anteriores do Magistério da Igreja, em declarações dogmáticas. Isto fez com que alguns que leram a constituição posteriormente achassem o texto suspeito e que isto teria acontecido devido a

> intenções escusas; mas deve-se dizer, ao contrário, à luz de todo o conjunto dos fatos, que tal se deu apenas porque desta vez o Magistério da Igreja interveio em alguma coisa onde não havia nenhuma questão controvertida e ser dirimida; o objetivo do documento não era dirimir nada, mas oferecer normas para fomentar a piedade litúrgica dos fiéis.”

É evidente pelas citações que Antônio Donato Paulo Rosa não faz a menor ideia do que está falando. Sua estratégia perenialista é afirmar que ainda há tradição dentro do Concílio Vaticano II e na missa nova para poder inocular suas doutrinas ocultas naqueles modernistas que porventura venham a ter contato com a santa moita.

Defender que o Concílio Vaticano II, que a missa nova e que os falsos papas conciliares são contra o mundo moderno e que todas as mudanças litúrgicas são tradicionais e símbolos para uma modernidade que, nas palavras do Donato, se afastou das verdades eternas (externamente, verdades eternas querem dizer catolicismo, mas internamente quer dizer o tradicionalismo-perenialismo de René Guénon e Frithjof Schuon, uma escola esotérica que influenciou o Donato) é um caso gravíssimo de esquizofrenia catatônica.

A verdade sobre a missa nova e o Concílio Vaticano II

Para desmontar por completo essa narrativa moitaniana sobre a missa nova ser tradicional, apresentamos os resumos escritos pelo Reverendo Padre Anthony Cekada em seu livro "Obra de Mão Humanas: Uma Crítica Teológica à Missa de Paulo VI".

I

- O beneditino francês, Dom Prosper Guéranger, fundou o Movimento Litúrgico no século XIX a fim de renovar o fervor pela liturgia dentre o clero e os fiéis católicos. O Movimento Litúrgico alcançou um impressionante sucesso na restauração do canto, da música sacra e da correta execução das funções litúrgicas.
- Em suas Instituições Litúrgicas, Guéranger condenou a “heresia anti-litúrgica”. As características que ele atribuiu a ela (ódio ao latim, falsos apelos à Antiguidade, invenção de novas fórmulas, princípios contraditórios etc.) lembram, em um grau impressionante, as objeções que os tradicionalistas do século XX levantaram contra as reformas litúrgicas pós-Vaticano II.
- Porém, no começo do século XX, Lambert Beauduin, Ildefons Herwegen, Odo Casel, Romano Guardini, Pius Parsch e outros conduziram o Movimento Litúrgico ao falso ecumenismo, modernismo teológico (imanentismo e evolução do dogma), arqueologismo litúrgico, vernaculismo, ideias perigosas sobre a Igreja e sobre a Presença Real e experimentos litúrgicos). Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, o Movimento Litúrgico já estava nas mãos dos teólogos modernistas.
- Há diversas explicações possíveis para essa reviravolta. Por um lado, temos que a errônea percepção popular sobre os estudos litúrgicos como “apenas as rubricas” fez com que o terreno aparentasse estar imune aos enganos modernistas. Por outro lado, os modernistas seriam atraídos aos estudos litúrgicos por conta do papel importante que os símbolos, os sentimentos e a experiência religiosa ocupam em sua heresia da evolução do dogma.
- Em 1942, os conservadores da Alemanha acusaram o Movimento Litúrgico de promover o vernaculismo, exagerar o sacerdócio dos leigos, incorporar ideias dogmáticas protestantes, estender os limites da Igreja aos não católicos, adotar a noção modernista de fé como experiência, negligenciar a teologia dogmática, dando preferência à sistemas filosóficos modernos, e promover o arqueologismo litúrgico.
- Pio XII interveio com duas encíclicas que tentavam corrigir esses erros: Mystici Corporis sobre a natureza da Igreja (1943) e a Mediator Dei sobre a Sagrada Liturgia (1947). Ambas claramente reafirmaram a doutrina católica, condenaram diversos erros e buscaram fazer o Movimento Litúrgico voltar ao caminho certo.

- Apesar disso, durante os anos 50, o Movimento continuou a seguir o mesmo rumo, protegido e promovido por amigos do alto escalão da Igreja, dentre eles o Arcebispo Giovanni Battista Montini (Paulo VI).
- Joseph Jungmann ganhou a reputação de portento intelectual do Movimento Litúrgico com a publicação de sua imensa obra de 1948, Missarum Sollemnia ou A Missa do Rito Romano. Este livro, mais do que qualquer outro, pavimentou o caminho para as reformas litúrgicas pós- Vaticano II.
- Em seus escritos, Jungmann desenvolveu dois conceitos importantes: (1) Teoria da Corrupção, que sustenta que a Missa como estava representava um afastamento dos ideais litúrgicos primitivos. (2) Liturgia Pastoral, que defendia a reestruturação da Missa para atender às necessidades percebidas do homem contemporâneo.
- A teoria da corrupção de Jungmann e seu conceito de liturgia pastoral são princípios contraditórios: (a) restaurar a liturgia ao ideal antigo, pré-corrupção; (b) adaptar a liturgia às percebidas necessidades modernas. Portanto, uma ou outra teoria pode ser utilizada para justificar ou excluir quase qualquer mudança litúrgica imaginável — e este será o caso depois do Vaticano II.
- Em 1954, Louis Bouyer publicou a Piedade Litúrgica, outra obra que influenciaria o curso das reformas pós-Vaticano II. Bouyer era um modernista e os métodos e teorias de seu livro também o eram. Bouyer, assim como Jungmann, acreditava que a liturgia católica havia se corrompido.
- Os principais conceitos que Bouyer desenvolveu para aplicar à Missa são: (1) teologia da assembleia, que Bouyer recorre para se desviar da doutrina católica de que a essência da Missa consiste no sacrifício. (2) Outras Presenças “Reais”, que Bouyer infla a fim de atacar e minar o dogma católico sobre a Presença Real.
- Como Arcebispo de Milão, Montini promoveu ambas as teorias jungmanianas de corrupção e liturgia pastoral. Montini via o latim e os ritos místicos da liturgia como “obstáculos” que repeliam o homem moderno, que desejava em tudo a inteligibilidade. Montini disse que a Igreja deveria superar as dificuldades colocadas pelos seus ritos litúrgicos. Montini também adotou e promoveu a teologia da assembleia que Louis Bouyer formulou baseado nos escritos do luterano Yngve Brilioth. Em sua Carta Pastoral de 1958, Montini citou a passagem de Bouyer, sobre a qual seria baseada a definição do Novus Ordo Missae de 1969.
- Apoiadores do Movimento Litúrgico reconheceram e louvaram sua conexão com o modernismo condenado por São Pio X.
- Consequentemente, as teorias sobre a reforma litúrgica e da natureza da Missa, que Jungmann e Bouyer propuseram durante esses anos, vão ressurgir na Missa de Paulo VI. A teoria da corrupção de Jungmann será usada para despir a Missa de seus “acréscimos”, e suas ideias de liturgia pastoral serão usadas para introduzir vários elementos didáticos (missa-como-sala-de-aula). A teologia da missa-como-assembleia de Bouyer servirá como a definição para a Missa Nova em 1969, juntamente com as outras presenças “reais” que ele inventou.
- Mas não teremos que esperar até 1969 para ver essas ideias surtirem efeito — porque, enquanto a tinta da primeira impressão do livro de Jungmann em 1948 mal tinha secado, a criação da Missa Nova já tinha começado.

II

- O Novo Ordo da Missa promulgado por Paulo VI em 1969 foi um longo processo de mudança litúrgica, que começou em 1948 com o apontamento da Comissão Piana da Reforma.
- Annibale Bugnini, que secretamente apoiava as propostas de reforma da "ala esquerda" do Movimento Litúrgico, dirigiu o trabalho da Comissão e por duas décadas supervisionou o processo que criou a Missa Nova. Em 1975, ele foi repentinamente removido do seu posto no Vaticano. O fundamento para essa demissão foi sua alegada pertença à maçonaria, um fato agora considerado como "certo" no Vaticano.
- Em uma reunião secreta, em 1948, Jungmann delineia seu "sonho do coração" para a Reforma da Missa; este seria implementado no Novus Ordo Missae de 1969; Jungmann se tornou um consultor da Comissão Piana da Reforma.
- A Vigília Pascal experimental de 1951 foi, disse Bugnini, "a primeira etapa para uma Reforma Litúrgica geral." Ela introduziu princípios e práticas que seriam finalmente implementadas compulsoriamente 18 anos depois, na Missa de Paulo VI.
- A Simplificação das Rubricas de 1955, disse Bugnini naquele tempo, representou uma "reviravolta" para a Liturgia, o "segundo" estágio da reforma, "uma ponte para o futuro", para tornar a Liturgia "uma nova cidade para que o homem de nossa época possa viver e se sentir à vontade." Aos que estavam dispostos a uma "renovação" mais plena, Bugnini instava que "mantivessem seus olhos abertos", porque a Reforma Litúrgica havia de requerer a "colaboração esclarecida de todas as forças ativas."
- O Novo Ordo Renovado para a Semana Santa de 1955 introduziu uma outra série de mudanças que seria permanentemente incorporada na Missa Nova. Os novos ritos de Semana Santa, disse Bugnini em 1956, representaram a "terceira etapa para uma Reforma Litúrgica geral."
- A Instrução sobre Música Sacra de 1958 permitiu ainda mais práticas que seriam incorporadas no Novus Ordo: a recitação pelo povo do Ordinário e Próprio da Missa juntamente com o sacerdote, maior uso do vernáculo, leitores e comentadores leigos e Salmo Responsorial.
- O Código de Rubricas de 1960, promulgado por João XXIII juntamente com o Breviário e o Missal (1962), que o acompanham, foram somente medidas temporárias: porque "a necessidade de mudar todos os livros litúrgicos, uma vez que o Concílio tenha terminado, e para colocar suas decisões em efeito, pareceu oportuno não compelir todos os clérigos a já mudarem de livros agora."
- As reformas litúrgicas introduzidas antes do Vaticano II nos anos 1948- 62, em particular os ritos de Semana Santa de 1955, estabeleceram numerosos precedentes para as práticas e princípios que seriam implementados compulsoriamente na Missa de Paulo VI: o vernáculo como uma parte integrante da Liturgia, a redução do papel do sacerdote, a participação vocal dos leigos, os novos papéis litúrgicos, a mudança de orações e cerimônias para se acomodar às "necessidades" modernas, omissão de "duplicações", omissão de partes do Ordo Missae, prescrição de cerimônias de "frente para o povo", diminuição de ênfase nos santos, mudança dos textos por razões ecumênicas, simplificação de expressões de reverência para com o Santíssimo Sacramento e, finalmente, até mesmo mudança no Cânon.
- Annibale Bugnini, auxiliado por Josef Jungmann, foi o principal autor da Constituição do Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia de 1963. Enquanto a Constituição contém muita terminologia ortodoxa e recomenda algumas coisas louváveis, seus criadores

deliberadamente a temperaram com declarações ambíguas ou equívocas (isto, sim — “mas” aquilo também; “por um lado/por outro” etc.) que mais tarde poderiam ser usadas para a implementação de mudanças radicais. Por isso, ambas as interpretações do documento, tanto a conservadora quanto a progressista, são simultaneamente corretas e incorretas.

- Para a Missa, o parágrafo fatal da Constituição sobre a Liturgia era o §50. Os princípios ali estabelecidos são tão amplos que eles poderiam ser usadas para justificar praticamente qualquer mudança.
- A fim de evitar os conservadores da Cúria Romana, Paulo VI criou uma nova agência para implementar as mudanças litúrgicas, a Consilium, e colocou Bugnini como responsável por sua operação.
- Durante os anos de 1964-8, a Consilium implementou duas séries de mudanças de interim no Ordo da Missa Tridentina, supervisionou a introdução do vernáculo na Missa, permitiu a Missa de frente para o povo e introduziu três novas Orações Eucarísticas como alternativas ao Cânon Romano.
- Ao mesmo tempo, um subcomitê da Consilium, o Grupo de Estudo 10, estava trabalhando para reformar o Novo Ordo da Missa. O grupo consistia de 12 membros, dentre eles certamente estavam Josef Jungmann e Louis Boyer.
- A Consilium foi auxiliada em seu trabalho por seis observadores protestantes.
- Depois de várias celebrações experimentais do rito proposto pelo Grupo de Estudo, ao Sínodo dos Bispos e ao próprio Paulo VI, este último privadamente aprovou o Novo Ordo da Missa em 6 de novembro de

- Em 3 de abril de 1969, pela Constituição Apostólica Missale Romanum, Paulo VI promulgou seu Novus Ordo Missae, juntamente com um documento preliminar intitulado Instrução Geral sobre o Missal Romano. O Missal completo, com todas as orações e a Instrução Geral revisada, seria publicado em 1970.

Assim, em 1970 chegamos à última etapa do processo gradual iniciado em 1948 — a destruição completa e final da Missa do Rito Romano.

III

- Os trechos da Constituição do Vaticano II sobre Sagrada Liturgia, que se referem à preservação do latim e à introdução do vernáculo, foram escritos de modo ambíguo e suscetível a interpretações contraditórias.
- Aqueles que oficialmente autorizaram a implementação dessa legislação (Bugnini, Consilium, Paulo VI e as Conferências Nacionais dos Bispos) permitiram ou impuseram o uso quase universal do vernáculo após o Vaticano II.
- A inteligibilidade absoluta não era um requisito para a língua litúrgica no tempo de Nosso Senhor ou na Igreja Primitiva.
- Por 1.600 anos, a Igreja cuidadosamente preservou a posição especial do latim como a língua da Missa do Rito Romano.
- A Igreja encorajou os ritos orientais a manterem suas próprias línguas e ocasionalmente permitiu que a Missa do Rito Romano fosse celebrada em uma língua moderna.

- Estes casos não podem ser aduzidos como precedentes para o processo de vernaculização da Missa pós-Vaticano II, porque (1) as línguas usadas nos ritos orientais não eram sempre verdadeiros vernáculos e (2), historicamente, a Santa Sé exigia que as traduções da Missa do Rito Romano fossem servilmente fiéis ao original latino.
- As razões em favor do uso do latim como língua litúrgica são santidade, unidade, imutabilidade e tradição, sendo que todas refletem verdades doutrinais sobre a Missa ou a fé católica.
- Por outro lado, advogar o abandono do latim pelo vernáculo está ligado historicamente com a corrupção da verdade doutrinal. O vernáculo é usado como meio de espalhar a heresia, falsificar a doutrina através de más traduções e negar o valor objetivo do Santo Sacrifício da Missa.
- Três declarações da Consilium (1964, 1965, 1967) progressivamente permitiram maior liberdade para "adaptar" as traduções.
- O ataque final a qualquer pretensão de precisão nas traduções veio com a Instrução Comme le Prévoit (25 de janeiro de 1969) que estabeleceu os princípios que produziram as distorções, omissões e erros escancarados das traduções litúrgicas modernas.
- Em 1970, o provável autor da Instrução amplificou os princípios que ela continha, de modo a promover a agenda teológica modernista de remover a teologia "negativa" e as alusões a doutrinas que os protestantes pudessem julgar ofensivas.
- Paulo VI examinou os esquemas em francês e italiano da Instrução, fez inúmeras observações de próprio punho, fez mudanças em seu estilo e substância e até mesmo corrigiu as cópias de prova da imprensa. Os princípios destrutivos dela são, portanto, dele.
- Logo, os conservadores não precisam temer terem sido enganados por todos esses anos. As versões Novus Ordo "mal traduzidas" são, de fato, a verdadeira Missa de Paulo VI.

IV

- A Instrução Geral sobre o Missal Romano (IG) de 1969 não contém somente as direções rituais para celebrar a Missa de Paulo VI, mas também os princípios teológicos por trás dela. Os criadores da Missa Nova viram a IG como uma exposição teológica ou apresentação doutrinal para ajudar a entender a natureza e significado dos elementos do novo rito. Como tal, a IG de 1969 deveria ser tida como seu "programa teológico" para o Novus Ordo Missae.
- No lugar da definição tradicional da essência da Missa como sacrifício, o parágrafo 7 da IG define a Missa como assembleia. Esta "define a Missa exatamente" e é "o grande sinal que define e qualifica a celebração inteira".
- A definição da IG é uma reformulação da teologia da assembleia da Missa de Louis Boyer, que estava ela mesma baseada na doutrina eucarística do ecumenista luterano sueco, Yngve Brilioth. Ela também reflete a teologia existencialista do Vaticano II.
- Elementos individuais da definição (Ceia do Senhor, povo de Deus, memorial etc.) foram adotados "com um espírito explicitamente ecumênico" e foram "os frutos de convergência doutrinal" com os hereges.
- Os quatro "elementos irredutíveis" da Eucaristia propostos por Bouyer/ Brilioth (banquete, sacrifício, ação de graças, memorial) então emergem por todo o resto da IG.

- O sacrifício assim se torna meramente um elemento entre quatro. A IG assim se desfaz dos perigos ecumênicos desse termo (1) empregando-o com a fi gura do banquete para ofuscá-lo e (2) evitando referências explícitas à Missa como um sacrifício de propiciação (fazendo satisfação pelo pecado), porque essa doutrina é repugnante aos hereges.
- Em vez disso, a IG insiste em memorial, um termo entendido de um modo por católicos e de outro pelos protestantes. O significado equívoco de memorial fez dele um "termo precioso" da teologia ecumênica, o que é a razão pela qual ele foi empregado na IG de 1969.
- No seu tratamento da presença de Cristo na Missa, a IG omite o termo transubstanciação, um termo detestado por protestantes e modernistas.
- A IG introduz ao menos duas outras presenças de Cristo: na assembleia e na Escritura.
- Essas presenças foram denominadas como "reais" por Bouyer e pela encíclica Mysterium Fidei de Paulo VI. Esse método de desvalorização por inflação colocou as novas "presenças" no mesmo nível que a Presença Real, e se tornou um trampolim para ignorar a transubstanciação como um todo, como se torna evidente a partir da leitura dos comentários dos liturgistas modernistas.
- No seu tratamento da "presença de Cristo" na Escritura, a IG de 1969 (1) confunde a presença virtual com a substancial e (2) iguala impropriamente o escutar a leitura da Escritura com o receber a Comunhão.
- No lugar do ensinamento tridentino de que a Missa representa o Sacrifício da Cruz, a IG ensina que a Missa representa a Última Ceia.
- A IG substituiu a expressão católica Consagração pela expressão protestante Narrativa da Instituição.
- De acordo com a IG de 1969, parece que a assembleia celebra a Missa, enquanto o sacerdote meramente a preside.
- O termo presidente em uma passagem de São Justino Mártir, que é frequentemente citada para justificar o uso do termo na IG de 1969, pode ter sido nada mais do que um modo conveniente de se referir ao bispo, que era o celebrante ordinário da Missa na Igreja Primitiva.
- O argumento da Igreja para sua regulamentação minuciosa da Liturgia antes do Vaticano II pode ser convenientemente resumido em uma sentença de três palavras: doutrina, disciplina, cerimônias. A Igreja considerava suas cerimônias como intimamente ligadas à sua doutrina e à sua disciplina. Uma vez que a liturgia dava testemunho público da fé da Igreja, tudo nela tinha de ser cuidadosamente regulamentado.
- Com a Missa Nova, porém, nunca se sabe o que se vai encontrar quando se assiste a Missa em uma igreja pouco familiar — eis o Elemento Surpresa Bugnini-Montini.
- Esse fenômeno é resultado da IG, que intencionalmente desregulamentou largas porções da Missa Nova, permitindo aos sacerdotes ou às equipes paroquiais de liturgia (1) selecionar um texto ou rito a partir de um certo número de textos ou ritos fixos, (2) omitir ou adaptar certos textos ou ritos e (3) introduzir ou inventar textos como lhes parecer conveniente.
- Esses fatores destroem qualquer senso de universalidade na oração, e no caso do (3) permite introduzir como uma parte integrante da oração litúrgica, praticamente qualquer ideia religiosa que se queira.
- O caráter geral da IG é "um estilo novo de legislação" baseado em "princípios mais elevados", um "auxílio e um guia, em vez de uma série de regras". Aqueles que adaptam

a Liturgia, longe de serem desobedientes, “estão tentando ser obedientes a essa dimensão da lei”.
- A característica da IG de 1969 que talvez tenha sido a mais corrosiva à fé católica foi sua desregulamentação da Liturgia.

V

- Depois que Paulo VI promulgou a Missa Nova em abril de 1969, um grupo de católicos decidiu apresentar um protesto a Paulo VI com a ajuda do Cardeal Ottaviani, ex-chefe do Santo Ofício. O Padre Guérard des Lauriers preparou o texto de um breve exame crítico da Missa Nova e, em setembro de 1969, os Cardeais Ottaviani e Bacci entregaram- no a Paulo VI, juntamente com uma Carta de Apresentação.
- O estudo e a carta ficaram conhecidos nos países anglófonos como “The Ottaviani Intervention”. São considerados como a “carta magna” do movimento tradicionalista dos católicos pós-Vaticano II, que se recusaram a aceitar a Missa Nova de Paulo VI.
- Dentre as características da Missa de Paulo VI, que a Intervenção Ottaviani criticou, estavam: a nova definição de Missa, a desvalorização da Missa como um sacrifício propiciatório, a redução do papel do sacerdote, negações implícitas da Presença Real e da transubstanciação, a transformação da consagração em uma narrativa, a fragmentação da unidade de crença da Igreja e, de modo geral, a linguagem que comprometia a doutrina católica.
- A Intervenção fez essas acusações tanto contra a IG de 1969, quanto contra o Novo Ordo da Missa.
- O Vaticano respondeu alegando que a IG de 1969 não era uma declaração dos princípios doutrinais ou teológicos por trás da Missa Nova.
- Essa resposta era mentirosa, porque declarações públicas anteriores da Consilium haviam dito o contrário.
- Em duas audiências públicas em novembro de 1969, Paulo VI defendeu publicamente a ortodoxia da Missa Nova. Para reprimir as objeções doutrinais à Missa Nova, o Vaticano lançou uma versão revisada da IG de 1969, juntamente com um novo Proêmio (Proemium) de quinze parágrafos, que apareceram quando a versão completa da Missa Nova de Paulo VI foi finalmente publicada em março de 1970.
- O Proêmio tenta responder às objeções que a Intervenção Ottaviani levantou, argumentando que a Missa Nova: (1) reafirma constantemente o ensinamento católico sobre a Missa e sobre a Presença Real, (2) reafirma o papel tradicional do sacerdote ao oferecer a Missa e (3) testemunha a ininterrupta tradição da Igreja.
- Essa defesa da ortodoxia da Missa Nova era inconsistente, enganosa e perigosa, e a terminologia tridentina que ela empregava era totalmente irrelevante para o próprio rito da Missa Nova. Era uma obra efêmera que nada acrescentava à compreensão litúrgica da Missa Nova.
- A IG revisada de 1970 foi uma tentativa de “tridentinizar” a teologia protestante e modernista por trás da Missa Nova, especificamente (1) a definição da Missa, que a IG de 1970 transformou em uma descrição, (2) a afirmação de que a Única Ceia se faz presente e (3) o papel do sacerdote na Missa.
- As edições subsequentes da IG de 1975 e 2000 não modificaram substancialmente os parágrafos mais questionáveis. Apesar das revisões de 1970, a substância da IG

permaneceu a mesma. As áreas com problema são: (1) A definição de Missa, que ainda iguala a Missa com a Ceia, o sacrifício com o memorial, a presença substancial com outras "presenças" e declara que o povo "celebra" o sacrifício eucarístico. (2) O conteúdo sobre o banquete, sacrifício, ação de graças e memorial continua inalterado, e a instrução revisada ainda não afirma claramente que a Missa é um sacrifício propiciatório. (3) As outras "presenças" de Cristo (no povo e na Escritura) e a confusa metáfora de alimento (Escritura = "alimento") estão inalteradas, e ainda minam a Presença Real que se produz pela transubstanciação. (4) A ideia de que o povo celebra a Missa permanece inalterada. (5) A noção de um sacerdote como presidente permanece. (6) A desregulamentação da liturgia fornecida pela IG de 1969 permaneceu inalterada, de novo, e é uma licença para espalhar erros doutrinais.

- Os revisores introduziram meramente um conceito "tridentino" ao lado dos novos termos, deixando-se livre para considerar a Missa como qualquer um dos dois: (1) Um sacrifício propiciatório, oferecido por um sacerdote ordenado, em que Cristo torna-se presente sob as aparências do pão e do vinho pela transubstanciação; (2) uma assembleia e memorial da Última Ceia, celebrada pelo povo sob a direção de um presidente designado, durante a qual Cristo está presente no povo, nas leituras da Escritura e no pão e no vinho.
- Esse procedimento, graças a "esperteza dos revisores", foi o sufi ciente para enganar os conservadores, mas foi ambíguo o bastante para se acomodar ao ecumenismo e a teologia modernista. E ela continua fora do "beco sem saída das teorias de sacrifício pós-tridentinas".
- Nenhuma mudança, porém, foi introduzida no próprio rito novo. As orações e os ritos do Novus Ordo Missae de 1970 são idênticas àquelas do Novus Ordo Missae de 1969.
- Portanto, a chave para o entendimento da teologia por trás da Missa de Paulo VI não se fundamenta no Proêmio pseudo-tridentino e na Instrução de 1970, mas na Instrução Geral de 1969 de Bouyer-Brilioth- Montini.

VI

- A Instrução Geral de 1969 e o Rito pós-Vaticano II para Dedicação de uma Igreja prescrevia que o projeto de uma igreja deveria transmitir "a imagem da assembleia reunida".
- A "exaltação da majestade de Deus, a glorificação dos santos [e] a devoção privada" já não são mais considerações importantes no modelo das igrejas.
- O objetivo do novo ambiente litúrgico, em vez, é promover "uma celebração em que a assembleia ativamente participe". A base para isso é "toda a teologia bíblico-litúrgica da assembleia redescoberta", que o Novo Ordo da Missa fielmente interpreta, onde ele descreve a Missa "como começando com o sinal da assembleia" no parágrafo 7 da IG de 1969.
- A Missa de frente para o povo foi adotada em quase toda a parte depois do Vaticano II, uma prática que era claramente a vontade de Paulo VI.
- A ideia de que a Missa de frente para o povo era uma prática cristã primitiva é um anacronismo do século XX. O que realmente determinava a direção da oração litúrgica na Igreja antiga era onde estava o oriente.
- A noção de Missa de frente para o povo se baseia em uma teologia antropocêntrica (centrada no homem), em vez de se apoiar, como antes, em uma teologia teocêntrica

(centrada em Deus).

- Embora o Cardeal Ratzinger defendia o celebrar a segunda parte da Missa Nova (a Liturgia Eucarística) voltado ao oriente (ad orientem), ele assim o fez não com base no ensinamento tradicional, pré-Vaticano II, mas sim porque (1) isso alinharia a prática litúrgica católica com o "balanço" litúrgico alcançado pelos protestantes e (2) isso era mais "cósmico".
- Ratzinger baseava seu argumento cósmico nos ensinamentos de dois teólogos modernistas, Urs von Balthasar e o panteísta-evolucionista Teilhard de Chardin. Embora a conclusão de Ratzinger apele aos católicos de inclinação tradicional, os princípios teológicos sobre os quais ela está baseada são venenosos.
- A legislação pós-Vaticano II aboliu ou tornou opcional muitos dos requisitos materiais que a lei da Igreja antigamente estabeleceu para enfatizar a santidade do altar: feito de de pedra, relíquias, consagração, predella, baldaquino, frontal, velas de cera, seis castiçais e relicários.
- A legislação também prescrevia dois novos itens para o santuário: a cadeira do presidente e o ambão.
- Uma série de leis pós-Vaticano II proibiram a celebração da Missa sobre um altar com um tabernáculo, removeram o tabernáculo de um local proeminente no santuário e eventualmente o enviaram para uma capela separada. Conforme a nova legislação, isso foi feito "com base no valor simbólico", porque Cristo está presente na assembleia, na Escritura, na homilia, no ministro, e somente então "sob os elementos eucarísticos".
- Embora a Instrução Geral de 2000 tenha reintroduzido a possibilidade de colocar o tabernáculo na própria igreja, ela repetia a proibição contra celebrar a Missa sobre um altar onde o Santíssimo Sacramento estivesse guardado.
- A linguagem ambígua na declaração do Vaticano II de que deveria haver "moderação" no número de imagens sagradas exibidas na Igreja, levou eventualmente a uma remoção em larga escala das imagens das igrejas.
- A razão dada era que as imagens sagradas distraiam a assembleia da celebração.
- A legislação pós-Vaticano II efetivamente baniu a construção de altares laterais em igrejas novas, e em qualquer caso praticamente condenava celebrar uma Missa privada onde quer que um sacerdote pudesse concelebrar com outros.
- A Instrução Geral de 1969 eliminou os regulamentos antigos prescrevendo que os vasos sagrados fossem ao menos banhados a ouro e consagrados ou abençoados. A IG de 2000 reintroduziu a prescrição de que os vasos sagrados fossem ao menos banhados com um "material nobre".
- As seis vestimentas sacerdotais tradicionais exigidas para a Missa, cada qual julgada como tendo um especial simbolismo espiritual, foram na prática reduzidas a três.
- O uso do material litúrgico tridentino na Missa de Paulo VI (vestimentas, cálices, imagens etc.) carece de congruência, porque o rito novo se baseia em um entendimento da Missa que reflete uma teologia inteiramente nova.
- Em suma, enquanto os adornos da Missa Tridentina tinham um fim místico e espiritual — a glorificação de Deus — os adornos da Missa de Paulo VI têm somente um fim prático e psicológico — instruir a assembleia. Assim, os reformadores retiveram somente aqueles adornos que, como disse Pistoia, "falam à fé da assembleia" — e enviou para as trevas exteriores aqueles que meramente honravam a glória de Deus.

VII

- Os ritos preparatórios da Missa Tridentina e da Missa de Paulo VI são fisicamente orientados para direções opostas, que refletem os seus diferentes propósitos. Na Missa Antiga, o sacerdote fica de frente para o altar (simbolicamente perante Deus), e o propósito do rito é a purificação do sacerdote que vai celebrar a Missa e o louvor de Deus. Na Missa Nova, o sacerdote fica de frente para a assembleia (simbolicamente perante o homem) e o propósito do rito é engendrar a unidade entre os membros da assembleia, que vão coletivamente celebrar a Missa.
- A Missa Nova efetivamente eliminou o Intróito, que na prática real foi substituído por um canto selecionado pela equipe de liturgia da paróquia local.
- Os liturgistas modernos construíram uma teologia inteira em torno da saudação na Missa Nova, entendida como “um reconhecimento da presença de Cristo na assembleia.” Eles derivam essas ideias dos próprios criadores da Missa Nova, um dos quais explicou a saudação como um ato “que produz comunhão.” Tal linguagem desvaloriza o significado da comunhão sacramental.
- A Instrução Geral, implementando uma prática especificamente prescrita pelo Vaticano II, permite ao sacerdote, diácono ou outro ministro, inserir comentários introdutórios depois da saudação. O conteúdo é deixado unicamente a critério da pessoa que faz os comentários.
- Muitas características das antigas Orações ao Pé do Altar se distanciam da teologia ecumênica ou modernista e foram, por isso, suprimidas da Missa de Paulo VI: o Salmo 42 (por causa da teologia negativa), menção de Anjos e Santos pelo nome (aversão modernista geral), inclinação profunda (humildade), oração de absolvição (ecumenismo e enfraquecimento das confissões), a antiga oração afastai nossas iniquidades (teologia negativa), a oração honrando as relíquias dos santos (méritos rejeitados pelos protestantes e a abolição das relíquias) e, na oração para a bênção da água, alusões ao demônio e ao juízo (descrença no diabo e teologia negativa).
- As Orações ao Pé do Altar, além disso, eram um rito de purificação sacerdotal. O novo rito penitencial é um rito congregacional, que o sacerdote e o povo realizam em conjunto. Esse tipo de rito não tinha qualquer precedente na Missa Romana e foi primeiro introduzido pelos protestantes para reconhecer o “sacerdócio de todos os crentes.” Ele é, no entanto, consistente com a teologia modernista da assembleia.
- O Kyrie do Novo Ordo da Missa deve ser omitido quando quer que ele seja parte do Rito Penitencial, quando quer que o Asperges seja utilizado ou quando quer que outros ritos precedam a Missa. Isso permite a remoção de uma oração que há muito tempo tem sido parte integrante do Ordo da Missa.
- Na Missa Tridentina, o Glória é recitado em toda festa de santo. No rito novo, seu uso se restringiu a somente umas poucas festas de alta classe (e.g. Apóstolos, Anjos e Nossa Senhora). Isso priva os Santos de uma honra litúrgica conveniente que eles desfrutaram por muito tempo.
- Na Missa Tridentina, diversas coletas são às vezes recitadas, quando várias festas ou observâncias litúrgicas ocorrem no mesmo dia; isso garante que todo santo receba o seu devido. Na Missa Nova, somente uma coleta pode ser recitada; a comemoração das outras festas é suprimida.

- A grande parte dos conteúdos do Missal tradicional e do Missal de Paulo VI consiste de orações curtas chamadas orationes.
- As orações mais antigas do Ciclo Temporal do Missal tradicional são recitadas em uma sequência que tem sido seguida desde pelo menos o século sexto.
- Embora o Vaticano II não tenha prescrito especificamente uma revisão do conteúdo ou da ordem litúrgica das orações, a Consilium empreendeu uma revisão total de ambas.
- Como resultado, somente 33% das orações no Missal tradicional foram incorporadas no Missal de Paulo VI. Destas, mais da metade foram alteradas pelos revisores. Assim, somente 17% das orações vindas do Missal antigo sobreviveram intactas no Missal de Paulo VI.
- Os revisores mudaram não meramente o estilo das orações, mas seu conteúdo doutrinal também. Doravante, disseram eles, estas refletiriam novas visões dos valores humanos, requerimentos ecumênicos, novas posições da Igreja, um novo fundamento da teologia eucarística, uma nova realidade doutrinal, novos valores e novas perspectivas. Uma comparação das orações antigas e daquelas do Missal de Paulo VI revela que isso afetou seis áreas em particular.
- Teologia Negativa. Os revisores sistematicamente eliminaram das orações diversos conceitos doutrinais em desacordo com a teologia modernista. Exemplos: a perversidade do pecado, o pecado como ofensa grave à Majestade Divina, perdição, ira divina, o jugo do mal, castigos nesta vida pelo pecado, nossa vontade débil, concupiscência, nosso orgulho, nossa indignidade, compunção, a perda do Céu, o castigo eterno, as penas do Inferno, o fogo do Inferno, jejum, mortificações e morte como pena por nossa culpa.
- O Cristão e o Mundo. Os revisores removeram das orações as formulações padrões do conflito eterno entre o cristão e o espírito do mundo: desprezo das coisas deste mundo, desapego, deleites perecíveis, o orgulho e a vaidade do mundo, a paz que o mundo não pode dar, renunciar à ambição terrena etc.
- Orações pelos Mortos. Delas os revisores cortaram não somente os elementos de teologia "negativa" mencionados acima, mas também a palavra alma.
- Ecumenismo. Tendo em vista o acomodar-se aos hereges, cismáticos, pagãos e judeus, os revisores eliminaram das orações noções tais como o Deus Uno e Verdadeiro, a sujeição ao governo de Cristo Rei, a Igreja Militante, a Fé Verdadeira, vencer a heresia e frases que refletiam os direitos e o poder de governo do Romano Pontífice. Os revisores mudaram até mesmo as mais antigas orações da Liturgia, as Orações Solenes de Sexta-Feira Santa. Destas, eles eliminaram a noção de que os governantes civis devem seguir a doutrina de Cristo, que os hereges e cismáticos estão fora da Igreja, que o erro conduz ao Inferno, que a heresia é má, que os judeus são incrédulos e cegos para a verdade e que os pagãos precisam ser convertidos.
- Méritos dos Santos. Em ao menos duzentas ocasiões pelo ano litúrgico, as orações do Missal tradicional invocam os méritos dos santos. Os revisores praticamente eliminaram essa noção do Missal novo, onde ela aparece apenas em 13 orações, das quais somente 3 são obrigatórias.
- Milagres. Para tornar as orações "mais adequadas à mentalidade do homem contemporâneo", os revisores removeram alusões aos milagres dos santos, e mesmo à Transfiguração de Nosso Senhor e Sua ressurreição de Lázaro. Isso era render-se à

heresia modernista, que trata os milagres como mitos e fábulas.
- O efeito coletivo das mudanças nas orações é destruir a doutrina católica, eliminando-a da Liturgia e, por conseguinte, da consciência do clero e dos fiéis.

IX

- O propósito da Liturgia da Palavra é fornecer uma instrução religiosa direta e imediata aos membros da congregação reunida. Esse novo propósito falsifica o real fim da Missa — glorificar a Santíssima Trindade e oferecer a Deus um sacrifício de propiciação pelo pecado — e o substitui por outro.
- Como os ritos introdutórios, a Liturgia da Palavra é conduzida de frente para o povo como "uma ação de uma assembleia deliberativa".
- Quando a Liturgia da Palavra é realizada de uma maneira ideal, prevista na Instrução Geral, o papel do sacerdote é limitado a recitação em voz alta de duas orações — a introdução e a conclusão da Oração dos Fiéis.
- Durante os anos 50, alguns membros do Movimento Litúrgico propuseram um ciclo de três anos de leituras da Escritura.
- O Vaticano II ensinou que a Escritura é "de enorme importância na Liturgia" e que os sinais sacramentais derivam sua significação da Escritura. O Concílio implicou que as partes principais da Missa eram a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística, em vez do Ofertório, Consagração e Comunhão.
- O Vaticano II estabeleceu o princípio geral de que a Liturgia teria a partir de agora mais leituras da Escritura e de que a Escritura seria "variada e bem adaptada".
- Ele também pediu para que "abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia" e que "dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura."
- O Lecionário resultante, que foi criado pelo Grupo de Estudo 11 da Consilium entre 1964 e 1969, continha um ciclo de três anos das leituras das Escrituras aos domingos.
- Em 1969, Paulo VI aprovou o novo Lecionário sem lê-lo.
- O ciclo de três anos das leituras das Escrituras não tinha nenhum antecedente conhecido na Missa do Rito Romano.
- A nova legislação que governa a Liturgia da Palavra introduz uma desregulamentação a mais e opções no culto público oficial. Ela permite que indivíduos formulem os seus próprios textos para o uso litúrgico (os comentários introdutórios, a Oração dos Fiéis) ou escolham a partir de uma grande quantidade de textos fornecidos (as leituras da Escritura do novo Lecionário), partes das quais são elas mesmas opcionais. Essa desregulamentação: (1) destrói o caráter universal da liturgia e (2) submete a liturgia e os fiéis às iniciativas individuais enraizadas nos caprichos, ignorância, tolice e até mesmo na heresia.
- Apesar da alegação dos reformadores de que o novo ciclo de leituras apresentava uma exposição compreensiva do ensinamento do Novo Testamento (uma alegação nunca feita pelo ciclo tradicional de leituras), o material do prefácio do novo Lecionário insinua uma agenda oculta: passagens "difíceis" da Escritura não são empregadas aos domingos, certas passagens "de pouco valor pastoral ou envolvendo questões verdadeiramente difíceis" foram omitidas, e alguns versículos individuais são opcionais.

- Uma comparação da lista de leituras do Lecionário com o texto do Novo Testamento revela que os revisores sistematicamente obscureceram partes da mensagem do Novo Testamento. Eles procuraram defender o fiel mediano que vai à igreja aos domingos das passagens que continham "temas negativos" — ira divina, a punição nesta vida pelo pecado, a pecaminosidade da impureza, o inferno, as condenações do mundo, dos infiéis, dos hereges e da dignidade necessária à recepção da Eucaristia. Eles lidaram com tais passagens excluindo-as dos domingos, tornando partes delas opcionais, tirando versículos individuais, permitindo uma leitura substituta ou mantendo-as totalmente fora do Lecionário.
- No sentido, portanto, da finalidade anunciada de apresentar aos fiéis o que Paulo VI chamou de "o fundamento da instrução cristã e o núcleo de todo estudo teológico", o Lecionário da Missa de Paulo VI é uma fraude gigantesca.

X

- No rito novo, a nomenclatura para a segunda parte da Missa, a Missa dos Fiéis, foi mudada para "Liturgia Eucarística", um novo termo inventado, muito provavelmente, por razões ecumênicas.
- Existem três elementos comuns a todos os Ritos do Ofertório: o sacrifício é preparado, o sacrifício é dirigido a um determinado fim e se começa a oferta do sacrifício.
- O Rito do Ofertório da Missa Tridentina e outros ritos relacionados no Ocidente contém linguagem sacrificial (e.g. Vítima) que antecipa a consagração real dos elementos.
- As orações e ações cerimoniais do rito do Ofertório tradicional se relacionam a um duplo objeto: (1) retirar o pão e o vinho do uso comum. (2) Oferecer a Divina Vítima à Divina Majestade, como se a consagração dos elementos sacrificiais tivesse acontecido na expectativa dos efeitos que vão derivar do oferecimento da Divina Vítima.
- Lutero e outros protestantes explicitamente repudiaram o rito do Ofertório católico por conta de sua linguagem antecipatória e, na formulação de suas cerimônias de comunhão, substituíram-no por uma simples direção para que se prepare o pão e o vinho.
- A Missa Nova substituiu o Rito do Ofertório por uma Preparação dos Dons. Seus criadores defenderam essa substituição mentindo sobre a natureza do rito (uma cerimônia leiga) e repetindo a objeção da "antecipação" de Lutero. No entanto, o verdadeiro motivo era eliminar um rito que "ameaçava o diálogo ecumênico".
- Embora Pio XII mencionasse a procissão leiga do Ofertório na Mediator Dei, ele devotou os seguintes cinco parágrafos condenando um "erro perigoso" sobre o papel do laicato no "oferecimento" da Missa.
- Historicamente, procissões do Ofertório pertenciam primariamente ao clero, em vez de pertencerem aos leigos. Mas, de qualquer modo, a prática seguida na Missa Nova é nada mais do que atuação teatral — "mudar as hóstias de um receptáculo para outro".
- As orações do Ofertório tradicional de oferecimento do pão e do vinho constituem "uma perfeita exposição da doutrina católica romana sobre o sacrifício da Missa." Lutero disse que elas eram "uma abominação".
- As orações de apresentação do pão e do vinho na Preparação dos Dons da Missa Nova (1) incorporam expressões indeterminadas sobre o que o pão e o vinho vão se tornar; (2) baseiam-se na oração do Seder judaico; (3) incorporam uma noção herética, originada nos escritos do jesuíta panteísta, Teilhard de Chardin, segundo a qual o trabalho humano se

torna a “matéria” do sacrifício da Missa; (4) indica a mudança de um rito sacerdotal para um rito congregacional; (5) no lugar da Divina Vítima, fala de oferecer pão e vinho, obras de mãos humanas, que vão se tornar pão da vida e vinho de salvação.

- As orações tradicionais de preparação do cálice, de invocação da descida do Espírito Santo sobre o sacrifício, de incensação das oferendas e do altar e lavação das mãos do sacerdote foram ou eliminadas ou editadas a fim de remover ideias “negativas”, repugnantes à teologia modernista, ou a linguagem sacrificial, repugnante aos protestantes.
- A linguagem sacrificial em uma das orações mantidas (In Spiritu Humilitatis) foi julgada aceitável, porque ela se refere somente a um sacrifício espiritual de si mesmo. Linguagem similar aparece na liturgia luterana, logo a formulação antiga era aceitável.
- A oração do Rito do Ofertório tradicional “Recebei, ó Santa Trindade” resume e aprimora as orações que a precedem, e pede a intercessão de vários santos pelo nome. Ela foi eliminada pela mesma razão que o restante das orações.
- O “Orai, irmãos” foi mantido, mas, também, pode ser interpretado como a auto-oferenda da congregação. A introdução da oração que fala de “sacrifício meu e vosso” pode ser substituída à vontade por um outro convite à oração.
- As Secretas foram renomeadas como “Orações sobre os Dons”. Elas foram editadas de modo a reduzir certas expressões sacrificiais, e, geralmente, para implementar mudanças “ditadas pela nova teologia”. Orações tiradas dos antigos sacramentários foram editadas para tornar seu espírito “ecumênico e universalista, assim respondendo mais às aspirações do nosso tempo.”

No geral, a única Vítima oferecida na nova Preparação dos Dons é a doutrina católica — um “sacrifício vivo” ao ecumenismo, em um rito que não tem cheiro de oblação, mas de Lutero e de Teilhard.

XI

- O termo “Cânon”, aplicado à grande oração da Missa contendo Consagração, denotava uma regra fixa, algo praticamente imutável. Na Reforma Litúrgica pós-Vaticano II, os revisores trocaram o termo para “Oração Eucarística”, com a intenção de permitir o uso de múltiplos textos.
- Os Prefácios do novo Missal não representam uma restauração integral dos textos antigos, mas um “mosaico de palavras” daqueles textos que poderiam ser “adaptados à mentalidade moderna”. Somente alguns textos foram mantidos em sua forma original, pois, de outra forma, poderiam ter sido “insuportáveis”.
- Apesar de não se poder fornecer uma data exata de sua origem, o Cânon Romano da Missa Tridentina é extremamente antigo. Alguns autores dizem que ele se origina na tradição apostólica; outros rastreiam seu núcleo ao segundo e terceiro século.
- A ala modernista do Movimento Litúrgico já tinha em vista a reforma do Cânon Romano no final dos anos 40.
- Os motivos para se mudar o Cânon eram os habituais que estavam em execução em outros locais na reforma da Missa. O texto do cânon continha ideias que há muito tempo tinham sido alvos dos hereges protestantes, então ele apresentava um obstáculo ao ecumenismo.

- Para os modernistas, o Cânon Romano estava ligado à teologia “tridentina”, não se conformava com suas conclusões acerca do que era certo em uma tal oração, cheirava à teologia negativa e não era participativo. Ele precisava ser examinado à luz da crítica textual e critérios psicológicos para que “respondesse mais adequadamente às exigências dos nossos tempos.”
- A atitude dos revisores diante do Cânon Romano é melhor resumida nas palavras de Bugnini, que disse que ele representava um “deplorável empobrecimento”, resultante de “séculos de decadência litúrgica”.
- O Vaticano II não autorizou explicitamente uma mudança no Cânon. Em vez disso, princípios gerais escritos na Constituição sobre a Sagrada Liturgia foram utilizados para justificar a mudança.
- O livro de 1966 de Cipriano Vagaggini atacando o cânon e propondo textos alternativos, eventualmente levou à decisão de Paulo VI de permitir a introdução de textos alternativos ao Cânon Romano.
- Não se pode dizer com certeza quando ou onde a recitação silenciosa do Cânon teve origem. Ela se tornou generalizada no Ocidente por volta do ano 800, muito provavelmente por conta de um espírito de reverência na presença dos mistérios sagrados. Os hereges protestantes denunciaram a prática, e o Concílio de Trento, por sua vez, pronunciou o anátema contra todos aqueles que condenarem a recitação silenciosa do Cânon.
- Um Cânon silencioso ficava no caminho da implementação das teorias do Movimento Litúrgico sobre o culto coletivo. Em 1967, os pronunciamentos gerais da Constituição sobre a Sagrada Liturgia acerca da “instrução” contida na liturgia e a necessidade de uma participação “consciente” foram invocados para reverter a prática.
- Em 1967, juntamente com a introdução da recitação em voz alta do Cânon, traduções aprovadas em vernáculo do Cânon traduziram erroneamente a expressão pro multis nas palavras da consagração do vinho como “por todos”.
- Em 1968, Patrick Henry Omlor fez um extenso estudo expondo essa fraude e demonstrando que os erros de tradução resultaram na invalidade das consagrações. Seu trabalho alertou diversos católicos nos Estados Unidos sobre os perigos da Reforma Litúrgica. Defensores das mudanças litúrgicas sustentaram que a tradução “por todos” estava correta e basearam suas posições em um pretenso sentido do aramaico. Porém, as traduções de 2006-8 finalmente abandonaram esse erro de tradução em favor da tradução correta: “por muitos”.
- Em 1968, Paulo VI promulgou quatro novas Orações Eucarísticas. Entre 1974 e 2002, mais nove Orações Eucarísticas foram criadas ou redigidas e então incorporadas no Missal. As novas orações seguiam os princípios enunciados pelos críticos textuais modernistas.
- As rubricas para as novas Orações Eucarísticas reduziram ao mínimo os gestos sacerdotais no Cânon. Estes possuíam um simbolismo místico, afirmavam o papel único do sacerdote ao oferecer o sacrifício e expressavam profunda reverência pela Presença Real. Sua abolição minava as verdades doutrinais que eles expressavam.
- Embora a Oração Eucarística I seja intitulada “O Cânon Romano” no novo Missal, o rótulo é incorreto, pois (1) outros textos podem ser substituídos por ela e (2) os revisores ou alteraram ou tornaram opcionais as seções do texto existente.
- As novas Orações Eucarísticas restantes (1) não representam uma “restauração” dos textos litúrgicos dos antigos cristãos, (2) são criações do final do século XX, incorporando

até os clichés de uma teologia “horizontal” moderna, de uma conversa doutrinal para bebês e de uma “teologia do mundo” e, por fim, (3) em conformidade com a teologia ecumênica do Vaticano II, e contra todas as leis e práticas litúrgicas anteriores, oferecem orações litúrgicas de intercessão pelos hereges, cismáticos e mesmo pagãos, tanto vivos quanto mortos.

- Portanto, os textos das novas Orações Eucarísticas representam uma total quebra com a ininterrupta tradição litúrgica do Rito Romano.
- Nas Orações Eucarísticas, além do mais, grandes mudanças foram introduzidas na seção que o Cânon Romano antes chamava de Consagração. (1) Esta seção foi renomeada como “Narrativa da Instituição”, as Palavras da Consagração se tornaram as “Palavras do Senhor”, e a noção de “forma do sacramento” foi totalmente omitida. (2) Os próprios textos litúrgicos foram reorganizados para transformar a forma sacramental essencial em uma citação dentro de uma narrativa histórica. (3) O termo “mistério da fé”, uma expressão espontânea da fé no mistério da Presença Real aqui e agora, foi extirpado da fórmula recitada sobre o cálice, deslocado como uma introdução à Aclamação do Memorial e transformado em uma expressão de fé em eventos que acontecerão no fi m dos tempos.
- Enquanto tais mudanças foram feitas para acomodar a Missa às necessidades do ecumenismo e da teologia sacramental modernista, de acordo com os princípios da teologia sacramental católica pré-Vaticano II, a recitação das palavras da consagração em tom narrativo (1) constitui um defeito substancial na intenção essencial do sacramento e (2) torna a consagração, e também a Missa, inválida.
- Embora aqueles que aderem à teologia sacramental existencialista e ecumênica da era pós-Vaticano II possam não ver problemas nisso, aqueles que ainda aderem às ideias da teologia sacramental católica só podem concluir uma coisa: não há Presença Real e não há verdadeira Missa.

De fato, um empobrecimento deplorável...

XII

- No Rito Romano, uma tradição atestada por Santo Agostinho e São Gregório Magno prescreve que somente o sacerdote canta ou recita o Pai Nosso. Os criadores da Missa Nova transformaram-no em uma oração congregacional, uma prática que admitiram ser uma “novidade mais relevante”.
- Na oração Libera Nos que se segue, o nome dos Santos e a expressão atribuída a São Jerônimo foram removidas a fim de acomodar-se respectivamente à teologia da assembleia e eliminar a linguagem negativa. Duas frases foram acrescentadas, uma para aumentar a consciência da “presença do Senhor na assembleia”, outra por causa de sua “importância ecumênica”.
- A oração Pax, recitada antigamente em voz baixa, é agora recitada solenemente em voz alta por causa do “costume de usar essa oração em encontros ecumênicos.”
- O próprio sinal da paz não desce hierarquicamente de Cristo para o sacerdote, para o clero e para o povo, mas, em vez disso, troca-se entre os membros da assembleia.
- A Missa Nova combina o Rito de Comunhão do sacerdote com o Rito da Comunhão dos fiéis, um desdobramento lógico da teologia da assembleia.

- A palavra alma foi removida das fórmulas de Comunhão porque ela reflete uma tendência "de supervalorizar o espiritual."
- A recepção da Comunhão foi transformada de um ato de devoção individual em uma "procissão" coletiva na qual os participantes devem cantar a fim de torná-la "mais completa, como um ato da comunidade."
- Ajoelhar-se para a recepção da Comunhão, um ato de humildade e adoração, foi substituído pelo de ficar de pé.
- A prática de empregar leigos homens e mulheres para distribuir a Comunhão desvaloriza o Sacerdócio e a crença na Presença Real; além disso, autorizar as mulheres a realizar essa função contradiz a tradição apostólica.
- Independentemente do que se possa concluir sobre seus antecedentes no início da Igreja, a comunhão na mão nos tempos modernos foi introduzida por hereges com o objetivo de repudiar os dogmas católicos sobre a Presença Real e o Sacerdócio.
- O efeito cumulativo dessas mudanças, juntamente com a supressão de muitos gestos rituais que manifestavam externamente a adoração e a reverência ao Santíssimo Sacramento (o olhar para a hóstia, sinais de cruz, inclinar-se, genuflexões, bater-se no peito, bênçãos com a hóstia, segurar e manter os dedos unidos, etc.), ataca a fé católica na Presença Real e promove uma grande irreverência contra o Santíssimo Sacramento.

DELENDA EST

"Não falemos, pois, de uma 'Missa Nova'", disse Paulo VI em seu discurso de novembro de 1969 sobre o rito novo, "mas de uma 'nova era' na vida da Igreja."

De fato, ela foi. Porque nos quarenta anos desde aquele fatídico domingo de Advento de 1969, quando a Missa de Paulo VI fez a sua estreia, as ordenações nos Estados Unidos diminuíram 72%, a inscrição nos seminários 90%, os seminários 66%, as freiras professoras 94%, as inscrições em escolas católicas 55% e o comparecimento à Missa 60%. As instituições que permaneceram estão infestadas de modernismo.

A vida católica em outros países sofreu um declínio dramático similar. Agora tudo está morto na Europa, e um dia em um futuro não tão distante, o continente que outrora foi da cristandade será muçulmano.

O Vaticano II, longe de trazer aquilo que João Paulo II chamava de nova "primavera da Igreja", revelou-se uma bomba atômica que deu origem a um inverno nuclear. E o que espalhou as suas partículas radioativas aos quatro cantos do mundo católico foi a Missa de Paulo VI, o motor da revolução religiosa que destruiu a fé e a piedade nas mentes e corações dos católicos em toda parte.

Está na hora de colocar as evasões e negações de lado, e livrar o mundo da monstruosidade ecumênica e modernista que é a Missa de Paulo VI. Esta Missa acabou. Ela deve ir.

Conclusão

Antônio Donato Paulo Rosa, o São Moita, não é católico e nem tradicional. Ele é um infiltrado dentro do próprio modernismo, assim como muitos tomistas, que precisa defender as heresias conciliares para conseguir lograr a atenção e prestígio dos modernistas com o intuito de dar-lhes uma formação iniciática nas trevas do sigilo moitaniano. O Concílio Vaticano II, a missa nova e os falsos papas conciliares não lutaram contra o mundo moderno, mas são servos da modernidade e outros anticristos. A teoria do Donato sobre a missa nova não possui nenhuma base na história do concílio e tampouco possui base litúrgica ou teológica. Antônio Donato Paulo Rosa é um modernista defensor das heresias da missa nova e um falso tomista, assim como todos os seus alunos, seguidores e leitores.

O Padre Jean denuncia a destruição da FSSPX

O Padre Jean denuncia a destruição da FSSPX, orquestrada por uma rede de clérigos subversivos e o G.R.E.C., e encoberta por Dom Fellay

Sexta-feira, 1º de maio de 2009

Artigo original disponível no site Virgo Maria

- Introdução
- A denúncia pelo Padre Jean de uma rede de clérigos subversivos nos postos de direção da FSSPX
- A denúncia pelo Padre Jean do projeto de destruição da FSSPX
- A denúncia pelo Padre Jean do padre Celier como um discípulo do gnóstico Jean Borella, cantor do esoterismo cristão
- A denúncia por parte do Padre Jean sobre a implicação de Dom Fellay que ativamente encobre essa subversão da FSSPX
- A denúncia do Padre Jean sobre Dom Williamson como um agente escondido de Bento XVI
- O Padre Jean ponderou suas palavras e solenizou sua carta, dizendo agir em “consciência”
- Não se trata de um panfleto do Padre Jean ou de uma carta improvisada, mas sim da expressão de “uma convicção forjada ao longo de 5 anos.”
- O Padre Jean não exclui que seus dias possam estar em perigo, devido às suas acusações e forte oposição ao alinhamento com a entidade maçônica romana
- O Padre Jean não espera mais nada de Dom Tissier ou de Dom de Galarreta, em continuar a luta de Dom Lefebvre

- Que reviravolta!
- Anexos
  - Carta do Padre Jean (Capuchinho de Morgon) aos Superiores das comunidades amigas da FSSPX
  - Dossiê das Referências Virgo Maria sobre o ex(?) Anglicano Britânico da FSSPX Dom Richard Williamson à Rosa
- Referências

Introdução

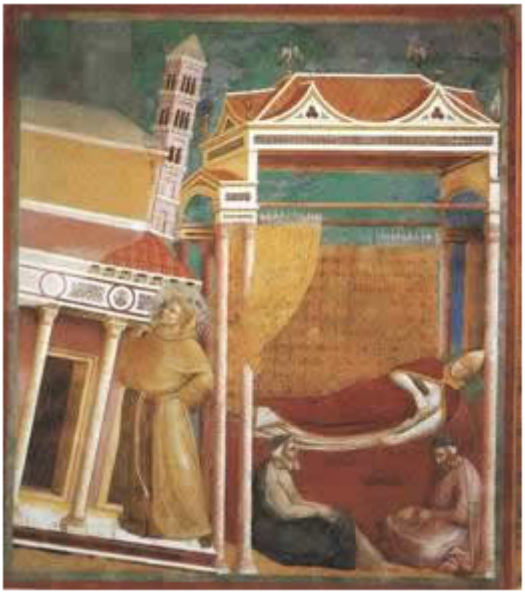
Dom Williamson é um agente de Bento XVI, segundo o Padre Jean

Discípulo do Padre Eugène de Villeurbanne e de Dom Lefebvre, o Padre Jean quer salvar a FSSPX da infiltração clerical, com componente gnóstica, que leva "*lentamente mas seguramente*" à destruição da obra de Dom Lefebvre

> *"A FSSPX, eu a considero como obra da Igreja e uma segunda mãe para mim: é a ela que sou devedor pela conservação integral da minha fé, da minha vida religiosa e do meu sacerdócio. Eu a amo de todo o meu coração, e* ***é por isso que eu reajo quando a vejo ameaçada****."*
>
> *"Em consciência,* ***não posso ficar mais tempo em silêncio, nem me contentar com apenas a oração****, nem esperar que a casa esteja completamente em chamas* ***para gritar 'fogo!'****"* Padre Jean

No dia 5 de fevereiro de 2009, a intervenção do Padre Jean (capuchinho de Morgon) em Saint Nicolas-du-Chardonnet[1], com sua simplicidade desarmante, toda franciscana, colocou Dom Fellay contra a parede, diante de suas contradições que traem sua duplicidade e revelam sua vontade de enganar os clérigos e os fiéis, além de sua profunda impiedade.

Após ter sido extorquido, sob pressão, no dia seguinte à sua admoestação ao Superior da FSSPX, a dar desculpas formais ao intocável Dom Fellay, **o Padre Jean publicou, no dia 11 de fevereiro, com uma determinação muito firme e invocando solenemente sua consciência, uma carta para acusar uma rede de clérigos subversivos (pertencentes ao círculo secreto do G.R.E.C.) de querer dirigir um processo de traição de Dom Lefebvre e de trabalhar nas sombras e pacientemente para a destruição da FSSPX, entregando-a nas mãos da Roma modernista apóstata.**



Em um sonho, o Papa Inocêncio III contempla Francisco de Assis sustentando a Igreja do Latrão, ameaçada de desmoronar. Hoje, será que Dom Lefebvre contempla o Padre Jean se opondo ferozmente à destruição de sua obra, pela entrega às mãos dos "*anticristos*" que ele tanto combateu?

Na sua carta que desejou tornar pública, pois não exclui que, em razão de seu comportamento e suas revelações, seus dias possam estar em perigo, **o Padre Jean acusa Dom Fellay[2] de cobrir essa rede infiltrada e seus projetos funestos com sua autoridade**.

Ele proclama também que Dom Williamson faz parte da conspiração e está em conluio com o Vaticano, jogando um verdadeiro jogo duplo.

Ele reserva apenas a Dom Tissier e a Dom de Galarreta um crédito hipotético, caso lhes aconteça *in fine* recusar o alinhamento com o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.

São Francisco de Assis que doma o lobo de Gubbio

Essa imagem inspirou a mansidão do Padre Jean e sua tranquilidade para denunciar com coragem e generosidade os lobos que entraram no curral de Dom Lefebvre e que ameaçam o rebanho das almas?

Essas acusações contra a Direção da FSSPX não vêm de qualquer pessoa.

O Padre Jean **nunca foi um adepto do iluminismo - no estilo** « ***Sra. Cornaz[3]*** » **ou** « ***milagre da cruzada do Rosário*** » - **que o fizesse acreditar que seus gestos seriam inspirados e que ele seria um "*escolhido*" privilegiado em ligação direta com o Céu, uma espécie de super-Moisés dos tempos modernos, como faz Dom Fellay com seus "milagres" fabricados.**

O Padre Jean é **um ex-militar, que teve experiência profissional no meio do serviço de inteligência militar.**

Ele conhece as métodos de subversão, a propaganda sutil e os funcionamentos das redes de infiltração, em linhas gerais, e suas características universais, que essas redes atuem em um ambiente civil ou religioso.

São Francisco diante da Cruz de Nosso Senhor, crucificado em consequência de Sua condenação pelos grandes sacerdotes do Sinédrio, aqueles que deveriam recebê-Lo.

Hoje, o Padre Jean é perseguido por Dom Fellay e pelo Padre Antoine, seu superior, quando, na verdade, eles deveriam trabalhar na mesma direção que ele para combater Roma modernista.

Quais são os principais elementos desta carta sem precedentes?

A denúncia pelo Padre Jean de uma rede de clérigos subversivos nos postos de direção da FSSPX

> *“Penso, no entanto, saber do que estou falando quando uso a palavra subversivo, e* ***conhecer um mínimo no tratamento das informações, antes de tirar conclusões****.”* Padre Jean
>
> *“****Falando em nome de outros padres, dos quais dois me encorajaram a me pronunciar****, - o que me repugnava muito - nesta ocasião, não expressei nem mesmo* ***minha convicção pessoal, bem estabelecida há cinco anos, de que essa evolução não é mais que um processo habilmente programado por certos padres subversivos que conseguiram ocupar postos estratégicos na FSSPX (superiorias, seminários, mídias e finanças) com o objetivo de levá-la ao alinhamento.****”* Padre Jean
>
> *“O G.R.E.C., ‘Grupo de Reflexão Entre Católicos’, instituído desde 1997 (nunca fomos, portanto, informados da existência desse clube há mais de dez anos!), reunindo clérigos e leigos de todas as tendências da ‘tradição’, principalmente os alinhados, mas incluindo também a FSSPX, e trabalhando para* ***‘permitir um dia uma reconciliação nas formas institucionais e jurídicas’****. O que pode, evidentemente, ter como alvo somente a FSSPX, a única que está representada, e não (ainda) alinhada.”*
>
> *“Essa empresa, lê-se também, é* ***encorajada pelo nuncio apostólico, Dom Baldelli, e Dom Breton, bispo de Aire e de Dax, que representa a Conferência dos Bispos da França****.”* Padre Jean

O padre Fortunato Baldelli (pseudo-‘*bispo*’ por sagração inválida), nuncio apostólico na França desde 1999. Ele, portanto, cobriu durante quase uma década os trabalhos subversivos do G.R.E.C. para fazer cair a FSSPX sob o controle dos modernistas do Vaticano.

> *“Aliás, soube por um confrade da FSSPX, que **Dom Breton lhe disse ter feito a conhecida do Senhor padre de Cacqueray em uma reunião do G.R.E.C.** ... Portanto, não fiquei surpreso, quando me disseram, há pouco, que o superior do distrito da França acabara de exortar todos os nossos fiéis, na Mutualidade, a assinar esta carta de apoio a Bento XVI.”* Padre Jean

O padre de Cacqueray (FSSPX), superior do Distrito da França da obra de Dom Lefebvre, participa das reuniões secretas do G.R.E.C., onde “dialoga” com o pseudo-‘*Dom*’ Breton, e outros pseudo-prelados conciliários, modernistas, adeptos do Vaticano II e da *protestantização* da Igreja, e verdadeiros inimigos da obra de Dom Lefebvre.

A denúncia pelo Padre Jean do projeto de destruição da FSSPX

A denúncia pelo Padre Jean do projeto de destruição da FSSPX por essa rede de clérigos subversivos, ao entregá-la ao "super modernista" Ratzinger-Bento XVI

> *"Quando peguei o microfone, disse, mais ou menos com as seguintes palavras,* ***que, com vários padres****, estávamos muito preocupados com a evolução das relações da FSSPX com o Vaticano, que parecia nos levar* ***lentamente (mas seguramente) para um alinhamento com a Roma Conciliar e modernista*** *."* Padre Jean

O padre Lorans, está com o padre Barthe (amigo de Bento XVI) e o Padre Lelong (ecumênico conciliário), a peça central do G.R.E.C. Ele controla a comunicação de Dom Fellay, bem como o site *Dici.org* e a revista *Nouvelles de Chrétienté*, órgãos oficiais da casa geral da FSSPX.

> *"Assim que voltei de Paris, a Providência cuidou de me confirmar – se fosse necessário – o progresso desse processo de alinhamento, em um panfleto, trazido por um fiel que tinha internet,* ***panfleto a ser assinado para manifestar nosso apoio a Bento XVI. Nos anúncios de domingo, achei que deveria avisar os fiéis contra essa campanha****, explicando-lhes que devemos apoiar o Papa Bento XVI com nossas orações, pois ele carrega*

> *responsabilidades muito pesadas, mas que não se trata de lhe dar um apoio incondicional, enquanto ele declarou recentemente (oss.nom.fr 23/30 Dez. 08, p.6) que a Igreja se alegra com a autonomia [“autonomia” no texto italiano original] entre o Estado e a Igreja, como um grande progresso da humanidade.”*
> Padre Jean

A denúncia pelo Padre Jean do padre Celier como um discípulo do gnóstico Jean Borella, cantor do esoterismo cristão

> *"**Jean Vaquié já havia elaborado uma lista desses seminaristas (da época) e padres subversivos, antes de sua morte em 1992; e se alguns estão hoje alinhados (como o padre Leschenne)**, outros ainda estão no lugar de influência, e **particularmente na França**.*

Um deles até usa o hábito.

> *No organograma dessa organização subversiva, deve-se colocar **nos postos superiores, um antigo discípulo do professor Borella (Nancy), que, sob o pseudônimo de Padre Michel Beaumont, ensina aos nossos fiéis na Fideliter (N° 163, p.20-25) que, segundo a doutrina clássica dos papas, o Reino Social de Nosso Senhor Jesus Cristo não é mais possível em nosso mundo de hoje**."* Padre Jean

"*Um deles até usa o hábito*: a quem o Padre Jean se refere?

Seria o padre Rulleau (membro da "*rede alemã*" do padre Schmidberger, a agente nº 2 da Fraternidade), que se tornou mestre dos noviços em Bellaigues, sob o nome de Irmão Bernardo de Menthon?

O padre Beaumont é o pseudônimo do padre Celier, na *Fideliter*, a revista da FSSPX na França.

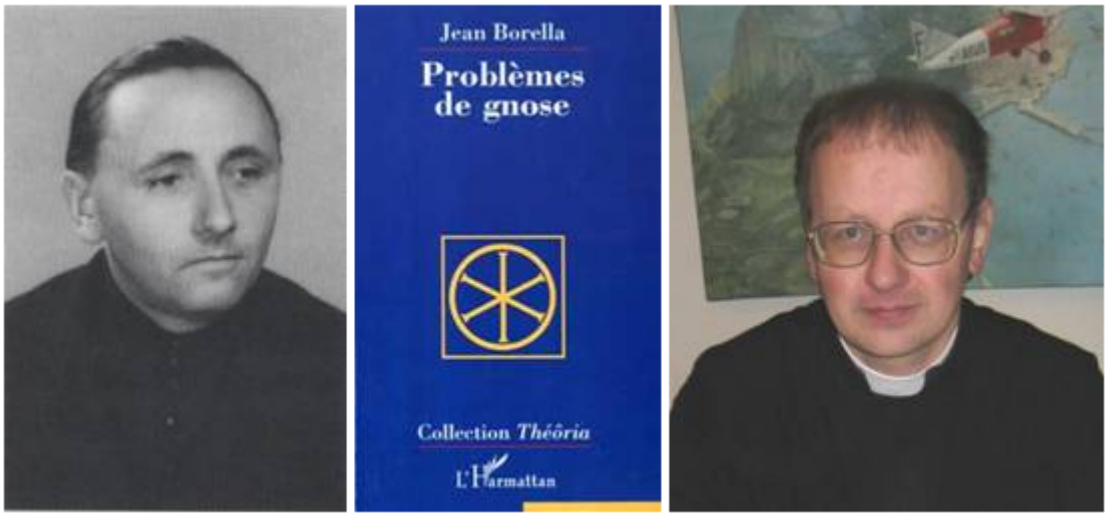
O padre Celier-Beaumont, portanto, seria, segundo o Padre Jean, o discípulo de Borella, uma figura proeminente do esoterismo "*cristão*."

Jean Vaquié produziu em 1992, nos Cahiers Barruel (número "A escola do esoterismo cristão"), uma crítica muito documentada ao sistema de pensamento gnóstico exposto por Jean Borella em "***A caridade profanada***."

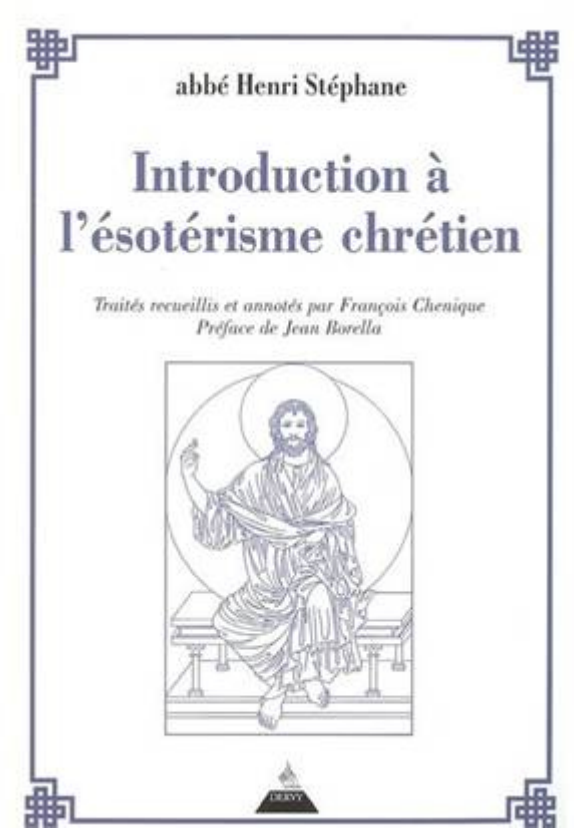
Dom Lefebvre, convencido pelos trabalhos e estudos documentados de Jean Vaquié sobre os escritos do Professor Borella, teve que intervir pessoalmente para exigir que este último fosse expulso do *Instituto Universitário Santo Pio X* em Paris, onde já o padre Lorans o havia introduzido.

Infelizmente, seu discípulo Grégoire Celier[4] manteve-se bem oculto, aguardando impacientemente a morte de Jean Vaquié após a de Dom Lefebvre para imediatamente circular em segredo seu panfleto difamatório intitulado: *"O futuro de uma ilusão"* em 1993. Este texto desconexo e confuso reaparecerá em 2003, mas reescrito (por cúmplices?), sob seu pseudônimo de Paul Sernine (anagrama de Arsène Lupin), com o título do panfleto agora sendo: "*A Palha e o Sicomore*." O padre Celier, protegido pela autoridade do padre de Cacqueray, que sancionará o padre Beaublat que se levantou contra o padre Celier, atuou para tentar desqualificar convenientemente os estudos eruditos anti-gnósticos de Jean Vaquié e procurar negar a existência da gnose que este último tanto combateu com Dom Lefebvre enquanto estavam vivos. **O padre Celier, portanto, negará em 2003 a existência da gnose enquanto que, ao mesmo tempo, Jean Borella, seu mentor, se esforça para popularizá-la aos quatro ventos.**

Jean Borella escreveu o prefácio, nas edições ***Dervy*** (sic), a uma coletânea **dos textos do padre Stéphane, uma figura proeminente do esoterismo cristão na França, venerada por todas as personalidades importantes do meio gnóstico na França.**



O padre Stéphane (esquerda) pseudônimo de André Gircourt, um livro de Jean Borella sobre a gnose e o padre Celier (FSSPX), conselheiro pessoal de Dom Fellay e mentor do padre de Cacqueray



Uma coletânea das obras do esotérico padre Stéphane, prefaciada por Jean Borella, do qual o padre Celier seria o discípulo, segundo o Padre Jean

Ao perseguir o Padre Jean, Dom Fellay vem em auxílio de seu "*conselheiro pessoal*", o padre Grégoire Celier, **o Iniciador[5] dos jovens ao '*deus mortal*' da apostasia**, o novo **'*teólogo[6] higienista*' IUT Bac+2[7] da FSSPX**, **especialista e fã** do roqueiro satanista drogado **Jim Morrison[8], o propagandista "*oficial*"[9] do alinhamento da FSSPX com Ratzinger.**

O padre Méramo produziu, em um panfleto publicado em 1996, e prefaciado por Dom Tissier, uma crítica e uma refutação da metafísica e dos fundamentos gnósticos do pensamento de Jean Borella.

VM publicou este estudo[10].

> _"**O padre** *Méramo administra o contraveneno a esses erros: o magistério da Igreja e a doutrina do Doutor Comum Santo Tomás de Aquino; ao fazer isso* ***ele consegue desvincular os elementos fundamentalmente inadmissíveis da gnose em questão, cravando-os como se deve ao pelourinho****. O professor Borella fez péssimas leituras na juventude; não imitemos isso, leiam o padre Méramo."*
>
> Menzingen, 21 de janeiro de 1996 † Bernard Tissier de Mallerais[11]

Em abril de 2009, Dom Fellay expulsa por "*indisciplina*" o padre Méramo da FSSPX – seu antigo colega no Sacerdócio - mesmo sabendo que Dom Tissier recomendou a leitura e que, fiel a Dom Lefebvre, o padre Méramo é o único sacerdote da FSSPX que estudou e refutou os erros do sistema gnóstico de Jean Borella.

São Francisco (por Rubens) recebe os estigmas para ser associado à Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo

Hoje, são os padres Méramo e Cériani, o Padre Jean, que são crucificados em sua convicção e fidelidade por aqueles que estão revestidos da plenitude do Sacerdócio sacrificial da Nova e eterna aliança dada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dom Fellay acaba de intervir pessoalmente para expulsar um sacerdote da FSSPX – seu antigo colega no Sacerdócio - que combate a gnose e o esoterismo cristão.

Esse comportamento de Dom Fellay em abril vem corroborar e confirmar as acusações do Padre Jean contra ele, que o acusou em fevereiro de cobrir a subversão da FSSPX.

A denúncia por parte do Padre Jean sobre a implicação de Dom Fellay que ativamente encobre essa subversão da FSSPX

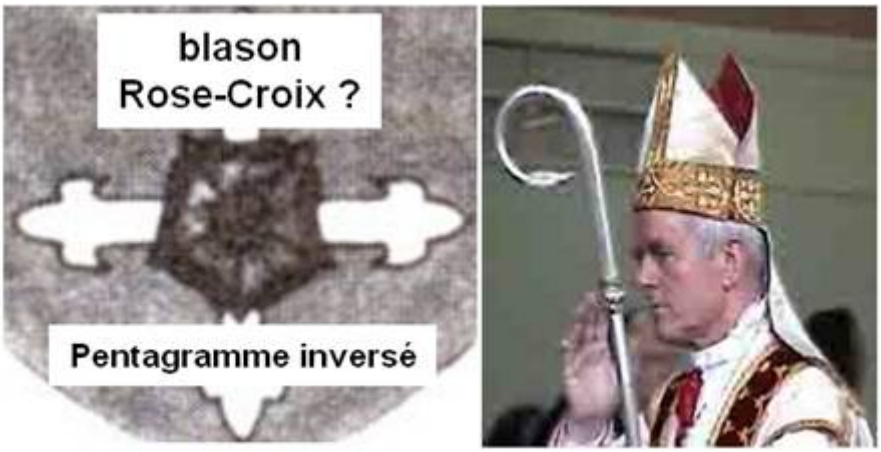
> ***“Porque eu não confio em Dom Fellay, que cobre toda essa operação com sua autoridade”*** Padre Jean

Dom Fellay, em 25 de agosto de 2005, exibindo um sorriso de cortesão eclesiástico, diante de um dos principais artífices da implementação do *Novus Ordo* mundial, através da realização do projeto anglicano e Rosacruz do mecanismo patriarcal Conciliar-Anglicano-Ortodoxo-Tridentino, conforme o esquema apresentado em 1925 por Dom Beauduin (agente britânico do MI6), o padre dos dois movimentos R+C litúrgicos e “*ecumênicos*.”

> *“Ainda precisamos de mais provas da determinação das autoridades da FSSPX em se alinhar com a Roma Conciliar? Devemos reouvir a gravação do programa da Radio Courtoisie, de 17 de julho de 2007, onde o padre Lelong, membro ativo do G.R.E.C., não hesitou em assegurar aos ouvintes que, para ele, a direção atual da FSSPX estaria totalmente comprometida com o alinhamento e que, essencialmente, se tratava de conseguir silenciar os rebeldes na FSSPX?”* Padre Jean

A denúncia do Padre Jean sobre Dom Williamson como um agente escondido de Bento XVI

> *"Porque eu não tenho (...) muita confiança em Dom Williamson, que foi observado durante seus contatos secretos em Roma na semana após a Páscoa de 2008."* Padre Jean



O Padre Jean desmascarou o jogo escondido desse agente do inimigo, o bispo à Rosa do plano Fabien, dentro da FSSPX.

O Padre Jean, antigo oficial e especialista em inteligência, desmascarou o jogo enganoso do antigo anglicano, filho de pastor anglicano, Dom Williamson[12] – '*Cunctator*' à Rosa, o antigo protetor, ordenante e promotor obstinado em Winona dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey, e o ordenante do sacerdote "*pedaRatz*" Marshall Roberts.

O Padre Jean ponderou suas palavras e solenizou sua carta, dizendo agir em “consciência”

Por três vezes, o Padre Jean fala de sua consciência e da de seus leitores:

> *“**Em consciência**, diante de Deus e diante dos homens, e para o bem comum da tradição católica – e, portanto, da Igreja –, parece-me **ser meu dever** acrescentar à minha carta de desculpas o que se segue...”*
>
> *“**Em consciência**, não posso permanecer mais em silêncio, nem me contentar com apenas a oração, nem esperar que a casa esteja completamente em chamas para gritar ‘fogo!’”*
>
> *“Cabe a vocês julgar diante da **sua consciência**”*
>
> *“Uma simples carta de desculpas poderia deixá-los acreditar que eu também lamento o que disse, portanto, vejo-me **obrigado a voltar à questão de fundo**, e até mesmo a explicitar.”*
>
> *“Estou **perfeitamente ciente da gravidade dessas revelações** e de suas consequências. Eu as **pesei e verifiquei** tanto quanto possível, com os meios que a providência se empenhou em me dar recentemente.”*
>
> *“Estou **absolutamente certo de que estou fazendo meu dever e, portanto, a vontade de Deus**, ao compartilhar isso com vocês.”*

Essa afirmação muito contundente de sua convicção e determinação previne qualquer desmentido posterior, que, se viesse a ser arrancado do Padre Jean, não teria nenhum valor, pois teria sido obtido sob pressão.

Não se trata de um panfleto do Padre Jean ou de uma carta improvisada, mas sim da expressão de “uma convicção forjada ao longo de 5 anos.”

> “ *“ minha convicção pessoal, bem estabelecida há cinco anos*” Padre Jean

Embora tão surpreendente quanto inesperada, essa notificação pública ao superior da FSSPX concretiza **uma convicção forjada ao longo de 5 anos, desde a tentativa de subversão aberta da Fraternidade pelos padres “*mutins*” Laguérie e de Tanoüarn em agosto de 2004.**

Esse “*motim*” de 2004, respaldado abertamente por Dom Williamson, o bispo à Rosa da Fraternidade, e apoiado paralelamente de forma escandalosa pelos artigos e comentários da grande mídia afilhada ao poder globalista e ao pensamento maçônico (grande imprensa, televisão, etc.), revelou a profunda colusão do meio conciliar e alinhado com os defensores do poder midiático contemporâneo.

O Padre Jean não exclui que seus dias possam estar em perigo, devido às suas acusações e forte oposição ao alinhamento com a entidade maçônica romana

> *"Eu espero ser jogado na rua, tratado como 'sedevacantista' (a marginalização por difamação sendo uma técnica clássica dos subversivos). Caso eu sofra algum infortúnio (pois é preciso prever tudo), confiei esta carta e todos os meus documentos* ***sensíveis a amigos de confiança, capazes de transcrevê-los e divulgá-los se necessário****."* Padre Jean

O Padre Jean é cauteloso e **sabe que está enfrentando um inimigo que não recua absolutamente diante de nada para destruir o sacerdócio sacrificial católico.**

Ele meditou **sobre a história de Dom Lefebvre, cuja morte inesperada ocorreu enquanto, em janeiro de 1991, começava a lançar as bases de uma verdadeira organização de suplência à Roma dos "*anticristos*,"** voltando-se decididamente contra essa Roma Conciliar, ao instituir a *Comissão Santo Carlos Borromeu*, **confiada a Dom Tissier de Mallerais**.

O Padre Jean não espera mais nada de Dom Tissier ou de Dom de Galarreta, em continuar a luta de Dom Lefebvre

> “***Para nossos outros dois bispos, espero que no dia oficial do ralimã*** *(que não deve estar tão longe quanto se afirma, pois Bento XVI está envelhecendo...), ou mesmo antes,* ***um deles pelo menos se levantará e continuará a luta de Dom Lefebvre****.”* Padre Jean

São Francisco de Assis se entregando nas mãos da Providência, sabendo que tudo está sob o domínio de Deus e deve contribuir para Sua Glória

E o Padre Jean recomenda a leitura do estudo de Dom Tissier de Mallerais na *Sel de la Terre* (inverno de 2009), onde o bispo mostra que o padre Ratzinger é o padre da falsa teologia da Redenção afirmada no novo rito da missa (1969).

No entanto, é esse mesmo artigo, recomendado pelo Padre Jean, **que o Padre Innocent-Marie proibiu[13] ao padre Schoonbroodt de disseminar, invocando vergonhosamente uma perda de receita para sua revista *Le Sel de la Terre* – de tiragem confidencial** – e fazendo qualificar essa divulgação na internet **de "*atividades parasitárias*," pelo advogado que foi imediatamente acionado para ameaçar com processos nos tribunais da República maçônica o único clérigo "*excomungado*" de 1988 ainda vivo, por ter querido preservar intacta – para si e seus paroquianos – a fé católica e ousar assistir às ordenações dos quatro bispos em Écône por Dom Lefebvre, em 30 de junho de 1988.**

Que reviravolta!

As mentiras e as artimanhas da política aplicada pelos padres de Cacqueray e Dom Fellay são abaladas pela linguagem simples e direta de um filho de São Francisco de Assis.

Pela primeira vez, um clérigo da Tradição pertencente à corrente da FSSPX denuncia a infiltração da FSSPX no mais alto nível e os projetos de traição de Dom Lefebvre concebidos por esses clérigos subversivos.

Pela primeira vez, e esse fato, por suas pesadas consequências, pesa ainda mais, um clérigo da obra de Dom Lefebvre **acusa Dom Williamson de ser um infiltrado trabalhando em conjunto com as autoridades modernistas do Vaticano.**

Segundo algumas informações, **o Padre Jean foi afastado pelo Padre Antoine – um cripto-alinhado, grande amigo do traidor Dom Gérard, hostil, junto com ele, às ordenações de 1988 realizadas por Dom Lefebvre – de suas funções como Mestre dos Noviços e Superior da Casa de Aurenque (criada por ele) nos dias que se seguiram aos seus questionamentos a Dom Fellay, nesta sessão a portas fechadas.**

O Padre Eugène de Villeurbanne (morto em 1990), fundador dos capuchinhos de Morgon, que trabalhou para salvar a Tradição, ao lado de Dom Lefebvre. Se ele estivesse vivo hoje, ficaria horrorizado com esse "*processo*" suicida de "*reconciliação*" com o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI e os modernistas do Vaticano. Sem dúvida, seria o Padre Antoine quem o colocaria no cárcere, a menos que o expulsasse dos capuchinhos como ele merece.

Esse tratamento intolerável e ignóbil dirigido a um clérigo cujo devotamento é exemplar clama por justiça aos Céus.

Os pais do Padre Jean se arruinaram pela generosidade em favor da FSSPX e dos capuchinhos de Morgon.

Eles veem hoje como seu filho é recompensado **por aqueles que desfrutam materialmente de suas próprias doações e sacrifícios:**

> *"**Meu primeiro encontro com Sua Excelência Dom Lefebvre remonta a junho de 1973, em Écône, quando ele convidou meus pais (que legaram uma herança ao seminário) para vir conversar e jantar com ele. Três anos depois, eu estava na missa de Lille. Meus pais sacrificaram toda a sua fortuna familiar para comprar prédios para a Tradição. E neste momento, eles estão esgotando suas últimas forças para adaptar uma hospedaria para nosso convento,** em uma casa que compraram vendendo a última da qual eram proprietários. Acho que meu velho pai morrerá de um ataque cardíaco no dia em que souber que todos esses prédios passarão para o controle da Igreja Conciliar..."* Padre Jean

Ele foi colocado em segredo em Morgon, onde sofreria pressões psicológicas inqualificáveis.

Soube-se também que ele teria sido enviado, para uma breve estadia, pelo Padre Antoine, seu superior - que mantém relações próximas com o pseudo-clérigo que se faz passar por primaz das Gálias e chamado de "*Dom*" Barbarin - para passar um tempo em Avrillé, sem dúvida para ser submetido, por parte desses dominicanos, **a uma segunda lavagem '*religiosa*' de cérebro para tentar submetê-lo à falsa obediência servil, contra sua consciência, e em nome de uma falsa interpretação de seus votos religiosos.**

O padre de Cacqueray tenta uma "*pressão psicológica*" sobre o Padre Jean, para tentar esmagar sua resistência ao processo de morte lenta da FSSPX.

O padre de Cacqueray também estaria envolvido nessa "*reeducação política*" que se revela, ao final, tanto exercida do outro lado da cortina de bambu quanto em um meio de clérigos indignos comprometidos com as autoridades modernistas; não se desvia dos grandes padrões do exercício: **isolamento, pressões psicológicas, humilhações, alternância de calor e frio,**

apelo ao entorno, culpa exacerbada, culto ao chefe, idolatria da obediência, injustiça, ocultação, etc.

O padre Beauvais deu sua contribuição para tentar arruinar a resistência do Padre Jean à política suicida de Dom Fellay:
levar obstinadamente até seu término seu "*processo gradual*" de "*reconciliação*" com os modernistas, que ele acordou com Bento XVI desde 29 de agosto de 2005.

O padre Beauvais teria até sido recrutado por seus superiores **para ir, pessoalmente, e antes de embarcar para a Terra Santa, seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo, exercer pressão sobre os pais do Padre Jean, a fim de virar a família contra o comportamento corajoso de seu filho, e isolá-lo ainda mais.**

Desonrando seu nome e tudo o que deve a Dom Lefebvre, **o pároco de Saint Nicolas du Chardonnet teria assim – se as informações que possuímos forem verdadeiras[14] - aceito desempenhar o papel de um servo sem escrúpulos deste sistema pro-Ratzingueriano e oculto que atualmente controla a FSSPX.**

Oremos pelo Padre Jean e pelos sacerdotes que, dentro da FSSPX, são ferozmente perseguidos por Dom Fellay e pelo padre de Cacqueray, **porque se recusam a adorar os Baals Concilares e seu servidor, o padre apóstata "*super modernista*" Ratzinger-Bento XVI.**

Mas também agimos para denunciar incansavelmente esses clérigos indignos que traem, e aqueles que, frente às suas contradições **diante da firmeza crescente ao longo do tempo de Dom Lefebvre até sua morte (cf. Carta aberta de A. Upinsly a Dom Tissier de Mallerais e enviada a todas as agências de notícias do mundo) insistem aterrorizados em manter um silêncio culpado, acusador de suas desonestidades.**

Diante de tais injustiças e um comportamento tão ignominioso de Dom Fellay e seus subordinados contra os sacerdotes fieis a Dom Lefebvre, é temido que a ira dos Céus não se abata severamente sobre a FSSPX, e venha puni-la por meio dos poderes civis, como sinais do que está por vir, insinuam a desonestidade da política de Dom Fellay em relação a Roma e aos fiéis. Dom Fellay acumula brasas ardentes sobre sua cabeça, à medida que avança na destruição da FSSPX e na ruína de sua credibilidade.

Continuemos a boa luta
A Redação de *Virgo-Maria*
© 2009 virgo-maria.org

Anexos

Carta do Padre Jean (Capuchinho de Morgon) aos Superiores das comunidades amigas da FSSPX

> **Convento St Antoine Aurenque**
> **Castelnau d'Arbieu**
> **32500 FLEURENCE**
>
> **Aurenque, 11 de fevereiro de 2009**
> **Nossa Senhora de Lourdes**
>
> **Declaração Anexa**
>
> Monsenhor,
>
> Meu reverendo Padre,
>
> Minha reverenda Mãe,
>
> Em consciência, diante de Deus e diante dos homens, e para o bem comum da tradição católica – e portanto da Igreja –, parece-me ser meu dever acrescentar à minha carta de desculpas o que se segue:
>
> Após minha intervenção veemente no dia 5 de fevereiro, diante das pressões que me foram feitas, seja em Saint-Nicolas ou em Caussade, respondi que me desculparia pela forma (a raiva), mas não pelo conteúdo (a reclamação).
>
> Lamento, portanto, profundamente meu excesso, não apenas por ter podido escandalizar outros (embora tenha recebido, posteriormente, elogios por telefone e carta), mas também pelo fato de que isso poderia desqualificar ou fazer esquecer o assunto da minha queixa. Além disso, uma simples carta de

desculpas poderia deixar vocês acreditando que eu também lamento o que disse, portanto, sinto-me obrigado a voltar ao cerne da questão e até mesmo a explicitar.

Meu primeiro encontro com Sua Excelência Monsenhor Lefebvre remonta a junho de 1973, em Écône, quando ele convidou meus pais (que haviam legado uma herança ao seminário) para virem conversar e jantar com ele. Três anos depois, eu estava na missa de Lille. Meus pais sacrificaram toda a sua fortuna familiar para comprar prédios para a Tradição. E, neste momento, eles estão usando suas últimas forças para adaptar uma hospedaria para nosso convento, em uma casa que compraram vendendo a última da qual eram proprietários. Acho que meu velho pai morrerá de um ataque cardíaco no dia em que souber que todos esses prédios passarão para o controle da Igreja conciliar...

Até domingo passado, no púlpito, sempre defendi a FSSPX diante dos fiéis e repercuti seus comunicados. Devo confessar uma única indelicadeza – se é que se pode considerar assim – ao anunciar o primeiro "buquê espiritual" de terços em 2006. Depois de ler as três intenções na ordem dada pela fraternidade, começando pela liberalização da missa de São Pio V, acrescentei que, em minha opinião pessoal, o retorno da Realeza Social de Nosso Senhor Jesus Cristo deveria estar em primeiro lugar (Monsenhor Lefebvre dizia que este ponto é mais importante que a missa. Cf. "A Igreja infiltrada..." p.70).

Se não fiz cantar o *Te Deum* após o *Motu Proprio*, foi porque meu superior me deixou livre nesse ponto, e que não queria aclamar um texto que identifica, em um mesmo rito, a missa de sempre e uma missa "bastarda", como frequentemente chamou Monsenhor Lefebvre. Entretanto, li o comunicado de Monsenhor Fellay aos fiéis, que Suresnes não me havia enviado, mas que um fiel encontrou na Internet. Da mesma forma, para o segundo buquê, que anunciei e do qual fiz fotocopiar o comunicado final de Monsenhor Fellay (24 de janeiro) para que os fiéis pudessem ler e levar para casa.

Peço desculpas por essas extensões, mas não se diga que sou contra a FSSPX, um sedevacantista, etc. A FSSPX, considero-a como obra da Igreja e uma segunda mãe para mim: sou grato a ela pela conservação integral da minha fé, da minha vida religiosa e do meu sacerdócio. Amo-a de todo meu coração, e é por isso que eu reajo quando a vejo ameaçada.

Um dos primeiros padres da FSSPX me contava, em um dia de ordenação em Écône, que seu padre lhe ensinou sobre os métodos subversivos, mas proibiu-o de usá-los. Apenas para saber identificar os ataques e as pessoas subversivas. Durante seu tempo como professor em Écône, ele conseguiu descobrir certos seminaristas subversivos e os sinalizou ao cônego Berthod, assim como a Monsenhor Lefebvre. Este último não quis expulsá-los, pois eram bons alunos em outros aspectos. O cônego Berthod considerou a situação grave o suficiente

para ameaçar renunciar se esses elementos subversivos não fossem afastados. Assim, sabemos não só como Écône perdeu um de seus professores mais eminentes, mas também como enfrentou graves crises de dissidência nos anos seguintes.

Sem pretender ser um especialista nesta área, e muito menos estar envolvido nessa luta anti-subversiva – pois consagrei-me totalmente a Deus e aos tempos – penso, no entanto, saber do que estou falando quando uso a palavra subversivo e conhecer pelo menos um mínimo no tratamento das informações, antes de tirar conclusões.

Quando peguei o microfone, disse, mais ou menos, que, junto com vários padres, estávamos muito preocupados com a evolução das relações da FSSPX com o Vaticano, que parecia nos levar lentamente (mas seguramente) a um alinhamento com a Roma conciliar e modernista.

Falando em nome de outros padres, dos quais dois me encorajaram a me pronunciar — o que me repugna fortemente — nesta ocasião, eu não expressei minha convicção pessoal, bem estabelecida há cinco anos, de que essa evolução é apenas um processo habilmente programado por certos padres subversivos que conseguiram ocupar postos estratégicos da FSSPX (superiorias, seminários, mídias e finanças) com o objetivo de levá-la ao alinhamento.

Jean Vaquié já havia elaborado uma lista desses seminaristas (daquela época) e padres subversivos antes de sua morte em 1992; e, se alguns hoje estão alinhados (como o padre Leschenne), outros ainda permanecem em postos de influência, particularmente na França.

Um deles até usa o hábito. No organograma dessa organização subversiva, é necessário colocar nas posições superiores um antigo discípulo do professor Borella (Nancy), que, sob o pseudônimo de Padre Michel Beaumont, ensina aos nossos fiéis na *Fideliter* (N° 163, p.20-25) que, segundo a doutrina clássica dos papas, o Reino Social de Nosso Senhor Jesus Cristo não é mais possível em nosso mundo de hoje.

Desde meu retorno de Paris, a Providência cuidou de me confirmar – se necessário – o progresso deste processo de alinhamento, em um panfleto trazido por um fiel que tinha Internet, um panfleto para assinar e manifestar nosso apoio a Bento XVI. Nos anúncios de domingo, senti que deveria alertar os fiéis contra essa campanha, explicando que devemos apoiar o Papa Bento XVI com nossas orações, pois ele carrega responsabilidades muito pesadas, mas que não se trata de lhe oferecer apoio incondicional, enquanto ele declarou recentemente (oss.nom.fr 23/30 Dez. 08, p.6) que a Igreja se alegra com a autonomia [“autonomia” no texto italiano original] entre o Estado e a Igreja como um grande progresso da humanidade. E convidei nossos fiéis a ler o artigo

de Monsenhor Tissier de Mallerais sobre os graves erros ensinados (e reeditados como estão) pelo professor Ratzinger (*Sel de la Terre* N° 67, p.22-54).

E, ao investigar mais sobre essa petição, encontramos a fonte no site do fórum católico (http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=463376), onde todos podem ler que esta petição emana e é encorajada pelo G.R.E.C., "Grupo de Reflexão Entre Católicos", instituído desde 1997 (nunca fomos informados da existência deste clube há mais de dez anos!), reunindo clérigos e leigos de todas as tendências da "tradição", especialmente os alinhados, mas incluindo a FSSPX, e trabalhando para "permitir um dia uma reconciliação nas formas institucionais e jurídicas". O que pode, evidentemente, ter como alvo somente a FSSPX, a única que está representada e não (ainda) alinhada.

Essa empresa, lê-se também, é encorajada pelo nuncio apostólico, Monsenhor Baldelli, e Monsenhor Breton, bispo de Aire e de Dax, que representa a Conferência dos Bispos da França.

Soube ainda por um confrade da FSSPX que Monsenhor Breton disse ter conhecido o Senhor padre de Cacqueray em uma reunião do G.R.E.C.... Portanto, não fiquei surpreso ao ser informado, há pouco, que o superior do distrito da França havia acabado de exortar todos os nossos fiéis na Mutualidade a assinar essa carta de apoio a Bento XVI.

Precisamos de mais provas da determinação das autoridades da FSSPX em se alinhar com a Roma conciliar? Devemos reouvir a gravação do programa da Radio Courtoisie, de 17 de julho de 2007, onde o padre Lelong, membro ativo do G.R.E.C., não hesitou em assegurar aos ouvintes que, para ele, a direção atual da FSSPX estaria completamente comprometida com o alinhamento, e que, essencialmente, se trataria de conseguir silenciar ou calar os rebeldes na FSSPX?

Estou perfeitamente ciente da gravidade dessas revelações e de suas consequências. Pesei e verifiquei tanto quanto possível, com os meios que a providência se esforçou em me fornecer recentemente. Em consciência, não posso permanecer mais em silêncio, nem me contentar com apenas a oração, nem esperar que a casa esteja completamente em chamas para gritar 'fogo!' Estou absolutamente certo de estar cumprindo meu dever e, portanto, a vontade de Deus, ao compartilhar isso com vocês. Cabe a vocês julgar diante da sua consciência. E pensar no número de almas que estão sob a sua responsabilidade, dadas por Nosso Senhor Jesus Cristo, e das quais vocês terão que prestar contas no dia do julgamento, no que diz respeito ao aspecto essencial da fé: "*Que pedis a Igreja?*" Resposta: A FÉ.

Para o meu futuro próximo, confio totalmente na divina Providência. Espero ser jogado na rua, tratado como 'sedevacantista' (a marginalização por difamação

sendo uma técnica clássica dos subversivos). Caso eu sofra algum infortúnio (pois é necessário prever tudo), confiei esta carta e todos os meus documentos sensíveis a amigos de confiança, capazes de transcrevê-los e divulgá-los se necessário. Sei que meus pais me apoiam e me ajudarão a recomeçar, ou melhor, continuar minha vida religiosa em outro lugar. Isso me entristece muito tornar-me um “vago”, mas se é a vontade de Deus em meio a esta crise inacreditável, *Fiat*!

Pois não confio em Monsenhor Fellay, que cobre toda essa operação com sua autoridade, e não confio muito em Monsenhor Williamson, que foi observado durante seus contatos secretos em Roma na semana após a Páscoa de 2008. Para nossos outros dois bispos, espero que no dia oficial do alinhamento (que não deve estar tão longe quanto se afirma, pois Bento XVI está envelhecendo...), ou mesmo antes, um deles pelo menos se levantará e continuará a luta de Monsenhor Lefebvre.

Nesse dia, que nossos irmãos de Morgon e de Aurenque, que rejeitarem essa capitulação na luta pela Fé, saibam que eu voltarei a me colocar sob a obediência de seu superior ou do mais velho. Enquanto isso, permaneçamos bem unidos na oração do Rosário e confiantes no triunfo final do Coração Imaculado de Maria.

Fr. Jean O.F.M.

Anexos

Dossiê das Referências Virgo Maria sobre o ex(?) Anglicano Britânico da FSSPX Dom Richard Williamson à Rosa

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-26-A-00-Avrille_menace_Abbe_Schoonbroodt.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-28-A-00-Mgr_Williamson_et_les_9.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-26-A-00-Etats-Unis_Williamson_Angles.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-B-00-Lettre_des_neuf.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-22-B-00-Mgr_Williamson_disparait_d_Argentine.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-22-A-00-Pere_de_Mgr_Williamson_Pasteur_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-16-A-00-Mgr_de_Galarreta_compromis.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-09-A-00-Mgr_Fellay-protege-Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-01-E-00-Hoyos_au_secours_de_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-25-A-00-Decret_21_janvier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-23-A-00-Mgr_Williamson_Roberts.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-21-A-00-Sodomie_et_St_Pierre_Damien.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-09-A-00-Doctrine_sur_homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-A-00-Williamson_Camarilla.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-05-A-00-Abbe_Cekada_repond_Mgr_W.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-02-A-00-Diversion_de_Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-03-A-00-Abbe_Meramo-RC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-02-A-00-Mgr_Williamson_Blason_de_Luther.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-06-A-00-Hoyos_ment.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09_20-A-00-VM_Pages_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-18-A-00-Williamson-Loup.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-A-00-Williamson-Diaporama.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/006_2007/VM-2007-06-06/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Rore_refute_l_abbe_Calderon_2.pdf

http://rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-04-24-FR_Refutation_de_l_abbe_Calderon.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-B-00-Mgr_Williamson_tente_de_desarmorcer_VM_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-A-00-Abbe_Cekada_reordinations_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-28-A-00-Abbe_Cekada_refute_abbe_Calderon_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-B-00-Mgr_Williamson_Omission_d_Avrille_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-09-A-00-Hoyos_Versailles.pdf

Referências

[1]http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-22-C-00-Pere_Jean_s_oppose_a_Mgr_Fellay.pdf

[2] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-25-A-00-Decret_21_janvier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-08-A-00-Rappel_Lettre_aux-eveques.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-11-09-A-00-Derniere_tentation_de_Mgr_Fellay.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-14-A-00-Mgr_Fellay_affaire_Rossiniere.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-07-B-00-Fatima_sacrilege.pdf

[3] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-14-A-00-Mgr_Fellay_affaire_Rossiniere.pdf**

[4] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-25-B-00-Abbe_Celier_maitrise_de_philo.pdf

[5] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-01-A-00-Celier_Dieu_Mortel.pdf

[6] **Cf. Forum catholique :** (328673) ***Discussions doctrinales entre Rome et la FSSPX*** par **Dominique Bro (2007-10-05 15:33:54) :**

http://www.leforumcatholique.org/printFC.php?num=328673

Cf. mensagem VM de 16 de outubro de 2007:

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-B-00-Commission-theologique.pdf

ATENÇÃO: PARA VISUALIZAR CORRETAMENTE A NOTA N°7, baixe (clique com o botão direito, "Salvar como") a fonte (Font) "**CELIER**".

Após o download, descompacte e instale a fonte na pasta "Fonts" do seu computador. Por padrão: C:\WINDOWS\Fonts

[7] **segundo o *CV* divulgado na ocasião do lançamento de seu livro-entrevista realizado com Olivier Pichon, "*Bento XVI e os tradicionalistas*" pelas edições *Entrelacs* (Albin Michel), salão do livro 2007, citação:**

- 1976: *obtenção de um* ***bacharelado científico; entrada no Instituto Universitário de Tecnologia de Saint-Denis (Seine-Saint-Denis)****.*

- 1977: descoberta da Tradição católica por ocasião do evento de Saint-Nicolas du Chardonnet.

- 1978: *obtenção de* ***um Diploma Universitário de Tecnologia "Higiene e segurança do trabalho" na Universidade de Paris-Nord****.*

- 1978-1979: trabalho ***em uma empresa de usinagem de urânio fornecendo a indústria nuclear e a aeronáutica****.*

[8] **Cf. mensagem VM de 17 de julho de 2007:**

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-17-A-00-Abbe-Celier-Jim-Morrison.pdf

[9] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-15-A-00-Binome_Aulagnier_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-28-A-00-Chaussee-n1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-29-A-00-Chaussee-n2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-03-B-00-Mgr_Williamson_lache_abbe_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM_2007-06-28-A-00-Abbe-Celier_censure_Mgr_Lefebvre.pdf

[10] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-23-A-00-Meramo-Gnose_de_Borella.pdf

[11] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/008_2007/VM-2007-08-15/VM-2007-08-15-B-00-Abbe_Meramo_MP.htm

[12] **Veja ao final do artigo a lista das referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?) anglicano da FSSPX, Dom Richard Williamson, o bispo britânico da Fraternidade São Pio X e sobre seu poder de perturbação estratégica dentro da Fraternidade.**

[13] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-26-A-00-Avrille_menace_Abbe_Schoonbroodt.pdf

[14] **Caso o Senhor padre Beauvais venha a desmentir essa grave informação como infundada ou imprecisa, comprometemo-nos aqui a publicar amplamente sua retificação ou esclarecimento em *Virgo Maria*, com nossas correções e, se necessário, com nossas desculpas públicas, caso haja justificativa.**

O Padre Ricossa se opõe: Defesa do Segredo de La Salette por um Fiel

O Padre Ricossa se opõe: Defesa do Segredo de La Salette por um Fiel

Sábado, 14 de agosto de 2010

Artigo original disponível no site Virgo Maria

- Introdução
- Preâmbulo
- O Segredo de La Salette foi condenado pela Igreja?
  - Introdução
  - I. Semeadores de pérolas
  - II. Sistinção "sutil" (! ! !)... entre a luz e as trevas
  - III. Por que essa aversão contra o segredo?
  - IV. Argumentos e pessoal da oposição
  - V. os « imprimatur »: pedaços de papel
  - VI. onde Roma e a Igreja se tornam entidades complacentes
  - VII. Desejos e realidades
  - VIII. A Igreja viva aprova o segredo

    - IX. O dilema dos padres
    - X. A histeria, chave do mistério
    - XI. Aparentes contradições
    - XII. Santidade de Melanie
    - XIII. Após os imprimáturs da igreja, aqui estão, lamentavelmente, os imprimáturs do céu...

- Anexos
    - Anexo I: Dois Retratos de Mélanie
    - Anexo II: Um andaime vacilante a serviço da impostura
    - Anexo III: "Os anais de La Salette" antigamente e hoje
    - Anexo IV: Os segredos de La Salette
    - Anexo V: Uma confirmação do Segredo
    - Anexo VI: Uma Tentativa de Explicação da Guerra ao Segredo de La Salette
    - Anexo VII: Para a Intelligência do Segredo

- O segredo de Mélanie
- Referências

Introdução

UMA DEFESA DO SEGREDO DE LA SALETTE

por JEAN-BAPTISTE WILFRID

PRO MANUSCRIPTO 1946

Há anos, o padre Francesco Ricossa se esforça para desviar os fiéis do Segredo de La Salette.

Comentário de Louis-Hubert Remy no final do documento.

Documento das duas questões levantadas publicamente ao padre Ricossa em 28 de novembro de 2009.

Nesta vigília da festa da Assunção da Santíssima Virgem Maria ao Céu, estamos felizes em divulgar **esta defesa do segredo de La Salette publicada em 1946 por um fiel, por ocasião do centenário das aparições**.

Nos últimos anos, o padre Ricossa tem se destacado na tentativa de enterrar o Segredo de La Salette, mesmo enquanto ele continua a se realizar de forma espetacular diante de nossos olhos, pois as palavras da Santíssima Virgem arruínam a falsa teoria do "*Papa materialiter*" que todos os seminaristas de Verrua são forçados pelo padre Ricossa a professar, **enquanto a perda – quase total hoje – do Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido na seita conciliar, priva ontologicamente a última da FINALIDADE MESMO da verdadeira Igreja Católica: Oferecer a Deus o Sacrifício da Nova e Eterna Aliança segundo a Ordem de Melquisedeque, o que torna essa tese totalmente obsoleta e irrealista e até mesmo perigosa, pois impede que a verdade se manifeste e seja oferecida aos fiéis:**

- Ao persistir em desviar os fiéis do conhecimento e da meditação do segredo de La Salette revelado pela Santíssima Virgem Maria a Mélanie Calvat,
- ao manobrar maliciosamente para limpar o satanista Cardeal Rampolla, secretário de Estado do Papa Leão XIII, e torná-lo isento de qualquer afiliação à maçonaria ocultista da

O.T.O.,

o padre Ricossa ilustra bem este "***cloaca de impurezas***" clerical, **expressão que também designa, como se explica no texto, a difusão por parte dos maus clérigos de falsas doutrinas que favorecem a ação inimiga,** estigmatizada pela Mãe do Sacerdócio no Segredo. E mais ainda, o papel particularmente estratégico que desempenha o padre Ricossa, no lugar que lhe pertence e que somente ele pode ocupar, para impedir que a verdade sobre a invalidade ontológica radical do clero conciliar e *Ecclesia Dei* seja conhecida.

O anticlericalismo da Santíssima Virgem Maria foi e continua sendo muito violento em relação a esses maus clérigos que fazem o trabalho dos inimigos de seu divino Filho, pois, por meio de seus atos e escritos, eles impedem que a verdade seja estudada, conhecida e divulgada.

Por seu *Fiat*, co-redentora com Nosso Senhor Jesus Cristo, ela não apenas amaldiçoa os maus clérigos que não proclamam a verdade e até a combatem, **mas os ameaça e lhes promete terríveis castigos**. E o que pode ser pior do que impedir a conscientização de que a FINALIDADE mesmo da Igreja está irremediavelmente perdida **no seio da igreja [seita] Conciliar e das comunidades *Ecclesia Dei*** ?

> "Mélanie, o que vou lhe dizer agora não será sempre segredo, **vocês poderão publicá-lo em 1858**.
>
> "**Os sacerdotes, ministros de meu Filho, os sacerdotes, pela sua má vida, pela sua irreverência e impiedade ao celebrar os santos mistérios, pelo amor ao dinheiro, pelo amor à honra e aos prazeres, os sacerdotes se tornaram cloacas de impurezas. Sim, os sacerdotes pedem vingança, e a vingança está suspensa sobre suas cabeças. Ai dos sacerdotes e das pessoas consagradas a Deus, que, por suas infidelidades e má vida, crucificam novamente meu Filho! Os pecados das pessoas consagradas a Deus clamam ao Céu e invocam a vingança, e eis que a vingança está à porta, pois não há mais ninguém para implorar misericórdia e perdão pelo povo; não há mais almas generosas, não há mais ninguém digno de oferecer a Vítima imaculada ao Eterno em favor do mundo.**
>
> "**Deus vai castigar de maneira sem precedentes. Ai dos habitantes da terra! Deus vai esgotar Sua ira, e ninguém poderá escapar de tantos males reunidos.**" Trecho do Segredo de La Salette

A muito doce e misericordiosa Virgem Maria reserva suas fúrias e os golpes de seu Filho **para os maus clérigos infiéis, em particular aqueles que prestam aos inimigos seculares da Igreja um serviço incomensurável que o pior dos progressistas não poderia prestar, pois ele não poderia manter os católicos da Tradição na ignorância do verdadeiro perigo.**

- Por que essa reabilitação do luciferiano cardeal Rampolla?

- **Por que esse silêncio contínuo sobre o Sacerdócio** sacrificial **católico e as condições de sua validade sacramental** intrínseca? O padre Ricossa NUNCA fala e NUNCA escreve sobre o Sacerdócio sacrificial católico segundo a ordem de Melquisedeque.
- **Por que** o silêncio total da revista *Sodalitium***, até seu número 63, e do padre Ricossa** sobre o papel subversivo do Anglicanismo britânico **(Plano Pusey, OCR, Lord Halifax, Dom Beauduin e os "beneditinos" anglicanos, etc.) e sobre a tentativa de infiltração dos Anglicanos britânicos no século XIX na Igreja Católica (Movimento de Oxford) ?**
- Por que esse silêncio total do padre Ricossa sobre a Bula "*Apostolicae Curae*" do Papa Leão XIII **que declara finalmente de forma infalível que as Ordens Anglicanas são "*Totalmente nulas e totalmente vãs*", bula papal que foi qualificada em 1896 como "*a Lepanto do sacerdócio sacrificial católico*"? O padre Ricossa poderia ter sustentado que nessa época a seita anglicana britânica ainda poderia pertencer "materialmente, mas não formalmente" à verdadeira Igreja Católica?**
- **Por que essa enorme resistência a estudar a questão da invalidade intrínseca do novo rito de consagração episcopal?**
- Por que essa ausência total de estudos sobre redes homossexuais (homossexualidade que é o castigo do pecado contra o Espírito) dentro do clero, seja conciliar ou tradicional?
- Por que essa ausência total de estudos sobre a subversão pelas lojas britânicas Rosacrucianaso e pelo anglicanismo, sendo que se trata da cabeça do ataque contra a Igreja há mais de 150 anos?

Essas questões devem ser levantadas publicamente ao padre Ricossa.

O leitor encontrará anexo o texto das duas questões públicas que um ouvinte lhe fez ao divulgar este texto, por ocasião da conferência que o padre Ricossa deu em Paris em 28 de novembro de 2009, duas perguntas às quais o padre Ricossa não quis ou não pôde responder substancial e diretamente, exceto de maneira perfeitamente dilatória.

O texto de 28 de novembro de 2009 pode ser baixado a partir deste link:

http://www.virgo-maria.org/Documents/2009-11-28_Questions-a-Don-Ricossa.pdf

Qual jogo o padre Ricossa joga, já que seu comportamento é o jogo ideal, sonhado pela Loja!, bloqueando o estudo da invalidez intrínseca do novo clero?

Em maio de 1940, o agente mais perigoso para a França não era o sindicalista comunista submisso a Stálin que transmitia informações sobre uma fábrica de armas aos seus líderes, mas o pior inimigo da França, o mais perigoso, era o oficial distinto, apaixonado pelas tradições, elegante em seus modos, habituado aos salões e à alta sociedade, que, no seio do Estado-Maior francês, impedia que a travessia das Ardenas pelas tropas alemãs fosse conhecida antes de ter sido concluída. No final, aquele que mais contribuiu para destruir a França e assinar sua morte será esse oficial insuspeitável e não o militante marxista doutrinado.

Em 2010, a situação é semelhante na Igreja. Em bloquear a verdade, em impedir que seja estudada e conhecida, o padre Ricossa é muito mais útil às Lojas Rosacruz anglicanas que conceberam o atentado sem precedentes de 1968 contra o Sacerdócio sacrificial católico, muito mais do que as extravagâncias "pré-Vaticano III" de um "Cardeal" Gaillot ou o zelo progressista de um "Cardeal" Hippolyte Simon.

Cinco anos após a verdade sobre a ponta mais fina do complô contra a Igreja ter sido exposta ao público (livros de *Rore Sanctifica* em agosto de 2005[1]), as estudos teológicas na Tradução continuam a ser bloqueadas **pelo padre Ricossa em Verrua e pelo Padre Pierre-Marie (Geoffroy de Kergorlay)** em Avrillé. Aqui estão os dois servidores irremediáveis da defesa do atentado contra o Sacerdócio católico instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo. Aqui estão os dois adversários decididos e objetivos da Mãe do Sacerdócio e do seu divino Filho. Aqui estão os dois homens que, por sua ação subversiva, vão colocar em perigo, em breve, de maneira irreversível, a perpetuação dos canais sacramentais do favor divino. Desculpe por pouco. Poucos clérigos carregaram sobre suas costas tal responsabilidade na destruição da Igreja católica. **Dom Botte, Padre Lécuyer** e seus comandatários altamente iniciados não poderiam imaginar tais campeões de sua causa e melhor continuidade.

O padre Ricossa em Verrua e o Padre Pierre-Marie (Geoffroy de Kergorlay) em Avrillé são suficientemente inteligentes e perfeitamente informados. Sua ação ao serviço da ocultação da verdade não é, portanto, nem um efeito da ignorância ou de um falta de compreensão de sua parte. Eles sabem ambos exatamente do que estamos falando e medem corretamente a amplitude de seus atos e escritos. Eles, portanto, não têm nenhuma desculpa e não podem se basear em nada para defender sua inocência. Esses dois clérigos são obstinados em sua ação de bloqueio, **seus escritos são astutamente lapidados e calculados para bloquear a melhor os questionamentos dos fiéis** frente à realidade da invalidade radical do novo clero.

Não estamos, portanto, diante de irresponsáveis que tateiam em teologia sacramental como novatos pouco versados em seu assunto. Estamos diante de dois clérigos que são eficazes apenas porque eles dominam completamente o assunto que eles têm empreendido a bloquear e a enterrar.

Se **cinco novos anos vieram a ser ganhos pelos maçons Rosacruz**, inimigos da Igreja, na sua destruição biológica do clero válido por interrupção das linhas episcopais, eles o devem, em primeiro lugar, a esses dois clérigos que **depois de 60 meses colocam todas as suas forças para sufocar a verdade** e obstruir qualquer estudo sobre esse dossiê explosivo e quanto salutar para o salvação das almas.

O escândalo do comportamento desses dois clérigos tem tal repercussão para a sobrevivência do Sacerdócio católico que, agora que as vias humanas têm sido completamente esgotadas, nós nos entregamos à **a ação super-natural decisiva da Mãe do Sacerdócio para que, nesta Festa de 2010 da Assunção**, ela tenha piedade das almas que morrem por causa desse clero prevaricador e que ela que "perseguirá os demônios, os combata em toda parte, reprima sua ousadia e os atire no abismo" [2], agir poderosamente para que a verdade explode apesar dos esforços insidiosos desses dois clérigos para prendê-la.

Ao estilo dos maçons que, quando estão publicamente sem argumentos, tentam desacreditar e difamar seus contraditores qualificando-os publicamente de 'antisemitas', assim o padre Ricossa, sem argumentos para justificar seu **silêncio constante e VOLUNTÁRIO sobre o Sacerdócio sacrificial católico e sobre as condições de sua validade sacramental intrínseca, não para de difamar publicamente seus contraditores qualificando-os a todos os momentos de 'anticlericais'**.

Isso realmente é lastimoso!

A Muito Santa Virgem Maria parece já ter respondido com as palavras de seu mistério.

Continuemos o bom combate

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2010 virgo-maria.org

DOCUMENTO

UMA DEFESA DO SEGREDO DE LA SALETTE

por Jean-Baptiste WILFRID

PRO MANUSCRIPTO 1946

sed verbum Dei non est alligatum

mas a palavra de Deus não está encadeada.

(II Tim. 12-19)

Preâmbulo

Um grupo de amigos de La Salette sentiu a necessidade, neste ano centenário da divina Aparição, de preparar uma defesa desta Mensagem tão geralmente ignorada, deformada ou combatida por muitos católicos.[3]

Eles sabem que as Lágrimas de Maria em La Salette têm uma explicação infinitamente mais ampla e mais augusta do que aquela que foi dada pela piedade, mesmo ardente, de católicos demasiadamente desavisados quanto ao mistério dessas Lágrimas.

E lhes pareceu que este Centenário de uma Mensagem, que de certa forma abre a série das grandes Aparições marianas modernas, deveria ser ao mesmo tempo o fim de uma trágica incompreensão dessas Lágrimas e a aurora de uma Reparação cuja Consagração da Humanidade ao Coração Imaculado de Maria é talvez o preâmbulo.

A Santíssima Virgem chorava em La Salette, sem dúvida porque Ela via o triste destino que seria dado ao seu aviso maternal. Ela via este aviso sendo rejeitado; rejeitado menos por “seu povo” do que por alguns de seus sacerdotes, “ministros de seu Filho”. E Ela se via, a partir de então, impotente para deter o Braço desse Filho, Braço que se tornara pesado demais por causa deles.

Por eles, a mensagem de misericórdia tornava-se uma mensagem de justiça da qual toda a terra, diante de nossos olhos, carrega a ferida. E além dessa ruína da natureza e da carne, Ela via a ruína das almas, o endurecimento dos corações: “Só se ouvirão gritos de armas e blasfêmias!”

Ah! como se compreende essas Lágrimas; como elas são luminosas!

Esses amigos de La Salette propõem-se a mostrar e provar, por meio de um número considerável de testemunhos de primeira linha, que, ao contrário do que é afirmado com muita frequência, o “Segredo de La Salette”, peça fundamental da Mensagem, nunca foi realmente desaprovado, muito pelo contrário.

Eles querem trazer essa prova em um tempo em que a impotência dos homens em fazer reinar uma paz verdadeira é manifesta, impotência que decorre, em grande parte, da rejeição da mensagem de misericórdia que a Santíssima Virgem, em suas lágrimas, pediu para *fazer passar a todo seu povo*, e que sua obstinação pode transformar, mais uma vez, em mensagem de justiça.

De modo que o ato que eles desejam cumprir é um retorno à obediência pela qual esperam a liberação da hipoteca que esteriliza antecipadamente todas as obras e todas as orações dos católicos em favor de uma paz que Deus não pode conceder a uma Sociedade que rejeita as Lágrimas de sua Mãe.

> « *Fala, ordena, reina*... ».
>
> « *Vinde e salva-nos*... ».

Esses são os cânticos que amamos cantar.

Mas será oportuno, após isso, rejeitar a vontade claramente expressa de Maria que vem para nos *salvar*?

É adequado, depois disso, resistir a Deus que nos envia sua Mãe para nos *falar* em seu nome, para instituir seu *Reino* sobre a terra?

Que tal seja, no entanto, nossa duplicidade, um breve resumo de nossa história contemporânea é suficiente para demonstrá-lo.

Dedicamos, em nosso estudo, algumas páginas mostrando as relações de causa e efeito entre a Mensagem de La Salette e a guerra de 1870, da qual o Cerco de Paris, *no dia 19 de setembro*, nos convida, pela própria data, a reconhecer o sinal.

Mas a provação serviu, a Santíssima Virgem, em Pontmain, interveio, e a França (*Gallia pœnitens et devota*), lembrou-se da promessa de 1689. A Assembleia Nacional, em 1873, decretou «de utilidade pública» a construção da Basílica do Sagrado Coração. Tudo poderia, então, ser salvo!

Mas logo, em 1880, a França deu o sinal da guerra ao Segredo de La Salette, como será narrado em nosso estudo. Imediatamente, a partir de 1881, a perseguição religiosa começou, as primeiras congregações religiosas foram exiladas, e todo o cortejo das leis laicas deveria seguir para culminar nos atuais projetos de supressão do ensino religioso em todos os níveis. E essa guerra não era, ela própria, senão a consequência de uma política interna que ia, sempre de maneira regular, cada vez mais para a esquerda, em meio a orações intensas, mas sempre estéreis, visando a «boas eleições»...

A esse retrocesso das leis e das assembleias se configura o dos próprios franceses.

A guerra de 1870 foi compreendida, pelo país, como um flagelo, e um profundo despertar do sentimento religioso se seguiu, que logo foi, infelizmente, contrariado pelo novo pessoal político.

O toque de recolher de agosto de 1914 conseguiu encher as igrejas durante vários meses; as pessoas se confessavam, nos bancos, nas ruas, nos pátios dos quartéis.

Mas 1939 não viu nada semelhante. A consigna dos religiosos liberais era negar a guerra punitiva; estava longe do *Gallia pœnitens*... de 70, e, nesse mesmo golpe, longe do arrependimento!

As orações não faltaram, por outro lado, para conjurar as guerras!

Uma peregrinação pela paz se encerrava, em Lourdes, em 1914, justo no momento em que estourava a guerra. Outra, também pela paz, se encerrava, em Lourdes novamente, em 1939, nas

mesmas condições, e os bispos da França faziam o voto solene de construir ali uma basílica em agradecimento, se ela fosse evitada; um Congresso Eucarístico acabara de ser realizado em Argel pela paz; outro se preparava, com o mesmo objetivo, em Nice. Ao mesmo tempo, deveria ocorrer, em Roma, uma peregrinação internacional de ação católica da J.O.C. pela paz; para a paz também havia sido realizado o excepcional tríduo de missas em Lourdes, dois anos antes, e por toda parte, na França e no exterior, as orações e súplicas subiam ao Céu pela paz. Por fim, a manifestação do estádio de Colombes, a de Vézelay e outras formam um conjunto de orações que não podem ser perdidas para os indivíduos, mas que até agora permanecem sem resultado para o objetivo que as suscitou.

De toda evidência, o Céu permaneceu surdo a essas orações, assim como permanece surdo hoje às súplicas por uma paz verdadeira.

Ora, essa longa série de infortúnios, da qual ninguém poderia ter ideia há cem anos, foi anunciada por essa Mensagem de Maria, que tinha como objetivo evitá-los, e Mélanie, iluminada por sua Visão, profetizou a realização da qual nos deu o motivo insistentemente: o rejeito do divino Segredo. Pode-se medir, assim, a culpa daqueles que organizaram seu silenciamento.

E com que receios não devemos olhar para o futuro, quando, por ocasião do Centenário, vimos aumentar, por parte dos próprios guardiães do Santuário, os ataques que desencadearam a guerra no Reino de Maria!

Se, portanto, nossa desobediência em relação a esse ponto capital foi a origem de todos os nossos males, não é pelo retorno à obediência que poderemos esperar o perdão de nosso orgulho e nossa reconciliação com Deus?

Resta-nos mostrar que *o Segredo de La Salette* é, de fato, a autêntica Palavra de Maria; que nossa Rainha ordenou expressamente que *fosse transmitido a todo seu povo*, e que a Igreja sempre reconheceu a divina Mensagem, apesar de algumas personalidades eclesiásticas que tentaram fazer acreditar o contrário.

Nosso estudo tem como objetivo pôr fim ao escândalo intolerável daqueles que ousaram dizer que a Igreja “desaprovou” ou “condenou” o Segredo.

Sua mentira é da mesma natureza que aquela que equipara a Igreja a outros eclesiásticos do século XV, que a acusam de ter queimado Joana d'Arc.

Cabe aos amigos da verdade pôr fim a tal escândalo; esse é o propósito de nosso estudo.

Finalmente, encontrará nessas páginas motivos inéditos e convincentes para reconhecer a origem divina do Segredo, graças aos recentes ataques de seus adversários que trouxeram, sem querer, mas providencialmente, preciosos materiais para nossa defesa.

19 de setembro de 1946.

TUMBA DE MÉLANIE CALVAT ELEVADA AO CENTRO DA IGREJA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Esta igreja foi construída no local da casa funerária da santa Pastora no Monte Calvario de Altamura (Itália)

TRADUÇÃO DO EPITÁFIO:

"Aqui, no sagrado templo de Deus, descansam em paz as relíquias da humilde Pastora de La Salette, Mélanie Calvat. Nascida em Corps (na terra da França) em 7 de novembro de 1831, ela faleceu em odor de santidade em Altamura em 14 de dezembro de 1904. Sua vida foi apenas trabalho e aflições.

Com todo o afeto filial do seu coração, aqui, as FILHAS DO DIVINO ZELO DO CORAÇÃO DE JESUS velam piedosamente Mélanie, que é sua sábia CO-FUNDADORA.

Em tua paz eterna, ó alma privilegiada, sempre serás invocada e rezada por suas queridas filhas e irmãs em Jesus e Maria!"

O Segredo de La Salette foi condenado pela Igreja?

Introdução

RESPOSTA À 'FICHA SALETINA Nº 5' E A ALGUNS OUTROS QUE A AFIRMAM [4]

> “ *Quem ama a verdade detesta o erro.*
>
> *Mas essa detestação do erro é o critério pelo qual se reconhece o amor à verdade.*
>
> *Se você não ama a verdade, pode dizer que a ama e até fazer com que os outros acreditem;*
>
> *mas tenha certeza de que, nesse caso, você carecerá de horror pelo que é falso*
>
> *e, por esse sinal, se reconhecerá que você não ama a verdade.*
>
> Ernest HELLO.

Existe um opúsculo que lança uma clara luz sobre a Aparição de La Salette, integralmente relatada pela Vidente, Mélanie Calvat, que dedicou toda a sua vida a transmitir sua Mensagem "a todo o povo de Maria", como havia recebido a ordem.

Ela *nunca variou* em sua afirmação de uma Mensagem que compreende diferentes partes que publicou, cada uma no tempo apropriado.

Essa Mensagem se compõe do Discurso público, do Segredo (o qual deveria permanecer secreto apenas até uma data determinada) e da Regra de uma Nova Ordem.

Este opúsculo possui o *Imprimatur*, concedido em Roma pelo R.P. Lepidi, O.P., Mestre do Sagrado Palácio, Assistente Perpétuo da Congregação do Índice, e esse *Imprimatur* é reforçado por um autógrafo do Mestre do Sagrado Palácio: "Essas páginas foram escritas pela pura verdade".

Esta preciosa publicação torna conhecidas as altas aprovações das quais foi revestida a Mensagem *integral* de Mélanie, *incluindo o Segredo*, aprovações de Príncipes da Igreja e de bispos que morreram em fama de santidade, aprovações também dadas por dois Papas, como será dito adiante.

Esta brochura mostra claramente a fidelidade da Mensageira, bem como sua imensa importância, sublinhada, aliás, pelos eventos presentes que a realizam na letra e no espírito.

I. Semeadores de pérolas

A luz sobre La Salette, no entanto, ainda não deveria ser definitiva.

Devemos nos surpreender com isso?

Seria desconhecer a astúcia do Maligno. Ele irá inspirar um autor obscuro que, sob o pretexto de zelo mariano, irá imaginar inserir, no opúsculo do P. Lepidi, várias páginas impressas, com um vitriolo de sua própria lavra, e assim fazer condenar o conjunto da obra aprovada pelo Mestre do Sagrado Palácio, mas aumentada de seu libelo injurioso.

Oh! Certamente, foram necessários inimigos na situação. Teria sido elementar e fácil fazer a distinção, condenando a adição, respeitando o original aprovado. Mas o Inimigo não poderia deixar passar a oportunidade de um esmagamento que ele acreditava ser definitivo da Mensagem abominada, fazendo crer na condenação do luminoso opúsculo que a justificava.

II. Sistinção "sutil" (! ! !)... entre a luz e as trevas

"A ficha saletina n° 5" fala de "distinções sutis entre o segredo e certas diatribes venenosas contidas na brochura condenada".

"CONTIDAS". Eis aqui a confissão de que a brochura condenada é aquela que *contém* o panfleto injurioso. Pois há, de fato, *duas brochuras*: uma aprovada pelo P. Lepidi e a outra, que é obra de um falsificador que adquiriu uma pequena parte da edição autêntica para colar sua obra clandestina (Carta ao Sr. padre Z., assinada Mariavé, em 2 de fevereiro de 23), tentando encobri-la com o título da brochura aprovada em 6/6/22.

Sem mesmo esperar a condenação de 9/5/23, o Editor imediatamente processou o Dr. Grémillon (Mariavé) e exigiu dele a retirada das brochuras falsificadas.

Não há "sutileza" quando se procede à indispensável restituição das duas paternidades, grosseiramente e intencionalmente confundidas; a primeira, apenas, tendo recebido a aprovação da Igreja, a segunda, merecendo a censura.

Portanto, a brochura intitulada:

A Aparição da Santíssima Virgem

na Montanha de La Salette

no sábado, 19 de setembro de 1846;

simples reimpressão do texto integral publicado

por Mélanie

com o Imprimatur de Sua Gr. Dom Sauveur Louis, Cte Zola

Bispo de Lecce, em 1879,

seguido de algumas peças justificativas.

Tudo publicado com o Imprimatur do R.P. Lepidi, O.P.,

Mestre do Sagrado Palácio, Assistente Perpétuo da

Congregação do Índice

Emitido em Roma em 6 de junho de 1922

(Sociedade Santo Agostinho, Paris-ROMA-Bruges)

e não aumentado pela "diatribe venenosa", fraudulentamente adicionada posteriormente *à revelia dos autores*, conserva toda a autoridade que lhe confere a alta aprovação do Mestre do Sagrado Palácio, apesar da confusão que a "ficha saletina n° 5" pode causar.

Produziremos em tempo hábil, se necessário, augustos testemunhos pelos quais se verá que a autoridade das "páginas escritas pela pura verdade" permanece intacta após a inclusão no índice, em 1923, da brochura falsificada.

Adicionemos que pessoas de boa fé puderam ser enganadas por essas manobras, uma vez que o texto de condenação do decreto de 1923 se absteve de citar o título completo da brochura em questão, omitindo o *Tudo com o imprimatur do R.P. Lepidi, Mestre do Sagrado Palácio...* uma vez que a brochura denunciada ao Santo Ofício continha precisamente uma adição estranha a esse "TUDO".

A confusão aumentou ainda mais, pois o catálogo do Índice se limitou a citar:

"L*a Salette. - A aparição da Santíssima Virgem, decreto de 9/3/23*", um procedimento bibliográfico inaceitável, uma falta grave por omissão, que pode fazer crer que o próprio Fato da Aparição foi condenado. (Toda referência bibliográfica deve citar integralmente todas as características de uma obra: título completo, local e ano da edição, número de páginas, etc...)

Que todo amigo da verdade, agora esclarecido sobre o valor e o interesse da preciosa brochura, não deixe de fazer dela seu tesouro e de divulgá-la ao seu redor.

III. Por que essa aversão contra o segredo?

Quanto ao motivo da implacável hostilidade contra o Segredo, ele reside principalmente, como se sabe, nas reprovações que ele contém direcionadas a certo clero, uma simples reedição da hostilidade do Sinédrio que levou Jesus ao Calvário. E se os judeus não puderam suportar que o Salvador censurasse os “sepulcros caiados”, não pode haver tolerância, *a fortiori*, que a Rainha do Clero, aparecendo em La Salette (do *salgado*, sal), dirija-se ao “Sal da Terra” e lhe deixe entender que seu enfraquecimento é a causa principal da decomposição da massa!

Não se pretende, nestas poucas páginas, esgotar a explicação da luta contra o Segredo. Existem motivos muito superiores a estes, dos quais daremos uma breve visão mais adiante (Anexo VI). Mas é suficiente saber que Aquela que a Igreja qualifica de *Trono da Sabedoria* havia solicitado expressamente que a mensagem divina fosse “transmitida a todo o seu povo”.

IV. Argumentos e pessoal da oposição

É preciso dizer isso imediatamente. Entre os principais inimigos do Segredo de Mélanie estão os próprios Padres de La Salette, ou, pelo menos, alguns deles, aqueles, infelizmente, que têm a palavra!

Os tempos atuais nos ensinaram a não nos surpreender mais com nada. Portanto, vamos rapidamente afastar a tristeza de tal constatação, e resumir fielmente seus principais argumentos, limitando-nos, para começar, a reter aqueles que formulam contra a brochura do P. Lepidi. E depois, com esses argumentos reduzidos a nada, o trabalho aprovado pelo Mestre do Sagrado Palácio persistirá; bastará lê-lo para ter sobre o conjunto da questão *tudo o que é necessário para conhecer o essencial da questão*.

V. os « imprimatur »: pedaços de papel

Aqui está, portanto, um libelo oriundo de La Salette (ficha saletina n° 5) pelo qual se aprende, no final, que:

«Roma desaprovou claramente as publicações (do segredo) que apareceram, revestidas ou não de um '*imprimatur*'...»

Pois bem, na verdade:

1° Houve uma primeira edição do Segredo em 1873 com a aprovação do Arcebispo de Nápoles, cuja ordem das partes difere da publicada definitivamente em 1879, mas que contém a substância de tudo o que esta última trará mais tarde.

2° Há o *Imprimatur* de 1879, dado por Mons. Zola, ao texto completo da Aparição, incluindo o Segredo. Esses *imprimatur* nunca foram *retirados*; essas brochuras nunca foram condenadas.

3° Houve o *Imprimatur* concedido em 1922 pelo P. Lepidi na brochura mencionada. Esta brochura foi o objeto da aversão em questão e, por isso, a alvo da condenação de 1923. Mas essa condenação, como vimos, se anula por si mesma, já que a alta autorização permanece para a edição autêntica onde as folhas *fraudulentamente* impressas *à revelia dos autores* não foram inseridas.

VI. onde Roma e a Igreja se tornam entidades complacentes

Para estabelecer a todo custo que a Igreja (?!) condenou o Segredo, a “ficha saletina” menciona a inclusão no índice (real, esta) de duas obras do padre Combe. Mas trata-se apenas de *comentários* sobre o Segredo, não do Segredo em si.

É preciso dizer que “A IGREJA”, que “ROMA” sempre “SUSPEITOU”, ou “DESAPROVOU”, ou “CONDENOU” essas publicações que apareceram “COM OU SEM IMPRIMATUR”.

Mas após a inclusão no índice desses livros, que se propunham acima de tudo a comentar o Segredo, e após a condenação em porta-voz da brochura falsificada da qual falamos, o que resta a esses oponentes para a justificativa de sua tese? Restam dois argumentos, dizemos DOIS, que a brochura do Mestre do Sagrado Palácio irá reduzir às mais humildes proporções:

1° As cartas do Cardeal Caterini de 1880.

2° O decreto de 1915.

Algumas observações se impõem aqui sobre as cartas de Caterini.

a) Na verdade, houve várias cartas, das quais duas são geralmente citadas: uma de 8 de agosto de 1880 ao Superior dos Padres de La Salette; a outra, ao Bispo de Troyes, Mons. Cortet, com data de 14 de agosto do mesmo ano.

As *Annal de La Salette*, de maio de 1943, citam bem esta carta, inclusive fototipada. Mas se abstêm de reproduzir a do dia 8 de agosto, que foi endereçada *a eles*. E por uma boa razão!

É que esta carta foi publicada *com reticências* que suprimiam a conclusão embaraçosa de uma frase que aqui é restituída à sua integridade original, ao menos substantiva: “Que os exemplares sejam, tanto quanto possível, retirados das mãos dos fiéis, mas *mantenha o opúsculo nas mãos do Clero para que ele se beneficie*.” Esta é, ao menos, a tese sustentada após certas confidências, desde a publicação da famosa carta. Os bons Padres a qualificam como uma lenda. Seria tão fácil para eles destruí-la apresentando a fotocópia desta carta de 8 de agosto, como fizeram tão prontamente com a de 14!

Essas reticências incômodas (que substituímos pela restituição sublinhada), inicialmente reproduzidas em revistas ou publicações religiosas, logo foram suprimidas sem explicação. Mas a ausência de qualquer fórmula de cortesia ainda testemunha essa supressão.

b) Mas é especialmente importante notar o caráter privado dessas cartas, apesar do ar oficial que os opositores gostariam de lhes conferir; um caráter privado que decorre do simples fato de que a data da reunião dos membros da Congregação não é indicada, como é habitual em casos semelhantes.

Dois cardeais que faziam parte dessa Congregação ignoravam tudo sobre a suposta decisão (carta de Mélanie, p. 30). [5]

c) Essas cartas privadas do cardeal não podem fornecer outra coisa senão a opinião *pessoal* de seu autor, provocada, aliás, pela insistência e até certas ameaças de seus correspondentes, como o cancelamento da Coleta de São Pedro, entre outros. [6]

d) Essas cartas privadas do cardeal não proibiam de forma alguma o Segredo, apenas solicitavam que ele fosse retirado, tanto quanto possível, das mãos dos fiéis (e não das dos padres).

Por outro lado:

A opinião pessoal do cardeal Caterini não pode prevalecer contra a opinião pessoal de Sua Santidade Leão XIII, que, ao mesmo tempo, encarregava Amédée Nicolas de "redigir *uma brochura explicativa do Segredo inteiro para que o público o compreendesse bem*" (p. 31).

Aqui, o conselho dado pelo cardeal é substituído pelo de fazê-lo ser bem compreendido por esse mesmo público; esse conselho está em plena conformidade com a ordem dada pela Santíssima Virgem: "Você o fará passar a todo o meu povo".

Em 1912, o cardeal Luçon, ao ser interrogado sobre a mesma questão, consultou a Congregação do Índice e do Santo Ofício, a qual respondeu que dois livros do padre Combe estavam condenados, mas *de forma alguma o Segredo* (p. 38).

Quanto ao famoso Decreto de 1915, aqui está o que é dito "nessas páginas escritas pela pura verdade":

"Esse Decreto proíbe tratar e discutir a questão do Segredo de La Salette, mas não impõe absolutamente nenhuma censura, nem sobre o opúsculo de Mélanie, nem sobre o segredo em particular, nem qualquer defesa de possuí-lo, lê-lo ou difundi-lo".

Permitir que se continue, ao contrário das insinuações e declarações da "ficha saletina", a leitura do Segredo, a sua posse e divulgação, resulta suficientemente da simples comparação das datas: do decreto (dezembro de 1915) e da brochura altamente aprovada pelo Mestre do Sagrado Palácio (junho de 1922).

Lembre-se, além disso, que o famoso *Decreto* de 21 de dezembro de 1915, ao contrário de todas as regras canônicas, foi inserido nos *Acta Apostolicæ Sedis*, munido apenas da assinatura de um

notário, e sem menção da aprovação pontifical.

VII. Desejos e realidades

Em um desatino das paixões que lembra aquele que foi vítima Nosso Senhor, ouviram-se sacerdotes afirmarem que, mesmo se o Segredo fosse autêntico e provasse que Nossa Senhora ordenou sua publicação, teríamos o dever de desobedecê-la, uma vez que a Igreja dava a ordem contrária!

Atribuir à Igreja um papel não menos ridículo do que odioso não é suficiente para tais casuístas; é preciso também inventar uma condenação que nunca existiu a não ser em seus desejos.

Mas como sua afirmação, ao ser repetida, corre o risco de enganar um público mal informado, não será inútil mostrar a impossibilidade *de fato* de tal condenação nas circunstâncias do caso.

Portanto, apresentemos aqui as razões dessa impossibilidade. Tirámo-las de um outro folheto de Amédée Nicolas: «O Segredo da Pastora de La Salette», publicado em Nîmes em 1881. O autor, como se sabe, tinha a plena confiança de Leão XIII, muito versado nas questões de direito por sua formação de advogado, e muito informado sobre tudo que diz respeito aos inícios de La Salette e à oposição que se seguiu; ele demonstra que uma condenação implica um julgamento e acrescenta:

> Um tal julgamento, em razão do longo procedimento que é necessário seguir em tais matérias, *demoraria cerca de quatro anos.*
>
> O Segredo sendo, por um lado, uma revelação, e, por outro, vinculado ao milagre da Aparição, era necessário primeiro fazer com que Mélanie comparecesse diante do Santo Ofício, interrogá-la e examiná-la longamente e em várias ocasiões para bem determinar o espírito que a animava, e saber se era divino, diabólico ou humano. Era necessário conhecer toda a vida da pastora, seja antes, seja desde o acontecimento da Aparição. Era necessário verificar e estudar o Segredo em todas as suas partes, compará-lo com as Sagradas Escrituras para saber se era contrário ou conforme a elas, comparar com os eventos dos quais nossa geração foi testemunha a parte deste documento que se relaciona a esses eventos, para saber se esses eventos ocorreram ou não; era necessário convocar para testemunhar todas as pessoas que poderiam dar informações sobre a Vidente. Era necessário levar em conta todas as graças corporais ou espirituais que foram obtidas pela invocação de N.S. de La Salette, e que estavam consignadas tanto nas *Annalés de La Salette* quanto em outras obras. Além disso, era preciso lidar com os mil santuários estabelecidos nas cinco partes do mundo, fazer investigações, dar comissões rogatórias por toda parte. Ora, nenhuma dessas coisas, que são os preâmbulos

> forçados dos caminhos de instrução impostos pelo direito, foi feita, isso é certo; portanto, é também certo que não houve, no Santo Ofício, em 14 de agosto de 1880, nem julgamento, nem julgamento "severo", nem "condenação categórica", embora disso tenha falado o diretor da *Semaine Liturgique* de Marselha (e vários outros); é mesmo impossível que tenha havido um...
>
> Imaginemos agora, por hipótese, as consequências de uma condenação.
>
> Rejeitar o Segredo publicado por quem o recebeu exclusivamente, prossegue Amédée Nicolas, seria, aos nossos olhos, e aos dos espíritos lógicos e razoáveis, rejeitar o milagre todo, reverter completamente; essa reversão acarretaria a do mandamento doutrinal de 19 de setembro de 1851, dos dez breves, indultos e reescritos dados pelo Papa Pio IX em favor de La Salette, dos mandamentos de 4 de novembro de 1854 e 19 de setembro de 1857, da elevação à condição de *basílica menor* do santuário da montanha, e da coroação de 21 de agosto de 1879.
>
> «Desde os primeiros dias, os pastores disseram que haviam recebido cada um *um segredo particular*. Portanto, os segredos fazem parte integrante, *necessária* e *essencial* do milagre. Se, de fato, não houve segredos dados, as crianças *mentiram*. Se elas mentiram sobre este ponto, não se pode crer nelas sobre nenhum outro, e o milagre desaparece».

VIII. A Igreja viva aprova o segredo

Encontraremos na justa e serena brochura do P. Lepidi os NOMES de SEIS Bispos, Arcebispos e Cardeais que conheciam profundamente Mélanie e sua Mensagem. Será que esses Príncipes da Igreja, aos quais deve-se adicionar o Arcebispo de Messina e o Mestre do Sagrado Palácio, não faziam parte da Igreja?

Mas isso não é tudo. Pio IX e Leão XIII tomaram, em relação ao Segredo de Mélanie, uma posição que condena a dos opositores. O testemunho do santo bispo de Lecce é, a esse respeito, irrefutável.

Encontra-se na página 29 da brochura do P. Lepidi, em uma carta de Monsenhor Zola, a afirmação de que uma obra intitulada: *Os Segredos de La Salette e sua importância* foi honrada «com o agrado e a bênção de Sua Santidade Pio IX», e que «Nosso Santo Padre o Papa Leão XIII também recebeu este mesmo documento por completo» (*O Segredo de Mélanie*).

Eles não podem ignorar, repetimos, que o mesmo Pontífice pediu, no Sábado Santo de 1880, a Amédée Nicolas que «redigisse uma brochura sobre o Segredo todo, para que o público o entendesse bem» (Mons. Zola, p. 31).

Eles não podem ignorar também que, antes e depois desses atos de fé expressos ao Segredo por esses Pontífices, pressões insistentes foram feitas junto a Pio IX, Leão XIII e Pio X para obter a condenação tão desejada, mas sem o menor sucesso.

Como podem então afirmar que «a Igreja separa a mensagem pública do segredo»?

Como podem rotular de insubmissão à Igreja aqueles que, seguindo seus representantes mais qualificados e os próprios Papas, desejam permanecer fiéis ao divino Segredo?

Que Igreja seria essa que não incluiria esses Príncipes da Igreja, nem esses Papas!

IX. O dilema dos padres

Para poder rejeitar o Testemunho, os porta-vozes dos padres de La Salette não hesitam em diminuir e desvalorizar, tanto quanto podem, a autoridade da Testemunha. (Veremos isso mais adiante: Anexo II.)

É estranho vê-los tomar tal posição sobre esta questão.

Afirmar saber melhor do que a Testemunha o que foi dito pela Santíssima Virgem, a ponto de rejeitar a peça essencial da Mensagem, equivale a dizer que Mélanie mentiu, ou inventou, ou se iludiu. Mas, nesse caso, a quem recai a acusação, senão sobre Maria, que teria tão mal escolhido seus testemunhos? (Ver capítulo XI o recall da doutrina de Bernardin de Siena sobre esse ponto da teologia mística).

E então, se o Testemunho é irrecebível para uma parte, quem nos garante que não o seja para o todo? Ou, se ele é fiel para a Mensagem pública, como pretender que não o é para o restante, visto que Mélanie, única confidente de Maria, portanto *única qualificada para dizê-lo, sempre afirmou, ao longo de sua vida e sem jamais variar*, que sua missão consistia em transmitir seu Segredo «a todo o povo de Maria», o que ela fez quando seus Superiores lhe confirmaram a ordem. (Ver Anexo IV).

Não devemos então tomar tudo ou rejeitar tudo, e os Padres de La Salette com eles, caso contrário, uma vez que é agora evidente que sua presença na Montanha não tem mais sentido, a Aparição toda, como mostrou Amédée Nicolas, não sendo agora senão uma fraude!

Mas como entender um partido tão insustentável por parte dos religiosos de *La Salette*, ocupados em arruinar a Aparição que os justifica!

Oferecemos uma explicação indireta que nos parece a mais plausível (Anexo VI), mas é preciso recordar bem o motivo todo humano que, desde o início, fez ranger dentes e levantou opositores: as críticas ao Clero!

Acreditando neles, essas críticas seriam de natureza a desacreditar o clero aos olhos dos descrentes, e dessa afirmação (tão contestável), deduz-se que a Santíssima Virgem *não poderia ter dito isso*!

Uma lógica bastante limitada, fora da qual se buscará em vão alguma outra razão, lógica da qual se contentam, no entanto, para rejeitar uma Mensagem que não pode ser razoavelmente abalada a não ser rejeitando a Aparição toda. Raciocínio que, ademais, é reduzido à sua justa medida pelas observações do santo bispo de Lecce[7] e, sobretudo, pela admirável defesa do Segredo por Amédée Nicolas publicada, reafirmamos, a pedido de Leão XIII.

X. A histeria, chave do mistério

Este é um homem de boa mesa e um bebedor de vinho (Mat. XI, 19). Ora, o discípulo não é maior do que o Mestre, e a tardia descoberta dos inimigos de Mélanie, que já não está mais lá para o diagnóstico que se imporia, evoca a acusação dos inimigos de Jesus.

Em frente a esta "pseudo-histeria", coloquemos o testemunho de um capelão de La Salette, que disse sobre Mélanie, em 1902: *Nunca tanta candura sobreviveu a tantos anos. Nunca a franqueza brilhou com esse esplendor soberano sob nenhuma pálpebra humana... Sinto-me profundamente comovido ao mergulhar nesses olhos que permaneceram jovens e límpidos como no dia da Aparição, deixando o corpo envelhecer sozinho, e carregando neles como um reflexo da luz miraculosa da qual foram iluminados outrora.* (Veremos mais adiante, no Anexo III, o conjunto desse testemunho.)

Como encaixar essas impressões, que foram as de todos que se aproximaram da plácida Pastora e que não fecharam seus corações à evidência, com a acusação de histeria que descobrem, 40 anos após sua morte, seus detratores de hoje?

A quem se pode fazer crer que os olhos, "janelas da alma", poderiam ao mesmo tempo refletir a candura, a luz da Aparição e o demônio da histeria?

Que nos perdoem, portanto, por não levar a sério essa nova tática mergulhada em um mar de falsidades, e que vem como uma miséria a mais. E voltemos ao dilema que esta complacente histeria está carregada de nos fazer esquecer.

Rejeitar tudo, e os Padres junto, se Mélanie mentiu ou se iludiu, ou então aceitar tudo, incluindo o Segredo, se o Discurso público for retido, tal é o dilema inevitável do qual parece que não se pode escapar.

Para se livrar desse péssimo caso, os opositores apoderaram-se de uma declaração do bispo de Grenoble, Dom Ginoulhiac, que afirmou após a entrega dos Segredos ao Papa em 1851: "A missão das crianças está terminada; a da Igreja começa!" (Veremos no Anexo II o que deve ser pensado sobre essa afirmação).

Mélanie, que tinha boas razões para não acreditar em nada disso, uma vez que deveria começar sua segunda missão, a publicação do Segredo, em 1858, foi considerada, a partir de então, como em rebelião em relação ao seu bispo. E do orgulho que eles alegariam inferir desse estado, os negadores do Segredo concluem para a crescente queda de seu coração e de seu espírito,

destinados, desde então, a todos os excessos e agitações, para afundar, no final das contas, na mais pura histeria.

Descoberta circunstancial que chega a tempo para substituir a acusação de apocaliptismo que lhe dirigiam tão prontamente outrora, mas que agora poderia arriscar-se a fazer figura de apologia!

Candida e fiel até 1851, ela se desvia logo depois. Fiéis e sacerdotes a cercam com uma veneração que a embriaga, e para agravar essa desgraça, eis que ela se vê cercada por «PSEUDO-PROFETAS», por «ILUMINADOS», que a desnorteiam de vez; o segredo escapa, assim, de uma mente abarrotada de leituras apocalípticas e influências mórbidas. «O ESTIGMA DA HISTERIA» transforma essa «POBRE EXALTADA» em um «CARÁTER IMPERATIVO TINGIDO DE CHANTAGEM», completamente absorvido por «POSTURAS TEATRAIS», que chega a «SENTIR O CONSTRANGIMENTO DA INFERIORIDADE SOCIAL DE SUA FAMÍLIA»...

O estrado, é verdade, está bem montado. A Santa Virgem não é responsável por nada. Ela tinha escolhido bem seu testemunho, mas a escolha estava a venda; 1851 marca o fim!

Mas, aos histerólogos, vai como um anel, o adágio "*is fecit cui prodest*"! E a figura calma que as fotografias de Mélanie nos revelam nos ajudaria, à falta dos testemunhos ilustres que confirmam, no plano moral, seu retrato físico para mostrar a inanidade dessa acusação.

Vamos ver mais tarde outros testemunhos sobre aquela que deve ser chamada de santa Pastora; vamos ver (e já vimos) a realização do célebre mensagem que lhe vale todas essas faltas e do alto de sua morada ela não pode deixar de saborear essa beatitude prometida aos que foram perseguidos, contra os quais se disseram falsamente toda sorte de mal por causa de Deus!

E vamos recitar, para a glorificação de Mélanie, a prece que foi composta a essa intenção com o *Imprimatur* do Mestre do Sacro-Palácio em vista de sua beatificação futura. (Encontrar-se-á no final dessa folha.)

XI. Aparentes contradições

Acreditou-se poder concluir, originalmente, a origem humana do Segredo deste fato de que seu "LUXO VERBAL", seu "ORDENAMENTO" e seu "VOCABULÁRIO" eram muito diferentes do Discurso público.

Essa diferença é, de fato, muito acentuada. Mas longe de ver "UM ENIGMA", como se disse, nós vemos uma marca nova de verdade.

Nós constatamos, de fato, os mesmos distanciamentos de estilo, entre o evangelho de São João e seu apocalipse, e pelas mesmas razões. Um e outro textos têm o mesmo inspirador, o mesmo Espírito Santo, e um mesmo autor. Mas um e outro, aqui e ali, se relacionam a dois planos distintos, o Evangelho e o Discurso público sendo do moral e do particular, a Apocalipse e o Segredo, do profético e do universal.

Acreditou-se ver ainda uma contradição entre a autobiografia de Mélanie e sua resposta à Bela-Dama perguntando aos dois pastores se eles faziam bem sua oração. "Não muito", foi a resposta. E concluiu-se a incompatibilidade dessa resposta com o colóquio perpétuo de Mélanie criança e o Menino Jesus que a instruía, a conduzia ao Paraíso, lhe mostrava a glória da Santa Trindade, a introduzia nos mistérios da Beatitude.

E, no mesmo tempo, Mélanie não conseguia aprender o "Pai Nosso"; seu padre adiava a data de sua primeira comunhão devido à sua ignorância catequetica!

Nesta vida escrita por obediência, Mélanie, desde a idade mais tenra, é colocada em um mundo onde, por privilégio excepcional, o pecado original parece ser excluído; seu "Pequeno Irmão" [8] a guia, a apoia, nutre e ela, em sua candura, ignora esse privilégio; ela acredita que vai assim para todos os homens. Mas a ciência que ela adquire por esse contato não é nem a ciência da terra, nem mesmo a de Deus no modo humano. A música poderia nos dar uma ideia dessa transposição das valores. Ela nos expressa sentimentos que o linguagem também pode trazer, mas em um modo totalmente diferente que pode nos dar a chave do que foi o caso para essa criatura excepcional que foi a "solitária", a "louve" (como ela era chamada pela sua mãe).

Assim, sua resposta à Bela-Dama dizia a verdade, expressava a raridade de suas preces faladas ou litúrgicas, mas não excluía nem por um momento seu estado de oração perpétua. Seus atos, seus jogos o testemunham. O que ela fazia no dia da Aparição que a surpreendeu, brincando com Maximin, "no Paraíso" e "com as pequenas flores do Bom Deus", falando-lhe como se fosse um souvenir de sua vida de solitária no fundo dos bosques em companhia de seu "Pequeno Irmão"!

Eles querem ver ainda mais uma contradição entre essa sublimidade interior e sua correspondência tão abundante onde acreditam muitas vezes pegá-la em falta de caridade.

Ela é agora lançada, apesar de si mesma, no turbilhão da vida exterior e na luta. Seu olhar está sempre voltado para aquele Céu que é sua vida, e todas suas cartas o testemunham. Essa contemplação de todos os instantes impressiona também todos aqueles que a aproximam; seus adversários mesmo reconhecem a "beleza superior de sua vida moral", "o ardor de sua contemplação que edifica todo o mundo" e reconhecem que "ela não seguiu as vias ordinárias". Mas ela está no turbilhão onde os fariseus são numerosos e poderosos; é preciso responder às suas negações algumas vezes, e isso não pode ser feito apenas pelo encantamento de sua visão direta *onde o olho não viu e onde a orelha não ouviu*; é preciso usar a linguagem da terra para se fazer entender aos homens *de coração duro*, e, nisso, como em alguns julgamentos sobre os homens e as coisas, nada a protege contra o erro, mesmo que os santos maiores nunca tenham sido preservados dessa lei comum de errância.

Vemos, enfim, uma contradição entre os termos do Segredo e sua afirmação constante mais tarde, em sua carta Testamento publicada em 1904 entre outros (Anexo III) onde ela afirma que a *Rainha da Sabedoria* lhe disse "de fazer passar seu Segredo a todo seu povo".

Ou, no início deste Mensagem, a Muito Santa Virgem pronuncia essas palavras que Mélanie relata: "*Mélanie, o que vou lhe dizer agora não será sempre um segredo, você poderá publicá-lo em 1858* ".

Você *poderá* não é um imperativo; ela ficou então livre para publicá-lo ou calá-lo.

Enquanto isso, ela afirma depois, *o ordem* de publicá-lo.

Mas para quem se lembra das favoritas que acompanharam toda a vida da santa Pastora, das aparições e conversas de Maria, entre outras, não há nenhuma dificuldade em admitir uma confirmação de Nossa Senhora posterior a 1846. E o texto do Segredo que, sozinha, poderia trazer ao mundo quem o recebeu, não teria sofrido, da própria mão de Mélanie, a pequena retocada de forma que o teria servido tão bem se ela fosse sua autora!

Que, além disso, a confirmação venha de Maria ou simplesmente do Diretor de Mélanie, ela era válida e regular para transformar em preceito a missão supostamente facultativa.

Apoio a essas observações, não convém esquecer o ensinamento de Bernardino de Siena que a Igreja faz ler aos seus padres no breviário para que ninguém ignore: "*É uma regra geral, diz ele. Cada vez que a bondade divina escolhe alguém para uma missão especial, ela enche e ornamenta essa pessoa escolhida de toda a graça necessária para sua missão*". E qual seria a primeira dessas graças, senão ser preservada de toda ilusão, de toda fraude espiritual?

Vamos bem reconhecer a autoridade de Bernardino de Siena em teologia mística, ele que foi anunciado por São Vicente Ferrier como deveria ser a luz da Itália, de todo o ordem de São Francisco e da Igreja!

Lá, novamente, a contradição é apenas aparente.

Longe de testemunhar contra ela, essas contradições adicionam apoio à inabalável solidez da posição da Pastorinha. Ao indicar essas aparências contrárias, os detratores fazem, sem querer,

um grande serviço à verdade, pois a menor reflexão revela essas contradições em acordo, talvez escondido dos olhos superficiais, mas profundo com o real. E eles dão assim prova adicional de quão vão é o seu desprezo ao Testemunho.

Pois lhes resta explicar toda a série de favores inacreditáveis que marcaram a vida da santa Pastorinha, desde sua infância (veja sua vida escrita por obediência [9]) onde se prepara sua missão futura; o dia mesmo da Aparição onde lhe é dado o entendimento instantâneo do francês que ela ignorava, conhecimento ainda mais surpreendente por contraste com sua ignorância excepcional.

A graça suprema que ela pede é ser desprezada durante sua vida e após sua morte, pois toda sua vida é a sublime realização desse desejo de sua infância: "Quero parecer com o crucifixo de meu pai: sofrer e me calar!"

Sua vida de excepcional mortificação lhe vale graças extraordinárias que ela sempre conservou, como a subodoração das almas, por exemplo. Ela anuncia com precisão sua morte 22 meses antes, com todas as circunstâncias de tempo e lugar; ela repete assim, por última vez, seu Segredo, em 1904, em Lyon, como em um supremo testamento, alguns meses antes de aparecer diante de Deus. Seis meses depois, Dom Cecchini, desde então arcebispo de Tarente, a faz exumar e a encontra "intacta, suave, o rosto corado, os olhos abertos". E se a reputação de santidade de Mélanie não estivesse bem estabelecida, como a autoridade religiosa permitiria a construção de uma igreja no local da casa mortuária da Pastorinha, igreja cujo centro abriga um magnífico túmulo onde repousa o corpo de Mélanie!

Poderíamos adicionar muitas outras maravilhas, entre outras a aparição da Muito Santa Virgem acompanhada de Mélanie, na noite mesmo de sua morte, ao padre Rigaux, cura de Argœuves, que foi seu confidente durante várias anos.

Um dia se percebeu que ela estava estigmatizada; ela sempre se escondera, mas confessou então ter sido desde os três anos de idade. Testemunhos serão fornecidos e detalhados no momento oportuno para o processo de beatificação, se agradar a Deus que ocorra.

Para ter um conhecimento mais amplo da sua vida, lerá com proveito sua *Oração fúnebre* pronunciada na catedral de Altamura, com o *Imprimatur* do Arcebispo de Messina.

Bem, essa criatura excepcional "que não seguiu as vias ordinárias", confessou um de seus detratores (veja Anexo I), é desprezada e humilhada por seus adversários e o Centenário é uma nova oportunidade para essa tarefa que não ousaram executar os versos do túmulo [10].

Neste ponto, como nos outros, ela foi plenamente atendida!

Então, o que concluir de todos esses sinais do Céu? Pois é bem do Céu, e apenas do Céu, que pode vir essa longa série de favores. E depois disso, o que resta à razão humana para não falhar, senão concluir: a Virgem Muito Sábia e Muito Prudente escolheu bem seus Testemunhos; portanto, o Testemunho é verdadeiro. Ela nos deu, da veracidade do Testemunho do Segredo, não uma, mas cem provas, não apenas em 19 de setembro de 1846, mas toda a vida do Testemunho, e ainda depois de sua morte.

XII. Santidade de Melanie

Longe de testemunhar contra ela, essas contradições adicionam apoiam à inatacável solidão da posição da Pastorinha. Ao assinalar essas aparências contraditórias, os detratores fazem, sem querer, um grande serviço à verdade, pois a menor reflexão revela essas contradições em concordância, talvez escondida aos olhos superficiais, mas profunda com a realidade. E eles dão assim uma prova a mais da vaidade de seu rejeição do Testemunho.

Porque lhes resta explicar toda a sequência de favores incomuns que marcaram a vida da santa Pastorinha, desde sua infância (ver sua vida escrita por obediência[9]) onde se prepara sua missão futura; o mesmo dia da Aparição onde lhe é dado o entendimento instantâneo do francês que ela ignorava, conhecimento ainda mais surpreendente, dado que contrasta com uma ignorância excepcional.

A graça suprema que ela pede é ser desprezada durante sua vida e após sua morte, pois sua vida toda é a sublime realização desse desejo de sua infância: "Quero parecer com o crucifixo de meu pai: sofrer e calar-me!"

Sua vida de excepcional mortificação lhe vale graças extraordinárias que ela conservará sempre, a subordinação das almas, por exemplo. Ela anuncia com precisão sua morte 22 meses à frente, com todas as circunstâncias de tempo e lugar; ela repete assim por última vez seu Segredo, em 1904, em Lyon, como em um suprêmo testamento, alguns meses antes de comparecer diante de Deus. Seis meses depois, Mgr Cecchini, desde então arcebispo de Tarente, a faz exumar e a encontra "intacta, suave, o rosto corado, os olhos abertos". E se a reputação de santidade de Melanie não estivesse bem estabelecida, como a autoridade religiosa permitiria a construção de uma igreja no local da casa mortuária da Pastorinha, igreja no centro da qual está erigido um magnífico túmulo onde repousa o corpo de Melanie!

Podríamos adicionar muitas outras maravilhas, entre elas a aparição da Santíssima Virgem acompanhada de Melanie, na noite mesma de sua morte, ao padre Rigaux, cura de Argœuves, que foi seu confidente durante várias anos.

Um dia, perceberam que ela estava estigmatizada; ela sempre se escondera, mas então confessou ter sido desde os três anos de idade. Testemunhos serão fornecidos e detalhados no momento oportuno para o processo de beatificação, se Deus permitir.

Para ter uma conhecimento mais amplo de sua vida, lerá com proveito seu Oração Fúnebre pronunciada na catedral de Altamura com o imprimatur do Arcebispo de Messina.

Bem, essa criatura excepcional "que não seguiu as vias ordinárias", admite um de seus detratores (ver Anexo I), é desprezada e aviltada por seus adversários e o Centenário é uma nova

oportunidade para essa tarefa que não ousaram realizar os versos do túmulo[10].

Neste ponto, assim como nos outros, ela foi plenamente atendida!

Então, que conclusão se pode tirar de todos esses sinais do Céu? Pois é bem do Céu, e apenas do Céu, que pode vir essa longa sequência de favores. E depois disso, o que resta à razão humana para não falhar, senão concluir: a Virgem muito Sábia e muito Prudente escolheu bem seus Testemunhos; portanto, o Testemunho é verdadeiro. Ela nos deu, da verdade do Testemunho do Segredo, não uma, mas cento provas, não apenas em 19 de setembro de 1846, mas durante toda a vida do Testemunho, mas ainda após sua morte.

XIII. Após os imprimáturs da igreja, aqui estão, lamentavelmente, os imprimáturs do céu...

Embora com certa sufocação atualmente, neste ponto, Mélanie e seu Segredo frequentemente foram criticados pela natureza "apocalíptica" de seus avisos. Isso poderia impressionar os tempos felizes (relativamente) da paz proclamada definitiva da III República. Mas agora, em 1946, à abertura desta apocalipse de facto que nenhuma cena do Livro inspirado ultrapassa em horror, no tempo do rei átomo (que, naturalmente, ainda está apenas começando e que nos é garantido que será mil vezes ultrapassado em breve), teríamos realmente pensado na empreitada de um desafio desses?

Ou bem culparemos o Segredo por nos ter enganado quando anuncia que

> **"Deus vai golpear de uma maneira sem precedentes, de tal forma que toda ordem e toda justiça serão pisoteadas, que os governos civis terão todos um mesmo propósito: fazer desaparecer todo princípio religioso; que cada indivíduo desejará conduzir-se por si mesmo e se sentir superior aos seus semelhantes; que só se verá homicídios, ódio, ciúme, mentira e discórdia, sem amor pela pátria nem pela família; que a desordem e o amor pelos prazeres carnais se espalharão por toda a terra; que Deus permitirá à Velha Serpente semear divisões entre os governantes, em todas as sociedades e em todas as famílias; que uma falsa luz iluminará o mundo; que os prodígios mais espantosos ocorrerão na terra e nos ares; que ninguém poderá escapar de tantos males reunidos, etc., etc...**

É bastante natural que o fim da cristandade veja se renascer o mistério do seu início.

O Mensagem da Mãe de Deus não foi melhor recebido pelo clero da Igreja dos Gentios do que o de Filho não fora recebido pela Sinagoga dos Judeus.

Aqueles que fazem o mal odeiam a luz, pois temem que suas obras sejam descobertas. E porque suas obras eram más, o *Sanhédrin* moderno[11], não podendo matar a Mãe de Deus, lhe fechava a boca.

Ora, os males que se abateram sobre Roma e sobre a Igreja desde o rejeito da Mensagem central de 1846 têm uma analogia impressionante com os que se abateram sobre Jerusalém e a Sinagoga após o rejeito do Messias. E se pode dizer de uns e dos outros: "Eu ceguei seus olhos e endureci seus corações para que eles não vejam com os olhos, para que eles não compreendam pelo coração, para que eu os converta e os cure!"

Mélanie deveria publicar seu Segredo em 1858. Ela está impedida, por exílio, de fazê-lo antes de 1860, e isso, devido ao seu Bispo, Dom Ginoulhiac. Em 1859, ocorre o primeiro assalto aos Estados da Igreja com o apoio do carbonário coroado, cujo bispo de Grenoble era um servo zelooso. E essa guerra deveria ter seu epílogo em 1870, com a tomada de Roma em 20 de setembro, um dia depois da capitulação de Paris em 19 de setembro, aniversário de La Salette, que, neste dia preciso, havia tudo anunciado!

Seja qual for o desejo, Mélanie é uma das almas mais favorecidas da Igreja. Ela pregou toda a sua vida apenas UMA COISA, coisa que ela tinha missão de "fazer passar a todo seu povo". Para rejeitar essa única coisa, encimada, destacada, pontuada por uma sequência ininterrupta de milagres, é mentir continuamente, caluniar, delirar do coração e da mente durante um século...

Seria de desejo que o Centenário veja finalmente a desaparição deste Mentiroso pelo qual, desde 1880, os adversários do Segredo alimentam sua Oficina. E pelo qual o mundo desmorona, em execução literal desta Mensagem de Nossa Senhora, que recebe, após os *imprimaturs* dos Príncipes da Igreja, o *imprimatur* de fogo e sangue do Céu...

QUI LEGIT INTELLIGAT

O Beato Grignion de Montfort, anunciador da Rainha Maria na último Idade da Igreja, mostrou, em uma visão profética, a ação de um Novo Ordenamento que ele intitula "Apóstolos dos Últimos Tempos", apóstolos de fogo, santos e taumaturgos, que renovarão a face da terra.

E o Ordenamento que Maria veio fundar em La Salette vê exatamente esse título "Ordem dos *Apóstolos dos Últimos Tempos*".

O Beato, autor do "Tratado da Verdadeira Devoção", comenta o mistério do *Selmon* do profeta (Ps. LXVIII, 15), montanha mística que, para ele, não é outra senão Maria. Selmon, "montanha na qual Deus se compraz maravilhosamente", não evoca a montanha do sal, La Salette, onde, como para o Selmon, brilha soberanamente o ensinamento do Fim: "*Eis o tempo dos tempos, a fim dos fins*"!

Mas esse aviso é duro para os homens da terra. Ele "*é duro aos ouvidos, e quem pode ouvi-lo*?" (Êxodo VI:6).

Como, depois disso, poderia alguém continuar a sorrir para os ídolos do dia?

Então, "*Eles dizem aos que veem, não vede; e aos profetas, não profetize a verdade; digam-nos coisas agradáveis*" (Isaías XXX:10).

Não entendendo que, por sua prevaricação, eles *realizam* outro sinal do Fim:

CUM ERGO VIDERITIS ABOMINATIONEM

DESOLATIONIS,

QUÆ DICTA EST A DANIELE PROPHETA,

STANTEM IN LOCO SANCTO,

QUI LEGIT, INTELLIGAT...

(*Portanto, quando virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, em pé no lugar santo, quem lê, entenda...*)

Anexos

Anexo I: Dois Retratos de Mélanie

O primeiro, pelo P. Sougez, M.S. em *Nossa Senhora Reconciliadora* (pp. 171 e seguintes) editada pelo Secretariado de La Salette (12, rua Joseph Chanrion em Grenoble).

O segundo, extraído da Oração Fúnebre de Mélanie, pelo cónego Annibal de France, com *imprimatur* do arcebispo de Messina.

O cónego Annibal de France, Superior do Instituto Religioso de Caridade de Messina, abrigou Mélanie em sua Comunidade por mais de um ano; assim, pôde conhecê-la profundamente.

(Nós faremos nossas próprias observações no centro).

...esquiva, brusca, taciturna... ...e talvez[12] secretamente tentada pela vaidade e sensível aos elogios...		...calma, serena, tranquila, consumida na virtude e no sofrimento... Ela permanecia ignorada onde quer que fosse, mas, quando, após algum tempo, era reconhecida e se tornava um objeto de veneração, a pura pomba do Senhor alçava seu voo para outras regiões.
Um prelado inglês lhe propõe, para restabelecer sua saúde, hospedá-la em um convento na Inglaterra. Ela aceita...	« Eu só tinha que me inclinar », escreveu ela, « eu não quis causar o escândalo de uma resistência ao meu bispo, que só teria conseguido irritá-lo ». Na mesma carta, ela acrescenta: « Recusei fazer os grandes votos. A partir de 1858, minha consciência me impunha como dever transmitir ao povo de Maria a mensagem divina » (citada por M. de la Vauzelle em "O segredo de La Salette diante do Episcopado francês", p. 138).	Expulsa da França por Napoleão III, ela foi para a Inglaterra, para o convento de Darlington...

Após seis meses no Carmelo, ela se sentiu prisioneira das irmãs e, provavelmente enganada pela esperança de um maior reconhecimento, pediu para retornar à França.	Na carta acima citada, ela escreve: «Pio IX... declarou que o meu lugar não estava em um convento, dado que minha missão pública foi imposta em 19 de setembro de 1846. Ele acrescentou ainda que eu deveria depender apenas de Roma. O Papa Leão XIII, mais tarde, me fez escrever no mesmo sentido».	Quando chegou o momento de publicar seu Segredo, ela foi dispensada de seus votos por Pio IX.
Então começou sua vida errante, de um convento a outro, de uma congregação a outra, de uma paróquia a outra, de um bispado a outro, na França, na Grécia, na Itália...	« Ide, ensinai todas as nações» « Fazei passar isso a todo o meu povo» Duas missões que não podem se conformar com o claustro. Como Pedro e os Apóstolos, Mélanie só poderia cumprir a sua se movendo.	...ainda jovem (26 anos), ela se encontra sozinha no mundo, fugitiva, errando à mercê da sorte, um pouco em um país, um pouco em outro... Durante 50 anos, Mélanie cumpriu sua missão. ...Alguns, ela me dizia um dia, acreditam que eu gosto de viajar e de ir daqui para ali, mas como estão enganados.
...sempre impaciente para converter o mundo, mas incapaz de ajustar os meios ao fim, e tomando, com a fé mais absoluta, a falta de medida por heroísmo, a virulência nas palavras por zelo, suas imaginações por inspirações... ...sonhando com uma nova comunidade...	A Ordem dos Apóstolos dos Últimos Tempos, cuja Regra, dada pela Santíssima Virgem, foi redigida por Mélanie em Roma, por ordem de Leão XIII, que a fez vir expressamente para esse fim.	Graciosa e delicada em sua maneira de andar, em seus modos e em sua linguagem, e, como se, nela, os contrastes tivessem se harmonizado, ela era recolhida e sociável, humilde e imponente, amável e reservada, forte e submissa... permaneceu toda uma pequena criança e, ao mesmo tempo, superior a uma pessoa madura. As palavras contidas no Segredo de Mélanie, pelas quais a Santíssima Virgem anuncia a fundação desta grande Ordem religiosa, não têm, na verdade, nada de humano; elas respiram um sopro divino, são a simplicidade colocada em harmonia com o sublime.
...voltando às vezes para a Santa Montanha e lá, edificando a todos pela ardência de sua contemplação... Tal foi essa alma que é delicado julgar...	Mas o que é todo este capítulo, senão um julgamento sem justiça e sem delicadeza!	Quando ela entrava em uma igreja, seu recolhimento e sua atitude humilde faziam entrever algo de sua santidade oculta.

pois ela não seguiu os caminhos ordinários...		Não digo nada sobre esse tipo de adivinhação dos corações que a fazia ler os pensamentos ocultos; nada sobre várias curas miraculosas de órfãs com um sinal de cruz de Mélanie... Tudo acontecia sempre no tempo certo na comunidade enquanto ela estivesse presente: objetos, comida ou dinheiro, conforme as necessidades... os pássaros entravam em seu quarto e brincavam com ela... espírito de mortificação assustador; quase nenhuma comida, nunca uma fruta, nunca um doce... não mais de três horas de sono por noite, sobre o chão nu. Tudo isso, conforme sua oração: «Peço ao Senhor que me faça sofrer e me esconda».
...mas é justo reconhecer que ela foi inabalavelmente fiel à sua missão de testemunha...	Então, por que rejeitar seu Testemunho?	
...entre as dificuldades e contrariedades que ela atraía como por vocação.	A vocação do cristão não seria mais a de carregar sua cruz e seguir o Salvador?	
Ela hesitou, virou, variou em muitas coisas; só permaneceu constante na verdade da Aparição.	O Segredo de Mélanie faz parte da Aparição; e desde o primeiro dia de sua divulgação até sua morte, ou seja, por mais de 40 anos, ela nunca hesitou, nem «variou» em sua afirmação.	
Nossa Senhora lhe deixou ausências de inteligência evidentes,	« Ausência de inteligência »! No dia da Aparição, ela só conhecia seu dialeto local. Na mesma noite, ela repete toda a Aparição em francês, idioma que nunca havia falado. Na Inglaterra, na Grécia, na Itália, ela logo fala, alternadamente, as línguas desses países, onde, por vezes, é encarregada de ensinar as crianças (como na Grécia e na Itália).	« Adeus, alma tão bela; Adeus, criatura de amor, obra completa do amor... Adeus, virgem vigilante e prudente. Quando, no silêncio da noite, a voz do Esposo te chamou, sem demora, tu correste até Ele, com a lâmpada mística, a lâmpada cheia de óleo e transbordando de esplendor! »
É por isso que o Santo Ofício proibiu a leitura de certos escritos de Mélanie... Essa condenação se aplica apenas aos escritos...	«Interdição», «condenação», «Santo Ofício» — tantas imposturas acrescentadas ao caso Caterini, cujos detalhes foram lidos no Capítulo VI.	

CONCLUSÃO

O verdadeiro retrato de Mélanie se afirma com tanta força pelo testemunho de todos aqueles, sem exceção, que a aproximaram (como por suas próprias fotografias) que esses hábeis detratores da santa filha, eles mesmos, são obrigados a confessar a grandeza sobrenatural. De sorte que mais de um traço comum dessa grandeza se encontra na caricatura do P. Sougez e na Oração Fúnebre do cónego Annibal de France, que, ele, pessoalmente conheceu e observou essa criatura excepcional de Deus.

Mas, desses dois retratos, o traçado pelo P. Sougez M.S. responde à necessidade paradoxal de celebrar ao mesmo tempo a fidelidade de Mélanie e insinuar o desequilíbrio de seu espírito.

Por essa tática, os R.R.P.P. da Salette serão os únicos juízes para determinar onde termina a fidelidade e onde começa o desequilíbrio dessa criatura "que é delicado julgar"... , sua fidelidade consistindo na difusão exclusiva da Mensagem pública sem a qual os P.P. da Salette não teriam mais razão de ser, e seu pseudo-desequilíbrio justificando o rejeição do Segredo que se trata de sufocar.

Anexo II: Um andaime vacilante a serviço da impostura

"Todos os prelados e outros dignitários eclesiásticos que conheço e que conhecem o Segredo, todos sem exceção, emitiram um julgamento inteiramente favorável ao referido Segredo, seja em relação à sua autenticidade, seja do ponto de vista de sua origem divina, passada pelo crivo das Sagradas Escrituras, o que imprime ao Segredo um caráter de verdade que agora é inseparável. Entre esses prelados, basta-me nomear o cardeal Riaro Sforza, arcebispo de Nápoles; Dom Ricciardi, arcebispo de Sorrento; Dom Petagna, bispo de Castellamare e outros ilustres prelados..." Dom Zola, carta de 5 de março de 1896 (p. 33).

E é a um documento de tal valor, de tal inspiração e enriquecido de tais sufrágios que se atacam, na realidade, os detratores de Mélanie.

Os sentimentos que eles demonstram contra ela e que chegam ao ódio ultrapassam a pessoa da piedosa pastora, hoje diante de Deus, para atingir, através dela, essa Mensagem abominada, como se tivessem pressa, no que lhes concerne, de provar sua inspiração: "o demônio obscureceu suas inteligências"...

Assim, o Centenário, que deveria ter sido a apoteose da verdade, terá sido, infelizmente, principalmente uma mobilização dos operários das trevas[13].

Para evitar polêmicas inúteis, damos aqui um resumo global dos últimos livros publicados, todos com o objetivo de causar tristeza.

Seria extremamente fácil para nós retomar uma a uma todas as acusações desses últimos oponentes, como fizemos nas páginas anteriores para a "ficha saletina", mas a vida se prova melhor pelo movimento do que pelo processo das casuísticas de nada que se obstinam contra ela.

No entanto, é impossível para nós não destacar, mais uma vez, a característica dominante de todas essas produções que se inscrevem e não podem se inscrever senão sob o signo da Mentira, o divino Segredo não podendo ser combatido senão por esse único meio![14]

Vamos nos limitar aqui a citar alguns dos autores que recentemente tomaram posição grave contra Mélanie e seu Segredo: o Pe. Sougez M.S. (*Nossa Senhora Reconciliadora*); Gaëtan Bernoville (*La Salette*); o Pe. Jaouen M.S. (*A graça de La Salette*); Herbin, em *A Vida Espiritual*; *A Cruz* e

numerosos jornais e revistas que aprovaram sem reservas esses escritos.

"infantilidades", "truques de procedimentos proféticos", "pastiche", "receitas mais clássicas do gênero", "documento visivelmente fabricado", "influência das leituras", etc... (Herbin)

"pontos histéricos", "imaginação exaltada pela influência dos falsos místicos que a rodeiam"... (G. Bernoville).

"astúcia", "delírio", "cabotinagem", "chantagem", "a pobre desvairada que se faz centro", "seu complexo mórbido", "sua faculdade anormal de fabulação", "pobre mulher", "pobre desvairada", "ao delírio meio-espontâneo, meio-provocado", "fuga mental", ela "denigre", "ela tem o estigma da histeria", "ela é incomodada pela inferioridade social de sua família", etc... (Pe. Jaouen).

Vamos parar aqui esse florilégio que era indispensável colocar em evidência para dar o tom dessa campanha. Tom, coisa estranha, cuja diapasão aumenta na medida em que o tempo nos afasta da morte da plácida pastora... Que crime ela poderia ter cometido desde sua morte?!

Era indispensável para essa "graça de La Salette" fazer um tal e tão munificente desfile de calúnias, ver simples maledicências?

Em que a causa de La Salette, mesmo reduzida às proporções da Mensagem pública, poderia ser engrandecida por esse indecente número de anátemas sobre a cabeça daquela por quem a Igreja e o mundo conheceram a Aparição?!

E o simples fiel, convidado pelo sutil Reverendo Padre a distinguir entre uma Mélanie fiel e uma Mélanie infiel, não será escandalizado por esse golpe de ursos que não atingirá a mosca, mas que matará a devoção!

Pela habilidosa utilização de textos cortados de seus contextos, por essa deturpação sistemática, a oração de Mélanie pedindo para ser desprezada em vida e após a morte é atendida.

De sua candura primitiva que todos reconhecem, ela passa, no tempo marcado por seus detratores, do desvairamento à astúcia, da astúcia ao delírio, do delírio à histeria, sábias etapas para a constituição do precioso andaime que, infelizmente, não é detido pela tranquila realização do "TEXTO DESAGRADÁVEL" (Pe. Jaouen) pelo qual, diante de nossos olhos aterrorizados, a planeta se volta em vulcão!

Mas se eles permanecem cegos diante de tão fulgurantes realizações, não poderíamos esperar, ao menos, que eles se inclinem diante das altas aprovações com as quais a Igreja enriqueceu a Mensagem misericordiosa.

A MISSÃO DE MELANIE TERMINOU EM 1851?

Todos os autores que acabamos de citar explicam, como já vimos, a pseudo-desviação de Mélanie afirmando, seguindo Dom Ginoulhiac, que a missão das crianças terminou em 1851, data da entrega dos segredos ao Papa Pio IX.

Se sua missão está terminada e a pastora pretende continuar, ela usurpa um mandato que não pode receber a bênção do Céu, e devemos rejeitar sua pretensão. Em primeiro lugar, a história não verificará o que ela ousa dar como eventos futuros nessa pseudo-profecia que seria então seu Segredo.

Mas se sua missão continua, ela é preservada para o futuro como foi no início, e devemos receber sua segunda Mensagem como a primeira.

Quem não vê a importância decisiva da escolha entre essas duas proposições?

Vamos ver agora se resta o menor motivo para hesitar entre elas.

Não será difícil mostrar:

1° Que Mélanie é dotada do dom da profecia após 1851.

2° Que após essa data, os Papas Pio IX e Leão XIII multiplicaram os atos pelos quais testemunharam sua certeza absoluta na perenidade da Missão de Mélanie.

Observemos primeiro que essa transmissão ao Papa foi feita apenas *por iniciativa e pressão de seu entorno*, que nem essa comunicação, nem a data em que foi feita, tinham qualquer relação com sua missão.

Devemos acreditar que uma missão vinda do Céu possa ser terminada por tal iniciativa, em si feliz, mas sem relação com ela, que decidiu Mélanie a confiar seu Segredo ao Papa?

Que não haja qualquer relação entre essa transmissão e o fim da missão de Mélanie, Dom Ginoulhiac o prova ele mesmo, involuntariamente, mas de forma soberana, como se verá de forma detalhada no Anexo V. Por seu mandamento de 1854, de fato, Dom Ginoulhiac traz, sem saber, a prova antecipada da autenticidade do Segredo que será publicado mais tarde, mas que, desde este momento, autentica o caráter profético das palavras de Mélanie, de onde ressalta a continuidade de sua missão.

No final de sua estadia na Inglaterra, Pio IX havia advertido seu bispo que ela não podia ser enclausurada para "poder cumprir sua missão" à qual ele acreditava. (Carta de Mélanie ao padre de Argœuves, 28/1/1904).

Em 1860, desde seu retorno da Inglaterra, ela escreve de próprio punho seu Segredo, no qual figura tudo o que os eventos confirmarão dez anos mais tarde e que o bispo de Grenoble homologou à sua maneira por suas negações de 1854. Ela estava, portanto, em plena missão em 1860.

Que ela estivesse na sequência, em 1872, quando foi publicada uma obra de M. Girard, *Os segredos de La Salette e sua importância*, a bênção deste livro por Pio IX não o prova? (p. 29)

E o que se sabe dos encorajamentos de Leão XIII sobre o Segredo, a estadia que ele fez Mélanie fazer durante cinco meses, em 1879, no convento das Salesianas, em Roma, para a compilação da

nova Ordem dos "Apóstolos dos Últimos Tempos", pedida pela Santíssima Virgem (p. 31), não mostra à evidência que Leão XIII acreditava na perenidade de sua missão?

"A missão de Mélanie terminou em 1851"! E é sobre tal proposição, inexistente em direito e confundida pelos fatos, que os oponentes montam seu andaime! Sem essa pedra angular, toda a sua construção desaba, pois se a missão de Mélanie não está terminada em 1851 é porque ela continua, e se ela continua, eles se insurgem contra a Santíssima Virgem Ela mesma ao repelir as palavras de sua Mensageira que são então as próprias palavras de Maria!

Suprimir essa proposição é suprimir milhares de páginas e centenas de escritos que foram publicados por ocasião do Centenário (e antes) com o objetivo de repelir *o texto desagradável*, pois sua causa não é sustentável se essa proposição for admitida, e acabamos de ver que ela não pode ser admitida.

Mas todos os seus esforços não podem fazer esquecer que a maioria e os mais altos dignitários da Igreja que se aproximaram de Mélanie *acreditavam em sua missão bem depois de 1851* e a chamavam de "santa Pastora", a guerra que lhe é feita não visando, na realidade, senão esse Segredo de misericórdia que o Papa Pio IX encorajou e que Leão XIII *leu, conheceu, abençoou e propagou na forma mesma em que nos é conhecido* e onde esses acirrados detratores puderam lê-lo eles mesmos.

MELANIE E OS "ILUMINADOS"

Esses diversos autores se proclamam sábios e modernos. Não é a eles que se deve falar do fim dos tempos, "simples ilusão clássica".

No entanto, é preciso reconhecer um certo progresso de sua parte em relação a seus antecessores de antes da guerra, que, para ridicularizar Mélanie, a tratavam de exaltada "apocalíptica".

A libertação do átomo, sem curá-los, talvez tenha feito com que secretamente compreendessem a imprudência de tal linguagem. Que confirmação do dom profético, de fato, que um qualificativo semelhante, diante do filme atual de nossos destinos que esses espíritos realistas haviam tão pouco previsto!

Corrigindo prudentemente seu vocabulário, eles persistem, no entanto, em denunciar o entorno de Mélanie, onde se agitam, dizem eles, os "ILUMINADOS", os "PSEUDO-PROFETAS", mais preocupados em "DECIFRAR NOSTRADAMUS" para "DESCOBRIR A DATA DO GRANDE GOLPE" do que em rezar à Santa Virgem para ajudá-la a reter o Braço de seu Filho (mas de que fórmula dispõem eles para se permitir sondar tão soberanamente os rins e os corações?)

Conviria rejeitar tão fortemente os "SINAIS" dos quais se riem esses espíritos tão seguros de si mesmos. Sinais que se encontram realizados ou prometidos tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, sinais que Nosso Senhor mesmo nos anuncia para reconhecer o fim dos tempos e que nos convida a pesquisar; sinais dos quais a Igreja destaca a importância por seu lembrete no início e no encerramento do ano litúrgico, e dos quais encontramos eco tão perto de nós na Aparição de Fátima!

Entre o erro possível desses "ILUMINADOS" que pecam talvez por excesso, e o erro desses racionalistas que pecam por defeito, o que deve fazer o verdadeiro servo de Deus? O cardeal Newman vai nos dar a resposta:

Melhor é mil vezes crer que Cristo vem quando Ele não vem, do que uma única vez crer que Ele não vem quando Ele vem.

Tal é a diferença entre a Escritura e o mundo; ao seguir a Escritura, estaríamos sempre na expectativa de Cristo; ao seguir o mundo, nunca o esperaríamos. No entanto, Ele deve vir um dia, cedo ou tarde. Os espíritos do mundo zombam de nossa falta de discernimento; mas quem terá falta de discernimento, triunfará então!

E o que pensa Cristo de sua zombaria de hoje? Ele nos põe em guarda expressamente, por seu Apóstolo, contra os zombadores que dirão: "Onde está a promessa de sua vinda?" (II Pedro III, 4).

"Eu preferiria ser aquele que, por amor a Cristo e falta de ciência, toma por um sinal de sua vinda algum espetáculo insólito no céu, cometa ou meteoro, a ser o homem que, por abundância de ciência e falta de amor, não faz senão rir desse erro". (Newmann, "*A vida cristã*").

LEON BLOY, MELANIE E O CORO...

Estamos muito errados em negar a geração espontânea.

De vários lados surgem elogios inquietantes sobre o *Peregrino do Absoluto*. Por um sincronismo estranho, livros ou artigos recentes sobre La Salette, e as revistas ou jornais que defendem esses livros, trazem flores para o túmulo do *Vituperador*. Mas, sob essas flores, esconde-se o veneno. Concedem a Léon Bloy seu verbo genial e seu zelo de fogo, mas negam-lhe o senso crítico e o mais vulgar senso comum.

Em vida, do terrível *Desesperado*, um silêncio respeitoso e trêmulo aureolava, para seu maior prejuízo, é preciso reconhecer, esse Cavaleiro de Maria. Mas sua sombra não assusta mais, e a hora chegou, sem risco para ninguém (e para economizar as transições), de lhe dirigir os elogios sob os quais se espera enterrar seu Testemunho.

Que testemunho? Aquele que ele prestou sobre La Salette *sem cortes* e *sem distorções*, sobre suas Testemunhas e sobre o mais crivado dos dois!

Bloy era, dizemos nós, também um Testemunha, e um Testemunha de primeira linha, não tanto por aquilo que ele havia trazido de perspicácia pessoal para essa magnífica página de Escritura que é La Salette não edulcorada, nem riscada, nem censurada, mas porque ele era verdadeiramente *o Incomprável, o Mendigo ingrato*, aquele que não se compra de maneira alguma, nem com sorrisos, nem com lugares-comuns de "boa imprensa".

Esse homem de uma só peça, tinha, na ordem sobrenatural, a visão direta dos grandes místicos, o instinto que lhe fazia descobrir, de um só golpe de vista, o que vinha realmente de Deus. E, depois disso, que lhe importavam as reclamações.

As harmonias nunca faltando em tudo o que vem realmente de Deus lhe eram familiares; elas o haviam advertido rapidamente do mistério de La Salette... aquele do Sal amargado... que é pisoteado nos nossos tempos tão bem previstos por essa Mensagem; esse Sal que ainda não viu senão uma pequena parte do que o espera, "*porque a verdadeira fé se extinguiu e a falsa luz ilumina o mundo*"!

Mas quando todos os adversários se obstinassem contra Aquela que chora e conseguissem afastar de sua leitura alguns confiantes desavisados, que estes saibam, agora, que encontrarão o essencial da Aparição completa no simples enunciado dos fatos e das peças justificativas reunidas na brochura Lepidi.

No entanto, vamos destacar uma carta *muito instrutiva* reproduzida por Léon Bloy (assim como a preciosa Oração fúnebre de Mélanie), que não se encontra nessa brochura, a carta de Mélanie ao Cura de Argœuves, escrita em 28 de fevereiro de 1904, relativa à recusa de Monsenhor Fava em obedecer à ordem de Leão XIII para a criação na Montanha da Ordem dos Apóstolos dos Últimos Tempos pedida pela Santíssima Virgem!

Essas poucas observações não eram inúteis para mostrar, mais uma vez, que concerto de vozes bem afinadas se manifesta em torno do Segredo. Não se pode deixar de admirar uma inspiração tão súbita que lhes faz, a todos, e no mesmo instante, desenvolver o mesmo tema!

Anexo III: "Os anais de La Salette" antigamente e hoje

Vimos (Anexos I e II) como certos Padres de La Salette falam atualmente de Mélanie. Para combater a Mensagem que os incomoda, eles se esforçam para desacreditar a Mensageira.

Sua desculpa talvez seja não a ter conhecido, mas sua culpa consiste em fechar obstinadamente os olhos sobre os sinais e os motivos poderosos que arruínam desde o início e para sempre as pretensões de uma oposição culpada. Eles criaram um epíteto para ridicularizar aqueles que querem levar a sério a afirmação do Testemunho; são os "Mélanistas" que eles opõem à sabedoria dos "salettistas".

Seus antecessores, com os quais eles persistem em se solidarizar, haviam sido "varridos" da Santa Montanha, como Mélanie havia anunciado, e os Capelães que os substituíram, julgando-a sem preconceito, fizeram, de sua última visita, o relato entusiasta que vamos ler alguns trechos. (*Anais de La Salette*, nov. 1902, pp. 97 a 110.)

Infelizmente, essa independência cristã não durou; e eles também tiveram que se curvar à inquietante consigna seguida por aqueles que os precederam.

Veremos por isso, no entanto, como o simples contato com a santa Pastora podia comover esses religiosos de boa vontade.

O autor, o padre Bonnet, Capelão, faz o relato dessa visita de Mélanie. Ele descreve a impressão celestial que deixa em todos, nos religiosos como na multidão, a presença e a palavra de Mélanie. Ela acaba de comungar:

> Quando a comungante sair da êxtase da ação de graças, a multidão a terá rapidamente cercado para fazer com que ela toque algum objeto de piedade ou para beijar sua mão. A humilde serva de Deus é visivelmente torturada por essa pressa e esse barulho, feito em torno de sua pessoa. Ela se esquiva o mais rápido que pode, e vai rezar, no local da Aparição, sem se preocupar em tomar a menor alimentação.
>
> Além disso, é um hábito dela esquecer as necessidades da vida física quando ela revê a Santa Eucaristia. Muitas vezes, ela permanece um dia inteiro sem tomar qualquer alimento além do pão dos Anjos e, se ela percebe sua

> negligência, ela se contenta em sorrir e dizer: "A Eucaristia me basta".

Em outro lugar, ele relata:

> No seu caminho, de fato, as mãos se estendem e as frontes se inclinam: ela se torna novamente o objeto de demonstrações que revoltam sua humildade. Assim, ela desaparece o mais rápido possível e se prepara para retomar a estrada de sua pequena cidade natal, da qual ela partirá amanhã.
>
> Por minha parte, diz ele, sinto-me comovido até o fundo do coração ao mergulhar nesses olhos que permanecem jovens e límpidos como no dia da Aparição, deixando o corpo envelhecer sozinho e, portando neles, como um reflexo da luz milagrosa que os iluminou outrora.
>
> **"NÃO! NUNCA TANTA INOCÊNCIA SOBREVIVEU A TANTOS ANOS. NUNCA A FRANQUEZA BRILHOU COM TAL ESPLENDOR SOB QUALQUER PÁPULA HUMANA." [15]**
>
> "Nunca tive medo de confessar que eu era um convertido à autenticidade do Fato de La Salette; não tenho mais hesitação em reconhecer que, se minha conversão ainda tivesse que ser feita, *o olhar maravilhosamente simples e sincero de Mélanie a teria operado*".

Tudo seria para citar. Veja o que se podia ler nos *Anais de La Salette*, há mais de 40 anos! E a exumação do corpo de Mélanie, seis meses após sua morte, confirma a santidade que testemunha esse relato, como testemunham *todos aqueles que a aproximaram*.

Seria permitido agora admitir que uma criatura assim favorecida, tão elevada nas vias de Deus, possa grosseiramente enganar esse "povo" ao qual ela foi enviada, afirmando solenemente o que segue, e isso, menos de dois meses antes de aparecer diante de Deus? (Sabe-se que Mélanie havia anunciado sua morte 22 meses à frente, assim como todas as circunstâncias que cercaram sua morte.)

Aqui está o fac-símile de uma carta escrita por ela ao Sr. de la Rive, que havia reeditado o seu Segredo em Lyon.

Destacamos as últimas linhas desta carta, um verdadeiro Testamento de Mélanie:

> "EU PROTESTO CONTRA AS FALSAS DECLARAÇÕES DE TODOS AQUELES QUE OUSARAM DIZER E ESCREVER: 1° QUE EU INVENTEI O SEGREDO; 2° CONTRA AQUELES QUE AFIRMAM QUE A RAINHA DA SABEDORIA NÃO DISSE PARA FAZER

> PASSAR O SEGREDO A TODO O SEU POVO".

Poderíamos, apenas nos Anais de Nossa Senhora de La Salette, multiplicar as citações em favor de Mélanie e do seu Segredo. Reproduzimos, portanto, as seguintes linhas que foram extraídas (onze anos após o caso Caterini). Poderemos medir assim o caminho percorrido e o valor das afirmações atuais à luz das afirmações passadas.

> "Santíssimo Padre, o que devemos pensar do Segredo da Salette?", perguntou um dia o T.R.P. Giraud, de santa memória e antigo Superior dos Missionários da Salette.
>
> Resposta de Pio IX, que conhecia o Segredo e QUE HAVIA MUITAS VEZES FAVORECIDO E AUTORIZADO A PROPAGANDA COM SUAS BENÇÃOS AUTOGRÁFICAS E APOSTÓLICAS:
>
> O Segredo de La Salette!... o que devemos pensar dele? SE VOCÊS NÃO FAZEM PENITÊNCIA, PERECERÃO TODOS... Eis o que devemos pensar dele.
>
> Ah, certamente, Pio IX não ordenava queimar a dolorosa Mensagem da Rainha do Céu. E não ordenava recusar a absolvição àqueles que a guardavam! Em vez disso, ele chegou a favorecer a propaganda com suas bênçãos apostólicas!...
>
> E nós?... (Anais de N.D. da Salette, nº de junho de 1891, p. 7)

Anexo IV: Os segredos de La Salette

Os segredos de La Salette [16]. Este plural pode confundir o leitor não informado. De fato, há dois segredos; o de Maximin e o de Mélanie. Mas com uma abrangência e destino bem diferentes, Maximin não tendo recebido de Maria a ordem de comunicar seu segredo, enquanto Mélanie havia recebido a ordem de fazer passar o seu a todo o povo de Maria em 1858.

O P. Sougez sabe disso perfeitamente, pois Mélanie passou sua vida a dizer e a escrever isso. Portanto, na realidade, trata-se apenas do Segredo de Mélanie, o único que incomoda os oponentes, ou melhor, que incomoda o Príncipe deste mundo, que inspira toda essa luta, como se tenta mostrar no Anexo VI.

Responderemos, portanto, *no singular*, à astuciosa sequência de falsidades que visa, na realidade, apenas o Segredo de Mélanie.

A AFIRMAÇÃO DO P. SOUGEZ (P.P. 109 e 110).	A RESPOSTA DOS FATOS
Trancados nos arquivos pontifícios, os segredos oficiais[17].	Não há outro segredo "oficial" de Mélanie além daquele publicado por ela em 1879 e reeditado em 1904. O segredo entregue a Sua Santidade Pio IX em 1851 não passa de uma redação idêntica e parcial daquele que todos conhecem, contendo as críticas ao clero. Além disso, desde seu retorno da Inglaterra, em 1860, havia o texto completo escrito de próprio punho por Mélanie, embora sem ordem. Contudo, tudo o que aparece no texto definitivo de 1879 já estava presente ali. E, em 1873, o padre Bliard publicou esse mesmo texto de 1860 com o ***imprimatur*** do arcebispo de Nápoles.
nunca foram publicados.	Acabamos de ver o contrário; veja, além disso, o capítulo VI sobre o caso Caterini (parágrafo d).
Contra a vontade de Roma.	Alusão ao caso supracitado, no qual "Roma" não teve qualquer envolvimento.
A partir de 1870, publicaram-se muitos documentos oficiosos.	Essa distinção entre segredo "oficial" e segredo "oficioso" é uma invenção da imaginação. Houve, do mesmo e único Segredo, as diferentes publicações mencionadas acima.
e até mesmo (!!!) com a assinatura de Mélanie.	Esse mesmo insinua o que se quiser, mas se desfaz diante do fato de que Mélanie sempre assinou ou reconheceu todas as edições de seu Segredo.

A Santa Sé condena toda publicação (do segredo).	Mentira pura refutada no Capítulo VI; alusão: 1° às cartas privadas de Caterini, que não pertencem ao Santo Ofício; 2° ao Decreto de 1915, que de maneira nenhuma condena o Segredo.
Mas o burburinho em torno deles nos obriga a buscar humildemente (?!) em que interesse espiritual Nossa Senhora mesma incluiu segredos em seu discurso.	O interesse espiritual não é de forma alguma incognoscível (veja os anexos VI e VII) e, se o fosse, não seria apropriado entregar-se humildemente ao Trono da Sabedoria, que não poderia falar para não dizer nada.
Os sacerdotes e leigos faltaram com discrição em relação à Nossa Senhora ao quererem conhecer o que ela expressamente escondeu.	Escondido até 1858 e expressamente pedido para ser publicado depois.
A Mensagem (pública) tal como deve ser transmitida a todo o povo é, em si mesma, completa e suficiente.	É como se rejeitássemos as Epístolas, os Atos, o Apocalipse, dizendo que o Evangelho é «em si mesmo completo e suficiente». (E nossa comparação aqui favorece o Discurso público). Não seria mais conveniente confiar à Rainha Muito Prudente o julgamento sobre isso?
Satisfeitos com o discurso, devemos evitar a preocupação de desvelar os segredos como se fosse uma falha capaz de turvar nossa visão sobre o sentido claro da aparição.	Não há mais segredo a ser «desvelado» desde sua publicação, mas uma mensagem tornada pública pela vontade expressa de Nossa Senhora de La Salette, sem a qual o «sentido claro» se torna impossível. Para o «sentido claro», veja, entre outros, os anexos VI e VII.
Mélanie não era juíza dessa oportunidade;	Ela não estava encarregada de «julgar», mas de testemunhar; o que fez quando, após a Santíssima Virgem, seus superiores, que tinham a graça de estado para fazê-lo, lhe confirmaram a ordem. (Carta de Mélanie de 20 de setembro de 1880).
Aos 40 anos, assim como aos 15, ela não possuía graça de estado sobre esse ponto específico. E ela não poderia ter recebido a missão de revelá-lo, apesar da Igreja. Não a coloquemos, para a direção da cristandade, acima dos bispos e do Papa.	Ela possuía as graças de estado relacionadas à sua missão, que era fazer o que a Santíssima Virgem a havia escolhido para fazer. Mélanie nunca pretendeu dirigir a cristandade, mas apenas divulgar seu Segredo, não «apesar da Igreja», mas em pleno acordo com ela (ver cap. VIII). Espíritos tão claros que não hesitam em dar à Rainha Muito Prudente as lições de prudência que acabamos de ler.
...os segredos eram um obstáculo para alguns espíritos claros (!?) inimigos do mistério e da sombra...	«Inimigos do mistério e da sombra» que se empenham, há duas gerações, em empurrar para a sombra a Mensagem de misericórdia que a Rainha do Céu e da Terra quis fazer resplandecer diante de «todo o seu povo!».

Anexo V: Uma confirmação do Segredo

Testemunho para aqueles que a verdade ainda interessa

Para rejeitar o Segredo, os opositores não hesitam em dizer que suas partes visivelmente realizadas foram escritas após o fato, como se leu acima.

Uma das mais precisas dessas realizações é, sem dúvida, a que se refere a Napoleão III.

Aqui está o que lemos sobre ele no Segredo:

> "*Que o Vigário do meu Filho, o Soberano Pontífice Pio IX... desconfie de Napoleão; seu coração é duplo, e quando ele quiser ser ao mesmo tempo Papa e Imperador, logo Deus se retirará dele; ele é aquela águia que, querendo sempre se elevar, cairá sobre a espada com que queria se servir para obrigar os povos a se fazerem elevar*"[18].

Ora, o Bispo Ginoulhiac, em seu mandato de 4 de novembro de 1854[19], escreve o seguinte:

> "*... É outra insinuação mais perigosa, sem dúvida, para a existência da devoção a Nossa Senhora da Salette, a de que, sob pretexto de se indignar contra a conduta de um dos filhos, se relata em detalhes profecias que seriam relativas à pessoa do chefe do Estado e ao destino da França e da Igreja, embora não se possa ignorar, pois já o dissemos o suficiente, que essas predições não se ligavam de forma alguma ao fato de La Salette, que elas não haviam sido colocadas no espírito do jovem pastor e não haviam passado em seus discursos senão vários anos após 19 de setembro de 1846, mas felizmente vivemos sob um governo suficientemente seguro de si mesmo, para não tremer diante de supostas confidências proféticas feitas a uma criança, suficientemente esclarecido para perceber a inanidade dessas predições no ridículo que as acompanha! Os conselhos que parecem dar chegam um pouco tarde. Não esperamos que o evento mostrasse a falsidade desses oráculos para informá-lo! e ele sabe bem que, se a autoridade diocesana vela de um lado para não deixar*

> *introduzir nenhuma superstição em uma devoção respeitável, ela vela também, por outro lado, para não permitir que, à sombra dessa devoção, se forme ou se abrigue qualquer intriga de partido!*"

De acordo com este texto, é o jovem pastor que teria feito a previsão, mas, seja uma questão de um erro do bispo em relação à criança, ou da publicidade, por Maximin, de uma confidência de Mélanie, encontramos aqui a correspondência absoluta entre este texto e o Segredo da Pastora.

Seja como for, não é Maximin que ele exila na Inglaterra, mas Mélanie, e isso em pleno acordo com o imperador, a quem ele "informou da falsidade desses oráculos", como ele mesmo diz!

Sabemos que o Bispo Ginoulhiac, colocado em Grenoble por Napoleão, era todo zelo em relação a ele. O imperador, avisado da previsão, queria substituir os missionários por seus gendarmes (A. Nicolas). Como, em tais circunstâncias, esse bispo poderia discernir a duplicidade desse "águia de coração duplo", e sobretudo, ousar resistir a ele!

O bispo se debatia no meio de dificuldades contraditórias e achava que tudo estava muito bem sob "um governo tão seguro de si mesmo". 1870 estava tão longe, tão inimaginável!

O ÁGUIA DE CORAÇÃO DUPLO enviava um exército em socorro do Papa com a ordem de chegar tarde demais; ele enchia as igrejas de presentes e financiava a "Vida de Jesus", de Renan; ele oferecia uma espada de honra aos Padres de La Salette, que eles não deixavam de mostrar com o Tesouro da mesma basílica que ele ameaçava fechar, etc., etc...

Sim, certamente, então, 1870 estava longe, menos longe, no entanto, pelo calendário do que pela segurança pueril que testemunha esse prelado desdenhoso de Mélanie e sobre o qual se configuram todos os detratores de seu Segredo.

Era necessário, então como posteriormente, por parte dessa "POBRE EXALTADA", uma "FACULDADE ANORMAL DE FABULAÇÃO" e de "VERDADEIRO DELÍRIO" como diz hoje o Padre Jaouen, para ter uma opinião diferente da do Bispo Ginoulhiac, que proclamava sua missão terminada!

"Sabe-se, relata Léon Bloy, que ela deixou o convento da Providência em Corenc, em 1854, para ser enviada à Inglaterra; ora, após sua partida, notou-se essas palavras que ela havia gravado na madeira de seu pupitre com a ajuda de um canivete: 'PRUSSIENSES 1870'. Ainda em Corenc, a professora de classe lhe deu, um dia, um mapa da França para estudar. A pobre criança começou a chorar e riscou com um traço a Alsácia e a Lorena. Ela resumia o reinado de Napoleão em três palavras: Hipocrisia, Ingratidão, Traição".

Não tendo sabido reconhecer o tempo em que havia sido visitada, a França recebeu, sobre esse ponto particular da mensagem celestial, homologada à sua maneira pelo bispo do local, um primeiro aviso na harmonia da Mensagem pelo cerco de sua capital, em 19 de setembro de 1870!

Teria sido difícil significar em menos palavras e com mais precisão o evento futuro tão plenamente julgado por dentro e por fora por esse parágrafo do Segredo tão exatamente inscrito dezesseis anos antes pelos cuidados do Bispo de Grenoble:

A PESSOA DO CHEFE DE ESTADO (Napoleão: Águia de coração duplo).

OS DESTINOS DA FRANÇA (a Espada de Bismarck; o Cerco de Paris em 19 de setembro).

E DA IGREJA (a colusão do carbonário coroado com Cavour; o Cerco de Roma em 20 de setembro).

E AGORA, APRENDA...

E vocês que fechavam os olhos à verdade do Segredo, cessem de se obstinar em uma inutilidade que se resolverá, em breve, como a dos seus antecessores, em uma falência retumbante.

Anexo VI: Uma Tentativa de Explicação da Guerra ao Segredo de La Salette

> *Adiantem, meus filhos, não tenham medo; estou aqui para anunciar uma grande notícia.* (Nossa Senhora de La Salette aos dois pastores).

As "reprovações ao clero" não podem explicar, por si só, uma guerra sem igual que dura há mais de sessenta anos, e que aumenta sob nossos olhos apesar das atuais pragas que a realizam de forma tão visível. Nós vemos, por nossa parte, uma explicação mais profunda.

A *grande notícia* de La Salette não é a história das batatas estragadas, mas sim a grande notícia dos Últimos Tempos, a qual é aquela que, entre todas, Satanás não pode suportar, sendo aquela que marca o fim de seu reinado sobre a terra.

Para alcançar seus objetivos, ou seja, o sufocamento da Mensagem central de La Salette, Belzebu usa com astúcia as reprovações da *Rainha da Sabedoria*, esforçando-se para excitar o orgulho sacerdotal de certos padres, que se tornam, por isso, seus associados de escolha na ignorância que ele precisa obter a todo custo por parte dos homens dos Últimos Tempos sobre a questão capital que deve, de alguma forma, decidir sobre sua salvação. Pois, "os eleitos eles mesmos perderiam a fé" pela sedução final se os prodígios que se multiplicam sob seus olhos chegassem a torná-los os zombadores sonhados que os assimilariam a esses contemporâneos de Noé que nos promete São Mateus (cap. 24) para os Últimos Dias.

É preciso a todo custo que os homens estejam na ignorância do que os espera, na ilusão sobre esse capítulo capital e terminal da humanidade. [20]

La Salette é um todo inseparável, cujas todas as partes estão ligadas: Mensagem pública, Segredo, Ordem dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Não é difícil demonstrar isso, e há muitos outros sinais a acrescentar àqueles que aparecem à primeira vista. Retenhamos um particularmente expressivo.

O que podem significar, por exemplo, esse Martelo e essas Tenazes que estão fixados em cada extremidade dos braços da cruz que as crianças viram, carregada pela Bela Dama? O Martelo, instrumento da crucificação, está situado à esquerda da cruz, lado dos réprobos. As Tenazes, que

servem para retirar os pregos, põem fim à crucificação; elas estão assim do lado dos eleitos. Alfa e Ômega [21], maravilhoso resumo da Redenção, da qual La Salette anuncia o último Ato, duplo emblema que todas as suas imagens, todos os seus símbolos fazem figurar em primeiro plano! Ora, a Sabedoria não diz nem faz nada de inútil!

Outra analogia a assinalar. Ao Alfa e Ômega gregos, correspondem o Aleph e o Tau, primeira e última letras do alfabeto hebraico. Ora, nesse alfabeto (hebraico e fenício, muito anteriores ao alfabeto quadrado empregado desde então), o Aleph e o Tau evocam pelas suas formas mesmas as tenazes e o martelo!

O Evangelho nos anunciava a "boa notícia" do Começo: a vinda do Cordeiro.

La Salette nos anuncia a "grande notícia" do Fim: a proximidade do Juiz e o convite para esperá-lo, com a lâmpada acesa na mão!

Que o homem, portanto, não separe o que Deus uniu!

Mas, para voltar à frenesia atual, só se encontrará a explicação plena por meio da ação do Maligno, bem indiferente, é claro, às «repreensões ao clero», mas que não teme nada mais no mundo do que o conhecimento dos Últimos Dias, pelo qual as almas, prevenidas, resistiriam às seduções dos falsos profetas[22] e escapariam dele em massa.

Assim, vê-se qual é a posição de uma certa porção do clero moderno sobre esse Fim.

Com as fábulas da Evolução e do Progresso Indefinido, entre outras, as quais exigem, pensam eles, para ser plausíveis, milênios, esse clero está persuadido (e isso se imprime todos os dias ou se expressa em axiomas) de que estamos nos primeiros tempos do cristianismo.

Está, portanto, no bom caminho e devidamente intoxicado; seria permitido que uma tal disposição fosse posta em xeque por um aviso do Céu!

Anexo VII: Para a Intelligência do Segredo

Algumas pessoas de boa-fé que consideram no Segredo, sobretudo o aspecto da previsão, estimam que haveria mérito em negligenciar uma tal mensagem, mesmo autêntica, já que o conhecimento do futuro não seria, segundo elas, de maneira alguma necessário para a preparação de nossa salvação.

Além do primeiro e suficiente motivo para rejeitar essa maneira de ver, porque ela suporia da parte do cristão que a formula uma sabedoria maior do que a da Santíssima Virgem que formalmente pediu a propagação do Segredo, é preciso responder que aquele que procurasse nessa Mensagem o conhecimento detalhado ou datado dos eventos futuros seria muito decepcionado.

O Segredo de La Salette não é feito para a curiosidade humana, assim como nenhum livro inspirado. Tudo está dito, na verdade, mas como em uma página de Escritura, com clareza suficiente para quem possui o sentido bíblico; com obscuridade suficiente, também, como nos Livros Sagrados, para deixar o mérito da fé. Nele se constatam, na verdade, como nos Textos Sagrados, aparentes anacronismos, e essa superposição de eventos por vezes separados por grandes intervalos de tempo, que a Visão do Profeta lhe mostrou, como em uma grande fresca, em um mesmo plano.

O Segredo de La Salette não é outro senão um Apocalipse mariano. Seu estilo mesmo se assemelha ao dos Profetas, pelo corte da forma e o absoluto da doutrina. É, na realidade, como um desenvolvimento do Apocalipse, desenvolvimento que vem em sua hora, para nos dar, em termos claros, o que é importante saber hoje do que São João proclama de absoluta necessidade para os homens dos Últimos Tempos: "Feliz aquele que guarda as palavras da profecia deste livro" (XXII, 7). Feliz, da mesma forma, aquele que guarda as palavras de Maria, cujo Mensagem ilumina o do vidente de Patmos.

Tudo o que lemos hoje no divino Segredo é infinitamente mais realizado do que era há 50 ou 60 anos. E, de toda a evidência, seu cumprimento se prova crescente de década em década, de lustro em lustro.

Ele nos introduz soberanamente, como com o Fogo do Espírito Santo, na compreensão do mistério da iniquidade contemporânea que denunciava com tanta força Sua Santidade Pio X em sua Encíclica *E Supremi*, trazendo-nos assim os dons de Inteligência, Força e Prudência que nos valerão de ser do pequeno número daqueles que VEEM, e assim resistirão às últimas seduções às quais «mesmo os eleitos» estão expostos. Eles renunciarão, assim, às falaciosas promessas de felicidade terrestre para se apegar às únicas afirmações do Evangelho e da Cruz. «Lutem, filhos da luz,

vocês, pequeno número que veem, pois eis o tempo dos tempos, o fim dos fins!»

Aquela que fala assim é bem a Soberana, Aquela que foi mostrada ao Beato Grignion de Montfort como devendo ser a Rainha do Último Século, a Mulher reerguida após dezoito séculos de Curvatura[23], "terrível como um exército disposto em batalha" e falando então como identificada ao Pai: "EU vos dei seis dias para trabalhar; EU ME reservei o sétimo; não querem ME concedê-lo".

Era conforme à misericórdia de Deus que o homem que recebeu desde sua queda a promessa do socorro da Mulher ouvisse a voz dessa Mulher na aproximação do esmagamento definitivo da Cabeça dessa "Velha Serpente" do qual Ela nos fala nesse Mensagem de Fogo.

Alfa e Ômega, aqui ainda; Começo e Fim por Maria, do grande drama da Queda em razão da qual Ela veio, em lágrimas, a La Salette, para iluminar os homens de boa vontade na Noite dos Últimos Tempos.

ORAÇÃO À SANTÍSSIMA TRINDADE

para obter a glorificação de sua humilde serva, Mélanie Calvat, Pastora de La Salette.

Ó Santíssima Trindade, Fonte de toda santificação, oferecemos-vos, pelas mãos propícias de Nossa Senhora de La Salette, Reconciliadora dos pecadores, nossas fracas reparações por tantos blasfêmias satânicas, por tantas profanações do Domingo e das festas de obrigação, por um tão orgulhoso desprezo do preceito absoluto da Oração, da Penitência e da Mortificação. Fazei que todos conheçam a imensidade do Vosso amor pelos homens, apreciem os tesouros celestes que dá o perfeito renunciamento a si mesmo e ao mundo, e, por consequência, subordinem as coisas terrestres à obra unicamente necessária da salvação eterna.

Esses dons foram o apanágio de Mélanie, a fiel Mensageira da Rainha do Céu, e por seus méritos, nós Vos os pedimos. Concedei-nos suas virtudes de predileção, a humildade, a abnegação, a caridade, e, para manifestar sempre mais seu crédito junto à Vossa infinita Majestade, concedei que, por sua intercessão, nossas orações cheias de fé, de confiança e de amor, nos obtenham a graça de....., nos conformando ao Vosso divino querer, seja qual for, Vos agradecendo por todos os Vossos benefícios espirituais e temporais, para merecer assim ir logo Vos adorar na eterna felicidade do céu. Assim seja.

"Que Jesus seja amado por todos os corações".

Três *Pai-Nosso*, *Ave-Maria*, e *Glória* à glória da adorável Trindade e em honra da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Imprimatur Alberto LEPIDI, O.P.

O segredo de Mélanie

Dado pela muita Santa Virgem Maria, na montanha de La Salette, em 19 de setembro de 1846

...Maximin recebia então seu segredo. Depois, dirigindo-se a mim, a Muito Santa Virgem me falou e me deu um segredo em francês. Este **segredo**, aqui está ele na íntegra, tal como ela me o deu:

> *"Mélanie, o que vou te dizer agora não será sempre segredo, você poderá publicá-lo em 1858.*
>
> "***Os padres, ministros do Meu Filho, os padres, pela sua má vida, pela sua irreverência e impiedade ao celebrar os santos mistérios, pelo amor ao dinheiro, amor à honra e aos prazeres, os padres se tornaram cloacas de impureza. Sim, os padres pedem vingança, e a vingança está suspensa sobre suas cabeças. Ai dos padres e das pessoas consagradas a Deus, que, por suas infidelidades e má vida, crucificam novamente Meu Filho! Os pecados das pessoas consagradas a Deus gritam aos Céus e clamam por vingança, e eis que a vingança está à sua porta, pois não há mais ninguém para implorar misericórdia e perdão pelo povo; não há mais almas generosas, não há mais ninguém digno de oferecer a Vítima sem mácula ao Eterno em favor do mundo.***
>
> "***Deus vai castigar de uma maneira sem precedentes. Ai dos habitantes da terra! Deus vai esgotar Sua ira, e ninguém poderá escapar de tantos males reunidos.***
>
> *"Os chefes, os condutores do povo de Deus negligenciaram a **oração** e a **penitência**, e **o demônio obscureceu suas inteligências**; eles se tornaram essas estrelas errantes que o velho diabo arrastará com sua cauda para fazê-las perecer.*
>
> *"Deus permitirá que a velha serpente semeie **divisões** entre os governantes, em todas as sociedades e em todas as famílias; sofreremos penas físicas e morais; Deus abandonará os homens a si mesmos, e enviará **castigos** que se sucederão por mais de trinta e cinco anos.*
>
> *"A sociedade está à beira dos flagelos mais terríveis e dos maiores acontecimentos; deve-se esperar ser governado por uma vara de ferro e beber o cálice da **ira de Deus**.*

*"Que o Vigário de Meu Filho, o Soberano Pontífice Pio IX, não saia mais de Roma após o ano de 1859; mas que ele seja firme e generoso, que lute com **as armas da Fé e do amor**; eu estarei com ele. Que ele se cuide de Napoleão: seu coração é duplo, e quando ele quiser ser ao mesmo tempo Papa e imperador, em breve Deus se afastará dele; ele é essa águia que, desejando sempre se elevar, cairá sobre a espada com a qual queria obrigar os povos a se elevarem."*

A Itália será punida por sua ambição ao querer sacudir o jugo do Senhor dos Senhores; assim, ela será entregue à guerra; o sangue correrá de todos os lados. As Igrejas serão fechadas ou profanadas; os padres e os religiosos serão expulsos; far-se-á com que morram, e morrerão de uma morte cruel.

*"**Vários abandonarão a Fé, e o número de padres e religiosos que se separarão da verdadeira religião será grande; entre essas pessoas haverá até mesmo Bispos.** Que o Papa fique em guarda contra os fazedores de milagres, pois o tempo chegou em que os prodígios mais surpreendentes ocorrerão na terra e nos ares.*

*"Na ano de 1864, Lúcifer com um grande número de demônios será solto do inferno: eles **abolirão a Fé** pouco a pouco, mesmo entre as pessoas consagradas a Deus; eles as cegarão de tal maneira, que a menos que uma graça particular intervenha, essas pessoas adotarão o espírito desses maus anjos; várias casas religiosas perderão **completamente** a Fé e perderão muitas almas.*

*"Os **maus livros abundarão na terra**, e os espíritos de trevas espalharão por toda parte um **relaxamento universal** em tudo que diz respeito ao serviço de Deus; eles terão um grande poder sobre a natureza; haverá igrejas para esses espíritos. Pessoas serão transportadas de um lugar para outro por esses espíritos malignos, e mesmo padres, porque não se guiaram pelo **bom espírito do Evangelho**, que é um **espírito de humildade, caridade e zelo pela glória de Deus**. Serão feitos ressuscitar mortos e justos. Haverá em todos os locais **prodígios** porque **a verdadeira Fé se extinguiu e a falsa luz ilumina o mundo.** Ai dos Príncipes da Igreja que só estarão ocupados em acumular riquezas sobre riquezas, em preservar sua autoridade e dominar com orgulho!*

"O Vigário de Meu Filho terá muito a sofrer, pois por um tempo a Igreja será entregue a grandes perseguições: será o tempo das trevas; a Igreja passará por uma crise horrível. A santa Fé de Deus sendo esquecida, cada indivíduo quererá guiar-se por si mesmo e ser superior aos seus semelhantes. Os poderes civis e eclesiásticos serão abolidos, toda ordem e toda justiça serão pisoteadas; só se verá homicídio, ódio, ciúmes, mentira e discórdia, sem amor pela pátria ou pela família.

> *"O Santo Padre sofrerá muito. Eu estarei com ele até o fim para receber seu sacrifício. Os malignos atentarão várias vezes contra sua vida sem poder prejudicar seus dias; mas nem ele nem seu sucessor verão o triunfo da Igreja de Deus. Os governantes civis terão todos um mesmo desígnio, que será abolir e fazer desaparecer todo princípio religioso, para dar lugar ao materialismo, ao ateísmo, ao espiritismo e a toda sorte de vícios.*
>
> *"Em 1865, veremos **a abominação nos lugares santos**; nos conventos, as flores da Igreja estarão putrefatas e o demônio se tornará como o rei dos corações. Que aqueles que estão à frente das comunidades fiquem em guarda quanto às pessoas que devem receber, porque o demônio usará de toda a sua malícia para introduzir nas ordens religiosas pessoas entregues ao pecado, pois as desordens e o amor aos prazeres carnais se espalharão por toda a terra.*
>
> *"A França, a Itália, a Espanha e a Inglaterra estarão em guerra; o sangue correrá nas ruas; o Francês lutará contra o Francês, o Italiano contra o Italiano; então **haverá uma guerra geral que será espantosa**. Por um tempo, Deus não se lembrará mais da França nem da Itália, **porque o Evangelho de Jesus Cristo não é mais conhecido**. Os malignos empregarão toda a sua malícia; matar-se-ão, massacrar-se-ão mutuamente até dentro das casas.*
>
> *"Ao primeira golpe de sua espada fulminante, **as montanhas e toda a natureza tremerão de pavor**, porque as desordens e os crimes dos homens atravessarão a abóbada dos céus. Paris será incendiada e Marselha será engolida; várias grandes cidades serão abaladas e engolidas por terremotos; crer-se-á que **tudo está perdido**; só se verá homicídios, só se ouvirá ruídos de armas e blasfêmias.*
>
> *"**Os justos sofrerão muito**, suas orações, sua penitência e suas lágrimas subirão até o Céu, e todo o povo de Deus pedirá **perdão e misericórdia**, e pedirá **minha ajuda e minha intercessão**.*
>
> *"Então Jesus Cristo, por um ato de Sua justiça e de Sua grande misericórdia pelos justos, ordenará a Seus anjos que **todos Seus inimigos sejam mortos**. De repente, os perseguidores da Igreja de Jesus Cristo e todos os homens entregues ao pecado perecerão, e a terra se tornará como um **deserto**. **Então se fará a paz, a reconciliação de Deus com os homens; Jesus Cristo será servido, adorado e glorificado; a caridade florescerá em toda parte. Os novos reis serão o braço direito da Santa Igreja, que será forte, humilde, piedosa, pobre, zelosa e imitadora das virtudes de Jesus Cristo. O Evangelho será pregado em toda parte e os homens farão grandes progressos na Fé, porque haverá unidade entre os operários de Jesus Cristo e os homens viverão na reverência a Deus.***

"*Essa paz entre os homens não será longa: vinte e cinco anos de colheitas abundantes farão com que esqueçam que os pecados dos homens são a causa de todas as penas que recaem sobre a terra.*"

"*Um precursora do anticristo, com suas tropas de várias nações, lutará contra o verdadeiro Cristo, o único Salvador do mundo; ele derramará muito sangue e desejará* ***aniquilar o culto a Deus*** *para se fazer ver como um Deus. A terra será atingida por todos os tipos de pragas (além da* ***peste*** *e da* ***fome****, que serão* ***gerais****). Haverá guerras até a última guerra, que será então feita pelos dez reis do anticristo, os quais reis terão todos um mesmo desígnio e serão os únicos que governarão o mundo.*

"*Antes que isto aconteça, haverá uma espécie de* ***falsa paz*** *no mundo; pensar-se-á apenas em* ***se divertir****; os malignos se entregarão a toda sorte de pecados. Mas os filhos da Santa Igreja, os filhos da Fé, meus verdadeiros imitadores, crescerão no amor de Deus e nas virtudes que me são mais queridas. Felizes as almas humildes guiadas pelo Espírito Santo! Eu lutarei com elas até que elas alcancem a plenitude da idade.*

"*A natureza pede* ***vingança*** *por causa dos homens, e ela treme de pavor diante do que deve acontecer à terra manchada de crimes.* ***Tremam****, terra, e vocês que professam servir a Jesus Cristo e que, por dentro, adoram a si mesmos, tremam; pois Deus vai entregar vocês ao Seu inimigo, porque os lugares santos estão na corrupção; muitos conventos já não são mais as casas de Deus, mas pastagens de Asmodeu e dos seus.*

"*Será durante este tempo que nascerá o Anticristo, de uma religiosa hebraica, de uma falsa virgem que terá comunicação com a velha serpente, o mestre da impureza; seu pai será Ev.; ao nascer, vomitará blasfêmias, terá dentes; em uma palavra, será o diabo encarnado; ele soltará gritos aterradores, fará prodígios, e se alimentará somente de impurezas. Ele terá irmãos que, embora não sejam como ele demônios encarnados, serão filhos do mal; aos 12 anos, eles se farão notar por suas valentes vitórias que conquistarão; em breve, cada um estará à frente das tropas, assistido por legiões do inferno.*

"*As estações serão alteradas, a terra só produzirá maus frutos, os astros perderão seus movimentos regulares, a lua refletirá apenas uma fraca luz avermelhada; a água e o fogo darão ao globo terrestre movimentos convulsivos e horríveis terremotos, que farão afundar montanhas, cidades, etc.*"

"***Roma perderá a fé e se tornará a sede do anticristo.***"

"*Os demônios do ar, junto com o anticristo, realizarão grandes prodígios na terra e nos ares, e os homens se perverterão cada vez mais. Deus cuidará de Seus fiéis servos e dos homens de boa vontade; o Evangelho será pregado por toda*

parte, todos os povos e todas as nações terão conhecimento da verdade!

"Eu endereço um apelo urgente à terra: chamo os verdadeiros discípulos do Deus vivo e que reina nos céus; chamo os verdadeiros imitadores do Cristo feito homem, o único e verdadeiro Salvador dos homens; chamo meus filhos, meus verdadeiros devotos, aqueles que se entregaram a mim para que eu os conduza a meu divino Filho, aqueles que eu carrego, por assim dizer, em meus braços, aqueles que viveram do meu espírito; enfim, chamo os Apóstolos dos últimos tempos, os fiéis discípulos de Jesus Cristo que viveram em desprezo do mundo e de si mesmos, na pobreza e na humildade, no desprezo e no silêncio, na oração e na mortificação, na castidade e na união com Deus, no sofrimento e desconhecidos do mundo. É tempo de que eles saiam e venham iluminar a terra. Ide, e mostrem-se como meus filhos amados; estou com vocês e em vocês, contanto que a sua fé seja a luz que os ilumina nesses dias de desgraça. Que o seu zelo os torne como famintos pela glória e pela honra de Jesus Cristo. ***Combatam, filhos da luz, vocês, pequeno número dos que vêem****; pois eis que é tempo dos tempos, o fim dos fins.*

"A Igreja será eclipsada*,* ***o mundo estará em consternação****. Mas eis Enoque e Elias cheios do Espírito de Deus; eles pregarão com a força de Deus, e os homens de boa vontade crerão em Deus, e muitas almas serão consoladas; eles farão grandes progressos pela virtude do Espírito Santo e condenarão os erros diabólicos do anticristo.*

"Ai dos habitantes da terra! Haverá guerras sangrentas e fomes; pestes e doenças contagiosas; haverá chuvas de uma horrenda saraivada de animais; trovões que abalarão cidades; terremotos que engolirão países; ouvir-se-ão vozes nos ares; os homens se baterão a cabeça contra as muralhas; eles clamará a morte, e por outro lado a morte fará seu suplício; o sangue correrá de todos os lados."

"Quem poderá vencer, se Deus não diminuir o tempo da provação? Por meio do ***sangue****, das* ***lágrimas*** *e das* ***orações*** *dos justos, Deus se deixará persuadir; Enoque e Elias serão mortos; Roma pagã desaparecerá, o fogo do Céu cairá e consumirá três cidades; todo o universo será atingido de terror, e muitos se deixarão seduzir porque não adoraram o verdadeiro Cristo vivo entre eles.*

"É tempo; o sol se escurece, ***a Fé apenas viverá****. Eis o tempo; o abismo se abre. Eis o rei dos reis das trevas. Eis a besta com seus súditos, dizendo-se o salvador do mundo. Ele se elevará com orgulho nos ares para ir até o Céu; será sufocado pelo sopro de São Miguel Arcanjo. Ele cairá, e a terra que, por três dias, estará em contínuas evoluções abrirá seu seio cheio de fogo; ele será mergulhado para sempre com todos os seus nas profundezas eternas do inferno. Então a água e o fogo purificarão a terra e consumirão todas as obras do orgulho dos homens,* ***e tudo será renovado. Deus será servido e***

> ***glorificado***"...
>
> *A Muito Santa Virgem terminou seu discurso **em francês**: "Bem! meus filhos, vocês farão passar a todo **meu povo**". Imprimatur e nihil obstat do Monsenhor Zola, bispo de Lecce, 15 de novembro de 1879.*

UMA CLOACA DE IMPUREZAS

Esta terrível acusação da Muito Santa Virgem Maria em La Salette, na França, sempre surpreendeu os cristãos. Dizer isso em **1846** era possível? Claro, não se poderia duvidar, uma vez que essa confidência vinha de tão alto, mas qual era a extensão e a gravidade do mal?

Aqui estão as confidências contadas por Paul de Pradel de Lamase em suas *memórias*, publicadas em 1942 por seu filho, sob o título *Legitimismo e Papado* (páginas 162-163), livro reeditado pelas Ed. Saint-Rémi_.

Estando em Roma em **1891**, antes de uma entrevista de três horas com Leão XIII, da qual ele dá todos os detalhes, encontra várias personalidades eminentes que lhe fazem confidências importantes.

Aqui está aquela que diz respeito à nossa questão.

> *Monsenhor Brunet, Superior do Seminário Francês em Roma, dedicou-se, sem piedade, a erradicar em mim certos preconceitos, cuidadosamente alimentados em nossas almas por não sei que atmosfera que respiramos por patriotismo e que faz, por assim dizer, parte do nosso patrimônio de amor-próprio. Quando eu lhe dizia que nosso clero nacional era incomparavelmente superior em ciência e virtudes ao clero de qualquer outra nação católica, ele elevou desdenhosamente os ombros em relação à primeira afirmação, e em relação à segunda, ele me confidenciou que a sagrada penitenciaria recebia mais pedidos de absolvição dos "casos reservados" por parte dos padres franceses **do que de padres de todo o resto do mundo**.*

“Quais eram esses ‘casos reservados’? Eu não tive a indiscrição de perguntar, mas suponho que se tratava principalmente de adultérios e sedução de penitentes, pecados graves que geralmente são absolvidos por telegrama.

“Não é o mesmo para certos outros, ao que parece. E para contrabalançar a opinião de Monsenhor Brunet, anoto que um padre trapista me disse um dia que os ‘casos reservados’ formam uma longa lista que é lida todos os sábados para os Padres e irmãos reunidos no capítulo. Há casos cuja possibilidade não pode ser considerada por almas francesas, e os superiores dos conventos de nossa nação obtiveram a autorização de não os mencionar para evitar que nossos religiosos desgastassem suas imaginações com aberrações genésicas ou perversidades criminosas e outras

monstruosidades que só podem ser concebidas por cérebros italianos ou espanhóis.

“A todo o custo, acredito que a tonalidade da moralidade dos padres, que as almas católicas tanto precisam acreditar, é sensivelmente a mesma sob todas as latitudes: O BEM SE MISTURA AO MAL, MAS A SOMA DO BEM PREVALECE.

“Consegui formar uma ideia dessa medida ao jantar um dia com um missionário diocesano, Monsenhor o padre de Cormon, que se tornou bispo de Aire.

> *“‘Eu preguei’, dizia ele, ‘mais de cento e cinquenta retiros eclesiásticos, e constatei que, em toda parte, os padres podiam ser divididos em três partes aproximadamente iguais:*
>
> - *o primeiro terço, o mais importante, é irrepreensível;*
> - *o segundo cai, mas se levanta;*
> - *o terceiro, levemente inferior em número aos outros dois, está absolutamente corrompido e só pode ser ressuscitado por milagre.*
>
> *“No entanto, é bom observar que a maioria desses maus padres manteve a fé e não são sempre os menos zelosos no exercício de suas funções”.*
>
> *“É a eterna proporção dos anjos caídos, tertia pars. [24]*

Além disso, a Santíssima Virgem Maria, ao falar de cloaca de impurezas, não pensa apenas nos costumes; ela pensa também, certamente, nas impurezas da doutrina, do ensino, da direção das almas e da Fé. E, nesse caso, ela tem razão em dizer: "os sacerdotes", de forma geral, pois poucos, muito poucos, são completamente puros.

Rezemos pelos nossos sacerdotes!

Louis-Hubert REMY

Referências

[1] http://www.rore-sanctifica.org

[2] Oração do Padre Cestac de 13 de janeiro de 1864 à Muito Santa Virgem Maria contra os espíritos das trevas.

[3] É de propósito e para distinguir esta mensagem do resto do Discurso que usaremos a expressão "SEGREDO" de La Salette ao longo deste estudo, embora não tenha sido secreto, por ordem da Mãe de Deus, até 1858, o ano de Lourdes. A expressão "Segredo de La Salette" é, aliás, de uso comum, por esse motivo, apesar de sua prospecção.

[4] À "Documentação católica", entre outros, e a todos aqueles que, como ela, a reproduziram ou dela se inspiraram. A todos aqueles que, de forma mais geral, repetem sem nunca terem verificado a afirmação dos opositores. A todo o coro dos trabalhadores da última hora, finalmente, clérigos ou leigos, que construíram o sábio andaime que será exposto mais adiante. (Anexo II)

[5] As referências de página ao longo deste estudo referem-se todas ao folheto do P. Lepidi.

[6] Que o cardeal tenha sucumbido a uma verdadeira pressão, as seguintes palavras que ele dirigiu a Monsenhor Zola testemunham: "Eu estou errado, fui rápido demais; mas também esses franceses me sobrecarregam: vejam, olhem sobre a minha mesa estas montanhas de cartas dos bispos franceses, e não é fácil fazê-los desistir quando eles têm algo na cabeça" (declaração de Monsenhor Zola a Mélanie, carta de 1º de dezembro de 1898).

[7] Veja, entre outras, sua carta de 24 de maio de 1880 (Lepidi p. 28).

[8] Qualificativo dado por ela, em sua autobiografia, ao Menino Jesus, que se tornou seu companheiro nos primeiros anos de sua vida.

[9] Depois da leitura da qual Sua Santidade Pio X não chamava mais Mélanie de outra forma senão "Nossa santa", isto bem antes da publicação que deveria ser feita por Léon Bloy.

[10] Devemos, no entanto, destacar uma segunda exumação que ocorreu em 19 de setembro de 1918, na qual foi encontrado apenas seu esqueleto, o que parece ser a regra no caso dos santos agraciados com essa graça excepcional. Mas não é já notável que por pelo menos seis meses não foi apenas a conservação, mas a frescura e a flexibilidade do corpo que foram constatadas.

[11] É útil esclarecer que, por esta palavra, entendemos *um pequeno número* de padres ou religiosos conscientes de sua prévaricação. Mas, infelizmente, são os mais visíveis e seguidos do grande número que eles desviam. E ainda assim, atraem a fúria sobre a Igreja.

[12] Os sublinhados são de nossa autoria.

[13] É contra a luz que a Rainha do Céu trazia que todos aqueles, leigos ou clérigos, que combateram o Segredo se insurgiram. Nisso, foram realmente "trabalhadores das trevas". Mas nos guardamos bem, isso é óbvio, de julgá-los pelo restante de suas atividades que queremos acreditar que são excelentes. Queremos até acreditar em sua boa fé e suplicamos a Deus que assim seja no grave erro que cometeram ao combater a mensagem luminosa de Maria, mas um erro em matéria grave continua sendo detestável e pede reparação. Eles se honrarão ao fazê-lo o mais rápido possível, e então nos agradecerão por nosso aparente rigor.

[14] Sua tese, bem orquestrada, é a seguinte: Mélanie, longe de ser a santa da lenda venerada pelos "mélanistes", foi, ao contrário, dotada de um pesado e raro cortejo de defeitos; mas o milagre permanente de seu destino se destaca pelo fato de que nunca, mesmo que pouco, esses defeitos alteraram a integridade de seu primeiro testemunho. Eles se esquecem de nos dizer por que a deficiência do testemunho, supostamente admitida, faria com que esse raciocínio deixasse de se aplicar em favor do segundo testemunho que apenas coroa o primeiro!

[15] Que se tente fazer coincidir este relato de uma testemunha ocular com a acusação de histeria de nossos atuais detratores, que, por sua vez, nada viram. E que nos digam se La Salette, e mais amplamente a causa de Deus, não é melhor servida pela figura serena da testemunha do que pela careta infernal que esses "histeriólogos" nos apresentam!

[16] Capítulo extraído de *N.D. Réconciliatrice*; livro já citado do P. Sougez.

[17] Todos os sublinhados são de nossa autoria.

[18] Este parágrafo se encontra na íntegra na redação que Mélanie fez assim que voltou à França, em 1860.

[19] *La Salette diante da razão de um católico* por A. Nicolas, p. 195, edição Casterman em Tournay em 1856.

[20] Outro exemplo típico de abafamento no caso de Fátima. Com seus "sinais no céu" e muitos outros indícios, Fátima continua a lição de La Salette quanto ao anúncio do Fim dos Tempos. Será por isso que levou 25 anos para que o eco, ainda tão fraco, chegasse até nós? Totalmente ignorada pela opinião pública que conhece o nome da menor estrela de cinema, a prodigiosa aparição é mal conhecida pelos fiéis e desprezada por uma fração do clero, apesar da resposta de Portugal que deve sua conversão e sua proteção milagrosa em meio a um mundo em chamas.

Aqui, como em La Salette, e pelas mesmas razões, o Grande Embusteiro presidiu ao abafamento deste "sinal" inequívoco do Fim dos Tempos.

[21] “*Alfa e Ômega*” que São João emprega no início e no fim de seu Apocalipse, precisamente por ocasião do Fim dos Tempos e para designar Nosso Senhor por ocasião deste segundo advento.

[22] E não seria difícil colocar nomes próprios em um certo número deles que se agitam diante de nossos olhos!

[23] Sabe-se que a Aparição ocorreu em um sábado, último dia das Quatro-estações de setembro, cujo Evangelho do dia é o da Mulher encurvada há dezoito anos e endireitada por Jesus *em um dia de Sábado*. E aqui vem Maria, em um dia de Sábado, falar, pela primeira vez na Igreja, *com autoridade* e como identificada ao Pai!

[24] Alusão à passagem do Apocalipse na qual São João relata que um terço dos anjos se rebelou e, caídos, foram precipitados no inferno.

Os 350 erros e heresias do catecismo conciliar (CEC)

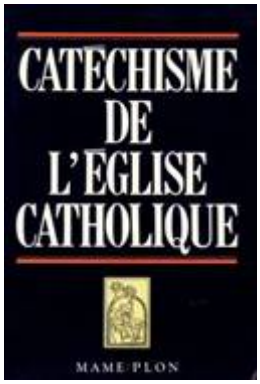
Dom Fellay mantém silêncio sobre este documento, produto puro de Ratzinger-Bento XVI, e assinado pelos anglicanos reunidos

Domingo, 27 de dezembro de 2009.

Artigo original disponível em Virgo Maria

- Introdução
- Um diagnóstico devastador sobre o CEC: um tecido de 350 erros e heresias, a flor do ensinamento maçônico do Vaticano II
- O ‘cardeal’ Levada, apoiado pelo padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, quer fazer aceitar o catecismo conciliar pela FSSPX.
- O CEC é assinado com as duas mãos pelos anglicanos cujos ordens são inválidas, que a partir de agora declaram unir-se à Igreja Conciliar em suas heresias
- ANEXO – Documento recebido de um leitor

Introdução



Dom Fellay e sua comissão teológica em breve engajados no "renovamento da catequese à luz do Catecismo da Igreja Católica", ao lado dos anglicanos do TAC, que veem "a expressão e a aplicação mais completas e mais autênticas da fé católica"

O CEC, documento-símbolo do trabalho do padre Ratzinger na Congregação para a Doutrina da Fé (CDF), contém **529 citações do Vaticano II para apenas 84 citações de 2000 anos de Magistério da Igreja! 88 citações de 34 anos de "papas" conciliares, para 21 citações de 1900 anos de verdadeiros papas!**

Bela "hermenêutica da continuidade"! E Dom Fellay e sua comissão querem fazer crer que o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI abandona o Vaticano II. O 'cardeal' Levada, reforçado por Ratzinger-Bento XVI, quer fazer aceitar o catecismo conciliar pela FSSPX. Os anglicanos do TAC já assinaram em novembro de 2007 o CEC, como garantia de sua vontade de "comunhão plena" com o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, declarando:

> "*Nós admitimos que a expressão e a aplicação mais completas e mais autênticas da fé católica residem atualmente no Catecismo da Igreja Católica*".

E em novembro de 2009, Dom Fellay expressa sua "grande alegria" diante dessa aprovação entusiástica às heresias do Vaticano II por parte dos anglicanos, aos quais são totalmente "nulos e absolutamente vãos", segundo o julgamento infalível e irreformável de Leão XIII em 1896 (*Apostolicae Curae*).

> "*Nós temos a vontade de rever com eles [NDLR: a FSSPX] todo o Catecismo da Igreja*" 'cardeal' Levada, 17 de junho de 2009

> "*fidelidade integral ao concílio Vaticano II e ao magistério pós-conciliar da Igreja, e do renovamento da catequese à luz do Catecismo da Igreja Católica*" Bento XVI, 16 de junho de 2009

"*O Antigo Testamento é uma parte inalienável da Escritura Sagrada... **pois a Antiga Aliança nunca foi revogada.***" § 121, **Declaração FORMALMENTE apóstata do CEC, pois a Antiga Aliança não foi revogada, MAS CUMPRIDA PELA ENCARNAÇÃO do Verbo de Deus em Nosso Senhor Jesus Cristo.**

Um leitor nos enviou um estudo que circula de forma confidencial e que analisa minuciosamente o CEC (Catecismo da Igreja Católica) publicado em 1992 sob a autoridade da CDF (Congregação para a Doutrina da Fé) presidida pelo padre apóstata Ratzinger; o principal responsável por esse texto foi o futuro 'cardeal' Schönborn, atualmente 'arcebispo' de Viena.

Além de um estilo cauteloso e de expressões muito diplomáticas, o autor anônimo estabelece um diagnóstico devastador do CEC.

Em seu estudo, ele identificou mais de 350 erros e heresias neste catecismo conciliar, que sempre foi apresentado pela Roma conciliar como o sinal de um restabelecimento doutrinal e o fim de um período anárquico, do qual o catecismo holandês pós-Vaticano II era apresentado como o símbolo do terror.

O documento original pode ser baixado em formato PDF a partir de:

http://www.virgo-maria.org/Documents/eglise-conciliaire/1992-Erreurs_du_CEC.pdf

O documento digitalizado pode ser baixado em formato PDF a partir de:

http://www.virgo-maria.org/Documents/eglise-conciliaire/1992-Erreurs_du_CEC_ocr.pdf

A apresentação oficial deste documento adulterado demonstra que se trata do resultado de um trabalho de 15 anos, realizado sob a égide das mais altas autoridades da Igreja Conciliar:

> « *O **Catecismo da Igreja Católica** [1] é uma obra de instrução à doutrina cristã católica, resumindo a fé, o ensinamento e a moral da Igreja Católica Romana. Ele foi promulgado em 11 de outubro de 1992 e publicado solenemente em 7 de dezembro 1992 [2] . Sua redação foi sugerida pela Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos de 1985 [2] [3] , vinte anos após o fim do Concílio Vaticano II e aprovada por João Paulo II em 7 de dezembro de 1985 [2] . Este catecismo é a obra de referência para todo fiel*

> católico *em relação aos dogmas, sacramentos, vida moral e vida espiritual. É um compêndio importante, contendo mais de 650 páginas, mas sua formulação é clara e didática para ser compreendida pelo maior número possível [4]****. Foi reeditado, em sua versão definitiva [5]****, em agosto de 1997.* » [3]

Um diagnóstico devastador sobre o CEC: um tecido de 350 erros e heresias, a flor do ensinamento maçônico do Vaticano II

Aqui está o que o autor anônimo acrescenta, mostrando quão distante este catecismo está do da Igreja Católica:

> ***« Índice das citações***
>
> *Quanto à Sagrada Escritura, já sinalizamos várias citações cuja ausência é inadmissível.*
>
> ***Quanto aos Concílios Ecumênicos:*** *pode-se ler neste catecismo:*
>
> ***84 citações retiradas dos 20 primeiros concílios***
>
> ***529 citações tiradas do último dos concílios (concílio pastoral), ou seja, 6 vezes mais do que para todos os outros****.*
>
> ***Quanto aos Documentos Pontifícios:*** *pode-se ler neste catecismo:*
>
> ***21 citações retiradas dos cerca de 260 primeiros papas****, até Pio XII inclusive.*
>
> ***88 citações tiradas de 3 papas (João XXIII, Paulo VI, João Paulo II)****, ou seja, 4 vezes mais em 34 anos do que nos cerca de 1900 anos anteriores.*
>
> *Os desequilíbrios dessas cifras fazem refletir e levam alguns a afirmar que se trata do catecismo da "**Igreja Conciliar**" (segundo a expressão do cardeal*

> *Benelli) mais do que do "**catecismo da Igreja Católica**".*
>
> *Além disso, nota-se que não há citação de "Satis cognitum", encíclica sobre a unidade e o "**ecumenismo**" cristão.*
>
> ***Ausência ainda mais notável: Santo Pio X. Não encontramos nenhuma citação dele, nem mesmo uma referência[4].***
>
> *Nos escritores eclesiásticos, encontramos Cícero. »*

Esse tecido de 350 erros e heresias deve ser entendido como o ponto culminante da ação do padre apóstata Ratzinger dentro da Cúria Romana para coroar o Vaticano II, dando-lhe seu "***catecismo***" destinado a vulgarizar e a disseminar o mais amplamente possível no mundo as falsas ideias principais desse '***concílio***' suscitado e dirigido pelas lojas maçônicas anticristãs:

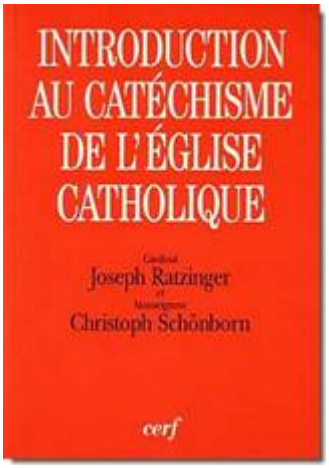
> *« Após o Concílio Vaticano II (1962-1965), nenhum catecismo havia sido redigido, ao contrário do que aconteceu após o Concílio de Trento (1542-1563). Em 25 de janeiro 1985, o papa João Paulo II convocou um sínodo dos bispos para refletir sobre as consequências do concílio. Em seu relatório final (7 de dezembro de 1985), os Padres do sínodo pediram:*
>
> > *« que seja redigido um catecismo ou compêndio de toda a doutrina católica tanto sobre a fé quanto sobre a moral, que serviria como um texto de referência para os catecismos ou compêndios que são compostos nos diversos países. A apresentação da doutrina deve ser bíblica e litúrgica, expondo uma doutrina segura e ao mesmo tempo adaptada à vida atual dos cristãos. »*
>
> *Como consequência, João Paulo II formou em 1986 uma comissão composta por doze cardeais e bispos, presidida pelo cardeal Ratzinger (atual papa Bento XVI), então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, assistida por um comitê de redação de sete bispos residentes. O secretário de redação dessa comissão foi Christoph Schönborn [2]. Um grande número de consultas junto a especialistas foi realizado. E não menos que nove versões sucessivas foram produzidas até o resultado final [2]. Todo esse trabalho foi acompanhado de perto por João Paulo II [2].*

> *Na constituição apostólica Fidei depositum 11 de outubro de 1992, acompanhando a publicação do Catecismo, João Paulo II declarou:*
>
> > *« Um catecismo deve apresentar fiel e organicamente o ensinamento da Sagrada Escritura, da Tradição viva na Igreja e do Magistério autêntico, assim como o legado espiritual dos Pais, dos santos e santas da Igreja, para possibilitar um melhor conhecimento do mistério cristão e reviver a fé do povo de Deus. Deve considerar as explicações da doutrina que o Espírito Santo sugeriu à Igreja ao longo dos tempos. Também deve ajudar a iluminar, à luz da fé, as novas situações e os problemas que não haviam surgido no passado. »*
>
> *O Catecismo da Igreja Católica conta com 2.865 parágrafos. Ele retoma o plano tradicional já adotado pelo de Trento e se articula, portanto, em quatro partes. »* [5]

O agora promovido '***cardeal***', Christoph Schönborn, desempenhou um papel fundamental, sob a direção do padre apóstata Ratzinger, na redação do CEC:

*Christoph Schönborn, "cardeal-arcebispo" de Viena, é dominicano, ex-professor de teologia dogmática na Universidade de Friburgo (Suíça) e membro da Comissão Teológica Internacional. Autor de numerosas obras, ele foi um dos principais responsáveis pela elaboração do "Catecismo da Igreja Católica". **[6]***

A paternidade do casal Ratzinger-Schönborn em relação ao catecismo conciliar é total e pública, os dois hierarcas da falsa Igreja Católica tendo até mesmo publicado, pela editora Cerf, um livro para explicitar todas as etapas desse trabalho do qual se orgulham particularmente:



> *« Como foi concebido o Catecismo da Igreja Católica? Quais foram as etapas de sua realização? Quem são os principais redatores e quais são os pontos essenciais?*
>
> *O cardeal Ratzinger, que presidiu a comissão de redação, e Dom Christoph Schönborn, que foi o secretário, respondem precisamente a essas perguntas e fornecem aqui os elementos indispensáveis para uma leitura informada e serena.»* ***[7]***

Negando a evidência, Jean Madiran espalha a impostura de um restabelecimento do catecismo católico tradicional, em 31 de janeiro de 2009, ou seja, cinco meses antes da reafirmação da aplicação integral do Vaticano II e de seu catecismo pelo padre apóstata Ratzinger-Bento XVI:

PRÉSENT

PASCAL au programme

Les réponses de Mgr Fellay

C'est l'heure maintenant d'un retour des évêques au petit catéchisme

> *« Pois tudo depende do catecismo, começando pelas vocações sacerdotais. É agora a hora para os bispos de um retorno oficial do pequeno catecismo tradicional nas dioceses.* » ***[8]*** Jean Madiran, 31 de janeiro de 2009, *Présent*

O ‘cardeal’ Levada, apoiado pelo padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, quer fazer aceitar o catecismo conciliar pela FSSPX.

O ‘*cardeal*’ Levada deixou claro em 16 de junho de 2009 que a FSSPX deveria aceitar o CEC:

Para o cardeal, os principais pontos de controvérsia com os discípulos de Dom Lefebvre se concentram na “obediência ao Magistério” e em decretos particulares do Vaticano II: “O Concílio é vasto e todos os decretos não são de mesmo nível. O decreto sobre a liberdade religiosa é um dos pontos-chave sobre os quais a Sociedade tem problemas (...) Temos a vontade de rever com eles todo o Catecismo da Igreja. ”[9]

Essa exigência da Roma apóstata maçônica de Ratzinger mostra o quanto Dom Fellay mente quando tenta fazer crer que a Tradição estaria “*de volta*” graças ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI.

Essa declaração do ‘***cardeal***’ Levada foi acentuada pelas declarações do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI que, reunindo nos dias 15 e 16 de junho de 2009 em Roma os pseudo-***‘bispos***’ austríacos, destacou o papel direto que, em sua visão, deve desempenhar o CEC e o Vaticano II:

> « Durante a reunião desses dois dias, o papa "*lembrou a urgência do aprofundamento da fé, e da fidelidade integral ao concílio Vaticano II e ao magistério pós-conciliar da Igreja, e* ***do renovamento da catequese à luz do Catecismo da Igreja Católica***". »[10]

Essa declaração recente do chefe da Igreja Conciliar globalista maçônica não permite ambiguidades, ainda mais pelo fato de que foi pronunciada diante de uma assistência totalmente oficial:

> *« Do lado austríaco estavam presentes o cardeal Christoph Schönborn, arcebispo de Viena e presidente da conferência episcopal (CEA), Dom Alois Kothgasser, arcebispo de Salzburg, Dom Egon Kapellari, bispo de Graz-Seckau e vice-presidente da CEA, Dom Ludwig Schwarz, bispo de Linz, assim como Dom Peter Stephan Zurbriggen, núncio apostólico na Áustria.*
>
> *Do lado da cúria romana estavam presentes os cardeais Giovanni Battista Re, prefeito da Congregação para os Bispos, William Joseph Levada, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, Claudío Hummes, prefeito da Congregação para o Clero, Zenon Grocholewski, prefeito da Congregação para a Educação Católica, e Stanislas Rylko, presidente do Conselho Pontifício para os Leigos.* »
>
> **[11]**

O CEC é assinado com as duas mãos pelos anglicanos cujos ordens são inválidas, que a partir de agora declaram unir-se à Igreja Conciliar em suas heresias

Este catecismo conciliar resume ao mesmo tempo o Vaticano II e quase 30 anos de carreira do padre apóstata Ratzinger dentro da Cúria Romana e à frente da Igreja Conciliar. É por isso que a exigência de seu reconhecimento feita à FSSPX encontra toda sua lógica, assim como a assinatura deste catecismo se torna a prova da aprovação entusiasta dos anglicanos do TAC às heresias da Igreja Conciliar que eles compartilham, esta última finalmente se rendendo a seus próprios erros.

***Virgo-Maria.org* já destacou este ponto em 25 de junho de 2008[12], no momento em que Dom Fellay se rebelava contra o ultimato imposto por Castrillon-Hoyos.**

O pseudo-bispo, '***Dom***' Hepworth, primaz do TAC, havia enviado uma carta[13] a Roma em **novembro de 2007**, na qual assinava o CEC:

> *« 5. Sobre nossa aceitação da fé católica:*
>
> *« Admitimos que a expressão e a aplicação mais completas e mais autênticas da fé católica residem atualmente no Catecismo da Igreja Católica [...] » »*

Portanto, o pseudo-bispo 'Dom' Hepworth vê no CEC "*a expressão e a aplicação mais completas e autênticas da fé católica*", **e agora Dom Fellay expressa sua "*grande alegria*"[14] ('*grosse***

***Freude*') com o anúncio da publicação *d'Anglicanorum coetibus* de Bento XVI, que integra, em novembro de 2009, o TAC na Igreja Conciliar globalista maçônica, culminando em uma conspiração secular das lojas iluministas satanistas RC britânicas iniciada já em 1830 em Oxford.**

Na abadia de Chèvetogne, na Bélgica, uma pintura retrata Dom Beauduin carregando a Igreja. Dom Beauduin, membro do Serviço de Inteligência britânico por um ano (1915), redigiu o opúsculo-programa "*A Igreja Anglicana Unida não Absorvida*", que foi lido pelo muito anglicanófilo cardeal Mercier durante as conversas de Malines em 1925. A culminação, em 2009, do projeto maçônico de Dom Beauduin provoca a "grande alegria" de Dom Fellay diante das câmeras de televisão.

Dom Fellay se alegra, portanto, em ver os anglicanos sem sucessão apostólica, e cujas ordens são "*absolutamente nulas e totalmente vãs*", segundo o julgamento infalível e irreformável do papa Leão XIII na sua Bula solene *Apostolicae Curae* de novembro de 1896, abraçarem assim, para a perdição das almas, os erros e as heresias conciliares muitas vezes condenados pelo magistério católico infalível anterior ao assalto do Vaticano II.

Em dezembro de 2009, **a oitava questão que figura no cartucho de cabeçalho das mensagens *VM* há anos, encontra portanto toda a sua atualidade e deve ser agora publicamente colocada a Dom Fellay pelos clérigos e pelos fiéis:**

> ***"Seria que se deseja 'conciliar' os VERDADEIROS padres que ainda celebram a VERDADEIRA missa com um clero tão INVALIDO quanto o FALSO CLERO ANGLICANO ?"***

O pseudo-bispo '*Dom*' Hepworth, leigo que dirige os anglicanos da TAC, cuja integração no clero conciliar suscitou a "*grande alegria*" de Dom Fellay.

Dom Fellay vai assinar esta declaração de apostasia do CEC?

"*O Antigo Testamento é uma parte inalienável da Sagrada Escritura... pois a Antiga Aliança nunca foi revogada.*" § 121, Declaração apóstata do CEC[15], **pois a Antiga Aliança não foi revogada, MAS CUMPRIDA PELA ENCARNAÇÃO do Verbo de Deus em Nosso Senhor Jesus Cristo.**

Como Dom Fellay pode se alegrar com o fato de um falso clero, com o sacerdócio certamente inválido (declaração de 1896 do Papa Leão XIII), **integrar o clero conciliar, que para ele é '*provavelmente*' válido (declaração de 25 de março de 2007 de Dom Fellay[16]), assumindo assim um probabilismo sacerdotal e sacramental infalivelmente condenado pelos papas, incluindo Inocêncio XI) da Igreja Conciliar**?

Essa declaração e esse comportamento de Dom Fellay são absolutamente inadmissíveis por parte de um bispo católico. Como ele pode violar de tal maneira as regras elementares da teologia católica?

O bom senso mostra claramente que esse acordo entre a TAC e Roma não faz mais do que reunir dois cleros certamente inválidos. E a obra de Dom Lefebvre não deve ser misturada a uma farsa de pseudo-« *discussões* » com esses leigos hereges e apóstatas que possuem títulos eclesiásticos usurpados.

Como Dom Fellay pode ainda se dizer o digno sucessor de Dom Lefebvre?

Que ele medite por um instante esta frase terrível da Escritura, e que se arrependa antes que seja tarde demais para ele:

> ***« …pois é verdadeiramente horrível cair nas mãos do Deus vivo! »***

Epístola aos Hebreus X, 19-31: Julgamento de Deus sobre os apóstatas (ler também VI, 4-6 dessa mesma epístola de São Paulo especialmente destinada às pessoas consagradas).

Um verdadeiro catecismo católico não pode ser mau; a Igreja Conciliar não é a Igreja Católica (« *Vocês os reconhecerão pelos seus frutos* »)

Um catecismo da Igreja Católica deve ser irrepreensível, **pois a Igreja, esposa mística de Cristo, é mestra da verdade e, pura de toda erro pela assistência do Espírito Santo, não poderia dar o veneno do erro, e ainda menos da heresia, aos seus filhos.**

No entanto, a difusão deste "***catecismo***" de perdição é mundial e, na era da mediação, seu impacto é universal.

E é com entusiasmo e pertinácia que Dom Fellay realmente deseja se unir a essa obra demoníaca, junto com toda a obra de preservação do Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido

fundada por Dom Lefebvre em 1970!

É por isso que a publicação de um catecismo que não é católico e que não pode vir da Igreja Católica mostra, de maneira evidente, que essa igreja Conciliar "***ecumênica***" mundialista (e maçonizada) **CERTAMENTE não é a Igreja Católica**, pois ela **NÃO PODE** SER:

> ***"Vocês os reconhecerão pelos seus frutos."***

Essa igreja não passa de uma paródia, uma falsificação, assim como a ***"Tradition Anglican Communion***" (TAC) é, ela própria, uma simulação da Igreja Católica.

O padre Bruno Schaeffer cita, com razão, Santo Pio X para mostrar **quanto essa ausência de ensinamento da verdadeira Fé provoca a ruína da transmissão da Fé e da Igreja**:

> *« Nessas condições: o que resta da Igreja, do magistério, de seu papel de ensino? Pode-se legitimamente temer a extensão da crise e a ausência de renovação das gerações cristãs. Santo Pio X não ignora isso ao escrever em 1905: "Se de uma terra que não recebeu sementes é vão esperar uma colheita, como esperar boas gerações se não forem instruídas no momento necessário sobre a doutrina cristã?"* » Padre Bruno Schaeffer[17]

Continuemos a boa luta.

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2009 virgo-maria.org

ANEXO – Documento recebido de um leitor

PARA UM MELHOR CATECISMO

AUTOR ANÔNIMO

Para um melhor catecismo – 1995 – 21 p. (formato 21 x 29,7) **3,50 E.**

Exame metódico dos defeitos do "Catecismo da Igreja Católica" redigido por um pároco para o uso de seus paroquianos. O exame é feito não por temas, mas seguindo a numeração dos parágrafos.

No dia 11 de outubro de 1992, a Constituição Apostólica "*Fidei depositum*" publicou o "*Catecismo da Igreja Católica*". As qualidades deste novo catecismo são numerosas, e diversos artigos as destacaram bem. Não pretendemos negá-las. Queremos simplesmente, neste artigo, notar os defeitos que uma primeira leitura nos mostrou, esperando que este trabalho seja útil aos poucos amigos a quem se destina e que é empreendido a seu pedido. Seguiremos a numeração dos parágrafos da edição francesa e seremos concisos, pois escrevemos para amigos instruídos e para seu uso privado.

1 "*Deus... criou livremente o homem para fazê-lo participar de sua vida bem-aventurada*"

Seria melhor substituir "o homem" por Adão e esclarecer que o sobrenatural não é de responsabilidade desta criatura, pois é de uma outra ordem e que é condicional.

1 "*Ele se faz próximo do homem*"

Isto é esquecer os homens caídos.

1 "*Ele convoca todos os homens... na... Igreja*"

E quanto antes da Igreja?

24 "*o ensino dos mistérios; da fé e das regras de conduta*"

O ponto e vírgula é incorreto.

81 "*A Sagrada Escritura é a palavra de Deus... ela está consignada por escrito. Quanto à Sagrada Tradição, ela traz a palavra de Deus*"

Isto é diferente do que se lê mais adiante (97): "*A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um único depósito sagrado da palavra de Deus*".

83 "*o processo da Tradição viva*"

Haveria muito a dizer sobre esta expressão e, ainda mais, sobre o uso destrutivo que dela se faz atualmente, como no início do século pelos modernistas. Portanto, o catecismo deveria esclarecer o seu sentido.

85 "*o Magistério vivo*"

Mesma observação que acima (83).

85 "*A carga de interpretar de maneira autêntica a Palavra de Deus... foi confiada ao único Magistério vivo da Igreja..., ou seja, aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro*"

Pode-se deduzir dessa redação um "episcopalismo" perigoso. Por que não se diz como mais adiante (100): "*ao único Magistério da Igreja, ao Papa e aos bispos em comunhão com ele*?" Nota-se que aqui o Magistério não é mencionado como "vivo".

85 "*Entretanto, este Magistério não está acima da palavra de Deus*"

Seria necessário corrigir uma grave e perigosa omissão, dizendo "*este Magistério não está acima nem da palavra de Deus escrita, nem da Tradição*". Caso contrário, pessoas pouco instruídas pensarão que "*o único depósito da fé*" está apenas na Bíblia. Seria bom também escrever "Palavra" com letra maiúscula, uma vez que foi feita uma com "Magistério".

93 "*O Povo de Deus se apega indubitavelmente à fé transmitida aos santos uma vez por todas*".

O advérbio "indubitavelmente" deveria ser explicado, caso contrário, muitos se perguntarão como povos inteiros puderam cair em heresia. Além disso, deveria-se esclarecer que o fim dessa citação é retirado de Judas 3.

99 "*o Povo de Deus todo não cessa... de viver mais plenamente*"

Isso varia muito de acordo com as épocas.

101 "*Artigo 3 A Sagrada Escritura*"

A lógica do capítulo 2 indicaria que, após este Artigo 3, deveria haver um "Artigo 4 A Sagrada Tradição".

121 "*O Antigo Testamento é uma parte inalienável da Sagrada Escritura... pois a Antiga Aliança nunca foi revogada.*"

Está se jogando de maneira enganosa com a ambiguidade. O Antigo Testamento realmente faz parte da Bíblia, e isso para sempre. Mas a Antiga Aliança com o antigo povo de Deus implicava

condições a serem respeitadas para perdurar. São Paulo ensina que a Antiga Aliança era imperfeita e temporária (Hb VIII-13). O antigo povo eleito é substituído pela Igreja e o Senhor Jesus estabeleceu a "nova e eterna Aliança", e a circuncisão, que era o sinal da Antiga Aliança, tornou-se inútil, ensina São Paulo. Além disso, o véu do Templo se rasgou e sabemos a interpretação que a Tradição dá a isso.

136 "*seus escritos ensinam sem erro a verdade salvadora*"

Isso é verdade. Mas a Sagrada Escritura também contém outras verdades, como verdades históricas. O Magistério frequentemente condenou "*os escritores católicos (que) não temeram restringir a verdade da Sagrada Escritura às únicas matérias da fé e da moral*", como diz a encíclica "*Divino Afflante Spiritu*".

página 50 "*Credo de Nicéia-Constantinopla – Eu creio... em... Jesus Cristo... da mesma natureza que o Pai*"

Não é isso que diz esse Credo. Ele diz: "consubstancial ao Pai". Essa é a fé da Igreja, fé definida, e ninguém tem autoridade para mudá-la! E se os redatores ou tradutores não veem mais diferença entre as duas expressões, é urgente que voltem a estudar a sã filosofia e a verdadeira teologia...

222 "*Crer em Deus, o Único*"

É uma expressão tipicamente judaica e islâmica e que, nestes dois casos, é utilizada para negar que Deus seja Trindade. Portanto, seria melhor evitá-la em um catecismo, especialmente em nossos dias de confusão ecumênica. Ela é encontrada no n° 288.

225 "*a verdadeira dignidade de todos os homens*"

Seria necessário escrever com mais precisão: a dignidade da natureza humana; pois a dignidade da pessoa não é a mesma em Stálin e em São Vicente de Paulo...

225 "*eles são feitos « à imagem e à semelhança de Deus »*"

Sim, mas é preciso acrescentar que, pelo pecado original, essa imagem foi deformada e essa semelhança (ou seja, a vida divina na alma) foi perdida.

260 "*O fim último de toda a economia divina é a entrada das criaturas na unidade perfeita da Bem-Aventurada Trindade*"

Uma precisão é necessária: nem todos os homens irão para o céu.

268 "*a Onipotência de Deus... é* universal*, ... pois Deus é nosso Pai*"

Ele é o Criador de todos os homens, mas nem todos são seus filhos, pois nem todos têm a vida sobrenatural. Assim, Deus não é o Pai de todos os homens, mas apenas daqueles dos quais fala São João, em seu prólogo, por exemplo. Jesus mesmo afirma em Jo VIII: 44-47: "*vocês têm, vocês, o diabo como pai... É porque digo a verdade que vocês não me creem... portanto, vocês não são de*

Deus".

277 "*tem piedade*"

Em francês correto se diz: "tem em piedade".

278 "*o Pai pôde nos criar,... o Espírito Santo nos santificar*"

Não se deveria insinuar que, de fato, cada homem é santificado.

287 "*A verdade da criação*"

Quer-se dizer, provavelmente: a verdade sobre a criação.

288 "*Deus, o Único*"

Mesma observação que mais acima (222).

288 "*a verdade da criação*"

Aqui novamente se deve entender, sem dúvida: a verdade sobre a criação. O mesmo se aplica ao 289.

289 "*a Tradição viva*"

Sabemos em que sentido os modernistas usaram essa expressão no início do século. Portanto, seria necessário explicá-la se não quisermos que seus pequenos sobrinhos continuem o mesmo uso.

294 "*O fim último da criação é que Deus, 'que é o Criador de todos os seres, se torne enfim 'tudo em todos'... proporcionando ao mesmo tempo sua glória e nossa bem-aventurança*"

Aqui também é necessário acrescentar que nem todos nós seremos salvos.

321 "*Deus conduz... todas as criaturas até seu fim último.*"

Como foi dito no n° 294 que este fim último é a bem-aventurança, isso dá a entender que o inferno está totalmente vazio, ao contrário do ensino do Evangelho.

356 "*o homem... é 'a única criatura na terra que Deus quis para si mesmo'*"

Não! O homem e todas as criaturas foram desejados para Deus, segundo o ensino de São Paulo em Rm XI,36.

358 "*toda a criação*"

Isso é: toda.

361 "*todos os homens são verdadeiramente irmãos*"

São verdadeiramente irmãos todos aqueles que têm o mesmo Pai, e é pelo batismo que se torna filho desse Pai. Contudo, nem todos os homens são batizados. Portanto...

369 "*O homem e a mulher são* criados*... em perfeita igualdade como pessoas*"

Seria necessário acrescentar que São Paulo ensina: "*o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja*" (Ef V,23), mas este versículo nunca é citado neste novo catecismo, nem mesmo no capítulo sobre o matrimônio; e o mesmo se aplica a ICor XI,3: "*o chefe da mulher é o homem*".

369 "*o homem e a mulher têm uma dignidade inalienável*"

A dignidade de uma pessoa está em proporção à adesão de sua inteligência ao verdadeiro e de sua vontade ao bem. Pelo pecado original, Adão e Eva decaíram tanto de sua dignidade pessoal que Deus os puniu com a morte, privados do paraíso terrestre e os privou da vida divina: tornaram-se indignos aos olhos de Deus.

371 "*Criados* juntos, o homem e a mulher"

A Bíblia diz que Eva foi tirada de Adão, depois Deus a apresentou a Adão e este lhe deu nome.

372 "*O homem e a mulher são... iguais como pessoas*"

Veja o comentário no primeiro n° 369 acima.

379 "*essa harmonia da justiça original... será perdida pelo pecado de nossos primeiros pais.*"

Como nos n° 375 e 376 se distingue a santidade original da justiça original, é necessário acrescentar aqui que, pelo pecado original, a santidade original ('participação na vida divina', 375) também foi perdida.

401 "*depois da Redenção de Cristo também, entre os cristãos, o pecado se manifesta de muitas maneiras.*"

E nos outros, ele não se manifesta pelo menos tanto?

404 "*todos os homens estão implicados no pecado de Adão, como todos estão implicados na justiça de Cristo.*"

Se todos, exceto a Virgem Maria, têm o pecado original; todos não têm, de fato, a justiça que vem de Cristo.

432 "*Ele se uniu a todos os homens pela encarnação*"

Essa afirmação que se encontra várias vezes neste novo catecismo é falsa, perigosa e deve ser proscrita se se entender por isso, como fazem alguns, que todos os homens são ‘membros de

Cristo’. Além disso, o número **2** acrescentado à palavra "Encarnação" remete, em nota, a um texto de São Paulo que não diz absolutamente que Cristo "se uniu a todos os homens pela Encarnação"!

444 "*o mistério Pascal*"

Sempre, parece, esse adjetivo é escrito com letra maiúscula, enquanto o nome não a tem.

478 "*ao pai eterno*"

Isso é: Pai.

518 "*o que havíamos perdido em Adão, isto é, de estar à imagem e semelhança de Deus*"

Havíamos perdido a semelhança, ou seja, a vida sobrenatural, mas a imagem permanece, embora não tão bela quanto antes, uma vez que a inteligência e a vontade estão feridas.

519 "*Toda a riqueza de Cristo ‘é destinada a todo homem e constitui o bem de cada um’*"

Na verdade, ela é o bem apenas daqueles que estão na Comunhão dos santos: os bens da família pertencem apenas aos membros da família, mas nem todos fazem parte da família sobrenatural.

521 "*Pela sua Encarnação, o Filho de Deus se uniu, de certa forma, a todo homem*"

Veja a observação acima no n° 432. Aqui se nota a correção "de certa forma", mas isso não corrige nada, pois afirma na frase seguinte: "*Ele nos faz participar como os membros de seu Corpo*". Alguns deduzirão sempre que todos os homens são membros do Corpo místico.

528 "*os magos... à luz messiânica da estrela de Davi*"

Expressão curiosa. A estrela de cinco pontas do sionismo moderno, chamada ‘estrela de Davi’, seria a dos magos? Quanto às duas referências da nota 4 (após a palavra "Davi"), falam de um astro e de uma estrela, mas não são ditas "de Davi".

528 "*os pagãos não podem descobrir Jesus e adorá-lo como Filho de Deus e Salvador do mundo senão se voltando para os judeus*"

Os pagãos só puderam descobrir Jesus dessa maneira, mas desde o Pentecostes eles podem: através da Igreja.

528 "*a dignidade israelita*"

Desde o Pentecostes, há a dignidade da pertença à Igreja para aqueles dos pagãos que se convertem à verdadeira religião.

530 "*A fuga para o Egito e o massacre dos inocentes*"

Normalmente, diz-se: dos santos inocentes.

530 "*Ele veio para o Seu e os Seus não O receberam. ... Os Seus... compartilham (a perseguição) com Ele.*"

Os "Seus" não são as mesmas pessoas nos dois casos.

533 "*A vida oculta de Nazaré permite a todo homem comunhão com Jesus pelas vias mais cotidianas da vida.*"

Desde que esse homem conheça e ame Jesus.

535 "*Os mistérios da vida pública de Jesus*"

Este título cobre seis páginas onde é resumida a vida pública de Jesus até sua paixão. Espera-se encontrar as profecias de Jesus, suas bênçãos e maldições, suas controvérsias e o ódio dos notáveis contra Ele, de acordo com a importância que o Evangelho lhes dá.

546 "*Para aqueles que permanecem 'fora'..., tudo permanece enigmático*"

O Evangelho não nota, em várias circunstâncias, que os fariseus compreendiam muito bem?

548 "*Os sinais realizados por Jesus... convidam a crer n'Ele.*"

Eles não apenas convidam, eles obrigam sob pena de pecado: "*Se eu não tivesse feito entre eles obras que ninguém fez, não teriam pecado; mas agora viram e nos odeiam, a mim e a meu Pai*" (Jo XV, 24). E o primeiro concílio do Vaticano ensina (FC 71) que os milagres e as profecias "*são sinais muito certos da revelação, adaptados à inteligência de todos.*"

548 "*Jesus é rejeitado por alguns; acusam-n'O até de agir pelos demônios*"

O Evangelho diz bem quem são esses "alguns" e "eles". Por que ocultar aqui aqueles que Jo XI,47 e Mc III,22 designam claramente?

558 "*'Ah! Se naquele dia tu tivesses compreendido, tu também, a mensagem de paz! Mas, ai de ti, ela permaneceu oculta aos teus olhos' (Lc XIX,41-42).*"

Interromper a citação do Evangelho aqui deixa entender ao leitor do catecismo que se trata de uma incompreensão inocente e, por parte de Jesus, de um simples arrependimento. Portanto, é necessário acrescentar a continuação que mostra a culpabilidade ao anunciar a punição: "*dias virão sobre ti, onde teus inimigos te cercarão..., te atacarão, te pressionarão..., te esmagarão..., porque não reconheceste o tempo em que foste visitado!*"

559 Outra omissão lamentável aqui: o episódio dos cambistas expulsos do Templo.

569 "*Jesus... morrerá... por causa da contradição dos pecadores.*"

Essa contradição não é, por si só, a causa final, a causa formal, a causa material e a causa final na morte de Nosso Senhor...

571 "*O mistério Pascal*"

Ainda essa letra maiúscula.

572 "*As sofrimentos de Jesus tomaram sua forma histórica concreta*"

Haveria sofrimentos não históricos?

572 "*Ele foi ‘rejeitado pelos anciãos, pelos grandes sacerdotes e pelos escribas’*"

Por que omitir os fariseus?

572 "*que O ‘entregaram aos pagãos para ser escarnecido, flagelado e crucificado’*"

Por que omitir o que São Mateus diz logo antes dessa citação em XX,19: eles O condenaram primeiro à morte?

573 "*examinar as circunstâncias da morte de Jesus, transmitidas fielmente pelos Evangelhos e iluminadas por outras fontes históricas, para melhor compreender...*"

Quais são, então, essas misteriosas "fontes históricas" além das Sagradas Escrituras, uma vez que estas contêm tudo que Deus desejava nos dizer (cf. n°106)?

575 na quinta linha o número da nota não é 1, mas 14.

página 126 Há dez notas no rodapé da página, mas nenhum número no texto para sinalizá-las.

585 "*À porta da sua paixão, Jesus, no entanto, anunciou a ruína deste esplêndido edifício... Aqui há a anunciação de um sinal dos últimos tempos que se abrirão...*"

Certamente há essa última anunciação, mas por que ocultar ainda (cf. n° 558 acima) a razão dessa ruína: a recusa de reconhecer em Jesus o Messias e o Filho de Deus, embora Ele tenha dado numerosas, necessárias e suficientes provas?

586 "*a destruição do Templo que manifestará a entrada em uma nova era da história da salvação*"

Ela manifesta primeiro que o castigo da incredulidade denunciada por Nosso Senhor se realizou. Por que esconder isso novamente? Além disso, não se vê, então, por que há "uma nova era".

588 "*Jesus escandalizou os fariseus*"

O escândalo "é a atitude ou o comportamento que leva outrem a fazer o mal", lê-se no n° 2284. Então, Jesus teria levado os fariseus a fazer o mal?! Ou eles se escandalizaram de maneira farisaica?

589 "*Jesus escandalizou principalmente porque Ele...*"

Mesma observação que acima (588).

591 "*a trágica confusão do Sinédrio ao acreditar que Jesus merecia a morte*"

Por que esconder ainda a culpabilidade? Jesus afirma isso ao dizer a Pilatos: "*aquele que me entregou a ti cometeu um pecado maior*".

593 "*Se Ele anuncia...* (a) *destruição* (do Templo)*, é como manifestação de sua própria morte e da entrada em uma nova era da história da salvação...*"

Veja acima os n° 585 e 586.

594 "*Alguns judeus... não reconhecendo o Deus que se fez homem... O julgaram como um blasfemador.*"

Uma vez que Jesus é Deus e quer ser reconhecido como Filho de Deus, Ele obviamente deu todas as provas necessárias e suficientes. Portanto, não se deve esconder que é culpavelmente que alguns não admitiram que Ele é o Filho de Deus. Jesus, aliás, revela isso: "*Se eu não tivesse vindo, se não lhes tivesse falado, eles não teriam pecado; mas agora não têm desculpa para seu pecado*" (Jo XV, 22).

597 Título: "*Os judeus não são coletivamente responsáveis pela morte de Jesus*"

Certamente as santas mulheres ou Lázaro, por exemplo, não são responsáveis; da mesma forma, todos aqueles que não participaram do julgamento de Jesus. No entanto, fica claro que não nos é dada a explicação da "ira contra este povo" da qual o Senhor fala em Lucas XXI,23: "*Haverá, de fato, grande aflição no país e ira contra este povo. Serão passados ao fio da espada, levados cativos a todas as nações, e Jerusalém permanecerá pisada pelos gentios até que os tempos dos gentios se cumpram.*"

597 "*atores do julgamento (Judas, o Sinédrio, Pilatos)*"

Não se deve esquecer de Caifás.

597 "*Jesus Ele mesmo... e Pedro a seu lado reconheceram a 'ignorância' (At. III,17) dos judeus de Jerusalém e mesmo de seus chefes.*"

Essa ignorância é, em muitos, uma ignorância culpável. Toda a Tradição a compreendeu assim, seguindo o próprio Jesus (Jo XV, 22-25): "*... eles não têm desculpa para seu pecado... eles me odiaram sem razão.*" De fato, eles não têm desculpa porque não faltaram provas. Por exemplo, após sua investigação minuciosa, não puderam duvidar de que a cura do cego de nascença foi a obra de Deus. Da mesma forma, após a ressurreição de Lázaro, que era evidente e manifestamente de origem divina. No entanto, os príncipes dos sacerdotes "deliberaram fazer morrer Lázaro" para fazer desaparecer a prova evidente. Não é esse o pecado contra o Espírito Santo? Esse pecado ia até atribuir ao demônio milagres que sabiam manifestamente ser de Deus e até subornar os guardas testemunhas da ressurreição do Senhor.

Na sequência, a mesma atitude é encontrada, pois vemos no capítulo 4 dos Atos dos Apóstolos que os membros do Sinédrio deliberam a respeito de um milagre realizado por São Pedro: "*O que*

faremos a esses homens? Que tenham feito um milagre notável, isso é evidente para todos os habitantes de Jerusalém, e não podemos negá-lo. Mas... vamos proibi-los sob ameaças de falar sobre (Jesus)..."

O que eles ignoravam, portanto, não era seu enorme crime, mas quão grande era seu crime. Tal é o ensinamento dos Padres e dos Doutores. Tal é também o sentido da palavra de Nosso Senhor: "*Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem.*"

597 "*O que foi cometido durante a paixão*"

Por que um eufemismo como esse?

598 Título: "*Todos os pecadores foram os autores da paixão*"

Aqui se passa do plano histórico (que é o do n° anterior) ao plano dogmático, com o intuito, parece, de transpor a culpabilidade histórica dos inimigos de Jesus à culpabilidade dogmática dos outros homens, e especialmente dos cristãos... Há confusão aqui entre a responsabilidade histórica e a responsabilidade dogmática.

598 "*A Igreja não hesita em imputar aos cristãos a responsabilidade mais grave pelo suplício de Jesus*"

Certamente, do ponto de vista dogmático, os cristãos, especialmente os maus cristãos, são culpáveis por seus pecados; e todos os outros pecadores também, em proporção ao número e à gravidade de seus pecados. Mas os pecadores presentes no dia do julgamento de Jesus, que o condenaram à morte, assim como aqueles que, junto com eles, gritaram "crucifica-o" para exigir de Pilatos a crucificação, são, além de sua culpabilidade dogmática, culpáveis da crucificação real do Filho de Deus. São Pedro, aliás, diz isso claramente ao Sinédrio: "*Este Jesus que vós matastes, suspendendo-o no madeiro*" (At III, 14).

598 "*imputar aos cristãos... Devemos nos considerar culpáveis... Uma vez que são nossos crimes... nosso crime... Nós, ao contrário, afirmamos conhecê-lo. ...nós O renegamos... nós trazemos... nossas mãos mortais.*"

Apesar do título deste n°: "Todos os pecadores foram autores da paixão de Cristo", fala-se quase exclusivamente dos cristãos...

598 "*'crucificam de novo... o Filho de Deus' (Hb 6,6)*"

O sujeito de "crucificam" é "aqueles que se entregam à desordem e ao mal"; mas a epístola aos Hebreus diz: os novos cristãos que apostasiam para retornar ao seu antigo judaísmo "crucificam de novo... o Filho de Deus"...

598 "*eles (os judeus), segundo o testemunho do apóstolo, 'se tivessem conhecido o Rei da glória, nunca O teriam crucificado' (ICor II,8).*"

Não é isso que escreve São Paulo. O Apóstolo escreve: "*se tivessem conhecido (a sabedoria de Deus), não teriam crucificado o Senhor da glória*". Para São Paulo, trata-se aqui de uma ignorância da sabedoria, ou seja, do plano de Deus. Quanto aos judeus (exceto um 'pequeno resto'), eles não esperavam um Messias segundo o plano de Deus, mas segundo seus próprios desejos.

599 "*'Ele foi entregue segundo o plano bem determinado e a presciência de Deus' (At II,23)*"

Na verdade, o catecismo só nos cita o início do versículo 23. Por que esconder a continuação? Aqui está, portanto, o versículo completo: "*Este homem, entregue segundo o plano bem determinado e a presciência de Deus, vós O prendestes e matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios*". É São Pedro quem fala assim aos "homens de Israel" no dia de Pentecostes. Ele indica, assim, várias causas da morte de Jesus.

Para esclarecer essas questões que alguns têm confundido há alguns anos, seria, portanto, necessário nos informar no EM RESUMO sobre a causa da morte de Cristo:

- Causa eficiente: aqueles que, por ódio e ciúmes, O condenaram à morte e depois O levaram a Pilatos para obter do governador que executasse sua sentença de morte; e aqueles que, com eles, gritaram "crucifica-o" e fizeram Pilatos ceder, pois ele queria soltá-lo, pois via sua inocência;
- Causa instrumental: os romanos;
- Causa formal: Ele se dizia o Filho de Deus, depois de ter provado isso;
- Causa final: a libertação do pecado;
- Causa exemplar: o cumprimento das Escrituras.

Destacamos dois livros que devem ser lidos para julgar essas questões segundo a Tradição e não conforme a moda do dia: "*Judaísmo e Cristianismo, dossiê patrístico*" e "*Jalons pour une théologie d'Israël*". São de autoria de D. JUDANT e foram publicados pelas Éditions de Cèdre, atualmente Éditions DMM, 53290 Bouère.

612 "*'Pai, se é possível que este cálice passe longe de mim...'... Ele expressa assim o horror que a morte representa para sua natureza humana.*"

Há, além dessa razão natural, a expressão do horror de ser "feito pecado por nós", como diz a Escritura.

613 "*o* sacrifício Pascal"

Ainda essa letra maiúscula.

613 "*o* sacrifício da Nova Aliança *que restabelece o homem em comunhão com Deus, reconciliando-o com Ele*"

Deve-se esclarecer, para não deixar implícito que todos serão salvos, que, na verdade, apenas uma parte da humanidade se beneficiará, especialmente aqueles que recebem os sacramentos da Igreja.

616 "*A existência em Cristo da Pessoa divina do Filho, que supera e, ao mesmo tempo, abraça todas as pessoas humanas, e que O constitui Cabeça de toda a humanidade, torna possível seu sacrifício redentor* para todos."

Uma redação melhor seria útil para não correr o risco de confundir a ordem natural da criação com a ordem, radicalmente diferente, da redenção, na qual Cristo é a Cabeça do Corpo místico que é a Igreja, e não de toda a humanidade.

618 "*na sua Pessoa divina encarnada, 'Ele se uniu, de certa forma, a todo homem'*"

Veja acima 521 e 616.

625 "*ao deter nele a decomposição da natureza produzida pela morte*"

Na verdade, é mais correto dizer que Ele impediu essa decomposição: "Tu não deixarás o teu Santo ver a corrupção", conforme o ensino de São Pedro em At II,27.

640 "*entrou no túmulo vazio e, ao descobrir 'os lençóis estirados' (Jo XX,6) 'viu e creu' (Jo XX,8).*"

Não se deve omitir o versículo 7, que explica porque ele creu: é porque a disposição dos lençóis mostrava que o Corpo não havia sido roubado.

642 "*dias Pascais*"

Ainda essa letra maiúscula. E novamente no n° **654**: "*mistério Pascal*".

645 "*Esse... corpo glorioso: Ele não está mais situado no espaço e no tempo*"

Seria mais exato dizer: Ele não está mais submetido a.

654 "*essa filiação adotiva proporciona uma participação real à vida do Filho único*"

É a participação real na vida do Filho único que proporciona a filiação adotiva.

676 "a forma política de um messianismo secularizado, 'intrinsecamente perverso'."

O leitor que ler a nota 2 para saber qual é esse "intrinsecamente perverso" encontrará: a "*falsificação da redenção dos humildes*", em um apontamento a Pio XI; mas não se informa que se trata do comunismo.

710 nota 1

Este versículo de São Lucas fala de Cristo e não do "Povo de Deus".

738 "*que nós sejamos*"

Que nós somos.

761 "*O rassemblement do Povo de Deus começa no momento em que o pecado destrói a comunhão dos homens com Deus... A preparação remota do rassemblement do Povo de Deus começa com a vocação de Abraão*"

Se o rassemblement começa no momento do pecado de Adão, a preparação desse rassemblement não começa vários séculos depois, na época de Abraão!

780 "*A Igreja é... o sinal e o instrumento da comunhão entre Deus e os homens*"

Nem todos os homens estão em comunhão com Deus.

787 Título: "*A Igreja – Corpo de Cristo*"

Como é possível que nas cerca de três páginas que cobrem este título, a encíclica "*Mystici Corporís Christi*" de Pio XII não seja citada uma única vez? Ela é mencionada apenas no título seguinte: "A Igreja – Templo do Espírito Santo".

811 Título: "*Parágrafo 3. A Igreja é uma, santa, católica e apostólica*"

Como, desde alguns anos, não se ouve mais dizer o que toda a Tradição continua a proclamar: a Igreja de Cristo é a Igreja católica romana e somente ela, é necessário intitular: "Parágrafo 3. A Igreja romana é uma, santa ..."

813 Título I: "*A Igreja é uma*"

A mesma observação que para o n° 811. Portanto: "A Igreja romana é uma".

815 "*Quais são esses laços da unidade?*"

Entre os "laços visíveis de comunhão", o Papa não é mencionado.

816 "*Esta Igreja, como sociedade... se realiza na* (subsistit in) *Igreja católica governada por...*"

A Tradição afirma, sem ambiguidades: Esta Igreja, como sociedade... é a Igreja católica governada por...; e não "*é na Igreja católica que ela existe*" (870), nem "subsiste na Igreja católica e apostólica" (2105), nem "Nela subsiste a plenitude do Corpo de Cristo" (830).

Releia "*Mystici Corporís Christi*", por exemplo.

816 "*todos aqueles que, de certa forma, já pertencem ao Povo de Deus*"

"Duma certa forma"?... Aqui novamente, releia a encíclica "*Mystici Corporís Christi*": "*Somente aqueles que receberam o batismo de regeneração e professam a verdadeira fé, e que, por sua vez, não se separaram da totalidade do Corpo, ou não foram excluídos devido a faltas muito graves por autoridade legítima, são realmente considerados membros da Igreja... E aqueles que estão divididos por razões de fé ou de governo não podem viver nesse mesmo Corpo, nem, portanto, do mesmo Espírito divino.*"

817 "*comunidades consideráveis foram separadas da plena comunhão da Igreja católica*"

Comunidades consideráveis se separaram totalmente da comunhão da Igreja. Isso é o que a Tradição ensina, por exemplo, com Leão XII: "*Eles se enganam falsamente com uma suposta comunhão com a Sé Apostólica... Entendam e lembrem-se... que pertencem ao Anticristo, e não a Cristo, todos aqueles que se recusam a se associar à comunhão da Cátedra de Pedro; ... Como a Igreja poderia ser sua Mãe se vocês não têm a seus pais os pastores da Igreja?*" (Exortação *Pastoralis aeterni*).

São Ambrósio, por exemplo, dizia: "*Aqueles que não têm entre si a Sé de Pedro, que a rasgam por um cisma ímpio, não têm a herança de Pedro.*" (In psalm. XL, n° 30).

Assim, "As sociedades religiosas separadas da Igreja e de seu Chefe não são nem membros, nem partes da Igreja, porque visivelmente estão desassociadas da unidade. Isso se aplica às igrejas orientais cismáticas, em contradição com seus antecessores que outrora pertenciam à Igreja e cuja separação não deve ser imputada ao arbítrio dos Soberanos Pontífices. Isso se aplica também às igrejas nacionais cujos bispos não receberam institucionalização canônica." (EPS: A Igreja, vol. 2, p. 45) Tal é o resumo do ensino da Tradição.

817 "*As rupturas que ferem a unidade do Corpo de Cristo (distingue-se a heresia, a apostasia e o cisma)*"

Essas três rupturas excluem da unidade. No entanto, a Igreja católica romana permanece perfeitamente uma, e sua "separação da Igreja romana não prejudica senão os dissidentes" (ibid. p. 44).

819 "*fora dos limites visíveis da Igreja católica: ... a fé...*"

Seria o momento de recordar o ensino da Tradição sobre a fé entre os não católicos: "*Tal é a natureza da fé que nada é mais impossível do que crer nisso e rejeitar aquilo.... Portanto, se houver um ponto que tenha sido revelado por Deus e que rejeitamos acreditar, não acreditamos absolutamente por fé divina.... Aquele que, mesmo sobre um único ponto, recusa sua adesão às verdades divinamente reveladas, realmente abdica completamente da fé, uma vez que se recusa a se submeter a Deus na medida em que Ele é a verdade suprema e a própria razão da fé.*" (encíclica *Satis cognitum*). Os Padres já ensinavam essa doutrina; assim, Santo Agostinho afirmava: "*Em muitos pontos eles estão comigo, em alguns apenas não estão; mas por causa desses poucos pontos nos quais se separam de mim, não lhes serve de nada estar comigo em todo o restante.*" (In Psalm. LIV, n. 19).

819 "*O Espírito de Cristo usa essas Igrejas e comunidades eclesiais como meio de salvação*"

O que a Tradição ensina sobre os frutos da dissidência? Em resumo, isto: "*A separação da Igreja romana não prejudica senão os dissidentes, esteriliza sua ação, divide-os entre si, priva-os dos frutos dos sacramentos, mesmo válidos, e do direito de administrá-los licitamente. Afasta-os de Deus, de Cristo e do Espírito Santo, e compromete sua salvação eterna*" (ibid. p. 44).

Sobre essas questões da unidade, é fundamental ler "*Satis cognitum*", a encíclica de Leão XIII, atualmente tão mal reconhecida...

823 Título II: "*A Igreja é santa*"

Deveria ser: "A Igreja romana é santa". Veja acima no n° 811.

830 Título III: "*A Igreja é católica*"

Da mesma forma, deveria ser: "A Igreja romana é católica".

830 "*Nela subsiste a plenitude do Corpo de Cristo*"

Deve-se afirmar com toda a Tradição: a Igreja católica romana é o Corpo de Cristo em toda a sua plenitude.

838 (com os cristãos separados do Papa) "*A Igreja sabe que está unida por diversas razões.... (eles) se encontram em uma certa comunhão, embora imperfeita, com a Igreja católica.*"

Releia as citações acima nos n° 816 e 817.

839 "*Quanto àqueles que ainda não receberam o Evangelho*"

Mas e quanto àqueles que rejeitam o Evangelho?

840 "*o Povo de Deus da Antiga Aliança (aguarda)... a vinda do Messias, ... , espera acompanhada do drama da ignorância ou incompreensão de Cristo Jesus.*"

No antigo povo de Deus não há apenas ignorância ou incompreensão do Filho de Deus: alguns de seus membros O rejeitam.

841 "*os muçulmanos... professam a fé de Abraão*"

Não se deve esquecer que se diz de Abraão: "*Ele viu três, adorou um*" e "Abraão viu o meu dia e se alegrou". Na sua fé, Abraão não excluía nem Cristo, nem a Trindade; os muçulmanos, por outro lado, excluem explicitamente ambos.

841 "*os muçulmanos... adoram conosco o Deus único*"

Só há um Deus; essa é a Santíssima Trindade; e os muçulmanos rejeitam explicitamente adorar a Santíssima Trindade. E como chegar a Deus se se rejeita explicitamente Aquele que disse em Jo XIV,6: "*Eu sou o Caminho... Ninguém vem ao Pai senão por mim.*"

847 "*aqueles que, sem culpa de sua parte, ignoram o Evangelho..., mas buscam... e esforçam-se..., esses podem chegar à salvação eterna*"

Sim, mas é preciso especificar: eles podem alcançar a salvação eterna não por sua falsa religião, mas por Cristo, e se tiverem a fé sobrenatural e a caridade perfeita (cf. FC 508).

854 "*O esforço missionário... começa pela anúncio do Evangelho aos povos*"

Ou pela anúncio ao rei?, ou ao chefe de grupo, e então, como a história ensina, o povo muitas vezes segue o exemplo vindo de cima.

857 Título IV: "*A Igreja é apostólica*"

Veja acima no n° 811. Portanto, deve-se intitular: A Igreja romana é apostólica.

865 "*Então todos os homens redimidos por Ele... serão reunidos*"

É necessário uma redação diferente para não deixar a impressão de que não há condenados.

869 "*A Igreja...: Cristo a governa por... o Papa e o colégio dos bispos.*"

É necessário lembrar, especialmente atualmente, que não se trata de dois poderes iguais: o Papa é o chefe do corpo episcopal.

870 "*A única Igreja de Cristo..., é na Igreja católica que ela existe*"

A linguagem da Tradição é: A única Igreja de Cristo é a Igreja católica romana e somente ela. cf. n° 816 acima.

870 "*embora muitos elementos de santificação e verdade subsistam fora de suas estruturas.*"

Releia as citações acima nos dois n° 819.

882 "*O Pontífice romano tem sobre a Igreja... um poder pleno, supremo e universal...*"

Deve-se acrescentar que este poder é imediato, ou seja, direto, sem intermediário. Assim, todo fiel tem dois bispos: o Papa e o bispo do diocese; exceto os religiosos que gozam da isenção.

883 "*O colégio ou corpo episcopal... é... o sujeito de um poder supremo e pleno sobre toda a Igreja* "

O dicionário diz: "supremo: que está acima de todos". Portanto, apenas o Papa tem o poder supremo na Igreja, uma vez que não tem superior na terra. O corpo episcopal deve se submeter ao Papa "como ao seu chefe", não se deve dizer que ele também possui poder supremo. Além disso – os juristas sabem bem – um colégio e um corpo não têm a mesma definição e não possuem todas as mesmas características.

Para leitura: "*A colegialidade episcopal no segundo concílio do Vaticano*" de Raymond Dulac, edições do Cedro, atualmente edições DMM, 53290 Bouère.

891 "*Dessa infalibilidade, o Pontífice romano, chefe do colégio dos bispos, goza...*"

O fato de ser chefe do "colégio dos bispos" não acrescenta nada à sua infalibilidade e nem a caracteriza. Portanto, é melhor retirar esta incisão. É necessário removê-la, dado o significado

habitual de "colégio" em direito.

891 "*Dessa infalibilidade, o Pontífice romano... goza... quando*"

Todas as condições não são apresentadas na enumeração que segue "quando". É necessário acrescentar que ele deve expressar sua vontade de obrigar os fiéis.

892 "*Magistério ordinário... em matéria de fé e de moral... os fiéis devem... o assentimento... que... se distingue do assentimento de fé*"

É necessário revisar este parágrafo, pois "O magistério se divide em ordinário e extraordinário; ... A infalibilidade garante formalmente todas as definições dadas por este magistério extraordinário. Ela cobre também tudo o que é ensinado unanimemente por todo o episcopado em união com o Sumo Pontífice" – e que está em conformidade com a Tradição, é importante observar, pensando na história do arianismo – (Bouyer, Dicionário teológico, pp. 407-408).

894 Título: "*A carga de reger*"

Este título cobre três parágrafos, ou seja, 18 linhas, mas o Papa recebe apenas uma linha, incidentalmente.

895 "*Este poder (dos bispos)... é, no entanto, submetido em seu exercício à regulação suprema da autoridade*"

Qual autoridade? Já que nos foi dito anteriormente (882 e 883) que há dois poderes supremos na Igreja...

921 Na primeira linha, o ponto e vírgula é desnecessário.

953 "*essa solidariedade com todos os homens... que se funda na comunhão dos santos.*"

A solidariedade é uma virtude natural, enquanto a comunhão dos santos é de um domínio essencialmente diferente, sobrenatural.

958 "*A comunhão com os defuntos*"

Não com todos os defuntos, mas com aqueles do purgatório.

969 "*advocate*"

avocada.

977 "*(Mc XVI, 15-16)*"

Na realidade, cita-se apenas o versículo 15 e metade do seguinte. Por que esconder o resto: "aquele que não crer será condenado"?

1022 "*ou para se condenar imediatamente*"

Não esquecer que o Senhor pronuncia a sentença no julgamento do qual fala este parágrafo: "Afaste-se de mim, malditos, para o fogo eterno..." (Mt. XXV, 41).

1031 "*A tradição da Igreja... fala*"

Deve ser: a Tradição (com letra maiúscula) da Igreja ensina. Caso contrário, alguns podem pensar que se trata simplesmente de uma tradição respeitável, mas que...

1033 "*seremos separados Dele se omitirmos atender às necessidades dos pobres*"

Não basta "encontrar-se na presença de" ou "encontrá-lo por acaso em seu caminho", segundo as definições do dicionário.

1033 "*é esse estado de autoexclusão definitiva... que se designa pela palavra 'inferno'.*"

Releia a precisão acima no n° 1022.

1035 "*As almas... descem imediatamente após a morte para os infernos*"

Imediatamente após a morte e o juízo particular.

1042 "*quando, com a humanidade, todo o universo... encontrará em Cristo sua perfeição definitiva* "

Apenas uma parte da humanidade alcançará a perfeição definitiva.

1050 "*todos os frutos excelentes de nossa natureza e de nossa indústria, ... nós os reencontraremos mais tarde, mas purificados de toda contaminação...*"

Não se encontrará, por exemplo, a vacina contra o tétano, fruto excelente de nossa indústria, pois não haverá mais doenças.

1058 "*é verdade que 'Deus quer que todos sejam salvos'... e que para Ele 'tudo é possível'*"

Portanto, pode-se deduzir que todos serão salvos. Infelizmente, muitos irão para o inferno, diz Jesus.

1067 "*mistério Pascal*"

Três vezes com letra maiúscula neste parágrafo e duas vezes no n° 1085.

1094 "*a catequese pascal do Senhor, depois a dos apóstolos e dos Padres da Igreja*"

A primeira letra maiúscula é desnecessária, mas seria preciso uma em "apóstolos", especialmente porque há uma em "Pais".

1096 "*a fé e... a vida religiosa do povo judeu, conforme são professadas e vividas ainda atualmente*"

Isso não é mais "ainda atualmente", como era nos tempos de Nosso Senhor, e naquela época Jesus repreendia esse povo por já ser infiel à fé e à religião de Moisés. Atualmente, trata-se, sobretudo, de uma fé e uma vida religiosa talmúdica (o Talmude é dos séculos IV e V d.C. e é violentamente anticatólico).

1096 "*Para os judeus e para os cristãos, a Sagrada Escritura é uma parte essencial de suas liturgias*"

Entretanto, no primeiro caso, a Palavra de Deus está amputada de todo o Novo Testamento.

1104 "*O mistério Pascal*"... "*os fiéis se tornam eles mesmos*"

Deve ser: "pascal" (e de novo no título antes do n° **1113** e no n° **1115**) e "eles mesmos".

1119 "*estabelecidos em nome de Cristo para pastorear a Igreja pela palavra e pela graça de Deus*"

Seria preferível: pela palavra e pelos sacramentos.

1121 "*Esta configuração (do cristão) a Cristo e à Igreja*"

À Igreja?

1121 "*Esta configuração... permanece para sempre no cristão... como promessa e garantia da proteção divina*"

Como promessa, é verdade; mas não como garantia, pois isso não depende apenas dessa configuração, uma vez que para usufruir da proteção divina também é necessário cumprir outras condições.

1124 "*Tradição viva*"

Veja acima a observação sobre a Tradição viva, no n° 83.

1129 "*A Igreja afirma que, para os crentes, os sacramentos da Nova Aliança* são necessários à salvação"

Não é isso que a Igreja definiu no cânon do concílio de Trento, ao qual se refere a nota 7 (após "*salvação*"). Esse cânon não diz "*fiéis*", mas "*homens*".

1135 Título: "*...do mistério Pascal*"

Ainda essa letra maiúscula.

1136 "*onde a celebração é totalmente comunhão e Festa*"

Por que uma letra maiúscula?

1140 "*É toda a Comunidade... que celebra*"

Essa fórmula, muito em voga na Igreja nos últimos anos, é ambígua e perigosa se não for explicada exatamente; em particular porque leva a uma falsa noção do sacerdócio hierárquico. Já tivemos e ainda temos as consequências disso.

1140 "*a Igreja... ou seja, o povo santo reunido e organizado sob a autoridade dos bispos*"

É realmente tudo isso?...

1142 "*Alguns membros são chamados por Deus, na e pela Igreja*."

Os sacerdotes são chamados pela Igreja, desde que não se defina a Igreja como "povo de Deus". Eles são chamados pela hierarquia da Igreja.

1142 "*o Espírito Santo os torna aptos a agir em nome de Cristo*"

O Espírito Santo escolhe os sacerdotes entre aqueles que têm as aptidões necessárias e lhes confere o poder de agir em nome de Cristo.

1142 "*é na presidência da Eucaristia que o ministério... aparece primeiramente*"

Mais uma fórmula à moda que ainda não termina de causar danos! O bispo e o sacerdote não são primeiramente presidentes, pois seu papel essencial, e para o qual não podem ser substituídos, é consagrar a Eucaristia.

1143 "*Até os serventes, leitores, comentaristas e aqueles que pertencem ao coral exercem um verdadeiro ministério litúrgico*"

Deve-se acrescentar o organista e, frequentemente, o sacristão.

1144 "*cada um, ministro ou fiel, ...fará* somente *e* totalmente *o que lhe compete em virtude da natureza da coisa e das normas litúrgicas*"

e dos poderes recebidos da hierarquia.

1150 Neste parágrafo, "*aliança*" é escrito duas vezes com letra maiúscula e duas vezes sem letra maiúscula.

1158 "*o canto religioso popular será inteligentemente favorecido*"

É uma citação da constituição conciliar "*Sacrosanctum concilium*" no n° 118, onde se fala do canto que não é o gregoriano (do qual se fala no n° 116). Este novo catecismo trata de canto e música nos n° 1156, 1157 e 1158, mas nessas 25 linhas não se menciona o canto gregoriano. No entanto, a mesma constituição conciliar afirma no n° 116 que o canto gregoriano é "o canto próprio da liturgia romana" e que é ele que "deve ocupar o primeiro lugar"; no n° 54, ela também ordena que, apesar da introdução das línguas vulgares na liturgia, "os fiéis possam dizer ou cantar juntos em latim também as partes do ordinário da missa que lhes competem".

1161 "*Através de suas ícones (da Mãe de Deus e dos santos), é o homem... que se revela à nossa fé*"

Isso agradará aqueles que têm "o culto do homem" e aqueles que "acreditam no homem". Quanto a nós, com toda a Tradição, só temos o culto de Deus e não esquecemos o que Deus nos disse em Jeremias XVII, 5: "*Maldito é o homem que põe sua confiança no homem... e cujo coração se retira do Senhor.*"

1168, 1171, 1173, 1182, 1200, 1238, 1239, 1243, 1254, 1260, 1323, 1334, 1340, 1344, 1382 (título)

mais uma letra maiúscula para o adjetivo "pascal".

1179 "*Toda a terra é santa*"

Por que se diz então que a Terra Santa é a Palestina?

1184 "*aquele que preside a assembleia e dirige a oração*"

Veja acima a observação no n° 1142.

1188 "*certos fiéis são ordenados... para representar Cristo como Cabeça do Corpo*"

Os sacerdotes foram primeiramente ordenados para consagrar e oferecer o santo sacrifício da Missa; seria necessário esclarecer isso.

1203 "*As tradições litúrgicas, ou ritos, ... são o rito latino...*"

Sete vezes se escreve "rito" em vez de "rit". Na enumeração dos ritos orientais, falta o etíope e o malabar.

1203 "*A Igreja considera como iguais em direito e dignidade todos os ritos legitimamente reconhecidos, e... deseja, no futuro, preservá-los e favorecê-los de todas as formas*"

O catecismo faz sua essa citação da constituição conciliar "*Sacrosanctum concilium*" no n° 4. Não se pode, portanto, afirmar que o rito chamado de São Pio V está proibido, uma vez que a Igreja deseja "preservá-lo" e "favorecê-lo de todas as formas". Além disso, para que seja favorecido, é necessário que, na prática, seja de uso pelo menos igual às novas missas de Paulo VI; isso ainda mais porque as novas missas são criações muito recentes, enquanto a missa de São Pio V tem cerca de quinze séculos de existência e uso, e este santo Papa não havia definido ou mudado mais do que cinco pontos na missa tal como era celebrada antes dele.

1210 "*Os sete sacramentos tocam todas as etapas... da vida... Nisso existe uma certa semelhança entre as etapas da vida natural e as etapas da vida espiritual*"

Após "espiritual", a nota 1 remete a Santo Tomás, mas neste ponto de sua Suma Teológica ele não fala de "vida natural", mas sim de "vida corporal".

1245 "*No batismo de recém-nascidos, a bênção da mãe tem um lugar especial*"

A consagração da criança a Maria também não deveria ter um lugar especial?

1260 "*Todo homem que, ignorando o Evangelho de Cristo e sua Igreja, busca a verdade e faz a vontade de Deus conforme a conhece, pode ser salvo.*"

É preciso especificar claramente, de acordo com o ensino das Escrituras e da Igreja, que essa ignorância não deve ser culpável, e que ele deve ter a fé sobrenatural e a caridade perfeita (FC 508).

1261 "*permitindo-nos esperar que haja um caminho de salvação para os filhos que morrem sem Batismo.*"

Isso é esquecer a doutrina comum sobre os limbos e, em particular, a Instrução da SCDF de 20 de outubro de 1980, "*Pastoralis actio*": a Igreja "não conhece outros meios... para assegurar a entrada dos filhos na bem-aventurança eterna" que não seja o batismo.

1266 "*dá ao batizado a* graça santificante... que... lhe permite crescer no bem pelas virtudes morais."

Mais precisamente: "de crescer no bem sobrenatural e nas virtudes morais infusas."

1281 "*são salvos mesmo se não receberam o Batismo.*"

Mesma observação que acima no n° 1260.

1283 "*Quanto aos crianças que morrem sem Batismo, a liturgia... nos convida... a rezar por sua salvação.*"

Mesma observação que acima no n° 1261.

1288 "*A imposição das mãos é a justa origem do sacramento da Confirmação.*"

Deve haver uma letra maiúscula: Tradição católica.

1322 A palavra "Confirmação" deve ter letra maiúscula, uma vez que "Eucaristia" e "Batismo" também têm.

1324 "A Eucaristia é ‘fonte e auge de toda a vida cristã’."

Esta é uma citação de "*Lumen Gentium*", que, na verdade, diz em seu n° 11: "sacrifício eucarístico, fonte e auge...", e não "Eucaristia".

1329 "*o único pão repartido, Cristo*"

Seria apropriado escrever "pão" com letra maiúscula.

1330 Do n° 1328 ao n° 1332, responde-se à pergunta do título: "*Como é chamado este sacramento?*". Seguem-se nove parágrafos, cada um começando com um dos nomes deste sacramento; cada nome é seguido de "porque" e uma explicação: "*Eucaristia* porque... *Fracionamento do Pão* porque...", etc. Aqui, no início do n° 1330, não há "porque" mas apenas esta linha curta: "*Memorial* da paixão e ressurreição do Senhor". Por que isso?

1330 "*Santíssimo Sacramento...* Este nome se refere às espécies eucarísticas" e, em primeiro lugar, a Cristo presente.

1333 "*No coração da celebração da Eucaristia estão o pão e o vinho que... se tornam o Corpo e o Sangue de Cristo.*"

No coração da celebração do Santo Sacrifício da Missa estão o Corpo e o Sangue de Cristo.

1333 "*os sinais do pão e do vinho continuam a significar também a bondade da criação*"

Bondade "*secundum quid*" porque não se deve esquecer a palavra de Deus: "*Maldito seja o solo por tua causa*" (Gn III, 17), e o ensinamento de São Paulo: "*A criação... sujeita à vaidade, ... aguarda a libertação da servidão da corrupção*" (cf. Rm VIII, 19-22).

1334 "*Jesus instituiu sua Eucaristia dando um sentido novo e definitivo à bênção do pão e do vinho* "

Jesus instituiu sua Eucaristia consagrando, transubstanciando. Isso é diferente de uma bênção, mesmo que tenha um novo significado.

1348 "*É Ele mesmo que preside invisivelmente toda celebração eucarística. É representando-O que o bispo ou o sacerdote (agindo em nome de Cristo-Cabeça) preside a assembleia, toma a palavra após as leituras, recebe as oferendas e diz a oração euc*arística."

O sacerdote age em nome de Cristo-Cabeça (e assim ele "preside a assembleia, toma a palavra,...") e de Cristo-sacerdote (e assim ele não diz simplesmente o "relato da instituição" como um pastor protestante).

1353 "*No* relato da instituição *a força das palavras e da ação de Cristo, e o poder do Espírito Santo, tornam sacramentalmente presentes...*"

Ainda é necessária a intenção do sacerdote.

1354 "*A Eucaristia é celebrada... na comunhão com... todos os bispos do mundo*"

Com todos os bispos católicos do mundo.

1357 "*Esta ordem do Senhor (*‘Fazei isto em memória de Mim’*), nós a cumprimos em...*"

Esta ordem foi dada aos apóstolos e àqueles a quem deveriam transmitir o poder de cumpri-la, ou seja, aos bispos e padres. Portanto: "Esta ordem do Senhor, os bispos e os padres a cumprem em

...".

1361 "*Este sacrifício de louvor só é possível por meio de Cristo: Ele une os fiéis à sua pessoa...*"

Seria preferível: "que por Cristo" e "Sua Pessoa".

1363 "*cada vez que a Páscoa é celebrada, os eventos do Êxodo são tornados presentes à memória dos crentes*"

Não apenas "presentes à memória", pois a cada ano ainda havia o sacrifício real de um cordeiro imolado.

1365 "*Porque é o memorial da Páscoa de Cristo, a Eucaristia é também um sacrifício.*"

Deve-se afirmar mais corretamente: a Eucaristia é um memorial da Páscoa de Cristo porque é um sacrifício.

1366 "*A Eucaristia é, portanto, um sacrifício porque representa (torna presente) o sacrifício da Cruz, porque é seu* memorial..."

Dado que o sacrifício da Missa e o sacrifício da Cruz são um único sacrifício, deve-se dizer simplesmente: "A Missa é, portanto, um sacrifício porque é o sacrifício da Cruz, oferecido de maneira não sangrenta."

1369 "*a Eucaristia, mesmo quando é presidida por um* sacerdote"

Mais uma vez (senão sempre) o sacerdote é apresentado apenas como presidente, como um simples pastor protestante.

1382 "*a celebração do sacrifício eucarístico é toda orientada para a união íntima dos fiéis a Cristo pela comunhão.*"

Não se deve esquecer que a primeira intenção desse sacrifício é a glória de Deus.

1386 "*mas diz apenas uma palavra*"

É: *diz a palavra*.

1386 "*mas diz apenas uma palavra e eu serei curado*"

O latim diz "*et sanabitur anima mea*": "e minha alma será curada".

1390 "*a comunhão sob a única espécie do pão*"

Seria mais exato: a comunhão sob a única...

1391 "*em Cristo*"

Os católicos sempre disseram: "no Cristo"; por que adotar essa forma protestante?

1391 "*as arras da vida são dadas*"

"Arras" é um nome feminino...

1398 "*a unidade completa de todos os que creem Nele.*"

Reveja as observações e citações acima nos n° 816, 817, 819.

1399 Com "*As Igrejas orientais que não estão em plena comunhão com a Igreja católica... Uma certa comunhão* in sacris, *portanto na Eucaristia, é «não apenas possível, mas até recomendada*..."

Não, pois "O próprio da Eucaristia é ser o sacramento daqueles que estão na plena comunhão da Igreja", diz este catecismo no primeiro parágrafo da mesma página 1400 "As comunidades eclesiais originadas da Reforma... não conservaram a substância própria e integral do mistério eucarístico".

Se uma substância não é integral, ela não é.

1401 "*podem dar os sacramentos... aos outros cristãos que não estão em plena comunhão com a Igreja católica... , desde que manifestem a fé católica a respeito desses sacramentos*"

Reveja acima 1398, 1399 e 1400. Além disso, "a fé católica a respeito desses sacramentos" não é suficiente. De fato, crer na mesma coisa que os católicos sobre esses sacramentos e não acreditar em todas as outras verdades da fé católica não é, de modo algum, ter a fé católica, como ensinam, por exemplo, "*Satis cognitum*" e Santo Agostinho citados acima no n° 819; portanto, não se tem "a fé católica a respeito desses sacramentos".

1419 "*nos une já à Igreja do Céu, à Santa Virgem Maria e a todos os Santos.*"

Os santos Anjos também fazem parte da Igreja do Céu.

1422 "*Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência ali recebem... o perdão da ofensa...*"

Eles o recebem se cumprirem as condições necessárias.

1428 "*a Igreja... é... ao mesmo tempo santa e chamada a se purificar*"

A Igreja é santa, é de fé (cf. o Credo). Portanto, não precisa ser purificada. Mas se a Igreja está sem pecado, ela não está sem pecadores.

1444 A referência Mt. XVIII, 16-20 está errada.

1445 "*aquele que vocês excluírem da sua comunhão*"

É: excluírem. E no Evangelho trata-se de excluir da absolvição.

1446 "*aqueles que... caíram em pecado grave e que assim... feriram a comunhão eclesial*"

Para ser exato, deve-se dizer: "e que assim feriram em si a comunhão eclesial".

1457 Nota 7 não é o cânon do concílio ("Cc., can. 989") mas do Código. Portanto: CIC, can. 989.

1458 "*a confissão das faltas diárias (pecados veniais)*"

Elas também podem ser mortais.

1461, 1462 Por que usar três vezes a palavra "presbíteros" onde se espera "sacerdotes", que aparece normalmente nos cinco outros parágrafos?

1494 "*O confessor propõe ao penitente...(uma)... «penitência»*"

O confessor impõe-lhe uma penitência.

1496 "*Os efeitos espirituais do sacramento da Penitência são:...*"

Os efeitos do sacramento da Penitência são, se o penitente estiver bem disposto:...

1509 "*a Eucaristia, pão que dá a vida eterna*"

Convém usar maiúscula: Pão.

1517 "*no hospital ou na Igreja*"

Aqui a minúscula é a que se aplica: igreja.

1520 se o doente "*cometeu pecados, eles lhe serão perdoados*" (pela unção dos enfermos)

E a pena temporal devida pelos pecados?

1533 "*a vocação comum de todos os discípulos de Cristo, vocação... à missão* "*de evangelizar o mundo*"

No Evangelho, Nosso Senhor não deu a todos os fiéis a missão de evangelizar o mundo, mas aos "onze" (tanto em Mt. quanto em Mc.).

1535 "*Aqueles que recebem o sacramento da Ordem são* consagrados *para... . ... os esposos cristãos ... são... como* consagrados *por um sacramento especial*"

Este segundo uso de "consagrados*" é equivoco.

1579 "*Todos os ministros ordenados da Igreja latina... são... escolhidos dentre os homens crentes que...*"

É preciso também que sejam batizados.

1601 Este parágrafo é o primeiro de todos aqueles sobre o sacramento do matrimônio. O novo catecismo adota aqui a doutrina do novo Código, copiando textualmente o can. 1055, § 1. Sobre essa nova doutrina do matrimônio, pode-se dizer que não é mais a da Tradição. O "Código de direito canônico anotado" (Cerf/Tardy 1989) reconhece na p.564: "*É uma mudança muito profunda na doutrina mantida até o concílio Vaticano II*". A Tradição ensina que o fim primário do matrimônio é a geração e a educação dos filhos, que os fins secundários são a ajuda mútua e o remédio à concupiscência, e que esses fins secundários são "essencialmente subordinados ao fim primário". *« Isso vale para todo matrimônio, mesmo infértil »* (Pio XII).

Ninguém pode operar "uma mudança muito profunda na doutrina" ensinada por toda a Tradição.

1611 "*A Tradição sempre viu no Cântico dos Cânticos uma expressão única do amor humano*"

São os racionalistas, e não a Tradição, que afirmam que se deve interpretar o Cântico no sentido literal próprio. O segundo concílio de Constantinopla (553) já condenava Teodoro de Mopsueste, que explicava o Cântico em um sentido exclusivamente literal. A Tradição, por sua vez, adotou a interpretação alegórica e/ou mística: trata-se da união de Yahweh com Israel e/ou com a Igreja e/ou com a alma.

1612 "*a Nova e Eterna Aliança na qual o Filho de Deus, ao se encarnar e dar sua vida, uniu de certa forma toda a humanidade salva por Ele*"

Releia a observação acima no n° 432. A união da nova Aliança não é com toda a humanidade, mas com a Igreja, novo povo de Deus, assim como a antiga Aliança era com o antigo povo eleito e não com toda a humanidade. São Paulo diz claramente em Efésios V, 32 que *« este mistério se aplica a Cristo e à Igreja »*.

1619 "*o casamento é uma realidade do éon presente que passa*"

Quid?...

1631 "*é necessário que haja certeza sobre o casamento (daí a obrigação de ter testemunhas)*"

E a obrigação de que o sacerdote tenha a jurisdição necessária para esse matrimônio.

1642 Este parágrafo quer que os cônjuges cristãos sejam " *« submetidos uns aos outros no temor de Cristo » (Efésios V, 21)*"

São Paulo não diz isso aos cônjuges, mas a todos os cristãos. Aos cônjuges, ele diz logo a seguir, nos versículos 22 a 24, versículos que o novo catecismo se abstém de nos fazer ler, ocultando assim a doutrina que eles contêm: *« Que as mulheres sejam submissas a seus maridos como ao Senhor: de fato, o marido é a cabeça da sua esposa, como Cristo é a cabeça da Igreja, Ele o salvador do Corpo; ora, a Igreja se submete a Cristo; as mulheres devem, portanto, da mesma maneira, se submeter em tudo a seus maridos. »* E o mesmo se aplica a I Pedro III, 1: *« mulheres, sejam submissas a seus maridos »*; e ainda a Colossenses III, 18: *« Mulheres, sejam submissas a seus maridos, como convém no Senhor. »*

1643 Título: "*Os bens e as exigências do amor conjugal*"

Deve ser: os bens e as exigências do matrimônio.

1651 "*Serão convidados... a assistir ao Sacrifício da Missa*"

Eles têm a obrigação de fazê-lo.

1660 Este parágrafo retoma a nova doutrina do n° 1601. Portanto, mesma observação que neste número.

1670, 1681, 1685, 1689 (2 vezes), **2042, 2177, 2659, 2748**: sempre "Pascal" com maiúscula.

1676 "*...sabedoria cristã... . Esta sabedoria é um humanismo cristão que afirma radicalmente a dignidade de todo ser como filho de Deus, instaura uma fraternidade fundamental, ...*"

A sabedoria cristã é muito mais do que um humanismo, mesmo que seja cristão. Além disso, todo ser, mesmo humano, não é filho de Deus, pois para ser filho de Deus é necessário ter recebido a vida divina no Batismo, e é o Batismo que "instaura uma fraternidade fundamental".

1680 "*pela morte, Ele o faz entrar na Vida do Reino. Então se cumpre o que Ele confessava...*"

Por meio da morte, todo "filho de Deus" não entra no céu: alguns vão primeiro ao purgatório, outros vão diretamente para o inferno. Além disso, as duas maiúsculas ("o" e "Ele") não têm razão de ser.

1683 "*A Igreja... o acompanha ao término de seu caminho para entregá-lo « nas mãos do Pai ». *"

Não é de todo certo, pois ninguém sabe se o falecido está salvo ou condenado.

1683 "*ela deposita na terra... a semente do corpo que ressuscitará na glória.*"

Novamente, isso deixa entender que todos terão a glória do céu, mas os condenados ressuscitarão para o inferno e não "na glória"...

1690 "*agora estamos unidos a Cristo, indo em direção a Ele (...) estaremos todos juntos em Cristo*"

Todos juntos no Céu? Não haverá condenados?

1699 Título: "*A vocação do homem: a vida no espírito*"

Deve ser: a vida no Espírito.

1699 "*A vida no Espírito Santo... é feita de caridade divina e da solidariedade humana*"

A caridade divina é sobrenatural e, portanto, pertence ao domínio da vida no Espírito Santo, mas a solidariedade humana não é mais do que uma virtude natural, pertencendo assim ao domínio da vida natural.

1700 "*A dignidade da pessoa humana se enraíza em sua criação à imagem e semelhança de Deus* "

Isso é verdade para Adão, mas com o pecado original a pessoa humana perdeu essa semelhança e se tornou indigna aos olhos de Deus. Ela recupera a dignidade através do batismo e a mantém enquanto não peca mortalmente.

1700 "*a pessoa humana se conforma, ou não, ao bem prometido por Deus e atestado pela consciência*"

Deve ser: ao bem ordenado por Deus.

1700 "*Assim, eles alcançam a perfeição da caridade*"

Na terra, apenas os santos conseguem chegar a essa perfeição. Portanto, deve-se dizer: "Eles podem, assim, chegar à perfeição da caridade".

1701 Título: "*O homem imagem de Deus*"

É Cristo quem é a imagem de Deus. O homem é à imagem de Deus.

1703 "*a pessoa humana é « a única criatura na terra que Deus quis para si mesma »*"

Não. Releia acima o n° 356.

1703 "*a pessoa humana é... Desde a sua concepção... destinada à bem-aventurança eterna.*"

Não. Isso é verdade apenas para Adão, Eva e a Virgem Maria; e isso é pela graça. Todas as outras pessoas humanas têm, desde a sua concepção, o pecado original e estão, portanto, destinadas à morte eterna. A pessoa humana não é "destinada à bem-aventurança eterna" exceto a partir do Batismo e pela graça deste.

1704 "*Por sua vontade, (a pessoa humana) é capaz de se dirigir por si mesma ao seu verdadeiro bem.*"

Nosso Senhor afirma: *« Sem mim, nada podeis fazer »*.

1708 "*Sua graça restaura o que o pecado havia deteriorado em nós.*"

De acordo com o contexto, refere-se ao pecado original. A graça não restaurou tudo, pois a natureza humana permanece ferida.

1711 "*a pessoa humana é desde sua concepção ordenada a Deus e destinada à bem-aventurança eterna.*"

Mesma observação que acima no n° 1703.

1738 "*Cada pessoa humana, criada à imagem de Deus, tem o direito natural de ser reconhecida como um ser livre e responsável. ... O* direito ao exercício da liberdade *é uma exigência inseparável da dignidade da pessoa humana. Este direito deve ser reconhecido e protegido civilmente nos limites do bem comum e da ordem pública.*"

Não se deve confundir o domínio do *ser* e aquele do agir; o livre-arbítrio pertence ao domínio do primeiro, a liberdade de ação ao domínio do segundo, e neste domínio do agir encontram-se o bem e o mal, o verdadeiro e o falso. A pessoa perde sua dignidade em proporção à sua adesão ao erro ou ao mal. Tal é o ensinamento da Tradição, por exemplo, na encíclica "*Immortale Dei*": "Se a inteligência adere a ideias falsas, se a vontade escolhe o mal e se apega a ele, nem uma nem outra atingem sua perfeição, ambas decaem de sua dignidade nativa e se corrompem. Portanto, não é permitido revelar e expor aos olhos dos homens o que é contrário à virtude e à verdade, e muito menos colocar essa licença sob a tutela da proteção das leis." (Assim como Santo Tomás, Leão XIII chama aqui de licença a liberdade que escolhe o mal).

Só existe direito para o bem e a verdade; para o mal e o erro, pode haver, em certos casos, apenas uma certa tolerância.

1769 "*a Agonia e a paixão do Senhor*"

Se se coloca uma maiúscula na primeira palavra, deve-se também na segunda.

1782 "*« O homem não deve ser constrangido a agir contra sua consciência. Mas também não deve ser impedido de agir de acordo com sua consciência, especialmente em matéria religiosa. »*"

A segunda afirmação é evidentemente falsa. Assim, por exemplo: se a consciência de alguém lhe disser que deve seguir sua religião, a qual exige que se imole uma criança pelo fogo, deve-se impedi-lo de agir dessa forma.

1810 "*As virtudes humanas adquiridas pela educação... são purificadas e elevadas pela graça*"

Deve-se *precisar* que *as* virtudes sobrenaturais são infusas: vêm com a graça santificante no Batismo.

1818 "*A virtude da esperança (teologal)... assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens*"

A esperança teologal não assume, por exemplo, a esperança de enriquecer.

1838 "*As virtudes humanas... ordenam nossas paixões e guiam nossa conduta segundo a razão e a fé.*"

Deveria haver uma distinção entre as virtudes naturais, "adquiridas pela educação", e as virtudes sobrenaturais, infusas, que nos guiam segundo a fé.

1854 "*na tradição da Igreja*"

Deve ser: a Tradição da Igreja.

1877 Este parágrafo, que é a introdução do capítulo, é confuso.

1878, 1890 "*pessoas divinas*"

Seria melhor com uma maiúscula em "pessoas".

1879 "*Pela (vida social)... o homem desenvolve suas virtualidades; assim, ele responde à sua vocação.*"

Disseram-nos seis linhas acima que a vocação do homem é "chamar-se a entrar na bem-aventurança divina", o que é sobrenatural. Ora, as coisas da vida social enunciadas aqui pertencem à ordem natural; portanto, é impossível que, por elas, o homem responda à sua vocação sobrenatural. Com meios da ordem natural não se pode alcançar nada da ordem sobrenatural. O sobrenatural ultrapassa todas as forças e todas as exigências da natureza criada.

1881 "*« a* pessoa humana *é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais ».*"

O que se torna da "primazia do bem comum"? E "esqueceram-se" do dogma da Realeza de Cristo.

1901 "*« A determinação dos regimes políticos, assim como a determinação de seus dirigentes, deve ser deixada à livre vontade dos cidadãos ».*"

A monarquia hereditária sempre foi considerada pela Igreja como um regime legítimo.

1902 "*A autoridade... deve... agir... como uma « força moral fundamentada na liberdade e no sentido da responsabilidade »*"

A autoridade é primeiro fundamentada em Deus: « *omnis potestas a Deo* », ensina São Paulo.

1907 "*os direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana*"

Pio XII enumerou os "direitos fundamentais da pessoa" em sua mensagem radiofônica de Natal de 1942. São "inalienáveis"? Para evitar confusão e erro, é preciso distinguir entre direito objetivo e direito subjetivo: um é alienável, o outro não; o direito objetivo é o objeto concreto do direito, e o direito subjetivo é a faculdade de exigir (abstraindo seu exercício). O direito subjetivo é fundamentado no dever a ser cumprido; o direito objetivo é fundamentado na ordem objetiva segundo o bem e o verdadeiro, e por isso: *« o que não responde à verdade ou à lei moral não tem, objetivamente, nenhum direito à existência, nem à propaganda, nem à ação »*, ensina Pio XII (aos juristas italianos em 6.12.1953) seguindo toda a Tradição. Portanto, o homem perde seu direito natural (objetivo) quando se aplica ao mal ou ao erro, e "os direitos do homem têm vigor, na verdade, apenas onde são respeitados os direitos imprescritíveis de Deus" (João Paulo II, 10.12.1980, aos bispos do Brasil). O catecismo deveria dizer também que os verdadeiros direitos da pessoa humana nascem de seus deveres para com Deus.

1908 "*O desenvolvimento é o resumo de todos os deveres sociais*"

Isso é bastante vago...

1929 "*a dignidade transcendental do homem*"

Deus é transcendente, não o homem.

1929 "*A pessoa humana representa o objetivo último da sociedade*"

O objetivo ou fim último de tudo, e portanto da sociedade, é Deus.

1934 "*dotados de uma mesma alma racional, todos os homens têm a mesma natureza*"

Deve-se remover "mesma" para evitar um erro antigo.

1934 "*todos desfrutam, portanto, de uma dignidade igual*"

De uma dignidade igual de natureza racional, sim; de uma dignidade igual de pessoa, não: Stálin não tem uma dignidade pessoal igual à de São Paulo. Releia acima o n° 1738.

1935 "*A igualdade entre os homens diz respeito essencialmente à sua dignidade pessoal*"

Não, ela diz respeito essencialmente à natureza comum a todos os homens.

1935 "*Toda forma de discriminação... fundada em... religião, deve ser superada, como contrária ao desígnio de Deus.*"

Nosso Senhor ensina: *« quem não crer será condenado »* (Mc. XVI, 16); e São Paulo: *« sem a fé é impossível agradar a Deus »*. Eis uma discriminação, uma discriminação divina, fundamentada na religião.

1939 "*a fraternidade humana e cristã*"

Há uma verdadeira fraternidade entre os batizados, pois eles recebem a vida divina, do mesmo Pai. Mas, não tendo nascido nem do mesmo pai nem da mesma mãe que o rei da Bélgica, não há fraternidade humana entre o rei e eu.

1944 "*a dignidade intrínseca da pessoa*"

1945 "*A igualdade entre os homens diz respeito à sua dignidade pessoal*"

1947 "*A igual dignidade das pessoas*"

Para estes três últimos números: releia acima as observações nos números 1934 (segundo), 1935 (primeiro), 1738.

1948 "*A solidariedade é uma virtude eminentemente cristã.*"

A solidariedade é uma virtude natural. A caridade é uma virtude eminentemente cristã.

1956 "*a lei natural... determina a base de seus direitos e de seus deveres fundamentais*"

É melhor dizer: a lei natural determina a base de seus deveres e dos direitos que decorrem desses deveres, uma vez que seus verdadeiros direitos nascem de seus deveres para com Deus.

1970 "*Toda a Lei evangélica se resume no* « novo mandamento »*... de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou.*"

Este é o segundo mandamento, e não se deve esquecer "o primeiro e o maior", que é o amor a Deus.

1978 "*A lei natural... expressa a dignidade da pessoa humana*"

Veja acima no n° 1947.

1978 "*A lei natural... forma a base de seus direitos e de seus deveres fundamentais*"

Mesma observação que acima no n° 1956.

2012 Por que omitir na citação de Rm. VIII, 28: "com aqueles que Ele chamou segundo seu desígnio"?

2034 "*O* Magistério ordinário *e universal do Papa e dos bispos em comunhão com ele ensina aos fiéis a verdade a crer*"

Seu Magistério ordinário nem sempre é o "Magistério ordinário da Igreja", como a história do arianismo e a de João XXII mostraram.

página 423 "*dia do sábado para Santificá-lo*"

As duas maiúsculas não se justificam.

2057, 2058, 2060, 2062, 2063 "Aliança" é às vezes com maiúscula, às vezes não.

2024 "*Sua pessoa*"

Uma vez que se trata de Nosso Senhor Jesus Cristo, seria melhor escrever: Pessoa.

2106 "*« Que em matéria religiosa, ninguém seja... impedido de agir, dentro de justos limites, segundo sua consciência... em público, sozinho ou associado a outros. » Este direito é fundado na própria natureza da pessoa humana... É por isso que ele « persiste mesmo naqueles que não satisfazem à obrigação de buscar a verdade e nela aderir ».*"

Releia acima o n° 1782.

Esta nova doutrina sobre a liberdade religiosa no foro externo se opõe ao ensinamento da Tradição. De fato, a Igreja sempre ensinou que a liberdade religiosa no foro externo não é um direito, que não deve ser inscrita nas leis como um direito, e que pode apenas ser objeto de tolerância.

Dessa nova doutrina, pode-se deduzir que "todo homem é livre para... professar a religião que a luz da razão o tenha levado a julgar como a verdadeira religião", o que é exatamente uma proposição condenada explicitamente por Pio IX (FC 447). Para "*Quanta cura*", tal liberdade é "uma liberdade de perdição".

2108 "*O direito à liberdade religiosa... é... um direito natural da pessoa humana à liberdade civil, ou seja, à imunidade de coação externa... por parte do poder político. Este direito natural deve ser reconhecido na ordem jurídica da sociedade de tal forma que constitua um direito civil.*"

"*Quanta cura*", com toda a Tradição, condenou essa doutrina assim: *« Ao contrário do ensinamento da Sagrada Escritura, da Igreja e dos Santos Padres, afirmam sem hesitação que "a melhor condição da sociedade é aquela em que não se reconhece ao poder a obrigação de reprimir, através da sanção de penas, os violadores da religião católica, a não ser quando a tranquilidade pública o exigir". Em consequência desta ideia absolutamente falsa do governo social, não hesitam em favorecer esta opinião errônea, que é absolutamente fatal para a Igreja católica e para a salvação das almas e que Nosso predecessor de feliz memória Gregório XVI chamava de delírio, a saber, "que a liberdade de consciência e de cultos é um direito próprio de cada homem; que deve ser proclamado e garantido pela lei em toda sociedade bem constituída" ».*

Adicionemos que essas proposições condenadas por "*Quanta cura*" o são infalivelmente, pois o Papa manifestou claramente as quatro condições da infalibilidade.

2125 "*Na gênese e na difusão do ateísmo, « os crentes podem ter uma parte que não é pequena »* "

Seria justo e necessário adicionar que muitos filósofos, políticos, escritores, artistas e jornalistas têm certamente uma parte muito grande nisso.

2137 "*O homem « deve poder professar livremente a religião em privado e em público ».*"

Não é isso que diz a Declaração conciliar que nos é indicada como citada aqui. Ela não diz "deve poder", mas: os homens desejam professar...

2154 "*Após São Paulo, a tradição da Igreja*"

Deve ser: a Tradição da Igreja. O mesmo se aplica ao n° 2178.

2201 "*O matrimônio e a família são ordenados*" etc.

Sobre esta nova doutrina, releia acima o n° 1601.

2203 "*a família implica uma diversidade de responsabilidades, direitos e deveres.*"

Isso é bastante vago. Releia acima o n° 1642 para uma das precisões necessárias.

2212 "*vemos... em toda pessoa humana, um filho ou uma filha Daquele que quer ser chamado « nosso Pai ».*"

Essa filiação ocorre apenas com o Batismo, e não se aplica a "toda pessoa humana".

2245 "*caráter transcendental da pessoa humana.*"

Com tal concepção, ter-se-ia um "povo de deuses", pois é Deus quem é transcendente.

2249 como acima no n° 2201.

2273 "*o direito à vida... de todo ser humano*"

Precisão: de todo ser humano inocente.

2319 "*a pessoa humana foi vontade para si mesma*"

A pessoa humana, como todas as criaturas, foi criada para Deus. O homem foi criado "para o louvor e a glória de Deus".

2326 "*O escândalo constitui uma falta grave quando... leva deliberadamente outrem a pecar.*"

Deve-se dizer: "outrem a pecar gravemente".

2353 "*a sexualidade humana naturalmente ordenada para o bem dos cônjuges, assim como para a geração e a educação dos filhos*"

Veja acima o n° 1601.

2355 "*ele rompe a castidade à qual o comprometeu seu Batismo*"

Isso é verdade também para quem não é batizado.

2363 "*os fins duplos do matrimônio*"

O matrimônio tem um fim primário e dois fins secundários essencialmente subordinados ao fim primário. Veja acima o n° 1601.

2366 "*A fecundidade é... um* fim do matrimônio"

Não se diz ainda que é seu fim primário.

2383 "*Se o divórcio civil permanecer a única maneira possível de assegurar... pode ser tolerado sem constituir uma falta moral.*"

Deve-se precisar, com o can. 1692 § 2, que é preciso obter do bispo responsável a permissão para recorrer ao foro civil.

2419 "*a plena revelação da verdade do homem.*"

Da verdade sobre o homem.

2425 "*A Igreja rejeitou as ideologias totalitárias e ateias associadas, nos tempos modernos, ao « comunismo » ou ao « socialismo ».*"

Isso não é suficiente. Deve-se dizer que a Igreja repudia *« o comunismo enquanto sistema social em virtude da doutrina cristã »* (Pio XII, Natal 1955), e que *« O comunismo é intrinsecamente perverso e não se pode admitir em nenhum terreno a colaboração com ele por parte de quem deseja salvar a civilização cristã. »* (*Divini Redemptoris*). Quanto ao socialismo, *« seja considerado como doutrina, seja como fato histórico, ou como "ação", o socialismo, se permanecer realmente socialismo mesmo após ter concedido à verdade e à justiça o que acabamos de dizer, não pode se conciliar com os princípios da Igreja católica, pois sua concepção da sociedade é a mais contrária à verdade cristã. »* (encíclica *Quadragesimo anno*).

2449 "*direito de pegadura*"

É: pegadura.

página 499 Há nove chamadas para as dez notas. Deve-se deslocar a partir da quinta.

2569 "*Essa qualidade da oração é vivida por uma multidão de justos em todas as religiões.*"

É tão certo assim? E não se deveria deixar entender que todas as religiões têm o mesmo valor.

2582 "*Tiago*"

É: São Tiago.

2602 "*Ele assume a humanidade em sua Encarnação*"

Veja acima o n° 616.

2632 "*a oração de Paulo*"

A oração de São Paulo.

2633 "*Tiago e Paulo nos exortam*"

São Tiago e São Paulo nos exortam.

2666 "*« YHWH salva »*"

« Yahweh salva » seria mais legível para aqueles que não sabem hebraico.

2675 "*a humanidade que nela (a santa Mãe de Deus) é desposada pelo Filho de Deus.*"

Aqui, de acordo com o contexto, "humanidade" significa "todos os humanos". Pode-se dizer que o Filho de Deus desposou a natureza humana, e também que Ele é o Esposo da Igreja; mas Ele não desposou "todos os humanos".

2759 "*Pai Nosso...*"

Encontramos a recente e má tradução: "não nos submetas à tentação".

Veja os estudos de Jean Carmignac sobre o Pai Nosso.

Índice de citações

Quanto à Sagrada Escritura, já sinalizamos várias citações cuja ausência é inadmissível.

Para os Concílios Ecumênicos: pode-se ler neste catecismo:

84 citações tiradas dos 20 primeiros concílios.

529 citações tiradas do último dos concílios (concílio pastoral), ou seja, 6 vezes mais do que para todos os outros juntos.

Para os Documentos Pontificais: pode-se ler neste catecismo:

21 citações tiradas dos cerca de 260 primeiros papas, até Pio XII incluído.

88 citações tiradas de 3 papas (João XXIII, Paulo VI, João Paulo II), ou seja, 4 vezes mais em 34 anos do que nos cerca de 1900 anos anteriores.

Os desequilíbrios desses números fazem refletir e levam alguns a dizer que se trata do catecismo da "Igreja conciliar" (segundo a expressão do cardeal Benelli) mais do que do "catecismo da Igreja católica".

Além disso, observa-se que não há citação de "*Satis cognitum*", encíclica sobre a unidade.

Ausência ainda mais notável: São Pio X. Não se encontra nenhuma citação dele, e nem mesmo uma referência.

Nos Escritores Eclesiásticos, encontra-se Cícero.

Nós já dissemos no início e queremos repetir: reconhecemos todas as qualidades deste novo catecismo, e elas são numerosas. Mas é preciso reconhecer também que os defeitos são abundantes, uma vez que anotamos, neste trabalho, mais de 350 erros mais ou menos importantes, sem buscar ser exaustivo, não apenas nas muitas falhas de pontuação, francês e ortografia (por exemplo, encontrará duas na p. 355, outras duas na p. 481, etc.), mas também ao não registrar aqui outras observações feitas durante a leitura do catecismo.

Sabemos bem que alguns dos defeitos que sinalizamos – *salvo meliore judicio* – são mais ou menos corrigidos em outros parágrafos do catecismo. No entanto, deveriam ser corrigidos onde os anotamos, pois o usuário do catecismo frequentemente lê apenas um ou outro trecho conforme a necessidade do momento, e não lê necessariamente sua correção, se houver uma.

A regra "*Bonum ex integra causa ...*" certamente vale para um catecismo. Portanto, esperamos que a edição de referência, ou seja, a edição latina do catecismo, seja irrepreensível quanto à doutrina e à sua expressão.

Perguntas inquietantes

Sexta-feira, 12 de fevereiro de 2010

Artigo original disponível em Virgo Maria

- Introdução
- 1. 2005-2009: os "anos do dinheiro" no convento de Avrillé
- 2. Os dois herdeiros do patrimônio dos Kergorlay e do castelo de Canisy: Denis e Geoffroy
- 3. As conexões globalistas de Denis de Kergorlay, um homem de influência elogiado por "Gotha City"
- 4. Denis de Kergorlay, gerente do castelo de Canisy e administrador, depois presidente do Cercle Interallié
- 5. A ascensão social da família Kergorlay na jet-set do Gotha internacionalista
- 6. Geoffroy de Kergorlay no centro da gestão patrimonial de Avrillé e de seus meios de comunicação
- 7. A obsessão de Geoffroy de Kergorlay em espalhar as fallaciosas “demonstrações” de Dom Botte
- 8. Conclusão: Cinco questões perturbadoras muito legítimas
- Nota 1 (referências complementares)
- Anexos
    - Anexo A
    - Anexo B
    - Anexo C
    - Anexo D
    - Anexo E

Introdução

Château de Canisy, local francês mencionado para encontros e reuniões do globalismo anglo-saxão: Quais são os vínculos com o dominicano Pierre-Marie (Geoffroy de Kergorlay), o homem que, apesar dos FATOS hoje públicos[1], bloqueia obstinadamente desde 2005 os estudos sobre a INVALIDEZ INTRÍNSECA do novo rito conciliar das sagrações episcopais?

THE ASPEN INSTITUTE

Os itinerários entrelaçados dos dois irmãos (Denis e Geoffroy) de Kergorlay, e **a vontade obstinada do dominicano Geoffroy em proteger a Igreja Conciliar de Bento XVI, salvando o legado do liturgista modernista Dom Botte, que destruiu o episcopado católico do rito latino:**

o novo rito conciliar INTRINSECAMENTE inválido da consagração episcopal do lazarista F∴M∴ Bugnini e do bispo apóstata Montini-Paul VI (*Pontificalis Romani*, 18 de junho de 1968)

Anunciamos um estudo **realizado a partir de documentos públicos** sobre o Padre Pierre-Marie o.p. (Geoffroy de Kergorlay) e sobre as possíveis influências **que poderiam esclarecer a obstinação muito surpreendente com a qual esse dominicano próximo da Fraternidade São Pio X se esforça** desde a eleição de Ratzinger-Bento XVI, **apesar de todos os FATOS estabelecidos e dos textos magisteriais autênticos da Santa Igreja já tornados públicos desde 2006 – em particular no site www.rore-sanctifica.org citado por este dominicano – de bloquear na Tradição católica qualquer estudo sério da INVALIDEZ INTRÍNSECA do novo rito conciliar latino da consagração episcopal promulgado por Montini-Paul VI em 18 de junho de 1968**.

Aqui está.

A questão da validade do episcopado é ainda mais capital, pois a invalidade do rito de consagração episcopal de 1968 mina a legitimidade da Igreja Conciliar de Bento XVI, originada do Vaticano II. Após 40 anos de aplicação do rito inválido, todo o episcopado conciliar foi consagrado neste novo rito e não é válido. Com seu episcopado válido consagrado por Dom Lefebvre, a FSSPX permanece a última instituição católica expandida internacionalmente que possui o Sacerdócio Sacrificial Católico.

Assim, durante as consagrações de 1988, Dom Lefebvre realmente salvou o episcopado católico e, por conseguinte, os sacramentos católicos e sua transmissão.

Os DESAFIOS são, portanto, enormes. É precisamente isso que a ação de Geoffroy de Kergorlay (Pierre-Marie) tem conseguido bloquear desde 2005. É por isso que o dominicano desempenha um papel chave de obstrução nesta questão capital. Para a posteridade e diante de todos os futuros historiadores da Igreja, o nome de Geoffroy de Kergorlay permanecerá definitivamente associado ao bloqueio da questão das consagrações e à preservação da obra revolucionária de Dom Botte.

Depois de começarmos com um exame rigoroso das **despesas notáveis e impressionantes realizadas pelo convento desde 2005**, tivemos de fato ampliar nossa documentação **às informações públicas sobre** as origens e o ambiente familiar do Padre Pierre-Marie.

Isso nos levou inevitavelmente a considerar o castelo de Canisy (proveniente do patrimônio excepcional dos pais do Padre Pierre-Marie o.p.) e o percurso excepcional de Denis de Kergorlay, o único irmão do Padre Pierre-Marie.

À luz dos fatos, a seguinte questão então se impôs:

Poderia ser que tivessem se estabelecido, através de Canisy, contatos episódicos (ou regulares) entre o Padre Pierre-Marie o.p. e **um "*visiteur*",** muito interessado em religião, **pertencente a círculos globalistas, de passagem por Canisy**, um lugar muito frequentado na França por esses círculos anglo-saxões para encontros e reuniões?

Não sabemos.

No entanto, as informações públicas sobre esta excepcional residência familiar dos Kergorlay e, acima de tudo, a notoriedade dos vínculos atuais desta com círculos globalistas anglo-saxões na França – vínculos notórios e públicos especialmente desde 1991, ano da morte repentina em 25 de março de Dom M. Lefebvre, fundador da Fraternidade São Pio X, e de seu seminário em Écône na Suíça, onde Geoffroy de Kergorlay entrou em 1977 para ser ordenado sacerdote dominicano 6 anos depois em junho de 1983 pelas mãos do próprio fundador, Dom Lefebvre – não poderiam deixar de suscitar **legitimamente** tal questão.

Os 3 artigos (1991, 2003 e 2009) da revista "*Point de vue – Images du monde*" e aquele de "*Faits & Documents*" de fevereiro de 2010, onde aparecem os Kergorlay, estão disponíveis para consulta a partir daqui:

1991

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/CANISY-22Aout1991p20-23n02247-POINTdeVUEIMAGESduMONDE.pdf

2003

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/CANISY-02Avril2003p36-39n02854-POINTdeVUEIMAGESduMONDE.pdf

2009

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/PointDeVue-N3208-13au19janvier2010-Kergorlay-Ambassade_Britannique.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/Denis_de_Kergolay_L_Interallie.pdf

O artigo do n° 56 da revista « *Fideliter* » de março-abril de 1987 da FSSPX, onde é descrito o início da trajetória do Irmão Geoffroy de Kergorlay (Pierre-Marie), pode ser consultado a partir daqui:

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/Avrille.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Kergolay/AvrilleOCR.pdf

No presente dossiê, vamos examinar **muitos FATOS pertencentes ao domínio público** que foram coletados durante este estudo, e os quais podem ser sintetizados sob a forma do esquema abaixo que chamamos de "***A Cruz dos Kergorlay***", pois, por trás de uma aparente oposição entre os caminhos dos dois irmãos Kergorlay, **desenham-se convergências de fundo.**

De fato, ao envolver e comprometer, em 2005, a revista « ***Le Sel de la terre*** » e o convento de Avrillé na **difusão da falaciosa pseudo-« *demonstração* » litúrgica e teológica de Dom Botte, que afirma defender a impossível validade sacramental intrínseca da nova forma sacramental essencial do novo rito da consagração episcopal católica**, que este último havia acabado de inventar (1967-1968) com seus colegas reformadores modernistas do ***Consilium*** litúrgico pós-conciliar (cf. as ***Notitiæ*** no site www.rore-sanctifica.org), o irmão Pierre-Marie tenta assim consolidar a credibilidade sacramental do pseudo-« ***clero*** » (« ***neoa-lingue*** ») atual da Igreja Conciliar, prestando desse modo um serviço inestimável **aos círculos globalistas anglo-saxões, assim como aos centros de influências religiosas anglicanas britânicas que lhes são historicamente próximos, e que foram a origem desta revolução litúrgica conciliar** sem precedentes (cf. www.rore-sanctifica.org), assim como aos seus « ***superiores desconhecidos*** » que trabalham incansavelmente **para a implementação de um governo mundial sob seu controle,** encimado por uma super-religião universal **« *ecumênica* », globalista, maçônica, gnóstica e sincrética**.

Geoffroy de Kergorlay (Père Pierre-Marie) e o futuro traidor Dom Gérard Calvet

Desde **novembro de 2005**, o Padre **Pierre-Marie (Geoffroy de Kergorlay)** defende a validade intrínseca do novo rito de consagração episcopal de 1968. Esta ação continuou **até o outono de 2009**. Durante este período, o dinheiro dos doadores caiu como um maná no convento dominicano de Avrillé.

No plano financeiro, **em 23 anos**, os dominicanos de Avrillé conseguiram construir penosamente uma « ***quarta ala*** », enquanto **em 4 anos**, eles comprometerem despesas para:

- Uma biblioteca de 1000 m², cujo custo, segundo algumas fontes, seria estimado, por baixo, em cerca de 1,5 milhões de euros.
- Obras de adequação de um Foyer Saint-Thomas para uma escola de meninos.
- Obras de restauração do refeitório e da cozinha do hotel.
- Aquisição de uma magnífica propriedade, a do « ***Priorato*** », *« antigo logis dos priores comendatários de La-Haye-aux-Bonshommes (...). Esta propriedade, magnificamente restaurada e que faz fronteira com o convento »* que se torna o novo Foyer Saint-Thomas.
- Restauração da capela deste Priorato e de uma sala adicional.
- Cobertura das garagens e oficinas.

Estamos prontos para ouvir qualquer explicação sobre a origem desses fundos.

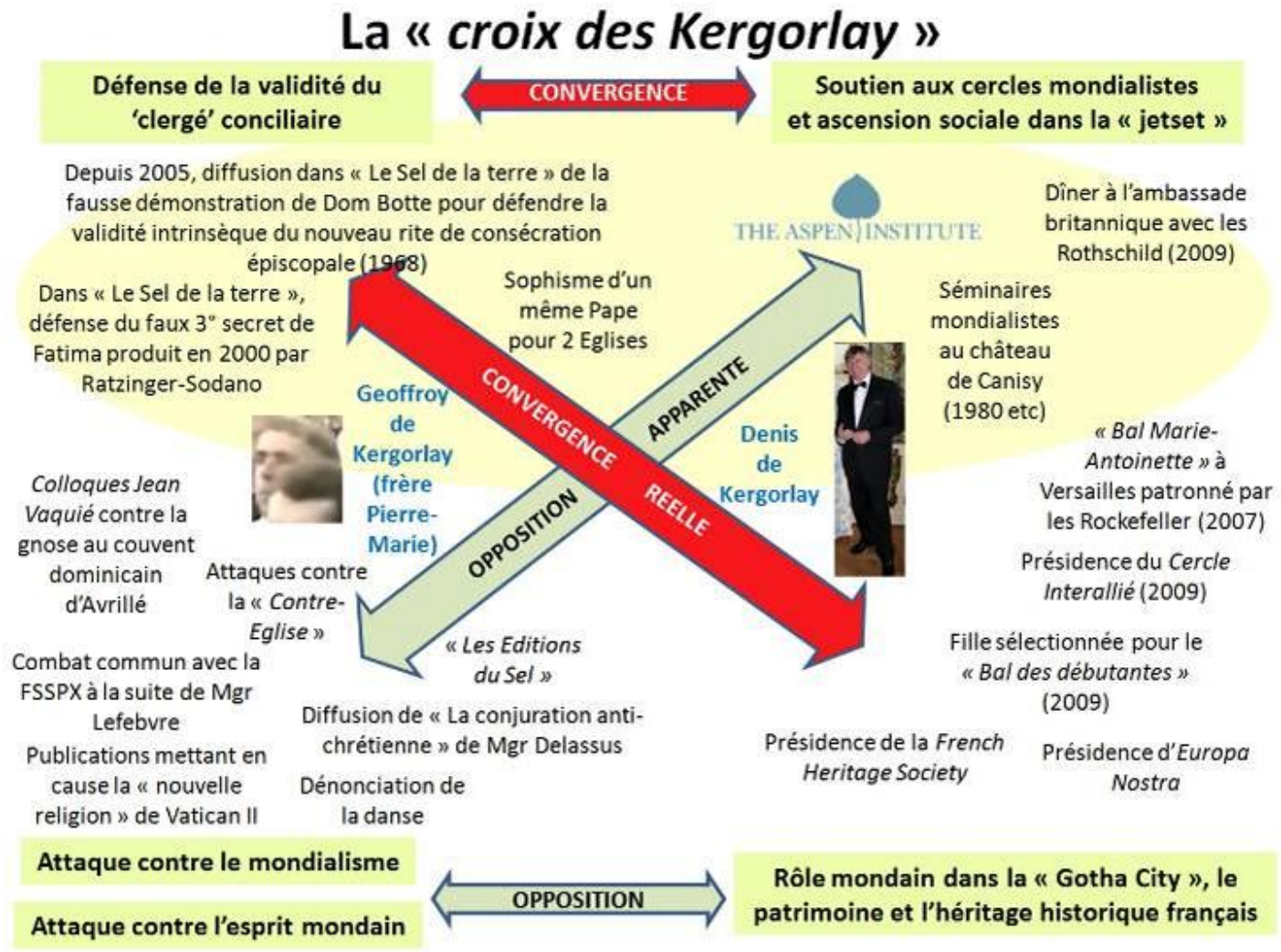
Ao mesmo tempo, **Denis de Kergorlay, o irmão de Geoffroy,** teve uma **ascensão social prodigiosa**:

2007: participação no 'baile Maria Antonieta' dos **Rockefeller** em Versalhes.

2008: eleição à presidência de **Europa Nostra**.

2009 (novembro): seleção da filha de Denis, Marie-Victoire, para participar do muito seletivo **« baile das debutantes »** no hotel de Crillon em Paris.

2009 (dezembro): eleição à presidência do **Círculo da União Interaliada** e convite notável para um jantar de Natal na embaixada britânica em Paris, na presença dos **Rothschild.**



[1] Cf. as Notitiae (I, II, III, IV), disponíveis online desde 2006 no site (http://www.rore-sanctifica.org, site mencionado pelo Padre Pierre-Marie o.p.:

Cf. veja referências e links eletrônicos sobre este ponto no final da presente mensagem.

Cf. também, aqui em anexo, as Conclusões precisas da *Notitia III De Ordinatione Patriarchae*, Sacramentalidade dos Ritos Orientais, disponíveis desde junho de 2006 neste site.

Sobre a obstinação teimosa – sem argumentos – no ERRO factual do Padre Pierre-Marie o.p. de Avrillé (Geoffroy de Kergorlay), realmente extremamente surpreendente e totalmente anormal

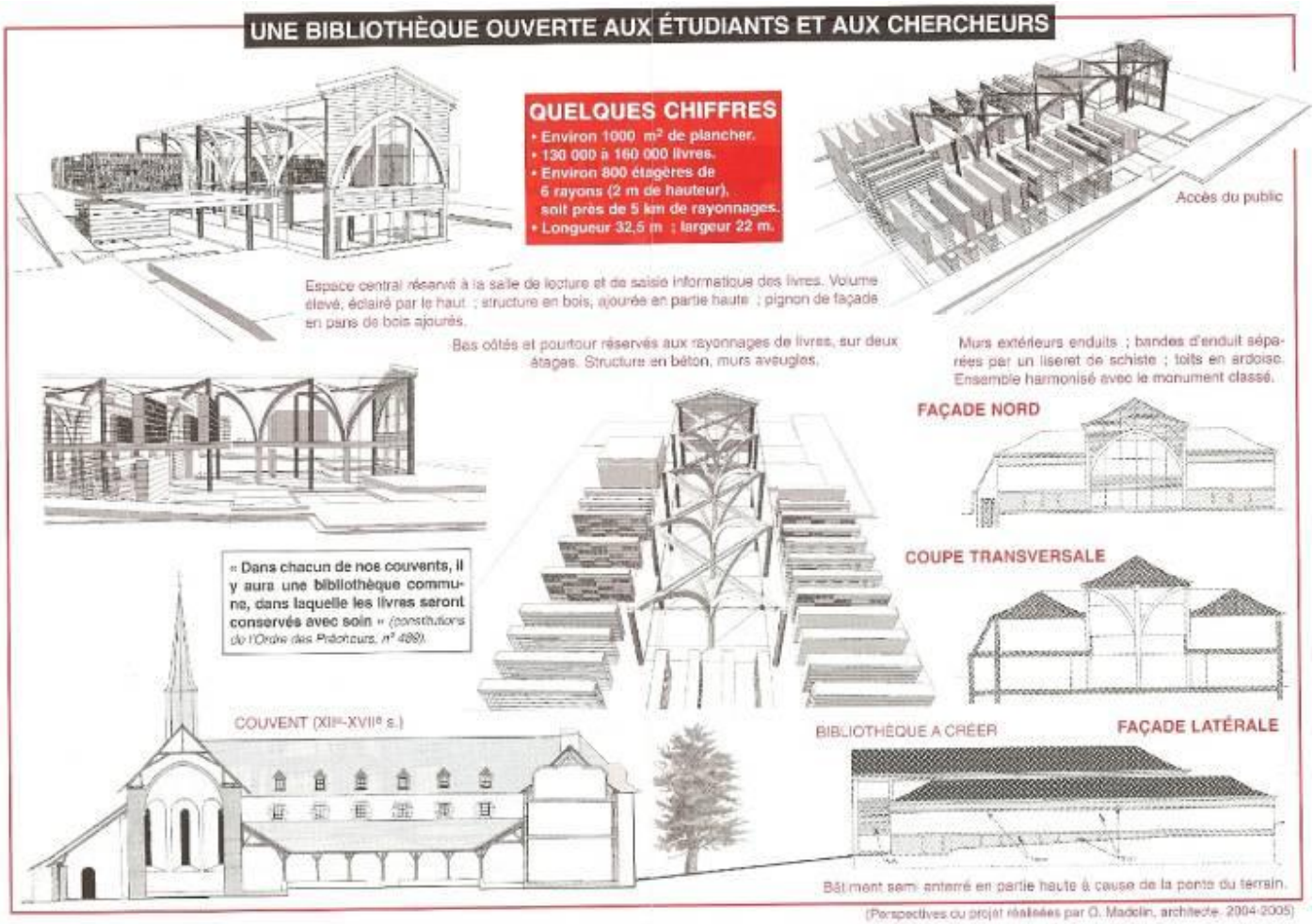
para um dominicano, cf. também http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-12-04-A-00-CIRS_Avrille_Maronites.pdf

1. 2005-2009: os "anos do dinheiro" no convento de Avrillé

Não podemos deixar de **constatar desde o verão de 2005**, data do bloqueio imposto pelo Padre Pierre-Marie o.p. aos clérigos da Tradição em relação aos estudos que demonstram a invalidade sacramental **INTRÍNSECA** radical e certa (e isto **independentemente da INTENÇÃO do oficiante**) do novo rito conciliar das sagrações episcopais expostas pelo CIRS[2], a profusão de impressionantes investimentos do convento de Avrillé: biblioteca do convento (avaliada em mais de 1,5 milhões de euros), aquisição do magnífico e histórico manor (o « ***Priorato*** ») adjacente à propriedade dos dominicanos, desenvolvimento espetacular das ***Edições do Sal*** (adição de cores na divulgação dos boletins do convento, etc...), extraordinária manutenção dos locais de vida do convento, viagens internacionais de avião muito frequentes, etc. ...

2005-2009 tornaram-se os "anos do dinheiro" entre os dominicanos de Avrillé. Julguem por vocês mesmos:

- **Março de 2005**: lançamento da associação '*Biblia*' para financiar o projeto de construção da grande biblioteca de Avrillé (despesa estimada em mais de um milhão de euros): 1000 m² de área, 160000 livros, 4800 estantes, 32,5 m de comprimento por 22 m de largura.



- **Junho de 2005** (n° 34): transição para a cor da *Carta dos dominicanos de Avrillé* (n° 34) com a realização de um editorial hilário sobre « *a dog attitude* » (sic) e folheto em papel brilhante colorido para as « ***Edições do Sal*** ».
- **Outubro de 2005** (n° 35): « Esperamos que consigamos construir a [NDLR: a biblioteca] **mais rapidamente do que a famosa "quarta ala" (primeiro golpe de picareta no verão de 1981, conclusão das obras – exceto o capítulo – em 2004)** ».
- **Dezembro de 2005** (n° 36): apelo por doações para o hotel e a sala de capítulo, assim como para o colégio de meninos (Foyer Saint-Thomas de Aquinas).
- **Junho de 2006** (n° 38): perfuração do solo e conclusão dos planos da biblioteca, obras de adequação do refeitório e da cozinha do hotel, o catálogo das « ***Edições do Sal*** » é publicado em cores.

Travaux dans le réfectoire de l'hôtellerie

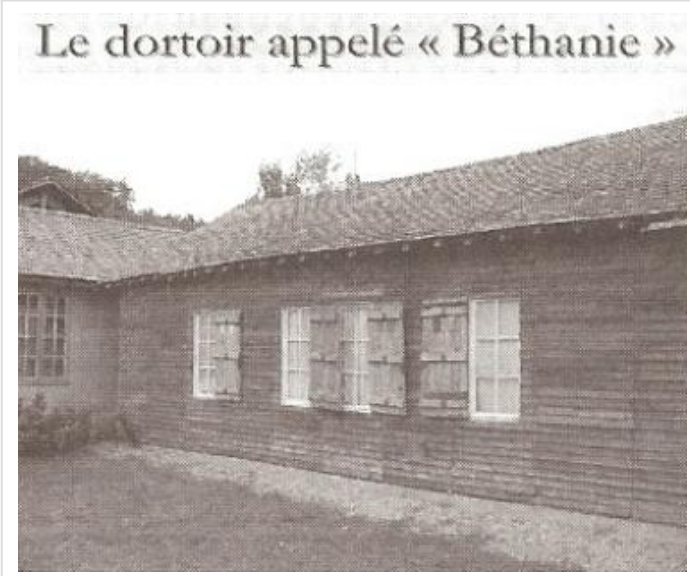
- **Setembro de 2006** (n° 39): conclusão das obras do refeitório e da cozinha do hotel, e das instalações do Foyer Saint Thomas de Aquinas: « *devemos desembolsar quantias relativamente importantes para um pequeno colégio* », « *solicitamos mais uma vez sua ajuda* », « *Que São José lhe retribua em dobro!* ».

Trabalhos na futura cozinha do hotel

- **Dezembro de 2006** (n° 40): « *Conseguimos, graças a Deus, mas também a vocês, terminar rapidamente as obras do refeitório e da cozinha do nosso hotel.* » « *Conseguimos também concluir a tempo os trabalhos de reforma dos dormitórios do Foyer Saint-Thomas.* » « *Esperamos que vocês queiram continuar a nos apoiar para levar adiante todos esses*

projetos. »

- **Março de 2007** (n° 41): « *A biblioteca está a caminho* », « ***Graças à sua generosidade, já dispomos de uma boa parte do dinheiro necessário*** ».
- **Junho de 2007** (n° 42): « *Adaptamos o primeiro andar da 'Maison Maubert', onde dormem as crianças do Foyer Saint-Thomas.* » « *Os contratos de execução para a construção da biblioteca serão assinados em breve. Portanto, continuamos a estender a mão para solicitar seu apoio.* »



Deux nouvelles classes de l'école

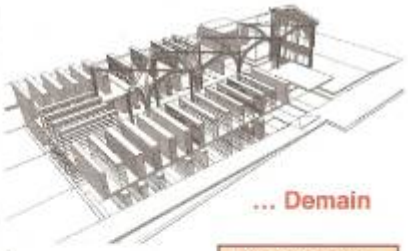
Duas fotos dos trabalhos para o Foyer Saint-Thomas

- **Setembro de 2007** (n°43): « *As empresas foram selecionadas, os contratos estão assinados* » « *Uma vez que as escavadeiras e as betoneiras estejam em ação, tudo irá muito rápido e as faturas se sucederão rapidamente* ».
- **Dezembro de 2007** (n°44): Um panfleto anuncia o término das obras da biblioteca para o Natal de 2008. O site das ***Edições do Sal*** está aberto. « *Estamos pensando nas estantes: as que possuímos são em número insuficiente; portanto, será necessário complementá-las com equipamentos novos ou de segunda mão* ». Nova despesa: telhados: « *Em setembro e outubro, o carpinteiro e o telhadista realizaram a cobertura das garagens e da oficina que aguardavam para serem comprados há vários meses. Só faltam as portas para serem instaladas. Todos esses trabalhos custam caro, como você deve imaginar. Agradecemos imensamente a todos que nos ajudam com suas doações, especialmente pela biblioteca, que é um projeto muito grande.* »

UNE BIBLIOTHÈQUE

pour La Haye-aux-Bonshommes

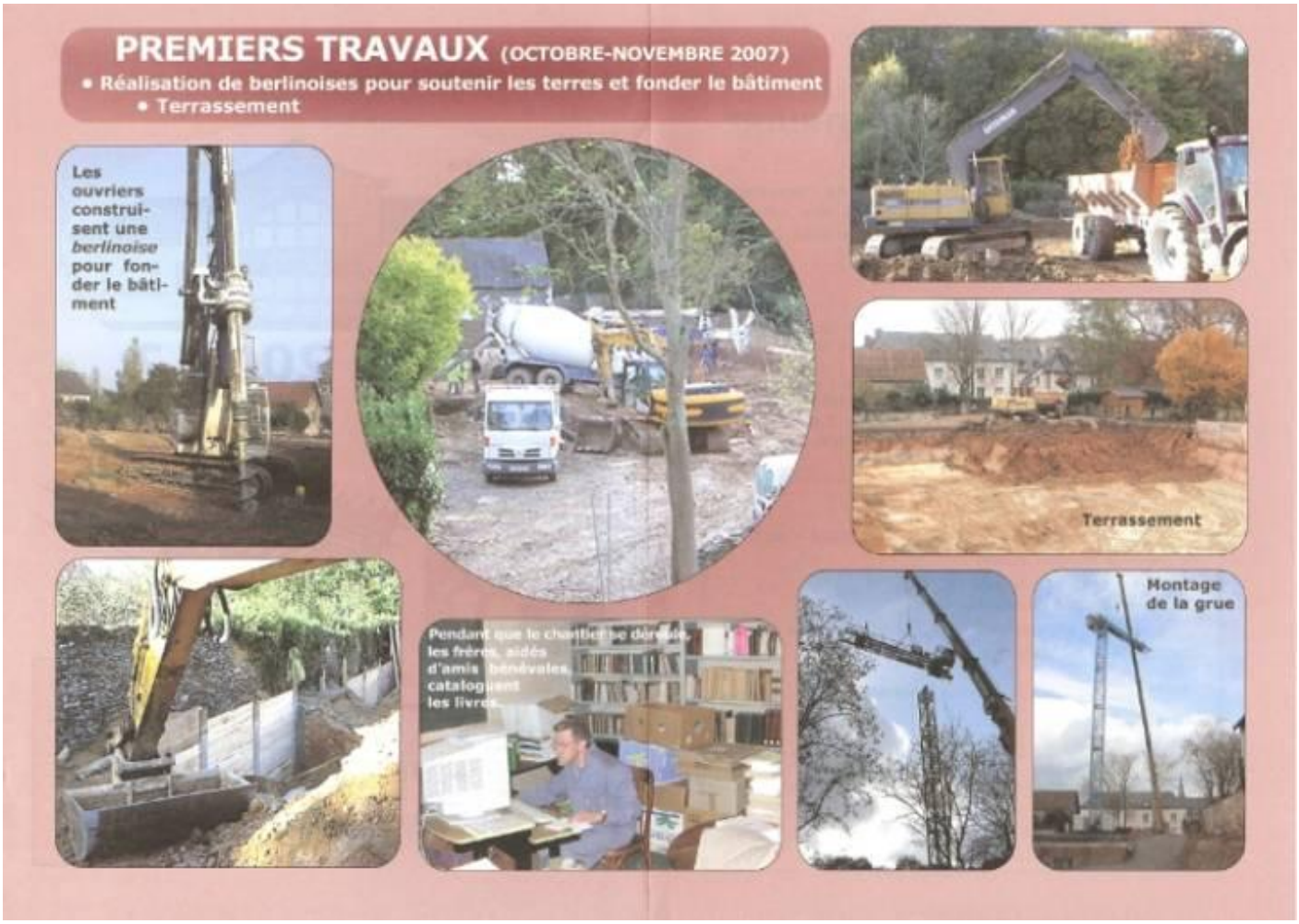
NOËL 2008 ?



... Demain

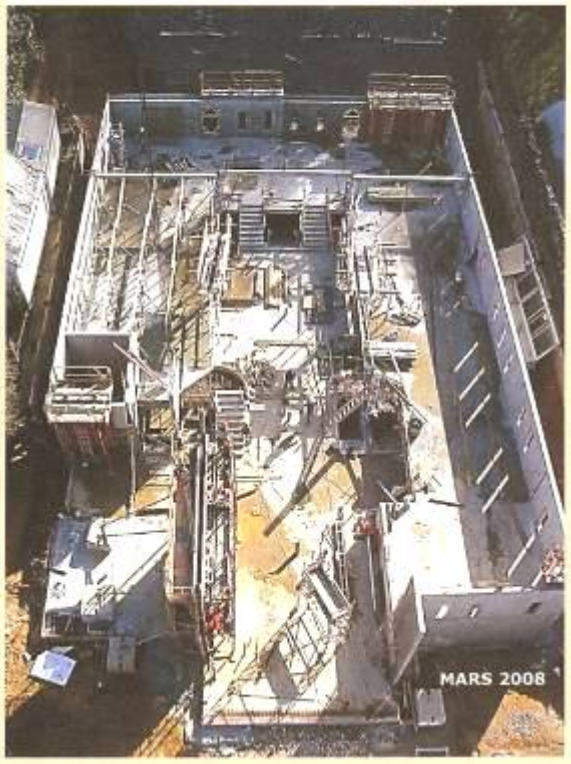
- 1000 m² de plancher.
- 32,5 m x 22 m.
- 160 000 à 200 000 livres rangés sur deux niveaux.
- Environ 4,5 km de rayonnages.
- Une grande salle de lecture.
- Un lieu de travail pour les visiteurs extérieurs.

Coupe transversale des futurs garages

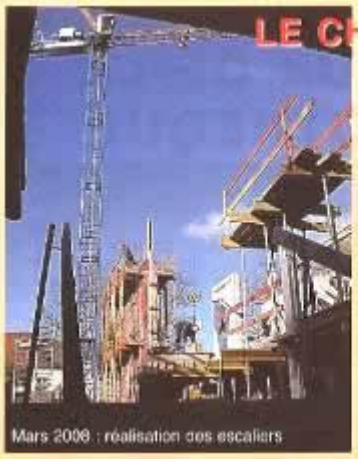


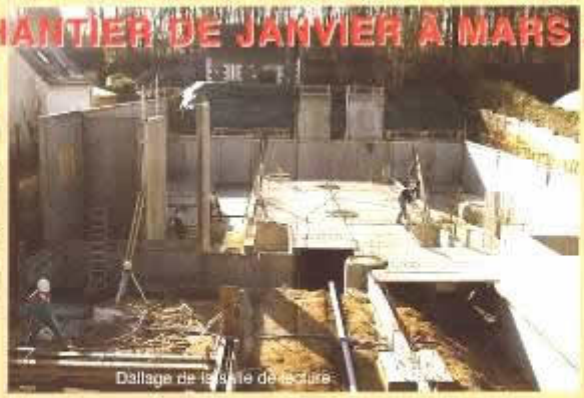
- **Fevereiro de 2008** (n°45): « *As obras da biblioteca estão avançando rapidamente (...) anexamos um folheto que mostrará a evolução do canteiro de obras, com fotografias comprobatórias. Adicionamos uma nova possibilidade de ajuda financeira, graças ao débito automático* ».

TRAVAUX DE LA BIBLIOTHÈQUE



LE CHANTIER DE JANVIER À MARS 2008


Mars 2008 : réalisation des escaliers


Dallage de la salle de lecture

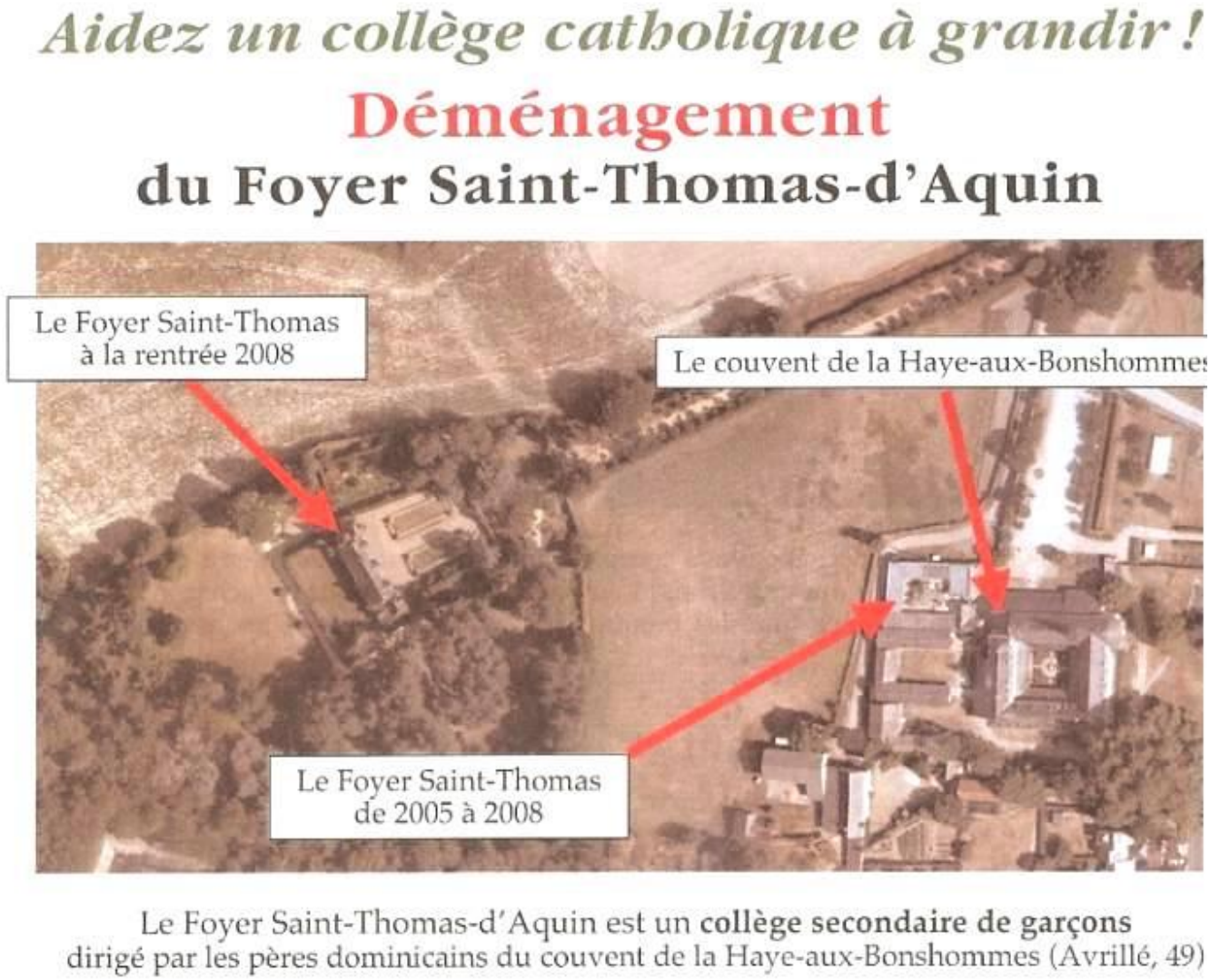
Février 2008 : les murs montent

Janvier 2008 : mise en œuvre du niveau bas

Pose de la première pierre

Coulage du niveau supérieur

Dessin de la façade qui donnera sur le couvent

- **Maio de 2008** (n°46): Apelo a doações para o reembolso de um empréstimo, em decorrência da aquisição de uma mansão que faz divisa com a propriedade dos monges de Avrillé e destinada a fornecer os edifícios de uma escola para meninos. « *Nesta terça-feira, 29 de abril, o Pai Prior assina o contrato de aquisição do "Priorado", antiga residência dos priores comendatários de La-Haye-aux-Bonshommes, vendido devido ao falecimento de seu proprietário.* ***Esta propriedade, magnificamente restaurada e que faz divisa com o convento, servirá para o Foyer Saint-Thomas***. » « *Até este ano de 2008, o Foyer ocupou a hospedaria e as dependências imediatas do convento. Mas para crescer e proteger a vida conventual, era necessário encontrar novos locais, mais adequados. Devido ao falecimento repentino de seu proprietário, o Priorado de La Haye-aux-Bonshommes (a 250 metros do convento) foi colocado à venda. Este grande edifício era perfeitamente adequado para o Foyer, e nunca haverá outra oportunidade semelhante (o convento está cercado, por outro lado, por um loteamento, uma rodovia e um bosque classificado). Assim que o contrato foi assinado (...), o Menino Jesus de Praga foi colocado no lugar de honra na sala principal. Contamos com ele para nos ajudar a reembolsar o mais rápido possível (a fim de reduzir os custos) o empréstimo contraído para esta compra.* »
- 

Pour la rentrée 2008

Suite au décès subit de son propriétaire, le PRIEURÉ DE LA HAYE-AUX-BONSHOMMES (à 250 m du couvent) a été mis en vente. Il abritait au Moyen Age la léproserie tenue par les moines de l'Ordre de Grandmont. Il devint ensuite la demeure du prieur commendataire du couvent.

Ce grand bâtiment convenait parfaitement pour le Foyer, et il n'y aura jamais d'occasion semblable (le couvent est entouré, par ailleurs, d'un lotissement, d'une autoroute et d'un bois classé).

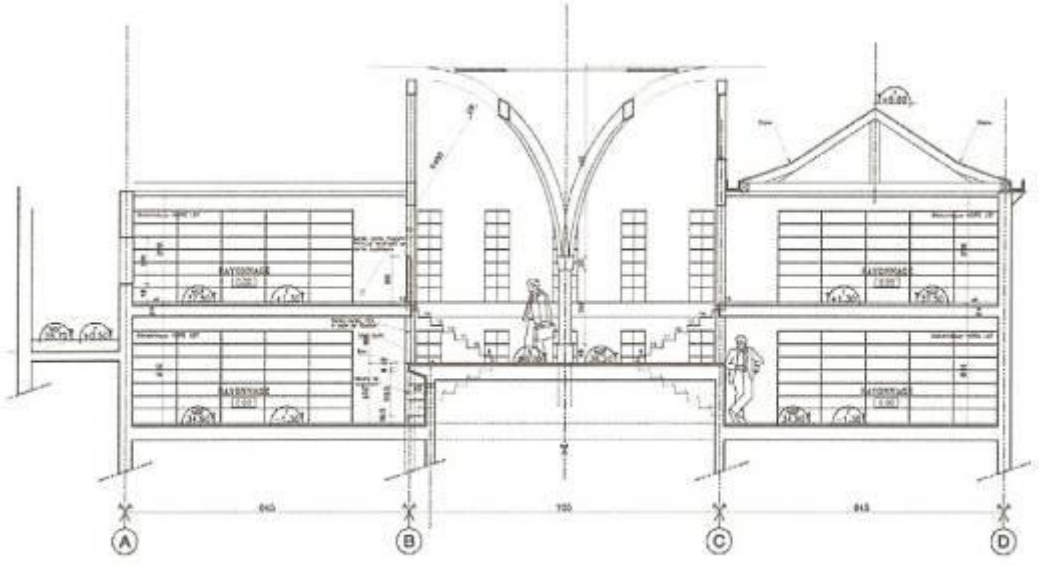
Sitôt l'acte d'achat signé (le 29 avril 2008, en la fête de saint Pierre Martyr O.P.), **l'Enfant-Jésus de Prague** a été mis à la place d'honneur dans la pièce principale. Nous comptons sur lui pour nous aider à **rembourser** le plus vite possible (afin de diminuer les frais) **l'emprunt** contracté pour cet achat.

Nous remercions par avance tous les bienfaiteurs qu'il suscitera et les assurons de nos prières et de celles des élèves.

Pour aider à cet achat

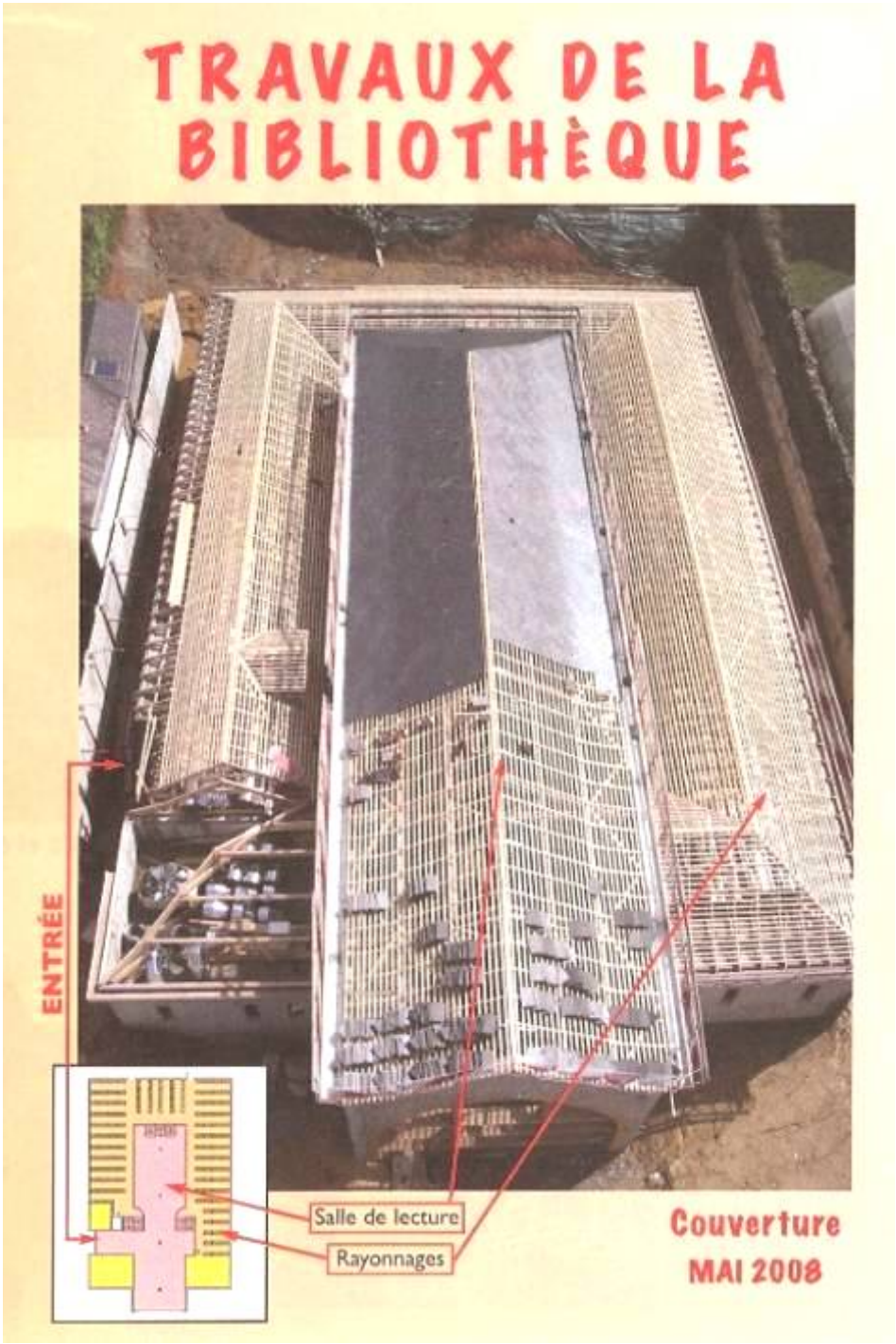
Pour aider à l'achat et à l'aménagement, vous pouvez faire :

- **un don** à l'ordre de l'« ASEP » (*Association de Soutien à l'Éducation Populaire*). IBAN : FR76 1790 6000 3200 0481 5199 197. (Reçu fiscal, sur demande.)
- **un virement automatique** mensuel ou trimestriel (nous demander le formulaire)
- **un prêt** (nous contacter).



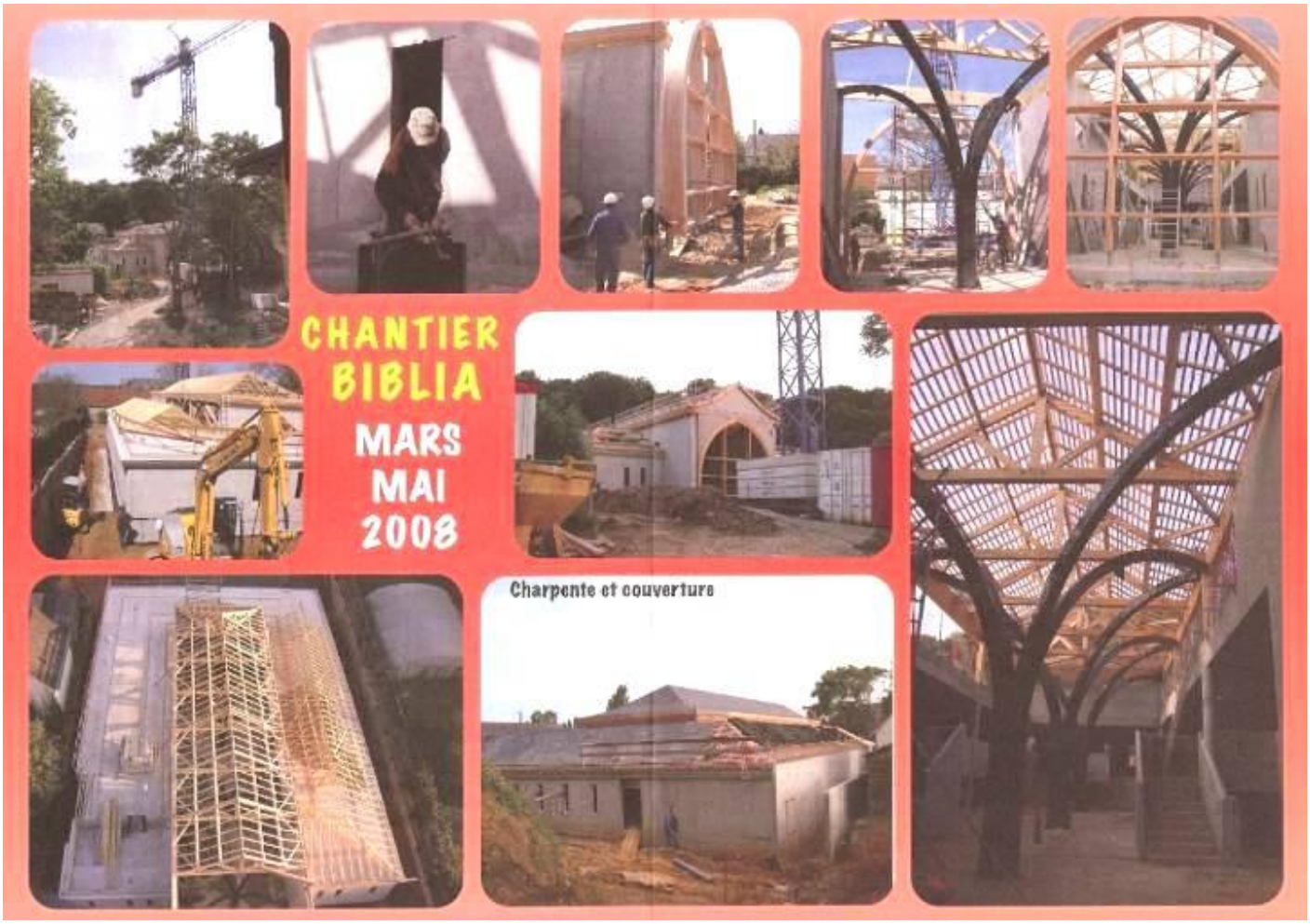
Esquisse de la coupe transversale de la future bibliothèque

TRAVAUX DE LA BIBLIOTHÈQUE

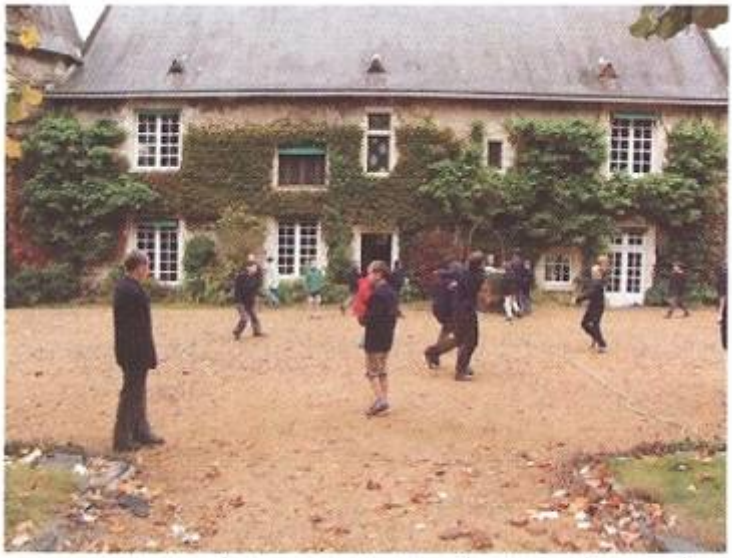


Couverture
MAI 2008

Coupe de la future bibliothèque



- **Dezembro de 2008** (n°48): Pela primeira vez, a *Carta dos dominicanos de Avrillé* é impressa em papel brilhante, e continuará assim nos próximos números. Foto dos alunos brincando diante do novo edifício do Foyer Saint-Thomas. « *A biblioteca que vocês nos ajudam a construir há mais de um ano está praticamente concluída (...) mas isso não significa que terminamos de pagar todas essas obras. É por isso que nos voltamos mais uma vez para vocês, queridos amigos e benfeitores, pedindo que nos ajudem a levar este belo projeto à sua conclusão. Não ignoramos o quanto a situação é difícil, especialmente para as famílias.* »



Récréation du Foyer Saint-Thomas devant le « prieuré » (le nouveau bâtiment).

- **Março de 2009** (n°49): Apelo a doações em papel brilhante colorido: « *Ajude-nos a concluir a aquisição do priorado de La Haye-aux-Bonshommes* ». « *Para realizar esta compra, um empréstimo teve que ser contraído. Agradecemos a todos que puderem nos ajudar a quitar essa dívida o mais rápido possível*. » « *E o que podemos fazer se não garantir a eles* [NDLR: aos jovens meninos] *uma educação completamente católica, em um ambiente bonito, saudável e santificante?* ». Catálogo das « *Edições do Sal* » em papel brilhante colorido, particularmente luxuoso. Novo projeto: apelo a doações para: « *Outras obras nos aguardam, especialmente a reforma da capela do Foyer Saint-Thomas de Aquino, bem como uma sala adicional. (...) ainda temos grandes faturas a pagar pelos recentes compras e obras.* »

AIDEZ-NOUS

A ACHEVER L'ACQUISITION DU PRIEURÉ DE LA HAYE-AUX BONSHOMMES POUR EN FAIRE UNE ÉCOLE CATHOLIQUE

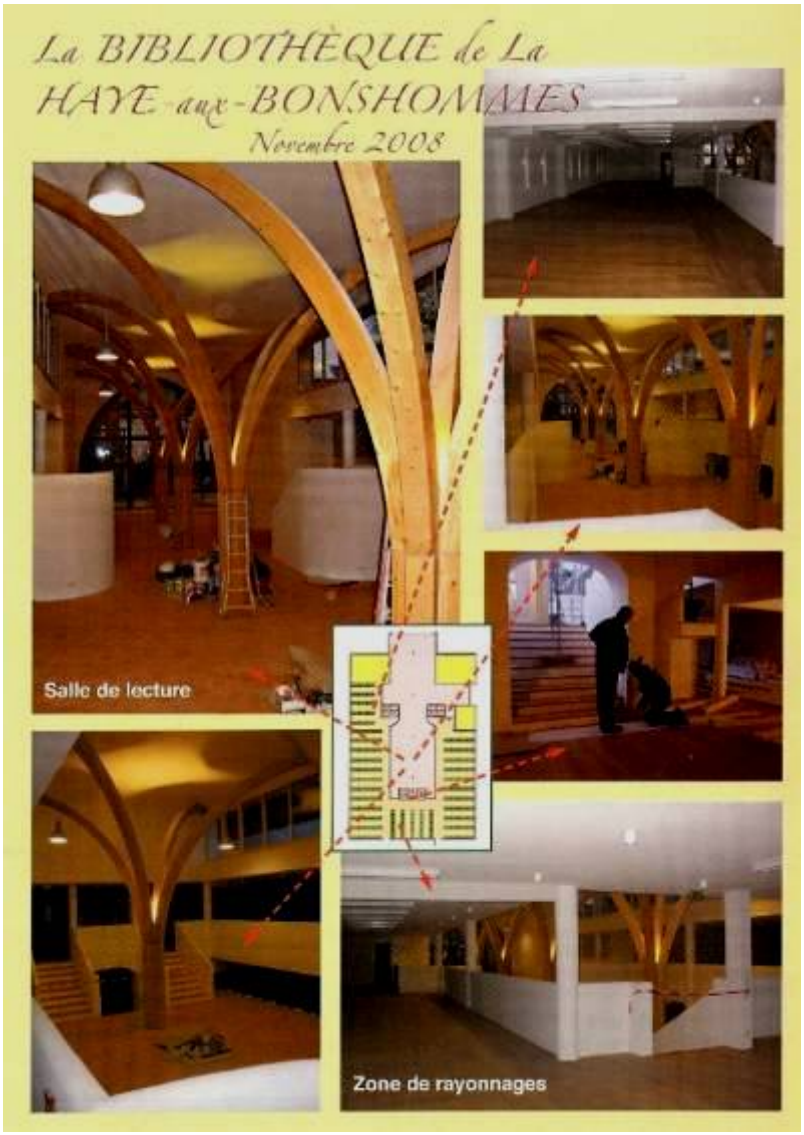
Vos versements vous donnent droit à une réduction d'impôt de 66% du don effectué (60% pour les entreprises) dans la limite de 20% du revenu imposable (5‰ du chiffre d'affaire pour les entreprises) ; l'excédent peut se reporter sur 5 ans. Reçu fiscal sur demande.

Lettre des dominicains d'Avrillé

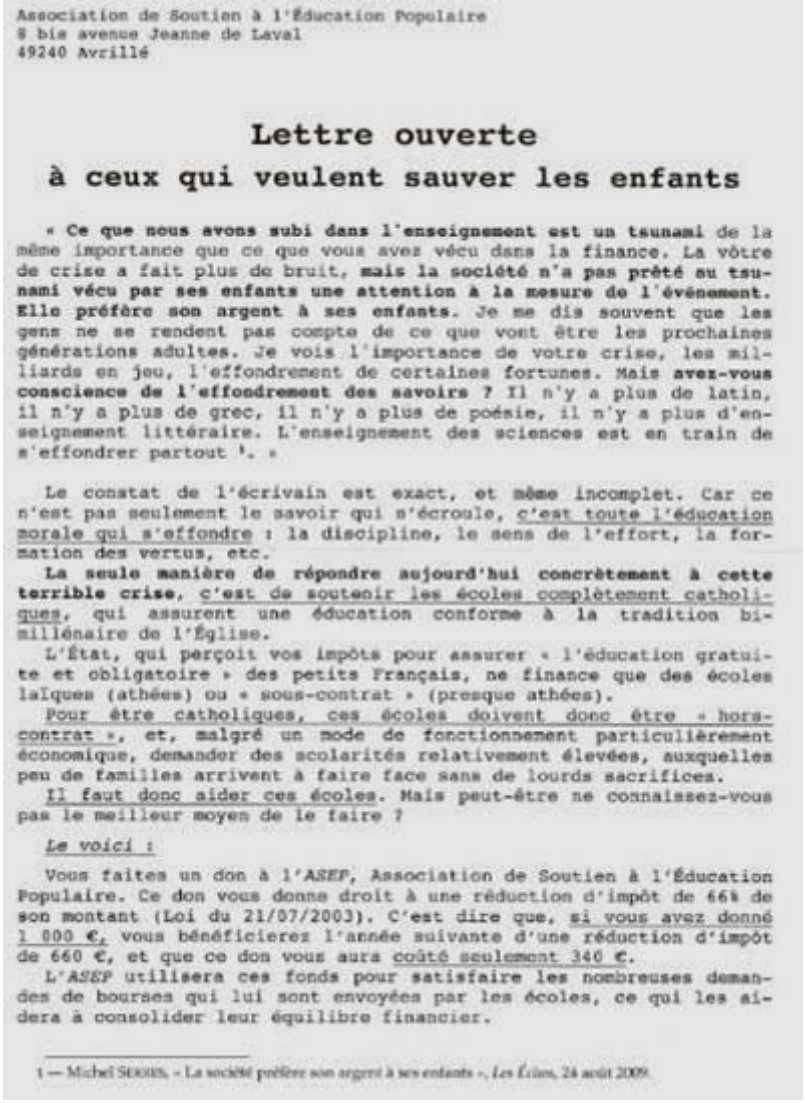
Nº 49 mars 2009 - Trimestrielle

Abonnement : 8 € par an. Ce numéro : 1,5 €. ISSN 1279-7634.

Procession du 8 décembre au Foyer Saint-Thomas d'Aquin (collège de garçons)



- **Junho de 2009** (n°50): Novo apelo a doações em papel brilhante colorido para reembolsar o empréstimo contraído para a aquisição do priorado de La Haye-aux-Bonshommes. Catálogo das ***Edições do Sal*** em papel brilhante colorido, particularmente luxuoso. Folheto tríptico luxuoso e bem cuidado em papel brilhante para promover a revista « ***O Sal da Terra*** ». Foto **da bênção da biblioteca em 5 de junho de 2009 por Dom Tissier de Mallerais.** « *As obras de construção da biblioteca do convento estão agora concluídas* ». « *Ainda temos várias faturas a pagar e ainda não conseguimos comprar as estantes móveis, por falta de recursos suficientes. Permitam-nos nos dirigir mais uma vez à sua generosidade* ».



Association de Soutien à l'Éducation Populaire
8 bis avenue Jeanne de Laval
49240 Avrillé

Lettre ouverte
à ceux qui veulent sauver les enfants

« **Ce que nous avons subi dans l'enseignement est un tsunami** de la même importance que ce que vous avez vécu dans la finance. La vôtre de crise a fait plus de bruit, **mais la société n'a pas prêté au tsunami vécu par ses enfants une attention à la mesure de l'événement. Elle préfère son argent à ses enfants.** Je me dis souvent que les gens ne se rendent pas compte de ce que vont être les prochaines générations adultes. Je vois l'importance de votre crise, les milliards en jeu, l'effondrement de certaines fortunes. Mais **avez-vous conscience de l'effondrement des savoirs ?** Il n'y a plus de latin, il n'y a plus de grec, il n'y a plus de poésie, il n'y a plus d'enseignement littéraire. L'enseignement des sciences est en train de s'effondrer partout [1]. »

Le constat de l'écrivain est exact, et même incomplet. Car ce n'est pas seulement le savoir qui s'écroule, c'est toute l'éducation morale qui s'effondre : la discipline, le sens de l'effort, la formation des vertus, etc.

La seule manière de répondre aujourd'hui concrètement à cette terrible crise, c'est de soutenir les écoles complètement catholiques, qui assurent une éducation conforme à la tradition bimillénaire de l'Église.

L'État, qui perçoit vos impôts pour assurer « l'éducation gratuite et obligatoire » des petits Français, ne finance que des écoles laïques (athées) ou « sous-contrat » (presque athées).

Pour être catholiques, ces écoles doivent donc être « hors-contrat », et, malgré un mode de fonctionnement particulièrement économique, demander des scolarités relativement élevées, auxquelles peu de familles arrivent à faire face sans de lourds sacrifices.

Il faut donc aider ces écoles. Mais peut-être ne connaissez-vous pas le meilleur moyen de le faire ?

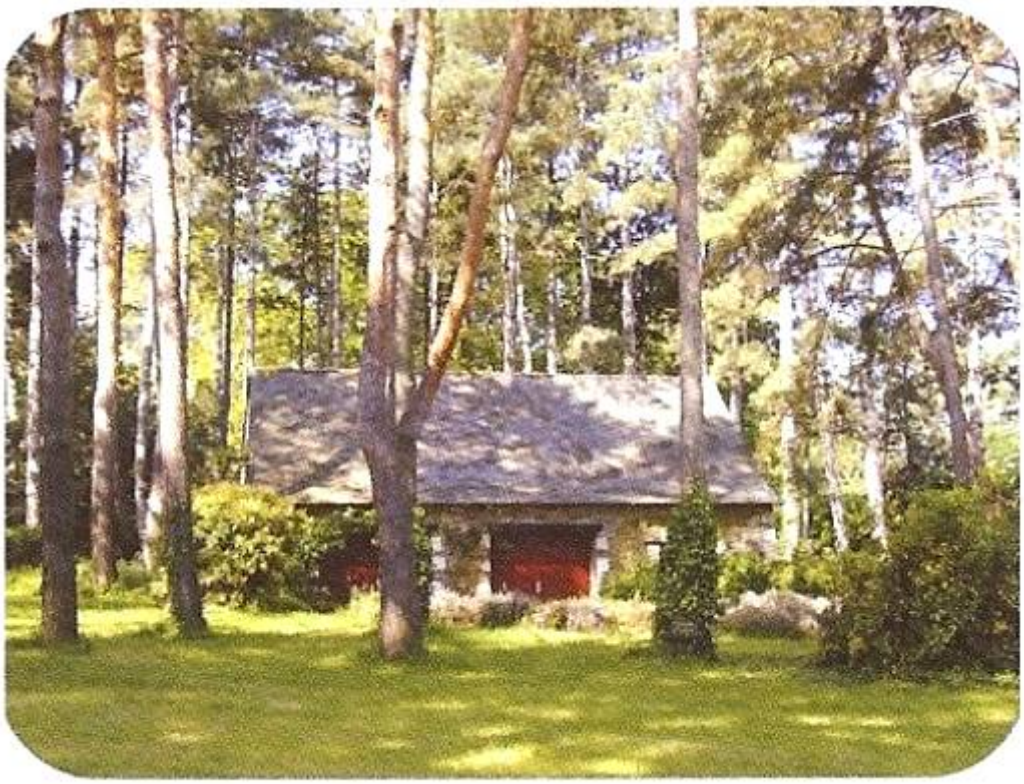
Le voici :

Vous faites un don à l'*ASEP*, Association de Soutien à l'Éducation Populaire. Ce don vous donne droit à une réduction d'impôt de 66% de son montant (Loi du 21/07/2003). C'est dire que, si vous avez donné 1 000 €, vous bénéficierez l'année suivante d'une réduction d'impôt de 660 €, et que ce don vous aura coûté seulement 340 €.

L'*ASEP* utilisera ces fonds pour satisfaire les nombreuses demandes de bourses qui lui sont envoyées par les écoles, ce qui les aidera à consolider leur équilibre financier.

1 — Michel SERRES, « La société préfère son argent à ses enfants », *Les Échos*, 24 août 2009.

- **Setembro de 2009** (n°51): Carta circular de apelo ao financiamento para a ASEP (Associação de Apoio à Educação Popular): Escola Sainte-Philomène e Foyer Saint-Thomas de Aquino. Obras no novo Foyer Saint-Thomas. « *Precisamos, de imediato, concluir as obras da capela do priorado. Também temos uma boa parte do empréstimo para a compra da propriedade a ser reembolsada.* »



La future chapelle du Foyer Saint-Thomas V(

- **Natal de 2009**: lançamento de um catálogo grandioso e muito luxuoso em papel brilhante colorido para as *Edições do Sal da Terra*.
- **Dezembro de 2009** (n°52): nova aquisição, a de um caminhão basculante:

> "*A boa notícia do trimestre, aquela que abriu um largo sorriso no rosto de alguns irmãos convertidos, é a compra, por uma quantia modesta, de um pequeno caminhão basculante que já está prestando serviços valiosos para o transporte de madeira, brita, caixas de livros, etc. Obrigado, São José!*"

E novo apelo a doações para financiar o Priorado e as novas obras na capela e nas salas de aula.

Où en sont nos travaux ?

• « *Où en sont vos travaux* ? » la question est presque rituelle, chers amis et bienfaiteurs, lorsque nous avons l'occasion de vous rencontrer, et elle est souvent accompagnée d'une deuxième : « *Votre bibliothèque est-elle opérationnelle* ? »

Eh bien, chers amis, la bibliothèque, bien qu'achevée, n'est pas encore utilisable, car le transfert des livres est à peine commencé. La lenteur d'une progression méthodique est nécessaire pour, précisément, ne pas perdre de temps. Mais nous tenons à remercier particulièrement tous ceux qui nous aident à recenser, étiqueter et enregistrer dans l'ordinateur les différents ouvrages, depuis maintenant plusieurs mois. Les frères aussi y travaillent, et les choses progressent.

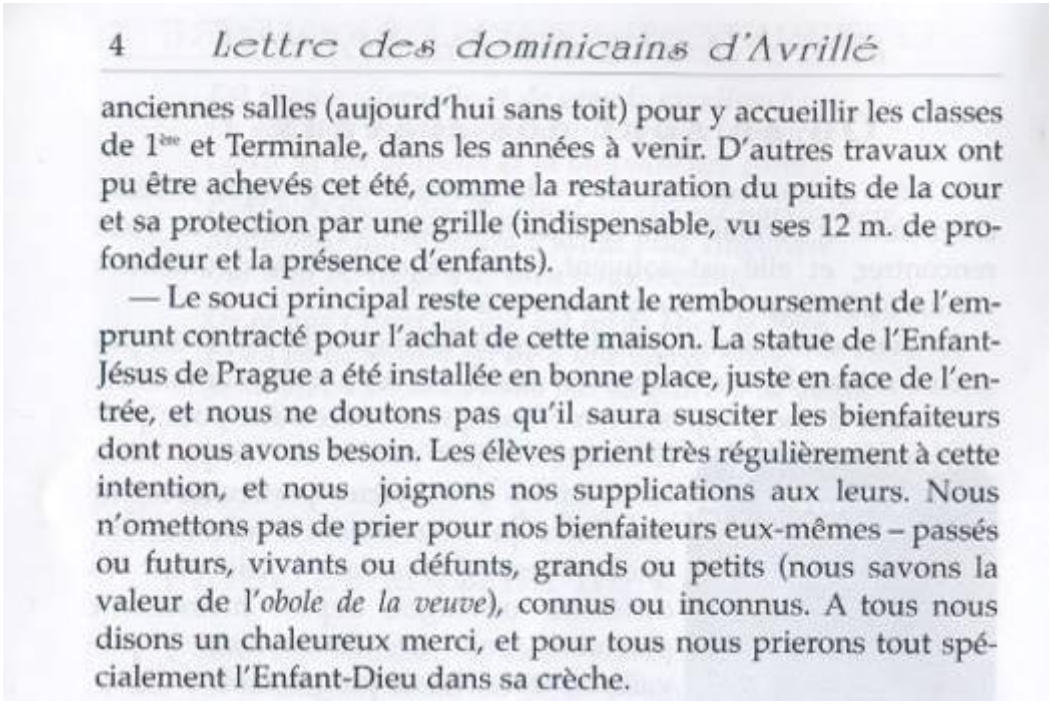
Puits restauré au Prieuré.

• *La bonne nouvelle du trimestre*, celle qui a ouvert un large sourire sur la face de certains frères convers, c'est l'achat, pour une somme modique, d'un petit camion-benne qui rend déjà de précieux services pour nos transports de bois, graviers, cartons de livres, etc. Merci saint Joseph !

• Mais *notre grand chantier*, actuellement, et notre grande préoccupation financière, est le Prieuré où sont installées, depuis un an, les classes du Foyer Saint-Thomas (6e à 2nde). On peut distinguer, à cet égard, les soucis de détail et le souci principal :

— Les soucis de détail, c'est-à-dire d'aménagement, sont déjà loin d'être négligeables puisqu'il faut installer la chapelle propre du Foyer (chantier actuellement bien avancé), mais aussi déblayer et couvrir deux

La future chapelle du Foyer Saint-Thomas.



4 *Lettre des dominicains d'Avrillé*

anciennes salles (aujourd'hui sans toit) pour y accueillir les classes de 1ère et Terminale, dans les années à venir. D'autres travaux ont pu être achevés cet été, comme la restauration du puits de la cour et sa protection par une grille (indispensable, vu ses 12 m. de profondeur et la présence d'enfants).

— Le souci principal reste cependant le remboursement de l'emprunt contracté pour l'achat de cette maison. La statue de l'Enfant-Jésus de Prague a été installée en bonne place, juste en face de l'entrée, et nous ne doutons pas qu'il saura susciter les bienfaiteurs dont nous avons besoin. Les élèves prient très régulièrement à cette intention, et nous joignons nos supplications aux leurs. Nous n'omettons pas de prier pour nos bienfaiteurs eux-mêmes – passés ou futurs, vivants ou défunts, grands ou petits (nous savons la valeur de l'*obole de la veuve*), connus ou inconnus. A tous nous disons un chaleureux merci, et pour tous nous prierons tout spécialement l'Enfant-Dieu dans sa crèche.

- **Lista das associações que financiam o convento e suas obras (n°48):**
- **Associação São Domingos**: culto, apostolado. « *A associação São Domingos também pode receber legados sem pagamento de impostos sobre heranças* »
- **Biblia**: biblioteca
- **AHRAHB** (Associação Histórica para a Restauração da Abadia de La Haye-aux-Bonshommes): outras obras do convento
- **ASEP** (Associação de Apoio à Educação Popular): Escola Sainte-Philomène e Foyer Saint-Thomas de Aquino

Que não nos façam aqui uma « *quero-quero* », e para evitar qualquer mal-entendido real ou suposto, **precisamos esclarecer que não criticamos de forma alguma a** vontade dos dominicanos de dotar-se de uma biblioteca, conforme a sua vocação e os estatutos dados por seu fundador.

Mas **nos surpreendemos apenas com a rapidez e a profusão surpreendentes nos últimos quatro ou cinco anos na coleta de fundos** que parecem cair **de repente** como uma maná.

Em um espaço de quatro anos, assistimos, de fato, a um aumento dos investimentos sem comparação com os vinte anos que o precederam, e embora uma crise financeira mundial tenha surgido a partir de setembro de 2008, atingindo agora os fiéis e suas famílias.

São os próprios dominicanos que admitem em outubro de 2005: « *Esperamos que conseguiremos* [NDLR: a biblioteca] *construir* ***mais rapidamente do que a famosa "quarta ala" (primeiro golpe de picareta no verão de 1981, término das obras – com exceção do capítulo – em 2004****)* »

Para resumir, de fato, **em 23 anos**, os dominicanos de Avrillé terão penosamente construído uma « ***quarta ala*** », enquanto **em 4 anos**, eles irão incorrer em despesas para:

- Uma biblioteca de 1000 m², cuja estimativa de custo, segundo algumas fontes, seria no mínimo de cerca de 1,5 milhões de euros.
- Trabalhos de readequação do Foyer Saint-Thomas para uma escola de meninos.
- Restauro do refeitório e da cozinha da hospedaria.
- Aquisição de uma magnífica propriedade, a do « ***Priorado*** », *« antiga residência dos priores comendatários de La-Haye-aux-Bonshommes (...). Esta propriedade, magnificamente restaurada e que faz divisa com o convento »*, que se torna o novo Foyer Saint-Thomas.
- Restauração da capela desse Priorado e uma sala adicional.
- Cobertura das garagens e oficinas.

Constatamos, de fato, com espanto que a maior parte do financiamento da biblioteca foi reunida **em dois anos**, uma vez que o Padre Innocent-Marie o.p. escreve em março de 2007:

> *« A biblioteca está a caminho »*, « ***Graças à sua generosidade, já dispomos de uma boa parte do dinheiro necessário*** ».

E, fato muito estranho, **longe de esgotar as finanças do convento, essa explosão de gastos imobiliários não freia de forma alguma suas outras despesas com os meios de comunicação**, como, por exemplo, a expansão das cartas dos dominicanos, dos catálogos das ***Edições do Sal*** ou dos folhetos promocionais que vão de impressões simples para coloridas, depois para papel brilhante, e em formatos cada vez mais luxuosos, **mesmo com a crise financeira atingindo os fiéis desde o outono de 2008.**

Diante desses FATOS estabelecidos muito surpreendentes, é, portanto, impossível não se perguntar legitimamente:

De onde poderia, então, vir um tal maná financeira, tão repentino e tão generosa?

Não é estranho constatar que essa **tão repentina** e **tão abundante** generosidade, atribuída pelo Padre Innocent-Marie a « ***São José*** », **coincida curiosamente com a retomada em sua conta e a disseminação entre os clérigos da Tradição pelo Padre Pierre-Marie o.p. (Geoffroy de Kergorlay) da falaciosa « *argumentação* » de Dom Botte** (pela qual este liturgista modernista já havia conseguido enganar em 1967 seus colegas do ***Consilium*** litúrgico conciliar), para tentar impedir o reconhecimento, por parte dos clérigos da Tradição católica, da invalidade sacramental INTRÍNSECA radical e certa do novo rito latino das sagrações conciliares promulgado em 18 de junho de 1968 (*Pontificalis Romani*), vigorosamente contestada, **pela CSI desde o final de 2004**, e **demonstrada a partir do verão de 2005 pelas publicações do CIRS** (Comitê Internacional ***Rore Sanctifica*** **www.rore-sanctifica.org**) ?

Esse extraordinário e providencial maná financeiro surge, de fato, precisamente entre 2005 e 2007, ao menos para a biblioteca, investimento principal, enquanto a disseminação das falsas « *demonstrações* » da suposta « *validade sacramental* » do novo rito conciliar latino das sagrações episcopais pelo Padre Pierre-Marie o.p. e seu

impressionante fervor em defender por todos os meios tais sofismas agora completamente desmascarados, apesar de todos os fatos e evidências amplamente tornados públicos (cf. *rore-sanctifica.org*) que continuamente os desmentem, também se estendem curiosamente sobre esse mesmo período, entre novembro de 2005 e setembro de 2006.

Diante dessa coincidência factual tão notável e observada, torna-se inevitável se perguntar legitimamente:

> Poderia ser que o « ***São José*** », assim invocado, pelos Padres Innocent-Marie o.p. (François Chassagne) e Pierre-Marie o.p. (Geoffroy de Kergorlay) fosse, na verdade, algum « ***Bilderberg-Marie*** », extremamente preocupado em bloquear urgentemente a ameaça iminente que representa, para a Roma modernista « ***ecumênica*** » globalista do padre Ratzinger – que se tornou Bento XVI –, o reconhecimento na Tradição católica da **demonstração da invalidade sacramental INTRÍNSECA radical e certa do novo rito conciliar latino das sagrações episcopais divulgada pelo CIRS, tão crucial e estratégica para manter entre os clérigos e os fiéis da Tradição a ficção maçônica tão eficaz segundo a qual a Igreja Conciliar, « *ecumênica* », globalista e maçônica, continuaria, de fato, apesar do esforço metódico e constante desta última para erradicar da face da terra o verdadeiro Sacerdócio sacrificial da *Nova e Eterna Aliança* de Nosso Senhor, fonte de validade dos principais Sacramentos e da vida da Fé católica na terra, a constituir hoje a verdadeira Igreja católica fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo?**

O serviço da verdade, que constitui o coração da vocação dominicana, **poderia ter sido assim sacrificado em nome de uma alegada eficácia apostólica em prol do conforto?** « *E o que podemos fazer se não garantir a eles* [NDLR: aos jovens meninos] *uma educação completamente católica, em um ambiente bonito, saudável e santificante?* ».

Ou – ainda pior, ao preço – de uma conivência secreta com os meios que controlam a Igreja Conciliar, os quais remetem aos círculos globalistas britânicos e norte-americanos atuais?

2. Os dois herdeiros do patrimônio dos Kergorlay e do castelo de Canisy: Denis e Geoffroy

Os dois irmãos Kergorlay: Denis e Geoffroy são filhos de Yves-Louis de Kergorlay (1912-1976) e de Marie de Boysson (1913).

A família Kergorlay, nobilitada em 1671, é **aliada aos Wendel pelo conde Bernard de Kergorlay**.

Seu tio, Roland de Kergorlay, foi diretor da *Société Européenne de Satellites* e embaixador da CEE nos Estados Unidos, com os quais ele tinha uma forte ligação.

O **Padre Pierre-Marie o.p. nasceu em 6 de março de 1952[3], sendo o caçula da família.**

A família Kergorlay conta com guilhotinados:

> *« Augustin-Hervé de Faudoas, marquês de Canisy, comandante da guarda nacional de Caen, nascido em 1736, executado em 1794, casou-se em 1768*

> *com Isabelle Jeanne de Bernières, filha de Jacques Léonor Pierre de Bernières e de Anne Elisabeth de Bernières, cuja Elisabeth, nascida em 1771, casou-se em 1787 com Gabriel Louis de Kergorlay, conde de Kergorlay. »**[4]***

Esse ancestral de Geoffroy de Kergorlay, no momento da Revolução, Gabriel Louis, havia **casado-se com uma daminha de Faudoas, família originária do Sudoeste, mas estabelecida na Normandia, precisamente no castelo de Canisy.**

Assim, alguns Kergorlay tornaram-se senhores de Canisy.

Entre os ancestrais está **Louis-Florian-Paul de Kergorlay, no momento da Revolução, que será legitimista**:

> *« Louis-Florian-Paul de Kergorlay (deputado de 1815 a 1816, de 1820 a 1823, par da França, nascido em Paris em 26 de abril de 1769, falecido em Paris em 13 de junho de 1856, de uma antiga família nobre da Bretanha, aliada à casa de Bourbon por Jeanne de Kergorlay, ancestral de oitavo grau de Henrique IV. (...) Em razão de sua fidelidade ao partido legitimista, foi apelidado de "a voz rígida". »*

pour l'ajournement indéfini de la revision de la Constitution, *contre* les poursuites contre trois députés membres de la Ligue des patriotes, *contre* le projet de loi Lisbonne restrictif de la liberté de la presse, *contre* les poursuites contre le général Boulanger.

KERGORLAY (Louis-Florian-Paul, comte de), député de 1815 à 1816, de 1820 à 1823, pair de France, né à Paris le 26 avril 1769, mort à Paris le 13 juin 1856, d'une vieille famille noble de Bretagne, alliée à la maison de Bourbon par Jeanne de Kergorlay, aïeule au huitième degré de Henri IV, fut, à dix ans, chevalier de justice de l'ordre de Malte. Capitaine de cavalerie au moment de la Révolution, il émigra, fit la campagne de 1792 à l'armée des princes, voyagea, et ne rentra en France qu'au Consulat. En 1814, il fut fait chevalier de Saint-Louis par Louis XVIII. Aux Cent-Jours, il vota contre l'Acte additionnel, protesta contre le vote de l'armée, et fut poursuivi pour sa brochure : *Des lois existantes et du décret du 9 mai 1815* ; mais tandis qu'on arrêtait par erreur son frère à sa place, il put s'échapper. A la seconde Restauration, il fut élu député du collège de département de l'Oise, le 22 août 1815, par 101 voix (141 votants, 281 inscrits). Il prit place à l'extrême droite, devint secrétaire de la Chambre introuvable (23 novembre), combattit la loi d'amnistie, réclama la responsabilité des ministres, et, à la nouvelle de l'évasion de M. de La Valette, laissa éclater son indignation ; il demanda aussi 41 millions pour le clergé et la restitution de ses biens non vendus. Ayant échoué aux élections de 1816, qui suivirent la dissolution de cette Chambre, il collabora au *Conservateur* et rentra au parlement le 13 novembre 1820, comme député du collège de département de l'Oise, élu par 170 voix (303 votants, 333 inscrits) ; les mêmes électeurs lui renouvelèrent son mandat, le 16 mai 1822, par 158 voix sur 278 votants et 320 inscrits ; il continua de siéger parmi les ultra-royalistes, partement de la Manche, par 242 voix (396 votants, 501 inscrits). Réélu, le 20 novembre 1822, par 257 voix (303 votants, 453 inscrits), et, le 6 mars 1824, par 226 voix (255 votants, 413 inscrits), il siégea parmi les royalistes intransigeants. Nommé pair de France le 5 novembre 1827, il mourut quatre mois avant la révolution de juillet.

KERGORLAY (Jean-Florian-Hervé, marquis de), député au Corps législatif de 1852 à 1863, né à Paris le 20 mai 1803, mort à Paris le 27 décembre 1873, fils du précédent, propriétaire, s'occupa principalement d'agriculture, et organisa, dans son beau domaine de Canisy (Manche), une ferme modèle de deux cents hectares. Membre de la Société d'agriculture (1835), du conseil général des hospices sous le règne de Louis-Philippe, il prépara les plans de l'hôpital Lariboisière de Paris, et obtint que l'on enseignât la musique à Bicêtre. Après la révolution de février, il fit partie du conseil général de la Manche, du congrès central d'agriculture et du conseil général d'agriculture, du commerce et des manufactures. Partisan du coup d'Etat de décembre et du prince Louis-Napoléon, il se présenta, comme candidat officiel au Corps législatif, dans la 1re circonscription de la Manche, et fut élu, le 29 février 1852, par 23,559 voix (25,089 votants, 40,797 inscrits), contre 375 voix à M. Havin, 252 à M. de Sainte-Colombe, et 100 à M. Dubois. Le 16 février 1857, il parla en faveur de l'agriculture, et, quoique non libre-échangiste, réclama des réductions de tarifs pour l'importation des machines destinées à fabriquer les tuyaux de drainage et pour le guano. Il fut réélu, le 22 juin 1857, par 21,146 voix (23,826 votants, 38,857 inscrits), contre 2,448 à M. Havin ; mais il échoua, le 1er juin 1863, avec 15,291 voix contre 16,139 à M. Havin, candidat de l'opposition. On a de lui : *De la réduction des droits d'entrée sur les bestiaux étrangers* (1838).

http://www.ila-chateau.com/Canisy/francais.htm

fut appelé à la pairie le 23 décembre 1823 et vota avec les royalistes intransigeants. Hostile aux événements de 1830, la lettre qu'il publia, le 9 août, contre le gouvernement nouveau lui valut de la Chambre des pairs une condamnation à 6 mois de prison et 500 francs d'amende. Compromis en 1832 dans l'affaire du *Carlo-Alberto* et dans les tentatives de la duchesse de Berry, il fut de nouveau poursuivi, et acquitté en 1833 ; il passa en cour d'assises, l'année suivante, pour une lettre publiée dans *la Quotidienne*, sous l'inculpation d'attaques au pouvoir royal, et fut encore acquitté. Une autre lettre publiée dans le même journal en 1836, relative aux 23 Vendéens qu'on allait juger à Niort, le ramena devant la cour d'assises, qui le condamna, cette fois, à 4 mois de prison et 2,000 francs d'amende. En raison de sa fidélité au parti légitimiste, on l'avait surnommé la « voix rigide ». On a de lui : *Du droit de pétition* (1819) ; *Fragment historique* (1843) ; puis des pamphlets et des discours politiques tirés à part, notamment ses *Lettres au ministre de la guerre* (1834), etc.

KERGORLAY (Gabriel-Louis-Marie, comte de), député de 1820 à 1827 et pair de France, né à Paris le 11 décembre 1766, mort à Paris le 24 mars 1830, frère aîné du précédent, officier de cavalerie sous l'ancien régime et chevalier de Saint-Louis, était propriétaire et conseiller général de la Manche, quand il fut élu, le 13 novembre 1820, député du collège de dé-

KERGORLAY (Louis-Gabriel-César, comte de), représentant en 1871, né à Paris le 28 août 1804, mort à Fosseuse (Oise) le 1er mars 1880, cousin du précédent, entra à l'Ecole polytechnique, passa élève sous-lieutenant à l'Ecole d'application (1826), et prit part à l'expédition d'Alger comme lieutenant d'artillerie. Ayant refusé de prêter serment au gouvernement de juillet, il fut considéré comme démissionnaire. Arrêté sur le *Carlo-Alberto*, qui avait débarqué la duchesse de Berry sur les côtes de Provence, il fut traduit devant la cour d'assises de Montbrison et acquitté. Il s'occupa alors d'industrie, et devint directeur de la Société des mines d'entre Sambre-et-Meuse, qui fut dissoute en 1858. Elu, le 8 février 1871, représentant de l'Oise à l'Assemblée nationale, le 7e sur 8, par 27,694 voix (73,357 votants, 118,866 inscrits), il siégea à droite, se fit inscrire à la réunion Colbert et à celle des Réservoirs, fit partie (août 1872) de la commission de permanence, et vota *pour* la paix, *pour* l'abrogation des lois d'exil, *pour* le 24 mai, *pour* la démission de Thiers, *pour* la prorogation des pouvoirs du Maréchal, *pour* la loi des maires, *pour* le ministère de Broglie, *contre* l'amendement Barthe, *contre* le retour à Paris, *contre* la dissolution, *contre* la proposition du centre gauche, *contre* l'amendement Wallon, *contre* les lois constitutionnelles. On a de lui : *Question de droit des gens : Saisie du bâtiment sarde le Charles-Albert, par ordre du gouver-*

Une biographie plus détaillée **dedicada aos Pares da França precisa**:

DE KERGORLAY, (Louis-Florian-Paul, *comte*), *baron* et *pair*, est né à Paris le 26 avril 1769. Il était officier d'infanterie à l'époque de la révolution; mais, n'ayant voulu ni abandonner sa famille et sa patrie, ni porter les armes contre les princes français émigrés, il quitta le service et se retira dans une de ses propriétés du département de l'Oise. En 1815, lors du retour de Buonaparte de l'île d'Elbe, le comte de Kergorlay donna une preuve non équivoque de son courageux dévouement à la famille auguste que la présence de l'usurpateur forçait à s'expatrier. Appelé à émettre son opinion sur l'*Acte additionnel* aux constitutions impériales, dont l'un des principaux articles prononçait l'exclusion formelle des Bourbons du trône de France, « Je vote, écrivit M. de Kergorlay sur les registres de la préfecture de police à Paris, contre l'article 67, parce qu'il est attentatoire à la liberté des citoyens français, » parce qu'il prétend interdire l'exercice du droit de proposer le rétablissement de la dynastie des Bourbons sur le trône, parce qu'enfin je

23 décembre 1823.

» suis convaincu que le rétablissement de cette dynastie est le seul moyen » de rendre le bonheur aux Français. » M. de Kergorlay développa les motifs de cette déclaration dans une brochure qu'il signa et qui avait pour titre : *Des lois existantes et du décret du 9 mai 1815*. Un mandat d'arrêt fut aussitôt décerné contre l'auteur de cet écrit; mais, par une erreur que le dévouement fraternel ne voulut jamais permettre de divulguer, ce fut le comte Louis de Kergorlay qui subit la détention pour son frère, et il ne dût sa liberté qu'aux événements qui précipitèrent Buonaparte d'un trône qu'il voulait usurper. Le comte Florian de Kergorlay fut nommé par le roi pour présider le collége électoral du département de l'Oise, le 26 juillet 1815. Élu député par ce département pour cette session et celle de 1816, réélu en 1820, ainsi qu'à la chambre septennale en 1822, le comte de Kergorlay a confirmé, dans toutes les occasions où il a porté la parole, la haute opinion que sa conduite antérieure et ses écrits politiques avaient donnée de son attachement aux doctrines religieuses et monarchiques qui seules peuvent consolider le repos et le bonheur de la France. Il a présidé le collége départemental de l'Oise en 1823, et a été créé pair de France par S. M. Louis XVIII le 23 décembre de cette même année. Le comte Florian de Kergorlay est chevalier de l'ordre de Saint-Louis et officier de la Légion-d'Honneur. Il est marié et a des enfants.

Son frère, le comte de Kergorlay, député de la Manche en 1820, réélu à la chambre septennale en 1822, a présidé le collége électoral de la Manche en 1823. Il a également servi avant la révolution, et est chevalier de l'ordre de Saint-Louis. Il est marié, et père de plusieurs enfants.

La maison de Kergorlay (1) est comptée parmi celles de l'ancienne chevalerie de Bretagne. Elle a pris son nom d'une terre qualifiée depuis du titre de baronnie, située dans l'évêché de Léon, terre que l'héritière de la branche aînée a portée dans la maison de Montfort vers la fin du quatorzième siècle. Les annales de la Bretagne font mention de la maison de Kergorlay, depuis Pierre de Kergorlay, Ier du nom, chevalier, seigneur de Kergorlay, sénéchal du pays de Cornouaille, lequel accompagna, en 1270, le duc de Bretagne à la Terre-Sainte. On trouve une notice assez étendue sur les anciennes époques de cette famille dans le tom. III, p. 345, du *Dict. de la noblesse*, publié en 1821 par M. de Courcelles.

---

(1) Le nom de cette maison s'est aussi orthographié *Guergorlé, Guergorlay, Kergorlé*, et quelquefois, mais rarement, *Quergorlay*.

3. As conexões globalistas de Denis de Kergorlay, um homem de influência elogiado por "Gotha City"

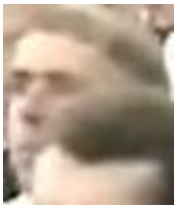
Denis de Kergorlay nasceu em Paris em 9 de fevereiro de 1947.

Ele é casado com uma advogada de negócios, diretora de um escritório de advocacia parisiense e introduzida no meio dos meios de comunicação e da política (de 2002 a 2005, ela foi membro do observatório da paridade entre homens e mulheres).

Ele teve dois filhos.

Ele estudou em Paris, no Instituto de Estudos Políticos, e depois na Universidade de Assas.

Em seguida, ele foi para os Estados Unidos para seguir os cursos da Universidade de Columbia em Nova York.



Foi nessa época que **Geoffroy de Kergorlay** descobriu a luta pela Tradição católica e se juntou ao Padre Guérard des Lauriers. E também em 1975, Jean Magne defendeu sua tese na Sorbonne (cf. *rore-sanctifica.org*) diante do famoso Professor Henri-Irénée Marrou, com a qual ele destruiu completamente o trabalho e as "fabricações" de Dom Botte sobre a suposta *Tradição apostólica* falsamente atribuída a *Hipólito de Roma*, “fabricações” que se tornaram a base do novo rito latino conciliar da consagração episcopal, promulgado por Montini-Paul VI em 18 de junho de 1968.

Denis de Kergorlay começou sua carreira profissional em 1976 como adido cultural na embaixada da França na Tailândia.

Em 1977, ele se juntou à organização humanitária *Médecins sans frontières*. Ele ocupou diferentes cargos na Tailândia, no Camboja, no Afeganistão e na Etiópia. Ele foi tesoureiro dessa

organização de 1981 a 1987.

> *« Quando meu pai me propôs assumir Canisy, nosso castelo de família na Normandia, eu inicialmente recusei.* ***Eu era ambientalista, militava no Greenpeace e nos Amis de la Terre. Mas com sua morte, eu não tive escolha e assumi Canisy.*** *» Denis de Kergorlay, "Gotha City, Enquête sur le pouvoir discret des aristos", Éditions du moment, 2009, página 83*
>
> *« Estamos em abril de 1976. Denis embarca para a Tailândia, onde espera um cargo de adido cultural. Adeus, Canisy. Mas não por muito tempo. O pai de Denis morre subitamente[5] e o problema do castelo de Canisy volta imediatamente à tona. «* ***Na sucessão, meu irmão me informou sobre sua intenção de entrar para os clérigos, com Dom Lefebvre****, conta Denis. Para uma família católica como a nossa, foi um golpe devastador. Graças ao direito de primogenitura, eu decidi em um quarto de segundo assumir o castelo da família. Isso se impôs como uma evidência. » "Ponto de vista, imagens do mundo", n°2853 – 2 de abril de 2003 – página 38*

Ele é proprietário do castelo de Canisy (século 16), que transformou em 1978 em uma casa de hóspedes e onde organiza concertos e seminários.

Foi **no momento em que Denis começou a administrar o castelo que Geoffroy começou sua formação filosófica no seminário de Écône e vestiu o hábito dominicano**.

Denis foi prefeito de Canisy de 1985 a 1995, e depois primeiro adjunto de 1995 a 1998.

Ele se apresentou nas eleições municipais de 2008. Sua lista não conseguiu eleger nenhum dos 15 cargos disponíveis.

Ele é amigo da cantora americana Joan Baez (1941), que conheceu no Camboja e recebe regularmente em seu castelo desde 1980.

Ele é também presidente executivo da associação *Europa Nostra*, que luta pela preservação do patrimônio europeu. Além disso, ele é administrador da *La Demeure historique* desde 2000 e presidente desde 2008 da poderosa *French Heritage Society*. Na década de 1980, ele também foi tesoureiro de ***Médecins sans Frontières***[6].

> *«* ***Esse graduado da Universidade de Columbia fez parte do estado-maior de campanha de René Dumont em 1981****. Conselheiro municipal de Canisy, sucedeu ao prefeito, que faleceu, em 1985. Em 1988, ele pediu votos para François Mitterrand, após ter estado próximo dos meios barristas. Em setembro de 1988, ele se apresentou nas eleições cantonais contra o*

> *conselheiro geral FN Fernand Le Rachinel, com o apoio do PS, do RPR e da UDF, que não apresentaram candidatos contra ele. Ele é também tesoureiro de Médecins sans Frontières e de Libertés sans Frontières. Em seu castelo do século XVII, cercado por um parque de 250 hectares,* ***esse homem das sombras recebe quase todos os fins de semana uma cinquentena de hóspedes pagantes da "nomenclatura politico-jornalístico-intelectual parisiense****" (Globe, setembro de 1988).* ***Ele organiza discretos seminários internacionais globalistas de alto nível em nome do Instituto Aspen-França, criado em 1983****. Trata-se da filial francesa do Aspen Institute for Humanistic Studies of Washington, uma fundação globalista americana criada em 1950.* ***O presidente é Olivier Mellério (joalheiro)****, a vice-presidente Jacqueline Grapin (correspondente do Figaro em Washington), o secretário geral Denis Zewudackí (secretário geral do CNPF), o tesoureiro Raphaël Hadas-Lebel (secretário geral da Elf-Aquitaine). Uma das listas de participantes (agosto de 1988) dará uma ideia da magnitude dos eventos: Umberto Agnelli (Fiat), Bernao Bracher (presidente do Banco Central do Brasil), Robert Dalziel (presidente da ATT), Jacques-Henri David (diretor geral da Saint-Gobain), Jean-Louis Gergorin (diretor da Matra), Toyoo Ghyohten (responsável por assuntos internacionais no ministério das Finanças do Japão), Karen Elliot (editorialista do Wall-Street Journal), Richard Gardner (ex-embaixador americano na Itália), W.D. Eberle (conselheiro econômico de Nixon e Ford), Robert McNamara, Jacques Delors, Jean-Claude Trichet (diretor do Tesouro), Denis Gautier-Savagnac, Jean-Marie Daillet (deputado mitterrandista de Saint-Lô), Bruno Durieux, Pierre Rosanvallon (secretário geral da Fundação Saint-Simon), etc. »* ***Emmanuel Ratier****[7]*

Ao mesmo tempo, o irmão de Denis, Geoffroy de Kergorlay, por sua vez, traçará seu caminho, lutando contra-revolucionariamente.

Voyage en chrétienté...

Les clochers de nos villages sont les vestiges d'une chrétienté dont notre terre était la fille aînée. Partout l'apostasie s'étend, tantôt sous couvert de laïcité positive estampillée d'un *nihil obstat* romain, tantôt ouvertement satanique comme certains spectacles financés par nos impôts, tels qu'on a pu les voir cette année à Clisson ou à Angers.

On pourrait étaler sur des pages la description d'une société cadavérique en décomposition, parce que séparée de son âme : la sainte Église.

Notre combatpourrait s'arrêter là, si ses limites ne se confondaient pas avec celles de notre espérance. Mais *nous, nous avons cru à la charité* du Dieu qui n'abat que pour relever, et qui ne se retire que pour être rappelé.

C'est donc dans un esprit de reconquête des âmes à leur Rédempteur que nous vous invitons à un voyage en chrétienté. Invitation à goûter le mystère du Dieu inconnu, à embrasser le grand moyen de la dévotion mariale, à nourrir notre âme du patrimoine légué par les saints et les grandes voix de l'Église, à mener avec courage et discernement notre combat spirituel. Et parce que toute armée a besoin de connaître l'ennemi pour mieux le vaincre, nous n'aurons de cesse d'étudier, de démasquer et de dénoncer à temps et à contre-temps les ennemis de la foi catholique qui mènent les âmes à leur perte : les erreurs conciliaires et le *Nouvel Ordre Mondial* appelé par les vœux des autorités tant politiques que religieuses !

Nous vous proposons cette année un catalogue propre à satisfaire la plupart de vos attentes, grâce à l'heureux concours de maisons d'éditions amies dans certains domaines, comme celui de la jeunesse. La chrétienté ne se reconstruira pas avec des plans savants élaborés dans des officines, mais en cultivant l'esprit chrétien au sein de la cellule familiale. A l'image d'une famille dénuée de tout et ignorée de tous, qui bouleversa pourtant la face du monde. C'était il y a 2000 ans.

Sainte fête de Noël à tous !

Les Dominicains d'Avrillé

Excerto do catálogo de Natal de 2009 das Edições do Sal, publicadas pelo Padre Pierre-Marie

> « ***Nós não vamos parar de estudar, desmascarar e denunciar a tempo e contra o tempo*** *os inimigos da fé católica que levam as almas à sua perdição:* ***os erros conciliares e a nova Ordem Mundial*** *chamados pelos desejos das autoridades tanto políticas quanto religiosas !* » segundo as Edições de Geoffroy de Kergorlay

4. Denis de Kergorlay, gerente do castelo de Canisy e administrador, depois presidente do Cercle Interallié

Ele possui mais de 90% das ações da ***Société Civile du Domaine de Canisy*** (capital de 167.693,92 euros), uma fração sendo detida por uma herdeira do tio Roland de Kergorlay e outra fração pequena pela associação "Les Amis de Canisy", uma mudança menor de ações ocorreu em 28 de julho de 2009.

Os estatutos constitutivos datam de 22 de novembro de 1946.

Uma mudança de gerente ocorreu em 30 de junho de 1978, **o conde Yves de Kergorlay faleceu em 27 de dezembro de 1976**.

É portanto a partir da tomada de controle da gerência por Denis de Kergorlay em 1978 que data a transformação do castelo de Canisy em uma casa de hóspedes, **e que começará a recepção dos círculos globalistas, incluindo o famoso e muito influente *Aspen Institute***.

Destacamos também a **SARL *Le Cercle de Canisy***, registrada em 30 de junho de 1992 no registro de comércio e sociedades, cuja gerência é de Denis de Kergorlay. Seu objetivo é

> "*a organização de seminários, conferências e todas as prestações acessórias, especialmente tudo que diz respeito à restauração e ao alojamento da clientela* ."

Denis de Kergorlay também é associado gerente (associado à ***Fondation de France***, agindo em nome da ***Fondation Canisy*** sob sua proteção) na ***Société Civile et Immobilière de Kergorlay-Tigery***, registrada em 21 de outubro de 2002 no registro de comércio e sociedades.

Denis de Kergorlay é o mais jovem dos cinco administradores da ***Société Immobilière et de Service du Cercle de l'Union Interalliée***, registrada em 21 de janeiro de 1957 no registro de comércio e sociedades. A pessoa jurídica é uma sociedade anônima com capital de 1.244.800 euros constituída em 29 de julho de 1920. Esta sociedade tem como atividade o aluguel do imóvel situado na 33 rue du Faubourg Saint-Honoré, Paris 8°, serviço de restauração e outras prestações.

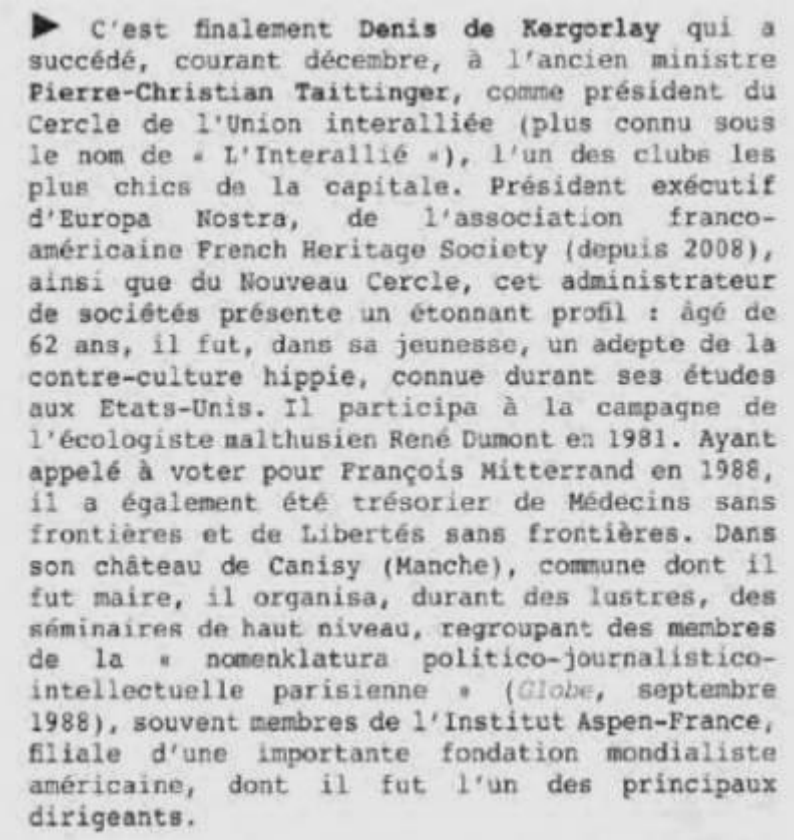
Essa famosa instituição foi fundada em 1920, após as Conferências entre as potências aliadas coalizadas vitoriosas, realizadas na França na ocasião da assinatura do ***tratado de Versalhes*** e dos tratados anexos que haviam encerrado juridicamente a Grande Guerra de 1914-1918. Ela respondia à necessidade de perpetuar os encontros e a boa convivência entre as elites dessas nações aliadas vitoriosas do primeiro conflito mundial.

Belíssimo edifício do Cercle de *l'Union Interalliée* do qual Denis de Kergorlay se tornou o presidente em dezembro de 2009, após ter sido o mais jovem dos cinco administradores.

Na revista « ***Faits & Documents*** » n°200 (de 1 a 15 de fevereiro de 2010), **Emmanuel Ratier** revelou **que Denis de Kergorlay havia acabado de assumir a presidência do Cercle de *l'Union Interalliée***.

> *« Foi finalmente Denis de Kergorlay quem sucedeu, em dezembro, ao ex-ministro Pierre-Christian Taittinger, como presidente do Cercle de l'Union Interalliée (mais conhecido como "L'Interallié"), um dos clubes mais exclusivos da capital.* ***Presidente executivo da Europa Nostra, da associação franco-americana French Heritage Society (desde 2008), além do Nouveau Cercle, este administrador de sociedades apresenta um perfil surpreendente: aos 62 anos, ele foi, na juventude, um adepto da***

> ***contracultura hippie, conhecido durante seus estudos nos Estados Unidos. Ele participou da campanha do ecologista malthusiano René Dumont em 1981****. Tendo chamado a votar em François Mitterrand em 1988, ele também foi* ***tesoureiro de Médecins sans frontières e de Libertés sans frontières.*** *Em seu castelo de Canisy (Manche), município do qual foi prefeito,* ***ele organizou, durante muitos anos, seminários de alto nível, reunindo membros da "nomenclatura politico-jornalístico-intelectual parisiense" (Globe, setembro de 1988), muitas vezes membros do Institut Aspen-France, filial de uma importante fundação globalista americana, da qual foi um dos principais líderes.*** »



▶ C'est finalement **Denis de Kergorlay** qui a succédé, courant décembre, à l'ancien ministre **Pierre-Christian Taittinger**, comme président du Cercle de l'Union interalliée (plus connu sous le nom de « L'Interallié »), l'un des clubs les plus chics de la capitale. Président exécutif d'Europa Nostra, de l'association franco-américaine French Heritage Society (depuis 2008), ainsi que du Nouveau Cercle, cet administrateur de sociétés présente un étonnant profil : âgé de 62 ans, il fut, dans sa jeunesse, un adepte de la contre-culture hippie, connue durant ses études aux Etats-Unis. Il participa à la campagne de l'écologiste malthusien René Dumont en 1981. Ayant appelé à voter pour François Mitterrand en 1988, il a également été trésorier de Médecins sans frontières et de Libertés sans frontières. Dans son château de Canisy (Manche), commune dont il fut maire, il organisa, durant des lustres, des séminaires de haut niveau, regroupant des membres de la « nomenklatura politico-journalistico-intellectuelle parisienne » (*Globe*, septembre 1988), souvent membres de l'Institut Aspen-France, filiale d'une importante fondation mondialiste américaine, dont il fut l'un des principaux dirigeants.

Fac-símile da « *Faits & Documents* » n° 1 de 15 de fevereiro de 2010 **de Emmanuel Ratier**

Fato importante, Emmanuel Ratier, cuja seriedade e qualidade das informações nunca foram desmentidas, afirma que ***Denis de Kergorlay teria sido um dos dirigentes do Aspen Institute***.

Denis, portanto, segue um percurso atípico, evoluindo de engajamentos contestatórios (pró-ecologista, "*adepto da contracultura hippie*"[8] dos anos 70), para se tornar senhor do castelo, e, por fim, terminar no "*Gotha City*" às vésperas da aposentadoria, sua filha Marie-Victoire recebendo as honras sociais do baile de debutantes em 2009, e ele mesmo sendo admitido como administrador do muito prestigiado *Cercle de l'Union Interalliée*, e presidente da associação de elite *Europa Nostra* (preservação do patrimônio), após ter hospedado durante anos a nata dos círculos financeiros

globalistas anglo-americanos:

> « ***Desde 1970, o Aspen Institute tem uma filial em Berlim e em Roma desde 1985. Desde 1986 possui um castelo em Canisy, na Normandia, onde suas reuniões costumam ocorrer. Também tem, sob outro nome, uma sede em Tóquio***. »

Hoje, Denis de Kergorlay reivindica esse percurso que, à primeira vista, parece insólito, e que deve, sem dúvida, ser visto como uma marca de excentricidade típica dos meios aristocráticos, desde que os valores de patrimônio e dinastias sejam respeitados.

Qual é, portanto, esse *Aspen Institute for Humanistic Studies*?

> « *O Aspen Institute for Humanistic Studies foi fundado em 1949 no Colorado por Robert Maynard Hutchins, Grande Comendador da Ordem de São João de Jerusalém – uma ramificação da* ***maçonaria alta britânica.*** *Presidente da Universidade Rockefeller de Chicago entre 1929 e 1950, criador com Giovanni A. Borgese, no imediado pós-guerra, do movimento por um Governo mundial**[9]**, diretor dos programas da Fundação Ford no início dos anos cinquenta, Hutchins estava em contato com Aldous Huxley para o estudo de drogas. Ele foi envolvido nos anos sessenta, já aposentado, em um tráfico de drogas**[10]**. (…) O chefe do* ***Aspen Institute*** *por muito tempo foi o* **Robert O. Anderson**, **ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos, um dos diretores do C.F.R., membro do Bilderberg e da Trilateral, jornalista do "*** ***Observer*** **" dos Astor e dirigente da multinacional de petróleo *Atlantic Richfield Corporation (A.R.C.O.). (…) Nas reuniões do Instituto Aspen* Italia, misturados a personagens de alto nível do mundo político e econômico italiano (mas também a personagens aparentemente marginais, como G. Giudici, vigário do Arquidiocese de Milão, ou A. Riccardi, presidente da Comunidade de Sant'Egidio, – frequentemente presente em nome do Vaticano como mediador entre países em conflito**, encontramos, sempre para honrar o princípio osmótico em vigor nas sociedades de temperamento maçônico, personagens pertencentes a círculos superiores como **John Chipman,** atual diretor do I.I.S.S., **Lord Dahrendorf (R.I.I.A.,** Fundação Ford, Bilderberg), **Samuel Huntington** (C.F.R.), **Renato Ruggiero** (ex-presidente da

> **W.T.O.,** Bilderberg, Trilateral) ou **Peter Tarnoff,** presidente do **C.F.R.** entre 1986 e 1993 » Extraído de « ***Maçonneries et sociétés secrètes*** » de **Epiphanius[11]** (edição do ***Courrier de Rome[12]***), dedicado ao Aspen – páginas 731 a 734

O ***Aspen Institute*** está ligado aos movimentos ecologistas dos quais Denis de Kergorlay fazia parte por volta de 1974, em seu período hippie.

> *« Em 1974, a Fundação Anderson financiou os movimentos ecologistas para impor as chamadas energias "alternativas" à energia nuclear, agindo em conjunto com o* **Aspen Institute**, que também se beneficiava dos mesmos financiamentos da Atlantic Richfield. »_ « ***Maçonneries et sociétés secrètes*** » de **Epiphanius** (edição do ***Courrier de Rome***) – página 732

Segundo Epiphanius, o objetivo do *Aspen Institute* é:

> *« acolher à mesma mesa os principais protagonistas do mundo político, econômico e financeiro para* ***formular sugestões e propostas que, como ocorreu no passado, seriam então examinadas pelos órgãos responsáveis*** ». « ***Maçonneries et sociétés secrètes*** » de **Epiphanius** (edição do ***Courrier de Rome***) – página 732

Os objetivos do ***Aspen Institute*** são "muito próximos" dos do ***Bilderberg***:

> *« Estas intenções são muito próximas daquelas do Bilderberg, mas* ***provavelmente em um relacionamento de subordinação a este último e com valores mais nitidamente culturais*** *– formação de quadros para o Estabelecimento – mas também econômicos, monetários e comerciais. »* « ***Maçonneries et sociétés secrètes*** » de **Epiphanius** (edição do ***Courrier de Rome***) – página 732

O ***Aspen Institute*** está presente em 10 países. ***O Instituto Aspen França*** foi fundado em 1983. O **Aspen Institute** é atualmente presidido por Walter Isaacson.

Os sites da internet são: www.aspenfrance.org e www.aspeninstitute.org.

Geoffroy de Kergorlay, o Padre Pierre-Marie o.p. no convento dos Dominicanos de Avrillé, denuncia portanto os inimigos da Igreja, junto à Fraternidade São Pio X e à

Tradição católica, enquanto – paradoxalmente – reuniões globalistas ocorrem em pleno andamento no castelo da sua família, outrora legitimista:

Em 2001, ocorreu um seminário globalista em Canisy, de 29 de junho a 1º de julho de 2001.

> *« Esta reunião, organizada em parceria com a Ditchley Foundation (Reino Unido), por Sir Nigel Broomfield, Ditchley, e Dominique Moïsi, Ifri, tinha como objetivo avaliar o estado das relações transatlânticas em sua dimensão econômica e político-estratégica. Ela contou com a* ***presença de dois ex-primeiros ministros, co-presidentes da conferência, Édouard Balladur e John Major, e do ministro das Relações Exteriores, Hubert Védrine.*** *Reuniu delegações francesa – liderada por Thierry de Montbrial –, britânica, canadense e americana. »****[13]***

Esse seminário em Canisy aborda as questões-chave que interessam os círculos globalistas:

> *« A discussão sobre a globalização e as oposições que ela suscita levou os participantes a* ***fazer um apelo por um diálogo sobre a governança global****. Ao final, foram expressas dúvidas sobre os próprios fundamentos do sistema econômico,* ***ameaçado pelo crescimento populacional****, pela degradação do meio ambiente, etc. »****[14]***

Vamos decifrar o que essas declarações muito polidas realmente significam:

- **O governo mundial**: « *fazer um apelo por um diálogo sobre a governança global* »
- **A despopulação**, pois **esses círculos são malthusianos*[15]* e eugênicos**, impulsionados pelos Rockefeller e, para algumas personalidades influentes dentro desses círculos do globalismo anglo-saxão, desejam reduzir a população em vários bilhões de seres humanos. Alguns desses personagens gostariam até de diminuir a população mundial **de 6,5 bilhões de humanos para cerca de 500 milhões**, ou seja, uma redução de mais de 90% da população mundial atual: « *dúvidas foram expressas sobre os próprios fundamentos do sistema econômico, ameaçados pelo crescimento populacional* »
- **A impostura do aquecimento global**: « *a degradação do meio ambiente* », este tema que foi o foco da cúpula de Copenhague em dezembro de 2009, aparece agora como uma **justificativa para a instauração de uma "governança mundial" e para a promoção da despopulação**, cada ser humano devendo ser visto como um produtor de carbono e um poluidor.

No relatório do IFRI, aparece a foto de Denis de Kergorlay, anfitrião no castelo de Canisy, acompanhado por **John Major**, ex-primeiro-ministro britânico, e **Hubert Védrine** (membro da *Trilateral Commission* fundada por David Rockefeller, e ex-ministro das Relações Exteriores da França).

Denis de Kergorlay, hôte de la réunion au château de Canisy, John Major, ancien Premier ministre de Grande-Bretagne, Hubert Védrine, ministre des Affaires étrangères, Sir Nigel Broomfield, président de la Ditchley Fondation, et Thierry de Montbrial, Ifri.

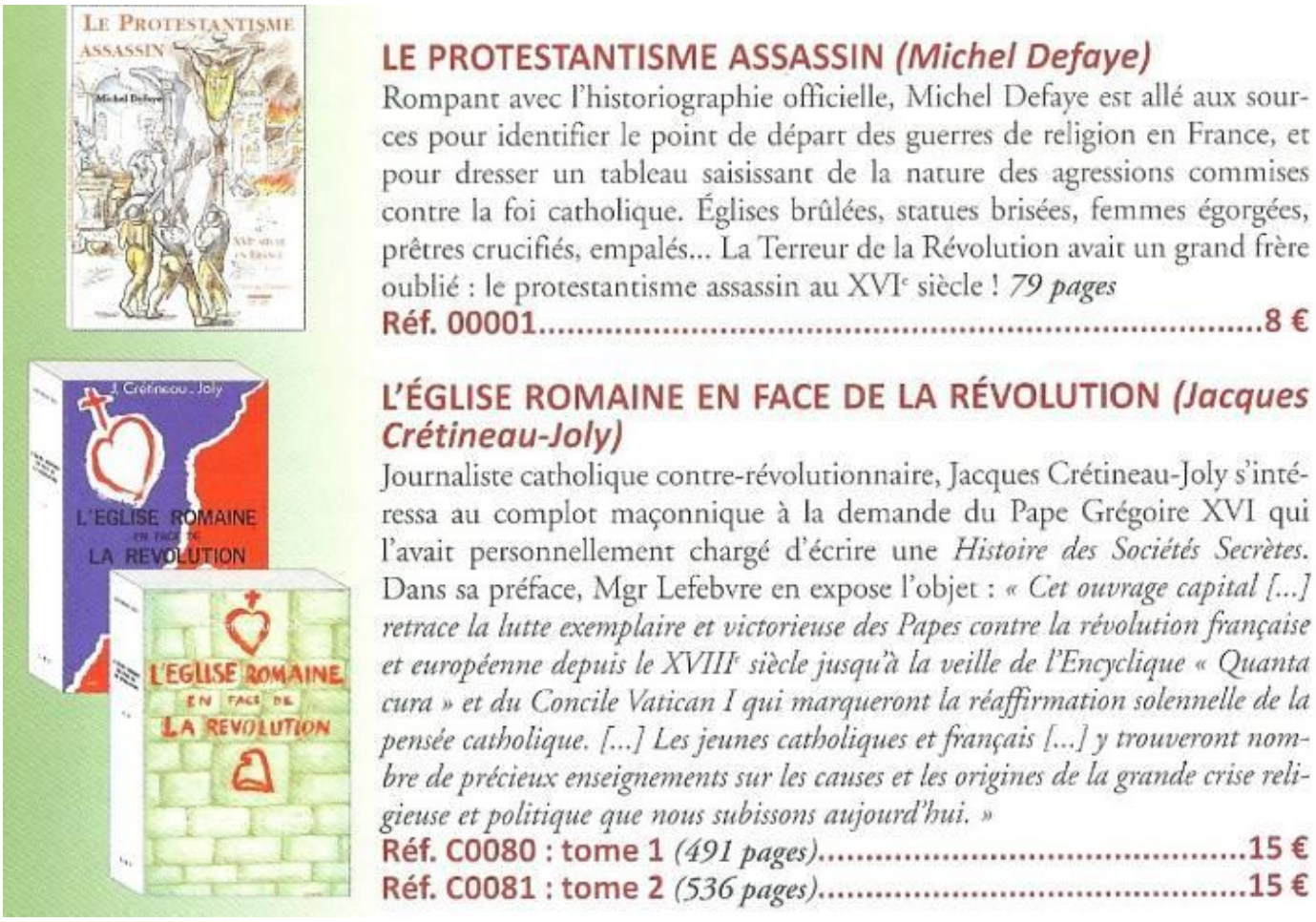
• **Transatlantic Relations : Cooperation and Competitition**

Ifri/Ditchley,
Château de Canisy,
29 juin-1er juillet

Dominique Moïsi

Cette rencontre, organisée en partenariat avec la Ditchley Foundation (Royaume-Uni), par *Sir Nigel Broomfield*, Ditchley, et *Dominique Moïsi*, Ifri, avait pour objectif d'évaluer l'état des relations transatlantiques dans leur dimension économique et politico-stratégique. Elle a bénéficié de la présence de deux anciens Premiers ministres, co-présidents de la conférence, *Edouard Balladur* et *John Major*, et de celle du ministre des Affaires étrangères, *Hubert Védrine*. Elle a rassemblé des délégations française – conduite par *Thierry de Montbrial* –, britannique, canadienne et américaine.

Geoffroy de Kergorlay também denuncia, tanto os estragos do protestantismo na França, quanto o complô da maçonaria contra a Igreja católica, conforme relatado nos documentos da Alta-Venda, tornados públicos no século XIX pelo historiador Crétineau-Joly, a pedido do Papa Gregório XVI, e reeditado em 1978 por Dom Lefebvre[16]:



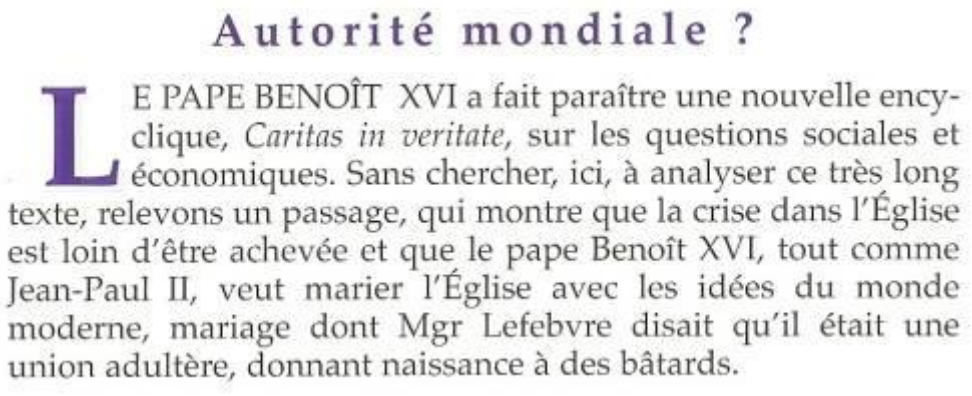
Em um relatório elaborado por **Alexandra Derveaux e Nadine Renaudin sobre "Experiências de mecenato em favor dos monumentos históricos privados" e proposta pela La Demeure Historique**, na sexta-feira, 7 de novembro de 2008, das 17h30 às 18h30, na sala de Conferências Delorme, sabemos que:

> *« Denis de KERGOLAY apresenta a French Heritage Society e sua atividade de mecenato na França e nos Estados Unidos. Ele lembra que a associação foi criada sob uma iniciativa francesa, por Michèle LE MENESTREL em 1982. A French Heritage Society, que se chamava "American Friends of Vieilles Maisons Françaises", é dedicada à preservação do patrimônio arquitetônico e histórico, de monumentos e jardins na França e nos Estados Unidos. Também é preciso mencionar que a instituição financia essencialmente – mas não exclusivamente – monumentos históricos privados.*

Fundos são assim levantados junto a mecenas americanos durante jantares de gala e de caridade. Denis de KERGOLAY explica ainda as motivações desses doadores que se comprometem ao lado da ***French Heritage Society.*** *São muitos americanos francófilos, apaixonados por nossa cultura e pela nossa "arte de viver", que desejam verdadeiramente oferecer seu apoio e ajudar a financiar projetos necessários à restauração do patrimônio arquitetônico francês.»***[17]**

E enquanto Denis expande sua rede social internacional, **seu irmão, o dominicano Geoffroy de Kergorlay critica as ambições globalistas de Bento XVI**:

> « *Autoridade mundial? O PAPA BENTO XVI publicou uma nova encíclica, Caritas in veritate, sobre as questões sociais e econômicas. Sem buscar analisar aqui esse texto muito longo, destacamos uma passagem que mostra que a crise na Igreja está longe de estar resolvida e que o papa Bento XVI, assim como João Paulo II, deseja unir a Igreja às ideias do mundo moderno, um casamento que Dom Lefebvre dizia ser uma união adúltera, dando origem a bastardos* ».



Autorité mondiale ?

LE PAPE BENOÎT XVI a fait paraître une nouvelle encyclique, *Caritas in veritate*, sur les questions sociales et économiques. Sans chercher, ici, à analyser ce très long texte, relevons un passage, qui montre que la crise dans l'Église est loin d'être achevée et que le pape Benoît XVI, tout comme Jean-Paul II, veut marier l'Église avec les idées du monde moderne, mariage dont Mgr Lefebvre disait qu'il était une union adultère, donnant naissance à des bâtards.

Excerto da "*Carta dos dominicanos de Avrillé*" n° 51 de setembro de 2009

Em « ***Gotha City*** », Denis de Kergorlay se apresenta como um « ***marginal*** » que, enquanto cultiva suas relações globalistas, encontra-se hoje à frente de várias instituições nacionais ou internacionais de proteção do patrimônio:

> «A Demeure historique, fundada pelo deputado Boni de Castellane, e cuja um dos dirigentes, Bernard de Montgolfier, é pai do senador Albéric – muito ativo, como vimos – é a vanguarda do poderoso lobby do patrimônio. Um lobby composto por várias associações repletas de aristocratas no poder, ou cujos irmãos, primos e amigos estão perfeitamente associados e prontos para interceder a seu favor. O *Observatório do patrimônio religioso*, que registra e salva uma a uma as igrejas em perigo na França, nasceu assim sob a liderança de Béatrice de Andia. Esta figura da prefeitura de Paris foi delegada da *Ação artística* durante trinta anos. O visconde Olivier de Rohan, que está à frente da famosa *Sociedade dos amigos de Versalhes* e da mais discreta *Salvaguarda da arte francesa*, encarregada de zelar pela restauração de edifícios religiosos, não é outro senão o irmão do senador Josselin de Rohan. A *Europa Nostra*, uma associação muito influente a nível europeu, chegou a escolher como presidente uma cabeça coroada, atualmente a infanta Pilar de Bourbon. Uma escolha que não deve nada ao acaso. Isso pode sempre ajudar a provar a seriedade de seu

movimento e, quem sabe, a obter um encontro crucial ou uma emenda salvadora. Ou mesmo, como ocorreu em 1999, fazer votar a redução experimental do IVA sobre trabalhos de manutenção do patrimônio em toda a Europa.

Para pesar ainda mais, alguns amigos aristocratas muito influentes criaram seu próprio “G8” do Patrimônio. Este grupo informal reúne desde 2002, uma vez por mês, os dirigentes das oito associações de defesa do patrimônio mais influentes. Encontramos dezessete aristocratas em suas instâncias dirigentes. Muito ativos na luta contra os parques eólicos, eles conseguiram, por exemplo, que os prefeitos, e não mais apenas os prefeitos, tivessem seu consentimento antes que um moinho de vento surgisse do solo. Para pressionar os poderes públicos, os aristocratas jogam, portanto, plenamente o jogo da rede. Esses homens das sombras, membros de amicalhas inofensivas aos olhos não avisados, são, na verdade, militantes muito eficazes. Eles não estão nas primeiras páginas dos jornais, não se envolvem em operações de comando midiáticas, mas atuam nos corredores silenciosos. Com um know-how formidável.

Ele tem um sorriso alegre, mão pesada nos amendoins e uma conversa sem formalidades. O conde Denis de Kergorlay faz parte desses aristocratas apaixonados, amantes das grandes causas, capazes de deixar tudo para defender seus ideais do outro lado do mundo. Sob suas aparências de gentleman-farmer que marca encontros em torno de uma taça de champanhe nos jardins da Interalliée, dos quais é vice-presidente, ele se revela um rebelde, “um pouco marginal”, diz ele. “Quando meu pai me pediu para assumir Canisy, nosso castelo de família na Normandia, eu recusei a princípio. Eu era ecologista, militava no Greenpeace e nos Amigos da Terra. Mas com seu falecimento, não tive mais escolha e assumi Canisy.” Paralelamente, ele foi tesoureiro da *Médicos Sem Fronteiras* por dez anos. “Em busca de uma causa”, ele se apaixonou pela *Europa Nostra*, “este grupo de europeus prontos para lutar voluntariamente”. Este lobby, presente em quarenta países (incluindo a Turquia!) tem o objetivo claramente declarado de “influenciar a política”. Sua direção francesa conta com grandes nomes como o marquês Robert de Léotoing d'Anjony ou a princesa Isabelle de Broglie. Na sede, baseada em Bruxelas, perto da Comissão, encontramos, além da infanta da Espanha, um sir inglês, um barão e um conde belgas. O círculo se fecha: senhor feudal, mesmo contra sua vontade, ele se torna um dos mais ardentes defensores das velhas pedras. “Os aristocratas são naturalmente inclinados a promover aquilo em que acreditam, a defender o que lhes é caro”, analisa ele. Recentemente, ele também se ocupa da *French Heritage Society*, após a princesa Marie-Sol de la Tour d'Auvergne. Essa associação solicita ajuda americana em favor do patrimônio privado francês, especialmente castelos e abadias. Apesar da crise – na última arrecadação de fundos em Nova York em abril de 2009, os doadores estavam paralisados – eles conseguiram entregar um cheque de trinta mil dólares à família Fayet

> d'Andoque para a restauração da igreja abacial de Fontfroide (Aude). Uma nova batalha já lhe é cara: intensificar a luta contra os parques eólicos, que "desfiguram a paisagem francesa."»

E seu irmão Geoffroy, o dominicano Padre Pierre-Marie o.p., divulga os atos dos colóquios (2002-2005) da FSSPX que fazem o julgamento do Vaticano II ao declarar que a religião de Vaticano II não é a religião católica, essa mesma religião "***de Vaticano II***" que é hoje louvada pela mídia internacional como sendo a do "***aggiornamento***" da Igreja Católica com seu tempo:

"Esses quatro Simpósios constituem uma verdadeira dissecação de uma nova religião que não é a religião católica," declaram as Edições de Geoffroy de Kergorlay.

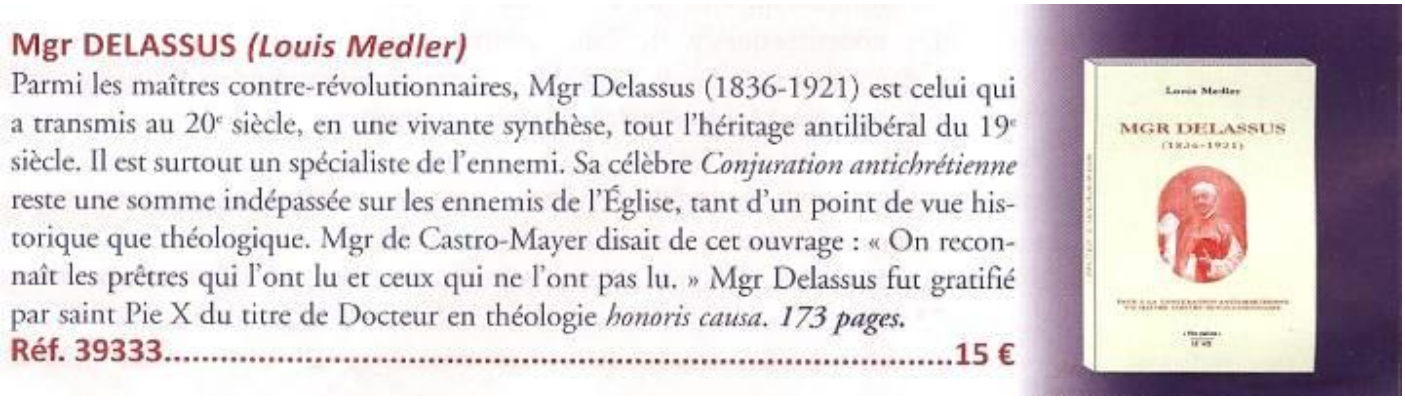
5. A ascensão social da família Kergorlay na jet-set do Gotha internacionalista

Esses laços estreitos entre Denis de Kergorlay e os círculos globalistas de direção anglo-saxônica são confirmados em “***Gotha City***”, um livro-investigação de dois jornalistas (Laure de Charrette e Benoist Simmat) publicado em 26 de novembro de 2009.

> “Um conde, Denis de Kergorlay, membro da *Demeure historique*, uma espécie de sindicato dos senhores feudais, descreve essa evolução: *“Para permanecer vivo, o castelo de família deve mutar, ou, no mínimo, se transformar: mudar de pele, mas manter a carne. Tornou-se grande demais e pesado para uma família de hoje? Então deve, imperativamente, abrir suas portas além das fronteiras familiares. É uma questão de sobrevivência, mas também pode ser uma aventura emocionante.*” Ele mesmo possui o castelo de Canisy na Normandia, precisamente na rua Kergorlay. Ele o tornou um local de encontros internacionais. **O Instituto Aspen e a Fundação Real de Londres realizam lá suas reuniões importantes**. No verão de 2001, ele até acolheu um colóquio sobre relações transatlânticas com a presença, entre outros, de Hubert Védrine, então ministro das Relações Exteriores, Édouard Balladur e **Richard Perle, conselheiro do Pentágono**. Graças a suas relações elevadas, o conde de Kergorlay também organiza “fins de semana de desconexão” reunindo CEOs, músicos, financistas, especialistas internacionais e algumas figuras da direita ou da esquerda francesa.»

Laure de Charette, 26 anos, é jornalista na seção França do diário *20 Minutes*. Ela coassina *Guia dos Bécébranchés*. Benoist Simmat é jornalista na seção Economia do *Journal du Dimanche*. Ele é coautor de *Ségolène Royal, a dama dos dois rostos*, *NRJ, o império das ondas* e *In vino Satanas.*

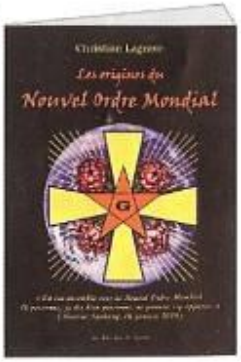
Enquanto Denis é conhecido pelos encontros internacionais que organiza em Canisy, **seu irmão, Geoffroy de Kergorlay, Padre Dominicano Pierre-Marie o.p. em religião, se dedica a uma luta contra o globalismo por meio das publicações da *Edições du Sel* do convento dominicano de Avrillé, onde promove "*A conjuração anti-cristã*" de Dom Delassus**:



Ou ainda, ele divulga uma brochura de Christian Lagrave condenando o projeto globalista: "***A Nova Ordem Mundial***":

"Essa nova religião deverá ser única e comum a todos os homens; limitando-se a reconhecer a existência de um Deus sem se referir a nenhuma revelação. Uma constante desta análise se destaca **o fim último dessa Nova Ordem Mundial: realizar a unidade da raça humana por meio do estabelecimento de um governo mundial de inspiração satânica**"

VIENT DE PARAÎTRE



LES ORIGINES DU NOUVEL ORDRE MONDIAL *(Christian Lagrave)*

Il y a quelques années, une polémique avait déchaîné les passions sur l'existence ou non d'un complot ourdi depuis plusieurs siècles en vue de détruire la chrétienté. Loin de tout esprit polémique, Christian Lagrave livre des faits, des publications, des noms et même des portraits de ceux qui, depuis le XVIe siècle, ont scientifiquement entrepris de détruire la société chrétienne.

De la Rose-Croix au *Nouvel Ordre Mondial*, l'auteur analyse les nouvelles conceptions religieuses que les loges s'efforcent de distiller dans les esprits. Le refus de N.S.J.C. est caché par une référence à un Dieu vague, centre d'une religion universelle. Cette nouvelle religion devra être unique et commune à tous les hommes, se limitant à reconnaître l'existence d'un Dieu sans se référer à aucune révélation. Des constantes de cette analyse se détache la fin ultime de ce *Nouvel Ordre Mondial* : *réaliser l'unité du genre humain par l'établissement d'un gouvernement mondial d'inspiration satanique.* ***48 pages.***

Réf. 30009.....**6,50 €**

No dia 17 de junho de 2007, um evento social de altíssimo nível, **sob o alto patrocínio dos Rockefeller e de Henri Kissinger, e com a participação de membros do clã Rothschild, "*O Baile Maria Antonieta*", ocorreu em Versalhes na galeria dos espelhos e na laranjeira do castelo**. Denis de Kergorlay participou ao lado das figuras mais poderosas do planeta.

Nota-se que, nessas festividades, Denis de Kergorlay, descendente de um legitimista, posa complacentemente ao lado do pretendente Jean d'Orléans.

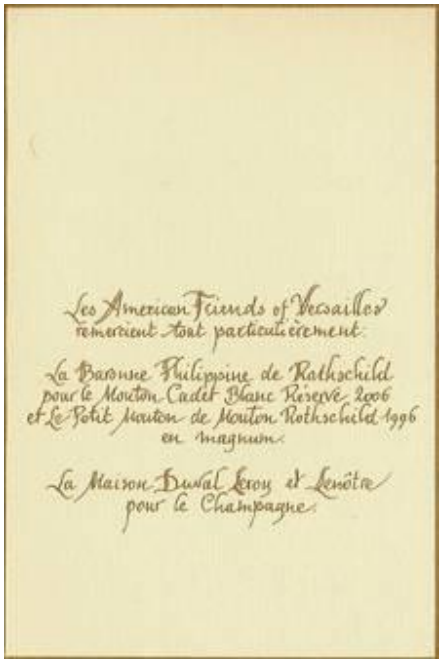
Este baile foi frequentado pelo Gotha internacional.

Denis de Kergorlay posando ao lado de outros convidados no « Bal Marie-Antoinette »

Todas essas informações foram divulgadas pelo site da *New York Social Diary*

http://www.nysocialdiary.com/node/1816

Convidados ao « Bal Marie-Antoinette » na galeria dos Espelhos, que lhes foi reservada para a ocasião e fechada ao público.



O menu gastronômico do « Bal Marie-Antoinette », o vinho é daquele dos domínios Rothschild

Os convidados da alta sociedade anglo-saxônica e aristocrática francesa na laranjeira do castelo de Versalhes

De acordo com o vídeo postado pelo site, os convidados dos Rockefeller para o « Bal Marie-Antoinette » dançam a bamba (esquerda) e rock’n roll (direita) na laranjeira do

castelo de Versalhes.

Uma das joias do patrimônio histórico e da arte arquitetônica da França transformado em boate para globalistas abonados.

Denis de Kergorlay também é introduzido no clube muito exclusivo ***The KitSon*****, fundado por uma jornalista que conecta tomadores de decisão internacionais,** ela própria promovendo o "***desenvolvimento sustentável***", um conceito favorecido pelos círculos globalistas.

« A associação é regida pela lei de 1901, *The KitSon* foi fundada no final de 2005 por Elisa Kitson. Anglo-sueca, fala fluentemente francês, inglês e italiano, Elisa colaborou com Dow Jones Newswires, *The Daily Telegraph, The Independent, The Financial Times e Monitor Radio*. Como consultora de mídia para *Newsweek* e OCDE, Elisa também foi encarregada da promoção de *Dow Jones* e conselheira de imprensa do Instituto de Desenvolvimento Sustentável na ocasião de seu lançamento em Paris. Elisa coordenou as atividades da **Associação da Imprensa Anglo-Americana de Paris** durante dezenove anos.»

Denis de Kergorlay em um jantar dos Kitsons

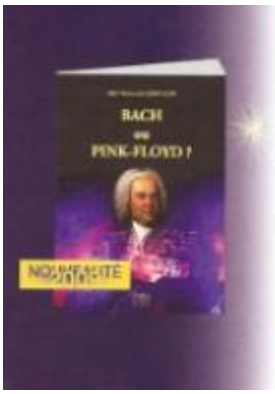
Prosseguindo sua ascensão na alta sociedade globalista, Denis de Kergorlay foi, no final de 2009, convidado para **um jantar de Natal dado pelo embaixador britânico em Paris**, em companhia de membros da família Rothschild (que tem o controle sobre as finanças e a política mundial) e da família David Weill, ex-Diretor do Banco Lazard.

Aqui está o que a revista *« Point de vue, Images du monde »* divulgou em sua edição de 13 a 19 de janeiro de 2010 (n° 3208). Esta revista tem uma tiragem semanal de **267.000 exemplares.**

Para esses “***fins de semana de desconexão***”, o site do castelo de Canisy destaca a “***discoteca século XXI***”, réplica da “***Cavern***” de Liverpool, tornada célebre pelos Beatles, símbolo da música rock’n roll.

« Os castelos são frequentemente muito preciosos e muito ... respeitáveis para oferecer um cenário adequado para os "pássaros da noite" que querem prolongar a festa nas pistas de dança. Em Canisy, resolvemos esse problema dando uma nova destinação a nossas veneráveis caves medievais... Transformadas em discoteca do século XXI, as caves abobadadas oferecem uma atmosfera surrealista capaz de entusiasmar todas as gerações. De acordo com os conhecedores, a cave discoteca é uma réplica involuntária, mas perfeitamente exata da "Cavern" de Liverpool, onde os Beatles fizeram seus primeiros passos no início dos anos 60.

Em contrapartida, o convento dos dominicanos de Avrillé, cujas edições são conduzidas por Geoffroy de Kergorlay (Padre Pierre-Marie o.p.), **alerta contra as músicas modernas e os Pink Floyd:**



BACH OU PINK FLOYD ? *(Abbé Bertrand Labouche)*

Il est des musiques qui élèvent l'âme et d'autres qui l'avilissent. Le rock'n'roll et les musiques modernes qui s'y rattachent appartiennent à la seconde catégorie. A ceux qui en doutent, l'abbé Bertrand Labouche propose une étude scientifique qui repose sur l'analyse des critères objectifs caractérisant toute musique, à savoir la *mélodie*, l'*harmonie* et le *rythme*.

Si cette étude s'avère apte à faire découvrir les richesses de la vraie musique aux personnes attachées au *rock'n'roll*, elle donne en outre à toutes les autres les clés pour mieux comprendre et apprécier les compositions classiques qu'elles connaissent déjà. *52 pages.*

Réf. 39814.....5,50 €

« *Bach ou Pink Floyd* », o padre Bernard Labouche escreve que "*o rock'n roll e as músicas modernas aviltam a alma*" (trecho do catálogo de Natal das *Edições du Sel*, controladas por Geoffroy de Kergorlay (Padre Pierre-Marie o.p.).

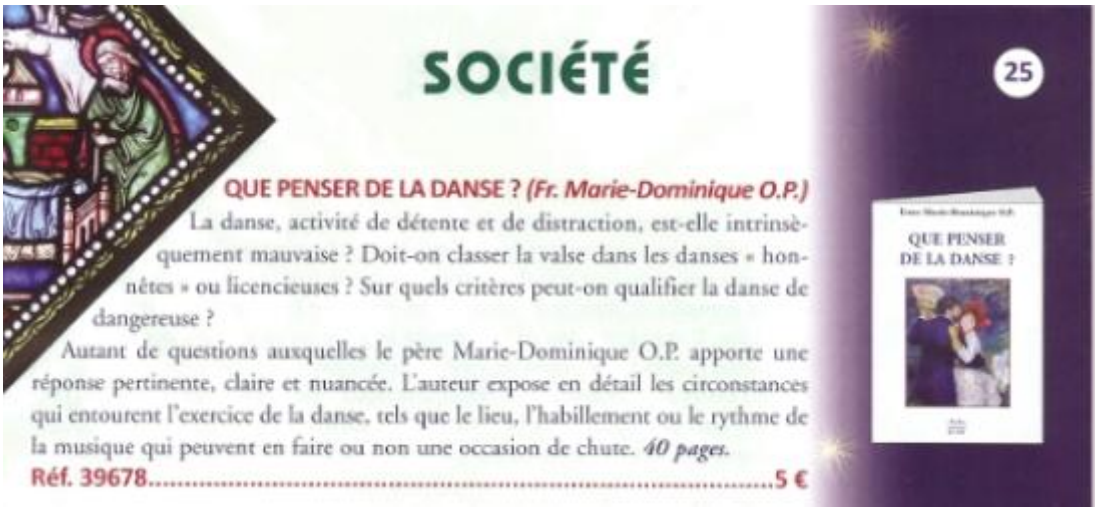
Mas, ao contrário, **Geoffroy de Kergorlay, Padre Pierre-Marie o.p. em religião, permanece em silêncio diante das citações repetidas de *Jim Morrison* (cantor do grupo satanista *Doors*) nas obras do padre Celier (FSSPX – conselheiro de Dom Fellay).**

Bem pelo contrário, a revista do ***Sel de la terre***, que é dirigida pelo Padre Pierre-Marie de Kergorlay, publica um **elogio de Dom Tissier de Mallerais ao padre Celier por sua** " ***contribuição metodológica***" (sic).

No outono de 2009, a sobrinha do Padre Pierre-Marie, Marie-Victoire de Kergorlay, teve a honra de ***Paris-Match*** e do ***Télégramme*** por sua seleção entre as **quatro francesas convidadas** a participar do ***baile das debutantes*** no hotel de Crillon em Paris.

Em 12 de novembro de 2009, o site da Paris-Match fez sua capa sobre a sobrinha do Padre Pierre-Marie (Geoffroy de Kergorlay)[27].

Durante o mesmo mês de novembro, o convento dos dominicanos de Avrillé, cujas edições são conduzidas por seu tio, Geoffroy de Kergorlay (Padre Pierre-Marie), **alerta sobre a dança em seu catálogo de fim de ano:**



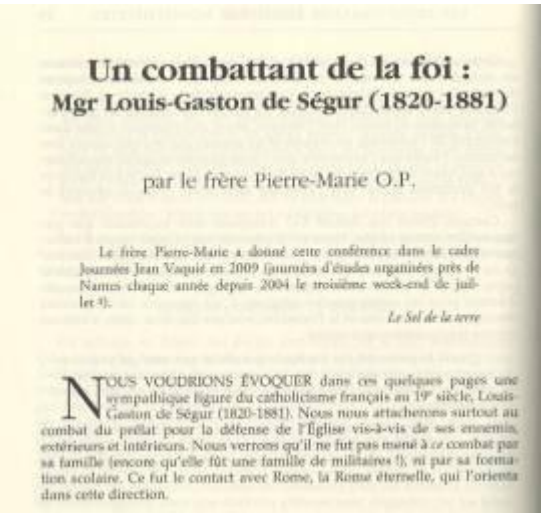
« O que pensar sobre a dança? », o Irmão Marie-Dominique, dominicano, adverte contra a dança (trecho do catálogo de Natal das Edições du Sel, controladas por Geoffroy de Kergorlay (Padre Pierre-Marie)

> *« Acabei de aprender que fui escolhida para ser uma das famosas "debs" convidadas, portanto, para fazer parte do Baile das Debutantes de 2009! Genial! Pois me imagino, evidentemente, deslumbrante com vestidos de estrelas... O grande dia é 28 de novembro. Estou me informando: quem são as outras debutantes este ano? Boas notícias: não são mais as jovens, bem nascidas, prontas para casar em vestido de cetim rosa pálido.*
>
> *Haverá uma doce mistura: filhas de estrelas – este ano, sei que haverá a filha de Clint Eastwood – muitas estrangeiras: inglesas – incluindo uma sobrinha de Diana, de fazer sonhar – americanas, uma filipina, uma russa, uma italiana... é ótimo. Isso muda, vou fazer amigas em todo lugar. Poucas francesas. Haverá a filha de Charlotte de Turkheim que, como eu, fez um estágio neste verão na Enfants d'Asie, a associação que patrocina o baile este ano.»*
>
> Sobrinha de Geoffroy de Kergorlay (Padre Pierre-Marie o.p., Convento de Avrillé)

O tio de Marie-Victoire, o Padre Geoffroy de Kergorlay, sob seu nome de religião 'Irmão Pierre-Marie O.P.', no momento em que sua sobrinha dança ao som da música rock sobre o piso de mármore do hotel de Crillon em Paris, **assina um artigo na revista do convento de Avrillé, no qual, recapitulando a obra de Dom de Ségur, cita um texto que condena a valsa e adverte contra as danças:**

> *« O que ele pensava sobre a dança – Agosto de 1869*
>
> *Minha cara filha.*
>
> *Cuidado com o brilho sedutor do mundo; é mais perigoso do que se pensa, pois se insinua suavemente no coração pelas portas, sempre abertas, da vaidade, da falsa complacência, do amor-próprio, da falsa liberdade e dos sentidos. Tenha muito cuidado: dance apenas se lhe for ordenado; diga claramente e firmemente que, sem condenar aqueles que o fazem, você acha que é melhor para a jovem cristã não dançar. Durante essas duas noites, prive-se de todo tipo de refrescos e comidas; não se pode acreditar como essa pequena mortificação paralisa o veneno açucarado de um baile. Não valse sob nenhum pretexto; isso eu lhe proíbo absolutamente, em nome de Nosso Senhor e da Santa Virgem. Procure sair o mais cedo possível de um lugar onde Nosso Senhor não é convidado e onde se faz as coisas não apenas sem ele, mas contra ele. Durante todo o tempo, mantenha pacífica e seriamente a santa presença de Deus, e esteja lá como a muito Santa Virgem Maria nas bodas de Caná. Comunique-se pela manhã e no dia seguinte a essas noites.*
>
> *Aqui estão, minha filha, conselhos de experiência (pois eu também estive no baile por dever) que recomendo que você siga pontualmente. No dia seguinte,*

> *não fale mais de vestidos nem do baile do que se não tivesse ido. É bastante obrigação ir, sem abaixar sua memória e imaginação a tais bobagens, tão indignas do batismo e da eucaristia! [...]»*
>
> *Sel de la terre n° 71-Inverno-2009-2010-página 97*



Un combattant de la foi :
Mgr Louis-Gaston de Ségur (1820-1881)

par le frère Pierre-Marie O.P.

Le frère Pierre-Marie a donné cette conférence dans le cadre Journées Jean Vaquié en 2009 (journées d'études organisées près de Nantes chaque année depuis 2004 le troisième week-end de juillet 4).

Le Sel de la terre

NOUS VOUDRIONS ÉVOQUER dans ces quelques pages une sympathique figure du catholicisme français au 19e siècle, Louis-Gaston de Ségur (1820-1881). Nous nous attacherons surtout au combat du prélat pour la défense de l'Église vis-à-vis de ses ennemis, extérieurs et intérieurs. Nous verrons qu'il ne fut pas mené à ce combat par sa famille (encore qu'elle fût une famille de militaires !), ni par sa formation scolaire. Ce fut le contact avec Rome, la Rome éternelle, qui l'orienta dans cette direction.

regrette cependant un peu de n'avoir pas agi sans le consulter. L'œuf une fois pondu, il n'aurait pas eu le courage de ne pas le couver [1].

Ces réflexions enjouées purent faire sourire le père Jandel, mais ne modifièrent nullement ses vues…

Ce qu'il pensait de la danse

Août 1869

Ma chère fille,

Prenez garde au clinquant très séducteur du monde ; il est plus dangereux qu'on ne croit parce qu'il se glisse et s'insinue doucement dans le cœur par les portes, toujours ouvertes, de la vanité, de la vaine complaisance, de l'amour-propre, de la fausse liberté et des sens. Prenez-y bien garde : ne dansez que si on vous *l'ordonne* ; dites nettement et fermement que, sans blâmer ceux et celles qui le font, vous trouvez qu'il est mieux à une jeune chrétienne de ne pas danser. Pendant ces deux soirées, privez-vous de toute espèce de rafraîchissements et de mangeaille ; on ne saurait croire comme cette petite mortification paralyse le venin sucré d'un bal. Ne valsez sous aucun prétexte ; cela, je vous le défends absolument, au nom de Notre-Seigneur et de la sainte Vierge. Tâchez de partir le plus tôt possible d'un lieu où Notre-Seigneur n'est pas invité et où l'on fait les choses non seulement sans lui, mais contre lui. Tout le temps, gardez paisiblement et gravement la sainte présence de Dieu, et soyez là comme la très sainte Vierge Marie aux noces de Cana. Communiez le matin et le lendemain de ces soirées.

Voilà, ma fille, des conseils d'expérience (car moi aussi j'ai été jadis au bal par devoir) que je vous engage à suivre très ponctuellement. Le lendemain, il ne faudra pas plus parler de toilettes ni du bal que si vous n'y aviez pas été. C'est bien assez que d'être obligée d'y aller, sans abaisser son souvenir et son imagination à de pareilles sornettes, si indignes du baptême et de l'eucharistie ! […]

A une dirigée, pour lui faire accepter une épreuve

15 août 1876

Ayons donc, ma chère fille, plus de foi et plus de sens chrétien.

Nous ne sommes pas des roseaux qui plient à tous les vents des émotions, bonnes ou mauvaises, agréables ou pénibles : non, nous avons en nous, par la grâce du baptême et de l'eucharistie, la sève de Jésus-Christ

1. — Père Hyacinthe Marie CORMIER O.P., *Vie du révérendissime père Alexandre-Vincent Jandel*, 73e Maître général des Frères Prêcheurs, Paris, 1890, p. 162.

6. Geoffroy de Kergorlay no centro da gestão patrimonial de Avrillé e de seus meios de comunicação

Geoffroy de Kergorlay ingressou na *École Polytechnique* (turma de 1972), depois no *Corpo de Pontes e Estradas*.

Ele foi guenoniano, antes de se converter ao contato com o MJCF e as conferências do padre de Nantes na Mutualité em Paris. Veja seu retrato no anexo C.

Em fevereiro de 1977, ano da "*tomada*" dessa igreja por Dom Ducaud-Bourget, ele estava em St Nicolas du Chardonnet.

Ele acabara de se demitir do Corpo de *Pontes e Estradas*, e com **Jean-François Chassagne (futuro Innocent-Marie o.p.)**, seguiu o Padre Guérard des Lauriers o.p. e se juntou a Écône, onde lecionava o famoso sábio dominicano.

Durante a ruptura de 1979 entre o Padre Guérard e Dom Lefebvre, ele permaneceu em Écône e foi ordenado padre por Dom Lefebvre em 1983.

Em Flavigny, ele recebeu o hábito dominicano no final de 1978 ou janeiro de 1979 das mãos de um beneditino (futuro traidor de Dom Lefebvre): Dom Gérard Calvet.

A **SCI Saint-Dominique** (registrada no RCS Angers D 320 402 050) foi fundada em **2 de julho de 1974, por um período de 50 anos, e registrada em 5 de fevereiro de 1981.**

> *« O objeto social é a aquisição, o arrendamento, a locação, a valorização, a gestão de todos os imóveis ou partes de imóveis para uso agrícola, de habitação, profissional ou comercial e, em geral, todas as operações móveis, imóveis, financeiras ou outras que se relacionem direta ou indiretamente ao objeto social ou que possam favorecer seu crescimento ou desenvolvimento, desde que essas operações não modifiquem o caráter civil da Sociedade.» (trecho dos estatutos)*

A abadia da Haye-aux-Bonshommes foi comprada em 22 de agosto de 1974 (fonte: *Fideliter* de 1987).

Em 16 de maio de 2008, **a Associação das Monjas Dominicanas** cedeu duas partes a duas novas pessoas diferentes (Bernard Calpini e Francis Boinnard), que assim foram introduzidos no capital de 400 partes da ***Société Civile Immobilière Saint-Dominique*** (capital de 60.979 euros), dentro da qual **Geoffroy de Kergorlay possui 50 partes, Jean-François Chassagne possui 50, e este último atua como gerente-associado na reunião de 28 de março de 2008.** Esta operação resultou em uma modificação dos estatutos no mesmo dia, em Avrillé.

A **SARL *Le Sel de la terre***, registrada em 12 de julho de 2009 no registro de comércio e sociedades. **50% de suas partes são possuídas pela Associação *Le Sel de la terre* representada por seu presidente: Geoffroy de Kergorlay**. Tem como gerente um leigo desde 19 de junho de 2009.

Em 2009, o Padre Pierre-Marie o.p. é apresentado pelos autores de "***Gotha City***" como um reacionário furioso, frustrado do "***Parlamento ou do CAC 40***"!

> **« Movimentos como a Irmandade São Pedro - da qual um filho do visconde de Villiers é membro - a Renascença Católica - que milita por uma Europa re-cristianizada - L'Emmanuel – movimento carismático criado por opositores às reformas do Vaticano II, e, claro, a facção lefebvrista da Igreja - que recebe oficiais como o irmão de Denis de Kergorlay - todos esses movimentos empregam muitos herdeiros da nobreza que não conseguiram encontrar seu caminho na França vitoriosa do Parlamento ou do CAC 40.**

> **Eles têm muito em comum, esses “inadaptados” da democracia. Como esse tabu cômico: nascer no dia 14 de julho, o que poderia ser interpretado como um apoio militante à Revolução. Alguns recém-nascidos azarados com partícula que vieram ao mundo nessa data funesta foram oficialmente registrados pelas autoridades no dia anterior ou no seguinte. O conde François des Ligneries, um talentoso viticultor de Saint-Émilion, assim nasceu em 14 de julho nos anos cinquenta, mas foi declarado... em 13 de julho!**
>
> **Claro, o ódio pela Revolução e seu correlato, a República, é menos veemente hoje do que era até a última guerra.** » « ***Gotha City, Inquérito sobre o poder discreto dos aristocratas*** **», Edições do momento, 2009, página 156.**

7. A obsessão de Geoffroy de Kergorlay em espalhar as fallaciosas “demonstrações” de Dom Botte

Em aparência, o Padre Pierre-Marie o.p. afirma lutar bravamente a batalha da Fé, assim **ele apresenta no catálogo de suas edições vários trabalhos que combatem a igreja Conciliar nascida do Vaticano II:**

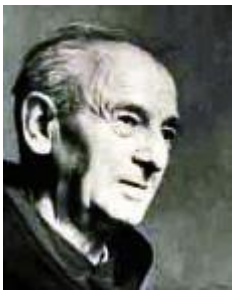
Mas na realidade, o que acontece por trás dessa fachada?

À primeira vista, como notaram muitos observadores, **os dominicanos de Avrillé se empenharam principalmente em dominar as comunidades religiosas e os fiéis que mais se opuseram à revolução conciliar, mas tendo o cuidado de, em pontos cruciais, adotar posições que não causam nenhum incômodo à Igreja Conciliar e aos adeptos das reformas que arruinaram a Igreja católica nos últimos 40 anos.**

O caso mais espetacular, pela enormidade das mentiras que foram disseminadas pelos dominicanos de Avrillé e pelos seus desdobramentos, é o estudo aprofundado do novo rito latino conciliar de consagração episcopal, que foi promulgado em 18 de junho de 1968 por Montini-Paulo VI, e **do qual depende, na realidade desde 1969, a validade da quase totalidade das consagrações episcopais conciliares realizadas nos últimos 40 anos.**

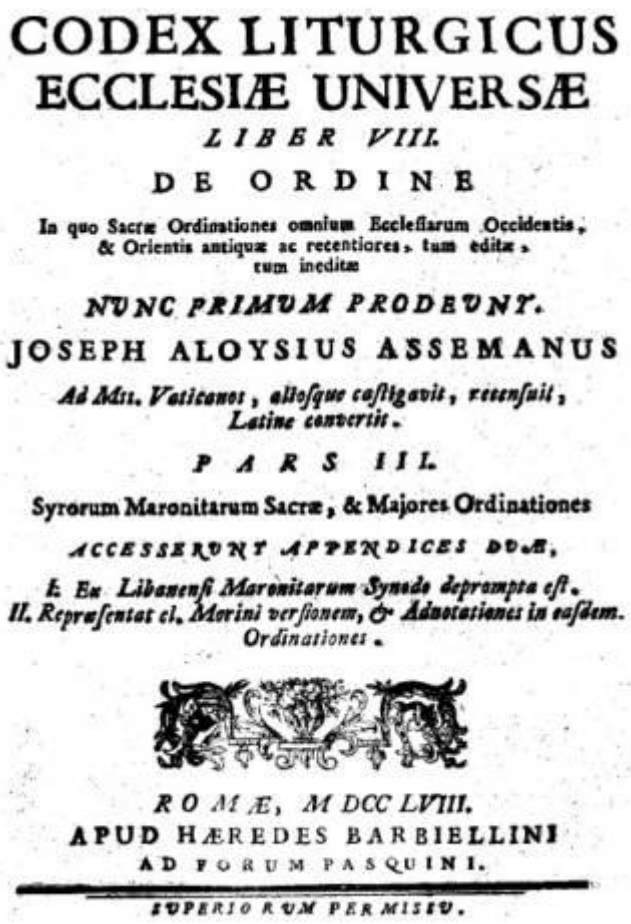
Em 1992, um estudo do Dr. Coomaraswamy (ex-professor no seminário da FSSPX nos Estados Unidos) começou a circular em uma versão francesa.

Ele chegou em 1998 na mesa do bispo francês Dom Tissier de Mallerais, ex-secretário particular de Dom Lefebvre, que ficou abalado ao ler este estudo devido aos argumentos do professor Coomaraswamy, pois ele demonstrava que a alegada invocação a um rito oriental feita pelos reformadores para justificar a repudiada 100% do rito tradicional latino de consagração episcopal católica, cuja forma sacramental essencial remonta sem alteração a antes do ano 300, e sua substituição por um novo texto, era uma fraude. Dom Botte, chefe dos reformadores liturgistas modernistas e autor de uma reconstituição fictícia de uma suposta ***Tradição apostólica*** falaciosamente atribuída a ***São Hipólito*** **de Roma**, para servir de base ao novo rito latino conciliar de 1968 de consagração episcopal, **achou que era bom e astuto invocar falaciosamente como sacramental o uso de uma oração litúrgica - na verdade absolutamente não sacramental e puramente jurisdicional, utilizada entre as muitas orações da cerimônia de entronização do Patriarca maronita.**



Dom Bernard Botte, o beneditino que destruiu o rito sacramental do episcopado católico ao alegar falsamente substituí-lo por um rito não-sacramental e reformulado de inspiração oriental.

No entanto, resulta que esse texto (não semelhante na realidade, mas que apresenta, no entanto, alguns traços comuns que permitiram a Dom Botte reestruturá-lo fraudulentamente) não é de forma alguma um texto sacramental, mas puramente jurisdicional (**cf. www.rore-sanctifica.org**), e **portanto, não pode de nenhum modo transmitir a plenitude do sacramento da Ordem (*Potestas ordinis* episcopal) que caracteriza desde sempre a essência do episcopado católico.**



CODEX LITURGICUS
ECCLESIÆ UNIVERSÆ
LIBER VIII.
DE ORDINE
In quo Sacræ Ordinationes omnium Ecclesiarum Occidentis, & Orientis antiquæ ac recentiores, tum editæ, tum ineditæ
NUNC PRIMUM PRODEUNT.
JOSEPH ALOYSIUS ASSEMANUS
Ad Mss. Vaticanos, aliosque castigavit, recensuit, Latine convertit.
PARS III.
Syrorum Maronitarum Sacræ, & Majores Ordinationes
ACCESSERUNT APPENDICES DUÆ,
I. Ex Libanensi Maronitarum Synodo deprompta est.
II. Repræsentat cl. Morini versionem, & Adnotationes in easdem. Ordinationes.
ROMÆ, M DCC LVIII.
APUD HÆREDES BARBIELLINI
AD FORUM PASQUINI.
SUPERIORUM PERMISSU.

Em 1758, Assemanus publicou os ritos maronitas em Roma e mostra bem que a parte utilizada para a entronização jurídica do Patriarca (e à qual se refere Dom Botte) é precedida de uma parte sacramental utilizada para consagrar como bispo previamente o eleito, caso se prove que ele é apenas um simples sacerdote.

Esse erro grosseiro, propagado por Dom Botte, **arruinava a validade sacramental do novo rito episcopal** e tinha como consequência **que nenhum dos supostos «*bispos*» católicos conciliares consagrados neste rito desde 1969 possuía ontologicamente a plenitude do sacramento da Ordem (*Potestas ordinis* episcopal)**, e que, por consequência, nenhuma consagração de bispo conciliar é válida há mais de 40 anos, **o que significa que a Igreja Conciliar perdeu agora suas linhagens episcopais, a sucessão apostólica se extinguindo dentro dela há mais de 40 anos, à medida que morriam os bispos validamente consagrados.**

O rito de entronização do Patriarca maronita foi instrumentalizado por Dom Botte e Geoffroy de Kergorlay para justificar a validade de um rito sacramentalmente ineficaz, « *Absolutamente Nulo e inteiramente Vazio* » para retomar o julgamento infalível e irreformável do Papa Leão XIII em sua Bula *Apostolicae Curæ*, condenando irremediavelmente em 1896 os falsos «*ordens*» dos Anglicanos.

Outra consequência, Ratzinger-Bento XVI, consagrado neste novo rito episcopal inválido em Munique em 1977, não é sacramentalmente bispo e **permanece um simples sacerdote, totalmente incapaz de transmitir o verdadeiro sacerdócio sacrificial de nosso Senhor Jesus Cristo, e, não fosse por este único título, não pode pretender, em sua vontade de permanecer intemporalmente neste estado presbiteral, ser o papa legítimo da Igreja católica e dos poucos verdadeiros bispos (essencialmente de ritos orientais) que podem ainda subsistir.**

Na Igreja católica, só subsiste portanto o episcopado sacramentalmente válido dentro da FSSPX, pela transmissão de Dom Lefebvre em 1988, e entre alguns outros verdadeiros bispos católicos, atualmente dispersos pelo mundo.

Por prudência e para preservar a salvação das almas, **Dom Tissier de Mallerais escreveu portanto em 1998 ao Padre Pierre-Marie o.p. para alertá-lo** e pedir que cuidasse para que Dom Lazo (um bispo conciliar consagrado no novo rito e que havia se juntado à FSSPX) deixasse de dar o sacramento da confirmação!

Em vez de estudar cuidadosamente a questão gravíssima da qual Dom Tissier de Mallerais havia tomado consciência com terror, Geoffroy de Kergorlay e o Padre Pierre-Marie o.p. preferiram ignorar essa questão ardente e o assunto foi esquecido.

O caso explodiu em um plano internacional durante **o primeiro semestre de 2005, enquanto Wojtyla-João Paulo II morria em 02 de abril daquele ano.**

O estudo de Coomaraswamy começou de fato a circular novamente, traduzido do inglês e popularizado pela carta eletrônica de difusão **CSI** (***Catholicis Semper Idem***), e um ex-seminarista de Zaitzkofen (Alemanha) fez revelações sobre **as tentativas de abafamento da questão por parte do padre Schmidberger junto a Dom Lefebvre, que ele havia conseguido habilmente enganar sobre o assunto.**

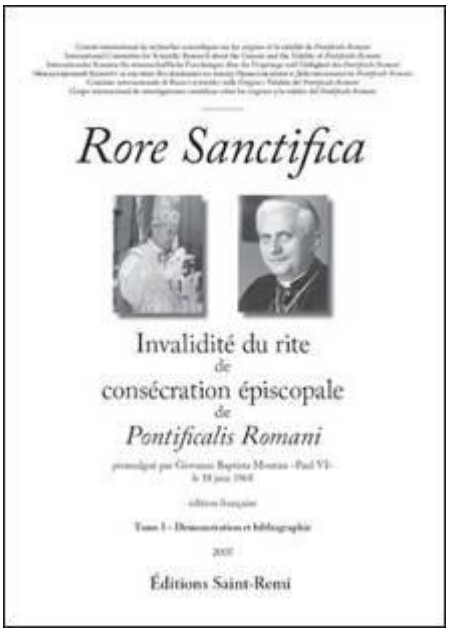
Propagado desde dezembro de 2004, o fogo das questões e dos estudos não cessava de aumentar dentro da Tradição católica, suscitando grande tumulto entre os clérigos por essa insuspeitada agressão contra a sucessão apostólica da Igreja católica e **da qual a quase totalidade dos clérigos não havia conseguido tomar consciência desde 1968.**

Foi então que Avrillé foi oficialmente solicitado pela FSSPX para produzir um estudo sobre a questão, **e o Padre Pierre-Marie o.p. foi incumbido dessa tarefa por Dom Fellay, Superior Geral da Fraternidade São Pio X.**

No início de agosto de 2005, duas obras publicadas pelo ***Comitê Internacional Rore Sanctifica*** **(CIRS)** surgiram com grande surpresa: pela primeira vez, um estudo sistemático e completo da

questão estava disponível em francês nas livrarias (***Edições São Remi***) e desenvolvia tanto o argumento teológico quanto o histórico, destacando todos os seus desdobramentos.

Em particular, e esse foi o aspecto mais inovador dos dois volumes do CIRS, **eles mostraram que este ataque sem precedentes contra a transmissão do sacramento da Ordem dentro da Igreja católica tinha uma cabeça situada do outro lado do Canal, no coração da alta hierarquia Anglicana britânica, nesses mesmos círculos globalistas anglicano-rosacrucianos, que são os mesmos que influenciam os círculos e sociedades secretas que trabalham há mais de um século para o estabelecimento de um governo mundial dirigido pelos anglosaxões.**



As duas obras históricas do CIRS: disponível para download em http://www.rore-sanctifica.org

Para a surpresa geral, ficou claro em meados de novembro de 2005, quando o Padre Pierre-Marie publicou seu estudo, que o dominicano sustentava – sem citá-lo nem admiti-lo para seus leitores – a mesma argumentação errônea e totalmente falaciosa que Dom Botte havia exposto durante os trabalhos preparatórios do ***Consilium*** litúrgico de 1967 para enganar melhor seus colegas liturgistas, e que **os arquivos do *Consilium***, guardados em Tréves, iriam ser amplamente tornados públicos quando o CIRS colocasse na internet os fac-símiles (cf. www.rore-sanctifica.org/).

Soube-se que o Padre Pierre-Marie havia passado o mês de agosto de 2005 na Alemanha e havia extraído da argumentação dos revolucionários liturgistas para vulgarizar sub-repticiamente sua demonstração.

Com o máximo espanto, o Padre Pierre-Marie rejeitava os trabalhos do douto Professor Coomaraswamy, que ele se empenhava em ridicularizar diante dos clérigos e dos fiéis para melhor desacreditá-lo.

Ao adotar essa posição revolucionária, o Padre Pierre-Marie promovia o bloqueio desejado do estudo da questão dentro da FSSPX, justificando assim, antecipadamente, todos os compromissos da FSSPX com a Roma modernista "ecumênica", globalista, maçônica e apóstata do padre Ratzinger-Bento XVI.

Le 12 août 1998, Mgr Tissier de Mallerais a exprimé son « *doute sur la validité des sacres épiscopaux conférés selon le rite de Paul VI* » au Père Pierre-Marie à Avrillé, après avoir pris connaissance de l'étude du Dr Rama Coomaraswamy (1983, traduite en français en 1992).

Cher

Merci de m'avoir envoyé copie de la plaquette du Dr. Rama Cosmaraswamy "Le drame anglican".

L'ayant lue rapidement, j'en conclus à un doute sur la validité des sacres épiscopaux conférés selon le rite de Paul VI.

Le "spiritum principalem" de la forme introduite par Paul VI n'est pas suffisamment clair en lui-même et les rites accessoires ne précisent pas sa signification dans un sens catholique.

Pour ce qui regarde Monseigneur Lazo, il nous serait difficile de lui expliquer ces choses ; la seule solution est de ne pas lui demander de confirmer ni d'ordonner.

Votre bien dévoué en Notre Seigneur Jésus-Christ.

+ Bernard Tissier de Mallerais

En novembre 2005, le Père Pierre-Marie diffuse, dans le *Sel de la terre* n°, la démonstration-manipulation de Dom Botte, qui tente très grossièrement de faire passer la prière 'C' du rite d'intronisation du patriarche maronite pour une prière sacramentelle. Non seulement, il n'a pas étudié la question en 7 années, mais il cherche depuis 2005 à abuser l'évêque, Mgr Tissier.

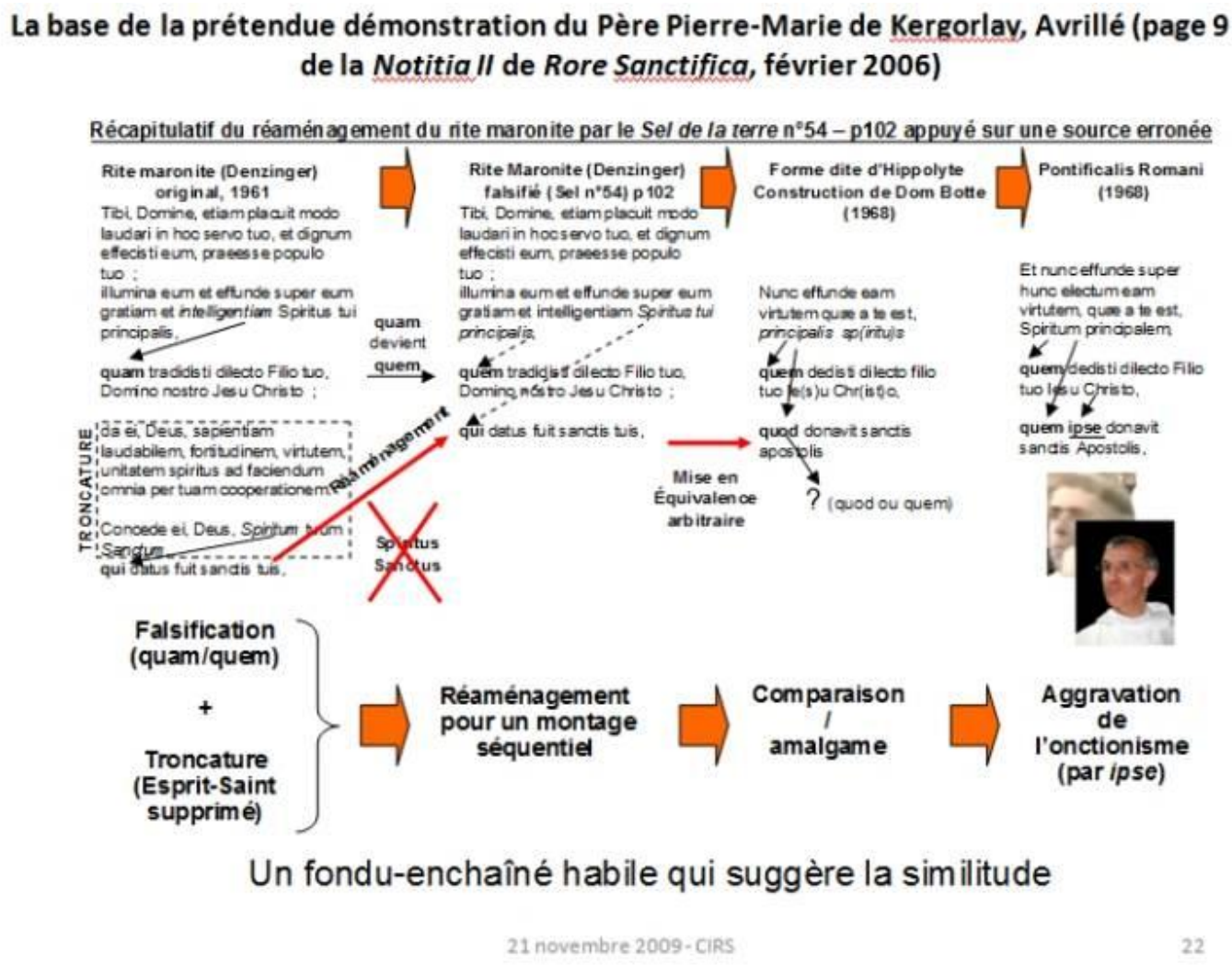
21 novembre 2009 - CIRS 32

Em particular, a prudência de Dom Tissier de Mallerais em 1998 foi relegada ao esquecimento, e o argumento falacioso do texto litúrgico extraído do rito de "***ordenação***" (sic) do Patriarca maronita foi então reintroduzido e colocado em evidência pelos cuidados do dominicano de Avrillé.

Os trabalhos do CIRS eram desprezados pelo Padre Pierre-Marie o.p., que fingia zombar deles com desdém (enquanto expunha publicamente, antes que pudesse perceber, sua própria incompetência sobre o assunto).

Desde fevereiro de 2006, o CIRS publicava uma refutação do artigo de novembro de 2005 do Padre Pierre-Marie e, ao longo de quase um ano, lançou uma série de estudos temáticos rigorosos e muito documentados que abordavam cada aspecto da questão e refutavam um por um cada "***argumento falacioso***" apresentado pelos modernistas, **publicando em seu site www.rore-sanctifica.org documentos, decisivos mas esquecidos, sobre a questão, do Magistério católico, acompanhados de notas de infalibilidade papal.**

O estudo do CIRS demonstrava – **com fatos e argumentos publicados em apoio** – que o Padre Pierre-Marie havia manipulado as fontes dos ritos com o intuito de tentar sustentar sua demonstração, e, à medida que isso ocorria, a ignorância teológica de Geoffroy de Kergorlay tornava-se evidente, a não ser que fosse má-fé, como a sequência mostraria.

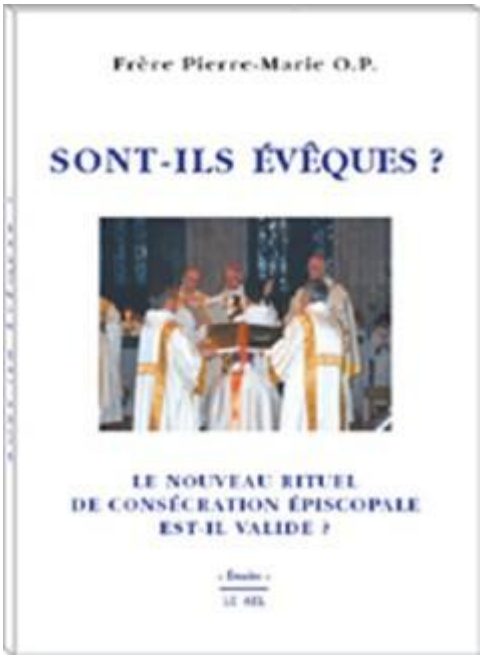


Diante da ruína de seus supostos trabalhos sobre o assunto, o **Padre Pierre-Marie insistia em produzir artigos tão errôneos quanto insuficientes e deturpados.**

A soma desses erros e sofismas de Geoffroy de Kergorlay, Padre Pierre-Marie o.p., foi então reunida por Avrillé em um folheto especial intitulado "***São eles bispos?***", cujo conteúdo foi reservado, com o óbvio intuito de influenciar, aos membros do capítulo geral da FSSPX que se reunia em julho de 2006 (que ocorre uma vez a cada doze anos), **e este folheto do Padre Pierre-Marie o.p. facilitou a reeleição de Dom Fellay, que havia apostado toda a sua credibilidade no início de um alinhamento da FSSPX com o padre Ratzinger-Bento XVI.**

O CIRS tomou o cuidado de **refutar imediatamente este novo folheto falacioso "*São eles bispos?*"**, que espalhava o erro e a fraude de Dom Botte, colocando, em 10 de julho de 2006, em seu site www.rore-sanctifica.org o texto de sua **NOTITIA VI "*De Erratis*" - Refutação do folheto de Avrillé "*São eles bispos?*"**, totalmente dedicado a refutar publicamente e de forma muito cuidadosa essa nova manobra de desinformação litúrgica dos responsáveis dominicanos do convento de Avrillé.

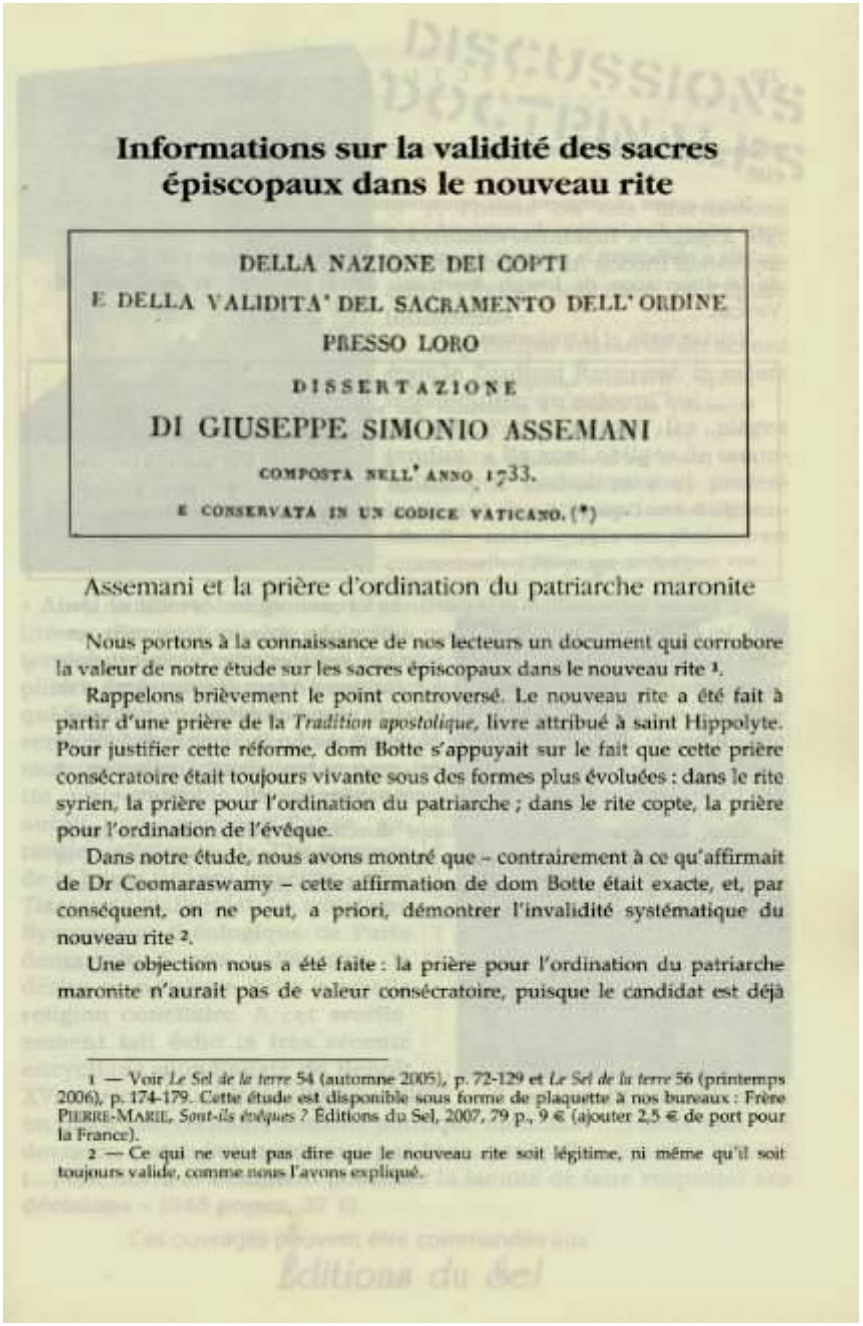
http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-07-15-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_6_Refutation_brochure_Pierre_Marie_A.pdf



Além disso, **embora refutado em todos os aspectos pelo CIRS, e pelos FATOS estabelecidos e pelos textos autênticos neste campo do Magistério católico amplamente divulgados por essa organização entre clérigos e fiéis da Tradição católica, o dominicano de Avrillé persistia, no verão de 2006 até o final de 2009, em difundir incessantemente esse falacioso estudo sobre um tema tão vital para todo católico.**

Foi nesse contexto que, no número de outono de 2009 da revista *Le Sel de la terre*, dirigida pelo Padre Pierre-Marie o.p. Geoffroy de Kergorlay, surgiu um último artigo de duas páginas apoiado em um documento de Assemanus, retirado dos arquivos ***"secretos"*** do Vaticano, sob a direção de seu prefeito, o modernista pseudo-«*bispo*» '*Dom*' Sergio Pagano, e que, acompanhado de um comentário tão elíptico quanto errôneo, **visava apresentar uma prova definitiva em favor da suposta "*validade*" sacramental intrínseca do novo rito latino conciliar de consagração episcopal.**

O prefeito dos arquivos '*secretos*' do Vaticano, o pseudo-«*bispo*» '*Dom*' Sergio Pagano, em um traje grotesco, digno das "*reformas*" provenientes do Vaticano II



Informations sur la validité des sacres épiscopaux dans le nouveau rite

DELLA NAZIONE DEI COPTI
E DELLA VALIDITA' DEL SACRAMENTO DELL'ORDINE
PRESSO LORO
DISSERTAZIONE
DI GIUSEPPE SIMONIO ASSEMANI
COMPOSTA NELL'ANNO 1733.
E CONSERVATA IN UN CODICE VATICANO. (*)

Assemani et la prière d'ordination du patriarche maronite

Nous portons à la connaissance de nos lecteurs un document qui corrobore la valeur de notre étude sur les sacres épiscopaux dans le nouveau rite [1].

Rappelons brièvement le point controversé. Le nouveau rite a été fait à partir d'une prière de la *Tradition apostolique*, livre attribué à saint Hippolyte. Pour justifier cette réforme, dom Botte s'appuyait sur le fait que cette prière consécratoire était toujours vivante sous des formes plus évoluées : dans le rite syrien, la prière pour l'ordination du patriarche ; dans le rite copte, la prière pour l'ordination de l'évêque.

Dans notre étude, nous avons montré que – contrairement à ce qu'affirmait de Dr Coomaraswamy – cette affirmation de dom Botte était exacte, et, par conséquent, on ne peut, a priori, démontrer l'invalidité systématique du nouveau rite [2].

Une objection nous a été faite : la prière pour l'ordination du patriarche maronite n'aurait pas de valeur consécratoire, puisque le candidat est déjà

1 — Voir *Le Sel de la terre* 54 (automne 2005), p. 72-129 et *Le Sel de la terre* 56 (printemps 2006), p. 174-179. Cette étude est disponible sous forme de plaquette à nos bureaux : Frère PIERRE-MARIE, *Sont-ils évêques ?* Éditions du Sel, 2007, 79 p., 9 € (ajouter 2,5 € de port pour la France).

2 — Ce qui ne veut pas dire que le nouveau rite soit légitime, ni même qu'il soit toujours valide, comme nous l'avons expliqué.

O último artigo de duas páginas de Geoffroy de Kergorlay (Padre Pierre-Marie o.p.) tentando creditar a falaciosa tese da suposta "*validade*" sacramental certa do novo rito conciliar de consagração episcopal de 1968 (*Pontificalis Romani*)

Essa última publicação do Padre Pierre-Marie rapidamente levou a uma refutação científica por parte do CIRS em um texto, acompanhado de um **diaporama muito pedagógico**, que mostrava que as alegações e sofismas falaciosos de Geoffroy de Kergorlay **se baseavam, na realidade, na ignorância presumida pelo autor, de seus leitores, sobre uma dupla estrutura interna no texto do rito de entronização do Patriarca maronita, invocado por Avrillé a seguir a Dom Botte**.

Resposta ao artiguinho de duas páginas "*Informações sobre a validade das consagrações episcopais no novo rito*" do Padre Pierre-Marie (Geoffroy de Kergorlay) na *Sel de la terre* n°70, pp 209-210, datado do início de outubro de 2009

Esse comunicado inclui em anexo **um diaporama** que apresenta uma refutação completa em 40 slides dos erros destilados obstinadamente e de forma impertinente pelo Padre Pierre-Marie.

Baixe o diaporama:

http://rore-sanctifica.org//bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-communiques/communique_(2009-11-21)-Refutation_SdT_n70/RORE_Communique-2009-11-21_Refutation_SdT_n70_DIAPORAMA.pdf

Baixe a *Notitia III De Patriarchæ*, que já respondeu em junho de 2006 a este último artiguinho do Padre Pierre-Marie:

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-2006-02-notitiae_(ex_tomo_3)/2006-06-notitia_3-de_ordinatione_patriarchae/rs_notitia_3_de_patriarchae_2006_06.PDF

Essa falaciosa « ***argumentação*** » do Padre Pierre-Marie o.p. **já havia sido amplamente refutada no dossiê de 60 páginas referente acima, de rigor acadêmico, publicado pelo CIRS em junho de 2006, acompanhado de declarações explícitas e definitivas sobre a questão dos responsáveis religiosos autorizados das igrejas orientais reconhecidas por Roma.**

Para um conhecedor da igreja maronita, a questão era rapidamente resolvida, pois era evidente, e o erro do dominicano de Avrillé era grosseiro; para um leitor latino não informado, poderia causar confusão, pois os ritos orientais ainda são mal conhecidos no Ocidente.

Após a divulgação do comunicado do CIRS em 21 de novembro de 2009, *Virgo-Maria.org* o repercutiu em 4 de dezembro de 2009.

Uma tal teimosia inaudita do Padre Pierre-Marie o.p. em erro sobre uma questão tão crucial não deixou de nos interrogar.

Este dossiê é uma resposta às **interrogações legítimas de muitos clérigos e fiéis diante de tal cegueira voluntária do dominicano.**

Pois é preciso tentar agora explicar uma tal pertinácia no erro – aparentemente inexplicável – apesar dos FATOS amplamente publicados e divulgados, em um religioso que pretendia seguir os passos de São Domingos e cuja preocupação primordial deveria ser **a busca da verdade e sua pregação.**

A ordem dos irmãos pregadores foi instituída para combater as heresias e pregar a verdadeira doutrina católica.

Como Geoffroy de Kergorlay, que veste o hábito dominicano, pôde tornar-se o pregador obstinado do erro e dos revolucionários liturgistas modernistas que conseguiram abolir o episcopado católico na Igreja Conciliar desde 18 de junho de 1968?

8. Conclusão: Cinco questões perturbadoras muito legítimas

Poderia haver uma ligação entre os poderosos meios globalistas britânicos e americanos que giram em torno de Denis de Kergorlay e o castelo de Canisy, que faz parte do patrimônio da família Kergorlay, por um lado, e, por outro lado, os compromissos de Geoffroy de Kergorlay, Pierre-Marie o.p. em religião, no serviço da defesa obstinada e tenaz – **contra os FATOS** publicamente estabelecidos e contra o Magistério católico infalível e irreformável **publicamente relembrado**, da suposta "*validade*" sacramental do novo rito latino conciliar da consagração episcopal, desprovido de qualquer ***Potestas Ordinis*** episcopal católica?

Coincidência?

Notemos que o nome célebre dos Mellerio aparece nas reuniões de Canisy, a respeito da seção francesa do *Aspen Institute*.

Recordemos que, oriundo dessa mesma ilustre família, foi o Conde Giacomo Mellerio[30], o famoso e milionário joalheiro italiano, que se tornou o joalheiro das cortes europeias. Ele esteve em 1828 ao lado do padre Antonio Rosmini nas origens da fundação dos Rosminianos e dos *Foyers de Charité*, e assim, gerou a conexão desde o século XIX entre certos meios eclesiásticos romanos e os círculos anglicanos da *High Church* (veja os textos na nota 16 e os estudos publicados em www.rore-sanctifica.org).

Portanto, parece que pode haver uma tradição histórica dentro dessa ilustre família, protegida pelos Médici no século XVI, de se ocupar da religião católica ao mesmo tempo que da política e da maçonaria internacional.

Pode não ser somente isso.

Pergunta nº 1

O que aconteceu com os títulos de propriedade de Geoffroy de Kergorlay (Padre Pierre-Marie) sobre o patrimônio da família e sobre seus rendimentos, incluindo o suntuoso castelo familiar?

Dado que havia dois herdeiros (Denis e Geoffroy), podemos imaginar que o Padre Pierre-Marie poderia ter transferido a parte dos rendimentos do patrimônio Kergorlay que lhe foi atribuída para

o convento de Avrillé. Entre esses fundos, há algum que provenha do Castelo de Canisy? Ou talvez se trate de algum outro arranjo sucessório?

Não sabemos, mas de qualquer forma, os rendimentos provenientes do patrimônio Kergorlay atribuídos a Geoffroy foram de fato para algum lugar, e é improvável que o Padre Pierre-Marie o.p. não tenha beneficiado o seu convento, o que seria contrário à regra dominicana.

Pergunta nº 2

Como explicar que o convento de Geoffroy de Kergorlay tenha realizado investimentos tão repentinos e dispendiosos a partir de 2005, recebendo um verdadeiro maná financeiro, depois de (segundo seu próprio testemunho) ter conhecido a pobreza de 1981 a 2004?

Pergunta nº 3

Como explicar que Geoffroy de Kergorlay (Padre Pierre-Marie o.p. em religião) tenha escolhido defender as falsas "***demonstrações***" e os sofismas de Dom Botte e dos revolucionários liturgistas modernistas do ***Consilium*** litúrgico de 1967 para fazer a Igreja Conciliar aceitar seu novo rito latino inválido de Consagração episcopal, **que na realidade foi inteiramente fabricado a partir das "*reconstituições*" e das "*montagens*" de Dom Botte e do Padre Lécuyer** (cf. www.rore-sanctifica.org), e além disso, que ele tenha escolhido persistir obstinadamente nesses erros e grosseiras desinformações sacramentais, apesar de todas as refutações documentadas e factuais que lhe foram apresentadas e que foram amplamente divulgadas publicamente pelo CIRS (cf. www.rore-sanctifica.org)?

Pergunta nº 4

Como explicar **a estranha coincidência entre o compromisso de Geoffroy de Kergorlay (Padre Pierre-Marie o.p. em religião) na defesa da suposta, mas impossível "*validade*" sacramental intrínseca do novo rito latino conciliar de consagração episcopal, a súbita frenesi de investimentos do convento de Avrillé e ao não menos súbito e inesperado maná financeiro "*que caiu do Céu*" em menos de 2 anos, após 23 anos de pobreza?**

Pergunta nº 5

Em última análise, **até que ponto os financiamentos opulentos, recentes e repentinos** da biblioteca de Avrillé, da mansão-escola do suntuoso "***Priorado***", das luxuosas ***Edições du Sel*** poderiam (em parte, pelo menos) provir:

- seja (direta ou indiretamente) dos rendimentos do aluguel do prestigiado castelo de Canisy para esses poderosos e riquíssimos círculos globalistas maçônicos (***Bilderberg***, ***Aspen Institute***, **CFR, Trilateral,** ou ***Loja P2***, por que não?)?
- ou diretamente de eventuais doações de um mecenas de um desses círculos ou de um dos habituais frequentadores das reuniões que lá ocorrem?

Considerando **os fatos públicos reunidos acima**, não se pode censurar ninguém por levantar essas questões perturbadoras **que, portanto, se colocam inevitavelmente.**

Continuemos a boa luta
A Redação de *Virgo-Maria*
© 2010 virgo-maria.org

Nota 1 (referências complementares)

Notícia I: ***De Traditio Apostolica***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-07-04-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_1_Tradition_Apostolique.pdf

Notícia II: ***De Analogia***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-05-10-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_2_Montage_Avrille.pdf

Rore Sanctifica: ***Canon 235 das Igrejas Orientais (Católicas)***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-07_Canon_235.pdf

Rore Sanctifica: ***Fatos públicos e constatáveis da invalidade do novo rito***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-10-01_Faits_Nouveaux.pdf

Rore Sanctifica: ***A intenção anticatólica de Bugnini para a 'confecção' do novo rito de consagração episcopal (1968)***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-05-03_Intention-Bugnini.pdf

Rore Sanctifica: ***A enorme mentira de Montini-Paulo VI na sua "Constituição Apostólica" mentirosa Pontificalis Romani de 18 de junho de 1968***.

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-communiques/communique_(2007-04)-avril/RORE_Communique-2007-03-31-Le_Canon_75_des_Orientaux_2.pdf

Notícia III **-** ***De Ordinotione Patriarchæ***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-06-13-FR_Rore_Sanctifica_IIINotitiae_3-Sacramentalite_des_rites_orientaux.pdf

Notícia IV **- *De Spiritu principali***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-08-05-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_4_Les_Significations_heterodoxes_de_la_Forme_de_Montini_PaulVI_A.pdf

Notícia V - ***De Occultatione***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-05-11-FR_III-Notitiae_5-Histoire_Pontificalis_Romani_dans_la_FSSPX.pdf

Notícia VI - ***De Erratis***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-07-15-FR_Rore_Sanctifica_III_Notitia_6_Refutation_brochure_Pierre_Marie_A.pdf

Rore Sanctifica: ***De Ritu Coptorum***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-04-26-FR-De_Ritus_Coptorum.pdf

Notícia VII - ***De Ecclesiis Orientalibus***

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-03-05-FRNotitia_De_Ecclesiis_orientalibus.pdf

Último ponto das conclusões da *Notitia III De Ordinatione Patriarchæ*, Sacramentalidade dos ritos orientais, publicado em junho de 2006 no site www.rore-sanctifica.org, site citado pelo Padre Pierre-Marie o.p.

http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2006/RORE-2006-06-13-FR_Rore_Sanctifica_IIINotitiae_3-Sacramentalite_des_rites_orientaux.pdf

4.4 Manipulação ou incompetência?

Diante da diversidade dos ritos orientais, da instabilidade dos Pontificais e das reformas sucessivas, a maior prudência se impõe. Os especialistas orientais se confrontam e Roma sempre agiu com cautela; como testemunha a época do sínodo Maronita (1736).

Nos parece **absolutamente inconcebível:**

- Que se possa fazer do raciocínio seguindo o coração da sua demonstração de validade, ignorando a análise intrínseca da forma, mesmo que dois estudos recentes (*Rore Sanctifica* e o padre Cekada) evidenciam a não satisfação dos dois critérios de Pio XII

(ausência de significado do poder da Ordem conferido e ausência de significado unívoco da graça do Espírito Santo).

- Que se possa extrair arbitrariamente de um rito proveniente desse contexto Maronita tão complexo como acabamos de descrever, uma oração da qual se afirma, sem qualquer prova histórica e em desacordo com as regras da teologia católica, que ela pode ser consagrante.
- Que se possa persistir em afirmar o caráter consagrante dessa oração, em desacordo com as declarações oficiais dos Patriarcados e com seu uso efetivo dos Pontificais Maronitas.
- Que se possa persistir em manter essa afirmação, em desacordo com o uso codificado e em sentido oposto na Igreja Jacobita, sendo que os contextos e os usos nesta matéria do Patriarcado são semelhantes a tal ponto que não se pode dizer quem foi a fonte da outra (Maronita ou Jacobita).
- Que, a partir dessa oração, se possa compará-la com outra oração (dita de *Hippólito*), e pelo fato de semelhanças, afirmar que dela decorre o caráter supostamente consagrante da oração dita de *Hippólito*.
- Persistir nesse procedimento, enquanto a dita oração de *Hippólito* não passa de uma criação de Dom Botte, uma "***reconstituição***" artificial a partir de múltiplas e incompletas fontes, que essa tentativa é contestada por uma tese de doutorado (Jean Magne em 1975), e que não existe qualquer prova histórica de um uso real pela Igreja.
- Retomar depois essa oração artificial dita de Hippólito, a fim de modificá-la.
- Isolar, no seio dessa oração e de forma arbitrária, uma parte que se declara arbitrariamente essencial, o que até agora não foi feito nem para o rito Maronita escolhido, nem pelos próprios Maronitas.
- E ao final de tal construção de hipóteses, afirmações gratuitas, escolhas arbitrárias, de pseudo-demonstração "***por analogia***", **concluir de forma CERTA a validade da nova forma essencial**, assim artificialmente criada.

Esse procedimento é absolutamente **INCONCEBÍVEL** e não conhecemos nenhum cientista sério ou lógico que se atreveria a sustentar tal raciocínio.

Esse encadeamento de declarações e raciocínios arriscados vai contra toda abordagem epistemológica séria.

Entretanto, essa é a suposta demonstração que o Padre Pierre-Marie de Kergorlay pede aos seus leitores que aceitem, em novembro de 2005 (n°54) e depois em maio de 2006 (n°56).

A seguinte questão se impõe em toda a sua nudez:

o Diretor do *Sal da Terra* é competente?

ou seria uma tentativa de manipulação da parte de Avrillé?

Anexos

Anexo A

Biografia de Denis de Kergorlay, irmão do Padre Pierre-Marie (Geoffroy de Kergorlay) publicada por Emmanuel Ratier no volume I de sua Enciclopédia Política Francesa (1992)

> **KERGORLAY Denis (Conde de).** Diretor de empresas, nasceu em 9 de fevereiro de 1947 em Paris. Ele é sobrinho do conde Roland de Kergorlay, diretor da Sociedade Europeia de Satélites, embaixador da CEE nos EUA, com quem possui uma relação muito próxima. Seu irmão Pierre-Marie é membro da Fraternidade São Pio V[31]. A família Kergorlay, enobrecida em 1671, é aliada aos Wendel através do conde Bernard de Kergorlay. Adepto da contracultura hippie nos Estados Unidos no início da década de 1970, este graduado da Universidade de Columbia fez parte do estado-maior de campanha de René Dumont em 1981. Conselheiro municipal de Canisy, ele sucedeu ao prefeito, falecido, em 1985. Em 1988, ele fez um apelo para votar em François Mitterrand, após ter estado próximo dos círculos barristas. Em setembro de 1988, ele se apresentou às eleições cantonais contra o conselheiro geral eleito FN Fernand Le Rachinel, com o apoio do PS, do RPR e da UDF, que não apresentaram nenhum candidato contra ele. Ele também é tesoureiro da Médicos Sem Fronteiras e de Liberdades Sem Fronteiras. Em seu castelo do século XVII, cercado por um parque de 250 hectares, esse homem das sombras recebe quase todo fim de semana uma cinquentena de hóspedes pagantes da "nomenclatura político-jornalístico-intelectual parisiense" *(Globe,* setembro de 1988). Ele organiza discretos seminários internacionais globalistas de alto nível em nome do Instituto Aspen-França, criado em 1983. Trata-se da filial francesa do *Aspen Institute for Humanistic Studies of Washington*, fundação globalista americana criada em 1950. O presidente é Olivier Mellério (joalheiro), a vice-presidente Jacqueline Grapin (correspondente do *Figaro* em Washington), o secretário-geral Denis Zewudackí (secretário-geral do CNPF), o tesoureiro Raphaël Hadas-Lebel (secretário-geral da Elf-Aquitaine). Uma das listas dos participantes (agosto de 1988) dá ideia da magnitude das manifestações: Umberto Agnelli (Fiat), Fernão Bracher (presidente do Banco Central do Brasil), Robert Dalziel (presidente da ATT), Jacques-Henri David (diretor-geral da Saint-Gobain), Jean-Louis Gergorin (diretor da Matra), Toyoo Ghyohten (responsável por assuntos internacionais no ministério das Finanças do Japão), Karen Elliot (editorialista do *Wall-Street Journal*), Richard Gardner (ex-embaixador americano

> na Itália), W.D. Eberle (conselheiro econômico de Nixon e Ford), Robert Mc Namara, Jacques Delors, Jean-Claude Trichet (diretor do Tesouro), Denis Gautier-Savagnac, Jean-Marie Daillet (deputado mitterrandista de Saint-Lô), Bruno Durieux, Pierre Rosanvallon (secretário-geral da Fundação Saint-Simon), etc.

Anexo B

Extrato de « *Maçonneries et sociétés secrètes* » de Epiphanius (edição do Courrier de Rome), dedicado ao Aspen

O ASPEN INSTITUTE FOR HUMANISTIC STUDIES

> « "*À beira do lago, o governo da sombra mundial*", tal era o título enfático da primeira página do jornal "*11 Giorno*" de sexta-feira, 24 de abril de 1987, anunciando o Congresso de Cernobbio ao qual participaram 112 congressistas. Parte desse "governo da sombra" participou em Turim, de 27 a 29 de abril, de um congresso do Aspen Institute[32].»
>
> O *Aspen Institute for Humanistic Studies* foi fundado em 1949 no Colorado por Robert Maynard Hutchins, Grande Comendador da Ordem de São João de Jerusalém – uma ramificação da *Maçonaria Side, a* alta maçonaria britânica. Presidente da Universidade Rockefeller de Chicago entre 1929 e 1950, criador com Giovanni A. Borgese, no imediato pós-guerra, do movimento pelo Governo Mundial[33], diretor dos programas da Fundação Ford no início da década de cinquenta, Hutchins estava em contato com Aldous Huxley para o estudo de drogas. Ele esteve envolvido, na década de sessenta, quando já estava aposentado, em um tráfico de drogas[34].
>
> No momento da fundação, Hutchins contava com muitos fabianos do C.F.R. americano e do R.I.I.A. britânico que, sob o pretexto de “estudos humanistas”, buscavam cooptar personalidades do mundo econômico e industrial para orientá-las em análises e perspectivas “globais”, leis globalistas no sentido tecnocrático, para então serem inseridas nos programas de governo de seus respectivos países.
>
> Desde 1970, o *Aspen Institute* tem uma filial em Berlim, e em Roma desde 1985. Possui desde 1986 um castelo em Canisy, na Normandia, onde frequentemente ocorrem suas reuniões. Também tem, sob outro nome, uma sede em Tóquio.
>
> O líder do *Aspen Institute* foi por muito tempo **Robert O. Anderson**, ex-secretário do Tesouro americano, um dos diretores do C.F.R., membro do Bilderberg e da Trilateral, jornalista do “*Observer*” dos Astor e dirigente da multinacional petrolífera Atlantic Richfield Corporation (A.R.C.O.).

R.O. Anderson começou sua carreira como protegido da família americana Dawes, especialmente sob o banqueiro Charles Gales Dawes, membro da *Pilgrims' Society*, embaixador americano na Grã-Bretanha entre 1929 e 1932, que ligou seu nome ao famoso Plano Dawes para as reparações de guerra alemãs.

Em 1974, a Fundação de Anderson financiou os movimentos ecologistas para impor as chamadas energias "alternativas" à energia nuclear, agindo em conjunto com o *Aspen Institute*, que se beneficiava dos mesmos financiamentos da Atlantic Richfield[35].

O objetivo do *Aspen Institute*, conforme expresso durante um congresso realizado em Veneza em 5 de setembro de 1986 pelo presidente da época da seção italiana, Gianni de Michelis – também presente nos simpósios do *World Economic Forum* em Davos:

« colocar à mesma mesa os principais protagonistas do mundo político, econômico, financeiro para formular sugestões e propostas que, como foi o caso no passado, seriam então examinadas pelos **órgãos responsáveis;** a próxima reunião do Fundo Monetário Internacional, bem como a reunião *a latere* do G7 (grupo dos sete países mais industrializados do mundo, N.d.R.) representam para esse objetivo encontros importantes. »[36]

Como se vê, essas intenções estão muito próximas daquelas do Bilderberg, mas provavelmente em um relacionamento de subordinação ao último e com valores mais claramente culturais – formação de quadros para *o Estabelecimento* – mas também econômicos, monetários e comerciais.

O *Aspen Institute* organiza em diversas nações um ou dois "seminários" por ano, de acordo com as necessidades, para avaliar a situação econômica, comercial e financeira em relação ao contexto político do momento, contando com a participação de personalidades e quadros dos governos europeu, americano e japonês. Os temas obrigatórios, até alguns anos atrás, incluíam: a União Europeia, os financiamentos para os países do Leste e a ex-União Soviética[37], propostas e soluções para conferir um maior poder às Nações Unidas e seus organismos.

Ao presidente Anderson uniram-se numerosas personalidades do C.F.R. americano, como **Robert McNamara, Felix Rohatyn**, banqueiro e membro influente da Trilateral que, desde seu escritório no 32º andar do Rockefeller Plaza, dirigiu desde 1949 e durante quarenta anos os destinos da grande banca de investimento Lazard Frères, hoje embaixador americano em Paris[38]; **Robert D. Hormats**, membro do Bilderberg Group e da Trilateral, vice-presidente do poderoso banco judeu Goldman-Sachs (de onde também vem

Kissinger) de Wall Street; **Helmut Schmidt**, membro do Bilderberg, da Trilateral, do importante Instituto de Estudos Estratégicos de Londres, do Instituto de Negócios Internacionais alemão (D.G.A.P.); o japonês **Ogata**, membro da Comissão Trilateral; **Jacques Delors**, presidente da C.E.E. e membro da Trilateral; e uma densa fileira de italianos, cuja lista foi parcialmente publicada em *Le Monde* de 11 de maio de 1987 e reprisada por Pierre Faillant de Villemarest em sua *letra de informação* n° 7/1987.

Entre eles está **Giorgio La Malta** (Bilderberg, Trilateral, Instituto de Negócios Internacionais italiano); **Silvio Berlusconi**, ex-membro da P2 e pertencente à Trilateral; **Luciano Benetton**, proprietário da multinacional de vestuário do mesmo nome, cotada na bolsa de Nova York, e defensor interessado da sociedade multiétnica e multirracial; **Gianni** e **Umberto Agnelli**, os Rockefeller italianos; **Giorgio Benvenuto**, sindicalista da U.I.L., membro do I.A.I. italiano e da Comissão Trilateral; **Giuliano Amato**, um dos governadores da *Ditchley Foundation*, e uma plêiade de políticos proeminentes.

Notemos de passagem que o *Aspen Institute* italiano foi dirigido até os primeiros dias do ano de 1995 pelo chefe do Governo, o social-democrata **Giuliano Amato. Carlo Sconamiglio** o sucedeu, ministro da Defesa S.D., enquanto **Romano Prodi**, um dos líderes da esquerda italiana, foi nomeado "vice-presidente vicar" em 2 de fevereiro do mesmo ano[39].

Nas reuniões do Instituto *Aspen* Italia, misturados a figuras de alto nível do mundo político e econômico italiano (mas também a personagens aparentemente marginais, como **G. Giudici**, vigário do Arcebispado de Milão, ou **A. Riccardi**, presidente da Comunidade de Sant'Egidio – frequentemente presente em nome do Vaticano como mediador entre países em conflito), encontramos, sempre para honrar o princípio osmótico em vigor nas sociedades de caráter maçônico, personagens pertencentes a círculos superiores como **John Chipman**, atual diretor do I.I.S.S., **Lord Dahrendorf** (R.I.I.A., Fundação Ford, Bilderberg), **Samuel Huntington** (C.F.R.), **Renato Ruggiero** (ex-presidente da O.M.C., Bilderberg, Trilateral) ou **Peter Tarnoff**, presidente do C.F.R. entre 1986 e 1993.

Entre essas personalidades, encontramos um homem de peso que assegura uma presença constante nas reuniões da *Aspen* italiana: **Richard Gardner**, representante eminente da comunidade judaica americana. Longo tempo advogado de Gianni Agnelli, Gardner foi embaixador americano na Itália de 1977 a 1989, e professor de 1957 a 1966 na Universidade de Columbia de Nova York. Ele teria liderado o serviço de informações do "inter-Alpha", grupo bancário financeiro que, no imediato pós-guerra, esteve na origem da loja maçônica P2 [40]. Formado em Rhodes, Gardner é membro do Gabinete Jurídico "Coudert Bros" – hoje controlado diretamente pela Fundação Rockefeller – fundado em

1895 por Frederik René Coudert, um dos fundadores da ramificação americana da *Pilgrims' Society*, diretor da *Foreign Policy Association*, um satélite da planta C.F.R., e membro do C.F.R. e da Comissão Trilateral, Gardner também está associado à *Pilgrims' Society*.

Presente na sessão do *Aspen* italiano no Palácio Vendramin-Kalergi em Veneza em setembro de 1988 e na seção Francesa em Canisy em 23 de agosto de 1988, Gardner viajou imediatamente em seguida para Moscou a fim de aprimorar com os russos um projeto visando "aumentar os poderes da O.N.U."[41].

O trabalho das 98 personalidades que participaram dessa reunião foi dirigido por **Georgij A. Arbatov**, do círculo restrito de conselheiros de Gorbatchev, membro da Pugwash, da U.S.T.E.C. e das Conferências de Dartmouth, diretor do Instituto soviético para os assuntos americanos e muito próximo tanto do clã Rockefeller quanto de Samuel Pisar (francês membro da A.C.E.W.A., sionista convicto, amigo e conselheiro de Armand Hammer e de David Rockefeller[42] e administrador em diversas multinacionais).

Anexo C

Um testemunho sobre o Padre Pierre-Marie – Geoffroy de Kergorlay

> É preciso reconhecer que, em relação ao seu meio de origem, ele foi muito longe, cortando-se amplamente de todos os seus amigos e parentes, que o veem agora apenas como um original inteligente e de bom gosto, mas decididamente não recomendável. Ele foi, por exemplo, proibido de falar durante um aniversário da sua turma, por "integrismo agravado", enquanto o outro "padre" da turma, Jean-Marie Petitclerc, salesiano, e um de seus antigos colegas de Ginette, socialista ultra, esplendia à vontade em sua religião horizontal e socializante, repleta de bons sentimentos que animam nossos camaradas, entre dois planos de demissões (um mal para um bem maior, isso vai sem dizer). (...) Sua mãe, nascida de Boysson, no dia de sua ordenação em Écône, em 1983: Ela estava completamente abalada, visivelmente mortificada de se encontrar ali com seu filho, brilhante e outrora prometido a um futuro glorioso, e agora entre os reprovados da Igreja. Não faltava com comentários ácidos.
>
> Dito isso, ele permanece marcado por uma tradição familiar, que confere o sentido das "barreiras além das quais não há mais limites", como dizia Pompidou, ainda reforçado por sua formação na X e nos Pontos, onde essa sensibilidade é especialmente cultivada. O globalismo necessita de aparatchiks competentes, dóceis, que sabe reconhecer. A partir daí, nosso pobre camarada tem a escolha dos meios para conter os transbordamentos culpados (...).
>
> De fato, na X, (...) Geoffroy / Pierre-Marie (...) era parisiense, rico, saindo e levando uma grande vida social, nascido com a colher de prata na boca, como diriam nossos camaradas socialistas (...) Ele tinha um estilo incrível, com cinco personalidades marcantes, que, como muitos, desperdiçaram bem seus talentos. Ele fazia parte de um grupo de antigos de Ginette que se caracterizavam por um certo senso de provocação no estilo "moleques mal-educados e debochados". Na turma de antigos de Ginette (X71), havia três grupos: os bajuladores que tentavam (ou tentaram) alcançar os altos cargos, não descurando nada em relação à classificação; os socialistas em aparente ruptura total com seu meio de origem, mas que logo entenderam que não deviam cuspir demais na sopa; e um grupo de mancebos amáveis, que não

perdiam uma oportunidade de se destacar por erupções incongruentes e outras indelicadezas que suas mães certamente cuidaram para lhes proibir na infância. Geoffroy de Kergorlay navegava entre o primeiro e o último desses grupos.

(...) ele entrou para o corpo dos Pontos (...). No entanto, (...) em fevereiro de 1977, à porta de St Nicolas du Chardonnet, (...), um pouco perdido, em uma motinho, com um casaco militar e não muito bem barbeado. Ele conhecera seu caminho de Damasco, por meio do MJCF em criação e pela pessoa de Chassagne, pregador (já!) muito ativo e convincente nas ruas de Paris, notadamente na saída das reuniões religiosas, como aquelas mensais do abade de Nantes na Mutualidade. Ele acabara de renunciar aos Pontos e estava se preparando para abraçar a vida religiosa com a fundação de sua comunidade dominicana, em Vanves, sob a orientação do padre Guérard des Lauriers, ainda professor em Écône. Todos partiram para seguir sua formação em Écône. Isso foi antes da retomada do convento de La Haye aos Bonshommes.

Dois anos depois, a ruptura entre o padre Guérard e Dom Lefebvre já consumada, ocorreu sua recepção do hábito dominicano, coberta pelos sarcasmos do padre: (...) em janeiro de 1979 (ou dezembro de 1978). Em Flavigny, alto lugar dominicano então detido pelo padre Coache, sob a supervisão de Dom Gérard. (...)

A família de Kergorlay é uma família bretona muito antiga, originária do Poher (a região ao redor de Carhaix, entre Finistère e Côtes d'Armor). Ligada à família de Quelen, sua presença é atestada nas cruzadas, com a nobreza bretona. Ao longo da história, ela se ligou a todas as grandes famílias da Bretanha, dos Montfort aos Rohan. O ancestral de Geoffroy, na época da Revolução, Gabriel Louis, havia se casado com uma senhorita de Faudoas, família originária do sudoeste, mas estabelecida na Normandia, precisamente no castelo de Canisy. Assim, alguns Kergorlay tornaram-se senhores de Canisy. Eles atravessaram a Revolução sem fazer muito barulho, mas fazendo o suficiente para estarem do lado certo na hora certa. O ancestral se encontrou, na "Restauração", como seu irmão Florian Louis (que se estabeleceu no Oise), deputado da Mancha e par de França, com todas as honras devidas a esse novo posto. É bom lembrar que eles eram então bastante ultraconservadores. Tudo mudou na geração seguinte, com seu filho Hervé, um lavrador experiente, na propriedade de Canisy, o "quinquisaïeul" do pai, também deputado, e que se viu apoiando Badinguet. O castelo não se degrada e foi rapidamente restaurado após as misérias americanas em 1944.

Anexo D

Em 2001, seminário globalista em Canisy de 29 de junho a 1 de julho de 2001[43]

> Relações Transatlânticas: Cooperação e Competição Ifri/Ditchley, Château de Canisy, 29 de junho a 1 de julho de 2001.
>
> Este encontro, organizado em parceria com a Ditchley Foundation (Reino Unido), por Sir Nigel Broomfield, Ditchley, e Dominique Moïsi, Ifri, teve como objetivo avaliar o estado das relações transatlânticas em sua dimensão econômica e politico-estratégica.
>
> Contou com a presença de dois ex-primeiros-ministros, co-presidentes da conferência, Édouard Balladur e John Major, e do ministro das Relações Exteriores, Hubert Védrine. Reuniu delegações da França – conduzida por Thierry de Montbrial –, do Reino Unido, do Canadá e dos Estados Unidos.
>
> Os participantes foram ao cerne das causas das tensões transatlânticas – alimentadas, segundo uns, pelos sinais confusos enviados pela Europa, e pelo “síndrome americano” de superpotência, segundo outros. Ficou acordado que, devido à complexidade dos dois "sistemas", europeu e americano, uma abordagem sofisticada era necessária, especialmente para refutar percepções múltiplas frequentemente emocionais. No domínio econômico, os participantes reconheceram que, se a cultura dos acionistas não estava bem estabelecida na Europa, com algumas exceções (como o capitalismo renano), as convergências entre os sistemas econômicos haviam progredido consideravelmente nos últimos quinze a vinte anos. A discussão sobre a globalização e as oposições que suscita levou os participantes a solicitar um diálogo sobre a governança global. No final, foram expressadas dúvidas sobre os próprios fundamentos do sistema econômico, ameaçado pelo crescimento populacional, pela degradação do meio ambiente, entre outros fatores.
>
> O debate sobre a segurança opôs aqueles que se interrogavam sobre a razão de ser da OTAN nos dias de hoje e aqueles que vêem nela o instrumento necessário para uma defesa coletiva. A extensão geográfica do alcance da Aliança foi objeto de consenso, assim como a rejeição de uma divisão do trabalho que significasse que a América gerenciaria os conflitos enquanto a Europa cuidaria

da manutenção da paz. A necessidade de os europeus compensarem a fraqueza de seus esforços de defesa para se mostrarem parceiros responsáveis foi unânime. Em conclusão, foi afirmado que uma relação madura deve ser capaz de gerenciar certas divergências (por exemplo, no que diz respeito ao Oriente Médio), que os interesses comuns de ambos os lados do Atlântico eram consideráveis, que nem a América nem a Europa poderiam alcançar seus objetivos sem cooperar, e que toda política unilateral estava condenada ao fracasso: em resumo, que um divórcio transatlântico era impensável.

• **Transatlantic Relations : Cooperation and Competitition**

Ifri/Ditchley,
Château de Canisy,
29 juin-1er juillet

Dominique Moïsi

Cette rencontre, organisée en partenariat avec la Ditchley Foundation (Royaume-Uni), par *Sir Nigel Broomfield*, Ditchley, et *Dominique Moïsi*, Ifri, avait pour objectif d'évaluer l'état des relations transatlantiques dans leur dimension économique et politico-stratégique. Elle a bénéficié de la présence de deux anciens Premiers ministres, co-présidents de la conférence, *Edouard Balladur* et *John Major*, et de celle du ministre des Affaires étrangères, *Hubert Védrine*. Elle a rassemblé des délégations française – conduite par *Thierry de Montbrial* –, britannique, canadienne et américaine.

Anexo E

A sobrinha do Padre Pierre-Marie, nas mundanidades da *jet set* aristocrática global: Marie-Victoire de Kergorlay[44]

> Ela voltou do Camboja, onde trabalhou em um programa de assistência escolar em benefício de crianças desfavorecidas. Mas Marie-Victoire faz parte, sobretudo, das privilegiadas escolhidas que vão sambar durante o *Baile das Debutantes 2009*, um dos eventos sociais mais disputados do planeta, no hotel de Crillon em Paris, no dia 28 de novembro. Para Paris Match, essa "debutante" diferente nos faz compartilhar as primeiras emoções das provas de vestido em preparação para a grande noite.

Marie-Victoire de Kergorlay - Parismatch.com

people-match | Quinta-feira, 12 de Novembro de 2009

“Meu baile das ‘debs’, por Marie-Victoire de Kergorlay

« Acabei de saber que fui escolhida para ser uma dessas famosas "debs", convidada, portanto, a fazer parte do Baile das Debutantes de 2009! Genial! porque eu me imagino, evidentemente, maravilhosa com vestidos de estrelas... O grande dia é 28 de novembro. Estou me informando: quem são as outras debutantes deste ano? Boa notícia: não são mais as moças bem-nascidas à procura de casamento em vestidos de cetim rosa claro.

Haverá uma doce mistura: meninas de estrelas - neste ano, já sei que haverá a filha do Clint Eastwood - muitas estrangeiras: inglesas - incluindo uma sobrinha da Diana, algo para fazer sonhar - americanas, uma filipina, uma russa, uma italiana... é bom. Muda tudo, isso vai me fazer amigas em todo lugar. Poucas francesas. Haverá a filha de Charlotte de Turkheim que, como eu, fez um estágio neste verão em Enfants d'Asie, a associação que o Baile patrocina este ano. Estou muito ansiosa para conhecê-la, pois eu estive no Camboja dando aulas de francês para crianças pequenas, enquanto ela fazia o mesmo nas Filipinas.

Não me lembro de um único passo de valsa !

Estou muito entusiasmada, especialmente com a ideia dos vestidos que imagino suntuosos e de tudo que vem com isso: a maquiadora, a cabeleireira que vão cuidar de mim... Primeiro encontro com uma das organizadoras do Baile, Bénédicte, no Crillon, na praça da Concórdia, onde o baile vai acontecer: não tenho ideia da roupa que devo usar, mas decido me vestir como de costume, com jeans e sapatilhas..., tanto faz se isso me faz parecer mais uma menina do que uma modelo...

Mostro-me como sou e isso já é bom! ... Afinal, o que é divertido é justamente descobrir como eles vão nos fazer parecer estrelas. Bénédicte é realmente adorável, ela me deixa completamente à vontade; explico a ela que não me lembro de nenhum passo de valsa, e que provavelmente vou estar nervosa no dia D para desfilar diante da plateia reunida de meus pais, amigos, jornalistas etc... Não é, evidentemente, a primeira vez que ela ouve isso! Bénédicte sorri e marca um encontro para uma primeira série de fotos para uma revista, o que aceito com alegria! No dia marcado, chego ao Crillon, totalmente natural, com o cabelo ainda molhado, para a sessão de fotos. Incrível! dezenas de vestidos de gala, curtos, longos, todos mais bonitos do que os outros, expostos em sofás ou pendurados diante de meus olhos! Uma verdadeira caverna de Ali Baba.

Quero experimentar todos! Mas isso não depende de mim, mais dos fotógrafos e da assessora de imprensa da revista. Enquanto isso, contente, deixo-me maquiar e pentear como uma estrela. Está lá comigo Katie Spencer, a sobrinha da Diana, que é adorável, espontânea, infinitamente simples e também uma americana cujo nome não recordei. Cada uma a seu turno, experimentamos

diferentes vestidos. Estou encantada, muitos vestidos me servem como uma luva, pois uso um pequeno 36. Mas não tenho o 1,80 m de altura exigido para as modelos, e alguns são um pouco longos... Os fotógrafos me pedem então para fazer todos os tipos de poses, eu adoro...

A que eu preferi foi sentada na borda da varanda do quarto mais alto do Crillon, com vista para a praça da Concórdia e a Torre Eiffel ao fundo – ainda bem que não tenho medo de altura e que minha mãe não estava lá! É muito emocionante estar assim em um vestido de gala, com essa vista de Paris, e não ter nada mais a fazer além de sorrir...

O vestido é perfeito

Após essa primeira sessão, chega a hora de escolher o vestido para a noite do baile. As grandes casas de moda que eu pensava, como todo mundo, já tinham sido reservadas por outras "debs". Eu olho os vestidos das coleções de algumas outras casas que não me dizem nada: ou são muito excêntricos, ou têm muito preto, ou parecem fantasia. No fundo, tenho gostos bastante clássicos; estou em busca de um vestido um pouco no estilo sereia, em cores claras, já que tenho a pele morena. E, folheando revistas ou assistindo desfiles de coleção em sites, me apaixono pelos vestidos de festa de Hervé Léger.

Eu conheço seu estilo justo, pois já usei um de seus vestidos que pertence à minha mãe. Ligo para Bénédicte para saber se isso é possível. Ela me retorna alguns dias depois para dizer que está tudo bem! Marcam um encontro na boutique, na rua Cambon, no sábado passado. Eu voltei de Leeds especialmente para isso. Ao chegar, imediatamente me encanto com um dos vestidos que havia visto em um site de desfiles: off-white com um decote bordado de pérolas, faixas de tecido no estilo sereia como eu gosto, que modelam completamente o corpo, e com a parte inferior em chiffon. Submissa, eu experimento primeiro dois outros, muito bonitos também, mas de outro estilo, mais "femininos", e que não gosto tanto em mim.

BRETAGNE

Bal. La soirée de rêve d'une débutante

28 novembre 2009 - 6 réactions

Marie-Victoire de Kergorlay est l'une des 24débutantes de l'année. Elle participera, ce soir, au bal donné en leur honneur à l'hôtel de Crillon, à Paris.

Marie-Victoire de Kergorlay aime Carantec (29), que son parrain Arnaud Cazin d'Honincthun, ancien maire de Morlaix, lui a fait découvrir. Mais aussi les voyages, être entourée d'enfants et le journalisme qu'elle étudie àLeeds, en Angleterre. À 19 ans, la fille du comte et de la comtesse Denis de Kergorlay est l'une

Coloco o vestido dos meus sonhos e consulto com o olhar Bénédicte, a assessora de imprensa, o fotógrafo... Todos são unânimes em dizer que o vestido é perfeito. Adotado! Só me resta encontrar um sapato um pouco mais

alto para me dar alguns centímetros a mais, especialmente porque meu par inglês, Freddie, mede cerca de 1,90 m...

É hora de voltar para Leeds por uma semana – acho engraçado me encontrar no aeroporto vestida como uma inglesa de fim de semana, com botas Hush Puppies e moletom! »

Enviei a Bénédicte as fotos tiradas neste verão no Camboja, durante a estadia que fiz ao mesmo tempo que Freddie Eaves (à esq.) em Enfants d'Asie (foto de Charlotte Ducrot).

http://www.letelegramme.com/ig/generales/regions/bretagne/bal-la-soiree-de-reve-d-une-debutante-28-11-2009-674597.php#

Bretanha

Baile. A noite dos sonhos de uma debutante

28 de novembro de 2009

Marie-Victoire de Kergorlay é uma das 24 debutantes do ano. Ela participará, esta noite, do baile organizado em sua homenagem no hotel de Crillon, em Paris.

Marie-Victoire de Kergorlay ama Carantec (29), que seu padrinho Arnaud Cazin d'Honincthun, ex-prefeito de Morlaix, a fez descobrir. Mas também ama viagens, estar cercada de crianças e o jornalismo que estuda em Leeds, na Inglaterra. Aos 19 anos, a filha do conde e da condessa Denis de Kergorlay é uma das novas "debs". Esta noite, sob os adornos do hotel de Crillon em Paris, ao lado de seu par, a jovem Bretã será apresentada por Stéphane Bern, o inevitável cronista dos encontros sociais, aos 300 ilustres convidados. Vinte e três outras jovens de boa família, com idades entre 16 e 20 anos, compartilharão com ela o palco do 19º baile das debutantes, que atrai pessoas do mundo inteiro. Todas têm um nome prestigioso. Marie-Victoire herdou o nome de uma antiga família bretona, os de Guergorlay, perto de Motreff (29), que, após a Revolução Francesa, se estabeleceu no castelo de Canisy (Manche), que desde então permaneceu propriedade da família. Após Barbara Berlusconi, Scout Larue Willis ou Anouchka Delon nos anos anteriores, esta tão esperada noite receberá, entre outros, Francesca Eastwood, 16 anos, filha do ator e diretor americano, e Lady Kitty Spencer, 18 anos, sobrinha da princesa de Gales.

Um encontro muito disputado

«Eu pensei imediatamente nos suntuosos vestidos de baile e em todo o decorum da festa, lembra Marie-Victoire. Eu acho que todas as jovens sonham, um dia, em ser tratadas como estrelas, e melhor ainda, em serem escolhidas

para serem uma das debutantes do ano. É uma grande chance ter sido escolhida e estou muito orgulhosa de representar a França (Nota da Redação: há quatro francesas este ano). *Eu sinto uma verdadeira excitação. Mas é verdade que não é pouca coisa ser uma "deb". Aparecer neste baile, fruto de uma longa tradição, é aceitar representar certos valores de educação, e por que não dizer, de aristocracia. Mas os critérios mudaram. Hoje, não são mais jovens à procura de casamentos em cetim rosa claro».* Este baile inspirado na tradição anglo-saxônica não tem, de fato, nada a ver com aqueles organizados até 1968, pelo bretão Jacques Chazot, na Ópera Garnier ou em Versalhes. Desde que Ophélie Renouard, outra bretã, o trouxe de volta à moda em 1991, tornou-se um evento parisiense muito disputado, classificado pela revista Forbes como uma das “Top 10 parties of the world”. Os lucros da soirée este ano irão para a associação Enfants d'Asie, para a qual Marie-Victoire se dirigiu, neste verão, ao Camboja.

Cintura fina exigida

Para ser convidada ao baile, se é necessário ser uma "filha de", isso já não é mais suficiente. *“Não são escolhidas meninas ociosas. Elas devem ser trabalhadoras, abertas ao mundo, ter verdadeiros valores e uma atitude”*, esclarece Ophélie Renouard. Outro critério importante: ter cintura fina para poder entrar nos vestidos emprestados por grandes estilistas, que elas usaram, ontem, durante sessões de fotos para revistas do mundo inteiro. A emoção do dia pode, talvez, dar lugar, esta noite, ao nervosismo de desfilar e dançar a valsa que Marie-Victoire admite ter um pouco esquecido.

Gwénaëlle Loaëc

NEWS PUBLIÉE LE 29 NOVEMBRE 2009 À 16:19

FRANCESCA EASTWOOD, LADY KITTY SPENCER, ANGELICA HICKS, MARIE-VICTOIRE DE KERGORLAY ET CARINTHIA...

Bal des débutantes : Regardez, les "filles de" ont fait leurs débuts sur Michael Jackson !

Francesca Eastwood, Lady Kitty Spencer, Angelica Hicks, Marie-Victoire de Kergorlay et Carinthia Pearson au 19e Bal des débutantes à l'Hôtel Crillon de Paris le 28/11/09

Francesca Eastwood, Lady Kitty Spencer, Angelica Hicks, **Marie-Victoire de Kergorlay** e Carinthia Pearson no 19º Baile das Debutantes no Hôtel Crillon de Paris em 28/11/09

http://www.purepeople.com/media/francesca-eastwood-lady-kitty-spencer_m324309

http://www.saint-lo.maville.com/sport/detail_-La-fille-du-comte-et-de-la-comtesse-de-Canisy-au-bal-des-Debutantes_-1173646--BKN_actu.Htm

A filha do conde e da condessa de Canisy no baile das Debutantes

DERNIÈRE MINUTE

17:50 - lundi 30 novembre 2009

La fille du comte et de la comtesse de Canisy au bal des Débutantes

Marie-Victoire, antes do baile, aqui acompanhada de seu par, Freddie Eaves. : Jean-Luce Huré.

Marie-Victoire de Kergorlay viveu um sonho de princesa na noite de sábado. A filha do conde e da condessa Denis de Kergorlay, do castelo de Canisy, perto de Saint-Lô (Manche), participou do baile das Debutantes, ao lado da filha de Clint Eastwood e da sobrinha de Lady Di, no Crillon, em Paris.

Este evento social é classificado entre as 10 recepções internacionais mais glamourosas pela revista *Forbes*. Marie-Victoire de Kergorlay, com 19 anos, estuda jornalismo em Leeds.

Randy Engel: a homossexualidade do 'papa' Montini-Paulo VI

Terça-feira, 20 de janeiro de 2009

Artigo original disponível em Virgo Maria.

- Introdução
- Aviso aos Leitores
- 1. O capítulo 19 do livro de Randy Engel, "O Rito de Sodoma" sobre "O Papa Paulo VI e a mudança de paradigma da Igreja em relação à homossexualidade"
- 2. O testemunho do ex-guarda suíço, Franco Bellegrandi (tradução de trechos de seu livro)
- 3. A homossexualidade de Paulo VI: Boato ou Realidade? por Marian T. Horvat, Ph.D
- 4. O livro do Professor Guimarães: "Vaticano II, Homossexualidade e Pedofilia"
- 5. Conclusão - A FSSPX acabará por se juntar a essa igreja conciliar dominada e dirigida por redes clericais homossexuais?
- Anexo - Capítulo 19: O Papa Paulo VI e a Mudança de Paradigma da Igreja em Relação à Homossexualidade

Introdução

Capítulo 19 - "O Papa Paulo VI e a mudança de paradigma da Igreja em relação à homossexualidade" Extraído do livro "O Rito de Sodoma: Homossexualidade e Igreja Católica Romana" (1282 páginas, julho de 2006, Randy Engel)

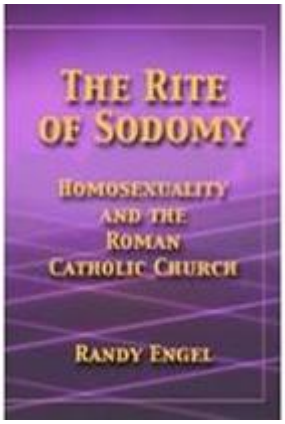


Foto de Montini em 29 de maio de 1920 para sua ordenação presbiteral (Brescia).

Montini se tornou Paulo VI, ele usa o Ephod.

Pela primeira vez disponível em português, um documento fundamental e chocante sobre **as redes clericais homossexuais no topo da igreja conciliar**. Um estudo aterrador sobre as múltiplas relações homossexuais de Montini-Paulo VI denunciadas por testemunhos. Após a denúncia do caso pelo padre de Nantes em 1993, o dossiê do **bispo apóstata Montini-Paulo VI se tornou mais pesado e seu processo de "beatificação" lançado por Wojtyla-João Paulo II foi interrompido e enterrado**. **Essas redes clericais homossexuais organizadas** (com elementos satânicos) **não pararam de se desenvolver nos últimos 30 anos, especialmente no alto clero católico, e agora são cobertas pelo padre apóstata Ratzinger-Bento XVI[1]**. Completamos os trabalhos de Randy Engel com a tradução do testemunho de Franco Bellegrandi, ex-membro da guarda nobre pontifícia, que ela cita e cujo site *Traditioninaction.org* publicou os principais trechos de seu livro de revelações sobre Montini. Também citamos o artigo do mesmo site sobre o livro do professor Guimarães. O capítulo 19 do livro de Randy Engel contém também um relato explosivo das décadas que precederam o Concílio Vaticano II e dos laços entre Roncalli, o futuro Bento XV, o cardeal Gasparri, Montini e o cardeal Rampolla, membro da O.T.O., e até mesmo o futuro Pio XII, que foi secretário pessoal do antigo secretário de Estado de Leão XIII. Uma rede inteira emerge, e ao ler as carreiras de Roncalli e Montini, e então os laços com a máfia, a maçonaria e os escroques financeiros, uma visão coerente da subversão da Igreja Católica emerge ao longo de 50 anos. Esse aspecto do capítulo 19, do qual a homossexualidade de Paulo VI é apenas uma parte reduzida, mereceria comentários mais desenvolvidos.

[1]http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

Aviso aos Leitores

Não podemos deixar de estar horrorizados[2] diante da direção que as pesquisas estão tomando atualmente sobre a realidade atual dessa colonização homossexual nos meios clericais contemporâneos.

Agora, de fato, as hipóteses, as alegações e as publicações mais chocantes circulam amplamente na mídia - principalmente estrangeira - pois, após o bispo apóstata Montini-Paulo VI, **agora é o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI e muitos prelados conciliares de seu entorno que estão sendo publicamente e diretamente acusados na mídia**.

É diante da gravidade terrível dos dossiês, documentos e artigos publicados hoje, como a dos fatos já estabelecidos, e porque nos recusamos categoricamente a cobrir com o "manto de Noé"[3] essas práticas e escândalos horríveis que - sob o falso motivo de "piedade" e de não querer "escandalizar os fiéis" - foram tão longamente escondidos dos fiéis, seus autores infiltrados beneficiando-se frequentemente da cobertura do laxismo e da indulgência culpável das autoridades religiosas, e tendo, graças a tais comportamentos dos responsáveis, **acabado por arruinar completamente a igreja conciliar**, que é hoje indevidamente tomada por nossos contemporâneos como a Igreja Católica, **que decidimos, custe o que custar, alertar nossos leitores, tapando o nariz**.

Nunca poderíamos ter superado nosso nojo natural para levantar agora, diante de nossos leitores, a tampa dessa verdadeira sentina que parece ter se tornado hoje o topo da hierarquia conciliar apóstata romana, se não fosse a urgência suscitada pelo incrível cegueira e pela obstinação insuportável dos responsáveis atuais da Fraternidade, que parecem hoje determinados a entregar, custe o que custar, a obra de Dom Lefebvre às mãos dos apóstatas romanos acusados - agora moralmente desacreditados em todo o mundo - que presidem a atual igreja Conciliar, a qual, segundo a expressão do próprio Dom Lefebvre, "cai em ruínas" a cada ano um pouco mais.

---

[2] **Prova das consequências previsíveis às quais expõem agora essa atual proteção insuportável dos ambientes homossexuais dentro da Igreja Conciliar**, alguns blogs pouco respeitosos e hostis ao catolicismo não hesitam mais em escrever:

"Prova de que Bento XVI é gay. Esse texto nos foi enviado recentemente como prova de que Bento XVI é gay. Já tínhamos relatado a homossexualidade de seu secretário particular, Georg, revelada pelos gays de Roma, na Itália. Bento XVI tem uma voz e uma postura muito efeminadas. John Allen, membro da Opus Dei, jornalista do NCR (National Catholic Reporter) e portador de um longo nariz mentiroso de Pinóquio, diz que ele é "gentil", mas Bento XVI é, na verdade, um travesti sofisticado e maquiado em excesso, um velho homossexual vivendo em concubinato com seu amigo gay Georg. O jesuíta que serve como secretário público de Bento XVI só recebe de Mgr Georg sua ração

de cachorro pela manhã, e late ao mundo tudo o que Bento XVI dita. Pobre elefante de jesuíta preso na coleira do Octopus Dei..." - 30 de agosto de 2008, http://pope-ratz.blogspot.com/2008/08/proof-of-benedict-xvi-is-gay.html

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

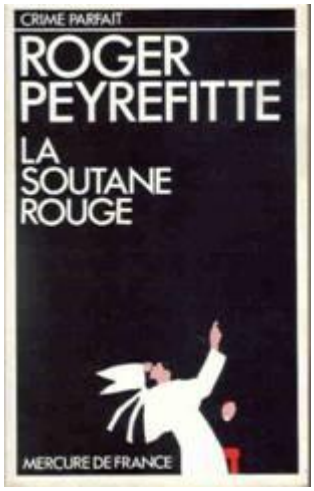
[3] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-17-A-00-Manteau_de_Noe.pdf**

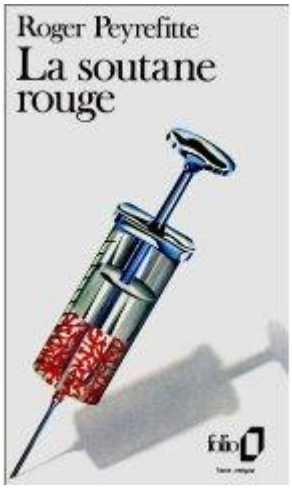
1. O capítulo 19 do livro de Randy Engel, "O Rito de Sodoma" sobre "O Papa Paulo VI e a mudança de paradigma da Igreja em relação à homossexualidade"

Aqui apresentamos o capítulo 19 de "**O Rito de Sodoma**" de Randy Engel, **traduzido para o português pela primeira vez** com a permissão da autora concedida ao padre Schoonbroodt. Este mesmo capítulo do livro de Randy Engel já foi traduzido para o italiano.

Aqui estão alguns elementos particularmente acusatórios para o homem que fez realizar e promulgar em 18 de junho de 1968 **o novo rito conciliar de consagração episcopal - tornado voluntariamente sacramentalmente inválido[4]**, para satisfazer as exigências dos "observadores-colaboradores" anglicanos e luteranos dos reformadores litúrgicos.

A denúncia pública da homossexualidade de Montini-Paulo VI pelo escritor Roger Peyrefitte já havia suscitado uma reação pública no domingo de Ramos de 1976. Roger Peyrefitte publicou um livro à chave (**A Sotaina Vermelha**) que apresentava Montini.





Duas edições de 'A Sotaina Vermelha', o livro à chave de Roger Peyrefitte

O testemunho de Robin Bryans

Como revela nas conclusões do capítulo relativo aos espiões de Cambridge de sua autobiografia publicada em 1992 sob o título **A Poeira Nunca Se Acomodou**, **o escritor irlandês Robin Bryans, homossexual assumido, afirma que seu amigo Hugh Montgomery lhe disse ter sido o amante de Montini na juventude dos dois homens.**

Lembre-se de que Hugh Montgomery era **o irmão do artista bem conhecido Peter Montgomery, que foi por muito tempo o parceiro sexual de Anthony Blunt, um dos espiões de Cambridge**. Segundo Bryans, Hugh Montgomery também foi o amante de uma noite de Sir Gilbert Laithwaite, diplomata homossexual bem conhecido[5].

Por volta de 1935, Hugh Montgomery ocupou um cargo diplomático no Vaticano como encarregado de negócios, sob a autoridade de Sir Alec Randall, representante da Grã-Bretanha junto ao Santo Sé. Foi lá que ele conheceu outro jovem diplomata de futuro - italiano, este - Mons. Battista Montini, que compartilhava - ao que parece - as tendências sexuais de Hugh, e relatam que os dois homens se engajaram então em uma aventura homossexual.

Segundo Bryans, Hugh Montgomery e seu amigo Battista Montini se confraternizaram naquela época com alguns personagens bastante excêntricos, incluindo **o visconde Evan Tredegar, aristocrata convertido ao catolicismo, que havia servido como camareiro privado do papa Bento XV[6]**.

O Visconde gostava de provocar seus amigos contando sobre suas conquistas sexuais e falando sobre ocultismo, incluindo missas negras às quais ele havia assistido, nas quais se usavam sangue, urina e sêmen humanos[7]. Depois da morte de Bento XV e da eleição de seu sucessor, Pio XI, Tredegar perdeu automaticamente sua posição honorária de camareiro privado. Ele desistiu de seu sonho de se tornar padre e voltou para a casa de seus ancestrais no País de Gales, onde se casou. Segundo um amigo próximo, Tredegar guardava uma fotografia que mostrava o jovem Montini sentado em sua mesa de cabeceira e com a "bochecha colada na bochecha de um marinheiro robusto"; essa fotografia estava ao lado de uma foto de um membro da família real[8].

Durante uma entrevista com o escritor britânico Stephen Dorril, coautor de *Honeytrap – The Secret Worlds of Stephen Ward*, Bryans repetiu a história do caso entre Hugh Montgomery e Montini. Dorril disse que achou Bryans muito preciso ao descrever **seus anos de juventude, quando fazia parte da "elite" homossexual de Londres**.

Hugh Montgomery se converteu ao catolicismo, se matriculou no Beta College e foi ordenado padre católico. Não se sabe muito mais sobre esse clérigo controverso.

Se é verdade que Montini teve um caso homossexual quando era jovem diplomata no Vaticano, é quase certo que pelo menos alguns membros da Cúria Romana sabiam disso.

As alegações de Roger Peyrefitte

Roger Peyrefitte, romancista e ex-embaixador da França, nasceu em 1907. Era um homossexual assumido, conhecido por sua defesa dos "direitos dos gays".

Em 1976, Peyrefitte concedeu uma entrevista a D.W. Gunn e J. Murat, representantes da Gay Sunshine Press, sobre a suposta homossexualidade do Papa Paulo VI[9].

Ele disse que, em janeiro daquele ano, o Papa havia feito um discurso público condenando a homossexualidade, a masturbação e as relações sexuais antes do casamento. Ele acrescentou que a hipocrisia do Papa o deixava com raiva, pois em certos círculos sabia-se que quando Montini era arcebispo de Milão, ele havia tido um caso homossexual **com um jovem ator de cinema, cujo nome Peyrefitte conhecia. O escritor francês disse que obtivera essa informação "não de comunistas ou porteiros", mas de membros da nobreza italiana que ele conhecia bem**. Suas fontes milanesas o informaram que em certos círculos era um segredo político que Montini frequentava uma "casa discreta" para se encontrar com garotos e que ele tinha um favorito chamado Paulo.

Depois da condenação da homossexualidade por Paulo VI, um repórter francês do jornal *Lui* veio entrevistar Peyrefitte. Foi então que **Peyrefitte revelou o passado homossexual de Montini em Milão**.

A entrevista de *Lui* foi **republicada pelo semanário italiano *Tempo* em Roma, em 26 de abril de 1976**. Peyrefitte disse que foi como se uma bomba-relógio tivesse explodido.

O Vigário de Roma e a Conferência Episcopal Italiana instituíram um "Dia de Consolação" pelas calúnias espalhadas contra o Santo Padre. No Domingo de Ramos, o Papa leu do balcão do

Vaticano uma declaração tratando de "**coisas horríveis e caluniosas...[10]**". Peyrefitte disse que **suas acusações contra o Papa estavam circulando pelo mundo[11]**.

Em *O Vatican! A Slightly Wicked View of the Holy See* (O Vaticano! Uma visão cruel do Santo Sé), Paul Hofmann, ex-correspondente em Roma do *New York Times*, repete as acusações de Peyrefitte contra Montini[12]. **Ele cita nominalmente Paolo Carlini, ator italiano conhecido, com quem Montini teria se conhecido em Milão quando era arcebispo** da cidade e que depois faria visitas frequentes ao Papa Paulo VI nos aposentos privados do Vaticano[13].

As Acusações do Padre de Nantes

No verão de 1993, o padre Georges de Nantes, fundador da Liga da Contra-Reforma Católica em Troyes, França, em 1969, explicitou as acusações de homossexualidade contra o Papa Paulo VI no número de junho-julho de *A Contra-Reforma Católica no Século XX*[14].

Padre Georges de Nantes (direita)

O padre afirmou que seus comentários eram uma resposta ao anúncio feito pelo Papa João Paulo II em 13 de maio de 1993, dia da festa de Nossa Senhora de Fátima, de que o processo de canonização do Papa Paulo VI estava avançando de acordo com o procedimento diocesano preliminar realizado em Milão em 1992.

> "*Recebi a notícia da abertura do processo de canonização do meu predecessor Paulo VI. Ele foi um pai para mim, no sentido pessoal do termo. É por isso que não posso expressar minha grande alegria e minha grande gratidão*", *disse o Papa João Paulo II* [15].

A acusação de homossexualidade contra o Papa Paulo VI começa com a lembrança do padre de Nantes das acusações de Paul Hofmann sobre a Máfia milanesa, ou seja, os laços notórios que o arcebispo Montini mantinha em Milão com a Máfia e a maçonaria[16].

Mons. Montini, em 12 de dezembro de 1954, para sua consagração episcopal (Vaticano).

O padre de Nantes cita então um livro em sua posse, cuja referência não é indicada, e que fala de um cardeal não italiano, "homem grande, afável e de olhos penetrantes", que o Papa Paulo VI nomeou para um cargo-chave do Vaticano e que tinha a reputação de manter relações pederastas com garotos do bairro situado atrás do Vaticano[17].

Ele diz ter aprendido que após a eleição de Montini ao trono de Pedro, houve um aumento incrível do número de seminaristas e padres homossexuais nos Estados Unidos e na Holanda. No entanto, Roma não fez nada, acrescenta ele[18].

Por fim, o padre lembra um incidente que ocorreu na véspera do conclave de 1963, no qual Montini seria eleito papa. Segundo ele, o padre de Saint-Avit, da basílica de São Paulo Fora dos Muros, informou-o na noite da abertura do conclave que a brigada de costumes da polícia de Milão tinha um dossiê sobre Montini. Portanto, o novo papa não poderia ser e não seria Montini. Mas foi Montini quem foi eleito[19].

O padre de Nantes se dirige então ao Papa João Paulo II:

> "*Então, após a eleição de um homossexual conhecido ao trono de São Pedro, você, Santíssimo Pai, quer revivê-lo e fortalecê-lo elevando esse mesmo miserável Paulo VI aos altares, oferecendo seus ossos como relíquias aos beijos piedosos dos fiéis e seu rosto atormentado aos seus olhares fervorosos na Glória do Bernini? Ah, não, é impossível. Isso não acontecerá!*"[20]

As Revelações de Franco Bellegrandi

Em seu último livro, *Vaticano II, Homossexualidade e Pedofilia*, Atila Sinke Guimarães levanta a questão da homossexualidade de Paulo VI [21]. Guimarães cita Franco Bellegrandi, ex-membro da Guarda Nobre Pontifícia (elemento do exército do papa) que foi testemunha dos funestos câmbios ocorridos no Vaticano após a entrada em funcionamento do Papa Paulo VI.

Bellegrandi reitera a acusação de que, quando era arcebispo de Milão, Montini foi pego pela polícia local em trajes civis durante uma de suas visitas noturnas aos bordéis masculinos da cidade.

O ex-guarda do Vaticano descreve o processo de colonização homossexual que, segundo ele, começou sob o Papa João XXIII, mas se acelerou sob Montini - processo com o qual o leitor agora deve estar familiarizado. Bellegrandi afirma que antigos funcionários do Vaticano foram demitidos para dar lugar aos favoritos de Montini, que sofriam do mesmo vício que ele. Estes, por sua vez, trouxeram seus amantes - "jovens efeminados que usavam uniformes elegantes e se maquiavam para esconder a barba", destaca ele[22].

Bellegrandi relata ainda que, segundo o que lhe disse um funcionário do serviço de segurança do Vaticano, "o ator amigo de Montini tinha acesso livre aos apartamentos pontifícios e era visto usando o elevador do papa à noite [23]." Randy Engel *The Rite of Sodomy*, 2006

---

[4] http://www.rore-sanctifica.org

[5] Ver Summers e Dorril, *Honeytrap*, p. 38. Os autores se enganam ao apresentar o papa João Paulo I como o amante de Hugh Montgomery, mas a correspondência com Dorril confirma que **o clérigo em questão era Battista Montini.**

[6] A Casa do Papa inclui muitos camareiros cujas funções são mais ou menos ornamentais. Existem várias categorias: os camareiros privados, os camareiros, os camareiros assistentes e honorários. Esses cavalheiros constituem a classe mais alta da Casa. Dentro da Cúria Papal, há o camareiro apostólico (em latim, *camerius*), que ocupa uma posição muito importante. **Durante uma vacância do Santo Sede, é o camareiro apostólico (ou camerlengo) que dirige a administração da Igreja Católica**. Ver o site http://www.catholic-forum.com/saints/eb001844.htm.

[7] Robin Bryans, *The Dust Has Never Settled* (Londres: Honeyford Press, 1992).

[8] Ibid., p. 60.

[9] Leyland, ed., *Gay Roots*, p. 412.

[10] Ibid.

[11] Nos Estados Unidos, o "blackout" da mídia foi incompleto. O coletivo homossexual conhecia as acusações de Peyrefitte contra Paulo VI, e era o caso também de alguns padres americanos. Em *A Secret World*, A.W. Sipe indica **que em 1976, Paulo VI foi acusado na imprensa francesa e italiana de ter tido relações homossexuais. Sipe nota que o *National Catholic Reporter* publicou o mesmo ano, sobre essas acusações, um artigo acompanhado das negativas do papa.**

[12] Paul Hofmann, *A Slightly Wicked View of the Holy See* (Nova York: Gongdon and Weed, Inc., 1984), p. 151.

[13] **Paolo Carlini nasceu em 1926 (ou 1922?) em Sant' Arcangelo di Romagna, Itália.** Ele teve papéis menores no filme americano de 1963 "Férias Romanas" e no filme de 1960 "Isso

aconteceu em Nápoles". **Ele morreu em 7 de novembro de 1979, um ano após o papa Paulo VI.**

[14] Em 25 de agosto de 1966, o abade Georges de Nantes foi suspenso *a divinis* por sua oposição ao Segundo Concílio do Vaticano. Ele, no entanto, manteve essa oposição. Em julho de 1966, o abade, que dirige a comunidade religiosa de Saint-Parres-lès-Vaudes, no diocese de Troyes (França), foi ordenado por Mgr Daucourt a não mais acusar João Paulo II de heresia e cisma. Sobre a lista de acusações feitas contra o papa João Paulo II, ver *The Book of Accusation*, no site www.crc-internet.org/IER2003/Lib2_1.htm.

[15] Discurso do Papa João Paulo II à Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana, em 13 de maio de 1993.

[16] Abade Georges de Nantes, *A Contra-Reforma Católica no Século XX*, nº 259 (junho-julho de 1993): p. 10.

[17] Ibid., p. 13. O prelado em questão pode ter sido o Bispo John Wright, que o Papa Paulo VI havia trazido a Roma em abril de 1969 e nomeado Prefeito do Clero. Wright foi elevado ao cardinalato em 28 de abril de 1969.

[18] Ibid., p. 14.

[19] Ibid., p. 15.

[20] Ibid.

[21] Atila Sinke Guimarães, *Vaticano II, Homossexualidade e Pedofilia*, ed. Marian Therese Horvat, Ph.D. (Los Angeles: Tradition in Action, 2004), p. 159-162. Guimarães realizou um trabalho excepcional ao analisar os documentos do NCCB/USCC, USCCB e Vaticano relativos à homossexualidade. Sua principal fonte sobre as acusações de homossexualidade contra Paulo VI é o livro de Franco Bellegrandi, *Nichitaroncalli - Controversia de um Papa* (Roma: Ed. Internazionale di Letteratura e Scienza, 1994), p. 85 e 86.

[22] Guimarães, p. 161.

[23] Ibid., p. 159.

2. O testemunho do ex-guarda suíço, Franco Bellegrandi (tradução de trechos de seu livro)

Randy Engel cita **o testemunho de Franco Bellegrandi**, ex-membro da guarda de honra pontifícia. O site ***Traditioninaction.org*** publicou os principais trechos de **seu livro de revelações sobre Montini**. Nós os traduzimos abaixo:

The discussion on the alleged homosexuality of Paul VI continues. Recently we were asked to produce evidence for the hypotheses raised in an article on our site.

"A controvérsia sobre a homossexualidade alegada de Paulo VI continua. Recentemente, nos pediram para fornecer provas para apoiar as hipóteses sustentadas em um artigo em nosso site.

Today we reproduce an important document. It is a part of the book Nikita and Rocalli - Unknown Aspects of a Pope by Franco Bellegrandi on the Pontificate of Pope John XXIII. Bellegrandi was an insider at the Vatican from the end of Pius XII's reign to the beginning of Paul VI's. He was a member of an honor guard of the Sovereign Pontiff - camarieri di spada i cappa [honor chamberlains] - which along with the Noble Guards were in charge of services of honor for the Pontiff: introduction of heads of State, ambassadors, or other high level visitors, assisting the Pontiff at solemn events and private audiences.

Hoje, produzimos um documento importante. É uma parte do livro de Franco Bellegrandi "Nikita e Roncalli - Aspectos desconhecidos de um Papa" sobre o pontificado do Papa João XXIII. Bellegrandi era um íntimo do Vaticano desde o final do reinado de Pio XII até o início do reinado de Paulo VI. Ele era um membro da guarda de honra do Soberano Pontífice - *camarieri di spada i cappa* [camaristas de honra] - que, juntamente com os Guardas Nobres, era responsável por serviços protocolares de honra para o Soberano Pontífice: introdução de chefes de Estado, embaixadores ou outros visitantes de alto nível, assistindo o Pontífice em eventos solenes e audiências privadas.

Bellegrandi has further credentials that give him credibility: When he left his post of service for the Pope, he was chosen to be a correspondent of L'Osservatore Romano, the daily paper of the Holy

See; he became a professor of Modern History at Innsbruck University, Austria; and he was decorated with the Golden Cross of Merit of the Austrian Republic. He is the author of two other books on the Vatican.

Bellegrandi tem credenciais adicionais que lhe dão credibilidade: quando ele deixou seu posto de serviço para o Papa, ele foi escolhido para ser correspondente do *L'Osservatore Romano*, o jornal oficial do Santo Sé; ele se tornou professor de História Moderna na Universidade de Innsbruck, Áustria; e foi condecorado com a Cruz de Ouro de Mérito da República Austríaca. Ele é autor de dois outros livros sobre o Vaticano.

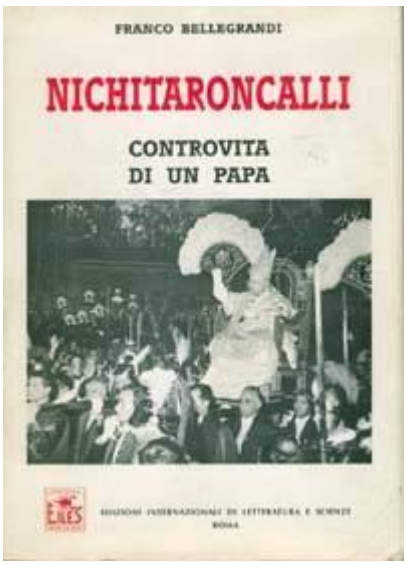
Bellegrandi reports what he saw and heard during his term in the Vatican.

Bellegrandi relata o que ele viu e ouviu durante seu mandato no Vaticano.

Top right, the cover of Nikita and Rocalli. Below, we present our translation of the highlighted Italian excerpts of the book. Below the Italian text at right, some pictures of Bellagrandi and the honor chamberlains." Traditioninaction.org[24]

No canto superior direito, a capa de *Nikita e Rocalli*. *Abaixo*, apresentamos nossa tradução dos trechos escolhidos em italiano do livro. Abaixo do texto italiano e *à direita*, algumas fotos de Bellegrandi e dos camaristas de honra." *Traditioninaction.org*[25]

E aqui está o trecho do livro de Bellegrandi que apresenta o *Traditioninaction.org* e que é seguido pela sua tradução:



Montini, in più, si mormora a Roma e in tutta Italia, sarebbe un omosessuale. Quindi ricattabile. Quindi in pugno a chi intende manovrarlo per i propri fini.

A Milano, da arcivescovo, sarebbe stato fermato, di notte, dalla polizia, in abiti borghesi e in dubbia compagnia. È legato da anni da amicizia particolare con un attore che si tinge i capelli di rosso e che non fa mistero della sua relazione col futuro papa. Del resto la relazione andrà avanti negli anni, saldissima. Mi confiderà un ufficiale del servizio di sicurezza del Vaticano, che il prediletto di Montini aveva l'autorizzazione a entrare e uscire dall'appartamento del papa a suo piacimento.

Tanto che, spesso, se lo vedevano arrivare all'ascensore nel pieno della notte.

La "buccia di banana" sulla quale porrà il piede Paolo VI, provocando la fine dell'ufficiosità di quella sua debolezza, sarà quell'omelia sull'"etica sessuale" del gennaio 1976, corredata da alcuni punti circa l'omosessualità, che provocherà la reazione dello scrittore francese Roger Peyrefitte.

Infatti il settimanale "Il Tempo" nel suo n. 13 del 4 aprile 1976 pubblicherà integralmente una intervista con il documentatissimo letterato che si definisce, "l'uomo più libero di tutta la Francia", in cui il celebre omosessuale dalla penna affilata, rinfaccia al papa la sua omosessualità e gli nega il diritto di ergersi a censore. Paolo VI accuserà ufficialmente la stoccata.

Sarà indetta una giornata di preghiera "per riparare l'affronto al papa", ma tutta l'Italia riderà a lungo sull'episodio. La televisione inglese intervisterà Peyrefitte che rincarerà la dose dichiarandosi stupito di aver ottenuto insperatamente tanta pubblicità a buon mercato.

Il primo ricatto afferrerà Montini alla gola non appena

salito sul Soglio di Pietro. Quando la massoneria otterrà subito la rimozione della scomunica con cui la Chiesa colpisce quanti si fanno cremare dopo morti, minacciando di rivelare gli incontri segreti fra Montini, arcivescovo di Milano, e il "suo" attore, in un albergo di Sion, nel Cantone Vallese della Svizzera. Si saprà più tardi, a Parigi, il retroscena di quel primo clamoroso atto papale di Paolo VI e della complicità di un gendarme, paziente raccoglitore delle inconfutabili prove.

Ma torniamo a quel 1958. Nella sua quarantena a Milano, Montini sa certamente la sua predestinazione. E attende la morte di Pio XII. Da quel momento rientrerà sulla scena da protagonista più o meno occulto, ma dal sicuro avvenire. Si può dire che partecipi direttamente al pontificato di Roncalli collaborando col papa alla stesura dei più importanti documenti pontifici. Verso la seconda metà del quinquennio di governo roncalliano della Chiesa, l'arcivescovo di Milano diventa il cervello conduttore della politica di Giovanni XXIII. Monsignor Capovilla fa la spola fra Roma e Milano. Il collegamento ininterrotto trapela in Vaticano. E a chi, con estrema cautela, ne domanda le ragioni al papa, questi fa capire che sarà Montini il prossimo papa ed è bene, quindi, che sia preparato alla successione.

L'abilità di Montini, in questo periodo di preparazione al suo imminente pontificato, sarà tutta nel far predisporre a Giovanni XXIII la traccia su cui speditamente, poi, muoverà i suoi passi. Si deve guardare, in Vaticano, da un suo grande, antico nemico: il cardinale Domenico Tardini che l'astuto Roncalli si è ben guardato dal rimuovere dalla Segreteria di Stato. Quello stesso Tardini che anni addietro scoprì i contatti segreti di Montini col Cremlino. Quello stesso Tardini che provocò l'intervento di Pio XII nella faccenda e l'allontanamento da Roma del pericoloso intrigante. Ma nel 1961 Tardini muore e Giovanni XXIII nomina segretario di stato il blando cardinale Amleto Cicognani. Alcuni non escludono lo zampino dell'arcivescovo di Milano, in quella scelta di Roncalli. Sta di fatto che presso a poco da quel momento, l'influenza di Montini sulla politica di Giovanni XXIII si fa più spedita e si muove, talvolta, allo scoperto.

CAPITOLO VIII

Un altro cambiamento che non sfuggì alla cerchia ristretta di quanti vivevano, per il loro grado e per il loro servizio, gran parte delle loro giornate nel Palazzo Apostolico, fu l'improvvisa comparsa, in posti di prestigio e di responsabilità vicini al papa, di personaggi omosessuali. La piaga che al tempo di Paolo VI sommergerà e trasformerà, devastandolo, il Vaticano, già da allora cominciò a dare i primi segni di vita. Ben nascosta fra le pieghe barocche dell'antica Corte ma, disgraziatamente, viva e reale. La lunga mano dell'arcivescovo di Milano, afflitto da quelle sue debolezze, poneva già da allora, con discrezione, uno dopo l'altro, i personaggi del suo giuoco e del suo cuore, sulla scacchiera dello Stato dalle undicimila stanze.

Naturalmente i nuovi personaggi di primo piano affetti dalla "malattia", si portavano dietro a loro volta personaggi minori, a loro legati dallo stesso solitario destino. Così, lentamente ma sempre con maggior insistenza, cominciarono a circolare in Vaticano voci e indiscrezioni e, purtroppo, ad accadere fatti talvolta gravissimi. Questi personaggi, appunto per la loro carica, erano spesso fra noi, soprattutto nel corso delle visite al papa di sovrani e capi di stato.

E avevano i loro prediletti. Giovanotti effeminati nelle attillate uniformi che si incipriavano le gote "per nascondere il nero della barba". Con estrema cura noi Camerieri di Spada e Cappa e Guardie Nobili, ci tenevamo alla larga dai loro sorrisi e dalle loro cortesie, limitandoci a salutare a distanza con la regolare battuta di tacchi. Naturalmente anche nel sottobosco dei funzionari cominciarono a comparire i "raccomandati" dell'arcivescovo di Milano e, a volte, qua e là scoppiarono in silenzio scandaletti e scandaloni tanto che la Gendarmeria Pontificia ebbe il suo da fare a navigare, come si dice, fra tutte queste mine vaganti, a dover chiudere per forza un occhio e a

volte tutti e due, a insabbiare rapporti, a scoraggiare qualche troppo solerte giornalista.

Anche a me toccò un'esperienza del genere. Con un direttore d'agenzia del Monte dei Paschi di Siena, benemerito socio del benemerito Circolo di San Pietro. Le banche, col Santo Spirito in testa presieduto dal marchese Giovan Battista Sacchetti, pullulano di sottobosco vaticano. Rampolli senza né arte né parte che trascinano la loro vita fino alla pensione, contando soldi dietro allo sportello e s'impegnano tredicesima e quattordicesima per pagarsi la quota del Circolo della Caccia.

Rappresentanti spesso di nobiltà in sedicesimo, li trovate la sera a Palazzo Borghese a leggersi a sbafo i giornali e a farsi servire il bicchiere d'acqua minerale dal cameriere in polpe.

Questo direttore, uomo di mezza età dall'aspetto virilissimo, calvo e villoso, ebbe l'ardire di farmi approcci a doppio senso una volta che capitai nella sua agenzia dopo l'ora di chiusura. Facendo capire di non aver capito, cortesemente me la detti a gambe. Seppi in seguito che quel personaggio dall'aspetto di gerarchetto era un gran cordone del sovrano militante ordine dei "recchioni".

Improvvisamente vecchi e onorati impiegati di uffici dipendenti dal Governatorato furono, senza alcun motivo apparente, mandati in pensione o trasferiti altrove e nelle poltrone rese vacanti sistemarono le loro natiche tenere i nuovi arrivati, tutti con in tasca la lettera di raccomandazione del cardinale Montini. Nel contempo l'antico protocollo vaticano andava sempre più rapidamente a farsi benedire. Nel corso delle cerimonie solenni, a noi della Corte, non sfuggì il ripetersi sempre più frequente di "smagliature" a volte laceranti e vistose, nel secolare e fino allora intatto tessuto della severa etichetta di intonazione spagnola. Soprintendeva in basilica, durante le funzioni solenni, il servizio della Corte, il segretario del Monsignor Maggiordomo, il focoso commendator Giovanni Giovannini. Costui sempre agitato e trafelato, sapeva a menadito il suo difficile mestiere e da tantissimi anni sopportava sulle sue spalle sempre ricoperte dal frack svolazzante, scintillante di una miriade di effimere decorazioni, la respon-

Bellegrandi em seu uniforme de camerlengo de honra, *camariero di spada e cappa*

O corpo dos Camerlengos de honra - *camarieri di spada i cappa* – usando seu grande uniforme durante uma procissão de Corpus Christi

João XXIII em recepção solene. Ao fundo, dois Guardas nobres e um Camerlengo de honra

In Rome and throughout Italy the rumor is out that Montini would be a homosexual. Hence, vulnerable. Hence, open to those who aim to use him to achieve their own goals.

Em Roma, como em toda a Itália, o rumor é que Montini seria um homossexual. E, portanto, vulnerável. E, portanto, sensível àqueles que buscam usá-lo para alcançar seus próprios fins.

When he was Archbishop of Milan, he would have been caught by the police one night wearing civilian clothes and in suspect company. Actually, for many years he had a special friendship with an actor who colors his hair red. This man did not make any secret of his relation with the future Pope. The relation continued and became much closer in the years ahead. [After Montini was elected Pope] an official of the Vatican security forces told me that this favorite of Montini was allowed to come and go freely in the pontifical apartments. And that he had often been seen taking the papal elevator at night.

Quando ele era Arcebispo de Milão, ele teria sido surpreendido pela polícia à noite, usando roupas civis e em companhia muito suspeita. De fato, por muitos anos, ele

manteve uma amizade especial com um ator de cabelo ruivo. E esse homem não fazia segredo de sua relação com o futuro Papa. Essa relação perdurou e se tornou mais íntima com os anos. [Depois que Montini foi eleito Papa] um oficial dos serviços de segurança do Vaticano me confidenciou que esse favorito de Montini era autorizado a entrar e sair à vontade nos apartamentos pontifícios. E que ele foi visto muitas vezes usando o elevador do Papa à noite.

The "banana skin" that Paul VI slipped on and that put an end to the non-official nature of his weakness was the homily on sexual ethics he delivered in January 1976 dealing with some points on homosexuality. This homily provoked a reaction from the French writer Roger Peyrefitte.

A "casca de banana" em que Paulo VI escorregou e que pôs fim ao caráter confidencial de sua fraqueza foi a homilia sobre o tema da ética sexual que ele proferiu em janeiro de 1976, que tratava de vários pontos sobre homossexualidade. Foi essa homilia que provocou uma reação do escritor francês Roger Peyrefitte.

On April 4, 1976, the weekly Il Tempo published an interview with the author, who has the reputation for very good documentation … He accused the Pope of being a homosexual and denied his right to be a censor on the topic. Paul VI officially acknowledged the blow.

Em 4 de abril de 1976, o semanário *Il Tempo* publicou uma entrevista com esse autor, conhecido por sua excelente documentação... Ele acusava o Papa de ser homossexual e negava-lhe qualquer direito de se apresentar como censor nesse capítulo. Paulo VI foi oficialmente afetado pelo golpe.

A day of prayers "to make reparation for the offense received by the Pope" was called for. All of Italy, however, was laughing about the incident. British TV made an interview with Peyrefitte, who confirmed his accusations and expressed surprise over the publicity he was receiving.

Um dia de orações "para reparar a ofensa recebida pelo Papa" foi convocado. No entanto, toda a Itália estava rindo do incidente. A TV britânica fez uma entrevista com Peyrefitte, que confirmou suas acusações e expressou surpresa pela atenção que estava recebendo.

The first blackmail against Montini, as soon as he mounted the steps of the throne of Peter, was made by Freemasonry, which pressured him to do away with the Church’s condemnation of those who ask to be cremated after death [which he did]. What it threatened was to reveal the secret meetings between the Archbishop of Milan and "his" actor in a hotel in Sion, in the Valais canton in Switzerland. In Paris, sometime later, the story behind this change made by Paul VI surfaced, with the indisputable evidence patiently amassed by a gendarme [policeman] ...

A primeira chantagem contra Montini, assim que ele subiu os degraus do trono de Pedro, foi feito pela Maçonaria, que o pressionou para acabar com a condenação da Igreja àqueles que pediam para ser cremados após a morte [o que ele fez]. O que ela ameaçou foi revelar os encontros secretos entre o Arcebispo de Milão e "seu" ator em um hotel em Sion, no cantão suíço de Valais. Em Paris, algum tempo depois, a história por trás dessa mudança feita por Paulo VI veio à tona, com as provas incontestáveis

pacientemente reunidas por um policial...

Another change observed by those in that narrow circle who, because of their rank or their posts, used to pass a large amount of time inside the Apostolic Palace, was the sudden appointment of homosexuals to positions of prestige and responsibility close to the Pope. This plague that would infest, transform, and devastate the Vatican during the time of Paul VI had already begun then [in the pontificate of John XXIII], well hidden in the baroque curtain folds of the Pontifical Court, but unfortunately alive and real. It was the distant hand of the Archbishop of Milan [Cardinal Montini], himself a victim of such weaknesses, that discretely placed one after another on the State chessboard - the pieces of the game dear to his heart.

Outra mudança observada por aqueles no círculo estreito que, devido ao seu posto ou cargo, costumavam passar muito tempo dentro do Palácio Apostólico, foi a nomeação repentina de homossexuais para posições de prestígio e responsabilidade próximas ao Papa. Essa praga que infestaria, transformaria e devastaria o Vaticano durante o tempo de Paulo VI já havia começado então [no pontificado de João XXIII], bem escondida nas dobras barrocas da Corte Pontifícia, mas infelizmente viva e real. Foi a mão distante do Arcebispo de Milão [Cardeal Montini], ele mesmo vítima de tais fraquezas, que discretamente colocou um após o outro no tabuleiro de xadrez do Estado - as peças do jogo querido por seu coração.

Those highly situated new personages, who were contaminated by the same "sickness," naturally brought with them other less highly placed people of the same ilk. So, slowly but continuously, rumors and indiscretions began to flow in the Vatican, and grave facts began to occur as a matter of course.

Esses novos personagens altamente situados, contaminados pela mesma "doença", naturalmente trouxeram consigo outras pessoas menos importantes da mesma índole. Assim, lentamente, mas continuamente, rumores e indiscrições começaram a fluir no Vaticano, e fatos graves começaram a ocorrer como uma questão de curso.

Because of their functions, these people were often seen by us [chamberlains and noble guards] principally during the visits of Sovereigns and heads of State to the Pope.

Devido às suas funções, essas pessoas eram frequentemente vistas por nós [camaristas e guardas nobres] principalmente durante as visitas de soberanos e chefes de Estado ao Papa.

They also had their favorites, who were the effeminate young men wearing elegant uniforms and make-up on their faces to dissimulate their beards. We – the camarieri di spada e cappa and noble guards – carefully kept our distance from their smiles and courtesies. We limited ourselves to greeting them at distance with a military salute of the heels.

Eles também tinham seus favoritos, que eram os jovens efeminados que usavam uniformes elegantes e maquiagem no rosto para dissimular suas barbas. Nós - os *camarieri di spada e cappa* e guardas nobres - mantivemos cuidadosamente nossa

distância de seus sorrisos e cortesias. Limitamo-nos a saudá-los à distância com um salto militar dos calcanhares.

“Favorites" of the Archbishop of Milan also began to appear in the lower levels of service, and both small and large scandals at times would erupt. The Gendarmeria Pontificia [the Vatican police] had to steer carefully, as one says, along those floating mines and keep one eye closed – and sometimes both eyes – to keep reports from leaking and to discourage some astute journalists …

"Favoritos" do Arcebispo de Milão também começaram a aparecer nos níveis inferiores de serviço, e pequenos e grandes escândalos às vezes irrompiam. A *Gendarmeria Pontifícia* [a polícia do Vaticano] tinha que navegar com cuidado, como se diz, ao longo dessas minas flutuantes e manter um olho fechado - e às vezes ambos os olhos - para evitar que os relatórios vazassem e para desencorajar alguns jornalistas astutos...

Honorable old employees who relied on the Governatorato [the administration of the Vatican State] were, without any apparent reason, ordered to retire or sent elsewhere, and these newcomers were installed in their empty chairs, all them carrying in their pockets letters of recommendation from Cardinal Montini.

Empregados antigos e honrados que dependiam do *Governatorato* [a administração do Estado do Vaticano] foram, sem qualquer razão aparente, ordenados a se aposentar ou foram enviados para outro lugar, e esses recém-chegados foram instalados nas cadeiras vazias, todos eles carregando em seus bolsos cartas de recomendação do Cardeal Montini.

(Franco Bellegrandi, *NichitaRoncalli - Controvita di um Papa*, Roma: Editizioni Internazionale di Letterature e Scienze, 1994, pp. 85-86, 91-92)

---

[24] http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_083_MontiniHomosexual.html

[25] http://www.traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_083_MontiniHomosexual.html

3. A homossexualidade de Paulo VI: Boato ou Realidade? por Marian T. Horvat, Ph.D

Abaixo traduzimos o dossiê[26] que ***Traditioinaction.org*** dedica à homossexualidade de Montini-Paulo VI.

“The Italian periodical L’Espresso recently published a scoop reporting that Paul VI had been blackmailed about a certain secret. The “hush-hush” information was his supposed “waywardness” involving homosexual acts.

"A revista italiana *L'Espresso* recentemente publicou um "furo" relatando que Paulo VI havia sido objeto de chantagem sobre um certo segredo. Essa informação "ultra-secreta" não era nada menos que sua alegada "obsessão" relacionada a atos homossexuais.

The gist of the article was reported by the newspaper Il Giornale online, January 27, 2006. Rather than deny the accusations, Paul VI had sought the help of his friend Aldo Moro, the president of the Governmental Council, to stop the rumor. This was reported by General Giorgio Manes, who released his confidential notes to l’Espresso as an exclusive.

O essencial do artigo foi relatado pelo jornal *Il Giornale online*, em 27 de janeiro de 2006. Em vez de negar as acusações, Paulo VI havia procurado a ajuda de seu amigo Aldo Moro, o presidente do Conselho de Governo, para parar o boato. Foi isso o que foi relatado pelo General Giorgio Manes, que forneceu suas revelações em entrevista exclusiva para *L'Espresso* a partir de suas notas confidenciais.

Is there anything sound upon which to base this very serious accusation, or is it just a tabloid splash? The report brings to the surface an unremitting accusation that Paul VI really was a homosexual. It has often been said that the principal thing that could stop the process of his canonization would be that his vice was, and still is, broadly known in countless Italian milieus.

Existe algo sólido para basear essa acusação muito séria, ou é apenas uma manchete de tabloide? O relatório faz menção a uma acusação persistente de que Paulo VI realmente

era homossexual. É frequentemente dito que o principal obstáculo que poderia impedir sua canonização seria o fato de que seu vício era, e ainda é, amplamente conhecido em inúmeros círculos italianos.

In his book, Vatican II, Homosexuality and Pedophilia, Atila S. Guimarães examined those accusations and, based on credible sources, made the following report. With his permission, I transcribe an excerpt from his work (pages 157 to 162, with the footnotes). He wrote:

Em seu livro, *Vaticano II, Homossexualidade e Pedofilia*, Atila S. Guimarães examinou essas acusações e, com base em fontes confiáveis, estabeleceu seu próprio relatório. Com sua permissão, eu transmito um trecho de seu trabalho (páginas 157 a 162, com as notas de rodapé). Ele escreveu:

Accusations against Paul VI

Acusações contra Paulo VI

It is especially painful to report that the moral integrity of one of the Sovereign Pontiffs was marred by serious reports of homosexuality. For Catholics who love and defend the Papacy, the revelation that homosexuality could have penetrated the highest cupola of the Church is particularly sorrowful. Nonetheless, given the credibility of the source and the importance of facing the truth in this grave matter, it seemed a requisite of honesty to offer the following data to the reader to allow him to form his own judgment.

É especialmente doloroso relatar que a integridade moral de um dos Soberanos Pontífices foi manchada por sérios relatos de homossexualidade. Para os católicos que amam e defendem a Papado, a revelação de que a homossexualidade poderia ter penetrado no mais alto cúpula da Igreja é particularmente triste. No entanto, dada a credibilidade da fonte e a importância de enfrentar a verdade neste grave assunto, pareceu um requisito de honestidade oferecer os seguintes dados ao leitor para permitir que ele forme seu próprio julgamento.

In April 1976, an important statement regarding Paul VI was made. In an interview with the Italian magazine Tempo, French author Roger Peyrefitte, a professed homosexual, commented on a homily (January 1976) in which Paul VI had spoken against homosexuality. The French writer alleged that the Pontiff's words were hypocritical and made this revelation:

Em abril de 1976, uma declaração importante sobre Paulo VI foi feita. Em uma entrevista com a revista italiana *Tempo*, o autor francês Roger Peyrefitte, um homossexual assumido, comentou sobre uma homilia (janeiro de 1976) na qual Paulo VI havia falado contra a homossexualidade. O escritor francês alegou que as palavras do Pontífice eram hipócritas e fez essa revelação:

The second sin from which I feel I have been freed, after this grotesque papal speech is my homosexuality …. In my last book, Hunting Scenes, and in another, About the French People, I stated with all the respect due a Pope (especially when he is still alive) that he is homosexual. It is amazing that the papal speech [against homosexuality] was published at the same time as my book. Was Paul VI moved by a guilt complex? But why should he feel guilty? It is known that a

boyfriend of Paul VI was a certain movie star, whose name I will not give, although I remember him very well. He was an unknown actor when our friend Paul was Cardinal Montini, Archbishop of Milan." (1)

O segundo pecado do qual sinto que fui libertado, após esse discurso papal grotesco, é minha homossexualidade.... Em meu último livro, *Cenas de Caça*, e em outro, *Sobre o Povo Francês*, eu declarei com todo o respeito devido a um Papa (especialmente quando ele ainda está vivo) que ele é homossexual. É incrível que o discurso papal [contra a homossexualidade] tenha sido publicado ao mesmo tempo que meu livro. Será que Paulo VI foi movido por um complexo de culpa? Mas por que ele deveria se sentir culpado? É sabido que um namorado de Paulo VI era uma certa estrela de cinema, cujo nome não quero dar, embora eu me lembre muito bem dele. Ele era um ator desconhecido quando nosso amigo Paulo era Cardeal Montini, Arcebispo de Milão." (1)

These grave accusations (which some might consider open to discussion, given the scandalous character of Peyrefitte) were confirmed by another author, a serious professor and journalist who had worked at the Vatican in the papal quarters.

Essas graves acusações (que alguns podem considerar abertas à discussão, dado o caráter escandaloso de Peyrefitte) foram confirmadas por outro autor, um sério professor e jornalista que trabalhou no Vaticano nos aposentos papais.

Serious accusations against Paul VI - 30 Giorni, July/August 2001

Acusações graves contra Paulo VI - *30 Giorni*, julho/agosto de 2001

The details he reported corroborate Peyrefitte's affirmations and seem quite worthy of credit. His name is Franco Bellegrandi, camariero di spada e cappa (honor chamberlain) of His Holiness from the end of Pius XII's pontificate into Paul VI's reign. He was a member of the Vatican Noble Guard, the most distinguished corps of the papal military service. The Noble Guard – done away with by Paul VI – was an elite military honor corps made up of members of the Roman nobility that would assist the Pontiff at ceremonies and solemn acts, as well as at day-to-day diplomatic functions with Heads of States or important foreign representatives.

Os detalhes que ele relatou corroboram as afirmações de Peyrefitte e parecem dignos de crédito. Seu nome é Franco Bellegrandi, *camariero di spada e cappa* (camareiro de honra) de Sua Santidade desde o final do pontificado de Pio XII até o reinado de Paulo VI. Ele foi membro da Guarda Nobre do Vaticano, o corpo mais ilustre do serviço militar papal. A Guarda Nobre - abolida por Paulo VI - era um corpo militar de elite composto por membros da nobreza romana que assistiam o Papa em cerimônias e atos solenes, bem como em funções diplomáticas diárias com chefes de Estado ou representantes estrangeiros importantes.

With reliable credentials – professor of Modern History at Innsbruck University (Austria), a correspondent for L'Osservatore Romano, author of two other books on the Vatican, and decorated with the Golden Cross of Merit of the Austrian Republic – he utilized sources and was sure of his facts. In 1994, when his book Nichitaroncalli – Controvita di un Papa (Nikita Krushev and Roncalli – Unknown Aspects of a Pope) was launched in Rome, among those present was Cardinal Silvio Oddi, who came to lend his prestige to the work and to indirectly endorse its contents.

Com credenciais confiáveis - professor de História Moderna na Universidade de Innsbruck (Áustria), correspondente do *L'Osservatore Romano*, autor de dois outros livros sobre o Vaticano e condecorado com a Cruz de Ouro de Mérito da República Austríaca - ele utilizou fontes e estava seguro de seus fatos. Em 1994, quando seu livro *Nichitaroncalli - Controvita di un Papa* (Nikita Krushev e Roncalli - Aspectos desconhecidos de um Papa) foi lançado em Roma, entre os presentes estava o Cardeal Silvio Oddi, que veio emprestar seu prestígio à obra e indiretamente endossar seu conteúdo.

In this book Bellegrandi described the situation in the papal quarters:

Neste livro, Bellegrandi descreveu a situação nos aposentos papais:

"In Rome and throughout Italy the rumor is out that Paul VI is a homosexual .... When he was Archbishop of Milan, he was caught by the police one night wearing civilian clothes and in not so laudable company. Actually, for many years he has been said to have a special friendship with a red-haired actor. This man did not make any secret of his relationship with the future Pope. The relationship continued and became closer in the years ahead. [After Montini was elected Pope] an official of the Vatican security forces told me that this favorite of Montini was allowed to come and go freely in the pontifical apartments, and that he had often been seen taking the papal elevator at night.

"Em Roma e em toda a Itália, o rumor é que Paulo VI é homossexual... Quando ele era Arcebispo de Milão, foi pego pela polícia uma noite vestindo roupas civis e em companhia não muito louvável.

Na verdade, por muitos anos, ele tem sido dito ter uma amizade especial com um ator ruivo. Este homem não fez segredo de sua relação com o futuro Papa. A relação continuou e se tornou mais íntima nos anos seguintes. [Depois que Montini foi eleito Papa] um oficial das forças de segurança do Vaticano me disse que este favorito de Montini era autorizado a entrar e sair livremente nos apartamentos pontifícios, e que ele havia sido visto frequentemente usando o elevador papal à noite."

“The ‘banana peel’ that Paul VI stepped on and that put an end to the confident nature of his weakness was the homily on sexual ethics he delivered in January 1976, dealing with some points on homosexuality. This homily provoked a reaction from the writer Roger Peyrefitte. On April 13, 1976, the weekly Tempo published an interview with this author (with a reputation for very good documentation), ... who accused the Pope of being a homosexual and denied his right to be a censor on the topic. Paul VI officially acknowledged the blow.

A "casca de banana" em que Paulo VI pisou e que pôs fim à natureza confiante de sua fraqueza foi a homilia sobre ética sexual que ele proferiu em janeiro de 1976, tratando de alguns pontos sobre homossexualidade. Essa homilia provocou uma reação do escritor Roger Peyrefitte. Em 13 de abril de 1976, o semanário Tempo publicou uma entrevista com esse autor (com reputação por excelente documentação),... que acusou o Papa de ser homossexual e negou seu direito de ser um censor sobre o assunto. Paulo VI oficialmente reconheceu o golpe.

“A ‘day of reparation for the offense received by the Pope’ was called for. All of Italy, however, was laughing about the incident. British TV broadcast made an interview with Peyrefitte, who confirmed his accusations and expressed surprise over the publicity he was receiving.

Um "dia de reparação pela ofensa recebida pelo Papa" foi convocado. No entanto, toda a Itália estava rindo do incidente. A TV britânica transmitiu uma entrevista com Peyrefitte, que confirmou suas acusações e expressou surpresa com a publicidade que ele estava recebendo.

“The first blackmail against Montini was made as soon as he mounted the steps of the throne of Peter by Freemasonry, which pressured him to do away with the Church’s condemnation of those who ask to be cremated after death (which he did). What it threatened was to reveal the secret meetings between the Archbishop of Milan and ‘his’ actor in a hotel in Sion, in the Valais Canton in Switzerland. In Paris, sometime later, the story behind this change made by Paul VI surfaced, with the indisputable evidence patiently amassed by a gendarme (policeman).” (2)

A primeiro chantagem contra Montini foi feita assim que ele subiu ao trono de Pedro pela Maçonaria, que o pressionou para acabar com a condenação da Igreja aos que pediam para ser cremados após a morte (o que ele fez). O que ameaçou foi revelar os encontros secretos entre o Arcebispo de Milão e "seu" ator em um hotel em Sion, no cantão de Valais, na Suíça. Em Paris, algum tempo depois, a história por trás dessa mudança feita por Paulo VI veio à tona, com provas incontestáveis pacientemente acumuladas por um policial.

Some pages later, Bellegrandi described what he had personally witnessed:

Algumas páginas depois, Bellegrandi descreve o que ele pessoalmente testemunhou:

“Another change observed by those in that narrow circle who, because of their position in the Hierarchy or their posts, used to pass a large amount of time inside the Apostolic Palace, was the sudden appointment of homosexuals to positions of prestige and responsibility close to the Papacy. This plague infested, transformed, and devastated the Vatican during the time of Paul VI. It had already begun then [in the pontificate of John XXIII], well hidden in the baroque curtain folds of the Pontifical Court, but, unfortunately, alive and real. But it was the distant hand of the Archbishop of Milan, himself a victim of such weaknesses, that discretely placed one after another on the State chessboard …. the pieces of his game dear to his heart.

Outra mudança não passou despercebida pelos membros do círculo restrito que, devido aos seus cargos ou postos, eram levados a passar muito tempo dentro dos muros do Palácio Apostólico: foi o recrutamento repentino de homossexuais para posições de prestígio e responsabilidade próximas ao Papa. Essa chaga que deveria infestar, transformar e devastar o Vaticano nos anos do reinado de Paulo VI, já havia começado a se manifestar [sob o pontificado de João XXIII] bem escondida nas dobras do véu barroco da Corte Pontifícia, mas infelizmente bem viva e bem real. Era o efeito à distância da mão do Arcebispo de Milão [Cardeal Montini], ele próprio afligido por fraquezas dessa natureza, que discretamente colocava, umas após as outras, no tabuleiro de xadrez do Estado - as peças desse jogo tão querido ao seu coração.

“Those highly situated new personages, who were contaminated by the same ‘sickness,’ naturally brought with them other less highly placed people of the same ilk. Therefore, slowly but continuously, rumors and indiscretions began to flow in the Vatican, and grave facts began to occur as a matter-of-course.

Esses novos personagens altamente situados, contaminados pela mesma "doença", traziam naturalmente consigo outros comparsas da mesma espécie menos altamente situados. É assim que, pouco a pouco, mas sem descanso, rumores e indiscrições começaram a correr os corredores do Vaticano, e fatos graves vieram a ocorrer nessa matéria.

“Because of their functions, these people were often seen by us [the Noble Guard]. … They also had their favorites, who were the effeminate young men wearing elegant uniforms and make-up on their faces to dissimulate their beards. We (the camarieri di spada e cappa and noble guards) carefully kept our distance from their smiles and courtesies. We limited ourselves to greeting them at distance with the military salute of the heels

Devido às suas funções, esses indivíduos eram frequentemente observados por nós [camaristas e guardas nobres] principalmente por ocasião das visitas ao papa dos soberanos e chefes de Estado. Eles também tinham seus favoritos, que eram os jovens efeminados que usavam uniformes elegantes e se maquiavam o rosto para dissimular suas barbas. Nós - os *camarieri di spada e cappa* e os guardas nobres - mantínhamos cuidadosamente distância de seus sorrisos e cortesias. Nós nos limitávamos a saudá-los à distância com um clique militar dos calcanhares.

"'Favorites' of the Archbishop of Milan also began to appear at the level of functionary, and both small and large scandals at times would erupt. The Gendarmeria Pontificia [the Vatican police] had to steer carefully .... along those floating mines and keep one eye closed – and sometimes both eyes – to keep reports from leaking and to discourage some sharp journalists .... Honorable old employees who relied on the Governatorato [the administration of the Vatican State] were suddenly fired or removed to other posts, and these newcomers were installed in their empty chairs, all them carrying in their pockets letters of recommendation from Cardinal Montini." (3)

Os "favoritos" do Arcebispo de Milão também começaram a fazer sua aparição nos graus inferiores do serviço, e pequenos e grandes escândalos iriam eclodir a termo. A Gendarmeria Pontifícia [a polícia do Vaticano] tinha que navegar com prudência, como se diz, entre essas minas flutuantes, guardando um olho fechado - e às vezes fechando os dois olhos - para evitar vazamentos e para desencorajar alguns jornalistas muito curiosos...

Funcionários honrados e antigos que dependiam do *Governatorato* [administração do Estado do Vaticano] recebiam, sem qualquer razão aparente, ordem de se aposentar, ou eram transferidos para outro lugar, e esses recém-chegados eram instalados nos cargos que deixavam vagos, todos esses indivíduos carregando no bolso cartas de recomendação do Cardeal Montini. (3).

Guimarães ends his chapter by presenting the testimony of Spanish author Pepe Rodrigues, who openly states what would seem to be common knowledge in the inner circles of the European Hierarchy and elites, that there were not only many homosexual Bishops but also a "great homosexual Pope." (4).

Guimarães termina seu capítulo com a apresentação do testemunho de um autor espanhol Pepe Rodrigues, que declara abertamente que parece ser de conhecimento público nos círculos internos da hierarquia europeia e de suas elites que há não apenas muitos bispos homossexuais, mas também "*um grande papa homossexual*" (4).

The former claim, at least, can be affirmed without hesitation in face of the continuing crisis of homosexuality the Church is experiencing because of the involvement or complicity of her Prelates with these crimes. The second claim, if true, would explain in part the immense complacency from the highest cupola regarding homosexuality among ecclesiastics.

A primeira afirmação, pelo menos, pode ser feita sem hesitação diante da crise contínua de homossexualidade que a Igreja está experimentando devido ao envolvimento ou cumplicidade de seus prelados com esses crimes. A segunda afirmação, se for verdadeira, explicaria em parte a imensa complacência por parte do mais alto escalão da Igreja em relação à homossexualidade entre os eclesiásticos.

1. Roger Peyrefitte, "Mea culpa? Ma fatemi il santo piacere", Tempo, 4 de abril de 1976.

2. Franco Bellegrandi, Nichitaroncalli – Controvita di un Papa (Roma: Ed. Internazionale di Letteratura e Scienze, 1994), pp. 85-86.

3. Ibid., pp. 91-2.

4. Pepe Rodrigues, "Espana no es diferente", El Mundo, 19 de março de 1995, p. 3.

---

[26] http://www.traditioninaction.org/HotTopics/a02tPaulV_Accusations.html

4. O livro do Professor Guimarães: "Vaticano II, Homossexualidade e Pedofilia"

Já havíamos apresentado um escrito de Guimarães em 4 de outubro de 2008[27]. Mas os leitores francófonos conhecem mal o Professor Guimarães, que convém apresentar previamente. Traduzimos aqui a breve apresentação feita por ***Dailycatholic.org*** :

"Atila Sinke Guimarães

The DAILY CATHOLIC is honored to add Atila Sinke Guimarães to our list of contributing columnists. He is the distinguished author of the 11-volume collection Eli, Eli, Lamma Sabacthani (My God, My God, Why hast Thou forsaken me?). To date five volumes of this collection have been published in English: In the Murky Waters of Vatican II and Animus Delendi- I (Desire to Destroy), Quo Vadis, Petre?, and most recently Animus Delendi-II.

O **CATÓLICO DIÁRIO** tem a honra de adicionar **Atila Sinke Guimarães** à nossa lista de colunistas contribuintes. Ele é o distinto autor da coleção de 11 volumes *Eli, Eli, Lamma Sabacthani* (*Meu Deus, Meu Deus, Por que me abandonaste?*). Até o momento, cinco volumes desta coleção foram publicados em inglês: *Em águas turvas do Vaticano II* e *Animus Delendi- I* (*Desejo de Destruir*), *Quo Vadis, Petre?*, e mais recentemente *Animus Delendi-II*.

This prolific writer was born in Rio de Janiero and tutored by his esteemed mentor Professor Plinio Correa de Oliveira for many years. Both Atila and his mentor spent many years in studies and researches, which included several trips to Europe and other countries of South America.

Este prolífico escritor nasceu no Rio de Janeiro e foi orientado por seu estimado mentor **Professor Plinio Correa de Oliveira** por muitos anos. Tanto Atila quanto seu mentor dedicaram muitos anos a estudos e pesquisas, que incluíram várias viagens à Europa e outros países da América do Sul.

He is co-author of two timely statements addressed to Pope John Paul II on the responsibility of the Pontiff in upholding Church doctrine and tradition in We Resist You to the Face and An Urgent Plea: Do Not Change the Papacy.

Ele é coautor de duas declarações oportunas dirigidas ao **Papa João Paulo II** sobre a responsabilidade do Pontífice em defender a doutrina e a tradição da Igreja em *Nós Resistimos a Você em Rosto* e *Um Apelo Urgente: Não Mude a Papado*.

His most recent work is the fifth volume in his Eli, Eli, Lamma Sabacthani series - Animus Delendi - II, which lays out the destruction of the Church through Secularization and Ecumenism. Among his most recent works released is a photo book co-authored with Marian T. Horvat entitled Previews of the New Papacy. He has also authored numerous booklets published by Tradition In Action, Inc. which we highly endorse.

Seu trabalho mais recente é o quinto volume de sua série *Eli, Eli, Lamma Sabacthani - Animus Delendi - II*, que expõe a destruição da Igreja por meio da Secularização e do Ecumenismo. Entre seus trabalhos mais recentes está um livro de fotos coautorado com **Marian T. Horvat** intitulado *Previsões do Novo Papado*. Ele também é autor de numerosos folhetos publicados por **Tradição em Ação, Inc.**, que recomendamos fortemente.

Atila Guimarães is a contributor to Catholic periodicals, and has regular columns in The Remnant, Catholic Family News, and The DAILY CATHOLIC. In February 2000, the International Biographical Center of Cambridge included him in the 2000 Outstanding Writers of the 20th Century in honor of his contribution in the field of Contemporary Religious Analysis.

Atila Guimarães é contribuinte de periódicos católicos e tem colunas regulares em *The Remnant*, *Catholic Family News* e o **CATÓLICO DIÁRIO**. Em fevereiro de 2000, o Centro Biográfico Internacional de Cambridge o incluiu na lista dos 2000 Escritores Notáveis do Século XX em homenagem à sua contribuição no campo da Análise Religiosa Contemporânea.

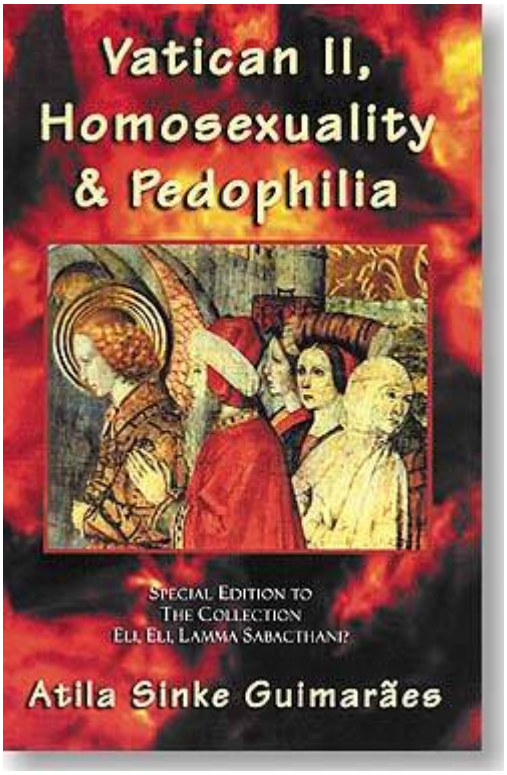
His resume represents years of studies which began with Engineering from 1964-67; Law studies 1967-70; three years of French Literature; four years of Medieval History Studies; four years of Catholic Church History; eight years studying Philosophy as well as Politics; with sixteen years of Apologetics on Contemporary Religious Studies."[28]

O currículo de Guimarães representa anos de estudo que começaram com estudos de engenharia de 1964-67; estudos de Direito de 1967-70; três anos de literatura francesa, quatro anos de estudos de História Medieval; quatro anos de estudos de História da Igreja; oito anos de estudos de Filosofia e Política; com dezesseis anos de Apologética sobre estudos religiosos contemporâneos.[29]

No livro, a Sra. Engel elogiou o trabalho do Professor Guimarães:

> "*O Sr. Guimarães realizou um trabalho excepcional ao analisar os documentos do NCCB/USCC, da USCCB e do Vaticano relativos à homossexualidade. Sua fonte principal sobre as acusações de homossexualidade contra Paulo VI* ***é a obra de Franco Bellegrandi, Nichitaroncalli – Controversia di un Papa (Roma: Ed. Internazionale di Letteratura e Scienza, 1994), p. 85 e 86***."

Registramos, de passagem, essa obra importante, mas teremos que voltar a ela mais tarde:



« How is it possible that the Vatican remains silent regarding homosexuality and pedophilia in the Catholic clergy? In the United States it is common to link the impunity of these priests to the cover-up of the Bishops. But why were such Bishops in turn not punished or at least strongly censured? Why are many homosexual and pedophile priests being chosen to be become Bishops? Certainly, with such attitudes the Vatican promotes these vices. What is the explanation?

"*Como é possível que o Vaticano mantenha o silêncio sobre a homossexualidade e a pedofilia no clero católico? Nos Estados Unidos, é comum fazer a ligação entre a impunidade desses padres e a vontade de ocultação dos bispos. Mas por que esses bispos não são punidos ou severamente sancionados por seu comportamento? Por que muitos padres homossexuais e pedófilos são escolhidos para ser promovidos a bispos? É certo que, adotando tais atitudes, o Vaticano promove esses vícios. Como podemos explicar isso?*"

In this book Guimarães offers two reasons:

Nesse livro, Guimarães oferece duas razões:

First, Vatican Council II introduced a new morals in the Catholic Church. This new morality is meant to adapt itself to modern psychological theories that presume sexual desires should not be repressed.

Em primeiro lugar, o Concílio Vaticano II introduziu novos critérios morais na Igreja Católica. Essa nova moralidade pretende adaptar-se às teorias psicológicas modernas que pressupõem que os desejos sexuais não devem ser reprimidos.

Second, homosexuality and pedophilia infiltrated such high positions in the Catholic Hierarchy that for the present-day Vatican to punish the guilty parties would be tantamount to gravely damaging itself.

Em segundo lugar, a homossexualidade e a pedofilia infiltraram-se em posições tão altas na Hierarquia Católica que, para o Vaticano atual, punir os culpados seria o mesmo que se prejudicar gravemente.

These are causes many Catholic suspect, but only few have the courage to express. This book constitutes a noble denunciation made for the love of the Catholic Church, and turned toward Our Lord asking Him to heal her.

Essas são causas que muitos católicos suspeitam, mas poucos têm a coragem de expressar. Esse livro constitui uma nobre denúncia feita por amor à Igreja Católica, e voltada para Nosso Senhor, pedindo-lhe que a cure.

The work is also a valuable resource tool, presenting Catholic teaching on homosexuality with quotes from Scriptures, Popes, Saints and Canon Law."[30] Traditioninaction.org

O trabalho também é uma valiosa ferramenta de recurso, apresentando o ensino católico sobre a homossexualidade com citações das Escrituras, Papas, Santos e Direito Canônico."**[30]** Traditioninaction.org

Esse livro é também um indispensável instrumento de trabalho que recorda o ensino católico sobre a homossexualidade com referências às Escrituras, Papas, Santos e Direito Canônico[31] **Traditioninaction.org**

Diante desses trabalhos que se acumulam, as acusações de homossexualidade contra Montini-Paulo VI são esmagadoras.

---

[27] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-04-B-00-Succession_de_Benoit_XVI.pdf

[28] http://www.dailycatholic.org/atilabio.htm

[29] http://www.dailycatholic.org/atilabio.htm

[30] http://www.traditioninaction.org/tiabkHomo.htm

[31] http://www.traditioninaction.org/tiabkHomo.htm

5. Conclusão - A FSSPX acabará por se juntar a essa igreja conciliar dominada e dirigida por redes clericais homossexuais?

O dossiê sobre a colonização homossexual iniciada na Igreja Católica, e que agora invadiu a igreja conciliar que a sucedeu, não para de crescer.

Ela assume hoje uma tal amplitude que é necessário tomar a medida de uma tal subversão da Igreja.

O descrédito que atinge hoje "a igreja conciliar que está em ruínas[32]" recai sobre o Bispo Fellay, que se segue desde 2000 aceitando negociar e considerar uma "reconciliação" com clérigos que protegem redes clericais homossexuais, quando eles próprios não são suspeitos de fazer parte delas.

O Bispo Lefebvre, se tivesse conhecimento de todos esses fatos, dos quais muitos só foram conhecidos após sua morte, teria considerado que sua obra acabasse nas mãos de redes homossexuais ou de protetores dessas redes?

Que piedade e que vergonha!
Continuemos o bom combate
A Redação de *Virgo-Maria*
2009 virgo-maria.org

---

[32] Termos usados pelo próprio Mons. Lefebvre.

Anexo - Capítulo 19: O Papa Paulo VI e a Mudança de Paradigma da Igreja em Relação à Homossexualidade

João XXIII – o papa interino

Angelo Giuseppe Roncalli, conhecido mundialmente como o papa João XXIII, garantiu a ligação interina crítica entre os dois grandes idealizadores e realizadores da Revolução na Igreja Católica – o papa Pio XII (Eugenio Pacelli) e o papa Paulo VI (Giovanni Battista Montini). O forte apoio que Roncalli devia ao grupo de Rampolla, suas inclinações "progressistas" e sua idade avançada foram suficientes para lhe conferir o título de papa aprendiz, mas não o de líder da Revolução.

Lombardo como Battista Montini, Roncalli nasceu em 25 de novembro de 1881 em Sotto il Monte, na diocese de Bérgamo (Itália). Ele era o quarto de quatorze filhos. Essa numerosa família, liderada por seu avô Zaverio, era pobre; eram meeiros que dependiam amplamente da boa vontade de seu proprietário. A vida era difícil[33].

Roncalli sentiu-se atraído pelo sacerdócio desde muito jovem. Em suas memórias, ele escreve que não se lembrava de ter desejado outro destino além de ser padre. Começou aos nove anos como externo no colégio episcopal de Celana, mas, após um ano de experiência, voltou para casa, onde teve como professor o pároco de sua paróquia, Dom Francesco Rebuzzini[34]. Ele entrou no pequer seminário de Bérgamo aos onze anos, em novembro de 1893.

Sua formação para o sacerdócio progrediu de maneira ordinária até que ele encontrou, por acaso, em 17 de setembro de 1899, Dom Giacomo Maria Radini-Tedeschi.

Dom Radini-Tedeschi, cônego de São Pedro em Roma, onde mantinha importantes conexões com a Cúria, mais tarde se tornaria, até o fim de sua vida, o patrono e protetor de Roncalli. Na época com quarenta e dois anos, ele convidou o aspirante ao sacerdócio a ir estudar em Roma, mas Roncalli aceitou o convite apenas depois de ganhar uma bolsa para o seminário pontifício de Roma[35].

De janeiro de 1901 a 1905, com uma interrupção de um ano devido ao serviço militar obrigatório, Roncalli permaneceu no colégio romano. Após sua ordenação como padre da diocese de Bérgamo em 10 de agosto de 1904, ele ficou em Roma para obter seu diploma de direito canônico. E a Providência interveio mais uma vez.

Em 1905, o papa Pio X começou a implementar um programa destinado a desarmar os aliados modernistas de Rampolla. Ele consagrou Radini-Tedeschi bispo e o promoveu rapidamente. O bispo Radini-Tedeschi escolheu Roncalli para acompanhá-lo como secretário na diocese de Bérgamo.

Como membro da comitiva oficial de Radini-Tedeschi, Roncalli começou a se impregnar do espírito "progressista" de seu influente patrono e mentor. Os outros membros do círculo íntimo incluíam o cardeal Rampolla e seu secretário Eugenio Pacelli (futuro papa Pio XII), Giacomo della Chiesa (futuro Bento XV), que trabalhava no Departamento de Estado do Vaticano, assim como o cardeal Andrea Carlo Ferrari, arcebispo de Milão.

Além de suas funções diocesanas, Roncalli aceitou em 1906 um cargo no seminário diocesano, onde ensinava história e apologética. Os rumores de que suas aulas continham sementes de modernismo pouco o preocupavam. Ele continuou a desfrutar de boa proteção até a morte de Radini-Tedschi, em 1914; mas com a chegada de um novo ordinário, o bispo Luigi Maria Marelli, que tinha reputação de ortodoxia e intolerância à novidade – teológica ou de outra natureza –, suas chances de ascender na hierarquia eclesiástica pareciam sombrias.

Em maio de 1915, Roncalli foi mobilizado como capelão durante o primeiro conflito mundial. Após a terrível experiência da guerra de trincheiras, que o fez refletir, seu superior, o bispo Marelli, nomeou-o diretor da Casa de Estudos de Bérgamo e, depois, diretor espiritual do Seminário Diocesano. Ele também foi nomeado capelão da União das Mulheres Católicas (UFC). Segundo Mary Martínez, foi em uma greve das operárias da UFC que Roncalli conheceu uma alma gêmea na pessoa de Giuditta Montini, organizadora da trégua e militante política da democracia cristã, mãe do futuro papa Paulo VI[36].

O ano de 1921 trouxe-lhe uma reviravolta brusca. Pio X havia forçado os modernistas a se esconderem, mas com Giacomo della Chiesa agora no trono papal como Bento XV, eles ressurgiram, mais virulentos do que nunca.

O papa Bento XV convocou Roncalli a Roma e o nomeou presidente do Conselho Central para a Propagação da Fé na Itália, com um escritório na Cúria.

Infelizmente para Roncalli, um ano depois, o papa Bento XV faleceu. Seu sucessor foi Achille Ratti, que se tornou o papa Pio XI. Para os visionários da Nova Igreja, esta eleição representava outro revés temporário.

Enquanto trabalhava na Propaganda Fide, Dom Roncalli estabeleceu importantes contatos políticos com Giorgio Montini, editor-chefe do *Il Cittadino* de Brescia e militante do Partido Popular Italiano (PPI), partido antifascista liderado por Dom Luigi Sturzo. Foi mais ou menos nessa época que ele conheceu o filho mais velho de Montini, o promissor Dom Giovanni Battista, que retornava da Polônia. Os dois homens desenvolveram uma sólida amizade que duraria a vida inteira[37].

Em 1924, Dom Roncalli obteve um cargo de professor de teologia e história eclesiástica na Universidade Pontifícia Lateranense.

Martínez observa que foi durante suas aulas no Laterano que Roncalli começou a "temperar" suas aulas com os escritos do antroposofista Rudolf Steiner, ex-adepto da seita ocultista *Ordo Templi Orientis*, segundo a qual o falecido cardeal Rampolla era uma luz a ser seguida[38]. Ela enfatiza qu os comentários imprudentes de Roncalli chegaram aos ouvidos de Pio XI. Esse incidente teria resultado em sua demissão imediata da Universidade Pontifícia, se não fosse a intercessão do Secretário de Estado, o cardeal Pietro Gasparri, que ofereceu a seu amigo Roncalli um bispado e um cargo diplomático nos Bálcãs enquanto aguardava dias melhores[39].

Por outro lado, Peter Hebblethwaite, biógrafo de Roncalli, indica que seu banimento de Roma foi desencadeado por comentários inoportunos – pró-PPI, pró-democracia cristã e antifascistas – durante um sermão na catedral de Bérgamo em 1º de setembro de 1924, na ocasião do décimo aniversário da morte do bispo Radini-Tedeschi[40].

Dom Roncalli foi Visitador Apostólico e, em seguida, Delegado Apostólico na Bulgária de março de 1925 a janeiro de 1935. Pio XI então o nomeou Núncio Apostólico na Turquia e na Grécia, onde o islamismo e a ortodoxia grega dominavam a cena religiosa, respectivamente[41].

Durante a Segunda Guerra Mundial, Roncalli dedicou grande parte de seu tempo a questões humanitárias, particularmente ao sofrimento dos judeus. O papa Pio XII ordenou-lhe que emitisse certificados de batismo falsos para que os judeus pudessem se reinstalar na Palestina, então sob domínio britânico. Roncalli relutou.

Ele informou o papa que seria uma loucura ceder à reivindicação sionista de uma pátria na Palestina, pois essa demanda não se justificava nem por razões históricas nem políticas. Roncalli se opunha ao deslocamento dos árabes, incluindo muitos árabes cristãos, para dar lugar aos sionistas. Seu ponto de vista era compartilhado pelo cardeal Luigi Maglione, Secretário de Estado do Vaticano, mas Pio XII não recuou. Roncalli, então, começou a redigir certificados de batismo falsos[42].

No Natal de 1944, Roncalli estava em Paris como Núncio junto à Quarta República. Ele conseguiu salvar os bispos franceses que haviam apoiado o governo de Vichy (1940-1944) contra as Forças Francesas Livres. O vitorioso general Charles de Gaulle exigia sua "libra de carne"[43].

Em maio de 1952, Roncalli – com setenta e um anos – foi informado por Dom Montini, Substituto da Secretaria de Estado do Vaticano, que Pio XII o havia nomeado primeiro Observador Permanente do Vaticano junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), recém-criada em Paris. O crédito por essa manobra diplomática foi atribuído a Jacques Maritain, embaixador da França junto à Santa Sé[44].

Indícios sugerem que, durante seus anos fora de Roma, Roncalli foi iniciado na maçonaria, embora o Cânon 2335 do Código de Direito Canônico de 1917 proibisse formalmente essa filiação.

De acordo com Mary Martínez, uma jornalista experiente, o repórter milanês Pier Carpi (pseudônimo) afirmou ter provas absolutas de que, durante sua estadia em Istambul, Roncalli foi iniciado na maçonaria, alcançando o 18º grau rosacruciano[45].

Após Roncalli deixar seu cargo em Paris, membros da Guarda Republicana relataram que ele participava regularmente das reuniões de quinta-feira à noite da loja maçônica do Grande Oriente da França[46].

Anos após a morte de João XXIII, obituários favoráveis foram publicados por maçons de alto nível, que aplaudiam Roncalli como um irmão que concedeu "sua bênção, compreensão e proteção" à Obra[47].

Em 14 de novembro de 1952, o arcebispo Roncalli recebeu de Montini, então Pro-Secretário de Estado, uma carta confidencial perguntando se ele aceitaria o cargo de Patriarca de Veneza, que seria vacante com a morte iminente do arcebispo Carlo Agostini[48]. Foi uma oferta audaciosa, dad que Roncalli se aproximava da idade de aposentadoria.

Ansioso por voltar à sua terra natal, Roncalli declarou-se pronto para aceitar a oferta de Pio XII. Ele foi elevado ao cardinalato em 12 de janeiro de 1953 e nomeado Patriarca de Veneza três dias depois.

Em 4 de novembro de 1958, o cardeal Roncalli ascendeu à Sé de Pedro sob o nome de João XXIII[49]. Ele tinha quase setenta e sete anos, mas vale lembrar que sua escolha era vista como a d um papa de transição. Embora seu pontificado tenha durado menos de cinco anos, ele conseguiu cumprir sua dupla missão: construir o aparato necessário para implementar a Revolução na forma de um concílio geral e preparar o caminho para seu sucessor, Giovanni Battista Montini.

Os Consistórios do Papa João XXIII

No consistório de 15 de dezembro de 1958, Giovanni Battista Montini, arcebispo de Milão, foi o primeiro cardeal criado por João XXIII. Durante os quatro consistórios seguintes, Roncalli fez com que o Colégio de Cardeais ultrapassasse em muito o número total de membros, que era de setenta[50]. Foi o arcebispo Montini quem forneceu a lista de candidatos a João XXIII[51].

Essa composição de um Sacro Colégio favorável era a versão do Vaticano II da tentativa feita em 1930 por Franklin D. Roosevelt de compor uma Corte Suprema que lhe fosse favorável, com a grande diferença de que a tentativa do presidente americano havia sido descoberta.

Dois fatores foram determinantes para a nomeação dos novos cardeais: a necessidade de prosseguir a internacionalização, ou seja, a "desromanização" da Cúria iniciada sob Pio XII, e a necessidade de garantir votos a Montini para o conclave seguinte.

Entre esses construtores da Igreja conciliar que receberam o chapéu vermelho das mãos de João XXIII estavam:

- Augustine Bea, SJ
- Leo-Josef Suenens, arcebispo de Malines-Bruxelas (Bélgica)

- Amleto Giovanni Cicognani, delegado apostólico nos Estados Unidos
- Carlo Confalonieri, secretário da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades
- Franziskus König, arcebispo de Viena (Áustria)
- Paolo Giobbe, Núncio Apostólico interino nos Países Baixos
- Julius Döpfner, bispo de Berlim (Alemanha)
- Arcadio María Larraona, CMF, secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos
- Bernard Jan Alfrink, arcebispo de Utrecht (Países Baixos)

Menos de três meses depois de se tornar papa, João XXIII consagrou Albino Luciani, futuro papa João Paulo I, bispo de Vittorio Veneto (Itália), que mais tarde seria nomeado Patriarca de Veneza por Paulo VI. O nome do arcebispo Luciani estava no topo da lista de Paulo VI para a nomeação ao cardinalato, no consistório de 5 de março de 1973. O cardeal Luciani teve o privilégio de ser um dos poucos italianos admitidos no círculo de Montini[52].

João XXIII convoca um Concílio Geral

Historicamente, existem quatro motivos para um papa convocar um concílio ecumênico ("universal") ou geral de todos os bispos do mundo: 1. pôr fim a um cisma; 2. condenar a heresia; 3. esclarecer um ou mais pontos de dogma; 4. instituir uma reforma no sentido tradicional do termo, ou seja, combater o laxismo em matéria de disciplina ou moral eclesiástica[53].

No entanto, o Concílio Ecumênico de João XXIII (1962-1965) não foi convocado por nenhum desses motivos. Foi convocado com o objetivo ostensivo de "*aggiornamento*" ou "atualização" da Igreja, ou seja, para fazer a Igreja entrar no "mundo moderno".

O Concílio foi declarado "pastoral" em oposição a um concílio "dogmático". Essa distinção terminológica, no entanto, criou uma falsa dicotomia, pois a Verdade revelada nunca pode ser oposta a considerações pastorais autênticas.

João XXIII não se comprometeu em condenações e anátemas que, no passado, anunciavam a introdução de reformas legítimas na vida da Igreja. Isso fica claro no discurso - redigido por Montini - que ele proferiu diante de mais de dois mil Padres do Concílio reunidos para a abertura solene do Concílio na Basílica de São Pedro, em 11 de outubro de 1962[54].

Como escreve Amerio em *Iota Unum*, Paulo VI reformulou posteriormente os objetivos do Concílio, incluindo: 1. a *tomada de consciência* da Igreja; 2. uma "reforma" em termos de autocorreções; 3. a *causa unionis*, ou seja, a questão da unidade dos cristãos; 4. "o estabelecimento de uma ponte com o mundo moderno"[55].

Parece que a inspiração do Concílio atingiu João XXIII como "um raio vindo do céu". No entanto, a realidade parece mais terrena.

Pio XI havia questionado seus cardeais sobre a oportunidade de um concílio geral durante um consistório secreto realizado em 23 de maio de 1923, e eles o haviam desaconselhado a organizar um, argumentando que isso abriria a porta para os arquitetos da Revolução presentes na Igreja[56].

Pio XII também havia considerado convocar um concílio geral no início de seu pontificado e havia chegado a encarregar o Santo Ofício de estabelecer o ante-programa [57]. O primeiro Secretário da Comissão Preparatória secreta era um jesuíta belga, o padre Pierre Charles [58]. Infelizmente para os revolucionários, as contingências da Segunda Guerra Mundial, seguida da Guerra Fria e da falta de créditos, militaram na época contra a convocação de um concílio ecumênico [59].

Como observa Martínez, antes mesmo que João XXIII tivesse começado seu pontificado, o arcebispo Montini - com o grupo do Reno, que incluía personalidades revolucionárias como o teólogo suíço Hans Küng, Leo-Jozef Suenens, Julius Döpfner, Franziskus König, Augustin Bea e Albino Luciani - já havia reorganizado os planos do papa Pio XII relativos a um concílio geral durante uma série de reuniões secretas de alto nível realizadas em Munique [60].

Roncalli não estava presente nessas reuniões.

Enquanto a Cúria e a Comissão Preparatória do Concílio trabalhavam febrilmente na redação de esquemas ortodoxos abertamente concebidos para servir de base às deliberações dos Padres, Montini e companhia estavam ocupados em redigir esquemas paralelos destinados a ser adotados quando a ordem viesse de jogar fora os projetos aprovados pela Cúria e começar tudo de novo [61].

Quanto aos membros da oposição leal, eles eram fracos e sem organização e cometeram o erro fatal de subestimar grosseiramente as capacidades do inimigo. No meio do caminho do Concílio, eles literalmente desmoronaram. Não há nada de surpreendente nisso, já que eles tinham contra si tanto Paulo VI quanto João XXIII, titulares do poder supremo dentro da Igreja.

"The Plot Against the Church", de Maurice Pinay, inicialmente publicado em italiano, foi distribuído no outono de 1962, durante os primeiros dias do Concílio. Tal obra mostra que nem todos estavam ignorantes das intrigas políticas e teológicas tramadas pelos fabricantes do Concílio[62].

A maioria dos Padres, no entanto, ignorou os alertas precoces sobre o golpe que se preparava, pois estavam intoxicados pela atmosfera eufórica e a propaganda midiática que acompanhou a abertura do Segundo Concílio do Vaticano. Eles deveriam, no entanto, ter se preocupado com o fato de que os inimigos da Igreja, incluindo os liberais, os comunistas, os maçons e os sionistas, estavam saudando o evento como um gigantesco passo à frente para a humanidade.

Cardeal Montini - A mão escondida

É amplamente reconhecido hoje - por adversários e partidários da Revolução que varreu a Igreja - que o cardeal Montini controlava nos bastidores, desde Milão, a orientação e a agenda dos primeiros dias do Concílio. Após a abertura do Concílio, Montini transferiu o centro de suas operações para a suíte que ocupava no Vaticano e que era tradicionalmente reservada aos cardeais residentes.

Segundo Amerio, "L'Osservatore Romano" publicou, na véspera do Concílio, trechos de um livro sobre o futuro do Concílio, escrito pelo cardeal Montini e publicado pela Universidade de Milão. Montini enfatizou que a missão do Concílio era reorganizar a Fé para minimizar os elementos sobrenaturais, tornando-a mais aceitável para o mundo moderno e o homem moderno[63].

Na mesma linha, Martínez assinala que quatro dias antes do "raio" que teria inspirado o Concílio ao papa João, não apenas Küng declarou diante de um público atônito, durante uma conferência realizada na Hofkirche (igreja abacial) de Lucerna, na Suíça, que haveria um concílio geral, mas também indicou a orientação e a agenda[64].

Ao publicar um ano antes da abertura do Concílio "The Council, Reform and Reunion", Küng mostrou que sabia mais sobre o Concílio do que o papa João[65].

Traição

Para preparar o Concílio, o Escritório da Secretaria havia escrito aos bispos católicos de todo o mundo para solicitar suas opiniões sobre os temas a serem estudados. Nas respostas a essa sondagem, o problema do comunismo foi o mais citado.

No entanto, como indicado no capítulo anterior, João XXIII - agindo por instigação do cardeal Montini - aprovou, dois meses antes da abertura do Concílio, a assinatura do acordo de Metz, concluído com emissários de Moscou, pelo qual os soviéticos permitiriam que dois representantes da Igreja do Estado russo participassem do Concílio em troca do silêncio absoluto sobre a questão do comunismo e do marxismo.

Com exceção do cardeal Montini, que havia encarregado o papa João de iniciar negociações com Moscou, do cardeal Eugène Tisserant, que havia assinado o acordo de Metz, e do bispo Jan Willebrands, que havia feito os últimos contatos com os representantes da Igreja do Estado russo, os Padres da Igreja presentes no Concílio desconheciam a existência e a natureza do acordo de Metz e a traição que ele representava[66].

O grau de engano e duplicidade que caracterizava os termos do acordo de Metz aparece claramente na leitura do comentário bem conhecido do padre Ralph Wiltgen sobre o Concílio, "O Reno se lança no Tibre", escrito em 1966, no qual o autor assegura a seus leitores que não havia obstáculos a um debate sobre o comunismo no Concílio:

"A questão do comunismo não foi abordada diretamente nem na reunião de Paris, nem na de Moscou. A Igreja ortodoxa russa não formulou nenhuma solicitação para que essa questão não fosse tratada no Concílio, e o bispo Willebrands não deu nenhuma garantia de que ela não o seria. Ao expor a ordem do dia do Concílio, o bispo Willebrands limitou-se a dizer que o problema era tratado de forma positiva no programa do Concílio. No entanto, ele esclareceu que, uma vez aberto o Concílio, os Padres estariam livres para modificar esse programa e introduzir qualquer questão de sua escolha"[67].

No entanto, as coisas não correram bem para os soviéticos durante o Concílio.

Antes da chegada dos observadores da Igreja do Estado russo, em 12 de outubro de 1962, os bispos ucranianos da emigração publicaram uma declaração na qual expressavam sua "amargura" por não encontrar no Concílio o bispo Josyf Ivanovycè Slipiy, único sobrevivente dos onze bispos da Ucrânia, que havia passado dezoito anos nas prisões stalinistas, campos de trabalho e exílio siberiano, enquanto a hierarquia da Igreja havia obtido a representação no Concílio de responsáveis da Igreja do Estado russo[68].

No comunicado de imprensa ucraniano, destacou-se que a presença dos dois observadores da Igreja do Estado russo no segundo concílio do Vaticano "havia perturbado os crentes... realizando um ato ecumênico e esquecendo as sofrências da Igreja da Ucrânia?"[69] O comunicado destaca que a presença dos russos no Concílio "pode ser considerada não como um fato de caráter religioso e eclesiástico, mas como um ato contaminado por uma intenção estranha à religião, realizado pelo regime soviético para semear a confusão"[70].

Agora se sabe que, durante o Concílio Vaticano II, os Padres da Igreja não tiveram liberdade para discutir as questões do comunismo e do marxismo, uma vez que o cardeal Tisserant foi encarregado – como Primeiro Presidente do Concílio – de garantir que essas questões permanecessem em silêncio e nunca fossem objeto de debate público.

O cardeal Tisserant, no entanto, enfrentou algumas dificuldades, dado que muitos prelados estavam determinados a insistir na adoção de um esquema voltado especificamente para uma refutação exaustiva do comunismo. Ele conseguiu cumprir essa missão porque Paulo VI controlava a ordem do dia do Concílio. Uma vez que a situação se acalmou, a única menção ao comunismo foi uma nota de rodapé reproduzindo as declarações dos papas anteriores contra o comunismo. A traição estava consumada. Na época seguinte, que ficou conhecida como Ostpolitik, a condenação do comunismo perdeu definitivamente sua posição de destaque no magistério romano.

Essa mudança de paradigma na condenação histórica do comunismo pela Igreja foi apenas uma das muitas mudanças de rumo observadas sob o breve pontificado de João XXIII.

O papa João também foi responsável por grandes mudanças na sagrada Liturgia e pela introdução de muitas novidades litúrgicas.

Entre essas inovações estava a promoção da "missa dialogada", inaugurada sob Pio XII, na qual a assembleia dos fiéis recita grande parte do ofício e responde em união com o celebrante. O papa João ordenou a supressão das orações leônicas no final da Missa, incluindo o *Salve Regina* e a oração a São Miguel Arcanjo. Ele também eliminou o Último Evangelho (início do Evangelho segundo São João). Em 1960, removeu o adjetivo *perfidi* (pérfidos) da intercessão solene da Sexta-Feira Santa em favor dos judeus[71]. Em 1962, ordenou que o nome de São José fosse inserido no Cânon da Missa, o que foi simbolicamente inoportuno, já que o texto do Cânon supostamente deve permanecer inalterado.

João XXIII não foi o que os tradicionalistas chamam de "papa mariano"[72].

Segundo o irmão Michel da Santíssima Trindade, autor da famosa obra em quatro volumes sobre Fátima intitulada *Toute la vérité sur Fatima*, em 13 de setembro de 1959, todos os bispos da Itália consagraram solenemente sua nação ao Imaculado Coração de Maria. No entanto, destaca o irmão Michel, "o papa João XIII encorajou tão pouco o movimento que seu silêncio e reserva não passaram despercebidos"[73].

Em 17 de agosto de 1959, o papa João pediu que a carta contendo o terceiro segredo de Fátima fosse trazida para Castel Gandolfo; os dois primeiros segredos haviam sido revelados em 1942 com a autorização de Pio XII. Anos depois, o cardeal Ottaviani, Prefeito do Santo Ofício, que estava presente neste evento histórico, declarou que João XXIII colocou o segredo "em um desses

arquivos que são como um poço muito profundo e muito obscuro, onde os papéis caem e nunca mais são revistos por ninguém"[74]. O papa João rejeitou o terceiro segredo dizendo: "não é para o nosso tempo"[75].

Em março de 1963, apenas três meses antes de sua morte, o papa João criou – quase certamente por instruções do cardeal Montini – uma comissão de seis membros encarregada de estudar as questões relacionadas ao controle de natalidade (sem nascimentos e sem controle) e à demografia (população). Atuando como um precursor, essa comissão lançou as bases para o desastre de *Humanae Vitae* (1968) e a crise de autoridade que a acompanhou. Voltaremos a esse lamentável episódio da história da Igreja mais adiante neste capítulo.

Com a morte de João XXIII em 3 de junho de 1963, aos oitenta e um anos, o mundo voltou seus olhos para seu sucessor, o cardeal Giovanni Battista Montini, que subiu ao trono de Pedro sob o nome de Paulo VI[76].

O papa Paulo VI - Os primeiros anos

Já tendo abordado alguns aspectos da juventude de Giovanni Battista Montini por meio de breves anedotas dispersas neste texto, limitamo-nos a evocar brevemente aqui sua infância.

Montini nasceu em 26 de setembro de 1897 na casa de campo de sua família, localizada na aldeia de Concesio, a oito quilômetros ao norte de Bréscia, na Lombardia[77]. Quando a criança nasceu, sua avó paterna, Francesca Buffali Montini, matriarca da família, decretou que Giuditta, sua mãe, era muito frágil para amamentá-lo, e ele foi enviado a Peretti, onde passou os primeiros quatorze meses de sua vida aos cuidados de uma ama de leite[78].

O jovem Battista era mimado e vivia no conforto. Era uma criança "frágil" e "chorona", cercado por dois irmãos aparentemente saudáveis: Lodovico, o mais velho, e Francesco, o caçula.

Giorgio Montini, pai de Battista, era bem-sucedido no jornalismo. Ele era editor-chefe do jornal católico local *Il Cittadino* e membro da Câmara dos Deputados da Itália. Giorgio e Giuditta Montini compartilhavam a mesma paixão pela política de esquerda, uma paixão que seria transmitida a todos os seus filhos.

Aos seis anos de idade, Battista entrou no Collegio Cesare Arici, em Bréscia, uma instituição dirigida por jesuítas. Ele permaneceu lá até os quatorze anos, idade em que seus pais o retiraram por razões de saúde[79].

A exemplo de Pacelli, Battista continuou seus estudos secundários com tutores privados escolhidos por seus pais, incluindo oratorianos da igreja vizinha de Santa Maria della Pace. Os oratorianos representavam a vanguarda clerical da época. Eles estavam politicamente mais próximos do antifascismo de Giorgio Montini e sua esposa do que dos padres jesuítas tradicionalistas do colégio Arici. Permaneceram uma das principais influências sobre Montini ao longo de sua vida. Mesmo depois de entrar ao serviço da Santa Sé, ele manteve um confessor oratoriano.

Assim como os pais de Eugenio Pacelli, os Montini usaram sua influência na rede de "velhos amigos" do Vaticano – após a ordenação de seu filho em Bréscia, em 29 de maio de 1920 – para

evitar que Battista fosse designado para uma paróquia, encaminhando-o a Roma, para que pudesse seguir uma carreira diplomática a serviço da Santa Sé. Eu uso deliberadamente a palavra "carreira" em vez de "vocação".

Peter Hebblethwaite, que é, de certa forma, o biógrafo atual de Montini, teve ao menos a honestidade de reconhecer esse fato.

Battista não era particularmente religioso. Sua paixão era a política e o piano, e, fora a celebração da missa ou a realização de ritos sacramentais, o jovem padre não parecia inclinado à vida espiritual. Ele também demonstrava aversão às devoções marianas, especialmente ao Rosário, e dizia preferir uma abordagem mariológica mais centrada em Cristo[80].

Em 18 de novembro de 1921, o abade Montini ingressou na Accademia dei Nobili Ecclesiastici para estudar diplomacia. Sua admissão nesta instituição foi facilitada pelo cardeal Pietro Gasparri, aliado de longa data de Rampolla e então Secretário de Estado. Excelente político eclesiástico, mas estudante medíocre, Montini progrediu rapidamente nos cursos de diplomacia, mas mal conseguiu passar no exame de direito canônico na Universidade Gregoriana.

Em 1923, Pio XI enviou o jovem diplomata para Varsóvia como adido da nunciatura papal, mas a saúde delicada de Monsenhor Montini não suportou os rigorosos invernos poloneses, e ele retornou a Roma, onde foi designado à Secretaria de Estado, dirigida pelo cardeal Gasparri.

A vida na Cúria Romana

O superior direto de Montini na Secretaria de Estado não era outro senão Monsenhor Francesco Borgongini-Duca, que logo se tornaria arcebispo. Ele havia sido o primeiro núncio do Vaticano na Itália após a assinatura dos Tratados de Latrão. O leitor se lembrará de que esse prelado também tinha sido o mentor do jovem padre Francis Spellman e um associado próximo de Angelo Roncalli. Posteriormente, ele acolheu o jovem padre Montini sob sua proteção, tornando-se seu patrono e protetor.

Além de seu trabalho na Cúria, o padre Montini foi nomeado por Pio XI como capelão da Federação Universitária Católica Italiana (FUCI), onde o jovem sacerdote pôde expressar abertamente suas convicções antifascistas. Através da FUCI, Montini estabeleceu uma amizade pessoal duradoura com Aldo Moro, um dos fundadores da anomalia política surgida após a guerra, conhecida como o Partido Democrata Cristão (PDC), ao qual Montini e toda sua família se ligaram religiosamente.

Montini também fez amizade com Giulio Andreotti, líder do PDC, que chegaria a ser primeiro-ministro da Itália em dezessete ocasiões. Durante sua longa carreira política, Andreotti formou alianças partidárias com comunistas, maçons e a máfia siciliana[81]. É um fato amplamente conhecido que a máfia nunca teria se tornado o colosso que é hoje sem a conivência de alguns líderes democratas-cristãos e o apoio da maçonaria[82]. Dormir com alguém é estar em uma cama de três, uma verdade que Montini descobriria por si mesmo quando se tornasse o papa Paulo VI.

Durante os trinta anos que passou no Santo Ofício, Monsenhor Montini nunca foi bem quisto pelos membros da Cúria ou por seu pessoal. O cardeal pró-fascista Nicola Canali, chefe da administração do Vaticano, não escondia sua profunda antipatia pelo jovem diplomata. Da mesma forma,

Monsenhor Alfredo Ottaviani (que mais tarde se tornaria cardeal) também desprezava Montini.

Durante a Guerra da Abissínia, o padre Montini manifestou apoio à Liga das Nações, posição contrária à política oficial do Vaticano. Pio XI acreditava que essa nova organização internacional usurparia o papel de mediador tradicionalmente desempenhado pela Santa Sé em conflitos internacionais, o que de fato aconteceu, além de considerar que a Liga das Nações era um reduto de maçons e comunistas, o que também era verdade[83].

Alguns membros da hierarquia italiana lamentavam o fervor antifascista e pró-comunista do padre Montini, uma postura que o jovem diplomata nunca se preocupou em esconder. Alguns bispos italianos estavam angustiados com o que percebiam como uma total falta de patriotismo de Montini em relação ao seu país natal; de fato, Montini nunca demonstrou escrúpulos em trair seu país e compatriotas aos britânicos, soviéticos e americanos durante a Segunda Guerra Mundial[84]. Segundo o herói fascista Roberto Farinacci, todos sabiam que Montini era amigo dos inimigos da Itália[85]. Ele não estava errado.

Em 1934, Montini tirou uma breve licença de seu trabalho na Secretaria para visitar a Inglaterra e a Escócia em companhia do siciliano Mariano Rampolla da Tindaro, sobrinho-neto do cardeal Rampolla[86].

Três anos depois, o cardeal Pacelli, agora Secretário de Estado, promoveu Montini ao cargo de Sostituto para Assuntos Ordinários, e em 1938, convidou-o a acompanhá-lo a Bucareste para o Congresso Eucarístico Internacional.

Após a eleição de Pacelli como Pio XII, em 12 de março de 1939, Montini continuou seu trabalho na Secretaria de Estado sob a liderança do novo Secretário, o cardeal Luigi Maglione. No entanto, sua influência cresceu com a eleição de Eugenio Pacelli, que supostamente foi como um segundo pai para ele.

Os anos de guerra

Durante a Segunda Guerra Mundial, Pio XII encarregou Montini de contribuir para que a Itália pudesse viver em ordem o futuro retorno à paz, incluindo a facilitação da formação de um novo governo italiano, inspirado no modelo do Partido Democrata Cristão.

Montini tinha a tarefa de gerenciar uma rede clandestina que ajudava refugiados políticos, incluindo judeus, a deixar o país. No final da guerra, as rotas de exfiltração do Vaticano foram usadas para outros fins, incluindo a “Operação Paperclip”, que consistia em transferir cientistas alemães e austríacos para os Estados Unidos, a fim de evitar que caíssem nas mãos dos soviéticos[87]. Montini também contribuiu para coordenar os esforços do Vaticano para auxiliar prisioneiros de guerra e suas famílias por meio da Cruz Vermelha Internacional.

Ao longo da guerra, o padre Battista Montini, sacerdote-diplomata durante o dia e intrigante à noite, trabalhou em estreita colaboração com oficiais e agentes de inteligência aliados do U.S. Office of Strategic Services (OSS), assim como com os serviços de inteligência britânicos e soviéticos contra os fascistas, os japoneses e os nazistas. Montini desempenhou um papel ativo na coleta de informações para os Aliados por meio dos jesuítas estacionados no Japão, a respeito de

alvos de bombardeio estratégicos[88]. Em troca, o OSS apressou-se em encher os cofres do Vaticano com dólares americanos, além de tesouros da máfia siciliana e de maçons italianos (que Mussolini havia forçado à clandestinidade), a fim de facilitar a invasão aliada da Itália.

Um dos principais amigos que Montini fez durante a guerra foi o solteiro Sir Francis Godlopin D'Arcy Osborne, embaixador da Grã-Bretanha junto ao Vaticano, que assumiu seu cargo em 1946. Quando a Itália entrou em guerra ao lado da Alemanha, Osborne e seu grupo de homens – secretário, mordomo e criado – buscaram refúgio no Vaticano[89]. Foi lá que Montini e ele se tornaram amigos íntimos.

Osborne considerava Monsenhor Montini um excelente diplomata, embora este não tivesse o mesmo prestígio que seu colaborador na Secretaria, Monsenhor Domenico Tardini (que mais tarde se tornaria cardeal). Ele descrevia Montini como um obcecado por trabalho que dominava tudo, um cavalheiro em todas as circunstâncias. Em um plano pessoal, achava Montini amável, persuasivo, mas indeciso[90]. Após a guerra, Osborne passou seus últimos dias em Roma, onde patrocinava um clube de jovens administrado pelos padres salesianos[91]. Nascido protestante e ocasional interessado em ocultismo, Osborne morreu fora da Igreja, apesar dos esforços que Montini supostamente fez para convertê-lo ao catolicismo.

Negociações secretas com os comunistas

No verão de 1944, enquanto a guerra chegava ao fim, Monsenhor Montini iniciou negociações de alto nível com os comunistas italianos para determinar qual seria o papel do Partido Comunista após a guerra. Seu objetivo era elaborar uma aliança com o Partido Democrata Cristão, além de socialistas e comunistas[92].

Como revela Martínez, uma reunião ocorreu em 10 de julho de 1944 entre Monsenhor Montini, agindo em nome de Pio XII, e Palmiro Togliatti, o líder indiscutível do Partido Comunista Italiano, que acabara de retornar a Roma após dezoito anos de exílio na União Soviética[93]. Este foi o primeiro contato direto entre o Vaticano e um líder comunista. Com base em um acordo entre o Partido Democrata Cristão, os socialistas e os comunistas, foi elaborado um projeto de plano segundo o qual esses três partidos políticos compartilhariam o controle total do governo da Itália após a guerra. Este plano também definia as condições para uma futura cooperação entre a Igreja Católica e a União Soviética[94].

Pio XII tinha a intenção de recompensar os Monsenhores Montini e Tardini por seus anos de dedicação ao Santo Sé, elevando-os ao cardinalato durante um consistório secreto realizado em 1952, mas os dois homens recusaram respeitosamente essa honra[95]. Montini, portanto, não se tornou membro do Colégio dos Cardeais e, consequentemente, não poderia ser papável no conclave de 1958, que elegeu Roncalli sob o nome de João XXIII.

Em 1º de novembro de 1954, Pio XII nomeou Montini arcebispo de Milão. Ele foi consagrado em 12 de dezembro de 1954 pelo cardeal Eugène Tisserant. Em Milão, Montini pôde adquirir a experiência que lhe faltava, continuando a aumentar sua popularidade dentro do Colégio dos Cardeais.

Montini em Milão

> "... E a primeira opinião que se forma de um príncipe, como de seu entendimento, vem da observação dos homens de seu entorno: quando eles são capazes e fiéis, pode-se sempre considerá-lo sábio, pois ele soube reconhecer os homens capazes e conservar sua fidelidade; mas quando eles são outros, não se pode formar uma boa opinião dele, pois o erro primordial que ele cometeu foi escolhê-los." Nicolal Machiavel - O Príncipe (1513)[96]

Uma vez em Milão, Montini, com 57 anos, viu-se subitamente livre, após trinta anos, de qualquer supervisão da Cúria ou restrição do papa. O arcebispo Montini seguiu então um caminho novo que deixaria uma marca indelével em seu episcopado e futuro pontificado. Ele reuniu ao seu redor uma coterie de personagens que compartilhavam suas ideias: viajantes, anarquistas, comunistas, socialistas, mafiosos, membros da vanguarda artística e literária de Milão. Assim como a virtude atrai homens virtuosos, o vício atrai homens viciosos. O moinho de rumores de Milão começou a funcionar a todo vapor.

Tornou-se rapidamente claro que Montini não era um papa mariano. Era, na verdade, um papa "maritanista", o que é completamente diferente.[97]

Desde o dia de sua chegada, ou quase, os milaneses, que têm uma grande devoção à Mãe de Deus, começaram a se queixar de que o arcebispo Montini carecia de "sensibilidade mariana", acusação que foi reforçada pela ausência ostensiva dele nas festividades do coroamento de maio e nas peregrinações de Loreto, bem como sua não participação nas recitações públicas do Rosário[98]. Hebblethwaite, seu biógrafo, tentou atenuar essas críticas, afirmando que Montini era favorável a uma "mariologia centrada em Cristo", mas essa concessão verbal não foi suficiente para explicar a realidade.

Na verdade, a teologia de Battista Montini era antropocêntrica, e não teocêntrica. Ela era centrada no homem, não em Deus.

Montini era o discípulo mais eminente e influente de Jacques Maritain e seu "humanismo integral", muito bem descrito por H. Caron em "*Le Courrier de Rome*" como abrangendo "... uma fraternidade universal de homens de boa vontade pertencentes a diferentes religiões ou não tendo nenhuma. É dentro dessa fraternidade que a Igreja deve agir como um fermento sem se impor e sem exigir ser reconhecida como a única Igreja autêntica"[99].

O padre Georges de Nantes resumiu perfeitamente o espírito do "humanismo integral" de Maritain ao falar do "Movimento de Animação Espiritual da Democracia Universal" (MASDU), no qual a Declaração dos Direitos do Homem substitui o Evangelho de Jesus Cristo. A democracia mundial se tornou análoga ao Reino de Deus na terra, e a religião tem a função de trazer uma "animação espiritual" à humanidade assim regenerada, o resultado final do MASDU sendo a aniquilação completa da Religião e "sua metamorfose no humanismo ateu"[100].

Diz-se que o novo arcebispo de Milão entendia melhor os apitos das fábricas do que os sinos das igrejas.

Não é surpreendente que, durante uma de suas visitas à residência do arcebispo, Jacques Maritain, que havia sido um grande filósofo tomista, tenha trazido consigo Saul David Alinsky, o "Apóstolo da Revolução Permanente". Montini ficou impressionado com o homem que Maritain chamava de seu "amigo querido e íntimo" e "um dos verdadeiros grandes homens deste século"; ele ficou tão impressionado que convidou Alinsky para passar quinze dias em sua casa para consultá-lo sobre as relações da Igreja com os sindicatos comunistas locais[101].

Nascido em Chicago em 1909, Saul Alinsky, judeu ateu, havia obtido seus diplomas nas ruas e na universidade daquela cidade. Em 1940, ele criou a Fundação das Áreas Industriais (*Industrial Areas Foundation*) como vitrine de sua estratégia revolucionária de organização das massas para o acesso ao poder[102]. Os principais associados de Alinsky estavam dentro da hierarquia e do clero católicos, incluindo o cardeal Mundelein, seu protegido, o bispo Bernard Sheil, e o monsenhor John Egan, ativista em soutane e uma das primeiras "locomotivas" de *Call to Action*[103]. As principais fontes de financiamento inicial e apoio de Alinsky foram a família Rockefeller, Marshall Fied, também rico e secretamente comunista, a Conferência Católica dos EUA e a AmChurch. Alinsky trabalhou em contato estreito com o Partido Comunista dos EUA até sua ruptura com este após a assinatura do Pacto de Não-Agressão entre a União Soviética e a Alemanha nazista[104].

Em "Jacques Maritain e Saul David Alinsky - Pais da 'Revolução Cristã'", Hamish Fraser, editor-chefe de Approaches, escreve sobre Alinsky:

> "***Alinsky é ele mesmo um produto do naturalismo maçônico e marxista revolucionário que, em ambas as variantes, aprecia a necessidade de as elites tomarem e manterem o poder real...*** *Alinsky era um herege para quem a ideia mesma de dogma era anátema... Dada a naturalidade de Alinsky, não é surpreendente que, em sua 'ética social', não haja lugar para nada que seja intrinsecamente 'bom' ou 'mau'... Divorciado uma vez e legalmente casado três vezes, ele falava com desprezo da 'cultura antiga, na qual a virgindade era uma virtude'... A 'Igreja de hoje e de amanhã' de Alinsky não era mais católica do que protestante, judaica, islâmica, budista ou animista; era um sincretismo globalizante, um amálgama sinóptico de todas as crenças que já existiram.*" [105]

Como nota Fraser, o que Saul Alinsky tinha de único não era sua receita para uma "Igreja" sincretista e globalizada, "mas o fato de ele ter sido o primeiro a ver suas ideias amplamente aceitas dentro da Igreja Católica"[106]. Mas se Jacques Maritain e seu discípulo mais eminente, o papa Paulo VI, não tivessem lançado as bases da Revolução na Igreja, a aliança e a intimidade de Alinsky com a Igreja teriam sido impossíveis, conclui Fraser[107].

Durante os dezoito anos que Montini passou à frente do arcebispado de Milão, seu radicalismo político crescente o levou a entrar em conflito com outros membros da Conferência Episcopal Italiana, incluindo o arcebispo Gilla Vicenzo Gremigni, do diocese de Novara.

Uma vez bem estabelecido em seu arcebispado, o monsenhor Montini tomou a decisão de dissolver e transferir *Il Popolo d'Italia*, jornal editado há muito tempo no diocese de Novara. O bispo Gremigni, ordinário de Novara, protestou contra essa medida, e com razão, pois o assunto não estava dentro das competências de Montini.

No início de janeiro de 1963, apenas seis meses após sua ascensão ao trono de Pedro, Montini enviou ao arcebispo de Novara uma carta cujo teor era tal que Gremigni foi atingido por um ataque cardíaco fatal após tomar conhecimento dela. O monsenhor Ugo Poletti, bispo auxiliar de Gremigni, encontrou essa carta e a conservou. Quando Montini deixou Milão para Roma, o fantasma do bispo Gremigni o seguiu na pessoa do monsenhor Poletti. Em 1967, a mídia italiana recebeu uma "dica" de que o papa estava envolvido de alguma forma na morte do arcebispo Gremigni. Pouco depois, o papa Paulo VI nomeou Poletti para a cabeça do diocese de Spoleto. Foi a primeira de uma série aparentemente milagrosa de promoções espontâneas para o ambicioso prelado, incluindo o posto de Vigário de Roma e a elevação ao cardinalato em 5 de março de 1973[108].

A Máfia do Arcebispo de Milão

Dois dos assistentes mais próximos de Montini em Milão eram Monsenhor Giovanni Benelli e Monsenhor Pasquale Macchi.

Montini havia recrutado Benelli aos 26 anos, apenas alguns anos após sua ordenação, para ser seu secretário na Secretaria de Estado. Quando Montini foi para Milão, Benelli o seguiu. Em 1966, o padre, então com 46 anos, serviu por um ano como Núncio no Senegal. Depois, ele retornou a Roma como representante de Paulo VI na Cúria Romana. Um ano antes de sua morte, Paulo VI elevou seu fiel servidor ao cardinalato e o nomeou arcebispo de Florença[109]. Um dos mais famosos protegidos de Benelli era um padre americano, Justin Rigali (que mais tarde se tornou cardeal).

O rival de Benelli nas graças e na afeição de Montini era Monsenhor Pasquale Macchi, secretário particular do arcebispo, apelidado de "Mãe Pasqualina de Montini". Nascido em Varese, a cerca de 55 quilômetros ao norte de Milão, Macchi era professor no seminário e tinha suas entradas em todo o Milão, incluindo seu submundo. Ele gostava de filosofia francesa e arte moderna e apresentou muitos de seus amigos artistas ao arcebispo Montini.

Após a eleição de Montini ao papado, Macchi seguiu seu mestre para Roma, onde se tornou conselheiro do papa em questões estéticas e guardião de seus segredos mais bem guardados[110]. Macchi, que Peter Hebblethwaite descreve como "bem conectado no mundo das altas finanças", estava em estreita relação com quatro dos principais conselheiros do papa Paulo: Michele Sindona, Monsenhor Paul Marcinkus, Roberto Calvi e o bispo Donato De Bonis, todos eles vigaristas[111].

Embora diferentes em personalidade e temperamento, Macchi e Benelli tinham ao menos uma coisa em comum: a maçonaria.

Em 1976, os nomes, codinomes e datas de iniciação de Monsenhor Pasquale Macchi (futuro arcebispo) e Monsenhor Giovanni Benelli (futuro cardeal e secretário de Estado) apareceram em uma lista de figuras de alto escalão do Vaticano que eram membros de sociedades secretas. Essa

lista foi publicada no jornal *Il Borghese*. No entanto, a acusação de que os dois homens – íntimos do Santo Padre – eram maçons não teve consequências para seu futuro avanço nos pontificados dos papas Paulo VI e João Paulo II.

O Arcebispo Montini encontra o "Tubarão"

Michele Sindona, conhecido como "o Tubarão", era uma figura fundamental nos círculos financeiros ocultos de Milão muito antes de Montini se tornar arcebispo[112].

Nascido em 1917 em Messina, no sudeste da Sicília, Sindona – educado pelos jesuítas – estudava direito quando as tropas britânicas e americanas invadiram a Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Muito empreendedor, ele decidiu aproveitar um lucrativo mercado negro e começou a negociar limões e trigo. Como a máfia siciliana controlava o mercado, Sindona fechou um acordo com o chefe mafioso Vito Genovese, no qual pagaria uma certa porcentagem de suas receitas para obter proteção para seus negócios e sua pessoa.

Em 1948, Sindona deixou o sul da Itália, pobre e devastado pela guerra, e emigrou para o norte, para a rica cidade industrial de Milão, onde se tornou "consultor financeiro" de vários milaneses ricos e influentes. Suas credenciais mafiosas o haviam acompanhado em sua jornada.

Em 1954, quando Sindona soube que Pio XII havia nomeado Monsenhor Montini para a Sé de Milão, ele obteve do arcebispo de Messina, sua diocese de origem, uma carta de apresentação ao novo prelado. Logo, ele teve um novo cliente na pessoa de Montini, ou seja, a Igreja de Milão.

Arcebispo Montini ficou tão grato a Sindona por seus serviços que ele levou o siciliano para Roma e o apresentou ao Papa Pio XII e ao príncipe Massimo Spada, alto funcionário do *Istituto per le Opere de Religioni* (Instituto para as Obras Religiosas). O IOR, conhecido como Banco do Vaticano, atuava como estabelecimento de depósito para os bens da Igreja destinados a obras de caridade[113]. Sindona se tornou um "homem de confiança" e obteve o controle quase total do programa de investimentos estrangeiros do IOR.

Os ativos brutos do IOR representavam na época mais de um bilhão de dólares, mas essa soma era secundária em relação à isenção de impostos de que gozava o IOR e à capacidade do estabelecimento de lavar dinheiro sujo, precisamente as receitas que os mafiosos tiravam do tráfico de heroína, da prostituição e das contribuições políticas ilegais provenientes de fontes ocultas, entre as quais a maçonaria[114].

Em 1960, Sindona, que operava de acordo com o velho adágio "O melhor meio de roubar um banco é possuir um", ofereceu sua própria banca, a Banca Privata, na qual ele recebeu rapidamente depósitos do IOR. Ele se serviu desses fundos para especular e aumentar assim seus próprios investimentos financeiros, e começou a lavar dinheiro sujo por meio do Banco do Vaticano.

Depois da eleição do Papa Paulo VI, Sindona seguiu Montini para Roma, onde ocupou um lugar de destaque no IOR. Suas operações e portfólios financeiros aumentaram em proporções exponenciais. Em 1964, ele criou uma sociedade de corretagem de moedas internacionais chamada Moneyrex, que tinha como clientes 850 bancos e movimentava anualmente duzentos

milhões de dólares. Muitos membros do Palazzo (o Palácio do Latrão), bem como personalidades ricas e famosas de Roma, se serviram dessa sociedade para colocar suas fortunas a salvo do fisco, em contas offshore ilegais. Sindona mantinha a contabilidade das transações de seus clientes na Moneyrex como seguro para tempos difíceis. O Vaticano e o Papa Paulo VI, bem como os nomes e números de contas secretas de membros importantes do Partido Democrata Cristão, do Partido Socialista e do Partido Social Democrata, figuravam todos no pequeno caderno negro de Sindona.

No final dos anos 1960, o "Gruppo Sindona" compreendia seis bancos (e depois nove) na Itália e no exterior, bem como mais de quinhentas empresas gigantes e conglomerados. Uma das bancas em questão, a Franklin National Bank, de Nova York, a décima oitava maior banca dos Estados Unidos e que possuía mais de cinco bilhões de dólares em ativos, foi comprada em parte com dinheiro que Sindona havia retirado de suas bancas italianas[115]. Sindona também obteve fundos de seus mestres secretos, a saber, a máfia siciliana, e, após 1971, da Propaganda Due (P2), loja maçônica de inspiração mafiosa que trabalhava para a elite do país e dirigida pelo Grão-Mestre Licio Gelli. Além disso, ele se encarregava de transações financeiras em nome da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA), que, durante o período pós-guerra, despejava grandes somas de dinheiro na Itália; parte desse dinheiro foi parar no Banco do Vaticano[116].

Enquanto isso, Paulo VI, amigo de Sindona, recebia más notícias do Estado. De fato, o governo italiano ameaçava retirar da Igreja e dos bens e investimentos da Igreja a isenção fiscal de que o Vaticano gozava desde os anos do regime fascista de Mussolini. De acordo com o código fiscal revisado, o Estado do Vaticano deveria ser tributado como qualquer outra entidade. Sindona então recomendou um sistema para esconder o dinheiro do Vaticano em investimentos offshore, e o Papa concordou.

Um dos principais protegidos de Sindona era um milanês de nascimento chamado Roberto Calvi.

Calvi era o diretor central do Banco Ambrosiano, principal banca católica da Itália, em oposição às instituições bancárias laicas geridas por judeus e maçons. Era um personagem como os que Sindona gostava, o que anunciava um desastre não apenas para o Banco Ambrosiano, mas também para seu principal depositário, o Vaticano. Calvi tinha suas próprias conexões com o IOR por meio de Monsenhor Macchi, secretário pessoal de Montini. Ele também estava em excelentes termos com um prelado americano da Secretaria de Estado, Monsenhor Paul Marcinkus.

Paulo VI e o "Gorila"

Paul Casimir Marcinkus, de origem lituana humilde mas vibrante, nasceu em 15 de julho de 1922 em Cicero (Illinois), cidade que o gângster Al Capone havia dado má reputação nos anos 1920. Pouco depois de terminar seus estudos no seminário *St. Mary of the Lake*, em Mundelein, e sua ordenação no arcebispado de Chicago, o padre Marcinkus atraiu a proteção do cardeal Samuel Stritch. O jovem padre serviu o cardeal Stritch até 1952, ano em que foi nomeado para um cargo administrativo no Secretariado do Vaticano.

Em 1958, o cardeal Stritch se juntou a Marcinkus em Roma como Pró-Prefeito para a Propagação da Fé, mas morreu apenas três meses depois de assumir o cargo. Em seguida, não se ouviu mais falar muito de Monsenhor Marcinkus na Cúria Romana, exceto que ele continuou a desfrutar da

proteção dos sucessores de Stritch, o cardeal Albert Meyer e o cardeal Patrick Cody. Não demorou muito após a eleição de Paulo VI, em junho de 1963, para que a carreira de Marcinkus decolasse.

Marcinkus media mais de 1,90 metro, o que lhe valeu o apelido de "Gorila" por parte de seus amigos italianos do Secretariado. Paulo VI começou a empregar Marcinkus como guarda-costas e agente de segurança durante suas viagens ao exterior[117].

Em 1968, Paulo VI nomeou Marcinkus Secretário do IOR (Instituto para as Obras de Religião), e em 6 de janeiro de 1969, o consagrou bispo. Em seguida, Marcinkus se tornou Presidente do IOR. Até então, ele havia estabelecido relações muito fortes com Sindona, por meio dele com Calvi, e por meio de ambos com Gelli. Em outras palavras, o Banco do Vaticano tinha agora uma conta bancária comum com dois dos inimigos tradicionais da Igreja: a máfia siciliana e a maçonaria internacional.

Os escândalos internacionais sucessivos que ocorreram no rastro dessa união - falências do Franklin National Bank e do Banco Ambrosiano, denúncia pública da Propaganda Due (Loja P2) e publicação da lista de seus membros, assassinatos de Sindona e Calvi - são sinistros lembretes de um pontificado caracterizado pela corrupção[118].

O Pontificado Montiniano

Na mente dos cardeais reunidos em Roma em 19 de junho de 1963 para eleger um novo papa, não havia dúvida de que, ao morrer, João XXIII queria que o arcebispo Montini o sucedesse. E foi o que aconteceu[119]. No entanto, é significativo que, mesmo após Montini ter obtido os votos necessários para sua eleição, entre 22 e 25 cardeais - principalmente membros da Cúria, que o conheciam melhor - recusaram seu voto final[120].

Após sua instalação, em 30 de junho de 1963, o papa Paulo VI se comprometeu a levar a cabo os trabalhos do Segundo Concílio do Vaticano, inaugurado pelo papa João XXIII sob as instruções e orientações de Montini. E foi o que ele fez.

O pontificado de Paulo VI, que durou 15 anos, foi marcado por uma série de crises e traições sem precedentes, como raramente se viu na Igreja Católica em qualquer momento de sua história bimilenar.

As traições associadas ao Segundo Concílio do Vaticano foram implementadas por João XXIII, que usou sua autoridade para facilitar a reestruturação das 10 Comissões Conciliares. O papa João jogou fora todos os esquemas originais estabelecidos em três anos pela Comissão Preparatória do Concílio, exceto um, o da Liturgia Sagrada[121]. Em seguida, sob Paulo VI, os esquemas originais foram substituídos por novos textos conformes à ordem do dia prevista, que o arcebispo Montini e o Grupo do Reno haviam elaborado antes da abertura do Concílio.

A Igreja pós-conciliar do papa Paulo VI será lembrada pelos seguintes fatos:

O estupro da Liturgia

Os saques e pilhagens financeiros dos amigos de Montini, Sindona, Calvi e Marcinkus, não são nada comparados ao estupro da Liturgia Sagrada orquestrado por Paulo VI e cometido diante do mundo inteiro[122]. De todos os desastres que afligiram a Igreja durante o pós-Concílio, nenhum foi mais fatal do que a destruição da Missa de rito romano que nos vem dos Apóstolos[123]. De fato, o Santo Sacrifício da Missa é o fundamento do culto católico. É na Missa que se realiza o ato essencial da Transubstanciação, ou seja, a mudança do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo. A Missa é a fonte da graça. É na Missa que o padre realiza sua verdadeira identidade de Grande Sacerdote e intermediário entre Deus e o homem.

Foi com uma inexplicável audácia que o papa Paulo VI substituiu a Missa de rito romano por um serviço abastardado e protestantizado chamado *Novus Ordo Missae* (nova ordem da missa) e o impôs aos padres e aos fiéis[124].

As "reformas" litúrgicas de Paulo VI não apenas destruíram integralmente a Missa tradicional, mas também alteraram cada aspecto da vida litúrgica, incluindo a Liturgia das Horas (saltério, leituras bíblicas, hinos, cânticos, intercessões), a ladainha dos santos, os sacramentos (Batismo, Crisma, Santa Comunhão, Penitência, Unção dos enfermos, Matrimônio e Ordens sagradas), as bênçãos, os ritos pontifícios, o calendário da Igreja e a música sacra[125]. Por um milagre da graça, a oração do Rosário escapou - sozinha - de qualquer mutilação.

O ataque contra a filosofia tomista

Sob Paulo VI, a escolástica tomista e a tradição da lei natural foram abandonadas em favor de uma ética "baseada nas Escrituras" e de novas tendências científicas, teológicas e eclesiásticas, como a fenomenologia e o existencialismo.

A mina do sacerdócio e da vida religiosa

Em total oposição à imagem do sacerdote pré-conciliar, masculino, viril e celibatário, a imagem do novo sacerdote da Igreja conciliar é resolutamente efeminada e frequentemente pouco casta.

Como nota o padre James McLucas em seu ensaio "A Emasculação do Sacerdócio", "a anexação invasiva, pelos leigos, de muitas funções sagradas anteriormente reservadas aos sacerdotes... é ontologicamente hostil a uma masculinidade saudável..."[126].

O "sacerdote do Vaticano II" projeta uma imagem de moleza e sentimentalismo. O novo sacerdote é charmoso e acomodante. Ele é ecumênico. Ele não condena nem o erro, nem aqueles que o professam. Ele é tudo, menos masculino. Segundo a fórmula do Dr. Conrad Baars, ele é incapaz de lutar "contra o mal em nome do bem, pronto a sofrer ferimentos, mas também, se necessário, pronto a infligir!"[127]

O padre McLucas destaca que Paulo VI enfraqueceu a obrigação do celibato dos sacerdotes ao abrir o diaconato permanente a não-celibatários, ou seja, homens casados, apesar de "nunca ter existido uma ordem sagrada acessível a não-celibatários desde que o celibato se tornou obrigatório na Igreja do Ocidente"[128]. A prática de admitir à sacerdócio, após sua conversão, ministros protestantes casados também contribuiu para abater a resistência à obrigação do celibato, indica McLucas[129].

A Igreja montiniana eliminou as "ordens menores", "abrindo assim a porta aos 'ministros leigos', que assumem os papéis de leitor e acólito anteriormente reservados aos homens que entravam na sacerdócio"[130]. "Essa novidade preparou o terreno para o rito de comunhão presidido por um leigo", acrescenta ele[131].

"... O acesso de leigos às funções sagradas, que eram o privilégio dos sacerdotes há pelo menos quinze séculos, envenena o sacerdócio", destaca McLucas[132]. "Essa observação procede de uma simples premissa: se a sacerdócio é reservado aos homens, como a Igreja sempre ensinou, o que prejudica a masculinidade do sacerdote enfraquece a sacerdócio em si", sustenta ele[133].

O papa Paulo VI enfraqueceu a sacerdócio de outras maneiras também.

Ele presidiu a laicização (redução ao estado leigo) de milhares de sacerdotes validamente ordenados, concedendo-lhes dispensas *pro gratia*[134]. Segundo Amerio, o efeito global dessas dispensas habituais foi diminuir a responsabilidade da deserção e modificar o caráter moral e jurídico da ruptura dos votos e do abandono da vocação[135]. A minimização da sublime dignidade sacerdotal inerente ao estado de sacerdote, implícita no *Novus Ordo* e no laxismo da disciplina e da moral que caracterizam a vida no seminário e o sacerdócio após o Concílio, contribuiu para o declínio geral da sacerdócio e da vida religiosa.

A abolição do juramento antimodernista

Essa medida fala por si mesma.

A evisceração da Cúria Romana

A destruição da Cúria Romana, que Montini desprezava desde seus primeiros anos na Secretaria de Estado, foi outra "obra" do pontificado montiniano. Paulo VI impôs a aposentadoria dos bispos aos 75 anos e lhes retirou o direito de voto no conclave após os 80 anos. Ao fazer isso, ele se livrou da "madeira morta", ou seja, dos prelados altamente estimados como homens de fé, honra, caráter, experiência e sabedoria. Ele os substituiu por homens de menor mérito, mas mais ao seu gosto e que respondiam melhor às suas inclinações. Como nota Amerio, observou-se na Igreja montiniana um "declínio do funcionamento formal e técnico da Cúria"[136]. O latim, que permitia aos membros da Cúria expressar-se com "nobreza, lucidez e precisão no estilo curial", caiu ainda mais em desuso[137]. O papa Paulo estava obcecado pela falta de erudição e precisão que constatava em seus próprios discursos e escritos, destaca Amerio[138]. O declínio da Cúria foi acompanhado de uma ascensão ao poder das conferências episcopais nacionais, nas quais o "coletivo Borg" decidia quem obtinha ou não um episcopado, segundo a vontade do candidato de cooperar com os líderes da burocracia eclesiástica.

A fraternização sem precedentes da Igreja com os hereges, os cismáticos e outros inimigos tradicionais da Igreja: comunistas, maçons, sionistas e funcionários da chamada "Nova Ordem Mundial"

O "espírito" do Vaticano II, saudado por todos os inimigos da Igreja como um sinal certo de aprovação divina, não era outro senão o mesmo "espírito" que havia inspirado a Revolução Francesa e seu lema maçônico "Liberdade, Igualdade, Fraternidade".

A proliferação das desventuras ecumênicas

Particularmente preocupantes para o bem da Igreja e dos fiéis eram o apoio crescente dado por Paulo VI ao Conselho Ecumênico das Igrejas - dominado pela União Soviética - e os contatos que ele estabelecia com essa organização conhecida por financiar terroristas e "guerras de libertação" na América Latina e na África. Dom Lefebvre declarou a respeito que as atividades inter-religiosas de Paulo VI eram portadoras de um "blasfêmia pública"[139].

A traição do cardeal ucraniano Josyf Ivanovycè Slipiy e do cardeal Józef Mindszenty, Primaz da Hungria, bem como dos incontáveis milhões de vítimas do comunismo internacional em todo o mundo, especialmente na Hungria, na Tchecoslováquia, no sul do Vietnã, em Angola, Moçambique e Uganda

O fracasso de *Humanae Vitae***, ou como minar a doutrina e a moral da Igreja sem as alterar**

Como já mencionamos, o Papa João XXIII, a pedido do arcebispo Montini, havia criado no Vaticano, pouco antes de sua morte, uma Comissão Especial para estudar a questão da regulação das nascimentos e da demografia, com ênfase no reexame da proibição tradicional da Igreja sobre a contracepção, em vista dos novos meios científicos de criar esterilidade temporária nas mulheres por meio de hormônios.

A criação de uma comissão responsável apenas perante o Papa contornava os guardiões da fé que são os membros da Cúria. Uma vez estabelecida, Paulo VI criou uma nova comissão, ampliada em três níveis, para estudar a questão da "pílula" e dos problemas relacionados, e fazer recomendações. Seis anos se passaram entre a criação da Comissão inicial, em 1963, e a publicação de *Humanae Vitae*, em 1968. Isso foi mais do que suficiente para instalar uma dúvida sobre se a Igreja manteria ou não a proibição da contracepção. O velho adágio "*Lex dubia non obligat*" (lei duvidosa não obriga) adquiriu direito de cidadania na mente de muitos católicos, e quando *Humanae Vitae* foi publicada, já era letra morta para muitos deles. Toda essa questão foi, na verdade, uma lição sobre como minar os dogmas e a moral sem os alterar[140].

A crise se complicou ainda mais pelo fato de Paulo VI não querer impor uma proibição da contracepção que contrariasse a oposição a *Humanae Vitae* que sacerdotes, religiosos e professores católicos organizavam dentro das próprias universidades e escolas católicas. O atraso em afirmar a proibição da contracepção, juntamente com a incapacidade de chamar à ordem aqueles que, ocupando postos elevados na Igreja, estavam em rebelião contra o ensinamento e o ensinante, lançou uma grande sombra sobre a capacidade da Igreja de se expressar infalivelmente em matéria de fé e moral[141].

***

Todas essas ações associadas ao reinado de Paulo VI tiveram repercussões catastróficas para a Igreja.

Da mesma forma, cada uma delas beneficiou o coletivo homossexual que se constituiu rapidamente dentro e fora da Igreja após o Concílio, e cada uma desempenhou seu papel na

mudança de paradigma da Igreja em relação ao vício da homossexualidade, mudança consecutiva ao segundo Concílio do Vaticano.

No entanto, resta outro fator a ser estudado quando se questiona o extraordinário sucesso com que o coletivo homossexual colonizou a Igreja Católica nos Estados Unidos e no exterior: são as alegações de que o Papa Paulo VI teria sido vítima do vício da homossexualidade.

As alegações de homossexualidade contra o Papa Paulo VI

Começaremos pelas alegações do próprio coletivo homossexual.

O Papa Paulo VI é qualificado de homossexual em numerosas publicações homossexuais, e seu nome aparece em quase todas as listas de eminentes homossexuais publicadas por vários sites da internet do coletivo homossexual.

O coletivo homossexual tende a qualificar uma pessoa de "gay" mesmo que se saiba pouco sobre a vida privada dessa pessoa. Parte do pressuposto de que, na ausência de prova de que alguém é heterossexual, o interessado é *ipso facto* homossexual. Não resta espaço para nenhuma outra possibilidade. Por exemplo, o indivíduo em questão pode simplesmente ser assexuado ou pouco propenso ao sexo. Pode ter sublimado suas pulsões sexuais normais por amor à sua arte, profissão ou - no caso de um sacerdote votado ao celibato - por amor a Deus.

Em outros casos, o coletivo pode estar correto ao estimar - com base em provas - que o indivíduo em questão se entregava a um vício sexual particular, mas que esse vício não era necessariamente a homossexualidade.

Nesse sentido, o nome de Hans Christian Andersen, autor de contos de fadas, vem imediatamente à mente.

Seu nome figura em várias listas contemporâneas de "gays" eminentes do passado. Assim, o famoso sexólogo Magnus Hirschfeld qualificou publicamente Andersen como homossexual, ou pelo menos como homossexual "latente"[142].

No entanto, dados biográficos mais recentes indicam que Andersen tinha um temperamento altamente narcisista e que se entregava habitualmente e incuravelmente à prática da masturbação solitária. Como Elias Bredsdorff, da Universidade de Cambridge, nota em sua biografia do escritor, há provas suficientes de que Andersen era heterossexual por natureza, mas que sofria de um sentimento de inferioridade que tornava qualquer relacionamento impossível com uma mulher madura[143]. O auto-erotismo permitia que ele amasse a pessoa que mais amava desde a juventude: ele mesmo[144].

Mas no caso do Papa Paulo VI, não parece que tais erros de interpretação tenham sido cometidos.

É significativo que os meios homossexuais tenham descrito o Papa Paulo VI como homossexual muito antes de a questão da homossexualidade se tornar um elemento da consciência americana. Em outras palavras, o rumor de que Montini era sexualmente atraído por jovens homens fazia parte dos mexericos que circulavam dentro do coletivo muito antes da acusação de

homossexualidade ter sido publicamente formulada contra ele.

Nos Estados Unidos, durante sua assembléia constitutiva de 2 de dezembro de 1978, realizada no quartel-general da Igreja Unitária de Boston, a North American Man/Boy Love Association (NAMBLA: associação norte-americana para o amor entre homens e meninos) proclamou: "... A Igreja condena a desvio sexual, mas é hipócrita, pois tolera e até recompensa a hipocrisia sexual pessoal nos mais altos níveis de sua hierarquia, desde que os interessados observem exteriormente sua lealdade ao poder central: o Cardeal Spellman e Paulo VI são exemplos recentes"[145].

O testemunho de Robin Bryans

Como revela nas conclusões do capítulo relativo aos espiões de Cambridge em sua autobiografia publicada em 1992 sob o título "A poeira nunca se assentou", o escritor irlandês Robin Bryans, homossexual assumido, afirma que seu amigo Hugh Montgomery lhe disse ter sido amante de Montini na juventude dos dois homens.

Lembre-se de que Hugh Montgomery era o irmão do artista bem conhecido Peter Montgomery, que foi parceiro sexual de Anthony Blunt, um dos espiões de Cambridge. Segundo Bryans, Hugh Montgomery também foi amante de uma noite de Sir Gilbert Laithwaite, diplomata homossexual bem conhecido[146].

Por volta de 1935, Hugh Montgomery ocupou um cargo diplomático no Vaticano como encarregado de negócios, sob a autoridade de Sir Alec Randall, representante da Grã-Bretanha junto ao Santo Sede. Foi lá que ele conheceu outro jovem diplomata promissor - italiano, neste caso - Monsenhor Battista Montini, que compartilhava - aparentemente - as tendências sexuais de Hugh, e relatou-se que os dois homens se envolveram em uma aventura homossexual.

Segundo Bryans, Hugh Montgomery e seu amigo Battista Montini se associaram a essa época com alguns personagens bastante excêntricos, incluindo o Visconde Evan Tredegar, aristocrata convertido ao catolicismo, que havia servido como camareiro privado do Papa Bento XV[147].

O Visconde gostava de provocar seus amigos contando suas explorações sexuais e falando sobre ocultismo, incluindo missas negras às quais ele havia assistido e durante as quais se usavam sangue, urina e sêmen humanos[148]. Depois da morte de Bento XV e da eleição de seu sucessor Pio XI, Tredegar perdeu automaticamente sua posição honorária de camareiro privado. Ele desistiu de seu sonho de se tornar padre e retornou à casa de seus ancestrais, no País de Gales, onde se casou. Segundo um amigo próximo, Tredegar conservava uma fotografia mostrando o jovem Montini sentado em sua mesa de cabeceira e se mantendo "rosto a rosto com um 'robusto' marinheiro"; essa fotografia vizinhava com as de um membro da família real[149].

Durante uma entrevista com o escritor britânico Stephen Dorril, co-autor de "Honeytrap - Os mundos secretos de Stephen Ward", Bryans repetiu a história da aventura entre Hugh Montgomery e Montini. Dorril disse desde então que havia encontrado Bryans muito preciso na evocação de seus anos jovens, durante os quais fazia parte da "elite" homossexual londrina.

Hugh Montgomery se converteu ao catolicismo, se inscreveu no Beta College e foi ordenado padre católico. Não se sabe muito mais sobre esse clérigo controverso.

Se é verdade que Montini teve uma aventura homossexual quando era jovem diplomata no Vaticano, é quase certo que pelo menos alguns membros da Cúria Romana tomaram conhecimento disso. Mas como o interessado era bem protegido por sua família - politicamente poderosa - e por outros prelados influentes, incluindo Eugenio Pacelli, o futuro Pio XII, não teria sido possível retirar suas funções diplomáticas.

As acusações de Roger Peyrefitte

Roger Peyrefitte, romancista e ex-embaixador da França, nascido em 1907, era um homossexual assumido e conhecido por defender os "direitos dos gays".

Em 1976, Peyrefitte concedeu uma entrevista à Gay Sunshine Press, representada por D.W. Gunn e J. Murat, sobre a suposta homossexualidade do Papa Paulo VI[150].

Ele afirmou que, em janeiro daquele ano, o Papa havia feito um discurso público condenando a homossexualidade, a masturbação e as relações sexuais antes do casamento. Peyrefitte acrescentou que a hipocrisia do Papa o irritava, pois era sabido em certos círculos que, quando Montini era arcebispo de Milão, ele havia tido um relacionamento homossexual com um jovem ator de cinema, cujo nome Peyrefitte conhecia. O escritor francês afirmou que obtivera essa informação "não de comunistas ou porteiros", mas de membros da alta nobreza italiana que ele conhecia bem. Suas fontes milanesas lhe teriam informado que, em certos círculos, era um segredo político que Montini frequentava uma "casa discreta" para encontrar garotos e que ele tinha um favorito chamado Paul.

Depois da condenação da homossexualidade por Paulo VI, um repórter francês do jornal Lui veio entrevistar Peyrefitte. Foi então que Peyrefitte divulgou o passado homossexual de Montini em Milão.

A entrevista do Lui foi reproduzida pelo semanário italiano Tempo, em Roma, em 26 de abril de 1976. Peyrefitte afirmou que era como se uma bomba-relógio tivesse explodido.

O Vigário de Roma e a Conferência Episcopal Italiana instituíram um "Dia de Consolação" pelas calúnias espalhadas contra o Santo Padre. No Domingo de Ramos, o Papa leu do balcão do Vaticano uma declaração tratando "... das coisas horríveis e caluniosas..."[151]. Peyrefitte afirmou que suas acusações contra o Papa estavam circulando pelo mundo todo[152].

Em "O Vaticano! Uma visão cruel da Santa Sé", Paul Hofmann, ex-correspondente em Roma do *New York Times*, retoma as acusações de Peyrefitte contra Montini[153]. Ele cita nominalmente Paolo Carlini, ator italiano conhecido, com quem Montini teria feito amizade em Milão quando era arcebispo da cidade e que devia fazer visitas frequentes ao Papa Paulo VI nos aposentos privados do Vaticano[154].

As acusações do padre de Nantes

No verão de 1993, o padre Georges de Nantes, fundador da Liga da Contra-Reforma Católica em Troyes, França, em 1969, explicitou as acusações de homossexualidade contra o Papa Paulo VI no número de junho-julho da "Contra-Reforma Católica no Século XX"[155].

O padre afirmou que seus comentários respondiam ao anúncio feito pelo Papa João Paulo II em 13 de maio de 1993, dia da festa de Nossa Senhora de Fátima, de que o processo de canonização do Papa Paulo VI estava avançando de acordo com o procedimento diocesano preliminar realizado em Milão em 1992.

"Recebi a notícia da abertura do processo de canonização do meu predecessor Paulo VI. Ele era um pai para mim, no sentido pessoal do termo. É por isso que não posso expressar minha grande alegria e gratidão", disse o Papa João Paulo II[156].

A acusação de homossexualidade contra o Papa Paulo VI na "Contra-Reforma" começa com a lembrança do padre de Nantes das acusações de Paul Hofmann sobre a Máfia milanesa, ou seja, os laços notórios que o arcebispo Montini mantinha em Milão com a Máfia e a maçonaria[157].

O padre de Nantes cita então um livro em sua posse, cuja referência não é indicada, e que fala de um cardeal não italiano, "homem grande, afável e de olhos penetrantes", que o Papa Paulo VI nomeou para um posto-chave no Vaticano e que tem a reputação de manter relações pederastas com os *ragazzi*, os garotos que vivem no bairro situado atrás do Vaticano[158]. Ele diz ter aprendido que, após a eleição de Montini ao trono de Pedro, houve um aumento incrível do número de seminaristas e padres homossexuais nos Estados Unidos e nos Países Baixos. No entanto, Roma não fez nada, acrescenta ele[159].

Finalmente, o padre relembra um incidente que ocorreu na véspera do conclave de 1963, após o qual Montini seria eleito papa. Segundo ele, o padre de Saint-Avit, da Basílica de São Paulo Fora dos Muros, o informou na noite da abertura do conclave que a brigada de costumes da polícia de Milão tinha um dossiê sobre Montini. Portanto, o novo papa não poderia ser e não seria Montini. Mas foi Montini quem foi eleito[160].

O padre de Nantes se dirige então ao papa João Paulo II:

Portanto, depois que a eleição de um homossexual reconhecido para o Trono de São Pedro envenenou a Igreja, Você, Santíssimo Pai, quer revivê-lo e fortalecê-lo elevando esse mesmo miserável Paulo VI aos altares, oferecendo seus ossos como relíquias aos beijos piedosos dos fiéis e seu rosto atormentado aos seus olhares fervorosos na Glória do Bernini? Ah não, é impossível. Não será![161]

As revelações de Franco Bellegrandi

Em sua última obra, "Vaticano II, Homossexualidade e Pedofilia", Atila Sinke Guimarães levanta a questão da homossexualidade de Paulo VI[162]. Guimarães cita Franco Bellegrandi, ex-membro da Guarda Nobre Pontifícia (elemento do exército do papa) que foi testemunha dos funestos mudanças ocorridos no Vaticano após a entrada em funcionamento do papa Paulo VI.

Bellegrandi reitera a acusação de que, quando era arcebispo de Milão, Montini foi detido pela polícia local durante uma de suas visitas noturnas aos bordéis masculinos da cidade.

O ex-guarda do Vaticano descreve o processo de colonização homossexual que, segundo ele, começou sob o papa João XXIII, mas se acelerou sob Montini - processo com o qual o leitor deve

estar agora bastante familiarizado. Bellegrandi afirma que antigos funcionários do Vaticano foram demitidos para dar lugar aos favoritos de Montini, afligidos pelo mesmo vício que ele. Estes, por sua vez, trouxeram seus amantes - "jovens efeminados com uniformes elegantes e maquiagem para ocultar suas barbas", destaca ele[163].

Bellegrandi relata ainda que, segundo o que lhe disse um funcionário do serviço de segurança do Vaticano, o ator amigo de Montini tinha acesso livre aos apartamentos pontifícios e era visto utilizando o elevador do papa à noite[164].

A questão do chantagem

Uma das declarações de Bellegrandi que me chamou a atenção é que, assim que foi eleito papa, Paulo VI foi submetido a um chantagem por parte dos maçons italianos. Em troca de seu silêncio sobre as estadias furtivas do arcebispo Montini na Suíça, onde ele se encontrava com seu amante ator, que parece não ter escondido suas relações com o prelado, os maçons exigiram que o papa levantasse a proibição que a Igreja sempre havia imposto à cremação após a morte. O papa se inclinou.[165]

Essa não era, aliás, a primeira vez que as perversões sexuais de Montini o expunham a chantagem.

Durante uma troca de cartas que tive com um escritor britânico conhecido por estar a par das operações do MI6 (o serviço de inteligência britânico no exterior), meu correspondente me disse que se perguntava se a homossexualidade de Montini não o havia exposto a chantagem por parte de agentes secretos britânicos ou soviéticos durante a Segunda Guerra Mundial. Ele pensava que os britânicos (o MI6) e os americanos (a OSS) estavam a par da homossexualidade de Montini e haviam usado essa informação para garantir a cooperação do interessado na gestão, após a guerra, das rotas de exfiltração do Vaticano e dos Aliados[166].

Existem outras fontes de informação sobre o chantagem que o KGB e o GRU soviéticos poderiam ter exercido sobre Montini após a guerra.

Um parisiense idoso, que havia trabalhado no início dos anos cinquenta como intérprete oficial para contas de clérigos de alto escalão do Vaticano, disse ao autor que os soviéticos haviam exercido um chantagem sobre Montini para que ele revelasse os nomes dos padres que o Vaticano havia enviado clandestinamente para trás da Cortina de Ferro durante a Guerra Fria, a fim de exercer seu sacerdócio junto aos católicos da União Soviética. A polícia secreta soviética aguardava esses padres infiltrados assim que eles cruzavam a fronteira da União Soviética, e eles eram então abatidos ou enviados ao Gulag[167].

Nunca saberemos, talvez, em que medida o papa Paulo VI foi submetido a chantagem por parte dos inimigos da Igreja. É possível que, no que diz respeito aos comunistas e socialistas, essa chantagem tenha sido inteiramente desnecessária, dada a fascinação que a esquerda sempre exerceu sobre Montini e as afinidades que ele teve com ela durante toda a sua vida. Por outro lado, é provável que os maçons italianos, o MI6 e a OSS, em primeiro lugar, e a CIA e a Máfia, em seguida, tenham usado chantagem e extorsão contra Montini desde o início de sua carreira como jovem diplomata, depois como arcebispo de Milão e, finalmente, como papa.

A Queda do Véu

A homossexualidade do Papa Paulo VI, sem dúvida, favoreceu a mudança de paradigma que acompanhou a ascensão do coletivo homossexual na Igreja Católica nos Estados Unidos, no Vaticano e em todo o mundo na metade do século XX.

Paulo VI desempenhou um papel decisivo na escolha e no avanço de muitos membros homossexuais da hierarquia americana, incluindo os cardeais Joseph Bernardin, Terence Cooke e John Wright, o arcebispo Rembert Weakland, bem como os bispos George H. Guifoyle, Francis Mugavero, Joseph Hart, Joseph Ferrario, James Rausch e seus sucessores.

O conhecimento do fato de que um homossexual ocupava o Trono de Pedro - um conhecimento que se espalhou como um incêndio na comunidade "gay" - certamente deu a homens homossexuais a vontade de se tornarem padres, ao mesmo tempo em que consideravam o impensável, ou seja, uma ordem religiosa ou uma comunidade religiosa composta exclusivamente por sodomitas.

Além disso, o quase-segredo mantido por muito tempo sobre a vida homossexual de Paulo VI contribuiu por décadas para o silêncio e a dissimulação da hierarquia americana sobre a questão da homossexualidade em geral e sobre as atividades criminosas de padres pedófilos em particular.

Mas isso não é mais um segredo.

Pois a última peça do quebra-cabeça agora está no lugar.

"Nossa Senhora de Fátima, ore por nós."

---

[33] As informações biográficas sobre o Papa João XXIII são extraídas de *João XXIII - Papa do Século* , de Peter Hebblethwaite (Nova York: Continnum, 1984). Hebblethwaite, ex-jesuíta, deixou o sacerdócio em 1974 para se casar. Durante mais de dezesseis anos, ele escreveu artigos sobre assuntos vaticanos para o *National Catholic Reporter*. Ele morreu em Oxford, na Inglaterra, em 18 de dezembro de 1994.

[34] Ibid., 7-8.

[35] Ibid., 14.

[36] Ver Hebblethwaite, *João XXIII*, p. 45, e Martínez, *A Mineração da Igreja Católica*, p. 116.

[37] Hebblethwaite, p. 53.

[38] Martínez, p. 58.

[39] Ibid., p. 117.

[40] Hebblethwaite, *João XXIII*, p. 53.

[41] Ver Barry Rubin, *Intrigas de Istambul - Espionagem, Sabotagem e Traição Diplomática na Capital Mundial da Espionagem da Segunda Guerra Mundial* (Nova York, Pharos Books, 1991).

[42] Martínez, p. 76 e 77.

[43] Ibid. p. 70. - NdT: alusão à peça de Shakespeare *O Mercador de Veneza*, na qual o agiota judeu Shylock - para vingar as vicissitudes impostas a seus correligionários, e em particular a ele mesmo - exigia que lhe fosse dada em pagamento uma libra de carne de seu devedor insolvente, que se encontrava ser um gentio.

[44] A UNESCO era a agência das Nações Unidas que os soviéticos haviam mais bem penetrado. O KGB e o GRU usavam essa organização para disseminar a desinformação e a propaganda pró-comunista. Em dezembro de 1971, os serviços secretos franceses estimavam que cerca de um terço dos funcionários soviéticos da UNESCO eram agentes dos serviços secretos ou dos serviços de inteligência militar da URSS. Os altos funcionários da UNESCO eram abertamente pró-soviéticos. No entanto, em nenhum momento, o Vaticano reconheceu publicamente que a UNESCO fosse um centro ativo de agentes soviéticos. Ver Richard Deacon, *O Serviço Secreto Francês*, p. 229 e 230.

Segue aqui a tradução:

[45] Martínez, p. 117.

[46] Ibíd.

[47] Ver Piers Compton, *A Cruz Partida* (Cranbrook, Austrália Ocidental: Veritas Publishing Co., 1984), p. 49 e 50.

[48] Hebblethwaite, *João XXIII*, p. 114.

[49] Durante o conclave de outubro de 1958, havia 51 eleitores. O cardeal Roncalli era *papabile*. Houve onze rodadas de votação. Roncalli foi eleito no terceiro dia, ou seja, em 28 de outubro de 1958. O arcebispo estava preparado, pois, de acordo com Martínez, o bispo Bruno Heim, secretário de Roncalli, estava trabalhando há semanas nas futuras armas papais do interessado.

[50] Os nomes dos cardeais eleitos durante os consistórios organizados de 1903 a 2001 podem ser encontrados no seguinte site da Internet:

http://www.stjohnxxiii.com/Cardinals/The_Cardinals_of_the_Church/consistories-xx.htm.

[51] Martínez, p. 119. Ver também Komonchak, ed., *História do Vaticano II*, p. 325.

[52] Martínez, p. 131. Os cardeais criados por João XXIII não pertenciam todos à ala "progressista" ou "liberal" que dominava o grupo do Reno. Entre as exceções estava Antonio Bacci, secretário dos Breves, que foi eleito no consistório de 28 de março de 1960. O cardeal Bacci faria causa comum com o cardeal Ottaviani na luta contra o *Novus Ordo Missae.*

[53] Komonchak, p. 71-22.

[54] O discurso proferido em 11 de outubro de 1962 pelo papa João XXIII durante a abertura do Segundo Concílio do Vaticano pode ser consultado no site da Internet http://www.papalencyclicals.net/vatican2.htm. Este site também contém todos os documentos do Concílio. Uma excelente crítica ao discurso em questão pode ser encontrada na obra de Amerio *Iota Unum*, p. 73-79.

[55] Amerio, p. 62 e 63.

[56] Abade Paul Kramer, *A Última Batalha do Diabo* (Nova York: Good Counsel Publications Inc., 2002), p. 45.

[57] Komonchak, p. 15.

[58] Ibíd., p. 64.

[59] Ibíd., p. 55-57. Onde o Vaticano obteve os créditos necessários para financiar um concílio geral? É um segredo até hoje. Nenhum orçamento da Comissão para a Administração do Patrimônio do Vaticano (Banco do Vaticano) foi tornado público. As estimativas relativas ao custo das três sessões do Concílio variam entre 25 e 75 milhões de dólares dos EUA. As alterações feitas na Basílica de São Pedro custaram mais de 950.000 dólares. Os Padres do Concílio com recursos suficientes puderam se sustentar, mas o Vaticano teve que fornecer subsídios aos bispos dos países pobres. As hierarquias dos EUA e da Alemanha, aparentemente, forneceram uma generosa assistência financeira. É provável também que fundos tenham sido fornecidos por grupos que tinham interesse em que um Concílio geral fosse realizado para minar e enfraquecer a Igreja Católica Romana, como as agências de inteligência dos EUA, a maçonaria internacional e o lobby judeu internacional.

[60] Martínez, p. 108. Para uma análise dos líderes e da agenda do grupo do Reno e de seus *periti*, ver o padre Ralph M. Wiltgen, SVD, *O Reno Flui para o Tibre* (Rockville, III. Tan Books, 1966). Com o apoio do arcebispo Montini, que trabalhava de dentro para orientar o Concílio, o grupo do Reno pôde controlar o mecanismo do Concílio, garantindo uma composição vantajosa das comissões, modificando os regulamentos e praticando uma microgestão da imprensa.

[61] Komonchak, p. 426.

[62] Maurice Pinay, *O Plano Contra a Igreja* (Palmdale, Califórnia: Christian Book Club of America, 1967). Publicado no outono de 1962 para coincidir com a primeira sessão do Concílio, este livro de 700 páginas foi atacado por antissemitismo devido às suas alusões ao lobby judeu internacional e ao sionismo internacional, apresentados como a "sinagoga de Satanás". No entanto, considerando a autodemolição da Igreja que se seguiu ao fechamento do Segundo Concílio do Vaticano, ele vale a pena ser lido. A edição em inglês é uma tradução feita em 1967 a partir das edições alemã e espanhola.

[63] Amerio, p. 67 e 68.

[64] Martínez, p. 108.

[65] Ibíd., ver Hans Küng, *O Concílio, Reforma e Reunião* (Nova York: Sheed and Ward, 1961).

[66] O Acordo de Metz, tramado por Montini com a cooperação do papa João XXIII, representava uma traição inacreditável. Mas a traição da confiança dos Padres da Igreja presentes no Concílio não era nada comparada à traição da hierarquia, do clero e dos fiéis uniatas que estavam no gulag soviético por terem se recusado a se integrar à religião ortodoxa russa controlada pelos soviéticos, bem como à traição de milhões de cristãos que estavam atrás da Cortina de Ferro e da Cortina de Bambu.

[67] Ver Wiltgen, p. 122.

[68] Dom Josyf Ivanovycè Slipiy nasceu em 17 de fevereiro de 1882 em Sazdrist, Ternopil, na arquidiocese de Lvov, na Ucrânia. Ele estudou no colégio de Ternopil e na Universidade de Lvov e foi ordenado sacerdote em 30 de setembro de 1917. Ele foi consagrado arcebispo de Lvov em 22 de dezembro de 1939. Cinco anos depois, ele foi preso e enviado à Sibéria por 18 anos pelo regime soviético. Ele foi libertado em 1963 graças à intervenção do Presidente John Kennedy e do Papa João XXIII e enviado ao exílio em Roma. Após as manifestações de seus compatriotas, Dom Slipiy pôde participar das três últimas sessões do Segundo Concílio do Vaticano e foi elevado ao cardinalato pelo Papa Paulo VI em 22 de fevereiro de 1965. Ele morreu em 7 de setembro de 1984. Seu funeral foi adiado por mais de dez dias para permitir que fiéis de todo o mundo participassem, e mais de um milhão deles vieram prestar homenagem. Ver o site da Igreja Católica Grega Ortodoxa: www.papalvisit.org.ua/eng/ugcc_slipiy-php.

[69] Esse incidente é relatado por Andrea Riccardi em *Il Vaticano e Mosca* (Roma: 1993) Laterza ed., no capítulo VII intitulado "Fine della Condanna, Inizio del Dialogo"; pelo Reverendo Padre Michael Simoulin em *Was the «Good Pope» a Good Pope?*, parte I, The Angelus, 23 de setembro de 2000, n° 9; bem como pelo site www.sspx.ca/Angelus/2000_September/Was_Good_Pope_Good_Pope_Pt1.htm. A obra em três partes do Padre Simoulin sobre o pontificado do Papa João XXIII é muito notável.

[70] Ibid.

[71] Komonchak, p. 22.

[72] Ibid., p. 7.

[73] Os comentários do Irmão Michel da Santíssima Trindade são extraídos do discurso sobre "O Mistério do Terceiro Segredo de Fátima" que ele fez em 24 de novembro em Roma, durante uma conferência patrocinada pela Cruzada Internacional do Rosário de Fátima, dirigida pelo Padre Nicholas Gruner. O texto integral pode ser consultado no site http://www.shrineofsaintjude.net/home1301.html. A obra em quatro volumes sobre Fátima está disponível na Immaculate Heart Publications, Buffalo, NY.

[74] Ibid.

[75] Komonchak, p. 71.

[76] O Beato Angelo Giuseppe Roncalli foi beatificado pelo Papa João Paulo II em 3 de setembro de 2000.

[77] Hebblethwaite, *Paulo VI*, p. 19.

[78] Durante séculos, a Igreja condenava o uso de ama-seca quando a mãe era capaz de amamentar seu próprio filho, mas essa advertência era amplamente ignorada pelas classes superiores.

[79] Hebblethwaite, *Paulo VI*, p. 29.

[80] Ibid., p. 271.

[81] Ver James Glampe, "Giulio Andreotti", no site http://www.uwgb.edu/galta/333/andreot.htm.

[82] Ver Sterling, *OCTOPUS*, p. 220. Como Sterling observa, não há nenhuma prova de que os Aliados tenham deliberadamente conspirado para entregar a Sicília à Máfia. Simplesmente, foi assim que as coisas evoluíram. É provável que não tenha havido um grande acordo único entre os Aliados e a Máfia, mas sim acordos menores entre membros subalternos de ambas as partes, observa Sterling.

[83] Hebblethwaite, *Paulo VI*, p. 124.

[84] Owen Chadwick, *Grã-Bretanha e o Vaticano durante a Segunda Guerra Mundial* (Londres: Cambridge University Press, 1986), p. 265. Segundo o historiador britânico Chadwick, não há dúvida de que Montini desempenhou um papel ativo na comunicação a Londres dos detalhes do armistício italiano. Ver também Anthony Rhodes, *O Vaticano na Era dos Ditadores*.

[85] Ibid. p. 156.

[86] Hebblethwaite, *Paulo VI*, p. 126.

[87] Linda Hunt, *Agenda Secreta: O Governo dos EUA, Cientistas Nazistas e Projeto Paperclip, 1944-1990* (Nova York: St-Martin's Press, 1991).

[88] Martínez, p. 82.

[89] Chadwick, p. 22 e 23.

[90] Ibid., p. 23 e 24.

[91] Ibid., p. 232 e 233.

[92] Ibid., p. 81 e 82.

[93] Ibid.

[94] Ibid. Ver o documento JR1022 publicado pelo OSS, escritório de Washington D.C. Ver também Piers Compton, *A Cruz Quebrada*, p. 51 e 52.

[95] O último consistório do pontificado de Pio XII ocorreu em 12 de janeiro de 1953.

[96] Niccolo Machi.

[97] Giovanni Battista Montini era um protetor do filósofo francês Jacques Maritain.

[98] Hebblethwaite, *Paulo VI*, p. 271.

[99] Ver Hamish Fraser, "Jacques Maritain e Saul David Alinsky – Pais da Revolução 'Cristã'", Hamish Fraser, Suplemento de *Abordagens*, nº 71.

[100] Ver o ensaio do abade Georges de Nantes sobre o "MASDU" no site da Internet http://www.crc-internet.org/lib1masdu.htm. O abade de Nantes é o editor-chefe de *La Contre-Réforme catholique au XXème siècle*, Maison Saint-Joseph, Saint-Parres-lès-Vaudes, França.

[101] Fraser, p. 5.

[102] A obra mais conhecida de Alinsky, *Regras para Radicais* (Nova York: Random House, 1971), é dedicada ao "primeiro radical", Lúcifer. Ver também Marion K. Sanders, *O Radical Profissional – Conversas com Saul Alinsky* (Nova York: Harper & Row, 1965).

[103] Fraser, p. 49 e 50. Nota do Tradutor (NdT): "Call to Action" (Chamado à Ação) é uma organização "católica" que defende a ordenação de mulheres, o casamento de padres e o laxismo sexual, entre outras grandes causas não apenas modernistas, mas claramente anticatólicas...

[104] Ibid., p. 17.

[105] Ibid., p. 44.

[106] Ibid.

[107] Ibid.

[108] Millenari, *O Sudário do Segredo*, p. 137 a 139. Os autores argumentam que Poletti e Montini fizeram um pacto secreto para não revelar o conteúdo da carta de 3 de janeiro de 1963. Sua conta não indica se *Il Popolo d'Italia* dos anos 60 tinha alguma relação com um jornal socialista de mesmo título fundado por Mussolini, que havia sido publicado de 1914 a 1943, ou se era uma publicação diocesana ou laica sem relação com ele.

[109] Após a morte de Paulo VI, em 6 de agosto de 1978, o cardeal Benelli era considerado o mais bem colocado de todos os *papabili*, mas foi o cardeal Albino Luciani, de Veneza, que foi eleito com o nome de João Paulo I. Após a morte deste, Benelli se viu novamente em boa posição para ser eleito papa, mas desta vez foi superado por um polonês, o cardeal Karol Wojtyla. Benelli permaneceu como cardeal-arcebispo de Florença até 1982, quando morreu de um infarto.

[110] Em 1989, onze anos após a morte de Paulo VI, o papa João Paulo II nomeou Macchi arcebispo (com título pessoal) de Loreto. O arcebispo Macchi se aposentou em 1996, aos 72 anos.

[111] O bispo Donato De Bonis é provavelmente o menos conhecido desses quatro homens. O arcebispo Macchi o consagrou bispo em 25 de abril de 1993, embora ele, que era agente do Banco do Vaticano, tivesse sido acusado de cumplicidade em fraude fiscal. De Bonis também foi identificado como maçom, mas é verdade que Macchi também o era. No verão de 1984, De Bonis ganhou as manchetes da imprensa americana ao fazer uma doação de US$ 2.000 à "March of Dimes" (MOD), o principal promotor do aborto eugênico nos EUA. A visita do funcionário do Vaticano ao banquete da MOD em Hartford, Connecticut, foi coordenada pelo bispo James T. McHugh, da diocese de Camden, Nova Jersey. Ver Randy Engel, *Um Manual da March of Dimes – O A-Z do Assassinato Eugênico* (Export, Pa.: U.S. Coalition for Life, PA, 1991).

[112] Esta parte sobre as finanças do Vaticano e o IOR se baseia em informações extraídas de um grande número de publicações e sites da Internet, incluindo o trabalho de Conrad Goeringer "História do IOR – Assassinato, Banco, Estratégia – o Vaticano" (http://www.voxfux.com/features/vaticanmurder.html). Ver também David A. Yallop, *Em Nome de Deus – Uma Investigação sobre o Assassinato do Papa João Paulo I* (Nova York: Bantam Books, 1984).

[113] O IOR, ou Banco do Vaticano, está localizado na Torre de Nicolau V, construída sobre o palácio papal. Suas operações diferem das de uma instituição bancária comum. Não concede empréstimos e não emite cheques. Seus depositantes são dioceses, paróquias, ordens religiosas e ordens fraternais. Sua história remonta ao papado de Leão XIII, que fundou a Administração para as Obras Religiosas. Após a assinatura do Pacto de Latrão em 1929, o papa Pio XI criou outra agência, a Administração do Patrimônio do Santo Sé, encarregada de gerenciar os direitos pagos a este último pelo Estado italiano como compensação pela perda dos Estados Pontifícios. Em 1942, o papa Pio XII criou outra agência financeira, o Instituto para as Obras Religiosas (IOR), que colocou sob a direção de Bernardino Nogara. Este último empreendeu a realização de um programa de investimentos diversificados e de investimentos imobiliários que fez o Vaticano entrar no mundo moderno da finança internacional. Pela primeira vez, o Santo Sé havia estabelecido ligações diretas com os impérios financeiros laicos de J.P. Morgan, Rotschild e outros. Em 1954, quando Nogara se aposentou, ele especulou reinvestindo os lucros, conseguindo aumentar para quase US$ 1 bilhão os US$ 85 milhões recebidos em 1929 do governo de Mussolini. O Vaticano detinha então interesses em laboratórios farmacêuticos gigantes e em conglomerados de química, indústria e construção, como Immobiliare, bem como ações em grandes empresas como General Motors, Gulf Oil e IBM. Ver "Banca Intesa: Tão Católico, Tão Ingrato", *L'Espresso* nº 25, 18-23 de junho de 2004, no site da Internet http://213.92.16.98/ESW_articolo/0%2C2393%2C42171%2C00.

[114] Durante os anos 80, os ativos brutos do IOR haviam alcançado cerca de US$ 10 bilhões.

[115] O Banco Franklin faliu em outubro de 1974. Sindona havia obtido 1,7 bilhão de dólares em assistência do Federal Reserve, mas isso não foi suficiente para salvar o estabelecimento. Agentes federais atribuíram a responsabilidade pela falência a Sindona e seus associados na máfia siciliana e no Vaticano.

[116] Ver Thomas Naylor e R.T. Naylor, *Dinheiro Quente e Política da Dívida: Finanças e Política da Dívida* (Nova York: Simon & Schuster, 1987). Este livro trata de um caso entre muitos em que o autor descobriu uma conexão entre os financiamentos da CIA e o Vaticano.

[117] Richard Hammer, *A Conexão do Vaticano* (Nova York: Holt, Rinhart e Winston, 1982), p. 207.

[118] O império de Sindona começou a desmoronar com a falência do Banco Nacional Franklin em 1974. No início dos anos 60, as atividades financeiras irregulares de Sindona já haviam chamado a atenção da Interpol. Para escapar da justiça italiana, Sindona foi para Nova York, onde foi preso em 1979, julgado e condenado por 99 acusações de fraude, perjúrio e apropriação indevida de créditos bancários, e depois enviado para a prisão. Em 2 de agosto de 1979, seus chefes mafiosos - em cooperação com a "família" Gambino, de Nova Jersey - organizaram seu "sequestro" da prisão e o enviaram para Palermo, onde estava seguro. Em 1980, Sindona foi preso pela polícia italiana e julgado em Milão. Ele então fez um apelo por fundos a seus ricos apoiadores italianos (cujos nomes e contas bancárias ilegais no exterior ele havia anotado em seu pequeno caderno preto). Ao descobrir que Calvi não havia colocado os ativos do Banco Ambrosiano à sua disposição, Sindona espalhou a informação de que Calvi havia roubado o banco. Na verdade, o dinheiro recebido do Palazzo para as "despesas judiciais" de Sindona foi parar nos bolsos dos grandes nomes da máfia, que sabiam que Sindona havia perdido bilhões de seu próprio dinheiro em especulações financeiras. A máfia não podia nem queria deixar vivo um ladrão tão desonesto. Pouco após sua condenação em 1986 por um tribunal de Milão por ter ordenado o assassinato de um magistrado italiano influente, Sindona foi encontrado morto em sua cela, envenenado com estricnina. Calvi não teve mais sorte. Embora o Banco Ambrosiano tivesse uma regra de que nenhum acionista poderia possuir mais de 5% do capital do banco, para evitar que qualquer pessoa ou empresa controlasse o estabelecimento sozinha, Calvi - com a ajuda de Marcinkus, Sindona, Gelli e outros personagens - havia criado empresas offshore "fantasmas" para acessar os ativos do banco. Muitas dessas empresas de existência ilegal eram financiadas com dinheiro desviado do IOR. O banco "católico" se tornou também um grande centro de lavagem de dinheiro mafioso no exterior. Quando os crimes de Calvi e companhia foram descobertos, faltavam 1,3 bilhão de dólares no banco. Em 1981, Calvi foi condenado por fraude de divisas e sentenciado a quatro anos de prisão e uma multa de 12 milhões de dólares, mas conseguiu escapar da justiça civil italiana. Em 19 de julho de 1982, seu corpo foi encontrado pendurado sob a ponte dos Frades Negros, em Londres. Embora esse assassinato tenha sido inicialmente qualificado como "suicídio" pela Scotland Yard, conhecida por sua hierarquia maçônica, as investigações posteriores do Ministério da Justiça italiano revelaram que a máfia havia assassinado Calvi por enforcamento para garantir seu silêncio sobre o papel que a máfia, os maçons e o Banco do Vaticano haviam desempenhado no caso Ambrosiano e em outras combinações financeiras ilegais. Posteriormente, o Vaticano concordou em pagar 250 milhões de dólares aos credores do Banco Ambrosiano sem ter que declarar publicamente ter cometido qualquer delito. Essa "contribuição" foi paga após a revelação de que Calvi havia obtido de Marcinkus "cartas de patrocínio" que garantiam os empréstimos de Calvi. O escândalo da Loja P2 eclodiu em 17 de março de 1981. A denúncia pública da conexão entre a máfia e a maçonaria italiana foi uma revelação de proporções astronômicas. Foi também o caso da lista de 962 maçons que a polícia descobriu ao vasculhar a villa de Licio Gelli em Arezzo, considerando os personagens cujos nomes ela continha: dezessete generais do exército, quatro generais da força aérea, nove oficiais superiores dos Carabinieri, oito almirantes da marinha, os três chefes dos serviços secretos italianos, trinta e oito deputados e senadores italianos, catorze magistrados, três ministros, bem

como cinco prefeitos do Vaticano e outros altos funcionários da Igreja. O Grão-Mestre Gelli foi julgado e condenado a uma curta pena de prisão, que foi traduzida em uma simples prisão domiciliar. Ele morreu de morte natural. Foi o arcebispo Paul Marcinkus quem se saiu melhor. Após a morte de Paulo VI, em 1978, o papa João Paulo II o manteve no cargo no IOR até 1989. Além disso, ele lhe atribuiu o título de Pro-Presidente da Comissão Pontifícia para a Cidade-Estado do Vaticano. Quando a polícia se interessou por Marcinkus em relação às atividades criminosas de Calvi, Sindona e Gelli, que consistiam em fraude de divisas, financiamento de assassinatos, contrabando de armas e tráfico de notas falsas, o Santo Padre lhe concedeu imunidade por sete anos. Em seguida, o arcebispo Marcinkus se tornou muito "quente" para que o Vaticano pudesse lidar com seu caso, e ele retornou aos Estados Unidos. Ele reside hoje no bispado de Phoenix (Arizona), onde às vezes celebra missas, e frequenta assiduamente os campos de golfe de Sun City. Ele ainda goza de plena imunidade diplomática da Cidade-Estado do Vaticano, de modo que é intocável segundo a lei americana. Em 2003, o jornal italiano Gazetta del Sud informou que o nome do arcebispo havia reaparecido no depoimento de um informante da máfia durante cinco horas a promotores italianos, mas é improvável que ele seja algum dia processado na Itália ou em qualquer outro lugar do mundo, e ainda menos que passe algum tempo na prisão.

[119] Ver Hebblethwaite, Paulo VI, p. 329-332. No conclave de 1963, o arcebispo Montini tinha o apoio do cardeal Spellman e do resto do contingente americano, dos europeus que representavam o Grupo do Reno - incluindo os cardeais Suenens, Döpfner e König - e de muitos bispos da América Latina e da África. Montini foi eleito no sexto turno de votação.

[120] Ibid., p. 331.

[121] Ver Amerio, Iota Unum, p. 82-89.

[122] Millenari, Shroud of Secrecy, p. 164.

[123]](#_ftnref123) A Missa tradicional de rito romano foi codificada para todos os tempos pelo papa São Pio V em sua Constituição Apostólica Quo Primum Tempore de 13 de julho de 1570. Não se tratava de um rito novo no sentido estrito do termo, mas sim do aperfeiçoamento da Missa autêntica transmitida desde a época dos Apóstolos. O papa Pio V ordenou claramente nesse texto que: "... não se cante ou recite outras fórmulas senão as conformes ao Missal que publicamos, mesmo se essas mesmas igrejas obtiveram uma dispensa qualquer, por um indulto do Sé Apostólica, por costume, privilégio ou mesmo juramento, ou por uma confirmação apostólica, ou são dotadas de outras permissões quaisquer; a menos que desde a primeira instituição aprovada pelo Sé Apostólica ou desde que se estabeleceu o costume, e que essa última ou a instituição em si tenha sido observada sem interrupção nessas mesmas igrejas pela celebração de missas por mais de duzentos anos [...] E, de forma análoga, decidimos e declaramos que os Superiores, Administradores, Cônegos, Capelães e outros sacerdotes de qualquer nome que sejam designados, ou os religiosos de qualquer ordem, não podem ser obrigados a celebrar a Missa de outra forma senão a que fixamos, e que nunca e em nenhum tempo alguém poderá forçá-los a deixar este Missal ou a abrogar a presente instrução ou modificá-la, mas que ela permanecerá sempre em vigor e válida, em toda a sua força, não obstante as decisões anteriores e as Constituições e Ordenanças Apostólicas, e as Constituições Gerais ou Especiais emanadas de Concílios Provinciais e Gerais, nem o uso das igrejas acima mencionadas confirmado por uma prescrição muito antiga e

imemorial, mas que não remonta a mais de duzentos anos, nem as decisões ou costumes contrários quaisquer que sejam."

[124] Encontrará uma crítica fundamental do Novus Ordo na obra dos cardeais Alfredo Ottaviani e Antonio Bacci intitulada A Intervenção Ottaviani (Roma: 1969); reimpressão, Rockville, III: Tan Books, 1992). Ver também "A Nova Missa", The Angelus, março de 2000, 23, nº 3, bem como, do Rev. Anthony Cekada, "Paulo VI 'Ilegalmente' Promulgou a Nova Missa?" Trans et Alia, 2, nº 7, maio de 2001, traduzido por Suzanne M. Rini, de Pittsburgh. Os leitores são convidados a contatar a Sra. Rini para obter uma seleção completa de excelentes artigos da revista francesa Sodalitium sobre a "reforma" litúrgica.

[125] Ver Bugnini, *A Reforma da Liturgia*, para uma descrição passo a passo da destruição da Liturgia sagrada.

[126] Ver Rev. Pe. James McLucas, "A Emasculação do Sacerdócio", *Missa Latina*, edição de primavera de 1998. O artigo pode ser encontrado no site http://wwwlatinmassmagazine.com/artEmasculation.asp.

[127] Ver Paul Likoudis, "Um Psiquiatra Católico Há 30 Anos... Ofereceu Cura para os Males Sexuais da Igreja e da Sociedade", *Wanderer*, 10 de abril de 2003, 1, 10.

[128] McLucas

[129] Ibid.

[130] Ibid.

[131] Ibid.

[132] Ibid.

[133] Ibid.

[134] Amerio, p. 180.

[135] Ibid., p. 181.

[136] Ibid., p. 163.

[137] Ibid.

[138] Ibid., p. 166.

[139] Ver Thomas Reese, SJ, no site http://www.americamagazine.org/reese/america/a-lefev.htm.

[140] Uma situação semelhante ocorreu no final do século XIX, durante o pontificado de Leão XIII, devido a uma tentativa de abrir um "diálogo" entre clérigos romanos de espírito "ecumênico" e

anglicanos sobre a questão da validade das ordens anglicanas. O cardeal Herbert Vaughan, arcebispo de Westminster, alertou o papa Leão XIII sobre esse tipo de discussão aberta, enfatizando que as conversões anglicanas à religião católica seriam interrompidas se o público soubesse do "diálogo" em questão. De acordo com Vaughan, a notícia de que a Igreja Católica havia iniciado discussões, mesmo que informais, era suficiente para manter as almas na heresia e impedi-las de se converter. Leão XIII aceitou o conselho de Vaughan e, em 1896, publicou a Bula *Apostolicae Curae*, que declarava as ordens anglicanas "absolutamente vãs e completamente nulas". O papa Bento XV, no entanto, mostrou-se mais aberto à ideia de um diálogo ecumênico com os anglicanos e autorizou a abertura, em 1921, do que seria conhecido como as "Conversações de Malines". Mas essas conversações - no total de cinco - foram definitivamente interrompidas por Pio XI em sua encíclica de 1928, *Mortalium Animos*. Ver John Jay Hughes, *Absolutamente Nulo e Completamente Vazio - A Condenação Papal das Ordens Anglicanas de 1896* (Washington, D.C.: Corpus Books, 1968).

[141] O fracasso de *Humanae Vitae* não foi apenas uma questão de atraso, pois o documento em si apresenta graves defeitos. O autor pretende reconstituir, em uma obra posterior, a história da Comissão sobre o Controle da Natalidade.

[142] Elias Bredsdorff, *Hans Christian Andersen - A História de sua Vida e Obra* (Nova York: Scribner, 1975), p. 280. Bredsdorff cita um estudo psiquiátrico de Andersen realizado pelo professor Hjalmar Helweg. Ver também *A Fábula da Minha Vida - Uma Autobiografia*, publicado em 1975, por ocasião do centenário da morte de Andersen.

[143] Bredsdorff, p. 280.

[144] Ibid.

[145] Tsang, p. 95.

[146] Ver Summers e Dorril, *Honeytrap*, p. 38. Os autores se equivocam ao apresentar o papa João Paulo I como o amante de Hugh Montgomery, mas a correspondência com Dorril confirma que o clérigo em questão era Battista Montini.

[147] A Casa do Papa inclui muitos camaristas, cujas funções são mais ou menos ornamentais. Há várias categorias: camaristas privados, camaristas, camaristas assistentes e honorários. Esses cavalheiros constituem a classe mais alta da Casa. Dentro da Cúria Papal, há o camarista apostólico (em latim, *camerius*), que ocupa uma posição muito importante. Durante uma vacância do Santo Sé, é o camarista apostólico (ou camerlengo) que dirige a administração da Igreja Católica. Ver o site http://www.catholic-forum.com/saints/eb001844.htm.

[148] Robin Bryans, *A Poeira Nunca se Acabou* (Londres: Honeyford Press, 1992).

[149] Ibid., p. 60.

[150] Leyland, ed., *Raízes Gay*, p. 412.

[151] Ibid.

[152] Nos Estados Unidos, o "blackout" da mídia foi incompleto. O coletivo homossexual conhecia as acusações de Peyrefitte contra Paulo VI, e também era o caso de alguns padres americanos. Em *Um Mundo Secreto*, A.W. Sipe indica que, em 1976, Paulo VI foi acusado na imprensa francesa e italiana de ter tido relações homossexuais. Sipe nota que o *National Catholic Reporter* publicou o mesmo ano, sobre essas acusações, um artigo acompanhado das negações do papa.

[153] Paul Hofmann, *Uma Visão Ligeiramente Perversa da Santa Sé* (Nova York: Gongdon and Weed, Inc., 1984), p. 151.

[154] Paolo Carlini nasceu em 1926 (ou 1922?) em Sant'Arcangelo di Romagna, Itália. Ele teve pequenos papéis no filme americano de 1963 "Férias Romanas" e no filme de 1960 "Isso Aconteceu em Nápoles". Ele morreu em 7 de novembro de 1979, um ano após o papa Paulo VI.

[155] Em 25 de agosto de 1966, o abade Georges de Nantes foi suspenso a divinis por sua oposição ao Segundo Concílio do Vaticano. Ele não deixou de manter essa oposição. Em julho de 1966, o abade, que dirigia a comunidade religiosa de Saint-Parres-lès-Vaudes, na diocese de Troyes (França), foi ordenado por Dom Daucourt a não mais acusar João Paulo II de heresia e cisma. Quanto à lista de acusações feitas contra o papa João Paulo II, ver *O Livro de Acusação*, no site da internet www.crc-internet.org/IER2003/Lib2_1.htm.

[156] Discurso do papa João Paulo II à Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana, em 13 de maio de 1993.

[157] Abade Georges de Nantes, *A Contra-Reforma Católica no Século XX*, n. 259 (junho-julho de 1993): p. 10.

[158] Ibid., p. 13. O prelado em questão talvez fosse o bispo John Wright, que o papa Paulo VI havia chamado a Roma em abril de 1969 e nomeado Prefeito do Clero. Wright foi elevado ao cardinalato em 28 de abril de 1969.

[159] Ibid., p. 14.

[160] Ibid., p. 15.

[161] Ibid.

[162] Atila Sinke Guimarães, *Vaticano II, Homossexualidade e Pedofilia*, ed. Marian Therese Horvat, Ph.D. (Los Angeles: Tradição em Ação, 2004), p. 159-162. O Sr. Guimarães realizou um trabalho excepcional ao analisar os documentos do NCCB/USCC, USCCB e Vaticano relativos à homossexualidade. Sua fonte principal sobre as acusações de homossexualidade contra Paulo VI é o livro de Franco Bellegrandi, *Nichitaroncalli - Controvérsia de um Papa* (Roma: Ed. Internazionale di Letteratura e Scienza, 1994), p. 85 e 86.

[163] Guimarães, p. 161.

[164] Ibid., p. 159.

[165] Ibid., p. 160.

[166] Duas cartas privadas enviadas de Londres ao autor, datadas de 2 de janeiro de 1992 e 4 de janeiro de 1993.

[167] Carta privada enviada de Paris ao autor (sem data).

Randy Engel: A eficácia destrutiva de uma rede de pederastas

Uma especialidade histórica de Cambridge: o círculo dos espiões de Cambridge «The Apostles » A influência de Victor Rothschild (amigo de Malcolm Muggeridge, mentor de Dom Williamson na Rose[1])

Terça-feira, 10 de março de 2009

Artigo original disponível no site Virgo Maria.

- Introdução
- Dossiê de Referências Virgo Maria sobre o ex(?)anglicano britânico da FSSPX Dom Richard Williamson à Rosa
- Nota de apresentação do site (tradução)
- Capítulo 5 - O « Homintern » e os espiões de Cambridge
    - Introdução
    - Anatomia da traição
    - O traidor como acumulador de queixas
    - A espionagem, um "negócio"
    - Um anzol soviético para todos os peixes

    - O “sexpionagem” soviético, um anzol de mel para falsos zangões
    - Os serviços de inteligência britânicos e americanos
    - A gênese do círculo de espiões de Cambridge
    - Os « Apóstolos », a homossexualidade e o marxismo
    - A « Conexão Bloomsbury »
    - Anthony Blunt – Uma vida « traiçoeira »
    - Guy Burgess – L "o espião vidente”
    - Kim Philby – O mestre espião
    - Donald Maclean – o implacável "inocente"
    - As toupeiras de Cambridge se enterram em vista do máximo impacto
    - A metamorfose de Guy Burgess
    - Burgess infiltra o MI6
    - As aventuras de Philby no exterior
    - Philby nos Estados Unidos
    - Maclean, o diplomata inglês modelo
    - Victor Rothschild – O Elefante na Sala
    - Os Malefícios do Espionagem Britânica Continuam
    - John Vassall - A "Miss Mary" da Marinha
    - O Escândalo Profumo – Proxenetas, Garotas de Programa e Espiões
    - Os Espiões de Cambridge – O Balanço
    - Lições para a Igreja Católica
    - Os Espiões de Cambridge e a Conexão do Vaticano
    - Hugh Montgomery e Battista Montini

- Referências

Introdução

+

Anthony

Blunt, Guy Burgess, Kim Philby, Donald Mac Lean + **Victor Rothschild**

ANEXO - Tradução em francês do capítulo 5 de "The rite of Sodomy" de Mme Randy Engel

A compreensão da proteção que Dom Williamson concedeu a vários clérigos pederastas dentro da FSSPX requer um aprofundamento no estudo dos ambientes de Cambridge e das sociedades secretas britânicas que permeiam esses ambientes e moldaram tanto a sociedade britânica atual quanto o globalismo triunfante contemporâneo, bem como toda a história do século XX e suas duas guerras mundiais.

A Sra. Engel nos autorizou gentilmente a publicar a tradução francesa do capítulo 5 de sua obra « ***The rite of Sodomy*** » (julho de 2006).

Se a Sra. Engel considerou necessário, em uma obra inteiramente dedicada ao estudo das redes de pederastia clerical, dedicar **um longo capítulo ao caso dos espiões homossexuais de Cambridge e à sociedade secreta daqueles que se designavam entre si pelo termo « *Apóstolos* », isso se deve à exemplaridade dessa rede de pederastas da alta sociedade britânica e seus métodos**, rede que a União Soviética de Stálin soube instrumentalizar para seu próprio serviço, desde os anos 30.

Essa rede homossexual foi formada no meio acadêmico de Cambridge, o mesmo que educou e informou o jovem Richard Williamson, o futuro protegido de Malcolm Muggeridge.

Para entender, em 2009, o bispo à Rose[1] da Fraternidade, ex(?)-anglicano e filho de pastor anglicano, Dom Williamson, é preciso voltar-se para essas redes de Cambridge da época da Segunda Guerra Mundial e do período da Guerra Fria que se seguiu imediatamente, redes que eram frequentadas por seu mentor Malcolm Muggeridge, ex-aluno de Cambridge, que foi membro do MI6 britânico, e que determinou – segundo as palavras do próprio Dom Williamson - sua « *conversão* » ao catolicismo e sua chegada a Écône em 1972.

Essa rede dos quatro espiões de Cambridge, popularizada nos anos 1960, foi frequentada e protegida pelo muito poderoso e brilhante Nathaniel Mayer **Victor Rothschild** (1910-1990), herdeiro da dinastia inglesa, que foi posteriormente designado por um escritor[2] como o « ***quinto***

homem » da rede (Roland Perry, *The Fifth Man*, Pan Books London 1994).

Em 1946, Victor Rothschild acolheu Malcolm Muggeridge em Paris, na avenida Foch[3], em um apartamento de sua família.

> *"(...) o controverso Lord Victor Rothschild (1910-1990), o 3º barão Rothschild. Victor começou a trabalhar para o MI5 durante a 2ª Guerra Mundial em funções como desarmamento de bombas, desinformação e espionagem.* ***Em 1940, Rothschild sugeriu que Anthony Blunt deveria ser convidado a se juntar aos serviços secretos.*** *Ele também alugou uma casa para seu amigo Guy Burgess.* ***Após a Libertação na França, Rothschild trabalhou com Dick White, Kim Philby e Malcolm Muggeridge nos escritórios do MI6 estabelecidos na casa da família Rothschild em Paris.*** *Ele foi suspeito de ter estado envolvido entre os 5 de Cambridge, um círculo de espiões britânicos que transmitiu informações para os soviéticos durante e após a 2ª Guerra Mundial. Em 1951, dois membros dessa rede, Burgess e Maclean – ambos sob investigação secreta – fizeram as principais manchetes da imprensa internacional ao se transferirem abertamente para a União Soviética.* ***Anthony Blunt era outro membro do círculo.***
>
> *Victor trabalhou como cientista no departamento de zoologia da Universidade de Cambridge de 1950 a 1970. Ele era membro dos '****Apóstolos de Cambridge****, uma sociedade secreta da Universidade que reunia John Maynard Keynes (amigo do presidente do CFR parceiro de J.P. Morgan, Russell C. Leffingwell), Anthony Blunt (homossexual; agente do 'KGB'; conselheiro e parente distante da Rainha), Guy Burgess (homossexual; agente do 'KGB'), Bertrand Russell (que organizou as Conferências Pugwash com Sir Cyrus Eaton, o protegido de Rockefeller), Michael Whitney Straight (família Whitney; outro agente do 'KGB'), Aldous Huxley (que escreveu 'Admirável Mundo Novo'), e outros..*
>
> *As histórias sobre os 'Apóstolos' sustentam persistentemente que* ***seus membros eram principalmente homossexuais e marxistas****. Victor serviu como presidente do Agricultural Research Council de 1948 a 1958 e como diretor internacional de pesquisa da Royal Dutch/Shell de 1963 a 1970. Foi presidente da equipe do Central Policy Review de Edward Heath de 1971 a 1974. Conselheiro informal de segurança de Margaret Thatcher, que chegou ao poder com a ajuda do Círculo em 1979. Morreu em 1990. Ele era comendador dos cavaleiros do Império Britânico."[4]*

Juntos, eles trabalharão para o MI6 durante os anos pós-guerra.

Isso demonstra os laços importantes que uniam Malcolm Muggeridge ao poderoso clã Rothschild.

E foi Malcolm Muggeridge que, após assumir a proteção do jovem Richard Williamson, foi determinante em sua « *conversão* » ao catolicismo, que o enviará em 1972 ao seminário de Écône, na ainda recém-fundada FSSPX, criada por Dom Lefebvre.

Os dois amigos Victor Rothschild e Malcolm Muggeridge, e Dom Williamson, o protegido de Muggeridge

Os cadernos de Guy Liddell (chefe do serviço de espionagem do MI5 durante a Segunda Guerra Mundial) revelam (de acordo com o *Times* de 8 de agosto de 2008), as " *cabriolas sexuais de Malcolm Muggeridge na África* "[5].

Os mesmos cadernos também revelam que Victor Rothschild enviava dinheiro a Oswald Mosley (membro da '*Sociedade Fabiana*'), o presidente do partido fascista inglês (*British National Party*), a fim de obter a libertação de pessoas próximas por Adolf Hitler.

É o mesmo Mosley que David Irving, hóspede de Dom Williamson em outubro de 2008, serviu durante os anos 1960[6].

Como *VM* já detalhou e comentou amplamente, desde setembro de 2007, Malcolm Muggeridge estava ligado por sua esposa, a sobrinha dos Webb, **à '*Sociedade Fabiana*', uma sociedade "discreta" – mas com rito de iniciação – que é apenas o " *círculo externo* " da muito secreta e poderosa " *Round Table*"**, a sociedade de Alfred Milner, que era na verdade pilotada pelo clã Rothschild, que já governava o império mundial britânico à véspera da Primeira Guerra Mundial e o ***Commonwealth* entre as duas guerras.**

Membros da '*Sociedade Fabiana*' desempenharam um papel determinante no desencadeamento das duas guerras mundiais do século XX, especialmente da segunda, apoiando operacionalmente – e até financeiramente - alternativamente, o bolchevismo na Rússia, e depois o nazismo na Alemanha de Weimar, que era um peão da geopolítica britânica, especialmente contra a França e contra Roma.

A '*Sociedade Fabiana*' realmente se tornou mestre na arte da dialética e no que René Guénon chamava **o princípio da gestão dos contrários:**

> *" Este esquema retoma a aplicação à FSSPX **do método da gestão dos contrários** descrito por **o alto-maçom iluminista René Guénon**, que havia penetrado os meios católicos na década de 1920, e que resumiu assim este método maçônico: « Consiste em utilizar organizações exteriores inconscientes deste plano, aparentemente opostas entre si, para fazê-las contribuir à*

> *realização do mesmo plano geral, sob uma direção 'invisível' única, que está além de todas as oposições. » Este esquema é aquele da dialetização da FSSPX* ***em torno do acordo dos dois pré-requisitos e da assinatura de acordos com Roma, uma parte dos sacerdotes da FSSPX se unindo a isso*** *e seguindo um Dom Fellay* ***(apoiado pelo padre Schmidberger) que teria apostataado****, e* ***outra parte se opondo e se agrupando em torno do ex-anglicano, 'Cunctator' à Rosa.****" VM, 10 de março de 2008[7]*

A operação Williamson à qual o mundo assiste desde 21 de janeiro de 2009 é, pela sua metodologia, uma operação tipicamente Fabiana.

Por que esta questão dos clérigos pederastas reveste-se de tal gravidade?

A Sra. Engel explica, pois se trata **de uma rede e de um método de penetração da Igreja**, e, portanto, de uma ameaça mortal para a Igreja, como ilustra o caso templário no século XIV:

> *« Segundo Claire Sterling, autora do excelente estudo intitulado Octopus: The Long Reach of the Sicilian Mafia (A Polvo, ou o braço longo da Máfia siciliana), "* ***não se pode resistir a uma rede que se compreende apenas de forma imperfeita*** *»[8].*
>
> *Esta visão das redes, seja da Máfia, do grupo de espiões homossexuais de Cambridge ou do "****Homintern****" presente e organizado na Igreja católica no século XXI, pressupõe o reconhecimento de que* ***essas organizações subversivas não surgem*** *"* ***espontaneamente*** *", mas* ***devem ser "dirigidas e geridas"****[9]. O padre Enrique Rueda acredita que não é "* ***inconveniente*** *" nem "* ***paranoico*** *" abordar questões como infiltração, subversão, espionagem e traição no contexto de uma organização subversiva, qualquer que seja[10].*
>
> *A presente evocação histórica dos espiões homossexuais de Cambridge* ***mostra claramente quão rapidamente é possível derrubar a Coroa, o Estado ou a Igreja quando a subversão e a traição originadas de dentro se combinam com ataques vindos de fora[11]****. »*

A Sra. Engel realiza um estudo detalhado sobre os 4 (ou 5) espiões homossexuais de Cambridge **que conseguiram arruinar os serviços de inteligência britânicos e a segurança nacional deste país de 1946 a 1963**, ou seja, durante 18 anos.

Ela extrai lições da impunidade que esse network usufruiu ao longo de décadas:

« É impossível discernir qual dos espiões de Cambridge foi o mais importante para os soviéticos ou causou mais danos aos interesses nacionais da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e de seus aliados. ***Cada um, em seu próprio campo, contribuiu para a destruição em massa dos serviços de inteligência do Ocidente, que sofreram uma hemorragia de mais de 30 anos****. Não há dúvidas hoje que, para Stálin, virtualmente cada serviço de inteligência da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos era um livro aberto.[i]*

O balanço é claro. Os soviéticos estavam cientes de cada operação de inteligência significativa conduzida contra eles entre 1945 e 1963. Eles souberam (de antemão) de cada movimento dos alemães durante a guerra, graças à sua infiltração em Bletchley Park, onde especialistas em criptografia britânicos quebraram o código da máquina alemã Enigma. Eles souberam a data exata do desembarque – um segredo que Churchill tentou esconder de Stálin. Eles tinham acesso a toda comunicação eletrônica textual entre Roosevelt e Churchill, e mais tarde entre Truman e Churchill. Os cientistas soviéticos tinham dados suficientes para construir uma bomba atômica. Stálin conhecia as agendas diplomáticas de todas as conferências dos Quatro Grandes sobre a Europa pós-guerra, e assim por diante, graças aos espiões de Cambridge.

Os espiões homossexuais de Cambridge não apenas levaram à morte milhares de compatriotas, mas também americanos e outros membros das forças aliadas*. Além disso,* ***nenhum deles enfrentou a forca por sua traição. Nenhum sofreu um único dia na prisão****. Whitehall fez o possível para tornar a vida de Burgess e Maclean em Moscou tão financeiramente despreocupada quanto possível, atribuindo aos traidores o "****status de emigrante****", que lhes permitia retirar libras esterlinas de suas contas particulares junto ao Banco da Inglaterra através do Banco Estatal Russo.*

De fato, as evidências estabelecem que Burgess, Maclean e Philby puderam escapar por trás da Cortina de Ferro para evitar um escândalo público. Se Whitehall e Buckingham Palace quisessem pegá-los, teriam conseguido. A leniência britânica em relação à segurança – mas a quem se deve a culpa?

*O famoso autor de romances de espionagem John le Carré, que, junto com Rebecca West e John Costello, compartilha uma visão realista dos traidores, um dia chamou o MI5 e o MI6 de "****santuários para desprezados masculinos****". No trabalho de inteligência, assim como na vida política britânica, as posições de ponta e a promoção rápida eram principalmente determinadas pela classe social. Havia muitos funcionários muito qualificados no MI5 e MI6 que não eram corruptos,* ***mas os cargos elevados e as promoções rápidas eram privilégio exclusivo da classe dirigente britânica – líderes políticos, altos funcionários do governo e membros influentes do Parlamento.*** *Que alguns fossem pederastas e/ou comunistas confirmados não importava.[ii] Era um sistema que garantia que os serviços secretos britânicos se*

autodestruíssem, e foi isso que ocorreu com os espiões de Cambridge. O próximo passo era tentar uma encobrimento do Establishment para proteger o ***Old Boy's Club*** *e ocultar do público britânico a extensão dos danos causados à nação pelos espiões de Cambridge. O velho instinto de sobrevivência havia entrado em ação. Em caso de suspeita de dificuldade, sentar-se firmemente, não dizer nada e esperar que o desastre se dissipasse, essa era a "****Lei do Clube*** *". Os soviéticos contavam com isso e não ficaram desapontados.[iii]*

Lições para a Igreja Católica

*Além de oferecer um exemplo concreto do desenvolvimento e da colonização do "****Homintern****"[12] emergindo no Ocidente durante a primeira metade do século XX, a traição da Grã-Bretanha e do povo britânico pelos espiões de Cambridge permite outras percepções aplicáveis à atual situação da Igreja Católica Romana, que se encontra sitiada pelo "****Homintern****" clerical.*

Como escreveu recentemente John Costello, "Se devemos tirar uma lição da carreira de Anthony Blunt e de seus colegas conspiradores de Cambridge, é que a ética da conspiração e as motivações para trair não são apenas ideológicas, mas atemporais e infinitas".[iv]

A ocultação dos horríveis crimes dos espiões de Cambridge pelo Establishment britânico difere tanto da ocultação dos crimes de seus clérigos e religiosos pederastas e homossexuais pelos bispos americanos? O "Homintern" clerical católico não é capaz de infligir danos tão grandes à Igreja e aos fiéis quanto os causados pelos espiões de Cambridge ao povo e ao governo britânicos sob a direção do Komintern comunista?

*Embora o problema da infiltração do Vaticano e da Igreja Americana pelo comunismo como agente do crescimento do "****Homintern****" na Igreja seja tratado no Capítulo 18, "****Precursores do Século Vinte****", é bom fazer aqui algumas observações gerais baseadas na experiência de Cambridge.[v]*

Em primeiro lugar, ***nada eficaz pode ser feito contra a Rede "Homintern" dentro da Igreja Católica Romana até que essa rede seja reconhecida e bem compreendida. "Subversão e traição de dentro" combinadas com um "ataque por fora" são uma receita perfeita para o desastre para a Igreja, assim como foi para a Grã-Bretanha*** *durante a era dos espiões de Cambridge.*

O fato de que os seminários, o clero e as comunidades religiosas católicas sejam sociedades relativamente "fechadas" não garante que não possam ser efetivamente penetradas e colonizadas por forças hostis. *Afinal, o Japão era uma sociedade relativamente "fechada" nas décadas*

de 1930 e 1940, e, no entanto, foi efetivamente infiltrada por um dos maiores mestres espiões de Stálin, o russo de origem Richard Sorge. Seu grupo de espionagem japonês ***penetrava até os mais altos níveis da inteligência japonesa, que eram considerados impenetráveis por agentes estrangeiros****.[vi]*

Um controle cuidadoso é tão essencial para o sacerdócio católico e para a vida religiosa quanto para os serviços de inteligência nacionais, e ainda mais, pois a questão para os primeiros é a eternidade. *O atual escândalo de abusos sexuais no clero católico e em comunidades religiosas nos Estados Unidos e no exterior é uma ampla demonstração disso.*

Como na esfera secular, a prevenção é o melhor remédio contra a desordem moral. ***Uma vez que o câncer da homossexualidade se metastatizou em um seminário ou em uma casa religiosa, as medidas meia-boca geralmente são inadequadas para controlar o mal e a instituição deve ser completamente fechada.***

No entanto, como no caso específico do traidor de Cambridge Anthony Blunt, um controle competente pode ser derrotado pela corrupção daqueles que exercem o poder e a autoridade máximos. ***Os bispos americanos possuem sua própria versão do Old Boy's Club britânico – a Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (USCCB) – e, como está atualmente constituída, foi profundamente comprometida e corrompida pelo "Homintern"****.[vii]* ***A rede homossexual na USCCB não funciona de maneira diferente da rede homossexual em Cambridge, Londres e Whitehall*** *que possibilitou o grupo dos espiões de Cambridge. O Old Boy's Club se protege.*

Há uma semelhança entre o ódio de um traidor leigo pela Ordem Social e pela nação que o alimentou, ***e o ódio do sacerdote homossexual pela Igreja Católica Romana e seus absolutos, suas restrições morais e suas representações de autoridade.*** *Uma vez que o sacerdote ou religioso é absorvido pelo "****Homintern****", sua lealdade e submissão a ele substituem qualquer outra fidelidade anterior. Sua devoção à sua família e à sua fé é atrofiada.*

Como disse o padre Rueda, ***essa nova lealdade é capaz de dissolver efetivamente os laços normalmente mais fortes da filiação religiosa. Sacerdotes e religiosos homossexuais não apenas trazem discórdia à Igreja em questões de moralidade sexual, mas também usam a Igreja e seus recursos para espalhar os ensinamentos e a propaganda do "Homintern"****.[viii]*

Nem o Estado nem a Igreja podem se dar ao luxo de ignorar a presença do vício em seu seio. A classe alta britânica teve falhas em relação à violação da lei moral sobre a homossexualidade e pagou um alto preço por sua fraqueza. ***Da mesma forma, a Igreja não pode ser indiferente ao vício nas fileiras do clero e esperar permanecer ilesa das consequências de suas ações.***

Os feitos pérfidos dos espiões de Cambridge resultaram em uma massiva hemorragia de informações para os soviéticos e enormes danos aos interesses nacionais britânicos. ***Os feitos pérfidos dos pederastas e homossexuais clericais na Igreja repercutiram em uma grande perda de confiança na Igreja e um sentimento de traição nos corações de cada leigo ou sacerdote católico fiel.***

Mas, ainda ***mais prejudicial do que os atos imorais de um punhado de ímpios no clero e na vida religiosa, foi a ocultação desses traidores da Fé pela hierarquia*** *americana, que também incluía traidores em seus próprios rangos. Assim como o traidor leigo, o bispo homossexual pederasta deveria ser condenado como um pária moral por seus colegas bispos e desprezado e ostracizado por eles. Por fim,* ***o Vaticano deveria destituir o bispo culpado de qualquer posição de autoridade, devendo ser defenestrado e reduzido ao estado laical.***

*Dame Rebecca West, comentando sobre os sentimentos frequentemente associados a traidores como os espiões de Cambridge, observou que "****Todos sabiam que eram comunistas, mas muito poucas pessoas acreditavam realmente nisso****", dizia ela. Para muitos, continua West, "O comunismo é como um sonho, algo do qual você pode se lembrar... um traço de uma região vulgar do mundo da imaginação... e parece ridículo pensar nele como uma verdadeira ameaça. "Agora, até os meios de comunicação e os jornais, com a cobertura diária do caso Burgess e Maclean, perceberam que essa conspiração internacional do comunismo, tão real quanto os acidentes ferroviários que relatam, era muito mais perigosa para a nação" concluiu ela.[ix]*

Da mesma forma, nos dias de hoje, praticamente ***todo mundo na Igreja Católica sabe que há pederastas homossexuais entre o clero, nas comunidades religiosas, na hierarquia do país e no Vaticano****,* ***mas, apesar disso, muito poucas pessoas realmente acreditam nisso****. Foi somente quando os meios de comunicação leigos começaram a expor casos concretos de abusos sexuais cometidos por clérigos católicos que os católicos começaram a perceber a verdadeira ameaça à Fé e aos fiéis representada pelo "****Homintern****" clerical. No entanto, talvez tudo não esteja perdido, se, parafraseando Dame West, os líderes da Igreja tiverem a vontade de trocar suas humilhações e seu orgulho ferido por "****um pouco da experiência muito desejável****".[x]*

VM[13] já publicou em 20 de janeiro de 2009, a tradução em francês do capítulo 19 do livro da Sra. Engel, onde ela fornece todo um dossiê sobre as acusações de homossexualidade contra Montini – Paulo VI, e onde aparece que **Montini tinha um « *amante* » homossexual britânico da alta sociedade de Sua Majestade e que fazia parte do grupo que cercava Anthony Blunt**.

> ***« Hugh Montgomery e Battista Montini***
>
> *O que é pouco conhecido sobre Hugh Montgomery, o irmão de Peter,* ***nos foi amplamente transmitido pelo escritor irlandês Robin Bryans, que, embora de origem modesta, posteriormente fez parte da clique homossexual londrina que incluía todos os personagens mencionados acima.*** *Em geral, as observações e memórias de Bryans se mostraram relativamente exatas e ele manteve uma correspondência significativa para corroborar suas memórias.*
>
> ***Segundo Bryans, Hugh Montgomery, assim como seu irmão Peter, era membro da clique homossexual de Ward.*** *O antigo amante de Hugh era Sir Gilbert Laithwaite, que apoiou sua candidatura no elitista* ***Traveler's Club****.*
>
> *No meio dos anos 30, Hugh Montgomery, jovem e futuro membro do corpo diplomático britânico, atuava como* ***Chargé d'Affaires de Sir Alec Randall, o representante britânico junto ao Vaticano. Foi nessa época que Hugh conheceu um diplomata do Vaticano também ambicioso e promissor, chamado Monsenhor Giovanni Battista Montini****.* ***Mais tarde, Hugh se converteu ao catolicismo, entrou no Beta College e foi ordenado sacerdote católico****. Harbinson afirmou que Hugh lhe disse que em algum momento ele e Montini foram amantes.[xi]*
>
> *Hugh Montgomery estava dizendo a verdade sobre seu relacionamento com o futuro Papa Paulo VI ou estava exagerando o grau de intimidade de sua amizade? Hugh discutiu esse suposto assunto a respeito de Montini com seu irmão Peter?* ***Nesse caso, Peter teria passado a história para seu amante Anthony Blunt, que, sem dúvida, teria repassado a informação para seu controlador soviético como possível chantagem?*** *Em resumo,* ***existe um vínculo entre a rede de espiões de Cambridge e o Vaticano?*** *Essas são* ***questões importantes e ao mesmo tempo misteriosas que serão completamente estudadas no Capítulo V, que inclui uma análise detalhada das acusações de homossexualidade dirigidas contra o Papa Paulo VI.****» Randy Engel*

Para compreender bem essa conexão de Montini com os altos círculos influentes britânicos e suas práticas depravadas, é importante lembrar **que também foi em 1934 que o jovem Montini, um jovem prelado ambicioso que acabara de ser promovido, graças ao futuro Pio XII, o cardeal Pacelli, a um primeiro cargo na Secretária de Estado do Vaticano,**

repentinamente e sem mais delongas tirou um ano sabático para realizar uma longa viagem à Inglaterra e à Escócia, acompanhando o pequeno sobrinho do cardeal Rampolla, prelado de Leão XIII, que também foi membro da O.T.O., uma ramificação da sociedade satânica "***mais chique***" do final do século XIX: **a "*Golden Dawn*,"** (todas seitas satânicas que desenvolveram amplamente a magia sexual, especialmente a "***magia da sodomia masculina***"):

> ***"Em 1934, Montini se afastou brevemente de seu trabalho na Secretaria para visitar a Inglaterra e a Escócia na companhia do siciliano Mariano Rampolla da Tindaro, sobrinho-neto do cardeal Rampolla.***
>
> *Três anos depois, o cardeal Pacelli, agora Secretário de Estado, promoveu Montini ao cargo de Sostituto para os assuntos ordinários e, em 1938, o convidou a acompanhá-lo a Bucareste para o Congresso eucarístico internacional." Randy Engel, capítulo 19[14]*

Vamos aprofundar o caso de Victor Rothschild, que já mencionamos acima, e sobre o qual a Sra. Engel escreve em seu livro:

> « As informações de VENONA indicam que os nomes de código David e ROSA poderiam ser Tess e Victor Rothschild. **Victor Rothschild foi o "Quarto Homem" do grupo de espiões de Cambridge?** Na minha opinião, a questão é mal formulada. Se Rothschild colaborou e forneceu aos soviéticos informações secretas dos britânicos e americanos antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial, **ele não o fez como empregado dos soviéticos como ocorreu com Burgess, Maclean, Blunt e Philby. Rothschild não era um dos cinco. Ele estava em um patamar superior a todos.** Seus relacionamentos com os soviéticos, assim como com todos os provocadores da Revolução Mundial com os quais colaborou, operavam em um nível e escala totalmente diferentes. A pergunta que teria sido mais adequada – **quais interesses Victor Rothschild representava e a qual hierarquia ou organização ele era leal?** Certamente, esses interesses incluíam os de sua família, sua dinastia financeira, sua raça e a criação e sobrevivência da pátria judaica na Palestina. Ao contrário de seus amigos de Cambridge, Rothschild não era guiado por nenhuma ilusão sobre a supremacia da ideologia comunista. Tampouco ele tinha ilusões sobre a natureza e o desenlace da guerra de Stálin contra os judeus, conforme documentado no livro de Louis Rapoport com o mesmo nome, (*Stalin's War Against the Jews* (Nova York: Maxwell Macmillan International, 1990). Ao contrário, o "acordo" de Victor Rothschild com os soviéticos provavelmente foi estritamente pragmático – informações e segredos científicos, dados militares e políticos do Reino Unido, dos Estados Unidos e de outros lugares **em troca de**

> **1) Apoio soviético nas Nações Unidas para a criação do Estado Socialista de Israel. 2) Garantia de armas nucleares para defender o novo estado em um ambiente árabe hostil e 3) A liberação dos judeus russos do outro lado da Cortina de Ferro para repovoar Israel.** Conhecimentos científicos, armas de destruição em massa, serviços de informações eficazes, apoio internacional, dinheiro e pessoas, tudo era necessário para Israel sobreviver. **Rothschild forneceu generosamente tudo isso, mesmo que ao fazê-lo estivesse indo contra os interesses britânicos. Que os Rothschild e o governo israelense fossem capazes de tais ações é demonstrado pelo Caso Pollard, que envolveu a venda de informações americanas altamente classificadas para a União Soviética por agentes israelenses. Em 1986, um judeu americano, Jonathan Pollard, que trabalhava para os serviços de inteligência da Marinha dos EUA, foi preso por espionagem em favor de Israel.** No dia de sua prisão, ele estava na posse de sessenta documentos classificados dos EUA. Os israelenses entregavam informações americanas aos soviéticos e às nações do Bloco de Leste em troca da liberação dos judeus desses países. Quanto aos outros interesses de Rothschild, **é fascinante notar que, quando a Guerra Fria terminou, Victor Rothschild, como se fosse o momento certo, assumiu uma causa singular – a chamada "explosão demográfica".** A guerra contra o comunismo tinha se transformado em uma guerra contra a proliferação de populações, e **Rothschild estava pronto para liderar a carga nessa nova fase da marcha contínua da Revolução Mundial.** Veja Richard Deacon, *The Cambridge Apostoles* (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1986), 178.” Randy Engel

Como mencionamos acima, Victor Rothschild estava intimamente ligado a Malcolm Muggeridge, com quem trabalhou em Paris para o MI6 britânico (serviço de espionagem):

Victor Rothschild, a member of the famous banking dynasty, was born in 1910. A talented scientist, Rothschild joined MI5 during the Second World War. This included working with Arthur Koestler to produce anti-Nazi propaganda. In 1940 Rothschild suggested that Anthony Blunt should be invited to join the secret service. He also rented a house to his friend Guy Burgess.

After the liberation of France Rothschild worked with Dick White, Kim Philby and Malcolm Muggeridge at the MI6 offices established at the Rothschild family mansion in Paris.

In 1961 Rothschild passed on information to Arthur Martin that Kim Philby had tried to recruit Flora Solomon, as a spy in 1937. Rothschild also worked closely with Peter Wright and is believed to have supplied him with information that suggested that Roger Hollis was a Soviet spy.

E **é esse mesmo Malcolm Muggeridge que incitou o jovem Richard Williamson a se juntar a Dom Lefebvre em Écône em 1972.**

Dentro da FSSPX, que ele havia infiltrado praticamente desde o início, o padre e depois o bispo Richard Williamson, ex(?)-anglicano e filho de um pastor **presbiteriano** anglicano[15], **realizaria, como já ilustramos amplamente, uma obra de subversão e destruição dentro da Fraternidade sem paralelo.**

Notavelmente, **o ex-anglicano, filho de um pastor anglicano, Dom Williamson[16] – '*Cunctator*' à Rosa, tornaria-se o protetor, o coordenador e o promotor obstinado em Winona dos clérigos homossexuais predadores Carlos Urrutigoity e Eric Ensey, além de coordenar o padre "*pédéRatz*" Marshall Roberts.**

Como não questionar o fato de que Dom Williamson, oriundo desse obscuro ambiente Muggeridge-Cambridge, também tenha sido aquele que cobriu o desenvolvimento de uma rede de clérigos pederastas dentro da FSSPX?

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

Dossiê de Referências Virgo Maria sobre o ex(?)anglicano britânico da FSSPX Dom Richard Williamson à Rosa

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-28-A-00-Mgr_Williamson_et_les_9.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-26-A-00-Etats-Unis_Williamson_Angles.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-B-00-Lettre_des_neuf.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-22-B-00-Mgr_Williamson_disparait_d_Argentine.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-22-A-00-Pere_de_Mgr_Williamson_Pasteur_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-16-A-00-Mgr_de_Galarreta_compromis.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-09-A-00-Mgr_Fellay-protege-Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-01-E-00-Hoyos_au_secours_de_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-25-A-00-Decret_21_janvier.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-23-A-00-Mgr_Williamson_Roberts.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-21-A-00-Sodomie_et_St_Pierre_Damien.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-09-A-00-Doctrine_sur_homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-A-00-Williamson_Camarilla.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-05-A-00-Abbe_Cekada_repond_Mgr_W.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-02-A-00-Diversion_de_Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-03-A-00-Abbe_Meramo-RC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-02-A-00-Mgr_Williamson_Blason_de_Luther.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-06-A-00-Hoyos_ment.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09_20-A-00-VM_Pages_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-18-A-00-Williamson-Loup.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-A-00-Williamson-Diaporama.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/006_2007/VM-2007-06-06/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Rore_refute_l_abbe_Calderon_2.pdf

http://rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-04-24-FR_Refutation_de_l_abbe_Calderon.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-B-00-Mgr_Williamson_tente_de_desarmorcer_VM_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-A-00-Abbe_Cekada_reordinations_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-28-A-00-Abbe_Cekada_refute_abbe_Calderon_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-B-00-Mgr_Williamson_Omission_d_Avrille_1.pdf

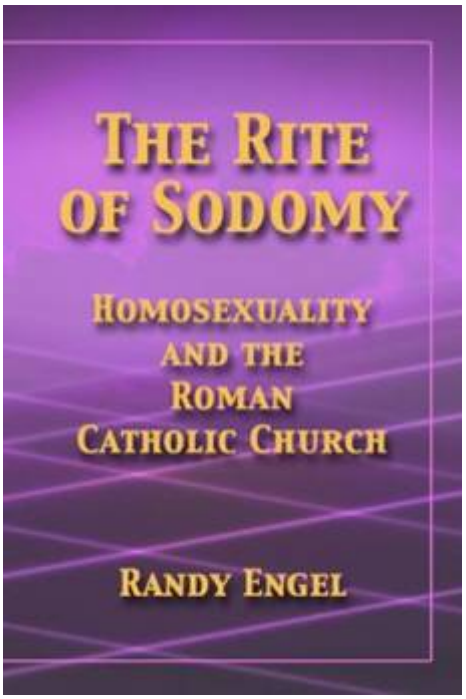
http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-09-A-00-Hoyos_Versailles.pdf

Nota de apresentação do site (tradução)

Esta é a história da homossexualidade intergeracional dentro da hierarquia da Igreja católica americana, com consequências que vão além da imaginação….

Um "segredo aberto" é um segredo mascarado, mas colocado à vista de todos. As vidas homossexuais dos Cardeais William O'Connell de Boston e Francis Spellman de Nova York foram exatamente esse tipo de "segredo" e continuam a ser mesmo após suas mortes. Existem pelo menos duas razões para esse estado de coisas. A primeira é que eles viveram em uma época em que a maioria dos americanos não tinha nenhum ponto de referência pelo qual pudesse reconhecer, discernir e identificar comportamentos homossexuais na vida de qualquer indivíduo, e muito menos na vida de dois prelados católicos de tão alta estatura. A segunda é que – com poucas exceções – os Cardeais O'Connell e Spellman estavam cercados por indivíduos que *não tinham desejo de saber*. Os meios de comunicação, assim como a polícia, por sua parte, permaneceram em silêncio. O único grupo que falava *abertamente* sobre os feitos sexuais de Spellman ou O'Connell com jovens homens dentro e fora do clero eram seus contemporâneos homossexuais, e nenhum deles jamais – durante a vida desses prelados – denunciou a homossexualidade de um ou de outro fora de seu grupo …

O legado homossexual dos Cardeais William O'Connell e Francis Spellman nos perseguiu até a porta do século XXI. Agora estamos na terceira geração de clérigos homossexuais e pederastas que podem ser diretamente ligados a Spellman e O'Connell, além de outros prelados homossexuais do início do século XX … e haverá muitas outras gerações de clérigos homossexuais e pederastas que virão a menos que Roma decida agir para privar esses herdeiros da perversão do sacerdócio católico e da vida religiosa.


THE RITE
OF SODOMY
HOMOSEXUALITY
AND THE
ROMAN
CATHOLIC CHURCH
RANDY ENGEL

Capítulo 5 - O « Homintern » e os espiões de Cambridge

Nota do Tradutor – Homintern: jogo de palavras significativo entre homossexuais e Komintern

Introdução

Grande porta do Trinity College, fundado por Henrique VIII, modelo de « Barba Azul », inimigo da Igreja e pai do cisma anglicano: desde a entrada, o tom está dado.

Segundo Claire Sterling, autora do excelente estudo intitulado *Octopus: The Long Reach of the Sicilian Mafia* (A Polvo, ou o braço longo da Máfia Siciliana), « não se pode resistir a uma rede que se compreende apenas imperfeitamente »[17]. Essa visão das redes, seja da Máfia, do grupo de espiões de Cambridge ou do Homintern presente na Igreja católica no século XXI, pressupõe o reconhecimento de que essas organizações subversivas não surgem « espontaneamente », mas precisam ser « dirigidas e geridas »[18]. O padre Enrique Rueda acredita que não é nem « inconveniente », nem « paranoico » abordar questões como infiltração, subversão, espionagem e traição no contexto de uma organização subversiva, qualquer que seja[19].

A presente evocação histórica dos espiões de Cambridge demonstra claramente quão rapidamente é possível derrubar a Coroa, o Estado *ou* a Igreja quando a subversão e a traição oriundas *de dentro* se combinam com ataques vindos *de fora*[20]. Não apenas ilustra o desenvolvimento, a organização e as ramificações de uma rede subversiva, mas também fornece muitas indicações concretas sobre a evolução e o funcionamento interno da Internacional homossexual desde os anos 1930. Acima de tudo, ela examina detalhadamente uma vasta crise do « Establishment » caracterizada pela ocultação, na qual a homossexualidade desempenhou um papel central na história de uma nação.

Anatomia da traição

> *Uma nação pode sobreviver aos seus tolos, e até mesmo aos ambiciosos. Mas não pode sobreviver a uma traição de dentro. Um inimigo às portas da cidade é menos temível, pois o conhecemos, e ele brandindo abertamente sua bandeira. Mas o traidor se move livremente dentro dos muros, suas insinuações se espalham por todas as ruelas e até na sala do Conselho. Pois o traidor não se apresenta como tal: ele fala com sotaques familiares para suas vítimas; tem o mesmo rosto que eles, veste-se como eles e apela à baixeza que reside no coração de todo homem; ele apodrece a alma de uma nação; atua à noite, secretamente, e à sua revelia, para minar os pilares da cidade; ele infecta o corpo social de tal forma que este não consegue mais resistir. Um assassino é menos temível do que ele[21]. Cícero, 42 antes de Cristo*

No domínio profano, o traidor é definido como um indivíduo que trai abertamente seu país, ao qual deve lealdade. No domínio sagrado, é aquele que – através de atos deliberados – renuncia à sua fé.

Seja no domínio profano ou no sagrado, os motivos da traição são variados e difíceis de desvendar. Podem ser o desejo de vantagem pessoal ou ganho financeiro; pode ser também a consequência de envolvimento em negócios ilícitos ou atos criminosos passados; isso pode ainda estar relacionado com o desejo de enganar e trair pessoas contra as quais se alimenta há muito tempo rancor ou ressentimento.

Tende-se a acreditar que, no campo profano, a chantagem oferece aos agentes inimigos um meio eficaz de recrutar potenciais traidores; no entanto, geralmente não é o caso. Como observou Alexander Orlov, ex-chefe dos serviços de espionagem, trata-se de uma estratégia medíocre e até arriscada "fazer de alguém um inimigo, para depois confiar nele em uma questão tão delicada e arriscada quanto uma operação de inteligência"[22]. Por outro lado, a alegação de chantagem muitas vezes serve como uma desculpa posterior, pois, uma vez descobertos, muitos traidores tentam "atenuar sua culpa aos olhos do júri e obter do tribunal a maior indulgência possível" ao declarar que foram forçados a espionar sob ameaça de chantagem, escreve Orlov[23].

A motivação desempenhando um papel tão crítico neste campo, todo bom recrutador de espiões, todo bom criador de rede de espionagem busca evitar a chantagem em favor de meios mais positivos de inspirar e dirigir os membros da rede. Ele apela ao idealismo ou à ambição pessoal, ou ainda a características exploráveis, como um egoísmo exagerado, uma vontade de vingança ou um desejo de recompensa[24]. A capacidade de avaliar corretamente o caráter e as motivações de alguém, assim como de fundir os membros de sua rede em uma equipe de espionagem coesa é a marca de sua competência em espionagem[25].

Victor Ostrovsky, ex-agente do Mossad (serviço de espionagem israelense), compara o processo de recrutamento ao de uma pedra descendo a montanha. “Empregamos a esse respeito a palavra hebraica *ledarder* (deteriorar, degradar) para designar o fato de estar no topo de uma montanha e empurrar um bloco de pedra pela encosta. É assim que recrutamos”, destaca ele[26]. “Você pega alguém e o leva gradualmente a fazer algo ilegal ou imoral. Você o faz descer uma ladeira. Mas se ele está em um pedestal, não servirá para nada. Você não poderá usá-lo. Tudo o que buscamos é usar as pessoas. Mas, para poder usá-las, é preciso moldá-las. Não se pode recrutar alguém que não bebe, que não se interessa por sexo, que não tem necessidades financeiras, que não tem dilemas políticos e que está feliz em viver”, escreve ele ainda[27].

O traidor como acumulador de queixas

Bradford Westerfieds, especialista em espionagem, destaca que o traidor potencial pode ser definido por três características: « imaturidade, sociopatia e narcisismo »[28].

« Assim como uma estrela negra ou um buraco negro, ele absorve absolutamente tudo, mas não deixa escapar luz alguma, amor, calor ou compreensão », enfatiza Westerfields[29].

O autor acrescenta que, em sua necessidade de preservar sua « virgindade afetiva » e evitar « seus erros, responsabilidade e culpa », « o traidor os projeta sobre os outros ou sobre circunstâncias externas »[30]. Seja qual for a « verdadeira fonte de suas dificuldades », o traidor não a percebe em suas próprias ações. Assim, ele pode preservar « a visão grandiosa que tem de seu eu íntimo », continua Westerfields[31].

A estrutura mental do traidor foi descrita como uma « esquizofrenia controlada »[32]. Um pouco como o padre pederasta que celebra a missa e, assim que retorna à sacristia, sodomiza um menor, o traidor eficaz precisa compartimentalizar sua vida para manter sua saúde mental e controle, assim como para escapar da detecção. Ele deve cultivar a arte da duplicidade e da dissimulação. Precisa aprender a desempenhar diferentes papéis e a remodelar constantemente sua *persona*. Também deve ter uma grande força de vontade para lidar com as inevitáveis tensões de sua vida dupla ou tripla. Sem essas habilidades, é praticamente certo que sofrerá um colapso mental ou emocional[33].

Em relação ao traidor, Westerfields salienta: « a raiva é uma motivação poderosa ». O traidor é um « acumulador » de injustiças e ressentimentos, reais ou imaginários[34]. Quando isso se alia a uma ideologia como o comunismo, que se alimenta do ódio, a combinação resultante pode ser mortal. Citando um historiador britânico, Westerfields estima que « um homem nunca é tão perigoso quanto quando consegue identificar uma queixa privada a uma questão de princípio »[35].

Esse fator singular — o ódio — explica em parte por que dois grupos minoritários, os judeus e os homossexuais, desempenharam um papel tão importante em vários casos de espionagem que eclodiram nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha após a Revolução Bolchevique de 1917. Lênin, e depois Stálin, souberam explorar a vulnerabilidade dos judeus e dos homossexuais para promover sua ditadura.

Os judeus bolcheviques, alienados tanto de seu patrimônio religioso quanto da sociedade ortodoxa czarista, tiveram um papel proeminente na Revolução Bolchevique, no Partido Comunista, no alto comando do Exército Vermelho e na Tcheka soviética, a polícia secreta do regime comunista e

principal braço armado do terror vermelho.

Segundo Zvi Y. Gitelman, autor de *Jewish Nationality and Soviet Politics – the Jewish Section of the CPSU, 1917-1930*, « Como a maioria dos judeus não era devotada ao czar, não se podia esperar que apoiassem os brancos »[36]. Além disso, havia a questão do poder. « Do ponto de vista judaico, havia certamente o engano do poder material imediato, que atraía muitos jovens judeus ansiosos para vingar os crimes cometidos contra seu povo pelas forças antissoviéticas de todo tipo », escreve Gitelman[37].

Para ele, « quaisquer que tenham sido as razões, os judeus estavam fortemente representados na polícia política. “Se alguém caísse em suas mãos, tinha todas as chances de ser executado”, prossegue ele[38]. “Como a Tcheka era o órgão mais odiado e temido do governo bolchevique, os sentimentos antissemitas aumentaram em proporção direta ao terror que ela exercia” », continua o autor[39]. Ele também observa que Lênin apreciava o papel desempenhado por judeus na administração soviética, assim como nas atividades revolucionárias realizadas não apenas na Rússia, mas também em outros países[40].

Nos Estados Unidos, durante as décadas seguintes à Revolução de 1917, os historiadores investigativos Ronald Radosh e Joyce Milton, autores de *The Rosenberg File – A Search for the Truth*, escreveram que muitos intelectuais e cientistas judeus caíram nas garras da espionagem por sua admiração pela experiência social soviética, que havia transformado o « antissemitismo » em um crime contra o Estado[41]. Radosh e Milton falam de Julius e Ethel Rosenberg — condenados por espionagem — como sendo « ideólogos convictos », e Ethel Rosenberg, em particular, como sendo imbuída de « ódio ardente » e de « espírito de vingança »[42].

Assim como os judeus bolcheviques, os líderes do « Homintern » na Europa e nos Estados Unidos estavam imbuídos do mesmo zelo revolucionário em busca de uma Nova Ordem utópica que não sujeitaria mais os homossexuais à discriminação. Ambos os grupos adotaram o punho cerrado como emblema de « libertação », com a diferença de que, ao brandir o punho, os comunistas o usam para simbolizar sua luta, enquanto os membros do Homintern o inserem no reto para simbolizar sua rebelião[43]. O Komintern e o Homintern também compartilham o ódio a Deus, ao cristianismo e, de fato, a qualquer poder legítimo. Assim como seus homólogos judeus, os homossexuais comunistas estavam dispostos a correr riscos, porque acreditavam não ter nada a perder.

A traição é um ato desviante[44]. A sodomia também. Historicamente, sempre houve uma associação entre a desviação sexual, por um lado, a heresia e a traição, por outro[45]. E se é verdade que nem todos os homossexuais são traidores ou socialistas extremistas, o traidor e o homossexual apresentam características comuns.

O homossexual possui uma personalidade que se alinha perfeitamente à do traidor definida por Westerfields: ele é imaturo, neurótico e narcisista. O homossexual ativo é um sedutor consumado, um recrutador natural e um prosélito da « causa ». É um predador capaz de avaliar a vulnerabilidade de sua presa. Está condicionado a agir com duplicidade e a ter lealdade variável. Ele leva uma vida compartimentalizada que o coloca em contato com o mundo clandestino da delinquência, onde imperam a dependência química, a pornografia e a prostituição, e onde ele está

exposto à chantagem e à violência. O homossexual é um coletor de « injustiças », e o marxismo lhe apresenta « o apelo de um santuário secreto de rebelião individual »[46]. Mais do que a ameaça de chantagem, é o desejo de revidar contra uma sociedade que o rejeitou que atrai o homossexual para as garras da espionagem inimiga[47]. O homossexual se considera um « estrangeiro » que, como o espião, gostaria de vir do frio, mas pensa que não pode.

O psicólogo holandês Gerard J.M. van den Aardweg, Ph.D., resume da seguinte maneira a propensão do homossexual à subversão: « O espírito subversivo não é raro entre os homossexuais, pois corresponde a uma hostilidade gerada pelo complexo de não pertencimento. É por isso que homossexuais declarados podem não ser confiáveis em nenhum grupo ou organização »[48]. Eles aspiram a um mundo utópico e irreal, destaca van den Aardweg. Um mundo « superior », esnobe e mais « chique », cheio de « emoção e aventura », em oposição ao « mundo comum », acrescenta ele[49].

A espionagem, um "negócio"

Desde tempos imemoriais, os serviços secretos nacionais têm como objetivo comum obter informações sobre qualquer Estado estrangeiro, incluindo os segredos de suas forças e planos ofensivos e defensivos, assim como impedir que qualquer inimigo efetivo ou potencial descubra os segredos de seu Estado. Tradicionalmente, as potências europeias contavam com certos príncipes da Igreja Católica Romana para organizar seus serviços secretos, pois nenhuma nação podia competir com o sistema de espionagem mais disseminado e eficaz do mundo[50].

Assim, na França do século XVII, agindo a pedido do Rei Luís XIII junto ao Santo Sé, o cardeal de Richelieu, com a ajuda de um padre capuchinho, François le Clerc du Tremblay, criou um vasto serviço de inteligência interno e externo, rivalizando com o da Inglaterra – principal concorrente da França – e assim elevou seu país à condição de potência mundial de primeiro plano[51].

Embora os objetivos dos serviços secretos nacionais tenham evoluído pouco desde a época de Richelieu, os meios para alcançá-los e tratar as informações mudaram completamente e variam bastante de um país para outro. Durante a primeira metade do século XX, os Estados Unidos, e o Ocidente em geral, fundamentaram sua doutrina de inteligência primeiramente na pesquisa, assim como nas informações obtidas de "fontes abertas", enquanto os soviéticos e o bloco de Leste confiavam mais em uma abordagem de "capa e espada", que envolvia reunir informações a partir de fontes secretas, utilizando uma vasta rede de espiões, informantes e agentes secretos para descobrir documentos altamente confidenciais e dados brutos, além de atrair traidores potenciais para seus serviços.

No início da década de 1920, os serviços de inteligência das principais potências europeias ocidentais, incluindo a Inglaterra e a França, foram alertados pela constatação de que os bolcheviques – além de terem criado a Tcheka, sua polícia secreta interna para combater atividades "contrarrevolucionárias" e sabotar em seu próprio território – consideravam a possibilidade de constituir uma nova e vasta rede de espionagem internacional.

No início de 1918, o líder comunista Vladimir Ulyanov, conhecido como Lênin, colocou a Tcheka sob a direção de Felix Edmundovitch Dzerjinski, considerado desde então como o pai da espionagem soviética moderna. Embora o nome dos serviços de espionagem soviéticos tenha mudado ao longo dos anos – de Tcheka para GPU (Administração Política do Estado, 1922-1923), OGPU (Direção Política do Estado Unificada, 1923-1934), NKVD (Comissariado do Povo para Assuntos Internos, 1934-1946), MD (Ministério dos Assuntos Internos, 1946-1954), e finalmente KGB (Comitê de Segurança do Estado), complementado em 1954 pelo GRU (Direção Principal de Inteligência do Estado-Maior) – os agentes de espionagem são sempre conhecidos como tchékistes pelos cidadãos soviéticos[52]. Após a morte de Dzerjinski em 1926, o sucessor de Lênin, Joseph Stálin, fez da polícia secreta soviética recém-ampliada o instrumento de seu poder absoluto sobre o povo russo.

No início da década de 1920, em matéria de espionagem no exterior, as operações de inteligência soviéticas voltadas a fomentar uma revolução mundial estavam frequentemente centradas nas embaixadas soviéticas. Mas, aos poucos, Stálin substituiu esse sistema altamente vulnerável por uma rede mais sofisticada de agentes soviéticos, liderada por homens sem nenhuma relação com o antigo pessoal diplomático da União Soviética e operando sob ordens diretas de Moscou. Nos Estados Unidos, assim como na Europa, sindicatos, universidades, centros industriais e instituições políticas e culturais de esquerda eram os alvos prioritários da infiltração e da tomada soviéticas. Na Inglaterra, por exemplo, trotskistas e comunistas se faziam passar por socialistas, infiltrando o Partido Trabalhista. O próprio Partido Conservador não estava imune a essas infiltrações. O NKVD também conseguiu utilizar o dispositivo de inteligência do Komintern na Grã-Bretanha para recrutar funcionários em Whitehall *[Nota do Tradutor: palácio que serve como sede do governo britânico]*, incluindo membros do clube dos "secretários permanentes" do Departamento de Estado[53].

No final da década de 1920 e início da década de 1930, enquanto Stálin planejava meticulosamente seu Grande Terror na URSS em forma de gigantescas purgas políticas, militares, econômicas e agrícolas que resultariam na morte de cerca de vinte milhões de russos, ele também lançou um programa de espionagem consideravelmente ampliado, com o objetivo de coletar informações diplomáticas, militares, industriais e científicas no Ocidente[54].

Stálin ordenou que, em todo o Ocidente, "moles" e "agentes adormecidos" de longo prazo, controlados pela União Soviética, fossem introduzidos nos serviços secretos, em altos postos governamentais, bem como em grandes centros universitários e científicos. Sua estratégia se provou mortalmente eficaz, especialmente contra os serviços secretos britânicos, o Escritório de Serviços Estratégicos dos Estados Unidos (OSS), e depois a Agência Central de Inteligência (CIA) e a Agência de Segurança Nacional (NSA)[55].

Como afirmaram três autores especializados em espionagem – Philip Knightley, Bruce Page e David Leitch –, « Uma vez infiltrado, um serviço secreto não se torna apenas um serviço secreto ineficaz, mas sim um terrível fardo »[56]. Assim, « Em termos de diplomacia, economia e defesa estratégica, os serviços secretos britânicos foram, por pelo menos dez anos (e essa estimativa ainda é generosa), os cegos guiando outros cegos: operações foram perdidas, agentes comprometidos, abatidos, encarcerados ou forçados a se tornarem agentes de desinformação, ou seja, de intoxicação informativa », acusam eles[57].

O fato de que, em 1932, ou seja, bem antes do início da Segunda Guerra Mundial, Stálin já havia lançado uma guerra secreta contra o Ocidente corrobora a teoria sustentada por historiadores como o professor Ernst Topitsch, da Universidade de Graz, na Áustria, segundo a qual o ditador soviético usou a guerra como parte da estratégia soviética de longo prazo visando subjugar e destruir o mundo não comunista, o que significa que a Segunda Guerra Mundial foi, em sua essência, a guerra de Stálin, não a de Hitler[58].

Um anzol soviético para todos os peixes

Stálin elevou a espionagem soviética ao nível de uma ciência exigente, utilizando um "anzol" de geometria variável de acordo com as diversas recrutas potenciais.

No que diz respeito à inteligência diplomática, as principais fontes de segredos de Estado eram os diplomatas estrangeiros, embaixadores, membros do pessoal dos ministérios das Relações Exteriores, incluindo os funcionários dos serviços de criptografia e secretários, parlamentares e políticos ambiciosos que, em sua busca por poder, buscavam obter o apoio financeiro e o respaldo do "*Establishment*" liberal[59].

Os chefes de serviço dos ministérios das Relações Exteriores apresentavam um interesse particular, pois podiam fornecer à URSS documentos confidenciais sobre a política e estratégia secreta de vários governos estrangeiros. Mas, para os soviéticos, pescar um grande peixe significava atrair um diplomata de alto nível ou um embaixador que, além de estar a par de importantes decisões sobre política externa, poderia servir como um chamariz para recrutar outros, ou como um "agente de influência" e vetor de desinformação[60].

Os serviços de inteligência soviéticos estabeleciam, a respeito de cada recruta diplomático potencial, um dossiê detalhado que incluía informações sobre suas características pessoais e temperamento, vida familiar, educação, religião, meios de vida, associações às quais pertenciam, ideologia, política e também sobre sua sexualidade e eventuais vícios[61]. Considerando que os postos diplomáticos – especialmente nos Estados Unidos, na Europa e no Vaticano – sempre atraíram um grande número de homens perversos, os soviéticos acreditavam que, no caso dos diplomatas homossexuais, o chantagem valia realmente os riscos e despesas adicionais[62].

Vale ressaltar que mesmo quando um agente soviético falhava em conseguir dominar um diplomata ou embaixador homossexual, ameaçando expor sua homossexualidade, a pessoa em questão raramente reportava essa tentativa de chantagem às autoridades de seu país, com medo de ter que confessar sua sexualidade ilícita[63].

Em nítida oposição aos serviços secretos soviéticos, que eram rápidos em avaliar e explorar as oportunidades de chantagem que a homossexualidade tradicionalmente oferecia, os serviços secretos britânicos não adotavam uma política similar. Na Inglaterra, a homossexualidade ativa, como veremos, não excluía automaticamente alguém do serviço público ou dos serviços secretos entre 1939 e 1945. Mesmo em 1948, ano em que os serviços secretos britânicos adotaram uma política de exclusão em relação a homossexuais notórios, essa política nunca foi plenamente implementada. Nenhum agente de inteligência pertencente à classe média comprometeria seu

emprego expressando dúvidas sobre as qualificações morais de indivíduos da classe alta, que aspiravam se tornar funcionários ou agentes secretos e eram automaticamente reservados – devido ao seu nascimento ou riqueza – para cargos governamentais e perspectivas de carreira de destaque. Mesmo que algum ousado arriscasse seu emprego denunciando algum pederasta elitizado como uma ameaça à segurança nacional, sua recomendação seria enterrada por seu superior ou por Whitehall. Essa é uma das razões pelas quais, uma vez que os soviéticos estabeleceram na Oxbridge *[Nota do Tradutor: termo que designa tanto a universidade de Oxford quanto a de Cambridge]* a rede de "filhinhos de papai" que lhes servia como moles, as numerosas células marxistas puderam causar tantos danos nos serviços de inteligência britânicos (e americanos)[64].

No que diz respeito à coleta de informações científicas, os soviéticos viam a bajulação e a promessa de uma influência e poder acrescidos como um anzol mais eficaz do que a sexualidade. Assim como a autora inglesa Rebecca West destaca em seus numerosos e excelentes trabalhos sobre a questão da traição, Stálin recebia com pompa e tratava com aparente deferência eminentes cientistas estrangeiros[65].

Sobre Alan Nunn May e Klaus Fuchs, dois cientistas atômicos e agentes soviéticos condenados, West ressalta o seguinte: « Não é defensável aplicar uma política que julga o criminoso de maneira a ocultar a natureza do crime para aqueles que sofrem em consequência. Isso ajudou muito os comunistas a apresentarem os cientistas que espionavam para eles como altruístas ingênuos que compartilharam segredos com uma potência estrangeira apenas porque eram cientistas, que queriam beneficiar seus pares com suas descobertas, que não sabiam estar fazendo o menor mal e que mal sabiam o que é uma ideologia. Esse é o retrato que foi entregue deles ao mundo, e é falso »[66].

May era um marxista notório e um membro extremista da vertente de Cambridge da União dos Trabalhadores Científicos; quanto a Klaus Fuchs, que transmitiu segredos atômicos diretamente aos soviéticos, ele era há muito um ideólogo marxista profundamente envolvido na rede comunista, acrescenta West[67]. Esses homens tinham uma ideia exagerada sobre sua importância e poder, alerta ela, porque seus conhecimentos estavam relacionados a armas de destruição em massa e, portanto, era possível – nesse domínio – submeter pessoas por chantagem[68]. West conclui que toda a defesa deles – que se baseava na ideia de que “a ciência é a razão e, portanto, não conhece traição” e que “os cientistas não podem fazer mal, porque são cientistas e a ciência está na verdade” – era manifestamente tendenciosa e subversiva em relação à verdade e à nação[69].

O “sexpionagem” soviético, um anzol de mel para falsos zangões

A ligação entre espionagem e sexualidade remonta aos tempos bíblicos, mas foi Stálin quem elevou a armadilha sexual ao nível das belas-artes. O anzol sexual soviético se mostrou um meio particularmente eficaz para obter informações militares e políticas, assim como dados sobre a defesa nacional, além de derrubar opositores políticos da União Soviética.

Em sua exposição de 1976 intitulada *Sexpionage – The Exploitation of Sex by Soviet Intelligence*, David Lewis descreve a complexa, custosa e totalmente desumanizante formação das “*andorinhas* ” (agentes femininas) e “*corvos*” (agentes masculinos) soviéticos especializados em armadilhas sexuais, que o KGB recrutava geralmente entre respeitáveis famílias da classe média e que possuíam credenciais profissionais[70].

Além de sua formação ideológica, política e técnica básica, esses agentes eram submetidos a um processo completo de dessensibilização sexual antes de sua instrução formal, que abordava todas as formas de atos sexuais, incluindo homossexualidade e sadomasoquismo.

Lewis observa que os soviéticos mantinham uma ampla gama de homossexuais como agentes em tempo integral, tendo como alvos diplomatas e turistas estrangeiros[71]. Esses homens eram, em geral, jovens prostitutos a quem era dado o “direito” de escolher entre trabalhar para o KGB ou ir para a prisão[72]. Segundo um “diplomado” chamado Dimitri, que Lewis entrevistou e que foi treinado no centro sexual de Verkhonoïé, perto de Kazan, esses prostitutos masculinos eram extremamente atraentes, e alguns eram “muito jovens”[73]. Eles eram mantidos afastados das outras recrutas do KGB, declarou Dimitri. “Parecia que eles sofriam muito com os métodos de treinamento desumanizantes, e dois deles se suicidaram durante minha estadia nesse centro”, disse ele ainda a Lewis[74].

Em 2001, Jamie Glazov, diretor e editor-chefe da FrontPage Magazine, revelou uma das operações de escândalo homossexual mais inovadoras dos serviços secretos soviéticos.

A vítima era John Watkins, embaixador do Canadá na União Soviética de 1954 a 1956[75]. Glazov relata que, enquanto estava em Moscou, Watkins, um homossexual conhecido por suas simpatias marxistas, buscava regularmente parceiros sexuais anônimos. Um de seus conhecidos russos, chamado Aliocha, funcionário do ministério soviético das Relações Exteriores com quem Watkins

havia estabelecido fortes laços de amizade, era nada menos que o famoso recrutador de espiões do KGB, Oleg Gribanov, cujo lendário sucesso em operações de armadilha homossexual permitiu à União Soviética obter acesso a quase todos os documentos confidenciais da OTAN[76].

Segundo Glazov, enquanto se passava por amigo de Watkins, Gribanov organizou em um hotel de Moscou um encontro entre o infeliz embaixador e um "corvo" do KGB. Os dois homens foram filmados em flagrante durante atos sexuais. Gribanov prometeu a Watkins interceder em seu favor, desde que o embaixador lograsse “ganhar a confiança” de Dimitri Tchouvakine, seu homólogo soviético no Canadá, quando retornasse a Ottawa na primavera seguinte. Uma vez que Watkins deixou seu posto na URSS e retornou ao Canadá, ele não fez nenhum esforço para informar as autoridades que estava sendo chantageado. Ele recebeu o cargo de Assistente do Ministro Adjunto das Relações Exteriores, no qual permaneceu até sua aposentadoria, indica Glazov.

Entretanto, três desertores soviéticos de alto escalão que se transferiram para os Estados Unidos haviam informado a CIA, entre 1961 e 1964, que um embaixador homossexual do Canadá em Moscou estava sendo chantageado pelos soviéticos. Em agosto de 1964, após a realização de uma investigação sobre várias pessoas suspeitas de serem o embaixador em questão, funcionários canadenses ordenaram à Polícia Montada Real Canadense que buscasse Watkins em sua residência para um interrogatório. Durante o interrogatório realizado pela polícia montada, Watkins teria sofrido um ataque cardíaco, encerrando rapidamente e de forma limpa essa nauseante situação. No entanto, ainda não se sabe se Watkins serviu ou não como "agente de influência" para os soviéticos antes de sua morte precoce. Adicionalmente, como aponta Glazov, David Johnson, que sucedeu Watkins como Embaixador do Canadá em Moscou, também foi reportado como homossexual[77].

Os soviéticos, no entanto, perceberam que para muitos dos traidores homossexuais mais eficazes que recrutaram no Ocidente, não era necessário implementar operações de "sexpionagem" complexas para levar os interessados a trair.

Os serviços de inteligência britânicos e americanos

Como se sabia desde as tentativas inglesas de infiltração nos seminários católicos franceses durante a era elisabetana, os ingleses não eram inexperientes em matéria de espionagem e inteligência.

No final do século XVIII, começou a se consolidar um esboço de uma estrutura oficial para os serviços secretos britânicos, com a criação de um ministério do Interior (Home Office) e de um ministério das Relações Exteriores (Foreign Office) dentro do Departamento de Estado. Nas décadas seguintes, o imenso complexo das embaixadas britânicas no mundo deveria fornecer a cobertura de um serviço secreto ampliado no exterior, bem como um serviço interno de contraespionagem especializado na decodificação e infiltração dos serviços de inteligência inimigos, especialmente os da Rússia e da Prússia de Bismarck.

Os serviços secretos modernos da Grã-Bretanha (SIS), conhecidos como MI6, foram fundados em 1909. Eles estavam ligados ao ministério das Relações Exteriores e dirigiam as operações de espionagem britânicas no exterior. Durante a Primeira Guerra Mundial, eles se concentraram em infiltrar as unidades de espionagem da Alemanha. Após a guerra, o SIS foi encarregado de ajudar os Estados Unidos a estabelecer sua própria rede de inteligência. Os britânicos e os americanos também firmaram um acordo secreto para o compartilhamento de informações de contraespionagem, o que depois ofereceu a Stálin um caminho mais fácil para a coleta de informações, especialmente em relação ao desenvolvimento da bomba atômica.

Uma das operações antissoviéticas mais bem-sucedidas do SIS foi o ataque que realizou em 1927 aos escritórios londrinos da ARCOS (All Russia Cooperative Society Ltd.), delegação comercial russa, que permitiu que os britânicos obtivessem milhares de documentos secretos sobre as atividades e agentes comunistas na Inglaterra.

Esse ataque foi realizado pelo MI5, ou seja, o Serviço de Segurança britânico vinculado ao Home Office e que tratava principalmente da segurança do território, incluindo a captura de espiões, terroristas e insurgentes estrangeiros em solo inglês. Suas principais atividades incluíam manter um registro central para rastrear indivíduos suspeitos de serem agentes inimigos, assim como manter uma lista negra especial de contraespionagem. Existiam, tanto dentro quanto fora do MI5 e do MI6, outras unidades subsidiárias de inteligência especializadas, incluindo a famosa Escola Governamental de Códigos e Cifras (Government Code & Cypher School), que desde então se destacou por ter decifrado o código alemão (ULTRA) durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1941, a Grã-Bretanha criou uma divisão de segurança ultra-secreta atuando no hemisfério ocidental, a British Security Coordination (BSC), que serviu de cobertura legal para todas as suas outras unidades de inteligência, incluindo o MI5 e o MI6, o Special Operations Executive (SOE) e o Political Warfare Executive[78].

Os serviços de inteligência internos e externos dos Estados Unidos foram estruturados com base em seus equivalentes britânicos. Até o final da Primeira Guerra Mundial, as responsabilidades pela coleta e interpretação de segredos diplomáticos, militares e políticos do inimigo eram divididas entre o Departamento de Estado, com suas redes de embaixadas e adidos, e os serviços de inteligência militares das forças armadas, incluindo o Office of Naval Intelligence (ONI) e o G-2, divisão de inteligência do ministério da Guerra. Durante a Primeira Guerra Mundial, tanto o Exército quanto a Marinha dos Estados Unidos mantiveram escritórios separados para decifrar e ler comunicações estrangeiras e inimigas. Em 1920, a seção secreta de criptografia militar dos Estados Unidos, conhecida como "Câmara Negra", conseguiu decifrar o código diplomático japonês, o que foi um feito significante em termos de espionagem. No entanto, isso não impediu que o Secretário de Estado Henry L. Stimson fechasse esse serviço em 1929, sob a alegação de que "*gentlemen* não leem a correspondência de outros *gentlemen*"[79].

Em 11 de julho de 1941, para reduzir as fricções e a concorrência que se intensificavam entre os diversos serviços de inteligência americanos, o Presidente Franklin D. Roosevelt nomeou William Donovan (apelidado de "Wild Bill") como coordenador de uma nova agência civil centralizada para o tempo de guerra, o Bureau of Information (Escritório de Informação), que era inspirado no SIS britânico e baseado na Casa Branca. Donovan, graduado pela faculdade de direito da Universidade de Columbia, era um herói da Primeira Guerra Mundial e um membro do "*Eastern Establishment*" (a esfera influente do Leste dos Estados Unidos), que se situava mais à esquerda e do qual recrutou grande parte da liderança do OSS. O Bureau do Coordenador de Informação (COI) tinha como tarefa coletar informações e centralizar tudo que dizia respeito à segurança nacional. Ele abriu seu escritório em Londres em novembro de 1941.

Em junho de 1942, o COI de Donovan passou por uma vasta reestruturação. Seu pessoal e orçamento foram divididos em dois setores: por um lado, um Escritório de Serviços Estratégicos (OSS) dirigido por Donovan, mas sob a autoridade dos Chefes de Estado-Maior Reunidos (JCS), com seu serviço secreto de contraespionagem no exterior; por outro lado, o Serviço de Informações Estrangeiras (FIS), sob a supervisão direta de Roosevelt dentro do recém-criado Bureau de Informação de Guerra.

O OSS tinha como tarefa geral apoiar as operações militares no terreno, oferecendo ajuda em pesquisa, propaganda e forças de comando. Donovan nomeou para a Seção de Pesquisa e Análise do OSS (R&A) membros de elite renomados do Eastern Establishment, enquanto a Seção de Operações Especiais (SO), que conduzia ações paramilitares e guerra psicológica na Europa e na Ásia, representava uma força mais eclética e multinacional que ajudou os Aliados e os partisans durante a Segunda Guerra Mundial. O OSS também estabeleceu uma Seção Secreta de Inteligência (SI) sob a autoridade de Allen W. Dulles, que havia estudado em Princeton e que operava a partir da embaixada americana em Berna (Suíça).

Os profissionais de inteligência militar convenceram Roosevelt de que era preciso impedir que o general Donovan e seu OSS tivessem acesso às comunicações criptografadas altamente secretas dos Aliados a partir do Japão, que implicavam o uso de um sistema de decodificação conhecido como MAGIC, assim como às mensagens da Alemanha decifradas através do sistema ULTRA. No entanto, a seção de contraespionagem do OSS (X-2), que compartilhava suas informações com o SIS britânico, tinha, de fato, acesso às informações alemãs obtidas por meio do sistema ULTRA. Isso acabaria se revelando um erro fatal.

No final da Segunda Guerra Mundial, o OSS – que seus detratores chamavam de "Oh So Social" (Oh, como é social!) – já havia sido infiltrado por pelo menos quinze espiões soviéticos, assim como por elementos criminosos da máfia siciliana, tornando o OSS não apenas um serviço "secreto" custoso, corrupto e ineficaz, mas também uma fonte perigosa de desinformação soviética e infiltração de agentes soviéticos após a guerra. Em suma, o OSS era o mais profundamente infiltrado dos serviços de inteligência dos Estados Unidos, dos quais nenhum contava com tantos moles soviéticos em seu seio[80].

Em 1º de outubro de 1945, sob a administração de Truman, o OSS foi oficialmente dissolvido. Seu setor de Pesquisa e Análise foi transferido para o Departamento de Estado, e o ministério da Guerra absorveu todas as suas outras seções, incluindo a SI e o X-2. Dois anos depois, Truman, com a aprovação do Congresso, autorizou a criação do Central Intelligence Group (CIG), posteriormente renomeado Central Intelligence Agency (CIA), conforme a lei de 1947 sobre segurança nacional. Assim como o OSS, os postos-chave da CIA foram ocupados por acadêmicos e políticos que apresentavam as melhores cartas de recomendação do *Eastern Establishment*; isso transformou a CIA em um verdadeiro "clube de velhos amigos" (Old Boys Club), não sem semelhanças com aquele que daria origem aos espiões de Cambridge[81].

Entretanto, a contraespionagem interna continuou sendo responsabilidade do Federal Bureau of Investigation (FBI) dirigido por J. Edgar Hoover, do ONI e do G-2.

A gênese do círculo de espiões de Cambridge

Vários agentes soviéticos que passaram para os Estados Unidos e a Inglaterra relataram que, quando Ivan Maisky, Embaixador da URSS na Grã-Bretanha, apresentou a ideia inovadora de recrutar jovens e ambiciosos ingleses da classe alta como agentes de inteligência soviéticos *antes mesmo* de entrarem nos corredores do poder, Stálin e Lavrenti Beria, chefe do NKVD, manifestaram seu ceticismo quanto às chances de sucesso de tal plano[82].

Quando souberam que muitos desses potenciais recrutas eram pedófilos e homossexuais comprovados, tornaram-se ainda mais incrédulos. No entanto, como o GRU já estava bem estabelecido em Londres e havia residentes legais e ilegais no local, onde poderiam servir como supervisores, Stálin deu sinal verde ao ministério soviético das Relações Exteriores para a implementação do plano. Estávamos em 1932. O serviço de inteligência soviético, sob a autoridade do Komintern, começou a identificar, cultivar, avaliar e, em seguida, recrutar em Oxbridge membros da esquerda antifascista.

Para grande surpresa dos soviéticos, as coisas funcionaram como mágica. Pareceu que Cambridge e, em menor medida, Oxford, os dois centros universitários mais prestigiados da Grã-Bretanha, já estavam bem maduros para se tornarem os epicentros da operação de espionagem soviética mais bem-sucedida do século XX[83].

Por mais de um século, as crenças religiosas dos estudantes das principais instituições de ensino superior da Inglaterra foram minadas pela elite literária e intelectual de Oxbridge. A moral cristã sucumbiu aos ataques violentos do helenismo neo-pagão. Os poucos servos da religião real que permaneceram fiéis a esta se aperceberam da impossibilidade em que agora se encontravam, não era sequer para defender o pouco que restava das crenças religiosas diluídas que haviam oposto à maré crescente do modernismo em suas próprias fileiras clericais e leigas.

O satirista britânico George Orwell (seu verdadeiro nome Eric Blair) escreveu:

Culturalmente [...] a intelligentsia britânica está europianizada. Ela empresta sua culinária de Paris e suas opiniões de Moscovo. No patriotismo geral do país, ela forma uma espécie de ilha de pensamento dissidente. A Inglaterra é talvez o único grande país cujos intelectuais têm vergonha de sua nacionalidade. Nos círculos marxistas, sempre se pensa que há algo um pouco desonroso em ser inglês e que se tem o dever de zombar de toda instituição inglesa, desde as corridas de cavalos até o Christmas pudding. É estranho, mas é indubitável que quase todos os intelectuais ingleses teriam menos vergonha de pilhar um tronco de igreja do que de ficar em posição de sentido enquanto toca o “God save the King”[84].

Durante os anos 1930, o recrutamento de intelectuais e cientistas de esquerda em Oxbridge como agentes “adormecidos” foi a fase final da subversão que os soviéticos haviam inaugurado décadas antes com seus ataques ao sistema de classes da Inglaterra e também com a penetração dos sindicatos britânicos e do movimento trabalhista. Os comunistas conseguiram "vender" aos jovens idealistas de Oxbridge o martelo e a foice, ou seja, a aspiração de preservar o mundo da ameaça do fascismo. No entanto, o marxismo enfrentou dificuldades para competir com o socialismo fabiano, que era o movimento coletivista mais adequado.

No campus, comunistas confessos como o professor de economia Maurice Sobb, que iria contribuir para fundar a Célula comunista de Cambridge, Piero Straffa, associado do líder comunista italiano Antonio Gramsci, e Roy Pascal, professor de alemão em Cambridge, introduziram toda uma geração de jovens estudantes extremistas de Oxbridge na esfera de influência soviética.

Os marxistas também receberam ajuda e assistência da vasta rede de sociedades secretas para-maçonicas que se insinuaram na alta classe britânica em geral e em Oxbridge em particular. A mais famosa e também a mais seletiva dessas sociedades secretas presentes no campus era a “Conversazione Society”, conhecida simplesmente como “the Society”, com seus membros apelidados de “Apóstolos”.

Os « Apóstolos », a homossexualidade e o marxismo

A Conversazione Society, que estava baseada no King's College de Cambridge, fez sua estreia em 1820. Era então um pequeno clube privado de estudantes do primeiro ano fundado por George Tomlinson, do St. John's College. Tomlinson viria a se tornar bispo de Gibraltar[85]. Esta sociedade exclusivamente masculina, composta por doze membros, reunia-se todos os sábados à noite para discutir questões filosóficas do dia no contexto anti-autoritário do Broad Church Movement, que era de esquerda e encontrava seu espaço, mesmo com dificuldades, dentro da Igreja Anglicana[86].

O grupo inicial dos « Apóstolos » incluía, entre outros, o jovem poeta vitoriano Alfred Tennyson (1809-1892), que um dia se tornaria lord, e seu querido amigo Arthur Henry Hallam (1811-1833). Os estudantes do primeiro ano que se destacavam na área científica brilharam pela ausência, pois a partir do século dezenove, as « duas culturas », representando, respectivamente, as ciências e a literatura, decidiram seguir cada uma seu próprio caminho[87].

No meio do século, o grupo dos « Apóstolos » havia se tornado uma sociedade secreta elitista, caracterizada por um forte homoerotismo subjacente, um perfume de agnosticismo particularmente agressivo e uma política claramente marcada pelas ideias de esquerda e pelo pacifismo. Segundo Richard Deacon, autor de *The Cambridge Apostles*, a agenda dos « Apóstolos » incluía « a laicização da Universidade e a abolição dos exames religiosos para os estudantes que se preparavam ou já haviam obtido a licença »[88]. A putrefação espiritual se preparava. Deacon também observa que membros do grupo, como William Johnson (Cory), tutor de Lord Rosebery, já tinham se empenhado em recrutar no Novo Ordenamento outros homossexuais ativos[89].

Como a homossexualidade, o agnosticismo, o ateísmo e o anti-imperialismo eram geralmente mal vistos na sociedade vitoriana e impediam o progresso na carreira, era tanto lógico quanto necessário insistir cada vez mais no segredo.

Segundo Andrew Sinclair, outro especialista nos « Apóstolos », sua sociedade era uma espécie de « Máfia de Cambridge [...] todos os membros, uma vez aceitos na sociedade, deviam prestar o juramento solene de não trair a sociedade a nenhum não-membro, sob pena de ter que se retorcer eternamente em inomináveis sofrimentos »[90].

Aos olhos de grande parte dos membros socialmente alienados do grupo, este era mais uma família do que uma organização; era especialmente um lugar onde esses adolescentes perpétuos e desajustados, apaixonados por sua suposta superioridade e importância, não precisavam competir com o mundo real para conseguir mulheres, uma situação profissional ou uma posição social[91].

No final do século, os membros do grupo, motivados por desejos claramente pedófilos, como o solteirão Goldsworthy Lowes Dickinson, notório discípulo do « amor socrático », começavam a fundar o recrutamento de « embriões » menos com base nas capacidades intelectuais dos interessados do que em sua boa aparência e atributos físicos[92]. A nova « High Church » *[NdT: outro nome da Tradição anglicana ou « anglo-catolicismo »]* dos « Apóstolos » travava, assim, uma guerra aberta ao cristianismo. Fazia grande alarde de sua própria « sucessão apostólica » e de sua hierarquia mística, além de seus dogmas, de seus serviços religiosos e de suas bênçãos, todas coisas destinadas a zombar da doutrina e dos sacramentos cristãos[93]. Substituía as Escrituras Sagradas por uma nova « bíblia » que exaltava as virtudes da « Alta Sodomia »[94]. Para um grande número de « Apóstolos », o fato de adotar um comportamento sexualmente criminoso deveria reforçar seu sentimento de dependência e lealdade mútua, não apenas durante seus anos de estudo, mas por toda a vida.

A « Conexão Bloomsbury »

Não se pode explicar o funcionamento interno dos « Apóstolos » e as relações de sua sociedade com a organização de espionagem de Cambridge sem ao menos mencionar brevemente o Grupo Bloomsbury, ao qual muitos de seus membros mais influentes estavam intimamente ligados. Essa seita cultural, tão seletiva quanto influente, nasceu de uma série de amizades entre os ricos filhos apaixonados por arte e literatura de Sir Leslie Stephen – Vanessa, Virginia, Julian, Thoby e Adrian – e seus conhecidos de Cambridge, entre os quais estavam « Apóstolos » tão proeminentes quanto John Maynard Keynes, Lytton Strachey, Duncan Grant e E.M. Forster[95]. A descrição do romancista D.H. Lawrence dos « Bloomsberries » como « pequenos egos incansáveis » retratava bem o caráter excêntrico e narcisista do grupo que se reunia toda quinta-feira à noite na residência de Stephen, no 46, Gordon Square, no bairro boêmio londrino de Bloomsbury[96].

Os Bloomsbury eram agnósticos, politicamente à esquerda, pacifistas e sexualmente liberados. Os parcerias sexuais tinham uma importância primordial dentro desse coletivo fechado. Todos os relacionamentos – homossexuais, bissexuais ou heterossexuais – estavam em um estado permanente de flutuação e reconfiguração.

Por exemplo, Vanessa Stephen era casada com o rico herdeiro do carvão Clive Bell, mas teve um filho com o belo pintor escocês Duncan Grant, que se sentia atraído pelo irmão de Vanessa, Adrian, mas que também teve uma série de aventuras homossexuais com os « Apóstolos » Keynes e Strachey, os quais travaram uma feroz competição por conquistar as graças de Arthur Lee Hobhouse, uma nova aquisição do grupo, que se apaixonou perdidamente por Grant e que depois formaria um ménage à trois *[NdT: em francês no texto]* com David Garnett, seu novo amante, e Vanessa.

Quando a Primeira Guerra Mundial estourou e os jovens disponíveis se tornaram escassos, alguns dos « bichas » do movimento « Apóstolos » e Bloomsbury – como Virginia Stephen Woolf os chamava – começaram a se consolar com companheiras, e alguns até descobriram « as alegrias da vida doméstica »[97]. Assim, para grande espanto de seus amigos « Apóstolos » e Bloomsbury, Keynes, que era notoriamente propenso à promiscuidade masculina e que o muito ciumento Strachey certa vez chamou de « bicicleta de segurança equipada com genitais », acabou se apaixonando por Lydia Lopkova, uma das maiores estrelas do balé russo Diaghilev, com a qual chegou a contrair um *casamento* que se revelou *feliz*[98].

Dada a importância geral dos « Apóstolos » e dos seus íntimos do grupo Bloomsbury, assim como sua grande influência sobre a vida da Universidade de Cambridge no final dos anos 1920 e no início dos anos 1930, era lógico que os esforços do NKVD para recrutar jovens ricos da alta classe visando expandir seu círculo de espiões em Cambridge fossem baseados, em parte, no projeto de explorar ambos os grupos.

Como relata Andrew Sinclair em *The Red and the Blue – Cambridge, Treason and Intelligence*, a recuperação dos « Apóstolos » pelos soviéticos revelou-se uma operação relativamente simples. No final dos anos 1920, « as afinidades com o marxismo » tornaram-se uma condição de pertencimento à sociedade secreta que era tão importante quanto « uma boa aparência e uma viva inteligência »[99]. Sinclair observa que, entre os vinte e seis « Apóstolos » eleitos entre 1927 e 1937, vinte – ou seja, três quartos – eram socialistas, simpatizantes marxistas, marxistas autênticos ou comunistas engajados. « Isso representava menos de um por cento do total de estudantes », ressalta ele[100].

A conjunção de três fatores – a hostilidade ativa dos « Apóstolos » e dos Bloomsbury em relação ao cristianismo e à moral tradicional, sua rede clandestina de relações sexuais criminosas e ilícitas, bem como a agenda igualmente proibida e subversiva da Revolução marxista mundial – revelou-se mortal para a nação britânica.

Anthony Blunt – Uma vida « traiçoeira »

No dia 5 de maio de 1928, Anthony Frederick Blunt, estudante de graduação no Trinity College e com apenas dezenove anos, foi admitido no santo dos santos da sociedade dos « Apóstolos » sob o número 273, tornando-se o primeiro homem do círculo de espiões de Cambridge (que contaria com cinco) [101]. Os predecessores imediatos de Blunt na « linha apostólica » da sociedade foram Alister Watson e Philip Dennis Proctor, ambos espiões soviéticos ou chamados a se tornar [102].

Anthony Blunt nasceu em 26 de setembro de 1907 na pequena cidade provincial de Bournemouth (Hampshire) em uma família rica da classe média alta, profundamente ligada à Igreja da Inglaterra (ou Igreja Anglicana). Seu avô paterno havia sido bispo sufragâneo de Hull. Seu pai, o Reverendo Arthur Stanley Vaughan Blunt, um clérigo anglicano bem conhecido, foi nomeado em 1912 capelão de St. Michael, a igreja da Embaixada Britânica em Paris, onde Sir Francis Bertie era Embaixador [103]. Foi em Paris que o jovem Anthony desenvolveu uma paixão pela Arte francesa do Renascimento, que cultivaria por toda a sua vida.

Segundo Miranda Carter, uma das biógrafas mais próximas da época de Blunt, as aspirações do pequeno garoto à fama vieram do lado materno de sua família. Sua mãe, Hilda Violet Master Blunt, pertencia à família Masters, proprietários de terras em Barrow Green, cuja origem remontava ao século XVI. Ela tinha como primo o Conde de Strathmore, pai da futura Rainha Elisabeth II [104].

Na constelação familiar dos Blunt, o « pequeno Anthony » era o mais fraco da ninhada e o favorito de sua mãe, escreve Carter. Hilda era louca por seu filho de olhos azuis, tão brilhante, tão encantador, cuja saúde « delicada » exigia cuidados adicionais e particularmente atenciosos. Por sua vez, Anthony desenvolveu uma afeição que duraria a vida toda por seu irmão mais velho Wilfrid, com quem compartilhava – além dessa afeição – um « temperamento artístico » nascente. Isso deixava tristemente de lado Christopher, seu irmão mais novo, indica Carter [105].

Quando cada um dos meninos Blunt atingiu a idade para ser internado, Anthony foi enviado de volta à Inglaterra para estudar em Marlborough, uma das « Grandes Escolas » britânicas, onde

estavam matriculados os filhos de clérigos [106]. Ele chegou a essa prestigiada escola particular em janeiro de 1921, aos quatorze anos, pronto para iluminar a instituição com sua cultura brilhante e seu apego ao ditado « Nobreza obriga » *[NdT: em francês no texto]*. Infelizmente! Foi um duro despertar para o jovem descobrir que em Marlborough, a atletismo era tudo, e que ele não tinha aptidão física ou temperamental para os esportes organizados. Além disso, os alunos que atuavam como « *prefects* » [NdT: aluno responsável, que antigamente tinha o direito de administrar punições corporais] dominavam todos os aspectos da vida escolar.

Robert Cecil, ex-colega de Blunt, relatou que ele sabia superar o sistema atendendo às necessidades sexuais dos alunos mais velhos e dos « prefects » [107]. Seu testemunho foi corroborado por outros ex-alunos de Marlborough, incluindo o acadêmico John Hilton, que observou que em seu último ano de estudos, Blunt teve várias aventuras homossexuais sérias e se constituiu uma "equipe" de favoritos, às vezes chamados de « Os Eleitos » [108]. Com Blunt e o futuro poeta Louis MacNeice, outro filho de pastor, Hilton formou um trio que cultivava a « estética *wildéenne* » *[NdT: em homenagem ao escritor homossexual Oscar Wilde]*, por trás da qual os três meninos conseguiam mascarar seu repúdio à herança religiosa [109]. Hilton descreveu o comportamento de Anthony durante os últimos anos que passou em Marlborough como o de « um hedonista austero [...] vivendo para a satisfação de seus sentidos, ao mesmo tempo em que apreciava a estima dos outros e procurava se ancorar em um sistema de detalhes eruditos » [110]. Em uma idade relativamente jovem, Anthony era, aparentemente, um rebelde que havia encontrado sua causa.

Alguns contemporâneos de Blunt lembraram que ele era conhecido por seu caráter vingativo e suas vinganças pessoais. Outros insistiram em sua frieza reptiliana. Todos concordam que ele era excessivamente pretensioso em relação às suas capacidades intelectuais, que, por sinal, eram notáveis. Há uma palavra que nunca saiu dos lábios dos amigos de Blunt – que eram poucos – ou de seus inimigos para descrever seu caráter: a palavra « amável ». Ele era um ser egoísta e egocêntrico.

Em outubro de 1926, Blunt ingressou no Trinity College de Cambridge com uma bolsa de Marlborough. Quando ele não conseguiu obter uma menção honrosa em matemática, voltou-se para as línguas modernas e se especializou em francês [111]. Enquanto isso, seu interesse pela arte rapidamente cresceu, embora nesse campo ele encontrasse outra razão para frustração. Blunt era muito inteligente, mas segundo o grande artista Christopher Hughes, « ele mesmo tinha poucos talentos artísticos » [112]. Criativamente impotente, ele curou as feridas de seu ego ferido tornando-se posteriormente historiador da arte, crítico de arte e revolucionário cultural.

Um de seus amigos mais próximos era Knox Cunningham (a quem estava destinado ser condecorado), que estudou no Fettes College em Edimburgo e depois no Clare College em Cambridge. Cunningham viria a ter uma carreira política de destaque no Parlamento, tornando-se Secretário particular do Primeiro Ministro Harold Macmillan de 1959 a 1963. Ele também ocupou uma posição importante na Ordem de Orange e na Província maçônica de Gloucester, bem como em diversos cargos unionistas do Ulster, na Irlanda do Norte. Segundo o escritor bissexual e irlandês Robin Bryans, que usou o pseudônimo Robert Harbinson e fez parte da alta elite homossexual de Londres no meio dos anos 1940, Cunningham era conhecido por ser uma « mulher » que gostava « de se deixar levar por jovens meninos » [113]. Bryans informou que Cunningham manteve contato com Blunt após seus anos em Cambridge e que costumava visitar Blunt em

Londres [114].

Em 1928, as relações que Blunt mantinha com Clive Bell e Roger Fry, críticos de arte que eram membros do grupo Bloomsbury, assim como com Andrew Gow, professor no Trinity College que era autoridade em arte, abriram para ele os prestigiados círculos artísticos de Londres [115]. Ao mesmo tempo, sua pertença ao grupo dos « Apóstolos » deu-lhe acesso à sociedade secreta e à rede homossexual mais influente de Cambridge [116]. O fato de que Blunt era então um marxista autêntico foi confirmado por várias fontes confiáveis, incluindo Louis MacNeice [117].

Em 1932, Blunt foi eleito professor assistente no Trinity College. Ele permaneceu, portanto, no campus, onde lecionava francês, e começou uma carreira de história da arte, com uma paixão particular pela obra do pintor francês Nicolas Poussin.

Em 1933 ou 1934, antes, durante ou logo após uma viagem universitária a Moscou, Blunt foi oficialmente recrutado pelos soviéticos como agente assalariado [118]. Recebeu os nomes de código YAN, JOHNSON e TONY [119].

Não se pode evitar uma pitada de ironia ao considerar que se Blunt tivesse apenas se aventurado a sair do hotel para fazer um pouco de « paquera » homossexual durante sua estadia em Moscou, ele poderia ter percebido que as « oportunidades » eram escassas, exceto, é claro, pelos « corvos » masculinos formados pelo KGB, que visitavam regularmente os banheiros e outros lugares frequentados por homossexuais estrangeiros. Essa baixa disponibilidade de jovens moscovitas do sexo masculino deve-se ao fato de que, no início de 1933, Stálin havia dado ao OGPU (polícia política) a autorização para prender homossexuais em Moscou para enviá-los como mão de obra escrava para « campos de trabalho » penitenciários, como aquele conhecido como « Terceira Linha de Divisão das Águas », no canal que liga o mar Branco ao mar Báltico, onde cerca de três mil homossexuais moscovitas estavam detidos [120].

No entanto, nada indica que Blunt tenha expressado qualquer objeção às purgas anti-sodomitas ordenadas por Stálin em Moscou, uma vez que a notícia se tornou pública no mundo clandestino da homossexualidade londrina. Também não há indícios de que os encontros homossexuais em Moscou, Londres ou Cambridge tenham contribuído de alguma forma para obrigar Blunt a trair seu país. Ele traiu apenas pelo prazer de trair.

Graças aos seus numerosos protetores e amigos influentes, entre os quais se encontrava o muito mundano "locomotiva" Victor Rothschild, Blunt viu crescer sua influência no campo da arte. De 1937 a 1939, fez parte da equipe do Warburg Institute da Universidade de Londres, um centro de pesquisa artística "progressista" e "revolucionário", e escreveu seu primeiro livro sobre a arte do Renascimento, Artistic Theory in Italy, 1450-1600, que dedicou a seu amigo próximo Guy Burgess.

Segundo Charles Saumarez Smith, que resenhava livros para o The Observer, entre as críticas mais duras feitas contra Blunt estavam as de Rebecca West, que conheceu Blunt nos anos 30 e "o considerava um peso-mosca intelectual, um comunista notório que sempre usava uma gravata vermelha e frequentemente estava bêbado".

Quando a Inglaterra entrou na Segunda Guerra Mundial, Blunt se ofereceu como voluntário para se juntar ao exército britânico, foi nomeado oficial, serviu brevemente na polícia de segurança militar,

que fazia parte dos serviços de inteligência militar, e depois recebeu a ordem dos soviéticos para entrar no MI5, ou seja, o serviço de segurança britânico.

Notará que, antes de ingressar no MI5, Blunt havia recorrido à influência de seu irmão Christopher para entrar em Minley Manor, em Hampshire, e lá seguir um curso de contraespionagem destinado ao pessoal militar. Naquele momento, seu superior era o coronel Shearer, que lhe disse que havia recebido do War Office (o serviço administrativo do ministério britânico da Guerra) ordens para que Blunt não fosse designado para tarefas de inteligência. No entanto, essas ordens foram anuladas depois que um alto funcionário intercedeu em favor do interessado. Esse alto funcionário não era outro senão Dennis Proctor (que mais tarde seria agraciado), também "Apóstolo" e agente soviético, que atuava como secretário privado do ex-primeiro-ministro Stanley Baldwin. Blunt também recebeu assistência de Victor Rothschild, que trabalhava para o MI5, e de Guy Burgess, que estava designado à Seção D do MI6.

O capitão Maxwell Knight, homossexual que ingressou no MI5 em 1925, alertou os funcionários do MI5 sobre esse "marica" Blunt, mas sua voz solitária foi ignorada. Infelizmente, Knight também não era um personagem inocente, dada sua relação secreta com o satanista Aleister Crowley. Por outro lado, Knight estava pessoalmente comprometido devido à sua paixão obsessiva por Tom Driberg (Lord Bradwell), amante de Burgess e membro do Parlamento, que foi por doze anos um agente agregado dos soviéticos.

Os "acordos" de Tom Driberg com os soviéticos remontavam-se ao dia em que solicitou os favores sexuais de um homem em um banheiro público durante uma de suas visitas a Moscou. Esse homem era um agente do KGB membro da segunda Direção principal do SCD. Depois que lhe foram mostradas fotografias de seus atos sexuais com "corvos" soviéticos, ele começou a trabalhar para Moscou sob o codinome AGENT ORANGE. Os soviéticos o utilizaram para coletar informações políticas sobre o Partido Trabalhista e promover medidas favoráveis a eles nos círculos políticos de sua esfera de influência. Além disso, o KGB tinha fotografias de encontros homossexuais entre Driberg e Guy Burgess.

Durante pelo menos os cinco anos que se passaram entre seu recrutamento e sua ativação por parte de seu supervisor soviético em 1939, Blunt já havia se demonstrado como um bom "caçador de cabeças" e recrutador para os soviéticos, embora, ao contrário de uma crença comum, ele não tivesse recrutado os outros três membros conhecidos do grupo de Cambridge, a saber, Guy Burgess, Donald Maclean e Harold "Kim" Philby.

Apesar de suas crescentes responsabilidades de trabalho e de suas atividades como agente duplo, Blunt conseguiu levar uma vida sexual satisfatória e relativamente notória; teve, em particular, uma série de aventuras com outros homossexuais de Cambridge da sua classe, incluindo John Lehmann, um estoniano que se tornou um mensageiro encoberto para os soviéticos, e Peter Montgomery, o amante de longa data de Blunt, primo do marechal Montgomery, o herói britânico da Segunda Guerra Mundial. Peter Montgomery se tornou diretor musical da BBC e, depois, oficial de inteligência do exército durante a guerra. O leitor deve lembrar seu nome, já que falaremos em detalhe sobre Peter Montgomery e seu irmão Hugh ao final deste capítulo.

Quanto a seus parceiros sexuais, no entanto, Blunt preferia os de classe trabalhadora que se ofereciam como gigolôs, que eram intelectualmente e socialmente inferiores e sobre os quais ele poderia, portanto, exercer seu desejo de poder e dominação. Esse desejo de poder era uma característica de caráter que não passou despercebida pelos "caçadores de cabeças" soviéticos de Cambridge, que encontraram no jovem Blunt todas as características de um traidor eficaz: uma inteligência superior, mas "subestimada", uma ambição implacável, um solipsismo supremo, a homossexualidade, que é um vício explorável, assim como a capacidade de compartimentalizar sua vida e desempenhar múltiplos papéis. Longe das sutilezas da psicanálise, David Pryce-Jones, autor de críticas no New Criterion, pode ter resumido melhor a essência do "ser" de Blunt em uma frase contundente e definitiva: "Blunt era um completo desperdício."

Guy Burgess – L "o espião vidente”

Em suas memórias autobiográficas, o espião de Cambridge Kim Philby escreveu sobre seu ex-colega de classe: "Ele [Burgess] é sem dúvida um dos muito raros indivíduos que se impuseram no serviço especial soviético [...] Era realmente um caso"[133]. Enquanto os soviéticos "manifestamente" queriam recrutá-lo, escreve Philby, ele mesmo estava convencido de que a inalterável capacidade de Burgess de "se tornar visível" comprometeria sua atuação como agente secreto. No entanto, Philby e "Otto", seu supervisor soviético, acabaram por concluir corretamente que seria melhor incluir Burgess em seu círculo de espiões do que deixá-lo por conta própria, especialmente porque, de qualquer forma, ele provavelmente acabaria prejudicando a operação. Assim, no verão de 1934, Guy Francis de Moncy Burgess entrou para os anais da história como sendo o membro mais "visível" do círculo de espiões de Cambridge. Seu nome de código era MÄDCHEN (em alemão, "garota").

Guy Burgess vinha de uma boa linhagem militar. Nascido em 1911 na famosa cidade portuária de Devonport (Plymouth), no sudoeste do país, Guy era o filho mais velho de um oficial da marinha, o capitão de corveta (*Lt. Commander)* Malcolm Kingsforth Burgess e de Evelyn Gillman Burgess. Ele tinha um irmão mais novo, Nigel[134].

Em janeiro de 1924, o jovem Burgess, com treze anos, acabara de entrar no colégio de Eton quando seu pai faleceu. Cerca de três anos depois, sua mãe se casou novamente, mas Guy, que era mimado e protegido, não se dava bem com seu padrasto, o coronel John R. Bassett D.B.O., oficial aposentado do exército britânico; assim, ele foi enviado para uma escola militar.

Pouco depois de seu décimo sexto aniversário, em conformidade com a tradição de sua família de marinheiros, Guy foi enviado ao Colégio da Marinha Real, em Dartmouth, mas nunca conseguiu se

formar. Trinta e três meses após ingressar nesta instituição, ele saiu abruptamente e voltou a Eton, oficialmente por causa de problemas de visão. No entanto, a súbita saída e as circunstâncias que a cercaram alimentam a teoria de que Burgess foi discretamente expulso de Dartmouth por ter tentado seduzir outros cadetes em relações homossexuais.

Assim, ele retornou a Eton, onde o belo e brilhante Burgess conquistou os prêmios de história Rosbery e Gladstone, além de uma bolsa de história para o Trinity College de Cambridge, onde ingressou em outubro de 1930.

É claro que seu físico de Adônis, seu charme pessoal, sua inteligência aguçada, seu amor por jovens, além de seus sentimentos antifascistas e pró-marxistas – que ele exibia com orgulho – atraíram rapidamente a atenção dos "Apóstolos" infiltrados pelos soviéticos. Em 12 de novembro de 1932, ele foi iniciado na sociedade ao lado de seu amigo íntimo Victor Rothschild, um dos poucos cientistas que os "Apóstolos" jamais admitiram entre eles. Burgess também se afiliou à Sociedade Socialista da Universidade de Cambridge (CUSS), que os comunistas estavam lentamente controlando.

Em junho de 1934, Burgess viajou para a Alemanha. Ele estava em Berlim durante a purga política realizada por Hitler: a "noite das facas longas". Em seguida, Burgess juntou-se a um pequeno grupo de "turistas" de Cambridge que viajavam para Moscou, entre os quais estavam Anthony Blunt e o amigo de Burgess, Derek Blaikie, um comunista de Oxford que acabaria sendo morto durante a Segunda Guerra Mundial[135].

Um dos muitos relatos sobre a estadia de Burgess em Moscou é a longa reunião secreta que ele teve com Nikolai Bukharin, membro poderoso do Politburo soviético e editor-chefe do *Izvestia*[136]. Considerando tudo, é provavelmente em Moscou que Burgess e Blunt foram submetidos ao seu exame final pelos agentes de Stálin. Guy Burgess conseguiu se infiltrar entre os espiões de Cambridge.

Embora Burgess fosse politicamente fervoroso, sua maior paixão era... a paixão, ou seja, as relações homossexuais. A sedução era seu forte, especialmente com homens mais velhos que ele, embora *qualquer* homem que estivesse ao seu redor representasse, para ele, um alvo potencial de avanços sexuais.

Goronway Rees, um de seus colegas de classe em Cambridge, explicou que Guy via o sexo "como um mecanismo útil para fabricar prazer [...] e ele transou com a maioria de seus amigos em algum momento ou outro"[137]. Segundo Rees:

[Guy] era uma espécie de iniciador de outros alunos nos mistérios do sexo, função que ele exercia quase em um espírito de serviço público. As aventuras desse tipo não duravam muito, mas Guy possuía a arte de manter a afeição dos rapazes com quem havia se deitado, e também – curiosamente – a de manter sobre eles uma espécie de ascendente permanente: muito tempo depois de uma aventura ter terminado, ele continuava a ajudar seu ex-parceiro em sua vida sexual, muitas vezes perturbada e insatisfatória, ouvindo-o falar sobre suas dificuldades emocionais e, se necessário, ajudando-o a encontrar um parceiro apropriado. Para seus antigos parceiros, ele era, ao mesmo tempo, um pai, um confessor e um amante, a ponto de que muitos

deles se tornavam seus devedores[138].

Entre as primeiras conquistas de Burgess em Cambridge estavam Anthony Blunt, que se apaixonou por ele, o bissexual afeminado Donald Maclean, que foi recrutado ao mesmo tempo que ele, e até mesmo Kim Philby, um notório conquistador, que o ajudou em seu recrutamento. Assim como Blunt, Burgess buscava aventuras com jovens da classe trabalhadora, que em seguida recomendava como parceiros para seus amigos homossexuais de Cambridge, a fim de ajudar esses últimos a se livrarem de seus complexos "burgueses"[139].

Jackie Hewit, que foi um dos amantes de Burgess, acabou indo e voltando entre a cama de Guy e a de Anthony depois que Burgess fugiu para Moscou. Quando os serviços de inteligência britânicos o interrogaram sobre suas relações com o desertor, ele disse que Guy havia guardado todas as suas cartas de amor, não como uma forma de chantagem, mas "para se provar a si mesmo seu poder de fazer os homens amá-lo"[140]. Certamente, o ingênuo Hewit não sabia *se* e *como* os supervisores de Burgess usavam suas cartas de amor, mas ele estava absolutamente certo ao colocar em destaque que as aventuras homossexuais de Burgess faziam parte do "jogo de poder" que ele exercia para manipular outros homens. Ele estava correto também ao dizer aos agentes do SIS que "Aos olhos dos agentes majoritariamente heterossexuais do MI5 e do MI6, a dinâmica do mundo 'gay' dos anos trinta deveria parecer um emaranhado incompreensível de ligações relacionais"[141]. Infelizmente para os britânicos, os soviéticos, *eles*, compreendiam a abrangência e a explorabilidade do Homintern a nível mundial e usaram esse conhecimento contra seus inimigos na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Europa.

Kim Philby – O mestre espião

De todos os traidores de Cambridge, Harold Adrian Russell Philby – dada sua parentela e suas origens – certamente teria sido eleito como "o mais capaz de ter sucesso" na carreira de espião.

Nascido no Dia de Ano Novo de 1912 em Ambâla, na Índia, onde seu pai, Sir John Philby, era um alto funcionário do governo indiano, Philby era chamado de "Kim", como o jovem herói de Kipling. Quando Sir John, cedendo ao seu desejo de liberdade, renunciou à fé protestante para seguir Maomé, seguindo o exemplo do escritor D.H. Lawrence, sua esposa Dora assumiu a educação de Kim e de suas três irmãs. As ausências prolongadas de Sir John – que pareciam não incomodar sua esposa – aliadas ao seu rígido senso de disciplina e à falta de calor em relação aos filhos quando estava em casa, criaram tensões familiares que deixaram uma marca indelével em seu filho. Sensível e sério, Kim desenvolveu desde cedo uma gagueira que carregaria por toda a vida. A influência negativa do pai sobre o filho se reflete também no cinismo egocêntrico que passou a caracterizar as relações de Philby com seus contemporâneos, especialmente com as mulheres, assim como na sua duplicidade e no seu instinto de sobrevivência a todo custo, qualidades necessárias a todo bom espião[142].

No dia 18 de setembro de 1924, Kim, então com doze anos, ingressou na escola de Westminster, a famosa *alma mater* de seu pai. Ele se destacou, conquistando o Prêmio Marshall Memorial em História, e mostrou-se também bastante competente em esportes. No entanto, ele permanecia afetivamente vulnerável. Suas dificuldades de fala tornaram-se uma fonte de crescente e considerável constrangimento. Sua antipatia pelas práticas da religião protestante na escola aumentou seus conflitos religiosos e morais internos. Como novo aluno, ele sofreu exploração sexual por parte dos mais velhos e dos "prefects" – em Westminster, "Fui 'quebrado' e 'atormentado'" *[NdT: tradução do jogo de palavras muito crudo entre os verbos ingleses "to bugger" e "to bug"]*, ele admitiu posteriormente[143]. Porém, o que é talvez mais revelador é a

acusação feita contra o jovem Philby durante seu terceiro ano em Westminster, quando um de seus tutores, chamado Luce, informou às autoridades da escola que ele tinha desenvolvido uma propensão à desonestidade, ou seja, que mentia ou trapaceava em matérias sérias[144]. De fato, Philby já havia conquistado junto a seus colegas uma reputação de duplicidade. Essa questão acabou sendo negligenciada, provavelmente devido à influência de Sir John, e Philby foi autorizado a permanecer em Westminster. Ele passou no exame de admissão no ano seguinte e conseguiu ao mesmo tempo duas bolsas, uma para o Christ Church College, em Oxford, e outra para o Trinity College, em Cambridge[145]. Por insistência de seu pai, ele escolheu Trinity. Ele tinha dezessete anos quando chegou a Cambridge, na primavera de 1929.

Embora Kim tenha sido inicialmente atraído por uma carreira política, os resultados decepcionantes que obteve em seus exames de história o forçaram, em outubro de 1931, a substituir a disciplina de história pela de economia[146]. Ele continuou, no entanto, a se interessar por política. Dadas as afinidades de Sir John com o socialismo, não deve surpreender que seu filho tenha se inclinado cada vez mais à esquerda, adotando os audaciosos e revolucionários princípios do marxismo. Foi assim que Philby se juntou naquele verão à Sociedade Socialista da Universidade de Cambridge, antes de se tornar um de seus líderes.

Através de Dennis Holmes Robertson (destinado a ser nomeado cavaleiro um dia), que era seu professor de economia e também um membro clandestino do círculo de acadêmicos homossexuais de Cambridge, Philby foi apresentado ao conquistador mais procurado do campus, Guy Burgess. Os dois homens formaram uma amizade intensa, que foi reforçada pela entrada de Philby no grupo dos "Apóstolos" em 1932, ano em que Burgess também havia ingressado[147]. Embora Philby não fosse homossexual, é razoável pensar que, dado o ardor com que Guy perseguia suas presas sexuais, e considerando também o temperamento aventureiro de Kim, sua rebeldia contra as convenções vigentes e sua propensão para beber, os dois homens podem ter vivido juntos uma breve aventura em Cambridge[148].

No verão de 1933, logo após se formar no Trinity College (com menção honrosa em economia), Philby fez uma solicitação para ser designado ao Ministério das Relações Exteriores. No outono seguinte, ele viajou para a Europa, onde mesclou suas idílicas experiências com seu crescente interesse pelo Komintern[149]. Por sugestão do professor Maurice H. Dobb, recrutador marxista de Cambridge, Philby se encontrou em Paris com dirigentes comunistas, incluindo Willi Münzenberg, recrutador do NKVD[150]. O comitê de Paris indicou contatos comunistas em Viena, onde ele conheceu e – em 23 de fevereiro de 1934 – casou-se com Alice Friedman, carinhosamente chamada de "Litzi", uma judia polonesa de vinte e três anos, divorciada e membro de vários grupos revolucionários, incluindo o Movimento Socialista Sionista e os Socialistas Revolucionários, que atuavam contra o governo Dollfuss[151]. Litzi confirmou o compromisso marxista de Kim.

Philby se encontrou com Dobb logo após seu retorno à Inglaterra, em abril do ano seguinte. Além disso, visitou a sede do Partido Comunista da Grã-Bretanha (na King Street, em Londres); lá, declarou seu desejo de ingressar no Partido, mas pediram que ele esperasse. Pouco depois, ele foi colocado em contato com "Otto", que foi encarregado de estudar seu caso e supervisioná-lo. Informaram-lhe que, em nenhuma circunstância, ele deveria se inscrever no Partido, pois isso dificultaria seu ingresso no Ministério das Relações Exteriores. Assim, Philby se tornou um espião e um agente infiltrado soviético.

Uma das primeiras missões de Philby foi espionar seu próprio pai, que os soviéticos suspeitavam ser um agente britânico. Philby examinou cuidadosamente os documentos de Sir John em sua residência, em Londres[152]. Ao mesmo tempo, ele começou a elaborar sua lista de recrutamentos potenciais. Na parte inferior dessa lista estava o nome de Guy Burgess, e entre os nomes colocados no topo, estava o de Donald Maclean.

Donald Maclean – o implacável "inocente"

As armas do clã escocês Maclean trazem o lema "Honra, minha Virtude". No entanto, o espião de Cambridge Donald Maclean (1913-1983) não cultivou nem a "Honra", nem a "Virtude" de seus antecessores[153].

Considerado o tipo ideal do jovem diplomata ambicioso, Donald Maclean (nomes de código WISE, LYRIC, HOMER e STUART) era o filho mais novo de Sir Donald Maclean, leal presbiteriano e deputado pelo Partido Liberal, que foi Ministro da Educação no governo nacional de Stanley Baldwin e Presidente do Board of Trade (Conselho do Comércio) no governo de coalizão nacional de Ramsey MacDonald, em 1931.

A aparência física e o temperamento do jovem Donald – magro, loiro, afeminado e gentil – refletiam mais a beleza e a amabilidade de sua mãe do que os traços severos e intimidador de seu pai. Seguindo os passos de seu irmão mais velho, Ian, Donald foi inscrito na Gresham's School, uma instituição de elite localizada em Holt, na costa de Norfolk. Ao sair, a grande maioria dos alunos da Gresham conseguia anualmente ingresso nas principais universidades britânicas, incluindo Cambridge, Oxford, Balliol e Christ Church. Maclean não foi exceção[154]. Infelizmente, quando deixou Gresham para ingressar no Trinity College de Cambridge, em 1931, ele já tinha contraído dois vírus revolucionários: um político (o comunismo) e outro sexual (a homossexualidade).

Maclean, o encantador, logo se encontrou na companhia de Burgess, Blunt e Philby; o primeiro não tardou a adicioná-lo à lista de suas conquistas, enquanto o último ajudou em seu recrutamento como espião soviético[155]. Embora, em seu entusiasmo, Maclean tivesse a intenção de emigrar

para o "Paraíso dos Trabalhadores", ele acabou sendo convencido a prestar o exame para a função pública a fim de obter um cargo no Ministério das Relações Exteriores; conseguiu isso em outubro de 1935, em grande parte devido à reputação de seu pai, que falecera pouco antes.

A primeira posição ocupada por Maclean no Foreign Office foi a de secretário do Departamento Ocidental, que envolvia responsabilidades relativas aos "low countries" (Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo), à Suíça, à Espanha e a Portugal. Mas, como os soviéticos previam, a "rede de velhos amigos" de Whitehall não demorou a promovê-lo ao cargo de secretário da Embaixada da Grã-Bretanha em Paris[156].

Lá, Maclean começou a transmitir a Moscou segredos e informações diplomáticas sobre a política externa britânica. Foi em Paris que o interessado, que era sexualmente ambivalente, conheceu e se casou com a herdeira americana Melinda Marling. No início da Segunda Guerra Mundial, Maclean e sua nova esposa, a quem havia informado sobre sua condição de agente soviético, retornaram à Inglaterra, onde ele continuou a fornecer a Moscou documentos "top secret", enquanto aguardava sua próxima designação diplomática.

As toupeiras de Cambridge se enterram em vista do máximo impacto

Em 1935, quando Stálin ordenou que os agentes comunistas no exterior entrassem na clandestinidade ou, se necessário, fingissem se converter ao fascismo, os espiões de Cambridge foram obrigados a mudar suas posturas políticas e a se enterrar ainda mais em suas tocas. Isso os divertiu bastante.

Quando deixamos Blunt, ele havia ingressado no MI5, onde começou a escalar os escalões da hierarquia. Entre 1940 e 1945, e mesmo antes do fim da guerra, Blunt começou a transmitir a Moscou documentos ultra-secretos do MI5 e do MI6, além de mensagens codificadas alemãs que ele havia decifrado em Bletchley Park, somando cerca de 1.700 peças de documentação confidencial, dentre as quais estavam informações valiosas sobre as medidas vitais planejadas pelos Aliados para depois da guerra, em relação à Polônia, Letônia e Tchecoslováquia, informações que permitiram aos soviéticos estabelecerem o Cortina de Ferro na Europa[157]. Blunt também forneceu aos soviéticos os nomes de milhares de expatriados russos vivendo na Grã-Bretanha, muitos dos quais – com suas mulheres e filhos – foram obrigados a retornar à Rússia, onde Stálin, amparado pelas disposições dos acordos de Yalta, os mandou massacrar sistematicamente.

Blunt e Philby comunicaram aos soviéticos informações detalhadas sobre o Desembarque dos Aliados na Normandia em junho de 1944, assim como sobre várias operações do MI5, como a "recuperação" de agentes alemães e soviéticos, entre os quais Anatoli Gorski, primeiro secretário da Embaixada da URSS em Londres, que era justamente o supervisor de Blunt[158].

Além de ter enviado milhares de estrangeiros à morte, Blunt, que possuía uma memória quase fotográfica, orgulhava-se de ter comunicado aos soviéticos os nomes de *todos* os agentes do MI5, sem exceção[159]. Ele também teve acesso aos arquivos de segurança que o MI5 realizava, informação que também chegou a Moscou[160].

Segundo John Costello, autor especializado em inteligência e autor de *Mask of Treachery*, Blunt era a própria personificação do "agente de influência". Ele ajudou a obstruir a investigação interna que havia sido aberta dentro do MI5 e do MI6, criando pistas falsas que desviavam os investigadores de Burgess, Maclean e Philby, "quando estes ainda estavam operacionais, e mesmo depois que foram para Moscou"[161].

Blunt também recrutou destacados acadêmicos de Cambridge, incluindo o brilhante linguista John Cairncross, frequentemente considerado o quinto membro do círculo de espiões de Cambridge, embora mais de uma dezena de agentes soviéticos de Oxford provavelmente pudesse reivindicar esse título, incluindo um punhado de agentes do MI5 e do MI6. Blunt recrutou, ainda, Leo Long, "Apóstolo" e agente de inteligência militar do MI14, especializado em decodificação e inteligência de origem eletromagnética (ROEM)[162].

Pouco antes do fim da guerra, o rei George VI encarregou Blunt de uma missão altamente secreta na Alemanha. A natureza exata dessa missão, que deveria durar até 1947, permanece envolta em mistério (embora não por falta de teorias a seu respeito), mas o que se sabe é que Blunt conhecia o conteúdo dos documentos privados cuja recuperação lhe competia e que provavelmente comunicou essas informações ao seu supervisor soviético[163].

Segundo Costello, o fato de Blunt ter conseguido os "arquivos de Windsor" acabou se revelando uma "apólice de seguro de ouro" contra qualquer acusação de alta traição durante os trinta e quatro anos seguintes e, de fato, durante o restante da sua vida"[164].

Após a guerra, Blunt continuou sua carreira dupla: historiador e crítico de arte de um lado, traidor do outro. Entre 1945 e 1979, ocupou o cargo de Curador das Pinturas do Rei (depois, da Rainha) e administrou, nessa qualidade, as vastas coleções da família real[165]. Em 1947, foi nomeado diretor do Courtauld Institute of Art. Três anos depois, foi eleito professor visitante na British Academy, e em 1960, tornou-se professor de história da arte na Universidade de Londres. Ele foi condecorado cavaleiro em 1956.

Durante os anos de sua "noite louca", Blunt era de certa forma parte da mobília dos palácios de Buckingham e Windsor, onde dispunha de escritórios. Tornou-se comum dizer, em tom de brincadeira, que quando Blunt circulava pelos corredores, os guardas do palácio ressaltavam com ironia a necessidade de "manter as costas na parede" ao seu passar, relata Costello[166]. **É evidente que a homossexualidade não impediu que fosse empregado pela família real e nunca o impediu, aliás.** Os valetes e os cortesãos homossexuais da casa real, assim como os diplomatas do Foreign Office, apresentavam até mesmo uma vantagem clara em relação aos homens casados e pais de família, que, necessariamente, estavam "distraídos" com os problemas do lar. Eles podiam se dar ao luxo de serem excessivamente generosos com seu tempo e atenção, e estavam sempre disponíveis. **Alguns valetes e outros domésticos da casa real também eram conhecidos pelos serviços sexuais que prestavam a seus senhores[167].**

É onde Blunt e Burgess organizaram grande parte das "recepções" às quais convidavam agentes e funcionários do MI5 e do MI6 que ficava em sua residência na 5 Bentinck Street, um prédio de três andares que tinha instalações para gravação e filmagem e pertencia a Victor Rothschild. Entre seus convidados figuravam o Major General (gênio de divisão) Sir Stewart Menzies, chefe do MI6 de 1939 a 1952, Sir Dick White, chefe do MI5 de 1953 a 1956, e depois diretor do MI6 de 1956 a 1968, Sir Roger Hollis, apelidado de "Senhor Inércia" e conhecido por ser bissexual, diretor do MI5 de 1956 a 1965, e o Capitão Guy Maynard Liddell, diretor assistente do MI5[168].

O fato de Liddell e Hollis terem frequentado regularmente e por tanto tempo homossexuais como Blunt e Burgess acabou fazendo com que um ou outro fosse considerado como o quinto homem ou a "super-toupeira" do MI5[169]. A crítica feita a esses dois homens – que nenhum diretor de serviço de inteligência deve ser tão ingênuo e confiante – se aplica, no entanto, a quase todos os níveis da inteligência britânica nas décadas de quarenta e cinquenta.

Blunt também se tornou amigo de Sir Dick White, e os dois costumavam passar as festas de Natal com Victor Rothschild na casa dos Rothschild em Cambridge. O barão Rothschild e sua segunda esposa, Teresa Mayor ("Tess"), ex-funcionária dos serviços de inteligência britânicos, também costumavam visitar Blunt e Burgess na casa da rua Bentinck.

Blunt conhecia absolutamente todos que merecia conhecer. Sua educação e contatos privilegiados lhe renderam um grande número de amigos e protetores de alta posição e influência. Mas o que era particularmente valioso para os soviéticos era seu conhecimento das sociedades homossexuais de alto e baixo escalão londrinos, das múltiplas redes associadas a cada uma e de como usá-las da melhor maneira.

Segundo Costello, entre os locais de encontro homossexuais que Blunt e Burgess frequentavam, assim como seus amigos sodomitas da alta sociedade, estavam o pub Pakenham, situado no centro de Londres, em Whitehall, o palácio de Buckingham, além dos quartéis da Household Cavalry (cavalaria real) e dos guardas do palácio[170]. O escritor irlandês Robin Bryans, que Burgess conheceu em Oxford em 1944 e que se tornaria um elemento regular do círculo sodomita formado em torno de Blunt e Burgess no pub Pakenham, relatou que Blunt se orgulhava muito de suas relações reais e de todas as suas associações tão significativas quanto interligadas, a ponto de falar abertamente sobre isso no pub[171]. Blunt também costumava participar, no Courtauld Institute, de orgias homossexuais que se estendiam até altas horas da madrugada e sempre atraíam uma multidão de jovens artistas e estudantes em seus anos finais, todos atraentes, sexualmente desejáveis e politicamente manipuláveis.

Parece que os soviéticos estavam totalmente dispostos a tolerar as excentricidades sexuais dos espiões de Cambridge desde que fossem proveitosas, mas é altamente improvável que realmente confiassem em um único deles. Na verdade, nenhum desses indivíduos ocupou um cargo de verdadeira importância nos serviços secretos soviéticos após sua defecção. Philby permaneceu coronel do KGB, mas só de nome. Blunt suspeitava que o mesmo aconteceria com ele, razão pela qual finalmente se recusou a trocar seu luxuoso apartamento de diretor na residência Courtauld ou seus escritórios nos palácios reais por um triste apartamento nos subúrbios de Moscou, como fizeram Maclean, Burgess e Philby[172].

A metamorfose de Guy Burgess

Um dos aspectos mais notáveis da vida de Burgess – um bêbado inveterado, homossexual, marxista e traidor – é que ele nunca faltou a trabalho ou protetores.

No decorrer de 1934, depois que Burgess não passou no exame que deveria lhe permitir tornar-se professor em Cambridge, Victor Rothschild contratou esse goy mal-aprumado como "consultor financeiro" por um salário mensal de cem libras esterlinas. Parecia não importar, que Burgess fosse um acadêmico especializado em história enquanto os Rothschild eram uma dinastia bancária lendária com três gerações de existência[173].

Essa manobra complicada, embora perfeitamente transparente, tinha, naturalmente, o objetivo de facilitar a Burgess, um notório marxista, sua transformação em simpatizante neo-fascista e pró-nazista, em conformidade com a diretiva de Stálin de que os agentes soviéticos no exterior se tornassem clandestinos e, se necessário, mudassem aparentemente de lado.

Rothschild – é importante lembrar – tinha o mesmo inimigo *ostensible* que Stálin: Hitler. Quando os interesses de Stálin coincidiram com os seus, parecia disposto a cooperar com os soviéticos contra a Alemanha nazista, e até mesmo contra os Estados Unidos.

Entre 1936 e 1937, Rothschild nomeou Burgess editor-chefe de um novo boletim informativo sobre comércio e investimento, especializado em finanças alemãs. Mas o barão então contratou um comunista alemão expatriado e homossexual chamado Rudolf Katz ("Rolf"), que também era um agente do Komintern, para servir como "fantasma" e editor profissional[174].

A nomeação de Burgess para esse cargo fictício, aliada à "rumor" astuciosamente espalhado de que ele passara por uma conversão ideológica após sua viagem a Moscou, facilitou sua entrada no Partido Conservador e em outros círculos parlamentares de direita.

Burgess mirou vários parlamentares bissexuais e homossexuais conhecidos por frequentarem o Café Royal, um famoso bar que havia visto passar Oscar Wilde e Lord Alfred Douglas. Uma de suas conquistas mais bem-sucedidas foi o parlamentar conservador Harold Nicolson, que se tornou seu anjo da guarda. O casal jantava regularmente no Reform Club, um respeitável estabelecimento britânico que viria a se tornar um alvo importante da subversão soviética. Nicolson era casado e tinha filhos, mas aparentemente sentia a necessidade de ter relacionamentos homossexuais para apimentar sua vida.

Burgess prestou serviços, pelo que foi recompensado com contatos mais influentes dentro do Parlamento e do Foreign Office, entre os quais Sir Joseph Ball, diretor de pesquisa do Partido Conservador, Archibald Clark Kerr (Lord Inverchapel), homossexual casado que possuía uma vasta coleção de pornografia homossexual, e um valet soviético chamado Evgueni Yost.

Archibald Kerr foi embaixador da Grã-Bretanha nos Estados Unidos de maio de 1947 a maio de 1948 e se tornou tanto o pior inimigo quanto a antítese de J. Edgar Hoover[175].

Foi através de homens influentes como Rothschild, Nicolson e Ball que Burgess conseguiu infiltrar a Anglo-German Fellowship (confraria anglo-alemã pró-fascista) criada por Hitler para melhorar as relações entre a Inglaterra e a Alemanha e promover uma aliança entre os dois países contra a União Soviética. Essa confraria era presidida por Charles Edward, duque de Saxe-Coburgo-Gota, que havia estudado em Eton. Contava em seu número com influentes aristocratas ingleses que nutriam simpatias pela Alemanha.

Embora não tenha conseguido um cargo no escritório central do Partido Conservador, Burgess conseguiu se tornar secretário e "assistente pessoal" do parlamentar conservador John Robert MacNamara, conhecido entre os amigos como "Captain Jack". Esse ex-guarda de trinta e dois anos, homossexual e membro da confraria, logo se deixou seduzir pelos encantos de Burgess. Seu caso acabaria por levar a outra conquista de Burgess, a do Venerável J.H. Sharp, arcebispo anglicano para a Europa do Sul-Oriental[176]. Na primavera de 1936, Burgess acompanhou MacNamara, Sharp e Tom Wylie, um jovem funcionário do Ministério da Guerra, em uma viagem pela Renânia organizada pelo Conselho de Relações Exteriores da Igreja da Inglaterra. Eles foram encarregados de acompanhar um grupo de estudantes pro-fascistas até um campo das juventudes hitleristas[177].

Durante uma parada em Paris, "Captain Jack" apresentou Guy a Édouard Pfeiffer, um próximo de Édouard Daladier, futuro Primeiro-Ministro da França. Segundo Costello, "Como amante da decadência homossexual, Pfeiffer não tinha poucos rivais, mesmo em Paris. Exercendo responsabilidades no movimento escoteiro francês, ele dedicava sua vida privada a seduzir jovens" [178]. Os dois homens se tornaram íntimos, e Pfeiffer fazia visitas a Burgess em Londres quando este se encontrava na cidade, relata Costello. Em 1938, quando Pfeiffer obteve um cargo elevado no governo de Daladier, Burgess conseguiu obter informações sensíveis sobre a posição do Gabinete francês em relação à Alemanha nazista[179].

O rico americano Michael Straight, outro "Apóstolo" recrutado por Blunt, lembrou que, durante um jantar com Burgess, este lhe disse que acompanhava todas as noites Pfeiffer e dois membros do Gabinete francês a um bordel masculino em Paris. "Eles cantavam e riam, dançavam em torno de uma mesa à qual estava amarrado um menino nu, que eles batiam com chicotes de couro", escreve Straight[180].

À medida que Burgess desempenhava seus múltiplos papéis – mensageiro a serviço de Rothschild, toupeira soviética, neo-fascista, amante de homens influentes –, suas relações com o Homintern se desenvolveram rapidamente no continente. Da mesma forma, ele não parava de ampliar a lista que os soviéticos lhe encarregaram de manter sobre recrutamentos potenciais e pessoas influentes que poderiam ser sexualmente comprometidas[181].

Jackie Hewit, "poule" de Burgess e observador atento das operações do Homintern internacional, descrevia-o como "uma maçonaria intelectual gay"[182]. Ele o comparava aos cinco círculos entrelaçados do símbolo olímpico *[NdT: Detalhe curioso: o barão Pierre de Coubertin, pai dos Jogos Olímpicos modernos, era homossexual e neo-pagão]*. Segundo ele, "um membro de tal círculo conhecia um membro de outro círculo, e é assim que as pessoas se encontravam"[183].

Burgess infiltra o MI6

Em 1936, Burgess obteve um cargo de apresentador no programa "Talks", uma emissão de rádio semanal da BBC que incluía entrevistas com parlamentares[184]. Ele foi nomeado por George Barnes, seu ex-colega do King's College de Eton, que era o diretor adjunto do programa e de quem se cochichava que tinha ao mesmo tempo um "namorado" (Burgess) e uma "amante"[185].

Com a ajuda das ondas hertzianas britânicas, Burgess pôde assim promover a propaganda soviética, especialmente no que diz respeito à intervenção de Moscou na Guerra Civil Espanhola, que acabara de eclodir. Em ocasiões, ele trouxe Blunt para uma entrevista[186]. Através dos contatos que estabeleceu nesse cargo e de seus laços com o "clube de velhos amigos", Burgess conseguiu infiltrar, em 1939, os serviços secretos britânicos, especificamente a Seção D do MI6, embora ele tivesse sido preso pouco antes pela polícia metropolitana de Londres por solicitações homossexuais em banheiros públicos da estação de Paddington[187].

Dentro do departamento de propaganda europeia do MI6, uma de suas tarefas consistia em colaborar com os poloneses que os britânicos estavam treinando para sabotagem antes de enviá-los para a Polônia e a União Soviética. Rebecca West relatou que esses homens eram romanos católicos e anticomunistas extremamente corajosos, viris e piedosos, prontos para arriscar suas vidas por sua pátria. Ela estava furiosa com a ideia de que os britânicos os entregariam a um homossexual flamboyant e (talvez) a um comunista como Burgess[188]. Quanto a este último, ele costumizava meticulosamente os nomes deles em sua lista para Moscou. Após a guerra, essa lista se tornou uma verdadeira sentença de morte para muitos daqueles poloneses e seus familiares que foram repatriados atrás da Cortina de Ferro stalinista. Quando a Seção D foi desmantelada, em julho de 1940, Burgess ficou sem emprego, mas não por muito tempo.

Ele voltou à BBC e retomou seu trabalho como jornalista até junho de 1944, momento em que conseguiu um cargo no serviço de imprensa do Foreign Office. Foi então que teve a sorte de ver seu bom amigo parlamentar Hector McNeil tornar-se Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros no governo trabalhista. McNeil pediu que Burgess se tornasse seu secretário privado. Em 1946, quando McNeil assumiu o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros, ele manteve Burgess ao seu lado. Assim promovido ao mesmo tempo que seu chefe, Burgess serviu McNeil por mais dois anos, durante os quais teve acesso a quase todos os arquivos da segurança nacional britânica, bem como a segredos diplomáticos[189]. Ele aproveitou isso para comunicar aos soviéticos o texto integral dos relatórios de várias comissões parlamentares e documentos confidenciais do Ministério da Defesa[190].

Depois, ele passou para a Divisão do Extremo Oriente do Foreign Office, onde se meteu em problemas após uma farra homossexual muito regada durante uma missão oficial em Gibraltar e Tânger. Esse incidente vergonhoso deveria ter posto fim à sua carreira no governo, e provavelmente teria, se Burgess não fosse um protegido de Hector McNeil, que agora era

Secretário de Estado para a Escócia. Portanto, em vez de demiti-lo, os funcionários do Foreign Office preferiram promover Burgess. O "tipo problemático" foi rapidamente enviado para os Estados Unidos como segundo secretário da Embaixada Britânica em Washington, D.C., para servir sob o comando de Sir Oliver Franks, que havia substituído o homossexual Archibald Clark Kerr como Embaixador nos Estados Unidos.

Burgess permaneceu nesse cargo até maio de 1951. Ele foi então repentinamente chamado de volta à Inglaterra, depois do que "desapareceu misteriosamente" junto com seu colega espião Donald Maclean. Os serviços de segurança britânicos só voltariam a vê-los em 12 de fevereiro de 1952, quando reapareceram em Moscou durante uma conferência de imprensa organizada pelo KGB, ocasião em que proclamaram sua lealdade à União Soviética, denunciando não sem antes o imperialismo ocidental.

Os soviéticos sabiam que estavam assumindo riscos ao incluir Burgess no círculo de espiões de Cambridge, mas esse risco acabou se mostrando lucrativo. Durante os doze anos que passou no coração do Ministério Britânico dos Negócios Estrangeiros, Burgess tornou-se um dos espiões e agentes de influência mais produtivos de Moscou[191].

Ele conseguiu influenciar várias ações do Foreign Office em favor da União Soviética. Além disso, permitiu que o Kremlin adquirisse um conhecimento interno de todas as táticas e estratégias anglo-americanas[192].

Durante sua estadia nos Estados Unidos, Burgess transmitiu aos soviéticos informações vitais sobre as circunstâncias críticas do início da Guerra da Coreia[193]. Segundo Costello, Burgess levou toneladas de documentos à embaixada soviética em Washington, D.C., para serem fotografados. Os telegramas e a maleta diplomática serviram para transmitir outras informações valiosas a Moscou[194]. Desde a embaixada britânica nos Estados Unidos, Burgess forneceu aos soviéticos dados ultra-secretos sobre a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a pesquisa nuclear americana.

Dizem que, quando os agentes do MI5 chegaram ao apartamento de Burgess na New Bond Street para realizar uma busca, entre os objetos que ele havia deixado no local havia uma caixa contendo as cartas de seus antigos parceiros sexuais[195]. Burgess havia deixado ali uma mensagem para os serviços secretos britânicos, mas o MI5 não percebia nada.

As aventuras de Philby no exterior

Após o retorno de Philby à Inglaterra, no verão de 1934, sua vida como toupeira soviética (que tinha os nomes de código SÖHNCHEN, TOM e STANLEY) iria tomar um rumo algo diferente do caminho seguido por Burgess e Blunt.

O supervisor soviético de Philby havia decidido que o melhor modo de ele servir a Moscou seria trocar seu chapéu comunista por um fascista e iniciar uma carreira como correspondente de imprensa no exterior, onde pudesse utilizar seus talentos linguísticos.

Philby aceitou então um emprego mal remunerado como editor-assistente e colunista para uma publicação de esquerda "fichada", *Review of the Reviews*, enquanto fazia cursos de língua na London School of Oriental Studies[196]. Quando essa publicação deixou de circular, em 1935, a transformação de Philby de "homem de esquerda" em "homem de direita" era suficiente para lhe permitir ser admitido na Confraria anglo-alemã e aspirar ao cargo de editor-chefe de um novo jornal comercial anglo-alemão, aspiração que, no entanto, nunca se concretizaria[197].

Quando a Guerra Civil Espanhola eclodiu, em 1936, Philby recebeu sua credencial de correspondente de imprensa de vários jornais britânicos, incluindo o *London General Press*[198]. Ele partiu da Inglaterra em 3 de fevereiro de 1937, supostamente para cobrir as operações da frente como repórter, mas na verdade para organizar localmente o assassinato do general Francisco Franco, chefe da oposição ao Frente Popular[199].

No entanto, Franco não foi assassinado; mas, num irônico revés dos acontecimentos, Philby conseguiu se fazer condecorar com a cruz vermelha espanhola de mérito militar por atos de bravura, que Franco pessoalmente prendeu na peito do agente soviético[200].

Em 1939, quando explodiu a Segunda Guerra Mundial, Philby foi enviado ao corpo expedicionário britânico na França como correspondente de guerra experiente. Ele se esforçou para se colocar nas boas graças dos serviços britânicos, fornecendo informações valiosas sobre várias iniciativas alemãs, informações que o NKGB lhe havia fornecido precisamente para esse fim[201].

Embora a lealdade de Philby para com Moscou tenha sido afetada pelo Pacto de Não-Agressão germano-soviético e pelas purgas stalinistas que levaram à execução de alguns de seus antigos amigos do NKGB, ele permaneceu fiel ao comunismo e continuou em direção ao caminho que o tornaria um "mestre espião" a serviço da União Soviética.

Em julho de 1940, Philby ingressou na Seção D do SIS, onde estava sob os comandos de Burgess. Pouco depois, foi formada uma nova agência de sabotagem e subversão, a Special Operations Executive (SOE), que absorveu a Seção D. Burgess foi demitido, mas Philby permaneceu devido à influência do coronel Valentine Vivian, velho amigo de seu pai e agente de contraespionagem na Seção V. O SOE foi encarregado de realizar operações clandestinas contra os nazistas na Europa ocupada.

Em setembro de 1941, Philby foi designado para a Seção V do MI6, onde assumiu a responsabilidade das operações clandestinas de contraespionagem na Península Ibérica e nas ilhas do Atlântico[202].

Enquanto isso, ele havia transmitido aos soviéticos uma lista quase completa dos agentes do MI6 operando em todo o mundo, bem como os quadros e manuais organizacionais e operacionais globais do MI6[203]. Entre os relatórios mais bizarros, ou mesmo esotéricos, redigidos por Philby, havia um que abordava **as orgias homossexuais, a toxicomania e os rituais de feitiçaria ocorrendo na alta sociedade britânica[204]**.

No tocante à vida social, a estrela de Philby não parava de subir, como demonstra o convite que recebeu para se associar ao Athenaeum, um dos clubes mais prestigiados da Inglaterra, que era favorável a Whitehall e à elite clerical inglesa[205].

No verão de 1944, o espião soviético Kim Philby foi nomeado chefe de um novo serviço de inteligência, a Seção IX do MI6, encarregada do contraespionagem antisoviética! Com Philby em posições de destaque, as chances de interceptar espiões soviéticos eram praticamente nulas, a menos que o NKVD quisesse deliberadamente sacrificar alguns deles. Philby tornou-se um homem muito perigoso.

Em agosto de 1945, o coronel do KGB Constantin Volkov, novo cônsul da União Soviética na Turquia, foi à embaixada britânica em Istambul e pediu asilo em troca de uma compensação. Em troca, ele se ofereceu para revelar os nomes de dois espiões soviéticos posicionados no Foreign Office britânico (Burgess e Maclean) e de um membro do contraespionagem britânico (Philby), entre outras informações. Volkov foi detido enquanto membros da embaixada chamavam Londres. Os serviços de inteligência britânicos foram alertados acerca dessa defeção, e Steward Menzies, diretor do MI6, encarregou Philby de "interrogar" Volkov. Após alertar os serviços secretos soviéticos, Philby atrasou sua chegada à Turquia para dar ao SMERSH soviético tempo para sequestrar Volkov e trazê-lo de volta à URSS, onde Stálin ordenou sua execução[206]. O SMERSH é um acrônimo derivado de "smert’ shpionam" (morte aos espiões)[207]. Pouco após sua chegada a Istambul, Philby informou devidamente seus superiores no MI6 que o caso havia falhado.

Alguns meses depois, em 20 de novembro de 1945, Philby informou seus contatos no NKGB que Elizabeth Bentley, um dos principais agentes soviéticos na América, havia virado para o Ocidente e estava nas mãos do FBI[208].

Em agosto de 1949, após passar dois anos como chefe de estação na Turquia, onde o MI6 o havia designado para coletar informações soviéticas em relação a interesses britânicos de petróleo no Oriente Médio, Philby e seus patrões soviéticos vislumbraram sua primeira chance de dar um

grande golpe: Philby foi informado de que seria enviado para Washington, D.C., como agente de ligação do MI6 com a CIA e o FBI.

Antes de deixar Londres em direção à América, Philby recebeu informações detalhadas sobre o código VENONA, o segredo mais bem guardado dos serviços de inteligência aliados durante a Guerra Fria. Como o VENONA é frequentemente mencionado neste capítulo, uma breve explicação de sua história, escopo e importância deve ser útil ao leitor.

Em fevereiro de 1943, a Agência de Inteligência Eletrônica do Exército dos Estados Unidos (SSA) iniciou um projeto altamente restrito e secreto que mais tarde receberia o nome de código VENONA. O objetivo desse projeto era decifrar os telegramas diplomáticos soviéticos que o exército coletava desde 1939, ano em que Stálin e Hitler assinaram seu Pacto de Não-Agressão. Infelizmente, a complexidade do sistema de decodificação em duas partes só permitiu à SSA ler esses telegramas a partir de 1946, ou seja, *após* o fim da guerra. Somente então a SSA se deu conta de que, dos 750.000 telegramas interceptados, que se acreditava serem todos portadores de dados comerciais e diplomáticos banais, pouco menos da metade eram, na verdade, comunicados secretos soviéticos, ou seja, mensagens trocadas entre, por um lado, o NKVD (a polícia secreta soviética) e o GRU (o serviço de inteligência militar soviético), e por outro, seus agentes ativos nos Estados Unidos e no resto do mundo[209].

Hoje, sabe-se que antes mesmo de receber o relatório de Philby sobre o VENONA, os soviéticos tinham colocado uma toupeira na SSA. Seu nome era William Weisband, e ele era um agente do NKGB (nome de código ZHORA)[210]. Isso significa que, em 1949, os soviéticos já estavam mudando seu código. No entanto, eles não podiam fazer nada com os telegramas enviados antes da mudança, ou seja, entre 1940 e 1948. Contudo, esses telegramas revelavam os nomes de códigos de centenas de americanos que espionaram ou estavam espionando para a União Soviética antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial, e a maioria deles havia sido recrutada pelo Partido Comunista dos Estados Unidos[211].

Philby nos Estados Unidos

Uma vez que Kim e Aileen (Furse), a segunda de suas quatro esposas, se instalaram em sua magnífica residência em Washington, D.C., na 5228 Nebraska Avenue, essa casa se tornou famosa pelas brilhantes recepções que ali ocorria, onde os espíritos fluíam à vontade e compareciam agentes de alto escalão da CIA e do FBI (assim como suas esposas); esses convidados – ajudados pela intoxicação alcoólica – soltavam, ocasionalmente, informações preciosas que não eram perdidas nem para Philby nem para Moscou[212]. Entre aqueles que simpatizavam com Philby estava James Jesus Angleton, chefe de contraespionagem da CIA[213].

Em agosto de 1950, quando o *Foreign Office* britânico deixou Burgess nos Estados Unidos, ele se acomodou com Kim, Aileen e sua pequena família. Embora o comportamento repulsivo e o antiamericanismo de Burgess se tornassem lendários nos círculos da CIA e do FBI, sua imagem bem estabelecida de bêbado homossexual impedia que ele fosse identificado como um agente soviético. Ele simplesmente não correspondia ao perfil clássico do espião russo.

Em janeiro de 1951, durante uma recepção dada por Philby, Burgess chegou embriagado e sem ser convidado, e começou a desenhar uma caricatura obscena da esposa do convidado de honra, Bill Harvey, especialista em contraespionagem do FBI. Seguiu-se uma briga, e Libby Harvey deixou a recepção acompanhada de seu marido, que estava furioso. Harvey nunca se esqueceu do incidente, mas curiosamente, seu alvo de raiva se tornou Philby, e não Burgess[214]. Um convidado que ficou para a noite, o professor Wilfrid Basil Mann, um cientista britânico especialista em energia atômica, afirmou que na manhã seguinte viu Philby e Burgess na cama juntos, com uma garrafa de champanhe, mas, convenientemente, ele só relatou o incidente a Angleton, da CIA, um ano depois, quando Burgess já estava seguro em Moscou[215].

Enquanto isso, a traição continuava.

Desde 1946, Philby soubera que os serviços de inteligência britânicos desejavam executar operações clandestinas contra Stálin na Europa Oriental como parte da estratégia da Guerra Fria. Isso significava que, com os soviéticos, ele estava em posição de primeira fila para frustrar a invasão da Albânia, uma operação conjunta do SIS e da CIA. A série de trágicas desventuras que a guerrilha albanesa enfrentou entre 1949 e 1953 resultou em morte, prisão, tortura e detenção de trabalho forçado para milhares de albaneses[216].

Em setembro de 1949, pouco antes de partir para a América, Philby foi briefed pelo MI6 sobre os principais detalhes da missão albanesa, e não deixou de transmitir a informação a seus contatos soviéticos antes de deixar Londres. Os soviéticos, por sua vez, alertaram a Sigurimi (polícia secreta albanesa) e seus conselheiros russos de que os britânicos e os americanos planejavam enviar insurgentes albaneses anticomunistas para a Albânia[217].

De 1949 a 1951, Philby, atuando como “joint commander” (comandante das forças mistas) e agente de ligação para o American Office of Policy Coordination (OPC), o braço subversivo anticomunista do National Security Council (NSC) e o principal responsável pela missão ultra-secreta liderada na Albânia, forneceu aos soviéticos e à Sigurimi as identidades dos membros dos diversos comandos albaneses, os tipos de armas com as quais estavam equipados, além das datas e locais de seus desembarques. Quaisquer que fossem o lugar e o momento em que os insurgentes entravam na Albânia – por mar, por terra ou por paraquedismo – eles eram sempre esperados pela polícia secreta e pelas forças de segurança albanesas. Muitos desses voluntários – incluindo o lendário Zenel Kadrijal, capitão da guarda do rei da Albânia em exílio, Zog – foram abatidos no local ou julgados e condenados à morte por enforcamento, ou ainda encarcerados por no mínimo sete anos, quando não à prisão perpétua[218]. Seus familiares e amigos eram capturados para interrogatório. Alguns eram simplesmente executados, outros apodreciam na prisão ou eram enviados à Sibéria, onde muitos – incluindo crianças – morriam de desnutrição. Os americanos, então, perceberam que havia algo errado – algo chamado Philby.

Em junho de 1951, dois meses após o “desaparecimento” misterioso de Burgess e Maclean, Philby também foi chamado de volta a Londres. Apesar das repetidas exigências de Walter Bedell Smith, chefe da CIA, para que Philby não fizesse mais parte dos serviços de inteligência, e apesar das evidências acumuladas ao longo do tempo indicando que Philby era uma toupeira soviética, foi-lhe permitido entrar em semi-aposentadoria até 1953, ano em que foi redistribuído para outro cargo de inteligência. De forma bastante irônica, muitos de seus colegas no MI6 acreditavam que ele era vítima do “Macarthismo” e consideravam sua rebaixamento como uma injustiça.

Embora britânicos e americanos estivessem cientes de que sua missão albanesa havia sido comprometida desde o início, as operações clandestinas continuaram até 1953. Os resultados foram bastante previsíveis: os albaneses nunca mais confiaram no Ocidente; quanto aos serviços de inteligência britânicos e americanos, eles se lançaram em pesados recriminações mútuas. E, enquanto isso, Philby continuava suas atividades de espionagem em favor dos soviéticos, inclusive aconselhando-os sobre a evolução cotidiana do VENONA. Para ele, isso era rotina.

Anos depois, Philby frequentemente negava ter sido um “agente duplo”. “Toda a minha vida, eu trabalhei apenas para um único serviço de inteligência: o da União Soviética”, disse ele a Rufina, sua esposa russa[219].

Maclean, o diplomata inglês modelo

Quando deixamos Maclean, ele havia deixado Paris para voltar a Londres no início da Segunda Guerra Mundial. Chegou acompanhado de uma nova esposa e aguardou pacientemente uma nova posição que correspondesse à sua alta posição social. Sua paciência se mostrou recompensadora. Embora ele bebesse cada vez mais e fosse conhecido por suas relações homossexuais, seus vínculos com o "clube de velhos amigos" foram suficientes para que ele conseguisse reerguer-se[220].

Em 1944, Maclean precedeu Philby e Burgess nos Estados Unidos como primeiro-secretário de Lord Halifax na Embaixada Britânica. Em 1946, Lord Inverchapel, que era um dos protetores homossexuais de Burgess e que nutria opiniões claramente pró-soviéticas, substituiu o Embaixador Halifax. Os soviéticos não puderam acreditar na sua boa sorte! A nova posição de Maclean lhe daria (assim como a Stálin) acesso a todos os segredos militares, científicos, políticos e diplomáticos dos Estados Unidos, assim como dos países aliados durante o período crítico do pós-guerra. E Maclean não os desapontou.

Enquanto a Segunda Guerra Mundial chegava ao fim e a Guerra Fria se instalava, Maclean forneceu aos soviéticos todos os planos militares dos Estados Unidos na Europa. Ele revelou, em particular, que as tropas americanas se detiveram a leste do Elba, permitindo assim que os soviéticos chegassem primeiro a Berlim. Transmitiu aos soviéticos todas as comunicações telegráficas entre Churchill e Roosevelt, e depois entre Truman e Churchill. Informou que o VENONA tinha quebrado seu código de guerra e relatou todas as mensagens que haviam sido assim decifradas. Graças a ele, Stálin soube com antecedência quais seriam as posições aliadas nas conferências de Yalta e Potsdam e até onde poderia ir para solicitar concessões territoriais e políticas após a guerra, incluindo a repatriação forçada de milhares de cidadãos e soldados russos que haviam buscado abrigo no Ocidente. Assim, Stálin pôde se dar ao luxo de blefar à vontade em sua caminho para a vitória na Europa pós-guerra, pois sabia, graças a Maclean, que a bomba atômica ainda não fazia parte do arsenal militar dos Estados Unidos.

Em 1947, Maclean foi nomeado representante da Grã-Bretanha no Combined Policy Committee on Atomic Development, com pleno acesso às informações confidenciais da Armed Services and Atomic Energy Commission (AEC), tudo "sem escolta", privilégio que o próprio diretor do FBI (J. Edgar Hoover) foi negado. Mais tarde, ele forneceu aos soviéticos dados sobre as compras americanas de urânio no Canadá e no Congo Belga. Essas informações permitiram que os soviéticos soubessem aproximadamente quantas bombas atômicas os Estados Unidos estavam produzindo[221].

Em 1948, enquanto se preparava para retornar à Grã-Bretanha, Maclean continuou a comunicar aos soviéticos documentos ultra-secretos americanos e aliados, entre os quais os planos para a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), isto é, o pacto de defesa mútua na Europa ao qual doze países se uniram e foi criado em abril de 1949[222].

Quando Maclean retornou ao Foreign Office em Londres, foi nomeado chefe do Departamento Americano, onde continuou a acompanhar de perto as atividades da OTAN em nome da União Soviética. Em 1950, ele participou da formulação da política anglo-americana em relação à Guerra da Coreia. Foi ele quem informou a Stálin que os Estados Unidos haviam decidido não usar armas atômicas, exceto em circunstâncias extremas, informação que se revelou determinante para convencer a China a intervir neste conflito[223].

Quanto ao vazio deixado na inteligência soviética pela partida de Maclean para a Inglaterra, ele logo foi preenchido – como mencionado anteriormente – pela chegada de Philby, e depois de Burgess.

Na primavera de 1951, embora os agentes do FBI e da CIA tivessem informado os serviços de inteligência britânicos de que Maclean era uma toupeira soviética, ele e Burgess conseguiram escapar em direção a Moscou com o assentimento do SIS, que havia recebido ordens neste sentido de Whitehall (o governo), que por sua vez havia recebido um comando direto de Buckingham para não se opor à fuga dos dois traidores, **pois a família real não desejava um escândalo e um julgamento público.**

Philby, que também tinha sido alvo de suspeitas devido à sua longa associação com Burgess e Maclean, conseguiu se manter em seu posto por mais onze anos. Finalmente, em 23 de janeiro de 1963, enquanto estava em serviço em Beirute a serviço do SIS, também lhe foi permitido fugir para Moscou a bordo de um barco com destino a Odessa, no Mar Negro[224].

Blunt foi quem conseguiu se sustentar por mais tempo. Após a defeção de Philby, Youri Modine, o supervisor de Blunt, ofereceu-lhe uma passagem única para uma “vida confortável” no Paraíso Soviético dos Trabalhadores, mas Blunt cortou a conversa dizendo: “Certamente você pode também me garantir acesso total ao Palácio de Versalhes sempre que eu precisar ir lá a trabalho?”[225] Trabalhar para a União Soviética era uma coisa, viver lá era outra. Modin afirmou mais tarde que essa resposta o havia deixado “sem palavras”[226].

Na primavera de 1964, o SIS finalmente prendeu Blunt para submetê-lo a um interrogatório[227]. O governo britânico ofereceu ao espião imunidade em relação a qualquer acusação, sob duas condições: primeiro, que ele tivesse cessado de servir a União Soviética após a Segunda Guerra Mundial; Blunt mentiu e alegou que isso havia ocorrido; em segundo lugar, que ele concordasse em fornecer informações sobre os serviços que havia prestado aos soviéticos, o que ele nunca fez. Além disso, ele nunca expressou qualquer arrependimento por ter traído seu país[228]. Somente após receber a garantia de imunidade é que ele “confessou”. Em seguida, foi submetido a seis anos de longas e exaustivas entrevistas. **Blunt conhecia segredos bastante escuros da família real para estar a salvo de qualquer acusação. Ele recebeu, de fato, permissão para manter seu título e seu cargo como Curador da coleção de arte da Rainha, assim como a direção do Courtauld Institute até sua aposentadoria em 1972.**

O abafamento da “catástrofe Blunt” por Sir Roger Hollis, chefe do MI5, com pelo menos uma aprovação tácita, se não oficial, de Whitehall e da família real consistia, entre outras coisas, em garantir que muitos funcionários do gabinete continuassem ignorando a extensão da traição de Blunt e os danos que ele causou à segurança nacional[229]. Antes de deixar seu cargo em 1965, Hollis ordenou que fossem destruídas as centenas de horas de gravação do testemunho de Blunt e que fossem mantidos apenas relatórios sumários[230]. As severas leis britânicas sobre difamação ajudaram a manter a imprensa afastada de Blunt por algum tempo.

Youri Modine mais tarde expressou a opinião de que a Rainha Elizabeth quis abafar completamente o escândalo devido aos laços estreitos que Blunt tinha com seu pai, o Rei George VI. Segundo ele, ela teria concedido de forma *de facto* uma graça secreta a Blunt[231].

O público foi mantido à parte de toda essa história até 15 de novembro de 1979, quando a Primeira-Ministra Margaret Thatcher falou no Parlamento e confirmou relatórios da imprensa segundo os quais Blunt era o quarto homem do círculo de Cambridge. Um acalorado debate ocorreu em 21 de novembro de 1979. Somente então foi revogada a concessão de nobreza a Blunt. Ele faleceu de um ataque cardíaco em 26 de março de 1983, em sua casa de campo. Tinha setenta e cinco anos e era milionário.

Burgess, seu amigo mais próximo, teve tempos mais difíceis em Moscou.

Certa noite, enquanto Burgess vagava pelas ruas da cidade, vestido com seu tweed inglês à procura de prostitutas masculinas, ele perdeu "metade de seus dentes depois de ser espancado por um *stiliagui* soviético ansioso para mostrar ao rico *Angliski* o que homens de verdade fazem com *zvolotchi* como ele"[232]. Finalmente, os soviéticos forneceram a Burgess um amante fixo, mas isso não pareceu aliviar sua saudade de casa. Ele morreu de uma doença no fígado em 19 de agosto de 1963. Seu irmão mais jovem, Nigel, voou para Moscou para assistir ao funeral e retornou à Inglaterra com uma urna contendo as cinzas de Guy, que ele espalhou perto da igreja de St. John the Evangelist, em Hampshire, Inglaterra, onde se encontrava o jazigo da família[233].

Em 6 de março de 1983, Donald Maclean morreu de um ataque cardíaco em seu apartamento em Moscou. Ele tinha sessenta e nove anos. Maclean, o mais ideologicamente motivado dos espiões de Cambridge, também sentiu saudade de casa. Assim como Burgess, ele foi cremado, e suas cinzas foram trazidas de volta à Inglaterra para serem enterradas.

Philby teve um pouco mais de sorte em seu país de adoção. Assim como Burgess e Maclean, ele recebeu uma pensão vitalícia. O KGB o ajudou em seus escritos sobre o ofício de espião e lhe atribuiu um papel menor na inteligência. Em 1970, após um período doloroso marcado por alcoolismo, depressão nervosa e uma tentativa de suicídio, ele conheceu e depois casou-se com Rufina, sua quarta esposa, que estava ao seu lado quando ele morreu, em 11 de maio de 1988. Durante seu funeral no cemitério de Kuntsevo, a oeste de Moscou, que tradicionalmente era reservado para generais, seu caixão foi saudado por um destacamento de guardas do KGB, embora, como observa Modine, e ao contrário do que se dizia no Ocidente, Philby nunca foi promovido ao posto de general do KGB[234].

Victor Rothschild – O Elefante na Sala

Poderia parecer impossível, embora muitos escritores sobre o assunto realmente o tenham feito, começar um estudo sobre os espiões de Cambridge sem pelo menos examinar superficialmente o papel desempenhado por um de seus patronos mais íntimos e ativos – Victor Rothschild da famosa dinastia bancária Rothschild.

Nathaniel Mayer Victor Rothschild, quarto baronete e terceiro barão, nasceu em 31 de Outubro de 1910. De uma família de quatro filhos, era o único filho de Charles e Rozsika Rothschild dos Rothschild de Londres. Charles herdou a fortuna da família, mas não o título. Este foi para seu irmão mais velho, o excêntrico e solteirão Lionel Walter. Os dois irmãos preferiam a ciência ao banco – uma característica que Victor e sua irmã mais velha tinham em comum.

Victor, que não era particularmente próximo de seus pais, tinha apenas quatorze anos quando seu pai se suicidou em 12 de Outubro de 1923, após uma luta de seis anos contra a doença do sono, na época incurável.[xii]

Tornado-se um homem, Victor adotou os sentimentos de um judeu não praticante e pró-sionista do clã Rothschild, que se dedicava ao estabelecimento de um Estado judeu na Palestina, assim como a vários outros projetos revolucionários de sua preferência.[xiii]

Vindo de Harrow, Rothschild ingressou no Trinity College de Cambridge. Mais tarde, foi eleito como *Fellow of Trinity*. A ciência, e particularmente a zoologia, era seu passatempo, e ele era tão bom nela quanto no críquete.

Em Cambridge, seu tutor de francês ocasional não era outro senão o jovem e gentil Anthony Blunt.[xiv] Assim como Blunt, Victor era um *Apostole* escolhido, embora a Sociedade geralmente recusasse jovens homens da ciência, independentemente de seu talento. Foi também no ano em que alguns espectadores sugeriram a Rothschild que ele se tornasse membro do Partido Comunista Britânico, um segredo que ele supunha desconhecido por sua família, embora se pergunte por que ele se preocupava com isso.[xv] Sabendo que ele contratou o agente do Komintern Rudolf "Rolf" Katz como escritor fantasma de Burgess, não há dúvida de que Rothschild tinha um relacionamento próximo com as redes comunistas do continente e dentro do Movimento Sionista.[xvi] Para memória, em 1940, Katz foi expulso da Inglaterra "por ter tido contatos homossexuais com pessoal naval britânico", relata Costello.[xvii]

Também se relata que ele trabalhou em estreita colaboração com a Haganah, uma força de resistência sionista clandestina e rede de espionagem secreta – o precursor do Central Institute for Intelligence and Special Duties (Mossad Letafkidim Meouychadim), comumente conhecido como Mossad, ao qual se diz que Rothschild foi posteriormente vinculado.[xviii]

O triunvirato de espionagem de Rothschild foi completo quando ele obteve um posto na Unidade de Espionagem Comercial da Seção B do MI5.

Victor ajudou Burgess a conseguir um posto no MI6 e, mais tarde, Burgess, graças à sua amizade com o Diretor Delegado Guy Liddell, ajudou Rothschild a obter um posto no MI5. Victor estava ciente dos avanços do projeto Enigma em Bletchley Park através de sua irmã mais velha, Miriam, que lá trabalhava. Sua segunda esposa, Teresa "Tess" Georgina Mayor, também trabalhava para os serviços secretos britânicos.

De ano em ano, Victor Rothschild tornou-se um visitante regular de todos os escritórios dos serviços secretos britânicos e bebeu e jantou com todos os Diretores e Diretores Adjuntos do MI5 e do MI6, incluindo Guy Liddell em sua mansão em Tring Park, assim como com uma variedade de primeiros-ministros passados ou presentes, membros da Administração, do Parlamento, da família Real e, naturalmente, espiões de Cambridge. Após a guerra, em 1948, a mansão Rothschild de Whaddesdon Hall, em Hertfordshire, foi usada pelos serviços secretos britânicos para analisar mais de 400 toneladas de documentos provenientes do Centro de Documentos Aliados em Berlim.

Com recursos financeiros ilimitados e relações sociais, científicas e políticas ilimitadas, havia poucos segredos de Estado aos quais Rothschild não tinha acesso, poucas portas nos corredores do poder que estavam fechadas para ele.

Como mencionado anteriormente, Rothschild manteve seu querido amigo e colega *Apostole* Burgess ao seu lado e o utilizou, junto com Blunt, como mensageiros no continente. Victor apresentou Burgess a Robert Vansittard, um subsecretário do Foreign Office que servia como guardião do MI6.[xix] Ele também organizava as estadias de Guy em círculos políticos "Conservadores", especialmente aqueles que tinham relações com os nazistas. Foi Rothschild quem recomendou Blunt para uma posição no MI5 e Kim Philby para um posto na Seção D do MI6. Quando Kim Philby estava em Paris, ele se hospedava na casa Rothschild da avenida Marigny.[xx] Quando Philby redigiu sua lista original de possíveis agentes do Komintern, naturalmente o nome de Victor estava nela.[xxi]

A casa Rothschild na 5 Bentinck Street, onde Burgess e Blunt moravam, era um paraíso para chantagistas.[xxii] Todo revolucionário de respeito passou por lá em algum momento.[xxiii] O famoso escritor de Cambridge e convertido ao catolicismo, Malcolm Muggeridge (1903-1990), cuja esposa Kitty era parente dos Maiores, visitou um dia o apartamento no subsolo de Rothschild e disse que a companhia de "intelectuais deslocados" cheirava a "decadência e dissolução".[xxiv] "Muggers" ficou particularmente chocado com Guy Burgess, que considerava um "leproso moral".[xxv]

Após a guerra, Muggeridge, que havia servido no Intelligence Corps do exército, estava em Paris e participava de uma recepção dada por Victor em sua mansão na avenue Marigny. Ele contou que havia levado seu anfitrião e outro convidado, Kim Philby, a uma discussão sobre a validade da decisão de Churchill de excluir Stálin das informações vitais de Enigma (Stálin já tendo acesso à maioria). Muggeridge, que era um dos poucos escritores britânicos a falar sobre as purgas de Stálin e as fomes subsequentes, dizia que não se podia confiar no ditador. Victor e Kim, que haviam bebido bastante, sustentavam que os soviéticos deveriam ter acesso total a todas as mensagens alemãs decodificadas.[xxvi]

Entre o momento em que Burgess e Maclean foram para Moscou em 1951 até a fuga de Philby para Moscou e a descoberta de Blunt como espião de Cambridge, Rothschild foi interrogado nada menos que 11 vezes pelos serviços secretos britânicos e até mesmo pela Brigada de Crimes Graves de Scotland Yard. Assim como no caso de Blunt, essas "trocas" não resultaram em nada.

Segundo o ex-agente do MI6 James Rusbridger, Peter Wright e uma outra fonte do MI5, Rothschild recebeu em 1962 informações que acabaram "no lugar errado", ou seja, na KGB na Embaixada Soviética em Londres. Mas, como a maioria das provas contra Rothschild, isso foi considerado acessório. Para concluir, Victor Rothschild evitou o escândalo, mas permaneceu, pelo resto de sua vida, suspeito de ter sido o "Quinto Homem" do grupo de espionagem de Cambridge.[xxvii]

Os Malefícios do Espionagem Britânica Continuam

Entre 1951, quando Burgess e Maclean se refugiaram em Moscou, e 1979, quando Blunt foi publicamente denunciado como espião soviético, o Reino Unido foi atingido por uma sequência de escândalos de espionagem que sugeriam que Whitehall[235] e os serviços secretos britânicos permaneciam "criminalmente negligentes". Quase todos esses casos estavam relacionados à Defesa Nacional.

Em primeiro lugar, houve o caso de espionagem de Portland, que envolveu Konon Trofimovitch Molody, alias Gordon Lonsdale, um agente soviético operando em Londres, e sua equipe de espiões; Harry K. Houghton, um funcionário da Marinha com riscos de segurança conhecidos, que foi designado em 1952 para o projeto britânico top secret de submarino nuclear na base de Portland, e sua amante (e, mais tarde, esposa) Ethel Gee, que tinha um certificado de alta segurança na base. Um desertor polonês da CIA, Michael Golenewski, identificou Houghton como espião. Isso resultou na prisão, julgamento e condenação de Lonsdale, Gee e Houghton, bem como de Helen e Peter Kroger, alias Morris e Lona Cohen, uma equipe de comunicação do KGB que também havia operado nos Estados Unidos.[xxviii]

O próximo espião soviético a fazer sua estreia pública foi George Blake. Blake, que se identificava como um judeu holandês "cosmopolita", era um oficial de carreira do MI6 cujo pai havia lutado pelo Reino Unido durante a Primeira Guerra Mundial. Blake estava em treinamento como oficial na Reserva da Marinha Real quando suas habilidades linguísticas excepcionais chamaram a atenção do SIS, embora, como observou Rebecca West, houvesse evidências suficientes de seus vínculos comunistas para contestar sua nomeação ao MI6.[xxix]

Inicialmente, Blake foi encarregado de espionar os russos na Alemanha Oriental. Ele foi então enviado de volta a Londres para aprender russo em Cambridge. Sua próxima designação foi a direção do escritório do MI6 na Coreia do Sul, onde Blake decidiu "mudar de lado" e trabalhar para o grande ditador humanitário Staline. Isso foi em 1951. Blake afirmava que "seria melhor para a humanidade se o sistema comunista prevalecesse".[xxx] Foi nesse momento que se formou o mito midiático de que ele havia sido "lavado cerebral" para se tornar um espião soviético.

As referências de Blake ao MI6 lhe garantiram um assento nas negociações anglo-americanas do Túnel de Berlim – um projeto audacioso projetado para garantir as comunicações militares de alto nível soviéticas e da Alemanha Oriental. Isso significava que os soviéticos estavam cientes dos esquemas elaborados e caros das operações Gold (Berlim) e Silver (Viena) nas fases iniciais de concepção. No entanto, a maior contribuição de Blake para a causa comunista estava nas informações que ele forneceu sobre os agentes do MI6 e as operações globais, que resultaram na

morte de 600 agentes britânicos e americanos e de seus contatos e informantes.[xxxi]

As pistas resultantes do colapso da célula Lonsdale levaram posteriormente à captura de Blake e sua condenação a 42 anos em 3 de maio de 1961 – a pena de prisão mais longa imposta por um tribunal britânico. Sua encarceramento foi de curta duração quando, em 1966, um grupo de "ativistas da paz" o ajudou a escapar da prisão de Wormwood Scrubs para Moscou, onde ele se juntou posteriormente a Lonsdale, que havia sido trocado pelos britânicos por um de seus espiões empresários. Embora parecesse satisfeito com o tratamento que os soviéticos lhe deram em Moscou, Blake nunca obteve um cargo no KGB. Além do fato de que Ethel Gee estava obcecada por um homem e presa a um Houghton maduro e comprometido, que tinha uma amante polonesa enquanto estava em serviço na embaixada britânica em Varsóvia no início de sua carreira naval, o sexo não parece ter desempenhado um papel maior nos episódios de espionagem de Lonsdale ou Blake. No entanto, esse estado de coisas mudou rapidamente com os casos de "sexpionagem" de Vassall e Profumo que se seguiram rapidamente a essas revelações.

John Vassall - A "Miss Mary" da Marinha

William John Christopher Vassall, nascido em 20 de setembro de 1924 em Londres, vinha de um sólido meio anglicano. Seu pai era um clérigo anglicano, e seus pais tinham raízes na alta sociedade, mas sem a riqueza que geralmente a acompanhava. Isso pode explicar a vaidade pessoal e o snobismo do jovem Vassall, bem como sua necessidade insaciável de ascensão social, o que o levava a se insinuar entre os ricos, as celebridades e os poderosos. Ele era um jovem ambicioso, uma "bicha" efeminada cheia de charme, com uma variedade de interesses, talentos e habilidades sociais.

No entanto, sem título ou fortuna, ele foi forçado a começar sua carreira profissional na base da escada. Seu primeiro trabalho como funcionário foi um emprego de nível II e fotógrafo para a Royal Air Force. Mais tarde, ele ingressou na Marinha, trabalhando por um tempo no *War Registry*, o centro de comunicações da Marinha.[xxxii]

Em sua vida privada, ele era um parceiro muito sofisticado na coterie homossexual da classe alta. Eventualmente, Vassall viajava ao exterior na companhia de ricos homossexuais, trocando de um para o outro de forma semelhante a como Burgess passava Jack Hewit para seus influentes associados.[xxxiii] Vassall acreditava que seus "olhos de quarto" e sua aparência de garoto ousado atraíam os homens para ele.[xxxiv]

Em 1954, para a grande surpresa de seus amigos, Vassall anunciou que aceitava um cargo como funcionário no escritório do adido naval em Moscou – um emprego considerado uma afronta em um país onde a sodomia era um crime passível de punição. Na verdade, sua designação em Moscou trouxe para Vassall uma nova fonte de rendimento, além de algumas grandes oportunidades de sexo.

Nos dias que se seguiram à sua chegada a Moscou, o KGB foi alertado sobre o potencial de espionagem de Vassall. O informante era muito provavelmente Sigmund Mikhailsky, um polonês e agente do KGB que trabalhava disfarçado, em um sentido literal e figurado, na embaixada britânica como um faz-tudo, fornecedor de favores heterossexuais e homossexuais. O empreendedor Sigmund é conhecido por ter sido treinado no centro soviético de "sexpionagem" de Verkhonoye.[xxxv]

Os britânicos sabiam, naturalmente, que Mikhailsky era uma fonte – virtualmente todos os funcionários fornecidos pelos soviéticos às embaixadas estrangeiras eram – e haviam advertido a equipe contra relações pessoais com eles. Vassall ignorou completamente os avisos e rapidamente tomou Mikhailsky como amante. Apesar de uma Miss Wynne ter enviado um relatório à

administração da embaixada afirmando que Mikhailsky lhe havia confidenciado que Vassall era um de seus quatro alvos designados, o caso pode continuar sem interrupções. Havia também evidências de que Vassall mantinha relações sexuais com outro diplomata de uma embaixada diferente em Moscou.[xxxvi]

Os soviéticos aguardaram o inverno de 1955 antes de finalmente "fechar a armadilha". O general Oleg Gribanov, então chefe do Segundo Conselho do KGB, foi encarregado da "armadilha" de Vassall. Esse fato, por si só, indica a importância que os serviços secretos soviéticos atribuíam a Vassall.

O KGB filmou Vassall embriagado em flagrante delito com vários homens durante uma festa organizada por Mikhailsky no hotel Berlin.[xxxvii] Em seu julgamento, Vassall repetiu que os soviéticos o ameaçavam com a anulação de sua imunidade diplomática e o encarceramento se ele não cooperasse com eles. No entanto, as declarações de Vassall não estavam de acordo com seus antecedentes, que demonstravam claramente que ele traía seu país voluntariamente, com grande habilidade e entusiasmo. As fotos de suposto chantagem apresentadas por Vassall em seu julgamento foram consideradas forjadas. A cabeça de Vassall sempre estava visível. O cenário mais provável é que os soviéticos conseguiram Vassall apelando para sua vaidade, alimentando seus ressentimentos e oferecendo dinheiro vivo. O KGB deu a Vassall o codinome MISS MARY.

Vítima ou não de chantagem, Vassall rapidamente começou a deslizar documentos ultrassecretos do escritório do Adido Naval para sua pasta, para que fossem fotografados pelos soviéticos e em seguida devolvidos aos arquivos na manhã seguinte. Ninguém na embaixada parece ter notado que o estilo de vida de Vassall se tornara, de repente, luxuoso. Assim, sua espionagem diária na embaixada britânica em Moscou continuou até julho de 1956, quando ele voltou a Londres e foi designado para um novo posto na Divisão de Inteligência da Marinha.

Em 1958, Vassall foi nomeado assistente no secretariado privado do Sr. Thomas G.D. Galbraith, o Civil Lord da Marinha e membro do Parlamento pela Divisão de Hillhead de Glasgow.[xxxviii] O fluxo de informações secretas para os soviéticos continuou, incluindo relatórios de pesquisa provenientes do Estabelecimento de Pesquisa de Armas Submarinas da Marinha em Portland.[xxxix]

Em outubro de 1959, Vassall obteve uma promoção substancial na Seção de Frota do Ramos Militar II. Os soviéticos haviam encontrado uma mina de ouro! Vassall agora tinha acesso a segredos de alta importância sobre a Frota Britânica e a OTAN, incluindo informações sobre a frota da Marinha em todo o mundo, seus sistemas de comunicações e operações navais, e os mais recentes avanços em sistemas antissubmarino e tecnologia de radar.[xl] Vassall também forneceu aos soviéticos detalhes sobre os últimos desenvolvimentos dos porta-aviões da classe Invincible da Royal Navy.

Agora, Vassall havia se tornado tão experiente em sua profissão que conseguia fotografar os milhares de documentos ultrassecretos que levava para casa, o que diminuía o tempo necessário para a transmissão do material ao Centro do KGB na 2 praça Dzerzhinsky em Moscou.

Ao mesmo tempo, ninguém na Marinha se perguntava como Vassall conseguia se permitir um caro apartamento em Dolphin Square, maravilhosamente decorado com móveis de época de alto valor.

Também não se questionava como ele conseguia se dar ao luxo de custos sob medida, sapatos e acessórios com seu modesto salário de funcionário.[xli]

Infelizmente para Vassall, em 1961, os serviços secretos britânicos foram colocados em "alerta vermelho" por um desertor soviético, o major Anatoli Golitison, que reportou que havia uma fonte no escritório da Marinha em Londres.[xlii] Dezoito meses depois, em setembro de 1962, Vassall foi preso por oficiais da Special Branch sob acusações de espionagem, depois de ser surpreendido saindo de seu escritório com uma maleta cheia de documentos secretos. Quando seu apartamento foi revistado, os oficiais de inteligência descobriram 176 documentos ultrassecretos escondidos em uma gaveta secreta de sua escrivaninha, juntamente com um sofisticado equipamento fotográfico. Ao contrário dos espiões de Cambridge, Vassall fez uma confissão completa, que incluía uma declaração de que ele foi levado a espionar para os russos porque sentia que suas habilidades eram subestimadas por seus superiores.

Durante seu julgamento, Vassall jogou sua carta de "chantagem" e, por coincidência, tinha as fotografias mencionadas anteriormente para comprovar isso. Ele então apelou à piedade do tribunal, mas o juiz estava mais impressionado com sua conta bancária substancial, que mostrava que a velha ganância era o verdadeiro motivo por trás da carreira de espionagem de Vassall.

Durante as audiências, foi revelado que um correio em atraso dos Serviços de Inteligência da Marinha poderia ter impedido o "teste positivo" de Vassall. Uma das cartas de recomendação encontrada em seu arquivo vinha de uma amiga de certa idade, sugerindo que o jovem não parecia interessado no sexo oposto, mas essa alusão às tendências homossexuais de Vassall aparentemente passou despercebida pelos avaliadores em Whitehall. No trabalho, seu comportamento desleal e covarde fosse objeto de risadas e comentários, mas não de suspeita.

A única contribuição da Fleet Street[236] foi ofuscar a verdade ao descrever Vassall como uma "bicha" volúvel, "uma gay covarde" e um "perfeito idiota", esquecendo naturalmente que, durante sete anos, esse "perfeito idiota" havia, nas palavras de Rebecca West, "todas as noites tranquilamente percorrido o caminho de Whitehall até seu apartamento em Dolphin Square, com um envelope cheio de documentos secretos em seu casaco, passando as noites meticulosas e competentes fotografando-os com precisão para o governo soviético, e de novo, todas as manhãs, tranquilamente percorrido o caminho até Whitehall e a Marinha, levando cinco minutos meticulosos e competentes para devolver os documentos a seus arquivos".[xliii]

Pesquisas posteriores revelaram que, na *Military Branch* onde Vassall trabalhava, os armários de segurança se abriam com chaves comuns e que o material altamente classificado não estava separado ou armazenado em ambientes mais seguros.[xliv] Vassall tinha seu próprio conjunto de chaves. Os agentes de segurança posicionados nas entradas dos escritórios raramente faziam verificações aleatórias nos 9.000 funcionários que passavam pelas portas da Marinha todos os dias.[xlv]

No final, Vassall foi declarado culpado de violação da *Officials Secrets Act* e condenado a 18 anos de prisão pelo Presidente da Alta Corte, mas foi liberado condicionalmente após apenas dez anos. John Vassall morreu em 18 de novembro de 1996.

Inevitavelmente, a questão das responsabilidades foi levantada. Após a bomba de espionagem Burgess, Maclean e Philby, o público estava convencido de que Vassall era protegido por algum(s) oficial(is) influente(s) em Whitehall. O partido Trabalhista de oposição, cuja derrota do espião Vassall foi um dia de sorte política, sugeriu que Lord Peter Carrington, o Primeiro Lord da Marinha, deveria renunciar.

A administração Kennedy interveio na questão Vassall, sugerindo ingenuamente que o Primeiro-Ministro Harold Macmillan demitisse todos os homossexuais conhecidos relacionados a cargos governamentais vinculados à defesa e segurança nacional. Macmillan, ciente do grande número de homossexuais de alto escalão em Whitehall, no Foreign Office e nos Serviços de Inteligência Britânicos, respondeu que não se rebaixaria a métodos à la McCarthy.

No entanto, o Primeiro-Ministro Macmillan nomeou a contragosto um Tribunal formal liderado por Lord Radcliffe, Presidente da Corte de Apelação, para conduzir uma investigação aprofundada sobre as circunstâncias em que os delitos de Vassall foram cometidos, bem como sobre outras alegações envolvendo ministros, oficiais da marinha e funcionários civis que supostamente estariam relacionados ao caso.[xlvi] Especialmente interessantes foram as 23 cartas de Galbraith encontradas nos pertences de Vassall, redigidas em 1957. Por que um Ministro da Coroa teria correspondência privada com seu secretário assistente?[xlvii]

No entanto, o principal interesse do Tribunal parecia ser rastrear duas matérias de jornal sobre o caso Vassall que afirmavam 1) que Vassall tinha dois protetores na Marinha que tinham encoberto dois elementos importantes do processo de verificação e 2) que Vassall às vezes usava roupas femininas durante excursões no West End.[xlviii] Quando Reg Foster, do *Daily Sketch*, e Brendan Mulholland, do *Daily Mail*, que redigiram os artigos originais, se recusaram a revelar suas fontes, Foster foi condenado a seis meses de prisão e Mulholland a três meses por desobediência ao tribunal.

Logo, as coisas voltaram ao normal no Old Boys' Club.

Macmillan e seu governo conservador conseguiram sobreviver ao escândalo Vassall, sendo apenas derrubados pelo Caso Profumo que se anunciava nos bastidores. O escândalo sexual de 1963, amplamente divulgado, não envolvia homossexualidade, ao menos não de forma direta. No entanto, incluí um breve resumo que irá familiarizar o leitor com o Dr. Stephen Ward, que, como Peter Montgomery, mencionado anteriormente com seu amante Anthony Blunt, estará em destaque no final deste capítulo sobre os laços do Vaticano com os espiões de Cambridge.

O Escândalo Profumo – Proxenetas, Garotas de Programa e Espiões

Na sua versão amplamente divulgada, era basicamente a história de uma garota encontrando um cara com uma grande complicação. O "cara" era o muito casado, muito distinto, graduado de Harrow-Oxford e ex-MP, John "Jack" Profumo, o Secretário de Estado da Guerra Britânica. A "garota" era uma jovem e bonita modelo e prostituta parcial chamada Christine Keeler, que vinha dos círculos do socialista-osteopata-proxeneta bem conhecido Dr. Stephen Ward. E a "complicação" era o capitão Yevgeny "Eugène" Ivanov, um oficial do GRU (Serviço de Inteligência Militar Soviético) que se fazia passar por adido naval na embaixada soviética em Londres. Keeler também era amante de Ivanov. O caso inteiro provavelmente teria sido varrido para debaixo do tapete, como tantos outros casos envolvendo figuras importantes do *Establishment* com garotas muito mais jovens, se Profumo não tivesse cometido o erro imperdoável – não de ter cometido adultério e talvez colocado a segurança nacional em perigo – mas de ter negado os fatos em um discurso na Câmara dos Comuns.

Profumo foi forçado a se retirar em desgraça, mas fez questão de preservar um pouco de amor próprio ao dirigir uma obra de caridade no East End, por isso a Rainha lhe concedeu uma das mais altas distinções nacionais, como Comendador do Império Britânico. Keeler recebeu nove meses de prisão por uma acusação de perjúrio sem relação, além de toneladas de publicidade e vários contratos com tabloides para revelar sua "história". Ivanov foi chamado de volta a Moscou, após conseguir derrubar o governo de Macmillan, e nunca mais se ouviu falar dele.

Stephen Ward, que apresentara Profumo a Keeler, pagou a maior conta. Diz-se que ele se suicidou em circunstâncias suspeitas no dia 30 de julho de 1963, último dia de seu julgamento por proxenetismo. O Establishment Britânico pôde dormir muito melhor à noite, sabendo que o guardião de seus segredos sombrios estava morto.

Enquanto a titilação do Caso Profumo se apagava e o caso Vassall se tornava distante, Philby havia se escondido em Moscou, enquanto Blunt continuava a passar livremente pelas portas do Instituto Courtauld.

Os Espiões de Cambridge – O Balanço

É impossível discernir qual dos espiões de Cambridge foi mais importante para os soviéticos ou causou mais danos aos interesses nacionais da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e de seus aliados. Cada um, em seu próprio campo, contribuiu para a destruição em massa dos serviços de inteligência do Ocidente, que sofreu uma hemorragia de mais de 30 anos. Não há dúvida hoje de que, para Stálin, virtualmente todos os serviços de inteligência da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos eram um livro aberto.[xlix]

O balanço é claro. Os soviéticos estavam cientes de cada operação de inteligência importante conduzida contra eles entre 1945 e 1963. Eles souberam (antecipadamente) cada movimento dos alemães durante a guerra graças à sua infiltração em Bletchley Park, onde os especialistas britânicos em códigos quebraram o código da máquina alemã Enigma. Eles conheceram a data exata do desembarque – um segredo que Churchill tentou ocultar de Stálin. Eles tinham acesso a toda comunicação eletrônica textual entre Roosevelt e Churchill, e mais tarde entre Truman e Churchill. Os cientistas soviéticos tinham dados suficientes para construir uma bomba atômica. Stálin conhecia as pautas diplomáticas de todas as conferências dos Quatro Grandes sobre a Europa pós-guerra, e assim por diante, graças aos espiões de Cambridge.

Os espiões de Cambridge não apenas enviaram à morte milhares de compatriotas, mas também americanos e outros membros das forças aliadas. Além disso, nenhum deles conheceu a forca por sua traição. Também nenhum passou um único dia na prisão. Whitehall fez o possível para tornar a vida de Burgess e Maclean em Moscou o mais financeiramente despreocupada possível ao atribuir aos traidores o "status de emigrante", que lhes permitia retirar libras esterlinas de suas contas privadas no Banco da Inglaterra através do Banco Estatal Russo.

Na verdade, as evidências estabelecem que Burgess, Maclean e Philby conseguiram escapar por trás da Cortina de Ferro para evitar um escândalo público. Se Whitehall e o Palácio de Buckingham tivessem querido apanhá-los, teriam conseguido. O relaxamento britânico em questão de segurança, mas a quem atribuir a culpa?

O famoso autor de romances de espionagem John le Carré, que, junto com Rebecca West e John Costello, compartilha uma visão realista dos traidores, certa vez chamou o MI5 e o MI6 de "santuários para rejeitados masculinos". No trabalho de inteligência, assim como em toda a vida política britânica, as posições de destaque e a ascensão rápida eram principalmente função da classe social. Havia muitos funcionários altamente qualificados no MI5 e MI6 que não eram corruptos, mas os postos elevados e as promoções rápidas eram privilégio exclusivo da classe dirigente britânica – líderes políticos, altos funcionários governamentais e membros influentes do

Parlamento. Que alguns fossem pederastas e/ou comunistas confirmados não importava.[l] Era um sistema que garantia que os serviços de inteligência britânicos se autodestruíssem, e foi isso que aconteceu com os espiões de Cambridge. O próximo passo foi tentar uma encobertação do Establishment para proteger o Old Boy's Club e esconder do público britânico a extensão dos danos causados à nação pelos espiões de Cambridge. O velho instinto de sobrevivência havia emergido. Em caso de suspeita de dificuldades, a regra era sentar-se firmemente, não dizer nada e esperar que o desastre se dissipasse; essa era a "Lei do Clube". Os soviéticos contavam com isso e não ficaram desapontados.[li]

Lições para a Igreja Católica

Além de oferecer um exemplo concreto do desenvolvimento e da colonização do "Homintern"[237] emergente no Ocidente durante a primeira metade do século 20, a traição da Grã-Bretanha e do povo britânico pelos espiões de Cambridge permite outros insights aplicáveis à atual situação da Igreja Católica Romana, que está ela mesma sitiada pelo "Homintern" clerical.

Como escreveu recentemente John Costello, "Se deve-se tirar uma lição da carreira de Anthony Blunt e de seus colegas conspiradores de Cambridge, é que a ética da conspiração e as motivações para trair não são simplesmente ideológicas, mas atemporais e sem fim".[lii]

A dissimulação dos horríveis crimes dos espiões de Cambridge pelo *Establishment* britânico difere tanto assim da dissimulação dos crimes perpetrados por clérigos e religiosos pedófilos e homossexuais pelos bispos americanos? O "Homintern" clerical católico não é capaz de infligir danos tão grandes à Igreja e aos fiéis quanto os espiões de Cambridge infligiram ao povo e ao governo britânicos sob a direção do Komintern comunista?

Embora o problema da infiltração do Vaticano e da Igreja Americana pelo comunismo como agente da ascensão do "Homintern" na Igreja seja tratado no Capítulo 18, "Precursores do Século Vinte", é bom fazer aqui algumas observações gerais baseadas na experiência de Cambridge.[liii]

Em primeiro lugar, nada de efetivo pode ser feito contra a Rede "Homintern" dentro da Igreja Católica Romana até que essa rede seja reconhecida e bem compreendida. "Subversão e traição de dentro", combinadas com um "ataque de fora", são uma receita perfeita para o desastre da Igreja, assim como foi para a Grã-Bretanha durante a era dos espiões de Cambridge.

O fato de que os seminários, o clero e as comunidades religiosas católicas constituem sociedades relativamente "fechadas" não garante que elas não possam ser efetivamente penetradas e colonizadas por forças hostis. Afinal, o Japão era uma sociedade relativamente "fechada" durante as décadas de 1930 e 1940, e, no entanto, foi efetivamente infiltrada por um dos maiores mestres espiões de Stálin, o russo de origem Richard Sorge. Seu grupo de espionagem japonês penetrou até os níveis mais altos da inteligência japonesa, que eram considerados impenetráveis por agentes estrangeiros.[liv]

Um controle cuidadoso é tão essencial para o sacerdócio católico e a vida religiosa quanto para os serviços de inteligência nacionais, e ainda mais, pois o que está em jogo para os primeiros é a eternidade. O atual escândalo de abusos sexuais na hierarquia católica e nas comunidades religiosas nos Estados Unidos e no exterior é uma demonstração amplamente evidente disso.

Assim como na ordem secular, a prevenção é o melhor remédio contra a desordem moral. Uma vez que o câncer da homossexualidade metastatizou um seminário ou uma casa religiosa, as medidas

paliativas geralmente são inadequadas para controlar o mal, e a instituição deve ser totalmente encerrada.

No entanto, como no caso específico do traidor de Cambridge, Anthony Blunt, um controle competente pode ser derrotado pela corrupção daqueles que exercem o poder e a autoridade máxima. Os bispos americanos têm sua própria versão do Old Boy's Club britânico – a Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (USCCB) – e, como está constituída atualmente, foi profundamente comprometida e corrompida pelo "Homintern".[lv] A rede homossexual na USCCB não funciona de maneira diferente da rede homossexual em Cambridge, Londres e Whitehall que possibilitou o grupo de espiões de Cambridge. O Old Boy's Club se protege.

Há uma semelhança entre o ódio de um traidor laico pelo Ordem Social e pela nação que o sustentou, e o ódio do sacerdote homossexual pela Igreja Católica Romana, com seus absolutos, restrições morais e representações de autoridade. Uma vez que o sacerdote ou religioso é absorvido pelo "Homintern", sua lealdade e sujeição a ele substituem toda e qualquer fidelidade anterior. Sua devoção à família e à fé é atenuada.

Como disse o padre Rueda, essa nova lealdade é capaz de dissolver efetivamente os laços que normalmente são mais fortes da filiação religiosa. Os sacerdotes e religiosos homossexuais não apenas trazem discórdia à Igreja em questões de moral sexual, como também usam a Igreja e seus recursos para disseminar os ensinamentos e a propaganda do "Homintern".[lvi]

Nem o Estado nem a Igreja podem se dar ao luxo de ignorar a presença do vício em seu seio. A classe alta britânica falhou em relação à violação da lei moral sobre a homossexualidade e pagou um alto preço por sua fraqueza. Da mesma forma, a Igreja não pode ser indiferente ao vício nas fileiras do sacerdócio e esperar permanecer imune às consequências de suas ações.

As façanhas pérfidas dos espiões de Cambridge levaram a uma hemorragia massiva de informações em direção aos soviéticos e a enormes danos aos interesses nacionais britânicos. As ações traiçoeiras de pedófilos e homossexuais clericais na Igreja resultaram em uma hemorragia massiva de confiança na Igreja e um sentimento de traição no coração de cada leigo ou sacerdote católico fiel.

Mais encore plus nocivo que os atos imorais de um punhado de hereges na vida religiosa e no sacerdócio foi a dissimulação desses traidores da fé pela hierarquia americana, incluindo alguns deles em seus próprios antigos. Assim como o traidor laico, o bispo homossexual pedófilo deveria ser condenado como um pária moral por seus colegas bispos e ser desprezado e ostracizado por eles. Por fim, o Vaticano deveria retirar do bispo culpado qualquer posição de autoridade, sendo este defenestrado e reduzido ao estado laical.

Dama Rebecca West, comentando sobre os sentimentos geralmente associados a traidores como os espiões de Cambridge, observou que "todos *sabiam* que eles eram comunistas, mas muito poucas pessoas realmente *acreditavam* nisso", dizia ela. Para muitos, continuava West, "o comunismo é como um sonho, algo do qual você pode se recordar... um traço de uma região vulgar do mundo da imaginação... e é ridículo pensar nele como uma verdadeira ameaça". "Agora, mesmo os meios de comunicação e os jornais, com a cobertura diária do caso Burgess e Maclean,

perceberam que essa conspiração internacional do comunismo, tão real quanto os acidentes de trem que relatam, era muito mais perigosa para a nação", concluiu ela.[lvii]

Da mesma forma, hoje em dia, praticamente todo mundo na Igreja Católica *sabe* que existem pedófilos homossexuais no sacerdócio, nas comunidades religiosas, na hierarquia do país e no Vaticano, mas poucos realmente *acreditam* nisso. Somente quando os meios de comunicação seculares começaram a expor casos concretos de abusos sexuais cometidos por clérigos católicos é que os católicos começaram a perceber a ameaça real à fé e aos fiéis representada pelo "Homintern" clerical. No entanto, pode ser que tudo não esteja perdido se, parafraseando Dama West, os líderes da Igreja tiverem a vontade de trocar suas humilhações e seu orgulho ferido por "um pouco da muito desejada sabedoria".[lviii]

Os Espiões de Cambridge e a Conexão do Vaticano

A melhor abordagem para a conexão do Vaticano com os espiões de Cambridge é feita indiretamente através da figura central do Dr. Stephen Ward, que já foi apresentado ao leitor no contexto do Caso Profumo. Durante mais de uma década, Ward foi o corretor de sexo de um grande número de membros ricos e influentes do *Establishment* britânico. Ele também fornecia "garotas de programa" de alto padrão para os serviços de inteligência britânicos, algumas delas sendo utilizadas em armadilhas amorosas para atender às necessidades sexuais de dignitários em visita.[lix]

Ward, como pode-se imaginar, não era o proxeneta clássico em busca de dinheiro. Rebecca West o descreve como um bobo da corte que se divertia indiretamente como intermediário heterossexual para seus clientes de alta sociedade, nos quais habitava – mais especificamente Cliveden, a famosa propriedade britânica do Buckinghamshire pertencente aos anglo-americanos Astors, que era um local de reunião exclusivo para indivíduos ricos e bem conectados – políticos, diplomatas, analistas políticos e seus semelhantes. O relacionamento de John Profumo e Christine Keeler, uma criação de Ward, começou na piscina de Cliveden, e os serviços de inteligência britânicos às vezes utilizavam a residência dos Astor para receber hóspedes estrangeiros.[lx]

Homem de talentos variados, Ward era, por profissão, um osteopata próspero formado nos Estados Unidos, um notável jogador de bridge e um retratista profissional cujos clientes incluíam membros da família real. Ele atraía um grande número de pacientes da alta sociedade para seu consultório nos bairros residentes de Cavendish, incluindo membros da família Churchill e outros altos funcionários do governo, bem como notórios marginais e celebridades internacionais. Ward também era conhecido por realizar abortos,[lxi] e seu quarto talento era o proxenetismo e a organização de festas exclusivas que recebiam a sofisticada e sadomasoquista comunidade oculta de Londres.[lxii] Entre os amigos próximos de Ward estava Bill Astor, o mais velho dos quatro filhos Astor, e um dos ricos e poderosos patronos de Ward que tinha gostos sexuais pouco convencionais. Um aspecto menos conhecido do mundo quase secreto de Ward eram suas relações com as redes homossexuais e lésbicas da alta sociedade londrina, que incluíam importantes diplomatas e religiosos, funcionários de Whitehall e membros dos círculos literários e artísticos de Oxbridge e Londres.

Uma das relações mais íntimas de Ward era com Bobbie Shaw, meio-irmão de Bill Astor de um primeiro casamento de sua mãe, Nancy. Ativo homossexual e alcoólatra, o elegante e charmoso Bobbie havia sido vergonhosamente expulso dos *Blues*, os *Horse Guards* reais, por embriaguez em serviço e foi mais tarde preso por um delito homossexual, acabando por tirar a própria vida.[lxiii]

Entre os diplomatas homossexuais britânicos proeminentes e os funcionários com os quais Ward se relacionava estava Sir John Gilbert Laithwaite, o primeiro embaixador do Reino Unido na Irlanda e subsecretário de Estado adjunto no Escritório de Relações do Commonwealth para a Índia.

Laithwaite era um membro destacado da elite do Traveler's Club, que recebia viajantes ilustres e onde a nata dos homossexuais de Londres compartilhava bebidas, ideias e fofocas.[lxiv] Sir Gilbert mantinha relações homossexuais com muitos funcionários do Foreign Office espalhados pelo mundo como diplomatas de alto escalão. Assim como Bobbie Shaw, ele era endividado a Ward, que o havia apresentado a jovens parceiros homossexuais que eram levados a Cliveden.

Ward também era amigo do dinâmico trio de Cambridge formado por Guy Burgess, Antony Blunt e Peter Montgomery, o jovem amante e mais próximo amigo e confidente de Blunt.

Peter Montgomery nasceu em 1909 em uma respeitável família irlandesa com laços importantes com a Ordem Protestante de Orange e uma grande propriedade em Blessingbourne, Fivemiletown, na Irlanda do Norte.[lxv] Como muitos gentlemen irlandeses da alta sociedade, ele era um produto do sistema educacional inglês, que incluiu o Wellington College e Cambridge. Elegante e um tanto tímido, com uma aparência feminina, Montgomery permaneceu, ao longo de seu curto romance e longa amizade, como o parceiro submisso e adorador de Blunt, com seus gostos artísticos.

No início da Segunda Guerra Mundial, para surpresa de todos os seus amigos, Peter decidiu seguir a tradição da família Montgomery e abraçou a carreira militar no Royal Intelligence Corps, 21º Army Group.[lxvi] Em 1945, foi nomeado aide de camp de Archibald Percival Wavell, o vice-rei e governador geral das Índias.[lxvii]

Após o fim da guerra, Peter retornou aos seus primeiros amores, a arte, a música e a política irlandesa.

Músico talentoso e maestro natural, ele foi nomeado para o Conselho Geral Consultivo da BBC (1952-1971) e se tornou presidente do Conselho das Artes da Irlanda do Norte, onde atuou de 1964 a 1974. Em 1964, foi nomeado High Sheriff do Condado de Tyrone e mais tarde, Vice-Lieutenant de Sua Majestade para o Condado de Tyrone.[lxviii]

Embora, em seus últimos anos, tenha sido relatado que Peter Montgomery disse aos serviços de inteligência britânicos, que investigavam as relações soviéticas de Blunt, que nunca havia recebido segredos de Anthony, fica a questão de saber se ele alguma vez compartilhou informações secretas, consciente ou inconscientemente, com Blunt enquanto estava no serviço militar.

Em Londres, Peter residia com Anthony no Instituto Courtauld e foi introduzido nas relações reais de Blunt em Buckingham e Westminster, além dos jovens "gays" convidados para as festas de Blunt.[lxix]

Em troca, Blunt visitava ocasionalmente Peter na propriedade da família na Irlanda do Norte, onde o espião de Cambridge foi introduzido no circuito homossexual das "casas de campo" irlandesas.[lxx] É possível que tenham sido fornecidos a Peter e Anthony jovens meninos irlandeses de orfanatos locais ou centros de assistência social, como o Kincora Boys' Hostel em Belfast Leste. Em 1980, o escândalo de pedofilia de Kincora estourou nos jornais.[lxxi] O "patriarca" do orfanato,

William McGrath, conhecido como "A Besta de Kincora", foi preso, julgado e condenado por estupro e sodomia de menores sob sua tutela. Um dos segredos obscuros que vieram à tona durante o julgamento foi que McGrath, que havia atuado como agente secreto do MI5 e estava ativo nas aventuras paramilitares do Ulster, havia sido financiado até meados de 1976 por ninguém menos que Sir Knox Cunningham, um amigo comum de Blunt e Peter Montgomery e companheiro homossexual desde Cambridge.[lxxii]

Hugh Montgomery e Battista Montini

O que é pouco conhecido sobre Hugh Montgomery, o irmão de Peter, nos chegou em grande parte através do escritor irlandês Robin Bryans, que, embora de origem modesta, acabou se integrando à elite homossexual londrina que incluía todos os personagens mencionados anteriormente. De maneira geral, as observações e memórias de Bryans se mostraram relativamente precisas, e ele manteve uma correspondência significativa para sustentar suas memórias.

Segundo Bryans, Hugh Montgomery, assim como seu irmão Peter, era membro da clique homossexual de Ward. O antigo amante de Hugh era Sir Gilbert Laithwaite, que apoiou sua candidatura no elitista Traveler's Club.

No meio da década de 1930, Hugh Montgomery, um jovem e futuro membro do corpo diplomático britânico, servia como Chargé d'Affaires de Sir Alec Randall, o representante britânico junto ao Vaticano. Foi nessa época que Hugh conheceu um diplomata do Vaticano igualmente ambicioso e promissor chamado Mgr Giovanni Battista Montini. Mais tarde, Hugh se converteu ao catolicismo, entrou para o Beta College e foi ordenado sacerdote católico. Harbinson declarou que Hugh lhe havia dito que, em algum momento, ele e Montini foram amantes.[lxxiii]

Hugh Montgomery estava falando a verdade sobre sua relação com o futuro Papa Paulo VI ou estava exagerando o grau de intimidade de sua amizade? Hugh discutiu essa suposta questão a respeito de Montini com seu irmão Peter? Nesse caso, Peter teria passado a história ao seu amante Anthony Blunt, que, sem dúvida, teria transmitido a informação ao seu controlador soviético para possível chantagem? Em suma, existe uma conexão entre a rede de espiões de Cambridge e o Vaticano? Estas são questões importantes e misteriosas que serão totalmente examinadas no Capítulo V, que inclui uma análise detalhada das acusações de homossexualidade que foram dirigidas contra o Papa Paulo VI.

Referências

[1] **Veja ao final do artigo a lista de referências eletrônicas dos estudos factual e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?) anglicano da FSSPX, Dom Richard Williamson na Rose e sobre seu poder de nocividade estratégica dentro da Fraternidade.**

[2] http://mailstar.net/perry.html

[3] http:// www.lobster-magazine.co.uk/intro/search.cgi?zoom_query=rothschild&zoom_page=3&zoom_per_page=10&zoom_and=1&zoom_sort=0

[4] http://isgp.eu/organisations/introduction/PEHI_Jacob_de_Rothschild_bio.htm :

> *(...) o controverso Lorde Victor Rothschild (1910-1990), 3º Barão Rothschild. Victor começou a trabalhar para o MI5 durante a Segunda Guerra Mundial em funções que incluíam eliminação de bombas, desinformação e espionagem**. Em 1940, Rothschild sugeriu que Anthony Blunt deveria ser convidado a se juntar ao serviço secreto.** Ele também alugou uma casa para seu amigo Guy Burgess. Após a libertação da França, Rothschild trabalhou com Dick White, Kim Philby e Malcolm Muggeridge nos escritórios do MI6 estabelecidos na mansão da família Rothschild em Paris. Ele foi suspeito de estar envolvido com os Cambridge Five, uma rede de espiões britânicos que passou informações para os soviéticos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Em 1951, dois membros dessa rede, Burgess e Maclean - ambos sob investigação secreta - fizeram manchetes internacionais ao desertarem publicamente para a União Soviética.* ***Anthony Blunt era outro membro da rede****. Victor trabalhou como cientista no departamento de zoologia da Universidade de Cambridge de 1950 a 1970.* ***Ele era membro dos Cambridge Apostles, uma sociedade secreta da Universidade que incluía John Maynard Keynes (amigo do presidente do CFR e parceiro de J.P. Morgan, Russell C. Leffingwell), Anthony Blunt (gay; 'mole' do 'KGB'; conselheiro e parente distante da Rainha), Guy Burgess (gay; 'mole' do 'KGB'), Bertrand Russell (organizou as Conferências de Pugwash com o protegido de Rockefeller, Cyrus Eaton, Sr.), Michael Whitney Straight (família Whitney; outro 'mole' do 'KGB'), Aldous Huxley (escreveu 'Admirável Mundo Novo') e outros. Histórias sobre os Apostles persistiam que a membresia era principalmente homossexual e marxista. Victor atuou como presidente do Conselho de***

> ***Pesquisa Agrícola de 1948 a 1958 e como chefe mundial de pesquisa da Royal Dutch/Shell de 1963 a 1970. Presidente da Equipe de Revisão de Políticas Centrais de Edward Heath de 1971 a 1974. Conselheiro de segurança não oficial de Margaret Thatcher, que chegou ao poder com a ajuda de Le Cercle em 1979. Falecido em 1990. Ele foi Comandante da Ordem do Império Britânico***.

[5] http://www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/article467109.ece

[6] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-02-01-E-00-Hoyos_au_secours_de_Williamson.pdf

[7] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2008/003_2008/VM-2008-03-10/VM-2008-03-10-A-00-Williamson-Traditio.htm

[8] Claire Sterling, *Octopus: The Long Reach of the Sicilian Mafia* (Nova Iorque: W.W. Norton and Co., 1990), p. 314.

[9] John Costello, *Mask of Treachery – The First Documented Dossier on Blunt, MI5, and Soviet Subversion* (Londres: William Collins Sons & Co. Ltd, 1988), p. 8.

[10] Rueda, p. 249 e 250.

[11] Martin Dies, *The Trojan Horse in America* (o cavalo de Troia en Amérique) (Nova Iorque: Arno Press, 1977; reedição, Nova Iorque: Dodd, Mead and Company, 1940), p. 224. A nota final parafraseia o comentário clássico de Dies: « Os inimigos *internos* de um país constituem um mais grave perigo do que qualquer força estrangeira: eles representam a traição *de dentro* ajudada pela invasão *de fora*. »

[12] Neologismo descrevendo a internacional homossexual por analogia ao Komintern, a Internacional Comunista.

[13] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2009/001_2009/VM-2009-01-20/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.html

[14] http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2009/001_2009/VM-2009-01-20/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.html

[15] http://www.virgo-maria.org/D-Mgr-Williamson-leurre/biographie_williamson.htm

[16] **Cf no final do artigo a lista das referências eletrônicas dos estudos faktuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?)-Anglicano da FSSPX, Dom Richard**

Williamson, o bispo britânico da Rosa da Fraternidade São Pio X e sobre seu poder de dano estratégico dentro da Fraternidade.

[17] Claire Sterling, *Octopus: The Long Reach of the Sicilian Mafia* (Nova Iorque : W.W. Norton and Co., 1990), p. 314.

[18] John Costello, *Mask of Treachery – The First Documented Dossier on Blunt, MI5, and Soviet Subversion* (Londres : William Collins Sons & Co. Ltd, 1988), p. 8.

[19] Rueda, p. 249 e 250.

[20] Martin Dies, *The Trojan Horse in America* (o cavalo de Troia em América) (Nova Iorque : Arno Press, 1977 ; reedição, Nova Iorque : Dodd, Mead and Company, 1940), p. 224. A nota final parafraseia o comentário clássico de Dies : « Os inimigos *internos* de um país constituem um perigo mais grave do que qualquer força estrangeira : eles representam a traição *de dentro* ajudada pela invasão *de fora*. »

[21] Radosh e Milton, Introdução.

[22] Alexander Orlov, *Handbook of Intelligence and Guerrilla Warfare* (Ann Arbor, Mich. : University of Michigan Press, 1963), p. 25. Antes da Segunda Guerra Mundial, Orlov era um dos chefes dos serviços soviéticos de espionagem e contraespionagem. Depois de passar para o Ocidente, ele deu muitos cursos sobre as táticas e a estratégia soviéticas de inteligência e contraespionagem. Em 1936, ele havia escrito um manual destinado a ser utilizado nas escolas que o NKVD acabara de abrir para o uso de seus agentes secretos, assim como na Escola Militar Central de Moscovo. Em 1963, ele foi encarregado de reescrever esse manual pela Universidade de Michigan de Ann Arbor.

[23] Ibid., p. 94

[24] Ibid., p. 95.

[25] Ibid.

[26] Victor Ostrovsky e Claire Hoy, *By Way of Deception – The Making and Unmaking of a Mossad Officer* (Como fazer e desfazer por meio da enganação um agente do Mossad) (Nova Iorque : St. Martin’s Press, 1990), p. 98.

[27] Ibid.

[28] H. Bradford Westerfield, ed., *Inside CIA’s Private World – Declassified Articles from the Agency’s International Journal 1955-1992* (New Haven : Yale University Press, 1995), p. 79 e 80.

[29] Ibid., p. 80.

[30] Ibid., p. 75.

[31] Ibid.

[32] Declaração de Klaus Fuchs, o espião da bomba atômica, relatada na obra de William Stevenson intitulada *Intrepid's Last Case* (Nova Iorque : Villard Books, Random House, Inc., 1983). Veja também Radosh e Milton, p. 30. A compartimentação é o sinal distintivo do espião como do homossexual. Klaus Fuchs, o espião da bomba atômica, declarou que utilizava sua « filosofia marxista para estabelecer em minha mente dois compartimentos separados : um no qual me permitia formar amizades [...] para ajudar as pessoas e ser em todos os aspectos o tipo de homem que queria ser [...] Eu sabia que o outro compartimento surgiria se eu me aproximasse do limiar perigoso [...] Eu havia conseguido, no outro compartimento, me tornar completamente independente das forças sociais ao meu redor. *A posteriori*, parece preferível descrever isso como uma esquizofrenia controlada ». Da mesma forma, Harry Gold (Golodnitsky), graduado da Xavier University e agente da União Soviética convencido de espionagem industrial e atômica nos Estados Unidos, testemunhou que para suportar as terríveis tensões e inconvenientes inerentes à vida de agente comunista, desenvolveu uma dupla personalidade. Ele declarou que quando partia em uma missão de espionagem, esquecia completamente sua vida comum, seu lar, sua família, seu trabalho e seus amigos para se tornar um autômato movido por uma única ideia. Então, ao voltar para casa, ele mentalmente retrocedia e enterrava em sua mente tudo o que havia feito naquela noite ou durante aquela missão.

[33] Westerfields, p. 75.

[34] Ibid., p. 80.

[35] Ibid., p. 75.

[36] Zvi Y. Gitelman, *Jewish Nationality and Soviet Politics – the Jewish Section of the CPSU, 1917-1930* (Princeton, N.J. : Princeton Press, 1972), p. 172. O autor conduziu suas pesquisas sob os auspícios do Instituto de Assuntos Comunistas da Universidade de Columbia. Veja também Louis Rapoport, *Stalin's War Against the Jews* (Nova Iorque : Maxwell Macmillan International, 1990).

[37] Ibid.

[38] Ibid.

[39] Ibid.

[40] Ibid., p. 118.

[41] Radosh and Milton, p. 23 à 25.

[42] Ibid., p. 338 et 339.

[43] Rueda, p. 127.

[44] William R. Corson e Robert T. Crowley, *The New KGB – Engine of Soviet Power* (Nova Iorque : William Morrow and Co., 1985), p. 14.

[45] Bray, p. 19.

[46] Veja Andrew Boyle, *The Fourth Man* (Nova Iorque : Dial Press/James Wade, 1979), p. 221.

[47] John Barron, *KGB The Secret Work of Soviet Agents* (Nova Iorque : Reader's Digest Press, E.P. Dutton & Co., 1974), p. 207. Veja o capítulo X, « Tesouros do Cofr », onde é contada uma extraordinária história de espionagem.

[48] Gerard J.M. van den Aardweg, Ph.D., *The Battle for Normality – A Guide for (Self-) Therapy for Homosexuality* (A Luta pela Normalidade – Guia (Auto-) Terapêutico para a Homossexualidade) (São Francisco : Ignatius Press, 1997), p. 68 e 69.

[49] Ibid., p. 69.

[50] Deacon, *The French Secret Service*, p. 17.

[51] Ibid., p. 17 a 20.

[52] David Lewis, *Sexpionage – The Exploitation of Sex by Soviet Intelligence* (Nova Iorque, Londres : Harcourt, Brace, Jovanovich, 1976), p. 25.

[53] Chapman Pincher, *Inside Story* (Nova Iorque : Stein and Day, 1979), p. 28.

[54] Encontra-se uma excelente análise das purgas massivas de Stálin na obra de Robert Conquest intitulada *The Great Terror – A Reassessment* (Nova Iorque : Oxford University Press, 1990).

[55] Philip Knightley, Bruce Page, David Leitch, *The Philby Conspiracy* (Garden City, Nova Iorque : Doubleday & Co., 1968), p. 14.

[56] Ibid.

[57] Ibid.

[58] Para uma análise nova e ingênua das origens da Segunda Guerra Mundial, veja a obra de Ernst Topitsch intitulada *Stalin's War* (Nova Iorque : St. Martin's Press, 1985).

[59] Orlov, p. 15.

[60] Ibid., p. 17.

[61] Ibid., p. 15.

[62] Ibid.

[63] Costello, p. 216.

[64] O laxo dos serviços secretos britânicos em relação à presença de homossexuais notórios em postos sensíveis do governo ou desses mesmos serviços é mencionado na obra de Andrew Hodges intitulada « The Military Use of Alan Turing », que pode ser consultada no endereço

http://www.turing.org.uk/publications/mathswar3.html.

[65] West, p. 172.

[66] Ibid.

[67] Ibid., p. 103.

[68] Ibid., p. 142.

[69] Ibid., p. 173.

[70] Lewis, p. 44 et 45.

[71] Ibid., p. 36.

[72] Ibid.

[73] Ibid., p. 56.

[74] Ibid.

[75] Jamie Glazov, « Um Embaixador Canadense Homossexual e Ingênuo em Moscovo : Um sério Não-Não na Guerra Fria », *FrontPageMagazine.com*, 25 de julho de 2001, no endereço http://www.frontpagemag.com/Articles/Printable.asp?ID=993.

[76] Ibid.

[77] Ibid.

[78] West, p. 216.

[79] Lewis, p. 4 e 5.

[80] Veja John Earl Haynes e Harvey Klehr, *VENONA*: *Decoding Soviet Espionage in America* (New Haven, Conn. : Yale University Press, 1999). Para mais informações sobre a infiltração soviética do OSS, veja também o endereço http://members.iglou.com/jtmajor/Venona1.htm.

[81] O OSS formou grande parte daqueles que se tornariam os primeiros membros e líderes da CIA, entre os quais Allen Dulles, Richard Helms, William Colby e William Casey. James Jesus Angleton, chefe do serviço de contraespionagem da CIA, começou sua carreira de espião no OSS trabalhando com seu pai na Itália. No livro *The CIA and the Cult of Intelligence* (A CIA e a religião do conhecimento) (Nova Iorque : Alfred A. Knopf, 1974), Victor Marchetti e John D. Marks descrevem em termos similares o « clube de velhos amigos » que era a CIA : « Seus santos são os profissionais da clandestinidade. Seus patronos e protetores são os altos funcionários do governo federal. Sua composição ultrapassa os círculos governamentais, pois se estende até os centros de

poder da indústria, do comércio, da finança e do trabalho. Seus aliados são numerosos nos meios importantes : no mundo acadêmico e na comunicação. A religião da inteligência é praticada por uma fraternidade secreta da aristocracia política americana ». Os laços estreitos que existem entre a CIA e o Eastern Establishment (o qual colabora muito de perto com os grupos da direita « conservadora ») aparecem na ata de uma reunião privada entre membros ativos e ex-membros da CIA que ocorreu em 8 de janeiro de 1969 na Harold Press House, sede do quase secreto Council on Foreign Relations (Conselho de Relações Exteriores). A reunião em questão teve como objetivo examinar o papel da CIA nas « operações clandestinas » realizadas no exterior. É significativo que ela não tenha ocorrido na sede oficial da CIA, que fica em Langley (Virginia). Naquela reunião de alto nível estavam quase exclusivamente personalidades do « Establishment » « WASPs » (“protestantes brancos anglo-saxões”), o que é típico do recrutamento dos hiérarcas da CIA desde a criação da mesma em 1947. A ata confidencial das reuniões de 1968 foi descoberta em 1971, quando estudantes extremistas invadiram o Centro de Assuntos Internacionais da Universidade de Harvard e encontraram esse documento entre os papéis de William Harris, associado do Centro.

[82] Corson e Crowley, p. 193. Veja também Christopher Andrew e Vasili Mitrikhin, *The Sword and the Shield – The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB* (Nova Iorque : Basic Books, 1999), p. 57.

[83] É verdade que o GRU mantinha na Grã-Bretanha vários outros círculos de espionagem independentes. Mas todos, incluindo o de Oxford, estavam desprovidos do motor clandestino – os « Apóstolos » – que fazia girar o carrossel de Cambridge e assegurava acesso automático aos arcanos do poder, bem como um rápido avanço ao cume da hierarquia na agência de inteligência e no governo. Entre os membros do círculo de espias soviéticos de Oxford estavam os seguintes indivíduos : Patrick Day ; Phoebe Pool, mensageira do círculo de Oxford e colega de Blunt no Courtauld Institute, que devia se suicidar se jogando embaixo de um trem ; Peter Floud, diretor do Victoria and Albert Museum ; Bernard Floud, um experiente parlamentar que foi recrutado por James Klugman e devia se suicidar em 1967 ; Herbert Hart, que se casou com uma agente comunista (Jennifer Hart) e que dividia seu escritório no MI5 com Blunt ; Sir Andrew Cohen, diplomata de destaque que morreu de um ataque cardíaco ao final de um interrogatório sobre suas atividades de inteligência ; e, finalmente, Arthur Wynn, que teve um papel ativo nos círculos sindicais e prestou seu serviço militar, assim como Sir Peter Chalmers Mitchell, do Christ Church College. A VENONA revelou também os nomes de código de outros espiões britânicos – DAN, LEAF, JACK – e da misteriosa equipe DAVID e ROSA, o que sugeria que existia, trabalhando para a URSS, uma rede de espiões britânicos mais ampla do que se suspeitava anteriormente. Veja no endereço http://www.trinity.ox.ac.uk/ian.yeung/spy.htm. Goronway Rees, membro do All Souls College e graduado de Oxford, era um amigo íntimo de Blunt e um marxista declarado, mas não aceitou a proposta de Blunt de se tornar um agente soviético. Costello revela, aliás, que após 1939, Rees ajudou os serviços de inteligência britânicos. Em 1956, Rees escreveu para *The Sunday People* uma série sensacional de artigos anônimos nos quais destacava que o chantagem e a homossexualidade haviam contribuído para a forte infiltração marxista no sistema de segurança britânico. Segundo Rees, Blunt desempenhava um papel de eminência parda junto a Burgess e outros discípulos, a maioria dos quais fazia parte dos « Apóstolos », e ele manipulava seus amigos por meio do espião Burgess. Entre as vantagens que Cambridge possuía sobre Oxford em termos de recrutamento de alto nível estavam evidentemente os « Apóstolos ». Além disso, Cambridge podia contar com seu laboratório Cavendish, um dos principais centros de pesquisa do mundo na

área da física. Em 1921, Stálin enviou a Cambridge o cientista russo Piotr Kapitza. Ele fundou o Kapitza Club, que incentivava o « compartilhamento » de descobertas científicas além das divergências ideológicas. Quando Kapitza recebeu de Stálin a ordem de retornar a Moscovo, ele levou com ele todos os seus equipamentos do Cavendish – incluindo relógios e outras instalações – que foram embalados e enviados por barco para seu novo laboratório soviético. As informações comunicadas pelos espiões soviéticos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos são insignificantes em comparação com o « volume substancial de material coletado à vista e pacientemente no Kapitza Club », enfatiza Andrew Sinclair. Stephen Spender concorda que « esses cientistas comunistas foram vítimas da cegueira moral específica que há muito caracterizava a ciência, mas que não pode ser desculpada de forma alguma ».

[84] George Orwell, *The Lion and the Unicorn : Socialism and the English Genius*, Parte I, « England Your England » (Londres, 1941), que pode ser consultada no endereço http://www.k-l-com/Orwell.lion.htm.

[85] Richard Deacon, *The Cambridge Apostles* (Nova Iorque : Farrar, Straus & Giroux, 1986), p. 1. Apesar da excelência de suas pesquisas sobre os « Apóstolos » como grupo, Deacon professava opiniões políticas pouco objetivas. Por exemplo, ele fala da « campanha anticomunista virulenta e ridícula » do senador Joseph McCarthy, enquanto na realidade, as acusações de McCarthy eram tudo menos ridículas, conforme confirmaram as revelações de VENONA. Veja também Dennis O'Keefe, « Cambridge, Right or Wrong », artigo publicado no número de maio de 1987 da revista *World and I* e que pode ser consultado no endereço http://www.worldlandi.com/public/1987/may/bk5.cfm.

[86] Robert Skidelsky, *John Maynard Keynes*, Vol. I, « Hopes Betrayed 1883-1920 » (Esperanças Traídas entre 1883 e 1920) (Nova Iorque : Viking Penguin, Inc., 1986), p. 39 e 144.

[87] Deacon, p. 3.

[88] Deacon, p. 40.

[89] Ibid. p. 55.

[90] Andrew Sinclair, *The Red and the Blue – Cambridge, Treason and Intelligence* (Boston : Little, Brown and Company, 1986), p. 39 e 144.

[91] Skidelsky, p. 119.

[92] Costello, p. 143.

[93] Michael Holroyd, *Lytton Strachey – The Unknown Years 1880-1910*, Vol. I (Nova Iorque : Holt, Rinehart and Winston, 1967), p. 167.

[94] Ibid.

[95] John Maynard Keynes (1883-1946) estudou em Eton e no King's College de Cambridge. Como destacou seu principal biógrafo, Robert Skidelsky, Keynes foi iniciado em fevereiro de 1903 na sociedade dos « Apóstolos » sob o número 243. Durante grande parte de sua vida de jovem adulto, Keynes, como estudante e acadêmico, levou uma vida muito compartimentada entre sua vida privada e sua vida profissional pública. Skidelsky enfatiza que durante seus anos na Universidade, Keynes teve muitas aventuras homossexuais, incluindo encontros perigosos, sendo que pelo menos um deles degenerou em um caso de chantagem. Entre seus « grandes amores » estava um calouro de Trinity chamado Arthur Hobhouse, que Keynes então apresentou à sociedade. Após a Primeira Guerra Mundial, Keynes desempenhou um papel importante na Conferência de Paz de Versalhes. Ao longo de sua vida, ocupou muitos cargos econômicos chave no governo e se tornou presidente da National Mutual Life Assurance Society, que « o colocou no centro da oligarquia financeira da Inglaterra ». Giles Lytton Strachey (1880-1932) era um rival sexual de Maynard Keynes. De acordo com seu biógrafo, Michael Holroyd, Strachey era uma criança inteligente, mas doente e nervosa. Tornou-se um dos homossexuais mais notórios do Trinity College. De 1904 a 1914, ele foi responsável pela seção literária da revista *The Spectator*, mas seu principal escrito foi *Eminent Victorians*, publicado em 1918 e que se tornaria um clássico. A artista Dora Carrington apaixonou-se por Strachey, que não retribuiu, e cuidou dele até sua morte, embora ela fosse casada com Ralph Partridge. Em 14 de março de 1932, sete semanas após a morte de Lytton, ela pôs fim à própria vida. Carrington era uma dessas mulheres que os homossexuais hoje chamam de « garotas a favor de homossexuais » (*Nota do Tradutor: o inglês é muito mais ofensivo: « fag hags », ou seja, harpies, bruxas a favor de homossexuais ...*), ou seja, mulheres que mantêm uma relação de mão única com homossexuais conhecidos. Duncan James Corrower Grant (1885-1978), um membro proeminente do movimento dos pintores pós-impressionistas ingleses, era um parceiro sexual muito procurado tanto entre os « Apóstolos » quanto entre os Bloomberry. Ele nasceu em 21 de janeiro de 1885 em uma excelente família escocesa, na casa ancestral do condado de Inverness. Já havia viajado para a Índia e para a Birmânia antes dos nove anos, estudou na Escola Primária Hillbrow de Rugby, depois na Escola de Belas-Artes de Westminster, e finalmente no Trinity College de Cambridge. Ele tinha Lytton Strachey como primo. Segundo seu biógrafo, Douglas Blair Turnbaugh, o « grande amor » de sua vida foi Paul Roche, que Grant conheceu quando Roche acabou de ser ordenado sacerdote da Igreja Católica e nomeado vigário em uma paróquia em Chelsea. Grant também amou Vanessa Stephen Bell, que permaneceu sua confidente por mais de cinquenta anos e com quem teve uma filha, Angelica (Bell). Ele morreu aos noventa e três anos e foi enterrado ao lado de Vanessa no pequeno cemitério paroquial de Firle. David « Bunny » Garnett, que foi um dos parceiros de Grant, casou-se com Angelica Bell em 1942. Uma personalidade importante, mas mais marginal do grupo Bloomsbury, era o escritor Edward Morgan (E.M.) Forster (1879-1970). Ele nasceu em Dorset Square, Londres, de pais de classe média. Seu pai morreu quando ele tinha um ano, e ele cresceu em um lar dominado por mulheres. Foi aluno interno em Tonbridge Wells, o que achou insuportável. Em 1897, ele se inscreveu no King's College de Cambridge, o que lhe agradou muito. Tornou-se um « Apóstolo » com a ajuda de um outro estudante, H.O. Meredith, e ele foi um homossexual declarado. Embora tivesse uma forte preferência por garotos de classes inferiores, nunca confundiu « o amor individual dos homens com o amor das massas »; em outras palavras, ele não era um marxista. Suas obras mais notáveis foram *A Room With a View*, *Howards End* e *A Passage to India*. Um dos protegidos de Forster foi o jovem escritor e dramaturgo Joseph Randolph (J.R.) Ackerly (1896-1967), que estudava direito em Cambridge quando os dois jovens se conheceram. A autobiografia póstuma de Ackerly – *My Father and Myself* (Nova Iorque : Poseidon Press, 1968) oferece algumas das observações mais

memoráveis já publicadas sobre a promiscuidade homossexual. Ackerly escreve que suas atividades masturbatórias solitárias e coletivas começaram na escola primária de Rossall e se continuaram ao longo de seus estudos secundários no Lancashire. Sua vida sexual posterior em Cambridge, e depois em outros lugares, o levou a freqüentar sexualmente centenas de jovens operários e soldados. Curiosamente, Ackerly se considerava monogâmico e de moral leve, mas acrescentava que tinha apenas tido « uma má sorte persistente... » que o impediu de encontrar seu « amigo ideal ». Em suas relações com *Horse Guards*, que, segundo ele, eram propensos a roubo e à violência contra os « veados », os « travestis » e as « tantas » como ele, o escritor enfatiza que deliberadamente escolhia garotos « sem muito caráter » ou até mesmo « sem caráter algum ». No meio dos anos 30, ele havia começado a manter um diário de suas perambulações noturnas, mas era tão entediante que desistiu de escrever sobre essas pessoas. Ele relata que cerca de quinze anos depois, esbarrou acidentalmente neste diário e o percebeu « como algo errado ». « O erro estava na miséria », ele afirma. « Não continha nenhuma marca de prazer ou alegria, nenhuma reflexão filosófica, nem mesmo uma piada ; era um relato impregnado de melancolia e abatimento sem remédio, de monotonia mortal, frustração, solidão, auto-piedade, de “boas fortunas” exalando tédio, de oportunidades maravilhosas sufocadas pelo medo, de fechaduras giradas noite após noite ao retornar a um apartamento frio, escuro e vazio, de explosões contra o destino pela vacuidade e pela total mediocridade da minha existência. Continha – a coisa mais lamentável de todas – observações críticas sobre meu primeiro encontro com aquele menino galês que agora está perdido, seu desinteresse e seus pés com mau cheiro ». A felicidade chegou a Ackerly na forma de uma cadela pastora alemã chamada Tulip. Ela lhe deu, segundo ele, « a devoção constante, sincera, incorruptível, incondicional » que sua vida sexual nunca lhe havia proporcionado. Em última análise, seu « amigo ideal » revelou-se ser « o melhor amigo do homem ». Ackerly, no entanto, não abandonou completamente sua vida homossexual e continuou a buscar oportunidades de encontro, especialmente quando viajava para o exterior.

[101] Entre os autores que escreveram sobre o círculo de espiões de Cambridge, sempre houve controvérsia sobre a ordem de recrutamento e a importância relativa dos cinco homens – Anthony Blunt, Guy Burgess, Kim Philby e Donald Maclean, assim como o misterioso « quinto homem », sobre o qual foram feitas intermináveis suposições. Quanto a mim, prefiro enumerá-los por ordem de nascimento, começando por Blunt, o mais velho desses traidores, e terminando por Donald Maclean, o mais jovem, mas de forma alguma o menor dos « Apóstolos ».

[102] Costello, p. 145. Após deixar o Trinity College, Alister Watson trabalhou para o Radar and Signals Establishment da Royal Navy, depois tornou-se chefe da Estação de detecção e pesquisa de submarinos no Laboratório de pesquisas da Marinha, onde teve acesso a muitos segredos ; no entanto, foi posteriormente transferido para um cargo menos sensível quando o MI5 descobriu suas convicções marxistas. Ele nunca deveria ter confessado seus crimes. Veja, por Andrew Hodges, « The Military Use of Alan Turing », no endereço http://www.turing.org.uk/publications/mathswar3.html. Em 1965, Dennis Proctor era Secretário permanente no Ministério dos Combustíveis e da Eletricidade. Como alto funcionário, ele contribuiu para ignorar as recomendações do MI5 de que Anthony Blunt fosse excluído dos serviços de inteligência britânicos devido às suas ligações marxistas, que se manifestaram em uma viagem à União Soviética. Este é um exemplo da capacidade dos soviéticos de colocar a pessoa certa no lugar certo e na hora certa.

[103] As informações biográficas sobre os anos jovens de Blunt foram extraídas de várias fontes, incluindo Miranda Carter, *Anthony Blunt, His Lives* (Nova Iorque : Farrar, Strauss and Giroux, 2002).

[104] Ibid., versão online.

[105] Ibid. Wilfrid Blunt se lembrou de sua infância e dos primeiros sentimentos homossexuais que teve como professor em *Married in a Single Life – An Autobiography, Years 1901-1938* (Londres : Michael Russell Ltd., 1983). Ao contrário de seu irmão Anthony, Wilfrid parece ter tido um caráter simples e amável, um senso de humor bem desenvolvido e uma consciência reta (embora agnóstica). Era um pederasta parcialmente sublimado que permaneceu, de certa forma, um « inocente » ao longo de sua vida.

[106] Ibid. No sistema educacional de Marlborough, os filhos de clérigos pagavam apenas 60% das taxas cobradas pelos filhos de leigos.

[107] Costello, p. 60.

[108] Ibid., p. 66.

[109] Ibid., p. 77 et 78.

[110] Ibid., p. 77.

[111] Ibid., p. 130.

[112] Ibid., p. 86.

[113] Os comentários de Bryan sobre Cunningham estão reproduzidos na obra de Chris Moore intitulada *The Kincora Scandal* (Dublin : Marino, 1996), p. 89.

[114] Ibid., p. 88 e 89.

[115] Julian, filho de Clive Bell, era um dos amantes de Blunt.

[116] Costello, p. 147.

[117] Veja David Pryce-Jones, « Um vazio moral completo », crítica do livro de Miranda Carter *Anthony Blunt: His Lives* na *The New Criterion* Online, Vol. 20, n° 7, março de 2002, disponível em

http://www.newcriterion.com/archive/20/mar02/blunt.htm. Como aponta Pryce-Jones, Carter não critica a traição de Blunt e teria desejado poder « reabilitá-lo ».

[118] Ibid. O fato de que apenas Blunt, Burgess, Maclean e Philby foram remunerados por sua traição foi confirmado por Oleg Gordievsky, ex-agente residente do KGB em Londres e o oficial do KGB de maior escalão a ter passado para o Ocidente. Segundo Gordievsky, ele tinha a tarefa de manter o registro dos pagamentos recebidos pelos espiões de Cambridge.

[119] Ibid.

[120] Veja Dan Healy, *Homosexual Desire in Revolutionary Russia – The Regulation of Sexual and Gender Dissent* (Chicago : University of Chicago Press, 2001), p. 185. Veja também Conquest, p. 317. Em março de 1934, o Soviet Supremo oficializou essa purga reafirmando as leis russas anti-sodomitas como uma « medida de higiene social antifascista » com o intuito de reprimir os pederastas que « corrompiam » a juventude soviética.

[121] Em arte, como na política, a Revolução mundial custa caro, e os Warburg eram ricos o suficiente para financiá-la em ambas as áreas. Aby Warburg (1866-1929) fundou na Alemanha o Instituto Warburg, que foi transferido de Hamburgo para Londres em 1934. Os irmãos de Aby financiaram a Revolução mundial tanto sob sua forma nazista quanto sob sua forma marxista. Paul M. Warburg, parceiro da Kuhn, Loeb & Company e representante da dinastia bancária dos Rothschild na Inglaterra e na França, ajudou a financiar os bolcheviques russos, e seu irmão Max Warburg estava à frente do consórcio bancário Warburg na Alemanha e nos Países Baixos. Veja, a esse respeito, as obras de Anthony Sutton *Wall Street and the Bolshevik Revolution* (Virginia : Arlington House, 1974) e *Wall Street and the Rise of Hitler* (Ill. : Bloomfield Books, 1976).

[122] Veja Charles Saumarez Smith, « Scholar, gentleman, prig, spy », *The Observer*, 11 de novembro de 2001. Esta crítica da biografia de Blunt por Miranda Carter pode ser encontrada em *Unlimited Online*

http://books.guardian.co.uk/whitbread2002/story/0,12605,842777,00.html.

[123] Costello, p. 369.

[124] Nigel West e Oleg Tsarev, *The Crown Jewels – The British Secrets at the Heart of the KGB Archives* (Nova Iorque : Yale University Press, 1998), p. 132.

[125] Ibid.

[126] Costello, p. 369.

[127] Ibid., p. 368.

[128] Ibid. Veja também Christopher Andrew, *Her Majesty's Secret Service – The Making of the British Intelligence Community* (Nova Iorque : Viking Press, 1986), p. 403.

[129] Andrew, p. 403.

[130] Ibid., p. 401.

[131] Chapman Pincher, *Their Trade in Treachery*, ed. revisada (Nova Iorque : Bantam Books, Inc., 1982), p. 245.

[132] Pryce-Jones. O mito segundo o qual Blunt, embora corrompido em sua vida pessoal e como espião, teria se mostrado honroso em seu papel profissional como historiador de arte e expert de

obras de arte, é contestado por Igor Golomstock em « The Forger and the Spy », *Commentary*, maio de 1999, que pode ser consultado no endereço

http://www.findarticles.com/cf_0/m1061/5_107/54561433/print.jhtml. Golomstock revela que Eric Hebborn, pintor inglês de nascimento, homossexual e ex-amante de Anthony Blunt, que tinha sua própria galeria de arte em Roma, possuía vários certificados de autenticidade emitidos por Blunt para suas cópias de obras-primas vendidas em famosas galerias de arte ao redor do mundo. Quando seu crime foi descoberto e suas relações íntimas com o espião soviético foram reveladas, Hebborn alegou nunca ter pedido a Blunt que autenticassse nenhum dos falsos que trouxe da Itália para a Inglaterra. Segundo Golomstock, no entanto, há em suas memórias vários trechos confirmando que Blunt realmente desempenhou um papel importante na autenticação das falsificações do pintor. Hebborn morreu em um hospital romano em 1996 pouco depois de ser encontrado em um parque público em Roma, vítima de um grave acidente vascular cerebral.

[133] As observações de Kim Philby sobre o jovem Guy Burgess foram relatadas por sua esposa Rufina na obra de Rufina Philby, Hayden Peake e Mikhail Lyubimow intitulada *The Private Life of Kim Philby* (Nova Iorque : Fromm International, 2000), p. 230 e 231.

[134] Ao contrário dos outros traidores de Cambridge, os primeiros dados biográficos sobre Burgess, incluindo sua vida familiar e infância, estão curiosamente ausentes do dossiê a seu respeito. O autor encontrou algumas informações sobre o início da vida de Burgess no site da família Dwyer-Laye, no endereço http://www.geocities.com/layedwyer. Este site foi criado por Patrick Paskiewicsz, que ensina inglês no instituto Henry Ford de Oakland, e nas Comunidades de Colégios Schoolcraft.

[135] Ibid. Yuri Modin, *My 5 Cambridge Friends, Burgess, Maclean, Philby, Blunt in Cairncross* (Nova Iorque : Farrar Strauss & Giroux, 1994), p. 72. Yuri Modin, supervisor do KGB dos espiões de Cambridge – incluindo Guy Burgess de 1947 a 1953 – confirma os detalhes sobre a visita de Guy a Moscovo em suas memórias sobre os espiões de Cambridge.

[136] Deacon, p. 119.

[137] Barrie Penrose e Simon Freeman, *Conspiracy of Silence: The Secret Life of Anthony Blunt* (Nova Iorque : Farrar Strauss & Giroux, 1987), p. 319 e 320.

[138] Ibid.

[139] Costello, p. 203.

[140] Penrose e Freeman, p. 320.

[141] Ibid., p. 206.

[142] Encontrará um excelente retrato de Sir John Philby e de seu filho na obra de Anthony Cave Brown intitulada *Treason in the Blood* (A Traição no Sangue) (Boston : Houghton Mifflin Company, 1994). Veja também, por Phillip Knightley, Bruce Page e David Leitch, *The Philby Conspiracy*

(Garden City ; N.Y. : Doubleday & Co., 1968) e, por Philip Knightley, *The Master Spy – The Story of Kim Philby* (Nova Iorque : Alfred A. Knopf, 1989).

[143] Brown, p. 133.

[144] Ibid., p. 134 et 135.

[145] Ibid., p. 135.

[146] Ibid., p. 138.

[147] Ibid.

[148] Ibid., p. 140.

[149] Modin, p. 49.

[150] Ibid.

[151] Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 404.

[152] Ibid., p. 407.

[153] Veja o site da clã em http://www.electricscotland.com/webclans/m/maclean2.html.

[154] Os famosos escritores homossexuais W.H. Auden e Christopher Interwood foram alunos da escola Gresham.

[155] Veja Costello, p. 307. Veja também Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 406.

[156] Veja Dr. Diana M. Henderson, « Scots at War/Secret, War/Soviet Spies », que pode ser consultado no endereço http://www.scotsatwar.org.uk/secret/soviet.html, Trust, Edimburgo, Escócia.

[157] Pryce-Jones. O número de 17.000 baseia-se em informações extraídas dos arquivos soviéticos, disponibilizados recentemente para pesquisadores ocidentais. Burgess, Maclean e Cairncross teriam comunicado esse número a Moscou em três ocasiões.

[158] Costello, p. 432 e 412.

[159] E. Michael Jones, « Homossexual como Subversivo: A Dupla Vida de Sir Anthony Blunt », *Fidelity Magazine* (mai 1988), p. 29.

[160] Costello, p. 432 e 412.

[161] Ibid., p. 606.

[162] Ibid., p. 407.

[163] Aqui estão algumas das diversas teorias sobre a natureza exata da missão real de Blunt: 1. teria consistido na recuperação de certas cartas íntimas e embaraçosas de membros da família real; 2. Blunt e o bibliotecário real do castelo de Windsor teriam sido encarregados de ir ao velho castelo de Kronberg em maio de 1945 para receber de oficiais do exército americano que estavam estacionados lá duas caixas supostamente contendo documentos secretos, mas que na verdade continham joias; 3. teria sido ordenado aos dois homens que recuperassem arquivos nazistas sobre uma possível aliança secreta entre a Alemanha e a Inglaterra contra Stálin.

[164] Costello, p. 369 et 443 à 471.

[165] Ibid., p. 4.

[166] Ibid., p. 465.

[167] Ibid., p. 466.

[168] Veja Vivian Bird, « Homossexualidade na Grã-Bretanha ganha aceitação crescente », *Spotlight*, 29 de fevereiro de 1988.

[169] Guy Liddell, subdiretor do MI5 responsável pela divisão « B », a de contraespionagem, levava uma vida conjugal desastrosa quando Blunt o fez seu amigo. Assim como Blunt, Liddell tinha uma parentela aristocrática distante. Seu pai era, supostamente, do tipo militar rígido, e sua mãe o havia mimado excessivamente. Segundo John Costello, autor especializado em inteligência, Liddell tinha uma visão negativa da sociedade britânica. Suas amizades « imprudentes » e sua « infeliz » associação em tempos de guerra com notórios homossexuais o tornavam um alvo explorável pelos soviéticos, ressalta Costello. Levando em conta, segundo Costello, que os primeiros resultados obtidos por Liddell no MI5 foram repletos de « incidentes » e irregularidades, e que a infiltração de Moscou na contraespionagem britânica atingiu seu auge sob sua direção, três coisas são certas: ou ele sofria de uma « incrível má sorte », ou tinha « uma incompetência beirando a negligência criminosa », ou era diretamente uma fonte soviética. De qualquer maneira, ressalta Costello, espiões comprometidos e « passivos » podem ser « tão prejudiciais quanto espiões ativos ». Hollis representava um caso diferente. Nascido em 1905, Roger Hollis era filho de um pastor, assim como Blunt. Estudou no Worcester College de Oxford, onde se tornou esquerdista. Entre seus amigos de Oxford estavam Claud Cockburn, um comunista convicto, Maurice Richardson e Thomas Driberg, notório homossexual que depois se tornaria agente comunista. Hollis trabalhou por algum tempo na Standard Bank de Londres, em seguida foi para a China, onde teve contato com a comunista engajada Agnes Smedley. Hollis, que casou-se três vezes, era visto um pouco como um conquistador e um « colecionador de aventuras arriscadas ». Sua incompetência como diretor-geral do MI5 era lendária. Segundo Chapman Pincher, Hollis teve um papel « desastroso » no caso do espião Fuchs e lidou, apesar do bom senso, com o escândalo Profumo, assim como com o interrogatório crítico de Philby. Ele estava no cargo quando o comandante Lionel Crabb, mergulhador da Marinha Real, foi morto e seu corpo decapitado encontrado na costa após uma mal conduzida missão de espionagem contra um navio soviético em Portsmouth. Em um certo momento de sua carreira no MI5, Hollis tentou destruir o diário de Liddell que documentava

integralmente as atividades do MI5 durante a guerra. Curiosamente, as alegações de que Hollis poderia ser um espião soviético vinham de seus próprios colegas dentro do MI5. Durante seu subsequente interrogatório, Hollis fez uma péssima apresentação de si mesmo, mas nenhuma questão foi realmente resolvida. No caso de Hollis, assim como no de Liddell, a incompetência geral não parecia ter prejudicado nem sua promoção, nem sua posterior nobreza. Hollis teve uma vida bastante confortável. Vale ressaltar que Costello e Pincher, entre outros autores e pesquisadores especializados em inteligência, estão convencidos da existência de indícios de que havia, naquela época, nos serviços de inteligência britânicos, uma fonte externa ao círculo de espiões de Cambridge.

[170] Costello, p. 466 e 27. Um dos parceiros sexuais de Blunt era John Gaskin, um ex-gará, com quem Blunt teve um relacionamento longo e instável; esse relacionamento terminou quando Gaskin cometeu suicídio ao cair de uma varanda.

[171] Ibid.

[172] Ibid., p. 561.

[173] Rothschild afirmava que sua mãe, nascida na Hungria, pagava Burgess para que ele a aconselhasse em questões financeiras.

[174] Costello, p. 305.

[175] Ibid., p. 660 a 663. A biografia de Inverchapel escrita por Donald Gillies sob o título *Diplomata Radical: A Vida de Archibald Clark Kerr, Lord Inverchapel, 1882-1951* (Nova York: St. Martin's Press, 1999) não menciona as inclinações homossexuais do interessado, exceto uma rápida alusão ao fato de que o diplomata envelhecendo preferia a companhia de homens, « especialmente de oradores jovens e de viva inteligência », à de sua jovem e bela esposa, Tita, que tinha quase trinta anos a menos que ele e que ele havia casado em segundas núpcias após um divórcio que durou dois anos. Donald Maclean foi um dos futuros primeiros secretários – ainda subordinados – da embaixada britânica em Washington, D.C. que serviam sob as ordens de Lord Inverchapel. John Costello critica mais do que Gillies a política pró-comunista de Inverchapel, sua admiração cega por Stálin e sua conduta pouco moral, que o expunha a chantageadores. Segundo Costello, no início de sua carreira diplomática, Kerr estabeleceu uma série de laços íntimos com conhecidos agentes soviéticos, incluindo Stig Wennestrom, adido militar soviético que ele conheceu quando era embaixador na China e que se revelou ser um general do KGB. Se não foi realmente um espião ou informante, Lord Inverchapel foi, ao menos, um « agente de influência » eficaz para os soviéticos, conclui Costello.

[176] Costello, p. 300.

[178] Ibid., p. 315.

[179] Ibid., p. 318.

[180] Michael Whitney Straight, *After Long Silence* (Nova York, Londres: W.W. Norton and Co., 1983), p. 142.

[181] Andrew e Mitrokhin, p. 61 e 62.

[182] Jones, p. 27.

[183] Ibid.

[184] Robert J. Lamphere e Thomas Shachtman, *The FBI-KGB War – A Special Agent's Story* (Nova York: Random House, 1986), p. 167.

[185] Costello, p. 317.

[186] Ibid., p. 318.

[187] Ibid., p. 333.

[188] Rebecca West, p. 225.

[189] Lamphere et Shachtman, p. 235.

[190] Modin, p. 143.

[191] Costello, p. 473.

[192] Ibid.

[193] Ibid., p. 537.

[194] Ibid. p. 474.

[195] Pincher, *Their Trade is Treachery*, p. 141.

[196] Rufina Philby, Peake et Lyubimov, p. 406 et 407.

[197] Lamphere e Shachtman, p. 233. Veja também Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 407.

[198] Lamphere e Shachtman, p. 23.

[199] Veja também Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 408.

[200] Lamphere e Shachtman, p. 233.

[201] Ibid., p. 24.

[202] Ibid., p. 235.

[203] Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 412.

[204] Knightley, Page, Leitch, p. 316.

[205] Ibid., Costello, p. 421.

[206] Lamphere e Shachtman, p. 235.

[207] O SMERSH fazia parte da nona Divisão do KGB, agência de contraespionagem especializada em terror e desvio. Veja em http://search.yahoo.com/bin/search?p=SMERSH.

[208] Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 414.

[209] A recente desclassificação do projeto VENONA, um dos segredos mais bem guardados da Guerra Fria, revelou a extensão da espionagem soviética e das operações de influência dirigidas contra os Estados Unidos. Graças a esse projeto, que exigiu a participação de criptógrafos conscientes, os americanos conseguiram ler as comunicações codificadas que os estabelecimentos soviéticos em Nova York e Washington trocavam com Moscou, principalmente entre 1943 e 1947. No total, porém, conseguiram decifrar completamente ou parcialmente apenas três mil mensagens ao longo de vários anos. Mais de cem agentes soviéticos foram desmascarados, muitos sendo identificados apenas por seus nomes de código, e até hoje alguns não puderam ser positivamente identificados. A maioria havia sido recrutada através do Partido Comunista dos Estados Unidos. Veja Hayden B. Peake, « The VENONA Progeny » (verão de 2000), disponível em http://www.nwc.navy.mil/press/Review/2000/summer/re2-Su0.htm.

[210] Em 1949, Weisband se queixou a Moscou porque, segundo ele, os serviços soviéticos haviam mudado de código abruptamente, o que levantava suspeitas de que os americanos poderiam desconfiar da presença de um espião entre seus quebradores de código. Veja em http://members.iglou.com/jtmajor/HaunWood.htm.

[211] Para mais informações sobre VENONA, veja, de Allen Weinstein e Alexander Vassiliev, *The Haunted Wood: Soviet Espionage in America – The Stalin Era* (Nova York: Random House, 1999); de Harvey Klehr, John Earl Haynes e Fridrikh Igorevich Firsov, *The Secret World of American Communism* (New Haven: Yale University Press, 1995); de John Earl Haynes e Harvey Klehr, *VENONA: Decoding Soviet Espionage in America* (New Haven: Yale University Press, 1999); e finalmente, de Herbert Romerstein e Eric Brindel, *The VENONA Secrets* (Washington, D.C.: Regency Publishing Co., 2000). O professor Harvey Klehr foi suficientemente amável para responder a várias perguntas do autor sobre VENONA. A história de VENONA pede uma interessante correção. Em seu livro publicado em 1992 intitulado *The American Communist Movement Storming Heaven Itself*, escrito antes que acadêmicos pudessem acessar informações sobre VENONA, o historiador John Haynes, da Biblioteca do Congresso, e o professor de história Harvey Klehr, da Universidade Emory, escreveram que, embora os « comunistas americanos fossem leais acima de tudo à pátria do comunismo mais do que aos Estados Unidos [...] na prática, poucos comunistas americanos foram espiões ». E concluíram que ver « o Partido Comunista Americano essencialmente como um instrumento de espionagem ou uma espécie de quinta coluna é subestimar seu propósito principal ». Contudo, mudaram de opinião após estudarem os telegramas decifrados por VENONA e descobrirem que « Não apenas um punhado, mas centenas de comunistas americanos [...] colaboraram com a espionagem soviética nos Estados Unidos durante as décadas de 1930 e 1940 ». Veja em http://www.nwc.navy.mil/press/Review/2000/summer/re2-Su0.htm. O livro de Haynes e

Klehr sobre VENONA permanece até hoje o mais objetivo que foi escrito sobre o assunto.

[212] Quando Aileen e Kim Philby se casaram, em 25 de setembro de 1946, ela estava grávida do primeiro dos seus cinco filhos. Em setembro de 1956, Philby começou um relacionamento com Eleanor Pope Brewer. Após a morte de Aileen em dezembro de 1957, Philby casou-se com Eleanor em 24 de janeiro de 1959. Segundo Chapman Pincher, quando Philby soube da morte de Aileen, ele estava em um coquetel; então levantou seu copo e disse: « Vamos brindar a esta grande notícia: Aileen morreu! » Depois que ele se mudou para Moscou, e enquanto Eleanor estava visitando os Estados Unidos, Philby se divertiu com a esposa de Maclean, Melinda. Em 1965, Eleanor deixou Moscou e Philby, que estava hospitalizado, para nunca mais voltar. A quarta esposa de Philby, Rufina, era de origem russo-polonesa. Philby teve no total quatro netos.

[213] James Angleton (1911-1980) iniciou sua carreira como agente de inteligência trabalhando com seu pai, que estava na OSS na Itália no final da Segunda Guerra Mundial. Muito cedo, ele formou laços estreitos com os líderes do movimento clandestino sionista que se tornaria o Mossad, ou seja, os serviços secretos israelenses. Como chefe da unidade de contraespionagem, especializou-se na luta contra espiões e fontes infiltradas. Embora Angleton jantasse e bebesse regularmente com Philby e parecesse estar em bons termos com o representante do MI6, ele suspeitava que ele era um agente soviético e comunicou essa suspeita a seus superiores, que a atribuíram serenamente à « paranoia » de Angleton e à sua « obsessão » por espiões e agentes duplos. Quando William Colby assumiu a CIA, em 1974, Angleton estava praticamente à margem e acabou renunciando. Colby então desmantelou a seção de contraespionagem da CIA. No entanto, isso se revelou um erro fatal, como seriam confirmados os estragos causados posteriormente por Aldrich Ames e Robert Hanssen, que espionavam para a União Soviética. Veja em http://www.angelfire.com/dc/1spy/Angleton.html.

[214] Costello, p. 539 e 540.

[215] William Stevenson, *Intrepid's Last Case* (Nova York: Villard Books, Random House, Inc., 1983), p. 187.

[216] Esta infeliz operação da SIS e da CIA é descrita em detalhes na obra de Nicholas Bethell intitulada *Betrayed* (Nova York: Times Books, Random House, 1984).

[217] Bethell, 111.

[218] Ibid., p. 202.

[219] Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. k275.

[220] O FBI havia monitorado de perto as atividades homossexuais de Maclean nos Estados Unidos.

[221] Lamphere e Shachtman, p. 235.

[222] Ibid.

[223] Para mais informações sobre as atividades de Maclean nos Estados Unidos, veja Knightley, Page e Leitch.

[224] Desde fevereiro de 1962, a família real e o governo resolveram não acusar Philby de traição. Em vez disso, a intenção era oferecer-lhe imunidade, desde que ele revelasse todos os detalhes de seus laços com os soviéticos e o KGB. Para o caso de ele se recusar a cooperar, as autoridades decidiram que era melhor deixá-lo ir para Moscovo do que enfrentar o espectro de um escândalo e de um julgamento público.

[225] Modin, p. 222.

[226] Ibid.

[227] Segundo Penrose e Freeman, tanto a lei sobre segredos do estado (OSA) quanto a lei britânica sobre difamação foram elaboradas para proteger a classe dirigente da Grã-Bretanha, « este grupo com múltiplas conexões internas que sempre dominou a administração pública, a política, as universidades, a City, as artes e as ciências ». A OSA original foi aprovada em 1889, mas foi a lei de 1911, aprovada às pressas pelo Parlamento, que desencadeou o ataque ao direito de informação dos cidadãos. De fato, esse texto tipifica como infração não apenas o ato de um funcionário revelar sem autorização qualquer informação obtida no exercício de suas funções, mas também o de receber tal informação, mesmo inadvertidamente. Não há exceção prevista para tal « no interesse público ». A espionagem, portanto, é um crime muito difícil de provar na ausência de confissões de um espião ou da prisão deste em ato de transmissão de informações secretas a uma potência estrangeira hostil.

[228] Pincher, *Their Trade is Treachery*, p. 150 e 151.

[229] Uma das teorias sobre as razões pelas quais Blunt nunca foi processado é mencionada em *War of the Windsors – A Century of Unconstitutional Monarchy*, por Stephen Prior, Clive Prince, Lynne Picknett e Robert Brydon (Mainstream Publishing, Edimburgo, 2002). Segundo os autores, Blunt poderia ter sido um filho ilegítimo do rei George V. No entanto, esse cenário parece altamente improvável, dado a educação e as firmes convicções religiosas de Hilda Master, a mãe de Blunt. **Uma teoria mais plausível seria que Blunt conseguiu comprometer sexualmente um membro da família real. Costello, por exemplo, aponta que, de acordo com o que Harbinson (Bryans) lhe disse, o duque de Kent, a ovelha negra da família real, era um usuário de drogas e se sentia atraído por parceiros de ambos os sexos. Blunt foi apresentado ao duque de Kent pelo príncipe do Sião Chula Chakrabongse quando os três jovens estudavam no Trinity College. Se Blunt realmente teve relações sexuais com o filho mais novo e rebelde da Rainha Mary, isso foi o suficiente para protegê-lo dos lobos do MI5 e do MI6.** O duque de Kent, que era loiro e alto, morreu em 1942 em um acidente de avião da Royal Airforce.

[230] Ibid., p. 152.

[231] Modin, p. 241.

[232] Este incidente é relatado por Joseph T. Major em sua resenha do livro de Stephen Koch *The Terrible Secret* (Nova York: Free Press, 1994), que pode ser consultada em http://members.iglou.com/jtmajor/2Lives.htm.

[233] Comunicação privada de Patrick Paskiewicz. Nigel descreveu um dia seu irmão como « combinando repulsão e charme em uma extraordinária mistura ». Veja Verne W. Newton, « The Cambridge Spies », em http://members.iglou.com/jtmajor/2Lives.htm.

[234] Modin, p. 268.

[235] A Administração Britânica, NtT

[236] Por extensão, a Imprensa como um todo.

[237] Neologismo descrevendo a internacional homossexual por analogia ao Komintern, a Internacional Comunista.

---

[i] Ernest Volkman e Blaine Bagget, *Secret Intelligence – The inside Story of America's Espionage Empire* (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1989), 161.

[ii] Costello, p. 182-183.

[iii] Andrew Boyle, The Fourth Man (Nova York: Dial Press, James Wade, 1979), 450.

[iv] Costello, p. 615.

[v] Veja, por Harry Hay, membro do Partido Comunista, a descrição da organização das primeiras redes homossexuais nos Estados Unidos em *The Trouble With Harry Hay – Founder of the Modern Gay Movement* de Stuart Timmons (Boston: Alyson Publications, 1990).

[vi] Richard Sorge nasceu no estado caucasiano do Azerbaijão, uma antiga república soviética. Seu pai era alemão e sua mãe era russa, mas Richard era profundamente russo e fervoroso bolchevique. Ele espionou para Staline em Xangai e depois foi para Tóquio, onde se passava por um respeitável jornalista alemão. Ele teceu então laços de amizade com o Embaixada da Alemanha em Tóquio com o Tenente-Coronel Ott, oficial de ligação com o Terceiro Regimento de Artilharia Japonês. Era um grande bebedor e conquistador que não escondia seus sentimentos antinazistas. Através de seu amigo Ott, ele tinha acesso a informações diplomáticas e militares extremamente valiosas, bem como às mensagens codificadas dos alemães e dos japoneses. Sorge foi posteriormente preso pelo governo japonês. Ele achava que os soviéticos o trocariam por outro prisioneiro, mas não o fizeram. Ele foi executado como espionagem estrangeira em 7 de novembro de 1944 na prisão de Sugamo. Vinte anos depois, em 6 de novembro de 1964, foi feito Herói da União Soviética. Veja Gordon W. Prange, *Target Tokyo – The Story of Sorge Spy Ring* (Nova York: MacGraw-Hill, 1984). Em seu ensaio "O Comércio da Enganação", o Professor Revilo P. Oliver notou que, graças às informações fornecidas por Sorge, Staline pôde obter vitórias militares importantes durante a Segunda Guerra Mundial ao mover suas importantes tropas massacradas ao longo da

fronteira da Manchúria para usá-las contra os alemães. Oliver observava que Sorge conseguiu mascarar efetivamente suas atividades de espionagem atrás de um verniz exterior de vida social e imediata. Em suma, ele construiu um "personagem" que era "ostensivamente dedicado aos prazeres 'sociais', em vez de se interessar pela política". Veja http://www.revilo-oliver.com/rpo/Business_of_Deception.html.

[vii] Rev. Paul J. Shaughnessy, "The Gay Priest Problem – What Needs to Be Done, and Why it Won't Be", *Catholic World Report*, (Novembro 2000), 54-58. O padre Shaughnessy, um capelão da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais, escreveu: "Defino como corrompida, no sentido sociológico, toda instituição que perdeu a capacidade de se corrigir por conta própria e com seus próprios recursos, uma instituição que é incapaz de descobrir e expulsar seus próprios transgressores. Nesse sentido, a principal razão pela qual a ação necessária para resolver o problema não será empreendida é que o episcopado nos Estados Unidos está corrompido, e isso também é verdade para a maioria das comunidades religiosas. É importante ressaltar que essa é uma exigência social e não moral". O texto completo está disponível em http://www.sdenewsnotes.com/ed/articles/2000/1200ps.htm.

[viii] Rueda, p. 78.

[ix] Rebecca West, p. 237.

[x] Ibid, p. 99.

[xi] Dorrill, p. 38. No texto, Dorrill, que entrevistou Robin Bryans, também conhecido como Rober Harbinson, comete um erro ao afirmar que Montini se tornou o Papa João Paulo I em vez de Paulo VI.

[xii] Roland Perry, *The Fifth Man: The Soviet Super Spy* (Londres: Sidgwick and Jackson, 1994), p. 27.

[xiii] Assim que o Estado de Israel foi formado, Rothschild ajudou Chaim Weizmann a estabelecer um programa nuclear ultra-secreto em Rehovot. Em 1947, nas Nações Unidas, tanto a União Soviética quanto os Estados Unidos votaram a favor do estabelecimento de um estado judeu na Palestina. Os "kibutzs" foram a contribuição de Israel à experiência do Socialismo Comunista no novo estado-nação.

[xiv] Ibid., 36.

[xv] Ibid., 41.

[xvi] Ibid., Costello, 305.

[xvii] Ibid, 293.

[xviii] Além disso, segundo o ex-membro do Mossad Victor Ostrovsky, o banco Rothschild agia como "bank sayanim", ou seja, assistia o Mossad fornecendo a todo momento assistência

financeira, dia e noite em caso de emergência e sem custos.

[xix] Modin, p. 77.

[xx] Costello, p. 249.

[xxi] Rufina Philby, Peake e Lyubimov, p. 436.

[xxii] Sinclair, p. 85.

[xxiii] Ibid, p. 89.

[xxiv] Marcom Muggeridge, *Chronicles of Wasted Time – The Green Stick*, Vol. 1, William Morrow & Co., 1973, p. 107.

[xxv] Ibid.

[xxvi] Ibid, p. 109.

[xxvii] As informações de VENONA indicam que os nomes de código David e ROSA poderiam ser Tess e Victor Rothschild. Victor Rothschild era o "Quinto Homem" do grupo de espiões de Cambridge? A meu ver, a questão é mal formulada. Se Rothschild colaborou e forneceu aos soviéticos informações secretas dos britânicos e dos americanos antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial, ele não o fez como empregado dos soviéticos, como nos casos de Burgess, Maclean, Blunt e Philby. Rothschild não era um dos cinco. Ele superava a todos. Seus relacionamentos com os soviéticos, assim como com todos os provocadores da Revolução Mundial com os quais colaborou, funcionavam em um nível e uma escala totalmente diferentes. A questão que teria sido melhor fazer é – quais interesses representava Victor Rothschild e a que hierarquia ou organização ele era leal? Certamente, esses interesses englobavam os de sua família, sua dinastia financeira, sua raça e a criação e sobrevivência da pátria judaica na Palestina. Ao contrário de seus amigos de Cambridge, Rothschild não era guiado por nenhuma retórica sobre a supremacia da ideologia comunista. Não teve ilusões sobre a natureza e o desfecho da guerra de Staline contra os judeus, como documentado no livro de Louis Rapoport com o mesmo nome *(Stalin's War Against the Jews* (Nova York: Maxwell Macmillan International, 1990). Pelo contrário, o "arranjo" de Victor Rothschild com os soviéticos foi provavelmente estritamente pragmático – informações e segredos científicos, dados militares e políticos do Reino Unido, da América e de outros lugares em troca de 1) O apoio soviético às Nações Unidas para a criação do Estado socialista de Israel. 2) A garantia de armas nucleares para defender o novo estado em um ambiente árabe hostil e 3) A libertação dos judeus russos detrás da Cortina de Ferro para repovoar Israel. Conhecimentos científicos, armas de destruição em massa, serviços de inteligência eficazes, apoios internacionais, dinheiro e pessoas, tudo era necessário a Israel para sobreviver. Rothschild forneceu generosamente tudo isso, mesmo que ao fazê-lo estava indo contra os interesses britânicos. Que os Rothschild e o governo israelense fossem capazes de tais ações é demonstrado pelo Caso Pollard, que envolveu a venda de informações americanas altamente confidenciais para a União Soviética por agentes israelenses. Em 1986, um judeu americano, Jonathan Pollard, que trabalhava para a inteligência da Marinha dos EUA, foi preso por espionagem em favor de Israel. No dia de sua prisão, ele estava na posse de sessenta documentos classificados dos EUA. Os

israelenses forneciam informações americanas aos soviéticos e às nações do bloco de Leste em troca da libertação dos judeus desses países. Quanto aos outros interesses de Rothschild, é fascinante notar que, quando a Guerra Fria terminou, Victor Rothschild, como se fosse o momento certo, assumiu uma causa singular – a chamada "explosão demográfica". A guerra contra o comunismo se transformou em uma guerra contra a proliferação da população, e Rothschild estava pronto para liderar a carga nessa nova fase da marcha contínua da Revolução Mundial. Veja Richard Deacon, *The Cambridge Apostoles* (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1986), p. 178.

[xxviii] Veja Gordon Lonsdale, *Spy: Twenty Years of Secret Service, Memoirs of Gordon Lonsdale* (Nova York: Hawthorn, 1965). Também http://intellit.muskingum.edu/uk_folder/ukspycases_folder/ukspycases&l.html.

[xxix] Rebecca West, *New Meaning of Treason*, p. 297.

[xxx] Veja a entrevista da PBS em http://www.pbs.org/redfiles/kgb/deep/interv/k_intgeorge_blake.htm.

Veja também George Blake, *No Other Choice: The Cold War Memoirs of the Ultimate Spy* (Londres: Jonatham Cape Limited, 1990).

[xxxi] "George Blake, o último sobrevivente das ‘taupes’ legendárias do KGB", Pittsburgh Press, 16 de janeiro de 1992. Após a debacle de Blake, o comitê Radcliffe foi criado para examinar as medidas de segurança no serviço público. O relatório final do comitê insistia no princípio da "necessidade de saber", mas aparentemente o MI5 e o MI6 não receberam a mensagem. A porta permanecia aberta para outras atividades de espionagem estrangeira contra o Governo e a Coroa Britânica.

[xxxii] Rebecca West, p. 316. Veja também Rebecca West, "O Caso Vassall", *Sunday Telegraph*, Londres, 4 de julho de 1963.

[xxxiii] Ibid, 317.

[xxxiv] Ibid.

[xxxv] Lewis, 18.

[xxxvi] Rebecca West, 320.

[xxxvii] Lewis, 89.

[xxxviii] Ibid, 90.

[xxxix] Ibid.

[xl] Rebecca West, 321.

[xli] Segundo dizem, os soviéticos faziam pagamentos mensais de £ 700 a Vassall, que dobravam em caso de documentação proveniente da Marinha.

[xlii] Pincher, p. 75. Na realidade, Golitsin afirmava que havia duas fontes infiltradas na Marinha, mas após o julgamento de Vassall, os serviços de inteligência britânicos ignoraram esse aviso.

[xliii] Rebecca West, p. 323.

[xliv] Ibid, p. 328.

[xlv] Ibid.

[xlvi] Veja "A Comissão Warren do ponto de vista do processo" com notas sobre a Tribuna Radcliffe por Arthur L. Goodheart, New York University Law Review, Vol 40 (Maio de 1965), 404-423, disponível em http://karws.gso.uri.edu/JFK/History/WC_Period/Legal_views_of_WC/Goodheart-from_procedural-standpt.html.

[xlvii] Ibid.

[xlviii] Ibid.

[xlix] Ernest Volkman e Blaine Bagget, *Secret Intelligence – The inside Story of America's Espionage Empire* (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1989), p. 161.

[l] Costello, p. 182-183.

[li] Andrew Boyle, *The Fourth Man* (Nova York: Dial Press, James Wade, 1979), p. 450.

[lii] Costello, p. 615.

[liii] Veja, por Harry Hay, membro do Partido Comunista, a descrição da organização dos primeiros redes homossexuais nos Estados Unidos em *The Trouble With Harry Hay – Founder of the Modern Gay Movement* de Stuart Timmons (Boston: Alyson Publications, 1990).

[liv] Richard Sorge nasceu no estado caucasiano do Azerbaijão, uma antiga república soviética. Seu pai era alemão e sua mãe era russa, mas Richard era profundamente russo e fervoroso bolchevique. Ele espionou para Staline em Xangai e depois foi para Tóquio, onde se passava por um respeitável jornalista alemão. Ele formou laços de amizade com a Embaixada da Alemanha em Tóquio com o Tenente-Coronel Ott, oficial de ligação do Terceiro Regimento de Artilharia Japonês. Era um grande bebedor e conquistador que não escondia seus sentimentos antinazistas. Já com seu amigo Ott, ele tinha acesso a informações diplomáticas e militares extremamente valiosas, bem como às mensagens codificadas dos alemães e dos japoneses. Sorge foi preso pelo governo japonês. Ele achava que os soviéticos o trocariam por outro prisioneiro, mas não o fizeram. Ele foi executado como espião estrangeiro em 7 de novembro de 1944 na prisão de Sugamo. Vinte anos depois, em 6 de novembro de 1964, foi feito Herói da União Soviética. Veja Gordon W. Prange, *Target Tokyo – The Story of Sorge Spy Ring* (Nova York: MacGraw-Hill, 1984). Em seu ensaio "O

Comércio da Enganação", o Professor Revilo P. Oliver observou que, graças às informações fornecidas por Sorge, Staline pôde obter vitórias militares importantes durante a Segunda Guerra Mundial, movendo suas importantes tropas massacradas ao longo da fronteira da Manchúria para usá-las contra os alemães. Oliver observou que Sorge foi capaz de mascarar efetivamente suas atividades de espionagem atrás de uma fachada de vida social e imediata. Em suma, ele construiu um "personagem" que era "ostensivamente dedicado aos prazeres 'sociais', em vez de se interessar pela política". Veja http://www.revilo-oliver.com/rpo/Business_of_Deception.html.

[lv] Rev. Paul J. Shaughnessy, "The Gay Priest Problem – What Needs to Be Done, and Why it Won't Be", *Catholic World Report*, (Novembro 2000), 54-58. O padre Shaughnessy, um capelão da Marinha dos EUA e do Corpo de Fuzileiros Navais, escreveu: "Defino como corrompida, no sentido sociológico, toda instituição que perdeu a capacidade de se corrigir por conta própria e com seus próprios recursos, uma instituição que é incapaz de descobrir e expulsar seus próprios transgressores. Nesse sentido, a principal razão pela qual a ação necessária para resolver o problema não será empreendida é que o episcopado nos Estados Unidos está corrompido, e isso também é verdade para a maioria das comunidades religiosas. É importante ressaltar que essa é uma exigência social e não moral". O texto completo está disponível em http://www.sdenewsnotes.com/ed/articles/2000/1200ps.htm.

[lvi] Rueda, 78.

[lvii] Rebecca West, 237.

[lviii] Ibid, 99.

[lix] Stephen Dorrill e Anthony Summers, *Honeytrap – The Secret Worlds of Stephen Ward* (Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1987), p. 48.

[lx] Ibid.

[lxi] Ibid., p. 52.

[lxii] Ibid., p. 28.

[lxiii] Ibid., p. 36-37.

[lxiv] Penrose e Freeman, p. 254, 484.

[lxv] O pai de Peter Montgomery era o Major-General Hugh Maude de Fallenberg Montgomery. Seu tio era o Marechal de Campo Sir Archibald Montgomery-Massingberd, Chefe do Estado-Maior Imperial. Seu primo em segundo grau era Bernard Montgomery, o lendário comandante da Segunda Guerra Mundial.

[lxvi] Penrose e Freeman, p. 254, 484.

[lxvii] Provavelmente, foi graças às suas relações familiares que Peter obteve seu cargo junto a Wavell nas Índias. Nenhuma das biografias de Wavell menciona o nome de Peter Montgomery.

[lxviii] Chris Moore, *The Kincora Scandal* (Dublin: Marino, 1996), p. 88.

[lxix] Carter, p. 384.

[lxx] Costello, p. 466.

[lxxi] O lar de meninos de Kincora foi aberto em 1958 para servir como abrigo de transição para adolescentes com problemas e órfãos da região de Belfast. O diretor escolhido para Kincora, Joseph Mains, era um pedófilo homossexual ativo. Ele foi acompanhado em 1964 por Raymond Semple, outro "amante de meninos". Os dois homens transformaram a residência em um verdadeiro inferno para muitos jovens que foram colocados em Kincora pelo Estado como em um lugar seguro. Quando William McGrath se juntou à equipe em 1971, o inferno em Kincora estava completo. Em 24 de janeiro de 1980, o repórter de Dublin Peter McKenna, do *Irish Independent*, publicou um artigo denunciando que a encobertura oficial de abusos sexuais de meninos e adolescentes no Lar de Meninos de Kincora havia durado mais de 20 anos. Além disso, McKenna relatou que várias agências públicas haviam sido informadas sobre as atividades criminosas em Kincora e que não fizeram nada para parar os abusos. Chris Moore, autor de *The Kincora Scandal*, insistia que, embora os meninos de Kincora tenham sido estuprados e sodomizados por McGrath, Mains e Semple – todos recebendo severas penas de prisão após seus julgamentos em dezembro de 1981 – não havia uma rede de prostituição operando fora do lar. No entanto, McKenna relatava que havia uma rede organizada de pedófilos operando fora de Kincora e que alguns meninos haviam sido retirados do orfanato e enviados para perto do Castelo de Birr para servir como carne fresca para pedófilos e homossexuais da alta sociedade de Belfast e Londres. Sabemos que McGrath era um agente do MI5 na Irlanda do Norte, assim como um dirigente do Ordem da Laranja antes de sua prisão. Sabemos que ele frequentava Londres frequentemente e se misturava com os círculos políticos de elite. Contudo, os serviços de inteligência britânicos (MI5) encerraram sua investigação antes que os supostos pedófilos e homossexuais de Belfast e da Grã-Bretanha pudessem ser identificados e interrogados. O fato de que o amigo e companheiro sodomita de Blunt, Sir Knox Cunningham, que morreu em 1976, estivesse em estreita relação com McGrath tende a apoiar a possibilidade de que meninos de McGrath tenham sido abusados sexualmente por outros homens além de McGrath, Mains e Semple. A menos que a Coroa, Whitehall ou o Parlamento Britânico decidam reabrir o Caso Kincora, é improvável que a verdade completa seja revelada ao público irlandês e britânico. Blunt teria fornecido a seus mentores soviéticos informações sobre Kincora, se o fez, isso poderá permanecer enterrado. Além do livro de Moore, o defensor do Partido Trabalhista Paul Foot forneceu informações adicionais sobre o escândalo de Kincora em *Who Framed Colin Wallace?* (Macmillan, Londres, 1989).

[lxxii] Moore, p. 88-89.

[lxxiii] Dorrill, p. 38. No texto, Dorrill, que entrevistou Robin Bryans, também conhecido como Rober Harbinson, comete um erro ao afirmar que Montini se tornou o Papa João Paulo I em vez de Paulo VI.

Ratzinger cumpriu o plano R+C do cardeal satanista Rampolla

Anglicanos: Ratzinger cumpriu o plano R+C do cardeal satanista Rampolla

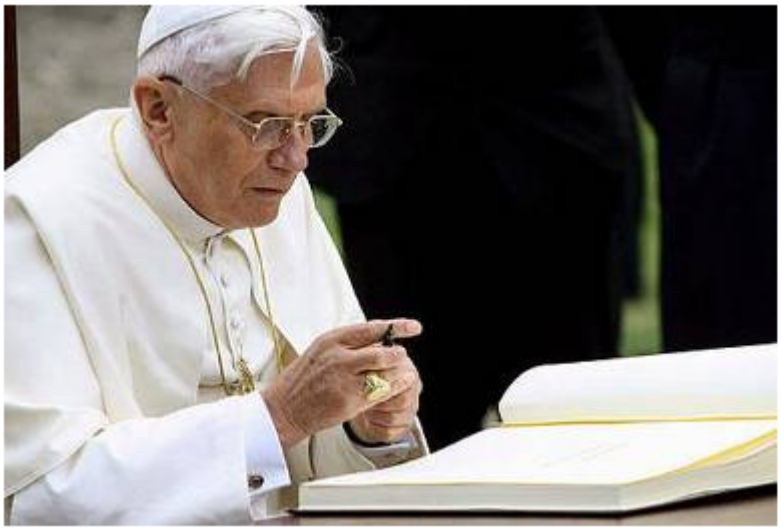
(SCOOP: a Carta de 19 de setembro de 1894)

Quinta-feira, 16 de setembro de 2010.

Artigo original disponívem no site Virgo Maria

- Anglicanos[1]: Ratzinger cumpriu o plano R+C do cardeal satanista Rampolla[2](SCOOP: a Carta de 19 de setembro de 1894)
- Texto do fac-símile da carta do cardeal satanista Rampolla e do comentário do padre Portal
- Fac-símile da carta do cardeal satanista Rampolla e do comentário do padre Portal
- Principais Referências de Virgo-Maria sobre: RAMPOLLA – ANGLICANISMO – ECUMENISMO – Movimento LITÚRGICO
- Referências

Anglicanos[1]: Ratzinger cumpriu o plano R+C do cardeal satanista Rampolla[2](SCOOP: a Carta de 19 de setembro de 1894)



A visita oficial do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI (líder da falsa igreja que ofuscou a verdadeira Igreja Católica) à Escócia e Inglaterra, de 16 a 19 de setembro de 2010, deve ser entendida como uma etapa importante na realização do plano detalhado pelo cardeal luciferiano Rampolla del Tindaro, membro da O.T.O. (Ordo Templi Orientis). Em uma carta de 1894, publicada em 1895 (Revue Anglo-Romaine, Volume I, 1895, páginas 392 a 394), o cardeal infiltrado junto ao Papa Leão XIII revela ao padre Portal (um padre ardiloso, secretamente consagrado bispo [3], ligação dos anglicanos e de Lord Halifax, este último muito próximo da coroa britânica, dentro da Igreja), o projeto de reunir anglicanos e católicos em uma estrutura comum.

Rampolla desejava um "renascimento religioso geral" com "a nação inglesa à frente desse salutar retorno do mundo à vida cristã"! Um século antes do triunfo mundialista dos círculos de influência anglo-saxões (Round Table, RIIA, CFR, Bilderberg, Comissão Trilateral, etc.) e do clã Rothschild de Londres, o cardeal maçônico expôs o esquema geral de subversão da Igreja Católica, do qual

Ratzinger-Bento se afirma hoje como o realizador distante, mas fiel.

A visita de Ratzinger-Bento XVI à Escócia e Inglaterra já aparece como um evento histórico que vai concretizar uma etapa importante do projeto de origem anglicana, apoiado continuamente pelas lojas iluministas Rosacruz britânicas há mais de um século, para a realização de um falso retorno dos anglicanos ao seio da "Igreja" católica.

Desde o final do século XIX, o cardeal infiltrado Rampolla pedia "a reunião corporativa" ("*Corporate Reunion*") [4] dos anglicanos com a verdadeira Igreja Católica.

Em 2010, a verdadeira Igreja Católica foi ofuscada por uma falsa estrutura, a igreja [seita] Conciliar, controlada pela maçonaria e profetizada pelo livro do Apocalipse de São João.

E o plano secular rosacruz se adaptou a partir de seu bastião histórico britânico: agora se trata de unir a Comunhão Anglicana com a falsa "igreja católica" e iniciar assim a realização do plano de união "dos três ramos" da "vinha do Senhor": romana, anglicana e ortodoxa, o plano anglicano da "união dos três ramos" severamente condenado várias vezes pelos Papas no século XIX.

Este plano britânico anglicano (na verdade R+C) de falsa unidade, baseado no protestantismo, expresso em Oxford pelo pastor anglicano Pusey por volta de 1830, tem como objetivo consagrar a tomada do poder religioso pelos círculos mundialistas britânicos ansiosos para estabelecer sobre os destroços da Cristandade seu império[5] mundial[6].

A etapa final deste falso ecumenismo de "Tradição" resultará em uma religião universal e maçonizada, a serviço do governo mundial, ou seja, do reinado do Anticristo.

A visita de Ratzinger-Bento XVI à Escócia e Inglaterra de 16 a 19 de setembro de 2010. Ela carrega um simbolismo maçônico e anglicano e começa com a visita a uma terra templária.

Elemento de forte significado simbólico, Ratzinger-Bento XVI começará sua visita na "ilha dos feiticeiros" na Escócia, berço templário da maçonaria[7] (dita "de rito escocês"), da qual a rainha da Inglaterra é a líder, assim como também é a chefe da "igreja" Anglicana.

O padre Portal revela em 1895, na Revue Anglo-Romaine (Volume I, 1895, páginas 392 a 394), uma carta do cardeal Rampolla de 19 de setembro de 1894, na qual este último usa a mesma linguagem que Ratzinger-Bento XVI em sua "constituição apostólica" *Anglicanorum Coetibus*[8] de 4 de novembro de 2009 sobre "o estabelecimento de ordinariatos pessoais para os anglicanos que entram em plena comunhão com a 'Igreja Católica'" de 4 de novembro de 2009.

O paralelo é espantoso.

O discurso do cardeal luciferiano Rampolla poderia ser colocado na boca de Ratzinger, tanto parece se realizar hoje diante de nossos olhos.

O cardeal traidor deseja que:

> "*o movimento intelectual iniciado em Oxford e que vai se desenvolvendo na comunhão anglicana entre homens de espírito elevado, muito eruditos na ciência das antiguidades, das cristandades e pesquisadores leais da verdade,*

> *fará desaparecer finalmente os velhos preconceitos e, dissipadas as sombras, trará de volta à unidade visível da Igreja de Jesus Cristo a filha de Roma, a nobre raça dos ingleses.*"

Os "velhos preconceitos" são as exigências da teologia católica que rejeitam a revolução litúrgica anglicana como falsa, inimiga de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seu sacrifício expiatório.

E as "sombras" a "dissipar" são as condenações desse protestantismo de além-mar pelos Papas e pelos teólogos que preservaram a pureza da Fé católica.

Quando Dom Fellay, com uma insígnia impudência que rivaliza com a tolice e a ignorância, expressa no final de 2009, após a publicação de *Anglicanorum Coetibus* de Ratzinger-Bento XVI, sua "grande alegria"[9], ele une finalmente seus aplausos às comemorações de Rampolla, que combatia os "velhos preconceitos" e as "sombras" a "dissipar". Em seu sermão em Lille em 1976, Dom Lefebvre usou uma linguagem diferente e lembrou a condenação dos anglicanos e de suas ordens absolutamente inválidas por Leão XIII em 1896.

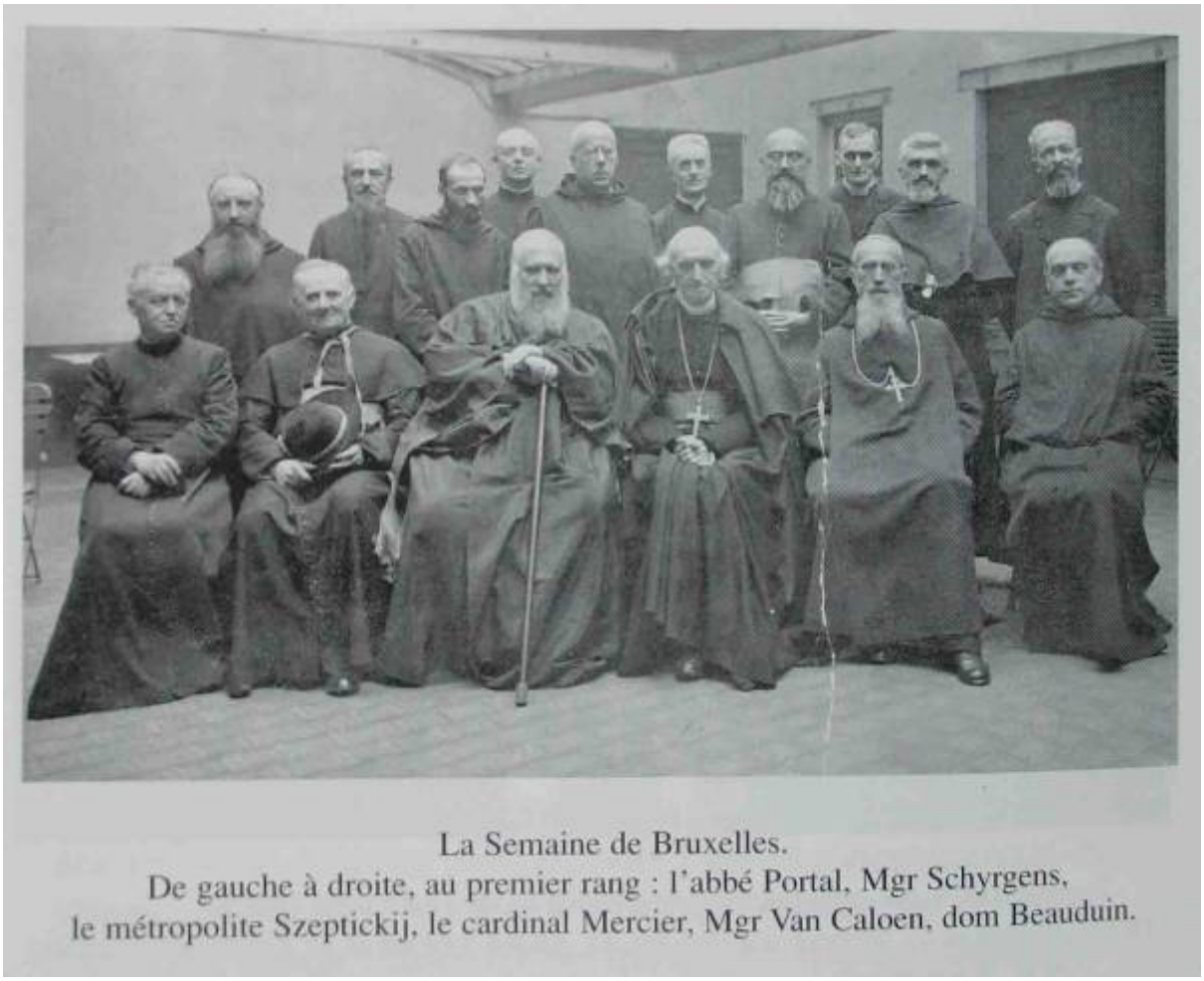
Quando Rampolla justifica em 1895:

> "*reunir como em um único feixe todas as forças do cristianismo para opô-las eficientemente ao dilúvio de impiedade e corrupção que transborda hoje de todos os lados.*"

Temos aqui os mesmos argumentos que o Vaticano modernista usa atualmente para explicar sua união com os anglicanos conservadores ou os ortodoxos, a fim de travar um "combate pró-vida" ou uma luta contra o "relativismo e a secularização" que em 2010 ganharam a Europa.

125 anos se passaram desde que este discurso e este esquema maçônico são expressos.

Em 1895, era expresso em um pequeno círculo de iniciados, do qual Rampolla e Portal eram membros; em 2010, é difundido pelos meios de comunicação mundiais sob controle junto às massas que apostataram.



La Semaine de Bruxelles.
De gauche à droite, au premier rang : l'abbé Portal, Mgr Schyrgens,
le métropolite Szeptickij, le cardinal Mercier, Mgr Van Caloen, dom Beauduin.

O padre Portal por volta de 1925, em companhia de Dom Beauduin, seu continuador, e do cardeal Mercier

A intervenção privada do cardeal maçônico Rampolla coincide com a tentativa feita por Lord Halifax e pelo padre Portal junto a Leão XIII, a fim de tentar fazer com que fossem reconhecidos como válidos, ou pelo menos obter ordenações "*sub conditione*", e não "*absolute*", as falsas ordens anglicanas. Essa tentativa, conduzida pelas lojas (o cardeal Rampolla e o padre Portal estavam mancomunados), falhou completamente e, por uma graça providencial, produziu o efeito inverso: terminou com a proclamação solene por Leão XIII da invalidade completa das ordens anglicanas, pela bula *Apostolicae Curae (*1896), uma verdadeira "espécie de vitória milagrosa, como a de Lepanto, do sacerdócio sacrificatorial católico".

Para esse ato importante, o Papa Leão XIII comprometeu sua infalibilidade papal.

Por volta de 1918, o padre Portal foi secretamente consagrado bispo [10], na órbita que gravitava em torno da Ordem da *Corporate Reunion*.

Em sua carta, o cardeal Rampolla menciona um certo Dalbus e seu livro, publicado em fevereiro de 1894, "As Ordenações Anglicanas". Dalbus é o pseudônimo do padre Portal. O relato dessa impostura da "abertura de um debate" destinado a questionar a invalidade das ordenações anglicanas foi detalhado na obra intitulada inversamente à realidade "A validade das ordenações anglicanas - os documentos da comissão preparatória à carta *Apostolicae Curae*" (Volume I, 1997, Firenze, Leo S. Olschki Editore - Fontes Archivi Sancti Officii Romani).

Este trabalho foi apresentado em 1998 a Ratzinger em um colóquio pelo Padre Morerod, atualmente membro da comissão das pretensas "discussões doutrinais" com a FSSPX. Tudo se encaixa. Prova adicional de que estamos verdadeiramente no cerne do complô contra a Igreja com a questão das ordens anglicanas inválidas.

A fim de completar nosso texto, solicitamos ao CIRS que detalhasse este episódio das ações combinadas do cardeal Rampolla e do padre Portal para influenciar Leão XIII e incentivá-lo a reconhecer a validade das ordens anglicanas. Eis o resumo que recebemos do CIRS sobre este documento preparado por R.P. von Gunten e editado pelo Vaticano em 1997, antes de ser apresentado pelo Padre Morerod em 1998, sendo que o R.P. von Gunten já havia falecido:

> "A intervenção de Portal e de Lord Halifax
>
> O padre Ferdinand Portal, dos padres da Missão, e um nobre inglês, o visconde Lindley Wood Halifax, lançaram por volta de 1890 um movimento visando à reunião da Igreja Católica e da Comunhão Anglicana. Eles escolheram como meio o exame das ordens anglicanas, porque, segundo uma declaração do padre Portal a Jean Guitton, tratava-se de uma questão de fato (e não de direito, como a questão da jurisdição papal) e, disse o padre, 'nós pensávamos que elementos novos de informação e interpretação poderiam mudar a prática romana'.
>
> Segundo o R.P. von Gunten, o padre Portal se esforçou para 'despertar o interesse dos teólogos católicos sobre o tema em questão'.

A posição dos Anglicanos

"A correspondência entre F. Portal e Lord Halifax, a partir da segunda metade de 1891, está repleta de alucinações sobre a questão da validade das ordens anglicanas; o lazarista insiste junto ao seu amigo para que este elabore um relatório que explicaria a posição dos anglicanos. A iniciativa de Portal não teve sucesso imediato. A leitura de uma obra sobre o Concílio do Vaticano, escrita por Dom Eugenio Cecconi, fornece a oportunidade para o padre francês voltar à carga.

O livro em questão cita um trecho de G. Cobb: "Declaramos possuir provas autênticas mais do que suficientes para fazer cessar este veredicto sobre as ordenações. O que fizemos para colocar essas provas diante de nossos adversários e obter que eles modificassem seu julgamento?".

Nós anglicanos não preservamos o ministério apostólico. Essa era a essência do veredicto dos católicos. Em sua carta, Portal dirige a interrogação de Cobb ao lord inglês: "Vocês fizeram algo para colocar essas provas diante de seus adversários?" E o lazarista acrescenta: "Sua Igreja deveria publicar, se não de uma maneira oficial, ao menos por meio de um de seus melhores teólogos, uma tese que estabelecesse de maneira peremptória a validade de suas ordenações".

Em uma carta pouco posterior, F. Portal cita esta observação do arcebispo de Florença a respeito da afirmação de Cobb:

> "Todos os católicos, e não temo afirmar, a própria Santa Sé, ficariam felizes em ver iniciar uma discussão séria e leal sobre uma matéria onde o Senhor Cobb demonstra tanta certeza; isso seria uma vantagem preciosa para a ciência histórica e, o que é melhor, para a salvação das almas, pois se encerraria uma controvérsia histórico-dogmática aberta há três séculos: então todo anglicano de boa fé, todo ministro desse culto não tardaria a tomar uma determinação, não conforme a opinião daqueles que pensam como o Senhor Cobb, mas plenamente de acordo com a verdade. Que os anglicanos, portanto, apresentem as provas autênticas (*documentary evidence*) mais do que suficientes para derrubar o veredicto tradicional declarado contra a validade de suas Ordenações".

Esta nova intervenção de F. Portal não foi absolutamente vã. Uma esperança se desenha: "Eu creio, nota Halifax, que o Bispo (de Salisbury) escreverá ele

mesmo algo que tratará a questão da matéria e da forma do sacramento".

Resposta de Portal: "Desejo que o Bispo de Salisbury e seus amigos publiquem em breve uma sólida demonstração da validade de suas ordens".

De fato, em 11 de julho de 1894, uma obra sobre a validade das ordenações anglicanas estava composta e sua tradução latina quase concluída. Este trabalho foi realizado por E. Denny e T. A. Lacey. Saiu de imprensa em 1895, com um prefácio do Bispo de Salisbury, John Words-worth.

Foi publicado sob os auspícios da English Church Union, da qual Lord Halifax era o presidente.

Portal, que havia insistido na necessidade de redigir uma defesa das ordenações anglicanas, escreveu ele mesmo três artigos que foram reunidos posteriormente em um fascículo intitulado: *As ordenações anglicanas*. O opúsculo, do qual será falado adiante, saiu de imprensa em **fevereiro de 1894**. O lazarista francês havia contado com a erudição de um religioso anglicano: o padre F.W. Puller, membro da Comunidade de São João Evangelista (S.S.J.E.).

Assim, o desejo de F. Portal de fazer conhecer as razões que estabeleciam, segundo os anglicanos, a validade das ordenações anglicanas, estava em parte realizado.

Era também necessário, evidentemente, atrair a atenção dos teólogos católicos. O opúsculo do qual se falou serviu igualmente a esse propósito."

O padre Portal e as "*ordenações anglicanas*"

"No seu opúsculo *As ordenações anglicanas*, F. Portal, sob o pseudônimo de Dalbus, examina três aspectos da questão: O rito do Ordinal. Tomado em si mesmo, parece ser suficiente. A consagração de Parker deve ser considerada como certa. Poderia, no máximo, levantar-se uma dúvida sobre a intenção do consagrante, Barlow. Resta um terceiro ponto. Na ordenação dos sacerdotes, os anglicanos suprimiram a porreção dos instrumentos. Essa omissão permite a Dalbus concluir pela invalidade das ordenações anglicanas.

A argumentação era original. E, como nota A. M. Boudinhon, "se o Senhor Dalbus, ao publicar sua brochura sobre as ordenações anglicanas, se propôs principalmente a chamar a atenção dos católicos franceses para esta importante questão, deve-se reconhecer que ele teve pleno sucesso. O movimento de opinião, suscitado em circunstâncias particularmente favoráveis, se desenvolveu rapidamente".

De fato, o professor L. Duchesne escreveu um relatório favorável sobre esse opúsculo no "*Bulletin critique*".

Em uma carta enviada ao autor, ele disse mesmo:

> "Com você, acredito que não se pode contestar o caráter episcopal de Parker e de Barlow; com você, admito que o ritual anglicano é suficiente em si mesmo. Mas vou além e, a partir dessas duas premissas, deduzo a validade das ordenações anglicanas. Tudo o que se objecta do lado das intenções é sem valor. Sempre houve sacerdotes e bispos hereges, ou mesmo incrédulos; se medíssemos suas crenças secretas ou confessadas, a validade de seus atos eclesiásticos, não teríamos mais nenhuma segurança."

Assim, assistimos a uma **ação combinada entre o padre Portal e Lord Halifax** para "abrir um debate" entre os teólogos católicos sobre uma questão para a qual a Igreja nunca variou em sua prática: a invalidade das ordenações anglicanas.

Resumindo, a partir da segunda metade de 1891, o padre Portal, baseando-se em uma citação de G. Cobb (em uma obra de Dom Eugenio Cecconi, arcebispo de Florença, sobre o Vaticano I) que afirmava dispor de elementos novos sobre este assunto, pressiona Lord Halifax a produzir elementos. Lord Halifax, na verdade de acordo com o padre Portal quanto ao objetivo, parece demorar a fazer a parte anglicana agir. O arcebispo de Florença, que desejou um debate, esperava um reconhecimento por parte dos anglicanos da invalidade de suas próprias ordenações. Em 3 de fevereiro de 1892, o padre Portal escreve novamente a Lord Halifax, que desta vez irá reagir. Ele anuncia que o bispo anglicano de Salisbury vai produzir uma demonstração. Este documento, publicado sob os auspícios da English *Church Union*, da qual Lord Halifax é o presidente, sai em 11 de julho de 1894, sua tradução latina segue.

Paralelamente, o padre Portal elabora um opúsculo de três artigos, *As ordenações anglicanas*, sob o pseudônimo de Dalbus. Ele é publicado na França, na "*La science catholique*" entre 15 de dezembro de 1893 e 15 de janeiro de 1894, antes de ser editado em fevereiro de 1894.

Como entender a manobra clerical? Neste opúsculo, o padre Portal conclui pela suficiência do rito anglicano do Ordinal, se não faltasse a porreção dos instrumentos. Ele também reconhece o caráter episcopal de Barlow e Parker.

Assim, a razão que invoca para a invalidade não é válida. Lembremos que em *Sacramentum Ordinis*, em 1947, Pio XII não considerou a porreção dos instrumentos como parte da forma essencial do rito de ordenação presbiteral.

Assim, sob um pseudônimo, o padre Portal defende a invalidade, contra a qual ele trabalha sob seu verdadeiro nome ao se esforçar para fazer com que a parte anglicana produza provas contrárias em conjunto com Lord Halifax.

E L. Duchesne, na edição XV do "*Bulletin critique*" de 1894, produz um relatório favorável e, em uma carta ao padre Portal, deixa de lado esse contra-argumento da porreção dos instrumentos, para concluir pela validade do rito anglicano.

A. M. Boudinhon, professor de direito canônico no Instituto Católico de Paris, irá passar a pente fino a brochura do padre Portal, em seu *Estudo teológico sobre as ordenações anglicanas* (Paris, 1895). Ele concluirá pela invalidade do rito anglicano e descartará o argumento da invalidade levantado pelo padre Portal a respeito da porreção dos instrumentos, pois este último ponto não faz parte da forma essencial da ordenação presbiteral.

O R.P. von Gunten não apresenta as razões que Boudinhon argumenta para concluir pela invalidade dos ritos anglicanos e desautorizar o padre Portal. Por outro lado, ele joga com os termos utilizados por A. M. Boudinhon para formular o problema, a fim de estabelecer as premissas para um debate posterior que lhe permitirá separar a concepção católica da invalidade de uma concepção de invalidade no absoluto. **Vemos aqui despontar uma intenção ecumênica do R.P. von Gunten que não é inocente.**

Um anglicano convertido, que se tornou beneditino sob o nome de Dom B. Camm, publica na "*La Revue bénédictine*" de 1894 e 1895 artigos que retomam os textos de Dalbus, de Duchesne, de A. M. Boudinhon e artigos do padre Montevis em "*Le Nouveau moniteur de Rome*". Ele lembra a posição da Igreja em favor da nulidade das ordenações anglicanas.

Na mesma época, precisamente em setembro de 1894, ocorre o congresso dos Velhos Católicos em Roterdã, onde estão presentes anglicanos e onde a nulidade de suas ordenações é reafirmada.

O bispo anglicano de Sodor e Man, comentando, em 1894, uma afirmação do cardeal Vaughan, afirmará claramente e sem hesitações que 300 anos antes, a Igreja da Inglaterra rejeitou a noção de que o presbiterado deva ser considerado como uma ordem de sacerdotes sacrificantes, e "cessou deliberadamente de ordená-los como tais". Como se trata de uma premissa no raciocínio do cardeal Vaughan, o bispo anglicano a aprova, mas não o segue em suas conclusões. Dom Camm observa que "*Naturalmente, as pessoas da Alta Igreja se preocupam*

pouco com o que seus bispos podem dizer." O R.P. von Gunten utiliza essa observação para introduzir um comentário sobre as divergências que existem entre o movimento ritualista e a opinião tradicional.

Dom Camm também se lamenta que A. M. Boudinhon tenha aceitado os dados históricos do padre Portal (Dalbus) sem verificá-los e questiona o trabalho do padre: "*Isto é muito prejudicial, pois esses dados estão longe de ser puros*". Ele cita alguns dos erros do padre Portal. O R.P. von Gunten não os menciona aqui.

O padre Tournebize, jesuíta, retomará essa questão e, ao mostrar os erros do padre Portal (Dalbus), concluirá pela ausência de sacerdócio entre os anglicanos.

Os teólogos católicos ingleses já publicaram sobre esses assuntos: E. E. Estcourt, *A questão das ordenações anglicanas discutida* (381 páginas de texto e 116 páginas de documentos); A. W. Hutton, *O ministério anglicano. Sua natureza e valor em relação ao Sacerdócio Católico* (550 páginas. O cardeal Newman escreveu o prefácio, pp. v-xvi).

O estudo do padre Portal (Dalbus) será posteriormente retomado por Sydney Smith (jesuíta), na revista "*The Month*" (1894), e depois na obra *Reasons for rejecting Anglican orders*, Londres, 1896. J. Moyes publicou uma série de artigos em "*The Tablet*" (9 de fevereiro de 1895) sobre as ordenações anglicanas. Neles, cita mais de uma vez a obra do padre Portal (F. Dalbus).

Fundada em 1895 pelo padre Portal, a revista "*Anglo-Romaine*", publica em seu primeiro número o estudo *As ordenações anglicanas e o sacrifício da Missa*, por F. W. Puller, que pertence à sua Comunidade anglicana de São João Evangelista. Considerando que "*Um sacramento é nulo se o ministro tem a intenção positiva de excluir um efeito necessário desse sacramento.*" "*Ora, no que diz respeito às ordenações anglicanas, o ministro tem, ou ao menos teve, no princípio, a intenção positiva de excluir um efeito necessário: o poder de sacrificar*", o teólogo anglicano explica que as decisões do concílio de Trento sobre esse assunto só foram autorizadas e promulgadas na XXIIª sessão, que ocorreu em 17 de setembro de 1562, e que antes dessa data, outra concepção era possível. Segundo ele, este foi o caso de Cranmer, de quem diz que ele queria principalmente reagir a opiniões "*erradas e exageradas*" sobre a questão do sacrifício. Conclui que os reformadores ingleses rejeitaram totalmente a ideia de um sacrifício na eucaristia, mas que se opuseram a algumas doutrinas que circulavam na Europa sobre esse sacrifício. Essa posição será objeto de várias correções na mesma revista Anglo-Romaine, incluindo a de M. Vacant: Albert o Grande é o autor dos trinta e dois discursos sobre a eucaristia que lhe são atribuídos? (1896), depois A. Dummermuth, Exposição de um texto atribuído ao beato Alberto Magno, "*Revue Anglo-Romaine*" (1896), e por fim N. Paulus, Uma suposta 'doutrina monstruosa' sobre o sacrifício da Missa, "*Revue Anglo-*

Romaine" (1896).

P. Gasparri, que participou da comissão de Leão XIII, reagirá a essa tese de Puller em 1895 (Da validade das ordenações anglicanas, Paris).

Em seguida, Puller estará agora em Roma durante a reunião da comissão de Leão XIII, e encontrará nesse momento P. Gasparri, membro da Comissão.

Segundo o R.P. von Gunten, o padre Portal, consciente de ter conseguido desencadear reações entre os teólogos, deseja então interessar Leão XIII nessa questão, a fim de alcançar um resultado concreto.

A respeito da revista Anglo-Romaine, notemos que ela foi fundada em 1895 por Portal. Ela deveria, na intenção de seu autor, contribuir para estabelecer a união em corpo da igreja anglicana com a Igreja católica, como ressaltava Portal no liminar onde também abordava a questão das ordens anglicanas (I, 1895, p. 8). Além dos artigos mencionados aqui, vários outros também tratarão desse tema. Destacamos este trecho do discurso de Lord Halifax, proferido na reunião da *English Church Union*, em 20 de abril de 1896: "*.... por todas essas razões, ficamos felizes em ver que a questão foi levantada como foi na França e colocada novamente em Roma. Quem pode duvidar que, se, como consequência de uma exposição completa de fatos, a Igreja romana for reconhecer a injustiça da qual foi culpada, e admitir a validade de nossas ordens, um grande obstáculo para a reunião será assim removido? Portanto, como um meio para alcançar esse objetivo, a reunião da cristandade, objetivo que o Papa deseja, e de maneira alguma porque tivéssemos algumas dúvidas, mesmo as mais leves, quanto à validade das ordens da Igreja da Inglaterra ou porque pedíssemos um reconhecimento por parte de Roma para adicionar à nossa completa certeza de sua perfeita validade, que a questão das ordens anglicanas acaba de ser levantada na França e que atualmente está em discussão em Roma*".

Por meio da empresa de contatos romanos, o padre Portal encontra-se com o Papa Leão XIII em 12 de setembro de 1894. Ele abordará a união da Igreja católica com a seita anglicana e a invalidade das ordens anglicanas.

O padre Portal chega a sugerir a Leão XIII que escreva uma carta particular e secreta aos arcebispos de York e de Cantuária, convidando-os a trabalhar pela união das Igrejas.

Três dias depois, o cardeal Rampolla, secretário de Estado, anunciou a Portal que o "Papa queria incumbir o padre Duchesne de elaborar um trabalho sobre suas [N.d.E.: dos anglicanos] ordens".

Lembramos que o padre Duchesne já havia se pronunciado positivamente sobre a questão da validade no *Bulletin critique* em reação à obra que o padre Portal

havia escrito sob o pseudônimo de F. Dalbus. Imediatamente, o padre Portal divulgou a notícia. O arcebispo de Cantuária escreveu a Lord Halifax, em 15 de outubro de 1895: "*O Sr. Portal acrescentou que obteve da mais alta autoridade que o Sr. Duchesne (cujas ideias são conhecidas) irá se ver encarregado de redigir um trabalho completo sobre a questão*". Por sua vez, L. Duchesne compartilhou sua missão com T. A. Lacey, anglicano, autor de De Hierarchia. O trabalho de L. Duchesne, concluído em 8 de dezembro de 1895, chegou a Leão XIII em 7 de janeiro de 1896."

E é após a audiência do padre Portal com o Papa Leão XIII em 12 de setembro que o cardeal Rampolla escreveu a carta de 19 de setembro ao padre Portal, para comentar Dalbus fazendo parecer que ignorava que se tratava do pseudônimo do sacerdote lazarista.

A obra de 1894 do padre Portal foi redigida graças às contribuições e à erudição de um monge anglicano. Uma bela artimanha eclesiástica. Que hipocrisia da parte do lazarista!

Este procedimento de publicação de uma obra-impostura para **reanimar um "debate" sobre as ordenações anglicanas em 1894, faz inevitavelmente pensar na reedição dessa operação em 2003, desta vez o padre Celier desempenhando o papel do padre Portal e publicando sob o pseudônimo de Paul Sernine, "*A Palha e o Sicômoro*", a fim de questionar Jean Vaquié, suas obras e sua denúncia das influências gnósticas** dentro da Tradição católica. Dom Lefebvre apoiava e ouvia Jean Vaquié. Dom Fellay apoia o padre Celier.

O padre Celier, apoiado por Dom Fellay, não inventou nada. **Ele serviu para reproduzir o método da Loja para reativar um debate sobre um assunto já resolvido, utilizando um pseudônimo**.

O paralelo padre Celier/padre Portal e Sernine/Dalbus é muito revelador dos métodos da Loja

O objetivo desta manipulação do padre Portal/Dalbus consistiu **em condicionar Leão XIII a partir de 1894, fazendo-o acreditar na existência de um debate teológico sobre um assunto encerrado, para fazê-lo reabrir o caso e avançar em direção ao reconhecimento das ordens anglicanas.**

A operação milagrosamente falhou em 1896.

O cardeal Rampolla desempenhou o papel de *Deus ex machina* nesse caso, colocando em primeiro plano o padre Portal e **seu protegido, Dom Gasparri, que prescreverá, no máximo, as ordenações** "*sub conditione*", e especialmente não "*absolute*", sendo estas últimas equivalentes a uma declaração da invalidade radical das ordens anglicanas (invalidade radical que, no entanto, foi final e milagrosamente ensinada por Leão XIII em sua Bula de 1896 *Apostolicae Curae*), para os anglicanos, antes de promover o sofisma anticristão do "sacerdócio provável", **hoje retomado[11] por Dom Fellay, "o trapaceiro mitrado" [12], e depois terminar sua carreira como secretário de Estado de Bento XV e de Pio XI e assassino dos Cristeros mexicanos[13]**.

Cardeal Gasparri: promotor do pseudo sacerdócio anglicano, pupilo de Rampolla e assassino dos Cristeros mexicanos.

Depois da produção deste arquivo capital, verdadeiro documento histórico, que desmascara o traiçoeiro e falso « **tradicionalista** », o apátrida Ratzinger-Bento XVI, *VM* continuará suas revelações.

Esta carta do cardeal Rampolla ao padre Portal pesa ainda mais sobre o dossiê já muito substancial da filiação a uma Loja desse prelado, secretário de Estado do Papa Leão XIII.

É precisamente isso que o padre Ricossa[14] não cessa de negar, por meios dilatórios e pseudo-demonstrações, a fim de reabilitar o luciferiano Rampolla dentro da Tradição católica.

Assim, esse padre Ricossa joga o jogo do inimigo em um ponto capital.

Mas agora sua posição se torna cada vez mais insustentável.

Brasão da O.T.O. – Ratzinger-Bento XVI presidindo uma reunião ecumênica com os anglicanos no Vaticano

Lembramos que, **sob as provocações e insultos dos clérigos duvidosos**, ***Virgo-Maria.org***, **em complemento aos trabalhos do *CIRS* (Rore Sanctifica), é o único meio de comunicação religiosa na internet e na imprensa que revelou este plano crucial de reunião maçônica sob direção anglicana**.

VM tem dedicado, desde sua origem, uma seção a esses assuntos.

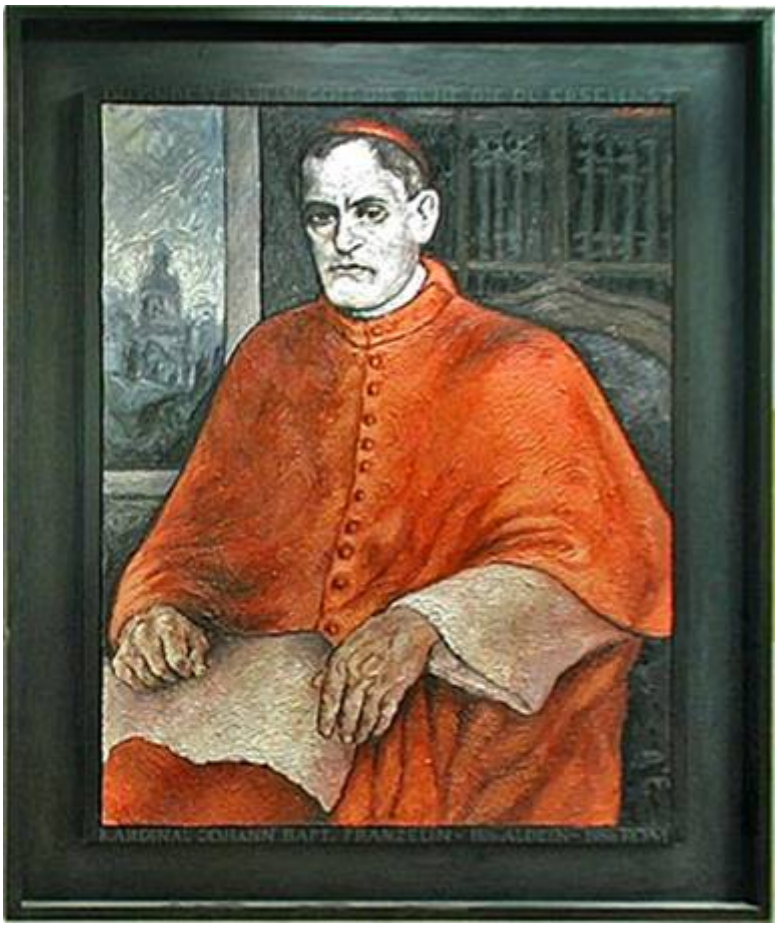
Quanto mais avança a atualidade, mais os avanços subversivos de Ratzinger-Bento XVI vêm concretizar diante de nossos olhos este plano desmascarado por *VM* e pelo *CIRS*, cuja finalidade última é **erradicar na Terra o Sacerdócio sacrificial de Melquisedec, sacramentalmente válido, o Sacerdócio da «*Nova e Eterna Aliança*», selada no Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo** derramado para a salvação das almas na Sexta-feira Santa, abrindo assim, por **esta grande Apostasia, o caminho para a reabilitação e ressurreição do Sacerdócio sacrificial de Arão dos sacrifícios de animais da «*Antiga Aliança*», que deverão ser realizados no terceiro templo de Jerusalém reconstruído após a guerra que se prepara no Oriente Próximo e Médio**. Nessa perspectiva, a FSSPX destina-se a ser projetada contra o Islã, como uma ponta de lança do «choque das civilizações», cuja finalidade será concluir a destruição da Europa, após os dois conflitos mundiais (plano de Albert Pike de 1873). É à luz disso que deve ser decodificada a insistência crescente dos padres Cacqueray e Lorans em proferir críticas ao Islã. Os fiéis ainda não se dão conta, mas, guiados por esses clérigos infiltrados, acabarão se envolvendo em uma luta que não é primordialmente a deles.

É nesse sentido que os apóstatas, o bispo Wojtyla-João Paulo II e o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, não cessam de repetir publicamente que a «*Antiga Aliança perdura hoje*», apostasiando publicamente Nosso Senhor Jesus Cristo na indiferença geral dos católicos modernistas de hoje.

Não é necessário precisar que **tanto os dominicanos de Avrillé quanto o padre Ricossa, observam um silêncio de chumbo sobre este plano** britânico R+C da «***Corporate reunion***», assim como sobre o papel de destaque do anglicanismo rosacruciano no ataque contra a Igreja desde 1830, e a destruição odiosa e sistemática do Sacerdócio sacramentalmente válido que daí

resulta.

Essa manobra do cardeal satanista Rampolla e do padre traiçoeiro Portal falhará, pois em 1896 o Papa Leão XIII comprometeu sua infalibilidade pontifical para proclamar «absolutamente vãs e totalmente nulas» as ordenações anglicanas.



O Cardeal Franzelin

Desviando as armadilhas de seu entorno infiltrado, do qual ele claramente não tinha consciência, **com a ajuda do cardeal inglês Vaughan, o Papa Leão XIII fundamentará sua argumentação teológica nos trabalhos notáveis do cardeal Franzelin, que ele havia consignado em seu Votum de 1875**.

LE CARDINAL MARIEN RAMPOLLA DEL TINDARO
Secrétaire d'État de Sa Sainteté.

Dom Lefebvre recordará, durante **a missa de Lille em 1976, a condenação irrevogável das ordens anglicanas**:

> *« Mas estamos realmente nesse ponto. Se hoje nos dizem que se pode fazer intercomunhões com os protestantes, que não há mais diferença entre nós e os protestantes, bem! isso não é verdade. Há uma* ***diferença imensa***. Por isso, ficamos verdadeiramente estupefatos ao pensar que foi feito uma bênção pelo ***arcebispo de Cantuária — que não é sacerdote, uma vez que as ordenações anglicanas não são válidas, como o Papa Leão XIII declarou oficialmente e definitivamente, e que é herege como todos os anglicanos*** *(lamento, já não se gosta mais desse nome, mas essa é ainda* ***a realidade***, não é uma ofensa usá-lo e eu só peço sua conversão) — ao pensar, portanto, que ele é ***herege*** *e que lhe pedem para abençoar com o Santo Padre a multidão de cardeais e bispos presentes na igreja de São Paulo. Isso é absolutamente inconcebível! inconcebível!*» Dom Lefebvre, 29 de agosto de 1976

E em 17 de setembro de 2010, Ratzinger seguirá os passos de Montini-Paulo VI e participará de uma cerimônia ecumênica com os anglicanos.

Ao mesmo tempo, o padre de Cacqueray (criatura do padre Celier) clama ao escândalo[15] diante da participação de um falso bispo conciliar em uma falsa cerimônia de ordenação anglicana de mulheres. E esse padre manipulador se atreve a apelar "ao Papa" ("*Podemos esperar uma reação de Roma?*"), ou seja, em sua mente, ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, **que terá, de forma semelhante, e ainda mais devido ao impacto midiático, a função de credibilizar a falsa hierarquia sacramental anglicana ao participar da cerimônia ecumênica de 17 de setembro de 2010**.

> *« **Aqui está que Ennemond, o porta-voz de Suresnes no Fórum católico se faz perguntas[16] ("O diocese de Évreux está vaga?") sobre a vacância da sede episcopal de "Dom" Nourrichard… (que, de fato, faz muito barulho…)***
>
> **Ao mesmo tempo, fazer a mesma pergunta sobre "Bento *XVI" que vai pregar em um templo luterano, vai rezar em uma mesquita, vai nas sinagogas promover que a Antiga Aliança não está abolida, …, é sempre um tabu na FSSPX !!!***
>
> **Que hipócrita_ *!!!*** » Um leitor

E no dia seguinte, **o padre de Cacqueray publica um comunicado que retoma em essência o texto de Ennemond** (dito «*o papagaio de Suresnes*»).

Tudo isso mostra que a comunicação do padre de Cacqueray está totalmente nas mãos do padre Celier, que o faz assinar tudo o que quer. Para o maior prazer da Loja. O padre de Cacqueray é visivelmente incapaz de dirigir o Distrito da França da FSSPX e aparece cada vez mais

como uma marionete em batina nas mãos do padre Celier-Sernine-Beaumont.

A manobra operada pelo comunicado do padre de Cacqueray é infantil, parece inspirada pelo padre Celier, **consiste em lembrar a invalidade das ordens anglicanas, mas para acusar um falso bispo conciliar**, com o objetivo de branquear Ratzinger-Bento XVI perante os fiéis, e **considerá-lo como uma autoridade que não seria conivente no essencial, enquanto o mesmo chefe apóstata da igreja [seita] conciliar participará de uma cerimônia ecumênica com os mesmos anglicanos**.

Ele escreve:

> « ***Diante de tais incoerências que colocam também os rabinos nas catedrais ou os bispos nas mesquitas…*** »

Mas Ratzinger visita os rabinos, os recebe em colóquios no Vaticano, vai rezar nas mesquitas e reza com os anglicanos que recebe com muita frequência.

> « ***Não podemos deixar de manifestar nossa profunda indignação ao considerar que reuniões cada vez mais escandalosas e comprometedoras ocorrem justamente por conta daqueles que se dizem em "plena comunhão" com a Sé Apostólica*** »**

exclama o tarado padre de Cacqueray, mas Ratzinger-Bento XVI está em "*plena comunhão*" com "*Dom*" Nourrichard: a "*plena comunhão*" do Vaticano II.

De quem está zombando o padre de Cacqueray?

Dos fiéis e de Dom Lefebvre, certamente!

Como de costume!

Continuemos a boa luta
A Redação de *Virgo-Maria*
© 2010 virgo-maria.org

Texto do fac-símile da carta do cardeal satanista Rampolla e do comentário do padre Portal

> Carta de Sua Eminência o cardeal Rampolla a M. Portal, sacerdote da Missão, professor no grande seminário de Cahors (autor das Ordenações Anglicanas).
>
> Roma, 19 de setembro de 1894,
>
> Reverendo Senhor,
>
> você foi muito amável ao se lembrar de me oferecer o opúsculo sobre as ordenações anglicanas que foi recentemente publicado sob o nome de Dalbus, e você tornou seu presente ainda mais agradável ao acompanhá-lo de notícias muito interessantes relativamente à cultura teológica e às disposições atuais dos membros mais notáveis da Igreja Anglicana, os quais, como você diz, ao fazer votos pela união, anseiam com impaciência pelo dia em que todos aqueles que acreditam na redenção estarão unidos como irmãos em uma única comunhão.
>
> Fico feliz em lhe dizer que, apesar das graves ocupações do meu cargo, consegui ler com muito interesse esse trabalho, do qual tanto se tem falado. E devo confessar que senti grande prazer ao ver uma questão tão delicada tratada com serena imparcialidade de julgamento e em um espírito unicamente voltado a fazer brilhar a verdade na caridade.
>
> Embora me abstenha de entrar na questão em si, não posso deixar de aprovar a conclusão do autor, uma vez que ela está completamente conforme aos sentimentos expressos pelo Santo Padre em sua carta apostólica destinada aos príncipes e aos povos do universo.

Dalbus acredita que o movimento intelectual iniciado em Oxford e que se desenvolve na comunhão anglicana entre homens de elevado espírito, muito eruditos na ciência das antiguidades e sinceros pesquisadores da verdade, fará desaparecer finalmente os velhos preconceitos e, com as sombras dissipadas, trará à unidade visível da Igreja de Jesus Cristo a filha de Roma, a nobre raça dos ingleses, que Gregório Magno iniciou pelo batismo à vida cristã e política. Assim, o povo inglês se tornaria completamente digno dos altos destinos que a Providência lhe reserva.

Nenhuma dúvida pode surgir sobre a acolhida afetuosa que essa nação encontraria junto de sua antiga mãe e senhora, se esse feliz retorno ocorresse; pois nada poderia igualar ao fervor com o qual o Soberano Pontífice que governa hoje a Igreja de Deus deseja restabelecer a paz e a unidade na grande família cristã, e reunir como em um único feixe todas as forças do cristianismo para opor-se eficazmente à torrente de impiedade e corrupção que transborda hoje de toda parte. Certamente, Sua Santidade não pouparia nem trabalho, nem solicitude, nem esforço para aplainar o caminho, para trazer, onde necessário, a luz, fortificar as vontades que, enquanto amam o bem que conhecem, não conseguem ainda se resolver a abraçá-lo.

Uma troca amistosa de ideias e um estudo mais cuidadoso e aprofundado das antigas crenças e práticas do culto seriam extremamente úteis para preparar o caminho para essa união desejada. Tudo isso deveria ser realizado sem nenhum misto de amargura e recriminação ou preocupação com interesses terrenos, mantendo-se em uma esfera onde se respiraria unicamente o espírito de humildade e de caridade cristã e um sincero desejo de paz e ardente amor pela obra imortal do Amor de um Deus que orou para que os seus fizessem todos uma só coisa nele e não hesitou em cimentar essa união com todo o seu sangue.

Que os membros da comunhão anglicana tenham a convicção, forte e profunda, como deve ser, de que a unidade da Igreja é a vontade expressa de Jesus Cristo, que as divisões e a variedade de crenças religiosas são a origem de um estado de coisas que repugna à razão e desagrada a Deus, e que aqueles que contribuem para manter tal estado de coisas tornam-se culpáveis diante de Deus e da sociedade pelo maior bem do qual a privam; e a esperança do retorno da Inglaterra ao centro único da unidade não será em vão.

"*Uma nação, como disse Bossuet, uma nação tão sábia, não permanecerá muito tempo nessa deslumbrante situação: o respeito que tem pelos Pais e suas contínuas e curiosas pesquisas sobre a antiguidade a trarão de volta à doutrina dos primeiros séculos. Não posso acreditar que persista no ódio que concebeu contra a cátedra de Pedro, de onde recebeu o cristianismo*". Que Deus queira que estas palavras de um homem ilustre tenham sido proféticas! E poderia-se acrescentar agora, após dois séculos, que, sendo cidadãos de um país livre, os

ingleses não podem deixar de desejar que o reinado da justiça, da ordem e da paz seja restabelecido em todo o universo, e esse é justamente o desejo muito ardente do Soberano Pontífice Leão XIII. Que esse desejo, acolhido com fervor (...) com sinceridade, mostre a aurora de uma renovação religiosa geral, da qual a sociedade moderna tem tanta necessidade, e com (?) a nação inglesa à frente desse salutar retorno do mundo à vida (?) cristã.

Receba, reverendo senhor, meus agradecimentos pelo seu gracioso envio da brochura, com a certeza da minha distinta estima,

M. Cardeal Rampolla.

Esta carta me foi entregue em Roma, onde eu havia sido chamado, no dia 19 de setembro de 1894. Não a publiquei na época, embora tivesse sido autorizado a fazê-lo, por razões pessoais, e mais tarde, por essas mesmas razões, publiquei apenas uma parte. Essas razões não existem mais hoje.

Não é necessário ressaltar a importância desta carta. No entanto, gostaria de chamar a atenção dos leitores para a seguinte frase: "*Uma troca amistosa de ideias e um estudo mais cuidadoso e aprofundado das antigas crenças e práticas do culto seriam extremamente úteis para preparar o caminho para essa união desejada. Tudo isso deveria ser realizado sem nenhum misto de amargura e recriminação ou preocupação com interesses terrenos, mantendo-se em uma esfera onde se respiraria unicamente o espírito de humildade e de caridade cristã e um sincero desejo de paz e ardente amor pela obra imortal do Amor de um Deus que orou para que os seus fizessem todos uma só coisa nele e não hesitou em cimentar essa união com todo o seu sangue.*"

Esta troca amistosa de ideias, em outras palavras, estas conferências feitas em um espírito cristão e nas bases antigas das crenças, terão lugar quando as autoridades da Igreja anglicana estiverem dispostas a consentir.

F. Portal

Fac-símile da carta do cardeal satanista Rampolla e do comentário do padre Portal

REVUE

ANGLO-ROMAINE

RECUEIL HEBDOMADAIRE

TOME I

Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam ... et tibi dabo claves ...

MATTH. XVI. 18-19.

Spiritus Sanctus posuit episcopos regere Ecclesiam Dei.

ACT. XX. 28.

PARIS

RÉDACTION ET ADMINISTRATION

17, RUE CASSETTE

1893

Lettre de S. Em. le cardinal Rampolla à M. Portal, prêtre de la Mission, professeur au grand séminaire de Cahors (auteur des Ordinations anglicanes).

Rome, 19 septembre 1894.

Révérend monsieur,

Vous avez été bien aimable de penser à m'offrir l'opuscule sur les ordinations anglicanes paru depuis peu sous le nom de Fernand Dalbus, et vous avez rendu votre don d'autant plus agréable que vous l'avez accompagné de nouvelles fort intéressantes relativement à la culture théologique et aux dispositions actuelles des membres les plus remarquables de l'Église anglicane, lesquels, comme vous le dites, en faisant des vœux pour l'union soupirent avec impatience après le jour où tous ceux qui croient à la rédemption seront unis comme des frères dans une seule communion.

Je suis heureux de vous dire que, malgré les graves occupations de ma charge, j'ai parcouru avec beaucoup d'intérêt ce travail, dont on a beaucoup parlé. Et je dois avouer que j'ai ressenti un grand plaisir à voir une question si délicate traitée avec une sereine impartialité de jugement et dans un esprit uniquement porté à faire resplendir la vérité dans la charité.

Tout en m'abstenant d'entrer dans la question elle-même, il ne m'est pas possible de ne pas approuver la conclusion de l'auteur, puisqu'elle est entièrement conforme aux sentiments exprimés il y a peu de temps par le Saint-Père dans sa lettre apostolique adressée aux princes et aux peuples de l'univers.

Dalbus croit que le mouvement intellectuel commencé à Oxford et qui va se développant dans la communion anglicane parmi des hommes d'un esprit élevé, très érudits dans la science des antiquités chrétiennes et chercheurs loyaux du vrai, fera disparaître enfin les vieux préjugés, et, les ombres étant dissipées, ramènera à l'unité visible de l'Église de Jésus-Christ la fille de Rome, la noble race des Anglais, que Grégoire le Grand initia par le baptême à la vie chrétienne et politique. Par là, le peuple anglais deviendrait complètement digne des hauts destins que la Providence lui réserve.

Aucun doute ne peut s'élever sur l'accueil affectueux que cette nation trouverait auprès de son antique mère et maîtresse, si ce

heureux retour se produisait; car rien ne saurait égaler l'ardeur avec laquelle le Souverain Pontife qui gouverne aujourd'hui l'Église de Dieu, désire rétablir la paix et l'unité dans la grande famille chrétienne, et réunir comme en un seul faisceau toutes les forces du christianisme, pour les opposer efficacement au torrent d'impiété et de corruption qui déborde aujourd'hui de toute part. Certainement, Sa Sainteté n'épargnerait ni travail, ni sollicitude, ni effort pour aplanir le chemin, pour apporter, où cela serait nécessaire, la lumière, fortifier les volontés qui, tout en aimant le bien qu'elles connaissent, n'auraient pas encore su se résoudre à l'embrasser.

Un échange amical d'idées et une étude plus soignée et plus approfondie des anciennes croyances et pratiques du culte serait on ne peut plus utile pour préparer la voie à cette union désirée. Tout cela devrait se faire sans aucun mélange d'amertume et de récrimination ou de préoccupation d'intérêt terrestre, se tenant dans une sphère où l'on respirerait uniquement l'esprit d'humilité et de charité chrétienne et un sincère désir de paix et d'ardent amour pour l'œuvre immortelle de l'Amour d'un Dieu qui pria pour que les siens fussent tous une seule chose en lui et n'hésita pas à cimenter cette union de tout son sang.

Que les membres de la communion anglicane aient la conviction, vive et profonde, comme elle doit l'être, que l'unité de l'Église est la volonté expresse de Jésus-Christ, que les divisions et la variété des croyances religieuses sont l'origine d'un état de choses qui répugne à la raison et déplaît à Dieu, et que ceux qui concourent à maintenir pareil état de choses se rendent coupables devant Dieu et devant la société du plus grand bien dont ils la privent, et l'espérance du retour de l'Angleterre au centre unique de l'unité ne sera point vaine. Une nation, comme dit Bossuet, une nation si sévère, ne demeurera pas longtemps dans cet éblouissement : le respect qu'elle observe pour les Pères, et ses curieuses et continuelles recherches de l'antiquité la ramèneront à la doctrine des premiers siècles. Je puis croire qu'elle persiste dans la haine qu'elle a conçue contre la chaire de Pierre, d'où elle a reçu le christianisme. « Dieu veuille que ces paroles d'un homme illustre aient été prophétiques! Et on pourrait y ajouter maintenant, après deux siècles que, ci-devant d'un pays libre, les Anglais ne peuvent pas ne pas désirer le règne de la justice, de l'ordre et de la paix soit rétabli dans tout l'univers, et tel est justement le vœu très ardent du souverain Pontife Léon XIII. Puisse ce vœu, accueilli avec ferveur et procédé avec sincérité, montrer l'aurore d'une renaissance religieuse générale, dont la société moderne a un si grand besoin, et faire de la nation anglaise à la tête de ce salutaire retour du monde à la vie chrétienne.

Recevez, révérend monsieur, mes remerciements pour vo
gracieux envoi de la brochure, avec l'assurance de mon estim
distinguée,

M. Cardinal Rampolla.

Cette lettre me fut donnée à Rome même, où j'avais été a
pelé, le 19 septembre 1894. Je ne la publiai pas alors, bien q
j'y fusse autorisé, pour des raisons personnelles, et plus tard p
ces mêmes raisons je n'en ai publié qu'une partie. Ces rais
n'existent plus aujourd'hui.

Il n'est pas besoin de faire remarquer l'importance de c
lettre. Je tiens cependant à signaler la phrase suivante à l'
tention des lecteurs : « *Un échange amical d'idées, et une étude
soignée et plus approfondie des anciennes croyances et pratiqu
cultuerait on ne peut plus utile pour préparer la voie à cette u
désirée. Tout cela devrait se faire sans aucun mélange d'amer
et de récrimination, ou de préoccupation d'intérêt terrestre, se te
dans une sphère où l'on respirerait uniquement l'esprit de pa
d'ardent amour pour l'œuvre immortelle de l'Amour d'un Dieu
pria pour que les siens fussent tous une seule chose en lui et n
sita pas à cimenter cette union de tout son sang.*

Cet échange amical d'idées, en d'autres termes, ces confér
faites dans un esprit chrétien et sur les bases antiques de
croyances auront lieu quand les autorités de l'Église anglic
voudront bien y consentir.

F. Portal.

LES ORDINATIONS ANGLICANES

ET LE SACRIFICE DE LA MESSE

Quelques théologiens ont essayé de démontrer la nullité des ordi-
nations anglicanes en s'appuyant sur les modifications apportées au
Prayer-Book en ce qui touche au sacrifice de la Messe. Leur argu-
mentation peut, je crois, se résumer ainsi :

Un sacrement est nul si le ministre a l'intention positive d'exclure
l'effet nécessaire de ce sacrement.

Or pour les ordinations anglicanes, le ministre a, ou du moins il a
dans le principe, l'intention positive d'exclure un effet nécessaire :
pouvoir de sacrifier.

Donc les ordinations anglicanes sont nulles.

La majeure est certaine, disent-ils, parce qu'elle implique une con-
tradiction dans l'intention du ministre : un *oui* et un *non* qui se neutra-
lisent. Poser une cause, c'est vouloir ses effets nécessaires; ne pas
vouloir les effets nécessaires, c'est ne pas vouloir la cause. Mais vou-
loir une cause et ne pas vouloir un effet nécessaire de cette cause,
dans le même acte, c'est poser une contradiction qui annule l'acte.
Dans le mariage, par exemple, si les contractants ont, avec l'inten-
tion de se marier, l'intention formelle positive de ne pas contracter
un mariage indissoluble, le mariage est nul.

La mineure se prouve par les modifications apportées au *Prayer-
Book*. Dans l'ordinal tout ce qui se rapporte au sacrifice de la messe :
consécration des instruments, etc., est supprimé. Le premier *Prayer-
Book* portait : *La Cène du Seigneur et la Sainte Communion communé-
ment dite la Messe*. Le second, celui qui est en discussion, a remplacé
ces mots par celui-ci : *Ordre pour l'administration de la Cène du Seigneur
ou Sainte Communion*. Le mot « Messe » est supprimé; on supprime
aussi l'autel : *Lorsqu'on célébrera la Sainte Cène, la Table sera dans
l'église, ou dans le chœur*. Ces preuves et d'autres qu'il serait
facile de trouver dans l'*Ordre pour l'administration de la Cène du Sei-
gneur ou Sainte Communion* établissent la mineure. Tous ces faits
prouvent l'intention de ne pas vouloir un effet nécessaire du sacre-
ment de l'Ordre, qui est de faire des prêtres doués du pouvoir de

Principais Referências de Virgo-Maria sobre: RAMPOLLA – ANGLICANISMO – ECUMENISMO – Movimento LITÚRGICO

2006

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-20-2-00-Ratzinger_abandonne_le_titre_de_patriarche_d_Occident.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-21-1-00-Abbe_Scott_Deus_Caritas_est.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-22-1-00-La_seduction_creation_d_un_patriarcat_tridentin.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Église_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_Annexe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-05-31-1-00-Le_mouvement_oecumenique_1949.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-05-17-Levada_officier_Anglicanisation.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-09-25-Traduction_en_francais_de_Vindication.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/Vindication_traduction_en_francais_1898.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-23-D-00-La_destitution_de_l_abbe_Portal_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-24-A-00-Mgr_Ducaud-Bourget_sur_la_sapiniere.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-10-A-00-Role_de_Hyacinthe_Loyson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-12-A-00-CSI_AngliCampos_v1-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos-Radical%20Orthodoxy-bibliography-2004-06-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-20-A-00-Chadwick_Reforme_Anglo-Tridentine_3.pdf

2007

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-A-00-La_subversion_de_l_abbe_Portal.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-C-00-Tighe_commente_Anglicans_de_Tradition_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-D-00-Van_de_Pole_1_c.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-20-A-00-Catholiques_et_Henri_VIII_V1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-22-B-00-Beth_la_sanglante_V1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-11-C-00-Rahner_Patriarcats_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-17-B-00-Angleterre-XVIIIe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-25-B-00-Van_de_Pole_2_a.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Van_de_Pol-1967-Chapitre_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-E-00-Zielinski-infiltre_promu.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-F-00-Les_observateurs_au_Concile.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-G-00-Lumen_Gentium.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-A-00-Van_de_Pol_3_a.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-15-A-00-Principes_Union_Anglicane.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-29-B-00-Debat_FC_sur_Anglicanisme.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-04-B-00-Delors_devant_benedictins.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

2008

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-01-06-A-00-Cambridge_Vatican_II.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-16-A-00-Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Lettres_historico_critiques_au_sujet_du_.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/a606740200rosmuoft.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Plaquette_Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Rosmini_Center-5_Wounds_and_Vatican_II.pdf

http://www.virgo-maria.org/Fichier_Video/rosmini_messa/071118rosmini_messa.flv

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-26-B-00-Rosmini-5_plaies-de-l-Église.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-16-A-00-40_propositions_de_Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-25-B-00-TAC_Anglicans_Rome.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-21-A-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n01.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-04-B-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n02.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-06-A-00-Anglicans_Femmes-eveques_n03.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-08-B-00-Anglicans-Rome_Accord-secret.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-B-00-Rome-prend-les-trads-Anglicans_n05.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-C-00-Noachisme_a_Lambeth.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-10-Anglicans-unis_Levada_au-TAC-n06.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-12-A-00-Anglicans-unis_Williams_desavoue_n07.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-13-A-00-RS_Ambrose_de_Lisle.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-communiques/communique_(2008-08-13)-Ambrose_de_Lisle-v1/Communique-2008-08-13_Ambrose_de_Lisle-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-11-A-00-Ratzinger_et-piege_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-07-A-00-Williams_Homos_Mariage.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/rowan-gay.pdf

2009

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Randy-Engel/2006_Engel_Le-Rite-de-Sodomie_Chap5_L-Homintern_et_les-espions-de-Cambridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-23-A-00-Annonce_Dossier_Mme_Engel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-26-A-00-Signes_union_Rome_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-27-A-00-Abbe_Abrahamowicz.pdf

Referências

[1] Veja no final da mensagem VM a lista das principais referências VM desde 2006 sobre os temas RAMPOLLA – ANGLICAMPOS – ECUMENISMO – Movimento LITÚRGICO

[2] **http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf**

http://www.the-savoisien.com/livres/Operation%20Rampolla%20-%20Secte%20de%20l%20OTO.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

[3] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2008/RORE_Communique-2008-10-21_Ordre_de_la_Corporate_Reunion.pdf

[4] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-20-2-00-Ratzinger_abandonne_le_titre_de_patriarche_d_Occident.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-22-1-00-La_seduction_creation_d_un_patriarcat_tridentin.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_Annexe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-05-31-1-00-Le_mouvement_oecumenique_1949.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-05-17-Levada_officier_Anglicanisation.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-12-A-00-CSI_AngliCampos_v1-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos-Radical%20Orthodoxy-bibliography-2004-06-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-20-A-00-Chadwick_Reforme_Anglo-Tridentine_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-C-00-Tighe_commente_Anglicans_de_Tradition_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-D-00-Van_de_Pole_1_c.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-11-C-00-Rahner_Patriarcats_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-17-B-00-Angleterre-XVIIIe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-25-B-00-Van_de_Pole_2_a.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Van_de_Pol-1967-Chapitre_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-F-00-Les_observateurs_au_Concile.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-G-00-Lumen_Gentium.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-A-00-Van_de_Pol_3_a.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-15-A-00-Principes_Union_Anglicane.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-01-06-A-00-Cambridge_Vatican_II.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-16-A-00-Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Lettres_historico_critiques_au_sujet_du_.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/a606740200rosmuoft.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Plaquette_Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Rosmini_Center-5_Wounds_and_Vatican_II.pdf

http://www.virgo-maria.org/Fichier_Video/rosmini_messa/071118rosmini_messa.flv

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-26-B-00-Rosmini-5_plaies-de-l-Eglise.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-16-A-00-40_propositions_de_Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-25-B-00-TAC_Anglicans_Rome.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-21-A-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n01.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-04-B-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n02.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-06-A-00-Anglicans_Femmes-eveques_n03.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-08-B-00-Anglicans-Rome_Accord-secret.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-B-00-Rome-prend-les-trads-Anglicans_n05.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-C-00-Noachisme_a_Lambeth.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-10-Anglicans-unis_Levada_au-TAC-n06.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-12-A-00-Anglicans-unis_Williams_desavoue_n07.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-13-A-00-RS_Ambrose_de_Lisle.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctificacommuniques/communique_(2008-08-13)-Ambrose_de_Lisle-v1/Communique-2008-08-13_Ambrose_de_Lisle-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-11-A-00-Ratzinger_et-piege_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-07-A-00-Williams_Homos_Mariage.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/rowan-gay.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Randy-Engel/2006_Engel_Le-Rite-de-Sodomie_Chap5_L-Homintern_et_les-espionsde-Cambridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-26-A-00-Signes_union_Rome_Anglicans.pdf

[5] http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-24-A-00-Hillard-Histoire_du_mondialisme.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/1999_Philippe-Bourcier-de-Carbon_Mondialisme-et-Nouvel-Ordre-Mondial.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/2010-02-21_Pierre-Hillard_Histoire-du-Nouvel-Ordre-Mondial.pdf

[6] http://www.virgo-maria.org/Documents/2010-02-21_Pierre-Hillard_Histoire-du-Nouvel-Ordre-Mondial.pdf

[7] Lembremos que o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI, – em previsão remota dessa visita triunfal – cuidou, entre 2005 e 2007, de pretender « *reabilitar* » os templários, tão caros às lojas R+C, de suas condenações religiosas e seculares no século XIV:

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-11-26-A00-Ratzinger_rehabilite_les_Templiers.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-21-A-00-Ratzinger_rehabilite_les_Templiers.pdf

[8] http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_constitutions/documents/hf_ben-xvi_apc_20091104_anglicanorum-coetibus_fr.html

[9] http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-12-24-A-00-Voeux_de_Noel_2009.pdf

http://www.kreuz.net/article.10273.html

[10] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2008/RORE_Communique-2008-10-21_Ordre_de_la_Corporate_Reunion.pdf

[11] http://www.rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE_Communique-2007-06-03_Probabilisme_Mgr_Fellay.pdf

[12] **« *Truqueur Mitré* »!** : « ***"Para quem ele nos toma, esse truqueiro mitrado?"*** é o qualificativo merecido e justo pelo qual M. o padre Juan-Carlos Ceriani (r-FSSPX) interpela publicamente o mentiroso público Dom Fellay:

http://www.virgomaria.org/articles/2010/VM-2010-08-20-A-00-Abbe-Ceriani_Critique_Mgr-Fellay_au_Bresil.pdf

[13] Mas, claro, todos esses fatos não passam de coincidências perfeitamente insignificantes aos olhos do rigoroso Dom Ricossa, o grande «*reabilitador*» do cardeal Mariano Rampolla del Tindaro!

[14] http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-08-14-A-00-Defense_du_secret_de_La_Salette.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/2009-11-28_Questions-a-Don-Ricossa.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2010/VM-2010-03-15-B-00-Abbe_Ricossa_rejette_La_Salette%20.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-22-A-00-Ricossa_Rampolla.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-06-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-09-27-A-00-Ricossa_contre_Cekada-REDIFF.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-22-B-00-Abbe_Ricossa-Finances.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-10-30-A-00-Rectificatif_abbe_Paladino.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-11-26-A-00-Abbe_Ricossa_obere_Apocalypse.pdf

[15] http://www.laportelatine.org/district/france/bo/Nourrichard_Ordinations_femmes_100703/Que_dira_Rome.php

[16] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=566005

REFLEXÕES SOBRE OS INIMIGOS E A MANOBRA

por **JEAN VAQUIÉ**

Aviso. Trata-se aqui apenas de REFLEXÕES, ou seja, de notas, muitas vezes apressadas, algumas recentes, outras antigas, inspiradas pelas circunstâncias, mas sempre destinadas aos militantes de direita.

Não se deve procurar aqui nem um plano rigoroso, nem demonstrações completas. Não se trata de um tratado. O raciocínio geral é homogêneo, mas não é desenvolvido de maneira professoral. São mais afirmações que se aceitarão ou não. Acreditamos, no entanto, que estas reflexões podem esclarecer os amigos que lutam hoje em uma fase desfavorável e contra um inimigo muito superior em número e meios de ação.

Jean Vaquié, 1986.

- As Inimizades
- Três Inimigos
- Um à sua direita, o outro à sua esquerda
- Das Cumplicidades Mundiais
- Três Ministros de Lúcifer
- A Infraestrutura
- Iniciação aos Mistérios de Baixo
- As Virtudes Anti-Teologais

- O Governo pela Sugestão
- A Ciência do Bem e do Mal
- As Setenta e Duas Nações da Gentilidade
- As Promessas de Hegemonia
- A Ubiquidade Maçônica
- Tábua Rasa
- República ou Monarquia Universal
- A Hibridização Geral
- Astúcia e Violência
- Neutralizar a Reação
- A Cidadela de Sião
- A Dinâmica Interna da Infraestrutura Revolucionária
- Os dois Corpos Místicos
- As Flutuações da Batalha
- Duas Mandíbulas Desiguais
- A Tomada do Poder pela Insurreição
- A Guerra Revolucionária e Suas Variantes
- O Golpe de Praga e a Guerra Revolucionária
- O Próximo Cenário
- Orto, Semi, Pseudo
- A Direita e a Lei do Número
- Ajudar o Céu
- O Recurso às Profecias Privadas
- A Manobra da Pseudo-Reação
- Removam a Pedra
- O Desejado das Colinas Eternas

As Inimizades

A natureza decaída na qual estamos imersos é o cenário de um **combate**. Tal é o nosso estado natural: nascemos em um campo de batalha: "*Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela*" *(Gên. III, 15)*. É Deus quem fala assim à serpente que acaba de derrubar nossos primeiros pais de seu trono real.

O texto latino da Vulgata merece nossa atenção:

> "*Inimicitias ponam inter te et mulierem, et **SEMEN** tuum et **SEMEN** illius*."

As duas descendências são duas sementes, dois germes que estão separados desde o início e que não têm nada em comum, por isso o texto repete duas vezes a palavra *semen*.

A descendência por excelência da mulher é Maria e, portanto, também seu Filho. E a descendência por excelência da serpente é o Anticristo que, pelo efeito da misericórdia divina, aparecerá apenas no fim dos tempos.

O que é anunciado pelos profetas para o fim dos tempos não é a *reconciliação* das duas descendências, mas a **VITÓRIA** da descendência da mulher, ou seja, a vitória de Cristo. Esta vitória fará cessar o regime de guerra e trará a paz, tendo o inimigo sido expulso.

Precisamos aqui esclarecer que nossa atitude em relação aos nossos Primeiros Pais não deve ser nem de desprezo nem de reprovação, e isso por duas razões. Primeiro, não há um homem que possa assegurar que teria agido melhor do que eles em seu lugar. E, em segundo lugar, enquanto o que faz a santidade do anjo é a **inocência**, o que faz a santidade do homem é a **penitência**. Ora, que penitência foi a de Adão e Eva quando viram o afastamento de Deus, a expulsão do paraíso, depois a inclemência da natureza, a doença, a discórdia e a morte entrarem no mundo, especialmente para eles que haviam conhecido a isenção desses males. Se a culpa de Adão e Eva é, segundo os Padres, **inconcebível**, sua penitência também é "inconcebível". Muitos Doutores tendem a acreditar na salvação de nossos Primeiros Pais, que foram os primeiros a serem libertados do Sheol pela Descida de Cristo.

Também aconselhamos nossos amigos tradicionalistas a terem para com eles a mesma deferência que Cristo certamente demonstra para com Seus Primeiros Pais.

Voltaremos frequentemente a esse estado de beligerância, revelado desde os primeiros versículos do Gênesis, entre as duas descendências. Falaremos novamente sobre as duas cidades, os dois estandartes, os dois corpos místicos. Ouçamos imediatamente São Paulo nos falar sobre a incompatibilidade dos dois cálices:

>

> "*Vocês não podem beber ao mesmo tempo do cálice do Senhor e do cálice do demônio.*" (I Cor. X, 21).

São Paulo é belicoso, seu emblema é a espada, ele tem o senso da guerra que está sempre presente em seu espírito; ele proíbe qualquer comércio entre a luz e as trevas:

> "*Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis. Pois que união há entre a justiça e a iniquidade? Que comunhão, entre a luz e as trevas? Que harmonia entre Cristo e Belial? Ou que união, entre o crente e o incrédulo?*" (II Cor. 6:14-15).

A Igreja na terra não é **conciliadora**, como sugerem os documentos emanados do recente concílio, ela é **MILITANTE**, como a sã e antiga doutrina nunca deixou de ensinar. Já a sinagoga dos judeus estava rodeada por colossos como o Egito e Assur, sempre em guerra latente ou declarada contra ela. Da mesma forma, a Igreja dos Gentios, se está em paz com Deus, está em guerra com os colossos do mundo.

> "*Non veni pacem mittere in terram sed gladium*" (Mat. X, 34). Não vim trazer a paz à terra, mas a espada.

São Luís Maria Grignion de Montfort é justamente considerado como aquele que melhor definiu o estado de **inimizade** que é o nosso nesta terra probatória. Veja como ele se expressa:

> "...o diabo, sabendo bem que tem pouco tempo, e muito menos do que nunca, para perder as almas, redobra todos os dias seus esforços e combates: ele suscitará em breve cruéis perseguições e colocará terríveis armadilhas para os servos fiéis e os verdadeiros filhos de Maria, que ele tem mais dificuldade em superar do que os outros.
>
> "É principalmente dessas últimas e cruéis perseguições do diabo, que aumentarão todos os dias até o reinado do Anticristo, que se deve entender esta primeira e célebre predição e maldição de Deus, pronunciada no paraíso terrestre contra a serpente. "*Inimicitias ponam...*" Jesus nunca fez e formou senão uma inimizade, mas **irreconciliável**, que durará e aumentará até o fim: é entre Maria, Sua digna Mãe, e o diabo; entre os filhos e servos da Santíssima Virgem e os filhos e servos de Lúcifer; de modo que **o inimigo mais terrível que Deus fez contra o diabo é Maria...**

> "Deus não apenas colocou uma inimizade, mas **inimizades**, não apenas entre Maria e o demônio, mas **entre a raça da Santíssima Virgem e a raça do demônio**; ou seja, Deus colocou inimizades, antipatias e ódios secretos entre os verdadeiros filhos e servos da Santíssima Virgem e os filhos e escravos do diabo; eles não se amam mutuamente, não têm correspondência interior uns com os outros.
>
> "Os filhos de Belial, os escravos de Satanás, os amigos do mundo (pois é a mesma coisa) sempre perseguiram até agora e perseguirão mais do que nunca aqueles que pertencem à Santíssima Virgem, assim como Caim perseguiu seu irmão Abel e Esaú seu irmão Jacó, que são as figuras dos réprobos e dos predestinados (*Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, capítulo 1 - Artigo II)."

Voltaremos frequentemente, nas linhas que se seguirão, ao combate necessário entre as duas cidades, ao confronto entre os dois corpos místicos, o de Cristo e o do Anticristo. **JESUS E BELIAL NÃO FORAM FEITOS PARA SE ABRAÇAREM, MAS PARA SE COMBATEREM**. Conhecemos a fase final deste combate plurimilenar: é a destruição do Anticristo pelo Cristo ressuscitado e glorioso. É essa imagem que teremos constantemente em mente ao longo dessas reflexões. O servo precisa ter o orgulho de seu mestre. **Servimos a um mestre vitorioso**. Não se deve "pregar outra coisa senão a Cruz" (como diz São Paulo), mas é preciso pregar ***algo mais junto com a Cruz***. Nossa fé repousa na Ressurreição de Nosso Senhor, vencedor da morte:

> "*Ubi est mors victoria tua*" (I Cor. XV, 55). Morte, onde está a tua vitória?

Três Inimigos

O homem tem três inimigos a temer: **o demônio, o mundo e ele mesmo**. Eles são figurados, no Antigo Testamento, pelos três inimigos de Davi: *Golias, Saul e Absalão.*

- **GOLIAS**, o gigante armado, representa o **demônio**; para enfrentá-lo, Davi se muniu de cinco pedras que representam as cinco Chagas de Jesus Cristo, e ele matou Golias com a primeira; ele precisou, portanto, de uma arma sobrenatural.
- **SAUL**, o "rei como os outros das nações", representa o **mundo**.
- **ABSALÃO**, o próprio filho de Davi, que o perseguiu, representa a **carne**, pela qual o homem não deve se deixar dominar.

Não trataremos aqui das lutas do homem contra si mesmo, não porque as consideremos negligenciáveis, mas porque elas colocam um problema do foro *interno* e nosso trabalho é mais orientado para o foro *externo*. No entanto, estamos perfeitamente conscientes de que as derrotas individuais pesam enormemente sobre o destino das sociedades humanas. As provações que Deus envia às nações, e que formam a trama de sua história, têm sua origem primeiramente nas transgressões do foro interno. Quando remontamos a cadeia de causas de nossos males, não devemos esquecer de continuar até essa causa inicial: as derrotas dos combates interiores.

Nossa atenção será mais especialmente atraída, no *foro externo*, pelos outros dois inimigos: o demônio e o mundo. Existe entre esses dois inimigos uma espécie de **conjuração**, pois o demônio é o príncipe deste mundo. Uma das revelações mais importantes das Sagradas Escrituras, e do Novo Testamento em particular, é a revelação do Anticristo. As Escrituras nos revelam o Cristo, o Verbo Encarnado, mas também nos revelam o **adversário** de Cristo, especificando que o império do mundo lhe foi virtualmente entregue e que, consequentemente, ele desempenha um **papel primordial** na terra. **Não se compreende a história da humanidade se não se entende que o império do mundo é o ponto central da competição entre esses dois personagens principais, o Cristo e o Anticristo.**

> _"E, levando-o para um lugar mais alto, mostrou-lhe todos os reinos da terra, em um instante. E o diabo lhe disse: a Ti darei todo esse poder e a glória destes reinos (hanc protestatem universam), porque a mim foi entregue, e a quem eu quiser eu a dou" (Lucas, IV, 5-6).

Ao falar assim, o diabo não diz nada além da verdade: todo o poder dos reinos da terra lhe foi de fato entregue, desde sua vitória sobre Adão. Tendo destronado o primeiro homem, ele virtualmente subiu ao trono que ficou vago, como acontece na ordem natural. Mas, como ele é um anjo, portanto um ser invisível, não pode reinar sobre os homens. Ele precisa delegar um representante visível e humano. É por isso que ele diz: "A quem eu quiser eu a dou". Esse

representante é o **possuído** chamado **Anticristo**, que exercerá sobre a humanidade os **direitos adquiridos** por Satanás graças ao pecado original de Adão, mas também pelos inumeráveis "pecados atuais" dos homens.

E o diabo acrescenta:

> "Portanto, se Tu te prostrares e me adorares, tudo será Teu" (Lucas, IV, 7).

O Escritor sagrado distingue o **poder** dos reinos e o **culto** a ser prestado ao diabo. É necessário manter essa distinção, sabendo que as duas coisas estão **ligadas**. O diabo nutre uma **dupla ambição**: **ele quer o poder como um rei e o culto como um Deus**. Por isso, Jesus, respeitando a distinção, responde dizendo que Ele não quer nem servir ao diabo como um rei, nem adorá-lo como um Deus: _

> "Dominum Deum tuum adorabis, et illi soli servies." Adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás (Lucas, IV, 8).

Um à sua direita, o outro à sua esquerda

Nós não temos ação sobre as expressões populares, elas se estabelecem espontaneamente e resultam de uma elaboração coletiva, à qual, aliás, o Verbo não é estranho, Ele que estabeleceu as leis da linguagem corrente. "A esquerda" é o lado das opiniões ditas "avançadas". "A direita" é o lado "da reação". Essa esquematização popular é por demais simplista, certamente, mas ela contém verdade.

No simbolismo de nossa Religião, **a direita é o lado da salvação, da predileção, da eleição e do poder**.

O lado da eleição. É o lado dos eleitos da segunda pesca milagrosa, aquela que aconteceu depois da Ressurreição:

> "*Crianças, vocês têm algum peixe?*
> *- Não, eles responderam.*
> *Ele lhes disse: Lancem a rede do lado direito da barca e vocês encontrarão...*
> *Simão-Pedro puxou a rede até a terra, cheia de 153 grandes peixes, e embora fossem tantos, a rede não se rompeu*".(João XXI, 5-11).

A **rede** representa **a Igreja** e os cento e cinquenta e três grandes **peixes** representam os **eleitos**.

A direita é também o lado da salvação:

> "*Proclama a Tua bondade, Tu que salvas aqueles que se refugiam à Tua direita contra seus inimigos*". (Sl. XVI Vulg. 7).

A direita é ainda o lado da predileção:

> "Depois de subir aos céus, Ele está agora à *direita* de Deus." (1 Pedro 3:22).

Podemos ainda citar muitos outros textos no mesmo sentido, em particular este:

>

> "Um cordeiro estava de pé; parecia ter sido imolado. Ele veio e recebeu o livro da *mão direita* daquele que estava sentado no trono." (Apocalipse 5:7).

A direita é, por fim, o lado do poder de Cristo:

> "Já sei que o Senhor salvou o Seu Ungido; Ele o atenderá dos céus, de Sua santa morada, pelos *feitos vitoriosos* de Sua mão direita." (Salmo 19 Vulg. 7).

A direita é o lado do *bom* ladrão:

> "E com Ele crucificaram dois ladrões, um à Sua direita, outro à Sua esquerda." (Marcos 15:27).

Uma tradição constante afirma que o bom ladrão estava à direita de Cristo. Ele também o havia primeiro insultado, como fazia seu companheiro de esquerda: "...e o insultavam" (Mateus 27:44). Mas, tomado de repente pela incomparável majestade de Cristo na cruz, o bom ladrão fez calar seu vizinho, dizendo-lhe:

> "Nem mesmo tens temor de Deus, tu que estás sujeito à mesma condenação? E nós, justamente, pois recebemos o que merecem nossas ações; mas Ele nada de mal fez." (Lucas 23:40).

No campo de batalha de hoje, há ladrões da direita. Certamente eles não poderiam se colocar como modelos, pois eles também têm más obras e "o insultaram". Mas eles pelo menos conservam o temor de Deus e são tomados de admiração diante da majestade de Cristo, e por isso se salvarão.

Quanto à **esquerda**, desde a mais alta antiguidade, é o lado ***sinistro***, de acordo com a etimologia.

Das Cumplicidades Mundiais

Nosso raciocínio será de ordem estratégica. Não faremos obra de erudição e presumiremos conhecidas e aceitas as análises históricas e políticas dos escritores tradicionalistas contemporâneos [1]. É a dinâmica e as linhas de força de nossa sociedade que nos interessarão. Mas nossa estratégia não se limitará à ordem natural. Ela incluirá parâmetros e até mesmo postulados de ordem sobrenatural.

Nosso ponto de partida será a constatação, que não é posta em dúvida por ninguém, da irresistível expansão do sovietismo em todo o mundo. A mancha vermelha se estende no mapa e nunca se retrai; mais cedo ou mais tarde, ela englobará a Europa. Este avanço metódico só é retardado por sua própria prudência; ele só se depara com uma inércia passiva, sem convicção e, no final das contas, impotente. Nossas reflexões se concentrarão na natureza das forças em jogo e na evolução previsível de seu confronto.

Aqueles que se opõem à expansão comunista mundial, em qualquer nível que pertençam, têm diante de si energias que são de dois tipos:

1. forças diretamente soviéticas;
2. todo um conjunto de cumplicidades que são exteriores à disciplina soviética.

Enumeremos rapidamente os principais componentes das forças diretamente soviéticas:

- *O partido comunista internacional* que mantém a fachada e assegura o contato com o que se convencionou chamar de "massas proletárias". Ele tem seus congressos mundiais, seus escritórios permanentes (III Internacional - Komintern - Kominform - dependendo da época). O partido não está equipado para a preparação técnica da insurreição; sua vocação é principalmente eleitoral; destina-se a fornecer o "partido único" do futuro parlamento soviético: o "Soviete Supremo".
- *O aparato ilegal* e todas as filiais culturais, sindicais e econômicas a ele relacionadas; é a ele que pertencem os agentes que antes eram chamados de *cripto-comunistas* e aos quais hoje se dá o nome de *toupeiras*.
- *A diplomacia soviética* cujos diferentes serviços se dedicam a uma verdadeira espionagem.
- *As finanças soviéticas* que atraem cada vez mais banqueiros "capitalistas" ávidos por gerir o dinheiro do coletivismo.
- *O Exército Vermelho* cujo papel psicológico é fazer pesar uma ameaça sobre os países recalcitrantes, enquanto se aguarda passar à "guerra revolucionária" propriamente dita.
- *O Serviço de Inteligência* do Exército que tem vários nomes dependendo do período.

Essas forças obedecem à direção monolítica da intelligentsia comunista, que se impôs uma missão de mutação planetária. Elas formam, por si só, um conjunto de extraordinário poder.

Mas essas forças diretamente soviéticas são ainda secundadas por toda uma rede de **cumplicidades externas** que não dependem da direção comunista e que, no entanto, lhe dão apoio. Esta rede de cumplicidades tem o efeito de **neutralizar** a cada momento as reações que a expansão soviética inevitavelmente gera onde quer que ameace se expandir.

A estrutura desta rede de cumplicidades é **a maçonaria racionalista**. A Revolução Francesa já foi sua obra. Os historiadores republicanos tentaram contestar essa evidência porque ela é incompatível com sua tese de espontaneidade revolucionária. Mas incontestávelmente, a gestação maçônica da Revolução de 1789 se impõe. Fiel à mesma lógica, a maçonaria também gerou a Comuna de 1871 e o comunismo que é sua continuação. Ela o incubou primeiro como doutrina, depois como partido, finalmente como Estado. Este regime infernal nunca teria se instalado na Rússia, nem se incrustado por 70 anos neste infeliz país, nem se espalhado por um mundo ao qual instintivamente aterroriza, já que é o regime da expropriação, sem o apoio de poderosas ***forças secretas de revolução***. A atividade dos agentes soviéticos sozinhos, cujos organismos acabamos de enumerar, não explica a neutralidade, e em alguns casos a verdadeira conivência das grandes Potências, ditas capitalistas, das quais o comunismo em expansão sempre se beneficiou.

Se a maçonaria forma a estrutura dessa conivência geral, ela não é o único elemento. Não querendo nos sobrecarregar com um volumoso aparato de erudição, não enumeraremos aqui todos os pontos de apoio da coletivização planetária. Basta-nos citar os dois mais conhecidos; os eruditos não terão dificuldade em preencher as lacunas de nossa enumeração.

- As ***Sociedades Fabianas*** formam uma rede de "sociedade de pensamento" que se estende por todo o mundo anglo-saxão. Elas foram, não fundadas, mas animadas, nos últimos anos do século XIX, pelos cônjuges Sidney e Beatrice Webb, que nelas desenvolveram uma atividade prodigiosa e muito inteligente. Elas se colocaram sob a denominação de *Fabius Cunctator* (Fábio, o Contemporizador), que simboliza bem a **prudência** e a **lentidão** de seus métodos. Essas sociedades, eminentemente **elitistas**, preconizam *microrreformas* imperceptíveis, indolores, passando despercebidas, mas todas direcionadas no sentido de uma maior **coletivização da economia e das instituições sociais**. Elas têm uma influência preponderante na transformação da sociedade inglesa, americana e australiana. Também é conhecido que elas contribuíram muito para o reconhecimento da U.R.S.S. pelas Potências ocidentais, nos anos 1920-1930. Eis, portanto, todo um sistema de círculos político-financeiros que trabalha para apoiar a U.R.S.S. e preparar suas novas extensões, e isso sem depender da disciplina soviética. Trata-se, portanto, de uma conivência totalmente *externa*.
- A ***Trilateral*** é ainda mais conhecida, graças a excelentes trabalhos; faremos apenas uma simples menção. Sob o pretexto de promover uma aproximação entre os dois regimes capitalista e comunista, visando uma unificação pacificadora, a Trilateral serve primeiro para reerguer a economia soviética perpetuamente deficitária devido ao seu colossal esforço militar e proselitista, mas também serve para desmobilizar mundialmente os espíritos e abolir as desconfianças instintivas dos meios de negócios em relação ao coletivismo marxista. E ela consegue isso muito eficazmente.

Citamos apenas dois exemplos: as sociedades fabianas e a trilateral. Mas é notório que existe uma quantidade de organismos *filocomunistas*, ou sovietófilos, que não pertencem ao sistema

comunista. Toda uma rede mundial de apoio psicológico e logístico foi estabelecida, da qual muitas malhas não dependem da disciplina moscovita. Esses organismos ao mesmo tempo **cúmplices e independentes** constituem um fenômeno ao qual não se presta atenção suficiente. Eles supõem a existência de uma **coordenação** entre, por um lado, o sovietismo centrado em Moscou e, por outro lado, seus apoios voluntários e internacionais.

Onde devemos situar o **super-estado-maior** que coordena o conjunto dessas duas forças? Obviamente, só podemos situar em Moscou o estado-maior das forças moscovitas. Dele dependem as técnicas sindicais, parlamentares e revolucionárias, a infiltração e a paralisia dos poderes burgueses, a preparação da guerra revolucionária, tudo o que regula a atividade dos militantes do partido e dos sujeitos soviéticos.

Mas a cronologia estratégica geral, as grandes oportunidades gerais, por exemplo, a desestabilização e a "passagem para o Leste" da República Sul-Africana, a coletivização da economia sul-americana e todas as campanhas absolutamente artificiais que não correspondem a nenhuma necessidade real e profunda, por quem são decididas e levadas a bom termo? Os trabalhos publicados até agora constituem abordagens certamente muito interessantes, mas não dão inteira satisfação. É preciso reconhecer que eles se deparam com um problema de informação quase insolúvel. O organismo central se aloja em alguma sinarquia ou alguma maçonaria? Os pesquisadores acabarão por descobri-lo.

Tudo se passa como se a Rússia Soviética fosse o braço secular de uma **super-igreja** que se serve dele para realizar certa tarefa. Pode-se, portanto, no organograma da revolução mundial, reservar, em pontilhado, um lugar para um super-estado-maior que escapa até agora à observação direta, mas que constitui uma *necessidade orgânica*. É ele que estimula, ou eventualmente freia, a *guerra de classes*, também chamada às vezes de *guerra vertical*, que se tornou universal e que se sobrepõe às *guerras horizontais* entre Estados.

---

[1] Ler em particular: "*O tratado do Espírito Santo*" de Monsenhor Gaume e "*A Conspiração anticristã, O Templo Maçônico querendo se erguer sobre as ruínas da Igreja Católica*" de Monsenhor Delassus.

Três Ministros de Lúcifer

Mélanie Calvat, a pastora de La Salette, viveu em perpétua contemplação. Ela recebia, por intuição intelectual, constantes luzes sobre o estado da sociedade contemporânea. Um dia, ela revelou a um de seus correspondentes que **Lúcifer** parecia assistido, no governo deste mundo, por uma espécie de ministério composto de três membros: **Mamom, Asmodeu e Belzebu**, que são três poderosos espíritos caídos. Esta reflexão de Mélanie Calvat merece ser meditada [1].

Não é surpreendente saber que, para conduzir sua estratégia mundial, Lúcifer utiliza poderosos auxiliares espirituais que o descarregam de certos trabalhos básicos e que amolecem a sociedade humana para facilitar sua manobra.

Mamom é o deus do **dinheiro**. Ele acabou submetendo a humanidade inteira a uma **impregnação mercantil** que a tornou totalmente venalizada. Ele legalizou a usura, tão severamente reprimida pelos cânones da Idade Média. E assim fundou o **capitalismo**, pois sem juros não há capital. Ele, portanto, criou enormes massas monetárias que circulam cada vez mais rápido nas artérias da economia e que imprimem aos intercâmbios um coeficiente de aceleração absolutamente patológico. Pelo ministério de Mamom, tudo está à venda. Ouçamos São João fazer o inventário das cargas dos comerciantes:

> "*...Cargas de ouro, prata, pedras preciosas, pérolas, linho fino, púrpura e escarlate... de trigo, gado, ovelhas e cavalos, e carros, e corpos e almas de homens*" (Apocalipse 18:12-13).

Negociam-se almas de homens. Assim impregnada de mercantilismo, a sociedade torna-se um húmus fértil para as plantas venenosas do inferno.

Asmodeu é o demônio da **luxúria**. Ele é mencionado no livro de Tobias. É o espírito infernal que se apoderou de Sara (não a esposa de Abraão, mas outra Sara). Tinham-lhe dado sucessivamente sete maridos que, um após o outro, foram mortos pelo demônio Asmodeu. Sara foi libertada desse demônio que a infestava, a ela e ao seu entorno, pelo arcanjo Rafael, graças à fumaça do mesmo fígado que devolveu a visão a Tobias, pois **a luxúria produz o cegamento do espírito**. No segredo de La Salette, a Santíssima Virgem disse que alguns conventos se tornarão "pastos de Asmodeu e dos seus". **A impregnação erótica** de nossa sociedade atinge não apenas os moralistas cristãos, mas também os sociólogos agnósticos. É provavelmente dessa impregnação que provém **o cegamento dos espíritos em relação às coisas da Religião**.

Belzebu é o deus que envia moscas sobre os rebanhos. Esse nome é a contração de "Baal" e "Zebube"; significa literalmente "o Senhor das moscas". É o deus que lança **maldições** e que tem o poder de expulsar os demônios (ou melhor, de deslocá-los). Ele produz hoje **a impregnação**

ocultista da sociedade, criando aí uma verdadeira **contra-religião**, uma superstição outrora subjacente, agora invasiva e dominante. **A superstição ocultista está onipresente**.

A reflexão de Mélanie Calvat não carece de interesse.

1. Ela explica a profundidade do domínio de Satanás sobre o mundo contemporâneo, a tripla impregnação proporcionada por Mamom, Asmodeu e Belzebu fornece ao "príncipe deste mundo" condições gerais favoráveis à sua estratégia complicada.
2. Mas ela nos faz entender também que uma ação simplesmente humana não será suficiente para destruir essa tripla impregnação, pois ela é obra de forças espirituais más muito mais fortes do que os homens. **Será necessário que a força de Deus intervenha**.

---

[1] Santa Francisca Romana, em uma de suas visões do inferno, também fala deste "**grande conselho**" de Lúcifer. Ela até mesmo especifica que Asmodeu tinha no céu o posto de querubim, Mamom o de trono e Belzebu o de dominação.

A Infraestrutura

A "Grande Prostituta" do Apocalipse, à qual São João dá o nome de "Meretrix magna", é-nos mostrada alternadamente "sentada sobre as águas" e "sentada sobre a besta escarlate". Distingamos essas duas situações.

Porque ela está **sentada sobre as águas**, pode-se dizer que ela personifica **a autoridade que vem de baixo**; ela representa, portanto, a "**Soberania Popular**". De fato, as águas simbolizam as massas populares:

> "*As águas que viste, onde a prostituta está sentada, são os povos, as nações e as línguas*" (Apoc. XVII, 15).

A *Meretrix magna* representa **a democracia e a república**. E aqui pensamos inevitavelmente na expressão tão usada, entre os realistas dos anos 30, que davam à república o nome de "vagabunda" ("a vagabunda será enforcada"); eles assim faziam uma excelente tradução do Apocalipse.

A *Meretrix magna* também é mostrada **sentada sobre a besta escarlate** (Apoc. XVII, 1). Ora, **a Besta** é **o corpo místico do qual o Anticristo será a cabeça**. A mulher democrática precisa se apoiar nessa **contra-igreja** que forma sua infraestrutura.

O último versículo do capítulo XVII nos dá uma imagem da *Meretrix magna*:

> "*E a mulher que viste é a grande cidade que tem a realeza sobre os reis da terra*" (Apoc. XVII, 18).

Como não reconhecer aí a imagem da **república universal**. Essa "grande cidade" é a reconstrução, no fim dos tempos, da **Torre de Babel** da qual os homens queriam fazer a capital do mundo. Esse projeto provocou a ira de Deus e resultou na confusão das línguas e na dispersão das nações. Pois Deus não quer, para reinar sobre toda a humanidade, outro mestre além do Seu Ungido.

Acabamos de ver que a maçonaria é a armação que sustenta o sovietismo assim como já sustentou a república dos jacobinos. Ela se proclama contra-igreja e super-igreja. Ela é realmente a besta do Apocalipse, a infraestrutura da autoridade que vem de baixo. Convém examinar, mesmo que sucintamente, **os mecanismos de seu funcionamento interno e de sua ação externa**.

Iniciação aos Mistérios de Baixo

O funcionamento interno da maçonaria é comandado pela dupla natureza dessa associação. Ela é, de fato, ao mesmo tempo uma *sociedade de pensamento* e uma *congregação iniciática.*

Como funciona uma **SOCIEDADE DE PENSAMENTO** (também chamada "sociedade filosófica")?

Ela elabora uma **opinião comum** e, consequentemente, também uma **vontade coletiva**. O pensamento e as intenções são, pelo menos em princípio, gerados pela base. Colocam-se em comum elementos dos quais se forma um feixe. Por exemplo, o "comitê de leitura" de uma editora é uma pequena sociedade de pensamento, pois define uma orientação intelectual. Da mesma forma, o "escritório de estudos" de uma empresa industrial. Da mesma forma, o "conselho diretor" de um partido político. Algumas dessas sociedades são efêmeras e constituem apenas combinações instáveis. Outras têm uma longa duração, como uma academia.

Por muitos de seus mecanismos, a maçonaria é uma sociedade de pensamento. Nela se realiza um trabalho de elaboração de uma certa filosofia e de uma vontade coletiva. Como tal, pode ser considerada democrática. Juridicamente, é assim que ela funciona. As lojas elegem deputados que se reúnem em convenção. As "reuniões", ou seja, as sessões, são organizadas em muitos aspectos como as assembleias parlamentares, com um presidente, uma mesa diretora, oradores, uma ordem do dia, moções... A Assembleia Nacional trabalha à maneira de uma loja.

Uma **CONGREGAÇÃO INICIÁTICA** (também chamada "irmandade iniciática") se caracteriza pela **iniciação**, é a própria evidência. E a iniciação é uma cerimônia com duplo efeito.

1. Primeiro, ela **incorpora** o novo membro (ou o recém-promovido) à irmandade.
2. Em seguida, ela projeta sobre ele uma **INFLUÊNCIA ESPIRITUAL**. E essa influência espiritual produz no iniciado certo número de efeitos psicológicos mais ou menos nitidamente percebidos por ele. Esses efeitos psicológicos constituem o que os próprios maçons chamam de **iluminação iniciática**.

Quais são, mais precisamente, os efeitos psicológicos dessa iluminação? Os maçons que, em suas obras, descreveram os mecanismos da iniciação, dão essa "influência espiritual" como produzindo neles uma impressão luminosa e benéfica. É por essa razão que eles falam de uma "iluminação".

Após a iniciação, o pensamento do iniciado é alterado, sua compreensão das coisas não é mais a mesma. Ocorreu nele uma **mutação espiritual**; ele adotou definitivamente um novo ponto de vista, uma nova perspectiva, **um novo espírito**, para ele o espetáculo do mundo não é mais iluminado pela mesma luz.

Mas então, que explicação os maçons dão sobre a **natureza** da influência espiritual que operou neles uma tal mudança?

É preciso reconhecer que eles não se fazem muitas perguntas e, quando se fazem, é para responder que a influência espiritual iniciática é, ou de natureza *gregária*, ou de natureza *cósmica*, ou as duas simultaneamente.

O cristão, para julgar todos esses fenômenos psicológicos e místicos, não pode fazer melhor do que consultar os mestres da vida espiritual, em particular São Francisco de Sales, Santa Teresa d'Ávila e, sobretudo, São João da Cruz, que recebeu o título de "Doutor Místico". Eles descreveram as condições da **verdadeira mística divina** e, ao contrário, detectaram a influência do demônio nos caminhos contemplativos que se afastam das saudáveis disciplinas do espírito.

Portanto, se compararmos a mística cristã e a mística maçônica, tal como se manifesta na iniciação, somos obrigados a constatar que a influência espiritual exercida durante a iluminação é simplesmente a do **demônio**. Certamente, ela parece luminosa e benéfica, porque o demônio opera ali, como faz tão frequentemente, *disfarçado de anjo de luz*. Nada de surpreendente, portanto, que a aglutinação ao seu "corpo místico" produza uma impressão de luz e seja sentida como uma iluminação. Mas trata-se de uma falsa luz cuja verdadeira natureza é a das **trevas**.

Claro, o maçom iniciado jamais admitirá que foi "iluminado" por um demônio, portanto "entenebrecido" e iniciado nos **mistérios de baixo**. Mas o cristão, a quem sua doutrina permite "discernir os espíritos", reconhecerá, nos relatos de iniciação que se tornam cada vez mais difundidos, a verdadeira natureza dessa iluminação às avessas.

O maçom, assim iniciado nos mistérios de baixo, desenvolverá ideias, intenções, uma vontade que serão o fruto de sua colaboração com a influência espiritual que o acompanha a partir de então. Seus movimentos mentais se combinarão aos do demônio ao cujo corpo místico ele foi incorporado. Ele se comportará, da maneira mais natural do mundo, como um semi-demônio. Ele cogitará espontaneamente de acordo com sua nova perspectiva e com a *mutação espiritual* da qual foi objeto.

É inútil imaginar diabruras nas lojas. O simples mecanismo da **falsa mística iniciática** basta para proporcionar a todo o conjunto da instituição maçônica uma impregnação permanente, difusa e lenta dos espíritos infernais. Aliás, o resultado de sua ação multissecular sobre a sociedade cristã está aí para provar que ela foi um instrumento muito eficaz de **dominação da Igreja e de demolição da cristandade**.

Nós apenas resumimos em linhas gerais o funcionamento da maçonaria. Outras disposições orgânicas completam o sistema; fornecemos uma breve enumeração sem entrar em detalhes: o juramento de segredo, a obediência a superiores desconhecidos, o pacto de fraternidade, o simbolismo auto-significante que impregna toda a filosofia, finalmente o esoterismo da doutrina. Todas essas disposições permitem conduzir o maçom a opiniões e decisões que ele jamais teria aceitado se lhe fossem propostas antes de sua entrada na loja.

O conjunto da instituição é percorrido por uma dupla corrente:

1. um *fluxo descendente* que transmite as sugestões dos altos iniciados aos que ainda se encontram na base da escada iniciática.
2. e um *fluxo ascendente* que reenvia para cima motions de aparência democrática. Graças a esse processo, os iniciados dos altos graus conhecem a cada momento o limite de elasticidade da base dos irmãos; eles conhecem aquelas de suas sugestões que "passam" e aquelas para as quais é preciso esperar, antes de fazê-las adotar.

> "*O demônio aparecia a Marie-Julie sob a forma habitual, seja sob a de alguma besta hedionda, seja sob a aparência de um jovem de grande beleza, fazendo sempre promessas de cura e de riqueza...*" (La Franquerie: "*Marie-Julie Jahenny*" p. 14).

As Virtudes Anti-Teologais

A instituição maçônica não elaborou uma verdadeira doutrina, pois, ao contrário, ela se proíbe de *dogmatizar.* No entanto, ela desenvolveu uma **estratégia anti-cristã de grande eficácia**. Esta estratégia consistirá em **neutralizar os combatentes da Igreja militante. Para isso, ela vai matar neles o que lhes dá força, ou seja, as virtudes teologais: a fé, a esperança e a caridade.**

Contra a fé, a maçonaria inventou **a Tolerância.** É a "virtude" das pessoas que negam a existência da verdade objetiva. A "Mãe Loja" (pois a loja exerce uma verdadeira maternidade intelectual) se vangloria de dar a seus filhos todos os meios de que precisam para alcançar "a verdade"; mas trata-se apenas de uma verdade relativa e subjetiva, ou seja, de uma simples opinião pessoal que permanecerá, portanto, essencialmente discutível.

O "livre pensamento" maçônico recusa admitir qualquer *verdade a priori*. Ele faz da **dúvida sistemática** a base de seu sistema de reflexão; é por isso que ele tanto contribuiu para difundir o cartesianismo, a famosa "**dúvida cartesiana**". A maçonaria até conseguiu convencer os franceses de que eles são cartesianos por natureza, quando, ao contrário, o gênio de nossa língua, portanto de nosso pensamento, é um gênio dedutivo e analítico que parte do princípio (*a priori*, portanto) para chegar às consequências. Os franceses têm o **gosto pelos princípios** e sabem formulá-los: aí reside uma das razões de sua influência (boa ou má) no mundo. É exatamente o oposto da atitude mental maçônica.

A **discussão** é a atividade principal da loja. Um ditado é incansavelmente repetido lá: *da discussão nasce a luz.* Isso também é uma **falsa máxima**, pois, na verdade, da discussão não nasce a luz, mas **a obstinação**: aquele que defendeu uma tese não admite mais mudá-la. A verdadeira luz vem do "Pai das luzes", portanto da Revelação, e desce até nós, que a recebemos pelo Magistério.

Em maçonaria, toda a arte do Venerável é fazer **coabitar irmãos inimigos**. Não há dogmas; a maçonaria *não dogmatiza:* essa é a grande fórmula. Fórmula que constitui até mesmo um sintoma: quando qualquer publicação se orgulha de "não dogmatizar", pode-se ter certeza de que ela sofre, de perto ou de longe, a influência maçônica, pois ela adota suas expressões.

Se os maçons têm ódio do dogma, é porque têm o **ódio da Igreja**. Eles são filhos espirituais de Pôncio Pilatos, o *Doutor cético* que é seu "patrono". "O que é a verdade?", dizia ele. Ele a tinha diante de si e, cúmulo da cegueira, não a reconhecia.

O **Progresso.** É a falsa esperança; é a esperança projetada sobre a terra; é o mito do desenvolvimento infinito da natureza; é a insana esperança de uma felicidade natural que não deveria nada à Graça. Esse progresso temporal deve levar à conclusão a pirâmide truncada que forma um dos emblemas dos maçons; é o progresso do corpo místico do Anticristo que espera da terra sua plenitude.

Sabemos muito bem que existe um verdadeiro progresso. A Igreja não é estática; ela está em progresso sob o impulso da Graça. Dois exemplos:

1. O Corpo místico de Nosso Senhor Jesus Cristo está em perpétuo progresso; o número dos eleitos caminha para sua perfeição; quando os eleitos estiverem completos, o recrutamento dos homens cessará.
2. O edifício do dogma também está em progresso, no sentido de que ele se completa de época em época; no final dos tempos, ele formará uma construção espiritual e intelectual à qual nada faltará.

A **Solidariedade** é a interdependência natural. Os maçons a elevam à altura de uma virtude porque ela não requer a mediação de Cristo. A solidariedade prescinde da ajuda de Nosso Senhor. Ela gera o **socialismo**, que é a utopia de pensar que, por meios adequados, pelo simples efeito da interdependência humana, irá-se triunfar da pobreza e do sofrimento.

A solidariedade se opõe à *caridade cristã*, que exige a mediação de Nosso Senhor. Um copo d'água dado *em nome de Jesus Cristo* ("em Meu Nome", diz o texto evangélico) terá sua recompensa na vida eterna. Se for dado em nome da solidariedade humana, só receberá uma recompensa temporal.

A tolerância se opõe à Fé. O progresso se opõe à Esperança. A solidariedade se opõe à Caridade. Estas são as três "virtudes anti-teologais" que vigoram no corpo místico do Anticristo.

O Governo pela Sugestão

A maçonaria, sociedade de pensamento e congregação iniciática ao mesmo tempo, é muito bem equipada para provocar, na massa do povo, mudanças, mesmo muito profundas, desde que seja a longo prazo. Ela sabe como proceder para **mudar a forma comum de pensar**, como diziam os maçons do século XVIII, contanto que tenha tempo à sua frente. No exterior de si mesma, como em seu interior, ela trabalha "**por influências pessoais cuidadosamente encobertas**", o que exige prazos prolongados.

Mas ela é **inapta ao governo direto**, precisamente por causa da lentidão de seus mecanismos. Entre ela e o grande público, ela suscita toda uma rede de organismos intermediários, de associações e de **PARTIDOS POLÍTICOS**, que ela controla evidentemente, e que têm ambições muito menos vastas e muito mais imediatas. Os programas dos partidos são feitos de parcelas retiradas da abundante reserva da enciclopédia maçônica. Todos os partidos políticos são inspirados, à direita como à esquerda, pelo **grande desígnio** das lojas.

E qual é esse "grande desígnio"?

É difícil de conhecer porque nunca é expresso clara e simplesmente. É preciso extraí-lo de toda uma fraseologia pomposa. Aqui estão, no entanto, seus principais elementos:

- A República (depois a Realeza) universal.
- A Religião Universal, da qual a gnose universal, a mística universal e a Tradição universal formarão a teologia.
- A Miscigenação universal, da qual o eugenismo universal será o pretexto e fornecerá os meios.

Sobre o conjunto desse "grande desígnio", serão retirados fragmentos que serão incluídos nos programas dos partidos, das sociedades científicas e das diversas associações que ocupam o espaço entre a maçonaria e o povo.

Mas então poderíamos supor que a maçonaria é um grande laboratório de ideias, totalmente olímpico, onde *poderosos filósofos ocultos e* especificamente maçons elaboram doutrinas reservadas inicialmente para uso interno e que depois se difundem, do topo à base da escala iniciática, para finalmente chegar às instituições públicas. Na realidade, as coisas não acontecem assim. Não há filósofos ocultos estritamente maçônicos. O caso de Louis-Claude de Saint Martin, que foi chamado de "filósofo desconhecido", é muito especial e resulta apenas de seu comportamento pessoal; não é o caso geral.

As ideias que são debatidas na loja são extraídas do próprio grande público; elas têm uma origem exterior (diz-se "profana"). O papel da maçonaria é apenas escolher, entre as tendências de fato de uma determinada época, aquelas que devem ser estimuladas e aquelas cuja propagação é importante interromper. Ela funciona como uma **bomba seletiva** que extrai seu fluido do público

e o devolve após tê-lo expurgado e dinamizado.

A maçonaria é, portanto, um **órgão de ensino**. É um **magistério**, ou se preferir, um "governo pela sugestão", sem autoridade oficial. Ela é *inapta ao governo direto*. Ela não pratica uma política única, mas apenas uma orientação polivalente. Ela mantém em andamento várias políticas ao mesmo tempo. Ela implementa uma estratégia essencialmente **pluralista**. Várias variantes são colocadas em marcha simultaneamente. Por exemplo, o Grande Oriente conduz uma política mais de esquerda e a Grande Loja Nacional Francesa, uma política mais de direita. Na praça pública, essas duas obediências disputarão e até mesmo se comportarão como adversárias. Mas, nos conventos, elas comungarão na meditação do "*grande desígnio*" comum, cujas linhas gerais apresentamos.

A Ciência do Bem e do Mal

Neste mundo onde o bem e o mal são tão próximos, **devemos cultivar a "ciência do bem e do mal" para não confundi-los.** E devemos cultivá-la precisamente porque ela não nos é natural; somos privados do consumo do fruto que deveria nos proporcioná-la:

> "Ne comederes" (Gên. III, 17). Não comerás dele.

Esta dupla ciência, tão **necessária**, é Nosso Senhor quem nos traz. Ele próprio é a árvore desta ciência e seu "fruto" nos comunica. **A ciência do bem é a ciência de Cristo e a ciência do mal é a ciência do Anticristo**. Uma grande parte do Evangelho é dedicada a nos revelar a pessoa do *Adversário*. Se possuímos apenas uma das duas ciências, somos **Doutores caolhos**.

Os doutores da Sinagoga possuíam mais a ciência do mal. Acostumados a desconfiar das "Nações" e de seus deuses-demônios, eles desconfiaram de Cristo: "É por Belzebu que Vós expulsais os demônios", diziam-lhe.

Inversamente, a Igreja dos Gentios, saturada da ciência do bem, não desconfia do Anticristo; vemos hoje que ela se prepara para reconhecê-lo, pois já acolhe seus adeptos. Finalmente, a Sinagoga obstinada e a Igreja desviada não terão nada a invejar uma da outra. A primeira terá rejeitado Cristo e a segunda terá acolhido o Anticristo.

É por isso que é necessária **uma ciência equilibrada** que conduza à prudência sem obscurecer o espírito:

> "*Eis que vos envio como ovelhas no meio de lobos. Sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas*". (Mat. X, 16).

Por esta associação da serpente e da pomba, o texto especifica de qual prudência devemos nos armar. Pois há duas prudências: a prudência tortuosa que foi a da serpente no jardim do Éden e a prudência simples que foi a de São José em Nazaré (Nazaré significa: *jardim das Flores*). O Divino Mestre especifica aqui de qual prudência ele quer falar. Ele quer que pratiquemos a prudência que pode se aliar à simplicidade da pomba.

Para manter a simplicidade na prudência, é preciso cultivar simultaneamente as duas ciências. A da Igreja ilumina a inteligência e aquece o coração. A da contra-igreja nos faz reconhecer as trevas sob a falsa luz. Aqueles que cultivam apenas a ciência da Igreja tornam-se ingênuos que ignoram as armadilhas do Adversário. Aqueles que cultivam apenas a ciência da contra-igreja frequentemente se deixam fascinar pela prodigiosa astúcia dos demônios e acabam por se alistar

nas fileiras da contra-igreja. De fato, o estudo dos documentos das seitas, que nos faz conhecer o inimigo, é perigoso; é preciso tomar cuidado para não se comprazer nesses textos, pois eles contêm sutilezas de aparência lógica (o demônio é lógico) mas que obscurecem o espírito e desviam a vontade. É preciso compensá-los com o alimento espiritual e com as luzes que se encontram no Patrimônio da Religião.

As Setenta e Duas Nações da Gentilidade

O episódio da Torre de Babel vai reter nossa atenção por um momento. Em nossa época, em que se fala tanto da república universal e em que se assiste às primeiras fases de sua realização, é bom rever em que circunstâncias Deus procedeu à distinção das línguas e à dispersão das Nações.

Transportemo-nos em pensamento para os tempos que se seguiram ao dilúvio. Os três grandes ramos étnicos do gênero humano já estavam distintos. Já se haviam formado três grandes raças que tinham respectivamente como ancestrais Sem, Cam e Jafé, os três filhos de Noé. Cada um gerou filhos que se tornaram os patriarcas das nações. Houve no total 72 patriarcas, portanto 72 famílias, troncos das 72 futuras nações. Essas tribos originais eram **distintas**, mas não estavam **dispersas**. Elas se estabeleceram juntas na planície do país de Sinar. A língua dessas tribos era a mesma:

> "*Toda a terra tinha uma única língua e as mesmas palavras*" (Gên. XI, 1).

Tornava-se cada vez mais evidente que, com a proliferação das tribos, elas teriam que se dispersar. É mesmo a perspectiva dessa dispersão inevitável que sugeriu aos homens daquela época a ideia de erguer um monumento comemorativo de sua unidade primitiva

> "*antes que sejamos dispersos por toda a terra*". (antequam dividamur in universas terras Gên. XI, 4).

Essa ideia de um monumento para perpetuar a lembrança da unidade original não é reprovável, é até louvável; mas ela se misturou com outras concepções que Deus não aprovou.

Passemos sobre os detalhes e as técnicas de construção da torre. Os pedreiros de Babel usaram tijolos ao invés de pedras e betume ao invés de cimento. O simbolismo desses novos materiais nos levaria muito longe.

A Sagrada Escritura formula as intenções incluídas no "grande plano" dos homens daquela época, com a concisão que lhe é habitual. Portanto, é necessário pesar todas as palavras:

>

> "Construamos para nós uma cidade e uma torre cujo topo chegue ao céu, e façamos para nós um nome, para que não sejamos dispersos sobre a face de toda a terra".

Um traço nos choca imediatamente: Deus não é mencionado nas intenções do projeto. Está escrito "construamos para nós". O objetivo da empreitada é "celebrar o nome humano". Os homens de Babel tinham inegavelmente a intenção de prestar culto a si mesmos. E se a torre alcançasse o céu, seria graças apenas às forças humanas. Eles queriam celebrar e salvaguardar sua unidade, e isso por meio de uma **cidade capital** e de uma **torre religiosa** que simbolizaria a aptidão do homem de se elevar a Deus por seus próprios meios.

A conduta de Deus, diante desse projeto, confirma as primeiras reflexões que acabamos de fazer. O texto diz que Deus, naquela circunstância, observou "os filhos de Adão"; Ele não escreve "os filhos de Noé". Isso nos sugere, portanto, remontar a Adão, que havia sido Rei e Pontífice, mas que havia perdido essas duas dignidades.

Os versículos do Gênesis, muito condensados, não explicam o pensamento divino. É preciso que o leitor descubra por si mesmo em que o projeto dos homens de Babel era mau. Deus diz:

> "Eis que eles são um só povo e têm todos uma mesma língua; e começaram a fazer isso, e agora nada os impedirá de realizar tudo o que planejaram... Vinde, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entendam mais a fala uns dos outros". (Gên. XI, 6-7)

É evidente que Deus julga inadmissível a cidade e a torre edificadas com tais intenções, pelos "filhos de Adão". Há manifestamente uma certa **unidade do gênero humano que Deus não quer: é a unidade que se faz sem Ele**.

Há um segundo motivo de desaprovação: o que desagrada a Deus não é apenas a torre religiosa, é também a cidade capital da humanidade. Deus, de fato, não considera apenas a torre, mas a própria cidade (*ut videret civitatem et turrim*). E entendemos muito bem por quê: desde a queda de Adão, a autoridade única sobre o mundo pertence ou a Deus, que é seu primeiro titular, ou ao demônio, que destronizou Adão e de certa forma se substituiu a ele em seus direitos. Em outras palavras, a autoridade única sobre a terra pertence ou a Cristo, ou ao Anticristo. É provavelmente por isso que o texto observa que os homens de Babel eram "filhos de Adão". Para pretenderem edificar uma capital mundial, era necessário que eles tivessem perdido a noção da queda original e o desejo de um Salvador.

O decreto divino de Babel é, portanto, um **decreto de confusão**, o que, à primeira vista, nos surpreende. Mas é preciso notar que se trata de uma confusão e de uma dispersão provisórias, à espera de que o tempo da unidade chegue e que haja "um só rebanho e um só pastor". É também uma **dispersão de misericórdia**: de fato, a edificação de uma **capital mundial** teria inevitavelmente acarretado o aparecimento de um "imperador mundial", que não poderia ser

senão um anticristo, sob o qual os homens teriam vivido desde então. O "decreto de confusão" de Babel os poupou de um longo despotismo.

Um personagem está indissociavelmente ligado ao episódio de Babel, é **Nemrod**. A Escritura faz grande menção dele: sozinho, entre os descendentes de Cam, ele é objeto de vários versículos no Gênesis:

> "*Ora, Cuxe gerou a Ninrode; este começou a ser poderoso na terra. Ele foi poderoso caçador diante do Senhor; por isso se diz: Como Ninrode, poderoso caçador diante do Senhor. E o princípio do seu reino foi Babilônia, e Ereque, e Acade, e Calné, na terra de Sinar. Desta terra saiu Assur, e edificou a Nínive, e a cidade de Reobote, e a Calá. E a Ressen, entre Nínive e Calá; esta é a grande cidade*". (Gên. X, 8-12).

Nemrod foi, portanto, o fundador do poder maligno de **ASSUR** [1], colosso que deveria fazer pesar, sobre o povo eleito de Israel, uma ameaça perpétua da qual somente Deus poderia libertá-lo. Nemrod é assim a primeira prefiguração do Anticristo, e é sintomático que ele apareça precisamente na época de Babel e na planície de Sinar.

É certo que Deus confundiu deliberadamente as línguas e dispersou as nações a fim de impedir a constituição de um governo mundial. Ele quis deliberadamente uma "gentilidade" fracionada. O império do mundo pertence apenas a dois personagens: Cristo ou o Anticristo, embora a títulos antagônicos. Isso é, obviamente, muito misterioso; mas a Redenção é um mistério. Os capítulos X e XI do Gênesis enumeram os 72 etnarcas que deveriam fundar as 72 nações constitutivas da Gentilidade. Ora, Nosso Senhor, durante Sua vida terrena, a vários milênios de distância, designou precisamente **72 discípulos**; eles estavam destinados a auxiliar São Paulo no trabalho sobre-humano da **evangelização dos Gentios**. **Os 12 Apóstolos estavam reservados às 12 Tribos de Israel**. As marcas essenciais do plano de Deus não mudam.

---

[1] Destaquemos que em ASSUR, há USA e URSS!

As Promessas de Hegemonia

Em seu trabalho de destruição das obras divinas, **Satanás utiliza um método duplo: ele reúne o que Deus separa e separa o que Deus une**. Dois exemplos:

1. Deus criou dois arquétipos: Jesus Cristo e Maria Sua Mãe, que foram os modelos segundo os quais Adão e Eva foram formados. Na gnose luciferiana, é diferente: há *um único arquétipo* designado pelo nome de **andrógino**, que é a reunião de um homem e uma mulher em um único ser suposto; Lúcifer reúne o que Deus separa.
2. O casal humano é inseparável; é unido para a vida por um sacramento. O demônio, por sua vez, não descansa até que tenha separado os casais que Deus uniu.

É a esse duplo tratamento que o demônio vai submeter as nações criadas por Deus para serem a herança de Seu Ungido: "Eu te darei as nações por herança".

Por um lado, soprando um vento de discórdia, ele vai cortar as nações em pedaços, multiplicando seu número bem além dos 72 que existiam originalmente. Mas, por outro lado, e já que ele também precisa alcançar o império mundial, ao qual de certa forma tem direito, ele vai suscitar formidáveis ambições hegemônicas; ele criará impérios contra a natureza e, entre esses impérios, uma competição que eliminará os inapto e deixará flutuar os mais robustos; o vencedor final da competição dominará o mundo.

Essa é esquematicamente a dupla estratégia do demônio. Nós a vemos claramente se desenvolver diante de nossos olhos. O regionalismo desmantela as nações europeias com o objetivo de fazê-las desaparecer como quantidades nacionais; mas, ao mesmo tempo, os dois grandes blocos imperiais que resultaram dos confrontos anteriores se preparam para novos ataques, dos quais, no final, surgirá um triunfador universal.

As ambições hegemônicas são incontestavelmente o fermento mais eficaz da unificação final. O demônio promete o império do mundo a todos os príncipes da terra que apresentam alguma chance. O tipo perfeito dessa promessa de hegemonia é fornecido pela *Tentação no deserto;* é bom rever o mecanismo porque os casos de aplicação são muito frequentes na história política, se mesmo não constituírem o fundo.

O demônio transportou Jesus a uma alta montanha e lá:

> *mostrou-Lhe todos os reinos da terra, em um momento. E o diabo Lhe disse: é a Ti que darei todo este poder com a sua glória. Pois é a mim que foi entregue. E a quem quero, dou-o*" (Lucas IV, 5-6).

É importante notar duas particularidades:

1. O que é oferecido pelo demônio é a **supremacia política universal**, não apenas uma hegemonia regional.
2. Quem aceitar essa oferta **terá esse poder do demônio e, consequentemente, o exercerá em nome e para o benefício do demônio.**

Mas para obter essa recompensa há **uma condição** a ser cumprida. Essa condição é bem conhecida:

> *Portanto, se te prostrares diante de mim, será toda tua.*

Então, o candidato ao império **deve reconhecer a suserania** do "Príncipe deste mundo". Note-se que, do ponto de vista jurídico, o acordo é perfeitamente regular. O demônio apenas transfere um principado que, como ele diz, lhe foi entregue, e do qual, portanto, ele dispõe. Esse acordo, Satanás o propôs a muitos reis, a muitos "grandes deste mundo", tanto nos tempos antigos quanto nos tempos modernos.

Vejamos agora em que consiste a **prosternação** exigida. Pode-se legitimamente pensar que consiste em uma adesão ao plano de conquista do demônio ou a uma parte desse plano; em última análise, a prosternação exigida consiste em uma **incorporação ao corpo místico do Anticristo**. A condição a ser cumprida é sempre algo **diabólico**; é sempre uma contribuição para a edificação do poder do Anticristo.

Aproximemo-nos do caso presente. Satanás prometu a hegemonia sobre a Europa, e pela Europa sobre o mundo, a todos os governantes europeus. Ele a promete aos ingleses se estabelecerem em todo lugar filiais da loja de Londres. Ele a promete aos alemães se implementarem o socialismo industrial de Estado, um maravilhoso instrumento de dominação. Ele a promete aos russos mediante a coletivização de todos os bens. Ele a promete aos árabes, impulsionando-os a islamizar "os rumis". Ele a promete aos judeus, os mais predispostos a aceitar, já que, segundo suas antigas tradições, o império do mundo lhes é devido. Ele a promete também às nações do extremo oriente, detentoras de lendas e profecias imperialistas.

Ainda com um estímulo semelhante, o da **potência oculta** (com o qual tantos intelectuais sonham), ele vai dar impulso, não apenas à maçonaria, mas a todas as confrarias iniciáticas, cada uma tentando dominar secretamente a outra.

Satanás irá até propor o pacto hegemônico à Igreja Católica. Ele dirá ao Papa:

> "Se você reunir as primeiras **Assises** do parlamento religioso universal, farei com que lhe deem a presidência".

Inexplicavelmente, o Pontífice Romano aceitou; ele terá apenas uma presidência efêmera, mas as "assises" permanecerão; sobre elas, construirão um templo a Lúcifer.

Para o demoníaco orquestrador dessa imensa feira de hegemonia, o benefício é duplo:

1. Cada um dos competidores contribui para a construção do socialismo absoluto e universal, que será o regime do Anticristo.
2. Ele ganha também de outra maneira: essas lutas eliminatórias designarão por si mesmas **o mais forte**; restará ao vencedor apenas federar repúblicas que já serão socialistas e gnósticas; já restam apenas dois grandes blocos em disputa; é necessário agora designar o triunfador final por uma nova série de conflagrações mundiais, pois é pouco provável que um assunto tão grande seja resolvido em uma única crise.

A Ubiquidade Maçônica

As congregações iniciáticas estão em ação na Europa cristã desde a época do Renascimento. Mas é certo que elas foram precedidas, na Idade Média, por confrarias mais ou menos esporádicas. Sob a forma da atual maçonaria, elas operam ativamente desde o século XVIII. Costuma-se considerar as *Constituições de Anderson* (1717), que formam a carta da Grande Loja de Londres, como seu ato de nascimento. Esta loja é a primeira de todas na ordem cronológica e tornou-se, de direito e de fato, "mãe e mestra" de todas as lojas maçônicas do mundo. Ela representa, para a contra-igreja, o simétrico inverso da *Arquibasílica do Santíssimo Salvador* de São João de Latrão.

A maçonaria quer **estar presente em todos os lugares**. Essa ubiquidade é a base de seu método de ação exterior. Ela quer saber tudo o que se diz, participar de tudo o que se decide, colaborar em tudo o que se faz. Já observamos que ela pretende se infiltrar em todas as **correntes influentes**, mesmo aquelas que nascem sem ela, mesmo aquelas que se formam contra ela. Pois toda corrente influente contém uma **força utilizável**, especialmente para a maçonaria, que está equipada para navegar contra a corrente. Também sabemos, mas repetimos porque é importante, que ela quer escolher, entre as tendências que se manifestam espontaneamente, aquelas que devem ser **favorecidas** e aquelas que devem ser **torpedeadas** a todo custo. Essa infiltração universal é uma das atividades mais importantes da maçonaria. É muito difícil escapar dela, pois ela ocorre, como vimos, por "influência pessoal cuidadosamente encoberta".

TODOS os partidos políticos são emanações da maçonaria, seja porque ela mesma presidiu a sua formação, seja porque os penetrou posteriormente. Os partidos políticos podem parecer mais poderosos porque agem na esfera pública, enquanto a maçonaria permanece, na maioria das vezes, ignorada nas sombras. Mas, na realidade, os partidos políticos trabalham **sob a dependência** da grande sociedade secreta subjacente, da qual são apenas **os porta-vozes para uma clientela determinada**. Os programas dos partidos políticos não são senão frações e adaptações do "Grande Plano" maçônico.

É evidente que a maçonaria não infiltra apenas os partidos políticos, **mas também a administração, o exército, a justiça, a universidade, a indústria, o banco... em uma palavra, todos os órgãos da sociedade.**

Que tipo de simbiose pode existir entre ela e **as polícias de inteligência**?

Em teoria, a polícia deveria vigiar a maçonaria, já que ela pretende dominar o Estado e, portanto, constitui um perigo para o Estado. Na prática, ocorre o contrário. A polícia avisa a maçonaria dos perigos que poderiam ameaçá-la. Mais ainda, a maçonaria utiliza a polícia para se informar, estabelecendo **desvios** em seu proveito dentro da polícia. Na **consciência esclarecida** de um policial que também é maçom, a maçonaria terá mais peso do que o serviço de Estado ao qual ele pertence, porque a congregação iniciática fala em nome de uma influência espiritual mais elevada que o Estado. Essa **preponderância moral** da seita será particularmente sensível em caso de crise de regime, pois então o prestígio do Estado vacilante será nulo na mente dos policiais

maçons.

Graças aos conventos internacionais e às instituições obedienciais, também internacionais, **a ubiquidade maçônica se estende ao mundo inteiro.** A presença universal da maçonaria é ainda acentuada pelo seguinte fenômeno. Existe **um corpo maçônico**: é o conjunto dos adeptos reunidos em instituições materiais. Mas também existe **um espírito maçônico**. Esse espírito é obviamente compartilhado pelos membros do corpo. Mas também o é por toda uma multidão de simpatizantes externos que não são iniciados, que não pertencem a nenhuma das instituições maçônicas, mas que sofrem a influência intelectual da maçonaria. Esses simpatizantes são chamados de **maçons sem avental.** Eles têm uma sensibilidade maçônica, pensam como maçons, comportam-se como maçons. Eles aumentam consideravelmente a ubiquidade e o alcance da grande seita.

Tábua Rasa

Para compreender a utilidade estratégica do comunismo totalitário, é preciso se colocar, pela imaginação, no escalão mais elevado da contra-igreja, ou seja, no escalão luciferiano. O comunismo totalitário é necessário porque é o único capaz de praticar a **liquidação física das elites cristãs**. Ele tem o poder porque é totalitário e tem a vontade porque é o regime dos **sem-deus**, fundado em uma filosofia materialista militante.

Pois é necessário proceder à liquidação dessas antigas elites, ditas "burguesas", e isso não apenas durante a fase revolucionária de tomada do poder, mas também durante todo o longo período governamental que se segue. Se não as exterminarmos e nos contentarmos em afastá-las das responsabilidades, deixando-as subsistir no local, essas elites ressurgirão mais cedo ou mais tarde.

É preciso um regime totalitário que terá duas funções.

1. Uma função a longo prazo que será instituir um sólido **coletivismo**, a fim de realizar uma coerção absoluta e universal ("ninguém poderá comprar ou vender se não tiver a marca da besta na testa e nas mãos", Apoc. XII, 17).
2. Uma função transitória não menos essencial: a liquidação física das elites cristãs, ou mais geralmente costumeiras.

Ora, os partidos socialistas do tipo *reformista* são incapazes de proceder à necessária liquidação dos antigos quadros porque são *contemporizadores* e, portanto, hesitantes. É por isso que é necessário um partido monolítico dominando um Estado policial. É necessária a ditadura de um partido único, a única capaz de instaurar a delação popular, a polícia proletária e os tribunais de opinião.

Uma fase de regime totalitário é necessária no mundo inteiro para estabelecer o coletivismo, mas é particularmente necessária nos países cristãos para realizar também a exterminação das elites religiosas. Daí o partido comunista internacional, cujas bases místicas são luciferianas, como agora se sabe, e que se destina, em grande parte, a passar o *rolo compressor* sobre todo o território da antiga Cristandade. Ele é encarregado de **fazer tábua rasa e eliminar a Religião de Nosso Senhor não apenas em suas instituições, mas em seus homens**. É precisamente isso que a Rainha do Céu anunciava em Fátima:

> "a Rússia espalhará seus erros pelo mundo, provocando guerras e *perseguições contra a Igreja*, muitos bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer; várias *nações serão aniquiladas*".

Observar-se-á, portanto, uma **ANTINOMIA** entre a maçonaria, que é essencialmente tolerante e pluralista, e o comunismo, que é essencialmente monolítico e totalitário. Esta antinomia coloca a

maçonaria numa situação difícil em relação ao comunismo. Em seus atos, ela o apoia. As obediências de esquerda veem nele um insubstituível artífice da cidade futura. Mas em suas palavras, ela é obrigada a criticá-lo porque o comunismo não é tolerante e não é pluralista.

A maçonaria estaria muito mais à vontade para apoiar o comunismo se ele abandonasse seus costumes totalitários e passasse ao pluralismo, como **a Igreja conciliar** lhe dá o exemplo e o encoraja. Se, em vez de um partido único, o regime dos Sovietes conseguisse estabelecer um *sistema de alternância* entre vários partidos comunistas, tornar-se-ia um regime tolerante e a maçonaria abandonaria as reservas verbais às quais está obrigada.

Um certo pluralismo comunista, mesmo que reduzido a dois partidos, ambos marxistas, é claro, constituiria um *lubrificante* muito eficaz para a penetração da carga explosiva vermelha na blindagem ocidental. (Estamos fazendo aqui uma suposição absolutamente irrealizável e sem fundamento? O futuro nos dirá). Resta que o sovietismo *totalitário* é, por enquanto, o instrumento privilegiado da *extirpação do cristianismo* por conta do poder oculto luciferiano.

República ou Monarquia Universal

A fase materialista terá apenas um tempo. Uma vez realizada a extirpação das antigas elites e o coletivismo econômico bem estabelecido, uma **fase espiritualista** certamente virá. Pois o demônio, que é o verdadeiro "poder oculto", não quer apenas governar o mundo temporariamente, ele também quer sujeitá-lo religiosamente. **Ele fará do Anticristo ao mesmo tempo o "Rei do Mundo" e o "Pontífice" de sua religião.** Portanto, os fundamentos filosóficos da cidade universal devem incluir um **componente espiritual e religioso**, o que não é o caso do materialismo histórico de Marx e Lenin, que exclui toda a religião, tanto externa quanto interna.

Chegamos, portanto, naturalmente a prever uma nova fase da revolução universal, onde o socialismo materialista, agora estabelecido, será complementado por um sistema religioso universal.

Quem será encarregado de elaborar este sistema religioso?

Obviamente, não serão os racionalistas e materialistas. Para isso, são necessários os "espirituais", *os pneumáticos*; esses são precisamente os neo-gnósticos. Eles já ocupam sua base de partida, com sutis teorias capazes de justificar o advento de um **Rei-Pontífice**.

Essas teorias, às quais ainda não foi dado um nome coletivo, mas que chamaremos, por conveniência, de **monarquismo esotérico**, são baseadas em uma dupla confusão.

1. Primeiro, a **confusão** entre o governo "de acordo com Cristo" e o governo "de acordo com o Anticristo". Para esses doutrinários neo-gnósticos, não há necessidade de fazer essa distinção. Para eles, todos os reis da História pertencem a um único e mesmo poder primordial. Eles confundem, em um mesmo princípio de autoridade, o poder do **Titular**, **que é o Verbo Encarnado**, e o poder do **Usurpador**, **que é o príncipe deste mundo**. Eles não distinguem o poder do Faraó do de Davi, nem o poder de Nero do de Carlos Magno, nem em geral o "poder que vem de Deus" do "poder de Deus". Aos olhos dos cristãos, ao contrário, a **distinção** se impõe entre os Reis que são anunciadores e imitadores de Cristo, e os Reis que são precursores, ou melhor, *prefigurações* do Anticristo.
2. A essa primeira confusão, os doutrinários da *realeza esotérica* acrescentam outra. Eles consolidam o poder temporal e a autoridade espiritual sobre a cabeça de uma única e mesma pessoa, que será ao mesmo tempo *rei e pontífice*, como eram os imperadores de Roma. Eles dão os Césares romanos como modelo do que eles chamam *a realeza sagrada.* E essa realeza sagrada eles a declaram tradicional, patriarcal, imemorial, primordial, como eles fazem com todos os componentes do esoterismo.

Tal consolidação de poderes se opõe à teoria cristã dos **dois gládios**, segundo a qual Jesus Cristo instituiu na terra um **VIGÁRIO** de seus poderes religiosos e um **TENENTE** de seus poderes temporais. O "vigário" é o Papa, sucessor de Pedro, e o "tenente" é o rei sagrado em Reims com o óleo milagroso. O vigário e o tenente não dependem um do outro. Não são os pontífices que nomeiam os reis; não são os reis que nomeiam os pontífices. Ambos dependem diretamente de Cristo. Eles reconhecem seus poderes mútuos e não os contestam.

Por que, na doutrina cristã, duas autoridades e não apenas uma?

Porque: "*Deus não dá Sua glória*". No estado de natureza decaída, Deus não confia todos os Seus poderes a um único homem. A consolidação das coroas real e pontifícia sobre uma mesma cabeça convém propriamente apenas a Nosso Senhor. Ela também convinha a Adão enquanto ele permaneceu na inocência primordial, onde a alma comanda o corpo; é por isso que Adão podia ser ao mesmo tempo rei da terra e pontífice do Altíssimo.

O Anticristo, enquanto herdeiro daquele que triunfou sobre Adão, reivindicará essa mesma consolidação de poderes e se declarará Rei-Pontífice. Os neo-gnósticos, ao ensinar a consolidação dos poderes e ao misturar e confundir a realeza cristã com a realeza pagã, não fazem outra coisa senão estabelecer os fundamentos dos supostos direitos reais e sacerdotais do Anticristo.

É fácil prever que uma fase gnóstica está em preparação. O socialismo absoluto e universal, que sujeita todos os homens juntos pelos laços da economia, será complementado por uma uniformização religiosa que sujeitará todas as almas na mesma religiosidade luciferiana.

A Hibridização Geral

Todo mundo fala abertamente da futura **república universal** que é o objetivo das sociedades de pensamento e das congregações iniciáticas desde os utopistas do Renascimento. Os órgãos preparatórios dessa república já estão funcionando. Mas ainda há *particularismos* a serem nivelados.

A **destruição das nações** está em andamento. Ela está em andamento graças ao ***regionalismo*** que as divide em trechos e realiza a fase do *solve.* E também está em andamento graças ao trabalho de *federação* que reconstrói os trechos resultantes da divisão regionalista e realiza a fase do *coagula.* A república universal emergirá dessa alquimia e será uma federação de federações, assim como a U.R.S.S., que é uma "União de Repúblicas", e os E.U.A., que são "Estados Unidos". O edifício global será, portanto, o resultado da **moagem das 72 nações** , instituídas por Deus para se tornarem a Herança do Verbo Encarnado:

> "*Pede-me, e Eu Te darei as nações como herança e os confins da terra como propriedade*" (Salmo II:8).

Mas essa divisão das nações (solve), seguida de sua reestruturação (coagula), ainda não é suficiente. É necessária uma última precaução. É o **hibridismo universal**. Seríamos realmente cegos se não percebêssemos que esse hibridismo está sendo deliberadamente implementado há muitos anos. A **mistura racial** foi detectada e denunciada pelos autores tradicionalistas antes da guerra de 1914-1918; não é algo novo. É um dos principais objetivos das sociedades de pensamento.

O hibridismo universal nos é apresentado primeiro como espontâneo e inevitável, mas na realidade é perfeitamente artificial e desejado. Também nos é apresentado como um dos preceitos essenciais da moral. A distinção das etnias seria uma anomalia insuportável e a origem de todas as guerras; inversamente, a constituição de um bloco híbrido deveria levar a um entendimento geral. Consequentemente, seria altamente imoral militar pela integridade das raças e pelo "*cada um em seu lugar*"; isso seria um retrocesso e uma superstição inaceitável. Moralmente, não teríamos o direito de contestar a "mistura racial" e sua excelência.

O objetivo, portanto, desse esforço prolongado é obter uma **raça mestiça universal**. E é preciso reconhecer que o melhor meio de neutralizar as reações dos indivíduos, das famílias e das nações é **abastardá-los**. Um governo mundial se encontraria, assim, diante de uma massa amorfa, sem tradição nem sensibilidade. Bastaria praticar em relação a ela a política do **panem et circenses** (pão e circo) tão cara aos imperadores pagãos. É essa massa humana que se prestará melhor ao coletivismo absoluto dos bens materiais e à religião gnóstica, que será feita de **bruxaria na base e de mística luciferiana para as elites**.

Já é um pouco o que observamos nas grandes capitais do mundo. Por toda parte cruzamos, nas ruas, os mesmos rostos e a mesma mistura de populações. Nada se assemelha mais às multidões de Paris do que as de Tânger, Nova York, Cidade do México ou Santiago... Tudo se universaliza, até mesmo a raça.

Todas as raças se deixarão englobar nessa mesma miscigenação?

É pouco provável. Os judeus certamente resistirão, eles que acham o abastardamento excelente para os outros, mas que sabem muito bem se defender disso para si mesmos. E eles não serão os únicos: a resistência ao abastardamento vai gerar forças das quais o diabo não deixará de tirar proveito. Teorias *hiper-eugênicas* já estão prontas para ser disseminadas. Elas servirão de bases "altamente científicas" para inspirar as inevitáveis reações que o hibridismo universal já está provocando. Elas permitirão recrutar milicianos e tecnocratas para o Anticristo. **Super-homens comandando mestiços**, eis o que nos é preparado.

Astúcia e Violência

A doutrina cristã, tal como era ensinada antes da crise, nos adverte que o demônio é um ser duplo: ele é **mentiroso e homicida**. **Como mentiroso ele será astuto e sedutor, como homicida ele será violento e aterrorizante**. **Ele será alternadamente cordeiro e dragão**:

> "*Depois vi subir da terra outra besta, que tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, mas falava como um dragão*" (Apoc. XIII, 11).

Esta **duplicidade essencial**, ele vai comunicá-la, na terra, a todos os organismos que ele criou para fazer guerra a Cristo e aos homens. É preciso que saibamos identificar, nesses organismos aos quais somos forçosamente confrontados, **a astúcia e a violência** de seu mestre.

Encontramos ministros de sua astúcia e ministros de sua violência. A Escritura santa nos fornece dois grupos de duas figuras que nos esclarecem sobre o duplo comportamento dos demônios e de seus ministros humanos. Essas duas figuras são *Gog e Magog* evocados sobretudo no livro de Ezequiel e *Leviatã e Beemote* no livro de Jó.

1. Os ministros humanos da **ASTÚCIA** do demônio podem ser colocados sob o signo de Gog e de Leviatã.

Gog significa "telhado" e convém a tudo o que é coberto, **dissimulado e enganador**. Ele habita os confins do *Setentrião*, como Lúcifer do qual ele é uma figura:

> "...*Virás de tua terra, dos confins do setentrião, tu e numerosos povos contigo*" (Ez. XXXVIII, 15).

Gog é traiçoeiro, ele ataca aqueles que não desconfiam de nada.

> "*Dirás: subirei contra um país aberto; virei contra essas pessoas tranquilas que habitam em segurança, que têm todas moradas sem muralhas, e que não têm nem ferrolhos nem portas*" (11).

Leviatã é uma besta marítima que esconde seu extraordinário poder sob encantos cativantes:

>

> "*Não quero calar sobre seus membros, sua força*, a harmonia de *sua estrutura* ... Soberbas *são as linhas de suas escamas, como selos estreitamente apertados* .. *Seus espirros fazem jorrar a luz, seus olhos são como as pálpebras da aurora*... *Seu coração é duro como a pedra, duro como a mó inferior*..." (Jó XCL, 25).

O Leviatã é idêntico à "besta do mar" que aparece no Apocalipse. Todos esses prestígios, dos quais Leviatã se cerca, são mentirosos. São os vestígios de sua beleza primitiva, vestígios que ele conserva em seu estado de queda, pois Deus não os tirou dele. São esses restos de beleza que ele coloca em evidência quando se disfarça de **anjo de luz**. Muitos líderes históricos, filósofos, instituições inteiras, até mesmo nações, são "gogs" e "leviatãs". É preciso saber reconhecê-los. A maçonaria é o tipo dessas instituições sedutoras e tolerantes nas quais reina o espírito de Leviatã: ela conduz prudentemente seus adeptos a concepções que eles teriam rejeitado energicamente se lhes tivessem sido propostas no dia de sua entrada na loja.

2. Os ministros da **VIOLÊNCIA** são retratados sob os traços de *Magog e de Beemote*.

Magog significa "sem telhado", ou seja, sem dissimulação; é o símbolo da **força cínica e brutal**.

Beemote é uma besta terrestre que investe como um touro:

> "*Vê Beemote que criei como você: ele se alimenta de erva, como o boi. Veja, pois, sua força está em seus rins, e seu vigor nos músculos de seus flancos! Ele ergue sua cauda como um cedro; os nervos de suas coxas formam um sólido feixe. Seus ossos são tubos de bronze, suas costelas são barras de ferro. É uma obra-prima de Deus; seu criador o proveu de uma espada. As montanhas produzem para ele forragem, ao seu redor brincam todos os animais dos campos... Será que se poderá capturá-lo de frente com redes e perfurar-lhe as narinas?*" (Jó XL).

Beemote não é outro senão a "besta da terra" que se encontra no Apocalipse.

É bem evidente que não existe uma especialização clara entre os ministros humanos da astúcia demoníaca e aqueles da violência. Frequentemente **são os mesmos homens e as mesmas nações que exercem os dois ministérios alternadamente e até simultaneamente**. Por exemplo, a Rússia soviética, que é particularmente semelhante a Beemote, a força brutal terrestre, também é capaz de sedução e perfídia.

Na guerra, não é possível evitar todos os golpes. Mas é preciso evitar as imprudências. É uma imprudência se aproximar inutilmente de Leviatã e de Beemote, por exemplo, para tentar discutir e raciocinar com um ou outro; **não se discute com o demônio ou com os seus**.

Uma religiosa de Poitiers, Josefa Menendez, de origem espanhola, recebeu da Santa Virgem revelações que esclarecem nosso assunto:

> *O demônio é como um cão furioso, mas está acorrentado, ou seja, ele só tem uma certa liberdade. Ele só pode, portanto, agarrar e devorar sua presa se ela se aproximar dele. E é para capturá-la que sua tática habitual é se transformar em cordeiro. A alma que não percebe isso se aproxima pouco a pouco e só descobre sua malícia quando se encontra ao seu alcance* ("Um Apelo ao Amor", 13 de abril de 1921).

Neutralizar a Reação

As forças secretas da revolução se deparam com uma **inércia** muito poderosa e constante. As reformas dos utopistas só se realizam com **dificuldade e lentidão**. A sociedade humana opõe a elas uma surda mas obstinada **resistência**. De onde vêm essa inércia, essa lentidão e essa resistência?

Elas têm primeiramente **causas naturais**. A primeira reside no fato de que o homem terrestre aspira prolongar seu estado terrestre ao qual está invencivelmente apegado. Nas origens, sua tendência espontânea foi de consumir também o fruto da *árvore da vida* que lhe teria proporcionado a eternidade no estado de natureza. É para evitar essa catástrofe que Deus afastou o homem do paraíso:

> "*Agora, que ele não estenda as mãos, que não tome também da árvore da vida, para comer e viver eternamente. E Yahweh os fez sair do jardim do Éden*" (Gên. III, 22-23).

A tendência espontânea do homem é prolongar seu estado presente. Ele tem **medo das grandes mudanças, portanto da revolução**.

A segunda razão natural é mais sutil e mais difícil de entender. Não obstante certos direitos ao império, direitos que anteriormente destacamos, o Príncipe deste mundo não é essencialmente mais que um **usurpador**, pois trabalha para suplantar o verdadeiro titular do poder absoluto que é Cristo. Além disso, ele progride pela astúcia e pela violência, que não são amáveis nem uma nem outra. O homem é, portanto, forçado a **temer**, ainda que confusamente, essa usurpação e essas manobras dolosas. E ele resiste a isso, por medo instintivo "daquele que é homicida".

Mas a inércia e as lentidões que o poder revolucionário mundial deve vencer também têm **causas sobrenaturais**. Sabemos que **o demônio não é na terra senão o ministro dos castigos de Deus**. Jesus Cristo conserva sempre o *alto domínio* e Ele só dá, a Seu adversário, a permissão de agir nos **tempos marcados**. A atividade do demônio atravessa, portanto, às vezes **longos períodos de impotência**.

Essas razões explicam que a humanidade, perpetuamente trabalhada pela fermentação utópica e revolucionária, lhe opõe perpetuamente suas forças de inércia. Quando ela é objeto de pressões exageradas, quando é maltratada, essa inércia, de passiva que é em geral, se transforma em *explosão reacionária*. Assim, já observamos que todos os órgãos da revolução (congregações iniciáticas, sociedades de pensamento, partidos políticos...) são muito atentos em respeitar *o limite de passividade e de maleabilidade* das massas populares que querem manobrar. Mas nem sempre conseguem evitar os *acidentes reacionários*.

Qual será a atitude dos poderes ocultos nesses casos explosivos? Eles vão implementar um certo número de **procedimentos** que provaram seu valor e até se tornaram bastante clássicos.

Se o movimento reacionário nascente se anuncia de fraca amplitude, as forças da revolução se contentarão em tomar discretamente sua direção e conduzi-lo para um **beco sem saída** onde ele se desintegrará.

Qual é esse procedimento? Eis um exemplo. Conta-se que, pouco tempo antes da revolta histórica de 6 de fevereiro de 1934, um grupo de agricultores de Cantal tinha subido a Paris para manifestar diante do ministério da agricultura. Eles tinham vindo de trem e se reunido na saída da estação de Austerlitz. Como os "curiosos" eram numerosos, o cortejo era bastante volumoso. Colocaram na frente aqueles que conheciam bem Paris e partiram para vaiar o ministro, com a bolsa a tiracolo. Caminharam interminavelmente... para se encontrar na Place Balard no outro extremo de Paris: um grupo de policiais "à paisana" tinha tomado a frente do cortejo para desviá-lo em sentido oposto.

Transposto em grande escala, esse procedimento foi utilizado muito frequentemente. É assim, por exemplo, que após a guerra de 14-18 as associações de Ex-Combatentes, que estavam dispostas, quando de sua fundação, a tratar de "problemas nacionais" de ordem geral, segundo a fórmula do momento "para que nossos filhos nunca mais vejam isso", foram desviadas para preocupações secundárias de aposentadorias e condecorações, sem perigo para as instituições republicanas e para a orientação maçônica da opinião. Poderíamos citar, desse procedimento do "Beco sem Saída", exemplos em número infinito. Os maçons, esses valentes guardiões das instituições, passam a maior parte do seu tempo **torpedeando movimentos reacionários**.

Quando a explosão é inesperada e violenta, falta tempo para penetrá-la pela base; é preciso então "**encabeçá-la**" rapidamente, ou seja, **impor-lhe um líder que lhe proporcionará uma exaltação aparente, mas a impedirá de prejudicar fundamentalmente o sistema**. É o procedimento do *Deus ex Machina*. Nas representações dramáticas romanas, uma divindade, parecendo descer do céu, era trazida ao palco por uma maquinaria invisível e sua intervenção inesperada resolvia uma situação inextricável. Esse procedimento é incorporado, por nossos manipuladores, às técnicas do governo oculto. Um dos exemplos mais típicos de *Deus ex Machina* é a chegada ao poder de Gaston Doumergue, que foi buscado em seu retiro para deter a revolta de 6 de fevereiro de 1934 conduzida pelas ligas nacionais. Apaziguador e sorridente, Doumergue recolocou a república parlamentar nos trilhos. É na sequência de uma manobra análoga que o general de Gaulle foi sondado para organizar em Londres um comitê e depois um governo francês, a fim de neutralizar o governo do Marechal Pétain.

O procedimento é de uso tão corrente que as forças da revolução são obrigadas, permanentemente, a manter pronto um *Deus ex Machina* para enfrentar qualquer eventualidade. É assim que se mantém sempre em reserva pretendentes ao trono para "encabeçar" uma reação que se tornou muito violenta. Os pretendentes assim preparados são doutrinados para não prejudicar as forças secretas e até para protegê-las.

As elites nacionais sinceras não ignoram nada desses preparativos. Elas estão ao mesmo tempo sem ilusão e sem meios de ação. Quanto à massa popular, escravizada pelos poderosos meios

modernos de condicionamento coletivo, ela aplaudirá assim que lhe for dado o sinal.

Tais são as causas profundas, de natureza religiosa como vimos, da **inércia** que a sociedade humana opõe instintiva e desajeitadamente à propagação revolucionária. E tais são alguns dos procedimentos mais empregados em nossos dias pelo adversário para vencer essa inércia e neutralizar as explosões às quais ela às vezes dá origem.

A Cidadela de Sião

Entre as forças de reação, deveríamos poder citar **a Igreja Católica**. Infelizmente, **ela está hoje neutralizada** por uma poderosa rede de prelados progressistas que, agindo em ligação com as lojas maçônicas e com certos meios soviéticos, a **alistou no campo da contra-igreja**, reduzindo-a ao papel de correia de transmissão. Eles tomaram o poder, por ocasião do último concílio ecumênico, graças a um **verdadeiro golpe de Estado eclesiástico** que os observadores imediatamente compararam à "revolução de outubro" na Rússia. É bem evidente que as forças de revolução assim instaladas no topo da Igreja não se deixarão desalojar. Elas pretendem, e têm os meios para isso, permanecer daqui em diante senhoras da Sede apostólica.

Sob a denominação de "Religião Católica", os sociólogos, os jornalistas, os historiadores, os filósofos encontram agora duas religiões distintas: a religião **pré-conciliar** que se perpetua entre os tradicionalistas e a religião **pós-conciliar** que modifica seus estatutos, mas que os poderes públicos reconhecem como o único catolicismo verdadeiro. Essas duas religiões fazem guerra entre si; elas se declaram **incompatíveis** e **se excomungam** mutuamente. O catolicismo pós-conciliar abandonou o antigo espírito, tornou-se um corpo vazio de alma; apresenta todas as aparências da morte.

Trata-se, sem dúvida alguma, da crise sem precedentes que as profecias nos anunciam que deve cair sobre a Igreja à aproximação do fim dos tempos. Crise que os textos sagrados descrevem como

> “ *a abominação da desolação instalada no lugar santo* (Mat XXIV, 15).

Deve haver então sobre a terra uma "grande tribulação",

> “ *como não houve desde o começo do mundo* (Mat XXIV, 21).

Chegamos a esta fase terminal?

As profecias da Sagrada Escritura não nos permitem responder a essa questão porque, observando a História de muito alto e de muito longe, elas não entram nos detalhes de cada época. Para responder, é preciso recorrer às profecias da revelação privada, que são de menor amplitude, mas que entram em mais detalhes. Ora, elas são unânimes em afirmar que antes das tribulações finais, a terra atravessará uma **crise premonitória**, idêntica em sua natureza à crise final, mas atenuada quanto à sua intensidade. É essa crise premonitória que sacode hoje a Igreja. Não é, portanto, surpreendente que ela se apresente como **um corpo que perdeu sua alma**. Ela se encontra em

um estado semelhante ao de Nosso Senhor Jesus Cristo quando Ele foi depositado no túmulo; seu corpo estava ao mesmo tempo morto e divino, o que parece incompatível; a Redenção é um mistério.

O mesmo acontece hoje com a Igreja, que é o corpo místico de Jesus Cristo. Ela parece morta, pois perdeu o antigo espírito, mas permanece divina; daí o respeito que devemos conservar por essa estrutura vazia, não obstante a indignação que provocam em nós os discursos e os atos de seus grandes prelados e mesmo de seus pontífices.

Não é preciso que esse estado de coisas nos escandalize. Os textos sagrados nos advertem do que deve acontecer precisamente para que não fiquemos **nem surpresos nem perturbados**. É preciso que os escândalos aconteçam, infelizmente apenas para aqueles por quem eles chegam. Conservemos toda a nossa serenidade.

Nosso Senhor fez à Igreja **promessas de perenidade**. Se essas promessas tivessem sido destinadas a proteger a Igreja de toda ferida e de toda divisão, pode-se dizer que elas não teriam sido cumpridas pois, de fato, a Igreja foi muito frequentemente ferida e dividida; ela perdeu grandes pedaços que nunca recuperou (o cisma grego, a heresia protestante, a morte aparente de hoje). As promessas de perenidade asseguram apenas à Igreja que sempre haverá nela **um núcleo vivo para oferecer resistência ao inimigo**. Sempre haverá uma cidadela que não se renderá. O navio da Igreja nunca afundará; mas poderá sofrer graves avarias; seu comandante poderá até ser morto. A perenidade reside na torre de menagem; é por isso que a morte de hoje é apenas aparente. Um núcleo vivo subsiste, que é precisamente a minoria anti-conciliar. Ela é a fortaleza de SIÃO, a cidadela de Jerusalém.

A sinagoga dos Judeus já havia sofrido eclipses semelhantes. A perda da Arca da Aliança, depois o cativeiro da Babilônia eram também "mortes aparentes".

Tal é o regime do Corpo Místico. Ele não é melhor tratado que o Mestre. As feridas profundas que a Igreja não podia evitar são figuradas, na Missa, pela **Fração da Hóstia**. A Missa é uma profecia que contém em resumo as fases da vida da Igreja. A Fração da Hóstia representa as lacerações que a dilaceraram.

Mas Deus **salva** o que vai perecer e que não dispõe mais de **nenhum** recurso **natural**. É nisso que Ele é **Salvador**. Ele estenderá Suas mãos sobre o mar, Ele acalmará a tempestade, e se fará uma grande calmaria.

A Dinâmica Interna da Infraestrutura Revolucionária

Não estamos aqui fazendo obra de erudição. Não buscamos repetir o que outros já disseram muito melhor. O que nos interessa não é a descrição histórica da crise, são as **relações de forças**, é a dinâmica do aparato subversivo e, em particular, a de sua infraestrutura secreta.

As congregações iniciáticas, cercadas pelas inúmeras associações que difundem seu espírito, formam uma imensa rede mundial cujo centro é ocupado por um **mestre de obras** que não é outro senão **o próprio Lúcifer**. Nele reside a força central e a força principal que governa secretamente o mundo. Nosso Senhor o chamava de "Príncipe deste mundo". Essa rede mundial, devido a seu comando único, é animada por uma certa unidade de manobra, que se faz sentir a longo prazo. Mas também apresenta incontestáveis **discordâncias**, e isso por duas razões: primeiro, devido às suas enormes dimensões, e também porque Satanás governa pela **rivalidade dos membros**; seu reino está dividido contra si mesmo e o "Príncipe" usa essas rivalidades como forças de emulação (por exemplo, a emulação pelo império mundial).

O que faz **a unidade** entre esses membros rivais é **o ódio comum ao inimigo comum**. E o inimigo comum é **Nosso Senhor e Suas obras terrestres, das quais a principal é a Igreja**, mas das quais as monarquias cristãs do Antigo Regime faziam também, incontestadamente, parte. Por mais graves que sejam, entre as organizações da contra-igreja, as rivalidades dos membros, elas terminam diante do inimigo comum. Observamos um exemplo típico desse fenômeno na vida de Nosso Senhor:

> "*Herodes e Pilatos, que eram inimigos antes, tornaram-se amigos naquele dia*" (Lucas XXIII, 1-2).

Eles se reconciliaram **às custas do JUSTO**. Reconciliações desse tipo sempre ressurgem no seio das forças da revolução. Devemos esperar estar constantemente fazendo novas experiências desse tipo.

A dinâmica interna da infraestrutura revolucionária apresenta outra particularidade: é a coabitação de duas tendências, aparentemente contraditórias, mas que, na verdade, se dividem no trabalho: a tendência **racionalista** e a tendência **espiritualista**. São as duas pernas sobre as quais a maçonaria avança; ela avança ora com uma, ora com a outra; ela implementa e privilegia alternadamente uma ou outra tendência; mas é preciso lembrar que as duas estavam presentes nela desde sua fundação.

Algumas lojas se especializaram em disciplinas científicas e racionais, desenvolvendo ao mesmo tempo o ceticismo agnóstico; é o caso, por exemplo, das lojas que abrigaram os **enciclopedistas**, e depois aquelas que geraram os **socialistas**, dando assim o impulso às grandes revoluções do século XIX. Essa tendência se concretizou no **Grande Oriente**. Essa maçonaria política trabalha na ordem temporal.

Outra família de lojas trabalha na ordem **espiritual e religiosa**. Elas cultivam o espírito **gnóstico** e **cabalístico**. Depois de se perpetuarem em surdina durante o período do anticlericalismo militante, as lojas "Espiritualistas" retomaram grande importância desde o estímulo que lhes proporcionaram homens como **R. Guénon**. Geralmente, acredita-se que essa tendência religiosa se concretiza na Grande Loja da França e na Grande Loja Nacional Francesa. É lá que se elaboram as forças da **Nova Direita** e da **nova gnose**.

Organismo essencialmente "pluralista", a ordem maçônica conduz várias políticas ao mesmo tempo. Assim, pode se adaptar não apenas às flutuações imprevisíveis dos eventos e da opinião pública, mas também praticar **a arte real**, ou seja, a arte do **governo secreto**, e passar de uma fase a outra da **Grande Obra**. Ela passa do "solve" ao "coagula": de Émile Combes, que dinamitou o catolicismo, a René Guénon, que construiu o esoterismo transcendente. Lembra-se que essas duas fases correspondem às duas reivindicações distintas de Lúcifer, que são fazer do Anticristo não apenas o **Rei do mundo**, mas também o **Pontífice Universal**.

A fase política do trabalho foi concluída pela maçonaria racionalista, jacobina, materialista, científica, anticlerical, socialista e ateísta, que acionou o **ciclo revolucionário** e suas etapas sucessivas: 1789-1830-1848-1871-1917. **As monarquias cristãs foram substituídas por repúblicas** e a república universal recebeu as bases que agora restam apenas consolidar.

Ao mesmo tempo, **a maçonaria espiritualista infiltrou-se na Igreja**, onde organizou **primeiro uma rede modernista e, mais recentemente, uma rede gnóstica**. Essa dupla rede, orquestrada pela mesma mão, corroeu a hierarquia eclesiástica, que agora está **impotente**. A maçonaria não tem mais nenhuma reação a temer da parte da Igreja oficial e conciliar. Ela a **alistou definitivamente** e a transformou em sua **auxiliar**. Salvo um milagre de ressurreição, essa situação é canonicamente irreversível, pois não há mais nenhuma instância eclesiástica que escape ao controle da maçonaria. O Concílio, o Sínodo, a Cúria, o Conclave e a própria Sé Apostólica estão todos em suas mãos.

Em suma, a República Universal está constituída e **a Igreja está impotente**. Mas os objetivos do demônio não foram alcançados. Primeiro, é preciso transformar a República Universal em **Império Sacral** para que o Anticristo possa cingir a coroa, tão ambicionada, de "Rei do Mundo". E depois, é preciso substituir a religião católica pela **Religião Universal**, da qual o Anticristo será o pontífice e Lúcifer será o Deus:

> "*Subirei aos céus; erguerei meu trono acima das estrelas de Deus. Sentar-me-ei no monte da assembleia, nos confins do norte; subirei acima das alturas das nuvens, serei semelhante ao Altíssimo*" (Isaías XIV, 13-14).

O socialismo absoluto e universal ainda não está completamente implantado, o rolo compressor do ateísmo soviético ainda não passou por todo lugar, quando já (e há muito tempo, pois o demônio é prudente) a maçonaria se prepara, sob o impulso de seus espiritualistas, para uma fase gnóstica, a fim de sacralizar o poder socialista e espalhar, pela gnose moderna, **uma verdadeira religião luciferiana**.

Era necessário dedicar um parágrafo para recapitular a dinâmica interna da infraestrutura revolucionária.

Os dois Corpos Místicos

Sabemos muito bem que pertencemos ao "Corpo Místico de Cristo" e que estamos envolvidos nos combates que Lhe são impostos, não apenas no foro interno, ou seja, secretamente e a título individual, mas também **NO FORO EXTERNO**, ou seja, publicamente e a título coletivo. Assim, gostaríamos de compreender a natureza, a origem e os propósitos do exército do qual o sacramento da **confirmação** nos fez os **soldados**. O "*miles Christi*" (o soldado de Cristo) servirá tanto melhor a causa de seu chefe quanto mais exata for sua compreensão da milícia da qual faz parte.

As duas **sementes originais**, a semente da mulher e a semente da serpente, proliferaram tremendamente. Elas deram origem a dois "corpos místicos" antagônicos que Santo Agostinho define como **duas Cidades**, a Cidade de Deus e a Cidade de Satanás, e que Santo Inácio de Loyola coloca sob **duas bandeiras** opostas. O Magistério romano deu forma definitiva a essa importante doutrina:

> "*Desde que, por inveja do Demônio, o gênero humano se separou miseravelmente de Deus, a quem devia seu chamado à existência e os dons sobrenaturais, ele se dividiu em dois campos inimigos, que não cessam de combater, um pela verdade e pela virtude, o outro por tudo o que é contrário à virtude e à verdade*". (Leão XIII, *Humanum Genus*).

Esses dois campos inimigos são dois "corpos" que se comportam como **DOIS GÊMEOS INVERTIDOS** dos quais a humanidade é portadora e dos quais vai dar à luz:

> "... *toda a criação geme e sofre as dores do parto*" (Rom. VIII, 22).

Os "**chefes**" desses dois corpos, ou seja, as cabeças dessas duas posteridades, são Cristo e o Anticristo. Cristo apareceu **antes** da Igreja, Ele precedeu Seu corpo místico, como acontece com uma criança que se **apresenta bem** e está destinada à vida. O Anticristo, pelo contrário, aparecerá **depois** de seu corpo místico, virá por último, no fim dos tempos, como uma criança que se **apresenta mal** e morre após o nascimento. Durante todo o tempo de sua gestação, esses dois corpos terão sido invertidos. Eles terão sido **irmãos inimigos**.

Por que dois corpos gêmeos? Por que esse duplo parto? Só podemos dar um início de explicação, pois a verdadeira causa dessa dualidade se perde no **mistério da iniquidade**.

Devido ao desequilíbrio provocado pela queda, a humanidade proliferou excessivamente. Ela foi o palco de uma proliferação intempestiva porque as forças da natureza, em vez de serem domadas pela "discrição" sobrenatural, se **desregularam**:

> "...*Multiplicarei grandemente teus sofrimentos na gravidez*". (Gênesis 3, 16).

O número final de homens que vieram à existência será, de fato, muito superior ao necessário para recrutar o coro dos eleitos; nem todos os homens serão eleitos, ao longo da História terrena, se formará um resíduo humano, ou seja, um **corpo de réprobos**. É a esse corpo que demos o nome de "corpo místico do Anticristo", denominação pouco utilizada, é verdade, mas que não é repreensível e é muito explicativa.

Os dois corpos místicos antagônicos foram representados, no Calvário, pelos dois ladrões. Eles são dois irmãos separados pela Pessoa de Nosso Senhor. O da esquerda representa **o homem velho** do qual São Paulo nos pede que nos despojemos, o da direita representa **o homem novo** com o qual ele quer que sejamos revestidos.

Se agora, em vez de considerar a História da humanidade em seu conjunto, observarmos separadamente os períodos dos dois Testamentos, eis o que constatamos. Toda a História do mundo antigo foi condicionada pela formação da Pessoa física de N.S.J.C., formação que deveria ser levada a bom termo. Todos os eventos desse período, mesmo os que lhe parecem os mais estranhos, tanto entre os Judeus quanto entre as nações gentias, estavam subordinados à formação dessa pessoa física, que deveria ter uma importância universal. É isso que se expressa quando se diz que o Antigo Testamento era **carnal**. Tratava-se de chegar à Encarnação. As orações dos Justos da Antiga Lei mereceram a vinda da Virgem Maria. E as orações da Virgem Maria, porque eram **suficientemente imaculadas e intensas**, mereceram a vinda do Verbo Encarnado.

Quanto ao Novo Testamento, ele é **espiritual**. Sob o império da Nova Lei, a História do mundo é condicionada pela constituição do **corpo espiritual**, ou seja, do "corpo místico" de Nosso Senhor. O mundo é invisivelmente governado por Jesus Cristo, de tal forma que não acontece nenhum evento que não esteja subordinado a essa constituição. A ação do demônio também concorre indiretamente e finalmente, pois Jesus Cristo possui o **domínio supremo sobre tudo**, até mesmo sobre o reino do "Príncipe deste mundo".

Nós que nos aproximamos do fim dos tempos, **estamos destinados a lutar** pela consumação da Igreja, que é o corpo místico de Nosso Senhor. Se Deus nos faz participar dessa luta, é porque ela é difícil. Não devemos nos surpreender que, hoje, seja a Igreja, sua natureza, sua existência, sua sobrevivência, que sejam particularmente questionadas. **Essa é a luta de nossa geração**. Esse é o nosso destino. Não é indiferente para o nosso estado de espírito e para o nosso "moral" de combatente saber em que fase da batalha estamos reservados: testemunhar a divindade da Igreja, corpo místico de N.S.J.C.

As Flutuações da Batalha

Adquirimos uma dupla certeza: **a existência** sobre esta terra das duas cidades antagônicas e da **guerra** entre essas duas cidades. Não se trata de uma oposição imóvel; há **batalha**. No confronto desses dois exércitos, constataremos flutuações, ou seja, alternâncias de avanços e recuos. Quando o estandarte de Belial progride, o de Cristo recua. A cristandade recuou diante **dos estandartes do Profeta** Maomé. Depois a situação se inverteu e os cruzados, retomando a ofensiva, fundaram o reino Franco de Jerusalém e o mantiveram por um século. Em seguida, novamente um **grande ímpio**, Lutero, infligiu uma grande derrota à cidade de Deus.

Por que Jesus Cristo aceita essas flutuações e esses recuos periódicos? Pareceria mais lógico que Seu avanço fosse constante, já que Ele é incomparavelmente mais forte que Seu adversário. Por que Ele modera Suas forças até dar-lhes essa equivalência com as de Belial? Aqueles que estão envolvidos na batalha buscarão responder a essa questão que lhes diz respeito de perto.

Sabemos que "*o Pai entregou ao Filho todo o julgamento*". (João, V, 22). Mas o Filho é o **Justo Juiz**. Ele é justo com toda criatura, **mesmo com o demônio**. Ele lhe dá, como a toda criatura, o que lhe é devido. Ora, quando o demônio faz um homem tropeçar e o leva a transgredir a lei, ele obtém direitos sobre esse homem e faz dele seu escravo. O pecado nos torna escravos de Satanás, ensina o pequeno catecismo. O "Justo Juiz" respeita os direitos que Satanás adquiriu sobre seus escravos. E quando quer libertá-los de sua escravidão, o Salvador paga um resgate; ele paga o preço da redenção: tal é o sentido da palavra redenção. **O resgate pelos pecados do mundo é o Precioso Sangue**. O Sangue do Cordeiro imolado é dito "precioso" porque é uma moeda insubstituível.

Quando a massa dos pecados aumenta, a massa dos direitos adquiridos pelo demônio também aumenta e Cristo, que é justo, permite que o estandarte do demônio avance em território cristão. **A atual vitória de Satanás sobre a Igreja tem como causa primeira a irreligião do homem moderno.** Mas então o Salvador responde com **misericórdia**: onde o pecado abunda, a Graça superabunda e novamente *Vexilla Régis prodeunt*, os estandartes do Rei avançam. As flutuações da batalha provêm dessa luta entre os esforços de Satanás para fazer os homens caírem e as larguezas da misericórdia divina: "*mirifica nos misericordias tuas qui salvos facis sperantes in te*". Maravilhai-nos com Vossas misericórdias, Vós que salvais aqueles que esperam em Vós.

Após cada vitória de Jesus, o diabo redobra sua energia para se vingar. Foi assim que ele declarou um dia a São Martinho que estaria sempre em seus passos e que se vingaria de todas as derrotas que "o apóstolo das Gálias" lhe teria infligido. E de fato, pode-se notar que os dois grandes ímpios que o inferno suscitou contra a Igreja, Maomé e Lutero, são ambos "anti-martins". Maomé nasceu em 11 de novembro, na festa de São Martinho. Quanto a Lutero, ele tinha o nome de Martinho. O diabo assinou a vingança que havia prometido exercer.

Mas se é assim, pareceria que Jesus deixa a Belial a iniciativa das operações e que pratica uma estratégia de simples resposta. Na realidade, não é nada disso. Durante o período que vai da

queda à Encarnação, pode-se dizer que Belial **reinava pacificamente** sobre o mundo. Este reino pacífico estava destinado a durar até o Advento glorioso do Ungido do Senhor, hora em que seria necessário retornar ao abismo. Mas eis que Cristo desce à terra humildemente e de improviso, como um bom general que ataca de surpresa: "*Vieste para nos atormentar* ***antes do tempo***", dizia um possesso a Jesus. Ele vinha, de fato, como conquistador, pois Ele é "Rei por direito de **nascimento**", mas também o é por direito de **conquista**. É bem evidente que esta conquista necessita de uma **batalha**. É nisso que J.C. é sinal de contradição (Lucas II, 34) e que Ele veio trazer não a paz, mas a espada (Mateus X, 34).

Após a Encarnação, a batalha se tornará **encarniçada**. Satanás, compreendendo que o fim de seu principado terrestre está próximo e que lhe resta pouco tempo, vai decuplicar sua energia. O confronto vai se intensificar. Os recuos e avanços se tornarão mais profundos. E o mundo será, cada vez mais, ou todo bom ou todo mau até a separação final dos dois corpos místicos, um na Jerusalém celeste, outro no lago de fogo.

Hoje não podemos nos dissimular que estamos mergulhados em uma fase de **debacle** dos exércitos de Cristo. A aparição do Anticristo é, portanto, iminente? Muitos cristãos se fazem com razão esta pergunta. Veremos mais adiante que resposta se pode dar a ela.

Duas Mandíbulas Desiguais

Desde suas primeiras manifestações, o pensamento humanista se dividiu em duas correntes: a corrente **democrática**, da qual por muito tempo se designou **Bodin** (o autor do "Contra Um") como porta-bandeira, e a corrente **oligárquica**, que reconhece **Maquiavel** (o autor do "Tratado do Príncipe") como seu líder. Essas duas correntes de pensamento se perpetuaram até nós, cada uma permanecendo fiel à sua lógica inicial, e deram origem a duas poderosas forças políticas que cooperaram no cerco à Igreja e à Cristandade temporal. As forças de cerco se dividiram naturalmente em dois corpos de exército, o democrático avançando pela esquerda e o oligárquico ocupando a direita do dispositivo. Mas esses dois corpos de exército foram muito desiguais quanto ao seu volume e quanto às suas respectivas funções.

Foi a ala **marchante da esquerda** que tem sido, pelo menos até agora, a mais importante e a mais ativa. Sua manifestação final é o **sovietismo**. O regime soviético representa a quintessência do humanismo democrático. Ele se proclama **o humanismo integral**, o que é exato no sentido de que está na linha direta do **utopismo** do Renascimento. Os historiadores do sovietismo observam que seus princípios podem ser encontrados na "Cidade do Sol" de Campanella, na "Utopia" de Thomas More e na "Nova Atlântida" de Francis Bacon.

Mas como se chegou a construir efetivamente esta "Cidade das Nuvens" e a lhe proporcionar tal duração?

A edificação do humanismo integral soviético é o resultado de uma **série de revoluções** que acabaram por **derrubar a realeza de direito divino**, originária da Santa Ampola e na qual **a autoridade vinha do Alto**, e que a substituíram pelo regime da **soberania popular** no qual a autoridade vem **de Baixo**. O democratismo se apresenta como uma filosofia **otimista**, ou seja, fundada na excelência da natureza humana e de seus "impulsos generosos".

A direita do dispositivo de cerco é ocupada pelo corpo de exército **oligárquico e maquiavélico**. Ele desempenha o papel de dispositivo de **segurança**. Intervém quando a sociedade que é submetida ao processo traumatizante da revolução chega a reagir com muita violência. Os maquiavélicos então assumem a liderança da reação, colocando em primeiro plano suas doutrinas oligárquicas (ou seja, elitistas); traçam-lhe uma trajetória que não remonta aos direitos divinos e que, ao contrário, salvaguarda as principais **conquistas revolucionárias**. É uma **válvula** que deixa passar, por um tempo, uma parte do líquido que reprime, mas que acaba por detê-lo. O maquiavelismo se apresenta como uma doutrina **pessimista** aos olhos da qual o homem é fundamentalmente mau e requer a intervenção de uma elite **lúcida** e firme para discipliná-lo. É uma espécie de estoicismo.

A pinça que envolveu a Cidade cristã comporta, portanto, duas mandíbulas desiguais: uma enorme à esquerda para realizar um movimento de contorno e uma pequena à direita para evitar ser ultrapassada pela violência da reação instintiva.

A Tomada do Poder pela Insurreição

As diversas escolas do socialismo são unânimes quanto às **finalidades a serem alcançadas: a organização de uma sociedade sem classes e sem Estado.** Mas elas divergem sobre os meios a serem empregados para chegar a esse resultado. O socialismo **reformista** pensa em alcançá-lo graças a uma série de "socializações" progressivas; essa tendência já era a dos mencheviques ou "minimalistas" que se contentavam com objetivos parciais; ela convém aos temperamentos prudentes. O socialismo **revolucionário** quer transformar todas as instituições de uma só vez pela tomada insurrecional do Poder; esse era o programa dos bolcheviques ou "maximalistas" que exigia a totalidade do socialismo imediatamente; essa tendência convém aos temperamentos aventureiros e pugnaces. As duas metodologias, reformista e revolucionária, sempre coexistiram; ambas foram necessárias para a progressão do socialismo.

A insurreição é a manifestação maior da **soberania popular**. Ela constitui um sinal inequívoco da autoridade que vem de Baixo. Ela permanece posteriormente como um episódio histórico de um simbolismo poderoso. A insurreição é uma operação político-militar que exige, por parte daqueles que a dirigem, muita experiência e energia. Os dois mestres na matéria são Lenin e Trotsky; eles conseguiram, em outubro de 1917 em São Petersburgo, uma insurreição que permanece como o modelo do gênero. Eis, segundo Lenin, as grandes linhas da **tática insurrecional**.

1. O proletariado, cuja vanguarda é formada pelo partido comunista, deve se armar. O ato preparatório essencial da insurreição é **o armamento do proletariado**. Ele deve ser realizado sistematicamente: pilhagem de arsenais e depósitos de regimentos...
2. As faculdades combativas do proletariado não devem ser superestimadas. Ele só passará à insurreição no dia em que não houver absolutamente **nenhuma outra saída para a crise**. É preciso que ele esteja encurralado: ou sucumbe à repressão, ou tenta a insurreição.
3. O aparato político do partido deve proceder, antes da insurreição, à **paralisia do governo burguês**, de tal forma que a tomada do Poder pelo proletariado armado não seja mais que um **soco em um paralítico**.
4. A agitação política e sindical deve ser mantida para criar uma **situação revolucionária ascendente**. Em particular, deve-se esforçar para transformar a guerra estrangeira em **guerra civil**, e isso criando dificuldades ao governo burguês já atolado na guerra estrangeira.
5. Aproveitar-se-á essa agitação preparatória para fazer, no terreno e em tamanho real, **ensaios** "incógnitos" de certas fases parciais da manobra insurrecional, por exemplo, a tomada da central telefônica...
6. Desencadear-se-á a insurreição no **apogeu da revolução ascendente**, ou seja, no momento em que a paralisia máxima do Estado Burguês coincidir com o aquecimento

máximo dos espíritos nas milícias proletárias.
7. A escolha dos objetivos insurrecionais deve ser feita com muita reflexão. A tendência de então (1917) era privilegiar as grandes instalações de interesse público, como por exemplo as estações de triagem, as centrais telefônicas, as usinas de gás... e negligenciar, pelo menos num primeiro momento, os palácios governamentais, considerados menos essenciais.
8. É melhor obter um efeito de massa em um pequeno número de pontos do que se dispersar. Só se deve atacar nos pontos onde se dispõe de superioridade numérica.
9. É preciso conservar a mobilidade tática. Não se deve construir barricadas. **A barricada é a morte da insurreição.** Uma insurreição que se barrica não toma o poder.

Estes são os pontos principais da tática leninista da insurreição armada. Lenin havia analisado meticulosamente as causas dos fracassos passados, os da Comuna de Paris, os da revolução de 1905 na Rússia. Ele pôde fazê-lo com toda tranquilidade de espírito porque soube realizar, com alguns amigos, o **profissionalismo revolucionário**. Lenin era um revolucionário profissional. Ele havia feito da revolução sua principal profissão. Ele não tinha profissão senão a de agitador internacional.

A aplicação correta da tática insurrecional depende apenas do partido comunista. Ela é suficiente para tomar o Poder. Mas é mais fácil tomar o Poder do que **conservá-lo**. Para conservá-lo, é preciso que intervenham duas circunstâncias favoráveis que não dependem do partido comunista.

1. **A ajuda interna** trazida pela ação preparatória dos reformistas. A necessidade desta ação preparatória era conhecida por K. Marx, que havia estabelecido os famosos "Doze Pontos de Socialização" destinados a facilitar a mutação do regime logo após a tomada do Poder; ele insistia na **nacionalização** das grandes empresas.
2. **A ajuda externa** trazida pelo que se deve chamar de **conivência internacional**. Nenhuma revolução durável é possível sem apoios internacionais, os quais são necessários sobretudo em matéria de **financiamento**.

Em resumo, a revolução proletária em um país depende **taticamente** do partido comunista local e **estrategicamente** da colaboração das "forças secretas da revolução", as quais são internacionais.

A Guerra Revolucionária e Suas Variantes

As técnicas de tomada do Poder evoluíram consideravelmente desde Lênin. Em 1917, o partido comunista beneficiava, nas camadas profundas da população russa, de uma presunção favorável. Via-se nele o partido que concretizava as reivindicações dos mais desfavorecidos. Mas desde a instalação do regime soviético, a **ditadura do proletariado** já não pode mascarar sua verdadeira natureza. A partir de então, ela causa medo, pois ficou evidente que ela é organizada para a **extirpação** dos costumes tradicionais e para a **exterminação** daqueles que os reivindicavam. E de fato, o historiador constata que, nos países imediatamente ameaçados pela expansão do comunismo, **o pânico** se apodera da população, que foge quando ainda pode, antes de ver a cortina de arame farpado se fechar sobre ela.

Esse processo de **repulsa instintiva** diante do comunismo é uma das grandes constantes da sociedade contemporânea. É ele que engendrou **o fascismo**, que é certamente uma manifestação pseudo-reacionária, mas que se mostrou muito eficaz, em certos teatros de operação, contra a contaminação comunista. No fascismo, o Estado burguês abandona a forma liberal e parlamentar para assumir uma forma **autoritária**. Disso resulta que ele não se deixa mais "paralisar" e que, consequentemente, a insurreição vermelha perde seu principal fator de sucesso.

A insurreição à la Lênin tornou-se praticamente impossível, de modo que o agente decisivo da expansão revolucionária mundial permanece **O EXÉRCITO VERMELHO**. Para sovietizar um país, é necessário ou fazer pesar sobre ele uma ameaça de invasão militar imediata, é então o procedimento do **Golpe de Praga**, ou invadi-lo militarmente, é então a **guerra revolucionária**. Pode-se estabelecer como regra geral que, exceto em circunstâncias especiais, um país só pode passar ao comunismo se for ocupado militarmente.

O Golpe de Praga e a Guerra Revolucionária

Conhecem-se as circunstâncias gerais do *Golpe de Praga*. Algumas semanas antes da capitulação alemã em 8 de maio de 1945, o exército americano desacelerou seu avanço em direção ao Leste, a fim de deixar tempo para que os russos entrassem primeiro em Praga. Os Soviéticos tomaram posse da Tchecoslováquia, que Roosevelt lhes havia atribuído. Eles instalaram um governo de coalizão, no qual a influência e a importância da participação comunista não cessaram de crescer. Quando, em fevereiro de 1948, essa participação foi considerada satisfatória, os Soviéticos aproximaram ainda mais suas unidades de ocupação de Praga. Ao mesmo tempo, eles organizaram na cidade uma série de manifestações sindicais que deram origem a "comitês de ação locais" para exercer pressão sobre Benes. Em 23 de fevereiro, vários cortejos importantes convergem para o centro de Praga. Em 24 de fevereiro, os jornais são censurados pelos comunistas, que de fato abolem a liberdade de imprensa. Em 25 de fevereiro, Benes capitula. Em 26 de fevereiro de 1948, o novo regime, puramente comunista, se instala e as purgas começam. Assim, em poucos dias, sob a ameaça do Exército Vermelho, Praga passou à "democracia popular". Com variações de detalhe, é o mesmo processo que foi empregado na Polônia, Hungria, Romênia e Bulgária.

Quando a ameaça não é suficiente, recorre-se à **guerra revolucionária**. É uma **combinação da guerra estrangeira com a guerra civil**. O princípio dessa forma de guerra é o seguinte: o exército comunista avança, no país que deseja conquistar, não como um exército **de invasão**, mas como se fosse um verdadeiro exército **de libertação**. Para tornar verossímil tal **disfarce**, o partido comunista do país invadido procede ao levante da população (pelo menos de seus elementos proletários) contra seu próprio governo, especialmente nas áreas próximas à frente militar. O avanço do exército comunista de invasão (supostamente de libertação) é calculado de modo a coincidir com os levantes sucessivos dos elementos proletários do país a ser sovietizado. O avanço militar se propaga assim de cidade insurgente a cidade insurgente, aparecendo a cada vez, não mais como uma força de invasão que realmente é, mas como uma força de libertação.

A guerra revolucionária mais típica é a de Mao Tse-Tung para a conquista político-militar da China. Ela só é possível em países que têm uma fronteira comum com a URSS, por onde fazer passar **o apoio logístico**, pelo menos no início. Quando o país a ser comunizado está distante de qualquer base soviética, é necessário organizar **guerrilhas**, que são "ilhas" insurgentes em território não insurgente, e estabelecer um exército de **guerrilha**, eventualmente acompanhado de um governo provisório. Mas então o apoio logístico, por falta de uma fronteira comum, é muito mais difícil de ser fornecido. A tática da guerrilha comunista é atualmente muito amplamente utilizada em todo o mundo, sob o nome de **Frente de Libertação**. Os mapas atualizados revelam uma verdadeira rede mundial de guerrilhas comunistas em funcionamento ou em formação.

Distinguem-se dois tipos de guerrilhas que não têm as mesmas regras militares: a guerrilha **urbana** e a guerrilha **rural**, cujas modalidades de ação e, sobretudo, seu recrutamento, não são os mesmos. Mas, em ambos os casos, o objetivo é formar um **exército de libertação nacional** cujo processo político-militar não difere essencialmente da "guerra revolucionária" à chinesa.

Observa-se, portanto, desde 1917, toda uma "família de revoluções" na qual não se sabe o que admirar mais: a **continuidade** ou o **espírito de adaptação**. Que novas formas podem então revestir as manifestações comunistas em sua expansão mundial? Que surpresas nos reservam, na fase que se aproxima, quando se tratar de sovietizar a Europa Ocidental? Para responder a essa questão, é preciso entender bem que essa expansão não depende apenas dos centros de decisão moscovitas. Sabemos que cumplicidades mundiais nunca deixaram de patrocinar as revoluções comunistas. Existem **forças secretas de revolução** cuja estratégia não é fácil de conhecer.

O Próximo Cenário

O investimento soviético na Europa é metódico, mas lento. A serpente faz grandes meandros antes de atacar. Quando passar para a ofensiva aberta, sob qual forma se manifestará? Uma insurreição sindical armada à la Lenin, um "Golpe de Praga" com ameaça de invasão militar, uma "Guerra revolucionária" à la Mao, ou ainda uma combinação de tudo isso?

É preciso lembrar que existem vários níveis nas forças do humanismo democrático, ou seja, nas forças que compõem a grande mandíbula da pinça da qual falamos, em outras palavras, a ala marchante que transborda a Cristandade pela esquerda. No nível superior estão os elementos **visíveis** do comunismo que todos conhecem: os partidos comunistas locais, os sindicatos de luta de classes, a diplomacia e o exército vermelho, os serviços de inteligência, os banqueiros soviéticos...

No nível imediatamente abaixo, e, portanto, menos visíveis, vêm os apoios que o sovietismo suscitou em torno de si. Entre esses apoios, figuram primeiro o mundo **cripto-comunista** com suas **toupeiras**, mundo no qual é preciso colocar o pacifismo e o terrorismo. Figuram também entre esses apoios, as alianças concluídas com o Islã, com a Igreja e com o Judaísmo.

Não é segredo para ninguém que as organizações **pacifistas** (as mais típicas atuando na Alemanha) são controladas pelos comunistas. Elas lhes trarão, em caso de conflito aberto, uma ajuda considerável, majorando os efeitos psicológicos da ameaça militar e fazendo penetrar no público a mentalidade "**antes vermelho do que morto**".

Quanto às redes **terroristas**, todas estão submetidas, em última análise, ao impulso soviético, através de intermediários **trotskistas**. As místicas nacionalistas invocadas são apenas veículos e pretextos. Nenhuma dessas redes escapa à vigilância comunista, sejam as das "minorias oprimidas" (córsegos, bascos, irlandeses, catalães) ou as do tipo islâmico. Por enquanto, assistimos apenas a um "terrorismo de desestabilização". Mas, em caso de guerra, viria se somar a isso um "terrorismo de 5ª coluna", acionado pelo exército vermelho para fins militares.

A U.R.S.S. tem, há muito tempo, o hábito de lidar com populações muçulmanas. Ela até realizou, com o Islã, uma simbiose, certamente temporária, mas frutífera. As repúblicas democráticas islâmicas são o resultado dessa aliança. **O inimigo comum** que faz a ligação desse acordo é **a Europa rica e cristã**. Para investir na Europa, é preciso controlar as margens sul do Mediterrâneo e, portanto, entender-se com os muçulmanos, os quais, e isso é uma oportunidade inestimável, fornecem também tropas insurrecionais potenciais através de sua emigração massiva em direção à França, emigração que pode validamente suprir o aburguesamento das "massas proletárias". A aliança soviético-islâmica está, portanto, soldada pelo menos para as primeiras fases da sovietização europeia. Mas ela se tornará frágil quando o problema da religião universal se apresentar.

A U.R.S.S. também concluiu uma **aliança com a Santa Sé**. É a **Ostpolitik** de Paulo VI, à qual João Paulo II deu continuidade. A Igreja pensa assim assegurar sua sobrevivência para o caso de uma sovietização universal que é cada vez mais previsível. Ela se contenta em colocar como condição que a U.R.S.S. atenue seu **totalitarismo** e inicie uma evolução em direção ao **pluralismo**, evolução que também é solicitada pela maçonaria.

As relações da U.R.S.S. com o judaísmo são complicadas porque existem dois judaísmos. Há o Estado de Israel e há a Diáspora. Em relação ao Estado de Israel, a U.R.S.S. conduz uma política calcada na dos árabes porque precisa deles no entorno mediterrâneo. Quanto à Diáspora, ela vê sem desprazer se realizar, graças em parte ao coletivismo marxista, a **concentração progressiva do capital mundial** sobre o qual ela espera um dia colocar as mãos.

Assim, graças aos seus próprios organismos oficiais, graças ao criptocomunismo, graças enfim às forças secretas da revolução, a U.R.S.S. se beneficia, no mundo inteiro, de um aparato de conivência que torna possível, se não provável, a última operação do humanismo de esquerda, ou seja, a passagem sobre a Europa do rolo compressor soviético.

Orto, Semi, Pseudo

Dois prefixos gregos (orto e pseudo) e um prefixo latino (semi) nos servirão para descrever e distinguir três atitudes reacionárias.

O sovietismo se apresenta, pela voz de seus doutrinadores mais oficiais, como vimos, como **o humanismo integral**, ou seja, como o humanismo levado até suas últimas consequências. E ele apresenta as **utopias** do Renascimento como seus modelos distantes e verdadeiros. Não podemos senão concordar com ele neste ponto.

Para encontrar bases históricas, doutrinais e jurídicas sólidas contra o sovietismo, que é nosso inimigo maior no momento, devemos remontar a montante do humanismo. Se permanecermos a jusante, a lógica e a força da gravidade nos farão deslizar novamente para alguma república utópica.

Mas então até onde teremos que remontar para escapar desse deslizamento?

Todos os tradicionalistas de hoje sabem: **é preciso, se quisermos encontrar um terreno sólido, remontar até o batismo de Clóvis por São Remígio, em Reims, no dia de Natal de 496.** Foi lá que a raça de nossos reis foi designada por Deus, que enviou um óleo celestial para servir doravante como sacramental para a unção. **Foi nesse momento que Deus fundou uma autoridade temporal cristã para ser o baluarte e a espada da Santa Igreja. É até lá que é preciso remontar para encontrar uma base firme de raciocínio.**

Pode-se observar que, posteriormente, Deus permaneceu **fiel** à instituição cujos fundamentos Ele próprio havia estabelecido. Quando a França foi ferida na batalha da História e houve necessidade de restaurá-la, Deus sempre o fez da mesma maneira: **restaurando a instituição real**. O exemplo mais típico dessas restaurações é o que foi dado por Joana d'Arc quando, em 1429, ela fez coroar Carlos VII em Reims. Observou-se que a palavra "Arc" é formada pelas iniciais da expressão "**A**uxilium **R**egis **C**hristianissimi"; Joana d'Arc foi, de fato, o "Socorro do Rei Cristianíssimo".

Historiadores tradicionalistas de valor deram corpo a essas noções, tanto religiosas quanto jurídicas, de modo que se constituiu, em oposição ao espírito humanista e revolucionário, uma corrente de pensamento, hoje em plena expansão, que se chama **legitimidade**.

As mentes que pertencem à "legitimidade" fazem remontar **os princípios do poder real a Clóvis** , o qual, de uma só vez e desde a origem, deu seus limites naturais ao território francês; deu-lhe o nome de **França**, pois antes dele era chamado de Gália; deu-lhe sua **Religião** por insistência piedosa de Santa Clotilde e contra os Visigodos arianos; e mereceu-lhe o título de **Filha Primogênita da Igreja**, pois foi a primeira nação batizada a fazer profissão de nação cristã com um rei cristão à sua frente.

1. - Hoje, o núcleo central da legitimidade é constituído pelos **providencialistas**. São chamados assim porque confiam a Deus o cuidado de designar milagrosamente o rei, "no auge da crise", como diz uma mística. O legitimismo providencialista é uma posição ao mesmo tempo **lógica e mística**. É lógica porque remonta às verdadeiras origens da França e de sua monarquia. E é mística porque supõe a esperança em uma ressurreição fora de todos os meios humanos, e, portanto, estritamente providencial. Esta posição é mantida apenas por um número muito pequeno de pessoas.

Em torno deste núcleo central providencialista, posicionam-se os legitimistas que fazem sua própria escolha entre os pretendentes. Pois, coisa surpreendente, os jacobinos de 1793 certamente derrubaram a árvore real na França, cortaram seu tronco, mas não a desenraizaram, de modo que brotaram deste tronco real rebentos entre os quais é agora muito difícil escolher. Muitos legitimistas, portanto, não querendo chegar ao providencialismo, lançam sua preferência sobre o candidato que lhes parece o mais "legítimo". Infelizmente, os pretendentes que estão hoje na disputa apresentam, seja enigmas históricos, seja casos dinásticos férteis em controvérsias. De modo que "a legitimidade" está dividida quanto a seus candidatos e incerta quanto a seus fundamentos históricos. Apesar disso, o número de legitimistas aumenta e sua posição de princípio é levada em consideração mesmo por nossos adversários maçons.

É lógico reunir em um bloco todos aqueles que remontam até Clóvis e à Santa Ampola, já que professam os mesmos princípios e divergem apenas em questões de pessoas. Daremos à "legitimidade" entendida em sentido amplo, o nome de **orto-reação**, neologismo que nos será conveniente para melhor fazer compreender, posteriormente, as opiniões que vamos agora examinar. A orto-reação é a **reação reta** (orto), verdadeira, lógica, radical, situada nos antípodas do humanismo integral dos soviéticos.

2. - Em torno deste primeiro círculo orto-reacionário, posicionam-se todos aqueles que, por uma razão ou outra, não querem reconhecer, na coroação de Reims de 496, a base do direito real. Em sua ascensão aos princípios, eles param em Hugo Capeto, que foi proclamado rei em Noyon em 987, ou seja, quase 500 anos após Clóvis. Tal é, em particular, a posição de Charles **Maurras**. Ele raciocina como **positivista**, reconhecendo **apenas as causas naturais**: "A experiência prova, diz Maurras, que a monarquia é o melhor governo para a França". E ele pensa assim dar à monarquia fundamentos mais sólidos, mais "positivos" do que os do misticismo merovíngio. Ele é monarquista por razões de experiência. Mas então a excelência da monarquia francesa não é mais o fruto de sua fundação divina; é o resultado empírico de uma gestão bem conduzida, ela prova sua robustez por seu sucesso; é preciso continuar o que deu certo. Maurras reconhece à monarquia francesa apenas seus **direitos históricos**. A monarquia maurrasiana não é "de direito divino", mas de **direito natural**. A coroação de Reims está lá apenas para significar a aliança do poder real e da Igreja.

Esta escola justifica sua posição explicando que o público contemporâneo é incapaz de aderir à "mística legitimista". Parece-lhe mais razoável contentar-se com um sólido direito consuetudinário que provou seu valor e que é mais compreensível para as massas populares que, em última análise, será preciso convencer e mobilizar um dia. Certamente, o itinerário espiritual pessoal do chefe da Escola o levou a uma verdadeira conversão ao catolicismo, mas isso não impede que **sua doutrina real difira da legitimidade no ponto essencial das origens**. Ela não remonta

suficientemente alto. Ela para no meio do caminho, é por isso que é lógico dar-lhe o nome de **semi-reação**. A semi-reação pretende, com razão, possuir uma base popular mais ampla que a legitimidade, a qual conserva um recrutamento mais seletivo porque é mais difícil de assimilar. É fato que os oradores da *Action Française* souberam reunir audiências muito mais numerosas que os legitimistas.

3. - Um terceiro círculo vem envolver os dois primeiros. Ele vai reunir contra-revolucionários muito decididos, mas que não são mais realistas. Certamente, eles são violentamente anticomunistas, mas permanecem patriotas jacobinos, é por isso que se mostram frequentemente **anticlericais**. Uma forma recente e muito estudada deste estado de espírito é fornecida pela revista *Nouvelle École*, que se cercou de uma multidão de organizações que atingem públicos muito diversos. Esta corrente de pensamento, de aparência reacionária, foi **criada pela ação de certas lojas** maçônicas de direita. É a esta corrente de pensamento, cujos inícios remontam a cerca de trinta anos, que se deu o nome de *Nova Direita*. Toda uma argumentação extremamente sedutora foi elaborada, utilizando e associando habilmente resultados científicos e filosofias muito modernas, para ser oposta aos diferentes marxismos. É um florescimento muito brilhante do pensamento de Maquiavel; é autenticamente um humanismo de direita, portanto aristocrático, oligárquico e elitista.

A este movimento reacionário não-realista, nós daremos o nome de **pseudo-reação** porque ele é **reacionário apenas na aparência**. A pseudo-reação não deu os resultados que seus fundadores esperavam, pelo menos no grande público. No entanto, pensamos que ela está longe de ser negligenciável, dado o valor de manobra das lojas de direita que formam sua infraestrutura.

Devido a este patrocínio, clandestino mas eficaz, a pseudo-reação possui, na Universidade, na Administração, no Exército, nos meios políticos e midiáticos, apoios muito confortáveis. É ela que, na fase que se inicia, vai assumir a direção do conjunto das forças reacionárias (incluindo orto e semi-reação) e isso com uma dupla intenção. Primeiro, evitar que a reação siga até o fim sua própria lógica e resulte em uma verdadeira monarquia. E segundo, para que o remédio encontrado para a crise **conserve fielmente as principais "conquistas revolucionárias"**. É a pseudo-reação que será a locomotiva da resistência antissoviética, na fase que se aproxima.

Assim, as forças anticomunistas podem ser esquematizadas na forma de uma esfera cujo centro é ocupado por um pequeno núcleo legitimista ou "orto-reacionário", o qual é cercado pela espessa camada da "semi-reação", que por sua vez é envolvida por um grande contingente pseudo-reacionário, que é de longe o mais eficaz dos três no plano da política humana.

As três reações (orto, semi e pseudo) têm **objetivos de guerra** diferentes. Mas porque têm um **inimigo comum**, serão levadas a concluir alianças momentâneas, o que é sempre delicado e perigoso para os parceiros mais fracos.

A Direita e a Lei do Número

Mais uma vez, quem procurasse aqui um **plano de operação** ficaria desapontado. Nosso objetivo é remontar aos **princípios essenciais** da grande Causa em cuja defesa estamos envolvidos, porque esses princípios iluminam o espírito e inspiram as ações verdadeiramente eficazes.

Vimos que as forças latentes e patentes da revolução estão hoje no **máximo de seu poder**. Nunca, ao longo da História, Satanás havia ainda reunido os elementos de um tal poder.

Nunca a terra foi tão semelhante ao que será no tempo do Anticristo. Veremos mais adiante que Nosso Senhor se dispõe a **derrubar o poder dos ímpios, por meios conhecidos somente por Ele.**

As forças reacionárias foram privadas de seus órgãos de expressão e de comando por uma série quase ininterrupta de **fracassos**. E, no entanto, Deus sabe que elas lutaram bem: honras aos nossos valorosos antepassados.

Fracasso das operações **parlamentares** e ilusões perdidas das **boas eleições** nas quais se acreditou durante tantos anos.

Fracasso das **Ligas Nacionais** do tipo "Cruz de Fogo", que suscitaram, no entanto, um tão grande entusiasmo.

Fracasso das **conspirações civis** do tipo "Cagoule".

Fracasso das **redes de direita** durante o período da ocupação e da resistência.

Fracasso dos **Golpes militares** do tipo "argelino".

Fracasso de todos os boulangismos e de todos os poujadismos, que foram conduzidos para o **beco sem saída** pelo consórcio maçônico-policial.

É preciso acrescentar que a cada um desses fracassos correspondeu uma **Depuração**, algumas das quais foram muito sangrentas.

A direita, que ainda dispunha, durante a III República, de inúmeras publicações, de vários jornais diários, de grupos parlamentares numerosos, de generais, de bispos e de um vasto público, apresenta-se hoje à batalha com **meios irrisórios**, apenas bons para conduzir um último "combate de honra" antes da emigração, como os Russos Brancos.

E, no entanto, constata-se o renascimento, de geração em geração, do mesmo antigo **dinamismo reacionário**. O florescimento tradicionalista de hoje, com sua bela juventude contrastando no meio de uma população acomodada, é um belo exemplo dessa força incoercível que renasce sem

cessar. Mas as bases demográficas dessa onda de fundo são cada vez mais estreitas, o que se compreende muito bem, dadas as **depurações** com as quais terminam suas manifestações sucessivas. À força de ser dizimada, a população tradicionalista acabará por desaparecer.

Não apenas **o apelo ao número** seria totalmente impossível para os tradicionalistas "orto-reacionários", como acabamos de nomeá-los, mas tal apelo seria totalmente **ilógico**. Não é com o número que podemos fazer tremer o demônio, pois este é o seu terreno; ele tem muito mais tropas do que nós. Se lhe opusermos, penosamente, uma multidão de 10.000 pessoas, ele nos responderá, facilmente, com uma multidão de 100.000 pessoas, e assim por diante...

Os apelos a manifestações de massa são procedimentos caros aos democratas e aos movimentos humanos. **É mais provável colocar Deus contra si do que apelar ao número.**

Lembremo-nos de que, dos 32.000 homens que compunham o exército de Gideão, Deus conservou apenas 300; e foram esses 300 soldados que puseram em fuga o exército dos 120.000 Madianitas.

Aqueles que mantivessem a fé no número, negligenciariam a confiança em Deus. Ora, **quem nos salvará** da colossal maquinação que se prepara contra os últimos restos da Igreja e da Cristandade, senão **o Senhor "poderoso e misericordioso"**, *omnipotens et misericors Dominus*?

Se não se deve buscar o "grande número", como para um referendo, é preciso, no entanto, conservar o espírito apostólico e proselitista a fim de manter **o "pequeno número" requerido**. Pois se Deus, nesta terra, faz suas obras **com quase nada** (isto é, com muito pouca coisa), Ele não as faz **com nada**, porque não se trata de uma nova criação. O que Ele não quer é que o grande número possa atribuir a si os méritos da vitória:

> "*Non nobis Domine, non nobis, sed tibi da gloriam*". Dai a glória, Senhor, não a nós, mas a vós (Sl. XXIII, 9).

Ajudar o Céu

Muitos tradicionalistas, porque ainda não aprofundaram bem a lógica de sua posição, raciocinam mais ou menos assim: "Formemos projetos, lancemo-nos na ação, e depois peçamos a Deus, pela oração, para nos conceder o sucesso". Tal raciocínio é bastante comum, e no entanto é **defeituoso** porque **inverte a ordem normal** e resulta em nada menos do que colocar o **próprio espírito antes do Espírito Santo**. Portanto, não pode inspirar uma ação correta. Na realidade, **a Graça** sempre nos precede e nós só temos a escolha entre **corresponder a ela ou recusá-la**. Vamos rever isso partindo dos princípios.

No que diz respeito à filosofia da História, os não-cristãos estão divididos em duas escolas.

Alguns fazem coincidir **o sentido da História** com o das revoluções; está-se no sentido da História quando se tem um espírito revolucionário.

Os outros pensam que a História não tem sentido; para eles, ela é forjada, de idade em idade, pelos homens fortes que marcam os eventos graças à sua **vontade de poder**; em sua opinião, a História é radicalmente imprevisível; ela é o que os homens a fazem.

O Cristianismo contém uma filosofia histórica totalmente diferente. Vamos rever aqui as suas linhas gerais. Durante o curso do Antigo Testamento, vimos que todos os eventos do mundo convergiam para a Encarnação. Durante o curso do Novo Testamento, os eventos do mundo convergem para a Vinda da Majestade. Esse é o verdadeiro sentido da História. **O Reino está preparado para o Rei**. Esse é o plano providencial.

O que resta ao cristão fazer, senão contribuir **com seu auxílio** para a realização deste plano providencial?

Como o plano não depende dele, ele só pode se submeter docilmente. Devemos corresponder à Graça que nos **precede** em tudo. Devemos ajudar o Céu e não sermos auxiliados pelo Céu. Vê-se quanto é **falso** o provérbio infindavelmente repetido: "**Ajude-se e o Céu te ajudará**". Esta expressão não é tirada da Sagrada Escritura como geralmente se acredita. Foi Rabelais, o homem da "divina garrafa", quem a introduziu na literatura francesa, sob uma forma ligeiramente diferente: "Ajude-se e Deus te ajudará".

É sintomático que a associação liberal e maçônica que preparou a Revolução de 1830, lutou contra o ministério Villèle e finalmente depôs Carlos X, o último rei ungido, chamava-se precisamente **Associação Ajude-se o Céu te ajudará**. Os revolucionários não se enganaram; colocaram sua sociedade de pensamento sob esse lema porque estimula o próprio espírito: justifica a vontade própria, a atividade desordenada, insubordinada e revolucionária. O lema "ajude-se, o Céu te ajudará" deve ser completamente banido do argumento tradicionalista; só pode levar a sérios erros de manobra, é uma **máxima revolucionária**.

Para substituir este mau provérbio, nosso legado nos oferece outros dois. O primeiro:

> "Aja como se tudo dependesse do homem e ore como se tudo dependesse de Deus".

O segundo, que é atribuído a Joana D'Arc:

> "**EM NOME DE DEUS**, os homens de armas lutarão, mas é Deus quem dará a vitória".

Especialmente neste, a hierarquia entre a vontade divina e a vontade humana é bem respeitada.

Os militantes tradicionalistas, precisamente porque serão convocados mais cedo ou mais tarde para a ação, devem se convencer de que devemos **seguir** a **Graça** e **não a preceder**. Por essa **correspondência** nós auxiliamos Deus a realizar Seus desígnios sobre nós, já que Deus não nos salva sem nós; Ele deseja ser auxiliado, fazer de nós Seus "servos", isto é, Seus ministros.

Para auxiliar a **vontade de Deus**, é preciso **conhecê-la**. Mas como conhecê-la? Será realmente tão difícil? Quando se quer **sinceramente** fazer a vontade de Deus, consegue-se sem grande esforço conhecê-la. Para que uma ação seja conforme à vontade de Deus, ela precisa cumprir **duas condições**: uma interna, a outra externa. A condição interna é que nos sintamos **inclinados** a ela; não deve nos repugnar, nos deixar desconfortáveis, nem natural nem sobrenaturalmente, deve corresponder às nossas competências normais; não deve constituir para nós uma extravagância. A condição externa é que as circunstâncias ambientais também sejam favoráveis; devemos ser levados por **eventos**; a ação planejada não deve ter nada de forçado, artificial, complicado, maquiavélico.

Quando essas duas condições internas e externas estão reunidas, significa que o Espírito Santo nos guia para esta empresa. Mas se elas não estiverem presentes, estamos no **ativismo, agitação e espírito próprio**. Nos casos de crise, quando tudo está fervilhando ao nosso redor, o ativismo nos vigia e devemos ter muito cuidado para não nos deixar arrastar por ele. Para isso, recorramos **regularmente** às ajudas que Deus nos rodeia: nossos santos padroeiros e nossos anjos da guarda; se trabalharmos em união constante com eles, eles nos farão **produzir os frutos de seu espírito**
.

O Recurso às Profecias Privadas

As instituições que estão prestes a desaparecer são as obras de Deus na terra. **A Igreja é Sua obra; no entanto, vemos claramente que ela está à beira do desaparecimento, corroída pelo pluralismo, que por sua vez anuncia o sincretismo universal.** A monarquia de direito divino é sua obra; no entanto, ela foi decapitada. Deus então permitirá que todas as suas obras terrestres sejam destruídas? Estamos condenados a ser combatentes sem esperança?

Certamente não, pois sabemos que Deus "não forma um povo sem **esperanças**". Nosso espírito é, portanto, invencivelmente levado a interrogar as profecias sobrenaturais. Existem dois tipos de profecias: as da Revelação Pública e as das revelações privadas.

As profecias públicas são destinadas a todas as nações e a todos os tempos; elas anunciam **o Advento de Majestade**, indicando-nos os "sinais precursores". Mas elas tratam apenas de um futuro de grande amplitude no qual discernimos mal o destino da França de hoje.

Desejamos profecias mais detalhadas e mais atuais. Este é precisamente o caso das profecias privadas, que nos dão esperanças mais próximas. No entanto, elas constituem um volumoso dossiê que precisou ser objeto de uma obra especializada [1].

Nossos inimigos costumam nos descrever como espíritos atrofiados "presos à uma esclerose tradicional e nostálgicos de um passado irremediavelmente perdido". Isso é mais um de seus falsos julgamentos. **O homem tradicional é, ao contrário, um homem de futuro, um homem de profecias porque é um homem que busca não a sua própria vontade e seus sonhos, mas a vontade de Deus; por isso, ele não despreza os profetas**:

> "*Et in prophetis meis nolite malignari*" (Ps. CIV, 15). Por favor, não difamem Meus profetas.

Aqui precisamos apenas reter a síntese das profecias privadas, ou seja, suas grandes linhas. Aqui está como podemos resumi-las. Antes da aparição gloriosa de Nosso Senhor Jesus Cristo vindo para derrotar o Anticristo, ocorrerá na terra um evento prefigurativo desse, uma antecipação premonitória, semelhante em sua natureza mas menos **grandiosa** em suas dimensões. Esta antecipação premonitória da "Segunda Vinda" constituirá uma **acalmia** na sucessão das provações que devem culminar no reinado do Anticristo. Esta acalmia terá como objetivo **restaurar as forças materiais e espirituais da Igreja antes que ela enfrente as tribulações finais**. Este episódio de **TRIUNFO** pode ser comparado, na vida terrena de Nosso Senhor, à Transfiguração no

Monte Tabor: assim como a Transfiguração permitiu aos apóstolos que foram testemunhas não perderem completamente a esperança após a morte de Cristo, a restauração da Igreja e da Cristandade dará aos contemporâneos da ditadura anticrística a paciência para aguardar o Advento da Majestade com um resto de esperança.

Santa Margarida Maria revelou a natureza profunda desse tempo de acalmia, já obscurecidamente pressentida desde a Idade Média, quando ela o chamou de **O REINADO DO SAGRADO CORAÇÃO**. As profecias privadas mais recentes levam a pensar que o **"Reinado do Grande Monarca" e o "Reinado do Sagrado Coração" são uma só e mesma coisa.**

As profecias nos dizem também que chegará um momento em que **tudo parecerá perdido**. Mas a monarquia de direito divino será **restaurada**, embora por meios que escapam a qualquer previsão humana. A lógica cristã adere facilmente à esperança dessa restauração. Sabemos, de fato, que **Deus não deixa Suas obras inacabadas**. Ora, a monarquia de direito divino é Sua obra; ela, no entanto, desapareceu, na pessoa de Luís XVI, "como um cordeiro abençoando"; ela reaparecerá, na pessoa do **Grande Monarca, "como um leão rugindo", em um evento triunfal**.

As profecias privadas revelam ainda muitas circunstâncias que devem acompanhar esses eventos. Elas estão de acordo com as profecias públicas em muitos pontos essenciais e, em particular, quanto à **súbita eclosão**:

> "*Quando os homens disserem Paz, então serão surpreendidos por uma ruína imprevisível*". (I Tess. V, 3).

Resulta do exame das profecias que nem o restabelecimento da monarquia nem o da Igreja serão o resultado de nossas intrigas políticas ou canônicas. Ambos serão **milagrosos**. Jesus demonstra a divindade de Suas obras ao ressuscitá-las. Ele provou Sua própria divindade ressuscitando a Si mesmo. Ele provará a divindade das instituições cristãs, tanto temporais quanto espirituais, ao **ressuscitá-las**.

---

[1] Jean Vaquié: *Bênçãos e Maldições – As profecias da Revelação privada*, nas Edições D.M.M.; pode ser solicitado à *Difusão do Pensamento Francês*, Chiré-en-Montreuil, 86190 VOUILLÉ.

A Manobra da Pseudo-Reação

Já definimos a pseudo-reação. É um movimento político que utiliza a linguagem da reação, que possui suas aparências e recrutamento, mas que, na realidade, é suscitado para **neutralizar** a verdadeira reação, para **desviá-la** de seu objetivo lógico e para conduzi-la à **impotência**, ou melhor, à **repressão**. O público pseudo-reacionário é bem-intencionado, sinceramente contrarrevolucionário, mas politicamente inculto, enquanto os dirigentes são hábeis manobristas. Existe permanentemente um movimento pseudo-reacionário apto a ser amplificado em caso de necessidade. É uma das precauções elementares dos republicanos e dos maçons.

A maçonaria é essencialmente **pluralista**. Enquanto algumas lojas elaboram, ou melhor, impulsionam ideologias de tipo racionalista, científico, agnóstico e materialista, outras lojas, cultivando os elementos **cavalheirescos** que abundam nos rituais, favorecem, para uso dos "profanos", doutrinas políticas reacionárias das quais um certo **misticismo** não está excluído. A maçonaria de direita faz, neste momento, grandes esforços para disseminar no público uma doutrina de **realeza-sagrada**. Esta doutrina é particularmente elaborada e consistente entre os discípulos de Julius Evola, mas também aparece em outros lugares.

Aqui estão as suas grandes linhas. Assim como haveria uma **tradição** universal e única, e também uma mística universal e única, haveria igualmente uma **realeza** universal e única. E essa realeza é ao mesmo tempo **sagrada**, ou seja, **sacerdotal**. Todos os reis da História humana foram revestidos dessa realeza, da qual asseguraram o encargo com mais ou menos fidelidade; daí os bons reis e os maus reis.

Essa teoria não pode ser adequada para os católicos. Encontramos, de fato, na Escritura Sagrada, a respeito da realeza, uma dupla revelação. Primeiro, a afirmação de que o Messias é Rei é incontestável. Mas há outra afirmação, igualmente incontestável, que é a de que o Anticristo também é rei, ele é o "Príncipe deste mundo". É muito claro que a natureza dessas **duas realezas** não é a mesma; elas são antagônicas, irreconciliáveis, exclusivas uma da outra. E os reis da História, longe de pertencerem a uma única realeza sagrada universal, são figuras, alguns de Cristo (como Ciro, Davi ou Carlos Magno), outros do Anticristo (como Antíoco... ou Hitler, ou Stalin...).

Se ela está em discordância com o cristianismo, a teoria da realeza sagrada universal, ao contrário, convém admiravelmente a todos aqueles que, conscientemente ou não, preparam os fundamentos místico-jurídicos pelos quais o Anticristo conseguirá se fazer passar pelo Cristo-Rei. Essa teoria, de fato, convém duplamente ao Anticristo:

1. - Se há apenas uma única e mesma realeza universal, não há motivo para distinguir entre a de Cristo e a do Anticristo, entre a do titular e a do usurpador.
2. - A realeza universal é igualmente sagrada, portanto sacerdotal, e convém perfeitamente a um Anticristo que, como vimos, quer se fazer ao mesmo tempo rei e pontífice do mundo inteiro.

Esse **neo-royalisme** (que não hesitamos em qualificar de **luciferiano**) está se espalhando rapidamente nos meios pseudo-reacionários. Ele inspira toda uma teoria da restauração monárquica. Os maçons preparam tudo para que a restauração, se ocorrer, não lhes escape. Eles querem estar intimamente envolvidos o mais possível.

Outra versão pseudo-reacionária está sendo preparada, a versão neonazista. Ela é ainda mais vantajosa, para alguns jogadores, pois justificaria uma intervenção revolucionária violenta, seja interna e insurrecional, seja externa e soviética.

Evitaremos **uma fase pseudo-reacionária**? Ela é **impossível de evitar**. Já se anuncia como poderosamente orquestrada. Será colocada sob o signo da **União Sagrada**, a fim de atrair muitos seguidores. A união sagrada é a união dos **espiritualistas**, a qualquer religião que pertençam, para lutar contra a revolução dos materialistas, ateus e marxistas. Acredita-se assim prestar um grande serviço à causa do espírito, sem perceber que nada é mais **injurioso** para Nosso Senhor do que ser rebaixado ao nível de um fundador de seita e colocado em pé de igualdade com Belial. **A união sagrada, que também faz estragos na religião conciliar, contrista o Espírito Santo e O afasta,** afastando ao mesmo tempo a paz. Não há paz para os ímpios:

> "*Non est pax impiis*". (Isaías LVII, 21).

O **pequeno número de resistentes** de que fala Nossa Senhora de La Salette ("é hora de vocês saírem, vocês, o pequeno número que enxerga") pode se reunir em um pequeno bloco compacto para assumir uma manobra salvadora finalmente autêntica e saudável? Isso também é impossível, pois o pequeno número está disseminado. Conhecemos bem a regra evangélica que se aplica quando vêm as calamidades: "um será tomado, o outro será deixado". Haverá eleitos em todos os lugares. A cidadela de Sião é uma fortaleza espiritual. **Eles se reunirão apenas quando "o corpo" aparecer**:

> "Onde estiver o corpo (corpus), aí se reunirão as águias (aquilae)". (Mateus XXIV, 28).

O "corpo" é o Grande Monarca de que nos falaram as profecias.

Removam a Pedra

As profecias privadas nos informam sobre **a estratégia divina**, se não em seus detalhes, pelo menos em suas grandes linhas. Ora, essa estratégia nos interessa em primeiro lugar, pois **devemos cooperar com ela, "corresponder" a ela**. Pode-se notar duas fases essenciais nessa estratégia. Primeiro, será preciso passar por uma fase de extrema **confusão** em que "tudo parecerá perdido". Então, tudo será **salvo** assim que um rei for divinamente designado. Vamos retomar cada uma dessas fases para entender o que elas exigirão de nós.

1. "Tudo parecerá perdido", nos dizem. Perguntemos primeiro para quem tudo parecerá perdido. Certamente não será para os inimigos da Igreja e da França, que, ao contrário, triunfarão. Tudo parecerá perdido para os espíritos fiéis. Eles verão desaparecer as esperanças humanas em que haviam confiado. Portanto, a situação de desespero será precedida por um período de luta. Pode-se pensar que esse último esforço, tentado com meios humanos, será obra dos pseudo-reacionários do momento, arrastando consigo toda a reação. A maioria sendo sincera, será necessário conceder-lhes o benefício do velho adágio militar: "*Na guerra, a única coisa infame é a inação*". No entanto, seu **fracasso** terá sido previsível e previsto.
2. A designação divina do Rei salvará tudo. Essa designação será precedida por um milagre brilhante que colocará o povo em condições mentais sobrenaturais? Algumas profecias fazem alusão a isso. Mas o que é estrategicamente importante é **a chegada de um rei para dirigir** a fase de restauração. É evidente que, sem ele, nada é possível, pois ele atuará como salvador. Sua designação será como a chave de uma partitura na qual uma nova música será escrita. Sem essa mudança de chave, o poder dos ímpios permaneceria como é hoje e nada mudaria. É necessário que o cenário político seja iluminado por uma **nova luz**, que a luz do dom do conselho dê lugar à luz do dom da **sabedoria**. A sabedoria virá: as discussões cessarão. A sabedoria subjuga: cada um será colocado em seu lugar e a ordem reinará. **Portanto, é inútil esperar montar uma operação vitoriosa antes dessa designação**. Por ignorar isso, os pseudo-reacionários chegarão ao ponto em que "tudo parecerá perdido".

O que podemos fazer para conjurar essa fase preliminar de desespero? Podemos atenuá-la, mas não podemos eliminá-la. Podemos atenuá-la porque se nos é predita é precisamente para que, pela **oração** e **penitência**, possamos encurtá-la e aliviá-la. Mas não podemos **suprimi-la** totalmente porque somos passíveis disso em toda justiça.

Esses são os dois pontos fortes da estratégia divina que as profecias privadas nos revelam. Assim podemos descartar a hipótese de um longo período de **catacumbas**. Pelo contrário, estamos diante da **necessidade de arrancar um milagre do Céu**. As profecias privadas nos ensinam, em suma, que o Céu não se contenta mais com a defensiva e a retirada. O Céu **contra-ataca** e quer nos fazer **participar** da operação, desde que o sinal seja dado.

Aqui estão as posições recíprocas da intervenção divina e do "ministério" humano. Visto que se trata da ressurreição da monarquia de direito divino, que é uma instituição morta, podemos legitimamente compará-la à ressurreição de Lázaro. Neste milagre de ressurreição, como se distribuem a intervenção divina e o ministério dos homens?

Jesus realizou o que apenas um Deus pode realizar: ressuscitou aquele que estava morto. Quanto aos homens, tiveram que exercer duas vezes sua atividade.

1. Antes da ressurreição do morto, Jesus ordenou aos assistentes **que removessem a pedra**. A remoção da pedra é um trabalho árduo que representa a remoção de uma pesada hipoteca; ele simboliza o **ministério de súplica**, sem o qual não é possível qualquer recuperação posterior. É adequado para **almas sérias, que amam a verdade, humildes, fervorosas e corajosas**. Este trabalho não convém aos ambiciosos, intrigantes e ativistas, que não têm calma e constância suficientes no espírito.
2. Após a ressurreição, Jesus ordena aos amigos que estão lá **que desatem o corpo** de Lázaro, pois ele estava envolto em faixas. Neste trabalho de desatar reside novamente a ação humana. Após a ressurreição da instituição morta, os homens de ação terão muito com que se ocupar, pois certamente haverá muitas faixas para desatar.

Assim, hoje, enquanto a intervenção divina ainda não ocorreu, estamos na situação das **virgens prudentes** (ou virgens sábias, Mateus 25, 1-13). Elas tiveram o cuidado de colocar óleo em suas lâmpadas. Este óleo é **a esperança** que as profecias fornecem. É por terem colocado este óleo de esperança em suas lâmpadas que as virgens são **prudentes e sábias**. No meio da noite, um grito é ouvido: "Aqui está o noivo que vem". A noite representa "tudo parece perdido". O grito é o do espanto popular diante do milagre. O noivo é o rei designado. Vamos colocar o óleo da esperança profética em nossas lâmpadas, aguardando o

> **"Lazare, veni foras"**, Lázaro, vem para fora (João 11, 43).

O Desejado das Colinas Eternas

Irmã Catarina Labouré, durante a Aparição na Rue du Bac, na noite de 18 a 19 de julho de 1830, observou um detalhe que lhe pareceu importante: entre os raios de luz que saíam das mãos abertas da Santíssima Virgem, alguns atingiam o chão, onde provocavam faíscas, enquanto outros terminavam sua curta trajetória sem alcançar o solo ou produzir faísca. Ela teve a ideia de perguntar à Santíssima Virgem as razões dessa diferença entre os dois tipos de raios. "Os raios curtos", respondeu a Rainha do Céu, "representam as graças que não são pedidas a Mim".

Assim é a **economia da Graça**. Os tesouros estão acumulados e os cofres estão abertos; porém, é necessário vir buscar. **Deus gosta de ser suplicado**. O Verbo Encarnado, que é **o Desejado das colinas eternas**, isto é, dos anjos, deve ele mesmo desejar a herança que o Pai deseja dar-lhe:

> "*Pede-me e te darei as nações por herança e os confins da terra por tua possessão*" (Sl 2, 8).

A restauração da monarquia e da Igreja está pronta. Resta-nos **obtê-las**. A crise mundial que os futurólogos preveem e que as profecias anunciam está destinada a **terminar com uma intervenção miraculosa de Deus**. Mas se esperarmos passivamente, o raio que sai da mão de Deus não alcançará a terra nem produzirá faísca. Mais uma vez, a oportunidade será perdida, como tantas vezes foi (em 1870, em 1918, em 1945). Deus não mede o tempo como nós. A maturidade que Ele exige para intervir não é maturidade política, mas **maturidade sobrenatural**.

Assim, estamos **em nossa vez, responsáveis por grandes eventos**. **Precisamos arrancar um milagre do Céu, mas um milagre que o Céu está ansioso para nos conceder**. Para obtê-lo, **a soma dos desejos deve atingir o auge**. É necessário obter, no plano sobrenatural, um **milagre da fé** que supere os prodígios da ciência moderna. A religião da ciência hoje pretende substituir a religião da fé. Agora, é necessário que **a fé prevaleça sobre a ciência**. É pela oração de nossa fé que este milagre deve ser obtido. É preciso suplicar incessantemente ao Espírito Santo para que desça novamente sobre a França, como nos dias de São Remígio e Clóvis. É preciso suplicar através de Maria, Sua esposa.

De tais ideias provocarão um tumulto entre os militantes dos agrupamentos contra-revolucionários. Já os ouvimos nos dizer: "Quem vocês pensam que são? Estamos na ação. Vão contar isso aos monges". A esses homens de ação, responderemos que há um tempo para tudo:

>

> "Há um tempo determinado para tudo, um tempo para cada coisa debaixo do céu:
>
> - um tempo para nascer e um tempo para morrer;
> - um tempo para plantar e um tempo para arrancar o que foi plantado;
> - um tempo para matar e um tempo para curar;
> - um tempo para chorar e um tempo para rir;
> - um tempo para gemer e um tempo para dançar;
> - um tempo para atirar pedras e um tempo para recolher pedras;
> - um tempo para abraçar e um tempo para se abster de abraçar;
> - um tempo para procurar e um tempo para perder;
> - um tempo para guardar e um tempo para lançar fora;
> - um tempo para rasgar e um tempo para coser;
> - um tempo para estar calado e um tempo para falar;
> - um tempo para amar e um tempo para odiar;
> - um tempo para a guerra e um tempo para a paz." (Eclesiastes III, 1-8).

Quando estamos imersos na ação **temporal**, é necessário começar por "**respeitar os tempos**". É agitação e ativismo fazer as coisas fora de hora. A proporção perfeita entre recolhimento e ação é aquela que o Divino Mestre mesmo respeitou: 30 anos de vida oculta e 3 anos de vida pública. Antes de empreender sua campanha militar, Santa Joana d'Arc ouviu suas vozes em recolhimento e oração. A ação dos cavaleiros era precedida pela "vigília das armas".

Ainda estamos em uma **fase preparatória**, mas é de importância crucial. Devemos fazer tudo para que seja bem-sucedida. Existe uma espiritualidade, ou seja, uma forma de piedade, correspondente a esta fase? Se deve existir, ela se desenvolverá por meio de sua própria prática. Aqui podemos apenas recomendar algumas devoções que parecem particularmente apropriadas.

Primeiramente, a **Hora Santa**, na noite da primeira quinta-feira para a primeira sexta-feira de cada mês. É uma devoção de "**vigilância**". O anjo da Igreja de Sardes (na qual ainda estamos) deve ser vigilante:

> "Sê vigilante... Se, portanto, não vigiares, virei a ti como um ladrão, e não saberás a que hora virei a ti" (Apocalipse III, 2-3).

A Hora Santa é a meditação dos mistérios da agonia de Nosso Senhor e, por extensão, da agonia presente da Igreja; seu fruto é a **contrição**: Getsêmani significa "prensa".

Em seguida, vem a **devoção ao Santíssimo Sacramento exposto**. A Eucaristia na Missa é o "Sacrifício de Redenção". Na Comunhão, é o "Sacramento de Santificação". Mas no Santíssimo Sacramento exposto, é a "Revelação da Glorificação". Nossa alma, hoje encharcada de humilhações e indignações, mergulhada como que na sombra da morte, aspira ver o triunfo de Jesus. O servo, repetimos, precisa ter o orgulho de seu mestre. **É próprio da verdade triunfar**. O

Santíssimo Sacramento exposto, cercado por seus raios de ouro, chama à **glorificação do Rei**. Certamente, não devemos pregar outra coisa além da Cruz, mas devemos pregar outra coisa com a Cruz: isso é o que o Rosário faz. Lembremo-nos também deste maravilhoso trecho:

> "*Oriens splendor, lucis æternæ et sol justitiæ, leva et illumina sedentes in tenebris et umbra mortis*". Ó Oriente, esplendor da luz eterna e sol da justiça, vinde e iluminai os que estão sentados nas trevas e à sombra da morte.

A devoção à **Santa Face** também é altamente recomendada para aqueles que buscam um milagre esplêndido.

> "Mostrai-nos Vossa Face e seremos salvos".

Resta a invocação dos intercessores. A ajuda da "Medianeira de todas as Graças" é evidentemente indispensável. Os grandes santos que moldaram a França real serão invocados com proveito, especialmente São Martinho, São Denis e São Remígio. Como se trata de uma ressurreição, São Lázaro certamente é poderoso. Cada um se dirigirá aos intercessores aos quais se sente inclinado.

Duas práticas estão diretamente relacionadas com o milagre que desejamos arrancar do Céu: a do "**Primeiro Sexta-feira do Mês**", solicitada pelo Sagrado Coração a Santa Margarida Maria, e **a Comunhão reparadora dos "Cinco Primeiros Sábados do Mês"**, pedida por Nossa Senhora de Fátima.

E então um último esforço, o mais penoso, mas de longe o mais eficaz. Para concluir, é preciso **dar asas à oração**. Para que a oração alcance o Céu, deve ser acompanhada de **mortificações**.

> "*Exsurgat Deus et dissipentur inimici eius et fugiant qui oderunt eum a facie eius. Ecce Crucem Domini, fugite partes adversae. Vicit leo de tribu Iuda, radix David. Domine, salvum fac Regem et exaudi nos in die qua invocaverimus te*". Que Deus se levante e que sejam dispersos os Seus inimigos, e fujam os que O odeiam de diante de Sua face. Eis a Cruz do Senhor, fujam as partes adversárias. O leão da tribo de Judá, raiz de Davi, venceu. Senhor, salvai o Rei e ouvi-nos no dia em que Vos invocarmos. (Salmo LXVII, Apocalipse V).

Refutação das 40 proposições heréticas de Rosmini

Segunda-feira, 16 de junho de 2008

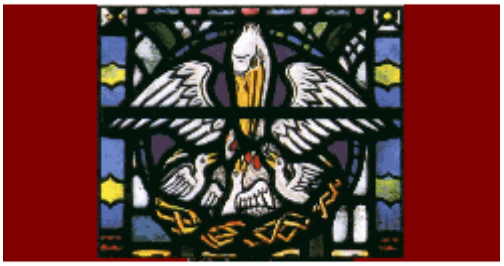
Artigo Original disponível em Virgo Maria.

- Introdução
- Dicionário de Teologia Católica, 1937, volume 13, colunas 2917-2952
- I. Vida, Papel Político e Escritos
- II. Princípios da Filosofia Rosminiana
- III. As Quarenta Proposições Condenadas
  - 1°. Os ataques sob Gregório XVI e Pio IX
  - 2°. O Decreto "Post obitum" e as quarenta proposições rosminianas reprovadas
  - I. Seção: Da via natural do conhecimento de Deus, isto é, do ontologismo rosminiano
  - II. Seção: Da constituição e da natureza íntima das coisas criadas, ou seja, do panteísmo rosminiano
  - III. Seção: Da criação
  - IV. Seção: Da Alma Humana

    - V. Seção: Do muito augusto mistério da Santíssima Trindade
    - VI. Seção: Do mistério da encarnação e do caráter batismal
    - VII. Seção: Do muito santo sacramento da eucaristia
    - IX. Seção: Da justificação
    - X. Seção: Da ordem sobrenatural
    - XI. Seção: Do objeto da visão beatífica

- IV. Conclusão: A Influência do Rosminianismo

Introdução



A.Michel, teólogo do DTC, refuta as 40 proposições de Rosmini condenadas por Leão XIII em 1887.

O padre apóstata Bento XVI-Ratzinger "beatificou" este herege em novembro de 2007.

Portanto, Bento XVI-Ratzinger se opõe diretamente ao Papa Leão XIII.

Beatificado por Bento XVI-Ratzinger em 18 de novembro de 2007, e em processo de canonização para os próximos anos, Rosmini aparece como um iniciado precursor do Vaticano II, cuja interpretação de seu livro-chave ("As 5 chagas da Igreja") já entregamos. Remetemos ao nosso importante dossiê VM [1].

O DTC (Dicionário de Teologia Católica) apresenta Rosmini como " **Lamennais italiano, imbuído de jansenismo e de panteísmo** ". A.Michel, um dos teólogos mais talentosos da equipe do DTC e também um dos mais anti-liberais, fez uma refutação muito aprofundada das 40 proposições de Rosmini condenadas pelo Papa Leão XIII em 14 de dezembro de 1887, pelo decreto *Post Obitum*:

> " ***As quarenta proposições são proscritas, condenadas e reprovadas no sentido do autor, ou seja, no sentido de seu sistema, de sua doutrina, em uma palavra, no seu sentido objetivo, sem que haja necessidade ou utilidade de se preocupar com o sentido subjetivo e as intenções de Rosmini.*** *Nessa condenação, o Santo Ofício agiu como inquisição universal e seu decreto se dirige a toda a Igreja. Por fim, por uma cláusula notável e muito desfavorável à reputação dos outros escritos de Rosmini, o decreto do Santo Ofício proíbe absolutamente concluir, a partir do silêncio que ele guarda sobre outras doutrinas rosminianas, uma aprovação tácita ou implícita que lhes poderia ser atribuída.*" escreve o DTC.

Ora, o padre TAM [2] relata a nota assinada por Ratzinger e Bertone, da Congregação para a Doutrina da Fé, Card. Ratzinger, O.R. 1.7.2001:

> *"... pode-se considerar como **superadas** as preocupações de prudência e as dificuldades doutrinais que determinavam a **promulgação do Decreto** Post Obitum de **condenação** das **"Quarenta Proposições"** extraídas da obra **de Antônio Rosmini... A Carta Encíclica de João Paulo II** Fides et ratio... introduz Rosmini entre os pensadores mais recentes, nos quais se realiza um **encontro fecundo** entre o saber filosófico e a palavra de Deus... É preciso ainda afirmar que a empresa especulativa intelectual de Antônio Rosmini, caracterizada por muita audácia e coragem... **se desenvolveu em um espírito ascético** e **espiritual." Ratzinger***

> [Esta é uma tese da pseudo-restauração do **Card. Ratzinger**: **a Revolução na Igreja é melhor feita se é feita de joelhos... e se possível em latim!** Assim como no século XVII a Revolução mundial precisava enraizar seu liberalismo na filosofia subjetivista de Descartes, também para a Revolução na Igreja, **chegou a hora de introduzir a mesma filosofia moderna e assentar assim a liberdade religiosa, a colegialidade e o ecumenismo**. Estas são as três bombas-relógio introduzidas pelo Vaticano II na Igreja e denunciadas, com autoridade, por S. E. Dom Marcel Lefebvre]. Padre Tam

Ratzinger se opõe portanto diretamente ao Papa Leão XIII.

É portanto esse herege Bento XVI-Ratzinger que o padre de Cacqueray (-Celier?) [3] pretendia converter por meio das "discussões" doutrinais? Ele toma os fiéis e os clérigos por espíritos crédulos que não entenderam o duplo jogo oculto de Dom Fellay? Essa pretensão exibida pelo padre de Cacqueray é verdadeiramente grotesca.

Nossa publicação da refutação das quarenta proposições de Rosmini é única na Tradição católica. **Essa refutação foi mantida oculta pela FSSPX**, que se cuidou bem de revelar a existência dela aos fiéis e aos clérigos.

Destacamos também que o nível teológico demonstrado por A.Michel em seu trabalho de refutação é muito superior ao que os "teólogos" de Écône ou de Avrillé são capazes de produzir. A revolução do Vaticano II provocou um colapso na formação teológica e **a FSSPX**, muito rapidamente infiltrada e que, em razão dessas infiltrações, expulsou seus melhores elementos, **não produziu teólogos dignos desse nome.**

Resta, portanto, reformar uma juventude clerical competente, exigente, respeitosa da verdade e que não instrumentalize a teologia para finalidades políticas (falsa doutrina da falibilidade da Igreja, falsa eclesiologia, falsa teologia do "sacerdócio provável", papa Libério, etc.), para que possa **ressurgir uma elite de teólogos católicos que atualmente falta**.

E para isso, será preciso começar por **afastar os *"teólogos"* higienistas IUT Bac+2** que entulham e paralisam os superiores da FSSPX. Enquanto permanecerem sob a influência tola de um *"Gricha limitado"*, é evidente que a FSSPX será incapaz da menor pretensão a essa excelência teológica que foi o ornamento da Igreja no século XIX. Quando, então, **a vontade de excelência e o amor pela verdade, o espírito de Fé se imporão**? Quando, então, o crédito cederá lugar ao Credo? Para isso, será necessário afastar dos postos de direção os "cavaleiros" da Tradição que se instalaram no conforto ilusório e mortal do compromisso com o mundo e com a igreja conciliar e sua "nova religião". "Cavaleiros" da Tradição tanto mais pretensiosos quanto mais ignorantes, que não leem, que não trabalham.

Lembremos também que o suposto "padre" Belwood (sua ordenação é inválida [4]) associou-se a essa apostasia de Ratzinger ao assistir à cerimônia de "beatificação" desse herege, fazendo seu elogio e propaganda junto aos **alunos do ensino médio de Kernabat** ao retornar à França.

O que faz esse "padre" Belwood em uma escola ligada a uma comunidade amiga da FSSPX? Quando uma voz se levantará para denunciá-lo?

Ainda mais uma anomalia reveladora dessa mediocridade clerical e da falta de seriedade da atual Tradição católica.

Continuemos a boa luta

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 virgo-maria.org

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-16-A-00-Rosmini.pdf

[2] Expulso por Dom Fellay da FSSPX em 2003, após ter sido progressivamente silenciado, devido aos estudos regulares que vinha realizando há dez anos, sobre as heresias publicadas pelo Osservatore Romano. O padre Tam incomodava a política de Dom Fellay (e do clã dos infiltrados) de alinhamento com a Roma apóstata.

[3] Comunicado de 10 de junho de 2008 da Porta Latina.

[4] Por quem ele foi ordenado? Por um falso bispo consagrado no rito episcopal inválido de 1968?

O padre Belwood, por sua vez, foi "ordenado" no novo rito presbiteral inválido de 1968.

Dicionário de Teologia Católica, 1937, volume 13, colunas 2917-2952

ROSMINI-SERBATI Antonio, sacerdote e filósofo italiano, nascido em 25 de março de 1797, falecido em 30 de junho de 1855.

Rosmini é um dos representantes mais marcantes da filosofia italiana no século XIX; no entanto, como sua filosofia toca em mais de um ponto à interpretação do dogma católico e em um sentido que levou à rejeição de quarenta proposições pelo Santo Ofício, um estudo sobre suas ideias e as proposições condenadas tem seu lugar aqui. Por outro lado, o papel de Rosmini nas tentativas de instauração de uma nova ordem política na Itália não pode ser completamente ignorado. Portanto, exporemos sucessivamente:

1. Vida, papel político, escritos de Rosmini
2. Princípios de sua filosofia
3. Proposições rosminianas condenadas pelo Santo Ofício
4. Conclusão. Influência.

I. Vida, Papel Político e Escritos

1° Vida. Nascido em Rovereto, Rosmini pertencia a uma família nobre e rica. O estudo foi a paixão de sua juventude. As literaturas clássicas contribuíram amplamente para tornar seu estilo, mesmo nas questões mais abstrusas, puro, claro, elegante e natural. A teologia o atraía: ele a estudou em São Tomás de Aquino, mas também, de forma mais pessoal, inspirando-se diretamente na Bíblia e aprofundando a história dos sistemas. Após concluir seus estudos na universidade de Pádua, onde fez amizade com Nicolo Tommaseo, ele obteve o doutorado em 1821. Diácono em 1822, acompanhou a Roma o patriarca de Veneza, Ladislau Pyrcher, e se destacou aos olhos de Mauro Capellari, o futuro Gregório XVI, que sempre lhe manteve estima e amizade. Tornando-se pároco em Rovereto, foi posteriormente nomeado cônego de Milão, e depois deão da igreja do Monte Calvário em Domo d'Ossola, ao pé do Monte Rosa. Foi lá que fundou, em 1828, duas congregações, uma masculina, *Istituto della carità*, e outra feminina, as *Sorori della providenza*, destinadas às missões interiores e mais conhecidas sob o nome de rosminianos, rosminianas. Essas congregações foram aprovadas pela Santa Sé dez anos depois e puderam se expandir rapidamente na Inglaterra.

Sem negligenciar seus deveres como pastor e fundador, Rosmini, **protegido por Pio VIII, Gregório XVI e Pio IX**, empreendeu uma longa série de obras, principalmente filosóficas, das quais a primeira e mais importante foi publicada em Roma, em 1830, com o título: *Nuovo saggio sull'origine delle idee*. Na verdade, era uma revisão dos *Opusculi filosofici* publicados em Milão dez anos antes. Essas publicações e as ideias professadas por Rosmini em matéria de política interna italiana lhe valeram a proteção de Gioberti, que, no entanto, o atacou veementemente do ponto de vista filosófico. Ver GIOBERTI, t. VI, col. 1374. Este, que fazia parte do ministério sardo, recomendou Rosmini ao rei Carlos Alberto. Por instância do ministro, Rosmini se encarregou da missão de levar a corte pontifícia a um *concórdium* que apresentaria uma solução para a questão da unidade italiana. Essas tratativas não avançaram. A amizade de Pio IX fez com que Rosmini aceitasse o cargo de conselheiro do Santo Ofício para a Instrução Pública e, quando Rossi, à frente da administração dos Estados da Igreja, fez sua tentativa de semi-secularização dos ministérios, ele pediu a Rosmini que aceitasse o cargo de ministro da Instrução Pública. Rosmini recusou, não querendo colaborar com os “ultras”. Pio IX até mesmo desejou nomear Rosmini cardeal inspector. No entanto, essa nomeação anunciada nunca se concretizou.

Entretanto, Rosmini havia atacado, em seu tratado *De la conscience morale*, o probabilismo dos jesuítas e, em particular, algumas opiniões do P. Segneri. A oposição dos jesuítas provavelmente não foi sem efeito sobre a reticência do papa. Mas, no início de 1848, Rosmini publicou seus famosos opúsculos *Constituição segundo a justiça social* e **As cinco chagas da Igreja**, nos quais denunciava os pontos onde acreditava ser necessária uma **reforma**. Desde **1813**, tanto em jornais ultramontanos quanto em libelos anônimos, ele havia sido atacado e retratado como um

Lamennais italiano, imbuído de jansenismo e de panteísmo. A publicação da *Condenação* e das *Cinco chagas* provocou uma **condenação do Index (6 de junho de 1849).** Rosmini só tomou conhecimento dessa condenação em 16 de agosto seguinte e **submeteu-se imediatamente e muito humildemente**.

Já desde 19 de junho, ele havia deixado Gaeta, onde acompanhou o papa no exílio, deixando a Pio IX, antes de partir, uma memória justificativa na qual denunciava as intrigas, em seu respeito, do cardeal Antonelli. Rosmini se retirou para Nápoles, onde publicou suas *Operette spirituale*. Cansado pela polícia dos Bourbons, entristecido pelas incessantes críticas que lhe eram dirigidas no âmbito doutrinal, retirou-se para Stresa, onde terminou sua vida na execução silenciosa de suas funções sacerdotais e na meditação, apoiado pela amizade de Manzoni, que o assistiu em seus últimos momentos (1855).

Profundamente piedoso, de uma natureza nobre e generosa, Rosmini teve, antes de morrer, a satisfação de saber que **suas obras, denunciadas em seu conjunto ao Index, foram reabilitadas sem incorrer em censura.** O *dimittantur* da Sagrada Congregação é de 3 de julho **1854**. Ver o texto na *Nota biográfica de Antônio Rosmini*, La Rochelle, 1926, p. 65. Se as ideias de Rosmini foram discutíveis, sua pessoa e sua vida privada são dignas de todos os elogios.

2° PAPEL POLÍTICO. Vimos que Rosmini foi encarregado pelo governo sardo, em 1848, de uma missão política junto a Pio IX. O Piemonte, que anteriormente havia abortado os projetos de linha italiana apresentados pela Santa Sé, começou a ter um arrependimento após o desastre de Custózia. Tratava-se de negociar a criação, entre os Estados da Igreja, a Toscana e o Piemonte, de uma confederação da qual o papa teria, perpetuamente, a presidência. O poder central seria confiado a uma dieta permanente, composta por três representantes de cada um dos contratantes e que se reuniria em Roma. A dieta seria a única qualificada para declarar a guerra, concluir a paz, fixar os contingentes de tropas necessárias à defesa nacional e à manutenção da ordem interna, promulgar um regulamento aduaneiro, manter a concórdia entre os confederados, impor sua mediação em caso de controvérsias, uniformizar os sistemas de moedas, pesos e medidas, bem como a legislação política, civil e penal, e o processo. Ver o texto do projeto em Farini, *Lo Stato romano*, t. ii, Florença, 1850, p. 336-338; cf. G. Mollat, *A questão romana*, Paris, 1932, p. 236. Mas Carlos Alberto desejava antes fazer com que Pio IX participasse da guerra contra a Áustria, seja com seus próprios soldados, seja com voluntários recrutados com sua anuência. De toda evidência, Roma não podia contemplar inicialmente senão o projeto de confederação. Cf. Italo Raulich, *História do ressurgimento político da Itália*, t. iv, Bolonha, 1925, p. 303 sq. Rossi, a propósito, rejeitou esse projeto de liga ofensiva e defensiva, perigosa para a papado, e opôs-lhe um projeto de liga política de príncipes constitucionais, independentes entre si, que discutiriam em Roma, sob a presidência do papa e por intermédio de representantes, seus interesses recíprocos. Cf. Farini, op. cit., p. 342-343; G. Mollat, op. cit., p. 237. De guerra não se tratava, Rossi considerando o Piemonte incapaz de vencer a Áustria.

A missão política de Rosmini foi, portanto, abruptamente encerrada. O ministério Pinelli, sucedendo a Casati-Gioberti, também deixou de falar de concórdios ou confederação e substituiu Rosmini, que se demitiu, pelo conselheiro De Ferrari. Sobre todos esses detalhes, ver, de Rosmini mesmo, *Comentário da missão em Roma de Antônio Rosmini-Serbati*, t. i, p. 53-55; Farini, op. cit., p. 339-341 e, nas *Miscellâneas* publicadas em Milão, 1897, *Por Antônio Rosmini no primeiro centenário de*

seu nascimento, parte IIa, p. 213 sq. o estudo de G. Grabinski, *A missão de Antonio Rosmini em Roma nos anos de 1848 a 1849*.

A atividade política de Rosmini se manifesta apenas em mais duas circunstâncias. Após acompanhar Pio IX a Gaeta, Rosmini insistia para que o papa se retirasse para seus próprios Estados, em Benevento, onde reinava a tranquilidade. Prolongar a estadia em Gaeta parecia a Rosmini um compromisso com um príncipe (o rei de Nápoles) que estava ligado à Áustria e que detestava os patriotas italianos. No entanto, antes da partida para Gaeta, Rosmini apoiou a iniciativa do marquês de Pareto, pedindo a Pio IX que abolisse todos os privilégios e todas as práticas e costumes contrários à legislação sarda de 1848, que consagrava a igualdade de todos perante a lei. Cf. Mollat, op. cit., p. 283-284.

3° Escritos. A obra de Rosmini é considerável. Um número razoável de livros - aos quais pertencem muitas das proposições condenadas em 1887 - não foi **publicado até após sua morte**.

Aqui está a lista completa das obras de Rosmini, por ordem cronológica, conforme estabelecida por F. Palhoriès, *A filosofia de Rosmini*, Paris, 1908, p. 389-392:

1. **Obras publicadas em vida de Rosmini.** - *Saggio sulla felicità,* Rovereto, 1822, posteriormente reunido aos *Opusculi filosofici,* Milão, 1927-1928; *Nuovo saggio sull' origine delle idee*, 4 vol., Roma, 1830 (este é, conforme dito, **a obra mais importante de Rosmini.** Ela é dividida em oito seções: princípios a seguir em tais pesquisas; dificuldades encontradas na explicação da origem das ideias; teorias falsas por omissão; teorias falsas por excesso; teorias sobre a origem das ideias; critérios de certeza; forças do raciocínio a priori; sobre a primeira divisão das ciências); *Principii della scienza morale*, Milão, 1831; *Il rinnovamento della filosofia in Italia, proposto dal conte Terenzio Mamiani ed esaminato da A. Rosmini-Serbati*, Milão, 1836 (complemento do *Nuovo saggio*; Rosmini também aborda aí a origem das ideias e o valor do conhecimento; trabalho polemico contra a obra publicada em Paris, 1830, por Mamiani, com o título: *Rinnovamento della filosofia antica in Italia*); *Storia comparativa e critica de' sistemi intorno al principio della morale*, Milão, 1837; *La sommaria ragione per la quale stanno o rovinano le umane società*, Milão, 1837; *Antropologia, in servigio della scienza morale*, Milão, 1838 (estudo do homem como ser animal e racional em suas relações com a lei moral: definição do homem; a animalidade, faculdades passivas e ativas; a espiritualidade do homem; o homem como sujeito moral; liberdade, mérito); *La società ed il suo fine*, Milão, 1839; *Trattato della coscienza morale*, Milão, 1839 (três livros: I. I. Da moralidade que precede a consciência; I. II. Da moralidade que segue a consciência; I. III. Regras para dirigir a consciência); *Filosofia del diritto*, Milão, 1841-1845, dois volumes, sendo o primeiro dedicado ao direito individual e o segundo ao direito social. Vários opúsculos: *Riposta al finto Eusebio cristiano*, Milão, 1841; *Le nozioni di peccato e di colpa illustrate*, Milão, 1841, 1842; *Il razionalismo che tenta insinuarsi nelle scuole teologiche*, Prato, 1843 (a publicação só foi realizada em 1882); *Sistema filosofico*, Montepulciano, 1846; *Teodicea*, Milão, 1845 (apologia da conduta da providência em relação aos homens, especialmente em relação à questão do mal. O plano divino nos escapa e o mal não se opõe à santidade de Deus. Ele advém do homem, e o homem pode usá-lo para seu próprio bem.

Finalmente, o mal é consequência da lei da menor ação, *legge del minimo mezzo*, que manifesta a bondade de Deus em relação a suas criaturas); *Vincenzo Gioberti ed il panteismo* (doze lições sobre o panteísmo de Gioberti, as seis últimas publicadas em 1846, no *Filo cattolico*, Florença), Lucques, 1853; *Compendio di Etica*, publicado sob um pseudônimo, em Turim, 1847, intitulado: *Elementa philosophiæ moralis*, publicado posteriormente em Roma, 1907, sob seu verdadeiro título: *Compendio di Etica e breve storia di essa con annotazioni di G. B. P.*; *Psicologia*, obra em três volumes, dividida em dez livros que tratam da essência da alma humana, suas propriedades, da união da alma e do corpo e de sua ação mútua, da simplicidade da alma, de sua imortalidade e da morte do homem, das leis que regem a atividade da alma, das leis que governam a animalidade. Esta obra contém uma Prefácio geral às obras metafísicas e um Apêndice de 150 páginas sobre as diversas opiniões dos filósofos a respeito da natureza da alma; *Del bene del matrimonio cristiano*, Turim, 1847; *Costituzione secondo la giustizia sociale*, Milão, 1848; *Delle cinque piaghe della santa Chiesa*, Lugano, 1848 (esses **dois opúsculos foram colocados no Index ao serem publicados**); *Sul comunismo e sul socialismo*, Nápoles, 1849 (inserido em 1858 no volume *Filosofia della politica*); *Introduzione alla filosofia*, Casale, 1850 (artigos isolados); Lógica, três livros, Turim, 1854. Finalmente, um grupo de estudos reunidos sob o título geral *Apologetica* (edição Batelli, t. viii): *Della speranza; Saggio sopra alcuni errori di Ugo Foscolo; Breve esposizione della filosofia di Melchiorre Gioia; Esame delle opinioni di M. Gioia in favore della moda; Saggio sulla dottrina religiosa di Romagnosi; Frammenti di una storia dell'impiietà.*

2. **Obras póstumas.** - *Aristotele exposto e examinado*, Turim, 1857; *A teosofia*, 5 vol., Turim, 1859-1875. Esta obra monumental se divide em três partes: Ontologia (t. I-III), Teodiceia natural (t. IV), Cosmologia (t. V), inacabada. *(Commentario) della missione a Roma di A, Rosmini-Serbati negli anni 1848-1849*, Turim, 1881; *Introduzione del Vangelo secondo Giovanni*, Turim, 1882; *Saggio storico-critico sulle Categorie e la Dialettica*, Turim, 1883; *Le questioni della giornata*..., Turim, 1897 (coletânea de artigos publicados em diferentes periódicos); *Epistolario completo di A. Rosmini-Serbati*, 13 vol., Turim, 1905; *Compendio di Etica e breve storia di essa con annotazioni di G. R. P.*, Roma, 1907. Sobre as edições completas, ver a Bibliografia.
3. **Traduções.** - O primeiro volume do *Nuovo saggio* foi traduzido para o francês, Paris, 1814, pelo padre André; a *Psicologia*, traduzida por E. Segond, 3 vol., Paris, 1888 (*A psicologia de A. Rosmini*). - Em inglês, o *Sistema filosofico*, por Tommas Davidson, Londres, 1882; *o Nuovo saggio*, pelos Padres do Instituto da Caridade, Londres, 1883-1884; *Psicologia*, 3 vol., Londres, 1884-1888; *Teodiceia*, Londres, 1884; as *Cinque Piaghe*, por H. P. Liddon, Londres, 1883. - Em alemão: *A. Rosmini-Serbati philosophisches System*, Ratisbona, 1879.

II. Princípios da Filosofia Rosminiana

1° Correntes gerais da filosofia italiana na primeira metade do século XIX.

Para compreender bem a posição de Rosmini, é necessário situá-lo em relação a essas correntes filosóficas.

Durante a primeira parte do século XIX, a filosofia italiana se divide em três correntes, determinadas por três regiões geográficas. No Sul da Itália, com Galuppi, dominam a tendência empírica e a preocupação com investigações inspiradas pelo interesse científico: Descartes, Locke, Reid e Kant são os mestres de Galuppi que, de modo geral, cede à influência de Kant e figura, em Nápoles, como um reformador da filosofia italiana. Ao contrário, no Norte da Itália, dominam a tendência idealista e um esforço para conciliar os dogmas da Igreja com as exigências da razão filosófica. É a essa escola que devemos vincular Rosmini e também, quaisquer que sejam as divergências que o separem de Rosmini, Gioberti. Este último esboça, para explicar o problema do conhecimento, uma solução que é puro ontologismo: todo conhecimento, na medida em que conhece efetivamente, não é mais do que uma manifestação de Deus, ou seja, "do Ser, no qual se encontra contido o arquetipo de todas as coisas". Veja aqui ONTOLOGISMO, t. xi, col. 1039 sq. Na Itália central, Mamiani tende a conciliar o idealismo objetivo de Rosmini e o ontologismo de Gioberti com a tese platônica das ideias.

Para complementar essas indicações muito resumidas, pode-se consultar L. Ferri, *Ensaio sobre a história da filosofia italiana no século XIX*, t. i, Paris, 1869: *Gioja, Romagnosi, Gallupi, Rosmini, Gioberti*. Um bom resumo pode ser encontrado em F. Palhoriès, *Rosmini*, Paris, 1908, Introdução.

2° Fundamento geral do sistema de Rosmini: o Ser indeterminado e os seres.

Rosmini se inspira, assegura ele, em Platão, Santo Agostinho, Santo Tomás. Mas essas influências não são exclusivas: Descartes, Schelling, Hegel deixaram nele uma impressão profunda. Rosmini deseja encontrar um meio-termo entre a perspectiva idealista e a perspectiva empírica. Seu ponto de partida foi sugerido durante suas caminhadas solitárias no bairro de Terra em Rovereto: todos os objetos que encontrava pareciam-lhe ser apenas determinações de uma realidade mais geral, comum a todos. Cf. F.-X. Krauss, *Ensaios*, t. iv, Antonio Rosmini, Berlim, 1896, p. 114. Essa realidade se traduz, em nossa mente, pela ideia do ser. No fundo de cada um dos nossos conhecimentos encontra-se essa forma comum: *O homem não pode pensar em nada sem o ideal do ser universal. Novo ensaio*, t. ii, p. 16, a. 5. Portanto, é uma lei constitutiva do nosso entendimento que ele pense o ser indeterminado e universal e nosso eu toma conhecimento disso por meio de uma percepção imediata, precedendo todo julgamento.

Quando se analisa, essa ideia indeterminada e universal se divide em uma pluralidade de outras ideias que são suas modificações. No entanto, apenas as noções puras, formas do conhecimento (substância, causa, número, verdade, necessidade) nascem do espírito, ou seja, têm sua origem em um desenvolvimento interno, por meio da reflexão, da ideia geral de ser.

Assim que se assegura a objetividade da ideia de ser, a experiência, que participa do ser, é reconhecida como objetiva. Os objetos da experiência são as percepções e as coisas que estão na base destas. A inteligência, aplicando as ideias puras aos dados da experiência, produz as ideias mistas. As primeiras ideias mistas que se estabelecem por meio da experiência sensível universalizada pela ideia do ser são aquelas de espírito e corpo, de espaço e tempo, de movimento. O ser em geral e as existências particulares são idênticos sob o aspecto geral e indeterminado do ser; a diferença existe unicamente nos modos de ser. Em resumo, nossa experiência sensível nos fornece o elemento material, a ideia inata do ser fornece o elemento formal de todas as ideias que concebemos após a experiência dos sentidos.

No entanto, se essa ideia geral do ser não é um produto da experiência sensível, ela se impõe, ao contrário, de dentro de nós, em razão de todo conhecimento sensível. É, portanto, claro que ela preexiste à sensação, que, esta, nos vem de fora, sendo inata à nossa inteligência, a qual é dotada, por Deus mesmo, da intuição da ideia de ser.

Ora, essa ideia de ser e essas ideias de existências particulares que nascem em nós por ocasião de experiências sensíveis são as mesmas que estavam originalmente na mente de Deus, "que, ao ver desde toda a eternidade a criação inteira, viu até a maneira como as forças do universo se tornariam os objetos de nossas percepções e seriam classificadas por nosso pensamento sob os nomes de coisas, objetos ou seres. É por isso que:

A ideia de... o ser possível representa na pensamento divina a mesma essência que na pensamento humana. O homem deve, portanto, ter recebido a comunicação de algo que é divino em si, uma vez que as ideias em Deus são sua substância divina. Em Deus, elas são Deus. Mas, se assim for, objecionará alguém, supondo que o homem é por natureza em comunicação com a substância divina, isso nos levaria ao erro dos ontologistas, que tende logicamente ao panteísmo. Rosmini diz em sua resposta a Gioberti: «O espírito humano não tem mais do que a intuição de uma luz que vem de Deus e que, por conseguinte, é algo de Deus». No entanto, tudo que pertence a Deus é Deus, se o considerarmos como ele é em Deus; mas se o considerarmos desapegado por abstração de tudo que faz da natureza divina uma realidade viva, isso não é mais algo de Deus, da mesma forma que a Bondade e a Sabedoria divinas são atributos de Deus, mas não são Deus em si, pois Deus não é apenas Sabedoria ou Bondade. Assim, embora não haja em Deus outras distinções reais além daquelas das três pessoas divinas, podemos distinguir mentalmente as ideias de Deus de sua substância divina... [Deus] pode manifestar sua ideia sem manifestar sua realidade ou sua substância; e à objeção de Gioberti de que essa ideia deve ser Deus, porque o que é não pode ser senão Deus ou uma criatura, e que a ideia do ser, tendo caracteres divinos, não pode ser uma criatura e deve, portanto, ser Deus, Rosmini responde: «Todo ser real deve ser ou Deus ou uma criatura, mas não todo ser ideal. A ideia do ser, desapegada da realidade de Deus, não é nem Deus nem uma criatura, é algo *sui generis*, é algo de Deus». W. Lockhart, *Vida de A. Rosmini-Serbati*, trad. Segond, Paris, 1889, c. xlviii, *Algumas palavras sobre o princípio fundamental da filosofia de Rosmini*, p. 468; cf. R. Falckenberg, *História da filosofia moderna*, Leipzig, 1902, p. 466.

3° O «sentimento» ou «sensação fundamental», em Rosmini.

Esse aspecto da filosofia rosminiana deve ser destacado particularmente. Foi estudado em uma interessante monografia de Georg Schwaiger, *A Doutrina do Sentimento Fundamental em Rosmini segundo sua constituição*, Fulda, 1914. G. Schwaiger é o autor do artigo sobre Rosmini publicado em Buchberger, *Lexikon für Theologie und Kirche*, t. viii, p. 997-999.

O ponto de partida é que o primeiro objeto que deve ser considerado pela observação do filósofo é ele mesmo. No entanto, seria um erro considerar o eu e a alma como perfeitamente idênticos. Com Aristóteles e São Tomás, Rosmini enfatiza que as faculdades da alma e a própria alma só podem ser conhecidas por seus atos. «O eu, diz Rosmini, não representa apenas a alma, mas a alma engajada em um grande número de relações por meio de toda uma série de operações mentais que devem ser realizadas antes de se poder designar a si mesmo por esse monossílabo». *Psicologia*, t. i, p. 42-43, n. 62; cf. p. 36, n. 55; *Antropologia*..., t. IV, c. iv.

Mas, precisamente, esse retorno sobre si mesmo que a alma é obrigada a fazer para se atribuir as diferentes manifestações de sua atividade supõe um primeiro elemento que existia, mesmo antes que a alma tivesse consciência de seus atos. Anteriormente à alma consciente, há a alma tal como ela é por essência. Antes que o eu se afirme como tal, ele já deve ser eu. A *meidade* (*meità*) é, portanto, de certa forma, distinta da alma e não expressa seu «estado primitivo e essencial», uma vez que representa, junto com a alma, todas as relações que o espírito a envolve ao afirmá-la. Ao afastar essas relações que cobrem a alma como um véu, «encontramos no fundo do eu um sentimento que, anterior à consciência, constitui a substância da alma». Psicologia, t. r, p. 56, n. 81.

É esse sentimento fundamental de si mesma, sentimento que se impõe e não se demonstra, que permite à alma se afirmar, tomar consciência de sua própria existência, aplicando a ela, como a qualquer outro objeto de conhecimento, a ideia do ser universal.

Em razão desse contato imediato da alma consigo mesma, Rosmini caracteriza seu ponto de vista em relação ao ontologismo de Gioberti como uma psicologia ideológica. Sobre a maneira como Rosmini e seus discípulos concebiam essa doutrina ideológico-psicológica em relação às exigências da filosofia cristã e da fé católica, ver A. Trullet, *Exame das doutrinas de Rosmini*, trad. Sylv. de Sacy, Paris, 1893, c. iv-vi, p. 178 ss.

Mas, além disso, o sentimento fundamental que temos de nós mesmos, alma e corpo, é a razão primordial da possibilidade de nossas percepções sensíveis e intelectuais: «Se a alma não se sentisse a si mesma antes da sensação, esta seria nula para ela, porque não seria mais que uma ação sobre um ser que não se sentiria e que, por conseguinte, poderia ainda menos sentir alguma outra coisa». *Novo ensaio*, n. 99; cf. n. 100-102, t. II, a. 11, p. 177.

Esse sentimento fundamental pode não ser consciente. Ibid., p. 171; *Psicologia*, t. ii, p. 419 ss. A consciência, aliás, para Rosmini, nunca é espontânea; ela é sempre refletida. Para que possamos conhecê-la, é preciso que o espírito a afirme, lhe aplique a ideia do ser, a perceba intelectualmente: *É o intelecto que percebe a sensação*. Cf. *Teosofia*, t. v, p. 506. O sentimento fundamental é, em suma, o aspecto e o modo constante sob o qual se manifesta o eu total; é

puramente subjetivo e não nos revela nada das realidades externas. Mas ele é, em relação à sensibilidade, o que é a ideia do ser indeterminado em relação a todas as outras ideias particulares: é uma forma que se impõe às percepções sensíveis. Além disso, nunca existe em estado de vazio: sob os constantes aportes da experiência, ele se especifica e torna-se sentimento de contato, de calor, de tal cor, etc. *Todas as sensações orgânicas específicas nos proporcionam experiências que não podem ser outra coisa senão modificações do sentimento fundamental. Teosofia*, t. v, p. 32-33. Ele fornece ao espírito as matérias particulares sobre as quais se aplicará a ideia do ser e de onde resultará todo o desenvolvimento do conhecimento empírico. Sobre todos esses pontos, pode-se consultar com proveito, além de G. Schwaiger, F. Palhoriès, *Rosmini*, p. 168-187.

É por meio do sentimento fundamental que Rosmini explica a união da alma e do corpo. A alma é essencialmente um sentimento; ora, em todo sentimento, o sujeito que sente e o objeto sentido não são mais que um: «sua união deve ser da mesma sorte que a de forma e matéria». Cf. *Psicologia*, t. I, p. 148, n. 267; p. 138, n. 251. Assim, o homem representa um único ser que é, ao mesmo tempo, sentindo e sentido, e expressa esses dois estados ao se aparecer a si mesmo sob a forma de alma e sob a forma de corpo. Ibid., p. 139, n. 254.

4° A realidade em si.

Rosmini afirma que não se detém no limiar das realidades. Toda a essência de sua filosofia consiste precisamente em que as coisas em si são, no fundo, da mesma natureza que as coisas pensadas. A ordem da natureza e a da mente coincidem virtualmente: esta representa o ser pensado pelo homem; aquela, o ser pensado por Deus. Como o pensamento humano reproduz, à sua maneira, finita e limitada, mas ainda assim fiel, o pensamento divino, pode-se, em certa medida, fazer uma ideia das realidades em si.

Aqui está, sobre este assunto, o ponto de vista de Rosmini, ponto de vista que é preciso conhecer, se se quiser compreender um certo número de proposições que relatamos mais adiante. Para o nosso filósofo, o ser é absoluto ou relativo. O ser absoluto se basta a si mesmo; é necessário. Rosmini o chama de ser completo. O ser relativo é contingente, pois sua existência se liga a certas condições sem as quais é inconcebível. Rosmini o chama de ser incompleto. O ser incompleto entra na categoria do não-ser, no sentido em que Platão o entendera. Mas, entre os seres contingentes, alguns são dotados de uma existência relativamente independente; constituem verdadeiros sujeitos, subsistentes por si; podem ser chamados de relativamente completos, enquanto Deus é o único ser absoluto e completo. Mas há seres incompletos absolutos: são os seres que, por si mesmos, não podem possuir nenhuma subsistência real: "Uma entidade desse tipo está como em vias de se tornar; mas não se completa e não se torna realmente possível senão pela adição de outro ser sobre o qual se apóia". *Psicologia*, t. ii, n. 1336, p. 320. Este ser incompleto não é realidade; não é também nada; é "alguma coisa do ser", um algum thing "respondendo a um conceito da mente". Ibid., n. 1612, p. 505. É o ser pensado fora de sua relação essencial com nossa sensibilidade ou inteligência; é, se assim se quiser, um sentimento ou pensamento em potência. Assim, o espaço e o tempo que não têm existência senão em e por meio do sujeito ao qual se liga; assim, as coisas exteriores e todas as qualidades das quais elas nos parecem acompanhadas, pois, em última análise, elas não são senão o conjunto de nossas representações. Assim, "tomando as coisas com rigor, não há mundo exterior à alma, pois a relação entre a alma e a matéria não pode

se expressar por essas expressões de dentro e fora". *Antropologia*, p. 189.

Como, em tais condições, admitir a existência das realidades em si? Nossa mente, declara aqui Rosmini, nos obriga, pois "ela não pode conceber coisa alguma que não seja um ser ou dependência de um ser". Ela se encontra, pois, obrigada a admitir "uma realidade pura que sustente ontologicamente a realidade sentida". *Teosofia*, t. v, p. 433, a. 13. Ela a admite, mas não pode nada dizer sobre a natureza dessa realidade pura, que deve conceber como um "agente oculto", uma causa desconhecida de nossas sensações. *Teosofia*, t. v, p. 46. É essa força desconhecida que Rosmini chama de princípio corpóreo ou ainda de princípio excitador do sentimento. *Psicologia*, t. ii, n. 1355, p. 331. A palavra "princípio corpóreo" não deve nos enganar; Rosmini o chama assim porque tem o poder de agir sobre nossa sensibilidade. Mas, em si, esse princípio não pode ser concebido senão como sendo essencialmente espiritual. E, já que essas forças espirituais que constituem o que se chama "as realidades em si" existem necessariamente e independentemente de nossa mente, já que elas não são, além disso, inteligíveis senão pelo ser e não existem senão por uma afirmação da mente, "é preciso concluir que, anteriormente ao pensamento humano, existe uma inteligência que pensa simultaneamente as essências e as realidades finitas". *Teosofia*, t. i, n. 446, p. 390.

Chegamos, pois, a Deus. A origem das coisas se liga estreitamente à formação da ideia de ser na inteligência divina. Em si, o ser é absolutamente indeterminado e indefinidamente determinável. Essa determinação do ser ideal é, para Rosmini, a essência mesma do ato criador.

De fato, nas operações *ad extra*, o primeiro ato da inteligência divina é uma abstração pela qual Deus considera o seu Verbo e cria o conceito de ser ideal e indeterminado. Em seguida, ele volta sua atenção para os modos finitos que o ser indeterminado é susceptível de receber: é a "ideação" divina. Ele imagina, então, as diferentes formas pelas quais o ser pode ser concretizado. Finalmente, ao lado do ato pelo qual Deus abstrai a forma do ser e imagina suas delimitações particulares, Rosmini distingue uma terceira operação que dá seu complemento ao ato criador: a "síntese divina", que realiza e faz passar as coisas concebidas da ordem das possibilidades para a das realidades concretas e atuais. Essa realização é necessária e deriva da natureza mesma de Deus. Rosmini não quer, no entanto, que a criação seja necessária. Sem dúvida, a realização concreta das coisas segue necessariamente sua concepção na inteligência divina; mas o ato pelo qual as concebe resta eminentemente livre. Deus gera necessariamente o Verbo; mas é em plena liberdade que, nesse objeto absoluto, separa a forma do elemento material. *Teosofia*, t. I, p. 401, 402, 405.

A criação é, pois, o resultado de uma síntese que Deus opera entre o ser em geral e as realidades possíveis que imaginou. Em toda criatura, há um elemento positivo, formal, que é o ser universal, e um elemento material, negativo, a limitação que o espírito criador impõe ao ser indeterminado. *Teosofia*, t. i, p. 396, n. 454. A essência do ato criador se resume na síntese desses dois termos em Deus.

Chegados a esse ponto de nossa exposição, uma pergunta se impõe naturalmente à nossa mente. Quais são as relações dessas limitações com o ser indeterminado? A realidade é o desenvolvimento interno do ser inicial, uma espécie de desdobramento lógico como aquele concebido por Hegel? Palhoriès, que nos serviu de guia, parece hesitar em aproximar a concepção

do filósofo italiano da do filósofo alemão. E, no entanto, a identificação real de todas as coisas no Verbo parece dever conduzir logicamente Rosmini ao panteísmo. Enquanto nota o perigo real dessa posição, Palhoriès lembra que Rosmini era cristão demais "para não ver aos seus pés o abismo do panteísmo, onde o movimento de sua mente o conduzia naturalmente". Op. cit., p. 244. Para se desvencilhar, Rosmini utilizará a distinção, da qual nos fala tão frequentemente, entre o ser ideal e o Verbo de Deus.

Talvez fosse mais exato estabelecer uma discriminação entre as primeiras obras de Rosmini e a *Teosofia*, da qual o autor não pôde rever definitivamente o texto e onde a influência de Hegel seria mais marcada. Cf. R. Falckenberg, op. cit., p. 488.

Essa exposição filosófica era indispensável para fazer melhor compreender a amplitude exata das quarenta proposições cujo exame vai seguir. O breve comentário que será acompanhado do texto das proposições acrescentará ainda alguns esclarecimentos úteis. Deixamos sistematicamente de lado a exposição das **ideias morais e políticas** de Rosmini; elas ultrapassam o quadro desse artigo. Ver em Palhoriès, op. cit., a terceira parte (p. 259-341) que lhes é consagrada.

III. As Quarenta Proposições Condenadas

1°. Os ataques sob Gregório XVI e Pio IX

É necessário indicar as diferentes investidas às quais Rosmini foi submetido durante sua vida, para entender melhor o alcance da condenação promulgada sob Leão XIII e que pode ser encontrada em Denz. Bannw., n. 1891-1930.

Desde 1831, uma oposição se formou contra os primeiros escritos de Rosmini, dos quais vários escritores da Companhia de Jesus suspeitavam da ortodoxia. Sem dúvida, vários jesuítas eminentes, notadamente o Pe. Roothan, então geral, escreviam a Rosmini cartas elogiosas sobre certos aspectos de sua doutrina. Vejam essas cartas em W. Lockhart, *Vida de Antonio Rosmini-Serbati*, trad. M. Segond, Paris, 1889, p. 182-184. O papa Gregório XVI chegou a enviar a Rosmini um breve altamente elogioso, no qual havia adicionado de sua própria mão qualificativos preciosos para Rosmini:

> *virum excellente ac præstanti ingenio præditum, egregiis animi dotibus ornatum, rerum divinarum atque humanorum scientia summopere illustrera...* Cartas apostólicas *In sublimis militantis Ecclesiæ*, 29 de setembro de 1839.

Veja o texto em Trullet, *Exame das doutrinas de Rosmini*, trad. Sylvestre de Sacy, Paris, 1893, p. 289, ou F.-X. Krauss, *Ensaios*, t. IV, Antonio Rosmini, Berlim, 1896, p. 152. Outros membros da Companhia publicaram em 1841 um livro anônimo intitulado *Eusebio cristiano*, incriminando Rosmini sobre sua concepção do pecado original. A controvérsia havia começado, e Gregório XVI fez examinar, em 1843, os escritos das duas partes e o silêncio foi imposto aos adversários. W. Lockhart, op. cit., p. 522.

A inclusão no Índice do projeto de Constituição (italiana) segundo a justiça social e das Cinco chagas foi o ponto de partida de novos ataques. Embora Rosmini declare ter aprendido "que a proibição não se refere a nenhuma proposição condenável do ponto de vista teológico, mas que ela vem de que esses dois escritos foram considerados inoportunos" (carta a Leonardo Rosmini, seu primo; cf. Lockhart, p. 289), a escola oposta às doutrinas rosminienses alegava que os dois opúsculos haviam sido condenados "**porque continham opiniões heréticas e que se veria bem pela rápida condenação de todos os escritos do autor**". W. Lockhart, p. 524. Pôs-se em circulação um panfleto intitulado *Apostilas*, contendo 327 censuras doutrinais relativas a proposições extraídas das obras de Rosmini. As acusações contidas nas *Apostilas* foram logo apoiadas por uma obra anônima em dois volumes, assinada com o pseudônimo *Prete Bolognese*.

Pio IX, que havia recebido em Gaeta um pedido formal de condenar as obras de Rosmini e acabara de ser restabelecido em Roma, resolveu submeter as obras incriminadas a um *exame sério e imparcial*. O *exame, iniciado em março de 1851, durou três anos*. A congregação especial que dele era encarregada terminou com a sentença de *Dimittantur*, ou seja, *acquitamento*. O papa, ao promulgar essa sentença, impôs a injunção do silêncio, defendendo que se renovassem as mesmas acusações. Mais, na sequência, vários jornais ou revistas, nomeadamente a *Civiltà cattolica, l'Osservatore romano, l'Osservatore cattolico*, havendo insinuado que a sentença deixava apenas a causa em suspenso e os ataques se renovando sem cessar contra a ortodoxia de Rosmini, o prefeito do Índice, cardeal di Luca, fez publicar pelo Mestre do Sagrado Palácio, o Pe. Vincenzo Gatti, uma comunicação oficial, datada de 20 de junho de 1876, no *Osservatore romano*. Eis o final:

> "Sem dúvida, não se segue que não se possa rejeitar o sistema filosófico de Rosmini ou a maneira como ele explica certas verdades, e refutar suas opiniões nas escolas; mas de que não se está de acordo com ele sobre a maneira de explicar certas verdades, não se pode concluir que Rosmini tenha negado essas verdades; não é lícito, tampouco, infligir uma censura teológica às doutrinas que ele sustentou nessas obras que a Sacra Congregação do Índice examinou e declarou isentas de toda censura e contra as quais o Santo Padre proíbe levantar novas acusações".

O *Osservatore cattolico* publicou, em 1° de julho, uma nota de arrependimento por ter mal interpretado a fórmula *Dimittantur*. Mas a *Civiltà catholica* foi dispensada de qualquer retratação. W. Lockhart, p. 535-539.

Os ataques não deveriam cessar por isso. Enquanto isso, contudo, a Sacra Congregação do Índice havia publicado duas declarações. A primeira, datada de 21 de julho de 1880, especificava que a fórmula *Dimittantur* significava simplesmente: *opus quod dimittitur non prohiberi*. A segunda, datada de 5 de dezembro de 1881, decidia que um livro devolvido (*dimissum*) ou não proibido não estava declarado isento de erro e que se podia atacá-lo ainda sob o ponto de vista filosófico ou teológico, sem incorrer na nota de temeridade.

Em outubro de 1885, a *Civiltà cattolica* resumiu suas acusações em uma frase neta e concisa:

> **"Rosmini é um jansenista na teologia, um panteísta na filosofia, um liberal na política".**

Leão XIII, que, no interesse geral, havia pedido aos "jornalistas católicos que abstenham-se completamente de discutir essas questões", *Carta aos arcebispos da Lombardia e do Piemonte*, janeiro de 1882, teve que fazer reexaminar as doutrinas rosminienses. Várias razões militavam a favor desse *novo exame*. Em primeiro lugar, as razões de oportunidade e o *ménagem dû* à pessoa de Rosmini, fundador de ordens, não existiam mais como sob Pio IX. Em seguida, como observa o

começo do decreto *Post obitum*, as doutrinas denunciadas e condenadas são extraídas de obras póstumas, sobre as quais não haviam podido incidir as primeiras denúncias. Por último, as proposições reconhecidas "não conformes à verdade católica" contêm "chefes de doutrina" que se encontravam apenas em germe nos primeiros escritos do autor, mas que se desenvolveram e explicaram mais claramente. Faz-se necessário acrescentar que os defensores de Rosmini haviam singularmente exagerado ao apresentar suas doutrinas filosóficas e teológicas como a expressão autêntica da doutrina de Santo Tomás? Veja, nesse sentido, W. Lockhart, op. cit., c. LI; A. Trullet, *Exame das doutrinas de Rosmini*, trad. Sylvestre de Sacy, Paris, 1893, especialmente do c. IV ao final (*Parere intorno aile dottrine ed aile opere del' abbale Rosmini*, Roma, 1854). Os melhores espíritos podiam ser perturbados por afirmações tão audazes.

2°. O Decreto "Post obitum" e as quarenta proposições rosminianas reprovadas

O decreto é de 14 de dezembro de 1887. Ele assinala duas categorias de trabalhos suscitados pela publicação das obras póstumas de Rosmini: primeiramente, estudos filosóficos e teológicos de doutores particulares; em seguida, estudos feitos por membros do episcopado ele mesmo. Uns e outros chegaram à denúncia de um certo número de proposições ao Sagrado Colégio. Esses mesmos estudos foram acompanhados de longas e vivas polêmicas às quais também era necessário que Roma pusesse finalmente um termo.

As quarenta proposições são proscritas, condenadas e reprovadas no sentido do autor, isto é, no sentido de seu sistema, de sua doutrina, em suma, no seu sentido objetivo, sem que haja lugar nem utilidade para se preocupar com o sentido subjetivo e as intenções de Rosmini. Nessa condenação, o Santo Ofício agiu como Inquisição Universal e seu decreto se dirige à Igreja toda. Por último, por uma cláusula notável e muito desfavorável à reputação das outras obras de Rosmini, o decreto do Santo Ofício defende absolutamente que se conclua, do silêncio que guarda sobre as outras doutrinas rosminianas, uma aprovação tácita ou implícita que lhe viria. Veja o texto do decreto em *Rosminianarum propositionum quas S. R. U. Inquisitio... reprobavit, proscripsit, damnavif trutina theologica*, Roma, 1892, apêndice ix, p. 427-428; cf. J. Didiot, *A fim do rosminianismo*, in *Revue des sciences ecclésiastiques*, 1888, p. 401-402.

Das quarenta proposições condenadas, as vinte e quatro primeiras são de ordem mais filosófica, as dezesseis últimas são de ordem estritamente teológica. Indicaremos para cada uma delas:

1. O texto italiano original com referência às obras de Rosmini, esse texto sendo frequentemente mais desenvolvido do que o resumo que o Santo Ofício fez dele ;
2. O texto latino do Santo Ofício justaposto à tradução para o português.

Um breve comentário, cujas ideias essenciais são emprestadas do Exame Teológico (*Trutina theologica*) editado pela tipografia vaticana, 1892, indicará as razões prováveis da condenação.

Adotamos as divisões da Trutina, que divide as quarenta proposições em onze seções :

1. Da via natural do conhecimento de Deus, isto é, do ontologismo rosminiano ;

2. Da constituição e da natureza íntima das coisas criadas, isto é, do panteísmo rosminiano ;
3. Da criação ;
4. Da alma humana ;
5. Do santíssimo mistério da Santíssima Trindade ;
6. Do mistério da divina encarnação e do caráter batismal ;
7. Do santíssimo sacramento da eucaristia ;
8. Do pecado original e da Imaculada Conceição da bem-aventurada Virgem ;
9. Da justificação ;
10. Da ordem sobrenatural ;
11. Do objeto da visão intuitiva.

I. Seção: Da via natural do conhecimento de Deus, isto é, do ontologismo rosminiano

1. *Nella sfera del creato si manifesta immediatemente all' umano intelletto qualche cosa di divino in sè stesso, cloè tale che alla divin natura apparlenga* (*Teosofia*, vol. iv, n. 2, p. 6).

In ordine rerum creatarum immediate manifestatur humano intellectui aliquid divini in seipso, hujusmodi nempe quod ad divinam naturam pertineat.	Na ordem das coisas criadas se manifesta imediatamente ao espírito humano algo de divino em si, que por sua essência pertence à natureza divina.

Basta referir-se ao resumo proposto anteriormente dos princípios filosóficos de Rosmini para entender como essa proposição se conecta ao fundamento de todo o sistema: a unidade, universal e absoluta, do ser em todas as coisas. Ora, afirma aqui Rosmini, o conhecimento natural que podemos ter das coisas criadas é, na realidade, o conhecimento desse ser universal e absoluto, que pertence por si mesmo à natureza divina. No pensamento de Rosmini, não se trata de um conhecimento intuitivo de Deus: *la visione dell' essere è una visione di qualche cosa di divino, ma non di Dio stesso*, e ele acrescenta imediatamente a razão: *perché a veder Dio, è necessario vedere tutto che gli è essenziale* (*Teosofia*, t. iii, p. 13). Pois, para ele, o conhecimento intuitivo implica que se veja tudo o que é essencial a Deus. Ora, o ser que percebemos não é esse todo, mas simplesmente algo de Deus, *un' appartenenza di Dio*.

Mas como admitir logicamente tal distinção? Como faz observar o comentário da Trutina, é impossível ver imediatamente algo essencial a Deus, sem ver Deus mesmo e Deus todo, assim como é impossível que haja algo em Deus que não seja Deus. N. 8, p. 10.

Do ponto de vista teológico, duas conclusões heréticas poderiam ser tiradas da afirmação rosminiana:

1. a ordem sobrenatural, mesmo em seu desenvolvimento completo, a visão beatífica, não diferiria essencialmente da ordem natural;
2. a ordem das coisas criadas contém algo de formalmente divino.

A primeira conclusão arruinaria o dogma da graça; a segunda conduziria ao panteísmo. Cf. J. Didiot, op. cit., p. 403-404.

***

2. *Dicendo il divino nella nature, non prendo questa parola divino a signiticare un effetto non divino di una causa divina. Per la stessa ragione non è mia intenzione di parolare di un' divino, che sia tale per participazione* (Ibid.).

Cum divinum dicimus in natura, vocabulum istud «divinum» non usurpamus ad significandum effectum non divinum causæ divinæ ; neque mens nobis est loqui de divino quodam, quod tale sit per participationem.	Quando falamos do divino na natureza, este termo «divino» não é usado por nós para significar um efeito não divino de uma causa divina, nem é nossa intenção falar de algum divino que seja tal por participação.

Essa proposição nada mais faz do que tornar mais claro o sentido da primeira. Ela é, aliás, extraída do mesmo trecho da *Teosofia*. O divino que se manifesta a nossa inteligência não é divino porque efeito de uma causa divina ou divino por participação, mas divino formalmente, por essência. Destacamos aqui uma interpretação, evidentemente falsa, do pensamento rosminiano por um dos admiradores do filósofo italiano. A expressão *per participazione* visaria a participação do divino pela graça santificante. Escapatória sem escapatória real e excluída pelo contexto mesmo de Rosmini, neste c.i, *Del divino nella natura*. *Teosofia*, t. iv, n. 1. Cf. *Alle quaranta Rosminiane proposizioni... note secretamente sottoposte al giudizio... dei Maestri di verità... nella Chiesa santa di Gesù Cristo*, Milão, 1888 ; *Trutina*, n. 9-10 e p. 12, nota 1. Ontologismo e ameaça de panteísmo. J. Didiot, op. cit., p. 404.

***

3. *Vi è dunque nelle natura dell'universo, cioè nelle intelligenze che sono in esso, qualche cosa a cui conviene la denominazione di divino, non in senso figurato, ma in senso proprio* (*Teosofia*, t. iv, *Del divino nella natura*, n. 15, p. 18 . - *E una... attualità indistinta dal resto dell'attualità divina, indivisibile in sè, divisibile per astrazione mentale* (*Teosofia*, t. iii, n. 1423, p. 344).

In natura igitur universi, idest in intelligentiis quœ in ipso sunt, aliquid est, cui convenit denominatio divini non sensu figurato sed proprio. Est actualitas non distincta a reliquo actueltatis divinæ.	Na natureza do universo, isto é, nas inteligências que o compõem, há algo a que convém a denominação de divino, não no sentido figurado, mas próprio. É uma atualidade que não é distinta do resto da atualidade divina.

Os partidários de Rosmini quiseram defender a ortodoxia dessa proposta. O autor anônimo de um opúsculo publicado em Florença, em 1888, inicialmente apontou que o texto original italiano era passado em dois volumes diferentes, com centenas de páginas intermediárias entre os dois trechos reunidos, o que arriscava distorcer o pensamento de Rosmini ao suprimir o contexto. *Ragioni della condanna latta dal S. Uffizio delle cosi dette XL proposizioni di Antonio Rosmini esposte dal Teologo F. C. D.,* p. 14, 15. A justaposição dos dois textos mostra, ao contrário, a perfeita continuidade do pensamento rosminiano. É o mesmo tema do qual se trata no primeiro texto que se encontra, subentendido, no segundo. A aproximação feita pelo Santo Ofício é,

portanto, legítima.

A defesa de Rosmini se baseia aqui na distinção indicada no comentário da proposição 1, e pela qual os rosminianos pensam escapar da acusação de ontologismo. O divino, dizem eles, que nossa inteligência apreende, é um divino, não no sentido figurado, mas no sentido próprio; esse sentido próprio, no entanto, "não é próprio absolutamente, plenamente e não faz desse divino algo perfeitamente idêntico a Deus", *non in senso proprio assolutamente, ossia in senso pieno cosi de essere perfetto sinonimo con Dio*. Opuse. *Alle quaranta...* Não se trataria, segundo a distinção fundamental da filosofia rosminiana, senão do ser ideal divino, idêntico sem dúvida objetivamente com seu ser real, já que Deus é indivisivelmente o ser *real-ideal,* mas divisível desse ser real por abstração mental. *Non si puo dire con esatiezza*, escreve expressamente Rosmini, *che noi veggiamo Dio - l'essenza divina - nella vita presente ; perciocchè Dio non è solo l'essere ideale, ma indislinguibilimente reale-ideale. II rinnuouamento della filosofia*, c. XLII.

Observemos - e isto complica singularmente a dificuldade, e adiciona à obscuridade da doutrina rosminiana - que a abstração mental que separa o ser ideal divino e o ser *ideal-real*, Deus, é o fato da inteligência divina ela mesma dividindo, por assim dizer o ser considerado inicialmente e o ser considerado em seu termo: ato de inteligência, escreve Rosmini, *col quale nell' essere assoluto distinse L'INIZIO dal TERMINE, e vide QUELLO separato da QUESTO*. Sem dúvida essa separação não é real, mas é o resultado da abstração mental. *Teosofia*, t. I, p. 401.

O que é esse ser inicial? Pura existência, responde por vezes Rosmini: *II che è quanto dire come para esistenza, è egualmente inizio di Dio e delle creature. Teosofia*, t. I, p. 230. Ser puramente inteligível e desprovido de toda subsistência, diz em outro lugar Rosmini. Cf. prop. 38. Essa segunda interpretação é a mais frequentemente apresentada pelos rosminianos. Cf. *Alle quaranta proposizioni*..., p. 8, ou ainda *Alla Civillà Cattolica, riposta di un Prelato romano*, Roma, 1889, p. 39.

Do ponto de vista filosófico, essas duas explicações chegam a contradições para Rosmini. Se o ser que a inteligência apreende é o ser divino em sua existência, não podemos senão ver Deus mesmo: *in Deo non est aliud essentiel vel quidditas, quam suum esse*. S. Thomas, *Cont. gent*., I. I, c. xxii. Se o ser que a inteligência apreende é simplesmente o ser divino inteligível, então não é mais o ser divino por essência, mas sim a ideia que nos fazemos dele a partir das criaturas. As duas soluções estão em contradição com a tese geral de Rosmini, *Trutina*, n. 11-16, p. 13-20.

Do ponto de vista teológico, os perigos assinalados nas duas primeiras proposições não fazem senão acentuar-se: o ontologismo que conduziria a desconhecer a distinção radical do conhecimento natural de Deus pela razão e pela abstração e do conhecimento sobrenatural de Deus pela intuição da visão beatífica; o panteísmo: "As inteligências finitas são atualizadas por uma atualidade divina; não seria preciso um grande esforço para concluir que elas mesmas são atualmente divinas". J. Didiot, op. cit., p. 404-405.

***

---

4. *L'essere indeterminato (essere ideale), il quale è indubilamente palese a tutte le intelligenze (è quel divino che) si manifesta all'uomo nella natura* (*Teosofia*, t. iv, n. 5 e 6, p. 8).

Esse indeterminatum, quod procul dubio notum esi omnibus intelligentiis, est divinum illud quod homini in natura manifestatur	O ser indeterminado, que sem dúvida é o mesmo que toda inteligência conhece, é esse ser divino manifesto ao homem na natureza.

Sobre o "ser indeterminado" que se apresenta inicialmente à inteligência, poderíamos encontrar em Santo Tomás textos que se aproximam das fórmulas rosminianas. Cf. *Sum. theol*., Ia, q. lxxxv, a. 3, ad 1um ; In lum Sent., dist. VIII, q. I, a. 3. Mas, enquanto o ser indeterminado, universal, do qual fala Santo Tomás é um conceito que pode receber, que deve receber novas determinações segundo as aplicações que dele se fazem às diversas realidades, cf. *Cont. gent*., I. I, c. xxvi, o ser sem determinação e universal do qual fala Rosmini não é suscetível de receber os limites, as precisões necessárias para convenir a tais ou tais realidades precisas: é o ser em sua plenitude de perfeição que se confunde na realidade com o ser divino; *quatertus ipsius essendi plenitudo nullis limitibus circumscribitur*, explica pertinentemente a *Trutina theologica*, n. 21, p. 24. Sem dúvida, Rosmini e seus discípulos invocarão aqui ainda a distinção entre o ser ideal e inicial, e o ser *real-ideal* considerado em seu termo. Mas vimos que não há diferença essencial entre um e outro. A análise das proposições 9, 10, 11 nos fará ver isso mais claramente ainda. Logicamente, é ainda ao panteísmo que se deve chegar aqui. Há confusão entre o ser universal que está na base de todos os nossos conceitos e a atualidade divina. "Ao panteísmo ideológico se associa o panteísmo cosmológico". J. Didiot, op. cit., p. 405.

***

---

5. *L'essere intuito dall'uomo deve necessariamente essere quaiche cosa d'un ente necessario ed eterno, causa creante, determinante et finiente di tutti gli enti contingentemente : e questo è Dio* (*Teosofia*, t. I, n. 298, p. 241).

6. *Nell' uno (essere que prescinde das criaturas e de Deus, e que é o ser indeterminado) e nell' altro essere (que não é mais indeterminado, mas Deus mesmo, ser absoluto) c'è la stessa essenza* (*Teosofia*, t. ii, n. 848, p. 150).

Esse quod homo intuetur necesse est ut sit aliquid entis necessarii et æterni, causæ creantis, determinantis ac finientis omnium entium contingentium ; atque hoc est Deus *In esse quod præscindit a creaturis et a Deo quod est esse indeterminatum, atque in Deo esse non indeterminato sed ab soluto, eadem est essentia.*	O ser, objeto da intuição humana, deve ser necessariamente algo do ser necessário, eterno, criador, causa determinante e final de todos os seres contingentes, isto é, de Deus mesmo. No ser [universal] que abstrai as criaturas e Deus, ou seja, no ser indeterminado, há a mesma essência que em Deus, ser determinado e absoluto.

Essas duas proposições podem ser unidas, pois não fazem, uma e outra, senão retomar, com nuances novas, as afirmações precedentes.

Na proposição 5, a identificação do ser transcendental dos lógicos com o ser divino em si mesmo se afirma mais audaciosamente. Esse ser, objeto de nossa intuição, é necessariamente algo do ser necessário, eterno, criador, causa determinante e final de todos os seres contingentes, isto é, algo de Deus mesmo. É do puro ontologismo. E essa conclusão recebe uma confirmação da proposição seguinte. Afirma-se, com efeito, que o ser transcendental, indeterminado, que convém tanto a

Deus quanto à criatura, fazendo abstração de um e de outro, tem realmente uma essência que não é simplesmente lógica e abstrata: é a mesma essência que a essência de Deus, o ser absoluto e determinado.

Dada essa identificação, como podemos ainda logicamente admitir uma distinção entre Deus e o mundo? Por outro lado, como discriminamos a visão beatífica do conhecimento natural de Deus? Vemos, com essas duas novas proposições, idênticas no sentido e quase na forma, que nos afundamos sempre mais na equívoca fundamental do rosminianismo. Cf. *Trutina*, n. 22-24, p. 26-29 ; J. Didiot, p. 406-407.

***

---

7. *O ser indeterminado da intuição... o ser inicial... é algo da Palavra, que a mente do Pai distingue não real, mas segundo a razão, da Palavra* (*Teosofia*, t. i, n. 848, p. 150; t. r, n. 490, p. 445).

Esse indeterminatum intui tionis, esse initiale, est aliquid Verbi, quod mens Patris distinguit non realiter sed secundum rationem a Verbo.	O ser indeterminado da intuição, o ser inicial, é algo da Palavra, que a inteligência do Pai distingue da Palavra, não real, mas por razão.

Esta proposição parece mais interessante porque parece querer dar a razão última da distinção muitas vezes apresentada por Rosmini entre a "realidade" e a "idealidade", essas duas formas primordiais do ser. Cf. *II rinnuovamento della filosofia*. O ser ideal, que contém em si mesmo todas as ideias divinas, arquétipos das realidades criadas ou criáveis, é pensado por Deus na Palavra com a qual essas ideias se identificam real. Elas se distinguem, no entanto, segundo a razão, na medida em que a inteligência do Pai as concebe por abstração segundo seu ser ideal. Assim, voltamos novamente à distinção pela qual os rosminianos estimam poder lavar seu mestre do reproche de ontologismo. Ao apreender o ser ideal, nosso espírito, embora alcance algo divino, não alcança Deus mesmo. Contradição nos termos e cuja refutação, há muito tempo, São Tomás forneceu em *De veritate*, q. XII, a. 6. Cf. *Trutina*, n. 25-32. -

Do ponto de vista teológico, esta sétima proposição é inadmissível, pois parece admitir uma certa composição no ser da Palavra e apresentar a Palavra, por este elemento inicial que é nela, como o objeto natural da intuição humana. Finalmente, as distinções de razão que se supõe fazer a inteligência do Pai não correspondem a nada que seja teologicamente concebível em Deus.

II. Seção: Da constituição e da natureza íntima das coisas criadas, ou seja, do panteísmo rosminiano

8. Gli enti finiti che compon gono il mondo risultano da due clementi, cioè dal termine reale finito, e dall' essere iniziale, che dà a questo termine la forma di ente (Teosofia, t. I, n. 454, p. 396).

Entia finita, quibus componitur mundus, resultant ex duobus elementis, id est ex termino reali flnito et esse initiali, quod eidem termino tribuit formam entis.	*Os entes finitos, de que se compõe o mundo, resultam de um duplo elemento, ou seja, de um termo real finito e do ser inicial, que confere a esse termo a forma de ser.*

Segundo a doutrina mesma de Rosmini e de seus discípulos, o ser inicial, que é o ser universal, é o mesmo que se encontra sob os diferentes aspectos das realidades: também Rosmini e seus discípulos chamam-no de ser virtual. Veja prop. 10; cf. *Alle quaranta proposizioni*..., p. 12. Mas esse ser é essencialmente algo divino. A presente proposição retorna, portanto, a proclamar que Deus mesmo, ou a Palavra, dá aos termos finos e reais do mundo a forma de ser. Deus ou a Palavra, forma intrínseca e constitutiva de todo ser finito! É o puro panteísmo. Veja, em São Tomás, a refutação de um erro formulado em termos análogos. *Cont. gent.*, I. I, c. XXVI.

***

---

9. L'essere oggetto dell' intuito... è l'atto iniziale di tutti gli enti (Teosofia, t. III, n.1235, p. 73). - L'essere iniziale dungue è inizio tanto delle scibile quanto del sussistente...è egualmente inizio di Dio, come da noi si concepisce, e delle creature (Teosofia, t. I, n. 287, p. 229 ; n. 288, p. 230).

Esse, objectum intuitionis, est actus initialis omnium entium. - Esse initiale est initium tam cognoscibilium quam subsistentium; est pariter initium Dei, prout a nobis concipitur, et creaturarum.	*A ser que é objeto de intuição é o ato inicial de todos os seres. O ser inicial é a origem tanto do que pode ser conhecido quanto do que subsiste; ele é igualmente a origem de Deus — ao menos tal como o concebemos — e das criaturas.*

Notamos que aqui novamente o Santo Ofício extraiu a proposição reprovável em dois passagens diferentes da *Teosofia*. Mas, nos dois lugares, a ideia é a mesma, e a justaposição dos textos apenas realça o verdadeiro pensamento de Rosmini. Esse pensamento é claro, salvo na restrição anexada *prout a nobis concipitur*. Rosmini quer, sem dúvida, por lá, distinguir em Deus a idealidade da realidade: é, sabemos, a distinção sutil pela qual ele pensa escapar a toda reprovação de heterodoxia. Quaisquer que sejam, o ser inicial de todas as coisas, objeto de nossa intuição, é algo divino, algo da Palavra (ver prop. 7), essencialmente idêntico à Palavra. Aqui novamente, e de toda evidência, relento de panteísmo.

***

---

10. *O ser virtual e sem termos (Divino em si mesmo, pertencente a Deus) é a primeira e a mais simples das entidades de tal maneira que qualquer outra entidade é composta, e entre seus componentes há sempre e necessariamente o ser virtual* (*Teosofia*, t. i, p. 221; n. 281, p. 223).

E*sse virtuale et sine limitibus est prima ac simplicissima omnium entitatum, adeo, ut quælibet alia entitas sit composita, et inter ipsius componentia semper el necessario sit esse virtuale. Est pars essentialis omnium omnino entitatum, utut cogitatione dividantur.*	*O ser virtual e sem limites é a primeira e a mais simples de todas as entidades; assim, toda outra entidade é composta, e o ser virtual é sempre e necessariamente um dos componentes. Esse ser virtual é parte essencial de todas as entidades sem exceção, quaisquer que sejam as divisões que nossa pensamento lhe imprima.*

O ser virtual e sem limites é a primeira e a mais simples de todas as entidades; assim, toda outra entidade é composta, e o ser virtual é sempre e necessariamente um dos componentes. Esse ser virtual é parte essencial de todas as entidades sem exceção, quaisquer que sejam as divisões que nossa pensamento lhe imprima.

Essa proposição não faz senão confirmar o erro relevado nas anteriores ao atribuir ao ser inicial novas qualificações. O ser inicial é o ser virtual, capaz de tudo se tornar. É a mais simples de todas as entidades, mas também é a primeira; de tal maneira que entra sempre e necessariamente como um dos elementos componentes de qualquer entidade. Ora, sabemos que essa realidade muito simples, esse ser virtual, é algo essencialmente divino. A razão pode distingui-lo das entidades de que faz parte, isso será apenas uma distinção lógica. Encontra-se em todas, parte essencial de todas. É sempre, do ponto de vista teológico, a afirmação de uma espécie de panteísmo que é aqui reprovável.

***

---

11. *A quididade (o que uma coisa é) do ente finito não é constituída pelo que ele tem de positivo; mas pelos seus limites... A quididade do ente infinito é constituída pela entidade e é positiva; e a quididade do ente finito é constituída pelos limites da entidade e é negativa* (*Teosofia*, t. i, n. 726, p. 708-709).

Quidditas (id quod res est) entis finiti non constituitur eo quod habet positivi, sed suis limitibus. Quidditas entis in finiti constituitur entitate, et est positiva ; quidditas vero entis finiti constituitur limitibus entitatis, et est negativa.	*A quididade (o que é a coisa) do ente finito não é constituída pelo que ela contém de positivo, mas pelos seus limites. A quididade do ente infinito é constituída pela sua entidade, e é positiva; a quididade do ente finito é constituída pelos limites de sua entidade e é negativa.*

Para entender a reprovação desta proposição, que parece não conter senão uma contradição filosófica, é necessário reportar-se ao conjunto do sistema rosminiano, tal como foi exposto anteriormente, a propósito da síntese operada por Deus no ato criador. Ver col. 2925. Os seres particulares não se distinguem entre si senão porque eles comportam, cada um em sua individualidade ou espécie, limitações do ser indeterminado e geral que, em sua "idealidade" se identifica a Deus. Para Rosmini, o ser indeterminado, eis o fundo de todas as coisas, fundo comum e sempre idêntico, o €v &7ri froaüiv de que fala Platão. Referimos-nos ao comentário das proposições 7, 9, 10. O Santo Ofício, em reprovar esta proposição, viu nela como uma ofensa indireta às definições do Concílio do Vaticano contra o panteísmo. *De fide catholica*, t. i, can. 4, Denz.-Bannw., n. 1804. Cf. *Trutina*, n. 68-70. J. Didiot precisou exatamente o perigo desta prop. 11: "Como o finito se distingue do infinito? Pela limitação, pelo negativo. O finito, como tal, não é nada; não é nada em sua quididade, mas é alguma coisa em sua entidade; é Deus". Op. cit., p. 411.

***

---

12. La realità finita non è, ma egli (Dio) la fa essere coll' aggiungere alla realità infinita la limitazione (Teosofia, t. i, n. 81, p. 658). - L'essere iniziale... diventa l'essenza di ogni ente reale (ibid., t. i, n. 458, p. 399). - L'essere che attua le nature finite, a questo congiunto, essendo reciso da Dio (ibid., t. iii, n. 1425, p. 346).

Finita rectifias non est, sed Deus facit eam esse addendo infinitæ realitati limitotionem. Esse initiale fit essentia omnis entis realis. Esse quod actuat naturas finitas, ipsis conjunctum, est recisum a Deo.	A realidade finita não existe; mas Deus a faz existir ao adicionar uma limitação à realidade infinita. O ser inicial torna-se (assim) a essência de todo ser real. O ser que atualiza as naturezas finitas, às quais está unido, é tirado de Deus.

Nós não teríamos separado esta proposição da anterior - sua significação respectiva sendo idêntica se o autor anônimo do opúsculo *Alle quaranta proposizioni* não tivesse feito a seu respeito algumas instâncias que requerem um esclarecimento particular. Ao mesmo tempo em que concede que a primeira parte da proposição 12 parece "falsa" e "blasfema" se for tomada ao pé da letra, ele insiste na necessidade de aproximá-la do contexto. A explicação seria aquela que sempre serviu de desculpa aos rosminianos, saber a distinção entre o ser indeterminado real (Deus) e o ser indeterminado ideal (alguma coisa divina). E precisamente a expressão *essendo reciso da Dio* deveria ser traduzida: sendo abstraída de Deus, sendo retirada de Deus *por abstração*, conforme aos princípios mesmos da filosofia rosminiana.

Estas explicações nos retornam sempre ao mesmo ponto da controvérsia: como negar a identidade entre Deus e o "alguma coisa divina", entre o ser real e o ser ideal, o qual não é ideal senão graças a uma abstração. Estamos realmente no rosário.

Além disso, seria pouca autoridade para buscar em São Tomás, como o autor anônimo quer fazer, uma justificativa da posição de Rosmini. Quando São Tomás escreveu: *esse est illud quod est magis intimum cuilibet et quod profundius omnibus inest, cum sit formate respectu omnium quæ in se sunt, Sum. theol.*, Ia, q. viii, a. 2, ele não está tratando do ser divino, mas do ser, como tal, que não pode ser concebido como existente senão por via de dependência efetiva de Deus criador de todo ser. Cf. Ia, q. xlv, a. 5, e *De potentia*, q. iii, a. 5, ad 1um et ad 2um. Deus intervém aqui como causa eficiente e transcendente e não como causa formal e imanente. *Trutina*, n. 73-75, p. 90-94.

***

---

13. La differenza che passa ira l'essere assoluto e il relativo non è quella di sostanza a sostanza, ma ana mollo maggiore... ; perocchè s' ha diflerenza di essere in questo senso che l'uno è assolutamente ente, l'altro è assolutamente non-ente. Ma questo secondo è relativamente ente. Ora col porre un ente relativo non si multipiica assolutamente l'ente ; sicche remane, che assolutamenle l'assolulo e il relativo sia non già una soslanza solo, ma bensi un essere solo,e in questo senso non v' abbia diversità di essere anzi unité di essere (Teosofia, t. v, c. iv, p. 9).

Discrimen inter esse absolutum et esse relativum non illud est quod intercedit substantiam inter et substantiam, sed aliud multo majus : unum enim est absolute ens, alterum est absolute non-ens. At hoc alterum est relativum ens. Cum autem ponitur ens relativum, non mulliplicator absolute ens : huic absolutum et relativum absolute non sunt unica substantia, sed unicum esse ; atque hoc sensu nulla est diversitas esse, imo habetur unitas esse.	A diferença entre o ser absoluto e o relativo não é aquela que intervém entre substância e substância, é uma outra muito maior. O ser absoluto é absolutamente ser; o ser relativo é absolutamente não-ser. Mas este último é relativo ser. Ou, quando um relativo ser é posto, o ser absoluto não é multiplicado. Daí decorre que o absoluto e o relativo não são substância única, mas sim ser único; e é então ser nessa sensação, e não há diversidade de ser, mas sim unidade de ser.

Para quem tiver lido o expoente desta concepção rosminiana, ver acima, o sentido desta proposição não apresenta uma dificuldade especial. A distinção imaginada por Rosmini entre o ser que é ser absolutamente e o ser que é não-ser absoluto - que não tem realidade distinta senão pela limitação trazida ao ser indeterminado e absoluto - mas que é ser relativo, é suficiente para preservar seu autor do anátema posto pelo Concílio do Vaticano contra os que afirmam unidade de substância ou de essência entre Deus e as criaturas? O Santo Ofício não o pensou. A *Trutina* remete aqui a São Tomás, *Cont. gent.*, I. I, c. XXV; cf. n. 78, p. 96-97.

III. Seção: Da criação

14. Coll' astrazione divina abbiamo veduto come sia siato prodotto l'essere iniziale, primo elemento degli enti finiti : coll' imaginazione divina, abbiamo pure veduto come sia stato prodotte il reale finita - tutte la realità di cui consta l'universo (Teosofia, t. i, n. 463, p. 408).

15. La terza operatione dell' Essere assoluto creante il mondo è la sintesi divina, cioè l'unione dei due elementi, l'essere iniziale, inizio commune di tutti gli enti finili, e il reale finito, o per dir meglio, i diversi mati finiti, termini diversi dello stesso essere iniziale. Colla quale unione sono creati gli enti finiti (ibid.).

Divina absiractione producitur esse initiale, primum finitorum entium elementum ; divina vero imaginatione producitur reale finitum, seu realitates omnes, quibus mundus constat.	*Com a abstração divina é produzido o ser inicial, primeiro elemento dos entes finitos; mas com a imaginação divina é produzida a realidade finita, ou seja, todas as realidades de que consta o universo.*
*Tertia operatio esse absoluti mundum creantis est divina synthesis, id est unto duorum elementorum, qu**æ sunt esse initiale, commune omnium finilorum entium initium, atque reale finitum, sea potius diversa realia finita, termini diversi ejusdem esse initialis. Qua unione creantur entia finita.*	*A terceira operação do Ser Absoluto criando o mundo é a síntese divina, ou seja, a união dos dois elementos, que são o ser inicial e a realidade finita, ou melhor, as diversas realidades finitas, termos diferentes do mesmo ser inicial. É com esta união que são criados os entes finitos.*

Nós vimos acima, o resumo da ideia rosminiana sobre as três operações da criação. Esta ideia se encontra novamente reproduzida nas duas proposições 14 e 15. O dogma posto em péril por esta ideia é o da criação *ex nihilo.* A constituição *Dei Filius*, c. 1 e c. 5, insiste sobre este conceito católico da criação, que São Tomás já havia precisado em uma breve fórmula: *productio alicujus rei secundum suant TOTAM substantiam NULLO PRÆsuPPosITo. Sum. theol*., Ia, q. LXV, a. 3. Ora, o ser inicial, de onde procedem todas as entidades finitas por via de limitação, não é senão uma abstração feita pela inteligência divina do ser real absoluto, o qual é Deus mesmo. Isto é o que já havíamos constatado acima, o que Rosmini afirma em cem lugares: *Vero è che la Mente divina astraente ha TROVATO e prodotto questo oggetto, che dicemmo essere iniziale, lenendo fissé lo sguardo nell' essere assoluto obiettivo.* (*Teosofia*, t. i, p. 402). Isto é de si mesmo, como um tema identificado, que Deus retira os objetos criados, *fissando só* l'ipsum esse, *e deixando em parte o subsistens*.Opusc. Alla Civiltà catlolica, p. 39.

Se alguém quisesse resumir em poucas palavras a ideia de Rosmini sobre o ato criador, seria preciso dizer com J. Didiot: "O ser inicial é idêntico a Deus; e o real finito, as realidades finitas, são apenas os limites ou determinações negativas dele. A síntese divina, portanto, une Deus com o nada, e o resultado dessa extraordinária união é a criatura." Op. cit., p. 414. Cf. Trutina, n. 86-98, p. 110-122.

***

16. Rijerito dall' intelligenza per mezzo della sintesi divina, l'essere iniziale, non come intelligibile, ma puramente corne essenza, ai termini reali finiti, fa che esistano gl enti finiti subiettivamente e realmente (Teosofia, t. i n. 464, p. 410).

Esse initiale per divinam sythesim ab intelligentia relatum, non ut intelligibile, sed mere ut essentia, ad terminos finitos reales efficit ut existant entia finita subjective et realiter.	*O ser inicial, relacionado pela inteligência (de Deus) por meio da síntese divina, não como ser inteligível, mas como pura essência, com os limites finitos reais, faz com que os seres finitos existam subjetivamente e realmente.*

Às dificuldades que a concepção de um ser inicial, princípio de todas as realidades criadas, suscita em relação ao dogma da criação *ex nihilo*, a 16ª proposta de Rosmini acrescenta uma nova dificuldade. Ela faz da criação um ato de inteligência divina: uma operação puramente lógica, que não altera o estado do ser inicial infinito. O concílio do Vaticano declara, ao contrário, que Deus... *sua omnipotenti virtute... liberrimo consilio... utraque condidit creaturam.* Const. *De fide catholica*, c. 5, Denz.-Bannw., n. 1783. A criação é principalmente um ato da onipotência divina e da livre vontade de Deus.

Além disso, é muito difícil conceber neste ser inicial uma discriminação entre "ser inteligível" e "pura essência". Rosmini oferece uma explicação bastante obscura: *O ser inicial, na medida em que é considerado como essência do ser, é anterior às formas. Na medida em que é essencialmente inteligível, está na forma objetiva.* (*Teosofia*, t. i, n. 463, p. 409).

***

17. Quello che fa Iddio (creando) è unicamente di porre tutto intero l'alto dell' essere nelle créature : dunque quest' atto non è propriamente facto, ma è posto (Teosofia, t. i, n. 412, p. 350).

Id unum efficit Deus creando, quod totum actum esse creaturarum integre ponit : hic igitur actus proprie non est factus, sed positus.	*Tudo o que Deus faz ao criar é colocar integralmente o ato da existência das criaturas; este ato não é, propriamente dito, feito, mas é posto.*

Nova perversão do conceito de criação. Enquanto o símbolo glorifica Deus, *FACTOREM cæli et terræ*, Rosmini afirma que o ato integral do ser das criaturas não é feito, mas é posto por Deus. O ser inicial, o ser universal, aquele que se encontra sob todas as limitações e negações não pode, de fato, na teoria rosminiana, ser feito e ser feito do nada. Ele simplesmente é. Onde, portanto, está a criação *ex nihilo* que exige o dogma católico?

***

18. Vi ha una ragione in Dio stesso per la quale el si determina a creare ; e questa ragione è di novo l'amore di se stesso, il quale si ama anche nelle creat are. Quindi la divina sapienza, come meglio attrove esporremo, trova esser cosa conveniente la

creazione, e questa semplice convenienza basta a far si che l'essere perfettissimo vi si determini. Ma non si deve confondere questa necessita di convenienza con quella necessità che nasce della forma reale dell' essere, e che necessita fisica si suol chiamare. La necessità di convenienza è una necessità morale, cioè veniente dall' essere sotto la sua forma morale ; e la necessitd morale non sempre induce l'effetto che ella prescrive ; ma la induce solo nell' essere perfettissimo, e non negli esseri iinperfeiti (a molti de' quali rimane percio la libertà bilaterale), perché l'essere perfettissimo è insieme moralissimo cioè ha compiuta in sè ogni esigenza morale (Teosofia, t. i, n. 51, p. 49-50).

Amer quo Deus se diligit etiam in creaturis et qui est ratio qua se determinat ad creandum, moralem necessitatem constituit, quæ in ente perfectissimo semper inducit effectum : hujusmodi enim necessitas tantummodo in pluribus entibus imperfectis integram relinquit libertatem bilateralem.	*O amor com que Deus se ama até nas criaturas e que é a razão determinante da criação constitui uma necessidade moral que, no ser perfeito, sempre se traduz em efeito. É somente na maioria dos seres imperfeitos que esse tipo de necessidade deixa intacta a liberdade bilateral (agir ou não agir).*

Embora o texto latino seja um simples resumo da versão original italiana, ele reproduz exatamente o sentido e as nuances. O dogma ofendido por esta proposta é, sem dúvida, o da liberdade do ato criador: o concílio do Vaticano professa, de fato, que Deus criou o mundo *liberrimo consilio*, e anatematiza quem *Deum dixerit non voluntate ab OMNI necessitate libera... creasse.* Const. *De fide catholica*, c. I e can. 5, Denz.-Bannw., n. 1783, 1805. Cf. *Trutina*, n. 111-114, p. 133-140. Além disso, observa-se (a respeito do texto italiano) que outra coisa é a conveniência da criação, outra coisa é a necessidade de conveniência ou moral. N. 115, p. 140-141. Por outro lado, se é exato afirmar que a criação é inspirada em Deus pelo amor com que ele se ama até nas suas criaturas, esse motivo não poderia introduzir em Deus a menor necessidade em relação às criaturas a serem produzidas. O canon anteriormente mencionado do concílio do Vaticano o especifica expressamente: S. q. d. *Deum... tam necessario creasse, quam necessario amat se ipsum, a. s.*

***

---

19. Il Verbo è quella materia invisa da cui dite il libro della Sapienza (xi, 18) che furono create le cose tutte dell' universo (introd. del Vangelo seconde Giovanni, lez. 37, p. 109).

Verbum est materia illa invisibile ex qua, ut dicitur Sap., XI, 16, creatæ fuerunt res omnes universi.	*A Palavra é essa "matéria invisível" da qual, como diz a Sabedoria, XI, 16, foram criadas todas as coisas do universo.*

Uma observação de crítica textual, em primeiro lugar: a expressão *materia invisa* da Vulgata não exprime o sentido exato do grego: $6Z &.e6ppou ûÀrç, de uma matéria informe. O sentido óbvio é aquele que muitas vezes foi expresso pelos Pais e pelos teólogos. Veja aqui CRIAÇÃO, t. iii, col. 2050-2051. Portanto, aqui não pode haver questão alguma de um sentido puramente acomodativo... que, aliás, nada justifica. Só por este título, a proposta mereceria ser censurada.

Que Rosmini tenha identificado as coisas criadas com a Palavra ao considerar sua essência ideal é um fato que ninguém pode contestar: a Palavra e as coisas encontram igualmente no ser sua

essência ideal, seu fundo comum, pelo qual podem subsistir. Nesse sentido, o ser é sua substância comum. Mas essa comunhão de ser existe apenas segundo a idealidade - nós a enfatizamos expressamente na exposição filosófica, como mencionado acima - e é por isso que Rosmini acredita repelir a acusação de panteísmo. Distinção muito sutil a que o Santo Ofício não viu necessidade de se deter.

IV. Seção: Da Alma Humana

20. Nielle ripugna che il soggetto, di cui si parla, si moltiplichi per via di generazzione (Psicologia, t. iv, n. 656). - Noi abbiamo già detto the la generazione dell' anima umana si puo concepire per gradi progressivi dell' imperfetto al perfetto, et pero che prima ci sia il principio sensitivo, il quale, giunto alla sua perfezione colla perfezione dell' organismo, riceva l'intuizione dell' essere, e cosi si renda intelletlivo e razionale (Teosofia, t. i, n. 646, p. 619).

Non repugnat ut anima humana generatione multiplicetur, ita ut concipiatur eum ab imperfecto, nempe a gradu sensitivo, ad perfectum, nempe ad gradum intellecticum, producere.	*Não é repugnante que a alma humana se propague por via de geração, de modo que seja concebida como se elevando do grau imperfeito - a alma sensitiva - ao grau perfeito - a alma intelectual.*

O texto italiano é aqui, quanto à segunda parte da afirmação, mais expressivo que o texto latino: "Já dissemos que a geração da alma humana pode ser concebida por graus progressivos do imperfeito ao perfeito e que, consequentemente, deve haver um princípio sensitivo, o qual, unindo sua própria perfeição à perfeição do organismo, receba a intuição do ser e, assim, se torne inteligente e racional".

Se antes havia hesitações sobre a origem da alma humana, isso não ocorre mais hoje. É um dogma da fé que a alma humana é criada por Deus ao mesmo tempo que infundida no corpo. O ensinamento do magistério ordinário seria suficiente para dar a esta verdade uma proposição autêntica. Cf. C. Boyer, *Tractatus de Deo creante et elevante*, Roma, 1933, p. 149-150. Mas parece que a definição do V Concílio do Latrão implica a criação, por Deus, de cada alma segundo a multiplicação dos corpos. Ver aqui FORMA DO CORPO HUMANO, t. VI, col. 566. Cf. *Trutina*, n. 125-135, p. 158-178.

A segunda afirmação, censurada nesta proposição 20, é o progresso referente à alma sensitiva que, por sua perfeição crescente, à medida que cresce a perfeição do organismo, se elevaria, através da intuição do ser, ao grau superior da alma intelectiva. Uma concepção que não tem nada em comum com a opinião dos antigos teólogos sobre a animação humana e que, *prout sonat*, pressupõe uma evolução natural e espontânea da ordem material para a ordem espiritual.

***

---

21. Rendendosi l'essere intuibile al detto principio (sensitivo), con questo solo toccamento, con questa unione di sè, il principio prima solo senziente, ora anco intelligente, si solleva a più alto stato, cangia natura, rendest intellettivo, sussistente, immortale (Antropologia, t. iv, c. v, n. 819). - Quindi si offre alla mente l'espressione, che il principio sensitivo sia divenuto principio razionale, che si sia convertito in un

altro, avendo subito veramente una tale permutazione (Teosofia, t. i, n. 646, p. 619).

Cum sensitivo principio intuibile fit esse, hoc solo tactu, hac sui unione, principium illud antea solum sentiens, nunc simul intelligens, ad nobiliorem statum evehitur, naturam mutat, ac fit intelligens, subsistens atque immortale.	*Quando o ser se torna objeto de intuição para o princípio sensitivo, este, por esse único contato, por essa única união, se eleva a um estado superior. Aquele que era apenas sensível agora se torna também inteligente; ele muda de natureza e se torna inteligente, subsistente e imortal.*

Assim, por meio do contato com o ser, objeto da intuição, o princípio sensitivo se torna princípio racional. Uma mistura de panteísmo e materialismo, como já indicado ao final do comentário da proposta anterior. É curioso notar que São Tomás já havia refutado um erro análogo. *Sum. theol*, Ia, q. cxviii, a. 2, ad 2um; cf. *Cont. gent.*, l. II, c. lxxxix. *Trutina*, n. 136-144, p. 178-190.

***

---

22. Quanta poi aile appendici di cui parliamo, cioè al corpo animato, non è cerlo impossibile il pensare, che dalla potenza divins possa essere da lui divisa l'anima intellettiva, ed egli tuttavia rimanersi nella qualità di animale, rimanendo il principio animale che prima esisteva come appendice, siccome base del novo ente, cioè del puro animale che rimarebbe (*Teosofia*, t. i, n. 621, p. 591).

Non est cogitatu impossibile, divina potentia fieri posse, ut a corpore animato dividatur anima intellettiva, et ipsum adhuc maneat animale: maneret nempe in ipso, tanquam basis puri animalis, principium animale, quod antea in eo erat veluti appendix.	*Não é impossível conceber que, pela potência divina, a alma intelectiva possa ser separada do corpo animado e que este ainda permaneça um animal. Pois o princípio animal, que estava nele antes como um apêndice (da alma intelectiva), permanecerá nele como a base do puro animal.*

Embora Rosmini considere a realização dessa possibilidade apenas por milagre, cf. *Psicologia*, t. I, p. 672, 680, o simples fato de considerar na alma humana a possibilidade de separar o princípio intelectual do princípio sensitivo deve ser reprovado. Esse foi antigamente o erro de Olier ao ensinar essa separabilidade. Cf. FORMA do CORPO HUMANO, t. VI, col. 549. A doutrina de um princípio vital distinto da alma intelectiva foi notada como um erro teológico por Pio IX. Ibid., col. 563. *Trutina*, n. 145-149, p. 190-199.

***

---

23. Questa (l'anima del defunto) esiste certamente, ma e come se non esistesse (Teodicea, appendice, a.10, p.638). Nel quale stato (di natura) non essenda a lei (ail' anima separata) possibile alcuna riflessione su di sè stessa, nè alcuna coscienza, la sua condizione si potrebbe rassomigliare ad uno stato di perpetue tenebre, e di sempiterno sonno (Introd. del Vangelo secondo Giovanni, lez. 69, p. 217).

In statu naturali, anima defuncti existit perinde ac non existeret : cum non possit ullam super seipsam reflexionem exercere, aut ullam habere sui conscientiam, ipsius conditio similis dici potest statui tenebrarum perpetuarum et somni sempiterni.	No estado natural, a alma do falecido existe como se não existisse, pois não pode mais exercer reflexão sobre si mesma, ou ter qualquer consciência de si. Sua condição pode ser comparada a um estado de trevas perpétuas e de sono eterno.

Podemos discutir sobre o valor psicológico dessa hipótese relacionada ao estado da alma separada do corpo e considerada no estado natural. O que o Santo Ofício quis reprovar aqui é a doutrina segundo a qual uma alma separada, pelo fato de não ter mais seu corpo, é incapaz de qualquer ato de conhecimento intelectual e de consciência. As razões que Rosmini apresenta para sua opinião são discutíveis: segundo ele, “a vida da alma exige um termo real que lhe esteja unido, com o qual forma um único sujeito, o qual, quando as condições apropriadas forem realizadas, poderá exercer as operações vitais de sentir e pensar coisas reais”. Introd., p. 221. Esse termo real não pode ser senão o corpo.

Portanto, a união com o corpo é necessária para a vida da alma; logo, a ressurreição não pode ser considerada gratuita; portanto, a vida intelectual da alma não é tão espiritual que possa se exercer sem o corpo... Vemos assim todas as consequências possíveis de uma teoria que, por isso mesmo, se torna perigosa para a fé. Cf. *Trutina*, n. 150-160, p. 199-212.

***

---

24. La forma sostanziale del corpo è piutosto un effetto dell' anima e il termine interno delle sue operazioni ; e perd non è l'anima stessa che sia la formà sostanziale del corpo (Psicologia, part. II, 1. I, c. II, n. 849). - L'unione dell' anima col corpo consiste propriamente in una percezione immanente, per la quale il soggetto intuente l'idea afferma il sensibile dopo averne in questa intuita l'essenza (Teosofia, t. v, c. liii, a. 2, § 5, p. 377)

Forma substantialis corporis est potiu effectus animæ atque interior terminus operationis ipsius : propterea forma substantialis corporis non est ipsa anima. *Unio animæ et corporis proprie consistit in immanenti perceptione, qua subjectum intuens ideam affirma sensibile, postquam in hac ejus essentiam intuitum fuerit.*	*A forma substancial do corpo é, na verdade, um efeito da alma e o termo interno de sua operação. Assim, a forma substancial do corpo não é a própria alma.* *A união da alma e do corpo consiste, propriamente, na percepção imediata, pela qual o sujeito, ao apreender a ideia (do ser), afirma o sensível, ao ter apreendido nessa ideia a própria essência do sensível.*

É uma aplicação da doutrina do sentido fundamental, que já refutamos em FORMA DO CORPO HUMANO, t. VI, col. 569. A união da alma e do corpo não pode ser o resultado de uma operação de conhecimento. No entanto, é isso que afirma Rosmini aqui, esquecendo que o concílio de Vienne definiu como um dogma da fé que “a alma racional ou intelectual é a forma do corpo humano, por si mesma e essencialmente”. Ibid., col. 546. Veja também a definição do V Concílio do Latrão, ibid., col. 566: a declaração de Pio IX, ibid., col. 562. Denz.-Bannw., n. 481, 738, 1655. Sobre os subterfúgios dos rosminienses, veja *Trutina theologica*, n. 161-171, p. 213-229.

V. Seção: Do muito augusto mistério da Santíssima Trindade

25. Il mistero della Triade... dope che fu rivelalo, esse rimane bensi Incomprehensibile nella sua pro pria natura... ma ben... si puo conoscere quella (l'existenza) d'uns Trinità in Dio in un modo almeno congetturale con ragioni positive e directe, e dimostrativamente con ragioni negative ed indirette ; e che, mediante queste prove puramente speculative dell' esistenza di un' augustissima Triade, questa misleriosa dottrina rientra nel campo della filosofia. - Quest' esistenza (della SSma Trinità) diventa une proposizione scientifica come le altre. - Qualora si negasse quella Trinità, ne verrebbero da tutte le parti conseguenze assurde apertamente... O conviene ammetiere la divina Triade, o lasciare la dottrina teosofica di pura ragione incompleta non solo, ma pugnanle d'ogni parte seco medesima, e dagli assurdi inevitabili straziata a del tutto annullata.

Revelato mysterio sanctissimæ Trinitatis, potest ipsius existentia demonstrari argumentis mere speculativis, negativis quidem et indirectis, hujusmodi tamen ut per ipsa, veritas illa ad philosophicas disciplinas revocetur, atque fiat propositio scientifica sicut ceteræ: si enim ipsa negaretur, doctrina theosophica puræ rationis non modo incompleta maneret, sed etiam omni ex parte absurditatibus scatens annihilaretur.	*Uma vez revelado o mistério da Santíssima Trindade, sua própria existência pode ser demonstrada por argumentos puramente especulativos, negativos, sem dúvida, e indiretos, mas, de qualquer forma, tais que, por meio deles, essa verdade é reintegrada nas conhecidas filosóficas e que dela, como de outras conhecidas desse tipo, pode-se fazer uma proposição científica. De tal forma que, se se negar, a doutrina teosófica da pura razão não apenas permanece incompleta, mas é destruída pelos próprios absurdos que dela surgiriam de todos os lados.*

***

---

26. L'essere nelle tre forme (subiettività, obiettività, santitâ. o per dire altramente : realità, idealità, moralità) è identico. - Le tre forme poi dell' essere, ove si transportino nell' Essere assoluto, non si possono più concepire in altro modo, che come persone sussistentt e viventi (Teosofia, t. i, n. 190, 196, p. 154, 159). - Il Verbo, in quanto è oggetto amato, e non in quanto è Verbo cioè oggetto sussistente per sè cognito, è la persona delle Spirite Santo (Introduzione del Vangelo seconde Giovanni, lez. 65, p. 200).

Tres supremæ formæ esse nempe subjectivitas, objectivitas, sanctitas, seu realitas, idealitas, moralitas, si transferantur ad esse absolutum, non possunt aliter concipi nisi ut persanæ subsistentes et viventes. - Verbum, quatenus objectum amatum, et non quatenus Verbum, id est objectum in se subsistens per se cognitum, est persona Spiritus Sancti.	*As três formas supremas do ser, a saber, a subjetividade, a objetividade, a santidade, ou, em outras palavras, a realidade, a idealidade, a moralidade, ao serem transferidas ao ser absoluto, não podem ser entendidas de outra maneira a não ser como pessoas subsistentes e viventes. — A Palavra, na medida em que é objeto amado e não na medida em que é Palavra, isto é, objeto subsistente em si e por si conhecido, é a pessoa do Espírito Santo.*

Reunimos as duas proposições referentes à Trindade, sendo a segunda uma complementação da primeira e esboçando a demonstração filosófica do mistério. A primeira contém afirmações notavelmente contrárias à doutrina católica, repetidamente proclamada, sobre a impossibilidade radical de demonstrar, de qualquer forma que seja, a existência dos mistérios propriamente ditos. Na melhor das hipóteses, uma vez revelados, pode-se afirmar apenas sua conveniência. O papel da razão em relação a eles é muito mais resolver as dificuldades que surgem sobre eles, mostrando que não implicam contradição. Veja aqui MISTÉRIO, t. x, col. 2594 e seguintes. Os documentos aos quais a proposição 25 se opõe são: concílio do Vaticano, sess. III, c. IV, *De fide et ratione*, e can. I, Denz.-Bannw., n. 1795, 1796, 1816; *Syllabus*, prop. 9, ibid., n. 1709; veja MISTÉRIO, col. 2587, 2598; Pio IX, Alocução *Singulari quadam*, Denz.-Bannw., n. 1642; cartas *Gravissimas inter*, ibid., n. 1668, 1669, 1670, 1671, 1673. Veja SEMIRACIONALISMO.

Nós não precisamos seguir Rosmini na tentativa de demonstração racional do mistério da Trindade, que ele institui na proposição 26. Essa demonstração é um esforço para adaptar as fórmulas do idealismo kantiano à doutrina católica, resumida brevemente e com precisão por diferentes documentos do magistério: *In Deo omnia sunt unum, ubi non obviat relationis oppositio*. Veja aqui RELAÇÕES DIVINAS, t. xiii, col. 2140. Rosmini não ignora essa doutrina; ele a professa mesmo no trecho da *Teosofia* de onde o Santo Ofício extraiu a proposição 26: *essendo dunque quelle tre forme inconfusibili, perchè hanno UNA COTALE RELAZIONE D'OPPOSIZIONE TRA LORO*. p. 159.

Mas o que está sendo criticado aqui são duas assertivas inaceitáveis. A primeira é que as formas supremas do ser, realidade, objetividade, moralidade, transferidas para o Ser absoluto, NÃO podem ser concebidas SENÃO como pessoas subsistentes. Isso renova o erro da demonstração filosófica do mistério. A segunda é que o Verbo, sob certo aspecto, não é mais o Verbo, mas o Espírito. Fórmula ininteligível, perigosa, senão formalmente herética.

VI. Seção: Do mistério da encarnação e do caráter batismal

27. Nell' umanità di Cristo la voluntà umana fu talmente rapita dallo Spirito Santo ad aderire all' essere oggettivo, cioè al Verbo, che ella cedette intieramente a lui il governo dell' uomo, e il Verbo personalmente ne prese il regime cosi incarnandosi, rimanendo la volontà umana e l'altre potenze subordinate alla volontà in potere del Verbe, che, come primo principio di quest' essere teandrico, ogni cosa faceva, o si faceva dalle altre potenze col suo consenso. Onde la volontà umana cesso di essere personale nell' uomo e da persona che è negli altri uomini rimase in Cristo netura... Il Verbo pero incarnato cosi per opera delle Spirito Santo estese la sua unione a tutte le potenze ed alla carne stessa (Introduzione del Vangelo secondo Giovanni, lez. 85, p. 281).

In humanitate Christi humana voluntas fuit ita rapta a Spiritu Sancto ad adhærendum Esse objectivo, id est Verbo, ut illa Ipsi integre tradiderit regimen hominis, et Verbum, illud personaliter assumpserit, ita sibi uniens naturam humanam. Hinc votuntas humana desiit esse personalis in homine, et cum sit persona in aliis hominibus, in Christo remansit natura.	*Na humanidade de Cristo, a vontade humana foi de tal modo arrebatada pelo Espírito Santo para aderir ao Ser objetivo, isto é, ao Verbo, que ela entregou a Ele inteiramente o governo do homem, e o Verbo, assim, pessoalmente assumiu essa regência, unindo-se à natureza humana. Assim, a vontade humana deixou de ser pessoal no homem e, embora sendo uma pessoa nos outros homens, permaneceu em Cristo como natureza.*

Como essa proposição se insere no sistema geral do rosminianismo, explicamos no HYPOSTÁTICO (União), t. VII, col. 557-558. Cf. *Trutina*, n. 197-205, p. 267-280.

***

---

28. Insegno dunque il Cristianesimo che il Verbo, carattere e faccia di Dio, come viene anco sovente chiamato nelle Scritture, s'imprime nelle anime di quelli, che colla fede ricevono il battesimo di Cristo (Introduzione alla filosofia, n. 92). - Il Verbo dunque ossia il carattere impresso nell' anima, secondo il cristiano insegnamento, è l'essere reale (infinito) per sè manifesto, il quale dipoi sappiamo essere una persona, la seconda della divina Trinité (ibid., nota).

In christiana doctrine, Verbum, character et facies Dei, imprimitur in animo eorum qui cum fide suscipiunt baptismum Christi. - Verbum id est character in anima im	*Na doutrina cristã, o Verbo, caráter e face de Deus, é impresso na alma daqueles que, com fé, recebem o batismo de Cristo. - O Verbo, isto é, o caráter na alma*
pressum, in doctrina christiana, est Esse reale (in finitum) per se manifestum, quod deinde novimus esse secundam personam sanctissimæ Trinitatis.	*O caráter impresso na alma, segundo a doutrina cristã, é o Ser real, infinito, que se manifesta por si mesmo [à inteligência], e que nós conhecemos depois como sendo a segunda pessoa da Santíssima Trindade.*

A Trutina relaciona a prop. 28 com a anterior relativa à encarnação, porque ainda se trata do Verbo. Seria talvez ainda mais oportuno acrescentar que existe uma perturbadora semelhança de relação entre o Verbo e o cristão, com a explicação proposta (prop. 27) para a encarnação.

A proposição é reprovável sob mais de um aspecto. Em primeiro lugar, Rosmini parece supor que o caráter batismal é impresso apenas naqueles que recebem o batismo *cum fide*. E as crianças pequenas? E aqueles que recebem o batismo validamente, mas com uma ficção proveniente, precisamente, de uma falta de fé? Mas depois, e sobretudo, embora a Igreja não tenha definido a natureza do caráter impresso na alma, é evidente que esse caráter, *imprimido na alma* (cf. Conc. Tridentino, sess. vii, can. *De sacr. in genere*, 9, Denz.-Bannw., n. 852) não pode ser entendido senão como um acidente real, inerente à alma ou a uma de suas faculdades, de maneira indelével. Como identificar esse acidente inerente com o Verbo, ser real infinito, conhecido manifestamente pela alma? Além disso, essa percepção do divino sob a forma do ser real será objeto das proposições 36-37. Cf. *Trutina*, n. 206-213, p. 281-291.

VII. Seção: Do muito santo sacramento da eucaristia

29. Non crediamo aliena dalla dottrina catholica, che solo è veina, la seguente conghiettura : cioè che neli' eucaristico sacramento la sostanza del pane e del vino ha cessato intieramente d'essere sostanza del pane e del vino, ed è divenuta vera carne e vero sangue di Cristo, quando Cristo la rese termine del suo principio senziente, e cosl la avvivo della sua vita, e quel modo come accade nella nutrizione, che il pane che si mangia e il vino che si beve, quand'è, nella sua parte nutritiva, assimilato alla nostra carne e al nostro sangue, egli è veramente iransustanziato, e non è più, come prima pane o vino, ma è veramente nostra carne e nostro sangue, perché è divenuto termine del nostro principio sensitivo (Introduzione del Vangelo secondo Giovanni, lez. 87, p. 285-286).

A catholica doctrina, quæ sola est veritas, minime alle nam putamus hanc conjectu ram : «In eucharistico sacramento substantia panis et vinifit vera caro et verus sanguis Christi, quando Christus eam facit terminum sui principii sentientis, ipsamque sua vita vivificat : eo ferme modo quo panis et vinum vere transsub stantiantur in nostram carnem et senguinem, quia fiunt terminus nostri principii sentientis».	*Não seria uma conjectura contrária à doutrina católica, que é a única verdadeira, dizer: 'No sacramento da eucaristia, a substância do pão e do vinho se torna a verdadeira carne e o verdadeiro sangue de Cristo, quando Cristo faz deles o termo de seu princípio sensível e os vivifica com sua própria vida, quase da mesma maneira que o pão e o vinho são verdadeiramente transubstanciados em nossa carne e sangue, uma vez que eles se tornam o termo de nosso princípio sensível.*

A doutrina católica aqui colocada em risco é precisamente aquela que o concílio de Trento definiu sobre a transubstanciação, «conversão de toda a substância do pão na substância do corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, e de toda a substância do vinho na substância de seu sangue... conversão admirável e singular». Sess. xiii, c. iv, can. 2, Denz.-Bannw., n. 877, 884. Veja aqui EUCARISTIA, t. v, col. 1347 sq. A proposição rosminiana tenderia a reduzir a transubstanciação a uma espécie de conversão simplesmente formal, como demonstra a assimilação da comida corporal. Transformação e não mais transubstanciação. Onde estaria o caráter admirável e singular da transubstanciação? Além disso, como conceber que Cristo, hoje no estado de glória, pudesse vivificar, pelo seu princípio sensitivo, o pão e o vinho? Há aqui um verdadeiro desconhecimento do estado dos corpos glorificados.

É preciso reconhecer, no entanto, que certos Pais tomaram como comparação remota a verdade da eucaristia o exemplo da comida e da bebida transformadas em nossa carne. Cf. *Trutina*, n. 215-220, p. 296-303.

***

30. Avvenuta la transustanziazione, si puo intendere che al corpo glorioso (di Gesù Crislo) si sia aggiunta qualche parte in esso incorporata, ed indivisa e del pari gloriosa (ibid.).

Peracta transubstantiatione intelligi potest, corpori Christi glorioso partem aliquam adjungi in ipso incorporatum, indivisam pariterque gloriosam.	*A transubstanciação concluída, pode-se pensar que alguma parte, incorporada ao corpo glorioso de Cristo, inseparável dele e gloriosa como ele, lhe seja juntada.*

Essa proposição marca, mais uma vez, a concepção imprecisa que Rosmini tem, tanto da transubstanciação quanto do estado dos corpos gloriosos. Da transubstanciação, em primeiro lugar, na qual toda a substância do pão e do vinho é mudada na substância do corpo de Jesus. Portanto, não pode haver qualquer adição a esse corpo. É isso que expressa claramente o catecismo do concílio de Trento: *Neque Christus aut generatur, aut mutatur, aut auget, sed in sua substantia totus permanet* (*De sacr. euch.*, n. 33). Cf. S. Tomás, In IV Sent., dist. XI, a. 3. Do estado dos corpos gloriosos, em segundo lugar: como conceber que um corpo glorioso esteja em contínua mutação, como seria o caso se ao corpo glorioso de Cristo pudessem ser feitas adições contínuas?

Na concepção rosminiana, «o pão e o vinho não são mudados no corpo e no sangue de Jesus Cristo: eles são acrescentados a eles». J. Didiot, op. cit., p. 428. Cf. *Trutina*, n. 221-223, p. 304-307.

***

---

31. Appunto perché il corpo di Cristo é unico ed indiviso, egli è necessario che dove si trovi una parte si trovi tutto... ; ma non tutto quel corpo diviene termine del suo principio senziente, ma unicamente quelle parte che v' aveva di sostanza di pane e di sostanza di vino nella transustanziazione. Aneora ne verrebbe che in virtù delle parole divine questa sostanza del pane e del vino si transustanziasse in carne e sangue del Selvatore ; ma il rimanenle del corpo e del sangue vi rimànesse unito per concomitanza ; il che non par contrario alla doltrine cattolica (ibid., p. 286-287).

In sacramento eucharistiæ, vi verborum corpus et sanguis Christi est tantum ea mensura quæ respondet quantitati (a quel tanto) substantiæ panis et vini quæ transsubstantiantur ; reliquum corporis Christi ibi est per concomitantiam.	*No sacramento da eucaristia, pelo poder das palavras, o corpo e o sangue de Cristo estão presentes apenas na medida que corresponde à quantidade da substância do pão e do vinho que são transubstanciados; o restante do corpo de Cristo está ali por concomitância.*

Essa proposição modifica o conceito católico da transubstanciação. Sem dúvida, no capítulo ni da sess. xiii, o concílio de Trento afirma simplesmente que o corpo de Cristo se encontra, *vi verborum*, sob a espécie do pão, e o sangue, *vi verborum*, sob a espécie do vinho. Ele acrescenta que o corpo se encontra sob a espécie do vinho, o sangue sob a espécie do pão, a alma sob ambas as espécies, em razão da lei natural da concomitância. Mas é claro que é todo o corpo de Cristo que está presente, *vi verborum*, sob a espécie do pão, todo o sangue, sob a espécie do vinho. A teologia sempre entendeu assim. Cf. S. Tomás, *Sum. theol.*, IIIa, q. lxxvi, a. 1: Ex vi *sacramenti, sub hoc sacramento continetur, quantum ad species panis, non solum caro, sed totum corpus Christi...*

É necessário reconhecer que Rosmini é lógico com seus princípios. Para ele, «a transubstanciação é uma extensão do princípio sensitivo de Cristo. Mas essa extensão não tem como termo o corpo preexistente de Cristo; ela se aplica apenas à parte nova que lhe é acrescentada e que corresponde ao que havia de substância material no pão e no vinho consagrados. A consagração, portanto, não produz a presença real de todo o corpo e de todo o sangue, mas apenas da parte acrescentada que mencionamos». J. Didiot, op. cit., p. 429. Cf. *Trutina*, n. 224-228, p. 307-315. Veja aqui EUCARISTIA, t. V, col. 1366.

***

---

32. Se dunque chi non mangia la carne del Figliolo dell' uomo, e bee il suo sangue, non ha la vita in sè stesso, e tuttavia chi muore col battesimo d'acqua o di sangue o di desiderio è certo che acquista la vita eterna; convien dire che quella comestione della carne e del sangue di Cristo, che non fece nella vita prescrite gli verrà somministrata nella jutura al punto della sua morte,e cosi aura la vita in sè stesso... Anche ai nanti dell', antico testamento quando Cristo discese ai limbo potè Cristo communicare sè stesso sotte la forma di pane e di vino, e cosi... renderle atti alla visione di Dio (Introd. del Vangelo sec. Giovanni, lez. 74, p. 238).

Quoniam «qui non manducas carnem Filii hominis et bibit ejus sanguinem», non habet vitam in se (João, vi, 54), et nihilominus qui moriuntur eum baptismo aquæ, sanguinis aut desiderii, certo consequuntur vitam æternam, dicendum est his qui in hac vita non comederunt corpus et sanguinem Christi, subministrari hanc cœlestem cibum in vita futura, ipso mortis instanti. - Hinc etiam sanctis Veteris Testamenti potuit Christus descendens ad inferos se ipsum communicare sub speciebus panis et vini, ut aptos eos redderet ad visionem Dei.	*Porque 'quem não come a carne do Filho do Homem e não bebe o seu sangue' não tem a vida em si, e, no entanto, aqueles que morrem apenas com o batismo de água, de sangue ou de desejo obtêm a vida eterna, deve-se dizer que, àqueles que, na vida presente, não comeram o corpo e [não beberam] o sangue de Cristo, este alimento celestial é administrado na vida futura, no momento mesmo da morte. – Daí também que, aos santos do Antigo Testamento, Cristo, ao descer aos infernos, pôde se comunicar a eles sob as espécies de pão e vinho, para torná-los aptos à visão de Deus.*

A alta fantasia de semelhantes afirmações é tão evidente que nenhum comentário é necessário. Os defensores de Rosmini alegaram que se tratava apenas de uma alimentação espiritual, no sentido de que o próprio concílio de Trento (sess. xiii, c. viii, Denz.-Bannw., n. 882 fim) ensina que «nós comeremos no céu, sem véu algum, o pão que atualmente comemos escondido sob as espécies eucarísticas». Também se insiste no fato de que, no texto original em italiano, Rosmini escreveu: *sotto la forma di pane e di vino*, enquanto o Santo Ofício traduziu «tendenciosamente»: *sub speciebus panis et vini*. Cf. *Commenti di un prelato romano ad un opuscule polemico*, Roma, 1888, p. 102. Pequenas saídas, pois parece bem que na pensamento de Rosmini se trata de uma manducação real e sacramental. Mesmo que fosse de outra forma, o simples fato de ter se expressado de uma maneira ambígua já mereceria a condenação. Cf. *Trutina*, n. 229-239, mas sobretudo 236, p. 315-329.

IX. Seção: Da justificação

35. Più che altri considera questo ordine delta giustificazione dell' uomo, più troverà acconcia la maniera scritturale di dire che Dio cuopre certi peccati o non gl' imputa. Infatti col battesimo non si distrugge la mala volontà naturale, ma le se n'aggiunge una sopranaturale, che cuopre per cost dire, la naturale, e impedisce che quella perds l'uomo. Onde il Salmista dice : Beati quelli, le iniquità dei quali furono rimesse, e i peccati de' quali furono coperti ; dove si fa la differenza fra le iniquità che si rimettono, e i peccati che si cuoprono, e sembra che per quelle si vogliano intendere le colpe attuaii e libere, e per questi i peccati non liberi di quelli che appartengono al popolo di Dio, e che pero non ne ricevono più danno alcuno. Trattato della coscienza morale, I. I, c. vi, a. 1.

Quo magis attenditur ordo justifcationis in homine, eo aptior apparet modus dicendi scripturalis, quod Deus peccata quædam tegit aut non imputat. - Juxta Psalmis tam (xxxi, 1) discrimen est inter iniquitates quæ remittuntur, et peccata quæ teguntur: illæ, ut videtur, sunt culpæ actuales et liberæ, hæc vero sunt peccata non libera eorum qui pertinent ad populum Dei, quibus propterea nullam afferunt nocumentum.	Quanto mais se atenta à ordem da justificação no homem, mais se torna justo o discurso da Escritura, segundo o qual Deus cobre ou não imputa certos pecados. - Segundo o Salmista, há uma diferença entre as iniquidades que são perdoadas e os pecados que são cobertos. Aqueles, parece, são as faltas atuais e livres; estes, os pecados não livres daquelas pessoas que pertencem ao povo de Deus e que, por isso, não recebem delas nenhum dano.

Veja a observação feita a respeito desta proposta em JUSTIFICAÇÃO, t. VIII, col. 2208. A linguagem de Rosmini se assemelharia à do protestantismo, que foi reprovado pelo concílio de Trento, sess. v, c. v, Denz.-Bannw., n. 792; sess. vi, c. vii e can. 10, 11, n. 799, 720, 821; sess. xiv, c. ii, n. 895. A única diferença, aliás, entre Rosmini e os protestantes, é que estes consideravam a remissão dos pecados na imputação que é feita ao pecador da justiça de Cristo. Rosmini acrescenta a isso uma vontade sobrenatural, que cobre em nós o mal da vontade natural. A diferença parece de nenhuma importância para o conteúdo da própria questão.

X. Seção: Da ordem sobrenatural

36. L'essere (essenziale) si communica a noi nella sola forma ideale per natura, e questo costituisce l'ordine naturale ; l'essere stesso si manifesta a noi altresi nella pienezza della sua forma reale per grazia, e questa è communicazione e percezione vera di Dio, e costituisce l'ordine soprannaturale... L'effetto della communicazione soprannaturale è un sentimento deiforme, di cui non abbiamo a principio coscienza, come non l'abbiamo di ogni sentimento nostro sostanziale e fondamentale. Or poi il sentimento deiforme, di cui parliamo, è incipiente in questa vita, nella quale costituisce il lume della fide e della grazia ; compiuto nell' altra, nella quale costituisce il fume della gloria (Filosofia del Diritto, part. II, n. 674, 676, 677).

Ordo supernaturalis constituitur manifestatione esse in plenitudine suæ formæ realis: cujus communicationis seu commanifestationis effectus est sensus (sentimento) deiformis qui inchoatus in hac vita constituit lumen fidei et gratiæ, completus in altera vita constituit lumen gloriæ.	*A ordem sobrenatural é constituída pela manifestação do ser na plenitude de sua forma real. Dessa comunicação ou manifestação, o efeito é um sentimento deiforme, que, iniciado nesta vida, constitui a luz da fé e da graça e que, completado na outra vida, constitui a luz da glória.*

***

37. Il primo lume che rende l'anima intelligente è l'essere ideale ed indeterminato ; l'altro primo lume è ancora i'essere, ma non puramente ideale, ma ben anche sussistenze e vivente... L'idea adunque è l'essere intuito dall' uomo, ma non è il Verbo ; chè non quella ma questo è sussistenza ; quello è l'essere che occulta la sua sussistenza e lascia solo trasparire la sua oggettavità indeterminata ed impersonale ; nella mente che intuisce l'idea non cade la personnalité dell' essere... ma chi vede il Verbo ancorchè per ispecchio ed in enimma, vede Iddjo (Introduz. alla Filosofia, n. 83).

Primum lumen reddens animam intelligentem est esse ideale; alterum primum lumen est etiam esse, non tamen mere ideale sed subsistens ac vivens : illud abscondens suam personalitatem ostendit solum suam objectivitatem ; at qui videt alterum (quod est Verbum) etiamsi per speculum et in ænigmate (I Cor., xiii, 12), videt Deum.	*Uma primeira luz que torna a alma inteligente é o ser ideal; uma outra primeira luz é ainda o ser, não apenas ideal, mas subsistente e vivo: este, ocultando sua personalidade, mostra apenas sua objetividade; mas quem vê o outro (que é o Verbo), mesmo que o veja "como em um espelho e em enigma" (I Cor., xiii, 12), vê Deus.*

Essas duas proposições devem ser ligadas uma à outra, pois não são mais do que uma aplicação da teoria geral do conhecimento, segundo Rosmini, à ordem natural e à ordem sobrenatural ou, mais exatamente, ao duplo contato que nossa inteligência pode ter com o ser indeterminado ideal

e real, o que, na verdade, constitui a ordem natural e a ordem sobrenatural. O contato com o ser real, que é o Verbo, produz o sentimento deiforme, fé e graça nesta vida, e a luz da glória na outra.

Na realidade, ao conservar as expressões consagradas pelo dogma e pela teologia católicas, Rosmini introduz uma concepção que leva à plena e total confusão da ordem natural e da ordem sobrenatural, do conhecimento racional e da fé. Cf. *Trutina*, n. 273-283, p. 381-401.

XI. Seção: Do objeto da visão beatífica

38. Sebbene Iddio senza mezzo alcuno sia oggetto della visione beatifcatrice e forma dell' intelletto dei Beati ; tuttavia egli è tale in quanto è autore delle opere ad extra, le quali in un modo ineffabile sono in lui (Teodicea, n. 672).

Deus est objectum visionis beatificæ, in quantum est auctor operum ad extra.	*Deus é o objeto da visão beatífica, na medida em que é autor das obras ad extra.*

Esta proposição se relaciona estreitamente com as duas seguintes. No entanto, é necessário considerá-la separadamente devido à sua oposição formal ao ensinamento da Igreja sobre o objeto da visão beatífica. Veja aqui INTUITIVA (Visão), t. vii, col. 2380 ss.

As Escrituras nos ensinam que veremos Deus *sicuti est*. I João, iii, 2. O magistério precisou que, na visão intuitiva e facial (cf. I Cor., xiii, 12), a essência divina se mostraria ao eleito imediatamente, claramente, abertamente. Cf. Bento XII, bula *Benedictus Deus*, Denz.-Bannw., n. 530. e aqui t. ii, col. 658 ss. E o concílio de Florença acrescenta expressamente que Deus será visto claramente, um e trino, como ele é. Decreto *Pro Græcis*, Denz.-Bannw., n. 693. Ora, se Deus fosse objeto da visão beatífica somente na qualidade de autor das obras *ad extra*, ele não seria visto tal como é na trindade das pessoas, mas apenas segundo seu ser absoluto. *Trutina*, n. 285-288, p. 405-409.

***

---

39. I vestigii della sapienza e della bontà del Creatore, lungi dal devenire loro (ai comprensori) inutili, anzi riescono necessarii ; perocchè questi vestigii tutti raccolti nell' esemplare eterno sono appunto quella parte di esso che è loro accessibile, onde sono tuttavia quelli che danno argomento aile lodi che a Dio eternamente tributano (ibid., n. 674).

Vestigia sapientiæ et bonitatis, quæ in creaturis elucent, sunt comprehensoribus necessaria : ipso enim in æterno exemplari collecta sunt ea Ipsius pars quæ ab illis videri possit (che è loro accessibile), ipsaque argumentum præ bent laudibus, quas in æternum Deo beati concinunt.	*Vestígios da sabedoria e da bondade, que brilham nas criaturas, são necessários aos bem-aventurados; pois, reunidos no exemplar eterno, formam a parte deste que pode ser vista por eles (que é acessível a eles), e fornecem argumento para os louvores que, por toda a eternidade, os bem-aventurados cantam a Deus.*

Encontramos aqui a explicação rosminiana da proposição anterior. Rosmini afirma aqui três coisas:

1° os vestígios das perfeições divinas que brilham nas criaturas são necessários aos bem-aventurados; 2° esses mesmos vestígios, reunidos no exemplar divino, são a parte do exemplar acessível aos bem-aventurados; 3° esses vestígios são o tema dos louvores que os bem-aventurados prestam a Deus.

A primeira afirmação nega o próprio caráter da glória essencial dos eleitos. Veja aqui GLÓRIA, t. vi, col. 1393. A segunda afirmação nega a própria existência da glória essencial, tal como a concebe a Igreja. A terceira afirmação, tomada em seu sentido afirmativo, é plenamente católica; mas, na medida em que excluiria o tema dos louvores eternos que as perfeições divinas apresentam aos eleitos, que encontram em seu conhecimento imediato a fonte de sua beatitude essencial, seria herética e previamente condenada pela bula *Benedictus Deus* e pelo Decreto *Pro Græcis*, citados acima. Cf. *Trutina*, n. 289-292, p. 410-416.

***

---

40. Se dunque non potea (Die) comunicare sè stesso totalmente ad esseri finiti, neppure mediante il lume di gloria ; rimane a cercare in che modo egli poteva rivelare loro e comunicare la propria essenza. Certo in quel modo che alla natura delle intelligenze create è conforme ; e questo modo è quello pel quale Iddio ha con esse loro relazione, cioè come creatore loro, come provisore, come redentore, come santificatore. Ibid., n. 677.

Cum Deus non possit, nec per lumen gloriæ, tolatiter se communicare entibus finitis, non potuit essentiam suam comprehensoribus revelare et communicare nisi eo modo, qui finitis intelligentiis sit accommodatus : scilicet Deus se illis manifestat quatenus cum ipsis relationem habet, ut eorum creator, provisor, redemptor, sanctificator.	*Como Deus não pode, nem através da luz da glória, comunicar-se totalmente aos seres finitos, não pôde revelar e comunicar sua essência aos compreensores senão do único modo que seja adequado às inteligências finitas: isto é, Deus se manifesta a elas na medida em que tem relações com elas, como seu criador, provedor, redentor e santificador.*

Sabe-se como a teologia resolve a dificuldade que impede aqui Rosmini. Deus, incompreensível, é visto *inteiro* pelos bem-aventurados, mas não é visto *totalmente*, *totus non totaliter*. São Tomás, In IIIum Sent., dist. XIV, q. I, a. 2, qu. 1, ad 2um; cf. Sum theol., Ia, q. xii, a. 7, ad 2um; Cont. gent., t. III, c. lv. Veja aqui INTUITIVA (Visão), t. VII, col. 2380 ss. Mas será que é mesmo a incompreensibilidade divina que impede aqui o teólogo italiano? Não seria antes a lógica de seu sistema que o induz em erro? "Confundindo erroneamente a visão beatífica com uma comunicação inteira e adequada do infinito ao finito, e considerando, com razão, que esta última é impossível, Rosmini conclui que o único modo possível de revelação e comunicação da essência divina à inteligência criada é a manifestação intuitiva que Deus nos faz, pela luz da glória, de suas relações conosco como criador, provedor, redentor e santificador. Na medida em que Rosmini não parece estar mais de acordo com seu sistema geral do que com a doutrina católica. Não temeu, ao se manter coerente consigo mesmo até o final, chegar a conclusões claramente e audaciosamente panteístas? Ou, tendo já concedido ao homem, no estado de natureza e de graça, todas as intuições imagináveis, não encontrou mais nada a lhe dar no estado de glória? Não sei, mas em todo caso sua visão beatífica é de uma mediocridade extrema". J. Didiot, op. cit., p. 438. Cf. *Trutina* , n. 293-298, p. 416-423.

3º Os anexos do decreto.

Uma carta do cardeal Monaco, secretário da Santa Sé, comunicava o decreto e as 40 proposições condenadas ao episcopado católico. Ela terminava assim: *Præcipue uero veneris ut mentes adolescentium, eorum præsertim qui in spem Ecclesiæ in seminariis aluntur, germana catholicæ Ecclesiæ doctrina e puris fontibus sanctorum Patrum, Ecclesiæ doctorum, probatorum auctorum, ac præcipue angelici doctoris S. Thomæ Aquinatis hausta imbuantur.* Um bom aviso para aqueles que pretendiam encontrar em Rosmini um intérprete autorizado de São Tomás.

A esse documento, deve-se adicionar uma carta de Leão XIII, datada de 1º de junho de 1889, ao arcebispo de Milão, completando e precisando o sentido e a abrangência da carta de 25 de janeiro de 1882, da qual já falamos anteriormente. O papa explicou que havia pedido, na ocasião, que se fizesse silêncio, a fim de acalmar os ânimos e por receio de que o zelo em busca da verdade não fosse uma ocasião para faltar à caridade e à justiça. Mas ele tinha em vista, para responder aos reiterados desejos de numerosos teólogos e até de bispos, submeter a um exame cuidadoso os escritos de Rosmini. Esse exame resultou na censura promulgada no decreto *Post obitum*, que ele confirmou de sua autoridade soberana. Alguns tentaram opor à autoridade da Santa Sé a autoridade do papa: apesar de seu desejo de extrema benevolência, o papa sentiu-se obrigado a reprovar com firmeza tal atitude injuriosa a si mesmo e à Santa Sé; e ele pediu ao arcebispo que buscasse obter de seu clero e de seus fiéis uma total obediência. Veja o texto da carta *Litteris ad te*, em *Trutina*, p. 448-450.

Por fim, o Padre Geral da Congregação da Caridade, Luigi Lanzoni, datado de 2 de fevereiro de 1890, publicou uma protestação de plena e filial submissão, em seu nome e em nome de sua congregação, ao decreto *Post obitum*, «*net senso appunto che fu dichiarato dal Santo-Padre nella sua lettera all'arcivescovo di Milano del I giugno 1889*». O texto dessa declaração em *Trutina*, p. 451.

IV. Conclusão: A Influência do Rosminianismo

Fora da Itália, a influência de Rosmini e de suas ideias filosóficas foi praticamente nula. Mas, **na Itália, essa influência foi considerável sobre uma quantidade de sacerdotes e leigos, filósofos, sábios, homens de letras e políticos.** Citemos de memória Manzoni, Tommaseo, A. Rayneri, Minghetti, Peyretti, Gustavo Cavour (*Frammenti filosofici*, Turim, 1841), A. Pestalozza, Tarditti, P. Paganini, V. Garelli, R. Bonghi, Bulgarini, Aug. Moglia etc. Vários de seus admiradores teológicos tentaram defender a ortodoxia de Rosmini e mostrar seu acordo com São Tomás. Já citamos W. Lockhart, em sua *Vida de Antonio Rosmini-Serbati*, trad. Segond, e especialmente A. Trullet, *Exame das doutrinas de Rosmini,* trad. de Sacy; porém, a obra mais considerável que foi tentada nesse sentido foi a de Monsenhor Maria Ferré, bispo de Casale, *Degli universali seconde la teoria Rosminiana confronta colla dottrina di san Tommaso d'Aquino*, 9 volumes, Casale, 1880-1888. Para defender Rosmini contra os ataques dos quais era alvo, fundaram-se na Itália várias revistas (que, por sinal, não duraram): *La Sapienza, rivista di filosofia e di lettere,* Turim, 1879; *Il Rosmini, enciclopedia di scienze e lettere*, Milão, 1887-1889; *Il nuovo Rosmini, periodico scientifico et letterario*, Milão, 1889-1890; *Il nuovo Risorgimento, rivista di filosofia, scienze, lettere, educazione e studii sociali*, Milão, 1892; *Rivista rosminiana*, desde 1906.

«A condenação em Roma das quarenta proposições de Rosmini, em 1888, aparentemente pôs fim aos debates... O caráter excessivamente apriorista dessa especulação, o inatismo que ela coloca como ponto de partida, o descrédito que se associou ao ontologismo em geral, o sucesso sempre crescente da filosofia positiva, o reconhecimento mais esclarecido da parte que cabe à experiência no desenvolvimento mesmo do espírito, o pouco barulho que, em geral, fez no exterior a filosofia italiana, e talvez, por fim, o temor que inspiram à primeira vista os enormes volumes de oitocentas páginas, tais são, acreditamos, com algumas outras, sem dúvida, as principais causas do insucesso da filosofia de Rosmini e da obscuridade em que ela permanece geralmente». Palhoriès, *Rosmini*, p. 386.

I. EDIÇÕES. - As obras de Rosmini foram reunidas várias vezes; a edição Poglfani, 30 vol., Milão, 1837, é a coletânea mais considerável; entanto, não existe nenhuma edição completa, e um certo número de obras ainda é manuscrito. As obras póstumas foram editadas separadamente. *L'Epistlario completo*, 13 vol., foi publicado em 1903, em Casale Monferato. *A Società filosofica italiana* anunciou em 1934, não sem certo alvoroço, a publicação integral dos inéditos. Um volume apareceu em Roma, 1934, *Scritti autobiografici inediti*. *A Enciclopédia italiana*, t. xxx, 1936, p. 123, acrescenta a esse respeito: *gli inizi non lasciano molto sperare*.

II. OBRAS GERAIS. - Debrit, *História das doutrinas filosóficas na Itália contemporânea*, Paris, 1859; R. Mariano, *A filosofia contemporânea na Itália*, Paris, 1867; L. Ferri, *Ensaio sobre a história da filosofia na Itália no século XIX*, t. i, Paris, 1869, *Gioja, Romagnosi, Galluppi, Rosmini, Gioberti*; K.

Werner, *A filosofia italiana do século XIX*, 5 vol., Viena, 1884-1886, ver t. i, *Rosmini und seine Schule*; R. Falckenberg, *História da filosofia moderna*, Leipzig, 1902.

III. OBRAS PARTICULARES. - G. Cavour, *As obras filosóficas de Rosmini*, bibliot. univ., 1837-1838; F. Labis, *Exame da doutrina filosófica do padre Rosmini sobre a origem das ideias*, Louvain, 1845; A. Trullet, *Parecer sobre as doutrinas e as obras do padre Rosmini,* Roma, 1854, trad. S. de Sacy, Paris, 1893; Calza e Peres, *Exposição raciocinada da filosofia de Antonio Rosmini...,* 2 vol., Intra, 1818; Fr. Paoli, *Memórias da vida de Ani. Rosmini-Serbati*, t. I, Turim, 1880; t. II, Rovereto, 1884 (encontra-se no t. II uma bibliografia imensa, 614 publicações); Davidson, *O sistema filosófico de A. Rosmini*, Londres, 1882; G.-M. Cornoldi, *O Rosmini, síntese do ontologismo e do panteísmo*, Roma, 1881; G. Mozzera, *Resposta ao livro do G.-M. Cornoldi, O Rosmini,* etc., Milão, 1883; Karl Werner, *A posição de Antonio Rosmini na história da filosofia moderna*, Viena, 1884; F. de Sarlo, *A lógica de A. Rosmini, e os problemas da lógica moderna*, Roma, 1832; *As bases da biologia e da psicologia segundo Rosmini consideradas em relação aos resultados da ciência moderna*, Roma, 1833; C. Guastalla, *Doutrina de Rosmini na essência da matéria*, Palermo, 1901; F. X. Kraus, *Ensaios*, t. IV, Antonio Rosmini, Berlim, 1896; G. Gentice, *Rosmini e Gioberti*, Pisa, 1898; Morando, *Exame crítico das XL proposições rosminianas*, Lodi, 1906; A. Dyroff, *Rosmini*, Mayence, 1906; F. Orestano, *Rosmini*, Roma, 1908; F. Palhoriés, *Rosmini*, Paris, 1908; G. Capone Braga, *Ensaio sobre Rosmini, o mundo das ideias*, Milão, 1914; G. Schwiger, *A doutrina do sentimento fundamental em Rosmini segundo sua estrutura*, Fulda, 1914.

A. MICHEL. 1937.

REORDENAÇÕES ESPECIAIS

Domingo, 18 de março de 2007

A inanidade do pretenso « motivo psicológico » para as reordenações inventado pelo padre Schmidberger, confirmada pelo Concílio de Trento e pelos escritos de Avrillé e do padre Portail

O Concílio de Trento proíbe as reordenações que não sejam justificadas **por uma ausência do poder de Ordem conferido**. O Pe. Pierre-Marie d'Avrillé e o padre Portail da FSSPX questionam a ausência do caráter da Ordem no clero conciliar em alguns « *casos* » difíceis de determinar, e justificam, devido a essa situação inextricável, as reordenações dos pretensos « *padres* » conciliares que se juntam à Fraternidade.

Artigo Original: Virgo Maria

- A PSEUDO-ARGUMENTAÇÃO DESPREZÍVEL
- A IGREJA JÁ ABORDOU A QUESTÃO DAS REORDENAÇÕES EM RELAÇÃO AOS HEREGES OU CISMÁTICOS QUE RETORNAVAM PARA ELA
- O CONCÍLIO DE TRENTO PROÍBE QUALQUER REORDENAÇÃO SE O CARÁTER DA ORDEM JÁ FOI CONFERIDO
- A PRAXIS DAS REORDENAÇÕES PELA FSSPX RECONHECE, PORTANTO, A AUSÊNCIA DO CARÁTER DA ORDEM EM ALGUNS SUPOSTOS "SACERDOTES" CONCILIARES
- AVRILLÉ RECONHECE UMA SITUAÇÃO INEXTRICÁVEL DE DÚVIDA OBJETIVA GENERALIZADA SOBRE AS CONSAGRAÇÕES EPISCOPAIS DESDE 1969
- O PADRE PIERRE-MARIE DE KERGORLAY RECONHECE QUE SERIA NECESSÁRIO "EXAMINAR CADA CASO". E ELE RECONHECE QUE A COISA É QUASE IMPOSSÍVEL
- O PADRE PORTAIL TAMBÉM RECOMENDA O TUTIORISMO E A REORDENAÇÃO SUB CONDITIONE DEVIDO À AUSÊNCIA DE PODERES SACRAMENTAIS NA IGREJA CONCILIAR

- UM PADRE SCHMIDBERGER IDEALISTA E KANTIANO ANTICATÓLICO, QUE DESDENHA DA TEOLOGIA CATÓLICA E DA VERDADE
- ATÉ QUANDO A PERPETUAÇÃO DO GOLPE DE ESTADO DO PADRE SCHMIDBERGER À FRENTE DO DISTRITO DA ALEMANHA VAI DURAR?
- DICIONÁRIO DE TEOLOGIA CATÓLICA (DTC) – ARTIGO ‘REORDENAÇÕES’

A PSEUDO-ARGUMENTAÇÃO DESPREZÍVEL

(POR « MOTIVO PSICOLÓGICO ») INVENTADA PELO PADRE SCHMIDBERGER PARA JUSTIFICAR AS REORDENAÇÕES OCASIONAIS DOS PRETENSOS « PADRES » CONCILIARES QUE SE JUNTARIAM À FRATERNIDADE)

Nós revelamos[1] com base em fontes autorizadas que, ao reunir-se em Stuttgart nos dias 5, 6 e 7 de março de 2007, exercendo sua autoridade, agora usurpada, de Superior do Distrito da Alemanha em relação às decisões tomadas sobre ele no último Capítulo Geral da FSSPX de julho de 2006, que o rebaixou ao cargo de simples Prior de Stuttgart, o padre Schmidberger foi questionado sobre o motivo pelo qual a FSSPX justificava a prática das reordenações ocasionais dos pretensos « *padres* » conciliares que se juntavam à Fraternidade.

Sem hesitar, o padre Schmidberger então inventou completamente diante de seus confrades o conceito novo e sacrílego de reordenação por « *motivo psicológico* ».

E diante dos padres perplexos com um argumento tão incongruente em matéria tão grave, que exige justificativas teológicas precisas, ele se esquivou da maneira mais desprezível possível para com seus confrades, inventando imediatamente uma referência fictícia ao tratado de Teologia Moral e Sacramental do R.P. Heribert-Jone.

Obviamente, não há nada no R.P. Jone que, nem de longe, permita justificar tal sacrilégio.

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-15-A-00-Reunion_Schmidberger_en_Allemagne_2.pdf

A IGREJA JÁ ABORDOU A QUESTÃO DAS REORDENAÇÕES EM RELAÇÃO AOS HEREGES OU CISMÁTICOS QUE RETORNAVAM PARA ELA

Na Igreja, a prática das reordenações gerou debates ao longo dos séculos.

O debate centrou-se na necessidade ou não de reordenar cismáticos ou hereges que retornavam à Igreja, mas que já haviam recebido o sacramento da Ordem.

Duas escolas de teologia se opuseram:

Uma sustentava que, por falta de jurisdição, a ordenação não era válida e, portanto, deveria ser repetida.

A outra, escolástica, afirmava que, **tendo o sacramento da Ordem conferido ontologicamente um caráter**, **não era necessário proceder a uma reordenação.**

Foi esta última opinião que a Igreja adotou ao decidir definitivamente a questão.

É essa que São Tomás de Aquino justifica e demonstra.

Vamos nos basear aqui no estudo publicado no *Dicionário de Teologia Católica* (DTC) sob o título ‘ ***Reordenações***’.

Aplicada à FSSPX, a questão da reordenação surge devido à ausência do caráter de Ordem nos pretensos « *padres* » conciliares, e não por razões psicológicas.

No caso dos pretensos «*padres*» conciliares que se juntam à FSSPX, a questão surge, não por questões de jurisdição, **mas devido à ausência, nesses indivíduos, do caráter sacerdotal sacramental**.

O Concílio de Trento afirmou claramente que **o sacramento da Ordem confere um caráter que é indelével e, portanto, esse sacramento não pode ser reiterado**:

> *«REORDENAÇÕES. - O Concílio de Trento definiu, na sessão vii, cân. 9, que «o batismo, a confirmação e a ordem imprimem na alma de quem os recebe um caráter, ou seja, um sinal espiritual indelével, e que, portanto, esses sacramentos não podem ser reiterados». Denzinger-Bannwart, n. 852. Falando de maneira mais específica sobre a ordem, definiu que «este sacramento imprime um caráter e, portanto, aquele que foi padre não pode voltar a ser leigo». Sess. xxiii, cân. 4, Denzinger-Bannwart, n. 961. Além disso, ainda ensina, na sess. vii, que a validade de um sacramento não depende da dignidade interior do ministro (não importa se ele está ou não em estado de graça), nem mesmo da retidão de sua fé, cân. 12. Desde que um ministro investido dos poderes necessários tenha realizado os atos essenciais do sacramento com a intenção (ao menos geral e implícita) de fazer o que faz a Igreja, cân. 11, o sacramento é validamente conferido e produz todos os seus efeitos, na medida, é claro, em que as disposições do sujeito que o recebe não coloquem obstáculos. Denz.-13annw., n. 854, 855.»* DTC, volume 13, coluna 2385

Para que haja a repetição do sacramento da Ordem, é necessário que **exista uma dúvida OBJETIVA E NÃO PSICOLÓGICA sobre a validade da posse desse caráter sacerdotal**.

Essa é a realidade reconhecida implicitamente pela prática das reordenações dentro da FSSPX.

De fato, para um pretenso «*padre*» conciliar, ou o seu «*bispo*» consagrante recebeu ele mesmo sua pretensa «*consagração*» episcopal no novo rito de ordenação episcopal sacramentalmente inválido de 1968, inventado pela equipe de modernistas anti-litúrgicos liderada pelo maçom Bugnini, e, portanto, não pode transmitir aquilo que ele próprio não possui. Ou, o consagrante, que pode ser ou um velho bispo consagrado no rito antigo, ou um bispo oriental, é válido, mas a ordenação do pretenso «*padre*» conciliar foi realizada utilizando o novo ritual de ordenação sacerdotal de 1968, que é, por sua vez, uma criação puramente artificial.

O CONCÍLIO DE TRENTO PROÍBE QUALQUER REORDENAÇÃO SE O CARÁTER DA ORDEM JÁ FOI CONFERIDO

O DTC explica que o Concílio de Trento proíbe qualquer reordenação:

Primeiro, se o «*ritual essencial da Igreja foi utilizado*»,

Segundo, se o consagrante teve a «*intenção de fazer o que faz a Igreja*», e claro, acrescentamos,

Terceiro, evidentemente, a partir do momento em que o consagrante é, ele próprio, um verdadeiro bispo católico que recebeu a consagração episcopal católica sacramentalmente válida.

> *« Sim, negligenciando a questão do batismo e da confirmação, se aplicarmos essas definições gerais ao sacramento da ordem, chegamos aos seguintes resultados: a ordenação conferida a um sujeito de outra forma idôneo por um bispo, mesmo herético, mesmo cismático, e ainda mais por um bispo que seria apenas indigno, confere a esse sujeito todos os poderes de sua ordem, desde que seja respeitado por esse bispo o ritual essencial da Igreja e que esse bispo tenha, por outro lado, a intenção de fazer o que a Igreja faz. É em virtude dessa doutrina, que nos parece ser, se não de fé definida, ao menos teologicamente certa, que a Igreja Romana reconhece sem ambiguidade a validade das ordenações das diversas Igrejas Orientais. Que se um sujeito ordenado diácono, sacerdote, bispo em uma dessas Igrejas retorna à unidade católica, ele não tem, para exercer validamente seu ministério, que se submeter a uma nova ordenação. Se a Igreja Romana não acreditou poder reconhecer da mesma maneira a validade das ordenações anglicanas, é pela falta de ter constatado nos primeiros fundadores da "Igreja estabelecida", que foram a fonte direta de todo o episcopado e de todo o sacerdócio anglicano, essa "intenção de fazer o*

> *que a Igreja faz", declarada absolutamente indispensável pelo Concílio de Trento. Cf. o artigo ORDENAÇÕES ANGLICANAS.*

Assim ***a doutrina católica, tal como se formula desde o Concílio de Trento, proíbe absolutamente toda reordenação.*** *O Concílio, aliás, não fez senão canonizar uma doutrina corrente das teologias da época clássica »* DTC, volume 13, coluna 2385

A teologia católica faz, portanto, recair toda a questão da licitude das reordenações, seja sobre o valor do ritual utilizado, seja sobre a intenção do consagrante de fazer o que faz a Igreja, seja sobre a própria validade do consagrante.

Em nenhum momento é considerado proceder a uma reordenação porque o sujeito, o suposto sacerdote conciliar, **invocaria um "motivo psicológico", seja em sua consciência, seja entre os fiéis.**

Um "**motivo psicológico**" significaria que a opinião subjetiva que o requerente teria sobre a validade de seu Sacerdócio autorizaria uma reiteração do sacramento, mesmo que ele tivesse recebido o sacramento em um ritual considerado válido, e que o consagrante fosse validamente bispo, e que sua intenção de fazer o que a Igreja faz tivesse sido constatada. Em tal caso, o motivo psicológico levaria a um sacrilégio.

A consciência psicológica do interessado, assim como a dos fiéis, não intervém de forma ALGUMA sobre a REALIDADE DO FATO de que o caráter sacerdotal ONTOLÓGICO terá ou não sido transmitido.

Aceitar uma concepção tão aberrante em relação aos fundamentos das concepções católicas e às normas da teologia moral sacramental católica denota a marca de uma formação idealista anti-tomista e anti-católica.

Antes do Concílio de Trento e em São Tomás de Aquino, não se trata de modo algum de reordenar por supostos "motivos psicológicos".

E nos debates anteriores ao Concílio de Trento, não se tratava de modo algum de autorizar uma reiteração do sacramento se a ordenação tivesse sido regularmente conferida:

> "*No entanto, é preciso se guardar bem de fazer maior do que a razão o hiato entre essas duas doutrinas. Aqueles mesmos que eram favoráveis à prática e à doutrina das reordenações não pretendiam dizer que a ordenação regularmente conferida pudesse ser reiterada;*" DTC, volume 13, coluna 2385

E São Tomás de Aquino rejeita as reordenações para os hereges que retornam à Igreja, **se estes já receberam o caráter do Sacerdócio**:

> "*Quando, por volta de 1245, o jovem Tomás de Aquino chega como estudante a Paris, a doutrina que sustenta a validade, positis ponendis, dos sacramentos, e em particular da ordem, conferidos Col. 2430*
>
> *pelos hereges, a doutrina que afasta, portanto, as reordenações, essa doutrina parece ter se tornado a doutrina comum tanto entre os canonistas quanto entre os teólogos. No dia em que ele terá, como bacharel, de explicar as Sentenças, Tomás de Aquino, em 1251, não terá dificuldade em tomar partido onde Pedro Lombardo permaneceu hesitante. Veja sua explicação In IVum dist. XXV, reproduzida no Suplemento da Suma q. xxxviii, a. Tomás de Aquino aí classifica as diversas opiniões do Mestre em uma ordem própria e declara que a 3ª opinião (segundo sua computação), aquela que reconhece a validade das ordens conferidas pelos hereges, é a opinião verdadeira. Veja o que ele diz Sum. theol., IIIa, q. lxxxii, a. 7 e 8, sobre a consagração válida, na santa missa celebrada pelos hereges e pelos próprios degradados. A afirmação da doutrina do caráter leva o Doutor Angélico a ser muito firme sobre este último ponto (a questão dos eclesiásticos degradados) onde, dissemos, alguns contemporâneos ainda hesitavam.*" DTC, volume 13, coluna 2429 - 2430

A questão da reordenação gira bem em torno **da doutrina do caráter sacerdotal ONTOLÓGICO e OBJETIVO afirmado pelo Concílio de Trento, e não de uma opinião subjetiva** (escrúpulos do interessado ou dos fiéis), o que o Padre Schmidberger designa como um "motivo psicológico" pretendendo **justificar dessa maneira absolutamente inaceitável e intolerável** a prática das reordenações dos supostos "sacerdotes" conciliares praticadas por Mons. Lefebvre e seus sucessores.

A PRAXIS DAS REORDENAÇÕES PELA FSSPX RECONHECE, PORTANTO, A AUSÊNCIA DO CARÁTER DA ORDEM EM ALGUNS SUPOSTOS "SACERDOTES" CONCILIARES

Vimos que essa ausência pode ter três causas possíveis:

- O ritual utilizado; trata-se do *Pontificalis Romani* (1968)
- A intenção do consagrante de fazer o que a Igreja faz
- A validade do consagrante

A FSSPX reconhece, portanto, que pelo menos um desses três elementos é OBJETIVAMENTE defeituoso ou ausente.

A FSSPX, portanto, questiona:

1. A validade do novo ritual de consagração sacerdotal promulgado em 1968
2. Ou a aplicação desse rito pelo consagrante
3. Ou a validade da consagração do suposto "bispo" conciliar que procedeu à ordenação. Neste último caso, a FSSPX questiona, portanto:

    a) A validade do novo rito de consagração episcopal promulgado em 1968
    b) A aplicação deste rito pelo consagrante
    c) A validade do consagrante (o que nos leva aos dois pontos a) e b) anteriores)

AVRILLÉ RECONHECE UMA SITUAÇÃO INEXTRICÁVEL DE DÚVIDA OBJETIVA GENERALIZADA SOBRE AS CONSAGRAÇÕES EPISCOPAIS DESDE 1969

Sobre o ponto 2. ou 3.b, o Padre Pierre-Marie de Avrillé já afirmou que é "muito possível que em certos casos particulares" a cerimônia seja sacramentalmente inválida:

> "*se o novo rito 'em si' é válido, é muito possível que em certos casos particulares, devido a más traduções, ou a uma adaptação do rito que se afastaria grandemente do original, ou ainda a um defeito de intenção do celebrante, tenhamos em tal ou qual caso uma cerimônia inválida*"[2] *Sel de la terre, n°54, novembro de 2005, p119*

No mesmo artigo, o Padre Pierre-Marie de Avrillé afirma, citando Mons. Lefebvre, que:

> "*pode-se ter sérias razões de duvidar da validade de certas consagrações episcopais*".

Observemos, no entanto, que falamos apenas da validade do novo rito, tal como foi publicado pelo Vaticano.

Não falamos da legitimidade dessa reforma (seria bom suprimir o rito romano para substituí-lo por um rito oriental?), nem da validade das diferentes traduções e adaptações do rito oficial nos vários

casos particulares: devido ao transtorno generalizado, tanto no nível litúrgico quanto dogmático, pode-se ter sérias razões de duvidar da validade de certas consagrações episcopais.

Por ocasião da sagração episcopal de Mons. Daneels, bispo auxiliar de Bruxelas, Mons. Lefebvre dizia:

> *Foram publicados pequenos livretos por ocasião dessa sagração. Para as orações públicas, eis o que era dito, e que era repetido pela multidão: "Sê apóstolo como Pedro e Paulo, sê apóstolo como o padroeiro desta paróquia, sê apóstolo como Gandhi, sê apóstolo como Lutero, sê apóstolo como Luther King, sê apóstolo como Helder Camara, sê apóstolo como Romero..."*

Apóstolo como Lutero, mas que intenção têm os bispos ao consagrar esse bispo, Mons. Daneels?[3]

> *É assustador... Será que esse bispo é realmente consagrado? Podemos duvidar disso. Se essa é a intenção dos consagradores, é inimaginável! A situação é ainda mais grave do que se pensa*[4]*. Sel de la terre,* n°54, novembro de 2005, p. 105

---

[2] http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/04-rite_de_paul_6-invalidite_du_rite_episcopal/2005-11-pere_pierre-marie-article_du_sel_n_54-defense_du_rite/Pere_Pierre_Marie_Sel_de_la_terre_N54_Defense_validite.pdf

[3] Mons. LEFEBVRE, conferência em Nantes, 5 de fevereiro de 1983.

[4] Mons. LEFEBVRE, conferência em Ecône, 28 de outubro de 1988.

O PADRE PIERRE-MARIE DE KERGORLAY RECONHECE QUE SERIA NECESSÁRIO "EXAMINAR CADA CASO". E ELE RECONHECE QUE A COISA É QUASE IMPOSSÍVEL

> "***Seria necessário examinar cada caso***. *Diante da dificuldade da coisa, o uso parece prevalecer entre os tradicionalistas de reordenar sob condição os padres oriundos da Igreja conciliar que retornam à Tradição.*" *Sel de la terre,* n°54, novembro de 2005, p. 105

Isso significa que a incerteza, a dúvida OBJETIVA sobre o ponto 3b é tal que é necessário proceder a uma reordenação sistemática ***sub conditione*** dos supostos "*padres*" conciliares que se juntam à Tradição Católica.

Isso significa, logicamente, **que a dúvida OBJETIVA sobre a validade da posse do caráter da Ordem pelo suposto "*clero*" conciliar seria geral e praticamente não poderia mais ser levantada.** E que a única saída é a reordenação sob condição.

O PADRE PORTAIL TAMBÉM RECOMENDA O TUTIORISMO E A REORDENAÇÃO SUB CONDITIONE DEVIDO À AUSÊNCIA DE PODERES SACRAMENTAIS NA IGREJA CONCILIAR

O Padre Portail lembra no Chardonnet n°224[5], boletim da igreja de Saint Nicolas du Chardonnet, o questionamento feito por Mons. Lefebvre sobre as ordenações realizadas no seio da Igreja conciliar. ***O prelado qualificava, de fato, os supostos "padres" conciliares como "padres bastardos":***

> *Em resumo, este rito de Paulo VI é deficiente, imperfeito, fraco em si mesmo. Garante suficientemente a intenção dos bispos consagradores? De fato, a intenção está ligada ao rito usado, de acordo com São Tomás de Aquino.*
>
> *Além disso, traduzido para a língua vernácula, mantém suficientemente a precisão sacramental do latim?*
>
> *Essas razões levam Monsenhor Lefebvre a dizer que "os sacramentos são sacramentos bastardos - não sabemos mais se são sacramentos que concedem a graça ou que não concedem a graça... **Os padres que saem dos seminários são padres bastardos**"[6]. Padre Portail, Le Chardonnet, n°224, janeiro de 2007*

Diante dessa situação inextricável de dúvida OBJETIVA generalizada, o Padre Portail lembra a doutrina da Igreja, que é a do tutiorismo, da reordenação sistemática *sub conditione*:

> "*Diante dessa situação que mergulha na perplexidade, as regras sacramentais são explícitas: não deixar nada ao acaso.* ***Deve-se ser tutiorista: uma dúvida, uma simples probabilidade de invalidez e é necessário readministrar o sacramento, qualquer que seja.*** *Isso pode explicar as reordenações feitas aqui e ali na Tradição e que os sedevacantistas denunciam. Não se trata de uma recusa de princípio da validade dos sacramentos da Igreja conciliar, mas de uma atitude prudencial, semelhante, por exemplo, àquela que se pode ter para os batismos sob condição dos protestantes convertidos ao catolicismo.*" Padre Portail, Le Chardonnet, n°224, janeiro de 2007

O Padre Portail reconhece a ausência do caráter da Ordem em parte da Igreja Conciliar:

"***Portanto, deve-se temer que alguns padres e bispos da Igreja Católica oficial não possuam os poderes sacramentais correspondentes à sua identidade.***

> *É também muito provável que, quando prelados conciliares verdadeiramente ordenados usam o rito tradicional para ordenar os que se juntam a eles, mantenham a intenção que geralmente lhes é transmitida pelo uso dos sacramentos conciliares. O que levou alguns jovens padres da Fraternidade São Pedro, ordenados em 29 de junho de 1993 por Dom Decourtray, arcebispo de Lyon, a dizerem: "Vocês [de São Pio X] têm mais certeza de sua ordenação do que nós!*" Padre Portail, Le Chardonnet, n°224, janeiro de 2007

O que significa, aliás, para o Padre Portail, uma "Igreja Católica oficial" cuja parte do suposto clero não possui os poderes sacramentais?

A teologia fantasiosa do Padre Schmidberger é, portanto, desaprovada por seus confrades, e seu suposto conceito de "motivo psicológico" aparece pelo que é: uma enorme farsa imposta com autoridade usurpada e destinada a enganar seus colegas assustados.

O dominicano Padre-Marie e o padre parisiense da FSSPX, o Padre Portail, de fato, invocam a ausência do caráter da Ordem dentro da Igreja Conciliar em alguns "casos" indetermináveis, e, devido a essa situação inextricável, justificam as reordenações *sub conditione*.

Não se trata de um suposto « *motivo psicológico* », mas da ausência dos poderes sacramentais.

O Padre Schmidberger faria parte desses teólogos de opereta denunciados pelo Padre Celier em seu catálogo France-Livre?

---

[5] http://www.laportelatine.org/district/prieure/stnicol/chardo224.pdf

[6] Mons. Lefebvre, Sermão de Lille, 29 de agosto de 1976.

UM PADRE SCHMIDBERGER IDEALISTA E KANTIANO ANTICATÓLICO, QUE DESDENHA DA TEOLOGIA CATÓLICA E DA VERDADE

Esse comportamento do Padre Schmidberger em relação a seus confrades revela que, para ele, a verdade não importa.

Ela não existiria de modo algum por si mesma, mas apenas na medida e na forma em que seria percebida...

A verdade não seria uma, a de uma realidade objetiva, que se trata de descobrir e ensinar.

Esse Padre É UM ANTI-TOMISTA. Bem ao contrário, ele trai por seu comportamento um espírito profundamente kantiano e idealista.

Ele é moldado pelo idealismo alemão hegeliano e kantiano, do qual se sabe quão anticatólica é essa filosofia.

Trata-se de fato de sua formação inicial, anterior à sua entrada na FSSPX.

Recordemos a esse respeito a informação dada pela CSI-Diffusion em 21 de outubro de 2006:

> *« O Padre **Schmidberger** é um discípulo de **Reinhard Lauth**, que ensinou a filosofia de **Fichte** (protestante) na universidade de Munique. O seminarista **Schmidberger** zombava do professor de filosofia de Écône, devido ao seu desconhecimento de Kant. **Dom Lefebvre** então dispensou o seminarista **Schmidberger** das aulas de filosofia em Écône, para que ele estudasse francês. O Padre **Schmidberger** havia recebido uma formação em matemática antes de entrar no seminário. **Lauth** era uma das raras pessoas a se deslocar*

> *frequentemente para o outro lado da cortina de ferro, e suas aulas circulavam lá.*
>
> ***Schmidberger** escreveu na revista de **Lauth**: « Einsicht » por volta de 1973. Naquela época, esta revista denunciava a invalidade da nova missa e do pontifical de Paulo VI. Em 2001, o Padre **Schmidberger** proferiu duas conferências, uma na Suíça e outra nos EUA (Winona), onde pediu ao seu público para se preparar para o ralliement à Roma conciliar. » **CSI-Diffusion** –* 21 de outubro de 2006

Vemos que, assim como na Suíça e nos Estados Unidos em 2001, o Padre Schmidberger reiterou, por seu discurso constante de 9 horas, nos dias 6, 7 e 8 de março, seu leitmotiv da preparação para o *ralliement* da FSSPX « ***aos anticristos que estão em Roma*** », fórmula de Dom Lefebvre.

Trata-se decididamente de uma obsessão deste clérigo.

O que ele faz na FSSPX? Está ele em seu lugar?

Por que ele não se junta imediatamente à Igreja conciliar?

Por que ele não é finalmente expulso da FSSPX?

Uma vez que, segundo o Superior do Distrito da Alemanha da FSSPX, a validade de uma ordenação depende da opinião que o interessado tem sobre isso, então **o Padre Schmidberger considera que a questão do caráter da Ordem é subjetiva.**

É um lobo anti-tomista e até anti-católico, disfarçado de pastor.

Ele professa sobre a questão do sacramento da ordem uma opinião nova ultra-modernista **que apenas os progressistas mais descontrolados dentro do suposto « *clero* » conciliar poderiam talvez sustentar.**

O Padre Lécuyer, de fato, apesar de ser inimigo de Dom Lefebvre e autor herético de uma falsa teologia uncionista do Sacerdócio, publicou um livro no final de sua vida **para defender o aspecto ontológico do caráter sacerdotal.** Este livro *« O sacramento da ordenação »* está disponível no site de Rore Sanctifica: http://www.rore-sanctifica.org/biblio-num-11.html.

ATÉ QUANDO A PERPETUAÇÃO DO GOLPE DE ESTADO DO PADRE SCHMIDBERGER À FRENTE DO DISTRITO DA ALEMANHA VAI DURAR?

Como é que um padre *infiltrado*, moldado pelo idealismo alemão hegeliano e kantiano, como o Padre Schmidberger, que despreza tanto a teologia sacramental, ainda possa ser Superior do Distrito da Alemanha da FSSPX, contrariando as decisões formais do Capítulo geral da FSSPX que em julho de 2006 o rebaixou à condição de simples prior de Stuttgart?

Sua autoridade usurpada atualmente sobre o Distrito da Alemanha, de onde ele aterroriza e persegue seus irmãos sacerdotes que lhe resistem, contraria formalmente a decisão do Capítulo geral, instância suprema e solene da FSSPX. **Ele é, portanto, um Superior de Distrito ilegítimo e até ilegal. Sua posição como Superior na Alemanha resulta, portanto, de um golpe de Estado permanente. E isso a partir de quais meios de pressão de seus amigos da rede alemã?**

Com um comportamento e desprezo tão grandes pela teologia católica e pela verdade, como é que o Padre Schmidberger ainda pode pertencer à FSSPX?

Continuemos o bom combate.

Padre Michel Marchiset

DICIONÁRIO DE TEOLOGIA CATÓLICA (DTC) – ARTIGO ‘REORDENAÇÕES’

DTC, tomo 13,

Col. 2385

REORDENAÇÕES. - O concílio de Trento definiu, sess. vii, can. 9, que « o batismo, a confirmação e a ordem imprimem na alma de quem os recebe um caráter, ou seja, um sinal espiritual indelével, e que, desde então, esses sacramentos não podem ter reiteração ». Denzinger-Bannwart, n. 852. Ao falar de uma forma mais específica da ordem, ele define que « este sacramento imprime um caráter e que, desde então, aquele que foi sacerdote não pode voltar a ser leigo ». Sess. xxiii, can. 4, Denzinger-Bannwart, n. 961. Além disso, ele ensina ainda, na sess. vii, que a validade de um sacramento não depende nem da dignidade interior do ministro (não importa se ele está ou não em estado de graça), nem mesmo da retidão de sua fé, can. 12. Desde que um ministro investido dos poderes necessários tenha realizado os atos essenciais do sacramento com uma intenção (pelo menos geral e implícita) de fazer o que a Igreja faz, can. 11, o sacramento é validamente conferido e produz todos os seus efeitos, na medida, claro, em que as disposições do sujeito que o recebe não o impeçam. Denz.-13annw., n. 854, 855.

Se, desconsiderando a questão do batismo e da confirmação, aplicamos essas definições gerais ao sacramento da ordem, chegamos aos seguintes resultados: a ordenação conferida a um sujeito, de resto idôneo, por um bispo mesmo herético, mesmo cismático, com muito mais razão por um bispo que fosse apenas indigno, confere a esse sujeito todos os poderes de sua ordem, desde que o ritual essencial da Igreja seja respeitado por esse bispo e que ele tenha, por sua vez, a intenção de fazer o que a Igreja faz. É em virtude dessa doutrina, que nos parece ser, se não uma fé definida, ao menos teologicamente certa, que a Igreja romana reconhece sem ambages a validade das ordenações das diversas Igrejas orientais. Se um sujeito ordenado diácono, padre ou bispo em uma dessas Igrejas retorna à unidade católica, ele não precisa, para exercer validamente seu ministério, submeter-se a uma nova ordenação.

Se a Igreja romana não acreditou poder reconhecer da mesma maneira a validade das ordenações anglicanas, é porque não constatou nos primeiros fundadores da "Igreja estabelecida", que foram a fonte direta de todo o episcopado e de todo o sacerdócio anglicano, essa "intenção de fazer o que faz a Igreja", declarada absolutamente indispensável pelo concílio de Trento. Cf. o art. ORDENAÇÕES ANGLICANAS.

Assim, a doutrina católica, tal como se formula desde o concílio de Trento, proíbe absolutamente toda reordenação. O concílio, aliás, não fez mais do que canonizar uma doutrina corrente das teologias da época clássica. Mas é forçoso reconhecer que essa doutrina nem sempre teve um caráter tão firme. Não apenas a história eclesiástica sinaliza casos bastante numerosos onde foram praticadas reiterações da ordem que não hesitaríamos em considerar hoje como reordenações no sentido mais estrito da palavra; ela mostra também que, ao menos em certa época, teorias foram elaboradas para defender a fundamentação de práticas que consideraríamos hoje como abusivas. Em certo momento, duas teorias estiveram em nítido conflito; é uma delas que triunfou com os grandes escolásticos e o concílio de Trento; mas a outra havia sido imaginada e sustentada por canonistas e teólogos que não eram os primeiros que apareciam.

No entanto, é preciso ter cuidado para não exagerar o hiato entre essas duas doutrinas. Aqueles que eram favoráveis à prática e à doutrina das reordenações não entendiam que a ordenação regularmente conferida pudesse ser reiterada; em outras palavras, eles não negariam a doutrina do caráter sacramental, que, em suas especificações, é de data posterior. O que eles divergiam de nós era a explicação das palavras: « regularmente conferida ». O que afirmavam era que, para conferir validamente a ordenação, um conjunto de condições era exigido no ministro, que se resumiam, em última análise, à pertença à Igreja. Essas condições não sendo atendidas, mesmo que os rituais exteriores da ordenação tivessem sido rigorosamente observados, o sacramento era nulo; aquele que o havia recebido permanecia, na realidade, um leigo; se a Igreja quisesse posteriormente utilizá-lo como clérigo, ela deveria submetê-lo a uma ordenação que deveria ser bem guardada de ser chamada de reordenação. Assim, agia antigamente Santo Cipriano na questão do batismo dos dissidentes; ele se defendia energeticamente de rebatizar os hereges, administrando-lhes pela primeira e última vez o único batismo, uma vez que a cerimônia à qual haviam sido submetidos, durante sua iniciação em uma seita dissidente, não passava de uma paródia sem eficácia.

A história da prática e da doutrina das reordenações toca, como se vê, vários pontos essenciais da dogmática dos sacramentos: condições de validade, disposições do ministro, disposições do sujeito. Ela foi elaborada com uma extraordinária maestria por L. Saltet, *Les réordinations. Étude sur le sacrement de l'ordre*, Paris, 1907, ao qual teremos frequentemente a oportunidade de nos referir, embora às vezes nos afastemos dele.

1 - As reordenações na antiga Igreja (até o século VI). II. Prática das reordenações na Alta Idade Média (do século VII ao IX) (col. 2399). III. Prática e doutrina das reordenações no início da Idade Escolástica (do século XI ao XIII) (col. 2411).

Col. 2395

do termo. É possível precisar qual foi a atitude deles em relação às ordenações dos membros da Igreja do Estado calcedonense, dos melquitas, e, inversamente, a atitude da Igreja imperial em relação aos seus clérigos.

Sem dúvida, houve entre os «monofisitas» entusiastas sem formação teológica que não hesitavam em considerar nulas as ordenações dos melquitas e a reiteração das mesmas quando surgia a oportunidade. Mas Severo de Antioquia († 538), o grande teólogo do partido, opôs-se claramente à

reordenação dos calcedonenses que passavam ao monofisismo. Veja duas cartas de Severo em E.-W. Brooks, *The 6th book of selected letters of the h. Severus*, trad., p. 179 sq., 295 sq. Severo critica com muita precisão a teoria de Cipriano e o censura por não fazer as distinções necessárias entre as diferentes categorias de dissidentes.

Frente a esse sentido teológico de Severo, é doloroso constatar que os calcedonenses muitas vezes raciocinavam sobre os casos particulares sem precisão e sem princípios. Sabe-se como a vigilância de Justiniano, que havia internado nas proximidades de Constantinopla os bispos monofisitas para acabar com o cisma, foi enganada pela astúcia deles e pela conivência da imperatriz Teodora; como, em particular, Jacó Baradai conseguiu subtamente reconstituir o episcopado monofisita na Síria e no Egito. Sob o sucessor de Justiniano, Justin II (565-578), uma vigorosa campanha foi empreendida pelas autoridades civis e religiosas para lidar com essa nova Igreja jacobita. Sobre essa campanha veja os relatos do monofisita João da Ásia, em J.-M. Schoenfelder, *Die Kirchengeschichte des Johannes von Ephesus*, Munique, 1862. O patriarca ortodoxo de Constantinopla, João o Escolástico (565-577), se mostrou particularmente ardente; para desqualificar os jacobitas, ele impunha a reordenação aos clérigos, aos padres, até mesmo aos bispos ordenados por prelados monofisitas. Assim, Paulo de Afrodisias, levado a Constantinopla, foi devidamente chamado à atenção, devolvido à sua cidade episcopal, onde foi solene e formalmente deposto, e depois reordenado por um bispo católico, apesar de todas as suas protestações. Cf. V. Grumel, *Les regestes du patriarcat de Constantinople*, vol. 1, fasc. 1, n. 258; comparar, n. 256 e 257. Empreendimentos análogos fracassaram e o imperador proibiu a formulação de tais exigências. O patriarca teve que recuar; limitou-se a exigir uma imposição das mãos puramente cerimonial, essa yeLpoffesia, da qual falava o Pseudo-.Justin e que parece ser pressuposta pelo cânon 8 de Nicéia. Ele não conseguiu generalizar completamente essa prática.

Como se vê, há, na teoria e na prática de Constantinopla, que cada vez mais dá o tom à Igreja do Oriente, extraordinárias hesitações, que parecem ter se prolongado mais do que o razoável. Na falta de uma teologia séria dos sacramentos, a Igreja fica à mercê de improvisações e soluções particulares.

4 - Abandono pelas Igrejas gregas das reordenações. - O momento, contudo, estava se aproximando em que se chegaria, se não a uma teologia bem definida, pelo menos a uma prática uniforme.

No início do século VII, o padre Timóteo, que ocupa em Constantinopla uma posição oficial — ele é skeuophylax — escreve um *De receptione hæreticorum*, que fornece um catálogo bastante completo das diversas seitas hereges ou simplesmente dissidentes. P. G., t. Lxxxvi a col. 11 sq. Ele classifica os dissidentes em três categorias: aqueles que, para retornar à Igreja, necessitam do batismo; aqueles que não são rebaptizados, mas que recebem apenas a unção com o santo crisma; e, finalmente, aqueles que não são nem batizados nem confirmados e aos quais se pede apenas uma abjuração. É, em suma, a mesma

Col. 2396

classificação que a proposta dois séculos antes a Martyrius de Antioquia. Mas é muito notável que, enquanto o patriarca do século V se apressava em acrescentar que as pessoas que eram

reconfirmadas deveriam, se fossem clérigos na dissidência, ser tratadas na *Catholica* como leigos e, portanto, ser reordenadas, Timóteo, no século VII, não faz absolutamente nenhuma menção a essa exigência para os clérigos. Essa omissão não pode ser considerada um efeito do acaso.

Temos total certeza disso quando vemos o texto da consulta a Martyrius se tornar o cânon 95 do concílio Quini-Sexto, mas com a diferença - e é uma diferença enorme - de que a observação relativa ao tratamento dos clérigos provenientes dessas heresias que chamamos menores é pura e simplesmente suprimida. Leia o texto em Beveridge, op. cit., t. 1, p. 270; cf. P. G., t. cxxxvii, col. 840. Se quisermos nos remeter às explicações dadas no artigo Quini-Sexto, acima, col. 1593, sobre o esforço de codificação do direito oriental que representa esse concílio, ficaremos ainda mais impressionados com a importância dessa omissão. Após hesitar por muito tempo e interpretar de maneira contraditória as decisões disciplinares de Nicéia, a Igreja grega rejeitava, sem alarde, talvez, mas de maneira muito determinada, a prática das reordenações e a doutrina que essa prática supunha. Esse abandono, é necessário acrescentar imediatamente, não deveria estar sem retorno.

4° A formação da teologia ocidental. — No Ocidente, foi mais cedo que se constituiu uma doutrina formalmente hostil às reordenações.

Sabe-se que o cisma donatista nasceu, ou pelo menos tomou consistência, a partir de uma teoria sobre os sacramentos intimamente relacionada à de Santo Cipriano. Para se separar de Cecílio, o bispo legítimo de Cartago, o partido de Majorino (que se tornará o partido de Donato) alegou que Cecílio havia sido consagrado por um bispo “traditor”. O crime supostamente cometido por Félix de Aptunga o fez perder *ipso facto* seus poderes de bispo e, em particular, seu poder de ordenação; assim, Félix não poderia ter transmitido nada a Cecílio. É em torno desse fato, a ordenação de Cecílio por um suposto traditor, e da doutrina que servia para interpretá-lo, que durante todo um século as discussões se prolongariam na África. Veja o art. Donatismo, t. iv, col. 1701 sq.

Os católicos africanos, um tanto hipnotizados, é preciso dizer, pela memória de Santo Cipriano, levaram algum tempo para formar uma posição sobre a questão do direito: um bispo que é publicamente pecador perde, por essa razão, seus poderes sacramentais? A discussão girou especialmente em torno da questão de fato: Félix de Aptunga realmente foi um traditor? Um espírito tão resoluto quanto Optato de Milevo ainda hesita sobre algumas aplicações da questão de princípio. Se ele é muito firme ao declarar que os sacramentos conferidos por dissidentes, simplesmente *cismáticos*, têm o mesmo valor que aqueles que são conferidos na *Catholica*: *Pares credimus et uno sigillo signati sumus, nec aliter baptizati quam vos nec aliter ordinati quam vos*. l. III, c. ix, ed. Ziwsa, p. 94, ele insiste tanto na necessidade, por parte do ministro dos sacramentos, de uma fé correta, que parece rejeitar o valor dos ritos conferidos pelos hereges. L. V, c. iv, todo ele.

Esta hesitação em tirar da doutrina sacramental todas as suas consequências não é, aliás, absolutamente especial à Igreja da África. No dia seguinte às apostasias que se seguiram ao concílio de Rimini, os ortodoxos intransigentes declararam que os bispos infiéis eram indignos de exercer sua função, e que deviam ser reduzidos à comunhão leiga. Os mais exaltados entre eles afirmam mesmo que os prevaricadores perderam seus poderes sacerdotais; que os batismos e as ordenações conferidos por eles são inválidos. Certamente houve batismos renovados, mas não se

pode dizer se o mesmo ocorreu com as ordenações. O cisma luciferiano não é outra coisa senão o grupo desses exaltados. Veja o art. Lucifer de Cagliari, t. ix, col. 1032. Uma declaração muito explícita do papa Libério pôs fim às tentativas de renovar o batismo nos neófitos batizados pelos bispos prevaricadores. Veja seu artigo, t. ix, col. 636; cf. Denz.-Bannw., n. 88. A Santa Sé mantinha assim a prática que já estava tentando impor no século III. Mas vê-se que, mesmo no Ocidente, mesmo após o concílio de Arles, permaneciam hesitações.

Elas serão superadas pela intervenção de santo Agostinho. Para a totalidade de sua argumentação, veja o art. Agostinho (santo), t. i, col. 2417. Sabe-se que é principalmente em torno do problema da renovação do batismo que Agostinho concentrou o esforço da discussão. Mas a consideração dos sacramentos em geral e do sacramento da ordem em particular não lhe é estranha. Um trecho do *Contra epistolam Parmeniani*, I. II, c. xiii, 28, P. L., t. xliii, col. 70, é muito claro no que diz respeito à inamissibilidade dos poderes de ordem. Os donatistas, ao reconhecer que o ministro sagrado que deixa a Igreja "não perde seu batismo", declaravam que ele perdia o direito de dar esse sacramento: *Baptismum non amittit qui recedit ab Ecclesia, sed jus dandi amittit*. "Não, retruca Agostinho. Não se vê nenhuma razão pela qual aquele que não pode perder o batismo poderia perder o direito de o dar: *utrumque enim sacramentum est*". *Utrumque*, entendemos, tanto o batismo quanto a ordenação, que confere o direito de o conferir. (Não nos esqueçamos de que Agostinho, a despeito de seus sentimentos sobre a validade do batismo administrado por um leigo, raciocina segundo a opinião corrente que reconhece como válido apenas o batismo conferido por um ministro sagrado). "Um e outro, continua ele, é dado ao homem por uma certa consagração, o primeiro quando é batizado, o segundo quando é ordenado, e, portanto, na Igreja católica, não é permitido repetir nem um nem outro. De fato, vemos algumas vezes a Igreja, para o bem da paz, receber clérigos cismáticos que retornam à unidade e admiti-los sem qualquer nova ordenação para exercer o ofício que tinham no cisma: *sicut baptismus in eis, ita ordinatio mansit integra*. E quando a Igreja não julga conveniente agir assim em relação a clérigos que se convertem, *non eis ipsa ordinationis sacramenta detrahuntur sed manent super eos*: Assim não se lhes impõem as mãos, *ne non homini sed ipsi sacramento fiat injuria*".

Não se poderia ser mais claro, ao menos quando se trata das ordenações recebidas no cisma. Pode-se apenas lamentar que o que é dito sobre os cismáticos não seja estendido, *positis ponendis* , aos hereges. Também é necessário lamentar - pois as controvérsias posteriores sobre o pensamento de Agostinho teriam sido tornadas impossíveis por isso - que o bispo de Hipona não tenha pensado em mencionar expressamente as outras prerrogativas do poder de ordem, a de sacrificar e, quando se trata dos bispos, a de ordenar. Desde o dia em que a doutrina que reconhece a validade do batismo administrado por um leigo se generalizar, os defensores da amissibilidade do poder de ordem poderão tornar o texto de Agostinho a seu favor em sua problemática teoria. Agostinho, poderão dizer, não reconhece explicitamente naquele que deixa a Igreja, senão a permanência do poder de batizar, *jus baptizandi*. Seu silêncio sobre os outros poderes (de sacrificar, de ordenar) não é significativo? E essa forma de raciocinar, veremos, não permaneceu restrita ao domínio da teoria.

Col. 2398

5º A atitude da cúria romana. – A hesitação dos teólogos e dos canonistas posteriores em tomar as palavras de Agostinho em toda a sua amplitude se explica ainda melhor pelo fato de que textos

emanados da cúria romana, separados de seu contexto, eram bem aptos a descreditar as ordenações dos dissidentes. Esses textos são discutidos com muito detalhe por L. Saltet, op. cit., p. 68 sq.

O papa Inocêncio I (402-417) foi levado a se ocupar em várias ocasiões de ordenações feitas por hereges e também de reordenações praticadas por bispos católicos sobre clérigos ordenados por hereges. Veja Jaffé, *Regesta poncif. rom*., n. 299, P. L., t. xx, col. 519; n. 303, ibid., col. 526-537, esta última carta é especialmente importante; seria necessário discutir seu conteúdo ponto por ponto. Tudo considerado, ela não resolve o ponto essencial da necessidade de uma reordenação para os clérigos ordenados por um herege (neste caso, Bonoso, veja seu art., t. II, col. 1027), assim como não ensina a il legitimacy de tal prática. Mas as expressões muito enérgicas que ela contém sobre a impossibilidade de um prelato herege dar o que não possui causaram grande impressão nos canonistas posteriores. Inocêncio adota de maneira explícita o axioma formulado por certos bispos que haviam praticado reordenações: *Is qui honorem amisit, honorem dare non potest*, eis para o prelato consagrador e aqui para o ordenando: *Nihil accepit quia nihil in dante erat quod ille posset accipere*. Loc. cit., col. 530 C, e ainda: *qui nihil a Bonoso acceperunt rei sunt usurpatæ dignitatis... atque id se putaverunt esse quod eis nulla fuerat regulari ratione concessum*. Col. 535 A. Mesmas ideias e mesmas expressões na carta Jaffé, n. 310, ibid., col. 550. Essas “decretais” de Inocêncio foram transmitidas aos homens da Alta Idade Média pelas coleções canônicas, *Dionysiana* e Hispana.

Ao lado dessas expressões de Inocêncio I tão duras para as ordenações recebidas na heresia, também se podem citar fórmulas oratórias do papa santo Leão I (440-461), que descrevem em sua carta, Jaffé, n. 532, P. L., t. liv, col. 1131, os distúrbios causados na Alexandria pela intrusão de Timóteo Eluro: essa intrusão, diz o papa, leva à cidade a cessação de todo sacramento válido: *intercepta est sacrificii oblatio, defecit chrismalis sanctificatio et parricidalibus manibus impiorum omnia se subtraxere mysteria*. Retórica que não deve ser tomada ao pé da letra!

Em outras circunstâncias – trata-se do cisma acaciano no final do mesmo século V – o papa Anastácio II (496-498) reconhece a validade dos batismos e das ordenações conferidas por Acácio, apoiando-se nos princípios teológicos que Agostinho havia destacado. Cf. Jaffé, n. 744. Mas essa política conciliatória de Anastácio foi mal vista no entorno pontifício; o *Liber pontificalis*, em sua nota sobre esse papa, vê na morte prematura de Anastácio um castigo divino. Cf. ed. Duchesne, t. i, p. 258. Vários escritores da Idade Média se deixarão influenciar por essa apreciação.

Sob o papa Pelágio I (556-561), para protestar contra a condenação de Roma dos Três Capítulos, os metropolitanos de Milão e de Aquileia entram em cisma. Macedônio de Aquileia, vindo a falecer, seu sucessor Paulino se faz consagrar por Vitalis, o arcebispo cismático de Milão. Pelágio I protesta vigorosamente: *Non est consecratus sed exsecratus,* escreve ele, *is qui cum in universali consecrari detrectet Ecclesia, consecratus dici vel esse nulla poterit ratione*. Jaffé, n. 983. Quando o mesmo papa solicita, contra outro bispo cismático, o apoio do braço secular, ele instiga os magistrados a não se deterem diante da santidade dos sacramentos celebrados pelo culpado.

Non est enim Christi corpus quod schismaticus conficit; schismatici, quia Spiritum non habent, corpus Christi sacrificium habere non possunt. Jaffé, n. 994, P. L., t. lxix, col. 412. É esse um exagero verbal, no qual Cipriano teria se reconhecido, que com certeza não expressa a "teologia romana", mas que é fácil de explorar contra a validade das ordenações dos dissidentes. Os canonistas do século XI de fato conheciam esses textos.

Se se deseja ouvir, ao contrário, uma doutrina firme e independente das polêmicas pessoais, é preciso recorrer ao papa Gregório Magno (590-604). Ele escreve a João de Ravena: *Sicut enim baptizatus baptizari iterum non debet, ita qui consecratus est semel in eodem ordine iterum non valet consecrari*. Epist., I. II, n. xlvi, P. L., t. lxxvii, col. 585. Agostinho não dizia melhor.

Em resumo, se se conserva em Roma a lembrança da teologia agostiniana sobre a matéria, se, de fato, durante este período, nunca se praticou reordenações, resta, no entanto, que o descrédito lançado de maneira excessiva sobre os sacramentos dos dissidentes pode ter dado origem a interpretações incompatíveis com uma sã teologia.

Além disso, durante esse mesmo período, podem ser constatados no Ocidente fatos que parecem bem estabelecidos de reordenações. Observamos isso nas cartas de Inocêncio I, Jaffé, n. 299 e 303, mencionadas acima; os bispos do Ilírio praticaram reordenações em sacerdotes ordenados por Bonoso, mesmo antes de sua condenação. Será mais hesitante quanto ao sentido das prescrições do concílio de Orléans de 511, que prescreve que os clérigos arianos *officium quo eos episcopus dignos esse censuerit cum impositæ manus benedictione suscipiant*. Can. 10, em *Mon. germ. hist., Concil. merov.*, p. 5; essa bênção, essa imposição das mãos à qual são submetidos, é uma ordenação no sentido estrito da palavra? Ou simplesmente um rito de complemento? Não se pode afirmar. Por outro lado, parece-nos certo que o concílio de Saragoça em 592, que organiza na Espanha a liquidação da Igreja ariana, prescreve a reordenação dos sacerdotes dissidentes: *accepta denuo BENEDICTIONE PRESBYTERII, sancte et pure ministrare debent*. Mansi, Concil., t. x, col. 471.

Tous esses textos, veiculados tanto bem quanto mal pelas coleções canônicas e pelos poucos livros de história que se transmitem, não deixarão de ter, apesar da teologia agostiniana, um impacto na época seguinte.

A PRÁTICA DAS REORDENAÇÕES NA ALTA IDADE MÉDIA (século VII ao IX). – 1° Na Inglaterra. 2° Na época do papa Constantino II. 3° As ordenações feitas pelos chorévêques. 4° O caso dos clérigos de Ebon. 5° As ordenações do papa Formoso.

Longe de fazer progredir a doutrina, este período vê, pelo contrário, ocorrer uma regressão na Igreja ocidental em relação aos princípios estabelecidos por Santo Agostinho. Um número considerável de reordenações claramente caracterizadas pode ser estabelecido; isso não contribuirá, dado especialmente o caráter de várias delas, para esclarecer as ideias teológicas.

1° Reordenações na Inglaterra do século VII. - Não temos a dizer aqui como e por que a evangelização da heptarquia anglo-saxônica pelos missionários romanos, no início do século VII, levou a um conflito bastante grave entre estes e o clero celta da parte ocidental da Grã-Bretanha. A questão nacional contribuiu bastante para agravar as discussões relativas à diferença de usos,

discussões que nos parecem hoje fúteis, sendo a mais grave divergência entre romanos e celtas a do cálculo pascal. Cf. art. PÁSCOA, t. xi, col. 1966 sq. Após mais de meio século de hostilidades, o concílio de Whitby, em 664, pôs fim às controvérsias. Veja Beda.

Col. 2400

Hist. eccl., I. III, c. xxv, P. L., t. xcv, col. 158. Em 669, a Santa Sé nome diretamente para a sé primacial de Canterbury um personagem grego de língua, originário de Tarse na Cilícia, Teodoro. É interessante notar que foi esse grego quem introduziu na Grã-Bretanha a prática das reordenações, no momento em que sua igreja de origem começava a se distanciar dela.

É muito certo, por exemplo, que Teodoro reordenou como bispo de Lichfield o britânico Ceadda. Este havia sido consagrado inicialmente como arcebispo de York, em detrimento do anglo-saxão Wilfrido. Teodoro começou por restaurar Wilfrido em sua sede arquiepiscopal. Ceadda se retirou de bom grado, aparentemente, para um mosteiro, de onde Teodoro, conhecendo suas virtudes, o trouxe para fazê-lo bispo de Lichfield; mas antes disso, diz o biógrafo de Wilfrido, Teodoro per omnes gradus ecclesiasticos ad sedem prædictam plene eum (Ceaddam) ordinavit. Vila Wilfridi, c. xv, em Rer. brilann. Medii Ævi scriptores, Hist. of the Church of York, t. I, p. 23. Beda é não menos claro: Ille (Theodorus) audiens humilitatem responsionis ejus (Ceaddæ) dixit non eum episcopatum dimittere debere sed ipse ordinationem ejus denuo catholica ratione consummavit. Hist. eccl., I. IV, c. ii, col. 174 C. A razão dessa procedura é dada pela Vita Wilfridi: Ceadda havia sido consagrado por "quartodécimans" (apesar da história, os anglo-saxões chamavam assim os britânicos partidários do antigo cálculo pascal romano, mantido por estes, enquanto havia caído em desuso no continente). Não se deve esquecer que, de acordo com a consulta enviada a Martyrius, os quartodécimans figuram entre os hereges menores, cujos leigos que retornam à *Catholica* são confirmados, e cujos clérigos são reordenados. Acima, col. 2394. O grego Teodoro se lembrou disso. Uma segunda razão é dada para a invalidade da ordenação de Ceadda: ele fora consagrado *in sedem alterius*, ou seja, de Wilfrido, arcebispo regularmente instalado de York.

Não se deve pensar que esse fato tenha permanecido isolado. A literatura penitencial que se relaciona a Teodoro, cf. art. PÊNITENCIAIS, t. XII, col. 1166, contém explicitamente a seguinte prescrição: Si quis ab hæreticis ordinatus fuerit iterum debet ordinari. Em Schmitz, Bussbücher, t. II, p. 242, e os cânones seguintes, dirigidos contra os "quartodécimans", não deixam dúvida sobre a identidade dos hereges visados. Compararemos a esse texto outro do mesmo ciclo em P. L., t. xcix, col. 932: Qui ordinati sint a Scotorum et Britonum episcopis, qui in Pascha et tonsura catholica non sunt adunati Ecclesiæ, iterum a catholico episcopo, manus impositione confirmentur. Talvez esteja aqui se referindo apenas a esse rito de complemento indicado pelo concílio de Nicéia para os melicianos (e para os novacianos).

Não menos reveladora do estado de espírito que se formou na Inglaterra no século VIII é uma resposta de Egberto, arcebispo de York de 734 a 766, em seu *De institutione catholica dialogus*, P. L., t. lxxxix, col. 436-437. Trata-se do valor dos atos ministeriais de padres acusados de faltas graves e condenados. A questão está claramente colocada: *Quid habemus de sacris ministeriis quæ ANTE DAMNATIONEM presbyter corruptus peregit, vel quæ POSTEA DAMNATUS inconsulte usurpavit?* A resposta é não menos clara: “Antes que o julgamento fosse proferido, os fiéis que recorreram ao ministério desse padre não precisam ter escrúpulos. O julgamento proferido, ao

contrário, a participação nos ritos realizados pelo culpado não pode gerar graça: a razão é óbvia e já a ouvimos: *quia nihil in dante erat quod ipse (sc. particeps) accipere posset.* Por seus ritos detestáveis, o culpado não pode comunicar aos...

Col. 2429

impositionem acceperit [in Ecclesia] an non, esta distinção, é melhor abstrair dela. Saltet, p. 349.

Prévostin de Crémone, chanceler da Igreja de Paris de 1206 a 1209, após discutir a opinião contrária (a dos velhos mestres de Bolonha), opõe-lhe a doutrina de Santo Agostinho: *hæreticus omnia sacramenta habet, dummodo in forma Ecclesiæ facial et potestatem habeat*. E esse poder não pertence apenas àquele que recebeu na Igreja a "última imposição das mãos", mas àquele que a recebeu dele, e assim por diante *ad infinitum*; é o eco da palavra de Gandolfo de Bolonha, acima, col. 2424. Texto em Saltet, p. 351.

Mesma doutrina, embora às vezes acompanhada de ideias singulares, de Robert de Flamesbury, penitenciário de Saint-Victor, no início do século XIII, embora, na prática, ele se mostre hesitante e reenvie ao papa os casos duvidosos. Mesma doutrina também, mas com uma nota mais firme, de um legado pontifício, o cardeal Robert de Courçon, que vê na doutrina que afirma a validade das ordens dadas fora da Igreja uma regra absoluta: *inconcussa regula et compago totius christianæ religionis quod virtus sacramentorum non pendet de meritis ministrorum*. Saltet, p. 352.

Pode-se dizer, em suma, que, entre os decretistas da escola de Paris, observa-se a mesma evolução que constatamos em Bolonha: as teses desfavoráveis, de diferentes graus, à validade das ordenações heréticas cedem pouco a pouco lugar a uma doutrina muito próxima à nossa.

c) Os sentenciários. – Um movimento análogo é constatado entre os teólogos que comentam as *Sentenças* de Pedro Lombardo.

Simão de Tournai, no início do século XIII, ainda se mantém ao ponto de vista da velha escola de Bolonha e da *ordinatio catholica*, em sua *Summa de sacramentis* inédita. Saltet, p. 353.

Ao contrário, Guilherme de Auxerre († 1231), que também ensina em Paris, se pronuncia claramente a favor da doutrina da validade dos sacramentos administrados fora da Igreja, desde que sejam dados *in forma Ecclesiæ*. Ele rejeita expressamente as distinções feitas entre as diversas categorias de dissidentes no *Livro das Sentenças*. Isso é, diz ele, uma solução que não é uma solução: *sed quod solutio sit nulla, probatur*: sejam ou não *præcisi*, os hereges dão verdadeiros sacramentos. *Summa aurea in IV libros Sententiarum*, fol. 284 vo.

Rolando de Crémone, o primeiro dos dominicanos a obter em Paris a *licentia docendi*, em 1229, relaciona com muita propriedade o batismo e a ordenação: "Todos os santos (entendemos os Pais) dizem que os hereges batizam verdadeiramente; pela mesma razão, eles celebram validamente a missa (*vere conficiunt*), ordenam validamente. Assim, santo Gregório diz que, assim como não se rebaptiza aqueles que foram batizados pelos hereges, não se reordena aqueles que foram ordenados por eles." Não importa se o herege foi ou não *præcisi*. Desde que use a matéria adequada e as palavras da Igreja, os sacramentos administrados por ele são válidos. Não se deve fazer distinção entre o batismo, sacramento indispensável para a salvação - e cuja validade todos

reconheciam, seja qual for o ministro - e a eucaristia ou a ordem. Estamos entrando na doutrina que em breve se imporá.

É nesse momento que os doutores franciscanos e dominicanos começam a se tornar, na Universidade de Paris, os emuladores dos seculares. Quando, por volta de 1245, o jovem Tomás de Aquino chega como estudante a Paris, a doutrina que considera a validade, *positis ponendis*, dos sacramentos, e em particular da ordem, conferidos...

Col. 2430

pelos hereges, a doutrina que, a partir de então, afasta as reordenações, parece de fato ter se tornado a doutrina comum tanto entre os canonistas quanto entre os teólogos. No dia em que ele tiver que, como bacharel, explicar as Sentenças, Tomás de Aquino, em 1251, não terá dificuldade em tomar partido onde Pedro Lombardo permanecia hesitante. Veja sua explicação In IVum dist. XXV, reproduzida no Suplemento da Suma q. xxxviii; Tomás de Aquino classifica as diversas opiniões do Mestre em uma ordem própria e declara que a 3ª opinião (segundo sua contagem), aquela que reconhece a validade das ordens conferidas pelos hereges, é a verdadeira opinião. Veja o que ele diz na Sum. theol., IIIa, q. lxxxii, a. 7 e 8, sobre a consagração válida, à santa missa celebrada pelos hereges e pelos próprios degradados. A afirmação da doutrina do caráter leva o Doutor Angélico a ser muito firme nesse último ponto (a questão dos eclesiásticos degradados), onde, como já dissemos, alguns contemporâneos ainda hesitavam.

Sobre o mesmo ponto, Alexandre de Halès, ou o autor, quem quer que seja, da *Suma Teológica* que leva seu nome, fornece um ensino análogo e dos mais firmes. *Quod degradatus habet potestatem consecrandi..., sicut enim charactere non potest privari, nec sic potestate conficiendi.* P. IV, q. x, memb. 5, a. 1, § 6. O que se diz aqui permite supor o que o autor diria sobre o problema da validade das ordenações dos hereges (a Suma está inacabada e não trata das questões relativas à ordem). Porque no trecho citado, que diz respeito aos efeitos da degradação, a Suma diz claramente: *Si episcopus degradatus ordinaret aliquem, est ordinatus. Et quod dicitur quod non habet potestatem largiendi ordines intelligitur de potestate executionis: quasi diceret: ligata est potestas quantum ad executionem.* Mas é bem notável que aqui as palavras *ordo* e *potestas executionis* não têm mais o significado que vimos acima, col. 2423. Sem chegar a dizer que essa distinção cobre exatamente a nossa entre *válido* e *lícito*, pode-se afirmar que é nesse sentido que se orienta o autor desta notável *Suma Teológica*.

Conclusão. - Não se deve imaginar que a história posterior não tenha conhecido nenhum retorno ofensivo da doutrina dos canonistas boloñeses, a qual, em suma, exigia no prelato que consagra ou ordena, ao mesmo tempo que o poder de ordem, uma espécie de poder de jurisdição suscetível de ser vinculado pela autoridade competente. Quando, no momento do Grande Cisma, esse problema da jurisdição se colocar nas duas, depois nas três obediências entre as quais se divide a Igreja Católica, ouve-se, aqui e ali, ressurgências da teoria que os teólogos pareciam ter feito retroceder definitivamente. Coisa curiosa! vê-se até o Papa de Roma, Bonifácio IX (1389-1404), atender a um pedido feito por um bispo para receber, como complemento de uma consagração que ele havia recebido na obediência adversa, este rito reconciliador prescrito outrora no tempo de Urbano II para os prelados cismáticos da Alemanha. Bula de Bonifácio IX publicada por Eubel, na Römische Quartalschrift, t. ix, 1896, p. 508. Mas essas singularidades, que sempre é interessante colecionar,

não devem fazer esquecer que a tese dos grandes escolásticos triunfou definitivamente: o Concílio de Trento a consagrou de maneira definitiva. Quando a questão da validade das ordenações das Igrejas cismáticas do Oriente for colocada, não será por esse viés que o problema será abordado. É a ausência da forma e da matéria consideradas como essenciais na Igreja latina que os adversários dessa validade irão invocar. Sabe-se como Morin interveio a tempo para impedir que a cúria se envolvesse...

Col. 2431

em um beco sem saída; mas isso já não é o nosso assunto. Igualmente, a questão das ordenações anglicanas, veja o artigo, onde apenas foram invocados como meios de prova a falta de intenção e as lacunas do ritual que manifestavam essa falta. As numerosas ordenações de clérigos anglicanos que se converteram ao catolicismo – Newman e Manning, por exemplo – não têm nenhum direito de figurar neste estudo sobre reordenações.

Desta análise, convém apenas reter que uma tese fundamental da teologia sacramental levou muito tempo para se estabelecer e que, para se impor, teve que triunfar sobre sérios adversários que se apoiavam tanto na própria dialética quanto nas autoridades. É somente quando os conceitos de sacramento, de causalidade sacramental, de verdadeiro ministro, do poder da Igreja, etc., foram precisados que a "razão teológica" pôde deduzir a doutrina que hoje nos parece tão natural de admitir.

O trabalho tão novo e às vezes tão exaustivo de L. Saltet fornece uma bibliografia abundante. Resta ainda complementá-la estudando mais de perto os comentadores de Pedro Lombardo nos primórdios da escolástica e fazer com eles as mesmas pesquisas minuciosas que foram tão bem realizadas pelo autor sobre os comentadores de Gratiano.

Antes dele, a questão havia sido estudada por: Morin, *Commentarius de sacris Ecclesiæ ordinationibus*, Paris, 1655; este autor reuniu, como de costume, um número muito grande de fatos, podendo ter cometido o erro de propor para explicá-los uma teoria única; L. Hahn, *Die Lehre von den Sakramenten in ihrer geschichtlichen Entwickelung*, Breslau, 1864; Hergenröther, *Die Reordinationen der alten Kirche* na *Oesterreichische Viertijahresschrift für katholische Theologie*, t. 1, 1862, p. 207-252, 387-457; a 1ª "parte" é reproduzida em *Photius*, t. ii, p. 321-376; B. Jungmann, *Disputationes selectæ in historiam ecclesiasticam*, t. iv, Ratisbona, 1884, p. 110-134; B. Gigalski, "Bruno, Bispo de Segni", Munique, 1898, p. 184-205; do mesmo autor, *Die Stellung des Papstes Urbans II, zu den Sakramentshandlungen der Simonisten, Schismatiker und Häretiker*, na *Theologische Quartalschrift*, t. lxxix, 1891, p. 218-258; essas duas últimas pesquisas dizem respeito apenas a pontos de detalhe da questão.

No momento do concílio do Vaticano, a questão foi levantada, na intenção que se adivinha, pelos adversários da infalibilidade pessoal do papa; os fatos de reordenações dadas ou autorizadas por certos papas foram explorados por vários autores, especialmente por *Janus* (de Döllinger); as respostas dos infalibilistas nem sempre tiveram a calma necessária, é preciso reconhecer que os fatos mencionados são precisos e que o teólogo deve utilizá-los para delimitar o privilégio da infalibilidade; isso é o que o P. Michael, S. J., perdeu de vista em um artigo em resposta às *Geschichtsfabeln* de Döllinger, publicado na *Zeitschrift für katholische Theologie*, t. xvii, 1893, p.

193-230.

E. Amann.

Rosmini-Vaticano II: o decodificador de um complô de 130 anos

Terça-feira, 27 de maio de 2008

Artigo original disponível em Virgo Maria

- Demonstração da realização das “Cinco chagas da Igreja” (1832/1848) do abade Rosmini no Vaticano II
- A realização das « Cinco chagas da Igreja » no Vaticano II demonstrada, citações a apoio, e claramente explicitada pelo Centro Rosmini (conciliar) na Grã-Bretanha
- A Primeira Chaga
- Segunda Chaga
- Terceira Chaga
- Quarta Chaga
- Quinta Chaga
- Algumas questões suscitadas pelas palavras-chave dos sete preceitos
- Reflexão Final

Demonstração da realização das “Cinco chagas da Igreja” (1832/1848) do abade Rosmini no Vaticano II

Tradução para o português do documento oficial do Centro Rosmini na Inglaterra.

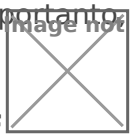
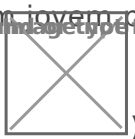
A verdade sobre as etapas do complô com mais de cem anos para preparar a destruição da Igreja continua a emergir do poço.

Trazemos por meio desta mensagem **uma peça capital ao importante dossiê[1]** que consagramos à questão Rosmini em 17 de abril de 2008.

Trata-se da tradução em português de um **documento oficial do Centro Rosmini na Inglaterra** , que demonstra em mais de 20 páginas, com muitos argumentos e detalhes, **como o Concílio Vaticano II se dedicou, desde sua abertura em 1962, a realizar ponto por ponto o programa de destruição da Santa Igreja que constituía o livro chave “*As 5 chagas da Igreja*” redigido 130 anos antes, em 1832, sob a assinatura do padre Rosmini, mas que, por prudência (insuficiente graças à Providência), só foi publicado em 1848, para ser imediatamente condenado e colocado no Índice pelo Papa Pio IX alguns meses depois, em 1849.**

(Convidamos os leitores a encontrar todos os detalhes e os principais documentos referindo-se ao dossiê VM em questão)

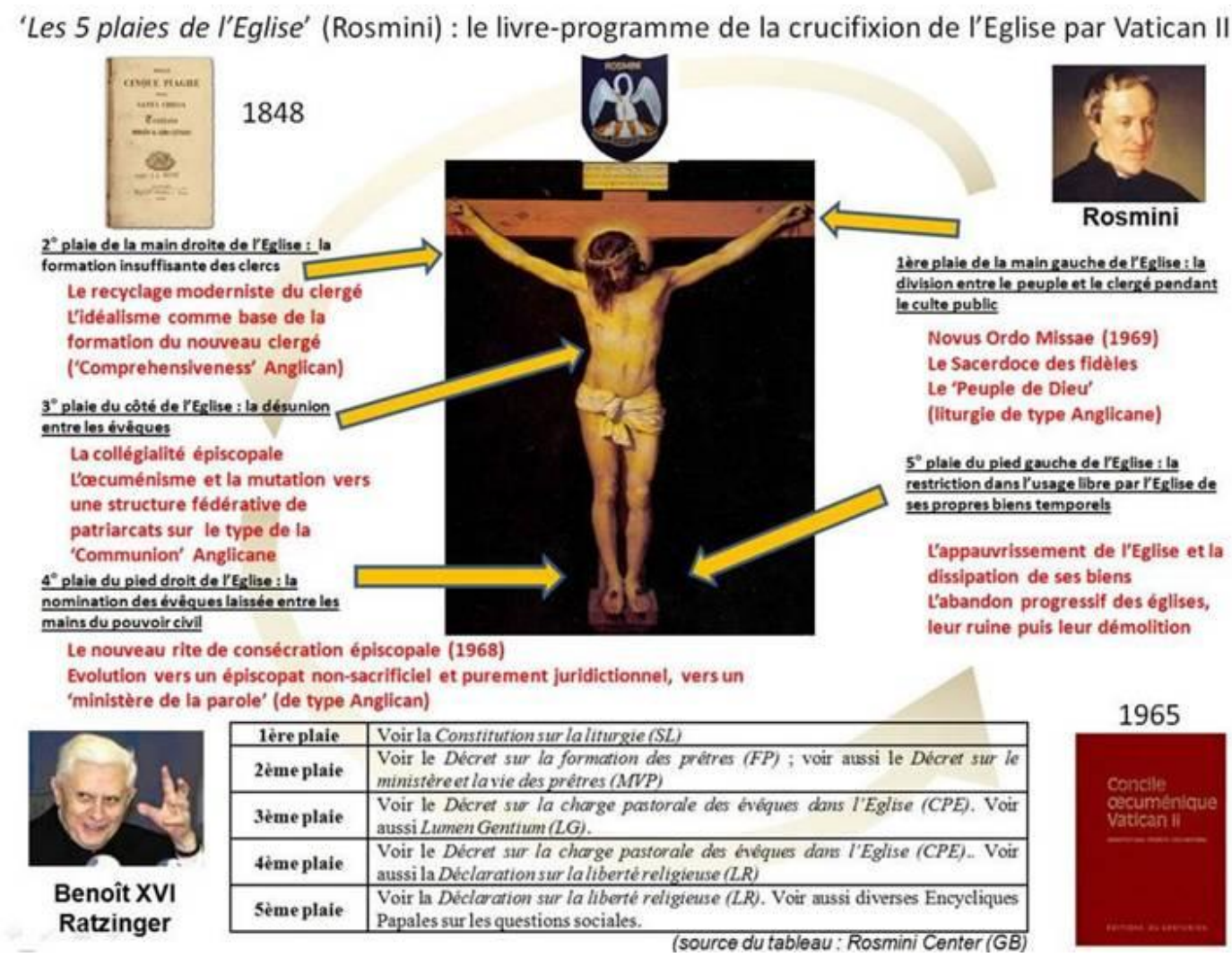
Diante de tal continuidade de 130 anos, **como continuar obstinadamente a se recusar a admitir a realidade do complô contra a Igreja?**

Aqui está, portanto, um jovem padre, **subitamente sob a proteção do rei da Sardenha Carlo Alberto (F**  **M**  **) da Casa de Saboia, e, sobretudo, protegido por uma figura rica e influente nos meios católicos**, o Conde Giacomo Mellerio, o célebre joalheiro das cortes reais, cuja família era protegida dos Médici, que se vê subitamente impulsionado a partir de 1846 e, sobretudo, em 1848, junto a Giovanni Maria Mastaï Ferreti, eleito papa em junho de 1846 sob o nome de Pio IX, **enquanto o governo (F** **M** **) britânico financiava a reunificação italiana para destruir os Estados pontifícios** e subordinar um Papa que aceitaria a "*presidência espiritual*" de uma confederação italiana erguida contra o Império Austro-Húngaro.

Essa tentativa de entrismo do padre Rosmini falhou providencialmente em 1849.

De fato, foi abruptamente interrompida pela colocação de sua obra no índice pelo Papa Pio IX, que estava em fuga em Gaeta, após ter sido expulso de Roma pelas tropas de Garibaldi durante a revolução de 1848.

Mas desde 1832, ou seja, há 16 anos já, o padre Rosmini, que, para seu *Instituto de Caridade*, escolheu como emblema o pelicano, um símbolo recuperado pelos Maçons Escoceses **para significar seu 18º grau iluminado de Cavaleiro Rosacruz, havia entregue uma obra chave que continha, para os iniciados que sabem ler no seu sentido real, todo o programa de crucificação e destruição da Igreja PELOS CLÉRIGOS.**



Esse programa, público, mas escondido sob uma simbologia conhecida somente pelos meios subversivos que conspiram pela revolução da Igreja **de dentro**, será **realizado ponto por ponto entre 1962 e 1965 durante o "*Concílio*" Vaticano II.**

Os mestres de obras serão dois bispos apóstatas: o Rosacruzes Angelo Roncalli, que se tornou João XXIII, e o homossexual[2] Giovanni-Battista Montini, que se tornou Paulo VI.

Diante da evidência de tal complô, como Monsenhor Fellay ainda pode continuar a "*discutir*" com o que Monsenhor Lefebvre qualificou de "*máfia*" em conexão com a maçonaria?

E o padre **Belwood** (capelão das dominicanas de Kernabat desde setembro de 2007 e protegido do ex(?)-anglicano Monsenhor Williamson, o bispo da Rosa da FSSPX) **assistiu a Roma à '*beatificação*' de Rosmini** pelo padre apóstata Ratzinger no dia 18 de novembro de 2007, e, depois, em Kernabat, junto aos filhos das famílias fiéis da FSSPX, **se tornou o propagandista zeloso do sacerdote condenado por Pio IX e por Leão XIII.**

A ordenação do padre Belwood foi feita no novo rito inválido promulgado em 1969, e, aparentemente, por um pseudo-"*bispo*" conciliar que teria sido ele mesmo "*consagrado*" no rito certamente inválido da nova pseudo "*consagração*" episcopal conciliar **inventada por Dom Botte-Lécuyer-Bugniniù-Montini no dia 18 de junho de 1968.**

A ordenação do padre Belwood, portanto, não é sacramentalmente válida.

Senhor Robert Belwood, à luz da teologia sacramental católica tradicional, **não é mais do que um simples leigo** que veste uma batina, **e não possui de modo nenhum os poderes sacerdotais reais de um sacerdote católico. Ele nunca foi reordenado sob condições.**

Até quando os fiéis e os clérigos vão suportar esse escândalo em silêncio e **se deixar impor sem nada dizer sobre os sacramentos inválidos dentro da Fraternidade em Kernabat?**

Ouça Monsenhor Lefebvre sobre a validade da missa!

Continuemos a boa luta

A Redação de Virgo-Maria

© 2008 virgo-maria.org

---

[1] http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-16-A-00-Rosmini.pdf
[2] Cf. o romance com chave *A sotaina vermelha* de Roger Peyrefitte.

A realização das « Cinco chagas da Igreja » no Vaticano II demonstrada, citações a apoio, e claramente explicitada pelo Centro Rosmini (conciliar) na Grã-Bretanha

As correspondências entre o livro de Rosmini de 1848 e os textos do Vaticano II são apresentadas com precisão.

CENTRO ROSMINI – REINO UNIDO

Rosmini Centre House of Prayer,
433 Fosse Way,
Ratcliffe-on-the-Wreake,
Leicester, LE7 4SJ

Fonte original em inglês

Tradução para o português

(Que o tradutor seja aqui calorosamente agradecido)

AS CINCO CHAGAS DA SANTA IGREJA

1. Sem dúvida, trata-se da obra mais famosa de Rosmini, escrita com paixão e um grande amor pela Igreja. Isso lhe trouxe um enorme dano pessoal, mas ele sentia que a

renovação da Igreja era de tal urgência que deveria estar preparado para sofrer por isso. Rosmini havia tomado a imagem da "Igreja crucificada" do Papa Inocêncio IV (1243-1254).

2. Rosmini escreveu este livro em 1832, mas não o publicou, dizendo "OS TEMPOS NÃO ESTÃO MADUROS". Em 1846, um novo Papa é eleito, Pio IX, "QUE PARECE DESTINADO A RENOVAR A NOSSA ÉPOCA E DAR À IGREJA UM NOVO E GLORIOSO IMPULSO PARA UM DESENVOLVIMENTO INIMAGINÁVEL": Rosmini publicou seu livro em 1848 para um grupo de amigos "QUE COMPARTILHARAM MINHA DOR E AGORA COLOCAM COMIGO SUAS ESPERANÇAS NO FUTURO". Ele foi imediatamente editado, contra suas intenções, por editoras piratas. Sua difusão foi ampla e rápida. Houve uma edição em inglês publicada em Londres, traduzida por um cônego anglicano. Um episódio curioso ocorreu, relacionado à edição de Rovereto de 1863, quando muitos bispos e cardeais se reuniram em Trento para as celebrações do terceiro centenário do famoso Concílio. Algumas pessoas de Rovereto (a cidade natal de Rosmini) colocaram exemplares do livro nos quartos dos bispos e cardeais, mas os padres locais imediatamente removeram os livros e fizeram uma fogueira no pátio do Seminário. No entanto, o povo de Rovereto persistiu e enviou exemplares a todos os bispos e cardeais em seus endereços pessoais pelo mundo. [**Com que dinheiro tudo isso? NdT**]
3. Com a perspectiva, podemos dizer que a publicação do livro em 1848 foi um grave erro, dada a agitada situação política da maior parte da Europa. Isso não poderia deixar de suscitar uma feroz oposição de todos os lados, mas particularmente do governo austríaco que ocupava quase toda a parte norte da Itália e considerava Rosmini como "NOSSO MAIS FORMIDÁVEL INIMIGO" e "O MAU GÊNIO DE PIO IX" (segundo uma carta do Embaixador da Áustria em Roma em 1849). Rosmini era súdito do Império Austríaco (Rovereto era austríaca na época), mas não escondia sua forte aspiração a uma Itália independente formada por uma confederação de estados italianos livres. Além disso, nas Cinco Chagas, Rosmini pleiteia uma plena liberdade da Igreja em todos os domínios legítimos, mas particularmente para a nomeação dos bispos e para a plena propriedade dos bens da Igreja. A Áustria, por outro lado, exercia na época um controle absoluto sobre a nomeação dos bispos do Império, e o clero e as propriedades da Igreja estavam sob sua autoridade. Durante toda a sua vida, Rosmini foi perseguido pelas autoridades austríacas.
4. Mas por que os anos de 1848-1849 foram os piores para a publicação e a difusão das Cinco Chagas da Santa Igreja?
5. Rosmini se dirigiu a Roma como enviado especial do Rei do Piemonte, Carlo Alberto, para persuadir o Papa a conceder uma Constituição aos Estados do Vaticano e aceitar assumir a liderança de uma Confederação dos Estados Italianos livres. O Papa, que tinha em alta estima Rosmini, o recebeu com satisfação e o advertiu para se preparar para ser feito Cardeal. Todos na Cúria estavam convencidos de que Rosmini seria o próximo Secretário de Estado. Infelizmente, a situação política de Roma deteriorou-se, com o assassinato do Primeiro-Ministro dos Estados do Vaticano e uma revolta popular. Padres e vários Cardeais foram mortos, e o Papa foi forçado a fugir de Roma disfarçado. Ele buscou refúgio no Reino de Nápoles e permaneceu em Gaeta durante mais de um ano sob a proteção do Rei de Nápoles e do governo austríaco. Ele pediu a Rosmini que o seguisse para Gaeta e, no início, considerou particularmente suas opiniões. As coisas mudaram radicalmente para Rosmini com a chegada do Embaixador da Áustria, "ESPERADO COMO O MESSIAS". O Papa foi facilmente convencido de que sua segurança e a dos Estados do Vaticano dependiam de seus protetores tradicionais, a Áustria e Nápoles, bem como de qualquer

Potência que se opusesse aos movimentos de independência ou liberalização. O Papa disse a Rosmini que não era mais um "CONSTITUCIONALISTA" e que havia abandonado suas visões liberais em matéria de política. Além disso, Rosmini se viu praticamente impossibilitado de se aproximar do Papa, e os Cardeais, liderados pelo Cardeal Antonelli, um devotado apoiador da Áustria, se esforçaram para neutralizar sua influência sobre o Papa. E, de fato, eles usaram as Cinco Chagas como uma arma poderosa contra Rosmini.

6. Sob a pressão de certos Cardeais, o Papa pediu a Rosmini que esclarecesse seu ensinamento sobre as seguintes opiniões contidas nas Cinco Chagas: 1) O direito divino do clero e do povo na eleição dos bispos; 2) A utilização do vernáculo na liturgia; 3) A crítica da Escolástica; 4) A separação da Igreja e do Estado. Rosmini esclareceu todos os pontos e enviou uma nota escrita ao Papa. Ele enviou uma segunda carta, mas sem resultado: alguns na corte papal garantiram que nenhuma correspondência chegasse ao Papa. Pouco depois, a polícia do Reino de Nápoles começou a assediar Rosmini, com a intenção evidente de fazê-lo deixar o reino e assim não poder mais influenciar o Papa.
7. Rosmini deixou Nápoles em 15 de julho de 1849. Em 13 de agosto de 1849, enquanto viajava para Stresa, ele recebeu uma carta da Congregação do Índice indicando que, por ordem do Papa, tinha-se reunido (em maio-junho, quando Rosmini estava em Nápoles, mas a reunião foi escondida dele) e decretou que o livro "Das Cinco Chagas da Santa Igreja" estava condenado e incluído na lista de livros proibidos. O Papa aprovou o decreto e pediu que ele se submetesse. Rosmini obedeceu imediatamente: "FUI MANTIDO NA IGNORÂNCIA DAS REUNIÕES DA CONGREGAÇÃO E AS RAZÕES DA CONDENAÇÃO NUNCA ME FORAM DADAS. MANIFESTEI MINHA PLENA SUBMISSÃO... *Sit nomen Domini benedictum*". Ele escreveu sua carta de submissão: "COMO UM FILHO DEVOTO E OBEDIENTE DA SANTO SÉ, QUE PELA GRAÇA DE DEUS SEMPRE PROCLAMEI SER E SOU NO MEU INTERIOR, DECLARO QUE ME SUBMETO À PROIBIÇÃO DESTE LIVRO, ABSOLUTAMENTE, SIMPLESMENTE E DA MANEIRA MAIS COMPLETA POSSÍVEL, PEDINDO QUE INFORMEM O SANTO PAI E A SAGRADA CONGREGAÇÃO". Alguns dias depois, ele escreveu ao Mestre do Sagrado Palácio: "ADICIONO QUE PELA GRAÇA DE DEUS SOMENTE, NUNCA TIVE NA VIDA A MENOR TENTAÇÃO CONTRA A FÉ, NEM HESITEI EM CONDENAR QUALQUER COISA QUE O SANTO SÉ PUDESSE ENCONTRAR DE ERRADO EM MEUS ESCRITOS OU EM OUTRO LUGAR".
8. Nenhuma razão oficial para a condenação foi nunca dada. Rosmini estava certo de que não havia nada de teologicamente errado no livro; na sua opinião, o livro havia sido condenado sob pressão da Áustria devido à sua insistência em afirmar que a eleição dos bispos não cabe ao Estado, mas à Igreja e que o clero e o povo têm um direito divino de eleger seus bispos, com a aprovação do Papa, que tem a palavra final.
9. O Índice sobre o livro foi levantado apenas alguns anos antes do Vaticano II. Era conhecido pela maioria dos bispos que participaram do Vaticano II, e muitas das ideias do livro se materializaram nos Documentos do Vaticano II. O Papa Paulo VI chamava As Cinco Chagas da Santa Igreja de "UM LIVRO PROFÉTICO". Para muitos, algumas das Chagas ainda aguardam correção, e talvez precisemos de um Vaticano III para abordar mais decisivamente as Terceira, Quarta e Quinta Chagas; mesmo as Primeira e Segunda Chagas ainda estão amplamente abertas, embora a Igreja do Vaticano II tenha produzido documentos importantes para "cure-las".
10. As Cinco Chagas da Santa Igreja é uma obra teológica valiosa sobre a Igreja que Rosmini amava de todo o seu coração. Aqui estão alguns pontos importantes que foram

retomados pelo Vaticano II e pelos documentos pontifícios subsequentes:

- A união viva do clero e dos leigos em um só povo de Deus
- A participação ativa e inteligente de todos na Liturgia
- A Cristandade como uma realidade e mistério "sobrenatural"
- O caráter essencial das Escrituras e dos Sacramentos
- O retorno às antigas tradições e aos Pais da Igreja
- A necessidade de uma teologia viva
- A formação aprofundada do clero nas Escrituras, nos Pais, na Tradição
- A colegialidade dos bispos com o Papa à frente do Colégio
- A consciência renovada entre os Cristãos de que o Bispo é o Pai e o Pastor da Igreja local
- A presença e o consentimento do Povo de Deus (clero e leigos) para a eleição de seu Pastor, o Bispo
- A responsabilidade de todo o Povo de Deus em relação à Igreja
- A liberdade da Igreja em relação aos poderes políticos e à riqueza materialista
- A pobreza efetiva do bispo e do clero, vivida como uma vocação
- As obras de caridade da Igreja em relação aos pobres, das quais os ricos da Igreja são em parte devedores

Um último ponto sobre a história das Cinco Chagas: Rosmini sofreu grandemente após a condenação do livro. Sua reputação estabelecida como filósofo, teólogo e guia espiritual cristão tornou-se suspeita. Amigos o abandonaram. Algumas escolas de teologia deixaram de ensinar suas teorias. O Instituto de Caridade também sofreu. Os rosminianos não foram mais bem-vindos em certos dioceses, alguns bispos se opuseram à abertura de novas instituições rosminianas, e o influxo de noviços quase parou. O martírio de Rosmini e de seu Instituto terminou apenas em 2002, quando o Vaticano publicou uma declaração, uma espécie de arrependimento pelo tratamento dado a Rosmini.

As Cinco Chagas da Santa Igreja e alguns documentos do Vaticano II:

1ª Chaga	Ver CONSTITUIÇÃO SOBRE A LITURGIA SAGRADA
2ª Chaga	Ver DECRETO SOBRE A FORMAÇÃO DOS PADRES Ver também o DECRETO SOBRE O MINISTÉRIO E A VIDA DOS PADRES
3ª Chaga	Ver DECRETO SOBRE O OFÍCIO PASTORAL DOS BISPOS NA IGREJA. Ver também *Lumen Gentium*.
4ª Chaga	Ver DECRETO SOBRE O OFÍCIO PASTORAL DOS BISPOS NA IGREJA. Ver também a DECLARAÇÃO SOBRE A LIBERDADE RELIGIOSA.
5ª Chaga	Ver a DECLARAÇÃO SOBRE A LIBERDADE RELIGIOSA. Ver também as diversas encíclicas sobre os problemas sociais.

A Primeira Chaga

A CHAGA na MÃO ESQUERDA DA SANTA IGREJA: A DIVISÃO ENTRE O POVO E O CLERO no culto público

> “TODOS OS FIEIS, clero e povo, representam e formam na Igreja a maravilhosa unidade indicada por Cristo quando diz: "quando dois ou três estão reunidos em meu nome, [de acordo com ***tudo*** o que solicitarem][3], EU ESTOU NO MEIO DELES".

Rosmini tinha uma opinião muito elevada sobre a dignidade dos leigos. Os "fieis", para Rosmini, são o **clero e os leigos juntos**, representando e formando na Igreja a maravilhosa unidade indicada por Cristo quando diz: "quando dois ou três estão reunidos em meu nome, [de acordo com ***tudo*** o que pedirem], eu estou no meio deles". Cristo pede a unidade de espíritos e corações, o clero e o povo agindo "como um só homem", assim como a Escritura diz a respeito dos antigos israelitas.

Rosmini escreve sobre a dignidade dos leigos: "HÁ SEMPRE ENTRE ELES HOMENS E MULHERES PRUDENTES E SANTOS, TENDO O SENSO DE CRISTO. O POVO FAZ PARTE DO CORPO MÍSTICO DE CRISTO; UNIDOS A SEUS PASTORES E INCORPORADOS À CABEÇA, FORMAM UM SÓ CORPO. NO SEU BATISMO E NA SUA CONFIRMAÇÃO, ELES RECEBERAM A MARCA DE UM CARÁTER INDELÉVEL E SACERDOTAL... O/ A CRISTÃO(Ã) ORDINÁRIO POSSUI UM SACERDÓCIO QUE LHE DÁ UMA DIGNIDADE, PODERES ESPECIAIS E UM SENTIDO DE ESPIRITUALIDADE. O CLERO TEM SEUS DIREITOS, MAS OS CRISTÃOS TAMBÉM. POR EXEMPLO, O CRISTÃO PODE E DEVE OPOR-SE A UM BISPO QUE PROFESSE ABERTAMENTE A HERESIA. SEU SENTIDO DO SOBRENATURAL LHE ENSINA ISSO E LHE DÁ O DIREITO DE O FAZER. OS PARES DA IGREJA ENSINARAM QUE A PARTICIPAÇÃO DO POVO NA ESCOLHA DE SEUS PASTORES VEM DA LEI DIVINA...". Rosmini escreveu isso em 1832, sozinho entre todos os escritores cristãos da época.

Os primeiros Cristãos, Apóstolos e fiéis, estavam "unidos de coração e espírito", agiam como se fossem um só Corpo. Por quê? Eles acreditavam nas mesmas verdades, participavam totalmente, corpo e alma, de suas liturgias, da Eucaristia e dos Sacramentos. **Cada um compreendia o que devia ser dito e feito.**

JESUS veio para salvar a pessoa em sua totalidade, corpo e alma. O Evangelho apela a ambos os elementos da natureza humana, o espírito e o coração. Os Apóstolos foram verdadeiramente enviados para "pregar", para instruir o povo. Mas eles não fundaram uma escola de filosofia, nem realizaram milagres apenas para provar que o que diziam era a Verdade, nem deram exemplos de grande virtude para convencer seus ouvintes. Se tivessem apresentado o Cristianismo simplesmente como testemunho, como verdades a crer, não teriam tido tanto êxito.

Seu apelo teria sido grandemente diminuído.

O que fizeram os Apóstolos para salvar a totalidade da pessoa, inteligência e sentimento, espírito e coração, e submeter o mundo inteiro a uma cruz?

O mandamento de Jesus foi: "Vão pelo mundo e **façam discípulos** de todas as nações, **batizando-os** em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Seu mandamento era "falar" à inteligência através da pregação, regenerar a vontade, tocar o coração, falar aos sentimentos "batizando", pelos Sacramentos, pelos atos de culto do Novo Testamento. Os Sacramentos eram os ritos misteriosos e as obras poderosas pelos quais os Apóstolos reformaram o mundo inteiro. **"Os Sacramentos eram as palavras e sinais de Deus, criando uma nova alma, uma nova vida, novos céus e uma nova terra. Os Apóstolos acrescentaram à sua pregação o culto Católico, que consiste principalmente no Sacrifício da Missa, nos Sacramentos e nas orações que os expressam".**

Os Apóstolos acrescentaram orações, cerimônias e ritos nobres, mas não trouxeram nada que fosse desprovido de significado.

O culto não era um espetáculo, o povo não estava lá para ver, mas para constituir um elemento importante do culto no templo de Deus. O culto sublime da Santa Igreja é assim um ato comum do clero e do povo juntos.

“O Povo – escreve Rosmini – deveria ser atuante assim como ouvinte, enquanto que, na verdade, ele é, na maioria das vezes, presente à Missa como as colunas e as estátuas do edifício”. Eles deveriam ter uma compreensão profunda dos mistérios, orações, símbolos e ritos que constituem o culto Católico. “A separação dos leigos da Igreja durante o culto, devido à falta de compreensão, é a primeira dessas chagas sangrentas que escorrem do Corpo Místico de Jesus Cristo”.

Rosmini rapidamente tranquiliza aqueles que, sem que haja culpa de sua parte, simplesmente não compreendem o que se passa na Igreja, dizendo ao Espírito "AJUDE-NOS NA NOSSA FRAQUEZA. PORQUE NÃO SABEMOS ORAR COMO DEVE SER. MAS O PRÓPRIO ESPÍRITO INTERCEDE POR NÓS COM GEMIDOS INEXPRIMÍVEIS". A voz do povo simples, sem educação, se for impulsionada pelo Espírito, penetra até o céu. Mas o culto é um ato comum do clero e do povo, e juntos nos aproximamos do trono da graça, é com a mesma compreensão de nossa parte que o fervor, a veneração e a devoção aumentam. O amor cresce entre o clero e o povo, e dentro do povo.

Quais são as razões para tantas divisões dolorosas e tristes na Igreja?

1. **A causa primeira do muro de divisão é a falta de instrução viva entre os Cristãos.** Cristo diz para "pregar" primeiro: o povo deve receber as verdades dos Evangelhos, ser educado na fé, nas Escrituras, nas tradições e na moral. Em seguida, Ele diz: “batizem-nos”, os Sacramentos são simplesmente as realidades poderosas do que foi ensinado. O ensino deve ser complementado e ganhar vida na participação no culto Católico. Rosmini é defensor de catecismos mais longos, pois eles são mais do que meras repetições de fórmulas ou resumos abstratos. A Fé é uma coisa viva, e a transmissão da verdade deve andar de mãos dadas com a experiência do poder sobrenatural que emana

do culto. Não pode haver plena participação na Liturgia sem um sólido conhecimento das verdades da fé. Essa profunda penetração, que Rosmini deriva da Igreja de tempos primitivos, foi perdida há muitos séculos; os cursos de RCIA (Rito de Iniciação Cristã para Adultos) e todas as abordagens modernas do catecumenato reforçam o vínculo íntimo entre catequese e culto.

2. **A segunda razão para a divisão é que o latim, usado no culto, não é mais a língua do povo.** A compreensão das palavras é essencial para apreender o poder dos Sacramentos; povo e clero não podem orar de um só coração e de um só espírito se as palavras usadas na oração não são compreendidas. O fim do latim como língua viva é devido às invasões bárbaras e a outros fatores, mas é um fato.

Rosmini foi expressamente convidado pelo Papa a rejeitar a ideia que lhe era atribuída, de ser a favor da introdução do vernáculo na liturgia. Rosmini apresentou várias razões para manter o latim e não introduzir o vernáculo:

Interesse em manter a língua latina no culto:

- O latim reflete a imutabilidade da fé.
- O latim une muitos povos cristãos em um único rito.
- O latim significa a unidade e a grandeza da Igreja, bem como uma fraternidade comum.
- O latim produz uma atmosfera sobrenatural, além das palavras.
- O latim traz a alegria de saber que povos e santos do passado oraram com as mesmas palavras e expressões que usamos.

Desvantagens do vernáculo:

- As línguas modernas são numerosas demais e trazem divisões na Igreja.
- As línguas modernas são variáveis e instáveis, provocando mudanças constantes nas palavras da liturgia e perturbando a assistência ao culto.
- As línguas modernas carecem de termos precisos para conceitos teológicos elevados.

Rosmini acreditava que os sacerdotes deveriam fazer um maior esforço para fazer o povo entender a liturgia e as palavras utilizadas. Ele não era a favor da utilização do vernáculo, mas não teria objeções a sua introdução. Ele pedia uma educação aprofundada dos sacerdotes para que, sendo considerados o sal e a luz da comunidade cristã, pudessem promover incansavelmente a maior participação dos leigos na Missa e nos Sacramentos. Infelizmente, acrescentava Rosmini, a formação insuficiente do clero é a segunda chaga da Igreja.

É claro que Rosmini estaria longe de aprovar o tipo de inovações litúrgicas que, infelizmente, são muito frequentes em algumas de nossas paróquias. Ele achava que pequenas mudanças eram necessárias, apreciando imensamente a liturgia da Missa que chamamos de "tridentina". A chaga não estava na liturgia como ela era, mas no fato de que tanto os sacerdotes quanto o povo não compreendiam o que deveria ser feito e dito. Ele desejava uma liturgia "viva", uma liturgia celebrada pelos fiéis, clérigos e povo, formando "um espírito, um coração".

Rosmini foi ordenado sacerdote em 1821. Ele notou em seu diário: "A PARTIR DE AGORA EU DEVO SER UM HOMEM NOVO, VIVER NO CÉU PELO CORAÇÃO E PELO ESPÍRITO, FALAR SEMPRE COM

CRISTO, DESPREZAR E FUGIR DAS COISAS DA TERRA. EU DEVO VOLTAR DO ALTAR COMO SANTO, APÓSTOLO, HOMEM DE DEUS". Santo João Bosco, a quem Rosmini ajudou em várias ocasiões, dizia dele: "EU NUNCA VI UM SACERDOTE CELEBRAR A MISSA COM MAIS DEDICAÇÃO DO QUE O PADRE ROSMINI".

Trecho da Constituição sobre a Liturgia Sagrada do Vaticano II:

“Dia após dia, a liturgia fortalece aqueles da Igreja no santo Templo do Senhor.”
“Aqueles que receberam a palavra foram batizados. Eles continuam com constância a receber o ensinamento dos Apóstolos e na comunhão da partilha do pão.”
“Essa participação pelo povo Cristão como uma 'raça escolhida, sacerdócio real, nação santa' é seu direito e seu dever em razão de seu batismo.”
“Seria vã a esperança de uma participação ativa sem que os próprios sacerdotes se tornem profundamente penetrados do espírito e do poder da liturgia.”
“Deve-se ajudar os sacerdotes a entender ainda mais profundamente do que se trata quando celebram os ritos sagrados; deve-se ajudá-los a viver a vida litúrgica e a compartilhá-la com os fiéis.”

---

[3] Acrescentado às próprias palavras de Cristo [Mat. 18, 20] (N. do T.)

Segunda Chaga

A FERIDA NA MÃO DIREITA DA SANTA IGREJA: A FORMAÇÃO INSUFICIENTE DO CLÉRIGO

“APENAS GRANDES HOMENS PODEM FORMAR GRANDES HOMENS”

1. A Pregação e a Liturgia foram as duas grandes escolas abertas ao povo Cristão durante o período mais glorioso da história da Igreja. O ser humano inteiro foi interpelado pela Palavra de Deus e pelas palavras da Liturgia que falavam à mente, pela eficácia dos rituais, símbolos e ações dos Sacramentos, especialmente da Eucaristia, que tocavam os corações. Os pregadores da Palavra eram homens santos que preenchiam seus ouvintes com sua própria abundância espiritual transbordante.
2. Temos uma descrição da Eucaristia tal como era celebrada nos primeiros tempos da Igreja, contendo os dois elementos fundamentais, as palavras e os atos: "APÓS O PÔR DO SOL, AQUELES QUE VÊM DAS CIDADES OU DAS CAMPANHAS REÚNEM-SE PARA UMA CELEBRAÇÃO COMUM. E LÁ, LEEM-SE AS MEMÓRIAS DOS APÓSTOLOS OU OS ESCRITOS DOS PROFETAS, TANTO QUANTO É POSSÍVEL. QUANDO O LEITOR TERMINA, AQUELE QUE PRESIDE FAZ UM DISCURSO, EXORTANDO INSTANTE OS SEUS OUVINTES A PRATICAREM ESTES BELOS ENSINAMENTOS EM SUAS VIDAS. EM SEGUIDA, TODOS SE LEVANTAM E RECITAM AS ORAÇÕES. QUANDO AS ORAÇÕES TERMINAM, TROCAMOS O BEIJO. ENTÃO ALGUÉM TRAZ O PÃO E UM CÁLICE DE VINHO MISTURADO COM ÁGUA. AQUELE QUE PRESIDE OS PEGA E OFERECE LOUVOR E GLÓRIA AO PAI, AO FILHO E AO ESPÍRITO SANTO, E DURANTE UM TEMPO CONSIDERÁVEL RENDENDO GRAÇAS (EM GREGO EUCHARISTIAN) POR TERMOS SIDO JULGADOS DIGNOS DESTES PRESENTES, TODOS OS ASSISTENTES SE UNEM À ACLAMAÇÃO DIZENDO AMÉM. QUANDO AQUELE QUE PRESIDE RENDE GRAÇAS E A ASSISTÊNCIA RESPONDE, AQUELAS PESSOAS QUE CHAMAMOS DIÁCONOS DÃO AQUELES QUE ESTÃO PRESENTES O PÃO "EUCARISTIZADO" E PEGAM PARA AQUELAS QUE ESTÃO AUSENTES. PARALELAMENTE, OS BENFEITORES DOAM O QUE QUISEREM. O QUE É RECOLHIDO É CONFIADO AQUELA QUE PRESIDE, A QUAL AJUDA COM ISSO OS ÓRFÃOS E AS VIÚVAS..." (São Justino, 150 d.C.).
3. Os sacerdotes vêm destas fervorosas comunidades Cristãs, que participavam plenamente da liturgia e haviam assimilado o poder do Evangelho em suas vidas. Este fato permite explicar como alguns membros excepcionais de tais comunidades foram elevados, a pedido geral, do humilde estado de leigo ao de bispo em poucos dias: veja, por exemplo, São Ambrósio, São Alexandre, São Martinho, São Pedro Crisólogo. Eles eram membros apreciados de sua comunidade Cristã e todos conheciam seu zelo e fervor nas assembleias.
4. Segundo os mesmos critérios, **nosso próprio clero não é melhor que nossos fiéis. É a comunidade que gera os sacerdotes; uma boa comunidade Cristã gerará bons sacerdotes, uma comunidade Cristã morna gerará sacerdotes mornos.**
5. Rosmini lamentava que as comunidades Cristãs de sua época foram negligenciadas pelo clero ao ponto de que as liturgias já não eram compreendidas, que o conhecimento da

Palavra era mínimo, e que o povo de Deus foi relegado ao papel de espectadores na celebração dos Sacramentos, incapazes de participar devido a uma grande ignorância. Que tipo de clero poderia emergir de comunidades tão fracas? "**O primeiro estágio do sacerdócio é o Cristão em si mesmo**": um Cristão fraco se tornará candidato ao sacerdócio, sem compreender a liturgia nem a Palavra de Deus, atraído pelo privilégio de uma posição superior na sociedade, não pelo amor a Deus e ao seu povo; um tal candidato fará um sacerdote fraco, que consequentemente dirigirá congregações mais fracas e instruirá novos candidatos ainda mais fracos. "COMO PODEMOS EMPREENDER A INSTRUÇÃO E A FORMAÇÃO AO SACERDÓCIO EM UMA TRADIÇÃO REALMENTE EMINENTE DE CANDIDATOS TÃO MAL PREPARADOS? ELES IGNORAM OS ELEMENTOS BÁSICOS QUE DEVEM CONHECER? ELES NÃO TÊM NENHUMA IDEIA DO TIPO DE SABER QUE SE ESPERA DE UM SACERDOTE, NENHUMA IDEIA DO QUE ESTÃO SE COMPROMETENDO COMO CANDIDATOS AO SACERDÓCIO. A POBREZA E A MISÉRIA DAS IDEIAS QUE SUSTENTAM A PREPARAÇÃO E A FORMAÇÃO DOS ECLESIÁSTICOS MODERNOS PRODUZEM SACERDOTES IGNORANTES DA NATUREZA DA LAICIDADE CRISTÃ, DO SACERDÓCIO CRISTÃO E DOS VÍNCULOS SAGRADOS QUE OS RELACIONAM. MINISTROS DE CORAÇÃO MESQUINHO E ESPÍRITO ESTREITO, ELES SE TORNAM SACERDOTES E DIRIGENTES DE IGREJAS, FORMANDO SACERDOTES AINDA MAIS FRACOS E INDIGNOS QUE ELES MESMOS".

6. Para Rosmini, esta situação lamentável remonta aos tempos sombrios da história Européia, a partir do final do século sexto. Ele acredita que os primeiros seis séculos constituem a idade de ouro da vida da Igreja; as incessantes invasões de bárbaros do Norte e do Leste trouxeram gradualmente mudanças significativas em muitos aspectos da vida da Igreja, incluindo a formação para o sacerdócio. **Eis sua análise histórica:**
7. Os sacerdotes da Igreja dos primeiros tempos foram formados pelos melhores homens que ela possuía. O "seminário" da Igreja nos primeiros tempos era a casa do Bispo. Os sacerdotes e diáconos viviam com seu bispo em uma comunidade de fé e amor. Eles aprendiam com seu bispo o amor pelas Escrituras, o zelo ardente pela Igreja, a preocupação pelos pobres. Santo Agostinho foi o educador de um grande número de sacerdotes e bispos que residiam com ele em sua casa. O mesmo se dá com Atanásio, Alexandre, Sixto, Jerônimo, Irineu, Panteno, Hermas: eles formaram grandes sacerdotes e bispos, tendo sido formados por outros grandes bispos. "**Apenas grandes homens formam grandes homens**", diz Rosmini. Os Apóstolos iniciaram o trabalho: Timóteo, Tito, Marcos, Evódio, Clemente, Inácio, Policarpo, todos bispos da Igreja primitiva, foram educados pelos próprios Apóstolos. Irineu, por sua vez, foi formado por Policarpo: "LEMBRO-ME ATÉ DO LUGAR ONDE O BEATO POLICARPO SE SENTAVA PARA PREGAR A PALAVRA DE DEUS. LEMBRO-ME COM PRECISÃO DA GRAVIDADE COM QUE ELE SE DESLOCAVA, SUA SANTIDADE EM TUDO QUE FAZIA, A DIGNIDADE DE SEUS TRAÇOS E SUA POSTURA, OS MÚLTIPLOS ENCORAJAMENTOS QUE ELE OFERECIA A SEU POVO. POSSO QUASE OUVIR A MANEIRA COMO ELE RELATAVA SUAS CONVERSAS COM SÃO JOÃO E OS OUTROS QUE VIRAM JESUS". Esses santos bispos se ocupavam pessoalmente da formação dos sacerdotes, e os educavam pela santidade de suas vidas e seu profundo conhecimento das Escrituras. A santidade de suas vidas garantia tanto a unidade dos sacerdotes com seus bispos quanto o ensino das mesmas doutrinas.
8. **Essa idade de ouro termina com as invasões dos bárbaros que trazem o caos e a destruição em todos os lugares**. As sociedades ruíram, e o povo se agrupou em torno de seus sacerdotes e bispos, que se tornaram os mediadores entre o povo e seus novos

senhores bárbaros. A Igreja foi subitamente sobrecarregada de honras e riquezas recebidas com sua aprovação. Os bispos tornaram-se funcionários dos novos estados, possuindo grande poder e riqueza, não mais livres, mas subordinados a seus senhores. Eles se distanciaram de seus sacerdotes, que se dividiram entre clero alto e baixo, competindo entre si pela aquisição de riquezas. Os bispos deixaram de ser amados e seguidos como pastores, tornando-se temidos como soberanos, distantes, cercados de armas e cortesãos. A vida comum entre bispos e sacerdotes cessou, e o cuidado pastoral foi deixado ao clero inferior, atraído agora ao sacerdócio não por homens santos e por uma vida sagrada, mas pela avareza e pela ambição.

9. Rosmini vê a Santa Providência guiando os eventos, mesmo que tais eventos provoquem feridas profundas à Igreja. A participação dos sacerdotes e dos bispos nas estruturas de governo de uma sociedade dominada pela crueldade e ignorância dos mestres bárbaros fez com que os princípios Cristãos de amor ao próximo, justiça social, direitos da pessoa, mansidão e preocupação pelos pobres e doentes fossem gradualmente absorvidos, transformando a sociedade de dentro para fora.
10. Nem todos os sacerdotes e bispos acolheram com benevolência a oportunidade de poder e influência que a mudança política trouxe. Rosmini menciona a queixa de São Gregório Magno, que dirigiu a Igreja nesse período, inconsolável ao ver os perigos do novo mundo: "NOMEADO BISPO, RETORNO AO MUNDO. AS CONDIÇÕES MODERNAS ADICIONARAM À MINHA TAREFA DE PASTOR MAIS PREOCUPAÇÕES DO QUE NUNCA TIVE NA MINHA VIDA DE LEIGO... AS MASSAS DE NEGÓCIOS QUE ME SOBEM DE TODOS OS LADOS, E O FLORECER DE RIQUEZAS QUE ME SUBMERGE, ME DÃO TODAS AS RAZÕES PARA DIZER QUE CAÍ NAS ÁGUAS PROFUNDAS, E A INUNDAÇÃO QUE ME SUBMERSA NAS QUESTÕES DO MUNDO TORNA IMPOSSÍVEL PARA MIM, NÃO APENAS PREGAR OS MILAGRES DO SENHOR, MAS ATÉ MESMO MEDITÁ-LOS". A ironia da situação era que, embora os bispos muitas vezes valorizassem seu novo status, poder e riqueza, os soberanos convertidos dedicavam suas coroas à Igreja, e sua maior glória era serem filhos e tributários da Igreja. Nessa época, quase todos os tronos da Europa estavam ocupados por um santo.
11. Abandonados por seus bispos que se tornaram mais príncipes e soberanos deste mundo do que chefes espirituais, e carecendo de formação adequada, os sacerdotes atingiram um nível de degradação tal que perderam a estima do povo e se dedicaram a fazer dinheiro por todos os meios, usando os bens sagrados em seu benefício. As vendas de relíquias, sacramentos e indulgências tornaram-se generalizadas, e o vício e a ignorância tornaram-se a norma.
12. O Concílio de Trento tentou remediar essa situação terrível ao proporcionar a fundação de seminários onde os candidatos ao sacerdócio pudessem receber uma formação adequada. Infelizmente, faltava aos formadores a grandeza dos bispos dos primeiros tempos da Igreja: "COMPAREM OS PROFESSORES - DIZ ROSMINI - SE QUISEREM TER UMA IDÉIA DOS DISCÍPULOS! DE UM LADO, OS BISPOS, OU OS HOMENS MAIS FAMOSOS DA IGREJA; DO OUTRO, OS JOVENS PROFESSORES DOS NOSSOS SEMINÁRIOS. QUE CONTRASTE!". Os professores de seminários, diz Rosmini, não têm experiência de vida, de paróquia, de trabalho pastoral. Eles são eruditos, mas sem sabedoria; conhecem de cor as fórmulas e os resumos das doutrinas, mas não têm a compreensão verdadeira dos grandes mistérios da fé.
13. Além disso, os textos usados nos seminários são úteis para a erudição, mas não para formar sacerdotes em um modo de vida centrado em Cristo e no seu ensino. Os textos

utilizados são "INSIGNIFICANTES, BANAIS, SEM ATRAÇÃO, O PRODUTO DE ESPÍRITOS ESTREITOS", que provocam nos estudantes o ódio ao aprendizado e à vida!

14. **As Escrituras** foram o sublime manual da Igreja dos primeiros tempos, que inspirou o conhecimento e a fé juntos. Os Padres da Igreja utilizavam as Escrituras para todo seu ensino, elas os nutriram a eles próprios e a seus discípulos com as águas vivas da Palavra de Deus. Os comentários mais importantes da Bíblia vêm desses santos homens, e verdadeiramente todas as grandes obras teológicas tiveram como autores santos bispos. As obras dos **Padres** tornaram-se, por consequência, os manuais dos candidatos ao sacerdócio, mas após séculos ensinando-as, com muito poucas contribuições novas, até mesmo o estudo dos Padres tornou-se maçante e repetitivo. A etapa seguinte foi a introdução dos Compêndios de doutrinas, a Suma, que se tornou terreno dos **Escolaístas**, após Santo Tomás de Aquino. Mas enquanto Santo Tomás era imensamente profundo e sólido, seus discípulos reduziram o estudo teológico a fórmulas áridas, definições abstratas que não falavam ao coração das pessoas. "A CIÊNCIA TEOLOGICA PROGRESSIONOU, MAS A SABEDORIA DIMINUIU, E AS ESCOLAS TOMARAM UM CARÁTER ESTREITO E LIMITADO QUE FORMOU ESTUDANTES QUE FAZIAM PARTE DE UMA CLASSE SEPARADA DOS OUTROS SERES HUMANOS". Os novos **teólogos**, diz Rosmini, escolheram textos ainda mais inadequados para formar os candidatos: "ESTES LIVROS FORAM JULGADOS COMO OS MAIS MISERÁVEIS E DEBILITADOS TRABALHOS ESCRITOS EM DEZOITO SÉCULOS DE HISTÓRIA DA IGREJA. ELES CARECEM DE ESPÍRITO, DE PRINCÍPIOS, DE ESTILO E DE MÉTODO". Não é surpreendente, portanto, que o aprendizado da teologia e a vida Cristã tenham se tornado tão distantes. Não há substância, nem alimento da alma em tais obras, e os estudantes podem se permitir aprender as definições sem ter dúvidas sobre o pobre nível moral de suas vidas.
15. Quão diferente era a educação dos sacerdotes nos tempos antigos; a metodologia era então unir o conhecimento à virtude, adquirir a verdadeira sabedoria, estudar enquanto se vive uma vida santa, cada aspecto nutrindo o outro. Buscava-se imitar Cristo, Sua Palavra divina e Seus atos extraordinários eram aprendidos e vividos, e o amor a Deus, o amor à Igreja e pelos pobres buscados com o mesmo entusiasmo que o amor pelas Escrituras e por todo verdadeiro saber.
16. Em resumo, existem **quatro explicações para a educação medíocre do clero:**

- **Os candidatos ao sacerdócio vêm de comunidades Cristãs fracas;**
- **Os candidatos moles e fracos são educados por sacerdotes moles e fracos;**
- **A pobreza dos manuais utilizados para formar os sacerdotes;**
- **A ausência de método adequado, o divórcio entre o ensino e a vida moral;**

Para Rosmini, o Episcopado deve "curar" esta ferida. Mas os Bispos devem agir em conjunto, concordar em todos os princípios e métodos. O conjunto dos Bispos deve ser como a luz sobre a montanha, dirigindo seus sacerdotes pelo exemplo de sua comum santidade e unidade. Infelizmente, esta unidade essencial entre os bispos é o que falta. A desunião entre os bispos é a mais grave ferida no corpo crucificado da Igreja.

Trecho do Decreto do Vaticano II sobre a Formação dos Sacerdotes:

“Este Santo Concílio proclama a extrema importância da formação dos sacerdotes”

“Um programa para a formação dos sacerdotes deve ser empreendido pelas conferências Episcopais”

“A tarefa de encorajar as vocações cabe a toda a comunidade Cristã, que deve cumpri-la primeiro por uma vida toda Cristã... As famílias que vivem no espírito de fé, amor e respeito são uma espécie de introdução ao seminário... As paróquias ricas de vitalidade incentivam as vocações entre os jovens”

“Os diretores de seminários e os professores devem ser escolhidos entre os melhores... Eles devem criar um lar que fortaleça em cada um a alegria de sua vocação. Com uma participação ativa e amorosa, os Bispos devem inspirar a serem, e se mostrarem, verdadeiros irmãos em Cristo junto a seus estudantes”

“A formação espiritual deve estar intimamente ligada à formação doutrinal e paroquial... Elas devem ser ensinadas a prestar atenção a Cristo, a viver perpetuamente na companhia do Pai, do Filho e do Espírito Santo”

“Os seminaristas devem compreender plenamente que não são chamados às dominâncias e honras, mas a se dar inteiramente ao serviço de Deus e ao ministério pastoral”

“O estudo das Sagradas Escrituras deve ser a alma de toda teologia”.

Terceira Chaga

A ferida no lado da santa Igreja: a desunião dos Bispos

Os seis laços de ouro

A palavra "colegialidade" tem sido frequentemente ouvida desde o Concílio Vaticano II. O que isso significa? É uma doutrina moldada pelo Vaticano II segundo a qual os bispos formam um colégio que, unido sob a cabeça, o Papa, governa a Igreja. "A ORDEM DOS BISPOS É O SUCESSOR DO COLÉGIO DOS APÓSTOLOS EM SEU PAPEL DE ENSINANTES E PASTORES, E É NISSO QUE SE PERPETUA O COLÉGIO APOSTÓLICO. SEMPRE EM UNIÃO COM SUA CABEÇA, O PONTÍFICE SUPREMO, ELES EXERCEM PLENA AUTORIDADE SOBRE A IGREJA UNIVERSAL." (*Lumen Gentium, 22*). As tensões entre a primazia do papa e a colegialidade dos bispos sempre foram muito fortes. De forma significativa, o Vaticano II queria ressaltar que os bispos são realmente "vigários e legados de Cristo" e não "vigários do Papa". No entanto, muito recentemente, em 1996, o Arcebispo aposentado John Quinn se queixou de que a cúria papal frequentemente considerava a si mesma superior ao colégio dos bispos, dificultando assim o desenvolvimento da colegialidade. Atualmente, existem poucas estruturas colegiais, exceto por um Concílio Ecumênico. O Sínodo dos Bispos, criado por Paulo VI, é apenas um simples conselho do Papa: "Não é um órgão colegial de direção para a Igreja universal" (Ratzinger).

Essa união dos bispos entre si e com o Papa para formar um Colégio ainda não é efetiva. Muitos acreditam que precisamos de um Vaticano III para definir como realizar essa unidade perfeita dos bispos entre si e com o Papa, de modo que ela demonstre sua "plena autoridade sobre a Igreja universal". É indiscutível que enormes progressos foram feitos para curar essa "ferida" desde a época de Rosmini: os bispos se reúnem com mais regularidade em todos os níveis, muitos deles começam a se conhecer melhor; graças às Conferências Episcopais nacionais, documentos comuns são aprovados e divulgados. Mas os bispos sentem que cada um deles é responsável, não apenas por seu próprio diocese, mas pela Igreja universal? Existem estruturas que lhes permitem governar juntos a Igreja universal, sempre sob a liderança do Papa? Eles ensinam todos a mesma doutrina, a mesma liturgia, o mesmo código ético?

Rosmini afirma que a "colegialidade" ou a união de todos os bispos era praticada pelos bispos e Papas nos seis primeiros séculos da Igreja. Foi apenas quando os bispos entraram na arena política que a ferida da desunião e do conflito envenenou a Igreja. **Aqui está sua análise histórica:**

1. JESUS, antes de sua paixão e morte, orou ao Pai para estabelecer seus apóstolos em perfeita unidade. A unidade na natureza divina da Santa Trindade é a fonte da unidade no Episcopado da Igreja.
2. Os Apóstolos zelaram pela sua unidade e pela unidade de suas igrejas. Sua unidade interior era garantida pela comunhão de doutrinas e sacramentos; sua unidade exterior pelos fortes laços entre os Apóstolos e seu chefe, Pedro, e depois por seus sucessores.

3. Embora dispersos entre as nações, os bispos eram conscientes de formar um só corpo dotado da mais alta autoridade. Seus corações e suas mentes eram dominados por esse grande conceito de unidade, e eles usavam todos os meios possíveis para se conectar entre si. Todos mantinham exatamente a mesma fé, o mesmo amor mútuo.
4. Como essa perfeita unidade era realizada? Rosmini menciona "**seis laços de ouro**" que unem os bispos em perfeita unidade.

- **Os bispos se conheciam pessoalmente entre si.** Tito, Timóteo, Policarpo, Inácio, Irineu, João Crisóstomo, Gregório de Nyssa, Gregório de Nazianzo foram bispos que conheciam pessoalmente muitos outros santos bispos mesmo antes de serem nomeados. Era bem conhecido que a casa de Santo Agostinho era a casa na qual muitos futuros bispos foram formados. Esses grandes bispos formaram outros grandes bispos e mantiveram seus profundos laços de amizade e amor cristão.
- **Os bispos, mesmo os mais isolados, correspondiam continuamente,** embora não dispusessem dos nossos meios de comunicação. As cartas dos bispos eram lidas respeitosamente nas assembleias. Os Apóstolos escreviam para suas igrejas, e os outros bispos seguiam seus exemplos: Clemente, Inácio, Sotero, Atanásio, João Crisóstomo, etc. Particularmente comoventes são as cartas escritas por Inácio a várias igrejas quando foi levado a Roma para ser martirizado (aos Efésios, Magnésios, Tralianos, Romanos, Filadélfios e Esmirnenses). Na sua carta à igreja de Roma, São Dionísio escreve: "HOJE CELEBRAMOS O DIA DO SENHOR E LEMOS SUA CARTA. CONTINUAREMOS A LÊ-LA PARA NOSSO ENSINO, COMO FAZEMOS COM AS CARTAS QUE CLEMENTE NOS ENVIA." Sete cartas desse grande bispo nos chegaram, escritas a diferentes igrejas: aos Romanos, Lacedemônios, Atenienses, Nicodêmienses, habitantes do Ponto, da Creta e de Gnossos.
- **Os bispos se visitavam mutuamente com caridade, ou movidos pelo zelo pelas questões da Igreja.** Sua devoção se aplicava mais à Igreja universal do que suas próprias igrejas os investiam. Eles eram conscientes de ser bispos da Igreja Católica, e percebiam que um diocese não poderia ser separada do corpo inteiro dos fiéis. Cada Igreja local incorporava a totalidade do que a Igreja realmente é, mas seus bispos eram conscientes da necessidade fundamental de estar em união com os outros bispos e com o bispo de Roma.
- **As Assembleias e Concílios, especialmente os concílios provinciais, se reuniam com frequência.** Os bispos de uma província buscavam mutuamente seus pareceres, para esclarecer um ponto de doutrina, encontrar soluções comuns. Os bispos consultavam frequentemente seus sacerdotes e fiéis, prestando conta de seu governo. O consentimento dos fiéis em todas as áreas era tão valorizado que, se rejeitassem um bispo, não eram obrigados a aceitá-lo e outra pessoa adequada era nomeada em seu lugar. São Cipriano escrevia a seus sacerdotes: "No início do meu episcopado, decidi não tomar nenhuma decisão sem solicitar seu parecer e o dos fiéis".
- **O bispo metropolitano tinha autoridade sobre os bispos de uma província,** embora sedes mais importantes reunissem várias províncias e metropolitanos sob sua autoridade. Essa organização permitia a uniformidade da doutrina e da prática e fortalecia os laços entre as igrejas e os bispos.
- **A autoridade universal do Papa, que era a rocha-fundamento da unidade da Igreja universal.** Para todas as suas necessidades importantes, os bispos e as igrejas do mundo todo recorriam a ele como um pai, um juiz, um professor, um chefe, o centro e a

> fonte comum. Roma era considerada o supremo trono onde era visível no sucessor de São Pedro a sã doutrina e a unidade da Igreja na terra. O Papa era o símbolo da unidade da Igreja universal, e os bispos realizavam continuamente peregrinações a Roma para orar sobre a tumba de São Pedro e prestar contas ao Papa.

A idade de ouro da Igreja terminou após seis séculos. A mesma força destrutiva responsável pela formação insuficiente de sacerdotes foi também a causa da desunião entre os bispos: foi o fim do Império Romano e as incessantes invasões dos reinos bárbaros, com a instituição do sistema feudal. No colapso do antigo sistema, os bispos tornaram-se os intermediários entre o povo e os senhores bárbaros e foram forçados a entrar na arena política, adquirindo nesse ocasião poder, riquezas e privilégios. A "Cristianização" da Europa foi o resultado da presença e da influência dos bispos na administração pública, mas essa implicação teve consequências infelizes para a Igreja. Os bispos rapidamente aprenderam a amar seu novo status político, e se cercaram de cortesãos, homens de armas, e de todas as marcas exteriores que invejavam nos príncipes reais. Inventaram protocolos, títulos, construíram palácios, e geralmente se afastaram de seu clero inferior e do povo. A avareza, o ódio, os desentendimentos, os apetites, a licença se espalharam entre eles, tornando-os servís aos seus senhores que garantiam sua posição. "**Eles se tornaram escravos de homens ricamente vestidos, em vez de apóstolos livres de um Cristo nu**". A implicação dos bispos na política causou profundas dissensões entre eles. Rosmini menciona os esforços dos ambiciosos bispos de Constantinopla, de Ravena, dos antipapas, para obter mais poder para si mesmos e para seus próprios senhores políticos; [houve] o surgimento de igrejas "nacionalistas" dirigidas por bispos mais leais a seus soberanos do que ao Papa e aos Evangelhos.

A acumulação de riqueza e poder dos bispos era invejada não apenas pelo povo e pelo clero, mas logo atraiu a nobreza e os soberanos, muitos deles, em diferentes épocas da história, se apropriaram de todos os seus bens. A resposta dos bispos foi defender suas riquezas por meio de "excomunhões", mostrando a realidade de sua riqueza e trazendo para a Igreja os piores resultados.

Rosmini afirma que a fé católica poderia ter sido preservada em algumas nações se a Igreja tivesse sido libertada da riqueza que a colocava em perigo. "É REALMENTE POSSÍVEL ENCONTRAR UM CLERO IMENSAMENTE RICO O SUFICIENTE CORAJOSO PARA SE EMPOBRECER, OU MESMO TER SENSO COMUM SUFICIENTE PARA COMPREENDER QUE EMPOBRECER A IGREJA É SALVÁ-LA?"

A Igreja aspira à liberdade, não à riqueza. Liberados de toda interferência política, libertos de todo compromisso político e da riqueza, os Bispos, pobres e simples como os Apóstolos, se tornariam novamente um farol de comunhão entre eles e estariam prontos para prosseguir com vigor a pregação do Reino de Deus a todas as criaturas.

Mas para alcançar esse desengajamento político, a eleição dos bispos deve ser exclusivamente de competência da Igreja. Isso só pode ser alcançado quando a quarta ferida da Igreja for fechada.

Trecho de *Lumen Gentium* e do Decreto sobre os Bispos do Vaticano II

“Para que os próprios bispos possam ser um só e indivisível, Jesus colocou Pedro acima dos outros Apóstolos e deu a ele uma fonte permanente e visível e o fundamento da unidade da fé e da

amizade.”
“A natureza colegial e o significado da ordem episcopal encontram sua origem na prática muito antiga pela qual os bispos nomeados ao redor do mundo estavam ligados entre si e com o bispo de Roma por laços de unidade, caridade e paz.”
“O Pontífice Romano é a fonte visível e perpétua e o fundamento da unidade dos bispos e dos fiéis... cada Bispo representa sua própria Igreja, mas todos juntos, em união com o Papa, representam a Igreja inteira.”
“Os Bispos estão unidos em um colégio ou corpo... A ordem Episcopal é o objeto da plena e suprema potência sobre a Igreja universal. Mas esse poder deve ser exercido apenas com o consentimento do pontífice romano.”
“Os Bispos devem sempre reconhecer que estão ligados entre si e devem demonstrar seu interesse por todas as igrejas.”
“Quando exerce seu ministério de pai e pastor, um bispo deve se apresentar em meio ao seu povo como servo. Que ele seja um bom pastor que conhece seu rebanho e que seu rebanho o conheça. Que ele seja um verdadeiro pai que se destaque no espírito de amor por todos.”
“Nos primeiros séculos da Igreja, os Bispos que dirigiam igrejas individuais eram profundamente influenciados pela caridade fraterna e pelo zelo pela missão universal que os apóstolos receberam. Assim, eles colocaram seus recursos em comum e unificaram seus projetos para o bem comum e o das igrejas individuais. Foi assim que foram estabelecidos sínodos, concílios provinciais... Este Santo Concílio deseja, essencialmente, que as veneráveis instituições dos sínodos e concílios floresçam com um novo vigor.”

Quarta Chaga

A ferida no pé direito da santa Igreja: a nomeação dos Bispos nas mãos do poder civil.

Não se pode servir a dois senhores

Durante mais de mil anos, e na época de Rosmini, imperadores, reis e governantes da Europa e do mundo se arrogavam, pela força ou obtinham da Igreja, por meio da coerção, o direito de nomear bispos para os assentos de seus respectivos países. Era simplesmente solicitado ao Papa, ou reservava-se a ele o direito de "confirmar" suas nomeações. Essa é a "ferida" que Rosmini destaca neste capítulo, mas ao apresentá-la e dar um relato histórico muito doloroso de como uma Igreja "livre" foi subjugada aos poderes civis, ele sugere também que a Igreja deve retornar às práticas dos primeiros tempos, quando os bispos eram eleitos pelo clero e pelos fiéis. Foi essa segunda questão que fez refletir fiéis e teólogos em nossa própria época, e que constituiu o pretexto para a condenação do livro.

Para Rosmini, o clero e os fiéis têm um direito "divino" de eleger seu pastor. Pio IX pediu-lhe que esclarecesse este ponto de teologia, que parecia considerar como "inválidas" as eleições de bispos nomeados exclusivamente pelos soberanos com a aprovação do Papa. Outros bispos e teólogos fizeram o mesmo pedido, e Rosmini foi obrigado a publicar três cartas que havia escrito ao cônego Giuseppe Gatti. Ele faz a distinção entre "**direito divino constitutivo**" e "**direito divino moral**". O clero e os fiéis têm, para a eleição dos bispos, um "direito divino moral" apenas, e a violação desse direito não acarreta "invalidade"; o Papa tem, sem dúvida, a possibilidade de ultrapassar esse direito do clero e dos fiéis se for forçado por outras razões importantes. Portanto, as nomeações de bispos feitas pelo poder civil são perfeitamente "válidas" se forem ratificadas pelo Papa, como estipulado pelo Concílio de Trento. A violação do "direito divino constitutivo", ao contrário, "invalida" qualquer ação que seja, mas não é o caso do direito divino moral do clero e dos fiéis de eleger seu bispo.

Rosmini, portanto, reivindica apenas um "direito divino moral" para a eleição dos bispos pelo clero e pelos fiéis. Mas é realmente um direito importante, de origem "divina", e deve, portanto, ser exercido se não houver outras considerações essenciais. Rosmini justifica os Papas que permitiram a intervenção de poderes civis na eleição de bispos quando consideravam que era um "menor mal".

E agora, o que dizer? A maioria dos governos civis, felizmente, abandonou o "privilégio" de eleger seus próprios bispos, reconhecendo a liberdade da Igreja nessa importante matéria; dizemos "a maioria" porque sabemos que a influência estatal não cessou em todos os lugares, veja a China, Cuba e os Estados totalitários. Mas e o "direito divino moral" do clero e dos fiéis de eleger seus bispos?

Aqui estão as últimas notícias do Reino Unido: os fiéis de Northampton estão sem bispo há muito tempo, e aguardam a reflexão do Papa e sua decisão sobre um nome dentre os três propostos por

um número restrito de bispos. O clero ordinário e o povo de Deus de Northampton não foram consultados: tudo o que eles sabem é que seu Pastor pode ser uma pessoa desconhecida vinda de uma região distante da Grã-Bretanha que provavelmente não tem conhecimento das pessoas, das igrejas ou da situação real do povo de Deus de Northampton.

Esse é um exemplo típico, mas o mesmo procedimento é seguido em toda parte para a eleição de bispos: **é chegada a hora de reconhecer e respeitar na prática o direito moral divino do clero e dos fiéis de eleger seu Pastor?**

Rosmini **sugeriu até um método** a ser seguido para a eleição do bispo. Registros deveriam ser abertos em cada paróquia do diocese "DENTRO DOS QUAIS OS FIÉIS QUE DESEJASSEM PODERIAM DAR SUA OPINIÃO SOBRE A ESCOLHA DE UM BISPO, INDICAR AS IRREGULARIDADES CANÔNICAS INCORRIDAS POR AQUELES QUE PODERIAM SER ESCOLHIDOS, E NOMEAR O SACERDOTE QUE CONSIDERASSEM O MAIS APTO PARA SER O FUTURO PASTOR DO DIOCESE". Orações seriam feitas no diocese em vista do melhor resultado. Os registros seriam fechados após oito dias pelos sacerdotes da paróquia, que reuniriam "Doze dos mais antigos paroquianos" e os demais sacerdotes da paróquia para examinar os resultados, discuti-los e enviá-los.

O clero então se reuniria na Catedral, os diferentes sacerdotes de paróquia seriam ouvidos, e os nomes escolhidos pelos fiéis seriam tornados públicos entre os cônegos e sacerdotes reunidos. A assembleia vota nos sacerdotes de sua escolha, e se os nomes das duas eleições (fiéis, sacerdotes) forem os mesmos, a assembleia passa para a próxima etapa; caso contrário, eles estudam os resultados e procuram extrair o nome que recebeu mais votos. Se o clero não aprovar nenhum dos nomes dados pelos fiéis, deve apresentar suas razões e propor seus próprios nomes. Os nomes escolhidos pelos fiéis e aqueles do clero, ou o nome que foi escolhido pela maioria dos dois grupos, são enviados ao bispo metropolitano, que se reunirá com outros bispos provinciais como "árbitros", e eles submeterão a decisão ao Papa como juiz supremo. Em todos os casos, o Papa tomará a decisão final. A ELEIÇÃO DO PAPA, NO ENTANTO, É OUTRA QUESTÃO E NÃO DEVE SER MUDADA.

A história da Igreja se apresenta a nossos olhos de forma clara quando **Rosmini nos faz um retrato lamentável da luta entre a Igreja e o poder sobre o direito de nomeação dos bispos e dos padres.** OS SEIS PRIMEIROS SÉCULOS CONSTITUEM A ERA DOURADA DA IGREJA: A IGREJA ERA POBRE MAS LIVRE, E AS ESTRUTURAS ORIGINAIS ESTABELECIDAS PELOS APÓSTOLOS E SEUS SUCESSORES IMEDIATOS ERAM SEGUIDAS EM TODO LUGAR, O BISPO ERA ELEITO PELO CLERO E PELOS FIÉIS. Rosmini apresenta numerosas provas de suas afirmações, tiradas da Igreja de Roma a Ocidente, da Igreja de Alexandria a Leste, e das influentes Igrejas da África.

- São Clemente, papa e mártir, e discípulo e sucessor de São Pedro, escreveu esta carta à igreja de Corinto: "NOSSOS APÓSTOLOS SABIAM POR NOSSO SENHOR JESUS CRISTO QUE HAVERIA DISSENSOS SOBRE A NOMEAÇÃO DOS FUTUROS BISPOS. POR ESSA RAZÃO, ELES ESTABELECERAM UMA REGRA PARA AS SUCESSÕES FUTURAS: OS BISPOS DEVEM SER HOMENS EXCEPCIONAIS ELEITOS COM O CONSENTIMENTO E A APROVAÇÃO DE TODA A IGREJA". A Constituição apostólica, atribuída a São Pedro, estipula: "EU, PEDRO, O PRIMEIRO ENTRE VÓS, DECLARO QUE A PESSOA QUE DEVE SER ORDENADA BISPO DEVE SER SEM FALHAS EM TUDO, E ESCOLHIDA POR TODOS OS FIÉIS COMO A MAIS DIGNA... AQUELE QUE PRESIDE A ASSEMBLEIA DEVE PERGUNTAR AOS SACERDOTES E AOS FIÉIS SE

É ESSA A ESCOLHA DELES. SE ELES APROVAREM, DEVE PERGUNTAR SE TODOS TESTIFICAM A DIGNIDADE DA PESSOA PARA ESTE OFÍCIO... QUANDO ELES DÃO SEU CONSENTIMENTO PELA TERCEIRA VEZ, A PESSOA PODE SER ELEITA." São Clemente e seus sucessores permaneceram fiéis a essa tradição, como podemos ver através dos atos de São Cornélio, Júlio, Zosimo, Bonifácio, Celestino, Leão Magno, Hilário, Hormisdas, Gregório Magno, Adriano I, Gregório VII, Urbano II, Pascoal II e muitos outros. Todos esses testemunhos defenderam firmemente a tradição da eleição dos bispos pelo clero e pelos fiéis.

- Qual era a tradição de Alexandria sobre a presença ativa do povo cristão na eleição dos bispos? São Atanásio e Orígines falam vagamente da mesma tradição na eleição dos bispos. Orígines escreve: "QUANDO UM BISPO É ORDENADO, OS FIÉIS DEVEM ESTAR PRESENTES DE FORMA A QUE TODOS CONHEÇAM E SE ASSEGUREM DE QUE A PESSOA MAIS DIGNIFICADA, SÁBIA, SANTA E VIRTUOSA ENTRE ELES FOI ESCOLHIDA PARA O EPISCOPADO EM PRESENÇA DE TODOS. ASSIM, MAIS TARDE, NÃO HAVERÁ RECLAMAÇÕES NEM DÚVIDAS SOBRE O BISPO. OS APÓSTOLOS INSISTIAM NISSO EM RELAÇÃO À NOMEAÇÃO DOS BISPOS." E São Atanásio: "QUANDO OS FIÉIS ESTÃO REUNIDOS, A ORDENAÇÃO DEVE OCORRER NA PRESENÇA DELES E DO CLERO. O IMPERADOR CONSTÂNCIO - LAMENTA ATANÁSIO - PENSA QUE PODE MUDAR A LEI DE DEUS VIOLANDO AS ORDENAÇÕES DO SENHOR TRANSMITIDAS PELOS APÓSTOLOS. ELE ENVIOU BISPOS ACOMPANHADOS DE MILITARES A FIÉIS DISTANTES CONTRA SUA VONTADE. SUAS ÚNICAS RECOMENDAÇÕES E AVISOS FORAM AMEAÇAS E CARTAS AOS MAGISTRADOS".
- As igrejas da África testemunham a mesma tradição ininterrupta. São Cipriano escreve: "RECONHECEMOS QUE A ESCOLHA DE UM BISPO NA PRESENÇA E SOB OS OLHOS DE TODOS OS FIÉIS, QUANDO SUA DIGNIDADE E SUA APTIDÃO SÃO APOIADAS PELA ASSISTÊNCIA E O TESTEMUNHO DO PÚBLICO, NOS VEM DA AUTORIDADE DIVINA... O QUE MANTEMOS EM TODAS AS NOSSAS PROVÍNCIAS COMO A LEGÍTIMA CELEBRAÇÃO DE ORDENAÇÃO DEVE SER PRESERVADA E MANTIDA COMO UMA REGRA DIVINA E APOSTÓLICA. O POVO DO QUAL O NOVO CHEFE FOI ORDENADO, OS BISPOS PROVINCIAIS DEVEM SE REUNIR DE FORMA A QUE O BISPO SEJA ESCOLHIDO NA PRESENÇA DOS FIÉIS QUE ESTÃO PERFEITAMENTE A PAR DA VIDA DE CADA UM E DE COMO CADA UM SE COMPORTA".

A história mostra indubitavelmente que nas maiores Igrejas fundadas pelos Apóstolos, nas igrejas de Roma, Alexandria, Antioquia, Constantinopla, Éfeso, Cesaréia, Heráclides, Corinto, Tessalônica, Cartago e em muitas outras, durante séculos os fiéis tiveram uma participação ativa na escolha dos bispos. Um bispo sem o apoio e a aprovação dos fiéis era considerado um usurpador ilegal.

Essa tradição permaneceu sólida e universal durante os seis primeiros séculos da Igreja. As invasões dos exércitos bárbaros que provocaram a queda do velho Império Romano trouxeram mudanças dramáticas na Igreja, particularmente em seu estado de Mãe pobre, mas livre de todos os seus rebanhos. Os novos senhores bárbaros dotaram a Igreja de riqueza e poder, enquanto a subjugaram através de bispos que se tornaram progressivamente príncipes políticos sob a autoridade dos senhores.

A batalha com o poder secular pelo direito de escolha dos bispos durou muitos séculos. A Igreja se defendia com decretos e cânones, e fortes afirmações de muitos concílios. O Papa

Símaco, por exemplo, já em 500, publicou um decreto na presença de 218 bispos, declarando: "NÃO PODEMOS CONCEDER QUALQUER PODER DE DECISÃO DENTRO DA IGREJA ÀQUELES CUJO DEVER É SEGUIR, EM VEZ DE COMANDAR", e confirma a antiga maneira de escolher os bispos com o consentimento do clero e dos fiéis. Gregório Magno escrevia em 593: "INFORMEM O CLERO E OS FIÉIS DA CIDADE A CONSENTIREM COM A ESCOLHA DE UM BISPO, E ENVIE O DECRETO DE ELEIÇÃO DE MODO QUE ELE SEJA ORDENADO COM NOSSA APROVAÇÃO, SEGUNDO A PRÁTICA ANTIGA. SOBRETUDO, NÃO PERMITAM QUE O PODER REAL, OU O PATRONATO DE PESSOAS DE ALTA POSIÇÃO, TENHA ALGUMA INFLUÊNCIA NA ELEIÇÃO".

Mas todos os esforços para salvaguardar esse princípio fundamental de liberdade para a Igreja tiveram pouco efeito diante de reis e príncipes poderosos e determinados, resolutos a adquirir toda a autoridade e poder para si mesmos. Eles inicialmente falaram de "assentimento real" para a ordenação dos bispos, depois consideraram os bispos como seus súditos e sua propriedade, como bens da coroa. Muitas vezes, ao morrer um bispo, não nomeavam outro durante um longo período, o que lhes permitia enriquecer-se com as rendas das propriedades do bispo falecido. Era comum que o rei oferecesse o assento episcopal ao melhor licitante. E como os sacerdotes comuns também possuíam rendas eclesiásticas, os reis decidiram que a Igreja não poderia nomear nem mesmo um simples sacerdote sem a permissão real.

A liberdade de escolha nas eleições episcopais foi quase totalmente perdida no início do século XI. O padre Ingulfo, um contemporâneo de Guilherme, o Conquistador, descreve assim a situação na Inglaterra: "HÁ ANOS, NÃO HÁ MAIS ELEIÇÃO DE PRELADOS LIVRE E CANÔNICA; OS ASSENTOS DE BISPOS E PADRES SÃO ATRIBUÍDOS À VONTADE DA CORTE REAL COM O ANEL E O BASTÃO PASTORAL". É preciso ler as tristes páginas produzidas por Rosmini como prova do que ele afirma, especialmente os atos heroicos de Hincmar, o santo arcebispo de Reims, e de Pascoal II.

Foi Gregório VII quem pôs fim a esse longo e triste período da história da Igreja. Não vamos entrar nos detalhes das batalhas de Gregório contra os reis e príncipes de seu tempo, especialmente o imperador Henrique IV, que o fez esperar descalço na neve por vários dias diante de seu palácio em Canossa antes de admiti-lo e receber dele palavras de arrependimento pelos danos que infligiu à Igreja por sua arrogância em vender assentos episcopais e fazer o Papa ser desafiado por bispos. Em uma das cartas de Henrique IV ao Papa, antes de seu ato de submissão em Canossa, lemos: "NOSSO SENHOR O REI ORDENA QUE VOS RENUNCIEIS AO VOSSO SEU ASSENTO APOSTÓLICO E PAPAL, QUE É SEU, E QUE DEIXEIS DE OCUPAR ESSE ASSENTO BENDITO"! Rosmini afirma que o verdadeiro combate entre "sacerdócio" e "império" era, na verdade, um combate entre bispos corruptos que se negavam a se reformar e a Igreja que desejava reformá-los. Por trás de cada soberano ambicioso na Europa estavam muitos bispos corruptos, muito mais leais às coroas do que à Igreja, e esses bispos aconselhavam constantemente seus soberanos a arrancar mais poder da Igreja.

Após a vitória de Gregório sobre o império, surgiu um período relativamente tranquilo para a Igreja, um período durante o qual as antigas tradições e disciplinas foram restabelecidas. Mas, após cerca de um século, "O DIABO ENCONTROU UM NOVO E SUTIL MEIO DE PERTURBAR A PAZ E A PROSPERIDADE DA IGREJA: OS PRIVILÉGIOS SEM LIMITES". **A Igreja havia triunfado com Gregório VII, ganhando assim poder e prestígio. Ela utilizou esse poder para concentrar nas mãos dos Papas todos os direitos de nomeação de bispos e padres em todos os**

lugares. Essa concentração de poderes na papado gerou um imenso ressentimento entre os cristãos, que reagiram "com nojo em vez de raiva" ao ver os chefes supremos da Igreja reservando para si todos os privilégios para adquirir mais riqueza e autoridade.

Os bispos reunidos no Concílio de Basileia atacaram os privilégios papais, levando todos os reis e soberanos a pedir ao papa que reconhecesse seus direitos e privilégios. **A consequência terrível foi abandonar mais uma vez ao poder temporal a nomeação dos bispos.** Os tratados resultantes forçaram os papas a renunciar a uma grande parte da liberdade de escolha nas nomeações episcopais. A nomeação dos bispos foi atribuída ao rei; a Santa Sé reteve apenas o poder de confirmar a nomeação. "**De fato, esse novo tipo de disciplina, que prevalece até hoje e causa uma das feridas mais dolorosas e amargas à Esposa crucificada de Cristo, repartiu os "privilégios" entre os soberanos e os papas**".

Tal era a situação na época de Rosmini. Ele levanta um problema importante ao convidar os reis e imperadores a deixar de lado seu privilégio indevido de nomear os bispos. Ele argumenta com eles e sustenta que é do seu interesse bem compreendido deixar que a Igreja de Deus escolha seus bispos. Ele lista quatro condições fundamentais para a eleição dos bispos que, segundo ele, podem ser devidamente atendidas pela Igreja, nunca pelo Estado:

- "**A melhor pessoa será escolhida como bispo**": quem está em melhor posição para julgar as qualidades necessárias para um bispo, senão o Pastor de seu rebanho, que guia seu povo em direção à santidade por meio de uma firme doutrina e retidão moral?
- "**O sacerdote escolhido deverá ser conhecido, amado e desejado por aqueles que ele está chamado a governar**": o desejo da igreja de ter como pai e pastor o sacerdote que se sente em casa é bom e razoável. Mas, se os soberanos nomeiam os bispos, os desejos dos fiéis raramente são ouvidos.
- "**O sacerdote escolhido para bispo deve ter integrado há muito o clero da diocese que ele deve governar, e não ser enviado como um estranho de uma terra distante**": é do interesse da igreja local que a pessoa que se tornará o pai de todos seja conhecida por todos. Os soberanos praticam favoritismo e seu interesse pessoal, não o interesse dos fiéis.
- "**De modo geral, apenas o corpo moral ou a pessoa moral em questão é capaz de julgar o que é bom para si mesma**": a Igreja é uma realidade espiritual e moral, e seu interesse e sua missão diferem notavelmente das preocupações dos poderes civis. A Igreja sabe o que é melhor para ela, e os cristãos sabem qual é seu interesse quando se trata de sua salvação.

Para concluir, Rosmini, após ter plenamente aprovado a máxima promulgada por Leão Magno, "**A pessoa que governa o todo deve ser escolhida por todos**", faz um resumo dos direitos e deveres do povo de Deus na eleição de seu bispo:

- **Dar testemunho da virtude e da dignidade do bispo que recebem.** Eles podem tornar públicos os defeitos conhecidos, assim como diz Cipriano: "para que assim, na presença dos fiéis, o bem e o mal possam ser discernidos".

- **Formular seus desejos e pedidos para o bispo cujas virtudes testemunham.** Os bispos de Alexandria, ao apoiar a eleição de Santo Atanásio, sustentavam que ele se tornou bispo quando "toda a multidão, com toda a assembleia da Igreja Católica, unidas em um só corpo e em uma só alma, choravam e clamavam em favor de Atanásio como bispo da igreja. Eles suplicavam publicamente a Cristo por isso, e nos imploraram durante dias e noites, sem deixar a igreja ou permitir que deixássemos. Nós mesmos, esta cidade, e toda a província somos testemunhas disso".
- **Recusar um bispo que foi escolhido, desde que a recusa seja feita pela maioria da parte mais confiável dos membros da diocese. São Celestino** prescreve que "nenhum bispo será dado aos fiéis que não queiram recebê-lo". É uma espécie de **veto reconhecido pela Igreja** como um direito do povo cristão.

Trecho do Decreto sobre os Bispos do Concílio Vaticano II:

"Por definição, os bispos gozam de plena e inteira liberdade e de independência em relação a qualquer poder civil... o ministério apostólico dos bispos, tendo sido instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo, prossegue um objetivo espiritual e sobrenatural; este Sagrado Sínodo declara que o direito de nomear e instituir os bispos pertence efetivamente, particularmente e por si mesmo exclusivamente à autoridade eclesiástica competente. Portanto, a fim de proteger devidamente a liberdade da Igreja e promover mais adequada e eficientemente o bem-estar dos fiéis, este muito santo Concílio deseja que, no futuro, os poderes civis não possam mais beneficiar-se de direitos ou privilégios para a eleição, a nomeação, a apresentação ou a designação ao ofício episcopal. Esses poderes civis, que o santo Sínodo agradece com gratidão por sua atitude favorável em relação à Igreja, são convidados com a maior benevolência a renunciar voluntariamente aos direitos e privilégios acima mencionados dos quais gozam atualmente por tratado ou costume".

Quinta Chaga

A CHAGA NO PÉ ESQUERDO: AS RESTRIÇÕES NO LIVRE USO DE SEUS PRÓPRIOS BENS PELA IGREJA.

A Igreja dos primeiros tempos era pobre, mas livre

O leitor contemporâneo das Cinco Chagas encontrará este capítulo muito estimulante para a Igreja. As quatro primeiras chagas ainda são muito atuais hoje, e o caminho ainda é longo antes que o trabalho de cura seja concluído. No entanto, está-se mais consciente da necessidade de encontrar remédios eficazes, e o Concílio Vaticano II certamente produziu documentos marcantes que refletem a verdadeira intenção da Igreja de se reformar de dentro para fora.

Mesmo após uma leitura superficial do capítulo da quinta chaga, é claro que a visão da Igreja que Rosmini tinha era que a Esposa de Cristo abraçava a mesma pobreza que seu Esposo, que dizia: "AS RAPOSAS TÊM SEUS TUGÚRIOS, E AS AVES TÊM SEUS NINHOS, MAS O FILHO DO HOMEM NÃO TEM ONDE RECLINAR A CABEÇA". Rosmini pede que os papas, os bispos e os padres adotem a pobreza evangélica, assim como era na Igreja dos primeiros tempos. "A PROFISSÃO DE PAUPERIDADE FOI DURANTE MUITO TEMPO A GLÓRIA DO MINISTÉRIO SACERDOTAL; A MAIORIA DOS HOMENS CHAMADOS AO SACERDÓCIO ABANDONAVAM SEUS BENS OU OS DOAVAM AOS POBRES... AS MÃOS ESTENDIDAS DOS POBRES, DAS VIÚVAS, DOS LEPRAS, DOS ESCRAVOS, DOS PEREGRINOS E DOS INDIGENTES FORMAVAM OS CELARES ONDE A IGREJA PODIA DEPOSITAR SEUS TESOUROS SEM TEMER O ROUBO".

Poucas pessoas hoje estariam dispostas a admitir que a Igreja oficial é pobre. Papas, bispos, padres e ordens religiosas não são considerados os melhores exemplos de pobreza, com algumas exceções. A opinião geral é que o clero está pelo menos confortavelmente bem, muitas vezes mais do que confortável, e ocasionalmente rico. Essa percepção pode ser imprecisa, mas é frequentemente repetida; e muitos não estão convencidos pelo argumento de que ser pobre é viver de acordo com os padrões da maioria das pessoas que o clero serve. Alguns dirão que Cristo e os Apóstolos não escolheram viver de acordo com os padrões dominantes; escolheram a pobreza dos pobres e sua existência precária. A Igreja dos primeiros tempos era pobre, mas livre. **Sua pobreza evangélica era resguardada por sete máximas que regulavam a aquisição, administração e uso dos bens materiais.** Rosmini explica em um apelo apaixonado essas antigas máximas que a Igreja de seu tempo, a Igreja de nosso tempo, poderia novamente seguir se desejar ser o sal da terra e a luz do mundo.

1. **A primeira exigência era que todas as ofertas feitas à Igreja devem ser "espontâneas"**. Cristo obrigava os fiéis a sustentarem aqueles que trabalhavam pelo Evangelho, mas apelava para a aceitação livre do Seu Evangelho por parte dos fiéis e para sua reação moral. São Paulo, embora reconhecendo que tinha o direito moral de "comer e beber" para pregar o Evangelho, raramente o reivindicava, preferindo trabalhar arduamente por sua comida e pela de seus companheiros. Mais ainda, a obrigação imposta por Cristo ao fiel de sustentar o clero **não ia além do estritamente necessário**

para os pregadores do Evangelho, [que] "MORAM NA MESMA CASA, COMENDO E BEBENDO O QUE PODIAM OBTER". Este preceito é enfatizado por Tertuliano no início do século III: "AQUELE QUE PODE PÕE CADA MÊS UM DINHEIRO DE LADO, OU QUANDO DECIDIR. NINGUÉM É FORÇADO; TODOS DÃO ESPONTANEAMENTE. ESTE DINHEIRO É UM INVESTIMENTO DE PIETY". **A espontaneidade terminou quando as ofertas foram forçadas por sanções impostas pelo braço secular.** Isso ocorreu com a instituição do "feudalismo" no século VIII. Para Rosmini, o feudalismo foi um desastre total para a Igreja, a causa mais profunda de todas as cinco chagas da Igreja. "O FEUDALISMO – DIZ ROSMINI – EXTINGUIU A LIBERDADE DA IGREJA E GEROU SUAS AFLIÇÕES". Os reis bárbaros se consideravam os proprietários de tudo o que estava em seu território, incluindo os bens da Igreja. Eles distribuíam favores aos bispos e esperavam em troca lealdade e submissão totais a eles. Os chefes bárbaros consideravam que as pessoas e os bens eram "deles" por direito de conquista. "PODEMOS IMAGINAR FACILMENTE O QUE ACONTECEU QUANDO SEUS BENS NÃO ESTIVERAM MAIS EM LIVRE POSSE DA IGREJA, MAS DETIDOS SOB A DOMINAÇÃO DE UM PODER TEMPORAL. AS OFERTAS ERAM EXTORQUIDAS À FORÇA, O ÚNICO PODER DE COAÇÃO DISPONÍVEL E COMPREENDIDO PELO BRAÇO SECULAR". O uso da força modificou a verdadeira natureza das ofertas ao clero. Os fiéis não gostavam de ser forçados a dar e seu apego e amor pelo clero desapareceram. O clero passou a ter a garantia de uma renda constante que não dependia da soma de seu trabalho. Além disso, todas as doações à Igreja eram consideradas, em última instância, como propriedade do chefe feudal, que podia apropriar-se dessas doações conforme desejasse. Esta "semente funesta", diz Rosmini, levou à confiscação dos bens dos mosteiros e das igrejas ao longo dos séculos seguintes, incluindo o recente decreto de 2 de Novembro de 1789, no qual a Assembleia Nacional Francesa declarou todos os bens da Igreja à disposição do Estado.

2. **O segundo preceito protegendo a Igreja da corrupção era que os bens deveriam ser possuídos, administrados e dispensados em comum.** Inicialmente, os fiéis traziam o fruto do que havia sido vendido e o depositavam aos pés dos Apóstolos. A distribuição era feita a cada um segundo suas necessidades. Podemos apenas admirar o amor e a união entre os crentes e nos maravilhar com a vida comum entre o clero e os fiéis. Esta exigência foi preservada durante um longo período. O bispo, como sucessor dos Apóstolos, distribuía normalmente todo mês o que era necessário para o sustento do clero que exercia o ministério em suas dioceses. Os fundos proviam das posses da igreja, ninguém tinha bens próprios. Quando Constantino autorizou os legados em favor da Igreja em 321, ele decretou: "QUALQUER PESSOA TEM O DIREITO DE FAZER O LEGADO QUE QUISER AO SANTO E CATÓLICO CONSELHO DA SANTA IGREJA CATÓLICA". O imperador Valente fez uma lei proibindo legados pessoais em favor de membros do clero; São Ambrósio e São Jerônimo aprovaram a lei. Os bens detidos em comum e administrados pela prudente solicitude dos bispos, após consulta a seu clero, eram de grande auxílio para produzir e preservar a união entre o clero e entre o clero e os fiéis. Tudo isso terminou com o feudalismo, que implicava vassalagem, servidões ao chefe, que se tornou o senhor de tudo o que os bispos possuíam. O bispo, com seus bens, tornou-se um indivíduo isolado, um homem como os outros, um cortesão compartilhando a vida da corte, às vezes um chefe de homens armados. O bispo, tornando-se senhor ou barão em seu próprio nome e no de seu chefe, fez com que a Igreja deixasse de ser visível nele; ele não era mais bispo e chefe de sua igreja, e dos fiéis que estavam unidos a ele. "ESSA TERRÍVEL E ARTIFICIAL TRANSFORMAÇÃO DOS HOMENS DE IGREJA INSTALOU NO

ESPÍRITO DOS BISPOS MEDIEVAIS A IDEIA DE SUA PRÓPRIA INDIVIDUALIDADE, E ENFRAQUECEU A NOÇÃO DE UNIDADE DO CORPO DOS BISPOS E DOS CLÉRIGOS. ELA DOBROU AS DIOCESES AOS LIMITES DO ESTADO OU DAS FRONTEIRAS FEUDAL. AO FINAL, QUASE TODOS OS BENS DA IGREJA FORAM ADMINISTRADOS E BENEFICIARAM CLÉRIGOS PESSOAIS".

3. **O terceiro e precioso preceito era que o clero não deveria usar os bens da igreja exceto para seu sustento exclusivamente; o restante deveria ser consagrado a obras piedosas, especialmente aos donativos para os pobres.** Cristo fundamentou o apostolado na pobreza e na entrega à Providência, sendo Ele mesmo o perfeito exemplo. Consequentemente, durante o melhor período da Igreja, **entrar nas fileiras do clero equivalia a fazer profissão de pobreza evangélica.** O estado de pobreza foi durante muito tempo a glória do ministério sacerdotal; a maioria dos homens chamados ao sacerdócio abandonava seus bens ou os doava aos pobres. Esses homens nunca usaram a riqueza da Igreja para seu próprio benefício como se lhes pertencessem, mas a aceitavam em depósito para os pobres. O bispo, o primeiro entre os pobres e aquele responsável por sua distribuição, podia justamente tomar algo para si e para o clero. Rosmini cita Júlio Pomério, um discípulo de Santo Agostinho, que, após louvar São Paulino e São Hilário por terem adotado a pobreza vindo de um estado de grande riqueza, escrevia: "É FÁCIL COMPREENDER QUAL ERA A SANTIDADE DESTES HOMENS (QUE RENUNCIARAM A TUDO PARA SE TORNAREM DISCÍPULOS DE CRISTO) QUE ESTAVAM PERFEITAMENTE CONSCIENTES DE QUE OS BENS DA IGREJA PERTENCIAM AOS POBRES. ELES NUNCA FIZERAM USO DESSA RIQUEZA PARA ELES MESMOS, MAS A ACEITARAM EM DEPÓSITO PARA OS POBRES". O feudalismo pôs fim a essa época abençoada. Quando os bispos e os padres se tornaram subordinados a seus senhores políticos, os bens depositados na Igreja pela generosidade dos fiéis "Em vez de fluir para os pobres, ou permaneceram inutilizados, ou acabaram nas mãos do senhor local voraz", e os pobres deixaram de ser uma carga sagrada confiada aos cuidados das igrejas.
4. **O quarto preceito que governava os bens da Igreja e salvaguardava a integridade do clero era que as riquezas eclesiásticas usadas para fins piedosos e caritativos também podiam ser consagradas a trabalhos determinados para prevenir que o arbítrio e o interesse pessoal interferissem na gestão dos bens.** Na Igreja das origens, os recursos eram atribuídos a empregos definidos segundo uma distribuição em quatro divisões: para ajudar o bispo, o clero e os pobres, e as despesas de manutenção dos edifícios da igreja e do culto. "É CERTO – DIZ ROSMINI – QUE O MELHOR REMÉDIO CONTRA A CORRUPÇÃO ACOMPANHANDO AS RIQUEZAS CONSISTIA EM ESTABELECER NOS DIVERSOS CONCÍLIOS LEIS REGULANDO PRECISAMENTE SEU USO; " A corrupção e a ruína de muitos antigos mosteiros deve ser imputada à falta de objetos precisos para os quais direcionar as grandes riquezas que possuíam as casas religiosas. Resultou que os padres e outros superiores controlando as finanças gastaram as receitas segundo sua vontade. O feudalismo destruiu a justa distribuição dos bens da Igreja em quatro categorias, acumulando, ao contrário, toda a riqueza entre as mãos de poucos dominantes.
5. **O quinto preceito salvaguardando a Igreja do perigo das riquezas era "uma alma generosa, pronta a dar, lenta a receber"**. A grande regra fixada nos corações humanos eram as nobres palavras de Cristo: "é mais vantajoso dar do que receber". Os bispos consideravam o dinheiro e a administração como um fardo, devendo ser

carregados unicamente por motivos de caridade. Santo Ambrósio rejeitava legados e doações se soubesse que parentes pobres do doador poderiam sofrer em decorrência. Santo Agostinho teve que se defender da seguinte acusação: "O bispo Agostinho dá com total generosidade, mas não aceita nada". Que acusação gloriosa, diz Rosmini! Agostinho dizia que preferiria viver feliz com os dons do povo de Deus do que ser carregado com a responsabilidade das finanças, e estava disposto a ceder aos fiéis de modo que todos os servos e ministros de Deus pudessem viver compartilhando sobre o altar. Mas os leigos recusaram firmemente sua oferta. É verdadeiramente doloroso e prejudicial para os verdadeiros interesses da Igreja, além de escandaloso, que a opinião pública esteja convencida em todo lugar de que a Igreja está sempre de mão estendida para receber, mas nunca para dar. É triste encontrar pessoas que pensam que o que a Igreja coloca em seu tesouro nunca sai de lá; o resultado é o desprezo, a inveja, a diminuição da generosidade entre os fiéis, e a impressão de que as riquezas da Igreja se acumulam século após século sem preocupação com as necessidades dos pobres.

6. **O sexto preceito obrigava a Igreja a tornar pública a gestão de todos os seus bens.** Nos primeiros tempos da Igreja, os bispos consultavam o clero e os fiéis em todas as áreas, incluindo o uso das riquezas da Igreja. Além disso, os sacerdotes e diáconos encarregados da administração deveriam ser aprovados por toda a igreja, de acordo com a tradição Apostólica. Santo João Crisóstomo não temia prestar contas sobre sua gestão das receitas da igreja: "**Estamos prontos para informá-los sobre nossa gestão**". O mesmo espírito e as mesmas práticas animavam todos os bispos dos primeiros tempos. As pessoas que dão devem ser informadas sobre o que é feito de suas doações. Rosmini sugere que os fiéis sejam envolvidos desde o início, desde a escolha das obras às quais os fundos devem ser consagrados, até o relatório sobre como o dinheiro foi gasto. Ao tornar públicas todas as finanças, a Igreja brilharia diante do mundo, e a tentação de usar os fundos de maneira indevida seria consideravelmente reduzida. "A OBRIGAÇÃO DE APRESENTAR AOS FIÉIS, E AO PÚBLICO EM GERAL, UM RELATÓRIO DE SUA GESTÃO ESTIMULARIA O NECESSÁRIO DESPERTAR DE MUITAS CONSCIÊNCIAS ADORMECIDAS, E GARANTIRIA QUE AS FUNÇÕES DA IGREJA SÃO EXERCIDAS POR PESSOAS HONESTAS, SINCERAS E DEDICADAS".
7. **O sétimo e último preceito é que a Igreja deve administrar seus bens com vigilância e prudência.** Os bens da Igreja pertencem a Deus e aos pobres, e ela deve prestar a Deus as contas sobre como gerenciou Seus bens. É verdade, diz Rosmini, que ao longo dos séculos a avareza voraz dos soberanos e dos Estados privou a Igreja de muitas de suas posses. Mas sem dúvida, muitas de suas riquezas foram dilapidadas por homens da Igreja que as usaram egoisticamente para seus próprios desígnios como se lhe pertencessem. Rosmini acrescenta: "SE CONSIDERARMOS O QUE A IGREJA RECEBEU DURANTE SEUS SEIS SÉCULOS DE EXISTÊNCIA, E TUDO O QUE FOI PERDIDO DEVIDO A UMA GESTÃO FALTANDO SERIEDADE E CUIDADO, PODEMOS APENAS IMAGINAR ONDE ELA ESTARIA SE SEUS BENS TIVESSEM SIDO SEMPRE ADMINISTRADOS COM PRUDÊNCIA".

Na época moderna, a doutrina social da Igreja certamente despertou as consciências em todos os locais. Desde *Rerum Novarum* até *Populorum Progressio*, passando por *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris*, a Igreja falou de maneira muito eloquente em favor dos pobres, dos oprimidos, dos desfavorecidos econômicos no mundo. Ao longo dos séculos, a Igreja foi a melhor defensora e uma mãe para os doentes, os marginalizados, os rejeitados. Dentre todas as instituições humanas,

existe alguma que possa ser comparada à Igreja em seu empenho e dedicação aos pobres durante sua longa história?

E ainda, Rosmini sugere que a própria Igreja precisa fazer um exame de consciência e considerar que as sete máximas que a ajudaram nos tempos antigos a viver de acordo com a pobreza evangélica desejada por seu divino Fundador aparecem como muito autênticas e pertinentes, hoje como ontem. Os documentos do Concílio Vaticano II falam da pobreza evangélica na vida religiosa. Porém, para Rosmini, a pobreza evangélica é uma característica, uma qualidade, uma necessidade de toda a Igreja. É a Igreja que deve ser pobre, e os sete preceitos deveriam ser as linhas mestras de toda a Igreja.

Algumas questões suscitadas pelas palavras-chave dos sete preceitos

- **Espontaneidade:** A Igreja deve aceitar pagamentos do estado provenientes da tributação dos cidadãos? Os bispos italianos recebem do Estado salários para seus padres com dinheiro proveniente da tributação de todos os cidadãos. O mesmo ocorre na Alemanha e na Suíça, assim como em outros países.
- **A Igreja possui tudo em comum:** Por que há uma tal disparidade no clero? Por que uma tal disparidade entre os diocesanos ao redor do mundo? A propriedade individual ainda é a norma?
- **Os bens da Igreja devem servir às necessidades estritas do clero, dos edifícios e do culto, sobrando tudo para os pobres:** Pensamos que isso é o caso? Os padres e bispos se distinguem por sua pobreza? Existe realmente um fundo para os pobres em cada paróquia ou diocese?
- **Os fundos devem ser alocados a obras ou tarefas determinadas:** Isso acontece em nossas paróquias e dioceses, na Igreja ao redor do mundo? Algumas pessoas têm a responsabilidade de gastar o dinheiro de todos? Os fiéis são regularmente consultados sobre os assuntos financeiros da paróquia ou diocese?
- **É mais vantajoso dar do que receber:** As igrejas não acumulam demais, sempre prontas para receber, nunca dispostas a dar generosamente aos pobres? Nossas igrejas não são "negócios" em vez do Corpo de Cristo?
- **Contas públicas:** As igrejas consultam os fiéis em todos os assuntos financeiros, considerando os fiéis como detentores, junto com o clero e os pobres, de todos os seus bens? É dado aos fiéis um relatório detalhado das receitas e despesas, de forma regular? Isso se aplica igualmente a dioceses, ordens religiosas e ao Vaticano.
- **Os bens da Igreja pertencem a Deus:** As igrejas consideram todas as suas propriedades e ativos financeiros como "propriedade de Deus"? Elas são cuidadosas e escrupulosas na maneira de administrar o que lhes foi confiado para o benefício de todos?

Reflexão Final

“Pelas Suas Chagas somos curados”

“Intra Tua vulnera absconde me”

As Cinco Chagas da Igreja não devem ser causa de desespero e pessimismo. As feridas sangrentas de Cristo na cruz não põem fim à história. Cristo ressuscitou, e as marcas dessas chagas tornaram-se os formidáveis sinais do amor infinito de Deus por nós e de Sua redenção salvadora. A água e o precioso Sangue que saíram da ferida do lado tornaram-se os rios da água viva do batismo e a maná dos céus da Eucaristia, verdadeiramente a Igreja foi criada por elas. As Cinco Chagas da Igreja são um desafio, mas colocamos toda a nossa confiança no poder da Santíssima Trindade. O terceiro Preceito da perfeição Cristã incumbe todos os batizados de "permanecer perfeitamente tranquilos sobre tudo o que acontece à Igreja de Jesus Cristo, conforme os desígnios de Deus, e de seguir a palavra de Deus trabalhando pela Igreja".

© 2008 virgo-maria.org

SANTA FELICIDADE E SEUS SETE FILHOS, MÁRTIRES

- DIVINA ELOQUIA CUM LEGENTE CRESCUNT
- SANTA FELICIDADE E SEUS SETE FILHOS, MÁRTIRES

DIVINA ELOQUIA CUM LEGENTE CRESCUNT

☩ Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo:

Ó Senhor Jesus Cristo, abre o meu coração para que eu possa ouvir e entender Tua palavra e fazer Tua vontade, pois sou um residente temporário nesta terra. Não oculte Teus mandamentos de mim, mas abre meus olhos para que possa compreender as maravilhas da Tua lei. Dizei-me as coisas ocultas e secretas de Tua sabedoria. Em Ti deposito a minha esperança, ó Deus meu, de que Tu iluminarás a minha mente e o meu entendimento com a luz de Tua sabedoria, não apenas para cultivar as coisas que estão escritas, mas para cumpri-las, para que não peque ao ler as vidas, obras e provérbios dos santos, mas para que sirvam à minha restauração, iluminação e santificação, para a salvação da minha alma e herança na vida eterna. Pois Tu És a luz daqueles que residem nas trevas, e de Ti vem toda a boa obra e dádiva. Amém.

☩ São João Crisóstomo, rogai por nós.
☩ Pater Noster
☩ Glória

SANTA FELICIDADE E SEUS SETE FILHOS, MÁRTIRES

Os magníficos elogios que os santos Padres entreteceram à Santa Felicidade e os títulos pomposos que lhe dão mostram que não era somente uma dama cristã das mais virtuosas, mas que era de família distintíssima, e que quer por seu merecimento, quer pela nobreza e cargo de seu marido, era das mais fidalgas de Roma. Vivia ela por meados do segundo século em tempo dos imperadores Antonino e Marco Aurélio. É uma conjectura de todo ponto aceitável a de que seu marido era cristão, pois que tão tolerante se mostrou para com seus sentimentos religiosos e na educação dos filhos em temor de Deus e na fé.

Depois da morte de seu esposo, que aconteceu aí por 160, Felicidade compreendeu que, se Deus quebrava os laços que os prendiam, fora para que os de seu amor fossem mais fortes e inquebrantáveis. Renunciou, pois, por volta ao pacto de um segundo matrimonio; a viuvez pareceu-lhe um estado muito asado para santificar-se; renunciando ao luxo, aos enfeites e a tudo que poderia revestir, semblante de mundanidade, forcejou por se parecer o mais possível com o retrato que São Paulo deixou acerca da viúva cristã.

O retiro ofereceu-lhe desde logo um sedutor atrativo; passava uma boa parte do dia e da noite em oração não descurava por isso os cuidados da educação dos seus filhos e da família, porque bem sabia ela que nisso estavam um dos seus primeiros deveres. Os seus filhos, moços ainda, eram os seguintes: Janeiro, Félix, Felipe, Silano, Alexandre, Vital e Marcial.

O cuidado que lhe mereceram bem depressa produziu seus frutos, e os exemplos, mais ainda do que as palavras, embeberam-lhes a alma na piedade e no bom leite da doutrina cristã.

Falava-lhes quase sempre dos falsos ouropéis da honra mundana e dos bens caducos desta vida, ao passo que muito alevantava seus brios com a narração das venturas que os santos possuíam no céu. Quanto sereis ditosos, meus filhos, dizia-lhes ela, referindo-lhes os que sofriam todos os dias em Roma e em outras partes, tantos mártires ilustres, e como eu seria mais feliz das mais se eu vos vira algum dia dar vosso sangue por Jesus Cristo. Os votos que dirigia todos os dias aos céus por eles e suas palavras haviam inflamado no coração destas almas inocentes um tão grande desejo de serem mártires que a sua conversação não versava frequentemente senão na coroa do martírio.

Quanto a mim, dizia o mais velho, São Janeiro, tenho o direito de derramar o meu sangue, antes de qualquer de vós, por Jesus Cristo. Por sermos os mais novos, diziam Vital e Marcial, nem por isso seremos menos generosos; e se o tirano quiser poupar-nos, gritaremos tão alto que somos cristãos que o havemos de forçar a conceder-nos a coroa do martírio. E nós, diziam o restante, quereríeis que ficássemos de fora... tão alto gritaríamos que por fim haviam de escutar-nos! A mãe ouvia com

prazer indizível este pio certame de seus filhos e não cessava de pedir a Deus que lhos aceitasse todos em sacrifício.

Seus votos foram atendidos. A vida edificante de Santa Felicidade e de seus filhos fazia tamanha impressão para os corações que não só os fiéis de Roma eram confirmados assim na fé mais os próprios pagãos ficavam encantados e, muito persuadidos de que uma religião que tem seguidores tão santos não podia deixar de ser verdadeira, renunciavam às suas ímpias superstições e abraçavam o cristianismo. Os sacerdotes dos ídolos alarmaram-se por isso e dirigiam suas queixas ao imperador Marco Aurélio, que estava então em Roma, e representaram-lhe que não havia socorro a esperar dos deuses enquanto Felicidade e seus filhos os desprezassem impunemente no centro da capital do império; que era de seu interesse e de sua honra atalhar a que esta família continuasse a insultar a religião dos romanos; e que para aplacar a cólera dos deuses lhe suplicavam mandasse que esta dama e seus filhos lhes oferecessem públicos sacrifícios.

O imperador, intimado por estas representações e zeloso partidário de tão monstruosa superstição, deu ordem para que Felicidade e seus filhos fossem presos; encarregou Públio, prefeito de Roma, de lhes instruir rapidamente o processo se recusassem obedecer e aplacar os deuses por sacrifícios. A antiga nobreza da dama cristã, sua reputação e suas varias qualidades moveram o prefeito a empregar todos os meios de a ganhar e a seduzir.

É indescritível a alegria desta heroína cristã e de seus filhos quando tão perto se viram de pôr a mão na coroa. Felicidade foi à casa do prefeito, que a recebeu admiravelmente, falou-lhe com toda cortesia e declarou-lhe que vontade do imperador era elevar seus filhos às primeiras dignidades do império, contanto que ela e eles sacrificassem aos deuses, sem o que se sentisse exposta com eles aos maiores tormentos.

> “Senhor, respondeu a santa com ar modesto, mas firme, as ameaças não me podem abalar, como também não podem as promessas, porque o Espírito Santo, que habita em mim, há de tornar-me vitoriosa de todo o inferno. Toda a minha confiança está no meu Deus, espero que sendo-Lhe fiéis eu e meus filhos não possamos ser vencidos nem pelas carícias nem pelos tormentos”.

Públio, admirado de semelhante resposta: “Como eu vos lamento, diz-lhe, por encarardes a morte complacentemente; deixar viver ao menos vossos filhos”. “Meus filhos, tornou ela, hão de viver eternamente, se morrerem por uma tão boa causa; olhá-los-ia, contudo, como já mortos se para viver tivessem a fraqueza de sacrificar a vossas divindades”.

Este primeiro interrogatório passou-se na casa do prefeito sem formalidades de justiça. Mas no dia seguinte Públio comparecer no seu tribunal, mandou vir à sua presença a mãe e os filhos, tão pouco assustados que bem mostravam no rosto que lhes ia dentro na alma. O prefeito, impressionado pela beleza dos moços, dirigindo-se à mãe, diz-lhe:

> “Tende piedade desta tenra e brilhante juventude; vinde, meus pobres moços, eu quero fazer-vos felizes”.

A estas palavras, Santa Felicidade, tomando um tom de mãe e ao mesmo tempo de heroína cristã:

> “Dizei antes que os quereis perder sem remédio, respondeu ela, fazendo-os extremamente infelizes”.

E voltando em seguida para seus filhos:

> “Meus filhos, diz-lhes em um tom firme e gracioso, eis chegado o dia do triunfo; levantai os olhos para o céu e vede Jesus Cristo que vos oferece a cada um a sua coroa. Deu Ele o Seu sangue por vossa salvação, dai generosamente o vosso por Sua Glória; não temais nem a morte nem os suplícios; tornai-vos dignos do martírio por vossa constância; mostrai-vos fiéis e ficai firmes até ao derradeiro alento pela fé de Jesus Cristo”.

O prefeito, desapontado pela ousadia da mãe, mandou que a esbofeteassem rudemente, censurando-lhe a liberdade que tomara de exortar seus filhos em sua presença a desprezar as ordens do imperador.

Mandando em seguida aproximar os filhos, dirigindo-se ao mais velho:

> “Sê mais sábio do que tua mãe, meu filho, disse-lhe, obedecendo às ordens do imperador; do contrário vou mandar-vos açoitar com escarmento e condenar-vos ao último suplicio”.

> “Minha mãe é sábia, respondeu ele, e eu seria muito insensato se pelo temor dos tormentos me arriscasse a uma morte sempiterna. Pois será prudência desobedecer a meu Deus para obedecer ao meu príncipe? Eu não temo nem os flagelos nem os suplícios e espero que Deus me concederá a graça de lhe ser fiel até à morte”.

O juiz em resposta mandou-o fustigar cruelmente e conduzir em seguida à prisão.

O prefeito julgou que o segundo seria menos resoluto e mais dócil, e tentou seduzi-lo com um longo arrazoado acerca do poder quimérico de seus deuses. Félix interrompendo-o:

> “Basta uma tintura de razão e de bom-senso, diz-lhe para ver que vossos deuses são puras fábulas. Sabei que não pode haver mais que um Deus verdadeiro. Eis minha crença e a de meus irmãos: Todos os vossos tormentos não poderão nunca abalar nossa fé nem o amor que temos a nosso Salvador, Jesus Cristo, por cuja Glória nos sepultamos felizes em dar a vida”.

O ar e o tom desta reposta de Félix espantou Públio; ordenou que fosse tratado como seu irmão. Julgando dos imediatos como dos primeiros, mandou-os a todos para a prisão, retendo apenas os dois mais novos, na persuasão de que sua juvenil idade lhos tornaria mais fracos e acessíveis. Acarinhou-os, forcejou pelos ganhar por lisonjeiras promessas e de atemorizá-los com ameaças, mas tudo inutilmente.

> “Não acrediteis, disse-lhe Vital, que por ser mais novo eu seja menos generoso do que meus irmãos”.

“Estais cansado de viver, não é assim?”, perguntou-lhes o juiz.

> “Não, senhor, respondeu o jovem, mas estou pronto a morrer antes do que a sacrificar aos demônios”.

“Que demônios são esses?”, disse-lhes Públio.

> “São todos os vossos deuses, respondeu Vital, aos quais me quereis forçar a oferecer sacrifícios, mas podeis tirar-me a vida, porque eu nunca tal farei”.

Marcial, o mais novo de todos, mostrou uma ousadia e uma firmeza que se não desmentiu um instante; nada temia tanto como que o poupassem.

> “Também eu sou cristão, clamava ele, tenho tanto horror a vossos ídolos como meus irmãos; mandai-me matar, que eu sou cristão”.

Públio não pode deixar de admirar uma ousadia e uma coragem tão descomunal em idade tão tenra. Mandou os sete irmãos para a prisão e foi dar conta do interrogatório ao imperador; o

príncipe impressionou-se bastante e deu suas ordens para que fossem prontamente executados. Esta nova foi um motivo de intensa alegria para os mártires, que marchavam para o lugar do suplício como se fossem para o Capitólio como triunfadores. Janeiro foi cruelmente açoitado com flagelos chumbados e expirou no tormento; Félix e Felipe, fustigados com um pau até morrerem; Silano foi precipitado; Alexandre, Vital e Marcial tiveram a cabeça cortada. Santa Felicidade, sua mãe, teve igual sorte; foi a derradeira: Suas apreensões por deixar vivos seus filhos eram maiores do que as dos pais carnais têm pela morte dos seus. Além da glória de seu martírio particular acrescenta um santo Padre, na homilia que compôs em sua honra, pode dizer-se que ela padeceu todos os suplícios dos filhos e que, assim, foi oito vezes mártir.

☥ Santa Felicidade e seus Santos Filhos, rogai por nós.

Data de comemoração: 10 de julho

SANTA FRANCISCA ROMANA, VIÚVA FUNDADORA DAS OBLATAS

Tradução do material em arquivo pdf disponível no site Les Amis du Christ Roi de France

- INTRODUÇÃO
- VISÕES DE SANTA FRANCISCA ROMANA
- TRATADO DO INFERNO
  - CAPÍTULO I: Do lugar do inferno, de seu príncipe, da entrada das almas neste lugar de horror, e das penas que lhes são comuns
  - CAPÍTULO II: Tormentos particulares exercidos sobre nove tipos de culpados
  - CAPÍTULO III: Como os pecados capitais são punidos no inferno inferior
  - CAPÍTULO IV: Suplícios particulares a sete espécies de pecadores
  - CAPÍTULO V: Blasfêmias dos condenados
  - CAPÍTULO VI: Número dos demônios, seus nomes e seus empregos
  - CAPÍTULO VII: Dos limbos
  - CAPÍTULO VIII: Do purgatório
  - CAPÍTULO IX: Da glória dos santos no céu

INTRODUÇÃO

1384-1440 – Papas: Clemente VII; Eugênio IV. – Imperadores: Venceslau; Frederico III.

> *Por ter nascido na opulência, uma mulher do mundo não está menos obrigada a seguir as máximas do Evangelho, santa Francisca.*

Veremos, na vida desta ilustre viúva, o retrato daquela mulher forte de quem fala o Sábio, e de quem ele faz tão grandes elogios. Ela nasceu no ano da graça de 1384. Seu pai se chamava Paulo Bussa, e sua mãe Jacqueline Roffredeschi, ambos de famílias nobres de Roma. Ela mostrou, desde o berço, uma tal aversão por tudo o que é contrário à pureza, que não podia suportar que qualquer homem, nem mesmo seu pai, usasse das carícias e das liberdades que a natureza autoriza para com uma criança. Aos doze anos, desejava muito se enclausurar em um convento para servir pelo resto de seus dias ao único Esposo das virgens; ela fez até todos os esforços para isso: mas seus pais, sem consultar suas inclinações, obrigaram-na a se casar, em 1396, apesar de todas as suas repugnâncias, com Lourenço Ponziani, jovem senhor romano, cuja fortuna igualava seu nascimento: houve poucos casamentos tão felizes, porque há poucos tão santos; a estima, o respeito e o amor foram mútuos, a paz e a união inalteráveis; esses cônjuges viveram juntos quarenta anos sem o menor desentendimento, sem uma sombra de frieza.

No entanto, mal Francisca mudou de condição, caiu gravemente doente; o que revelou o desagrado que ela teve em se comprometer no casamento. No entanto, sua doença não durou muito, pois São Alexis, aparecendo a ela à noite, devolveu-lhe instantaneamente uma saúde perfeita. Sua casa foi uma verdadeira escola de virtude: ela considerava seus domésticos não como seus servos e servas, mas como seus irmãos e irmãs em Jesus Cristo, sem que essa doçura a fizesse relaxar no zelo e na justiça, quando se tratava da ofensa a Deus; pois ela não podia suportar que se fizesse qualquer coisa contra os interesses de Sua glória. Seu primeiro cuidado foi estudar o caráter de seu marido e evitar escrupulosamente tudo o que pudesse desagradá-lo. Ela o considerava como seu mestre e como aquele que ocupava junto a ela o lugar de Deus na terra; era-lhe tão submissa, tão obediente, que, mesmo quando estava ocupada em oração ou em alguma prática de piedade, deixava tudo para satisfazê-lo e atender às obrigações de seu estado: o que deve ser o principal objetivo da devoção de uma mulher casada. Deus mostrou, por um milagre, o quanto essa obediência Lhe era agradável. Nossa Santa, recitando um dia o ofício de Nossa Senhora, foi tão pressionada a interrompê-lo para satisfazer algum dever de sua casa, que deixou quatro vezes o mesmo versículo; mas, tendo terminado a tarefa, voltando à sua devoção, encontrou o versículo escrito em letras de ouro, embora antes estivesse escrito apenas em caracteres comuns. Algum tempo depois, o apóstolo São Paulo, aparecendo a ela em um êxtase, disse-lhe que seu bom anjo havia traçado ele mesmo esses novos caracteres, para lhe fazer conhecer o mérito da obediência.

O sacramento do matrimônio, estabelecido por Deus para povoar o céu com o nascimento de filhos na terra, levou essa fiel esposa a orar ao Nosso Senhor para que lhe concedesse filhos. Ela teve, entre outros, um filho que, por um feliz presságio, teve como patrono João, o Evangelista, ao contrário do seu primogênito chamado João Batista. Ele viveu apenas nove anos; mas, nesse curto período, demonstrou que nascera mais para o céu do que para a terra: pois foi dotado do dom da profecia e previu para seu pai que ele receberia um golpe perigoso em uma parte do corpo que ele indicou, e a um religioso mendicante, que logo mudaria de hábito: essas predições se confirmaram; Lourenço Ponziani foi ferido em uma guerra ocorrida, no ano de 1406, entre os romanos e os napolitanos, e o religioso foi feito bispo. Esse santo menino foi atingido pela peste, quando esta afligiu a cidade de Roma, no início do século XV. Prevendo sua morte, avisou sua boa mãe e a suplicou que lhe providenciasse um confessor, porque via São Antônio e São Onofre, a quem tinha particular devoção, se aproximarem para conduzi-lo ao céu: o que aconteceu no mesmo dia; e ele foi enterrado na igreja de Santa Cecília, além do Tibre. Um ano depois, a Santa, orando em seu oratório, viu seu pequeno João todo brilhante de luz e acompanhado por outro ainda mais resplandecente; ele lhe revelou o estado de sua glória no céu: estava no segundo coro da primeira hierarquia, e o anjo que o acompanhava parecia mais belo, porque estava em um grau de glória mais alto que o dele. Acrescentou que vinha buscar sua irmã Inês, com apenas cinco anos, para ser colocada com ele entre os anjos. Finalmente, ao se retirar, deixou-lhe, como guardião, esse arcanjo que, desde então, permaneceu sempre com ela e ela confessou ao seu confessor que, quando lançava os olhos sobre esse espírito celestial, lhe acontecia o mesmo que a uma pessoa que olha fixamente para o sol, e não consegue suportar o brilho de sua luz.

O céu derramava sobre ela essas doçuras de outro mundo, que são o antegosto das alegrias divinas; mas reservava-lhe uma cruz, e uma cruz terrível. Roma tendo sido tomada pelo rei de Nápoles, Ladislau, Francisca viu sua casa ser saqueada, seus bens confiscados, seu marido banido: ela suportou esses reveses com uma constância admirável. A tempestade a agitava por fora, mas a calma estava em sua alma e a serenidade em seu rosto. A tormenta passou; seu marido foi chamado de volta do exílio, seus bens lhe foram restituídos; a paz voltou à sua família. A virtuosa dama aproveitou esses infortúnios para persuadir seu esposo a viverem juntos em perfeita continência. Esse esposo, santificado pelas virtudes celestes de sua amada esposa, concedeu-lhe tudo o que ela quis. Desde então, ela passou a comer apenas uma vez por dia, alimentando-se apenas de pão e água, e, no máximo, de alguns legumes insípidos que comia uma única vez ao dia. Proibiu-se para sempre e até a morte o uso de linho fino, e vestiu-se, por baixo de suas roupas de sarja, apenas com um cilício áspero e um cinto feito de crina de cavalo; além disso, usava um outro círculo de ferro que lhe perfurava a pele. Não contente com esse instrumento de penitência, que nunca tirava, nem de dia nem de noite, ela ainda acrescentava, em várias ocasiões, uma disciplina feita de correntes de ferro com pontas afiadas: a única obediência, que ela preferia a todos os seus sentimentos, a fez às vezes diminuir essas rigorosidades, quando seu confessor se sentia obrigado a moderá-las. Ela associava a essa austeridade a prática das obras de misericórdia, ajudando os pobres que ela considerava como as imagens de seu Salvador crucificado. Para fazer isso com mais vantagem e liberdade, juntou-se à sua cunhada Vannosa, uma alma muito virtuosa: elas iam juntas, de porta em porta pelas ruas de Roma, pedir esmolas para os necessitados. Deus aprovava tanto essa conduta que frequentemente realizava milagres em seu favor, multiplicando o pão e o vinho que elas davam por Seu amor.

Ela se confessava ordinariamente todas as quartas-feiras e sábados, e comungava pelo menos uma vez por semana; frequentava muito a igreja de São Pedro, no Vaticano; a de São Paulo, fora da cidade; a de Nossa Senhora de Ara-Cœli; a de Santa Maria Nova e a de Santa Maria, além do Tibre, sempre acompanhada de sua cunhada. Conta-se que um dia foram à igreja de Santa Cecília para fazer suas devoções: um padre, que não aprovava que mulheres casadas comungassem tão frequentemente, lhes deu hóstias não consagradas; mas Francisca percebeu imediatamente, não sentindo a presença de seu Esposo, como costumava sentir ao receber a santa comunhão; queixou-se ao padre Antônio de Monte-Sabellio, seu confessor, que foi falar com o padre: este confessou a verdade e fez penitência por seu erro.

O demônio, que via com desagrado a virtude de nossa Santa, resolveu combatê-la. Empregando todos os esforços para perdê-la, apresentou-se a ela em mil posturas horríveis, com gestos ridículos e imodestos. Ele a atacava frequentemente durante suas orações, rolava seu rosto contra o chão, a arrastava pelos cabelos, batia e a açoitava cruelmente. Uma noite, enquanto ela descansava um pouco após um árduo combate, ele trouxe o corpo de um homem morto para seu quarto e a manteve sobre esse cadáver por um longo tempo: isso a impressionou tanto que, após esse incidente, parecia-lhe que o objeto estava sempre próximo a ela, sem que pudesse se livrar do cheiro que exalava: que digo? A simples visão dos homens era um suplício para ela, sentindo um tremor universal em todos os seus membros ao se aproximarem. Seria impossível relatar aqui todas as perseguições que o demônio lhe fez e as vitórias que ela obteve sobre ele. Ela triunfou de sua malícia, não apenas quando ele a usou contra ela, mas também quando a usou contra os outros: ora convertia mulheres abandonadas ao vício, ora as expulsava de Roma, ou de outros refúgios onde se retiravam, para impedir que pervertessem a inocência.

Ela obteve, por suas orações, que seu confessor fosse libertado de um espírito maligno que o impelia à ira. Previa as tentações de várias almas e as preservava de cair nelas com seus bons conselhos. Uma vez, o demônio precipitou Vannosa de uma altura, e quase quebrou todo o seu corpo; mas Francisca, por suas orações, a restabeleceu imediatamente em perfeita saúde. Assim, o demônio permanecia vencido de todos os lados.

Desde que se associou com a piedosa Vannosa, sua cunhada, não fazia nada sem estar de acordo com ela. Um dia, Deus quis mostrar, por um milagre, o quanto a sua santa união lhe era agradável: enquanto se retiravam para um canto do jardim, à sombra de uma árvore, para deliberar juntas sobre os meios de deixar o mundo, peras extremamente belas e saborosas caíram aos seus pés, apesar de ser primavera. Essas duas santas mulheres levaram esses frutos aos seus maridos, a fim de fortalecê-los, por esse prodígio, na vontade de servir a Deus e dar-lhes a elas total liberdade para fazê-lo.

Em 1425, nossa Santa empreendeu erigir uma congregação de moças e viúvas, que se dedicassem perfeitamente à piedade e à devoção, sob a regra de São Bento. Ela foi fortalecida neste piedoso desígnio por várias visões celestiais onde lhe apareceram os apóstolos São Pedro e São Paulo, São Bento e Santa Madalena, que lhe prescreveram regras para suas religiosas. Pareceu-lhe ver um dia que São Pedro, após tê-la velado e abençoado solenemente, a oferecia a Nossa Senhora, para ser recebida sob sua proteção e salvaguarda especial; foi então que, voltando a si, ela redigiu por escrito as regras que foram observadas, desde então, em seu mosteiro, tais como lhe haviam sido ditadas nessas admiráveis visões e, tendo-as comunicado a seu pai espiritual, as fez aprovar pelo

papa Eugênio IV.

A bem-aventurada Francisca tinha então cerca de quarenta e três anos; ela já havia passado vinte e oito no casamento. Nos doze que ela passou desde então, Deus fez brilhar sua santidade por várias maravilhas e curas milagrosas; mas sua humildade a fazia disfarçá-las pela aplicação de remédios na parte ferida, embora esses remédios fossem totalmente contrários ao mal. Não dizemos nada da assistência particular que os anjos lhe prestaram. Já vimos que além de seu anjo da guarda, Deus lhe deu um segundo, que a acompanhava visivelmente: se acontecesse de o demônio tomar a figura de um anjo de luz para enganá-la, esse fiel guardião não deixava de lhe revelar o artifício de seu inimigo, e sua alma era imediatamente preenchida com um odor tão agradável, que ela ficava admiravelmente consolada. Se, quando estava em companhia, lhe escapava uma ação ou uma palavra menos necessária, ou se ela se deixava levar por pensamentos supérfluos sobre seu lar, ou outros assuntos, esse espírito celestial, testemunha contínua de toda a sua vida, se escondia de seus olhos, e, por sua ausência, a obrigava a voltar a si mesma e a se reconhecer. Daí vem que se retrata esta santa tendo ao seu lado um anjo que lhe serve de guia e governador.

A morte, que não poupa ninguém, tendo-lhe tirado seu marido, em 1436, ela resolveu em pouco tempo todos os seus negócios e, abandonando seus bens aos filhos que ainda tinha no mundo, dirigiu-se ao mosteiro que havia fundado; lá, prostrando-se contra o chão, com a corda no pescoço e os olhos banhados em lágrimas, suplicou muito humildemente às moças, das quais ela era mãe em Jesus Cristo, que a recebessem no mosteiro na qualidade de pequena serva; o que elas fizeram com toda a alegria imaginável. Logo depois, elas a elegeram como sua superiora, apesar de todas as suas repugnâncias.

Essas religiosas são chamadas de oblatas, porque ao se consagrarem a Deus, elas usam a palavra oblação e não profissão: em vez de dizer como as outras, eu faço profissão, elas dizem eu me ofereço; elas não fazem votos; simplesmente prometem obedecer à madre presidente. Elas têm pensões, herdam de seus pais e podem sair com a permissão de sua superiora. Há no convento que elas têm em Roma várias damas da mais alta qualidade.

Eis, portanto, Santa Francisca absolutamente mãe da piedosa congregação que ela mesma havia estabelecido. Ela a levou desde então a tal perfeição, que se pode dizer que ela deixou ali a ideia mais perfeita da vida religiosa. No início, elas estavam alojadas de forma pouco confortável: por isso, adquiriram outra casa mais apropriada e melhor situada, ao pé do Capitólio, para onde se mudaram solenemente após todas terem comungado; esta casa foi chamada de Torre do Espelho, por causa de uma torre que está no mesmo lugar, e que foi ornamentada, na superfície, com alguns relevos semelhantes a espelhos.

Deus continuou, e até aumentou os favores que fazia à nossa Santa, e realizou por meio dela muitos milagres, que podem ser vistos na bula de sua canonização. Ela livrou do mal caduco uma criança de cinco anos, colocando a mão sobre sua cabeça. Pelo mesmo meio, ela curou outra de uma hérnia; ela devolveu a saúde a vários outros doentes apenas pela imposição de suas mãos. Uma mulher, chamada Ângela, que estava paralisada de um braço pela violência da gota, tendo encontrado a Santa pelo caminho, implorou seu socorro, e recebeu dela, na mesma hora, uma saúde perfeita. Ela deu um dia muito abundantemente de jantar a quinze religiosas com alguns

pedaços de pão, que mal teriam sido suficientes para três, e ainda assim sobrou um cesto cheio. Outra vez, algumas religiosas tendo-a seguido para cortar lenha fora da cidade, como elas sofriam de sede, Deus fez brotar em uma vinha tantos cachos de uvas quanto eram as moças com ela, embora fosse no mês de janeiro. Passamos em silêncio o resto de seus milagres, para dizer uma palavra sobre suas virtudes, particularmente sobre sua humildade, pela qual ela se elevou à verdadeira grandeza.

Jamais ela não suportou, nem no claustro, nem na casa de seu marido, que a servissem, embora fosse a senhora e a superiora; mas, praticando literalmente a palavra de Nosso Senhor, ela preferia servir aos outros e ser tratada como serva: ela se comprazida mesmo singularmente em ser considerada a menor de todas, e, se a tivessem acreditado, não lhe teriam dado títulos mais honoráveis que o de "pecadora, vaso de impureza, e mulher muito vil e muito miserável". Esta humildade apareceu ainda mais em suas ações do que em suas palavras: pois foi vista voltando de sua vinha, que ficava fora dos subúrbios, com um feixe de ramos sobre a cabeça, e conduzindo à sua frente um burro carregado, que ela empregava para o serviço dos pobres; **ela mostrava assim que nada é difícil para a caridade; e que, quando esta virtude nos faz agir, pisamos o respeito humano, mesmo aquele que parece mais razoável**. Nos sofrimentos, sua paciência era invencível: quando seu marido foi enviado ao exílio, seus bens foram confiscados e toda a sua casa arruinada (durante os distúrbios que se seguiram à invasão de Roma por Ladislau, rei de Nápoles, e durante o grande cisma que dilacerou a Igreja, sob o pontificado de João XXIII, no ano de 1413), jamais ela disse outra coisa senão estas belas palavras de Jó:

> "O Senhor os deu, o Senhor os tirou; que Seu santo Nome seja bendito!"

Ela tinha uma grande devoção ao santo Sacramento do altar; em sua presença ela se elevava a Deus com tanto fervor, que às vezes permanecia imóvel por muito tempo e toda arrebatada em espírito. Quanto à Paixão de Nosso Senhor, ela a meditava com tanta ternura, que derramava abundantes lágrimas, e até mesmo experimentava realmente dores agudas nas partes de seu corpo onde Jesus Cristo havia sofrido no seu, como diz expressamente a bula de sua canonização. Enfim, Deus quis terminar uma vida tão santa com uma morte feliz.

João Batista, seu filho mais velho, tendo caído em uma doença muito perigosa, Francisca se achou obrigada a prodigalizar-lhe seus cuidados, já que não os recusava aos estranhos. Seu confessor lhe ordenou que passasse a noite lá, porque era muito longe para voltar ao seu mosteiro, além do Tibre; mas ela mesma foi acometida naquela noite de uma febre ardente, que aumentou tanto, que, não estando em condições de poder sair daquele lugar, foi obrigada a se preparar para a morte pela recepção dos sacramentos. Deus tendo-lhe feito saber que o sétimo dia de sua doença seria o último de sua vida, ela avisou, quatro dias antes, dizendo:

> "Deus seja bendito! Na quinta-feira, no mais tardar, passarei desta vida para uma melhor".

O evento verificou esta predição; de fato, na quarta-feira seguinte, 9 de março de 1440, ela entregou seu espírito àquele que a havia criado, com uma tranquilidade admirável, e sem nenhum sinal de dor. Ela tinha cinquenta e seis anos de idade; tinha passado doze na casa de seu pai, quarenta em seu casamento e quatro na religião.

Seu corpo foi levado à igreja de Santa Maria Nova, onde permaneceu exposto por três dias à vista de todo o povo, que corria em multidão para admirar as maravilhas de Deus. Exalava-se deste precioso tesouro um odor tão agradável, que se diria que toda a igreja estava repleta de jasmins, cravos e rosas. Vários milagres foram realizados em seu sepulcro pelo toque das coisas que lhe haviam pertencido; sobretudo em favor das pessoas afligidas pela peste. Um perfumista, chamado Jerônimo, estando à beira da morte, foi salvo por ter tocado o hábito de nossa Santa; e uma mulher, chamada Madalena de Clarelle, foi preservada pela simples invocação de seu nome. Uma multidão de doentes foi curada pelo mérito de suas orações. Um turco, chamado Béli, estava tão endurecido que nunca se conseguira nada de seu espírito; tudo o que se pôde obter dele foi que dissesse estas palavras:

> "Francisca, serva de Deus, lembre-se de mim".

Ele se converteu.

Todas essas maravilhas frequentemente pressionaram os Sumos Pontífices a proceder à canonização desta ilustre romana. Eugênio IV, Nicolau V e Clemente VIII trabalharam nisso; Paulo V concluiu este santo assunto em 29 de maio de 1608. Inocêncio X ordenou que se celebrasse a festa, com ofício duplo, o que se faz em 9 de março. O corpo de Santa Francisca permaneceu na terra por mais de duzentos anos. Foi exumado em 1638 e encerrado em um belo relicário de cobre dourado.

A festa de Santa Francisca é guardada em Roma, como era em Paris a de São Roque antes da revolução, ou seja, sem ser de preceito, é ocasião de uma grande solenidade.

Às vezes, representa-se a Santa empurrando um burro à sua frente. Outras vezes, coloca-se perto dela um pequeno anjo, geralmente vestido como diácono e irradiando luz. Sabe-se que seu anjo da guarda lhe aparecia quase todos os dias, e segundo o maior ou menor brilho que ele emitia, a santa havia aprendido a compreender se Deus estava contente com ela, ou se ela tinha algo a se reprovar. **A claridade que o anjo espalhava ao seu redor era às vezes tal que a santa podia ler à noite sem outra luz**. Ela também é representada recebendo o Menino Jesus das mãos de Nossa Senhora, que o entregou a ela um dia em que ela acabara de visitar a igreja de Santo Estêvão, para que ela o levasse até a igreja vizinha. Ela é vista ainda carregando no braço uma cesta de legumes para mostrar que cumpria com alegria os ofícios mais humildes da comunidade.

VISÕES DE SANTA FRANCISCA ROMANA

Santa Francisca deixou noventa e três visões que ela mesma ditou a seu confessor. O *Tratado do Inferno*, em particular, é muito notável.

Na décima terceira visão, ela vê a Santa Virgem cuja cabeça é ornada com três Coroas: **a de sua virgindade, a de sua humildade e a de sua glória**.

Na décima quarta visão, ela descreve o céu: este é dividido em céu estrelado, céu cristalino e céu empíreo. O céu dos astros é muito luminoso; o cristalino é ainda mais, mas essas luzes não são nada em comparação com as que iluminam o céu empíreo: **são as chagas de Jesus que iluminam este terceiro céu**.

Na décima sétima visão, Deus lhe mostra sua divindade: ela viu como um grande círculo que não tinha outro suporte além de si mesmo, e lançava um brilho tão vivo que a Santa não podia olhá-lo de frente: ela leu no meio as seguintes palavras:

> "Princípio sem princípio e fim sem fim".

Ela viu em seguida como se deu a criação dos anjos: **todos foram criados ao mesmo tempo**, e o poder de Deus os deixou cair como flocos de neve que as nuvens derramam sobre as montanhas durante a estação de inverno. Aqueles que perderam a glória do céu para sempre, formam um terço da imensa multidão desses espíritos.

Em 13 de fevereiro de 1432, na vigésima primeira visão, o coro das virgens, conduzido por Santa Madalena e Santa Inês, fez-lhe ouvir o seguinte cântico:

> "Se alguém deseja entrar no coração de Jesus, deve despojar-se de todas as coisas tanto interiores quanto exteriores; desprezar-se e julgar-se digno do desprezo eterno; agir com toda simplicidade, não afetar nada que não esteja conforme aos seus sentimentos, não buscar parecer melhor do que se é aos olhos de Deus; nunca voltar atrás em seus sacrifícios; renunciar a si mesmo e conhecer sua miséria a ponto de não mais ousar levantar os olhos para olhar seu Deus; odiar-se a si mesmo a ponto de pedir vingança ao Senhor; devolver ao Altíssimo os dons que dele recebeu: **memória, entendimento, vontade**;

> considerar os louvores como um suplício e um castigo; se acontecer que lhe demonstrem aversão, considerar essa pena como um banho de água de rosas no qual é preciso mergulhar com verdadeira humildade; as injúrias devem ressoar aos ouvidos da alma que tende à perfeição como sons agradáveis; **é preciso receber as injúrias, os maus-tratos como carícias: não é suficiente, é preciso agradecer a Deus por eles, é preciso agradecer àqueles de quem os recebe; o homem perfeito deve se fazer tão pequeno que não se deve percebê-lo mais do que um grão de milho jogado no fundo de um rio profundo**."

Foi-lhe dito em seguida que uma única alma se encontrou no mundo ornada de todas as virtudes em um grau supremo: **a de Maria**.

Na quadragésima terceira visão, ela teve Jesus em seus joelhos: Ele tinha a forma de um pequeno cordeiro. Ela viu em seguida um altar magnificamente ornado sobre o qual estava um cordeiro portando os estigmas das cinco chagas. Ao pé do altar havia um grande número de ricos candelabros arranjados em bela ordem. Na primeira fileira, a mais afastada, havia sete que significavam as virtudes principais; na segunda fileira, havia doze que significavam os doze artigos do símbolo; na terceira, havia sete que significavam os sete dons do Espírito Santo; na quarta, havia outros sete que representavam os sete sacramentos da Igreja. Esta visão, que ocorreu em um dia de Todos os Santos, durou treze horas. Ela viu ainda as principais ordens de santos que avançavam sob seus estandartes. Os patriarcas eram conduzidos por São João Batista; os apóstolos por São Pedro e São Paulo; os evangelistas por São João e São Marcos; os mártires por São Lourenço e Santo Estêvão; os doutores por São Gregório e São Jerônimo; os religiosos por São Bento, São Bernardo, São Domingos e São Francisco; os eremitas por São Paulo e Santo Antônio; as virgens por Santa Maria Madalena e Santa Inês; as viúvas por Santa Ana e Santa Sabina; e as mulheres casadas por Santa Cecília.

O *Tratado do Inferno*, dissemos, é o mais notável dos escritos que Santa Francisca ditou.

TRATADO DO INFERNO

CAPÍTULO I: Do lugar do inferno, de seu príncipe, da entrada das almas neste lugar de horror, e das penas que lhes são comuns

Um dia em que a serva de Deus estava muito doente, ela se fechou em sua cela, para se entregar com toda liberdade ao exercício da contemplação, onde encontrava sua consolação e todas as suas delícias. Era por volta de quatro horas da tarde: ela foi imediatamente arrebatada em êxtase, e o arcanjo Rafael, que ela não viu então, veio buscá-la e a conduziu à visão do inferno. Chegada à porta deste reino terrível, ela leu estas palavras escritas em caracteres de fogo:

> "Este lugar é o inferno, onde não há nem descanso, nem consolação, nem esperança".

Estando esta porta aberta, ela olhou e viu um abismo tão profundo e tão espantoso, que desde então não podia falar sobre ele sem que seu sangue se gelasse de pavor. Deste abismo saíam gritos horríveis e exalações insuportáveis; então ela foi tomada de um horror extremo; mas ela ouviu a voz de seu condutor invisível, que lhe dizia para ter coragem, porque nenhum mal lhe aconteceria. Um pouco tranquilizada por esta voz amiga, ela observou mais atentamente esta porta, e viu que já bastante larga em sua entrada, ela ia se alargando cada vez mais em sua espessura; mas neste horrível corredor reinavam trevas inimagináveis; no entanto, fez-se para ela uma luz, e ela viu que o inferno era composto de três regiões: **uma superior, outra inferior, e outra intermediária**. Na região superior, tudo anunciava graves tormentos; naquela do meio, o aparato das torturas era ainda mais assustador; mas, na região mais baixa, o sofrimento era incompreensível. Estas três regiões eram separadas por longos espaços, onde as trevas eram espessas, e os instrumentos de tortura em número prodigioso e extraordinariamente variados.

Neste abismo terrível, vivia um imenso dragão que ocupava todo o seu comprimento: ele tinha sua cauda no inferno inferior, seu corpo no inferno intermediário e sua cabeça no inferno superior. Sua boca estava escancarada na abertura da porta que ele preenchia inteiramente; sua língua saía com um comprimento desmedido; seus olhos e orelhas lançavam chamas sem claridade, mas de um calor insuportável; sua garganta vomitava uma lava ardente e de um odor pestilento. Francisca ouviu neste abismo um barulho terrível: eram gritos, uivos, blasfêmias, lamentações dilacerantes, e tudo isso misturado a um calor sufocante, e a um odor insuportável, lhe fazia tanto mal, que ela acreditou que sua vida iria se aniquilar; no entanto, seu guia invisível a tranquilizou com suas inspirações, e lhe devolveu um pouco de coragem: **ela precisava disso para suportar a visão da qual vamos falar**.

Ela viu Satanás na forma mais terrível que se possa imaginar. Ele estava sentado em um assento que se assemelhava a uma longa viga, no inferno do meio, e ainda assim sua cabeça alcançava o topo do abismo, e seus pés desciam até o fundo; ele mantinha suas pernas abertas e seus braços estendidos, mas não em forma de cruz. Uma de suas mãos ameaçava o céu, e a outra parecia indicar o fundo do precipício. Dois imensos chifres de cervo coroavam sua testa; eram muito ramificados, e os inúmeros pequenos chifres que saíam deles, como tantos ramos, pareciam tantas chaminés por onde escapavam colunas de chamas e fumaça. Seu rosto era de uma feiura repulsiva e de um aspecto terrível. Sua boca, como a do dragão, vomitava um rio de fogo muito ardente; mas sem claridade e de um fedor horrível. Ele usava no pescoço uma coleira de ferro vermelho. Uma corrente ardente o amarrava pelo meio do corpo, e seus pés e mãos estavam igualmente acorrentados. Os ferros de suas mãos estavam fortemente presos à abóbada do abismo; os de seus pés estavam presos a um anel fixado no fundo do abismo, e a corrente que lhe prendia os rins, também prendia o dragão do qual falamos.

A esta visão sucedeu outra. A serva de Deus viu de todos os lados almas que os espíritos que as haviam tentado traziam de volta a esta terrível morada: elas carregavam seus pecados escritos em suas testas em caracteres tão inteligíveis, que a santa compreendia por quais crimes cada uma delas estava condenada. Essas letras, no entanto, eram apenas para ela; pois essas almas infelizes conheciam reciprocamente seus pecados apenas pelo pensamento. Os demônios que as conduziam as sobrecarregavam de piadas, reprovações amargas e maus-tratos, que seria difícil relatar, tão inventiva era a raiva desses monstros. À medida que essas almas chegavam à entrada do abismo, os demônios as derrubavam e as precipitavam, de cabeça para baixo, na boca sempre aberta do dragão. Assim engolidas, elas deslizavam rapidamente em suas entranhas, e na abertura inferior, eram recebidas por outros demônios que as conduziam imediatamente ao seu príncipe, aquele monstro acorrentado, do qual acabamos de falar. Ele as julgava imediatamente, e após designar o lugar que deveriam ocupar de acordo com seus crimes, ele as entregava a demônios que lhe serviam de satélites para conduzi-las até lá. A santa notou que essa transferência não era feita da mesma maneira que a das almas que passam do purgatório ao paraíso. Embora a distância que estas últimas têm que percorrer seja incomparavelmente maior do que a de um inferno a outro, já que elas precisam atravessar a terra, o céu dos astros e o cristalino, para chegar ao empíreo; no entanto, essa viagem é feita num piscar de olhos. A marcha das almas que Francisca via serem levadas pelos guardas do tirano infernal era, ao contrário, muito lenta, tanto por causa das densas trevas que tinham que atravessar com uma espécie de violência, quanto pelas torturas que lhes infligiam nos espaços intermediários dos quais falamos. Portanto, era somente após algum tempo que os demônios acabavam por depositá-las no fundo do abismo.

Francisca também viu chegarem outras almas menos culpadas que as primeiras, e ainda assim condenadas; elas eram precipitadas na boca do dragão, apresentadas a Lúcifer, julgadas e transferidas pelos demônios, como as outras; mas, em vez de descerem ao fundo do abismo, elas subiam para o inferno superior, com a mesma lentidão, no entanto, e sofrendo tormentos proporcionais aos seus pecados. Chegando à sua prisão, elas encontravam uma multidão de demônios em forma de serpentes e bestas ferozes, cuja visão as aterrorizava. Os olhares de Satanás as assustavam ainda mais e, sem falar do incêndio geral no qual estavam envolvidas, o fogo que saía do príncipe das trevas lhes fazia sentir cruelmente seu ardor devorador. Ao seu redor reinava uma noite eterna; de modo que nada podia fazer diversão às penas que elas suportavam. Lá, como nas outras partes do inferno, cada uma das almas condenadas era entregue a dois demônios principais, executores dos decretos da justiça divina. A função do primeiro era golpeá-la, dilacerá-la e atormentá-la sem cessar; a do segundo era zombar de sua desgraça, repreendendo-a por tê-la atraído por sua culpa; lembrando-a continuamente da lembrança de seus pecados, mas da maneira mais opressiva, perguntando-lhe como ela pôde ceder às tentações e consentir em ofender seu Criador; repreendendo-a, enfim, por todos os meios que ela tivera de se salvar, e todas as ocasiões de fazer o bem, que ela perdera por sua culpa. Daí remorsos dilacerantes que, unidos aos tormentos que o outro carrasco lhe fazia experimentar, a colocavam em um estado de raiva e desespero, que ela expressava por uivos e blasfêmias. O encargo confiado a esses dois demônios não era, no entanto, exclusivo: todos os outros tinham igualmente o direito de insultá-la e atormentá-la, e não deixavam de usá-lo. A serva de Deus tendo desejado saber que diferença havia entre os habitantes das três províncias desse reino terrível, foi-lhe dito que, na região inferior, estavam colocados os maiores criminosos; na do meio os criminosos medianos e na região superior os menos culpados dos condenados. As almas que você vê neste lugar mais alto, acrescentou a voz que a instruía, são aquelas dos judeus que, exceto por sua obstinação, viveram isentos de grandes crimes, aquelas dos cristãos que negligenciaram a confissão durante a vida e foram privados dela na morte, etc. Tudo o que a bem-aventurada via e ouvia a enchia de espanto; mas seu guia tinha grande cuidado em tranquilizá-la e fortalecê-la.

CAPÍTULO II: Tormentos particulares exercidos sobre nove tipos de culpados

1° Suplícios daqueles que ultrajaram a natureza com suas impurezas.

Francisca viu na parte mais baixa e horrível do inferno homens e mulheres que suportavam torturas terríveis. Os demônios que lhes serviam de carrascos os faziam sentar em barras de ferro incandescentes, que penetravam o corpo em todo o seu comprimento e saíam pelo topo da cabeça, e enquanto um deles retirava essa barra e a enfiava novamente, os outros, com tenazes ardentes, lhes dilaceravam as carnes da cabeça aos pés. Ora, esses tormentos eram contínuos e isso sem exclusão das penas gerais, quero dizer, do fogo, do frio glacial, das densas trevas, das blasfêmias e dos rangeres de dentes.

2° Suplícios dos usurários.

Não longe da cela dos primeiros, Francisca viu outra onde os criminosos eram torturados de maneira diferente, e foi-lhe dito que eram os usurários. Ora, esses infelizes estavam deitados e pregados em uma mesa de fogo, os braços estendidos, mas não em forma de cruz, e o guia de Francisca lhe disse a esse respeito que todo sinal da cruz era banido dessas moradas infernais. Cada um deles tinha um círculo de ferro vermelho na cabeça. Os demônios pegavam em caldeirões ouro e prata fundidos que despejavam em suas bocas; eles também faziam escorrer em uma abertura que haviam feito no lugar do coração, dizendo: lembrem-se, almas miseráveis, da afeição que vocês tinham por esses metais durante a vida; foi ela que os conduziu aonde vocês estão. Eles os mergulhavam em seguida em uma cuba cheia de ouro e prata liquefeitos; de modo que elas não faziam mais que passar de um tormento a outro, sem obter um momento de repouso. Elas sofriam, além disso, as penas comuns a todas as outras almas condenadas; o que as reduzia a um terrível desespero: assim, elas não cessavam de blasfemar o nome sagrado d'Aquele que exercia sobre elas suas justas vinganças.

3° Suplícios dos blasfemadores.

Francisca viu, na mesma região, os profanadores obstinados de Deus, da santa Virgem e dos santos. Ora, eles estavam submetidos a torturas terríveis. Os demônios, armados de pinças

ardentes, puxavam suas línguas e as aplicavam sobre carvões em brasa, ou então pegavam esses carvões e os colocavam em suas bocas; em seguida, os mergulhavam em caldeirões de óleo fervente, ou então os faziam engolir, dizendo: "Como ousavam blasfemar o que os céus reverenciam, almas malditas e desesperadas?". Não longe destes estavam os covardes que renunciaram a Jesus Cristo por medo dos suplícios; mas seus tormentos não eram tão rigorosos, Deus tendo em conta a fraqueza humana que os fez sucumbir.

4° Suplícios dos traidores.

Francisca viu no mesmo bairro as torturas que exerciam os demônios impiedosos sobre os homens infiéis a seus mestres, e sobretudo sobre os cristãos que só assumiram compromissos na pia batismal para profaná-los. Esses cruéis carrascos lhes arrancavam o coração com tenazes ardentes e o devolviam em seguida para arrancá-lo de novo. Eles os desciam também de tempos em tempos em cubas cheias de piche fervente e lhes diziam, mantendo-os submersos: "Almas falsas e pérfidas, sem coração e sem fidelidade, não contentes em trair seus mestres temporais, vocês ousaram trair seu próprio Deus; pois vocês assumiram na pia batismal o compromisso solene de renunciar a Satanás, suas pompas e suas obras, e vocês fizeram exatamente o oposto. Não esqueçam essas promessas e recebam o castigo que sua violação lhes mereceu". A essas reprovações amargas sucediam os uivos das vítimas; elas blasfemavam também os sacramentos, sobretudo o santo batismo, e amaldiçoavam seu divino autor.

5° Suplícios dos homicidas.

Um pouco mais longe, ela viu homens de feições ferozes, mergulhados em um imenso caldeirão cheio de sangue em ebulição. Ora, os demônios vinham pegá-los nesse caldeirão fervente e os jogavam em outro cheio de água meio congelada; depois os retiravam deste para submergí-los no primeiro. Mas esse não era seu único tormento, outros demônios armados de punhais inflamados lhes perfuravam o coração e só retiravam o ferro da ferida para mergulhá-lo novamente. Junto a esses homens sanguinários, estavam colocadas aquelas mães que se desnaturaram a ponto de tirar a vida de seus próprios filhos, e suas torturas eram mais ou menos as mesmas.

6° Suplícios dos apóstatas que abandonaram a fé católica não por fraqueza, mas por corrupção.

Os demônios os serravam pelo meio do corpo, com serras de ferro vermelho, mergulhadas em chumbo derretido. Ora, a recuperação das carnes ocorria subitamente após a operação, e permitia aos carrascos recomeçar incessantemente.

7° Suplício dos incestuosos.

Houve em todos os tempos homens e mulheres que, levados por uma paixão cega, cometeram impurezas com pessoas que lhes eram unidas por laços de sangue ou por laços espirituais. Ora, a Serva de Deus os viu em uma cela vizinha à dos habitantes de Sodoma. Ora, os demônios os mergulhavam em uma fossa cheia de matérias infectas em ebulição; depois, retirando-os de lá, os cortavam em quartos, e quando esses quartos se reuniam, o que acontecia imediatamente, eles os

mergulhavam novamente na cloaca ardente e fétida.

8° Suplícios dos magos.

No inferno do meio, a bem-aventurada viu aqueles que, durante sua vida, estavam em comércio com o demônio, e aqueles que os consultavam e lhes davam confiança. Eles estavam envolvidos em trevas terríveis, e os carrascos os apedrejavam com pedras de ferro incandescentes. Havia lá uma grelha quadrada, no meio da qual ardia um fogo terrível. Ora, de tempos em tempos os demônios deitavam suas vítimas sobre essa grelha, e as mantinham fortemente acorrentadas; depois as retiravam de lá para apedrejá-las novamente.

9° Suplícios dos excomungados.

A serva de Deus notou que todas as almas precipitadas na boca do demônio não saíam de seu corpo. Tendo desejado saber quais eram as almas que ela não via reaparecer, foi-lhe dito que eram as almas daqueles que morreram na excomunhão. Elas descem, acrescentou a voz que a instruía, na cauda do dragão, que se prolonga até o fundo do abismo, e é um vasto foco onde arde um fogo devorador. Elas estavam, portanto, encerradas nessa terrível prisão, e os demônios que rondavam ao redor lhes gritavam com voz insultante:

> "Então são vocês que, cegados por suas paixões e embrutecidos pela sensualidade, desprezaram os raios da Igreja? Bem, fervam agora na cauda do dragão".
>
> "Ai! Ai!", respondiam de dentro vozes lamentosas, "que infortúnio é o nosso, e que males terríveis suportamos!"

CAPÍTULO III: Como os pecados capitais são punidos no inferno inferior

1° Tormentos dos orgulhosos.

A bem-aventurada viu uma vasta prisão cujos habitantes eram muito numerosos, e lhe foi dito que eram os soberbos. Esta prisão estava dividida em várias seções, onde as vítimas eram classificadas segundo as diversas espécies deste pecado. Os ambiciosos eram aqueles que os demônios pareciam desprezar mais. Tanto quanto esses miseráveis haviam sido famintos por honras durante suas vidas, tanto eram agora saciados de opróbrios e confusão. Ao punir estes, eles não esqueciam, no entanto, dos outros. Cada família de orgulhosos, se posso falar assim, tinha sua pena própria e particular; mas havia um castigo horrível que era comum a todos.

No meio desta prisão especial estava colocado um enorme leão de bronze avermelhado pelo fogo. Sua boca estava levantada no ar e largamente aberta, e suas mandíbulas, em vez de dentes, eram armadas com um grande número de navalhas afiadas. Seu ventre era um covil de serpentes e outras bestas venenosas, e a abertura posterior era como a entrada do corpo deste monstro, guarnecida de lâminas ardentes e horrivelmente afiadas. Ora, os demônios encarregados de atormentar essas tristes vítimas as lançavam no ar de maneira a fazê-las cair na boca do leão. Todas cortadas e quase divididas pelas navalhas, elas passavam pela garganta deste monstro e caíam em suas largas entranhas, no meio dos répteis que fervilhavam neste lugar infecto, e exerciam sobre elas sua raiva infernal. Elas gravitavam em seguida para a parte posterior onde demônios as agarravam com pinças ardentes, e as puxavam violentamente para si, através das navalhas com as quais a abertura era bordejada, e este jogo cruel os carrascos recomeçavam incessantemente. Estas almas, irritadas e enraivecidas por tão horríveis tormentos, uivavam de uma maneira terrível e proferiam blasfêmias horrendas. "Uivem", lhes diziam os espíritos infernais;

> "uivem, soberbos malditos, que por tanto tempo fizeram guerra ao Criador na terra. Vocês têm boas razões para se desesperar, pois suas desgraças nunca terminarão".

2° Tormentos dos condenados que foram sujeitos à ira.

Francisca notou que eles eram punidos segundo seus diversos graus de culpabilidade; mas eis uma pena que lhes era comum. Havia em sua prisão uma serpente de bronze, que o fogo do inferno mantinha continuamente incandescente. Seu peito era largo, seu pescoço elevado como uma coluna e sua boca escancarada. Nesta horrível boca estavam plantadas em forma de crescente longas e fortes agulhas, cujas pontas eram direcionadas para a garganta do animal. Ora, os demônios, pegando estas almas das quais falamos, as lançavam por esta abertura no corpo do monstro; depois as retiravam com tenazes ardentes todas dilaceradas pelas pontas que encontravam em sua saída. Ora, elas sofriam continuamente este suplício, que as reduzia a um terrível desespero, e lhes arrancava as mais horrendas blasfêmias.

3° Tormentos dos avarentos.

A bem-aventurada viu em seguida os avarentos em uma fossa cheia de grandes serpentes que tinham braços. Cada um destes horrendos répteis se agarrava a um destes culpados, que a justiça divina lhes havia abandonado. Ele lhe batia na boca com sua cauda, lhe dilacerava o coração com os dentes, e o apertava em seus braços, de maneira a sufocá-lo, se isso fosse possível; mas outros demônios vinham arrancá-los de seus horríveis abraços, com tenazes de ferro, que os dilaceravam de uma maneira horrível, e iam mergulhá-los em uma segunda fossa cheia de ouro e prata liquefeitos, sobrecarregando-os com suas zombarias e sarcasmos.

4° Tormentos dos invejosos.

Cada um destes infelizes estava coberto por um manto de chamas, tinha um verme venenoso que lhe roía o coração, penetrava em seu peito, e, subindo pela garganta se apresentava à boca, que forçava a abrir convulsivamente; mas um demônio o impedia de sair, apertando com a mão o pescoço da vítima, o que lhe causava insuportáveis sufocamentos; e enquanto a sufocava assim com uma mão, ele segurava com a outra uma espada com a qual lhe perfurava o coração. Um segundo demônio vinha em seguida, que lhe arrancava o coração do peito, o mergulhava em imundícies, e o devolvia, para arrancá-lo novamente, e assim sem fim; e estes tratamentos bárbaros eram acompanhados de zombarias e reprovações, que reduziam estes infortunados à raiva e ao desespero.

5° Tormentos dos preguiçosos.

Francisca os viu sentados no meio de um grande fogo, com os braços cruzados e a cabeça inclinada sobre os joelhos. Seus assentos eram de pedras; essas pedras eram profundamente caneladas, e suas cavidades preenchidas com carvões em brasa: os próprios bancos estavam todos vermelhos e a chama que saía da brasa se fixava nessas tristes vítimas, cobrindo-as como uma vestimenta. Ora, os demônios, pegando-as com pinças ardentes, as derrubavam violentamente sobre esses leitos terríveis, e as arrastavam, virando-as e revirando-as de todas as maneiras; era para puni-las por terem perdido o tempo. Ao lado de cada uma delas estava um demônio que, com um cutelo, lhe fendia o peito e derramava óleo fervente, e isso para puni-las por terem presumido demais da misericórdia de Deus. Ele colocava ainda vermes em suas feridas, como punição pelos maus pensamentos aos quais sua ociosidade deixava o campo livre.

6° Tormentos dos gulosos.

Francisca pôde contemplar também os castigos da gula. Cada infeliz condenado por este vício tinha um demônio que o pegava pela cabeça e o arrastava sobre carvões ardentes, enquanto outro demônio, de pé sobre ele, o pisoteava com violência. Eles então lhe amarravam os pés e as mãos, e o precipitavam em um caldeirão cheio de piche derretido; depois, retirando-o de lá, o jogavam em outro cheio de água quase reduzida a gelo. Eles também derramavam vinho ardente em sua boca, para puni-lo pelos excessos culposos que havia cometido durante a vida. Durante esse tempo, seus carrascos lhe diziam em tom irônico:

> "A pena dos gulosos, nesta morada, é o excesso quente e frio. Eis então onde suas intemperanças o conduziram"

Diziam outros espíritos infernais:

> "De agora em diante, você terá serpentes como alimento e fogo como bebida".

7° Tormentos dos luxuriosos.

Francisca procurava com os olhos os escravos desta paixão vergonhosa; eles lhe foram mostrados. Estavam amarrados a postes de ferro em brasa, e os carrascos, com suas línguas ardentes, lambiam todas as partes de seus corpos, o que os fazia sofrer horrivelmente. Outros demônios, com tenazes, dilaceravam suas carnes em pedaços, como punição pela boa comida que faziam no mundo, o que servia para alimentar cada vez mais sua funesta paixão. Sob seus postes havia grelhas ardentes e armadas com pontas de ferro, junto às quais estavam deitadas horríveis serpentes. Os demônios, puxando bruscamente suas vítimas, as faziam cair de costas sobre esses leitos terríveis, e as serpentes se lançando sobre elas, as mordiam com uma raiva inconcebível. Este suplício era particular aos adúlteros.

CAPÍTULO IV: Suplícios particulares a sete espécies de pecadores

1° Tormentos dos ladrões.

A serva de Deus viu homens que estavam amarrados com cordas negras, por meio das quais os demônios os puxavam para cima; depois disso, os deixavam cair no fogo. Em seguida, os desciam em um poço de água gelada; de lá os faziam passar para um lago de chumbo derretido, onde os forçavam a beber uma horrível mistura de fel, piche e enxofre; finalmente, os jogavam em um covil de bestas ferozes. Ora, foi dito à santa que essas tristes vítimas eram os ladrões.

2° Tormentos dos filhos desnaturados.

Sempre houve na terra filhos detestáveis que, em vez de honrar seus pais, só tiveram por eles afastamento e desprezo, tornando-os excessivamente infelizes por sua insubordinação, seu mau caráter e suas violências. Ora, Francisca os viu em um imenso tonel, guarnecido de navalhas, e onde se encontravam serpentes ferozes. Os demônios rolavam essa terrível máquina, e as pobres vítimas que ela continha eram mordidas pelas serpentes e dilaceradas pelas navalhas. Foi observado à bem-aventurada que esses culpados e os outros não permaneciam sempre no inferno que lhes era designado. Do inferno inferior eles passavam às vezes para o inferno superior ou para o intermediário, ou destes para o mais baixo. Tendo desejado saber a razão, foi-lhe dito que era para sofrer o suplemento de penas devido às circunstâncias mais ou menos agravantes de seus pecados.

3° Tormentos daqueles que foram infiéis ao seu voto de castidade.

A posição desses infelizes era terrível. Os demônios os mergulhavam ora em um fogo ardente, onde corriam em fusão o piche e o enxofre, ora em um banho de água gelada; outras vezes os apertavam entre duas pranchas de ferro, armadas de pregos afiados, e perfuravam seus flancos com forcados. Enfim, para adicionar o insulto aos seus suplícios, não cessavam de lhes reprovar os crimes que haviam cometido.

"Lembrem-se", diziam-lhes, "de suas impurezas sacrílegas: esses prazeres, tão logo passados, lhes custam caro agora. Lembrem-se de tantos sacramentos que profanaram, e que só serviram para tornar sua condenação mais terrível".

4° Tormentos dos perjuros.

Eles tinham bonés de fogo na cabeça; suas línguas eram arrancadas, e suas mãos cortadas.

5° Tormentos dos detratores.

Cada um deles era entregue a uma víbora de sete cabeças. Falo da forma que havia tomado o demônio especialmente encarregado de atormentá-lo. Ora, eis para que lhe serviam suas sete bocas. Com a primeira, ele arrancava a língua do paciente; com a segunda, ele a comia; com a terceira, ele a cuspia no fogo; com a quarta, ele a retomava e a devolvia ao culpado; com a quinta, ele lhe furava os olhos; com a sexta, ele lhe arrancava o cérebro por uma orelha, e com a sétima, enfim, ele devorava suas narinas. Além disso, com as unhas de suas mãos, ele lhe dilacerava o corpo.

6° Tormentos das virgens loucas.

Francisca viu essas almas que, muito ciosas de conservar sua virgindade corporal, pouco cuidado tinham com a pureza de seu coração. Os demônios as flagelavam cruelmente com correntes de ferro em brasa.

7° Tormentos das viúvas viciosas.

Elas estavam amarradas aos galhos de uma enorme macieira, com a cabeça jogada para trás, e os demônios as faziam comer maçãs cheias de vermes. Além disso, dragões terríveis, enlaçando-se a elas, lhes dilaceravam o coração e as entranhas, enquanto a multidão de demônios não cessava de lhes reprovar sua má vida.

8° Tormentos das mulheres idólatras de sua beleza.

Elas tinham como cabeleira serpentes que lhes mordiam cruelmente o rosto, enquanto outros demônios enfiavam alfinetes em brasa em todas as partes de seu corpo; e, para aguçar os remorsos da consciência, não cessavam de lhes dizer:

> "Vocês fizeram nosso ofício na terra, é justo que sejam associadas a nós durante a eternidade. Façam agora sua toalete nessas chamas".

Essas almas respondiam com blasfêmias horríveis a esses insultos de seus inimigos.

CAPÍTULO V: Blasfêmias dos condenados

Todo esse terrível lugar ressoava com horríveis blasfêmias. Seus infelizes habitantes amaldiçoavam Deus, como se Ele só lhes tivesse feito mal, e nunca nenhum bem; eles amaldiçoavam a humanidade sagrada de Nosso Senhor Jesus Cristo; eles amaldiçoavam todos os Seus mistérios, cuja lembrança só lhes recordava ingratidões criminosas; eles amaldiçoavam todas as graças que haviam obtido por Seus méritos, e cujo abuso lhes havia atraído tão horríveis castigos. Toda a santa vida desse Deus salvador provocava suas blasfêmias; mas cada um se dedicava a profanar de uma maneira especial a circunstância que mais lhe desagradava. Este amaldiçoava Sua Encarnação, aquele Seu Nascimento; este Sua Circuncisão e aquele Seu Batismo; este Sua Penitência, aquele Sua Paixão; um outro Sua Ressurreição, outro Sua Ascensão gloriosa. Nada do que fez nosso amável Salvador, para a salvação de nossas almas, era respeitado, porque todos esses benefícios foram para eles apenas objetos de ingratidão. Eles amaldiçoavam e blasfemavam o doce nome de Maria, suas prerrogativas, suas virtudes, mas sobretudo sua maternidade divina; porque se ela não tivesse posto o filho de Deus no mundo, eles teriam sido menos culpados, e não teriam que suportar tão horríveis tormentos. Assim, portanto, sua eternidade é toda empregada em blasfemar e amaldiçoar, mas com tal raiva e tão profundo desespero, que, se não tivessem outros suplícios, isso bastaria para torná-los infinitamente infelizes. No entanto, eles sofrem as outras penas comuns a todos os condenados, e além disso, as penas que lhes são particulares, como acabo de dizer.

CAPÍTULO VI: Número dos demônios, seus nomes e seus empregos

Na visão XVII, onde a criação dos anjos e sua classificação foram manifestadas à serva de Deus, Deus a fez discernir aqueles que deveriam pecar daqueles que permaneceriam fiéis. Ela foi então testemunha de sua revolta e da horrível queda que ela lhes mereceu. Ora, ela não foi tão profunda para uns quanto para outros: **um terço desses infortunados permaneceu nos ares, outro terço parou na terra e o último terço caiu até o inferno**. Essa diferença nos castigos correspondeu àquelas que Deus notou nas circunstâncias de sua falta comum. Entre esses espíritos rebeldes, houve aqueles que abraçaram alegremente, se posso falar assim, a causa de Lúcifer; e outros que viram com indiferença essa revolta contra o Criador, e permaneceram neutros. Os primeiros foram precipitados imediatamente no inferno, de onde nunca saem, a menos que Deus os solte quando Ele quer atingir a terra com alguma grande calamidade, para punir os pecados dos homens. **Os segundos foram lançados parte nos ares, e parte na terra; e são estes últimos que nos tentam, como direi mais tarde**.

Lúcifer, que quis ser igual a Deus no céu, é o monarca dos infernos, mas monarca acorrentado e mais infeliz que todos os outros. Ele tem sob si três príncipes aos quais todos os demônios, divididos em três corpos, estão sujeitos pela vontade de Deus; assim como no céu, os bons anjos estão divididos em três hierarquias presididas por três espíritos de uma glória superior. Esses três príncipes da milícia celeste foram tirados dos três primeiros coros, onde eram os mais nobres e os mais excelentes; assim, os três príncipes da milícia infernal foram escolhidos como os mais malvados dos espíritos dos mesmos coros, que hastearam o estandarte da revolta.

Lúcifer era no céu o mais nobre dos anjos que se revoltaram, e seu orgulho o tornou o mais malvado de todos os demônios. É por isso que a justiça de Deus o deu como rei a todos os seus companheiros e aos condenados, com poder de governá-los e puni-los, segundo seus caprichos; o que faz com que o chamem de tirano dos infernos. Além dessa presidência geral, ele ainda é estabelecido sobre o vício do orgulho. O primeiro dos três príncipes que comandam sob suas ordens, se chama **Asmodeu**: era no céu um querubim, e hoje é o espírito impuro que preside a todos os pecados desonestos. O segundo príncipe se chama **Mammon**: era antigamente um trono, e agora preside aos diversos pecados que faz cometer o amor ao dinheiro. O terceiro príncipe leva o nome de **Belzebu**; ele pertencia originalmente ao coro das dominações, e agora está estabelecido sobre todos os crimes que gera a idolatria, e preside às trevas infernais. É também dele que vêm aquelas que cegam os espíritos dos humanos. Esses três chefes, assim como seu

monarca, nunca saem de suas prisões infernais; quando a justiça de Deus quer exercer sobre a terra alguma vingança notável, esses príncipes malditos deputam para esse efeito um número suficiente de seus demônios subordinados; pois às vezes acontece que os flagelos com os quais Deus quer atingir os povos, exigem mais forças ou mais malícias do que têm os maus espíritos espalhados sobre a terra e no ar. Então os infernais mais malvados e mais enfurecidos tornam-se auxiliares indispensáveis. **Mas fora desses casos raros, esses grandes culpados não podem sair das prisões onde estão confinados**.

Todos esses espíritos infortunados estão classificados no abismo segundo sua ordem hierárquica. A primeira hierarquia, composta de serafins, querubins e tronos, habita o inferno mais baixo; **eles suportam tormentos mais cruéis que os outros**, e exercem as vinganças celestes sobre os maiores pecadores. Lúcifer, que foi um serafim, exerce sobre eles uma autoridade especial, em virtude do orgulho do qual ele tem a alta presidência. Os demônios dessa hierarquia só são enviados à terra quando a cólera de Deus permite que o orgulho prevaleça para punir as nações.

A segunda hierarquia, formada por dominações, principados e potestades, permanece no inferno do meio. Ela tem como príncipe Asmodeu que, como já disse, preside aos pecados da luxúria. **Pode-se adivinhar que os demônios dessa hierarquia estão na terra quando os povos se abandonam ao vício infame da impureza**.

A terceira hierarquia, que se compõe de virtudes, arcanjos e anjos, tem como chefe Mammon, e habita o inferno superior. Quando esses demônios são soltos sobre a terra, a sede de riquezas prevalece por toda parte, e só se fala de ouro ou prata. **Quanto a Belzebu, ele é o príncipe das trevas, e as espalha, quando Deus permite, nas inteligências, para sufocar a luz da consciência e a da verdadeira fé**. Tal é a ordem que reina entre os demônios nos infernos; quanto ao seu número, é inumerável.

Encontram-se essas mesmas hierarquias entre os demônios que permanecem no ar e na terra, mas eles não têm chefes, e consequentemente vivem na independência e uma espécie de igualdade. São os demônios aéreos que, na maioria das vezes, desencadeiam os ventos, excitam as tempestades, produzem as tormentas, as chuvas de granizo e as inundações. **Sua intenção nisso é fazer mal aos homens, sobretudo diminuindo sua confiança na divina Providência, e fazendo-os murmurar contra a vontade de Deus**.

Os demônios da primeira hierarquia, que vivem na terra, não deixam de aproveitar também essas ocasiões favoráveis à sua malícia; encontrando os homens irritados por essas calamidades e muito enfraquecidos em sua submissão e confiança, eles os fazem cair muito mais facilmente no vício do orgulho. Os da segunda hierarquia não deixam, por sua vez, de precipitá-los de sua altura soberba na cloaca impura, o que dá em seguida toda facilidade aos demônios da terceira hierarquia de fazê-los cair nos pecados que gera o amor ao dinheiro. Então os anjos que presidam às trevas os cegam, fazem com que abandonem o caminho da verdade e tornam seu retorno extremamente difícil. Assim, todos os demônios, apesar das diferenças em suas funções, conspiram e ajudam-se mutuamente a perder as almas. Uns enfraquecem sua fé, outros os empurram para o orgulho, alguns para a impureza, outros para o amor às riquezas, e ainda outros lançam um véu sobre seus olhos e os afastam tanto do caminho da salvação que a maioria nunca mais o encontra. **O único meio de escapar desse complô infernal seria se levantar rapidamente da primeira**

queda, e é exatamente isso que essas pobres almas não fazem. Daí resulta essa cadeia de tentações, que, de queda em queda, as conduz ao fundo do precipício.

Quando eu disse que os demônios que estão no ar e na terra não têm chefes, quis dizer apenas que eles não têm oficiais subalternos; pois todos estão submetidos a Lúcifer, e obedecem às suas ordens, **porque tal é a vontade da justiça divina**. Apesar do ódio que têm pelos homens, nenhum deles ousaria tentá-los sem a ordem de Lúcifer, **e o próprio Lúcifer não pode prescrever, nesse gênero, senão o que lhe permite o Senhor cheio de bondade e compaixão por nós**.

Lúcifer vê todos os seus demônios, não apenas aqueles que estão ao seu redor no inferno, mas também aqueles que estão no ar e na terra. Todos também o veem sem nenhum obstáculo, e compreendem perfeitamente todas as suas vontades. Eles também se veem e se compreendem muito bem uns aos outros.

Os espíritos malignos, espalhados no ar e na terra, não sentem os ataques do fogo do inferno; nem por isso são menos excessivamente infelizes, tanto porque se maltratam e se golpeiam incessantemente uns aos outros, quanto porque as operações dos bons anjos neste mundo lhes causam um despeito que os atormenta cruelmente. As penas daqueles que pertencem à primeira hierarquia são mais acerbas do que as dos espíritos da segunda, e estes são mais infelizes do que os espíritos da terceira. A mesma justiça distributiva preside aos tormentos dos espíritos infernais; mas estes estão todos à mercê do ardor das chamas infernais.

Os demônios que permanecem no meio de nós, e receberam o poder de nos tentar, são todos espíritos caídos do último coro. Os anjos encarregados de nossa guarda também são simples anjos. Esses espíritos tentadores estão incessantemente ocupados em preparar nossa perdição. Os meios que empregam para isso são tão sutis e variados, que uma alma que lhes escapa é muito feliz, e não poderia demonstrar demais sua gratidão ao Senhor. Não há um instante do dia e da noite em que esses cruéis inimigos não tentem uma tentação ou outra, a fim de cansar aqueles que não podem vencer pela astúcia ou violência. **A paciência é, portanto, a arma defensiva por excelência. Ai de quem a deixa cair de suas mãos! Quando esses tentadores ordinários encontram almas fortes e pacientes, que não podem abalar, eles chamam em seu socorro companheiros mais astutos e malignos, não para combater com eles ou em seu lugar, pois Deus não o permite; mas para lhes sugerir estratagemas mais eficazes**. Francisca sabia tudo isso por experiência: era raro que ela fosse tentada apenas por seu demônio. Geralmente, ele se associava a outros; e ainda muito fracos, eles recorriam à malícia dos espíritos superiores que permaneciam no ar. Ela se tornara tão hábil nessa guerra, que ao sustentar um ataque, ela sabia a qual coro havia pertencido aquele cujo conselho a dirigia, e quem ele era.

Quando os demônios querem lançar um assalto a uma alma hábil e forte, uns a atacam de frente, e outros se colocam atrás dela. É dessa maneira que eles combatiam ordinariamente contra nossa bem-aventurada, e ela os via fazer sinais para concertar seus meios.

Quando uma alma, vencida pelas tentações, morre em seu pecado, seu tentador habitual a leva com prontidão, seguido por muitos outros que a sobrecarregam de ultrajes e não cessam de atormentá-la até que seja precipitada no inferno. Esses espíritos detestáveis entregam-se então a

uma alegria feroz. **Seu anjo da guarda, após tê-la seguido até a entrada do abismo, retira-se assim que ela desaparece e volta ao céu**.

Quando uma alma, ao contrário, é condenada ao purgatório, seu tentador é cruelmente espancado por ordem de Lúcifer por ter deixado escapar sua presa. Ele permanece, no entanto, lá, fora do purgatório, mas perto o suficiente para que a alma o veja e ouça as reprovações que ele faz sobre as causas de seus tormentos. Quando ela deixa o purgatório para subir ao céu, esse demônio retorna à terra para se misturar àqueles que nos tentam; mas é para eles um objeto de zombaria, por ter cumprido mal a missão da qual estava encarregado.

Todos aqueles que deixam assim escapar as almas não podem mais cumprir o ofício de tentadores. Eles vagam aqui e ali, reduzidos a prestar aos homens outros maus serviços, quando podem. Às vezes, Lúcifer, para puni-los, os aloja vergonhosamente em corpos de animais, ou então os usa, com a permissão de Deus, para exercer possessões que frequentemente lhes atraem novos castigos e novas vergonhas. Os demônios, ao contrário, que conseguiram perder as almas às quais Lúcifer os havia ligado, após tê-las levado aos infernos, reaparecem na terra, cobertos de glória entre seus semelhantes, e desempenham um papel ainda maior na guerra que fazem aos filhos de Deus. São eles que os outros chamam em seu auxílio, como mais experientes e hábeis, quando têm que lidar com almas fortes e generosas que riem de seus vãos esforços.

Todo demônio encarregado da missão de perder uma alma não se ocupa das outras; ele só quer aquela, e emprega todos os seus cuidados para fazê-la pecar ou perturbar sua paz. No entanto, quando a venceu, ele a impele, tanto quanto pode, a tentar, molestar ou escandalizar outras almas.

Há outros demônios do mesmo coro que aqueles que nos tentam, que vivem no meio de nós sem nos atacar. Sua missão é vigiar aqueles que nos tentam e castigá-los cada vez que não conseguem nos fazer pecar.

Cada vez que ouvem pronunciar devotamente o santo Nome de Jesus, eles se prostram espiritualmente, não de bom grado, mas por força. Francisca viu uma vez vários em forma humana que, a esse Nome sagrado que ela pronunciava ao conversar com seu confessor, inclinaram suas testas com profundo respeito, até o pó. Este Nome sagrado é para eles um novo suplício, que os faz sofrer tanto mais cruelmente quanto mais avançada no amor e mais perfeita é a pessoa que o pronuncia. **Quando os ímpios profanam este nome adorável, esses espíritos réprobos não se entristecem; mas são forçados a se inclinar, como para reparar a injúria que Lhe é feita**. Eles agem da mesma forma quando é tomado em vão. Sem essa adoração forçada, eles ficariam muito contentes em ouvir blasfemar esse santo Nome. **Os bons anjos, ao contrário, em tais ocasiões, o adoram profundamente, o louvam e o bendizem com um amor incomparável. Quando é pronunciado com um verdadeiro sentimento de devoção, eles lhe prestam as mesmas homenagens, mas com um vivo sentimento de alegria. Cada vez que nossa bem-aventurada proferia esse santíssimo Nome, ela via seu arcanjo assumir um ar extraordinariamente alegre e inclinar-se de uma maneira tão graciosa que ela ficava toda abrasada de amor**.

Quando as almas vivem no hábito do pecado mortal, os demônios entram nelas e as dominam de várias maneiras, que variam segundo a qualidade e a quantidade de seus crimes; mas quando elas recebem a absolvição com um coração contrito, eles perdem sua dominação, desalojam o mais rápido possível e se colocam novamente ao lado delas para tentá-las de novo; mas seus ataques são menos intensos, porque a confissão diminuiu suas forças.

CAPÍTULO VII: Dos limbos

Quando a serva de Deus foi transportada à entrada do inferno, ela viu bem perto um anjo de pé em outra porta: era a porta dos limbos, dessa prisão onde todas as almas justas da terra esperaram por tanto tempo a vinda do Libertador. Este lugar, embora contíguo ao inferno, não tem nenhuma comunicação com ele. Sua elevação está para o inferno como a de uma casa para os porões da casa vizinha; ou seja, sua parte mais baixa é superior à mais elevada do inferno. Não há neste lugar nem fogo, nem gelo, nem serpentes, nem demônios, nem odor pestilento; não se ouvem nem uivos, nem blasfêmias; não se sofre nenhuma outra pena além da privação da luz; pois é sempre noite. É lá que se encontra a morada eterna das crianças mortas sem batismo. Sua distribuição é a mesma que a do inferno. Há uma parte superior, uma inferior e uma intermediária. A parte superior é habitada pelas crianças nascidas ou concebidas de pais cristãos. Na parte intermediária estão confinadas as crianças dos judeus, mortas antes de terem pecado. Sua posição é a mesma que a das primeiras, exceto que sua prisão é ainda mais tenebrosa. Na parte inferior encontram-se as crianças nascidas ou concebidas por efeito de um crime contrário ao voto solene de castidade ou à afinidade espiritual. Lá reina uma noite mais profunda que nas duas partes mais elevadas.

CAPÍTULO VIII: Do purgatório

Após as visões supramencionadas, a serva de Deus foi conduzida à do purgatório, cuja distribuição é a mesma que a do inferno. Ao se aproximar deste triste lugar, ela leu estas palavras escritas na porta:

> "Aqui é o purgatório, lugar de esperança, onde as almas aguardam o cumprimento de seu desejo".

O anjo Rafael lhe mostrou as três partes desta morada; e eis o que ela viu lá:

Na parte mais baixa, queima um fogo que dá luz, diferente nisso do fogo do inferno, que é negro e sem qualquer claridade. Este fogo é muito ardente e de cor vermelha. É lá que são punidas as almas devedoras à justiça divina da pena temporal que mereceram por grandes pecados; e o fogo as atormenta mais ou menos rigorosamente, segundo a qualidade e a quantidade de suas dívidas. O anjo lhe disse que sete anos de sofrimentos nesta parte inferior correspondem à pena temporal merecida por um único pecado mortal.

À esquerda dessas almas, mas fora do purgatório, Francisca viu os demônios que as tentavam durante a vida, e ela observou que essas pobres almas sofriam muito com sua visão e com as reprovações que eles não cessavam de lhes fazer ouvir. "Vocês preferiram", diziam-lhes, "seguir nossas ilusões e nossas persuasões, em vez dos preceitos do Evangelho. Vocês tiveram a loucura de ofender Aquele a quem eram devedores de sua criação e redenção. Permaneçam aqui agora para expiar suas ingratidões". De resto, o poder dos demônios sobre essas almas se limita a essas duas coisas: afligi-las com suas reprovações e com seu horrível aspecto.

Essas almas, colocadas no fogo do purgatório inferior, aquiescem humildemente à justiça divina; no entanto, o rigor das penas que suportam lhes arranca gemidos que ninguém nesta vida poderia compreender. Elas aquiescem à vontade de seu juiz, porque compreendem perfeitamente a equidade dos tormentos que suportam. Ora, essa aquiescência é a causa de Deus prestar ouvidos às suas queixas, de ser tocado por elas e lhes dar algumas consolações. Ele não as arranca por isso das chamas que as queimam, mas faz com que encontrem em sua própria submissão uma espécie de refrigério, assim como no pensamento de que logo chegarão à glória eterna. Elas conhecem não apenas seus próprios pecados, mas também os das outras almas que sofrem com elas, e todas estão contentes com a justiça punitiva de Deus, que se exerce com tanta equidade.

Quando um anjo da guarda conduz ao purgatório inferior a alma que lhe foi confiada, ele se coloca fora da prisão, do lado direito da porta, enquanto o anjo mau se coloca do lado esquerdo; e ele permanece lá até que essa alma, completamente purificada, se torne livre

para subir ao céu. É ele quem recolhe os sufrágios oferecidos por ela na terra e os apresenta à justiça de Deus, que os devolve a ele para que os aplique a essa pobre alma, como um remédio que suaviza seus males. Ele apresenta igualmente a Deus todas as boas obras que ela fez durante sua vida mortal, enquanto o anjo mau recorda constantemente os pecados que ela cometeu à justiça do Senhor. **Quando uma alma fez legados piedosos antes de seu falecimento, Deus, em Sua bondade, os aceita imediatamente e os recompensa, mesmo que não recebam sua execução por falha daqueles que eram encarregados disso**. No entanto, se ela adiou essas boas obras para depois de sua morte, por apego às suas riquezas, Deus só a recompensa após o término do tempo determinado por ela para seu cumprimento.

Este purgatório inferior se divide em três prisões separadas, onde o fogo não tem um ardor igual; é mais ardente na primeira que na segunda, e na segunda que na terceira. **Ora, a primeira é destinada aos religiosos e aos padres, mesmo que tenham cometido pecados menores que os seculares, porque tiveram mais luz e não honraram sua dignidade como deviam**. Francisca viu neste cárcere um padre muito piedoso, mas que havia contentado demais seu apetite no uso dos alimentos. A segunda prisão é a morada dos religiosos e dos clérigos que não foram honrados com o sacerdócio. Na terceira, estão confinadas as almas seculares que cometeram pecados mortais e não os expiaram durante a vida. Os tormentos, no entanto, não são iguais em cada uma dessas prisões; são mais ou menos cruéis segundo a medida das dívidas e a qualidade das pessoas. **Os superiores sofrem mais que os inferiores; conforme uma alma é mais ou menos culpada, os suplícios são mais ou menos cruéis, e sua duração mais ou menos longa**.

Após ter considerado o purgatório inferior, Francisca foi conduzida à visão do purgatório intermediário. Ora, ele se divide, como o outro, em três partes, sendo a primeira um lago de água gelada, a segunda um lago de piche derretido, misturado com óleo fervente, e a terceira um lago de metais liquefeitos. É neste purgatório que estão alojadas as almas que não cometeram pecados graves o suficiente para merecer serem colocadas no purgatório inferior. São, portanto, os pecados veniais que conduzem a este purgatório intermediário. Ora, há nesta prisão trinta e oito anjos que estão constantemente ocupados em transferir essas pobres almas de um lago para outro, o que fazem com maneiras muito graciosas e grande caridade. Estes anjos não são escolhidos entre seus anjos da guarda; são outros anjos que a bondade de Deus encarregou deste ministério. Atribuo sua missão à bondade de Deus porque sua presença é de grande consolação para essas almas.

A serva de Deus recebeu nesta visão várias luzes sobre a aplicação dos sufrágios que os vivos oferecem pelos mortos, que merecem ser comunicadas. **Ela soube 1º que as missas, indulgências concedidas e boas obras oferecidas para certas almas por seus parentes e amigos não lhes são integralmente aplicadas; elas recebem a melhor parte, mas o resto é distribuído entre todas as almas do purgatório**. Francisca soube 2º **que essas oferendas, feitas por erro a almas que estão no paraíso, beneficiam primeiro aqueles que as fazem, e depois as almas do purgatório**. Ela soube 3º **que esses mesmos socorros dirigidos pelos vivos a almas que eles acreditam estar a caminho da salvação, e que estão reprovadas, entram integralmente nos tesouros de seus autores, porque nem os condenados podem se beneficiar delas, nem Deus permite que sejam aplicadas às almas do purgatório**. É notável que Francisca, ao sair de uma dessas visões, que havia durado cerca de duas horas, acreditou ter empregado um tempo muito considerável. Resulta daí, portanto, que o tempo que

parece passar rápido na terra, parece muito longo na eternidade.

CAPÍTULO IX: Da glória dos santos no céu

Quando as almas bem-aventuradas fazem sua entrada no céu, elas são conduzidas aos lugares que lhes foram designados, segundo seus méritos. Se, para chegar lá, elas precisam atravessar alguns coros angélicos, os espíritos que os compõem lhes fazem um acolhimento extremamente alegre; mas nada se iguala à recepção que lhes é feita nos coros onde elas devem tomar lugar. São, da parte dos anjos aos quais elas são associadas, apenas demonstrações de alegria e amizade por elas, apenas cânticos de louvores e bênçãos para render graças a Deus por sua felicidade, e essa alegria dura muito mais tempo nesses coros do que nos outros. Todas as vezes que nossa bem-aventurada, interrogada por seu confessor, falava dessa alegria angélica, causada pela vinda de algumas almas associadas à sua glória, a lembrança de sua multidão, da doçura inexprimível de seus cantos, de suas demonstrações, de seus transportes, a punha fora de si; seu rosto então estava todo em fogo, e seu coração se derretia como a cera aos raios do sol. O padre lhe perguntando um dia quais eram os mais perfeitos dos espíritos humanos ou angélicos colocados na mesma glória, ela respondeu que os espíritos humanos têm uma perfeição superior, por causa do tempo mais longo que lhes foi dado para merecer; mas que os anjos são mais puros e mais belos, que eles penetram melhor na compreensão divina, e que seus cantos são muito mais melodiosos. É preciso, no entanto, excetuar a augusta Maria desta regra geral.

Cada vez, acrescentava a serva de Deus, que sou elevada à visão beatífica, experimento vários espantos.

Me espanto 1º com minha falta de penetração na compreensão divina, causada pela união de minha alma com meu corpo mortal, e essa incapacidade me humilha muito, e me dá um grande desprezo por mim mesma.

Me espanto 2º, fico totalmente estupefata, cada vez que considero no espelho divino a sutileza penetrante dos serafins quanto à compreensão do grande abismo.

Me espanto 3º, mas muito mais ainda, ao considerar a profundidade da divindade criadora e governante dessas inteligências sutis.

Eis, dizia ainda a bem-aventurada, algumas observações que fiz relativamente aos espíritos gloriosos. 1º Na ordem dos serafins, uns penetram mais adiante que outros na compreensão divina. Há entre eles uma gradação de inteligência, que existe igualmente em todos os outros coros. O que digo dos anjos, digo igualmente dos espíritos humanos que lhes são associados. Todos os espíritos de um mesmo coro não estão igualmente próximos da divindade. Ora, quanto mais uma inteligência vê de perto esse abismo, melhor ela o penetra. 2º Todos os espíritos

humanos, colocados na glória, não a possuem no mesmo grau. Alguns, enquanto viviam em sua carne mortal, receberam uma inteligência mais sutil, e seguindo suas operações intelectuais segundo sua capacidade, penetraram mais adiante no abismo da divindade, olhando no espelho divino, cuja visão constitui a beatitude: eles trouxeram, portanto, para o céu um espírito mais capaz e mais penetrante. Ora, quanto mais uma alma tem de capacidade e de sutileza no entendimento, mais ela é saciada na visão beatífica. É verdade que no céu todas as almas são plenamente saciadas; mas cada uma o é segundo a medida de sua capacidade e da sutileza com a qual ela penetra na compreensão da vontade divina. Quando os apóstolos receberam o Espírito Santo, nem todos obtiveram a mesma medida de graça. Aqueles que tinham mais capacidade e sutileza no entendimento, a receberam em um grau mais alto. Ora, o que dispõe a uma maior graça, dispõe igualmente a uma maior glória. Francisca via tudo isso, durante seus êxtases, no espelho divino. De resto, ela frequentemente declarou que submetia todas as suas palavras ao julgamento da Igreja católica, em cujo seio ela desejava viver e morrer.

LOUVOR SEJA A DEUS. AMÉM.

SÃO PEDRO DAMIÃO - COMENTÁRIOS

Tradução do artigo publicado no site Virgo Maria.

- INTRODUÇÃO
- AVISO AOS LEITORES
- 1- TRECHOS DO LIVRO DE GOMORRA DE SÃO PEDRO DAMIÃO COMENTADOS PELA SRA. ENGEL NA REVISTA CATHOLIC FAMILY NEWS (ANEXOS 1) E BIOGRAFIA DE SÃO PEDRO DAMIÃO (ANEXO 2)
- 2- A HOMOSSEXUALIDADE RITUAL DENTRO DE UMA ORDEM RELIGIOSA: O PROCESSO DOS TEMPLÁRIOS (1307-1314) E SUA POSTERIDADE MAÇÔNICA « TEMPLÁRIA » SATÂNICA (ANEXO 7)
- 3- ALGUMAS CITAÇÕES DO MAGISTÉRIO CATÓLICO INFALÍVEL CONDENANDO E REPRIMINDO « O PECADO CONTRA A NATUREZA » (ANEXO 3)
- 4- A FRATERNIDADE SACERDOTAL SÃO PIO X E A HOMOSSEXUALIDADE: ALGUMAS CITAÇÕES (ANEXO 4)
- 5- A FRATERNIDADE SACERDOTAL SÃO PIO X, DOM WILLIAMSON E OS PADRES VIOLADORES-PREDADORES HOMOSSEXUAIS URRUTIGOITY E ENSEY SEGUNDO A SRA. RANGEL (ANEXO 6)
- 6 - CONCLUSÕES
- DOSSIÊ DAS REFERÊNCIAS VIRGO MARIA SOBRE O EX(?)ANGLICANO DA FSSPX DOM RICHARD WILLIAMSON À ROSA
- 7 - ANEXO 1 – TRADUÇÃO DO TEXTO DA SRA. RANDY ENGEL - O LIVRO DE GOMORRA DE SANTO PEDRO DAMIÃO - UM QUADRO MORAL DE NOSSO TEMPO
  - INTRODUÇÃO
  - CAPÍTULO I

    - CAPÍTULO II
    - NOTAS

- 8 - ANEXO 2 – BIOGRAFIA DE SÃO PEDRO DAMIÃO
    - SÃO PEDRO DAMIÃO (1007-1072), DOUTOR DA IGREJA
    - 23 DE FEVEREIRO. SÃO PEDRO DAMIÃO, CARDEAL E DOUTOR DA IGREJA
    - UM ARTIGO DA WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE

- ANEXO 3 - A DOUTRINA CATÓLICA CONDENA A HOMOSSEXUALIDADE
    - INTRODUÇÃO
    - I - A CONDENAÇÃO DAS ESCRITURAS SAGRADAS
    - II - A DOUTRINA DA IGREJA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

- ANEXO 4 - A FSSPX E A HOMOSSEXUALIDADE
- ANEXO 5 - APRESENTAÇÃO E EPÍLOGO - RANDY ENGEL (JULHO DE 2006)
- ANEXO 6 - EXTRATOS TRADUZIDOS DO CAPÍTULO 16 - A HOMOSSEXUALIDADE NAS ORDENS RELIGIOSAS

INTRODUÇÃO

São Pedro Damião (1007-1072), Doutor da Igreja, Cardeal, em seu ***Liber Gomorrhianus*** (1048-1051) condena com extrema severidade a *pederastia clerical* e *aqueles* que a protegem, enquanto Dom Williamson à Rosa[1], embora devidamente alertado, a cobriu por 10 anos na pessoa de 2 padres predadores-estupradores do seminário da FSSPX nos Estados Unidos, Urrutigoity e Ensey, que ele ordenou, fez ordenar e promoveu após ter feito expulsar da *FSSPX* o Padre Morello, Superior do seminário de La Reja, que o havia, assim como Dom de Galarreta, canonicamente advertido a t mente o padre pederasta Marshall Roberts em 1996 em Wi

São Pedro Damião (1007-1072)

São Pedro Damião, Dom Williamson à Rosa, Carlos Urrutigoity e Eric Ensey.

Tradução **em português dos trechos e comentários** da escritora católica americana **Randy Engel** (autora do livro de 1300 páginas **« *The Rite of Sodomy* »**, julho de 2006) do ***Liber Gomorrhianus*** (1048-1051) **de São Pedro Damião (1007-1072),** Grande reformador das Ordens católicas, **Cardeal, Doutor da Igreja**, e colaborador dos Papas **São Leão IX e São Gregório VII.** Tradução de trechos do livro da Sra. Engel sobre a SSJ (Sociedade São João) nos Estados Unidos. Apresentação da Ordem do Templo.

[1] **Cf. no final do artigo a lista de referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?)-anglicano da FSSPX, Mons. Richard Williamson, e sobre seu poder de nuisance estratégico dentro da Fraternidade.**

[2] Ver no Apêndice 6 da presente mensagem os trechos traduzidos sobre a Sociedade São João, extraídos do Capítulo 16 do livro de Sra. Randy Engel « *O Rito da Sodomia, Homossexualidade e Igreja Católica Romana* » (1282 páginas, julho de 2006); ver também o Apêndice 5.

AVISO AOS LEITORES

Ao apresentar aqui a tradução dos comentários da Sra. Randy Engel **sobre trechos do *Liber Gomorrhianus*** (1048-1051) de **São Pedro Damião**, grande reformador das Santas Ordens Católicas, **Cardeal e Doutor da Igreja, colaborador dos Grandes Papas São Leão IX e São Gregório VII**, apresentamos aqui aos leitores **as disposições disciplinares autênticas extremamente severas editadas há quase mil anos pelo Magistério dos maiores e santos Papas da Santa Igreja Católica,** sob a ação rigorosa de São Pedro Damião, **para reprimir o « *pecado contra a natureza da sodomia* » entre os clérigos, e para prevenir a infiltração de círculos de homossexuais, pedófilos e rituais** satânicos no seio do clero e das casas religiosas católicas.

> **Não podemos deixar de nos estarrecer[3] diante da reviravolta que estão tomando atualmente as investigações** sobre a realidade atual dessa colonização homossexual nos meios clericais contemporâneos.
>
> De fato, atualmente as hipóteses, as alegações e as publicações mais surpreendentes circulam amplamente nos meios de comunicação - principalmente estrangeiros - uma vez que, após o bispo apóstata Montini-Paulo VI, **agora se trata do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI e de muitos prelados conciliares de seu círculo próximo que estão hoje publicamente e diretamente envolvidos nos meios de comunicação.**
>
> **É diante da gravidade terrível dos arquivos, documentos e artigos atualmente amplamente publicados, como dos fatos já estabelecidos, e porque nos recusamos categoricamente a cobrir com o « *manto de Noé[4]* » essas práticas e escândalos horríveis que - sob o falacioso motivo de « *piedade* » e de não querer « *escandalizar os fiéis* » -** foram por tanto tempo obstinadamente ocultados dos fiéis, com seus autores infiltrados frequentemente se beneficiando da cobertura do **laxismo e da indulgência culpada das autoridades religiosas**, e que, graças a tais comportamentos dos responsáveis, **acabaram hoje por ruinar completamente a igreja Conciliar** que é hoje indevidamente confundida por nossos contemporâneos com a Igreja Católica, **que decidimos a todo custo alertar nossos leitores tapando o nariz**.

Além disso, nunca teríamos conseguido superar nosso repúdio natural para agora levantar diante de nossos leitores a tampa dessa verdadeira pocilga que parece ter se tornado hoje o topo da hierarquia conciliar apóstata romana, não fosse a urgência gerada pelo incrível cegueira e pela insuportável teimosia dos responsáveis atuais da Fraternidade, que parecem hoje incompreensivelmente determinados a entregar a obra de Dom Lefebvre, custe o que custar, às mãos dos apóstatas romanos implicados - agora moralmente desacreditados mundialmente - que presidem a atual igreja Conciliar, a qual, segundo a expressão do próprio Dom Lefebvre, "está '*desmoronando*' a cada

ano um pouco mais."

Esclarecemos que a Sra. Randy Engel - jornalista profissional americana muito experiente, católica e muito respeitada por seus pares - trabalha há vários anos no tema da denúncia das redes homossexuais clericais que se desenvolvem e são protegidas na igreja atual, colaborando com as grandes revistas tradicionais católicas americanas como *Catholic Family News* e *The Remnant*.

Além disso, é a tradução do texto[5] que ela **publicou na edição de junho-julho de 2002 da famosa revista tradicional americana *Catholic Family News* sob o título « O *Livro de Gomorra* de São Pedro Damião: Um Plano Moral para Nossos Tempos »** que apresentamos e comentamos aqui para nossos leitores, que poderão encontrar a tradução de **toda a íntegra desse texto no Anexo 1 da presente mensagem (o leitor encontrará também no Anexo 2 uma série de notas biográficas sobre São Pedro Damião).**

Adicionamos que a revista católica tradicional americana bem conhecida *The Remnant*, na qual colabora a Sra. Engel, está muito ligada a M. **Arnaud de Lassus**, **Diretor da A.F.S.**

E este último **tem buscado em vão há dois anos na França sensibilizar os clérigos da Tradição sobre o trabalho impressionante - que constitui uma mina de documentações verificadas e comprovadas - publicado em julho de 2006 por Randy Engel** « ***O Ritual de Sodomia: Homossexualidade e a Igreja Católica de Roma*** » sobre a **colonização da atual igreja Conciliar, dita "católica", pelas redes de clérigos homossexuais** desde o final do século XIX, que explode hoje na igreja conciliar. (cf. Anexo 5)

O último livro da Sra. Randy Engel menciona e **documenta também em seu capítulo 16 os trabalhos comprovados e factuais** que ela realizou (cf. tradução em francês de trechos deste capítulo no Anexo 6) sobre a proteção, ordenação e promoção a cargos de professores de seu seminário de Winona, que o ex-anglicano britânico, o bispo à Rosa[6] da Fraternidade, **Dom Williamson, não teve medo de conceder por dez anos a dois clérigos predadores-estupradores homossexuais da FSSPX: os padres Urrutigoity e Ensey, e isso apesar das denúncias precisas, documentadas e perfeitamente canônicas reunidas pelo Padre Morello, então Superior do seminário argentino de La Reja da Fraternidade[7], que foram enviadas a ele a tempo assim como a Dom de Galarreta**, o ex-anglicano britânico que intrigou até mesmo junto ao Fundador da Fraternidade para conseguir rapidamente a expulsão da Fraternidade do Padre Morello, o acusador, junto a ele e a Dom de Galarreta, de seu protegido, **sob o falacioso pretexto de** « ***sedevacantismo*** ». (cf. Anexos 5 e 6).

É particularmente **importante destacar que na primeira página da introdução** de seu livro de 2006, onde ela relata as **motivações que a levaram a empreender sua redação, que levou cerca de dez anos de trabalho**, a Sra. Engel declara **ter escrito na *The Wanderer* (já no verão de 1987) um artigo do qual seu editor-chefe havia riscado a alusão a "*bispos homossexuais*"**:

> *« Lembro-me de ter prometido que,* ***assim que meus deveres familiares e as funções pró-vida que exercia como diretora da Coalizão dos Estados Unidos para a Vida (U.S. Coalition for Life) permitissem, me interessaria mais de perto pelos membros da hierarquia católica*** *».*

---

[3] **Prova das consequências previsíveis às quais expõe agora essa proteção insuportável dos meios homossexuais dentro da Igreja conciliar**, blogs pouco respeitosos e hostis ao catolicismo não hesitam mais em escrever:

« Prova de que Bento XVI é gay. Este texto foi recentemente enviado como prova de que Bento XVI é gay. Já havíamos assinalado a homossexualidade de seu secretário privado, Georg, revelada pelos gays de Roma, na Itália. Bento XVI tem uma voz e uma démarche muito efeminadas. John Allen, membro do Opus Dei, jornalista do NCR (National Catholic Reporter) e portador de um longo nariz mentiroso de Pinóquio, diz dele que é « gentil », mas Bento XVI é na verdade um travesti sofisticado e maquilado em excesso, um velho homo vivendo em concubinato com seu amigo gay Georg. O jesuíta que serve de secretário público a Bento XVI só recebe de Mons. Georg sua ração de cachorro da manhã, e ele ladra para o mundo tudo o que lhe dita Bento XVI. Pobre elefante de jesuíta mantido na coleira pelo Octopus Dei… » - 30 de agosto de 2008, http://pope-ratz.blogspot.com/2008/08/proof-of-benedict-xvi-is-gay.html

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

[4] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-17-A-00-Manteau_de_Noe.pdf**

[5] **http://www.catholictradition.org/gomorrah1.htm**

http://www.catholictradition.org/gomorrah2.htm

http://www.ourladyswarriors.org/articles/damian1.htm

http://www.ourladyswarriors.org/articles/damian2.htm

[6] **Cf. no final do artigo a lista de referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?)-anglicano da FSSPX, Mons. Richard Williamson, e sobre seu poder de nuisance estratégico dentro da Fraternidade.**

[7] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf**

1- TRECHOS DO LIVRO DE GOMORRA DE SÃO PEDRO DAMIÃO COMENTADOS PELA SRA. ENGEL NA REVISTA CATHOLIC FAMILY NEWS (ANEXOS 1) E BIOGRAFIA DE SÃO PEDRO DAMIÃO (ANEXO 2)

> *« O volumoso tratado de São Pedro Damião,* ***a Carta 31, o Livro de Gomorra (Liber Gomorrhianus)****,* ***contém a exposição e a condenação mais completas pelos Pais da Igreja da pederastia e das práticas homossexuais clericais... (...).***
>
> ***«Ele mantém que todos os atos homossexuais são crimes contra a natureza e, consequentemente, crimes contra Deus, que é o autor da Natureza****. »... (...). E sua* ***principal preocupação em termos de imoralidade sexual é com os interesses de Deus, antes dos interesses dos homens, particularmente no que diz respeito à homossexualidade entre os membros do clero... (...).***

E a Sra. Engel destaca:

> « ***Com uma simples leitura do Livro de Gomorra, eu penso que o Católico médio ficaria chocado diante da severidade da condenação de Damião das práticas sodomitas clericais, bem como das severas punições que o Papa Leão IX atribui a tais práticas*** ».
>
> «***As penas físicas e espirituais decretadas pelo arquétipo do monaquismo oriental, São Basílio de Cesareia (322-379), para os clérigos e monges apanhados fazendo avanços sexuais (abraços) ou violando sexualmente jovens meninos ou homens. O culpado comprovado deveria ser açoitado em público, sua tonsura removida (cabeça raspada), ser acorrentado e preso por seis meses, após os quais era confinado em uma cela separada e ordenado a realizar severas penitências e vigílias de oração para expiar seus pecados sob o olhar inquisidor de um irmão mais velho. Seu regime consistia de água e pão de cevada – a ração dos animais. Fora de sua cela, quando realizava trabalhos manuais e se movia no mosteiro, ele deveria ser constantemente vigiado por dois irmãos monges para que nunca pudesse ter contatos com jovens homens ou meninos***. »

Menciona-se ainda:

> « **A regra papal de Santo Sirício, um contemporâneo de São Basílio, que ordenou que esses "vasos de vícios", ou seja, os sodomitas, inclusive aqueles que haviam cumprido sua penitência, tivessem a entrada para a cléricatura proibida. »**

E a Sra. Engel destaca que:

> « ***Um dos pontos essenciais do Livro de Gomorra é a insistência do autor na responsabilidade dos bispos ou superiores de ordens religiosas na repressão e erradicação do vício de suas fileiras***. »

Adicionando:

> « *Os problemas que São Pedro Damião aborda são de uma atualidade ardente:*
>
> - *Os bispos homossexuais ou os superiores de ordens religiosas* ***que levam seus "filhos espirituais" a atos de sodomia.***

> - **O uso sacrílego dos sacramentos** *por clérigos e religiosos homossexuais.*
> - *Os problemas particulares para a Igreja em relação à* ***sedução de jovens*** *por clérigos pederastas, e*
> - *O problema dos cânones e penas laxistas para clérigos e religiosos infratores* ***que são uma zombaria da natureza profundamente pecaminosa dos atos homossexuais.*** »

Ela ressalta:

> *« Quando o humilde monge e futuro santo, São Pedro Damião, apresentou sua Carta 31, o Livro de Gomorra, ao Papa Leão IX em 1049, ele expressou claramente que sua primeira e principal preocupação era a salvação das almas. Embora a obra tenha sido endereçada especificamente ao Santo Padre, ela se destinava à Igreja universal,* ***particularmente aos bispos do clero secular e aos superiores de ordens religiosas.*** »

De fato:

> « **Não poupando esses eclesiásticos que permitem, com pleno conhecimento, que os sodomitas recebam as santos ordens ou permaneçam membros do clero enquanto continuam a poluir sua função**, o santo monge critica os "**superiores preguiçosos dos clérigos e padres**", lembrando-lhes que devem temer por si mesmos, pois tornam-se "**implicados no pecado dos outros**", ao permitir que a "**ferida devastadora**" da sodomia persista em suas fileiras.
>
> « Os bispos homossexuais que tratam seus filhos espirituais como presas: então chegam aos mais contundentes epítetos reservados a esses bispos que "***cometem atos absolutamente condenáveis com seus filhos espirituais***".
>
> « "***Quem pode esperar ver o rebanho prosperar quando seu pastor se afunda profundamente nas entranhas do demônio ... que faz de um clérigo uma amante, ou de uma mulher um homem? ... que, por sua luxúria, entrega um filho do qual deve prestar contas a Deus ao escravizado sob a lei de ferro da tirania satânica***", brada Damião.
>
> *« Fazendo uma analogia entre a punição infligida ao pai que leva sua filha a um incesto familiar ou ao padre que comete "****o ato sacrílego****" com uma freira, com* ***a contaminação de um clérigo por seu superior, ele pergunta se este último pode escapar da condenação e continuar sua sagrada função?***

> *« Na verdade,* ***o último caso merece uma punição ainda mais severa****, diz Damião,* ***porque, enquanto os dois primeiros são relações naturais, um superior religioso culpado de sodomia comete não só um sacrilégio com seu filho espiritual, mas também violou a lei da natureza****. Um tal superior não apenas se condena, mas leva alguém consigo, declara Damião*.

E a Sra. Rangel não hesita, após fornecer exemplos clericais conciliares atuais, em comentar:

> *« É por isso que acredito ser necessário* ***perguntar se a Santa Sé caiu em tal estado de dissolução que não pode mais professar, e muito menos proteger, os interesses de Deus nessa matéria e defender a santidade das Santas Ordens contra a poluição dos sodomitas.*** *Os atos horríveis de clérigos e bispos homossexuais predadores como Ryan, Symonds, Ziemann e muitos outros inibem o temor de Deus no coração de nosso Santo Padre e da Cúria Romana? »*

São Pedro *Damião* em seu ***Liber*** estigmatiza **o abuso homossexual do Sacramento da Penitência pelos Clérigos:**

> « *Damião* denuncia de fato como um dos "***sistemas mais astuciosos do diabo***" preparado em "***seu velho laboratório do mal***", e pelo qual clérigos sodomitas confirmados, conhecendo remorsos de consciência, **se confessam a um semelhante, temendo que sua culpabilidade não possa ser conhecida pelos outros**. »
>
> « *Como Damião observa, no entanto, embora esses homens tenham se tornado* "***penitentes envolvidos em grandes crimes, eles não parecem mostrar nada do pior de suas penitências, ... seus lábios não têm a palidez do jejum, seus corpos não estão deteriorados pelos sacrifícios, nem seus olhos vermelhos de terem chorado seus pecados***", observa.
>
> « O santo monge questiona a validade de tais confissões, perguntando "***com que direito ou segundo qual lei um pode absolver o outro enquanto é forçado pelos laços de um mal comum a ambos?***" »
>
> « *Citanto a Santa Escritura sobre* "***o cego guiando o cego***"*, (Mat VIII:4; Luc V:4) Damião continua,* "... fica perfeitamente claro que aquele que está escravizado pela mesma cega culpável tenta em vão convidar outro a voltar à luz do arrependimento. Enquanto ele não teme ultrapassar o outro na errância, acaba por acompanhar seu seguidor na fossa aberta da ruína." »

> « **Esta prática continua habitual no mundo homossexual subterrâneo de padres** diocesanos, bispos e religiosos e entre padres pederastas e suas jovens vítimas, **seria bom lembrar** que de acordo com o Código de Direito Canônico revisado em 1983, **a absolvição de um parceiro (clérigo ou leigo) em um pecado contra o sexto mandamento do Decálogo é inválida, exceto em caso de perigo de morte (Cân. 977) e um padre que agir contra a prescrição do Cânon 977 incorre em excomunhão *latae sententiae*, cuja relaxação compete à Sé Apostólica (Cân. 1378 & 1).** Até que o sacerdote faltoso tenha sua excomunhão levantada pela Santa Penitenciária ou pelo Santo Padre, ele não foi validamente absolvido. **Se ele tentasse oferecer o Santo Sacrifício da Missa em estado de pecado mortal, ele acrescentaria à falta o grave pecado de sacrilégio**. »

Os Padres Sodomitas e os Santos Mistérios

> « *Se, **segundo as leis da Igreja primitiva, um leigo** culpado de sodomia **poderia ser privado da Santa Eucaristia durante 25 anos ou mesmo até o fim de sua vida**, como pode um clérigo ou um monge culpado dos mesmos pecados ser deixado com penas menores e ser considerado digno, não apenas de receber a Santa Eucaristia, mas de consagrar*? » pergunta São *Damião*.
>
> « *Se os Santos Pais decretaram que os sodomitas deveriam "**orar na companhia dos demônios**", como pode um tal clérigo esperar exercer adequadamente seu ofício sacerdotal de "**mediador**" entre Deus e Seu povo? »* continua *Damião*.
>
> « Mais adiante, *Damião* retorna a esse tema e exclama "***por amor de Deus, por que vós, malditos sodomitas, insistis em elevar-vos à dignidade eclesiástica com tal ambição orgulhosa?***" »
>
> « Ele adverte esses clérigos, que persistem em seus apetites contra a natureza, sobre a ira de Deus, "***temendo que por vossas orações provoqueis ainda mais gravemente, vós cuja vida maligna Lhe ofende tão ostensivamente***" ».

A Malícia Particular do Vício da Sodomia

Um dominicano perspicaz disse um dia ao autor que, uma vez que o vício da sodomia contamina um seminário, as autoridades da Igreja têm apenas duas opções – fechar o local e enviar cada um para casa **ou não fazer nada e esperar** que a putrefação moral se espalhe **até que a fundação desmorone por si mesma**.

Por que esse vício particular é tão mortal para a vida religiosa?

> "De acordo com *Damião*, o vício da sodomia "***supera a enormidade de todos os outros***", porque:
>
> "***Com certeza, traz a morte ao corpo e destrói a alma. Polui a carne, apaga a luz do pensamento, expulsa o Espírito Santo do templo do coração humano, e abre a porta para o diabo, o estimulador da luxúria. Leva ao erro, suprime totalmente a verdade do espírito enganado... abre o inferno e fecha as portas do paraíso... é esse vício que ultraja a temperança, assassina a modéstia, estrangula a castidade e massacra a virgindade... ele suja todas as coisas, contamina todas as coisas, polui todas as coisas...***
>
> "***Esse vício exclui um homem do coro reunido da Igreja... separa a alma de Deus para associá-la aos demônios. Esta rainha de Sodoma totalmente doente torna aquele que obedece às leis de sua tirania infame odioso para os homens e repugnante para Deus... Ela despõe seus cavaleiros da armadura da virtude, expondo-os a serem transpassados por todos os vícios... Ela humilha seu escravo na igreja e o condena ao julgamento; ela o contamina em segredo e o desonra em público; ela corrói sua consciência como um verme e consome sua carne como o fogo... esse homem infortúnio está privado de todo senso moral, sua memória falha e a visão de seu pensamento está obscurecida. Sem se importar muito com Deus, ele também esquece sua própria identidade. Esse mal corrói os fundamentos da fé, sapa o ardor da esperança, dissolve o laço do amor. Ele ultrapassa a justiça, demole a força moral, faz desaparecer a temperança e embota as arestas da prudência. Devo dizer mais?***"

A Correção Fraternal é um Ato de Caridade

Os santos são realistas, portanto não há dúvida de que São Pedro Damião esperava que seu "***pequeno livro***" que expõe e denuncia as práticas homossexuais em todas as categorias do clero, **incluindo a hierarquia**, provocaria grande comoção na Igreja, e **foi isso que aconteceu**.

Prevenindo as críticas acerbas, o santo monge se defende antecipadamente. Ele declara que essas futuras críticas o acusarão de ser "*um delator e um denunciador dos crimes de meus irmãos*", mas, diz ele, não teme nem "*a raiva dos homens maus ou as línguas dos detratores*".

> "*Assim, não deixem ninguém me condenar quando eu luto contra esse vício mortal, pois não busco desonrar, mas sim o bem do meu irmão*".

> "*Cuidado para não parecer parcial em relação ao delinquente se eu puder ser perdoado com a palavra de Moisés*", *'Quem é do Senhor, que se coloque ao meu lado' (Ezequiel XXXII:26)****[8]***

Enquanto termina seu estudo contra o vício da sodomia clerical, **São Pedro Damião faz um apelo a um futuro santo, o Papa Leão IX**, pressionando o Vigário de Cristo a usar sua função para reformar e fortalecer os decretos dos cânones sagrados a respeito dos sodomitas clericais **incluindo os superiores religiosos e os bispos que violam sexualmente seus filhos espirituais**.

Damião pede ao Santo Pai que examine diligentemente os quatro aspectos do vício da sodomia citados no início de seu tratado e que lhe (à Damião) forneça respostas definitivas às perguntas que se seguem, para que a "***noite da incerteza***" possa ser dissipada e uma "***consciência irresoluta***" libertada do erro:

- **Aquele que é culpado destes crimes deve ser expulso irrevogavelmente das ordens sagradas?**
- **Ou, a critério do prelado, ao contrário, ele poderia ser misericordiosamente autorizado a exercer seu ofício?**
- **Em que medida, tanto em função dos métodos acima mencionados quanto do número de faltas, é possível manter um homem na dignidade do ofício eclesiástico?**
- **Além disso, se alguém é culpado, até que grau e frequência de culpa seria ele obrigado a renunciar?**

E Damião termina sua famosa carta pedindo a Deus Todo-Poderoso **que use o pontificado do Papa Leão IX "*para destruir completamente este vício monstruoso para que uma Igreja oprimida possa em toda parte recuperar sua estatura vigorosa*".**

Mal passaram quatro meses desde que foi elevado à Cátedra de Pedro, o novo Papa convocou um sínodo para condenar os dois males notórios da época – a simonia, compra ou troca de benefícios eclesiásticos, empregos, rescisões ou outras considerações espirituais, e a incontinência sexual do clero, incluindo o concubinato (coabitação permanente ou temporária) e a sodomia.

O Papa Leão IX começa sua carta a "***seu amado filho em Cristo***", com calorosas saudações e um reconhecimento do caráter puro, elevado e zeloso de Damião. Ele admite com Damião que os clérigos, tomados pelo "***vício execrável***" da sodomia "***não podem, de fato, ter sua parte na herança, da qual foram privados por seus prazeres voluptuosos... tais clérigos, professam realmente, se não nas palavras, pelo menos por suas ações, que não são o que deveriam ser***", declara ele.

Retomando a classificação das quatro formas de sodomia que Damião lista, o Santo Pai declara que é justo que "***por sua autoridade apostólica***" ele intervenha sobre esse assunto para que "***toda preocupação ou dúvida seja removida das mentes de nossos leitores***".

"***Assim, tenha certeza e segurança de que estamos em perfeito acordo com tudo que contém seu livro, opomo-nos a isso***" (a sodomia, N.E.) ***como a água ao fogo diabólico***", continua o Papa. "***Portanto, para que a libertinagem desta impureza infecta não possa se espalhar impunemente, deve ser reprimida com uma ação repressiva apropriada da severidade apostólica, embora alguma moderação possa moderar sua dureza***", afirma ele.

Em seguida, o Papa Leão IX dá uma explicação detalhada da regra de autoridade da Santa Sé. À luz da caridade divina, o Santo Pai ordena, sem contradição, que aqueles que, ***por sua livre vontade***, praticaram a masturbação solitária ou mútua ou se se sujaram pelo coito interfemoral, **mas que não o praticaram por muito tempo, nem com muitos outros**, manterão seu status, depois de "***dominar seus desejos***" e "***expiar seus atos infames com uma contrição profunda***".

No entanto, **a Santa Sé remove toda esperança de conservar seu status clerical para aqueles que, sozinhos ou com outros durante um longo período, ou mesmo um curto período se praticado com muitos**, "***se sujaram por uma ou ambas as sortes de imundícies que você descreveu, ou, o que é horrível de dizer ou ouvir, se rebaixaram até a relação anal***".

Ele previne contra possíveis ataques, pois **aqueles que ousam criticar ou atacar os regulamentos apostólicos correm o risco de perder sua posição.** E para deixar claro a quem este aviso é destinado, o Papa adiciona imediatamente, "***quanto àquele que não ataca o vício, mas transige negligentemente com ele, será justamente considerado culpado de sua morte, ao mesmo título que aquele que morre no pecado***".

O Papa Leão IX elogia Damião por ensinar pelo exemplo e não apenas em palavras, e termina sua carta com o belo desejo de que, com a ajuda de Deus, o monge, ao chegar à sua morada celestial, possa colher os frutos de seus esforços e ser coroado, ***"... de certa forma, com todos aqueles que você terá arrancado das armadilhas do demônio***".

Sabemos, por exemplo, que **entre os primeiros atos do Papa Leão IX no Concílio de Reims em 1049 está a adoção de um Cânon contra a sodomia (*de sodomico vitio*).**

O que o autor encontrou de mais notável na carta do Papa a Damião é **a posição absolutista que o Papa Leão IX toma a respeito da responsabilidade última dos bispos ou superiores culpados**. **Se estes últimos criticassem ou atacassem os decretos apostólicos, corriam o risco de perder sua posição! Os prelados que negligenciam "*atacar o vício, mas levam a coisa na leveza*", compartilham a culpa e o julgamento daquele que morre no pecado, declarava o Papa**.

E a Sra. Rangel termina seu comentário com um retrato sem concessões da atual situação terrível da igreja conciliar e das ordens religiosas conciliares em relação à homossexualidade, **dando o exemplo da situação atual da Ordem de São Domingos,** e citando seus porta-vozes autorizados sobre o assunto (o leitor poderá tomar conhecimento desses desenvolvimentos no Apêndice 1).

E ela conclui assim seu comentário sobre o ***Liber Gomorrhianus*** de São Pedro Damião, ressaltando a atualidade ainda mais urgente do que há mil anos;

« Embora não estivesse em Roma para cobrir a reunião de ***22-23 de Abril de 2002, o editor da CFN John Vennari teve a gentileza de me enviar uma gravação da conferência de imprensa de encerramento que resumiu as conclusões dos Cardeais Americanos que se reuniram com o Papa João Paulo II e membros da Cúria sobre os abusos sexuais dos clérigos.***

Eu ouvi a gravação uma vez, mas não consegui suportar ouvi-la novamente. Era simplesmente demasiado doloroso. Novamente, o aspecto mais terrível da conferência de imprensa foi ***a total ausência de referência à ofensa às leis de Deus que foram gravemente violadas, e aos atos abomináveis perpetuados sobre jovens por homens que, na qualidade de sacerdotes e religiosos, agiam in personna Christi.***

*Enquanto ouvia o tom monótono das vozes dos Cardeais McCarrick e Stafford, e a tentativa de humor macabro às custas do Papa, lembrei-me da minha primeira leitura do livro de Michael Harris Unholy Orders - Tragedy at Mount Cashel, há mais de dez anos. Havia um incidente particularmente horrível que nunca saiu da minha mente. Tratava-se de um jovem chamado Malcom, que, chegando há uma semana ao orfanato em Outubro de 1975, foi levado para uma '****passeio****' pelo pedófilo sádico Irmão Edward English. Segundo Harris, quando English entrou no carro no estacionamento da igreja onde havia levado hóspedes sagrados, o* ***Irmão Cristão*** *deu a Malcom um pedaço do "****pão abençoado****" e então começou a masturbar o menino aterrorizado e, por fim, tentou forçá-lo a praticar sexo oral.*

Quando li isso, eu explodei em soluços convulsivos e não consegui me controlar. Não consegui dormir durante várias noites. Esta história permanecerá gravada para sempre na minha memória e não há dias em que eu não ore por Malcom e pelas numerosas vítimas de Mt. Cashel.

Enquanto ouvia as palavras dos Cardeais, não sentia nada que se assemelhasse a verdadeiras lágrimas de compunção ou à necessidade de se vestir de saco e cobrir-se de cinzas em reparação à ofensa feita a Deus, à Sua Igreja e às vítimas dos abusos e suas famílias.

*E quanto à pretensão de que os bispos americanos nunca fariam nada contra as crianças, penso nos milhões de crianças católicas dos Estados Unidos que foram submetidas durante mais de trinta anos a seduções sexuais prematuras e a violações espirituais e mentais nas escolas católicas através da chamada "****educação sexual****". Ao considerar as crianças como "****seres sexuais****", os bispos prepararam a juventude católica para os "****tutores sexuais****" da NAMBLA.* ***Não é surpresa que o aumento dos abusos sexuais clericais tenha seguido a***

> ***supressão da catequese doutrinária tradicional nas paróquias e escolas, sendo substituída por "catequeses sexuais" absolutamente demoníacas**.*
>
> *Por fim, o que foi especificamente realizado na reunião de Roma, além de oferecer aos meios de comunicação uma mudança de cenários, ou seja, muito pouco? Infelizmente, não poderia ser diferente.*
>
> *Primeiramente, porque a atual hierarquia Americana como um todo é incapaz de iniciar qualquer reforma que seja no nível moral ou em matéria de fé e doutrina. **A corrupção é simplesmente profunda demais.***
>
> *Além disso, como São Pedro Damião deixa claro em seu **Liber Gomorrhianus**, uma verdadeira reforma da Igreja começa pelo topo – com um papado forte e independente. Infelizmente, **o papado de hoje não é nem forte nem independente e também participa da corrupção.***
>
> *Em segundo lugar, porque a institucionalização das conferências episcopais nacionais, como a USCCB, é um obstáculo a uma autêntica reforma da Igreja, qualquer que seja. **Esses organismos eclesiais se cooptam e se expandem incessantemente, interferindo no papel de mandato divino do verdadeiro bispo católico na transmissão dos ensinamentos autênticos da Igreja em matéria de fé e moral para seu rebanho.** A Santa Sé deve eliminar canonicamente essas cracas subversivas que se agarraram à Barca de Pedro.*
>
> *Acredito que o encontro de Roma **teria sido mais instrutivo e proveitoso se o Santo Padre tivesse ordenado a leitura do Livro de Gomorra, palavra por palavra, aos Cardeais** americanos e aos secretários da USCCB, com cópias distribuídas à imprensa mundial. Afinal, os bispos americanos devem seguir uma política de **"tolerância zero"**, e quem seria menos tolerante em caso de má conduta sexual clerical do que o santo monge?*
>
> ***Eu sei que não viverei para ver a realização dessas reformas morais no sacerdócio e na vida religiosa.** Mas permaneço tão confiante quanto São Pedro Damião estava em seu tempo, e que Deus tornará possíveis as condições para as reformas que precisamos e suscitará uma sucessão de Papas **para conduzir a grande Contra-Reforma que está por vir para a Igreja.** Até que isso aconteça, que Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua Santa Mãe e todos os Seus santos, mais especialmente São Pedro Damião, nos abençoem e nos mantenham firmes na Fé. »* Randy Engel *Liber Gomorrhianus*, São Pedro Damião, Catholic Family News, junho-julho de 2002.

O leitor encontrará ainda **no Apêndice 2 algumas notas biográficas sobre a vida e a obra de São Pedro Damião, este grande Santo Doutor da Igreja**, que, por suas reformas nos

costumes do clero católico, preparou e possibilitou a grande restauração católica histórica realizada pelo grande Papa São Gregório VII.

---

[8] Nota do Tradutor: Inexistente com essas referências (Crampon).

2- A HOMOSSEXUALIDADE RITUAL DENTRO DE UMA ORDEM RELIGIOSA: O PROCESSO DOS TEMPLÁRIOS (1307-1314) E SUA POSTERIDADE MAÇÔNICA « TEMPLÁRIA » SATÂNICA (ANEXO 7)

Sessenta anos após o **papa São Leão IX ter promulgado em 1048 no Concílio de Reims**, no capítulo ***de sodomico vitio***, **o essencial das condenações e sanções** preconizadas contra o « ***pecado contra a natureza*** » **por São Pedro Damião** em seu ***Livro de Gomorra,*** ao retorno da primeira Cruzada e da **tomada de Jerusalém pelos francos (1099),** um ano após a fundação do ***Ordem dos Irmãos Hospitalários de São João de Jerusalém*** **(hoje "Ordem de Malta")**, uma **nova ordem religiosa e militar foi fundada em 1111** por alguns cavaleiros, dependente diretamente do Soberano Pontífice, com o apoio entusiástico de outro grande santo, **São Bernardo de Claraval, de quem recebeu a Regra**: trata-se de uma ordem de monges-soldados intitulada « ***A Ordem dos Pobres Cavaleiros do Templo de Jerusalém*** », a famosa « ***Ordem do Templo*** » (cf. Anexo 7).

Esta ordem, **constituída inicialmente pela elite da Cristandade e da Santa Igreja de seu tempo**, acompanhou **toda a história das cruzadas, do Reino Franco de Jerusalém, e da presença militar e política franca na Palestina**, estando sempre estreitamente envolvida em todas as suas vicissitudes históricas.

Mas esta Ordem católica exemplar iria ela mesma ser **objeto de um processo interno de decadência e decomposição moral de sua hierarquia, que se acelerou após ser expulsa da Palestina**, – ao mesmo tempo que a presença política e militar franca - após a destruição do Reino Franco de Jerusalém, pelas vitórias militares muçulmanas de **Saladino que retomou Jerusalém em 1187, dois anos após que o arrivista intrigante, flamengo de origem obscura, Gérard de Ridefort, conseguisse assumir o posto de Grande Mestre da Ordem (anexo 7)**.

Gérard de Ridefort que era então o Grande Mestre que será o mais controverso da história dos Templários, foi de fato muitas vezes acusado de trair secretamente a Ordem junto aos sarracenos, em função dos múltiplos contatos que estabeleceu com eles. De qualquer forma, **é de sua Maestria que se pode datar tanto os maiores desastres militares dos francos na Palestina quanto a multiplicação dos sinais de corrupção interna acelerada da Hierarquia desta Ordem católica de elite**.

Após a derrota militar no Oriente Próximo, a Ordem se retirou para suas bases europeias, França, Portugal e Escócia, concentrando-se durante o século XIII na gestão financeira, intervindo especialmente no financiamento das grandes construções das grandes catedrais católicas na Europa. **Ao final do século XIII a Ordem chegara ao ponto de exercer, por seu peso financeiro, uma influência política bastante forte sobre os Príncipes Cristãos da Europa, assim como sobre os Soberanos Pontifícios.**

Foi também durante a **segunda metade do século XIII que a reputação geral desta Ordem de elite se degradou rapidamente até mesmo entre as camadas populares católicas, e que rumores de corrupção financeira e escândalos de costumes homossexuais dentro de sua hierarquia e de seus membros** se espalharam pela França e por toda a Europa católica.

Essa situação foi exclusivamente a origem da queda da Ordem no início do século XIV? De qualquer forma, **o Rei da França, Filipe o Belo, e o Papa francês Clemente V (do Grande Cisma do Ocidente), Bertrand de Got, a quem a Ordem reportava exclusivamente, processaram os templários e sua hierarquia em processos canônicos diante de tribunais eclesiásticos (1312-1314), sob as acusações de heresia, idolatria, e de "*pecados de sodomia*" organizados em rituais**: com a prisão de seus chefes em Paris ao redor de seu último Grande mestre, Jacques de Molay, encerrados em sua fortaleza parisiense do templo sob as forças reais, **numerosos processos foram realizados por toda a extensão das Províncias do Reino da França, processos provinciais sobre os quais o Rei da França não poderia ter tido intervenção direta, dado a organização do Reino da França naquela época**.

Foi nesses termos que o Rei da França Filipe o Belo anunciou, por carta, a abertura desses processos:

Carta de Felipe o Belo[9]:

Aqui está a carta que Felipe o Belo enviou aos oficiais do reino encarregados de prender os templários, carta **que não deveria ser aberta antes de 13 de outubro de 1307, dia de sua prisão**, e na qual se expressava nas seguintes palavras:

> "*Uma coisa amarga, uma coisa deplorável, uma coisa certamente horrível de se pensar, terrível de se ouvir, um crime detestável, um ato execrável, um ato abominável, uma infâmia horrenda, uma coisa totalmente desumana, além disso, estranha a toda a humanidade, tem, graças ao relato de várias pessoas dignas de fé, ressoado em nossos ouvidos, não sem nos atingir com grande estupefação e nos fazer estremecer de um violento horror; e, ao pesar sua gravidade, uma dor imensa cresce em nós, tanto mais cruelmente quanto não há dúvida de que* ***a enormidade do crime transborda a ponto de ser uma ofensa à Majestade divina, uma vergonha para a humanidade, um pernicioso exemplo do mal e um escândalo universal...*** *Este grupo (os templários) é comparável a animais de carga desprovidos de razão; além disso, superando sua irracionalidade por sua bestialidade surpreendente, expõe-se a todos* ***os crimes soberanamente abomináveis que são abominados e fugidos pela sensualidade dos próprios animais irracionais...*** *Não apenas por seus atos e as obras detestáveis, mas mesmo por seus discursos imprevistos, eles contaminam a terra com sua imundície, suprimem os benefícios do orvalho, corrompem a pureza do ar e determinam a confusão de nossa fé.*"

Então ele enumera os seguintes crimes:

> · **a negação de Jesus durante o ritual de iniciação** onde o novo templário deve cuspir três vezes na cruz,
>
> · **os beijos obscenos também durante o ritual, na base da coluna vertebral, sob o cinto, no umbigo e na boca**,
>
> · **a homossexualidade: os templários são acusados de relações sexuais entre si,**
>
> · **a idolatria:** eles são acusados de portar um cordão que esteve em contato com uma "ídolo", objeto de um culto secreto,
>
> · **a não-consagração: os sacerdotes da ordem omitem as palavras da consagração durante a missa.**

Os historiadores devem reconhecer que esses **arquivos provinciais** relatam, **da parte de vários Cavaleiros da Ordem, numerosas declarações espontâneas e confissões espontâneas** (sem passar pelo procedimento da « ***questão*** ») sobre essas acusações, **em particular « *do pecado contra a natureza* » praticado em círculos restritos dentro de várias casas da Ordem.**

Portanto, parece que esta Ordem de elite da Santa Igreja foi objeto de uma infiltração discreta e progressiva, que com as décadas teria pouco a pouco colonizado sua hierarquia, até seu auge, levando à **aparição de rituais internos secretos de iniciação, inicialmente reservados a certos círculos de « *compadres afins* », e que, à medida da decadência militar e moral da Ordem, teriam finalmente se generalizado em seu seio**.

Essa questão ainda divide hoje os historiadores sérios.

De qualquer forma, **ao final desses processos, o Grande Mestre dos Templários, Jacques de Molay, em companhia de seu adjunto principal Geoffroy de Charnay, foram queimados publicamente em 15 de março de 1314 em uma pira elevada na *Ilha dos Judeus*, no meio do Sena em Paris**. Diz-se que Jacques de Molay, antes de morrer, teria, de sua pira, gritado uma maldição contra Felipe o Belo e Clemente V, **suposta maldição que marca o início da lenda dos Templários**, e da qual Maurice Druon fará o tema de seu famoso romance histórico: « ***Os Reis Malditos*** ».

Essa lenda maçônica faz passar a hierarquia da Ordem militar-religiosa, então em decadência bem estabelecida, como totalmente inocente das acusações reais e papais oficiais, ao afirmar que eles **não teriam sido mais que as *inocentes vítimas* da cobiça criminosa do Rei da França, Felipe o Belo, e da pusilanimidade não menos criminosa do Papa, Clemente V, Bertrand de Got, este último não tendo que, segundo ela, seu cargo papal senão às intrigas e pressões do primeiro**.

É preciso ressaltar a esse respeito que - ao contrário dessa lenda – após a dissolução da Ordem pelo Papa Clemente V, da qual dependia diretamente, seus **bens não foram devolvidos ao tesouro real da França, mas transferidos para *a Ordem dos Cavaleiros Hospitaleiros de São João de Jerusalém***, seu concorrente histórico.

De fato, após as quatro lojas ***operativas*** de Londres se reunirem para **fundar, em 1717 em Londres, a primeira loja especulativa constituindo a *Grande Loja Unida da Inglaterra - Quattuor Coronati***, a GLUE, a loja-mãe de todas as lojas ***especulativas*** aceitas disseminadas na França, na Europa e no mundo desde então, os rituais de iniciação se constituíram e se completaram rapidamente com a criação dos graus superiores « ***iluminados*** », até o 33º grau, do ***Rito Escocês Antigo e Aceito***, **em particular as iniciações aos novos graus « *templários* », ditos « *de vingança* » que começam com o 30º grau do « *Cavaleiro Kadosh*[10] », surgido em 1761.**

Aqui está como um comentarista avisado se expressa sobre os graus maçônicos templários ditos « ***graus de vingança*** »:

> « ***Graus de caráter "templário" apareceram na segunda metade do século XVIII, como é o caso, por exemplo, do 30º grau do rito escocês antigo e aceito, o famoso cavaleiro kadosh, em 1761.*** A *origem, é um grau cristão que ressalta os valores morais e espirituais da Ordem do Templo. O*

> *infortúnio é que, no século XIX, este grau foi finalmente esvaziado de seu conteúdo* ***em favor de uma suposta vingança templária…*** » Serge Caillet, Entrevista sobre a Ordem do Templo[11], publicado na revista *Fragmentos*, n° 1, 2001

E de fato, atualmente nas diversas obediências, os rituais oficiais de iniciação ao grau de « ***Cavaleiro Kadosh*** » se caracterizam sempre pelo fato de ser apresentado ao impetrante **dois personagens mascarados por uma longa toga, o primeiro com a coroa da França, supostamente representando o Rei da França Felipe o Belo, o segundo adornado com uma Tiara Pontifical, supostamente representando o Papa Clemente V** (duas bonecas). O impetrante deve, segundo esses rituais, apunhalar primeiro o personagem real, e depois o personagem pontifical, **expressando simultaneamente a « *vingança templária* » de Jacques de Molay, e o ódio comum da Maçonaria, primeiro contra o Sagrado de Reims do Poder temporal cristão, o Sagrado Católico Real, e depois contra o poder espiritual cristão supremo, a Papalidade católica**.

Vê-se por isso que as obediências maçônicas têm **até hoje**, cristalizado, a partir da « ***lenda templária***, **o símbolo de suas finalidades supremas**[12].

A esse respeito, é muito revelador que, **desde sua eleição ao trono de São Pedro, o padre apóstata Joseph Ratzinger-Bento XVI se apressou para fazer desaparecer imediatamente de forma oficial a tiara pontifical** que, segundo a tradição, sobrepõe-se ao brasão d **manejando seu próprio brasão**,

Image not f

depois abandonando também um ano depois, seu título pontifical[13] de « *Patriarca do Ocidente* » para atender ao programa de seu « ***mecano*** » eclesial de criação em sua igreja conciliar apóstata de muitos « *Patriarcados* » na linha do plano do agente beneditino infiltrado Dom Beauduin[14] « ***a Igreja Anglicana, Uma e não absorvida*** », bem como ***CSI*** e ***Virgo-Maria*** o detalharam há mais de três anos em numerosas[15] mensagens documentadas, em um ambiente geral de desinformação.

Mas é ainda mais significativo que, mal instalado no trono 'pontificial'**, o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI se sentiu obrigado a empreender, desde 8 de novembro de 2005, e**

depois em 7 de novembro de 2007, a « *reabilitação* » oficial por sua igreja conciliar apóstata, com o apoio dos meios de comunicação anglo-saxões, da « ***Ordem dos pobres Cavaleiros do Templo de Jerusalém*** », **vítima inocente, tão querida ao coração da Maçonaria anglo-saxônica, dominadora do Mundialismo contemporâneo**.

O leitor lerá a esse respeito, as duas mensagens particularmente documentadas cujos links eletrônicos[16] figuram aqui em nota de rodapé.

Mas é necessário também ressaltar que, **desde a segunda metade do século XIX, uma série de sociedades secretas iluminadas abertamente satânicas, em sua maioria reclamando obediências « *templárias* », foram constituídas[17] na Grã-Bretanha, na Alemanha, na França e nos Estados Unidos**, munidas de cartas maçônicas reconhecidas pelas grandes obediências « ***clássicas*** », e ligadas aos graus superiores ditos « de ***vingança templária*** » seja do rito escocês « ***Antigo e Aceito*** » ou « ***Retificado*** » após a reforma de Willermoz no final do século XVIII, ou do rito de « *Memphis-Misraïm* » do século XIX.

Esse foi o caso, por exemplo, da « ***Societas Rosacruciana in Anglia*** » e da célebre « ***Golden Dawn in Outer*** », fundada na Inglaterra no final do século XIX, que reunia membros da « *elite* » das classes altas do império vitoriano, e da « ***Ordo Templi Orientis*** **», a OTO,** fundada na Alemanha na virada do século, que estava vinculada e que teve como Grande Mestre o célebre mago satanista britânico Aleister Crowley.

A OTO se vangloria publicamente em seus documentos de ter contado entre seus membros ilustres altos prelados católicos, incluindo o Cardeal Mariano Rampolla del Tindaro[18], Secretário de Estado de Leão XIII, escolhido pelo conclave de 1903 para sucedê-lo na cadeira de Pedro, não fosse o veto jurídico categórico que o Imperador da Áustria, Francisco José, elevou então contra sua eleição, levando à eleição-surpresa do grande Papa São Pio X. Entre os protegidos do cardeal Rampolla, ou de seu círculo, figuram o cardeal Della Chiesa (que se tornará Bento XV), o cardeal Gasparri (que será Secretário de Estado), seu secretário particular o cardeal Pacelli (que se tornará Pio XII), o cardeal Roncalli (que se tornará João XXIII) e, de forma última, protegido pela mesma rede, Dom Montini (que se tornará Paulo VI).

É muito significativo que essa Ordem Templária iniciática, tão tristemente conhecida hoje ao ponto de possuir atualmente lojas em todos os continentes, tenha centralizado seu satanismo assumido em práticas rituais[19] do que chama de « *Magik* », ou de « *Magia sexual* .

Segundo um site especializado, corroborado pela documentação disponível proveniente da própria OTO na internet, os graus e **seus ritos próprios de iniciação**, envolveriam sistematicamente a « *Magia sexual* », **o grau último, o X, sendo reservado às práticas rituais explicitamente satânicas exclusivamente homossexuais de sodomia masculina:**

> « Os rituais de iniciação dos graus superiores (do VI ao IX) girarão exclusivamente em torno da magia sexual, explicando-se gradualmente as diversas obras mágicas a serem realizadas, o simbolismo oculto dos graus, o

> objetivo final da Ordem. Epístolas como « *De Arte Magica* » ou o « *Liber Agape* » estão repletas de metáforas sexuais e recomendações rituais que permitem aos membros desenvolverem seus poderes mágicos através da produção e consumo do Elixir (o esperma), da prática do Hierogamos (a relação sexual do sábado à noite) hétero ou homossexual. Assim, o sistema da magia sexual da OTO se desenvolvia da seguinte maneira:
>
> - o VII° está centrado na adoração do pênis sob o símbolo de Baphomet.
> - o VIII° está centrado na masturbação dentro da « obra menor do sol ».
> - o IX° está centrado na interação, dentro de rituais heterossexuais, entre o sêmen, o sangue e as secreções femininas.
> - o X° está centrado na impregnação e fertilização do « ovo » a fim de assegurar a sucessão do Chefe Exterior da Ordem.
> - **O XI° é a obra *per vas nefandum* (o ânus) no âmbito da magia homossexual**.
>
> A OTO penetrou na França por intermédio de Papus (o Doutor Encausse) durante a troca de diversos diplomas e outras medalhas maçônicas e gnósticas ocorrida na « ***Conferência Internacional Maçônica e Espiritualista de Paris*** **», em 24 de junho de 1908**. Mas, « Parece que Papus não achou necessário o estabelecimento efetivo da Ordem na França. É preciso reconhecer que teria sido difícil para ele manter cada grau de cada rito cujos nomes embelezavam sua assinatura. Estes serviam mais (ou pelo menos) para negociar novas aquisições: sua carta da O.T.O. não estava incluída em uma transação que envolvia também **a Igreja Gnóstica Católica** e o Rito Antigo e Primitivo de Memphis & Misraïm? Não devemos pensar que estamos criticando Papus: esses hábitos são comuns no ocultismo (certamente bem representados por este titular com doutorado em cabalá...) e têm pouca relação com a realização da Grande Obra. De qualquer forma, não conhecemos grupos que tenham trabalhado o ritual da O.T.O. e que tenham surgido dessa filiação » [6]. A OTO na França só renascerá em torno dos anos 1990 antes de mergulhar novamente em um esquecimento confortável. Parece que atualmente só subsistem alguns membros isolados, assim como a OTO de Krumm-Heller [7] que pende de forma muito perigosa para a extrema direita». Breve Histórico da OTO[19].

Após essa imersão penosa, mas necessária considerando nosso tema, seria útil meditar, à luz **da lembrança desses FATOS**, **a situação atual da igreja conciliar apóstata, cuja hierarquia, até seu mais alto nível, está agora colonizada por redes de clérigos homossexuais protegidos**, como demonstrou corajosamente em seu livro **muito documentado** de 1282 páginas, *« O rito da Sodomia: Homossexualidade e a Igreja Católica de Roma*, publicado em julho de 2006, **a célebre jornalista católica americana Randy Engel**, e como explicamos a partir de trechos desse livro nas **recentes mensagens de *Virgo-Maria* demonstrando a**

homossexualidade certa do bispo apóstata Montini-Paulo VI[20], e **demonstrando a proteção concedida obstinadamente pelo padre apóstata Ratzinger-Bento XVI[21] às redes clericais homossexuais atuais**, e questionando sobre os sinais públicos de homossexualidade desse personagem.

---

[9] http://www.geocities.com/Athens/Crete/9445/proces.html

[10] O termo hebraico que significa "santo".

[11] http://sergecaillet.blogspot.com/2007/05/entretien-sur-lordre-du-temple.html

[12] Há, aliás, matéria para meditações úteis e pesquisas históricas esclarecedoras para a situação de hoje.

O Presidente americano Bill Clinton não se vangloriou publicamente várias vezes de ter sido iniciado muito jovem na Loja templária americana "***Jacques de Molay***" (do REAA), da qual é atualmente 33º grau "***Souverain Grand Inspecteur Général***", Loja à qual afirma dever "***suas concepções fundamentais***"?

[13] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-20-2-00-Ratzinger_abandonne_le_titre_de_patriarche_d_Occident.pdf**

[14] Ex-agente do muito britânico MI6-Serviço de Inteligência.

[15] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-22-1-00-La_seduction_creation_d_un_patriarcat_tridentin.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-13-3-00-La_FSSPX_unie_non_absorbee.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_Annexe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-05-31-1-00-Le_mouvement_oecumenique_1949.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-12-A-00-CSI_AngliCampos_v1-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos-Radical%20Orthodoxy-bibliography-2004-06-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-11-C-00-Rahner_Patriarcats_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-15-A-00-Principes_Union_Anglicane.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-21-A-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n01.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-04-B-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n02.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-06-A-00-Anglicans_Femmes-eveques_n03.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-08-B-00-Anglicans-Rome_Accord-secret.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-B-00-Rome-prend-les-trads-Anglicans_n05.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-C-00-Noachisme_a_Lambeth.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-10-Anglicans-unis_Levada_au-TAC-n06.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-12-A-00-Anglicans-unis_Williams_desavoue_n07.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-11-A-00-Ratzinger_et-piege_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-07-A-00-Williams_Homos_Mariage.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/rowan-gay.pdf

[16] **http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/node-2005.htm**

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-11-26-A00-Ratzinger_rehabilite_les_Templiers.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-21-A-00-Ratzinger_rehabilite_les_Templiers.pdf

[17]**http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf**

[18] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

[19] http://www.esoblogs.net/Bref-historique-de-l-Ordo-Templi.html

[20] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf**

[21] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf**

3- ALGUMAS CITAÇÕES DO MAGISTÉRIO CATÓLICO INFALÍVEL CONDENANDO E REPRIMINDO « O PECADO CONTRA A NATUREZA » (ANEXO 3)

O anexo 3 a esta mensagem, **após relembrar as condenações contidas na Sagrada Escritura (Antigo Testamento, os Apóstolos São Paulo, São Pedro e São Judas…)** contra o « ***Pecado contra a natureza*** », elenca os principais pontos de doutrina da santa Igreja Católica contra a homossexualidade **apresentando as citações dos Pais e Doutores da Igreja sobre o assunto** (São Agostinho, São João Crisóstomo, São Gregório Magno, São Pedro Damião, São Tomás de Aquino, São Bernardino de Siena, São Boaventura, São Canisio…). Santa Catarina de Siena é citada, mas ela só foi declarada « doutora da Igreja » por Roncalli-João XXIII, que assim quebrou a Tradição de reservar este título a homens.

O leitor poderá consultar essa seção para conhecê-la ao final da presente mensagem.

A condenação dos Papas e dos Concílios

Em 305, o Concílio de Elvira, na Espanha, pediu pelo cânon 71 « ***que aos pedófilos***, seja « ***negada a sagrada comunhão, mesmo se estiverem em perigo de morte*** » (cf. *Canones Apostolorum et Conciliorum*, pars altera, p. 11). As penitências previstas pelo Direito Canônico foram fixadas em **314 no Concílio de Ancira, cânon 16.**

O XVI Concílio de Toledo, que se realizou em 693, condenou pelo cânon 3 a prática homossexual como um verdadeiro crime em si, passível de sanções jurídicas: **o clérigo era reduzido ao estado laical e condenado ao exílio perpétuo**, enquanto o leigo era excomungado, e após ser açoitado, também era exilado (*Conciliorum œcumenicorum collectio*, vol. XII, col. 71).

Pois **no Concílio de Naplus que se realizou na Terra Santa em 1120**, foram estabelecidas penas muito precisas contra aqueles que cometiam crimes contra a natureza, **variando das mais leves até a fogueira, prevista para os reincidentes** (cf. *Conciliorum œcumenicorum collectio*, vol. XII, col. 264).

Mais autorizada ainda foi a sentença do III Concílio Ecumênico do Latrão que, em 1179, no II cânon, estabeleceu que

> « ***quem for reconhecido culpado de se entregar à impureza contra a natureza, que provocou a ira de Deus sobre os filhos da rebelião (Ef. V, 6), e consumiu cinco cidades no fogo (Gn. XIX, 24-25), será, se clérigo, expulso do clero e relegado a um mosteiro para fazer penitência; se leigo, excomungado e totalmente afastado da comunhão dos fiéis*** » (Decretos do III Concílio do Latrão, in R. Foreville, Latrão I, II, III e Latrão IV, p. 216).

São Pio V: « o execrável vício libidinoso contra a natureza »...

> « Se o espírito do Humanismo e da Renascença levou a um novo despertar da prática homossexual, a reforma da Igreja, promovida pela Papalidade no século XVI (mais conhecida como contra-reforma), provocou um tal ressurgimento das virtudes de fé e pureza, que quase todos os meios que foram impregnados por ela, tanto eclesiásticos quanto leigos, se viram sanados.

Entre os membros do Magistério eclesiástico, aquele que interviu com mais solenidade foi São Pio V (1504-1572), o grande papa dominicano que por duas Constituições condenou solenemente e proibiu severamente *o pecado contra a natureza*.

> ***« Sendo assim, orientamos nossa alma a remover tudo o que possa ofender de alguma forma a divina majestade, estabelecemos punir antes de tudo e sem demora todas as coisas que, seja pela autoridade das Santas Escrituras seja pelos exemplos muito graves, parecem desagradar a Deus mais do que qualquer outra e o levam à ira: seja a negligência do culto divino, a simonia arruinadora, o crime da bestialidade e o execrável vício libidinoso contra a natureza; faltas pelas quais os povos e nações são flagelados por Deus, como justa condenação com catástrofes, guerras, fome e peste. (…)***
>
> ***« Os magistrados devem saber que se, após nossa Constituição, forem negligentes em punir esses crimes, serão culpados diante do juízo***

> ***divino e atrairão até mesmo nossa indignação. (...)***
>
> ***« Se alguém comete esse crime infame contra a natureza, pelo qual a ira divina caiu sobre os filhos da iniquidade, será entregue ao braço secular para ser punido e, se clérigo, será submetido a um castigo análogo depois de ser privado de todo grau eclesiástico »*** (São Pio V, Constituição *Cum primum*, de 1º de abril de 1566, Bullarium Romanum).
>
> ***... « reprimir tal crime com o máximo zelo possível »***
>
> ***« Esse crime horrendo, pelo qual cidades corrompidas e obscenas foram queimadas por condenação divina, marca uma dor aguda e abala fortemente nossa alma, nos levando a reprimir tal crime com o máximo zelo possível. Com razão o V Concílio do Latrão (1512-1517) estabeleceu por decreto que todo membro do clero que tenha sido surpreendido nesse vício contra a natureza, pelo qual a ira divina caiu sobre os filhos da iniquidade, seja afastado da ordem clerical ou obrigado a fazer penitência em um monastério. (...).***
>
> ***« Prosseguindo com mais de vigor o que nós decretamos desde o início do Nosso Pontificado (Constituição Cum Primum, citada), nós estabelecemos que todo sacerdote ou membro do clero, tanto secular quanto regular, de qualquer grau ou dignidade, que pratique um crime tão horrendo, em virtude desta lei, será privado de todo privilégio clerical, de toda carga, dignidade e benefício eclesiástico e, em seguida, será imediatamente entregue à autoridade secular para que esta o destine a este suplício, previsto pela lei como punição apropriada, que castiga os leigos que caem neste abismo»*** (São Pio V, Constituição *Horrenduin illud scelus*, de 30 de agosto de 1568, in *Bullarium Romanum*).

São Pio X « O pecado contra a natureza clama por vingança diante de Deus »

Durante o século XIX, a sensibilidade, sentimental e erótica até a exasperação, difundida primeiro pelo romantismo, e depois mais gravemente pelo decadentismo, contribuiu para **um certo recrudescimento da homossexualidade.** Esta última, que parecia, no entanto, contida por uma « ***moral laica*** » convencional, se espalhou ainda assim **disfarçada sob o véu de uma arte e uma moda sensuais**.

No início do nosso século, as barragens dessa « ***moral*** », que logo se romperiam, começaram a ceder sob o impacto crescente das paixões desregradas que influenciavam cada vez mais **as classes cultas e abastadas. E estas começaram a reivindicar uma legitimação pública desses desregramentos**. Em consequência, a Igreja viu a necessidade de renovar a condenação

dos pecados ressurgentes, incluindo o da homossexualidade.

Vale ressaltar **dois documentos do grande Pontífice São Pio X. Em seu Catecismo de 1910, de fato, o « *pecado de impureza contra a natureza* » é classificado quanto à gravidade, na segunda posição, após o homicídio voluntário, na lista dos pecados que « *criam vingança diante da Face de Deus* »** (Grande Catecismo, nº 966).

> « ***Dizem que esses pecados*** – explica o Catecismo – ***clamam vingança à Face de Deus, porque o Espírito Santo o diz e porque sua iniquidade é tão grave e manifesta que provoca Deus a punir com os castigos mais severos*** » (nº 967).

O Direito Canônico previa a pena da "infâmia"

O Código de Direito Canônico promovido por São Pio X, mas publicado por Bento XV em 1917, e que permaneceu em vigor até 1983, trata da **sodomia** nos « ***delitos que se opõem ao sexto mandamento*** », assim **como o incesto e outros delitos como a bestialidade** (R. Naz, Tratado de Direito Canônico, t. IV, lib. V, p. 761).

O delito de sodomia é punido, no que diz respeito **aos leigos, pela pena de infâmia *ipso facto*** e outras sanções a serem impostas ao juízo esclarecido do bispo, e em proporção à gravidade do caso particular (cânon 2357); **no que diz respeito aos eclesiásticos e religiosos**, se se trata de clérigos menores (ou seja, de grau inferior ao diaconado) por penas diversas, dependendo da gravidade da falta, que podem chegar até à redução ao estado laical (cânon 2358), e **se se trata de clérigos maiores (ou seja, subdiáconos, diáconos, padres e bispos), que sejam**.

> « ***Atingidos por suspensão, declarados infames, privados de todo ofício, benefício, dignidade ou cargo, e nos casos mais graves podem ser depostos*** » (can. 2359, § 2; cf. Dicionário de Direito Canônico, t. VII, coll. 1064-1065).

Recordemos que a mencionada « ***pena de infâmia*** » **era extremamente grave, pois consistia na « *perda total ou parcial da boa reputação perante os homens honrados* » e comportava a proibição de exercer cargas eclesiásticas** e de cumprir funções de confiança como a de *« padrinho no batismo e na confirmação* » ou « *árbitro* » (Dicionário de Direito Canônico, t. V, coll. 1358-1359).

4- A FRATERNIDADE SACERDOTAL SÃO PIO X E A HOMOSSEXUALIDADE: ALGUMAS CITAÇÕES (ANEXO 4)

Vários clérigos da FSSPX condenaram vigorosamente os atos de homossexualidade, mas sem nunca designar os clérigos.

Apresentamos no anexo 4 a referência à informação segundo a qual, em 1991, um sacristão homossexual da igreja de São Nicolas du Chardonnet acionou os prud'hommes contra a FSSPX por demissão abusiva.

Em 2004, foi o **padre Vernoy** (membro da camarilha dos infiltrados) quem denunciou um « *trailer abominável contra a Igreja católica e em favor da homossexualidade* ».

Depois, o **padre Bouchacourt** (ex-pároco da igreja de São Nicolas du Chardonnet) estigmatizou « *a legalização da homossexualidade* », acusando « *os inimigos da Igreja e da cristandade* » como os responsáveis por essa iniciativa.

Também relatamos uma reportagem sobre a manifestação organizada pela FSSPX em Lucerna (próximo a Basileia) contra a *gay pride* local em 2005.

Sob o título « *infâmia* », **o padre de Cacqueray(-Celier ?)** também se insurgiu contra os funerais do homossexual Yves Saint-Laurent, que ele classificou como « *pecador manifesto* », na igreja de São-Roch em Paris e denunciou o « *maior escândalo* » que foi

> *« ter autorizado « seu companheiro » de depravação a tomar a palavra na igreja para exaltar a vida a dois.*

> *Três semanas se passaram desde essa cerimônia sacrilégio e **não houve,** a meu conhecimento, uma única voz eclesiástica para expressar o menor desconforto, o menor arrependimento.*
>
> *Eu denuncio, **lamentando amargamente que minha voz seja solitária**, esse espetáculo inominável e expresso meu nojo diante da servidão na qual parece estar reduzido o clero católico diante de uma casta dominante que pode expor o espetáculo de seus vícios com sua bênção. » Padre de Cacqueray*

A publicação do **ex-Anglicano Dom Williamson** em outubro de 1997, mesmo quando Dom Fellay havia acabado de expulsar os dois padres predadores-estupradores Urrutigoity e Ensey da FSSPX, alguns meses antes, aparece como um discurso emprestado destinado a afastar qualquer suspeita sobre a atitude que foi a do bispo à Rosa da FSSPX durante mais de 10 anos, quando ele protegeu, ordenou e promoveu os dois sacerdotes pederastas, no seminário de Winona que ele dirigia.

Essas declarações moralizadoras, mas visivelmente calculadas de Dom Williamson devem ser confrontadas com seus atos, uma vez que ele fez expulsar o padre Morello, denunciador do pederasta Urrutigoity, mesmo quando este dizia a verdade. E em 1997, ele se apresentou como um cavaleiro branco na luta contra o vício, após tê-lo protegido durante uma década.

5- A FRATERNIDADE SACERDOTAL SÃO PIO X, DOM WILLIAMSON E OS PADRES VIOLADORES-PREDADORES HOMOSSEXUAIS URRUTIGOITY E ENSEY SEGUNDO A SRA. RANGEL (ANEXO 6)

No capítulo 16 (p. 919-1002) intitulado « *A homossexualidade nos ordens religiosas* » de seu livro de 1282 páginas publicado **em julho de 2006 « *O Rito da Sodomia : homossexualidade e Igreja Católica de Roma***, a Sra. Rangel trata em detalhes na primeira parte (p. 954-972) de « ***A Sociedade de São João: a exploração das Ordens religiosas*** »[22].

Esses trabalhos precisos e documentados expõem o caso horrível da história, desde sua fundação recente sob a autoridade de um bispo conciliar e da *Fraternidade Sacerdotal São Pedro* (comunidade ***Ecclesia Dei*)**, desse pseudo-ordem religiosa « ***Sociedade de São João*** » e de sua escola associada – na realidade, uma verdadeira casa de subordinação homossexual para adolescentes e jovens – **fundada pelo padre Carlos Urrutigoity, violador-predador homossexual comprovado, hoje processado nos tribunais penais dos Estados Unidos,** após sua expulsão do seminário americano de Winona da FSSPX dirigido por Dom Richard Williamson, **levaram Randy Engel a detalhar os papéis da *Fraternidade Sacerdotal São***

Pio X **[23], de Dom Richard Williamson [24] e Dom Alfonso de Galaretta [25], nos primeiros passos na FSSPX da « *carreira* » eclesiástica do padre Urrutigoity, e de seus discípulos clérigos cúmplices de seus múltiplos crimes homossexuais.**

Como o leitor poderá ler no Anexo 6 ao final desta mensagem, a Sra. Rangel nos informa:

> ***« O padre Urrutigoity, fundador, e o padre Ensey, chanceler da Sociedade de São João, são acusados de abuso sexual sobre o reclamante John Doe.[i] »***
>
> *« O processo visa Dom Timlin, a FSSP* ***[26]*** *e a Academia São Gregório por grave negligência por não terem agido em relação a fatos conhecidos sobre os antecedentes homossexuais de Urrutigoity e Ensey, e não terem protegido o reclamante, um menor, dos dois predadores sexuais cuja posição na Academia fora organizada pela FSSP com a aprovação do Ordinário da Diocese, Dom Timlin. »*
>
> *« O padre Carlos Urrutigoity, o fundador e líder reconhecido da Sociedade de São João, declara que* ***a visão para a Sociedade e a Cidade de Deus lhe veio enquanto ele estudava no Seminário de São Tomás de Aquino de Winona pertencente à Fraternidade Sacerdotal de São Pio X (FSSPX). Em maio de 1997, o sacerdote ordenado pela FSSPX foi expulso do seminário de São Tomás de Aquino em Winona, oficialmente porque desejava fundar uma nova ordem religiosa****. »*
>
> *« O carismático* ***padre Urrutigoity, o padre Ensey e um punhado de seminaristas vindos de São Tomás foram recebidos por Dom James Timlin da Diocese de Scranton, e a Sociedade de São João (Societas Sancti Joanni) nasceu. »***
>
> *« No dia 24 de maio de 1998, Dom Timlin, com a bênção de Roma, deu sua aprovação canônica à nova sociedade. Seis meses depois, ele ordenou dois novos sacerdotes à SSJ, os padres Basel Sarveh e Dominic Carey. »*
>
> ***« A SSJ declara que forma "uma nova geração de padres" que ajudarão a resolver a "crise" atual na Igreja e na sociedade****.* **[ii]** »*

Ora, destaca a Sra. Rangel:

> ***« A SSJ é, na realidade, como um de seus antigos padres descreveu corretamente, um "culto homossexual e seus desserventes"*** »

E a Sra. Rangel precisa:

> « ***No outono de 1997, o padre Arnaud Devillers, o Superior do Distrito da FSSP, autorizou, com a bênção de Dom Timlin, os padres da SSJ a residirem temporariamente em uma ala vazia da Academia até que encontrassem uma nova casa****...(..)...*
>
> *Quando* ***a escola abriu para o ano de 1998-1999, o padre Devillers pediu aos padres da SSJ que atuassem como capelães da Academia,*** *pois a Fraternidade São Pedro estava em falta de padres.****[iii]*** »

E a Sra. Rangel comenta de forma lógica:

> « ***Ao autorizar a SSJ a assumir a formação espiritual de seus alunos, a FSSP deu na verdade aos clérigos perversos da SSJ acesso não apenas aos corpos dos jovens homens, mas também às suas almas, o que dá uma dimensão adicional demoníaca ao seu empreendimento criminoso em São Gregório. »***

A Sra. Engel então retrata o percurso do padre Urrutigoity dentro da Fraternidade São Pio X:

> ***"Guru-tigoity" um Predador Homossexual à descoberta***
>
> ***No dia 11 de fevereiro de 1999, Dom Bernard Fellay, Superior Geral da Fraternidade São Pio X, enviou a Dom Timlin uma comunicação oficial informando que o padre Carlos Urrutigoity havia sido acusado de abuso sexual sobre um seminarista sob sua guarda espiritual no Seminário São Tomás de Aquino da FSSPX em Winona, Minnesota.***
>
> ***Dom Fellay também indicava que, em 1987, antes que Urrutigoity fosse aceito no seminário de Winona, o padre Andres Morello, Reitor do Seminário Nossa Senhora Co-Redentora de La Reja, Argentina, havia acusado o padre de práticas homossexuais****.*
>
> ***Segundo o padre Morello, ele havia tentado expulsar Urrutigoity do seminário de La Reja devido ao seu orgulho característico, seu hábito de formar "amizades particulares", seu desenvolvimento de uma facção de seminaristas agindo sob sua influência e graves acusações do ponto de vista moral.[iv]***

Entre as acusações feitas contra Urrutigoity ***por seminaristas e leigos vivendo no seminário de La Reja estavam suas visitas noturnas inesperadas nos quartos dos jovens homens enquanto estes dormiam, as carícias e massagens nas partes genitais*** *e no bumbum sob pretexto de exame médico, e o apalpamento das partes íntimas de um seminarista em uma sala de descanso, acompanhado pela observação do padre que adorava seu "bumbum redondinho".* ***Urrutigoity também era acusado de sondagens excessivas durante a confissão e as sessões de retiros espirituais sobre as tentações sexuais dos penitentes****; assim como suas roupas imorais (nadar de roupa íntima) durante um acampamento de verão organizado para jovens do seminário.****[v]***

Infelizmente, a demissão prevista de Urrutigoity pelo padre Morello nunca ocorreu, pois o seminarista contava com o apoio de Dom Alfonso de Galarreta, o Superior de Distrito da FSSPX, e de outros padres influentes.

Em vez de ser despedido, Urrutigoity foi enviado ao Priorado de Córdoba (Argentina), onde recebeu as recomendações necessárias que permitiram sua transferência para o seminário da FSSPX em Winona. Ao mesmo tempo, o padre Morello foi transferido para Santiago, Chile, o que o deixou temporariamente fora de combate.[vi]

No entanto, em julho de 1989, quando o padre Morello soube da próxima ordenação de Urrutigoity em Winona, ele enviou um dossiê confidencial sobre o candidato ao Reitor Richard Williamson no Seminário São Tomás de Aquino. Temendo que esse esforço não fosse suficiente para impedir a ordenação, o padre Morello foi ao seminário com um companheiro. Ao chegarem, foram confrontados por Williamson, que se opôs à "manifestação de consciência" de Urrutigoity, que proclamava sua inocência das acusações contra ele. Williamson justificou a "humildade" de Urrutigoity e acusou Morello e seu companheiro de mentir.

Poucos dias depois, em 16 de julho de 1989, Morello, que havia participado de um debate interno na FSSPX sobre um assunto não relacionado ao caso Urrutigoity, foi expulso da Fraternidade.[vii]

Williamson declarou mais tarde que não se acreditou em Morello porque ele era conhecido por estar em relação com um grupo sedevacantista oposto a Dom de Galarreta. Apesar disso, seu superior, o Arcebispo Marcel Lefebvre, que revisou o dossiê de Morello, ordenou a Williamson que vigiasse Urrutigoity "como um falcão", uma tarefa virtualmente impossível dado o modo camuflado de vida de um predador homossexual como Urrutigoity.[viii] » Senhora Randy Engel *The*

> *Rite of Sodomy* 2006

O padre Urrutigoity havia instrumentalizado um grupo tradicionalista contra o outro para seus próprios fins.

*Não apenas foi ordenado, mas também foi encarregado de ensinar no Seminário São Tomás de Aquino, onde recebeu o sobrenome de "Guru-tigoity".**[ix]***

Não é surpresa que em sua carta de aviso a Dom Timlin em fevereiro de 1999, Dom Fellay descrevesse Urrutigoity como "perigoso" e notasse:

> *A razão pela qual ele entrou em conflito com os superiores da Fraternidade São Pio X é principalmente porque sentimos que ele tinha uma influência estranha e anormal sobre os seminaristas e os padres, que pareciam se apegar à sua personalidade brilhante e carismática. Quando ele me pediu para reconhecer a sociedade que pretendia fundar, entre as razões para minha recusa, mencionei explicitamente o estranho apego, como a um guru, entre os discípulos e seu chefe.**[x]*** » Senhora Randy Engel *The Rite of Sodomy* 2006
>
> « *Só foi* ***dois anos após que Urrutigoity foi expulso do Seminário São Tomás de Aquino de Winona*** *por "atividades subversivas", ou seja, o planejamento secreto da Sociedade de São João, e se instalou na Diocese de Scranton com quartéis temporários estabelecidos na Academia de São Gregório,* ***que um seminarista de Winona se apresentou para acusar o padre de abuso sexual*** **»**
>
> « *Era um jovem chamado* ***Matthew Selinger[27]*** *que anteriormente idolatrava o padre.* ***Os dois homens haviam formado uma amizade particular no seminário de Winona e Urrutigoity foi o diretor espiritual do seminarista por dois anos antes de sua mudança****.* Senhora Randy Engel *The Rite of Sodomy* 2006.
>
> « *Em outra ocasião, Urrutigoity convidou Selinger e seu amigo para nadar nus com ele.*
>
> *Em uma noite,* ***o jovem seminarista acordou de seu sono para encontrar o padre ajoelhado ao seu lado e massageando seus genitais*** *com força suficiente para provocar uma ereção. Selinger disse que seu primeiro movimento foi dar um soco no padre, mas como Urrutigoity era um Alter Christus, outro Cristo, ele se virou e fingiu voltar a dormir enquanto Urrutigoity desaparecia silenciosamente na escuridão.**[xi]***

O uso novo de supositórios no repertório de preparações de Urrutigoity lembra as técnicas de preparação empregadas no início do século 20 pelo teosofista/pederasta Charles Webster Leadbeater.

Leadbeater encorajava enemas, manipulação genital e onanismo como forma de promover a vigor físico, psíquico e espiritual (oculto) em seus jovens discípulos. "Essa espiritualização da pederastia os absolve da culpa que os faz odiar a sociedade. ...Não é mais uma fraqueza humana comum, pois ele sentiu o fogo purificador da divindade", relatou Grégoire Tillet, o biógrafo de Leadbeater.[xii]

No momento em que Selinger informava seus superiores em Winona que Urrutigoity havia abusado dele sexualmente, o fundador da SSJ estava tranquilamente escondido como capelão da Academia São Gregório, selecionando sua próxima vítima em um grande grupo de jovens homens, que, como Selinger antes de ser abusado, literalmente beijavam os passos de Urrutigoity.**[xiii]**

Em junho de 1999, uma reunião foi realizada em Winona entre Matthew Selinger e o Reitor Williamson da FSSPX, e a equipe pastoral que o Escritório de Revisão Diocesana enviou para investigar as acusações contra Urrutigoity. Sra. Randy Engel *The Rite of Sodomy* 2006.

« No entanto, mesmo ***após ter lido o relatório do Escritório sobre o testemunho de Selinger, e sabendo que era a segunda acusação credível de sedução e abuso feita contra Urrutigoity, Dom Timlin decidiu que as provas contra o fundador da SSJ não eram "conclusivas"****. Ele cessou sua ação nesta* ***questão. [xiv]***

Um "enterro" clássico foi realizado pelo Ordinário da Diocese de Scranton com a cooperação do parceiro silencioso de Timlin, o padre Devillers, Superior da FSSP.

Se não houvesse ocorrido a coragem e a determinação do Dr. Jeffrey M. Bond[28], Presidente do Colégio Santo Justin Martyr e o apoio moral e jurídico concedido ao Dr. Bond pelo procurador do Estado de Washington James M. Bendell, o enterro poderia ter sido bem-sucedido Sra. Randy Engel *The Rite of Sodomy*

« Bond conduziu sua própria investigação sobre as acusações. Quase todas as informações fornecidas neste capítulo sobre a SSJ são baseadas naquelas descobertas inicialmente pelo Dr. Bond e por James Bendell, que é o principal advogado de John Doe e de seus pais » Sra. Randy Engel *The Rite of Sodomy* 2006

> ***« No dia 19 de novembro de 2001, Bond informou ao Núncio Apostólico nos Estados Unidos e ao Cardeal Darío Castrillón Hoyos, Prefeito do Clero em Roma, sobre as atividades imorais dos padres da Sociedade de São João. »*** Sra. Randy Engel *The Rite of Sodomy* 2006

E a Sra. Engel **documenta a carreira do padre Eric Ensey, o mais próximo cúmplice homossexual do padre Carlos Urrutigoity, ambos ordenados padres católicos no seminário americano da FSSPX, o seminário Santo Tomás de Aquino de Winona, por Dom Williamson e Dom de Galaretta, e promovidos a professores neste seminário:**

> ***« Antecedentes do Padre Eric Ensey***
>
> ***O padre Ensey ocupava o cargo de Chanceler da Sociedade de São João e era um dos primeiros discípulos do padre Urrutigoity no seminário da FSSPX em Winona.***.
>
> *Nascido em 13 de agosto de 1966 em Upland, Califórnia, um subúrbio ao nordeste de Los Angeles, Ensey se converteu ao Catolicismo no ensino médio.* ***Em setembro de 1987, ele entrou no Seminário Santo Tomás de Aquino em Winona e foi ordenado padre da FSSPX em 1995. Quando o padre Urrutigoity foi expulso de Santo Tomás, Ensey o seguiu para a Diocese de Scranton****.*
>
> *Durante o ano letivo de 1998-1999 na Academia Santo Gregório, o padre Ensey desenvolveu uma amizade especial com John Doe, um aluno de quem ele tinha sido "diretor espiritual"»* Sra. Randy Engel *The Rite of Sodomy* 2006.
>
> *« Durante o feriado de Ação de Graças, Ensey acompanhou o jovem à Califórnia, onde o aluno planejava ir para a faculdade no ano seguinte. Ensey também levou o jovem a visitar a casa de seus pais em Santa Paula.* ***Durante a visita, John Doe declarou que estava sendo sodomizado por Ensey****.* » Sra. Randy Engel *The Rite of Sodomy* 2006.

E a Sra. Engel menciona o caso de outras « ***maçãs podres*** » da ***Sociedade São João***, **cuja maioria também provinha do seminário de Winona da FSSPX, sob a autoridade de Dom Williamson**, tendo seguido seu Guru, o padre Carlos Urrutigoity, após sua expulsão do seminário pelo Superior Geral da FSSPX, Dom Bernard Fellay.

> ***« O padre Marshall Roberts era outro sacerdote da SSJ que residiu com Urrutigoity e Ensey na Academia Santo Gregório de 1997 a 1999.***

> ***Segundo o Vice-Reitor do Instituto do Cristo Rei em Gricigliano, Itália, em 1993, Roberts foi expulso do seminário quando desenvolveu um apego sexual anormal por um colega seminarista*** *de quem se apaixonou. 24 horas após o Vice-Reitor ter sido informado sobre os planos de Roberts em relação ao seu colega, que não apreciava a atenção, ele estava em busca de novos locais para viver.* ***Roberts foi posteriormente ordenado pela FSSPX e se tornou, posteriormente, membro fundador da SSJ.***
>
> *Uma vez em Santo Gregório, Roberts se envolveu com um jovem do primeiro ano de 1999, que mais tarde se tornou postulante da Sociedade. Em um arranjo muito contrário às regras,* ***Roberts e o postulante compartilhavam o mesmo quarto e a mesma cama em uma acomodação na propriedade da SSJ****.**[xv]***
>
> ***O padre Christopher Clay era outro discípulo de Urrutigoity embora nunca tenha sido membro da Sociedade…*** Sra. Randy Engel *The Rite of Sodomy* 2006

E a Sra. Engel termina seu relato fazendo o balanço da situação canônica ainda confusa da ***Sociedade São João***.

> ***« No dia 19 de novembro de 2004, Dom Martino publicou um decreto canônico de supressão da Sociedade de São João. A decisão de suprimir a Sociedade foi motivada principalmente por razões financeiras e pela incapacidade da SSJ de atingir seus objetivos durante os seis anos de sua existência. [xvi]*** *O decreto foi publicado no jornal diocesano, The Catholic Light, em 25 de novembro de 2004.*
>
> ***Dom Martino desde então transmitiu o dossiê para a Santa Sé, que decidirá definitivamente sobre a SSJ.***
>
> ***Membros da Sociedade estão atualmente em Roma tentando anular o decreto. O padre Urrutigoity foi visto em Roma com sotaina, embora esteja suspenso. [xvii]***
>
> *Mais ainda, a Sociedade lançou, no Natal de 2004, um apelo de financiamento após a publicação do decreto de supressão. A carta de apelo declara que a Sociedade de São João "está viva e vai bem".* ***[xviii]***
>
> ***A impostura da Sociedade de São João continua.***
>
> ***Da mesma forma, a FSSP deve considerar fechar a Academia de Santo Gregório. »*** Sra. Randy Engel *The Rite of Sodomy* 2006

Diante dos FATOS ESTABELECIDOS relatados pela Sra. Randy Engel nas páginas 954-972 (traduzidas no Apêndice 6 desta mensagem) de seu livro de 1282 páginas de julho de 2006, ***O Rito de Sodomia: Homossexualidade e Igreja Católica de Roma***, não podemos deixar de nos sentir estarrecidos e ESCANDALIZADOS pelas responsabilidades esmagadoras da *Fraternidade Sacerdotal São Pio X* na América nos Estados Unidos, e em particular de seus dois bispos, Dom Richard Williamson e Alfonso de Galaretta, na gênese e proteção do grupo de seminaristas violadores-predadores homossexuais que não hesitaram em ordenar padres e promover professores e responsáveis em seu seminário, apesar dos avisos canônicos do padre Morello, então Superior do seminário argentino de La Reja da FSSPX:

Uma vez ordenados padres católicos tradicionais pela FSSPX e logo após sua saída do Seminário de Winona da FSSPX, **esse grupo de clérigos desviados malfeitores pôde, assim, constituir - com a cumplicidade do pseudo-«*bispo*» conciliar Timlin e do padre Devillers da *Sociedade Sacerdotal São Pedro* (comunidade tradicional unida à *Ecclesia Dei*) - sob a direção do binômio homossexual diabólico Urrutigoity e Ensey, a abominável *Sociedade São João* de padres violadores-predadores homossexuais**, que puderam assim, durante anos, fazer vítimas jovens nos Estados Unidos com total tranquilidade e hipocrisia.

Estes FATOS ESTABELECIDOS, **geralmente desconhecidos na Europa, são hoje** - graças aos trabalhos e publicações da Sra. Engel - **amplamente conhecidos nos Estados Unidos, nos círculos da Tradição católica**.

É isso que explica, nos círculos da Tradição católica dos Estados Unidos, o imenso descrédito atual da *Fraternidade Sacerdotal São Pio X*, colocada sob a responsabilidade de Dom Richard Williamson, descrédito que não deixa de chocar e surpreender todos os clérigos e fiéis tradicionalistas europeus que hoje visitam os meios católicos americanos da Tradição.

E, de fato, **em violação permanente das regras disciplinares elementares instituídas a esse respeito pelo Magistério infalível da Santa Igreja** (cf. Apêndice 3), **os Superiores Gerais sucessivos da *Fraternidade Sacerdotal São Pio X* (o padre Schmidberger e Dom Bernard Fellay) desde a morte de Dom Lefebvre, seu Fundador, que faleceu inesperadamente em 25 de março de 1991, não hesitaram em obstinar-se em manter – apesar de suas inexpiáveis responsabilidades factuais lembradas acima – o ex(?)-Anglicano, Dom Richard Williamson, à frente dos Seminários americanos da FSSPX**: à frente do seminário Santo Tomás de Aquino de Winona nos Estados Unidos, e depois, desde 2003, à frente do seminário argentino de La Reja.

Quando, então, a FSSPX irá finalmente decidir satisfazer às regras disciplinares elementares da Santa Igreja a esse respeito, **proibindo finalmente seu bispo britânico, o ex(?)-Anglicano, Dom Richard Williamson "à Rosa", de ter qualquer responsabilidade sobre os seminários, e qualquer contato com os seminaristas da FSSPX nos Estados Unidos e na América!**

O que ainda faz este ex(?)-Anglicano, bispo britânico desacreditado, dentro da *Fraternidade Sacerdotal São Pio X*, fundada por Dom Lefebvre para a preservação do

verdadeiro sacerdócio sacrificial católico validamente sacramental?

---

[22] O leitor encontrará no Anexo 6 desta mensagem a tradução para o português dessas páginas.

[23] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf**

[24] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

[25] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf**

[26] Trata-se da Fraternidade Sacerdotal São Pedro, NdT

[27] Selinger deixou posteriormente o seminário, casou-se e estabeleceu-se na Califórnia para fundar uma família. **Quando se soube que ele provavelmente seria chamado a testemunhar contra o padre Urrutigoity no Caso John Doe, o padre Eric Ensey, que havia ajudado a fundar a SSJ e que havia substituído Urrutigoity como conselheiro espiritual em St. Thomas, em Winona, visitou Selinger e tentou convencê-lo a deixar o país para evitar ser chamado a testemunhar contra Urrutigoity. Ele disse ao ex-seminarista que Urrutigoity tinha "uma prescrição médica" para o pênis. Ele disse que se o padre fundador fosse condenado, ele o arrastaria (a ele, Ensey) e a ordem inteira com ele. Como esses argumentos não foram suficientes para convencer Selinger, Ensey disse que o advogado de Urrutigoity tinha ligações com a Máfia - uma alusão que implicava que Selinger e sua família poderiam ser ameaçados se ele testemunhasse contra o padre.** Selinger respondeu que não tinha a intenção de deixar sua esposa e filhos para escapar de uma convocação e mostrou a porta para Ensey.

[28] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf**

6 - CONCLUSÕES

Bem além do símbolo litúrgico conciliar do « ***retorno dos altares*** », e **de maneira ainda muito mais concreta e bem mais brutalmente encarnada, é absolutamente necessário relembrar aqui a advertência divina solene contra os consagrados que se voltam** contra a finalidade do culto divino ao qual estão ordenados, advertência que lhes anuncia o castigo, tal como relatado pel**o Apóstolo São Paulo em sua *Epístola aos Romanos* [I, 18-32]** :

> · 18 *Pois a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens, que, **por sua injustiça, retêm a verdade cativa** ;*
>
> · 19 *porque **o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles: Deus lhes manifestou**.*
>
> · 20 *De fato, suas perfeições invisíveis, seu eterno poder e sua divindade são, desde a criação do mundo, **tornadas visíveis à inteligência por meio de suas obras. Eles são, portanto, inexcusáveis** ;*
>
> · 21 ***pois, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus e não lhe deram graças; antes, se tornaram vãos em seus pensamentos, e seu coração insensato se obscureceu***.
>
> · 22 *Apreciando-se por sábios, tornaram-se loucos ;*
>
> · 23 *e **trocando a majestade do Deus incorruptível por imagens que representam o homem corruptível**, aves, quadrúpedes e répteis.*
>
> · 24 ***Por isso Deus os entregou, no meio das concupiscências de seus corações, à impureza, de modo que desonram entre si seus próprios corpos*** ,
>
> · 25 ***eles que trocaram o Deus verdadeiro pela mentira, e que adoraram e serviram a criatura em lugar do Criador*** , (o qual é bendito eternamente. Amém!)
>
> · 26 ***Por isso Deus os entregou a paixões infames: suas mulheres trocaram o uso natural pelo que é contra a natureza*** ;
>
> · 27 ***da mesma forma, os homens, em vez de usarem da mulher conforme a ordem da natureza, arderam em desejos uns pelos outros, homens com homens praticando o que é infame, e recebendo, na***

> ***degradação mútua, o justo salário de seu desvio*** .
>
> · 28 ***E, como não se importaram em conhecer a Deus, Deus os entregou ao seu senso pervertido para fazer o que não convém*** ,
>
> · 29 *estando cheios de toda espécie de iniquidade, malícia, [fornicação], avareza, maldade, cheios de inveja, pensamentos homicidas, contendas, fraude, malignidade, semeadores de falsos rumores,*
>
> · 30 ***caluniadores, odiados de Deus, arrogantes*** , altivos, fanfarrões, engenhosos para o mal, rebeldes a seus pais,
>
> · 31 *sem entendimento, sem fidelidade, [implacáveis], sem afeto, sem piedade.*
>
> · 32 ***E embora conheçam o juízo de Deus, que declara dignos de morte os que cometem tais coisas, não apenas as fazem, mas também aprovam os que as fazem*** .

As práticas homossexuais mais vergonhosas e infames estão, de fato, agora espalhadas carnalmente entre esse pseudo-« *clero* » conciliar já apóstata espiritualmente invertido[29], assim como os meios de comunicação não param de ecoar sobre isso, práticas carnais infames que conseguiram, inclusive, começar a se introduzir hoje em certos meios clericais infiltrados na Tradição[30] !

Assim, é a própria Santa Escritura, inspirada pelo Espírito Santo, quem estabelece UMA CONEXÃO NECESSÁRIA entre o desenvolvimento das práticas homossexuais clericais e a APOSTASIA dos clérigos consagrados.

E, além disso, é também a Muito Santa Virgem Ela mesma quem ecoa essa advertência divina solene, no famoso trecho do *Segredo de La Salette[31]* que Ela confiou « ***para fazê-lo conhecer a todo o meu povo*** » em 19 de setembro de 1846 à pastora Mélanie Calvat na montanha de La Salette, na França, trecho **que imediatamente provocou, como se sabe, um escândalo tão grande no clero católico**, e especialmente em sua hierarquia, que Seu ***Segredo*** foi, **desde sua publicação integral em 1858, ferozmente combatido e denegrido** com um esforço incessante por vários membros dessa última:

> "*Mélanie, o que vou te dizer agora* ***não será sempre segredo****,* ***você poderá publicá-lo em 1858****.*
>
> "***Os sacerdotes, ministros do meu Filho, os sacerdotes, pela sua má vida, pela sua irreverência e impiedade em celebrar os santos mistérios, pelo amor ao dinheiro, ao amor à honra e aos prazeres, os sacerdotes se tornaram cloacas de impureza. Sim, os sacerdotes***

> ***pedem vingança, e a vingança está suspensa sobre suas cabeças. Ai dos sacerdotes, e das pessoas consagradas a Deus, que, por suas infidelidades e má vida, crucificam novamente meu Filho! Os pecados das pessoas consagradas a Deus clamam ao Céu e convocam a vingança, e eis que a vingança está às suas portas, pois não há mais ninguém para implorar misericórdia e perdão pelo povo; não há mais almas generosas, não há mais ninguém digno de oferecer a Vítima sem mácula ao Eterno em favor do mundo.*** "...
>
> "***Que aqueles que estão à frente das comunidades fiquem em guarda quanto às pessoas que devem receber, pois o demônio usará de toda a sua malícia para introduzir nas ordens religiosas pessoas dedicadas ao pecado****, pois as desordens e o amor aos prazeres carnais serão espalhados por toda a terra.* ***"...***

Que diria hoje nossa Grande Protetora, diante do espetáculo horrível que agora oferece a decomposição dos costumes do « ***clero*** » **e mais ainda da alta hierarquia conciliar apóstata,** tal como está documentado cuidadosamente pela Sra. Rangel em seu livro de julho de 2006 « ***O Rito da Sodomia: Homossexualidade e a Igreja Católica de Roma*** » (cf. Anexo 5)?

Testemunha dessa duplicidade tão perversa da alta hierarquia conciliar « ***ecumênica*** » romana apóstata atual, **o padre apostata Ratzinger-Bento XVI conhece bem São Pedro Damião**, pois se permite o luxo hipócrita de citar publicamente como modelo aos estudantes italianos, a respeito de seu equilíbrio monástico entre « ***comunhão e solidão*** » durante seus estudos em Parma, **enquanto esconde cuidadosamente a seus interlocutores a existência do *Livro de Gomorra* deste grande Santo**, **ainda que continue com perseverança e obstinação a garantir a proteção e a promoção[32] das redes clericais homossexuais dentro da Igreja :**

http://www.phpbbserver.com/phpbb/viewtopic.php?t=3513&mforum=lelibreforumcat

> **Citação: Baseando-se no exemplo de São Pedro Damião (1007-1072), que fez parte de seus estudos em Parma e que foi um reformador de seu tempo**, o Papa exortou aqueles que fazem estudos universitários a « ***serem sensíveis ao patrimônio espiritual de São Pedro Damião*** », que conseguiu uma feliz síntese entre a vida de eremita e a atividade eclesial, tendo encontrado **um justo equilíbrio entre « *solidão e comunhão* » em sua vida de religioso camaldulense**. O Papa assim advertiu « ***as novas gerações*** » contra « ***o duplo risco*** » causado pelas « ***novas tecnologias informáticas*** ». Por um lado, explicou ele, « ***o perigo de uma redução da capacidade de concentração e de aplicação mental no plano pessoal*** »; por outro lado, « ***o risco de um isolamento do indivíduo em uma realidade cada vez mais***

> ***virtual*** ».
>
> As consequências se traduzem na dimensão social que « ***se dispersa em uma multitude de fragmentos*** », enquanto a dimensão pessoal « ***se retrai sobre si mesma e tende a recusar construir qualquer relação com os outros*** », precisou Bento XVI. Ele então destacou o papel positivo da universidade à qual se sente « ***espiritualmente ligado*** », que vive, ao contrário, « ***do equilíbrio virtuoso*** » entre « ***os momentos individuais e comunitários*** », entre « ***a pesquisa e a reflexão*** » e « ***o compartilhamento e a confrontação com os outros*** ».
>
> Bento XVI então evocou **a reforma universitária em curso na Itália**, objeto de muitas críticas dentro da Península. « ***Uma reforma universitária só é válida se se confronta com a liberdade: a liberdade de ensino, a liberdade de pesquisa, a liberdade da instituição acadêmica em relação aos poderes econômicos e políticos*** », afirmou o papa. (**Fontes: apic/imedia/VIS**)

O padre apóstata Ratzinger-Bento XVI também conhece muito bem o grande censor católico espanhol dos costumes do século XIX, Santo Antônio Maria Claret[33], que escrevia a respeito da conduta a seguir em caso de descoberta de práticas homossexuais dentro de instituições religiosas católicas:

> « *... A única solução moral certa para corrigir tal problema é* ***a dissolução do corpo docente e a demissão dos alunos, a revogação dos capelães e confessores de seus ofícios****; se o instituto deve ser reconstituído,* ***isso só pode ser feito com professores, alunos e padres completamente novos****; isso porque sempre haverá relações que nunca serão descobertas, e que se estiverem presentes na nova fundação, a conspiração pode recomeçar. Problemas dessa ordem nas boas fundações só podem ser evitados se os confessores e os diretores espirituais levarem a recidiva dos 6º e 9º mandamentos a sério e tiverem* ***autoridade para expulsar os candidatos que não têm a graça da castidade e da continência,*** *isto sem prudência humana* ». Randy Engel ***The Rite of Sodomy*** (julho de 2006)[xix]

pois ele não hesita em propor isso como modelo aos jovens[34] católicos **enquanto esconde cuidadosamente de seus interlocutores os escritos deste grande Santo que condenam a homossexualidade, em particular a clerical,** enunciando os princípios indispensáveis para sua erradicação, **mesmo enquanto continua com perseverança e obstinação a garantir a proteção e a promoção das redes clericais homossexuais dentro da Igreja.**

Esse grande Santo que foi Pedro Damião também soube demonstrar em seu tempo o **intrépido vigor de sua determinação frente ao intruso « *Bento X* » que « *reinava* » sozinho por um período (1058-1059) no século XI sobre a cadeira de Pedro que ele tinha a audácia de usurpar por astúcia, por simonia e por violência, ao conseguir**, com a ajuda do braço secular cristão que constituía então o Chefe do Sacro Império, **obter sua deposição, depois de demonstrar canonicamente e publicamente que esse indivíduo nunca tinha sido papa, mas que na verdade desde o início era apenas um vil impostor**.

Estamos decididamente aqui muito longe da fraqueza e da pusilanimidade[35] dos clérigos, padres e bispos, tradicionalistas atuais!

E é em razão mesmo de tais reações históricas desses grandes Santos católicos frente à impostura manifesta no mais alto nível, grandes Santos católicos suscitados pela Misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo, que a Santa Igreja Católica pôde perdurar intacta até nós por 2000 anos até 1958, e manter ainda na tradição católica, para a salvação dos fiéis, os frutos sacramentais do Sacrifício de Nosso Redentor.

Nossa Senhora de La Salette, proteja-nos em nossa terrível luta contra o Grande Dragão do Apocalipse e sua « *Segunda Besta* » clerical religiosa desprovida do sacerdócio sacrificial[36] (capítulo XIII) que eclipsou hoje a Santa Igreja Católica aos olhos dos homens!

E agora, o que fará Dom Fellay diante dos grandes exemplos católicos de Filipe o Belo e de Santo Pedro Damião?

É mais do que tempo que Dom Williamson seja expulso da FSSPX. Este bispo nunca deveria ter sido consagrado por Dom Lefebvre, nunca deveria ter sido admitido a receber o sacerdócio, e menos ainda ser nomeado superior de seminário.

Continuemos a boa luta

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2009 virgo-maria.org

---

[29] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-06-A-00-Hoyos_ment.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-09-A-00-Hoyos_Versailles.pdf

[30] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-18-A-00-Williamson-Loup.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-B-00-Mgr_Williamson_tente_de_desarmorcer_VM_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09_20-A-00-VM_Pages_FSSPX.pdf

[31] http://www.virgo-maria.org/Documents/la-salette/secretsalette.htm

http://www.virgo-maria.org/Documents/la-salette/La%20Salette-Lepidi-C-208.htm

[32] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf**

[33] http://fr.wikipedia.org/wiki/Antoine-Marie_Claret

[34] Cidade do Vaticano, 24 de outubro de 2007 - (E.S.M.) - Como é habitual para concluir suas saudações de quarta-feira, o Papa Bento XVI dirigiu-se aos jovens, aos doentes e aos recém-casados e lhes deu o exemplo de São Antônio Maria Claret.

http://eucharistiemisericor.free.fr/index.php?page=2410074_claret

[35] para não dizer a perversidade de alguns deles...

[36] cf http://www.rore-sanctifica.org

DOSSIÊ DAS REFERÊNCIAS VIRGO MARIA SOBRE O EX(?)ANGLICANO DA FSSPX DOM RICHARD WILLIAMSON À ROSA

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-09-A-00-Doctrine_sur_homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-31-A-00-Williamson_Camarilla.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-05-A-00-Abbe_Cekada_repond_Mgr_W.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-02-A-00-Diversion_de_Mgr_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-03-A-00-Abbe_Meramo-RC.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf

http://sww.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-15-A-00-Blason_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-18-A-00-Coat-of-arms_Williamson_Cunctator.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-08-B-00-Williamson-Round_Table.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-02-A-00-Mgr_Williamson_Blason_de_Luther.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-06-A-00-Hoyos_ment.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09_20-A-00-VM_Pages_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-18-A-00-Williamson-Loup.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-A-00-Williamson-Diaporama.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-15-Diaporama_Williamson_2_anneaux.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-11-A-00-Mgr_Williamson_Muggeridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles_HTML/2007/006_2007/VM-2007-06-06/VM-2007-06-06-B-00-Avrille_bloque_face_a_Celier htm

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-24-A-00-Rore_refute_l_abbe_Calderon_2.pdf

http://rore-sanctifica.org/etudes/2007/RORE-2007-04-24-FR_Refutation_de_l_abbe_Calderon.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-B-00-Mgr_Williamson_tente_de_desarmorcer_VM_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-A-00-Abbe_Cekada_reordinations_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-28-A-00-Abbe_Cekada_refute_abbe_Calderon_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-18-B-00-Mgr_Williamson_Omission_d_Avrille_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-09-A-00-Hoyos_Versailles.pdf

7 - ANEXO 1 – TRADUÇÃO DO TEXTO DA SRA. RANDY ENGEL - O LIVRO DE GOMORRA DE SANTO PEDRO DAMIÃO - UM QUADRO MORAL DE NOSSO TEMPO

http://www.catholictradition.org/gomorrah1.htm

http://www.catholictradition.org/gomorrah2.htm

http://www.ourladyswarriors.org/articles/damian1.htm

http://www.ourladyswarriors.org/articles/damian2.htm

INTRODUÇÃO

Catholic Family News
Junho-Julho de 2002
O Livro de Gomorra
de São Pedro Damião
Um Quadro Moral de Nosso Tempo
por Randy Engel

[Nota do Editor: *Catholic Family News* pediu a Randy Engel que tentasse esclarecer os problemas fundamentais em torno da pederastia e da homossexualidade na Igreja de hoje. Ela pesquisou e estudou a rede homossexual no clero católico e na vida religiosa **durante mais de treze anos** e acreditamos que seu comentário **baseado na obra do monge italiano do século XI São Pedro Damião** ajudará a colocar a crise atual em uma perspectiva correta para nossos leitores. **Seu último livro, *O Rito da Sodomia – A Homossexualidade e a Igreja Católica Romana* deve ser publicado em Julho de 2006**. *JV*]

CAPÍTULO I

A vida de São Pedro Damião (1007 -1072)

Parece que quando nossa Santa Mãe a Igreja tem uma grande necessidade de um santo particular para uma época particular, Deus, em Sua bondade infinita, nunca falhou em atender a esse chamado. Assim, em 1007, nasceu um menino em uma família nobre, mas pobre, na antiga cidade romana de Ravenna, criança que se tornaria Doutor da Igreja, um precursor da reforma hildebrandina[37] da Igreja e **uma figura chave na reforma moral e espiritual do clero inconsciente e relaxado da época**.

A Tradição nos ensina que a chegada de São Pedro Damião a este mundo não foi bem-vinda, pois sobrecarregava e irritava um pouco uma família já numerosa. Ele ficou órfão ainda jovem, e seu biógrafo João de Lodi nos diz que sem a solicitude de seu irmão mais velho Damião, um arcipreste de Ravenna, a criança poderia ter passado toda sua vida na obscuridade como um porco. Mas Deus teve outra opinião. Os talentos intelectuais inatos e a notável piedade de Pedro na adversidade foram reconhecidos pelo arcipreste, que arrancou seu jovem irmão dos campos e lhe ofereceu uma ótima educação, primeiro em Ravenna, depois em Faenza, e finalmente na Universidade de Parma. Em troca, Pedro reconheceu a solicitude afetuosa de seu irmão adotando Damião como seu segundo nome.

Embora se destacasse em seus estudos e alcançasse rapidamente os graus acadêmicos, Pedro se sentia mais atraído pela vida religiosa do que pela vida universitária. Sua espiritualidade se fundamentaria **em seu amor pela regra de São Bento** e sua atração pelas práticas de penitência rigorosa e individual de São Romualdo.

Um pouco antes de completar trinta anos, ele foi recebido **no eremitério beneditino da Reforma de São Romualdo em Fonte-Avellena, do qual se tornaria Priore – uma posição que manteve até sua morte em 21 de Fevereiro de 1072**, ao mesmo tempo em que servia como Cardeal-Arcebispo de Óstia, uma honra concedida a Pedro pelo Papa Estêvão IX em 1057. A vida do santo monge destacou-se por sua grande compreensão e maravilhosa conhecimento das Santas Escrituras, e por grandes penitências que serviam tanto de reprimenda quanto de inspiração para seus amigos monges **e para o clero secular em uma época da Igreja em que a turpitude moral era comum no clero.** Seus conselhos sábios e suas habilidades diplomáticas foram aproveitados durante a longa sucessão de dois Papas, particularmente sob o Papa Leão IX, outro precursor da Reforma Gregoriana. Pedro Damião morreu em odor de santidade em 22 de Fevereiro de 1072, em seu sexagésimo sexto ano.

1. O Livro de Gomorra - Uma Lição para Ontem, Hoje e Amanhã

Entre os escritos mais famosos de São Pedro Damião está seu volumoso tratado, a Carta 31, o *Livro de Gomorra (Liber Gomorrhianus)*, que contém a exposição e a condenação mais completas pelos Pais da Igreja da pederastia e das práticas homossexuais clericais.

2. Seu principal sermão sobre o vício da sodomia em geral e a homossexualidade e **a pederastia dos clérigos** em particular é escrito em um estilo claro e preciso que o torna fácil de ler e entender.

De acordo com os ensinamentos tradicionais da Igreja desde os tempos apostólicos, **ele sustenta que todos os atos homossexuais são crimes contra a natureza e, por conseguinte, crimes contra Deus, que é o autor da Natureza.**

É também refrescante encontrar **um eclesiástico cujo principal cuidado em termos de imoralidade sexual é o dos interesses de Deus, antes dos homens, particularmente no que diz respeito à homossexualidade nas fileiras do clero.** Além disso, sua condenação especial dos crimes pederastas cometidos por religiosos contra jovens e meninos (incluindo aqueles que se preparam para receber as santas ordens) pronunciada há novecentos anos, tende certamente a minar a desculpa de muitos bispos e cardeais americanos que proclamam que faltavam no início o conhecimento específico e as sutilezas psicológicas necessárias para avaliar a gravidade dos crimes pederastas clericais. **Através de uma simples leitura do *Livro de Gomorra*, acredito que o católico médio ficaria chocado com a severidade da condenação de Damião das práticas sodomitas clericais como penas severas que o Papa Leão IX atribui a tais práticas.**

Uma parte dessa reação, como afirma J. Wilhelm ao falar da retratação dos católicos modernos diante da severidade das penas medievais (incluindo a pena de morte por heresia), pode ser atribuída ao fato de que vivemos em uma época que "presta menos atenção à pureza da fé".

3. **Muitos católicos simplesmente perderam a noção do pecado.** Isso não parece importante se um clérigo efeminado, manifestamente homossexual, exibe-se no altar enquanto celebra ritos heréticos durante uma Quarta-feira de Cinzas. Como aqueles que observam os novos bárbaros de Hilaire Belloc à porta, os paroquianos sorriem. Eles estão animados.

4. Da mesma forma, **muitos católicos hoje têm muito pouco conhecimento – se é que têm – de como os Pais da Igreja tratavam a homossexualidade, incluindo a pederastia entre os clérigos.**

Tomemos por exemplo **as penas físicas e espirituais decretadas pelo arquétipo do monaquismo oriental, Santo Basílio de Cesareia (322-379), para os clérigos e monges** pegos fazendo avanços sexuais (abraços) ou violando sexualmente jovens garotos ou homens. **O culpado comprovado deveria ser açoitado em público, sua tonsura anulada (cabeça raspada), colocado em correntes e preso por seis meses, após o que seria confinado em uma cela separada e ordenado a fazer penitências severas e vigílias de oração para a expiação de seus pecados sob o olhar inquisidor de um irmão mais velho.** Seu regime consistia em água e pão de cevada – o alimento para os animais. Fora de sua cela, ao realizar

trabalhos manuais e se deslocar no mosteiro, ele deveria ser constantemente vigiado por dois irmãos monges **para que nunca pudesse ter contato com jovens homens ou meninos.**

5. Pergunta-se quantos homossexuais se apresentariam à porta do seminário do Cardeal Bernard Law ou de outros prelados americanos se soubessem que um tal destino os aguardava caso fossem considerados culpados ou apenas tentassem seduzir sexualmente e violar meninos menores ou jovens homens?

E a propósito dos seminários, eu deveria mencionar **a regra papal de São Sirício, um contemporâneo de Santo Basílio, que ordenou que esses "*vasos de vícios*", ou seja, sodomitas**, incluindo aqueles que haviam cumprido sua penitência, **fossem proibidos de entrar no clero.**

6. Dado que o Livro de Gomorra foi redigido em 1049, é um milagre constatar que tantas visões de Damião possam se aplicar à atual desastre pederasta e homossexual aqui nos Estados Unidos e no exterior, incluindo no Vaticano. Seu tratado constitui uma refutação decisiva dos apologistas contemporâneos da homossexualidade que afirmam que os primeiros Pais da Igreja não compreendiam a natureza ou a dinâmica da homossexualidade. Pelo contrário, como demonstra a obra de Damião, a degradação da natureza humana que se expressa pelo ato de sodomia é um fenômeno universal que transcende épocas, lugares e culturas. **Um dos pontos essenciais do Livro de Gomorra é a insistência do autor sobre a responsabilidade dos bispos ou superiores de ordens religiosas na repressão e erradicação do vício em suas fileiras.**

7. Ele não poupa palavras para condenar esses prelados que recusam ou negligenciam adotar uma postura firme em relação às práticas sodomitas dos clérigos **seja por indiferença moral ou por incapacidade de enfrentar uma situação desagradável ou potencialmente escandalosa.**

8. Os outros problemas que Santo Pedro Damião aborda são particularmente atuais:

- Os bispos homossexuais ou os superiores de ordens religiosas **que levam seus "*filhos espirituais*"** a atos de sodomia.
- **O uso sacrílego dos sacramentos** por clérigos e religiosos homossexuais.
- Os problemas particulares para a Igreja em relação à **sedução de jovens** por clérigos pederastas, e
- O problema dos cânones e penas brandas para clérigos e religiosos infratores **que são um escárnio à natureza profundamente pecaminosa dos atos homossexuais.**

As Motivações de um Tratado sobre a Sodomia

Quando o humilde monge e futuro santo, **Pedro Damião, apresentou sua Carta 31, o *Livro de Gomorra*, ao Papa Leão IX em 1049, ele expressou claramente que sua primeira e principal preocupação era a salvação das almas**. Embora a obra tenha sido dirigida

especificamente ao Santo Padre, ela era destinada à Igreja universal, **particularmente aos bispos do clero secular e aos superiores de ordens religiosas.** Na sua introdução, o santo redator afirma claramente que o apelo divino do Sede Apostólica faz do "***bem-estar das almas***" sua preocupação primordial. Para esse fim, ele intercede junto ao Santo Padre para agir contra "***um certo vício abominável e muito grave***" que identifica claramente como "***o câncer invasor da sodomia***", que devasta tanto as almas do clero quanto o rebanho de Cristo sob sua jurisdição, antes que Deus libere Sua justa cólera sobre o povo.

9. Reconhecendo o quão repulsiva pode parecer ao Papa a menção crua da palavra sodomia, ele pede, no entanto, com uma brutal franqueza:

> "***... se um médico se horroriza com a ferida, quem poderá cauterizá-la? Se ele se sente enjoado ao aplicar o remédio, quem restaurará a saúde dos corações feridos?***"

10. Não deixando nada na sombra, Damião distingue entre as diversas formas de sodomia e os estágios de corrupção sodomita, começando com a masturbação solitária e mútua e terminando com a simulação interfemoral (entre as coxas) e o coito anal.

11. Ele observa que há uma tendência entre os prelados de tratar os três primeiros graus do vício com uma "***indulgência inadequada***", preferindo reservar a revogação do estado religioso apenas para os homens convencidos de penetração anal. O resultado, diz Damião, é que um homem culpado dos graus "***inferiores***" do vício, **aceita suas penitências mais brandas, mas permanece livre para poluir os outros sem o temor salutar de perder seu posto.** O resultado previsível da indulgência dos superiores, diz Damião, **é que o vício se expande, o culpado se torna mais audacioso** em seus atos ilícitos, sabendo que não incorrerá em perda grave de seu status de clérigo, ele perde todo temor de Deus e seu último estado é pior do que o inicial.

12. Damião descreve a audácia de homens que estão "***habituados à imundície desse mal supurante***", e **já ousam se apresentar às santas ordens, ou já ordenados, permanecem na função**.

13. Não é por tais crimes que este Deus Todo-Poderoso destruiu Sodoma e Gomorra, e matou Onã por ter deliberadamente derramado sua semente no chão? pergunta ele.

14. Citando a carta de São Paulo aos Efésios *(Ef V:5)*, ele continua

> "***se o homem impuro não tem nenhum direito ao Paraíso, como pode ele ser suficientemente arrogante para pretender ocupar uma posição honorífica na Igreja, que é indiscutivelmente o reino de Deus?***"

15. O santo monge compara os sodomitas que aspiram às santas ordens, a esses habitantes de Sodoma que ameaçavam "***usar de violência contra Ló, o justo***" e se preparavam para forçar a porta quando foram atingidos de cegueira pelos dois anjos e ficaram incapazes de encontrar o caminho da porta. Esses homens, diz ele, estão afligidos pela mesma cegueira, e "***por um justo decreto de Deus eles caem na cegueira interior***".

16. Se fossem humildes, seriam capazes de encontrar a porta que é Cristo, mas estão cegos por sua "***arrogância e suficientismo***", e "***perdem Cristo por causa de sua adição ao pecado***", nunca encontrando "***a porta que leva à morada paradisíaca dos santos***", lamenta Damião.

17. **Não poupando esses eclesiásticos que permitem com pleno conhecimento que os sodomitas recebam as santas ordens ou permaneçam membros do clero enquanto continuam a poluir sua função**, o santo monge critica os "***superiores preguiçosos dos clérigos e dos sacerdotes***", lembrando-os de que devem tremer por si mesmos pois se tornam "***cúmplices do pecado dos outros***", ao permitir que "***a ferida devastadora***" da sodomia persista em suas fileiras.

18. Os bispos homossexuais que tratam seus filhos espirituais como presas: vêm então os mais chocantes epítetos reservados a esses bispos que "***praticam esses atos absolutamente condenáveis com seus filhos espirituais***".

> 19. "***Quem pode esperar ver o rebanho prosperar quando seu pastor se afundou profundamente nas entranhas do demônio... que faz de um clérigo uma amante, ou uma mulher de um homem?... que, por sua luxúria, entrega um filho do qual deve espiritualmente prestar contas a Deus à escravidão sob a lei de ferro da tirania satânica***", retumba Damien.

20. Fazendo uma analogia entre a punição infligida ao pai que leva sua filha a um incesto familiar ou ao sacerdote que comete "***o ato sacrílego***" com uma freira, com **a contaminação de um clérigo por seu superior, ele pergunta se este último pode escapar da condenação e continuar sua santa função?**

21. Em verdade, **o último caso merece uma punição ainda mais severa, diz Damião, porque, enquanto os dois primeiros são relações naturais, um superior religioso culpado de sodomia não apenas cometeu um sacrilégio com seu filho espiritual, mas também violou a lei da natureza**. Um tal superior não apenas se condena, mas também arrasta alguém consigo, declara Damião.

22. **O Escândalo Permanente de Dom Daniel Ryan**

Ignoro o que vem à mente de cada um após ler uma censura tão dolorosa aos bispos e cardeais cujos apetites contra a natureza os levam a cobiçar em vez de orar pelos filhos espirituais que nossa Santa Mãe Igreja lhes confiou. Por minha parte, é à pessoa de Dom Daniel Ryan que penso.

Ryan foi consagrado bispo auxiliar da diocese de Joliet em 30 de setembro de 1981 por Joseph L. Imesch, bispo de Joliet, assistido por Daniel W. Kucera, bispo de Salina e futuro arcebispo de Dubuque e principal arquiteto do infame '***catecismo***' do sexo, *New Creation*, que leva seu *imprimatur*.

23. **Dois anos depois, em 19 de novembro de 1983, o Papa João Paulo II nomeou Ryan Bispo de Springfield, IL. Ele tomou posse em 18 de janeiro de 1984.**

24. Em 1999, Ryan se aposentou de forma inesperada e precoce por "***motivos de saúde***", enquanto segundo acusações bem fundamentadas pela *Roman Catholic Faithful* (RCF), baseada em Springfield, ele (Ryan) é um homossexual ativo que teve conduta homossexual grosseira com prostitutos masculinos menores e com clérigos.

25. **A Santa Sé e o núncio papal para os Estados Unidos são suspeitos de terem estado perfeitamente cientes das propensões homossexuais predatórias de Ryan.**

26. Entre as testemunhas que se apresentaram para apoiar a ação da RCF contra os atos sexuais de Ryan estava Frank Robert Bergen, um ex-fugido que se tornou prostituto e contatou a RCF, informando o Presidente Steve Brady que teve, quando menor, relações sodomitas com Ryan e outros padres. Bergen declarou que o bispo ouviu sua confissão e o absolveu de seus pecados sempre que teve uma relação sexual com ele.

27. **Quando Dom Ryan "se aposentou", seu assento episcopal foi ocupado por Dom George Lucas,** ex-chanceler da Arquidiocese de São Luís e próximo companheiro do Arcebispo Justin Rigali. **A recepção para a posse de Lucas ocorreu no Templo Maçônico Ansar Shrine de Springfield, IL.**

28. Seu influente mentor, o Arcebispo Rigali, foi designado ao serviço da Santa Sé no meio da década de 80 pelo Papa João Paulo II e serviu como camareiro e Secretário do Colégio de Cardeais até seu retorno aos Estados Unidos como Arcebispo de São Luís em 1994.

29. Sob a jurisdição de Lucas, a RFC reporta que Dom Ryan continuou a celebrar publicamente a Missa e a administrar o Sacramento da Confirmação nas dioceses de Springfield e Joliet. Ele (Ryan) estava presente na posse de Lucas. Em fevereiro deste ano[38], a diocese de Springfield anunciou que Dom Ryan seria o apresentador de uma "***Jornada de Reflexão e Oração pelos Padres***" na Igreja de Santa Maria e São José de Carlinville, IL.

30. **Visto pelos Olhos de São Pedro Damião**

Voltemos aos avisos do monge escritor do *Livro de Gomorra* mencionados acima. Em todos os casos, **a ausência de censura pública da Santa Sé no caso de Ryan** parece incrivelmente indulgente. Sem punição pública, sem cabeça raspada, sem correntes, sem confinamento solitário em um mosteiro isolado e rigidamente guardado, sem regime de pão e água como proposto por São Basílio. Não! Praticamente o oposto!

Dom Ryan permanece um bispo aposentado de boa reputação. Nem suas atividades pederastas com menores, nem o assédio sexual de seus "***filhos espirituais***" **foram publicamente**

denunciados, seja pelo Vaticano ou por seus amigos bispos, incluindo D. Lucas e D. Imesch. Como previsto por Damião, Ryan não foi humilhado por sua vergonha pessoal ou pela vergonha que trouxe à Santa Igreja. Na realidade, toda essa história parece ter elevado sua audácia a novos patamares. Ele recebe sua aposentadoria, se move como deseja, **pode facilmente contatar jovens e, por sua simples presença, continua a poluir, tanto literal como figurativamente, os padres e religiosos de sua diocese e das dioceses vizinhas** que devem suportar diariamente o lembrete de suas inconduções homossexuais. Sem mencionar o escândalo público provocado por suas aparições públicas em cerimônias sacramentais públicas da Igreja.

É por isso que considero necessário **perguntar se a Santa Sé caiu em tal estado de dissolução que não consegue mais professar, e menos ainda proteger, os interesses de Deus nessa matéria e defender a santidade dos Santos Ordinários contra a poluição dos sodomitas.** Será que os atos horríveis de clérigos e bispos homossexuais predadores como Ryan, Symonds, Ziemann e muitos outros inibem o temor de Deus no coração de nosso Santo Padre e da Cúria Romana?

31. **O abuso homossexual do Sacramento da Penitência pelos Clérigos**

Deixemos por enquanto o assunto dos membros homossexuais ativos da hierarquia e das ordens religiosas, e nos concentremos no que Damião denuncia como um dos "***sistemas mais astuciosos do diabo***" preparado em "***seu velho laboratório do mal***", e pelo qual clérigos sodomitas confirmados, com remorsos de consciência, "***se confessam a um semelhante, temendo que sua culpa possa ser conhecida por outros***".

32. Como Damião observa, no entanto, embora esses homens tenham se tornado "***penitentes envolvidos em grandes crimes, eles não parecem mostrar nada do pior de suas penitências, ... seus lábios não têm a palidez do jejum, seus corpos não estão deteriorados por sacrifícios, nem seus olhos vermelhos de terem chorado por seus pecados***", observa ele.

33. O santo monge questiona a validade de tais confissões, perguntando "***com que direito ou segundo que lei um pode absolver o outro quando é constrangido pelos laços de um mal comum aos dois?***"

34. Citando a Santa Escritura a respeito do "***cego guiando outro cego***", (São *Mateus VIII:4; São Lucas V:4)* Damião continua, ***"... torna-se perfeitamente claro que aquele que é escravizado pela mesma culpável cegueira tenta em vão convidar outro a voltar à luz do arrependimento. Enquanto não teme ultrapassar o outro na errância, acaba por acompanhar seu seguidor na fossa aberta da ruína.***"

35. **Essa prática permanecendo habitual no mundo homossexual subterrâneo dos sacerdotes** diocesanos, bispos e religiosos, e entre os padres pedófilos e suas jovens vítimas, **seria bom lembrar** que, segundo o Código de Direito Canônico revisado em 1983, **a absolvição de um parceiro (clérigo ou leigo) em um pecado contra o sexto mandamento do Decálogo é inválida, salvo em caso de perigo de morte (Cân. 977) e um sacerdote que**

agir em desacordo com a prescrição do Cânon 977 incorre em excomunhão *latae sententiae*, cuja relaxação depende da Sé Apostólica (Cân. 1378 & 1). Até que o sacerdote faltoso tenha sua excomunhão levantada pela Santa Penitenciária ou pelo Santo Padre, não foi validamente absolvido. O**ferecer o Santo Sacrifício da Missa em estado de pecado mortal acrescentaria à falta o grave pecado de sacrilégio**.

Os Sacerdotes Sodomitas e os Santos Mistérios

Em um longo e mordaz ataque contra cânones e codicilos errôneos e "***apócrifos***" sobre as penas para os diversos atos de sodomia que estavam em uso na Igreja no meio do século XI, **Damião os compara às penas longas e severas infligidas aos leigos culpados de atos contra a natureza em relação a homens ou animais pelos Pais da Igreja no Concílio de Ancira (314)**, e considera que eles carecem de severidade.

36. Se, **segundo as leis da Igreja primitiva, um leigo** culpado de sodomia **podia ser privado da Santa Eucaristia durante 25 anos ou até ao fim de sua vida**, **como se pode então que um clérigo ou um monge culpado dos mesmos erros escape com penas menores e seja considerado digno, não apenas de receber a Santa Eucaristia, mas de consagrar?** pergunta ele.

37. Se os Santos Pais decretaram que os sodomitas deveriam "***orar em companhia dos demônios***", como poderia um tal clérigo esperar exercer dignamente seu ofício sacerdotal de "***mediador***" entre Deus e Seu povo? continua Damião.

38. Mais adiante, Damião retoma esse tema e exclama "***por amor de Deus, por que vocês, malditos sodomitas, se pretendem elevar à dignidade eclesiástica com tal ambição orgulhosa?***"

39. Ele adverte esses clérigos, que persistem em seus apetites contra a natureza, sobre a ira de Deus, "***para que com suas orações vocês não provoquem ainda mais gravemente, vocês cuja vida maligna O ofende tão ostensivamente***".

40. Em conclusão deste capítulo, Damião lembra aos clérigos e prelados semelhantes que "***é terrível cair nas mãos do Deus vivo.***" *(Hebreus X.31)*

41. **Vislumbres Notáveis da Natureza da Homossexualidade**

Em sua descrição das paixões contra a natureza que regem os sodomitas, Damião demonstra um grau extraordinário de percepção em relação aos aspectos narcisistas, de devassidão e de compulsividade psíquico-sexual do comportamento homossexual.

"***Diga-nos, vocês homens afeminados e covardes, o que buscam em outro homem que não têm em si mesmos?***" pergunta ele. "***Que diferença há no sexo, que diferenças há no***

corpo?" continua. Então ele expõe a lei da vida. "***Pois é função da apetência natural que cada um busque fora de si o que não pode encontrar em si mesmo. Portanto, se o toque de uma carne masculina te alegra, mantenha as mãos em você e tenha certeza de que o que você não encontra em si mesmo, buscará em vão no corpo de outro,***" conclui ele.

42. **A Malícia Particular do Vício da Sodomia**

Um dominicano astuto disse um dia ao autor que, uma vez que o vício da sodomia tenha contaminado um seminário, as autoridades da Igreja só têm duas opções - fechar o lugar e enviar cada um para casa ou não fazer nada e esperar que a putrefação moral se espalhe até que a fundação desmorone sozinha. **Por que esse vício particular é tão mortal para a vida religiosa?**

Segundo Damião, o vício da sodomia "***ultrapassa a enormidade de todos os outros***", porque:

> "***Certamente, ele traz a morte ao corpo e destrói a alma. Ele polui a carne, extingue a luz do pensamento, expulsa o Santo Espírito do templo do coração humano e abre a porta ao diabo, o estimulador da luxúria. Ele leva ao erro, suprime totalmente a verdade do espírito enganado... ele abre o inferno e fecha as portas do paraíso... é esse vício que ultraja a temperança, assassina a modéstia, estrangula a castidade e massacra a virgindade... ele imunda todas as coisas, macula todas as coisas, polui todas as coisas...***
>
> "***Esse vício remove um homem do coro reunido da Igreja... separa a alma de Deus para associá-la aos demônios. Esse reino de Sodoma totalmente doente torna aquele que obedece às leis de sua tirania infame odioso para os homens e para Deus... Ela despoja seus cavaleiros da armadura da virtude, expondo-os a serem transpassados por todos os vícios... Ela humilha seu escravo na Igreja e o condena ao juízo; ela o macula em segredo e o desonra em público; ela corrói sua consciência como um verme e consome sua carne como o fogo... esse homem infortúnio é privado de todo senso moral, sua memória falha, e a visão de seu pensamento é obscurecida. Não se preocupando muito com Deus, ele esquece também sua própria identidade. Esse mal erode os fundamentos da fé, mina o ardor da esperança, dissolve o vínculo do amor. Ele ultrapassa a justiça, demole a força moral, faz desaparecer a temperança e afia as arestas da prudência. Devo dizer mais?***".

43. Não, muito caro São Pedro Damião, eu não penso assim.

Arrependam-se e Reformem suas Vidas

Como todos os santos antes dele, e aqueles que virão após ele, São Pedro Damião exorta o clérigo caído no vício da sodomia a se arrepender e a reformar sua vida com as palavras do Apóstolo São Paulo, "***Desperta, ó tu que dormes; levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará***" *(Efésios V:14).*

44. Em uma notável afirmação da mensagem evangélica, ele adverte contra o pecado último de duvidar da misericórdia de Deus e da necessidade do jejum e da oração para reprimir as paixões:

> "***... cuidem para não mergulhar nas profundezas do desânimo. Seu coração deve pulsar com confiança no amor de Deus e não se tornar duro e impenitente diante de seu grande crime. Não é o pecador, mas o mal que deve desesperar; não é a magnitude de seu crime, mas o desprezo de Deus que destrói a esperança do culpado***."

45. Em uma das mais belos homenagens já escritas à grandeza do celibato e da castidade dos sacerdotes, Damião lembra ao clérigo ou ao monge teimoso qual lugar especial está reservado no Céu para esses sacerdotes e monges fiéis que voluntariamente abandonaram tudo e se tornaram eunucos por amor a Deus.

46. **A Correção Fraterna é um Ato de Caridade**. Os Santos são realistas, então não há dúvida de que São Pedro Damião esperava que seu "***pequeno livro***" que expõe e denuncia as práticas homossexuais em todas as categorias do clero, **incluindo a hierarquia**, provocaria uma grande comoção na Igreja, e foi exatamente isso que aconteceu.

Prevenindo críticas acerbas, o santo monge se defende antecipadamente. Ele declara que essas futuras críticas o acusarão de ser "*um denunciador e um delator dos crimes de meus irmãos*", mas, diz ele, não teme nem "*a ira dos homens maus ou as línguas dos detratores*".

47. Escute, caro leitor, as palavras de São Pedro Damião que nos chegaram para trovejar através dos séculos **no momento em que na Igreja muitos pastores permanecem em silêncio enquanto lobos eclesiásticos, alguns usando mitra e vestes de brocado, devoram suas ovelhas** e cometem o sacrilégio com seus próprios filhos espirituais;

> "***... Eu preferiria sem hesitar ser lançado na cisterna como José que informou a seu pai do crime infame de seus irmãos, do que sofrer a punição da ira de Deus. Como Elias, que viu a maldade de seus filhos e permaneceu em silêncio*" *(II Samuel IV:4)... Quem sou eu, ao ver a prática pestilencial disseminada no sacerdócio, para me tornar o assassino de outra alma ao ousar reter minhas críticas na expectativa do dia do Juízo de Deus?... Eu amo meu próximo como a mim mesmo se deixo negligentemente a ferida, da qual sei que ele morrerá***

> ***cruelmente, supurar em seu coração?***
>
> 48. **"*Assim não deixem ninguém me condenar quando eu luto contra este vício mortal, pois não busco desonrar, mas o bem de meu irmão*".**
>
> "***Tenham cuidado para não parecer parciais em relação ao delinquente se eu puder ser perdoado com a palavra de Moisés***", **"*'Quem é do Senhor, que fique comigo'*"** *(Ezequiel XXXII:26)**[39]***

49. **A Verdadeira Reforma da Igreja Começa pelo Vigário de Cristo**

Ao terminar seu estudo contra o vício da sodomia clerical, **São Pedro Damião apela a um futuro santo, o Papa Leão IX**, instando o Vigário de Cristo a usar sua função para reformar e reforçar os decretos dos cânones sagrados sobre os sodomitas clericais **incluindo os superiores religiosos e os bispos que violam sexualmente seus filhos espirituais**.

Damião pede ao Santo Padre que examine diligentemente os quatro aspectos do vício da sodomia citados no início de seu tratado e que lhe (à Damião) forneça respostas definitivas às perguntas que se seguem, para que a "***noite da incerteza***" possa ser dissipada e uma "***consciência irresoluta***" liberada do erro:

- **Aquele que é culpado desses crimes deve ser expulso irrevogavelmente das santas ordens?**
- **Ou, pelo contrário, a critério dos prelados, ele poderia ser misericordiosamente autorizado a manter seu ofício?**
- **Até que ponto, tanto em função dos métodos acima mencionados quanto do número de faltas, é possível manter um homem na dignidade do ofício eclesiástico?**
- **Além disso, se alguém é culpado, a que grau e frequência de culpa ele seria obrigado a renunciar?**

50. Damião termina sua famosa carta pedindo ao Deus Todo-Poderoso **que use o papado do Papa Leão IX "*para destruir completamente este vício monstruoso para que uma Igreja sobrecarregada possa em toda parte recuperar sua estatura vigorosa*".**

---

[37] Gregório VII, nota do tradutor.

[38] 2002 ??!! (nota do tradutor).

[39] Nota do tradutor: Inexistente com essas referências (Crampon).

CAPÍTULO II

[Nota do Editor: Randy Engel estuda a vida e o papel do Papa São Leão IX na implementação das reformas morais do clero inspiradas pelo santo monge, e suas implicações para a Igreja Católica de hoje. JV]

51. O Papa Leão IX – O Precursor da Reforma Gregoriana

Antes de descrever a recepção do tratado de São Pedro Damião sobre a sodomia pela corte papal de Leão IX, considero útil examinar brevemente **o início da vida deste Papa extraordinário, o precursor da reforma do grande Hildebrando na Igreja Católica.**

Ao contrário de Pedro Damião, Bruno nasceu em circunstâncias emocionais e materiais muito mais favoráveis do que as do santo monge. Ele nasceu em Egisheim, na fronteira da Alsácia, em 21 de junho de 1002. Aos cinco anos, seus influentes, amorosos e piedosos pais o confiaram aos cuidados do enérgico Berthold, Bispo de Toul, que tinha uma escola para os filhos da nobreza. O principal biógrafo e amigo íntimo do futuro Papa, Wilbert, relata que a criança era elegante, inteligente, virtuosa e de disposição gentil, uma descrição que foi posteriormente confirmada pelo título distintivo que lhe foi atribuído quando serviu como capelão na corte imperial - "***o bom Bruno*** ".

52. Em 1027, Bruno se tornou Bispo de Toul, a cidade fronteiriça de sua juventude, que na época estava sofrendo com a guerra e a fome, e ele permaneceu nessa Sé relativamente obscura por mais de vinte anos, **até sua ascensão à Cátedra de Pedro em 12 de fevereiro de 1049**.

Quando o justo Bruno, após sua eleição em Worms, entrou em Roma humildemente vestido com uma túnica de monge e descalço, foi saudado por uma multidão entusiasta que proclamava em uníssono que não queria outro Papa além de Bruno. É fácil imaginar **que após o reinado intermitente (1032-1044, 1045, 1047-1048) do dissoluto Bento IX, a papado havia caído em grande descrédito**. O predecessor de Bruno, Damaso II, o Bispo de Brixen, havia morrido de malária apenas vinte dias após sua eleição.

53. Como todo pontífice decidido a reformar os abusos dentro da Igreja, **o Papa Leão IX imediatamente se cercou de clérigos virtuosos e capazes, como o notável Hildebrando da Toscana, o futuro Papa Gregório VII, um dos maiores Papas da Igreja**.

54. Em 1049, o Papa nomeou Hildebrando administrador do Patrimônio de São Pedro (as finanças do Vaticano) e fez dele o *promisor* do mosteiro de São Paulo Fora dos Muros, que havia caído em ruína moral e física. "***A disciplina monástica estava tão alterada que os monges eram servidos no refeitório por mulheres; e os edifícios sagrados eram tão negligenciados***

que ovelhas e bovinos podiam livremente ir e vir pelas portas quebradas."

55. Condições lamentáveis, de fato. **Mal quatro meses depois de ter sido elevado à Cátedra de Pedro, o novo Papa convocou um sínodo para condenar os dois males notórios da época – a simonia, compra ou troca de benefícios eclesiásticos, empregos, rescisões ou outras considerações espirituais, e a incontinência sexual do clero, incluindo o concubinato (coabitação permanente ou de certa duração) e a sodomia**. Imediatamente após o sínodo de abril, Leão IX iniciou suas viagens pela Europa para trazer a mensagem da reforma. Em maio de 1049, ele realizou um concílio reformador em Pavia, que foi seguido pelas visitas e concílios em Colônia, Reims (onde muitos decretos reformadores foram promulgados) e Maguncia, antes de retornar a Roma em janeiro de 1050.

56. Foi durante esse período que **Damião apresentou seu tratado sobre a sodomia à atenção do Santo Padre.**

O Papa Leão IX Legisla sobre a Sodomia do Clero

Geralmente se considera que a data em que **Damião comunicou o *Livro de Gomorra* ao Papa Leão IX se situa na segunda metade do primeiro ano do reinado do pontífice, em meados de 1049**, embora alguns escritores também a situem tão tarde quanto 1051. Não sabemos ao certo se o Papa respondeu às preocupações de Damião, pois sua resposta na forma de uma longa carta (JL 4311; *ItPont* 4.94f., no.2) geralmente faz referência a manuscritos da obra.

57. O Papa Leão IX começa sua carta a "***seu querido filho em Cristo***", com calorosas saudações e um reconhecimento da pureza, elevação e zelo de Damião. Ele admite com Damião que os clérigos, tomados pelo "***vício execrável***" da sodomia "***certamente não podem ter sua parte na herança, da qual foram privados por seus prazeres voluptuosos... tais clérigos, professam verdadeiramente, se não nas palavras, ao menos por suas ações, que não são o que deveriam ser***", declara.

58. Retomando a classificação das quatro formas de sodomia que Damião lista

59. o Santo Padre declara que é justo que "***por sua autoridade apostólica***" ele intervenha sobre este assunto para que "***toda preocupação ou dúvida seja retirada das mentes de nossos leitores***".

60. "***Assim, tenha certeza e confiança de que estamos em perfeito acordo com tudo o que contém seu livro, nos opondo a isso*** (a sodomia NdT) ***como a água ao fogo diabólico***", continua o Papa. "***Portanto, para evitar que a libertinagem dessa impureza infecta se espalhe impunemente, deve ser reprimida com uma ação repressiva apropriada da severidade apostólica, embora uma certa moderação possa atenuar sua dureza***", afirma.

61. Em seguida, o Papa Leão IX dá uma explicação detalhada da regra de autoridade da Santa Sé. À luz da caridade divina, o Santo Padre ordena, sem contradição, que aqueles que, por sua livre vontade, praticaram a masturbação solitária ou mútua ou se sujaram pelo coito interfemoral, **mas que não o praticaram por muito tempo, nem com muitos outros**, manterão seu status, após terem "***dominado seus desejos***" e "***expiado seus atos infames com uma contrição***

profunda".

62. No entanto, **a Santa Sé remove toda esperança de conservar seu status clerical para aqueles que, sozinhos ou com outros durante um longo período, ou mesmo um curto período se praticado com muitos**, "***se sujaram por uma ou ambas as sortes de imundícies que você descreveu, ou, o que é horrível dizer ou ouvir, se rebaixaram até a relação anal***".

63. Ele previne ataques possíveis, pois **aqueles que ousam criticar ou atacar os regulamentos apostólicos correm o risco de perder sua posição.** E para deixar claro a quem este aviso é destinado, o Papa acrescenta imediatamente, "***quanto àquele que não ataca o vício, mas transige negligentemente com ele, será justamente considerado culpável de sua morte, assim como aquele que morre no pecado***".

64. O Papa Leão IX elogia Damião por ensinar pelo exemplo e não apenas em palavras, e termina sua carta com o belo desejo de que, com a ajuda de Deus, o monge chegue a sua morada no Céu, onde possa colher o fruto de seus esforços e ser coroado, ***"... de certa forma, com todos aqueles que você tiver arrancado das armadilhas do demônio***"

65. Diferenças em Matéria de Disciplina

Incontestavelmente, no que diz respeito à imoralidade dos atos de sodomia, Damião e o Papa Leão IX estavam em perfeito acordo. No entanto, quanto à disciplina da Igreja, o Papa parece ter feito exceção ao pedido de Damião de depor pura e simplesmente todos os clérigos que cometem atos de sodomia. Eu digo *parece*, porque acredito que mesmo nas punições dos clérigos culpáveis conhecidos, os dois homens estavam bastante em acordo.

Certamente, Damião, que era renomado por sua direção exemplar de noviços e monges a ele confiados, não ignorava certas circunstâncias atenuantes que poderiam diminuir, senão totalizar, a responsabilidade de indivíduos acusados do crime de sodomia. **Por exemplo, em certos casos de abusos sexuais clericais que surgiram envolvendo a Sociedade de São João e os Legionários de Cristo, sobre os quais a Santa Sé ainda precisa investigar, alguns noviços ou monges foram forçados ou pressionados por seus superiores a cometer tais atos**. Não há dúvida de que são essas circunstâncias que levaram o Papa Leão IX a usar as palavras "***que de sua própria e livre vontade***" para qualificar um clérigo culpável de sodomia.

66. Da mesma forma, dos quatro tipos de sodomia que Damião cita em seu tratado, ele indica que os coitos anais e interfemorais devem ser considerados mais graves do que a masturbação solitária ou mútua.

67. De qualquer forma, o que o autor achou mais notável na carta do Papa a Damião é **a posição absolutista que o Papa Leão IX assume em relação à responsabilidade última dos bispos ou superiores culpados**. **Se estes criticam ou atacam os decretos apostólicos, arriscam a SUA posição! Os prelados que negligenciam "*atacar o vício, mas levam a coisa na brincadeira*", compartilham a culpa e o julgamento daquele que morre no pecado, declarou o Papa**.

68. As Reações dos Contemporâneos de Damião ao Tratado

Considerando o estado absolutamente deplorável do clero secular e da vida monástica nos séculos X e XI, acredito que podemos dizer sem contestação que a publicação do *Livro de Gomorra* deve ter **feito ondas na Igreja.**

Leslie Toke, cuja biografia de São Pedro Damião foi publicada no *New Advent*, confirma que a obra "***provocou um grande alvoroço e suscitou mais de um inimigo ao seu autor***". Toke supõe que "***Até o Papa, que inicialmente aplaudiu a obra, ficou convencido de que era exagerada, e sua frieza suscitou de Damião uma vigorosa carta de protesto***".

69. Eu não concordo com essa afirmação.

Que o tratado de Damião tenha sido controverso e mal recebido, particularmente entre superiores e membros da hierarquia que sodomizavam seus "***filhos espirituais***", ou **aqueles cuja má consciência provinha de uma incapacidade e falta de vontade de exercer sua autoridade para castigar severamente os clérigos ou monges culpados não é surpreendente**.

Mas eu penso que é **falso acusar o santo monge de ter exagerado a gravidade e a extensão da sodomia não apenas em sua região, mas também em toda a Igreja**.

Sabemos, por exemplo, que *entre os primeiros atos do Papa Leão IX no Concílio de Reims em 1049 consta a adoção de um Cânone contra a sodomia (**de sodomico vitio**).*

70. Além disso, a probabilidade de que Damião dissesse de fato a verdade completa sobre a extensão dessa ferida na Igreja pode ser discernida pelo fato de que, em Junho de 1055, **durante o papado de Vitor II (1055-1057), ele participou de um sínodo em Florença, onde a simonia e a incontinência foram mais uma vez condenadas**.

71. É certo que a reputação e a credibilidade de Damião não foram diminuídas nas mentes dos grandes e santos homens de sua época, seja pela escrita ou pela publicação de seu tratado sobre a sodomia. O Papa Leão IX e os Papas seguintes continuaram a solicitar seus serviços e conselhos, incluindo o Papa Nicolau II (1059-1061) e o Papa Gregório VII (1073-1085). **Da mesma forma, o Papa Estevão X (1057-1058) o nomeou Cardeal em 1057, o consagrou Cardeal-Bispo de Óstia** e o nomeou administrador do Diocésano de Gubbio. Toke observa que, embora não tenha havido uma canonização formal, Damião era reverenciado como um santo na época de sua morte em 22 de Fevereiro de 1072.

Toke relata que seu culto existia desde essa data no mosteiro de Faenza, no eremitério do deserto de Fonte-Avellana, na grande Abadia do Monte Cassino e no mosteiro beneditino de Cluny. Em 1823, o Papa Leão XII estendeu sua festa (23 de Fevereiro) a toda a Igreja e declarou São Pedro Damião Doutor da Igreja. O santo é geralmente representado sob os traços de um Cardeal levando uma disciplina (um exercício penitencial) na mão ou como um peregrino segurando uma bula papal, para sugerir suas muitas missões papais.

72. **A Homossexualidade na Vida Religiosa hoje: o Modelo Dominicano**

Com o objetivo de **comparar as visões de São Pedro Damião** sobre o vício da sodomia nas fileiras dos clérigos e dos monges **com as modernas a partir do Vaticano II**, eu escolhi uma Carta da Quaresma intitulada "***A Promessa da Vida***", **pelo Padre Timothy Radcliffe**.

73. **Radcliffe, o Superior da Ordem Dominicana, publicou esta mensagem em 25 de Fevereiro de 1998, Quarta-feira de Cinzas**. O aristocrata inglês foi **eleito em 1992 para um mandato de nove anos** e residia no priorado de Santa Sabina em Roma, quando a carta foi publicada e postada no site da Internet do Vaticano, onde eu a li pela primeira vez. Considerando os escândalos homossexuais que envenenaram o sacerdócio e a vida religiosa em todo o mundo, eu desejava ver se o Padre Radcliffe discutiria o problema da homossexualidade nas fileiras dos dominicanos. Ele o fez – direta e indiretamente.

A primeira referência indireta à homossexualidade foi **a citação por Radcliffe do dominicano americano e escritor Donald Goergen, OP sobre o celibato**. Lê-se nesta citação: "***O celibato não é um testemunho. Mas os celibatários testemunham. Nós testemunhamos o Reino se somos vistos como pessoas que a castidade liberta para a vida***".

74. Meu primeiro sentimento, ao ler a citação de Goergen, foi me perguntar por que, entre todos os dominicanos que ele poderia escolher para falar sobre o celibato, **Radcliffe escolheu um homem cuja vida pessoal e privada se destacou por uma apologia de longa data e um apoio financeiro à homossexualidade dos clérigos**. O Padre Goergen, que atualmente vive em "***Os Amigos de Deus***", um ashram dominicano no estilo hindu em Kenosha, Wisconsin, começou **sua primeira reivindicação à infâmia com a publicação de seu livro *The Sexual Celibate* em 1974**.

75. **Baseando-se em conferências dadas nos seminários dominicanos, a apologia homossexual de Goergen fala de "*saudável homossexualidade*", promove as teorias homossexuais** do homossexual e heterossexual Alfred Kinsey, culpa o "***mal da homofobia***", define a homossexualidade segundo o Manifesto Gay como "***a possibilidade de amar alguém do mesmo sexo***", mantém a porta aberta para '***uniões***' homossexuais ao expor que "***a atividade genital deveria ser a expressão de uma relação permanente que implica fidelidade***", declara que "***a atitude cristã qualificada de tradicional em relação à homossexualidade está mudando***", afirma que "***a homossexualidade pode existir sob uma forma cristã, saudável e honrosa***", **defende a masturbação como sendo uma atividade genital que não é "*nem má, nem insalubre, nem perigosa, nem imoral, mesmo para um celibatário*", e então dá o golpe final sodomita atacando a virgindade perpétua de Nossa Senhora**.

76. Os relacionamentos de Goergen com a rede homossexual remontam a longe. No estudo clássico do Reverendíssimo Enrique T. Rueda de 1982, *The Homosexual Network*, ele é objeto de três menções vergonhosas por sua apologia da homossexualidade.

77. Ele também foi um dos primeiros contribuintes financeiros de *Communication Ministry, Inc*., "***uma 'administração' clandestina para as religiosas lésbicas e os religiosos e clérigos gays***".

78. Pouco após sua eleição em 1985 como Superior Provincial da Província Central de St. Albert the Great, Goergen, adepto de Teilhard de Chardin, começou sua operação de caça e destruição de muitos dos dominicanos mais fiéis e eminentes da Nação na Província, como o Padre Charles Fiore, o Padre John O'Connor e os dominicanos tradicionalistas que ensinavam na High School de Fenwick. **O Priorado de River Forest foi transformado em um '*lugar de segurança*' para outros clérigos pervertidos.**

79. Essa ação oferece um contraste brusco com a proteção que o jovem turco Goergen ofereceu ao famoso Padre Mathiew "***Creation Spirituality***" Fox, **campeão de "*luxúria*", "*misticismo sexual*" e homossexualidade como "*o primeiro presente do Cristo Cósmico*"**.

80. Em 1988, quando a Santa Sé finalmente insistiu para que Fox fosse retirado e silenciado para deter a propagação de seus erros, **Fox usufruiu de um ano sabático com todas as despesas pagas durante o qual continuou suas tiradas heréticas.**

81. Mesmo após **Fox ter deixado a Ordem Dominicana e a Igreja para se tornar pastor Episcopal na Califórnia**, Goergen continuou a defender as opiniões heterodoxas de Fox sobre a Fé e a moral.

É por isso que pergunto novamente por que Radcliffe citaria Goergen sobre qualquer assunto que seja, especialmente no que diz respeito ao celibato dos padres?

Acredito que a resposta reside na segunda citação feita por Radcliffe, retirada de "***A Promessa da Vida***", na qual Goergen adota a litânia familiar da Esquerda, quase idêntica à de Fox: "***Se eu participar da sociedade de consumo, defender o capitalismo, tolerar o machismo, acreditar que a sociedade Ocidental é superior às outras e estiver sexualmente abstêmio, eu estou simplesmente testemunhando o que defendo: capitalismo, sexismo, arrogância Ocidental e abstinência sexual. Esta última é dificilmente carregada de sentido e evidentemente contestável***".

82. Para muitos bispos e superiores religiosos como Radcliffe, pode-se fechar os olhos para as atividades e a apologia da homossexualidade entre seminaristas e padres, contanto que o culpado adira ao evangelho do Liberalismo[40]. Só é quando uma diocese ou uma ordem religiosa se vê diante de processos catastróficos devido a abusos sexuais criminosos contra menores, incluindo seminaristas ou noviços, por clérigos homossexuais, que os primeiros refletem sobre a aceitação e a ordenação de homossexuais ao sacerdócio e à vida religiosa.

Radcliffe, os Clérigos Homossexuais e a "*Subcultura*" Homossexual

No entanto, no caso de Radcliffe, parece que a pressão dos processos por pedofilia contra dominicanos culpados ao redor do mundo ainda não havia atingido a massa crítica em 1998. De fato, no parágrafo intitulado "***Comunidades de Esperança***", logo antes da declaração de sua intenção de aceitar candidatos homossexuais na Ordem, o Superior Geral insiste que "***Nossas***

***comunidades devem ser lugares onde a incriminação está ausente, '... pois foi precipitado, o acusador de nossos irmãos...**'" (Apoc. XII-10)*

83. Colocado onde está, logo antes de seu apoio aos candidatos homossexuais e aos membros homossexuais da Ordem, poderia-se facilmente interpretar seu comentário **como um aviso contra os '*dedos-duros*' internos que revelam a má conduta e os atos criminosos de seus irmãos dominicanos a seus superiores ou às autoridades públicas e policiais**.

Falando sobre o problema específico da "***Orientação Comunitária e Sexual***", o Superior Geral começa declarando que as diferentes culturas reagem de forma diferente à "***admissão de pessoas de orientação homossexual à vida religiosa***", algumas considerando isso "***virtualmente impensável***", enquanto outras aceitam "***sem debate***".

84. Francamente, **fora algumas culturas antigas que praticavam rituais ou seguiam certas doutrinas gnósticas, não encontrei nenhum povo que aceitasse "*sem debate*" homens que praticam a luxúria contra a natureza com outros homens – qualquer que seja seu papel na comunidade**. Mas mesmo que tal cultura existisse nos tempos modernos, suas crenças não deveriam representar 'uma ***colina de feijões***' para o Superior Geral da Ordem dos Dominicanos, que se poderia pensar que a única preocupação deveria ser o que Cristo, Seus Santos (incluindo São Domingos) e Sua Igreja ensinam sobre a homossexualidade. **E esse ensino é claro – desde os tempos Apostólicos – é que um homem luxurioso que deseja outro homem é perverso e que a satisfação desse desejo contra a natureza é uma abominação diante de Deus.**

Em nenhum momento, Radcliffe diz aos seus irmãos dominicanos para se preocuparem com a orientação sexual. "***Não cabe a nós decidir quem Deus deve chamar ou não para a vida religiosa," declara ele. Além disso, ele acrescenta, o Capítulo Geral de Caleruega, após grande debate, afirma que "a mesma exigência de castidade se aplica a todos os irmãos, independentemente de sua orientação sexual, e por isso, ninguém pode ser excluído com base nisso***".

85. O verdadeiro texto tirado dos **Atos do Capítulo Geral da Ordem dos Frades Pregadores realizado de 17 de Julho a 8 de Agosto de 1995 em Caleruega, na Espanha** (o local de nascimento de Sao Domingos) indica: "**como uma exigência radical, o voto de castidade obriga igualmente os homossexuais como os heterossexuais. *Consequentemente, nenhuma orientação sexual é a priori incompatível com o chamado à castidade e à vida fraterna***". (É nós que ressaltamos)

86. [Nota: as palavras "***nenhuma orientação sexual***" acima constituem **uma formulação extremamente sofisticada que abre a porta para lésbicas, travestis, transexuais, pederastas, pedófilos, sado/masoquistas e outras perversões sexuais**. O fato de a direção mundial dos dominicanos permitir que tal declaração seja incluída em um documento oficial da Ordem **demonstra concretamente o quanto os dominicanos estão controlados por homossexuais e seus lacaios**.]

Radcliffe conclui seu capítulo sobre "***a orientação sexual***" com palavras de compaixão para com seus irmãos homossexuais, mas adverte que o surgimento "***de qualquer subgrupo baseado na orientação sexual dentro da comunidade seria um sério fator de discórdia***", e "***ameaçaria a unidade da comunidade***", "***tornaria mais difícil para os irmãos praticar a castidade pela qual fizeram voto***".

87. As Dioceses também Aceitam que os "*Gays*" se Tornem Padres

Acho que é bastante evidente que a diretiva oficial da Ordem Dominicana que acabamos de ver, promulgada na reunião de Caleruega em 1995 **constitui uma desvio radical do ensinamento tradicional da Igreja sobre a necessidade de uma seleção escrupulosa de homens e mulheres destinados à vida religiosa e a eliminação de candidatos com inclinações sexuais perversas**.

Os dominicanos, no entanto, assim como outras ordens religiosas como os Salvatorianos, os Paulistas, os Jesuítas e os *Irmãos Cristãos* para citar alguns, não são os únicos a **adotar uma política de seleção e ordenação pró-homossexuais. Todas as dioceses têm virtualmente a mesma política**.

Por exemplo, recentemente, em 28 de Abril de 2002, o *Sun* de Baltimore publicou um artigo intitulado "***Votos diferentes para os futuros Padres***" no qual o Rev. Gerard C. Francik, o diretor de vocações da Arquidiocese de Baltimore, declarou ao repórter John Rivera que **o fato de um homem ser '*gay*' não o desqualifica em si para a entrada no seminário, pois a Igreja condena os atos homossexuais, mas não a orientação homossexual**. Francik diz que pergunta aos candidatos se são '***gays***', mas prefere saber "***Se eles praticam o celibato, há quanto tempo, para perceber se podem suportar esse estilo de vida (vocação?) e ser felizes***".

88. Na mesma linha, Dom Joseph Adamec da diocese de Altoona-Johnstown na Pensilvânia, poluída por clérigos homossexuais ativos, declarou a jornalistas no dia 6 de Maio de 2002 que, embora algumas dioceses católicas romanas recusassem candidatos ao sacerdócio com a orientação sexual '***gay***', **sua diocese não o fazia, pois se esperava que um seminarista honrasse seu voto de celibato após sua ordenação**.[41]

89. Os Bispos Americanos Violam a Diretriz do Vaticano de 1961

Em março deste ano, *Catholic News Service* (*CNS*) revelou o que deve ser um dos segredos mais bem guardados de todos os tempos da Igreja Americana.

Em uma edição intitulada, "***O Vaticano irá Aplicar o Documento de 1961 que Proíbe os Sacerdotes e Religiosos Homossexuais***", o CNS revelou **que em 1961, sob o pontificado de João XXIII, uma diretriz foi emitida pela Sagrada Congregação para os Religiosos reiterando a oposição da Igreja à ordenação de sacerdotes e religiosos homossexuais**.

90. O documento que foi enviado a todos os Ordinários nos Estados Unidos indica, entre outras coisas: "***Aqueles que têm tendências perversas para a homossexualidade ou a pederastia***

devem ser excluídos dos votos religiosos e da ordenação".

91. Os leitores terão notado as palavras "***perversas***" e "***tendências***" (não apenas atos) e a junção da homossexualidade e da pederastia. O Santo Ofício, dirigido pelo incansável Cardeal Alfredo Ottaviani, estava certamente correto.

Infelizmente, se o documento de 1961 observa que "***a vida em comunidade e o ministério do sacerdócio constituiriam um 'grave perigo' de tentação para essas pessoas***" (ou seja, homossexuais e pederastas), **parece não reconhecer o '*grave perigo*' que tais indivíduos representam para o sacerdócio, para a vida religiosa e para os fiéis católicos, incluindo os jovens, os deficientes mentais, os estudantes seminaristas e outras alvos da homossexualidade clerical**.

92. O autor, não tendo conseguido obter uma cópia do documento de 1961 junto ao que agora se chama a *Congregação para as Instituições de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica* em Roma, precisou se basear no relato do CNS para o seu conteúdo. No entanto, parece que o documento não continha nenhuma regulamentação de supervisão específica para garantir sua aplicação e **não foi amplamente publicado na imprensa católica. Pelo contrário, explica o CNS, a aplicação da diretriz foi deixada à "*prudência* " dos bispos locais e dos responsáveis das ordens religiosas** – uma combinação que se mostrou ser uma receita para o desastre para a Igreja moderna.

93. O Vaticano Emite Novas Diretrizes

Segundo o mesmo relato do CNS, enquanto a Santa Sé atualmente luta para lidar com o problema imediato dos crimes sexuais e dos abusos envolvendo clérigos pederastas, também está preparando uma nova versão reformulada dos princípios delineados no documento de 1961 para que, segundo o CNS, "***a mensagem chegue mais clara às igrejas locais***".

94. Infelizmente, parece que o único que parece '***compreender a mensagem***', dado os quarenta anos de desobediência da hierarquia americana, é o Vaticano.

De qualquer forma, o CNS cita oficiais anônimos da Igreja que dizem que **as novas regulamentações se aplicarão apenas a futuros sacerdotes, não àqueles já ordenados, e que se tomará cuidado para não ofender as '*sensibilidades delicadas*' dos candidatos homossexuais ao sacerdócio ao tentar "*impor uma norma arbitrária*" contra eles**.

95. Tradução – **a Santa Sé não possui nenhum plano concreto e realista para desmontar sistematicamente a rede homossexual hierárquica, diocesana e das ordens religiosas atualmente em vigor dentro dos dioceses católicos dos Estados Unidos e do resto do mundo**.

A diretriz do Vaticano tendo sido emitida em 1961, e dado o generoso lapso de tempo que normalmente existe entre o momento em que o Vaticano toma conhecimento de um problema sério e aquele em que decide agir, penso poder afirmar com certeza que **a proibição tradicional da Igreja contra a aceitação e a ordenação de homossexuais reconhecidos foi violada muito antes do início do Segundo Concílio do Vaticano**. As provas fornecidas por relatos e

atas de mais de 1500 processos civis e criminais por pederastia de clérigos e atividade homossexual de adultos (ou seja, solicitação de prostitutos masculinos) por bispos, sacerdotes e religiosos até o momento confirmam essa avaliação. **Minhas próprias pesquisas colocam o início do paradigma de mudança pró-homossexual dessa regra específica da Igreja no início do século XX, começando nas ordens religiosas para depois filtrar para o clero secular.**

O número de homossexuais reconhecidos acolhidos nos seminários e devidamente ordenados, assim como a elevação de bispos homossexuais em vista ao cardinalato, foi conhecido por aumentar significativamente sob o pontificado de Paulo VI e continuou sob o reinado do Papa João Paulo II.

96. Problema Homossexual Mais Grave do que na Época de Damião

Na primeira parte deste artigo, indiquei algumas tramas comuns que ligam as práticas homossexuais clericais da época de São Pedro Damião com a nossa própria época. A natureza humana sendo o que é, penso que **podemos considerar que o número de bispos homossexuais na Roma do século XI provavelmente seguiu a mesma progressão familiar de poder e postura que atualmente**. E não há dúvida de que Damião testemunhou as intrigas mesquinhas, as rixas, as raivas e as ciências que são características das relações sodomitas. **Ele também deve ter estado ciente do elemento sempre presente de chantagem real ou potencial ligado a qualquer questão sexual ilícita, especialmente em questões de sodomia**. E, como já notei, Damião condenava **a prática de homossexuais se confessando e se absolvendo mutuamente ou absolvendo seus parceiros leigos – uma prática amplamente difundida atualmente entre os meios homossexuais clericais.**

No entanto, o vício da homossexualidade não se manifestou sempre da mesma maneira nas diferentes épocas. Existem diferenças significativas entre a prática da homossexualidade em meados do século XI e nos dias de hoje.

Por exemplo, quando Damião menciona que um sodomita ativo em um monastério pode continuar a praticar o vício com "***oito ou mesmo dez companheiros igualmente corrompidos***", **ele não revela a existência de alguma grande rede de sodomitas no monastério** ou o que poderia ser chamada de uma '***subcultura***' homossexual nas cidades-estado da Itália ou em outras regiões da Europa.

97. Uma rede tão vasta '***gay***' e sua subcultura (na verdade uma contracultura) existe atualmente entre os homossexuais em geral e os clérigos homossexuais e pederastas em particular e **tem tornado os problemas relacionados ao clero homossexual no seminário, no sacerdócio e na vida religiosa consideravelmente mais perigosos e complexos do que os enfrentados por Damião e o Papa Leão IX em 1049**.

O Meio e a Representação Homossexual na Igreja Católica

A rede homossexual ativa e florescente dentro da Igreja, com tentáculos transnacionais que alcançam o Vaticano, pode ser dividida **em um meio ativo e florescente e um tecido que**

protege e ajuda o meio.

Dentro da estrutura da própria Igreja, os clérigos homossexuais ou religiosos que preferem os jovens, ou mesmo parceiros mais velhos, têm **tido a tendência de ocupar posições nos dioceses ou ordens religiosas que oferecem oportunidades para a aquisição de recursos financeiros, poder e possibilidade de promoção. Muitos se tornaram reitores de grandes seminários ou alcançaram posições-chave** na Conferência Nacional dos Bispos Católicos/Conferência Católica dos Estados Unidos (NCCB/USCC), agora conhecida como Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (USCCB), que sempre foi uma força maior na rede de homossexuais da Igreja. **Os clérigos homossexuais com disposições criativas e um gosto pela novidade são frequentemente atraídos por programas de '*renovação litúrgica*' ou de destruição[42] da Igreja**. Os homossexuais com tendências pederastas, por outro lado, **tendem a se dirigir** '***onde estão os meninos***', seja em escolas paroquiais e centros de juventude, assim como em instituições como orfanatos e acampamentos organizados por ordens religiosas.

Curiosamente, os grandes avanços nas comunicações eletrônicas que permitiram a globalização do meio homossexual clerical se revelaram para eles uma faca de dois gumes.

Uma prática comum na Igreja que remonta ao século VIII, provavelmente conhecida mas desaprovada por São Pedro Damião, era que clérigos encontrados culpados de atos criminosos, incluindo a sodomia, eram retirados conforme suas faltas fossem públicas ou mantidas e confessadas em segredo.

Nos casos que se tornaram notórios, o clérigo culpado era despojado de suas funções e/ou entregue à autoridade secular para ser punido.

Se seu crime era conhecido apenas por poucas pessoas, como seu confessor ou seu superior religioso, o clérigo culpado era **reprimido em particular, e então autorizado a permanecer em seu emprego, ou transferido para um emprego similar em outro diocese**.

98. Essa prática foi um tanto modificada nos dias de hoje pelo uso de chamados "***centros de tratamento***" **ou dioceses benevolentes aos homossexuais/pederastas para esconder rapidamente o clero faltoso até que as coisas se acalmem.** No entanto, assim como o Cardeal Bernard Law e muitos de seus amigos descobriram com grande arrependimento, **as comunicações de massa de hoje, os sistemas de pesquisa eletrônica e o acesso a documentos públicos e privados de todos os tipos, tornam cada vez mais difícil esconder o clérigo culpado ou camuflar os abusos sexuais criminosos cometidos tanto pela hierarquia quanto por religiosos sob sua jurisdição**.

O Caso Shanley – Uma Operação Combinada do Meio Homossexual e da Rede

O recente caso, amplamente divulgado, do padre Paul Shanley, do Arquidiócese de Boston, acusado de pedofilia/pederastia/homossexualidade, ilustra claramente não apenas a existência de um importante meio e de uma ampla rede homossexual na Igreja Americana de hoje, mas também

permite ao leitor ter uma visão aprofundada excepcional dessas operações combinadas. **O caso revela muitos dos elementos mais sombrios e ocultos do meio homossexual, incluindo drogas, prostituição, pornografia, conspiração criminosa e chantagem, e como esses elementos se espalham para cima na rede de Cardeais e bispos.**

A primeira vez que vi o nome de Shanley impresso foi em 1982, no livro do Padre Rueda, *The Homosexual Network*, já citado neste artigo. Rueda fornecia detalhes da conferência de organização que levou à fundação da ***North American Man/Boy Love Association*** (NAMBLA), que aconteceu na Igreja da Comunidade de Boston em 2 de dezembro de 1978.

99. Na lista dos palestrantes da reunião (exclusivamente por convite) estavam o Padre Paul Shanley, o Cardeal Humberto Medeiros representando as "***minorias sexuais***" na Conferência Católica dos Estados Unidos (USCC), Departamento da Juventude.

100. O que as "***minorias sexuais***" em geral, e os pedófilos e pederastas em particular, têm a ver com a Administração Católica da Juventude é, creio eu, uma questão importante, mas é improvável que Medeiros tenha pensado muito sobre isso. Os bispos não costumam julgar e testar sua própria administração.

Mais tarde, ao pesquisar [para escrever] *The Rite of Sodomy*, descobri outras referências sobre as múltiplas facetas das tendências sexuais de Shanley no livro *The Age Taboo - Gay Male Sexuality, Power and Consent* de Daniel Tsang, uma apologia das relações sexuais entre crianças pequenas e adultos.

101. Tsang, um jornalista gay de esquerda popular, relatou que foi a conversa na reunião organizacional de 1978 que levou à criação da NAMBLA, onde o padre contou a história de um menino rejeitado por sua família e pela sociedade, mas ajudado por um amante dos meninos. Segundo Shanley, o menino ficou devastado quando o "***amante***" foi preso, condenado e enviado para a prisão. "***O remédio é pior que o mal***", teorizou ele.

102. É interessante notar que Shanley nunca teve dificuldade em preencher o suposto hiato que se diz existir entre a pederastia e a homossexualidade adulta. Todos os pederastas e a maioria dos homossexuais reconhecem a relação, enquanto a maioria dos bispos americanos ainda parece negá-la.

Por exemplo, em 1998, o delegado da NAMBLA, David Thorstad, proclamava apaixonadamente a um grupo de gays e lésbicas reunido no México que: "***a pederastia é a forma principal que a homossexualidade masculina adquiriu na civilização ocidental..***"

103. Em uma entrevista no dia cinco de abril de 2002, ao *The Beacon Journal*, Neil Conway, um ex-padre que admite ter abusado de jovens meninos quando estava na Igreja, declara que não se considera um pedófilo. Ele diz que faz a diferença entre as pessoas que abusam de crianças pequenas e aquelas que abusam de adolescentes. Ele compara isso a uma preferência por "***marcas diferentes***".

104. A sexualidade de um homem revela-se um tanto mutável e a gama de vítimas abusadas sexualmente pode variar grandemente dependendo das épocas e das circunstâncias de sua

carreira como predador. Shanley parece ter a capacidade de mudar sem esforço, passando de meninos vítimas a adolescentes mais velhos e parceiros adultos.

Shanley Praticava o que Pregava

Infelizmente, enquanto os membros da NAMBLA sempre foram mais inclinados a homens do que a meninos, o Padre Paul Shanley, durante sua vida como clérigo, nunca faltou a meninos vulneráveis e jovens homens para fazer de suas presas.

Relativamente cedo em sua carreira como predador, talvez durante sua residência no Seminário de São João em Boston, ou pouco após sua ordenação ao sacerdócio em 1960, Shanley deve ter descoberto a galinha eclesiástica que põe ovos de ouro, pois **durante trinta anos ele foi autorizado por seus superiores a praticar impunemente a filosofia da NAMBLA que pregava abertamente**.

O elegante, carismático e independente Shanley foi inicialmente designado à Igreja de São Patrício em Stoneham, onde formou parceria com o Padre John J. White, outro padre gay de Boston. **Juntos, eles formaram uma sociedade de proteção mútua que se estenderia por mais de quatro décadas**.

105. Entre 1966 e 1967, os rumores sobre o apetite voraz de Shanley por meninos começaram a chegar ao escritório da Chancelaria do Cardeal Richard Cushing. Um padre de La Salette relatou que '***Mr. Charm***' levava meninos jovens para sua cabana de verão no parque Blue Hills em Milton para relações sexuais ilícitas e passíveis de processos criminais. **Shanley foi transferido para outra paróquia**.

Em 1970, durante o período de transição entre Cushing e o Cardeal Humberto Medeiros, Shanley obteve permissão para lançar seu próprio organismo na Roxbury Street, baseado na Igreja St. Philip, voltado para a juventude em situação complicada, incluindo fugitivos, arruaceiros e jovens '***gays***'. As anotações tiradas dos diários do jovem padre, encontradas nas 1600 páginas de documentos dos arquivos do Arquidiocese de Boston, indicam que ele havia ensinado a alguns que estavam sob sua responsabilidade como "se injetar" corretamente, o que significa que Shanley, como muitos homossexuais, tinha **um conhecimento prático de drogas ilegais**. A mesma fonte indicava que, quando foi tratado por várias doenças venéreas, ele confirmou que era sexualmente ativo. Em 1971, Shanley foi fotografado pelo *Globe* de Boston dirigindo um trator em Weston, Vermont, onde o jornal reportou que ele havia criado uma "***casa de repouso***" para jovens trabalhadores em uma fazenda de 95 acres.

O Cardeal Medeiros foi avisado de que Shanley era um "***padre problemático***", um eufemismo suave; que Shanley havia sido acusado de abuso sexual de menores em 1974; e que o padre estava se tornando cada vez mais explícito em sua apologia da homossexualidade e do amor entre homens e meninos. Dizia-se que Shanley **aproveitava toda oportunidade, incluindo sessões de aconselhamento e o confessionário, para incentivar jovens a ter relações sexuais**. No entanto, Shanley continuou a atuar como defensor das "***minorias sexuais***" no Arquidióceses até o fiasco da NAMBLA em dezembro de 1978.

Medeiros então transferiu o padre para a paróquia de São João, onde se dizia que ele persistia em suas tendências de abuso sexual. Mais tarde, Shanley foi movido para a paróquia de São João Evangelista, onde atuou como assistente pastoral.

Após a morte do Cardeal Medeiros em 1983, o Cardeal Bernard Law assumiu o poder e Shanley foi promovido ao cargo de pároco de São João. Aparentemente, Shanley também servia como capelão em uma instituição psiquiátrica, pois o *Herald Times Reporter* de Manitowoc alegou que um paciente acusou Shanley em 1988 de "***ter 'ido a cima dele' ao descrever através de desenho o sadomasoquismo***".

106. Finalmente, em 1989, Shanley tornou-se quente demais para ser mantido em Boston e teve que ser enviado para fora do estado. O Cardeal Law o enviou para o diocese de San Bernardino, Califórnia, como um padre "***de boa reputação***". Oficialmente, Shanley estava "***partindo devido a alergias***". O Rev. White seguiu Shanley para a Califórnia e a dupla empreendedora montou uma espécie de casa '***Bed and Breakfast***' em Palm Beach, que recebia clientes '***gays***'. Assim como com os jovens meninos, a falta de dinheiro parece nunca ter sido um problema para Shanley.

Em outubro de 1993, o diocese de San Bernardino teve conhecimento de um "***impressionante dossiê***", para retomar as palavras exatas do Cardeal Law, e o retirou rapidamente da paróquia de Santa Ana. Shanley retornou para o Leste e fez o que todo clérigo pedófilo/pederasta/homossexual ativo '***de sangue quente***' faria nessas circunstâncias – ele entrou em um "centro de tratamento" – ***o Institute of Living de Hartford, CT*** – **para uma recuperação totalmente paga com os elogios da Arquidiocese de Boston.**

Durante esse período, Shanley teve a estranha sorte de se reconectar com seu velho amigo e colega pederasta, o Dr. Frack Pilecki, que havia resignado do *Westfield State College* em Barre, Massachusetts, após ter sido suspeito (mas não condenado) de conduta homossexual com estudantes.

107. Pilecki foi contratado em 1987 pelo Arquidiocese de Nova York para trabalhar na *Leon House*, um centro social católico e um lar sempre cheio de jovens estudantes, gerido para o Arquidiocese pela *Catholic Charities*. A obtenção do emprego por Pilecki na *Leo House* parece ter sido devido a outro membro da rede pederasta católica, o Padre Bruce Ritter da *Covenant House*.

Pilecki convenceu Shanley a assumir um ministério na *Leo House* onde o envelhecido "***padre de rua***" se estabeleceu com um companheiro abertamente gay.

Infelizmente para Shanley e o Cardeal Law, seu novo protetor, uma das primeiras vítimas do padre havia seguido seu rastro até a *Leo House* e iniciou uma série de apelos às religiosas encarregadas da habitação. Finalmente, em 1995, uma das religiosas da *Leo House* contatou o Cardeal John O'Connor e perguntou se as acusações contra Shanley eram verdadeiras. Ela nunca obteve uma resposta formal de O'Connor, mas o Padre Brian Flatly, um assistente do Cardeal Law, a contatou para acalmar suas preocupações.

Foi então que o Arquidiocese de Boston entrou em ação... mas NÃO contra Shanley! **Pelo contrário, ele tentou contatar o '*delator*' e ver se era possível chegar a um acordo financeiro.** Enquanto isso, o Arquidiocese continuava a pagar as crescentes despesas médicas de

Shanley e, em 1996, na ocasião de seu 65º aniversário, Law o fez "***padre sênior***", o que representava um aumento de salário e benefícios.

Em 1997, ao saber que o cargo de Diretor Executivo da *Leo House* estava vago, Law informou O'Connor que não aceitaria que o Padre Shanley ocupasse o cargo, mas diz-se que o Cardeal nova-iorquino rejeitou a proposta de Law.

Subsequentemente, Shanley retornou à Califórnia, onde permaneceu até 2002, quando sua sorte o abandonou. **Oficiais da polícia da Califórnia o prenderam em San Diego. Ele foi extraditado para Massachusetts onde foi julgado perante o Tribunal do Distrito de Newton em Cambridge, e atualmente (2002 Ndt) aguarda seu julgamento**. Diz-se que Shanley irá declarar inocência das acusações de abusos sexuais sodomitas repetidos sobre jovens meninos e que seus advogados podem argumentar que Shanley é um homossexual sem histórico de atividade sexual com crianças pré-púberes.

O 'Submundo' que protege Shanley

Como o caso de Shanley demonstra tão bem, o Arquidiocese de Boston, como qualquer grande diocese do país, possui um ambiente florescente de pederastas/homossexuais católicos – Shanley conhecia Pilecki, que conhecia Ritter, que conhecia... e assim por diante.

Mas, mais importante, o caso Shanley tem **uma cobertura ativa de clérigos e leigos composta por Cardeais, bispos, padres, burocratas e advogados leigos, bem como um número infinito de outros católicos que protegem o meio seja pelo seu silêncio, seja pela sua aprovação manifesta**.

A carreira de Shanley se desenrolou sob três Cardeais:

- O Cardeal Richard Cushing (1944-1970)
- O Cardeal Humberto Medeiros (1970-1983)
- O Cardeal Bernard Law (1983- ?)

Todos os três protegeram Shanley. Por quê? Tudo considerado, a resposta provavelmente se chama chantagem. Shanley sabia demais sobre muitas pessoas – e, como muitos clérigos homossexuais, era astuto o suficiente para manter bons registros como uma espécie de "***seguro***" para o dia em que tivesse problemas seja com a Igreja, seja com agências da polícia secular. Shanley acusou Cushing de ter abusado dele quando estava no Seminário de St. John em Boston. Medeiros desempenhou um papel importante de cobertura no caso do Padre James Porter. E, como os registros mostram claramente, Law não esteve livre das garras de Shanley, já que eles passaram pela Arquidiocese de Boston – por razões que ainda precisam ser descobertas.

108. Shanley também foi anfitrião dos bispos auxiliares de Boston. Os que ainda estão vivos são:

- Dom John McCormack, novo bispo de Manchester, NH
- Dom Rober J. Banks, atualmente bispo de Green Bay, WI
- Dom Thomas V. Daily, ex-bispo de Palm Beach, atualmente bispo de Brooklyn, NY

- Dom Alfred C. Hugues, atualmente bispo de Nova Orleans
- Dom William F. Murphy, atualmente bispo de Rockville Centre, Long Island, NY

Banks, consagrado por Law em 1985, foi seu vigário administrativo e ajudou Shanley a fugir secretamente para o diocese de San Bernardino. Segundo oficiais da Igreja de San Bernardino, Banks escreveu-lhes uma carta assegurando que o "***diocese não tinha problemas preocupantes***" com o Padre Shanley.

109. McCormack, o antigo Presidente (e ainda membro) do Comitê Ad Hoc da USCCB para Abusos Sexuais, é suspeito de ter trabalhado com Shanley para **desenvolver um sistema de "*casas seguras*" para clérigos pederastas em fuga...** Como secretário do pessoal sacerdotal de Law para o Arquidiocese de Boston entre 1984 e 1994, ele foi responsável por muitas queixas de abusos sexuais contra padres da Arquidiocese. O nome de McCormack foi citado em um recente processo de abuso envolvendo o antigo Rev. Joseph E. Birmingham de Boston. O acusado declara que McCormack, um colega de seminário de Birmingham que serviu com ele em uma paróquia de Salem, viu o padre levar meninos para seu quarto na década de 60 e não fez nada para impedir.

110. Daily, consagrado em 1975 por Medeiros, é suspeito de ter desempenhado um papel importante na proteção do pederasta comprovado Padre John J. Geoghan de Boston e, como chanceler e vigário geral sob Medeiros, teria estado a par do Caso Shanley. Em um excelente artigo do *New York Times* intitulado "***O antigo adjunto do Cardeal tocado pelo escândalo***", os repórteres Pam Belluck, Fox Butterfield e Sara Rimer afirmam que em 1982 Daily autorizou Geoghan a fazer uma viagem sabática à Itália, após ele ter prometido à família de sete, sim, sete filhos, que ele (Daily) **"*assumiria suas responsabilidades***".

111. Em 1984, Daily tornou-se o primeiro bispo da infeliz diocese de Palm Beach, FL. Depois que Daily deixou Brooklyn, seu posto foi ocupado por Dom Joseph K. Symons, que renunciou em desgraça em 1999 após acusações de má conduta homossexual com coroinhas.

Dom Anthony J. O'Connell, que foi consagrado por Pio Laghi, o Delegado Apostólico para os Estados Unidos, em 1998, sucedeu Symons. O'Connell renunciou em 8 de março de 2002 quando foi estabelecido que ele tinha tido um relacionamento homossexual prolongado com um aluno de 14 anos do Seminário de São Tomás de Aquino em Hannibal, MO, do qual O'Connell foi reitor por quase 25 anos. O relacionamento aparentemente continuou quando o garoto se tornou adulto. Dois outros homens apresentaram acusações semelhantes contra O'Connell.

112. A diocese é atualmente dirigida por um Administrador Apostólico enviado pelo Vaticano. Os papéis desempenhados na questão Shanley por Hugues, que foi consagrado por Medeiros em 1981, e Murphy, um advogado, permanecem a ser determinados e relatados em depoimentos futuros perante a Justiça.

[Nota: o único auxiliar de Boston que fez objeção à "***história de uma atividade homossexual com jovens meninos***" de Geoghan foi, junto com o Cardeal Law, Dom John M. d'Arcy da diocese de Fort Wayne/South Bend, IN.]

Finalmente, Shanley passou por centenas, senão milhares, de burocratas da Igreja, pastores, repórteres, oficiais da Justiça, pessoas de serviços sociais e outros leigos durante sua carreira

sexual de mais de quarenta anos, que inclui pelo menos uma meia dúzia de dioceses e paróquias católicas diferentes.

Globalmente, esta é uma história incrível, especialmente se considerarmos que o Rev. Paul Shanley representa **apenas um** padre na vasta rede homossexual da Igreja Americana.

Muitas Perguntas Sem Resposta, Muitos Problemas a Resolver

Enquanto a hierarquia americana continua alegremente a andar na ponta dos pés sobre **os cadáveres de centenas de padres homossexuais mortos de AIDS ou que se suicidaram em vez de enfrentar as acusações de abusos sexuais,** enquanto os testemunhos de agressões criminosas – cada vez mais bizarros – por padres e religiosos pedófilos/homossexuais continuam a surgir, ainda há muitas questões a serem consideradas e esclarecimentos a serem trazidos sobre a crise atual da Igreja Americana. Embora eu suspeite que a maioria desses problemas não será abordada, e muito menos resolvida na reunião bienal dos bispos em junho em Dallas, permita-me destacar dois que considero de extrema importância.

Abusos Sexuais de Menores Apenas?

Os leitores que acompanharam as tentativas da Igreja Americana de '*administrar*' seus ataques de abusos sexuais clericais ao longo dos anos, incluindo sua apresentação na reunião de Roma com o Santo Padre em 24-25 de abril de 2002, reconhecerão imediatamente a frase "***abusos sexuais de crianças por clérigos***" ou "***abuso sexual de menores***". Mas e os casos de abusos sexuais clericais que ocorrem sobre outros grupos vulneráveis, como deficientes mentais ou físicos e adultos dependentes? **E quanto aos abusos sobre seminaristas ou noviços?** Esses casos não deveriam ser prontamente relatados tanto à Igreja quanto às autoridades? **Esses clérigos, sejam Cardeais, bispos, padres ou religiosos, não deveriam ser levados à justiça e, se culpados, afastados e entregues à justiça civil para serem condenados?** A questão não é puramente acadêmica.

Em 24 de março de 2002, o repórter do *L.A. Times* Glenn F. Bunting contou uma história intitulada "***Um cloaca de silêncio encobre abusos no Refúgio Jesuíta***", baseada em um caso pouco conhecido de abusos sexuais cometidos contra dois homens com deficiência mental, conhecidos como "***John Doe***" e "***James Doe***", que trabalhavam lavando louça no Centro Jesuíta de Los Gatos (Sagrado Coração).

"***John***", uma vítima de poliomielite e criança em acolhimento, chegou à casa de aposentadoria jesuíta em 1969, aos vinte e quatro anos. "***James***", órfão adotado por pais que se divorciaram posteriormente, tinha apenas dezenove anos quando chegou ao centro. Ambos eram deficientes mentais. Todos dois eram considerados casos de "***caridade***". Segundo Bunting, os registros mostram que seu salário inicial era de $150 por mês, passando gradualmente para $1000, dos quais os jesuítas descontavam uma quantia para moradia e manutenção – seus quartos estavam localizados fora da residência dos jesuítas, no segundo andar de um armazém.

Como no infame caso dos *Irmãos Cristãos* em Mount Cashel, Terranova, as denunciantes se mostraram ser mulheres comuns e extraordinariamente honestas.

Foi em maio de 1995 que a curadora de John ouviu rumores de pessoal da cozinha de que ele estava sendo sexualmente violado pelo Irmão 'Charlie' Leonard Connor. Ela soube que o jesuíta havia levado John para viajar e passado muito tempo a sós com ele. Depois que John confirmou a veracidade dos rumores, ela denunciou Connor ao Padre Greg Aherne, o superior jesuíta do Sagrado Coração.

Embora no início ele negasse a acusação, Connor declarou mais tarde a seu superior que poderia ter tocado John "***de maneira inadequada***" ao lhe dar uma "***massagem***" para aliviar suas dores nas costas – uma prática que ele alegava ter iniciado dez anos antes, em 1985. Aherne advertiu Connor a cessar todo contato com John e James e fez um relatório ao Padre John Privett, o provincial da Califórnia que residia na casa de aposentadoria.

O Padre Privett, como o leitor deve se lembrar, era o mesmo provincial covarde que ignorou as queixas de John Bollard sobre assédio e solicitação homossexuais contínuos por uma dúzia de padres no seminário da Ordem em Berkeley; John Bollard posteriormente processou a Província da Califórnia.

Devo enfatizar que nem Aherne nem Privett denunciaram os abusos sexuais cometidos contra os dois homens dependentes aos oficiais da polícia local? Os abusos continuaram.

Dois anos depois, em outubro de 1997, outra mulher, desta vez uma amiga de James, contatou o escritório do Xerife e declarou que James lhe disse que Connor o acariciava. O registro, infelizmente não resultou em nada, pois James e John, que frequentemente haviam sido advertidos por Connor para não falar sobre isso com ninguém, negaram as acusações na presença de dois oficiais uniformizados e o caso foi arquivado.

Na primavera de 2002, no entanto, o escritório do Xerife havia obtido provas suficientes contra Connor e retornou ao Sagrado Coração para discutir isso com outro superior jesuíta – o Padre Richard Cobb. Cobb então debateu o destino de '***Charlie***' com outros superiores jesuítas e decidiram enviar o teimoso para a escola preparatória St. Bellarmin, uma escola para meninos em San José. Cobb '***esqueceu***' de mencionar a razão da transferência aos dirigentes da escola. Mas a polícia não havia esquecido '***Charlie***'.

Com a ajuda das provas obtidas após uma comissão rogatória ao Sagrado Coração, Connor foi preso em 17 de janeiro de 2001, não contestou ter cometido um ato lascivo contra um adulto dependente, passou por seis meses de vigilância e foi registrado como um agressor potencial, sendo-lhe proibido de ter contato com deficientes mentais, sejam adultos ou menores. Tempo passado na prisão? Zero.

Essas mesmas provas mostravam que Connor não era o único delinquente sexual na casa de aposentadoria. O Padre Thomas Burke, o bibliotecário do Sagrado Coração, também havia abusado sexualmente de James. Assim como Connor, Cobb tinha conhecimento do contato sexual, mas negligenciou reportá-lo às autoridades. Ao contrário, Cobb levou Burke para a comunidade Jesuíta da Universidade de Santa Clara, onde ele ainda reside, segundo Bunting. Tempo passado na prisão? Zero.

Em 19 de junho de 2001, os advogados que representavam John e James Doe apresentaram uma ação civil (uma queixa criminal está em andamento contra Burke) no valor de $10 milhões em nome dos dois homens, acusando quatro jesuítas, incluindo Connor e Burke, de terem cometido **atos repetidos de sodomia, estupro e sequestro desde aproximadamente um ano após sua chegada ao Sagrado Coração, ou seja, 1970-71**.

117. Quantos delinquentes sexuais pode abrigar uma casa de aposentadoria? Bem, além de Connor, os advogados de San José que representavam James e John descobriram que havia pelo menos outros três indo e vindo do Sagrado Coração – o Irmão John Rodriguez Moniz, o Padre Angel Mariano e o Padre James Thomas Monaghan – todos condenados por terem cometido crimes sexuais com menores.

118. No entanto, o '***golpe de mestre***' deste caso é a declaração feita pelo advogado da Província da Califórnia para explicar a ausência de denúncia às autoridades. Segundo Paul E. Gasparri, advogado dos jesuítas, **a Ordem não tem obrigação de revelar a informação de acordo com a lei da Califórnia. "*Não estamos autorizados, pois essas duas pessoas são maiores de idade*".** (São nós que destacamos)

119. O problema dos abusos sexuais contra deficientes físicos ou mentais e outros adultos dependentes, assim como a exploração sexual e as agressões a seminaristas (geralmente jovens adultos) é uma falha canônica que o Vaticano deve corrigir com uma linguagem mais precisa e sanções mais severas; é um problema que os bispos americanos devem abordar vigorosamente e o mais rápido possível.

Com quem os Bispos Buscam Conselho?

Estou fazendo essa pergunta porque, desde o momento exato em que o problema dos abusos sexuais por padres e religiosos católicos romanos foi **secretamente colocado em discussão no meio dos anos 60**, com o caso de James Porter em Boston, e publicamente revelado mais tarde, em meados dos anos 80, com o abominável caso Gauthe de Lafayette, Louisiana, **os bispos americanos parecem ter sido aconselhados de maneira lamentável, senão criminosa, a esse respeito.**

120. **Como grupo, os bispos sistematicamente seguiram uma combinação de encobrimentos elaborados, incluindo a '*transferência*' de clérigos faltosos para outras paróquias, dioceses, estados ou centros de '*tratamento*'; obstrução à justiça, intimidação das vítimas e de seus familiares e '*desaparecimento*' de registros e documentos acusatórios**.

Desde 1966, uma das fontes mais importantes desse aconselhamento jurídico moralmente indefensável e dessas desastrosas estratégias de relações públicas tem sido a própria organização nacional dos bispos – ***A Conferência Nacional dos Bispos Católicos/ A Conferência Católica dos Estados Unidos*** (NCCB/USCC), recentemente reorganizada e renomeada como ***Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos*** (USCCB).

Anteriormente, eu havia indicado que a NCCB/USCC, agora USCCB, havia desempenhado um papel importante na política em favor da homossexualidade.

Se há um único bispo que deseja fazer uma exceção a essa afirmação, eu o aconselho a ler primeiro um artigo postado no site da USCCB intitulado "***Padres Pedófilos***", escrito por Melvin Blanchette, SS, e Gerald D. Coleman, SS. **O artigo também reflete o tipo de propaganda homossexual encontrada atualmente em nossos seminários**, enquanto Blanchette é diretor do ***Instituto Vaticano II*** no Seminário de St. Patrick em Menlo Park, CA, e Coleman é o reitor/presidente do seminário – um lar de homossexualidade.

121. O artigo indica que existem **cinco orientações sexuais básicas – heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, pedofilia (preferência por crianças de 1-13 anos) e efebofilia (preferência por crianças de 14-17 anos).** Afirmar que a norma biológica da heterossexualidade é simplesmente uma '***orientação***' é bastante tendencioso, mas atribuir a ela um valor igual a perversões sexuais, incluindo a homossexualidade, é ainda pior.

Segundo Blanchette e Coleman, "***... os pedófilos e efebofilos não têm capacidade para relacionamentos autênticos heterossexuais ou homossexuais***". (São nós que destacamos). Novamente, vemos a comparação favorável da heterossexualidade com a homossexualidade. E o que significa "***um relacionamento homossexual autêntico***"? Eles falam dos impulsos "***repetidos, intensos***" dos pedófilos e efebofilos, mas não dos "***repetidos, intensos***" desejos contra a natureza do homossexual por outro adulto masculino. Os autores são a favor de uma vigilância sobre os pedófilos ou efebofilos reais ou potenciais **mas não fazem referência ao controle de candidatos homossexuais ao sacerdócio**. Eles também são a favor de mais programas de formação sexual para os seminaristas, o que não surpreenderá ninguém.

O artigo de Blanchette-Coleman apenas reforça a acusação de que a administração dos bispos em Washington, DC, desempenhou um papel importante no incentivo aos *underworld* e *overworld* homossexuais dos clérigos. Afinal, foi o aparato legal e as relações públicas da NCCB/USCC que, desde o início, identificaram o "***problema***" como "***pedofilia***" em vez de homossexualidade em todas as suas formas, como a causa primária dos abusos sexuais dos clérigos.

E durante mais de dezessete anos, a infortunada hierarquia americana seguiu a linha traçada pela BCCB/USCC. Somente recentemente a hierarquia foi forçada a admitir que a boa e velha pederastia, a mais antiga e invasiva forma de homossexualidade conhecida, foi sempre "***O problema***". Em seu comunicado final de Roma no dia 24 de abril de 2002, os cardeais americanos confessaram:

> "3) ***Mesmo que os casos de pedofilia por parte de padres e religiosos sejam poucos, todos os participantes reconhecem a gravidade do problema. Durante a reunião, os aspectos quantitativos do problema foram discutidos, embora as estatísticas sobre este assunto não sejam muito claras. Chamou-se a atenção para o fato de que quase todos os casos envolviam adolescentes e, portanto, não eram casos de pedofilia***

> ***verdadeira***." (Somos nós que destacamos)

122. Últimas Reflexões sobre a Reunião Extraordinária de Roma

Embora não estivesse em Roma para cobrir a reunião de **22-23 de abril de 2002, o editor de *CFN* John Vennari teve a gentileza de me enviar uma gravação da coletiva de imprensa de encerramento que resumiu as conclusões dos cardeais americanos reunidos com o Papa João Paulo II e membros da Cúria sobre os abusos sexuais dos clérigos.**

Ouvi a gravação uma vez, mas não consegui suportar ouvi-la novamente. Era simplesmente doloroso demais. Mais uma vez, o aspecto mais aterrador da coletiva de imprensa foi **a ausência total de referência ao desrespeito às leis de Deus que foram gravemente violadas, e aos atos abomináveis perpetrados sobre jovens por homens que, como padres e religiosos, agem in *persona Christi*.**

Ao ouvir o tom monótono das vozes dos cardeais McCarrick e Stafford, e a tentativa de humor macabro às custas do Papa, lembrei-me da minha primeira leitura do livro de Michael Harris *Unholy Orders-Tragedy at Mount Cashel*, há mais de dez anos. Havia um incidente particularmente horrível que nunca saiu da minha mente. Ele dizia respeito a um garoto chamado Malcom, que, após uma semana no orfanato em outubro de 1975, foi levado para uma '***caminhada***' pelo pederasta sádico Irmão Edward English. Segundo Harris, quando English voltou para o carro no estacionamento da igreja onde havia levado hóstias sagradas, o ***Irmão Cristão*** deu a Malcom um pedaço do "***pão abençoado***" e começou a masturbar o garoto aterrorizado, e finalmente tentou forçá-lo a fazer sexo oral.

123. Quando li isso, eu explodi em soluços convulsivos e não consegui mais me controlar. Não consegui dormir por várias noites. Essa história permanecerá impressa para sempre em minha memória e não há dias em que eu não reze por Malcom e pelas inúmeras vítimas de Mt Cashel.

Enquanto ouvia as palavras dos cardeais, não sentia nada que se assemelhasse a verdadeiras lágrimas de compunção ou à necessidade de vestir-se de saco e cobrir-se de cinzas em reparação pela ofensa feita a Deus, à Sua Igreja e às vítimas dos abusos e às suas famílias.

E quanto à pretensão de que os bispos americanos nunca fariam nada contra as crianças, penso nos milhões de crianças católicas dos Estados Unidos que foram submetidas durante mais de trinta anos a sedução sexual prematura e a abusos espirituais e mentais nas escolas católicas através da chamada "***educação sexual***". Ao considerar as crianças como "***seres sexuais***", os bispos prepararam a juventude católica para os "***tutores sexuais***" da NAMBLA. **Não é surpreendente que o aumento dos abusos sexuais clericais tenha seguido a supressão da catequese doutrinária tradicional nas paróquias e escolas, e seu substituto por catequeses absolutamente demoníacas**.

Para finalizar, o que foi especificamente realizado na reunião de Roma, além de oferecer aos meios de comunicação uma mudança de cenário, ou seja, bem pouco? Infelizmente, não poderia ser de outra forma.

Primeiramente, porque a atual hierarquia americana, como um todo, é incapaz de iniciar qualquer tipo de reforma no campo moral ou em questões de fé e doutrina. **A corrupção é simplesmente profunda demais.**

D'ailleurs, como São Pedro Damião deixa claro em seu *Livro de Gomorra*, uma verdadeira reforma da Igreja começa pelo topo – com um papado forte e independente. Infelizmente, o papado de hoje não é forte nem independente e também participa da corrupção.

Segundamente, porque a institucionalização das conferências episcopais nacionais como a USCCB é um obstáculo a uma autêntica reforma da Igreja, qualquer que seja. **Esses organismos da Igreja se cooptando e se expandindo incessantemente interferem com o papel do mandato divino do verdadeiro bispo católico na transmissão dos ensinamentos autênticos da Igreja em matéria de fé e moral ao seu rebanho.** A Santa Sé deve suprimir canonicamente esses bernáculos subversivos que se fixaram na Barca de Pedro.

Eu penso que o encontro de Roma teria sido mais instrutivo e proveitoso se o Santo Padre tivesse ordenado a leitura do *Livro de Gomorra*, palavra por palavra, aos Cardeais Americanos e aos secretários da USCCB, com cópias distribuídas à imprensa mundial. Afinal, os bispos Americanos deveriam se dirigir a uma política de "***tolerância zero***", e quem seria menos tolerante em caso de incondução sexual clerical do que o santo monge?

Eu sei que não viverei para ver a realização dessas reformas morais no sacerdócio e na vida religiosa. Mas eu me mantenho tão confiante quanto São Pedro Damião estava em seu tempo, e que Deus tornará possíveis as condições para as reformas das quais precisamos e suscitará uma sucessão de Papas **para conduzir a grande Contra-Reforma que está por vir para a Igreja.** Até que isso aconteça, que Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua Santa Mãe e todos os Seus santos, mais especialmente São Pedro Damião, nos abençoem e nos mantenham fortes na Fé.

---

[40] (Ndt) Nos países anglo-saxões, essa palavra se aplica ao que nós chamamos Socialismo

[41] NdT: mas não durante seu seminário???

[42] O neologismo inglês utilizado é "wreckovation", que é construído a partir da palavra "wreck", naufrágio, e das três últimas sílabas de "renovação"

NOTAS

1. Para um excelente resumo da vida e uma lista completa dos escritos de São Pedro Damião, consulte a *Nova Enciclopédia Católica de Advento*, "***São Pedro Damião***," por Leslie A. St. L. Toke (transcrito por Joseph C. Meyer) em: http://www.newadvent.org/cathen/11764a.htm e Santos da Católica Online, "São Pedro Damião," em: http://www.catholic.org/saints/saint.php?saint_id=780. Além disso, consulte Owen J. Blum, O.F.M., *São Pedro Damião: Seu Ensino sobre a Vida Espiritual - Uma Dissertação,* Catholic University Press of America, Washington, D. C., 1947.

2. Este escritor utilizou duas traduções do livro de São Pedro Damião, O Livro de Gomorra. A mais exata é a de Owen J. Blum, O.F.M., *Pedro Damião, Cartas 31-60,* parte da série Pais da Igreja – Continuação Medieval publicada pela Catholic University of America Press, Washington, D.C., 1990. Uma tradução mais antiga, *Livro de Gomorra - Um Tratado do Século XI Contra Práticas Homossexuais Clericais,* de Pierre J. Payer, publicada pela Wilfrid Laurier, University Press, Waterloo, Ontário, Canadá, 1982, inclui algumas notas adicionais e comentários interessantes da obra.

3. Veja "***Heresia***" por J. Wilhelm, transcrito por Mary Ann Grelinger na *Nova Advent*, Enciclopédia Católica Online em: www.newadvent.org/cathen/07256b.htm#REF_IV.

4. Declaração de uma testemunha ocular do serviço da Quarta-feira de Cinzas feita ao autor no Diocése de Greensburg, PA.

5. Atila Sinke Guimaraes em *Nas Águas Turvas do Vaticano II,* Volume I, MAETA Press, Metairie, Louisiana, 1997, pp. 360 - e o Padre Blum, pp. 28-29, citam o *Livro de Gomorra* de Pedro Damião. **Outros padres da Igreja advogavam a despojar de suas funções os clérigos culpados e sua entrega à autoridade civil para o castigo**.

6. Blum, pp. 29-30.

7. Ibid., p. 15.

8. Veja Payer para uma discussão **da responsabilidade eclesiástica em casos de má conduta sexual clerical**, pp. 29-30.

9. Blum, pp. 5-6.

10. Ibid., p. 6.

11. Ibid., pp. 6-7. Ao longo da história, a definição da igreja para '***sodomia***' variou um pouco, especialmente em relação a problemas de abuso pessoal, masturbação mútua com a mão e bestialidade.

No entanto, sempre incluiu a penetração anal, geralmente de um homem, raramente de uma mulher. São Pedro Damião não faz nenhuma referência à fellatio como uma forma de masturbação ou uma prática homossexual.

12. Ibid., p. 8.

13. Ibid., p. 8.

14. Ibid., pp. 8-9.

15. Ibid., pp. 10-11.

16. Ibid., pp. 12-13.

17. Ibid., pp. 12-14.

18. Ibid., p. 15.

19. Ibid., p. 15.

20. Ibid., p. 15.

21. Ibid., p. 16.

22. Ibid., p. 16.

23. Randy Engel, *Educação Sexual a Plaga Final*, segunda edição, Tan Publishers, Rockford, IL, 1993, p. 158.

24. Ordenações *de* Bispos Católicos *dos EUA 1790*-1989, Charles N. Bransom, Jr., editores NCCB/USCG, Washington, D.C., 1990, p. 185.

25. Thomas A. Droleskey, "***Mais testemunhos aparecem no caso do bispo Ryan***," *The Wanderer*, 5 de fevereiro de 1998. O autor utilizou a versão eletrônica não paginada do artigo.

26. "Uma Carta Aberta aos Bispos Católicos," *Ad Majorem Dei Gloriam*, publicada por Roman Catholic Faithful, Springfield, IL, Inverno 2001/2002, p. 19.

27. Droleskey.

28. *RCF Newsletter*, Winter 2001/ 2002, p. 19. 29. Bransom, Jr., p. 205.

30. *RCF Newsletter*, p. 19.

31. O bispo Keith Symons de Palm Beach renunciou em junho de 1998 após acusações de pederastia serem tornadas públicas. Assim como Ryan, **Symons pregou retiros religiosos para clérigos em todos os Estados Unidos.**

O bispo Patrick Ziemann esteve envolvido sexualmente com um sacerdote **que ele supostamente fazia chantagear para obter favores sexuais, incluindo a sodomia**. Ziemann, consagrado pelo Cardeal Roger Mahony, Arcebispo de Los Angeles, renunciou à sua prelazia de Santa Rosa, CA, em julho de 1999. De acordo com a RCF, ele **também deu retiros no Mosteiro da Santa Trindade** onde reside, assim como em uma paróquia de Sierra Vista. Veja a *RCF Newsletter*, Inverno 2001/2002, pp. 12-14. Por favor, note que **eu não incluo em minha lista o Cardeal Joseph Bernardin de Chicago ou o Bispo Joseph Ferrario do Havai. Essas questões exigem um tratamento *in extenso* que eu proporcionarei em meu livro a ser lançado *The Rite of Sodomy*.**

32. Blum, p. 16.

33. Ibid., p. 17.

34. Ibid., p. 17.

35. Ibid., pp. 17-18.

36. Ibid., pp. 20-27.

37. Ibid., p. 27.

38. Ibid., p. 28.

39. Ibid., p. 38.

40. Ibid., p. 38.

41. Ibid., p. 42.

42. Ibid., p. 35.

43. Ibid., pp. 30-32. Aqui a palavra "***vício***" é empregada em seu sentido tradicional como um hábito que leva uma pessoa ao pecado. Este hábito vicioso ou vício, que segundo Santo Tomás de Aquino, se situa entre a potência e o ato, é o produto de atos pecaminosos repetidos de um determinado tipo e, uma vez formado, é também de certa forma sua causa. **Embora Santo Tomás de Aquino sustente que, na realidade, o pecado supera o vício em perversidade, ele também afirma que, enquanto o pecado pode ser perdoado por Deus, o vício ou hábito vicioso permanece**.

O vício é eliminado pela prática contínua de todas as virtudes, mas especialmente da virtude que lhe é oposta.

No caso do vício da sodomia, essa virtude é a castidade. Veja http://www.newadvent.org/cathen/15403c.htm

44. Ibid., p. 44.

45. Ibid., pp. 44-45.

46. Ibid., pp. 47-49.

47. Ibid., p. 49.

48. Ibid., p. 50.

49. Ibid., p. 52.

50. Ibid., p. 53.

51. Ibid., p. 53

52. Para uma excelente e completa biografia de São Leão IX de onde este breve perfil foi retirado, veja a New Advent electronic Catholic encyclopedia em: http://www.newadvent.org/cathen/09160c.htm. A biografia foi escrita por Horace K. Mann, e transcrita por W. G. Kofron.

53. Para uma biografia de Damaso II veja http://www.newadvent.org/cathen/04614a.htm e para Bento IX veja http://www.newadvent.org/cathen/02429a.htm. Segundo a biografia da *New Advent* por Horace K. Mann (transcrita por Kryspin J. Turczynski), o Padre Lucas da Abadia de Grottaferrata conta que São Bartolomeu convenceu Bento a renunciar definitivamente ao pontificado. Bento morreu em penitência em Grottaferrata.

54. Para uma excelente biografia do Papa Gregório VII veja Thomas Oestreich (transcrito por Janet van Heyst) em http://www.newadvent.org/cathen/06791c.htm.

55. Mann, p. 1.

56. Ibid., pp. 1-2.

57. Owen P. Blum, O.F.M., *Pedro Damião, Cartas 31-60*, parte da série Pais da Igreja – Continuação Medieval publicada pela Catholic University of America Press, Washington, D.C., 1990, p. 3.

58. Ibid., pp. 3-4.

59. C. à D. masturbação solitária, mútua e coito interfemoral (entre as coxas) e anal.

60. Owen P. Blum, O.F.M., *Pedro Damião, Cartas 31-60*, extrato dos Pais da Igreja – Época Medieval, séries editadas pela *Catholic University of America Press*, Washington, D.C., 1990, p. 4.

61. Ibid., p. 4.

62. Ibid., p. 5.

63. Ibid., p. 5.

64. Ibid., p. 5.

65. Ibid., p. 5.

66. Ibid., p. 4.

67. Ibid., p. 7.

68. Ibid., p. 5.

69. Veja a *New Advent Catholic Encyclopedia*, "São Pedro Damião," por Leslie A. St. L.Toke (transcrito por Joseph C. Meyer) pp. 1-2. em http://www.newadvent.org/cathen/11764a.htm.

70. Pierre J. Payer, *Livro de Gomorra — Um Tratado do Século XI Contra Práticas Homossexuais Clericais*, Wilfrid Laurier University Press, Waterloo, Ontário, Canadá, 1982, p. 21.

71. Toke, p. 1.

72. Toke, p. 2.

73. Veja http://freespace.virgin.net/crc.english/promise.htm para o texto completo da carta de Radcliffe. Também, http://www.Op.org/Curia/MG/englet.html. O novo Superior Geral dos Dominicanos é o Muito Reverendo Carlos Azpiroz, OP, de Buenos Aires (Argentina).

74. Radcliffe, p. 6.

75. Donald Goergen, *O Celibatário Sexual*, Seabury Press, (Crossroad), NY, 1974.

76. Ibid., pp. 81. 82-83, 85, 101, 127, 195, 203.

77. Enrigue Rueda, *A Rede Homossexual*, Devin Adair Co., Old Greenwich, CT, 1982, pp. 334, 346, 556.

78. Carta extraída de uma comunicação ao Rev. Donald J. Goergen, OP e aos padres e irmãos dominicanos em River Forest, datada de 25 de março de 1988.

79. Entrevistas e notas do autor com irmãos dominicanos 1987-1989.

80. Veja Donna Steichen, *Raiva Ímpia - O Lado Oculto do Feminismo Católico*, Ignatius Press, San Francisco, 1992, pp. 219-241. Também Matthew Fox, *A Vinda do Cristo Cósmico - A Cura da Mãe Terra e o Nascimento de um Renascimento Global*, Harper and Row, NY, 1988, pp. 177-180.

81. Steichen, p. 238. Nota: após sua saída da Ordem Dominicana, Fox foi acolhido como sacerdote episcopal por William Swing do Diocèse da Califórnia.

82. Radcliffe, p. 8. compare também a declaração de Goergen com a de Fox, quase idêntica, em *A Vinda do Cristo Cósmico*, pp. 44-47. Para uma crítica favorável do livro de Radcliffe, *Cante uma Nova Canção*, veja http://www.faithalivebooks.com/books/tp_sing_song.html.

83. Ibid., p. 11.

84. Ibid., p. 12.

85. Ibid., p. 12.

86. Versão eletrônica dos Atos do Capítulo Geral da Ordem dos Irmãos Pregadores, de 17 de julho a 8 de agosto de 1995 em Caleruega, p. 42.

87. Radcliffe, p. 12.

88. John Rivera, “Futuros padres se comprometem a fazer a diferença,” *The Sun*, 28 de abril de 2002, pp. 1A, 5A.

89. Mike Joseph, “Bispo local apresenta política de abuso sexual,” *Centre Daily Times*, publicado em 7 de maio de 2002 em wysiwyg://101/ http://www.centredaily.com/mld/centredaily/3213399.htm.

90. Catholic News Service, “***Vaticano irá aplicar documento de 1961 que proíbe padres e religiosos homossexuais - Implementação deixada anteriormente aos bispos locais***,” 28 de março de 2002, pp. 1-2.

91. Ibid., p. 2.

92. Ibid., p.1.

93. Ibid.

94. Ibid.

95. Ibid.

96. Veja Garry Wills, *Pecado Papal - Estruturas de Engano*, Simon & Schuster, NY, 2000, no qual Wills é citado como tendo dito que "***muitos observadores suspeitam que o verdadeiro legado de João Paulo para sua Igreja é um clero gay***" extraído de “Desafiando a Igreja,” uma resenha de livro do *Washington Post* por Tad Szulc, 4 de junho de 2000, seção Book World, p. X01.

97. Blum, pp. 7-8.

98. Veja Payer, p. 17.

99. Rueda, pp. 296. Nota: O Cardeal Medeiros destituiu Shanley de seu "***trabalho***" pouco depois da conferência da NAMBLA, mas não fez nada para depor o padre. Rueda também encontrou Shanley como palestrante na Dignity 1981, uma convenção sobre "***O Ecumenismo na Comunidade Gay***". A Dignity se autodenomina uma organização "***Católica***" pro-homossexual.

100. Paul Likoudis, "***Os Escândalos de Abuso Sexual... Rumo a Problemas Maiores com Clero Homossexual***," *The Wanderer*, 2 de maio de 2002, pp. 1, 8.

101. Daniel Tsang, *O Tabu da Idade - Sexualidade Masculina Gay, Poder e Consentimento*, Alyson Pub., Boston, Ga Men's Press, Londres, 1981.

102. Ibid., p. 38-39.

103. Veja http://www.nambla.org/pedersty.htm, 13/08/99, David Thorstad, "***Pederastia e Homossexualidade***," declaração diante de uma audiência de mais de 600 pessoas na Semana Cultural Lésbica-Gay na Cidade do México em 26 de junho de 1998.

104. Stephanie Warsmith, "***Ex-padre explica o passado,***" *The Beacon Journal*, postado online em 5 de abril de 2002. Veja

http://www.boston.com/globe/spotlight/abuse/print/040902_shanley_letters.htm.

105. "***LETRAS DESAFIADORAS Uma saída humilde do centro das atenções***," por Michael Rezendes e Sacha Pfeiffer, equipe do Boston *Globe*, 9/4/2002.

106. Paul Srubas, "***Bispo: 'Estamos com uma úlcera,'***" Manitowoc *Herald Times Reporter*, online, postado em 12 de abril de 2002.

107. Kris Hundley, "***A Pergunta à Qual Ninguém Quer Responder: Por que $15,794 foram retirados do Fundo de Bolsa Pilecki em 30 de junho de 1985?***" originalmente publicado em 30 de junho de 1986 no *Valley Advocate*.

108. Likoudis, pp. 1, 8. Nota: Até hoje, existem duas acusações de má conduta sexual contra Medeiros, mas essas acusações não foram bem fundamentadas e podem ser simplesmente falsas.

109. "***A carta esclarecia a transferência de Shanley***," liberação da *Associated Press* de Boston, 8 de abril de 2002.

110. Matt Carroll, "***A Lei é uma nova acusada no processo de abuso clerical***," Boston *Globe*, online, 5 de abril de 2002.

111. Pam Belluck, Fox Butterfield e Sara Rimer, "***O ex-assistente do Cardeal apanhado pelo escândalo***," *New York Times*, publicado no *Pittsburgh Post-Gazette*, 18 de abril de 2002, p. A-11.

112. Stephen Kurkjian, "***Aviso de trabalhadora sobre padre levou à sua demissão***," Boston *Globe*, online, 5 de abril de 2002.

113. Glenn F. Bunting, "***Capa de Silêncio Cobriu o Abuso em Retiro Jesuíta***," *LA Times*, 24 de março de 2002. Edição online em http://www.latimes.com/news/local/la-032402molest.story.

114. Veja Michael Harris, *Ordens Impuras - Tragédia em Mount Cashel*, Viking Press, Ontário, 1990.

115. Bunting

116. Veja Bollard v California Province of the Society of Jesus, Ninth Circuit, 5/5/00; 211 F3d 1331.

117. Bunting

118. Ibid.

119. Ibid.

120. Jack Sullivan, "***Dossiês: o Vaticano estava ciente da encobertura dos escândalos em 1973," Boston Herald.com, 16 de maio,*** 2002.

121. Melvin C. Blanchette e Gerald D. Coleman, "***Padres Pedófilos***," reimpresso de *America*, 25 de abril de 2002.

122. Comunicado final da Reunião Extraordinária entre os Cardeais dos Estados Unidos e o Primaz dos Estados Unidos, no Vaticano, 23-24 de abril de 2002.

123. Harris, p. 317.

8 - ANEXO 2 – BIOGRAFIA DE SÃO PEDRO DAMIÃO

SÃO PEDRO DAMIÃO (1007-1072), DOUTOR DA IGREJA

http://www.mariedenazareth.com/2287.0.html?&L=0

http://missel.free.fr/Sanctoral/02/21.php

21 de fevereiro - São Pedro Damião

Biografia

Pedro é o caçula (1007) de uma família numerosa de Ravena tão pobre que foi abandonado aos cuidados de uma criada durante a sua primeira infância. Reprendido por sua família pouco antes da morte de sua mãe, ele é empregado por um de seus irmãos em trabalhos rudes, incluindo a guarda de porcos, até que outro de seus irmãos, Damião, tomado de piedade, o leva consigo; é por gratidão a este irmão que ele recebe o nome de *Pedro Damião*. Damião faz com que Pedro estude em Ravena, onde se revela tão brilhante que o faz prosseguir os estudos em Faenza e depois em Parma.

Prodigiosamente inteligente, ele ganha seus graus e se torna um professor muito renomado. No entanto, Pedro Damião, assediado por violentas tentações de orgulho e sensualidade, não vê outro meio de escapar aos perigos do mundo senão entrar para os monges camaldules da abadia de Santa Cruz de Fonte Avellana, nos limites da Marca e da Úmbria, onde se dedica a uma vida extremamente austera (1035). Chamado por seus superiores a restaurar e fortalecer a disciplina, ele prega em seu convento e em outros. É eleito prior de Fonte Avellana (1043), de onde funda outros mosteiros. O erudito Pedro Damião não deixa de alertar seus monges:

> « *tenhamos cuidado com uma ciência que não se transforma em amor. Muitas vezes, o desejo de abarcar demais intelectualmente pode se tornar perigoso para a vida espiritual*. »

Preocupado com os interesses da Igreja, denuncia a Gregório VI (1045-1046) os clérigos e os bispos incontinentes e simoníacos, cuja raça tinha aumentado desmesuradamente sob o lamentável pontificado de Bento IX (1032-1045). Conselheiro de Clemente II (1046-1047), ele lhe escreve:

>

> *« Trabalhai para restaurar a justiça que é pisoteada com desprezo; usem as rigores da disciplina eclesiástica para que os ímpios sejam humilhados e que os humildes voltem à esperança. »*

Quase condenado por Leão IX (1048-1054), cercado por seus inimigos, Pedro Damião escreve ao Papa:

> *« Não busco o favor de nenhum mortal; não temo a ira de ninguém; só invoco o testemunho da minha própria consciência. »*

Após ter abandonado a corte pontifícia durante o final do pontificado de Leão IX e o de Victor II (1055-1057), ele é chamado de Ostia por Estêvão IX (1057-1058), que o faz cardeal-bispo; **denuncia a eleição de Bento X (1058-1059) manchada de simonia e, com Hildebrando (futuro santo Gregório VII), após ter contribuído para a eleição de Nicolau II (1059-1061), obtém o decreto de 1059 que reserva a eleição do papa apenas para os cardeais**. Mal havia ele realizado a eleição de Alexandre II (1061-1073) que se retira para seu mosteiro, do qual deve logo partir para zelar pela Igreja dilacerada pelo cisma do antipapa Honório II (condenado em 1062).

> *« Não conhecemos ninguém cuja autoridade seja maior, depois da nossa, na Igreja Romana,* diz Alexandre II *, ele é nosso olho e o firme apoio do trono apostólico. »*

É enviado como legado a Milão (1059), na França (1063), a Florença (1063) e, em seguida, à Germânia (1069). Depois de ter restabelecido a ordem no diocese de Ravena, cuja difunto arcebispo Henrique apoiou o antipapa, Pedro Damião, abatido pela febre, falece no mosteiro de Santa Maria dos Anjos, em Faenza, no dia 22 de fevereiro de 1072.

http://www.magnificat.ca/cal/fran/02-23.htm

Buquê espiritual: «Ninguém pode servir a dois senhores.» Mt. VI, 24

SÃO PEDRO DAMIÃO
Cardeal, Bispo de Ostia
(988-1072)

São Pedro Damião, nascido em Ravena, de uma família honesta, mas pobre e numerosa, foi, sendo ainda um bebê, abandonado por sua mãe desencorajada; mas uma mulher caridosa o recolheu quase morto de fome, e lhe deu todos os cuidados de uma verdadeira mãe. De volta aos seus pais, que se tornaram mais humanos, ficou órfão muito jovem e foi o alvo de abusos de um de seus irmãos, que o tratava como um escravo e o mandava cuidar dos porcos. Nesse estado miserável, a pobre criança mostrava disposições intelectuais e morais verdadeiramente notáveis.

Um dia ele encontrou por acaso uma moeda de prata; uma criança a teria usado para satisfazer sua gula, mas o jovem Pedro soube resistir a essa tentação e teve a delicada atenção de levar esse dinheiro a um sacerdote, afim de fazer celebrar missas por seu pai falecido.

Um outro irmão da criança, arcipreste de Ravena, teve pena de sua miséria e cuidou de sua educação; esse irmão se chamava Damião, e acredita-se que Pedro tenha acrescentado esse nome ao seu em sinal de gratidão. A partir de então, tudo mudou para nosso Santo; após ter maravilhado seus mestres e discípulos por seus talentos e virtudes, ele buscou no claustro um refúgio contra os perigos do mundo.

Durante o restante de sua longa vida de oitenta e três anos, ele foi o amigo, conselheiro e luz de todos os Papas de seu tempo. Suas virtudes superavam ainda sua profunda erudição; ele brilhou especialmente pela mortificação e pela humildade.

Em sua juventude, atormentado por tentações impuras, ele se mergulhou, à noite, em um lago meio gelado, até extinguir o fogo da concupiscência. Cilício, jejuns assustadores, leito de tábuas nuas, disciplina, círculos de ferro, nenhuma penitência lhe foi estranha.

Sendo monge, quando, no capítulo, ele precisava corrigir seus religiosos por suas faltas, descia de seu assento, prostrava-se ao chão diante de todos, acusava-se de todas as suas imperfeições, impunha-se a disciplina pública e, reassumindo seu lugar, continuava com suas orientações.

É invocado contra dores de cabeça, provavelmente em razão de sua condição de homem de estudo.

Padre L. Jaud, Vida dos Santos para todos os dias do ano, Tours, Mame, 1950.

http://www.abbaye-saint-benoit.ch/gueranger/anneliturgique/septuagesime/045.htm

23 DE FEVEREIRO. SÃO PEDRO DAMIÃO, CARDEAL E DOUTOR DA IGREJA

O austero reformador dos costumes cristãos no século XI, o precursor do santo pontífice Gregório VII, Pedro Damião, em uma palavra, aparece hoje no Ciclo. A ele pertence parte da glória dessa magnífica regeneração que se realiza nesses dias em que o julgamento deve começar pela casa de Deus (1). Preparado para a luta contra os vícios sob uma severa instituição monástica, Pedro se opôs como uma barreira contra a torrente dos desregramentos de seu tempo e contribuiu poderosamente para preparar, pela extirpação dos abusos, dois séculos de fé ardente que redimiram as vergonhas do século X. A Igreja reconheceu tanta ciência, zelo e nobreza nos escritos do santo Cardeal, que, por um juízo solene, **ele foi colocado entre os seus Doutores**. Apóstolo da penitência, Pedro Damião nos chama à conversão, nos dias em que vivemos; ouçamo-lo e mostremos-nos obedientes à sua voz.

Leremos primeiro o relato de suas ações nas Leituras do Ofício que a Igreja lhe dedicou.

1 - I Pedro IV, 17.

Pedro, nascido em Ravena, de pais abastados, sendo ainda um bebê, foi rejeitado por sua mãe que estava descontente por ter um grande número de filhos. Ele foi acolhido quase morto e cuidado por uma pessoa da casa, que o devolveu à mãe, após relembrá-la dos sentimentos de humanidade. Tendo perdido seus pais, viu-se reduzido a uma dura servidão, sob a tutela de um de seus irmãos que o tratou como um vil escravo. Foi então que ele deu um raro exemplo de religião para com Deus e de piedade filial. Ao encontrar por acaso uma moeda, ao invés de usá-la para aliviar sua própria indigência, ele a levou a um sacerdote, pedindo que oferecesse o Sacrifício Divino para o descanso da alma de seu pai. Outro de seus irmãos chamado Damião, do qual se diz que ele tirou seu nome, o acolheu com bondade e o instruiu nas letras. Pedro fez tão rápidos progressos que tornou-se objeto da admiração dos próprios mestres. Sua habilidade e reputação nas ciências liberais o tornaram conhecido, e ele as ensinou ele mesmo com honra. Nessa nova situação, para subjugar os sentidos à razão, usava um cilício sob roupas requintadas, entregando-se com ardor aos jejuns, vigílias e orações. Estando na ardência da juventude e sentindo-se fortemente pressionado pelos estímulos da carne, ele ia à noite extinguir essas chamas rebeldes nas águas geladas de um rio; depois, partia para visitar santuários venerados e recitava todo o Saltério. Ele

aliviava os pobres com um zelo assíduo, e os servia com suas próprias mãos nas refeições que frequentemente lhes oferecia.

Desejando levar uma vida mais perfeita, ele entrou no mosteiro de Avellano, no diocese de Gubbio, da Ordem dos monges de Santa Cruz de Fonte Avellana, fundado pelo bem-aventurado Ludolfo, discípulo de São Romualdo. Pouco depois, enviado por seu Abade à abadia de Pomposa e, em seguida, à de São Vicente de Petra-Pertusa, edificou esses dois mosteiros por suas santas pregações, por seu ensino distinto e por seu modo de viver. Com a morte de seu Abade, a comunidade de Avellano o chamou de volta para colocá-lo à frente; e ele desenvolveu de maneira tão notável essa família monástica, através das novas casas que criou e pelas santas instituições que lhe deu, que é considerado com razão como o segundo pai dessa Ordem e seu principal ornamento. Vários mosteiros de diferentes institutos, capítulos de canon, e populações inteiras, experimentaram os efeitos salutíferos do zelo de Pedro Damião. Ele prestou numerosos serviços ao diocese de Urbin; ajudou o bispo Teuzon em uma causa importante, e o assistiu com seus conselhos e trabalhos na boa administração de seu episcopado. A contemplação das coisas divinas, as macerações do corpo e os outros traços de uma santidade consumada elevaram tanto sua reputação, que o papa Estêvão IX, apesar da resistência do santo, o criou Cardeal da Santa Igreja Romana e Bispo de Ostia. Pedro destacou-se nesses altos dignidade por suas virtudes e obras em relação à santidade do ministério episcopal.

Por sua doutrina, suas legados e toda sorte de trabalhos, ele foi um auxílio maravilhoso à Igreja Romana e aos Soberanos Pontífices em tempos muito difíceis. **Ele lutou até a morte com um zelo intrépido contra a heresia simoniaca e a dos nicolaítas. Após ter purgado a Igreja de Milão desse duplo flagelo, ele a reconciliou com a Igreja Romana. Ele se opôs corajosamente aos antipapas Bento e Cadalo**. Ele reteve Henrique IV, rei da Germânia, que estava prestes a se separar injustamente de sua esposa. A cidade de Ravena foi trazida por ele à obediência ao Pontífice Romano, e reestabelecida na fruição das coisas sagradas. Ele colocou a reforma entre os canônigos de Velletri. Na província de Urbin, quase todas as Igrejas episcopais sentiram seus serviços; a de Gubbio, que ele administrou por algum tempo, foi aliviada por ele de um grande número de males; quanto às outras, ele sempre as cuidou tanto quanto lhe foi possível, como se tivessem sido confiadas à sua guarda. Tendo se despojado do cardinalato e da dignidade episcopal, ele não relaxou seu empenho em aliviar o próximo. Ele foi o propagador do jejum de sexta-feira, em honra do mistério da Cruz de Jesus Cristo, e do pequeno Ofício da Mãe de Deus, assim como de seu culto no dia de sábado. Ele expandiu, por seu zelo, o uso da disciplina voluntária, para a expiação dos pecados cometidos. Finalmente, após uma vida toda brilhante de santidade, doutrina, milagres e grandes ações, quando voltava da legação de Ravena, sua alma voou para Cristo, em Faênza, no dia oito das calendas de março. Seu corpo, guardado nesta cidade pelos Cistercienses, é honrado com numerosos milagres, com o concurso e a veneração dos povos. Mais de uma vez os habitantes de Faênza experimentaram seu auxílio nas calamidades; e por esse motivo, sua cidade o escolheu como patrono diante de Deus. **Seu Ofício e sua Missa, que já eram celebrados como de um Confessor Pontífice em vários diáconos e na Ordem dos Camaldulenses, foram estendidos à Igreja universal, com a concordância da Congregação dos Ritos Sagrados, pelo papa Leão XII, que acrescentou a qualidade de Doutor.**

O zelo da casa do Senhor consumia sua alma, ó Pedro! É por isso que você foi dado à Igreja em um tempo em que a malícia dos homens lhe havia feito perder parte de sua beleza. Repleto do espírito de Elias, você se atreveu a empreender a tarefa de despertar os servos do Pai de família que, durante seu sono fatal, deixaram a joio prevalecer no campo. Dias melhores surgiram para a Esposa de Cristo; a virtude das promessas divinas que estão nela se manifestou; mas você, *amigo do Noivo* (1), tem a glória de haver contribuído poderosamente para devolver à casa de Deus seu antigo esplendor. Influências seculares haviam escravizado o Santuário; os príncipes da terra disseram: *Possuamo-lo como nossa herança* (2); **e a Igreja, que deve ser livre**, não era mais do que uma vil serva aos ordens dos senhores do mundo. Nesta lamentável crise, os vícios aos quais a fraqueza humana é tão facilmente arrastada haviam manchado o templo: mas o Senhor se lembrou daquela à qual se deu. Para levantar tantas ruínas, ele se dignou empregar braços mortais; e você foi escolhido entre os primeiros, ó Pedro, para ajudar Cristo na extirpação de tantos males. Aguardando o dia em que o sublime Gregório deveria tomar as Chaves em suas mãos fortes e fiéis, seus exemplos e suas fadigas preparavam a ele o caminho. Agora que você chegou ao fim de seus trabalhos, vigie sobre a Igreja de Deus com esse zelo que o Senhor coroou em você. Do alto do céu, comunique aos pastores esse vigor apostólico sem o qual o mal não cede. Mantenha puras as mores sacerdotais que são o sal da terra (1). Fortifique nas ovelhas o respeito, a fidelidade e a obediência àqueles que as conduzem nos pastos da salvação. Você que foi não apenas o apóstolo, mas o exemplo da penitência cristã, em meio a um século corrompido, obtenha que sejamos diligentes em resgatar, por obras satisfatórias, nossos pecados e as penas que eles mereceram. Reacenda em nossas almas a memória dos sofrimentos de nosso Redentor, para que encontremos em sua dolorosa Paixão uma fonte contínua de arrependimento e esperança. Aumente ainda nossa confiança em Maria, refúgio dos pecadores, e nos conceda participar da ternura filial com que você se mostrou animado por ela, no zelo com que você proclamou suas grandezas.

http://fr.wikipedia.org/wiki/Pierre_Damien

UM ARTIGO DA WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE

Pedro Damião ou **Petrus Damiani** (em latim, (*Pier Damiani* em italiano), (nascido c. 1007 em Ravena - morreu no 23 febreiro 1072 em Faênza) foi um religioso italiano do século XI, inicialmente eremita, que se tornou bispo, foi cardeal e foi **declarado doutor da Igreja pelo papa Leão XII, em 1823**.

Biografia

Segundo a tradição, ele nasceu « cinco anos após a morte de Otão III » em uma família nobre empobrecida. Colocado sob os cuidados de um de seus irmãos acabou por realizar trabalhos rudes. Em seguida, foi acolhido por outro de seus irmãos, arcipreste de Ravena, que o colocou na escola. Em sinal de gratidão, Pedro acrescentou ao seu nome o de seu irmão, Damião. A criança fez progressos rápidos, a ponto de ir à universidade, primeiro em Ravena, depois em Faenza, e por último em Parma. Ele se tornou professor de retórica.

Quando adulto, ele descobre uma vocação de eremita e se retira em 1035 em Fonte Avellana, fundada alguns anos antes por Romualdo de Ravena, fundador dos camaldulenses. Pedro Damião redigirá posteriormente uma *Vita Romualdi* **(1042). Ele se destaca então pela rigidez das penitências que se impõe. Em 1043, ele se torna o prior do mosteiro. Ele se compromete vigorosamente com o movimento de reforma promovido pelos papas, especialmente Gregório VII. Ele se torna famoso pela energia de seus sermões contra a simonia e o nicolaísmo. Em 1051, ele redige o** *Livro de Gomorra*, **onde denuncia os vícios do clero - e em particular os sacerdotes homossexuais, de quem exige a destituição da Igreja. Leão IX recusa, no entanto, atender ao seu pedido, o que leva Pedro Damião a escrever uma carta de protesto. Ele também se mostra oposto à reordenação dos sacerdotes hereges.**

Ele participa de numerosos sínodos. Em 1058, ele é elevado à dignidade de cardeal-bispo de Ostia por Estevão IX. À morte deste último, Pierre toma partido contra o antipapa Bento X. Ele é então obrigado a retornar ao seu eremitério. Em 1059, ele é

enviado como legado ao arcebispado de Milão, onde reina a simonia e onde a maioria dos sacerdotes são casados. Com a ajuda dos Patarinos, partidários do celibato dos clérigos, ele restabelece a ordem e obtém a submissão do arcebispo e do clero local. **Ele participa da condenação de Béranger de Tours, que se opõe à transubstanciação. No III sínodo do Latrão, ele faz adotar o cânon que proíbe os fiéis de ouvir a missa de um sacerdote casado ou concubinário**.

Em 1072, ele é atacado por febre ao retornar de uma viagem a Ravena. Ele morre no mosteiro de Santa Maria dos Anjos, onde é imediatamente enterrado pelos monges, ansiosos por não perder suas reliquias. Esforço em vão, o corpo de Pierre Damien será transferido seis vezes ao todo. Desde 1898, ele repousa em uma capela a ele dedicada na catedral de Faenza. Embora nunca tenha sido canonizado formalmente, um culto local é prestado a ele desde o momento de sua morte em Faena, em Monte Cassino, em Cluny e em Fonte-Avellana. Em 1823, o papa Leão XII estende sua festa à Igreja universal e o proclama doutor da Igreja.

Obra

Sua obra consiste principalmente em uma vasta correspondência (158 cartas) e sermões (75). Ele também é autor de hagiografias e tratados, entre os quais:

- *De divina omnipotentia*, sobre o poder de Deus (*Carta sobre a onipotência divina*, Paris: Cerf, 1972 (texto com tradução))
- Uma *disputatio* com um judeu sobre o problema da Trindade e do Messias;
- *Liber gratissimus*, dedicado ao arcebispo Henrique de Ravena, contra a simonia;
- *De brevitate vitæ pontificum romanorum*, sobre a curta vida concedida aos papas.

Celebramos sua festa em 21 de fevereiro. Ele deixou alguns escritos, impressos em Paris em 1642 e 1643, in-fólio.

Bibliografia

- **(em)** « Pierre Damien », na *Enciclopédia Católica*, 1913;
- M. Grandjean, *Leigos na Igreja. Olhares de Pierre Damien, Anselmo de Cantuária e Yves de Chartres*, Beauchesne, Paris, 1994;
- J. Leclercq, *São Pedro Damião, eremita e homem da Igreja*, ed. Storia e Letteratura, Roma, 1960.
- André Cantin, *São Pedro Damião (1007-1072). Antigamente – hoje*, Edições do Cerf, 2006, 224 p.

Dicionário de Teologia Católica (DTC): DTC, Tomo IV, col. 47

2º *Na Igreja.* — 1. *Contra a imoralidade.* — Fora dos mosteiros, havia o clero secular, mas em que estado triste! Pedro Damião compôs dois tratados, um, *Opuscul.,* XXV, **para fazer o elogio do sacerdócio, o outro,** *Opuscul.,* XXVI, **contra a ignorância dos sacerdotes. O que era pior, a depravação ultrapassava ainda a ignorância. Quantas vezes Pedro Damião não aludiu à incontinência dos clérigos! Quantas vezes não a denunciou em termos virulentos! É à Escritura, sobretudo, e também aos Padres, que ele empresta seus traços inflamados para denunciar e combater esse vício. Ele apela aos antigos cânones; não cessa de pedir novos para cortar o mal pela raiz. Seu** *Gomorrhianus, Opuscul.,P. L., t.* cxlv, col. 159-190, **contém passagens de um realismo brutal para pintar desordens** que reclamam o ferro quente do cirurgião. **Ele gostaria que o papa se pronunciasse pela exclusão dos clérigos a promover e pela deposição dos que eram promovidos. Sem dúvida, vão lhe reprochar seu papel de denunciador, mas ele faz esta declaração:** *Malo quippe cum Joseph, qui accusavit fratres apud patrem crimine pessimo, in cisternam innocens projici, quam eum Heli, qui filiorum mala vidit et tacuit, divini furoris ultione mulctari. Goniorrh., Opuscul., vii, 25,* col. 187. **Ele não deve ser censurado por ter feito, diz ele, o que fizeram São Jerônimo contra os hereges, São Ambrósio contra os arianos, Santo Agostinho contra os maniqueus e donatistas; pois não é a desonra de seus irmãos que ele persegue, mas sim a sua salvação.**

ANEXO 3 - A DOUTRINA CATÓLICA CONDENA A HOMOSSEXUALIDADE

INTRODUÇÃO

Vamos mencionar imediatamente dois documentos do **grande Pontífice São Pio X.**

Em seu Catecismo de 1910, de fato:

> « ***O pecado de impureza contra a natureza*** é classificado por **sua gravidade, em segundo lugar, após o homicídio voluntário, na lista dos pecados que « *gritam vingança diante de Deus* »** (Grande Catecismo, nº 966).
>
> « ***Diz-se que esses pecados*** – explica o Catecismo – ***gritam vingança diante da Face de Deus, porque o Santo Espírito assim o diz e porque a sua iniquidade é tão grave e manifesta que provoca Deus a punir com os castigos mais severos*** » (nº 967).

O Direito Canônico previa a pena de « infâmia »

O Código de Direito Canônico promovido por São Pio X, mas publicado por Bento XV em 1917, e que permaneceu em vigor até 1983, trata **da sodomia** nos « ***delitos que se opõem ao sexto mandamento*** », assim como *o incesto* e ***outros delitos como a bestialidade*** (R. Naz, Tratado de Direito Canônico, t. IV, lib. V, p. 761).

O delito de sodomia é punido, no que diz respeito aos leigos, pela **pena de infâmia *ipso facto*** e outras sanções a serem impostas ao julgamento esclarecido do bispo, e em proporção à gravidade do caso particular (cânon 2357); **no que se refere aos eclesiásticos e religiosos**, se forem clérigos menores (ou seja, de grau inferior ao diaconato), por penas diversas, dependendo da gravidade das faltas, que podem ir até a redução ao estado laical (cânon 2358); e **no que se refere a clérigos maiores (ou seja, diáconos, padres e bispos), que sejam**

> ***« atingidos de suspensão, declarados infames, privados de todo ofício, benefício, dignidade ou cargo, e nos casos mais graves podem ser depostos* » (can. 2359, § 2; cf. Dicionário de Direito Canônico, t. VII, col. 1064-1065)**.

Lembre-se de que a chamada « ***pena de infâmia*** » **era extremamente grave**, pois consistia na « ***perda total ou parcial da boa reputação perante as pessoas honestas*** » e **comportava a**

proibição de exercer encargos eclesiásticos e de ocupar funções de confiança como a de « ***padrinho no batismo e na confirmação*** » ou « ***de árbitro*** » (Dicionário de Direito Canônico, t. V, col. 1358-1359).

http://pagesperso-orange.fr/avenir.culture/Annexes.htm

(Os textos a seguir foram reunidos pelo *Centro Cultural Lepanto* de Roma, sob a direção do Prof. De Mattei. *Avenir de la Culture* recomenda a leitura desta documentação publicada na França sob o título *Igreja e homossexualidade*, Ed. Téqui, Paris, 1995)

I - A CONDENAÇÃO DAS ESCRITURAS SAGRADAS

As Escrituras Sagradas não cessam de condenar, e com a maior severidade, o pecado contra a natureza. No Antigo Testamento, por exemplo, o livro do *Levítico*, que contém as prescrições legais ditadas por Deus a Moisés com o objetivo de preservar o povo eleito da corrupção da fé e dos costumes, pronuncia uma severa condenação à prática homossexual definida como «***abominação*** », e ordena para os culpados a pena de morte.

> « ***Não te deitarás com um homem como se deitasse com uma mulher. É uma abominação. (...) Todo aquele que cometer uma dessas abominações, seja qual for, será extirpado do seu povo*** » (*Lv*. XVIII, 22 e 29).
>
> « ***O homem que se deita com um homem como se deitasse com uma mulher: é uma abominação que ambos cometeram. Eles deverão morrer, o seu sangue cairá sobre eles*** » (*Lv*. XX, 13).

Uma reprovação semelhante é pronunciada pelos profetas de Israel, como atesta este trecho de Isaías:

> « ***A sua complacência testemunha contra eles, eles expõem seu pecado como Sodoma. Não o esconderam, ai deles! Pois prepararam a sua própria ruína*** » (*Is*. III, 9).

O castigo divino de Sodoma e Gomorra

A condenação da Bíblia não se limita apenas ao nível teórico, mas se manifesta ainda pela punição dos pecadores. O exemplo mais notório e significativo é aquele, tirado do primeiro livro do Antigo Testamento (Gênesis), no qual Deus envia dois de seus anjos, sob forma humana, para destruir as cidades de Sodoma e Gomorra, corrompidas pelo vício contra a natureza. Somente Ló e sua família são poupados.

> « ***Portanto, Yahvé disse (a Abraão): «O clamor contra Sodoma e Gomorra é muito grande! O pecado deles é muito grave!» (...) Os homens disseram a Ló: «Tens mais alguém aqui? Teus filhos, tuas filhas, todos os teus que estão na cidade, faze-os sair deste lugar. Pois vamos destruir este lugar, pois grande é o clamor que se eleva contra eles diante de Yahvé, e Yahvé nos enviou para exterminá-los*** ». (...) ***Yahvé fez chover sobre Sodoma e sobre Gomorra enxofre e fogo vindo de Yahvé, e subverteu essas cidades e toda a Planície, com todos os habitantes das cidades e a vegetação do solo. (...) Levantando-se de manhã, Abraão foi ao lugar onde tinha estado diante de Yahvé e lançou seu olhar sobre Sodoma, sobre Gomorra e sobre toda a Planície, e eis que viu a fumaça subindo da terra como a fumaça de uma fornalha!*** » (*Gn*. XVIII, 20; XIX, 12-13; XIX, 24-25; XIX, 27-28).

Comentando este trecho da Bíblia, muitos Pais da Igreja, seguindo Tertuliano (cf. *Apologética*, § 40) e o historiador Orose (cf. *História da Igreja*, 1, 5), testemunham que na planície onde se estendiam as duas cidades - local onde hoje se encontra o Mar Morto —, « ***um odor de incêndio ainda polui a terra*** ». Isso para exortar as gerações futuras a não esquecerem o castigo divino.

> « ***Durante minhas viagens*** – afirmou diante de seus juízes o mártir Pionius (morto no ano 250) ***— atravessei toda a Judeia, atravessei o Jordão e pude contemplar esta terra que até os nossos dias carrega as marcas da ira divina (...). Vi a fumaça que ainda hoje sobe de suas ruínas e o solo que o fogo reduziu a cinzas, vi esta terra agora flagelada pela secura e pela esterilidade. Vi o Mar Morto, cujas águas mudaram de natureza; ela se empobreceu por temor a Deus e não pode mais sustentar seres vivos*** » (*Gesta Dei Martyri*, pp. 112-113).

O apóstolo São Paulo exclui os sodomitas da salvação

O Novo Testamento não faz mais do que confirmar, em termos ainda mais vigorosos, essa condenação. Em alguns trechos de suas Epístolas, o Apóstolo dos Gentios nos dá uma explicação profunda da ruína de Sodoma e Gomorra, **associando a homossexualidade à impiedade, à idolatria e ao homicídio.**

> « ***Por isso, Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à impureza, de modo que desonram entre si os seus próprios corpos; eles que trocaram o Deus verdadeiro pela mentira, adoraram e serviram a criatura em lugar do Criador, que é bendito eternamente. Amém! Por isso, Deus os entregou a paixões infames: pois suas mulheres trocaram***

> ***as relações naturais por relações contra a natureza; semelhantemente, os homens, abandonando o uso natural da mulher, se acenderam em desejo uns pelos outros, tendo homens com homens um comércio infame e recebendo, em uma mútua degradação, a justa retribuição por seu erro. (...)***
>
> ***Conhecendo bem, porém, o veredito de Deus que declara dignos de morte os autores de tais ações, não apenas as praticam, mas também aprovam aqueles que as cometem*** » (*Rm.* I, 24-27; I, 32).
>
> « ***Sabendo bem que a Lei não foi instituída para o justo, mas para os ímpios e rebeldes, para os ímpios e pecadores, para os sacrílegos e profanadores, para os parricidas e matricidas, os assassinos, os impudicos, os homossexuais, (...) e para todo homem que age contrariamente à sã doutrina moral*** » (I *Tm*. I, 9-10).

Excluindo da salvação aqueles que praticam o vício contra a natureza, o Apóstolo pronuncia contra eles uma condenação muito mais grave do que a da morte física: a da morte eterna.

> « ***Não vos enganeis! Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os infames (...), não herdarão o Reino de Deus*** » (I *Cor*. VI, 9-10).

São Pedro e São Judas mencionam a destruição de Sodoma como castigo divino

O primeiro Papa, São Pedro, e o Apóstolo São Judas, pronunciam a mesma condenação ao recordar a destruição de Sodoma e Gomorra. Eles a apresentam como um aviso divino que deve servir para dissuadir os ímpios e confortar os fiéis.

> Se Deus « ***condenou à completa destruição e reduziu a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, para servir de exemplo aos ímpios que virão; e livrou o justo Ló, que estava profundamente angustiado pela conduta desses homens sem freios em sua dissolução (...), é porque o Senhor sabe livrar da tentação os homens piedosos e reservar os ímpios para serem punidos no Dia do Julgamento*** » (II *P* II, 6-9).
>
> « ***Assim, Sodoma, Gomorra e as cidades vizinhas que se entregaram, como elas, à impudicícia e a uniões contra a natureza, são oferecidas***

> ***em exemplo, sofrendo a pena de um fogo eterno*** » (*Jude*, VII).

II - A DOUTRINA DA IGREJA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Fazendo eco à maldição das Santas Escrituras, a Igreja, desde sua origem, condenou a prática homossexual **pelas palavras dos santos Pais, primeiros autores eclesiásticos reconhecidos como testemunhas da tradição divina**.

São Agostinho

> ***« as torpezas contra a natureza devem ser sempre e em todo lugar detestadas »***

O ilustre São Agostinho (354-430), bispo de Hipona e Doutor da Igreja, foi um dos primeiros a se pronunciar

> « ***As torpezas contra a natureza devem ser sempre e em todo lugar detestadas e punidas, aquelas, por exemplo, dos habitantes de Sodoma. Mesmo que todos os povos imitassem Sodoma, todos cairiam sob o peso da mesma culpabilidade, em virtude da lei divina que não fez os homens para usarem assim de si mesmos. É violar a própria sociedade que deve existir entre Deus e nós e contaminar pela depravação da libertinagem a natureza da qual Ele é o autor*** » (As Confissões, livro III, cap. 8).

São João Crisóstomo: a paixão homossexual é diabólica

O Pai da Igreja que condenou com mais frequência o pecado contra a natureza foi São João Crisóstomo (séc. IV), Patriarca de Constantinopla e Doutor da Igreja, de quem reportamos **algumas passagens de uma homilia comentando *a Epístola de São Paulo aos Romanos***:

> « ***As paixões são todas desonrosas, pois a alma é mais arruinada e degradada pelos pecados do que o corpo pelas doenças; mas a pior entre todas as paixões é a concupiscência entre homens. (...) Os pecados contra a natureza são mais difíceis e menos recompensadores, de modo que não se pode mesmo afirmar que eles proporcionam prazer, pois o verdadeiro prazer é apenas aquele que se faz de acordo com a natureza. Mas quando Deus abandonou alguém, tudo se inverte! Portanto, não só suas paixões são satânicas, mas suas vidas são diabólicas. (...) Portanto, eu te digo, esses são piores que os assassinos, e que seria melhor morrer do que viver assim desonrado. O assassino separa apenas a alma do corpo, enquanto aqueles destroem a alma dentro do corpo. Você poderia nomear qualquer pecado, mas nunca nomeará um igual a este e, se aqueles que o suportam pudessem realmente perceber o que lhes está acontecendo, prefeririam morrer mil vezes a se submeter a isso. Não há nada, absolutamente nada tão insensato e nocivo quanto essa perversidade*** » (São João Crisóstomo, Homilia IV, Epístola de Paulo aos Romanos; cf. Patrologia Grega, vol. 47, col. 360-362).

A interpretação de Sodoma segundo São Gregório Magno

São Gregório I, Papa (540-604), o Grande, Doutor da Igreja, **vê no enxofre que se espalhou sobre Sodoma, o pecado contra a carne dos homossexuais**.

> « ***Sim, o enxofre representa bem a fetidez da carne, a própria história da Santa Escritura testemunha isso quando narra a chuva de fogo e de enxofre derramada sobre Sodoma pelo Senhor. Ele havia decidido punir nela os crimes de sua carne e a própria escolha de sua vingança denunciou a imundície que ele acusava. Pois o enxofre tem sua fetidez e o fogo seu ardor. Portanto, foi por se terem inflamado com desejos perversos oriundos de uma carne fétida, que os sodomitas mereceram perecer tanto pelo fogo quanto pelo enxofre, a fim de que uma justa punição lhes ensinasse o que haviam feito em um desejo injusto*** » (São Gregório Magno, Morais sobre Jó, III parte, vol. 1, livro XIV, n. 23, p. 353).

São Pedro Damião

> ***« este vício supera em gravidade todos os outros vícios... »***

Entre os santos da Idade Média que lutaram contra a homossexualidade, um dos maiores foi São Pedro Damião (1007-1072), Doutor da Igreja, reformador da Ordem beneditina e grande escritor e pregador. Em seu *Liber Gomorrhanus*, escrito por volta de 1049-1051 para o Papa São Leão IX, ele denuncia vigorosamente a ruína espiritual à qual se condena aquele que pratica tal vício.

> « ***É completamente justo que aqueles que, contra a lei natural e contra a razão humana, entregam à demônios sua carne para desfrutarem de relações tão repugnantes, partilhem com os demônios a cela de sua oração. De fato, visto que a natureza humana resiste profundamente a esses males, tendo em horror a ausência do sexo oposto, é mais claro que a luz do sol que ela nunca poderia experimentar coisas tão perversas e inauditas se os sodomitas, tornados quase vasos de ira destinados à ruína, não fossem totalmente possuídos pelo espírito de iniquidade; e de fato, esse espírito, a partir do momento em que se apodera deles, preenche suas almas tão gravemente com toda a sua maldade infernal que eles desejam ardentemente de boca aberta não o que é solicitado pelo apetite carnal natural, mas apenas o que ele lhes propõe em sua solicitude diabólica. Quando, portanto, o mesquinho se lança nesse pecado de impureza com outro homem, ele não o faz por estímulo natural da carne, mas apenas por impulso diabólico. (...) Esse vício não deve ser considerado como um vício ordinário, pois supera em gravidade todos os outros vícios. De fato, ele mata o corpo, arruína a alma, contamina a carne, apaga a luz da razão, expulsa o Espírito Santo do templo da alma, introduz nele o demônio instigador da luxúria, induz em erro, arranca a verdade da mente enganada, arma armadilhas ao peregrino, lança-o em um abismo, e o encerra lá para não mais deixá-lo sair, abre-lhe o Inferno, fecha-lhe as portas do Paraíso, transforma-o de cidadão da Jerusalém celestial em herdeiro da Babilônia infernal, de estrela do céu em palha destinada ao fogo eterno, separa-o da comunhão da Igreja e o lança no fogo infernal ávido e borbulhante. Esse vício tenta destruir os muros da Pátria celestial e reparar aqueles da cidade de Sodoma, queimada e ressuscitada***. »
>
> ***« … leva ao ódio de Deus »***
>
> « ***Essa tirania pestilenta de Sodoma torna os homens abjetos e leva ao ódio de Deus, trama guerras nefastas contra Deus, esmaga seus servos sob o peso do espírito de iniquidade, corta seu vínculo com os anjos, subtrai a alma infeliz de sua nobreza, submetendo-a ao jugo de sua dominação. Ela priva seus servos das armas da virtude e os expõe a serem transpassados pelas flechas de todos os vícios. Ela os humilha na Igreja, faz com que sejam condenados pela justiça, os contamina em***

> ***segredo, os torna hipócritas em público, roendo a consciência como um verme, queimando suas carnes como um fogo. (...)***
>
> ***« Portanto, que esses infelizes aprendam a reprimir uma peste tão detestável do vício, a dominar virilmente a lascívia insidiosa da concupiscência, a conter os incitamentos fatigantes da carne, a temer visceralmente o terrível julgamento da rigorosa divindade, mantendo sempre presente à memória a ameaçadora sentença do Apóstolo (Paulo): «É terrível cair nas mãos do Deus vivo» (Hb. X, 31). Assim como diz Moisés: «Se há alguém do lado de Deus, una-se a mim!» (Ex. XXXII). Ou seja, se alguém se reconhece como soldado de Deus, que se prepare com ardor para confundir esse vício, que não negligencie aniquilá-lo com todas as suas forças – e por onde quer que ele for descoberto, que se lance contra ele para transpassá-lo e eliminá-lo com as flechas muito afiadas da palavra*** » (São Pedro Damião O.S.B., *Liber Gomorrhanus*, Patrologia Latina, vol. 145, col. 159-190).

São Tomás de Aquino: a homossexualidade « faz injúria a Deus, o Ordenador da natureza »

São Tomás de Aquino (1224-1274), o grande teólogo dominicano proclamado Doutor universal da cristandade, descreve em sua sublime Suma Teológica a homossexualidade como o vício contra a natureza mais grave, equiparando-a ao canibalismo e à bestialidade.

> « ***A intemperança é, portanto, a mais censurável por duas razões: primeiro porque contraria ao máximo a dignidade humana. De fato, ela tem como matéria os prazeres que temos em comum com as bestas, já o dissemos. (...) Em segundo lugar, porque é a mais contrária ao esplendor e à beleza do homem, pois é nos gozos sobre os quais a intemperança incide que aparece menos a luz da razão que dá à virtude todo o seu esplendor e beleza. (...) Os pecados da carne, que fazem parte da intemperança, mesmo se são menos culpáveis, merecem, no entanto, um maior desprezo. Pois a grandeza da falta se toma do desvio em relação ao fim, enquanto o desprezo diz respeito à vergonha, que se avalia sobretudo pela indecência do pecador (...) Mas os vícios que ultrapassam o modo da natureza humana são ainda mais censuráveis. No entanto, mesmo estes parecem se reduzir ao gênero da intemperança segundo um certo excesso: como quando alguém encontra prazer em comer carne humana ou em ter relações sexuais com bestas ou com pessoas do mesmo sexo*** » (São Tomás de Aquino, Suma Teológica, II-II, q. 142, a. 4).

Em resumo, **se a ordem da razão reta vem do homem, a ordem da natureza, por outro lado, origina-se diretamente em Deus. Consequentemente**,

> « ***nos pecados contra a natureza, onde a própria ordem da natureza é violada, faz-se injúria a Deus mesmo. O Ordenador da natureza*** » (São Tomás de Aquino, Suma Teológica, II-II, q. 154, a. 12).

Santa Catarina de Siena: vício maldito que repugna aos próprios demônios

A grande santa Catarina de Siena também (1347-1380), mestre em espiritualidade e Doutor da Igreja, condenou veementemente a homossexualidade.

Aqui está como, em seu Diálogo da divina Providência, ela relata os ensinamentos do próprio Cristo sobre o vício contra a natureza:

> ***« É totalmente imundo que se aproximem deste mistério, e não apenas com a impureza e a fragilidade para as quais sua frágil natureza os inclina (embora a razão, quando o livre arbítrio assim o deseja, reprima essa rebeldia), mas cometendo miseravelmente, em vez de reprimi-lo, o maldito pecado contra a natureza. Como os malditos e insensatos, uma vez que a luz de seu julgamento se obscureceu, não são mais incomodados por esse fedor e por tanta miséria! Não só eu o abomino, eu, suprema e eterna pureza (eu o abomino tanto que meu divino julgamento afundou cinco cidades apenas por causa deste pecado), mas também os próprios demônios, os demônios que esses miseráveis se entregaram como mestres, não podem suportá-lo. Não que o mal não lhes desagrade; eles não amam nenhum bem, mas sua natureza era uma natureza angélica e é por isso que repugna ver cometer esse enorme pecado*** » (Santa Catarina de Siena, *O Livro dos Diálogos*, capítulo 124, pp. 401-402).

São Bernardino de Siena: « a sodomia maldita... perturba o intelecto »

Entre aqueles que, na época, falaram e escreveram contra a ressurreição desse vício, o mais importante é sem dúvida **o franciscano São Bernardino de Siena (1380-1444), famoso pregador, eminente tanto por sua doutrina quanto por sua santidade.** Pois ele proclama em seu XXXIX Sermão:

> ***« Não existe pecado no mundo que detenha mais a alma do que a sodomia maldita; que é um pecado que sempre foi detestado por aqueles que vivem segundo Deus, (...) «A paixão por formas ilegítimas é próxima da loucura; esse vício perturba o intelecto. Destrói a alma elevada e generosa, leva grandes ideias a mínimos, torna os homens pusilânimes, irascíveis, obstinados e endurecidos, servilmente inconstantes e incapazes de tudo; além disso, sendo a alma agitada por uma insaciável cobiça de desfrutar, não segue a razão, mas a fúria». (...) A causa disso é que eles estão cegos e, se seus pensamentos vão para as coisas altas e grandes, assim como têm as almas magnânimes, a fúria os quebra e os despedaça, reduzindo-os a coisas vis, inúteis, podres e corrompidas, e esses homens nunca se satisfarão. (...) Assim como alguns participam mais da glória de Deus do que outros, assim no inferno existem lugares onde há mais sofrimento do que outros e alguns sentem mais do que outros. Se aquele que viveu com o vício da sodomia sente mais dor do que outro, é porque este vício é o maior que existe*** » (São Bernardino de Siena O.F.M., Sermão XXXIX, *Prediche volgari*, pp. 896-897, 915).

São Boaventura: na noite de Natal « todos os sodomitas morreram sobre toda a terra »

O franciscano São Boaventura (1217-1274), **Doutor da Igreja honrado com o título de Doutor Seráfico**, ilustrando alguns fatos sobrenaturais ocorridos na época do Natal, afirma que

> ***« todos os sodomitas, homens e mulheres, morreram sobre toda a terra, conforme o que recorda Santo Agostinho ao comentar o salmo, «Uma luz nasceu para o justo, para evidenciar que Aquele que ia nascer vinha para reformar a natureza e promover a castidade»*** (São Boaventura, Sermão XXI, *In Nativitate Domini*, proferido na Igreja de Santa Maria da Porciúncula, *Opera Omnia*, vol. IX, p. 123).

São Pedro Canísio: os sodomitas violam a lei natural e a lei divina

Em seu célebre catecismo, o jesuíta São Pedro Canísio (1521-1597), Doutor da Igreja, resumiu assim o ensinamento da Igreja:

> « ***Assim como diz a Escritura Santa, os sodomitas eram pessoas muito más e até mesmo excessivamente pecadoras. São Pedro e São Paulo condenam esse pecado nefasto e abjeto. De fato, a Escritura denuncia***

> ***a enormidade de tal obscenidade com estas palavras: «O escândalo dos sodomitas e dos gomorranos se multiplicou, e seu pecado se agravou excessivamente». Por isso, os anjos disseram ao justo Ló, que abominava profundamente as torpezas dos sodomitas: «Abandonemos esta cidade, etc.» (...) A Escritura Santa não silencia as causas que levaram os sodomitas a cometer esse pecado muito grave e que também poderão levar outros homens a fazê-lo. Pois lemos no Livro de Ezequiel: «Eis qual foi a falta de Sodoma, tua irmã: orgulho, voracidade, tranquilidade despreocupada; essas foram suas faltas e as de suas filhas; não socorreram o pobre e o necessitado, se enalteceram e cometeram abominação diante de mim, por isso os fiz desaparecer, como viste» (Ez. XVI, 49-50). Daquela torpeza nunca suficientemente execrada são escravizados aqueles que não têm vergonha de violar a lei divina e natural*** » (São Pedro Canísio, *Summa Doctrina Christiana*, III a/b, p. 455).

A condenação dos Papas e dos Concílios

Em 305, o Concílio de Elvira, na Espanha, pediu, pelo cânon 71,

> « ***que aos pedófilos seja negada a santa comunhão, mesmo que estejam em perigo de morte*** » (cf. *Canones Apostolorum et Conciliorum*, pars altera, p. 11).

As penitências previstas pelo Direito Canônico foram fixadas em 314 no Concílio de Ancyra, cânon 16.

O XVI Concílio de Toledo, que ocorreu em 693, condenou pelo cânon 3 a prática homossexual como um verdadeiro crime em si, passível de sanções jurídicas: **o clérigo era reduzido ao estado laical e condenado ao exílio perpétuo**, enquanto o leigo era excomungado e, após ter sido flagelado, também era exilado (*Conciliorum œcumenicorum collectio* , vol. XII, col. 71).

Em seguida, **no Concílio de Naplouse, que se realizou na Terra Santa em 1120**, foram estabelecidas penas muito precisas contra aqueles que se tornassem culpados de crimes contra a natureza, **das mais leves até a fogueira, prevista para os reincidentes** (cf. *Conciliorum œcumenicorum collectio*, vol. XII, col. 264).

Ainda mais autorizada foi a sentença do III Concílio Ecumênico do Latrão que, em 1179, no II cânon, estabeleceu que

>

> «***quem for reconhecido culpado de se entregar à impureza contra a natureza, que provocou a ira de Deus sobre os filhos da rebelião (Ef. V, 6), e consumiu cinco cidades no fogo (Gn. XIX, 24-25), será, se for clérigo, expulso do clero e relegado a um mosteiro para fazer penitência; se for leigo, será excomungado e totalmente excluído da comunhão dos fiéis*** » (Decretos do III Concílio do Latrão, in R. Foreville, Latrão I, II, III e Latrão IV, p. 216).

São Pio V: « o execrável vício libidinoso contra a natureza »...

Se o espírito do Humanismo e da Renascença havia levado a um novo despertar da prática homossexual, a reforma da Igreja, promovida pela Papado no século XVI (mais conhecida como Contra-Reforma), provocou um tal ressurgimento das virtudes de fé e pureza, que quase todos os meios que foram impregnados por isso, tanto eclesiásticos quanto leigos, foram purificados.

Entre os membros do Magistério eclesiástico, aquele que interveio com mais solenidade foi São Pio V (1504-1572), o grande papa dominicano que, por meio de duas Constituições, condenou solenemente e proibiu severamente *o pecado contra a natureza*.

> ***« Como orientamos nossa alma a eliminar tudo o que pode ofender de alguma forma a majestade divina, estabelecemos punir antes de tudo e sem demora todas as coisas que, seja pela autoridade das Santas Escrituras, seja pelos exemplos muito graves, parecem desagradar a Deus mais do que qualquer outra e o levam à ira: seja a negligência do culto divino, a ruina simonia, o crime da bestialidade e o execrável vício libidinoso contra a natureza; faltas por causa das quais os povos e as nações são flagelados por Deus, por uma justa condenação com catástrofes, guerras, fome e peste. (…)***
>
> ***« Os magistrados devem saber que se, após nossa Constituição, forem negligentes em punir esses crimes, serão culpados diante do julgamento divino e atrairão até mesmo nossa indignação. (...)***
>
> ***« Se alguém cometer esse infame crime contra a natureza, pelo qual a ira divina atingiu os filhos da iniquidade, será entregue ao braço seccional para ser punido, e se clérigo, estará sujeito a uma punição análoga, depois de ser privado de todo grau eclesiástico*** » (São Pio V, Constituição *Cum primum*, de 1º de abril de 1566, Bullarium Romanum).
>
> ***... « reprimir um tal crime com o maior zelo possível »***

> ***« Este crime horrendo, por causa do qual as cidades corrompidas e obscenas foram queimadas pela condenação divina, marca uma dor pungente e abala fortemente nossa alma, nos levando a reprimir um tal crime com o maior zelo possível. A justo título, o V Concílio do Latrão (1512-1517) estabeleceu por decreto que todo membro do clero que tenha sido surpreendido nesse vício contra a natureza, por causa do qual a ira divina caiu sobre os filhos da iniquidade, seja afastado da ordem clerical ou obrigado a fazer penitência em um mosteiro. (...).***
>
> « ***Em querendo prosseguir com mais vigor o que decretamos desde o início do nosso Pontificado (Constituição Cum Primum*, citada), estabelecemos que todo sacerdote ou membro do clero, tanto secular quanto regular, de qualquer grau ou dignidade que pratique um crime tão horrível, seja, por força desta lei, privado de todo privilégio clerical, de toda função, dignidade e benefício eclesiástico e, posteriormente, seja imediatamente entregue à autoridade secular a fim de que seja destinado ao suplicio, previsto pela lei como punição apropriada, que castiga os leigos que se precipitam nesse abismo** » (São Pio V, Constituição *Horrenduin illud scelus*, de 30 de agosto de 1568, in *Bullarium Romanum*).

São Pio X: “O pecado contra a natureza clama por vingança à face de Deus”

No século XIX, a sensibilidade, sentimental e erótica até a exasperação, disseminada primeiro pelo romantismo e depois mais gravemente pelo decadentismo, contribuiu para **uma certa recrudescência da homossexualidade.** Esta, que por sua vez parecia contida por uma « ***moral laica*** » convencional, ainda assim se espalhou **disfarçando-se sob o véu de uma arte e de uma moda sensuais.**

No início do nosso século, as barreiras dessa « ***moral*** », que logo se romperiam, começaram a ceder sob o impacto crescente das paixões desordenadas que influenciavam cada vez mais **as classes cultas e abastadas. E estas começaram a reivindicar uma legitimação pública para esses desvios**. Em consequência, a Igreja viu a necessidade de renovar a condenação dos pecados que ressurgiam, incluindo o da homossexualidade.

Destacamos aqui **dois documentos do grande Pontífice São Pio X. Em seu Catecismo de 1910, de fato, o**

> **« *pecado de impureza contra a natureza* » é classificado, por sua gravidade, em segundo lugar, após o homicídio voluntário, na lista dos pecados que « *clamam por vingança à face de Deus* »** (Grande Catecismo,

> nº 966).
>
> « ***Dizem que esses pecados*** – explica o Catecismo – ***clamam por vingança à face de Deus, porque o Espírito Santo assim o diz, e porque sua iniquidade é tão grave e manifesta que provoca Deus a punir com os castigos mais severos*** » (nº 967).

O Direito Canônico previa a pena da "infâmia"

O Código de Direito Canônico promovido por São Pio X, mas publicado por Bento XV em 1917 e mantido em vigueur até 1983, trata da **sodomia** nos « ***delitos que se opõem ao sexto mandamento*** », assim como do incesto e outros delitos como a bestialidade (R. Naz, Tratado de Direito Canônico, t. IV, lib. V, p. 761).

O delito de sodomia é punido, no que diz respeito **aos leigos, pela pena de infâmia *ipso facto*** e outras sanções a serem impostas ao critério do bispo, em conformidade com a gravidade do caso particular (cânon 2357); **no que diz respeito aos eclesiásticos e religiosos**, se forem clérigos menores (ou seja, de grau inferior ao diaconato), mediante diversas penas, conforme a gravidade da falta, que pode chegar à redução ao estado laical (cânon 2358); e **se forem clérigos maiores (ou seja, diáconos, padres e bispos), estes serão**

> « ***atingidos pela suspensão, declarados infames, privados de todo ofício, benefício, dignidade ou cargo, e nos casos mais graves poderão ser depostos*** » (cânon 2359, § 2; cf. Dicionário de Direito Canônico, t. VII, col. 1064-1065).

Lembramos que a chamada « ***pena da infâmia*** » **era extremamente grave, pois consistia na** « ***perda total ou parcial da boa reputação perante as pessoas honestas*** » **e implicava a proibição de exercer cargos eclesiásticos e de ocupar funções de confiança como a de « *padrinho no batismo e na confirmação* » ou « *árbitro* »** (Dicionário de Direito Canônico, t. V, col. 1358-1359).

E até mesmo a "Igreja conciliar"

A Congregação para a Doutrina da Fé:

> ***"Os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados"***

Imediatamente após a guerra, o clima hedonista e permissivo da **sociedade dita «*de consumo*» contribuiu para agravar o problema da homossexualidade**. Em seguida, a revolta libertária da **geração de 68 proclamou o direito das paixões desordenadas a dominarem a**

sociedade sem sofrer quaisquer restrições ou repressão.

Nas últimas décadas, enquanto **a homossexualidade era elogiada e divulgada pelo mundo da cultura, da arte, da moda e do espetáculo**, o Magistério da Igreja se empenhou em renovar a condenação do pecado contra a natureza.

A Congregação para a Doutrina da Fé publicou dois documentos: *A pessoa humana*, de 29 de dezembro de 1975, e a *Carta Pastoral*, de 1º de outubro de 1986, nos quais reafirma **que é impossível legitimar, de qualquer forma, uma forma de relações que é totalmente contrária ao desígnio divino e, portanto, por consequência, à dignidade humana**.

> « ***Segundo a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos desprovidos de sua regra essencial e indispensável. Elas são condenadas na Santa Escritura como graves depravções e apresentadas até como a triste consequência de uma rejeição a Deus. Este juízo da Escritura (...) atesta que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados e que não podem, em nenhum caso, receber qualquer aprovação*** » (Congregação para a Doutrina da Fé, Declaração *Persona humana*, n. 8).

Ao condenar a doutrina homossexual,

> « ***a Igreja não limita, mas defende antes a liberdade e a dignidade da pessoa entendidas de uma maneira realista e autêntica »***
>
> ***« É importante esclarecer, ao contrário, que, embora não seja em si um pecado, a inclinação particular da pessoa homossexual constitui, no entanto, uma tendência, mais ou menos forte, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. É por isso que a inclinação em si deve ser considerada como objetivamente desordenada.***
>
> ***« São Paulo toma o comportamento homossexual como exemplo da cegueira em que a humanidade caiu. Substituindo a harmonia original entre o Criador e suas criaturas, a grave desvio da idolatria (do prazer, neste caso, nota do tradutor) trouxe todos os tipos de excessos no campo moral. São Paulo vê precisamente nas relações homossexuais o exemplo mais claro dessa desarmonia (cf. Rm. I, 18-32). Finalmente, em plena continuidade com o ensinamento bíblico, na lista daqueles que agem contrariamente à sã doutrina, são mencionados explicitamente entre os pecadores aqueles que cometem atos homossexuais (cf. I Tm. I, 10).***

> ***« Somente na relação conjugal o uso das faculdades sexuais pode ser moralmente correto. Assim, quando faz uso homossexual de suas faculdades, a pessoa age de forma imoral.***
>
> ***« A atividade homossexual impede a realização e a satisfação pessoal, porque é contrária à sabedoria criadora de Deus. Ao rejeitar opiniões errôneas sobre a homossexualidade, a Igreja não limita, mas defende antes a liberdade e a dignidade da pessoa entendidas de uma maneira realista e autêntica*** » (Congregação para a Doutrina da Fé, *A Pastoral em relação às pessoas homossexuais*, nn. 3, 6-7).

O novo Catecismo de S. S. João Paulo II renova a condenação

A condenação das uniões homossexuais foi reafirmada recentemente pelo Catecismo da Igreja Católica, promulgado em 1992 por S. S. João Paulo II:

> « ***Baseando-se na Santa Escritura, que as apresenta como depravações graves, a Tradição sempre declarou que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados. Eles são contrários à lei natural; fecham o ato sexual ao dom da vida; não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Não podem receber aprovação em nenhum caso*** » (Catecismo da Igreja Católica, nº 2357).

Documentos oficiais recentes condenam a legalização da homossexualidade

A promoção pública da homossexualidade constitui, segundo a ordem moral católica, uma falta muito mais grave do que a de sua prática privada.

Ela representa, de fato, a aprovação oficial, por parte da autoridade civil, de um pecado que deveria ser, ao contrário, condenado publicamente em nome do bem comum. Se no passado os meios homossexuais se limitavam à prática de seu vício, sem aspirar a uma justificativa moral ou a uma legalização pública, é precisamente isso que hoje eles pretendem obter dos governos e até mesmo da Igreja. Fortalecidos pela tolerância obtida ao longo do nosso século XX, tolerância que aumentou seu número e influência, inclusive política, hoje, os círculos homossexuais organizados pretendem obter um status jurídico que lhes permita impor à opinião pública o acasalamento contra a natureza como uma escolha de vida que deveria beneficiar-se de dignidade, encorajamentos e privilégios comparáveis àqueles que até agora foram reconhecidos apenas à união conforme a ordem da natureza. O Magistério da Igreja, ao condenar expressamente e incessantemente a prática homossexual, rejeita com ainda mais força a proposta de legalizar, sob qualquer forma que seja, a união contra a natureza.

A condenação expressa da Congregação para a Doutrina da Fé

A Congregação para a Doutrina da Fé reafirma com insistência que **o vício não pode reivindicar qualquer reconhecimento, porque o que é mal aos olhos de Deus não pode ser admitido socialmente como justo**.

> ***« Embora a prática da homossexualidade represente uma ameaça séria para a vida e o bem-estar de um grande número de pessoas, os protagonistas desse movimento não renunciam à sua ação e se recusam a considerar a extensão do risco que isso envolve. A Igreja não pode deixar de se*** preocupar ***com tudo isso e mantém, portanto, firmemente a esse respeito sua posição clara, que não pode ser modificada sob a pressão da legislação civil ou da moda do momento. (…) Ela é consciente de que a opinião segundo a qual a homossexualidade seria equivalente à expressão sexual do amor conjugal, ou tão aceitável quanto ela, tem um impacto direto sobre a concepção que a sociedade tem da natureza e dos direitos da família, e coloca estes em sério perigo. (...) Quando se introduz uma legislação civil para proteger um comportamento ao qual ninguém pode reivindicar qualquer direito, nem a Igreja nem a sociedade como um todo deveriam se surpreender que outras opiniões e práticas desviantes também ganhem terreno e que cresçam as reações irracionais e violentas »*** (Congregação para a Doutrina da Fé, *A Pastoral em Relação às Pessoas Homossexuais*, nn. 9-10).
>
> ***« Não existe direito à homossexualidade »***
>
> ***« A orientação sexual não constitui uma qualidade comparável à raça, origem étnica, etc., no que diz respeito à não discriminação. Ao contrário dessas, a orientação homossexual é objetivamente desordenada e gera uma preocupação moral particular. Existem áreas em que não é uma discriminação injusta levar em conta a orientação sexual, por exemplo, no apadrinhamento ou na adoção de crianças, na contratação de professores ou treinadores esportivos, e na recruta militar. As pessoas homossexuais, como seres humanos, têm os mesmos direitos que todas as pessoas (...). No entanto, esses direitos não são absolutos. Eles podem ser legitimamente limitados devido a um comportamento externo objetivamente desordenado. Isso é, às vezes, não apenas lícito, mas obrigatório. Além disso, isso valeria não apenas no caso de um comportamento culposo, mas mesmo no caso de ações de doentes físicos ou mentais. (...) Incluir «a orientação homossexual» entre as considerações com base nas quais é ilegal discriminar pode facilitar a concepção da homossexualidade como uma fonte positiva de direitos humanos. (...) Isso é ainda mais prejudicial,***

> ***pois não existe direito à homossexualidade, que portanto não deveria constituir a base de reivindicações jurídicas. Partir do reconhecimento da homossexualidade como um fator com base no qual é ilegal discriminar pode facilmente, se não automaticamente, levar à proteção legal e à promoção da homossexualidade, (...) Além disso, há um perigo de que uma legislação que fizesse da homossexualidade a base de direitos possa, na verdade, encorajar uma pessoa com orientação homossexual a declará-la publicamente ou mesmo a buscar um parceiro para se aproveitar das disposições da lei »*** (Congregação para a Doutrina da Fé, *A Pastoral em Relação às Pessoas Homossexuais*, apêndice de 23 de julho de 1992, nn. 10-14).

A Conferência Episcopal Espanhola: a recusa em legalizar a «família homossexual» não constitui uma injusta discriminação

Contestando a resolução do Parlamento Europeu, em uma nota intitulada *Casamento, família e «uniões homossexuais»*, publicada em 24 de junho de 1994, a Conferência Episcopal Espanhola se expressa assim:

> ***« Devemos, no entanto, afirmar também que não se pode pedir à sociedade que reconheça a condição ou o comportamento homossexuais como uma modalidade do ser humano, comparável, por exemplo, às diferenças naturais de raça ou sexo. Denunciamos como enganosa a tentativa de fazer crer à opinião pública que certas restrições legais, como a proibição de contrair matrimonio e adotar crianças, representam «discriminações injustas» em relação aos homossexuais. Tais proibições seriam injustas se fossem aplicadas em razão da raça, da origem étnica, do sexo, etc., mas não é o caso aqui. Os homossexuais, como pessoas humanas, têm os mesmos direitos que todas as outras pessoas (...) Esses direitos pertencem a eles como pessoas e não devido às suas tendências sexuais »*** (Conferência Episcopal Espanhola: *Casamento, família e uniões homossexuais* n. 5).

Legitimar o « casamento homossexual » vai contra o bem comum

> ***« É claro que quando as leis não legitimam o comportamento homossexual, não o fazem para tratar alguém de maneira injusta, mas para responder à norma moral e para proteger o bem comum da sociedade. E, ao contrário, as leis que o legitimariam não teriam qualquer fundamentação ética e teriam um efeito « pedagógico »***

> ***negativo, tendendo a minar o bem comum. (...) Qualquer comparação jurídica significaria conferir-lhes um valor de instituição social que não corresponde, de maneira alguma, à sua realidade antropológica. (...) Os cônjuges, ao conceber e educar os filhos, contribuem de maneira insubstituível para o crescimento e a estabilidade da sociedade. Por isso, merecem o reconhecimento e o apoio legal do Estado. Em contrapartida, não se pode reconhecer uma dimensão social semelhante à do casamento e da família na coabitação de homossexuais, que não pode, em hipótese alguma, ter essas características. (...) O bem comum exige que as leis reconheçam, promovam e protejam a união matrimonial, essencialmente heterossexual, como fundamento imprescritível da família. Por isso, a legislação que assimila, em certo sentido, o que se chama uniões homossexuais ao casamento, não é aceitável. As leis não estão obrigadas a sancionar o estado de fato transformando o fato em direito. É verdade que as normas civis não poderão sempre incluir integralmente a lei moral, uma vez que a lei civil deve, às vezes, para o bem da ordem pública, tolerar o que não pode proibir sem que daí resulte um dano maior. No entanto, essa tolerância não poderá se estender a comportamentos que atentem contra os direitos fundamentais das pessoas, incluindo os direitos à família e ao casamento como instituições. Nesse caso, o legislador, longe de se dobrar aos fatos sociais, deve « agir de tal maneira que a lei civil seja regulada pelas normas fundamentais da lei moral » (Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução Donum Vitae, n. 3). Se não o fizesse, se tornaria responsável pelos graves efeitos negativos provocados na sociedade pela legitimação de um mal moral como o comportamento homossexual « institucionalizado » »*** (idem, nn. 8, 13, 19).

Permitir a adoção por homossexuais: uma injustiça para com as crianças

Que equiparar a união homossexual ao casamento é um absurdo, isso se mede, por exemplo, pelas inevitáveis consequências que dela decorrem no campo da adoção de crianças, o que certamente seria reivindicado como um direito pelos homossexuais.

> ***« Portanto, não é possível qualificar de discriminação o fato de que as leis proíbem a adoção por homossexuais. É preciso pensar que seria precisamente a criança eventualmente adotada em tais condições que seria injustamente tratada. Com maior razão se considerarmos que, atualmente, há um grande número de casais dispostos a adotar e que atendem aos requisitos que, por uma razão ou outra, não conseguem***

> ***realizar seu desejo. As crianças que, infelizmente, foram privadas de sua família, não devem ser submetidas a um novo teste. Elas têm o direito de crescer em um ambiente que se assemelhe o máximo possível ao da família natural que não têm*** » (idem n. 14).

Sua Santidade João Paulo II: o Parlamento Europeu pede « a legitimação de uma desordem moral »

Em seu discurso de 20 de janeiro de 1994, proferido logo após a resolução « ***pro-homossexualidade*** » do Parlamento Europeu, Sua Santidade **João Paulo II reafirmou que é ilícito querer legalizar a união homossexual.**

> ***« O que não é moralmente admissível é a aprovação jurídica da prática homossexual. De fato, ser compreensivo em relação àquele que peca, em relação àquele que não é capaz de se libertar dessa tendência, não equivale a diminuir as exigências da norma moral (…).***
>
> ***« Mas devemos dizer que, com a resolução do Parlamento Europeu, a legitimação de uma desordem moral foi solicitada. O Parlamento conferiu impropriamente um valor institucional a comportamentos desviantes que não estão conformes ao plano de Deus (...). Ao esquecer a palavra de Cristo: « a verdade vos libertará » (Jo VIII, 32), buscou-se indicar aos habitantes do nosso continente o mal moral, devido a uma certa escravidão como caminho de libertação, falsificando a essência mesma da família »*** (João Paulo II, *Angelus* de 20/02/1994, *L'Osservatore Romano*, edição francesa, de 22/02/1994).

***

Desde sua origem, a Igreja não se limitou a condenar a homossexualidade ou a prescrever penitências espirituais para aqueles que a praticariam, mas também utilizou toda a sua influência para que as autoridades civis adotassem todos os meios legais que contribuíssem para evitar a propagação de tal pecado. A Igreja agiu assim por estrita fidelidade à divina Revelação, que a encarrega de anunciar aos chefes das nações, aos governos e aos Estados seu imperativo dever de conformar a legislação e as aplicações concretas da política à doutrina moral e social contida na Santa Escritura, em particular no Novo Testamento.

Assim, os Estados têm a obrigação moral de condenar como crime aquilo que a Revelação condena como pecado social, **caso contrário, são os povos, assim como seus soberanos, que terão de suportar as duras consequências da desobediência à Lei divina.** De fato, segundo as palavras da Escritura:

« ***Ouçam, pois, ó reis, e compreendam! Instruam-se, juízes das extremidades da terra! Prestem atenção, vocês que dominam sobre a multidão, que se orgulham de multidões de nações! Pois é o Senhor quem lhes deu a dominância e o Altíssimo o poder; é Ele quem examinará suas obras e escrutinará seus planos. Portanto, se, sendo servos do seu reino, vocês não julgaram corretamente, nem observaram a lei, nem seguiram a vontade de Deus, uma maneira aterradora e rápida cairá sobre vocês. Um juízo inexorável se exerce de fato sobre as pessoas em posições elevadas; aos pequenos, por piedade, se perdoa, mas os poderosos serão avaliados rigorosamente*** » (Sb VI, 1-6).

ANEXO 4 - A FSSPX E A HOMOSSEXUALIDADE

Em 1991, um sacristão homossexual de Saint Nicolas du Chardonnet processou a FSSPX por demissão abusiva.

Ganhos no tribunal, depois anulação, e depois julgamento anulado pela corte de Cassação:

Página 128:

http://books.google.fr/books?id=GbQau22hlXUC&pg=PA125&lpg=PA125&dq=droit+canon+2358&source=web&ots=-Y8BtkeY2k&sig=mrD0Ot_2yXMJw5PhI2A9V1i2SZs&hl=fr&sa=X&oi=book_result&resnum=1&ct=result#PPA128,M1

---

http://www.laportelatine.org/communication/lectures/2004/passio/fsspx/fsspx.php

Porta-voz dos tradicionalistas, o padre Marc Vernoy, prior da Fraternidade em Fabrègues, justificou a campanha lançada pela associação denunciando um

> « "***trailer abominável contra a Igreja católica e a favor da homossexualidade***". »

---

http://qien.free.fr/2008/200807/20080700_bouchacourt.fra.htm

Padre Bouchacourt

> *« A às vezes esses projetos, como o aborto, a contracepção, a legalização da homossexualidade, a educação sexual nas escolas, são contrariados e atrasados em sua aplicação graças à coragem de alguns bispos e políticos, mas, curiosamente, eles nunca são abandonados. Os inimigos da Igreja e da cristandade jogam na corrosão do tempo. Eles sabem que suas ideias vão se impor cedo ou tarde, eficientemente divulgadas e propagadas pelos meios de*

> *comunicação que eles possuem de forma quase exclusiva. »*

---

http://www.bafweb.com/gpl.html

20.06 Gay Pride de Lucerne: Contramanifestação dos católicos tradicionalistas

=> de um lado e de outro das barreiras, duas visões do mundo

Os fiéis de Écône se reuniram em Lucerne por ocasião da Gay Pride para manifestar sua adesão aos princípios da moral católica, sua desaprovação à exibição pública e à promoção dos costumes homossexuais, e para protestar contra a decisão do diocese de Basileia de acolher, na igreja dos Franciscanos, uma manifestação cujo mensagem é diametralmente oposta à da Igreja católica sobre o problema da homossexualidade.

Pode-se pensar o que quiser, mas é curioso notar que só esses católicos estão defendendo a posição do papa e da Igreja nas ruas das capitais católicas.

Entre 300 e 400 pessoas se reuniram pela manhã para assistir a uma missa. Os homens, cerca de uma centena, se dirigiram a Lucerne, à parte da manifestação, para orar, enquanto as mulheres e

as crianças foram em peregrinação no campo lucernense.

O objetivo era de "*manifestar nossa defesa da moral através de um testemunho público de nossa fé*", pode-se ler no site da Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX). Essa mesma fé considera essas manifestações de oração não como atos de rejeição e agressividade, mas como uma "reparação" pelo dano causado à moral.

A manifestação ocorreu sem incidentes, à maneira suíça, exceto por uma dezena de libertários que apareceram armados com... pistolas de água. Os organizadores teriam até "saudado" os contra-manifestantes, chamando-os de "assexuados" (dito isso, quando se vê o número de crianças do lado católico, a tendência seria considerá-los vencedores neste aspecto...).

Não é a primeira vez que a FSSPX manifesta sua fé, os homossexuais parecem ter se acostumado, e uma Gay Pride não seria completa se eles não aparecessem (a contra-manifestação estava inclusive anunciada no site da Gay Pride 2005!). Muitos testemunhos tendem a demonstrar que a coragem desses poucos católicos - que gostam de ser chamados de extremos, sem dúvida para se proteger da mensagem que carregam - sensibiliza grandemente a população sobre a falta de consideração da sociedade em relação ao doloroso problema da homossexualidade. A oração leva ao diálogo e ao compartilhamento, pessoas se juntam a eles ou começam a discutir, é um dos grandes aspectos positivos desse tipo de ação.

O BAF disponibilizará várias fotos a partir desta noite.

Testemunho de um participante na contra-manifestação (1'37)

---

http://www.fsspx.org/fran/LettrePretres/24/LFP24Edito.htm

> « Portanto, o bem do homem não reside no cumprimento de seus instintos. Não importa relembrar isso, na hora em que a denúncia do ato homossexual é considerada por muitos como um crime de lesa-majestade? » Padre Régis de CACQUERAY

http://www.laportelatine.org/district/france/bo/DCYSL/DCysl.php

Comunicado do distrito da França

Infâmia

> « *Mais vale para aquele por quem vem o escândalo. Seria melhor para ele que lhe pusessem ao pescoço* ***uma pedra de moinho e o jogassem ao mar, do***

> ***que se escandalizasse um só destes pequenos*** **» -** Mt, XVIII, 7 e 6

No dia cinco de junho, ocorreram as cerimônias fúnebres de Yves Saint Laurent na igreja paroquial de São Roque em Paris.

Yves Saint Laurent era um homossexual assumido.

A esse título, ele era “um pecador manifesto”.

Segundo o Código de Direito Canônico de 1983, as cerimônias fúnebres eclesiásticas deveriam ser recusadas a ele:

> “*Devem ser privados das cerimônias fúnebres eclesiásticas, a menos que tenham dado algum sinal de arrependimento antes de sua morte*:
>
> (...) 3° *os outros pecadores manifestos, a quem não se podem conceder as cerimônias fúnebres eclesiásticas sem escândalo público dos fiéis*.” Canon 1184,3 §1

Se por graça de Deus ele tivesse se arrependido antes de sua morte, um aviso deveria ser dado antes ou durante a cerimônia para afastar o escândalo.

Mas o maior escândalo é ter permitido que “seu companheiro” de depravação falasse na igreja para exaltar a vida a dois.

Três semanas se passaram desde essa cerimônia sacrílega e **não houve, a meu conhecimento, uma única voz eclesiástica que expressasse o menor desconforto, o menor arrependimento**.

Eu denuncio, **lamentando amargamente que minha voz seja solitária**, esse espetáculo innomável e expresso meu nojo diante do estado de servidão a que parece reduzido o clero católico diante de uma casta dominante que pode exibir o espetáculo de seus vícios com sua bênção.

Padre Régis de CACQUERAY, Superior do Distrito da França

---

http://www.absoluteastronomy.com/topics/Richard_Williamson

Declarações de Mgr Williamson sobre a homossexualidade

Em sua carta de outubro de 1997 referente ao *Comitê dos Bispos dos Estados Unidos sobre Casamento e Família*: "***Mensagem pastoral aos pais de crianças homossexuais***", Williamson

escreveu:

> - "Deus irá, como nos disse no Evangelho, fazer de tudo para ajudar o pecador que está tentando sair de seu pecado, mas Ele abomina o pecador que se afunda nele, e sobre essas cidades modernas que ostentam sua perversidade em paradas homossexuais anuais, Ele está preparando um fogo e enxofre tal que pode fazer o que caiu sobre Sodoma e Gomorra parecer uma chuva de orvalho, porque ao menos aquelas cidades nunca conheceram o Evangelho."
> - "São Paulo, no famoso trecho sobre homossexualidade no primeiro capítulo de sua Epístola aos Romanos, versículos 24 a 27, critica os gentios por praticarem esse pecado, mesmo que não tivessem religião revelada, e o faz em termos escolhidos para reavivar aquela repugnância natural, por exemplo, versículo 27: "E assim também os homens, deixando o uso natural da mulher, queimaram em seus desejos uns por outros, homens com homens, praticando aquilo que é vergonhoso e recebendo em si mesmos a recompensa que lhes era devida por seu erro". Portanto, falar de homossexualidade como um "estilo de vida alternativo" é tão perverso quanto equiparar a violação da natureza com sua observância. É tão horrivelmente corrupto quanto não fazer diferença entre reconhecer Deus como autor da natureza e desafiá-Lo."
> - "Portanto, o que é "inato" ou inato na natureza humana em relação à homossexualidade é uma repugnância violenta. Portanto, falar de homossexualidade, ou até mesmo apenas de uma inclinação para ela, como sendo "inata" em certos seres humanos, claro para desculpá-los, é acusar Deus pelo menos de contradição, se não também de implantar nos homens a causa do pecado, o que é blasfêmia implícita, senão explícita."
> - "Portanto, a verdadeira caridade, que deseja a salvação eterna para os homossexuais, com toda a devida prudência, não colocará um travesseiro sob seu pecado, mas o pintará para eles em suas verdadeiras cores para ajudá-los a sair dele."
> - "Mas o que faz nosso Comitê dos Bispos Americanos sobre Casamento e Família? Eles minimizam perigosamente o pecado e superestimam perigosamente o pecador, colocando, de fato, um travesseiro sob o pecado. Quanto ao pecado, eles ainda - para seu crédito - dizem que a atividade homossexual é intrinsecamente errada."
> - "Tal amor falso que confunde pecado e pecador não tem nada a ver com o catolicismo! Assim como São Paulo relacionou a homossexualidade à idolatria, ou seja, à quebra do Primeiro Mandamento, o verdadeiro remédio para o pecado é que aqueles que o praticam retornem à verdadeira adoração e amor ao verdadeiro Deus. Mas que chance eles têm de serem conduzidos de volta a isso por

> eclesiásticos que praticamente promovem tamanha corrupção como nesta Mensagem Pastoral? Quase nenhuma."

ANEXO 5 - APRESENTAÇÃO E EPÍLOGO - RANDY ENGEL (JULHO DE 2006)

O estudo fundamental de 1282 páginas publicado pela Sra. Randy Engel:

***O Rito da Sodoma* (1282 páginas)**

Homosexualidade e a Igreja Católica Romana

Randy Engel (julho de 2006)

http://www.theriteofsodomy.com

Esta é uma história da homossexualidade intergeracional na hierarquia americana, com consequências inimagináveis. ...

Um “segredo aberto” é um segredo escondido à vista de todos. As vidas homossexuais do Cardeal William O’Connell de Boston e do Cardeal Francis Spellman de Nova Iorque eram exatamente esse tipo de segredo, e permaneceram assim mesmo após suas mortes. Existem pelo menos duas razões para isso. Primeiro, porque viveram em uma época em que a maioria dos americanos não tinha pontos de referência para reconhecer, discernir e rotular comportamentos homossexuais na vida de *qualquer* indivíduo, muito menos nas vidas de dois prelados católicos de tão grande estatura. Em segundo lugar, porque, com poucas exceções, O’Connell e Spellman estavam rodeados de indivíduos que não tinham *desejo* de saber. A mídia e a polícia, por sua parte, mantiveram o silêncio. O único grupo que *abertamente* discutiu as aventuras sexuais de Spellman ou O’Connell com jovens homens, dentro e fora do clero, foram seus contemporâneos homossexuais, e eles nunca “expuseram” nenhum dos cardeais enquanto os prelados estavam vivos. ...

O legado homossexual do Cardeal William O’Connell e do Cardeal Francis Spellman nos acompanha até o século XXI. Atualmente, estamos na terceira geração de homossexuais clericais e pederastas que podem ser diretamente ligados a Spellman e O’Connell e a outros prelados homossexuais do início do século XX... e haverá muitas mais gerações de homossexuais clericais e pederastas a seguir, a menos que Roma aja para deserdar os herdeiros da perversão do sacerdócio católico e da vida religiosa.

Na resenha do livro da Sra. Engel à qual a revista conciliar *New Oxford Review* **[43]** dedicou seu número de novembro de 2006, essa revista traz as seguintes precisões:

> "Em seu livro intitulado 'O Rito de Sodoma: Homossexualidade e a Igreja Católica Romana' (The Rite of Sodomy: Homosexuality and the Roman Catholic Church - New Engel Publishing, 2006; 724-327-7379; www.riteofsodomy.com/), Randy Engel revela a invasão, colonização e cancerização do sacerdócio e da vida religiosa por homossexuais dentro da Igreja Católica."
>
> "Na primeira página da introdução, ela diz ter escrito no The Wanderer (no verão de 1987) um artigo cujo editor-chefe suprimiu a referência a 'bispos homossexuais':
>
> "Eu me lembro de ter prometido a mim mesma que, assim que meus deveres familiares e funções pró-vida como diretora da Coalizão dos Estados Unidos pela Vida (U.S. Coalition for Life) permitissem, eu me interessaria mais de perto pelos membros da hierarquia católica."
>
> "Ela nomeia explicitamente os bispos homossexuais, com abundantes notas e citações para apoiar suas afirmações. Esse livro, que levou uma década para ser escrito, revela um 'redemoinho homossexual' dentro da Igreja Católica." New Oxford Review, novembro de 2006.

Epilogo *(p. 1169-1172)*

Dezoito meses se passaram desde que o manuscrito de *O Rito da Sodoma* foi entregue à gráfica, e importantes mudanças ocorreram desde então na vida da Igreja, sendo a eleição de um novo papa uma das mais significativas: **o papa João Paulo II faleceu em 2 de abril de 2005**, após o que o cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, ascendeu ao trono de São Pedro como papa Bento XVI.

Além disso, eventos importantes ocorreram em relação a várias figuras mencionadas neste livro.

O padre Paul Shanley, da arquidiocese de Boston (atualmente defrocked), está **atrás das grades na prisão estadual de Massachusetts, onde cumpre uma pena de doze a quinze anos de prisão** por atentado ao pudor e estupro de Paul Buse, uma das muitas jovens pessoas que ele explorou sexualmente.

O **Reverendo James Porter, da diocese de Fall River, Massachusetts** (também defrocked), que havia **reconhecido ter agredido mais de cem vítimas menores, faleceu devido a um câncer em 11 de fevereiro de 2005**, enquanto estava em "confinamento civil" [44]. Ironia do destino, foi Shanley quem recomendou que Porter fosse enviado para " ***tratamento***" com os infames "Servants of the Paraclete" (Servidores do Paracleto) em Jemez Springs (Novo México) em 1967.

Em 30 de março de 2005, Carmen L. Durso, advogada de Boston, abriu uma ação judicial no tribunal de grande instância do condado de Hampden, em Springfield (Massachusetts), em nome de **William Burnett, cujo estupro por um padre se inscreve no legado deixado pelos cardeais O'Connell e Spellman**. **Entre os prelados nomeados neste processo estão os bispos Christopher Weldon e Timothy Harrington**, ambos falecidos. Segundo a Sra. Durso, Burnett foi submetido duas vezes ao detector de mentiras por um examinador altamente qualificado. As autoridades eclesiásticas do diocese de Springfield rejeitaram as acusações.

A Sociedade de São João (Fraternidade São João), suprimida em setembro de 2004 por Joseph Martino, bispo de Scranton, reapareceu na forma de uma associação pública de fiéis e estabeleceu sua nova sede no Paraguai, no diocese de Ciudad del Este, cujo bispo é Rogelio Ricardo Livieres Plano, membro do Opus Dei. Contudo, em março de 2006, este bispo teria expulsado **os predadores sexuais Carlos Urritigoity e Eric Ensey**, e, segundo o Núncio apostólico no Paraguai, não há mais registro deles no país. **Não se sabe onde esses dois padres estão atualmente**. **Embora sua ordem religiosa tenha sido dissolvida, Urritigoity e Ensey ainda não foram defrocked**. Nos Estados Unidos, o jesuíta Anthony Myers continua a solicitar fundos utilizando uma caixa postal em Maple Hill (Kansas), na arquidiocese de Kansas City.

Em 5 de julho de 2004, a polícia de Springfield (Illinois) foi chamada à residência do bispo emérito Daniel L. Ryan para apaziguar uma " ***briga de amantes***" entre Ryan e um de seus parceiros sexuais, que supostamente deveria acompanhar o bispo em uma viagem a Portugal. A residência, ou melhor, o bordel homossexual de Ryan, foi comprada em nome dele **pelo seu sucessor, o bispo George J. Lucas**.

Thomas Dupré, bispo de Springfield (Massachusetts), acusado de estupro sodomita, está foragido. Os responsáveis da diocese se recusam a indicar onde ele está escondido, e a Santa Sé não publicou nenhuma informação sobre a investigação que está conduzindo sobre Dupré desde sua renúncia em 10 de fevereiro de 2004.

Nove ações judiciais por agressões sexuais foram abertas **contra o bispo emérito Lawrence Soens, da diocese de Sioux City (Iowa)**. Essas agressões, cometidas contra alunos do sexo masculino, teriam ocorrido quando o réu (então simples padre) era diretor da escola secundária Regina, em Iowa City, e reitor do seminário de São Ambrósio, em Davenport. Pelo menos um desses processos foi objeto de um **acordo amigável no valor de 20.000 dólares**. Embora os responsáveis da diocese tenham sido informados sobre três alegações de agressões sexuais que Soens teria cometido durante os anos sessenta, **o arcebispo James J. Byrne, de Dubuque, não hesitou em consagrá-lo bispo em 17 de agosto de 1983**.

O relatório de 418 páginas do "***grande júri***" que o Escritório do Procurador do Distrito da Filadélfia publicou em 9 de setembro de 2005 contém uma crítica mordaz do **papel desempenhado pelo cardeal aposentado Anthony Bevilacqua e o falecido cardeal John Krol na encoberta massiva de delitos sexuais repetidos cometidos por padres dentro do arquidiocese da Filadélfia.** O cardeal Justin Rigali, sucessor de Bevilacqua, declarou à imprensa que o relatório era " ***muito pitoresco***" e " ***parcial***" e que não teria valor para as famílias.

Em 25 de fevereiro de 2006, os responsáveis jesuítas da província de Chicago apresentaram desculpas a duas vítimas agredidas pelo padre aposentado Donald McGuire, que ensinava na Academia Loyola de Wilmette (Illinois). Após deixar essa escola dirigida por jesuítas, **McGuire, que ministrava aulas muito apreciadas sobre a vida espiritual, tornou-se o diretor espiritual da mãe Teresa e de suas Missionárias da Caridade**.

O arcebispo Paul Marcinkus, diretor do Banco do Vaticano de 1971 a 1989, morreu em 20 de fevereiro de 2006 em Sun City (Arizona), enquanto o julgamento por homicídio de Roberto Calvi continuava em Roma. No caso Calvi, a acusação tentou, mas em vão, obter o depoimento de Marcinkus sobre uma série de esquemas e assassinatos ligados à máfia e à lavagem de dinheiro, mas **não conseguiu derrubar o muro de imunidade diplomática erguido em favor do interessado pelo papa João Paulo II, e que foi reforçado por aquele que se tornaria o papa Bento XVI.**

Em 10 de janeiro de 2006, o advogado John A. Aretakis entrou com uma ação civil em nome do padre Robert Hoatson no tribunal de distrito de Nova Iorque. O padre Hoatson, sacerdote da arquidiocese de Newark, processou **o arcebispo John Myers, de Newark, o cardeal Edward Egan, de Nova Iorque, o bispo Howard Hubbard, de Albany, os Irmãos das Escolas Cristãs** e outras pessoas por terem dado **apoio a clérigos conhecidos como pedófilos delinquentes**. Hoatson, que se dizia vítima de abusos sexuais por parte dos Irmãos das Escolas Cristãs, descreveu Myers, Egan e Hubbard como "***homossexuais ativos***". **O cardeal Theodore McCarrick, embora não sendo réu nesta ação, também é mencionado como** "***homossexual ativo***". Além disso, Hoatson afirma que **Charles J. McDonnell, bispo emérito auxiliar de Newark, e o bispo Paul Bootkowski, de Metuchen (Nova Jersey), mantinham "*relacionamentos inadequados*" com o padre abusador Alfonso de Condorpusa**, da arquidiocese de Newark. Tanto McDonnell quanto Bootkowski foram consagrados pelo cardeal McCarrick. A parte autora exige que o caso seja julgado por um júri.

As notícias de Roma não são muito melhores.

Em 27 de janeiro de 2006, o jornal italiano *Il Giornale* afirmava em sua edição online que o papa Paulo VI havia, de fato, sido vítima de ameaças de chantagem em relação às suas implicações homossexuais passadas e havia solicitado, para resolver essa crise, a ajuda do Primeiro-Ministro Aldo Moro, chefe do partido democrata cristão. O breve artigo em questão foi tirado da **edição de 6 de janeiro de 2006 do periódico italiano *L'Espresso*** e baseava-se nas anotações confidenciais do general Giorgio Manes, vice-comandante dos Carabinieri, a polícia militar italiana.

No Vaticano, **o papa Bento XVI nomeou o arcebispo William Levada, ex-arcebispo de San Francisco e "*amigo dos gays*", para chefiar a Congregação para a Doutrina da Fé e o fez cardeal**. Por sua vez, Levada – **com a ajuda do cardeal Roger Mahoney, de Los Angeles, também "*amigo dos gays*"** – fez com que sua ex-arquidiocese retornasse para um amigo de infância, **o arcebispo George "*Brokeback*"[45] Niederauer, que também é um "*amigo dos gays*".** Levada e Niederauer foram colegas de classe no seminário São João, frequentaram juntos o acampamento de formação em pederastia de Camarillo (Califórnia) e são coproprietários de um apartamento de aposentadoria em Long Beach. Niederauer, que afirma que não há ligação entre

pederastia e homossexualidade, é **favorável à ordenação de "*gays*", desde que sejam "*solteiros*".**

O grupo ativista "***gay***" *Outrage!* (Londres) continua sua campanha lançada em abril de 1998 em busca de "***informações de primeira mão***" **sobre a "*sexualidade*" do cardeal Joseph Ratzinger**, que se tornou papa sob o nome de Bento XVI, com detalhes que possam ser verificados. "***Não sabemos se Ratzinger é gay; mas se ele for, merece que isso seja dito publicamente, porque pode-se argumentar que ele é o mais homofóbico de todos os líderes do Vaticano***", destaca **o *Outrage Queer Intelligence Service*** (= serviço *Outrage* de *inteligência* "*gay*").

Os correspondentes em Roma relatam que o novo papa ganhou uma reputação por seu gosto dispendioso por sapatos e acessórios de qualidade, além de "***comportamento ligeiramente excêntrico***" e "***pendor por disfarces***". Durante o Natal de 2005, o papa foi fotografado usando um gorro de estilo medieval com bordas de pele, retrato que pode ser classificado apenas como abertamente "***tendencioso***". Um mês depois, *La Stampa* informou que o papa tinha visitado secretamente sua antiga residência, na 1 piazza città Leonina, disfarçado em uma batina preta e acompanhado de outro acessório, **Don Georg Gänswein, seu muito belo secretário de quarenta e oito anos, que é seu companheiro de viagem.**

Mas há mais. **Em 29 de novembro de 2005, a Sagrada Congregação para a Educação Católica** (nos seminários e institutos de estudos) publicou uma instrução universal que se aguardava há muito tempo sobre "***os critérios de discernimento vocacional a respeito das pessoas que apresentam tendências homossexuais quanto à admissão ao seminário e aos Ordens Sacras***". O documento, assinado pelo cardeal Zenon Grocholewski, pelo arcebispo John Michael Miller, CSB, Prefeito para a Congregação e Secretário, e aprovado pelo papa Bento XVI, **não afirma claramente a proibição absoluta da ordenação de homossexuais, pederastas e onanistas habituais que se encontra na Instrução de 1961 sobre a** "***seleção cuidadosa e a formação dos candidatos aos estados de perfeição e aos ordens sagrados***". De fato, a instrução de 1961 nem mesmo mereceu uma nota de rodapé na nova instrução.

De acordo com a instrução de 2005, "***mantendo profundo respeito pelas pessoas envolvidas, [a Igreja] não pode admitir no Seminário e nas Ordens sagradas aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente enraizadas ou sustentam o que se chama de cultura gay***". O documento prevê, no entanto, exceções quando "***as tendências homossexuais forem apenas a expressão de um problema transitório***". Neste último caso, as tendências em questão **"devem de qualquer forma ser claramente superadas pelo menos três anos antes da Ordenação diaconal**".

Que candidato ao sacerdócio e à vida religiosa se beneficia de tal exceção? Durante uma entrevista concedida à Rádio Vaticano em 29 de novembro de 2005, o cardeal Grocholewski declarou que isso abrangia qualquer pessoa **que tenha participado de um ato homossexual sob efeito de curiosidade adolescente ou de álcool, ou que tenha se prostituído unicamente para obter favores**. Bonitos critérios, de fato, para a mais sublime de todas as vocações!

O cardeal declarou ainda que **as normas expressas no documento não se aplicavam aos homossexuais já ordenados como padres**, o que é uma maneira ambígua de reconhecer que o papa Bento XVI, assim como seu predecessor, o papa João Paulo II, **não pretende, de forma alguma, realizar uma limpeza e empreender um ataque sério contra o coletivo homossexual dentro do sacerdócio e da vida religiosa católica.**

ANEXO 6 - EXTRATOS TRADUZIDOS DO CAPÍTULO 16 - A HOMOSSEXUALIDADE NAS ORDENS RELIGIOSAS

A Sociedade de São João

Exploração das Ordens Tradicionalistas (Extratos traduzidos das páginas 954-972)

> "É realmente um grande bem utilizar a liturgia tradicional, mas isso não é de forma alguma benéfico para a virtude ou para a salvação das almas se fazê-lo significa usar de maneira revoltante sua posição espiritual para fins sexuais. A Sociedade de São João está se beneficiando desse abuso, e dessa maneira está atacando diretamente o sacerdócio de Deus. Nenhum verdadeiro tradicionalista pode dizer: "Queremos a Missa tradicional. Não vamos irritar o bispo - não importa que abusem de alguns meninos, desde que não seja meu filho!" Onde houver negligência nesse aspecto, isso deve ser levado à justiça. A Igreja de Cristo, ou seja, a Santa Igreja Católica e o movimento tradicional estarão melhores por isso. *Speculum justitiae, ora pro nobis*.[xx] Rev. Richard A. Munkelt, Ph.D.

Em 21 de março de 2002, uma ação civil por abuso sexual foi movida diante do Tribunal de Distrito dos EUA do **Middle District** da Pensilvânia contra a Sociedade de São João, baseada em Shohola, Pa., dois de seus membros fundadores, **os padres Carlos Roberto Urrutigoity e Eric Ensey**, a Diocese de Scranton, **Mons. James C. Timlin, a Fraternidade Sacerdotal de São Pedro, baseada em Elmhurst,** Condado de Lackawanna, Pa., e **a Academia São Gregório, também localizada em Elmhurst**. [xxi]

O padre Urrutigoity, fundador, e o padre Ensey, chanceler da Sociedade de São João, são acusados de abuso sexual contra o requerente John Doe.[xxii] Ensey é acusado de ter forçado John Doe a atos sexuais, incluindo sodomia, enquanto Doe era menor e estudava na São Gregório. Urrutigoity é acusado de "contatos sexuais inadequados" com o requerente enquanto Doe residia na propriedade de Shohola e não era mais menor. Os dois padres da SSJ foram

incardinados na Diocese de Scranton pelo Monsenhor Timlin. Eles atuavam como capelães, professores em meio período e conselheiros espirituais na São Gregório, uma faculdade católica para meninos pertencente à Fraternidade Sacerdotal de São Pedro.

O processo visa Monsenhor Timlin, a FSSP[46] e a Academia São Gregório por grave negligência por não ter agido sobre fatos conhecidos relativos aos antecedentes homossexuais de Urrutigoity e Ensey, e por não ter protegido o requerente, um menor, dos dois predadores sexuais cuja posição na Academia havia sido organizada pela FSSP com a aprovação do Ordinário do Diocese, Monsenhor Timlin. As acusações incluem: agressão e lesões corporais, negligência, imposição intencional de sofrimento emocional, invasão da vida privada e omissão de dever.

O requerente e seus pais, Jane e John Doe Senior, que residem na Carolina do Norte, pedem mais de $75.000 em reparação e $1 milhão em danos. Um julgamento em Assise foi solicitado.

Este caso exemplar sobre a Sociedade de São João demonstra como o vício da homossexualidade pode se espalhar rapidamente mesmo em um ambiente tradicionalista, como o da Academia de São Gregório.

A SSJ e a Cidade de Deus

O padre Carlos Urrutigoity, fundador e líder reconhecido da Sociedade de São João, declara que **a visão para a Sociedade e a Cidade de Deus lhe veio enquanto estudava no Seminário de São Tomás de Aquino em Winona, pertencente à Fraternidade Sacerdotal de São Pio X (FSSPX). Em maio de 1997, o padre ordenado pela FSSPX foi expulso do seminário de Winona, oficialmente porque queria fundar uma nova ordem religiosa.**

Após passar de uma diocese à outra, o carismático **padre Urrutigoity, o padre Ensey e um punhado de seminaristas vindos de São Tomás foram acolhidos pelo Monsenhor James Timlin, do Diocese de Scranton, e a Sociedade de São João (*Societas Sancti Joanni*) nasceu.**

No dia 24 de maio de 1998, Monsenhor Timlin, com a bênção de Roma, deu sua aprovação canônica à nova sociedade. Seis meses depois, ele ordenou dois novos padres à SSJ, os padres Basel Sarveh e Dominic Carey.

Em setembro de 1999, a SSJ comprou 1025 acres de terra em Shohola, no Condado de Pike, na região montanhosa de Pocono por $2,9 milhões para construir uma cidade católica autônoma no modelo medieval, onde seus habitantes compartilhariam uma vida e uma fé comum. Uma vez completada, a comunidade da SSJ deveria incluir instituições de educação e formação *excepcionais* , do berço à sepultura.

Para isso, a SSJ pediu ao Dr. Ronald MacArthur, fundador do Colégio São Tomás de Aquino na Califórnia, que o ajudasse a fundar um colégio semelhante de artes liberais católicas na propriedade de Shohola. O Dr. MacArthur pediu ao Dr. Jeffrey Bond para ajudá-lo no projeto do Colégio São Justin Martyr. MacArthur, então, retirou seu apoio ao projeto após decidir que o conceito de Cidade de Deus concebido pela SSJ não era viável. Acreditando que Monsenhor Timlin estava completamente comprometido com o projeto, o Dr. Bond assumiu o lugar de MacArthur. Ele

lançou um programa de arrecadação de fundos para o Colégio São Justin Martyr/Casa de Estudos.

A Estrutura Canônica da SSJ

A Sociedade de São João não é uma ordem religiosa no sentido tradicional da palavra. Ela é vista canonicamente como uma "Associação Pública de Fiéis", uma associação mais ou menos agrupada de padres diocesanos que têm a permissão de viver juntos de acordo com regras de vida e que realizam certas missões apostólicas. No caso da SSJ, é ao Bispo de Scranton que seus padres e religiosos devem respeito e obediência.[xxiii] O Ordinário da Diocese de Scranton também tem o poder de suprimir a SSJ a qualquer momento.[xxiv]

O site oficial da Sociedade de São João descreve a instituição como "uma associação de sacerdotes, clérigos, religiosos e leigos trabalhando sob a autoridade do Papa e dos bispos da Igreja para reavivar a santidade de vida e a civilização Católica no terceiro milênio".[xxv]

As informações que se seguem sobre a Sociedade de São João, seu carisma especial, sua missão apostólica, sua estrutura e seus programas são retiradas de seu "Documento Fundador".[xxvi]

A comunidade da SSJ é composta por três grupos. Existe uma comunidade de clérigos, vivendo juntos permanentemente uma vida de piedade, estudo e apostolado, através do qual a sociedade espera redescobrir o significado profundo de cada ordem, menor e maior. Dentro da comunidade **também há uma fraternidade religiosa de homens "buscando se tornar um instituto religioso de direito diocesano"**, que se dedicam a Deus por meio dos votos de pobreza, castidade e obediência. Por fim, há um grupo composto por homens e mulheres Católicos dedicados ao culto de Deus e desejosos de se colocar (e seus bens) à disposição e para os objetivos da SSJ e sua elite clerical dirigente.

Diz-se que o carisma da SSJ repousa sobre quatro pontos **: o uso solene da Liturgia de Rito Romano, o renascimento da vida sacerdotal, da educação e a formação de pequenas cidades com uma verdadeira Cultura Católica**.[xxvii]

Informam-nos que os fundadores da SSJ aprenderam muito "sobre as instituições de vida comum sem votos" como modelo e adotaram "as estruturas básicas fornecidas pela lei, com, no entanto, as adaptações requeridas pelos objetivos específicos e o carisma único da Sociedade de São João". Eles conceberam **o amor pela Liturgia e a excelência eclesiástica na educação da Ordem de São Jerônimo; o sistema de priorados confederados da Ordem Beneditina; a ideia "de uma série de associações autônomas trabalhando em conjunto sob a égide de um moderador supremo" tal como concebida por São Martinho, Bispo de Tours;** e alguns cânones da Regra de Santo Agostinho em relação a "clérigos vivendo em comum e ajudando-se mutuamente a cumprir seu dever de estado".[xxviii]

O Documento Fundador declara que **os sacerdotes da SSJ são consagrados ao Sagrado Coração de Jesus, ao Coração Imaculado de Maria e a São João Evangelista** "em consideração à sua fidelidade e da sua presença no Sacrifício da Cruz, onde se associou a esses Corações Bem-aventurados, e da perfeição de seu espírito profético sobre o fim dos tempos".[xxix]

> "Restauração" é a palavra-chave da missão abraçada pela Sociedade, compreendendo a restauração da Liturgia Sagrada, da vida espiritual, da sabedoria e da educação Católica, da liderança Católica, da vida comunitária, da vida ascética, do apostolado, da Ordem natural, etc.[xxx] Todo esse tradicionalismo, apesar de que a SSJ se compromete com a abertura em face "da necessidade de um *aggiornamento* verdadeiro e frutífero".[xxxi]

Em um capítulo dedicado ao "Status da Igreja Católica na Sociedade Moderna" e à "Crise do Homem Moderno", **a SSJ declara que forma "uma nova geração de sacerdotes" que ajudará a resolver a "crise" atual na Igreja e na sociedade**.[xxxii]

"A cidade sobre a colina que esperamos construir não é para se esconder do mundo nem para condená-lo farisaicamente, mas sim para testemunhar-lhe as verdades da Fé... da possibilidade de viver uma vida Cristã integral, corporativa no mundo atual; uma luz que deve brilhar e não ser colocada sob o alqueire", explicam os fundadores.

A SSJ convida os interessados a viver na Cidade de Deus a contatar a Sociedade e a fazer uma doação para a construção de "a nova fundação para a cultura Católica" em Shohola e depois em outros lugares.

O único problema desse quadro idílico é que tudo é uma gigantesca impostura do início ao fim. **A SSJ é, como um de seus antigos padres descreveu corretamente, um "culto homossexual e seus sacerdotes"**, e não há nenhuma Cidade de Deus que floresça nas Montanhas de Pocono.[xxxiii]

A Corrupção da Academia São Gregório

A Academia São Gregório, bandeira da Fraternidade Sacerdotal São Pedro, é um colégio masculino operado pela Fraternidade São Pedro na diocese de Scranton. O prospecto da escola declara que ela se dedica à educação Cristã nas linhas estabelecidas pelo Papa Pio XI em sua encíclica de 31 de dezembro de 1929, *Divini Illius Magistri*.[xxxiv]

Na São Gregório, nosso único objetivo é a formação de jovens homens Católicos. Oferecemos uma educação das artes liberais seguindo a sabedoria persistente da civilização Ocidental. A Academia forma jovens homens que são fortes na fé, esperança e caridade, e que manifestam em suas vidas as virtudes intelectuais e morais, incluindo prudência, sabedoria e discernimento... Os alunos recebem uma instrução completa sobre a doutrina e os ensinamentos morais da Igreja, enfatizando a ortodoxia e o Magistério... A oração Católica está no centro da vida de São Gregório, e no coração dela se encontra o Santo Sacrifício da Missa, oferecido diariamente no rito Latino tradicional pelos sacerdotes da Fraternidade São Pedro com a autorização do bispo de Scranton.[xxxv]

O amplo campus está situado em 190 acres de um belo terreno montanhoso no leste da Pensilvânia, perto da sede do Distrito para a América do Norte em Elmhurst. Embora a São Gregório tenha como regra não aceitar meninos com sérios problemas escolares ou disciplinares, o

tom moral e pedagógico começou a despencar quando os padres da SSJ chegaram à Academia.

No outono de 1997, o padre Arnaud Devillers, o Superior do Distrito da FSSP, autorizou, com a bênção de Dom Timlin, os padres da SSJ a residirem temporariamente em uma ala vazia da Academia até encontrarem uma nova casa. No ano letivo seguinte, os Servos Menores de São Francisco também se juntaram à SSJ na ala dos hóspedes da Academia.

Quando **a escola abriu para o ano 1998-1999, o padre Devillers pediu aos padres da SSJ que atuassem como capelães da Academia,** pois a Fraternidade São Pedro estava com falta de sacerdotes.[xxxvi] Nenhum controle de segurança sobre os padres da SSJ foi realizado, nem pela FSSP, nem pela Diocese de Scranton.

As funções da SSJ eram celebrar a Missa, ouvir confissões, ensinar catecismo e assegurar a direção espiritual dos meninos de São Gregório. Na prática, no ano que se seguiu à sua chegada à Academia, os padres da SSJ dirigiam a instituição. Os membros da SSJ também levavam alunos da escola em passeios e viagens. Quando a Sociedade comprou a propriedade de Shohola, convidou os alunos e estudantes de São Gregório para visitá-la, acampar e se reunir em suas novas instalações.

Ao permitir que a SSJ assumisse a formação espiritual de seus alunos, a FSSP de fato deu aos clérigos perversos da SSJ acesso não apenas aos corpos dos jovens homens, mas também a suas almas, o que confere uma dimensão demoníaca adicional a seu empreendimento criminoso em São Gregório.

A preparação sistemática dos meninos de São Gregório começou com a introdução de álcool e tabaco destinados a diminuir as inibições sexuais e a resistência moral das potenciais vítimas.

No testemunho prestado sob juramento pelo Sr. Jude Huntz, o supervisor-chefe dos dormitórios, houve um incidente em março de 1998 em que, segundo ele, percebeu três alunos voltando da residência da SSJ em São Gregório em estado avançado de intoxicação. Huntz declarou que a polícia foi chamada e que os oficiais da SSJ receberam um aviso sobre a entrega de álcool a menores.[xxxvii] Em testemunhos sob juramento sobre o caso John Doe, o Sr. Paul Hernak, um professor de São Gregório, e o Sr. Jerry Zienta, um supervisor de dormitório, confirmaram a acusação de Huntz.

No entanto, o padre Paul Carr, o capelão da FSSP na Academia, contradiz a história de Huntz. O padre Carr afirma que a única vez em que a polícia foi chamada foi para verificar se os pais concordavam em que fosse oferecido álcool a seus próprios filhos menores.[xxxviii]

Além disso, Huntz acrescentou em seu testemunho que, pouco tempo após sua chegada a São Gregório, os padres da SSJ começaram a convidar meninos para seus quartos para filmes e direção espiritual. Essa prática gerou problemas de horário porque os meninos muitas vezes retornavam aos seus dormitórios em horas bastante tardias.[xxxix]

Subsequentemente, o Sr. Alan Hicks, Diretor da Academia, modificou as regras para permitir que os meninos que recebiam "direção espiritual" dos padres da SSJ retornassem a uma "hora razoável" (termo vago), e os supervisores de dormitório desenvolveram um novo sistema em que

um supervisor controlava os meninos à noite e o outro pela manhã.

O fato dos padres da SSJ manterem os alunos até tarde trouxe outros problemas para os supervisores. Os meninos tinham dificuldade para acordar na manhã seguinte, frequentemente chegavam atrasados à capela e estavam sonolentos nas aulas durante o dia.

Mesmo depois que Hicks informou a Urrutigoity que essas visitas noturnas estavam causando problemas, a prática dos conselhos espirituais tarde da noite e a oferta de álcool e tabaco aos meninos continuaram.[xl] Relatos também indicavam que alunos compravam maconha fora do campus e a fumavam com seus colegas na Academia.[xli]

A Preparação dos Meninos de São Gregório

Uma vez que os padres da SSJ se infiltraram em São Gregório, boatos sobre atos homossexuais e outros comportamentos sexuais bizarros começaram a chegar aos ouvidos dos oficiais e do pessoal da Academia.

Foi relatado que um *senior prefect*[47] em São Gregório tinha o hábito de "aterrorizar" os alunos das classes inferiores pulando nu em suas camas durante a noite. Houve incidentes de meninos imitando sexo oral nos dormitórios.[xlii] Começaram a circular boatos de que o padre Urrutigoity dormia com alguns alunos.

Em fevereiro de 1999, Paul Hornak, um professor de São Gregório, levou um grupo de alunos em uma expedição de *camping* invernal ao longo do *Appalachian Trail* na fronteira entre a Pensilvânia e o New Jersey. O padre Urrutigoity se ofereceu como "diretor espiritual". Durante a excursão, Hornak descobriu que o sacerdote havia fornecido aos meninos sob sua tenda charutos e vinho, e que dois dos meninos se gabavam de terem compartilhado o saco de dormir de Urrutigoity. Confrontado com a acusação de ter dado álcool e tabaco a menores e de ter dormido com meninos em seu saco de dormir, o sacerdote defendeu suas ações como um meio de incentivar a "boa camaradagem".[xliii]

Em seu testemunho sob juramento no caso John Doe, Hornak declarou que o padre Urrutigoity parecia considerar que "dormir com meninos em seu saco de dormir era perfeitamente natural e que ele havia conseguido convencer os dois jovens que não havia nada de errado nisso".[xliv]

Hornak observou que, durante o ano letivo de 1998-1999, ele "ouviu frequentemente fragmentos de conversa entre os meninos que não deixaram dúvida de que beber, fumar e compartilhar a cama era comum". Ele disse que "se queixou a quem quisesse ouvir", mas que ninguém em São Gregório parecia se importar.

Na primavera de 1999, Hornak avisou que não retornaria a São Gregório no outono. Durante sua entrevista de saída com o padre Devillers, Hornak disse a este último que "acreditava firmemente que a Sociedade de São João havia envolvido os meninos de São Gregório em atividades pré-homossexuais durante sua estadia na escola". Sem palavras, Devillers disse a Hornak que a SSJ mudaria suas maneiras quando deixasse a escola e teria que se virar sozinha. Ele acrescentou que achava que "algumas das técnicas empregadas pela Sociedade para serem bem vistas pelos meninos poderiam ser destinadas a torná-los receptivos à palavra de Deus". Hornak disse que

achou as declarações de Devillers "absurdas".[xlv]

Devillers não informou a Hornak que ele não era o primeiro a se queixar do comportamento desagradável dos padres da SSJ.

Os Padres Franciscanos que compartilhavam a mesma ala do prédio com os padres da SSJ também expressaram a Devillers sua preocupação quanto à perigosa influência do padre Urrutigoity e de seus padres sobre os meninos de São Gregório. Eles informaram que o padre Daniel Fullerton, um padre da SSJ, havia dito aos alunos que o uso de trajes de banho era "opcional" quando nadavam na propriedade da Sociedade em Shohola. Os religiosos também disseram ter notado que alunos das classes superiores apresentavam comportamentos violentos ao atormentar os mais jovens, o que acreditavam ser incentivado pelo padre Urrutigoity como meio de colocar os mais velhos "em posição" de dirigir a escola.[xlvi]

Um dos padres Franciscanos a quem o Diretor Hicks pediu para acompanhar uma viagem a Nova York patrocinada pelo padre Urrutigoity relatou que, pelo caminho, o sacerdote parou para comprar cigarros para os meninos e lhes deu vinho durante o jantar em sua estadia em Manhattan.

Os Franciscanos pareciam estar perfeitamente cientes da atividade homossexual da SSJ na Academia. Eles informaram a Devillers que frequentemente viam meninos nos quartos da SSJ após o toque de recolher, alguns até de pijama no banheiro da SSJ pela manhã. Em uma ocasião, descobriram um aluno sozinho em um cômodo fumando e bebendo com o padre Urrutigoity após a meia-noite. Também relataram que, por um tempo, o padre Urrutigoity estabeleceu seu quarto no banheiro.

Um testemunho adicional que reforçou a acusação de Hornak de que a SSJ transformava São Gregório em um antro de pederastas foi dado pelo Irmão Alexis Bugnolo, que ficou com os Padres Franciscanos na ala da SSJ por um fim de semana em fevereiro de 1999.

O Irmão Bugnolo adquiriu experiência sobre comportamento homossexual durante seu trabalho em um grupo *prolife* de Boston, que realizava um apostolado nas ruas em ambientes homossexuais da cidade. Ele declarou que, durante sua estadia em São Gregório, viu alunos exibindo comportamentos implícitos com gestos incompatíveis com uma amizade normal entre meninos. Em uma noite, após o toque de recolher, ao chegar à capela do lado do dormitório para se confessar, viu dois alunos se abraçando e se beijando diante das portas da capela. Ele também viu um menino carregando outro em um dormitório adjacente e gritando: "meninas, meninas, meninas, peguem-nas enquanto estão quentes!".[xlvii]

Depois de se confessar com o padre Urrutigoity, Bugnolo esperou o sacerdote na capela perto do confessionário para expressar sua preocupação sobre o comportamento sexual anormal que tinha testemunhado. Ele aconselhou o padre Urrutigoity a informar os superiores da escola e o bispo diocesano sobre os problemas que havia visto, para que a situação pudesse ser corrigida.

Após retornar a Massachusetts, ele escreveu ao padre Urrutigoity sobre suas preocupações em relação a possíveis atividades homossexuais e violações de castidade em São Gregório. Ironicamente, Bugnolo sugeriu que o padre Urrutigoity retirasse sua comunidade da escola para evitar uma contaminação moral.[xlviii]

Algum tempo depois, Bugnolo lembrou-se de ter visto em São Gregório, durante sua visita de fim de semana, um desenho de um dos alunos que mostrava o mesmo tipo de carícias. O jovem estava então de batina e a legenda indicava que ele havia se juntado à SSJ. O Irmão Bugnolo compartilhou suas preocupações com Peter Vere, um especialista em Direito Canônico da Diocese de Scranton, que lhe disse que não havia provas suficientes para levar o problema à atenção de Dom Timlin. O Irmão Bugnolo abandonou o caso temporariamente.

Em 27 de janeiro de 2002, depois que os *Roman Catholic Faithful* romperam o silêncio sobre o escândalo da SSJ, Bugnolo escreveu uma carta detalhada ao presidente da RCF, Steve Brady, sobre sua experiência em São Gregório.

No final de sua carta, Bugnolo **repetiu o conselho de São Antônio Maria Claret sobre o que fazer** quando uma instituição da Igreja se torna presa da turpitude moral, como é o caso da Academia São Gregório:

> **... A única solução moral certa para corrigir tal problema é a dissolução do corpo docente e a demissão dos alunos, a revogação dos capelães e confessores de seus ofícios; se o instituto deve ser reconstituído, isso só pode ser feito com educadores, alunos e sacerdotes totalmente novos; isto porque sempre há relações que nunca serão descobertas, e que se estiverem presentes na nova fundação, a conspiração pode recomeçar. Problemas dessa ordem nas boas fundações só podem ser evitados se os confessores e diretores espirituais levarem a sério a recidiva nos 6º e 9º mandamentos e tiverem autoridade para expulsar candidatos que não possuem a graça da castidade e da continência, isso sem prudência humana.**[xlix]

Havia outros incidentes que deveriam ter indicado a qualquer um que tivesse olhos para ver que a Academia de São Gregório estava sendo invadida por uma força moral estrangeira na forma da Sociedade de São João.

A mãe de um aluno soube que um sacerdote da paróquia de sua diocese, que havia sido considerado culpado por atos homossexuais com jovens meninos, havia visitado São Gregório e conversado com seu filho no vestíbulo. **Esse incidente sugere que a SSJ poderia ter trazido outros predadores sexuais ao campus.**[l]

Descobriu-se também que o Diretor Hicks havia permitido que meninos da equipe de hóquei da escola fizessem uma viagem ao Canadá com um homem conhecido por Hicks como praticante da homossexualidade e colecionador de pornografia homossexual.[li]

Ao final do ano letivo de 1998-1999, quando os padres da SSJ deixaram São Gregório para residir em sua própria propriedade, continuaram a manter relações próximas com os alunos de São Gregório.

No testemunho sob juramento de 10 de dezembro de 2002 de Joseph Sciambra no caso John Doe, o ex-postulante da Sociedade declarou que, no final da primavera de 2000, um grupo de jovens homens da Academia São Gregório acampou na propriedade da SSJ. O padre Urrutigoity passou a noite no acampamento e disse a Sciambra que havia compartilhado o saco de dormir de um dos jovens.

Sciambra viu o sacerdote servir álcool a meninos, um dos quais cambaleou ao sair do quarto de Urrutigoity em estado de severa intoxicação. Ele também disse que viu meninos saindo do quarto do sacerdote vestindo apenas roupas íntimas, alguns deles afirmando que haviam dormido na mesma cama que o padre.[lii]

Outro ex-noviço da SSJ que assinou um testemunho sob juramento, mas não queria que seu nome fosse publicado, declarou que, quando vivia na Casa São José, que servia à SSJ para abrigar postulantes e noviços, ele tinha dificuldade de tomar banho após correr, já que o banheiro estava sobrecarregado. Quando o padre Urrutigoity ouviu sobre o problema do jovem, convidou-o a usar seu chuveiro e sua banheira na Drummond House. Sempre que o noviço aproveitava a oferta de Urrutigoity, dizia que o padre aparecia nu ao sair do banheiro, vestido apenas com seu escapulário, ensaboando-se enquanto o jovem tomava banho e se vestia.

Embora Urrutigoity nunca tenha abordado o jovem de maneira abertamente sexual, é claro que seu comportamento exibicionista diante de um noviço sob sua guarda espiritual era uma forma de preparação homossexual. Felizmente, o noviço não esperou por isso. Ele deixou a SSJ em meados de janeiro de 2001, sem ter completado seu noviciado.[liii]

Em setembro de 2002, um testemunho escrito sob juramento em Valbonne, França, por Joseph Girod, um ex-professor de canto Gregoriano na SSJ, declarava que, quando ele estava em um período de depressão, o padre Urrutigoity o enviou a Walter Bahn, um amigo músico e psicoterapeuta, para terapia e direção espiritual. Durante a primeira sessão com Bahn sobre "autoconhecimento", ele disse a Girod que a homossexualidade era um estado genético que não admitia modificação. Bahn também disse a Girod que ele (Bahn) era "gay". Mais tarde, em uma conversa com Girod, o padre Urrutigoity assumiu a mesma posição que Bahn sobre a homossexualidade – que esta estava nos genes.[liv]

Outro padre da SSJ, o padre Fullerton, consta nos registros por ter dito a um seminarista da SSJ que era "nobre" para um homossexual se tornar sacerdote.[lv]

Não há dúvida de que esses mitos "gays" foram transmitidos a alunos ingênuos na Academia pelos padres da SSJ durante aulas sobre moral sexual e direção espiritual dada individualmente e no confessionário pelo padre Urrutigoity e seus clérigos e leigos discípulos.

Fred Fraser, um graduado e mais tarde supervisor de dormitório em São Gregório, que admitiu ter dormido com Urrutigoity, defendeu seu compartilhamento de cama citando *O Simpósio* de Platão e *Os Irmãos Karamazov* de Fyodor Dostoiévski.[lvi]

Em 10 de novembro de 2002, Conal Tanner, um graduado de São Gregório e ex-supervisor de dormitório, informou Dom Timlin que tinha conhecimento de que o padre Urrutigoity havia dormido com meninos na mesma cama e que outros membros da Sociedade de São João estavam cientes

dos atos de seus superiores.[lvii]

A declaração de Tanner a Timlin também foi confirmada por um testemunho sob juramento de Diane Toler, de Cherry Hill, NJ, que declarou que o padre Dominic Carey, principal financiador da SSJ, lhe havia dito que não era segredo que o padre Urrutigoity dormia regularmente com jovens meninos e homens jovens. **O padre Carey defendia a prática, afirmando que se dois homens dormissem juntos, isso não seria uma ocasião de pecado, já que não há atração natural entre homens.**[lviii]

"Guru-tigoity" um Predador Homossexual à Descoberta

Em 11 de fevereiro de 1999, Dom Bernard Fellay, Superior Geral da Fraternidade São Pio X, enviou uma comunicação oficial a Dom Timlin informando que o padre Carlos Urrutigoity havia sido acusado de abuso sexual contra um seminarista sob sua guarda espiritual no Seminário São Tomás de Aquino da FSSPX em Winona, Minnesota.

Dom Fellay também indicou que, em 1987, antes que Urrutigoity fosse admitido no seminário de Winona, o padre Andres Morello, Reitor do Seminário Nossa Senhora Co-Redentora de La Reja, Argentina, havia acusado o padre de práticas homossexuais.

Segundo o padre Morello, ele buscou expulsar Urrutigoity do seminário de La Reja devido ao seu orgulho característico, sua tendência a formar "amizades especiais", seu desenvolvimento de uma facção de seminaristas agindo sob sua influência e graves acusações no plano moral.[lix]

Entre as acusações feitas contra Urrutigoity **por seminaristas e leigos que viviam no seminário de La Reja estavam suas visitas noturnas inesperadas aos quartos dos jovens enquanto estes dormiam, carícias e massagens nas partes genitais** e nas nádegas sob o pretexto de exames médicos, e apalpamentos nas partes íntimas de um seminarista em uma sala de descanso, acompanhados pela observação do padre que adorava seu "bumbum redondo". **Urrutigoity também era acusado de sondagens excessivas durante a confissão e nas sessões de retiros espirituais sobre as tentações sexuais dos penitentes**; além de suas vestimentas imodestas (nadar de roupa íntima) durante um acampamento de verão organizado para jovens do seminário.[lx]

Infelizmente, a demissão prevista de Urrutigoity pelo padre Morello nunca aconteceu, pois o seminarista contava com o apoio de Dom Alfonso de Galarreta, o Superior de Distrito da FSSPX, e de outros padres influentes.

Em vez de ser demitido, Urrutigoity foi enviado ao Priorado de Córdoba (Argentina) onde recebeu as recomendações necessárias que possibilitaram sua transferência para o seminário da FSSPX em Winona. Ao mesmo tempo, o padre Morello foi transferido para Santiago, no Chile, o que o deixou temporariamente fora de ação.[lxi]

No entanto, em julho de 1989, quando o padre Morello soube da próxima ordenação de Urrutigoity em Winona, ele enviou um dossiê confidencial sobre o candidato ao Reitor Richard Williamson no Seminário São Tomás de Aquino. Temendo que esse esforço não

fosse suficiente para impedir a ordenação, o padre Morello foi ao seminário com um companheiro. Ao chegarem, foram confrontados por Williamson, que se deparou com a negação ou "manifestação de consciência" de Urrutigoity, que proclamou sua inocência das acusações feitas contra ele. Williamson justificou a "humildade" de Urrutigoity e acusou Morello e seu companheiro de mentir.

Poucos dias depois, em 16 de julho de 1989, Morello, que havia estado envolvido em um debate interno na FSSPX sobre um assunto não relacionado ao caso Urrutigoity, foi expulso da Fraternidade.[lxii]

Williamson declarou mais tarde que não acreditavam em Morello porque ele era considerado ligado a um grupo sedevacantista oposto a Dom de Galarreta. Apesar de tudo, seu superior, o Arcebispo Marcel Lefebvre, que havia revisado o dossiê de Morello, ordenou a Williamson que vigiava Urrutigoity "como um falcão", uma tarefa virtualmente impossível dado o comportamento furtivo de um predador homossexual como Urrutigoity.[lxiii]

O padre Urrutigoity havia instrumentalizado um grupo tradicionalista contra o outro para seus próprios fins.

Não apenas foi ordenado, mas também foi encarregado de ensinar no Seminário São Tomás de Aquino, onde ganhou o apelido de "Guru-tigoity".[lxiv]

Não é surpreendente que em sua carta de advertência a Dom Timlin em fevereiro de 1999, Dom Fellay descrevesse Urrutigoity como "perigoso" e observasse:

> **A razão pela qual ele entrou em conflito com os Superiores da Fraternidade São Pio X é principalmente porque sentíamos que ele tinha uma influência estranha e anormal sobre os seminaristas e os padres, que pareciam se apegar à sua personalidade brilhante e carismática. Quando ele me pediu para reconhecer a sociedade que ele tinha a intenção de fundar, entre as razões do meu recuso, mencionei explicitamente o apego estranho, como a um guru, entre os discípulos e seu líder.**[lxv]

Urrutigoity Enfrenta a Segunda Acusação

Foi somente **dois anos depois que Urrutigoity foi expulso do Seminário São Tomás de Aquino de Winona** por "atividades subversivas", ou seja, o planejamento secreto da Sociedade de São João, e que se instalou na Diocese de Scranton com alojamentos temporários estabelecidos na Academia de São Gregório, **que um seminarista de Winona se apresentou para acusar o padre de abuso sexual**.

O alvo das tentativas de sedução e das atenções sexuais forçadas por Urrutigoity era um jovem chamado **Matthew Selinger**, que anteriormente idolatrava o sacerdote. Os dois homens haviam formado uma amizade especial no seminário e Urrutigoity foi o diretor espiritual de Selinger durante dois anos antes de sua mudança.

Selinger tinha algumas histórias estranhas sobre o padre Urrutigoity.

Ele disse que um dia, quando estava constipado, foi procurar Urrutigoity para pedir Metamucil. Em vez disso, o padre lhe ofereceu um supositório retal. Nunca tendo usado um antes, o seminarista acreditou que era um medicamento oral e o engoliu. O padre o informou sobre o uso correto e insistiu para que o jovem o tomasse na presença dele como um ato de "humildade". Selinger resistiu a contragosto e se dirigiu ao banheiro para tomar o supositório, enquanto se recriminava por **não ser espiritualmente maduro o suficiente para seguir as ordens de Urrutigoity e crucificar seu "respeito humano".**[lxvi]

Em outra ocasião, Urrutigoity convidou Selinger e seu amigo para nadar nus com ele.

Certa noite, **o jovem seminarista acordou de seu sono para encontrar o padre ajoelhado ao seu lado, massageando suas partes genitais** com tanta força que provocou uma ereção. Selinger disse que seu primeiro impulso foi dar um soco no padre, mas como Urrutigoity era um *Alter Christus*, um outro Cristo, ele se virou e fingiu voltar a dormir enquanto Urrutigoity desaparecia silenciosamente na escuridão.[lxvii]

O novo uso de supositórios no repertório de preparação de Urrutigoity lembra as técnicas de preparação empregadas no início do século 20 pelo teosofista/pederasta Charles Webster Leadbeater.

Leadbeater incentivava enemas, manipulação genital e onanismo como meio de promover a vitalidade física, psíquica e espiritual (oculta) entre seus jovens discípulos. "Essa espiritualização da pedofilia o absolve da culpa que o faz odiar a sociedade... Não é mais uma fraqueza humana comum, pois ele sentiu o fogo purificador da divindade", relatou Grégoire Tillet, o biógrafo de Leadbeater.[lxviii]

No momento em que Selinger informou seus superiores em Winona que Urrutigoity havia abusado dele sexualmente, o fundador da SSJ estava tranquilamente escondido como capelão da Academia São Gregório, selecionando sua próxima vítima em um grande grupo de jovens homens que, como Selinger antes de ser abusado, literalmente seguiam os passos de Urrutigoity.[lxix]

Em junho de 1999, uma reunião foi realizada em Winona entre Matthew Selinger e o Reitor Williamson da FSSPX, e a equipe pastoral que o Escritório de Revisão Diocesano havia designado para investigar as acusações contra Urrutigoity. A equipe pastoral era composta pelo bispo auxiliar John Dougherty, um sacerdote diocesano e um conselheiro jurídico da Diocese de Scranton.

No entanto, mesmo após ler o relatório do Escritório sobre o testemunho de Selinger, e sabendo que esta era a segunda acusação credível de sedução e abuso contra Urrutigoity, Dom Timlin

decidiu que as evidências contra o fundador da SSJ não eram "conclusivas". Ele cessou sua ação neste caso. **Um "sepultamento" clássico foi realizado pelo Ordinário da Diocese de Scranton com a cooperação do silencioso parceiro de Timlin, o abade Devillers, Superior da FSSP.**

Se não fosse pela coragem e determinação do Dr. Jeffrey M. Bond, Presidente do Colégio São Justino Mártir, e pelo apoio moral e jurídico que o Dr. Bond recebeu do advogado do Estado de Washington, James M. Bendell, o sepultamento poderia ter sido bem-sucedido.

James e Bond à Resgate

No dia 19 de agosto de 2001, o Dr. Bond recebeu a visita de Alan Hicks, Diretor da Academia São Gregório.

Hicks informou a Bond que Urrutigoity costumava dormir com meninos e, de fato, havia dormido com meninos de São Gregório enquanto a SSJ residia na escola entre 1997 e 1999.

Para apoiar sua acusação, Hicks citou o caso do Sr. Fred Fraser.

Como mencionado anteriormente, o Sr. Fraser era um graduado de São Gregório. Durante o ano letivo de 1998-99, quando os padres da SSJ eram capelães da escola, Fraser foi nomeado supervisor de dormitório, apesar de ter apenas um ou dois anos a mais do que os meninos que ele deveria supervisar. Parece que a SSJ tinha liberdade total na Academia.[lxxi]

Fraser admitiu diante de Hicks e, mais tarde, diante de Bond, que havia dormido na cama de Urrutigoity em seus alojamentos privados. Como um verdadeiro discípulo de seu mestre, Fraser justificou o ato como parte do método do padre para "direção espiritual".[lxxii]

A declaração de Fraser contradiz o testemunho sob juramento dado por Urrutigoity em sua deposição de 2003 no caso John Doe, onde o padre respondeu "Não" à pergunta se ele já havia dormido na mesma cama ou no mesmo saco de dormir que alunos de São Gregório ou com outros homens na escola ou durante viagens. Mais tarde em seu testemunho, Urrutigoity admitiu que havia dormido com o Sr. Fraser enquanto ele era aluno da Academia, mas apenas com ele.[lxxiii]

Em uma deposição coletada pelo advogado Bendell no dia 10 de novembro de 2003 de Stephen Fitzpatrick, aluno de São Gregório de 1996 a 2000 e testemunha hostil ao reclamante, Fitzpatrick testemunhou que havia dormido com Urrutigoity. Outro ex-aluno de São Gregório e apoiador da SSJ, Patrick McLaughlin, que esteve na Academia de 1995 a 2000, declarou que havia visto um menino dormindo na cama do padre depois do toque de recolher, entre meia-noite e três horas da manhã.[lxxiv]

Inicialmente, Bond concordava em deixar Dom Timlin à frente do caso, inclusive na normalização dos padres da SSJ. Só depois de conversas com Dom Timlin e o Auxiliar Dougherty, que ficou claro que o bispo não tinha intenção de tomar qualquer ação, é que Bond disse a Hicks e ao Subdiretor Howard Clark que deveriam contactar os pais de

todos os meninos que haviam estado expostos ao sacerdote em São Gregório.

Ao mesmo tempo, Bond conduziu sua própria investigação sobre as acusações. Quase todas as informações fornecidas neste capítulo sobre a SSJ são baseadas nas descobertas inicialmente relatadas pelo Dr. Bond e por James Bendell, que é o principal advogado de John Doe e de seus pais.

No dia 8 de dezembro de 2001, Dom Timlin foi informado de que um jovem havia declarado ter sido abusado sexualmente enquanto era aluno na Academia São Gregório pelo padre Eric Ensey. Três dias depois, Hicks e Clark receberam as notícias ruins.

Essas revelações públicas mal recebidas **obrigaram, finalmente, a administração a alertar os pais de todos os meninos de São Gregório de que os alunos não deveriam ter nenhum contato com a Sociedade de São João e que era proibido que se dirigissem à propriedade da SSJ**. Segundo Bond, ninguém se preocupava com o jovem que havia sido violentado, embora estivessem preocupados em manter seus empregos.

Em outubro de 2001, o Conselho de Administração do Colégio São Justino Mártir, uma associação civil de direito privado, tomou medidas legais para se separar totalmente da Sociedade de São João. Apesar da oposição de Dom Timlin, o Conselho demitiu o Diácono Joseph Levine, representante da SSJ no Conselho, e publicou as notícias da sua separação da SSJ em seu site.

Da mesma forma, no final de 1999, os membros leigos-chave do Escritório Consultivo da SSJ haviam renunciado devido a acusações de má gestão fiscal grave.[lxxv]

Dom Timlin foi avisado de que a propriedade da SSJ deveria ser vendida e todos os seus projetos especiais cancelados para pagar a enorme dívida contraída pela SSJ.[lxxvi] **Tipicamente, o bispo continuou a permitir que a SSJ arrecadasse dinheiro com falsas promessas.**

Ao mesmo tempo, Bond começou sua guerra contra os perversos da SSJ.

Em 19 de novembro de 2001, Bond informou ao Núncio Apostólico nos Estados Unidos e ao Cardeal Darío Castrillón Hoyos, Prefeito do Clero em Roma, sobre as atividades imorais dos padres da Sociedade de São João.

Quando Bond tornou públicas suas acusações de má conduta financeira e de conduta sexual da Sociedade, o padre Urrutigoity ameaçou processá-lo por difamação.

Bond havia se apegado a uma verdade que aparentemente havia escapado de Dom Timlin e da FSSP – que John Doe não era a única vítima dos padres da SSJ. A base moral, espiritual, intelectual e disciplinar de um seminário ou de uma instituição religiosa de educação é corrompida quando o vício da homossexualidade se estabelece firmemente na instituição.

Antecedentes do Padre Eric Ensey

O padre Ensey ocupava a posição de Chanceler da Sociedade de São João e era um dos primeiros discípulos do padre Urrutigoity no seminário da FSSPX em Winona.

Nascido em 13 de agosto de 1966 em Upland, Califórnia, um subúrbio ao nordeste de Los Angeles, Ensey se converteu ao Catolicismo no ensino médio. **Em setembro de 1987, ele ingressou no Seminário São Tomás de Aquino em Winona e foi ordenado sacerdote da FSSPX em 1995. Quando o padre Urrutigoity foi expulso de São Tomás, Ensey o seguiu para a Diocese de Scranton.**

Durante o ano letivo de 1998-1999 na Academia São Gregório, **o padre Ensey desenvolveu uma amizade especial com John Doe, um aluno ao qual ele havia sido "diretor espiritual".** O padre começou a preparar o menor para um relacionamento homossexual, fornecendo-lhe álcool e tabaco. O jovem geralmente estava bêbado quando Ensey e ele realizavam atos homossexuais na escola.

Durante as férias de Ação de Graças, Ensey acompanhou o jovem até a Califórnia, onde o aluno planejava ir para a faculdade no ano seguinte. Ensey também levou o jovem a visitar a casa de seus pais em Santa Paula. **Durante a visita, John Doe declarou que estava sendo sodomizado por Ensey.**

Depois que Ensey e Doe retornaram a São Gregório, Ensey sugeriu ao garoto que buscasse a "direção espiritual" do padre Urrutigoity, mas garantiu que eles permaneceriam "muito amigos".[lxxvii]

No outono de 2000, John Doe juntou-se à Sociedade de São João como postulante. Para evitar as constantes investidas sexuais de Ensey, o jovem procurou outros locais para dormir. O padre Urrutigoity disse a ele que todos os quartos de hóspedes estavam cheios, mas que ele poderia dormir em seu quarto. Doe aceitou. Algumas noites depois, Urrutigoity começou a abusar do jovem. A ponto de John Doe se mudar dos aposentos de Urrutigoity e tomar residência na Casa São José, uma casa particular na borda da propriedade da SSJ que os padres haviam se arranjado para ocupar gratuitamente. Quando a proprietária teve confirmação das acusações contra a SSJ, ela os expulsou.[lxxviii]

Outras Maçãs Podres na SSJ

No início de 2002, Dom Timlin sabia que os padres Urrutigoity e Ensey eram acusados de abusos sexuais. O escritório do Promotor Público do Condado de Lackawanna havia iniciado uma investigação criminal sobre os crimes sexuais cometidos pelos dois padres da SSJ, **mas foi obrigado a abandonar o caso devido à prescrição.** O tempo havia se esgotado para o reclamante em maio de 2001. Ele teria que recorrer a uma ação civil.

Dom Timlin suspendeu imediatamente os padres Urrutigoity e Ensey e os enviou de volta a Scranton. Timlin deveria considerar o pedido de Urrutigoity para ser transferido para outra ordem religiosa quando soube que a SSJ tinha outros padres "problemáticos".

O padre Marshall Roberts era outro padre da SSJ que residiu com Urrutigoity e Ensey na Academia São Gregório de 1997 a 1999.

Segundo o Vice-Reitor do Instituto do Cristo Rei em Gricigliano, Itália, Roberts foi expulso do seminário em 1993 quando desenvolveu um apego sexual anormal a um colega seminarista do qual ele estava obcecado. 24 horas após o Vice-Reitor ser informado sobre os planos de Roberts envolvendo seu colega, que não apreciava a atenção, ele foi à procura de novos locais para morar. **Roberts foi posteriormente ordenado pela FSSPX e se tornou o membro fundador da SSJ.**

Uma vez em São Gregório, Roberts se ligou a um jovem que estava na turma de graduação de 1999, que mais tarde se tornaria postulante da Sociedade. Em um arranjo muito contrário às regras, **Roberts e o postulante compartilharam o mesmo quarto e a mesma cama em uma acomodação na propriedade da SSJ**.[lxxix]

O padre Christopher Clay era outro discípulo de Urrutigoity, embora nunca tenha sido membro da Sociedade. Ele era um terceiro possível agressor sexual de John Doe, embora seu nome não estivesse no processo civil porque, segundo James Bendell, o co-advogado de John Doe, o caso de abuso sexual evidente era muito mais forte com Urrutigoity e Ensey.

Quando Dom Timlin foi avisado de que Clay também era acusado de ter abusado de John Doe, o bispo o destituiu de seu cargo de professor na High School Bishop Affey em Hazle Township, mas sem restrições aparentes aos seus deslocamentos. Mais tarde, Dom Timlin propôs a realocação do padre Clay para a Igreja de São Tomás More em Lake Ariel, Condado de Wayne, mas o padre havia tirado licença e retornado à sua cidade natal, Dallas, Texas, onde buscava se recuperar do estresse após sua visita ao escritório do Procurador do Condado da Pensilvânia.[lxxx]

Quando o padre Clay voltou para a região de Dallas, ele se reuniu com um velho amigo, o padre Allan Hawkins da Igreja da Virgem Maria em Arlington. Em 2003, o abade Hawkins ligou para Dom Timlin para perguntar se ele se opunha a Clay ajudá-lo com a Missa e o apostolado paroquial. **Timlin disse que não tinha objeções. Segundo Hawkins, lhe haviam falado sobre as acusações de pedofilia contra o padre Clay ou que o caso de Clay estava ainda sob investigação interna pela Diocese de Scranton.**

Em abril de 2002, Dom Joseph Martino, o novo Ordinário de Scranton, escreveu a Clay para perguntar quais eram seus planos para seu ministério futuro.[lxxxi]

De acordo com o Chanceler Reverendo Robert Wilson da Diocese de Dallas, os oficiais diocesanos nada sabiam sobre o padre Clay, além do fato de que ele estava auxiliando o padre Hawkins na paróquia de Arlington.

O padre James Early, Chanceler da Diocese de Scranton, afirmou que Clay havia notificado a diocese de que ele estava trabalhando no Texas como inspetor de seguros de saúde. Se o que ele disse é verdade, isso significa que aparentemente Timlin manteve seu próprio Chanceler ignorante sobre as atividades pastorais de Clay em St Mary.

Por sua vez, Timlin justificava suas ações com o fato de que nenhuma acusação criminal derivava das queixas de John Doe (devido à prescrição) e que ele (Clay) não estava nomeado na ação civil movida por John Doe.

Um paroquiano de St Mary, entrevistado por um repórter do *Dallas Morning News* após a publicação da história de Scranton, exclamou **"que ele era excelente com os jovens... eles sentem que podem falar com ele".**[lxxxii] Hmmmm, vejamos, um pedófilo que é gentil com os jovens e os torna aptos a se comunicar e confiar nele! Realmente surpreendente!

O mesmo jornal de Dallas também relatou que **a Congregação para a Doutrina da Fé provavelmente havia autorizado um processo eclesiástico contra Urrutigoity, Ensey e Clay.**[lxxxiii] O repórter disse que o padre Urrutigoity havia sido recentemente visto na região de Dallas. A questão de $64.000 é **se os dois padres acusados da SSJ deixariam o país para a América do Sul antes do início do julgamento?**

Novas Vítimas dos Padres da SSJ se Tornam Conhecidas

Assim, em agosto de 2004, a audiência para o caso John Doe, prevista para setembro de 2004, foi adiada.[lxxxiv] A Diocese de Scranton, assim como Dom Timlin, a FSSP e a Academia São Gregório, apresentaram moções separadas para julgamento sumário, buscando na verdade serem excluídos como acusados na ação.[lxxxv]

O Sr. John Zoscak é a última testemunha chave do julgamento. Ele apresentou sua acusação em julho de 2004. Ele é o quarto acusador de Urrutigoity, o primeiro sendo o seminarista argentino, o segundo Mr. Selinger e o terceiro John Doe.

O Sr. Zoscak se formou na Academia São Gregório em 1999 e entrou como noviço na SSJ no mês seguinte.[lxxxvi]

Em seu testemunho sob juramento de 9 de julho de 2009, Zoscak declarou que, durante o inverno ou a primavera de seu segundo ano na SSJ, o padre Urrutigoity insistiu para que o jovem dormisse com ele na mesma cama. O padre tentou dissipar os medos do noviço dizendo que ele tinha uma atitude puritana e que isso era devido às suas más relações com seu pai. Nos primeiros meses, nada aconteceu, disse Zoscak. Mas uma noite, o padre tocou em suas partes íntimas. O garoto resistiu às investidas do padre, e Urrutigoity retirou suas mãos.

Zoscak afirmou que falou sobre o incidente apenas com um membro da SSJ.

Urrutigoity depois disse a Zoscak para não falar a ninguém sobre o que havia acontecido e que foi um acidente. No verão de 2004, quando Zoscak foi ao escritório do Procurador do Condado para denunciar o abuso, lhe disseram que as ações criminais estavam prescritas devido ao tempo.[lxxxvii]

É significativo que, em 29 de agosto de 2004, durante uma entrevista ao *Times Tribune* de Scranton, o advogado John Leeson de Bethlehem, que representa a Academia São Gregório e a Fraternidade Sacerdotal de São Pedro, declarou que, além da reclamação de John Doe, não havia alegações específicas de atividades incorretas envolvendo a escola de qualquer forma. "Nada aconteceu na escola e nós nos perguntamos se houve algo", disse ele. "Este é o único aluno da escola, até onde sabemos, que fez essa alegação".[lxxxviii]

A FSSP e São Gregório ainda estão na negação

O advogado James Bendell venceu uma batalha por seu cliente, o Sr. John Doe, quando o Juiz John E. Jones decidiu que as avaliações psicológicas dos padres Urrutigoity e Ensey, realizadas pelo Southdown Institute no Canadá, onde os dois padres foram examinados, deveriam ser entregues a Bendell, embora de acordo com regras estritas de confidencialidade.

Os padres recorreram da decisão.

Embora Dom Timlin tenha solicitado as avaliações como parte do procedimento padrão para padres acusados de abusos sexuais contra menores, ele declarou mais tarde que nunca havia visto os relatórios e que, por consequência, os documentos estavam protegidos pelo segredo médico. O advogado dos padres afirmou que eles nunca assinaram os formulários de liberação.[lxxxix]

Em outubro de 2002, o advogado Bendell compilou a declaração de mais de 150 páginas de Dom Timlin sobre o caso John Doe pouco antes de sua aposentadoria. Dom Timlin tentava justificar o injustificável.

Dom Timlin ainda tentava garantir créditos para que a Sociedade de São João pudesse pagar suas enormes dívidas – afinal, alguém devia arcar com os $134.000 gastos em móveis de luxo que a Sociedade havia adquirido, incluindo um bar de $6.828, uma mesa de coquetel a $2.885, um centro de entretenimento a $7.845, um escritório a $12.995, uma cama a $15.000 e uma mesa de jantar a $26.480. Até o momento, a SSJ havia dilapidado pelo menos $5.000.000 oferecidos por doadores católicos para a construção da Cidade de Deus e do Colégio de São Justino Mártir. Os católicos de Scranton querem arcar com os custos da SSJ sem uma contabilidade completa de Dom Timlin? [xc]

Tristemente, enquanto Dom Timlin claramente enfrenta dificuldades para remover os elementos criminosos da Sociedade de São João, ele encontrou vontade e meio de fechar o Colégio de São Justino Mártir, apesar de seus líderes serem inocentes de qualquer culpa.[xci] Em um momento, Timlin ofereceu ao colégio o status canônico na Diocese de Scranton se Bond parasse sua campanha contra a Sociedade de São João (uma proposta feita a outras testemunhas, mas não diretamente a Bond). Timlin desde então negou ter feito essa oferta.

Em sua "Sexta Carta Aberta" a Dom Timlin, publicada em 27 de julho de 2002, o Dr. Jeffrey Bond levantou a questão ardente que toca o coração do escândalo da SSJ. **Dom Timlin é ele mesmo um homossexual cujo vício secreto o deixaria vulnerável ao chantagem por parte da Sociedade de São João?** Esta é uma questão muito relevante, dado o papel da extorsão e do chantagem na carreira eclesiástica de outros bispos e cardeais americanos. Talvez tenhamos uma resposta definitiva a esta pergunta quando o Caso John Doe for a julgamento.

Dom Martino Supprime a SSJ

Dom James Timlin se aposentou da Diocese de Scranton em 25 de julho de 2003.

Ele foi substituído por Joseph Francis Martino, ex-bispo auxiliar da Filadélfia, consagrado pelo Cardeal Anthony Bevilacqua.

Em 19 de novembro de 2004, Dom Martino publicou um decreto canônico de supressão da Sociedade de São João. A decisão de suprimir a Sociedade foi principalmente motivada por razões financeiras e pela incapacidade da SSJ de alcançar seus objetivos durante os seis anos de sua existência.[xcii] O decreto foi publicado no jornal diocesano, *The Catholic Light*, em 25 de novembro de 2004.

Dom Martino desde então enviou o dossiê ao Santo Sé, que decidirá definitivamente sobre a SSJ.

Os membros da Sociedade estão atualmente em Roma tentando anular o decreto. O padre Urrutigoity foi visto em Roma de batina, embora esteja suspenso.[xciii]

Além disso, a Sociedade lançou, no Natal de 2004, um apelo de financiamento *depois* que o decreto de supressão foi publicado. A carta de apelo declara que a Sociedade de São João "está viva e vai bem".[xciv]

A impostura da Sociedade de São João continua.

Da mesma forma, a FSSP deveria considerar fechar a Academia de São Gregório.

Para retomar o aviso de São Antônio Maria Claret, "a única solução moralmente certa" para a corrupção moral de uma instituição religiosa é fechá-la e demitir alunos e pessoal. Se a instituição deve ser reconstituída, exigirá "um corpo docente, alunos e sacerdotes completamente novos; isso porque sempre há relações que nunca serão descobertas, e se elas estiverem presentes na nova fundação, a conspiração se renovará", disse São Claret.

E, para finalizar, Alan Hicks, o ex-Diretor da Academia São Gregório, foi contratado como diretor da Academia Gateway, uma escola dos Legionários de Cristo em Chesterfield, Missouri, uma suburbana de St. Louis. **Sua nomeação à frente de outra escola católica privada após sua atuação escandalosa em São Gregório e sua proteção a pedófilos criminosos da Sociedade de São João oferece uma introdução perfeita ao escândalo não resolvido envolvendo o abade Marcial Maciel, o fundador dos Legionários.**

---

[1] **Cf. no final do artigo a lista de referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?)-anglicano da FSSPX, Mons. Richard Williamson, e sobre seu poder de nuisance estratégico dentro da Fraternidade**

[2] Ver em Apêndice 6 da presente mensagem os trechos traduzidos sobre a Sociedade São João, extraídos do Capítulo 16 do livro de Sra. Randy Engel « *O Rito da Sodomia, Homossexualidade e Igreja Católica Romana* » (1282 páginas, julho de 2006); ver também o Apêndice 5

[3] **Prova das consequências previsíveis às quais expõe agora essa proteção insuportável dos meios homossexuais dentro da Igreja conciliar**, blogs pouco respeitosos e hostis ao catolicismo não hesitam mais em escrever:

« Prova de que Bento XVI é gay. Este texto foi recentemente enviado como prova de que Bento XVI é gay. Já havíamos assinalado a homossexualidade de seu secretário privado, Georg, revelada pelos gays de Roma, na Itália. Bento XVI tem uma voz e uma démarche muito efeminadas. John Allen, membro do Opus Dei, jornalista do NCR (National Catholic Reporter) e portador de um longo nariz mentiroso de Pinóquio, diz dele que é « gentil », mas Bento XVI é na verdade um travesti sofisticado e maquilado em excesso, um velho homo vivendo em concubinato com seu amigo gay Georg. O jesuíta que serve de secretário público a Bento XVI só recebe de Mons. Georg sua ração de cachorro da manhã, e ele ladra para o mundo tudo o que lhe dita Bento XVI. Pobre elefante de jesuíta mantido na coleira pelo Octopus Dei... » - 30 de agosto de 2008, http://pope-ratz.blogspot.com/2008/08/proof-of-benedict-xvi-is-gay.html

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

[4] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-17-A-00-Manteau_de_Noe.pdf**

[5] **http://www.catholictradition.org/gomorrah1.htm**

http://www.catholictradition.org/gomorrah2.htm

http://www.ourladyswarriors.org/articles/damian1.htm

http://www.ourladyswarriors.org/articles/damian2.htm

[6] **Cf. no final do artigo a lista de referências eletrônicas dos estudos factuais e documentados de *Virgo Maria* sobre o ex(?)-anglicano da FSSPX, Mons. Richard Williamson, e sobre seu poder de nuisance estratégico dentro da Fraternidade.**

[7] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf**

[8] Nota do Tradutor: Inexistente com essas referências (Crampon).

[9] http://www.geocities.com/Athens/Crete/9445/proces.html

[10] Mot hébreux qui signifie « ***saint*** ».

[11] http://sergecaillet.blogspot.com/2007/05/entretien-sur-lordre-du-temple.html

[12] Há, aliás, matéria para meditações úteis e pesquisas históricas esclarecedoras para a situação de hoje.

O Presidente americano Bill Clinton não se vangloriou publicamente várias vezes de ter sido iniciado muito jovem na Loja templária americana "***Jacques de Molay***" (do REAA), da qual é atualmente 33º grau "***Souverain Grand Inspecteur Général***", Loja à qual afirma dever "***suas concepções fundamentais***"?

[13] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-20-2-00-Ratzinger_abandonne_le_titre_de_patriarche_d_Occident.pdf**

[14] Ex-agent du très britannique MI6-*Intelligence Service*

[15] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-22-1-00-La_seduction_creation_d_un_patriarcat_tridentin.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-13-3-00-La_FSSPX_unie_non_absorbee.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_Annexe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-05-31-1-00-Le_mouvement_oecumenique_1949.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-12-A-00-CSI_AngliCampos_v1-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos-Radical%20Orthodoxy-bibliography-2004-06-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-11-C-00-Rahner_Patriarcats_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-15-A-00-Principes_Union_Anglicane.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-21-A-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n01.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-04-B-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n02.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-06-A-00-Anglicans_Femmes-eveques_n03.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-08-B-00-Anglicans-Rome_Accord-secret.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-B-00-Rome-prend-les-trads-Anglicans_n05.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-C-00-Noachisme_a_Lambeth.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-10-Anglicans-unis_Levada_au-TAC-n06.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-12-A-00-Anglicans-unis_Williams_desavoue_n07.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-11-A-00-Ratzinger_et-piege_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-07-A-00-Williams_Homos_Mariage.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/rowan-gay.pdf

[16] **http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/node-2005.htm**

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-11-26-A00-Ratzinger_rehabilite_les_Templiers.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-21-A-00-Ratzinger_rehabilite_les_Templiers.pdf

[17]**http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-02-C-00-Societes_secretes_europeennes.pdf**

[18] **http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

[19] http://www.esoblogs.net/Bref-historique-de-l-Ordo-Templi.html

[20] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf**

[21] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf**

[22] Le lecteur trouvera en Annexe 6 au présent message la traduction en Français de ces pages.

[23] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf**

[24] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

[25] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf**

[26] Trata-se da Fraternidade Sacerdotal São Pedro, NdT

[27] Selinger deixou posteriormente o seminário, casou-se e estabeleceu-se na Califórnia para fundar uma família. **Quando se soube que ele provavelmente seria chamado a testemunhar contra o padre Urrutigoity no Caso John Doe, o padre Eric Ensey, que havia ajudado a fundar a SSJ e que havia substituído Urrutigoity como conselheiro espiritual em St. Thomas, em Winona, visitou Selinger e tentou convencê-lo a deixar o país para evitar ser chamado a testemunhar contra Urrutigoity. Ele disse ao ex-seminarista que Urrutigoity tinha "uma prescrição médica" para o pênis. Ele disse que se o padre fundador fosse condenado, ele o arrastaria (a ele, Ensey) e a ordem inteira com ele. Como esses argumentos não foram suficientes para convencer Selinger, Ensey disse que o advogado de Urrutigoity tinha ligações com a Máfia - uma alusão que implicava que Selinger e sua família poderiam ser ameaçados se ele testemunhasse contra o padre.** Selinger respondeu que não tinha a intenção de deixar sua esposa e filhos para escapar de uma convocação e mostrou a porta para Ensey.

[28] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf**

[29] **http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-20-A-00-Homosexualite_de_Paul_VI.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-20-A-00-Vatican-Homosexuel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-06-A-00-Hoyos_ment.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-16-A-00-Hoyos_liberte_religieuse_Colombie.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-12-09-A-00-Hoyos_Versailles.pdf

[30] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-07-C-00-Williamson_Urrutigoity-n2_EN.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-03-A-00-Williamson_Urrutigoity-n1-ENG.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-13-A-00-Bond_Williamson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-10-D-00-Schmidberger-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-01-A-00-Williamson-Urrutigoity.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-17-B-00-Mgr_Williamson_Actions_US.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-18-A-00-Williamson-Loup.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-03-24-B-00-Mgr_Williamson_tente_de_desarmorcer_VM_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09_20-A-00-VM_Pages_FSSPX.pdf

[31] http://www.virgo-maria.org/Documents/la-salette/secretsalette.htm

http://www.virgo-maria.org/Documents/la-salette/La%20Salette-Lepidi-C-208.htm

[32] **http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf**

[33] http://fr.wikipedia.org/wiki/Antoine-Marie_Claret

[34] Cidade do Vaticano, 24 de outubro de 2007 - (E.S.M.) - Como é habitual para concluir suas saudações de quarta-feira, o Papa Bento XVI dirigiu-se aos jovens, aos doentes e aos recém-casados e lhes deu o exemplo de São Antônio Maria Claret.

http://eucharistiemisericor.free.fr/index.php?page=2410074_claret

[35] para não dizer a perversidade de alguns deles...

[36] cf http://www.rore-sanctifica.org

[37] Gregório VII, NdT

[38] 2002 ??!! (NdT)

[39] NdT: Não encontrado com essas referências (Crampon)

[40] (Ndt) Nos países anglo-saxões, essa palavra se aplica ao que nós chamamos Socialismo

[41] NdT: mas não durante seu seminário???

[42] O neologismo inglês utilizado é "wreckovation", que é construído a partir da palavra "wreck", naufrágio, e das três últimas sílabas de "renovação"

[43] http://www.newoxfordreview.org/note.jsp?did=1106-notes-colonization

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-12-29-B-00-Benoit_XVI_Homosexualite.pdf

[44] NdT: Fórmula que consiste em manter presos por toda a vida - após o término da pena inicial - indivíduos condenados por agressões sexuais contra menores. Essa fórmula é agora aplicada em vários estados dos Estados Unidos, onde é objeto de controvérsia.

[45] NdT: apelido que faz alusão à admiração que o interessado expressou publicamente pelo filme americano "***Brokeback Mountain***", que introduz a homossexualidade e sua promoção no universo dos cowboys e do western e que foi mundialmente elogiado por essa razão principal.

Socorro, John Wayne!...

[46] Trata-se da Fraternidade Sacerdotal São Pedro, NdT

[47] Aluno de classe superior encarregado de fazer reinar a disciplina, NdT

---

[i] A Fraternidade Sacerdotal São Pedro ou FSSP foi erigida pela Comissão Pontifícia *Ecclesia Dei*. Seus fundadores eram originalmente membros da Fraternidade São Pio X ou *Fraternitas Sacerdotalis Sancti Pii X* (FSSPX). A Fraternidade São Pio X é uma sociedade católica internacional de padres católicos romanos que foi fundada em 1º de novembro de 1970 pelo Arcebispo Marcel Lefebvre e aprovada pelo Vaticano em 18 de fevereiro de 1971. A cisão entre a FSSPX e a FSSP ocorreu após o Arcebispo Lefebvre ter consagrado quatro bispos sem o acordo do Santo Siège. Ao contrário da Sociedade de São João, que é uma "Associação Pública de Fiéis", a FSSP é um Organismo Pontifício diretamente subordinado ao Santo Padre. Os padres da FSSPX, da FSSP e da SSJ celebram exclusivamente a Missa Latina. **No momento dos abusos presumidos contra John Doe, o padre Arnaud Devillers era o Superior do Distrito Norte-Americano para a FSSP, com sede em Elmhurst (Moscou), PA, e o padre Joseph Bisig era o Superior Geral em Roma. O atual Superior de Distrito é o padre Paul Carr. A FSSP conta com 105 padres e possui dois seminários internacionais com 140 seminaristas.**

[ii] Ibid.

[iii] Ibid. A decisão foi aprovada pelo padre Joseph Bisig, Superior Geral da FSSP em Roma, e pelo Monsenhor Timlin.

[iv] Ver http://www.saintjustinmartyr.org/news/CarlosUrrutigoityinLaReja.htm. O padre Morello foi Reitor do seminário de La Reja de 1981 a 1988. Ele atualmente dirige um grupo chamado "Companhia de Jesus e Maria" localizado nos Andes.

[v] Ibid.

[vi] Ibid.

[vii] Ibid.

[viii] Ibid.

[ix] Terrie Morgan-Sesecker, "Acusador receberá relatórios sobre padres", *Times Leader* de 24 de Março de 2004.

[x] Ibid.

[xi] Ibid.

[xii] Ver Tillett, *The Elder Brother*.

[xiii] Selinger deixou posteriormente o seminário, casou-se e estabeleceu-se na Califórnia para fundar uma família. **Quando se soube que ele provavelmente seria chamado a testemunhar contra o padre Urrutigoity no Caso John Doe, o padre Eric Ensey, que havia ajudado a fundar a SSJ e que havia substituído Urrutigoity como conselheiro espiritual em St. Thomas, em Winona, visitou Selinger e tentou convencê-lo a deixar o país para evitar ser chamado a testemunhar contra Urrutigoity. Ele disse ao ex-seminarista que Urrutigoity tinha "uma prescrição médica" para o pênis. Ele disse que se o padre fundador fosse condenado, ele o arrastaria (a ele, Ensey) e a ordem inteira com ele. Como esses argumentos não foram suficientes para convencer Selinger, Ensey disse que o advogado de Urrutigoity tinha ligações com a Máfia - uma alusão que implicava que Selinger e sua família poderiam ser ameaçados se ele testemunhasse contra o padre.** Selinger respondeu que não tinha a intenção de deixar sua esposa e filhos para escapar de uma convocação e mostrou a porta para Ensey.

[xiv] Quarta Carta Aberta de Jeffrey Bond a Monsenhor Timlin em 19 de Maio de 2002, Diocese de Scranton em http://saintjustinmartyr.org/news/BishopTimlinOpenLetter4.html

[xv] Voir http://www;sainthustinmartyr.org/news/TribunalPhiladelphia.htm

[xvi] Tom Kane, "Bispo de Scranton suprime grupo conservador", *River Reporter*, 2 de dezembro de 2004 em http://riverreporter.com/issues/04-12--02/head3-stjohn.html

[xvii] Um retrato do padre Carlos Urrutigoity figura no site da PATMOS, uma associação leiga da SSJ fundada em 2004. Ver www.patmos.us.

[xviii] Matt C. Abbott, "Will suppressed Catholic group use donated money to relocate to 'Hell itself'?" 1 de dezembro de 2004 em http://renewamerica.us/columns/abbot/041201

[xix] Ibid.

[xx] De acordo com a declaração de 28 de março de 2002 sobre o escândalo da SSJ pelo Reverendo Richard A. Munkelt. O texto completo está disponível em http://.saintjustinmartyr.org/news/ReverendMunkeltStatement(1).html.

O padre Munkelt juntou-se à SSJ como diácono em setembro de 1999. Ele foi ordenado padre por Monsenhor James Timlin de Scranton para servir na SSJ. Ele renunciou posteriormente à SSJ e é atualmente padre da Diocese de Scranton. O padre Munkelt foi um dos primeiros a denunciar a natureza fraudulenta do esquema de desenvolvimento de terras da Sociedade. Ele também havia expressado suas preocupações sobre as relações particulares que membros da SSJ mantinham com jovens homens, incluindo diplomados da Academia São Gregório, embora ele tenha feito apenas mais tarde a conexão entre esses comportamentos e a atividade homossexual.

[xxi] Ações foram iniciadas em 21 de março de 2002 no Tribunal de Distrito da Pensilvânia, Nº 3: CV 02-0444 pelos advogados James E. Bendell do Estado de Washington e Douglas A. Clark de Peckville, PA.

[xxii] A Fraternidade Sacerdotal São Pedro ou FSSP foi erigida pela Comissão Pontifícia *Ecclesia Dei*. Seus fundadores eram originalmente membros da Fraternidade São Pio X ou *Fraternitas Sacerdotalis Sancti Pii X* (FSSPX). A Fraternidade São Pio X é uma sociedade católica internacional de padres católicos romanos que foi fundada em 1 de novembro de 1970 pelo Arcebispo Marcel Lefebvre e aprovada pelo Vaticano em 18 de fevereiro de 1971. A cisão entre a FSSPX e a FSSP ocorreu após o Arcebispo Lefebvre ter consagrado quatro bispos sem o acordo do Santo Siège. Ao contrário da Sociedade de São João, que é uma "Associação Pública de Fiéis", a FSSP é um Organismo Pontifício diretamente subordinado ao Santo Padre. Os padres da FSSPX, da FSSP e da SSJ celebram exclusivamente a Missa Latina. **No momento dos abusos presumidos contra John Doe, o padre Arnaud Devillers era o Superior do Distrito Norte-Americano para a FSSP, com sede em Elmhurst (Moscou), PA, e o padre Joseph Bisig era o Superior Geral em Roma. O atual Superior de Distrito é o padre Paul Carr. A FSSP conta com 105 padres e possui dois seminários internacionais com 140 seminaristas.**

[xxiii] Ver o Código de Direito Canônico, 1983, Livro II, O Povo de Deus, Capítulo II: Associações Públicas de Fiéis do Cristo, Can. 312, Can. 320 em http://www.deacons.net/Canon_Law/book_2.htm.

[xxiv] Ibid.

[xxv] Ver www.ssjohn.com/.

[xxvi] O "Documento Fundador" da SSJ está disponível em http:/www.ssjohn.com/library/founding.html

[xxvii] Ibid.

[xxviii] Ibid.

[xxix] Ibid.

[xxx] Ibid.

[xxxi] Ibid.

[xxxii] Ibid.

[xxxiii] Ver a declaração de Munkelt em http://saintjustinmartyr.org/news/ReverendMunkeltsStatement(1).html

[xxxiv] Ver http:/www.stgregorysacademy.org/welcome.htm

[xxxv] Ver http:/www.stgregorysacademy.org/welcome.htm

[xxxvi] Ibid. A decisão foi aprovada pelo padre Joseph Bisig, Superior Geral da FSSP em Roma, e Monsenhor Timlin.

[xxxvii] Testemunho sob juramento de Jude A. Huntz, assinado em 15 de fevereiro de 2002, em http:/www.saintjustinmartyr.org/news/LetterOfAffidavitotHuntz.html

[xxxviii] Nascido na Inglaterra, o padre Paul Carr foi ordenado padre pela FSSP em 1992 e fez parte do corpo docente no seminário de Nossa Senhora de Guadalupe e foi capelão da Academia São Gregório. Em 2000, Carr se tornou o Superior do Distrito Norte-Americano da FSSP.

[xxxix] Testemunho de Huntz.

[xl] Ver as Conclusões dos Reclamantes em Resposta à Moção para um Julgamento Recapitulativo feita pela Fraternidade Sacerdotal São Pedro e a Academia São Gregório, depositada em 16 de julho de 2004 por James Bendell, Co-conselheiro dos reclamantes. Caso Nº: 3CV 02-0444.

[xli] Ver a Carta de Aviso de M. Jeffrey Bond aos Pais de São Gregório em http://www.saintjustinmartyr.org/news/LetterWarningToStGregorysParents.html

[xlii] Ibid.

[xliii] Ver http://www.saintjustinmartyr.org/news/LetterOfAffidavitHornak.html

[xliv] Ibid.

[xlv] Ibid.

[xlvi] Ibid. O padre Daniel Fullerton foi Superior da Sociedade de São João por um curto período, mas ele era apenas uma fachada. O verdadeiro poder na comunidade sempre esteve nas mãos do padre Urrutigoity.

[xlvii] Carta de 27 de janeiro de 2002 do Irmão Alexis Bugnolo para RCF em resposta à sua publicação de 15 de janeiro de 2002 sobre o escândalo da SSJ. O texto completo está em http://www.saintjustinmartyr.org/news/LetterFromBugnolo.html. Ver também http://www.saintjustinmartyr.org/news/BrBugnolosResponse.html.

O Irmão Bugnolo não é um monge, mas fez votos privados para observar a Regra de São Francisco segundo o cânon 1191.

[xlviii] Ibid.

[xlix] Ibid.

[l] Ver http://saintjustinmartyr.org/news/LetterWarningToStGregorysParents.html

[li] Ver as conclusões dos Reclamantes depositadas em 16 de julho de 2004.

[lii] Ver http://www.santjustinmartyr.org/news/LetAffidavitSciambra.html

[liii] Afidávio de um Ex-Novato da SSJ de 3 de março de 2002 em http://saintjustinmartyr.org/news/AffidavitAnonymous.html

[liv] Afidávio de M. Joseph Girod enviado de Valbonne, França em 15 de setembro de 2002 em http://www.saintjustinmartyr.org/news.AffidavitGirod.html

[lv] Ibid.

[lvi] Comunicação do Dr. Jeffrey Bond ao autor, datada de 24 de agosto de 2004.

[lvii] Carta de 10 de novembro de 2002 de M. Conal Tanner para Monsenhor Timlin.

[lviii] Afidávio de Diane Toler de Cherry Hill, NJ, de 6 de maio de 2002 em http://www.saintjustinmartyr.org/news/TolerAffidavit.html

[lix] Ver http://www.saintjustinmartyr.org/news/CarlosUrrutigoityinLaReja.htm. O padre Morello foi Reitor do seminário de La Reja de 1981 a 1988. Ele atualmente dirige um grupo chamado "Companhia de Jesus e Maria" localizado nos Andes.

[lx] Ibid.

[lxi] Ibid.

[lxii] Ibid.

[lxiii] Ibid.

[lxiv] Terrie Morgan-Sesecker, "Acusador receberá relatórios sobre padres", *Times Leader* de 24 de março de 2004.

[lxv] Ibid.

[lxvi] Depoimento de Matthew Selinger na Procedura Civil Nº 02-0444 em Pittsburgh, PA em 24 de outubro de 2003.

[lxvii] Ibid.

[lxviii] Ver Tillett, *The Elder Brother*.

[lxix] Selinger deixou posteriormente o seminário, casou-se e estabeleceu-se na Califórnia para fundar uma família. **Quando se soube que ele provavelmente seria chamado a testemunhar contra o padre Urrutigoity no Caso John Doe, o padre Eric Ensey, que havia ajudado a fundar a SSJ e que havia substituído Urrutigoity como conselheiro espiritual em St. Thomas, em Winona, visitou Selinger e tentou convencê-lo a deixar o país para evitar ser chamado a testemunhar contra Urrutigoity. Ele disse ao ex-seminarista que Urrutigoity tinha "uma prescrição médica" para o pênis. Ele disse que se o padre**

fundador fosse condenado, ele o arrastaria (a ele, Ensey) e a ordem inteira com ele. Como esses argumentos não foram suficientes para convencer Selinger, Ensey disse que o advogado de Urrutigoity tinha ligações com a Máfia - uma alusão que implicava que Selinger e sua família poderiam ser ameaçados se ele testemunhasse contra o padre. Selinger respondeu que não tinha a intenção de deixar sua esposa e filhos para escapar de uma convocação e mostrou a porta para Ensey.

[lxx] Quarta Carta Aberta de Jeffrey Bond a Monsenhor Timlin em 19 de Maio de 2002, Diocese de Scranton em http://saintjustinmartyr.org/news/BishopTimlinOpenLetter4.html

[lxxi] Afidávio de Jude A. Huntz.

[lxxii] Ibid.

[lxxiii] Depoimento do padre Carlos R. Urrutigoity em 2 de Maio de 2003 em Scranton, Caso Federal Doe No. 2000 Civil 2961. Ele foi feito sob juramento diante do advogado Jim Bendell.

[lxxiv] Depoimentos de Stephen Fitzpatrick e Patrick McLaughlin coletados pelo advogado James Bendell em 10 de Novembro de 2003. Ver os comentários resumidos pelo Dr. Jeffrey Bond em http://runningoff.blogspot.com/2004_09_05runningoff_archive.html

[lxxv] Jeffrey M. Bond, "Uma Carta Aberta a Monsenhor James Timlin, Diocese de Scranton", 27 de Janeiro de 2002. **Além de exigir a redução ao estado laico dos padres Urrutigoity e Ensey, Bond pediu que uma investigação independente fosse realizada em todos os membros da Sociedade, incluindo os padres Daniel Fullerton, Basel Sarweh, Dominic Carey, Dominic O'Connor, Marshall Roberts, Bernardo Terrere e os diáconos Joseph Levine e James Lane.**

[lxxvi] Ver Jeffrey M. Bond, "Uma Carta Aberta a Monsenhor James Timlin, Diocese de Scranton", 27 de Janeiro de 2002.

[lxxvii] Ver a audiência de 21 de Março de 2002 no Tribunal do Distrito da Pensilvânia.

[lxxviii] As Casas São José e de Fátima eram duas casas na borda da propriedade da SSJ. Os proprietários haviam permitido que a SSJ as usasse gratuitamente. No entanto, quando foram informados das atividades financeiras e criminosas de Urrutigoity, Ensey e outros padres da SSJ, os proprietários expulsaram a comunidade.

[lxxix] Ver http://www;sainthustinmartyr.org/news/TribunalPhiladelphia.htm

[lxxx] Segundo Mark Pazuhanich, ex-procurador do Condado de Monroe que havia lidado com o caso Clay em Maio de 2002, a investigação sobre as acusações contra Clay continuava. No entanto, o atual procurador, E. David Christine Jr, declarou que o arquivo Clay estava faltando no escritório (mas poderia ser reconstituído se necessário) e que ele não tinha conhecimento do caso. Ele também declarou que Mark Pazuhanich estava sendo investigado por abuso sexual. Ver Bonnie Adams e Mark Guydish, "Ex-bispo: Padre OK'd para dever", *Times Leader*, 4 de Julho de 2004.

[lxxxi] Ibid.

[lxxxii] Susan Hogan Albach, "Um padre acusado dirige a Missa em Arlington", *The Dallas Morning News*, 30 de Junho de 2004.

[lxxxiii] Ibid.

[lxxxiv] Ver a audiência de 21 de Março de 2002 no Tribunal do Distrito da Pensilvânia.

[lxxxv] Conclusões de Reclamantes em Oposição à Moção de Julgamento Recapitulativo da Fraternidade Sacerdotal de São Pedro e a Academia São Gregório depositada em 16 de Julho de 2004 por James Bendell, o Co-conselheiro dos Reclamantes. **Caso Nº: 3CV 02-0444.**

[lxxxvi] Ver a carta online de Novembro de 1999 pelo padre Carlos Urrutigoity, "Dearly Beloved of Our Lady..." sobre os ritos de iniciação de John Zosack em http://www.ssjohn.com/news/update_99_11.html

[lxxxvii] Uma cópia do afidávio original de Zosack está disponível no site PACER em http://www.pacer.psc.uscourts.gov.

[lxxxviii] David Singleton, "Sociedade de Silêncio", e "Depoimento Excerto", *Sunday Times Tribune*, 29 de Agosto de 2004.

[lxxxix] Mark Guydish, "O que Timlin sabe? É difícil dizer", *Times-Leader*, 1 de Julho de 2004.

[xc] Ver: http://www.churchcrisis.blogspot.com/ Uma Segunda Carta Aberta ao Bispo Joseph F. Martino.

[xci] Bond, "Uma Carta Aberta a Monsenhor James C. Timlin, Diocese de Scranton", 27 de Janeiro de 2002.

[xcii] Tom Kane, "Bispo de Scranton suprime grupo conservador", *River Reporter*, 2 de dezembro de 2004 em http://riverreporter.com/issues/04-12--02/head3-stjohn.html

[xciii] Um retrato do padre Carlos Urrutigoity figura no site da PATMOS, uma associação leiga da SSJ fundada em 2004. Ver www.patmos.us.

[xciv] Matt C. Abbott, "Will suppressed Catholic group use donated money to relocate to 'Hell itself'?" 1 de dezembro de 2004 em http://renewamerica.us/columns/abbot/041201

Sobre o Juízo Final

(1º domingo do Advento)

Santo Cura D’Ars – São João Maria Vianney

Tradução: Luiz Guilherme

- Sobre o Juízo Final

Sobre o Juízo Final

(1º domingo do Advento)

Santo Cura D'Ars – São João Maria Vianney

Tunc videbunt Filium hominis venientem cum

potestate magna et majestate.

> *"E então verão o Filho do homem vir sobre uma nuvem com grande poder e majestade." (Lc 21,27)*

Já não é, meus irmãos, um Deus revestido das nossas enfermidades, escondido na obscuridade de um pobre estábulo, deitado numa manjedoura, cheio de opróbrio, esmagado pelo pesado fardo de sua cruz:[1] É um Deus revestido de todo esplendor de seu poder e de Sua Majestade que anuncia a Sua vinda pelos mais assustadores prodígios, isto é, pelo eclipse do sol, da lua, pela queda das estrelas e por toda uma perturbação da natureza.[2] Já não é um Salvador que vem com a mansidão de um cordeiro, para ser julgado pelos homens e redimi-los:[3] É um Juiz justamente irado, que julga os homens com todo o rigor de Sua Justiça.[4] Já não é um pastor caridoso que vem procurar suas ovelhas perdidas e perdoá-las:[5] É um Deus Vingador que vem separar para sempre os pecadores dos justos, subjugar os ímpios com a Sua mais terrível vingança e sepultar os justos em uma torrente de doçura.[6] Momento terrível, momento pavoroso, quando chegarás? Momento infeliz, ai! talvez dentro de algumas manhãs ouviremos os sinais anunciadores desse Juiz tão assustador para o pecador. Ó vós, pecadores, saí do tumulo de vossos pecados, vinde ao tribunal de Deus, vinde e aprendei como será tratado o pecador. O ímpio, neste mundo, parece querer ignorar o Poder de Deus, vendo os pecadores sem punição; chega mesmo a dizer: Não, não, não existe Deus nem Inferno; ou então: Deus não dá atenção ao que acontece na Terra. Mas esperaremos pelo julgamento, e nesse grande dia, Deus manifestará Seu Poder e mostrará a todas as nações que viu e contou todas as coisas.

Que diferença, meus irmãos, destas maravilhas que Ele realizou ao criar o mundo! Que as águas, diz o Senhor, reguem e fertilizem a terra; e desde esse exato momento as águas cobriram a terra e a tornaram fecunda.[7] Mas quando ele vier destruir o mundo, ordenará o mar que ultrapasse os seus limites, com uma impetuosidade apavorante, que envolverá todo o universo em sua fúria.[8] Quando Deus criou o céu, ordenou que as estrelas se prendessem ao firmamento. À sua voz, o sol iluminou o dia e a lua presidiu a noite.[9] Mas, nesse último dia o sol escurecerá e a lua e as estrelas não emitirão mais luz. Todas essas estrelas maravilhosas, cairão com um estrondo pavoroso.[10]

Que diferença, meus irmãos! Deus criou o mundo empregando seis dias; mas, para destruí-lo, bastará um piscar de olhos. Para criar um universo e tudo que ele contém, Deus não chamou nenhum espectador para tantas maravilhas; mas para destruí-los todos os povos estarão presentes, todas as nações confessarão que existe um Deus e que Ele é Poderoso. Vinde, ímpios galhofeiros, vinde, incrédulos refinados, vinde aprender ou reconhecer se existe um Deus, se Ele viu todas as vossas obras e se Ele é Todo-Poderoso! Oh meu Deus! como o pecador mudará sua linguagem nesse momento! Que arrependimento! Oh! Que arrependimento por ter perdido um tempo tão precioso! Mas não há mais tempo, tudo está acabado para o pecador, tudo é desespero! Oh! Quão terrível será esse momento! São Lucas nos diz que os homens definharão de pavor sobre as solas dos pés, pensando nos flagelos que lhes estão preparados.[11] Ai de mim!, meus irmãos, pode-se definhar de medo e morrer de pavor na expectativa de um flagelo infinitamente menor do que aquele que ameaça o pecador, e que certamente lhe acontecerá se continuar a viver no pecado.

Neste momento, meus irmãos, preparo-me para vos falar do julgamento ao qual todos compareceremos, para prestar contas de todo o bem e mal que fizemos, para receber nossa sentença definitiva para o Céu ou para o Inferno. Se um anjo vos viesse anunciar, da parte de Deus, que dentro de 24 horas todo o universo seria reduzido a fogo por uma chuva de fogo e enxofre; que começaríeis a ouvir o estrondo dos trovões, a fúria das tempestades derrubando vossas casas, os relâmpagos multiplicando-se de tal maneira que o universo não passaria de um globo de fogo; que o Inferno já vomitaria todos os seus réprobos, cujos gritos e clamores pudessem ser ouvidos em todos os cantos do mundo; que a única maneira de evitar todos esses infortúnios fosse deixar o pecado e fazer penitência; poderíeis meus irmãos, ouvir todos esses homens sem derramar torrentes de lágrimas e clamar misericórdia? Ó cegueira, ó desgraça incompreensível do homem pecador! Os males que vosso pastor vos anuncia são ainda infinitamente mais terríveis e dignos de arrancar vossas lágrimas, de dilacerar os vossos corações.

Ai! essas tão terríveis verdades serão as tantas sentenças que pronunciarão vossa condenação eterna. Mas a maior de todas as desgraças é que sois insensíveis a isso e continuais vivendo no pecado, e só reconhecereis vossa loucura quando não houver mais remédio. Apenas um momento, e esse pecador, que viveu tranquilamente no pecado, será julgado e condenado; apenas um momento, e ele levará o seu arrependimento para a eternidade. Sim, meus irmãos, seremos julgados, nada é tão certo; sim, seremos julgados sem misericórdia;[12] sim, seremos eternamente arrependidos por termos pecado.

1 – Lemos na Sagrada escritura, meus irmãos, que toda a vez que Deus quer enviar algum flagelo ao mundo ou à Sua Igreja, sempre o precede de algum sinal para começar a aterrorizar os corações e leva-los a se dobrar à Sua Justiça.[13] Querendo fazer perecer o universo por um dilúvio, a arca de Noé, que levou cem anos para ser construída, foi um sinal para levar os homens à penitência, sem a qual todos pereceriam.[14] O historiador Josefo, nos conta que, antes da destruição da cidade de Jerusalém, apareceu durante muito tempo um cometa em forma de cutelo, que causou consternação em todo mundo.[15] Todos se diziam: ai de mim! o que esse sinal significa? talvez seja alguma grande desgraça que Deus nos enviará. A lua permaneceu por oito noite sem iluminar; as pessoas pareciam já incapazes de viver. De repente apareceu um homem desconhecido, que durante três anos não fez outra coisa senão gritar pelas ruas de Jerusalém, dia e noite: ai de Jerusalém! Ai de Jerusalém!... eles o pegaram, bateram nele com varas para o

impedi-lo de gritar; nada o deteve. Depois de três anos ele exclamou: ah! ai de Jerusalém; ah! ai de mim! Uma pedra atirada por uma maquina caiu sobre ele e o esmagou instantaneamente.[16] Então todos os males com que esse estranho havia ameaçado Jerusalém se abateram sobre ela. A fome era tão grande que as mães chegavam ao ponto de matar seus filhos para deles se alimentar. Os habitantes, sem saber por quê, degolavam-se uns aos outros; a cidade foi tomada e como que destruída; as ruas e as praças estavam todas cobertas de cadáveres; o sangue fluía como rios; os poucos que salvaram suas vidas foram vendidos como escravos.[17]

Mas, como o dia do julgamento será o dia mais terrível e mais assustador que já existiu, será precedido por sinais tão assustadores que farão o terror penetrar nas profundezas dos abismos. Nosso Senhor nos diz que, nesse momento infeliz para o pecador o sol não dará mais luz, a lua será como uma massa de sangue e as estrelas cairão do céu. O ar estará tão cheio de relâmpagos que estará em chamas, e ouvir-se-ão trovões cujo barulho será tão grande que os homens definharão de pavor sobre as solas dos pés. Os ventos serão tão impetuosos que nada lhes poderá resistir. Árvores e casas serão arrastadas para o *caos* do mar; o próprio mar ficará tão agitado pelas tempestades que suas ondas subirão até quatro côvados acima das montanhas mais altas, e descerão tão baixo que os horrores do Inferno serão vistos; todas as criaturas, mesmo as inanimadas, parecerão querer aniquilar-se para evitar a presença de seu Criador, quando virem o quanto os crimes dos homens contaminaram e desfiguraram a Terra. As águas dos mares e dos rios ferverão como óleo nos braseiros; as árvores e as plantas vomitarão torrentes de sangue; os terremotos serão tão grandes que se verá a terra se abrindo por todo lado; a maior parte das árvores e dos animais será destruída, os homens que sobrarem estarão como loucos, as rochas e as montanhas desmoronarão com uma fúria terrível. Depois de todos esses horrores, um fogo se acenderá nos quatro cantos do mundo, mas um fogo tão violento que queimará pedras, rochas e terra como se fossem um fio de palha atirado numa fornalha. Todo o universo será reduzido a cinzas; A Terra manchada por tantos crimes deve ser purificada pelo fogo que será aceso pela ira do Senhor, de um Deus justamente irado.

Depois, meus irmãos, que essa Terra coberta de tantos crimes for purificada, Deus enviará seus anjos que tocarão trombetas nos quatro cantos do mundo e dirão a todos os mortos: levantai-vos, mortos, saí de vossos túmulos, vinde e comparecei ao julgamento. Então todos os mortos, bons e maus, justos e pecadores, retornarão as mesmas formas que tinham antes, o mar vomitará todos os cadáveres encerrados com seu *caos* , a terra devolverá todos os corpos sepultados durante tantos séculos em seu seio. Depois dessa revolução, todas as almas dos santos descerão do Céu radiantes de glória, e cada alma se aproximará de seu corpo bendizendo-o milhares e milhares de vezes. Vem, dir-lhe-á ela, vem, companheiro dos meus sofrimentos; se trabalhaste para agradar a Deus, se fizeste tua felicidade consistir em sofrimento e lutas, oh! quantos bens nos estão reservados! Há mais de mil anos desfruto dessa felicidade; oh! que alegria a minha vir anunciar-vos tantos bens que nos estão preparados para a eternidade. Vinde, olhos benditos, que tantas vezes estivestes fechado à vista de objetos impuros, por medo de perder a graça de vosso Deus; vinde ao Céu, onde vereis somente belezas que jamais se veriam neste mundo. Vinde, meus ouvidos, que abominastes palavras e discursos impuros e caluniosos; vinde e ouvireis no Céu esta música celestial que vos lançará em contínuo êxtase. Vinde, meus pés e minhas mãos, que tantas vezes trabalhastes para aliviar os infelizes; passaremos nossa eternidade neste lindo Céu, onde veremos nosso bondoso e caridoso Salvador que tanto nos amou. Ah! vereis aquele que, tantas vezes, veio descansar em vosso coração. Ah! lá veremos aquela mão ainda tingida do sangue de

nosso divino Salvador, pela qual mereceu para nós tanta alegria. Finalmente, o corpo e a alma dos santos se bendirão milhares e milhares de vezes por toda a eternidade.[18]

Depois de todos os santos terem retomados seus corpos radiantes de glória, todos de acordo com as boas obras e as penitências que fizeram, aguardarão com prazer o momento em que Deus revelará à face de todo o universo todas as lágrimas, todas as penitências, todo o bem que terão realizado durante a sua vida sem omitir nenhuma só, nem um sequer, já todos felizes com a felicidade do próprio Deus. Esperai, dir-lhes-á o próprio Jesus Cristo, esperai; quero que o universo inteiro veja com quanto prazer trabalhastes. Os pecadores endurecidos, os incrédulos, diziam que Eu era indiferente a tudo o que fazíeis por mim; mas hoje vou mostrar-lhes que vi e contei todas as lágrimas que derramastes nas profundezas dos desertos; hoje vou mostrar-lhes que estive ao vosso lado no patíbulo. Vinde, todos vós, e comparecei diante destes pecadores que me desprezaram e ultrajaram, que ousaram negar que Eu existo, que Eu os vi. Vinde, meus filhos, vinde, meus amados, e vereis como tenho sido bom, quão grande tem sido meu amor por vós.[19]

Contemplemos, meus irmãos, por um momento, esse número infinito de almas justas retornando aos seus corpos e os fazendo semelhantes a belos sóis. Vereis todos os mártires com a palma na mão. Vereis todas as virgens com a coroa da virgindade em suas cabeças. Vereis todos os Apóstolos, todos os sacerdotes; tantas almas quanto salvaram, tantos raios de glória com que são embelezados. Meus irmãos, todos dirão a Maria, a Virgem Mãe: vamos unir-nos Àquele que está no Céu para dar novo brilho às Vossas belezas.[20]

Mas não, um momento de paciência; fostes desprezados, caluniados e perseguidos pelos ímpios; é justo, antes de entrardes, neste reino eterno, que os pecadores venham fazer-vos uma reparação honrosa.

Mas, terrível e assustadora revolução! ouço a mesma trombeta clamando para os réprobos que saiam do inferno. Vinde, pecadores, carrascos e tiranos, dirá Deus, que vos quis salvar a todos; vinde, comparecei ao tribunal do Filho do homem, Aquele de quem tantas vezes ousastes persuadir-vos de que não vos via nem ouvia! Vinde e aparecei, pois tudo que fizestes será manifestado diante de todo o universo. Então o anjo gritará: abismos dos infernos, abri vossas portas! vomitai todos esses réprobos! seu Juiz os chama. Ah! momento terrível! todas essas infelizes almas réprobas, horríveis como demônios, emergirão do abismo, irão, desesperadas, em busca de seus corpos. Ah! momento cruel! assim que a alma entrar em seu corpo, esse corpo experimentará todos os rigores do Inferno. Ah! esse corpo maldito, essas almas malditas se amaldiçoarão milhares e milhares de vezes. Ah! corpo amaldiçoado, dirá a alma a seu corpo que rolou e se arrastou na lama de suas impurezas; há mais de mil anos sofro e ardo no Inferno. Vinde, olhos malditos, que tantas vezes vos deleitastes em lançar olhares desonestos sobre vós mesmos ou sobre os outros, vinde ao Inferno contemplar os mais horríveis monstros. Vinde, ouvidos malditos que tanto deleite tivestes nas palavras dos discursos impuros, vinde eternamente ouvir os gritos, os uivos e os rugidos dos demônios. Vinde, língua maldita e boca maldita, que tantas vezes destes beijos impuros e que nada poupastes para satisfazer vossa sensualidade e vossa gula; vinde para o Inferno, onde tereis apenas o fel dos dragões como alimento. Vem, corpo maldito, que tanto procurei agradar; vem, e jazerás por toda a eternidade em um lago de fogo e enxofre, aceso pelo Poder e pela Ira de Deus. Ah! quem poderá compreender e nos descrever às maldições que o corpo e a alma vomitarão um sobre o outro por toda a eternidade?

Sim meus irmãos, aqui estão todos os justos e réprobos que retomaram a sua forma anterior, ou seja, seus corpos como os vemos agora, a espera do seu Juiz, mas um Juiz justo e sem compaixão, para punir ou recompensar, segundo o bem e o mal que tivermos feito. Eis que Ele vem, sentado num trono, cheio de glória, rodeado por todos os anjos; o estandarte de Sua Cruz irá diante dEle. Os condenados vendo seu Juiz – ah! o que digo? – contemplando Aquele que viam somente querendo lhes obter a felicidade do Paraíso e que, malgrado dEle, condenaram-se, gritarão: montanhas, esmagai-nos, arrancai-nos da face do nosso Juiz; pedras, caí sobre nós; ah! por piedade, precipitai-nos aos infernos![21] Não, não, pecador, vai em frente e vai prestar contas de toda a tua vida. Vai em frente, infeliz, que tanto desprezaste um Deus tão bom. Ah! meu Juiz, meu Pai, meu Criador, onde estão meu pai e minha mãe que me amaldiçoaram? Ah! quero vê-los; ah! quero pedir-lhes o Céu que me deixaram perder. Meu pai e minha mãe, fostes vós que me amaldiçoastes; sois vós a causa de minha desgraça. Não, não, vai ao tribunal do teu Deus, tudo está perdido para ti. Ah! meu Juiz! Gritou a jovem, onde está aquele libertino que me roubou o Céu? Não, não, segue em frente! não há mais ajuda... estás condenada. Não há mais esperança para ti; sim, estás perdida! Sim, tudo está perdido, pois perdeste tua alma e teu Deus. Ah! quem poderá compreender a desgraça de um condenado que verá diante de si, isto é, do lado dos santos, um pai ou uma mãe radiante de glória e destinado ao Céu, e se verá reservado ao Inferno! Montanhas, dirão estes réprobos, eliminai-nos; ah! por piedade, caí sobre nós! Ah! portões do abismo, abri-vos para nos esconder! Não, pecador, tu sempre desprezaste meus mandamentos, mas hoje quero mostrar-te que Sou teu Mestre. Aparece diante de mim com todos os teus crimes dos quais tua vida é apenas um tecido. Ah! é então, diz-nos o profeta Ezequiel, que o Senhor pegará esse grande pergaminho milagroso, onde estão escritos e registrados todos os crimes dos homens.[22] Quantos pecados nunca apareceram diante dos olhos do universo e estão prestes a aparecer! Ah! tremei, vós que, talvez por 15 ou 20 anos, acumulastes pecado sobre pecado. Ah! ai de vós!

Então, Jesus Cristo, com o livro das consciências nas mãos, chamará a todos os pecadores para convencê-los de todos os pecados que cometeram ao longo de suas vidas, com uma terrível voz de trovão. Vinde, impudicos, dir-lhes-á Ele, aproximai-vos e lede dia por dia; eis todos estes pensamentos, que macularam vossa imaginação, eis todos estes desejos vergonhosos que corromperam vosso coração; lede e contai vossos adultérios; eis o lugar, a hora que os cometestes, eis a pessoa com quem pecastes; lede toda a vossa indolência e lubricidade,[23] lede e contai quantas almas perdestes, que me eram tão caras. Já se passaram mais de mil anos desde que vosso corpo estava podre e vossa alma no Inferno, e vossa libertinagem ainda arrastava almas para o Inferno. Vede esta esposa que perdestes, vede este marido, estes filhos e estes vizinhos! todos exigem vingança, todos vos acusam de os terdes perdido, e que, sem vós, iriam para o Céu. Vinde, moças mundanas, instrumentos de Satanás, vide e lede todos estes cuidados e estes tempos que empregastes para vos adornardes; contai o número de pensamentos e desejos malignos que destes aqueles que vos viram. Vede todas as almas gritando que fostes vós quem as perdestes. Vinde, caluniadores, semeadores de notícias falsas, vinde ler; eis onde estão escritas todas as vossas calúnias, vossos escárnios e vossas trevas; eis todos os problemas que causastes, todas as perdas e todos os males dos quais vossa língua maldita foi a causa primeira.

Ide, infelizes, ouvir no Inferno os pavorosos gritos e uivos dos demônios. Vinde, avarentos malditos, lede e contai este dinheiro e estes bens perecíveis aos quais apegastes vosso coração, desprezando vosso Deus, e pelos quais sacrificastes vossa alma. Esquecestes vossa dureza para

com os pobres? Ei-la, lede e contai. Eis vosso ouro e vossa prata, pedi-lhes ajuda agora, dizei-lhes que vos tirem das minhas mãos. Ide, malditos, chorar de fome nos infernos. Vinde, vingativos, lede e vede tudo que dissestes para prejudicar o vosso próximo; contai todas essas injustiças, contai todos esses pensamentos de ódio e de vingança que alimentastes em vossos corações; ide, infelizes, para o Inferno. Fostes rebeldes; meus ministros vos disseram mil vezes, que se não amasseis vosso próximo como a vós mesmos, não haveria perdão para vós. Afastai-vos de mim, malditos, ide para o Inferno, onde sereis vitimas da minha ira eterna, onde aprendereis que a vingança é somente para Deus. Vem, vem, bêbado, olha, eis uma taça de vinho e até um pedaço de pão que arrancaste da boca de tua mulher e de teus filhos; eis todos os teus excessos, tu os reconheces? São realmente os teus, ou os do teu próximo? Eis o número de noites e de dias que passastes em cabarés, domingos e feriados; eis aqui, até a última, as palavras desonestas que dissestes na tua embriaguez; eis todas as pragas, todas as imprecações que vomitaste, estes são todos os escândalos que causaste à tua esposa, aos teus filhos e aos teus próximos. Sim, escrevi tudo e contei tudo. Vai, infeliz, embriagar-te nos infernos com o fel da minha ira. Vinde, comerciantes, trabalhadores, seja qual for vossa condição; vinde, prestai-me contas até o último óbolo[24] de tudo que comprastes e vendestes; vinde, examinemos juntos se vossas medidas e vossas contas estão em conformidade com as minhas. Eis, comerciantes, o dia em que enganastes esta criança. Eis o dia que cobrastes duas vezes pela mesma coisa. Vinde, profanadores dos sacramentos, eis todos os vossos sacrilégios, todas as vossas hipocrisias. Vinde, pais e mães, prestai-me contas destas almas que vos confiei; prestai-me contas de tudo que vossos filhos e empregados domésticos fizeram; eis o número de vezes que lhes destes permissão para frequentarem lugares e companhias que os levaram a pecar. Eis todos os maus pensamentos e maus desejos que vossa filha causou; eis os abraços e outras ações infames; eis todas as palavras impuras que vosso filho falou. Mas, Senhor, dirão os pais e as mãe, não ordenei isso a ele. Não importa, dir-lhes-á o Juiz, os pecados dos teus filhos são teus. Onde estão as virtudes que os fizestes praticar? Onde estão os bons exemplos que lhes deste ou as boas obras que os obrigaste a fazer? Ai! o que será desses pais e dessas mães que veem seus filhos, uns indo dançar, outros indo aos jogos e cabarés, e que vivem em paz! Ó meu Deus, que cegueira! Oh! de que crime serão acusados nesses momentos terríveis? Oh! que pecados ocultos serão revelados a todo o universo! Oh! abismos profundos do Inferno, abri-vos para engolir estas multidões de réprobos que viveram apenas para ultrajar a Deus e se condenar!

Mas, perguntareis, de nada nos servirão todas as boas obras que fizemos? Estes jejuns, penitencias, esmolas, estas comunhões, estas confissões, serão assim sem recompensa? Não, dir-vos-á Jesus Cristo, todas as vossas orações eram rotineiras, vossos jejuns eram hipocrisias, vossas esmolas eram vanglórias; vosso trabalho não tinham outro objetivo senão a avareza e a ganancia; vossos sofrimentos eram acompanhados apenas de queixar e murmúrios; não tive nada a ver com o que fizestes. Além disso, recompensei-vos com bens temporais, abençoei vosso trabalho, dei fertilidade aos vossos campos e enriqueci vossos filhos; ao pouco bem que fizestes dei toda a recompensa que dele poderíeis esperar.[25] Mas, dir-nos-á Ele, vossos pecados ainda vivem, e viverão para sempre diante de mim. Ide, malditos, para o fogo eterno, preparado para todos aqueles que me desprezaram durante suas vidas.[26]

Sentença terrível, mas infinitamente justa. O que poderia ser mais justo! Um pecador que, durante toda a sua vida, nada fez senão rolar no crime, apesar das graças que o Bom Deus lhe apresentava para dele sair! Vedes aqueles ímpios que zombavam de seu pastor, que desprezavam a palavra da

vida, que ridicularizavam o que o seu pastor lhes dizia? Vedes aqueles pecadores, que se orgulhavam de não ter religião, que zombavam daqueles que a praticavam? Vedes aqueles maus cristãos que tantas vezes tinham horríveis blasfêmias nos lábios, que diziam que já achavam o pão muito bom e que não precisavam da confissão?[27] Vedes aqueles incrédulos que nos diziam que uma vez mortos, tudo acabou? Vedes o seu desespero, ouvi-los confessar sua impiedade, clamar por misericórdia? Mas está tudo acabado, tendes apenas o Inferno para compartilhar. Vedes esse homem orgulhoso que zombava e desdenhava de todos? Vedes que ele tem o coração arruinado condenado para a eternidade sob os pés dos demônios? Vedes este incrédulo que dizia não haver nem Deus nem Inferno? Vede-lo confessar diante de todo universo que existe um Deus que o julga e um Inferno onde será jogado para nunca mais sair? É verdade que Deus dará liberdade para que todos os pecadores apresentem suas razões e desculpas para se justificarem, se puderem. Mas, ai! o que pode dizer um criminoso que nada vê além de crime e ingratidão? Ai, tudo o que um pecador pode dizer nesse momento infeliz servirá apenas para mostrar ainda mais sua impiedade e ingratidão.

Isso, meus irmãos, é sem dúvida o que será mais assustador nesse momento terrível; será quando percebermos que Deus nada poupou para nos salvar; que compartilhou conosco os méritos infinitos de Sua morte na Cruz; que nos fez nascer no seio da Sua Igreja; que nos deu pastores para nos mostrar e ensinar tudo o que devíamos fazer para sermos felizes. Ele nos deu os sacramentos para nos ajudar a recuperar Sua amizade sempre que a tivéssemos perdido, não colocou limites ao número de pecados dos quais queria nos perdoar; se o nosso retorno foi sincero, temos a certeza do nosso perdão. Ele esperou por nós durante muitos anos, embora só vivêssemos para insultá-lo; Ele não queria nos perder, ou melhor, queria absolutamente nos salvar; e nós não queríamos! Somos nós mesmos que com os nossos pecados, forçamo-lo a proferir uma sentença de reprovação eterna contra nós. Ide, filhos malditos, ide encontrar aquele a quem imitastes; de minha parte não vos reconheço, exceto para esmaga-los com toda a fúria da minha ira eterna.

Vinde, diz-nos o Senhor, por meio de um dos seus profetas; vinde, homens, mulheres, ricos e pobres, pecadores, quem quer que sejais, qualquer que seja vosso estado e condição; dizeis todos juntos, dizei vossas razões e eu direi as minhas.[28] Entremos no julgamento, pesemos tudo pelo peso do Santuário. Ah! momento terrível para um pecador, que, de qualquer lado que olhe para a sua vida, vê apenas pecado e nada de bom. Meu Deus! o que será dele! Neste mundo, o pecador sempre tem alguma desculpa a alegar por todos os pecados que cometeu; ele leva até seu orgulho ao tribunal da penitência, onde deveria comparecer apenas para se acusar e se condenar. Para alguns, é a ignorância; para outros, as tentações demasiadas violentas; finalmente, para outros, as ocasiões e os maus exemplos: essas são, todos os dias, as razões que os pecadores dão para esconder a escuridão de seus crimes. Vinde, pecadores orgulhosos, vejamos se vossas desculpas serão bem recebidas no dia do julgamento, e explicai-vos Àquele que tem a tocha na mão, que viu tudo, tudo contou e tudo pesou. Vós não sabíeis, dizeis, que isso era um pecado! Ah! infeliz, dir-vos-á Jesus Cristo, se tivésseis nascido entre nações idolatras que nunca ouviram falar do Deus Verdadeiro, ainda poderíeis desculpar-vos um pouco pela vossa ignorância; mas vós, cristãos, que tivestes a felicidade de nascer no seio da minha Igreja, de ter sido criado no centro da luz, vós, a quem falamos da vossa felicidade eterna? Desde a infância vos ensinaram tudo o que era preciso fazer para obtê-la; vós, que nunca deixastes de ser instruído, exortado e repreendido, ousais pedir desculpa pela vossa ignorância? Ah! infeliz, se viveste na ignorância, foi porque não quisestes vos educar; foi porque não quisestes aproveitar as instruções, ou as evitastes. Ide, infeliz! ide lá,

vossas desculpas só vos tornam mais dignos de maldições! Ide, filho maldito, para o Inferno, e lá ardei com vossa ignorância.

Mas, dirá outro, minhas paixões eram muito fortes, e minha fraqueza, muito grande. Mas o Senhor lhes dirá: já que Deus foi tão bom em dar-vos a conhecer vossas fraquezas, e se vossos pastores vos disseram que tínheis de vigiar continuamente por vós mesmos e mortificar-vos se as quisésseis domar, por que fizestes o contrário? por que vos preocupastes tanto em satisfazer vossos corpos e vossos prazeres? Deus vos fez conhecer vossa fraqueza e vós sempre caístes? Por que não voltastes para Deus para pedir-Lhe Sua graça? Por que não ouvistes vossos pastores que constantemente vos exortavam a pedir as graças e as forças necessárias para derrotardes o demônio? Por que tivestes tanta indiferença e desprezo pelos sacramentos, onde tínheis tanta graça e força para fazer o bem e evitar o mal? Por que tantas vezes desprezastes a palavra de Deus que vos teria guiado no caminho que deveríeis seguir para ir até Ele? Ah! pecadores ingratos e cegos, todos esses bens estavam a vossa disposição, podíeis tê-los utilizados como tantos outros. O que fizestes para evitar cair no pecado? É que rezastes apenas por rotina ou hábito. Ide, infeliz! quanto mais conhecíeis vossa fraqueza, mais deveríeis recorrer a Deus, que vos teria apoiado e ajudado a realizar a vossa salvação. Ide, maldito, sois ainda mais criminoso.

Mas há tantas ocasiões para pecar, dirá outro. Meu amigo, conheço três tipos de ocasiões que nos podem levar ao pecado. Todos os estados têm seus perigos. Digo que existem três tipos: aquelas a que estamos necessariamente expostos pelos deveres do nosso estado, aquelas que encontramos sem as procurar e aquelas que nos comprometemos sem necessidade. Se aquelas em que nos comprometemos sem necessidade não nos servirão de desculpa, não procuraremos desculpar um pecado com outro pecado. Ouvistes uma canção ruim, dizeis vós; ouvistes uma maledicência ou uma calunia, e por que fostes a esta casa ou a esta companhia? Por que conviveis com pessoas sem Religião? Não sabeis que quem se expõem ao perigo é culpado e nele perecerá? Aquele que cai sem se expor levanta-se imediatamente, e sua queda o torna ainda mais vigilante e mais sábio. Mas não vedes que Deus, que nos prometeu seu socorro em nossas tentações, não nos prometeu isso quando temos a temeridade de nos expor? Ide, infelizes procurastes a própria perdição; mereceis o Inferno que está reservado para pecadores como vós.

Mas, dir-me-eis vós, temos continuamente maus exemplos diante de vossos olhos. Tendes maus exemplos que desculpa frívola! Se tendes os maus, não tendes também os bons? Por que não seguistes os bons em vez dos maus? Quando vistes aquela jovem indo À Igreja, à mesa sagrada, por que não a seguistes, ao invés de seguir aquela que ia aos bailes? Quando aquele jovem ia a Igreja para adorar Jesus Cristo em Seu tabernáculo, por que não seguistes seus passos ao invés de seguir aos daquele que ia ao cabaré? Dizei antes, pecador, que preferistes seguir o caminho largo que vos conduziu a esta desgraça em que vos encontrais, em vez do caminho que o próprio Filho de Deus traçou. A verdadeira causa das vossas quedas e da vossa desaprovação não provem, portanto, nem dos maus exemplos, nem das ocasiões, nem das vossas fraquezas, nem das graças que vos faltaram, mas apenas das más disposições do vosso coração que não quisestes reprimir. Se fizestes o mal, foi porque o quisestes. Vossa perdição, portanto, vem somente de vós.

Mas, dir-me-eis vós, sempre nos disseram que Deus era Bom. É verdade que Ele é Bom, mas é Justo; Sua bondade, Sua misericórdia já acabaram para vós; nada resta, senão Sua justiça e Sua vingança. Ai de nós! Meus irmãos, nós que temos tanta repugnância em nos confessar, se cinco

minutos antes desse grande dia, Deus nos desse sacerdotes para confessar nossos pecados, afim de que fossem apagados, ai! com que pressa não o aproveitaríamos? Isso nunca nos será concedido nesse momento de desespero. O rei Bogoris era muito mais sábio do que nós.[29] Tendo sido instruído por um missionário da Religião Católica, mas ainda preso aos falsos prazeres do mundo, por um efeito da Providência de Deus, um pintor cristão a quem havia encomendado pintar em seu palácio a caça mais terrível a feras selvagens pintou-lhe, em vez disso, O Juízo Final: o mundo todo em chamas, Jesus Cristo em meio a trovões e relâmpagos, o Inferno já aberto para engolir os condenados com figuras tão assustadoras, que o rei ficou imóvel. Voltando a si, lembrou que o missionário lhe dissera para evitar os horrores deste momento em que o pecador só pode partilhar o desespero, e, renunciando imediatamente a todos os seus prazeres, passou o resto de sua vida em penitência e lágrimas.

Ai! meus irmãos, se esse príncipe não se tivesse convertido, teria morrido igualmente, teria deixado todos os seus bens e prazeres, é verdade, um pouco mais tarde; mas, morrendo, há muitos séculos, eles teriam passado para outros. Ele estaria no Inferno, ardendo para sempre, ao passo que agora está no Céu por toda eternidade e está feliz, esperando aquele grande dia, por ver que todos os seus pecados foram perdoados e que nunca mais reaparecerão, nem aos olhos de Deus, nem aos olhos dos homens.

Foi esse pensamento bem meditado por São Jerônimo que o levou a tantos rigores no corpo e a derramar tantas lágrimas.[30] Ah!, gritava ele na vasta solidão, parece-me que a todo momento ouço aquela trombeta que deve despertar a todos os mortos chamando-me ao tribunal de meu Juiz. Esse mesmo pensamento fazia tremer a um Davi em seu trono e a um Agostinho em meio a seus prazeres, apesar de todos os esforços que fazia para abafar o pensamento de que um dia seria julgado.[31] De tempos em tempos dizia ao seu amigo Alípio: Ah! querido amigo, chegará o dia em que todos compareceremos perante o tribunal de Deus para receber a recompensa pelo bem ou o castigo pelo mal que fizemos durante nossa vida; Deixemos, meu caro amigo, disse-lhe ele, o caminho do crime, por Aquele que todos os santos seguiram.[32] Preparemo-nos desde já para esse dia.

São João Clímaco nos conta que um homem solitário deixou seu mosteiro para se mudar para outro, a fim de fazer mais penitência.[33] Na primeira noite, foi convocado ao tribunal de Deus, que lhe mostrou que ele estava em divida com Sua justiça por cem libras de ouro. Ai! Senhor, ele gritou, o que farei para quitá-la? Permaneceu três anos nesse mosteiro, onde Deus permitiu que fosse desprezado e maltratado por todos os outros, a ponto de parecer que ninguém o suportava. Nosso Senhor lhe apareceu na segunda vez dizendo-lhe que ele tinha quitado apenas um quarto de sua dívida. Ah! Senhor, ele gritou, o que devo fazer para me justificar? Fingiu-se de louco durante treze anos, fazendo tudo que queriam: foi tratado com severidade, como um animal de carga. O Bom Deus lhe apareceu pela terceira vez, dizendo-lhe que tinha quitado a metade. Ah! Senhor, já que assim eu o quis, devo sofrer para poder pagar Sua justiça. Ah! Meu Deus! não espereis que meus pecados sejam punidos após o julgamento. São João Clímaco conta-nos uma história que nos faz estremecer.[34] Havia, disse-nos ele, um homem solitário, que durante 40 anos, lamentava seus pecados nas profundezas de um bosque. Na véspera de sua morte, subitamente fora de si, abrindo os olhos, olhando para a direita e para a esquerda de sua cama, como se visse alguém que lhe cobrava contas de sua vida, respondeu com voz trêmula: sim, eu cometi esse pecado, mas confessei e fiz penitência por ele durante tantos anos até que o bom Deus me perdoou. Tu também

cometeste este pecado, disse-lhe a voz. Não, respondeu o homem solitário, não o cometi. Antes de morrer, ouviram-no clamar: meu Deus, meu Deus, afastai, afastai, peço-vos, meus pecados de diante de vossos olhos, já não posso mais suportá-los. Ai! o que será de nós, se o Diabo repreende até os pecados que não cometemos, nos que estamos completamente cobertos de pecados e não fizemos penitência? Ai! o que podemos esperar nesse momento terrível? se os santos não se sentem tranquilos, o que será de nós?

O que devemos concluir de tudo isso, meus irmãos? Isto: nunca devemos perder de vista o fato de que um dia seremos julgados sem misericórdia e que todos os nossos pecados aparecerão diante dos olhos de todo o universo; e que, depois desse julgamento, se nos encontrarmos nesses pecados, vamos pranteá-los no Inferno sem os poder apagar ou esquecer. Oh! como estaremos cegos, meus irmãos, se não aproveitarmos o pouco tempo de vida que nos resta para nos assegurarmos o Céu. Se somos pecadores, temos a esperança do perdão; em vez disso, se esperarmos, não haverá mais recursos. Meu Deus! dai-me a graça de nunca perder a memória desse momento terrível, especialmente quando sou tentado, para não me deixar sucumbir; para que, nesse dia, possamos ouvir estas doces palavras da boca do Salvador: “Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo.”[35]

Notas:

[1] Cf. Lc 2,7; Fl 2, 5-8; II Cor 5,21.

[2] Cf. Lc 21,27, na epígrafe; Ap 8.

[3] Cf. I Pd 1,18-21.

[4] Cf. Mt 25,31-33; Ap 20,11-12; II Cor 5,10.

[5] Cf. Jo 10; Lc 15,4-7.

[6] Cf. Mt 25,31-46; II Ts 1,6-9; Ap 20,12-15.

[7] Cf. Gn. 1,9-12.

[8] Cf. Lc 21,25.

[9] Cf. Gn 1,14-18.

[10] Cf. Mt 24,29; Ap 6,13.

[11] Cf. Lc 21,26.

[12] I.e., após a morte, a misericórdia divina já não estará disponível para aqueles que não se arrependeram e viveram no pecado. Cf. Tg 2,13.

[13] Cf. Ez 33,4-5; Jl 2,1; Am 3,7; Mt 24,6-7.

[14] Cf. Gn 6-8.

[15] FLÁVIO JOSEFO, *A guerra dos judeu,* VI, 5, 3 (289-309)

[16] Máquina: no original grego de Josefo, é identificada uma balista, máquina bélica para o arremesso de pedras, fachos, chumbo etc.

[17] Refere-se à Primeira Guerra Judaico-Romana em 66-74, que levou à destruição do Segundo Templo de Jerusalém em 70.

[18] Cf. Mt 24,31; Ap 20,13 I Cor 15,42-44.

[19] Cf. I Cor 4,5; Mt 10,26; Lc 12,2-3.

[20] Cf. Ap 7,9; I Cor 9,25; Dn 12,3.

[21] Cf. Ap 6,15-16.

[22] Cf. Ez 2,9; Ap 20,12.

[23] Luxúria

[24] Antiga moeda francesa de baixo valor; (como 1 centavo)

[25] Cf. Mt 6.

[26] Cf. Mt 25,41.

[27] I.e., comunhão em pecado mortal

[28] Cf. Is 1,18; Mq 6,1-2; Jr 2,9.

[29] Boris I da Bulgária (morto em 907), também conhecido como Bogoris ou Bogoris-Mikhail.

[30] Cf. SÃO JERÔNIMO, *Carta a Eustóquio* (PL 22, 394-425), 7.

[31] Cf. Sl 50; SANTO AGOSTINHO, *Confissões,* II, 2 (2-4); VIII, 11 (25-26);
X, 29(40).

[32] Cf. id., ibid., VIII, 8 (19).

[33] Cf. SÃO JOÃO CLÍMACO, *A escada do Paraíso,* IV, 111

[34] Cf. id., ibid.,VII, 50.

[35] Mt 25,34.

Um próximo « Vaticano II » entre os Ortodoxos

Esperança de Ratzinger-Bento XVI e dos Rose+Cruzes anglo-saxões e « *milagre* » maçônico pelo qual Dom Fellay pede orações à FSSPX

Terça-feira, 12 de janeiro de 2010

Artigo Original disponível em Virgo Maria

- Introdução
- 1. Um observador do mundo Ortodoxo anuncia os preparativos para um próximo concílio Pan-Ortodoxo que seria um « Vaticano II » destinado a assegurar o controle do clero Ortodoxo pelas lojas
- 2. Ratzinger-Bento XVI molda uma imagem de « tradicionalista » na Rússia, a fim de enganar o clero Ortodoxo (que, por sua vez, é válido)
- 3. A 3ª cruzada do Rosário de Dom Fellay destinada a fazer acreditar que este concílio Pan-Ortodoxo seria « o milagre de Fátima »?
- 4. O calendário da manipulação do ano de 2010 mostra uma sincronização e uma convergência entre Dom Fellay, Ratzinger-Bento XVI e os meios ecumênicos ortodoxos.
- Anexos
    - Anexo A: Biografia do novo Patriarca de Moscou, chamado a se tornar o Roncalli-João XXIII
    - Anexo B: Vaticano II: revolução ou síntese da tradição e da novidade?
    - Anexo C – Eleição do novo Patriarca de Moscou em janeiro de 2009 no Le Figaro

- Anexo D – 2 de Junho de 2009 - Genebra: 4ª Conferência Panortodoxa Pré-Conciliar
- Anexo E - Programa das reuniões do concílio panortodoxo
- Anexo F – Principais Mensagens VM Sobre a Subversão Anglicana

Introdução

Este concílio de « *aggiornamento* » dos Ortodoxos[1] teria:

- como **objetivo principal** autorizar **o casamento dos bispos (como acontece com os Anglicanos)**,
- como **objetivo secundário** engajar **a liquidação do monaquismo ortodoxo** e
- como **objetivo principal – mas oculto** – chegar a **tornar inválidas as sagrações dos bispos ortodoxos e, portanto, as ordens sacramentais ortodoxas** que – ao contrário das dos Anglicanos – sempre permaneceram válidas, **um objetivo escondido que é o propósito último do projeto satânico Rosacruz das lojas Anglicanas que, ao destruir os santos ordens sacramentais válidas da *Nova e Eterna Aliança* instituídas por Nosso Senhor Jesus Cristo**, preparam ativamente a vinda **do governo mundial e da religião maçônica universal do Anticristo**.

Este projeto insere-se naquele da « ***Corporate reunion*** » (cf. www.rore-sanctifica.org) que já uniu a igreja Conciliar « ***ecumênica*** » maçônica de Ratzinger-Bento XVI e os Anglicanos do TAC (pretendida « ***Constituição apostólica*** » ***Anglicanorum Coetibus*** **de novembro de 2009**), com os Ortodoxos sendo alvos dos meios anglicano-Rosecruzes para se tornarem **a** « ***terceira ramo*** » na « ***teoria dos ramos*** » (severamente condenada pela Santa Igreja, veja www.rore-sanctifica.org) do pastor anglicano **Pusey,** pai do subversivo ***Movimento de Oxford*** **nas décadas de 1830-1850 da Inglaterra vitoriana**.

A eleição de Cirilo, um artífice do **« *diálogo* » (conceito maçônico)** faz irresistivelmente lembrar a de Roncalli-João XIII, e o Departamento de Relações Exteriores do Patriarcado de Moscou parece desempenhar um papel análogo ao « ***Secretariado para a Unidade dos Cristãos*** » dirigido pelo jesuíta maçom, o cardeal Béa.

Advertência

Nós não desejamos a perda das almas dos ortodoxos e de seu clero, mas que, atendendo ao chamado da Igreja, renunciem à heresia do ***Filioque***, que aceitem a obediência ao Papa, **o Bispo de Roma** (mesmo que o cargo esteja vago há 50 anos), e que se convertam ao aceitarem o ensinamento bimilenar da Igreja Católica. Pio XI escreveu a esse respeito na *Mortalium animos* em 6 de janeiro de 1928:

> ***« Que os filhos dissidentes, portanto, regressem ao Sítio Apostólico, estabelecido nesta cidade que os príncipes dos Apóstolos, Pedro e Paulo, consagraram com seu sangue, ao Sítio "raiz e mãe da Igreja Católica" (S. Cipriano, Ep. 48 ad Cornelium, 3). Que regressem, não com a ideia e a esperança de que "a Igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade" (I Tim. II, 15) renunciará à integridade da fé e tolerará seus erros, mas, ao contrário, para se confiar ao seu magistério e ao seu governo. »***

É por isso que nos alarmamos com os projetos maçônicos atuais das seitas anglicanas Rosacruzes que, em colaboração com seu agente Ratzinger-Bento XVI, trabalham para tornar inválido o clero ortodoxo e arruinar a sucessão apostólica dentro dele.

---

[1] Utilizamos o termo «***Ortodoxos***», pois é um uso comum, mas é importante lembrar aos leitores que os «***Ortodoxos***» não são … ortodoxos, mas **heterodoxos na questão do *Filioque*** que figura no Credo da Igreja Católica, e que são **cismáticos por não reconhecerem a primazia da Sé apostólica romana**.

1. Um observador do mundo Ortodoxo anuncia os preparativos para um próximo concílio Pan-Ortodoxo que seria um « Vaticano II » destinado a assegurar o controle do clero Ortodoxo pelas lojas

Um observador bem informado sobre os preparativos de um concílio panortodoxo oferece os detalhes:

> « Se os ortodoxos, exceto talvez na França, são mais conservadores do que os conciliares, parece que o patriarca russo tem ideias particularmente avançadas – ele fez parte de **uma faculdade de teologia que traduzia para o russo autores como Barth ou Rahner** (houve um artigo sobre isso durante sua eleição no site da Croix, mesmo que esse site também insistisse em suas posições conservadoras em política). Desde há cerca de vinte anos, há um projeto de concílio panortodoxo que não está sem algumas analogias com o Vaticano II. »

> - *O objetivo é **atualizar o direito canônico ortodoxo** (o que é verdadeiramente bastante antigo) para adaptá-lo às circunstâncias atuais.*
> - *Uma das ideias seria **o casamento dos bispos (ou pelo menos a sagração episcopal para sacerdotes casados)**.*
> - Outra ideia seria **o novo casamento dos sacerdotes**: de fato, se os ortodoxos aceitam ordenar homens casados (e, além disso, admitem um segundo casamento para leigos em caso de divórcio), **um sacerdote ortodoxo que perde sua esposa não pode mais se casar, pois uma vez ordenado, um novo casamento lhe é proibido (mesmo que se torne viúvo).**
> - *Por fim, outra ideia expressa de maneira menos aberta é a **supressão gradual do estado monástico, que é um viveiro de conservadorismo dentro da ortodoxia** (ofícios ainda mais longos do que nas paróquias, regras ascéticas rígidas, etc., favorecendo uma mentalidade menos progressista).*
>
> *Desde que essa ideia surgiu, ela não pôde "germinar" **por falta de consenso entre os grandes patriarcas, especialmente o da Grécia e o da Rússia.***
>
> *Sempre havia um dos dois para se opor.*
>
> ***Recentemente, tanto o patriarca da Rússia quanto o da Grécia estão favoráveis ao Concílio.*** Daí o risco de que esse concílio, de fato, aconteça, especialmente *à luz das ideias do novo patriarca russo. »* comunicado por um observador bem informado.

Este projeto de um concílio Pan-Ortodoxo foi **lançado um ano antes da abertura do Vaticano II, em Rodes**, um local bastante apreciado pela maçonaria. Atualmente, a Conferência se reúne na Suíça, em Chambésy:

- **24 de setembro a 1º de outubro de 1961 - I Conferência panortodoxa em Rodes**
- **26 a 29 de setembro de 1963 - II Conferência panortodoxa em Rodes**
- **1º a 15 de novembro de 1964 - III Conferência panortodoxa em Rodes**
- **8 a 15 de junho de 1968 - IV Conferência panortodoxa em Chambésy**
- **16 a 28 de julho de 1971 - Comissão interortodoxa preparatória**
- **21 a 28 de novembro de 1976 - I Conferência panortodoxa pré-conciliar em Chambésy**

- **28 de junho a 3 de julho de 1977 - Consulta especial sobre a questão da celebração comum da Páscoa**
- **1982 - II Conferência panortodoxa pré-conciliar em Chambésy**
- **Fevereiro de 1986 - Comissão interortodoxa preparatória**
- **28 de outubro a 6 de novembro de 1986 - III Conferência panortodoxa pré-conciliar em Chambésy**
- **10 a 17 de novembro de 1990 - Comissão interortodoxa preparatória em Chambésy**
- **7 a 13 de novembro de 1993 - Comissão interortodoxa preparatória em Chambésy**
- **9 a 14 de abril de 1995 - Congresso de canonistas sobre os critérios da organização da diáspora ortodoxa em Chambésy**
- **7 a 13 de junho de 2009 - IV Conferência panortodoxa pré-conciliar em Chambésy[2]**

Um dos objetivos deste concílio é muito claramente **silenciar todas as críticas contra o « *ecumenismo* » dentro da Ortodoxia** e fomentar a união dos cristãos: entender realizar a « ***Corporate reunion*** » de inspiração anglicana.

Trata-se, na verdade, de uma extensão das ideias da « *teoria dos três ramos* » (condenada pela Santa Igreja e pelos Papas no século XIX) das conferências anglicanas britânicas de Lambeth;

> *« O significado ecumênico do processo conciliar ortodoxo reside no fato de que o Santo e Grande Concílio debaterá seriamente os assuntos de* ***ecumenismo e a importância dos diálogos teológicos bilaterais.*** *Já* ***em 1986, a III Conferência Panortodoxa Pré-conciliar de Chambésy elaborou dois textos intitulados "A Igreja Ortodoxa e o Movimento Ecumênico" e "As relações da Igreja Ortodoxa com o mundo cristão".*** *O primeiro definiu o significado da presença e do testemunho ortodoxos* ***dentro do Conselho Ecumênico das Igrejas*** *e de outras organizações inter-eclesiásticas, incluindo* ***a Conferência das Igrejas Europeias****, enquanto o segundo fez uma análise detalhada da* ***evolução dos diálogos bilaterais da Ortodoxia com as Igrejas Orientais (Copta, Armênia, Siríaca, etc.), Católica Romana, Anglicana, Católica Cristã, Luterana e Reformada.*** *Não há dúvida de que esses textos devem ser revisados e complementados à luz* ***dos desenvolvimentos ecumênicos dos últimos vinte anos****.*
>
> *Um debate e uma posição ortodoxa comum sobre tudo o que diz respeito às relações com as Igrejas não ortodoxas são de uma importância capital não só para preparar o caminho que leva à unidade Cristã, mas também* ***para dar uma resposta clara e inequívoca aos diferentes grupos dissidentes (do tipo Ecône!) dentro da Ortodoxia, que consideram o ecumenismo como "a maior heresia de todos os tempos".*** *Dr. Georges Tsetsis* »[3]

A convocação de um concílio Pan-Ortodoxo, cuja inspiração revolucionária (e portanto maçônica) não deixa dúvidas, ocorre após a morte do Patriarca de Moscou, Alexei II, que aconteceu sete meses após a eleição de Dmitri Medvedev como presidente da Federação da Rússia, e de maneira muito oportuna, enquanto, desde dois anos, o apóstata padre Ratzinger Bento XVI multiplicava em vão seus esforços para obter um avanço « ***ecumênico*** » com **Alexei II, que rejeitava de forma muito firme qualquer encontro oficial com o chefe**

ca de Moscou e de todas as Rússias (1990 - 2008).

O Patriarca Alexei II, que se opôs firmemente à ação do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI e das lojas anglicano-Rosacruzes, morreu em 5 de dezembro de 2009.

O Patriarca Alexei II, ao apoiar totalmente a ação de Vladimir Putin, constituía um obstáculo ao plano de desestabilização da Rússia, conduzido pelos círculos globalistas anglo-americanos, sob a liderança dos Rockefeller, mas também e **principalmente da casa Rothschild de Londres**, **muito intimamente ligada aos interesses da família Windsor-Mountbatten-Battenberg que atualmente reina na Inglaterra.**

A título de exemplo, em 30 de janeiro de 2000, o Patriarca ortodoxo de Moscou, S. B. Alexei II, manifestou seu apoio incondicional à intervenção militar na Chechênia. Embora tivesse demonstrado certa reserva no início do conflito, o patriarca denunciou a responsabilidade dos " ***terroristas*** " nos atentados que causaram 293 mortes em Moscou, em 1999. Em seguida, ele solenemente outorgou as condecorações honorárias do patriarcado ao general Anatole Kvachnine, chefe do estado-maior das forças russas, e a seu adjunto, o general Valeri Manilov.

Já em 5 de maio de 2007, diante de rumores maliciosos que anunciavam sua morte, **Alexei II, segundo a agência RIA-Novosti, acusava seus inimigos de querer arruinar seu tratamento médico:**

> « ***Aparentemente, alguém queria arruinar meu descanso e meu tratamento médico*** ».[4]

Funeral de Alexei II no dia 9 de dezembro de 2008 em Moscou. Vladimir Putin beija a mitra do Patriarca.

O novo Patriarca, Cirilo I, foi entronizado no dia 1º de fevereiro de 2009 na catedral do Cristo Salvador *Christos Spasitiel* em Moscou.

Este novo eleito vai **permitir desbloquear o plano « *ecumênico* » globalista maçônico do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI** e das lojas britânicas anglicano-Rosacruzes **que, desde Londres (Casa Rothschild) e Oxford/Cambridge, puxam as cordas da subversão religiosa.**

A ação maçônica de preparação do concílio Pan-Ortodoxo iniciada em 1961 não podia ser concretizada na época da cortina de ferro e da « Guerra Fria ». A morte súbita de Alexei II e a eleição do amigo de Ratzinger, Cirilo, permitiu relançar a máquina para obter resultados.

Quatro meses após a entronização de Cirilo I, o caminho para a reunião do concílio Pan-Ortodoxo está, portanto, aberto:

> « *De 6 a 13 de junho de 2009, representantes de 14 igrejas ortodoxas autocéfalas se reuniram no Centro Ortodoxo em Chambésy, Genebra. Após debates bastante animados, a conferência concluiu-se com um comunicado aprovado por unanimidade.* ***O caminho para o Concílio panortodoxo, há muito previsto, está agora aberto*** » [5]

E essa posição é confirmada pelo Patriarcado de Moscou em dezembro de 2009:

> « ***A Interfax publica um comentário interessante do p. Nicolas Balachov****, adjunto ao Presidente da DREE (Direção das Relações Exteriores da Igreja), membro da delegação da Igreja russa nesta Comissão; ele apresenta, a meu ver,* ***o ponto de vista oficial da Igreja russa sobre os avanços obtidos na última reunião da Comissão interortodoxa cf. comunicado***
>
> "*Consideramos que o resultado de seus trabalhos é extremamente positivo*", *diz o p. Nicolas, observando "****um notável rapprochement de posições que eram muito diferentes, até claramente opostas no início*** *... Isso possibilitou a adoção unânime* ***das propostas referentes à atribuição de autocefalia e autonomia****; elas agora serão submetidas à Conferência pré-conciliar e deverão ser discutidas e* ***confirmadas pelo Santo e Grande***

> ***Concílio da Igreja Ortodoxa***" *(1). »****[6]***

Parece que agora, graças ao apoio de Cirilo I nos últimos anos, tudo está em ordem para lançar o concílio Pan-Ortodoxo.

Além disso, os sites da organização não publicam datas para as próximas reuniões, o que poderia indicar que **o esforço está se concentrando agora no próprio concílio**.

---

[2] http://fr.wikipedia.org/wiki/Concile_panorthodoxe

[3] http://fokolar-bewegung.ch/index.php?id=137&L=1&tx_ttnews%5Btt_news%5D=490&tx_ttnews%5BbackPid%5D=235&cHash=4a4439f6d4

[4] http://www.speroforum.com/site/article.asp?id=9201

[5] http://fokolar-bewegung.ch/index.php?id=137&L=1&tx_ttnews%5Btt_news%5D=490&tx_ttnews%5BbackPid%5D=235&cHash=4a4439f6d4

[6] http://www.egliserusse.eu/blogdiscussion/Des-avancees-concretes-a-Chambesy_a600.html

2. Ratzinger-Bento XVI molda uma imagem de « tradicionalista » na Rússia, a fim de enganar o clero Ortodoxo (que, por sua vez, é válido)

Ratzinger-Bento XVI enviou um emissário a Moscou **para tentar, por meio da publicação de um livro particularmente enganador, fazer esquecer o saques do Vaticano II e seu caráter revolucionário, culminando em um complô anticristão de mais de 100 anos** e já anunciado pelos documentos da Alta Venda (*Crétineau*-Joly) e pelos escritos do satanista e apóstata cânon Rocca em « **Glorieux centenaire, 1889**, ***Mundo novo, Céu novo, Terra nova*** » no final do século XIX:

> *« Questionado se o Vaticano II foi uma revolução ou uma síntese da tradição e da novidade, Dom Agostino Marchetto, Secretário do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes, respondeu, no dia 23 de novembro em Moscou, no Centro Cultural "Biblioteca do Espírito", por ocasião da edição na Rússia de seu livro "O Concílio Vaticano II: um contraponto à sua história", uma historiografia crítica do Concílio Vaticano II, publicado pela editora Biblioteca do Espírito. »*

O falso « *bispo* » '*Dom*' Agostino Marchetto,

sagrado no rito inválido de 1968 (*Pontificalis Romani*)

Cirilo é um homem que se entende com o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI e não faz questão de esconder isso, como destacou ***Le Figaro*** em 21 de setembro de 2009:

> *« Não está certamente na "ordem do dia", como diz o Vaticano, mas a perspectiva de um encontro entre Cirilo I, novo patriarca de Moscou, e Bento XVI, nunca esteve tão aberta.*
>
> *Certamente, os comunicados que se seguiram à primeira visita a Roma, neste fim de semana, do arcebispo Hilarion de Volokolamsk, presidente das relações exteriores do Patriarcado de Moscou, foram cautelosos. Roma confirmou que o encontro de alto nível não estava programado.* ***O arcebispo Hilarion, por sua vez, insistiu nos problemas agudos na Ucrânia entre o Patriarcado de Moscou e os greco-católicos****.*
>
> *Essa cautela sobre os assuntos "técnicos" não deve, no entanto, ocultar o ineditismo do clima descontraído das relações entre Roma e Moscou. O "novo" papa já não assusta Moscou, ao contrário do papa polonês que causava preocupação. E o novo patriarca, eleito em janeiro passado, tem mais liberdade para aceitar* ***um encontro que confirmará sua estatura internacional****.*
>
> *O simples fato de que se admita publicamente que o encontro não acontecerá, nem em Roma nem em Moscou, mas em um "lugar neutro" é a prova de que seu princípio está adquirido.* »[7]

O arcebispo Hilarion sucedeu a Cirilo na liderança do Departamento de Relações Exteriores do Patriarcado de Moscou.

Para esclarecer o esquema de subversão do Patriarcado de Moscou, seria útil aprofundar as seguintes analogias:

Roncalli-João XXIII e o Patriarca Cirilo

Os iniciadores do maçônico Vaticano II e do futuro concílio Pan-Ortodoxo

Evêque Hilarion Alfeyev

O cardeal jesuíta Béa, aliado dos *B'naï B'rith* e o arcebispo Hilarion, formado em Londres

O ***Departamento de Relações Exteriores do Patriarcado*** de Moscou passa a ser visto como o ***Secretariado para a Unidade dos Cristãos*** da Igreja Católica, dentro da Ortodoxia, devido ao papel análogo de subversão maçônica que desempenha em prol de um « ***aggiornamento*** » da Ortodoxia.

Já, em 22 de maio de 2005, na « *Operação Rampolla[8]* », o CSI reportava o ativismo de Hilarion em favor da união dos ortodoxos com a igreja conciliar sobre certos assuntos:

> *« Em uma entrevista,* ***Hilarion Alfeyev****,* ***bispo de Viena e da Áustria e representante da Igreja Ortodoxa Russa junto às Instituições Europeias, deu em 24 de abril de 2005 uma entrevista ao Inside the Vatican recomendando a criação de uma Aliança Católica-Ortodoxa na Europa****.*
>
> *Essa aliança é justificada pelo bispo ortodoxo independentemente das questões religiosas, a fim de defender os valores morais da Cristandade Oriental e Ocidental diante do relativismo. Abaixo, citamos a totalidade da entrevista.*

> *Um tal apoio, vindo de um prelado em exercício junto a uma organização sob a influência de círculos globalistas, revela o discurso que está em andamento, ou seja, uma união que ocorre fora das questões doutrinárias e religiosas, no âmbito da moral natural, e ilumina a posição do padre* ***Ratzinger*** *na véspera do conclave que deveria elegê-lo, contra o relativismo.*
>
> «Para que essa luta seja mais abrangente, sugeri recentemente que fosse formada uma aliança católico-ortodoxa europeia. Essa aliança permitiria que católicos e ortodoxos europeus combatessem juntos contra a secularização, o liberalismo e o relativismo que prevalecem na Europa moderna, ajudaria a falar com uma só voz ao se dirigir à sociedade civil, e lhes proporcionaria um amplo espaço para discutir questões modernas e adotar posições comuns. Os ensinamentos sociais e éticos das Igrejas Católica e Ortodoxa são extremamente próximos e praticamente idênticos em muitos casos. Tive a oportunidade de comparar o "Compêndio da Doutrina Social da Igreja", publicado em 2004 pelo Conselho Pontifício para a Justiça e a Paz, com os "Fundamentos da Doutrina Social da Igreja Ortodoxa Russa", aprovados em 2000 pelo Conselho dos Bispos do Patriarcado de Moscou. Existem tantas semelhanças impressionantes e tão pequena diferença. Por que, então, não seríamos capazes de proclamar urbi et orbi nossa unidade em relação a esses pontos fundamentais? (…) **Unamos nossos esforços e formemos uma frente comum do Cristianismo tradicional para impedir que a Europa seja irremediavelmente devorada pelo secularismo, liberalismo e relativismo**.» **Hilarion Alfeyev** [9] »

Mas Alexei II não demonstrou – ele – o entusiasmo « ***ecumênico*** » tanto esperado.

Evêque Hilarion Alfeyev

Hilarion: muito provavelmente um agente a serviço dos globalistas anglo-americanos, ele foi formado na Inglaterra. Terá ele ligações com os frankistas[10] da casa Rothschild de Londres?

---

[7] http://blog.lefigaro.fr/religioblog/2009/09/la-rencontre-entre-kiril-ier-e.html

[8] **http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf**

http://www.the-savoisien.com/livres/Operation%20Rampolla%20-%20Secte%20de%20l%20OTO.pdf

[9] http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla//VM-Operation-Rampolla-P-2.htm

[10] Frankistas: discípulos de Jacob Frank e de Sabatai Tsvi, corrente marrana dentro do judaísmo, muito poderosa hoje em dia.

3. A 3ª cruzada do Rosário de Dom Fellay destinada a fazer acreditar que este concílio Pan-Ortodoxo seria « o milagre de Fátima »?

Na sua LAB n°74 de 12 de abril de 2009, Dom Fellay não hesitou em promover uma 3ª manipulação dos fiéis e clérigos da Fraternidade, sem temer, para esta ocasião, o sacrilégio de manipular as mensagens da Santíssima Virgem Maria entregues durante as aparições de Fátima, ao lançar uma miraculosamente « *cruzada do Rosário* » até 25 de março de 2010, a fim de prepará-los para aplaudir o novo avanço « *ecumênico* » maçônico entre os Ortodoxos do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI – esse Falsificador[11] do « ***terceiro Segredo de Fátima*** », que supostamente revelou ao mundo em junho de 2000, juntamente com o « ***cardeal*** » Bertone e as autoridades maçônicas do Vaticano apóstata – **preparando-se para fazer passar esse suposto « *sucesso* » esperado desta « *terceira cruzada* » do Rosário da Fraternidade como o cumprimento tão almejado das « *promessas de Fátima* ».**

> « *Parece-nos que o momento chegou para lançar* ***uma ofensiva de grande envergadura, profundamente ancorada na mensagem de Nossa Senhora de Fátima****, da qual ela mesma prometeu um desfecho feliz, pois anuncia que, no final, seu Coração Imaculado triunfará. É esse triunfo que lhe pedimos, pelos meios que ela mesma requer,* ***a consagração da Rússia ao seu Coração Imaculado pelo Pastor Supremo e todos os bispos do mundo católico****, e a propagação da devoção ao seu Coração doloroso e imaculado.* ***É por isso que queremos oferecer a ela, com esse intuito, até 25 de março de 2010, um ramalhete de 12 milhões de terços*** *»[12]*

No prolongamento dessa manipulação patrocinada por Dom Fellay, e por ocasião do Ano Novo de 2010, o padre de Cacqueray divulgou votos particularmente manipuladores:

> *« Este ano de 2010 já se apresenta como um ano marcado por eventos importantes. Há, em segundo plano,* ***as conversações doutrinárias entre a Santa Sé e a Fraternidade São Pio X***. Elas constituem **um momento decisivo da luta da Fé contra as heresias que devastam a Santa Igreja desde o Concílio**. Devemos orar e oferecer nossos sacrifícios para que sejam ocasião do retorno das autoridades romanas à profissão integral da Fé Católica.
>
> *« Nossas orações também se dirigem* ***para obter da Santíssima Virgem Maria que convença o papa Bento XVI a consagrar a Rússia ao Seu Coração Doloroso e Imaculado****. Todos nós percebemos bem a magnitude sobrenatural, teológica e política que tal ato não deixaria de ter. Portanto, devemos, cheios de confiança na potência do Rosário, intensificar nossos esforços em nossa cruzada* ***até a próxima festa da Anunciação. O papa se encontrará, no próximo treze de maio, festa da Ascensão, em Fátima. Que esta data seja aquela da consagração da Rússia!*** *»*
>
> > *“2010 será ainda o ano de uma nova ostensão do Santo Sudário em Turim. Que possamos nos dirigir ou não a Turim para venerar a relíquia mais prestigiada da Santa Igreja,* ***peçamos ainda o reconhecimento oficial pela Igreja da autenticidade deste Sagrado Sudário*** *cuja potência apologética para contribuir na conversão dos homens pode ser tão decisiva no mundo de hoje. Como, para nós, católicos, não nos deixar impactados por esta releitura de toda a Paixão de Nosso Senhor que se encontra neste pano?*
>
> > *“Esperamos também que este ano seja aquele que verá uma verdadeira reabilitação da memória tão maltratada de Pio XII, enquanto será também demonstrado que* ***a fé do papa das reuniões de Assis e do beijo ao Corão não pode, de maneira alguma, ser qualificada como heroica [13]***

---

[11] **http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-04-C-00-Fatima_Bertone_Socci.pdf**

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-12-A-00-Fatima-Manipulation_Schmidberger.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-13-A-00-Mgr-Fellay_piege_sur_Fatima.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-09-27-A-00-Mgr_Williamson_et_le_4em_secret.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-03-08-A-00-Fatima_Faux_graphologique.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-06-B-00-Malediction_Faussaire.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-07-B-00-Fatima_sacrilege.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-07-B-00-Fatima_sacrilege-Silence_FSSPX.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-14-A-00-Fatima_30_Jours.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-01-14-B-00-Pere_Gruner_deposition_Benoit_XVI.pdf

[12] http://www.laportelatine.org/communication/bienfait/74/francais/74.php

[13] http://www.laportelatine.org/district/france/bo/voeux2010/voeuxpour2010.php

4. O calendário da manipulação do ano de 2010 mostra uma sincronização e uma convergência entre Dom Fellay, Ratzinger-Bento XVI e os meios ecumênicos ortodoxos.

Data	FSSPX	Bento XVI	Ortodoxos
24 de setembro - 1 de outubro de 1961			Iª Conferência panortodoxa em Rodes
Junho de 2000		Publicação por Bertone e Ratzinger de um falso 3º segredo de Fátima	
27 de dezembro de 2001			Hilarion é eleito bispo pelo Santo Sínodo da Igreja ortodoxa russa e em 14 de janeiro de 2002...
Julho de 2002			Hilarion nomeado chefe da Representação da Igreja ortodoxa russa junto às Instituições europeias (Bruxelas)

Data	FSSPX	Bento XVI	Ortodoxos
19 de abril de 2005		O pseudo-cardeal e simples padre apóstata Ratzinger é eleito chefe da igreja conciliar sob o nome de Bento XVI	
Junho de 2005	Em uma entrevista em Bruxelas, Dom Fellay destaca que uma das ideias principais de Bento XVI é a unificação com os Ortodoxos, mas de uma maneira que não seria "nem uma absorção, nem uma fusão"[14]		
Julho de 2006	Durante o capítulo geral da FSSPX que o reelegeram, Dom Fellay lança uma cruzada do Rosário...		
7 de julho de 2007		Bento XVI publica o *Motu Proprio* que amplia a celebração do rito tradicional latino	
Julho de 2007	Dom Fellay imediatamente apresenta o Motu Proprio como a realização "miraculosa" do desejo da cruzada do Rosário		
Outubro de 2008	Em Lourdes, Dom Fellay lança uma 2ª cruzada do Rosário para pedir a retirada do decreto de excomunhão...		
5 de dezembro de 2008			Morte do Patriarca Alexis II
	O número de janeiro-fevereiro da revista da FSSPX na França, *Fideliter* , dedica um dossiê completo a: "Rússia: em direção à conversão?"		
21 de janeiro de 2009	A entrevista provocadora de Dom Williamson sobre as câmaras de gás é veiculada por todas as televisões do planeta	Bento XVI levanta o decreto de "excomunhão" dos 4 bispos da FSSPX	
Janeiro de 2009	Dom Fellay apresenta a decisão de Bento XVI como a realização da 2ª cruzada de outubro de 2008		
1º de fevereiro de 2009			Intronização do novo Patriarca russo, Cirilo I...
12 de abril de 2009	Anúncio da 3ª cruzada do Rosário por Dom Fellay para a "conversão da Rússia", na LAB nº 74		

Data	FSSPX	Bento XVI	Ortodoxos
20 de abril de 2009			Dom Hilarion (Alfeyev) foi elevado ao posto de arcebispo pelo patriarca Cirilo...
7-13 de junho de 2009			IV Conferência panortodoxa pré-conciliar em Chambésy[15]
9 de novembro de 2009		Bento XVI publica a Constituição apostólica *Anglicanorum coetibus* permitindo a criação de ordinariatos pessoais...	
26 de novembro de 2009	1ª reunião de "discussão doutrinária" no Vaticano		
9-17 de dezembro de 2009			A Comissão interortodoxa preparatória...
15 de janeiro de 2010	2ª reunião de "discussão doutrinária" no Vaticano		
17 de janeiro de 2010		Visita de Bento XVI à grande sinagoga de Roma	
15 de março de 2010	3ª reunião de "discussão doutrinária" no Vaticano		
25 de março de 2010	Fim do "*buquê*" da cruzada do Rosário de Dom Fellay para pedir a consagração da Rússia por Bento XVI		
10 de abril de 2001		Início da ostensão do Santo Sudário em Turim	
Abril de 2010		Visita de Bento XVI a Malta, local histórico da maçonaria, sob influência britânica	
2 de maio de 2010		Visita de Bento XVI a Turim para a ostensão do Santo Sudário[16]	
13 de maio de 2010		Bento XVI irá a Fátima...	
15 de maio de 2010	4ª reunião de "discussão doutrinária" no Vaticano		
23 de maio de 2010		Fim da ostensão do Santo Sudário em Turim	
Maio de 2010	Dom Fellay irá apresentar a ação de Bento XVI...	Convocação do concílio Pan-Ortodoxo...	

Data	FSSPX	Bento XVI	Ortodoxos
Maio de 2010	Assistiremos à "divulgação" por Bento XVI do suposto "complemento"...		
15 de julho de 2010	5ª reunião de "discussão doutrinária" no Vaticano		
15 de setembro de 2010	6ª reunião de "discussão doutrinária" no Vaticano		
16 a 19 de setembro de 2010	Bento XVI irá à Inglaterra...		
19 de setembro de 2010	O peregrinação da FSSPX...	Bento XVI estará na Escócia...	
Outubro de 2010		"Beatificação" de Pio XII e de João Paulo II (data não confirmada)	

No concílio Pan-Ortodoxo participarão, evidentemente, 'observadores' conciliários de Bento XVI, bem como anglicanos.

Este concílio Pan-Ortodoxo poderia servir de **plataforma para um novo "Vaticano III"** que, **enquanto revisa certos textos do Vaticano II** (para parecer dar razão à FSSPX e a Dom Guerardini) para eliminar os excessos muito abertamente progressistas, reuniria em um grande concílio "ecumênico", os "católicos" conciliários, os ortodoxos e os anglicanos?

Tratar-se-ia de um desenvolvimento lógico do plano de subversão de origem anglicana.

O **alinhamento de Dom Fellay e da FSSPX com Bento XVI tornaria-se, assim, uma preciosa validação** nas mãos do apóstata Ratzinger, para tentar atrair e enganar os ortodoxos mais relutantes em relação a ele.

Já o **site CSI havia anunciado, em maio de 2005**, em um documento que permanece uma referência, "***A Operação Rampolla***"[17], o projeto anglicano de Bento XVI que visa provocar uma reunião "***ecumênica***" **das supostas "ramificações" (ou "sarmentos") anglicana, romana e ortodoxa**, segundo uma '***Corporate reunion***' (cf. www.rore-sanctifica.org), **realizando triunfalmente assim o projeto inicial do pastor Pusey (em 1830) e as manobras cobertas concomitantes das lojas RC da High Church Anglicana britânica**.

Aliás, nessa perspectiva, as palavras solenes do padre apóstata Ratzinger, pronunciadas na própria noite de sua eleição no balcão da Basílica de São Pedro, declarando querer ser apenas um "*humilde servo na vinha do Senhor*", podem assim ser compreendidas como **uma mensagem codificada enviada aos iniciados, ecoando assim a mais recente e solene Parábola de Nosso Senhor Jesus Cristo, pronunciada no Templo de Jerusalém, pouco antes de abrir a Semana do Sacrifício de sua Paixão sangrenta e**

Redentora, aquela da prevaricação dos Grandes Sacerdotes consagrados, a terrível Parábola chamada "***dos Lavradores homicidas***".

Por meio da ação de Dom Fellay, a FSSPX está agora – sem o conhecimento dos clérigos incompetentes ou preguiçosos que ignoram essas questões **e se recusam (como os dominicanos de Avrillé) a trabalhar sobre a história do anglicanismo britânico e suas origens**, e, claro, sem o conhecimento dos fiéis e de suas famílias que eles contribuem ativamente a enganar – **intimamente ligada à realização deste projeto verdadeiramente satânico que prepara a vinda do Anticristo e sua rédeas mundiais**, enquanto as etapas desse plano que se realizam uma após a outra foram **claramente anunciadas internamente na FSSPX há quase cinco anos, trazendo de suas autoridades apenas desprezo, sarcasmos, injúrias e aviltamentos**, **já que persistem mais do que nunca em colaborar ativamente com este plano de mentiras e sacrilégios RC dos inimigos de Nosso Senhor, sob o disfarce de três "*cruzadas*" sacrilegas do Rosário supostamente "miraculosas" sucessivas para – enganando decisivamente os clérigos e os fiéis – alcançar de forma sincrônica o triunfo apocalíptico deste plano secular**, com, por um lado, a implicação do padre apóstata Ratzinger-Bento XVI na suposta "***realização dos pedidos de Fátima***", e, por outro, com a ação do Patriarcado de Moscou, para a convocação de um **concílio Panortodoxo e para o aproximamento das igrejas ortodoxas com o padre apóstata Ratzinger-Bento XVI e sua igreja "*ecumênica*", mundialista, maçônica anticristã destituída de clérigos válidos, através dos agentes Cirilo/Hilarion (formado na Inglaterra)**.

Este projeto avança, ano após ano, **de forma coordenada**, como um projeto religioso maçônico, e sua sincronização revela **o centro diretor oculto RC britânico que pilota essas operações atuando simultaneamente junto ao Superior da FSSPX, ao padre apóstata Ratzinger-Bento XVI e ao novo Patriarca Cirilo de Moscou, cercado pelo comitê preparatório do concílio Pan-Ortodoxo com sede na Suíça**.

A cabeça de todo esse projeto está evidentemente na Inglaterra, em Londres, e deve ser buscada nos mesmos círculos mundialistas anglo-americanos (**Casa Rothschild**, ***Round Table, Sociedade Fabiana***, cf. as numerosas mensagens de *VM* sobre o assunto) **que preparam a implementação do governo mundial, cuja concretização começou em 2009, segundo a própria confissão do agente do Bilderberg, Herman Van Rompuy, Presidente da União Europeia:**

> "*2009 é também o primeiro ano da governança mundial com a instauração do G20 em plena crise financeira. A conferência climática de Copenhague é outra etapa na gestão global do nosso planeta.*"**[18]***

Continuemos a boa luta.

A Redação de *Virgo-Maria*

© 2010 virgo-maria.org

[14] http://lacriseintegriste.typepad.fr/weblog/2005/06/conférence-de-mgr-fellay-à-bruxelles.html

[15] http://fr.wikipedia.org/wiki/Concile_panorthodoxe

[16] http://www.dici.org/?p=13199

[17] http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-12-A-00-CSI_AngliCampos_v1-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos-Radical%20Orthodoxy-bibliography-2004-06-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-20-A-00-Chadwick_Reforme_Anglo-Tridentine_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-C-00-Tighe_commente_Anglicans_de_Tradition_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-11-C-00-Rahner_Patriarcats_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-F-00-Les_observateurs_au_Concile.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-15-A-00-Principes_Union_Anglicane.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-01-06-A-00-Cambridge_Vatican_II.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-25-B-00-TAC_Anglicans_Rome.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-21-A-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n01.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-04-B-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n02.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-06-A-00-Anglicans_Femmes-eveques_n03.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-08-B-00-Anglicans-Rome_Accord-secret.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-B-00-Rome-prend-les-trads-Anglicans_n05.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-C-00-Noachisme_a_Lambeth.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-10-Anglicans-unis_Levada_au-TAC-n06.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-12-A-00-Anglicans-unis_Williams_desavoue_n07.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-11-A-00-Ratzinger_et-piege_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-07-A-00-Williams_Homos_Mariage.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/rowan-gay.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-26-A-00-Signes_union_Rome_Anglicans.pdf

[18] http://dondevamos.canalblog.com/archives/2009/11/30/15988381.html

Anexos

Anexo A: Biografia do novo Patriarca de Moscou, chamado a se tornar o Roncalli-João XXIII

Cirilo I (russo: Кири́лл I *Kirill piervyi*), nascido **Vladimir Mikhaïlovitch Goundiaïev** (Влади́мир Миха́йлович Гундя́ев) em 20 de novembro de 1946 em Leningrado, foi eleito 16º patriarca da Igreja ortodoxa russa em 27 de janeiro de 2009. Ele foi intronizado *patriarca de Moscou e de todas as Rússias* em 1º de fevereiro de 2009.

Ele é ex-metrópole de Smolensk e de Kaliningrado, ex-presidente do Departamento de Relações Exteriores do Patriarcado de Moscou (1989-2009) e membro permanente do Santo Sínodo da Igreja ortodoxa russa.

Foi representante do Patriarcado de Moscou no Conselho Ecumênico das Igrejas, reitor do seminário e da academia de Leningrado, e encarregado da preparação de vários concílios russos. Ele é um dos principais autores dos "Fundamentos da Doutrina Social da Igreja Ortodoxa Russa **(ru)**".

Julgado como um dos "mais abertos ao mundo exterior" dentro da alta hierarquia da Igreja ortodoxa russa, após a morte de Alexis II, foi nomeado patriarca interino, encarregado de dirigir a Igreja ortodoxa da Rússia até a eleição do sucessor. Em 27 de janeiro, ele foi oficialmente eleito patriarca de Moscou e de todas as Rússias, assumindo assim a liderança da Igreja ortodoxa russa com 508 votos de um total de 700.[19]

---

[19] http://fr.wikipedia.org/wiki/Cyrille_Ier_de_Moscou

Anexo B: Vaticano II: revolução ou síntese da tradição e da novidade?

Apresentando a edição russa de um livro sobre o Conselho de Dom Marchetto

> MOSCOU, Quarta-feira, 23 de dezembro de 2009 (ZENIT.org) - O que aconteceu no Concílio Vaticano II, e, em particular, as interpretações confusas que surgiram após o Conselho, gerou um intenso debate com artigos, livros e discursos.
>
> Questionado sobre se o Vaticano II foi uma revolução ou uma síntese da tradição e da novidade, Dom Agostino Marchetto, Secretário do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes, respondeu, em 23 de novembro em Moscou, no Centro Cultural "Biblioteca do Espírito", por ocasião da edição na Rússia de seu livro "O Concílio Vaticano II: um contraponto à sua história", uma historiografia crítica do Concílio Vaticano II, publicado pelas edições Biblioteca do Espírito.
>
> A ideia central do autor, defendida nos capítulos do livro, é transmitir uma visão do Concílio diferente daquela que é mais difundida, a qual afirma que se tratou de um evento "revolucionário" que romperia a continuidade da tradição da Igreja.
>
> O autor insere uma interpretação "correta" das fontes históricas do Vaticano II e mostra que o Concílio, que teve uma imensa importância para a Igreja Católica na segunda metade do século XX, não representa uma ruptura com a tradição, mas "liga a tradição, o novo e o antigo, e a abertura à inovação, preservando a continuidade da fé e a incorporando, como é justo fazê-lo, no contemporâneo."
>
> O livro de Marchetto (...) critica a história do Vaticano II, conforme apresentada pela chamada "escola de Bolonha", caracterizada por uma ideologização que, entre outras coisas - disse Marchetto - contribuiu para uma mudança da influência da Igreja Católica entre os cristãos de outras confissões.

"Os ortodoxos que leram os livros da 'escola de Bolonha' - explicou - ficaram desencorajados. Eles viram uma opinião negativa sobre a única Igreja Católica, apresentada a eles como modernista."

Dom Marchetto disse conhecer alguns ortodoxos que acreditam que o Papa Bento XVI pegou a Igreja "para colocar o trem nos trilhos da tradição", e que, na realidade, o Soberano Pontífice "dispõe de vários relatórios (?) mas sempre conduz (ainda) a locomotiva da Igreja na (mesma) direção."

Esse detalhe é de importância primordial: o autor do livro contém uma declaração do discurso de Bento XVI, datado de 22 de dezembro de 2005, quando o papa rejeita a ideia de que "no Concílio Vaticano II houve uma ruptura com tudo o que havia sido antes." Para Dom Marchetto e os partidários de sua tese, entre os quais há historiadores italianos e americanos, a palavra-chave para descrever a importância do Concílio Vaticano II é um termo que entrou em todas as línguas modernas, "atualização", e acrescentou: "É aqui que se reflete a originalidade, o sentido e o fim de cada concílio, unir o *Nova* (a novidade) e o *Vétéra* (o antigo), e a abertura a novas realidades ou, se preferir, a encarnação da novidade."

Durante a reunião, o arcebispo expressou a esperança de que seu livro contribua para trazer um olhar positivo sobre a história da Igreja Católica e o Concílio Vaticano II.

Ele também declarou que estava convencido de que a reflexão teológica sobre os documentos por pensadores ortodoxos pode contribuir para a preparação do Concílio pan-ortodoxo.

Uma das tarefas do Vaticano II era "olhar para o mundo com benevolência", disse Dom Marchetto, mas isso não significa "se conformar ao mundo," e por isso "os trabalhos do Concílio podem ser considerados como uma tentativa de salvar a dimensão profética, na atual situação da humanidade."

"Estou convencido - disse ele - de que o Concílio Vaticano II foi uma graça que nos ajuda a nos orientar em situações muito difíceis no mundo laico", observando "o desafio do laicismo de hoje, ao qual os cristãos de diferentes confissões são chamados a responder."

Respondendo a uma pergunta do historiador, professor Anatoli Krasikov, que estava presente no Concílio Vaticano II como jornalista, Dom Marchetto observou que este Concílio também pode ser entendido como "uma tentativa de retornar à Igreja primitiva", e para enfatizar a continuidade aparente com a Igreja do primeiro milênio.

> Sobre a relação com o Arcebispo ortodoxo (?), Marchetto expressou um ponto de vista muito próximo do Concílio local da Igreja ortodoxa russa de 1917-1918 e do grande Concílio Vaticano II, embora mais de meio século os separe.
>
> A esse respeito, ele destacou que "na realidade, seu espírito e alguns temas e ideias coincidem."
>
> O autor também indicou que considera muito importante a presença da Igreja ortodoxa russa no Vaticano II.
>
> (Posfácio do texto do Observador citando a Igreja ortodoxa russa no Vaticano II, o padre Vitaly Borovoj.)
>
> Dom Marchetto também falou sobre a apresentação, lembrando como seu pai Vitaly fez "críticas elogiosas ao Vaticano II, dizendo que a Igreja católica nos tinha passado a mensagem de estar unida." Judin Alexei, professor universitário da Rússia, especialista na história da Igreja Católica, declarou que, em vez do isolamento intelectual do período soviético, a Rússia contribuiu para o fortalecimento de uma percepção "mitológica" do Vaticano II como uma revolução, um combate, onde "os bons prevalecem sobre o mal."
>
> Durante uma conferência, a escritora ortodoxa Elena Čudinova declarou: "Pelo exemplo, vemos o Ocidente como Igreja começou a correr pelo mundo. Doravante, o Ocidente foi guiado pelo Concílio Vaticano II, que praticamente lhe privou de todo sentido de missão, dizendo que todas as religiões são igualmente verdadeiras."[20]

---

[20] http://www.leforumcatholique.org/message.php?num=523579

Anexo C – Eleição do novo Patriarca de Moscou em janeiro de 2009 no Le Figaro

> **Cyril I, o novo patriarca de Moscou [21]**
>
> De nosso enviado especial a Moscou, Jean-Marie Guénois
> 30/01/2009 | Atualização: 16:46
>
> *Ao escolher Cyril, metropolita de Smolensk e Kaliningrado, 62 anos, a Igreja ortodoxa russa optou por um novo patriarca aberto ao mundo. 711 pessoas participaram do concílio, representando os 64 países em que essa Igreja possui fiéis.*
>
> O estilo é municipal: mesa, cortina, enfim, a cabine de votação típica. O cenário, por outro lado, é grandioso. Nada menos que a imensa catedral nova do Cristo Redentor de Moscou, a poucos passos do Kremlin, reconstruída, idêntica, para o ano 2000, após ter sido demolida por Stálin... Eleições religiosas, portanto, por cédulas secretas e por maioria simples mais uma voz, os 711 delegados do "concílio local", dos quais 10% de mulheres, leigas ou monjas, convocados após a morte de Alexis II em dezembro passado, elegeram na terça-feira, com 508 votos contra 169 para o outro candidato, seu sucessor, o metropolita Cyril de Smolensk e Kaliningrado, 62 anos, agora 16º patriarca ortodoxo de Moscou e de todas as Russias.
>
> Cyril I, seu nome a partir de agora, era o favorito. No domingo, ele havia sido cogitado e eleito pela imensa maioria do colégio dos bispos, junto com outros dois concorrentes, Clemente, metropolita de Kaluga e Borovsk (59 anos), e Filarete, metropolita de Minsk e Slutsk (73 anos). Portanto, não teve muita dificuldade em se impor. Ainda mais porque este último desistiu logo no início da votação em favor do vencedor.
>
> Contudo, nada estava decidido, pois o homem dos bispos não era, a princípio, o eleito pela maioria dos delegados, padres e monges.

Os delegados leigos, cujo papel foi elogiado em uma mensagem do presidente Dmitri Medvedev lida na manhã de terça-feira durante a sessão solene de abertura, puderam fazer a diferença no que ficará como a primeira eleição de um patriarca ortodoxo russo desde o fim do comunismo.

Cyril, que estava sendo preparado para esta máxima função, era um dos mais próximos do falecido patriarca. Ele chega ao primeiro lugar, amadurecido por uma experiência internacional única para um dignitário ortodoxo russo e um enraizamento espiritual na mais alta tradição religiosa deste país.

Ele foi, de fato, um discípulo do metropolita Nicodemo, o principal artífice da lenta renascença da Igreja Russa a partir dos anos 1960. "A tradição eclesial era a base da fé e o critério da verdade" de Nicodemo, lembra seu herdeiro em um livro, recentemente publicado pela Cerf, O Evangelho e a Liberdade.

Outra influência decisiva foi o ensino de teologia recebido do arcipreste Livery Voronov, que passou dez anos nos campos stalinistas. Ele era "um homem disciplinado em seu pensamento e palavras." O aluno Cyril aprendeu a lição.

Aquele a quem algumas correntes da ortodoxia recriminavam sua grande abertura ao Ocidente não é, portanto, um liberal. Ele critica aliás esse “pensamento liberal laico”, cuja influência percebe-se expandir: “Vemos como algumas igrejas protestantes reconhecem uniões do mesmo sexo, ordenam para o ministério eclesial pessoas que vivem em casal homossexual e não condenam o aborto.” Ele é também muito cauteloso em relação às adaptações teológicas e ao abandono do eslavônico, língua litúrgica equivalente ao nosso latim, pouco acessível à maioria dos fiéis. Do ponto de vista político, as importantes funções que ocupou relativamente jovem levaram outros a imaginar que ele era próximo do regime. Esquecem-se, no entanto, que seu avô, sacerdote, terminou vagando por ser perseguido por defender sua fé cristã. Que seu pai, também sacerdote, homem de grande cultura – a biblioteca da família contava com 3.000 volumes, muitos dos quais proibidos – foi forçado a deixar Leningrado para um vilarejo rural devido ao mesmo combate.

Ele é, sobretudo, um daqueles que, à escola de Nicodemo, aprenderam a navegar para defender os interesses concretos e a sobrevivência da Igreja ortodoxa. Ele tem aliás esta frase: “As pessoas inteligentes sempre souberam distinguir nas palavras dos representantes oficiais de nossa Igreja o que era exigido pelas autoridades civis, e o que vinha de seus próprios corações e de sua fé. É indiscutível que elementos de propaganda estavam presentes no discurso dos oficiais ortodoxos russos quando iam ao exterior.”

No entanto, este mesmo Cyril, homem de mídia – ele apresenta um programa de televisão nacional semanal onde responde ao vivo às perguntas dos telespectadores e lançou o site da patriarcado de Moscou – explicava ainda

recentemente sobre a crise financeira mundial: “O que é atual não são as afirmações ideológicas de Marx, mas sua análise econômica. Para conseguir superar a crise mundial que se inicia, é necessário transformar seriamente o modelo socioeconômico atual para colocar mais ênfase na justiça da ação política e torná-la benéfica para toda a sociedade.”

Aquele que pressionou a Igreja ortodoxa a formular um corpo de doutrina social (publicada em francês pela Cerf-Istina em 2007) para enfrentar a era pós-comunista acrescentava que “a concepção clássica do socialismo é hoje tão ultrapassada quanto o fundamentalismo capitalista”. Sem esquecer, uma forte insistência no “princípio de não-ingerenência recíproca” entre a Igreja e o Estado, que lembrou na terça-feira à noite, antes de ser eleito.

Cyril é, portanto, um cristão convicto. Ele desejou ser sacerdote desde a infância. Seu lema “Anunciai dia após dia a salvação do nosso Deus” é o objetivo de sua vida. Mas sua inteligência e seu gosto por “não seguir a moda ideológica” frequentemente lhe atraíram suspeitas.

Assim, em 1984, suas posições contra a guerra soviética no Afeganistão – um sinal de uma independência manifesta – lhe custaram simplesmente a destituição, aos 38 anos, de sua primeira alta responsabilidade. Por dez anos, ele havia sido reitor do seminário e da academia de teologia de Leningrado, sua cidade natal, hoje São Petersburgo, onde se destacou por seu cuidado em traduzir teólogos católicos e onde atraiu um número crescente de estudantes.

Cinco anos depois, em plena perestroika, ele foi nomeado para o cargo chave de ministro das Relações Exteriores do patriarcado de Moscou, “presidente do departamento de relações exteriores”, função que desempenhou com maestria em todos os continentes.

Isso o levará a encontrar um certo Joseph Ratzinger, cinco vezes – três das quais desde que Bento XVI foi eleito papa em 2005! Esses dois amantes da música clássica – o alemão gosta de Mozart, o russo compõe ouvindo Bach – poderiam escrever uma partitura inédita.

---

[21] http://www.lefigaro.fr/international/2009/01/28/01003-20090128ARTFIG00039-cyrille-ier-le-nouveau-patriarche-de-moscou-.php

Anexo D – 2 de Junho de 2009 - Genebra: 4ª Conferência Panortodoxa Pré-Conciliar

A 4ª conferência panortodoxa pré-conciliar ocorreu de 6 a 13 de junho no Centro Patriarcal de Chambésy, perto de Genebra. Sob a presidência do metropolita de Pérgamo, João (Zizioulas) (patriarcado ecumênico) e composta por representantes de todas as Igrejas locais (exceto a Igreja da América e a do Japão, cujo status concedido em 1970 pelo patriarcado de Moscou ainda não foi reconhecido por todas as Igrejas ortodoxas), a conferência tinha como objetivo preparar os trabalhos da comissão interortodoxa preparatória, que se reunirá em dezembro próximo, também em Chambésy. A decisão de retomar o trabalho preparatório do concílio panortodoxo, cujo projeto havia sido iniciado no início dos anos 1960, mas que desde meados dos anos 1990 parecia estar estagnado, foi adotada por uma sinaxe plenária de todos os primazes das Igrejas ortodoxas autocéfalas (ou de seus representantes), reunida em outubro de 2008, no Phanar, sede do patriarcado ecumênico, em Istambul (Turquia), por ocasião do 2000º aniversário do nascimento de São Paulo. A conferência tinha como tarefa, por um lado, "*aprovar as propostas adotadas por unanimidade pela comissão interortodoxa preparatória (reunida em 1990 e 1993) sobre a questão da diáspora ortodoxa ao redor do mundo*" e, por outro lado, "*aprovar o projeto de regulamento das assembleias episcopais que reúnem, por região, os bispos ortodoxos, elaborado pelo congresso interortodoxo (reunido em 1995)*", conforme indicava um comunicado na véspera da reunião. "*A aprovação por parte da conferência desses documentos completa o processo preparatório sobre a questão da diáspora ortodoxa*" e "*fortalece a valorização das assembleias episcopais destinadas a coordenar o trabalho pastoral na diáspora ortodoxa em um espírito conciliar*", acrescentava o comunicado. A abertura dos trabalhos da conferência foi precedida por uma liturgia eucarística solene, celebrada no dia 7 de junho, dia de Pentecostes (de acordo com o calendário em vigor na Igreja ortodoxa), na igreja de São Paulo do Centro Ortodoxo de Chambésy, pelos representantes das diferentes Igrejas territoriais, sob a presidência do metropolita João de Pérgamo. As delegações das Igrejas ortodoxas territoriais eram compostas, respectivamente, pelo metropolita Emmanuel, pelo padre Bartholomée Samaras, pelo padre Georges Tsetsis e Vlassios Fidas (patriarcado ecumênico), o metropolita Serge do Cabo (patriarcado de Alexandria), o metropolita João e Albert Laham (patriarcado de Antióquia), o metropolita Hésychios de Capidolias e o padre Innocent (patriarcado de Jerusalém), os arcebispos Hilarion (Alfeyev) e Marc (Arendt) assim como o padre

Nicolas Balachov (patriarcado de Moscou), o metropolita Guérasime de Zugdidi e o padre Georges Zviadadzé (patriarcado da Geórgia), o bispo Irineu de Backa, o bispo Atanásio (Jevtic), os padres Gaio Gaic e Vukasin Milicevic (patriarcado servo), o metropolita Irineu de Olténia, o bispo Cipriano (Spiridon), o padre Viorel Ionita (patriarcado da Romênia), o metropolita Neófito de Ruse e Ivan Dmitrov (patriarcado da Bulgária), o metropolita Jorge de Paphos e o bispo Gregório (Igreja de Chipre), os metropolitas Crisóstomo de Peristéria e Inácio de Volos, bem como Jorge Martselos (Igreja da Grécia), o metropolita João de Korça e o bispo Elias (Igreja da Albânia), o bispo Jorge e o padre André Kouzma (Igreja da Polônia), o bispo Tikhon (Igreja das Terras Checas e da Eslováquia). O metropolita Jeremias da Suíça (patriarcado ecumênico), responsável pela secretaria para a preparação do concílio panortodoxo, também participou da reunião. O comunicado final publicado em 12 de junho indica que "*a conferência examinou os documentos elaborados pela comissão interortodoxa preparatória, durante suas duas reuniões em Chambésy*", em 1990 e 1993, assim como "*o documento elaborado pelo Congresso de Canonistas reunido em Chambésy*", em 1995. "*Estes documentos, precisados, corrigidos e complementados, foram aprovados por unanimidade*", continua o comunicado, que enfatiza ainda que "*a conferência expressou a vontade comum das Igrejas ortodoxas de resolver o problema da organização canônica da diáspora ortodoxa, de acordo com a eclesiologia, a tradição e a prática canônicas da Igreja ortodoxa*". Nesse sentido, a conferência decidiu criar novas assembleias episcopais em algumas regiões do mundo, onde tais órgãos ainda não existiam. A conferência ainda lembrou que "*os primeiros dos bispos na região sob a jurisdição do patriarcado ecumênico são presidentes das assembleias e, na sua ausência, os bispos seguintes conforme a ordem dos diptycos*". Todos os bispos das jurisdições ortodoxas canônicas nessas regiões serão membros dessas assembleias. "*As assembleias episcopais têm a missão de manifestar e promover a unidade da Igreja ortodoxa, de exercer em conjunto a diaconia pastoral dos fiéis da região e de prestar ao mundo seu testemunho comum. As decisões das assembleias episcopais são tomadas de acordo com o princípio de unanimidade das Igrejas representadas dentro dessas Assembleias*", especifica ainda o comunicado. Por fim, a conferência aprovou o projeto de regulamento das Assembleias Episcopais definindo os princípios fundamentais de organização e funcionamento das mesmas. O processo visando à convocação de um concílio panortodoxo foi iniciado no início dos anos 1960 e deu origem à reunião de quatro conferências panortodoxas (em Rodes, em 1961, 1963 e 1964, e em Chambésy, em 1968) que permitiram estabelecer a lista dos temas a ser incluídos na ordem do dia do concílio. Essa preparação continuou através do trabalho de uma comissão interortodoxa preparatória (Chambésy 1971, 1986, 1990 e 1993) e uma série de conferências panortodoxas pré-conciliares (Chambésy em 1976, 1982 e 1986). Esses encontros possibilitaram a adoção de uma série de documentos e recomendações sobre questões como a adaptação das prescrições relacionadas ao jejum, as regras canônicas do casamento e do divórcio, a data da Páscoa, as relações com outros cristãos, o ecumenismo. Permanecem abertas as questões relacionadas à eclesiologia: os "*diptycos*" (a ordem canônica tradicional dos patriarcados), a forma de reconhecer a autocefalia ou a autonomia de uma Igreja local, e por fim a organização canônica da "*diáspora*", ou seja, das novas comunidades eclesiais que surgiram, na sua maioria, desde o final do século 19 e especialmente ao longo do século 20, na América, na Austrália, no Extremo Oriente e na Europa Ocidental.[22]

---

[22] http://www.orthodoxpress.com/index.php?group=display&action=info&page=429

Anexo E - Programa das reuniões do concílio panortodoxo

> “ O SECRETARIADO PARA A PREPARAÇÃO DO SANTO E GRANDE CONCÍLIO DA IGREJA ORTODOXA[23]
>
> O Secretariado para a preparação do Santo e Grande Concílio da Igreja Ortodoxa está localizado no Centro. Sua tarefa é avançar nas diferentes etapas preparatórias do Concílio conforme as regras estabelecidas a nível panortodoxo e as iniciativas do Trono Ecumênico destinadas a coordenar esses esforços.
>
> O Centro de Chambésy acolhe, em regra quase geral, a Comissão interortodoxa preparatória e as Conferências panortodoxas pré-conciliares. Nele foram realizadas: A IV Conferência panortodoxa (1968), a Comissão interortodoxa preparatória (1971), a I Conferência panortodoxa pré-conciliar (1976), a II Conferência panortodoxa pré-conciliar (1982), a Comissão interortodoxa preparatória (1986), a III Conferência panortodoxa pré-conciliar (1986), e a Comissão interortodoxa preparatória (1990) e (1993).
>
> **SECRETARIADO PARA A PREPARAÇÃO**
> **DO SANTO E GRANDE CONCÍLIO**
> **DA IGREJA ORTODOXA**
>
> **Endereço:**
> **Centro ortodoxo do Patriarcado ecumênico**
> **Chemin de Chambésy 37**
> **CH – 1292 Chambésy/GE.**
> **Tel.: +41-22-758 98 60, Fax: 758 98 61**
> **Secretário: Metropolita Jeremias da Suíça**
>
> AS ETAPAS DA PREPARAÇÃO
> DO SANTO E GRANDE CONCÍLIO DA IGREJA ORTODOXA

por Dr. Gary Vachicouras

24 DE SETEMBRO – 1º DE OUTUBRO DE 1961

Iª CONFERÊNCIA PANORTODOXA (RODES)

A unanimidade para a convocação do Santo e Grande Concílio
Uma lista geral dos temas a serem incluídos na agenda do Concílio:
· Fé e dogma
· Culto divino
· Administração e disciplina eclesiástica
· Relações da Igreja ortodoxa entre si
· Relações da Igreja ortodoxa com o restante do mundo cristão
· A Ortodoxia no mundo
· Questões teológicas
· Problemas sociais
Uma solicitação para que sejam feitas as necessárias providências para acelerar o processo de convocação.

26-29 DE SETEMBRO DE 1963

IIª CONFERÊNCIA PANORTODOXA* (RODES)

1-15 DE NOVEMBRO DE 1964

IIIª CONFERÊNCIA PANORTODOXA* (RODES)

As duas Conferências (1963-1964) trabalharam em conjunto e conceberam o concílio como a expressão da profunda unidade do testemunho da Ortodoxia diante dos problemas contemporâneos e em relação à sua interação com o mundo cristão em geral.

8-15 DE JUNHO DE 1968
IVª CONFERÊNCIA PANORTODOXA (CHAMBÉSY)

Criação pelo Patriarcado Ecumênico, no Centro de Chambésy, do Secretariado para a preparação do Santo e Grande Concílio
Criação de uma Comissão interortodoxa preparatória
A colaboração de todas as Igrejas locais na preparação dos temas a serem discutidos.
O estabelecimento de Comissões interortodoxas para preparar diálogos teológicos bilaterais com anglicanos, velhos-católicos e antigas Igrejas orientais; a continuidade do diálogo de caridade com a Igreja Católica Romana e o fortalecimento dos contatos com os luteranos.
Os temas escolhidos da lista geral estabelecida em Rodes (1961):

· Fontes da revelação divina (Constantinopla)
· Participação dos leigos na vida da Igreja (Bulgária)
· Reajuste das prescrições eclesiásticas sobre o jejum (Sérvia)
· Impedimentos ao casamento (Rússia e Grécia)
· Questão do calendário e a celebração conjunta da Páscoa (Rússia e Grécia)
· Economia eclesiástica (Romênia)

16-28 DE JULHO DE 1971

COMISSÃO INTERORTODOXA PREPARATÓRIA

21-28 DE NOVEMBRO DE 1976

Iª CONFERÊNCIA PANORTODOXA PRÉ-CONCILIAR (CHAMBÉSY)

Uma revisão da lista de temas
Problemas práticos dos fiéis e dos clérigos:
· Reajuste das prescrições eclesiásticas relativas ao jejum
· Impedimentos ao casamento
· Questão do calendário
Relações das Igrejas ortodoxas com o conjunto do mundo cristão:
· Diálogos teológicos bilaterais
· Ortodoxia e Movimento ecumênico
O testemunho da Ortodoxia em nosso mundo:
· Ideais cristãos
Temas relativos às relações das Igrejas ortodoxas entre si e com o Patriarcado ecumênico:
· Diáspora
· Autocefalia
· Autonomia
· Diptycos

28 DE JUNHO – 3 DE JULHO DE 1977

UMA CONSULTA ESPECIAL PARA EXAMINAR A QUESTÃO DA CELEBRAÇÃO CONJUNTA DA PÁSCOA (DECISÃO DA Iª CONFERÊNCIA PANORTODOXA PRÉ-CONCILIAR)

1982

IIª CONFERÊNCIA PANORTODOXA PRÉ-CONCILIAR (CHAMBÉSY)

Retornou o tema da revisão sobre o jejum para a IIIª Conferência panortodoxa pré-conciliar para melhor prepará-lo

Aceitou por unanimidade um documento sobre os impedimentos ao casamento "ad referendum" ao Concílio
Redigiu a ordem do dia da próxima Conferência panortodoxa pré-conciliar

FEVEREIRO DE 1986

A COMISSÃO INTERORTODOXA PREPARATÓRIA

28 DE OUTUBRO – 6 DE NOVEMBRO DE 1986

IIIª CONFERÊNCIA PANORTODOXA PRÉ-CONCILIAR (CHAMBÉSY)

Documentos seguintes aceitos por unanimidade (com alteração dos títulos)
· Reajuste das prescrições eclesiásticas relativas ao jejum
· Relações das Igrejas ortodoxas com o conjunto do mundo cristão
· Ortodoxia e Movimento ecumênico
· Contribuição das Igrejas ortodoxas para a realização dos ideais cristãos de paz, liberdade, fraternidade e amor entre os povos, e para a eliminação das discriminações raciais
Regimento das Conferências panortodoxas pré-conciliares
A procedure e a ordem do dia da IVª Conferência panortodoxa pré-conciliar compreendendo os seguintes temas:
· A Diáspora ortodoxa
· A Autocefalia e a maneira como deve ser proclamada
· A Autonomia e a maneira como deve ser proclamada
· Os Diptycos
Decisão ad referendum ao futuro Santo e Grande Concílio sobre a questão da Páscoa

10-17 DE NOVEMBRO DE 1990

A COMISSÃO INTERORTODOXA PREPARATÓRIA (CHAMBÉSY).

· A Diáspora ortodoxa

7-13 DE NOVEMBRO DE 1993

A COMISSÃO INTERORTODOXA PREPARATÓRIA (CHAMBÉSY).

· A Diáspora ortodoxa
· A Autocefalia e a maneira como deve ser proclamada

9-14 DE ABRIL DE 1995

> UM CONGRESSO DE CANONISTAS A RESPEITO DOS CRITÉRIOS DE ORGANIZAÇÃO DA DIÁSPORA ORTODOXA (CHAMBÉSY)
>
> **6-12 DE JUNHO DE 2009**
>
> IVª CONFERÊNCIA PANORTODOXA PRÉ-CONCILIAR (CHAMBÉSY)
>
> **· A Diáspora ortodoxa**
>
> **DEZEMBRO DE 2009**
>
> A COMISSÃO INTERORTODOXA PREPARATÓRIA (CHAMBÉSY).
>
> **· A Autocefalia e a maneira como deve ser proclamada**
> **· A Autonomia e a maneira como deve ser proclamada**
> **· Os Diptycos**
>
> A Vª CONFERÊNCIA PANORTODOXA PRÉ-CONCILIAR
>
> O SANTO E GRANDE CONCÍLIO DA IGREJA ORTODOXA

---

[23] http://www.centreorthodoxe.org/index.php?lang=fr&smenu=smenu5&nav=secretariat3

Anexo F – Principais Mensagens VM Sobre a Subversão Anglicana

(cf. também http://www.rore-sanctifica.org)

Op RAMPOLLA – ANGLICAMPOS – O ECUMENISMO – Movimento LITÚRGICO

2006

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-20-2-00-Ratzinger_abandonne_le_titre_de_patriarche_d_Occident.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-21-1-00-Abbe_Scott_Deus_Caritas_est.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-03-22-1-00-La_seduction_creation_d_un_patriarcat_tridentin.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-3-25-2-00-Reussir_avec_Montini_ou_Rampolla_a_echoue.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-04-10-1-00-Dom_Beauduin_Eglise_anglicane_unie_non_absorbee.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_Annexe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation-Rampolla-P-2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_P_3.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/F-Rampolla/VM-2006-04-29-1-00-Operation_Rampolla_Complet.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-05-31-1-00-Le_mouvement_oecumenique_1949.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-05-17-Levada_officier_Anglicanisation.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-09-25-Traduction_en_francais_de_Vindication.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/Vindication_traduction_en_francais_1898.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-09-C-00-Rampolla_article_de_SLB.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-23-D-00-La_destitution_de_l_abbe_Portal_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-10-24-A-00-Mgr_Ducaud-Bourget_sur_la_sapiniere.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-10-A-00-Role_de_Hyacinthe_Loyson.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-11-B-00-Le_scandale_d_Einsiedeln.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-12-A-00-CSI_AngliCampos_v1-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos.pdf

http://www.virgo-maria.org/Archives-CSI/2005/CSI-2005-07-05-AngliCampos-Radical%20Orthodoxy-bibliography-2004-06-1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-20-A-00-FSSPX_et_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-11-27-A-00-Mgr_Fellay_dupe_Anglicans_Tighe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-05-B-00-Operation_Anglo_Tridentine.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2006/VM-2006-12-20-A-00-Chadwick_Reforme_Anglo-Tridentine_3.pdf

2007

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-A-00-La_subversion_de_l_abbe_Portal.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-C-00-Tighe_commente_Anglicans_de_Tradition_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-01-03-D-00-Van_de_Pole_1_c.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-20-A-00-Catholiques_et_Henri_VIII_V1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-02-22-B-00-Beth_la_sanglante_V1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-04-11-C-00-Rahner_Patriarcats_1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-17-B-00-Angleterre-XVIIIe.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-05-25-B-00-Van_de_Pole_2_a.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/Van_de_Pol-1967-Chapitre_2.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-E-00-Zielinski-infiltre_promu.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-F-00-Les_observateurs_au_Concile.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-07-22-G-00-Lumen_Gentium.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-11-A-00-Van_de_Pol_3_a.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-15-A-00-Principes_Union_Anglicane.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-08-29-B-00-Debat_FC_sur_Anglicanisme.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-10-04-B-00-Delors_devant_benedictins.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2007/VM-2007-11-03-B-00-Anglicans_Rose_Croix-FM.pdf

2008

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-01-06-A-00-Cambridge_Vatican_II.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-04-16-A-00-Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Lettres_historico_critiques_au_sujet_du_.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/a606740200rosmuoft.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Plaquette_Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Antonio-Rosmini/Rosmini_Center-5_Wounds_and_Vatican_II.pdf

http://www.virgo-maria.org/Fichier_Video/rosmini_messa/071118rosmini_messa.flv

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-05-26-B-00-Rosmini-5_plaies-de-l-Eglise.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-16-A-00-40_propositions_de_Rosmini.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-06-25-B-00-TAC_Anglicans_Rome.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-07-21-A-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n01.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-04-B-00-Anglicans_unis_non_absorbes_n02.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-06-A-00-Anglicans_Femmes-eveques_n03.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-08-B-00-Anglicans-Rome_Accord-secret.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-B-00-Rome-prend-les-trads-Anglicans_n05.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-09-C-00-Noachisme_a_Lambeth.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-10-Anglicans-unis_Levada_au-TAC-n06.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-12-A-00-Anglicans-unis_Williams_desavoue_n07.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-08-13-A-00-RS_Ambrose_de_Lisle.pdf

http://www.rore-sanctifica.org/bibilotheque_rore_sanctifica/01-publications_de_rore_sanctifica/rore_sanctifica-communiques/communique_(2008-08-13)-Ambrose_de_Lisle-v1/Communique-2008-08-13_Ambrose_de_Lisle-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-09-11-A-00-Ratzinger_et-piege_Anglican.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2008/VM-2008-10-07-A-00-Williams_Homos_Mariage.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/rowan-gay.pdf

2009

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-09-A-00-Engel_Chap5-Cambridge_Spies-v1.pdf

http://www.virgo-maria.org/Documents/Randy-Engel/2006_Engel_Le-Rite-de-Sodomie_Chap5_L-Homintern_et_les-espions-de-Cambridge.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-03-23-A-00-Annonce_Dossier_Mme_Engel.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-04-26-A-00-Signes_union_Rome_Anglicans.pdf

http://www.virgo-maria.org/articles/2009/VM-2009-05-27-A-00-Abbe_Abrahamowicz.pdf